BRASILIANA

5.ª SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Sob a direção de Fernando de Azevedo

VOLUMES PUBLICADOS:

ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

4 — OLIVEIRA VIANA: **Raça e Assimilação** — 3.ª edição aumentada.
8 — OLIVEIRA VIANA: **Populações Meridionais do Brasil** — 4.ª edição.

9 — NINA RODRIGUES: **Os Africanos no Brasil** — (Revisão e prefácio de Homero Pires). Profusamente ilustrado - 2.ª edição.

22 — E. ROQUETTE-PINTO: **Ensaios de Antropologia Brasiliana.**

27 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: **Populações Paulistas.**

59 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: **Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.**

ARQUEOLOGIA E PREHISTÓRIA

34 — ANGIONE COSTA: **Introdução à Arqueologia Brasileira** — Ed. ilustrada 2.ª edição.

137 — ANÍBAL MATOS: **Prehistória Brasileira** — Vários Estudos — Edição ilustrada.

148 — ANÍBAL MATOS: **Peter Wilhelm Lund no Brasil** — Problemas de Paleontologia Brasileira. Edição ilustrada.

BIOGRAFIA

2 — PANDIÁ CALÓGERAS: **O Marquês de Barbacena** — 2.ª edição.

11 — LUIS DA CÂMARA CASCUDO: **O Conde d'Eu** — Vol. ilustrado.

107 — LUIS DA CÂMARA CASCUDO: **O Marquês de Olinda e seu tempo** (1793-1870) — Ed. ilustrada.

18 — VISCONDE DE TAUNAY: **Pedro II** — 2.ª edição.

20 — ALBERTO DE FARIA: **Mauá** (com tres ilustrações fóra do texto).

54 — ANTÔNIO GONTIJO DE CARVALHO: **Calójeras.**

65 — JOÃO DORNAS FILHO: **Silva Jardim.**

73 — LÚCIA MIGUEL-PEREIRA: **Machado de Assis** — **(Estudo Crítico-Biográfico)** — Ed. ilustrada.

79 — CRAVEIRO COSTA: **O Visconde de Sinimbú** — Sua vida e sua atuação na politica nacional — 1840-1889.

81 — LEMOS BRITO: **A Gloriosa Sotaina do Primeiro Império — Frei Caneca** — Ed. ilustrada.

85 — WANDERLEY PINHO: **Cotegipe e seu Tempo** — Ed. ilustrada.

88 — HELIO LOBO: **Um Varão da República: Fernando Lobo.**

114 — CARLOS SÜSSEKIND DE MENDONÇA: **Silvio Romero** — Sua Formação Intelectual — 1851-1880 — Com uma introdução bibliográfica — Ed. ilustrada.

119 — SUD MENUCCI: **O Precursor do Abolicionismo: Luiz Gama** — Ed. ilustrada.

120 — PEDRO CALMON: **O Rei Filósofo** — Vida de D. Pedro II — Ed. ilustrada 2.ª edição.

133 — HEITOR LIRA: **História de Dom Pedro II** — 1825-1891. Vol. 1.º: "Ascenção" — 1825-1870 — Ed. ilustrada.

135 — ALBERTO PIZARRO JACOBINA: **Dias Carneiro** (O Conservador) — Ed. il.

136 — CARLOS PONTES: **Tavares Bastos** (Aureliano Cândido) 1839-1875.

140 — HERMES LIMA: **Tobias Barreto** — A Época e o Homem — Ed. ilustrada.

143 — BRUNO DE ALMEIDA MAGALHÃES: **O Visconde de Abaeté** — Ed. ilustrada.

144 — V. CORRÊA FILHO: **Alexandre Rodrigues Ferreira** — Vida e Obra do Grande Naturalista Brasileiro — Ed. il.

153 — MÁRIO MATOS: **Machado de Assis.** (O Homem e a Obra. Os personagens explicam o autor) — Ed. ilustrada.

157 — OTAVIO TARQUINO DE SOUZA: **Evaristo da Veiga** — 1.º vol. da serie "Homens da Regencia".

BOTÂNICA E ZOOLOGIA

71 — F. C. Hoehne : **Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI** — (Pesquisas e contribuições).

77 — C. de Melo-Leitão : **Zoologia do Brasil** — Ed. ilustrada.

99 — C. de Melo-Leitão : **A Biologia no Brasil.**

CARTAS

12 — Wanderley Pinho : **Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe** — Ed. ilustrada.

33 — Rui Barbosa : **Mocidade e Exílio** (Cartas inéditas. Prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — Ed. ilustrada.

61 — Conde d'Eu : **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul** (prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orleans, comentadas por Max Fleiuss) — Edição ilustrada.

109 — Georges Raeders : **D. Pedro II e o Conde de Gobineau** (Correspondência inédita).

142 — Francisco Venâncio Filho : **Euclides da Cunha e seus Amigos** — Ed. ilustrada.

DIREITO

110 — Nina Rodrigues : **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil** — Com um estudo do Prof. Afrânio Peixoto.

ECONOMIA

90 — Alfredo Ellis Junior : **Evolução da Economia Paulista e suas causas** — Ed. ilustrada.

100 e 100-A — Roberto Simonsen : **História Econômica do Brasil** — Ed. ilustrada — em 2 tomos.

152 — J. F. Normano : **Evolução Econômica do Brasil** — Tradução de T. Quartim Barbosa, P. Peake Rodrigues e L. Brandão Teixeira.

155 — Lemos Britto : **Pontos de partida para a História Econômica do Brasil.**

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

66 — Primitivo Moacir : **A Instrução e o Império** (Subsídios para a história da educação no Brasil) — 1.º volume — 1823-1853.

87 — Primitivo Moacir : **A Instrução e o Império** — (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.º volume — Reformas do ensino — 1854-1888.

121 — Primitivo Moacir : **A Instrução e o Império** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º volume — 1854-1889.

147 — Primitivo Moacir : **A Instrução e as Províncias** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1.º volume : Das Amazonas às Alagôas.

98 — Fernando de Azevedo : **A Educação Pública em São Paulo** — Problemas e discussões (Inquérito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).

ENSAIOS

1 — Batista Pereira : **Figuras do Império e outros ensaios** — 2.ª edição.

6 — Batista Pereira : **Vultos e episódios do Brasil** — 2.ª edição.

26 — Alberto Rangel : **Rumos e Perspectivas.**

41 — José-Maria Belo : **A inteligência do Brasil** — 3.ª edição.

43 — A. Saboia Lima : **Alberto Torres e sua obra.**

56 — Charles Expilly : **Mulheres e Costumes do Brasil** — Tradução, prefácio e notas de Gastão Penalva.

70 — Afonso Arinos de Melo Franco : **Conceito de Civilização Brasileira.**

82 — C. de Melo-Leitão : **O Brasil visto pelos Ingleses.**

105 — A. C. Tavares Bastos : **A Província** — 2.ª edição.

151 — A. C. Tavares Bastos : **Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro** — (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano Tavares Bastos.

116 — Agenor Augusto de Miranda : **Estudos Piauienses** — Ed. ilustrada.

150 — Roy Nash : **A Conquista do Brasil** — Tradução de Moacir N. Vasconcelos — Edição ilustrada.

ETNOLOGIA

39 — E. Roquette-Pinto : **Rondônia** — 3.ª edição (aumentada e ilustrada).

44 — Estevão Pinto : **Os Indígenas do Nordeste** (com 15 gravuras e mapas) — 1.º Tomo.

112 — Estevão Pinto: **Os Indígenas do Nordeste** — 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro) — Ed. ilustrada.

52 — General Couto de Magalhães: **O Selvagem** — 3.ª edição completa, com parte original Tupi-guarani.

60 — Emilio Rivasseau: **A vida dos Indios Guaicurús** — Ed. ilustrada.

75 — Afonso A. de Freitas: **Vocabulário Nheengatú** (vernaculizado pelo português falado em São Paulo) — Lingua Tupi-guarani (com 3 ilustrações fora do texto).

92 — Almirante Antônio Alves Câmara: **Ensaio Sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil** — 2.ª edição ilustrada.

101 — Herbert Baldus: **Ensaios de Etnologia Brasileira** — Prefácio de Afonso de E. Taunay — Ed. ilustrada.

139 — Angione Costa: **Migrações e Cultura Indígena** — Ensaios de arqueologia e etnologia do Brasil — Ed. ilustrada.

154 — Carlos Fr. Phil. von Martius: **Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Indios Brasileiros** (1844). Trad. Prefácio e notas de Pirajá da Silva — Ed. ilustrada.

FILOLOGIA

25 — Mário Marroquim: **A lingua do Nordeste.**

46 — Renato Mendonça: **A Influência Africana no Português do Brasil** — Ed. ilustrada.

FOLCLORE

57 — Flausino Rodrigues Vale: **Elementos do Folclore Musical Brasileiro.**

103 — Sousa Carneiro: **Mitos Africanos no Brasil** — Ed. ilustrada.

GEOGRAFIA

30 — Cap. Frederico A. Rondon: **Pelo Brasil Central** — Ed. ilustrada, 2.ª edição.

33 — J. de Sampaio Ferraz: **Meteorologia Brasileira.**

35 — A. J. Sampaio: **Fitogeografia do Brasil** — Ed. ilustrada — 2.ª edição.

53 — A. J. de Sampaio: **Biogeografia dinâmica** — Ed. ilustrada.

45 — Basílio de Magalhães: **Expansão Geográfica do Brasil Colonial.**

63 — Raimundo Morais: **Na Planície Amazônica** — 4.ª edição.

80 — Osvaldo R. Cabral: **Santa Catarina** — Ed. ilustrada.

86 — Aurélio Pinheiro: **À Margem do Amazonas** — Ed. ilustrada.

104 — Araujo Lima: **Amazônia — A Terra e o Homem** — (Introdução à Antropogeografia).

106 — A. C. Tavares Bastos: **O Vale do Amazonas** — 2.ª edição.

91 — Orlando M. Carvalho: **O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco** — Ed. ilustrada.

97 — Lima Figueiredo: **Oéste Paranaense** — Ed. ilustrada.

138 — Gustavo Dodt: **Descrição dos Rios Parnaiba e Gurupí** — Prefácio e notas de Gustavo Barroso. Ed. il.

GEOLOGIA

102 — S. Fróes Abreu: **A riqueza mineral do Brasil** — Ed. ilustrada.

134 — Pandiá Calógeras: **Geologia Econômica do Brasil** — (As minas do Brasil e sua Legislação) — Tômo 3.º, Distribuição geográfica dos depósitos auríferos. Edição refundida e atualizada por Djalma Guimarães.

HISTÓRIA

10 — Oliveira Viana: **Evolução do Povo Brasileiro** — 3.ª edição (ilustrada).

13 — Vicente Licínio Cardoso: **À margem da História do Brasil** — 2.ª edição.

14 — Pedro Calmon: **História da Civilização Brasileira** — 3.ª edição.

40 — Pedro Calmon: **História Social do Brasil — 1.º Tomo — Espírito da Sociedade Colonial** — 2.ª edição, ilustrada com 13 gravuras.

83 — Pedro Calmon: **História Social do Brasil — 2.º Tomo — Espírito da Sociedade Imperial** — Ed. ilustrada.

15 — Pandiá Calógeras: **Da Regência à queda de Rozas** — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").

42 — Pandiá Calógeras: **Formação Histórica do Brasil** — 3.ª edição (com 3 mapas fóra do texto).

23 — Evaristo de Morais: **A escravidão africana no Brasil.**

36 — Alfredo Ellis Junior: **O Bandeirismo Paulista e o Recúo do Meridiano** — 2.ª edição.

37 — J. F. de Almeida Prado: **Primeiros Povoadores do Brasil** — 2.ª Ed. ilustrada.

47 — Manoel Bomfim: **O Brasil** — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.

48 — Urbino Viana: **Bandeiras e sertanistas baianos.**

49 — Gustavo Barroso: **História Militar do Brasil** — 2.ª Edição ilustrada com 50 gravuras e mapas.

76 — Gustavo Barroso: **História Secreta do Brasil** — 1.ª parte: "Do descobrimento à abdicação de Pedro I" — Edição ilustrada — 3.ª edição.

64 — Gilberto Freire: **Sobrados e Mucambos** — Decadências patriarcal e rural no Brasil — Edição ilustrada.

69 — Prado Maia: **Através da História Naval Brasileira.**

89 — Coronel A. Lourival de Moura: **As Fôrças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.**

93 — Serafim Leite: **Páginas da História do Brasil.**

94 — Salomão de Vasconcelos: **O Fico — Minas e os Mineiros da Independência** — Edição ilustrada.

108 — Padre Antônio Vieira: **Por Brasil e Portugal** — Sermões comentados por Pedro Calmon.

111 — Washington Luis: **Capitania de São Paulo** — Govêrno de Rodrigo Cesar de Menezes — 2.ª edição.

117 — Gabriel Soares de Sousa: **Tratado descritivo do Brasil em 1587** — Comentários de Francisco Adolfo de Varnhagen — 3.ª edição.

123 — Hermann Watjen: **O Domínio Colonial Holandês no Brasil** — Um Capítulo da História Colonial do Século XVII — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.

124 — Luiz Norton: **A Côrte de Portugal no Brasil** — Notas, documentos diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição ilustrada.

125 — João Dornas Filho: **O Padroado e a Igreja Brasileira.**

127 — Ernesto Ennes: **As Guerras nos Palmares** (Subsídios para sua história) 1.º Vol. Domingos Jorge Velho e a "Tróia Negra" — Prefácio de Afonso de E. Taunay.

128 e 128-A — Almirante Custódio José de Melo: **O Govêrno Provisório e a Revolução de 1893** — 1.º Volume, em 2 tomos.

132 — Sebastião Pagano: **O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817** — Edição ilustrada.

146 — Aurelio Pires: **Homens e fatos do meu tempo.**

149 — Alfredo Valladão: **Da Aclamação à Maioridade, 1822-1840** — 2.ª edição.

158 — Walter Spalding: **A Revolução Farroupilha** (História popular do grande decênio) — 1835-1845 — Ed. il.

MEDICINA E HIGIENE

29 — Josué de Castro: **O problema da alimentação no Brasil** — Prefácio do prof. Pedro Escudero. 2.ª edição.

51 — Otávio de Freitas: **Doenças Africanas no Brasil.**

129 — Afrânio Peixoto: **Clima e Saúde** — Introdução bio-geográfica à Civilização Brasileira.

POLÍTICA

3 — Alcides Gentil: **As idéias de Alberto Torres** (Síntese com índice remissivo) — 2.ª edição.

7 — Batista Pereira: **Diretrizes de Rui Barbosa** — (Segundo textos escolhidos) — 2.ª edição.

21 — Batista Pereira **Pelo Brasil Maior.**

16 — Alberto Torres: **O Problema Nacional Brasileiro.** 2.ª edição.

17 — Alberto Torres: **A Organização Nacional.** 2.ª edição.

24 — Pandiá Calógeras: **Problemas de Administração** — 2.ª edição.

67 — Pandiá Calógeras: **Problemas de Govêrno** — 2.ª edição.

74 — Pandiá Calógeras: **Estudos Históricos e Políticos** — (**Res Nostra . . .**) — 2.ª edição.

31 — Azevedo Amaral: **O Brasil na crise atual.**

50 — Mário Travassos: **Projeção Continental do Brasil** — Prefácio de Pandiá Calógeras — 3.ª edição ampliada.

55 — Hildebrando Accioly: **O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.**

131 — Hildebrando Accioly: **Limites do Brasil — A fronteira com o Paraguai** — Edição ilustrada com 8 mapas fora do texto.

84 — Orlando M. Carvalho: **Problemas Fundamentais do Município** — Ed. ilustrada.

96 — Osorio da Rocha Diniz: **A Política que convém ao Brasil.**

115 — A. C. Tavares Bastos: **Cartas do Solitário** — 3.ª edição.

122 — Fernando Saboia de Medeiros: **A Liberdade de Navegação do Amazonas** — Relações entre o Império e os Estados Unidos da América.

141 — Oliveira Viana: **O Idealismo da Constituição** — 2.ª edição aumentada.

VIAGENS

5 — Augusto de Saint-Hilaire: **Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo** (1822) — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay — 2.ª edição.

58 — Augusto de Saint-Hilaire: **Viagem á Provincia de Santa Catarina** (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira

68 — Augusto de Saint-Hilaire: **Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goiaz** — 1.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.

78 — Augusto de Saint-Hilaire: **Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goiaz** — 2.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.

72 — Augusto de Saint-Hilaire: **Segunda Viagem ao Interior do Brasil** — "Espirito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.

126 e 126-A — Augusto de Saint-Hilaire: **Viagem pelas Provincias do Rio de Janeiro e Minas-Gerais** — Em dois tomos — Edição ilustrada — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.

19 — Afonso de E. Taunay: **Visitantes do Brasil Colonial** (Séc.XVI-XVIII). 2.ª edição.

28 — General Couto de Magalhães: **Viagem ao Araguaia** — 4.ª edição.

32 — C. de Melo-Leitão: **Visitantes do Primeiro Império** — Ed. ilustrada (com 19 figuras).

62 — Agenor Augusto de Miranda: **O Rio São Francisco** — Edição ilustrada.

95 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: **Viagem ao Brasil** — 1865-1866 — Trad. de Edgard Süssekind de Mendonça — Ed. ilustrada.

113 — Gastão Cruls: **A Amazônia que Eu Vi** — Obidos — Tumuc-Humac — Prefácio de Roquette Pinto — Ilustrado — 2.ª edição.

118 — Von Spix e Von Martius: **Através da Baía** — Excertos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.

130 — Major Frederico Rondon: **Na Rondônia Ocidental** — Ed. ilustrada.

145 — Silveira Neto: **Do Guairá aos Saltos do Iguassú** — Ed. ilustrada.

156 — Alfred Russel Wallace: **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro** — Tradução de Orlando Torres e Prefácio de Basilio de Magalhães.

ADVERTENCIA: Os numeros referem-se aos volumes por ordem cronologica da publicação.

Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140 — São Paulo

A REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Série 5.ª BRASILIANA Vol. 158
BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

WALTER SPALDING

★

A Revolução Farroupilha

(Historia popular do grande decenio seguido das "Efemérides" principais de 1835 - 1845, fartamente documentadas).

"Embóra aqui vejáis, ó patriotas,
do bojo circular do bronze duro
partir envolta em sangue, em denso fumo,
a furibunda, repentina morte;
embóra diviseis nossas campinas
juncadas de cadáveres sem conta
cujas almas, cedendo á lei da força,
seu tristissimo fim no abismo choram,
....
....
....
fazei, ó cidadãos, fazei justiça
do Rio Grande aos filhos valerósos.

Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Menna (Obras Completas).

Edição Ilustrada

BPB

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — PORTO-ALEGRE
1939

Nota Preliminar

A presente historia popular *A Revolução Farroupilha*, foi especialmente escrita, em 1934, para um concurso aberto no Rio de Janeiro. O prazo para a entrega deveria terminar em abril, sendo, porem, prorrogado para setembro desse ano de 1934. Entretanto, somente em setembro de 1935 foi lavrado o parecer, recebendo eu noticia do resultado em fins de outubro.

O parecer sobre o presente trabalho foi o seguinte :

"Um unico concorrente se apresentou, o sr. Walter Spalding, ao premio de Historia da Revolução Riograndense de 1835 a 1845 (clausula *a* do concurso) com o seu livro inédito : *A Revolução Farroupilha*. E' um util trabalho que revela pesquisa, preocupação de veracidade, pleno conhecimento e valorisação das fontes. Infelizmente o autor, podendo escrever um bom resumo da história dos dez anos da Guerra dos Farrapos, preferiu a forma, menos sugestiva, de efemérides, de modo a produzir uma obra fragmentaria, que não corresponde, exatamente, apesar de seus meritos, ao

que estatúem a clausula *a* e o artigo VI do Concurso".

Com tal parecer, embóra honroso, não me era possivel, de forma alguma, concordar, pois não creio que qualquer trabalho de historia pelo facto de conter uma parte consagrada ás efemérides deva ser, por isso, todo ele considerado efemérides.

Em fim...

Entregando, agora, este trabalho á C.ª Editora Nacional, ampliei consideravelmente o capitulo V, — Efemérides —, conservando, porem, os demais capitulos tal como foram escritos em 1934.

Dadã essa explicação, peço venia para depositar a presente historia popular aos pés dos grandes amigos e mestres,

CORONEL E. F. DE SOUZA DOCCA
e
DR. EDUARDO DUARTE,

e, cheio do mais profundo reconhecimento, á minha

ESPOSA

que tanto me auxiliou e animou na confecção de *A Revolução Farroupilha*, eu a

Ofereço, dedico e consagro.

Porto Alegre, novembro de 1938.

Walter Spalding.

CAPITULO I

§ I

OS PRESIDENTES DO PERIODO REVOLUCIONARIO

EMBORA nos interessem unicamente os presidentes do Rio Grande do Sul durante o periodo revolucionario, daremos, comtudo, a seguir, uma relação de todos desde o primeiro nomeado depois da proclamação da independencia do Brasil.

O 7 de setembro de 1822 encontrou, dirigindo os destinos da provincia uma junta governativa, constituida dos seguintes membros :

João de Deus Mena Barreto, Manuel Maria Ricalde Márques, José Inacio da Silva, Felix José de Matos Pereira de Castro, José Teixeira da Mata Bacelar, vigario Fernando José de Mascarenhas Castelo Branco e Antonio Bernardes Machado.

Esta junta governativa esteve no poder até o dia 29 de novembro de 1823, data em que foi empossada nova junta por não poder logo assumir a presidencia o primeiro presidente nomeado, dr. José Feliciano Fernandes Pinheiro.

Compunha-se essa nova junta dos seguintes membros :

Marechal de campo José Inacio da Silva (presidente), José Joaquim Machado de Oliveira (secre-

tário), Francisco Xavier Ferreira (1) e padres Fernando José de Mascarenhas Castelo Branco e Tomé Luis de Souza.

Esta junta entregou o governo ao primeiro presidente, Desembargador José Feliciano Fernandes Pinheiro (mais tarde Visconde de São Leopoldo), que fôra nomeado a 25-11-1823, tendo sido empossado a 8 de março de 1824.

2.º — Brigadeiro José Egidio Gordilho de Barbuda, empossado a 14 de janeiro de 1826.

3.º — Brigadeiro Salvador José Maciel, empossado a 4-11-1826.

4.º — Vigario Geral Antonio Vieira da Soledade, assumiu a presidencia, como vice-presidente, a 2 de agosto de 1829 por impedimento do brigadeiro Salvador José Maciel.

5.º — Caetano Maria Lopes Gama (mais tarde visconde de Maranguape), empossado a 17 de novembro de 1829.

6.º — Dr. Americo Cabral e Melo, vice-presidente, assumiu a presidencia por impedimento de Lopes Gama, a 22 de abril de 1830.

7.º — Caetano Maria Lopes Gama, reassumiu a presidencia a 22 de agosto de 1830.

8.º — Dr. Americo Cabral e Melo, vice-presidente, volta a assumir a presidencia por impedimento de Lopes Gama, a 22-12-1830.

9.º — Desembargador José Carlos Pereira de Almeida Torres (mais tarde visconde de Macaé), tomou posse a 8 de janeiro de 1831.

---

(1) Francisco Xavier Ferreira desempenhou varios cargos nos governos da provincia, desde membro da junta governativa, a enviado especial junto ás côrtes do Rio de Janeiro, e deputado á Assemblea Provincial de 1835. Foi desse mesmo cidadão que Pedro Chaves pediu folha corrida para o perseguir. (Veja-se o § II — *A Assembléa Provincial em 1835*, — carta de Pedro Chaves a João Francisco Vieira Braga.

10.º — Dr. Americo Cabral e Melo, vice-presidente, assume pela terceira vez a presidencia a 29 de março de 1831, no impedimento do desembargador José Carlos.

11.º — Desembargador Manuel Antonio Galvão, empossado a 11 de julho de 1831.

12.º — Desembargador José Mariani, empossado a 24 de outubro de 1833.

Foi durante a presidencia do desembargador Mariani que tiveram inicio os movimentos francamente revolucionarios, que se não tornaram efetivos porque o governo da Regencia atendeu a tempo a reclamação dos liberias rio-grandenses, enviando-lhes um presidente filho da provincia, conforme haviam pedido, e no qual depositavam, todos, a maxima confiança.

Foi esse presidente, entusiasticamente recebido pelo povo em geral (2), o

13.º — (e primeiro do periodo revolucionario), — Dr. ANTONIO RODRIGUES FERNANDES BRAGA mais tarde desembargador), cuja nomeação fôra feita a 14 de fevereiro de 1834, tendo sido empossado a 2 de maio do mesmo ano.

Começou Rodrigues Braga seu governo, conforme se verá no Capitulo segundo, a inteiro contento dos liberais. Em seguida, porem, desandou, completamente dominado por seu irmão, o bacharel Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, jovem e estremamente violento, e pelo marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, comandante das armas. O descontentamento, por isso, começou a reinar e a tal ponto chegou a exaltação popular que a 20 de setembro

---

(2) Veja-se o capitulo segundo deste trabalho — *Os precedentes* — em que são sucintamente examinadas as causas principais que motivaram o levante de 20 de setembro de 1835.

de 1835 foi Rodrigues Braga deposto vendo-se obrigado a fugir da capital, indo instalar seu governo na cidade do Rio Grande.

Deu-se, com isso, dualidade de governos, pois emquanto Fernandes Braga governava no Rio Grande, em Pôrto Alegre dirigia o governo, de acordo com os revolucionarios, o

14.º — (2.º p. r.) — Dr. Marciano Pereira Ribeiro, vice-presidente, 4.º vice-presidente, aliás, escolhido pelos revolucionarios que o empossaram a 21 de setembro de 1835.

No dia 20 de outubro desse mesmo ano, assediada a cidade do Rio Grande pelos revolucionarios, Rodrigues Braga, sem mais detença, embarca para o Rio de Janeiro, onde chega a 29. Termina, desse modo, a primeira dualidade de governos. Com a fuga de Braga, nomeia o governo da regencia novo presidente com o intuito, ao menos aparente, de conciliar a situação. Assim, chega a Pôrto Alegre, a 4 de dezembro de 1835, o

15.º — (3.º p. r.) — Dr. José de Araujo Ribeiro, riograndense de renome, ilustre por varios titulos, nomeado pela regencia a 18 de outubro de 1835 e, em virtude da denegação de posse pela Assembléa Provincial, a 9 de dezembro, empossado na cidade do Rio Grande a 15 de janeiro de 1836.

Por esse motivo resolveu o dr. Marciano Pereira Ribeiro demitir-se do cargo de presidente, mesmo porque a Assembléa, querendo conciliar a situação, havia convidado Araujo Ribeiro a ratificar sua posse perante a Assembléa, em Pôrto Alegre, concedendo-lhe o prazo, para tal, até 15 de fevereiro. Araujo Ribeiro, porem, apezar de todas as promessas, não atendeu a Assembléa sendo, por isso, empossado o

16.° — (4.° p. r.) — Dr. Americo Cabral e Melo, vice-presidente, a 16 de fevereiro de 1836.

O dr. Americo Cabral e Melo, porem, espirito sereno e bastante imparcial, não resistiu por muito tempo demitindo-se pretextando motivos de saude, sendo, então, substituido pelo

17.° — (5.° p. r.) — Dr. Marciano Pereira Ribeiro, cuja posse se realisou a 28 de março de 1836. Com a reação de 15 de junho desse ano foi o dr. Marciano demitido e aprisionado pelos *caramurús*, terminando, assim, de vez, a dualidade de governos.

18.° — (6.° p. r.) — Brigadeiro Antonio Elzeario de Miranda e Brito, nomeado a 25 de maio de 1836, tomou posse a 4 de julho do mesmo ano, na cidade do Rio Grande.

19.° — (7.° p. r.) — Dr. José de Araujo Ribeiro, a pedido do povo de Pelotas, Rio Grande e S. José do Norte, é novamente nomeado a 9 de julho de 1836 e empossado a 24 do mesmo mês, ainda na cidade do Rio Grande por não estar muito segura a capital.

20.° — (8.° p. r.) — Brigadeiro Antéro José Ferreira de Brito, nomeado a 21 de novembro de 1836, tomou posse em Pôrto Alegre a 5 de janeiro de 1837. Espirito violento e com a pretensão de terminar desde logo com a revolução, censurou asperamente a Bento Manuel Ribeiro que, não menos orgulhoso, o aprisionou quando ia, Antéro, aprisiona-lo a ele, Bento Manuel, no passo do Itapevi, a 23 de março de 1837. Com esse ato, Bento Manuel Ribeiro incprorou-se, novamente, ás hostes farroupilhas. Em conseqüencia desse facto foi chamado á presidencia o

21.° — (9.° p. r.) — Dr. Americo Cabral e Melo, vice-presidente, que tomou posse a 1.° de abril desse mesmo ano.

22.º — (10.º p. r.) — Tenente-coronel Francisco das Chagas Santos, nomeado a 14 de abril, empossou-se a 16 de maio de 1837.

23.º — (11.º p. r.) — Feliciano Nunes Pires, nomeado a 16 de maio de 1837, empossou-se a 6 de junho do mesmo ano.

24.º — (12.º p. r.) — Marechal-de-campo Antonio Elzeario de Miranda e Brito, nomeado a 28 de setembro de 1837, empossou-se a 3 de novembro.

25.º — (13.º p. r.) — Dr. João Dias de Castro, vice-presidente, assumiu a presidencia a 12 de junho de 1839 por ter-se retirado o marechal-de-campo Antonio Elzeario de Miranda e Brito.

O Dr. Dias de Castro nasceu na vila de Piratini em 1807 e bacharelou-se em 1833 na Faculdade de Direito de S. Paulo, vindo logo para a provincia. Teve papel saliente, como imperial, no periodo revolucionario, e atuou como promotor publico no "Processo dos Farrapos". (Veja-se Aurelio PORTO — Publicações do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, — vols. XXIX, XXX e XXXI).

26.º — (14.º p. r.) — Dr. Saturnino de Souza e Oliveira, nomeado a 22 de maio de 1839, tomou posse a 24 de junho.

27.º — (15.º p. r.) — Tenente-gereral Francisco José de Souza Soares de Andréa (mais tarde barão de Caçapava), nomeado a 10 de junho de 1840, foi empossado a 27 de julho seguinte.

Soares de Andréa foi recebido na provincia com bastante prevenção, pois vinha precedido de má fama devido as chacinas praticadas no Pará que se revolucionára em 1835. Nasceu Andréa em

Lisbôa, em 1781 e faleceu no Rio Grande do Sul, em 1858.

28.° — (16.° p. r.) — Dr. Francisco Alvares Machado e Vasconcelos, nomeado a 7 de novembro de 1840, empossou-se a 30 do mesmo mês.

Alvares Machado, natural de S. Paulo, era deputado por sua provincia, tendo sido um dos presidentes mais queridos no Rio Grande do Sul. Cidadão lhano e de grande nobreza de caracter, inspirou confiança até aos proprios revolucionarios que chegaram a tratar, com ele, a pacificação da provincia. Nada, porem, resultou por serem mui restritas suas atribuições como representante do governo imperial.

29.° — (17.° p. r.) — Dr. Saturnino de Souza e Oliveira, nomeado a 4 de março de 1841, foi empossado a 17 de abril seguinte.

30.° — 18.° p. r.) — Tenente-coronel Luis Alves de Lima e Silva, barão de Caxias, (mais tarde conde, marquês e duque de Caxias), nomeado a 28 de setembro de 1842, foi empossado a 9 de novembro do mesmo ano.

Ao barão de Caxias deve a provincia a final pacificação dos animos. O que não conseguiram as armas, conseguiu o tino politico e diplomatico do grande Caxias, apontando ao patriotismo dos farroupilhas a ameaça estrangeira á integridade do Brasil.

A gratidão dos riograndenses, vendo que o perdia por ter Caxias pedido licença a 11 de março de 1846, tratou, logo, de elege-lo representante da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul no Senado.

§ II

A ASSEMBLEA PROVINCIAL EM 1835

A Assembléa Provincial de S. Pedro do Rio Grande do Sul foi creada pelo áto adicional, lei de 12 de agosto de 1834.

Feitas as eleições, para deputados, abriu-se a Assembléa Legislativa a 20 de abril de 1835, sendo eleito seu primeiro presidente o dr. Marciano Pereira Ribeiro.

Foram os seguintes os seus membros a começar pelos mais votados :

Rodrigo de Souza da Silva Pontes,
Antonio José Gonçalves Chaves,
P. Francisco das Chagas Martins d'Avila e Souza,
Dr. Marciano Pereira Ribeiro,
Gabriel Martins Bastos,
Dr. João Dias de Castro,
Dr. Fidencio José Ortiz,
José Maria Rodrigues,
Rodrigo José da Fontoura Moreira,
Dr. Amrico Cabral e Melo,
Dr. José de Paiva Magalhães Calvet,
Antonio Joaquim da Silva Maia,
P. Tomé Luis de Souza,
Dr. Joaquim Vieira da Cunha,
Dr. João Batista de Figueiredo Mascarenhas,
Dr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves,
P. Sebastião Pinto do Rego,
Dr. Francisco de Sá Brito,

Dr. João Francisco Vieira Braga,
Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto,
Major José Mariano de Matos,
Dr. Manuel Felizardo de Souza e Melo,
Coronel Oliverio José Ortiz,
Coronel Bento Gonçalves da Silva,
Francisco Xavier Ferreira,
Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga,
Coronel João da Silva Tavares,
Domingos José de Almeida.

Foram considerados suplentes os seguintes:

Coronel José Maria Gama,
João Rodrigues Ribas,
Desembargador José Maria de Sales Gameiro,
Dr. Vicente José da Maia,
Dr. Alexandrino Vieira da Cunha,
Dr. Antonio Vieira Braga,
Capitão José Gomes de Vasconcelos Jardim,
Alferes José Pinheiro de Ulhôa Cintra,
Alferes Joaquim Lopes de Barros,
Antonio Fernandes Teixeira,
Coronel Bento Manuel Ribeiro,
José Bitencourt Cidade,
Manuel Joaquim de Souza Medeiros,
Silvano José Monteiro d'Araujo e Paula,
Antonio Alves Pereira Coruja,
Pedro José de Almeida (Pedro Boticario, o *Marat Farroupilha*),
P. Juliano de Faria Lobato,
Serafim dos Anjos França,
Vicente Ferreira Gomes,
Vicente José da Silveira França.

Foi essa a Assembléa que negou, unanimemente, (faltando, em verdade, á sessão, muitos deputados *caramurús*), a posse ao novo presidente nomeado,

dr. José de Araujo Ribeiro, mais tarde visconde do Rio Grande.

Deve-se, porem, notar que a maioria dos deputados eleitos pertencia aos liberais de modo que, mesmo com a totalidade dos conservadores a posse seria adiada. Havia, alem disso, a favor dos deputados, o insistente pedido feito no proprio dia 9 de dezembro de 1835, de todos os Juizes de Paz da Capital, em nome do povo, exigindo, pode-se dizer, o adiamento da posse do dr. Araujo Ribeiro.

* * *

A respeito das eleições efetuadas para essa Assembléa, possuimos copia autentica de uma carta inédita (3), dirigida por Pedro Chaves (Pedro Rodrigues Fernandes Chaves) ao dr. João Francisco Vieira Braga, mais tarde conde de Piratini.

Documento interessantissimo, prova que nós, hoje, não nos adiantamos muito nos processos eleitorais.

E' a seguinte a carta, na integra, modernisada, apenas, a ortografia (4):

> "Ilmº. Sr. João Francisco Vieira Braga. — Rio Grande - Meu amigo do coração. — Pelo correio passado comecei a escrever-lhe, porém deixei a carta em meio por incomodado. Recebi a sua ultima que acompanhava a lista do Rio Grande. Envio a dos Colegios que tem chegado ao meu co-

(3) A copia da carta em apreço foi-nos fornecida pelo distinto filatelista, sr. Mario Araujo, proprietario do original que tivemos em mão.

(4) Afim de evitar equivocos, declaramos que todos os documentos constantes do presente trabalho vão com a ortografia simplificada, que é a que adotamos.

nhecimento. Por ora a maioria é nossa, e espero que não nos faltem os Colegios de fóra, como Caçapava, Missões e porque estão debaixo da influencia do marechal. A Cachoeira foi-nos muito avessa, porem alem de ser vila das muito rusguentas nunca pensei que tivesse 25 eleitores, e até julgo que lá mandaram chamar os suplentes dos que foram votar á Caçapava, porque agora este Colegio foi separado da Cachoeira de sorte que houveram eleitores votando em Caçapava por si, e por seus suplentes na Cachoeira. Apezar de tudo a vitoria conto que seja nossa. Pedro Boticario vái muito atrazado junto com o Silvano. Já estão muito zangados com a súcia, por verem que José de Paiva, Gabriel tem sido votados e eles não, donde concluem e muito bem que os atraiçoaram. A Idade do Páu já não saíu, e dizem que por empenhos do José de Paiva por causa de uma forte descompostura que o Pedro dava no Bento.

Eles andam muito murchos, ainda que confiem alguma cousa na mudança do Ministerio porem este não é rusguento, e por isso é alegria do povo. Faça em meu nome e por meio de pessôa segura um requerimento, em que peça os assentamentos do Xavier Ferreira constantes do Livro Mestre do 4.º Corpo de Jaguarão quando foi ajudante de cirurgia da extinta Legião. Rogo-lhe o obsequio de me enviar os livros que o Jobim me enviou por seu mano José porque são as Revistas Britanicas as quais podem servir para o periodico.

Disponha do seu amigo que é do coração. — Aí vão 2 numeros do Barbeiro para se entreter.

10 de fevereiro de 1835"

Pedro Roiz F. Chaves.

Como se vê, Pedro Chaves, irmão do dr. Fernandes Braga, e redator do periodico *Correio Oficial*, estava bem optimista com as eleições. Entretanto, a maioria dos deputados eleitos pertenciam ao partido liberal, que chamavam — dos farroupilhas.

Fala Pedro Chaves na influencia do Marechal (Sebastião Barreto Pereira Pinto) que, aliás, com toda sua influencia obteve, apenas, 75 votos, emquanto o mais votado (Rodrigo de Souza da Silva Pontes) obtivéra 139. Trata ironicamente de Pedro José de Almeida, *Pedro Boticario*, como era por todos conhecido, redator do virulento jornalsinho *A Idade do Pau*. Diz que Silvano José Monteiro d'Araujo e Paula e Pedro Boticario estavam despeitados por serem poucos seus votos (obtiveram, respectivamente, 35 e 32 votos) e declara que *A Idade do Pau* não saíra "porcausa duma descompostura que o Pedro dava no Bento" (?), (provavelmente Bento Gonçalves da Silva). Sobre Francisco Xavier Ferreira que obteve, como Bento Gonçalves, apenas 69 votos, pede "os assentamebtos constantes do Livro Mestre do 4.º Corpo de Jaguarão" o que quer dizer que estava disposto a fazer guerra ao candidato liberal que já fôra, entre 1823 e 24 delegado da provincia na Côrte, onde pleiteára para Porto Alegre o titulo de cidade (5).

---

(5) Pôrto Alegre foi agraciada com o titulo de cidade por decreto de 14 de novembro de 1822.

O Barbeiro, de que fala o missivista, é o *Mestre Barbeiro*, jornalsinho pequeno no formato, mas grande no ataque á oposição, — o partido liberal. Era seu redator o famoso *Prosódia*, Antonio José da Silva Monteiro, que foi a primeira vitima da revolução, no *combate* da ponte da Azenha, na noite de 19 para 20 de setembro, tendo sido enterrado, segundo Alfredo Ferreira Rodrigues, "na madrugada seguinte, no centro da Varzea".

* * *

Conforme ficou dito, a Assembléa foi solenemente aberta no dia 20 de abril de 1835.

Na sessão inaugural, o dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, presidente da Provincia, na sua "fala" de abertura, denuncia um plano de separação da provincia que dizia existir, em que figuravam diversos liberais mancomunados no plano ao lado do general João Antonio Lavalleja e do padre Caldas, o famoso revolucionario da Confederação do Equador emigrado no Uruguái.

A denuncia provocou escandalo e tanto maior porque Braga, imprudentemente, talvez julgando dar um golpe de morte nos liberais, — chegou a nominar alguns dos denunciados pelo marechal Sebastião Bareto Pereira Pinto.

Houve varios discursos a respeito, sendo o mais veemente o do deputado José de Paiva Magalhães Calvet, que o *Correio Oficial* refere com estas palavras apenas: "Magalhães Calvet levantou-se para combater a fala".

Historiadores ha que dizem ter tambem protestado violentamente o deputado Bento Gonçalves da

Silva, um dos nominados. (6) Entretanto, sobre o discurso-protesto de Bento Gonçalves nada encontramos nem em documentos, nem em jornais da época...

Durante todo o periodo de funcionamento da Assembléa houve agitação. As sessões foranm, sempre, acaloradas. De parte a parte provocações, em linguagem violenta, completada pela da imprensa que era, não raro, achincalhadora (7).

A questão da denuncia feita por Braga na sessão de abertura, foi explorada continuamente pelos governistas (conservadores, caramurús, camêlos, pés de chumbo...), a ponto de, na véspera do encerramento da Assembléa, no manifesto, ainda a ela se referirem com alarde.

O encerramento foi a 20 de junho, e no seu n.º 55, de 27 de junho, o *Correio Oficial* publica a proclamação na integra, precedida de uma nota provocadora :

"A Assembléa Legislativa Provincial findou os seus trabalhos dirigindo aos seus comprovincianos o Manifesto abaixo transcrito. Nós o publicamos tal qual foi aprovado, e de tanto mais bom grado, quanto maior foi a oposição que na Assembléa fez o par-

---

(6) Veja-se : Alfredo Varela — *Revoluções Cisplatinas, Historia da Grande Revolução*, e H. Canabarro Reichardt — *Bento Gonçalves da Silva*.

(7) Para exemplo damos, a seguir, um trecho do órgão oficial do governo que, por sê-lo, não a deveria empregar. Mas, seu redator principal era o bacharel Pedro Chaves...

Correio Oficial, n.º 62, de 22-7-1835 :

"Três e mais gerações de diferentes sujeitos que ha muito jaziam esquecidos no silencio dos tumulos, foram por varias vezes apresentados com hediondas cores nas nojentas paginas do *finado Eco*. Cansado de tanta infâmia, envergonhado talvez, ou ralado de remorsos, desceu á placida habitação dos mortos. Deixa, pois, de ser publicada uma das mais imundas folhas periódicas ; algum descanço mais terão as familias da capital da provincia. Mas não : de seus destroços em fermentação pútrida surge outro periódico — *O Continentista* — "etc. etc. — *O Eco Porto Alegrense* era do Dr. Francisco de Sá Brito, e o *O Continentista*, que o substituiu foi de Sá Brito e Magalhães Calvet até o n.º 24, conforme declaração que publicaram a 20-12-1835.

tido Farroupilha-Lavallejista, para que não constasse que o Exmº. Presidente merecia a confiança da Provincia cujos destinos rege ; confiança tanto mais certa por ser pronunciada pelo orgão legitimo da Representação Provincial".

A ASSEMBLEA LEGISLATIVA PROVINCIAL DO RIO GRANDE DO SUL A SEUS COMPROVINCIANOS

"Riograndenses ! Vossos representantes se achavam reunidos em virtude da Lei de 12 de agosto do ano p. p., e solicitos anelavam pelo momento de mostrar praticamente uma parte dos beneficios que da judiciosa e politica reforma do nosso Pacto Fundamental, determinada na sobredita Lei, ha-de necessariamente provir a esta Provincia, assim como a todas as outras partes do grande Imperio Brasileiro. Cumpriu-se a disposição do art. 8.º da Lei das Reformas : o Administrador Provincial veiu instruir a Assembléa do estado dos negocios públicos ; e então soubemos que uma conspiração se tramava para fazer eclipsar do pavilhão auri-verde a estrêla rio grandense.

Teria o chefe politico da Provincia nas Leis existentes meios bastantes para fazer abortar tão nefando plano ?

Precisaria ele de medidas legislativas ao alcance da Assembléa Provincial ?

Eis aqui, riograndenses, as questões que naturalmente se ofereciam á consideração de vossos representantes, em cujo espirito a mais penosa sensação era causada pela terrivel ideia de que houvesse algum brasileiro assás desnaturalisado para tentar tão horroroso crime. Casos extraordinarios

exigem medidas fóra do andamento ordinario das cousas. A Assembléa convidou o Presidente a depositar pessoalmente em seu seio tudo quanto pensava acerca da indicada conspiração, e o presidente da provincia não exitou um momento em anuir aos desejos da Assembléa. Aqui declarou que seu zelo e solicitude pelo bem publico e pela integridade do Imperio o haviam movido a fazer á Assembléa ciente das noticias que da conspiração tinham chegado ao seu conhecimento; que julgava ter nisso obrado com honra e lealdade, cumprindo um dever; e que se persuadia de que no caso de com efeito existir conspiração o alvitre de a fazer pública era aconselhado pela política, pois que de ordinario conspirações se desmancham sómente com a publicidade da existencia delas. Terminou o administrador provincial asseverando que em todo o caso achava nas leis existentes os meios de que poderia necessitar, mas que hoje está convencido de que a conspiração não existe; e que jamais poderá tomar vulto algum plano igual á vista dos briosos e patrioticos sentimentos dos habitantes da Provincia do Rio Grande do Sul.

Aliviados, pois, Riograndenses, os vossos representantes dos sentimentos de anciedade e aflição que os oprimiam, e persuadidos de que iguais sentimentos terão talvez afetado vossos corações, julgaram de seu dever dirigir-vos o presente Manifesto, ou exposição de quanto ha passado a tal respeito, e da convicção em que se acham com o Presidente da Provincia de que a conspiração não existe, exortando-vos a conservar intátos os sentimentos de união e verdadeiro amor á Patria, assim como a necessaria confiança na pureza e intenções, na bôa fe, no patriotismo do Presidente da Provincia.

Paço da Assembléa, 19 de junho de 1835".

* * *

Os liberais protestaram pela voz de sua imprensa, pois ao sair o Manifesto supra nada mais podiam fazer na Assembléa, cujos trabalhos estavam encerrados.

Assim, disse *O Continentista* que esse manifesto fôra aprovado porque não esperaram os conservadores que chegassem todos os deputados da oposição, e que o manifesto era tendencioso.

O *Correio Oficial* volta a tratar do assunto em varios numeros consecutivos, sempre com ironia e violencia de linguagem, aumentando, desse modo, a exaltação dos liberais.

Aliás, o espirito revolucionario, a nosso ver, formou-se verdadeiramente no seio da Assembléa. Foi ela, sem duvida, o cadinho em que se refinaram os sentimentos de reivindicação, e se tornou vitoriosa a ideia levada a efeito, pelas armas, em setembro dêsse ano.

CAPITULO II

OS ANTECEDENTES

A revolução farroupilha foi essencialmente reivindicadôra. Sua finalidade não teve, jámais, outra intenção.

O Rio Grande, desde muito, vinha sendo barbaramente esplorado, martirisado e, mesmo, achincalhado pelo governo central.

Si, pois, procurarmos a origem do descontentamento geral reinante na provincia do Rio Grande, teriamos que procura-la já antes da independencia.

No *Almanaque da vila de Porto Alegre,* datado de 1808, o seu autor, Manuel Antonio de Magalhães, relata, queixosamente, a pouca atenção dispensada ao Rio Grande do Sul.

Em fins de 1822, ou principios de 23, novas reclamações e queixas são apresentadas na Côrte. Quem as leva é um dos membros da Junta Governativa, — Francisco Xavier Ferreira, — que papel saliente representou na revolução farroupilha.

A correspondencia dos governadores e presidentes, correspondencia de particulares para a Côrte, repetem sempre, e constantemente, a mesma coisa: O Rio Grande está abandonado, o Rio Grande está sendo delapidade pela Côrte, ao Rio Grande procura-se até matar industrias e comercio com impostos exorbitantes, como aquela que pesava sobre o charque, — 600 reis fortes por arroba, — facilitan-

do, desse modo, a entrada do artigo vindo de Montevidéu nos demais portos do Brasil e por um preço muito inferior, quasi a metade, do charque riograndense. Assim sobre os couros, sobre a erva-mate, sobre tudo, emfim.

Em 1821, alem dos impostos já existentes, como o dos *quintos*, foi decretada nova lei, a 16 de abril, que mandava cobrar mais o *dizimo* sobre todos os produtos que a provincia exportava : charque, couros, erva-mate, sebo, graxa, trigo, etc., aumentando assim, ainda mais os preços e dificultando a exportação. E emquanto com o Rio Grande assim procediam as Côrtes, relativamente ao seu comercio e industrias, Buenos Aires e Montevideu vendiam, com lucros fabulosos seus produtos ao Brasil, — os mesmos que o Rio Grande do Sul possuia em quantidade, mas não podia exportar devido os impostos proibitivos.

Assim matavam as Côrtes a riqueza do Rio Grande.

Mas, não contentes, delapidavam, tambem, o seu magro tesouro.

Baptista Pereira, numa pagina admiravel, assim descreve as relações entre a Côrte e o Rio Grande :

"Um regime de exações e arbitrariedades incomportaveis. E um descaso absoluto. = A metropole só se lembrava do Rio Grande do Sul para raspar-lhe os cofres, pedir-lhe sacrificios de toda a monta e impedir-lhe o desenvolvimento. Pouco antes da revolução a Côrte requisitava-lhe anualmente 800 contos do magro Tesouro, não lhe deixando sinão cento e poucos para o minguado orçamento. = Quanto ao tratamento que recebiam os filhos da provincia, não podia ser mais injusto. Engajados em grande parte no Exercito, raros ascendiam aos altos

postos, reservados aos membros do Partido Português. O direito de propriedade era um mito. A metropole não gastava dinheiro com o Exército. E' freqüente, segundo as cronicas da época, verificarem-se atrazos de oito, nove e dez anos no pagamento do soldo. Como vivia essa gente? De um modo muito simples: á custa de requisições. A requisição era o espantalho geral. Só se eximiam ás suas rapinas os "irmãos da ópa", os companheiros e socios de pilhagem. A requisição era verbal, não deixava um só documento com que a vítima pudesse mais tarde vir a reivindicar o seu direito. Alem das requisições, pesava sobre os habitantes do Rio Grande a tortura do aboletamento". E daí denominarem o Rio Grande "estalagem do Imperio", conforme a frase de um contemporaneo, repetida por Bento Gonçalves em seu manifesto de 29 de agosto de 1838.

O Rio Grande era, em tudo, uma provincia martir. Para tudo recorria-se ao Rio Grande. Para dinheiros, para recrutamentos, para aboletamentos, especialmente de forças armadas que vinham espiar as manobras dos visinhos e ver, quasi que unicamente ver, como combatiam os pobres rio-grandenses, verdadeiros "paus para toda a obra".

O rio-grandense vivia de armas ás costas, espada na mão e pé no estribo, defendendo o Brasil contra o estrangeiro. Ao primeiro grito de alarma, quem primeiro acorria eram os filhos da provincia, os gauchos. Eram eles que davam o sinal de rebate, a primeira carga, defendiam os lugares mais em perigo e tomavam sobre si as maiores responsabilidades da guerra, sempre de ânimo sereno, e eram os ultimos a depor a espada e a lança lá nos seus ranchos, ao pé da cama, para retoma-las novamente ao primeiro grito de receio do Brasil.

E aí temos, como retratos vivos dessas dedicações sem recompensa, livres, espontaneas, herois como Chagas Santos, Borges do Canto e tantos outros que seria demais enumerar. Mas a metropole nada disso via, ou fingia não ver, porque tambem ela, a Côrte toda estava vergonhosamente dominada pelo elemento português, retrogrado, que queria proceder com o Rio Grande como Portugal procedêra com o Brasil-colonia: tirar-lhe tudo e tudo negar-lhe até mesmo o direito de fabricar suas roupas!

Mas não foram só esses os motivos de desgostos. Muitos outros surgiram, merecendo menção especial a batalha do "passo do Rosario", e a perda da Cisplatina, que tanto sangue custára ao Rio Grande.

Nessa guerra da Cisplatina (1825 a 1828), que o povo intitulou "Guerra do Videu", muito oficial ilustre, e muito general possuia o Rio Grande no Exercito nacional. Devia, portanto, por direito e justiça, caber a um rio-grandense o comando geral, pois foram sempre os rio-grandenses que mais se distinguiram e eram rio-grandenses quasi todas as tropas. Entretanto, entrega o governo central o comando das fôrças ao Marquês de Barbacena, ilustre por muitos titulos e guerreiro de nome feito, mas que se portou com uma timidez e falta de metodo nunca vistos na celebre batalha do "passo do Rosario", sacrificando, inutilmente, um sem numero de soldados gauchos.

São muitas as sátiras então surgidas contra a atuação de Barbacena. Dentre estas, alem de uma anônima (1), destaca-se a escrita, em 21 quadras, pelo então alferes David Francisco Pereira, morto como verdadeiro heroi, no posto de major, em defe-

(1) Veja-se nosso *Poesia do Povo.*

sa da legalidade contra os farrapos. Por essas quadras e as anteriormente citadas, vê-se claramente a que ponto chegou a indignação dos gauchos após esse feito lutuoso embóra ficasse indeciso.

Diz David Pereira :

A desgraça do governo
nos levou a tal estado
que deu valor ao imigo,
fez o exercito desgraçado.

Bravos heróis se perderam ;
faz pasmar a triste cena,
devido á rude vileza
do general Barbacena.

Como condutor de negros
que trouxesse do Valongo,
conduziu a nossa gente
muito peor que o rei Congo.

E continua, como testemunha de vista (as quadras foram escritas horas após o combate), a descrever a atuação de Barbacena.

A certa altura elogia David Francisco Pereira o herói contra quem combateria, mais tarde :

Tendo-nos sido visivel
quasi inteira a perdição,
o herói Bento Gonçalves
foi a nossa salvação.

E termina os seus versos, que foram populares na época, com a seguinte quadra :

(dirige-se a D. Pedro I)

Si quereis ser triunfante
mudái, desde logo a cena;
não dái heróis combatentes
a cargo de um Barbacena.

Esto insucesso das armas jámais foi esquecido pelos riograndenses que, não só foram sacrificados, como tambem preteridos num cargo que por direito lhes pertencia. Mas a lição de nada serviu ao governo central.

Para o Rio Grande do Sul as cousas em vez de melhorarem, peoravam cada vez mais. Tudo era motivo de opressão. Em 1833 e 34, as odiosidades chegaram ao maximo. O que então sucedeu, descreve-o sucintamente Bento Gonçalves em seus dois manifestos: o de 25 de setembro de 1835 e o de 29 de agosto de 1838.

Historiemos, porem, um pouco os acontecimentos.

A revolução de 7 de abril de 1831, que depôs o imperador D. Pedro I, dando um golpe mortal na influencia que o elemento português vinha tendo na politica, asfixiando por completo todas as manifestações nativistas, reanimou os brasileiros. Mas a vitoria, rapida em demasia, fez com que afrouxassem as rédeas do governo, de modo que o Partido Português, cujo ultimo reduto era a *Sociedade Militar*, especie de maçonaria, mas em plena decadencia devido o golpe do 7 de abril, se reanimasse novamente, procurando estender seus tentaculos por todo o Brasil. Fundaram-se filiais dessa *sociedade* em varios pontos do país e tentavam a fundação de uma sucursal no Rio Grande, a provincia mais militarizada do Brasil. Os rio-grandenses não admitiram a

fundação dessa perigosa instituição anti-nacional. Protestaram. Crearam sociedades secretas nacionalistas com o fim exclusivo de combater a creação da *Sociedade Militar* em Pôrto Alegre. Esta trabalhava tão somente para a restauração. Queria a volta de Pedro I ao Brasil. Para preparar o terreno para a creação da *Sociedade* condenada, fundaram, em 1831, os portuguêses o *Continentino,* nome puramente riograndense que ocultava em seu seio os chefes restauradores.

Contrapondo-se a essa, foi fundada no Rio Grande, Pelotas, Rio Pardo e Jaguarão a *Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacionais.* Nessas sociedades pontificavam os principais elementos liberais. As perseguições começam. O marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto inicia-a denunciando os chefes mais influentes : Bento Gonçalves que chama de indomavel, e Bento Manuel Ribeiro.

Em 1833 assume o governo da provincia o dedesembargador Manuel Antonio Galvão. A sua politica desgosta profundamente os liberais. Galvão deixára-se dominar pelos retrogrados do partido português.

Substituindo o desembargador Manuel Antonio Galvão, foi enviado José Mariani. As cousas, comtudo, ficaram mais ou menos no mesmo. As denuncias e injustiças continuavam. Bento Gonçalves é, então, por denuncia do marechal Barreto, chamado ao Rio de Janeiro, onde deveria defender-se das acusações de mancomunação com os rebeldes uruguáios aos quais, diziam, dava guarida e auxiliava.

No Rio encontrou Bento Gonçalves um ambiente todo favoravel. Fez amizades com Evaristo da Veiga e o padre Diogo Antonio Feijó que deveriam, mais tarde, combate-lo tambem, um pela imprensa, outro pelas armas. Defendeu-se Bento Gon-

çalves brilhantemente conseguindo, não só continuar na comandancia da fronteira de Jaguarão, como tambem a promessa de ser impedida a creação da *Sociedade Militar* e a de substituir-se Mariani por Rodrigues Braga, sendo, ainda, galoardoado com uma pensão pecuniaria a titulo de serviços prestados anteriormente, como militar.

Estes fátos ainda mais exacerbaram os retrogrados que não pouparam meios de o perseguirem e a todo o partido liberal que começaram a denominar de partido anarquico, farroupilha e pés de cabra, em alusão ao numero de mulatos que dele faziam parte.

Nesse meio tempo, porem, graves tumultos se manifestam na capital — Pôrto Alegre. — Os restauradores ensaiavam-se para fundar a famigerada *Sociedade Militar.* Alarmados, os liberais pediram á Camara que representasse ao presidente contra essa instalação. Mariani, em vez de harmonizar a situação que já vira ser melindrosa, censura a camara por intrometer-se em assuntos que não eram de sua alçada. Essa resposta, logo tornada pública, exasperou de tal forma o povo que este resolveu, açulado pelos chefes, a tornar uma realidade o que não lhes queriam dar. Mariani, então, vendo a situação perigosissima em que se encontrava, lançou mão de um estratagema. No discurso que dirigiu ao Conselho municipal, no dia de sua abertura, a 1.º de dezembro, declarou que a *Sociedade Militar* não seria organizada porque assim o haviam deliberado os seus membros que reconheciam ser sua organização prejudicial á ordem pública.

Mariani, porem, não tivéra autorização para falar assim em nome dos retrogrados. Estes protestaram e o presidente tornou-se um verdadeiro alvo de desconfianças. Ninguem mais lhe dava credito.

João Manuel de Lima e Silva, major comandante do 8.º batalhão de caçadores, pouco antes da abertura da Camara Municipal vái ao Rio de Janeiro onde se encontra com seu irmão regente, general Francisco de Lima e Silva. Repete as ponderações de Bento Gonçalves, e consegue que se torne uma realidade a substituição de Mariani por Rodrigues Braga, e alem disso consegue ainda que sejam remetidos para Santa Catarina os perigosos retrogrados major Gordilho, Visconde de Camamú e outros.

Em fevereiro de 1834 foi nomeado, finalmente o Dr. Rodrigues Braga, cuja posse, a 2 de maio, foi grandemente festejada. Sobre a nomeação de Rodrigues Braga, o jornal *O Recopilador Liberal*, em seu numero 167, de 12 de março no artigo editorial que ocupou as duas primeiras paginas, disse, concluindo:

"O Brasil, uma vez liberto não receberá mais os ferros, simbolo da ignominia, e da baixesa. Bradai pois contra o Governo, porque vigilante, e cuidadoso desconcertou vossos planos; derribando as mais fortes columnas do vosso anarchico Edificio. As ameaças de uma *revolta inevitavel*, caso seja demitido do Comando das Armas o vosso Patriarca, são tanto mais ridiculas,quanto maior é á vossa impotencia. Insignificantes, e pequenos, como sois, vos atreveis a intimidar-nos? Recorda-vos da fabula dos gigantes fasendo guerra á Jove; e permiti, que de sua moralidade vos façamos inteira aplicação. Se vos agrada porem semelhante imposura, continuai: emquanto vossas bravatas se confundem com o vento, a grande maioria da Provincia, e da Nação aprova os atos do Governo; e abençoa a mão justiceira, que pune os vossos crimes".

A 28 de abril chega a Pôrto Alegre o Dr. Antonio Rodrigues Braga.

O que foi a sua chegada á capital da provincia, di-lo *O Recopilador Liberal* em seu numero 185, de 31 de maio :

"Na noite de 28 do passado mês chegou felizmente a esta capital o Exmº. Sr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, Presidente da Provincia.

A's 8 horas da noite de 29 dirigio-se á casa de S. Ex. um numeroso concurso de povo com a musica do 8.º Batalhão de Caçadores, que tocando maravilhosamente entreteve á S. Ex. e á todos os espectadores por longo espaço de tempo. Durante os intervalos desta agradavel orquestra deram-se imensos vivas — a *Constituição com as reformas federaes — ao Sr. D. Pedro II. — á Regència do Imperio — ao Ministerio patrilotico, que dignou-se escutar o voto publico — aos representantes de 24 e 25 de outubro — a Liberdade Universal — e finalmente á S. Ex. tão sabiamrnte escolhido para reger-nos na crise melindrosa, em que nos achamos.* Na noite de 30 do mencionado mês ; e na do 1.º do corrente, repetiram-se os mesmos festejos ; entoando-se iguais *vivas*, que foram sempre correspondidos com um entusiasmo superior a toda a expressão. S. Ex. foi visitado por quasi todos os habitantes da cidade ; e até mesmo por alguns da seita retrograda. Os edificios particulares apreceram espontaneamente iluminados desde a noite de 29 de abril até a de 3 de maio ; exceptuando somente as casas desses indignos *Caramurús*, que vendo perdida sua influencia. jámais podiam regosijar-se com esta mudança. O quartel do 8.º Batalhão de Caçadores em todas estas ocasiões esteve decorado com uma brilhante iluminação colocada na sua frente ; tendo no centro dela um quadro alegorico com o *Simbolo da União*, designando-a expressamente como *a unica taboa de salvação para o Brasil.* Havia mais o *Emblema das*

Armas Imperiais, e das Medalhas da gloriosa campanha feita contra os portuguêses na Baía, em Montevidéu por ocasião da nossa memoravel independencia : Lia-se no mesmo quadro o distico — *Sete d'abril de 1831* — e nas luminarias divisavam-se diversas inscrições contendo os nomes das nossas povoações, e das ações, e combates ocorridos nas antigas campanhas da provincia. No dia 2 do que rege tomou S. Ex. posse da presidencia na sala das sessões da Camara Municipal ; seguindo-se depois em ação de graças um solene *Te Deum*, que se cantou na Igreja Matriz á expensas do cidadão ex-Presidente da mesma Camara *José de Paiva de Magalhães Calvet*. Não compareceu então uma numerosa oficialidade (*), como aconteceu na posse do despota *Mariani ;* mas para suprir este vasio concorreram todos os livres, que com suas presenças tornaram mais explendido, e aparatoso semelhante ato. Neste mesmo dia á noite reuniram-se no largo da praça mais de seis mil pessoas desejosas de felicitar a S. Ex. por sua elevação á Presidencia ; e, por não caberem nas salas de Palacio foram comissionados para este fim dusentos e tantos cidadãos ; dentre os quais o Sr. *Pedro José de Almeida* (2) recitou o eloquente discurso abaixo transcrito ; á que S. Ex. respondeu, como verão nossos leitores neste mesmo n.° Devia subir

---

(*) Achou-se porem presente a oficialidade do 8.° Batalhão, e alguns oficiais d'artilheria. (*Nota do jornal*)

(2) "Discurso dirigido em nome do povo ao Ex. Presidente da Provincia pelo cidadão Pedro José de Almeida.

Cidadão Presidente! O povo desta cidade possuido do mais vivo entusiasmo ao ver entregues os destinos desta bela Provincia a um filho seu : não póde no meio dos transportes de alegria, em que se banha, resistir ao impulso de vir render-vos a sincera homenagem de seu respeito. Certo da vossa probidade, do vosso patriotismo, da vossa adhesão á sempre memoravel revolução de abril, e da vossa solicitude, e disvelo em promover o bem estar do país, que vos deu o berço, ele se congratula com todos os Rio-Grandenses pela vossa elevação á Cadeira Presidencial. Vossa conduta no desempenho de tão ardua tarefa, será sem duvida alguma qual nós a almejamos : sois Rio-Greandense : e isto nos basta para termos a mais de-

ao ar nessa noite um globo em aplauso a posse de S. Ex.; sendo porem mui forte o vento ficou transferido este esptaculo para a noite seguinte. O globo de deseseis palmos de diametro, e vinte e quatro de comprimento era branco e azul: nas listas brancas haviam os seguintes emblemas — *das Armas do Brasil — das da Norte America — das da Republica Argentina .. da Austria — do Comercio — e das Americas —*: Nas listas azues liam-se os disticos seguintes compostos pelo Sr. *José Pinheiro de Ulhoa Cintra*:

1 .

Nas sacras aras
Da Divindade
Queimem-se incensos
Á Liberdade.

2 .

Raiou em setembro
Nossa Independencia,
Que fez acabar
Lusa prepotencia.

---

cidida confiança no complemento de nossas tão lisongeiras quão bem fundadas esperanças. A Lei não permanecerá como letra morta: as ordens legais do liberal governo, que nos rege, não mais serão, como até aqui, iludidas, e a restauradora caterva, que altiva tem procurado erguer o colo em nossa terra, falta da proteção, que até aqui tinha, vai prestes desaparecer dentre nós; e se para a sua completa destruição, se para a manutenção da Lei, se para a conservação de nossas garantias, e liberdades, se para a sustentação das ordens legais do nosso governo vos for mister dispor de nossas vidas, fazei-o, na firme persuasão, de que nada nos será de mais gloria, do que perde-la por objectos tais. São estes os puros sentimentos, de que se achão possuidos vossos compatriotas; oxalá, que sejam por vós acolhidos, como eles pelas mais bem fundadas razões o presupõe".

Resposta do Ex. Presidente.

"Cidadãos! O Presidente da Provincia vos agradece cordialmente as sinceras expressões, com que o honrais: ele tem a maior gloria em governar um povo livre e generoso, como o Rio-Grandense, e confiando na docilidade, bons costumes, e mais virtudes civicas, que vos adornam, espera com o vosso apoio, e coadjuvação desempenhar os importantes deveres inherentes ao seu cargo".

3.ª

Á custa da vida
Heroico o Brasil
Ha de sustentar
O Sete d'Abril.

4.ª

A pesar das tramas
Da Restauração
Será triunfante
A Constituição.

5.ª

Foi por terra o duro
Feroz despotismo,
Que quiz a provincia
meter num abismo.

6.ª

Já livre respira
O povo contente,
Por ter-se mudado
Tão máu presidente.

Havia sido este balão espontanea, e anticipadamente construido pelo Sr. *Livio Zambeccari*, que de comum acordo com os Srs. *Francisco Modesto Franco*, Major *João Manoel de Lima e Silva*, e *Antonio Simões Pereira Junior*, pretendeu dar uma pequena prova do quanto se interessa a prol da liberdade, e bem estar do Brasil. Seriam dez horas da noite de 3 de maio, quando subiu o balão por entre entusiasmadas aclamações de uma imensa multidão de povo".

Sobre a posse do novo presidente, escreve Assis Brasil :

"Era o novo presidente geralmente reputado homem honesto e de bôas intenções ; bem que moderadamente, aderira ás ideias liberais ; era filho da provincia e recomendado por Bento Gonçalves, o homem mais popular de toda ela ; a sua administração inaugurou-se, pois, cercada de simpatias e felizes esperanças. Festas ruidosas o receberam. Os exaltados (3) julgavam já de todo extinto o partido retrogado, tanto que no meio das festas populares que se faziam e quando na noite de 2 estava o povo em grande massa reunido diante do palacio presidencial, entre as aclamações repetidas que se levantavam, um cidadão dos mais fervorosos liberais recitou diante da multidão e do presidente estes versos carateristicos que o entusiasmo da ocasião lhe inspirára :

O' vis Caramurús, bando inhumano,
aparecei com a extinta autoridade,
e a chicote vereis vossa maldade
punida por um povo soberano.

Vis sectarios dos crimes dum tirano,
de quem, brutos, seguis brutal maldade,
ó corja vil de torpe iniquidade,
. . . .
que com o azorrague só vives contente,
. . . .
nós te daremos um açoite eterno,
bando restaurador e delinqüente !
Pois quem é do inferno habite o inferno.

(3) *Exaltados*, nome dado aos liberais. Galegos, Caramurús, restauradores, retrogrados, absolutistas, eram apelidos dos do Partido Português, ou legal.

Este poeta repentista era Antonio Paulo da Fontoura, mais conhecido por Paulino Fontoura, que tão conspicuo papel representou depois na republica. Os seus versos dão a medida dos sentimentos que então alimentava o povo a respeito do presidente Braga e da sua administração" (Assis Brasil).

Infelizmente tudo mudou pouco tempo depois. Braga não era o homem que o momento requeria. Iludiram-se por completo os liberais. Não resta a menor duvida que tinha competencia e era honesto, mas a competencia e a honestidade sem o tino politico e a firmeza de carater em materia governamental, de nada servem. Embora nobres, são, num administrador qualidades nulas mormente em momento tão melindroso como era o da provincia naquela época.

Braga, a principio, agradou a todos, mas, a pouco e pouco deixou-se levar pelos elogios dos retrogrados e cutiladas e artimanhas de seu irmão Pedro Chaves, moço manheiroso, cheio de perfidia, retrogrado estremado e violeno, que assumira a direção do *Correio Oficial*. Braga, pode-se dizer, foi uma vitima dos retrogrados com Sebastião Barreto Pereira Pinto á testa, e especialmente, de seu irmão, o virulento bacharel Pedro Chaves.

Dentro de poucos mêses Braga não era mais que joguete nas mãos do manheiroso irmão. Quem *dava as cartas* e fazia o jogo era Pedro Chaves.

"O Dr. Braga passou a ser, escreve o provecto historiador Dr. Eduardo Duarte, — um instrumento de odios e perseguições contra os liberais, até que em 24 de outubro de 1834, numa manifestação promovida em Pôrto Alegre pelo partido liberal para comemorar a promulgação do áto adicional — considerado vitoria da democraica brasileira, em sério conflito se empenharam os dois partidos".

Esse conflito, não pelo fáto em sí, mas por ter tido o auxilio oficial da policia, o partido caramurú, encheu as medidas. Algumas gotas mais e a taça estravazaria.

E essas gotas haviam ainda de ser lançadas com premeditada malicia e crueldade até.

Foi a 1.º de dezembro. Instigado, provavelmente por Camamú e sua gente, um soldado do 8.º batalhão de Caçadores desobedeceu ao seu comandante, tenente-coronel Silvano José Monteiro de Araujo e Paula. Este, enraivecido, esbofeteou o soldado. O batalhão quasi inteiro revoltou-se contra o seu comandante e foi preciso a intervenção da policia dos municipais permanentes para restabelecer a ordem. Camamú foi disso tudo o grande culpado, pois achava-se preso no quartel desse batalhão por crime de injurias escritas contra o major e ex-comandante do batalhão, João Manoel de Lima e Silva.

Com a intervenção dos municipais, ficou tudo serenado. Mas eis que, a 24 de outubro chegam a Pôrto Alegre as noticias das reformas liberais realizadas pela Constituinte em agosto. O povo, entusiasmado, quer festejar tão grandes acontecimentos, e reune-se, á noite, em volumosa massa. Numa passeata civica, cantando hinos patrioticos, vivando continuamente os grandes liberais, percorrem as ruas da cidade, na maior ordem. Verdade é que de quando em quando ouviam-se gritos de agressão ao governo. Foi o quanto bastou para que Pedro Chaves e seus comparsas, armassem tudo em pé de guerra, reagindo contra as festas civicas.

Com uma força de mercenarios, que organizou ás pressas á ultima hora, desconfiado das tropas nacionais, fez ocupar militarmente o Arsenal, que era uma casa forte, e armou mais outros braços estrangeiros para policiarem a cidade. Esses atos, consi-

derados verdadeiras afrontas ao pundonor nacional, exacerbou de tal maneira os animos que a cidade toda ficou como um verdadeiro vulcão prestes a irromper. O povo fôra alvejado e os acusados eram o visconde Castro e o brigadeiro Manuel Carneiro da Fontoura e contra eles, sobretudo, dirigia-se a animosidade do povo. Carneiro da Fontoura chegou a ser aprisionado pelo povo que o levou ao juiz municipal, Vicente Ferreira Gomes, reclamando justiça. Mas foi tudo inutil. O acusado, retrogrado poderoso, não foi castigado apesar dos esforços do juiz que era liberal.

As ameaças não pararam aí. Prolongaram-se ameaçando seriamente a tranquilidade não só da capital, mas de toda a provincia. Braga teve, então, á ideia de chamar para junto de sí ao coronel Bento Gonçalves da Silva que sabia ser o idolo dos liberais.

Bento Gonçalves estava em Jaguarão e com a presteza possivel chegou ao Rio Grande, recebendo carta branca de Braga para agir em Pôrto Alegre e acalmar a população.

Na maior bôa fé, o grande liberal recebeu como bem intencionadas as ordens do presidente e voou á capital, acalmando imediatamente o povo. Bento Gonçalves, si quizesse, poderia ter revolucionado toda a provincia, pois tinha carta branca para fazer o que bem entendesse. Comtudo não o fez, confiado na palavra de Rodrigues Braga que por sua vez sabia que o glorioso coronel seria incapaz de abusar da liberdade que lhe déra.

Estavam, assim, graças a intervenção de Bento Gonçalves, acalmados os animos, mas ainda profundamente abalados pelos sucessivos acontecimentos.

Dias depois volveu o presidente á Pôrto Alegre, onde anciosamente o esperavam os retrogados que lhe pintaram exageradamente os acontecimentos. Es-

quecido de que tudo estava serenado, Braga escreve ao Rio comunicando os sucessos havidos, e denuncia a existencia de um partido separatista que, com caudilhos uruguaios e argentinos pretendia anexar o Rio Grande a essas republicas. Pede urgente remessa de forças e caso não possa ser atendido requer a sua demissão. Mas nada consegue quanto ás forças pedidas. O governo central necessitava delas pois em muitos pontos do Brasil alastravam-se movimentos revolucionarios. Pediam-lhe que se conservasse na presidencia, pois estavam providenciando para substitui-lo na primeira oportunidade.

Braga ficou desanimado com esta resposta e tanto mais que ela coincidiu com outros graves acontecimentos.

Em Cachoeira e principalmente no Rio Pardo novos tumultos se fizeram sentir em janeiro de 1835, em que figurava, entre os acusados, José Mariano de Matos. Houve denuncia e principio de processo a que a prudencia do juiz de direito Rodrigo Pontes não deu andamento. Mas as provocações continuavam e diariamente surgiam queixas de diversos pontos da provincia, ora deste, ora daquele partido.

No Rio Pardo, foi morto um negro que vociferava contra a colocação de um *judas* ornado de chifres e pés de cabra, alusão aos mulatos liberais e talvez, principalmente, a Mariano de Matos, que era mulato.

Isso foi em 1834, no sabado de aleluia. Mas, por causa disso, continuaram os tumultos, mormente depois do assassinato do ousado retrogrado Casemiro de Vasconcelos Cirne, juiz de Paz, unico que quiz aceitar a continuação dos interrompidos processos. Um grupo mascarado entra, certo dia, em sua casa e intima-o a entregar os autos de processo. Cirne nega-se a isso e alveja um dos mascarados.

Como o tiro não atingisse o alvo é imediatamente morto. Os mascarados fogem. E daí os novos tumultos de janeiro de 1835.

Assim continua, agitada e tempestuosa, a vida da provincia, agravada, agora, com as insensatas medidas de Antonio Rodrigues Fernandes Braga mandando continuar os processos e declarando-se retrogrado.

A 20 de abril de 1835 abre-se a Assembléa Legislativa, creada pelo ato adicional. Fernandes Braga, na sua fala de abertura, denuncia novamente mas desta vez á Assembléa, em publico, portanto, á maquinação separatista e chega ao cumulo de apontar chefes entre os proprios deputados. Bento Gonçalves, Magalhães Calvet, Marciano Pereira Ribeiro, Bento Manuel Ribeiro e outros. Chocam-se novamente os animos e nova luta se inicia. Defendem-se os acusados, travando-se serias discussões no recinto da Assembléa e na imprensa.

Os animos estavam novamente exaltados e Braga recioso de algum tumulto mais serio do que os anteriores, em consequencia de seu ato impolitico de acusar em publico deputados influentes, fez com que, clandestinamente se encaixasse no orçamento uma clausula pela qual ficaria o governo autorizado a crear uma força de 700 homens, o que conseguiu, com surprezá de todos, com uma simples emenda do deputado retrogrado Manuel Felizardo. Assim ficava Braga com mais uma força ao seu dispor visto não poder contar com forças de outras provincias e do Rio, conforme solicitára.

Nova discussão no seio da Assembléa e aumento maior ainda de animosidades contra o governo.

Mas não cessaram aí os máus passos e perseguições do presidente e seus asseclas ao partido liberal.

O Uruguái e a Argentina tambem estavam exaltados imperando, nesta, como presidente, o mais tarde terrivel Rosas, D. João Manuel de Rosas, cuja ambição unica era ter domínio absoluto sobre o Prata. No Uruguái subira á curul presidencial o ilustre D. Frutuoso Rivera. Rosas, em vista disso, favorecia grandemente a D. Antonio Lavalleja e o instigava a derrubar Rivera. Lavalleja contava, tambem com bôas amizades no Rio Grande do Sul, e entre estas as de Bento Gonçalves e Bento Manuel Ribeiro. Assim, percorria constantemente Lavalleja a fronteira acompanhado do padre José Antonio Caldas, capelão do exercito uruguáio. Caldas era alagoano e tomára parte na revolução de 1824, tendo fugido da fortaleza de Santa Cruz e se acoitado no Uruguái onde foi muito bem recebido.

Rosas havia já, em 1834 — enviado a Pôrto Alegre a esposa de Lavalleja, D. Ana de Monteroso Lavalleja, mulher de grande beleza e táto politico. D. Ana encontrou já em Pôrto Alegre seu patricio D. Manuel de Ruedas, dirigindo um jornal — *O recopilador Liberal* —. Ruedas é, devido suas ideias, expulso nesse mesmo ano de 34, assumindo a direção do jornal José de Paiva Magalhães Calvet.

Como se vê, Rosas empregava todos os meios de se apoderar do Uruguái e do Rio Grande do Sul. Os Riograndenses, porem, não eram tão tolos como ele os julgava. Recebiam-nos muito bem, tratavam-nos fidalgamente, mas tudo com certa reserva.

Bento Manuel não gostava de Rivera e Bento Gonçalves era grande amigo de Lavalleja. Daí a satisfação com que ambos receberam do governo central a ordem de, secretamente, auxiliar a Lavalleja. Mas quando se preparavam para prestar-lhe os auxilios que já solicitára, eis que uma contra ordem se lhes dá : Toda a neutralidade deve ser guardada.

Chocaram-se com isso os dois Bentos, comandantes das fronteitas de Jaguarão e do Rio Pardo, e fizeram ouvidos de mercador á proibição. Prestaram auxilios. Barreto queixou-se mais uma vez de ambos e afirmou que estavam se portando muito mal os dois Bentos, mas que pretendia fazer com que Bento Manuel entrasse em ordem. "Mas o do sul — dizia — é indomavel".

Por isso, depo-los abertamente, não podia. Recorreu, então, Barreto de combinação com Braga ao seguinte processo : mandou chamar Bento Gonçalves e entregou nesse meio tempo, o comando da fronteira de Jaguarão, temporariamente, enquanto Bento Gonçalves estivesse em Pôrto Alegre, ao capitão Sebastião Rodrigues Dias. A Bento Manuel mandiu instaurar processo e em seu lugar nomeou o tenente-coronel da extinta segunda linha José Antonio Martins, figadal inimigo do sorocabano.

Era o maximo das ofensas aos liberais.

Em junho encerrou a Assembléa os seus trabalhos lançando ainda uma proclamação, no dia 19, uma proclamação provocadora, comentada escandalosamente pelo *Correio Oficial*, de Pedro Chaves.

Julgava o governo tudo mais ou menos extinto e sem maiores perigos. E realmente tudo parecia calmo. Mas, nos recintos das casas particulares e das sociedades secretas especialmente creadas para esse fim, tudo fervilhava e tramava-se a revolução que deveria irromper em dia e hora que seria previamente designada. O chefe já fôra escolhido e aclamado : Bento Gonçalves. Nem outro poderia ser o escolhido, pois Bento Gonçalves reunia em sí todas as qualidades de um verdadeiro condutor de homens : caracter, energia, firmeza, desprendimento, muita calma e muita ponderação, alem da grande

popularidade de que gozava em toda a provincia. Era, pois, Bento Gonçalves o unico no momento.

Combinado tudo na capital, partiu Bento Gonçalves para o interior onde deixou tudo preparado, marcando o dia 20 para o levante geral. Daí voltou para Pôrto Alegre e no dia 10, conforme relata Sá Brito em sua *Memoria*, reunem-se em casa deste para um definitivo acordo. Como houvesse discordancias, finge Bento Gonçalves que nada mais se fará, pede licença para descançar em Entre-Rios, e desaparece da cidade onde, legalistas, só haviam ainda Fernandes Braga, Camamú e seus asseclas e alguns janizaros, embora estes se considerassem completamente resguardados de qualquer assalto.

Tanto isso é verdade que a 18 de setembro escreve a Camamú, dizendo que tinha conhecimento de que "alguns anarquistas divididos em turmas pretendem acometer esta cidade por varios lados, a saber, pela estrada de Belas, pela ponte de Azenha, pelo Caminho Novo, afim de soltarem o major José Mariano, deporem a primeira autoridade da Provincia", etc. Por isso pede ao Visconde que "empregue de pronto medidas eficazes para fazer abortar qualquer plano dos anarquistas", reunindo todas as forças e avisando aos corpos da guarda-nacional, batalhões de infanteria e cavalaria, afim de que no momento de "se tocar a rebate concorram imediatamente armados ao lugar da parada das respetivas companhias", etc. Dá mais algumas ordens e avisa-o de que nomeou o brigadeiro Gaspar Menna Barreto comandante da guarda-nacional, caso seja necessario reuni-la tambem.

Estavam, aparentemente, bem resguardados os caramurús, que se convenceram repelir o primeiro

ataque com a maxima facilidade. Mal, porem, sabiam a surpreza que os esperava.

* * *

Em fins de agosto, cansado de tanta perseguição, pede Bento Gonçalves licença para retirar-se ao estrangeiro afim de descançar. Dava como destino a provincia de Entre-Rios. Outro, porem, era seu plano. Em vez de se dirigir para Entre-Rios, vái, ocultamente, visitar a fronteira e, em seguida, voltá e se aloja em casa de José Gomes de Vasconcellos Jardim, nas Pedras Brancas. Aí conclui, definitivamente, o plano do movimento.

A 10 de setembro encontramo-lo em Pôrto Alegre, em casa do advogado Francisco de Sá Brito a quem convida para participar do levante. Recusando-se Sá Brito, Bento Gonçalves diz que "não se fará a revolução", e retira-se. Mas as bases já estavam lançadas em toda a provincia e aquela "não se fará a revolução" foi uma frase lançada para despistar.

A 18 está novamente Bento Gonçalves nas Pedras Brancas, e nesse mesmo dia Gomes Jardim e Onofre Pires da Silveira Canto atravessam o Guaíba com um corpo de revolucionarios, e na noite de 19, ás 11 horas, dão inicio ás hostilidades, na ponte da Azenha.

A 20 entram, sem resistencia, as forças na cidade, e a 21 entra, triunfante, Bento Gonçalves da Silva, e empossa, em lugar de Fernandes Braga que fugira com sua gente, ao Dr. Marciano Pereira Ribeiro, 4.° vice-presidente.

Sá Brito, imediatamente, adére á revolução, e á capital da provincia volta a calma.

Finalmente, a 21 de outubro desse mesmo ano de 35, não se via mais um legalista na provincia, e a ordem era a mais perfeita possivel.

Os chefes farrapos dirigiram-se, em seguida, á Regencia comunicando o sucedido e pedindo fosse nomeado um novo presidente. A regencia, porém, se nega a atender os farrapos e declara-lhes guerra.

E durante dez anos o solo rio-grandese beberia o sangue heroico de seus filhos...

CAPITULO III

A LUTA ARMADA

O terrivel odio entre conservadores (caramurús, retrogrados, etc.) e liberais (farroupilhas, etc.) enchia de terror a cidade na espetativa do ataque destes ultimos, pois Fernandes Braga não se cançava, com seus amigos, a proclamar a perversidade que, dizia, pretendiam cometer os "anarquistas".

Alem do já referido, devemos acrescentar ainda ao odio de Braga e Barreto aos liberais o fáto de terem estes por intermedio da Camara Municipal de Pôrto Alegre eliminado da representação provincial a esses dois proceres (1), que, afinal, foram reconhecidos.

Pode-se, por isso, calcular a atmosfera que devia reinar nesses dias agitados que precederam a tomada da capital da provincia pelos farrapos.

No dia 18, emquanto Braga, avisado conforme vimos, tratava da defesa da cidade, José Gomes de Vasconcelos Jardim passava, com 60 homens, o Guaíba, vindos de Pedras Brancas, e acampava, na noite desse dia, junto á cidade, no lugar em que hoje

---

(1) No *Correio Oficial*, N.º 59, de 11 de julho de 1835, figura uma nota comentando o fáto e, em seguida, vem o parecer da comissão sobre a eliminação de Braga e Barreto, com a nota: "Este parecer foi aprovado pela Assembléa provincial". O parecer é assinado por Rodrigo de Souza da S. Pontes, Pedro Rodrigues Fernandes Chaves e Antonio Joaquim da Silva Maia. Nesse parecer pedem a remessa do diploma e que sejam chamados os dois imediatos emquanto os eleitos não tomassem posse.

fica o cemiterio, isto é: no alto da Azenha. (Estrada da Cascata, atualmente).

A 19 Braga oficiava ao Vice-consul português, Vitorio José Ribeiro, solicitando-lhe "grande auxilio para o governo". Queria que o Vice-consul autorizasse a marinhagem dos navios portuguêses surtos no pôrto, que, em caso de necessidade, se apresentassem a um oficial da marinha nacional afim de serem armados e municiados para auxiliarem a defeza da cidade. O Vice-consul imediatamente concordou dando as ordens necessarias para que os marinheiros portuguêses prestassem seus serviços ao governo Braga. Esse Vice-consul, apezar de elogiado pelo governo, foi suspenso, mais tarde, pelo governo português, devido esse fáto.

Ainda nesse dia 19 dirige-se o presidente provincial aos Juizes de Paz e Chefe de Policia da cidade, pedindo-lhes tomassem todas as medidas necessarias á melindrosa situação e o avisassem de quanto soubessem pois lhe constava "que se preparam movimentos anarquicos que deverão romper talvez em poucas horas".

Mas todas essas medidas foram inuteis. A' noite, avisado de que a cidade ia ser atacada pela Ponte da Azenha, reûne em palacio toda a sua gente e ordena ao Visconde de Camamú impeça a passagem da ponte.

Os farrapos, porem, estavam otimamente preparados, nem mesmo faltando espiões sendo um deles e o maior, o Dr. Magalhães Calvet, medico, irmão de José de Paiva, que chegou a entrar no palacio no momento da reûnião e tendo conhecimento da ordem dada a Camamú, avisou a gente de Gomes Jardim ao qual já se reûnira um forte contingente chefiado por Onofre Pires da Silveira Canto.

Em vista disso colocam os rebeldes sentinelas nos angulos mais escuros da ponte e aguardam a visita do visconde. Pela meia noite, mais ou menos, este aparece com um grupo armado e, sem maiores preocupações, pisa na ponte, sendo recebido por alguns tiros que o desnorteiam. Em seguida outros. Camamú é ferido, já na fuga, e é morto o célebre *Prosodia*, Antonio José da Silva Monteiro, que, pensando salvar-se se atirára nas aguas do Riacho. Os legalistas, que uns dizem serem 60 e outros cerca de 300, fugiram desabaladamente, apresentando-se Camamú, horas depois, no palacio, banhado em sangue, e dizendo que os rebeldes eram em numero superior a 1.000. Exagerou, emfim, tudo, pondo o desanimo na alma de todos os presentes. Fernandes Braga, apezar de insistido para retirar-se para bordo de algum dos navios surtos no pôrto, não o fez, mandando, apenas transportar as familias amigas e a sua. Contava ainda Braga com o 8.° batalhão de caçadores, que ordenou fosse postado nas trincheiras da cidade, da praça do Portão á entrada da hodierna rua da Independencia.

E ficou aguardando os acontecimentos.

Na madrugada de 20 põem-se os revolucionarios em marcha sobre a capital. Braga sabe de tudo mas confia ainda na sua gente e no 8.° . Subito, vem-lhe a noticia de que o batalhão de caçadores em vez de atirar sobre os rebeldes, abrira alas para que entrassem e a eles se juntou. Estava tudo perdido. Não havia mais outro remedio sinão fugir. E fugiu, levando consigo os dinheiros do Tesouro e da Alfandega, para bordo da escuna *Rio-Grandense.*

Serenamente, sem mais um tiro, entre vivas e gritos de alegria, entram os farrapos na capital apoderando-se de todos os edificios publicos.

Bento Gonçalves que, de Pedras Brancas tudo assitia e ordenava, á tarde veiu para Pôrto Alegre, sendo entusiasticamente recebido.

Na capital, a causa estava ganha.

* * *

Braga entrincheirára-se no Rio Grande, depois de angariar adeptos em Pelotas. Aí, em sua defeza, organizaram forças o major Márques de Souza e João da Silva Tavares. Resguardado nessas duas cidades, esperava Braga noticias do marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto. Mal sabia, porem, que o grito reivindicador ecoára por toda a provincia que se levantára em armas. Loureiro, nas Missões, Bento Manuel e Osorio em S. Gabriel, Netto, Crescencio, Portinho, os Amarais no Rio Pardo... Em toda a provincia só se ouvia uma voz : abaixo a tirania. Barreto fôra tambem obrigado a fugir para o Estado Oriental, acossado por Bento Manuel Ribeiro e Manuel Luis Osorio.

Faltava, agora, limpar Pelotas e Rio Grande.

Com esse fim para lá se encaminharam Onofre Pires via Santo Antonio da Patrulha, e Bento Gonçalves via Pedras Brancas.

Emquanto Onofre Pires e Bento Gonçalves marchavam de Pôrto Alegre em direção aos ultimos redutos "braguistas", o presidente expulso contorce-se nas vascas da agonia escrevendo oficio sobre oficio procurando a todo o transe manter a sua já mais do que impossivel prepotencia.

Tal como solicitára, em Pôrto Alegre, o concurso da marinhagem portuguêsa, no Rio Grande recorre Braga a braços estrangeiros.

A 2 de outubro oficia a Isás Calderon, no qual reconhece "as qualidades necessarias para o bom desempenho de qualquer comissão militar", nomeando-o "Comandante de toda a força desta cidade e municipio do Rio Grande, assim dos Guardas-nacionais, como de qualquer outra que possa organizar-se para manter a ordem e a Lei".

Mas, onde braços para sustentarem o poder da primeira autoridade da provincia?

D. Isás lembra uma solicitação ao presidente de sua Patria pedindo sua intervenção para que os revolucionarios sejam combatidos si se apresentarem nas fronteiras do Uruguái, pois diz, Braga, eles "podem talvez de algum modo afetar o sossego e tranqüilidade do Estado, a cujos destinos, por felicidade dele, V. Excia presidе" (2).

Mas isso não era suficiente, pois não lhe aumentava os braços para a defeza.

Recorrem, então, impatrioticamente, ao auxilio do coronel uruguáio, D. Servando Gomes:

> "Ilustrissimo senhor. = Constando-me por comunicação do tenente-coronel João da Silva Tavares, que V. S.ª generosamente lhe havia oferecido os socorros que estivessem ao seu alcance, a favor da causa do governo legitimo deste país, cumpre-me levar ao conhecimento de V. S. que nesta data autorizei ao mencionado tenente-coronel a receber todo e qualquer auxilio de que precisasse, e que V. S. quizesse e pudesse ministrar-lhe. Posso alem disso afirmar a V. S.ª que lhe serão abonadas

---

(2) Oficio de 6 de outubro de 1835, a D. Manuel Oribe, presidente do Estado Oriental.

> as despezas que fizer com a prestação do auxilio. Resta-me pois somente agradecer a V. S.ª a generosidade e lealdade com que se mostra bom e fiel amigo da Nação Brasileira ; e apresento-lhe os mais sinceros protestos de respeito, consideração, e estima pela pessoa de V. S.ª = Cidade do Rio Grande, 14 de outubro de 1835. = Ilustrissimo senhor coronel D. Servando Gomes. = *Antonio Rodrigues Fernandes Braga*".

Levando esse oficio, e em busca do auxilio de D. Servando, Silva Tavares é atacado e derrotado, fugindo para o Uruguái, emquanto Márques de Souza, ferido, se entrincheira em Pelotas.

Braga, completamente desalentado, oficia a 16 de outubro ao marechal Barreto, dizendo que estava em eminencia de ser obrigado a embarcar numa das embarcações surtas no pôrto do Rio Grande, devido o "terror panico" que as forças de Bento Gonçalves espalharam em toda a parte. Comunica-lhe que escrevera ao coronel Servando Gomes aceitando o auxilio prometido e solicitando-o, e tambem escrevera ao presidente D. Manuel Oribe comunicando os sucessos e pedindo o fechamento das fronteiras. Dizia que, por segurança, enviava uma segunda via dessas cartas. E conclúi dizendo ao marechal : "Si V. S.ª julga necessaria autorização minha para aceitar socorros dos nossos visinhos eu desde já autorizo o mais completamente que se possa, não só para isso, como para lançar mão de todos os meios que achar convenientes ao nosso intento". O marechal, porem, ou por patriotismo, não querendo aceitar e menos ainda pedir auxilio dos visinhos, ou então por receio, deixou-se ficar no exilio, aguardando melhor oportunidade para voltar ao pago.

A 22 escreve novamente a D. Manuel Oribe, desta vez, para confessar que estava desalentado e a bordo, pronto para seguir viagem. Diz, porém, a seguir : "Com a minha saida não se deve julgar terminada a causa que defendem Tavares e Barreto". E depois de varias considerações, pede, claramente, o auxilio oficial do Uruguái para a sua causa ingrata : "rogo a V. Ex.ª que se digne expedir as ordens necessarias afim de que desse Estado se prestem todos os auxilios e socorros ao marechal Comandante das Armas, Sebastião Barreto Pereira Pinto, e ao tenente-coronel João da Silva Tavares, e isto ainda no caso em que eu me veja obrigado a sair desta provincia. Emquanto aos rebeldes que passarem para o territorio da Cisplatina, repito as minhas anteriores requisições".

Nessa mesma data, de bordo do brigue-escuna *Parobé* escreveu ao já então regente Diogo Antonio Feijó, felicitando-o e dizendo que "os defensores da legalidade tem os olhos fitos nas medidas do Governo Central".

Era o suspiro derradeiro, pois a cidade já desde a vespera, 21, se entregára (Veja as efemérides) e a 23 Bento Gonçalves declarava definitivamente pacificada a provincia do Rio Grande. São dispensados os soldados e tudo parecia voltar á tranqüilidade, esperando-se, sómente, a nomeação do novo presidente que, dizia-se, devia ser um rio-grandense.

Longe, porem, estava a paz da provincia. Mal sabiam quanto sangue deveria ser derramado, quantos sacrificios e quantos acontecimentos anormais transformariam ainda, por completo os fins dessa revolução.

* * *

Quando Antonio Rodrigues Fernandes Braga chegou ao Rio de Janeiro, pintando tudo com cores carregadas, já a regencia havia nomeado o Dr. José de Araujo Ribeiro presidente do Rio Grande do Sul.

Araujo Ribeiro era rio-grandense e por isso muito se esperava dele.

As circunstancias, porem, mudaram por completo a face dos acontecimentos.

A 6 de dezembro saiu do Rio Grande e a 8 chegou em Pôrto Alegre, devendo tomar posse a 9.

Vinha Araujo Ribeiro, segundo se dizia, movido de intenções pacificadoras e de um decreto de anistia geral, decreto esse que nunca foi publicado.

No Rio Grande encontrou-se o novo presidente com Bento Gonçalves que ficou satisfeito escrevendo a seu irmão que Araujo Ribeiro parecia-lhe muito bôa pessoa e parecia vir com muito bôas intenções e seria, por isso, capaz de fazer um bom governo. Em seguida veiu para a capital onde esperou o presidente nomeado.

Mas um fáto bastante sério desgostou os liberais e fez com que desconfiassem de Araujo Ribeiro. Foi a retirada do "exequator" do vice-consul hamburguês em Pôrto Alegre. Esse vice-consul havia proclamado aos seus subditos alemães das colonias recomendando-lhes a mais completa neutralidade nos assuntos dessa revolução. Essa proclamação muito desgostou a Braga que, do Rio Grande, escreveu ao ministro dos estrangeiros, Manuel Alvares Branco, denunciando o referido vice-consul, Antonio Gonçalves Pereira Duarte, e pedindo lhe fosse retirado o "exequator", "porque, dizia, — semelhante procedimento do mencionado vice-consul pode ser de grave prejuizo á causa da legalidade, por ser a colonia de São Leopoldo um viveiro, donde se podem

tirar muitos braços fortes e de confiança para manutenção da ordem".

A Regencia, dando ouvidos a esse oficio, retirou o *exequator*, e essa ordem chegou com tanta infelicidade, isto é, no dia mesmo da chegada de Araujo Ribeiro á Pôrto Alegre, — que transmudou por completo o curso dos acontecimentos.

Reunem-se os juizes de paz e os membros liberais da Assembléa em casas particulares, á noite, e resolvem, por unanimidade, espaçar a posse do presidente e aguardar, assim, os sucessos futuros.

No dia 9 reune-se a Assembléa para o ato solene. A casa está apinhada. Reina em todos os peitos a mais intima comoção. Dos liberais só não compareceu, apezar de convidado, Bento Manuel Ribeiro. Disséra-se doente só para não assistir á sessão que sabia ser para denegar a posse, com o que não concordava.

E de fato, unanimemente a Assembléa resolveu não dar já posse ao Dr. Araujo Ribeiro. Eram de opinião que se esperasse mais alguns dias.

Araujo Ribeiro, porem, não concordou e embarcou em seguida para a sua fazenda, na Barra do Ribeiro, e daí para o Rio Grande, onde tomou posse da presidencia perante o conselho municipal.

A Assembléa chocou-se com esse procedimento. Bento Gonçalves procurou acalmar os animos e Marciano Pereira Ribeiro que estava como presidente interino, empossado pela revolução a 21 de setembro, demite-se mesmo porque, tudo serenado, a Assembléa convidára Araujo Ribeiro a tomar posse na capital, perante a Assembléa provincial. Araujo Ribeiro nega-se a comparecer. Os liberais tomam essa negativa como declaração de guerra e tornam a chamar á presidencia o Dr. Marciano Pereira Ribeiro.

Emquanto isso, Araujo Ribeiro mancomuna-se com Bento Manuel Ribeiro que, aliás, desde o dia seguinte ao da negação de posse, já se combinára com o presidente nomeado a darem cabo dessa situação. Em vista dessa combinação, já em 30 de dezembro Bento Manuel convida as tropas a prestarem obediencia ao Dr. Araujo Ribeiro que é, segundo afirma, o legitimo presidente da provincia, reune uma regular força, e consegue a adesão de Manuel Luis Osorio, Santos Loureiro e muitos outros guerreiros de valor que haviam auxiliado a deposição de Braga e a expulsão de Barreto.

Estava novamente incendiada a provincia, graças a Bento Manuel Ribeiro cujo espirito no auxilio que prestou ao movimento de 20 de setembro, era unicamente de vingança. Satisfeita essa com a queda dos dois homens que o perseguiram, estava, para ele, tudo liquidado. Porque insistir nesse assunto? Era amigo de Araujo Ribeiro, e como nada lhe importavam os negocios politicos da provincia (ele era unicamente soldado), voltou a sua espada contra os companheiros da vespera.

Para Bento Manuel de nada valiam as reivindicações exigidas pelos proceres revolucionarios com Bento Gonçalves á testa de quem, aliás, ao que parece, o distanciava um certo ciume. Bento Gonçalves era o homem mais popular da provincia, e Bento Manuel, orgulhoso, cheio de si e conscio de seu valor apezar de seu pouco saber, não podia tolerar, si bem a não manifestasse, essa superioridade do coronel chefe da revolução.

Essa a grande diferença, diferença que sempre se fez sentir entre esses dois valentes guerreiros, durante todo o decenio: Bento Gonçalves guerreava por principios: Bento Manuel brigava ora por vin-

gança, ora por simples obediencia de soldado amigo do poder.

Tal, em sintese, o caracter do homem que reiniciou a revolução, denominando "cambada de impostores que só para transtornar a ordem servem" (V. Efemérides : 31 de janeiro de 1836), aqueles mesmos que nas vesperas eram anciãos que mereciam todo o acatamento e respeito, por suas venerandas cãs adereçadas de serviços á patria.

Odiosa se tornára a atitude de Araujo Ribeiro com a sua insistencia em ficar no Rio Grande. Comtudo, procuravam ainda os liberais um meio de solucionar a crise e harmonizar tudo. Mas em vão.

Por ordem de Araujo Ribeiro, Gaspar Menna Barreto, João de Castro e outros, aliciavam, em S. Leopoldo, colonos para as forças imperiais, pois muito estava o presidente necessitando de braços que o defendessem e á causa da legalidade. Bento Gonçalves, sabendo disso, põe-se a caminho da colonia e escreve a Antonio Vicente da Fontoura que se mantenha alerta para o que desse e viesse.

Menna Barreto e seus companheiros, depois de terem reunido cerca de 500 homens alemães, tentaram atravessar o rio dos Sinos, mas foram impedidos por um grupo de cerca de 50 patriotas, postados com um bom numero de colonos, do lado da colonia. Esse grupo era dirigido pelo alemão Hermann von Salisch, entusiasta das ideias liberais.

Com verdadeira ousadia esse cidadão passou-se para o campo de Gaspar Menna Barreto, com quem discutiu sobre o direito que tinha de falar em alemão aos seus patricios. Conseguiu que o deixassem falar e, em alemão, lingua que nem Menna Barreto, nem Castro, nem nenhum dos brasileiros sabia, entusiasmou os seus patricios pela causa farrapa ter-

minando por convida-los a se passarem, com ele, para o lado da colonia, o que todos, prontamente, fizeram. Desses, muitos foram incorporar-se aos revolucionarios que se aproximavam, nesse mesmo dia, pondo em fuga os chefes legalistas.

Herman von Salisch fôra um dos oficiais que vieram ao Brasil com os corpos alemães contratados.

Pertencia von Salisch ao 27 de caçadores, do qual deu baixa, ficando em Pôrto Alegre, onde exerceu a profissão de professor de musica e de linguas. Foi um grande propagandista da revolução e possuia o jornalsinho "*O Colono Alemão* (3), no qual pregava abertamente a rebeldia.

Mas só em fevereiro é que se travam os primeiros combates. O primeiro foi o do Passo do Capané, em que Bento Manuel é destroçado por Côrte Real. Dias mais tarde, morre heroicamente o bravo marinheiro Tobias dos Santos Robalo, que preferindo a morte á rendição, faz, num gesto verdadeiramente tragico, explodir o cuter *Minuano*, de seu comando (V. 27 de fevereiro). A 3 de março, emfim, perdem os liberais toda a esperança de reconciliação com o decreto do Governo Central ordenando a transferencia de todas as repartições publicas para a cidade do Rio Grande.

* * *

Começa, agora, uma nova serie de peripecias. De um e outro lado as forças eram aguerridas e quasi que iguais em numero. Muitos revolucionarios haviam passado para os legais, graças ás manhas

---

(3) Aurelio Porto reeditou, em facsimile, esse jornal de von Salisch, com um ótimo estudo sobre a imprensa no Rio Grande do Sul.

de Bento Manuel. Mas tambem, espontaneamente, muito legal se passou para os farroupilhas.

Um caso típico e que merece aqui especial menção é o de Juca Ourives, sujeito de máus precedentes, simples paizano, expulso das fôrças revolucionarias, por gatuno e desrespeitador da honra alheia.

Pois este sujeito, por vingança, reüniu um grupo de tipos de sua laia e apresentou-se ao Dr. Araujo Ribeiro para defender a legalidade. Em pouco tempo vemo-lo tenente-coronel, posto que alcançou graças ao seu temperamento de guerrilheiro destemido e terrivel não dando, jamais, treguas ao inimigo, comandando oficiais de linha.

Seu verdadeiro nome era José Inácio da Silva Ourives, mas nunca perdeu o apelido de Juca Ourives.

O governo revolucionario varias vezes se dirigiu ao Governo central mostrando a justiça de sua causa e pedindo o castigo para Fernandes Braga e Sebastião Berreto. Nunca foi ouvido. Seus oficios não recebiam resposta.

Começou, então, uma série de revezes para os farrapos. O primeiro foi o destroçamento da força de Côrte Real, Afonso José de Almeida Côrte Real, guerrilheiro moço, intrepido mas inexperiente, pelas forças ao mando de Bento Manuel Ribeiro, no Passo do Rosario.

Houve, tambem, grandes vitorias, como a de Pelotas, obtida pelas forças revolucionarias ao mando do tio do Duque de Caxias, João Manuel de Lima e Silva. Nesse combate (V. 7-8 de abril) foi aprisionado Manuel Marques de Souza que importante papel ia representar na contra-revolução. Este prisioneiro é conduzido para Pôrto Alegre pelo proprio Lima e Silva que, a 12 já se vê obrigado a re-

pelir a fôrça de Juca Ourives que tentava apoderar-se da capital.

A 22 Onofre Pires derrota, em Mostardas, as fôrças do capitão Francisco Pinto Bandeira que morre em combate.

A 2 de junho trava-se novo combate nas margens do S. Gonçalo, entre navios da esquadra imperial e fôrças de terra comandadas por Lima e Silva. Nesse combate, que ficou indeciso, foi Lima e Silva ferido no queixo por um estilhaço de bala de canhão.

A 13 Domingos Crescencio ataca o forte de S. Miguel, mas não consegue apoderar-se dele e recua, deixando alguns mortos.

A 15, perdem os farrapos a capital, começando, desde então a serie de grandes revezes.

Márques de Souza que fôra encerrado na *Presiganga*, velho navio surto no pôrto de Pôrto Alegre, que servia de prisão flutuante, mas em relativa liberdade, graças á recommendação especial de Lima e Silva, consegue, com varios outros companheiros de prisão, subornar os carcereiros e combinarse com elementos do partido conservador e grande numero de canoeiros portuguêses que faziam as viagens da capital á Cachoeira, tomar, de surpresa, a cidade que, aliás, nunca ficára guarnecida como se tornava necessario. Esse golpe foi terrivel. Nunca mais os revolucionarios apoderaram-se da cidade. Essa contra revolução tirou-lhes, tambem, varios elementos de primeira ordem, como Marciano Pereira Ribeiro e outros, que foram aprisionados e remettidos para o Rio de Janeiro.

Ulhôa Cintra, que tambem se achava em Pôrto Alegre, na occasião, conseguiu fugir e foi o primeiro a espalhar a noticia. Bento Gonçalves, ao recebe-la

dos labios de seu amigo, ficou grandemente abatido, pois trabalhava com afinco na campanha procurando, por todos os meios prender Bento Manuel, o maior impecilho para a vitoria dos farrapos.

Em vista disso aproxima-se Bento Gonçalves da capital e, depois de intima-la a render-se, no que não é atendido, tenta retoma-la, no dia 30 de junho, mas é repelido após 3 horas de luta.

Mais uma série de combates pequenos travam-se em diversos pontos da provincia, quasi todos fatais ás armas rebeldes, que perdem, tambem o seu forte de Itapuã.

Com essa perda estavam definitivamente alijados das redondezas de Pôrto Alegre que, comtudo, ainda os tenta, pois é ela a chave de todos os movimentos.

Em setembro cerca-a novamente Bento Gonçalves. Depois de alguns dias de assédio, o chefe revolucionario faz a primeira tentativa para a pacificação definitiva da provincia. Escreve, nesse sentido, a Bento Manuel. Este responde-lhe que é impossivel qualquer acordo, e que somente as armas decidirão a questão. Devido essa resposta, prosegue, então, o assédio por mais alguns dias. Vendo, porem, que eram inuteis os seus esforços e que estava perdendo tempo, retira-se para reünir sua fôrça ás Neto e Crescencio. Bento Manuel avisado, sabendo certo o rumo que tomava Bento Gonçalves, embarca sua gente e vái espera-lo no Jacuí, á cuja margem direita estava Crescencio.

Bento Manuel, que vigiava de perto, sem ser pressentido, todas as manobras do antagonista, graças ao grande numero de espiões ou bombeiros que espalhou por toda a redondeza, só aguardava uma ocasião para atacar o farrapo. Bento Manuel esta-

va protegido pela flotilha comandada por Pascoe Grenfell.

Quando Bento Gonçalves se aproximava da margem esquerda, Bento Manuel fechou todas as passagens, deixando livre apenas um saco no qual, caso Bento Gonçalves entrasse seria fatalmente derrotado. Aí nesse saco, ou rincão, fica a ilha do Fanfa, junto a outra chamada do Leão.

Na ancia de juntar-se a Domingos Crescencio, Bento Gonçalves começa a transpor o rio sabendo já que o inimigo o esperava e aboleta-se na ilha do Fanfa. Verdade é que o chefe farrapo não contava com os navios de Grenfell que se haviam maravilhosamente ocultado.

Guarnecidas, na noite de 2 de outubro, as barrancas e passados para a ilha grande numero de seus homens, preparava-se Bento Gonçalves, na manhã de 3, para efetuar a junção quando se lhe apresentam os navios. A surpreza foi geral. Bento Gonçalves, comtudo, não desanima. Ataca os navios, e estes se retiram, á tardinha. No dia 4, porem, é violentamente atacado. Perde as baterias que postára na barranca da margem direita, e se vê cercado por terra e agua. Luta desesperadamente mas, afinal, com as garantias que lhe forneceu Bento Manuel, por escrito, conforme pedíra, rende-se.

Com ele são aprisionados Onofre Pires e Zambicari, o conde italiano a quem tanta importancia querem dar nessa revolução mas que, afinal, nenhuma ou pouquissima influencia exerceu, com suas ideias na proclamação da republica, mais tarde, quando ele já se achava preso.

O que foi essa rendição e como foi ela cumprida, mostram-no claramente os documentos escritos pelo proprio Bento Manuel, que transcrevemos em

nosso *Farrapos*! (1.ª série) e nas Efemérides (4 de outubro).

Aliás, a nosso ver, esse combate da ilha do Fanfa encerra qualquer misterio ainda não desvendado.

Ou Bento Gonçalves agiu por esperteza, preferindo render-se a uma derrota completa, e ordenando, como declara na ordem do dia Bento Manuel, que seu cunhado incentivasse os outros a mais violentas operações, talves na certeza de fugir em seguida, ou então houve realmente falta de tática de Bento Gonçalves que se rendeu por ver impossivel qualquer resistencia, mas confiado em Bento Manuel que, aproveitando a ocasião, exerceu sua vingança, ou melhor, para engrandecer-se perante o governo, desculpou o não cumprimento das promessas feitas e mandou prender Bento Gonçalves e Onofre Pires, na certa, naturalmente, de que, faltando esses dois em pouco tempo ele, Bento Manuel, liquidaria a revolução.

A ilha do Fanfa é, pois, um ponto de interrogação, que merece um estudo especial e minucioso.

* * *

Emquanto, nas margens do Jacuí se desenrolavam, esses acontecimentos, na fronteira e na serra bem diferentes eram os sucessos das armas farrapas já bastante diminuidas e mui pouco vitoriosas.

Apesar de quasi inerte, devido o grave ferimento, Lima e Silva, acampado em Pelotas, inquietava seriamente aos legalistas.

Afim de desalojar esse chefe revolucionario de Pelotas, incumbiu Araujo Ribeiro — que fôra novamente nomeado présidente, — ao tenente-coronel Silva Tavares desse empreendimento.

Grande era, porem, a falta de gente com que lutavam as forças do governo. Por isso Silva Tavares foi percorrer com sua pequena força a campanha, afim de conseguir recrutas e fazer junção com algum outro chefe legal que por alí estivesse. Acampou, depois de já estar com um bom contingente, cerca de 600 homens, nos campos do Seival, a 9 de setembro de 1836, de onde pretendia, no dia seguinte, marchar sobre Pelotas. Mas tudo saiu-lhe ás avessas.

Antonio de Souza Netto, uma das mais completas figuras de soldado do glorioso decenio, espreitava-o, porem, desde muito. Alcançou-o, finalmente, no dia 10 quando Silva Tavares ia levantar o acampamento.

As fôrças de Netto eram muito inferiores, em numero. Comtudo não receiou atacar o inimigo, e fe-lo com tanta felicidade que, após renhida luta, desbaratou por completo os imperiais, matando cerca de 180, alem de mais ou menos 60 feridos e 160 prisioneiros. A perda dos farrapos foi insignificante, relativamente.

Esta vitoria, após um grande numero de revezes, foi que abriu aos revolucionarios novo caminho.

Silva Tavares foi, apezar de toda a sua pratica e valentia, o mais infeliz dos oficiais da legalidade. Era raro ganhar um combate. Netto, então, batia-o sempre. E tanto assim que o consideravam — *armazem dos farrapos* — A pezar de tudo isso o chefe legal não desanimava. Destemidamente procurava encontrar-se com os revolucionarios. E assim, "escapo dum revez, ia logo procurar outro", como assevera Assis Brasil, e com inteira verdade.

Nunca se viu oficial mais caipóra e mais teimoso. Era bem o tipo do rio-grandense daquele

tempo: não desanimava nunca. Fôra batido hoje? — Não importava. Eram leis da guerra. Amanhã poderia bater. E lá ia, destemidamente, ao encontro do inimigo.

Este combate do Seival e o pequeno combate do Funchal, no dia 7, reergueram as fôrças dos rebelados.

O imperio teimava em não conceder direito algum aos farrapos. Bento Manuel negára-se ao acordo proposto por Bento Gonçalves em fins de junho, declarando que a força das armas é que iria decidir a questão. Que restava, pois, aos destemidos revolucioharios, partidarios arraigados da ideia republicana: Joaquim Pedro e Manuel Lucas de Oliveira?

A estes didadões, cujos ideáis republicanos eram notorios, mais do que a Antonio de Souza Neto, deve-se atribuir a proclamação da Republica.

Bastante cultos, para a época, beberam, certamente essas ideias não só em Zambicari que, em Pôrto Alegre, dirigíra o periodico *O Republicano*, mas sobretudo no célebre padre Caldas, José Antonio Caldas, revolucionario da Confederação do Equador.

O padre Caldas, membro da Constituinte, por Pernambuco, metéra-se no movimento republicano de 1824 sendo um dos chefes da rebelião. Preso e condenado á morte, consegue fugir e imigra para o Uruguái onde é nomeado capelão militar das forças de Rivera. Amigo de Lavalleja é, por isso, demitido do cargo. Na fronteira, edita um jornalsinho, o *Telegrafo*, de que com acrimonia fala Lobo Barreto em sua *memória*, de ideias francamente revolucionarias e republicanas. Mantem correspondencia politica com diversos próceres rio-grandenses, entre os quáis os Gonçalves da Silva e Alencastre, que

nunca se declararam francamente republicanos, e tem admiradores como Luiz José dos Reis Alpoim, republicano aferrado e outros.

Caldas foi, por isso, o principal incentivador da revolução, propagandista da republica, influindo mais do que quanto estrangeiro aqui esteve na sua efetivação.

Diz Alfredo Varela que o padre Caldas foi propagandista da republica federativa mas ligando o Rio Grande do Sul ao Uruguái. Parece-nos, porem, que é justamente o contrario que se deve afirmar: Caldas queria a republica federativa, mas no Brasil, pois é notorio o seu patriotismo. No Uruguái esteve apenas como imigrado politico. Rebentada a revolução no Rio Grande do Sul, a ela se integrou vindo a ser o secretario particular de Bento Gonçalves, depois que este voltou ao Rio Grande fugido da Baía.

Não se sabe ao certo qual o fim desse sacerdote revolucionario, irmão dos republicanos que regaram com seu sangue o solo heroico de Pernambuco.

Aliás, deve-se notar, Netto tambem era republicano. Seus atos o denunciam, mormente no fim da revolução. Daí a sua pouca ou nenhuma resistencia ao apelo de Joaquim Pedro Soares e Manuel Lucas de Oliveira que queriam a republica.

Trabalhando desse modo, Netto, a 11 de setembro, dia imediato ao da vitoria do Seival, ignorando ainda a derrota de Bento Gonçalves no Fanfa, participa aos seus valentes cavalarianos a proclamação da republica. Comtudo, na áta do dia 12, feita após a reunião nas margens do rio Jaguarão, lê-se que a republica foi proclamada no Rio Grande "não só por ter todas as formalidades para representar entre as demais nações livres do Uni-

verso, sinão tambem obrigados pela prepotencia do governo do Rio de Janeiro". Como se vê, ha aí uma resalva.

A proclamação da Republica foi, pois um ato de desforra. O Governo central não queria de forma alguma, como já ficou dito, reconhecer os direitos do Rio Grande rebelado, gritando por justiça. Foram, portanto, as circunstancias que os obrigaram a esse passo que, antes disso nunca fez parte de suas cogitações puramente reivindicadoras.

Bento Gonçalves, nada republicano, é bem provavel que não concordasse com essa orientação. Estava, porem, preso. Nunca recebeu as comunicações que lhe foram enviadas. Soube, já no Rio de Janeiro, na fortaleza de Santa Cruz, da proclamação da Republica. A ele, portanto, nada mais restava sinão aderir. Aderir, ou pedir misericordia. Seu caracter nobre e altivo, profundamente patriota, jamais admitiriam semelhante passo. Assim, pois, por espirito de solidariedade, por camaradagem, preferiu por de lado as suas ideias monarquicas e fazer-se republicano.

Espirito culto, Bento Gonçalves de volta ao seu pago, mudou quasi que por completo a orientação republicana. Por suas cartas vê-se claramente o que pensava da republica. Quais suas ideias a respeito desse sistema de governo. Demonstra ter pleno conhecimento de causa. A republica, para ele, não era a independencia absoluta. Queria a federação. No seu primeiro documento publico, o *manifesto* de 29 de agosto de 1838, diz claramente que "perdidas as esperanças de concluirem com o governo de S. M. Imperial uma conciliação fundada nos principios da justiça universal, os Rio-grandenses, reunidas as suas Municipalidades, solenemente proclamaram e juraram a sua Independencia poli-

tica debaixo dos auspicios do sistema Republicano, *dispostos todavia a federar-se, quando nisso se acorde ds Provincias irmãs"* etc.

E em decretos, anteriores e posteriores a essa data já a mesma ideia é expressa claramente: Sistema Republicano com o direito de federar-se ás demais provincias que assim o queiram. Não eram, pois, esses mesmos republicanos do Rio Grande "livre e independente", separatistas. Não. Animava-os, sobretudo, o espirito de brasileidade. A integridade do Brasil nunca os abandonou. E por isso não encontrou Bento Gonçalves dificuldade em aceitar a republica proclamada por Netto no Campo dos Menezes.

* * *

Começava, agora, uma nova vida para os revolucionarios que, de agora em diante podem ser denominados *republicanos.*

A proclamação de Netto, do dia 11, é amplamente divulgada e enviada a todas as cidades e vilas da provincia. Na sua quasi totalidade aderem á republica. A primeira a manifestar-se é Jaguarão, que se reune em sessão especial na Camara Municipal para proclanar, depois, a sua solidariedade e pedir que se oficie a Bento Gonçalves dizendo-lhe que fôra aclamado *chefe e protetor da Republica e liberdade do Rio Grande.*

Seria esta a primeira noticia que Bento Gonçalves deveria receber, juntamente com a proclamação de Netto. Nenhuma delas, porem, chegou-lhe ás mãos. O desastre do Fanfa isolou-o por completo durante um ano.

Com estraordinaria rapidez soube o governo central da proclamação da Republica espedindo, a 11 de outubro, o decreto suspendendo as garantias individuais na provincia. (V. Efemérides: 11/10/36). Era o grito da primeira ferrotoada no orgulho da regencia.

A 6 de novembro, na vila do Piratiní, escolhida para séde do governo da nova Republica, reunem-se os vereadores e procede-se a eleição do presidente. Por unanimidade é eleito Bento Gonçalves. Devido sua ausencia e impedimento ficou eleito e empossado no mesmo dia o cidadão José Gomes de Vasconcelos Jardim, homem idoso, de grande probidade, estimado em toda a provincia.

Gomes Jardim que vimos entrar com um pugilo de bravos em Pôrto Alegre, no dia 18, acampando no alto da Azenha e, no dia 20, apossar-se com Onofre Pires da capital, era fazendeiro em Pedras Brancas, nas margens do Petim, onde tambem possuia uma casa de saude. Gomes Jardim não era medico, mas inteligente e estudioso, alma grande e filantropica, quiz, com o seu pouco saber contribuir para o bem e a saude do proximo. Examinava doentes, dava remedios que ele proprio fabricava, e recebia os doentes em sua casa de saude de onde era raro sair algum morto. Ricos e pobres, estancieiros e peães, generais e nobres titulares, iam visita-lo e pedir os socorros de sua ciencia. A todos acolhia sempre com o maximo carinho e bôa vontade. Nunca se negou a tratar de quem quer que fosse. Bastava procura-lo ou chama-lo.

Daí a sua grande popularidade em toda a provincia onde era considerado um verdadeiro bemfeitor. Gomes Jardim, apezar de velho já, foi um verdadeiro arrimo da revolução e da Republica, da qual foi presidente logo no inicio, por impedimento

de Bento Gonçalves, e tambem no fim, por renuncia do general farrapo.

A 12 de novembro é publicado o decreto criando a bandeira da Republica e o brazão e armas.

Apezar de todos esses aparatos, os chefes do novo Estado não se sentiam com fôrças bastantes para enfrentar as vicissitudes da guerra. O revez da ilha do Fanfa encheu-os de receios. Grande era a falta que sentiam de Bento Gonçalves e Onofre Pires e tambem de Côrte Real que se achava preso já.

Netto é o unico que ainda se mostra verdadeiramente encorajado. A 30 de outubro, logo após receber a noticia do desastre da ilha aliás já sabido por todos, esclama, numa proclamação: "O revez que sofremos é grande; mas é um só no circulo de tantos triunfos; redobrai vosso valor e venceremos".

Agora, ausente Bento Gonçalves, todas as esperanças estavam em Netto.

A lira popular o proclama:

> Bento Gonçalves da Silva,
> foi preso, foi desterrado;
> mas deixou o bravo Netto
> pra cumprir os seus tratados.

E realmente Netto foi um verdadeiro animador.

Comtudo, ou por vontade propria, ou instigado pelos companheiros de armas ou — quem sabe? — pelos senhores do governo recem-inaugurado, Netto fez uma tantativa de pacificação da provincia, a 12 de dezembro, o que prova a instabilidade da situação.

E' intermediario o general Frutuoso Rivera que desde muito ronda a provincia e os farroupilhas.

Bento Manuel recebe D. Frutuoso Rivera, mas ou porque quer a proposta por escrito, ou porque não confia (o que é bem de crer-se) em Rivera, escreve ao general Netto enviando o oficio pelo coronel Gabriel Gomes Lisboa e major Manuel Luís Osorio, pedindo resposta pelos mesmos. Netto, porem, não responde logo. Pede mais alguns dias para enviar a solução. Queria antes, confabular com os demais comandantes e com o chefe do governo e o ministerio, Finalmente, a 31 de dezembro, devidamente autorizado por Gomes Jardim, Netto responde fazendo as proposições. Bento Manuel não as aceita por julga-las exorbitantes e absurdas (V. Efemérides: 31/12/36). Fracassa, assim, a segunda tentativa de pacificação.

* * *

Começa o ano de 1837. E começa mal para os republicanos. Logo no dia 4 o general Netto é atacado de surpreza, por Bento Manuel que o obriga a transpor a fronteira. Esse revez de Pedras Altas, si lhe não deu grande prejuizo de homens, levou-lhe, porem, 5 canhões.

Netto não desanima. Refaz-se e dias depois volta ao Rio Grande pela fronteira do Piraí.

O resto do mês passa-se sem grandes novidades. O mês de fevereiro tambem não apresenta grandes feitos de parte a parte. Parece que ambos os partidos se estão refazendo para novos embates.

Nesse mês, Silva Tavares que fôra aprisionado a 17 de dezembro por David Canabarro, consegue fugir. A legalidade tem, pois, mais um general em campo, embora esse general não cause grande receio aos republicanos.

Março, porem, está fadado a grandes acontecimentos que vem de um modo geral refazer as forças e reerguer o animo dos revolucionarios.

A 11 desse mês fogem da fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, Onofre Pires e Afonso Côrte Real que após uma série de peripécias chegam ao Rio Grande.

A 23 Bento Manuel Ribeiro aprisiona, no Passo do Itapeví o brigadeiro Antéro José Ferreira de Brito, presidente da provincia.

Bento Manuel era, por esse tempo, comandante das armas imperiais. Antéro assume a presidencia com intenções de dar cabo em seguida dos republicanos. Tem tenções de dar cabo em seguida dos republicanos. Tem grandes planos e grandes ambições. Seus atos, pelo menos, assim nos fazem crer. Ele, brigadeiro e presidente. Bento Manuel general. Não se convence Ferreira de Brito que o sorocabano não tenha ainda dominado por completo os rebeldes, e censura, por isso, o comandante das armas. Em carta de 10 de janeiro (V. Efemérides: 31/12/36) promete a Bento Manuel uma visita ao campo de operações. Quer ver de perto a situação. Sua intenção, porem, era assumir ele mesmo o comando das armas. Motivos propriamente não tinha para depor Bento Manuel. Algumas intrigas fazem as vezes de documentos. Acusa-o de conivencia com os revolucionarios e sái a campo com o intuito de aprisionar o comandante das armas. Bento Manuel, porém, soube de tudo e aguarda Antero, espreitando-lhe os passos. A 23 de março ataca-o no passo do Itapeví e prende-o.

Com esse ato fica Bento Manuel em situação embaraçosa. Que fazer? Como justificar sua atitude? A justificativa seria facil. Mas atende-lo-ia o governo? Nessa contingencia resolveu aderir aos

republicanos e prestar seus serviços ás armas farrapas.

A republica recebe-o de braços abertos. Era um menos a combate-los e um a mais a auxilia-los. Querem dar-lhe o comando das armas, que regeita. Não quer ser, na republica, sinão simples cidadão. A insistencia, porem, dos convites fazem-no, aceitar o comando de uma força que elle mesmo organiza. Chamam-no, agora, os republicanos de "benemerito" e nele põem a sua confiança.

Novamente muda-se o aspéto da guerra. Os republicanos vão dominando, a pouco e pouco, o terreno. Os imperiais sentem-se abatidos. Não pode o governo central cuidar devidamente da provincia pois por todos os recantos do Brasil ha comoções.

O governo da Republica inicia, tambem, a sua atividade, nomeando os primeiros coletores, afim de organizar, assim, o seu Tesouro, por iniciativa do ministro Vicente Lucas de Oliveira.

Ha uma estranha animação em tudo. Vende-se, compra-se, sequestra-se bens do adversario, paga-se a oficialidade e a soldadesca recebe, tambem, os seus primeiros soldos. A capital, — Piratiní, — é uma verdadeira colmeia. E as fôrças espalhadas por toda a provincia agem destemidamente.

Os imperiais fazem seu ponto forte na cidade de Pôrto Alegre. A 11 de maio Netto assedia-a, mas sem resultado. Vendo inutil a tantativa de retomar a capital, abandona o assédio e volta á campanha.

Outro ponto forte dos imperiais era Caçapava defendida pelo coronel João Crisóstomo. Bento Manuel marcha sobre ela no dia 7 de abril. Crisóstomo não resiste ao combate. A cidade rende-se e os imperiais perdem toda a infantaria.

Tambem, já por esse tempo, voltára á provincia o marechal Sebastião Berreto Pereira Pinto. Bento Manuel soube que ele estava com uma regular força acampado nas proximidades de Cruz Alta. Encaminha-se para lá e a 5 de junho bate-o completamente nas margens do arroio Santa Bárbara.

A 12 de agosto Netto destroça por completo as fôrças imperiais, comandadas pelo coronel Gabriel Gomes Lisbôa, na vila do Triunfo.

No penultimo dia de outubro Bento Manuel desbarata as forças imperiais comandadas pelo coronel Manuel dos Santos Loureiro, na coxilha do Espinilho.

Em novembro pisa novamente o solo rio-grandense o coronel Bento Gonçalves da Silva, que fugira, a 10 de setembro do forte do Mar, na Baía.

Preso no combate do Fanfa, é o general farrapo metido na *Presiganga*, e daí enviado ao Rio de Janeiro, de onde, mais tarde o remetem para a Baia.

Nessa cidade do Salvador, Bento Gonçalves encontra grande numero de admiradores que procuram, por todos os meios, auxilia-lo na fuga. Fôra já recomendado do Rio de Janeiro onde haviam trabalhado, mas infrutiferamente,- para que fugisse. Na Baía, terra por completo desconhecida, tudo mudava de aspeto. Ninguem suspeitava que até lá haviam chegado a fama e o prestigio do grande farrapo. Deram-lhe relativa liberdade que aproveitou. Com 15 dias de forte do Mar, preparou tudo com o auxilio de seus abnegados admiradores.

Vê-se, por esse facto, como estava minado todo o Brasil, como em todos os recantos imperava o descontentamento.

Com relativa facilidade foge a 10 de setembro, como dissemos, e a 3 de novembro, depois de uma

viagem bastante acidentada, pisa terras rio-grandenses, "tive a satisfação de pisar neste país abençoado", escreve ele a um amigo. A 9 abraça os seus amigos da divisão do Centro e, em Piratiní, a 16 de dezembro toma posse da presidencia. (V. Efemérides : 16/12/1837).

Forte estava, agora, a Republica que, durante todo esse ano nenhum revez que valesse a pena mencionar sofreu. Os seus anais só tiveram que registar vitoria sobre vitoria. Era, pois, de justiça que encerrassem com grandes festas esse ano. E a maior delas foi a posse de Bento Gonçalves que, depois de ter sido considerado perdido, volta á patria e assume a presidencia da Republica que, embora não fundada por ele, é, comtudo, a forma de governo que impéra em sua terra porque as circunstancias da guerra assim o exigiram. Não era republicano, mas ia fazer-se republicano e dirigir a republica para a federação, provando, desse modo, a todo o mundo o seu grande amor pelo Brasil uno, federado e forte. E esse patriotismo ele o acendeu em todos os peitos. Provam-no de sobejo os inumeros atos de sua vida nesse agitado periodo.

* * *

Emquanto o Imperio combatia, tambem, por agua, como senhor absoluto dos rios, a Republica sentia a falta que lhe estava fazendo uma esquadra.

Preso, no Rio, Bento Gonçalves não descurou esta importante arma e graças á apresentação que de Garaibaldi, recem-entrado no pôrto da capital do imperio como maritimo de uma náu francêsa, a *Nautonier*, Bento Gonçalves fornece-lhe uma "carta de corso"; o *condottiere*, sem mais delongas dá inicio á sua nova vida de aventuras.

Arma um pequeno navio, o *Mazzini*, e com ele inicia a carreira de corsario. Dias depois apodera-se de uma sumaca — *Luiza* — carregada de café e a substitúi pelo pequeno *Mazzini*. Arvóra nela a bandeira da Republica e segue rumo de Montevidéo. Em Maldonado vê-se perseguido pela policia. Foge e segue para as barrancas de S. Gregorio, esperando Rossetti. Aí, porem, é aprisionado, e após dois mêses de lutas, padecimentos e prisões é expulso. A bordo de um navio genovês Garibaldi e Rossetti chegam ao Rio Grande, onde desembarcam clandestinamente e daí seguem para Piratiní. Logo após chega, tambem, de volta do exilio e da prisão, o general Bento Gonçalves. Tratam, então, da organização da marinha. Garibaldi é nomeado capitão-tenente e encarregado da consecução de navios, emquanto Rossetti fica em Piratiní, como secretario do governo, tratando da fundação de uma imprensa oficial.

Estes dois italianos, condenados na sua patria por carbonarios, dela conseguiram fugir seguindo rumos diferentes. Por uma verdadeira coincidencia encontram-se no Rio de Janeiro e proseguem, depois, juntos, a vida aventureira nas coxilhas do Rio Grande. Adeptos fervorosos de Mazzini, o grande revolucionario carbonario, autor da *Jovem Italia*, o codigo da mocidade republicana de sua terra, e que tambem no Rio Grande do Sul grande influencia exerceu graças a propaganda e tradução feitas por Rossetti no órgão oficial da Republica, *O Povo*.

Apezar de tudo isso, os revolucionarios rio-grandenses nunca se deixaram empolgar por completo pela doutrina *mazzinista*, não aceitando, nunca, o carbonarismo e sustentando, sempre, a intensa brasilidade que os arrastára á revolução e era ainda o ideal que os guiava na republica.

Tais os dois maiores italianos que se incorporaram ás fôrças revolucionarias rio-grandenses, já muito depois de proclamada a republica.

O ano de 1838 encontra como comandante das armas do imperio e presidente da provincia o marechal Antonio Elziario de Miranda e Brito.

Persegue este tenazmente os republicanos, não sendo, porem, muito feliz.

Num dos primeiros encontros, nas margens do rio Caí, Bento Manuel Ribeiro toma-lhe duas canhoneiras e obriga-o a uma retirada precipitada.

Si bem não fosse de grande importancia o combate, assume, comtudo, proporções grandiosas devido a conquista das canhoneiras que, entregues imediatamente a Garibaldi, aterram aos imperiais e põe Grenfell em constante sobressalto.

Em fevereiro, a 24, violento combate regista-se nas margens do S. Gonçalo onde Netto e Crescencio com uma fôrça de cerca de 1.000 homens se fortificaram. Ao tentarem a travessia do rio, são agredidos os chefes farrapos por duas canhoneiras. A luta durou cerca de 4 horas, havendo perdas de parte a parte, porem, em muito maior numero entre os republicanos que se viram obrigados a abandonar a posição, deixando o local coberto de cadaveres.

Apezar disso, e graças á ação de Garibaldi, por agua, e dos demais chefes, Bento Gonçalves, Netto e Bento Manuel, por terra, auxiliados por David Canabarro, Portinho, João Antonio, Onofre Pires e outros, ia em franco progresso a causa rio-grandense.

Rio Pardo, desde algum tempo, tornára-se, como a capital, ponto forte dos imperiais. Defendiam-na o marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto e José Joaquim de Andrade Neves que mais tarde, na guerra contra Solano López tanto brilho iria dar ás armas brasileiras.

A vila do Rio Pardo, quartel-general dos imperiais, era considerada quasi que inexpuguavel. Os republicanos ha muito que a namoravam. E nem poderiam deixar em poder dos inimigos uma vila que tanta gente ilustre lhe fornecêra, e fôra um verdadeiro fóco de revolucionarios, antes de 20 de setembro.

Resolveram, pois, retomar a sua vila, num ataque conjunto, decisivo.

Na manhã de 30 de abril apresentam-se nas portas do Rio Pardo os republicanos. Começam as escaramuças. Netto, Crescencio, Bento Gonçalves, Bento Manuel Ribeiro. A flor dos guerreiros farrapos alí estava.

Crescencio comanda os "bravos da Encruzilhada". Netto a cavalaria gloriosa. Bento Gonçalves e Bento Manuel, um por esta banda, outro por aquela, dispõem o assalto á frente de seus homens.

Começa a luta. Netto e Crescencio atacam, um por aqui, outro por alí. Dentro de poucas horas entram na vila que ainda resiste, da barranca do rio, Procuram os farroupilhas atira-los na agua, cercando tudo. Não o conseguem, porem, porque, tendo fugido os chefes Sebastião Barreto e Andrade Neves, depois de ordenarem aos seus soldados: resistam a todo o custo, — tambem os soldados debandam. Alguns se rendem. A maioria foge. E Rio Pardo cái em poder dos republicanos.

Possuiam os imperiais uma excelente banda de musica, organizada e dirigida pelo celebre maestro Joaquim José Mendanha. Esta banda, que Netto, na sua parte do combate qualifica de "rica" — "fizemos preza de uma rica banda de musica, que felizmente ficou intáta" (4-5-38) — ficou fazendo parte das fôrças farrapas até 1340, quando, numa sortida dos imperiais sobre Rio Pardo, foi resgatada.

Foi o maestro Mendanha que, a pedido dos chefes farroupilhas, compoz, ou antes: fez um arranjo de uma valsa de Strauss, o velho, dando, assim, origem, ao *Hino da Republica*. A primeira letra composta para esse Hino foi a do capitão Serafim José de Alencastre, um dos ilustres poetas da revolução. Mais tarde Francisco Pinto da Fontoura, o popular *Chiquinho da Vóvó*, escreveu outros versos. Mas o jornal da Republica, — *O Povo* —, em seu numero de 4 de maio de 1839 publica uma outra letra, de autor desconhecido, precedido das seguintes palavras: "... postos de pé em torno do pavilhão todos os cidadãos e senhoras convidadas, cantou-se acompanhado da musica do Hino da Nação", na noticia da festa comemorativa do 30 de abril, em Caçapava. Essa letra, a nosso ver, é que deveria ter sido oficializada como o verdadeiro *Hino de 35*.

A vitoria do Rio Pardo foi de grande importancia para a Republica e grandemente influiu nos seus destinos. Consideravam-na os farrapos como "o principio do fim" da resistencia imperial na provincia.

Comtudo ainda muito haviam de lutar no vão empenho do reconhecimento da Republica e na federação da provincia a outras do Brasil.

Em 11 de maio, entusiasmados com a tomada do Rio Pardo, assediam os farrapos novamente a cidade de Pôrto Alegre, mas infrutiferamente. Com algumas interrupções esse novo assédio durou até 1840.

A 29 de agosto Bento Gonçalves publica o seu célebre manifesto, em que repete as causas da revolução, repetindo o que disséra no de 25 de setembro de 1835. Nele prega o chefe farrapo a federação. E'

o primeiro documento oficial que a isso publicamente se refere.

Outro terrivel adversario inicia a sua atividade, Francisco Pedro de Abreu, mais conhecido por *Chico Pedro* ou *Moringue*. Este guerrilheiro que atingiu os postos mais elevados na carreira militar, distinguiu-se sobretudo pela sua guerra de surprezas em que se revelou mestre consumado. Muito deu Chico Pedro que fazer ás armas republicanas, lançando, em grande parte, o desalento em seu seio.

O primeiro combate em que ele figura como comandante, foi o das proximidades do Camaquã. Aí foi ele derrotado pelo tenente-coronel Rafael Fortunato de Abreu. Esta primeira derrota foi uma das raras que sofreu o famigerado legalista.

A 1.º de setembro a república publica, sob a direção de Luiz Rossetti, o seu órgão oficial, *O Povo*, que durou até 1840.

Já por essa época trabalhava ativamente a Republica por se fazer reconhecer. Enviava embaixadores ao Prata e Paraguái. Pregava-se por todos os meios a grandiosidade da Republica, procurando desfazer em todos os átos do Imperio. *O Povo* transcreva as noticias do Rio de Janeiro comentando-as, infundindo, desse modo, o descredito dos átos do Governo Central.

Mal, porem, deveria terminar esse ano.

Santo Amaro, porto nas margens do rio Jacuí, estava guarnecido pelas forças de Joaqüim Teixeira, um dos mais briosos farroüpilhas. Esse embate muito desalentou os revolucionarios pois desfalcou-os de uma fôrça disciplinada e briosa. O revez, porem, não foi de grandes conseqüencias apezar de tudo. Os republicanos, cheios de um ardor inquebrantavel, não se deixavam, nunca, desalentar por completo.

Comtudo o ano de 1839 deveria leva-los a um declinio estraordinario.

Começaram as vicissitudes com a perda de Piratiní, que tiveram que abandonar. A vila já não correspondia ás necessidades da Republica e, alem disso, vivia constantemente assediada. Si nela se conservassem por mais tempo, o desastre seria total. Por isso, de acordo com o ministerio, Bento Gonçelves, a 9 de janeiro anuncia a transferencia da capital para Caçapava, ponto mais central, e a 14 de fevereiro fizeram a mudança.

Emquanto isso, Garibaldi, pelos rios, inquietava grandemente as fôrças navais do imperio. A sua flotilha, porem, era pequena demais e por isso resolveu abrigar-se por algum tempo afim de construirem mais alguns barcos auxiliares.

Achava-se ele aportado na Estancia da Barra, propriedade de uma das irmãs de Bento Gonçalves, Aí, num galpão, estabelecera ele o seu Quartel-general. Corria tudo ás mil maravilhas quando, a 17 de abril surge-lhe, de surpreza, Chico Pedero com um contingente de mais de 100 homens. Garibaldi possuia apenas 20 ou 30, dos quais a mairoia estava ocupada, pelos matos, a cortar madeiras para a construção de barcos.

No momento do assalto, apenas 11 homens o cercavam, no galpão. Trava-se uma luta desigual, mas renhida, durante algumas horas. Finalmente, ferido Moringue, os imperiais recuam. Garibaldi perdeu um só homem, emquanto os legalistas tiveram regular prejuizo. Relata Garibaldi na sua ordem do dia: "No campo achamos algumas armas, patronas e outras miudezas. A minha mala e todos os papeis de contavilidade foi pelo nimigo roubada". Diz, tambem, que ficaram no campo seis mortos tendo, porem, Moringue levado os feridos,

Em seguida a esse feito foi o seu trabalho guardado por fôrças de terra.

* * *

Santa Catarina ha muito que vinha reclamando justiça ao Governo do Imperio sem que fosse atendida. A revolta, com ideais republicanos, bebidos no exemplo do Rio Grande do Sul, tomava incremento. Dá-se um inicio de revolução que é abafado.

As queixas continuam, porem. O Rio Grande do Sul, cujos ideais federativos são apregoados por todos os próceres, julga oportuna a intervenção.

Garibaldi, Canabarro e Teixeira, de acordo com o chefe do governo, tomam a sí o cargo da libertação de Santa Catarina que seria federada ao Rio Grande.

A 5 de julho, assentados todos os planos, Garibaldi, que, aliás, estava bloqueado na Lagôa dos Patos, deixando parte da esquadrilha sob o comando de Zeferino Dutra, transporta os dois melhores barcos, — o *Seival* e o *Farroupilha* — da Lagôa dos Patos á barra do Tramandaí, onde a 15 os lança no Oceano. Infelizmente uma tempestade põe a pique um deles, o *Farroupilha*, que era comandado pelo proprio Garibaldi. Morrem alguns de seus bravos companheiros, mas o *condottiere* não desanima. Com o *Seival* começa a fazer o corsario pelas costas, esperando que Canabarro e Teixeira entrassem, por terra, na Laguna. Sabendo já perto os bravos guerrilheiros, entra Garibaldi a barra da Laguna, mas é desalojado em seguida. No dia 22 penetra no rio Tubarão onde se encontra com o lanxão *Imperial Catarinense*. Trava-se a batalha e o lanxão é queimado pelo seu comandante José de Jesus. Mais

alem encontram outro lanxão, o *Lagunense*, que é tomado sem grandes dificuldades.

Emquanto isso, mais e mais se aproximam Canabarro e Teixeira. Laguna é evacuada e abandonada. Garibaldi entra por agua e encontra, encalhados, a escuna *Itaparica* (que recebe o nome do *Rio Pardo*) e o lanxão *Sant'Ana*, e fica senhor da Laguna.

No dia 25 oficia David Canabarro ao Cidadão Presidente e Vereadores da Camara Municipal da Vila da Laguna, concitando-os a aderirem ao movimento libertador.

Canabarro é aclamado comandante em chefe das armas libertadoras, cargo que aceita iniciando, com Teixeira, a conquista de todo o territorio catarinense, denominado *Republica Juliana*.

Após varias vitorias e varios revezes, chega ao fim a efemera Republica. Garibaldi é desalojado da Laguna, onde pratica atos de verdadeiro heroismo ao lado de Anita (Vejam-se as Efemérides: 2, e 15 de novembro). Canabarro e Teixeira são, tamben, derrotados e perseguidos até Coritibanos onde se entrincheiram mas são, tambem, obrigados a evacuar a 12 de janeiro de 1840.

Assim terminou a primeira tentativa de federação ardentemente desejada pelos farrapos.

Efemera, e sem importancia aparentemente, a proclamação da Republica Juliana teve grande influencia na vida do Rio Grande do Sul republicano, porque o governo imperial, grandemente alarmado com esses sucessos, tratou desde logo uma defeza mais eficiente e um combate mais sistematico aos rebeldes. Via que o ânimo dos republicanos era inquebrantavel e que, quanto mais os combatia, mais eles se alvorotavam e manifestavam. Urgia,

pois, empregar outras medidas. De pronto, porem, nada podia fazer. Maranhão estava convulsionado e requeria grande numero de fôrças. Em varios outros pontos era mister concentrar fôrças para evitar uma revolução. Tratou comtudo, como primeira medida, de fechar as fronteiras de Santa Catarina deixando alí estacionadas as fôrças do general Labatut.

Mas essa medida era de um todo inutil pois os republicanos não mais sonhariam em invadir Santa Catarina. As suas fôrças estavam diminuindo. O Tesouro, magro, nem siquer podia vestir a soldadesca que ha muito não via um real de soldo. Os proprios chefes empobreciam a olhos vistos, tudo entregando para a manutenção da Republica.

A luta era desesperadora. Comtudo não desesperavam os gloriosos rio-grandenses que da propria miseria faziam riqueza e da propria fraqueza invencivel força.

* * *

Emquanto em Santa Catarina lutavam pela libertação da Provincia, na aguas do Rio Grande, Grenfell destruia os remanescentes da esquadrilha republicaba, nas aguas da Lagôa Formosa.

Para aí, fugindo a uma tenaz perseguição navegou Zeferino Dutra, na certeza de não ser alcançado devido o grande calado dos navios imperiais. Grenfell, porem, havia já conseguido lanxões que pudessem entrar em todos os recantos e assim surpreendeu Dutra, incendiando-lhe os ultimos barcos. Garibaldi, após desesperada luta na Laguna, incendiára tambem os seus navios. Agora o fogo consumia estes, liquidando de vez com a esquadrilha que tantos serviços prestára e tanto trabalho déra.

Por essa mesma época recebe o governo republicano uma carta de Bento Manuel Ribeiro, emque este cabo de guerra pede a sua demissão dizendo-se insultado por ter o governo da republica promovido um cidadão que êle publicamente repreendera por insubordinado. "Esse insubordinado baíano, indigno até de cingir a banda que desdoura", segundo se expressa Bento Manuel, é Francisco José da Rocha. Assim, por um áto irrefletido, perde a Republica um de seus grandes sustentaculos, levando-a por isso ao despenhadeiro onde, é necessario que se diga, jamais tombou, graças a energia indomavel de seus chefes.

Mas o golpe foi tremendo e muito se fez sentir, si bem Bento Manuel, conforme prometêra, se alheiara por completo á revolução, até a vinda de Caxias, em 1842.

Encerram os farrapos o ano de 1839 com uma grande vitoria em Santa Vitoria, ganha por Joaquim Teixeira Nunes, (companheiro de Canabarro na conquista de Santa Catarina), Joaquim Mariano Aranha e Garibaldi, sobre a fôrça legal comandada pelo brigadeiro Francisco Xavier da Cunha que é morto ao atravessar o rio.

Em meados desse ano de 1839, Rivera e Lavalleja, vendo a situação da Republica, e pecisando eles tambem, como revolucionarios uruguáios, de auxilio para suas emprezas, resolveram firmar um pacto de auxilio mútuo com o governo republicano do Rio Grande do Sul. Trabalhavam, assim, ativamente, para conseguir o seu fim, ou antes : o fim do tirano Rosas, que já então manifestára publicamente o seu plano de formar uma grande republica platina composta de diversas provincias argentinas, o Uruguai e o Rio Grande. Bento Gonçalves, ao que parece,

aceitou a proposta, mas dela nunca se serviu. Seu patriotismo não lhe permitia semelhante conluio.

Em carta a Lavalleja dizia Rivera que o "negocio está perfeitamente concluido e que agora vái dar-se a ultima demão para nossa segurança reciproca".

Comtudo, como ficou dito, nada de positivo se fez a respeito, ficando o pacto apenas no papel, primeiro porque o patriotismo rio-grandense repugnava semelhante conluio, segundo porque precisando, como estavam de sua gente para se manterem não podiam, de forma alguma, prestar auxilios aos caudilhos uruguáios. A unica cousa uruguáia de que se utilizaram os farrapos, foi armamento, pois estavam já quasi que desarmados. E talvez por isso, unicamente por isso, foi que Bento Gonçalves concordou em firmar o acordo.

* * *

Mal, tambem, inicia-se o ano seguinte.

Depois do recontro de Santa Vitoria é Teixeira Nunes desbaratado pelo tenente-coronel Antonio de Mello e Albuquerque comandante, dos guardas- nacionais de Cruz Alta, na Forquilha.

Em Pôrto Alegre, que sitiavam, outro revez sofrem os republicanos, ainda em janeiro na sânga, da Bananeira. Derrotam-nos e expulsam das proximidades da capital os tenentes-coroneis Chico Pedro e Andrade Neves.

A Republica periclitava cada vez mais. Comtudo, dando mostras de sua coragem, os próceres tentam ainda organizar de vez o Estado.

Em Caçapava, capital da Republica, é publicado o edital convocando o povo para eleições necessarias á instalação da Assembléa Constituinte.

Trabalhava, assim, por um lado o governo para mostrar que ainda tem vida e muita esperança, emquanto as armas vão decaindo a pouco e pouco.

Por isso, uma vez mais procuram os farrapos uma reconciliação.

Mas é o governo imperial que, dessa vez, dá os primeiros passos por intermedio do presidente da provincia, Dr. Saturnino de Souza e Oliveira.

Para tal fim, reunem-se, na proximidade de Viamão, em conferencia o marechal Gaspar Francisco Menna Barreto e o general Bento Gonçalves da Silva. Tudo estabelecem, verbalmente, ficando ajustado que o chefe farrapo repetiria, por escrito, as condições exigidas. A 3 de março dirige-se Bento Gonçalves, em carta, a Menna Barreto, dando-lhe as condições iniciais, pois que, por sí só, nada poderia resolver no momento.

Pedia, porem, que Menna Barreto se apresentasse devidamente autorizado para tratar da pacificação e que, "verificado isso", devia o presidente imperial mandar que regressassem imediatamente para Pôrto Alegre as fôrças estacionadas no rio Caí, e para o Rio Grande, Norte ou Canudos, "as que porventura tenham avançado daqueles pontos, sem o que, — continuava, — jamais poderei fazer com que se evite a continuação do derramamento de sangue, e v. exc. sabe que os nossos patricios são incapazes de ceder quando ameaçados". Finalizava dizendo que, verificado quanto exigia nos dois primeiros paragrafos, tambem ele faria recolher imediatamente todas as fôrças, demonstrando, assim, "a bôa fé e empenho em concluir de pronto os males que pezam sobre nosso país". (V. 2/3/40).

O presidente provincial, porem, vendo segundas intenções nessas exigencias de Bento Gonçalves,

responde desabridamente que não atenderá em cousa alguma os pedidos do chefe farroupilha e que não desistirá de quaisquer operações contra eles, a não ser para os receber e perdoar quando tenham deposto as armas.

Si Saturnino de Souza tivesse procurado uma formula conciliatoria, por certo teria conseguido a pacificação, como tambem a teria conseguido o ilustre paulista, Alvares Machado, em novembro desse mesmo ano. Falta de visão politica, ou simples orgulho? Seja como for: as atitudes tanto de Satu-r nino Oliveira, como de Alvares Machado foram erradas, e a eles deve-se a continuação da luta por mais quatro anos.

Em abril perde o imperio um de seus valentes soldados, o general Bonifacio Isás Calderon, morto repentinamente nas proxidades de Pôrto Alegre.

Esse fáto foi muito comentado atribuindo-se a envenenamento. Calderon estava com desinteria e ao passar por casa de uma familia farrapa, com colicas insuportaveis, apeou e pediu um chá, sendo prontamente atendido pela distinta matrona. Calderon tomou-o com vagar, sentindo que aquela bebida quente estava aliviando as dores que sentia. Ingerido o chá, descançou alguns minutos e montou novamente, cheio de agradecimentos, sentindo-se incomparavelmente melhor. Horas depois, no Passo do Azevedo, em frente da tropa em formatura, cái do cavalo, morto. A causa verdadeira foi uma sincope cardiaca (Calderon já devia estar pelos 60 anos de idade), mas a malicia espalhou a noticia de que o general fôra envenenado pela tal familia farrapa.

* * *

Comandava as fôrças do imperio, como comandante em chefe, o quasi otogenario general Manúel Jorge Rodrigues.

A 3 de maio estavam as suas fôrças acampadas nas margens do rio Taquarí, guardadas, por agua, pela esquadra sob as ordens de John Pascoe Grenfell. Rodrigues estava em excelente posição, dentro da vila de Taquarí.

Na madrugada desse dia aparece-lhe Bento Gonçalves. Trava-se o primeiro combate e as fôrças imperiais titubeiam. No segundo assalto recuam um pouco, mas sustentam, firmes, o fogo. A retaguarda, porem, procura atravessar o rio, em balsas e vapores pequenos, pois a esquadra, do porto, auxilia os defensores da vila. Os republicanos, impetuosos, avançam sempre. Uma chuva impertinente começa a cair, desorganizando tudo. Aproveitando uma pausa, os imperiais procuram, todos, a praia. Perseguem-nos os republicanos com acutiladas terriveis. Mas a chuva, cada vez mais forte, impede a continuação da luta. Bento Gonçalves manda tocar retirada. Cessa o fogo, mas os perseguidos, vendo os perseguidores em retirada, perseguem-nos, de longe, até fóra da vila. E assim termina essa batalha a que o general Jorge Rodrigues, em sua ordem do dia, se refere como tendo sido uma estrondosa vitoria.

E o governo imperial dá-lhe, como gratificação pelo "glorioso feito", o titulo de barão do Taquarí...

Depois desse feito, o mais importante que se registou nas lutas desse ano de 1840, foi o ataque a S. José do Norte, por quasi todas as forças farrapas reunidas.

Por essa época, porem, já os republicanos choravam a perda de dois ilustres guerreiros: Fileno de

Oliveira Santos e, sobretudo, Afonso José de Almeida Côrte Real, morto por seu parente João Patricio de Azambuja, a 18 de junho, na estancia de Santa Barbara.

* * *

Pela sua posição estrategica, São José do Norte era um ponto sumamente importante e por isso, desde muito cubiçavam-no os republicanos.

A 16 de abril, Bento Gonçalves, Crescencio e Garibaldi, este comandando a infantaria, e outros, com um contingente de cerca de 1.200 homens, atacam, quasi que de surpreza, a vila a uma hora da madrugada. Alertas, porem, estavam os imperiais, comandados pelo coronel Antonio Soares de Paiva, que tinha, á sua disposição, e em frente á vila, o lanxão *Torres*, comandado por Gama Rosa.

Uma grande tempestade dificultava não só os movimentos como o proprio comando. Chuva torrencial, relampagos e trovões.

A luta é terrivel, sangrenta, quasi que corpo a corpo. Mas a principal força do imperio estava fortemente intrincheirada. A peleia prolongar-se-ia ainda por longas horas, e as ruas já estavam cobertas de cadaveres. Alem disso, a invasão da vila, desorientara grande numero de soldados republicanos que se espalharam pelas diversas ruas, sem comando, ás soltas. Bento Gonçalves, em vista de tudo isso, reüne os oficiais e pregunta-lhes quál o melhor meio e o mais rapido de acabar com o combate. Um deles disse que o unico meio seria o incendio. Bento Gonçalves horrorizou-se. Isso não. Nunca. Jamais consentiria em sacrificar inocentes pelo capricho de uma vitoria mesmo brilhante como seria essa, pois

o fogo, levado pelo vendaval reinante, devoraria tudo. Nada se salvaria. E num gesto altamente nobre esclamou :

— Por tal preço não quero a vitoria.

E mandou tocar retirada.

Dias mais tarde, no acampamento farrapo, distante da vila, Bento Gonçalves via, com dor imensa os sofrimentos de seus soldados feridos. Nada tinha com que pudesse minorar-lhes os padecimentos e curar-lhes as feridas. Põe, então, de lado toda a vaidade, todo o orgulho, e escreve ao comandante da vila de S. José do Norte solicitando remedios, ataduras, algodão e o mais necessario para os seus pobres feridos e enfermos.

Soares de Paiva atende-o prontamente e põe á disposição de Bento Gonçalves tudo quanto necessitasse para a sua gente inclusive medico.

Gesto tão nobre e tão cavalheiresco só poderia ser correspondido por outro não menos cavalheiresco.

Grande numero de prisioneiros estavam alí. Bento Gonçalves, cheio de gratidão, manda chama-los e diz-lhes :

— Ide para a vila do Norte, apresentai-vos ao vosso superior e dizei-lhe que assim é que agradeço a sua grande gentileza.

Soares de Paiva recebeu o recado, e sorriu.

* * *

O resto do ano é quasi todo desfavoravel aos farrapos.

Em Roça-Velha, entre Santo Antonio da Patrulha e S. José, é destroçado o capitão Maximo,

fugindo por acaso Garibaldi e Anita com o pequeno Menotti, recem nascido.

No Rio das Canôas, fronteira de Santa Catarina, o major Mariano Aranha sofre sério revez.

Na vila do Triunfo Joaquim Pedro tenta instalar-se chegando a invadir a praça e tirotear uma canhoneira que se achava no porto, mas recua em seguida.

Nas margens do rio Pelotas o coronel Jeronimo Jacinto Pereira bate o contingente farrapo do general João Antonio.

Em novembro, quando Bento Gonçalves se preparava para um forte sitio a Pôrto Alegre, é atacado e destroçado pela vanguarda de Chico Pedro e perseguido tenazmente. Nesse encontro foi morto Luiz Rossetti, fundador e redator de *O Povo*, cujo ultimo numero circulára a 22 de maio desse ano.

A 30 de novembro Alvares Machado lança uma proclamação convidando os republicanos a um tratado de paz. Iniciam-se em seguida as negociações que são, afinal, regeitadas pelo presidente imperial que julga as propostas ofensivas á dignidade do imperio. Nesse meio tempo, porem, Netto, que alcançára brilhante vitoria na campanha e que, consultado sobre a pacificação, discordára respondendo que "emquanto tivesse mil piratinienses e dois mil cavalos" a resposta seria a espada.

Em seguida, em virtude do fracasso das negociações, são as fôrças revolucionarias atacadas pelos tenentes-coroneis Chico Pedro e Juca Ourives e perseguidas, sofrendo regular prejuizo.

Só nas Missões, como no combate da campanha entre Netto e os imperiais, obtem os farrapos uma vitoria digna. Jacinto Guedes da Luz, o destemido e ousado coronel que tinha por divisa "morro seco e

não me entrego", destroça por completo as fôrças do coronel José dos Santos Loureiro.

Encerra-se o ano com o decreto de D. Pedro II, promulgado logo após ter reunido o seu primeiro ministerio, concedendo anistia geral por crimes politicos. Esse decreto que foi aproveitado em quasi todas as provincias em revolta, foi censurado e recusado pelos farrapos.

Infeliz bastante foi, como se viu, para os republicanos o ano de 1840. O de 41, porem, não lhes ia ser muito melhor. Aliás, desde 1839 que começaram a declinar sustentando-se apenas por um milagre de energia.

1841 é um ano pouco movimentado, sendo o fato mais importante nele registado a defecção de José Garibaldi.

Fugindo para o Uruguái, perseguido pelos imperiais, resolve o *condottiere* abandonar de vez a sua vida de aventureiro e dedicar-se ao comercio. Para isso procura o encarregado dos negocios do Barsil na capital uruguaia e pede anistia (V. Efemérides 18/8/41), terminando, desse modo, a carreira das armas na America do Sul.

Em julho assinam os chefes republicanos do Rio Grande do Sul e do Uruguái, Bento Gonçalves e Frutuoso Rivera, uma convenção secreta que não teve, aliás nenhum alcance pratico, pelos mesmos motivos, certamente, que fizeram ruir a de 1839.

Dessa convenção sabe-se apenas que os farrapos receberam de Rivera armamentos e munições, pois Chico Pedro em suas *Memorias* referindo-se ao combate de S. Gabriel, em 28 de outubro, em que esta cidade foi reconquistada pelos imperiais, diz : entre o material tomado aos republicanos figura armamento novo de infantaria, "mandado por Fruto Ribeiro" (sic).

Serio revez sofrem, tambem, os farroupilhas no Rincão Bonito, conseguindo apenas fugir os comandantes.

Foi tambem nesse ano que os republicanos, perseguidos tenazmente e sitiados constantemente em Caçapava, resolveram, mais uma vez mudar a capital da Republica, a qual foi transferida para Alegrete onde se instalou e se conservou até junho de 1843.

* * *

O ano de 1842 destaca-se sobretudo na Republica Rio-grandense pelo intenso movimento ministerial e de organização das leis básicas e instalação da Assembléa Legislativa.

Combates poucos se travaram e todos eles de pequena monta.

Um fáto, porem, que, si na aparencia em nada influiu na vida dos republicanos, moralmente muito os devia ter abatido, foi a chegada do barão de Caxias, a 9 de novembro desse ano de 1842, nomeado presidente da provincia e comandante das armas.

Caxias que foi a mais completa organização de soldado e perfeito diplomata do Brasil, o super-homem na paz e na guerra, aportou no Rio Grande do Sul com as aureolas brilhantes de paciifcador do Maranhão, S. Paulo e Minas Gerais.

E' fáto que merece a maior atenção esse de ter provocado a nomeação de Caxias grande celeuma entre os republicanos. Nenhum outro presidente (e foram em numero de 13, sem contar Braga e os revolucionarios) provocou tanto comentario e chamou tanto a atenção dos farrapos. Desde a sua chegada a imprensa republicana — *O Americano*, de Alegre-

te, e depois a *Estrela do Sul*, que substituiu aquele, — ocuparam-se seguidamente do ilustre Caxias. Ora, a nosso ver, é este um dos sintomas mais certos do receio que invadia o governo republicano. *A Estrela do Sul*, em seu n.º 3 (e ultimo) pergunta, comentando uma carta do barão: "Pobre barão, virá perder aqui a gloria adquirida no Maranhão, São Paulo e Minas?"

Não antecipemos, porem, os fatos.

Poucos foram os combates travados nesse ano de 42, por isso mesmo, teve estraordinario movimento nas esferas governamentais.

O unico combate verdadeiramente digno de nota foi o do passo do Camaquã, onde a cavalaria de Bento Gonçalves foi derrotada por Chico Pedro. Os demais foram pequenas escaramuças.

Em compensação, explode, em S. Paulo, a revolução de maio, chefiada por Rafael Tobias de Aguiar e padre Diogo Antonio Feijó, desassocegando ainda mais o governo Central.

Esse movimento teria, por certo, o auxilio dos farrapos si não fosse tão rapidamente subjugado.

Quando a noticia ecoou pelas coxilhas gaúchas, o entusiasmo foi geral e Bento Gonçalves lançou uma proclamação anunciando-a aos rio-grandenses. Este anuncio, porem, foi espalhado quando já havia um mês estava pacificada a provincia. E o sonho farrapo de poder, tambem aí, proclamar a republica federativa, como o fizéram em Santa Catarina, não passou de sonho. Logo após a noticia do movimento chegou a da pacificação, com a fuga de Tobias e prisão do velho padre Feijó.

Em outubro chega a noticia de ter sido nomeado o barão de Caxias presidente da provincia do Rio Grande e comandante das armas, quando já

os republicanos, após intensa campanha, publicaram a lista dos Deputados eleitos á Constituinte republicana (Veja 1/9/42). Davam, assim, o grande passo já ensaiado desde 1840. prorrogado sempre pelas circunstancias trágicas da guerra.

Designado o dia 1.º de dezembro para a instalação da Assembléa, no Alegrete, depois de três reüniões preparatorias, presididas pelo vigario apostolico p. Francisco das Chagas Martins d'Avila e Souza, o mais votado dos candidatos, instala-se a Constituinte saindo eleito seu presidente o p. Hildebrando de Freitas Pedroso.

Bento Gonçalves abre-a e na sua *fala* préga, ainda uma vez, a federação : "E' assim que seu poder se debilita e se aproxima o dia em que, banida a realeza da terra de Santa Cruz, nos havemos de reunir para *estreitar os laços federais á magnanima Nação brasileira, a cujo gremio nos chama a natureza e nossos mais caros interesses*".

Trabalham, então, com afinco os deputados, movidos, sempre, por um ideal superior.

Depois de dois mêses apresentam ao publico o *projéto da constituição*, cujo valor e cujos ensinamentos com mão de mestre, que o é e dos maiores, o desembargador Florencio C. de Abreu e Silva comentou no seu trabalho *A Constituição e o projeto de constituição da Republica Rio-grandense.*

Esse projéto de constituicão (V. Efemerides : 3/2/43) divide-se em *10 titulos.*

No primeiro que trata da Republica, Territorio, Governo e Religião, proclamam, ainda, a federação :

"Art. 1.º — A Republica do Rio-Grande é a associação politica de todos os cidadãos rio-grandenses. Eles formam uma Nação livre e independente,

que não admite com qualquer outra laço algum de união, ou federação, que se oponha a independencia de seu regime interno".

Nesse artigo fala alto o orgulho desses centauros que lutaram, como nunca se lutou, durante quasi um decenio contra poderoso imperio.

Na pratica, porem, não era assim que pensavam. Todos, com excepção, talvez, de dois ou três, queriam e pregavam, abertamente, a federação ás demais provincias do Brasil, sem falarem, jamais, na independencia ou no regime interno da Republica.

Documentos oficiais da Republica, e cartas particulares dos corifeus, encontramos em quantidade umas pregando, outras comentando o *sistema republicano federativo,* por ser o mais de acordo com a indole do povo.

Típica é, nesse sentido, a proclamação de Bento Gonçalves, de 11 de março, — publicada na *Estrela do Sul,* — mais de mês depois de publicado o projeto de constituição que tem á data de 3 de fevereiro.

Nessa proclamação, dirigida aos brasileiros, prega ainda o chefe farrapo a federação, porque "reciproca conveniencia uniria hoje todas as provincias irmãs, tornando mais forte e respitavel a Nação Brasileira", etc.

Foi esse sentimento de intensa brasilidade que sempre animou os farrapos desde os primordios da revolução até a pacificação da provincia. Diga-se o que se quizer : os farroupilhas foram, antes de tudo, grandes patriotas, legando á Historia a pagina mais bela de sacrificios e os maiores exemplos do mais acendrado patriotismo.

Infelizmente dissenções internas, rivalidades e ciumeiras politicas, dividiram em dois campos ad-

versarios os grandes farrapos. Apezar disso seguiam unidos, embora acompanhados pela intriga que andava ás soltas pelos acampamentos e no proprio recinto da Assembléa, enfraquecendo, comtudo, algo a vitalidade da Republica.

Essa atitude pouco digna de cidadãos que sempre lutaram, durante quasi dez anos, indiferentes a todas as contrariedades da sorte, era, principalmente, contra Bento Gonçalves, a quem acusavam de abusar do poder.

Em fevereiro de 1843, á noite, é ferido um dos vice-presidentes da republica, o cidadão Antonio Paulo da Fontoura. Bento Gonçalves é acusado como mandatario dessa morte, pois Antonio Paulo declarára-se contrario a Bento Gonçalves, sendo um um dos cabeças. Este fato que, unido ás precedentes intrigas, Antonio Vicente da Fontoura denomina, no seu *Diario, mashorca de Alegrete*, foi causa de graves acontecimentos, culminando com a morte de Onofre Pires.

Em conseqüencia do ferimento recebido na noite de 3, faleceu, no dia 5, Antonio Paulo da Fontoura. Embora esse crime tenha sido atribuido a capangas de Bento Gonçalves, por ordem deste, nada tem ele de politica. A causa, conforme ficou provado mais tarde, é bem outra. Aproveitaram, porem, os adversarios do presidente essa oportunidade para jogarem contra ele a opinião publica.

Antonio Paulo da Fontoura era dado a negocios com mulheres. Resdia, em Alegrete, um casal cujo nome a Histsria não conservou, de fervorosos republicanos, casados havia pouco. Antonio Paulo trava relações com eles na melhor das intenções. Surge, porem, de permeio o "fero tentador". Ela toma-se de amores por Antonio Paulo que, amigo desses "pratinhos", adere, iniciando as suas relações cri-

minosas. Um dia o marido descobre a sua miseravel situação, aliás ignorada tambem de todos, tal a prudencia com que agiam os amantes, e certo de que a cousa não era publica, apaixonado pela esposa traidora, resolve livrar-se do rival, sem barulho e escandalo. Consegue-o. Tarde da noite, numa emboscada, alveja Anotnio Paulo e mata-o. E foi com admiração e intima satisfação que notou culparem da morte do amante de sua esposa ao general presidente da República, Bento Gonçalves da Silva.

Somente muitods anos mais tarde foi que se veiu a saber toda a verdade sobre esse acontecimento que muito prejudicou os já contados dias da Republica de 35.

Em conseqüencia dessas intrigas que muito contristavam o herói farrapo, e procurando harmonizar a situação, a 4 de agosto entrega a presidencia ao velho e sempre ativo José Gomes de Vasconcelos Jardim, ficando, apenas como comandante de sua fôrça. Nada mais queria, o nobre farrapo, sinão a paz e a fraternidade entre os seus. Esse gesto de desprendimento, enobrece sobremodo o glorioso cabo de guerra que, tendo começado a revolução como coronel, e, agora, general, coloca-se sob as ordens de um valente, sim, mas que iniciou a sua vida como tenente nas hostes farrapas: David Canabarro.

Apezar de tudo isso, as intrigas continuaram, e como resultado, felizmente final, regista a Historia o tragico fim de Onofre Pires, herói de cem batalhas, tão ingloriamente morto, em duelo. (Veja-se: Efemérides: 27/2/44).

* * *

Com a chegada do barão de Caxias, novos rumos tomou a luta armada.

Em janeiro desse ano de 43 inicia o pacificador de S. Paulo e Minas, a sua marcha para S. Lourenço, de onde se dirige aos comandantes espalhados pela provincia e alguns que se haviam retirado da luta, como Bento Manuel Ribeiro, que aceita a incumbencia de combater aqueles a quem prometera, em 39, não mais perseguir.

Travam-se, em seguida, uma série de pequenas escaramuças sem grande importancia até que, em maio, se verifica o celebre recontro de Poncho-Verde, luta titanica, entre dois exercitos dispostos a vencer ou morrer. A luta é tremenda, mas as circunstancias obrigam ambas as facções combatentes a uma retirada, ao mesmo tempo, deixando indecisa a vitoria.

Muitos historiadores dizem vitorioso o exercito imperial chefiado por Bento Manuel Ribeiro coadjuvado por Francisco Pedro de Abreu. Entretanto, a vitoria não foi deles, como tambem não foi dos farrapos comandados por Bento Gonçalves, Netto, Canabarro, João Antonio e Jacinto Guedes da Luz.

Bento Manuel, comtudo, apregôa vitoria, mas depois de ter escrito a Caxias que a batalha fôra parecida com "a que houve no passo do Rosario no ano de 1827". E Chico Pedro, em sua *Memorias*, que "no campo houveram mortos e feridos de parte a parte e dos *legais alguns prisioneiros*, ficando *os rebeldes senhores da cavalhada ealgumas bagagens assim como da carretinha de Bento Manuel Ribeiro*".

Esse depoimento cremos francamente favoravel aos republicanos e si vitoria houve, essa cabe, inegavelmente aos farrapos que *nada perderam* nesse serio recontro.

* * *

Mais ou menos por essa época perderam os republicanos a sua ultima capital — Alegrete — que ficou ocupada pelas fôrças imperiais ao mando do coronel Francisco de Arruda Camara, paulista.

Em junho David Canabarro tenta reconquista-la, mas é repelido. Comtudo, não desanima. Sitia-a por longo tempo privando os imperiais de qualquer comunicação.

Outro combate digno de nota foi o da cerca de pedras junto ao arroio de Santa-Maria-chico.

Abreu, com 150 homens entrincheirara-se aí repelindo, com inaudita bravura, cerca de 600 farrapos que, afinal, vendo inutil o sacrificio que estavam fazendo abandonam a luta deixando no campo cerca de 100 mortos.

Ainda nesse mesmo mês de junho novo revez fez os farrapos perderem alguns de seus vultos eminentes como os coroneis José Mariano de Matos e Joaquim Pedro Soares. Foi isso no assalto levado a efeito por Chico Pedro á vila de Piratiní. Esses dois eminentes vultos da epopéa, com alguns outros prisioneiros, foram remetidos, em seguida, para o Rio de Janeiro, de onde só se retiraram após a pacificação.

Em outubro novo revez sofreram os republicanos, chefiados por Bento Gonçalves, em Cangussú. Bateu-os Chico Pedro que diz ter Bento Gonçalves fugido a pé, pelo mato.

Apezar-de todas essas vitorias, o barão de Caxias não estava satisfeito com os resultados obtidos. Seu fim era dominar o mais cedo possivel a situação da provincia. Sabia já que não era por meio das ar-

mas que "se vencia tais homens". Queria, comtudo, cerca-los o mais possivel..

Para isso dividiu o seu exercito, em setembro, em três grandes colunas:

1.ª) *Caxias* — 2 mil homens. Bagé e S. Gabriel.

2.ª) *Bento Manuel* — 3.500 homens. Alegrete.

3.ª) *Chico Pedro* — 1.000 homens. Todo o territorio entre os rios Camoquã, S. Gonçalo e Jaguarão (4).

Com essa nova organização, iniciou Caxias uma luta tenaz de perseguições aos rebeldes, vencendo-os, em conseqüencia dessa organização, em outubro, conforme acima dissemos, em Cangussú. Depois, na Encruzilhada, onde Bento Gonçalves sofre nova derrota. Em Jaguarí-oriental, Urbano Barbosa é tambem destroçado e perde toda a cavalhada que guardara para os farroupilhas. No Jaguarão tambem é repelido o coronel Joaquim Teixeira Nunes, e em Santa Rosa são batidos João Antonio da Silveira e Onofre Pires. Encerra-se o ano de 1843 com o recontro da picada de S. Xavier, a 31 de dezembro, entre Agostinho Gomes Jardim, legalista, e João Antonio da Silveira. Gomes Jardim é morto em combate e substituido pelo capitão Manuel José de Albernaz, conseguem ainda os legais vencer os farrapos ja quasi senhores do terreno.

Assim, todo ele de fracassos, passou-se o ano de 1843 para as forças farroupilhas. Era, pois, a decadencia completa. Nada mais lhes restava. Como os imperiais no principio da revolução, estavam, agora os republicanos sem eira nem beira, ora aqui, ora

---

(4) Conf. E. Vilhena de Morais — *O Duque de Ferro*, obra de valor que muito se recomenda.

alí, sem ponto fixo, sustentando-se somente graças a sua indomavel fôrça de vontade e entranhado amor á causa que defendiam.

* * *

Sob tristes auspicios inicia-se o ano de 1844.

Caxias não dá um minuto de tréguas aos farrapos, insistindo estes, comtudo, em vigorosas represalias.

João Antonio que fôra obrigado a emigrar para Corientes após o revez de S. Xavier, volta disposto a tomar desforra, juntamente com Carvalhinho, Onofre Pires e outros, mostrando nisto, segundo a frase de Antonio Vicente da Fontoura, em seu *Diario*", "que são rio-grandenses e que as horas de emigração só são aquelas precisas para atravessar o país estranho, procurando volver a esta patria querida, como eles o fizeram".

Era essa, daí por diante, a perspectiva constante dos revolucionarios : emigrar e voltar em seguida, para vencer ou emigrar novamente.

Em março morre Onofre Pires em conseqüencia do ferimento recebido no duelo com Bento Gonçalves.

Antonio Vicente da Fontoura assim lamenta essa triste ocorrencia : "Mais uma vitima imolada pela mashorca do Alegrete ! ! ! Neste momento chegou parte de haver expirado o Onofre, hoje ao amanhecer, resultado da gangrena que lhe sobreveiu ao ferimento que teve na peleja com Bento Gonçalves".

E' preciso notar-se que, como muitos outros, Antonio Vicente estava convencido da culpabilidade de Bento Gonçalves no assassinato de Antonio Paulo da Fontoura, seu irmão.

Desse modo, ingloriamente, vitima de sua propria bôa fé, morre o heroi de 35, o companheiro inseparavel de Bento Gonçalves durante mais de oito anos nos campos de batalha. O que não póde a intriga, o que não póde a inveja...

*
* *

Mas nem só desastres registraria esse novo ano para as armas farrapas.

Em março trava-se o celebre combate do Cerro da Palma, entre os arroios Candiota e Candiotinha, em que é derrotado o famigerado Chico Pedro. Em abril Jacinto Guedes destroça uma guerrilha da divisão Bento Manuel Ribeiro, e Carvalhinho, — coronel Manuel Carvalho de Aragão e Silva, — faz uma de suas grandes proezas, espalhando o pânico entre o inimigo.

Ao anoitecer do dia 28 de abril entra ele, de surpreza, com um pugilo de bravos, no acampamento do coronel Francisco José da Silva, da divisão Bento Manuel. Entra como um raio levando tudo a ferro e fogo. Os imperiais não tem tempo siquer de defender-se e, tomados de pavor, dispersam-se, deixando varios mortos e feridos.

Carvalhinho, porem, não espera. Retira-se em seguida. Seu intento fôra conseguido: assustar os imperiais e bisbilhotar-lhe o valor e tamanho da fôrça.

Em junho perdem os farrapos mais um brioso oficial, o vencedor de Chico Pedro no Cerro da Palma, coronel Antonio Manuel do Amaral.

Jaguarão continuava em poder dos legalistas guarnecida pelas forças do capitão Baldino F. de Souza, e da escuma *Ibicuí* e lanxões *Gaivota e Torres*. O combate foi violento recuando os farrapos somente depois de verem morto o seu heroico comandante.

Em julho verifica-se a mais desconcertante derrota das forças imperiais, e firma-se a louca bravura de três farroupilhas: Carvalhinho, Sesefredo Alves Coelho de Mesquita, e Policarpo Pereira de Carvalho e Silva.

Tendo-se éstes retirado da fôrça para irem a estancia da *Caieira*, de um parente e amigo, o capitão Fidelis Nepomuceno de Carvalho Prates, estavam, alí serenamente tomando chimarrão com o velho gaúcho estancieiro quando se lhes apresenta uma partida legal composta de 30 homens. Os três farrapos titubeiam um minuto, consultam entre sí se devem ou não fugir. O velho Prates quer que se escondam. Carvalhinho, porem, acha melhor atacar. E atacam.

"........ A loucura divina
corusca-lhes no olhar. A bravura domina
os fortes corações. Fugir, não. Já é tarde.
Um farrapo jamais fugiu como um covarde.

....
....
.... Um unico valente
ataca Policarpo ainda tenazmente.
Este vendo a bravura heroica do guerreiro
esclama-lhe: — E's um bravo. Entrega, companheiro,
as armas, que o farás com honra.
Então, confiando
no farrapo, o legal abate as armas.

Quando
Sesefredo voltou, sujeitando o bagual
que o afastara dalí, da partida imperial
só restava no campo um môrto e três feridos.
que os outros, a correr, rédea solta, vencidos,
tomados de pavor, já iam bem distante (5).

Vencem, assim, os três heróis, num abrir e fechar de olhos, a partida imperial comandada pelo capitão Militão do Canto que, para fugir melhor, abandona o cavalo aperado de prata.

Foram 3 contra 30, diz-se. Mas na realidade, somente dois — Carvalhinho e Policarpo, lutaram contra os 30, pois Sesefredo logo de inicio abandonou a luta não porque o quizesse, mas porque, rebentadas as redeas do bagual que montava, este disparou. Sujeitou-o novamente, mas depois de muito trabalho, e quando voltou ao campo da luta, só encontrou Carvalhinho e Policarpo examinando o morto e os feridos que a partida imperial alí deixara como preciosos troféus dessa luta de titans.

O resto do ano foi todo ele de insucessos na luta armada.

O desastre maior de todo o periodo revolucionario, foi a *surpreza de Porongos*, a 14 de novembro de 1844.

David Canabarro, Netto, João Antonio e outros oficiais, acampados no Cerro de Porongos, aguardavam serenamente, uma oportunidade para continuar a marcha e evitar, o mais possivel, qualquer recontro com os legais, visto já estarem iniciadas as negociações para a pacificação da provincia. Não havia, para tal, suspensão de armas. A luta conti-

(5) Aurelio Porto — *A Epopéa dos Farrapos.*

nuaria. Comtudo, David Canabarro procurava evita-la esperando que o mesmo fariam os legais. Si Bento Manuel e Caxias pensavam, tambem, em poupar sangue nesse final de tão prolongada guerra, Chico Pedro, sedento de glorias, não dava tréguas aos farrapos, procurando, não só, vence-los, como tambem desmoralizar o seu comandante em chefe — David Canabarro.

A surpreza de Porongos, que se não póde considerar como combate, foi apezar disso de sérias conseqüencias para as armas republicanas e, não fosse a intervenção de outros patriotas, o tratado de paz fracassaria, pois David, furioso, declarou que não queria mais saber de tratados de paz e que a sorte da provincia seria decidida pelas armas. Mas o que mais o deixou exaltado não foi tanto a surpeza que lhe fez Chico Pedro.

Para se ver que tudo aquilo era trama infernal do coronel Moringue, bastaria aquela frase de Caxias: "E' sem duvida a primeira vez que David Canabarro é surpreendido, o que até agora parecia impossivel pela sua incançavel vigilancia". E dizemos bastaria, porque o caracter nobre e generoso do grande cabo de guerra do Brasil não se exporia, jamais, ao ridiculo dizendo de Canabarro o que disse, porque um dos traços mais distinguidos do ilustre barão era a veracidade e a sinceridade.

Ademais devemos notar que o general em chefe dos republicanos nunca perdoou ao coronel Francisco Pedro de Abreu (depois barão do Jacuí) aquela perfidia, a ponto de não admitir David que se falasse em presença dele no guerrilheiro do imperio. E durante a campanha do Paraguái quasi houve um pugilato entre ambos, porque Chico Pedro, em conselho de oficiais, fizéra alusão á surpreza de Porongos.

Canabarro foi um grande e nobre guerrilheiro. Teve fraquezas, como o seu enfeitiçamento pela "Papagáia" que o deixou como que inerte. Mas desta e de outras se redimiu. De sua capacidade militar deu inumeras mostras e provou-a á saciedade, quasi por completo a Chico Pedro, na tremenda guerra contra o ditador paraguaio — Solano Lopez.

O resto do ano passou-se ainda em pequenas escaramuças, quasi todas nas fronteiras uruguáia e argentina.

O maior dos combates, depois, travados foi, ainda, provocado por Chico Pedro, no Arroio Grande. Este combate causou profunda impressão entre os farrapos não por terem sido derrotados, mas por ter perecido nele, lutando como uma féra, o heroico e brioso coronel Joaquim Teixeira Nunes, companheiro de Canabarro na invasão de Santa Catarina, em 1839.

Este combate foi o penultimo, sendo o ultimo, travado já em terras uruguáias a 29 de dezembro, o de Quaró. O coronel Bernardino Pinto sofreu, aí, a sua ultima derrota, que foi, tambem a dos farrapos.

A fôrça que destroçou Bernardino foi a de Vasco Alves Pereira, pertencente á divisão de Bento Manuel Ribeiro. E interessante é notar-se que nesse dia fazia justamente 9 anos que o guerrilheiro sorocabano lançára sua proclamação, em S. Gabriel, abandonando, pela primeira vez, a causa farrapa e declarando-se defensor da legalidade (*galegalidade*, como diziam os farrapos).

* * *

Emquanto ainda em diversos pontos da provincia se registavam encontros de forças e combates

sangrentos, os maiorais da Republica e emissario do governo imperial, o barão de Caxias, tratavam da pacificação.

E como conseguira o nobre pacificador do Maranhão, S. Paulo e Minas cativar os republicanos a ponto de aceitarem tratar da pacificação sem suspensão de hostilidades, como até então haviam exigido?

Caxias era uma figura insinuante. Sereno e energico, bondoso e afavel, psicologo profundo, desde o momento em que pôz os pés nas coxilhas do Rio Grande do Sul, viu que o gaúcho não se rendia pela fôrça. Era mais facil esterminá-lo do que, pelas armas querer obriga-lo a abandonar o caminho começado, mormente quando levava, como no caso, a consecussão de um ideal. Viu, tambem, que eram, todos, patriotas estremados. Reconheceu neles o patriotismo no gráu mais elevado. Reuniu, então, a pouco e pouco esses dois elementos de primeira ordem, e começou a agir. A manutenção da guerra era obrigação sua, pois estava em guerra contra rebeldes que preferiam morrer a entregar-se. Abrandou-a, comtudo, o mais possivel, principalmente no ultimo ano, procurando um meio de atrair não só os soldados, mas os chefes.

Lá no Prata, D. Juan Manuel de Rosas, sanguinario, crudelissimo, exercia, com todo o furor a sua ditadura. Seu fim, apregoado já por todos os cantos era a fundação, tal o sonho de Solano Lopez, mais tarde, de uma grande Republica Platina, composta das provincias argentinas, do Uruguái e do Rio Grande do Sul. Caxias vendo que a atividade de Rosas assumia proporções estraordinarias, chamou, então, os republicanos rio-grandenses e lhes disse, sem mais preambulos : — Vêde o que se passa no Prata. Examinai a atitude de Rosas. E que será

do Rio Grande, nessa conjuntura? E que será do Brasil?

Esquecidos, então, da sua Republica, sustentada com tantos sacrificios e com tanto sangue, bradaram:

— Basta, irmãos. Viva o Brasil e morra Rosas.

O que as armas não conseguiram, conseguiu, com meia duzia de palavras, o patriotismo, o amor ao Brasil, uno e forte.

E trataram da pacificação.

* * *

Iniciadas as negociações, andam emissarios de um para outro lado. Encontram-se e abraçam-se inimigos como amigos do coração.

A 2 de novembro vão em busca da barraca de Caxias os emissarios farrapos — Francisco das Chagas Martins d'Avila e Souza, vigario geral, e Antonio Vicente da Fotnoura, aos quais se reuniu o emissario de Bento Gonçalves, Ismael Soares.

Vão com o coração cheio das mais santas alegrias. Fontoura, desde muito partidario da paz, sente em si um estranho alvoroço. A esperança de, em breve, poder abraçar a sua querida esposa e filhos, sem os quais, segundo afirma, de nada lhe valia a vida: Avila e Souza, vigario geral da republica, uma especie de bispo dos republicanos, ao qual foram suspensas, as ordens sacras, dando, assim, origem a um pequeno cisma, sorria, tambem, á perspectiva de uma vida mais calma, no remanso sagrado de algum presbiterio. Ismael Soares entoava, com os companheiros, a mesma canção de prazer intimo.

No dia 6 de novembro encontram-se finalmente com Caxias, em Bagé. O momento era solene e a data festiva. Não fosse essa circunstancia toda especial e mais feliz, estariam. a essas horas, festejando o oitavo aniversario do grandioso feito que foi a instalação definitiva, com festas e luminarias, da República na vila de Piratiní.

Talvez nem da data se lembrassem os três farrapos alí na barraca do fidalgo e insinuante barão de Caxias. Seus corações ansiavam por uma solução que seria, para eles e para todos, como a abertura do paraiso : a ratificação de um tratado honroso de paz.

Caxias concordou com as clausulas apresentadas, mas disse que seria absolutamente necessario ir ao Rio um embaixador farrapo que ele faria acompanhar por um representante seu. Poderiam ir, descançadamente, sob sua palavra de honra, que seriam dignamente recebidos e atendidos pelo jovem monarca.

Serenos, satisfeitos, o coração em alvoroço, a alma em festa, voltaram ao acampamento, onde chegaram no dia 9, á tardinha.

No dia imediato reüniu-se o conselho de oficiais, ao qual compareceram Manuel Lucas de Oliveira, David Canabarro, Antonio de Souza Netto, João Antonio da Silveira, o vigario apostolico Francisco das Chagas Martins d'Avila e Souza e Antonio Vicente da Fontoura.

E quantos mais poderiam estar ali, naquela hora? Côrte Real, Domingos Crescencio, Manuel do Amaral, Antonio Paulo, Onofre Pires, o bravo Teixeira Nunes... Mas ai ! a estes a morte levára. Repousavam já no seio da eternidade.

Apresentados os ultimos retoques e a sanção de Caxias, congratularam-se todos pelos resultados satisfatorios do tratado de paz.

Mas era necessario enviar, conforme o exigira Caxias, um representante á Côrte. Urgia elege-lo alí mesmo. logo. E a eleição foi feita: Antonio Vicente da Fontoura fôra o escolhido quasi por unanimidade.

Antonio Vicente que tão anciosamente queria a paz, lastimou ter sido ele o escolhido. E queixa-se á esposa querida que, apezar de todos os seus esforços, terá que ir imediatamente ao Rio de Janeiro, concluir o tratado de pacificação, e que não poderá, ainda, bem contra sua vontade ir dizer-lhe adeus e aos seus queridos filhos.

No dia 13, parte. Semanas mais tarde chega á faustosa Côrte o glorioso gaúcho, simples e modesto no trajar, provocando a curiosidade de todos.

Reüne-se o ministerio e ele se apresenta. E' introduzido sob risinhso de mofa e olhares perscrutadores.

— Que pretenderá conseguir este tipo de provinciano?

Mas como se enganavam! Como se iludiam todos com a aparencia chã, corriqueira, de Antonio Vicente, o embaixador dos farrapos! Não, ele não era um tipo vulgar que se deixasse arrastar como arvore mal arraigada na margem de caudaloso rio. Não. Meia duzia de palavras bonitas, uma apresentação ao jovem monarca, não o fariam jamais calcar aos pés dez anos de luta continua, ao sol e á chuva, longe de seus entes queridos, arriscando a vida a cada passo.

Alí estava um cidadão de fibra, um homem de tempera que quebraria, si preciso fosse, mas jamais se curvaria. E venceu.

Venceu a arrogancia toda do ministerio, bombasticamente batisado de liberal.

Eram tipos com laivos de nobreza na sua quasi totalidade, altivos e cheios de empafia:

Ministro do imperio — José Carlos Pereira de Almeida Torres (2.º visconde de Macaé); da Justiça — Manuel Antonio Galvão, que já fôra presidente da provincia em 1831; da Fazenda — Manuel Alves Branco; (2.º visconde de Caravelas); dos Estrangeiros — Ernesto Ferreira França; da Marinha — Antonio Francisco de Paula Holanda Cavalcanti de Albuquerque (Visconde de Albuquerque); da Guerra — Jerônimo Francisco Coelho.

Foi esse ministerio que Antonio Vicente da Fontoura, metido no seu modesto e "pequeno casaco de campanha", iria encontrar pela frente. Sabia-o já. E a eles se dirigiu, acompanhado de seu ajudante de ordens, Zeferino Martinho da Cunha, como se fosse para uma festa, na campanha.

Primeira conferencia.

Assistiram-na somente três ministros: do Imperio, da Justiça e da Guerra, e Manuel Márques de Souza, como emissario de Caxias e que acompanhára Antonio Vicente, ao Rio.

A conferencia foi agitada. Os ministros do Imperio e da Guerra diziam que o governo em nada cederia. O da Justiça, Galvão, conhecedor já do Rio Grande e de sua gente, baíano nobre e magnanimo, procurou alisar as arestas.

Antonio Vicente, surprezo pela maneira aspera com que o tratavam aqueles fidalgotes, ficou decepcionado. Mas não se rendeu. Levantou-se e, altivamente, respondeu-lhes que, si não concordassem a guerra continuaria.

Os ministros, por sua vez, ficaram atonitos com tanta ousadia.

Márques de Souza, gaúcho como Antonio Vicente, sorria levemente da cara dos ministros.

Propuzeram uma nova reunião, depois de o apresentarem ao jovem Monarca, num beija-mão; negou-se :

— Não iria. Respeitava muito o sr. D. Pedro II, como monarca. Lá isso não se punha em duvida. Mas de forma alguma beijaria a mão a um menino. E para evitar escandalo não iria. E não foi.

Nova decepção por parte dos ministros.

Segunda conferencia.

Reuniu-se o ministerio todo. Novas discussões. Discussões acaloradas. O ministerio não queria ceder e Holanda Cavalcanti, acintosamente, propõe reter Antonio Vicente na Côrte, como refem. Marques de Souza protesta em nome de Caxias. Intervem mais uma vez Antonio Galvão e ameniza a situação. Convence-se, por fim, o ministerio da inutilidade de suas discussões ás propostas dos farrapos, deixando ao barão de Caxias a solução definitiva.

Antonio Vicente vencêra. E saía, agora, daquela ampla sala luxuosa saudado com respeito, olhado não mais com olhos de maliciosa curiosidade, mas de profunda admiração.

Sem mais delongas, tratou de embarcar de volta ao pago. Estava aflito por trazer-lhes a noticia do bom exito de sua missão. E a 20 de dezembro embarcou no vapor *Paranapitanga*, de força de 60 cavalos, como escreve no seu *Diario*, rumo ao Rio Grande.

* * *

12 de janeiro de 1845. Antonio Vicente da Fontoura e seu ajudante, chegam, radiantes, ao acampamento.

O embaixador farrapo, aflito por se ver em casa, ao lado da espôsa e dos estremecidos filhos, escreve logo a Gomes Jardim concitando-o á reunião definitiva. Mas Gomes Jardim não pode comparecer. Está doente. Em carta lastima seu não comparecimento, delegando, porem, poderes ao ministro Vicente Lucas de Oliveira para representa-lo.

Caxias escreve, tambem, a Bento Manuel comunicando-lhe as demarches definitivas. Este oficio o comandante da 2.ª divisão recebeu a 19, e participa a Caxias que, conforme ordenára, irá procurar David Canabarro e a 10 de fevereiro entrega um oficio ao comandante em chefe dos farrapos para este o entregar a Caxias.

A 22 de fevereiro (V. essa data nas Efemérides), Bento Gonçalves, em resposta ao oficio de Canabarro, comunica a impossibilidade de comparecer, por doente á reunião final, alvitrando varias medidas que, a seu ver, devem ser tomadas e propostas, e diz que é indispensavel fazer-se a paz porque o país altamente a reclama.

A 25 de fevereiro, reünidos, afinal, todos, por si ou por seus representantes, no acampamento da *Carolina*, em Poncho Verde, presentes os que estiveram na conferencia de 10 de novembro, e mais José Gomes Portinho, Jacinto Guedes da Luz, Manuel Carvalho de Aragão e Silva, o intrépido Carvalhinho, Manuel de Macedo Brum, Frutuoso Borges da Fontoura, Manuel Lucas de Oliveira por si e Gomes Jardim, Ismael Soares representando Bento

Gonçalves da Silva e todo o seu estado maior, iniciou-se a solene sessão.

Aberta por David Canabarro, pediu a palavra e dirigiu "uma fala" aos presentes o ministro da República Manuel Lucas de Oliveira.

Em seguida Antonio Vicente lê, tremulo de emoção, as clausulas da pacificação, aceitas em linhas gerais pelo ministerio e *in-totum* por Caxias a quem fôra delegado poderes para tratar definitivamente do assunto :

1.º) O individuo que fôr pelos Republicanos indicado Presidente da Provincia, é aprovado pelo Governo Imeprial e passará a presidir a Provincia.

E continua lendo, a voz tremula de comoção : 2.º, 3.º, 4.º, . . . 10.º, 11.º, 12 — Oficiais e soldados que pertenceram ao Exercito imperial, e se apresentaram ao nosso serviço, serão plenamente garantidos como os demais republicanos.

Muito bem. Tudo de acordo com os seus desejos. Aliás, que mais poderiam exigir, eles, que já estavam agonizando? Caxias bem o sabia e disséra a Canabarro :

— Vocês já estão pelas caronas e ainda andam com tantas exigencias.

Canabarro, porem, concio de seu valor e do valor dos rio-grandenses, de sua fé inabalavel, sereno, mas altivamente, respondeu :

— Engano, Excia. — Nós temos ainda elemento para mais dez anos de lutas.

Caxias sorriu. Sorriu mas na certeza de que os farrapos seriam capazes de levar avante a guerra, não por mais dez anos, como disséra Canabarro, mas por mais um ou dois, talvez três. Morriam todos, mas não se entragariam. A agonia seria longa. Longa e dolorosa.

"Estes homens não se vence pela fôrça", já dissera ele. E era bem a expressão da verdade.

* * *

Três dias após essa solene sessão no acampamento da *Carolina*, David Canabarro espalha aos quatro ventos o seu vibrante e patriotico manifesto (Veja-se *Efemérides*: 28/2/45) em que avisa: "um poder estranho ameça a integridade do imperio", e conclue a frase num verdadeiro grito de brasilidade: "tão estolida ousadia jamais deixaria de ecoar nos corações brasileiros. O Rio Grande não será o teatro de suas iniqüidades, e nós partilharemos a gloria de sacrificar os ressentimentos criados no furor dos partidos ao bem geral do Brasil".

Desliga-se, em seguida, do poder que lhe conferiu a Republica e declara a seus soldados e a todos os soldados da extinta Republica, que volvam, tranqüilos, a seus lares, porque a segurança individual e a propriedade de cada um está *garantida pela palavra sagrada do monarca*. E termina o manifesto pedindo a todos "eterna gratidão ao inclito presidente da provincia, pelos afanosos esforços que ha feito na pacificação".

Com essa proclamação ficava, virtualmente, terminada a guerra.

Caxias, comtudo, dirigiu-se tambem, numa proclamação, aos rio-grandenses, comunicando-lhes a alegria que lhe ia nalma por ver pacificada a "bela provincia" do Rio Grande do Sul.

E, consoante as ordens expressas do imperador, em carta a ele dirigida, Caxias, querendo obrigar a todos o esquecimento do glorioso decenio, esclama:

"Maldição eterna a quem ousar recordar-se das nossas dissenções passadas..."

A provincia estava pacificada, sim, mas a Historia jamais poderia lançar no olvido pagina tão gloriosa, tão heroica, tão tragicamente béla, como a revolução de 35.

E é ela, ainda hoje, e se-lo-á, talvez, por todo o sempre, a mais nobre e elevada lição de civismo dado por um povo a seus irmãos e, — porque não dize-lo? — á humanidade inteira.

CAPITULO IV

CONCLUSÃO

Dissemos, no começo, e julgamos ter ficado cabalmente provado com os proprios sucessos da revolução que sua finalidade não fôra a república e, menos ainda, o separatismo.

Comtudo, a República foi proclamada, e proclamada foi a independencia da provincia.

Premeditação?

Nunca. Aí estão as proclamações de Marciano Pereira Ribeiro e Bento Gonçalves, e, sobretudo, as cartas particulares deste, e muitas outras de diversos próceres farrapos. Em todas elas ressaltam, claramente, a brasilidade e dedicação ao jovem monarca D. Pedro II.

O fim da revolução foi, unicamente desoprimir a provincia. Afastar dela elementos anti-nacionalistas. Livra-la de influencias estrangeiras e, como á provincia, todo o Brasil.

Nacionalizar a patria; crear dentro dela o verdadeiro amor á terra natal; faze-la grande e respeitada, completamente independente e capaz, por si só, de conhecer a grandeza de sua missão entre as nações livres. Crear, finalmente, a verdadeira nacionalidade, entregando o Brasil aos brasileiros.

E esta finalidade conseguiram os farrapos, Deus sabe com quantos sacrificios. Mas o conseguiram.

Foi somente depois de pacificada a provincia que começou a notar-se em todo o Brasil essa bra-

silidade fecunda que foi o apanagio dos ultimos anos do imperio.

Nenhuma outra revolução brasileira, até nossos dias, calou tão profundamente na consciencia nacional, como a dos farrapos.

E' que eles souberam querer e, de armas na mão, mostraram ao Brasil e ao mundo, como se combate por um ideal, e como se ama, devéras, a patria.

Foram eles, os valentes farrapos, os pioneiros da campanha brasilista e nativista. D. Pedro I, em 1822, não fez sinão abrir a porta. Não penetrou no remanso da nação que acabara de fundar. Ficou no limiar, como que a espera de um empurrão. Mas ninguem lhe deu esse empurrão bemdito, e a nação, a pouco e pouco ia sendo dominada por elementos estranhos e anti-nacionais. A independencia ficára, pode-se dizer, nas margens do Ipiranga, como uma cegonha, triste, a beira de uma lagôa.

Subito, um sopro de vida invade o exercito, e provoca a reação de 7 de abril. O monarca já não satisfazia as exigencias da nação. Seu governo autoritario fazia cossegas em todo o mundo. Não havia mais tranqüilidade, e por isso as fôrças armadas obrigaram-o a abdicar.

A abdicação, porem, não foi, ainda, um movimento nacionalista. Não foi, tampouco, uma reação nativista. Foi um áto de violencia á prepotencia do monarca. Teve, é verdade, a virtude de assustar o elemento estrangeiro e, de certo modo, reduzi-lo a pequenas proporções.

Mas a vitoria do 7 de abril foi demasiado rapida, e o elemento estrangeiro que se retraíra com o susto do golpe, vendo que contra ele nada faziam começou, aos poucos, a aparecer. Vitalizou-se novamente e, imiscuindo-se, sorrateiramente, no gover-

no, começou a sua velha politica achincalhadora, da fôrça e da prepotencia.

Tornára-se novamente, como nos ultimos tempos do primeiro imperio, uma potencia a abafar todos os sentimentos nativistas, todos os anseios libertarios do Brasil.

Foi preciso que os farrapos ao grito de *Liberdade ou morte* fizessem o Brasil meditar no seu destino. Foi preciso que os farrapos, numa peleia titânica de dez anos propagassem aos quatro ventos os seus anseios de liberdade e dissessem ao Brasil que dele se separariam si não cultivasse, tambem ele, o verdadeiro patriotismo, si não se nacionalizasse.

Lutaram- os farrapos. Lutaram e venceram. A paz de Poncho Verde, ainda que honrosa, não se poderá considerar vitoria, vitoria politica, bem entendido. Foi vitoria, sim, e das maiores, mas no grande sentido do patriotismo.

Caxias foi o unico dos brasileiros, inclusive riograndenses que governaram a provincia durante esse longo periodo de lutas, que *viu* a finalidade dos farrapos. Foi o unico que penetrou no seu intimo, que sondou as feridas, e que soube, procurar o remedio para cura-las e aplica-lo no devido momento. E' que Caxias, alem de guerreiro, era patriota, e alem de patriota — psicologo.

Dele pode-se dizer como do imperador romano :

"Chegou, viu e venceu", embóra precisasse, para isso, pouco mais de dois anos.

* * *

Incutir no Brasil o amor á nacionalidade, foi certamente a maior das vitorias da revolução farroupilha. Muitas outras, porem, podem se lhe jun-

tar. Uma delas é a *federação*, isto é: o sentido nacional da revolução.

Historiadores ha, e muitos, que tal não admitem. Não podemos compreender como tais historiadores conseguem, á vista de tantos documentos autenticos da época, propugnar a desnacionalização da revolução farrapa. Quer-nos parecer que tais historiadores ou não são sinceros e agem sob a influencia de elementos estranhos, ou vêm estrabicamente ou não conhecem, embóra escrevam volumes e volumes, a historia do Rio Grande do Sul e, principalmente, a revolução de 1835.

Que essa revolução, verdadeira epopéa, teve um sentido profundamente nacional, provam-no inumeros documentos.

O manifesto de 8 de junho de 1838, assinado pelo presidente da República, dirigido *Aos cidadãos rio-grandenses, e brasileiros reunidos nas guarnecições de Porto Alegre e Norte, sob as insignias do governo imperial*, diz:

"*Compatriotas brasileiros* de todas as condições e estados, desgraçadamente submetidos ao jugo ignominioso de um despotismo execravel, a vós me dirijo, com vós outros unicamente falo".

Não vái aí, já em plena república, um ideal de fraternidade entre todos os brasileiros?

Mas não só nesse manifesto esternam os próceres farroupilhas sentimento nacional.

No de 29 de agosto de 1838, lemos tambem: "Os rio-grandenses reünidos ás suas Municipalidades solenemente proclamaram e juraram a sua Independencia politica, debaixo dos auspicios do sistema Republicano, *dispostos todavia a federarem-se,*

quando nisso se acorde, ás provincias irmãs que venham a adotar o mesmo sistema" (1).

E muitos outros manifestos de diversas épocas.

As cartas particulares não menos expressivas são nesse sentido. Vejamos, por exemolo o que diz Bento Gonçalves aos seus oficiais em resposta a uma carta de congratulações pela sua fuga do forte do Mar.

"O trono do Brasil se acha por toda a parte convulso e prestes se antolha sua quéda e nosso triunfo, ficando-nos a gloria imortal *de haver orientado as demais provincias na senda da sua felicidade*".

Note-se que procuramos citar documentos escritos após a proclamação da república, isto é: de 1837 em diante.

Em carta a Gaspar Menna Barreto, datada de 16 de maio de 1840, escreveu Bento Gonçalves:

"A causa que defendemos, não é só nossa, *ela é igualmente Causa de todo o Brasil"* etc. E mais adiante: "Uma republica federal baseada em solidos principios de justiça, e reciproca conveniencia, *uniria hoje todas as provincias irmãs, tornando mais forte e respeitavel a Nação Brasileira,* " etc.

Essa *brasilissima* proclamação foi dirigida aos brasileiros que, si ainda arrastam "ferros ignominiosos, foi por uma cadea de sucesso fortuitos, e circunstancias inesperadas".

Outra prova indestrutivel do sentido nacional da revolução farrapa foi a proclamação da *República Juliana*. Aí estão os seus manifestos, patrioticos, nacionalissimos.

E a revolução de S. Paulo? Tambem ela deu motivo aos rio-grandenses para darem mostras de seu grande sentimento patriotico.

---

(1) O grifo de todos esses trechos, é nosso.

No seu manifesto de 13 de julho de 1842, comunicando a revolução paulista e a abertura da Assembléa Constituinte, escreveu Bento Gonçalves:

"O Brasil em massa se levanta como um só homem para sacudir o ferreo jugo do segundo Pedro. *E' este o momento de mostrardes ao mundo que sois riograndenses".*

E Manuel Lucas de Oliveira, então Ministro da República, dirige-se aos paulistas revoltados, convidando-os á federarem-se ao Rio Grande. Diz ele:

"Atentái bem no que vos diz um vosso irmão rio-grandense que, em nome de seus consocios competentemente autorizado, ousa convidar a esse brioso povo paulistano a *formar um estado federal"*, etc.

E conclúe a carta com a seguinte frase:

"O que encontrais escrito nesta epistola é a vontade geral dos cidadãos da república do Rio Grande do Sul, que cordialmente desejam aliar-se, e viver em fraternal liga com um povo ilustre, e tão morigerado a tantas provas como o vosso povo".

E ainda, na *fala* de instalação da Assembléa republicana, em Alegrete, disse Bento Gonçalves:

"E' assim que seu poder se debilita e se aproxima o dia em que, banida a realeza da terra de Santa Cruz, *nos havemos de reunir para estreitar os laços federais á magnanima Nação brasileira a cujo gremio nos chama a natureza e nossos mais caros interesses".*

Mais, muito mais ainda poderiamos citar para provar o sentido nacional, a intensa brasilidade do grande movimento democratico brasileiro, que foi a revolução farroupilha.

* * *

Outras causas dignas de nota e de real vantagem para todo o Brasil: a libertação dos escravos que serviram nas colunas farrapas.

Diz a clausula IV do tratado de paz:

"São livres, e como tais reconhecidos, todos os catívos que serviram na República".

Foi este o primeiro ensaio anti-escravocratico tornado realidade no Brasil. Foi um exemplo significativo mais de uma vez citado pelos abolicionistas de 1888.

Com essa clausula ficou quasi que completamente estinta a escravidão no Rio Grande do Sul. Verdade é que, mais tarde, novas levas foram importadas. Mas estas nunca atingiram ás proporções hedíondas de outras provincias.

Para finalizar, devemos registar ainda de um modo especial a exigencia do governo republicano no tratado de paz, a que se refere a clausula X: a questão da linha divisoria com o Uruguái.

"O Governo Imperial, — reza a clausula, — vái tratar definitivamente da linha divisoria com o Estado Oriental".

Em conseqüencia dessa exigencia, Caxias solicitou a Bento Manuel, Bento Gonçalves e outros, informes sobre as divisas da provincia com o Estado Oriental.

Respondendo aos qüesitos formulados pelo barão de Caxias, Bento Gonçalves escreveu:

"A linha que presentemente divide esta provincia do Estado Oriental, nasce do arroio Chuí, que desagua no Oceano, e das pontas daquele arroio em linha rétà a Lagôa Mirim, seguindo dalí o curso do rio Jaguarão desde sua fóz té a nascente da Coxilha Grande; desta segue em linha reta ás pontas do Rio Negro, descendo por este té o arroio de S.

Luiz, e desde sua nascente de onde se dirige pela Coxilha de S. Ana té a nascente do Quaraím, e por todo o curso deste até a sua fóz. A linha que no tempo da ocupação do Estado Oriental pelas armas brasileiras no reinado de D. João 6.º foi estabelecida por uma convenção feita entre o general Lecor e o Cabildo de Montevidéu, começava pela Angustura de Castilho, descendo dalí pelo grande banhado denominado do Souza, que faz barra no rio S. Miguel, e deste té sua fóz na Lagôa Mirim, seguindo pela margem desta a dois tiros de canhão de 24 até o Jaguarão, subindo por este até Jaguarão-chico do Estado Oriental, seguindo o curso dele até acima de sua nascente na Coxilha Grande, tomando dalí o rumo do passo da Carpintaria no Rio Negro, e descia por este ao arroio Hospital, seguindo-o até sua nascente de onde parte em linha reta ás pontas do Arapeí, seguindo o curso deste até sua embocadura no Uruguái. A convenção que nos deu o terreno que fica mencionado, foi observada até a preliminar de Paz de 1828, época em que sem motivo plausivel foi abandonado : esta linha é a mais conveniente, tanto para segurança desta provincia, como por tornar-nos senhores de toda a navegação da Lagôa Mirim em ambas as margens e dos rios que nela desaguam, alem de dar-nos não pequeno aumento de territorio. Todo terreno entremedio entre a linha atual, e aquela estabelecida pelo general Lecor na convenção citada, se acha povoada por brasileiros com numerosas fazendas de criar ; sua estensão mais ou menos deve montar no maior comprimento a 50 léguas, com 28 ditas de largura ; o valor destas, computado pelo preço atual dos campos deve montar a 5.832 contos de réis fortes. Em meu sentir o restabelecimento desta linha sofrerá oposição da parte dos orientais, caso que se não dá na conservação da

atual. Eis quanto posso de pronto lembrar a S. Excia. o Sr. Barão de Caxias sobre os quesitos que enviou para sobre eles dar meu parecer. *Bento Gonçalves da Silva.* Jaguarão-chico, 27 de fevereiro de 1845". (1).

Pela pressa com que o ilustre barão de Caxias procurou colher, nas melhores fontes, dados sobre a questão de limites, vê-se que estava, tambem, grandemente interessado no assunto. O que é certo, porem, é que somente cincoenta anos mais tarde, mais ou menos, a questão dos limites com a Republica Oriental do Uruguái ficou definitivamente liquidado graças a intervenção do espirito clarividente do barão do Rio Branco.

---

(1) E' curioso fazer-se um confronto entre a linha divisoria que Bento Gonçalves dá ao barão de Caxias, e a que encontramos num documento arquivado no Museu do Estado, referente aos limites, governo, etc. da Republica Rio-grandense. Diz o documento:

"O Rio Grande de S. Pedro do Sul, seguindo a sorte do malfadado Brasil, foi sempre uma das capitanias mais tiranizadas por esses despotas lusitanos, de proposito mandados para oprimir a um povo digno de melhor sorte.

"Foi patria de muitos Herói, e continua a não desmentir a ideia que fazem os estrangeiros do caracter e costumes dos seus habitantes. Estes são amigos das instituições livres; e na guerra tem dado a seus ingratos inimigos lições da mais nobre generosidade.

"Os limites politicos são: Estado Oriental Correntes, Santa Catarina e Oceano. Tem por limites naturais os rios Jaguarão, Negro, S. Luiz, Quaraim, Uruguai e Oceano.

"A extensão do territorio é de perto de sete mil leguas quadradas, pela maior parte ricas ferteis e campinas cortadas por inumeraveis rios, dos quais os mais consideraveis são: o Guaíba, Camaquã, São Gonçalo, Piratiní, Jacuí, Vacacaí, Santa Maria, Ibirapuitã e Ibicuí.

"O seu governo é composto de um presidente eletivo, e de seis Ministros de Estado. Há um Tesouro Nacional, e 22 coletorias que rendem mais de 250 contos de réis anualmente.

"A Constituição do Brasil é provisoriamente a do Estado.

"Contem as cidades de Piratiní e Pelotas; as vilas do Alegrete, S. Borja, Cruz Alta, Caxoeira, Caçapava, Setembrina e Jaguarão; e as povoações de S. Gabriel, Santa Maria, Encruzilhada, Canguçú. Bagé, Herval, Cerrito, Santo Antonio, Aldeia dos Anjos, Mostardas, Belem, N. S. da Conceição do Arroio, S. João Batista, Dores, Sant'Ana, S. José do Patrocinio, Passo Fundo, Soledade, S. Martinho, Novo Triunfo, Santo Amaro, e colonia de S. Leopoldo. Tem mais as cidades de Pôrto Alegre, e Rio Grande, e as vilas de S. José do Norte, Triunfo e Rio Pardo que por suas marinhas estão hoje ocupadas por forças brasileiras".

Em todo o caso, não deixa de ser uma prova do amor dos farrapos ao solo e integridade pátrias, a exigencia estabelecida na clausula X do tratado de paz.

* * *

Por quanto ficou dito, pelas causas que a provocaram, pela sua finalidade, e mesmo pela proclamação da republica e independencia da provincia, não houve revolução mais justa e mais nacional que a de 1835.

Nela, lutando pelo ideal federativo, auxiliados por um pequeno numero de paulistas, mineiros, fluminenses e pernambucanos, jamais esqueceram os farroupilhas a grande patria brasileira que lhes não saía do coração e tinham sempre na lembrança.

Em tudo e por tudo procuravam, somente, a grandeza e felicidade do Brasil, a sua unidade e liberdade integral que, na sua exaltação patriotica, viam somente, e com justa razão, no ideal que defendiam e pelo qual batalhavam : a *Republica federativa.*

CAPITULO V

EFEMERIDES DA GRANDE REVOLUÇÃO
(1835-1845)

SETEMBRO DE 1835

Dia 10: — Reünem-se em casa do dr. Francisco de Sá Brito, em Pôrto Alegre, os srs. Bento Gonçalves da Silva, dr. Marciano Pereira Ribeiro e o bacharel José de Paiva Magalhães Calvet.

Nessa reünião expoz Bento Gonçalves os planos da revolução, mas vendo a indecisão dos companheiros e amigos, declarou :

— Não se fará a revolução, mas eu não ficarei na provincia, não continuarei a estar exposto ao punhal dos encarniçados inimigos que tenho por aquí. Irei para Entre-Rios, viver fóra de meu país, ou ao menos viver lá algum tempo, até que esses assassinos reconhecidos se esqueçam de mim.

No mesmo dia tratou de obter licença para descançar na provincia de Entre-Rios e, dias mais tarde, ausentava-se de Pôrto Alegre mas, em vez de seguir para a Rep. Argentina, foi para Pedras Brancas confabular com José Gomes de Vasconcellos Jardim e Onofre Pires. (Conf. a *Memoria* escrita pelo dr. Sá Brito).

A revolução, porém, já estava assentada e tudo preparado para o golpe definitivo.

Dia 18 : — Em virtude de boatos alarmantes, o visconde de Camamú recebe ordem do presidente

da provincia, dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, para reunir toda a força da Guarda Nacional afim de ficarem prevenidos contra um possivel levante.

— Na madrugada deste mesmo dia, depois de reünida regular fôrça nas Pedras Brancas, José Gomes de Vasconcellos Jardim passa, com 60 homens, o rio, e acampa nas proximidades da cidade de Pôrto Alegre, no lugar em que está, hoje, o cemiterio, na Estrada da Cascata.

Dia 19: — Em vista da energia da oposição, o presidente Braga, aconselhado por amigos, procura emendar alguns de seus erros e, em sessão secreta, dá plena satisfação á oposição, nomeando, em seguida, comandante da praça e guarnição de Pôrto Alegre o brigadeiro Gaspar Francisco Menna Barreto. Mas já era tarde, pois neste mesmo dia a companhia de permanentes, do comando do capitão Francisco Felix Pereira Pinto, deserta e vái reünir-se ás fôrças rebeldes acampadas, sob o comando de Onofre Pires da Silveira Canto e José Gomes de Vasconcellos Jardim, nas imediações da ponte da Azenha.

Alta noite, tendo o presidente Braga tido conhecimento do acampamento rebelde, ordena ao Visconde de Camamú que faça um reconhecimento e, caso encontre os revoltosos, não os poupe em absoluto.

A empreza do major visconde foi mal sucedida, pois, sabedores do que se planejava contra eles, pelos secrétas, especialmente por Magalhães Calvet, destacaram os farroupilhas o capitão Manuel Vieira da Rocha com 30 homens para guarnecer a ponte de Azenha.

Pelas onze e meia da noite apresenta-se Camamú. Ocultam-se os farroupilhas, e quando o vis-

conde tenta atravessar o arroio Diluvio (o Riacho), um tiro adverte-o de que alí ha gente. Camamú assusta-se, mas não consegue recuar. Trava-se renhido embate. As fôrças legais são destroçadas e fogem, por fim, deixando morto o célebre Antonio José da Silva Monteiro, *o prosódia*, e 4 feridos, entre os quais o proprio visconde, que, porem, fogem com os demais legalistas.

De volta ao palacio Camamú dá noticias alarmantes, e Fernandes Braga prepara tudo para uma retirada, pois já notára, tambem, que a guarnição de Pôrto Alegre, em pêso, não lhe era fiel.

Dia 20 : — Tomada de Pôrto Alegre. — Entram na capital as fôrças farroupilhas de Onofre Pires e Gomes Jardim logo ao nascer do sol, sem a minima resistencia. Fernandes Braga, sorrateiramente, conseguiu evadir-se embarcando na escuna *Rio-grandense* para a vila do Rio Grande com todo o seu pessoal de confiança, dinheiros publicos, etc.

Neste dia, por todas as esquinas das ruas de Pôrto Alegre, viam-se, desde que amanheceu, proclamações assinadas por Bento Gonçalves, na qual este declarava não deporem os insurgentes as armas enquanto Fernandes Braga não resignasse o cargo de presidente.

Bento Gonçalves, porem, estava em Pedras Brancas onde dirigia todo o movimento e procurava comunicar-se com os amigos, na campanha. Neste mesmo dia, na campanha, levantaram-se em armas outros chefes rebeldes pondo em fuga o comandante das armas, então na fronteira, marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto.

Dia 21 : — O dr. Marciano Pereira Ribeiro, 4.° vice-presidente da provincia, assume, em Pôrto Ale-

gre, a presidencia e dirige ao povo a seguinte proclamação:

— "Riograndenses! amigos! compatriotas!

Chamado pela lei á vice-presidencia desta provincia, que deixou acéfala o dr. Antonio Rodrigues Braga, retirando-se clandestinamente da capital, eu não ousaria encarregar-me de tão melindrosa tarefa nas circunstancias dificeis em que nos achamos, si não depositasse a mais inteira confiança no vosso acrisolado patriotismo, caracter generoso, e amor á ordem, assim como nas virtudes civicas e sentimentos nobres do valente e honrado coronel Bento Gonçalves da Silva, que se acha á frente dos cidadãos armados, e cujos feitos e serviços vos são bem conhecidos. Fiel aos seus juramentos, e ao governo do nosso jovem imperador sr. D. Pedro II, ele não quererá ver dilacerada a nossa patria, e entregue aos horrores da anarquia. Cerrái ouvidos aos perversos e intrigantes que procuram amedrontar-vos com ideias e falsos boatos de repúblicas, roubos, mortes e separação da provincia (1). A probidade, patriotismo e honra das pessoas que figuram nos movimentos que acabais de presenciar, são suficiente garantia da segurança e tranquilidade publicas, que todavia a administração procurará manter como lhe incumbe. Seja a lei o nosso norte,

(1) Refere-se o dr. Marciano, nesta passagem, ao impresso que Fernandes Braga fizéra espalhar ao fugir para bordo da escuna *Riograndense*:

"Concidadãos. Não vos deixeis iludir com as palavras e promessas dos que com as armas nas mãos pretendem depor autoridades, e nomear outras a seu bel-prazer. Não acrediteis que eles se contentarão com isso. Cenas lutuosas vos ameaçam; os pretextos de que se servem, bem os demonstram pela sua futilidade, pois que o governo central já nomeou pessoa de sua confiança que tomasse em meu lugar as redeas do governo. Sustentái por alguns instantes a dignidade da administração provincial, e a vossa. Breve serão a vosso lado as forças que hei convocado de varios pontos de fóra da cidade. Tende confiança no brigadeiro Gaspar Francisco Menna Barreto, que hei nomeado para fazer as vezes do marechal Barreto, proximo a chegar.

Ás armas, cidadãos. Ás armas, que a patria se acha em perigo".

e tranquilos esperemos as providencias que o governo de sua magestade imperial e constitucional tem dado, ou possa dar a bem do continente. Por esta forma confundireis os inimigos do sossego e prosperidade da nossa provincia, e o Brasil inteiro terá de aplaudir ao mesmo tempo a vossa coragem e as vossas virtudes.

Viva a nação brasileira! — Viva a constituição reformada! Viva o sr. Dom Pedro II, imperador constitucional do Brasil! Viva a Regencia do imperio! Vivam os rio-grandenses amigos da ordem!"

Esta proclamação desfez a impressão da de Fernandes Braga.

Com a posse de Marciano Pereira Ribeiro, sucedeu a dualidade de governo na provincia: o farroupilha, em Pôrto Alegre, e o imperial, no Rio Grande.

— Neste mesmo dia um corpo de farroupilhas dirigidos pelo coronel Francisco de Paula do Amaral Sarmento Menna ataca a vila do Rio Pardo, então ocupada pelos imperiais comandados pelos capitães José Ferreira de Azevedo e José Joaquim de Andrade Neves (mais tarde barão do Triunfo). Neste primeiro ataque foi Francisco de Paula repelido mas, insistente e persistente, continuou o assédio á vila que, 17 dias mais tarde, a 8 de outubro, capitulou.

Dia 22: — João Nunes da Silva Tavares, oficial legalista, derrota, junto á capela do Herval, o coronel Rafael Verdum, imigrado politico do Uurguái, que se colocára a disposição dos revolucionarios. A fôrça comandada pelo coronel Verdun compunha-se, na sua quasi totalidade, de gaúchos orientais.

Dia 25: — O coronel Bento Gonçalves da Silva publica o manifesto abaixo, emque justifica o movimento do dia 20:

"Compatriotas. — O amor á ordem e á liberdade, a que me consagrei desde minha infancia, me arrancaram do gozo do prazer da vida privada para correr comvosco á salvação de nossa querida patria. Vi a arbitrariedade entronizada, e não pude ser por mais tempo surdo a vossos justos clamores; pedistes a cooperação do meu braço, e dos braços que me acompanham, e voei á capital afim de ajudar-vos a sacudir o jugo que com a mão de um inepto administrador vos tinha imposto uma fracção retrograda e anti-nacional.

Compatriotas! vossos votos, e vossas justas exigencias já estão satisfeitas. Caducou aquela autoridade cujo manto cobria os atentados de homens perversos, que têm conduzido esta benemerita provincia á borda do precipicio. Corresteis ás armas depois de haver esgotado todos os meios que a prudencia e o amor á ordem vos sugeria, não para destruir, mas sim para consolidar a sagrada Constituição que juramos; não para vingar-vos dos ultrajes que diariamente vos faziam os corifeus de um partido anti-nacional, mas sim para garantir as liberdades patrias de seus ataques, tanto mais terriveis, por isso que eram exercidos á sombra da Carta Constitucional; correstes emfim ás armas para sustentar em sua pureza os principios politicos, que nos conduziram ao sempre memoravel *sete d'abril*, dia glorioso de nossa regeneração, e total independencia.

O resultado de vossa nobre empreza não podia ser duvidoso, pois que ela era reclamada pela justiça, e pela opinião, esta rainha do universo, cujo poder é irresistivel: triunfastes, brasileiros livres! e com vossa decisão, e vosso triunfo déstes uma prova de que sois dignos dos beneficios da liberdade; patenteastes os nobres sentimentos de nacionalidade, que inflamam vossos peitos; comprovastes, emfim, que

vossa fronte jamais dobrará ao pesado jugo da arbitrariedade. .

Esses motivos, e estes sentimentos, que convosco partilham todos os corações verdadeiramente brasileiros, justificarão vossa conduta aos olhos dos mais rigidos censores dos movimentos populares. Apressuremo-nos, pois, a manifestar aos nossos irmãos habitantes das mais provincias da união brasileira, os fundamentos das nossas queixas e dos nossos temores. Conheça o Brasil que o dia *20 de setembro de 1835* foi a conseqüencia inevitavel de uma má e odiosa administração ; e que não tivemos outro objéto, e não nos propuzemos a outro fim, que restaurar o imperio da lei, afastando de nós um administrador inepto e faccioso, sustentando o trono do nosso jovem monárca e a integridade do imperio.

Sim, compatriotas, devemos ao Brasil, que neste momento tem seus olhos fitos em nós, esta manifestação tanto mais sincera e pronta, quanto maior é o dever em que nos achamos de desvanecer os temores com que nossos inimigos o quizeram alarmar, acusando-nos de sustentar vistas de desunião e república. Desgraçadamente nesta provincia, como nas demais do imperio, existe uma facção retrograda adversa por principios e interesses á nova ordem de cousas, e inimiga implacavel de todos aqueles que professam decidido amor ás liberdades patrias. Apoiado este partido anti-nacional pelo marechal Barreto, cuja ambição desmedida, e principios impopulares são assás conhecidos, deixou sentir sua fatal influencia em todas as presidencias anteriores á do sr. Braga ; mas nunca ousou mostrar-se tão descaradamente como neste ultimo periodo.

Burladas foram as esperanças dos amigos de nossa patria, que regosijavam-se de ver, pela pri-

meira vez, um filho seu elevado á primeira dignidade da provincia!

Quantos bens deviam esperar-se! quantos males precavidos! mas uma triste fatalidade quiz o contrario.

A ináptidão que desde logo mostrou para tão elevado cargo, e a versatilidade de caracter do sr. Braga favoreceram os designios dos perversos, que nele acharam o instrumento de seu rancor contra os livres; e no poder anexo á presidencia o meio de saciar suas ignobeis vinganças. Ninguem ignora os sucessos da noite de 24 de outubro do ano passado, (2) e dos dias consecutivos; ninguem ignora como o partido anti-nacional, armando braços mercenarios, e estrangeiros, ocupou militarmente o Trem de Guerra da capital, e ameaçou com aparatos bélicos os cidadãos pacíficos que festejavam em aquela noite com cânticos patrioticos as salutares reformas do nosso pacto social: o costume autorizava o festejo, a ordem presidia os passos de um povo que se entregava ao prazer, e marchavam na sua frente os juizes de paz dos distritos que percorria; porém, apezar disso pouco faltou para que o estrondo do canhão, e o grito da morte não sucedesse aos sons festivos, e á expansão da nacionalidade satisfeita.

Aquelas ameaças, aquele armamento desusado, não foi quiçá o primeiro insulto cometido contra a nossa nacionalidade? Não merecia um pronto e exemplar castigo? Não poderia executa-lo o braço poderoso de um povo irritado? Podia sim, mas não o quizeram os patriotas, amigos da ordem; sufocaram em seus peitos os justos ressentimentos;

---

(2) Veja-se no cap. segundo deste trabalho — *Os Antecedentes* —, a descrição dos sucessos de 24 de outubro de 1834. Veja-se, tambem, Assis Brasil, — "*Historia da Republica Riograndense* —, e Alfredo VARELA, — *Revoluções Cisplatinas* e *Historia da Grande Revolução*.

esperaram providencias e justiça de sua primeira autoridade. Vãs esperanças! Enquanto o vulcão das paixões ameaçava abrazar a capital, que fazia o sr. Braga? Embriagava-se, com mágua o dizemos, embriagava-se de prazer na cidade do Rio Grande entre festins e banquetes, deixando naquelas espinhosas circunstancias o timão do Estado entregue ao capricho de seu irmão o sr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, jovem turbulento e faccioso, e o mesmo que dirigia e dava impulso ao partido que naquele momento aterrorisava a capital. As noticias sempre mais aterradoras, que deste ponto recebia, pareceram desperta-lo por um instante do seu letargo; chamou-me então, e em nome da patria conjurou-me a que usando de todo o meu influxo fosse manter o sossego publico: vós sois o unico, me dizia, que podeis livrar a provincia dos males que a ameaçam; voai, acalmai, conciliai, e fazei deter o furor do povo; evitai toda a efusão de sangue; assegurai-lhe que pronto regressarei, e ele aplaudirá minha justiça.

Compatriotas! O nome da patria nunca soou em vão aos meus ouvidos, e sempre me prestei voluntario a prestar-lhe meus serviços; acreditei as palavras enganadoras do sr. Braga, e voei ao vosso lado; doceis ouvistes minhas palavras de paz, detivestes o braço já pronto a descarregar o golpe mortal sobre vossos agressores, e por mim confiastes novamente em vosso presidente. Mas quem o acreditaria! o pérfido havia-me iludido, e meu patriotismo tão sómente lhe serviu de instrumento para tambem iludir-vos e desarmar-vos. Como poderá justificar-se semelhante conduta em a primeira autoridade, que não deve ouvir outra voz que a da justiça, nem ter outras vistas que as do bem do povo que rége! Si o ex-presidente houvesse desejado o bem-estar e

tranquilidade da provincia, não teria desamparado o lugar que a lei lhe confiou, teria acudido prontamente ao ponto que ameaçava a conflagração, e o castigo dos facciosos teria satisfeito a justiça de um povo ultrajado.

Não por certo, não tinha em vista o bem da patria quando levou des-do Rio Grande a confusão e a discordia a todos os ângulos da provincia; quando em seu regresso á capital aprovou quanto de mais desatinado e criminoso havia cometido seu lugar-tenente Pedro Rodrigues Fernandes Chaves; quando afastou de si seus antigos amigos, os sustentadores das instituições livres; quando, ingrato a meu zelo pelo restabelecimento da tranquilidade publica, ousou chamar-me caudilho de fascinorosos, e revolucionario. Insensato! Si eu tivesse querido levantar o estandarte da rebelião, que melhor oportunidade que a exaltação em que se achavam os espiritos? Que motivo mais plausivel que o insulto feito á nacionalidade? Que meios mais poderosos que as cartas que seu passado temor, e mais que tudo a certeza de que eu não abusaria delas, me havia confiado? Mas já era surdo á austera linguagem da verdade, e prestava tão sómente ouvidos ás baixas lisonjas, e aos pérfidos conselhos de um partido que queria vê-lo envolvido em seus interesses, e cumplice em seus crimes para assegurar-se da impunidade e do triunfo dos princípios retrógrados. Deixou o sr. Braga de ser administrador de um povo livre, desde que ao imperio da lei substituiu o espirito de facção, e o povo desde aquele instante deixou de respeita-lo. Sem fôrça moral, sem opinião um governo não sub siste sinão pela desmoralização, pela intriga e pela opressão, e este foi o caminho cheio de precipicios em que se lançou o sr. Braga. Vós o vistes, Riograndenses, apoiar na côrte com sua autoridade as

mais vergonhosas intrigas do marechal Barreto, para perder aqueles cujas luzes e patriotismo transtornavam seus planos ambiciosos e despóticos ; em quanto com seu poder nesta cidade autorizava as desejadas vinganças. O primeiro golpe dado contra a liberdade conduz insensivelmente, e de um modo inevitavel a todos os outros : é uma porta aberta á arbitrariedade, e uma vez que ela se introduz ninguem pode prever em que ponto parará.

Compatriotas ! Vós testemunhastes esta verdade, e os cidadãos mais decididos pela causa do povo foram o alvo de uma sistematica perseguição ; prodigalizaram-se empregos aos homens mais impopulares, a aqueles que eram mais indigitados para professarem princípios mais retrógrados e antinacionais ; o direito de petição garantido por nossa Constituição foi desatendido, e os peticionarios tratados como sediciosos ; encheram-se os cárceres de patriotas, e toda a provincia foi envolvida em processos e querélas ; introduziu-se a desmoralização na guarda-nacional de infanteria para dispersa-la, e se suspendeu arbitrariamente do seu comando ao tenente-coronel Silvano José Monteiro de Araujo e Paula, cujo crime era seu inabalavel patriotismo ; creou-se uma guarda pretoriana debaixo do nome de guarda-nacional de cavalaria para custodiar a cidade ; mandou-se com ingentes gastos, e detrimento do erario publico ao valente batalhão de caçadores n.° 8 para as longinquas fronteiras de Missões ; removeu-se da vila do Jaguarão para Bagé a companhia de caçadores que ali se achava por ordem da Regencia, duplicando sem necessidade nem motivo plausivel, as despezas, pelo custoso transporte de víveres, munições e bagagem, a pontos tão distantes. Silva Tavares, capitão da extinta segunda linha, foi nomeado comandante da fronteira

do Rio-Grande a despeito das instruções da Regencia de 8 de março de 1834, sujeitando assim á nulidade, e malvadez deste homem perverso, um sem numero de chefes valentes e aguerridos; retirou-se do comando da fronteira do Rio Pardo ao veterano dos nossos guerreiros, o sr. Bento Manuel Ribeiro, e foi substituido pelo tenente-coronel da mesma extinta segundo linha, José Antonio Martins, cujo unico titulo é a particular inimizade que consagra ao sr. coronel Bento Manuel Ribeiro, e pertencer á facção do marechal Barreto; vimos emfim debaixo da presidencia do sr. Braga o templo de Temis convertido em forja das mais injustas perseguições; vimos cidadãos armados contra cidadãos; vimos deportações; vimos violada por duas vezes a sagrada garantia do *habeas corpus* na pessoa do honrado patriota major José Mariano de Mattos; e vimos finalmente impunes a escandalosa introdução de africanos, e da moeda de cobre, terriveis açoites desta malfadada provincia. Com estes e muitos outros atentados, que por brevidade omito, se satisfizeram as exigencias do marechal Barreto, de Pedro Chaves, e da facção retrógrada; mas era forçoso capear as perseguições com o manto da utilidade pública, era forçoso legalizar atos perpetrados contra a opinião da grande maioria da provincia. Chegou a época da instalação da nossa Assembléa provincial, e a fala do presidente arrancou a mascara com que cobria uma politica hipocrita e rasteira: a calunia mais atroz foi proferida no seu seio com altivez e ousadia, e a provincia tremeu por sua tranquilidade e existencia, ouvindo a voz de sua primeira autoridade revelar-lhe uma conspiração, cujo fim era desmembra-la da grande familia brasileira, e acusar como autores de tão nefando projéto aos mais conspicuos defensores das liberdades patrias, a aqueles que em

todos os tempos valorosamente expuseram suas vidas e verteram seu sangue em defsa da integridade do imperio. Projéto insensato! O golpe mortal que o ex-presidente premeditou dar na honra e bem merecida opinião de seus adversarios, reverberou-se contra sí! Graças sejam dadas á energia dos generosos patriotas deputados da oposição! Eles advogaram a causa da inocencia contra o aparato do poder, e contra a liga dos facciosos que se sentavam nos bancos da nossa Assembléa provincial: sua nobre e austera linguagem aterrou a calunia, perseguiu ao caluniador em suas ultimas trincheiras, e obteve a gloria de obriga-lo á mais abjéta retratação, e de tranquilisar a provincia manifestando-lhe que não existia a revelada conspiração: um clamor geral de indignação sucedeu ao do temor que se havia querido incutir, e essa justa indignação acabou de fazer desprezivel a autoridade do sr. Braga.

Depois desta derrota, quem teria ousado permanecer no eminente lugar que se tinha deshonrado? Mas o sr. Braga já se não achava livre para retroceder ainda que o houvesse querido; obsecado pelo partido retrógrado, por seus compromissos pessoais, e pelo fatal influxo de seu irmão, sempre pronto a incita-lo a toda a classe de violencias, persistiu na presidencia, e continuou sua marcha opressora e anti-nacional. O partido faccioso em sua mesma raiva achava novas fôrças para intentar novas empresas contra os interesses da maioria desta provincia que em seu delirio tratava de sediciosa e anárquica. Acreditou que sua posição era todavia a mais forte a despeito da opinião publica que lhe era contrária. Os lugares mais importantes estavam confiados a membros de sua facção, e inutilisados a maior parte dos influentes do partido liberal; contava com um numero crescido de facciosos no seio da representação

provincial; contava com o apoio de seu corifeu o marechal Barreto, que ousava prometer-lhe sacar fôrça armada de um Estado visinho para sufocar qualquer tentativa dos homens livres; a liberdade de imprensa lhe servia de veículo para espalhar suas doutrinas retrógradas e impopulares, atacar com o fél da calunia reputações adquiridas por uma larga série de serviços feitos á patria, semear a discordia e dividir para reinar, contava com o tesouro nacional para comprar proselitos, e suprir os gastos de uma administração prodiga e desatinada, e contava emfim com magistrados corrompidos e prevaricadores para legalizar injustas perseguições, e os atos mais arbitrarios. Estes eram os elementos com que contava a transata administração, e podiam os brasileiros livres sofrer por mais tempo seu jugo pesado e imoral, e deixar a seus filhos o triste exemplo da arbitrariedade triunfante? O calice da amargura ainda não estava cheio, mas não tardou a se-lo. Não contente o partido retrógrado de apresentar em seus imundos periódicos aos nossos honrados e industriosos camponêses como sepultados nas trévas da mais crassa ignorancia, como ineptos para defender seus interesses politicos, e apelida-los bárbaros, pobretões e proletarios, projetou sobrecarrega-los com um novo e oneroso imposto de dez mil reis anual sobre cada legua quadrada; imposto contrario aos princípios de economia politica, imposto injusto e cruel, porque recái sobre o capital e não sobre o produto; injusto e cruel finalmente, porque pesa com desigualdade em razão da maior ou menor fertilidade dos campos. Vãos foram os esforços dos deputados liberais para oporem-se a tão opressiva lei; ela passou a despeito da sã razão, e do bem-estar dos nossos comprovincianos. O sr. Braga que pelo art. 15 da lei das reformas estava autorizado a negar sua sanção a qualquer

lei quando entendesse não convir aos interesses da provincia, e que podia por consequencia, suspendendo a execução, prevenir os males que ela arrastava após sí, longe de querer faze-lo, desde logo sancionou e mandou cumprir. Faltavam-lhe porventura razões em que fundasse a sua negativa? Não por certo; filho desta provincia tinha todos os conhecimentos necessarios para julgar o imposto impolitico e injusto; porém o espirito de facção dirigia todos os atos de sua funesta administração. Devia-se necessariamente prever o descontentamento que excitaria este novo imposto, e que a sua execução ocasionaria um pronto e geral levantamento; deviam pois os facciosos arbitrar modo de conjurar a tempestade provendo-se uma força armada devota á sua vontade, e comandada por chefes de sua facção. Em vão a buscariam eles nos valentes veteranos! Aqueles que combateram pelas liberdades patrias jamais poderiam converter-se em algozes de seus concidadãos, jamais desembainhariam a espada para degolar seus páis, seus filhos e seus amigos! Não. Os militares do Brasil regenerado vertem seu sangue para defender a patria, e não para oprimil-a. Buscariam eles esta fôrça entre os benemeritos guardas nacionais da campanha? Certamente que não; são estes os mais vexados e oprimidos pelo imposto.

Aonde buscariam pois esta fôrça? Custa dize-lo! Na creação de um corpo de policia de setecentas praças, na organização de um corpo de janízaros que com a ponta de suas espadas fizessem exequiveis as medidas mais impopulares e opressivas. Podemos assegurar por honra desta provincia que este revoltante projéto jamais passaria em nossa Assembléa si tivesse sido proposto e discutido com as formalidades do estilo; mas a cabala e a surpreza lhes fez obter o que de outro modo nunca teriam obtido;

este corpo foi creado por uma simples emenda do sr. Manuel Felizardo quando se discutia a lei do orçamento provincial, autorizando ao mesmo tempo o presidente para fazer seu regulamento ! Semelhante modo de crear um batalhão achou a mais forte oposição da parte dos nossos deputados liberais, e a-pezar-de haver sido aquela emenda firmada maliciosamente pelos deputados partidarios da administração facciosa e por alguns outros que iludidos se prestaram ás vistas iniquas dos srs. Chaves e Felizardo, a-pezar, dizemos, daquela nova especie de abaixo-assinado (até agora desconhecido nos debates parlamentares) que representava a maioria da Assembléa, equivalia a uma votação antes da discussão, apenas passou por dois votos, e esta coôrte formidavel cujas despezas teriam absorvido a enorme soma de duzentos contos de réis anuais, de facto foi feita e organizada pelo sr. Braga, que desta arte assumiu os dois poderes. Tantas arbitrariedades e tantos atentados em um povo que se preza de ser livre deviam emfim cançar seus sofrimentos. A inquietação que desde os primeiros mêses da presidencia do sr. Braga se tinha derramado na maior parte desta provincia, e que por tantas vezes a prudencia e amor á ordem haviam açalmado, como acendida por virtude eletrica, apareceu novamente e se fez geral.

A nossa patria pareceu ao esperto observador como um enfermo, a quem uma febre ardente mortifica, e que alternativamente espera e teme que a crise que o atormenta lhe dê saude ou morte. Em vão, compatriotas, buscaveis uma táboa de salvação, ela estava na Carta, mas naqueles momentos a Carta era letra morta, as vias legais vos eram obstruidas, a apatia do Governo central não vos dei-

xava transluzir a mais pequena esperança de melhoramento, os males vos ameaçavam já de perto, qualquer dilação era perigosa, e a fôrça vos ia dominar, e destruistes, cidadãos, a fôrça com a fôrça. Cumprimos, riograndenses, um dever sagrado repelindo as primeiras tentativas de arbitrariedade em nossa cara patria; ela vos agradecerá e o Brasil inteiro aplaudirá o vosso patriotismo e a justuça que armou vosso braço para depor uma autoridade inepta e facciosa, e restabelecer o imperio da lei. Compatriotas, eu acrescentarei á gloria de haver sido em outros tempos vosso companheiro nos campos de batalha, e haver-vos conduzido contra vossos inimigos externos, a gloria ainda mais nobre e perduravel de haver concorrido a liberta-la dos seus inimigos internos, e salva-la dos males da anarquía. O governo de facção desapareceu de nossas cena politica, a ordem se acha restabelecida. Com este triunfo dos princípios liberais minha ambição está satisfeita, e no descanço da vida privada a que tão somente aspiro, gozarei o prazer de ver-vos desfrutar os beneficios de um governo ilustrado, liberal e conforme com os votos da maioria da provincia. Respeitando o juramento que prestamos ao nosso Codigo sagrado, ao trôno Constitucional, e á conservação da integridade do Imperio, comprovareis aos inimigos de nosso sossego e felicidade, que sabeis preferir o jugo da lei ao dos seus infratores, e que ao mesmo tempo nunca esqueceis que sois os administradores do melhor patrimonio das gerações que vos devem suceder, que este patrimonio é a liberdade, e que estais na obrigação de defende-la á custa de vosso sangue e de vossa existencia. A execração de nossos filhos cairá sobre nossas cinzas, si por nossa desmoralisação e incuria

lhes transmitirmos este sagrado deposito desfalcado e corrompido; e suas bênçãos nos acompanharão ao sepulcro si lhes deixarmos o de virtude e patriotismo.

Porto Alegre, 25 de setembro de 1835.

Bento Gonçalves da Silva".

Dia 29: — Em virtude do movimento revolucionario o dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga proclama a mudança da séde do governo de Pôrto Alegre para a cidade do Rio Grande. Na sua proclamação, entre outras cousas, diz o dr. Braga:

"A essa hora soube que os permanentes tinham desertado para os rebeldes, á excepção do 1.° comandante Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, do 2.° comandante o tenente Alvarenga, de um cabo, um soldado e um corneta.

"Foi forçoso abandonar a cidade de Pôrto Alegre.

"Fiz passar o rio a alguns oficiais que declararam querer unir-se ao marechal comandante das armas, e dei ordem ao brigadeiro Menna Barreto para que, antes de desamparar o trem, inutilizasse o armamento e encravasse as peças, que não pudesse fazer transportar para bordo das embarcações de guerra surtas no pôrto, mas infelizmente esta ordem não foi cumprida.

"Fui então para a escuna "Rio-grandense" e, acompanhado pela outra escuna "Vinte e nove de outubro", dirigi-me para esta cidade do Rio Grande, onde tenciono conservar a séde do governo temporariamente".

OUTUBRO DE 1835

Dia 8: — Sem encontrar resistencia entram os revolucionarios na vila de Piratiní, depondo, em seguida, as autoridades que não aderiram á revolução.

Dia 9 : — Rio Pardo foi das vilas e cidades que maior resistencia ofereceu aos farroupilhas. Defendiam-na 150 homens, mais ou menos, bem armados e municiados e munidos de 4 bocas de fogo, comandados por José Joaquim de Andrade Neves, capitão José Ferreira de Azevedo, tenente João da Silva Barbosa e o juiz de paz Manuel Alves de Oliveira. Cercavam a vila cerca de 450 homens divididos em três colunas comandadas pelo tenente-coronel Francisco de Paula do Amaral Sarmento Menna, Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Menna e pelo major Fontoura. Os sitiados estavam em situação muito favoravel de modo que caro venderiam a sua derrota e a carnificina seria tremenda. Querendo Bento Gonçalves evitar a efusão de sangue, conseguiu, depois de uma tentativa infrutífera, e graças ao eficiente trabalho de Antonio Vicente, que os sitiados se rendessem com plena garantia de suas vidas, podendo seguir para onde lhes aprouvesse. E assim, sem derramamento de sangue, entraram os farroupilhas neste dia na vila do Rio Pardo, ocupando-a.

Dia 13 : — Combate ás margens do Arroio Grande entre as fôrças legais de Silva Tavares e Manuel Márques de Souza, e as farroupilhas ao mando de Manuel Antunes da Porciúncula. Estas foram derrotadas.

Dia 19 : — E' nomeado presidente da provincia o dr. José de Araujo Ribeiro.

Dia 21 : — Bento Gonçalves que assediava a cidade do Rio Grande, a convite da Camara Municipal da mesma, abandonada pelo dr. Fernandes Braga, que no brigue-escuna *Parobé* fugia para o Rio de Janeiro, entra na cidade neste dia, tomando conta da mesma, militarmente, no dia 22.

Neste dia 21, do "Campo junto á cidade do Rio Grande", dirige duas proclamações sendo uma *Aos Cidadãos Armados,* e outra aos *Habitantes da cidade do Rio Grande..* São dois documentos dignos de nota :

AOS CIDADÃOS ARMADOS

Compatriotas e companheiros d'armas! Neste dia uma nova corôa ornará vosss frentes. A benemerita cidade do Rio Grande vos deve a sua liberdade : vosso brio e vossa decisão pela causa das leis, bastaram para afugentar os poucos facciosos que nela se abrigavam. Uma justa e nobre satisfação deve encher vossos corações. Oh! quanto é doce ter concorrido a salvar a Patria! Já livre a provincia da facção inimiga de vosso sossego e liberdade, e desfrutando os bens que emanam de um governo patriotico e liberal, podereis com orgulho dizer a vossos filhos : — eu fui dos bravos que combatendo a arbitrariedade coadjuvei a restaurar o imperio da lei, segui o meu exemplo, e vosso cólo nunca se dobre ao pesado jugo do despotismo. A nossa bela provincia jamais será habitada por um povo de escravos. — Compatriotas! Essa será a linguagem que tereis, e a lembrança dos serviços feitos á Patria será para vós a fonte dos mais puros prazeres : mas quereis dar maior lustro a vossos louros? Usái de moderação depois do triunfo. Sim, os briosos riograndenses que libertaram a capital, Rio Pardo, São Gabriel, e demais pontos da provincia aonde encontraram oposição, vos deram o exemplo dessa virtude propria dos livres : generosos por caracter, dóceis e respeitadores das leis, estou certo que os seguireis. O mais pequeno insulto ás pessoas e bens de vossos inimigos, será uma mancha á vossa gloria. As leis, tão sómente as justas leis, devem punir os perversos,

que cavaram o abismo á nossa cara patria ; integros magistrados cumprirão esse sagrado dever ; descançai em sua justiça, o crime jamais ficará impune. Compatriotas ! Em nome da Patria, eu agradeço vossos altos serviços, ela vos deverá sua prosperidade e sua grandeza ; este é o digno premio a que tão só aspiram os homens verdadeiramente virtuosos e livres.

Vica a liberdade ! Viva a Constituição reformada ! Viva o nosso jovem monarca constitucional o sr. D. Pedro II ! E vivam os briosos rio-grandenses !

Campo junto á cidade do Rio Grande,
21 de outubro de 1835.

O coronel *Bento Gonçalves da Silva*".

HABITANTES DA CIDADE DO RIO GRANDE !

O duro jugo da arbitrariedade que tão cruelmente pesava sobre vós, quebrou-se neste fausto dia ; não mais vitimas do poder intruzo, que uma odiada facção sustentava, aparecerão. Agora gozareis da paz e prosperidade, frutos certos do governo justo e patriotico do exmº. sr. vice-presidente, o dr. Marciano Pereira Ribeiro. Vossos irmãos, os briosos rio-grandenses, que me acompanham, se gloriam de ter corrido em vosso socorro, e eles velarão sempre pela vossa segurança e tranquilidade. Compatriotas ! Completou-se um mês desde o dia 20 de setembro em que soou nesta provincia o grito de liberdade e já não existem facciosos a combater. Oh ! quanto é poderosa a força da opinião ! Ela completou seu triunfo na vossa cidade : regosijái-vos e abraçái vossos patrícios que correram ás armas para

salvar a patria. Esquecei os males que vos fez sofrer a intruza governança do dr. Braga; e o mais justo jubilo substitúa a dor que com sobeja razão oprimia vossos corações, vendo a arbitrariedade triunfante em nossa patria. Esquecei sua infausta duração e em mais serenos dias unidos, trabalharemos para o bem, e prosperidade de nossa béla provincia.

Viva a liberdade! Viva o nosso jovem monarca constitucional o sr. D. Pedro II! E vivam os briosos rio-grandenses livres!

Campo junto á cidade do Rio Grande,
21 de outubro de 1835.

O coronel *Bento Gonçalves da Silva*".

DIA 23: — Em carta desta data ao dr. Marciano Pereira Ribeiro, escrita de S. José do Norte, Bento Gonçalves dá por pacificada a provincia.

"Completou-se neste dia a pacificação da provincia e com ela a grande obra encetada no dia 20 de setembro p. p. pelos sustentadores das leis, e dos principios liberais, ou para melhor dizer, pela grande maioria dos riograndenses; apresso-me, portanto, a participar a V. Excia. este feliz acontecimento, que deve encher do mais puro prazer a todos os corações verdadeiramente amantes do bem estar de nossa cara patria, e de nossas liberdades. No dia 21 avançando a coluna dos livres que tenho a honra de comandar para a cidade do Rio-Grande, recebi oficios da Camara Municipal da mesma, em que reconheciam a autoridade de V. Excia., convidando-me a tomar posse da dita cidade, o que verifiquei no mesmo dia. Alí tive a certeza que a Camara, em conseqüencia do meu oficio com data de 20, tinha oficiado ao dr. Braga, que se achava a bordo de uma das embarcações fundadas na Barra, requisitando-lhe a

liberdade do benemerito deputado Domingos José de Almeida, a qual teve efeito ôntem, com grande satisfação do povo e da fôrça armada. Sendo voz pública que o dr. Braga no seu embarque tinha levado todos os dinheiros dos cofres das diversas repartições públicas, contando-se vinte contos em moeda corrente, duzentos e tantos em cedulas não firmadas, oitenta e tantos em letras para vencer-se, alem de sessenta e mais gastos em assalariar marujos portuguêses, que ele tinha armado, assim como os facinorosos que seguiam as ordens de Silva Tavares, Manuel Márques de Souza e Antonio Soares de Paiva, e mais despesas em compra de armamentos de uma embarcação, julguei do meu dever, afim de salvar qualquer responsabilidade, oficiar, como imediatamente oficiei, ás diversas repartições públicas, tanto desta vila, como da cidade do Rio-Grande, para que declarassem o que fôr verdade a respeito, o que se não tem verificado até o presente. Hoje pelas oito horas da manhã o dr. Braga fez-se á vela no brigue-escuna Parobé, tomando a direção do norte, com as canhoneiras da nação, e oito embarcações mercantes, deixando a canhoneira que esteve estacionada em Itapuã, sem armamento, velames e &c. Com objéto de passar revista aos cidadãos armados ao mando do distinguido cidadão Onofre Pires da Silveira Canto, passei hoje para esta, e á minha chegada os vereadores receberam-me na porta da Camara Municipal, donde passamos á Matriz aonde se cantou o Te-Deum em ação de graças pela pacificação de nossa patria ; e depois de ter passado revista, proclamei aos briosos rio-grandenses, cuja copia junto lhe remeto ; reinando em todos a melhor harmonia e bôa ordem. As noticias que tenho da fronteira são tambem altamente satisfatórias. Com data de 16 do corrente o Exmo. sr. Comandante das armas

oficiou-me comunicando-me que os movimentos observados no Estado visinho eram medidas de pura prevenção daquele Governo, e que o marechal Barreto e o coronel Rodrigues ainda se acham na estancia do ultimo em Taquarembó. A' vista de todo o referido e nada constando-me que presentemente existam na provincia facciosos com armas na mão, seria mui conveniente que o povo visse quanto antes realizados os seus votos, reunindo-se estraordinariamente seus escolhidos na Assembléa Provincial, afim de sanar as profundas chagas que tem feito no nosso corpo social a infausta administração do dr. Braga. Esta medida salutar acabará infalivelmente de coroar a grande empreza : cumpre-me agora felicitar V. Excia. pelo feliz desenlace do movimento de 20 de setembro, e pela gloria que tem adquirido os rio-grandenses militares e cidadãos, que menosprezando os trabalhos e perigos, e dando sempre provas de virtude e constancia, concorreram para a salvação de nossa cara patria. Prasa aos Céus que nunca mais, pelas intrigas da facção retrógrada e anti-nacional, sejam turbados os dias de felicidade que a esperam !

Deus guarde a V. Excia. — Vila de São-José-do Norte, 23 de outubro de 1835. — Ilmo. e Exmo. sr. dr. Marciano Pereira Ribeiro, vice-presidente desta provincia.

O coronel *Bento Gonçalves da Silva*".

Dia 29 : — Fernandes Braga chega ao Rio de Janeiro encontrando já na Regencia o padre Diogo Antonio Feijó que; em virtude da reforma constitucional de 12 de agoto de 1834, substituiu a regencia trina. Logo de chegada desenvolveu o dr. Braga a sua atividade de despeitado, pintando a Feijó as cousas de uma maneira verdadeiramente desesperadôra. Feijó que ignorava a calma já reinante na pro-

vincia, em vez de atender ás exigencias dos revolucionarios pondo, assim, termo á luta, fomentou ainda mais a rebelião com ordens sevéras.

NOVEMBRO DE 1835

DIA 1.° : — E' posto em circulação, em Pôrto Alegre, o jornal *O Mensageiro*, impresso na Tipografia de V. F. de Andrade. Foi seu redator Vicente Xavier de Carvalho. Destinava-se *O Mensageiro* a defender o governo do dr. Marciano Pereira Ribeiro. Susteve sua publicação a 3 de maio de 1836.

DIA 28 : — E' aberta, extraordinariamente, a Assembléa Legislativa Provincial, após duas sessões preparatorias (26 e 27), com a *fala* do dr. Marciano Pereira Ribeiro, publicada em *O Mensageiro*, de 1.° de dezembro de 1835, n.° 9.

DEZEMBRO DE 1835

DIA 4 : — A Regencia dirige aos rio-grandenses a seguinte proclamação, prometendo anistia geral :

"Rio-grandenses : Os movimentos de ilusão, que vos levaram ao passo irrefletido e criminoso de conspiradores contra a primeira autoridade da provincia, já certamente tem passado, e deixado lugar á meditação de uma razão tranquila. O Governo atual proclamando nos primeiros dias da sua administração os principios de justiça, por onde pretendia guiar, e julga com efeito ter guiado a sua conduta politica, e mandando-vos outra autoridade para substituir aquela que se achava demitida, deve merecer a vossa confiança. Um só motivo, pois, poderá conservar-vos na posição infeliz em que vos colocastes : o temor do castigo.

Rio-grandenses ! Quanto não tendes bem merecido da patria pelo denodo com que em todos os tempos expusestes a vida para conserva-la sem ignominia ! O Rio-Grande desde 7 de abril de 1831, tem servido sempre de asilo aos perseguidos, tem sido o exemplo da moderação : e hoje ! rio-grandenses ! E' preciso apagar a nódoa de uma provincia heroica. Um desvio momentaneo uma simples alucinação, podem ser perdoados, enquanto não se convertem em acintosa resistencia, e decidida rebelião. Voltái á obediencia devida as autoridades legitimas, e, longe de acreditardes nos que vos aterram com a ideia de castigos, e perseguições, confiai nas vistas paternais do Regente em nome do Imperador o sr. D. Pedro II, que, indulgente todas as vezes que o puder ser sem quebra da dignidade nacional, e dos seus deveres, vos promete, por meio de uma anistia geral, o total esquecimento dos vossos erros.

A Assembléa Geral, tendo diante dos olhos os relevantes serviços que tendes prestado ao imperio, não poderá deixar de dar o seu assenso, e aprovação a este ato do Governo.

Entretanto voltái sem susto ás vossas ordinarias ocupações. O presidente da provincia vigiará que ninguem seja perseguido e apoiado pelos verdadeiros amigos da patria desterrará o temor e a consternação dessa béla, e interessante parte do solo brasileiro.

Rio-grandenses ! Correspondei á expectação do Governo, aos votos dos homens de bem. Coadjuvái com vossos esforços o Regente em nome do imperador o senhor D. Pedro II, que será fiel, e solicito em manter intactas as nossas instituições, em firmar as públicas liberdades, em consolidar a integridade do imperio, e em tornar, abraçados com todos os brasileiros, a monarquia constitucional cada vez mais

digna do seu amor, e veneração, assim como é penhor mais seguro de paz, e de união, que a Providencia nos concedeu. — Palacio do Rio de Janeiro em 4 de dezembro de 1835, decimo quarto da Independencia, e do Imperio. — Diogo Antonio Feijó, — Antonio Paulino Limpo de Abreu, — Manuel Alves Branco, — Manuel do Nascimento Castro e Silva, — Manuel da Fonseca Lima e Silva".

DIA 8: — *O Mensageiro*, n.º 11, desta data, publica a seguinte nota:

"No dia 2 do corrente, natalicio de S. M. I. o senhor D. Pedro Segundo, houve na Igreja Matriz um solene Te-Deum, a cujo ato assistiram o Exmo. vice-presidente, autoridades civis, militares e um numeroso concurso de cidadãos. O que porém nos causou admiração foi que, excepto a barca de vapor, e um bergantim americano, nenhuma das embarcações surtas neste pôrto se embandeirassem por um dia tão explendido; este procedimento faz que suspeitemos que da parte dos proprietarios dessas embarcações nenhuma afeição consagram ao augusto monárca do Brasil!"

DIA 9: — A Assembléa Provincial nega a posse, por unanimidade de votos, ao dr. José de Araujo Ribeiro, novo presidente nomeado. Este fáto foi de grande importancia para os acontecimentos que depois se desenrolaram. (Veja-se nosso — *Farrapos!*)

A negação de posse teve iniciativa fóra da Assembléa. Todos os juizes de paz da capital dirigiram, na manhã deste dia, oficios ao secretario da Assembléa, pedindo, em nome do povo, fosse sustida a posse do presidente:

> "Ilmo. Sr. — Agora sei que em todos os distritos desta cidade se estão reunindo os seus moradores, pedindo aos juizes de

paz respetivos, que se suste a posse do dr. José de Araujo Ribeiro, nomeado presidente da provincia até que o Governo central aprove a revolução do dia 20 de setembro do corrente e confirme todas as medias tomadas depois dela ; por isso o faço saber a V. S., afim de que a Assembléa Provincial tome as medidas que julgar conveniente. — Deus guarde a V. S. — Pôrto Alegre, 9 de dezembro de 1835. — Secretario da Assembléa Provincial. — Vicente Ferreira Gomes, Juiz de Direito, e Chefe de Policia interino".

Dia 15 : — A Assembléa Legislativa Provincial representa ao Governo de S. M. I. e C. explicando os motivos que a levaram a demorar a posse do dr. Araujo Ribeiro. (*O Mensageiro*, n.º 14, de 18-12-1835, publica a integra da representação).

Dia 25 : — E' posto em circulação o primeiro numero do jornal *O Liberal Rio-Grandense*, impresso na Tipografia do *Mercantil*, (tambem recem-fundado) sob a direção do major Mateus Gomes Viana. Fundado na cidade do Rio-Grande, para defender a legalidade, alí existiu até 1836.

Dia 30 : — Bento Manuel Ribeiro depois de, secretamente, unir-se ao dr. Araujo Ribeiro hipotecando-lhe solidariedade completa, em vista da atitude da Assembléa com a qual não pactuou, — proclama, de São-Gabriel, na qualidade de comandante das armas, sustentar o governo do dr. Araujo Ribeiro e ordenando ás tropas prestarem absoluta obediencia ao mesmo, como legitimo presidente da provincia.

JANEIRO DE 1836

DIA: 4 — Tendo a Assembléa Provincial deliberado empossar o dr. Araujo Ribeiro, o vice-presidente dr. Marciano Pereira Ribeiro divulgou a seguinte

PROCLAMAÇÃO

"Rio-grandenses! A Assembléa Legislativa Provincial, que extraordinariamente convoquei para minorar os males que sobre nós pesavam, sempre solicito pelo vosso bem-estar, e pela prosperidade desta provincia, tendo resolvido em sessão de 9 do preterito espaçar a posse do presidente nomeado, o dr. José de Araujo Ribeiro até que o Governo de S. M. melhor informado do verdadeiro estado das nossas cousas houvesse de lançar sobre o continente suas vistas paternais, dirigindo-lhe com esse fim uma representação motivada; hoje convencida das intenções pacificas e conciliadoras do mesmo Governo acaba de dar um solene desmentido aos falsos e aterradores boatos de pretender-se separar a provincia da comunhão brasileira, resolvendo empossar quanto antes da presidencia da provincia do dito presidente, a quem passo a comunicar esta deliberação. Rio-grandenses: Não trepideis um momento; o homem destinado para presidir-vos não é estranho, e tambem é feitura vossa, vosso patricio e amigo e saberá bem aliar os deveres de delegado do Governo Supremo ao de administrador de um povo livre. Reünamo-nos, pois, em torno dele, e dias serenos brilharão em nossos horizontes. — Viva a nação brasileira! Viva o sr. D. Pedro II Imperador Constitucional do Brasil! Vivam os rio-grandenses livres! Viva o dia Vinte de setembro! — Palacio do governo da provincia em Pôrto Alegre, 4 de janeiro de 1836. — *Dr. Marciano Pereira Ribeiro*".

Dia 5: — O dr. Marciano Pereira Ribeiro expede a seguinte circular ás Camaras Municipais da provincia:

"Havendo a Assembléa Provincial em sessão de ôntem deliberado empossar da presidencia deste provincia ao dr. José de Araujo Ribeiro, cumpre que Vmm. o façam constar em seu municipio, publicando para esse fim a proclamação que junto envio. — Deus Guarde a Vmm. — Pôrto Alegre, 5 de janeiro de 1836".

Nesta mesma data dirigiu-se o dr. Marciano ao dr. Araujo Ribeiro dando notícia da deliberação da Assembléa:

> "Illmo. e Exmo. sr. — Havendo a Assembléa Legislativa Provincial deliberado em sessão de ôntem empossar a V. Excia. quanto antes da presidencia desta Provincia, o que imediatamente fiz público pela proclamação junta, que nesta data dirijo a todas as Camaras; tenho a satisfação de comunica-lo a V. Excia. rogando-lhe de parte da mesma Assembléa que haja de comparecer com urgencia perante ela para tomar posse do cargo.
>
> Deus guarde a V. Excia. — Pôrto Alegre, 5 de Janeiro de 1836. — Illmo. e Exmo. sr. dr. José de Araujo Ribeiro, presidente nomeado para esta provincia. — *Dr. Marciano Pereira Ribeiro*".

Dia 8: — Segue do Rio de Janeiro, com destino ao Rio Grande, então sublevado, uma força naval dos brigues "Três de Maio", comandada pelo 1.º tenente Bernardino José Coelho, e "Niger", do comando de José Maria Ferreira, do patacho "Po-

juca" e um transporte, conduzindo 316 praças de caçadores e 64 de artilheria. (Garcez Palha).

Dia 11 : — O dr. José de Araujo Ribeiro, respondendo a carta do dr. Marciano, de 5 (veja esta data), disse :

> "Illmo. e Exmo. sr. — Tive a honra de receber o oficio de V. Excia. de 5 do corrente mês, e com ele a certeza de que a Assembléa Provincial anuíra na sessão do dia antecedente, a que eu tomasse posse da presidencia da provincia.
>
> Muito agradavel foi esta noticia, não só a mim, como a todos os bons rio-grandenses, que sinceramente se interessam na paz e concordia da provincia ; o que eu só lamento é que meu atual máu estado de saude me não permite fazer a viagem para essa cidade com aquela urgencia que V. Excia. por parte da Assembléa me recomendou ; mas não deixarei de assegurar que farei todo o esforço para aí comparecer o mais cedo que me fôr possivel.
>
> Deus guarde a V. Excia. — Norte. 11 de janeiro de 1836. — Illmo. e Exmo. sr. dr. Marciano Pereira Ribeiro. — *José de Araujo Ribèiro*".

Dia 15 : — Em virtude da denegação de posse pela Assembléa provincial, em Pôrto Alegre, o dr. José de Araujo Ribeiro, apesar da nova resolução da mesma Assembléa, toma posse da presidencia da provincia perante a Camara Municipal da cidade do Rio-Grande, quasi toda dominada pelos revolucionarios.

— Nessa mesma data, e talvez á mesma hora, escrevia o dr. Marciano Pereira Ribeiro o seguinte oficio ao dr. José de Araujo Ribeiro :

> "Ilmo. e Exmo. sr. — Com o pretexto de se haver demorado a posse de V. Excia. se trama uma contra-revolução, de cujos preparativos tenho não só denuncia, mas ainda documentos autenticos. Para a fazer abortar me vi obrigado a lançar mão de medidas capazes de aterrar os revoltosos, e de defender a cidade de qualquer tentativa da parte deles. O melhor meio porem de acabar com este estado de inquietação é V. Excia. apressar sua vinda para tomar posse ; pois que com esse passo se tira o pretexto de que se servem os revoltosos ; e por isso espero que V. Excia. se não demore tempo algum. — Deus guarde a V. Excia. — Pôrto Alegre, 15 de janeiro de 1836. — Ilmo. e Exmo. sr. dr. José de Araujo Ribeiro, presidente nomeado para esta provincia. — *Dr. Marciano Pereira Ribeiro*".

DIA : 16 — O dr. José de Araujo Ribeiro participa ao dr. Marciano Pereira Ribeiro a sua posse na presidencia da provincia, perante a Camara Municipal da cidade do Rio-Grande :

> "Ilmo. e Exmo. sr. — Tenho a honra de participar a V. Excia. que anuindo aos desejos já manifestados pela maior parte das Camaras Municipais e cidadãos da provincia, deliberei-me a tomar posse da presidencia dela, e o fiz ôntem 15 do corrente pelas onze horas da manhã na Camara desta cidade com todos os requisitos e solenidades

da lei. Não me permitindo ainda o meu debil estado de saude seguir imediatamente para essa cidade, oficio nesta ocasião ao Oficial Major dessa secretaría, que interinamente serve de secretário, dando as providencias que julgo mais necessarias á respeito da guarda dos arquivos do Governo, e aproveito-me tambem desta oportunidade para agradecer a V. Excia. a solicitude que sempre manifestou pela conservação do sossego da provincia, durante a sua vice-presidencia. — Deus guarde a V. Excia. — Rio-Grande, 16 de janeiro de 1836. — Ilmo. e Exmo. sr. dr. Marciano Pereira Ribeiro. — *José de Araujo Ribeiro*"

Dia 22 : — Ao dr. José de Araujo Ribeiro respondeu o vice-presidente, dr. Marciano Pereira Ribeiro pelo teor seguinte (Veja dia 16) :

"Ilmo. e Exmo. sr. — Acabo de receber o oficio de V. Excia. de 16 do corrente, em que me comunica haver-se deliberado a tomar posse da presidencia da provincia, e have-la tomado de fato na Camara Municipal da cidade do Rio-Grande, o que me não surpreendeu.

Sem pretender qualificar o passo que V. Excia. acaba de dar, e muito menos entrar no exame dos motivos que o indusiram a da-lo, só me cumpre dizer-lhe em vista da sua participação, que hei por concluida a minha missão, e me dou por demitido da vice-presidencia da provincia, como faço constar pela proclamação que junta envio, ficando a V. Excia. muito agradecido pela justiça que me faz. — Deus guarde a V

Excia. — Pôrto Alegre, 22 de janeiro de 1836. — Ilmo. e Exmo. sr. José de Araujo Ribeiro. — *Dr. Marciano Pereira Ribeiro*".

— Renunciando a vice-presidencia da provincia em virtude da posse de Araujo Ribeiro no Rio-Grande, o dr. Marciano Pereira Ribeiro divulgou a seguinte proclamação:

"Rio-grandenses! Pela comunicação oficial que com esta faço correr, vereis que o sr. José de Araujo Ribeiro deliberou tomar posse da presidencia da provincia na cidade do Rio-Grande. O cumprimento de um dever sagrado, o amor da ordem, e o zelo do bem público me obrigaram aceitar a vice-presidencia; estes mesmos motivos me induzem hoje a renuncia-la; e ao momento de despedir-me tenho a satisfação de anunciar-vos que a causa da razão e da justiça ganhou mais um triunfo. Os retrógrados, que animados por mão oculta, e conseguindo seduzir alguns incautos colonos, ousaram tentar uma contra-revolução levantando o estandarte da revolta nas imediações de São Leopoldo, acabam de depor as armas a vista das patriotas falanges, comandadas pelo invicto Bento Gonçalves da Silva, e seus cabeças fogem dispersos e espavoridos em todas as direções; emquanto que os pacificos e industriosos colonos continuam em suas uteis e louvaveis ocupações.

Compatriotas. Patenteando-vos todos os atos da minha administração julgo ter-vos dado a melhor prova da puresa de minhas intenções. Aos poderes públicos da nação, e ao juiso imparcial e seguro dos sinceros amigos da provincia e do Brasil entrego a avaliação do meu procedimento e dos atos da benemerita e patriotica Assembléa Provincial. Entretanto eu vos exorto a permanecer tranquilos, para evitar os males que de nova comoção possam sobre-

vir-nos, na certeza de que, vosso concidadão e amigo, vos acompanharei em todas as vossas justas reclamações.

Viva a nação brasileira! Viva o sr. D. Pedro II! Viva o Regente do Imperio! Vivam os rio-grandenses! Viva o dia Vinte de setembro.

Pôrto Alegre, 22 de janeiro de 1836.

Dr. Marciano Pereira Ribeiro"

DIA 27: — A Assembléa Provincial dirige-se em termos energicos ao dr. Araujo Ribeiro, protestando contra sua posse ilegal no Rio-Grande.

> "Ilmo. e Exmo. sr. — A Assembléa Legislativa desta provincia, a quem foi presente o oficio datado de 16 do corrente, que V. Excia. houve por bem dirigir ao dr. Marciano Pereira Ribeiro, então vice-presidente da mesma, participando-lhe que no dia 15 do citado mês havia tomado posse perante a Camara dessa cidade do emprego de presidente que lhe foi conferido, resolveu protestar-lhe. como de fato protestado tem contra a ilegalidade de sua posse. A' V. Excia. não é desconhecido que semelhante ato só podia ter lugar perante esta Assembléa, estando ela reünida, e não o estando perante a Camara da capital. Ora, praticando V. Excia. — o contrario, é evidente que encetou a marcha de sua administração por uma manifesta infração da lei, quando aliás por sua posição elevada, devia ser o primeiro que désse o exemplo de a respeitar.
>
> Bastante doloroso foi para esta Assembléa o menoscabo com que V. Excia. a tra-

tou, desprezando o convite que lhe fez para vir á esta capital tomar posse do seu cargo na forma da lei; e ainda mais doloroso lhe foi o procedimento anárquico que V. Excia. acaba de ter, expondo a provincia aos males de uma funesta rivalidade e aos horrores da guerra civil. Por todos estes fatos e suas consequencias a Assembléa o faz desde já responsavel perante a nação, e ao Governo do Brasil; e querendo dar a ultima prova do quanto almeja o bem público insiste em exigir que V. Excia. repare seu erro, e venha sem perda de tempo empossar-se legalmente do emprego, até o dia 15 de fevereiro proximo futuro, ficando V. Excia. na inteligencia de que esta Assembléa se conservará reünida até essse tempo, para curar o mal que póde sobrevir á provincia si tenaz V. Excia. em seu propósito continuar a infringir a lei. — Paço da Assembléa Provincial, 27 de janeiro de 1836. — Ilmo. e Exmo. sr. dr. José de Araujo Ribeiro, — presidente nomeado para esta provincia. — *Francisco Xavier Ferreira*, presidente; — *José Mariano de Matos*, 1.º secretario; — *Antonio Alvares Pereira Coruja*, 2.º secretario".

Dia : 28 — A Assembléa Provincial proclama aos "Rio-grandenses" justificando o seu protesto contra a posse ilegal de Araujo Ribeiro e provando ter feito o possivel e ainda o estar fazendo, para manter a paz e a ordem na provincia.

Dia 31 : — Bento Manuel Ribeiro que discordára da atitude dos revolucionarios com relação ao dr. José de Araujo Ribeiro e declarando-se disposto

a defender a este, conforme proclamação divulgada a 30 de dezembro anterior, escreve, nesta data, a seguinte carta a Antonio Vicente da Fontoura:

> "Ilmo. amigo e sr. Fontoura. — Recebi a sua apreciavel carta e a adjunta copia que o mesmo me tinha dito o coronel Bento Gonçalves em carta de 27 do que finda; era o mesmo que devia esperar aquela cambada de impostores, que só para transtornar a ordem servem. No mesmo dia 27 se reüniu a Assembléa, e oficiaram ao presidente fazendo ver o transtorno na capital com a falta dele, pois o dr. Marciano demitiu-se no dia 22 como se vê de sua proclamação, e me parece com a vinda do presidente para Pôrto Alegre ficará tudo concluido no entanto eu me retiro para Boca do Monte até ver os ultimos resultados.
>
> Sou com estima de V. Sa. amigo parente e obgo. — *Bento Manuel Ribeiro.*
>
> As cartas juntas terá a bondade remeter aos seus destinatarios".

A esta carta, que copiamos do arquivo de Fontoura, hoje pertencente ao Museu e Arquivo Histórico de Pôrto Alegre, o destinatario fez, no fim dela, o seguinte reparo: "Que coincidencia! Aqui cambada de impostores que só para transtornar a ordem servem, e na proclamação junta — são os míseros anciãos cujas venerandas cãs adereçadas de serviços á Patria e á Religião mereciam que se lhes catasse (sic) mais respeito".

FEVEREIRO DE 1836

Dia 3 : — A Assembléa dirige veemente acusação ao ato ilegal de posse, de Araujo Ribeiro, ao Governo de S. M. I.

— Aparece, em Pôrto Alegre, o primeiro numero de *O Colono Alemão*, jornal dirigido por Herman von Salisch, editado na Tipografia de F. V. de Andrade. Seu ultimo numero foi publicado em março de 1836. Foi jornal puramente farroupilha. — Sobre seu diretor, encontramos nas Atas da Assembléa Legislativa Provincial o seguinte requerimento firmado por Domingos José de Almeida :

"Sendo tão relevantes os serviços a esta cidade e á provincia em geral prestados pelo honrado estrangeiro Hermano Salisch que não exitou em arriscar a sua existencia em o dia 21 do passado mês, para vedar que o sangue brasileiro derramado fosse por brasileiros degenerados, instigados pelo genio do mal, não só ousaram desenrolar o estandarte da anarquia, mas ainda comprometer a nascente e prospera colonia de São-Leopoldo, sendo tão transcendentes tais serviços, que remetidos ao esquecimento seria verdadeiro espolio a prosperidade, que tem de ver com assombro nossos esforços para estabelecer a primeira monarquia constitucional no torrão americano, requeiro que se consigne na Ata de hoje o nome do benemerito estrangeiro Hermano Salisch, recomendando-o assim á gratidão dos brasileiros que ardentemente almejam a liberdade e prosperidade de seu país. — Sala das sessões, 5 de fevereiro de 1836. — *Almeida*".

Dia 11 : — A Assembléa dirige ao Governo de S. M. I. violenta acusação contra o ex-presidente dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, historian-

do os acontecimentos. (*O Mensageiro* de 19-2-1836, n.° 30, publica a acusação na íntegra).

Dia 16: — Toma posse, em Pôrto Alegre, da presidencia da provincia, o vice-presidente dr. Americo Cabral e Mello em virtude da renuncia do dr. Marciano Pereira Ribeiro que, em vista da atitude do dr. José de Araujo Ribeiro, no Rio-Grande, se julgou livre do encargo que lhe fôra imposto. Os farroupilhas que dominavam a capital não estavam, porem, de acordo e não tendo Araujo Ribeiro siquer respondido ao convite da Assembléa (Veja dia 27 de janeiro precedente) empossaram o dr. Cabral e Mello que dirigiu, no dia seguinte, a circular abaixo a todas as Camaras Municipais da Provincia:

> "Não tendo acudido o dr. José de Araujo Ribeiro ao chamamento da Assembléa Provincial até o dia que lhe foi destinado para verificar a posse da presidencia nesta capital; fui eu chamado pela mesma Assembléa para o substituir, e tomei posse no dia 16 do corrente: O que participo a a Vmm. para sua inteligencia. Aproveito a ocasião para tambem lhes participar que tendo suspendido o coronel Bento Manuel Ribeiro do comando das armas, nomeei interinamente o major João Manuel de Lima e Silva para o substituir, e que encarreguei ao coronel Bento Gonçalves da Silva da pacificação desse lado da provincia, cumprindo por isso a Vmm. prestarem-lhe todo o auxilio e coadjuvação de que carecer. Deus guarde a Vmm.
>
> Pôrto Alegre, 17 de fevereiro de 1836.
>
> *Americo Cabral e Mello*".

DIA 24 : — Encontro no passo do Capané entre as fôrças legais comandadas por Bento Manuel Ribeiro, e as farroupilhas chefiadas por Afonso José de Almeida Côrte Real. Bento Manuel foi derrotado celebrando a musa popular o feito na seguinte quadra :

No dia vinte quatro,
no passo do Capané,
Bento Manuel escapou-se
só com uma bóta no pé.

Este recontro é geralmente mencionado como ferido no dia 24 de março. Entretanto, pelo trecho que a seguir transcrevemos, de uma carta de Gaspar Francisco Gonçalves ao dr. Marciano Pereira Ribeiro, de 25 de fevereiro, vê-se claramente que o feito teve lugar nos dias 23 e 24 de fevereiro :

"No dia 23 de manhã, — diz o missivista, — postada a divisão de Bento Manuel aquem do Iruí, e a nossa divisão de Afonso além do dito arroio, os facciosos expediram uma guerrilha a nossa gente fazendo fogo ; mas a nossa gente em defesa repeliu esta guerrilha ; então se assomou no passo toda a gente de Bento Manuel ; e reforçada a nossa guerrilha continuou o fogo com vantagem nossa. E' notavel que a gente de Cima da Serra da Cruz Alta apenas viu o nosso estandarte puzeram-se em desordem dizendo que contra aquele estandarte em que estava, as armas do imperio, não brigavam, e que vinham iludidos por Bento Manuel. Mas continuando algum fogo de guerrilhas rapidamente se assomou na coxilha em que estava a nossa gente as fôrças chegadas em auxilio dessa comandadas pelo major Morais ; pelo que Bento Manuel fez tocar retirada ; e veiu a fala, em cuja conferencia querendo cada um

fazer o outro desarmar a gente, e dispersa-la não se convencionaram; teimando Afonso em obedecer legalmente a V. Excia. e o faccioso em obedecer ilegalmente ao presidente intruso; pelo que se retiraram; e ao outro dia Afonso procurando o inimigo não o achou, que havia fugido com a gente;...".

Dia 27: — Araujo Rineiro depois de tomar posse no Rio-Grande, e vendo as cousas mal paradas, como medida preventiva ordenou a reünião da flotilha imperial composta das canhoneiras *Oceano* e *São-Paulo*, da barca *Liberal* e do cúter *Minuano*, no pôrto do Rio-Grande. Além desses navios havia ainda varios lanxões e hiates armados em guerra.

A ordem presidencial foi por todos cumprida, excepto por Tobias dos Santos (Tobias Antônio dos Santos Robálo), comandante do cúter *Minuano*. Como resistisse á intimação, foi atacado por ordem de Araujo Ribeiro, pelas canhoneiras, á frente das quais a *Oceano*, com a qual sustentou encarniçada luta. Vendo, por fim, impossivel continuar a resistencia, Tobias, com mulher e filhos á bordo, preferindo morrer a entregar-se, põe fogo no paiól da pólvora. Uma detonação ribombou, levando tudo pelos ares... (Veja-se nosso *Farrapos!*). — Segundo Aurelio Pôrto, são páis de Tobias: Manuel da Silva Carvalho e Maria Plácida dos Santos, sendo seu avô materno Manuel dos Santos Robálo, capitão-mór de Sorocaba.

MARÇO DE 1836

Dia 3: — O Governo da Regencia dá o "tiro de misericordia" nas esperanças de reconciliação dos revolucionarios, reconhecendo a legalidade da posse arbitraria de Araujo Ribeiro, no Rio-Grande, com o decreto desta data mandando fossem transferidas

para aquela cidade todas as repartições públicas de Pôrto Alegre.

Dia 17 : — No Passo do Rosario é Côrte Real, comandante de forças farroupilhas, desbaratado pelos imperiais ao mando de Bento Manuel Ribeiro.

Dia 28 : — Toma novamente posse da presidencia farroupilha, perante a Assembléa Legislativa Provincial, o dr. Marciano Pereira Ribeiro, em virtude da renuncia do dr. Americo Cabral e Mello que se dizia doente. Entretanto, ao que parece, o motivo foi terem-se frustrado as esperanças de pacificação...

ABRIL DE 1836

Dias 7 - 8 : — As fôrças revolucionarias, comandadas por João Manuel de Lima e Silva, — tio do mais tarde Duque de Caxias, — entram em Pelotas após renhida batalha. Os imperiais, comandados pelo major Manuel Márques de Souza (mais tarde conde de Pôrto Alegre) resistiram até o fim, e só se renderam ao terem conhecimento da derrota do coronel Albano de Oliveira Bueno, no São-Gonçalo, pelas fôrças de Neto que formava a retaguarda das de Lima e Silva. Nesse combate do São-Gonçalo, depois de heroica resistencia, foi preso o coronel Albano e, em viagem para Pôrto Alegre, cobardemente assassinado por negros que, em seguida ao crime, fugiram, nunca mais se tendo noticias deles.

Na tomada de Pelotas ficou prisioneiro o major Márques de Souza que foi enviado para Pôrto Alegre e metido na celebre *Presiganga*, de onde, com a conivencia do carcereiro e de colonos de S. Leopoldo chefiados pelo dr. João Daniel Hillebrand, promoveria, em grande parte, a reação de 15 de junho que restituiu a capital aos imperiais.

Foi o seguinte o termo de capitulação assinado por Márques de Souza:

"A fôrça que tenho a honra de comandar, querendo evitar efusão de sangue de seus compatriotas, que necessariamente correrá sinão lhe admitirem uma capitulação honrosa, declara que deporá as armas, si o comandante da força que nos sitia garantir as vidas e todas as mais considerações com que entre povos civilisados se costumam tratar os prisioneiros; protestando no caso de se lhe negarem estas condições não as abandonar sinão quando tenham exalado o ultimo suspiro; pois que prezam mais a honra, que a vida sem ela.— *Manuel Márques de Souza*. Major comandante militar da cidade de Pelotas".

"O comandante da fôrça sitiante da cidade de Pelotas desejando evitar efusão de sangue brasileiro, que impreterivelmente haveria si a fôrça sitiada não depusesse as armas; declara que aos militares, e mais individuos da força sitiada serão garantidas as vidas; e todas as mais considerações com que entre povos civilisados é costume tratar-se os prisioneiros, e isto em toda a sua plenitude desde o momento em que eles depuzerem as armas. — Cidade de Pelotas, 7 de abril de 1836. — *João Manuel de Lima e Silva*, comandante interino das armas".

Dia 12: — Juca Ourives (José Inacio da Silva Ourives), chefe legalista, tenta apoderar-se de Pôrto Alegre ainda em poder dos farroupilhas, mas, vendo malogrado o seu plano pela aproximação das fôrças revolucionarias de João Manuel de Lima e Silva, bate em retirada.

Dia 22: — O capitão Francisco Pinto Bandeira, á frente de 430 imperiais, encontra-se, junto á freguesia de Mostardas, com as fôrças farroupilhas

comandadas pelo coronel Onofre Pires da Silveira Canto. Pinto Bandeira é derrotado e morre em combate. Querem alguns, apoiados no depoimento de fugitivos da força imperial, que Pinto Bandeira tinha sido feito prisioneiro e, depois, degolado, ou fusilado, com toda a oficialidade que fôra, na ocasião, aprisionada.

Em carta ao dr. Marciano Pereira Ribeiro, assim se refere Onofre Pires ao combate :

> "Ilmo. sr. — Acuso a recepção do oficio de V. Excia. datado de 15 do corrente, recebido a 21 ás 8 horas da noite junto a freguezia de Mostardas, lugar em que já me achava com uma fôrça de cento e cincoenta homens de meu mando para o fim de repelir os facciosos comandados pelos traidores capitão Francisco Pinto Bandeira, Juca Ourives, e outros iguais perversos, de cujos planos só tive noticia no dia 17, em que me puz em marcha ; e esta accelerada ; deixando o resto de minhas fôrças sitiando a vila do Norte para marchar no dia 19, o que com efeito efetuou-se ; e tendo uma completa participação de meus bombeiros de que o inimigo se achava imediato á freguezia, e por isso distante de minha fôrça de uma legua ; tencionei com efeito ataca-los com os meus cento e cincoenta bravos por conhecer o quanto se achavam possuidos de valor, e bravura, como verdadeiros defensores da patria. Porem não o fiz por esperar fazer junção com o resto da fôrça, que marchava na forma que já ponderei ; comtudo ás 9 horas da noite levantei o campo, e fiz uma marcha para

o passo do Capão do Marcelino, distante do acampamento 3 leguas, não só para mencionar a esperada junção, como para ganbar melhor posição. Com efeito, ao meio dia de hoje se apresentou essa horda de escravos, compostas suas fileiras de quatrocentos e trinta degenerados; e fazendo eu marchar minha fôrça sobre os mesmos; logo que achei posição, que me pareceu suficiente, fiz uma parada té que com efeito á 1 hora da tarde se reüniu a fôrça que esperava ficando composta de trezentos e cincoenta homens o total da coluna de meu mando. Tendo disposto o ataque em campo proprio, havendo o inimigo feito o mesmo, este pediu falar-me, ao que lhe mandei dizer que a unica mercê que lhe tinha a ceder era renderem as armas para pôr esta forma pouparem o derramamento de sangue; e quando assim não o fizessem experimentariam o quanto lhe seriam terriveis as espadas dos livres, que defendem a liberdade. Responderam que o não faziam, que estavam dispostos e que portanto iam principiar o fogo: a vista desta resposta conhecendo eu o incomparavel entusiasmo que existia entre os bravos e valorosos de meu mando, determinei a ação, dando vivas á nação brasileira, e á revolução do dia Vinte de setembro, e a todos os livres amantes de sua patria. Mandei avançar de espada na mão sobre os mesmos, havendo já aqueles facciosos atirado 5 tiros de peça com metralha; e debaixo de mais três tiros de canhão e uma descarga de mosqueteria, avançaram os dignos patriotas com deci-

dido valor e brio proprio de guerreiros da liberdade ; conseguindo logo debandar completamente nossos inimigos apreendendo duas bocas de fogo com sua competente munição, e grande porção de cavalhada. Ficaram prisioneiros 250 e tantos, e 30 e tantos mortos, entrando neste numero o capitão Francisco Pinto Bandeira, Joaquim Barcellos juiz de paz da Costa de Miraguaia, José Joaquim Ferreira, capitão João Crisostomo da Silva Salazar, e José Caetano escrivão do juiz de paz da Costa de Miraguaia : e de nossa parte, com pesar o digo, morreram 4 bravos, e 3 feridos, mas não mortalmente. Ficaram na mesma ocasião restaurados os patriotas conduzidos presos por aqueles crucis, o tenente-coronel Pedro Pinto de Araujo Correia, Juiz de paz Joaquim José Monteiro, Felisberto Henriques de Carvalho e seu irmão Clodoveu, ambos da vila de Santo-Antonio e outros mais, que não menciono nos seus nomes, posso afiançaer a V. Excia. que foram aqueles perversos perseguidos em distancia para mais de quatro léguas, e logo que se recolheram todas as fôrças que os perseguiam, fiz sair outra em numero suficiente, não só para ver si apreendia mais alguns dos inimigos dispersos, como tambem ao facinoroso Juca Ourives, que me dizem escapou-se por uma lagôa a nado. Amanhã pretendo fazer uma completa averiguação, e do resultado dela serão alguns dos prisioneiros influentes remetidos para a prisão dessa cidade, e o restante farei soltar, alguns ficarão na força e outros mandarei para suas casas ; bem como farei seguir

uma fôrça de 50 homens, comandados por Jeronimo José Castilhos para avançar até a freguezia da Serra e Torres, a-fim-de me inteirar do ocorrido por aqueles lugares, e mesmo prender alguns homens, que tornam-se precisos suas capturas para a salvação da nossa causa. Quando V. Excia. julgue esta minha deliberação acertada, determinará sobre a fôrça como julgar conveniente, podendo asseverar-lhe, que pelos oficios apreendidos a nossos inimigos, e que junto verá, V. Excia. achará criminoso, e como um dos cabeças da sublevação o juiz de paz da freguezia da Serra Antonio Ferreira Márques. — Campo da Honra, 22 de abril de 1836 — ás 11 horas da noite. — Ilmo. e Exmo. sr. dr. Marciano Pereira Ribeiro, vice-presidente da provincia. — *Onofre Pires da Silveira Canto*, coronel chefe da Legião".

MAIO DE 1836

Dia 25 : — E' nomeado presidente da provincia o brigadeiro Antonio Elzeario de Miranda e Brito.

JUNHO DE 1836

Dia 2 : — Trava-se, no rio de São-Gonçalo, renhido combate entre três navios da esquadra imperial e três baterias farroupilhas postadas duas na foz do arroio de Pelotas e uma no Passo dos Negros. Contra as duas primeiras baterias bateram-se denodadamente o vapor *Liberal* (comandante segundo tenente Joaquim Raimundo de Lamare) e a canhoneira *Oceano* (segundo tenente Santos Márques). Contra a bateria do Passo dos Negros bateu-se a canhoneira *São Pedro-Duarte* (segundo tenente Junqueira).

Os farroupilhas haviam-se colocado, durante a noite, nessas posições, sob o comando de João Manuel de Lima e Silva. O combate foi renhidissimo, perdendo os imperiais a canhoneira *São-Pedro-Duarte* que ficou completamente destruida, sofrendo os dois outros vasos grandes avarias. Assim mesmo conseguiram os imperiais fazer calar as baterias farroupilhas principalmente por ter sido gravemente ferido João Manuel de Lima e Silva. A' noite desse dia retiraram-se os rebeldes levando as suas peças e mais duas que retiraram da *São-Pedro-Duarte* que ficára abandonada. O numero de mortos e feridos de ambos os lados foi consideravel, sendo maior o dos das guarnições imperiais.

Dia 5 : — Segue do Rio de Janeiro, no brigue-escuna *Leopoldina*, do comando do capitão-tenente Guilherme Parker, o capitão de mar e guerra John Pascoe Greenfell, nomeado comandante das fôrças navais em operações contra os rebeldes do Rio Grande do Sul (Garcez Palha).

Dia 13 : — Crescencio, á testa de pequena fôrça revolucionaria, ataca o forte de São-Miguel defendido pelos legais Silva Tavares e Bonifacio Isás Calderon. Depois de pequeno combate, vendo inutil continuar o ataque pela falta de gente e munição, Crescencio recua, deixando no campo alguns mortos.

Dia 15 : — Desde o 20 de setembro de 1835 estabelecera-se em Pôrto Alegre o governo revolucionario. Na *Presiganga* (navio-prisão surto no Guáiba) havia inumeros presos imperiais, contando-se entre eles o então major Manuel Márques de Souza. Graças a este, auxiliado pelos demais oficiais prisioneiros e, especialmente, — com a conivencia do carcereiro, — por um grupo de colonos alemães de S. Leopoldo

dirigidos pelo dr. João Daniel Hillebrand, conseguem os legais, nesta data, apoderar-se novamente da cidade prendendo o então presidente dos revolucionarios, dr. Marciano Pereira Ribeiro e varios outros próceres entre os quais o famoso "Marat farroupilha", o juiz de paz Pedro José de Almeida (Pedro Boticario). — Em seguida ao golpe, assumiu o comando da praça de Pôrto Alegre o marechal João de Deus Menna Barreto (mais tarde Visconde de S. Gabriel). A capital, desta data em diante, apesar de varias vezes sitiada, nunca mais voltou ao ao poder dos farroupilhas. — A respeito da reação e do que se seguiu na capital, relata Antonio Alvares Pereira Coruja, secretario da Assembléa, e testemunha ocular dos acontecimentos de então : "Uma senhora, ao ouvir grande barulho na rua, depois da reação neste dia 15 de junho, chegou á janela e voltou em seguida, esplicando ao esposo : — Marido, mingáu virou água ; os caramurús tomaram conta da cidade". Em seguida, relata o cronista citado, referindo-se á falta de alimentação na praça : "O café, o chá e o mate, em muitas casas eram adoçados com rapadura e o pão branco com manteiga substituido por pão de milho sem ela". E isto, diz ainda o citado autor, porque depis do 15 de junho "começaram logo os saques de gente de casa em casa, e depois tambem o saque das dispensas, porque a cidade ficou logo sitiada por terra e por água, e com falta de recursos alimenticios". Apezar disso resistiram Márques de Souza e seus homens até que Bento Manuel Ribeiro, dias depois, conseguiu atravessar o Guáiba com gado de munício aos habitantes da *muito heroica e valerosa* cidade de Pôrto Alegre, — Este titulo lhe foi dado, depois, por esse acontecimento.

Dia 20 : — Querendo evitar um combate, Bento Gonçalves que se aproximára da cidade de Pôrto Alegre em poder dos imperiais, intima-a a render-se á discrição, não sendo, porém, atendido.

Dia 26 : — Travam-se as primeiras escaramuças entre os legais defensores de Pôrto Alegre e as fôrças sitiantes, farroupilhas, comandadas por Bento Gonçalves da Silva.

Dia 30 : — Afastados de Pôrto Alegre com a contra-revolução vitoriosa, os farroupilhas, contudo, não desistem de seu intento movendo forte assédio. Nesta data teve lugar o primeiro grande assalto á cidade, chefiado por Bento Gonçalves. Após três horas de encarniçada luta, foram os farroupilhas repelidos pelos imperiais chefiados pelo marechal João De Deus Mena Barreto.

JULHO DE 1836

Dia 4 : — Na cidade do Rio-Grande toma posse da presidencia da provincia o brigadeiro Antonio Elzeario de Miranda e Brito.

Dia 9 : — E' novamente nomeado, a pedido do povo, presidente da provincia, o dr. José de Araujo Ribeiro.

— O chefe Greenfell (Capitão-de-mar-e-guerra John Pascoe Greenfell), com a barca a vapor *Liberal* e a canhoneira n. 2, reconhece um forte que os rebeldes do Rio Grande haviam levantado na barra do arroio Pelotas e que era armado com um canhão de 9 e dois de 6. (Garcez Palha).

Dia 11 : — Ataque ao forte da barra do arroio de Pelotas. — Descendo o rio de São-Gonçalo, as canhoneiras ns. 3 e 4 e o cúter *Guarani* forçam a pas-

sagem junto ao forte e conseguem reunir-se á barca a vapor *Liberal* e ás canhoneiras n.s 1, 2 e 5. Com esses sete navios, Greenfell que os comandava inicia, logo após o meio dia, insistente ataque ao fórte, mas sem resultado, retirando-se, por isso ao escurecer completamente decepcionado.

DIA 16: — Novo assalto á Pôrto Alegre pelos farroupilhas. — A cidade estava cercada por todos os lados e os imperiais procuravam, por todos os meios repelir os rebeldes que mais e mais se aproximavam. Atacados, de-repente, por 23 legais no campo da Azenha, a pequena partida farroupilha, composta de 40 homens comandados por Antonio Manuel do Amaral Sarmento Menna, defende-se briosamente. — Ouvindo o tiroteio, a toda a brida parte para o campo da luta um irmão de Antonio Manuel, — Francisco de Paula do Amaral Sarmento Menna — que, vendo o irmão ferido, assume o comando da pequena fôrça sendo, tambem, ferido, e gravemente. Dos legais, 19 jaziam mortos, um gravemente ferido no rosto e dois prisioneiros.

DIA 18: — Em conseqüencia do ferimento recebido no combate da Azenha, a 16, falece o bravo Francisco de Paula do Amaral Sarmento Menna, moço ainda, e poeta de valor. — Sua morte foi sentidissima, sendo espalhado, no dia do sepultamento (19), o seguinte soneto, sem designação de autor:

"Tranquilo no teu fim como Juliano
expiraste, Amaral, mortos deixando
vinte malvados do contrario bando,
escravos de Feijó, cruel tirano.

Em vão esse regente deshumano
irado contra nós se vái mostrando;
em vão vái nossa patria devastando,
querendo executar terrivel plano.

As ideias da sã democracia,
que inspiraste, Amaral, á tua gente,
não baixarão comtigo á campa fria.

Justiça ha-de fazer-te o Sul prudente,
quando emfim proclamar com alegria
a república livre e independente".

Dia 20: — Pela terceira vez, depois da reação de 15 de junho, tentam os farroupilhas apoderar-se de Pôrto Alegre, conseguindo, desta vez, entrar pelo lado dos Moinhos de Vento. — Foram, porem, repelidos pelo general Chagas Santos que os perseguiu até o alto dos Moinhos de Vento, pondo-os fóra dos muros da cidade. — O cerco continuou, contudo, até o dia 24, data em que Bento Manuel Ribeiro chega, com forte contingente, em socorro da cidade.

Dia 23: — A escuna *Farroupilha*, dos rebeldes do Rio-Grande-do-Sul, passa-se para a legalidade com toda a guarnição, composta de 31 homens. Era armada com cinco canhões de bronze e 30 espingardas. (Garcez Palha).

Dia 24: — Os farroupilhas levantam, á tardinha, o cerco de Pôrto Alegre.

— Na cidade do Rio Grande assume novamente a presidencia da provincia o dr. José de Araujo Ribeiro.

AGOSTO DE 1836

DIA 2 : — Em viagem, para Pôrto Alegre, John Pascoe Greenfell força, com exito, a passagem de Itapuã, fortificada pelos farroupilhas, e chega á capital tratando, logo, de arranjar meios para os atacar e destruir o forte.

DIA 6 : — Greenfell ordena o primeiro ataque ao forte de Itapuã, sendo repelido.

DIA 22 : — Diz Garcez Palha : — O chefe Parker (capitão-tenente Guilherme Parker), tendo recebido de Pôrto Alegre, vindos na canhoneira n. 4 e três hiates mercantes, 240 praças comandadas pelo coronel Francisco Xavier da Cunha, resolve atacar o forte de Itapuã. — A's 10 horas da manhã, na canhoneira n. 3, reconhece a praia e decide efetuar o desembarque no ponto denominado *Desertas*, ás 4 horas da madrugada seguinte. — As canhoneiras ns. 1, 2 e 4 e os hiates em que estava a tropa, deviam fazer-se de vela ás 10 da noite ; os patachos *Leopoldina* e *Venus*, e as canhoneiras ns. 4, 3 e 6 suspenderam ao romper do dia, e, aproximando-se do flanco do forte, romperam fogo, que devia continuar até que de terra, por sinal convencionado, se lhes avisasse estar a força assaltante junto ás trincheiras ; e, finalmente, ordenou-se que o segundo tenente Daniel Tompson e toda a tropa da brigada de marinha existente a bordo (28 praças) desembarcassem, servindo de sapadores. — A hora convencionada suspenderam as embarcações, mas o forte vento SSE e a grande cerração obrigaram-nos a fundear de novo adiando a operação.

DIA 23 : — Diz ainda Garcez Palha : — A's 5 horas da madrugada, tendo acalmado o vento, suspendem os navios do capitão-tenente Parker para

efetuar o desembarque em Itapuã, mas, havendo na praia que se tinha escolhido, mar de rolo, resolve-se dirigir a fôrça para o Saco do-Faria, e atacar, primeiro, o forte do Junco. — A's 9 horas da manhã começa o desembarque. — A canhoneira n. 1, comandada pelo primeiro-tenente Joaquim Raimundo de Lamare (depois Almirante e Visconde de Lamare), e n. 2, do comando de Rodrigo de Lamare, batem o flanco esquerdo da fortaleza ; a de n. 6 bombardeia o flanco direito ; as de ns. 4 e 5 e os hiates permanecem em frente ao ponto do desembarque, para assegurar a retirada no caso de um revez. — Apezar-da resistencia que oferecem, os rebeldes são rechaçados até ás trincheiras, que á uma hora e trinta caem em poder dos legais. — Perdem os revoltosos 32 praças mortas, 10 prisioneiros, duas peças de calibre 9, uma de 12 e uma coronada.

Dia 28 : — As fôrças legais, comandadas, por terra, pelo coronel Francisco Xavier da Cunha, e as de marinha pelo capitão-tenente Guilherme Parker, ocupam o forte de Itapuã, abandonado pelos Farroupilhas, depois de terem encravado toda a artilheria e posto a pique um patacho e um brigue que os auxiliava na defeza. — Essas peças encravadas, em numero de 5, foram, juntamente com as 4 tomadas no forte do Junco, enviadas para Pôrto Alegre como troféus da vitoria.

SETEMBRO DE 1836

Dia 5 : — Bento Gonçalves continuava o sitio de Pôrto Alegre, sem resultado satisfatório, aliás. — Cheio, porem, de nobres sentimentos, resolveu tentar um acordo para pacificar a provincia e, nesse sentido, escreveu, nesta data a Bento Manuel Ribeiro propondo um acordo :

"Tocaio e amigo. — O maior bem que V. S. e eu podemos fazer á nossa patria, na atual crise, é promover-lhe a paz, evitando, assim, os novos males que a ameaçam; creio que a ambos nos sobram desejos disso. Eu não duvido que tudo se conseguirá uma vez que obremos conforme nossos corações, não prestando ouvidos a exigencias exageradas. Julguei conveniente fazer esta proposição preferindo a paz a uma batalha entre irmãos cujos resultados, a qualquer que sejam favoraveis, custará muito derrame de sangue, e si V. S. prefere o mesmo não nos faltará meios de conseguirmos os fins a que nos propomos, contanto que eles sejam honrosos para ambos os partidos que estão em campo. Si nos dias passados nada se acordou foi porque, por seus enviados se me fizeram proposições muito opostas as que verbalmente haviamos acordado. A sua resposta decidirá, ou do sossego da provincia, ou da continuação de seus males. — Sou com estima seu amigo e tocaio —

Bento Gonçaleves da Silva.

Viamão, 5 de setembro de 1836".

A esta proposição respondeu Bento Manuel:

"Ilmo. sr. Tocaio e amigo. — Campo, 5 de setembro de 1836. — Recebi sua comunicação e sinto já não poder anuir a nada, a tropa está desesperada e a sorte das armas decidirá, visto a audacia com que os senhores seus companheiros decidiram na

Olaria as nossas pacificas proposições a que chamaram intimação. — Sou com estima de V. S. Tocaio e amigo

Bento Manuel Ribeiro".

Sobre essa primeira tentativa de pacificação de que se fala nas cartas acima, na Olaria, documento algum encontramos. A unica referencia a ela é essa.

Dia 10 : — Trava-se o combate do Seival entre as fôrças do coronel Antonio de Souza Netto e as do coronel legalista João da Silva Tavares: — Após renhida luta é derrotada a fôrça imperial. Netto, em seguida, marcha para o campo dos Menezes onde proclama a independencia do Rio Grande do Sul, sob a forma republicana, no dia seguinte.

Este feito do Seival foi cantado pela musa popular nas seguintes quadras :

"Já vem o Silva Tavares
com a sua fôrça armada,
perguntando pelo Netto
mais a sua farrapada.

Com forças três vezes mais
em campo raso alinhado,
o legal Silva Tavares
foi batido e destroçado.

No dia 10 de setembro
lá nos campos do Seival.
foi derrotada a soberba
dos tais barbudos do Herval.

O dia 10 de setembro
foi um dia soberano
em que no Seival soou
o grito republicano".

Dia 11: — Diante da sua tropa, Antonio de Souza Netto, coronel comandante da primeira brigada, lê, no campo dos Menezes, a seguinte proclamação aos

BRAVOS COMPANHEIROS DA 1.ª BRIGADA DE CAVALARIA!

Ontem obtivestes o mais completo triunfo sobre os escravos da côrte do Rio de Janeiro, a qual, invejosa das vantagens locais da nossa provincia, faz derramar sem piedade osangue dos nossos compatriotas para, deste modo, faze-la presa das suas vistas ambiciosas.

Miseraveis! Todas as vezes que seus vis satélites se têm apresentado diante das fôrças livres, tem sucumbido, sem que este fatal desengano os faça desistir dos seus planos infernais.

São sem numero as injustiças feitas pelo governo: seu despotismo é o mais atroz. E sofrerenos calados tanta infamia? — Não.

Nossos compatriotas, os rio-grandenses, estão dispostos como nós a não sofrer por mais tempo a prepotencia de um governo tirano, arbitrario e cruel, como o atual.

Em todos os angulos da provincia não sôa outro éco que independencia, republica, liberdade ou morte.

Este éco magestoso, que tão constantemente repetis, como uma parte deste solo de homens livres, me faz declarar que proclamamos nossa independencia provincial, para o que nos dão bastante direito os nossos trabalhos pela liberdade e o triunfo que ôntem obtivemos sobre estes miseraveis escravos do poder absoluto.

Camaradas! Nós que compomos a 1.ª brigada do exercito liberal, devemos ser os primeiros a pro-

clamar, como proclamamos, a independencia desta provincia, a qual fica desligada das demais do imperio, e fórma um Estado livre e independente, com o titulo de *Republica Rio-grandense,* e cujo manifesto ás nações civilisadas se fará competentemente.

Camaradas! Gritemos pela primeira vez; — Viva a República Riograndense! Viva a Independencia! Viva o Exercito republicano rio-grandense!

Campo dos Menezes, 11 de setembro de 1836.

Antonio de Souza Netto, coronel comandante da 1.ª brigada".

Note-se, porem, que Netto sómente deu esse passo devido as grandes insistencias de Manuel Lucas de Oliveira e Joaquim Pedro Soares, os mais convictos republicanos daqueles tempos.

DIA 12: — Acampada a primeira brigada de cavalaria comandada pelo coronel Netto, nas margens do rio Jaguarão, formada "em grande parada" foi, neste dia, lavrada, solenemente, a áta da proclamação da *Republica Rio-grendense,* assinada por Netto e mais 52 pessôas entre chefes, oficiais e sargentos. E' o seguinte o seu teôr:

"Aos doze do mês de setembro do ano de 1836, no acampamento volante da costa do rio Jaguarão, achando-se a brigada em grande parada, estando presente o coronel comandante da mesma, os oficiais e oficiais inferiores que subscrevem, por unanime vontade destes e a tropa da dita, foi declarado que a provincia do Rio-Grande de ora em diante se constituia nação livre e independente, com o titulo de *Republica Rio-grandense,* não só por ter todas as formalidades para representar entre as demais nações livres do universo, sinão tambem obrigados pela pre-

potencia do governo do Rio de Janeiro, que por muitas vezes tem destruido seus filhos, ora deprimindo sua honra, ora derramando seu sangue e finalmente desfalcando-a de suas rendas públicas. — Por todos os motivos que se declaram em a proxima reünião de Assembléa Nacional Constitucional Legislativa, protestam ante o Ser Supremo do Universo não embainhar suas espadas e derramar seu sangue, antes que retroceder de seus principios politicos proclamados em a presente declaração". (Seguem-se as assinaturas).

DIA 20: — A Camara Municipal de Jaguarão adére á República e Independencia da provincia em sessão especial.

"Aos vinte do mês de setembro de 1836, 1.º da independencia e liberdade rio-grandense, nesta vila de Jaguarão, ás quatro horas da tarde, abriu-se a sessão com cinco srs. vereadores, e, tomando assento, o sr. presidente disse haver convocado a camara para fazer-se presente neste momento a deliberação da maioria da provincia, respeito a ficar desligada da familia brasileira, instituindo um governo republicano.

E, sendo aprovada com unanime aplauso de toda a camara esta nova instituição, deliberou o sr. presidente e foi aprovado que isto se fizesse público por editais, e se oficiasse ao exmo. sr. comandante superior Bento Gonçalves da Silva, mostrando-lhe a deliberação que tomou este corpo municipal, pedindo-lhe queira dirigir interinamente o leme do governo deste Estado, como chefe dele, e protetor da republica e liberadde rio-grandense, devendo marcar o dia em que se ha-de proceder á eleição dos deputados para a Assembléa Constitucional, em cuja mão deve depositar os poderes que ora interinamente, se lhe

confiam, para que esta os transmita a quem achar conveniente.

Em seguida o sr. presidente deu os vivas seguintes: — Viva a independencia! Viva o exmo. comandante superior Bento Gonçalves da Silva, chefe do Estado! Viva a revolução de 20 de setembro de 1835, e todos os livres que cooperaram para ela! Os quais com regosijo e grande entusiasmo foram repetidos pela Camara e demais circunstantes que estavam presentes.

E não ocorrendo nada mais, lavrou-se esta ata, que se aprovou e firmou, e fechou-se a sessão.

Eu *Joaquim Floriano de Paiva*, secretario, a escrevi, — *Domingos Moreira*; — *José Fernandes Passos*; — *João Antonio de Oliveira Vale*; — *Manuel Gonçalves Meireles*; — *Severino Antonio de Medeiros*"

OUTUBRO DE 1836

DIA 2: — Bento Gonçalves, tendo desistido do sitio que fazia á Pôrto Alegre, rumou com destino á Serra. Pressentido, porem, as fôrças legais procuram cortar-lhe ocaminho. Para isso marcham, por terra, as fôrças sob o comando geral de Bento Manuel Ribeiro e por agua, chefiados por Greenfell, a barca a vapor *Liberal*, a escuna *Legalidade*, e as canhoneiras ns. 3, 5, 6 e 7, que sobem o Jacuí tomando posição em linha desde a ilha da Paciencia até a ilha do Araujo, guardando os pontos por onde poderiam passar os farroupilhas. — Durante a noite deste dia Bento Gonçalves, Onofre Pires e Tito Livio Zambicari, com sua gente e toda a artilheria instalam-se na ilha do Fanfa, para, pela madrugada, passarem o rio e unirem-se ás fôrças de Crescencio, o que, porém, não conseguiram devido a vigilancia de Greenfell.

Dia 3 : — Vendo-se assediados e impossibilitados de abandonar, já agora a ilha do Fanfa, os farroupilhas, pelas 11 horas da manhã rompem o fogo de uma de suas baterias contra a escuna *Legalidade*, sendo logo ferido o seu comandante, segundo tenente Luiz Alves dos Santos Márques. As canhoneiras ns. 5 e 6, porém, rebocadas pelo *Liberal*, tomam posição pela pôpa da escuna, e até o escurecer continua o combate entre os navios e a terra. — A' noite os farroupilhas mudam a posição de sua artilheria, ocultando-a dentro do mato.

Dia 4 : — Desde as primeiras horas da manhã reinicia-se o combate da ilha do Fanfa. Pelas 9 horas da manhã desembarca na ilha uma fôrça de infanteria comandada por José Joaquim de Andrade Neves, e pelas 10 horas outra comandada pelo coronel Francisco Xavier da Cunha que avança, iemdiatamente, pelo flanco direito da bateria farroupilha. — Atacados, assim, por terra e por agua, sem possibilidade alguma de vitoria, Bento Gonçalves, disposto a tudo, consegue que Porciuncula fuja levando ordem a Crescencio e Netto para que não esmoreçam na luta porque ele e Onofre estavam perdidos. — Finalmente, á tardinha, exaustos já, aceitam a intimação de Bento Manuel Ribeiro que lhes faz honrosas .condições e mil promessas que, depois, não cumpriu, alegando que "o coronel Bento Gonçalves faltou inteiramente ao que no dia 4 tratou comigo, em lugar de mandar ordem para Crescencio se apresentar ôntem mandou por seu cunhado Antunes (Antunes da Porciuncula) ordem para o mesmo Crescencio se retirar quanto antes da costa mostrando por esta forma falta de fé e vontade de fazer correr mais sangue na Provincia por isso remeto preso a ele e Onofre á disposição de V. Excia. e do gover-

no", etc. Esta carta ao presidente da provincia tem a data de 6 de outubro.

Dia 11 : — Por "Carta de Lei", desta data, o governo imperial suspende as garantias individuais na provincia :

"O Regente, em nome do Imperador o sr. D. Pedro II, faz saber aos subditos do imperio que a Assembléa Geral decretou e ele sancionou a lei seguinte :

Art. 1.° — Ficam suspensos, na provincia de São-Pedro-do-Rio-Grande-do-Sul, por espaço de um ano, contado da publicação da presente lei na dita provincia, os § § 6.°, 7.° 8.°, 9.° e 10.° do art. 179 da Constituição, para que o governo possa autorizar o presidente da referida provincia :

§ 1.° — Para mandar prender sem culpa formada e poder conservar em prisão sem sujeitar a processo, durante o espaço de um ano, os indiciados em qualquer dos crimes de resistencia, conspiração, sedição, rebelião, insurreição e homicidio.

§ 2.° — Para fazer sair para fóra da provincia e mesmo assinar lugar certo para residencia áqueles dos indiciados nos referidos crimes que a segurança pública exigir que se não conservem na dita provincia.

§ 3.° — Para mandar dar busca de dia ou de noite, em qualquer casa, nos casos do art. 189 § § § 2.°, 4.° e 5.° do Codigo do Processo Criminal.

Art. 2.° — São declaradas ilicitas todas as associações secretas na Provincia de São-Pedro-do-Rio-Grande-doSul, e as públicas não sendo autorizadas pelo presidente da provincia ; e sedição todo o ajuntamento, armado em todo ou parte, que houver de mais de cinco pessôas contra as autoridades, seus

agentes e execução de seus atos legais; e qualquer comandante de fôrça poderá dissolve-lo pelo uso das armas, si os seus fautores não se dispersarem á primeira intimação que ele lhes fizer.

Art. 3.º — Os oficiais do exercito de 1.ª e 2.ª linha e os da armada que, sendo chamados pelo presidente da provincia, não se reunirem ás fôrças da legalidade, no praso que ele lhes assinar, alem de outras penas em que possam incorrer, perderão as suas patentes e todos os vencimentos que, por qualquer titulo que seja, percebem da fazenda pública.

Art. 4.º — Os guardas-nacionais que, na provincia de São-Pedro-do-Rio-Grande-do-Sul, forem chamados ao serviço e deixarem de comparecer no tempo que lhes for determinado, sem terem obtido escusa, ficarão sujeitos ao recrutamento para servirem, como obrigados, nos corpos de 1.ª linha.

Art. 5.º — O governo é autorizado a mandar, si julgar necessario, um corpo destacado de guardas-nacionais que não exceda de 600 praças, para servir na referida provincia do Rio-Grande por espaço de um ano, podendo para isso dispender até a quantia de 250:000$000.

Art. 6.º — Ficam anistiados todos os que tiveram parte na sedição de 20 de setembro de 1835 e se submeterem depois á ordem legal e cooperarem para que esta prevaleça.

Art. 7.º — Ficam suspensas as leis em contrario.

Manda, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nela se contem.

O Secretario dos Negocios da Justiça a faça imprimir, publicar e correr.

Dado no palacio do Rio de Janeiro, aos 11 de outubro de 1836, 15.º da independencia e do imperio.

Diogo Antonio Feijó
Gustavo Adolfo de Aguilar Pantoja".

NOVEMBRO DE 1836

DIA 6: — Instala-se, na vila de Piratiní, a *Republica Rio-grandense.* — E' a seguinte a áta da instalação e eleição de seu presidente:

"Aos seis dias do mês de novembro de 1836, 1.º da independencia do Estado Rio-grandense, nesta vila de Piratiní, ás 9 horas do dia, reünidos os vereadores, srs. Verde, Silveira, Morais, Correia, e Cezario, com a presidencia do sr. Oliveira foi aberta a sessão. Depois de ouvidos os srs. Côrte, Netto e Almeida, resolveu a Camara proceder a eleição do Presidente o que se praticou.

Propoz o sr. presidente a nomeação de uma deputação para acompanhar o oficio para sua Excia. (o comandante em chefe do exercito) e sendo resolvido pela afirmativa foram nomeados os srs. vereadores Silveira, Verde e Morais, os quais cumprindo esta deliberação apresentáram á Camara um oficio de S. Excia. em que respondendo ao que lhe foi entregue pela deputação diz que sobremaneira se congratula com esta Camara pela deliberação de ser hoje o dia da eleição do Presidente deste Estado; e exige que logo que a pessoa que fôr eleita preste juramento se lhe comunique para prestar-lhe a devida obediencia ao Presidente em nome da Camara se fez saber aos espectadores que nesta sessão se havia de proceder á eleição do Presidente e vice-presidente Constitucional da Republica, cumprindo

ao mesmo convocar, logo que o permitam as circunstancias, uma Assemboéa Geral Legislativa Constitucional da Republica Rio-grandense, para formar a Constituição da Republica, em cujo seio depositará os poderes que se lhe delégam, e governará fielmente este Estado pelas Leis em vigor em tudo aquilo que fôr compativel com nossas circunstancias, e estado de revolução em que nos achamos. O que sendo ouvido pelos espectadores, passaram a depositar sobre a mesa suas cedulas, e o mesmo praticou a Camara, a qual passando a proceder nos termos de apuração das mesmas publicou que a maioria absoluta de votos recaiu na pessôa do distinto patriota o exmo. coronel Bento Gonçalves da Silva, e durante o seu impedimento na do cidadão José Gomes de Vasconcellos Jardim, e que para vice-presidentes foram eleitos os cidadãos Antonio Paulo da Fontoura, o coronel José Mariano de Mattos, o coronel Domingos José de Almeida, e o cidadão Inácio José d'Oliveira Guimarães".

Em seguida foi nomeada uma comissão para convidar o cidadão José Gomes de Vasconcellos Jardim afim de prestar o juramento, o que foi feito. Terminada a cerimonia do juramento, foram nomeados, por decretos desta mesma data, os seguintes auxiliares do governo: Ministro do Interior e, interinamente, da Fazenda: *Domingos José de Almeida*; — Ministro da Justiça e, interinamente, dos Estrangeiros: *José Pinheiro de Ulhoa Cintra*; — Ministro da Guerra e, interinamente, da Marinha: *José Mariano de Mattos*.

E' interessante notar-se que, desses auxiliares, nenhum éra rio-grandense. Os dois primeiros, — Almeida e Cintra, — mineiros, e Mariano de Mattos, carioca...

Dia 12: — O Governo Republicano, instalado em Piratiní, publica o decreto abaixo, creando o "escudo d'armas da República", isto é: a bandeira:

"Ocupando já na grande familia das nações o lugar que lhe compete, o Estado Rio-grandense, e convindo que ele tenha um escudo d'armas, o presidente da Republica decreta:

O escudo d'armas do Estado Rio-grandense será de ora em diante de forma de um quadrado dividido pelas três côres, assim dispostas:

A parte superior junto á haste verde, e formada por um triangulo izoceles, cuja hipotenusa será paralela á diagonal do quadrado;

O centro escarlate, formado por um exagono, determinado pela hipotenuza do primeiro triangulo, e a de outro igual e simetricamente disposto, côr de ouro, que formará a parte inferior.

Domingos José de Almeida, ministro e secretario de Estado dos Negocios do Interior, assim o tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios.

José Gomes de Vasconcellos Jardim
Domingos José de Almeida".

Como no decreto acima se fala em *escudo d'armas*, muitos historiadores viram, nele, a creação do brasão de armas da Republica, e o barão do Rio Branco, não sabemos porque cargas d'agua, em suas *Efemérides brasileiras*, nesta data, diz que o decreto fôra escrito por um matematico que nada entendia de heraldica, e dá a seguinte definição do brasão: "escudo quadrado, partido em banda (tranché), a primeira de sinople, a segunda de ouro, cortado por uma banda de golés". Isto, parece, é para ser a propria definição heraldica, da bandeira. Contudo,

historiadores, dão esse decreto como creador do brasão, pura e simplesmente, e fazem, em seguida, a descrição heraldica do que foi, erroneamente, adotado pelo Estado, depois de 1889.

(Veja-se, a respeito, nosso trabalho inserto na Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do R.-G.-do-Sul, III trimestre de 1936 — *Bandeira e Brasão Farroupilhas*).

Dia 21 : — E' nomeado presidente da provincia o brigadeiro Antéro José Ferreira de Brito.

DEZEMBRO DE 1838

Dia 12 : — Tendo-se apresentado a Bento Manuel Ribeiro o exilado politico uruguaio general D. Frutuoso Rivera, dizendo-se autorizado a tratar de uma suspensão de armas para definitiva pacificação da provincia, o general legalista, nesta data, enviou ao acampamento do general Netto, com o oficio abaixo, o coronel Gabriel Gomes Lisbôa e o major Manuel Luis Osorio :

> "Ilmº. sr. — O cornel Gabriel Gomes Lisbôa, comandante da prineira brigada da fôrça legal, vái encarregado por mim de tratar e ajustar com V. S. uma suspensão de armas por um termo que não exceda 3 dias, os quais serão aproveitados em tratar da convenção que V. S. me fez saber hoje, por conduto do general D. Frutuoso Rivera, estar disposto a efetuar para pôr um termo á guerra que infelizmente está desolando esta provincia.
>
> Acompanhará ao referido coronel o major da terceira brigada Manuel Luis Osorio.
>
> Ao mesmo coronel pode V. S. entregar as proposições que tivesse que fazer ; e,

assegurando a V. S. que tanto o governo como todos os brasileiros desejam ardentemente que se termine uma guerra fratricida, não omitirei que me acho disposto a uma convenção que, sendo proveitosa a V. S. e a seus companheiros, seja ao mesmo tempo justa e decorosa á nação.

Deus guarde a V. S. — Campo em a costa do Jaguarão a 12 de dezembro de 1836. — *Bento Manuel Ribeiro.*

Ilmo. sr. Antonio de Souza Netto".

Netto não mandou as proposições pelo coronel Lisbôa, mas pediu mais alguns dias de prazo para examinar detidamente o assunto, e a 31 deste mesmo mês (Veja esta data) remeteu dois emissarios com as proposições a Bento Manuel Ribeiro que as regeitou *in totum.* Cremos, aliás, que a severidade com que esse ilustre sorocabano regeitou as proposições foram motivadas, principalmente, pela intriga que fizeram entre Bento Manuel e o general Oribe, o que motivou troca de correspondencia entre ambos. O jornal *Sentinela da Liberdade,* de Pôrto Alegre, n.º de 28 de fevereiro de 1837, reproduz toda essa correspondencia e a carta que acima transcrevemos.

Dia 17 : — No Arroio Grande, onde se achava com alguns oficiais do imperio em casa de seu sogro, foi preso o coronel João da Silva Tavares, — uma das figuras mais salientes na defesa da legalidade desde os primordios da revolução, — pelas fôrças farroupilhas do comando de David Canabarro, então ainda simples capitão. Depois de 53 dias de prisão, posto a ferros, num acampamento no Estado Oriental, conseguiu Silva Tavares evadir-se graças

ao sentinela, — um baiano, — ao qual pagou regiamente o auxilio prestado nos preparativos e, afinal, na fuga.

Dia 31 : — Autorizados por José Gomes de Vasconcellos Jardim, presidente interino da Republica Rio-grandense, e conforme fôra, anteriormente, tratado pelo general Netto, apresentam-se no acampamento de Bento Manuel Ribeiro, nos campos do Seival, o coronel Joaquim Pedro Soares e o major Antonio Paulo (ou Paulino) da Fontoura, levando as proposições de paz que foram regeitadas (3). Bento Manuel Ribeiro assim explica a entrevista que com eles teve, em oficio ao presidente da provincia, dr. José de Araujo Ribeiro :

> "Ilmo. e exmo. sr. — Conforme me havia assegurado o anarquista Netto e eu participei a V. Excia. em meu oficio de 30, vieram ôntem Antonio Paulo da Fontoura e Joaquim Pedro Soares, autorizados por José Gomes Jardim, que se intitula presidente da República Rio-grandense, para fazerem as proposições tendentes a se terminar a guerra. Foram, porem, tão exorbitantes as proposições que me fizeram e todas elas tendentes a um explicito reconhecimento da fantastica Republica, que tive de desprezar todas e hoje me puz em marcha sobre os rebeldes com o designio de os bater. Eles seguem com direção ao Veleda e acredito que dali farão a mesma volta que da viagem passada, com o fim de nos cansar e estra-

(3) Infelizmente não conseguimos encontrar as tais proposições de paz feitas por Netto. Provavelmente Bento Manuel as inutilisou, — sabe Deus porque! —, pois nem no oficio ao presidente incluiu, copia siquer, das tais proposições, o que é estranhavel...

gar a cavalhada, e esta coluna necessariamente tem de seguir na retaguarda deles. Asseguro, porem, a V. Excia. que, conseguindo aproximar-me a eles, o menor descuido que tiverem farei aproveitar.

Deus guarde a V. Excia. — Campo em marcha no Seival, 1.° de janeiro de 1837. — Ilmo. e Exmo. sr. José de Araujo Ribeiro.

Bento Manuel Ribeiro".

O oficio supra, porem, não mais encontrou na presidencia a Araujo Ribeiro, e quem o respondeu foi Antéro José Ferreira de Brito, recriminando, ainda que veladamente, a atuação de Bento Manuel abrindo, assim, caminho para o descontentamento do "comandante das armas da provincia" e ocasionando o dessidio que terminou com a prisão de Antéro no passo do Itapeví (Veja-se 23 de março de 1837).

"A' vista do conteúdo no oficio de V. Excia. datado de 1.° do corrente, — escreveu Antéro, — em que se faz menção de outro de 30 do passado, que não recebi, entendo que as extravagantes proposições que a V. Excia. foram presentes por parte do intitulado presidente da sonhada república José Gomes de Vasconcellos Jardim, não podem ter outro fim sinão o de ganhar tempo e nos apanhar em descuido, pois que não é possivel ignorarem que nem eu nem V. Excia. somos autorizados para entrar em negociações com tal quadrilha de salteadores.

E' bem sabido que, das muitas e reiteradas contemplações que com eles têm

havido, nenhum proveito resultou ainda a favor do sossego público; antes, pelo contrario, eles tem servido para exacerbar os males que nos estão afligindo; porque, fazendo recair acres censuras sobre as pessoas que sob sua responsabilidade as praticaram de bôa fé, lhes diminuem a força moral e, por necessaria consequencia, encorajam os criminosos, desanimam os legalistas e, finalmente, por qualquer parte que sejam considerados, produzem um efeito diametralmente oposto aos fins a que eram dirigidas.

Que rumo seguiram tantos aposentados e agraciados? Onde estão esses que, na ilha do Fanfa, foram soltos? Que é feito de outros que o tem sido por duas ou três vezes? Com bem poucas excepções, si é que as ha, eles existem nas fileiras dos rebeldes. Desenganemo-nos, pois, que não ha outro meio para pôr termo a esta desordem, sinão o de debelar os sediciosos e atirar-lhes como a féras indómitas e devastadoras. A V. Excia. pertence aplicar o remedio, atacando-os e prendendo-os para serem entregues ao poder judiciario, em cujas mãos unicamente existe a faculdade de legalmente os punir ou absolver. O contrario é desmontar a máquina de seus eixos, é seguir uma vereda tortuosa.

V. Excia. deve considerar que está hoje atraindo as vistas e atenções do Brasil inteiro e que, pelo resultado desta luta, ele ajuizará dos meritos de V. Excia., cujo nome lhe é já bem conhecido. Eu, como interessado na sua gloria, muito desejo que

aproveite qualquer ocasião que se lhe ofereça para os bater e derrotar; e, como primeira autoridade da provincia autorizado para dispor da fôrça armada, assim o determino, contando desde já com o triunfo, não só pelas bôas disposições do vitorioso exercito que V. Excia. comanda, mas tambem pela anciedade que os bravos de que ele se compõe tem patenteado de terminarem a contenda, para irem, entre os braços de suas familias saudosas e aflitas, gosar do fruto de tão longos incomodos e fadigas.

Depois que em data de 5 signifiquei a V. Excia. o quanto me empenho em socorrer essa coluna, com os auxilios reclamados, tive participação de que no dia 6 fôra aprisionado em Santo Amaro o tenente-coronel Antonio Manuel de Azambuja e que os rebeldes, animados com as correrias que a seu salvo tem feito pelas visinhanças do Rio Pardo, pretendem assaltar a vila do Triunfo. Esta noticia fez retroceder já do caminho os mantimentos que se dirigiam a Caçapava; e, não havendo fôrça para tentar a oposição, vejo-me privado da correspondencia com V. Excia., ao mesmo passo que, com a maior magua, observo lavrar de novo a devastação nestas visinhanças e o temor apoderar-se de seus habitantes.

Dado aí um golpe decisivo, é provavel que tudo inteiramente mudasse de figura. Ora, havendo em V. Excia. valor e disposição militar e nas suas tropas fôrça e entusiasmo, é sem duvida que esta medida deve quanto antes verificar-se.

Eu tenciono ir ao exercito, logo que me desembarace de alguns assuntos entre mãos, e muito estimarei então congratular-me com V. Excia. pelo restabelecimento do imperio da lei e completo exterminio dos rebeldes.

Deus guarde a V. Excia.

Pôrto Alegre, 10 de janeiro de 1837.
Antéro José Ferreira de Brito.

Illmo. e exmo. sr. Bento Manuel Ribeiro, comandante das armas da provincia".

JANEIRO DE 1837

DIA 4 : — José de Araujo Ribeiro deixa a presidencia, conforme se vê do seguinte oficio aos "srs. Presidente e mais veradores da Camara Municipal desta Cidade" :

"Ao deixar a presidencia da provincia, cumpre-me louvar a essa Camara e, pelo seu intermedio, aos cidadãos deste municipio que prestaram serviços a bem do restabelecimento das leis e da tranquilidade pública, durante o tempo de minha administração ; e, não ja como presidente, mas como rio-grandense, lhes suplico a continuação de seus patrioticos esforços, para se extinguir para sempre a fatal discordia que nos arrasta á mais miseravel anarquia, sob o especioso nome de liberdade.

A prosperidade do continente depende essencialmente da união com o Brasil e o

governo brasileiro é dos governos mais livres que existem sobre a terra.

Deus guarde a V. M.

Pôrto Alegre, 4 de janeiro de 1837.
José de Araujo Ribeiro.

— Estavam os farroupilhas, comandados pelo general Netto, acampados em Pedras Altas. Pela madrugada deste dia são eles atacados por Bento Manuel Ribeiro que os obriga a se retirarem para as margens do arroio Candiota. Ativamente perseguido pelos imperiais, superiores em fôrças, Netto atravessa a fronteira com toda a sua gente, indo acampar na Rep. Oriental do Uruguai. Dias mais tarde volta ao Rio-Grande-do-Sul pela fronteira do Piraí.

Com esse ataque de Bento Manuel perderam os farroupilhas 5 canhões e tiveram varios mortos, feridos e dispersos.

DIA 5: — Em Pôrto Alegre, toma posse da presidencia da provincia o brigadeiro Antéro José Ferreira de Brito.

FEVEREIRO DE 1837

DIA 4: — E', neste dia, posto em circulação o ptimeiro numero de *O Campeão da Legalidade.* Esse jornal foi fundado sob os auspicios do brigadeiro Antéro José Ferreira de Brito, e destinado a defender este presidenete, "acusando fortemente o ilustre dr. Araujo Ribeiro a quem Antéro substituíra" (Aurelio Pôrto). Era este jornal de linguagem violenta e desabrida. Impresso na Tipografia de J. Girard, seu proprietario, *O Campeão da Legalidade* desapareceu com a morte misteriosa, em 1839, de Girard.

MARÇO DE 1837

DIA 11 : — Da fortaleza de Santa-Cruz, onde se encontravam presos, conseguem fugir os oficiais farroupilhas Onofre Pires da Silveira Canto e Afonso José de Almeida Côrte Real.

DIA 23 : — O brigadeiro Antéro José Ferreira Brito, logo após a sua posse na presidencia da provincia (5-1-837), inicia o seu governo com instruções policiais draconianas que dão margem a toda especeie de perseguições. O proprio comandante das armas então, general Bento Manuel Ribeiro, não foi poupado. Este, profundamente orgulhoso e vaidoso, conscio de seu valor militar, poz-se de atalaia. E quando o brigadeiro Antéro deixa a capital com o intuito de visitar o exercito, conforme avisára (veja-se a carta referida em a data de 31 de dezembro de 1836), espalha-se a noticia, veridica ou não, de que Antéro pretendia demitir Bento Manuel do comando das armas e prende-lo por não ter, ainda, exterminado os farroupilhas. Sabedor de tudo e, dizem, tendo em mãos oficios comprometedores para Antéro referentes á sua atitude para com o comandante das armas, este resolve marchar ao encontro do presidente com o fim de prende-lo antes dele o prender. A vanguarda de Bento Manuel, assim, encontra o brigadeiro Antéro no Passo do Itapeví e dálhe voz de prisão. Antéro, vendo inutil qualquer resistencia, entrega-se.

Em virtude desse facto Bento Manuel Ribeiro dirige uma proclamação aos seus soldados e oficiais convidando-os a abraçar a causa farroupilha e, a respeito, escreve a Bento Gonçalves.

Vinte mêses mais tarde Bento Manuel procura os chefes republicanos, afim-de concertar planos novos para a campanha. *O Povo*, n. 24, de 21 de novembro de 1839, assim se expressa no seguinte

"CONVITE

Apressamo-nos a anunciar aos srs. piratinienses, que o benemerito e digno sr. general Bento Manuel Ribeiro se acha no Exercito, onde viéra, segundo nos dizem, concertar com os Exmos. srs. Presidente e general comandante em chefe do exercito, o plano de campanha a pôr-se em execução, depois do que é provavel imediatamente regresse para os pontos ocupados pelas divisões a seu mando ; e como por aquí pouco mais acrescenta o seu trajéto, é de presumir-se que de passagem nos honre com a sua presença, o que, a verificar-se, convidamos os senhores piratinienses a receberem o exmo. hospede com as homenagens de que é credor,"

Cheio de si, convencido de que era um grande patriota, Bento Manuel Ribeiro agradece a amabilidade do convite na seguinte carta dirigida ao

"Sr. REDATOR DO POVO

Lendo o importante n.º 24 do seu jornal, nele deparei com o oficioso anuncio que me diz respeito, e no qual convida V. S. aos honrados srs. habitantes dessa cidade para obsequiarem-me em minha passagem por esse lugar : com quanto eu reconheça, e aprecie uma prova real de tanta bonhomia, sinto ao mesmo passo não poder desfruta-la, porque o interesse do Estado, e o serviço da Patria assim o permitem ; mas nem por-isso eu deixo de agradecer a generosidade de V. S., e a parte que os srs. patriotas

piratinienses tomaram, em o dito seu convite. — Cangussú, 26 de novembro de 1838. — *Bento Manuel Ribeiro*".

ABRIL DE 1837

DIA 1 : — Em virtude da prisão do brigadeiro Antéro José Ferreira de Brito, a 23 de março, assume, interinamente, a presidencia, legal desta vez, o dr. Americo Cabral e Mello.

DIA 7 : — Bento Manuel Ribeiro, chefe republicano desde 23 de março, marcha sobre a cidade de Caçapava defendida pelo chefe imperial coronel João Crisóstomo da Silveira. Depois de regular assédio, rende-se a cidade, nesta data, perdendo João Crisóstomo toda a infanteria que comandava.

DIA 14 : — E' nomeado presidente da provincia o tenente-general Francisco das Chagas Santos, veterano da "guerra das Missões", e comerciante na cidade de Pôrto Alegre.

DIA 28 : — Fundeia no porto de Maldonado uma embarcação com carta de côrso, trazendo içada a bandeira da Republica Rio-grandense, que é perseguida, frustrando-se, porem, o seu aprisionamento tentado pelo brigue *Real Pedro*, em virtude dos ventos contrarios que demoraram o navio imperial.

A carta de côrso fornecida no Rio de Janeiro por Bento Gonçalves a José Garibaldi, deve ser a seguinte, conforme o declara dona Anita Garibaldi, bisneta do *condottieri*, em seu livro "Garibaldi na America" ;

> "O Governo da Republica Rio-grandense autoriza a sumaca Farroupilha, de 120 toneladas, poder cruzar para todos os mares e rios onde trafegam barcos de guerra

ou comercio do governo do Brasil, podendo apropriar-se deles e toma-los por fôrça de suas armas, os quais serão tidos por bôas prezas como emanadas de autoridade legitima e competente. Da mesma forma ordeno ao cap. Giuseppe Garibaldi, comandante no dito corsario que, em razão de não haver por enquanto neste Estado um porto adequado para ancorar... pode servir-se dos portos de Estados Republicanos... vistas as relações ofensivas e defensivas que tem contraidas contra o Governo do Rio de Janeiro".

MAIO DE 1837

DIA 11 : — Começa, neste dia, novo assédio á cidade do Pôrto Alegre pelas fôrças repúblicanas.

A guarnição que defendia a capital compunhase, na maioria, de paizanos armados, setecentos soldados de infanteria, duzentos e poucos de cavalaria e 22 bocas de fogo. Fazia parte dessa guarnição o major Manuel Luis Osorio, o unico oficial que com apenas 27 companheiros conseguira escapar de Caçapava ás fôrças de Bento Manuel (Veja-se dia 7 de abril anterior).

DIA 16 : — Em Pôrto Alegre toma posse da presidencia da provincia o tenente-general Francisco das Chagas Santos.

— Neste mesmo dia é nomeado presidente da provincia o sr. bacharel Feliciano Nunes Pires.

DIA 20 : — Nova tantativa de pacificação, entre Netto e John Pascoe Greenfell, da qual resultou, apenas, dissabôres ao chefe da marinha imperial no Rio-Grande-do-Sul.

Assim descreve Alexandre Lucas Boiteux, em seu excelente trabalho *A Marinha Imperial na revolução Farrouplha*, essa tentativa de pacificação que foi, talvez, a mais séria de quantas se tenham tentado antes de 1844 :

"O referido chefe farroupilha (Antonio de Souza Netto), a 29 de abril, encontrando-se na vila do Triunfo e sabendo achar-se estacionado em Santa Cruz o palhabote da marinha imperial *Parker* (4), resolveu enviar um oficio e um parlamentario ao su comandante, o 2.º tenente Antonio Morais dos Santos, solicitando a cooperação deste para pôr termo á guerra civil, e, ao mesmo tempo, apresentando-lhe "sinceros protestos de amizade e gratidão pela generosa conduta patenteada com meus patricios perseguidos".

Esse oficial pôz logo o seu chefe ao par das intenções do general revolucionario.

O chefe Greenfell, animado por nobilitante espirito conciliatorio, conhecendo a bôa vontade de varios cabos da revolução em procurar uma solução airosa á guerra ingrata e sangrenta a que se haviam atirado e, ainda com sua notavel visão politica, enxergando nos horizontes internacionais do continente acumulos de nuvens procelosas, achou que, dentro das instruções que recebera, se encontravam justificativas a permittir-lhe intentar uma composição honrosa e incruenta com a facção adversa. Empenhou-se, pois, em alcançar essa ocasião favoravel.

Voltára o chefe naval imperialista ao Rio-Grande em inspecção ás suas fôrças ; e, a 1.º de maio

---

(4) Trata-se do rio Santa-Cruz, que deságua no rio Taquarí, entre as vilas de Taquarí (hoje cidade) e do Triunfo. — *Parker*, nome dado ao palhabote imperial, éra, tambem, o nome de um dos comandantes da marinha imperial, Guilherme Parker, inglês a serviço da armada brasileira de então. Inglês tambem era o comandante John Pascoe Greenfell. (Nota de W. S.).

informava ao ministro da sua situação no rio São-Gonçalo. Dias depois, á margem do Pelotas, davam-se varias escaramuças entre as guarnições das canhoneiras, que Greenfell fizera desembarcar, e as fôrças revolucionarias do coronel Crescencio de Carvalho.

Os farrapos reforçaram logo a posição com cinco canhões e 200 homens e romperam fogo contra as canhoneiras.

Greenfell, cuja insignia fôra desfraldada a bordo da canhoneira n.° 7 fez espalhar, a 10 de maio, uma proclamação impressa entre as fôrças contrarias, chamando-as ao seio da ordem e da legalidade. Ei-la :

> "Brasileiros das forças rebeldes ! Detende-vos antes de banhar vossas mãos no sangue de vossos patricios : atê onde chegará esta loucura e cegueira ? Pensais que os chefes que vos arrastam no caminho do crime farão vossa felicidade ? Não vedes que sua miseravel politica vos entregará escravos aos espanhois, vossos ambiciosos visinhos ? Deixai-vos de enganos, paixões, partidos e guerra e uni-vos outra vez aos fieis e constantes defensores do trono constitucional do sr. D. Pedro Segundo. — Bordo da Canhoneira 7, em S.-Gonçalo, 10 de maio de 1837. — *João Pascoe Greenfell,* Chefe da divisão e comandante das fôrças navais".

Tendo sabido do abalo por ela produzido entre os soldados farrapos e conhecendo já os propositos do general Souza Netto, resolveu pôr em pratica o seu acariciado projeto de conciliação.

No dia 12 animou-se a escrever longa carta ao coronel Crescencio, apelando para os seus sentimen-

tos de honra e patriotismo, concitando-o a voltar a prestar seus serviços á Patria comum e ao Imperio.

Precioso documento esse, que bem merece ser transcrito :

> Ilmo. sr. Domingos Crescencio. — Como estou convencido de que V. S. se acha animado dos verdadeiros sentimentos que caracterisam os homens de honra, e que por isso como amigo da sua Patria só deseja a prosperidade dela, dirijo-me a V. S. para com franqueza expor-lhe os meus sentimentos.
>
> Ninguem ha que desconheça o estado infeliz a que está reduzida esta provincia, e os males que sobre ela tem arrastado a luta em que nos achamos, o que será interminavel si os verdadeiros amigos da patria não escutarem a voz da razão e da justiça.
>
> O partido da lei, creia V. S. não sucumbirá : quando menos esperados forem, seus defensores disseminados pela campanha, aparecerão reunidos, seus chefes mais aptos que o traidor Bento Manuel saberão dirigir melhor nossas operações, e o resultado não será duvidoso : áquem do rio temos uma fôrça de 500 homens de cavalaria, e mais 800 resolutos a perderem a vida antes do que cederem ; defendem as trincheiras do Rio-Grande.
>
> Não podemos receiar mesmo quando tentem, como projetam tirar-nos os recursos da barra ; essa mesma artilheria talvez lhe seja tão funesta como foi ao coronel Bento Gonçalves ; mas quando mesmo se efetuasse o projeto de separação e de republi-

ca, seria a provincia feliz? Reinaria o sossego? Ninguem o dirá. Chefes ambiciosos apoiados pela fôrça se sucederiam de dia em dia; a virtude e o merito seriam preteridos pela estupidez, depravação (como já hoje acontece). O Estado Oriental que nos dá estes exemplos, e que ocultamente os apoia seria o primeiro a querer nos ditar a lei, e um total aniquilamento seria o fim da melhor provincia. Um unico meio nos resta para a sua salvação, dar fim á presente luta; aquele que dér o primeiro passo será o verdadeiro patriota e amigo de seus concidadãos. A posição atual de V. S. lhe depára essa gloria; unamo-nos e debaixo do unico titulo de brasileiros trabalhemos para renascer a paz e a felicidade. Estes são meus desejos que *como estrangeiro* desconheço toda a influencia dos partidos e só desejo a prosperidade do *Brasil que adotei por patria*, e por isso firme na opinião que faço de V. S. espero que não desprezará o convite que lhe faz. De V. S. ato. venr. — *John P. Greenfell.* — Bordo da canhoneira n. 7, em frente a S. Francisco de Paula(5), 12 de maio de 1837".

No dia seguinte, teve o comandante das fôrças navais do Imperio a seguinte resposta do chefe farrapo:

"Illmo. Exmo. sr. — Achando-me animado de sentimentos que caracterisam o homem verdadeiramente amigo de sua patria e só deseja a prosperidade dela, não ponho duvida em anuir a qualquer proposi-

(5) São Francisco de Paula era o nome primitivo de Pelotas.

ção de V. Excia. uma vez que seja a prol da felicidade, engrândecimento desta República. V. Excia. se acha convencido, segundo diz, que o partido da lei não sucumbiu nem sucumbirá por ter chefes que melhor saberão dirigir as operações de campanha que o general Bento Manuel, (quando iludido por esse governo, era chefe do exercito do Brasil). Eu tambem estou assaz convencido que o Exercito que tenho a honra de comandar digo, pretende não sucumbir, nem sucumbirá ainda que seus chefes não igualem aos do partido do exercito a que V. Excia. pertence. Enquanto á fôrça numerica que V. Excia. diz ter na margem desse rio, eu acho bastantemente crescida á vista da que tenho para operar; porem me alenta a lembrança que os primeiros brigam porque são mandados e os segundos pela sua liberdade, e convicção propria; e assim pesando na balança as qualidades destes, estas equilibrarão o aumento daqueles. V. Excia. me faz reflexões, que me não são alheias, sobre as divergencias que deve haver nesta República entre estes chefes, logo que se firme o governa delas; mas como isto não é novo, mesmo nas nações, que como nós, procuram a sua regeneração politica, não nos desanima a ideia de tais acontecimentos. Eu me acho inteiramente alheio sobre o sonhado recurso da Barra: e quanto assim fosse, e que o exercito do Brasil tomasse á força d'armas as nossas artilherias, como fizeram ao benemerito coronel Bento Gonçalves da Sil-

va (6), um tal sucesso não tinha nada de admiravel, porque a sorte das armas pende por diferentes maneiras, assim como aconteceu cair em nosso poder 15 bocas de fogo que se achavam guarnecidas por 600 homens infantes ao mando do coronel João Crisóstomo, que cobardemente as desamparou sem vomitar um só tiro entregando-se prisioneiro com o batalhão (7), e quando o coronel Bento Gonçalves só cedeu depois de lhe faltar munição, e por uma capitulação que foi tanto honrosa para ele, e para os livres, que o acompanharam quão falta de fé para os que deviam faze-la cumprir. V. Excia. me diz que o unico meio que ha para salvar a minha patria da presente luta é unir estas forças ás do Brasil, e que aquele que der este primeiro passo será o verdadeiro patriota, o amigo dos seus concidadãos : certo nisto atrevo-me a convidar V. Excia. para unir as fôrças do seu comando com as desta Republica, e a posição atual em que V. Excia. se acha póde dar-lhe essa gloria, ficando debaixo do unico titulo de Herói Republicano Rio-grandense : e assim trabalharemos juntos para fazer renascer a paz e a felicidade deste Estado. Estes são os meus desejos e de todos os meus compatriotas. — De V. Excia. ato. venr.

Domingos Crescencio de Carvalho.

Cidade de Pelotas, 13 de maio de 1837".

---

(6) Refere-se Domingos Crescencio de Carvalho ao combate da ilha do Fanfa, occorrido de 2 a 4 de outubro de 1836.

(7) Referencia á tomada de Caçapava pelas forças farroupilhas comandadas já por Bento Manuel Ribeiro, a 7 de abril de 1837. (Notas de W. S.).

Com a sua natural fleugma britanica leu Greenfell a carta ironica do seu adversario. Não se agastou nem desanimou o sereno chefe naval. Nova tentativa fez, de acordo com Silva Tavares, comandante da guarda-nacional do Rio Grande, que foi aceita.

Afim de conferenciar com o chefe adverso, no dia 18 apresentou-se Greenfell ás margens do S.-Gonçalo acompanhado dos comandantes das canhoneiras ns. 2 e 6, sendo recebido pelo coronel Crescencio e dois oficiais.

Entenderam-se, por fim, os dois ilustres militares, resultando daí uma suspensão de armas, estabelecida no dia 20, sob as seguintes clausulas :

"*Art. 1.º* — Ficará servindo de divisão ás fôrças comandadas pelas partes assinadas o rio S.-Gonçalo, até que pelo Governo a que pertencerem se decida a suspensão d'armas, hoje tratada.

Art. 2.º — Que as fôrças navais ocuparão o rio S.-Gonçalo, conforme lhes parecer mais conveniente, emquanto as ditas fôrças estiverem debaixo do comando do chefe de divisão João Pascoe Greenfell.

Art. 3.º — O comandante superior mandará retirar toda a fôrça que tiver na margem esquerda do rio S.-Gonçalo, e da mesma maneira o comandante das fôrças repúblicanas fará parar qualquer fôrza que tiver na margem direita do rio, ou que para alí se encaminhe.

Art. 4.º — Esta suspensão d'armas só é admissivel emquanto o Exmo. chefe de divisão João Pascoe Greenfell vái a Pôrto Alegre, a tratar com o Exmo. sr. presidente da prpvincia Francisco das Chegas Santos e com o general em chefe das fôrças republicanas Antonio de Souza Netto.

Art. 5.º — De hoje em diante ficam cessadas todas as hostilidades entre as fôrças ao mando das partes contratantes.

Art. 6.º e ultimo. — O objeto desta suspensão é procurar dar fim a guerra civil, que tanto tem affligido a provincia do Rio-Grande-do-Sul e dar tempo para se obterem da côrte do Rio de-Janeiro meios conciliatorios para evitar o derramamento de sangue brasileiro.

E para firmesa do que assinam as partes contratantes.

Margem esquerda do rio S.-Gonçalo, 20 de maio de 1837.

João Pascoe Greenfell — João da Silva Tavares — Domingos Crescencio de Carvalho".

Durante a conferencia dos dois distintos militares, de que resultou o convenio acima, o coronel Crescencio — diz-nos o almirante H. Boiteux — "protestou que ele e seus amigos estavam em armas não para se separarem da familia brasiliense e do governo central; mas sómente para se livrarem de varios abusos provincias e da administração e influencia de homens aborrecidos por eles e seus inimigos inveterados, e que a necessidade sómente os havia obrigado a adoptar o sistema republicano. — Contestou-lhe Greenfell que haviam meios constitucionais para remediar todas as suas justas queixas; que o Governo imperial nunca poderia abandonar os seus direitos; porem, que tudo se poderia esperar da sua generosidade, uma vez que os rebeldes desistissem do seu projecto de separação e de república; que neste sentido desejava facilitar-lhes os primeiros passos".

A referida suspensão d'armas trouxe, logo de inicio, preciosa vantagem ao partido da legalidade, pois determinou a paralisação da "marcha de Juca Netto que, com 300 homens, vinha do Estado Oriental para entrar por S.-Miguel e atacar pela retaguarda as fôrças de Silva Tavares, cuja cavalaria já por três vezes derrotada se achava por isso completamente desmoralizada". Com ela, todavia não concordou o farrapo Manuel Lucas de Oliveira.

Logo no dia seguinte á assinatura do pacto acima, fazia-se de véla para Pôrto-Alegre o chefe João Pascoe Greenfell, deixando no comando da fôrça naval, constante da barca a vapor *Liberal* e de duas canhoneiras, o primeiro-tenente Antonio José Francisco da Paixão, munido das seguintes instruções: — "Fique Vme. comandando as fôrças no rio S.-Gonçalo, devendo regular-se pelas seguintes instruções: — Fará observar religiosamente, na parte que lhe toca, os artigos da suspensão d'armas, cuja copia junta lhe remeto; — Conservará as canhoneiras unidas no fundeadouro entre o Passo dos Negros e o arroio de Pelotas, e fará de tempo em tempo, rondar pelo rio S.-Gonçalo desde a barra do mesmo até a do Mirim, a barca a vapor e na sua falta um lanchão armado; — Proíbirá toda a correspondencia de um para outro lado do rio que não seja autorizada pelo comandante superior João da Silva Tavares, com quem Vme. deverá entender-se a obrar de acordo em tudo o mais que ocorrer ao serviço nacional e imperial". (Extraido de *A Marinha Imperial na revolução farroupilha*, do capitão de mar e guerra Lucas Alexandre Boiteux, pasg. 53 a 58).

DIA 25: — Afim de tratar com o presidente sobre o que combinára com Crescencio, isto é: a suspensão de armas e a pacificação da provincia, chega

a Pôrto-Alegre, John Pascoe Greenfell. O que então se passou, e o que se seguiu, extraimos, ainda, da citada obra do cap. de mar e guerra Alexandre Lucas Boiteux :

"O chefe Greenfell ao chegar a Pôrto-Alegre, oficiou e logo conferenciou com o presidente e comandante das armas, o tenente-general Francisco das Chagas Santos, nomeado por decreto de 14 de abril, sobre a suspensão das hostilidades, pondo-o ao par da correspondencia que trocára com o chefe revolucionario Crescencio de Carvalho.

Chagas Santos, soldado rude e de ideias reacionarias assás estreitas, respondeu-lhe a 26 que "não estando autorizado para fazer ou ajustar tratados, e muito menos com rebeldes e anarquistas", só aceitava a "deposição incondicional das armas pelos revolucionarios, que deviam implorar perdão ao Imperador"...

O chefe naval, diante dessa crua e inesperada resolução presidencial, retirou-se profundamente maguado para o Rio-Grande.

Nesse inteirim, o brigadeiro Bento Manuel, já ao serviço da revolução, surpreendia e destroçava junto ao arroio de Santa Barbara as tropas do general Sebastião Barreto Pereira Pinto".

JUNHO DE 1837

Dia 5 : — Nas margens do arroio Santa Bárbara é destroçado, numa surpreza levada a efeito por Bento Manuel Ribeiro, o general Sebastião Barreto Pereira Pinto.

Dia 6 : — Toma posse da presidencia o bacharel catarinense Feliciano Nunes Pires. — Cheio dos mais nobres sentimentos de concordia, lançou a seguinte

PROCLAMAÇÃO

Rio-grandenses! Acabando de tomar posse da presidencia desta provincia, o meu primeiro passo é dirigir-me a vós para exortar-vos á paz e á concordia.

Demasiadas perdas, trabalhos e privações tendes experimentado, demasiados odios e vinganças se têm cevado, demasiado sangue, e sangue brasileiro se tem, emfim, derramado: tempo é, pois, de cessarem tantos males e tantos horrores: oxalá pudessem eles ser de uma vez varridos de vossa memoria!

Riograndenses! A unica táboa de salvação que vos resta é submeter-vos sinceramente ao imperio da lei e manter as instituições que a nação abraçou na sua regeneração: essa táboa eu vo-la ofereço, assegurando-vos que aqueles que assim o fizerem, aqueles que para isso concorrerem merecerão toda a contemplação dos poderes nacionais, merecerão de mim toda a proteção que for compativel com a dignidade do governo, e, o que é mais, merecerão as bênçãos da patria que, oprimida e quasi aniquilada, reclama de seus filhos os mais heroicos sacrificios a prol da paz e da prosperidade da provincia.

Viva a nação brasileira! Viva o nosso jovem imperador constitucional! Viva a pacificação da provincia! Viva a integridade do imperio!

Pôrto-Alegre, 6 de junho de 1837.

Feliciano Nunes Pires".

Dia 11: — Na sua viagem de regresso ao Rio-Grande, depois da decepção sofrida com a resposta de Chagas Santos, visita, Greenfell, naquela cidade, o novo presidente nomeado, bacharel Feliciano Nunes Pires que se dispunha a ir á capital tomar posse, como realmente tomou, a 6.

Não perde o ilustre marinheiro bretão a oportunidade de falar ao novo presidente em cujo animo infiltrou, é bem de crer-se, as ideias pacifistas que aparecem na sua proclamação (Veja-se 6-6).

Deixemos, ainda, a cargo de Alexandre Lucas Boiteux, na já citada obra, relatar os sucessos que se seguiram até o final desta séria tentativa pacificadora :

"Mostrando-se o ilustrado catarinense (Nunes Pires) acorde com os conciliatorios propositos e processos de que lançava mão para a pacificação da provincia, o chefe Greenfell obteve esta autorização para entrar em correspondencia com o general Souza Netto, comandante em chefe das fôrças da Republica.

Nessas condições endereçou a carta abaixo áquele prócer :

> "Ilmo. sr. Antonio de Souza Netto. — — Havendo-me assegurado o comandante da fôrça de Pelotas que V. S. está animado de sentimentos correspondentes aos dele, tinha-me aqui dirigido afim de ver si V. S. concorreria para terminar esta guerra fratricida, antes que mais vitimas aumentem a profunda miseria em que está submergido este país. O exmo. sr. presidente da provincia, que acaba de chegar da côrte do Imperio, me autoriza a dizer a V. S. e a seus amigos que o governo imperial está disposto a contemplar com toda a generosidade e favor áqueles que desistindo da impraticavel empresa da separação desta provincia do imperio, reünirem-se sinceramente á causa nacional. Quando terá V. S. e seus amigos melhor ocasião de se acomodar? Podem requerer as garantias que lhes parecerem ne-

cessarias: mas não desprezem a voz da razão e da humanidade.

Tenho a honra de ser de V. S. ato. obro."

O general Souza Netto respondeu-lhe nos seguintes termos:

"Ilmo. sr. John Pascoe Greenfell. — Pelo tenente-coronel Florentino, me foi entregue sua carta de 11 do corrente, pela qual, e o que verbalmente o mesmo me comunicou, fico imposto das benignas intenções de V. Excia. e do novo presidente; nada desejo com tanta eficacia, como o termo da guerra civil, que infelizmente assola este estado, e gostoso me prestarei a fazer qualquer compostura com o governo brasileiro, tanto que ela for compativel com as circunstancias e interesses do Continente. V. Excia. é testemunha ocular das injustiças e barbaras perseguições que homens frenéticos e mal intencionados hão prodigalisado indistintamente a virtuosos rio-grandenses para cevarem particulares vinganças, maximé em Pôrto-Alegre, que ha sido teatro de todas as maldades: até o belo sexo ali experimenta o rigor da tirania!! Tantas atrocidades tem feito desaparecerem os desejos de conciliação; todavia por esta empregarei meus incessantes esforços. Informado da suspensão de armas, e convenção celebrada por V. Excia. e o comandante da divisão da esquerda, e a tempo que dessa mesma cidade se me assegurou haverem sido presos os oficiais daquela divisão, que a V. Excia. acompanharam, expedi no mesmo

instante minhas ordens áquele comandante para romper as hostilidades, visto que se nos tratava com tanta má fé, e ainda ignoro qual a conduta dele a respeito, por não se ter regressado o proprio, que lhe dirigi; hoje, porem, informado da conduta franca e leal de V. Excia. espeço ordem ao mesmo para obstar as hostilidades, té que faça presente ao exmo. presidente, oficiais superiores e mais autoridades republicanas os desejos do governo brasileiro e seus delegados, isto porque não é possivel por mim tomar resolução definitiva a respeito: havendo muita franqueza, e bôa fé nas fôrças imperiais, como ha nas republicanas, creio conseguiremos em pouco o termo da fatal discordia, que nos flagela, e que me será em extremo lisongeiro. — Sou com prazer, de V. Excia. ato. venr.

Antonio de Souza Netto.

Sitio da cidade de Pôrto-Alegre, 13 de junho de 1837".

Nessas condições, designou o presidente Nunes Pires ao seu conterraneo, coronel José Maria da Gama Lobo d'Eça, futuro barão de Saicã, e o dr. Joaquim Vieira da Cunha, vice-presidente da provincia, afim de entenderem-se com o chefe farroupilha. Enquanto se discutiam as bases de uma composição honrosa, partia o chefe Greenfell para a cidade do Rio Grande estando de volta ao S.-Gonçalo no dia 23 de junho.

No entanto, durante sua ausencia, Silva Tavares e Crescencio se haviam extremado. Reclamára o coronel Crescencio do comandante imperialista contra o aprisionamento de um dos seus soldados. Tavares, temperamento colerico e violento, mandou-lhe

dizer, em som de desafio, que fosse busca-lo ao seu acampamento. Crescencio, tambem assás assomado, ante aquela resposta perdeu a cabeça, e, violando o convenio, atravessou o S.-Gonçalo, a 10 de junho, e, apesar dos protestos do comandante da fôrça naval, marchou contra Tavares até sitia-lo no Rio-Grande.

Dias antes, a 4, Silva Tavares oficiára ao comandante Paixão informando-lhe de que José Netto, que se encontrava na fronteira do Chuí a caminho do Taím (8) e que chegára naquela madrugada aos Canudos (9) com o fito de passar para a outra margem ou para proteger a passagem de Crescencio; e insinuava-lhe a necessidade de, com brevidade, acorrer áquele ponto com uma canhoneira e a barca a vapor pelo menos. Dois dias após, Paixão respondia-lhe que logo que recebêra o referido oficio voára áquele ponto não encontrando o que se dizia. Procurára ter uma conferencia com Netto, que não se deu.

Nesse mesmo dia respondeu-lhe Silva Tavares não convir hostilizar Netto até a volta de Greenfell. Retrucou-lhe o comandante Paixão que se permitisse a passagem de Netto ficaria infringido o convenio; mas desde que Silva Tavares tomasse a inteira responsabilidade por tudo o que corresse, o avisasse. No dia 8, o comandante Paixão dava parte a Tavares que notára haver passado fôrça inimiga na volta do Pesqueiro (10) (cerca de 20 homens) e que fôra encontrada alí uma canôa, que os marinheiros haviam destruido.

---

(8) Arroio desaparecido em 1879. Desaguava na lagoa Mirim, municipio do Rio Grande. E' tambem o nome de um povoado no municipio do Rio Grande á margem da lagôa Mirim, mais conhecido pelo nome da Capilha. Dista 11 léguas da estação da Quinta.

(9) Passo sobre o Rio S. Gonçalo, municipios de Arroio Grande e Rio-Grande. (Notas de W. S.)

(10) Passo e arroio tributario de S. Gonçalo, no municipio do Rio-Grande. (Idem)

No dia 10 de junho o comandante Paixão recebia a seguinte carta do coronel Crescencio :

"Ilmo. sr. — Com bem pesar meu comunico a V. S. que os motivos que me obrigaram à romper as hostilidades foi procedido por falta de inteligencia praticada pelo coronel João da Silva Tavares por não me ter entregue uma praça que aprisionaram em ocasião de suspensão de armas cuja praça reclamei, assim como para passar para esta parte do rio o general Pedra dando prazo de seis dias para se efetuar o que acima digo e os motivos ponderados são os que me obrigaram a passar o rio que servia de divisa. Protestando a V. S. que nenhuma hostilidade praticarei contra as forças navais ao mando do exmo. general Grinffo (sic) enquanto esta não romper fogo contra as do meu mando até que de Pôrto-Alegre venha a decisão que tão anciosamente esperamos. — Deus guarde a V. S.

Campo em marcha, 10 de junho de 1837.

Domingos Crescencio de Carvalho".

O chefe Greenfell, ao chegar de volta, a muito custo conseguiu convencer o coronel Crescencio a voltar para o seu antigo posto e esperar o resultado das negociações, que se faziam em Pôrto-Alegre (4 de julho).

A imprensa legalista, ao saber das preocupações e passos dados pelo ilustre oficial general d'armada, em favor da pacificação da provincia por meios brandos e conciliatorios, abriu contra ele forte e pertinaz campanha, taxando-o de infame, estrangeiro e trai-

dor; e de tal modo acusou-o diante da opinião pública que esta, enfurecida, chegou a pedir a cabeça do bravo e desinteressado oficial.

Entretanto, ele, surdo ás infames invectivas, não abandonava seus nobres propositos, e convencido disso não desanimou, esperando que o governo aprovasse o seu comportamento que, afinal, era conforme ao espirito das instruções recebidas". (Idem, pags. 59 a 61).

Apesar de abortados, virtualmente, os planos conciliatorios de Greenfell pela oposição dos legalistas e de alguns farroupilhas, entre os quais se destacava Manuel Lucas de Oliveira, o bravo marinheiro inglês não desanimou na nobre campanha pacificadora, tentando ainda novos acordos, como se verá mais adiante, nestas efemérides.

Dia 12: — José Garibaldi, munido da "carta de corso" da Republica Rio-grandense, entra em Maldonado, conforme se vê da seguinte noticia inserta em *El Universal*, de Montevidéo, desta data: "Um corsario com a bandeira republicana do Rio-Grande, entrou no pôrto de Maldonado conduzindo uma presa carregada de açucar. Ao saber, porem, que as autoridades estavam providenciando para o prender, pôz-se ao largo com a sumaca apresada, ignorando-se o ponto a que se dirigiu. O governo comissionou (*governo uruguáio*) um empregado da Fazenda para formular o correspondente sumario assim que teve noticia da chegada dos navios. Quando chegou áquele pôrto, já haviam zarpado". (Conf. Setembrino E. Pereda, in *Garibaldi en el Uruguay*).

Dia 25: — Pôrto-Alegre continua sitiada. Nesta data o brigadeiro Francisco Xavier da Cunha pretendendo romper o cerco da capital, investe fortemente contra as hostes farroupilhas, travando-se

renhida luta no sitio denominado Fortalesa, no municipio de Viamão. Nesse recontro sangrento morreu, bravamente, o major Jorge de Mazaredo, comandante do 8.° batalhão de caçadores de 1.ª linha. Após essa luta bombardearam os farroupilhas a capital, a cujas portas chegaram, sendo, porém, violentamente repelidos.

AGOSTO DE 1837

DIA 3 : — Greenfell faz espalhar entre os habitantes de Pelotas e os de Piratiní a seguinte proclamação :

"As fôrças navais tornam a ocupar o rio S.-Gonçalo ; os mesmos sentimentos que ditaram a suspensão de armas em 20 de maio, as animam. Vemos em vós outros patricios dominados ou iludidos por homens ambiciosos, que procuram lucrar com o fruto do vosso trabalho e do vosso sangue. O barbaro procedimento dos sitiantes, no bombardeamento de Pôrto-Alegre, onde somente morreram alguns inermes e inocentes, acumulará sobre suas cabeças a maldição dos rio-grandenses. Facil era á fôrça naval vingar-se de semelhantes atrocidades nas cinzas dessa cidade (11) ; porem, longe das armas imperiais esteja semelhante nódoa. Descançai em vossas casas, ou, como brasileiros, apresentai-vos com franquesa a nós. Somos patricios e amigos".

DIA 12 : — Combate do Triunfo, entre as fôrças legais ao mando do brioso coronel da guarda nacional, Gabriel Gomes Lisbôa, e as farroupilhas chefiadas por Antonio de Souza Netto que, após o recontro de 25 de junho, abandonára o sitio da capital.

(11) Refere-se á cidade de Pelotas, então ocupada pelos farroupilhas, comandados por Domingos Crescencio de Carvalho.

Depois da mais renhida luta, perdendo os legais quasi todos os homens, mortos e feridos, Gomes Lisbôa entrincheira-se entre cadaveres e morre, afinal, heroicamente, quebradas ambas as pernas, entre os soldados mortos e feridos que o cercavam. Netto, sabedor do fato, acorre ao local e ordena continencia militar ao bravo imperialista que tombára, mandando fazer-lhe imponente funeral.

Gabriel Gomes Lisbôa era veterano das guerras platinas, tendo feito as campanhas de 1811 e 1812, 1816 a 1820 e 1825 a 1828, distinguindo-se sempre por seu valor e sangue frio. A morte de Gomes Lisbôa foi grande perda para as fôrças do imperio.

DIA 15 : — Prosseguindo nos seus nobres intuitos, Greenfell escreve, nesta data, novamente ao coronel Crescencio longa carta na qual, entre outras cousas dizias :

"Não temo que estes homens pervesos de um e outro partido alcancem seus fins *(Refere-se aos que não queriam a pacificação)*. O espirito brasileiro, mais cedo ou mais tarde, os ha de subjugar ; porém, desejo sobremaneira o termo de tantas desgraças, e persuadido que nisto concordo com os sentimentso de V. S. reclamo de V. S. mais um esfôrço para uma causa tão sagrada. V. S. tém mostrado seu prestigio na campanha ; seus talentos militares são admitidos por todos ; não desejo que V. S. dê um passo indecoroso. Os ilmos. srs. Antonio Netto e José Netto ambos são meus amigos, e pensam do mesmo modo ; em suas mãos está o terminar gloriosamente esta fatal contenda, reünindo-se á familia brasileira debaixo de garantias seguras e razoaveis, merecendo assim a bênção da patria e os aplausos de todo o mundo sensato".

Crescencio responde-lhe em seguida lamentando não serem unanimes as intenções pacificadores e mostrando-se devereas indignado por não saberem "perfidos galegos e os degenerados rio-grandenses, seus partidarios", avaliar os inestimaveis serviços prestados por Greenfell ao Brasil. Sobre as condições dizia que o governo republicano estava pronto a fazer a pacificação imediata "uma vez que ele reconheça a independencia rio-grandense, e que tirado disto, sempre serão baldadas tais esperanças". E concluia sua carta:

"Firme nas puras intenções das pessoas que hoje compõem o governo deste Estado, ofereço a V. Excia. toda a hospitalidade e franqueza, uma vez que esses tiranos julgam no caracter e honra de V. Excia. a traição, e menos avaliam os serviços de um militar, que em todas as épocas tem mostrado ao Brasil o seu desenvolvimento".

Contudo, a guerra continuava... e Greenfell, apesar de impiedosamente atacado, não esmorecia na sua campanha pacificadora.

Dia 18: — Depois de forte combate entre os imperiais comandados por Manuel dos Santos Loureiro, e os republicanos, apanhados de surpreza, chefiados por João Manuel de Lima e Silva, são estes destroçados no povo de São Luis de Missões, sendo aprisionado Lima e Silva entre 9 e 10 horas da manhã. Levado pelas forças imperiais com destino a Pôrto-Alegre, foi, entretanto, Lima e Silva assassinado nas proximidades do passo Geral do Piratiní na tarde deste mesmo dia.

João Manuel de Lima e Silva nasceu no Rio de Janeiro a 2 de fevereiro de 1805, sendo filho legitimo do brigadeiro José Joaquim de Lima e Silva e d. Joana Maria da Fonseca Lima e Silva. Era tio do futuro duque de Caxias.

SETEMBRO DE 1837

DIA 10 : — Bento Gonçalves foge do forte do Mar, na Baía, para onde fôra transferido. O fáto foi grandemente comentado, até na Camara, onde a oposição acusou o governo de conivencia na fuga do chefe farroupilha. (Veja-se a descrição completa do feito em nosso *Farrapos !*)

DIA 19 : — Diogo Feijó entrega a Regencia ao ministro Pedro de Araujo Lima.

DIA 28 : — E' nomeado presidente do Rio-Grande-do-Sul o marechal de campo Antonio Elzeario de Miranda e Brito.

OUTUBRO DE 1837

DIA 1 : — Tendo Guilherme Parker, capitão de fragata, tido ordem de subir o Jacuí até a vila do Triunfo afim de distrair os republicanos e dar tempo a que os legais fossem ás Charqueadas buscar gado de munício e cavalhada, trava-se, nesta data, pequeno tiroteio entre o patacho *Leopoldina* e canhoneira n.º 6, e os farroupilhas então aquartelados na vila do Triunfo.

DIA 6 : — Pedro de Araujo Lima, ministro do Imperio, a quem coube governar o Brasil em nome do Imperador, pela desistencia do energico padre Diogo Feijó, — Araujo Lima encarou sob outro aspéto a revolução sul-riograndense, e nesta data, com o intuito de ver si conciliava os animos, divulgou a seguinte proclamação aos

RIOGRANDENSES !

As desordens de vossa provincia têm consternado o coração de todos os brasileiros. Unidos pelo sagrado vinculo da mesma religião, da mesma lei

fundamental, dos mesmos interesses e recordações gloriosas, eles sempre consideraram proprias as desgraças de qualquer dos membros da grande familia.

Interprete fiel dos seus e dos vossos proprios sentimentos, zeloso guarda da monarquia constitucional e integridade do Imperio, condições essenciaes da nossa atual e futura felicidade, o Regente interino, em nome do imperador o senhor D. Pedro Segundo, vai de novo esforçar-se em restaurar a paz, e o imperio da lei, que alguns homens insidiosos ou iludidos tem calcado aos pés em vossa provincia.

De diversos pontos do imperio marcham fôrças, e fôrças suficientes para tão desejado efeito : e não receeis que vos faleçam jámais os recursos necessarios para o triunfo da ordem e da liberdade.

Rio-grandenses ! O Regente interino, em nome do Imperador, não tendo em vista a vingança nem a perseguição, ao mesmo passo que arma os generais com a espada, tambem lhes entrega o ramo da oliveira. O mais glorioso feito das armas imperiais será o de conciliar irmãos.

O recurso ás armas só terá lugar contra aqueles que inteiramente surdos á voz da razão e da justiça, surdos á voz de seus proprios interesses, e de seus compatriotas, que lhe oferecem o abraço fraternal, continuarem na carreira da anarquia e da deshonra.

Rio-grandenses ! O governo imperial fará quanto deve : cumpre que o coadjuveis. A Divina Providencia que vela sobre os preciosos dias no nosso jovem monarca, bem como sobre os destinos do Brasil, coroará os nossos esforços com o mais feliz sucesso.

Viva a religião! — Viva a constituição e o ato adicional! — Viva o Imperador! — Vivam os Rio-grandenses, defensores de tão sagrados objetos!

Palacio do Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1937. — *Pedro de Araujo Lima.* — *Bernardo Pereira de Vasconcellos*".

DIA 7: — Greenfell, a quem já nesta data o proprio governo via com máus olhos devido ás calunias e ataques que lhe fazia a imprensa legalista, responde, nesta data, o oficio de 12 do passado que lhe enviou o vice-almirante Tristão Pio dos Santos, então Ministro da Marinha do Imperio, no qual era o chefe naval do Rio-Grande-do-Sul censurado por serem as despesas com a marinha demasiado elevadas, etc., forjando-se, para isso, um novo decreto datado de 15 de setembro, com finalidades, pode-se dizer, vexatorias.

E' o seguinte o oficio de John Pascoe Greenfell ao Ministro:

> "Ilmo. exmo. sr. — Acabo de ver, com bastante sentimento, o decreto de 15 de setembro pelo qual V. Excia. quiz privar a mim e aos meus valentes companheiros d'armas da distinção e adiantamento na marinha, que nos foram outorgados pelo antecessor de V. Excia., e sancionados por uma lei da Assembléa Geral Legislativa por relevantes serviços em combates com os inimigos do governo imperial.
>
> Eu seria indigno do comando que me está confiado, e do posto que á custa de meu sangue repetidas vezes derramado pela causa do Brasil tenho sido elevado, si não representasse a V. Excia. contra um áto, cuja tendencia é diretamente de extinguir

toda a emulação na Marinha; toda a confiança na sua administração e estabelecer o principio que os oficiais que passam tranquilos em suas casas e que se excusam dos serviços de perigo, tenham a mesma sorte que os que se arrojam aos trabalhos e aos combates e que os premios concedidos por por um ministro por serviços á nação possam ser anulados á vontade de outro.

Esta guerra, todavia, não está acabada e ainda que V. Excia. nos prive de um forte incentivo, restam-nos os principios de honra e patriotismo que afiançam o desempenho dos nossos deveres, e a esperança de que V. Excia. atendendo ao que acabo de representar dará o remedio que as circunstancias e justiça exigem. — Deus guarde e V. Excia. — Bordo da barca *Liberal*, surta no Rio-Grande-do-Sul, 7 de outubro de 1837".

Com esse áto Greenfell desanimou por completo e não mais tratou da pacificação da provincia mesmo depois do manifesto do ministro do Imperio, Pedro de Araujo Lima (Veja-se dia 6 de outubro).

Dia 30: — Na coxilha do Espinilho, nas Missões, o general Bento Manuel Ribeiro derrota o coronel legalista Manuel dos Santos Loureiro.

Homero Baptista (Almanaque do Rio Grande do Sul para 1901) assim descreve esse acontecimento: Loureiro estava nas Missões. "Marchando, de volta, para reünir-se a uma coluna legalista, encontrou Boaventura Soares, proximo ainda a S.-Borja, com pouca fôrça. Atacou de súbito o grupo de insurgentes, desbaratando-o, apezar do inexcedivel esforço de seu valente comandante, que estava des-

prevenido, no desconhecimento da volta dos legalistas. Continuando a marcha foi derrotado em 30 de outubro de 1837, na coxilha do Espinilho, por fôrças de Bento Manuel, que viéra ao encalço do companheiro e poderoso auxiliar da vespera. Batido, assim, contramarchou rapidamente, sendo tenazmente perseguido por Bento Manuel, que o levou sobre o Ibicuí, no passo de Mariano Pinto, compelindo-o a transpor o rio. Bento Manuel o seguiu com dois corpos de infanteria e um pequeno troço de cavaleiros, deixando do outro lado o cornel Zeferino Manuel Pereira. Loureiro sem detença repassou o rio poucas leguas adiante e caíu de chofre sobre Zeferino, que morreu no começo da refréga, o que determinou a derrota de sua brigada. Depois dessa sortida, Loureiro vitorioso, mas sem elementos para enfrentar os terriveis adversarios, afastou-se com a possivel rapidez dessas paragens, prosseguindo sua marcha até ao exercito imperial".

NOVEMBRO DE 1837

Dia 3 : — Tomma posse da presidencia, em Pôrto-Alegre, o marechal de campo Antonio Elzeario de Miranda e Brito.

— Bento Gonçalves da Silva entra novamente no Rio-Grande-do-Sul, após sua fuga do forte do Mar, na Baía (Veja-se 10-9-1837).

"Cidade de Piratiní, 17 de dezembro de 1837. — Meu bom amigo. — No dia 3 do passado tive a satisfação de pisar neste país abençoado chegando a Torres, e no dia 9 tocou-me a gloria de abraçar os ami-

gos que compõem a divisão do centro. Dalí partí para esta cidade onde tomei posse no dia 16, do emprego de presidente. As ocupações imensas que me distraem, privam-me absolutamente de cumprir o que haviamos tratado; mas logo que tiver ocasião não obstante alguma demora remeti á sua senhora 200$000 rs. e juntamente as cartas que me havia entregado, sabendo tambem que ela e mais familia gozam saude. Até hoje nenhuma noticia de vós tenho tido, assim como do Cabo d'Esquadra, e como suponho se ache em vossa companhia vos recomendo o façais seguir com a brevidade possivel para a estancia de meu mano Manuel, e juntamente o meu escravo que deve estar hoje em casa de minha comadre D. Ana Lavalleja. Inclusa lhe envio a proclamação que depois da minha posse dirigi a meus patricios, e peço-lhe haja de a mandar imprimir porque ainda nos falta uma tipografia. As continuadas vitorias que tem tido as armas repúblicanas nos asseguram em breve completa vitoria, e ainda mais pelas noticias que gaora tivemos de que a Baía deu o grito de liberdade. Os nossos inimigos estão reduzidos a Pôrto-Alegre, Rio-Grande e Norte e mui pronto serão carregados nestes ultimos pontos. — Dai-me sempre noticias vossas e contai com o vosso amigo e I.·. —

B. G. Silva".

DIA 16 : — Bento Gonçalves da Silva presta juramento e assume a presidencia da Republica Riograndense.

ATA DA SESSÃO EXTRAORDINARIA

Aos 16 dias do mês de novembro de 1837, 2.º da independencia do Estado Rio-grandense, nesta cidade de Piratiní, ás 9 horas do dia, reünidos os vereadores srs. Verde, Silveira, Correia, Morais, Ramão, Abreu, Pires e Miranda, com a presidencia do sr. Barbosa foi aberta a sessão e declarou que o motivo de haver convocado esta Camara era para ser lido um oficio dirigido a ela pelo Exmo. Ministro do Interior, datado de 15 do corrente, no qual comunica que, achando-se nesta cidade o exmo. sr. general Bento Gonçalves da Silva, tinha este de ser investido do cargo de presidencia desta República, como lhe competia segundo a vontade geral dos povos, especificada na áta das sessões da Camara de seis de novembro do ano p. p. ; e que por, isso prevenia á Camara para que hoje pelas 11 horas da manhã se achasse reünida, afim de ser investido o mesmo Exmo. general dos poderes nacionais e prestar-se-lhe juramento, pelo que se deliberou unanimemente que se oficiasse ao mesmo convidando-o a comparecer na sala das sessões na hora indicada e para dito fim ; em consequencia o sr. presidente nomeou os srs. vereadores Silveira, Correia e Abreu para levarem o oficio de convite ao exmo. sr. e igualmente nomeou aos srs. Verde, Morais e Ramão para convidarem ao exmo. sr. presidente, afim de assitir ao áto de posse, depois do que suspendeu a sessão.

Comparecendo na sala das sessões o atual exmo. sr. presidente e o exmo. sr. general Bento Gonçalves da Silva, a este depois de lida a áta de seis de novembro p. p. este nas mãos do sr. presidente da Camara prestou juramento que se acha transcrito no livro competente.

Concluido este áto, o sr. presidente da Camara propôz que se participasse ao exmo. sr. general em chefe do exercito que neste dia havia empossado as redeas do governo desta Republica ao exmo. sr. Bento Gonçalves da Silva, e que o mesmo se fisesse público por editais, publicando a posse e juramento que prestou ao exmo. sr. presidente, o que foi aprovado.

Em nome da Camara, o sr. presidente da mesma convidou ao mesmo exmo. sr. e em geral aos espetadores para assistirem a um Te-Deum Laudamus que manda celebrar em ação de graças.

E de como esta Camara assim resolveu e praticou, mandou lavrar esta áta em que assinaram todos os srs. vereadores, e eu João José Dias da Cruz Miranda vereador e secretario interino, que a escrevi e assinei. — *Manuel Rodrigues Barbosa, Serafim José da Silveira, Francisco Moreira da Silva Verde, João Antonio de Morais, Antonio José de Abreu, Bernardo Pires, João José Dias de Cruz Miranda, Ramão Garcia de Vasconcellos*".

Dia 29 : — Por decreto desta data o governo da República Rio-grandense promove Bento Manuel Ribeiro, "outrora brigadeiro do imperio", ao posto de general do exercito republicano.

DEZEMBRO DE 1837

Dia 1 : — Greenfell, de regresso ao S.-Gonçalo, comunica ao governo a existencia de partidas republicanas nas redondezas, as quais havia hostilizado por varias vezes. Conclúi dizendo que era muito de seu desejo que as fôrças imperiais transpusessem o rio S.-Gonçalo "para o desengano dos insurgentes que todavia não acreditavam nos auxilios chegados e nas fôrças de que dispunham os legalistas".

Dia 3 : — Ainda com referencia aos sucessos anteriores sobre a pacificação, Greenfell escrevia ao ministro da marinha do Imperio : (12) :

"Fiquei muito satisfeito de S. M. não se ter iludido com as calunias que contra mim têm proferido homens perversos ; lembra-me de haver prevenido a V. Excia. disto antes de eu partir para esta provincia, e póde V. Excia. estar certo que sómente a anarquia que sucede á prisão de Antéro (Veja-se 23 de março de 1837) fez-me aparecer na arena politica ; assim mesmo não tenho pesar do que fiz e os brasileiros sensatos me farão justiça. Sinto muito que a marinha não possa influir mais para acabar esta guerra ; há muito tempo que os rebeldes estão escarmentados do mar, e não querem nada comnosco ; com a entrada da expedição a nossa maior tarefa está concluida e foi uma fortuna que Crescencio não ousasse ocupar a barra".

JANEIRO DE 1838

Dia 9 : — Os farroupilhas permutam o brigadeiro Antéro José Ferreira de Brito, que fôra aprisionado por Bento Manuel Ribeiro em 23 de março de 1837, — pelo tenente-coronel Francisco Xavier do Amaral Sarmento Menna, preso pelos imperiais.

Dia 21 : — Antonio Elzeario de Miranda e Brito, presidente da provincia e comandante das armas, põem, nesta data, em ordem de marcha, as tropas imperiais, cerca de 1.600 homens, para romper o cerco de Pôrto-Alegre que estava sob a chefia de David Canabarro.

---

(12) Joaquim José Rodrigues Torres (Gabinete de 19 de setembro de 1837).

Dia 30 : — Nesta data suspendem os farroupilhas o cerco de Pôrto-Alegre, temporariamente, afim de levar a efeito o ataque á vila do Rio-Grande que mais os interessava, nomomento, frustrando, desse modo, a tentativa de Elzeario, cognominado o "presunçoso cabo imperial".

Dia 31 : — As fôrças farroupilhas, comandadas por Bento Manuel Ribeiro, tomam, nas margens do rio Caí, duas canhoneiras aos imperiais depois de pequena luta. Estes navios foram incorporados á esquadrilha republicana sob a chefia do capitão-tenente José Garibaldi.

FEVEREIRO DE 1838

Dia 2 : — Em consequencia da perda das duas canhoneiras, e vendo-se na impossibilidade de resistir aos farroupilhas, retiraram-se precipitadamente das margens do rio Caí os imperiais comandados diretamente pelo presidente da provincia, Antonio Elzeario de Miranda e Brito.

Dia 24 : — Combate do São-Gonçalo. — Sob o comando dos generais Antonio Netto e Domingos Crescencio procuram os farroupilhas, em numero superior a 1.000 homens, forçar a passagem do rio S.-Gonçalo. Para esse fim construiram, na volta do Medeiros, nas margens do mesmo rio, pequeno forte. O S.-Gonçalo estava ocupado pelas canhoneiras ns. 1 e 6, comandadas, respetivamente, pelos primeiros-tenentes Manuel Maria de Bulhões Ribeiro e Antonio José Francisco da Paixão. Ao avistarem a fôrça inimiga, as duas canhoneiras que se achavam na barra do Piratiní, suspenderam imediatamente a espia, contra forte vento NE., e colocaram-se do inimigo á distancia de tiro de metralha.

"O fogo, — diz Garcez Palha, ob. cit. — que se prolongou desde as 4 horas da tarde até o escurecer, produziu tanto estrago nos revoltosos, que desistiram do intento e, á noite, se retiraram abandonando o forte que, cheio de sanguinolentos vestigios do combate, foi arrazado".

Essa tentativa frustrada foi consequencia da resolução tomada no cerco de Pôrto-Alegre (Veja-se 30-I-1838).

Dia 25: — Apesar da manhã tempestuosa que fazia, os farroupilhas tão fortemente carregados na vespera, tentaram, na barra do Pavão, (arroio tributario do S.-Gonçalo) enfrente á ilha do mesmo nome, novamente atravessar o rio afim de levar avante o planejado ataque á cidade do Rio-Grande. Os navios imperiais, porem, não se descuidavam. Apesar de algo avariados, ao primeiro sinal rumaram á barra do Pavão, resistindo á investida farroupilha. Finalmente estes, com grandes perdas, relativamente, recuaram afim de evitar maior sacrificio de gente. Os imperiais tambem tiveram prejuizos de gente e nos navios, especialmente na canhoneira n.º 1.

MARÇO DE 1838

Dia 3: — Bento Manuel Ribeiro abandonára a vila do Rio Pardo por estar com falta de cavalhada. O presidente e comandante das armas da provincia, marechal Elzeario de Miranda e Brito que seguira para aquela vila com o intuito de vingar a derrota de 2 de fevereiro (veja-se essa data), chega, nesta data á vila e, achando-a desocupada, aí deixou o marechal Sebastião Barreto Pereira Pitno, retirando-se em seguida para a capital. Sebastião Barreto ficou no Rio Pardo á testa de forte e aguerrida guar-

nição, da qual comandava a infanteria o brigadeiro Francisco Xavier da Cunha e a cavalaria o brigadeiro Bonifacio Isás Calderon.

ABRIL DE 1838

DIA 13 : — Sái de Pôrto-Alegre, comandada pelo marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto forte coluna destinada a bater os republicanos que, sob o comando de Bento Gonçalves da Silva, estavam acampados nas margens do S.-Gonçalo, proximo ao passo dos Canudos, vigiando os movimentos de Silva Tavares. Houve alguns pequenos recontros vantajosos aos imperiais, mas, em consequencia, cheios de vaidade, estes descuidaram-se um tanto, resultando a junção de varios chefes republicanos, Netto, João Antonio e Canabarro com Bento Gonçalves, os quais, imediatamente se puzeram em marcha rumo ao Rio Pardo.

DIA 30 : — Na vila do Rio Pardo trava-se um dos mais memoraveis combates registados no periodo revolucionario, entre as fôrças imperiais comandadas pelo marechal Sebastião Barreto, e as republicanas dirigidas por Bento Manuel Ribeiro, Antonio Netto e Domingos Crescencio.

Depois de heroica resistencia imperial, entram os revolucionarios na vila, pondo em fuga o comandante imperial, Sebastião Barreto Pereira Pinto, e o sub-comandante José Joaquim de Andrade Neves.

Narram cronicas da época que, vendo-se esses dois chefes perdidos, ordenam aos soldados que resistam até o ultimo cartucho. Mas, enquanto estes se portam como verdadeiros heróis, Sebastião Barreto e Andrade Neves ocultam-se numa lancha e, a todo o pano, afastam-se da luta, rio Pardo abaixo.

"Esse tremendo desastre, — escreve A. L. Boiteux, ob. cit. — foi logo comunicado ao chefe da fôrça naval e ao presidente da provincia pelo comandante G. Parker que se encontrava emfrente á vila do Triunfo no patacho *Leopoldina*, onde o comandante das tropas imperiais, marechal Barreto, chegára fugitivo em companhia de outros oficiais e se salvaram graças a alguns navios da esquadrilha que os acolheram com solicitude e presteza.

Os remanescentes da divisão destroçada — contínúa Boiteux, — recolheram-se á capital enquanto o coronel Cabral com a sua divisão era compelido a repassar o S.-Gonçalo e a escudar-se nas trincheiras da vila do Rio-Grande".

Neste combate foi aprisionada a banda de musica imperial, que era dirigida pelo maestro Mendanha. Dias mais tarde, a pedido dos farroupilhas, Mendanha escreveu a musica do *Hino da Républica* que, aliás, é simples decalque de uma valsa do velho Strauss, escrevendo os primeiros versos para o hino o ilustre farroupilha Serafim Joaquim de Alencastre.

O 30 de abril foi sempre festejado com pompa pelos republicanos.

MAIO DE 1838

Dia 7: — Entra, vitoriosamente, em Lages, um troço de fôrças farroupilhas, que é recebido entusiasticamente.

"Em principios de 1838, o governo de Santa Catarina enviava reforços para a região serrana, pois era esperada a toda a hora uma irrupção de fôrças republicanas naquelas paragens ricas em gado manteúdo.

"O coronel legalista Santos Loureiro, que policiava aquela circunscrição, cometia em Lages toda

sorte de arbitrariedades, estomagando e maltratando a população ordeira e sofredora.

"Tais prepotencias deram causa a que o povo se inclinasse simpaticamente para os sublevados da provincia visinha, que lhe acenavam com promessas sobremodo liberais, e acabasse por alcançar auxilio deles para sacudir o jugo tiranico dos delegados do Imperio". (Lucas Alexandre Boiteux, ob. cit. pag. 87).

Dia 11 : — Nesta data tem inicio o terceiro assédio á cidade de Pôrto Alegre, em cuja defesa o presidente Elzeario punha o melhor de seus esforços. Este assédio durou até 1840, com pequenas interrupções.

— Nesta mesma data é proclamada, em Lages, pela primeira vez, a Republica, com grandes arruidos. "Todavia, — diz Lucas Alexandre Boiteux, ob. cit., — não foi duradouro o dominio rio-grandense, pois, logo no mês seguinte, as tropas imperiais compeliam os insurgentes a abandonar a zona serrana de Santa Catarina".

JUNHO DE 1838

Dia 22 : — Por decreto desta data é nomeado Vigario Apostolico da República Rio-grandense o rev. padre Francisco das Chagas Martins de Avila e Souza.

AGOSTO DE 1838

Dia 1 : — Cuidando da instrução publica, o governo da República Rio-grandense expede ás Camaras Municipais republicanas a seguinte circular :

"Convencido o governo da República, que só por meio da difusão das luzes e da moral é que podem prosperar e robustecer

os Estados como este, baseados nos principios representativos: e tomando em consequencia por aquele motivo na mais seria consideração a educação e instrução da mocidade Rio-grandense, inteiramente derrocadas em todos ou quasi todos os pontos do Estado pelas vicissitudes de uma guerra de três anos, qual a que sustentamos contra os opressores de nossa liberdade e independencia, determina que Vossas Mercês pondo em vigorosa ação o patriotismo e mais qualidades que os distingue, façam instalar provisoriamente, com a possivel brevidade tantas escolas de primeiras letras, quantas forem as povoações ou lugares notaveis do seu municipio, provendo-as logo de mestres idoneos, morigerados, e instruidos, na falta dos conhecimentos do sistema de Lencastre, pelo menos nas quatro primeiras operações aritméticas e suas definições, e na escrita com acerto, aos quais farão examinar por duas pessoas entendedoras da materia, e perante Vossas Mercês, que igualmente lhes arbitrarão ordenados adequados ás circunstancias do local onde tiverem de exercer tal magisterio, dando de tudo parte ao governo por esta repartição para inteligencia; e assentamento no tribunal do Tesouro. — Outrosim lhes previno que tais provimentos não prejudicam aos professores que na conformidade das leis em vigor despachados forem pelo governo. — Deus guarde a Vossas Mercês. — Secretaria do Interior em Piratiní, 1.º de agosto de 1838. — *Domingos José de Almeida*".

Dia 23: — De Bordo do brigue-barca *Sete de Abril*, em São-José-do-Norte, John Pascóe Greenfell escreve, nesta data, ao Ministro da marinha do Imperio, José Joaquim Rodrigues Torres, queixando-se mais uma vez das perseguições que vem sofrendo por parte do presidente da provincia, marechal Antonio Elzeario de Miranda e Brito, e novamente pede a sua exoneração do comando das fôrças navais no Rio-Grande.

Entre outras cousas diz Greenfell no referido oficio:

"Devo advertir a V. Excia. que o exmo. sr. Elzeario desde que chegou a esta provincia tem se mostrado indisposto comigo; ora com ordens, insinuando injustas censuras á marinha, ora dirigindo ordens aos comandantes das embarcações de guerra na minha presença, sem se importar comigo, ora intrometendo-se com o detalhe da esquadra que sómente a seu chefe cabe; de maneira que sem embargo dos elogios que noutras ocasiões ele tem feito a briosa divisão do meu comando, tem-me sido sumamente penoso suportar o meu lugar, — Essa indisposição de S. Excia. nasce de simpatias que ele tem para com homens de um partido, que aqui existe, de quem eu havia adquirido inimizade por opor-me ás violencias que eles praticaram na anarquia que sucedeu á prisão do sr. Antéro".

E conclui dizendo: "Esta influencia ainda reina e é mais um motivo pelo qual de novo me obriga a pedir a V. Excia. o meu retiro deste comando, e assim agora faço, confiado de que a maior tarefa da marinha está concluida," etc. etc.

Mas essa campanha contra Greenfell não era sómente de Antéro: a imprensa liberal da côrte e o proprio parlamento faziam-na tambem...

Dia 29 : — Bento Gonçalves da Silva publica o seu longo *Manifesto do presidente da republica Rio-grandense em nome de seus constituintes*, em que faz o historico das causas da revolução de 20 de setembro, já divulgadas, em grande parte, no seu manifesto de 25 de setembro de 1835 (Veja-se esta data), e o porque da proclamação da Republica e declaração da independencia. (Esse "Manifesto" encontra-se, na íntegra, em *O Povo*, ns. 2, 3 e 4, de 5, 8 e 12 de setembro de 1838, e na *Revista do Instituto Historico e Geografico do Rio-Grande-do-Sul*, I semestre de 1928).

Dia 30 : — O tenente-coronel farroupilha, Rafael Fortunato de Abreu, derrota, nas proximidades des de Camaquã, o famigerado Moringue (Francisco Pedro de Abreu) que se distinguiu durante toda a revolução por suas façanhas e surprezas.

SETEMBRO DE 1838

Da 1 : — Aparece, em Piratiní, o primeiro numero do jornal *O Povo, Jornal politico, literario, e ministerial da Republica Rio-grandense*, dirigido pelo jornalista italiano Luis Rossetti. Traz no cabeço, logo abaixo do titulo, a seguinte legenda :

"O poder que dirige a revolução, tem que preparar os animos dos cidadãos aos sentimentos de fraternidade, de modestia, de igualdade e desinteressado e ardente ámor da Patria — *Jovem Italia*, Vol. V".

No dia 4 o ministro Domingos José de Almeida fez publicar e distribuir amplamente uma circular anunciando a publicação do jornal e dizendo que "não podendo atentas as reptidas carencias do exercito, espalhar gratis como cumpria, o referido Jornal", pede que tomem assinaturas.

Do n.° 46 (6-III-1839) em diante, passa *O Povo*, a ser publicado em Caçapava (Veja-se 9-I e 14-II-1839), desaparecendo após a publicação do n.° 160, datado de 22 de maio de 1840.

Dia 4 : — José Garibaldi participa ao Governo que nesta data fez presa da sumaca imperial *Mineira*, "com a unica despeza de um tiro de peça e dois de espingarda". A tripulação fugiu de bote desaparecendo ao norte de Bojurú. A sumaca ficou perdida, mas toda a carga foi salva.

Dia 20 : — Em consequencia do oficio de 23 de agosto ultimo (Veja-se esta data) é dispensado do comando das fôrças navais no Rio-Grande-do-Sul, o chefe de divisão John Pascoe Greenfell, e nomeado para substitui-lo o capitão-de-mar-e-guerra Frederico Mariath.

— Por decreto desta data o Governo da República Rio-grandense ordena o côrso contra o Brasil.

OUTUBRO DE 1838

Dia 12 : — A Camara Municipal de Cachoeira nomeia o padre-mestre João de Santa Bárbara, procurador geral do municipio, cargo que não aceitou conforme oficio seu de 29 de outubro deste ano, pretextando máu estado de saude e falta dos conhecimentos dos negocios públicos por estar afastado ha cinco anos (?) da provincia e dos negocios politicos.

Dia 25 : — O capitão-de-mar-e-guerra Frederico Mariath assume o comando da divisão naval do Rio-Grande-do-Sul, em operações contra os farroupilhas.

Mariath, português de nascimento, (como Elzeario) militou nas campanhas do Prata, na da Independencia e por ultimo na do Pará, onde dirigira

as operações navais. Em todos essas campanhas distinguiu-se sempre, sem, contudo, poder-se considera-lo oficial de grandes merecimentos.

NOVEMBRO DE 1838

Dia 5 : — Os imperiais comandados pelo coronel Salustiano Severino dos Reis e major Francisco Pedro de Abreu, num total de 755 homens, atacam os farroupilhas, comandados por Bento Manuel Ribeiro, nas proximidades do Triunfo, destroçando-os em parte. Perderam os republicanos : 24 mortos, 8 prisioneiros, 160 cavalos e 20 bois alem de alguns mantimentos. Poucas, relativamente, foram as baixas sofridas pela fôrça de Chico Pedro e Severino dos Reis.

Dia 19 : — Guarnecia Santo-Amaro, pôrto nas margens do rio Jacuí, um contingente farroupilha comandado pelo brioso Francisco Teixeira. Esse contingetnte, que tomára parte no combate do Rio Pardo (Veja-se 30 de abril de 1838) trazia prisioneiros varios soldados e oficiais legalistas entre estes o major Lopo de Almeida Henriques Botelho e Melo, que, naquele combate, comandava parte da artilheria, sendo um de seus heróis na resistencia. De surpreza (as surprezas eram o sistema habitual dos *combates* de Chico Pedro), de surpreza desembarca com forte contingente nas proximidades de Santo-Amaro, ataca o povoado e derrota completamente os republicanos, libertando os prisioneiros de 30 de abril. Por este e outros ataques, de surpreza quasi todos, foi que o governo imperial agraciou Chico Pedro com o titulo de barão do Jacuí.

Dia 23 : — Bento Gonçalves da Silva reassume o comando do exercito republicano, passando as redeas do governo ao coronel José Mariano de Mat-

tos, então Ministro da Guerra, e põem-se em marcha para a vila Setembrina (Viamão) afim de reforçar o cerco á cidade de Pôrto-Alegre que estava sendo relaxado.

DIA 2: — Segunda invasão da vila de Lages pelos republicanos rio-grandenses, chefiados pelo capitão Prestes. Mas, como da primeira vez, breve foi sua permanencia naquela provincia.

DEZEMBRO DE 1838

DIA 28: — O capitão revolucionario Vasco Márques de Souza derrota uma partida imperial comandada por José Alves de Simas (Juca Cipriano), na fazenda de Tacuarembó, de propriedade do marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto. Simas vinha sendo perseguido desde Camaquã, no dia 26, onde se deu o primeiro encontro, perdendo 2 homens. Em Tacuarembó, porém, foi totalmente destroçado, perdendo toda a cavalhada, muitos mortos e feridos e cerca de 30 homens extraviados.

JANEIRO DE 1839

DIA 9: — Constantemente ameaçados, e já um tanto em decadencia, não mais podem os farroupilhas manter sua capital em Piratiní. Alem disso, essa localidade ficava já um tanto afastada do seu centro de operações. Resolveu, então, Bento Gonçalves de acordo com o ministerio de república, transferir a capital de Piratiní para Caçapava. Nesta data foi oficialmente anunciada por Bento Gonçalves essa transferencia.
(Veja-se dia 14-II-1839).

Dia 10: — E' divulgado, em Pôrto-Alegre, o seguinte "Aviso":

"Ilmo. e exmo. sr. — O Regente em nome do Imperador ha por bem ordenar o seguinte, a respeito dos escravos que os rebeldes têm armado, e com os quais tambem hostilisam as fôrças imperiais:

1.º) Todo o escravo que for preso e tiver feito parte das fôrças rebeldes, será logo aí, ou no lugar mais proximo em que possa ter lugar, correcionalmente punido com duzentos a mil açoites, por ordem da autoridade militar ou civil, independentemente de processos. Depois de assim castigados, serão remetidos para esta capital, publicando-se seus nomes e senhores, afim-de-que saibam o destino de seus escravos, e possam dispor deles como lhes convier, contanto que não revertam á provincia do Rio-Grande, enquanto não estiver plenamente pacificada ao que por si, ou por seus procuradores se obrigarão por termo perante o juiz de direito chefe da policia encarregado de fazer a entrega aos que se legitimarem.

2.º) Os escravos que ao tempo da publicação desta providencia fizerem parte da fôrça armada dos rebeldes, e que abandonando o seu partido, se apresentarem ao general em chefe, ou ás autoridades que este designar, ficam anistiados e isentos de todo o serviço forçado, e ser-lhes-ha passada a carta de alforria, para ficarem gozando de sua plena liberdade.

E para que não fiquem expostos a reações e vinganças, ou por alguma funesta

casualidade, a recairem nas mãos dos rebeldes, serão a custa do governo transportados para fóra da provincia.

3.º) Os escravos que se apresentarem, e estiverem nas circunstancias da disposição antecedente, serão avaliados por dois louvados, um nomeado pelo procurador fiscal ou pelos fiscais que suas vezes fizerem, e o outro por seu dono, se estiver presente, na sua falta pelo que designar, ou tiver designado a respetiva Camara Municipal, ou pelos fiscais desta devidamente autorisados. Esta avaliação será feita sumariamente, e V. Ex. expedirá as precisas ordens para que não deixem de haver louvados, de que trata o paragrafo antecedente. Si os escravos pertencerem aos subditos imperiais fieis ao seu juramento, ao Trono e á Patria, ser-lhe-á o preço de avaliação pago logo que o requererem. Si, porém, forem esses escravos pertencentes aos rebeldes, seus colaboradores e protetores, só tera lugar o sobredito pagamento depois da devida indenisação, e da liquidação final, sendo para esse fim depositados no cofre da tesouraria provincial as quantias em que forem avaliados.

Transmitindo a V. Excia. esta ordem do Regente em nome do Imperador, espero que se desvelará em adoptar as medidas, e fazer todas as diligencias que possam produzir o resultado que delas espera ; pelo que lhe dará toda a publicidade pelos periodicos, por editais nas cidades, vilas, povoações, e quaisquer outros meios que oportunamente ocorrerem.

Deus guarde a V. Excia. Palacio do Rio de Janeiro em 19 de novembro de 1838. *Bernardo Pereira de Vasconcellos.* — Sr. Presidente da provincia de São-Pedro-do-Rio-Grande-do-Sul.

Cumpra-se e registe-se. — Palacio do Governo em Pôrto-Alegre, 10 de janeiro de 1839. — *Brito*".

Em represalia, o Governo da República Rio-grandense publicou, com data de 11 de maio de 1839, decreto em que, depois de fazer varias considerações em torno do "aviso" imperial, diz:

"o présidente da República para reivindicar os direitos inalienaveis da humanidade, não consentindo que o livre rio-grandense, de qualquer côr com que os acidentes da natureza o tenham distinguido, sofra impune e não vingado o indigno, bárbaro, aviltante e afrontoso tratamento que lhe prepara o infame governo imperial, em represalia ao que é provocado, Decreta:

Artigo unico. — Desde o momento em que houver noticia certa de ter sido açoitado um homem de côr a soldo da República pelas autoridades do governo do Brasil, o general comandante em chefe do exercito, ou comandantes das diversas divisões do mesmo, tira á sorte aos oficiais de qualquer gráu que sejam das tropas imperiais nossos prisioneiros, e fará passar pelas armas áquele que a mesma sorte designar". (Veja-se 16 de maio de 1839).

FEVEREIRO DE 1839

Dia 1: — Bento Manuel Ribeiro destroça duas canhoneiras imperiais e um lanchão armado, no rio Caí.

"Ilmo. e exmo. sr. — Em data de ôntem me dirigi a V. Excia. comunicando-lhe sucintamente o resultado do ataque que empreendi contra as canhoneiras imperiais Ns., 7 e 9 e o lanchão armado N. 2 na madrugada do 1.° do corrente. Agora porem, devo estender-me sobre os pormenores de tal empreza. Depois de uma marcha seguida de 9 a 10 leguas chegamos sobre a margem direito do Caí, e imediatamente se postaram duas emboscadas do 3.° batalhão que rompeu o fogo mais vivo, entretanto que se colocava uma peça de artilheria sobre a barranca comandada pelo tenente França, havendo se colocado outra mais abaixo sob o comando do tenente Bento Gonçalves (13) para impedir a retirada das canhoneiras no caso que isso tentasse, mais que logo veiu secundar o fogo da outra peça. O inimigo não deixou de fazer-nos bastante fogo, porem não puderam sofrer a bravura irresistivel de nossos soldados, e precipitadamente abandonaram as embarcações, lançando-se ao rio ganhando a margem oposta. A maior parte da guarnição pereceu no fogo, escapando-se apenas 8 ou 10 a pé pelo mato. Foi morto o comandante da canhoneira n. 7 (14), e ficou prisioneiro o comandante da canhoneira *1.° de fevereiro* (15) (outrora n. 9) inclusive 10 feridos, e passando-se dois. O lan-

---

(13) Filho de Bento Gonçalves da Silva, presidente da Republica Riograndense.

(14) Primeiro-tenente Antonio Dias dos Santos Bellico.

(15) "Primeiro de fevereiro" foi o nome que os farroupilhas, aliás, Bento Manuel Ribeiro, deu á canhoeira n.° 9, que passou, depois, a servir na marinha republicana, por algum tempo.

chão trazia 2 morteiros, um de ferro e um de bronze de calibre 3. A canhoneira N. 7, tinha dois rodizios, um de bronze, outro de ferro, e a canhoneira N. 9, uma peça de 9 reforçada em 12 e uma columbina, e mais 3 escaleres. Ficou-nos imensa quantidade de polvora, e 620 tiros de artilheria, sendo a maior parte de metralha ; uma porção de cartuchame, e perto de 50 armas de infanteria, não mencionando varios outros objetos que pouco interessam. Os feridos inimigos os fiz seguir para Pôrto-Alegre, e o comandante da canhoneira N. 9, que é o filho do Marquês de Inhambupe (16), como o encontrasse mui abatido e choroso, me compungi do seu estado lastimavel, e o soltei, dando-lhe passaporte para aquela cidade, certo de que V. Excia. me desculpará este áto de filantropia e humanidade. A canhoneira N. 7 ficou mui esbandalhada do fogo da artilheria, fazendo agua por toda a parte, apenas nos deu tempo para tirar a polvora, indo depois ao fundo com uma peça, tendo-se salvado outra com muito trabalho : a dita canhoneira fica no mesmo lugar, isto é, no passo do Contrato, e presumo que o inimigo não se atreverá a vir busca-la. As outras embarcações as fiz seguir pelo Caí acima até onde possam ficar sem risco de serem tomadas. Acho mui acertado que V. Excia. mande algum oficial de marinha, e marinheiros tomar posse

---

(16) Marquês de Inhambupe — Antonio Luis Pereira da Cunha. O filho, de que fala Bento Manuel, era o então primeiro-tenente Manuel Luis Pereira da Cunha, que se tornou um dos maiores herois na campanha contra o governo paraguaio, da marinha imperial.

delas pois ainda nos podem servir de muita vantagem; compôr-se a outra, e conservarem-se neste rio, até que em uma ocasião favoravel possam ganhar o Guaiba, e subirem por ele acima. Nesta jornada toda a tropa se conduziu o melhor possivel, como mostro na ordem do dia junta por copia, que V. Excia. se dignará mandar imprimir no jornal da República. A nossa perda foi de 2 homens mortos no fogo, 2 depois de feridos, e 8 feridos levemente, inclusive um oficial do 3.º batalhão.

Deus guarde a V. Excia. — Quartel General no passo do Pesqueiro, 2 de fevereiro de 1839. — *Bento Manuel Ribeiro.* Ilmo. e exmo. sr. general *Bento Gonçalves da Silva*, presidente da Republica".

DIA 14: — Conforme fôra anunciado a 9 de janeiro ultimo, o governo, da República Rio-grandense instala-se, nesta data, em Caçapava que é elevada á cidade e capital.

A mudança dos arquivos e da tipografia foi todo feito em carretas de bois, e mesmo durante a viagem composto em grande parte o n.º 46 do jornal *O Povo*, e o boletim extra datado de Caçapava, 5 de fevereiro, com o decreto que manda passar pelas armas todos os oficiais legalistas que haviam sido soltos depois de terem feito o juramento de não mais pegarem em armas contra os republicanos.

DIA 19: — "Os lanchões dos rebeldes do Rio-Grande, saindo do Camaquã, surgem a barlavento de um comboio de embarcações legais, que se dirigia para a cidade do Rio-Grande e se achava fundeado perto de Itapuã, á espera de vento. — Perseguidos

pela canhoneira n. 4 e pelo cúter *Murai*, poderam escapar-se por um riacho, onde não era possivel navegarem os nossos navios". (Garcez Palha, ob. cit.)

MARÇO DE 1839

Dia 21 : — Bento Gonçalves da Silva dirige veemente proclamação aos lageanos convidando-os a pegar em armas contra o Imperio :

"Fazei troar no meio de vossas montanhas, — dizia o presidente da republica Rio-grandense, o brado glorioso da vossa emancipação absoluta ; despedaçái o imperioso grilhão do despotismo, e cheios de indignação lançai-o fóra !

Que podeis recear contando-nos a nós e aos nossos poderosos aliados no numero dos vossos amigos?

Vossas posições geograficas, vosso caracter, vossos habitos e usos, tudo concorre a irmanar-nos para sempre em um anel firme : sejamos um e o mesmo povo ; pois a Providencia que a todos os homens fez livres, não deixará (porque é justo abençoar os nossos esforços) de fazer prosperar as nossas armas".

Dia 28 : — Desembarca em Pôrto Alegre o Ministro da Guerra Sebastião do Rego Barros, ficando em seu lugar, na pasta, o Ministro da Marinha Joaquim José Rodrigues Torres.

ABRIL DE 1839

Dia 12 : — Nas pontas de Cunhã-Perú, sobre nossas divisas com o Uruguái, foi destroçado pelo capitão Manuel Cavalheiro de Oliveira junior uma partida legalista chefiada pelos capitães Venceslau e Dedeco. Ficou em poder dos republicanos toda a cavalhada que levavam, e da fôrça poucos homens se salvaram, não escapando, mesmo, o capitão Dedeco.

Dia 13 : — No Curralão, em São-Borja, uma fôrça imperial ao mando de Chará e Catalão, composta de 70 homens, foi rechassada pelas fôrças do general Portinho composta, na ocasião, de 50 homens.

Retirando-se os imperiais, sempre perseguidos pelos homens de Portinho, foram, ambos, engrossando suas colunas com fôrças volantes que estavam pelas redondezas. Por isso, a luta entre ambas as partidas continuou sempre, sem treguas, finalizando somente no dia 20, com a passagem dos imperiais, depois de sério revez, pelo passo de Santa-Maria, no Uruguái. Tiveram os imperiais 10 mortos, 4 prisioneiros, varios feridos, toda a cavalhada perdida, grande parte de arreamento e muito armamento caíu em poder dos farroupilhas.

Dia 17 : — Francisco Pedro de Abreu, o célebre Chico Pedro, ou *Moringue* (mais tarde barão do Jacuí), ataca, na estancia da Barra, com mais de 100 homens, o quartel de Garibaldi no qual somente se encontravam, no momento, 11 homens inclusive o *condottiere*. Valentemente resistem ao ataque os marinheiros republicanos conseguindo, depois de terem, casualmente ferido a Chico Pedro, po-lo em retirada.

Em oficio desta data Garibaldi relata o feito :

> "Ilmo. sr. — Hoje fomos acometidos por um grupo de mais de cem homens, segundo calculo, entre cavalaria e infanteria montada. Passando a noite em contínuo alarme, logo que o sol dissipou a cerração, e não ocorreu novidade mandei recolher as sentinelas e piquetes avançados afim-de principiar o trabalho nos lanchões ; mas como tornasse a cerração, o inimigo apareceu de repente quasi a meio tiro de pistola, saindo de um mato que flanqueia o quartel, no qual

existiam, então, 11 homens somente; o que posto, depois de vivo fogo por espaço de algumas horas, essa horda de escravos e assassinos se retirou, deixando no campo seis mortos e levando muitos feridos, entre os quais o mesmo Francisco Pedro, baleado no peito e em uma mão. Nós temos seis homens levemente feridos, e lastimamos a morte de um camarada. Cumpre-me notar que estando a gente da guarnição espalhada, não lhe foi possivel reünir no calor do combate, cabendo por isso toda a gloria dele aos onze bravos de que acima fiz menção, cujos nomes levarei á presença do Governo, para que sejam devidamente premiados, visto a bizarria com que se votaram á morte na defeza da nascente República Riograndense, contra inimigos em numero tão desigual, o que ainda uma vez prova que um livre é para doze cátivos. — No campo achamos algumas armas, arreios, patronas e outras miudesas. A minha mala e todos os papeis de contabilidade foi pelo inimigo roubada. E' necessario que V. S. faça marchar alguma cavalaria para este ponto, porque ainda podemos ser visitados por aquela canalha, si bem que não tememos. — Deus guarde a V. S. — Brejo do Camaquã, 17 de abril de 1839. — Ilmo. sr. Serafim Inacio, comandante de polícia. — *José Garibaldi*, capitão-tenente, comandante da esquadrilha da República".

Dia 23: — Não desacoroçoados com o revez sofrido de 13 a 20, as fôrças imperiais de Chará e Catalão voltaram a atacar o general Portinho nas mar-

gens do Uruguái, junto ao passo de Santa Maria, sendo, porem, novamente repelidos e, desta vez, postos em fuga. Perderam os imperiais 7 mortos alem de feridos, 14 cavalos ensilhados e 300 "gordos e sãos". — As baixas sofridas pelos republicanos foi diminuta.

Dia 24 : — Por decreto desta datao governo da República Rio-grandense estipula os vencimentos do Vigario Apostolico da República e indica o titulo que se lhe deve dar. Reza o decreto :

"Artigo unico. — O Vigario Apostolico do Estado vencerá anualmente a congrua de dois contos e quatrocentos mil reis aos quais tem direito de vinte e dois de junho do ano ultimo em diante, e o seu tratamento deverá ser o de Excelencia Reverendissima, quer verbalmente, que por escrito".

Dia 29 : — Regressa á côrte o Ministro Sebastião do Rego Barros, "muito convencido de que a revolução estava em vespera de ser debelada».

Chegando á côrte a 6 de maio declarou, com empáfia, que não "trepidaria em afirmar ao parlamento que o triunfo da Constituição e do trono não estava distante, e que a duração da campanha não podia ser longa", etc. Mas, a politica, na côrte, modificára profundamente e Rego Barros fôra, em consequencia, apeado do poder pelo novo Ministério de 16 de abril.

MAIO DE 1839

Dia 16 : — Decreta o Governo da República Rio-grandense o retorno ao cativeiro de todo "o homem de côr a soldo da República e por ela livre", que se tiver passado para os imperiais e for aprisionado. (Veja-se 10-1-1839).

Dia 23 : — E' exonerado do comando das fôrças navais na provincia do Rio-Grande-do-Sul o capitão-de-mar-e-guerra Frederico Mariath, e nomeado para substitui-lo o capitão-de-mar-e-guerra John Pascoe Greenfell.

Mariath foi exonerado do cargo em consequencia do desastre sofrido nas margens do Caí em 1.º de fevereiro deste ano (Veja-se essa data) aliado ao fáto de não ser *persona grata* do então Ministro da Marinha, chefe de divisão Jacinto Roque de Senna Pereira (Gabinete de 16 de abril de 1839), em virtude de desinteligencias havidas durante a campanha Cisplatina.

Greenfell, assim, embóra estivesse ainda na presidencia da provincia o presunçoso marechal-de-campo Antonio Elzeario de Miranda e Brito, que tanto o maltratára, e apesar de toda a campanha difamatoria contra ele feita por ocasião de suas tentativas de pacificação (Vejam as datas : 20-V-1837, 25-V-1837, 6-VI-1837, 11VI-1837, 3 e 15-VIII-1837, 7-X-1837, e 23-VIII-1838) volta ao Rio-Grande-do-Sul, com novas instruções e completa independencia, conforme rezam as instruções que lhe foram enviadas com data de 31 deste mês, firmadas pelo proprio Ministro da Marinha : "e para esse fim fica V. S. encarregado da direção, e em tudo quanto for peculiar á força de mar, com independencia do general-chefe da fôrça de terra".

Dia 22 : — E' nomeado presidente da provincia o dr. Saturnino de Souza e Oliveira.

JUNHO DE 1839

Dia 12 : — Por ter sido já nomeado o seu substituto, o marechal-de-campo Antonio Elzeario de Miranda e Brito, profundamente melindrado, en-

trega a presidencia ao vice-presidente, Dr. João Dias de Castro que tomou posse em seguida — Antonio Elzeario de Miranda e Brito foi, depois, de Caxias, o presidente que mais tempo governou a provincia no periodo revolucionario (Veja-se: 28-IX e 3-XI-1837).

DIA 24: — E' empossado na presidencia da provincia o dr. Saturnino de Souza e Oliveira.

DIA 25: — De conformidade com o decreto de 6 de outubro de 1838, firmado por Bento Gonçalves da Silva e Domingos José de Almeida, foi, neste dia, ereta oficialmente com o titulo de *Vila Setembrina de Viamão*, a antiga Capela Grande do Viamão, e instalada a sua Camara Municipal, cujos vereadores eleitos, empossados neste dia, foram os srs.: Sargento-mór Manuel Vaz Ferreira, Rev. Hildebrando de Freitas Pedroso, Amancio Gonçalves Viana, Tomé José de Araujo, cap. José Ferreira da Silva, Francisco Rodrigues de Barcelos e cap. Joaquim da Costa Moreira.

DIA 29: — Já Greenfell assumira novamente o comando das forças navais na provincia. Estavam os farroupilhas instalados nas suas posições de Itapuã e Ponta do Junco. Nesta data, porem, notando que Greenfell iria ataca-los, protegidos pela noite extremamente escura abandonam as posições, retirando-se em um lanchão que estava amarrado junto ás baterias.

"O chefe Greenfell, — diz GARCEZ PALHA, ob. cit., — na barca *Cassiopéa*, persegue-os por toda a costa do saco do Capivarí, até que os revoltosos se internaram por um riacho onde não foi possivel navegar a *Cassiopéa*. — O primeiro-tenente José Ricardo Coelho de Abreu, com quatro canhoneiras ficou bloqueando esse ponto".

JULHO DE 1839

DIA 5 : — Definitivamente deliberada a ideia de serem estendidos ás demais provincias do Brasil os ideais republicanos, David Canabarro e José Garibaldi resolvem iniciar o plano em Santa Catarina, onde já em mais de um ponto o republicanismo grassava, atormentando o governo imperial (Veja-se : 7 da maio de 1838 e 21 de março de 1839).

Afim de levarem, com exito, a termo a ideia, concebeu Garibaldi o plano de transportar por terra os seus lanchões da Lagôa dos Patos até a barra do Tramandaí, — visto estar a barra do Rio-Grande bloqueada pelos imperiais, enquanto Canabarro e Joaquim Teixeira encetariam, por terra, a marcha sobre Laguna, o que foi feito.

E esse memoravel projéto executado por Garibaldi, — o transporte dos barcos *Seival* e *Farroupilha* por terra desde a Lagôa dos Patos na fóz do Capivarí, até ás praias de Tramandaí, — tornou-se célebre não tanto pelo transporte em si, pois nada de novo nele havia (Fournier e Sorriano, na guerra entre o Brasil e as provincias Unidas do Rio da Prata, executaram façanha identica, e os venezianos, em 1439, fizeram identico transporte, mas em maiores proporções, pois levaram 30 navios, de Revoredo a Torbole), mas pela audacia do feito desorientando completamente os imperiais que o julgavam perdido pelo bloqueio que lhe faziam no saco do Capivarí, e pela rapidez do transporte de um a outro ponto (9 dias).

DIA 10 : — A respeito da convenção para auxilios reciprocos entre o governo republicano rio-grandense e o governo uruguáio, encontramos numa carta de D. Frutuoso Rivera, firmada de Montevidéu,

10 de julho de 1839, ao general D. Antonio Lavalleja, o seguinte trecho :

"O general Martins parte para Caçapava com o caracter de agente confidencial junto ao governo republicano, com o fim de fazer efetivo o tratado privado que teve lugar em setembro do ano passado, em meu quartel general em frente a Paisandú, quando alí chegou o coronel Matos, de que V. tem noticia. Já lhe disse que esse negocio está perfeitamente concluido e que agora vái dar-se-lhes a ultima demão para nossa segurança reciproca".

Infelizmente nada encontramos sobre o "tratado privado" feito em Paisandú...

Dia 15: — Desatrelados, na véspera, as lentas juntas de bois que transportaram até Tramandaí os dois navios *Farroupilha* e *Seival*, da esquadrilha republicana, Garibaldi com seus intrepidos patricios e mais companheiros, lançaram n'agua, apesar do tempo tempestuoso, os dois navios. O *Farroupilha*, comandado pelo proprio Garibaldi, porem, naufragou levando consigo para o fundo das aguas alguns marinheiros. Garibaldi e 14 homens da tripulação salvaram-se. O *Seival* era comandado pelo norte-americano João Griggs a quem Garibaldi tece elogios nas suas *Memorie autobiografiche* (17).

---

(17) A respeito de João, ou John Griggs, diz o capitão-de-mar-e-guerra Lucas Alexandre Boiteux, em sua já citada obra, transcrevendo o que colhera o almirante Henrique Boiteux:

"Sobre este ultimo (John Griggs), conhecido por *João Grande*, devido á sua avantajada corpulencia, estatura e força herculea, merece que se diga algo a seu respeito. — Dizia-se americano; depois de haver sido vigario de uma pequena igreja em sua terra natal, na Irlanda, passou a dirigir um recolhimento de raparigas, donde, devido aos seus desregramentos com as penitentes á sua guarda, teve que fazer vispere; foi alistar-se entre os membros da seita *Quakers*, bando religioso este cuja denominação proveiu das contorsões que faziam seus primeiros adeptos para mostrarem o medo do Juizo Final. — Proibindo os ritos o uso de armas brancas ou de fogo e o derramamento de sangue, servia-se John Griggs, para combater, de um bas-

Serenada a tempestade, seguiram, todos, no navio escápo ás ondas, rumo da Laguna, onde chegaram dias mais tarde apresando dois novos barcos que denominaram *Rio Pardo* e *Caçapava.*

Dia 18 : — Bento Manuel Ribeiro exonera-se do cargo de general da República Rio-grandense, e, a respeito, justificando sua exoneração, dirige a seguinte carta ao Ministero e Secretario de Estado dos Negocios da Guerra, coronel José Mariano de Mattos :

> "Ilmo. e exmo. sr. — Depois de haver feito sacrificios quasi superiores ao esforço humano na defesa da integridade do Brasil, em cujo serviço havia encanecido, me vi forçado a abandona-lo pela ingratidão que se usou comigo, e sobretudo por não comportar um desaire que a estupidez do brigadeiro Antéro de Brito e perversidade de seus conselheiros me destinavam por galardão. Sabe-o a provincia inteira, e sabem-no até os visinhos Estados. Entretanto minha posição social não tolerava ficasse eu então neutro no meio da violenta agitação em que estavam os espiritos, nem jamais o meu caracter lhano me permitiria o figurar de hipócrita ; e alem disso, meus bens (que avultavam no Estado) (18) e a conservação deles a bem de minha numerosa familia reclamavam a minha adesão á causa

tão mudidó na extremidade de um castão de ferro, que manejava com extrema agilidade e dextresa ; cada golpe que descarregava podia-se contar uma vitima sem derramamento de sangue. Diz-se que, de consciencia tranquila, acompanhava a quéda do adversario repetindo o versiculo dos psalmos : — *Accipe adhuc illum, Domine, in misericordiam tuam* (Senhor, recebe mais este na tua misericordia)". (Pag. 83/84.)

(18) Ao contrario de todos os demais, Bento Manuel sempre fala nos seus bens... Veja-se na Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do Rio G. do Sul, III trim. 1936 o artigo Caxias e Bento Manuel Ribeiro.

que começou a contar dessa época a maioria do país por si. Dediquei-me pois a ajudar os republicanos, porem foi o meu intento serví-los na classe de simples cidadão, sem exercer cargo algum. Viram-me todos prestar meus serviços ao lado do cornel João Antonio e de outros dignos rio-grandenses, expondo-me assim ás amargas sátiras dos meus inimigos, sem outro objéto mais do que ser util ao Rio Grande. Por fim, havendo regressado de seu exterminio o exmo sr. Presidente, nos encontramos em Rio Pardo, marchamos até o Padre Eterno (19) e retrocedemos juntos para a vila do Triunfo. No decurso desta jornada ocupei-me somente em eximir-me do comando das divisões para que s. excia. me havia nomeado; já o coração presago me anunciava futuros dissabores: já bastantes ingratidões havia sofrido daqueles a quem melhor tinha servido, e eu não duvidava quão brevemente m'as causariam esses que então tanto me lisongeavam. Afinal sacrifiquei minha opinião e meus principios a uma pura condescendencia com aquele exmo. sr, Eis que sem distar muito tempo vejo já realizados meus pressentimentos, notando com estranheza no n.º 79 do *Povo*, jornal da República, publicado um decreto referendado por V. Excia., onde nomeia para tenente-coronel e comandante do 2.º batalhão de caçadores Francisco José da Rosa, (20) desai-

---

(19) Nome de um arroio e serra no atual municipio de S. Leopoldo. E', tambem, o nome de um nucleo colonial na mesma zona.

(20) "Tomando em consideração os serviços prestados á causa da liberdade e independencia deste Estado pelo digno patriota o tenente-coronel de caçadores de 1.ª linha Francisco José da Rocha, que por ela tão de-

rando-me desta arte aos olhos de todo o país, pois é geralmente sabido que repreendi asperamente esse insubordinado baiano, indigno até de cingir a banda que desdoura. Dedicado desde os meus primeiros anos á carreira militar, me tenho nela avantajado, não pelos meios do servilismo, sinão por ações de esforço e inteligencia ; e servindo nesses tempos com os generais d. Diogo de Souza, Conrado Jacob e tantos outros que temos o costume de chamar déspotas, nenhum deles jámais me desairou.

Alí estão os rio-grandenses todos testemunhas do apreço e consideração com que sempre me honraram, sem que eu soubesse curvar-me á prepotencia. Hoje, já proximo á sepultura e cheio de cãs ganhadas em arduos serviços á patria prestados, não pósso nem devo tolerar que por um obscuro baíano fira V. Excia. nem o exmo. governo minha honra e pundonor militar. Pelo que levo ao conhecimento de V. Excia. para sua inteligencia, que desde a data desta me reputo demitido da graduação que tenho na República e exonerado do serviço militar ; ambicionando a honra de ser conisderado sempre como um simples cidadão rio-gran-

---

cidida e francamente mostrára suas generosas simpatias na Baía, sua patria, á despeito da espionagem inquisitorial do governo do Rio de Janeiro, concorrendo com quanto lhe era possivel em favor dos riograndenses que alí se achavam detidos em ediondas masmorras, e cooperando para po-los em plena liberdade : o Presidente anuindo ao seu oferecimento de prestar-se ao serviço deste país, o admite no mesmo posto, e lhe confére o comando do 2.° batalhão de caçadores de 1.ª linha, cujas funções exerce desde 6 de novembro proximo passado, época da qual contará seus vencimentos, e antiguidade.

José Mariano de Mattos, Ministro e Secretario de Estado nos Negocios da Guerra, Marinha e Exterior assim o tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios. — *Bento Gonçalves da Silva* — José Mariano de Mattos" — Cumpra-se" etc.

Este decreto está datado de Caçapava, 25 de junho de 1839.

dense, favor a que meus serviços me dão algum jus.

Deus guarde a V. Excia. — Cachoeira, 18 de julho de 1839.

Ilmo. e Exmo. sr. coronel José Mariano de Mattos, ministro e secretario de Estado dos negocios da guerra.

Bento Manuel Ribeiro".

Dia 22 : — Desalojado da barra da Laguna pela escuna *Itaparica* e lanchão *Lagunense*, no dia 21, entra no rio Tubarão onde sabia não existir fôrças imperiais, o navio farroupilha *Seival* a cujo bordo estava Garibaldi e Griggs. Descendo o rio encontra-se com o barco republicano o lanchão *Imperial Catarinense*, comandado por José de Jesus. Trava-se a luta entre os dois até que, faltando munição ao lanchão imperial, o comandante resolve queima-lo. Desce, em seguida, o barco republicano encontrando, pouco mais abaixo, o lanchão legal *Lagunense*, que é tomado sem dificuldade. Daí rumam novamente para Laguna já evacuada pelos legais comandados pelo coronel Vicente Paulo de Oliveira Vilas-Bôas que soube terem os farroupilhas fôrças muito superiores ás suas. Tendo Vilas-Bôas tambem ordenado aos navios fundeados no pôrto que saissem barra fóra, ficaram encalhados a escuna *Itaparica* e o lanchão *Santana*, que foram tomados pelos farroupilhas na manhã do dia seguinte. Todas as manobras de evacuação ordenadas por Vilas-Bôas foram executadas durante a noite deste dia.

Dia 25 : — Vendo-se senhores de Laguna e varios outros pontos da provincia de Santa Catarina, proclamou David Canabarro, nesta data, a Repú-

blica Catarinense, ou Juliana, conforme se vê do oficio seguinte, da mesma data, "ao cidadão Presidente e Vereadores da Camara Municipal da Vila da Laguna":

"Insessantes deprecações do povo catarinense a favor de sua indépendencia e liberdade foram dirigidas ao governo republicano rio-grandense; elas foram acolhidas e jámias deixariam de o ser entre uma nação livre, e em resultado veiu a divisão libertadora sob meu comando. Seus primeiros passos anunciam a breve terminação desse punhado de baionetas do imperio, e a consolidação do sistema livre nesta parte no sólo americano. A vitoria que no dia 22 do corrente a face desta vila obtiveram nossas armas; e as mais que sairam sucedendo; a espontanea vontade com que vôam os livres americanos, de todos os cantões do nascente Estado Catarinense ás fileiras libertadoras, são o gàrante de sua estabilidade. Que deveremos praticar em um nexo vitorioso quando os frutos procuram aos homens e não estes a aqueles? Quais os embaraços que faltam superar? Nem um só resta para declarar já e já solenemente a Nação Catarinense livre e independente, formando um Estado Republicano Constitucional. Esse dia de grandesa nacional pertence hoje a esta representação Municipal que deverá ser a da capital interinamente visto que o municipio da cidade do Desterro, unico onde esse limitado numero de baionetas se conservam, ainda que por curto espaço de tempo, está privado de partilhar a gloria de elevar com os demais concidadãos a patria ao nivel das Nações do Globo". etc. etc.

Por este fato grande foi o regosijo em todo o Rio-Grande-do-Sul republicano.

AGOSTO DE 1839

Dia 3: — Trava-se, na Azenha (Pôrto-Alegre), pequeno combate entre os legais comandados pelo brigadeiro Felipe Néri de Oliveira e as fôrças farroupilhas que citiavam a capital, comandadas pelo general Antonio de Souza Netto. Este combate não teve consequencia alguma apezar de sair ferido em um braço o brigadeiro Néri.

Dia 24: — Comandando a esquadrilha imperial no Rio-Grande-do-Sul o habil marinheiro bretão John Pascoe Greenfell, via-se a esquadrilha republicana constantemente perseguida. Garibaldi com os navios *Seival* e *Farroupilha* seguira para Laguna, ficando a manobrar com o restante da esquadra republicana no Rio-Grande o destimido marinheiro farroupilha Zeferino Dutra. Estava esta composta dos lanchões *Rio-Pardo*, *Independencia* e *Setembrina*.

Dutra, fugindo sempre á ação de Greenfell, internou-se na lagôa Formosa onde, julgando-se bem abrigado, iniciou a fabricação de um brigue e de uma sumaca. Aí, porem, nesta data, veiu encontra-lo o chefe imperial, Greenfell. Zeferino Dutra, vendo-se perdido, com apenas meia duzia de homens em cada lanchão, rendeu-se após curto combate.

Greenfell mandou incendiar os lanchões farroupilhas e o madeiramento dos que estavam sendo construidos por estes.

SETEMBRO DE 1839

Dia 19: — No Arroio-dos-Ratos (São-Jeronimo) após violento e desigual recontro, o coronel legalista Francisco Pedro de Abreu consegue destroçar completamente regular partida farroupilha comandada pelo bravo catarinense coronel José Manuel de Leão. Este ficou no campo da luta, entre os cadaveres..

OUTUBRO DE 1839

Dia 19 : — Tendo desembarcado em Ponta Grossa, na então aldeia dos Anjos (Gravataí), a fôrça imperial comandada pelo brigadeiro Felipe Néri de Oliveira, a 18, e sabendo que nas imediações havia fôrças farroupilhas, destacou o brigadeiro o major Francisco Pedro de Abreu com o fim de surpreender os revolucionarios o que, porem, não conseguiu. Na tarde deste dia 19, o proprio brigadeiro encontrou-se com pequena fôrça republicana, volante, composta de cerca de 60 homens que foram dispersos, mas em seguida teve que recuar á vista de força revolucionaria maior, retirando-se para uma ilhota onde ficou abrigado e defendido por um lanchão. Na retirada, porem, para a ilhota, foi acometido por cerca de 300 farroupilhas travando-se pequeno combate do qual resultou ficarem varios imperiais feridos, sofrendo os republicanos tambem algumas baixas. Na madrugada de 20, temendo mais violento ataque, Néri reembarca sua gente rumando para Pôrto-Alegre.

Dia 20 : — Garibaldi, comandante da esquadrilha farroupilha, com duas escunas e um palhabote, zarpa do pôrto da Laguna numa viagem de corso pelas costas de São-Paulo.

Dia 31 : — Na madrugada deste dia o major José Joaquim de Andrade Neves, com 40 cavalarianos e 31 infantes, fez uma batida no campo da Varzea, junto á capital, onde existia uma fôrça farroupilha assediando a cidade. Carregados pelo esquadrão ligeiro do comando do sargento Machado protegido pelo resto da cavalaria, os farroupilhas tiveram que recuar perdendo, no embate, 6 lanceiros negros e 3 cavalos, todos mortos. Cairam em poder dos legais 10 cavalos arreados, 3 armas de infante-

ria, uma espada, 3 lanças, malas, cartucheiras e munições. Os imperiais perderam alguns homens feridos, e duas espadas que se quebraram. Após o embate recolheram-se os imperiais precipitadamente á capital porque novo contingente republicano se aproximava, em numero superior ao dos legais.

NOVEMBRO DE 1839

Dia 2 : — O capitão-tenente José Garibaldi, comandante da esquadrilha dos revolucionarios, volta de seu cruzeiro pelas costas de SãoPaulo com a escuna *Rio-Pardo*, o palhabote *Seival* (cada um desses navios montava uma peça de 9) e três navios mercantes apresados, — as sumacas *Bizarria* e *Elvira* e um hiate, quando na altura da ilha de Santa Catarina é atacado pelo patacho *Andorinha* (2 peças de 18), comandado pelo capitão-tenente Francisco Romano da Silva. O *Andorinha* represou a *Elvira* e o hiate, e perseguio até a noite os outros navios. No mesmo dia a sumaca *Formiga*, que era outra presa das quatro que Garibaldi fizéra, foi retomada em Cananéa. (Rio Branco).

Dia 3 : — Garibaldi perseguido na vespera pelo patacho *Andorinha* (diz Rio Branco nas suas Efemérides), colocou-se junto á ponta de Imbituba (Santa Catarina) com a escuna *Rio Pardo*, o palhabote *Seival* e a escuna *Bizarria*, unica presa que lhe restava. Em terra, 200 atiradores e uma peça protegeram esses navios, que foram atacados pelos patachos *Andorinha* (2 peças, 35 homens) e *Patagonia* (1 peça, 4 caronadas, 62 homens) e pela escuna *Béla Americana* (1 peça 2 caronadas, 38 homens), comandados pelo capirão-tenente Francisco Romano da Silva e pelos primeiros tenentes Jorge Benedito Ottoni e João Custodio d'Houdain. O combate co-

meçou 10 minutos depois do meio dia e terminou ás 4 e 45 da tarde. Os navios imperiais afastaram-se, indo os dois patachos fundear em frente da enseada e seguindo a *Béla Americana* para a ilha de Santa Catarina, afim de pedir tropas, que desalojassem as fôrças de terra, e pequenas canhoneirs, que, sem perigo de encalhe, pudessem chegar á posição ocupada pelo inimigo. O tempo era de aguaceiros com vento S. S. E. fresco. No dia 4 bordejaram os dois patachos e trocaram alguns tiros com o inimigo. Durante a noite Garibaldi incendiou a presa e pela madrugada conseguiu escapar com os seus dois navios e entrar na Laguna. (Rio Branco).

DIA 15: — Nas suas já citadas *Efemérides*, assim descreve o barão do Rio Branco o combate naval da Laguna, eentre farroupilhas e legalistas:

"Os revolucionarios rio-grandenses estavam senhores da vila da Laguna e seus arredores desde 23 de julho. David Canabarro comandava as fôrças de terra (1200 homens) e o capitão-tenente José Garibaldi era o chefe da esquadrilha guarnecida principalmente por italianos. O forte da Barra tinha 9 peças e era comandado pelo capitão Felipe Capote. A esquadrilha, disposta em se-mi círculo, perto do forte, compunha-se dos navios seguintes: escunas *Itaparica* (5 peças, comandante João Henrique, dos arredores da Laguna, "Juan Henrique del paese de la Laguna", diz Garibaldi), *Rio Pardo* ou *Libertadora* (1 rodizio de 9, Garibaldi) e *Caçapava* (1 rodizio de 12, John Griggs), canhoneira *Lagunense* (1 rodizio de 6, Manuel Rodrigues), cinco navios guarnecidos de atiradores, palhabote *Seival* (1 rodizio de 9, Lorenzo Valerigni) e lanchão *Santána* (1 rodizio de 9, Inácio Bilbáo). Canabarro evacuou a vila e passou-se para o sul, ao saber que o tenente-coronel

José Fernandes dos Santos Pereira avançava de Vila Nova com uma brigada (2.º de infanteria, batalhão provisorio de Pernambuco, batalhão da Guarda Nacional da Serra, cavalaria da Guarda Nacional de Imbaú e do Desterro e um contingente de artilheria). Essa coluna entrou sem resistencia na vila, pelas cinco horas da tarde, quando terminava o combate naval. A's quatro, o capitão-de-ma-re-guerra, depois almirante, Frederico Mariath forçava a entrada da barra com os navios seguintes: canhoneira n.º 14 (comandante Moreira da Silva, 2 bocas de fogo), lanchão n.º 1 (comandante A. J. Pereira Leal, 2), lanchões ns. 2, 3 e 4 (cada um com uma boca de fogo, comandantes Rodrigues da Costa, J. M. da Silveira e Bernardo de Souza), canhoneira n.º 6 (comandante Gama Rosa, 2), canhoneira n.º 13 (comandante F. Pereira Pinto, depois barão de Ivinheima, 2), patacho *São-José* (comandante J. de Jesus, 5), brigues-escunas *Eolo* (navio chefe, comandante Paixão, 2) e *Cometa* (comandante Senna e Araujo, 6), escuna *Béla Americana* (comandante d'Houdain), patacho Desterro (comandante Marcos Evangelista, 2), canhoneira *Bellico* (comandante M. J. Vieira, 1) e canhoneira n. 16 (comandante João M. Wandenkolk, 1). Ao todo, 14 navios, 31 bocas de fogo e 379 homens. O combate durou menos de uma hora, e nele pereceram todos os comandantes dos navios de Garibaldi, menos o seu chefe que combateu, como sempre, intrepidamente. A *Caçapava*, foi a pique; a *Lagunense*, o *Seival* e o *Santána* foram tomados pela *Béla Americana* e pelos lanchões ns. 1 e 3; A *Rio-Pardo* e a *Itaparica* foram incendiados por Garibaldi. A perda dos vencedores foi de 17 mortos e 38 feridos, segundo a participação oficial de Mariath; mas ele proprio, em artigo publicado anos depois, deu algarismos muito maiores..."

Ainda a respeito desse combate, na sua fase final, lê-se nas *Efemérides Navais*, de Garcez Palha :

"Debaixo de vivissimo fogo, ateou-lhes o incendio (nos navios *Rio-Pardo* e *Itaparica*), ao mesmo tempo que Anita desembarcava o armamento que podia carregar em um pequeno bote de dois remos, fazendo viagens sucessivas, de terra para bordo, sob a metralha inimiga. — De pé na pôpa da embarcação, cujos remadores se curvavam ao sibilar das balas, a legendaria brasileira aparecia calma, firme e arrogante como a estatua de Pallas — assevera Garibaldi — e "Deus, que me protegia com o seu braço, a cobria ao mesmo tempo com a sombra desse braço".

DIA 22 : — Nesta data responde José Fernandes Barbosa uma carta do bacharel Saturnino de Souza e Oliveira, presidente da Provincia, em a qual incitava o referido José Fernandes Barbosa a abandonar a causa republicana.

Topicos da carta de José Fernandes Barbosa, em resposta a do presidente da provincia :

"Releve V. S. dizer-lhe : os rio-grandenses republicanos manterão firmes seus principios"... Quanto á anistia que V. S. promete, muito agradeço, porque jurei de bem servir a República, mantendo em minha curta esfera e debeis fôrças a sua independencia e liberdade, e jámais hei-de ferir meu juramento".

DIA 23 : — Bento Gonçalves da Silva assume o comando em chefe do exercito republicano e passa, em consequencia, a presidencia a José Mariano de Mattos, ministro da guerra, marinha e exterior (Veja-se 16-III-41).

DIA 25 : — Francisco Pedro de Abreu entra de surpreza, pelas 8 horas da manhã, em Rio-Pardo, com 180 homens de cavalaria e infanteria, pondo em

fuga a pouca fôrça alí aquartelada sob o comando do tenente-coronel Antonio Joaquim de Souza, chefe de policia do municipio. Chico Pedro ficou cerca de 6 horas na vila, isto é: o tempo necessario para apoderar-se do que fosse possivel de armamentos, munições e viveres, que levou em quantidade. — Nesta sortida foram mortos varios republicanos, entre os quais o tenente Manuel Inácio da Silveira.

DEZEMBRO DE 1839

Dia 14: — Em Santa Vitoria trava-se combate entre as fôrças imperiais ao mando do brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, e as republicanas comandadas por Joaquim Teixeira Nunes e Joaquim Mariano Aranha. Nas farroupilhas estava, tambem, o capitão-tenente José Garibali que, desde a derrota da Laguna (15-IX-839) acompanhava as fôrças de Teixeira Nunes, como comandante da infanteria. Nesse combate foi completamente destroçada a divisão imperial, morrendo afogado o seu brioso comandante, brigadeiro Xavier da Cunha, ao atravessar a nado o rio Pelotas.

O brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, natúral de Torres-Vedras (Portugal), onde nasceu em 1782, fez as campanhas do Prata, de 1816 a 1825, distinguindo-se sempre pelo seu valor e constancia. O brigadeiro Cunha era pái do tribuno gaúcho, político e poeta Felix Xavier da Cunha, e do destemido propagandista da República, Francisco Xavier da Cunha que nos legou, dessa sua atividade, a obra (postuma) *Reminiscencias* (Propaganda contra o Imperio), editado pela Imprensa Nacional, em 1914.

JANEIRO DE 1840

Dia 12: — O coronel Joaquim Teixeira Nunes, após o combate de Santa Vitoria, voltára seus passos sobre Santa Catarina, indo estacionar, com 450 homens, inclusive a infanteria de Garibaldi, em Coritibanos. Estavam aí descançadamente, pois tendo derrotado o brigadeiro Cunha não esperavam, tão cedo, e principalmente do Rio-Grande-do-Sul, novo ataque de fôrças imperiais. Mas eis que, neste dia, aparece-lhes, inesperadamente, o tenente-coronel da Guarda Nacional, Antonio de Melo e Albuquerque, comandando 400 voluntarios e guardas nacionais da Cruz Alta. Trava-se o combate que vái, de escaramuça em escaramuça até o encontro final em Forquilha onde são, por fim, desbaratados os republicanos.

Este combate foi o ultimo, da ultima tentativa, travado no territorio de Santa Catarina.

Morreu, aí, a República Juliana...

Dia 29: — Combate da "Sanga-da-Bananeira", proximo a Pôrto-Alegre. — O "Mercantil do Rio-Grande", de 12-II-1840, assim descreve esse "combate":

"Na noite de 28 de janeiro sairam pelo Portão da cidade (vindo á meia noite do outro lado Francisco Pedro) 140 homens comandados por este e 90 por José Joaquim (*de Andrade Neves*). O primeiro foi emboscar-se pelo lado direito e José Joaquim para o esquerdo; e, carregando sobre a força rebelde, mataram 33, aprisonaram 28 e passaram-se 7. Vieram 60 magros cavalos com miseraveis arreios e os prisioneiros com desprezivel roupa. As lanças que apanharam eram de facas amarradas com guasca, pistolas e armas em pessimo estado. Tudo mostra a falta de recursos que eles têm, pois que a gente da

frente, que deve estar bem armada e municiada por estar mais exposta, se acha neste estado, é justamente certo que não ha sobra de armamentos, antes muita falta..." etc.

FEVEREIRO DE 1840

Dia 10: — Datado de Caçapava, foi publicado em *O Povo*, n.º 141, de 12 deste mês e ano, o decreto para a eleição dos deputados, concebido nos seguintes termos:

"Sendo necessario que se instale a Assembléa Constituinte e Legislativa deste Estado, e bem assim que se nomeie os vereadores das Camaras Municipais e Juizes de Paz dos diversos termos, e districtos do mesmo, como em consulta do Conselho de Procuradores gerais se resolveu a 21 de dezembro proximo passado; o vice-presidente da Republica ha por bem que se proceda á eleição dos Deputados que devem compor a referida Assembléa, e assim a de Vereadores, e Juizes de Paz, pelo metodo estabelecido nas instruções desta data, que com o presente baixam assinadas por Domingos José de Almeida, Ministro e Secretario de Estado dos negocios do interior e fazenda, marcando o dia 30 de abril proximo vindouro para a instalação nesta capital da precipitada Assembléa e posse dos Vereadores, e Juizes de Paz. — O mesmo Ministro o tenha assim entendido, e o faça executar com os despachos necessarios. — *José Mariano de Mattos* — Domingos José de Almeida" (vejam-se: 23-XI-1838; 5-X e 1-XII-1842).

Nas instruções a que se refere o decreto acima, lê-se, no art. 11;

"Podem ser deputados todos quantos podem votar nas Assembléas primarias: exceptuando-se os seguintes:

§ 1.º — Os que não tiverem de renda liquida anual a quantia de trezentos mil reis, comercio, industria ou emprego;

§ 2.º — Os libertos;

§ 3.º — Os estrangeiros ainda que naturalizados sejam;

§ 4.º — Os criminosos pronunciados em querela ou devassa;

§ 5.º — Os que não professarem a Religião Catolica, Apostolica, Romana".

MARÇO DE 1840

DIA 2: Reunem-se em conferencia para tratarem da pacificação da procinvia, o general Bento Gonçalves da Silva, chefe farroupilha, e o marechal Gaspar Francisco Mena Barreto, comandante das armas imperiais na província, que levava proposições do presidente imperial, Satrunino de Souza e Oliveira. E' a essa conferencia inicial realizada nas proximidades de Viamão, que alude Bento Gonçalves na seguinte carta:

"Ilmo. e exmo. sr. — Em resposta ás proposições verbais, que V. Excia. me fez de parte de S. Excia. o sr. Presidente imperial, em nossa conferencia de ôntem, cumpre-me dizer-lhe que, sobrando-me desejos de ver terminada a guerra de um modo digno, tanto do governo imperial como dos riograndenses, forçoso me é dizer a V. Excia.: 1.º que nada posso tratar definitivamente, sem que V. Excia. se me apresente plenamente autorizado para o efeito; 2.º que verificado isto, o presidente imperial faça ime-

diatamente regressar para Pôrto-Alegre a fôrça que fez estacionar em o rio Caí, e do mesmo modo para o Rio-Grande, Norte ou Canudos, as que porventura tenham avançado daqueles pontos, sem o que jámais poderei fazer com que se evite a continução do derramamento de sangue, e V. Excia. sabe que os nossos patricios são incapazes de ceder quando ameaçados ; 3.º finalmente, verificado quanto exijo nos artigos antecedentes, eu igualmente farei retirar as fôrças ora destinadas ao encontro das que menciono, e desde já retrocedem as que havia feito avançar para esta parte ; o que bem deixa ver a bôa fé e empenho em concluir de pronto os males que pezam sobre nosso país.

Nos artigos acima, claramente deixo ver quanto por ora tinha a ponderar a S. Excia. ; acrescendo que, quando isto se tenha de fazer, será o mais breve possivel, e visto que o momento do combate se aproxima; como já fiz ver a V. Excia., e não devo nem posso trepidar em aceita-lo. Outrosim si o sr. Presidente julgar acertado fazer intervir em negocio de tanta transcendencia uma outra pessoa qualquer, peço que seja alguma das que mereçam nossa confiança.

No comando da linha avançada continúa o tenente-coronel Amaral, com quem V. Excia. se entenderá afim de que me seja de momento remetida a contestação que me servirá de governo.

Deus guarde a V. Excia. como lhe deseja quem é com estima de V. Excia. patri-

cio, amigo e camarada, — *Bento Gonçalves da Silva*. — Campo, 3 de março de 1840. — Ilmo. e Exmo. sr. marechal Gaspar Francisco Menna Barreto".

Saturnino de Souza e Oliveira, pouco politico, em vez de procurar uma solução harmonizadora, respondeu pela negativa a todas as proposições de Bento Gonçalves :

"O presidente da provincia do Rio-Grande-do-Sul, abaixo assinado, recebeu as proposições que por intermedio do Exmo. sr. marechal Gaspar Francisco Menna Barreto fez o sr. Bento Gonçalves da Silva, e pela contestação que se pede, responde : que não só não mandará retirar fôrças algumas do Caí e de outros pontos, como que não desistirá de quaisquer movimentos e operações que tem a fazer com as forças imperiais, sinão para receber e perdoar a qualquer que deponha as armas e se acolha ás bandeiras imperiais, sem excepção alguma.

O Governo Imperial não pode ser mais generoso e benigno do que em dar um completo perdão e esquecimento do passado a todos os brasileiros que se mostrarem arrependidos, garantir-lhes a conservação de suas honras e postos legáis, a segurança de suas pessôas, e os meios de subsistencia ; isto é, mostrar sumo desejo de evitar o derramamento de sangue brasileiro, não querer mais vítimas. Para os que quizerem aceitar este generoso perdão, não é preciso tratar com outros ; a cada um fica livre acompanhar os primeiros, que derem o exemplo.

O presidente garante o mesmo perdão, as mesmas seguranças a todos os que o sr. Bento Gonçalves designar, uma vez que eles o aceitem, dentro de três dias, depois que lhe for intimado, e deponham as armas.

Aqueles que recusarem tão generoso procedimento, e forem causa de se derramar mais sangue, e sacrificarem mais vítimas para desgraçarem sua patria, e perpetuar a anarquia, esses só serão os responsaveis perante a patria, e perante o Supremo Arquitéto do Universo, pelos males que fizerem.

Pôrto-Alegre, 4 de março de 1840.
Saturnino de Souza e Oliveira, presidente da provincia do Rio-Grande".

DIA 4: — Falece em São-Gabriel, quasi repentinamente, em "consequencia de um aneurismo interno", o dr. Marciano Pereira Ribeiro que fôra o primeiro presidente farroupilha, empossado em Pôrto-Alegre no dia 21 de setembro de 1835, exercendo o cargo, com pequena interrupção, até o dia 15 de junho de 1836, quando, com a reação,, foi preso e remetido para o Rio de Janeiro, de onde voltou, após ter-lhe sido concedido "habeas corpus", via Buenos Aires, ao Rio-Grande-do-Sul, no ano seguinte (1837). — Nasceu o dr. Marciano Pereira Ribeiro em Minas Gerais, tendo-se formado em medicina na Universidade de Edimburgo.

DIA 21: — As fôrças imperiais ocupam, á tarde deste dia, a capital da República Rio-grandense, — Caçapava, — que havia sido, pela madrugada, evacuada, em consequencia da pouca fôrça que possuiam, nela, os republicanos em relação ao numero consideravel que traziam os imperiais.

A 22, porém, fazem junção diversas fôrças republicanas e os imperiais, sabendo-o abandonaram a cidade, em seguida.

A circular firmada por Domingos José de Almeida relatando os sucessos, diz, quanto aos prejuizos sofridos pelos farroupilhas :

"Ainda a 22 é que a divisão da esquerda fez sua completa junção a vista da capital e ás dez horas do dia, tempo em que esta foi evacuada pelo inimigo depois de lançar ás chamas os arquivos do Tesouro e Trem que se não puderam salvar, algumas peças de Tipografia Nacional, reparos, solas, correames, e tudo pertencente ao Estado ; mas não insultou a familia alguma, e não cometeu por falta de tempo os horrores de costume ; e a 29 se recolheu o Governo e empregados á Capital". "O cofre do Tesouro, a livraria do Gabinete de Leitura, e quasi tudo que se achava na Igreja e nos armazens do Trem, se ha salvado por diversas casas ; pelo que em pouco mais de doze contos se orça o prejuizo da República, posto que de monta o arquivo de contadoria do Tesouro".

ABRIL DE 1840

Dia 13 : — Nas proximidades do Herval, encontram-se as fôrças legais, comandadas por Chico Pedro, e as republicanas chefiadas por Felix Vieira. Do recontro resultou a derrota do major Felix Vieira que perdeu, alem de ficar ele proprio prisioneiro com mais 11 homens, 22 mortos, quasi toda a munição e armamento e 116 cavalos dos quais 26 completamente arreiados.

Dia 17 : — No Passo do Azeredo, arrabalde de Pôrto-Alegre, morre repentinamente o general Bonifácio Isás Calderon quando marchava á testa da

cavalaria imperial que comandava. Os imperialistas fizeram espalhar que Calderon fôra envenenado com um chá que tomára em casa de uma familia farroupilha. Este chá o proprio Calderon mandára preparar pois desde dias que se sentia bastante mal do estomago e intestinos. Esse envenenamento, porem, não passa de lenda. Calderon ao toma-lo sentiu-se melhor continuando, por isso, a marcha. Horas depois, sem se queixar de cousa alguma, cái do cavalo, morto. (21).

Bonifácio Isás Calderon era uruguaio. Mocinho ainda, sentou praça nas fôrças de D. Diogo de Souza, primeiro governador da capitania de S.-Pedro, empossado a 9 de outubro de 1809, — tendo sempre se distinguido por sua conduta e cavalheirismo. Na campanha de 1825-1828, tomou o partido uruguaio mas, feita a paz, voltou ao Brasil em cujo exercito continuou até a morte, atingindo todos os postos da hierarquia militar. Foi um dos mais valorosos oficiais do imperio no periodo de 1835 a esta data. Nunca aprendeu a falar corretamente o português.

Varios historiadores referem a morte de Calderon como tendo ocorrido a 27 de abril.

Dia 25 : — No boletim do governo Republicano, datado de Caçapava, 30 de abril de 1840, lê-se a seguinte nóticia :

"Em o dia 25 uma pequena partida que o general em chefe do exercito havia lançado de vanguarda para explorar o inimigo no Passo do Caí, no Parecí, com o fim de passa-lo, bateu uma força inimiga que defendia aquele ponto com 80 homens de infanteria e 200 de cavalaria, matando-lhe dois homens, e fazendo-lhe cinco prisioneiros, tomando-lhe toda a

---

(21) Veja-se na Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul, III trimestre de 1935, o artigo Pedro Chaves e Calderon.

sua bagagem e correspondencia oficial, e deixando livre o Passo ao exercito que veiu colocar-se deste lado".

DIA 27 : — No mesmo boletim acima referido vem mais a seguinte noticia :

"Motivos que pertencem ao plano de batalha adotado pelo chefe do exercito, haviam exijido que o general Netto passasse a este lado do Guaíba para dirigir as operações da coluna de 2.000 homens da cavalaria que se achava em Taquarí. O inimigo por suas evoluções havia conseguido cortar as comunicações entre esta coluna e o exercito, e dirigia todos os seus esforços para conserva-la separada. O general Netto por meio e um movimento rapido, e de uma constancia atrevida em superar os obstaculos que se lhe atravessavam, burlando a vigilancia e os cuidados do inimigo, conseguiu reünir-se ao exercito no dia 27. — Este acontecimento é um novo penhor da vitoria que ha-de finalmente dar patria e liberdade aos rio-grandenses".

MAIO DE 1840

DIA 3 : — Batalha de Taquarí. — Estavam as fôrças imperiais comandadas pelo já velho general Manuel Jorge Rodrigues, coadjuvado pela esquadra imperial comandada por Greenfell na vila de Taquarí. Chovia torrencialmente quando os republicanos, comandados por Bento Gonçalves da Silva atacam os imperiais impelindo-os para as margens do rio onde iniciaram o movimento de retirada embarcando nos navios de Greenfell. Em consequencia, porém, do máu tempo, Bento Gonçalves manda tocar retirada, e pequeno numero das fôrças imperiais que não haviam ainda embarcado, notando o movimento dos republicanos, resolvem acossa-los. Por esse feito foi o general Rodrigues agraciado com o

titulo de barão do Taquarí. Entretanto, deve-se notar, a batalha ficou indecisa. (Veja-se nosso *Farrapos!* a completa descrição desse feito).

Dia 30: — Estando Caçapava constantemente ameaçada pelos legalistas, resolvem, nesta data, os farroupilhas, devido a aproximação de Manuel dos Santos Loureiro, transferir a capital da republica para outro ponto, indo recolher-se á estancia de Luis Machado de onde, mais tarde, (Veja-se 15-VII-1842) transferiram a séde do governo para São-Gabriel.

JUNHO DE 1840

Dia 10: — E' nomeado presidente da provincia do Rio-Grande-do-Sul o tenente-general Francisco José de Souza Soares de Andréa.

Dia 11: — Junto ao arroio do Salso, tributario do Vacacaí, encontram-se as fôrças do coronel Manuel dos Santos Loureiro, da Guarda Nacional, e as do farroupilha Fileno de Oliveira Santos. Depois de renhida peleia Fileno é morto dispersando-se os seus homens. Loureiro, que seguia para S.-Gabriel, então em poder dos farroupilhas, continúa sua marcha e entra, sem mais novidades, na vila, no dia seguinte, pois os republicanos a haviam evacuado abandonando, nela, três bocas de fogo, aliás, inuteis para eles.

Dia 18: — Na estancia de Santa Barbara, ou do Salgado, de propriedade do velho Marcos Alves Pereira Salgado, é morto o coronel republicano Afonso José de Almeida Côrte-Real, um dos melhores e mais jovens oficiais das hostes farroupilhas. Matou-o seu parente João Patricio de Azambuja ao dar-lhe ordem de prisão a que resistiu. Essa morte foi precedida pelo ataque, de surpreza, ás fôrças de Netto,

a que Côrte-Real precedera, como vanguarda, — por uma fôrça superior ao mando de Chico Pedro. O maior prejuizo dessa surpreza foi a morte de Côrte-Real, acontecimento esse que só se deu porque um dos prisioneiros disséra ao Moringue que o valoroso oficial esperava, na estancia de Santa Barbara, com poucos homens, as fôrças do general Netto.

JULHO DE 1840

Dia 16 : — Combate de São-José-do-Norte. — Sendo S.-José-do-Norte ponto de suma importancia para os farroupilhas, estes atacaram, nesta data, a vila cuja guarnição, cerca de 600 homens, comandava o coronel Antonio Soares de Paiva. Domingos Crescencio de Carvalho, José Garibaldi e Bento Gonçalves da Silva, com um contingente de cerca de 1200 homens, iniciaram o ataque pela uma hora da madrugada, prolongando-se o combate, cuja vitoria ficou indecisa, até o amanhecer.

Toda a luta desenrolou-se debaixo de grande tempestade, e vendo Bento Gonçalves que se prolongaria por muitas horas ainda o combate, consultou os demais chefes sobre um melhor e mais eficiente modo de desalojarem os imperiais, sendo-lhe alvitrado o incendio como unico recurso. Bento Gonçalves, sereno e energico, respondeu :

— Por tal preço não quero a vitoria. E tocou retirada.

Os imperiais foram eficazmente auxiliados nessa luta pelo lanchão *Torres*, comandado por Gama Rosa, e pela guarnição de *Andorinha*, que, por não poder aproximar-se da vila esta escuna, fôra para terra, onde lutaram heroicamente.

Garzez Palha, nas suas já citadas *Efemérides Navais*, assim descreve a atuação de Francisco Romano e sua gente:

"O comandante do brigue-escuna *Andorinha*, Francisco Romano da Silva, diz a parte dirigida pelo inspetor do arsenal, Antonio Pedro de Carvalho, ao chefe Greenfell, procurando aproveitar esta ocasião para prestar maiores serviços, por não poder o brigue-escuna de seu comando mover-se como o lanchão *Torres*, foi para terra com um piloto e um soldado de artilheria, deixando ordem ao seu imediato para lhe mandar na lancha os demais soldados, para com estes guarnecer uma das peças das trincheiras; porém, quando o imediato mandou á terra buscar a lancha, que na véspera ficára encalhada para limpar, já se não pôde tirar por causa do fogo dos rebeldes, e por isso não foram os soldados, como lhe havia ordenado seu infeliz comandante. O soldado foi encontrado morto em terra, do piloto ha indicios de que morrera afogado, mas do comandante não ha o mais leve vestigio. Houve quem o visse ainda fazer fogo com suas pistolas; mas carregando a cavalaria rebelde com grande fôrça sobre a rua da Alfandega da vila, niñguem mais o viu e presume-se que viera entreverado com essa fôrça rebelde e que caíra morto ao mar de cima da estacada".

As baixas registadas foram: Farroupilhas cerca de 380 homens entre mortos e feridos; imperiais, cerca de 250.

Dia 23: — D. Pedro II é investido do exercicio pleno de suas funções magestaticas.

Dia 24: — D. Pedro II organiza o seu primeiro ministerio que ficou assim constituido: Imperio — Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva; Justiça — Antonio Paulino Limpo de Abreu;

Estrangeiros — Aureliano de Souza Oliveira Coutinho; Fazenda — Martin Francisco Ribeiro de Andrada; Marinha — Antonio Francisco de Paula Holanda Cavalcanti; Guerra — Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.

DIA 27: — Precedido da fama de tirano na "Guerra dos vinagres", no Pará, toma posse da presidencia da provincia o tenente-general Francisco José de Souza Soares de Andréa, mais tarde barão de Caçapava. Foi durante a presidencia de Andréa que se deu o comico "combate dos tamancos", no campo da Varzea. (Veja-se nosso *Farrapos!*) — Aliás, toda a presidencia do general Andréa está cheia de átos comicos, registados pela historia uns, e outros pela tradição.

A titulo de curiosidade transcrevemos, a seguir, alguns de seus famosos despachos:

Hilario Gomes Ferrugem requer dispensa do serviço militar. — Despacho presidencial de 4-8-1840: "Não tem lugar a dispensa do suplicante enquanto tiver braços para pegar em uma arma".

Pedro J. Gomes d'Abreu pede favores ao governo. — Despacho: "Pode receber o seu requerimento e não lhe prometo cousa nenhuma". Em 6-8-1840

Vasco Alves Charão. — "Si o suplicante teve. ordem do sr. ex-presidente Nunes Pires, porque não cumpriu no tempo dele?"

João da Motta. — "Desde que o suplicante deu baixa não me importo com a sua vida". Em 22-8-1840.

Silverio Francisco de Oliveira. — Em 16-XI-1840. ""Indeferido; e si o suplicante tornar a mudar de nome terá o castigo que merece".

José Cupertino de Abreu. — Em 28-XI-1840. "Pague-se ao suplicante somente o soldo simples e

fardamento do tempo que requer; não tendo lugar outra alguma gratificação, pois que não está em serviço da nação, e quanto ás etapas, tendo o suplicante já vivido todo esse tempo não precisa tornar a comer o tempo passado".

AGOSTO DE 1840

DIA 1.º : — Bento Manuel Ribeiro é anistiado.

"Quartel General em Porto Alegre, 19 de outubro de 1840. — Ordem do dia n.º 28. — O marechal-de-campo presidente e comandante das armas desta provincia declara que está anistiado, desde o 2.º de agosto do corrente ano, por assim o ter pedido, o exmo. sr. brigadeiro Bento Manuel Ribeiro; na mesma data tambem foram anistiados os srs. José Ribeiro de Almeida, Rodrigues Felix Martins e Sabino Antonio da Cunha Pacheco. — O mesmo brigadeiro tem licença para residir fóra do imperio e no Estado Oriental, para onde se retira, segundo acaba de participar em oficio de 27 de setembro ultimo. — *Francisco José de Souza Soares de Andréa*".

DIA 7 : — Pelo vapor *Baiana*, entrado neste dia no Rio-Grande, chega a noticia de ter o imperador assumido as redeas do governo em virtude da declaração de maioridade.

Por esse motivo grandes foram as festas que se prolongaram por três dias, em toda a cidade.

DIA 21 : — Tem, nesta data, inicio nova tentativa de pacificação da provincia.

DIA 23 : — Com respieto ás negociações de paz, nesta data responde Bento Gonçalves ás propostas do tenente-general Andréa, dizendo, em conclusão :

"...apenas recebi as primeiras proclamações do senhor D. Pedro Segundo, aproveitei-me logo de tão favoravel ensejo ; e procurei entender-me diretamente com o governo imperial por intermedio de um dos senhores ministros : correspondencias minhas nesse sentido já lhe foram dirigidas ; é de esperar que mui breve receba resposta delas e então me persuado que, sem quebra da união e da integridade do imperio se apagará o archote da guerra civil nos braços da concordia e da fraternidade para a qual empregarei a minha influencia e popularidade".

E conclui a carta com as seguintes palavras : — "Entender-me diretamente com o governo imperial, em quem suponho suficiente autorisação para o efeito, me pareceu o meio mais proficuo de chegar a estes fins.

Isto foi justamente o que fiz por 1.ª e 2.ª via : tal é o meu empenho em terminar com os horrores que nos afligem.

O exmo. sr. ministro do imperio, a quem V. Excia. póde dirigir-se, enviando-lhe copia desta minha carta, atestará sem duvida a veracidade desta asserção.

Falando deste modo creio que não posso ter mais franqueza, e nutrir desejos mais veementes de concorrer para a pacificação da patria.

Si V. Excia. pois descobrir algum meio de se evitarem entretanto os males desta luta, enquanto não chega similhante decisão, não duvidarei adota-lo, si for razoavel ; do contrario, obrigado pela fôrça das

circunstancias, eu não serei responsavel nem a Deus nem ao mundo pelo sangue que ainda se derramar.

Sou com respeito e consideração de V. Excia. atento venerador.

Bento Gonçalves da Silva.

Setembrina, 23 de agosto de 1840".

Dia 25 : — Respondendo a carta de 23, de Bento Gonçalves, Andréa declara rompida a negociação de paz :

"A vista da recusa formal, que V. S. faz, de aceitar os prontos meios que lhe ofereci para acabar a guerra fratricida em que, ha cinco anos, é desolada esta provincia, só me cumpre declarar-lhe que fica subsistindo o principio de que são inimigos do imperador do Brasil aqueles que desconhecem as suas leis, atacam as suas instituições, e desobedecem as suas autoridades, conservando-se com as armas na mão para melhor continuarem sua criminosa conduta.

Sou de V. S. muito atento e venerador.
Francisco José de Souza Soares de Andréa.
Porto Alegre, 25 de agosto de 1840".

Estas negociações que já vinham sendo tratadas desde 5 de agosto, contudo não esmoreceram com a resposta acima, de Andréa, prosseguindo até 28 de novembro desse ano, (vejam-se documentos na Revista do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, tomo XLVI) para continuarem, depois, no governo Alvares Machado. (Vejam-se 30-XI e 7-XII-1840).

Dia 28 : — E' assinado e publicado no Rio de Janeiro o decreto n.° 246, perdoando as penas em que

incorreram os guardas-nacionais que se não haviam apresentado para o serviço do exercito, no Rio-Grande-do-Sul, e outras provincias.

Dia 29 : — Em carta a um "camarada e amigo", o general Bento Gonçalves refere-se ás proposições de paz feitas pelo tenente-general Andréa.

> "Bôa-Vista, 29 de agosto de 1840. — Camarada e amigo.. — Da Setembrina vos escrevi pelo major Urbano Barbosa, respondendo a que trouxe o ministro ; agora repito por Manuel Lucas de Lima, unicamente para dizer-vos que nada ocorre de novo por esta parte e só vos acrescentarei que Andréa novamente mandou o marechal Gaspar, com novas comunicações, as quais o Joaquim Pedro devia receber hoje ou ôntem. Inda não as recebi, por isso nada vos digo de seu conteúdo, mas suponho que nada se arranjará : 1.º porque nenhuma confiança nos merece o tirano do Pará ; 2.º porque este tirano não deve fazer proposições que não sejam para nos iludir e ganhar tempo. Foi por isso que eu me dirigi, como já vos disse, ao patriota Antonio Carlos (22), hoje ministro do imperio e creio que deverá vir em pessôa ou seu irmão, e não duvido que consigamos a paz, porque ele nos deve fazer as condições de que somos credores. Por enquanto isto não aparece, forçoso é redobrar nossos esforços. Labatut não tem avançado de Lages e sua fôrça não chega a 1.000 combatentes. Já

(22) Ministro do Imperio, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva (Veja-se 24-VII-1840). Note-se que todas as esperanças de Bento Gonçalves foram frustradas...

temos na Vacaria uma vanguarda e mui pronto ela estará elevada a mais de 400 homens. Os de Santo Antonio diariamente são acossados, e mais de 30 prisioneiros temos daquela Serra.

Contái com o vosso camarada e amigo

Bento Gonçalves".

SETEMBRO DE 1840

Dia 25 : — No sitio denominado Roça-Velha, em que haviam acampado Farroupilhas sob o comando do capitão Maximo, aparece, de surpreza quasi,o tenente-coronel Chico Pedro, destroçando completamente a pequena fôrça. No embate morreu o comandante farroupilha. Garibaldi e Anita tambem estavam acampados aí não sendo, porem, aprisionados Anita por se ter internado pelos matos com Menotti, recem-nascido, e Garibaldi por ter ido, horas antes, para Setembrina (Viamão), em busca de roupas e agasalhos para Anita e o pequeno que estava quasi nú.

Dia 28 : — No rio das Canôas, em Santa Catarina, é repelida a fôrça farroupilha comandada pelo major Joaquim Mariano Aranha, Comandava as fôrças imperiais o capitão Taborda, da Guarda-Nacional de Cruz Alta, alí postada pelo coronel Antonio Manuel de Melo e Albuquerque.

OUTUBRO DE 1840

Dia 13 : — Bento Manuel Ribeiro escreve a seu amigo Manuel Veloso Rebelo, da Barra-do-Araçí, mencionando o nome de varios republicanos que se passaram para os legais, queixando-se dos chefes re-

publicanos, e pedindo ao amigo que lhe obtenha o indulto do soberano para si e tambem para o rev. Francisco das Chagas Martins d'Avila e Souza. Este, entretanto, ainda em 1842, figura entre os deputados á Constituinte Republicana, e assina a "Ata da instalação", como presidente, e somente em 1843, por doente, pede demissão do cargo de ministro. Antonio Vicente da Fontoura, em seu *Diario*, já citado, ainda fala nele, em fins de 1844, quando tratavam da pacificação.

> "Amigo e sr. Veloso. — Tratei relativamente aos nossos negocios, e agora vamos a um pouco de politica. Já ha-de saber que abandonei o partido que lhe chamam republicano : a copia do indulto que me passou o Andréa e a minha retirada para este Estado o justifica ; porém, desejo que me alcance um indulto do mesmo soberano, e igualmente a minha demissão do serviço (23), pois que me quero ligar á simples classe de cidadão ; e quando isto não possa obter, ao menos dois anos de licença para

---

(23) E' curioso notar-se certas coincidencias na vida e atividade de Bento Manuel Ribeiro. Veja-se, a respeito, na Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Geogr. o trabalho CAXIAS e BENTO MANUEL RIBEIRO, e leia-se a seguinte carta de Caxias sobre Bento Manuel:

"Ilmo. e Exmo. sr. — Quando fui nomeado presidente desta provincia, e comandante em chefe do exercito nela em operações, tive *ordem expressa do governo de Sua Magestade o Imperador para não empregar em comando de força legal o brigadeiro Bento Manuel Ribeiro*, e tendo dividido o exercito em divisões não o contemplei em nenhuma delas, declarando em ordem do dia, que o dito brigadeiro ficava pertencendo ao estado maior do exercito ; e me constando que ele se chocára por isso, rogo a V. Excia. haja de declarar-me si posso ou não empregar em comandos o mesmo brigadeiro, e confiar dele forças isoladas do grosso do exercito.

Devo declarar a V. Excia., que grande indisposição existe da parte dos chefes das cavalarias contra o mesmo brigadeiro ; mas essas indisposições vão acalmando em alguns com as maneiras persuasivas que tenho empregado.

Deus guarde a V. Excia. — Palacio do governo no Passo de São Lourenço, 22 de fevereiro de 1843. — Illmo. e exm.o sr. Salvador José Maciel, ministro e secretario de Estado dos negocios da guerra. — *Barão de Caxias*" — (O grifo é nosso).

eu residir neste Estado, visto me persuadir que Bento Gonçalves ainda anuirá, fazendo por esta forma a continuação da guerra civil na infeliz provincia do Rio-Grande, não obstante a decadencia dele, a quasi geral desmoralisação e o grande numero de fôrças imperiais que ha. Nossos compadres Carvalho, Freitas, Araujo, Teles e mesmo Prado Lima (24), estão hoje legais; as arbitrariedades de Bento Gonçalves, Mattos e Almeida (25) os têm desenganado que o tal sistema republicano parece em teoria governo de anjos, porém na pratica nem mesmo para diabos serve; emfim, todo municipio de Alegrete hoje está legal (com a devida venia), e si houvesse homem com a capacidade de dirigir a guerra, nem rastos de republicanos apareciam.

Desejo tambem que me alcance indulto de S. M. I. para o rev. Francisco das Chagas Martins d'Avila e Souza (26), bem como indulto e demissão para o alferes do 3.º corpo de cavalaria de 1.ª linha, Francisco Soares Leiria.

De V. S. amigo e obrigado,

Bento Manuel Ribeiro".

---

(24) Joaquim dos Santos Prado Lima. Deve haver, apenas, conversa de Bento Manuel, pois Prado Lima continuou entre os revolucionarios, tendo sido eleito deputado para a Assembléa Legislativa Constituinte da Republica, com 1.747 votos, e seu nome ainda é encontrado nos documentos republicanos até 1844, como "persona grata" da Republica.

(25) José Mariano de Mattos e Domingos José de Almeida, respetivamente Ministro da guerra e Ministro da fazenda da Republica.

(26) O padre Chagas tambem nunca abandonou os republicanos. Foi o mais votado dos deputados (3.025 votos) e foi presidente da Assembléa, conforme notamos no texto da efeméride.

NOVEMBRO DE 1840

DIA 3: — Joaquim Pedro Soares, comandante de uma fôrça republicana, invade a vila do Triunfo, guardada por uma canhoneira, contra a qual rompe cerrado tiroteio, mas sem maiores conseqüencias, voltando, em seguida, para as margens do rio Caí.

DIA 7: — E' nomeado presidente da provincia o deputado paulista Francisco Alvares Machado.

DIA 16: — Na fazenda de São-Felipe, nas margens do rio Pelotas, em Santa-Vitoria, encontram-se as fôrças imperiais comandadas pelo coronel Jerônimo Jacinto Pereira, e as republicanas chefiadas pelo general João Antonio da Silveira. Depois de renhida luta, mas breve, Jeronimo Jacinto é destroçado.

DIA 23: — Encontro entre uma fôrça imperial, de reconhecimento, que se dirigia para Viamão, e uma partida farroupilha que fazia reconhecimentos. Estes, em numero bastante menor, são desbaratados, deixando no campo alguns mortos e feridos que foram buscar depois, e varios prisioneiros.

DIA 24: — As fôrças republicanas, comandadas por Bento Gonçalves da Silva, acampavam no Passo do Vigario, proximo a Setembrina (Viamão), com o fim de apertar o sitio de Pôrto-Alegre. Calmamente preparava-se o chefe farroupilha para o ataque, quando na manhã deste dia, seus bombeiros avisam a aproximação de fôrças inimigas. Era o tenente-coronel João Nepomuceno da Silva, da vanguarda de Chico Pedro, que, com o 5.º de caçadores e mais 430 guardas nacionais (fôrça essa superior a de Bento Gonçalves), vinha desaloja-lo. Trava-se o combate, desigual mas violento, e Bento Gonçalves é destroçado e perseguido pelos legais até ás lombas

do Amorim (arroio afluente do Jacuí, no municipio de Cachoeira). Nesse recontro foi morto o italiano Luis Rossetti que, como jornalista, dirigíra o jornal *O Povo* desde a fundação até 22 de maio de 1840. Bento Gonçalves, porem, dias mais tarde voltou a Viamão, com o mesmo intuito de sitiar a capital, iniciando, porem, negociações de paz com Alvares Machado, ou antes, concluindo as negociações que iniciára com Andréa. (Veja-se, 23, 25 e 29 de agosto e 5 e 7 de dezembro).

Dia 30 : — Toma posse da presidencia da provincia, em Pôrto-Alegre, o deputado Francisco Alvares Machado. Após o ato, o dr. Alvares Machado divulgou a seguinte patriotica proclamação, impressa, em avulso, na Tipografia de "O Comercio" :

"Brasileiros rio-grandenses !

Possuido da importancia do juramento que acabei de prestar — de bem servir o emprego de Presidente desta provincia, a que fui elevado pela benignidade de S. M. I. ; possuido ainda mais da importancia da missão que me cabe desempenhar — de pacificar a mesma provincia, — o primeiro e mais nobre pensamento do augusto monarca a quem estão confiados os destinos do Brasil, eu não poderia corresponder á sublime espectação do soberano, nem cumpriria a obrigação agora contraída, si não estivesse seguro dos principios que a educação brasileira, a honra e o dever vos impõem de serdes leais e fieis brasileiros, monarquistas constitucionais e sobretudo votados ao augusto imperante.

Com esta só ideia e com a lisongeira esperança que alimento de firme apoio nos amigos das instituições juradas e do engrandecimento deste vasto imperio, sem receio me apresento entre vós e desde já

conto que as paternais solicitudes e desvelado amor de S. M. mesmo para com aqueles de seus subditos desta provincia que o genio do mal levou ao precipicio, donde presto devem sair, serão correspondidas, trabalhando todos á porfia para o complemento do grandioso 23 de julho.

Sim, brasileiros rio-grandenses; as esperanças da nação converteram-se nesse dia em realidade e a nova éra de união e prosperidade que apontou seja o alvo a que deveis dirigir vossa carreira, arrepiando-a do abismo em que ieis despenhar-vos.

O sangue de irmãos a largos jorros espalhado pelas campinas do Continente, as lagrimas das carinhosas esposas, os gemidos dos inocentes órfãos, a tristeza dos páis sem arrimo para a cançada velhice, a insuportavel saudade do bemfeitor e do amigo cuja perda é irreparavel, a desolação de novas e florescentes cidades e vilas, a destruição de consideraveis fortunas, a estagnação das fontes de riqueza; tudo, tudo clama pelo dia de conciliação, paz e ventura.

O genio tutelar do Brasil o apresenta; os manes de milhares de irmãos nossos, cujas vidas foram ceifadas nos campos de batalha e nos das vinganças, o reclamam. E o que vos cumpre fazer, rio-grandenses?

E' tempo: abra-se de par em par as portas da provincia á fugida prosperidade e sossego.

Triunfe por um lado a fidelidade dos que, por amor da lei, mil vezes têm afrontado a morte, arrostando perigos, e por largo tempo sentido o amargo paladar do infortunio — mal devido á virtude; pelo outro, cedam á razão, ao dever, á honra e aos proprios honestos interesses, os que, inexpertos, fanatisados por vãos fantasmas, correm não a Juno, que lhes foge, sim á negra nuvem prenhe de males; e,

abraçados todos debaixo do pavilhão imperial, trabalhem só pela prosperidade do Brasil, nossa patria comum.

Legalistas generosos! defensores nunca vencidos desta inconquistavel cidade de Pôrto-Alegre, Rio-Grande e S.-José-do-Norte; bravos guardas nacionais da campanha, cidadãos armados de todas as classes e graduações, confiai em mim, que hei-de defender a integridade do imperio, os direitos do sr. D. Pedro II, a constituição e as leis, ou ficarei esmagado debaixo das ruinas da patria!

Na administração da provincia jamais me desviarei dos principios de justiça e honestidade e assim com vigor fiscalizarei a repartição da fazenda; á administração civil presidirá a imparcialidade; o capricho não decidirá da sorte do empregado publico: o que for honrado e fiel encontrará todo o apoio; ao improbo não darei guarida.

Finalmente, firme em meus principios de obediencia, amor, fidelidade e respeito á sagrada pessôa do nosso monarca e ao seu governo, e de céga submissão á constituição e leis do país, procurarei cooperar para que esta provincia toque o esplendor e suba ao lugar que lhe compete.

E vós, brasileiros dissidentes, não acudireis ao chamado que ao seio da patria vos faz a inexhaurivel bondade de S. M. o imperador? Vinde; abrigai-vos das tempestades politicas e dos horrores da guerra civil debaixo do manto imperial do pái comum dos brasileiros.

Vossos valorosos irmãos legalistas, prestes a combater-vos, preferem a reconciliação; eles a desejam honrosa ao imperio, efetíva para vós, e digna da lealdade dos brasileiros rio-grandenses.

Brasileiros dissidentes! Basta de anarquia! Reüni-vos ao imperio; obedientes a S. M. o imperador, contai com a mais imparcial justiça do governo.

Viva a nossa santa religião catolica, apostolica, romana! Viva o sr. D. Pedro II! Viva a constituição do imperio! Viva a familia imperial! Viva a fidelidade do exercito e marinha imperial!

Porto Alegre, 30 de novembro de 1840.

Francisco Alvares Machado".

DEZEMBRO DE 1840

DIA 4: — Bento Gonçalves da Silva oficía ao dr. Alvares Machado, presidente da provincia, participando-lhe que festejára, na sua fôrça, o natalicio de D. Pedro II, no dia 2 de dezembro, e que estava disposto a tratar da pacificação da provincia, o que dependia, apenas, da resposta dos demais chefes militares e civis da república.

DIA 5: — Nesta data, respondendo ao oficio de Bento Gonçalves, dizia Alvares Machado:

"Foi-me sobremaneira agradavel o oficio que V. S. me dirigiu com data de ôntem, não só pelas esperanças que me dá da sua proxima e verdadeira adesão á pessoa do sr. D. Pedro II, como pelos festejos feitos por V. S. e pela fôrça ao seu mando aos anos do mesmo augusto senhor.

Praza aos céus que tão doces esperanças se não definham e esvaecem! Eu conto com a sua palavra.

O ilmo. sr. coronel Bibiano José Carneiro da Fontoura é portador desta e vái abraçar V. S. por motivo de sua nobre resolução de render-se ao melhor dos monarcas.

Não sei si já chegaram os poderes que V. S. espera para render-se com todo o exercito; si já V. S. está autorisado, posso designar a conferencia; si V. S. quer preparar alguns trabalhos para o dito fim, então pode escrever-me com franqueza, que com a mesma franqueza responderei a V. S. Em mim encontrará, ao lado da maior fidelidade ao nosso soberano um igual gráu de candura e bôa fé e sincero desejo da paz e da reconciliação.

Renovo a V. S. os protestos de consideração, com que sou de V. S., a quem Deus guarde, patricio e muito venerador.

Francisco Alvares Machado.

Porto-Alegre, 5 de dezembro de 1840".

Dia 8: — Alvares Machado responde ás proposições feitas por Bento Gonçalves da Silva, dido, segundo nos relata Alfredo Ferreira Rodrigues, "que o imperador não aceitava condições de Nação alguma, por mais rica e poderosa que fosse, e muito menos de uma parte de seus subditos desviados da estrada da lei, e que a conferencia por ele solicitada só se poderia realizar depois que os rebeldes depuzessem as armas".

Mas, neste mesmo dia recebia Bento Gonçalves a resposta de Netto que, ao receber o oficio do presidente da República Rio-grandense sobre uma possivel pacificação, o mostrou a Domingos José de Almeida a quem pediu dissesse a Bento Gonçalves que não concordava com a pacificação e, batendo arrogantemente nos copos da espada, concluiu: — "Diga a Bento Gonçalves que, enquanto tivermos mil piratinienses e 2.000 cavalos, a resposta será esta..."

— Bento Gonçalves desiste do assédio á cidade de Pôrto-Alegre e enceta a retirada para Cima-

da-Serra. Canabarro que o precedêra chega neste dia á Vacaria. A retirada dos farroupilhas foi hostilizada constantemente pelo tenente-coronel Chico Pedro e por Juca Ourives. Rio Branco, nas suas *Efèmérides*, diz que os revolucionarios "perderam a artilheria e muita gente" e afirma, tambem, que "não menos desastrosa pelo máu estado dos caminhos e falta de recursos, foi a marcha, por esta região, da coluna de trópas do governo imperial, comandada pelo general Labatut".

Dia 9 : — Alvares Machado escreve para a côrte dando noticia da tentativa pacificadora e diz estar desiludido da sinceridade dos homens da revolução. Mostra, por isso, a conveniencia de ser sufocado o movimento republicano e que para tal era de absoluta necessidade um corpo do exercito bem apetrechado ao par de outras medidas que deveriam ser tomadas ao mesmo tempo. E concluia dizendo: "O general em chefe do exercito (João Paulo dos Santos Barreto) já tem hoje em movimento as fôrças imperiais para fazer com que cedam ás baionetas, os que não quizeram ceder á razão e á suma bondade de V. Magestade Imperial".

Dia 21 : — Jacinto Guedes da Luz, coronel farroupilha de grande valor, que tinha por divisa, segundo afirmam — "*sou do Guedes, morro seco e não me entrego*". — destroça em Missões, na estancia de São-José, as fôrças legais do comando do coronel José dos Santos Loureiro.

Dia 24 : — D. Pedro II promulga, nesta data, decreto de anistia geral por crimes politicos. Este decreto foi censurado e repudiado pelos farroupilhas, os unicos que, em todo o Brasil, dele se não utilizaram.

JANEIRO DE 1841

Dia 5 : — Os farroupilhas instalam-se no Passo Fundo, onde estabelecem, passageiramente, seu quartel-general, sem a menor dificuldade, por ter Pedro Labatut, contra as ordens de João Paulo dos Santos Barreto, descido a Serra.

Dia 17 : — Combate do Rincão-da-Cruz. — Boaventura Soares, coronel republicano, encontra-se, nesta data, com as fôrças de Santos Loureiro, destroçando-o completamente. A gente de Loureiro foi toda dispersada.

FEVEREIRO DE 1841

Dia 6 : — A Camara Municipal de Pôrto-Alegre, em nome de seus municipes, apresenta ao Imperador os protestos de sua gratidão pela resolução tomada de manter na presidencia da provincia o dr. Francisco Alvares Machado e Vasconcellos.

Dia 13 : — A Ordem do Dia, n.º 32, de 16 relata uma vitoria dos republicanos, no municipio de Caçapava :

"O exmo. sr. general comandante em chefe do exericito tem a maior satisfação em publicar ao mesmo, que no dia 13 do corrente junto á casa do Albernaz, no municipio de Caçapava, foi completamente destroçada uma partida de 40 homens da intitulada legalidade, ao mando do facinoroso José Cipriano, ficando este morto, um sargento, e 8 soldados, e prisioneiros 17, inclusive o alferes Francisco Sévero ; devendo-se este feito d'armas ao conhecido valor, e habilidade do sr. tenente-coronel Jacinto Guedes, que por ordem do sr. coronel João Antonio, havia marchado com o fim de bate-lo. — *Ulhoa Cintra*, primeiro deputado do general chefe do Estado Maior".

Dia 26 : — Nesta data o tenente-coronel Portinho destroça, nas visinhanças da Palmeira de Missões, uma partida imperial de 80 homens comandados pelo cap. Feliciano. Do embate perderam os imperiais 8 homens mortos, armamento e alguma cavalhada.

MARÇO DE 1841

Dia 4 : — E', pela segunda vez, nomeado presidente da provincia no periodo revolucionario, o dr. Saturnino de Souza e Oliveira (Veja-se 22 de maio e 24 de junho de 1839).

Dia 14 : — Bento Gonçalves da Silva, já senhor de toda a campanha, reassume o governo da Republica, em São-Gabriel, onde estava provisoriamente instalado (Veja-se 15 de julho de 1842). Por julgar seus serviços necessarios na chefia do exercito, havia ele passado o governo ao vice-presidente major José Mariano de Mattos, a 23 de novembro de 1839.

A respeito foi publicada a seguinte Ordem do Dia :

"Cessando os motivos pelos quais o exmo. general presidente da republica tomára o comando em chefe do exercito em 23 de novembro de 1839, o vice-presidente da mesma devolve a administração do Estado.

Domingos José de Almeida, ministro e secretario de Estado dos negocios do interior assim o tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios. — *José Mariano de Mattos* — *Domingos José de Almeida*".

Dia 16 : — Bento Gonçalves da Silva publica decreto especial reintegrando José Mariano de Mat-

tos no seu posto de Ministro da Guerra, Marinha e Exterior. (Veja-se dia 14-III-1841).

Dia 26: — O brigadeiro João Paulo dos Santos Barreto é substituido por decreto desta data, pelo general Tomaz Joaquim Pereira Valente, conde do Rio Pardo, português adesista, cujo comando foi desastrado.

ABRIL DE 1841

Dia 17: — E' empossado na presidencia da provincia o dr. Saturnino de Souza e Oliveira e, no comando das armas, o general Tomaz Joaquim Pereira Valente, conde do Rio Pardo, nomeado por decreto de 26-III.

MAIO DE 1841

Dia 8: — A um "Amigo e camarada", datada de São-Gabriel, escreve Bento Gonçalves da Silva a seguinte carta *Reservada:*

> "Lembro-me mais de dizzr-vos que, constando que Bento Manuel viera ao Quaraím, convem que examineis si assim é; e em tal caso forçoso é que o mandeis agarrar com segurança, pois esse homem, não padece duvida, que só se emprega em fazer-nos mal, e talvez seja o principal agente de compra de cavalhadas.
>
> Será bom que, ao menos quando ele não esteja por alí, mandeis levantar-lhe toda a cavalhada do Quaró, que toda levou roubada.
>
> Saude vos deseja vosso amigo e camarada certo.
>
> *Bento Gonçalves da Silva*".

DIA 13 : — Recontro no Passo de São-Borja, em que os imperiais, com duas divisões, comandada a primeira pelo brigadeiro Seára e a segunda pelo coronel Silva Tavares, depois de atravessarem, com dificuldade, o passo, e sendo atacados pelas forças republicanas, conseguem dominar a situação repelindo o ataque.

Na ordem do dia n. 71, de 18 de junho, diz o brigadeiro João Paulo dos Santos Barreto : "Quando a coluna rebelde pretendeu disputar e impedir a passagem foi repelida e obridada a vergonhosa retirada, não obstante ter uma peça de calibre 9 assestada com direção ao mesmo passo".

DIA 18 : — Entrincheirados na estancia do Meio, os farroupilhas recebem, a pé firme, o ataque das fôrças imperiais sendo, porém, obrigados a se retirarem, perdendo 10 mortos, varios feridos e um prisioneiro. As fôrças legais tiveram apenas 3 feridos, dos quais um gravemente. Comandavam as fôrças legalistas os coroneis Fernandes de Lima, Antonio de Medeiros Costa e Jeronimo Jacinto.

— Neste mesmo día travou-se pequeno recontro no banhado do Inhatium, proximo a São-Gabriel, entre farroupilhas e imperiais, comandados estes por Chico Pedro e Arruda Camara. Os farroupilhas comandados por David Canabarro tiveram que recuar, sofrendo pequena perda.

DIA 22 : — Segundo comunica a ordem do dia do brigadeiro João Paulo dos Santos Barreto, foi, pelo general Seára, coadjuvado pelo coronel Silva Tavares, destroçado uma força republicana nas proximidades de São-Gabriel. Os farroupilhas tiveram cerca de 30 mortos, outros tantos feridos e varios passados. Dos imperiais a perda foi de 5 mortos e

17 feridos, contando-se entre estes o ajudante Vitorino José Carneiro e o tenente Manuel Barreto Pereira Pinto.

JUNHO DE 1841

DIA 1: — Em Morretes um grupo de 12 homens das fôrças imperiais ataca, a pé, pequena força farroupilha comandada pelo capitão Francisco Xavier que foi obrigado a fugir com sua gente. Ficaram em poder dos imperiais 3 ponchos, 2 espadas, 2 facas e uma clavina, sendo regular o numero de feridos de parte a parte.

DIA 3: — Na estancia das Palmas, onde se encontrava uma partida republicana comandada pelos capitães Mauricio Figueiró e Leonardo, foi, de surpreza, atacada esta na madrugada deste dia por uma partida legal comandada pelo capitão Atanasio Seixas. Os farroupilhas tiveram que recuar após encarniçada luta, deixando no campo 8 mortos. Varios foram os feridos de parte a parte. Ficaram em poder dos imperiais cerca de 300 cavalos, potros e eguas e 3 carretas.

DIA 5: — E' celebrada a convenção secreta entre os farroupilhas chefiados por Bento Gonçalves da Silva, e os orientais presididos pelo general Frutuoso Rivera.

Não teve esta convenção nenhum alcance pratico, como, aliás, não tivéra a anterior, de 1839. (Veja-se 28-12-1841).

— Na noite deste mesmo dia, o exercito imperial que estava passando o rincão de São-Pedro, no passo de São-Lucas, foi atacado pelos republicanos.

Em carta a um amigo diz Bento Gonçalves que se demorára a responder a que recebera porque se achava "empenhado em ficar á retaguarda do exer-

cito realista que estava passando o rincão de São-Pedro, naquele passo (São-Lucas), o que efetuou no dia 5 para 6, não sem prejuizo, apezar da localidade ser toda a favor deles. — Ficaram em nosso poder 8 cornetas, além de alguns prisioneiros e mortos. — A' vista da nova posição do inimigo, forçoso me foi fazer uma variação de plano; e assim fazendo descer o general David Canabarro Ibicuí abaixo, para fazer junção com Joaquim Teixeira, e bater Manuel Loureiro, que procurava invadir Missões"! (A carta é datada de 10).

Dia 12: — Combate dos Campos Neutrais, em que os republicanos obtiveram brilhante vitoria contra as hostes imperiais.

AGOSTO DE 1841

Dia 21: — Por ter sido dispensado do comando das armas da provincia o general João Paulo dos Santos Barreto, assumiu-o, interinamente, em seu acampamento nas margens do arroio S. Vicente, o brigadeiro Antonio Corrêa Seára.

SETEMBRO DE 1841

Dia 18: — José Garibaldi procura o encarregado dos negocios do Brasil, em Montevidéu, dr. José Dias da Cruz Lima, declarando não mais querer cooperar com os revolucionarios, solicitando, por isso, anistia. Eis o documento assinado pelo encarregado dos negocios e por José Garibaldi:

"Aos dezoito dias do mês de setembro do corrente ano de mil oitocentos e quarenta e um, na casa do Imperio do Brasil, no Estado Oriental do Uruguái e perante o encarregado dos Negocios do mesmo Imperio, compareceu o sr. J. Garibaldi,

subdito italiano, hoje residente na cidade de Montevidéu, capital do Estado e declarou que, tendo em outro tempo comandado uma parte das fôrças contra o Imperio na provincia do Rio Grande, hoje renunciava prestar qualquer serviço daquele genero ou outra qualquer hostilidade ao Imperio e seus subditos; que, debaixo de sua palavra de honra, protestava não tomar mais parte naquela luta, e que solicitava de Sua Magestade o Imperador, por intermedio do mesmo encarregado de Negocios a sua imperial anistia. Declarou mais que hoje seu fim é ocupar-se unicamente do comercio em geral. — *José Garibaldi — José Dias da Cruz Lima*, encarregado dos Negocios do Brasil em Montevidéu".

OUTUBRO DE 1841

Dia 19: — Nesta data foi publicado o decreto imperial conferindo á cidade de Pôrto-Alegre o titulo de *Leal e Valerosa*, em recompensa e para perpetuar o valor e lealdade com que se portaram seus habitantes na contra-revolução (Veja-se 15 de junho de 1836) que restabeleceu nela o governo imperial, e heroismo com que tem resistido aos diversos cercos dos farroupilhas.

Dia 28: — Francisco Pedro de Abreu retoma a cidade de São-Gabriel. Chico Pedro assim se refere, em suas *Memorias*, § 65, ao feito: "No dia 28 entrou em S. Gabriel e surpreendeu a Guarda de Policia rebelde, prisionando o comandante intitulado major, Maximiano, um tenente, 22 soldados, e armamento sendo o de infanteria novo, mandado por Fruto Ribro. (Frutuoso Rivera), e 400 e tantos cavalos".

NOVEMBRO DE 1841

DIA 11 : — Em carta desta data a Manuel Lucas de Oliveira, Bento Gonçalves fala nas intrigas que se vinham manifestando entre os republicanos, contra ele.

"Bagé, 11 de novembro de 1841. — Meu amigo e camarada. — De posse de vossa carta de 8 do corrente faço regressar o guarda nacional Antonio Francisco, munido de uma portaria na forma que havieis pedido.

Muito estimo que tenhais experimentado melhoras em vossos males, e que chegueis a vigorisar de todo, para poderdes continuar na gostosa tarefa de salvar a patria, que tanto necessita de seus bons filhos!

Minha saúde está bastante deteriorada; minha paciencia cansada de sofrer ingratidões e calunias; nada me faz, e nem me fará afastar da carreira encetada, isto é, de libertar a patria, e não abandonar meus patricios, mas já não posso com a carga que pesa sobre meus ômbros, e só espero o meio legal para entregar o timão do Estado a quem melhor o dirija; do mesmo modo o mando do exercito, contentando-me com correr para a frente do inimigo a comandar a vanguarda, que for destinada a fazer-lhe frente. Alí darei o exemplo de obediencia; alí mostrarei aos ambiciosos e sicofantas, qual é o dever de um verdadeiro republicano.

Ah! meu amigo, eu ando tão desgostoso, que, a não ser o amor da patria e liberdade que me domina todo, preferiria a

morte a ocupar o cargo que tenho! Tal é a desesperação, em que me tem posto certos homens, que se dizem republicanos, e que estão tão longe de o ser como está a noite escura do claro dia!!!

Adeus, meu amigo, dispense cansa-lo com minhas queixas; mas elas servem de desabafo ao vosso amigo e camarada

Bento Gonçalves da Silva.".

(Veja-se 28-VII-1842 e 4-VIII-1843).

Dia 25: — A' frente de 700 homens de cavalaria e infanteria, os coroneis João Propicio Menna Barreto e Francisco Pedro de Abreu destroçam, no Rincão Bonito, nas nascentes do Pequirí, afluente do rio Jacuí, uma fôrça revolucionaria de 400 homens, mais ou menos, sob o comando do coronel Agostinho de Melo, fazendo 230 prisioneiros e 120 mortos. Agostinho de Melo, Joaquim Pedro e outros oficiais da força republicana conseguem fugir. Nas suas *Memorias* diz Abreu que João Propicio teve medo de atacar a fôrça farroupilha, mas que ele "seguiu a frente caminhou para o inimigo ao qual fez uma fala dizendo-lhe em voz: si aí se acham alguns parentes, amigos ou constrangidos, imediatamente se passem, sinão perecerão; e cuja fala foi correspondida com mofa e alguns tiros". Travou-se o combate, desigual, perdendo os farroupilhas, alem dos mortos e aprisionados, 800 cavalos, dos quais muitos ensilhados, toda a bagagem e muito armamento.

DEZEMBRO DE 1841

Dia 17: — Na ordem do dia n. 15, de 27 de dezembro, firmada por João Paulo dos Santos Barreto, lê-se o seguinte:

"Tendo Bento Gonçalves conseguido em precipitada fuga subir a serra pela picada das Três Forquilhas, foi corajosamente repelido pelas fôrças ao mando do bravo major o sr. Rodrigo Antonio da Silva que o seguiu até a picada muito alem das Torres, aonde lhe tomou no dia 17 toda a artilheria de campanha, e grande porção de cavalhada que ainda lhe restava, estraviando-se mais de 300 rebeldes, dos quais já muitos se tem apresentado ás fôrças legais, ficando abandonada a maior parte das mulheres que eles haviam seduzido, e arrebatado quando sairam de Viamão e Bôa Vista. — A grossa artilheria, carros monchegos, carretas, forjas, armamentos e munições de guerra que os rebeldes haviam enterrado antes de fugirem, já se acham em poder do Exercito legal, e vão ser recolhidos ao Arsenal da Capital. — E' fato que de quasi 1.000 homens com que se retiraram Bento Gonçalves e Crescencio, apenas 200 puderam ganhar a serra cortados de susto e na maior confusão".

Fazia tambem parte da força imperial o major José Inacio da Silva Ourives, o famoso Juca Ourives que os farroupilhas haviam expulso de suas fileiras no inicio da revolução.

Dia 28 : — Nesta data é assinada a convenção de auxilios entre Bento Gonçalves da Silva e Frutuoso Rivera, conforme se vê do seguinte documento :

"S. Ex. o sr. presidente da república do Uruguái, brigadeiro general D. Frutuoso Rivera, e S. Ex. o sr. presidente da República Rio-grandense general Bento Gonçalves da Silva, desejando verificar algum dos arranjos da convenção secreta de 5 de julho do presente ano, procederam a nomear, a saber : S. Ex. o sr. presidente da republica do Uruguái a

seu secretario em campanha D. José Luis Bustamante em qualidade de comissionado *ad-hoc*, e S. Ex. o sr. presidente da república Rio-grandense a seu ministro do interior e fazenda o cidadão Domingos José de Almeida no mesmo caracter, os quais depois de haverem trocado os seus respetivos poderes que acharam em bôa e devida forma, hão convindo os artigos seguintes :

1.º — S. Ex. o sr. presidente da república Rio-grandense prestará a S. Ex. o sr. presidente da república Oriental do Uruguái um auxilio de 500 homens de infanteria e 200 de cavalaria, todos de linha, para invadirem e ocuparem a provincia de Entre-Rios, depondo sua atual ominosa administração, cujas tropas armadas e equipadas obedeceram, durante a campanha, ás ordens de S. Excia. o sr. presidente da mencionada republica Oriental do Uruguái.

2.º — Ditas tropas, concluida a operação expressada, regressarão a seu respetivo territorio com seu correspondente armamento e equipamento, ás ordens do seu governo.

3.º — Será da obrigação de S. Excia. o sr. presidente da republica Oriental do Uruguái auxiliar de pronto com 2.000 cavalos a S. Excia. o sr. presidente da república Rio-grandense, para o serviço do seu exercito.

4.º — Os artigos compreendidos na presente convenção secreta se conservarão em sigilo, como os da convenção de 5 de julho.

5.º — Será da obrigação de S. Excia. o sr. presidente da república Oriental do Uruguái socorrer as tropas de que se fez menção, durante a campanha, e prove-las de vestuario equipo, armamento, e cavalgaduras, que lhe forem de mister até o seu regresso ao territorio da república Rio-grandense.

6.° — A presente convenção será ratificada por S. Excia. o sr presidente da república Rio-grandense dentro do termo de 24 horas, e por S. Excia. o sr. presidente da república Oriental do Uruguái dentro de 15 dias a contar de sua data, cujo aviso oficial bastará para o seu cumprinento.

Em testemunho do que nós abaixo assinados comissionados *ad hoc* por S. Excia. o sr. presidente da república Oriental do Uruguái, e S. Excia. o sr. presidente da repúblíca Rio-grandense, em virtude dos nossos plenos poderes firmamos dois exemplares do presente com nossos proprios punhos, e selamos com nossos respetivos selos em a vila de São-Frutuoso aos 28 de dezembro de 1841.

Domingos José d'Almeida".

José Luis Bustamante.

Nós, Bento Gonçalves da Silva, presidente da república Rio-grandense, e general comandante em chefe do exercito da mesma, imposto da comissão secreta acordada entre o comissionado de S. Excia. o sr. presidente do Estado Oriental do Uruguái, e general comandante em chefe do exercito nacional D. José Luis Bustamante, e nosso ministro e secretario de Estado dos negocios do interior e fazenda o cidadão Domingos José de Almzida, e bem examinando quanto contêm a precipitada convenção secreta, ratificamos os artigos que contem todas as suas partes, empenhando nossa palavra e fé publica para cumpri-la, e faze-la cumprir por todos os meios que estejam ao nosso alcance.

Bento Gonçalves da Silva.

Domingos José d'Almeida".

JANEIRO DE 1842

Dia 13 ; — Bento Gonçalves, em cumprimento ás clausulas da convenção secreta de 28 de dezembro ultimo, escreve ao general Frutuoso Rivera prevenindo-o de que o general Antonio de Souza Netto irá ao seu encontro com a divisão auxiliadora para a campanha de Entre-Rios.

O general Netto, diz Bento Gonçalves na referida carta, "leva ordem de regressar do Uruguái quando não seja urgente sua pessoa á testa daquela divisão com que marcha ; em cujo caso a comandará o coronel Antonio Manuel do Amaral ; si, porém, V. Excia. julgar melhor a ida do mesmo general, assim este praticará". E depois de varias considerações, conclúi Bento Gonçalves : "Finalmente, confiada esta nascente república na proteção de V. Excia. e bôa fé de nossos tratados, bem assim dos que com bem fundadas razões espera conseguir com os Estados de Correintes,Entre-Rios, e Santa-Fé, contamos o infalivel triunfo da causa sagrada da liberdade, firmando em solidas bases a independencia do Rio-Grande, cabendo-nos (mormente a V. Excia.) a dobre gloria de regenerar o Brasil todo, que almeja os mesmos principios e por fatalidade suporta ainda o peso de um cetro de ferro que prestes desaparecerá, estabelecendo-se em toda a America a unica forma de governo, que vegeta em seu sólo".

Dia 26 : — No passo do Camaquã, ou passo do Mendonça, é destroçada uma coluna de cavalaria farroupilha comandada por Bento Gonçalves da Silva. Comandava as fôrças imperiais o célebre Moringue, um dos mais ousados cabos de guerra do imperio contra os republicanos.

MARÇO DE 1842

Dia 4: — Felix Vieira, que andava em observações nas proximidades de Pelotas, é atacado e derrotado por um destacamento das fôrças de Silva Tavares.

Dia 26: — Em Montevidéu, na igreja de São-Francisco, casa-se José Garibaldi com a catarinense Anita de Jesús Ribeiro que se dizia viúva de Manuel Duarte de Aguiar...

ABRIL DE 1842

Dia 8: — Nas proximidades de Pelotas é derrotado e morto por Procopio Gomes de Melo, o major farroupilha Domingos Joaquim de Oliveira.

MAIO DE 1842

Dia 10: — Rebenta, em São Paulo, na cidade de Sorocaba, o movimento revolucionario promovido pelo partido Liberal e chefiado pelo coronel Rafael Tobias de Aguiar. — A 17 foi proclamado, em Sorocaba, presidente de São Paulo em oposição ao marquês de Monte-Alegre (José da Costa Carvalho), o coronel Aguiar. — Este, em seguida, nomeia o padre Diogo Antonio Feijó, ex-regente do imperio, vice-presidente e passa-lhe o governo. — Conseguem os revolucionarios paulistas béla série de vitorias, chegando ás portas da capital. — A 19, porem, Caxias embarca para São-Paulo onde chega no dia 23. Começam, daí por diante, os rebeldes a perder terreno até que no dia 20 de junho o barão de Caxias consegue entrar em Sorocaba aprisionando mais de 40 rebeldes entre os quais o proprio padre Feijó, já velho e alquebrado. — A 12 de julho são vencidos os

ultimos revolucionarios paulistas e a 13 Caxias regressa para o Rio de Janeiro. — Aguiar sómente foi preso a 12 de dezembro no Rio-Grande do Sul (Veja-se esta data, e veja-se 13-VIII-1842).

DIA 21 :— O marechal conde do Rio-Pardo, Tomaz Joaquim Pereira Valente, é demitido do comando das armas, sendo nomeado, em seu lugar, o general José Maria da Silva Bittencourt.

JUNHO DE 1842

DIA 10 : — Tem inicio, em Barbacena, o movimento revolucionario de Minas-Gerais. Neste mesmo dia é, alí, proclamado presidente pelo partido Liberal o tenente-coronel José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, barão de Cocais, em oposição ao governador da provincia, em Ouro-Preto, Bernardo Jacinto da Veiga. — Após uma série de vitorias e derrotas, chega á capital, Ouro Preto, o barão de Caxias que acabára de pacificar São-Paulo, — a 6 de agosto e já a 19 do mesmo mês o presidente revolucionario, barão de Cocais, abandonava seus companheiros e fugia. A 20 derrota Caxias o ultimo reduto revolucionario, Santa-Luzia, e a 1.° de setembro entra novamente na capital da provincia e a dá por pacificada definitivamente. (Veja-se 28-IX-1842).

DIA 12 : — O governo republicano riograndense resolve, definitivamente, mudar a capital para Alegrete. (Veja-se 15-VII).

DIA 23 : — Manuel Lucas de Oliveira derrota, em Boqueirão, á margem direita do Camaquã, o tenente-coronel Chico Pedro.

DIA 26 : — Assume o comando das armas da provincia o general José Maria da Silva Bittencourt.

JULHO DE 1842

Dia 13 : — Bento Gonçalves da Silva, do quartel general em Cacequí, lança a sua proclamação anunciando a revolução de São-Paulo, aliás já terminada desde 20 de junho com a rendição de Sorocaba, — e ao mesmo tempo convoca a instalção da Assembléa Constituinte (Veja-se 10-V e 1-XII de 1842), e entrega o comando do exercito ao general Netto.

"Rio-grandenses ! Raiou a aurora da vossa felicidade ! Pelos jornais ultimamente recebidos, vimos que os briosos paulistas em defesa de sua patria começaram a guerra contra o tirano do Brasil. Já as falanges paulistanas marcham sobre o inimigo comum, já os satelites da escravidão têm recebido sobre suas criminosas cabeças o afiado gume das espadas dos livres.

Quantos brilhantes sucessos vão desenvolver-se !

Rio-grandenses ! a época da liberdade e da justiça vái ser marcada em nossa historia !

No meio de tão faustos auspicios, o governo da república Rio-grandense vái convocar o Congresso Nacional para estabelecer as leis fundamentais porque tanto almejam os verdadeiros republicanos.

Para levar a efeito tão grandiosa obra, eu vou dirigìr o leme do governo, entregando o comando do exercito ao cidadão general Antonio Netto. Rio-grandenses ! reüni-vos ao redor deste valente chefe ; obedecei-lhe, cumpri as suas ordens ; ajudai-o.

Correi á porfia contra os opressores do nosso país.

O Brasil em massa se levanta como um só ho mem para sacudir o ferreo jugo do segundo Pedro. E' este o momento de mostrardes ao mundo que sois rio-grandenses.

Si assim fizerdes, vereis em breve tremular o estandarte tricolor em todos os pontos da república; os rio-grandenses iludidos virão aos vossos braços, não só salvareis a patria, como sereis os libertadores do Brasil inteiro.

Viva a liberdade! Vivam os rio-grandenses! Vivam os nossos irmãos paulistas! Viva a futura Assembléa do Rio-Grande!"

DIA 15: — Instala-se em Alegrete, a capital da republica Rio-grandense.

Por estar Caçapava constantemente ameaçada não oferecendo mais garantias ao governo, resolveu este mudar a séde para Alegrete desde 1840. Desde essa data até a presente, a capital da república Rio-grandense andava sobre carretas de um ponto para outro, o que deu motivo á seguinte sátira atribuida aos proprios farroupilhas:

"Que é do progresso este seculo
quem mais se atreve a negar?
O governo Rio-grandense
marcha em carreta a rodar!"

Ao abandonar Caçapava (Veja-se 30-IV-1940), o governo republicano instala-se em São Gabriel de onde, pouco depois, é obrigado a retirar-se. Recolhe-se, então, á estancia de Luis Machado e daí, nesse mesmo ano de 1840, passa para Santa-Vitoria. Em 1841 torna á São-Gabriel e em seguida segue para Itaquatiá e daí para Bagé onde fica de novembro de 1841 a junho de 1842. Depois dessa data, por escala em Cacequi, segue para Alegrete onde se instala nesta data e permanece até fins de 1843. Mais tarde, depois da renuncia de Bento Gonçalves, a capital torna a ser Piratiní, por algum tempo e depois, atéo fim, continua em contínua peregrinação pelo sul do Estado.

DIA 28 : — Manifestam-se os primeiros dissidios na politica interna da república Rio-grandense, conforme se nota pela carta de Bento Gonçalves da Silva, desta data, a um amigo general, provavelmente Antonio Netto.

> "Alegrete, 28 de julho de 1842. — General e amigo. — Cheguei com feliz viagem a este lugar e só trato de dar andamento a quanto havemos acordado ; e assim é que mui breve vos remeterei os decretos para o recrutamento, e convocação da Assembléa.
>
> Já se está dando começo ás lanças, e deveis contar com elas.
>
> Pela copia junta do coronel José Mariano de Mattos vereis o que ele me diz em resposta á que hoje mesmo lhe dirigi, convidando-o para o emprego de chefe de estado maior do exercito, ou no caso contrario, outro qualquer no mesmo exercito.
>
> Por ela vereis que não devemos contar com ele, visto que sendo, como vái ser, inspecionado, deve resultar doente, e como tal deve ir tratar de sua saude.
> Ele é patriota, e estou que nos casos de urgencia devemos contar com ele, porém, não para o presente, e por essa razão deveis lançar mão de outro para chefe de estado maior, cuja nomeação deveis quanto antes mandar-me para remeter-vos o decreto a respeito.
>
> O Paulino (27) tem feito aparecer uma enfiada de mentiras e *catilinadas* no Boletim,

---

(27) Antonio Paulo ou Paulino da Fontoura, vice-presidente da república Riograndense, que foi assassinado em Alegrete no dia 3 de fevereiro de 1843 (Veja-se esta data) Em consequencia desse fáto deu-se, tambem o duelo entre Bento Gonçalves e Onofre Pires. (Vejam-se 27-II e 3-III-1844).

deixando de publicar noticias veridicas que aparecem nos jornais do Rio, puramente do governo, pelas quais se conhece os progressos da revolução de São-Paulo e Minas.

A imprudencia de publicar a defensão de Silva Machado sem haver certeza de aquele homem haver aderido á causa da revolução, como ele levianamente publicou em um Boletim anterior, e nem de haver seguido a causa do Imperador, é mais uma prova de leviandade daquela cabeça, e já que disse em seu boletim que havia uma coincidencia entre São-Paulo e Rio-Grande, porque não disse ao menos que aqui um paulista atraiçoou a causa da liberade, e aí um rio-grandense?

Quiz ter consideração com Bento Manuel, reconhecido como traidor, e nenhuma teve com um patricio, que não ha por ora um só documento que comprove aquela gratuita asserção em seu desabono.

Estou resolvido que ele não mais escreva uma só linha para o boletim.

Basta de mentir, como fez, publicando a derrota do barão de Caxias, sem que haja nem a mais leve noticia dela. ! servindo unicamente tal noticia para desacreditar o governo, que é o fim principal dos trabalhos de Paulino e de mais três de quem ele é o mentor. (28).

---

(28) Quem serão esses "três de quem ele é o mentor"? Por uma carta de Domingos José de Almeida a um amigo, datada de 18 de dezembro de 1842, presumimos tratar-se dos deputados, dr. Antonio José Martins Coelho, Antonio Vicente da Fontoura, e Onofre Pires da Silveira Canto ou José Pedroso de Albuquerque. Segundo essa carta faziam parte da minoria os deputados Antonio Vicente da Fontoura, padre Francisco das Chagas Martins d'Avila e Sousa, José Pedroso de Albuquerque, Serafim dos An-

Tudo quanto houver aqui de praças e oficiais de linha vão a seguir para aí, ou por vontade, ou presos.

Lembrai-me quanto convenha, afim de que não haja falta no plano acordado.

Saudades ao amigo Luis, e disponha do vosso amigo e patricio,

Bento Gonçalves da Silva".

AGOSTO DE 1842

Dia 3 : — O presidente da republica Rio-grandense publica o decreto convocando a Assembléa Legislativa, isto é : para que sejam feitas as eleições de deputados (Veja-se 1-IX-1842).

Dia 9 : — Bento Gonçalves da Silva passa o comando do exercito ao general Antonio de Souza Netto, e nomeia o general João Antonio da Silveira chefe do Estado maior (Veja-se a carta de 28-VII-1842).

Dia 19 : — Publica-se o decreto do governo da república Rio-grandense, desta data, assinado por Bento Gonçalves da Silva e Antonio Vicente da Fontoura, sobre o serviço militar obrigatorio, cujo artigo primeiro é o seguinte :

"Art. 1.° — Todos os cidadãos rio grandenses de idade de 14 até 50 anos, inclusive os oficiais demitidos e reformados, são obrigados a defender a patria, sacrificando a sua vida, pessoa e bens, reünindo-se ás fileiras do exercito como auixliares, logo que o

---

joe França, Antonio José Martins Coelho, Manuel Martins da Silveira Lemos, Onofre Pires da Silveira Canto e Vicente Lucas de Oliveira (Veja-se relação dos deputados em data de 1-IX-1842, e a carta in Rev. do Inst. Hist. e Geogr- do R. G. do Sul, IV trim. de 1929, bem como uma de Fontoura, defendendo e dando as causas da dissidencia no seio da Assembléa).

general comandante em chefe do exercito reclame a reünião geral das fôrças do exercito.

Paragrafo unico. — Para não ser iludida a disposição do presente artigo com respeito á idade de 50 anos, ficam compreendidos na reünião todos os individuos que alegarem ser maiores da referida idade, tenham a necessaria robustas para o serviço de campanha".

Neste mesmo decreto discriminam-se os casos de traição á patria, no artigo 5.º, que reza :

"Serão de ora em diante considerados traidores á patria, e como tais punidos :

1.º — Os que, existindo em territorio ocupado por autoridades da república, prestarem aos imperiais serviços diretos ou indiretos, dando-lhes avisos, ou quaisquer socorros materiais.

2.º — Os que aceitarem emprego, ou comissão do inimigo.

3.º — Os empregados civis ou publicos que se apresentarem ao inimigo, ou conservarem-se com este em relações no territorio por eles ocupado, salvo tendo permissão expressa do governo ou do general em chefe, ou enfermidade gravissima que o inhabilite de retirar-se.

4.º — Os que espalharem noticias aterradoras, pretendendo arrefecer o ardor patriotico, e comprometer o credito do governo.

5.º — Os que receberem e conservarem as mesmas noticias, e incontinente as não apresentarem á autoridade de seu distrito para as comunicar logo ao respetivo chefe de policia".

O artigo 6.º, finalmente, refere-se aos funcionarios da república e diz :

"Todo o empregado civil ou publico, que não tomar uma parte ativa na guerra, coadjuvando com armas ou com escritos e palavras, conforme permitam as suas faculdades, excitando o entusiasmo nacional, perderá o direito ao seu emprego ou comissão, e será demitido com dezar".

SETEMBRO DE 1842

DIA 1 : — Rzaliza-se a eleição para deputados á Assembléa Constituinte da República Rio-grandense.

O n. 4, de 5-X-1842 do jornal *O Americano, periodico oficial, politico e literario*, publica a seguinte "Lista dos cidadãos rio-grandenses que obtiveram a maioria de votos para Deputados á Assembléa Constituinte do Estado, que segundo o decreto de sua convocação, se ha de instalar nesta capital no dia 6 de novembro do corrente ano" (Veja-se 1.º de dezembro) :

Vigario apostolico Francisco das Chagas Martins d'Avila e Souza, — tenente-coronel Manuel Lunuel Lucas de Oliveira, — tenente-coronel Serafim Joaquim de Alencastre, — coronel Silvano José Monteiro de Araujo e Paula, — dr. Francisco de Sá Brito, — advogado Serafim dos Anjos França, — padre Hildebrando de Freitas Pedroso, — coronel José Mariano de Mattos, — fazendeiro Severino Antonio da Silveira, — Luis José Ribeiro Barreto, — capitão José Gomes de Vasconcellos Jardim, — José Pedroso de Albuquerque (ministro), — padre João de Santa Barbara, — major Antonio Vicente da Fontoura (ministro), — dr. Antonio José Martins Coelho, — general João Antonio da Silveira, — José Pinheiro de Ulhôa Cintra (Ministro plenipotenciario), — Domingos José de Almeida, — tenen-

te-coronel Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Menna, — fazendeiro Inácio José de Oliveira Guimarães, — cirurgião José Carlos Pinto, — coronel Oliverio José Ortiz, — negociante Joaquim dos Santos Prado Lima, — Manuel Martins da Silveira Lemos (inspetor do tesouro), — coronel Onofre Pires da Silveira Canto, — major Ismael Soares da Silva, — major José Maria Pereira de Campos, — fazendeiro capitão Fidelis Nepomuceno Prates, — general Antonio de Souza Netto, — padre Francisco Leite Ribeiro, — negociante Luiz Inácio Jaques, — fazendeiro Vicente Lucas de Oliveira, — coronel Joaquim Pedro Soares, — negociante Francisco Modesto Franco, — e tenente-coronel José Alves de Morais.

"Foram declarados suplentes, por haverem obtido maioria de votos, depois daqueles, os srs. Bento Xavier de Andrade, major Luis José da Fontoura Palmeiro, primeiro-tenente Joaquim Gonçalves da Silva, Francisco Ferreira Jardim Brazão, dr. Antonio Vicente de Sequeira Pereira Leitão, Manuel Gonçalves Rodrigues Jardim, major Bernardo Pires, Antonio Manuel Correia da Camara, Manuel José Pereira da Silva, tenente-coronel Joaquim José Pereira Vilaça, general David Canabarro, Tristão de Araujo Nóbrega, tenente-coronel Felisberto Machado de Carvalho Ouriques, Antonio Paulo da Fontoura (vice-presidente da republica — 2.°) José Ferreira Gomes Roque, coronel Antonio Manuel do Amaral Sarmento Menna, Marcos Alves Pereira Salgado e capitão Antonio Leite de Oliveira".

Dos deputados obteve maior votação o vigario apostolico Francisco das Chagas — 3.025 votos, e o menos votado foi o coronel José Alves de Morais que obteve 1.072 votos. Para a época e a situação em que se achavam os farroupilhas, reduzidos a meia

duzia de cidades, pode-se dizer, a votação obtida representava algo de positivo. Infelizmente o dissidio aberto em Alegrete, na Assembléa, muito enfraqueceu a fôrça republicana. (Vejam-se 28-VII-1842 texto e nota; 12-XII e 20-XII-1842, 3-II-1843 e 27-II-1844).

DIA 7: — Combate de Jacaré. — O coronel legalista Jeronimo Jacinto Pereira ataca e vence a fôrça republicana comandada por David Canabarro.

DIA 24: — Em Alegrete, para onde se mudára o governo da república Rio-grandense, substituindo *O Povo*, desaparecido em 1840, distribúi o governo o primeiro numero de *O Americano*, "periodico oficial, politico e literario", impresso na "Tipografia Republicana Rio-grandense".

Com a famosa "mashorca de Alegrete", como denominou Antonio Vicente da Fontoura a cisão que houve na Assembléa (Veja-se 1-IX-1842), entre os republicanos, o jornal, pouco depois, a 1 de março de 1840, publicava seu ultimo numero.

DIA 28: — *O Americano* em seu numero 2, desta data, inicia a publicação de uma serie de comentarios, que vão até o numero 9 (22-X), sobre uma série de oficios do presidente legal de Minas-Gerais, Bernardo Jacinto da Veiga, com referencia á revolução de 10 de junho deste ano (Veja-se esta data). Comentando esses oficios transcritos no n.° 1 de *O Americano*, tece esse jornal os maiores elogios aos revolucionarios mineiros, "nossos irmãos, valentes mineiros que, levantando-se contra um governo despótico, mostraram ao Brasil que sabem presar seus direitos, e mostraram a todas as nações que são dignos da liberdade que advogam, e finalmente que são mineiros americanos".

— E' nomeado presidente e comandante das armas da provincia do Rio-Grande-do-Sul, o barão de Caxias que acabára de pacificar São-Paulo e Minas-Gerais (Vejam-se 10-V e 10-VI-1842).

OUTUBRO DE 1842

Dia 12 : — Manuel Carvalho de Aragão e Silva, tenente-coronel republicano, ataca e destroça uma partida legalista que estacionava na Estancia-Nova, junto ao arroio de Tacuarembó.

Dia 15 : — Encontram-se em Paisandú, onde conferenciam longamente, o general Bento Gonçalves da Silva e os generais uruguaios Frutuoso Rivera (presidente do Uruguái), João Paulo López (governador de Santa-Fé), Pedro Ferré (governador de Corrientes), e José Maria Paz (comandante das fôrças correntinas).

Dia 29 : — Embarca no Rio de Janeiro, afim de assumir a presidencia da provincia do Rio-Grande-do-Sul e o comando das armas do imperio na mesma, o marechal barão de Caxias (Vejam-se ... 1-XI-1842 e 1-III-1845).

NOVEMBRO DE 1842

Dia 9 : — Toma posse da presidencia do Rio-Grande-do-Sul e do comando das armas, o marechal barão de Caxias.

Foi a seguinte a sua proclamação primeira :

"Rio-grandenses. — S. M. o Imperador, confiando-me a presidencia desta provincia e o comando em chefe do bravo exercito brasileiro, recomendou-me que eu restabelecesse a paz nesta parte do imperio como a restabeleci no Maranhão, em São-Paulo, e

Minas, e a Providencia Divina que de mim tem feito um instrumento de paz para a terra em que nasci fará que eu possa satisfazer os ardentes desejos do magnánimo monarca e do Brasil todo. Bravos rio-grandenses! Segui-me, ajudai-me, e a paz coroará nossos esforços. Viva a nossa santa Religião. — Viva o Imperador e sua augusta familia. — Viva a constituição e a integridade do imperio, — Palacio do governo na Leal e valorosa cidade de Porto Alegre, 9 de novembro de 1842. — *Barão de Caxias*".

Dia 12: — O tenente-coronel José Gomes Portinho surpreende, neste dia, uma partida de imperiais da qual ficaram alguns mortos no campo e em poder dos republicanos 8 prisioneiros com todo o armamento, e 150 cavalos em bom estado.

Dia 18: — O tenente Sezefredo Alves de Mesquita encontra-se em Jaguarí com uma partida de 14 imperiais, e sendo sua força menor, carregou, contudo, conseguindo desbarata-la após obstinada resistencia. Do recontro ficou um legal morto e varios feridos de ambos os partidos. Os republicanos ficaram com 50 cavalos em bom estado.

Dia 22; — A Camara Municipal de Alegrete publica a seguinte circular em que marca o dia para a instalação da Assembléa Legislativa:

"A Camara Municipal desta cidade de Alegrete seu termo, etc. — Faz saber a todos os seus habitantes que no dia primeiro do mês de dezembro proximo futuro se vái reünir a Assembléa Constituinte deste Estado, e por tão plausivel motivo lhes pede queiram dar uma prova de regosijo, iluminando suas casas as noites dos dias trinta deste mês, 1.° e 2.° do entrante, podendo cada um ou parte dos cidadãos festejar esta época tão solene e memoravel com divertimentos publicos ad libitum.

Dado e passado nesta Capital de Alegrete aos 22 de novembro de 1842. — Eu João Damasceno Gois, secretario o escrevi. — O vereador presidente José Inácio dos Santos Menezes".

DEZEMBRO DE 1842

DIA 1 : — E' instalda em Alegrete a Assembléa Constituinte, depois de duas sessões preparatorias (29 e 30 de novembro), nas quais se tratou do exame dos diplomas dos deputados e juramento depois da missa, no dia 30. O juramento foi o seguinte : "Juro manter a Religião Catolica, Apostolica, Romana, e a Independencia e Integridade do Estado, Rio-grandense, cumprir fielmente as obrigações de deputado á Assemblea Constituinte do mesmo Estado e promover quanto em mim couber a prosperidade geral da Nação ; assim Deus me ajude".

A "Ata da instalação da Assembléa Geral Constituinte" está vasada nos seguintes termos :

"No dia primeiro de dezembro do ano de 1842, setimo da independencia e da Republica, nesta vila de Alegrete capital da mesma, achando-se reünidos todos os srs. Deputados na sala destinada para as sessões da Assembléa Constituinte, tendo se feito anunciar S. Excia. o sr. presidente do Estado pelas 10 horas e meia da manhã, convidada pelo sr. presidente da Assembléa (29) a comissão nomeada (30)

(29) Era presidente das sessões preparatorias o vigario apostolico padre Francisco das Chagas Martins de Avila e Sousa, por ter sido o deputado mais votado, conforme ficou deliberado na primeira sessão preparatoria do dia 29 de novembro.

(30) A comissão destinada a introduzir no recinto das sessões da Assembléa o presidente Bento Gonçalves da Silva compunha-se dos deputados Serafim dos Anjos França, major José Maria Pereira de Campos, Manuel Martins da Silveira Lemos, Luis Inácio Jaques, Onofre Pires da Silveira Canto, José Pinheiro de Ulhoa Cintra, Francisco Modesto Franco e padre Hildebrando de Freitas Pedroso. — Na sessão seguinte, de 2 de dezembro, foi nomeada a comissão para apresentar o projeto de constituição que ficou composta de 5 membros (Veja-se 3-II-1843).

para o introduzir foi recebe-lo na casa imediata á sala das sessões e o introduziu nesta onde S. Excia. depois de tomar assento no lugar que lhe compete dirigiu sua fala á Assembléa, finda a qual se retirou acompanhado pela referida comissão com as mesmas formalidades com que fora introduzido. Instalada a Assembléa pelo sr. presidente da mesma veiu á mesa o diploma do sr. deputado eleito Serafim Joaquim de Alencastre, e verificada sua legalidade pela primeira comissão de poderes nomeada na primeira sessão preparatoria, foi o sr. deputado introduzido por quatro membros da casa, e depois de haver prestado juramento tomou assento. Passando-se á nomeação da nova mesa foi eleito para presidente em um só escrutinio com maioria absoluta o sr. Freitas Pedroso, para vice-presidente o sr. França em segundo escrutinio em que concorreu com o sr. Chagas por não haver maioria absoluta na primeira votação, para 1.º secretario o sr. Alencastre, para 2.º dito o sr. Lemos, e para suplentes os srs. Ribeiro Barreto, Jaques, e Sá Brito, empatados em votos, decidindo a sorte 1.º pelo sr. Ribeiro Barreto, 2.º pelo sr. Sá Brito, 3.º pelo sr. Jaques. Querendo o sr. Barreto apresentar com urgencia um requerimento, decidiu a Assembléa por indicação do sr. França que se fechasse a presente sessão e sob a direção da nova mesa se abrisse sessão extraordinaria. — Francisco das Chagas Martins Avila e Souza — Silvano José Monteiro de Araujo e Paula — Francisco de Sá Brito".

ATA DA SESSÃO EXTRAORDINARIA DO 1.º DE DEZEMBRO DE 1842.

"Sendo presentes os srs. deputados com a presidencia do sr. Freitas Pedroso veiu á mesa um requerimento do sr. Ribeiro Barreto, pedindo se no-

measse uma comissão para com urgencia dar o seu parecer sobre o topico da fala do sr. Presidente do Estado pelo qual depositará no seio da representação nacional os poderes descricionarios que lhe foram conferidos ; e se tornasse a sessão permanente até que fosse apresentado o dito parecer. Pondo o sr. presidente o requerimento em votação foi apoiado, e somente aprovada a primeira parte. Passou-se a nomear a comissão para o fim indicado e sairam eleitos para ela os srs. Ulhôa Cintra, Sá Brito e Mattos ; findo o que levantou o sr. presidente a sessão. — Hildebrando de Freitas Pedroso — Serafim Joaquim de Alencastre — Manuel Martins da Silveira Lemos".

Foi a seguinte a *Fala do general Bento Gonçalves da Silva :*

"Srs. representantes da nação Rio-grandense ! — Depois da heroica revolução que operamos contra os opressores da nossa patria, depois de uma luta obstinada que por espaço de sete anos absorve os nossos cuidados, chegou finalmente a época em que com grande risco se verifica a nossa reünião exigida altamente pelo voto publico.

Meu coração palpita de prazer, vendo hoje assentados neste venerando recinto os escolhidos do povo, em que estão fundadas as mais belas esperanças do nosso país. Eu me congratulo comvosco.

Por decreto de 10 de fevereiro de 1840 convoquei uma Assembléa Constituinte e Legislativa do Estado, mas acontecimentos imprevistos originados pela guerra em que estamos empenhados, cuja historia não vôs é estranha, privaram que se fizesse a ultima apuração dos votos.

Um manifesto fiz publicar em 29 de agosto de 1838, expondo amplamente os motivos de nossa resistencia ao governo de S. M. o imperador do Brasil,

motivos imperiosos que nos obrigaram a separar da familia brasileira.

Si me não é dado anunciar-vos o solene reconhecimento da nossa independencia politica, gozo ao menos a satisfação de poder afiançar-vos que não só as republicas visinhas, como grande parte dos brasileiros simpatiza com a nossa causa.

Mui doloroso me é o ter de manifestar-vos que o governo imperial nutre ainda a pertinaz pretensão de reduzir-nos pela fôrça, porem, meu profundo pezar diminúi com a grata recordação de que a tirania acintosa exercida por ele nas provincias tem despertado o inato brio dos brasileiros que já fizeram retumbar o grito de resistencia em alguns pontos do imperio.

E' assim que seu poder se debilita e se aproxima o dia em que, banida a realeza da terra de Santa Cruz, nos havemos de reünir para estreitar os laços federais á magnanima Nação brasileira a cujo gremio nos chama a natureza e nossos mais caros interesses.

Todavia o que deve inspirar-nos mais confiança, o que deve convencer-nos de que alfim triunfarão nossos principios politicos, é o valor e constancia de nossos compatriotas ; é alfim a resolução em que se acham de sustentar a todo o custo a independencia do país.

Debaixo de tão lisongeiros auspicios começam os vossos trabalhos, cessa desde já o poder descricionario de que fui investido pelas átas de minha nomeação, cumprindo, pois, as condições com que fui eleito, eu deponho em vossas mãos. (Vejam-se : 6-XI-1836 16-XI-1837).

A primeira necessidade do Estado é uma Constituição politica baseada sobre principios proclama-

dos no memoravel dia 6 de novembro de 1836. A estabilidade politica interior está ligada com este grande áto, que da-de necessariamente aumentar a nossa fôrça moral. Bem penetrados da importancia da nossa missão, e das circunstancias excepcionais em que nos achamos, a vós cumpre decretar os meios, recursos e elementos com que deve contar o governo para o bom desempenho das suas funções.

Si julgardes conveniente legislar sobre outros objetos, lembrái-vos de que a moral pública, a segurança individual e de propriedade exigem pronta reforma nas leis que provisoriamente adotamos, pouco adequadas ás nossas atuais circunstancias.

Senhores representantes da nação Rio-grandense ! — A felicidade e a sorte da Republica está hoje em vossas mãos. A prudencia, a sabedoria e a moderação com que vos conduzirdes durante a vossa missão, acreditará sem duvida a nobre confiança que têm em vós depositada os nossos concidadãos.

Pelas diferentes secretarias de Estado se vôs darão todos aqueles esclarecimentos que tiverdes por bem exigir.

Está aberta a sessão".

DIA 12 ; — Em consequencia das dissensões que desde a abertura da Assembléa, e mesmo antes, se vinham manifestando, (Veja-se 28 de julho), demite-se do ministerio da Fazenda e dos da Guerra e da Marinha, o major Antonio Vicente da Fontoura que se filiou á minoria, sendo substituido pelo major Luis José Ribeiro Barreto (Luis Boticário).

— O barão de Caxias convida Bento Manuel Ribeiro para fazer parte de suas forças contra os republicanos.

— Na estrada da Palmeira, proximo a Passo Fundo, é preso pelas fôrças legais o coronel Rafael

Tobias de Aguiar que chefiára a revolução de São Paulo (Veja-se 10-V-1842; veja-se tambem nosso trabalho — *São Paulo e a Revolução Farroupilha*, in *A Propaganda Republicana no Rio Grande do Sul*.

Dia 20: — Demite-se do ministerio da Justiça e do interior, o coronel José Pedroso de Albuquerque, tambem filiado á minoria, e do ministerio do Esterior o vigario apostólico da Republica Francisco das Chagas Martins de Avila e Souza. A Luis José Ribeiro Barreto coube, tambem, ocupa-las interinamente (Veja-se 12-XII).

JANEIRO DE 1843

Dia 9: — A Assembléa Geral Constituinte e Legislativa divulga longa proclamação expondo os seus pontos de vista e prometendo entregar, em breve, o projeto da Constituição da República Rio-grandense, e concitando todos os cidadãos a continuar com o mesmo ardor em defesa da causa republicana, e advertindo-os contra os sistemas usados pelo governo imperial, "a sedução e a força" com que "pretende convencer" os rio-grandenses para que abandonem a causa farroupilha.

Conclúi a proclamação com as seguintes palavras:

"Concidadãos! Os destinos da patria dependem principalmente de vossa constancia e valor. Nesta luta da liberdade contra a tirania vós tendes dado um exemplo heroico do mais nobre, desinteressado patriotismo, e vossos dolorosos sacrificios assás provam quanto póde uma Nação generosa e magnanima, que jurou não ser escrava. Completai a vossa obra, e mostrai ao mundo o belo espetaculo de um povo

que por sua moderação é capaz de conservar a Liberdade, e por sua coragem conquistar a independencia".

Dia 10 : — Antonio Vicente da Fontoura escreve ao "cidadão deputado 1.º secretario da Assembléa" carta em que faz a sua defesa, dizendo-se alvo das intrigas dos deputados Domingos José de Almeida e José Mariano de Mattos (que ele, mais tarde, em seu "Diario", qualifica "o mulato Mattos") e renovando as suas acusações ao primeiro.

Diz a carta :

> "Cidadão deputado 1.º secretario. — Já vos não póde ser desconhecida a sensação que produziu no animo dos Rio-grandenses a aparição do projéto que feriu de morte suas garantias e liberdade (31). Ele foi o pomo de discordia lançado entre os patriotas ; suas consequencias são notorias. Eu o alvo das intrigas e calunías de dois de seus sustentadores, os senhores deputados Almeida e Mattos, algua cousa tinha a dizer a respeito. Sem recorrer a outros factos que poderia indicar, citarei os meus oficios de 15 de junho e 23 de agosto do ano pp. : o primeiro dirigido ao deputado Mattos quando ministro da Guerra, no qual como ministro, francamente me pronunciei contra seus intitulados tratados : o segundo dirigido ao cidadão chefe da Re-

(31) Apezar-de toda a nossa pesquiza nada encontramos sobre o projéto a que se refere Fontoura. Cremos, porém, pelos demais termos da carta supra, tratar-se dos convenios de mutuo auxilio firmados entre os republicanos riograndeses e Frutuoso Rivera, pois Fontoura ainda os critica asperamente em seu já mencionado *Diario*.

pública *Acusando* abertamente o deputado Almeida por seus atos no ministerio. Estas peças deram os materiais a explosão do vulcão com que tentam fulminar-me. A copia que ajunto, de ua carta do deputado Almeida, de 18 de dezembro pp. (32) dirigida ao capitão Pereira de Bagé e cuja leitura vos rogo fazer para que se veja até onde pode chegar o espirito de intriga e de calunia, me deixa convencido de que não só tenho obrado com prudencia, deixando de assistir as sessões, como de que não devo comparecer enquanto a experiencia não mostrar que o espirito de justiça e as vistas ao bem publico dirigem o lado predominante da casa. E para que saibam meus constituintes que o bem da sagrada causa da República é quem me priva de cumprir meus

---

(32) E a seguinte a carta de Domingos José de Almeida ao Capitão Pereira:

"Alegrete, 18 de dezembro de 1842. — Estimado amigo do coração. — Tendo á vista a sua ultima sem data respondo. Ontem empreguei-me no arranjo de seus negocios não só para lhe mandar o que lhe deve o tesouro, como o que supriu ao presidente cuja ordem o amigo Luiz Barreto ficou de lhe enviar por este mesmo portador. Minha mulher, sua criada, me avisa ter-lhe V. S. suprido com quatro onças e ser incansavel em oferecer-lhe seu prestimo: sobreponto sensivel a tão singulares favores vivamente lhes agradeço, desejando ter ocasião de me desforrar de divida tão primorosa. Sempre que se tem oferecido portador para essa e com tanta precipitação que não posso dar-lhe circunstanciadas noticias desta, bem como agora mesmo que para não demorar o condutor desta; tenho de as resumir narrando fátos que lentamente se vão descobrindo. O comportamento do ministro da Fasenda na Assembléa e de seus companheiros nela e fóra dela já não é enigma pois a não ser o primeiro demitido, a esta hora estaria assassinado o atual presidente, alguns deputados, e outros deportados e ele na presidencia; o que se sabe pelos convites de antemão feitos a alguns oficiais, desarmamento dos operarios do Trem, com quem não contava e cartuchame em seu poder e tática desenvolvida por ele e sua inepta minoria na Camara hostil ao governo que dirigia aquele proprio ministro e que por isso surpreendia a todos que assistiam as discussões não iniciados nos seus misterios etc. etc. etc. Para V. S. fazer ideia desta trama, eu apresento a minoria do ministro, e a maioria que sincera e de bôa fé ha dedicado seus serviços ao bem do país: ana-

deveres como deputado, peço-vos que assim o comuniqueis á Assembléa. (33).

Deus vos guarde. Alegrete, 10 de janeiro de 1843.

Ao cidadão deputado 1.º secrteario da Assembléa.

Antonio Vicente da Fontoura".

Dia 10: — Afim de iniciar as operações contra as hostes farroupilhas, o general duque de Caxias atravessa, neste dia, o São Gonçalo, e marcha para São Lourenço.

---

lise, e aqueles a quem esta mostrar, os precedentes de uns e de outros, e atribua qual o alvo a que se proporiam.

MINORIA	MAIORIA
Fontoura — ministro	Pe. Hildebrando
Pe. Chagas — idem	Silvano
Pedroso — idem	Sá Brito
França	Alencastre
Miz Coelho (Martins Coelho)	Mattos
Silveira Lemos	Ribeiro Barreto
Onofre Pires	Ulhô Cintra
Vicente Lucas	Almeida
	Prado Lima
	José Maria Pereira de C.
	Jaques
	Modesto Franco
	José Alves de Morias.

A tudo isto acrescente que propondo o sr. Miz Coelho o chamamento dos suplentes existentes na Capital para reforçar o seu lado, e não tendo passado tal proposta por contrária á Lei que manda chamar os mais votados, ele, Lucas, Fontoura, Onofre e Pedroso deixaram de vir á Camara pelo que não tem havido sessões sete dias uteis.

Emfim, eu estou convicto que alguns deputados da minoria se acham nela de bôa fé, mas confrontando o procedimento dela com os factos que indiquei, revelados depois da queda de Fontoura, ecom os veleidosos avisos do Rio, Pôrto Alegre e Montevideu de que o governo do Brasil pretende vencer-nos pela sedução, a ilação a tirar-se é obvia, e por isso sendo de urgencia redobrarem de esforços os patriotas, pode o meu amigo dirigir-lhes copia da presente para que se previnam contra intrigantes, caluniadores e sedutores afim de evitarem o laço que nos armam para nos escravisarem.

Sem outro assunto, continua a ser Seu sincero e muito obrigado amigo — *Domingos José de Almeida*".

(33) Tanto esta carta, como a de Almeida, foram lidas na sessão da Assembléa de 12 de janeiro. A respeito diz a respetiva ata:

"... e de mais um oficio do sr. deputado Fontoura, acompanhado da copia de uma carta particular", etc.

FEVEREIRO DE 1843

Dia 3: — Foi ferido, em Alegrete, traiçoeiramente, o Vice-presidente da Republica, Antonio Paulo da Fontoura. Devido a esse ferimento veiu o mesmo a falecer dias depois. Esse acontecimento foi uma das grandes causas do dissidio aberto no seio dos farrapos, pois acusaram a Bento Gonçalves como mandante do assassinato. Entretanto, quem matou ao vice-presidente foi o marido de uma mulher com quem Antonio Paulo mantinha relações amorosas. (Veja-se 27 de fevereiro de 1844).

— Em Alegrete, terceira e ultima séde da Republica Rio-grandense, é assinado, na "Sala das sessões", por José Pinheiro de Ulhôa Cintra, Francisco de Sá Brito, José Mariano de Matos, Serafim dos Anjos França e Domingos José de Almeida, o *projeto de constituição* da nova e efemera Republica. = Esse projéto começa assim; "Em nome da Santissima Trindade. = Nós representantes do Povo da Republica Rio-grandense, reünidos em Assembléa Geral, devidamente autorizados por nossos constituintes para fazer as regras fundamentais do Estado e estatuir uma forma de governo adeqüada a seus costumes, situação e circunstancias, que proteja com toda a eficacia a vida, a honra, a liberdade, a segurança individual, a propriedade e a igualdade, bases esseniais dos direitos do homem; "etc. Em seguida os titulos: Titulo 1.°; — "Da Republica do Rio-Grande, seu Territorio, Governo e Religião"; Titulo 2.°: — "Dos Cidadãos Rio-grandenses"; Titulo 3.°: — "Da Soberania, Poderes e Representação Nacional"; Titulo 4.° — "Do Poder Legislativo"; Titulo 5.°: — "Do Poder Executivo"; Titulo 6.° — "Do Poder Judicial"; Titulo 7.° — "Do Govermo e administração interior dos Municípios";

Titulo 8.º : — "Das Disposições Gerais e Garantias dos Direitos Civis e Politicos dos cidadãos Rio-grandenses" ; Titulo 9.º ; — "Da observancia das Leis antigas" ; Titulo 10.º : — "Da publicação, juramento, interpretação, reforma e observancia da presente Constituição".

Dia 12 : — O marechal barão de Caxias dá nova organização ao exercito legal, dividindo-o em três divisões de 2.000 homens mais ou menos cada uma, comandadas a primeira pelo general Felipe Néri de Oliveira a segunda por João da Silva Tavares, coronel, e a terceira por ele proprio.

MARÇO DE 1843

Dia 4 : Substituindo *O Americano*, cujo ultimo numero foi distribuido no dia 1.º de março, surge o bi-semanario *Estrela do Sul*, impresso na "Tipografia Republicana Rio-grandense". Na apresentação ("Prospeto") diz o redator ; "Uma das tarefas mais arduas é a do publico escritor ; alem dos profundos, variados conhecimentos, que precisa para desempenha-la, deve ser dotado, tambem, da mais escrupulosa imparcialidade. Confessamos ingenuamente, que a excepção deste ultimo requisito, carecemos de todos os outros ; . . . ." etc. E mais adiante ; "O principal objeto da Estrela do Sul é esclarecer nossos concidadãos acerca de seus direitos e deveres ; infundir-lhes o amor da virtude, ensinando as maximas de uma moral pura, propagar doutrinas uteis, dirigir a opinião púnlica ; sustentar a grande obra da Independencia ; e defender o Governo, emquanto for conduzido pelo bem da Patria".

Creado por motivos de dissenções politicas no seio do partido farroupilha, na Assembléa de Alegrete (Veja-se 1.º de dezembro de 1842), o jornal

Estrela do Sul teve vida efemera: com seu 3.º numero, datado de 15 de março, suspendeu sua publicação.

— Em Cima da Serra as fôrças imperiais chefiadas pelo coronel Jerônimo Jacinto destroçam completamente os republicanos comandados pelo general Portinho.

Dia 20; — Os republicanos são desalojados da povoação de S. Diogo pelas fôrças comandadas pelo proprio Barão de Caxias.

ABRIL DE 1843

Dia 10: — Manuel Carvalho de Aragão e Silva, tenente-coronel farroupilha, surpreende na madrugada deste dia, em São Gabriel, os legalistas, aprisionando o coronel Antonio Pinto, matando 77 homens e apoderando-se de 1500 reses, reünindo-se, em seguida, na Caieira, ás fôrças do general Portinho, sendo, porem, atacados por Juca Ourives que, protegido pelo 9.º B. C. comandado pelo coronel Francisco de Arruda Camara, os desaloja e repelo-os no campo do Fidelis matando um capitão, 2 tenentes e 13 soldados, incorporando-se logo após ás fôrças do general João Antonio que ruma á Sáo Gabriel.

Dia 12; — Nas margens do Camaquã Sul, no Rincão do Inferno, 60 republicanos derrotam uma fôrça de igual numero comandada pelo coronel Francisco Pedro de Abreu.

MAIO DE 1843

Dia 13; — O coronel Arruda Camara estacionava em Vacaquá com 700 homens de seu comando quando, na tarde deste dia, é atacado por um contingente

igual comandado pelo general João Antonio da Silveira. Arruda Camara, porem, repele o ataque e João Antonio se retira deixando alguns mortos.

Dia 14 ; — No Rincão-do-Inferno José Gomes Portinho derrota as fôrças do major João Pedro de Abreu fazendo-lhe 4 prisioneiros e 14 mortos.

Dia 26 : — Trava-se a batalha de Poncho Verde que Rio Branco, em suas *Efemérides brasileiras*, apoiado em documentos de Bento Manuel Ribeiro diz ter sido ganha pelos imperiais. Entretanto este combate ficou indeciso, embóra tivessem os farrapos obtido consideravel vantagem na luta, conforme se depreende deste trecho das *Memorias* de Francisco Pedro de Abreu (Chico Pedro), coronel das fôrças legais ; "... no campo houveram mortos e feridos de parte a parte e dos legais alguns prisioneiros, ficando os rebeldes senhores da cavalhada e algumas bagagens assim como da carretinha de Bento Manuel Ribeiro".

Quando o combate estava no auge, um rebate falso faz com que os farrapos recuassem na mesma ocasião em que recuavam as fôrças de Bento Manuel. Este, depois de se ter já retirado do campo da luta, volta á carga. Entretanto os farrapos, inferiores em numero e tendo tido noticia de que se aproximavam mais reforços para os imperiais continuaram, em perfeita ordem a sua retirada, não deixando para traz um só homem, nem mesmo dos prisioneiros, e nem um só dos troféus conquistados.

Os imperiais, neste combate, eram dirigidos por Bento Manuel Ribeiro, e os farrapos por Bento Gonçalves, David Canabarro e Antonio Netto. (Veja-se em *Farrapos!*, (2.ª série), do autor, a des crição completa deste combate).

Bento Manuel, em oficio ao Barão de Caxias, desta mesma data, diz : "Hoje depois de uma batalha parecida a que houve no passo do Rosario no ano 1827"...

JUNHO DE 1843

DIA 5 : — David Canabarro ataca a vila de Alegrete, sendo repelido pelo coronel Francisco de Arruda Camara. Apezar disso sitia a vila por longo tempo, privando os imepriais de qualquer comunicação.

DIA 8 : — Entrincheirado numa cerca de pedras o coronel Francisco Pedro de Abreu resiste heroicamente ao ataque de uma fôrça comandada pelos generais João Antonio da Silveira, Portinho e Onofre Pires. Chico Pedro, apezar de só ter 150 guardas nacionais, mas esplendidamente entrincheirado junto ao arroio Santa-Maria Chico, consegue repelir os 600 farrapos que o atacaram. Abreu, alem de perder 33 homens, fóra os feridos, recebeu dois ferimentos : um na cabeça, por espada, e outro numa mão, por lança. Da coluna republicana ficaram fóra de combate cerca de 100 homens, entre mortos e feridos, contando-se entre estes ultimos os generais Portinho e Onofre Pires.

DIA 27 : — Na vila de Piratiní Francisco Pedro de Abreu surpreende e aprisiona os intrepidos coroneis farrapos José Mariano de Matos e Joaquim Pedro Soares, vultos eminentes que desde o 20 de setembro, sem medir sacrificios, lutavam pelas reivindicações sul rio-grandenses.

DIA 30 : — Nas proximidades de Piratiní o coronel Manuel Márques de Souza põe em fuga 150 homens comandados por Manuel do Amaral Ferrador e ocupa, em seguida, a vila de Piratiní.

Na tarde deste mesmo dia o major Manuel Luis Osorio ataca e destroça, proximo a Piratiní, uma fôrça composta de 28 republicanos fazendo 2 mortos e 6 prisioneiros.

AGOSTO DE 1843

Dia 4 : — Pretextando máu estado de saúde e, por isso, impossibilidade de atender devidamente a Presidencia do Estado, Bento Gonçalves entrega a presidencia a José Gomes de Vasconcelos Jardim, e publica a seguinte

PROCLAMAÇÃO

"Rio-grandenses ! A Monarquia brasileira toca a meta de sua precaria existencia ! A liberdade está salva, e a nossa independencia pública formada ! O espirito público em nosso país pode ter sido algumas vezes comprimido ; porem, animado como se acha por inspirações divinas, jamais será extinto. — Minhas enfermidades, que com o tempo mais se agravam, não permitem que eu continue a ter sobre meus ômbros a responsabilidade inerente á primeira magistratura do Estado, de que hoje faço entrega ao benemerito e ínclito rio-grandense, o cidadão José Gomes de Vasconcelos Jardim ; a esse mesmo patriota que já vôs presidio nas crises mais arriscadas por que tem atravessado a nossa revolução ; é ele, pois, o vosso legitimo Presidente, segundo a áta da politica emancipação de nossa Patria. Rio-grandenses ! Reüni-vos em torno de tão virtuoso patriota, desse nosso Fabio, que pela segunda vez deixa o arado para dirigir a náu do Estado ao porto em que nos aguarda a imortal gloria, e por felicidade para nós e para nossos vindouros um laço fraterno ligue a todos os Continentinos, e a salvação da Patria seja

seu Norte. E não cuideis que exortando-vos para que fizesteis ao país os serviços que ele está reclamando de vós, me retiro a vida privada, ou me entrego a um repreensivel ócio, pelo contrario, na qualidade de soldado me vereis combater ao vosso lado contra esses mercenarios que ouzam talar nossos campos, e compartilhar todas as vossas fadigas emquanto minhas fôrças o consentirem, e até o ultimo alento de minha vida. — Viva o Soberano povo Rio-grandense! Viva o Exmo. Presidente da Republica! Vivam todos os Americanos Livres! — Estancia do Contrato, 4 de Agosto de 1843. — *Bento Gonçalves da Silva.*

O verdadeiro motivo, porém, dessa atitude de Bento Gonçalves foram as dissensões que desde 1842 se vinham manifestando no seio dos republicanos.

Dia 7: — O general Antonio de Souza Netto passa o comando do exercito republicano ao general David Canabarro.

Dia 15: — O coronel Bernardino Pinto derrota, no Alegrete, o coronel legalista José Ribeiro de Almeida, irmão de Bento Manuel Ribeiro e ocupa a vila. Neste combate foi morto o coronel José Ribeiro de Almeida, alem de mais 15 legais.

Dia 19: — E' derrotado em Uruguaiana o capitão legalista Hipolito Girio Cardoso, deixando no campo 16 mortos e 15 prisioneiros.

SETEMBRO DE 1843

Dia 26: — Em Camaquã, rende-se ao tenente-coronel João Propicio Mena Barreto o coronel uruguaio Baldomero Sotelo que ia incorporar-se, por ordem de Frutuoso Rivera, com 400 hoemns, ás fôrças de Bento Gonçalves da Silva.

OUTUBRO DE 1843

Dia 25: — Trava-se em Cangussú um combate entre as fôrças imperiais comandadas pelo tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu e as farroupilhas sob as ordens de Bento Gonçalves e Netto. As fôrças imperiais compunham-se de um esquadrão de cavalaria de Guardas-nacionais e 250 caçadores comandados por Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto. As fôrças de Bento Gonçalves e Netto compunham-se de 400 homens. Após encarniçada luta ficaram os legalistas senhores do terreno perdendo os farrapos toda a cavalhada, um estandarte e muitas armas e munições.

Chico Pedro, nas suas *Memorias* assim se refere ao combate no § 79: "... resultou serem estes completamente derrotados, escapando-se os cabeças com violencia e até Bento Gonçalves a pé pelo mato, da qual derrota alem dos feridos, foram 13 prisioneiros, e ficaram no campo 7 mortos, muitos cargueiros de bagagem, todo o fáto de Netto, armamento, um estandarte, e mais de 300 cavalos, e destes a quarta parte encilhados".

NOVEMBRO DE 1843

Dia 6: — Recontro de Cangussú entre fôrças de Chico Pedro e as de Bento Gonçalves e Netto. Após uma hora de fogo foram estes rechassados pelos imperiais. As perdas foram regulares de parte a parte.

DEZEMBRO DE 1843

Dia 4: — Acampava na Encruzilhada um pequeno grupo de farrapos chefiados por Bento Gonçalves, quando, passando por esa localidade com 80

homens o legalita tenente Joaquim Lacerda, travaram combate resultando a derrota do grupo de Bento Gonçalves e a morte do glorioso coronel Agostinho de Melo.

— Guardando uma cavalhada no Jaguarí-oriental o capitão farrapo Urbano Barbosa, atacou-o o capitão legalita José de Albernaz. Barboa foi derrotado perdendo toda a cavalhada.

Dia 8 : — Urbano Barbosa destroça completamente no Vacaquá, um destacamento de exploradores de cavalaria ao mando do capitão Vasco Guedes, do exercito do general Caxias.

Dia 19 : — A vila do Jaguarão repele um ataque dos farrouilhas comandados pelo coronel Teixeira Nunes, coadjuvada eficientemente pela escuna *Gravatai*, do comando de Barbosa Lomba.

Dia 26 : — O general João Antonio da Silbeira e o coronel Onofre Pires da Silveira Canto são destroçados em Santa Rosa, nas proximidades do Botuí, pelas fôrças legais do comando do tenente coronel Demetrio Ribeiro. João Antonio e Onofre Pires estavam aí acampados com cerca de 500 homens que se dispersaram perdendo 178 entre mortos feridos e prisioneiros.

Dia 31 : — Na picada de S. Xavier, (Missões) o major legalista Agostinho Gomes Jardim, da Guarda Nacional, repele os farroupilhas comandados pelo general João Antonio. O major Jardim foi morto já no fim do combate e graças á ação energica do capitão Manuel José de Albernaz que o sucedeu no comando, mantiveram os imperiais a vitoria.

JANEIRO DE 1844

Dia 18 : — Falece em Caçapava onde comandava a 1.ª divisão do exercito imperial, o general Felipe Nerí de Oliveira, nascido em Lisbôa, em 1789. Fez o general Nerí de Oliveira a campanha Peninsular contra os francêses (1808-1815), vindo ao Brasil em 1816, tomando parte nas diversas campanhas platinas (1816 a 1820, e 1825 a 1828). Na campanha independencista bateu-se pelo Brasil contra Portugal.

FEVEREIRO DE 1844

Dia 27 : Em conseqüencia, ainda, ao dissidio de Alegrete (Veja-se 3 de fevereiro de 43, e nosso *Farrapos!* — 2.ª série —, cap. *Bento Gonçalves* e *Onofre Pires*), duélam-se o general Bento Gonçalves e o coronel Onofre Pires, resultando ser este gravemente ferido em um braço. Onofre intimado por Bento Gonçalves a provar o que propalava, dirige a este virulenta carta, causa do duelo.

MARÇO DE 1844

Dia 3 : — No acampamento, por falta de assistencia medica, falece em conseqüencia do ferimento recebido no dia 27, o coronel Onofre Pires da Silveira Canto.

Dia 6 : — E' assinado, nas pontas do Quaraí, convenio de mutuo auxilio entre os republicanos do Rio Grande e Frutuoso Rivera, representados, respetivamente, pelo coronel Daniel Gomes de Freitas e D. José Maria Vidal.

Dia 12: — No acampamento republicano realisa-se longa conferencia entre Gomes Jardim, Bento Gonçal-

ves, David Canabarro, Netto, Mariano de Mattos e Luís R. Barreto, sobre a pacificação, ficando resolvido tratar-se dela definitivamente.

Dia 15 : — Domingos José de Almeida consegue fugir das fôrças legais que o haviam aprisionado.

Dia 16 a 18 : — Trava-se, no dia 16, o combate nas abas do Cerro da Palma, entre os arroios Candiota e Candiotinha, em que o bravo coronel Antonio Manuel do Amaral desbarata as fôrças de Chico Pedro, que sái ferido. Cheio de rancor, bate em retirada com o restante de sua fôrça e ordena aos seus comandados, tenentes Fidelis (Fidelis Páis da Silva, que fôra seu *piá*), Emidio e Varão, fossem buscar cavalos nas proximidades da Conceição, afim de se organizar novamente. Amaral, porem, tendo tido conhecimento da ordem, envia em perseguição deles o tenente-coronel Camilo dos Santos Campelo, que os espera em Conceição. De volta, em busca da fôrça de Chico Pedro, com regular cavalhada tirada das fazendas dos cidadãos farrapos Zeca Netto e Domingos Netto, na linha divisoria do Estado Oriental do Uruguái, topam com a pequena fôrça de Campelo, pelas duas horas da tarde, e são completamente derrotados, perdendo toda a cavalhada e deixando no campo 6 mortos e 8 prisioneiros. (Em nosso *Farrapos !* — 2.ª série — vejam-se os caps. *No Cerro da Palma* e *Combate da Conceição*).

ABRIL DE 1844

Dia 6 : — Violento choque entre fôrças imperiais da divisão de Bento Manuel, composta de 60 homens comandados pelo major Vasco Alves Pereira e fôrças de Jacinto Guedes da Luz, em numero de mais de 100, nas proximidades do passo da Lagôa.

Vasco Alves é derrotado perdendo 20 homens entre mortos, feridos e prisioeiros (11). Guedes tambem teve algumas baixas.

Dia 28 : — Carvalhinho (coronel Manuel Carvalho de Aragão e Silva) entra, ao anoitecer, de surpreza no acampamento imperial, proximo á Estancia do Inocencio, causando grandes danos. Francisco José da Silva, coronel da divisão de Bento Manuel, em oficio a este diz : "tivemos mortos o tenente João Antonio de Souza, 2 cabos, e 5 soldados, e gravemente feridos um sargento, um furriel, um soldado, e do 3.° Regimento cadete Joaquim José de Sant'Ana Leitão levemente passado de uma bala na coxa ; estraviados os alferes Antonio da Silva Camara, Teobaldo Rodrigues de Sant'Ana, quatro primeiros sargentos, dois segundos sargentos, dois furrieis, quatro cabos, um corneta mor, três cornetas, e 35 soldados ; os rebeldes seguiram a estrada em direção ao passo de S. Simão".

Dia 29 : — Com 35 homens apenas surpreende o tenente-coronel Manduca Carvalho, a fôrça do tenente-coronel legalista José Joaquim de Andrade Neves que estacionava na estancia de Carlos Borges, junto ao rio Santa Maria.

MAIO DE 1844

Dia 4 : — Chegam ao acampamento de David Canabarro, enviados por Joaquim Teixeira Nunes, 14 prisioneiros feitos nas proximidades de Pelotas.

Dia 27 : — Francisco Pedero de Abreu derrota na Serra do Erval a fôrça republicana de Antoino Netto. Ficam em poder dos legalistas um estandarte e 5 prisioneiros, alem de varios mortos.

JUNHO DE 1844

DIA 9 : — David Canabarro e João Antonio da Silveira atacam a uma legua de Pai-Passo 40 legais vindos de Alegrete conduzindo 6 carretas, que ficam em poder dos republicanos, alem de 13 prisioneiros. Perderam 4 mortos os legais.

DIA 21 : — Morre, heroicamente em combate, o coronel farrapo Antonio Manuel do Amaral, no ataque á vila do Jaguarão. Defendia a vila um corpo da guarda nacional ao mando do capitão Balbino F. de Souza, coadjuvado pelos marinheiros da escuna *Ibicuí* (1.º tenente Antonio Afonso de Lima) e lanchões *Gaivota* e *Torres*. Com a morte de Amaral, retiraram-se os farroupilhas.

DIA 27 : — Com 14 homens Chico Pedro ocupa Piratiní, onde se achava novamente a sede do Governo desde a renuncia de Bento Gonçalves, e aprisiona os coroneis José Mariano de Mattos, Joaquim Pedro Soares e Pedro José Vieira. — Mattos e Pedro Soares foram enviados logo para o Rio de Janeiro.

JULHO DE 1844

DIA INCERTO : — Manuel Carvalho de Aragão e Silva, mais conhecido por Carvalhinho, Sezefredo Alves Coelho de Mesquita, o primeiro tenente coronel, e este tenente, e mais o jovem e simples soldado Policarpo Pereira de Carvalho e Silva, batem, na estancia da Caieira, de propriedade do capitão Fidelis Nepomuceno de Carvalho Prates, irmão do bispo D. Feliciano e avô do Dr. Julio Prates de Castilhos, uma partida imperial de 30 homens. (Veja-seem nosso *Farrapos!* — 2.ª série — o cap. *Carvalhinho*).

AGOSTO DE 1844

Dia 17 : — Chegam ao Rio de Janeiro, sendo recolhidos á fortaleza de Santa Cruz, o major José Mariano de Mattos e o coronel Joaquim Pedro Soares, aprisionados pelas forças de Chico Pedro, na vila de Piratiní (Veja-se 27 de junho de 44).

SETEMBRO DE 1844

Dia 9 : — O marechal barão de Caxias e o general Bento Gonçalves da Silva encontram-se, nas proximidades de Bagé, afim de tratarem da pacificação da Provincia.

OUTUBRO DE 1844

Dia 4 : — Os principais chefes revolucionarios resolvem entabolar sem mais delongas as negociaõçes de paz, sendo escolhido Antonio Vicente da Fontoura e o Padre Chagas para tratarem em definitivo do assunto com Caxias.

Dia 8 : — Trava-se em Sant'Ana do Livramento um dos ultimos combates da Revolução de 1835, entre as fôrças de Hipólito Cardoso (legal) e Bernardino Pinto (farrapo). Este é derrotado e imigra para a banda Oriental.

Dia 11 : — O major Antonio Vicente da Fontoura chega ao acampamento do general Frutuoso Rivera onde se encontrou com o tenente-coronel Manuel Luis Osorio, que aí fora tratar, como Fontoura, da pacificação. Fontoura volta ao Rio Grande no dia 23.

Dia 22 : — Nas pontas do Taquarembó um destacamento da divisão de Bento Manuel, comandado

pelo tenente-coronel Antonio Fernandes de Lima derrotou uma partida farrapa chefiada por Manuel Alves e Sarrazim (João Antonio Sarrazim, de origem francêsa, negociante e relojoeiro.) Perderam os farrapos neste encontro alem dos mortos, feridos e prisioneiros, cerca de sessenta cavalos e mais 12 já encilhados.

Dia 23 : — Nas pontas do Arapeí, em encontro de menores proporções entre as fôrças legais ao mando do tenente Pires e as farrapos chefiadas por Guedes da Luz, perderam estes toda a cavalhada que era de cerca de 350. Houve, tambem, alguns mortos e feridos de parte a parte.

Dia 25 ; — Imigrado com sua fôrça para o Uruguái depois da derrota que lhe infligiu o legalista Hipolito Cardoso (Veja-se 8 de outubro), em Sant' Ana do Livramento, voltaram os farrapos de Bernardino Pinto ao Rio Grande do Sul. Tenazmente perseguidos pelo tenente-coronel Antonio Fernandes Lima recuam e entram novamente no territorio uruguáio onde são derrotados no sitio denominado Quaró. Este combate foi dos ultimos travados entre fôrças farrapas e legalistas, visto o feito de Porongos (Veja-se 14 de novembro de 1844) não se poder considerar combate.

NOVEMBRO DE 1844

Dia 2 : — Partem com as ultimas instruções do governo farroupilha sobre a pacificação, afim de se encontrarem com Caxias, o padre Francisco das Chagas Martins Avila e Souza e Antonio Vicente da Fontoura, aos quais, por pedido de David Canabarro, se reüniu Ismael Soares.

Dia 4 : — Acampadas nas margens do arroio Catí, tributario do rio Quaraí, fôrças farroupilhas comandadas por Jacinto Guedes da Luz, aparece-lhes de repente o coronel João Propicio Menna Barreto com um forte contingente legal, e obriga os 300 revolucionarios a atravessar a fronteira, refugiando-se na República do Uruguái.

Dia 6 : — Encontram-se em Bagé com Caxias os enviados da República. Depois de longa conferencia sobre as condições da paz, ficaram assentados os pontos principais, e pactuada a pacificação. E' interessante notar que este fáto se deu justamente no dia do aniversario da proclamação solene, em Piratiní, da Republica.

Dia 10 : — Chegados na vespera ao Exercito farrapo, os emissarios junto a Caxias apresentam, na tarde deste dia, o resultado de seus trabalhos. Reüniram-se em conselho ao qual estiveram presentes Manuel Lucas de Oliveira, David Canabarro, Antônio de Souza Netto, João Antônio da Silveira, o vigario apostolico Francisco das Chagas e Antônio Vicente da Fontoura, ficando todos satisfeitos com o resultado. Elegeram, em seguida, o emissario republicano que devia ir ao Rio de Janeiro, recaindo todos os votos em Antônio Vicente da Fontoura.

Dia 13 : — Parte para o Rio de Janeiro Antônio Vicente da Fontoura, afim de pleitear o reconhecimento das bases para a definitiva pacificação da provincia.

Dia 14 : — Surpreza de Porongos. Francisco Pedro de Abreu surpreende, no Serro de Porongos, o exercito farroupilha sob o comando de David Canabarro, que alí estava acampado. Reünidas ás fôrças de Canabarro estavam os cavalarianos de Netto e os

centauros de João Antônio da Silveira. O coronel Abreu, em suas *Memorias*, assim descreve a surpreza : "Reünidas as fôrças certo pelos seus bombeiros da posição do Exercito do Gen. David Canabarro, e dos mais generais rebeldes Netto e João Antonio, se encaminhou a bate-los da forma seguinte, no dia 10 de novembro de 1844, o C. Abreu com a força de 1170 praças do 1 e 2 batalhão do 5 corpo de Cavalaria da GN. e do 8 de caçadores e destacamento do 1 da mesma arma, que todos montaram as ditas 1.170 praças. Consegui em 4 noites de marchas forçadas, na madrugada do dia 14 de novembro nos Campos do Arroio Grande, e Serro dos Porongos, bater o general em chefe David Canabarro, e mais os 2 ditos generais Netto e João Antonio, e outros oficiais superiores da rebeldia com uma fôrça de mais de 1.200 homens, tomando-lhe o estandarte da Republica, toda a bagagem, todo o armamento de infantaria, e muito de cavalaria, toda a municção de guerra, e mais de 1.000 cavalos, e destes 500 arriados, ficando o campo estivado com mais de 100 mortos, e entre estes alguns oficiais, alem dos mortos e feridos, mais de 300 prisioneiros, e entre estes o ministro da fazenda alheia Vianna e o coronel Rolão e 33 oficiais, escapando-se Canabarro, e os 2 generais por bem montados e os cavalos das fôrças legais estarem abombados das violentas marchas de noite e embuscado de dia, da legalidade só feridos de cavaleria e algumas contuzões". Como se vê, esta surpreza não se pode contar como combate. Chico Pedro não relata, aí, o caso da carta falsa que mandou escreevr com o fim de desmoralizar Canabarro. (Veja-se a respeito : *Os Amores de Canabarro*, de Othelo Rosa, e nosso *Farrapos !* (2.ª série) em que relatamos pormenorizadamente o fáto). Caxias, admirado por se ter Canabarro deixado surpreender, escreveu : "E' sem dúvida a pri-

meira vez que David Canabarro é surpreendido, o que até agora parecia impossivel pela sua incançavel vigilancia".

Dia 15: — O coronel João Propicio Menna Barreto, comandante de um destacamento da 1.ª divisão chefiada por Bento Manuel Ribeiro, bate no passo do Leão, em Quaraí, uma fôrça do coronel Guedes da Luz sob a chefia do major Ferreira, perdendo estes parte da cavalhada, alguns encilhados, sete mortos e varios feridos que levaram comsigo.

Dia 19: — Seguem de Bagé para o Rio de Janeiro, o embaixador dos farroupilhas Antonio Vicente da Fontoura com poderes amplos para a pacificação, e, enviados por Caxias com ordens especiais, o coronel Manuel Márques de Souza e o major Carlos Miguel de Lima e Silva, sobrinho de Caxias.

Dia 26: — E' derrotado e morto pelo tenente imperial Fidelis Pais da Silva, o bravo coronel farroupilha Joaquim Teixeira Nunes, junto ao passo dos Canudos.

Dia 28: — No Arroio Grande é destroçado e morto em combate contra a fôrça de Francisco Pedro de Abreu, o valente e brioso farrapo Joaquim Teixeira Nunes, um dos mais bravos oficiais revolucionarios. Sua morte foi sentidissima.

DEZEMBRO DE 1844

Dia 12: — Chegam ao Rio de Janeiro os emissarios dos revolucionarios e do barão de Caxia, para tratarem da paz.

No dia 13 realisa-se a primeira conferencia entre Antonio Vicente e o Ministerio. No dia 16 nova conferencia se realiza. No dia 18 D. Pedro II con-

cede nova anistia aos revolucionarios que depuzerem as armas. Finalmente, a 20, com honroso tratado de paz no bolso, Antonio Vicente da Fontoura embarca de regreso ao Rio Grande, chegando a S. José do Norte a 27, em Pelotas a 29, avistando-se com Caxias a 2 de janeiro de 1845, em Piratini. (Veja janeiro 9-1845).

DIA 29 : — Ultimo combate da revolução farroupilha. Vasco Alves Pereira, comandante da Guarda nacional, surpreende e destroça completamente junto ao Quaró, na R. O. do Uruguái, ao coronel Bernardino Pinto que foi ferido e aprisionado. Este foi o segundo combate e, tambem, a segunda derrota de Bernardino Pinto, no Quaró, afluente da margem esquerda do rio Quaraí.

JANEIRO DE 1845

DIA 9 ; — Chega ao acampamento de David Canabarro, o major Antônio Vicente da Fontoura que, a 4, se encontrara com José Gomes de Vasconcellos Jardim, e a 5 com Manuel Lucas de Oliveira. Leva Antônio Vicente a Canabarro o pleno acordo destes e as noticias lisongeiras de Caxias. (Veja-se 25-II).

DIA 12 : — Antônio Vicente da Fontoura, de volta do Rio de Janeiro, chega, glorioso, ao acampamento farroupilha e escreve, nesse mesmo dia a Vasconcelos Jardim conjurando-o a comparecer ao acampamento afim de assistir á realisação do tratado de paz. Gomes Jardim, porem, responde, dias mais tarde, dizendo não poder comparecer por doente e delega plenos poderes ao ministro Manuel Lucas de Oliveira.

Dia 14 : — O barão de Caxias oficia a Bento Manuel Ribeiro comunicando-lhe as *demarches* para a pacificação.

FEVEREIRO DE 1845

Dia 19 : — Bento Manuel Ribeiro em oficio dirigido ao Barão de Caxias com a relação dos presos, diz ao mesmo : "Este vái por conduto de David Canabarro, chefe dos dissidentes".

Dia 21 : — O general farrapo João Antônio da Silveira apodéra-se de 150 cavalos da estancia do Dr. Sá Brito, os quais Bento Manuel mandára buscar no Itaquí para "fazer uma tropa de corte". "Não sei o que ele pretende", diz Bento Manuel em oficio ao barão de Caxias, datado de 23.

Dia 22 : — Bento Gonçalves, doente, e não podendo, por isso, comparecer á reünião de Poncho Verde, onde se estava tratando da definitiva pacificação da provincia graças á atuação diplomatica de Caxias, dirigiu-se, em carta, ao general Canabarro, nesta data, dando o seu voto e o dos oficiais da fôrça de seu comando, pró paz, e delegando poderes para representa-lo nas negociações para a "conclusão de tão apetecido arranjo". Essa carta de Bento Gonçalves é um documento precioso e interessante que, por isso, transcrevemos na integra :

"Cidadão general. — Em observação a quanto ordenais em vosso oficio de 21 de janeiro ultimo, chamei a conselho os oficiais superiores da fôrça de meu imediato mando para emitirem suas opiniões sobre a transcendente negociação entabolada com o barão de Caxias, comandante emchefe do exercito imperial, e pela áta que aquí junto envio vereis o unânime acordo dos mesmos. — No dia 18 do corren-

te marchei do Cristal no empenho de cumprir vossa ordem, depois de haver tomado as precisas medidas para a segurança daquela fôrça, e chegando a Jaguarão no dia 19, uma inopinada constipação me privou de proseguir a marcha a esse campo, e resolvi a ele mandar o cidadão Ismael Soares da Silva, seguindo o exercito imperial afim de ser informado do ponto que ocupais e estado da negociação pendente ; ele acaba de regressar voltando do campo deste por saber que só aguardaveis minha chegada, e ser este impossivel segundo meu estado de saude. — E' pois de meu dever dirigir-vos esta para annunciar-vos quanto venho de responder e habilitar-vos com meu voto para conclusão de tão apetecido arranjo ; minha opinião, sr. general, é e será aquela que adopte a maioria de meus irmãos de armas, sempre que esteja nas raias do justo e do honesto, e, ainda mesmo, quando no caso verteute estes sagrados objetos deixem de ser observados, nem por isso serei capaz de a ela opôr-me, tendo eu outros meios em semelhante caso para deixar ileza minha honra e conscieincia. A paz é indispensavel fazer-se, o país altamente a reclama pois infelizmente vítima de nossos desaceertos nada temos a lucrar com o azares da guerra ; eu vejo, máu grado meu, que hoje não podemos conseguir vantagens, que estejam em harmonia com nossos sacrificios, por se ter, a despeito de meus insessantes conselhos, perdido a melhor quadra de negociar-se uma conciliação honrosa. Nada sei das condições em que se tenha a paz lavrado, e menos das instruções que conduziu o comissionado da Côrte do Brasil, e sendo tudo para mim misterioso me abalanço a lembrar-vos que uma das primeiras condições deve ser o pleno esquecimento de todos os átos que individual ou coletivamente tenham praticado os Republicanos durante a luta, não sendo em nenhum caso

permitido a instauração de processo algum contra estes nem ainda para reinvindicação de interesses privados. Tendo emitido minha opinião, resta-me repetir-vos a paz é absolutamente necessaria, que os meios de prosseguir na guerra se escasseiam, o espirito público está contra qualquer ideia que tende a prolongar seus sofrimentos, classificando de guerra caprichosa a continuação da atual ; uma conciliação é sempre preferivel aos azaes de uma derrota ; a historia antiga e a moderna nos fornecem mil exemplos que não devemos desprezar. — Compenetrái-vos desta verdade e evitái quanto puderdes os funestos sucessos que vão aparecer si prevalecerem as bravatas contra os conselhos da sã razão ; lembrái-vos que muitos que os propalam vos abandonarão no momento do perigo. — Eu pretendo esperar aqui vossa ulterior resolução, e só depois dela poderei mover-me quando minha saude permita. E' portador o tenente José Narciso Antunes por quem espero uma resposta categórica deste negocio. — Deus vos guarde. — Estancia do Velho Netto, 22 de fevereiro de 1845. — *Bento Gonçalves da Silva.* — Ao cidadão David Canabarro, general em chefe do Exercito".

DIA 25 : — Tendo voltado do Rio de Janeiro, para onde fôra enviado como representante dos farrapos afim de estabelecer-se as condições para a pacificação da provincia, Antonio Vivente da Fontoura, na reünião feita neste dia no acampamento da *Carolina*, em Poncho Verde, apresenta as condições estabelecidas para a pacificação da provincia, as quais foram unanimemente aceitas (Netto com restrições). Foram as seguintes as clausulas apresentadas e já sancionadas pelo barão de Caxias :

I — O individuo que fôr pelos Republicanos indicado Presidente da Provincia é aprovado

pelo Governo Imperial e passará a presidir a Provincia.

II — A divida Nacional é paga pelo Governo Imperial, devendo apresentar-se ao Barão a relação dos creditos para ele entregar á pessoa, ou pessoas para isto nomeadas, a importancia a que montar dita divida.

III — Os oficiais Republicanos que por nosso Comandante em Chefe forem indicados, passarão a pertencer ao Exercito do Brasil no mesmo posto, e os que quizerem suas demissões ou não quizerem pertencer ao Exercito não serão obrigados a servir, tanto em G. Nacional, como em 1.ª linha.

IV — São livres, e como tais reconhecidos, tôdos os cativos que serviram na Republica.

V — As causas civis não tendo nulidades escandalosas, serão validas, bem como todas as Licenças, e dispensas eclesiasticas.

VI — E' garantida a segurança individual, e de propriedade, em toda a sua plenitude.

VII — Tendo o Barão de organisar um Corpo de Linha, receberá para ele todos os oficiais dos Republicanos, sempre que assim voluntariamente queiram.

VIII — Nossos prisioneiros de guerra serão logo soltos, e aqueles que estão fóra da Provincia, serão reconduzidos a ela.

IX — Não serão reconhecidos em suas patentes os nossos Generais; porem gosam das imunidades dos demais cidadãos designados.

X — O Governo Imperial vái tratar definitivamente da Linha divisória com o Estado oriental.

XI — Os soldados da República pelos respetivos Comandantes relacionados, ficam iseptos de recrutamento de 1.ª linha.

XII — Oficiais e soldados que pertenceram ao Exercito Imperial, e se apresentaram ao nosso serviço, serão plenamente garantidos como os demais Republicanos.

Dia 28 ; — Definitivamente deliberado, emfim, o tratado da pacificação da provincia, David Canabarro, general comandante em chefe do exercito farroupilha, diante das fôrças que mandou formar, leu a seguinte patriotica proclamação que, em seguida, fez distribuir por todos os recantos da provincia :

"Concidadãos ! — Competentemente autorizado pelo magistrado civil a quem obedeciamos, e na qualidade de comandante em chefe, concordando com a unanime vontade de todos os oficiais da fôrça de meu comando, vos declaro, que a guerra civil que ha mais de 9 anos devasta este belo país está acabada. A cadêa de sucessos por que passam todas as revoluções tem transviado o fim politico a que nos dirigiamos, e hoje a continuação de uma guerra tal seria o ultimatum da destruição e do aniqüilamento da nossa terra. Um poder estranho ameaça a integridade do imperio, e tão estolida ousadia jamais deixaria de ecoar nos corações brasileiros. O Rio Grande não será o teátro de suas iniqüidades, e nós partilharemos a gloria de sacrificar os ressentimentos criados no furor dos partidos ao bem geral do Brasil. — Concidadãos ! Ao desprender-me do gráu que me havia confiado o poder que dirigia a revolução, cumpre-me assegurar-vos que podeis volver tranqüilos ao seio de vossas familias. Vossa segurança individual e vossa propriedade está garantida pela palavra sagrada do monarca, e o apreço de vossas virtu-

des confiado ao seu magnanimo coração. União, fraternidade, respeito ás leis e etérna gratidão ao ínclito presidente da provincia o ilustrissimo e excelentissimo sr. barão de Caxias pelos afanosos esforços que ha feito na pacificação da provincia.

Campo em Poncho Verde, 28 de fevereiro de 1845. — *David Canabarro*".

MARÇO DE 1845

DIA 1.º ; — Em virtude da aceitação do tratado de paz por parte dos farrapos e da proclamação de David Canabarro, feita na véspera, o barão de Caxias proclama, definitivamente, a pacificação nos seguintes termos :

"Rio-grandenses ! — E' sem duvida para mim de inesplicavel prazer o ter de anunciar-vos que a guerra civil que por mais de 9 anos devastou esta bela provincia, está terminada. Os irmãos contra quem combatiamos estão hoje congratulados comnosco e já obedecem ao legitimo governo do imperio brasileiro. Sua Magestade o Imperador, ordena por decreto de 18 de dezembro de 1844 o esquecimento do passado, e mui positivamente recomenda no mesmo decreto que tais brasileiros não sejam judicialmente nem por qualquer outra maneira perseguidos ou inquietados pelos atos que tenham sido praticados durante o tempo da revolução. Esta magnanima deliberação do monarca brasileiro ha-de ser religiosamente cumprida, eu prometo sob minha palavra de honra. — Uma só vontade nos una, rio-grandenses ! Maldição eterna a quem ousar recordar-se das nossas dissenções passadas... União e tranqüilidade seja de hoje em diante nossa divisa. — Viva a religião ! Viva o Imperador constitucional e defen-

sor perpetuo do Brasil! Viva a integridade do Imperio! — Quartel-general do presidente e comandante em chefe do Exercito brasileiro sito nos Campos de Alexandre Simões, margem direita do Santa Maria, 1.º de março de 1845. — *Barão de Caxias*".

Dia 4: — Os generais Bento Gonçalves da Silva e Antonio de Souza Netto, conferenciam em Bagé com o barão de Caxias.

Dia 5: — David Canabarro dissolve sua fôrça que era composta de cerca de 1.000 homens.

Dia 11: — De conformidade com o que ficára assentado, Antonio Vicente da Fontoura toma conta da organização das dividas dos revoluionarios conforme ficára estabelecido nas clausulas da pacificação. A 26 instala-se em São Gabriel a referida Comissão, composta dos srs. Antonio Vicente da Fontoura, Fidelis Nepomuceno Prates e Antonio Caetano Pereira.

Dia 21: — Antonio Vicente da Fontoura leva David Canabarro á presença de Caxias, com o qual conferencía, retirando-se em seguida para a estancia da Caieira.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTOS CONSULTADOS

ALFREDO FERREIRA RODRIGUES — Coleção do *Almanaque Literario e Estatistico do Rio Grande do Sul* – Notas de diversos colaboradores e documentos publicados.

ALFREDO VARELA — *Revoluções Cisplatinas* (2 vols.);
Historia da Grande Revolução (6 vols.);
Remembranças.

ANTONIO VICENTE DA FONTOURA — *Diario* (1.º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845) – in *Revista do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul*, 1934.

ARQUIVO NACIONAL — Publicações, vols. XXIX a XXXI: "*Processo dos Farrapos*, com notas de Aurelio Pôrto.

ASSIS BRASIL — *Historia da Republica Rio Grandense.*

AURELIO PORTO — *Influencia do caudilhismo uruguaio no Rio Grande do Sul.*
Notas ao *Processo dos Farrapos;*
Diversas notas e artigos avulsos.

ANITA GARIBALDI — *Garibaldi na America.*

BAPTISTA PEREIRA — *Rui Barbosa e o Rio Grande do Sul;*
Vultos e episodios do Brasil;
Formação espiritual do Brasil.

BARÃO DO RIO BRANCO — *Efemérides brasileiras.*

CLEMENCIANO BARNASQUE — *Efemérides Riograndenses.*

"CORREIO OFICIAL DA PROVINCIA DE S. PEDRO — Ns. 46 a 77, abril a setembro de 1836.

"O CONTINENTISTA" — Varios numeros avulsos de janeiro a junho de 1836.

DANTE DE LAYTANO — *Obras completas* de Sebastião do Amaral Sarmento Menna.

EDUARDO DUARTE — Diversos artigos e notas avulsas na imprensa diaria, na *Revista do Museu e Arquivo Publico* e na *Revista do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul.*

E. F. DE SOUZA DOCCA — *A convenção preliminar de paz de 1828;*
O Brasil no Prata — 1815-1828;
A ideologia federativa dos farrapos;
Ensaio psicologico do marechal do Exercito Bento Manuel Ribeiro;
Diversos outros trabalhos publicados no *Jornal do Comercio*, do Rio de Janeiro, e na *Revista do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul.*

FLORENCIO C. DE ABREU E SILVA — *A Constituinte e o projeto de Constituição da Republica Riograndense;*
Retrospecto economico e financeiro do Rio Grande do Sul — (1822 a 1922).

GRACIANO AZAMBUJA — Coleção do *Anuario do Rio Grande do Sul* – Diversas colaborações e documentos publicados.

GUSTAVO BARROSO — *O Brasil em face do Prata.*

JOSÉ GARIBALDI — *Memorie autobiografiche.*

LUCAS ALEXANDRE BOITEUX — *A tática nas campanhas navais nacionais.*

MANSUETO BERNARDI — *Bandeira Nacional e bandeiras estaduais:*
O pensamento religioso dos farrapos.

MANUEL ANTONIO DE MAGALHÃES — *Almanaque da Vila de PortoAlegre* (1808)

O MENSAGEIRO — O AMERICANO — ESTRELA DO SUL — jornais farroupilhas reeditados pelo *Museu e Arquivo Historico do Rio Grande do Sul.*

MUSEU E ARQUIVO HISTORICO DO ESTADO — Diversos documentos inéditos: Cartas de Caxias a Bento Manuel Ribeiro; cartas de Bento Gonçalves, de Canabarro, de diversos outros chefes revolucionarios e legais; ordens do dia; mapas; etc.

OSVALDO ORICO — *O Condestavel do Imperio.*

OTHELO ROSA — *Os amores de Canabarro;*
Vultos e perfis de 1835.

PANDIÁ CALOGERAS — *O marquês de Barbacena.*

PEDRO CALMON — *Historia da civilisação brasileira.*

"O POVO" — Jornal politico, literario e ministerial da Republica Riograndense — Reedição facsimilada do *Museu e Arquivo Historico do Rio Grande do Sul.*

RAFAEL GALANTI, S. J. — *Historia do Brasil* (6 vols.).

RAMIRO BARCELOS — *A revolução de 1835 no Rio Grande do Sul.*

"RECOPILADOR LIBERAL — Diversos numeros de 1834 a maio de 1835.

REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO DO BRASIL — monografia e documentos publicados pelo desembargador Araripe.

REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO DO RIO GRANDE DO SUL — (Coleção completa) – Diversas memorias (Sá Brito, Francisco Pedro de Abreu, Antonio José Gonçalves Chaves, Joaquim Gonçalves da Silva, Antonio Vicente da Fontoura, etc.); Correspondencias varias (Fernandes Braga, Bento Manuel Ribeiro (1843 a 1845), Pedro Chaves, Calderon, etc); Documentos diversos e varios outros estudos e ensaios de contemporaneos.

TASSO FRAGOSO — *A batalha do Passo do Rosario.*

VILHENA DE MORAIS — *O duque de Ferro;*
Caxias em São Paulo.

VISCONDE DE S. LEOPOLDO — *Anais da Provincia de S. Pedro do Rio G. do Sul*

WALTER SPALDING — *Farrapos!* (2 vols.);
Poesia do Povo;
Diversos ensaios e notas na imprensa e na Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul.

OLINTO SANMARTIN — *Bento Manuel Ribeiro.*

"O COMERCIO" — (Jornal legalista) — Diversos numeros avulsos de 1841.

J. E. GARCEZ PALHA — *Efemérides Navais.*

LUCAS ALEXANDRE BOITEUX — *A marinha imperial na Revolução Farroupilha.*

OBRAS DE WALTER SPALDING

Membro do Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul, do Rio Grande do Norte, do Instituto Historico de Ouro Preto, da Academia Riograndense de Letras, do Inst. de Estudos Genealogicos de S. Paulo, e da Academia de la Historia de Cuba.

Farrapos (2 volumes) — Edição Selbach - 1931 - 1935.
Os Eternos Caluniados — esgotado - 1932.
A' Luz da Historia — Edição Globo - 1933.
Poesia do Povo (Folclore) — Edição Globo - 1934.
Na Seara da Igreja — Escolas Salesianas, Niteroi - 1935.
Manuscrito Nacional — Edição Selbach - 1936.
Res divinae — Escolas Salesianas, Niteroi - 1936.
Caxias e Bento Manuel Ribeiro — in Rev. do Inst. e Geogr. do Rio Grande do Sul, III trim. 1936. - Separata, esgotada.
João da Silva Tavares — in Jornal do Comercio, Rio - 1.º e 7 - XI - 1936.
Pedro Chaves e Calderon — in Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul, III trim. - 1935.
Farroupilhas e Caramurus — in Diario de Noticias - 20-IX-1935.
Farroupilhas y Caramurus, O Sea Liberales y Conservadores — in El Debate, Montevidéu - 17 a 23 de setembro de 1935.

A sair na *Série Brasiliana :*

Invasão paraguaia nas fronteiras do Brasil (edição ilustrada).
A Propaganda Republicana.

General Bento Gonçalves da Silva, chefe "farroupilha" e presidente eleito da efemera republica Riograndense, tambem chamada "Republica de Piratini".

(Da col. do Autor).

Domingos José de Almeida, o verdadeiro organizador da Republica Riograndense, que foi seu Ministro da Fazenda.

(Da coleção do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul).

PLANTA

DA CIDADE DE PORTO-ALLEGRE POR L. P. DIAS

VISTA DE LESTE

VISTA D'OESTE

ESTATISTICA DAS

CIDADE E SUBURBIOS

Porto Alegre em 1839, vendo-se as fortificações e os muros da cidade.

Serro da Maria Sylvestre

1

2

Caminho das aguas claras e do passo do vigario

N

S

Legenda:

1 Forte de Bento Gonçalves
2 Idem de Onofre Pires
Vallo
3 Villa da Setembrina

3

Nº 1 Imperio
" 2 Igreja
" 3 Camara
" 4 Quartel Genal de Bento Glz.
" 5 Cemiterio

(Copia de W. Sp. do original pertencente ao Museu Julio de Castilhos)

Disposição das forças em Setembrina (Viamão) no 1.º cerco de Porto Alegre.

Antonio Vicente da Fontoura, 2.º Ministro da Fazenda, e embaixador dos farroupilhas na Côrte, para o tratado de paz.

(Da coleção do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul).

Dr. José de Paiva Magalhães Calvet.

(Da coleção do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul).

Dr. José Pinheiro de Ulhoa Cintra.

(Da coleção do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul).

Antonio Alvarez Pereira Coruja, jornalista, e um dos cronistas do periodo farroupilha.

(Da coleção do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul).

Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro.

(Da col. do Autor).

General João Antonio da Silveira.

(Da coleção do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul).

Coronel Manuel Lucas de Oliveira.

Coronel Joaquim Pedro Soares.

Barão (depois conde, marquês e duque) de Caxias,
o pacificador.

Coronel Frutuoso Borges da Fontoura.

Coronel Bernardo Pires.

Coronel José Alves Valença.

Universidade Federal Fluminense
Centro de Estudos Gerais
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em História

MARIANA ALBUQUERQUE DANTAS

DIMENSÕES DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA INDÍGENA NA FORMAÇÃO DO ESTADO NACIONAL BRASILEIRO: REVOLTAS EM PERNAMBUCO E ALAGOAS (1817-1848)

NITERÓI, 2015

MARIANA ALBUQUERQUE DANTAS

DIMENSÕES DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA INDÍGENA NA FORMAÇÃO DO ESTADO NACIONAL BRASILEIRO: REVOLTAS EM PERNAMBUCO E ALAGOAS (1817-1848)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do título de doutor em História

NITERÓI, 2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

D192 DANTAS, MARIANA ALBUQUERQUE.

Dimensões da participação política indígena na formação do Estado nacional brasileiro : revoltas em Pernambuco e Alagoas (1817-1848) / Mariana Albuquerque Dantas. – 2015.

321 f. ; il.

Orientadora: Maria Regina Celestino de Almeida.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2015.

Bibliografia: f. 311-321.

1. Índio do Brasil. 2. Participação política. 3. Identidade

Para meus pais, Bernadete e Wellington, com profunda gratidão

AGRADECIMENTOS

Sou grande devedora da generosidade de pessoas que contribuíram, das mais variadas formas, para a escrita da tese e a realização do doutorado. Por isso agradeço a todos abaixo nomeados, os quais representam também aqueles que, por minha desatenção, não estão nessa lista.

À minha orientadora, Maria Regina Celestino de Almeida, pelo carinhoso incentivo ao meu trabalho, pelas orientações precisas e perspicazes, pela leitura atenta de meus muitos textos e pela confiança em me enviar por novos caminhos.

Ao meu co-orientador, João Pacheco de Oliveira, por acompanhar meu trabalho desde a graduação, indicando diferentes possibilidades e percepções sobre o desenvolvimento do meu tema. Agradeço as suas sugestões argutas e valiosas.

À supervisora do período sanduíche no Consejo Superior de Investigaciones Cientificas (CSIC) em Madri, Marta Irurozqui Victoriano, por sua simpatia em me receber e pelas indicações cuidadosas e entusiasmadas, que deram um importante impulso para a definição de muitas ideias contidas nesse trabalho. Estendo a minha gratidão aos outros pesquisadores do Grupo de Estudios Americanos do CSIC, em especial a Victor Peralta, Jesús Bustamante, Sol Lanterrí, Daniela Marino, Manuel e Emílio.

Aos professores que participaram das bancas de qualificação e defesa, Vânia Moreira e Marcus Carvalho, pelo interesse e pelas sugestões imprescindíveis para repensar os caminhos adotados na tese. A Vânia agradeço também a disposição em conversar informalmente sobre as conclusões da minha pesquisa, os livros emprestados e as valiosas indicações. Ao Marcus agradeço duplamente por ter oferecido importante apoio no Departamento de História da UFPE.

A Hebe Mattos e Elisa Garcia por acompanharem de perto o meu trabalho e por terem aceito o convite para participar da banca de defesa.

À Capes pelo financiamento da pesquisa, tanto no Brasil, quanto no período sanduíche realizado em Madri, Espanha.

A Edson Silva, interlocutor central em minha trajetória, cuja amizade me presenteou com o acesso a uma vasta bibliografia e a documentos preciosos.

Aos professores do PPGH/UFF, que, com ótimos debates em sala de aula, me ajudaram a pensar meu objeto a partir de novos pontos de vista. Principalmente Charlotte Castelnau L'Estoile e Mariza Soares. Agradeço também aos coordenadores do PPGH, Carlos Gabriel Guimarães e Samantha Quadrat.

Aos funcionários da secretaria do PPGH/UFF que com tanta dedicação e presteza me orientaram com a burocracia, diminuindo as distâncias. Em especial, agradeço à Silvana Damasceno.

Aos funcionários dos Arquivos e Bibliotecas onde realizei minhas pesquisas. No Apeje, agradeço a Hildo Leal da Rosa, André e Emerson, cujas companhias

simpáticas me ajudaram frente à aridez da documentação analisada. No Arquivo Nacional, a Cláudio, que me apresentou séries imprescindíveis à realização desse trabalho.

Aos amigos que fiz no doutorado, com quem tive muitas e boas discussões e também compartilhei incertezas e felicidades: Ticiana, Marcelo, Lívia, Kalna e Nathália. À María Rossi pelas ótimas aulas de espanhol e pelas muitas dicas sobre Madri.

A Lígio Maia e Rafael Ale Rocha, que compartilharam comigo seus diversos trabalhos e me ajudaram a cumprir as exigências do doutorado.

Aos meus amigos queridos de vários anos, que torceram, me acompanharam nesse trajeto e me ajudaram de várias formas. Veloso, Salviano, Anna Luiza, Thaís, Milena, Albino, Augusto, Michel, Karl. À Karol, além da amizade de longa data, agradeço também as várias traduções de textos. À Rita Santos, amiga sempre presente, agradeço por ter sido parte essencial das andanças entre o Rio e o Recife.

À família Spíndola Tôrres, aqui representada por Josias, Valnice, Rômulo e Andréa, cujos estímulo e torcida foram essenciais.

A Pablo Spíndola, companheiro e primeiro leitor das minhas ideias ainda inconclusas e tortas. Importante interlocutor criativo que me ajudou a caminhar entre a poeira e a nuvem.

À minha família, apoio sem o qual não teria conseguido, em especial aos meus pais, Bernadete e Wellington. Também devo agradecimentos sinceros à Reveca, Vera e D. Beila, que vibraram muito com cada conquista. A Laércio e Marília pelo apoio. E aos pequenos Maurício, Bárbara, Helloise e Lavínia, que trouxeram leveza e risadas nessa jornada.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo central analisar as diferentes dimensões da participação de indígenas nas quatro principais revoltas ocorridas em Pernambuco e Alagoas na primeira metade do século XIX, que foram a Insurreição de 1817, a Confederação do Equador (1824), a Guerra dos Cabanos ou Cabanada (1832-1835) e a Praieira (1848). Embora grupos indígenas de várias aldeias tenham se envolvido nos conflitos armados, os aldeados em Jacuípe, Barreiros e Cimbres tiveram participação mais intensa. Essas revoltas são entendidas como momentos cruciais do processo de formação do Estado nacional brasileiro, pois nelas estavam sendo discutidos os diversos projetos políticos defendidos por diferentes segmentos das elites. Mesmo tendo sido iniciadas por membros das elites provinciais, as revoltas se constituíram enquanto espaços de participação política dos indígenas envolvidos pois, na maioria das vezes, conseguiam atrelar suas necessidades e expectativas mais específicas aos interesses mais amplos tantos de líderes rebeldes, quanto dos da repressão. As motivações dos indígenas, em grande parte dos casos, estavam relacionadas à manutenção do território das aldeias e à defesa da administração desses espaços da maneira que melhor lhes conviesse. Em outras situações, os índios foram coagidos a participar dos conflitos por meio de recrutamentos forçados realizados tanto por potentados locais não indígenas, quanto por um líder indígena, cujo objetivo era defender seus interesses particulares. Apesar dessas situações de participação forçada, o envolvimento de índios nas revoltas ocorreu em torno de conflitos entre índios e não índios pelas terras das aldeias. Esses espaços tinham papel central da vida dos indígenas aqui estudados, pois neles, durante o período colonial, vivenciaram o primeiro processo de territorialização e reelaboraram suas identidades e culturas. Nesse sentido, as aldeias foram constituídas enquanto espaços apropriados pelos indígenas, onde protagonizaram sua ressocialização diante do contexto colonial. No século XIX, a partir das aldeias, os indígenas elaboraram suas redes de relacionamentos com não índios, baseadas em alianças ou inimizades que se transformavam a depender das circunstâncias políticas, e construíram espaços informais e formais de participação política na formação do Estado nacional brasileiro.

ABSTRACT

As central purpose, this work aims at analyzing different dimensions of indigenous groups participation from four major revolts occurred in Pernambuco and Alagoas in the first half of the Nineteenth Century, which were: Insurreição de 1817, Confederação do Equador (1824), Guerra dos Cabanos or Cabanada (1832-1835) and Praieira (1848). Although indigenous groups from many villages have been involved in armed conflicts, villagers from Jacuípe, Barreiros and Cimbres had a more intense participation. These conflicts are seen as crucial moments in the process of the Brazilian National State consolidation, because at that time were being discussed several political projects supported by different segments of the elite. Despite the uprisings were initiated by members of the provincial elite, they also constituted a space of political participation for those indigenous groups and in most cases, the groups could align their specific needs and expectations with the interests of many rebel leaders and repression's purpose. The native's motivations, in most cases, were related to the maintenance of the villagers territory and to the defense in keeping the administration of these spaces in ways that could best suit the indigenous groups. In other situations, Indians were compelled to participate in the dispute through forced recruitment carried out by non-indigenous local leaders, as by an indigenous leader, whose goal was to defend their particular aspirations. Despite these situations of forced indigenous participation, the involvement of indians in the uprisings occurred around conflicts between indians and non-indians in order to keep themselves in the lands of the villages. These territories served as central role in the lives of indigenous studied here, mainly during the colonial period, when those groups experienced the first process of *territorizalização* and reinvention of their identities and cultures. In this sense, the villages were established as suitable spaces by the indians, where indians experienced their rehabilitation in face of the colonial context. In the Nineteenth Century, the indigenous elaborated their social networks with non-indians, based on alliances or enmities that turned to depend on political circumstances, and built informal and formal spaces of political participation in the formation of the Brazilian State.

ÍNDICE

LISTA DE TABELAS

LISTA DE MAPAS

Lista de abreviaturas

AN – Arquivo Nacional

Apeje – Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano de Pernambuco

BN – Biblioteca Nacional

CSIC – Consejo Superior de Investigaciones Científicas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INTRODUÇÃO

Indígenas aldeados das províncias de Pernambuco e Alagoas participaram ativamente das principais revoltas ocorridas no início do século XIX na região, a Insurreição de 1817, a Confederação do Equador (1824), a Guerra dos Cabanos ou Cabanada (1832-1835) e a Praieira (1848). Envolveram-se com mais intensidade os indígenas das aldeias de Jacuípe, de Barreiros e de Cimbres, que se posicionaram politicamente e adentraram nos conflitos armados a partir de seus próprios interesses e expectativas. A sua inserção nos combates, realizada através das alianças e das inimizades construídas localmente, estava, muitas vezes, pautada pela defesa da administração das terras das aldeias de acordo com seus próprios parâmetros e pela manutenção do acesso coletivo a esses espaços. Houve, no entanto, inúmeros casos em que os indígenas foram recrutados de maneira forçada por potentados locais ou por uma liderança indígena que guiou seus comandados nos embates armados em função de seus interesses particulares. Não obstante, as disputas em torno dos territórios dos aldeamentos estavam no cerne das variadas formas encontradas pelos índios para participar das revoltas citadas.

O presente trabalho busca analisar as diferentes dimensões da participação de indígenas nas revoltas do início do Oitocentos, bem como as suas motivações e expectativas ao se envolverem nos conflitos iniciados pelas elites locais e provinciais. As revoltas são aqui entendidas como momentos cruciais do processo de formação do Estado nacional brasileiro e de debate sobre diferentes projetos políticos. A participação indígena foi articulada, na maioria das vezes, pelas coletividades, que percebiam nas redes de apoios e rixas com não índios, construídas nos momentos de conflitos, uma estratégia para interferir nos rumos dados à administração de suas terras. As redes de relacionamentos criadas e recriadas entre índios e não índios, de acordo com os contextos políticos local, provincial e nacional em constante transformação, conectavam indivíduos e grupos que ocupavam lugares sociais desiguais. Nesse sentido, os indígenas estavam numa situação desprivilegiada, vulneráveis aos recrutamentos forçados e à instituição da tutela.

Contudo, mesmo que ocupassem uma posição subalterna na sociedade hierarquizada e escravocrata de Pernambuco e Alagoas oitocentistas, os indígenas aqui abordados movimentavam-se a partir de problemas e questões relativos às suas vivências nas aldeias e vilas vizinhas, fazendo suas escolhas políticas diante da

eclosão das revoltas. Por isso, podemos afirmar que eles tinham motivações e interesses próprios que os impulsionaram a se posicionar em face dos conflitos estabelecidos entre as elites locais e provinciais. Essa perspectiva ajuda a conferir um nexo às diversas maneiras de participação nas revoltas citadas, que possuíam características tão diferentes umas das outras.

Das quatro revoltas elencadas, três foram guiadas por pressupostos liberais, a Insurreição de 1817, a Confederação do Equador e a Praieira. E a quarta, a Cabanada, tinha por demanda principal o retorno d. Pedro I ao trono do Império brasileiro. Ainda que as primeiras tenham tido ideias liberais em comum, a própria concepção sobre o liberalismo e as propostas políticas de governo variaram a depender dos contextos históricos e dos jogos políticos locais e provinciais.

Em 1817, Pernambuco passava por sérios problemas econômicos e políticos em função da transferência da Corte para o Rio de Janeiro em 1808. Com a instauração das mudanças políticas e administrativas advindas com a família real, a carga tributária que recaiu sobre as províncias, principalmente as do norte, atingiu amplas camadas da população, pesando sobre o cotidiano das pessoas. Ao compor uma lista extensa das novas tributações, que foram adicionadas às antigas, como as que incidiam sobre as transações de bens de raiz, sobre o comércio a varejo e a atacado, sobre a comercialização de algodão e açúcar, Denis Bernardes demonstra alguns dos motivos de descontentamento de diversos segmentos sociais em relação à nova hierarquia entre as províncias. Bernardes informa que a cobrança de muitos impostos e taxas não era novidade. Mas a insatisfação generalizada surgiu com a ausência de contrapartida por parte da Coroa, ou seja, a falta de benefícios oferecidos aos contribuintes.[1] É importante perceber também como as transformações no vocabulário político ocorridas entre finais do século XVIII e início do XIX acarretaram mudanças na percepção de diversos setores da população de Pernambuco em relação à monarquia, influenciados por ideias iluministas. A partir de então, tornou-se possível concretizar uma ruptura radical com a monarquia e a instituição de uma república, como ocorreu entre março e maio de 1817.[2] Nesse contexto político, indígenas da vila de Atalaia, em Alagoas, e da aldeia de Escada, em Pernambuco, posicionaram-se a favor do governo centralizado, colocando-se contra o movimento

---

[1] BERNARDES, Denis. "Pernambuco e o Império (1822-1824): sem constituição soberana não há união". In: JANCSÓ, István (org.). *Brasil*: formação do Estado e da nação. São Paulo: Hucitec, 2003, pp. 229-230.
[2] Idem, p. 232.

rebelde. Já os indígenas das aldeias de Águas Belas, de Cimbres, ambas em Pernambuco, e de Palmeira em Alagoas, foram recrutados, provavelmente, de maneira forçada, sendo essa mão de obra militar disputada tanto pelos rebeldes quanto pela repressão. Além do apoio militar, o recrutamento coagido de indígenas foi também utilizado para conseguir mão de obra para serviços externos às aldeias, sendo essa uma prática corrente no período e realizada pelas autoridades locais.

A década seguinte foi vivenciada intensamente em Pernambuco, província que se transformou em palco de várias mudanças advindas com a Revolução do Porto e a convocação das Cortes de Lisboa. Entre os anos de 1821 e 1823 foram formadas Juntas de Governo, foi declarada a Independência do Brasil, e em 1824 eclodiu a Confederação do Equador, acontecimentos que podem ser entendidos, em parte, como reflexos do liberalismo português do período.[3] Ainda que também tenham tido o objetivo de instaurar um governo republicano em Pernambuco, os líderes da Confederação enfrentaram questões diferentes do que se havia vivenciado em 1817. A discordância de políticos provinciais de Pernambuco, capitaneados por Manuel de Carvalho Paes de Andrade, em relação às ações de D. Pedro I, principalmente no que se referiu ao fechamento da Assembleia Constituinte de 1823 e à imposição de um governador para a província, foi suficiente para se dar início a um novo movimento rebelde ao governo centralizado no Rio de Janeiro.[4] Índios das aldeias de Barreiros e Jacuípe, localizadas na região dos conflitos, ou seja, zona da mata fronteiriça entre Pernambuco e Alagoas, deram apoio crucial para as primeiras vitórias das tropas governistas. Enquanto os indígenas aldeados em Cimbres realizaram um levante a favor de D. João VI e foram acusados de serem contrários à "causa do Brasil" e à constituição.[5]

O último movimento do chamado "ciclo das insurreições liberais"[6] foi a Praieira de 1848, que teve seu início no contexto político de intensificação das disputas entre liberais e conservadores. Em Pernambuco, tais disputas se acirraram no

---

[3] SLEMIAN, Andrea. "Instituciones, legitimidad y (des)orden: crisis de la monarquía portuguesa y construcción del Imperio de Brasil (1808-1841). In: FRASQUET, Ivana. SLEMIAN, Andrea. (orgs.), *De las independencias ibero-americanas a los estados nacionales* (1810-1850): 200 años de historia. Madrid/Frankfurt: Vervuert Iberoamericana, 2009, pp. 99-100.

[4] LEITE, Glacyra Lazzari. *Pernambuco 1824*: a Confederação do Equador. Recife: Fundaj, Editora Massangana. 1989, pp. 95-101.

[5] Apeje. JO 2. Devassa sobre a culpa dos índios da vila de Cimbres (contra Vicente Cabeludo e outros.) Devassa iniciada 9 de janeiro de 1824 e finalizada em 19 de março de 1824. Fl.100-109.

[6] CARVALHO, Marcus J. M. de. "Os índios de Pernambuco no ciclo das insurreições liberais, 1817/1848: ideologias e resistência". In: *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Nº 11, 1996, pp. 51-69.

“quinquênio liberal”, compreendido entre os anos de 1844 e 1848, quando a província era governada por políticos desse partido, que iniciaram uma série de invasões aos engenhos de proprietários conservadores, sob a justificativa de que tentavam reaver escravos furtados.[7] Houve uma reação por parte dos conservadores, conhecida como “Revolta Guabiru”, mas que logo se esvaziou em função de mudanças na presidência da província e da retirada de alguns praieiros, como eram conhecidos os liberais em Pernambuco, de seus cargos da administração pública.[8] No entanto, vários desses liberais exonerados de suas funções se negaram a deixar seus cargos e a entregar as armas, criando um clima de tensão. Logo em seguida a situação para os liberais piorou com a queda de seus partidários na Corte em 1848 e a retomada pelos conservadores do poder. Em Pernambuco, a tentativa do conservadores em ocupar os cargos dos praieiros destituídos deu início aos conflitos armados na zona da mata sul fronteiriça entre Pernambuco e Alagoas.[9] O movimento praieiro se expandiu para o contexto urbano do Recife, onde conseguiu a adesão de deputados, políticos de orientações partidárias diversas, bem como de uma população livre e pobre que via nas reivindicações praieiras sobre o comércio a retalho a realização de parte de seus interesses.[10] Nesse caso, os indígenas que haviam apoiado o governo centralizado no Rio de Janeiro a derrotar os movimentos rebeldes de 1817 e 1824, mudaram de lado e passaram a atuar ao lado dos praieiros. Índios de Jacuípe e Barreiros, comandados por lideranças importantes de suas aldeias, deram apoio militar fundamental às tropas rebeldes.

A Guerra dos Cabanos, ou Cabanada, ocorrida entre os anos de 1832 e 1835, foi caracterizada por um posicionamento político de seus participantes bem diferente em relação aos movimentos liberais anteriormente citados. Antecedida por motins militares realizados em Recife e pela abdicação de D. Pedro I em 1831, a Cabanada reuniu, inicialmente, políticos atuantes em Pernambuco e Alagoas prejudicados com a nova configuração política nacional. Com a saída de D. Pedro I, muitos potentados das duas províncias perderam seus cargos, suas patentes e se viram prejudicados com

---

[7] CARVALHO, Marcus J. M. de. *A guerra dos Moraes*: a luta dos senhores de engenho na praieira. 1986. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, pp. 43; 48-49.
[8] Idem, p. 81-83.
[9] CARVALHO, Marcus J. M. de. “Os nomes da *Revolução*: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 23, nº 45, 2003, p. 212.
[10] CARVALHO, Marcus J. M. de. CÂMARA, Bruno D. “A rebelião Praieira”. In: DANTAS, Mônica Duarte (org.). *Revoltas, motins, revoluções*: homens livres pobres e libertos no Brasil do século XIX. São Paulo: Alameda, 2011, p. 376.

a ascensão de políticos os quais haviam combatido em 1817 e 1824. Após algumas derrotas, líderes do movimento restauracionista se refugiaram na região de fronteira entre Pernambuco e Alagoas, onde conseguiram arregimentar tropas e estabelecer alianças com potentados locais.[11] Nessa região, após outras derrotas, nas quais algumas lideranças rebeldes morreram e outras se retiraram dos conflitos armados, a Cabanada passou a contar com a participação mais intensa de uma população de escravos, pobres e livres, dentre os quais emergiram importantes lideranças. Destacaram-se, nesse momento, os indígenas de Jacuípe, que lutaram ao lado dos cabanos, internando-se nas matas, até que ao final dos conflitos e diante das precárias condições de sobrevivência, decidiram render-se às autoridades provinciais. Os cabanos também receberam apoio de um grupo de índios de Barreiros, comandados por Bento Duarte, que se opunha à grande liderança do aldeamento, Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde. Esse, por sua vez, posicionou-se ao lado da repressão em conjunto com outro grupo de índios de Barreiros, evidenciando uma cisão interna construída em decorrência do contexto de disputas pelas terras da aldeia e dos conflitos armados da Cabanada.

Diante do exposto, é possível perceber a diversidade de propósitos das revoltas e dos sujeitos históricos que as protagonizaram. Para compreender as diferentes dimensões da participação de indígenas nesses processos é imprescindível atentar para a historicidade das relações entre índios e não índios, bem como para as dinâmicas locais nos momentos de eclosão das revoltas. Nesse sentido, uma análise numa escala mais localizada, em diálogo com os processos mais amplos, contribui para construir explicações sobre o envolvimento indígena a partir de suas próprias expectativas em situações importantes para a formação das províncias e do Estado nacional. Por isso, a proposta de análise micro-histórica contribui para se projetar um olhar mais detido e pormenorizado sobre as escolhas políticas dos indígenas participantes das revoltas.

Atentar para as dinâmicas sociais, políticas e econômicas vivenciadas por índios e não índios nas aldeias e vilas, lançando mão de uma visão em escala micro, permite a visualização de tramas mais complexas de um dado processo, compreendendo alguns sujeitos históricos, até então pouco percebidos, como seus

[11] CARVALHO, Marcus. "Movimentos sociais: Pernambuco (1831-1848)". In: GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo. (orgs.). *O Brasil Imperial, volume II*: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 153.

protagonistas. De acordo com Jacques Revel, modificar a escala de análise produz efeitos de conhecimento, ou uma maneira diferente de abordar um mesmo tema. Ao variar a objetiva da lente de estudo, aumentando ou diminuindo o tamanho do objeto, é possível modificar sua forma e fazer aparecer outra trama. Porém, Revel faz a ressalva de que não é apenas a escolha de uma escala em detrimento de outra que caracteriza a micro-história, mas sim a sua variação ou, em outras palavras, o jogo de escalas.[12]

Numa crítica às perspectivas estruturalista e marxista, a análise partindo de uma variação de escalas permite adentrar em outros campos dos estudos históricos, em diálogo com a Antropologia, como as redes de relações entre os diferentes sujeitos históricos, os comportamentos sociais, a formação e transformação de identidades coletivas, as estratégias individuais, familiares e de coletividades frente a novos desafios, entre outros.[13] O objetivo é complexificar a análise do social, conferindo-lhe mais variáveis e integrando dados diversificados. Ao tratar da obra de Giovanni Levi, Revel afirma que "a abordagem micro-histórica deve permitir o enriquecimento da análise social, torná-la mais complexa, pois leva em conta aspectos diferentes, inesperados, multiplicados da experiência coletiva".[14]

Isso se reflete na concepção de contexto, que não mais é entendido como um ponto de partida global para interpretações mais particulares. O conceito passa a ser compreendido através de sua pluralidade e dos seus diferentes níveis, que devem ser acionados na análise dos comportamentos e das relações em foco.[15] É o que propõe Levi no seu estudo sobre a comunidade de Santena ao propor a "contextualização e interligação entre regras e comportamentos, entre estrutura social e imagem impressa nas fontes escritas".[16]

Essa perspectiva propõe, portanto, conferir atenção especial às trajetórias individuais, familiares e de grupos, sem que isso se contraponha ao estudo do social ou de processos mais amplos. O objetivo é apontar outros entrelaçamentos para uma história global e construir novos significados e explicações. Dessa forma, sujeitos

[12] REVEL, Jacques. REVEL, Jacques. "Microanálise e construção do social". In: *Jogos de escala*: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998, p. 20. REVEL, Jacques. "Prefácio: a história ao rés-do-chão". In: LEVI, Giovanni. *A herança imaterial*: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 20.
[13] REVEL, Jacques. Op. Cit. 1998, p. 10-13.
[14] REVEL, Jacques. Op. Cit. 2000, p. 18.
[15] REVEL, Jacques. Op. Cit. 1998, p. 27.
[16] LEVI, Giovanni. *A herança imaterial*: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 47.

históricos diferentes podem emergir e alcançar protagonismo, contribuindo para lançar novas interpretações sobre fenômenos amplos estudados numa história social e política vista numa escala macro. Afinal, "vidas minúsculas também participam, à sua maneira, da 'grande' história da qual elas dão uma versão diferente, distinta, complexa".[17] Isoladamente, os sujeitos históricos protagonistas da microanálise não podem definir diretamente o desenvolvimento e os resultados de grandes processos, mas munidos de sua capacidade de adaptação e de suas próprias interpretações sobre os acontecimentos, eles podem encontrar respostas para os problemas propostos pelas novas situações. Não atuam de maneira irrestrita, uma vez que estão inseridos em diferentes redes de relacionamentos entre desiguais, que restringem suas possibilidades de criação e sua margem de manobra. Mas, ainda assim, conseguem propor, com mais ou menos sucesso, outras leituras e respostas sobre os processos globais.[18]

Tais respostas, contudo, não são estáticas. Também são dinâmicas as estratégias e as escolhas individuais, familiares e coletivas, bem como as identidades e os comportamentos construídos diante de desafios novos criados por processos amplos. Para o vilarejo de Santena, Giovanni Levi observou que os níveis de equilíbrio social, político e econômico são constantemente reformulados em função de conflitos e contradições locais.[19] Essa percepção confere um grau maior de instabilidade e de incerteza à análise do social, confluindo com o objetivo do autor de complexificar a compreensão do seu objeto de estudo.

Através de tais pressupostos, a microanálise orienta o estudo proposto nesse trabalho, na medida em que a compreensão das escolhas políticas dos indígenas relacionadas à sua participação nas revoltas iniciadas pelas elites passa pelo entendimento das dinâmicas locais e das redes de relacionamentos construídas e reconstruídas entre índios e não índios. O acompanhamento dos processos de formação das aldeias, vilas e povoados, desde o período colonial até o século XIX, contribui para o mesmo caminho de análise, uma vez que compreender esse movimento num espaço de tempo mais longo nos leva a entender as relações dos indígenas com o território e a articulação de seus interesses e demandas coletivos. Por isso, é importante analisar as trajetórias das aldeias cujos indígenas tiveram maior

[17] REVEL, Jacques. Op. Cit. 1998, p. 12.
[18] REVEL, Jacques. Op. Cit. 2000, p. 26.
[19] LEVI, Giovanni. Op. Cit., p. 45.

participação nas revoltas, bem como as maneiras que encontraram para interagir com seus vizinhos não indígenas. Assim, novos significados são sobrepostos às interpretações sobre as revoltas ocorridas em Pernambuco e Alagoas no início do século XIX, e também outros sujeitos históricos ganham protagonismo no seu desenvolvimento.

Acompanhar o processo de formação das aldeias, as transformações vivenciadas pelos diferentes grupos ao longo de séculos, e os variados posicionamentos dos indígenas frente às questões impostas pela eclosão das revoltas no Oitocentos, exige uma análise que preze pela abordagem interdisciplinar, mais especificamente que opere com o diálogo entre História e Antropologia. Os indígenas que atuaram intensamente nos conflitos armados e nos jogos políticos provinciais e locais da primeira metade do século XIX podem ser vistos como resultado dos profundos processos de mudanças culturais e transformações identitárias vivenciados desde os séculos XVI e XVII com o estabelecimento das aldeias.

Essas transformações deixam de ser concebidas como momentos de perdas culturais e que descaracterizaram as culturas indígenas, tidas como puras e imutáveis. Estudos recentes[20] vem demonstrando como as misturas e as mudanças vivenciadas pelos indígenas precisam ser entendidas como partes integrantes fundamentais das suas culturas, sendo estas entendidas como produtos históricos passíveis de receber novos conteúdos e significados.[21] Levando em conta a fluidez e dinamicidade das culturas e das relações interétnicas experienciadas nas aldeias e em seu entorno, o conceito de identidade étnica também deve ser revisto. Afinal, aspectos apenas físicos, como laços de sangue, ou culturais não são o suficiente para compreender a sua construção. Como aponta Max Weber, a ação política de um grupo em torno de objetivos em comum e o sentimento de comunhão étnica são elementos cruciais para a formação e o desenvolvimento de identidades coletivas.[22] Portanto, essa definição consegue abarcar as reconstruções culturais, já que lida com elementos políticos e subjetivos na construção de identidades étnicas. Essas adquirem ainda mais

---

[20] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses Indígenas*: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003. OLIVEIRA, João Pacheco de. (org.). *A Viagem da Volta*: Etnicidade, Política e Reelaboração Cultural no Nordeste Indígena. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004. OLIVEIRA, João Pacheco de. (org.). *A presença indígena no Nordeste*: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

[21] MINTZ, Sidney. "Cultura: uma visão antropológica". In: *Tempo*. Vol. 14, nº 28, 2011, pp. 235-236.

[22] WEBER, Max. "Relações Comunitárias Étnicas". In: *Economia e Sociedade*. vol. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994, p. 270.

elasticidade ao serem pensadas também em função das relações estabelecidas entre diferentes coletividades. Fredrik Barth chama atenção para o aspecto relacional, por entender que as identidades são constituídas a partir dos contatos e das interações, e não do isolamento, da falta de diálogo ou de conflitos.[23]

Os índios habitantes das aldeias de Cimbres, Barreiros e Jacuípe passaram por longos processos de adaptação, apropriação e ressignificação de elementos sociais, culturais, políticos e econômicos durante o período colonial, na maioria das vezes de maneira forçada pela legislação e pelo governo portugueses. Sem deixar de lado a violência e arbitrariedade desse processo, que não raro levava à escravização, à morte ou a um lugar social subordinado, os indígenas que viviam em aldeias muitas vezes conseguiam de maneira criativa responder às novas situações apresentadas através da articulação de estratégias diversas, apropriando-se, inclusive, de culturas políticas do Antigo Regime.[24]

A relação de grupos indígenas com os espaços das aldeias, mais especificamente para a atual região Nordeste, é melhor compreendida através do conceito de territorialização, desenvolvido por João Pacheco de Oliveira. Em sua conceituação, Oliveira afirma que o processo de territorialização é

> o movimento pelo qual um objeto político-administrativo – nas colônias francesas seria a ‘etnia’, na América espanhola as ‘reducciones’ e ‘resguardos’, no Brasil as ‘comunidades indígenas’ – vem a se transformar em uma coletividade organizada, formulando uma identidade própria, instituindo mecanismos de tomada de decisão e de representação, e reestruturando as suas formas culturais (inclusive as que o relacionam com o meio ambiente e com o universo religioso).[25]

Esse conceito será tratado com detalhes mais a frente. No momento cabe ressaltar que houve dois processos de territorialização, o primeiro caracterizado pela formação das aldeias coloniais e o segundo pela ação do Estado brasileiro no século XX. No período colonial, grupos diversos de índios foram sedentarizados e catequizados ao serem atraídos para as aldeias missionárias, onde passaram a ter novas vivências num espaço territorial bem demarcado. A partir desse contingente populacional aldeado se formaram as principais denominações de coletividades

---

[23] BARTH, Fredrik. “Os grupos étnicos e suas fronteiras”. In: *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas.* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, p. 26.

[24] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. “Os índios no tempo da corte: reflexões sobre política indigenista e cultura política indígena no Rio de Janeiro oitocentista”. In: *Revista USP*, São Paulo, n.79, p. 94-105, setembro/novembro 2008, p. 104

[25] OLIVEIRA, João Pacheco de. Op. Cit. 2004, p. 24.

indígenas do Nordeste encontradas até os dias de hoje. Esse primeiro processo foi caracterizado por três momentos distintos de misturas, tendo o último deles ocorrido no século XIX com a extinção oficial das aldeias.[26] Já o segundo processo de territorialização, que não será analisado no presente trabalho, deu-se com a interferência do órgão indigenista oficial do Estado e com objetivos marcadamente antiassimilacionistas, impondo condições para afirmação de uma cultura diferenciadora de maneira a estabelecer as populações aldeadas como "objeto demarcado cultural e territorialmente".[27]

No primeiro processo de territorialização, diferentes grupos foram reunidos nas missões, em territórios específicos, sendo ali promovida uma homogeneização baseada na catequese e no disciplinamento pelo trabalho. Mais a frente, no século XVIII, a mistura se deu regulada por leis do governo pombalino, as quais tinham o objetivo de promover as relações entre índios e não índios, através do comércio e dos casamentos interétnicos, por exemplo. Apesar dos incentivos à mistura, a população descendente dos índios das missões se manteve nas aldeias, entendendo-as como territórios de posse comum, e se identificando enquanto coletividades a partir das antigas missões e de outros elementos, tais como santos padroeiros e acidentes geográficos.[28]

Dessa forma, os grupos profundamente transformados se apropriaram e ressignificaram elementos impostos pelo governo português para melhor lidar com as novas situações que lhes eram apresentadas. Entre tais elementos, podemos apontar o limitado território da aldeia e a categoria generalizante de "índio", que passou a identificar uma vasta diversidade de populações autóctones encontradas no momento da conquista e ao longo do período colonial.[29] Como afirma Maria Regina Celestino de Almeida, ao tratar dos índios aldeados do Rio de Janeiro colonial, as aldeias não se constituíam apenas a partir das expectativas dos missionários, dos colonos e das autoridades coloniais. Elas tornaram-se também espaços indígenas. Nessas novas unidades, frente à violência dos sertões e à real possibilidade de escravização, os indígenas encontraram terra e certo grau de proteção.[30]

---

[26] OLIVEIRA, João Pacheco de. Op. Cit. 2004, p. 24-25.
[27] Idem, p. 26.
[28] Idem, p. 25.
[29] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2003, p. 102.
[30] Idem.

Levando em consideração os processos de transformação identitária e cultural vivenciados pelos indígenas nas aldeias durante longos períodos de tempo, torna-se possível compreender as dinâmicas dos aldeamentos no século XIX e a participação de seus habitantes nas revoltas.

As quatro revoltas aqui analisadas foram momentos cruciais para a construção do Estado nacional brasileiro no período, quando entraram em debate diferentes projetos políticos para a elaboração de um governo no Brasil. O início desse debate, que se desenvolveu com reflexões entre os dois lados do Atlântico, ocorreu com a chegada da família real e da corte portuguesas ao Brasil em 1808. Novas relações foram estabelecidas entre Lisboa e Rio de Janeiro, e entre a nova capital do Reino português e as demais províncias brasileiras.[31] Nesse contexto de mudanças no âmbito atlântico, novos conceitos passaram a ser discutidos, principalmente a partir da década de 1820, surgindo, assim, um vocabulário político que abarcava o ideário liberal em debate na Europa e nas Américas.[32] Nas décadas de 1830 e 1840 o debate entre projetos políticos diversificados continuou, passando a ganhar mais impulso os posicionamentos entre a centralização do Estado na figura do monarca e uma maior autonomia para as províncias. Essas propostas foram marcadas por nuances internas de posicionamentos entre seus defensores.[33]

Os conflitos armados que marcaram a Insurreição de 1817, a Confederação do Equador, a Cabanada e a Praieira eclodiram em função tanto dos enfrentamentos políticos surgidos dos posicionamentos divergentes entre membros das elites políticas e econômicas, quanto da elaboração e reelaboração de rixas e alianças em torno de questões locais, como acesso a cargos políticos e disputas de interesses. Alguns estudos recentes vêm apontando para a participação de outros sujeitos históricos nessas revoltas, além dos membros das elites, que faziam parte de um contingente de pessoas pobres, livres, libertas ou escravizadas.[34] Ainda que muitas vezes tenham se

[31] JANCSÓ, István. PIMENTA, João Paulo G. "Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira)". In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem incompleta*. A experiência brasileira (1500-2000). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000, p. 154.
[32] NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Corcundas e constitucionais*: cultura e política (1820-1823). Rio de Janeiro: Revan: Faperj, 2003, p. 16.
[33] BASILE, Marcello. "O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840)". In: GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo. (orgs.). *O Brasil imperial, volume II*: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
[34] LEITE, Glacyra Lazzari. *Pernambuco 1824*: a Confederação do Equador. Recife: Fundaj, Editora Massangana. 1989. MOREL, Marco. *O período das regências*, (1831-1840). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. BERNARDES, Denis. "1817". In: DANTAS, Mônica Duarte (org.). *Revoltas, motins, revoluções*: homens libres pobres e libertos no Brasil do século XIX. São Paulo: Alameda, 2011, pp.

envolvido nos combates de maneira coagida, através de recrutamentos forçados operacionalizados pelas redes de relações clientelares, esses indivíduos em situação social desprivilegiada conseguiam, outras tantas vezes, fazer escolhas políticas com base nas suas próprias expectativas. Dentre esse contingente populacional, destacaram-se os indígenas que participaram das revoltas, principalmente os provenientes das aldeias de Cimbres, Barreiros e Jacuípe. Índios de outras aldeias também se envolveram nas contendas políticas, tais como os do Cocal, de Águas Belas e de Atalaia. No entanto, a partir dos três primeiros aldeamentos houve a inserção mais intensa dos indígenas nos conflitos iniciados pelas elites.

Os indígenas, assim como os demais envolvidos nas revoltas e na repressão dessas, possuíam interesses específicos quando tomavam seus posicionamentos políticos e escolhiam um dos lados dos conflitos. Houve também algumas situações em que a sua participação foi coagida, uma vez que estavam inseridos em relações desiguais de poder com não índios e também com lideranças indígenas das aldeias. Contudo, o seu envolvimento nesses termos não deve ser diminuído, mas sim entendido através do seu potencial bélico, cuja importância se evidenciava durante os conflitos armados. Esse potencial foi percebido pelas autoridades locais, que tentavam fazer uso dele ao recrutar os indígenas. Em outras situações, os próprios indígenas também perceberam o seu poder militar e passaram a tentar negociar com as autoridades locais ou, até mesmo, ameaçá-las.

Analisar os diferentes contextos políticos (local, provincial e nacional), em relação com as diferentes formas de participação dos indígenas nas revoltas e com as redes de alianças, apoios e inimizades em constante mudança, contribui para compreender a formação do Estado brasileiro no século XIX a partir do protagonismo de outros sujeitos históricos, fazendo o processo ganhar mais dinamicidade e complexidade. Nesse sentido, é fundamental partir de uma ideia menos estática de Estado, cujo processo de formação deve ser entendido com a participação de diversos agentes sociais para além das elites.

69-96. CARVALHO, Marcus. “Um exército de índios, quilombolas e senhores de engenho contra os ‘jacubinos’: a Cabanada, 1832-1835”. In: DANTAS, Mônica Duarte (org.). Op. Cit. 2011, pp. 167-200. DANTAS, Mônica Duarte. “Epílogo. Homens livres pobres e libertos e o aprendizado da política no Império.” In: DANTAS, Mônica Duarte (org.). Op. Cit. 2011, pp. 511-564. CÂMARA, Bruno D. “A rebelião Praieira”. In: DANTAS, Mônica Duarte (org.). Op. Cit. 2011, pp. 355-390. CARVALHO, Marcus. “Movimentos sociais: Pernambuco (1831-1848)”. In: GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo. (orgs.). *O Brasil Imperial, volume II*: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 136. CARVALHO, Marcus. “Os nomes da *Revolução*: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 23, nº 45, 2003, pp. 209-238.

Sobre a formação dos Estados nacionais no século XIX há uma produção recente sobre outros países da América Latina que, apesar de tratar de regimes políticos diferentes da monarquia constitucional do Brasil oitocentista, lança uma perspectiva mais inclusiva e dinâmica. Nesse sentido, destacam-se os trabalhos de Marta Irurozqui, que analisa a ideia de Estado através do conceito de instituição. Com isso, a intenção de Irurozqui é desmontar a visão de um Estado, ou instituição, transcendente às sociedades, e indicar as intervenções sofridas em decorrência das interações entre ordem estabelecida e mudanças sociais, entre permanência e dinamicidade.[35]

Uma das formas de intervenção no âmbito público e interação com o Estado, ou ordem vigente, dá-se através do uso da violência política, na maioria das vezes, articulada na eclosão e desenvolvimento de revoltas, revoluções, fraudes eleitorais ou golpes de Estado. A violência, segundo Marta Irurozqui, deve ser entendida como um instrumento da ação política utilizado para modificar, acelerar ou frear as mudanças políticas e sociais.[36] Ainda que as proposições de Irurozqui sobre o uso da violência política tenham sido elaboradas a partir da experiência boliviana do século XIX, podem ser pensadas em âmbito mais amplo, na medida em que lançam uma perspectiva diferente sobre a gestão e inserção dos sujeitos históricos na construção de espaços informais de participação política ou exercício da cidadania.

Com essa perspectiva, acreditamos ser possível analisar o envolvimento de indígenas de aldeias localizadas em Pernambuco e Alagoas no processo de construção do Estado nacional no século XIX a partir da sua participação nas revoltas já citadas. Na busca de realização de suas necessidades e seus interesses, teciam redes de apoios mútuos ou de rixas com potentados locais, que ganhavam novos significados com as mudanças políticas causadas pelas revoltas. Assim, as situações mais localizadas de conflitos, disputas e alianças em torno dos territórios das aldeias ou de cargos políticos, conectam-se com questões mais amplas, como a outorga da Constituição de 1824, a abdicação do Imperador ou a troca de políticos nos ministérios imperiais.

---

[35] IRUROZQUI, Marta. “Presentación”. In: *Anuario de Estudios Americanos*. Dossier Entre Lima y Buenos Aires. Nº 69, 2. Sevilla. 2012, pp. 415-417. IRUROZQUI, Marta. “Presentación. La institucionalización del Estado en América Latina. Justicia y violencia política en la primera mitad del siglo XIX”. In: *Revista Complutense de Historia de América*. 2011, vol. 37, p. 18.

[36] IRUROZQUI, Marta. “Presentación”. In: *Revista de Indias*. Dossier: Violencia política en América Latina, siglo XIX. Madrid. Vol. LXIX, nº 246. 2009, p. 11. IRUROZQUI, Marta. Op. Cit. 2011, p. 19.

O presente trabalho está dividido em seis capítulos. O primeiro deles aborda o processo de formação das aldeias de Cimbres, Jacuípe e Barreiros no período colonial, atentando para os momentos de mistura estimulados pela legislação indigenista, pela ação de autoridades coloniais e de missionários. Nesse processo, a unidade territorial e administrativa colonial representada pela aldeia assume papel central, visto que foi apropriada pelos indígenas como um espaço de ressocialização, o qual continuaram a defender no contexto oitocentista. Com esse capítulo, além de demonstrar os longos processos de transformação identitária e cultural vivenciados pelos grupos indígenas que participaram das revoltas, o objetivo é desconstruir algumas ideias e alguns discursos estabelecidos no século XIX sobre os índios vistos como "misturados" ou em vias de desaparecer. Para isso, são trabalhados alguns dados populacionais das décadas de 1820 e 1830. No capítulo 1 também são analisadas as políticas indigenistas que pautaram a ação do governo português e, posteriormente, brasileiro na administração dos índios e das suas aldeias na primeira metade do Oitocentos. Com isso, o objetivo é indicar que, embora tenham apresentado participação ativa nos processos políticos do período, os índios aldeados de Cimbres, Jacuípe e Barreiros estavam atuando sob a forte instituição da tutela baseada na ação de diretores de aldeia, juízes de órfãos ou de paz e ouvidores de comarca.

O segundo capítulo enfoca a Insurreição de 1817, tratando, portanto, de período anterior à Independência política do Brasil, mas no qual se iniciaram os debates sobre os diferentes tipos de governo possíveis a partir da instalação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro. Nesse movimento, indígenas de Cimbres participaram, e também alguns de Águas Belas, em Pernambuco, e Atalaia, em Alagoas. Nos conflitos armados de 1817, ficou evidente a importância do poder bélico dos indígenas, bem como de seus posicionamentos políticos, já que seu apoio foi disputado por ambos os lados da revolta, seja por meio de negociações, seja pelo recrutamento forçado.

O terceiro capítulo trata do envolvimento dos indígenas de Cimbres, Barreiros e Jacuípe nos embates iniciados com a Confederação do Equador, em 1824. Dos dois últimos aldeamentos partiram indígenas que ajudaram a reprimir a revolta, contribuindo para importantes vitórias militares das tropas governistas, o que reafirmou a sua importância bélica. Já os de Cimbres realizaram um levante a favor de D. João VI, aliaram-se a portugueses que viviam no interior de Pernambuco e

reelaboraram suas alianças na localidade em função das disputas pelas terras da aldeia. As diferentes escolhas dos indígenas nesse contexto evidenciaram as suas próprias interpretações sobre as mudanças políticas no cenário nacional em diálogo com os problemas que enfrentavam nas aldeias.

O quarto capítulo é centrado na análise sobre a Guerra dos Cabanos, ou Cabanada, ocorrida entre os anos de 1832 e 1835. Nela participaram ativamente os índios de Jacuípe e Barreiros, atuando tanto do lado dos rebeldes, quanto das forças do governo central. Os primeiros se envolveram nos conflitos armados iniciados em 1832 em decorrência de disputas pelas terras da aldeia e de aliança realizada com um dos líderes da revolta. Durante o desenvolvimento da revolta, precisaram repensar suas escolhas e redes de interdependências mútuas, desfazendo antigas alianças e refazendo outras. A situação dos índios de Jacuípe ajuda a apontar para a dinamicidade e instabilidade das escolhas e posicionamentos políticos dos indígenas em função de suas necessidades e expectativas. Já os índios de Barreiros dividiram-se em dois grupos, cada um atuando em um dos lados dos embates armados. Um desses grupos internos foi comandado por uma forte liderança indígena chamada Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde, cujos antepassados contribuíram para o sucesso do empreendimento colonial português em Pernambuco. Agostinho Panaxo Arcoverde se inseriu nos jogos políticos locais com não índios, alcançando importantes cargos políticos no povoado de Barreiros e na aldeia. Nesse capítulo é analisada a configuração dos espaços formais e informais de exercício da cidadania e da participação política dos indígenas.

No quinto capítulo é tratada a Insurreição Praieira, ocorrida em 1848, que contou com o envolvimento, novamente, dos índios de Jacuípe e Barreiros, combatendo do mesmo lado, ou seja, apoiando os rebeldes. No novo contexto político estabelecido após o fim da Cabanada, os habitantes das duas aldeias reformularam suas redes de ajuda e inimizades. Em Barreiros ganhou notoriedade uma liderança indígena que havia lutado na Cabanada ao lado dos rebeldes, Bento Duarte, e que em 1848 se prontificou a apoiar os liberais. Decisão tomada em prol da manutenção de algumas alianças estabelecidas ainda na década de 1830. Em Jacuípe novas lideranças também de destacaram, como foi o caso de Maurício, que comandou os demais indígenas nos conflitos. No centro das decisões dos indígenas estava a manutenção das terras coletivas e a intervenção na administração das aldeias da maneira que melhor lhes contentasse. Eles percebiam na sua participação nas revoltas, portanto,

mais uma estratégia para alcançar seus objetivos e atender suas necessidades. Nesse capítulo também é abordada a formação da aldeia do Riacho do Mato, localizada numa região que serviu de refúgio para muitos índios envolvidos na Cabanada e na Praieira, bem como para um contingente de escravos fugidos e de gente pobre e livre. Nesse local, foi formada uma aldeia na década de 1860, em grande parte devido à articulação realizada pelo índio Manuel Valentim, ativo participante da Cabanada. A constituição de uma aldeia no Riacho do Mato, num período em que se iniciava o processo de extinção das outras existentes na província, é um forte indício da grande importância que esses territórios coletivos possuíam para seus habitantes, os quais lutaram, de diferentes maneiras, para mantê-los ao longo do século XIX.

O último capítulo retoma e aprofunda algumas questões trabalhadas ao longo da tese, enfocando os interesses e as motivações dos indígenas em se envolver nas revoltas. Além disso, são também analisadas as diferentes dimensões da participação dos indígenas, ou seja, as variadas maneiras encontradas por eles para se inserir nesses intensos debates e conflitos políticos, entendidos como momentos cruciais da formação do Estado brasileiro no século XIX. Para isso são retomados alguns processos políticos do período e também os conceitos de Estado e o de uso da violência política.

As fontes pesquisadas para esse trabalho provêm de variados fundos, coleções e códices de diferentes instituições. Em função da escassa bibliografia sobre o tema, foi necessário realizar um aprofundamento na leitura de documentos já analisados por outros pesquisadores, como os relativos às revoltas, como também de fontes sobre os indígenas envolvidos e sobre as dinâmicas das aldeias até então, a meu ver, pouco utilizadas. Dessa forma, a documentação foi dividida em dois grandes grupos, ambos compostos, em sua maioria, por documentos manuscritos. O primeiro contém fontes sobre a eclosão das revoltas, os conflitos armados e os processos de negociação, das quais são exemplos a Série Guerra, encontrada no Arquivo Nacional, e os volumes intitulados “Revolução Praieira”, do Arquivo Estadual Jordão Emerenciano de Pernambuco (Apeje). O segundo grupo é composto de documentos relativos aos embates internos às aldeias estudadas e também às relações entre índios e não índios que, frequentemente, possuíam propriedades vizinhas aos territórios indígenas.

É importante frisar que as fontes sobre as dinâmicas das aldeias e das localidades encontram-se dispersas em diferentes arquivos em função da legislação

indigenista da primeira metade do século XIX. Como será visto mais adiante, nesse período houve uma sobreposição de funções entre diferentes cargos da administração imperial no que se referia às aldeias, aos indígenas e seus bens. Até 1822 o principal responsável por administrar as aldeias era o diretor, conforme a legislação pombalina.[37] A partir de então e até a instituição de nova lei geral sobre a temática, ou seja, até a promulgação do Regulamento das Missões de 1845, a função de diretor se manteve de maneira não oficial nas províncias de Pernambuco e Alagoas, sendo suas tarefas divididas com ouvidores de comarcas, juízes de paz, juízes de órfãos e Assembleias Legislativas provinciais. [38] Em decorrência dessa situação, as informações sobre as aldeias, seus territórios e habitantes estão dispersas em vários volumes e coleções, como as de Juízes de Paz, Ouvidores de Comarca, Juízes Municipais, todas do Apeje, e na Série Interior do Arquivo Nacional. Além das fontes manuscritas, também foi possível investigar as relações entre índios e não índios construídas em nível local por meio da historiografia sobre a história política de Pernambuco e Alagoas, principalmente nos volumes dos "Anais Pernambucanos" de F. A. Pereira da Costa,[39] e na coleção "Cronologia Pernambucana" escrita por Nelson Barbalho.[40]

A pesquisa foi realizada em instituições de Pernambuco e do Rio de Janeiro. No primeiro estado, o já citado Apeje foi referência inicial, onde foi possível encontrar grande parte dos documentos tanto sobre as revoltas quanto sobre as aldeias estudadas. A bibliografia relativa à história política provincial no século XIX foi consultada nas bibliotecas do Apeje, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE e do Programa de Pós-Graduação em História da mesma instituição. No Rio de Janeiro, a pesquisa centrou-se no Arquivo Nacional e na Biblioteca Nacional. Nessa última instituição foi possível analisar uma fonte do século XVIII sobre as aldeias pesquisadas e a coleção "Documentos Históricos", organizada por José Honório Rodrigues, que contém informações imprescindíveis sobre 1817. No Arquivo Nacional foram analisadas duas séries de grande importância, pois nelas foram

---

[37] SAMPAIO, Patrícia. "Política indigenista no Brasil imperial". In: GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo (orgs.). *O Brasil Imperial*, volume I: 1808-1831. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 183.

[38] CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *Legislação indigenista no século XIX*: uma compilação: 1808-1889. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Comissão Pró-índio de São Paulo, 1992, p. 14

[39] COSTA, F. A. Pereira da. *Anais Pernambucanos*. Versão em CD encarte de *Folk-lore pernambucano*: subsídios para a História da poesia popular em Pernambuco. Recife: CEPE, 2004.

[40] BARBALHO, Nelson. *Cronologia Pernambucana*: subsídios para a história do agreste e do sertão. Volumes 11-14. Recife: Centro de Estudos de História Municipal/ FIAM, 1983-1984.

encontrados os diálogos entre ministérios imperiais e os governos das províncias. A Série Guerra, mais especificamente, proporcionou informações detalhadas sobre a rendição dos índios de Jacuípe ao final da Cabanada, o que nos levou a uma análise mais dinâmica e atenta às mudanças políticas necessárias realizadas pelos indígenas com o intuito de garantir melhores condições de sobrevivência diante de novas situações.

Através do cruzamento dos dados produzidos em tempos de conflitos armados promovidos pelas revoltas e os elaborados a partir dos embates entre índios e não índios por terras, foi possível conectar as disputas e relações interétnicas nas localidades (vilas, povoados e aldeias) com as dinâmicas dos conflitos iniciados pelas elites em nível provincial. Convém ressaltar que a maior parte dos documentos analisados foi produzida por não índios, majoritariamente potentados locais com cargos na administração local. Esses indivíduos e seus aliados, muitas vezes, possuíam interesses sobre as terras das aldeias, o que nos levou a reforçar o trabalho de investigação sobre o contexto de produção dessas fontes e os jogos de interesses entre os diferentes sujeitos históricos envolvidos. Não obstante, essa situação não impediu a percepção dos interesses e das necessidades indígenas, ainda que tenham sido projetados nas fontes através de diferentes filtros de interpretação. Há ainda as informações proporcionadas pelos documentos escritos pelos próprios indígenas que, embora sejam minoria, nos ajudaram a compreender suas aspirações e os conflitos enfrentados nas aldeias.

CAPÍTULO 1

ÍNDIOS ALDEADOS DE CIMBRES, BARREIROS E JACUÍPE:

DAS MISSÕES COLONIAIS AO DISCURSO SOBRE O DESAPARECIMENTO

Durante o período colonial, as aldeias, cujos indígenas tiveram grande participação nas revoltas do início do século XIX, foram constituídas com objetivos precisos dentro do projeto português. As aldeias de Cimbres e Barreiros foram fundadas como missões, e a de Jacuípe como um arraial militar. Por sua vez, os indígenas de grupos diversos que foram reunidos e passaram a viver nos espaços específicos das aldeias, submetidos a violências e a deslocamentos forçados, devem ter percebido nesses novos territórios uma oportunidade de sobrevivência diante das recorrentes escravizações e dos ataques sofridos no contato com os colonizadores. Nesse sentido, se as aldeias tiveram papel estratégico para a Coroa portuguesa nos processos de povoamento e conquista, para os indígenas elas assumiram significados muito específicos.

Enquanto alternativa de sobrevivência diante do contexto colonial, as aldeias passaram a ser o espaço onde os indígenas se adaptavam às novas condições, vivenciando um profundo e intenso processo de reorganização social e transformação identitária. Num primeiro momento, a atuação de missionários de ordens religiosas se centrou na transformação dos ritos, costumes, vida política e econômica dos indígenas, ainda que não previssem a sua assimilação completa à sociedade colonial. Essa situação mudou com a política pombalina na segunda metade do século XVIII devido à proposta assimilacionista do novo governo português em por fim às diferenças entre os índios e os demais súditos do rei. Outras mudanças nos territórios e na concepção das aldeias, bem como nas identidades e culturas indígenas foram impostas.[41]

---

[41] ALMEIDA, Rita Heloísa de. *O Diretório dos Índios*: um projeto de civilização no Brasil do século XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997. Sobre a aplicação do Diretório dos Índios na atual região Nordeste, consultar: LOPES, Fátima Martins. *Em nome da Liberdade*: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o Diretório Pombalino no século XVIII. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005. SILVA, Isabelle Braz Peixoto. *Vilas de índios no Ceará Grande*: dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino. Campinas: Pontes Editores, 2005. MAIA, Lígio J. De O. *Serras de Ibiapaba*. De aldeia à vila de índios: vassalagem e identidade no Ceará colonial (Século XVIII). Tese (doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. MEDEIROS, Ricardo Pinto de. "Política indigenista do período pombalino e seus reflexos nas capitanias do Norte da América portuguesa", pp. 115-144. GALINDO, Marcos. "A submergência tapuia", pp. 167-216; OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. "Povos indígenas no sudeste do Piauí: estratégias e táticas de resistência dos Pimenteira nos séculos XVIII e XIX", pp. 217-240. LOPES, Fátima Martins. "As mazelas do Diretório dos Índios: exploração e violência no início do século XIX", pp. 241-266.

Contudo, os grupos indígenas que passaram por tais mudanças não as vivenciaram em função apenas dos interesses e das necessidades da Coroa lusa e da Igreja Católica. Ainda que ocupassem um lugar desprivilegiado na sociedade colonial, conseguiram se apropriar das legislações e dos termos da administração portuguesa que lhes conferia obrigações, mas também concedia direitos, sendo o principal destes o acesso coletivo às terras das aldeias. Como sujeitos históricos desses processos, os índios aldeados reelaboraram suas identidades e culturas, chegando ao século XIX ainda defendendo o seu direito sobre as terras dos aldeamentos.[42] Dessa forma, as identidades de grupos indígenas têm estreita conexão com os territórios concedidos pelo monarca português no período colonial, sendo esses espaços coletivos a sua principal referência depois dos profundos processos de mistura vivenciados. O sentimento de pertença e, em vários momentos, a defesa de interesses coletivos[43] informaram a construção das identidades indígenas em contexto colonial. As relações interétnicas, os contatos, os fluxos culturais e as trocas[44] também foram elementos constitutivos dessas identidades indígenas, o que nos permite compreendê-las de maneira mais dinâmica e inseridas nos processos históricos de construção da colônia.

Com essa perspectiva, torna-se importante compreender os movimentos de mistura vivenciados durante o processo de territorialização[45] ocorrido no período colonial para visualizar as transformações identitárias e também para construir um olhar crítico sobre a ideia institucionalizada no século XIX de que as populações indígenas no Brasil iriam desaparecer ao se mestiçar com a sociedade envolvente. Uma análise sobre a fundação das aldeias, as mudanças acarretadas com a política pombalina, as legislações que regulavam a administração das aldeias e de seus habitantes e de alguns dados demográficos do início do século XIX contribuem para o entendimento dos processos de transformação das aldeias e das identidades indígenas, bem como permite uma interpretação mais precisa sobre o discurso relativo ao desaparecimento construído no Oitocentos.

POMPA, Cristina. "História de um desaparecimento anunciado: as aldeias missionárias do São Francisco, séculos XVIII-XIX", pp. 267-294. In: OLIVEIRA, João Pacheco de. (org.). Op. Cit., 2011.

[42] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit., 2003, pp. 257-261.

[43] WEBER, Marx. Op. Cit., pp. 267-277.

[44] BARTH, Fredrik. Op. Cit., pp. 25-68.

[45] OLIVEIRA, João Pacheco de. de. "Uma etnologia dos 'índios misturados'? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais". In: OLIVEIRA, João Pacheco de. (org.). Op. Cit., 2004, pp. 22-24.

1.1. Expectativas e interesses na formação das aldeias indígenas de Pernambuco e Alagoas

As aldeias de Barreiros e de Jacuípe foram erigidas e se desenvolveram em localidades com características muito parecidas por possuírem condições geográficas, climáticas e de solo que propiciaram a instalação de engenhos e a produção açucareira. Essas localidades estão inseridas na região caracterizada por Manuel Correia de Andrade como zona da mata[46], que compreende duas subdivisões em Pernambuco, sub-região da mata seca e sub-região da mata úmida. Nesta última, localizada ao sul, os rios mais volumosos do que no norte, a exemplo do Una e do Ipojuca, o clima quente e úmido e o tipo de solo contribuíram para o cultivo predominante de cana-de-açúcar, [47] transformando a região numa das mais importantes para o início da colonização portuguesa. No século XVI, a capitania de Pernambuco em conjunto com a da Bahia eram responsáveis por cerca de três quartos do açúcar produzido na colônia.[48]

Ao norte de Alagoas, devido a uma diferenciação no terreno, houve o desenvolvimento de uma exuberante mata. Ainda que engenhos de açúcar tenham se instalado ali, as matas apenas seriam substituídas pelos canaviais de maneira definitiva em meados da década de 50 do século XX.[49] Nas matas de Alagoas eram encontradas as melhores madeiras para produção de navios a serviço do rei, construídos em estaleiros na Bahia, em Pernambuco e em Lisboa.[50] Essa região compartilhava com o sul de Pernambuco a grande quantidade de rios e a qualidade de portos naturais, o que facilitava o escoamento da produção açucareira e das madeiras extraídas das matas.[51]

Já a aldeia de Cimbres, terceira a ter seu histórico analisado, conhecida no período colonial como missão ou aldeia do Ararobá, estava situada na região

---

[46] Conforme Manuel Correia de Andrade, o Nordeste pode ser dividido em quatro regiões a partir de suas características naturais e geográficas: Mata, Agreste, Sertão e Meio-Norte. As regiões que nos interessam nesse capítulo são a Zona da Mata e o Agreste, pois as aldeias que estudamos estavam situadas nessas áreas. A Zona da Mata tem clima quente e úmido, duas estações bem definidas (uma seca e outra chuvosa) e possui uma densa mata atlântica. Em Pernambuco ela ainda pode ser dividida em mata seca (norte) e mata úmida (sul). O Agreste constitui-se enquanto transição entre a Mata e o Sertão, apresentando características das duas regiões com alguns trechos úmidos e outros secos. ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste*: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 8ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2011, pp. 37-40.

[47] Idem, p. 40.

[48] SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos Internos*: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 34.

[49] ANDRADE, Manuel Correia de. Op. Cit., 2011, p. 41.

[50] LINDOSO, Dirceu. *A utopia armada*: rebeliões de pobres nas matas do Tombo Real. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 106.

[51] Idem, pp. 86-90.

atualmente denominada de agreste. Nessa região, apesar de haver um predomínio de fazendas de gado, havia a cultura de gêneros diversos, tais como milho, feijão, batata, algodão e mandioca. Devido à fertilidade da serra do Ararobá e das terras às margens dos rios, principalmente do Ipojuca, também foram instalados engenhos de produção de açúcar e engenhocas de rapadura. A serra se constituía enquanto um brejo de altitude, no qual predominava o clima ameno, com índices pluviométricos parecidos com os da zona da mata,[52] e condições favoráveis ao desenvolvimento das culturas citadas. Diante do clima seco e da escassez de chuvas característicos da região agreste, as terras da Serra do Ararobá e das margens dos rios despertavam grande interesse dos colonos, sesmeiros e moradores da região, sendo objeto de conflitos com os indígenas aldeados.[53]

A partir da caracterização das localidades onde cada aldeia foi criada e teve seu desenvolvimento é possível deduzir a centralidade que possuíam para o domínio português em sua colônia americana. A escolha da localização de cada aldeia correspondia aos posicionamentos estratégicos percebidos pelos colonos portugueses, bem como dependia dos contextos políticos, econômicos e sociais da capitania de Pernambuco e da colônia. Como veremos a seguir, a aldeia de Barreiros foi criada ainda no século XVI num momento no qual estavam sendo erigidos os primeiros núcleos de povoado no litoral; Jacuípe foi instituída após a repressão ao Quilombo dos Palmares, atuando como uma defesa do governo português à constituição de novos quilombos e para fazer frente às investidas de índios inimigos ao projeto colonizador; enquanto a aldeia de Cimbres ou do Ararobá foi fundada após a expulsão dos holandeses e diante da necessidade de consolidar o domínio português nos sertões de Pernambuco. Portanto, podemos afirmar que o estabelecimento das aldeias em locais específicos correspondia, em parte, aos interesses da Coroa portuguesa na colonização das referidas regiões em face de circunstâncias políticas da realidade colonial. Convertidos em súditos católicos do rei de Portugal, os indígenas reunidos nas aldeias cumpririam a função de ocupar vastos espaços e de contribuir para a consolidação de núcleos populacionais. Assim como ocorreu em Pernambuco e Alagoas, também foram instaladas aldeias em outras regiões da colônia, reafirmando

---

[52] ANDRADE, Manuel Correia de. Op. Cit. 2011, p. 43.

[53] SILVA, Edson H. *Xukuru*: memórias e história dos índios da Serra Ororubá (Pesqueira/PE), 1950-1988. Tese (Doutorado) –Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008, pp. 114-118.

a ideia de que as aldeias tinham papel estratégico fundamental para os projetos da Coroa.

Apoiado pela Igreja Católica, o governo português incentivou a atuação de missionários religiosos na catequese dos indígenas, sendo de autoria dos jesuítas a concepção da aldeia enquanto espaço de transformação dessas populações. Após os primeiros anos de tentativas e os resultados frustrados em relação à conversão de índios em missões itinerantes, na década de 1550 foi criada pelo jesuíta Manoel da Nóbrega a ideia de aldeia fixa que englobava "o projeto religioso inicial (ensinar a doutrina cristã aos índios) num amplo programa de transformação social, política e econômica do índio".[54] Como demonstra Charlotte de Castelnau L'Estoile, para os índios esse projeto significava a reunião no espaço determinado do aldeamento e para o missionário, a passagem da itinerância no trabalho catequético para a sua fixação. Nesse sentido, a aldeia missionária é uma especificidade do trabalho missionário no Brasil.[55]

Havia, portanto, vários interesses, expectativas e necessidades em jogo nos processos de constituição das aldeias, conforme argumento de Maria Regina Celestino de Almeida.[56] Levando em consideração o processo violento de conquista e colonização, é igualmente necessário perceber que tais unidades territoriais também serviam às necessidades indígenas por melhores condições de sobrevivência. Assim, em muitas ocasiões eles conseguiram negociar com o colonizador e os missionários as condições menos opressivas para o seu aldeamento, originando relações de interdependência e reafirmando a necessidade de sua participação para o logro do projeto colonial. Não obstante, eram frequentes as situações de conflito, violência, escravização e aldeamento forçado através de "guerras justas" e resgates.[57] Dessa

---

[54] L'ESTOILE, Charlotte de Castelnau. *Os operários de uma vinha estéril*: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil (1580-1620). Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, p. 116.

[55] Idem.

[56] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2003, pp. 101-102.

[57] A modalidade da guerra justa foi criada em Portugal no contexto de retomada da Península Ibérica e das lutas entre cristãos e mouros. Adaptada ao Brasil, a guerra justa passou a justificar a escravização de indígenas que recusavam a se converter à fé católica, impediam a sua propagação, ou cometiam hostilidades contra vassalos, missionários e aliados dos portugueses. A causa mais usada em documentos coloniais para justificar a guerra justa era a hostilidade dos grupos indígenas em relação aos colonos e religiosos. Embora essa modalidade de guerra tenha tido muitas restrições legais, chegando em certos períodos a ser declarada apenas pelo rei (em 1597 e em 1655), era largamente praticada pelos colonos movidos pelo interesse de conseguir mão de obra escrava. PERRONE-MOISÉS, Beatriz. "Índios livres e índios escravos. Os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVIII)". In: CUNHA, Manuela Carneiro da. (org.) *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: Fapesp, 2002, pp. 123-125. É importante ressaltar, como afirma João Pacheco de Oliveira, que nos primeiros anos da colonização a

forma, em função das expectativas e motivações dos diferentes sujeitos históricos envolvidos, as aldeias indígenas foram se estabelecendo ao longo do território colonial. Os diversos grupos indígenas, ainda que em situação de desvantagem e vulneráveis a diversos tipos de violência, eram parte fundamental desse processo, enfrentando ou negociando com o colonizador diante da situação colonial.[58]

1.2. Formação das aldeias de Barreiros, Jacuípe e Cimbres

1.2.1. Aldeia de Barreiros

O aldeamento de Barreiros tal como o conhecemos através das fontes do século XIX, foi constituído através de transformações em seu território, de algumas mudanças em sua localização, da alternância entre missionários de ordens diferentes e também dos seculares na sua administração religiosa e temporal, e das reelaborações identitárias e culturais protagonizadas pelos diversos grupos indígenas reunidos em suas terras em diferentes momentos históricos. Dos três aldeamentos aqui analisados, o de Barreiros é o de criação mais antiga.

Inicialmente, o aldeamento foi estabelecido entre os anos de 1590 e 1593 ao sul do rio Una por missionários franciscanos, sendo o seu fundador o frei Melchior de Santa Catarina Vasconcelos.[59] Denominada de Missão de São Miguel de Iguna ou Una, a aldeia foi um dos primeiros estabelecimentos missionários na capitania, sendo precedida apenas pela Aldeia de Escada, que fora criada poucos anos antes.[60] São Miguel do Una foi fundada a pedido de Duarte Coelho para reunião dos índios Caeté e de outros grupos que circulavam pela região.[61] O donatário da capitania de

escravização de indígenas era frequente e não possuía qualquer justificativa relacionada à guerra justa OLIVEIRA, João Pacheco de. "Os indígenas na fundação da colônia: uma abordagem crítica". In: FRAGOSO, João. GOUVÊA, Mária de Fátima (Org.). *O Brasil Colonial.* 1443-1580. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, pp. 185-186. Outra forma de escravizar legalmente indígenas era o resgate. Nessa modalidade, era legítimo resgatar ou comprar um indivíduo capturado por outro indígena. Assim, o índio capturado seria "salvo" ao ser retirado de situação que o levaria a ser comido em ritual antropofágico. Justificava-se o resgate pela necessidade de salvar a vida e a alma do capturado. O índio resgatado deveria servir àquele que o havia "salvado" de maneira a pagar a dívida contraída com os gastos do seu próprio resgate. A escravidão por resgate tinha, portanto, um tempo determinado para ocorrer e impunha deveres àquele que havia realizado o resgate, como proporcionar bom tratamento ao escravo, além de convertê-lo e civilizá-lo. PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Op Cit., pp. 127-128. OLIVEIRA, João Pacheco de. Op Cit. 2014, p. 186.

[58] OLIVEIRA, João Pacheco de. Op Cit. 2014, p. 212-217.

[59] WILLEKE, Frei Venâncio. "Missão de São Miguel de Una". In: *Revista de História*. São Paulo: USP. Nº 79, 1969, p. 211

[60] BELLO, Ruy de Ayres. *Breve história do município de Barreiros*. Recife: Prefeitura Municipal de Barreiros, p. 18.

[61] BELLO, Ruy de Ayres. Op. Cit., p. 17.

Pernambuco havia enfrentado muitos problemas nos anos anteriores com os índios desse grupo, que realizaram várias investidas contra os primeiros colonos, os núcleos populacionais e também contra missionários, como no caso emblemático do Bispo Sardinha. Em 1571 Duarte Coelho obteve sucesso no seu ataque ao último foco de resistência dos Caeté nas proximidades do rio Sirinhaém.[62] É, portanto, possível inferir que a aldeia de São Miguel do Una tenha sido constituída como uma estratégia para manter esse grupo submisso e também como um núcleo do domínio português na colônia. Segundo o franciscano Willeke, este seria "o primeiro núcleo cristão entre os caetés".[63]

Estabelecidos numa região onde seriam instalados engenhos de açúcar, não é difícil inferir que tivessem sua mão de obra disputada entre os colonos, sendo utilizada também para os serviços internos da aldeia. Nos momentos iniciais da colônia, o trabalho indígena era largamente empregado, sendo essencial na implantação do cultivo da cana e na sua transformação em açúcar nos engenhos,[64] como ocorreu no recôncavo baiano no século XVI.[65] Ainda possuidores de poucos rendimentos, os colonos percebiam nas aldeias um caminho para o acesso à mão de obra em suas propriedades, para a composição de tropas para defesa dos primeiros povoados coloniais ou para compor as expedições rumo ao interior das capitanias.[66] Dessa forma, os indígenas incorporavam novas ferramentas e se inseriam em novos processos de trabalho.[67] É importante ressaltar que a escravização indígena havia sido proibida em 1570, tornando a capitação legal de sua mão de obra mais difícil, podendo ocorrer legalmente apenas nas já citadas modalidades de "guerra justa" e resgate.[68] Convém ressaltar que a Coroa portuguesa tinha a expectativa de que as aldeias cumprissem a função de fornecer mão de obra para os moradores, os missionários e os serviços do rei, principalmente no que se referia à defesa.[69]

Em 1619, a aldeia de Barreiros teve mudanças na sua administração com a saída dos franciscanos, sendo suas tarefas assumidas por missionários do clero secular. Poucos anos depois, em 1624, os indígenas do Una passaram a ser

---

[62] VIEIRA, Geysa Kelly Alves. "Entre perdas, feitos e barganhas: a elite indígena na capitania de Pernambuco, 1669-1732". In: OLIVEIRA, João Pacheco de. (org.) Op. Cit., 2011, p. 71.
[63] WILLEKE, Frei Venâncio. Op Cit. 1969, p. 218
[64] OLIVEIRA, João Pacheco de. Op Cit., 2014, p. 213.
[65] SCHWARTZ, Stuart B. Op. Cit., pp. 57-73.
[66] ALMEIDA, Maria Regina de. Op. Cit. 2003, p. 198.
[67] OLIVEIRA, João Pacheco de. Op Cit. 2014, pp. 213-214.
[68] PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Op. Cit., p. 126.
[69] Idem, p. 120.

administrados por jesuítas, e os franciscanos apenas voltariam a atuar na missão do Una na década de 1680 permanecendo até os anos de 1740.[70]

Em meados do século XVII, a Missão do Una passou por outras mudanças além das realizadas na sua administração. Em 1636 a aldeia sofreu um ataque proferido pelos holandeses, que poucos anos antes haviam invadido a capitania. Nesse ataque, a aldeia foi pilhada e incendiada, forçando índios, missionários e moradores a se refugiarem nas matas do rio Persinunga, no lugar chamado Pau Amarelo.[71] A aldeia foi restabelecida em data desconhecida, embora saibamos que tenha ocorrido após a expulsão dos holandeses.

Durante as guerras entre portugueses e batavos se destacaram índios das famílias Camarão e Arcoverde, provenientes dos grupos Potiguara e Tabajara respectivamente, que passaram a se relacionar com o espaço da aldeia do Una e os demais indígenas ali reunidos. Nos primeiros momentos da conquista portuguesa do litoral americano, os índios Potiguara estavam espalhados pelas capitanias de Itamaracá, Paraíba e Rio Grande do Norte, enquanto os Tabajara viviam próximos à foz do Rio São Francisco e também no litoral compreendido entre o Rio Grande e o Ceará.[72] As famílias Camarão e Arcoverde consolidaram suas lideranças entre os grupos que comandavam no contexto colonial[73] e passaram a se relacionar com a aldeia do Una de maneira mais próxima, comandando indígenas ou ali vivendo, depois da expulsão dos holandeses em 1654.

---

[70] WILLEKE, Frei Venâncio. *Missões Franciscanas no Brasil (1500-1975)*. Petrópolis: Vozes, 1974, pp. 40; 79.

[71] BELLO, Ruy de Ayres. Op. Cit., p 18. WILLEKE, Frei Venâncio. Op. Cit. 1969, p. 215

[72] SILVA, Geysa Kelly Alves da. Op. Cit. 2011, pp. 73-75.

[73] Os Tabajara já haviam se posicionado ao lado dos portugueses no século XVI, principalmente depois que uma das filhas de um principal Arcoverde, D. Maria do Espírito Santo Arcoverde, como se chamou após ser batizada, se casou com Jerônimo de Albuquerque, cunhado do primeiro donatário da capitania de Pernambuco, Duarte Coelho. COSTA, F.A. Pereira da. Op. Cit. Vol.3, pp. 44-45. Já os Potiguara demoraram mais a se convencer e apenas conferiram apoio aos lusos diante de uma iminente derrota militar, estabelecendo a partir de então alianças e acordos. Dessa forma, muitos índios Potiguara e Tabajara passaram a contribuir com a colonização portuguesa não apenas militarmente, mas também como mão-de-obra em engenhos, fazendas e na construção de vilas. Convém lembrar que essa aliança não representava o posicionamento de todos os Potiguara, tendo em vista os apoios e trocas estabelecidos entre alguns deles e holandeses na costa da Paraíba e de Pernambuco. Havia cisões internas ao grupo, fazendo com que os acordos com não-índios variassem. É emblemática a escolha de Antônio Paraupaba e Pedro Poti em se aliar aos holandeses. Viajaram à Europa com seus aliados, onde se converteram ao calvinismo e se tornaram firmes defensores do domínio batavo em Pernambuco e suas anexas. RAMINELLI, Ronald J. "Nobreza indígena – os chefes potiguares, 1633-1695". In: OLIVEIRA, João Pacheco de. (org.) Op. Cit. 2011, pp. 49-50. LOPES, Fátima Martins. *Índios, colonos e missionários na colonização da capitania do Rio Grande do Norte*. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 2003.

Sobre as guerras desse período foi indispensável a contribuição de Antônio Felipe Camarão, que conseguiu fazer várias emboscadas contra os holandeses, obtendo tamanho sucesso que em 1633 recebeu o hábito da Ordem de Cristo em reconhecimento aos seus feitos. Sobre essa mercê, Ronald Raminelli faz a ressalva de que não há documentos comprobatórios relativos ao processo de concessão do hábito. Não foram encontrados o processo de habilitação, a carta de hábito, o alvará para ser armado cavaleiro, tampouco a dispensa papal necessária já que Camarão tinha "defeito mecânico". Raminelli levanta a hipótese de que D. João IV, com a intenção de manter as alianças estabelecidas pelos Áustrias, tenha confirmado as mercês sem fazer os devidos registros oficiais.[74]

Posteriormente, Antônio Felipe Camarão resolveu se retirar com os seus índios para Porto Calvo, na região de Alagoas. Entre 1639 e 1645, Felipe Camarão e os seus comandados andaram pelos sertões entre o Rio Grande do Norte e Bahia empreendendo guerrilhas contra o inimigo batavo. Nesse período, mais especificamente em 1641, recebeu mais uma mercê, a comenda dos Moinhos de Soure. Felipe Camarão também participou com sua força militar da vitória portuguesa em 1645 no Monte das Tabocas, da qual se deu início propriamente à guerra de restauração de Pernambuco que durou até 1654.[75] Nesse período de guerra, Felipe Camarão manteve contato com outro índio Potiguara, Pedro Poti. Diferentemente de Camarão, Poti era aliado dos holandeses. Ambos foram importantes líderes de seus grupos e estavam envolvidos nas lutas políticas da época, escolhendo de acordo com suas necessidades, convicções e expectativas qual colonizador seguir. No entanto, Felipe Camarão esteve do lado vencedor da guerra de expulsão dos holandeses, passando o seu nome e seus feitos militares a comporem a história do período como um "pernambucano célebre", ao lado dos primeiros colonizadores, grandes proprietários de terras e políticos.[76]

Ao seu lado também se destacou Antônio Pessoa Arcoverde, que havia se alistado no terço dos índios comandado por Antônio Felipe Camarão, e teve uma

---

[74] RAMINELLI, Ronald J. Op. Cit., p. 63.

[75] COSTA, F.A. Pereira da. *Pernambucanos Célebres*. Versão em CD encarte de *Folk-lore pernambucano*: subsídios para a História da poesia popular em Pernambuco. Recife: CEPE, 2004, pp. 81-82.

[76] Tanto Antônio Felipe Camarão quanto Antônio Pessoa Arcoverde figuram no dicionário biográfico escrito por Pereira da Costa. Foram escolhidos devido aos seus feitos militares em favor da colonização portuguesa por um dos pesquisadores cuja obra se tornou referência para os estudos sobre a História de Pernambuco. COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Op. Cit.

atuação elogiada em várias batalhas, galgando os postos militares dentro de sua divisão. Após as guerras da Restauração, atuou no combate do Quilombo dos Palmares. Em 1683 foi confirmado no posto de capitão-mor e governador dos índios das aldeias de Pernambuco. Em reconhecimento aos seus serviços, foi condecorado com o hábito de Aviz.[77]

Após a retomada de Pernambuco pelas tropas portuguesas e seus aliados, os indígenas das famílias Camarão e Arcoverde passaram a exercer várias funções nas aldeias e também receberam patentes militares, como podemos ver da listagem produzida por Geysa Kelly Alves da Silva[78], que aqui foi transformada em quadro.

Lideranças Potiguara – Camarão		
Nome	Cargo/patente	Período
Antônio Felipe Camarão	capitão-mor	1633-1660
Diogo Pinheiro Camarão	governador dos índios do Rio Grande	1669
	governador e capitão dos índios da capitania de PE	1672-1683
Sebastião Pinheiro Camarão	tenente	1683
	governador e capitão dos índios	1694-1721
Antônio João Camarão	capitão	1677-1682
Antônio Domingos Camarão	capitão	1703
	último governador dos índios	1721-1732

Lideranças Tabajara – Arcoverde		
Nome	Cargo/patente	Período
Agostinho Gonçalves Perrasco[79]		1636-1674
Antônio Pessoa Arcoverde	tenente	1675-1683
	capitão	1683
	governador dos índios	1683-1694
Domingos Pessoa Perrasco Arcoverde	tenente	1698-1702
Manuel Pessoa Arcoverde	tenente	1703-?
	tenente e cabo da aldeia do Una	1706-?
Antônio Domingos Camarão Arcoverde	mestre de campo	1734

Como podemos perceber pelos quadros acima, líderes das duas famílias e seus descendentes tiveram importantes cargos militares e na administração dos demais

[77] SILVA, Geysa Kelly Alves da. *Índios e identidades*: formas de inserção e sobrevivência na sociedade colonial (1535-1716). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004, pp. 166-167.
[78] Idem, p. 106.
[79] Existe certa divergência entre historiadores na transcrição do sobrenome desses indígenas. Geysa Kelly Alves da Silva optou pela grafia “Perrasco”, enquanto Pereira da Costa o escreveu como “Panasco”. Já Lorena de Mello Ferreira transcreveu o sobrenome de Agostinho e Francisco Braz, índios de Barreiros no século XIX, como “Panacho”. Ao ler os documentos produzidos pelo próprio Agostinho nas décadas de 1820 e 1830, optei pela grafia “Panaxo”, que me pareceu a mais próxima da forma como ele mesmo o assinava.

indígenas, como demonstra a função de governador dos índios, até meados do século XVIII. Ainda no final do século XVII, tais líderes e seus comandados mantiveram sua aliança com o governo português e deram apoio decisivo na repressão do Quilombo dos Palmares. Por isso, em 1698 receberam uma data de terras nas margens do rio Persinunga, onde haviam se refugiado após a invasão holandesa na aldeia do Una. Assim, a região onde foi instalada a aldeia se tornou um baluarte de defesa das matas e dos povoados próximos, contribuindo para a consolidação do domínio português.[80] Já na antiga aldeia do Una, que posteriormente passou a ser conhecida como São Miguel de Barreiros, viveram dois governadores dos índios de Pernambuco citados no primeiro quadro: em 1710, D. Sebastião Pinheiro Camarão,[81] e em 1728, D. Antônio Domingos Camarão.[82]

O retorno dos índios para as margens do rio Una, para o local que passou a ser conhecido como aldeia de Barreiros no século XIX, ocorreu provavelmente entre o final do século XVII e início do XVIII. Há divergências entre alguns autores sobre a data em que essa transferência teria ocorrido. Pereira da Cosa assinala que a aldeia foi transferida para o local onde havia se originado, às margens do rio Una, em 1728 devido a uma permuta de terras feita entre os índios e o morgado do Cabo, João Paes Barreto, proprietário de terras na região.[83] Dirceu Lindoso, embora não indique uma data, também afirma que houve uma permuta de terras entre índios e o morgado do Cabo, com a intenção de que os primeiros ficassem mais próximos do rio Una para pescar e caçar.[84] Informação repetida por Lorena de Mello Ferreira, afirmando também que os indígenas aldeados de Barreiros estariam retomando o ponto inicial de sua história.[85] Por sua vez, Ruy de Ayres Bello afirma que a troca teria ocorrido um pouco antes de 1681. Essa afirmação decorre da existência de documentos desse ano que tratam do pagamento dos missionários da aldeia restabelecida no Una.[86]

Levando em consideração que os indígenas receberam a sua data de terras nas margens do Persinunga em reconhecimento aos serviços prestados na repressão de Palmares em 1698, concluímos que não é possível sustentar a data proposta por Bello

---

[80] FERREIRA, Lorena de Mello. *São Miguel de Barreiros*: uma aldeia indígena no Império. Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006, p. 12.
[81] COSTA, F. A. Pereira da. Op. Cit. Vol. 3, p. 54.
[82] WILLEKE, Frei Venâncio. Op. Cit. 1969, pp. 218-219.
[83] COSTA, F. A. Pereira da. Op. Cit. vol. 8, p. 44
[84] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 188.
[85] FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit., p. 13.
[86] BELLO, Ruy Ayres. Op. Cit., p. 19.

para o retorno para as margens do Una em torno de 1681. Ao mesmo tempo, é interessante perceber que, em 1710, D. Sebastião Pinheiro Camarão vivia na aldeia do Una, ou seja, num período em que a aldeia ainda deveria estar nas margens do Persinunga, de acordo com a informação de Pereira da Costa.

Da imprecisão das datas referentes ao retorno dos índios para o antigo local de aldeamento e do estabelecimento de uma liderança nesse espaço, podemos sugerir que havia dois aldeamentos, um no Persinunga e outro no Una. É possível que após o ataque holandês de 1636 alguns índios tenham permanecido no Una, enquanto outros tenham se deslocado junto com os missionários e moradores para um local mais seguro no Persinunga. Os dois rios estavam muito próximos, de acordo com descrição feita por Dirceu Lindoso, o que devia facilitar a circulação dos índios pelos dois lugares. [87] Se as duas aldeias existiram ao mesmo tempo, torna-se possível compreender que D. Sebastião habitasse a aldeia do Una em 1710, mesmo ela tendo sido oficialmente restabelecida apenas em 1728 com a doação de terras do morgado do Cabo. Com isso, podemos afirmar que os indígenas reunidos inicialmente no Una, depois estabelecidos no Persinunga e, em seguida, transferidos para o primeiro local de aldeamento, circulavam pela região composta pelos dois rios, e possivelmente mais além. Através dessa circulação provavelmente andavam por fazendas de gado, matas, margens de rios diversos; estabeleciam contato com diversos sujeitos históricos, como missionários, escravos africanos, índios de outros grupos e não índios; vivenciavam trocas de fluxos culturais, constituindo-se tais relações e mudanças como aspectos constitutivos de suas identidades, reelaboradas nessa experiência específica dentro do contexto de colonização da região litorânea e de produção açucareira.

Além das relações e trocas vivenciadas cotidianamente, os indígenas da aldeia do Una se envolveram nas contendas e rivalidades políticas das elites provinciais, demonstrando sua intensa participação na formação da colônia. No início do século XVIII, algumas lideranças indígenas consolidadas no contexto de repressão a Palmares participaram da Guerra dos Mascates como no caso do supracitado D. Sebastião Pinheiro Camarão. Líderes da causa olindense tentaram convencê-lo a apoiar a nobreza pernambucana, recorrendo às alianças dos seus antepassados que contribuíram para expulsar os holandeses, ofereceram-lhe engenhos e aos seus subordinados, fardamentos e tecidos. D. Sebastião negou as ofertas. Geyza Kelly

[87] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 189.

Alves Vieira levanta a hipótese de que D. Sebastião aproveitou a oportunidade construída pelas inimizades e pelos conflitos entre nobres e mascates de Pernambuco para atacar os paulistas, principalmente os liderados por Cristóvão Vieira de Mello, aliados aos nobres olindenses. Segundo análise de Vieira, o governador dos índios D. Sebastião perdeu terras, aldeias e homens do seu regimento para os paulistas após a supressão de Palmares. Por isso, o conflito de 1710 era a oportunidade de se vingar dos danos sofridos poucos anos antes, e nessa rede de alianças, posicionar-se ao lado dos recifenses.[88] Durante os conflitos, a aldeia do Una teve suas plantações incendiadas e foi invadida devido à aliança realizada com os mascates e, por causa disso, D. Sebastião teve que mudar seu aquartelamento para Santo Amaro, em Alagoas, onde permaneceu até a aldeia ser reconstruída.[89] Apesar de ter sofrido esse duro ataque, ele e seu terço contribuíram para a vitória dos seus aliados. Ele foi ovacionado, junto com o capitão-mor do Una que estava ao seu lado nos conflitos, quando passaram pelo Recife e pelas freguesias aliadas após a vitória sobre os olindenses.[90]

Ainda no século XVIII a aldeia do Una sofreu um fluxo demográfico mais intenso de indígenas. Em 1740 os aldeamentos do termo de Sirinhaém foram reunidos na aldeia do Una como consequência, segundo Willeke, da Guerra dos Mascates ocorrida em 1710 e da lei de 1700.[91] Essa lei sobre a qual Willeke faz referência é o Alvará Régio de 23 de novembro de 1700, no qual o rei de Portugal ordena que seja concedida uma légua em quadra de terras para as missões para sustento de índios e missionários, devendo cada aldeia comportar o número de cem casais. As aldeias menores deveriam ser reunidas até formarem o número estabelecido de casais e, à medida que fossem crescendo, deveriam ser divididas para atender à condição relativa à quantidade de pessoas, sendo-lhe doada outra légua de terras. As aldeias seriam localizadas de acordo com a vontade dos índios, não devendo interferir nem sesmeiros nem donatários. Como essas providências não foram tomadas imediatamente na capitania de Pernambuco, uma ordem de 1705 ratificava a de 1700, ordenando que as terras fossem concedidas e as aldeias reorganizadas.[92] Com isso, mais índios de grupos diversos foram reunidos na aldeia do Una, realizando mais um processo de

---

[88] VIEIRA, Geyza Kelly Alves. Op. Cit. 2011, pp. 86-87.
[89] COSTA, F. A. Pereira da. Op. Cit. vol. 3, p. 54. WILLEKE, Frei Venâncio. Op. Cit. 1974, p. 79.
[90] VIEIRA, Geyza Kelly Alves. Op. Cit. 2011, pp. 86-87.
[91] WILLEKE, Frei Venâncio. Op. Cit. 1974, p. 79. WILLEKE, Frei Venâncio. Op. Cit. 1969, p. 217.
[92] Informação geral da capitania de Pernambuco, 1749. In: *Anais da Biblioteca Nacional*. Vol. 28. Rio de Janeiro: Officinas de Artes Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1908, pp. 392-394.

mistura e de fluxos culturais. Alguns anos depois, em 1749, a aldeia figura com um novo nome: Missão de São Miguel de Barreiros.[93]

Da participação de líderes das famílias Camarão e Arcoverde na Guerra dos Mascates, na repressão ao Quilombo dos Palmares e na expulsão dos holandeses, podemos afirmar que as duas famílias consolidaram seu poder de mando no Una e nas proximidades envolvendo-se nas disputas políticas provinciais e exercendo importante função de chefia na região baseadas nas suas relações de apoio e dependência mútua com a Coroa portuguesa. Apesar do terço dos índios ter sido extinto em 1733, e com ele o cargo de governador dos índios, as famílias Camarão e Arcoverde continuaram a participar das desavenças e alianças locais. Tanto que na década de 1820 um de seus descendentes atualizou o poder de comando dos seus antepassados, conquistou papel importante na política local e foi decisivo na participação dos índios de Barreiros na Guerra dos Cabanos, como será tratado no capítulo 3.

Podemos afirmar que as famílias Camarão e Arcoverde, dos grupos Potiguara e Tabajara, deram fundamental contribuição ao empreendimento colonial, envolvendo-se em disputas das elites e conflitos armados nos séculos XVII e XVIII. Alguns de seus líderes se instalaram na aldeia do Una, depois conhecida como aldeia de Barreiros, comandando um contingente populacional indígena proveniente de grupos variados e aldeados num espaço territorial restrito. Ainda que constituída como uma unidade de concretização do projeto colonial, a aldeia de Barreiros pode ter sido percebida pelos indígenas ali reunidos como um espaço de proteção e refúgio, diante das constantes investidas de colonos imbuídos de poderes militares e ávidos por mão de obra indígena. Sob as ordens de suas próprias lideranças e de missionários, os índios aldeados em Barreiros, ao inserir-se na categoria de índios aliados, puderam ressignificar sua experiência na situação colonial, ter acesso a terras, e receber alguma proteção da legislação indigenista. Portanto, em face do contexto colonial, a aldeia missionária adquiriu significados específicos também para os indígenas aldeados.

1.2.2. Aldeia de Jacuípe

A aldeia de Jacuípe, como já afirmamos anteriormente, foi criada numa região muito próxima à de Barreiros, onde houve a instalação de vários engenhos devido às

---

[93] WILLEKE, Frei Venâncio. Op. Cit. 1969, p. 217.

condições naturais propícias à produção do açúcar. Ela foi fundada nas proximidades da região onde existira o Quilombo dos Palmares, com o objetivo de evitar novos ajuntamentos de escravos e outros indivíduos, bem como o de formar uma barreira contra os índios inimigos da colonização portuguesa que estavam no interior da capitania. A implantação de aldeias indígenas como barreira contra grupos hostis era uma prática recorrente na colônia conferindo-lhes importância estratégica tanto militar quanto econômica, uma vez que possibilitava a consolidação do projeto colonial.[94] Tal função das aldeias era central em várias regiões da colônia, como no Rio de Janeiro, onde foram instaladas aldeias que serviram de defesa contra as investidas de franceses, holandeses, ingleses e de outros grupos indígenas.[95] Cientes de sua contribuição para o projeto colonial luso, líderes indígenas conquistaram cargos junto ao governo português, barganharam mercês em troca da obediência ao monarca e receberam terras para a criação das aldeias, a exemplo do que ocorreu com Araribóia no Rio de Janeiro, e com as famílias Camarão e Arcoverde em Pernambuco.

Conforme os objetivos citados, foram instalados alguns aldeamentos na comarca de Alagoas na década de 1690, reunindo índios que compunham os terços de Domingos Jorge Velho e de Christóvão de Mendonça. Além dos índios dos terços, também foram aldeados os que já viviam na região e eram aliados dos colonizadores lusos, como os Caeté. Os índios que formavam os terços dos dois paulistas eram provenientes de grupos variados, sendo reunidos sob as ordens de ambos à medida que eles faziam investidas pelos sertões. Os comandados por Domingos Jorge Velho, por exemplo, foram reunidos principalmente no interior piauiense e, sob o comando do paulista, atuavam como seus soldados nos momentos de guerra. De acordo com Dirceu Lindoso, o terço era composto, principalmente, por índios cariris-oruases e cariris-cupinharós. Além desses, segundo Lindoso, outros grupos indígenas também fizeram parte do terço, como os jendoiz, os icós e os uriús.[96] Esse contingente

[94] VIEIRA, Geysa Kelly Alves. Op. Cit. 2011, pp. 80-81.
[95] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2003, pp. 82-86.
[96] Dirceu Lindoso fez extensa lista sobre os grupos indígenas que, possivelmente, fizeram parte do terço de Domingos Jorge Velho e de outros paulistas. "[…] os jendoiz, os icós, os uriús, os arayés, os acumez, os jaicôs, os goaratizes, os cupinharooz, os beirtés, os bocoreimas, os beiçudos, os rodeleiros, os acuroás, os corsiâs, os lanceiros, os abetiras, os precatiz, os aroachizes, os carapotangas, os aroquanguiras, os cupequacas, os cupicheres, os aranhez, o corerás, os aitetus, os arûas, os goaras, os ubatês, os meatans, o alongases, os anassúz, os nongazes, os tremembés." LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 165.

populacional foi conquistado de maneira violenta para atuar na "Guerra dos Bárbaros"[97] e, posteriormente, na repressão ao Quilombo dos Palmares.[98]

Após o fim das guerras, foram destinadas terras para que os paulistas se estabelecessem com seu contingente militar. Em Alagoas as tropas dos paulistas foram divididas em dois espaços, Atalaia e Jacuípe, sendo essa uma decisão tomada pelo governador de Pernambuco em 1694, em decorrência das discórdias entre Domingos Jorge Velho e de Christóvão de Mendonça Arrais. O primeiro ficou com os índios que comandava na região do antigo quilombo, e o segundo nas imediações do povoado de Porto Calvo. [99]

Assim, os dois arrais instalados sob o comando dos supracitados paulistas foram constituídos com objetivos militares específicos e compostos por indígenas de grupos variados, sendo estes provenientes tanto do interior piauiense, quanto do próprio local onde foram aldeados. Esse mesmo processo de reunião de grupos indígenas diferentes numa aldeia também ocorreu em outros espaços estabelecidos no período colonial, a exemplo do que foi visto em Barreiros, com o aldeamento de índios Caeté e o estabelecimento dos Potiguara e Tabajara. Cabe, nesse momento, chamar a atenção para a constituição dos nomes étnicos e das categorias sociais no contexto colonial brasileiro. Como ressaltou John Monteiro, é necessário tomar cuidado com o processo de criação de etnônimos, engendrado por diferentes agentes coloniais, no intuito de conferir sentido e tornar compreensível a diversidade de línguas e culturas encontradas por europeus durante a conquista e a consolidação do projeto colonial. Como pode ser percebido através da dicotomia tupi e tapuia estabelecida por Gabriel Soares de Sousa no século XVI. [100] Muitos dos nomes étnicos não fazem referência às identidades e às diferenças existentes antes da conquista, mas foram construídas no contexto colonial a partir das interações múltiplas entre os diferentes agentes históricos. No momento de constituição das

---

[97] A denominação "Guerra dos Bárbaros", que ficou conhecida em alguns estudos históricos, é uma referência direta à forma como as autoridades portuguesas passaram a classificar as diversas guerras ocorridas entre índios e colonos entre os atuais estados da Bahia e do Maranhão entre o final do século XVII e início do XVIII. PUNTONI, Pedro. *A Guerra dos Bárbaros*: Povos indígenas e colonização do sertão. Nordeste do Brasil, 1650-1720. São Paulo: Hucitec – Edusp, 2002, pp. 77-80.

[98] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 164-167.

[99] Fala à Assembleia Legislativa das Alagoas pelo presidente da província, Antônio Alves de Souza Carvalho. 15/06/1862. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de (org.). *Índios nas falas e relatórios provinciais das Alagoas*. Maceió: Edufal, 1999, pp. 45-70.

[100] MONTEIRO, John M. *Tupis, Tapuias e historiadores*. Estudos de História indígena e do indigenismo. Tese (Livre Docência) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001, pp. 18; 24.

aldeias, com a reunião de diversos grupos num único território com limites definidos, constitui-se o que João Pacheco de Oliveira denominou de primeiro momento de mistura.[101] Tal processo se deu, muitas vezes, de acordo com os interesses e a atuação dos próprios indígenas, a exemplo dos índios Temiminó, do Rio de Janeiro colonial.[102]

É a partir dessa perspectiva que entendemos a instalação dos dois arraiais comandados pelos paulistas Domingos Jorge Velho e de Christóvão de Mendonça Arrais em Alagoas. A carta régia de 1703 estabeleceu a criação do Arraial de São Caetano de Jacuípe.[103] No entanto, em 1707, outra carta régia ordenou a criação das duas aldeias em Jacuípe e Atalaia, sinal de que a ordem proferida quatro anos antes não havia sido cumprida. E em 1709 o governador de Pernambuco foi censurado pelo rei por não tê-las criado ainda, indicando que os dois chefes dos terços dos paulistas haviam simplesmente se instalado na região sem a constituição oficial das aldeias. Inicialmente, o arraial militar comandado por Domingos Jorge Velho foi chamado de Nossa Senhora da Vitória. A aldeia indígena ali constituída herdou tal denominação, mas depois passou a ser conhecida como Vila Nova do Arraial do Palmar e em seguida, Real Vila de Atalaia de Nossa Senhora das Brotas.[104]

Já o Arraial de Jacuípe, sob o comando de Christovão de Mendonça Arrais ganhou esse nome devido ao rio que corre próximo. O rio Jacuípe nasce em Alagoas e passa pelas atuais cidades pernambucanas de Quipapá, Palmares e Água Preta; com seus afluentes forma o que era conhecido nas fontes dos séculos XVII e XVIII como as Cabeceiras do Porto Calvo. Como já afirmamos, essa era uma região propícia à construção de engenhos, e devido à abundância de água e fertilidade do solo, eles alcançaram grande importância na região. Entre os engenhos mais prósperos podemos citar o Ferricosa, o Papagaio, o Barra de Piabas, o Piabas do Bom Sucesso, o Imbiras, o Majibura e o Massangano (ou Massangana). A situação de proximidade do Arraial de Jacuípe aos engenhos foi descrita pelo padre Miguel de Carvalho em 1700, que informou estar a missão de São Caetano, como era conhecido o Arraial, situada entre "engenhos e moradores brancos em terra fértil e abundante".[105] O Arraial e os

---

[101] OLIVEIRA, João Pacheco de. Op. Cit. 2004, p. 25.
[102] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2003, pp. 62-67.
[103] COSTA, F. A. Pereira da. Op. Cit., vol. 5, p. 79.
[104] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., pp. 182-183. Fala à Assembleia Legislativa das Alagoas pelo presidente da província, Antônio Alves de Souza Carvalho. 15/06/1862. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de (org.). Op. Cit. 1999, pp. 45-70.
[105] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., pp. 91; 184; 189.

engenhos do seu entorno foram se desenvolvendo em conjunto, apoiados nas relações próximas entre seus habitantes indígenas e não indígenas.

Além das várzeas, da terra propícia e da proximidade com os portos da região para o transporte do açúcar, os donos de engenho também contavam com as madeiras provenientes das matas para as suas caldeiras. Madeiras advindas das mesmas matas em Alagoas conhecidas por fornecer madeira de lei excelente para construção de embarcações para a marinha real. Por isso, foi muito comum a invasão de engenhos sobre as matas, tanto para extração de madeiras quanto para o uso das terras, o que levou o rei a tombá-las como matas reais no início do século XIX, no intuito de impedir sua destruição através das derrubadas desordenadas. Com o tombo real, a Coroa se tornaria proprietária exclusiva das matas, dos rios e da costa por onde as madeiras pudessem ser transportadas. Para fazer a patrulha das matas foram indicados os índios da aldeia de Jacuípe,[106] que se apropriaram da região, usando-a à sua própria maneira.

Após a experiência militar de trabalho forçado nas campanhas da "Guerra dos Bárbaros" e da repressão ao Quilombo dos Palmares, de viver em clima de tensão e conflitos armados, deve ter parecido atraente para os indígenas dos terços dos paulistas se estabelecer em terras férteis e deixar as guerras para trás. Instituída enquanto missão, com santo padroeiro e com um missionário religioso atuando na sua administração, os indígenas podem ter passado a desfrutar de alguma proteção das leis da época, principalmente das contrárias à sua escravização e regulamentação do seu trabalho. Ainda que tenham sido constituídas para atender aos interesses dos paulistas, em reconhecimento à sua central contribuição para o domínio português nos sertões, as aldeias representaram importante espaço de ressocialização para os indígenas dos terços provenientes de grupos variados e a sua inserção na realidade colonial através de melhores condições de sobrevivência. As matas do entorno de Jacuípe também tiveram função importante nesse processo e ganharam significado especial para os indígenas como espaço de refúgio e prática de seus costumes, tornando-se motivo de conflitos entre indígenas e não indígenas e no cenário para os combates ocorridos nas décadas de 1830 e 1840.

[106] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 99.

1.2.3. Aldeia do Ararobá ou Cimbres

Diferentemente das aldeias de Barreiros e Jacuípe instaladas em região úmida e quente, repleta de mata atlântica e ocupada por engenhos e aldeias, a aldeia do Ararobá foi constituída na região atualmente conhecida como agreste, no contexto de expansão e consolidação do domínio colonial pelos sertões da província de Pernambuco. Após a expulsão dos holandeses de Pernambuco em 1654, a região da serra do Ararobá sofreu um intenso impulso de povoamento através da doação de sesmarias e da reunião de indígenas em aldeamentos. Naquele mesmo ano, João Fernandes Vieira, que se destacou na guerra contra os batavos, recebeu grande extensão de terras na região, tendo as suas posses confirmadas em 1668.[107] Durante a década de 1660 circulavam por essa área missionários oratorianos, incluindo-se entre eles o fundador da ordem no Brasil o padre João Duarte do Sacramento, amigo próximo de João Fernandes Vieira e sua esposa Maria César e do então governador da capitania de Pernambuco, Francisco de Brito Freire.[108] O intuito de tais missionários era o de entrar em contato com os diversos grupos indígenas que circulavam e habitavam aquela região, conseguindo construir duas novas povoações com igrejas, em 1661. Numa primeira tentativa de contato com os indígenas da serra do Ararobá, estes sofreram um epidemia de bexiga e os seus sobreviventes foram reunidos com os indígenas do Capibaribe.[109] Num segundo momento, os Xucuru, habitantes do Ararobá, reunidos no Capibaribe, e sua aldeia foram deslocados para mais próximo dos "homens brancos e das terras que estavam povoadas", havendo, portanto, uma segunda mudança no local de seu estabelecimento.[110] De acordo com Pereira da Costa, nessa região circulavam indígenas dos grupos arorobá ou urubá, que deram nome à serra; cariri; parquiós ou paratiós; e os xocurus ou chucurus, que teriam expulsado os urubá da serra.[111]

Há divergências relativas à data da fundação da Missão do Ararobá entre autores que analisaram a sua criação. De acordo com Nelson Barbalho, ela foi instituída pelos oratorianos em 1669. Já Maria do Céu de Medeiros defende que a Missão do Ararobá foi fundada entre os anos de 1671 e 1672 ficando, então,

---

[107] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. Vol. 3, pp. 236-237.
[108] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. Vol. 4, pp. 63-65.
[109] SILVA, Edson. Op. Cit. 2008, p. 111. MEDEIROS, Maria do Céu. *Os Oratorianos de Pernambuco*: uma congregação "a serviço" do Estado português. Recife, Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1981, p. 54.
[110] MEDEIROS, Maria do Céu. Op. Cit., p. 55.
[111] COSTA, F. A. Pereira da. Op. Cit. Vol. 5, pp. 161-171.

conhecida como a “porta do sertão” pois servia como importante ponto de apoio para as campanhas em direção aos sertões.[112] Diante da proximidade entre os anos apontados pelos dois autores, podemos concluir que a missão tenha sido criada entre o final da década de 1660 e início da de 1670.

Alguns anos depois, João Fernandes Vieira doou à Congregação do Oratório o sítio Sapoti nas proximidades da Missão do Ararobá, conhecida também como missão de Nossa Senhora das Montanhas, sendo provável que a nova área tenha sido incorporada à aldeia.[113] A aproximação entre o maior potentado da região e os missionários oratorianos pode ser entendida, de acordo com análise de Medeiros, a partir do contexto de consolidação do domínio português após a expulsão dos holandeses. As ações dos oratorianos no sentido de reunir e aldear indígenas que viviam dispersos ou que saíram das missões após a vitória sobre os batavos, contribuía para a instalação de fazendas de gado. Mesmo tendo recebido sua sesmaria em 1654, Vieira apenas tomou posse de suas terras em 1666, no período em que os oratorianos já atuavam pela região. Então, ainda que criticasse a ação dos missionários jesuítas, com os oratorianos João Fernandes Vieira nutriu uma relação mais próxima e de reciprocidade, mesmo que entre desiguais.[114] Conforme o cronista e membro da Congregação Ébion Lima, a missão do Araboá “deu lugar a que todos estes sertões que ficam para esta parte se povoasse de grandes fazendas de gado em muita utilidade destes povos”.[115] No contexto de expansão do projeto colonial para os sertões da capitania, a missão do Ararobá, assim como as aldeias do Una e de Jacuípe no litoral, serviu como instrumento da política colonial e consolidação de novos domínios. Podemos afirmar, em acordo com João Pacheco de Oliveira, que as missões foram “unidades básicas de ocupação territorial e de produção econômica” para a Coroa portuguesa.[116]

Além das boas relações com proprietários da região, os oratorianos souberam construir e aumentar as rendas e bens da Congregação adquirindo sítios através de compras ou doações e implantando fazendas de gado. Segundo Medeiros, é grande a

---

[112] MEDEIROS, Maria do Céu. Op. Cit., p. 57.
[113] Idem, p. 69
[114] Idem, p. 70
[115] Idem, p. 70-71
[116] OLIVEIRA, João Pacheco de. Op. Cit. 2004, p. 25.

probabilidade de os índios do Ararobá terem sido empregados na lida do gado tanto nas fazendas da Congregação, quanto dos proprietários vizinhos.[117]

Além da Missão do Ararobá, os oratorianos também criaram a aldeia de Nossa Senhora da Apresentação do Ipojuca, em 1670; as aldeias de Ararota e Limoeiro na freguesia de Santo Lourenço da Mata, em 1684; e no Ceará a aldeia de Tapessurama ou Mãe de Deus, em 1679.[118] Nelson Barbalho, apoiado em trabalho de Hoornaert, afirma que a fundação das povoações pelos missionários de São Felipe Néri vieram como uma tentativa de retomada de aldeias instaladas por jesuítas e franciscanos anteriormente ao período de governo holandês em Pernambuco. Portanto, segundo Barbalho, o padre João Duarte do Sacramento e seus missionários estavam dando continuidade ao trabalho de missionários que os antecederam, refundando algumas aldeias, como a de Ararobá ou de Nossa Senhora das Montanhas

No entanto, Cristina Pompa, cuja pesquisa foi realizada nos arquivos das ordens e congregações religiosas, aponta que essa ideia de retomada pelos oratorianos das aldeias fundadas por jesuítas e franciscanos parece pouco provável. Pompa aponta que não há informações sobre tais aldeias nos documentos das ordens religiosas citadas. Além disso, afirma que há uma certa confusão em relação aos nomes das aldeias, à sua localização e aos índios aldeados. Por outro lado, seria possível concluir com algum grau de certeza que as aldeias do Ararobá, do Capibaribe e de Ipojuca foram instaladas nas terras de João Fernandes Vieira, com quem os missionários tinham relação amigável. A reflexão final de Pompa sobre as aldeias administradas pelos oratorianos é representativa sobre as expectativas indígenas naquele momento em negociar e aceitar o seu aldeamento. Ela afirma que nas várias aldeias fundadas na década de 1690 pelos oratorianos os indígenas procuravam abrigo em relação aos descimentos realizados pelos paulistas e à escravização feita por colonos e soldados.[119]

É importante ressaltar esse significado do processo de aldeamento para os indígenas porque a instalação da missão do Ararobá ocorreu no período final dos vários conflitos entre índios e colonizadores portugueses nos sertões, mais conhecidos como a "Guerra dos Bárbaros". [120] Nesse mesmo período foram feitas outras

---

[117] MEDEIROS, Maria do Céu. Op. Cit., p. 74-75.
[118] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. Vol. 4, pp. 65-66.
[119] POMPA, Cristina. *Religião como Tradução*: Missionários, Tupi e Tapuia no Brasil Colonial. São Paulo: EDUSC, 2003, pp. 334-335.
[120] PUNTONI, Pedro. Op. Cit. POMPA, Cristina. Op. Cit., p. 269-294.

concessões de terras na região, como a sesmaria doada a Bernardo Vieira de Melo, em 1671, e o conjunto de doações que ficou conhecida como Sesmarias do Moxotó conferidas a João Alves Pereira, Manoel da Cunha Moreno, Amaro Fernandes Tinoco, Manoel Gonçalves e Domingos Fernandes em 1688. Posteriormente, as terras das Sesmarias do Moxotó foram doadas à Congregação de São Felipe Néri.[121] Podemos afirmar que o final do século XVII foi marcado pela intensificação do impulso colonizador português após a expulsão dos holandeses através da instalação de sesmarias e o apoio às atividades missionárias entre os indígenas, como ocorreu com os oratorianos, franciscanos e capuchinhos, e pelos violentos conflitos entre indígenas, colonos e bandeirantes na já referida "Guerra dos Bárbaros". Há, inclusive, referências à participação de índios "sucurus" nesses conflitos, possivelmente provenientes da aldeia do Ararobá.[122] Diante desse contexto de violência nos embates armados e de captura e escravização de indígenas pelos bandeirantes contratados para debelar tanto os vários levantes indígenas quanto o Quilombo dos Palmares, torna-se possível afirmar, em concordância com os estudos de Maria Regina Celestino de Almeida para a realidade do Rio de Janeiro colonial, que as aldeias representariam uma alternativa concreta de refúgio da violência nos sertões e de acesso à terra.[123]

1.2.4. Aldeias coloniais e processo de territorialização

Com essas breves descrições sobre o processo de criação das aldeias de Barreiros, Jacuípe e Cimbres podemos chegar a algumas conclusões sobre as transformações identitárias vivenciadas por seus habitantes e nas suas relações com o território. Como já afirmamos, as aldeias tiveram papel estratégico central na política portuguesa de domínio sobre sua colônia americana. Em conjunto com as sesmarias, que comportavam principalmente engenhos de açúcar e fazendas de gado, as aldeias ajudaram a concretizar o projeto colonial, povoando os sertões e as áreas litorâneas de ocupação mais antiga. Administrados temporal e espiritualmente por missionários, os indígenas estabeleciam relações reguladas por leis com não indígenas, incluindo-se a utilização de sua mão de obra nas propriedades vizinhas e na subsistência da própria aldeia. Ao mesmo tempo, podemos afirmar que os indígenas aldeados construíram caminhos e estratégias para se adaptar às novas condições advindas com a situação

[121] CAVALCANTI, Alfredo Leite. *História de Garanhuns*. Recife: FIAM/ Centro de Estudos de História Municipal, 1983, pp. 31-32.
[122] SILVA, Edson. Op. Cit. 2008, pp. 110-111.
[123] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2003, p. 102.

colonial, reelaborando sua relação com o território através do espaço limitado da aldeia em busca de melhores condições de sobrevivência. Concordamos com Maria Regina Celestino de Almeida na sua abordagem sobre as expectativas indígenas em relação às aldeias:

> Terra e proteção, ao que parece, foram os principais atrativos para os índios aldearem-se, sobretudo, se considerarmos que, com o desenvolvimento da colonização, os sertões, além de se restringirem, ofereciam-lhes, cada vez mais, menores possibilidades de sobrevivência.[124]

Mesmo constituindo-se como elemento imprescindível ao empreendimento colonial português, o espaço das aldeias também foi apropriado pelos indígenas através de acordos, conflitos, pactos e rivalidades, apresentando-se como sujeitos históricos fundamentais na construção da colônia. Diante do contexto de violência vivenciado nos sertões, bem como nas relações com colonos, paulistas e missionários, os indígenas aldeados conseguiram articular espaços de manobra, ainda que inseridos em relações desiguais, para alcançar seus interesses próprios em relação à constituição das aldeias. Estas podem ser entendidas como espaços de ressocialização dos indígenas frente à nova ordem colonial, e não apenas como um lugar de submissão e de perdas culturais.[125]

O território, portanto, foi o aspecto central para a reformulação de culturas e identidades indígenas e da elaboração do lugar desses sujeitos históricos no processo de constituição da colônia. As reconstruções identitárias vivenciadas pelos indígenas aldeados podem ser compreendidas através do conceito de territorialização, formulado por João Pacheco de Oliveira. Ressaltando a amplitude e radicalidade da incorporação das populações indígenas do Nordeste a uma situação colonial específica, o conceito de territorialização contempla as profundas mudanças nas experiências indígenas e na constituição de suas identidades por meio da atribuição a uma base territorial fixa. Enquanto movimento de reorganização social, o processo de territorialização implica na transformação de um objeto político-administrativo fruto de uma intervenção estatal, como as aldeias, numa coletividade organizada possuidora de uma identidade étnica diferenciada e reconstruída nesse processo, com novos mecanismos políticos de atuação e com uma cultura reelaborada, inclusive no que se

---

[124] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2003, p. 102.
[125] Idem, p. 102.

refere ao seu universo religioso e à sua relação com o passado.[126] Oliveira argumenta, apoiado nas elaborações de F. Barth[127] sobre a constituição da individualidade dos grupos étnicos em decorrência da interação social, que o processo de reorganização social desencadeado pela territorialização é elaborado através da reconstrução de vínculos afetivos e históricos entre os membros da nova unidade política e territorial. Tais vínculos, refabricados num contexto histórico específico, contribuem para a diferenciação do grupo em relação a outras unidades estabelecidas, conferindo a todo processo uma participação muito singular aos próprios agentes envolvidos em sua transformação. A reconstrução de identidades coletivas e a reorganização social de amplas proporções, compreendidas através do processo de territorialização, são portanto também acionadas pelos próprios agentes que passam pela imposição da nova unidade política e territorial. Ainda que imposto, o processo de territorialização é, portanto, atualizado pelos próprios indígenas.[128]

Ainda de acordo com Oliveira, no Nordeste ocorreram dois processos de territorialização, o primeiro realizado entre os séculos XVII e XVIII vinculado às missões, e o segundo no século XX e de caráter antiassimilacionista promovido pelo órgão indigenista oficial do governo brasileiro. No período correspondente ao primeiro processo de territorialização, os indígenas aldeados passaram por dois movimentos de mistura. A primeira mistura vivenciada nas missões religiosas, índios de diferentes grupos foram reunidos na nova unidade territorial das aldeias. Conforme Oliveira:

> No caso das missões, que são unidades básicas de ocupação territorial e de produção econômica, há uma intenção inicial explícita de promover uma acomodação entre diferentes culturas, homogeneizadas pelo processo de catequese e pelo disciplinamento pelo trabalho.[129]

Acompanhando esse argumento, entendemos que no processo de criação e desenvolvimento inicial das aldeias de Barreiros, Jacuípe e Cimbres, os indígenas provenientes de grupos variados, como vimos, reunidos em limites geográficos bem definidos de uma nova unidade espacial de cunho político e administrativo, vivenciaram esse primeiro movimento de mistura e reelaboraram suas identidades diante do contexto colonial. Ajudaram a transformar uma unidade territorial imposta

---

[126] OLIVEIRA, João Pacheco de. Op. Cit. 2004, pp. 22-24.
[127] BARTH, Fredrik. Op. Cit., p. 25-68.
[128] OLIVEIRA, João Pacheco de. Op. Cit. 2004, pp. 24; 28.
[129] Idem, p. 25.

numa coletividade diferenciada que passou por um profundo processo de reorganização social e identitária. As aldeias e missões se tornaram seu referencial de reelaboração identitária, bem como no estabelecimento das relações com outros grupos sociais. A compreensão desse processo de reelaboração cultural, social e política apoiado na reconstrução de identidades étnicas num contexto colonial, ajuda a analisar como os índios das aldeias citadas chegaram ao século XIX enquanto grupos relacionados a um território muito específico.

Já o segundo movimento de mistura[130] foi vivenciado num momento de inflexão da política indigenista do governo português através do Diretório dos Índios de 1757, cujo intuito foi o de assimilar as populações indígenas à sociedade colonial, por meio de casamentos interétnicos, da transformação das aldeias em vilas e povoados com nomes portugueses e de outros mecanismos que incentivavam as relações entre índios e não índios. A aplicação e a prática das determinações do Diretório variaram de acordo com as regiões da colônia e também em função das especificidades locais como, por exemplo, das diferenças entre o litoral e os sertões da capitania de Pernambuco, como veremos na seção seguinte.

1.3. Criação das vilas e lugares: transformações territoriais e identitárias

A política indigenista da segunda metade do século XVIII no Brasil foi marcada pela criação e aplicação do Diretório de Índios, projeto inovador elaborado em conjunto pelos irmãos Sebastião José de Carvalho e Melo, conde de Oeiras (1759) e depois Marquês de Pombal (1770), e Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador do Grão-Pará. Inicialmente pensado para ter sua atuação nesse estado a partir de 1757, já em 1758 foi ampliado para todos as regiões da colônia. O Diretório foi elaborado e aplicado em função das dinâmicas e das disputas coloniais, como defende Mauro Coelho, principalmente no estado do Grão-Pará, sua primeira área de atuação.[131] Com objetivo assimilacionista e de reestruturação da experiência indígena no Brasil, concordamos com Rita Heloísa de Almeida que o caracteriza como um modelo de tutela exercido pelo Estado, um regimento de trabalho regulador das relações entre índios e não índios, e um plano de povoamento. Na capitania de

[130] O autor aponta ainda um terceiro movimento de mistura ocorrido no século XIX após a Lei de Terras de 1850, desencadeado pela extinção das aldeias do Nordeste. Esse movimento será tratado apenas de maneira tangencial no presente estudo, já que o seu período é posterior ao aqui apresentado. OLIVEIRA, João Pacheco de. Op. Cit. 2004, pp. 25-26.

[131] COELHO, Mauro Cezar. *Do sertão para o mar. Um estudo sobre a experiência portuguesa na América*: o caso do Diretório dos índios. Tese (Doutorado)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005, pp. 91-93.

Pernambuco e suas anexas foi adaptado em 1759 pelo governador Luís Diogo Lobo da Silva, recebendo o título de "Direção com que interinamente se deve regular os índios das novas vilas e lugares eretos nas aldeias da capitania de Pernambuco e sua anexas".[132] Ainda que houvesse diferenças e adaptações ao contexto específico de tais capitanias, muitos artigos da Direção eram iguais aos do Diretório de 1757, motivo pelo qual faz-se importante abordar alguns aspectos da administração dos indígenas que mudaram com a nova legislação.

O Diretório foi concebido num contexto de intensas mudanças vivenciadas na metrópole,[133] que se refletiram nas reformas propostas pelo Marquês de Pombal estendidas até os domínios portugueses na América. No Brasil, o acordo firmado com a Espanha através do Tratado de Madri e a consequente necessidade de guardar as fronteiras ao norte e ao sul da colônia fez com que as atenções de Pombal se voltassem para a área de atuação de seu irmão, o Grão-Pará.[134] Nesse contexto de tensões com a Espanha e conflitos sobre a administração dos índios e suas aldeias pelos missionários jesuítas, foram instituídas leis em 1755 sobre a liberdade das populações indígenas, inseridas nos debates que levariam à criação do Diretório.[135] Em 6 de junho foi promulgada a lei que concedia a liberdade para todos os índios, o que afetava diretamente os colonos. E o alvará do dia seguinte ordenou a retirada do poder temporal dos inacianos sobre os indígenas aldeados, sendo esta lei justificada pela ideia de que a liberdade dos índios apenas seria respeitada quando eles fossem regidos por um governo temporal.[136] Havia uma crítica na concepção de ambas as leis à política indigenista anterior que, de acordo com o ainda conde de Oeiras, não havia conseguido civilizar os indígenas e, assim, alcançar o desenvolvimento econômico e o

---

[132] LOPES, Fátima Martins. Op. Cit., 2005, pp. 82-83.

[133] Rita Heloísa de Almeida ressalta o quadro de mudanças aspirados por políticos e intelectuais portugueses apoiados em ideias iluministas e no despotismo esclarecido. O projeto de D. José I e de Pombal era promover reformulações nas instituições portuguesas, constituindo mudanças importantes como as experiências inovadoras no campo do ensino e na administração das finanças, e ao mesmo tempo, manteve alguns procedimentos tradicionais, como as companhias de monopólio. ALMEIDA, Rita Heloísa de. *O Diretório dos Índios*: um projeto de civilização no Brasil do século XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997, pp. 149-150.

[134] Para mais informações sobre a questão de fronteiras, principalmente ao sul da colônia, ver GARCIA, Elisa Fruhauf. *As diversas formas de ser índio*: políticas indígenas e políticas indigenistas no extremo Sul da América Portuguesa. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009. E sobre o norte, DOMINGUES, Ângela. *Quando os índios eram vassalos*. Colonização e relações de poder no Norte do Brasil na segunda metade do século XVIII. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. 2000.

[135] COELHO, Mauro Cezar. Op. Cit., pp. 133-134.

[136] LOPES, Fátima Martins. Op. Cit., 2005, p. 69.

progresso do Grão-Pará.[137] Essa crítica ao modelo missionário seria uma das bases de elaboração do Diretório dos Índios em 1757, reafirmando a necessidade de um governo temporal sobre os indígenas exercido por um não índio. [138]

Dessa forma, uma mudança central aplicada com o Diretório foi o estabelecimento de um servidor do governo português como administrador temporal das aldeias, dos indígenas e dos seus bens. Os missionários, assim, permaneceriam apenas com a função de catequese dos indígenas. Além do aspecto administrativo, o Diretório também regulamentou as maneiras pelas quais os indígenas se relacionariam com os não indígenas. O principal intuito do incentivo às relações interétnicas era civilizar e assimilar os indígenas à sociedade colonial como vassalos do rei sem distinções em relação aos demais. Por isso, deveriam ser promovidos o comércio, a comunicação e os casamentos entre índios e não índios para que os primeiros aprendessem os modos civilizados através da observação e da interação. Os indígenas também precisavam receber nomes e sobrenomes portugueses, usar obrigatoriamente a língua portuguesa para se comunicar, usar roupas em modos europeus, além de ter os espaços da aldeia e de suas casas constituídos conforme modelo português.[139] Com isso, foi proposta uma mudança radical e ampla nos modos e costumes das populações indígenas aldeadas, promovendo sua mestiçagem e assimilação, configurando o que João Pacheco de Oliveira denominou de segundo movimento de mistura.[140]

Com essas medidas, pretendia-se civilizar os indígenas, já que, de acordo com Pombal e o governador do Grão-Pará, essa situação não havia sido alcançada pelos missionários, principalmente os jesuítas. Por isso, no lugar deles foi proposta a figura do diretor de índios, que deveria, dentre outras atribuições, administrar a repartição das terras coletivas, bem como a divisão dos indígenas para realizar trabalhos internos à aldeia e externos para os moradores e em obras públicas. Apesar de a lei anterior de 6 de junho de 1755 estabelecer que os indígenas deveriam exercer os cargos de administração das aldeias e das novas vilas, com o Diretório se entendia que os principais indígenas

> pela lastimosa rusticidade e ignorância com que até agora foram educados, não tenham a necessária aptidão que se requer para o governo, sem que haja quem os possa dirigir, propondo-lhes não só

---

[137] LOPES, Fátima Martins. Op. Cit., 2005, p. 70.
[138] COELHO, Mauro Cezar. Op. Cit., p. 91.
[139] ALMEIDA, Rita Heloísa de. Op. Cit., p. 185-194. LOPES, Fátima Martins. Op. Cit. 2005, p. 78-79.
[140] OLIVEIRA, João Pacheco de. Op. Cit. 2004, p. 25.

os meios da civilidade, mas da conveniência e persuadindo-lhes os próprios ditames da racionalidade [...].[141]

Para suprir esse despreparo dos líderes indígenas, o diretor de índios deveria assumir a administração da aldeia, "enquanto os índios não tiverem capacidade para se governarem".[142] Ou seja, compreendia-se a relação entre tutor e tutelado como transitória, assim como a própria condição de indígena, já que com a aplicação do Diretório, as diferenças culturais e identitárias deveriam ser apagadas e os índios assimilados sem distinções entre os demais vassalos do rei na colônia.

A incapacidade de autogoverno pelos indígenas e as falhas no projeto missionário anterior são, assim, as principais justificativas para a criação do Diretório. A relação de tutela entre índios e diretor expressa no Diretório, conforme estudo de Rita Heloísa de Almeida, baseada no conceito de menoridade do índio é muito próxima da ideia elaborada pela legislação indigenista do século XX, principalmente no Código Civil e na Constituição Brasileira anterior à de 1988.[143] Ainda que o Diretório não tenha inaugurado a concepção de incapacidade do índio para o autogoverno, tendo em vista que essa legislação guardava muitas continuidades com o Regimento das Missões de 1686,[144] foi uma legislação que marcou profundamente a perspectiva das relações entre Estado e populações indígenas, bem como as interações destas com não índios. Suas ideias mais gerais são também percebidas nas formas utilizadas no século XIX pelo Império do Brasil na administração das aldeias e de seus habitantes, como veremos na seção seguinte. No momento cabe ressaltar os aspectos tutelar e assimilacionista da legislação indigenista do século XVIII e perceber as implicações para a capitania de Pernambuco e suas anexas.

Como já afirmamos, havia algumas diferenças entre o Diretório de 1757 e a Direção de Luís Diogo Lobo da Silva, sendo as principais delas a forma de repartição das terras das novas vilas e a distribuição dos índios para trabalhos externos. Ricardo Pinto de Medeiros esclarece que enquanto o Diretório estabelecia que metade dos índios entre 13 e 50 anos poderiam se ausentar da aldeia para fazer serviços externos, a Direção estabelecia a cota referente a um terço. E em relação às terras, segundo o Diretório a repartição deveria ser feita de acordo com leis de equidade e justiça, já a

---

[141] 1º parágrafo do "Diretório que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e Maranhão enquanto sua majestade não mandar o contrário". Apud. ALMEIDA, Rita Heloísa de. Op. Cit., p. 371.
[142] Idem.
[143] Idem, p. 167-168.
[144] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2003, pp. 168-169.

Direção estabelecia que seriam divididas conforme a graduação e os postos ocupados pelos moradores.[145]

Além de adaptar o Diretório a Pernambuco, o governador da capitania também seguiu as orientações do governo pombalino em criar vilas no lugar das aldeias, ordenando que fossem erigidos os novos estabelecimentos em alguns lugares específicos. Esse trabalho foi realizado por Miguel Carlos Caldeira de Pina Castelo Branco, juiz de fora de Olinda e Recife e responsável pela área mais ao norte da capitania, e Manoel de Gouvea Alvares, ouvidor das Alagoas, cujo trabalho foi realizado no sertão do São Francisco e no sul do território de Pernambuco. As aldeias de Cimbres, Barreiros e Jacuípe estavam situadas na área sob a responsabilidade de Gouvea Alvares e, por isso, daremos ênfase às vilas e aos povoados criados por ele.[146]

Sob a ação de Manoel de Gouvea Alvares, entre 1761 e 1763, foram reunidos tanto indígenas que viviam dispersos, quanto índios aldeados com o intuito de formar 24 novos lugares e vilas. Essa prática era preconizada pela legislação pombalina, cuja aplicação variava de acordo com as especificidades e dinâmicas locais, bem como das relações estabelecidas com os grupos indígenas. Assim, para algumas regiões eram criadas novas aldeias com indígenas reunidos através de descimentos, em outras áreas entrava-se em conflito armado com índios resistentes à empreitada colonial, e ainda para locais de colonização antiga, as autoridades coloniais agiam no sentido de assimilar os índios e extinguir suas aldeias, transformando-as em vilas.[147]

Essa medida enfrentou a oposição de moradores não indígenas e de eclesiásticos, sendo necessário o empenho do governador Luís Diogo Lobo da Silva para convencê-los, bem como o uso de força militar para conter as tentativas de arruinar os novos estabelecimentos. [148] O governador precisou se empenhar também em outras capitanias para evitar a resistência em relação ao estabelecimento das vilas, como ocorreu no Ceará, onde a maior aldeia da região, a da serra da Ibiapaba, foi

---

[145] MEDEIROS, Ricardo Pinto de. Op. Cit., p. 118. SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. Op. Cit., 2005. p. 123-137. MAIA, Lígio. Op. Cit., 2010, p. 237-238.

[146] Apeje. "Relação dos novos estabelecimentos das vilas e lugares dos índios do Governo de Pernambuco da parte do Sul, executados por Manoel de Gouvea Alvares, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, Ouvidor Geral da Comarca das Alagoas" in Carta de Luis Diogo Lobo da Silva a Francisco Xavier de Mendonça Furtado. 23 de novembro de 1763.

[147] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 108.

[148] Apeje. "Relação dos novos estabelecimentos das vilas e lugares dos índios do Governo de Pernambuco da parte do Sul, executados por Manoel de Gouvea Alvares, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, Ouvidor Geral da Comarca das Alagoas" in Carta de Luis Diogo Lobo da Silva a Francisco Xavier de Mendonça Furtado. 23 de novembro de 1763.

transformada na vila Viçosa Real. Esperava-se que os jesuítas se opusessem firmemente à nova resolução, como ocorreu na Amazônia quando os religiosos da Companhia foram expulsos. Ao mesmo tempo, havia sérios conflitos entre indígenas e sesmeiros da região da Ibiapaba devido aos limites das terras da aldeia. O confronto poderia alcançar proporções ainda mais violentas em decorrência da experiência militar dos indígenas reunidos na serra que haviam participado da Guerra do Açu, um dos conflitos constituintes da "Guerra dos Bárbaros", poucos anos antes. Por conseguinte, era preciso negociar com as lideranças indígenas para que o estabelecimento da nova vila ocorresse de maneira pacífica. Lobo da Silva se preocupou em desenvolver boas relações com as principais lideranças da capitania, explicando-lhes a nova legislação e instruindo-lhes que a seguissem. Em relação à Vila Viçosa Real, o governador Lobo da Silva negociou diretamente com o mestre de campo dos índios, D. Filipe de Souza e Castro, reconhecendo sua distinção em meio aos 7 a 8 mil índios que comandava, e também suas demandas pela realização de interesses particulares. Enquanto, por outro lado, lhe solicitava apoio para o cumprimento das novas determinações.[149] Conforme estudo de Lígio Maia, a implantação do Diretório na capitania de Pernambuco e suas anexas, e a reunião realizada por Lobo da Silva com as lideranças indígenas das aldeias até então administradas pelos jesuítas, foram compreendidas por esses índios como uma oportunidade de atualizar a sua relação de vassalagem, mantendo alguns benefícios em troca de sua lealdade e dos seus subordinados. Portanto, o apoio das lideranças e dos demais indígenas era fundamental para o sucesso na aplicação do Diretório.[150]

A implantação da Direção de Luís Diogo Lobo da Silva nos sertões de Pernambuco foi orientada para reunir os índios que não viviam aldeados, transferir os índios que viviam em aldeias com menos de 150 casais e transformar em vilas e povoados com nomes portugueses as aldeias existentes. O responsável pela reunião de índios dispersos e envolvidos em ataques a moradores foi o sargento-mor Jerônimo Mendes da Paz, que empreendeu várias bandeiras pelo interior da capitania. Conforme determinações do governador Lobo da Silva, Jerônimo devia repartir os grupos dispersos nas novas vilas, sendo estes convencidos a se dirigirem aos novos estabelecimentos ou subjugados pela força. Nesse processo intenso de conflitos entre

[149] MAIA, Lígio J. De O. "A implantação do Diretório em Vila Viçosa Real (CE): incerteza, colaboração e negociação indígenas (c.1759-1762). In: OLIVEIRA, João Pacheco de. (org.). Op. Cit. 2011, pp. 23-26; 39. SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. Op. Cit. 2005, pp. 124-128.
[150] MAIA, Lígio J. De O. Op. Cit., 2011. pp. 23-26; 39-40.

índios que viviam dispersos e os homens de Jerônimo Mendes da Paz, muitos dos que foram vencidos em batalhas foram repartidos entre os moradores para que estes os instruíssem e educassem em troca de trabalho, ou foram empregados em obras públicas.[151] O processo de criação das vilas e povoados foi permeado por intensos conflitos não apenas com os índios que foram reduzidos ou transferidos, mas também de jurisdição entre as câmaras de vilas já existentes com as das novas criadas com a lei, o que levava a disputas por cobrança de impostos e pelo acesso à mão-de-obra.[152] Diante desse quadro, foi imprescindível ao poder colonial convencer e negociar com as lideranças indígenas, como visto no caso da criação da vila Viçosa Real no Ceará, para que o novo projeto colonial obtivesse êxito. Como ressalta Ricardo Pinto de Medeiros, é possível compreender a implantação da política pombalina como resultado da interação entre as políticas indígenas e indigenistas.[153]

No sertão de Arorobá a implantação da Direção de Lobo da Silva enfrentou problemas tanto devido à resistência por parte dos moradores, quanto pela necessidade de subjugar índios que não estavam aldeados e cometiam hostilidades na região, como os Paraquió, Pipipam, Guegue e Xocó. Após a tentativa de realizar um levante em conjunto por esses índios contra os moradores das ribeiras do Moxotó e do Pajeú, 160 Paraquió envolvidos foram presos e enviados para a missão de Nossa Senhora das Montanhas, na serra do Ararobá.[154] Atendendo à legislação e diante do novo fluxo populacional, foi criada a vila de Cimbres em 1762, onde estava a aldeia de índios “xucurus”, a Missão de Nossa Senhora das Montanhas, também conhecida como Aldeia do Arorobá. Na nova vila, além dos Xucuru, também foram reunidos índios não aldeados e moradores não índios, totalizando “722 almas”. Para a câmara da nova vila foi doada uma légua de terra em quadra e ficou sob sua administração outra légua em quadra para novos moradores “que para o futuro se venham agregar ou para na dita terra poderem plantar os mais diligentes e trabalhadores depois de terem beneficiado a das suas respectivas datas”.[155]

Na aldeia do Una foi criado o lugar ou a povoação de Barreiros em 1763, mantendo os cerca de 70 indígenas e outras “293 almas”. Não foram reunidos índios de outros grupos porque não havia aldeias vizinhas a Barreiros, permanecendo os

---

[151] MEDEIROS, Ricardo Pinto de. Op. Cit., pp. 122-125.
[152] Idem, p. 136.
[153] Idem, p. 132.
[154] Idem, p. 122.
[155] Idem.

"caboclos" e os índios de "língua geral" que ali viviam. A nova povoação ficou sob a administração da vila de Sirinhaém e foi solicitado o registro em livros dos jornais, lucros e dívidas das quais os índios fossem credores. Essa necessidade se impôs diante da obrigação do pagamento do trabalho executado pelos indígenas nos engenhos de açúcar da região, tornando-se proibido fazê-lo com aguardente, prática recorrente na época.[156]

Por sua vez, em Jacuípe não foi criada vila ou povoação. De acordo com o escrivão, José da Silva, ali apenas foram encontrados os índios que atuavam como soldados da companhia de infantaria paga do presídio existente na área, tendo como capitão Luís Mendes Silva.[157] Sendo assim, não se justificava a criação de um novo estabelecimento. É importante atentar para o fato de que Jacuípe se desenvolveu a partir de sua inserção na vila de Porto Calvo, que foi instituída em 1636[158] por ter sido uma das primeiras áreas de povoamento e colonização portuguesa na região. Portanto, no século XVIII com o novo ordenamento da Direção, Jacuípe já fazia parte de uma vila, sendo também por isso desnecessário criar outra na região. A característica militar ressaltada no documento de criação das vilas diz respeito às circunstâncias e ao modelo de aldeia existentes no momento de estabelecimento do arraial de Jacuípe. De acordo com o trabalho de Dirceu Lindoso a aldeia de Jacuípe foi criada atendendo às condições do modelo de aldeia-presídio, concebido para estabelecer os indígenas reunidos nos terços dos paulistas na área e proximidades do Quilombo dos Palmares. A intenção era de que as companhias militares fossem extintas e, assim, o comandante militar fosse substituído pelo capitão-mor dos índios, e estes recebessem a posse do arraial e das terras. Assim, o modelo de aldeia-presídio era entendido como transitório, já que dentro de algum período de tempo deveria deixar de possuir suas características militares. Em Jacuípe, a passagem de estabelecimento preponderantemente militar para uma aldeia indígena ocorreu apenas no início do século XIX. [159]

---

[156] MEDEIROS, Ricardo Pinto de. Op. Cit., p. 122.

[157] Apeje. "Relação dos novos estabelecimentos das vilas e lugares dos índios do Governo de Pernambuco da parte do Sul, executados por Manoel de Gouvea Alvares, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, Ouvidor Geral da Comarca das Alagoas" in Carta de Luís Diogo Lobo da Silva a Francisco Xavier de Mendonça Furtado. 23 de novembro de 1763.

[158] http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=270730&search=|porto-calvo visitado em 24 mai 2014.

[159] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 185.

Diante do anteriormente exposto, vemos que o desenvolvimento das vilas e povoados criados na segunda metade do século XVIII em Pernambuco ocorreu no interior dos territórios das aldeias ou em suas vizinhanças, atendendo às disposições do Diretório e da Direção em incentivar as relações interétnicas. Esse processo desencadeou o que João Pacheco de Oliveira identificou como movimento de segunda mistura devido ao caráter marcadamente assimilacionista do Diretório, instituindo de maneira oficial a presença de não índios nas aldeias e nas novas vilas.[160] Ainda que na aldeia de Jacuípe não tenha se instituído uma vila nessa época, uma vez que já estava inserida na vila de Porto Calvo, os fluxos de não índios se intensificaram para a região, principalmente com o estabelecimento de outras vilas nas proximidades e pela consolidação do domínio português nos espaços anteriormente ocupados pelos habitantes do Quilombo dos Palmares.

As vilas e os povoados, a partir de então, desenvolveram-se e cresceram. A paróquia de Barreiros foi criada em 1786, tendo servido como matriz a capela de São Miguel existente no aldeamento. Posteriormente, foi instituída como matriz da paróquia uma outra capela construída por iniciativa de Diogo Paes de Castro, em honra a Santo Antônio. Em favor do santo foi concedida por Paes de Castro meia légua de terras vizinha ao aldeamento.[161] Em 1853, a freguesia de Barreiros foi elevada à categoria de vila, sendo desmembrada do município de Rio Formoso, e em 1892 foi transformada em cidade.[162] Já o arraial ou aldeia de Jacuípe se desenvolveu, como vimos, a partir de sua inserção na vila de Porto Calvo[163] e apenas adquiriu autonomia administrativa em meados do século XX.[164]

A vila de Cimbres, em 1811, foi estabelecida como cabeça da Comarca do Sertão[165] devido à sua importância regional advinda do seu crescimento e da fertilidade das suas terras, o que a tornou um ponto de apoio para aqueles que adentravam o interior da capitania. A Comarca do Sertão de Pernambuco compreendia uma grande extensão territorial, iniciando em Garanhuns e findando no

---

[160] OLIVEIRA, João Pacheco de. Op. Cit. 2004, p. 25.
[161] BELLO, Ruy Ayres. Op. Cit., pp. 31-32.
[162] Idem, pp. 35-36.
[163] http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=270730&search=|porto-calvo visitado em 24 de maio de 2014.
[164] http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=270350&search=alagoas|jacuipe|infograficos:-historico visitado em 24 de maio de 2014.
[165] MACIEL, José de Almeida. *Pesqueira e o antigo termo de Cimbres*. Vol. 1. Recife: Centro de Estudos de História Municipal, 1980, p. 109.

rio Carinhanha que, na época, separava Minas e Bahia.[166] Já em 1836 a sede da vila foi transferida de Cimbres para a povoação de Santa Águeda de Pesqueira, sendo esta elevada à condição de cidade em 1880, passando a ser nomeada apenas como Pesqueira.[167] A povoação de Pesqueira teve seu início na fazenda pastoril de mesmo nome estabelecida em 1800 por Manuel José de Serqueira e localizada ao sopé da serra do Ororobá.[168] O proprietário da fazenda foi um importante e rico político local, que atuou como sargento-mor das Ordenanças por um bom tempo. Na década de 1820 se envolveu em disputas com seu concunhado pelo provimento da função de capitão-mor, que entrou em vacância devido à morte do sogro de ambos. Tais disputas iriam ter papel central na política da região e nas futuras escolhas dos indígenas de Cimbres nas década de 1820 e 1830, como será tratado no capítulo 3. Serqueira se empenhou no desenvolvimento da sua fazenda, construindo casas para as pessoas que trabalhavam para ele, uma sólida capela sob a invocação de Nossa Senhora Mãe dos Homens e um imponente sobrado para sua moradia. Além disso, a fazenda estava estrategicamente localizada, sendo cortada por estradas que levavam ao sertão e às capitanias vizinhas da Paraíba e do Ceará, e com muitos recursos próprios. Essa situação a tornava um centro de afluência de moradores, índios e políticos da região. Pereira da Costa por meio dessa descrição demonstra como se deu o crescimento da fazenda constituída como povoado e, em 1836, transformada na sede da vila.[169]

Além desse desenvolvimento alcançado pelo empenho de Manuel José de Serqueira, é possível que ele tenha articulado negociações com outros políticos da região e da província para que sua fazenda transformada em povoado fosse elevada à condição de sede da vila.[170] Dessa forma, Serqueira foi construindo sua influência na região, chegando na década de 1820 com central poder de mando e interferência na política local e transformando a sua fazenda na sede da vila.

Através da breve abordagem dos processos de transformação das aldeias em vilas e povoados nos moldes do Diretório e da Direção no decorrer do século XVIII, e por meio do conceito de territorialização, indicamos as transformações ocorridas nos territórios das aldeias aqui analisadas. Nas novas unidades coloniais, as vilas e os povoados, não apenas indígenas de grupos diferentes passaram a conviver, como

---

[166] MACIEL, José de Almeida. Op. Cit., 110.
[167] http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=261090&search=||infogr%E1ficos:-hist%F3rico visitado em 24 de maio de 2014.
[168] COSTA, F. A. Pereira da. Op. Cit. Vol. 10, p. 80.
[169] Idem, p. 81.
[170] Ibidem.

foram estimuladas as interações entre índios e não índios, bem como uma profunda e ampla transformação dos modos indígenas a partir da imposição de costumes portugueses cujo objetivo era o de levar os nativos a conhecer e a se adaptar à civilização. O movimento de segunda mistura promovido nas novas vilas e vivenciado no século XVIII, então, foi aspecto constitutivo das identidades indígenas dos grupos que se lançaram na arena da participação política do processo de construção do Estado nacional brasileiro no século XIX. É importante lembrar que esse processo de mudanças foi intensificado com a legislação pombalina, já que estreitas relações eram mantidas há gerações entre índios e não índios daquelas localidades.

Os índios das aldeias de Cimbres e Barreiros tiveram seus territórios transformados nas vilas e foram enquadrados, grosso modo, sem maiores distinções à sociedade colonial como vassalos do rei português. Mesmo que não tenha se transformado em vila ou povoado no século XVIII, a aldeia de Jacuípe, que já era parte da vila de Porto Calvo, estava próxima de lugares que passaram por esse processo e, enquanto ponto militar estratégico, recebeu fluxos populacionais de não índios no seu território. Interessa acompanhar os diferentes momentos de mistura vivenciados pelos indígenas durante o período colonial no intuito de compreender os processos pelos quais se formaram os grupos das aldeias aqui analisadas no século XIX. Traçar esse histórico de misturas e interações permite construir uma perspectiva não cristalizada e mais dinâmica sobre as identidades étnicas dos índios aldeados atuantes na política do Oitocentos. Como veremos nos próximos capítulos, grande parte das ações indígenas relacionadas à participação nas revoltas foram motivadas pelo seu interesse em interferir na administração das aldeias e na manutenção das terras coletivas. A julgar por essa intensa movimentação no século XIX, era interesse dos indígenas manter esses espaços criados em contexto colonial, uma vez que foram apropriados por eles. Como afirma Maria Regina Celestino de Almeida, mais do que um espaço cristão e português, a aldeia também era um espaço indígena de ressocialização de seus habitantes ao contexto colonial que, de alguma forma, persistiu mesmo diante da constituição de vilas em seu interior.[171] Se essas unidades territoriais se mantiveram e chegaram ao século XIX, como veremos mais adiante, é

[171] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. “Índios e mestiços no Rio de Janeiro: significados plurais e cambiantes (séculos XVIII-XIX). In: *Memoria Americana*. 16 (1). 2008, p. 24.

sinal de que os indígenas tinham interesse em mantê-las apesar de todas as investidas do governo português em extingui-las no século XVIII.

Nas aldeias, como já afirmamos, era possível alcançar melhores condições de sobrevivência no contexto colonial, além de garantir alguns benefícios em relação a outros estratos desfavorecidos da sociedade, como o acesso a terras, regulamentação dos usos dados à sua mão de obra e transformação em súditos cristãos com seus respectivos benefícios e obrigações. Embora esses privilégios tenham significado violências e a imposição de mudanças, implicavam também num estatuto jurídico específico e na construção de um lugar diferenciado para os índios aldeados na hierarquizada sociedade colonial. Portanto, se identificar como índio de um aldeamento, ainda que essa tenha sido uma identidade generalizante e imposta, significou o acesso real a alguns direitos, sendo assumida pelos indígenas através de um longo processo de recriação de seus costumes, valores, tradições, culturas, identidades e reorganização social e política.[172]

Os benefícios constituíam-se enquanto uma das características desse lugar social ocupado pelos índios na colônia, bem como as obrigações e limitações advindas desse estatuto jurídico. Deviam realizar trabalhos compulsórios dentro da aldeia e fora dela para não índios vizinhos e em obras públicas e tinham sua atuação em certa medida cerceada pela intermediação feita por seus tutores ou administradores, como missionários e diretores de aldeia. A instituição da tutela e o discurso sobre o desaparecimento dos grupos indígenas de Pernambuco devido à sua mestiçagem são os pontos principais tratados na seção seguinte.

1.4. Administração das aldeias e dos indígenas na primeira metade do século XIX

Ao iniciar o século XIX, a política indigenista vai guardar algumas continuidades com as práticas e leis de períodos anteriores, como a retomada da “guerra justa” e a consequente escravização de alguns grupos indígenas em 1808, entre eles os Botocudo, Kaingang, e até 1811 os Xavante, Karajá, Apinayé e Canoeiro. Apesar dessa estratégia agressiva do monarca recém-chegado às terras da colônia, a ação do Estado português e depois do Império do Brasil durante o Oitocentos variou de acordo com a diversidade da experiência indígena ao longo do

[172] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2003, pp. 259-260.

território brasileiro, como bem assinalou Patrícia Sampaio.[173] Portanto, é impossível tratar as populações indígenas de maneira homogênea ou mesmo assinalar um único encaminhamento da política indigenista do período. Esse mesmo raciocínio pode ser aplicado à atuação do Diretório dos Índios (1757), que teve sua revogação ordenada em 1798 para o Estado do Grão-Pará e Rio Negro, não sendo estendida pelas demais regiões apesar da orientação expressa nesse sentido. De acordo com análise de Patrícia Sampaio, o Diretório apenas seria extinto nas outras regiões em 1822, por meio de decreto imperial.[174] E mesmo com essa lei, em Pernambuco a figura do diretor de aldeia, remanescente do Diretório e da Direção (1759), permaneceria atuando, como veremos nos capítulos seguintes, até a instituição da nova legislação indigenista de alcance mais amplo em 1845.[175]

O Decreto nº 426 de 1845, conhecido como o Regulamento das Missões foi, efetivamente, a lei mais geral produzida pelo Império com objetivo de regular a administração das aldeias e seus habitantes indígenas, bem como os modos de catequese e civilização dos índios que viviam dispersos. Entretanto, é preciso ter atenção para a ideia replicada de que houve um "vazio" legislativo entre o fim do Diretório dos Índios e a criação do Regulamento. Seguindo a leitura de Sampaio torna-se possível perceber quanto os políticos discutiram e legislaram sobre a temática indígena nos anos anteriores ao Regulamento, dando a dimensão da importância da matéria para o Império em formação.[176] Um dos documentos de destaque do período, fruto das discussões realizadas então, foi o "Apontamentos para a civilização dos índios Bravos do Brasil" de José Bonifácio, apresentado à Assembleia Constituinte de 1823, mas que já havia sido debatido nas Cortes Gerais de Lisboa em 1821, juntamente com outros quatro projetos de deputados brasileiros sobre a temática indígena.[177] Conforme análise de Miriam Dolhnikoff sobre os manuscritos de José Bonifácio e os "Apontamentos", o político tinha particular interesse pela questão indígena, conferindo-lhe bastante atenção. Três aspectos seriam relevantes para configurar a abordagem conferida por Bonifácio. Em primeiro lugar, ele nasceu em São Paulo em meados do século XVIII, um momento em que a mão de obra africana

---

[173] SAMPAIO, Patrícia. Op. Cit., pp. 183-184.
[174] Idem, p. 183.
[175] SANTOS Jr. Carlos Fernando dos. *Povos indígenas entre as ribeiras, os riachos e as serras*: conflitos pelo controle das fontes de água no Semiárido pernambucano no Século XIX. No prelo. Agradeço ao autor por ter, generosamente, cedido o artigo antes da publicação.
[176] SAMPAIO, Patrícia. Op. Cit., pp. 183-184.
[177] Idem, p. 179.

ainda não havia se tornado a principal naquela região, sendo os indígenas utilizados largamente nos diversos tipos de trabalho. Em segundo, Bonifácio foi fortemente influenciado pelo pensamento iluminista, no qual, segundo Dolhnikoff, a problemática indígena ganhava destaque. Finalmente, ele percebia que o indígena tinha a função de substituir o trabalho africano após a extinção do tráfico e a abolição da escravidão.[178]

Além disso, Bonifácio sugeria nos "Apontamentos" que os indígenas então considerados "bravos" deveriam ser convencidos a viver nas aldeias por meio da brandura, nunca através do uso da força e das armas, retomando as práticas missionárias jesuítas.[179] Ainda que não tenha sido incorporado à Constituição outorgada de 1824, principalmente por Bonifácio ter se tornado um desafeto do Imperador, o projeto proposto nos "Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Brasil" influenciou a prática e a política indigenista no Brasil do Oitocentos. O projeto tocava em questões centrais para o debate político da época relacionado ao tema, como a inserção dos indígenas na sociedade brasileira como trabalhadores no lugar dos escravos e a necessidade de aldear os índios que viviam dispersos. Além disso, a Comissão de Colonização e Civilização criada no âmbito da Assembleia Constituinte de 1823, definiu que os "Apontamentos" fossem distribuídos pelas províncias para orientar a ação de seus governantes sobre as populações indígenas.[180]

Questões abordadas por Bonifácio podem ser vistas na correspondência enviada por câmaras municipais e presidentes de província na década de 1820, em resposta à solicitação do governo imperial para que enviassem informações sobre a situação dos índios e suas aldeias, recomendando as terras que fossem mais propícias para o aldeamento dos dispersos e indicando as causas do fracasso dos esforços para "civilizá-los". De posse dessas informações, pretendia-se desenvolver a primeira grande legislação do Império, mas esse plano não foi concretizado imediatamente.[181] Em Pernambuco, o responsável por coligir as informações solicitadas foi o presidente da província José Maikink da Silva Ferrão, que expôs menos os dados específicos e

---

[178] DOLHNIKOFF, Miriam. (Org.). *Projetos para o Brasil*. José Bonifácio de Andrada e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 33.
[179] BONIFÁCIO, José. "Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Brasil". Apud: DOLHNIKOFF, Miriam. Op. Cit., pp. 102-104.
[180] SPOSITO, Fernanda. *Nem cidadãos, nem brasileiros*. Indígenas na formação do Estado nacional brasileiro e conflitos na província de São Paulo (1822-1845). São Paulo: Alameda, 2012, p. 73.
[181] CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). Op. Cit., 1992, pp. 9-10.

mais as concepções do período sobre as populações indígenas. Tratou principalmente das formas pelas quais os grupos indígenas em Pernambuco iriam desaparecer, ressaltando a sua mistura com pardos e negros, e enfatizou o uso da sua mão-de-obra na substituição dos africanos escravizados.[182]

No que se refere à administração das aldeias e dos bens indígenas, até 1832 a reponsabilidade era dos Ouvidores de Comarcas, e a partir de 1833 passou a ser dos juízes de órfãos dos municípios. Quanto aos conflitos relacionados aos arrendamentos, deveriam ser encaminhados à justiça ordinária.[183]

Em 1834 o tratamento da questão indígena se tornou tarefa das assembleias provinciais, pelo Ato Adicional de 12 de agosto. De acordo com o Artigo 11, parágrafo 5º era função das Assembleias "promover, cumulativamente com a assembleia e o governo gerais, a organização da estatística da província, a catequese, a civilização dos indígenas e o estabelecimento de colônias".[184] Essa regionalização da administração da temática indígena se manteve até 1845, quando o Regulamento das Missões estabeleceu parâmetros nacionais para o problema. Situação que suscitou discussões sobre a diminuição da autonomia das assembleias provinciais em dispor legislativamente e administrar as aldeias em seu território.[185] Apesar de ter sido a lei mais importante para a política indigenista do Império, o Regulamento das Missões foi implantado em Pernambuco apenas após 1850, quando a província passou a desfrutar de alguma estabilidade política depois da repressão aos últimos rebeldes ligados à Insurreição Praieira.[186] Portanto, essa lei será tratada nesse trabalho para reafirmar alguns argumentos sobre as perspectivas adotadas pelo governo imperial em relação às populações indígenas, não sendo necessário entrar em seus pormenores. Mas, é importante ressaltar que o Regulamento manteve algumas continuidades em relação ao Diretório de 1757 no que se referia à figura secular do diretor de aldeia como tutor e intermediário das relações entre índios e não índios dentro e fora da aldeia, bem como a centralidade da religião católica na vida da aldeia, a necessidade de autossustentação e também de produção de excedentes por parte dos índios, dentre outros aspectos. Uma das grandes diferenças viria com o papel do diretor geral,

---

[182] Apeje. Correspondência para a Corte, volume 31. 05/04/1827. Ofício do presidente da província, José Carlos Mairink da Silva Ferrão, para o ministro do Império, Visconde de São Leopoldo. Fl. 107v-109.
[183] CUNHA, Manuela Carneiro da. Op. Cit. 1992, p. 14.
[184] SAMPAIO, Patrícia. Op. Cit., p. 184.
[185] Idem. p. 177.
[186] FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit., p. 132.

indivíduo que deveria responder por todas as aldeias de uma província, tendo como seus subordinados os diretores das aldeias e demais funcionários locais. Ele teria também a responsabilidade de analisar a conveniência na realização dos aforamentos e arrendamentos nas terras indígenas.[187] Outro aspecto a ser ressaltado sobre o Regulamento das Missões de 1845 é sua contemporaneidade às discussões relacionadas à Lei de Terras de 1850. Em conjunto, as duas legislações, uma indigenista e a outra fundiária, abriram o caminho para a intensificação do processo de extinção dos aldeamentos indígenas do Império no final do Oitocentos.[188]

O fato de o governo imperial ter promulgado uma lei que contemplava um projeto amplo para administração dos indígenas apenas em 1845, tendo a sua aplicação em Pernambuco ocorrido cerca de cinco anos depois, não significa que o Império pouco legislou sobre a matéria, criando um "vazio legislativo", ou que as discussões referentes ao tema foram periféricas. Ao contrário, devido à diversidade de situações encontradas ao longo do vasto território brasileiro no século XIX, o qual ainda possuía fronteiras e áreas pouco exploradas como a região centro-oeste, e outras regiões de colonização antiga, como a província de Pernambuco, o governo central teve que oferecer respostas diferenciadas e localizadas, construindo uma legislação mais específica de acordo com as realidades regionais.[189]

Apesar de apresentar o debate sobre a questão indígena na primeira metade do século XIX como secundária ou menos importante diante da tarefa das elites políticas de construir e consolidar as novas instituições imperiais,[190] Fernanda Sposito demonstra as várias nuances das problemáticas discutidas nos âmbitos do Parlamento, da Assembleia Constituinte de 1823, das comissões de catequese, das Cortes de Lisboa em 1821 e das próprias leis implantadas, como as referentes às "guerras justas" de 1808, 1809 e 1811. Assim, levando em conta os vários e constantes debates e a diversidade da legislação indigenista no período, torna-se importante entender que as elites imperiais possuíam sérias preocupações relativas às populações indígenas, principalmente no que dizia respeito às suas terras e à sua mão-de-obra.

---

[187] SAMPAIO, Patrícia. Op. Cit., p. 186.
[188] DANTAS, Mariana Albuquerque. *Dinâmica social e estratégias indígenas*: disputas e alianças no aldeamento do Ipanema (1860-1920). Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense. 2010. p. 68-78.
[189] SAMPAIO, Patrícia. Op. Cit., pp. 183-184.
[190] SPOSITO, Fernanda. Op. Cit., pp. 39-40.

1.5. Incorporação à sociedade nacional: tensão entre tutela e exercício da cidadania

Em 1826 a Comissão de Estatística, Colonização e Catequese do Senado propôs que o governo imperial solicitasse aos presidentes das províncias informações sobre a situação dos indígenas e das terras das aldeias. Em resposta, apenas nove províncias enviaram os dados, entre as quais estava Pernambuco. A intenção era reunir informações suficientes para, a partir das realidades regionais, formular um plano geral de ação para o governo central. Ainda que esse plano não tenha se concretizado na década de 1820, as informações remetidas são elucidativas sobre as maneiras como as populações indígenas eram percebidas naquele momento.[191]

O presidente de Pernambuco, José Carlos Mairink da Silva Ferrão, elaborou uma descrição sobre os índios da província e, mesmo que não tenha informado dados mais específicos como contingente populacional, localização das aldeias e extensão dos territórios indígenas, esse documento apresenta várias concepções correntes no período, influenciadas pelos "Apontamentos" de Bonifácio, e que orientaram a elaboração das políticas indigenistas imperiais. Em parte, a falta de dados específicos se deve ao fato de apenas as câmaras de Igarassu e Goiana terem respondido ao pedido de envio de informações sobre os indígenas existentes em cada vila.[192]

O presidente, em sua correspondência, acentuou a situação de miséria dos índios em 1827, retomando de maneira elogiosa o período anterior sob a administração de D. José I, cujas ações, em sua perspectiva, teriam resultado em benefícios para essa população. Ferrão fez referência ao já aqui trabalhado Diretório dos Índios de 1757, cuja aplicação foi exaltada, pois o monarca teria restabelecido a liberdade indígena e instalado "um código particular", que "lhes deu terra para cultivarem, mestres diretores espirituais e políticos, mandando criar vilas para sua habitação". Além disso, o rei "nobiliou-os[sic], habilitou-os para todos os cargos honoríficos e fez transcendente a nobreza a sua posteridade". A ideia de transformar em nobres os indígenas que se destacassem nas aldeias é explicada mais adiante pelo presidente, quando afirma que mesmo com essa qualidade, os europeus e seus descendentes não se animaram a casar com os indígenas.[193]

---

[191] SPOSITO, Fernanda. Op. Cit., pp. 80-81.

[192] Apeje. Correspondência para a Corte, volume 31. Ofício do presidente da província, José Carlos Mairink da Silva Ferrão, para o ministro do Império, Visconde de São Leopoldo. 05/04/1827. Fl. 107v.

[193] Apeje. Correspondência para a Corte, volume 31. Ofício do presidente da província, José Carlos Mairink da Silva Ferrão, para o ministro do Império, Visconde de São Leopoldo. 05/04/1827. Fl.108.

Todo o esforço do rei português, de acordo com Ferrão, teria fracassado porque os diretores e missionários abusaram do poder que possuíam nas aldeias, permanecendo os índios na mesma condição em que os deixara jesuítas e franciscanos. Assim, o presidente da província retoma as críticas já conhecidas sobre o sistema missionário de catequese e civilização dos indígenas.

No entanto, de acordo com a avaliação de José Carlos Mairink Ferrão, os esforços do rei teriam sido inúteis, já que ao invés de se misturar com europeus

> Esta raça degenerou cruzando-se com pardos e pretos, e dos cuidados e trabalhos daquele monarca só tiraram cômodos os diretores, que tanto escaldaram aos índios, que de todo perderam o amor do trabalho, de que não viam fruto, vivendo hoje em contínuo ócio, em estado de aviltamento e miséria, sem interesse, sem amor de família, em pior estado ainda do que o de selvagens, tendo o seu número diminuído em todas as vilas muito mais de dois terços, e isto em um país protetor da propagação pela sua salubridade.[194]

Além disso, os índios não estariam trabalhando nas terras dadas para fazer plantações durante o processo de estabelecimento das vilas e povoações. Embora elas fossem as mais férteis e produtivas por estarem às margens de rios, os terrenos encontravam-se incultos. Segundo o presidente, a orientação do Diretório de educar os índios e ensinar-lhes um "ofício fabril" não estava sendo cumprida e, com isso, eles não foram incentivados a trabalhar por jornadas. Sendo assim, em função da "preguiça e da má vontade" dos índios, eles não trabalhavam nem em suas terras, nem faziam serviços por jornadas. Ferrão reafirmou a ideia proposta por Bonifácio de que os índios deveriam substituir a força de trabalho escravizada, devendo ser acostumados a realizar os serviços "do campo e doméstico, para virem assim a ser úteis ao Brasil, suprindo o déficit dos escravos desta gente".[195]

---

[194] Idem.

[195] Apeje. Correspondência para a Corte, volume 31. Ofício do presidente da província, José Carlos Mairink da Silva Ferrão, para o ministro do Império, Visconde de São Leopoldo. 05/04/1827. Fl. 108v. Poucos anos antes, paralelamente aos trabalhos desenvolvidos pelas Cortes de Lisboa em 1821, o importante político brasileiro, João Severiano Maciel da Costa, que seria ministro do governo de D. Pedro I e nobilitado como marquês de Queluz, elaborou o documento "Memórias sobre a necessidade de abolir a introdução dos escravos africanos no Brasil". Ele propôs várias medidas para que os indígenas fossem vistos como uma alternativa para o fim do tráfico de africanos escravizados. Em seu projeto, ele denunciou alguns aspectos negativos advindos com o Diretório Pombalino e propôs estratégias para preparar os indígenas para o trabalho nas grandes propriedades no lugar dos indivíduos escravizados. Como aponta Fernanda Sposito, apesar da sua função premente no governo de D. Pedro I, o projeto do Marquês de Queluz não ganhou notoriedade. Ainda assim, nos ajuda a exemplificar o ambiente político e intelectual do período, no qual políticos do governo imperial entendiam ser o indígena uma alternativa viável ao trabalho escravizado. SPOSITO, Fernanda. Op. Cit., p. 70.

O quadro de "aviltamento" e o "estado de barbárie" indígena são acentuados pela sua "incrível diminuição" e pela situação encontrada em todas as aldeias da província, nas quais se vê "miséria, desleixo, abatimento e barbaridade em que vivem". O presidente se estende na descrição desse quadro de degradação dos indígenas, ressaltando o uso constante de bebidas alcóolicas, a má alimentação, a preguiça e o não seguimento dos preceitos católicos. Esse contexto das aldeias foi piorado com a participação dos índios nas revoltas de 1817 e 1824, pois segundo Ferrão eles "seguiram as facções e adiantaram-se com os seus sedutores na arte de furtar e assassinar e hoje fazem-se temíveis por estes crimes". [196] Assim, os indígenas teriam aprendido a cometer crimes com os rebeldes, que os teriam "seduzido" a participar das rebeliões.

Para José Carlos Mairink da Silva Ferrão, D. João VI já teria apresentado uma proposta para por fim à degradação indígena através da supressão do "estado de tutela" em que os tinha colocado o Diretório e de todo emancipá-los. Sem fazer referência mais direta ao projeto de D. João VI, o presidente informa que ele teria sido sufocado e nunca colocado em prática. Ainda que o projeto do monarca não tenha obtido sucesso, Ferrão acreditava na proposta de emancipação dos indígenas da tutela. Nas palavras do presidente de Pernambuco:

> É pois de muita importância, falando da província de Pernambuco, acabar com as tutelas e dar-se-lhes uma carta de total emancipação, dando-se providências policiais para que os mais novos sejam ocupados nos trabalhos e mistérios sociais e aos que foram pais de famílias marquem-se-lhes suficientes porções das muitas e boas terras que inutilmente possuem para nelas trabalharem, revertendo para o Estado as que restarem para se venderem e nelas levantarem engenhos de açúcar e estabelecerem-se fazendas de algodão ou de qualquer outro gênero de cultura.[197]

Ele acreditava que esta era a melhor medida para áreas de colonização antiga como Pernambuco, onde "os índios que existem são filhos e netos dos já aldeados", principalmente no litoral. Sobre as aldeias da província, o presidente não tinha informações de novos descimentos, sendo as suas populações descendentes dos aldeados no período colonial. Para outras províncias, as do "interior", ele acreditava ser necessário serem conservadas "as vilas, aldeias e povoações para que a elas concorram os selvagens contanto que cuidadosamente se procure arredar dali e

---

[196] Apeje. Correspondência para a Corte, volume 31. Ofício do presidente da província, José Carlos Mairink da Silva Ferrão, para o ministro do Império, Visconde de São Leopoldo. 05/04/1827. fl. 108v-109.

[197] Idem. fl. 109.

chamar para melhor sociedade os jovens indígenas”.[198] Entretanto, esse não era o caso de Pernambuco, província onde os índios já mestiçados com pardos e negros, como ele demonstrou deveriam ser emancipados da tutela.[199] O destino de integração dos indígenas à nação brasileira estaria, assim, traçado através do trabalho e de sua emancipação.

Com essa correspondência percebemos que José Carlos Mairink da Silva Ferrão apontou os problemas que via nas aldeias e as alternativas que entendia serem a solução para inserir os índios da província na sociedade do Império recém-fundado. Ele acreditava que a situação de decadência observada se devia em parte às próprias postura e natureza dos índios, bem como às ações perpetradas por missionários e diretores das aldeias.

Ao mesmo tempo, esse documento demonstra como ele estava inserido nas discussões sobre a temática no período apoiadas nos escritos de José Bonifácio, principalmente nos “Apontamentos”. Com o cuidado de não tomar os dados sobre a condição indígena em si mesmos, como um indicativo direto e absoluto da degradação e inexpressividade indígena em Pernambuco, faz-se necessária uma breve reflexão sobre a produção dessa fonte.

Esse documento utilizou argumentos formulados com base na experiência da administração do governo português sobre os aldeamentos missionários. Ele trata das modificações nos territórios das aldeias e das relações estabelecidas com populações não indígenas, configurando processos intensos de mestiçagem e transformações identitárias. No entanto, as categorias e os dados apontados nessas fontes ajudaram autoridades imperiais a estabelecer políticas em relação às populações indígenas de Pernambuco, que resultariam na invisibilidade dos grupos e na extinção de seus aldeamentos, restringindo seriamente o seu acesso às terras coletivas. Assim, levando em consideração o trabalho com as fontes como uma operação técnica de escolha e reunião de informações, cujo objetivo é o de criar material de trabalho para o historiador a partir do recorte de documentos[200], faz-se necessário analisar os dados dos documentos reinserindo-os em seus contextos e intencionalidades, tendo em vista

---

198 Apeje. Correspondência para a Corte, volume 31. Ofício do presidente da província, José Carlos Mairink da Silva Ferrão, para o ministro do Império, Visconde de São Leopoldo. 05/04/1827. fl. 109.

199 Idem.

200 CERTEAU, Michel de. “A operação historiográfica”. In: *A escrita da história*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 81.

os interesses das pessoas que os escreveram e a representações construídas.[201] Dessa forma, proponho uma análise crítica das fontes em face de seus momentos de produção e dos atores sociais envolvidos nesse processo.

O ofício do presidente da província de Pernambuco foi escrito em 1827, ou seja, num período posterior a dois grandes movimentos rebeldes que tiveram a participação indígena: a Insurreição de 1817 e a Confederação do Equador de 1824. Algumas questões relativas aos dois episódios serão abordadas mais a frente, porém o que interessa indicar no momento é o clima de recente efervescência política e militar vivenciado na capital Recife, nas vilas próximas da Zona da Mata e também nas províncias vizinhas, como Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas.

Nesse período, o então presidente de Pernambuco era um importante político mineiro que havia participado do movimento de 1817 e que deveria ter assumido o cargo de presidente da província em 1824, não fosse a eclosão da Confederação do Equador. Apenas assumiria o cargo em 1825, deixando-o novamente no início de 1826 para assumir uma cadeira no senado. Retomou a presidência em 1827, cumprindo seu mandato até o final do ano seguinte.[202] Como os dirigentes de sua época, José Carlos Mairink da Silva Ferrão também possuía patente militar, sendo coronel de milícias da cavalaria do distrito do Cabo de Santo Agostinho.[203]

Tendo circulado entre os principais cargos de dirigentes do Império, sendo ele mesmo um membro da elite política, é possível afirmar que o presidente da província estivesse afinado com as discussões travadas no Senado sobre os índios do Brasil, inclusive levando-se em consideração as suas propostas abordadas em ofício apra o ministro do Império.[204] Portanto, Ferrão concordava com a caracterização dos indígenas como um grupo avesso ao trabalho, sendo esse comportamento criado em parte pela sua natureza bárbara e também pela má administração temporal e religiosa realizada pelos missionários anteriormente ao Diretório dos Índios de 1757. Por sua vez, a tutela foi tratada como aspecto central da relação do índio com o trabalho e também com o Estado brasileiro. Dando continuidade à política pombalina de

---

[201] Trata-se de questão discutida por João Pacheco de Oliveira como "enquadramento sociológico". OLIVEIRA, João Pacheco de. "Entrando e saindo da 'mistura': os índios nos censos nacionais". In: *Ensaios em antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999, p. 127.

[202] COSTA, F. A. Pereira da. Op. Cit. vol. 9, pp. 160-161.

[203] Idem, p. 218.

[204] Apeje. Correspondência para a Corte, volume 31. Fl 107-109. Ofício do presidente da província, José Carlos Mairink da Silva Ferrão, para o ministro do Império, Visconde de São Leopoldo. 05/04/1827.

assimilação, na perspectiva de Ferrão, os indígenas deveriam ser descaracterizados enquanto coletividade ao terem suas terras repartidas entre aqueles que já tivessem família constituída, sendo as demais frações do território revertidos ao Estado para serem vendidas ou para nelas serem erigidos engenhos de açúcar, fazendas de gado ou qualquer outra cultura que levasse ao progresso material da província. Assim, o desenvolvimento estaria nas mãos de não índios, trabalhando os indígenas para sua sobrevivência e em propriedades alheias em troca do pagamento em jornais. A diferença do pensamento de Ferrão para o Diretório consiste na percepção do primeiro sobre a necessidade de emancipar os índios da tutela, enquanto a legislação pombalina os via como incapazes de se autogovernarem mantendo a figura do tutor.

A questão da tutela permeou a prática indigenista ao longo do Oitocentos, sendo retomada pelo presidente da província de Pernambuco em 1852, Francisco Antônio Riberio, ao dar recomendações ao diretor da aldeia de Barreiros. Ribeiro afirmou, no ofício, que a nova legislação indigenista, o Regulamento de 1845, tratava dos meios de fazer os indígenas "felizes na sociedade civilizada em que vivem".[205] O presidente tinha ideias bem claras sobre a participação política dos indígenas, pois, em sua opinião, eles deveriam deixar de se envolver em questões eleitorais para se dedicar apenas ao "trabalho de suas terras e para a paz da vida doméstica".[206] Ele continuava afirmando que os indígenas não poderiam exercer seus direitos políticos enquanto se mantivessem sob a tutela da Diretoria, inclusive porque não tinham renda para isso. Como população tutelada compunham a "classe de menores" e seriam impossibilitados de tomar parte em questões políticas. A solução para sair dessa condição estaria na escolha do índio em ter sua "economia separada", emancipando-se da tutela da Diretoria, administrando "livremente sua pessoa e bens como qualquer outro cidadão".[207]

Através dessas orientações, o presidente da província demonstrou alguns mecanismos da instituição da tutela dos indígenas no período e uma problemática que passou a se tornar comum no período de implantação do Regulamento e de debate da Lei de Terras de 1850. Como demonstra Lorena de Mello Ferreira, a proposta central da emancipação da tutela era a de transformar os indígenas que possuíam o acesso

---

[205] Apeje. RO, vol.12-13. 29/10/1852. Ofício do presidente da provincia, Francisco Antônio Ribeiro, para o diretor parcial da aldeia de Barreiros. Fl. 40-40v. Apud. FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit., pp. 120-122.

[206] Idem.

[207] Ibidem.

coletivo às terras das aldeias em pequenos proprietários, ou trabalhadores despossuídos, igualados a qualquer outro cidadão diante das leis imperiais.[208] Portanto, a tutela tanto seria um impeditivo para a participação indígena na arena política de maneira oficial, quanto um obstáculo para sua efetiva assimilação à sociedade envolvente como cidadãos sem diferenças em relação aos demais.

Como pudemos observar na classificação dos indígenas pelo presidente de Pernambuco na "classe de menores", a instituição da tutela estava amparada na comparação da condição indígena à do órfão ou à do menor de idade. A legislação indigenista do governo pombalino e a do governo imperial demonstram a concepção de proximidade entre o índio e a criança desprovida dos tutores naturais.

João Pacheco de Oliveira analisou a instituição da tutela no seu estudo sobre a relação dos Ticuna com o Estado brasileiro em meados do século XX e, apesar da distância espacial e temporal em relação ao tema do presente trabalho, consideramos que a sua análise é um importante instrumento para compreensão da tutela e as limitações à ação indígena no século XIX.[209] Oliveira afirma que diante de um quadro de códigos comuns de conduta partilhado pelos componentes de um mesmo grupo social, os indígenas seriam percebidos como possuidores de códigos de conduta diferentes e de culturas inferiores. Tal como os menores, o seu processo de socialização seria incompleto, pois não teriam conhecimento dos códigos de conduta da sociedade nacional. Contudo, os menores estariam num processo de aprendizagem em curso, enquanto os indígenas seriam incapazes, por si mesmos, de se adaptarem a uma cultura considerada superior. Por isso, a relação entre tutor e tutelado se mostraria necessária e, no caso dos indígenas, deveria se revestir de um cunho pedagógico, sendo pautada por atitudes de proteção do primeiro em relação ao seu tutelado.[210]

Nesse sentido, o indígena é percebido como alguém incapaz de autogoverno e de defender seus próprios direitos, pois ele não conheceria as leis e normas de conduta vigentes na sociedade nacional, originando daí a necessidade de um indivíduo que o oriente, atue e decida em seu lugar para evitar que sofra ou que seja lesado em função

---

[208] FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit., p. 122.

[209] Como afirmou Rita Heloísa de Almeida, o Diretório de 1757, e também o Regulamento das Missões de 1845, expressam a mesma ideia da legislação indigenista do século XX no que se refere à falta de capacidade dos indígenas em se governarem. Essa perspectiva se transformou apenas muito recentemente com a Constituição Federal de 1988. ALMEIDA, Rita Heloísa de. Op. Cit., pp. 167-168.

[210] OLIVEIRA, João Pacheco de. *"O nosso governo"*: os Ticuna e o regime tutelar. São Paulo: Marco Zero; Brasília: MCT/CNPq, 1988, pp. 223-224.

de atitudes de terceiros.[211] A figura do tutor e a instituição que representava se constituíram enquanto obstáculos à participação política formal do indígena devido à existência de intermediários nas suas relações com não índios e com o Estado. Tanto no século XVIII quanto no XIX o intermediário e tutor por excelência seria o diretor de aldeia, na maioria das vezes um indivíduo não indígena que estava completamente inserido nos jogos políticos locais, angariando benefícios para si e para seus aliados a partir do trabalho dos índios e das invasões aos territórios das aldeias.

De acordo com políticos do governo imperial, com as legislações indigenista e fundiária, ao ser emancipado da tutela, o indígena aldeado poderia se igualar aos demais cidadãos brasileiros, tornando-se em trabalhador substituto à mão-de-obra escravizada ou em proprietário de um pequeno lote de terras provenientes dos territórios dos antigos aldeamentos coloniais. Nesse projeto, as terras que se entendia não serem usadas pelos indígenas, seriam revertidas para o Estado, vendidas em hasta pública ou entrariam para as posses dos não índios que já as habitassem. Assim, para tornarem-se cidadãos, de acordo com a política imperial, os indígenas deveriam ser emancipados da tutela e perder o vínculo coletivo com as aldeias constituídas no período colonial.

Nesse sentido, é importante acompanhar o debate parlamentar nos primeiros anos de formação do Estado nacional brasileiro sobre as condições para o exercício da cidadania por indígenas. Fernanda Sposito apresenta importante trabalho[212] sobre esse tema, analisando as propostas de parlamentares membros da Assembleia Constituinte de 1823 referentes ao capítulo que define quais indivíduos seriam considerados cidadãos no recém-fundado Império do Brasil. De acordo com a análise de Sposito, o debate se centrou na definição das categorias de cidadão e de brasileiro a partir, principalmente, das proposições de três deputados, o paulista Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, o fluminense Manoel José de Souza França e o baiano Francisco Gê de Acaiaba Montezuma. Havia uma divergência específica entre os três sobre a necessidade de explicitar na epígrafe se todos os brasileiros seriam cidadãos. Sem querer adentrar nos detalhes das falas apresentadas pelos três, trabalho já realizado por Sposito, convém ressaltar que todos concordavam com a existência daqueles indivíduos que seriam brasileiros, por terem nascido no território nacional, mas que nem todos possuiriam os direitos políticos constituintes do papel do cidadão. Portanto,

---

[211] OLIVEIRA, João Pacheco de. Op. Cit., pp. 223-225.
[212] SPOSITO, Fernanda. Op. Cit., p. 24-40.

haveria aqueles brasileiros que não seriam cidadãos, a exemplo dos escravos nascidos no Brasil. Contudo, quando os deputados tratam da situação indígena, a meu ver, as definições se tornam mais nebulosas.

O deputado Souza França, ao tentar fazer a diferenciação entre cidadãos e brasileiros, afirmou em sua fala que "*os índios que vivem nos bosques* não são brasileiros enquanto não abraçam a nossa civilização".[213] Já o deputado Vergueiro, que defendia a referência apenas à categoria de cidadão na epígrafe do capítulo 1 da Constituição, afirmou que

> "a epígrafe está muito clara. A emenda que eu fiz foi só para abreviar: o que é índio, que não está ligado conosco; os filhos de estrangeiros, estes, não tratamos deles. A Constituição não é feita para eles, é para os membros da sociedade brasileira".[214]

Enquanto para o deputado Montezuma

> "os índios porém estão fora do grêmio da nossa sociedade, não são súditos do Império, não o reconhecem, nem por consequência suas autoridades desde a primeira até a última, vivem em guerra aberta conosco: não podem de forma alguma ter direitos, porque não têm, nem reconhecem deveres ainda os mais símplices (*falo dos não domesticados*), logo: como considerá-los cidadãos brasileiros?"[215]

Com base na fala dos deputados, e ao longo de seu livro, Sposito defende a ideia de que para esses políticos e, por consequência, para a Constituição de 1824 que, apesar de ter sido outorgada manteve as propostas deles sobre o conceito de cidadania, os indígenas não seriam nem cidadãos, nem brasileiros. Os indígenas não pertenceriam à sociedade civil, pois não compartilhavam os "valores da cultura ocidental", e tampouco se inseriam no novo plano político que estava se delineando para o Império do Brasil. Da fala de Souza França e de outros dados, a autora deduz que seria possível aos indígenas alcançar o estatuto de cidadão, desde que se tornassem civilizados e, por isso, deixassem de lado seus hábitos, costumes e religião, descaracterizando sua identidade indígena.[216] Portanto, o indivíduo poderia ser ou indígena ou cidadão, sendo uma condição excludente à outra.

---

[213] Fala do deputado França em sessão de 23 de setembro de 1823d a Assembleia Constituinte. Apud SPOSITO, Fernanda. Op. Cit., p. 24.
[214] Fala do deputado Vergueiro em sessão de 23 de setembro de 1823 da Assembleia Constituinte. Apud SPOSITO, Fernanda. Op. Cit., p. 31.
[215]Fala do deputado Montezuma na sessão de 23 de setembro de 1823 da Assembleia Constituinte. Apud SPOSITO, Fernanda. Op. Cit., p. 34. Grifos meus.
[216] SPOSITO, Fernanda. Op. Cit., p. 33.

Tendo em vista a área e o foco de pesquisa de Sposito, São Paulo e os grupos indígenas que foram objeto das "guerras justas" reavivadas pelas Cartas Régias de 1808 e 1809, é provável que a autora tenha centralizado a sua análise para essa realidade e das outras regiões nas quais alguns grupos foram subjugados através da violência oficializada nesse período, como Goiás e Pará. Essa perspectiva pode ter contribuído para que a análise das condições de exercício da cidadania não levasse em consideração as realidades das áreas de colonização antiga, onde grande parte dos grupos indígenas estavam aldeados há décadas, ou mesmo há séculos. Nesse sentido, é preciso fazer uma diferenciação fundamental entre os grupos indígenas que viviam dispersos ou que impunham alguma resistência violenta a colonos, bandeirantes e moradores, daqueles que estavam aldeados e tinham vivenciado o processo de territorialização, passando por momentos de mistura, mantendo contatos cotidianos com não índios. Esses índios aldeados, que se apropriaram dos espaços das aldeias e refabricaram suas identidades étnicas, ainda que tutelados, construíram espaços informais de participação política. Além disso, há pelo menos um caso em que uma importante liderança indígena conseguiur se adequar às condições necessárias para ser reconhecido como cidadão. Como veremos nos capítulos seguintes sobre o envolvimento de grupos indígenas nas revoltas ocorridas em Pernambuco e Alagoas na primeira metade do Oitocentos, acredito ser possível afirmar que esses índios poderiam assumir o lugar de cidadãos, caso essa condição lhes ajudasse a realizar suas expectativas individuais ou coletivas. Por outro lado, vale salientar que essa participação política por meios formais era limitada, principalmente, pelas exigências de renda e pela instituição da tutela.

Essas são questões que serão novamente trabalhadas e aprofundadas ao longo dos capítulos, ganhando destaque no último. No momento cabe trazer dois exemplos de índios aldeados que reivindicaram o estatuto de cidadão, ou se valeram dele para alcançar seus interesses. O primeiro foi o caso dos índios do Espírito Santo, em 1830, estudados por Vânia Moreira. Eles fizeram um abaixo-assinado queixando-se das condições precárias de suas casas, famílias e lavouras, que assim se encontravam em decorrência do recrutamento dos homens do aldeamento para prestarem serviços militares na Diretoria do Rio Doce. Os suplicantes se identificaram como "pequeno número de indivíduos que tem a honra de se denominarem = cidadãos brasileiros". Imbuídos dessa posição política, os índios demandavam o direito de terem lavouras, família e vencimentos, como qualquer cidadão. Além disso, tais reivindicações

também estavam relacionadas ao sistema de exploração do trabalho indígena na região, baseado no revezamento e pagamento de salários o que, segundo Moreira, permitia aos índios se manterem em seus aldeamentos, sem perder os vínculos com suas famílias e terras.[217] Assim, atualizavam os direitos indígenas sobre terras e administração de seu trabalho através do conceito liberal de cidadania em pleno debate no Império.

Diante do caso supracitado, é importante ressaltar, como um exemplo elucidativo, os caminhos e as estratégias utilizados por grupos indígenas para se apropriarem e ressignificarem conceitos, categorias e o próprio regime político no qual atuavam.[218] Com isso, concordamos com Vânia Moreira ao refutar a ideia de que no Império os índios não serem cidadãos, nem brasileiros.[219] A meu ver, a depender das situações, das necessidades, dos interesses e das redes de relações construídas com não índios poderosos nas localidades, os indígenas poderiam acionar a condição de cidadão, caso cumprissem a condição de renda disposta na Constituição, como fez uma importante liderança de Barreiros nas décadas de 1830 e 1840. Assim, poderia ser índio e cidadão. Para outros indígenas, no entanto, seria mais viável defender seus interesses sobre as terras coletivas através da ação coletiva e do envolvimento em revoltas, construindo espaços informais de participação política.

1.6. Dados demográficos no século XIX e o discurso sobre o desaparecimento

Nos ofícios dos presidentes da província de Pernambuco, um de 1827 e o outro de 1852, tratados na sessão anterior, é descrita a situação de mistura e de pobreza da população indígena, sendo apontada como solução a esse quadro a sua incorporação à sociedade nacional através da emancipação, com o fim da tutela. Essa assimilação ou a condição dos indígenas de "misturados à massa civilizada" foi uma das justificativas utilizadas para extinguir as aldeias na segunda metade do Oitocentos e para demonstrar a pouca representatividade desses grupos entre a população da província. Informações demográficas contribuíram para esse argumento ainda no

[217] MOREIRA, Vânia Maria Losada. *Os índios e o Império*: direitos sociais e agenciamento indígena. Trabalho apresentado no XXV Simpósio Nacional de História da ANPUH. Simpósio Temático 36: Os índios na História. Julho de 2009. Disponível em http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Trabalhos/ST36Vania.pdf

[218] MOREIRA, Vânia Maria Losada. "De índio a guarda nacional: cidadania e direitos indígenas no Império (Vila de Itaguaí, 1822-1836)". In: *Topoi*. v. 11, n. 21, jul.-dez. 2010, pp. 133-134.

[219] MOREIRA, Vânia Maria Losada. "Os índios na história política do Império: avanços, resistências e tropeços". In: *Revista História Hoje*. V. 1, no. 2, 2012, pp. 269-274.

início do século XIX, como podemos observar nos dados populacionais levantados nos mapas estatísticos de 1829 e de 1837.

As estatísticas populacionais no Império, realizadas nas províncias por vários representantes locais e regionais do poder central como párocos, subdelegados, juízes e presidentes de província, foram importantes instrumentos para a própria construção do Estado brasileiro após a Independência. Como afirma Ivana Stolze Lima, a constituição do Estado dependia da prática do recenseamento e da representação sobre a ordenação de seu contingente populacional, sendo interessante perceber que os esforços no sentido de produzir estatísticas e levantamentos demográficos tenham se intensificado no início do Período Regencial, num contexto de expectativa e incerteza política. Classificar e quantificar a diversidade da população que compunha o Império passou, então, a ser uma questão importante na conformação do Estado nacional. O conhecimento sobre a população e também sobre o território do Império estava diretamente relacionado à soberania deste.[220]

O primeiro censo geral do Império apenas seria realizado em 1872, havendo algumas iniciativas anteriores, como em de 1851 que suscitou resistência de parte da população a ser recenseada temerosa de um movimento de escravização da "gente de cor".[221] Na província de Pernambuco foram realizados dois levantamentos gerais da população em 1829 e 1837 e em ambos há referências aos indígenas.

O mapa demográfico de 1829 foi elaborado pelo bacharel Jerônimo Martiniano Figueira de Melo a partir dos dados produzidos em resposta ao pedido do governo imperial de 1826. Figueira de Melo, secretário do governo de Francisco do Rego Barros, trabalhou essas informações entre 1841 e 1847 a pedido do presidente de Pernambuco, com o objetivo de elaborar um quadro geral da população da província. Após firmar contrato com o governo de Pernambuco, Figueira de Melo coligiu dados suficientes para compor o seu "Ensaio sobre a estatística civil e política da província de Pernambuco", que apenas seria publicada em 1852. Esse atraso entre o fim da obra e sua publicação se deveu ao fato de seu autor ter enfrentado muitas dificuldades em decorrência da insuficiência do subsídio concedido pelo governo

---

[220] LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas*. Sentidos de mestiçagem no Império do Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003, pp. 90-94.
[221] Idem, pp. 106-109.

provincial e da resistência de autoridades locais em enviar-lhe os dados necessários.[222]

Diante dos vários entraves à elaboração de sua “Estatística”, Figueira de Melo obteve informações generalizadas sobre a população da província em 1829, não dividindo-a pelas comarcas, mas sim pela sua faixa etária. Isso dificulta a análise sobre a população indígena e a possibilidade de relacioná-la às suas respectivas aldeias. Por outro lado, o mapa de 1829 nos fornece outras informações sobre as categorias de análise da população do período.

As primeiras grandes classificações do mapa são feitas por gênero, as quais se subdividem em ingênuos(as), libertos(as) e cativos(as). A subdivisão que nos interessa nesse trabalho é a relativa aos(às) ingênuos(as), entre os quais estão relacionados brancos(as), índios(as), pardos(as) e pretos(as).[223]

Dados do “1o. Mapa geral da população da província de Pernambuco, ano de 1829”[224]

	Homens					Mulheres				
	Ingênuos					Ingênuas				
Idade	**brancos**	**Índios**	**pardos**	**pretos**	**total**	**brancas**	**Índias**	**pardas**	**pretas**	**total**
de 1 a 10 anos	13051	419	13569	2149	29188	12320	437	13178	2165	28100
de 11 a 20 anos	7109	391	7956	1738	17194	9878	360	10686	2041	22965
de 21 a 30 anos	7124	358	7013	1704	16199	8297	400	8842	1875	19414
de 31 a 40 anos	5607	217	5414	1227	124656	5740	299	5669	1315	13023
de 41 a 50 anos	4170	184	3654	998	9006	3640	204	3491	907	8242
de 51 a 60 anos	2759	118	2534	715	6135	2215	111	2099	593	5018
De 61 a 70 anos	1481	46	1225	319	3141	1105	65	1084	321	2575
De 71 a 80 anos	649	25	586	192	1452	484	37	530	181	1232
De 81 a 90 anos	190	6	192	83	471	188	12	202	85	487
De 91 a 100 anos	17	1	23	8	49	25	2	43	34	104
De 101 para cima	2	2	3	1	8	3	0	4	1	8
soma	**42159**	**1767**	**42178**	**9204**	**95.308**	**43895**	**1927**	**45828**	**9518**	**101.168**

Conforme os dados apresentados no quadro acima, em toda a província de Pernambuco existiram 1.767 índios e 1.927 índias, compondo um total de 3.694 indígenas. Em relação aos outros grupos analisados, haveria um total de 18.722

[222] MELO, Jerônimo Martiniano Figueira de. *Ensaio sobre a estatística civil e política da província de Pernambuco por Jeronymo Martiniano Figueira de Mello*. (Reedição da publicação datada de 1852). Recife: Estado de Pernambuco, Conselho Estadual de Cultura. 1979, p. 270. Prefácio “A *Estatística* e sua história” de José Antonio Gonsalves de Melo.

[223] Entre os libertos(as) e cativos(as) existem as seguintes classificações: pardos(as), pretos(as) crioulos(as) e pretos(as) d'áfrica.

[224] “1o. Mapa geral da população da província de Pernambuco, ano de 1829, classificada por idades, sexos, classes e condições de indivíduos”. MELLO, Jeronimo Martiniano Figueira de. *Ensaio sobre a estatística civil e política da província de Pernambuco por Jeronymo Martiniano Figueira de Mello*. (Reedição da publicação datada de 1852). Recife: Estado de Pernambuco, Conselho Estadual de Cultura. 1979.

pretos, 86.054 brancos e 88.006 pardos, representando esses últimos a população mais numerosa da província no período. De um total geral de 196.476 indivíduos, a população indígena representava cerca de 1,8%.[225]

Com tal conhecimento técnico, era possível às autoridades provinciais demonstrar uma suposta decadência demográfica indígena diante da sua baixa expressividade em relação ao total populacional de Pernambuco. Esses dados ajudariam a reafirmar o discurso sobre o desaparecimento dos indígenas com base, principalmente, na ideia de que a mistura com a "massa da população civilizada" levaria à formação de uma população de caboclos ou de "índios misturados".[226] A grande quantidade de pessoas classificadas como "pardas" no mapa de 1829, tornava esse contingente populacional o mais expressivo da província e, ao mesmo tempo, contribuía para corroborar o discurso sobre a mistura. Havia, assim, a possibilidade de muitos indígenas terem sido contabilizados como pardos no referido mapa estatístico.

Como demonstra Ivana Stolze Lima, palavras como pardo foram utilizadas nos censos e mapas estatísticos como classificações e categorias, constituídas a partir de um saber técnico que as esvaziava de seu conteúdo político tão debatido na época, principalmente em jornais que faziam referência à afirmação de identidades coletivas.[227]

É importante atentar para outro problema levantado pelo uso da categoria pardo apontado por João Pacheco de Oliveira em sua análise sobre os censos nacionais dos séculos XIX e XX. Em nível nacional, o uso do termo pardo e o seu aumento quantitativo no decorrer dos anos indicaria a tendência ao branqueamento da população brasileira. Mas ao partir para as análises regionais, a categoria leva a confundir num todo homogêneo situações distintas, já que o conceito de pardo no Sul significaria algo diferente do utilizado na Amazônia ou no Nordeste.[228] Diminuindo mais a escala de análise, podemos afirmar que ser pardo em comarcas com presença histórica de aldeias indígenas, como Brejo (Cimbres, Aldeia do Ararobá) e Barreiros,

---

[225] "1o. Mapa geral da população da província de Pernambuco, ano de 1829, classificada por idades, sexos, classes e condições de indivíduos". MELLO, Jeronimo Martiniano Figueira de. *Ensaio sobre a estatística civil e política da província de Pernambuco por Jeronymo Martiniano Figueira de Mello*. (Reedição da publicação datada de 1852). Recife: Estado de Pernambuco, Conselho Estadual de Cultura. 1979.
[226] DANTAS, Mariana Albuquerque. Op. Cit., p. 79-95.
[227] LIMA, Ivana Stolze. Op. Cit., pp. 89-90.
[228] OLIVEIRA, João Pacheco de. Op. Cit. 1999, pp. 131-132.

possui significados diferentes de ser pardo na capital Recife, onde os fluxos e circulação de grupos sociais diferentes foi mais intenso.

Diante dos diferentes processos históricos de povoamento, de ocupação dos espaços e dos movimentos de estabelecimento de diferentes grupos sociais, concordamos com Oliveira quando argumenta que "o que se registra em cada região como 'pardo' tem uma origem histórica e uma realidade étnica absolutamente distinta e singular".[229] Torna-se, portanto, necessário recorrer à análise dos processos históricos para interpretar os dados dos censos e mapas estatísticos relacionados à regiões e às localidades, como no caso do mapa de 1837, que permite a visualização das diferenças de categorias em relação às comarcas de Pernambuco.

O "Mapa estatístico da província de Pernambuco de 1837" consiste numa tabela com dados detalhados da população da província, que, no entanto, não apresenta maiores informações sobre autoria ou condições de sua produção. É possível deduzir que esse mapa tenha sido produzido em função de pedido da Assembleia Provincial, já que essa assumiu a responsabilidade de realizar esse tipo de levantamento demográfico com o Ato Adicional de 1834. O mapa demográfico de Pernambuco, depois de finalizado, deve ter sido enviado para a Corte, onde foi arquivado, pois o esforço de produzir dados populacionais em nível nacional apenas seria iniciado em 1850.[230]

Apesar da escassa contextualização sobre as condições de sua produção, o mapa de 1837 é interessante para aprofundar algumas questões sobre categorias e percebê-las com mais detalhes, já que o mapa foi dividido em comarcas. Com essa divisão, torna-se possível inferir sobre quais aldeias os dados se referem. O mapa foi dividido nas comarcas de Recife, Goiana, Nazareth, Limoeiro, Santo Antão, Barreiros, Garanhuns, Brejo, Flores e Rio Formoso e apresenta as seguintes classificações para a população: livre, escravo, liberto e estrangeiro. Os livres são subdivididos em homens, mulheres e indígenas. Os homens e mulheres são classificados de acordo com a cor em brancos(as), pardos(as) e pretos(as), e os indígenas em homens e mulheres.[231] Dessas primeiras categorias percebemos a diferenciação imposta ao elemento indígena como um grupo distinto, já que ele não

[229] Idem, p. 134.
[230] LIMA, Ivana Stolze. Op. Cit., pp. 104-105.
[231] AN. Série Interior. IIJ9 252 A-Ministério do Império – Pernambuco. Mapa Estatístico da População da Província de Pernambuco, classificado por comarcas e pertencente ao ano de 1837.

aparece como uma cor possível à sociedade nacional.[232] O indígena seria um elemento exótico ainda não incorporado, mas que tinha sua liberdade garantida por leis, daí ser classificado como livre. A população também foi classificada pela idade, constituindo-se campos que abrangem pessoas de 1 a 5 anos até 100 anos ou mais.

Apesar de esse ser um instrumento muito rico para análise populacional da província no período, principalmente tendo em vista que ainda não eram realizados os censos, nos deteremos na análise sobre as categorias de pardos e indígenas e o seu quantitativo. É interessante perceber o baixo número de indígenas nas comarcas de Pernambuco: em Recife residiriam 446; em Goiana 42; em Nazareth 20; em Santo Antão 91 (que era composta, entre outras, pela freguesia de Escada, onde havia uma das aldeias mais antigas da província); em Barreiros 280 (onde estava localizada a aldeia de mesmo nome); em Garanhuns 803 (que compreendia, entre outras, a freguesia de Águas Belas, onde havia a aldeia do Ipanema); em Brejo 290 (composta, entre outras, pela freguesia de Cimbres, onde estava localizada a aldeia do Ararobá) e em Flores 120. Para as comarcas de Limoeiro e Rio Formoso não foram apresentados os dados quantitativos para os indígenas.[233]

Os totais de livres, ou seja a somatória de homens e mulheres livres entre brancos(as), pardos(as), pretos(as) e índios(as), computados nas comarcas são os seguintes: Recife: 62.690; Goiana: 8.076; Nazareth: 22.067; Limoeiro: 16.423; Santo Antão: 13.764; Barreiros: 9.495; Garanhuns: 28.554; Brejo: 10.935; Flores: 22.883; Rio Formoso: sem informação. A partir do quadro comparativo abaixo, percebe-se novamente a pequena participação da população indígena em relação ao total geral. Por outro lado, a população classificada como parda, de ambos os sexos, é maioria em quase todas as comarcas.

[232] LIMA, Ivana Stolze. Op. Cit., p. 102.
[233] AN. Série Interior. IIJ9 252 A-Ministério do Império – Pernambuco. Mapa Estatístico da População da Província de Pernambuco, classificado por comarcas e pertencente ao ano de 1837.

Comparativo entre brancos, pardos e índios livres com base no Mapa Estatístico de 1837[234]					
Comarcas	**índios**	**brancos**	**pardos**	**pretos**	**Total de indivíduos livres**
Recife	446	25.214	28.215	8.815	62.690
Goiana	42	4.163	3.271	600	8.076
Nazareth	20	8.204	11.982	1.861	22.067
Limoeiro[235]	-	4.344	10.936	1.143	16.423
Santo Antão	91	7.075	5.872	726	13.764
Barreiros	280	2.518	5.225	1.472	9.495
Garanhuns	803	7.514	19.355	882	28.554
Brejo	290	4.562	5.893	190	10.935
Flores	122	8.785	11.844	2.132	22.883
Rio Formoso[236]	-	-	-	-	-
Total	2.094	72.379	102.593		194.887

Levando em conta os dados e categorias dos dois mapas referentes à província de Pernambuco, podemos chegar a algumas conclusões. Quando comparamos o total da população indígena com o total geral da província, percebemos mais uma vez a baixa representatividade da primeira demonstrada através de um saber técnico e dos números. Associando as informações de 1829 e as de 1837, percebemos que era ratificada a ideia de que os grupos indígenas iriam desaparecer misturados na "massa da população civilizada", sendo esse movimento também expressado pelo aumento do número de indivíduos categorizados como pardos. Situação que pode ser confirmada, mais uma vez, pelo decréscimo do total da população indígena, que em 1829 correspondia a 3.694, e em 1837 passava a 2.094 indivíduos.

Nesse sentido, localidades como Cimbres e Barreiros, com presença histórica de aldeias desde o período colonial, foram computadas com baixo contingente populacional indígena. A comarca de Brejo, onde estava localizada a freguesia de Cimbres e também a aldeia do Ararobá, computava 290 índios pelo mapa populacional de 1837. Em relatório de 1862, a outrora sede da comarca do sertão, era composta de 789 índios, ou 238 famílias.[237] Por sua vez, Barreiros em 1837 apresentava uma população indígena composta de 280 pessoas. Já em 1862 teria 191

[234] AN. Série Interior. IIJ9 252 A-Ministério do Império – Pernambuco. Mapa Estatístico da População da Província de Pernambuco, classificado por comarcas e pertencente ao ano de 1837.
[235] Sobre a comarca de Limoeiro não existem informações relativas aos indígenas.
[236] Para a comarca de Rio Formoso apenas são relacionados os dados referentes ao total da população livre, excluídos os indígenas. Por isso, não há informações específicas sobre brancos, pardos e pretos.
[237] Apeje. Diversos II, vol. 19. 13/02/1862. Relatório das aldeias da província, do diretor geral dos índios, barão dos Guararapes. Fl. 50-56.

famílias indígenas vivendo em seus limites.[238] Portanto, as informações de 1862 demonstram um aumento demográfico no Brejo e em Barreiros em relação aos dados de 1837.

Levando em consideração que os dados estatísticos não são precisos devido às dificuldades de envio das informações e a resistência por parte das autoridades locais em remetê-las aos encarregados de calcular os mapas populacionais,[239] é possível que mesmo os dados de 1862 não representassem a real quantidade de indígenas em Cimbres e Barreiros. Ainda que a diferença verificada entre 1837 e 1862 fosse relativa apenas ao crescimento vegetativo, esse teria sido um aumento muito pequeno para um período de 25 anos.

Diante das imprecisões numéricas, dos muitos problemas para a reunião dos dados e da construção do discurso sobre a decadência indígena, temos poucas pistas sobre a quantidade dessa população no período. Contudo, é possível sugerir que muitos indígenas mestiçados, fruto de séculos de contato e movimentos de mistura incentivados pelo governo português, tenham sido contabilizados como pardos nas comarcas onde havia presença indígena desde o período colonial. Ser pardo, assim, indicaria ser resultado de misturas entre diferentes grupos sociais, sendo essa categoria utilizada pelos mapas estatísticos desse período para tentar dar conta dos variados processos de mestiçagens ocorridos na sociedade nacional em formação. Por outro lado, a condição de indígena remete a um estatuto jurídico diferenciado, não fazendo referência a uma homogeneidade interna e diferenciação externa relacionadas à cor, conforme argumenta Oliveira.[240] A condição jurídica de indígena fazia referência aos direitos coletivos adquiridos ainda no período colonial através da doação de sesmarias para o estabelecimento de aldeias. Tendo em vista a preocupação de políticos e elites econômicas de Pernambuco no início do século XIX relativa às terras das aldeias e à mão de obra indígena, era crucial demonstrar a pouca representatividade dessa população; a sua mistura com outras "raças", já que "cruzando-se com pardos e pretos" estariam "degenerados"[241]; bem como a sua consequente decadência.

---

[238] Apeje. Diversos II, vol. 19. 13/02/1862. Relatório das aldeias da província, do diretor geral dos índios, barão dos Guararapes. Fl. 50-56.
[239] LIMA, Ivana Stolze. Op. Cit., p. 90.
[240] OLIVEIRA, João Pacheco de. Op. Cit. 1999, p. 134.
[241] Apeje. Correspondência para a Corte, volume 31. Fl 107-109. Ofício do presidente da província, José Carlos Mairink da Silva Ferrão, para o ministro do Império, Visconde de São Leopoldo. 05/04/1827. Fl.108.

Na análise de dados demográficos, tais como os produzidos em 1829 e 1837, torna-se necessário avaliar o seu contexto de produção e os interesses em jogo dos autores. Ao entendermos as informações populacionais de maneira crítica, levando também em consideração a historicidade e os diferentes significados das categorias utilizadas, passa a ser possível perceber a presença indígena de maneira diferenciada, principalmente quando comparamos essas informações com a ativa participação política dos indígenas em vários momentos históricos importantes da província, como nas revoltas ocorridas na primeira metade do século XIX.

Diante das mudanças no plano político desencadeadas ao longo do Oitocentos, indígenas habitantes da província de Pernambuco se envolveram nas revoltas iniciadas pelas elites tanto de maneira forçada, quanto como uma escolha política, sendo esta última motivada, na maioria das vezes, pela defesa do território das aldeias. É interessante perceber que o posicionamento dos indígenas era baseado no seu entendimento sobre os direitos adquiridos ainda no período colonial. Reduzidos em sua multiplicidade étnica, transformados e categorizados em índios das aldeias de Cimbres, Barreiros e Jacuípe, esses sujeitos históricos se apropriaram dessas classificações generalizantes e impostas pelo colonizador para reconfigurar a sua relação com o território, suas formas de representação política, suas economias, seus ritos, seus costumes, sua religião e suas identidades. Apesar de terem passado por profundos processos de mudança espacial, como vimos até aqui, as aldeias continuaram existindo como o principal ponto de referência e objeto de interesse dos grupos indígenas de Cimbres, Barreiros e Jacuípe.

CAPÍTULO 2

INSURREIÇÃO DE 1817: RECRUTAMENTO FORÇADO E APOIO NEGOCIADO DE INDÍGENAS

A força militar de índios aldeados da província de Pernambuco e da comarca de Alagoas foi central para o desenrolar dos conflitos armados iniciados com a Insurreição de 1817. Eles participaram dos dois lados do embate, tanto do rebelde quanto do realista, sendo forçados a adentrar na composição das tropas ou sendo convencidos pelos líderes não índios em função de suas aspirações e necessidades. Os indígenas que participaram dos conflitos de 1817, cujos feitos são relatados na documentação, eram provenientes de aldeias constituídas entre os séculos XVII e XVIII, como as de Cimbres, Águas Belas e Atalaia. Seus habitantes, portanto, estavam inseridos na estrutura colonial do governo português, relacionando-se, como visto no capítulo 1, com os demais sujeitos históricos.

O recrutamento poderia ser feito pelas autoridades locais, tomando os indígenas como parte de uma população pobre e livre. Nessa condição, estavam vulneráveis às ações violentas visando à constituição das tropas armadas de patriotas e realistas. Podiam ser vistos dessa maneira, mas, por outro lado, eram índios aldeados possuidores de um estatuto jurídico diferenciado, que lhes garantia direitos e um lugar muito específico dentro da hierarquia social do Antigo Regime, os quais pretendiam preservar. Negociavam com os não índios no sentido de defender e manter tais direitos. Autoridades e políticos locais entendiam essa situação, pois reconheciam a importância bélica dos indígenas nos momentos de confrontos armados e, por isso, tentavam negociar com eles as condições para conseguir seu apoio. Tornou-se, então, necessário aos líderes políticos e militares não indígenas estabelecer canais de barganha em torno das expectativas e necessidades indígenas, tal como ocorreu em outras regiões da América durante o processo de formação dos Estados nacionais.[242] Os indígenas, então, percebiam-se e eram vistos através de categorias e classificações historicamente construídas, plurais e cambiantes. A depender da situação, poderiam ser identificados de uma forma ou de outra, sendo as categorias apropriadas pelos

[242] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. "Populações indígenas e Estados nacionais latino-americanos: novas abordagens historiográficas". In: AZEVEDO, Cecília. RAMINELLI, Ronald. *História das Américas*: novas perspectivas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, pp. 105-128 .

diferentes sujeitos históricos a partir das relações estabelecidas entre eles e das suas posições socioeconômicas.[243]

Levando em consideração a necessidade de ter os indígenas como aliados ou como subordinados militares, percebemos a sua importância como sujeitos históricos na Insurreição de 1817. Nesse contexto, índios e não índios construíram redes de relacionamentos, baseadas em apoios mútuos, inimizades ou coação violenta, que configuraram a formação das tropas e as arenas de embates armados. Embora a documentação estudada seja lacunar e escassa, referindo-se principalmente à devassa instalada com a derrota da Insurreição e a manuscritos sobre a administração local e regional, é possível perceber as diferentes dimensões da atuação dos indígenas num momento crucial da formação do Estado brasileiro, quando se passou a discutir os projetos políticos divergentes para o Brasil, já elevado à condição de Reino Unido a Algarve e Portugal. Para compreender as especificidades da participação indígena na Insurreição de 1817, torna-se necessário tratar de alguns fatos importantes para o desenrolar dos conflitos, bem como da discussão historiográfica relativa ao caráter e aos objetivos dessa revolta.

2.1. Eclosão do movimento como reação militar

A Insurreição de 1817, que tinha o objetivo de instalar uma república em Pernambuco e em províncias vizinhas, eclodiu como um levante militar no quartel da Artilharia da vila do Recife. O mês de março de 1817 se iniciou com a realização de denúncias do ouvidor da comarca do sertão, José da Cruz Ferreira e do comerciante Manuel Carvalho de Medeiros ao presidente da província, Caetano Pinto de Miranda, sobre a organização do "partido dos brasileiros" com o intuito de exterminar os europeus e a compra de armas e munições para tal feito. Além disso estariam sendo realizadas reuniões suspeitas, contando com a participação de cerca de 40 a 50 pessoas, na casa de Domingos José Martins, que seria o principal líder do movimento.[244]

Foi convocado um Conselho de Guerra para o dia 6 de março, no qual oficiais se reuniram ao presidente para decidir quais decisões tomar em relação à denúncia. Além de apontar padres, militares e civis, a denúncia fazia indicações claras de que os

---

[243] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2008, pp. 21-24.

[244] LEITE, Glacyra Lazzari. *Pernambuco 1817*: estrutura e comportamentos sociais. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1988, pp. 177-178.

conspiradores de maior influência no movimento eram oficiais do Regimento de Artilharia. Por isso, a cúpula do governo provincial e das forças militares decidiram iniciar as prisões dos suspeitos por ali que, segundo Denis Bernardes, era "o mais bem preparado corpo militar situado na então vila do Recife".[245]

O levante se iniciou com a reação à prisão do capitão Domingos Teotônio Jorge Martins Pessoa e da tentativa de prisão do capitão José de Barros Lima. As ordens de prisão foram executadas pelo brigadeiro português Manoel Joaquim Barbosa de Castro, que foi morto por Barros Lima a golpes de espada. A notícia logo chegou ao presidente Caetano Pinto de Miranda que, rapidamente, enviou o tenente coronel português Alexandre Tomás, seu ajudante de ordens, para efetuar as prisões e retomar o quartel para o governo. Ele foi recebido a tiros e morreu, situação que levou o presidente a se refugiar no forte do Brum, enquanto a tropa saía pelas ruas do Recife e libertava alguns presos. A partir de então o levante se tornou incontrolável e, no dia seguinte, o presidente Caetano Pinto de Miranda precisou assinar sua capitulação e se retirar com seus familiares rumo ao Rio de Janeiro.[246]

Com a ausência do representante oficial do governo centralizado, foi instituído um governo provisório formado por uma junta composta pelo padre João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro, pelo capitão Domingos Teotônio Jorge Martins Pessoa, pelo advogado José Luís de Mendonça, pelo comerciante Domingos José Martins e pelo senhor de engenho e coronel de milícias Manoel Correia de Araújo. Com a instalação do governo provisório, cessou a "soberania do príncipe regente d. João VI sobre Pernambuco".[247] Ainda que o início do movimento tenha se caracterizado como um levante ou motim militar, concordamos com Glacyra Leite ao afirmar que

> os antecedentes e o desenrolar dos acontecimentos demonstram que veio a ser mais do que isto, atingindo proporções maiores do que as previstas pelas autoridades constituídas e menores do que as esperadas pelos agentes mais radicais do movimento[248]

Após a tomada do poder e o consequente rompimento com d. João VI, os rebeldes optaram pela instalação de um governo provisório que conseguiu adesão de outras províncias e de vilas e povoados do território pernambucano. Essa foi a primeira vez, segundo Denis Bernardes, que uma parte do Reino português quebrava

---

[245] BERNARDES, Denis. Op. Cit. 2011, p. 71.
[246] Idem, p. 72.
[247] Ibidem.
[248] LEITE, Glacyra Lazzari. Op. Cit. 1988, p. 187.

os laços de submissão com a Coroa e negava a soberania real.[249] Fato marcante que traria consequências fortemente violentas nos seus dias de repressão.

De acordo com o novo governo, deveria ser convocada uma Assembleia Constituinte depois que todas as comarcas da província aderissem ao movimento. Até lá, os poderes legislativo e executivo continuariam reunidos na figura do governo provisório. As ideias de elaborar uma constituição, conferir soberania ao povo, prever a separação dos três poderes, garantir as liberdades de religião e de imprensa, entre outras, invocavam o caráter liberal do movimento, influenciado pelas experiências francesa e estadunidense.[250] Conforme Bernardes, "não é possível minimizar o fato de que a afirmação dos princípios acima punha pelo avesso a ordem política até então vigente".[251]

O caráter liberal da Insurreição de 1817 já foi criticado, levando-se em consideração a pouca participação do povo nas decisões do governo provisório, ainda que esse invocasse a soberania do povo em sua proposta política e constitucional. Nos setenta e dois dias de governo dos "patriotas", "apenas os elementos ligados aos setores dominantes foram solicitados a integrar o poder, ficando excluídas as outras categorias sociais que passaram, mesmo a ser temidas".[252] Sobre essa crítica cabe lembrar o estudo de Carlos Guilherme Mota, no qual o autor analisa as particularidades do movimento e do grupo que o encabeçou. Ainda que fosse um grupo heterogêneo, composto por padres, militares, comerciantes e grandes proprietários, esse últimos conferiram a tônica da Insurreição no que se refere ao seu liberalismo. A apropriação dos ideais liberais feita por esse grupo dirigente expressava o receio de mudanças na ordem social e no mundo do trabalho. Por isso, foi necessário aos rebeldes esclarecer na proclamação de seu Governo Provisório que não iriam violar qualquer tipo de propriedade. E que a emancipação da escravidão fosse "lenta, regular e legal". Assim, Mota define a Insurreição como "liberal, nacional e escravista", como um movimento das elites coloniais da província de Pernambuco.[253] Construiu-se, naquele momento, um tipo de liberalismo que atendia aos anseios e expectativas desse grupo rebeldes, com agudas restrições à abolição da

---

[249] BERNARDES, Denis. *O patriotismo constitucional*: Pernambuco, 1820-1822. São Paulo: Hucitec: Fapesp; Recife, PE: UFPE, 2006, p. 206.
[250] LEITE, Glacyra Lazzari. Op. Cit. 1988, pp. 194-195.
[251] BERNARDES, Denis. Op. Cit. 2006, p. 208.
[252] LEITE, Glacyra Lazzari. Op. Cit. 1988, p. 199.
[253] MOTA, Carlos Guilherme. *Nordeste 1817*: estruturas e argumentos. São Paulo: Perspectiva, Ed. da USP, 1972, pp. 153-156.

escravidão de maneira radical e da participação formal da população pobre e livre nos rumos da vida política.

Da mesma forma, existem críticas às interpretações que taxaram tanto 1817 quanto 1824 como movimentos separatistas, enquanto as elites do Rio de Janeiro teriam desempenhado o papel de construtores da nacionalidade. Evaldo Cabral de Mello esclarece que não se poderia considerar como separatista os dois movimentos ocorridos em Pernambuco porque ainda não havia uma unidade plenamente formada. Em 1817 a unidade ainda estava relacionada ao Reino de Portugal, Brasil e Algarves e em 1824 a pretensa união estava apenas descrita na Constituição outorgada por d. Pedro I e rejeitada pelos rebeldes da Confederação do Equador.[254] Como afirma Mello sobre 1817, "o separatismo pressupõe a constituição prévia de uma nação brasileira, e esta não existia àquela altura, a monarquia sendo a forma vigente do Estado, de que o Rio era capital".[255]

Por outro lado, Mello trata a Insurreição de 1817 como um antecedente da Independência, como um movimento que levaria a província de Pernambuco ao lugar de pioneira na construção do sentimento de autonomia em relação à Coroa.[256] A Insurreição, por sua vez, teria como seu antecedente a restauração pernambucana do domínio holandês no século XVII, que contou com ajuda crucial da elite açucareira. Desse ponto de vista, os membros da elite produtora de açúcar se viam como vassalos políticos do rei português, o que deveria lhes garantir isenções fiscais e administrativas por parte da Coroa.[257] Portanto, em 1817 eles estariam, entre outras questões, reivindicando o pacto realizado com os Bragança na década de 1650, o que traria à tona durante a Insurreição a "tradição autonomista" da província.[258]

Entretanto, existe uma historiografia crítica à leitura que percebe a Independência como um fato dado antecedido por algumas revoltas no final do período colonial. Discordando dessa perspectiva linear e teleológica, Marcus Carvalho argumenta que a Independência deve ser analisada criticamente, como um campo de debates, um processo de dinâmica complexa e composto por jogos políticos diferentes do que ocorreu em 1817. As alianças e inimizades políticas, bem como ideologias, modificaram-se nesse intervalo de tempo, fazendo com que partidários do

[254] MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência*: o outro federalismo pernambucano de 1817 a 1824. São Paulo: Ed. 34, 2004, p. 18.
[255] Idem, p. 44.
[256] Idem, pp. 35; 39.
[257] Idem, pp. 45-46.
[258] Idem, p. 47.

sistema republicano em 1817 se tornassem ferrenhos defensores do projeto centralista do Rio de Janeiro da década de 1820.[259]

Denis Bernardes, na mesma linha, não reconhece a Insurreição de 1817 ou a experiência da Junta de Governo presidida por Gervásio Pires em 1821, da qual trataremos mais a frente, como movimentos preparatórios para a Independência em 1822. Em sua argumentação, Bernardes entende que 1817 e a experiência das Juntas de Governo entre 1820 e 1822 foram vivências únicas e que devem ser entendidas a partir de suas circunstâncias, sem se deter apenas em explicações a partir de fatores estruturais. Bernardes avança na análise sobre seu objeto de pesquisa mais específico, as Juntas de Governo em Pernambuco, e afirma que não havia intenção de deixar de fazer parte do Império português, mas destruir a legitimidade da Monarquia assentada nos preceitos do Antigo Regime e, com isso, alcançar um governo local autônomo.[260] Não entraremos em detalhes desse debate historiográfico, mas cabe deixá-lo em relevo nesse momento.

Após instaurado o governo provisório no Recife, seus líderes procuraram garantir a adesão das comarcas de Pernambuco e o apoio das províncias vizinhas. Mensageiros foram enviados às outras províncias com a missão de convencer seus vizinhos políticos a se reunirem à causa republicana e, com isso, ampliar a área levantada. O padre José Inácio de Abreu foi enviado para Alagoas e Bahia. Na primeira obteve a adesão do comandante militar da comarca, o tenente coronel Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca. Não obstante, como veremos, esse não foi um apoio angariado de maneira definitiva, já que várias vilas de Alagoas contribuíram com as tropas realistas, tornando os patriotas uma minoria na comarca. Ao chegar na Bahia, o padre foi preso. Saindo dessa província, alguns dias depois, partiram as forças da repressão encabeçadas pelo Conde dos Arcos. No Ceará, os planos dos rebeldes foram, em parte, frustrados pelo presidente da província, Manoel Inácio Sampaio, que conseguiu convencer a tropa de linha a não aderir, oferecendo promoções e aumento de soldo. Já para os indivíduos que se destacavam no possível apoio, o presidente fez ameaças e os obrigou a jurar publicamente fidelidade ao rei. Assim, Sampaio conseguiu manter Fortaleza do lado realista, mas várias vilas do

---

[259] CARVALHO, Marcus J. M. de. "Cavalcantis e cavalgados: a formação das alianças políticas em Pernambuco, 1817-1824". In: *Revista Brasileira de História*. v. 18 n. 36 São Paulo 1998, p. 1. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881998000200014&script=sci_arttext visitado em 30 ago de 2014.

[260] BERNARDES, Denis. Op. Cit. 2006, pp. 628-629.

interior apoiaram o governo provisório pernambucano, a exemplo da vila do Crato. Por outro lado, os rebeldes de 1817 conseguiram rapidamente o apoio do Rio Grande do Norte e da Paraíba.[261]

Evaldo Cabral de Mello chama a atenção para o fato de os rebeldes de 1817 não terem procurado apoio na província do Rio de Janeiro e em outras mais ao sul. A preocupação de militares e políticos que compactuavam com o governo centralizado na monarquia portuguesa foi com a expansão do movimento para as outras províncias do Norte. O Rio era o centro do governo monárquico, portanto, muito dificilmente iria aderir à Insurreição e ao governo republicano que se pretendia instalar. Mas Mello levanta outra questão para o distanciamento entre as elites pernambucana e fluminense. De acordo com seu argumento, 1817 foi particular também pela sua justificativa política, que invocava a restauração de Pernambuco na luta contra os holandeses no século XVII. Segundo Mello, o governo provisório entendia que os Bragança haviam descumprido o pacto forjado com a elite açucareira da capitania no século XVII de conceder isenções fiscais e administrativas em função de sua ajuda crucial na expulsão dos batavos. Vinha daí, portanto, a proclamação dos rebeldes de 1817 sobre o seu movimento como "uma segunda restauração de Pernambuco".[262] Diante dessa dívida, não faria sentido à elite pernambucana levantada angariar apoio junto a políticos na Corte portuguesa instalada no Rio.

Ainda que esse movimento tenha sido iniciado e liderado por membros das elites provinciais, como alguns indivíduos da família Cavalcanti, houve uma intensa participação de segmentos sociais desfavorecidos. De alguma forma, o movimento insurrecional repercutia anseios e necessidades de pessoas pobres e livres, bem como de escravos que foram armados por seus senhores.[263] A Insurreição de 1817 trouxe à tona descontentamentos diversos de indivíduos despossuídos em situação tensionada pelas relações sociais e de poder vigentes. Houve receio entre os líderes do movimento sobre a adesão desses indivíduos, tendo em vista uma possível radicalização da revolta.[264]

---

[261] LEITE, Glacyra, Lazzari. Op. Cit. 1988, pp. 208-211.
[262] MELLO, Evaldo Cabral de. Op. Cit. 2004, pp. 45-46.
[263] Muitos escravos foram armados no intuito de proteger os seus senhores. Já em momentos avançados dos conflitos, o governo patriota passou a armar escravos prometendo-lhes a liberdade caso fossem bem-sucedidos. Muitos desses cativos armados aproveitaram a confusão proporcionada pelos conflitos armados no Recife e fugiram, constituindo o Quilombo do Catucá nas imediações do Recife. CARVALHO, Marcus. Op. Cit. 1998, p. 336.
[264] LEITE, Glacyra, Lazzari. Op. Cit.1988, pp. 92-93; 100.

Em seu estudo sobre a participação popular na Insurreição, Denis Bernardes estabelece três eixos de análise sobre questões que motivaram pessoas livres e pobres a aderir aos conflitos armados ao lado dos patriotas. O primeiro foi o da justiça que, em 1817, era orientada de acordo com o aparato judiciário do Antigo Regime. Isso implica no reconhecimento da aplicação da justiça de maneira desigual entre os vassalos do rei português, sendo crucial a condição de fidalgo ou nobre. Como afirma Bernardes, "a gravidade dos crimes e com ela a das correspondentes punições era baseada na posição social dos sujeitos".[265] Dessa forma, os mais pobres e desprovidos de títulos seriam os mais cruelmente punidos, enquanto que os juízes abusariam e tirariam proveito de seu cargo.[266]

O segundo eixo é o da fiscalidade. Com a instalação da Corte no Rio de Janeiro em 1808, a quantidade de tributos e contribuições que atingiam a população mais pobre aumentou significativamente. Podemos destacar os impostos sobre carne e aguardente. Ao mesmo tempo que essas novas taxas foram criadas, as antigas não foram abolidas, onerando cada vez mais a população contribuinte. Não obstante, o aumento da contribuição da província de Pernambuco para a manutenção da Corte no Brasil não atingiu apenas os indivíduos mais pobres, mas também os grandes proprietários que viam seus lucros escoarem para o Rio de Janeiro na forma de donativos, contribuições e taxas sobre o comércio e seus produtos. A contrapartida dessas robustas contribuições não foram concedidas, como a melhoria do porto do Recife e a iluminação pública na cidade. Por sua vez, o governador de Pernambuco, Caetano Pinto Montenegro, garantia o envio de todos os tributos recolhidos, sem negociar qualquer tipo de autonomia financeira para a província, no intuito de manter o seu cargo, sendo bem visto pela Corte.[267]

O último eixo analisado por Bernardes é o do recrutamento militar e da tensão social que existia dentro da organização do exército. O recrutamento militar atingia em larga escala a população de homens livres e pobres que deveria compor as tropas de linha. Um contingente grande de homens era forçado a se enquadrar numa disciplina militar muito rígida, recebendo um soldo insuficiente e de maneira irregular. Com isso, viam-se atingidos mais diretamente os pequenos agricultores e artesãos. A essa situação, os recrutas reagiam de formas diversas, sendo a mais

---

[265] BERNARDES, Denis. Op. Cit. 2011, p. 74.
[266] Idem, p. 75
[267] Idem, p. 76. LEITE, Glacyra Lazzari. Op. Cit., pp. 136-139.

comum a deserção. Autoridades do início do século XIX apontavam a violência com que os recrutamentos eram realizados. Por outro lado, havia uma tensão entre soldados e oficiais brasileiros e portugueses, tendo em vista que os primeiros tinham poucas chances de alcançar os altos níveis da hierarquia militar. O local do nascimento implicava diretamente no sucesso da carreira militar, o que levava ao favorecimento de portugueses e à criação de preconceitos e discriminações com os militares brasileiros.[268]

Mais a frente retornaremos à questão do recrutamento militar. Por ora, cabe ressaltar que em 1817 convergiram situações de descontentamentos de vários segmentos da sociedade provincial com a estrutura da monarquia portuguesa instalada na colônia baseada em preceitos do Antigo Regime, bem como questões circunstanciais que atuaram como detonantes da Insurreição.

O movimento rebelde ecoou fortemente entre uma população livre e de cor, como defendem Denis Bernardes e Glacyra Lazzari Leite, devido à invocação pelos patriotas da igualdade e da república como horizonte. Durante o período do governo provisório, grande parte da população teve uma vivência política marcada "pela quebra das regras da sociabilidade dominante e, em muitos casos, da distância social", conforme a afirmação de Denis Bernardes.[269] Havia também algo a ser negociado entre líderes rebeldes provenientes das elites e o povo que participou pegando em armas. Possivelmente, essa população pobre tinha a expectativa de conseguir melhores condições de vida com a Insurreição com o fim do regime monárquico, enquanto os líderes percebiam uma força militar crucial para os combates armados.[270]

Por outro lado, houve também pessoas livres e pobres que contribuíram para a repressão e que viam nesse posicionamento político uma oportunidade para satisfazer suas necessidades e atender suas expectativas. Apesar das grandes lacunas na documentação, é possível perceber uma importante participação indígena ao lado dos líderes das tropas realistas, bem como das forças do governo provisório. Ao contrário de lhes conferir características naturalizantes e que lhes retira seu potencial político, como o seu pretenso "fanatismo monárquico",[271] é central compreender as condições nas quais atuaram nesse contexto bélico e inferir suas prováveis motivações para ajudar na repressão ou na Insurreição.

---

[268] BERNARDES, Denis. Op. Cit. 2011, pp. 77-80.
[269] Idem, p. 217.
[270] Idem, pp. 87-89. LEITE, Glacyra Lazzari. Op. Cit. 1988, pp. 254-255.
[271] MELLO, Evaldo Cabral de. Op. Cit. 2004, p. 63.

2.2. Formação de tropas indígenas: recrutamento forçado

Quando eclodiu o levante militar e, logo em seguida, foi instalado o governo provisório de 6 de março, inicialmente ofensivas foram preparadas pelo governo da província da Bahia liderado pelo Conde dos Arcos, que tinha se colocado abertamente contra o movimento rebelde,. Mesmo antes de receber qualquer ordem do Rio de Janeiro, o Conde dos Arcos começou a organizar a ofensiva, tomando como primeiro passo isolar Pernambuco através de um bloqueio dos portos da província e do envio de tropa terrestre que recebeu reforços em Sergipe. No dia 15 de abril o bloqueio se efetivou e em 25 do mesmo mês chegaram reforços do Rio de Janeiro. O governo central ordenou que as medidas repressivas usassem de todo o rigor e a severidade exigidos pela situação.[272] Também foram mobilizados tropas e navios de Portugal, mais especificamente do Porto e de Lisboa, para contribuir com a repressão ao movimento pernambucano. No entanto, quando tudo estava finalmente pronto para a partida de Portugal, a Insurreição já havia sido derrotada.[273]

Nesse momento, políticos e potentados de vilas e povoados de Pernambuco e Alagoas se alinharam a um dos lados, constituindo alianças e inimizades que também poderiam mudar diante do desenvolvimento dos conflitos armados. Era necessário, portanto, angariar a maior quantidade de aliados possível e formar tropas numerosas para enfrentar o inimigo. Assim, por um lado, indígenas de algumas aldeias foram recrutados por políticos e potentados locais que ocupavam cargos militares e, por outro, foram estabelecidas tentativas de convencer os índios a fazer parte da repressão ou do movimento rebelde.

No agreste pernambucano, políticos locais se dividiram entre "patriotas" e defensores do rei português. Em Garanhuns, considerada um baluarte da rebelião,[274] houve uma cisão entre os principais chefes das Ordenanças. O capitão-mor Luiz Tenório de Albuquerque, em conjunto com o capitão Pedro da Silva Costa, mostrou-se abertamente a favor do governo provisório, declarando-se patriota.[275] Pedro da Silva Costa organizou forças para defender a vila das investidas das tropas realistas e ofereceu apoio militar à comarca de Alagoas, enquanto esta ainda estava defendendo o governo provisório. Em documento endereçado ao governo interino da comarca de Alagoas, ele informa que já havia remetido cerca de 600 homens entre "índios,

---

[272] LEITE, Glacyra Lazzari. Op. Cit. 1988, pp. 225-227.
[273] Idem, pp. 230-231.
[274] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. Vol. 11, p. 259.
[275] Idem, p. 263.

ordenanças e tropa paga". Tendo em vista que a aldeia que estava sob a jurisdição da vila de Garanhuns era a do Ipanema, em Águas Belas, é provável que os índios referidos nesse documento fossem provenientes dali. Mais a frente, Pedro da Silva Costa pergunta ao governo interino se é necessário que ele continue a enviar "índios para o combate".[276]

Por sua vez, os partidários do governo português em Garanhuns também arregimentaram índios para sua causa. O sargento-mor da vila de Garanhuns e diretor dos índios de Águas Belas, João Tenório de Albuquerque, posicionou-se ao lado dos realistas, informando estar pronto com sua tropa e "mais índios da minha direção para a defesa real". No contexto em que se configuravam fortes oposições era necessário enfatizar o apoio conferido por ele e seus subordinados:

> sem que em mim, nem nos meus subalternos haja descoragem[sic], e posto que estejam desfornecidos[sic] de pólvora e bala, contudo ansiosos esperamos que esse iluminado governo nos instrua os passos próprios a fim de que ponhamos em execução as nossas gloriosas intenções, e é verdade que pela real coroa derramarei a última gota de sangue junto ao real estandarte.[277]

Pela documentação disponível é muito difícil perceber se os índios de Águas Belas estavam divididos e, por isso, os diferentes subgrupos aliaram-se a lados opostos dos conflitos, ou se eles foram recrutados de maneira forçada tanto por realistas quanto por patriotas.

Situação semelhante ocorreu com os indígenas do povoado de Palmeira, localizado na comarca de Alagoas. Foi dada a orientação aos oficiais, ordenanças e diretores de índios que evitassem a invasão de tropas rebeldes por Atalaia e Palmeira. Seguindo tal ordem, os índios de Palmeira se preparam para marchar em direção a Pernambuco, quando receberam outra ordem, mas dessa vez proveniente de Garanhuns, cujo capitão-mor havia se declarado patriota, para que suspendessem a marcha e ficassem à espera de outras tropas advindas de Sergipe e da Bahia para proteger os rebeldes. Assim, o diretor ordenou que os índios preparassem o caminho, juntassem reses e alimentos para tais tropas.[278] As tropas que chegaram por Sergipe e

---

[276] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. Vol. 11, p. 287.
[277] BN. Sessão de Periódicos. Documentos Históricos. Revolução de 1817. Vol. CIV (104). Ministério da educação e Cultura. Biblioteca Nacional. Divisão de Obras Raras e Publicações. 1954. Documento 47, p. 94-95. 22 de abril de 1817
[278] BN. Sessão de Periódicos. Documentos Históricos. Revolução de 1817. Vol. CIII (103). Ministério da educação e Cultura. Biblioteca Nacional. Divisão de Obras Raras e Publicações. 1953. Documento 52, pp. 64-71. 29 de janeiro de 1818. BARBALHO, Nelson. Op. Cit. Vol. 11, p. 259.

adentraram Alagoas e Pernambuco foram, na verdade, coordenadas pelo principal líder da repressão ao movimento republicano, o Conde dos Arcos.

É difícil alcançar, em face da documentação, as motivações dos índios de Palmeira para contribuir para a repressão ou para o governo rebelde. Por outro lado, é possível inferir que tanto esses índios quanto os de Águas Belas estavam vulneráveis às pressões para o seu recrutamento forçado.

Outro grupo de índios que passou por experiência similar durante os combates da Insurreição de 1817 foi o de Cimbres. Já no final dos enfrentamentos, em maio, o sargento-mor do Limoeiro solicitou homens ao capitão José Caetano, da povoação do Brejo, para ajudá-lo a se defender de tropas do governo provisório que ameaçavam invadir a vila. José Caetano encaminhou a solicitação do sargento-mor de Limoeiro a Manoel José de Serqueira, sargento-mor da vila de Cimbres que, por sua vez, pediu ao diretor da aldeia o recrutamento de cem índios. Eles foram enviados para o Brejo, para dali seguirem em direção à vila do Limoeiro, onde deveriam ajudar na repressão. No entanto, José Caetano já havia se alinhado ao novo governo estabelecido no Recife, e mandou os índios voltarem para Cimbres.[279]

Esse episódio envolvendo os índios de Cimbres é importante porque apresenta a relação destes com o sargento-mor da vila, Manoel José de Serqueira, que iria se transformar nos contextos da Independência e da eclosão da Confederação do Equador em 1824, como será visto no próximo capítulo. No momento cabe ressaltar que o número de índios recrutados é significativo para a realidade da vila, onde se acreditava haver uma população de 472 indivíduos na época, segundo estimativa de Aires de Casal.[280] Ainda de acordo com Casal, a vila de Cimbres era formada em sua maioria por índios e “alguns brancos e mestiços cultivadores de algodão e mantimentos do país”.[281] Levando esses dados em consideração, recrutar 100 indígenas equivalia a retirar cerca de um quarto da população da vila em idade produtiva. Vale ressaltar que os recrutados deveriam ser homens, o que ajuda a compreender o impacto sentido na aldeia e na vila em relação ao recrutamento dos índios para participação em conflitos armados iniciados pelas elites locais e provinciais. Essa experiência marcou fortemente a população indígena de Cimbres,

---

[279] Apeje. Ord. 1. 29/05/1817. Ofício do sargento-mor, Manoel José de Serqueira, para o capitão-mor das Ordenanças de Cimbres, Antônio dos Santos Coelho da Silva. Fl. 30-31v.
[280] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. vol. 11, p. 230.
[281] Ibidem.

fazendo com que grande parte dela resistisse a novas tentativas de recrutamento realizadas entre 1819 e 1824.

Embora seja difícil identificar nas fontes as circunstâncias em que o recrutamento dos índios de Cimbres, Águas Belas e Palmeira foi realizado, entendemos ser importante considerar a possibilidade de que a participação militar indígena tenha ocorrido de maneira violenta e coagida. Ainda que em muitas situações os indígenas tenham conseguido negociar os termos de sua participação nos conflitos, escolhendo a qual lado se aliar, como será visto em situações posteriores e nos capítulos seguintes, o seu recrutamento forçado e sua militarização são processos observados em vários momentos do século XIX. Em épocas de guerra, como em 1817, o recrutamento era intensificado e a coação através da violência de população pobre e livre era corrente.[282] Como afirma Edson Silva, o recrutamento forçado, tanto para a realização de serviços militares quanto para os mais diversos tipos de trabalho, foi entendido como uma forma de alcançar o controle social sobre indivíduos pobres e livres.[283] O serviço militar, nesses termos, seria equivalente ao pagamento de um tributo pelos pobres e também uma maneira de punir homens considerados desordeiros, vadios, ou seja, "pouco obedientes às hierarquias sociais ou aqueles recalcitrantes ao trabalho", como afirma Vânia Moreira.[284]

Essas práticas, contudo, não foram inauguradas no Oitocentos. O uso da força militar indígena conseguida de maneira compulsória foi uma experiência vivenciada ao longo do período colonial, como na constituição dos terços dos paulistas[285] e na formação das aldeias, entendidas por colonos e pela Coroa portuguesa, em parte, como núcleos provedores de mão-de-obra.[286]

No século XIX, o serviço militar de indígenas, advindo de recrutamento forçado, foi organizado de diferentes formas, a depender do corpo militar do qual fariam parte. Até 1831 foi muito comum os oficiais das Ordenanças, principalmente os capitães-mores em cuja jurisdição houvesse um aldeamento, ordenarem a reunião de índios às suas tropas armadas. Os corpos de Ordenanças foram criados no século XVI no contexto de consolidação da conquista da Coroa portuguesa nas Américas.

---

[282] MOREIRA, Vânia. "Caboclismo, vadiagem e recrutamento militar entre as populações indígenas do Espírito Santo (1822-1875)". *Diálogos Latino-americanos*, n. 11, 2005. p. 102.
[283] SILVA, Edson. Op. Cit. 2008, p. 93.
[284] MOREIRA, Vânia. Op. Cit. 2005, pp. 2; 10.
[285]LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., pp. 164-167.
[286] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. "Capítulo 2. O projeto de colonização e os aldeamentos: funções e significados diversos". In: Op. Cit., 2003, pp. 79-126.

Eram uma força auxiliar e não profissional, portanto seus membros não recebiam soldo. As Ordenanças tiveram sua regulamentação pelo “regimento-geral das ordenanças” de 1570. De acordo com esse documento, todos os moradores de um termo que tivessem idade entre 18 e 60 anos deveriam se engajar obrigatoriamente nas Ordenanças. Essas milícias eram organizadas em terços, sendo todos liderados pelo capitão-mor ou mestre-de-campo. Os terços era divididos em companhias sob o comando de um capitão e, por sua vez, eram compostas por esquadras. O capitão-mor possuía sua companhia própria e era seguido diretamente na hierarquia militar por um sargento-mor, que deveria ser seu sucessor natural. Era função do capitão-mor repartir os habitantes da cidade, vila ou conselhos em esquadras e indicar os capitães que iriam encabeçar as companhias.[287] Segundo Pedro Puntoni,

> “a hierarquia superior das milícias era formada pelos senhores locais, proprietários ou ‘homens bons’, donde a reprodução da ordem social garantir a funcionalidade esperada da organização militar”[288]

Dessa forma, os indígenas aldeados estavam submetidos a esse ordenamento social e militar, sendo recrutados para formar a base das tropas das ordenanças ao lado de outras pessoas pobres. Além do serviço militar, os indígenas também poderiam ser organizados nas ordenanças para realizar trabalhos no “serviço do rei” e, depois da Independência, no “serviço nacional e imperial”, como ocorreu com os índios das vilas de Nova Almeida e Benevente, ambas localizadas na província do Espírito Santo, no início do século XIX. Conforme estudo realizado por Vânia Moreira nessas duas vilas, o capitão-mor das ordenanças era o responsável por selecionar e enviar os indígenas ao governo da província, organizados em batalhões, para prestar serviços em diferentes locais.[289] O regime de trabalho fora das aldeias não era novo para os indígenas, tendo em vista que foi regulamentado pelo Diretório de Índios de 1757 e pela Direção voltada para Pernambuco em 1759, lei que continuaram a vigorar na província no início do século XIX, tendo em vista que essa legislação foi apenas revogada em 1822, como demonstrou Patrícia Sampaio.[290]

Portanto, não eram apenas para serviços militares que os indígenas eram recrutados compulsoriamente. Os trabalhos realizados pelos indígenas eram variados,

---

[287] PUNTONI, Pedro. Op. Cit., pp. 181-183.
[288] Idem, p. 183.
[289] MOREIRA, Vânia Maria Losada. “Autogoverno e economia moral dos índios: liberdade, territorialidade e trabalho (Espírito Santo, 1798-1845)”. In: *Revista de História*, São Paulo, n. 166, 2012, p. 233.
[290] SAMPAIO, Patrícia. Op. Cit., p. 183.

no entanto grande parte deles aparece de maneira genérica na documentação analisada por Moreira como "serviço nacional e imperial", "serviço público" ou serviços em "obras públicas". Não obstante é possível identificar outros trabalhos feitos pelos índios considerados civilizados na Diretoria do Rio Doce, responsável pelo aldeamento dos botocudos da província; na agricultura; na construção civil; na defesa contra ataques de outros índios tidos como selvagens; na construção naval; na repressão a quilombos e na perseguição a escravos fugitivos.[291] O mesmo pôde ser observado no aldeamento de Barreiros, em Pernambuco, na década de 1850, quando muitos indígenas foram enviados pelo diretor de sua aldeia para o Recife com o intuito de trabalhar em obras públicas, principalmente as do Porto do Recife.[292]

Por outro lado, Moreira argumenta que esses índios não se submetiam a esse regime de trabalho de maneira submissa, mas que eles estavam inseridos em negociações com o governo provincial. No período estudado pela autora, foi estabelecido o autogoverno dos índios no Espírito Santo conforme o estabelecido na Carta Régia de 12 de maio de 1798, que extinguiu o Diretório dos Índios. Dessa forma, os indígenas das vilas estavam interessados em garantir a sua autonomia de governo, verem-se isentos da interferência dos diretores das aldeias, utilizando os canais políticos da província para defender seus interesses e necessidades. Em grande parte das queixas dirigidas pelos índios à presidência da província sobre problemas relacionados à terra, às violências físicas praticadas contra os indígenas pelos moradores, e aos sequestros de suas crianças, eles conseguiam decisões favoráveis. Como importantes prestadores de serviço ao Império, os índios da vila de Nova Almeida conseguiam significativa margem para negociação com as autoridades provinciais. Além disso eles também se valiam da ameaça de realização de levante armado e das fugas.[293] Portanto, esses indígenas, ainda que recrutados de maneira obrigatória e em situação social desfavorável em relação aos potentados locais, conseguiam se envolver nos jogos políticos com as autoridades a partir de suas próprias expectativas.

Ainda no Espírito Santo, na década de 1840, para além da violência empregada no recrutamento de índios e outros indivíduos pobres para prestar serviços para o Estado e para participar em guerras, um discurso foi articulado por autoridades

---

[291] MOREIRA, Vânia. "A serviço do império e da nação: trabalho indígena e fronteiras étnicas no Espírito Santo (1822-1860)". In: *Anos 90*. Porto Alegre, v. 17, n. 31, 2010, p. 26.
[292] FERREIRA, Lorena de Mello. Op Cit., p. 144.
[293] MOREIRA, Vânia. Op. Cit. 2012, pp. 236-242.

provinciais para justificar o engajamento compulsório de índios pescadores e marisqueiros do litoral capixaba. De acordo com o estudo de Vânia Moreira, o segmento social que mais sofria com os recrutamentos forçados era o composto por indivíduos considerados "vadios", ainda que muitos outros compartilhassem o mesmo destino. No contexto provincial do Espírito Santo na época, a classificação de vadio foi relacionada diretamente às pessoas que viviam nas praias e alegavam exercer a função de pescador ou marisqueiro. A partir do cruzamento de dados, Moreira chega à conclusão de que grande parte dessa população identificada como "vadios" era indígena ou de pessoas que viviam conforme costumes indígenas. Entendendo a classificação de "vadio" relacionada àquele indivíduo que "não se enquadra nos padrões de trabalho ditados pela obtenção do lucro vigente na estrutura social e econômica da qual faz parte"[294], os índios pescadores, por terem uma vida relativamente autônoma, representavam o símbolo da vadiagem na província e, por isso, o alvo preferencial para o recrutamento forçado.[295]

A organização militar e social dos indígenas através das Ordenanças se manteve até 1831. Com a abdicação de D. Pedro I e as transformações administrativas que se seguiram, as Ordenanças foram extintas e para substituí-las foi criada a Guarda Nacional.[296] Com o fim do cargo de capitão-mor de Ordenança, a mão de obra indígena passou a ser organizada e distribuída pelo juiz de paz da vila que, a partir de então, tinha autoridade também sobre a Guarda Nacional.[297] Isso se deu até 1845, quando pelo Regulamento das Missões, o serviço militar indígena passou a ser controlado pelos Diretores Gerais de Província e Diretores dos Aldeamentos.[298]

---

[294] MOREIRA, Vânia. Op. Cit. 2005, p. 16.
[295] Idem, pp. 18; 22; 24-25.
[296] A Guarda Nacional foi criada nos moldes da *Garde Nationale* francesa no período anterior à tomada da Bastilha e era composta pelos cidadãos com renda suficiente para serem eleitores e que deveriam pagar pelos próprios fardamentos, armas e munições. Dessa forma, acreditava-se que uma milícia formada por cidadãos teria melhores condições de proteger o país dos levantes internos, então frequentes no inicio do Período Regencial. A Guarda Nacional foi criada como uma alternativa ao Exército, cujos membros haviam protagonizado vários levantes ao longo do território brasileiro. A partir de 1831, grande parte do efetivo do Exército foi desmobilizado e sua função se restringiria à proteção do país frente os inimigos externos. SILVA, Wellington Barbosa da. *Entre a liturgia e o salário*: a formação dos aparatos policiais no Recife do século XIX (1830-1850). Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003, pp. 53-56. CARVALHO, José Murilo de. "Dimensiones de la ciudadanía en el Brasil del siglo XIX". In: SABATO, Hilda (org.). *Ciudadanía política y formación de las naciones*. Perspectivas históricas de América Latina. México: FCE, COLMEX, FHA, 1999, p. 332. Voltaremos a tratar da Guarda Nacional no capítulo 4.
[297] MOREIRA, Vânia. Op. Cit. 2010, p. 31.
[298] FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit, p. 132.

Inseridos em relações marcadas pela tutela e pelo clientelismo, os indígenas aldeados eram particularmente vulneráveis aos recrutamentos forçados executados por autoridades políticas e militares, bem como pelos próprios diretores das aldeias. Essa vulnerabilidade era real mesmo para aqueles índios que conseguiam encontrar brechas e estratégias para defender seus interesses, como no caso do Espírito Santo.

Em momentos de guerra declarada, os indígenas também foram recrutados para compor forças militares criadas especialmente para essas situações, como os corpos de voluntários da pátria da Guerra do Paraguai (1865-1870). Essa prática foi intensificada com o avançar da guerra e a diminuição do alistamento de combatentes. Nesse sentido, a libertação de escravos condicionada à participação na guerra foi utilizada como estratégia, e também a formação dos supracitados corpos de voluntários com indígenas e pessoas livres e pobres.[299]

Em seu estudo sobre os índios de Cimbres, que atualmente se identificam como Xukuru do Ororubá,[300] Edson Silva informa que teriam sido recrutados, pelo menos, 82 indivíduos, cujos soldos haviam deixado em consignação para suas famílias. Silva ressalta as práticas truculentas utilizadas para alistá-los e, por outro lado, as estratégias das quais se valiam para não seguir em direção à guerra. Um exemplo dessas estratégias pode ser visto na requisição de um índios de Cimbres. No documento, o indígena solicitou que dois de seus filhos não fossem alistados. Seu pedido não foi atendido e, ironicamente, os filhos teriam sido "forçados a se alistar como Voluntários da Pátria".[301] Outro exemplo analisado por Edson Silva é o do índio Laurentino José Carneiro, que foi preso numa vila próxima e havia sido alistado, contra a sua vontade, para prestar serviço militar na Guerra do Paraguai. O pai de Laurentino, um senhor sexagenário e incapacitado de trabalhar na roça e prover o sustento da sua família, conseguiu atestados reconhecidos em cartório de seis moradores de uma povoação vizinha afirmando que o filho era portador de gota e que, por isso, não poderia ser recrutado. A despeito das petições feitas pelo pai e pelo próprio Laurentino, a documentação trabalhada por Silva não dá indícios se, finalmente, ele foi recrutado ou não. Importa, no entanto, atentar para as condições em que os recrutamentos eram feitos e as estratégias indígenas para fugir deles.[302]

---

[299] SILVA, Edson. Op. Cit. 2008, p. 93.
[300] Idem, p. 87.
[301] Idem, p. 90.
[302] SILVA, Edson. Op. Cit. 2008, pp. 90-91.

Também foram recrutados para participar da Guerra do Paraguai alguns índios do aldeamento de Barreiros, como aponta Lorena de Mello Ferreira, embora em número muito menor do que os índios de Cimbres. Diante do baixo número de índios arregimentados para fazer parte do corpo de voluntários da pátria o presidente da província de Pernambuco em 1865 decidiu empenhar duas lideranças indígenas que estavam em Recife prestando serviços, Pedro Correia da Maia e Manoel Antônio Panacho. Pelo sobrenome desse último, Lorena de Mello Ferreira identificou que ele era proveniente das importantes famílias indígenas Camarão e Arcoverde, que proporcionava lideranças indígenas na região desde o período colonial, como vimos no capítulo anterior. Ainda que tenha havido essa movimentação na aldeia, a documentação analisada por Ferreira não nos permite ter conhecimento sobre as circunstâncias nas quais os índios de Barreiros foram recrutados por suas próprias lideranças.[303]

Houve ainda indígenas de outras aldeias que também sofriam com os recrutamentos obrigatórios, como os das aldeias de Águas Belas, em Pernambuco, e de Pacatuba, em Sergipe. Muitos desses últimos foram alistados forçadamente para servir na Marinha entre as décadas de 1820 e 1840. Mesmo que o uso da violência e de prisões arbitrárias fossem constantes, os indígenas de Pacatuba encontravam maneiras para não prestar o serviço militar através de fugas e de resistência armada.[304]

Avançando em sua pesquisa sobre a participação de índios na Guerra do Paraguai, Edson Silva analisou relatos orais de índios Xukuru do Ororubá, de Cimbres e dos Fulni-ô, de Águas Belas cujos antepassados lutaram entre 1865 e 1870. Em todos os relatos há a referência ao recrutamento forçado, inclusive com alguns índios sendo amarrados em cordas. É interessante notar, por outro lado, que tanto os Xukuru quanto os Fulni-ô contemporâneos ressignificaram a atuação de seus antepassados na Guerra do Paraguai. Eles passaram a reivindicar o acesso coletivo às respectivas aldeias fundamentados, entre outras questões, na doação feita pelo governo imperial em função do envolvimento de seus antepassados nesses conflitos armados.[305]

Diante do exposto, podemos afirmar que o recrutamento forçado de indígenas foi uma prática comum ao longo do século XIX, sendo essa, portanto, uma das

---

[303] FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit., pp. 148-152.
[304] SILVA, Edson. Op. Cit. 2008., pp. 93-95.
[305] SILVA, Edson. “Os Xukuru e o ‘Sul’: migrações e trabalho indígena na lavoura canavieira em Pernambuco e Alagoas”. In: *Clio*. Série História do Nordeste (UFPE), v. 26.2. 2009, pp. 51-54; 58-61.

dimensões da participação dos índios nos embates armados iniciados pelas elites provinciais. Assim, podemos afirmar que é possível que os índios de Águas Belas, Palmeira e Cimbres tenham se envolvido nos conflitos de 1817 de maneira forçada e coagida. Contudo, essa situação não diminui a sua importância no contexto de conflitos armados e de disputas políticas. Ao contrário, aponta para uma das formas de inserção desses sujeitos históricos nos jogos políticos locais e provinciais. Eles se constituíam enquanto uma mão de obra militar fundamental para as elites provinciais que, em muitos momentos, valiam-se dela através do recrutamento compulsório. A depender das circunstâncias e dos interesses em jogo, os indígenas poderiam articular espaços para negociação de suas necessidades, envolvendo-se nas alianças e rivalidades dos potentados locais.

Tomemos, novamente, a situação de Cimbres por ser a melhor documentada em relação às disputas políticas entre as elites. Como já demonstramos anteriormente, em maio de 1817, quando o governo provisório sofria várias derrotas, Manoel José de Serqueira, sargento-mor da vila, solicitou o envio de índios de Cimbres para Limoeiro no intuito de ajudar um partidário do governo do Rio de Janeiro a se defender. De acordo com Nelson Barbalho, inicialmente a câmara de Limoeiro aderiu ao novo governo e todos os seus membros se identificaram como patriotas. Contudo, quando as tropas realistas tomaram o poder e reprimiram o movimento rebelde, os políticos de Limoeiro voltaram atrás na sua decisão e proclamaram estar ao lado do rei, chegando, inclusive, a rasgar e queimar páginas do livro das atas das sessões da câmara onde havia ordens do governo provisório.[306] Os índios de Cimbres foram, portanto, enviados para ajudar as forças militares de Limoeiro quando a sua câmara já tinha se alinhado novamente ao governo central.

Em Cimbres, o sargento-mor acompanhava, até certa medida, o posicionamento de seu sogro e capitão-mor das Ordenanças, o português Antônio dos Santos Coelho da Silva, em defender o governo centralizado na figura do Imperador e sediado no Rio de Janeiro. Entretanto, conforme Nelson Barbalho, Santos Coelho precisou conter seu impulso em apoiar a monarquia portuguesa quando o governo provisório foi instalado em Pernambuco. Até antes do 6 de março, ele se declarava "amigo e vassalo de D. João VI", mas com as mudanças políticas advindas então, Santos Coelho entendeu ser mais prudente manter seus muitos bens e posses, já que

[306] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. vol. 11, pp. 265-266.

era um dos homens mais ricos do interior da província. No intuito de evitar a invasão e tomada de suas propriedades pelo governo provisório, Santos Coelho mostrou-se oficialmente neutro nas disputas, embora vários membros de sua família tenham se posicionado a favor da Insurreição de Pernambuco, como o seu outro genro, Francisco Xavier Pais de Melo Barreto.[307]

Ainda que tenha adotado oficialmente a neutralidade, Santos Coelho contribuiu financeiramente para a repressão, assim como o seu outro genro e sargento-mor de Cimbres, Manoel José de Serqueira. Esse, segundo Marcus Carvalho, foi o maior financiador em Pernambuco da repressão, contribuiu de maneira generosa, enviando mais dinheiro, inclusive, do que seu sogro.[308] Nesse contexto Serqueira proferiu a ordem de recrutar cem índios da aldeia de Cimbres e enviar para a vila de Limoeiro, que foi contrariada pelo sargento da povoação do Brejo, José Caetano de Medeiros.

Medeiros se justificou, afirmando que mandara os índios retornarem a Cimbres porque as outras tropas não haviam comparecido, naquele momento, à sua solicitação de ajuda. As outras forças auxiliares apenas apareceram no Brejo quando os indígenas já haviam voltado para sua aldeia.[309] É muito provável que a justificativa baseada no desencontro entre as tropas tenha sido um ardil utilizado por Medeiros, já que ele foi defensor da Insurreição de 1817.[310] Com os êxitos das tropas da repressão e a retomada do apoio de vários povoados e vilas à causa real, a exemplo de Limoeiro, talvez Medeiros tenha interpretado que não era o momento ideal de se posicionar contra o governo central em um documento oficial, como o comunicado feito ao sargento-mor Manoel José de Serqueira. Podemos inferir que ele estava mais interessado em conseguir benefícios políticos do que propriamente defender os ideais da Insurreição de 1817. A sua atuação no povoado do Brejo nos ajuda a compreender o posicionamento de Medeiros. Manoel José de Serqueira pediu auxílio ao capitão-mor de Cimbres para lidar com Medeiros, pois ele estava causando confusão na localidade que comandava. De acordo com Serqueira, "cuidava de induzir o povo do Brejo para o aclamarem e o nomearem Coronel de Cavalaria do termo de Cimbres, e

---

[307] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. vol. 11, p. 263.
[308] CARVALHO, Marcus. "Os índios e o ciclo das insurreições liberais em Pernambuco (1817-1848): ideologias e resistência". In: ALMEIDA, Luiz Sávio de. GALINDO, Marcos. (orgs.). *Índios do Nordeste*: temas e problemas-III. Maceió: Edufal, 2002, p. 90.
[309] Apeje. Ord. 1. Ofício do capitão da povoação do Brejo, José Caetano de Medeiros, ao sargento-mor de Cimbres, Manoel José de Serqueira. 19 de maio de 1817. Fl. 33.
[310] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. vol. 11, p. 264.

o povo prontamente o fez". Medeiros já teria nomeado alguns oficiais, entre eles um tenente-coronel e um sargento-mor, e também havia iniciado exercícios de cavalaria. Conforme o relato de Serqueira, as ações de Medeiros não eram aceitáveis, pois ele estava "perturbando e amotinando o povo" com a formação de uma Cavalaria que não existia no Brejo. Serqueira lembra que houve um regimento de cavalaria na localidade, mas que fora abolido pelo rei devido à sua inutilidade.[311]

Pelo relato de Serqueira e posicionamento do próprio José Caetano de Medeiros, é possível concluir que o capitão do Brejo estava interessado em galgar cargos militares locais e, assim, ter melhores condições de atuar na política local e proteger seus bens, já que era um importante proprietário da região e possuía influência na câmara de Cimbres.[312] Assim, no momento em que o governo provisório chegava ao seu fim devido às vitórias das forças realistas, pode ter sido interessante para Medeiros ganhar tempo no campo de combate, enviando uma tropa composta por 100 índios armados de volta para sua aldeia. Com isso, ele poderia evitar mais conflitos na sua área de influência e evitar ser pego pelas forças realistas. Estratégia que, contudo, não obteve êxito pois José Caetano Medeiros foi preso quando da queda do governo provisório, sendo solto apenas em fevereiro de 1818.[313]

Portanto, podemos afirmar que o recrutamento dos índios e o uso da sua força militar eram práticas inseridas nos jogos políticos locais, que iriam ter reflexos no posicionamento político dos indígenas de Cimbres nos anos posteriores. Nesse sentido, os dois citados genros de Santos Coelho, Manoel José de Serqueira e Francisco Xavier Pais de Melo Barreto, foram figuras centrais nas disputas pelos cargos políticos locais e pelas terras dos índios durante o processo de independência e de estabelecimento da Confederação do Equador em 1824, como será tratado no próximo capítulo.

2.3. Apoio militar indígena em disputa

Convencer os índios a se tornarem aliados foi também essencial tanto para rebeldes quanto para os governos, que tentavam convencê-los a escolher por um dos lados do conflitos. Inicialmente, a ainda comarca de Alagoas se pronunciou a favor do governo provisório através do posicionamento do seu comandante militar, o tenente

---

[311] Apeje. Ord. 1. 29/05/1817. Ofício do sargento-mor, Manoel José de Serqueira, para o capitão-mor das Ordenanças de Cimbres, Antônio dos Santos Coelho da Silva. Fl. 30-31v.
[312] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. vol. 11, p. 264.
[313] Idem.

coronel Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca. Não obstante, a repressão que se iniciou na Bahia sob a liderança do Conde dos Arcos já em março também ganhou adeptos em Alagoas.[314]

Assim, na comarca de Alagoas o governo provisório e o monárquico disputavam as alianças e o território. O primeiro fazia promessas de isentar a população de alguns tributos, de aumentar os soldos de alguns cargos militares e de garantir a "liberdade das matas", como contou o ouvidor das Alagoas, Antônio Batalha.[315] Essa última promessa tocava diretamente os índios que viviam na fronteira entre Pernambuco e Alagoas, principalmente os de Jacuípe que faziam uso das matas de onde se extraía as melhores madeiras para construir embarcações reais, e os de Atalaia que viviam nas proximidades dessas matas. Ordens a favor do governo provisório chegaram à Câmara da vila de Atalaia e, diante disso, o ouvidor da comarca se dirigiu aos seus membros, direcionando-se em especial aos índios que a compunham. Ele afirmou aos índios que "a intenção do governo provisório era alistá-los por soldados contra vossa majestade, apossarem-se das terras dos que morressem na guerra, e reduzir à escravidão os que escapassem".[316] Diante dessa possibilidade, os índios da câmara reuniram-se e decidiram pegar em armas contra o governo rebelde.

Os índios de Atalaia constituíam-se num importante grupo de apoio nos conflitos e, por isso, uma aliança com eles era motivo de disputa entre governo provisório e tropas legalistas. Além do seu apoio político e de seu potencial bélico, esses índios estavam situados numa localização privilegiada, num espaço entre Pernambuco, a província levantada, e a Bahia do Conde dos Arcos, de onde partiam as principais forças da repressão. Ambos os lados dos conflitos tentaram convencê-los. O governo provisório prometeu conceder a "liberdade das matas", o que, para os índios, poderia significar a possibilidade de manter o direito de acesso a um território, que já havia sido concedido pelo rei através da criação do Juízo da Conservatoria.[317] Já o representante das tropas legalistas em Atalaia fez afirmações que demonstravam

---

[314] LEITE, Glacyra Lazzari. Op. Cit. 1988, pp. 225-226.
[315] BN. Sessão de Periódicos. História abreviada dos acontecimentos que se deram na comarca das Alagoas depois da revolução de Pernambuco, por Antônio Batalha. Documento 52, pp. 64-71. 29/01/1818. Documentos Históricos. Revolução de 1817. Vol. CIII (103). Ministério da educação e Cultura. Biblioteca Nacional. Divisão de Obras Raras e Publicações. 1953.
[316] Idem.
[317] Essa instituição foi provavelmente criada em 1809, tendo como objetivo conferir o tombo real às matas das margens dos rios Una e Jacuípe, tornando-as, assim, de uso exclusivo da Coroa, como já foi tratado no capítulo anterior. LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., pp. 107-108.

as supostas ações tomadas pelos rebeldes. Mesmo que essas não fossem as reais intenções do governo provisório em relação aos índios, o acionamento da possibilidade de ação nesse sentido demonstra os receios dos indígenas de Atalaia em relação ao recrutamento forçado, à perda das terras coletivas e à escravização. Naquele momento, a possibilidade de sofrer com tais ações parece ter sido real e o suficiente para que eles fizessem sua escolha política e militar. Nesse duelo pelo apoio indígena, as forças de repressão ao governo rebelde saíram vitoriosas, conseguindo estabelecer uma aliança com os índios de Atalaia.

Assim, os índios de Atalaia conferiram apoio militar à forte repressão liderada pelo Conde dos Arcos, que conseguiu arregimentar mais tropas em Sergipe.[318] Portanto, quando as tropas do Conde dos Arcos chegaram à comarca de Alagoas, os índios de Atalaia já estavam convencidos sobre qual lado dos conflitos apoiar.

Esse corpo militar formado em Alagoas foi o primeiro a enfrentar as forças rebeldes lideradas por Domingos José Martins. Sobre esses primeiros conflitos armados, Pereira da Costa ressalta a violência empregada pelos índios de Atalaia que saíram das matas para enfrentar os patriotas e que "não poupavam a vida dos que tinham o infortúnio de cair-lhes nas mãos".[319] Como exemplo, Pereira Costa relembra a extrema violência usada pelos índios na morte do filho de Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque,[320] importante liderança da política de Pernambuco e patriota em 1817.[321]

Em sua perspectiva, Pereira da Costa interpretou a vivacidade com a qual os índios de Atalaia participaram dos conflitos armados como consequência de sua "barbárie", adjetivando-os de "canibais" e "selvagens".[322] Entretanto, num contexto

[318] COSTA, F. A. Pereira da. Op. Cit. Vol. 7, p. 400.
[319] Idem, p. 545.
[320] Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque e seus irmãos, Antônio Francisco de Paula e Holanda Cavalcanti de Albuquerque, Luís Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque e Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, tinham grande influência na política provincial e imperial: três deles tornando-se senadores e um deles, Francisco, foi presidente de Pernambuco por sete vezes. Francisco e Luís protagonizaram em 1801 a Conjuração dos Suassunas. Nesse ano eles foram denunciados por estarem planejando uma conjuração, com influências francesas, contra o governo português. Não obstante, a devassa que se seguiu à denúncia não resultou em prova alguma contra os irmãos Cavalcanti. CARVALHO, Marcus J. M. de, CÂMARA, Bruno Dornelas. Op. Cit., p. 363. NEVES, Guilherme Pereira das. "A suposta conspiração de 1801 em Pernambuco: ideias ilustradas ou conflitos tradicionais?". In: *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, tomo 33, 1999, pp. 440-441. MELLO, Evaldo Cabral de. Op. Cit. 2004, p. 25. Sobre a atuação dos irmãos Cavalcanti em Pernambuco na primeira metade do século XIX, consultar CARVALHO, Marcus. Op. Cit. 1998, pp. 331-366.
[321] COSTA, F. A. Pereira da. Op. Cit. Vol. 7, p. 545. LEITE, Glacyra Lazzari. Op. Cit. 1988, p. 91.
[322] COSTA, F. A. Pereira da. Op. Cit. Vol. 7, p. 545.

de guerra, atuar através da violência contra o inimigo poderia ser uma maneira de demonstrar poder e domínio sobre a situação, não sendo essa uma estratégia exclusiva dos indígenas ou mesmo uma característica inerente à sua condição. É notável, nesse sentido, as sanções conferidas aos rebeldes de 1817 pelos políticos e militares representantes do governo central. Alguns dos líderes mais conhecidos e com atividades políticas ligadas diretamente ao governo provisório foram punidos com fuzilamentos e esquartejamentos. Enquanto a população mais pobre e, em sua maioria de cor, foi punida com penosos e humilhantes castigos corporais, que levaram muitos à morte.[323] Tais punições foram relembradas pela violência com a qual foram executadas.[324] Assim, a violência empregada pelos índios estava contextualizada por circunstâncias de guerra, nas quais eles tentaram demonstrar o seu poder frente ao inimigo, o que em nada se relacionava às suas pretensas características naturais.

Diante da sua importância militar e estratégica, não apenas os índios de Atalaia precisavam ser convencidos. Os da aldeia de Escada, cujo território também estava situado na zona da mata sul e muito próximo da área dos conflitos,[325] tinham um papel importante na perspectiva dos rebeldes. Na vila do Cabo, em Pernambuco, o capitão-mor das Ordenanças, Francisco Paes Barreto, aderiu imediatamente ao governo instalado com a Insurreição de 6 de março. Ele era um homem rico e proprietário de vários engenhos na região do Cabo e, mesmo antes da eclosão da Insurreição, já se reunia com outros proprietários para discutir os rumos políticos do Brasil na Academia do Paraíso, clube fundado por ele num dos salões do Hospital Paraíso, constituído e administrado por sua família.[326] Conforme relato da testemunha da devassa iniciada contra os rebeldes, Manoel João Ferro, português e capitão agregado da vila do Cabo, Paes Barreto era muito amigo dos principais líderes do movimento e compactuava com suas ideias.[327] Quando o movimento rebelde rompeu em Recife, Paes Barreto reuniu suas tropas e marchou em direção à capital

---

[323] BERNARDES, Denis. Op. Cit. 2006, pp. 218-235.
[324] LEITE, Glacyra. Op. Cit. 1988. BERNARDES, Denis. Op. Cit. 2006, pp. 226-240
[325] Ao longo dos séculos XVIII e início do XIX, a aldeia de Escada se desenvolveu, tornando-se uma povoação composta também por não índios. Até 1786, a aldeia fazia parte da freguesia de Ipojuca, sendo elevada, nessa data, à categoria de paróquia e incorporada à vila do Recife. Em 1811 passou a fazer parte da vila do Cabo e em 1833 ficou sob a jurisdição da vila da Vitória. Apenas em 1854 a povoação de Escada se tornou uma vila. Portanto, na época da eclosão da Insurreição de 1817, a aldeia de Escada fazia parte da vila do Cabo. Fundação de Informações para o desenvolvimento de Pernambuco-FIDEPE. *Escada*. Monografias Municipais. Recife: Governo de Pernambuco, 1982, pp. 19-20.
[326] COSTA, F. A. Pereira da. *Dicionário birográfico de pernambucanos célebres*, pp. 353-354.
[327] AN. Códice 7, vol.1. Testemunho de Manoel João Ferro. 01 de dezembro de 1817. fl.137v-139v.

pernambucana. Ali chegando, ajudou no cerco ao Forte do Brum, onde estava refugiado o presidente de Pernambuco que, logo em seguida, renunciou e fugiu para o Rio de Janeiro.[328]

Uma das primeiras medidas tomadas pelo capitão-mor do Cabo durante o governo provisório de 1817 foi realizar uma revista na aldeia de Escada, que estava sob sua jurisdição. A intenção de Paes Barreto, segundo a testemunha, era colocar os índios a favor do seu partido. Para isso, retirou o então diretor da aldeia, Afonso de Albuquerque Mello, do cargo e em seu lugar empossou Manoel Thomé, capitão da freguesia de Escada, partidário do novo governo.[329] Afonso de Albuquerque Mello foi preso pelo governo provisório pois ele inflamava "os índios a favor da causa de Sua Majestade".[330] Por sua vez, os indígenas da aldeia de Escada não se contentaram com a retirada do diretor no qual confiavam.[331] Eles enviaram uma carta a Manoel Thomé, o novo diretor, informando que "ou se declarasse a favor de sua majestade ou o vinham arrasar".[332]

Ao ter como uma de suas primeiras atitudes tentar colocar os índios de Escada ao lado dos rebeldes, o capitão-mor do Cabo, Francisco Paes Barreto, ajuda-nos a compreender a importância dessa população no novo governo. Possivelmente, Paes Barreto via na aldeia um reduto para exploração de mão de obra militar, tal como ocorreu em Águas Belas, Cimbres e Atalaia. Ele acreditava que impor um novo diretor da aldeia que fosse partidário do governo provisório seria o suficiente para convencer, ou forçar, os índios a participar das contendas armadas ao seu lado. Não obstante, os indígenas de Escada demonstraram estar alinhados ao outro lado dos conflitos, defendendo a figura do rei e o diretor da aldeia destituído de seu posto.

A defesa do monarca português também pôde ser vista em outro grupo de índios que participou dos conflitos finais com as tropas rebeldes para retomada de Recife pelo governo do Rio de Janeiro. De acordo com a descrição de Tollenare, arguto observador do período do governo provisório, indígenas que ajudaram as forças realistas nos conflitos finais mostravam "muita dedicação pelo rei; não querem vender as suas flechas porque, dizem, guardam-nas para a sua defesa".[333]

---

[328] COSTA, F. A. Pereira da. *Dicionário birográfico de pernambucanos célebres*, p. 354.
[329] AN. Códice 7, vol.1. Testemunho de Manoel João Ferro. 01 de dezembro de 1817. fl.137v-139v.
[330] AN. Códice 7. Vol. 1. Testemunho de Manoel José Pereira de Mesquita Silva. 12 de dezembro de 1817. fl. 168v-172.
[331] AN. Códice 7, vol.1. Testemunho de Manoel Araújo Cavalcante, 02 de novembro de 1817. P. 141.
[332] AN. Códice 7, vol.1. Testemunho de Manoel João Ferro. 01 de dezembro de 1817. fl.137v-139v.
[333] TOLLENARE, L. F. *Notas dominicais.* Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978, p. 178.

Esse posicionamento de indígenas será visto também nos capítulos seguintes. Em diferentes contextos quando tensionados a assumir um dos lados dos conflitos, em muitos momentos, reafirmaram a defesa da figura do monarca. Sem descartar aspectos relacionados às disputas políticas locais nas quais os indígenas se envolviam e que os ajudavam a definir suas alianças e rivalidades, é importante frisar que o rei representava a última instância de defesa para populações pobres, como indica Marcus Carvalho.[334] Numa situação de conflito por terras, em várias situações os indígenas recorreram ao rei que, na maioria das vezes, havia lhes concedido a posse sobre o território da aldeia. Depois de 1822 foi recorrente o uso da mesma estratégia por índios em relação ao Imperador, fazendo referência às ações de seus antepassados em favor da consolidação do domínio português no período colonial. Além de ser assumida como uma posicionamento construído a partir das relações locais com potentados políticos, a defesa do rei poderia significar a necessidade de manutenção de um regime no qual o direito coletivo sobre as terras das aldeias foi concedido e reconhecido aos indígenas. Podemos afirmar, concordando com análise de Maria Regina Celestino de Almeida sobre as Américas hispânica e portuguesa, que esses grupos indígenas chegaram ao século XIX imbuídos de uma cultura política relacionada a práticas do Antigo Regime. Construíram, a partir de uma leitura própria e de sua inserção na sociedade colonial, um sentimento de lealdade em relação ao monarca e à religião católica, compartilhado com outros sujeitos históricos. O rei, portanto, surge como um "justiceiro distante", a quem podiam recorrer para fazer valer seus direitos sobre as terras coletivas.[335]

Essa relação continha certa reciprocidade, já que o rei também a alimentava através da concessão de mercês e diversos outros benefícios. Depois que a ordem monárquica foi restaurada em Pernambuco, os indígenas que se envolveram ao lado das tropas realistas obtiveram reconhecimento da Coroa portuguesa por seus serviços contra os rebeldes. Os índios do Ceará, da Paraíba e de Pernambuco que combateram o governo provisório receberam isenções de alguns impostos devido à fidelidade que demonstraram ao rei de Portugal. A partir de então, não precisavam mais pagar o subsídio militar, os índios com patente ficavam isentos da taxa de selo, e não estavam mais obrigados a pagar cotas-parte de 6% aos seus diretores. Sem o pagamento desse

---

[334] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 1996, p. 61.

[335] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2011, pp. 111-112. ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2008, pp. 94-105.

tributo, os diretores das aldeias passariam a ser pagos pela fazenda real. Com essas isenções, o rei pretendia demonstrar como "o seu [dos indígenas] fiel comportamento me foi agradável". [336]

Mesmo que em muitos momentos os indígenas tenham escolhido se alinhar ao rei e seus defensores, podemos afirmar que era crucial convencê-los a se posicionar diante da instalação dos conflitos, já que apenas a continuidade de uma cultura política de Antigo Regime não seria o suficiente para levá-los a pegar em armas e arriscar suas vidas. Em função das circunstâncias de guerra e conflitos por terras, a defesa do rei poderia assumir significados diversos associados às questões locais.[337]

Em 1817, tanto para os líderes do governo provisório quanto para os da repressão era imprescindível fazer com que os indígenas se posicionassem politicamente. Estratégias diferentes foram adotadas por representantes dos dois lados dos embates, ao que os indígenas responderam a partir da sua interpretação das circunstâncias. As disputas em torno do apoio indígena foram frequentes no contexto de formação dos Estado nacionais na América Latina, como assinala Almeida. A atuação dessas populações não seguiu um padrão mas, ao contrário, foi construída de acordo com suas interpretações dos acontecimentos, suas necessidades e também a partir das dinâmicas internas dos próprios grupos indígenas. Os novos contextos de conflitos traziam outras possibilidades de "rearticulações políticas e sociais, bem como de ganhos ou perdas materiais".[338]

Por toda a América, revolucionários e realistas acenaram com possíveis ganhos para os indígenas, como demonstram vários estudos referentes a casos específicos em diferentes regiões das Américas. [339] Os índios, por sua vez, interpretaram essas ofertas a sua própria maneira, tal como fizeram os de Pernambuco em 1817. Patriotas acenaram com benefícios e garantias diversos, como a liberdade das matas, tentaram também fazer a mudança repentina no cargo diretor de uma das

---

[336]BN. Sessão de manuscritos. 30,32,5. Decreto de 25 de fevereiro de 1819. Agradeço ao professor Ricardo Pinto de Medeiros por ter gentilmente cedido a transcrição desse documento.

[337] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2011, p. 117.

[338] Sobre as disputas pelo apoio indígena no contexto de formação dos Estados-nacionais na América, consultar: ECHEVERRI, Marcela. "Los derechos de indios y esclavos realistas y la transformación política en Popayán, Nueva Granada (1808-1820)". In: *Revista de Indias*. 2009. Vol. LXIX. Nº 246, pp. 45-50. MÉNDEZ, Cecilia. "Tradiciones liberales en los Andes o la ciudadanía por las armas: campesinos y militares en la formación del Estado peruano". In: IRUROZQUI, Marta (org.). *La mirada esquiva*. Reflexiones históricas sobre la interacción del Estado y de la ciudadanía en los Andes (Bolivia, Ecuador y Perú), silgo XIX. Madrid: CSIC, 2005, pp. 131-132. MALLON, Florencia E. *Peasant and nation*: the making of postcolonial Mexico and Peru. California: University of California Press. 1995, pp. 43-45. ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2011, p. 110.

[339] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2011, p. 111.

aldeias. Os indígenas, por sua vez, fizeram escolhas, procurando atender suas necessidades e se eximir de situações que poderiam desfavorecê-los. A fala do ouvidor de Atalaia para os índios da câmara é reveladora dos receios indígenas e de seus interesses quanto ao governo provincial, pois diante das possibilidades que ele levantou sobre as ações do governo provisório em relação aos índios de Atalaia, esses decidiram apoiar a repressão. Os indígenas membros da câmara se sentiram ameaçados com a possibilidade de serem alistados como soldados, de perderem as terras da aldeia e de se tornarem escravos. Ainda que a escravidão de índios fosse proibida no período, havia regimes de trabalhos similares, como os serviços em obras públicas e em propriedades vizinhas. Essa ameaça pareceu verossímil, ou seja, o medo de recrutamento, do trabalho forçado e do cerceamento do acesso ao território coletivo pareceram reais o suficiente para que os índios se posicionassem politicamente a partir dela. Portanto, era mais interessante para aqueles indígenas se aliarem ao grupo político que, pretensamente, não iria tomar esse tipo de atitude contra eles.

Através de recrutamento forçado, das escolhas políticas, da defesa de direitos coletivos e do receio de sofrer com ameaças que poderiam se tornar reais, indígenas de aldeias localizadas em Pernambuco e Alagoas participaram dos conflitos armados de 1817. Conforme argumento de Glacyra Lazzari Leite, uma grande parcela da população pobre e livre, como os índios, e de escravos não fizeram parte do grupo dirigente do governo provisório e, por isso, não atuaram entre os membros da elites política e econômica que comandavam as mudanças políticas e o próprio movimento rebelde. Não obstante, assim como escravos que receberam armas para lutar a favor de seus senhores, e uma população livre e pobre, em parte recrutada a força e em parte envolvida por interesses próprios, os indígenas desempenharam papel importante nos combates armados e, em alguns casos, por meio de suas escolhas políticas. É difícil compreender a partir da escassa documentação estudada como os índios interpretavam os ideais propostos em 1817 e como compreendiam o liberalismo que se delineou na Insurreição. Mas é possível inferir que eles participavam dos jogos muitas vezes de maneira subordinada, como também tentavam satisfazer suas necessidades e expectativas, tecendo redes de apoios e rivalidades. Além de ajudar a compreender como os indígenas construíram caminhos diferentes para participar do processo de formação do Estado brasileiro, a Insurreição de 1817

também contribui para o entendimento das arenas de disputas e de formação de alianças na década seguinte com as Juntas Governativas na província, a Independência e a Confederação do Equador em 1824.

CAPÍTULO 3

OS ÍNDIOS "FANÁTICOS REALISTAS ABSOLUTOS" E A FIGURA DO MONARCA PORTUGUÊS: RECRUTAMENTO, DISPUTAS POLÍTICAS E DEFESA DE TERRAS NO CONTEXTO DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Os anos que antecederam a Confederação do Equador, proclamada em 2 de julho de 1824, foram marcados por profundas transformações e intensos debates no Brasil e em Portugal sobre o sistema político a ser instituído no Reino luso e, após a Independência, na sua antiga colônia. No contexto dessas discussões, a eclosão da revolta estava relacionada aos conflitos e disputas entre os que eram favoráveis a um governo centralizado na corte no Rio de Janeiro e na figura do Imperador D. Pedro I, e os que defendiam maior autonomia de governo em Pernambuco. Tais disputas se somaram e conferiram intensidade às contendas ocorridas nas cidades, vilas e povoados entre os potentados locais. Conflitos por terras, mão de obra e poder ganharam novos conteúdos em decorrência dos debates e disputas sobre os destinos políticos do Brasil. Antigas disputas nas localidades passaram a ter novos significados.

Nesse capítulo trataremos da participação de indígenas de três aldeamentos, que se envolveram com mais intensidade no contexto de disputas e enfrentamentos que levaram à eclosão da revolta. Fazendo parte das tropas de repressão os indígenas dos aldeamentos de Jacuípe, em Alagoas, e Barreiros, em Pernambuco, participaram dos conflitos armados ocorridos durante a Confederação. Enquanto os índios do aldeamento de Cimbres, em Pernambuco, não participaram diretamente dos conflitos, que ocorreram longe de seu território. Estes se posicionaram politicamente, realizando um levante a favor de D. João VI na localidade em que viviam no agreste pernambucano. Com a derrota da Confederação e consequente estabilidade política na província, os índios de Cimbres reelaboraram suas escolhas políticas e se alinharam ao governo de D. Pedro I.

Nesse capítulo serão analisadas as diferentes formas que os índios dos três aldeamentos citados articularam para participar dos conflitos armados e disputas políticas relacionados à Confederação do Equador. A análise parte da compreensão das redes de relacionamentos com não índios construídas tanto nas localidades em que viviam, quanto com líderes da repressão à revolta. Partindo de uma leitura sobre

as dinâmicas dos aldeamentos, na qual se utiliza uma escala micro de análise[340], torna-se possível perceber as motivações e interesses indígenas ao se envolverem nos embates armados e se posicionarem politicamente.

Os índios de Jacuípe e Barreiros tinham seus aldeamentos situados na região dos conflitos armados, na fronteira entre Pernambuco e Alagoas. Tal como ocorrera em 1817, a repressão partira dali, e os grupos indígenas contribuíram com as tropas imperiais através de sua força bélica. A ajuda conferida foi estratégica, definindo os rumos dos primeiros embates. Os índios de Cimbres realizaram um levante na aldeia, num contexto de recrutamento forçado, fazendo convergir nesse movimento as suas demandas pela manutenção das terras coletivas e as suas divergências e negociações com potentados locais.

Para esses grupos, suas escolhas e ações políticas estavam relacionadas ao acesso coletivo ao território dos aldeamentos e à importância conferida à figura do monarca português que lhes havia concedido as terras ainda no período colonial. Assim, posicionavam-se e agiam politicamente de acordo com seus próprios interesses. Contudo, as escolhas eram limitadas pelas mesmas redes de relacionamentos com políticos e proprietários locais, que possuíam as ferramentas legais para recrutá-los e também usar de sua mão-de-obra.

Antes de entrar nos pormenores das estratégias e escolhas indígenas é necessário fazer alguns apontamentos rápidos sobre os agentes históricos nos anos imediatamente anteriores à Confederação do Equador. Houve uma sucessão de Juntas Governativas entre os anos de 1821 e 1823 que originaram e intensificaram rivalidades políticas, levando a tensões e conflitos na província. Por meio da análise do contexto político provincial relacionado ao do Reino português e, posteriormente, ao Império do Brasil torna-se possível compreender as escolhas indígenas na medida em que situamos os demais agentes históricos com os quais se relacionaram.

3.1.Agentes históricos e juntas governativas em Pernambuco

Os anos anteriores à Confederação do Equador, uma onda de movimentos de cunho liberal tomou Portugal. Em 1820 eclodiu na cidade do Porto uma revolução, influenciada pelas movimentações liberais na Espanha, que pregava o retorno imediato de D. João VI a Portugal e a formação de uma assembleia constituinte. O seu

---

[340] REVEL, Jacques. Op. Cit., pp. 15-38.

principal objetivo era alcançar a "regeneração portuguesa"[341]. No ano seguinte, foram iniciados os trabalhos, em Lisboa, das Cortes Constitucionais da Nação Portuguesa, contando com a presença de deputados brasileiros.[342] As mudanças encabeçadas pelas Cortes de Lisboa obrigaram o rei D. João VI a reconhecer a legitimidade das ações da assembleia e a jurar o texto de uma constituição. Nesse contexto, foram substituídos os governadores capitães-generais da administração das províncias do Reino do Brasil por Juntas de Governo escolhidas através de eleições.[343] Foram, assim, estabelecidos novos parâmetros para a vida política do Reino Unido, moldando um processo de ruptura com o Antigo Regime.

As mudanças que nos interessam nesse contexto são as relativas ao governo das províncias do Brasil e às suas consequências na política de Pernambuco, onde rivalidades partidárias que deram corpo à Insurreição de 1817 floresceram novamente em 1821. As tensões se intensificaram devido à maior autonomia administrativa concedida às províncias através da eleição de Juntas e à anistia oferecida aos rebeldes de 1817, que voltaram a alguns cargos de poder em Pernambuco.

A escolha dos membros das Juntas de Governo era feita através de aclamações militares e populares, diferentemente do que ocorria com os governadores capitães-generais que eram escolhidos pela corte e, recorrentemente, enviados de Portugal. Segundo Denis Bernardes, a necessidade de uma aclamação dupla fazia com que as Juntas tivessem pouca estabilidade, o que justificava a queda e posse sequenciados de algumas delas.[344]

A primeira Junta estabelecida em Pernambuco foi a de Goiana instalada em 29 de agosto de 1821, no contexto das transformações propostas pelas Cortes de Portugal.[345] Alguns meses antes, aqueles que haviam sido presos em 1817 e enviados para Bahia voltaram para Pernambuco porque haviam sido absolvidos pelo decreto de anistia das Cortes de Lisboa. Reuniões começaram a ser feitas para instaurar uma Junta Constitucional, assim como fora feito na Bahia, e expulsar o governador Luiz do Rego Barreto, que fora indicado por D. Pedro I.[346]

---

[341] SLEMIAN, Andrea. Op. Cit., pp. 99-100.
[342] Idem. Sobre a atuação dos deputados brasileiros na constituinte portuguesa de 1821 consultar BERBEL, Márcia Regina. *A nação como artefato*: deputados do Brasil nas cortes portuguesas (1821-1822). São Paulo: Hucitec, 2010.
[343] BERNARDES, Denis. Op. Cit. 2006, pp. 18; 270.
[344] Idem, p. 318.
[345] Idem, p. 330.
[346] LEITE, Glacyra Lazzari. Op. Cit. 1989, p. 80.

A Junta de Goiana recebeu apoio de proprietários e ajuda de algumas Câmaras do interior, angariando, assim, recursos materiais e força para organização de um exército. Após forte pressão militar, foi feito um acordo no qual ficou acertado que Luiz do Rego Barreto administraria Olinda e Recife, e a Junta de Goiana ficaria responsável pelo interior da província. Assim governariam até que o Rei e as Cortes autorizassem a eleição de um governo para toda a província, o que ocorreu quando as Cortes ordenaram a eleição de uma Junta Provisória e o retorno de Luiz do Rego Barreto para Portugal. Tanto a eleição quando a volta do antigo governador de Pernambuco ocorreram em 26 de outubro de 1821. [347]

A Junta eleita para governar Pernambuco era constituída de vários políticos envolvidos com a Insurreição de 1817, inclusive o presidente deste novo governo, Gervásio Pires Ferreira. Os conflitos continuaram entre os órgãos do governo administrados por portugueses e a Junta eleita em Pernambuco, fazendo com que, pouco a pouco, outras autoridades portuguesas fossem deixando a província.[348] Uma definição de Denis Bernardes sobre o modo de funcionamento da Junta ajuda a perceber o tom de seus ideais e do governo ao se intitular "democrática e independente":

> a Junta sinalizava para as Cortes e para o rei que mantinha suas ligações com o Reino de Portugal, mas sem submissão e sem abrir mão do exame – quando necessário, público – dos atos e assuntos, que diziam respeito aos interesses da província, capazes de afetar a sua jurisdição[349]

A Junta presidida por Gervásio Pires propôs uma nova maneira de governar ao levar ao público os debates sobre questões que, anteriormente, eram discutidas em segredo; e ao fazer a população se envolver nas discussões e resoluções. Buscava-se a legitimidade das decisões através da transparência das ações da Junta, sendo esta uma experiência que marcou a população de Pernambuco que se engajou na Confederação.[350] Essa postura da Junta levou a sérios desentendimentos com a Corte, que desejava ter mais poder de influência em Pernambuco. A Junta, por sua vez, rebatia as imposições feitas pelo governo central. Embora houvesse essa tensão, os membros da Junta embasavam suas ações na legitimidade conferida ao seu governo pelas Cortes de Lisboa e na manutenção do Reino Unido de Portugal, Brasil e

---

[347] LEITE, Glacyra Lazzari. Op. Cit. 1989, pp. 80-82.
[348] Idem, pp.84-87.
[349] BERNARDES, Denis. Op. Cit. 2006, p.421.
[350] Idem.

Algarve. Portanto, não visavam, naquele momento, à independência ou mesmo à separação de Pernambuco do Reino português.[351]

Agitações ocorridas em Recife e as diferenças entre a Junta e a Corte contribuíram para a perda de força política da Junta e para o seu alinhamento ao Rio de Janeiro. Parte das agitações foi promovida por Pedro da Silva Pedroso, liderando "grupos de sediciosos" compostos por negros e pardos, sendo, provavelmente, influenciado por enviados do governo fluminense. Gervásio Pires lhe havia acenado com a função de comando numa companhia do regimento de artilharia, ao que Pedroso negou por achar um cargo menor. Voltou-se contra os constitucionalistas e passou a apoiar os grupos defensores do governo centralizado no Rio de Janeiro.[352]

Os atritos com a Corte se avolumavam, principalmente em relação às ações da Junta que visavam maior autonomia para a província. Em face da instabilidade política do momento, a Junta se viu obrigada a reconhecer oficialmente a regência de D. Pedro I como o centro legítimo do poder executivo no reino do Brasil em junho de 1822.[353] Diante desse quadro, toda a Junta governativa pediu demissão.

A experiência vivenciada com a Junta presidida por Gervásio Pires, entre 28 de outubro de 1821 e 16 de setembro de 1822, segundo Denis Bernardes, foi uma expressão do movimento vintista em Portugal, caracterizada como constitucionalista e inserida no contexto de desmonte do Antigo Regime. No entanto, o que ele considerou "a mais avançada experiência" do vintismo, ou do constitucionalismo português, teve fim com a Independência e outros acontecimentos políticos.[354]

Após a queda da Junta presidida por Gervásio Pires, outra foi indicada para governar Pernambuco até o Colégio Eleitoral se reunir para decidir a composição do novo governo. O Governo Provisório, que atuou durante alguns dias de setembro, foi presidido por Francisco de Paula Gomes dos Santos. No dia 23 daquele mês, o Colégio Eleitoral se reuniu em Olinda e elegeu a nova Junta Governativa, que passou a ser conhecida como o "Governo dos Matutos", já que muitos de seus membros eram proprietários do interior da província. Foram seus membros o capitão-mor e morgado do Cabo Francisco Paes Barreto, Francisco de Paula Gomes dos Santos e o capitão Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque. Após a renúncia de alguns de seus

---

[351] BERNARDES, Denis. Op. Cit. 2003, p. 240.
[352] SILVA, Luiz Geraldo. "Negros patriotas. Raça e identidade social na formação do Estado nação. (Pernambuco, 1770-1830). In: JANCSÓ, Istvan (org.). Op. Cit. 2003, p. 155.
[353] Idem, p. 242.
[354] BERNARDES, Denis. Op. Cit. 2006, p. 629.

membros, o morgado do Cabo assumiu o cargo de presidente. Essa junta foi marcada por convulsões políticas, principalmente pelos conflitos com portugueses residentes na província, e divergências entre seus membros, uns apoiando o governo do Rio (Francisco Paes Barreto) e outros apoiando uma maior autonomia provincial (Francisco de Paula Gomes dos Santos).[355]

Outro problema enfrentado pelo Governo dos Matutos estava representado na figura de Pedro da Silva Pedroso, que era caracterizado como "mestiço valente", o mesmo que contribuíra para a queda da Junta gervasista.[356] Quando houve a eleição da Junta presidida pelo morgado do Cabo, Pedroso permanecia como governador das Armas da província, pois havia sido indicado para esse cargo pelo Governo Provisório que sucedeu Gervásio Pires. Diante do novo governo civil não se submeteu e encabeçou um golpe em fevereiro de 1823. A intenção era apoiar outra Junta que não permitisse a sua substituição no Comando das Armas.[357]

A Junta mandou prender Pedroso, que fugiu, convertendo-se, assim, numa ameaça às lideranças por conseguir arregimentar grande número de pobres e marginalizados. Pedroso tornava-se popular entre a "gente de cor".[358] Ganhava, assim, as disputas políticas no Recife e em Olinda conotações raciais e originava o medo de haitianização. Pedroso voltou para Recife apoiado por seus seguidores e tentou estabelecer um novo governo em concordância com a Câmara de Recife, mas não obteve sucesso. Em determinado momento, ele perdeu o domínio sobre os seus seguidores, que já haviam tomado o Arsenal de Guerra. A Câmara do Recife o convenceu a renunciar e os "pedrosistas" apenas desistiram de sua resistência após a notícia de prisão do seu chefe. Logo em seguida, a Junta ordenou o envio de Pedroso ao Rio de Janeiro.[359]

As disputas e perturbações políticas durante o "Governo dos Matutos" persistiram, resultando na tentativa de um golpe encabeçado por Cipriano Barata e Manuel de Carvalho Paes de Andrade para tirar Francisco Paes Barreto do poder. Tanto Barata quanto Paes de Andrade haviam participado de 1817, defendiam, portanto, uma maior autonomia para a província, ao contrário de Paes Barreto que era partidário do governo centralizado no Rio de Janeiro. Cerca de dois meses depois

---

[355] LEITE, Glacyra Lazzari. Op. Cit. 1989, p. 90.
[356] SILVA, Luiz Geraldo. Op. Cit., p. 155.
[357] MELLO, Evaldo Cabral de. Op. Cit. 2004, p. 124.
[358] SILVA, Luiz Geraldo. Op. Cit. p. 517-518.
[359] MELLO, Evaldo Cabral de. Op. Cit. 2004, p. 125.

dessa tentativa de golpe, a Assembleia Constituinte convocada por D. Pedro I fora dissolvida. A situação política na Corte aumentava a pressão sobre Paes Barreto em Pernambuco, fazendo com que este pedisse a demissão do cargo de presidente da Junta. Foi proposto um Governo Precário até ser resolvido o problema da substituição do presidente, sendo eleito para o cargo Manuel de Carvalho Paes de Andrade à revelia das determinações da Corte no Rio, representando-lhe uma afronta.

Manuel de Carvalho Paes de Andrade foi eleito em janeiro de 1824 pelos deputados que tinham ido à corte participar da Assembleia e retornaram a Pernambuco após a dissolução daquela. Nessa época já fora expedida ordem para que Francisco Paes Barreto voltasse a governar a província, e este organizava suas forças para resistir ao governo provincial em Barra Grande, Alagoas.[360]

Navios capitaneados por John Taylor chegaram a Recife com ordem de reempossar Paes Barreto, ao que a Câmara de Recife respondeu que só o faria depois de ter resposta do Imperador sobre a representação enviada para a Corte, na qual se justificava os procedimentos adotados pelo governo instaurado na província. Paes de Andrade foi mantido na presidência e foram enviados três membros da Câmara para relatar a D. Pedro I os acontecimentos desde dezembro de 1823. Nos documentos enviados, os membros da Câmara rogavam a confirmação de Paes de Andrade no cargo, demonstrando o interesse daquele governo em conseguir a aprovação imperial. Mas, ao contrário, as ordens do Imperador foram de bloquear o porto do Recife. Ao mesmo tempo, o governo instalado em Recife decidiu atacar a província de Alagoas, onde estavam estacionadas as tropas consideradas desertoras e favoráveis a Francisco Paes Barreto, o morgado do Cabo.[361]

Em maio de 1824, D. Pedro I substituiu Paes Barreto do governo da província por José Carlos Mayrink da Silva Ferrão, o que foi encarado como um ato de despotismo. O governo provincial não aceitou a nomeação de Mayrink da Silva Ferrão, nem jurou o projeto de constituição apresentado pelo Imperador, chegando a uma situação política insustentável e à proclamação da Confederação do Equador em 2 de julho de 1824.[362]

Logo em seguida foram baixados decretos visando à repressão da Confederação. Foi composta uma comissão militar presidida pelo Brigadeiro

---

[360] LEITE, Glacyra Lazzari. Op. Cit. 1989, pp. 95-97.
[361] Idem, pp. 96-97.
[362] Idem, pp. 100-101.

Francisco de Lima e Silva para processar os líderes e novamente foi estabelecido o bloqueio dos portos de Pernambuco. Nesse período, a comarca do São Francisco foi desmembrada da província, sendo transferida para Minas Gerais, como represália ao governo rebelde e também como medida preventiva para que os ideais liberais não se propagassem pela Bahia.[363]

Entre julho e agosto de 1824, as forças confederadas estabelecidas no sul sofreram ataques e derrotas na luta contra as tropas de Barra Grande, em Alagoas. Nessa região as tropas de Lima e Silva se uniram às de Paes Barreto, nas quais se incluíam portugueses refugiados, contingentes alagoanos e índios de Jacuípe e de Barreiros.[364] Os conflitos armados continuaram na fronteira entre Pernambuco e Alagoas até a derrota militar dos rebeldes.

A retomada sumária dos principais acontecimentos e das correntes políticas envolvidas na eclosão da Confederação do Equador ajudam a compreender o posicionamento dos indígenas de Cimbres, Jacuípe e Barreiros, não sendo a intenção adentrar nos pormenores, mesmo porque vários estudos já foram realizados.[365] Vale lembrar nesse momento que uma das áreas onde ocorreram os conflitos mais intensos durante 1824 foi a zona da mata sul, na qual estavam localizadas duas aldeias cujos índios participaram dos embates, os de Jacuípe e Barreiros, a favor das tropas imperiais. Já os de Cimbres, cuja aldeia estava situada longe da área dos conflitos, se posicionaram em defesa do rei D. João VI em 1824, colocando-se contra o governo confederado. Isso indica que as disputas e divisões políticas se estendiam às diferentes regiões da província, não se reduzindo apenas ao trecho entre a vila de Goiana e a zona da mata sul.

As alianças articuladas pelos indígenas com políticos e proprietários locais dependiam das condições locais nas quais estavam inseridos e atuavam. Tais relações podiam, inclusive, ser reelaboradas e transformadas em rivalidades. Assim, construíam estratégias no intuito de defender seus interesses, posicionando-se nos conflitos. A formação de algumas alianças, a transformação destas em inimizades e as expectativas dos índios em realizá-las são os temas abordados a seguir.

---

[363] MELLO, Evaldo Cabral de. Op. Cit. 2004, p. 221.

[364] Idem, p. 233.

[365] BERNARDES, Denis. Op. Cit. 2006. LEITE, Glacyra Lazzari. Op. Cit. 1989. MELLO, Evaldo Cabral de. Op. Cit. 2004. SILVA, Luiz Geraldo. Op. Cit.

3.2. Índios na repressão armada às tropas confederadas

As primeiras derrotas sofridas pelas forças confederadas ocorreram no sul da província, na fronteira com Alagoas, entre julho de agosto de 1824. Nesse momento, os índios do aldeamento de Barreiros e os de Jacuípe tiveram importância central ao comporem as tropas da repressão, sendo os últimos liderados pelo seu capitão Christovão Dias.

A estratégia principal do Exército Cooperador da Boa Ordem, como se intitulou o conjunto das tropas da repressão comandado pelo Brigadeiro Lima e Silva, era articular um cerco a Recife pelos portos e pelo sul através de apoio dado pela província de Alagoas, que não havia aderido à Confederação.[366] Estacionadas em Barra Grande, na fronteira entre as duas províncias, estava uma tropa imperial composta de cerca de 900 homens, que ocupavam a margem sul do rio Una. Piquetes foram montados e situados de maneira a fazer oposição aos agrupamentos dos rebeldes ao longo do rio. Além destes, também havia um grupo de 200 índios de Jacuípe nas imediações do engenho Ilhetas, cuja função era a de ameaçar a retaguarda das tropas confederadas e interceptar-lhes a comunicação com o Recife. A ação dos indígenas contribuiu para ocupar a vila de Sirinhaém, de onde, ajudados por mais homens da tropa imperial, impediram a chegada de gente e munição a partir do Recife.[367]

Alguns índios de Barreiros também participaram dessa ação, ajudando a montar o ataque contra a retaguarda das tropas confederadas. Segundo Frei Caneca, os índios haviam sido "seduzidos" a participar da repressão, sendo tratados como desertores, já que Barreiros fazia parte da província de Pernambuco e, portanto, estava sob a ordens da Confederação. Os que permaneceram na aldeia demonstravam intenção em se reunir às forças da repressão, quando estas chegassem a Barreiros.[368]

O indígenas de Jacuípe obtiveram sucesso em seus piquetes, pois foram responsáveis pela morte do líder da resistência confederada naquela região, o major Pitanga, e pelo desmantelamento de seu contingente militar em 17 de julho. Esta vitória além de ser um resultado militar positivo para a repressão, foi um sucesso sobre um conhecido personagem que fora um rebelde em 1817 e participara dos

---

[366] LEITE, Glacyra Lazzari. Op. Cit. 1989, pp. 122-123.

[367] AN. Série Guerra. IG[1]247. 21/08/1824. Ofício do tenente engenheiro, Conrado Jacob de Niemeyer. s/fl.

[368] AN. *Publicações do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro: Officinas Graphicas do Arquivo Nacional, 1924. Vol. 22. Voto de frei Joaquim do Amor Divino Caneca a favor da invasão de Alagoas. p. 104. Sem data.

conflitos da Independência, o "célebre Pitanga", como o caracterizou uma fonte da época.[369] Seu nome era Manuel Marques Lisboa e recebera o apelido de "Pitanga" em decorrência de um episódio ocorrido durante o cerco da cidade de Salvador, inserido nos conflitos da Independência. Há notícias de que enquanto se aproximava das linhas portuguesas, certo da vitória, Manuel Marques Lisboa comia tranquilamente frutos de uma pitangueira. Depois de expulsar as tropas portuguesas da Bahia, o major Pitanga, como ficara conhecido a partir de então, seguiu para Pernambuco para comandar um batalhão. Durante 1824, envolveu-se na Confederação ao lado do partido do presidente Manuel de Carvalho Paes de Andrade e foi incumbido da defesa do porto de Tamandaré[370], próximo à Barra Grande. No seu posto de defesa caiu mortalmente ferido após o ataque da tropa dos índios de Jacuípe, ajudados pelas forças compostas pelos índios de Barreiros e outras da repressão.

O êxito contra esse importante personagem das rebeliões com tendências liberais em Pernambuco foi o primeiro das tropas imperiais contra os confederados, demonstrando a importância do aporte militar dado pelos índios de Jacuípe e de Barreiros ao governo de D. Pedro I. A partir desta vitória, as investidas contra os confederados se intensificaram em direção aos engenhos da zona da mata rumo ao Recife, onde os rebeldes se renderam em novembro de 1824, após intensa resistência armada.[371]

Após o fim dos conflitos, o líder dos índios de Jacuípe, Christovão Dias, foi indicado para receber uma medalha de distinção pelo comandante das tropas imperiais, Brigadeiro Francisco de Lima e Silva. A medalha era conferida pelo Imperador e constituía uma homenagem aos oficiais que mais se distinguiram durante a campanha de repressão. Inicialmente foram concedidas nove medalhas pelo Imperador, sendo estas entregues ao Brigadeiro Lima e Silva que deveria distribuí-las entre seus oficiais. Figuraram entre estes os que recebiam ordens diretamente do Brigadeiro, como os majores Seara e Lamenha, comandantes das tropas de Pernambuco. Como havia muitos a quem o Brigadeiro queria condecorar com a medalha, ele indicou catorze indivíduos para a homenagem e depois adicionou uma lista com mais outros quatro. Entre eles estava Christovão Dias, que foi descrito como

---

[369] AN. *Publicações do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro: Officinas Graphicas do Arquivo Nacional, 1924. Vol. 22. p. 357. 28/09/1824.
[370] COSTA, F.A. Pereira da. Op. Cit. Vol.9, pp. 108-109.
[371] LEITE, Glacyra Lazzari. Op. Cit. 1989, pp. 123-127.

"muito afeito a Sua Majestade Imperial", sendo também Cavaleiro de Cristo.[372] Vemos assim que Dias estava inserido no alto escalão militar da província, sendo indicado a receber uma condecoração em reconhecimento aos seus importantes feitos militares em comandar os índios de Jacuípe.

Diante do elevado número de indígenas que foram recrutados para participar da repressão, cerca de 200 apenas de Jacuípe, surge o questionamento sobre as motivações de sua participação e o poder de comando da sua liderança, o capitão Christóvão Dias. Os índios de Jacuípe e seu capitão lutaram ao lado da repressão contra as tropas da Confederação, foram ao campo de combate e conseguiram a primeira vitória a favor do governo imperial. Podemos afirmar que eles se posicionaram diante das contendas entre os políticos provinciais, e se colocaram ao lado do governo de D. Pedro I, embora tenhamos poucas informações sobre as circunstâncias de seu posicionamento.

Assim também o fizeram os índios de Barreiros, que se reuniram às forças imperiais. Frei Caneca informou que foram "seduzidos" a atacar os "Constitucionais" pela retaguarda.[373] O uso do termo "seduzidos" indica a necessidade de convencer os indígenas a fazer a escolha por um lado ou outro das disputas.[374] Esse convencimento provavelmente foi conseguido através de negociações nos termos que poderiam atender as expectativas deles em participar das contendas locais. Assim, mesmo que classificado como um grupo subordinado, nos momentos de conflitos era fundamental tanto para os líderes da revolta quanto para os das tropas imperiais convencer os indígenas e tomar muito cuidado para que não fossem "seduzidos" pelos adversários.

É possível que a participação dos índios de Jacuípe e de Barreiros nos conflitos armados de 1824 tenha sido motivada por interesses coletivos e, por isso pode ser entendida como uma escolha política dos grupos. Também há a possibilidade de o envolvimento na revolta ter ocorrido através de recrutamento forçado, já que esse tipo de prestação de serviço militar era comum durante o século XIX como foi tratado no capítulo anterior. Não obstante, é significativo que um número elevado de índios

---

[372] AN. *Publicações do Arquivo Nacional*. Vol. 22. Rio de Janeiro: Officinas Graphicas do Arquivo Nacional, 1924, pp. 344-351; 357. 28/09/1824.
[373] AN. *Publicações do Arquivo Nacional*. Vol. 22. Voto de frei Joaquim do Amor Divino Caneca a favor da invasão de Alagoas, p.104. Sem data.
[374] De acordo com o Grande Dicionário Portuguez, publicado em 1874, o termo "seduzir" significa "enganar, persuadir" ou "enganar com arte e astúcia, conduzir a obrar mal com insinuações", p . 437. VIEIRA, Dr. Fr. Domingos. *Grande diccionario portuguez ou thesouro da linga portuguesa*. Porto: Editores E. Charron e Bartholomeu H. de Moraes. 5º volume, 1874. https://archive.org/stream/grandediccionari05vieiuoft#page/2/mode/2up. Visitado em 4 set 2014.

de Jacuípe não tenha resistido a um possível recrutamento forçado. Como também é importante a já citada afirmação de Frei Caneca que os índios de Barreiros foram "seduzidos" a participar da repressão. Essas informações nos indicam a possibilidade de que os índios dos dois aldeamentos tenham combatido por vontade própria. A tática de negociar com os índios os termos de sua participação em embates armados iniciados por não índios foi recorrente no Brasil desde o período colonial, como no caso da guerra de conquista da Baía de Guanabara no século XVI,[375] e no dos conflitos ocorridos durante a expulsão dos holandeses de Pernambuco no século XVII.[376] Foi comum também a concessão de mercês e privilégios às lideranças indígenas que se destacavam.[377]

Outra questão pode ser levantada em relação às motivações indígenas. Embora não tenhamos mais informações sobre Christovão Dias, se continuou em seu cargo de capitão dos índios, se era indígena ou não, a sua caracterização na fonte como "muito afeito a Sua Majestade Imperial" nos dá um indício sobre o posicionamento político de seus liderados no momento. O apoio à repressão e a defesa do Imperador podem indicar o tipo de relacionamento que os indígenas de Jacuípe mantinham com o governo centralizado no Rio de Janeiro e na figura do monarca em 1824.

As terras dos índios de Jacuípe, como já foi tratado no capítulo 1, foram doadas pelo rei no final do século XVII, com o intuito de que nelas fossem aldeados os indígenas que compunham os terços dos paulistas Domingos Jorge Velho e Christovão Arrais após a vitória sobre o Quilombo dos Palmares, bem como os grupos que já viviam naquela região.[378] Essas terras foram concedidas numa área muito próxima da densa mata atlântica que foi tombada no século XIX para uso exclusivo do rei, mais precisamente para a retirada de madeira nobre para a construção de navios em todo o reino. Eram matas, portanto, que foram protegidas do avanço dos canaviais dos engenhos vizinhos, que a cada dia precisavam de mais terras para a produção de açúcar. Consta que ao longo do tempo, a população pobre vizinha utilizava aquelas matas para coletar, caçar e cultivar em pequenos roçados produtos para a sua subsistência, tal como fizeram os índios de Jacuípe.[379] Como afirma Marcus Carvalho, "aqueles índios viviam portanto, em terras da coroa, uma vez que a

---

[375] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de Almeida. Op. Cit. 2003, pp. 45-78.
[376] VIEIRA, Geysa Kelly. Op. Cit., pp. 69-83.
[377] RAMINELLI, Ronald. Op. Cit., pp. 57-65. VIEIRA, Geysa Kelly. Op. Cit., pp. 69-77.
[378] Carta do governador de Pernambuco, Caetano de Mello e Castro, ao rei. 18 de fevereiro de 1694. Apud: LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 183.
[379] Idem, pp. 106-108.

área ainda não havia sido ocupada pela agricultura de exportação”.[380] Podemos concluir que as referidas matas proporcionavam proteção e subsistência aos índios e às pessoas pobres que viviam na região.

Em Barreiros, o histórico de doação de terras aos índios foi parecido, pois também receberam lotes no final do século XVII em recompensa à ajuda conferida à repressão do Quilombo dos Palmares.[381] Em outro momento, os índios de Barreiros também já haviam se aliado aos representantes em Pernambuco do governo do príncipe regente D. Pedro I, quando foram solicitados para exercer serviço militar. Em setembro de 1821, quando o governo na província estava dividido entre a Junta de Goiana e o governador Luís do Rego Barreto, ao Diretor dos Índios de Barreiros foi ordenado que levasse os seus comandados a Recife, provavelmente para compor forças para defesa do governo de Luís do Rego, que havia sido escolhido pelo regente.[382] Este foi um momento em que os enfrentamentos e oposições partidárias se acirravam entre defensores do príncipe regente e os que juravam apenas obedecer às Cortes de Lisboa, gerando conflitos políticos nos quais os índios de Barreiros participaram ao lado do governo de Luís do Rego. Não é de causar surpresa que, em 1824, durante os conflitos da Barra Grande, estes mesmos índios tenham ajudado na repressão às tropas dos confederados. Este apoio, no entanto, lhes custaria caro já que os índios que se juntaram às tropas imperiais sofreram um ataque do governo confederado, quando foram queimadas suas palhoças como represália.[383]

Acreditamos ser possível afirmar, então, que os 200 índios comandados pelo capitão Christovão Dias para combater os rebeldes confederados em 1824, bem como os de Barreiros, optaram fazê-lo tendo em vista o histórico de relacionamento com o governo português, construído a partir da doação de terras para a fundação das aldeias e de uso das matas do tombo real. Mesmo que o governo do Brasil em 1824 não fosse o mesmo do final do século XVII e muito menos fosse formalmente ligado ao de Portugal, a figura do Rei e, posteriormente, do Imperador, sendo este descendente direto da dinastia lusa, representava um grande aliado dos indígenas.

Mais uma vez, é possível inferir a importância da figura do monarca para os indígenas que se envolveram em conflitos armados iniciados pelas elites políticas

---

[380] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit., p. 56.
[381] COSTA, F. A. Pereira da. Op. Cit. Vol. 8, p. 44.
[382] Apeje. ACG 1. 12/09/1821. Ata 13ª. do Conselho do Governo fl.24.
[383] AN. *Publicações do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro: Officinas Graphicas do Arquivo Nacional, 1924. Vol. 22. Voto de frei Joaquim do Amor Divino Caneca a favor da invasão de Alagoas, p.104. Sem data.

provinciais, tal como ocorreu na Insurreição de 1817. Compreendido como última instância de defesa,[384] o rei podia ser entendido pelos indígenas como o representante de um regime no qual adquiriram seus direitos específicos sobre as aldeias, e matas adjacentes no caso de Jacuípe. As relações entre grupos indígenas e a figura do monarca eram baseadas em trocas que envolviam prestação de serviços, obediência e recebimento de mercês. Essa foi uma condição construída ao longo de séculos de vivências nas aldeias, nas quais os diversos grupos indígenas sofreram uma redução drástica de seus territórios e imposição de leis e condutas, mas também reelaboraram identidades relacionadas àqueles espaços e adotaram para si a condição de súditos do rei. Com o estatuto de súditos, possuíam direitos e obrigações muito específicos, constituindo uma condição distinta aos índios inseridos no projeto colonial em relação aos demais vassalos. Os direitos adquiridos, especialmente o sobre terras coletivas, passaram então a ser defendidos pelos indígenas durante o período colonial, e também ao longo do século XIX.[385]

Em sua análise sobre estudos recentes da historiografia latino-americana, Maria Regina Celestino de Almeida demonstra que índios de diferentes regiões prestavam serviços e obediência ao rei e pagavam tributos e, por isso, reivindicavam ter seus direitos garantidos, principalmente no que se refere às terras coletivas e à autonomia política nos *pueblos*. Para defender tais direitos, indígenas iniciaram enfretamentos armados e jurídicos ao longo do período colonial, que se estenderam pelo século XIX envolvendo várias comunidades indígenas. O rei era percebido, então, como um “justiceiro distante”, não sendo o seu poder e a sua legitimidade questionados. Quando se insurgiam, não o faziam contra o rei ou o sistema político implantado, mas para defender seus direitos como súditos diante das disputas com poderes locais que os desrespeitavam.[386]

Para os índios de Barreiros e Jacuípe, é possível que o Imperador representasse também essa figura longínqua de justiça e último nível ao qual podiam recorrer em sua defesa. Portanto, defender o Imperador em campo de batalha frente às tropas confederadas significava manter e proteger as terras doadas e o usufruto sobre as matas do vale do Jacuípe, de onde tiravam seu sustento.

---

[384] CARVALHO, Marcus. Op. Cit. 1996, p. 61.

[385] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. “O lugar dos índios na história entre múltiplos usos do passado: reflexões sobre cultura história e cultura política”. In: SOIHET, Rachel… [et al] (orgs.). *Mitos, projetos e práticas políticas*: memoria e historiografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 209-211.

[386] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2011, p. 111-112.

Contudo, a ação dos indígenas era limitada por seu lugar social desprivilegiado em relação às elites proprietárias e também pelo próprio contexto de guerra e violência. As suas alianças e os seus posicionamentos políticos poderiam trazer-lhes grandes prejuízos, como ocorreu com os índios de Barreiros que tiveram suas palhoças queimadas por tropas do governo confederado. Outros fatores importantes que restringiam essa atuação indígena eram as relações de clientelismo e a subordinação dos aldeados aos Diretores, cargo que, embora tenha sido extinto em 1822,[387] continuava a existir em Pernambuco.

Os posicionamentos indígenas na província foram diversos. Enquanto os índios de Jacuípe e Barreiros escolheram apoiar as tropas de repressão, que representavam d. Pedro I, os de Cimbres deixaram claro o seu apoio a D. João VI. Mas, em função de circunstâncias locais, os índios de Cimbres mudaram suas alianças e passaram a apoiar o governo de D. Pedro I. Nesse sentido, além de perceber as diferenças de escolhas políticas, é importante entender também que as alianças e o posicionamento político dos grupos indígenas podiam ser reelaborados de acordo com as mudanças ocorridas nos cenários local, provincial e nacional. Rivalidades e alianças poderiam ser revistas e atualizadas e, a partir delas, os indígenas repensariam suas escolhas e estratégias.

3.3. Os índios que levantaram o "estandarte de D. João VI"

Em 1824, os índios da vila de Cimbres fizeram um levante a favor de d. João VI, sendo descritos pelas fontes da época como indivíduos "por natureza fanáticos realistas absolutos".[388] Os índios de Cimbres não participaram diretamente dos combates ocorridos em 1824, tendo em vista que seu aldeamento estava situado longe da região dos conflitos. Não obstante, expressaram seu posicionamento político em função das intensas relações de disputa e alianças vivenciadas com não índios na localidade em que habitavam. Para compreender as nuances relativas às escolhas indígenas no contexto pós-independência é necessário nos atermos às disputas ocorridas em Cimbres por terras e ao contexto político local.

Autores de história de Pernambuco e de seus municípios fazem referência a uma chacina que os índios de Cimbres sofreram em 1824 promovida por

---

[387] SAMPAIO, Patrícia. Op. Cit., p. 183.
[388] Apeje. JO2. 12/03/1824. Carta de Domingos de Souza Leão, juiz ordinário da vila de Cimbres, para o presidente da província, Manoel de Carvalho Paes de Andrade. Fl.98-99.

representantes locais do governo confederado. Sobre esse episódio violento, Pereira da Costa informa que uma força autorizada pelo governo, composta por uma guerrilha da própria vila e uma companhia de Ordenanças de Moxotó (localidade vizinha), foi enviada para combatê-los sob a justificativa de que teriam cometido roubos e assassinatos. Citando uma fonte de 1863, Pereira da Costa informa que alguns índios foram mortos e tiveram seus cadáveres esquartejados e deixados aos cães. Outros tantos foram imprensados como sacos de algodão. Ainda foram presos cerca de oitenta índios, sendo remetidos ao Recife, e seus filhos pequenos repartidos como escravos entre os habitantes da cidade.[389]

Nelson Barbalho, repete as mesmas informações de Pereira da Costa e conclui que não seria possível saber se esse episódio teria ocorrido a mando de Manoel José de Serqueira ou de Francisco Xavier Pais de Melo Barreto, os políticos mais influentes de Cimbres e inimigos entre si.[390] Os constantes embates entre esses dois grandes potentados locais estão no cerne do posicionamento político dos índios de Cimbres em 1824.

Durante aquele ano, antes do supracitado massacre, foi instaurada uma devassa para apurar a "culpa dos índios" sobre roubos nas casas e nas estradas e se eram pessoas "inimigas da causa da independência do Brasil, correndo com palavras de sedução dos povos."[391] A devassa foi conduzida pelo tenente-coronel Domingos de Souza Leão, sendo tomados os testemunhos de onze pessoas: duas delas dedicadas a "seus negócios" sendo provavelmente pequenos comerciantes; sete das testemunhas "viviam de plantar", ou seja, não deveriam ser proprietárias de terras; e sobre duas não foram registradas as atividades que exerciam.

Todas as testemunhas relataram os mesmos acontecimentos, diferindo em poucos detalhes uns relatos dos outros. De maneira geral afirmaram que alguns índios seriam recorrentes ladrões de gado e dinheiro, citando-os nominalmente: José Caixeiro, Geraldo de tal, seu irmão José de tal, José de tal irmão de Félix da Costa, Antônio dos Santos, João José e João Barbosa, Pedro José Rodrigues, Vicente Cabeludo. Estes quatro últimos foram presos, mas teriam conseguido fugir do cárcere.

Além do furto de gados, as testemunhas fizeram considerações mais gerais sobre o posicionamento político dos indígenas naquele momento, indicando,

---

[389] COSTA, F.A. Pereira da. Op. Cit. Vol.6, p. 241.
[390] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. Vol.14, pp. 34-35.
[391] Apeje. JO 2. Devassa sobre a culpa dos índios da vila de Cimbres (contra Vicente Cabeludo e outros.) Devassa iniciada 9 de janeiro de 1824 e finalizada em 19 de março de 1824. Fl.100-109.

inclusive, quais seriam os responsáveis por iniciar os problemas na região. Duas das testemunhas afirmaram que os índios dão vivas a D. João VI e que isso prova não adotarem a causa da Independência do Brasil. Outras três reafirmaram que eles só querem o rei português e que "não querem saber de Constituição". Os índios de Cimbres eram "contrários a nossa causa do Brasil" e "com isto provam serem nossos inimigos". Este movimento, segundo as testemunhas, foi encabeçado por três capitães indígenas, Manoel da Cruz, Manoel Batista e Bento Rodrigues. Este último voltaria a ser citado em outras situações, constituindo-se como uma das lideranças do aldeamento. Além disso, as testemunhas informaram que o capitão-mor dos índios, Manoel José, não fora aceito na aldeia por ter sido empossado pelo governo provisório de 1824. A conclusão da devassa foi a de que todos os índios citados deveriam ser presos.[392]

As acusações das testemunhas da devassa dão pistas para tentar compreender como esse grupo de índios citados entendiam os novos contextos políticos provincial e nacional e como se colocavam diante destes. O Governo Provisório ao qual o documento se refere foi o já citado instaurado em dezembro de 1823 com a renúncia do então presidente Francisco Paes Barreto. A devassa do tenente-coronel Domingos de Souza Leão foi realizada durante o período anterior à Confederação, que foi proclamada em 2 de julho de 1824, mas num período em que a presidência da província já estava nas mãos dos rebeldes.

Nesse momento, os índios de Cimbres se mostraram contrários ao Governo Provisório dos rebeldes de 1823, uma vez que não aceitaram o capitão-mor Manoel José que fora indicado naquela situação. E também eram contrários à Independência e ao governo de D. Pedro I, opondo-se à Constituição e desejando a volta de D. João VI. Ou seja, em meados de 1824, aquele grupo indígena se posicionou contrariamente ao governo centralizado na corte no Rio de Janeiro, bem como aos seus adversários políticos em Pernambuco.

No entanto, esse posicionamento não era hegemônico entre os índios de Cimbres. O capitão-mor rejeitado, Manoel José Leite, era aliado dos rebeldes, tanto que fora indicado por eles. Por causa dessa aliança, ele estava sem "força moral e nem física", já que "alguns companheiros não o querem reconhecer por ser tirado dentre os soldados". Segundo Domingos de Souza Leão, os índios, que constituíam uma

---

[392] Apeje. JO 2. Devassa sobre a culpa dos índios da vila de Cimbres (contra Vicente Cabeludo e outros.) Devassa iniciada 9 de janeiro de 1824 e finalizada em 19 de março de 1824. Fl.100-109.

população de 600 arcos, estavam sem liderança e “absolutos, vagabundos, insultantes, roubando e matando e comendo gados alheios até (repetidas vezes) os de dentro da vila”. [393]

O referido capitão-mor, por sua vez, ratificou o seu apoio ao governo rebelado que iria instaurar alguns meses depois a Confederação do Equador. Opunha-se, assim, a muitos dos índios os quais deveria manter sob suas ordens. Em ofício, Manoel José Leite pediu a demissão de dois capitães dos índios, Bento Rodrigues de Mendonça e seu irmão Vicente Ferreira de Melo, pois teriam cometido crimes, sendo o primeiro deles, de acordo com sua opinião, um homem turbulento e insubordinado. Além disso, Bento Rodrigues também teria se oposto à primeira eleição paroquial que havia sido realizada na vila. Dessa forma, esses dois capitães índios não eram pessoas “sem sombra de suspeita à nossa Liberdade e Independência”.[394] Percebemos, assim, que o aldeamento possuía divisões internas, representadas pelas diferenças nas escolhas políticas de algumas de suas lideranças, fazendo surgir fraturas dentro da coletividade.

É importante ressaltar que esta situação estava imbricada às desavenças entre políticos locais e fica mais evidente com a atuação dos índios João José, Vicente Cabeludo e João Barbosa citados na devassa de 1824. Tal como fizera Bento Rodrigues, esses índios se opuseram “à primeira eleição paroquial para a nomeação de deputados às cortes em Portugal” ocorrida em Cimbres, “protestando somente defender o seu rei Dom João VI a quem ainda hoje exclusivamente são adictos”.[395] De acordo com Domingos de Souza Leão, o mesmo autor da devassa que também era Juiz Ordinário, os índios

> são por natureza fanáticos realistas absolutos [...] porque a sua ferocidade filha da mesma estupidez exaltada diariamente pela fácil embriagues, a licença e impunidade em que vivem fazem desanimar a qualquer patriota que os pretenda caridosamente iluminar.[396]

O capitão-mor das Ordenanças da vila de Cimbres, Manoel José de Serqueira, também deu o seu parecer sobre os índios, ressaltando os crimes que teriam cometido, afirmando que “seu sistema é roubar”. O capitão-mor esperava a pronta obediência dos índios diante de suas ordens, como ocorreu em 1817, quando foi feito o

---

[393] Apeje. JO2. 12/03/1824. Carta de Domingos de Souza Leão, juiz ordinário da vila de Cimbres, para o presidente da província, Manoel de Carvalho Paes de Andrade. Fl.98-99

[394] Apeje. Ord 3. 05/04/1824. Ofício do capitão mor dos índios de Cimbres, Manoel José Leite Barbosa fl.322-322v.

[395] Apeje. JO2. 12/03/1824. Carta de Domingos de Souza Leão, juiz ordinário da vila de Cimbres, para o presidente da província, Manoel de Carvalho Paes de Andrade. Fl.98-99.

[396] Idem.

recrutamento de cem índios para compro as tropas de repressão. Mas ao contrário percebeu que não podia contar com eles pois, mesmo que se ponham a marchar, "formam entre eles uma desconfiança, daí voltam roubando, desolando tudo, a fim de acharem a terra destituída de homens, para se apoderarem das famílias". Ainda em 1824, informou que chegaram cerca de cem índios de Palmeira (Alagoas) e que estariam esperando o momento do ataque, já que continuavam realizando furtos. Pediu orientações ao governo provincial sobre as providências a serem tomadas em relação aos europeus e índios existentes na vila.[397]

A atuação deste capitão-mor de Cimbres é crucial para compreender o comportamento político dos indígenas envolvidos nas disputas locais. Após a devassa empreendida em 1824, o capitão-mor, Manoel José de Serqueira tentou realizar um recrutamento forçado na aldeia do Ararobá de cerca de 300 índios, no intuito de corresponder a um pedido do tenente coronel Manoel Ignacio Bezerra de Mello, de auxílio para o Exército. Serqueira enviou uma solicitação ao capitão-mor dos índios, repassando o pedido de 300 índios. O capitão-mor dos índios, por sua vez, respondeu informando que "não dava a sua gente por respeito de um, não haviam de ir tantas almas para os reinos dos infernos".[398]

A negativa audaciosa do capitão-mor dos índios, sobre o qual não temos mais informações, não foi retrucada imediatamente, mas quase um mês depois quando Serqueira soube que os índios haviam içado "o estandarte de João sexto". Por já esperar essa reação, Serqueira pediu auxílio à tropas de companhias vizinhas, que fizeram patrulhas nas estradas até chegar na vila de Cimbres e enfrentar os índios. De sua tropa, segundo ele, não houve muitas baixas. Já do lado dos índios, muitos morreram, embora não se saiba seu número exato, porque vários foram morrer nos matos. Estima, no entanto, cerca de 20 mortos. Informa que prendeu 60 indígenas, em sua maioria casados, e outros 25 foram recrutados, sendo estes solteiros. Entre presos e recrutados, totalizou 85 índios.[399]

Na lista dos indígenas presos figuram Manoel Vieira da Cruz, provavelmente o mesmo que encabeçava movimentos favoráveis a D. João VI relatados na devassa já citada, e Antônio dos Santos, acusado na mesma devassa de roubar gado e fugir da

---

[397] Apeje. Ord. 3. 28/04/1824. Ofício do capitão mor de Cimbres, Manoel José de Serqueira, para o presidente da província, Manoel de Carvalho Paes de Andrade. fl.332-332v. CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 1996, p. 60

[398] Apeje. Ord.3. 27/06/1824. Ofício do capitão mor e diretor de Cimbres, Manoel José de Serqueira, ao presidente da província, Manoel de Carvalho Paes de Andrade. fl.364-365v.

[399] Idem.

prisão. Outros 32 índios se renderam e chegaram ao quartel de Serqueira, que os teria prendido se tivesse oportunidade pois “ladrões e revolucionários todos são”. Além destes, dois capitães dos índios também foram presos. [400]

Mais personagens estavam envolvidos na escolha política dos índios e no episódio da tentativa de recrutamento forçado, complexificando a atuação dos indígenas de Cimbres. Manoel José de Serqueira solicitou o capitão-mor da vila de Flores, próxima a Cimbres, a ajuda de 200 homens para fazer frente à força dos índios do Urubá (Cimbres) que se achavam levantados junto com outras quatro aldeias defendendo o rei João VI. O capitão-mor de Flores, Joaquim Nunes, ficara sabendo que os inimigos internos e externos da sua vila e da de Cimbres se comunicavam por cartas e planejavam realizar um ataque. Faziam um “clube”, ou seja, se reuniam com europeus na casa de Antônio José Gomes, na vila de Flores. Nessas reuniões, o capitão-mor de Flores supunha que planejavam a “trama dos índios”. Além dessas reuniões em Flores, outras foram realizadas em locais próximos, como no lugar dos Pausbrancos, na fazenda da Quixaba e nos lugares de São Pedro e Ingazeira.[401]

Pouco tempo depois do recebimento do primeiro ofício de Serqueira, o capitão mor de Flores recebeu outro do mesmo remetente informando que sua ajuda não era mais necessária porque já havia rendido os índios na primeira batalha, fugindo seus sargento-mor e capitão-mor. Provavelmente, essa “primeira batalha” se referia à tentativa de recrutamento realizada por Serqueira, a qual resultou em fugas, prisão e morte de muitos indígenas. Com essa notícia, os “marinheiros”, como eram conhecidos os portugueses, saíram da vila de Flores. De acordo com Joaquim Nunes, esses “marinheiros” ainda tentavam escravizar “nossa pátria e a todos os bons cidadãos” mesmo diante dos esforços do governo da província em garantir a liberdade. [402]

Um grupo de portugueses figurou, então, como aliado dos indígenas do Ararobá em defesa de D. João VI. A aliança entre índios e portugueses conferiu mais força e articulação local ao levante, pois envolveu não indígenas habitantes da vila de Flores e localidades próximas, ainda que apenas os índios tenham sentido a força da violenta repressão do capitão-mor de Cimbres.

---

[400]Apeje. Ord.3. 27/06/1824. Ofício do capitão mor e diretor de Cimbres, Manoel José de Serqueira, ao presidente da província, Manoel de Carvalho Paes de Andrade. fl.364-365v.
[401] Apeje. Ord. 3. 6/06/1824. Ofício do capitão mor da vila de Flores, Joaquim Nunes de [?], para o presidente do governo, Manoel de Carvalho Paes de Andrade. fl.362-363.
[402] Idem.

Colocando em perspectiva os fatos relatados nas fontes, podemos perceber que a devassa realizada por Domingos de Souza Leão, juiz ordinário de Cimbres, para apurar a culpa dos índios sobre assassinatos e roubos foi sucedida pela descoberta das reuniões feitas entre índios e portugueses na vila de Flores e em locais próximos. Na devassa surgiram denúncias sobre o apoio explícito dos índios a d. João VI, a sua oposição à independência do Brasil, à constituição e à eleição paroquial para nomear os deputados para as Cortes de Lisboa ocorrida anos antes. A aliança com portugueses denunciada pelo capitão-mor de Flores ajuda a montar o quadro de oposição dos indígenas de Cimbres ao novo regime político implantado no Brasil, às novas instituições e ao representante político máximo.

É possível que nessas reuniões com os portugueses, os indígenas estivessem organizando um tipo de levante, a julgar pela sua própria movimentação na aldeia e na vila. Nesse sentido, a tentativa violenta de recrutamento empreendida por Manoel José de Serqueira e o consequente enfrentamento com os índios, resultando em mortes, fugas e prisões, podem ser compreendidos como ações repressivas em relação ao posicionamento político dos indígenas. Esvaziar a aldeia e recrutar através de prisões levaria a uma desmobilização na aldeia de grande parte de sua população masculina. A ação de Serqueira teve, então dois objetivos: angariar braços para suas tropas e esvaziar a aldeia.

Diante do exposto, acreditamos ser esse o episódio sobre o qual Pereira da Costa e Nelson Barbalho tratam como massacre. Apesar de as fontes da época não relatarem, da mesma forma que Barbalho e Pereira da Costa, a violência exercida pelo representante em Cimbres do governo rebelado da província, os fatos relacionados ao episódio e o número de índios presos e recrutados nos leva a concluir que Manoel José de Serqueira foi o responsável pela repressão ao levante dos indígenas. Por outro lado, a resistência de cerca de 300 indígenas ao recrutamento forçado indica uma relação conflituosa entre Serqueira e os índios de Cimbres, provavelmente marcada pela experiência de 1817 e de anos posteriores.

Cabe agora o questionamento sobre as motivações e expectativas indígenas na configuração de seus apoios e suas rivalidades políticas em 1824. O posicionamento político indígena foi construído inserido num quadro complexo de disputas locais pelas terras do aldeamento e por cargos políticos, que ganharam novos significados com o contexto institucional e político delineado entre os anos de 1820 e 1822 e com a eclosão da Confederação do Equador em 1824.

3.3.1. Disputas em Cimbres e na serra do Ararobá: indígenas e autoridades locais

Durante a década de 1820, a vila de Cimbres e o aldeamento do Ararobá passavam por graves conflitos entre dois políticos inimigos, os já citados Francisco Xavier Pais de Melo Barreto e Manoel José de Serqueira, em decorrência da disputa pelo cargo de capitão-mor das Ordenanças de Cimbres. O provimento de tal cargo implicava em influência e poder de mando numa das principais áreas do interior de Pernambuco. E tudo isso envolvia diretamente os indígenas que ali viviam.

O cargo de capitão-mor de Cimbres foi ocupado até 1821 pelo sogro de Melo Barreto e Serqueira, o português Antônio Santos Coelho da Silva, que era um dos homens mais ricos de Pernambuco. Santos Coelho era dono da Fazenda Jenipapo, a mais opulenta do Ararobá, e quando da sua morte seus bens foram avaliados em 250 contos de réis. A maior produção das suas terras era de algodão, criando apenas o gado necessário para alimentar os moradores de suas propriedades, que constavam em 10 fazendas, onde trabalhavam 516 escravos.[403]

Exercer a função de capitão-mor das Ordenanças de Cimbres também implicava em ter que lidar com os indígenas da vila, como ocorreu com Santos Coelho que enfrentou ameaças de levantes e resistência aos recrutamentos. Em 1818, Santos Coelho ordenou ao sargento-mor Manoel José de Serqueira, um de seus genros, que prestasse auxílio ao Diretor dos índios por estarem os seus subordinados reunidos, pressupondo o início de uma revolta. Serqueira informou ter enviado noventa e seis dos seus homens, mas que nada fora feito devido à má organização do Diretor e dos soldados. Andou perguntado aos seus conhecidos o que realmente estava acontecendo, pois lhe chegaram informações desencontradas, uns afirmando que todos os índios estavam reunidos e outros dizendo que eram poucos.[404]

É interessante a afirmação do sargento-mor de que, ainda que alguns índios fossem "atrevidos", a "gente do arredor de Cimbres não os prendem" porque uns seriam seus amigos, "outros por favores às índias, outros pelo trabalho que fazem com eles". Isso nos indica que aqueles índios tinham parceiros ou aliados em sua região, relações resultantes de situações diversas. Mesmo sem ter certeza desse ajuntamento de índios, o sargento-mor avaliava que seriam necessários entre quatrocentas e quinhentas pessoas na diligência para prender os indígenas que viviam em Caldeirão e

---

[403] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. vol.12, pp.195-196.
[404] Apeje. Ord.1. 31/10/1818. Ofício do sargento-mor, Manoel José de Serqueira, ao capitão-mor, Antônio dos Santos Coelho da Silva. Fl.328.

Canabraba, dois sítios localizados em Cimbres.[405] O elevado número de indivíduos para a diligência proposto por Serqueira ajuda a inferir o grau de violência e tensão na vila entre índios e não índios.

Um ano depois, em 1819, a reunião de índios voltou a ser uma das preocupações de Santos Coelho, demonstrada em ofício deste dirigido ao governador de Pernambuco, no qual fala do possível contato entre índios de Garanhuns e os de Cimbres e dos danos resultantes dessa relação.[406] Em função dessa nova reunião de índios o capitão-general e governador de Pernambuco, Luís do Rego Barreto, ordenou o envio de cinquenta índios de Cimbres para servir no Arsenal da Marinha, assim como o faziam os índios da aldeia de Escada. O capitão-mor de Cimbres tentou dar cumprimento à ordem recebida, mas os indígenas se revoltaram e se negaram a sair do seu aldeamento.[407] O governador, então, autorizou a prisão de todos os índios envolvidos, sendo esta ordem cumprida com êxito como cientificou Santos Coelho em ofício.[408] Ainda que muitos índios tenham sido presos, demonstrando que o recrutamento forçado era também um importante meio de controle social sobre populações que se constituíam em ameaça iminente,[409] era importante fazer um acordo com eles para diminuir as hostilidades de ambas as partes. Santos Coelho informou a Luís do Rego Barreto que foi feito um acordo entre os índios de não saírem dos limites de suas terras e não ofenderem os vizinhos com violências.[410] Conter os índios que viviam nas proximidades da vila era fundamental para as autoridades locais.

Em 1821, outra revolta indígena foi registrada. Desta vez, estavam contra autoridades municipais (membros da câmara) que incentivaram a invasão das suas terras por não índios. Essas autoridades seriam influenciadas pelo capitão Francisco Xavier Pais de Melo Barreto, o outro genro de Santos Coelho.[411]

---

[405] Apeje. Ord.1. 31/10/1818. Ofício do sargento-mor, Manoel José de Serqueira, ao capitão-mor, Antônio dos Santos Coelho da Silva. Fl.328.
[406] Apeje. Ord.2. 16/04/1819. Ofício do capitão mor de Cimbres, Antônio dos Santos Coelho da Silva, ao governador e capitão general Luis do Rego Barreto.fl.40-40v.
[407] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. vol.12, p.101.
[408] Apeje. Ord.2 fl. 75. 02/07/1819. Ofício do capitão-mor de Cimbres, Antônio dos Santos Coelho da Silva, que informa da prisão dos índios rebeldes de Cimbres por ordem do general, Luiz do Rego.
[409] SILVA, Edson. Op. Cit. 2008, p. 93. MOREIRA, Vânia. "Caboclismo, vadiagem e recrutamento militar entre as populações indígenas do Espírito Santo (1822-1875)". *Diálogos Latino-americanos*, n. 11, 2005, pp. 2; 10.
[410] Apeje. Ord.2. 19/07/1819. Ofício do capitão-mor de Cimbres, Antônio dos Santos Coelho da Silva, ao governador, Luís do Rego Barreto. Fl.77.
[411] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. vol.12, p. 217.

Ao que tudo indica, as relações entre índios de Cimbres e autoridades locais era tensa e marcada por violência. Após a experiência de recrutamento vivenciada pelos indígenas em 1817, sob o mando de Manoel José de Serqueira, eles demonstraram não mais estar dispostos a contribuir com as tropas das Ordenanças da vila. Por outro lado, os conflitos por terra se intensificavam, pois o aldeamento já apresentava vários moradores não indígenas em seu interior, principalmente porque tinha se transformado em vila desde 1762 de acordo com a legislação pombalina[412], o que restringia ainda mais a área de ocupação indígena.

No ano de 1822 os antagonismos entre índios de Cimbres e autoridades locais se intensificaram frente à discordância dos primeiros em relação ao capitão-mor eleito pela Câmara Municipal para os administrar e à possibilidade de extinção do aldeamento. Nesse ano, os índios de Cimbres, representados por seus capitães, alferes, outros oficiais e soldados, enviaram uma petição à Junta do Governo de Pernambuco solicitando a restituição de seu antigo capitão-mor, Alexandre Pereira da Costa, ao cargo, pois não reconheciam o seu substituto, Francisco Alves Feitosa. Em sua argumentação, afirmaram que tal posto competia verdadeiramente a Costa, embora este tenha pedido demissão. Costa havia se demitido do cargo alegando que já estava em idade avançada.[413]

Na perspectiva dos índios que fizeram a petição, a Feitosa faltava idoneidade e o conhecimento da língua para saber ler e escrever e assim "guardar os segredos necessários da Junta Governativa". Além disso, ele não era "verdadeiramente índio". Segundo os indígenas, para assumir tal cargo era necessário observar o que determinava o Diretório, ainda em vigor na província, sendo o indivíduo encarregado do cargo "um homem instruído, amante da nação, que só tenha em vista o bem geral de todos os cidadãos" e também sendo obediente às cortes. Relembram que, de acordo com o Diretório, era preciso que o Ouvidor da Comarca chamasse todos os índios à sua presença para eleger o capitão-mor pela "maioria de vozes", sendo assim um indivíduo escolhido diretamente pelos indígenas. A petição foi assinada por quatro

[412] Apeje. "Relação dos novos estabelecimentos das vilas e lugares dos índios do Governo de Pernambuco da parte do Sul, executados por Manoel de Gouvea Alvares, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, Ouvidor Geral da Comarca das Alagoas" in Correspondência de Luís Diogo Lobo da Silva a Francisco Xavier de Mendonça Furtado. 23 de novembro de 1763.
[413] Apeje. CM 3. 14/03/1822. Ofício da Câmara da vila de Cimbres ao Governo da Junta Provisória de Pernambuco. Fl.317.

capitães e outro indígena sem patente militar.[414] Destes indígenas, dois foram presos em 1824 após resistir à tentativa de recrutamento forçado de Manoel José de Serqueira: os capitães Joaquim Pereira da Costa e Leonardo Francisco da Silva. E um terceiro capitão indígena, Bento Rodrigues de Mendonça, que também assinou essa petição, foi acusado na devassa de 1824 de encabeçar o movimento na vila a favor de D. João VI.

Ao defender um indivíduo para o cargo de capitão-mor, os indígenas suplicantes demonstraram seu interesse em interferir diretamente na maneira pela qual eram administrados, requerendo para isso uma pessoa que fosse "verdadeiramente índio" e que, por isso, deveria compreender as suas necessidades. Ao contrário do que algumas autoridades alegaram em 1824, descrevendo os índios de Cimbres como simples "fanáticos realistas absolutos", da petição pode-se perceber que as escolhas políticas indígenas eram muito mais complexas do que é possível supor a partir de uma classificação pouco explicativa como a usada na documentação da época.

Eles utilizaram conceitos como os de "nação" e "cidadão", e também defenderam obediência às cortes, em referência às Cortes de Lisboa. Além disso, defenderam a Junta Governativa de Gervásio Pires, já que o capitão-mor dos índios de Cimbres deveria saber ler e escrever para guardar os segredos dela. Faziam, portanto, referência a um contexto político no qual estavam sendo discutidos projetos sobre a constituição do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve. Em Portugal, desde a Revolução Liberal do Porto (1820) e da reunião das Cortes de Lisboa (1821), o debate político se concentrou no retorno da sua posição de destaque no quadro do Reino transatlântico, no retorno de d. João VI à antiga metrópole e na preparação de uma constituição a qual o monarca deveria jurar, mostrando-se submisso. Em Pernambuco, após a experiência da violenta repressão de 1817 e do retorno de alguns de seus líderes com a anistia de 1821, o contato com Lisboa se mostrou mais intenso por meio das disposições das cortes, inclusive a de criar juntas governativas. Além disso, a necessidade de alcançar maior autonomia política para a província parecia ser algo possível, principalmente durante o governo da Junta de Gervásio Pires. Apesar do clima de autonomia regional impulsionado pelo primeiro liberalismo português, em Pernambuco não havia a pretensão de independência política da província ou do

[414] Apeje. CM3. 28/04/1822. Petição de oficiais e soldados indígenas à Junta do Governo de Pernambuco sobre o provimento do cargo de capitão-mor dos índios de Cimbres. Fl.326-328.

Brasil. Até então, toda a negociação era feita com Lisboa, em detrimento do Rio de Janeiro e do governo do príncipe regente d. Pedro I.[415]

Portanto, em 1822 os indígenas de Cimbres que escreveram a petição estavam fazendo referência a esse contexto político de conexão entre as diferentes partes do Reino Unido, e com um horizonte de conceitos liberais, como os de nação e cidadão. Ao defender esse vínculo, tratando das cortes e da junta em seu documento, é provável que o objetivo tenha sido manter o direito de interferência na administração da aldeia, tal como vinham fazendo até o momento. Eles estavam, assim, interpretando as questões políticas em debate a partir do seu próprio ponto de vista e de seus interesses. Os indígenas estavam defendendo o regime político no qual acreditavam que poderiam manter o acesso sobre o território da aldeia e o poder de interferência sobre a sua administração. Fizeram uma mescla muito própria entre concepções diferentes, estabelecendo conexões entre ideais liberais e o mundo do Antigo Regime, no qual adquiriram seus direitos sobre as terras. Tais mesclas de conceitos e ideias foram muito comuns entre grupos indígenas durante o processo de desmonte dos domínios português e espanhol nas Américas e, posteriormente, constituição dos Estados nacionais latino-americanos. Principalmente na defesa de seus interesses e direitos.[416] Jogavam, portanto, com as questões políticas do momento para alcançar seus objetivos.

Apesar do esforço e mobilização dos indígenas de Cimbres em torno da petição com argumentos sobre o provimento do cargo de capitão-mor e, consequentemente, sobre a administração do aldeamento, a câmara da vila elegeu Francisco Alves Feitosa para a função, indivíduo indesejado pelos índios.[417] Não satisfeitos com a eleição, alguns índios junto com o seu antigo capitão-mor, Alexandre Pereira da Costa, dirigiram-se ao Ouvidor da Comarca para queixar-se de que não reconheceriam nem obedeceriam Feitosa. Depois de classificá-lo como "misturado índio" ou "mameluco", o Ouvidor ponderou que Feitosa, embora não fosse idôneo ou bom para o posto que lhe foi conferido, não deixava de ser mais

[415] BERNARDES, Denis. Op. Cit. 2003, p. 228. NEVES, Lúcia M. Bastos Pereira das. "Estado e política na independência". In: GRINBERG, Keila. SALLE, Ricardo. Op. Cit. Vol. 1, pp. 109-110.

[416] Processo similar foi analisado por Jaime Rodríguez no processo de formação do atual Estado do Peru e a inserção dos índios cañaris. RODRÍGUEZ O, Jaime E. "Ciudadanos de la nación española: los indígenas y las elecciones constitucionales en el Reino de Quito". In: IRUROZQUI, Marta (org.). Op. Cit. 2005, pp. 58-59.

[417] Apeje. CM 3. 25/06/1822. Ofício da Câmara Municipal de Cimbres ao Governo da Junta Provisória de Pernambuco. Fl.323.

digno ou melhor do que seu antecessor. No entanto, para garantir o sossego e a cultura dos índios, sugeriu que fosse feita uma eleição para o cargo, sendo escolhido um oficial de primeira linha de ações discretas, mas de "suficiente força" que se encarregaria dos índios de acordo com a Diretoria, referindo-se ao Diretório do Índios. Dessa maneira, o ouvidor entendia que o capitão-mor poderia punir os indígenas quando merecessem, e também "os compelir ao trabalho e serviço agrário e totalmente removê-los da habitual inércia e ociosidade em que estão; origem, por certo, imediata de sua geral dissolução e dominante embriaguez".[418]

De acordo com as fontes sobre o provimento do cargo de capitão-mor dos índios de Cimbres, podemos ver que havia expectativas diversas em relação ao indivíduo que deveria ocupá-lo e às suas ações. Para os índios, ele deveria também compartilhar da identidade indígena, sendo necessário que o fosse "verdadeiramente". É provável que a condição étnica gerasse um sentimento de coletividade que ajudaria o capitão-mor a entender e defender os interesses de seus subordinados. Ao mesmo tempo em que era fundamental que se mostrasse obediente e amante da ordem política e dos seus representantes, como as cortes, a junta governativa e a nação. Para as autoridades não indígenas locais, no entanto, o capitão-mor deveria representar a garantia de tranquilidade e subordinação dos indígenas, sendo necessariamente um homem de armas e que impelisse os seus comandados ao trabalho e a sair da indolência.

Durante essa disputa sobre quem deveria assumir o cargo de capitão-mor, a aldeia de Cimbres passou por um forte golpe. No mesmo ano de 1822 a Câmara Municipal tentou extinguir o aldeamento e reverter ao seu patrimônio parte das terras dos índios. O juiz presidente da câmara era Francisco Xavier Pais de Melo Barreto.[419] Isso teria feito os índios de Cimbres se aliarem ao maior inimigo político de Melo Barreto, Manuel José de Serqueira, passando a ser apelidados de "corcundas", ou partidários da monarquia portuguesa tal como era o seu novo aliado.[420] Diante dos conflitos em torno da sua administração e da possibilidade de extinção do aldeamento, a aliança entre índios e Serqueira é um indício das relações de dependência mútua entres estes agentes históricos que, no entanto, iriam variar e se transformar de acordo com as mudanças políticas de cada situação. Cabe lembrar que a aliança com

---

[418] Apeje. OC 2. 19/08/1822. Ofício de Thomás Antonio Maciel Monteiro para a junta provisória do governo da província de Pernambuco. Fl.210-211.
[419] COSTA, F.A. Pereira da. Op. Cit. Vol. 6, p. 241.
[420] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. vol.13, p. 99.

Serqueira foi desfeita em 1824, quando ele mudou seu posicionamento político, passou a dar apoio ao governo rebelde em Pernambuco, e tentou recrutar os indígenas de maneira forçada.

No contexto da Confederação, os indígenas da aldeia de Cimbres estavam imersos em relações de violência, de recrutamento forçado e de tentativas de invasão de suas terras, tendo a Câmara da vila papel central nesse movimento de esbulho. Articular reuniões e alianças com portugueses, realizar levantes e defender d. João VI podem ter sido assumidas como estratégias pelos indígenas para fazer frente a essa situação local de conflitos e disputas políticas.

Para compreender a importância dos jogos políticos para as escolhas políticas dos indígenas, é necessário acompanhar, ainda que rapidamente, os conflitos entre os potentados da vila de Cimbres Manuel José de Serqueira e Francisco Xavier Pais de Melo Barreto. Após a morte do sogro de ambos, em 1821, que era o já citado rico português Antônio dos Santos Coelho da Silva, Melo Barreto e Serqueira começaram a disputa pelo cargo vago de Capitão-Mor das Ordenanças de Cimbres, que era, desde 1810, a sede da Comarca do Sertão e uma das vilas mais prósperas da região.

Manoel José de Serqueira acreditava ser o substituto automático de seu sogro, por ser seu amigo, seu partidário político e também sargento-mor de Cimbres, estando apenas um cargo abaixo do pretendido. No entanto, seu cunhado Melo Barreto também se candidatou ao cargo apoiado por seus correligionários liberais e contando com a maioria do senado da câmara municipal.[421] A desavença entre os dois tinha, portanto, origem nos seus posicionamentos políticos divergentes e também na ambição de ambos em ascender ao mais alto cargo de poder na vila.

Francisco Xavier Pais de Melo Barreto esteve ao lado dos rebeldes de 1817, ou seja, apoiou a Insurreição Pernambucana, e por isso estava alinhado às noções liberais discutidas na província e na Corte. Só não foi preso e remetido para Bahia devido à influência de seu sogro. Já Manoel José de Serqueira, assim como seu sogro, era defensor da monarquia lusa.[422]

Melo Barreto e Serqueira enviaram seus representantes frente ao governo provincial, esclarecendo os motivos de suas brigas e as razões para a sua escolha como capitão-mor de Cimbres. Serqueira argumentou que Melo Barreto, por ser juiz ordinário e ouvidor sub-rogado da vila não poderia assumir o cargo vago. Por sua vez,

---

[421] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. vol.13, p. 86
[422] Idem, pp. 87-89.

Melo Barreto se justificou informando que recebera uma ordem da Junta passada orientando-o a não decidir sobre o provimento da função de capitão-mor até as Cortes de Portugal decidirem se esse cargo ainda existiria no Brasil. Melo Barreto incluiu na sua argumentação a afirmação de que seu cunhado não era favorável à causa do Brasil e que era conhecido por defender a monarquia portuguesa. Com as mudanças políticas, Melo Barreto informou que Serqueira passara a defender a Constituição, posicionamento que, em sua opinião, seria duvidosa.[423] Serqueira não deixou por menos e fez uma tréplica.

A esse debate, o governo provincial respondeu delegando a solução da disputa à Câmara de Cimbres, que era presidida por Melo Barreto, dando orientação para que fosse empossado "quem for adido à santa causa do Brasil". O processo só retornou à câmara municipal no início de 1823, quando Melo Barreto argumentou que Cimbres ainda não tinha feito o juramento por escrito de adesão à Santa Causa do Brasil e à Independência, como as outras cidades da região haviam feito. Sendo o juramento uma das condições para realizar a eleição do capitão-mor, esta deveria ser feita com imparcialidade na Corte no Rio de Janeiro. Em agosto de 1823 foi feito o juramento de fidelidade ao Imperador e à Santa Causa do Brasil, tendo Serqueira assinado o juramento, enquanto seu cunhado não o fez. É provável que Melo Barreto não precisasse demonstrar novamente o seu apoio à causa do Brasil, já sendo conhecido por seus ideais. Na Corte a pendenga entre os dois foi decidida através do compartilhamento do cargo de capitão-mor de Cimbres, cada um cuidando de sua zona de influência na vila.[424]

Inseridos nesse contexto de disputa entre dois grandes inimigos políticos da região, os indígenas se posicionaram de acordo com seus interesses e limites de atuação política. Melo Barreto se identificava com a Independência do Brasil e com a oposição à monarquia lusa, sendo um dos responsáveis pela proposta de extinção do aldeamento de Cimbres em 1822 junto à câmara da vila. Os indígenas, então, passaram a apoiar o seu opositor, Serqueira, mostrando-se favoráveis às cortes de Lisboa e à Junta governativa liderada por Gervásio Pires. Em 1824, as condições políticas mudaram, fazendo com que Serqueira tomasse novas decisões, como o recrutamento forçado e consequente massacre em Cimbres, o que levou os indígenas a se distanciarem do antigo aliado.

---

[423] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. vol.13., pp. 90-93.
[424] Idem, pp. 99-110; 148-149; 157-158.

Assim, entendemos que ao acompanhar as dinâmicas locais de formação de alianças e rivalidades entre indígenas e autoridades locais, torna-se possível compreender as escolhas indígenas dentro dos seus limites de ação, bem como lançar um olhar crítico sobre categorias construídas sobre esses índios pelas fontes da época. Eles possuíam um posicionamento político muito mais complexo do que poderia sugerir o título de "fanáticos realistas absolutos" em 1824, ou a sua caracterização como uma população "notória pelo fanatismo monárquico"[425]. Tais classificações além de naturalizar as ações dos indígenas, nega-lhes seu potencial de participação e interferência no âmbito público como agentes históricos ativos.

Sob o impacto das mudanças advindas com a Confederação do Equador, a escolha política dos indígenas foi orientada por um contexto local de crescente violência, invasão das terras da aldeia, prisões e recrutamentos forçados, cujo auge foi a ação repressiva de Serqueira ao levante indígena a favor de d. João VI. Assim, inferimos que os significados para os indígenas do movimento em defesa do monarca luso, que contou com o apoio de portugueses, estavam relacionados aos conflitos locais, nos quais eram articulados as necessidades indígenas aos interesses dos membros das elites em disputa por diferentes projetos políticos. Podemos afirmar, então, que os conflitos políticos eram ressignificados pelos indígenas a partir do seu interesse em interferir na administração do aldeamento e em enfrentar as tentativas de recrutamento forçado.

Buscar compreender os significados do posicionamento político indígena em situação de conflitos armados nos impele a perceber as mudanças em suas escolhas, construídas e reconstruídas em função das transformações vivenciadas nos cenários local, provincial e nacional. As transformações realizadas pelos indígenas em suas estratégias políticas contribuem para reafirmar as características situacional e fluida das negociações e dos embates que empreendiam, e desmontar a ideia de que seriam monarquistas e realistas por natureza. Importante exemplo sobre as transformações no posicionamento indígena é o requerimento de Bento Rodrigues, um dos líderes do levante indígena a favor de d. João VI, datada de 1825.

Em seu requerimento, Bento dirigiu-se diretamente ao presidente da província de Pernambuco e pediu providências sobre a situação em que se encontravam a aldeia e os índios, abordando dois pontos. O primeiro relativo ao ataque realizado pelas

---

[425] MELLO, Evaldo Cabral de. Op. Cit. 2004, p. 63.

autoridades da vila sobre os índios, porque estes içaram o estandarte imperial, fazendo referência à ação de Serqueira. E o segundo sobre a necessidade de comandar sozinho os outros índios, pois o seu capitão-mor os teria desamparado desde junho de 1824. Logo em seguida, ele se queixou da sua prisão, realizada a mando de Manoel José de Serqueira, então Diretor do aldeamento e capitão-mor das Ordenanças de Cimbres. Segundo Bento Rodrigues, ele teria sido preso porque cumpriu as ordens do brigadeiro Francisco Lima e Silva, comandante das tropas imperiais e da repressão à Confederação, de prender os filhos do comandante André Cavalcanti e depois marchar para o acampamento de Inhumas.[426]

Ao final da correspondência tratou da possibilidade de os índios saírem da vila em decorrência dos vexames e ataques sofridos porque "todos os brancos e autoridades circunvizinhas desta vila são postos a destruir estes miseráveis índios com representações falsas". E ainda defendeu que as terras, onde os "brancos" tem roças, foram recebidas em mercê, "por ser também os índios vassalos que só querem que só exista Sua Majestade Imperial para quem estão prontos a darem as vidas tudo [?] como aconteceu este ano próximo passado [1824]".[427]

É interessante compreender o posicionamento de Bento Rodrigues nessa correspondência a favor da "Sua Majestade Imperial" e o destaque ao apoio conferido ao comandante da repressão à Confederação do Equador. Ao se colocarem, em 1824, a favor de d. João VI, que já havia voltado para Portugal e que ainda não havia reconhecido a independência do Brasil, os indígenas estavam se posicionando contra o governo de Manuel de Carvalho Paes de Andrade que tentava negociar maior autonomia provincial com d. Pedro I. O fracasso da negociação e a outorga da constituição culminaram em Pernambuco com a eclosão da Confederação do Equador. Ao mesmo tempo, os indígenas de Cimbres, inclusive Bento Rodrigues, foram acusados na devassa de 1824 de serem contrários à Independência e à constituição, portanto, opositores ao regime político liderado por d. Pedro I.

Diante desse intrincado quadro político e com a iminência da derrota do governo confederado, pode ter parecido mais interessante para Bento Rodrigues e outros índios ajudar na repressão desse movimento, alinhando-se às tropas de d. Pedro I, lideradas em Pernambuco pelo Brigadeiro Lima e Silva. Em julho de 1825, data da

[426] Apeje. 12/07/1825. Ord.4. Ofício do capitão dos índios de Cimbres, Bento Rodrigues de Mendonça, ao governador capitão general da província de Pernambuco. Fl.3-3v.
[427] Idem.

correspondência de Bento Rodrigues, com a estabilização em Pernambuco do regime político centralizado na Corte, podemos inferir que passou a ser crucial para esse líder mostrar-se como um obediente vassalo do Imperador, por quem os indígenas estavam dispostos a "darem as vidas"[428]. Não à toa, Bento Rodrigues destaca no requerimento a sua obediência ao Brigadeiro Lima e Silva, a sua prisão injustificada, bem como a perseguição que os indígenas estavam sofrendo e a invasão das terras das aldeias, recebidas em mercê por serem "também os índios vassalos".[429]

As estratégias e escolhas indígenas poderiam se transformar de acordo com as mudanças nas condições políticas, fazendo-os se adaptarem e reelaborarem seus posicionamentos frente a diferentes circunstâncias. Mais uma vez, relacionaram o seu direito ao território coletivo adquirido no período colonial às novas condições políticas advindas com a Independência do Brasil, com um novo imperador, com as disputas entre projetos políticos de centralização do Império e de maior autonomia para as províncias.

Ao defender a figura do imperador e se mostrar como seus fiéis vassalos, os índios de Cimbres, representados por Bento Rodrigues, tentavam realçar os seus direitos diferenciados adquiridos como mercê no período colonial em decorrência das suas relações com o rei, traçando uma continuidade entre os monarcas. Como vimos no caso dos índios de Jacuípe e Barreiros, alinhar-se ao monarca, demonstrando sua obediência, era uma estratégia para tentar manter os direitos sobre as aldeias. Nesse sentido, Bento Rodrigues e demais índios de Cimbres defendiam a figura de "Sua Majestade" e lutavam contra invasores e políticos locais que os perseguiam e tomavam parte de seu território. Apesar de todo esse esforço em conseguir proteção às perseguições sofridas e em manter seu território coletivo, muitos indígenas de Cimbres saíram da aldeia após o recrutamento realizado por Serqueira e se refugiaram em Alagoas.

Levando em consideração as diferentes estratégias indígenas no intuito de dar continuidade aos seus direitos sobre as terras coletivas, o espaço do aldeamento ganha centralidade nas vivências indígenas, garantindo certo grau de autonomia aos seus habitantes para manter seus costumes e fazer frente às ações dos potentados locais. A autonomia adquirida era relativa, uma vez que os indígenas sofriam uma série de

[428] Apeje. 12/07/1825. Ord.4. Ofício do capitão dos índios de Cimbres, Bento Rodrigues de Mendonça, ao governador capitão general da província de Pernambuco. Fl.3-3v.
[429] Idem.

restrições em relação aos usos de parcelas das terras e à própria administração do aldeamento, que era ordenada pela legislação indigenista do período. No entanto, as frequentes demandas dos indígenas feitas no intuito de interferir nesses espaços, demonstram que tentavam administrá-lo de acordo com seus interesses, não sendo raro resistirem quando os viam contrariados. Em outros países da América Latina, diferentes grupos indígenas também defendiam uma certa autonomia política em seus *pueblos* e domínio sobre as rendas arrecadadas pelas comunidades e que deveriam ser usadas em gastos coletivos.[430]

Além da relativa autonomia, manter as terras coletivas poderia significar alguma proteção para os indígenas em relação aos trabalhos agrícolas em fazendas vizinhas e ao serviço militar através de recrutamentos forçados. Os indígenas foram descritos, na maioria das fontes, como vagabundos, ladrões de gado, desconfiados, nocivos a eles próprios e ao público, indolentes, de moral repreensível[431] e violentos. Como afirmara o ouvidor da comarca do sertão em 1822, para as autoridades não indígenas, era necessário que os índios fossem compelidos ao trabalho e ao serviço agrário, tirando-os de sua "habitual inércia e ociosidade".[432] Era necessário subordiná-los ao trabalho nas propriedades de grandes potentados locais ou na prestação de serviços militares para políticos investidos de poder de polícia que, na maioria das vezes, também eram importantes proprietários das vilas e dos povoados.

Numa sociedade como a da província de Pernambuco, ter a posse de terras coletivas conferia aos índios um lugar específico dentro da hierarquia social baseada em redes de relacionamentos entre proprietários de terras e trabalhadores despossuídos. A definição de Richard Graham sobre o clientelismo é elucidativa sobre as relações entre potentados locais e sua clientela. No meio rural, membros das elites ofereciam proteção e terras para cultivo e subsistência de pessoas pobres, que passavam a ser identificadas como "agregados" ou "moradores" das grandes propriedades. Em troca, estes indivíduos, além do trabalho, deviam obediência e outros tipos de obrigação aos proprietários das terras, como serviço militar nos momentos de conflito, apoio político e garantia de voto durante as eleições.[433] As

[430] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2011, pp. 111-112.
[431] Apeje. OC2. 11/09/1822. Ofício do ouvidor da comarca, Thomás Antonio Maciel Monteiro, para os presidentes e membros da Junta Provisória do Governo da província de Pernambuco. Fl.249-249v.
[432] Apeje. OC2. 19/08/1822. Ofício de Thomás Antonio Maciel Monteiro para a junta provisória do governo da província de Pernambuco. Fl.210-211.
[433] GRAHAM, Richard. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, pp. 37-39

relações entre moradores e/ou agregados e os proprietários era mediada pela terra, da qual emanava o poder das elites locais.

A perspectiva de Graham vem sendo criticada devido à sua generalização, fazendo do clientelismo o elemento central e definidor da política brasileira no século XIX, ampliando em demasia o poder e interferência dos senhores de terras. De acordo com José Murilo de Carvalho, seria lógico para Graham afirmar que o Estado constituía-se enquanto clientela dos grandes proprietários.[434] Apoiado nas críticas feitas por José Murilo de Carvalho e em estudos recentes sobre família, relações de parentesco e alianças, Ivan de Andrade Vellasco complexifica o conceito de clientelismo ao ressaltar as margens para o estabelecimento de trocas entre agentes históricos em posições desiguais, gerando reciprocidade e interdependências.[435]

Levando em conta a caracterização de Graham sobre o clientelismo em meio rural, cujas relações eram centradas no acesso à terra, e na compreensão de um quadro mais complexo desses relacionamentos, nos quais existiam espaços para trocas entre desiguais, reafirmamos que a posse coletiva do território dos aldeamentos conferia uma posição diferenciada aos indígenas na sociedade brasileira oitocentista.

Nessa sociedade, ter a posse de terras coletivas poderia conferir aos indígenas uma menor dependência às redes de clientelismo locais, significando um tipo de proteção às ingerências dos grandes fazendeiros vizinhos. Dentro das aldeias poderiam prover sua própria subsistência, manter a vida em comunidade e resistir de maneira coletiva aos recrutamentos forçados negando-se a sair de seus territórios, como ocorreu em Cimbres em 1824. Por isso, concordo com Maria Regina Celestino de Almeida ao defender que numa ordem social rigidamente hierárquica e escravocrata, como era a do Rio de Janeiro e de Pernambuco oitocentistas, o direito sobre as terras dos aldeamentos deveria ser realmente atraente, constituindo-se ainda num espaço de proteção.[436]

---

[434] CARVALHO, José Murilo de. "Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual". In: *Dados*. Vol. 40, n. 2. Rio de Janeiro, 1997. http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52581997000200003 Visitado em ago 2013.
[435] VELLASCO, Ivan de Andrade. "Clientelismo, orden privada e Estado no Brasil oitocentista: notas para um debate". In: CARVALHO, José Murilo de. NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. (orgs.). *Repensando o Brasil do oitocentos*: cidadania, política e liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 85-88.
[436] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. "Índios, missionários e políticos: discursos e atuações político-culturais no Rio de Janeiro oitocentista". In: SOIEHT, Rachel. BICALHO, Maria Fernanda. GOUVÊA, Maria de Fátima. (orgs.). *Culturas políticas*: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, pp. 243.

No entanto, tal proteção não deve ser entendida unicamente como uma resistência indígena a uma ordem estabelecida, uma vez que esses sujeitos históricos estavam inseridos nas redes de interdependência de maneira desigual em relação aos grandes proprietários de terras. Um elemento central na intermediação dessas relações era o Diretor de índios. Ainda que nos anos de 1824 e 1825 a função de Diretor já estivesse oficialmente extinta no Brasil, em Cimbres ela continuava existindo, tendo em vista que havia um Diretor do aldeamento que era Manoel José de Serqueira. A figura do Diretor foi estabelecida pelo Diretório de Índios, legislação indigenista elaborada em 1757 e dirigida para o estado do Grão-Pará e Maranhão. Foi estendida às outras regiões da Colônia em 1758, e em Pernambuco ganhou versão própria no ano de 1759.[437] Em 1798 o Diretório foi extinto no Estado do Grão-Pará e Rio Negro, e no Brasil apenas seria revogado em 1822 por decreto imperial.[438]

A mão-de-obra indígena, bem como o uso e aproveitamento de suas terras coletivas eram de responsabilidade administrativa do Diretor de Índios, que muitas vezes estava completamente inserido nos jogos políticos locais, tirando proveito próprio e para seus aliados do trabalho dos índios e sendo complacente ou participando dos esbulhos de seus territórios. A discussão sobre o uso da mão-de-obra indígena em fazendas e engenhos na década de 1820 se intensificava, tendo em vista que já era considerada como a substituta natural do trabalho escravo em Pernambuco, intensificando ainda mais as disputas locais.[439]

Eram, portanto, constituídas relações complexas entre índios e não índios, estabelecendo laços de dependência e também de conflitos que conferiam a tônica do cotidiano nos aldeamentos, nas fazendas vizinhas e nas vilas. Por isso, não é possível afirmar a existência de uma postura de resistência dos indígenas baseada na posse coletiva das aldeias, opondo-os veementemente aos grandes proprietários locais. Embora os aldeamentos tenham conferido certo grau de proteção e os indígenas os tenham defendido até finais do século XIX, estes mesmos agentes históricos realizavam alianças com proprietários locais, que podiam mudar diante das disputas políticas e de acordo com suas próprias motivações, fazendo-os construir e desconstruir laços de dependência mútua.

---

[437] LOPES, Fátima Martins. Op. Cit. 2005, pp. 69-70; 82-83
[438] SAMPAIO, Patrícia. Op. Cit., p. 183.
[439] CARVALHO, Marcus. Op. Cit. 1996, pp. 54; 58.

Em 1824, os indígenas de Cimbres tentavam defender um regime político no qual viam benefícios e que era representado por d. João VI. Esse posicionamento indígena não deve ser compreendido de maneira estática, uma vez que este não era um posicionamento hegemônico entre os próprios índios, e que uma de suas lideranças apontou as mudanças políticas ocorridas no aldeamento em meados de 1825.

Dessa forma, as suas escolhas, interesses e necessidades também mudavam em face das condições políticas locais, como no caso de sua antiga aliança com Manoel José de Serqueira, que passou a persegui-los, resultando na fuga de uma grande quantidade de índios de Cimbres para Alagoas, onde permaneceram por seis anos. Muitas famílias tentaram voltar para Cimbres, mas outras tantas permaneceram em Alagoas, onde se estabeleceram em terras de aldeamentos já existentes, como se pode observar na fala do presidente de Alagoas de 1862. Nesse ano, havia oito aldeias na província, das quais sete eram habitadas também por índios Xucuru, que eram emigrados da província de Pernambuco.[440]

3.3.2. Caminhos de volta para Cimbres: disputas pelas classificações étnicas e pelas terras do aldeamento

Antes de voltar, os indígenas tiveram que enfrentar alguns moradores de Cimbres e a Câmara da vila, que continuavam a fazer investidas sobre as terras da aldeia e sobre os índios que ali permaneceram.

Nesse período, uma petição de 1828 contendo um pedido individual de uma pessoa que se identificou como índio teve argumentação baseada na doação de terras coletivas aos indígenas de Cimbres. Antônio Cipriano pediu providências ao presidente da província em relação às atitudes de um fazendeiro vizinho, que forçadamente criara condições para que seu pai, Francisco Pascoal, vendesse o sítio que possuía na serra do Ararobá. Primeiro Antônio Cipriano se apresentou como “índio do Ararubá ou Cimbres” e, em seguida, lembrou ao presidente de Pernambuco que por Ordem Régia foram concedidas aos índios algumas datas de terras na serra do Ararobá para que fossem aldeados e administrados por um diretor que os “dirigisse e domesticasse conforme manda o Diretório”. No entanto, Cipriano informou que as ordens do soberano não estavam sendo executadas e que há muitos anos os índios estavam privados das garantias que lhes foram concedidas, ainda mais porque vários

[440] Fala do presidente da província, Antônio Alves de Souza Carvalho, à Assembleia Legislativa de Alagoas. 15/07/1862. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de (org.). Op. Cit. 1999, p. 51.

vizinhos usavam de “todos os meios de os desgostarem a fim de que deixem a terra”. Isto ele explicou para sustentar a denúncia que fez contra João Florentino Cavalcanti, que soltou gado e outros animais na serra, causando prejuízos aos que ali viviam devido à destruição de suas lavouras.

Dentre os que sofreram prejuízos, estava o pai de Cipriano que vendo

> perdido o seu suor, único meio com que subsistia e a sua pobre família, não achando providência alguma da parte das autoridades do lugar, delirou e em pouco tempo pereceu[441]

Diante das circunstâncias, Cipriano teria retirado suas três irmãs daquele sítio e a família havia decidido sair do termo. Então, João Florentino Cavalcanti, que já era proprietário de dois sítios vizinhos ao do pai de Cipriano, se ofereceu para comprar as telhas da casa, únicos bens que restaram, o que conseguiu, ficando de posse do sítio e “rindo-se ao som dos lamentos”. Diante dos episódios relatados, Cipriano solicitou ao presidente da província que lhe fosse reintegrada a posse do sítio.[442]

Foram pedidos, então, esclarecimentos ao Diretor dos índios e capitão-mor agregado da vila, Manoel José de Serqueira. Ele informou não conhecer Cipriano, mas afirmou que o “mestiço quase negro” Francisco Pascoal chegou em 1826, vindo de Pajeú. Pediu morada a Serqueira, dizendo o “mestiço” ser filho de uma mestiça da vila e instalou-se em um sítio devoluto sendo-lhe entregue sementes para plantar. Tinha um filho e duas filhas, aquele ajudando pouco o pai por ser pequeno. Antes de morrer, Pascoal foi queixar-se a Serqueira falando sobre “aquele homem” repetidas vezes, sendo um indicativo de que já estava “doido” segundo o Diretor dos índios. Informou também que, de fato, João Florentino Cavalcanti havia soltado gado e cavalos, causando destruição da serra, sendo a roça mais prejudicada a de Francisco Pascoal. No entanto, não conhecia Antônio Cipriano, nem sabia se era filho do falecido Pascoal.[443]

Em seguida, Serqueira explicou que os índios saíram de Cimbres por causa da seca de 1825, ocultando a tentativa de recrutamento forçado e a investida de 1824 empreendida por ele mesmo. De acordo com Serqueira era incomparável o descanso que se tinha na vila depois da saída dos índios. Ele explica que antes os índios tinham resolvido não trabalhar e sustentavam-se dos animais e lavouras dos agricultores que

---

[441] Apeje. OC 5. Fevereiro de 1828. Petição de Antônio Cipriano, índio de Cimbres, ao presidente da província de Pernambuco. Fl.86-87.
[442] Idem.
[443] Apeje. OC 5. 05/04/1828. Ofício do diretor dos índios de Cimbres, Manoel José de Serqueira, para o ouvidor da comarca do sertão. Fl.89-89v.

moravam ao redor da serra. Alguns deles chegaram a voltar para a vila, mas vendo que não havia abundância, de novo seguiram para os "matos do sul".[444]

Ao final, o Diretor dos índios de Cimbres aproveitou para dar o seu parecer sobre as terras da aldeia. Ele sugere que os "poucos [índios] que existem sua majestade imperial os mandasse retirar deste centro" e que os sítios fossem repartidos e vendidos aos moradores, sendo isto de interesse da Nação e do público. As terras da serra, sob o domínio de poucos índios, estava "em capoeiras" e destruídas por fogos, mas que as mesmas capoeiras poderiam ser aproveitadas para o cultivo da mandioca, sendo esta um grande "arrimo".[445]

Estas informações foram repassadas ao Ouvidor da Comarca do Sertão, que prontamente encaminhou seu parecer ao presidente da província, indicando que a petição de Cipriano alcançara uma ampla repercussão. O Ouvidor, Antônio de Araújo Ferreira e Jacobina, repetiu as informações de Serqueira, mas identificou Francisco Pascoal como "índio" ou "coriboca", ao contrário do que havia feito o Diretor de Índios, que o tinha chamado de "mestiço quase negro".

Em seguida esclareceu algumas dúvidas e fez seu julgamento em relação ao caso. Jacobina acreditava que o Diretor dos índios era duplamente culpado. Primeiro, porque ele e seus antecessores não haviam relacionado os índios como mandava o Diretório, ou seja, não produziu as listas anuais necessárias para relacionar os índios e as datas de sesmarias. Segundo, devido à omissão em relacionar os índios, ele permitiu que a dúvida sobre a posse dos sítios permanecesse, excedendo-se em "conferir terras da sesmaria de índios à família de Francisco Pascoal, cuja ascendência ignorava". Quanto a Antônio Cipriano, o identificou como "índio" e averiguou que era filho natural de Pascoal com uma índia solteira da vila de Cimbres, Anna Catherina, mas que esta havia se retirado para um sítio nos arredores.[446]

O Ouvidor da Comarca se restringiu em desfazer dúvidas e explicar a culpa do Diretor dos índios de Cimbres naquela ocasião e também de seus antecessores. Não ofereceu, assim, nenhuma solução para a petição de Antônio Cipriano. Não sabemos qual foi a decisão do presidente da província, se deferiu ou não o pedido de Cipriano. No entanto, podemos inferir duas importantes questões a partir desse episódio. A

---

[444] Apeje. OC 5. 05/04/1828. Ofício do diretor dos índios de Cimbres, Manoel José de Serqueira, para o ouvidor da comarca do sertão. Fl.89-89v.
[445] Idem.
[446] Apeje. OC 5. 12/04/1828. Ofício do ouvidor da comarca do sertão, Antônio de Araújo Ferreira e Jacobina, para o presidente da província de Pernambuco, José Carlos Mairink da Silva Ferrão. Fl.85.

primeira é de que as terras da aldeia de Cimbres continuavam a sofrer investidas dos fazendeiros vizinhos de maneira violenta, embora seus habitantes não tenham deixado de tentar defendê-las, como demonstra a petição de Cipriano. A defesa das terras ocorreu mesmo que o grupo estivesse em número reduzido, já que muitos haviam se retirado para Alagoas. O interesse sobre as terras da aldeia por parte de fazendeiros e autoridades locais era tão notório que inclusive o próprio Diretor dos Índios, Manoel José de Serqueira, sugeriu que seus subordinados fossem dispersos com o intuito de que as suas terras na serra fossem aproveitadas para o cultivo de mandioca. O histórico das relações entre índios e Serqueira, lembrando dos acontecimentos de 1822 e 1824, era conturbado, baseado em alianças e conflitos que levaram os índios a saírem de suas terras coletivas. A sua posição como Diretor dos Índios em 1828 e os conflitos por terras ocorridos então confirmam a ideia de que os indivíduos que ocupavam esse cargo estavam totalmente inseridos nos jogos políticos locais e tentavam envolver os indígenas na formação de suas redes de clientela, com obrigações relacionadas ao trabalho e obediência.

A segunda questão aponta para as disputas em torno das classificações étnicas incitadas pela petição de um indivíduo sem patente militar, nem cargo político, e que conseguiu um amplo alcance. A argumentação de Antônio Cipriano estava baseada no entendimento de si mesmo como "índio do Ararubá ou Cimbres" e como tal, detentor do direito de acesso às datas de terras concedidas pelo soberano de Portugal. Dessa forma, a condição de índio garantia a ele e à sua família a posse sobre um sítio localizado na serra do Ararobá. Munido desse direito, ele podia denunciar a restrição da sua garantia e as perseguições sofridas também pelos demais indígenas. Além disso, Cipriano reivindicou que ele e os outros índios fossem administrados por um diretor que seguisse o Diretório, o que não estava ocorrendo com Serqueira. Ou seja, ele estava defendendo o cumprimento das leis e a manutenção de direitos adquiridos do período colonial.

Já o Diretor dos Índios, Manoel José de Serqueira, no intuito de descaracterizar o direito sobre as terras, identificou o pai de Cipriano, Francisco Pascoal, como um "mestiço quase negro" que nem era de Cimbres, já que viera de Pajeú, localidade próxima. Além disso, afirmou desconhecer Cipriano e os laços de parentesco que o uniam a Pascoal. Assim, desfez qualquer ligação que qualquer um dos dois poderia ter com os indígenas da serra do Ararobá e seu aldeamento.

Por sua vez, o Ouvidor da Comarca apesar de afirmar que também não tinha certeza sobre a ascendência da família de Francisco Pascoal, se indígena ou não, se teria direito sobre o sítio ou não, o identificou como índio ou "coriboca" e esclareceu que Cipriano era seu filho, também índio fruto de uma relação com uma índia da vila. Assim, o Ouvidor não nega a identidade indígena de ambos, relatando ainda um laço que os conectaria a Cimbres representado na mãe índia de Cipriano. Não obstante, ele não ratifica o direito destes sobre o sítio localizado no aldeamento.

No caso do requerimento de Cipriano estava em jogo, além das demandas por terra e administração da aldeia, a sua classificação como indígena. As disputas acerca de sua identidade são reflexos dos conflitos políticos e sociais, nos termos propostos por G. Boccara, em que os diferentes agentes históricos desempenham funções diferenciadas e apresentam interesses variados.[447] Levando em consideração que os agentes envolvidos nessa luta possuem recursos sociais desiguais, indígenas, proprietários de terras, autoridades locais e regionais estão, portanto, inseridos em relações desequilibradas de poder. Nesse sentido, o lugar social, político e econômico ocupado tanto pelo classificador, quanto pelo classificado ajuda a compor o quadro relativo às disputas por classificação.[448] Num momento conflitivo entre os diferentes agentes históricos, como o analisado, a reiteração de uma identidade diferenciada, calcada num sentimento de comunhão étnica se sobressai na defesa de um objetivo político em comum.[449] Assim, definir-se e ser definido como indígena implicava no reconhecimento de um estatuto jurídico diferenciado,[450] baseado em direitos adquiridos no período colonial. As imprecisões e disputas em torno das classificações apontam para a dinamicidade e fluidez das identidades étnicas, levando em conta seu aspecto relacional,[451] como também para os diversos interesses em conflito.

Ancorados nos seus direitos sobre os territórios das aldeias, os indígenas defenderam o seu acesso coletivo durante todo o século XIX.[452] Apesar das tentativas e dos discursos de políticos das elites locais em desvalorizá-los, os indígenas

---

[447] BOCCARRA, Guillaume. "Mundos nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo". In: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. Debates, 2001. http://nuevomundo.revues.org/index426.html. Visitado em 18 ago 2014. p. 6.
[448] SCHWARTZ, Stuart B. "Brazilian ethnogenesis: mestiços, mamelucos, and pardos".In: GRUZINSKI, Serge. WACHTEL, Nathan (orgs.). *Le nouveau monde. Mondes nouveaux*: l'expérience américaine. Paris: Recherche sur les civilisations. ERC/Ecole des hautes études en sciences sociales, 1996, p. 21.
[449] WEBER, Max. Op. Cit. p. 270.
[450] OLIVEIRA, João Pacheco de. Op. Cit. 1999, pp. 134-135.
[451] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2008, p. 22.
[452] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2003, pp. 220; 249.

afirmavam suas identidades coletivas a partir dos aldeamentos em que habitavam,[453] tal como fez Cipriano em relação ao sítio do falecido Pascoal.

Após a defesa de um sítio localizado na área do aldeamento por um indivíduo que se declarou indígena, a Câmara de Cimbres articulou uma nova investida sobre as terras coletivas dos índios da serra do Ararobá. No período entre a saída de grande parte dos indígenas da vila em direção a Alagoas e o seu retorno a Cimbres, o território do aldeamento sofreu ataques individuais e também articulados de maneira conjunta pelas autoridades municipais. Provavelmente, foi esse contexto de hostilidade em relação à posse coletiva das terras da aldeia, que fez os indígenas voltarem de Alagoas e retomarem as reivindicações sobre os seus direitos e garantias.

Em 1829, a Câmara de Cimbres, que tinha entre seus membros Francisco Xavier Paes de Mello Barreto, apoiou o requerimento do sargento-mor dos índios Francisco Alves Feitosa para o seu provimento como capitão-mor. Este sargento-mor foi o mesmo recusado pelos próprios indígenas em 1822 por não ser "verdadeiramente índio". Em sua nova tentativa ao cargo, Feitosa informou que, mais uma vez, os índios não o aceitaram para a função, e que estavam sem direção desde a sublevação que realizaram em 1824. Por causa da revolta a favor de D. João VI e da seca de 1825, os índios se retiraram da vila. Intentando dar cumprimento ao Diretório, Feitosa se propôs a assumir o cargo vago de capitão-mor dos índios.[454] A Câmara, então, deliberou por aceitar o requerimento de Feitosa para o cargo por ter "os requisitos necessários".[455] A rápida aceitação da proposta de Feitosa pela Câmara da vila aponta para uma aliança entre estes agentes históricos, os mesmos envolvidos nos acontecimentos de 1822 e 1824.

Logo em seguida, a Câmara de Cimbres apresentou uma proposta em relação às terras da aldeia. Segundo o representante da Câmara que escreveu o requerimento, Antônio Francisco Cordeiro, "em outro tempo" a vila fora habitada por mais de duzentos casais de índios, quando foram dadas cinco datas de terras nos subúrbios da vila, sendo uma parte delas nunca cultivada pelos índios. Além disso, os índios também proibiram o uso pelos moradores de partes "disponíveis" do terreno para agricultura. Cordeiro argumentou que, como naquele momento a quantidade de índios

[453] Idem, p. 238.
[454] Apeje. CM 7. Maio de 1829. Ofício do sargento-mor dos índios, Francisco Alves Feitosa, à Câmara da vila de Cimbres. Fl.316.
[455] Apeje. CM 7. 08/05/1829. Ofício da Câmara da vila de Cimbres para o presidente da província, Tomas Xavier Garcia de Almeida. Fl.315.

havia se reduzido a um total entre trinta e quarenta casais, lhes seriam suficientes três datas daquelas cinco concedidas. A situação ficava mais complicada porque essas terras estavam ocupadas por pessoas que "não pagam pensão alguma". Assim, uma vez que o número de índios estava reduzido, que não utilizavam toda a extensão das terras que lhes fora concedida e que havia posseiros não-indígenas sem pagar os tributos necessários, a Câmara solicitou a anexação de duas datas de terras ao seu "mesquinho e acanhado patrimônio". [456] Além de Cordeiro e outros indivíduos, Francisco Xavier Paes de Mello Barreto também era membro da Câmara, e fora presidente desta em 1822, quando se tentou extinguir o aldeamento dos índios de Cimbres.

Vemos que entre 1828 e 1829 foram intensificadas as investidas sobre as terras da aldeia na serra do Ararobá, situação conduzida, em alguns momentos, pelos mesmos indivíduos inseridos nos conflitos de 1822 e 1824, quando houve a sublevação de indígenas a favor de D. João VI. O clima de tensão relativo à posse das terras não havia arrefecido com a saída dos índios rebeldes para Alagoas, ao contrário, as autoridades locais e fazendeiros continuaram a invadi-las e a articular o seu desmantelamento. Mas, tal como fizera Antônio Cipriano através de petição sobre o sítio do seu pai, os indígenas de Cimbres e os que estavam em Alagoas tentaram defender o seu acesso às terras da aldeia pelas vias legais da administração imperial.

3.3.3. Lideranças indígenas e retomada da vila

Em fevereiro de 1830, chegou em Cimbres grande número de índios provenientes da província de Alagoas, tendo sido chamados pelo seu diretor Antônio Francisco Cordeiro, em cuja casa se estabeleceram num primeiro momento. Chegaram armados, o que fez o Juiz de Paz da vila pedir instruções ao presidente da província sobre como deveria proceder, e também por terem sido os mesmos que em 1824 fizeram a sublevação "levantando uma bandeira portuguesa, roubando gado, lavouras e mais criações dos habitantes das circunvizinhanças deste vila". O Juiz de Paz supôs que os índios tinham chegado com a intenção de furtar para se sustentarem, já que não tinham roças nem qualquer outro gênero de primeira necessidade. [457]

---

[456] Apeje. CM 7. 03/07/1829. Ofício do representante da Câmara da vila da Cimbres, Antônio Francisco Cordeiro, aos membros do Conselho da Província. Fl.317.

[457] Apeje. JP 2. 26/02/1830. Ofício do juiz de paz de Cimbres, José Camelo Pessoa Cavalcante, para o presidente da província de Pernambuco, Joaquim José Pinheiro de Vasconcelos. Fl.28-28v.

Mas, os índios não tentaram voltar para Cimbres sem antes fazer um pedido formal em relação às terras em que viveram. José Gonçalves Rodrigues, que se intitulava tenente ajudante e ainda estava em Alagoas, enviou uma petição ao Imperador pedindo auxílios para voltar à vila de Cimbres,

> porque há seis anos que estamos fora dela por causa de Manoel José de Serqueira, e mais seus agregados, que tem destruído muito os índios e as Ordenanças desta vila, é de bem que vossa majestade Imperial se digne mandar dar as providências necessárias com a sua justiça reta portanto.[458]

Diante dessa petição enviada diretamente ao Imperador, tornou-se necessário para as autoridades em Pernambuco saber quem era o suplicante. O Diretor dos índios de Cimbres informou que o índio José Gonçalves não possuía a patente com a qual se intitulava. Segundo o diretor, ele era um cabo de esquadra, de má conduta e que costumava furtar, e quando se ausentou de Cimbres em 1824 não levava nada além de seu arco e flecha. Foi relatado também um episódio em que ele teria espancado a própria esposa até a morte para juntar-se a outra mulher.[459]

De posse dessas informações e de outras remetidas pelo Diretor da aldeia, o presidente de Pernambuco enviou ofício ao Ministro do Império, no qual ratificou a informação de que José Gonçalves não era tenente ajudante, mas que solicitava a tomada da vila de Cimbres. O presidente afirmou também que vários índios estavam sem a posse de alguns terrenos, "que lhes pertenciam por antigas Datas".[460] Assim, vemos que a solicitação de José Gonçalves ao Imperador era relativa à posse pelos índios de terras que precisaram abandonar em 1824.

Alguns meses depois, outro requerimento foi enviado ao Imperador, desta vez por Manoel José Leite Barbosa, capitão-mor dos índios de Cimbres, que continuara vivendo no aldeamento. Ele reclamava não terem sido restituídas as terras que foram tomadas pelo capitão-mor Manoel José de Serqueira.[461] No requerimento de Manoel José Leite Barbosa, não há referências a sua identidade indígena, nem à sua atuação anterior. No entanto, inferimos que é o mesmo que não fora reconhecido pelos próprios indígenas como seu capitão-mor em 1824, por ter se aliado ao governo da

---

[458] AN. Série Interior. *IJJ249. Março a agosto de 1830. Documentos referentes ao requerimento de José Gonçalves Rodrigues feito ao Imperador sobre a retomada de sítios pelos índios que passaram 6 anos fora de Cimbres. fl.276-279.
[459] Idem.
[460] Ibidem.
[461] AN. Série Interior. *IJJ249. 07/10/1830. Ofício do presidente da província de Pernambuco, Joaquim José Pinheiro de Vasconcelos, para o Marquês de Caravelas. Fl.291-292.

Confederação.[462] Ou seja, ele foi um dos poucos indígenas naquela vila que apoiava o governo rebelde. Mas em 1830, a situação política em Pernambuco estava estabilizada, e os antigos líderes da Confederação passavam a agir dentro dos limites estabelecidos pela administração sediada no Rio de Janeiro. Assim, diante das mudanças nos contextos políticos nacional, provincial e local e também das possibilidades reais de esbulhos das terras do aldeamento da serra do Ararobá, foram rearticuladas alianças entre os próprios indígenas, fazendo-os aceitar Manoel José Leite como um de seus representantes, o mesmo que havia sido rechaçado em 1824.

Vemos, então, que antes da retomada de terras pelos indígenas ou a "tomada da vila de Cimbres" havia requerimentos de um representante indígena em Alagoas, José Gonçalves Rodrigues, e de outro que ainda estava em Cimbres, Manoel José Leite. É possível inferir que as duas lideranças indígenas em províncias diferentes estivessem articuladas para exercer maior pressão sobre as autoridades responsáveis pelo caso. Essa seria uma estratégia indígena para acelerar o processo e para que o retorno fosse feito de acordo com os seus próprios termos.

Além de Manoel José Leite e José Gonçalves Rodrigues, outra liderança indígena estava envolvida nas questões sobre terra em 1830, o índio Antônio Pedro, que em 1827 fora nomeado capitão-mor do aldeamento de Cimbres.[463] Este capitão-mor, junto com outros índios, reivindicou as datas das terras concedidas, dirigindo-se ao presidente da província.[464] Nessa ocasião, os índios estavam fortemente armados e o clima de tensão havia se intensificado devido às disputas pelas terras do aldeamento.

Foi feito, então, um acordo entre o Diretor dos índios, Antônio Francisco Cordeiro de Carvalho, e o capitão-mor, Antônio Pedro, a pedido e sob as orientações do presidente da província, Joaquim José Pinheiro de Vasconcelos. Neste acordo, os índios entregaram metade do seus armamentos e nada mais foi solicitado a eles no intuito de "não se suscitar talvez algum motim entre eles, o que poderia ser pernicioso". Foi permitido que permanecessem com a outra metade das armas, porque Antônio Pedro alegava que os índios tinham inimigos e que era necessário mantê-las para se defenderem. E assim foi acertado, pois o próprio capitão-mor dos índios

---

[462] Apeje. JO 2 Fl.98-99. 12/03/1824. Carta de Domingos de Souza Leão, juiz ordinário da vila de Cimbres, para o presidente da província, Manoel de Carvalho Paes de Andrade.
[463] COSTA, F.A. Pereira da. Op. Cit. Vol. 6, p. 242.
[464] AN. Série Interior. *IJJ249 01/05/1830. Documentos referentes ao requerimento do índio José Gonçalves Rodrigues feito ao Imperador sobre a retomada de sítios pelos índios que passaram 6 anos fora de Cimbres. fl.276-279.

apresentava bom comportamento e mantinha seus liderados quietos, de acordo com o diretor da aldeia. [465]

Em contrapartida à entrega dos armamentos, Antônio Pedro solicitou diretamente ao capitão-mor agregado de Cimbres Francisco Xavier Pais Mello Barreto, que fossem dirimidas quaisquer dúvidas com os moradores pois "os índios vão tomar conta dos seus sítios".[466] Com essa expressão, Antônio Pedro tentava demonstrar que os índios que estavam em Cimbres e os que haviam chegado de Alagoas recentemente não deixariam os sítios que compunham a aldeia abandonados e transformados em capoeiras, como já se havia alegado. Mas, que tomariam a sua posse, dando-lhes uso.

Sobre os três índios que fizeram requerimentos referentes às terras indígenas em 1830, sabemos pouco além do que deixaram registrado em seus pedidos, com exceção de Manoel José Leite, cujo relacionamento com seus comandados estava documentada desde 1824. Mesmo sem ter conhecimento de suas trajetórias, sabemos que a pressão exercida pelos índios liderados por José Gonçalves Rodrigues, Antônio Pedro e Manoel José Leite, seja através de petições ou por meio da possibilidade de cometerem ações violentas, surtiu efeito, conseguindo que suas reivindicações fossem atendidas.

O presidente da província de Pernambuco decidiu reempossar os sítios aos índios,[467] inclusive porque já havia muitas reclamações "acerca desse negócio de terras dos índios daquela vila".[468] Esta ordem foi cumprida pelo Diretor dos índios, sendo restituídos dois sítios, o das Minas e o Pedra d'Água.[469] Na ratificação da posse pelos índios feita pelo ouvidor da comarca do sertão, ainda foram inseridos os sítios Gaipe ou Caipe, Aflitos, Santana e Santa Catarina, sendo este último o local onde Antônio Pedro havia escrito a sua requisição.[470]

---

[465] Apeje. Ord.8. 08/05/1830. Ofício do Diretor dos Índios de Cimbres, Antônio Francisco Cordeiro de Carvalho, ao presidente da província, Joaquim José Pinheiro de Vasconcelos. Fl.96-96v.
[466] Apeje. Ord.8. 08/04/1830. Ofício do capitão-mor dos índios de Cimbres, Antônio Pedro, ao capitão-mor das Ordenanças da mesma vila, Francisco Xavier Pais Mello Barreto. Fl.102.
[467] AN. Série Interior. *IJJ249. 28/09/1830. Oficio do presidente da província, Joaquim José Pinheiro de Vasconcelos, ao Marquês de Caravelas. Fl.276-276v.
[468] AN. Série Interior. *IJJ249. 07/10/1830. Ofício do presidente da província de Pernambuco, Joaquim José Pinheiro de Vasconcelos, para o Marquês de Caravelas. fl. 291-292.
[469] AN. Série Interior. *IJJ249. 01/05/1830. Ofício do Diretor dos Índios da vila de Cimbres, Antônio Francisco Cordeiro de Carvalho, ao Ouvidor da Comarca do Sertão, Antônio de Araújo Ferreira e Jacobina. Fl. 277-277v, 277a.
[470] COSTA, F.A. Pereira da. Op. Cit. Vol. 6, p. 240.

Representados por três lideranças, os índios de Cimbres, que haviam se retirado da posse de alguns sítios do aldeamento e se refugiado em Alagoas por causa de seu posicionamento político em 1824, conseguiram reaver seus terrenos através de requerimentos, dirigidos inclusive ao Imperador, e também através de ameaça de conflitos, já que provavelmente o fato de terem voltado armados a Cimbres indica que estavam preparados e dispostos a impor alguma resistência.

Apesar das divergências políticas entre as três lideranças indígenas, num momento de tensão e eminente conflito em 1830, eles se associaram em torno de interesses comuns. Manoel José Leite passara a ser reconhecido entre os seus como capitão-mor, mesmo tendo sido firmemente rechaçado em 1824. No requerimento de 1830, ele não foi identificado como indígena, mas apenas como capitão-mor dos índios. No entanto, nos documentos de 1824 ele foi apontado como indígena. Manoel José Leite não se colocou enquanto índio explicitamente, mas defendeu interesses coletivos relativos aos seus direitos sobre a posse das terras na serra do Ararobá. A ação ou luta política na busca de satisfação de interesses comuns, como afirma Weber, é um dos elementos no processo de construção de identidades e do sentimento de comunhão étnica.[471] Então, na situação de conflito em torno da retomada das terras do aldeamento, pareceu fundamental para as lideranças se reunirem na defesa das demandas coletivas, reafirmando a identidade coletiva relacionada a um território muito específico.

Ao mesmo tempo, reafirmar a identidade indígena poderia ser uma atitude política difícil para um agente social como Manoel José Leite que tinha acordos estabelecidos com não indígenas. Ele construiu um histórico de apoios e interdependências com não índios que o colocara em oposição à maioria dos índios de Cimbres em 1824. Nesse sentido, a sua situação política era delicada em 1830, quando ainda era capitão-mor, sendo este cargo provavelmente garantido por esses acordos. Ou seja, mostrar-se ou não como índio, estar contra a maioria da aldeia e depois defender os interesses coletivos sobre terras, foram posicionamentos do mesmo indivíduo que jogou com sua identidade indígena de maneira a manter o seu cargo de comando, suas alianças com políticos locais, e também recuperar o usufruto dos sítios reivindicados pelos índios que haviam saído de Cimbres. As diferenças em seus posicionamentos indicam que a situação política na vila e na aldeia

[471] WEBER, Marx. Op. Cit., pp. 267-277.

influenciavam diretamente na maneira como poderia se apresentar aos seus aliados e comandados. Sua identidade, assim, era constituída de maneira múltipla e cambiante, relacionada diretamente às disputas políticas no qual estava envolvido. A etnicidade reelaborada nesse contexto conflitivo poderia ser acionada como instrumento de luta política ou relativizada a depender das negociações e dependências mútuas entre os distintos agentes sociais.

Por sua vez, Antônio Pedro se mostrava alinhado com a administração local, já que dirigiu sua petição ao capitão-mor das Ordenanças da vila, Francisco Xavier Pais Mello Barreto, que era membro da câmara quando se tentou extinguir o aldeamento, colocando-se como seu "servidor e criado". Neste mesmo documento, Antônio Pedro se mostrou como índio ao tratar de benefícios concedidos "a mim e meu povo".[472] Além de ter pego em armas e demonstrado uma "posição hostil"[473] , quando tentou voltar com outros índios às suas datas. Assim, Antônio Pedro identificou-se como índio, ora negociando e ora assumindo uma postura hostil para retomar as terras pouco antes da ratificação formal da posse pelos índios. Essa alternância de posturas indica que para ele, naqueles momentos de tensão e conflito, era necessário utilizar instrumentos administrativos, como ofícios e petições, mas também a força e violência para garantir o usufruto sobre as terras reivindicadas. Fazia uso dos caminhos legais, bem como dos violentos. Mostrar-se como índio, então, lhe garantia, e aos demais, um direito que seria restituído à força ou através de meios lícitos.

Já José Gonçalves Rodrigues também se apresentou como índio quando tentava regressar para Cimbres. Apesar de ser desqualificado por sua suposta má conduta e por não ter o título que afirmava possuir, ele foi o representante indígena que enviou uma requisição diretamente ao Imperador, e teve o seu pedido atendido. Ser indígena lhe garantia o acesso às terras tomadas em 1824, bem como permitia reivindica-las ao Imperador. As diferentes maneiras encontradas pelas três lideranças para serem indígenas, indicam que a afirmação dessa identidade dependia dos contextos com os quais os indivíduos se relacionavam, acionando-a ou omitindo-a ao defender interesses pessoais e coletivos e em função das situações vivenciadas. Ser

---

[472] Apeje. Ord.8. 08/04/1830. Ofício do capitão-mor dos índios de Cimbres, Antônio Pedro, ao capitão-mor das Ordenanças da mesma vila, Francisco Xavier Pais Mello Barreto. Fl.102.

[473] AN. Série Interior. *IJJ249. 01/05/1830. Ofício do diretor dos índios de Cimbres, Antônio Francisco Cordeiro de Carvalho, para o ouvidor da comarca do sertão, Antônio de Araújo Ferreira e Jacobina. Fl.277-277v.

índio de Cimbres em 1824 significava possuir direitos sobre as terras adquiridos pela concessão de Datas pelo rei durante o período colonial. Em 1830 a identidade dos índios da serra do Ararobá, em parte, estava ligada à retomada de sítios dos quais haviam saído em decorrência de conflitos locais.

O posicionamento político e a participação indígena nos conflitos armados iniciados com a eclosão da Confederação do Equador foram motivados por interesses e necessidades variados. Índios de Jacuípe e Barreiros se reuniram às tropas do governo de d. Pedro I na tentativa de manter as relações e um regime político que, em sua percepção, havia lhes concedido o direito sobre as terras das aldeias e o acesso irrestrito às matas adjacentes. Os indígenas de Cimbres realizaram um levante a favor de d. João VI em função das circunstâncias locais de perseguição e rivalidades empreendidas na vila e no aldeamento por partidários dos ideais liberais. Em Cimbres e proximidades, conseguiram apoio de portugueses, pegaram em armas, resistiram a recrutamentos forçados e foram duramente reprimidos. As escolhas políticas indígenas, não obstante, poderiam mudar conforme as transformações percebidas nos contextos local, provincial e nacional. E mesmo nas aldeias foi possível perceber dissensões internas, escolhas políticas diferentes e conflitos pelos cargos de administração do território e dos próprios indígenas, o que permite conferir uma maior complexidade e heterogeneidade a esses grupos, bem como dinamicidade e fluidez às suas estratégias de atuação.

Em comum, os indígenas das três aldeias se movimentaram e articularam ações visando melhores condições para defender os respectivos territórios coletivos, como direito adquirido no período colonial fundamentado em relações do Antigo Regime. Tornou-se, então, crucial manter esse direito no novo regime de cunho liberal que se iniciava no Brasil. As suas interpretações sobre os projetos políticos em disputa, de centralização no Rio de Janeiro e na figura de d. Pedro I ou de maior autonomia provincial, foram calcadas nas suas vivências locais, ressignificadas pelos contextos políticos, que também se transformavam.

Os resultados dessas ações foram variados, desde a efetiva manutenção das aldeias, passando pela continuidade de alianças, pela elaboração de novas rivalidades, pelo uso do recrutamento como arma de controle social, até a intensificação das investidas sobre as terras da aldeia e fuga de grande parte dos índios. Como demonstra Marcus Carvalho, aderir a um lado ou outro das disputas das elites

provinciais foi uma estratégia para garantir a manutenção da aldeia por mais tempo, como também poderia significar o seu fim.[474] Ainda que muitas consequências negativas tenham se configurado após as batalhas armadas nas áreas centrais dos conflitos ou no interior da província, os indígenas desempenharam papel importante nos debates políticos e conflitos armados.

Usando da violência e do poder restrito de negociação que possuíam, os indígenas envolvidos no desenrolar da Confederação e também dos partidarismos que surgiam e se intensificavam eram parte fundamental dos jogos políticos de construção das províncias de Pernambuco e Alagoas, bem como do Estado brasileiro logo após a independência. As suas ações numa escala local, originadas da complexidade de relações e interesses existentes nas aldeias e vilas próximas, levavam seu posicionamento aos níveis mais amplos da província e do Estado nacional que se constituía, marcando a sua presença nesses processos. As dinâmicas vivenciadas nas aldeias seriam transformadas ao sabor das novas rebeliões que eclodiram nas décadas posteriores, bem como das próprias disputas e alianças internas às aldeias e vilas.

---

[474] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 1996, p. 52

CAPÍTULO 4

ÍNDIOS CABANOS E "FIÉIS GOVERNISTAS": USOS POLÍTICOS DA VIOLÊNCIA E POSSIBILIDADES PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA

A Guerra dos Cabanos foi composta de vários conflitos durante os anos de 1832 e 1835, que se iniciaram no agreste pernambucano e se estenderam pela sua zona da mata sul e região norte da província de Alagoas. O início dos conflitos na zona da mata ocorreu com o descontentamento de proprietários, que se viram prejudicados diante das mudanças políticas advindas com a abdicação de D. Pedro I no 7 de abril de 1831. Perderam cargos da administração pública e, consequentemente, tiveram reduzido o seu poder de influência nas localidades em que atuavam. Ao mesmo tempo, políticos liberais ressurgiram no novo cenário político, inclusive os que haviam participado de 1817 e 1824.

Durante os embates, principalmente em finais de 1832, o perfil dos participantes da guerra foi mudando quando os potentados da região deixaram o campo de combate, e uma população de pobres livres, escravos e indígenas foi ganhando espaço, surgindo lideranças populares no seio dos conflitos armados. A essa população pobre e sufocada pelas relações desiguais vivenciadas na zona da mata canavieira que vivia em modestas habitações chamadas cabanas, deu-se o nome de "cabanos", daí se originando o título conferido aos embates ocorridos em três anos de enfrentamentos das tropas rebeldes e governistas. Alguns pesquisadores se surpreenderam com a participação popular alcançada pela Guerra dos Cabanos, inclusive conferindo grande importância às questões sociais que conectavam índios, escravos e pessoas pobres livres.[475] Apesar da proximidade das condições sociais e econômicas que ligavam diferentes segmentos sociais, é necessário compreender quais motivações e expectativas mais específicas levavam os grupos indígenas a se envolver, de maneiras variadas, nos enfrentamentos armados.

Dessa forma, esse capítulo tem como principal objetivo analisar as motivações e as formas de participação dos indígenas dos aldeamentos de Barreiros e Jacuípe na Cabanada. Esses dois grupos, cujos territórios estavam na área de embates, destacaram-se nos conflitos armados, envolvendo-se em contendas locais entre

---

[475] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit. FREITAS, Décio. *Cabanos, os guerrilheiros do Imperador*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem*: a elite política imperial. *Teatro de sombras*: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 252.

proprietários de engenhos e tropas governistas. Quando a guerra adquiriu características mais populares, os índios de Jacuípe apresentaram um envolvimento mais intenso, estabelecendo alianças com lideranças populares, como Antônio Timóteo de Andrade e Vicente Ferreira de Paula. Por sua vez, muitos índios de Barreiros ajudaram na repressão à revolta, sendo comandados por Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde. Outra parte dos índios de Barreiros liderada por Bento José Duarte se uniu aos cabanos, fazendo ataques pela região em que circulavam. Assim, durante a Cabanada foi evidenciada a cisão interna do aldeamento de Barreiros, fazendo com que os índios tomassem posturas diferentes. A partir dos apoios mútuos e divisões originadas nas aldeias, observamos que é fundamental a compreensão das suas dinâmicas internas para analisar a participação indígena na Cabanada, bem como atentar para as diferenças existentes em um mesmo grupo, principalmente no que se refere às escolhas políticas divergentes.

As alianças e disputas também se davam entre índios e não índios, relações muitas vezes intermediadas por lideranças indígenas que se envolviam em intrincadas redes de relações com potentados e autoridades locais. A partir dessas redes, tentavam concretizar demandas coletivas e, algumas vezes, interesses particulares, o que gerava mais disputas. As alianças criadas devido à inserção de índios nas malhas do poder de suas localidades davam apoio para que tentassem alcançar seus interesses, como no caso dos índios de Jacuípe envolvidos num embate pelo cargo de diretor do seu aldeamento. Contudo, diante de novas circunstâncias, os índios de Jacuípe utilizaram diferentes estratégias, desfazendo antigas alianças e reelaborando o quadro de apoios e rixas, o que demonstra a fluidez das relações circunstanciais e as adaptações realizadas por eles.

As redes de relações também poderiam ser utilizadas como estratégia por um índio em busca da satisfação de seus anseios individuais, como ocorreu com Agostinho Panaxo Arcoverde. Importante liderança indígena em Barreiros nas décadas de 1820 e 1830, ele conseguiu se alçar a cargos centrais da administração pública na localidade, reunindo, inclusive, as condições para ser considerado um cidadão ativo. Através do seu caso podemos analisar o exercício da cidadania por indígenas de maneira situacional e cambiante, tendo em vista que Agostinho conseguia acionar suas identidades de índio e cidadão ativo a partir do contexto local e de suas motivações.

Além das alianças e atritos políticos, é revelador das dinâmicas indígenas o uso da violência política concretizada nas rebeliões de maneira geral e, mais especificamente, na Cabanada. Essa revolta foi uma das muitas ocorridas no Período Regencial, que foi considerado, por um tipo de historiografia, como um momento de anarquia, de liberdade excessiva e como um obstáculo à preservação da nação brasileira e da sua imagem de estabilidade e unidade.[476] O uso da violência nas revoltas e o envolvimento indígena, portanto, seriam entendidos como elementos que contribuíram para o caos, a desordem e a desestabilização política.

Estudos recentes sobre a formação dos Estados nacionais na América Latina através de revoluções, golpes de estado e fraudes eleitorais, vêm demonstrando que é necessário entender o uso da violência como uma forma de diversos sujeitos históricos interferirem no âmbito público e, assim, como um instrumento para acelerar, frear ou concretizar transformações sociais e políticas.[477] O uso da violência política pode ser entendida, dessa forma, como construtora de ordens sociais, lançando uma perspectiva mais ampla e inclusiva sobre a participação política e o próprio conceito de cidadania no século XIX.

Com essa perspectiva, as Regências e as revoltas ocorridos nesse período passam a ser compreendidos como partes do processo de construção do Estado brasileiro e como momentos nos quais a população pobre, livre, liberta, e mesmo escrava, marcava sua participação política no espaço público. Como afirma Marcello Basile, o envolvimento de grande variedade de sujeitos históricos e a diversidade de sua atuação política no Período Regencial (desde a exposição de opiniões em jornais e folhetins até as revoltas) formaram um dos eixos do processo de construção da nação de baixo para cima. Foram criados, então, lugares para ação coletiva e o exercício informal da cidadania.[478]

Ainda que os grupos indígenas, e outros sujeitos históricos, tenham se inserido em conflitos armados cujas reivindicações não foram originadas no interior de suas coletividades, mas entre as elites locais e provinciais, eles tiveram a habilidade de

---

[476] BASILE, Marcelo. Op. Cit. 2009, p. 55.

[477] IRUROZQUI, Marta (org.). *Revista de Indias*. Dossier: Violencia política en América Latina, siglo XIX. Madrid. Vol. LXIX, nº 246. 2009. IRUROZQUI, Marta y GALANTE, Mirian (org.). *Sangre de ley*. Justicia y violencia política en la institucionalización del Estado en América Latina, siglo XIX. Madrid: Ed. Polifemo. 2011. IRUROZQUI, Marta (org.). *Revista Complutense de Historia*. Dossier: La institucionalización del Estado en América Latina. Justicia y violencia política en la primera mitad del siglo XIX. Madrid. Vol. 37. 2011. IRUROZQUI, Marta (org.). *Anuario de Estudios Americanos*. Sevilla. Vol. 69,2. 2012.

[478] BASILE, Marcelo. Op. Cit., pp. 97-98.

fazer da sua participação uma forma de buscar a realização de seus interesses. Isso não diminuiu a importância e alcance de seu envolvimento na Cabanada mas, ao contrário, lhes conferiu protagonismo na revolta.

No intuito de compreender as múltiplas formas e motivações da participação indígena na Cabanada, é necessário levar em consideração quais disputas estavam sendo travadas e os agentes históricos que as originaram, dentro do contexto maior de formação do Estado nacional brasileiro e aprendizado político da população.[479]

4.1. Das quarteladas ao levante popular

A Guerra dos Cabanos foi antecedida por alguns motins militares realizados na capital pernambucana, Recife, nos quais se envolveram soldados, oficiais, população pobre livre e escravos. Os levantes foram realizados nos meses de setembro e novembro de 1831, e abril de 1832. O contexto político de 1831 foi de conturbação e acirramento de disputas políticas após a abdicação de D. Pedro I em abril. Políticos envolvidos em 1817 e 1824 voltaram ao poder em Pernambuco e Alagoas no que foi caracterizado como "gangorra política" por Marcus Carvalho[480]. Este foi um movimento em que indivíduos de posicionamentos diferentes se beneficiavam ou se prejudicavam, a depender das condições nacionais e provinciais, para assumir importantes cargos da administração pública, assumindo o poder ora absolutistas ora liberais. Depois de abril, seria o momento ideal para alguns liberais reaparecerem no cenário político, embora estivessem mais moderados. Assim, conhecer, ainda que rapidamente, alguns dos agentes históricos envolvidos nas quarteladas e na revolta popular subsequente, bem como os contextos políticos provincial e nacional, é fundamental para compreender a participação indígena na Cabanada.

A abdicação de D. Pedro I em favor do seu filho resultou na anistia dos envolvidos em 1824, inclusive de Francisco de Carvalho Paes de Andrade, irmão de Manoel que foi presidente da Confederação do Equador. Em 1831, Francisco foi nomeado presidente da província de Pernambuco.[481] Ao mesmo tempo, foram demitidas autoridades partidárias do governo em vigor até aquele momento, como o Comandante das Armas de Pernambuco, coronel Bento José Lamenha Lins, e o

---

[479] DANTAS, Mônica Duarte. "Epílogo - Homens livres pobres e libertos e o aprendizado da política no Império". In: DANTAS, Mônica Duarte (org.). Op. Cit., p. 517.
[480] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 2011, p. 173.
[481] Idem, p. 171.

capitão-mor de Vitória de Santo Antão, Domingos Lourenço Torres Galindo, que em 1824 capitaneara a repressão à Confederação em sua área de influência.[482]

O novo Comandante das Armas designado pela Regência, Francisco de Paula e Vasconcelos, tomou várias medidas em relação ao contingente militar da província. Convidou os oficiais da tropa de primeira linha que haviam sido afastados em 1817 e 1824 a retomarem os seus postos e adotou ações para conseguir o disciplinamento das tropas, como a aplicação de castigos corporais. Um motim militar foi iniciado em Recife em setembro de 1831 em decorrência das medidas do Comandante e das diferenças partidárias existentes nos quartéis. Soldados tomaram a cidade por três dias, saquearam o comércio, libertaram presos e atraíram escravos e pessoas pobres e livres. Sem liderança ou reivindicações formais, o movimento foi facilmente sufocado pelas forças do brigadeiro Paula.[483]

A Setembrizada, como passou a ser conhecido o motim, derrubou o brigadeiro Paula do Comando das Armas, pois a Regência entendeu que ele havia se desmoralizado frente às tropas. Foi nomeado para seu lugar o coronel Francisco Jacinto Pereira, que havia reprimido o motim de setembro com sucesso. Em novembro do mesmo ano, alguns oficiais deram início a um segundo motim, a Novembrada. Entre as reivindicações feitas no Forte das Cinco Pontas estavam a exigência de demissão de oficiais das milícias e ordenanças, bem como dos portugueses que permaneciam na primeira linha. De acordo com Marcus Carvalho, as demandas dos rebeldes refletiram alguns anseios populares, como a de expulsar portugueses mais modestos empregados no comércio urbano e, assim, abrir espaço para brasileiros livres e pobres. A Novembrada foi diferente do motim anterior, pois congregou também membros importantes das elites locais, negociantes e advogados. O presidente da província cedeu às reivindicações, mas não conseguiu atendê-las. Após três dias de cerco, os rebeldes abandonaram o forte e as tropas legalistas dominaram a situação, prendendo os dois chefes do movimento.[484]

Diante dessa situação, cada vez mais conturbada, o presidente Francisco de Carvalho Paes de Andrade enfrentava muitas dificuldades em evitar novos conflitos na província. Por isso, o presidente passou a substituir seus opositores por seus

---

[482] CARVALHO, Marcus. Op. Cit. 2009, p. 136.

[483] ANDRADE, Manuel Correia de. *A Guerra dos Cabanos*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005, pp. 31-35.

[484] ANDRADE, Manuel Correia de. Op. Cit., pp. 37-38. CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 2009, pp. 144-145.

aliados nos cargos públicos, dando continuidade às trocas iniciadas em maio com a "gangorra política".

A oposição às mudanças políticas originadas com a Abdicação e a interferência no poder de mando de caudilhos pelo interior das províncias deram início a outro levante conhecido como Abrilada, por ter ocorrido no mês de abril de 1832. Um importante potentado do interior do Ceará, o coronel Joaquim Pinto Madeira, que ajudou na repressão a 1824, já havia iniciado um movimento contra as transformações políticas do período. Havia rumores de que tal movimento chegaria a outras regiões, eclodindo como uma revolta restauracionista, ou seja, que pregava a volta de D. Pedro I ao trono do Brasil. Em Recife, o líder da Abrilada foi Francisco José Martins, que também havia combatido a Confederação em 1824. Resolveu se unir ao capitão-mor Domingo Lourenço Torres Galindo em Vitória de Santo Antão, e dali pretendiam se juntar a Pinto Madeira no Ceará. No entanto, Francisco José Martins não resistiu por muito tempo e acabou se entregando.[485]

Pelo interior de Pernambuco e em sua fronteira sul com Alagoas, vários potentados e caudilhos, prejudicados pelas mudanças políticas, passaram a armar a sua clientela, convencer e recrutar indivíduos sob a bandeira do retorno de D. Pedro I. Tentavam restituir seus antigos status político e benesses adquiridas junto ao governo anterior, principalmente pela participação na repressão aos movimentos rebeldes de 1817 e 1824. O capitão-mor de Vitória de Santo Antão, Torres Galindo, distribuiu armas entre a população pobre e livre ao tomar conhecimento do levante de abril de 1832 em Recife. Fez frente, junto com seus comandados, às tropas governamentais que chegavam na sua área de influência. Mas, ao saber da derrota de Francisco José Martins no Recife e das forças que iriam ao seu encontro, Torres Galindo dispersou seu efetivo, liberou os prisioneiros e recuou. A partir de então, se refugiou na zona da mata sul onde seus aliados já reuniam tropas para resistir às investidas do novo governo. Torres Galindo teve função crucial no período não só por dar início aos combates da Cabanada, mas também por ter convencido Antônio Timóteo de Andrade, de Panelas de Miranda, a aderir ao seu lado nos conflitos. Timóteo foi um pequeno proprietário do povoado de Panelas em Pernambuco que ajudou a reprimir a

---

[485] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 2009, p. 149.

Confederação do Equador[486] e foi um dos aliados dos índios de Jacuípe durante os conflitos da Cabanada.

Além de Torres Galindo, outros proprietários também participaram do início da rebelião: João Batista de Araújo em Barra Grande, Alagoas, e Manuel Afonso de Melo no Una, Pernambuco.[487] O tenente-coronel João Batista fora demitido do comando das milícias de Barra Grande em junho de 1831 e, assim como Torres Galindo, havia sido condecorado por ter ajudado a reprimir a Confederação em 1824. Em meados de 1831 já havia ordens de prende-lo devido às suspeitas de que estava disposto a apoiar Pinto Madeira no sertão, mobilizando e recrutando homens, entre eles, índios.[488] João Batista de Araújo, em Alagoas, e Antônio Timóteo, em Pernambuco, conseguiram o apoio dos índios de Jacuípe, no norte da fronteira alagoana. Foi nos limites provinciais de Pernambuco e Alagoas que se desenrolaram os conflitos armados da Cabanada, nos quais se envolveram principalmente os índios de Jacuípe e Barreiros.

[486] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 2009, p. 153.
[487] ANDRADE, Manuel Correia de. Op. Cit., pp. 49-52.
[488] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 2009, p. 154.

Áreas Envolvidas na Guerra dos Cabanos (1832-1835)

-37
-36
-35
-8
-9

Paraíba
Pernambuco
Pernambuco
Alagoas
Oceano Atlântico

Rio Ipojuca
Rio Sirinhaém
Rio Una
Rio Jacuípe

Recife
Vitória de Santo Antão
Bezerros
Pesqueira
Ipojuca
Bonito
Altinho
Sirinhaém
Rio Formoso
Panelas de Miranda
Água Preta
Barreiros
Jacuípe
Garanhuns
Barra Grande
Maragogi
Porto Calvo
Maceió

Legenda
Aldeia de Barreiros
Aldeia de Jacuípe
Aldeia de Cimbres
Vilas e Povoados
Principais Rios
Municípios Atuais

N

0 35 Km
WGS84

Cartografia
Mariana Albuquerque Dantas;
Lucas C. de S. Cavalcanti.
Fonte: IBGE.

4.2. Índios cabanos de Jacuípe: confrontos e alianças políticas locais

Os embates armados da Cabanada foram marcados por avanços e recuos das forças rebeldes e das tropas governistas, passando por fases diferentes, nas quais as estratégias de ataque e defesa de ambos os lados foram transformadas em decorrência do desenvolvimento dos conflitos, das perdas e dos ganhos. Os índios dos aldeamentos de Jacuípe e de Barreiros participaram da maior parte dos variados momentos dos conflitos armados. Os primeiros se colocaram ao lado dos cabanos. Já os últimos sofreram uma cisão interna ao seu aldeamento, pois parte apoiava os rebeldes e outra parte ajudava as tropas governistas. Cada grupo fez suas escolhas de acordo com motivações próprias definindo, assim, seus campos de atuação e alianças. Para compreender sua inserção nessa revolta é importante acompanhar o desenvolvimento dos confrontos armados, bem como os contextos locais de alianças e rivalidades entre índios e não-índios.

Logo no início dos conflitos, quando a tática dos cabanos era invadir povoações e vilas, os índios de Jacuípe se aliaram ao ex-tenente-coronel das milícias de Barra Grande, João Batista de Araújo. De acordo com o vice-presidente de Pernambuco, ele era conhecido por ser “afeito ao antigo governo”.[489] Essa aliança remonta às trocas políticas, aos apoios mútuos e às inimizades construídas no contexto localizado de disputa por cargos políticos. O principal líder dos índios de Jacuípe nos momentos iniciais da revolta foi Hipólito Nunes Bacelar, sobre o qual temos poucas informações. Hipólito e seus aliados, sendo um deles um grande proprietário da região, se envolveram em disputas pela função de Diretor dos Índios e pelo acesso às terras da aldeia de Jacuípe entre as décadas de 1820 e 1830. Estes enfrentamentos ocorreram poucos anos antes da eclosão dos conflitos na fronteira de Alagoas com Pernambuco e nos ajudam a entender como os indígenas se posicionaram em 1832.

Em 1823 os índios de Jacuípe recusaram a nomeação de Antônio José de Lima, capitão-mor das Ordenanças de Porto Calvo, para diretor do aldeamento. Eles alegaram que apenas iriam obedecer as autoridades se tivessem Bernardo Antônio de Mendonça como Diretor. Os indígenas foram atendidos e o indivíduo que indicaram foi nomeado. O receio em relação ao capitão-mor de Porto Calvo advinha do interesse

---

[489] Apeje. CC 33. 14/09/1832. Ofício do vice-presidente da província de Pernambuco, Bernardo Luís Ferreira, para o ministro do Império, Antônio Francisco de Paula Holanda Cavalcante de Albuquerque. Fl. 142-144.

deste sobre as terras do aldeamento, pois em 1820 ele havia feito um pedido para receber terras nas margens do rio Jacuípe, com localização que distava duas léguas do aldeamento, sendo ele já proprietário de terras limítrofes às indígenas. As animosidades entre o capitão-mor de Porto Calvo e os índios de Jacuípe continuaram nos anos seguintes. Antônio José de Lima acusou os índios de não permitirem a prisão de desertores e ainda de dar abrigo aos escravos que fugiam dos engenhos próximos.[490]

Bernardo Antônio de Mendonça, que fora indicado pelos índios, assumiu o cargo de Diretor. Mas um ano depois, ou seja, em 1824, indicou Hipólito Nunes Bacelar para a função de seu ajudante, no intuito de que este assumisse as responsabilidades cotidianas da aldeia. Mendonça alegou que tinha muitos engenhos moentes e se ausentava com frequência das suas funções de Diretor, sendo necessário ter um ajudante.[491] Do pedido de Bernardo Antônio Mendonça percebemos que era um grande proprietário de terras e escravos e um importante aliado dos índios contra o capitão-mor de Porto Calvo. Deixou em seu lugar, sem suscitar conflitos, o seu ajudante, que passava também a ser aliado dos índios. Portanto, os apoios e as inimizades entre índios e potentados locais já estavam configurados em meados da década de 1820.

Em 1829, Hipólito Nunes Bacelar se manteve com poder de comando na aldeia, desta vez como capitão-mor dos índios e não mais como ajudante do Diretor. No entanto, em 1831, o cargo de Diretor almejado por um parente de Hipólito, José Nunes Bacelar, foi concedido a Simeão Gomes de Macedo pela Câmara de Porto Calvo. Nessa época, Hipólito Nunes Bacelar já possuía conexões com João Batista de Araújo, comandante das milícias de Barra Grande e que seria um dos líderes da Cabanada no ano seguinte. Valendo-se de sua função e em defesa de seu aliado, João Batista interferiu na disputa intimando Simeão Macedo e solicitando a sua prisão. Por causa dessa atitude, o presidente de Alagoas recriminou João Batista, considerando-o “contrário à lei”. Os adversários de Hipólito e Batista venceram, e Macedo continuou no cargo. Os Nunes Bacelar não se resignaram com a situação e começaram a causar problemas na freguesia, provavelmente com a ajuda dos índios. Nesse contexto, o

---

490 SANT’ANA, Moacir Medeiros de. Notas e reflexões sobre os cabanos. Manuscrito. Pasta 01. Apud: ALMEIDA, Luiz Sávio de. *Memorial biographico do capitão de todas as matas*. Tese (doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995. Cap. 7, pp. 40-42.

491 SANT’ANA, Moacir Medeiros de. Notas e reflexões sobre os cabanos. Manuscrito. Pasta 01. Apud: ALMEIDA, Luiz Sávio de. Op. Cit. 1995. Cap. 7, p. 42.

irmão de Hipólito Nunes Bacelar e de José Nunes Bacelar, Joaquim Nunes Carolo, que passou a cometer crimes na região, fazendo com que o presidente da província de Alagoas mandasse Simeão Gonçalves de Macedo tomar providências. [492]

De acordo com o estudo de Luiz Sávio de Almeida, a família Nunes Bacelar, e em especial Hipólito, possuíam um forte poder de mando e influência em Jacuípe desde o início da década de 1820, sendo reveladora a relação de apoio que a família mantinha com João Batista de Araújo que, por sua vez, tinha em Barra Grande a sua área de mando. Tendo João Batista se levantado em 1832 a favor de Torres Galindo, defendendo a causa restauradora, é de se esperar que seus aliados políticos o acompanhassem, tal como fez Hipólito Nunes Bacelar e os índios que comandava. Por sua vez, os indígenas de Jacuípe mantiveram a aliança com Hipólito, percebendo-o como um sucessor de seu antigo aliado, grande proprietário de engenhos, Bernardo Antônio Mendonça. Assim, podemos perceber que a participação dos índios de Jacuípe na Cabanada ao lado dos rebeldes ocorreu em função dos jogos políticos locais, a partir dos quais estabeleceram seu apoio a João Batista.

O ano de 1832 se iniciou em Jacuípe com brigas entre partidários de diferentes propostas políticas, e Hipólito Nunes Bacelar e os índios de Jacuípe estavam envolvidos. O presidente da província de Alagoas, Manuel Lobo de Miranda Henriques, relatou e pediu providências ao juiz de paz da localidade em relação às mortes e aos conflitos por causa de questões políticas. O mesmo presidente informou à Câmara de Porto Calvo, em maio, que Simeão Gonçalves de Macedo, como Diretor dos Índios, não estava dando conta da situação e que mandou Hipólito Bacelar se apresentar às autoridades porque ele vinha perturbando o sossego dos índios e vizinhos do povoado. Segundo Dirceu Lindoso, a intimação feita a Hipólito era praticamente uma ordem de prisão, tendo em vista que ele e os índios já estavam participando dos primeiros combates que configuraram a Cabanada.[493] Poucos dias depois, o presidente ordenava que se mantivesse a paz em Jacuípe e proibiu os índios de andarem armados devido à divisão do povoado em partidos. [494]

Àquela altura, os conflitos já estavam instalados em Jacuípe e João Batista de Barra Grande contava com a ajuda dos índios e de Hipólito para prestar apoio a Torres Galindo para realizar invasões em povoados e vilas. Diante da situação de

---

[492] SANT'ANA, Moacir Medeiros de. Notas e reflexões sobre os cabanos. Manuscrito. Pasta 01. Apud: ALMEIDA, Luiz Sávio de. Op. Cit. 1995. Cap. 7, pp. 41-42.
[493] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 140.
[494] ALMEIDA, Sávio. Op. Cit. 1995. Cap. 7, p.43.

embates instalada, o antigo amigo da família Nunes Bacelar, Bernardo Antônio de Mendonça, mudou sua opinião sobre Hipólito, julgando-o responsável pelos acontecimentos, assim como João Batista:

> [...] não deve confiar em Batista a tranquilidade de Barra Grande por isto que é conhecido o seu sistema e que só deixará de desenvolver se não tiver ocasião. Outrossim é muito necessário vossa excelência dar providências relativas a Hipólito Nunes Bacelar porque este homem é terrível e além disso é de uma péssima moral capaz de por si só fazer uma revolução, e publicamente conhecido pelo mentor de todas as desordens que aparecem em Jacuípe.[495]

Em julho de 1832 a revolta tomou uma amplitude maior com o levante comandado por Antônio Timóteo no povoado de Panelas de Miranda em Pernambuco.[496] Os índios aderiram ao movimento de Timóteo, assim como Hipólito Nunes Bacelar, ao lado de João Batista de Barra Grande. Estava formada, então, a rede de alianças políticas e circunstanciais entre líderes cabanos e índios de Jacuípe, das quais estes faziam parte e eram atuantes.

Várias localidades foram tomadas pelas tropas rebeldes compostas por cabanos e indígenas de Jacuípe, tais como Panelas de Miranda, Água Preta, Bonito, Bezerros, Tapado, Una e Barra Grande. Também ameaçaram as vilas de Rio Formoso e Sirinhaém, embora não tenham logrado êxito. Atacaram Altinho e Garanhuns, nesta última vila os cabanos foram rechaçados pelas forças governistas.[497]

Os índios de Jacuípe e os cabanos tiveram que enfrentar em combates grupos de índios do aldeamento de Barreiros, já que estes liderados Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde apoiaram a repressão à revolta. Índios dos dois aldeamentos lutaram em lados opostos nos combates ocorridos nos lugares invadidos pelos cabanos, como a povoação do Una. [498] A ajuda de Agostinho Panaxo e seus comandados foi solicitada pelo juiz de paz do Una para combater os índios de Jacuípe aliados a Antônio Timóteo.[499] Até certo ponto dos conflitos, grande parte dos índios de Barreiros esteve alinhada às forças governistas sob o comando de Agostinho.

No entanto, em algum momento difícil de apontar com precisão, alguns índios de Barreiros passaram a apoiar os cabanos, estando entre eles Bento José Duarte que,

---

[495] APA. Manuscrito 39-Estante 18. 05/05/1832. Apud: ALMEIDA, Sávio. Op. Cit. 1995. Cap. 8, p. 3
[496] ANDRADE, Manuel Correia de. Op. Cit. 2005, p. 61.
[497] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., pp. 384-385.
[498] CM 10. 23/08/1832. Ofício da Câmara de Sirinhaém para o presidente da província, Francisco de Cavalcante Paes de Andrade. Fl. 484-484v.
[499] Idem.

até os primeiros meses dos conflitos, ajudara Agostinho. Mudaram de lado e é provável que a motivação de Bento e demais índios em se aliarem aos revoltosos estivesse relacionada a um arrendamento de terras do aldeamento feito por Agostinho a um não índio. Tal disputa será tratada mais à frente, no momento é suficiente ressaltar que a cisão interna fez alguns índios de Barreiros escolherem apoiar os cabanos atacando, inclusive, o próprio aldeamento. Desse ataque, resultaram o incêndio e a destruição da matriz da aldeia.[500] Ali, vários índios ainda ofereceram proteção e ajuda aos cabanos, realizando investidas contra lavouras da região e, segundo relato de um agricultor, convencendo escravos a cometer furtos.[501]

Ao lado dos cabanos e inseridos no contexto de conflitos de meados de 1832, os índios de Jacuípe continuaram com a tática de invadir localidades, causando temor às autoridades de vilas e povoados, como ocorreu na vila de Sirinhaém, em Pernambuco. Forças governistas eram reunidas entre os juízes de paz mais próximos dos locais onde ocorriam os ataques.[502] De acordo com o juiz ordinário de Sirinhaém, era preciso debelar o inimigo que pretendia “derrubar a constituição”.[503]

Em agosto, o “comandante dos índios de Jacuípe”, Hipólito Nunes Bacelar, recebeu um ofício do presidente de Alagoas, no qual havia ordens para que se retirasse de Barra Grande com os demais indígenas e que voltasse para a aldeia. O presidente também ordenou que Hipólito obedecesse “todas as ordens que lhe foram dirigidas pelas autoridades civis de Porto Calvo” e que em Barra Grande fizesse “proclamar vivas ao nosso Augusto Imperador o senhor D. Pedro II”.[504] A essa intimação Hipólito respondeu que não poderia obedecer às ordens dadas e voltar ao Arraial, porque o “povo em massa nesse acampamento não consente que eu largue o ponto”, demonstrando que tinha a intenção de permanecer no enfrentamento armado.[505]

Ainda nesse mês, o juiz de paz de Jacuípe perguntou a Hipólito sobre a existência de tropas no Arraial, e ele respondeu que no acampamento tinha o “melhor

---

[500] Apeje. JM 2B. 04/10/1845. Ofício do juiz municipal de órfãos de Rio Formoso, Fernando Afonso de Mello, para o presidente da província de Pernambuco, Antônio Pinto Chichorro da Gama. Fl.229-232.
[501] FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit., p.48.
[502] Apeje. CM 10. 23/08/1832. Ofício da Câmara de Sirinhaém para o presidente da província, Francisco de Cavalcante Paes de Andrade. Fl. 484-484v.
[503] Apeje. JO 2. Ofício do Juiz ordinário da vila de Sirinhaém. 27 de agosto de 1832. Fl.224.
[504] APA. Livro 110- Estante 21, fl. 90v. 30/08/1832. Ofício do presidente da província, Manoel Lobo de Miranda Henriques, ao comandante dos índios de Jacuípe, Hipólito Nunes Bacelar. Apud: LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 140.
[505] APA. Manuscrito 39 – Estante 20. 29/08/1832. Correspondência de Hipólito Nunes Bacelar para a presidência da província de Alagoas. Apud: ALMEIDA, Luiz Savio de. Op. Cit. 1995. Cap. 8, p. 8.

de oitocentos índios” reunidos e outros contingentes para defesa de suas vidas, famílias, honras, fazendas e da religião Católica.[506] No mesmo mês de agosto, os índios de Jacuípe invadiram a freguesia do Una, em Pernambuco, além da de Barra Grande. Diante do expressivo número de índios relatado por Hipólito e da participação destes nos primeiros meses dos conflitos da Cabanada, podemos concluir que estavam envolvidos desde o início dos embates na zona fronteiriça entre Pernambuco e Alagoas, quando disputas locais por cargos ganharam outros significados com as mudanças políticas vivenciadas na província e na Corte desde 1831.

No entanto, em finais de 1832 as forças governamentais começaram a ganhar vantagem sobre os cabanos. Mais forças legalistas foram reunidas a pedido do presidente da província de Pernambuco. Os juízes de paz de Una, Sirinhaém e Água Preta arregimentaram as suas forças, deixando os rebeldes assustados e surpresos.[507] As operações e os contra-ataques das tropas dos governos provinciais foram realizados nas vilas e povoações tomadas pelos cabanos e também nos engenhos vizinhos às áreas dos conflitos. Os índios de Jacuípe sofreram um ataque comandado pelo major Manuel Machado da Silva Santiago na vila do Una, a qual haviam invadido.[508]

Alguns dos principais líderes restauradores, que apoiaram o movimento de Torres Galindo, foram presos, como Manuel Afonso de Melo e João Batista de Barra Grande. O próprio Torres Galindo fugira para Sergipe, ficando sob a proteção de um aliado e esperando a resolução dos conflitos. Com isso, estavam ausentes dos conflitos os líderes do movimento que eram representantes do segmento de proprietários rurais insatisfeitos com as mudanças advindas com a abdicação de D. Pedro I.[509] No mesmo período em que essas prisões ocorreram, os índios de Jacuípe sofreram uma perda significativa em seu comando com a morte de Hipólito Nunes Bacelar.

Hipólito foi preso e morto em Porto Calvo em novembro do mesmo ano. Alguns trabalhos apontam que o seu desaparecimento foi a causa principal do

---

506 ALMEIDA, Luiz Savio de. Op. Cit. 1995. Cap. 8, p. 9.

507 Apeje. CC 33. 14/09/1832. Ofício do vice-presidente da província de Pernambuco, Bernardo Luis Ferreira, para o ministro do Império, Antônio Francisco de Paula Holanda Cavalcante de Albuquerque. Fl. 142-144.

508 LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 385.

509 CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 2009, p. 155.

ingresso dos índios de Jacuípe na revolta,[510] repetindo as informações fornecidas por Thomaz do Bom-Fim Espindola. Em seu tratado sobre a geografia e história de Alagoas, Thomaz Espindola defendeu que o capitão-mor dos índios de Jacuípe, Hipólito, tentou defender a aldeia de um recrutamento forçado realizado a mando do presidente de Alagoas entre finais de 1831 e início de 1832. De acordo com Thomaz Espindola, foi armada uma emboscada para Hipólito, resultando na sua prisão e a de outros dois companheiros seus, e no seu deslocamento para Porto Calvo. Lá chegando, o capitão-mor foi apunhalado "traiçoeiramente", morrendo em seguida. Ao tomarem conhecimento do ocorrido, um grupo de índios revoltados iniciou as represálias, matando três jovens de ricas famílias locais queimados ainda vivos e depois assaltaram e destruíram mais de vinte engenhos, levando aprisionados os respectivos escravos. [511]

Esta narrativa foi repetida por vários outros trabalhos, tornando-a a causa principal do envolvimento dos índios na Cabanada, inclusive retratando Hipólito como um cacique. Temos poucas informações sobre Hipólito Nunes Bacelar, excetuando a sua atuação no aldeamento de Jacuípe e nos conflitos da Cabanada. Não sabemos, inclusive, sobre a sua condição de indígena, sendo, portanto, muito difícil afirmar se era cacique ou membro de alguma família de potentados locais. Além disso, em sua obra, Dirceu Lindoso analisou documentação sobre o período e não encontrou referências à morte dos três jovens e muito menos da destruição de tantos engenhos. Lindoso levantou a hipótese, com a qual concordamos, de que a magnitude de tais feitos deveria ter levado a algum registro nas fontes produzidas na época.[512]

Pelo anteriormente exposto, percebemos que Hipólito Nunes Bacelar e os índios de Jacuípe já estavam envolvidos nos conflitos armados devido às alianças políticas locais constituídas na década de 1820 e também pela pressão sentida no aldeamento devido ao avanço de proprietários vizinhos sobre as terras dos índios e as matas, o que continuou nos anos posteriores à Cabanada. A morte de Hipólito pode ter servido para intensificar a atuação dos índios, que passaram a apoiar Vicente de Paula, assim como vários escravos fugidos e uma população livre e pobre em meados de novembro de 1832.

---

[510] FREITAS, Décio. Op. Cit. P. 95 ANDRADE, Manuel Correia de. Op. Cit. 2005, p. 61. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. 5ª. Ed. vol. 4. São Paulo: Difel, 1985, p. 216. FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit., p. 57.

[511] ESPINDOLA, Thomaz do Bom-Fim. *Geographia alagoana ou descripção fhisica, política e histórica da província de Alagoas*. 2a. ed. Maceió: Tip. Liberal, 1871.

[512] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 138.

As circunstâncias da morte de Hipólito nos ajudam a compreender como se desenvolveu essa maior participação indígena, inclusive as condições em que ocorreram o recrutamento narrado na obra de Thomaz Bom-Tempo Espindola. Em setembro de 1832, a presidência de Alagoas suspeitava que os índios estavam se organizando para sair de Jacuípe e ir ao encontro de Antônio Timóteo em Panelas de Miranda, em território pernambucano. Com o intuito de esvaziar a aldeia e reduzir drasticamente a quantidade de homens passíveis de servir como soldados aos rebeldes, o governo de Alagoas ordenou a realização de um recrutamento. Assim como na aldeia de Cimbres em 1824, o recrutamento de índios foi utilizado como um instrumento de controle social.[513]

O responsável, major Joaquim José Xavier dos Anjos, recebeu ordens de fazer revista nos índios, prender os solteiros que tivessem entre 16 e 18 anos, leva-los até Porto de Pedras e de lá embarca-los para Maceió. Logo em seguida, também houve ordem de que Hipólito fosse obrigado a marchar e, caso resistisse, deveria ser preso e conduzido a Porto Calvo. Sua prisão ocorreu em 6 de novembro de 1832, sendo logo em seguida assassinado a facadas.[514]

Tendo o assassinato de Hipólito ocorrido em novembro de 1832, concluímos que a participação dos índios não ocorreu devido a um único fator isolado, mas sim em decorrência de suas próprias escolhas dentro de um contexto limitado de relações desiguais em que as alianças e o uso da violência foram compreendidas como alternativas possíveis para o envolvimento dessa coletividade na vida pública local e na defesa dos seus interesses sobre o aldeamento e as matas.

Após a morte de Hipólito e as derrotas sofridas pelos rebeldes, Antônio Timóteo fugiu em canoas, e os índios se recolheram às suas casas, saindo do território pernambucano. Foram remetidos mais homens e munições para o lugar dos conflitos, sendo levados também para Panelas. O comandante das forças de Panelas exigiu o envio do "resto do Corpo de Municipais Permanentes", porque os habitantes do "centro" ainda tinham receio dos cabanos.[515]

---

[513] MOREIRA, Vânia M. L. "Caboclismo, vadiagem e recrutamento militar entre as populações indígenas do Espírito Santo (1822-1875)". *Diálogos Latino-americanos*, n. 11, 2005, pp. 2; 10. SILVA, Edson. Op. Cit. 2008, p. 93.
[514] ALMEIDA, Luiz Savio de. Op. Cit. 1995. Cap. 8, pp.10-13.
[515] Apeje. CC 33. 14/09/1832. Ofício do vice-presidente da província de Pernambuco, Bernardo Luís Ferreira, para o ministro do Império, Antônio Francisco de Paula Holanda Cavalcante de Albuquerque. Fl. 142-144.

De acordo com a análise de Dirceu Lindoso, após a captura de alguns dos principais líderes, sendo alguns deles prestigiados senhores de engenho da região de posicionamento absolutista, as investidas dos cabanos diminuíram significativamente.[516] Nesse momento, a vigilância nos engenhos se afrouxou, facilitando a fuga de escravos que se juntaram aos cabanos nas matas, o que aumentou o contingente popular e de pessoas desprovidas ao lado dos rebeldes. Os escravos que se uniram aos rebeldes passaram a ser nomeados nas fontes como “negros papa-méis”. Eles viam naquele movimento a possibilidade de alcançar a liberdade do cativeiro, permanecendo, como veremos adiante, como os principais seguidores do principal líder cabano, Vicente Ferreira de Paula.[517]

Então, a estratégia cabana de combate se transformou. Os rebeldes passaram a fazer guerra de guerrilha, que era constituída por assaltos e emboscadas às forças governistas e ataques a engenhos de grandes proprietários. Logo após os ataques, os cabanos se refugiavam nas matas fechadas, território pouquíssimo conhecido dos contingentes enviados pelos governos provinciais.[518] Os contornos populares da revolta ficaram mais definidos, fazendo convergir os índios de Jacuípe, escravos fugidos dos engenhos e pessoas pobres livres pressionadas pela produção de açúcar na região e pelas relações desiguais com os grandes proprietários. Aos poucos, nas matas da fronteira entre Pernambuco e Alagoas, os rebeldes construíram suas instalações de apoio, todas de difícil acesso aos destreinados nos caminhos da região de mata atlântica.[519]

Devido, em parte, à grande violência empregada pelas forças governistas, os cabanos começaram a receber auxílios em forma de produtos de subsistência, armamentos e munição da população dos lugares por onde passavam. Aos poucos, os rebeldes iam ganhando a simpatia de pessoas pobres e usurpadas pelas tropas, por alguns proprietários e oficiais defensores da restauração. Essa situação foi denunciada pelo juiz de paz do Una ao presidente de Pernambuco, informando que, ao se reunirem no Engenho São Francisco, os cabanos conseguiram assaltar os pontos mais frágeis da região, porque entre as tropas governistas havia gente levando informações. Além disso, os cabanos também recebiam alimentos e munições. Os índios de Jacuípe também se beneficiaram. As tropas cabanas estavam em vantagem, já que a proporção

---

[516] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 385.
[517] ANDRADE, Manuel Correia de. Op. Cit. 2005, p. 64.
[518] Idem, p. 66.
[519] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 388.

estimada entre o seu contingente e o da repressão era de 4 para 1, o que levava a obterem mais sucessos nos assaltos que realizavam.[520]

Era nas matas do Engenho São Francisco que os cabanos e índios se reuniam. O reduto cabano nesse engenho era o lugar de onde os rebeldes recebiam ordens de Vicente de Paula, vivendo em palhoças e quase sem mantimentos, subsistindo da caça e da farinha de mandioca.[521] Diante da situação de ajuda concedida aos rebeldes pela população local, o juiz de paz do Una sugeriu um maior controle sobre rios e portos para conter o envio e a comunicação entre os cabanos e seus aliados.[522]

Como esta foi uma guerra marcada por rápidos avanços e recuos das forças da repressão e rebeldes, em novembro de 1832, os governistas levaram um revés com a fuga de alguns chefes cabanos presos em Alagoas, que estavam sendo levados para o Recife com o objetivo de responderem ao processo. Entre eles estava Francisco José Nunes, capitão-mor dos índios de Jacuípe, sobre o qual não conseguimos maiores informações. Também fugiram de uma embarcação João Batista e doze índios.[523]

Diante do exposto, percebemos que a participação dos índios de Jacuípe ao lado dos rebeldes, inclusive de grandes proprietários, no desenrolar da Guerra dos Cabanos deve ser entendida em função das alianças que estabeleceram localmente, das pressões sentidas sobre as terras da aldeia em decorrência das invasões de potentados vizinhos e também do recrutamento massivo que se tentou fazer na aldeia do Jacuípe. Além disso, as interpretações que articulavam sobre as discussões políticas feitas após a abdicação em 1831 podem ser analisadas através de seu posicionamento político, construído a partir das suas redes de relações locais. Aliar-se a um restauracionista em 1831 poderia significar para os índios de Jacuípe maiores chances de manter as terras, já que o movimento a favor de d. Pedro I poderia implicar na manutenção de suas alianças locais construídas alguns anos antes e a administração da aldeia nos moldes que lhes interessavam.

Contudo, a estratégia de alianças sofreu transformações drásticas em função das mudanças políticas e do resultado dos enfrentamentos armados, tal como ocorreu nos momentos finais da Cabanada, quando os índios de Jacuípe tiveram que fazer outras escolhas.

---

[520] Apeje. JP 7. Ofício do juiz de paz de Una, Barros Rego, para o presidente da província de Pernambuco, Manoel Zeferino dos Santos. 16 de julho de 1833. Fl.31.
[521] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 398.
[522] Apeje. JP 7. Ofício do juiz de paz de Una, Barros Rego, para o presidente da província de Pernambuco, Manoel Zeferino dos Santos. 16 de julho de 1833. Fl.31.
[523] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., pp. 390-391. ANDRADE, Manuel Correia de. Op. Cit. 2005, p. 73.

4.2.1. Novos caminhos para os índios de Jacuípe: contornos finais dos conflitos

Com a mudança da tática cabana e o refúgio dos rebeldes nas matas, em 1833 os governos de Pernambuco e Alagoas mudaram a sua estratégia para reprimir a revolta, instituindo um "polígono da repressão" e a tática da "terra arrasada". Essa estratégia foi estabelecida pelo recém-empossado presidente de Pernambuco Manuel Zeferino dos Santos, definindo que as matas deveriam ser batidas em todos os sentidos, destruindo lavouras e impedindo que os cabanos se estabelecessem em um lugar por tempo suficiente para produzirem mantimentos. Além disso, a seu ver, era necessário conseguir pessoas que tivessem conhecimento sobre as matas e os lugares onde houvesse recursos usados pelos rebeldes para se abastecerem. Por meio dessa nova tática de ataque das tropas governistas, foi estabelecido um polígono da repressão tanto aos cabanos, quanto à população residente que os ajudasse.[524]

Nesse período, o presidente de Pernambuco pediu ao comandante dos índios de Cimbres o envio de seus subordinados para as áreas de conflito. O comandante, Francisco Alves Feitosa, respondeu negativamente, já que ele mesmo estava doente, e os índios necessitavam retomar os seus trabalhos nos roçados. Havia um ano que não trabalhavam para o seu sustento e, caso os interrompessem naquele momento, os índios ficariam sem mantimentos e, segundo sua opinião, voltariam a furtar pela região. Por isso, ele concluiu que os "índios não podem agora marchar".[525] Como vimos no capítulo anterior, este era o mesmo Feitosa que não fora aceito pelos índios em 1822 como seu capitão-mor, mas que, apesar disso, foi escolhido em 1829 pela Câmara de Cimbres para tal cargo. É provável que, durante a Cabanada em 1833, ainda estivesse viva a memória da insurreição dos índios de Cimbres em favor de D. João VI e a sua retirada da vila, para onde retornaram apenas em 1830. Portanto, é de se pensar que Feitosa estivesse tentando evitar conflagrar os índios sob seu comando de novo, tendo em vista os graves problemas ocorridos em Cimbres, na década de 1820. Em 1833, os índios ainda estavam retomando seus trabalhos na lavoura e era fundamental garantir as condições para que produzissem seus víveres.

Apesar do aumento da intensidade da repressão, os cabanos continuaram a atacar engenhos e invadir vilas, como as de Ipojuca, Porto Calvo e Barreiros. No entanto, o ano de 1834 se iniciara com o discurso das autoridades sobre o extermínio

---

[524] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 395.
[525] Apeje. JP 7. 19/09/1833.Ofício major comandante geral dos índios, Francisco Alves Feitosa, para o diretor interino dos índios, João Florentino Cavalcante d'Albuquerque. Fl. 181.

dos cabanos, e os rebeldes passavam por mais dificuldades devido à falta de produtos de subsistência. Era a tática da "terra arrasada" dando os efeitos desejados pelos governos de Pernambuco e Alagoas. Em abril, as tropas do capitão Francisco Acioly invadiram o Engenho São Francisco, um dos famosos redutos cabanos, para onde Vicente de Paula enviava suas ordens.[526]

Em meados do mesmo ano, a situação dos cabanos entrincheirados nas matas piorou devido às fortes chuvas de inverno que castigaram a zona da mata sul, causando-lhes algumas baixas em combate. A força do Roçadinho conseguira prender vários escravos refugiados nas matas e também ganhara vantagens sobre os rebeldes com a morte do "célebre tenente Chicão, um índio de Jacuípe José Nunes e outro capitão dos mesmos índios Pedro Nunes, todos estes terríveis salteadores e de reputação entre eles". A mesma força conseguiu apreender uma grande quantidade de armas e munições. O comandante das tropas de Alagoas, José Thomás Henriques, alardeava ao presidente da província dos avanços sobre as áreas de ocupação cabana.[527]

No início de 1835 as forças rebeldes já estavam muito enfraquecidas, seja pela falta de produtos de subsistência, pelas muitas investidas das tropas de repressão ou pelas fortes chuvas do inverno da zona da mata sul pernambucana. Uma epidemia de varíola se alastrou entre os cabanos e a miséria entre essa população chegou a níveis críticos. O médico J.E Gomes descreveu a situação dos índios durante a epidemia: "nos indígenas fazem as bexigas espantosa mortandade [...] a erupção é neles tardia, difícil e trabalhosa".[528]

Diante desse quadro, começou a ficar insustentável para os índios de Jacuípe se manter entrincheirados nas matas. Em abril alguns deles começaram a se render num processo de negociação com os representantes do governo provincial. De início, três índios de Jacuípe foram levados por cabanos já rendidos ao quartel do comando das tropas governistas situado em Água Preta. Foram espontaneamente, acompanhando os outros cabanos rendidos, totalizando 175 entre índios e não índios. Ao chegarem à presença do comandante em chefe, Joaquim José Luiz de Souza, fizeram reverências a um busto de D. Pedro II, dando "vivas" à Sua Majestade

---

[526] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 413.
[527] AN. Série Guerra. IG[1]94. 26/10/1834. Ofício do comandante geral das tropas de Alagoas, José Thomas Henriques, para o presidente da mesma província, José de Souza Machado. fl.92-92v.
[528] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 416.

Imperial, demonstrando a sua adesão ao regime que até poucos dias atrás combatiam.[529]

Os índios que se renderam, "confessaram que Vicente Ferreira de Paula os trazia enganados com mentiras, e mostraram-se conspirados contra este infame salteador".[530] É provável que com a mudança das estratégias de ambos os lados dos conflitos, as grandes perdas sentidas pelos cabanos e a situação de miséria vivenciada nas matas, os índios de Jacuípe tenham passado a entender que seria interessante se aproximar e se aliar a um ex-inimigo, demonstrando insatisfação e fazendo queixas sobre o antigo líder. As mudanças das circunstâncias faziam os índios reelaborarem suas estratégias, buscando, nesse caso, melhores condições de sobrevivência.

Após as primeiras explicações e reverências ao Imperador, os índios receberam panos para confeccionar roupas para eles, suas mulheres e filhos, que haviam ficado nas matas. O comandante em chefe também deu-lhes de comer, calças, camisas, fumo e aguardente, e para as mulheres, xales. O bom tratamento concedido aos índios de Jacuípe, conhecidos por sua coragem durante os conflitos e apoio aos cabanos, tinha um objetivo: convencer outros que ainda estavam nas matas a também se renderem. No dia seguinte a sua rendição, voltaram às matas à procura de outros para se apresentarem no quartel e, em seguida, voltarem a Jacuípe com a imagem de São Caetano, o padroeiro da aldeia.[531]

Os índios prometeram ao comandante em chefe entregar as armas quando voltassem ao quartel, e este, em contrapartida, prometeu dar 4 mil réis por cada arma entregue. Justificou a sua promessa aos índios pois, assim, pretendia "desarmar a corporação mais forte de um inimigo" que desolava a província de Alagoas havia três anos. Joaquim José Luiz de Souza deixou transparecer que, talvez, essa não fosse uma medida bem recebida pelo presidente de Alagoas, tendo em vista que implicava em mais gastos com tropas inimigas. Por isso, o comandante em chefe argumentou que a quantia a ser paga aos índios era

> assaz diminuta em comparação à grande soma que a Fazenda Pública tem de consumir se a guerra continuar e for preciso desarmá-los à força de armas, e se para a compra destas armas mais

---

[529] AN. Série Guerra. IG[1]94. 24/04/1835. Ofício do comandante em chefe, Joaquim José Luís de Souza, para o presidente de Alagoas, José Joaquim Machado de Oliveira. fl. 19-20v.
[530] Idem.
[531] Ibidem.

> dinheiro for necessário dispender eu não hesitarei um só momento em o fazer[532]

O argumento do comandante em chefe demonstra a força bélica dos índios na revolta, sendo melhor convencê-los e entregar-lhes dinheiro em troca das armas, do que enfrentá-los. O dispêndio de rendas parecia ser a tática mais acertada diante do receio de continuar a combatê-los nas matas, território que conheciam tão bem e onde tinham reconhecida vantagem.

No entanto, o comandante em chefe não desejava apenas as armas dos cabanos e os índios que se rendiam. Foi oferecida a estes recompensas por escravos, escravas e crianças entregues: vinte mil réis pelos primeiros, dez mil réis em troca das mulheres e cinco mil réis pelos "moleques". Segundo, Joaquim José Luiz de Souza, tanto índios quanto ordenanças se mostraram "desejosos" de realizar essas diligências.[533]

Portanto, das ações do comandante em chefe do arraial instalado na vila de Água Preta vemos que era de suma importância convencer os índios e demais cabanos através de presentes, dinheiro, comida e promessas que a rendição era a melhor oportunidade para eles naquele momento de extrema penúria nas matas. O comandante em chefe se vangloriava ao presidente de Alagoas sobre os êxitos que conseguira em troca do que considerara pouco:

> fará vossa excelência ideia do adiantamento que temos na guerra de Panelas, adiantamento ganho ou para melhor dizer comprado com pequenos dinheiros e retalhos de panos, e o emprego de minha paciência que já se acha quase extinta.[534]

O convencimento de uma população que constituía grande parte do contingente das tropas cabanas, mesmo à base de "pequenos dinheiros e retalhos de panos", era uma das estratégias utilizadas pelos governos provinciais para alcançar o sucesso na guerra. Os índios de Jacuípe eram, assim, parte crucial das disputas e dos embates armados, dependendo das suas escolhas o sucesso das táticas de negociação e conflito de um lado ou de outro. Era fundamental suprir suas necessidades e demandas para tê-los como aliados.

---

[532] AN. Série Guerra. IG[1]94. 24/04/1835. Ofício do comandante em chefe, Joaquim José Luis de Souza, para o presidente de Alagoas, José Joaquim Machado de Oliveira. fl. 19-20v.
[533] Idem.
[534] AN. Série Guerra. IG[1]94. 26/05/1835. Ofício do comandante em chefe em Água Preta, Joaquim José Luiz de Souza, ao presidente da província de Alagoas, José Joaquim Machado de Oliveira. fl.31-33v.

Em outro documento, o comandante em chefe informou que os índios de Jacuípe foram "seduzidos" a se apresentarem no quartel pelo seu novo capitão-mor José Lins, que era cunhado do falecido capitão-mor José Nunes. José Lins fora indicado pelo governo da província e aceito pelos índios de Jacuípe, mostrando que estes já estavam dispostos a se alinhar com os representantes da Regência, aos quais eram contrários até poucos meses antes. Por isso, de acordo com o relato do comandante em chefe, Vicente de Paula alimentava um ódio pelo novo capitão-mor que ajudara os seus aliados indígenas a se renderem. O restante dos índios que estava com o líder cabano em Japaranduba, aos poucos, o abandonavam, encaminhando-se ao acampamento governista em Água Preta ou retornando a Jacuípe. Os muito poucos que ainda acompanhavam Vicente de Paula, ali estavam porque suas famílias sofriam de bexigas, não podendo deslocar-se. Por outro lado, à medida que os índios iam abandonando Vicente de Paula deixavam, com ele, suas armas, dando-lhe, ainda alguma esperança de resistência com suas forças compostas majoritariamente por escravos.[535]

Apenas três dias após terem chegado no quartel em Água Preta, os índios de Jacuípe começaram a trabalhar carregando capim para construir um barracão no acampamento militar. A boa vontade dos índios em prestar serviços no quartel do comandante Joaquim José Luiz de Souza, de tentar convencer mais índios a se renderem e a sua disposição em capturar escravos fugidos podem ser entendidos pela necessidade de viver em melhores condições em comparação ao contexto de miséria em que passaram a viver nas matas após meados de julho e agosto de 1834, ou seja, do período chuvoso na zona da mata sul. Mas também pela potencial proteção que recebiam estando sob as ordens de representantes dos governos provinciais de Alagoas e Pernambuco. Ao aceitarem se alinhar ao governo alagoano por meio da rendição receberam comida, roupas, dinheiro em troca das armas que carregavam, e também estavam protegidos de possíveis ataques empreendidos por escravos rebeldes e outros cabanos que poderiam agir em represália a escolha dos indígenas pela rendição. Tanto que quando o comandante em chefe anunciou a retirada do destacamento militar que estava no Arraial de Jacuípe, os índios pediram a sua

---

[535] AN. Série Guerra. IG[1]94. 26/05/1835. Ofício do comandante em chefe em Água Preta, Joaquim José Luiz de Souza, ao presidente da província de Alagoas, José Joaquim Machado de Oliveira. fl.31-33v.

permanência “enquanto os negros não forem presos ou se não apresentarem”.[536] O pedido dos índios indica que estavam temerosos de sofrerem ataques de seus antigos aliados.

Aproveitando a boa vontade dos índios e as necessidades que possuíam, Joaquim José Luiz de Souza tomou medidas para consolidar entre seus novos aliados a obediência ao novo sistema político, que havia sido tão combatido pelos indígenas. O comandante em chefe solicitou ao presidente da província de Alagoas o envio de um sacerdote “de bons sentimentos e bons costumes para administrar os sacramentos aos índios e moradores do arraial”. O sacerdote deveria inspirar nos índios e moradores o “amor às instituições liberais e ao governo do senhor D. Pedro 2º”. Para ratificar os novos parâmetros políticos a serem seguidos pelos índios, enviou a Jacuípe um retrato do Imperador e uma bandeira nacional. O comandante em chefe reunia, assim, na figura do sacerdote duas dimensões essenciais para a manutenção dos indígenas ao lado dos governos provincial e nacional: a religião católica e o sistema político representado por D. Pedro II. Ao se depararem com a imagem do santo padroeiro do seu arraial, São Caetano, que estava no quartel em Água Preta, de acordo com o comandante em chefe, os indígenas choraram, cantaram e fizeram “mil genuflexões”.[537] A intenção era a de que eles levassem a imagem até os indígenas que ainda estavam entre os cabanos e seguissem em procissão para Jacuípe, pois desejavam tê-la de volta em sua aldeia.[538]

Após a rendição, os índios de Jacuípe passaram a fazer parte das tropas governistas, ajudando a perseguir Vicente de Paula e os escravos que ainda estavam com ele. Tendo estes fugido de Japaranduba, índios foram designados para explorar as matas, na quais se acreditava que os escravos poderiam ter se escondido.[539] Com a prestação desse tipo de serviço militar, os índios de Jacuípe se comportavam segundo as disposições dos seus novos aliados.

Quando a guerra já era considerada ganha pelos presidentes das províncias de Pernambuco e Alagoas, mesmo que Vicente de Paula ainda estivesse foragido, muitos

---

[536] AN. Série Guerra. IG[1]94. 26/05/1835. Ofício do comandante em chefe em Água Preta, Joaquim José Luiz de Souza, ao presidente da província de Alagoas, José Joaquim Machado de Oliveira. fl.31-33v.
[537] Idem.
[538] AN. Série Guerra. IG[1]94. 24/04/1835. Ofício do comandante em chefe, Joaquim José Luis de Souza, para o presidente de Alagoas, José Joaquim Machado de Oliveira. fl. 19-20v.
[539] AN. Série Guerra. IG[1]94. 12/06/1835. Ofício do comandante em chefe das tropas, Joaquim José Luiz de Souza, para o presidente da província de Alagoas, Antônio Joaquim de Moura. fl.38.

índios de Jacuípe passaram a ter seu sustento financiado pelos novos aliados. O comandante em chefe das tropas de Pernambuco, Joaquim José Luiz de Souza, informou ao presidente de Alagoas que estava sustentando cerca de 156 "caboculos" de Jacuípe, com suas mulheres e crianças, porque entendia que era necessário provê-los por seis meses até que estabelecessem novamente seu "trabalho e indústria". Do contrário, o comandante temia que "os índios seriam forçados a furtar, os vizinhos do Arraial a defenderem seus possuídos[propriedades], e a principiar-se assim uma nova guerra que podia ter uma amplitude maior do que se pode imaginar". Diante da grande necessidade que existia em manter os índios alimentados, providos em tudo o que precisassem, o comandante informou que continuaria com o envio de víveres até que a província de Alagoas assumisse as respectivas despesas, sendo esta uma medida tomada com o objetivo de mantê-los em sossego.[540]

Com a rendição dos índios de Jacuípe ao final dos conflitos armados da Guerra dos Cabanos percebemos que as alianças entre índios e não-índios baseadas em relações de dependência mútua eram situacionais e cambiantes, dependendo dos contextos locais de trocas ou imposição de violência, e dos contextos provinciais e nacionais de embates políticos refletidos nas localidades. Em determinado momento, para a maior parte dos índios de Jacuípe foi importante e interessante acompanhar os cabanos em suas reivindicações e investidas contra engenhos e tropas legalistas. Quando a situação da guerra mudou, levando os cabanos a sentirem com mais intensidade os contra-ataques governistas através da tática de "terra arrasada", e com a mudança nas condições ambientais e de saúde, tornando a resistência cabanada quase insustentável, os índios de Jacuípe novamente precisaram fazer escolhas. Em busca de proteção e condições mínimas de sobrevivência, aceitaram se render ao comando das forças de repressão, demonstrando boa vontade e disposição. Não só se renderam, como também passaram a perseguir seu antigos aliados, o que os deixou receosos de represálias dos escravos rebeldes. Então, mudar de lado, conferir apoio aos governos liberais das províncias e prestar deferência a D. Pedro II se mostraram como as melhores alternativas naquele momento.

Tanto para os rebeldes quanto para os comandantes das tropas da repressão era essencial ter os índios de Jacuípe como seus aliados durante a Guerra dos Cabanos,

[540] AN. Série Guerra. IG[1] 94. 15/08/1835. Ofício do comandante em chefe das tropas de Pernambuco, Joaquim José Luiz de Souza, para o presidente da província de Alagoas, Antônio Joaquim de Moura. Fl. 57-58.

como também nos anos posteriores a ela. O poder demonstrado no desenvolvimento dos conflitos e o conhecimento do território em que guerreavam, faziam dos índios de Jacuípe importantes agentes históricos. Seus interesses e suas necessidades passavam a fazer parte dos jogos políticos provincial e local, pois as escolhas feitas por eles poderiam definir vitórias e derrotas militares. As relações estabelecidas em nível local ajudam a compreender as disputas pelo apoio indígena e as alianças articuladas no contexto de conflitos em busca daquilo que os interessavam.

4.2.2. Conflitos fundiários e o uso da violência: "o governo dividiu os povos e não as terras"

Mesmo após o fim declarado da Guerra dos Cabanos no segundo semestre de 1835, os conflitos surgiram novamente no aldeamento, demonstrando que as novas alianças articuladas entre os índios de Jacuípe e os governos de Pernambuco e Alagoas não significaram a ausência de embates e de ameaças do uso de violência. A continuidade das relações conflituosas em finais da década de 1830 e início de 1840 revela os tipos de contendas nas quais os índios de Jacuípe se envolveram motivados por alianças com políticos locais, pela defesa das terras e matas que ocupavam e pelo apoio a um regime político em que percebiam benefícios coletivos.

Por outro lado, é importante destacar que o posicionamento dos índios frente às alianças com não índios, à defesa de um sistema político e seu representante máximo não se constituiu como uma escolha definitiva. Ao contrário, se tratou de escolha e posicionamento construídos em função das condições locais de apoios mútuos e das situações políticas provincial e nacional. Ao mudarem essas condições, os indígenas acompanharam os processos de transformação e mudaram suas bases de alianças, passando a ajudar os que poderiam lhes conferir novos benefícios. Ter essas condições em vista nos leva a perceber as intrincadas redes de relações na localidade e como os índios continuaram a participar, por meio da violência, da vida política e da forma como as matas eram administradas.

Poucos anos após o fim decretado da Cabanada, entre 1838 e 1839, os índios de Jacuípe voltaram a provocar conflitos na sua vila e nas vizinhas, inclusive no território pernambucano. Alguns deles iniciaram um movimento armado devido a sua desaprovação em relação ao juiz de paz da vila de Jacuípe, Antônio Lopes Ribeiro.

Por isso, resolveram tirá-lo à força do cargo para colocar em seu lugar José Rufino, e no comando da aldeia, Francisco Afonso de Melo.[541]

O antigo juiz de paz e sua família foram ameaçados de morte e perseguidos pelos índios até chegarem no engenho Araguaba, localizado na freguesia do Una. Ali, Lopes Ribeiro obteve ajuda do proprietário, José Antônio Pessoa, que fez frente aos índios reunindo um grupo de cinco pessoas. Diante da resistência do proprietário, os índios recuaram e voltaram para as matas. Continuando a perseguir os índios pelas matas, José Antônio Pessoa e seu grupo encontraram o comissário de polícia do Una com três soldados que também estavam atrás deles. De acordo com o relato do proprietário, não conseguiram capturar os índios porque as armas falharam devido à forte chuva que caiu na ocasião.[542]

Em seu ofício, José Antônio Pessoa fez a séria denúncia de que os índios de Jacuípe estavam se reunindo em seu arraial para avançar sobre a vizinhança.[543] O comissário de polícia do 5º. distrito do Una confirmou a versão do dono do engenho Araguaba, e também informou que os índios estavam reunidos no arraial e pretendiam colocar piquetes inclusive pela área do seu distrito, que era território da província de Pernambuco.[544]

As notícias sobre a situação em Jacuípe e nas vilas e freguesias próximas, principalmente Rio Formoso e Una, não se restringiram ao âmbito local, mas tomaram tamanha repercussão que chegaram ao presidente de Pernambuco através do prefeito de Rio Formoso. Este informou que já tinha tomado as providências necessárias para defender a freguesia do Una, solicitando apoio armado ao coronel chefe da legião. Medidas mais drásticas deveriam ser tomadas, caso as tentativas de conciliação não obtivessem sucesso.[545]

Mas, o chefe da legião, Francisco Barros Rego, era de opinião contrária a do prefeito de Rio Formoso e disse-lhe que reunir mais contingente militar não era a melhor saída para apaziguar os índios de Jacuípe, pois “toda e qualquer força que se ponha disponível para o dito fim, serve unicamente para renovar o mesmo”. Como

---

[541] Apeje. Pc 5. 19/08/1838. Ofício do prefeito da comarca do Rio Formoso, Pedro Velho Barreto, para o presidente da província, Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque. Fl. 581.

[542] Apeje. Pc 11. 05/01/1839. Comunicado do proprietário, José Antônio Pessoa, ao subprefeito interino da freguesia do Una, Maximiliano da Rocha Wanderlei. Fl. 265-265v.

[543] Idem.

[544] Idem. Fl. 266.

[545] Apeje. Pc 11. 10/01/1839. Ofício do prefeito do Rio Formoso, Pedro Velho Barreto, para o presidente da província de Pernambuco, Francisco do Rego Barros. Fl. 263.

prova de seu argumento, Barros Rego relembrou que quando os índios foram repelidos devido a sua ação contra o juiz de paz de Jacuípe, eles retornaram ao seu Arraial, reuniram-se em maior número à espera de quem os perseguia. Mas, ao saber de tal reunião, o chefe da legião tratou de mandá-los debandar e convencê-los a se desarmarem. Os índios obedeceram as suas ordens e, segundo o chefe da legião, estavam em sossego até aquele momento, o que o levava a acreditar que era desnecessária a manutenção de tropas armadas para lhes fazer oposição. Ele mesmo iria a Jacuípe tentar apaziguá-los e tratar diretamente com o subprefeito do Una e demais autoridades.[546]

Poucos dias depois, o prefeito de Rio Formoso enviou correspondências ao presidente de Pernambuco, informando-o não haver mais necessidade de empregar força policial, pois os índios de Jacuípe "se conservam pacíficos".[547]

No entanto, a conclusão de Francisco Barros Rego, o chefe da legião, sobre o episódio é elucidativa da tensão que ainda pairava nos arredores de Jacuípe e Panelas: "em minha opinião julgo mui perigoso lançar-se mão da força armada contra eles".[548] O perigo existia justamente na possibilidade de um violento contra-ataque indígena às ações das tropas oficiais. Portanto, havia o medo onipresente entre donos de engenho e autoridades das vilas atacadas durante a Cabanada de que uma nova guerra se instalasse na região em decorrência da insatisfação dos índios e dos conflitos originados por disputas nos cargos políticos locais. Assim, mesmo cometendo o grave crime de destituir o juiz de paz de Jacuípe, que fora legitimamente eleito, para empossar outro em seu lugar, os índios envolvidos no episódio não foram mais perseguidos nem sofreram qualquer tipo de represália do governo. Era mais importante mantê-los apaziguados e sufocar qualquer tentativa de levante armado através do diálogo e do convencimento.

Essa situação demonstra também que o medo da violência destilada pelos índios dava-lhes algum poder na região, inclusive de interferir na política e de ver os seus interesses satisfeitos. O próprio fato, relatado nas fontes, de terem tirado à força

---

[546] Apeje. Pc 11. 14/01/1839. Ofício do chefe da legião, Francisco Barros Rego, para o prefeito de Rio Formoso, Pedro Velho Barreto. Fl. 272-272v.

[547] Apeje. Pc 11. 16/01/1839. Ofício do prefeito do Rio Formoso, Pedro Velho Barreto, para o presidente de Pernambuco, Francisco do Rego Barros. Fl. 270-270v. Pc 11. 20/01/1839. Ofício do prefeito de Rio Formoso, Pedro Velho Barreto, ao presidente de Pernambuco, Francisco do Rego Barro. fl. 274.

[548] Apeje. Pc 11. 14/01/1839. Ofício do chefe da legião, Francisco Barros Rego, para o prefeito de Rio Formoso, Pedro Velho Barreto. Fl. 272-272v.

um representante do governo do seu cargo, que fora escolhido legitimamente entre os proprietários locais de acordo com as leis de juízes de paz do período, é evidência de que os índios de Jacuípe conseguiram algo mais após o fim da Guerra dos Cabanos além de comida e alguns trapos. A sua aliança com o governo liberal e a ameaça iminente do uso da violência ajudou-os a conquistar um espaço de manobra maior entre as elites da região, em cujas memórias ainda era muito recente as perdas decorrentes da guerra, principalmente em seus engenhos produtores de açúcar que tinham uma produção cada vez mais decadente. Com isso, continuavam a circular livremente pelas matas e a tentar defender os seus interesses.

Com a construção desse espaço de manobra, ainda que restrito, os índios de Jacuípe tentavam garantir o uso exclusivo das matas. Em meados de 1841, o seu capitão-mor tomou medidas para impedir a retirada de madeiras por não-índios do lugar denominado Prato Grande. Segundo o subprefeito de Água Preta, freguesia localizada em Pernambuco, o referido lugar fazia parte de sua comarca, cuja fronteira com a província de Alagoas era feita pelo rio Jacuípe. Portanto, o capitão-mor dos índios de Jacuípe não poderia interferir nas formas de utilização da área. Ao receber o subprefeito de Água Preta para tratar do assunto, o capitão-mor dos índios lhe declarou que "se não conforma com aquela divisão e que o governo dividiu os povos e não as terras", referindo-se à fronteira política entre Pernambuco e Alagoas que separava as matas e terras por onde circulavam.[549]

Da declaração do capitão-mor dos índios, não identificado na fonte, vemos que a divisão realizada em 1817 afetou diretamente o espaço ocupado pelos índios de Jacuípe, ou seja, o seu aldeamento e as matas onde viviam. Mas, ao mesmo tempo, não os impediu de ir e vir pela fronteira quando lhes conviesse, como demonstra a sua tentativa de defender matas localizadas na província de Pernambuco, ainda que sua aldeia estivesse localizada em Alagoas. A circulação ao longo da fronteira permitiu que continuassem a desfrutar das matas independentemente do território no qual estivessem, inclusive tentando administrar a retirada de madeiras. Não importava aos índios de Jacuípe e ao seu capitão-mor se estavam situados na província de Alagoas ou Pernambuco, pois as matas e o aldeamento eram seus pontos territoriais de referência, sendo mais importante circular e viver nesse espaço que conheciam tão bem. Por isso, aquelas terras, na concepção do capitão-mor, não poderiam ser

[549] Apeje. Pc 17. 03/08/1841. Ofício do prefeito de Rio Formoso, João Manoel Barros Wanderlei Lins, para presidente de Pernambuco, Manoel de Souza Teixeira. Fl. 119.

divididas, repartidas ou separadas. Os significados conferidos pelos índios de Jacuípe àquele território eram muito diferentes dos dados pelos não índios.

As disputas envolvendo os índios de Jacuípe mais uma vez chegaram à presidência da província, pois o seu capitão-mor não apenas estava impedindo a retirada de madeira, como também estava formando um grupo de índios armados para obstruir o uso de outras partes das matas. A situação ficou mais preocupante porque alguns moradores do entorno da mesma freguesia e que poucos anos atrás faziam parte do "partido dos insurgentes denominados cabanos", também se preparavam para pegar em armas para se colocar contra a força indígena constituída pelo capitão-mor. A disputa pelas matas e uso de suas madeiras envolvia antigos e novos inimigos: índios de Jacuípe, cabanos, autoridades locais e donos de engenho.

No intuito de evitar um "derramamento de sangue", o prefeito de Rio Formoso pediu ao subprefeito de Água Preta "que empregasse toda atividade e prudência para que o capitão mor de Jacuípe não conseguisse por em prática o seu intento", enquanto solicitava ordens do presidente de Pernambuco e informava ao de Alagoas.[550] Desse trecho vemos que a primeira atitude dos representantes do governo de Pernambuco diante do conflito iminente entre índios de Jacuípe e remanescentes cabanos não foi a de enfrentamento armado ou forte repressão, mas a de aconselhar a cautela e prudência, tal como se fizera entre 1838 e 1839 no caso da perseguição ao juiz de paz de Jacuípe. Mais uma vez, em decorrência do medo de uma nova guerra na região, os índios de Jacuípe não sofreram represálias do governo. A Cabanada havia terminado, mas a tensão e o clima bélico permaneciam.

Mais do que isso, a defesa firme das matas da fronteira entre Pernambuco e Alagoas feita pelos índios de Jacuípe liderados pelo seu capitão-mor nos dá pistas das disputas e conflitos que por décadas acometiam a região e, provavelmente, se tornou um dos aspectos que motivou os índios a se envolverem na Cabanada, além de sua inserção nos jogos políticos locais. O prefeito interino do Rio Formoso utilizou todos os dados do ofício, no qual fez a denúncia sobre a ação do capitão-mor em impedir a retirada de madeiras das matas, para argumentar que o espaço reclamado pelos índios de Jacuípe era, em sua opinião, propriedade particular e pertencente à freguesia de Água Preta, em Pernambuco. Para demonstrar esse ponto, ele retomou o período de fundação do Arraial de Jacuípe e o seu objetivo inicial. Ao contrário da função dos

[550] Apeje. Pc 17. 24/08/1841. Ofício do prefeito interino do Rio Formoso, Francisco Gonçalves da Rocha, para o presidente da província de Pernambuco, Manoel de Souza Teixeira. Fl. 121-122v.

aldeamentos indígenas no período colonial, que era a de "reunir e civilizar as diferentes hordas errantes dos índios naturais do país", de acordo com o prefeito de Rio Formoso, o Arraial de Jacuípe fora formado como

> um verdadeiro estabelecimento militar de índios já civilizados, vindos outrora de outra capitania para o fim de não só aniquilar os quilombos de negros fugidos, a cuja perseguição deu-se o nome de guerra dos Palmares, como também evitar a formação de novos quilombos[551]

Ele continuou, afirmando que, por isso, não foi concedida "aos índios de Jacuípe porção determinada de terra para sua cultura, como propriedade da comunidade, e conforme o que se fazia aos outros, não tem eles terra alguma própria". A meia légua de terra onde estava assentado o Arraial era, na verdade, patrimônio da capela de São Caetano, concedida pelo fundador Christovão de Mendonça, que era sargento-mor e chefe de um dos corpos de Paulistas envolvidos na Guerra dos Palmares. Décadas depois, desaparecendo as atividades militares, o prefeito afirmou que os índios passaram a se espalhar pelas matas e, aos poucos foram deixando o Arraial, no qual, na década de 1840, pouquíssimos viviam. Ele concluiu, a partir dessas informações, que "os índios de Jacuípe são verdadeiros usurpadores, que capitaneados por um homem que dizem ser seu capitão-mor, só tratam de perturbar a paz e boa ordem de que esta comarca vai gozando".[552]

No contexto de disputas pelas matas e terras do aldeamento de Jacuípe, o prefeito de Rio Formoso tentava deslegitimar os direitos dos indígenas ali instalados sobre o território. Dessa forma, esperava afastar os índios de sua área de influência e assumir o controle sobre as matas nas quais eles circulavam.

As invasões das terras do aldeamento de Jacuípe por engenhos continuaria nos anos seguintes. Em 1862 essa situação foi denunciada em relatório, não apenas em Jacuípe, mas também nos aldeamentos de Atalaia, Santo Amaro e Urucu. Segundo o autor, o bacharel Manoel Lourenço da Silveira, os índios vinham sofrendo com as usurpações já há algum tempo por não indígenas que questionavam os limites das terras que os indígenas alegavam ser de sua posse. Sob esse pretexto, os intrusos iam se apoderando de "terrenos pertencentes à posse dos índios". Embora tenha feito essa denúncia, o bacharel não conseguiu precisar quais seriam os intrusos e há quanto

---

[551]Apeje. Pc 17. 24/08/1841. Ofício do prefeito interino do Rio Formoso, Francisco Gonçalves da Rocha, para o presidente da província de Pernambuco, Manoel de Souza Teixeira. Fl. 121-122v.
[552] Apeje. Pc 17. 24/08/1841. Ofício do prefeito interino do Rio Formoso, Francisco Gonçalves da Rocha, para o presidente da província de Pernambuco, Manoel de Souza Teixeira. Fl. 121-122v.

tempo os esbulhos ocorriam. Ele apenas fez a estimativa de que as invasões deveriam ter sido realizadas há vinte ou trinta anos antes da data do relatório. Portanto, entre as décadas de 1830 e 1840, ou seja, durante e após os conflitos armados da Cabanada.[553]

A partir das informações sobre esbulhos dos aldeamentos em Alagoas associadas às condições da região para a produção de açúcar e consequente instalação de engenhos, podemos inferir que os aldeamentos sofriam pressões ininterruptas pelo avanço dos canaviais, vendo os indígenas suas posses diminuírem a cada dia. Por outro lado, as matas do aldeamento de Jacuípe eram protegidas pelo tombo real, concedido no início do século XIX, fazendo com que a área fosse, oficialmente, de uso exclusivo para produção de embarcações da Marinha Real.[554] As matas protegidas pelo tombo real representavam um espaço de fuga e sobrevivência, de vital importância simbólica e econômica para o grupo indígena de Jacuípe. Assim como para os cabanos que participaram da revolta, para os índios de Jacuípe a Coroa conferia alguma proteção relativa às invasões de donos de engenhos ao manter as matas para o uso exclusivo da construção naval.[555] Por isso, faz todo o sentido se envolver em uma revolta, pegar em armas, arriscar suas vidas e usar da violência para manter as matas e defender um regime político que representava a sua proteção.

Associadas as questões relativas às matas, às terras do aldeamento e ao jogos políticos locais de alianças e inimizades em torno de disputas por cargos, torna-se possível compreender a participação dos índios de Jacuípe nos confrontos da Cabanada. A inserção como agentes ativos numa revolta a partir de motivações próprias, caracterizada por uma resistência armada nas matas da fronteira entre Pernambuco e Alagoas, fez com que os índios de Jacuípe fossem reconhecidos por sua força no combate e violência durante a guerra de guerrilha. Apesar da rendição e da miséria vivenciada nos momentos finais, a sua atuação na Cabanada levou a um ganho através da construção de um campo de manobra, mesmo restrito, no qual continuaram a atuar na busca dos seus interesses anos depois do fim da revolta. Esse ganho é significativo, pois permitiu que a ameaça e o uso efetivo da violência em situação de disputas locais por terras e cargos políticos não significasse represálias imediatas, e ainda os levou a conseguir seus intentos. O uso da violência dentro de

---

[553] Fala à Assembleia Legislativa das Alagoas pelo presidente da província, Antônio Alves de Souza Carvalho. 15/06/1862. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de (org.). Op. Cit. 1999, pp. 45-70.
[554] A questão relacionada ao tombo real também será tratada de maneira mais detalhada no Capítulo 1.
[555] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 2011, p. 193.

circunstâncias políticas atuou, portanto, como instrumento político em duas ocasiões: na própria revolta e na construção do campo de manobra.

Como vimos no capítulo anterior, o uso da violência, tal como vem sendo trabalhada por uma historiografia sobre a constituição dos Estados nacionais na América Latina,[556] pode ser entendido como um instrumento político, como um modo de ação social, e um fenômeno presente em toda a sociedade. A violência está intrinsecamente relacionada à mudança política e social, sendo usada pelos envolvidos como um instrumento para frear, acelerar ou precipitar tal processo. Assim, muitos estudos vem refletindo sobre o uso da violência concretizado em rebeliões, revoluções e resistência armada a partir do seu caráter acelerador ou modificador da dinâmica social e favorecedor da coesão social.[557]

Enquanto instrumento político de mudança política e social, a violência foi usada pelos índios nos enfrentamentos armados nas matas e em anos posteriores à revolta. Com isso, tentavam defender as terras do aldeamento e as matas das invasões de proprietários vizinhos, construíam e desconstruíam suas redes de relacionamento com não índios em função das circunstâncias, e se envolviam nas disputas por cargos políticos locais. O uso da violência e o estabelecimento de alianças políticas foram os caminhos traçados pelos índios de Jacuípe que lhes garantiram intensa participação no âmbito público e nos destinos políticos da localidade em que viviam e dos governo provinciais.

---

[556] IRUROZQUI, Marta (org.). Op. Cit. 2009. IRUROZQUI, Marta y GALANTE, Mirian (org.). Op. Cit. 2011. IRUROZQUI, Marta (org.). Op. Cit. 2011. IRUROZQUI, Marta (org.). Op. Cit. 2012.
[557] IRUROZQUI, Marta (org.). Op. Cit. 2011, pp. 19-20.

Espaço Insurrecional da Guerra dos Cabanos

Fonte: LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., p. 436.

4.3. Indígenas “fiéis governistas” do aldeamento de Barreiros: cisões internas e lideranças indígenas

Os índios de Barreiros estiveram dos dois lados do combate durante a Cabanada, alguns contribuíram com as forças do governo provincial enquanto outros apoiaram os cabanos. Destacaram-se duas lideranças indígenas no aldeamento, Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde Camarão e Bento José Duarte: o primeiro, descendente de uma linhagem tradicional de chefias em Pernambuco; e o segundo, um líder construído a partir do apoio de seus iguais e de suas escolhas frente às disputas das elites locais. Embora em alguns momentos os dois tenham lutado do mesmo lado, defendendo as forças imperiais, tiveram divergências e trajetórias diferentes, o que evidencia as formas pelas quais os índios de Barreiros participaram da Cabanada.

Muitos índios eram arregimentados para proteger a vila de Barreiros e também as suas vizinhanças de “salteadores” ou cabanos, quando os conflitos já haviam se estendido pela região produtora de açúcar. Para combater os cabanos da região do Una, no início de 1832, foram solicitados os índios de Barreiros. O comandante Bento Duarte, também conhecido como Bento dos Índios, foi notificado e colocou à disposição da repressão toda a sua gente, sendo que uma parte já estava em Barra Grande para combater João Batista. Outros tantos de sua tropa foram deslocados para Una para fazer frente aos revoltosos e retirar-lhes armas e munições.[558] A manobra militar de Bento dos Índios fora notificada para outras autoridades da região.[559] Ao reunir a sua tropa, Bento estava sob a ordens do Juiz de Paz de Barreiros, Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde. No entanto, em pouco tempo suas ações durante os conflitos mudaram e Bento passou a ajudar os cabanos.

Apesar de necessário para apoio das tropas imperiais nos conflitos armados, o deslocamento de um grande grupo de índios para a região de combate poderia causar problemas mesmo aos proprietários locais que supostamente seriam seus aliados. Enquanto marchavam em direção aos conflitos, Bento e seus subordinados roubaram gados pelo caminho, levantando a suspeita por onde passavam de que também poderiam roubar armamentos.[560]

---

[558] Apeje. JP4. 04/05/1832. Ofício do juiz de paz de Una para o presidente da província de Pernambuco. Fl.198.
[559] Apeje. CM10. 04/05/1832. Ofício de Inácio Rodrigues de Fonseca para o delegado de paz de Una, Sebastião Arcoverde. fl.473-473v.
[560] Apeje. JP4. 04/05/1832. Ofício para o juiz de paz do Una. 4 de maio de 1832. Fl.197.

Quando os conflitos entre cabanos e forças da Regência se intensificaram entre julho e agosto de 1832, os índios de Barreiros foram solicitados através de seu juiz de paz. Agostinho Panaxo foi requisitado para ajudar o juiz de paz do Una contra a "desenvoltura dos índios de Jacuípe a favor de Antonio Timoteo".[561]

Apesar de inicialmente terem ajudado militarmente as tropas lideradas por Agostinho José Panaxo Arcoverde, Bento José Duarte e os demais índios que o seguiam mudaram suas alianças. Passaram a apoiar os rebeldes cabanos, realizando investidas na área de Barreiros, inclusive contra a própria igreja matriz do aldeamento.[562] A construção dessa nova aliança fora motivada pela discordância de Bento e outros índios em relação a atitudes de Agostinho relativas ao uso das terras do aldeamento. Bento Duarte e alguns cabanos mantiveram essa aliança até meados da década de 1840, quando a Praieira estava prestes a eclodir.

Então, percebemos que havia cisões internas ao aldeamento, não sendo possível interpretar o posicionamento do líder mais proeminente na época, Agostinho Panaxo Arcoverde, como majoritário entre os seus comandados. As alianças, os apoios mútuos, os acordos e as inimizades mudavam conforme as circunstâncias locais, demonstrando a fluidez e a variedade de escolhas possíveis aos índios de um mesmo aldeamento.

Quando a estratégia de repressão do governo de Pernambuco e Alagoas mudou para a atuação num polígono da repressão em meados de 1834, os índios de Barreiros comandados por Agostinho Panaxo formaram uma coluna auxiliar. A sua função era confundir as patrulhas avançadas cabanas e iniciar o cerco numa área que correspondia a um polígono formado pelos povoados, vilas e engenhos invadidos pelos cabanos nos anos anteriores, abrangendo espaços próximos ao litoral e à região entre os rios Una e Jacuípe e à vila de Porto Calvo.[563]

As tropas de índios comandadas por Agostinho eram conhecidas e requisitadas em Barreiros e em outras vilas próximas por ali garantirem a segurança dos habitantes e afastarem os "salteadores", que naquela época eram os cabanos, pois "sempre os bateram em qualquer lugar em que eles se achavam".[564] Ou seja, os índios de

[561] Apeje. CM10. 23/08/1832. Ofício da Câmara de Sirinhaém para o presidente da província, Francisco de Cavalcante Paes de Andrade. fl. 484-484v.
[562] Apeje. JM 2B. 04/10/1845. Ofício do juiz municipal de órfãos de Rio Formoso, Fernando Afonso de Mello, para o presidente da província de Pernambuco, Antônio Pinto Chichorro da Gama. Fl.229-232.
[563] LINDOSO, Dirceu. Op. Cit., pp. 407-412.
[564] Apeje. CM14. 21/10/1835. Ofício do Juiz de Paz de Barreiros, Nazário Lopes, para a Câmara Municipal do Rio Formoso. Fl.283.

Barreiros, comandados por Agostinho Panaxo, representavam a certeza de segurança na região em que viviam, afugentando os cabanos que circulavam pela localidade para assaltar engenhos e roçados.

Em 1835, com a proximidade do fim da Guerra dos Cabanos e a fuga de um de seus líderes mais conhecidos, Vicente de Paula, o presidente de Pernambuco entendeu que poderia deslocar algumas de suas forças para combater uma reunião de escravos e pessoas pobres que incomodava há muito tempo o governo provincial, o quilombo do Catucá localizado nas imediações de Recife e Goiana. [565] Como novamente estava se formando "nas matas do Catucá quilombos de negros escravos, e libertos, que já hostilizavam os moradores das vizinhanças e passageiros como por vezes e em outros tempos hão feito", foram deslocados para a região índios da povoação de Barreiros e Guardas Nacionais, com o intuito "de perseguir, dispersar e prender os aquilombados, que talvez nos viessem a incomodar muito para o futuro se não fossem desalojados das matas". As ações dos índios e da força de Guardas Nacionais iam logrando sucesso, destruindo aos poucos o quilombo.[566]

No entanto, as tropas compostas pelos índios de Barreiros não eram necessárias apenas no enfrentamento ao Catucá. A sua força armada fazia muita falta na localidade de onde vinham, tanto que os moradores da freguesia fizeram um abaixo-assinado pedindo a interrupção da marcha do capitão Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde em direção à capital da província. Agostinho havia sido nomeado pelo presidente para encabeçar as forças da Guarda Nacional no combate ao Catucá. Os moradores argumentaram que eram essas mesmas tropas que mantinham a segurança do distrito, e a sua ausência fazia com que os habitantes do lugar fossem vítimas "dos malvados salteadores de Panelas e Jacuípe, que ainda existem", como também "de outros assassinos que a pouco acabam de fugir da cadeia de Sirinhaém". Os moradores afirmaram a "necessidade que causa com a retirada do mesmo capitão

[565] Ao contrário de outros quilombos, o do Catucá estava localizado em matas muito próximas das maiores cidades de Pernambuco no início do século XIX, Recife, Olinda e Goiana, entremeado de poderosos engenhos de açúcar da zona da mata norte. É provável que o início do quilombo esteja relacionado à fuga de escravos durante a Insurreição de 1817, que se abrigaram naquelas matas. O Catucá foi combatido mais duramente ao final da década de 1830, quando sucumbiu às forças do governo provincial compostas, em parte, pelos índios de Barreiros. CARVALHO, Marcus J. M. de. "O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco". In: REIS, João José. GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). *Liberdade por um fio*: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 407-432.

[566] AN. Série Interior AN* IJJ9251. 12/09/1835. Ofício do presidente da província de Pernambuco, Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, para o Ministro dos Negócios do Império, Joaquim Vieira da Silva e Souza. fl.196.

Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde e do resto da força que o mesmo consigo leva para a capital", pedindo finalmente a interrupção da marcha do capitão e a sua volta para que continuasse a fazer a segurança de Barreiros.[567]

O juiz de paz de Barreiros a época, Nazário Lopes, o mesmo que fora suplente em 1830, ratificou o pedido dos moradores à Câmara Municipal, para que seus membros pudessem levar a requisição à presidência da província. Nazário Lopes repetiu toda a argumentação dos moradores sobre a importância do serviço de segurança na região prestado por Agostinho Panaxo e suas forças, auxiliando o próprio juiz de paz em diligências.[568] Ao voltar do combate contra os aquilombados no Catucá, Agostinho Panaxo estava doente, sendo privado de realizar qualquer serviço referente à sua função de capitão da Guarda Nacional.[569] No entanto, isso não o impediu de se manter ativo na vida local como juiz de paz, e de ser escolhido, dois anos depois, como subprefeito de Barreiros.

A influência e importância de Agostinho Panaxo tanto entre seus liderados indígenas, quanto entre políticos e proprietários locais não indígenas, foram sendo solidificadas e reafirmadas ao longo da década de 1830 e início de 1840 devido, em parte, à sua forte presença militar em Barreiros e povoados vizinhos. Sua atuação militar também fez com que se tornasse pessoa de confiança do presidente da província para comandar as tropas contra o Catucá, e também das autoridades com as quais se relacionava cotidianamente. O poder adquirido nesse período fez com que suas opiniões fossem ouvidas em relação à administração dos índios e da vila, como também o muniu do poder de barganhar com proprietários vizinhos ao aldeamento.

4.3.1. Construção de lideranças indígenas: redes de relações políticas e exercício da cidadania

Em grande parte, os índios de Barreiros participaram dos combates armados da Cabanada na zona da mata sul pernambucana em função das lideranças indígenas Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde Camarão e Bento José Duarte. Acompanhar a trajetória, as divergências e as diferenças de ambos, bem como as formas como

[567] Apeje. CM14. Abaixo-assinado de moradores da freguesia de Barreiros à Câmara Municipal. 19 de outubro de 1835. Fl.281-282.
[568] Apeje. CM14. Ofício do Juiz de Paz de Barreiros, Nazário Lopes, para a Câmara Municipal do Rio Formoso. 21 de outubro de 1835. Fl.283.
[569] Apeje. GN1. 20/01/1836. Ofício do alferes Francisco Santiago Ramos para o presidente da província, Francisco de Paula Cavalcanti. Fl.152.

interagiam com as elites locais, ajuda a compreender as motivações que levaram esses indígenas a se envolverem nas querelas políticas de início do Oitocentos.

Agostinho ocupou várias funções importantes no governo local, com obrigações policiais e judiciais. Os seus feitos militares e dos índios que comandava foram lembrados para os abonar mesmo depois do fim da Guerra dos Cabanos. Quando no cargo de subprefeito, em 1838, a situação em Barreiros já estava sob controle, ou seja, os conflitos se encerraram e não havia mais rebeldes circulando pela região. Mas, o prefeito do Rio Formoso aconselhava que fossem mantidas as medidas de precaução, sendo estas asseguradas pelo subprefeito de Barreiros, o capitão Agostinho, que "não obstante ser índio tem-se mostrado amigo da boa ordem, na guerra de Jacuípe e Panelas pelejou sempre a favor da legalidade". Como pode-se observar por esse trecho, a classificação de "índio" estava conectada a significados negativos que, naquele período, eram relacionados aos problemas causados aos proprietários locais pela Cabanada. Conflitos e perdas que ainda estavam presentes na vida dos moradores da região. Por isso, o prefeito explicou que

> desta gente tenho aqui um pequeno número trabalhando de serventes na obra da ponte, mas julgo conveniente observar de perto o procedimento de todos, não só pela sua ignorância como pela sua suma pobreza, principalmente nas circunstâncias atuais de fome, motivo suficiente para avivar a inclinação natural de todos os índios para roubarem impunimente, o que nunca deixa de acontecer quando aparece a desgraça da anarquia inércia civil, maior de todos os flagelos.[570]

Pelo trecho acima, vemos que índios de Barreiros trabalhavam em obras públicas e, para as autoridades da região, era importante manter vigilância sobre eles, pois poderiam passar a roubar em decorrência do seu estado de miséria e fome. De acordo com o prefeito de Rio Formoso, era importante não deixar a "anarquia" se reiniciar, provavelmente fazendo referência aos acontecimentos da Cabanada. Portanto, Agostinho Panaxo liderava uma população que deveria estar controlada e também servir como mão-de-obra na localidade.

Ainda que tenham atuado, inicialmente, em conjunto na repressão aos Cabanos, Bento e Agostinho tinham suas desavenças. Anos antes da eclosão dos conflitos na mata sul de Pernambuco, os dois disputaram o poder de influência sobre a

[570] Apeje. Pc 5. 28/03/1838. Ofício do prefeito de Rio Formoso, Luiz Eller, para o presidente da província, Francisco do Rego Barros. Fl. 531-531v.

administração do aldeamento, passando a trocar acusações e a defender seus aliados. Bento José Duarte, no cargo de comandante das Ordenanças dos índios, fez várias acusações a Agostinho, como a de ser este um "homem intrigante[sic] e inimigo de sua majestade". Além disso, ele teria intenções de matar Bento Duarte e estaria acoitando ladrões, como Ignacio, a quem indicou para capitão-mor.[571] De fato, Agostinho Panaxo havia indicado Ignacio Panaxo Arcoverde para servir como capitão-mor da aldeia porque, segundo ele, fora "comandante velho exercendo bom governo e os índios só querem a ele".[572] Pelo sobrenome de ambos podemos concluir que eram da mesma família. Com um parente seu no cargo, é possível que Agostinho conseguisse maior poder sobre os outros índios de Barreiros.

Bento continuou seu ataque a Agostinho Panaxo, informando que ele não respeitava a autoridade do diretor nem do comandante dos índios, pois quando precisava formar tropas não pedia nem comunicava a nenhuma das duas autoridades da aldeia. Bento defendia o então diretor dos índios sendo este, portanto, seu aliado. De acordo com Bento, o diretor era "homem de bem".[573] Menos de um mês depois desse ofício de Bento Duarte contendo queixas sobre Agostinho Panaxo, o juiz de paz suplente de Barreiros, Nazário Lopes, enviou um ofício ao presidente da província, no qual fazia acusações contra Bento. Segundo o juiz de paz suplente, o comandante Bento Duarte teria mandado soltar um índio que fora preso por tentar matar um homem com uma faca. Sendo este índio preso novamente, mais uma vez Bento e seu irmão Tomás o soltaram "com o mesmo despotismo armados ambos".[574]

É muito provável que Nazário Lopes fosse aliado a Agostinho Panaxo, e com essa denúncia contra Bento, tentasse diminuir a autoridade do comandante dos índios, fazendo-o ser demitido do cargo. Da troca de acusações percebemos que, mesmo que muitos índios de Barreiros estivessem empenhados no combate aos cabanos, internamente a aldeia estava dividida entre duas lideranças indígenas, Agostinho José Panaxo Arcoverde e Bento José Duarte.

---

[571] Apeje. Ord 8. 19/03/1830. Ofício do comandante das ordenanças dos índios de Barreiros, Bento José Duarte, ao presidente da província, Joaquim José Pinheiro Vasconcelos. Fl. 50.
[572] Apeje. Ord 7. Ofício do juiz de paz de Barreiros, Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde, para o presidente da província, Tomás Xavier Garcia de Almeida. 25 de abril de 1829. Fl.221-221v.
[573] Apeje. Ord 8. 19/03/1830. Ofício do comandante das ordenanças dos índios de Barreiros, Bento José Duarte, ao presidente da província, Joaquim José Pinheiro Vasconcelos. Fl. 50.
[574] Apeje. JP 2. 26/07/1830. Ofício do juiz de paz suplente de Barreiros, Nazário Lopes dos Santos, para o presidente da província de Pernambuco, Joaquim José Pinheiro de Vasconcelos. Fl.137.

Diferentemente de Bento Duarte, Agostinho Panaxo havia ocupado alguns cargos importantes na vila e no aldeamento de Barreiros, como o de juiz de paz e capitão da Guarda Nacional. Em 1829, informou ao presidente da província que estava ocupando, na prática, os cargos de juiz de paz, de capitão-mor, de comandante e de diretor do aldeamento. Segundo Agostinho, nem o diretor nem o comandante que haviam sido empossados se importavam com o aldeamento, fazendo críticas diretas a Bento Duarte e seu aliado. Embora tenha afirmado que poderia atuar em todas as funções, era necessário que a situação fosse oficializada através de ordens do presidente. E caso se chegasse à conclusão de que ele não poderia assumir todos os cargos, indicava o índio Ignacio José Pessoa Panaxo Arcoverde para capitão-mor, o mesmo indivíduo do qual Bento Duarte se queixara. Apesar de assumir todos esses cargos, Agostinho reclamava que enquanto alguns obedeciam as suas ordens, outros não o faziam porque “mostram ser revolucionários a não obedecerem as ordens da lei”. [575]

Sete anos depois disso, ou seja em 1836, Agostinho ainda acumulava cargos no aldeamento, já que “entre os caboclos serve de comandante, diretor, juiz de paz e até tem vistas de organizar um corpo de Guardas Nacionais de duzentos a duzentos e cinquenta praças”.[576] Provavelmente, essa força de 200 a 250 guardas nacionais seria composta pelos índios recrutados na aldeia aonde o Juiz de Paz tinha jurisdição. Em 1838 exercia a função de subprefeito de Barreiros, sendo questionado em 1841, quando o prefeito da comarca do Rio Formoso pediu a sua demissão. Nessa época, Barreiros ainda era distrito da comarca do Rio Formoso e, por isso, as decisões sobre a vida política daquela localidade eram avaliadas pelas autoridades da comarca.[577] Segundo o prefeito, Agostinho era “inteiramente inábil para esse emprego”, sendo a freguesia “muito mal administrada”.[578] No entanto, poucos meses depois o prefeito de Rio Formoso foi substituído, e Agostinho foi mantido no cargo de subprefeito de Barreiros. O novo prefeito perguntou sobre este assunto a “pessoas fidedignas” das freguesias de Una e Barreiros, sendo-lhe dito que “o mesmo Panaxo era quem melhor podia exercer o cargo de subprefeito naquela freguesia, o qual (apesar de ter defeitos)

---

[575] Apeje. Ord 7. 25/04/1829. Ofício do juiz de paz de Barreiros, Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde, para o presidente da província, Tomás Xavier Garcia de Almeida. fl. 221-221v.
[576] Apeje. Pc 1. 28/06/1836. Ofício do Prefeito da comarca do Rio Formoso, Luiz Eller, para Presidente desta província, Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque. Fl. 514-514v.
[577] COSTA, F. A. Pereira da. Op. Cit. Vol. 8, p. 47.
[578] Apeje. Pc 17. Ofício do prefeito da comarca do Rio Formoso, Álvaro Barbalho Uchoa Cavalcanti, para o presidente da província, Francisco do Rego Barros. 20 de janeiro de 1841. Fl. 84.

goza de influência entre os seus com-paroquianos[sic]". Essa opinião o levou a concluir que Agostinho Panaxo deveria permanecer no cargo.[579]

Nas informações que se seguem sobre a administração de Barreiros, não conseguimos mais dados sobre a atuação de Agostinho Panaxo na subprefeitura, se permaneceu no cargo e por quanto tempo. Não obstante, o fato de ter ocupado algumas funções administrativas, dentre elas a de subprefeito por vários anos, demonstra sua influência política sobre indígenas e não indígenas. Convém ressaltar, mais uma vez, que as opiniões sobre ele não eram unânimes e, mesmo entre os indígenas, havia os que não concordavam com ele, como Bento Duarte. Mas a sua influência e o seu poder, bem como a articulação mantida com autoridades locais, faziam com que fosse ouvido e tivesse um grande poder de mando entre os seus, como ocorreu na Guerra dos Cabanos, quando as tropas de índios de Barreiros estavam sob seu comando.

Apesar de o juizado de paz de Agostinho Panaxo ter sido sobre um espaço relativamente pequeno, porque apenas tinha jurisdição sobre a aldeia,[580] ele exerceu esse cargo durante um tempo razoável, de 1829 a 1836 e, pelo já exposto anteriormente, possuía um poder de mando através desse cargo, e também por meio do de capitão da Guarda Nacional. Essa situação fazia com que pudesse se comunicar diretamente com o presidente da província de Pernambuco, bem como angariasse aliados e partidários entre não-indígenas de Barreiros que o defendiam e pediam a sua ação quando necessário.

Ser juiz de paz, mesmo que em um espaço reduzido, representava ter o poder de polícia nas localidades e o de julgar pequenas causas. Os juízes de paz eram responsáveis pela punição de pequenos crimes, evitando o acúmulo de processos nos tribunais superiores. Atuando sobre um pequeno distrito, tinham também por objetivo realizar um policiamento preventivo, portanto conheciam muito bem e controlavam a população de sua jurisdição. De acordo com Marcus Carvalho,

> da perspectiva das elites locais, ter o poder de polícia legalmente sancionado aumentava seu controle sobre a população livre pobre e sobre os escravos, já que eram os juízes de paz os encarregados de perseguir os quilombos[581]

[579] Apeje. Pc 17. 16/05/1841. Ofício do prefeito da comarca de Rio Formoso, João Manoel de Barros Wanderlei Lins, para o presidente da província, Manoel de Souza Teixeira. Fl. 108-109.

[580] Apeje. Ord 7. 25/04/1829. Ofício do juiz de paz de Barreiros, Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde, para o presidente da província, Tomás Xavier Garcia de Almeida. fl. 221-221v.

[581] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 2011, pp. 174.175.

Eram escolhidos através de eleições, nas quais eram reunidos os cidadãos votantes, ou seja, os que possuíam uma renda anual de cem mil réis. Assim, a legitimidade de suas ações e de sua autoridade era proveniente da escolha pelo voto, e não da indicação imperial, o que era uma grande mudança no sistema judiciário brasileiro.[582]

Além disso o juiz de paz tinha a atribuição de presidir a mesa eleitoral em todas as eleições locais, ou seja, para escolha dos vereadores, deputados provinciais, deputados gerais e senadores. Tudo isso ocorria na paróquia e passava pela mesa eleitoral presidida pelo juiz de paz, onde eram recebidos e apurados os votos.[583] Os juízes de paz eram também responsáveis por preparar as listas dos cidadãos capazes de votar nas eleições municipais.[584] Portanto, embora estivessem no nível mais localizado do sistema judiciário brasileiro, atuando apenas sobre seus distritos, os juízes de paz tinham um poder significativo ao lidarem com todos os processos relacionados às eleições nas paróquias e municipalidades. Para as elites locais, tê-los como aliados poderia significar o sucesso nas urnas e também a manutenção e ampliação de sua clientela política. Como demonstrou Wellington Barbosa em seu estudo sobre a capital da província, Recife, este cargo era um importante instrumento político para as elites locais, sendo inúmeras as denúncias de fraudes nas eleições para juiz de paz e nas presididas por eles, sendo recorrente o uso da violência.[585]

Assim, podemos inferir que, ao ocupar o cargo de juiz de paz, Agostinho Panaxo figurava como uma importante figura política em Barreiros, exercendo o poder de polícia através da sua força composta por índios, como era desejado pelos habitantes da freguesia, e também concretizando, nas urnas, as alianças articuladas com as elites locais. Ao mesmo tempo em que exercia a função de juiz de paz de Barreiros, Agostinho também era capitão da Guarda Nacional,[586] posição que reafirmava o seu poder local sobre os seus recrutados, bem como o seu prestígio na política da freguesia e localidades vizinhas.

Os critérios para servir na milícia eram os mesmos para exercer a cidadania através do voto, ou seja, a renda mínima anual de cem mil réis, além dos limites de

---

[582] SILVA, Wellington Barbosa da. Op. Cit., pp.125-126.
[583] Idem, pp. 129-130.
[584] FLORY, Thomas. *El juez de paz y el jurado en el Brasil imperial, 1808-1871*. Control social y estabilidad política en el nuevo Estado. México: Fondo de Cultura, 1986. p. 102.
[585] SILVA, Wellington Barbosa da. Op. Cit., p. 131.
[586] Apeje. GN 1. 20/01/1836. Ofício do alferes Francisco Santiago Ramos para o presidente da província, Francisco de Paula Cavalcanti. Fl.152.

idade entre 18 e 60 anos. Em Recife e outras grandes cidades da época, a renda mínima deveria ser de duzentos mil réis anuais. A restrição por renda, apesar de excluir muitas pessoas, não era um grande impeditivo para admissão de uma grande parte da população livre, já que o exigido não era exorbitante para os padrões do período, abrindo espaço para artesãos, comerciantes e assalariados independentes.[587] Por outro lado, as tropas de comandados, isto é, a maior parte do efetivo da Guarda Nacional, era composta por gente simples e pobre, muitas vezes recrutada à força.

Até agosto de 1836, os oficiais da Guarda Nacional eram escolhidos através de eleições para as quais era reunida uma assembleia de oficiais, sargentos e furriéis, sob a presidência do juiz de paz. No entanto, a partir daquela data, foi estabelecido por lei que os oficiais superiores seriam escolhidos pelo presidente da província, os subalternos também seriam nomeados pelo presidente a partir da indicação do comandante dos seus batalhões, e os oficiais inferiores seriam empossados diretamente pelo comandante do batalhão.[588] Essa modificação ocorreu devido à rejeição de membros das elites locais em aceitar que algumas pessoas assumissem os cargos de oficiais da milícia, tais como artesãos e oficiais manuais. Estes com frequência eram pardos ou negros. Quando acontecia de algum grande proprietário local ficar subordinado a um pardo ou negro na Guarda Nacional, era solicitada a revogação das eleições para oficiais, sendo alegado que faltavam-lhes os níveis apropriados de fortuna e "consideração social".[589]

Ao exercer a função de capitão da Guarda Nacional no início de 1836, Agostinho Panaxo Arcoverde, possivelmente, se beneficiou do momento em que os oficiais eram eleitos e não escolhidos por seus superiores, inclusive porque na documentação posterior a esse período sua patente não é citada. Além disso, proprietários e autoridades locais tinham uma clara necessidade dos serviços militares dos índios comandados por ele, o que deve tê-lo favorecido no provimento do cargo. Tendo em vista que já era juiz de paz no aldeamento de Barreiros, não deve ter sido difícil para ele angariar votos para a sua eleição como oficial da milícia. É importante ressaltar que toda a sua atuação estava baseada nas forças arregimentadas entre os indígenas de Barreiros, que eram os guardas nacionais subordinados de suas tropas e o ajudavam a realizar o policiamento na região. Portanto, a sua influência e o poder de

---

[587] SILVA, Wellington Barbosa da. Op. Cit., p. 65.
[588] Idem, p. 68.
[589] Idem, p. 67.

mando em Barreiros estavam oficializados nos seus cargos e baseados no contingente indígena que conseguia comandar.

Estabelecer um aliança com Agostinho Panaxo Arcoverde para um representante da elite local poderia significar mais votos para si ou, até mesmo, um arranjo no momento das eleições, bem como o policiamento de suas propriedades. Agostinho estava, então, profundamente inserido e envolvido nas redes locais de interdependências com os não-indígenas, nas relações de troca de favores e barganhas políticas.

Os cargos exercidos em Barreiros podem tê-lo ajudado a manter essas relações de dependência e trocas já estabelecidas ou, até mesmo, terem sido resultado da sua atuação militar em conjunto com seus comandados. Convém indicar que, ao assumir os dois cargos e cumprir as exigências para assumi-los, Agostinho estava qualificado como cidadão ativo do Estado brasileiro, além de poder acompanhar todo o processo eleitoral na freguesia onde vivia. A cidadania poderia ser acionada ou não, dependendo do diversificado contexto político, econômico e social das localidades aonde os indígenas habitassem. Se reconhecer e ser reconhecido como cidadão implicava numa série de questões para essas populações, principalmente no que se refere às terras coletivas das aldeias.

A questão da cidadania para indígenas era complexa e circunstancial, sendo importante para uns, como Agostinho, e pouco interessante para outros. Em Pernambuco, ao longo do século XIX, foi muito comum encontrar petições e requerimentos nos quais os indígenas se auto identificavam como obedientes ao governo imperial, enfatizando seu bom comportamento e o cumprimento das leis. Em alguns casos, retomavam as ações de seus antepassados como vassalos do rei de Portugal e seus serviços favoráveis ao regime colonial. Não encontramos registrada em suas petições e abaixo-assinados a demanda pela identidade de cidadão. Entendiam que, com essa estratégia, poderiam ter sucesso em seus pedidos para manutenção do território coletivo e melhor administração das aldeias. O que, por sua vez, reafirmava sua identidade coletiva relacionada a um território muito específico, em detrimento do seu posicionamento como cidadãos e dos benefícios e obrigações individualizadas que essa nova condição acarretava.

Agostinho Panaxo Arcoverde conseguia transitar bem entre as condições de indígena e cidadão ativo. Ele não chegou a reivindicar o status de cidadão nos documentos que produziu, talvez porque tal condição fosse evidente às outras

autoridades locais tendo em vista os cargos que ocupava. Provavelmente, alcançou esse status político devido à criação e ao estabelecimento de redes de relacionamento com não indígenas das elites locais, baseadas no comando e na influência que exercia sobre a maioria dos índios do aldeamento. No caso de Agostinho Panaxo Arcoverde era interessante assumir o papel de cidadão através do provimento da função de juiz de paz e capitão da Guarda Nacional, pois colocava-o entre os demais cidadãos de Barreiros, reafirmando a sua importância política. Com isso, concordamos com Vânia Moreira ao refutar a ideia de que no Império os índios não seriam cidadãos, nem brasileiros. [590] Entendemos que, a depender dos contextos com os quais se relacionavam, em alguns momentos e para alguns índios poderia ser interessante e proveitoso assumir a identidade de cidadão e indígena. Portanto, como homem livre, nascido em território brasileiro e ao atender os requisitos para participar da vida pública através do voto, Agostinho cumpria as obrigações para assumir o título de cidadão brasileiro e de ser empossado em cargos compatíveis com esse status político e jurídico. Tal interesse pela condição de cidadão não foi incomum, estando presente também entre líderes indígenas de várias partes da América Latina ao longo do século XIX.[591]

Agostinho Panaxo Arcoverde igualmente se apoiou no seu histórico familiar de lideranças cujo apoio foi fundamental para consolidar o domínio português na expulsão dos holandeses e para administrar e colonizar as áreas retomadas nos séculos posteriores, como já foi tratado no capítulo 1. Dessa forma, ele se adaptou aos novos contextos políticos no século XIX, inserindo-se nos jogos políticos locais através do provimento de cargos e legitimando suas ações por meio do seu histórico familiar, constituindo-se enquanto importante líder e político na aldeia e na vila de Barreiros.

4.3.2. Disputas entre líderes indígenas: conflitos fundiários em Barreiros

As diferenças entre Agostinho Panaxo Arcoverde e Bento Duarte, bem como a consequente divisão interna do aldeamento de Barreiros durante os conflitos da Cabanada, estão assentadas nas disputas pela administração das terras coletivas e suas rendas. Devido às redes de relacionamento que construiu, Agostinho Panaxo

[590] MOREIRA, Vânia M. L. Op. Cit. 2012, pp. 269.274.
[591] LIRA, Andrés. Comunidades indígenas frente a la ciudad de México. Tenochtitlán y Tlatelolco, sus pueblos y barrios, 1812-1919. México: El Colegio de México; Zamora: El Colegio de Michoacán, 1983. Apud: ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2011, p. 125.

Arcoverde, diferentemente de Bento, tinha grande influência e poder para interferir no provimento dos cargos da aldeia e também na administração de seu território.

Em 1829, Agostinho Panaxo se envolveu numa disputa com o diretor da aldeia pelas rendas pagas sobre o uso de partes das terras indígenas e, para embasar sua argumentação, fez críticas à forma de administração do diretor. Agostinho informou ao presidente da província que as queixas de habitantes de Barreiros sobre roubos de gado e destruição de plantações aumentaram depois que Manoel Leitão Filgueira assumiu como diretor da aldeia. Para o juiz de paz, a culpa não era dos índios, já que "são cidadãos pacíficos porque sabem respeitar as leis e obedecer as autoridades e que podem servir de modelo às mais aldeias". No entanto, ele acreditava que os índios precisavam de "homens probos", que saibam corrigi-los quando não quiserem cumprir com suas obrigações e que não deixem morar em suas terras criminosos, nem "salteadores". Os furtos e as desordens cometidos por esses criminosos é que estariam deixando a aldeia em descrédito. Por isso, aconselhou a escolha de um diretor que morasse mais perto da aldeia e que "não consuma e que não tenha em vistas desfrutar de nossas matas".[592]

Em outro ofício, o parente de Agostinho que assumira o cargo de capitão-mor da aldeia, Ignacio José Pessoa Panaxo Arcoverde, inseriu mais elementos nas críticas ao diretor da aldeia. Segundo ele, o diretor teria mandado assassiná-lo, assim como fizera com outras pessoas, inclusive com o antigo capitão-mor da aldeia. O diretor estaria cobrando os foros das terras pertencentes aos índios e à matriz sem prestar contas de onde estaria investindo esse dinheiro. Deveria estar custeando as obras da matriz, segundo Ignacio, mas não o fazia. O diretor também estaria destruindo as matas, retirando "preciosas madeiras", que haviam sido "herdadas por lei".[593]

Agostinho continuou o ataque ao diretor do aldeamento, afirmando que ele e o comandante dos índios, Bento Duarte, não obedeciam as suas ordens e, por isso, pedia que o presidente da província enviasse o que fosse necessário para Ignacio Panaxo servir como capitão-mor da aldeia.[594] Com isso, percebemos campos de alianças e inimizades distintos na aldeia: Agostinho era ajudado pelo seu parente Ignacio, enquanto o diretor do aldeamento, Manoel Leitão Filgueira, era apoiado por Bento

[592] Apeje. Ord 6. 24/02/1829. Ofício do juiz de paz de Barreiros, Agostinho José Pessoa Panaxo, para o presidente da província. Fl. 222-222v.
[593] Idem.
[594] Apeje. Ord. 7. 25/04/1829. Ofício do juiz de paz de Barreiros, Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde, para o presidente da província, Tomás Xavier Garcia de Almeida. Fl. 221-221v.

Duarte. Essa disposição de alianças ficou mais clara quando o próprio Bento Duarte defendeu o diretor dos índios, dizendo que era um "homem de bem", enquanto Ignacio acolhia ladrões no aldeamento e seria "cachaceiro".[595]

Apesar de não termos encontrado nenhuma defesa do próprio diretor em relação às acusações que foram feitas contra ele, temos a defesa do capitão-mor de Sirinhaém a favor de Manoel Leitão Filgueira. Embora os índios estivessem realizando furtos e assassinatos por falta de disciplina e direção, de acordo com o capitão-mor, o diretor não havia retirado madeiras das matas, nem destruído as terras. Quanto às rendas provenientes de aforamentos cobrados a diferentes posseiros, o capitão-mor de Sirinhaém informou não saber, mas acreditava que o diretor não teria feito "semelhante infâmia tão indigna de seu caráter".[596]

Grande parte da discussão sobre o diretor do aldeamento de Barreiros, baseada na crítica de seus opositores, Agostinho e Ignacio, e na defesa de seus aliados, Bento e o capitão-mor de Sirinhaém, girava em torno da administração da aldeia e das matas. Interferir na forma como esse território era administrado implicava em ter acesso aos recursos provenientes dos arrendamentos feitos a não índios. O interesse nessas rendas ficou ainda mais claro em outro ofício de Agostinho Arcoverde, no qual tratou abertamente do assunto. Com a justificativa de que era necessário fazer obras na matriz de Barreiros e também pagar os serviços já realizados na capela mor, o juiz de paz Agostinho Panaxo Arcoverde solicitou permissão ao presidente da província para cobrar as rendas sobre algumas terras tanto aos habitantes do aldeamento dos índios quanto aos da área da própria matriz. Alegou que a reforma da igreja traria um "bem comum" ao aldeamento e que a cobrança deveria ser feita pois os indivíduos encarregados anteriormente de fazê-la não tinham prestado conta através dos recibos comprobatórios, nem tinham apresentado o dinheiro arrecadado.[597]

Não sabemos se Agostinho passou a cobrar os arrendamentos como desejava, ou se o governo da província indicou outra pessoa para fazê-lo. Mas o seu pedido estava relacionado à discussão sobre o cargo de diretor dos índios de Barreiros e o conflito existente sobre as rendas do aldeamento, que deveriam ser fartas já que se tratava de terras apropriadas para plantação de açúcar e produtos de subsistência.

---

[595] Apeje. Ord. 8. 19/03/1830. Ofício do comandante das ordenanças dos índios de Barreiros, Bento José Duarte, ao presidente da província, Joaquim José Pinheiro Vasconcelos. Fl. 50.
[596] Apeje. Ord 7. 24/05/1829. Ofício do capitão-mor de Sirinhaém, Álvaro Barbosa Cavalcante, ao presidente da província, Thomas Xavier Garcia de Almeida. Fl. 217-217v.
[597] Apeje. Ord 7. 10/06/1829. Ofício do juiz de paz, Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde, para o presidente da província. Fl. 218.

O juiz de paz tinha interesses próprios nas rendas dos aforamentos, como podemos perceber por suas ações em meados de 1832, ou seja, durante a Cabanada. Nesse ano ele promoveu o aforamento perpétuo de quase um terço das terras da aldeia pela quantia de 120 mil réis anuais a Francisco Santiago dos Ramos, um dos proprietários do Engenho Tibiri, vizinho ao aldeamento. No momento em que o contrato foi realizado, Agostinho Panaxo recebeu adiantado o valor acordado para a renda anual do aforamento. [598]

Provavelmente no intuito de atender aos seus interesses pessoais, Agostinho justificou o contrato afirmando que

> Os índios não precisam delas [terras] para moradia e plantações uma vez que já estão sitiados em outros lugares, e as ditas terras só servem para o dito senhor por estarem anexas ao seu engenho Tibiri [...] fazemos este aforamento por ser este senhor Santiago pessoa muito boa para nós e ter sido até o presente bom vizinho [...][599]

Inserido como estava nas redes de relacionamentos políticos da localidade, Agostinho Panaxo angariou aliados entre os proprietários da freguesia, incluindo-se entre eles os proprietários do Engenho Tibiri, com quem fez o contrato beneficiando as duas partes. Ao final da Guerra dos Cabanos, quando Agostinho e suas tropas foram deslocadas para os arredores de Recife no intuito de combater o Quilombo do Catucá, um dos proprietários do Tibiri afirmou que apenas aquele juiz de paz conseguia policiar os índios de Barreiros. Ele informa que quando Agostinho Arcoverde se ausentava, os índios começavam a assaltar os engenhos e a roubar gado. Segundo Francisco S. F. Ramos, “os índios não respeitam e nem obedecem a outro qualquer que fique no seu lugar, tanto assim que pela falta do mesmo juiz de paz por ter estado este tempo na capital tem aparecido suas consequências”.[600] Desse relato e do posicionamento de Agostinho Arcoverde sobre o arredamento de terras da aldeia, inferimos que as relações dele com proprietários não índios era estreita, possibilitando a troca de favores e apoio e a formação de redes de dependência mútua entre potentados locais e líder indígena.

---

[598] FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit., p. 39.

[599] Gerência de Arquivo de Preservação do Patrimônio Histórico do Legislativo de Pernambuco. 02/08/1832. Série Petições, Caixa 116. Índios de Barreiros (1837-1838). Abaixo-assinado dos índios da aldeia de Barreiros para a Assembleia Legislativa da província de Pernambuco. Apud: FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit., p.40.

[600] Apeje. CM14. 19/10/1835. Ofício do proprietário do Engenho Tibiri, Francisco Silva Figueiredo Ramos, à Câmara Municipal da comarca do Rio Formoso. Fl. 285-285v.

O proprietário do Tibiri relatou ainda que alguns índios de Barreiros tinham feito roubos nas partes Morim e Campina Grande e também furtaram gados, como já tinham feito no Engenho Tibiri, sua propriedade. Morim e Campina Grande eram outros engenhos da região de Barreiros que possuíam uma densa mata atlântica, cachoeiras e riachos perenes, sendo uma área propícia para o plantio de cana de açúcar.[601] Os indígenas estavam assaltando, portanto, espaços de grandes potentados locais, proprietários de terras e escravos, aliados de sua liderança mais importante, Agostinho Panaxo Arcoverde. O documento escrito por Francisco S. F. Ramos trata dos roubos e furtos dos índios como algo recorrente nos engenhos da região, ou seja, nas terras de pessoas que apoiavam Agostinho, apontando que as alianças entre o líder indígena e os donos de engenho não eram aprovadas por todos os índios da aldeia, já que vários deles estavam assaltando aqueles a quem, teoricamente, deveriam apoiar.

Mais uma vez percebemos que, apesar de seu grande poder de mando entre os índios e influência política entre os não-índios, Agostinho Panaxo Arcoverde não era apoiado por todos os índios da aldeia. Os assaltos de índios aos engenhos de aliados políticos e as divergências que mantinha com Bento Duarte, indicam que Agostinho era questionado em sua liderança e que o aldeamento de Barreiros estava dividido internamente em facções. Isso ajuda a compreender um ataque contra o Engenho Tibiri realizado por indígenas liderados por Bento Duarte em 1846, que será tratado no próximo capítulo. No momento, basta assinalar que, em várias situações, Agostinho Panaxo Arcoverde agia por motivações pessoais de acordo com as alianças articuladas com os seus partidários proprietários de terras na região, sendo conivente e se beneficiando da invasão às terras do aldeamento. As diferenças e divisões internas ao aldeamento ajudam a compor o contexto local de disputas e a compreender os posicionamentos divergentes dos índios liderados por Agostinho Arcoverde e Bento Duarte.

Em 1836 fez nova investida nas terras da aldeia apoiado por seus aliados. Agostinho fez uma tentativa de novo arrendamento de parte de terras do aldeamento para o proprietário do Engenho Buenos Aires, Tomás José da Silva Gusmão, pela quantia de 100 mil réis anuais. Nessa ocasião, Agostinho já não era juiz de paz, sendo a sua situação usada para deslegitimar o aforamento, pois não era autoridade jurídica e, por isso, não tinha o direito de fazer contrato sobre as terras do aldeamento. O juiz

---

601 FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit., p. 41.

de direito de Rio Formoso, Manoel Teixeira Peixoto, que levou à Assembleia Legislativa a reclamação sobre esse novo aforamento, lembrava que a autoridade com competência para fazer esse tipo de transação era o juiz de órfãos de acordo com o decreto de 3 de junho de 1833.[602] Assim, Agostinho Panaxo Arcoverde não poderia negociar novamente parte das terras da aldeia em arrendamento.

Por outro lado, a influência de Agostinho Panaxo Arcoverde sobre os demais indígenas era reconhecida, a ponto de os não indígenas pedirem a opinião dele sobre como lidar com aquela população. O prefeito da comarca do Rio Formoso tentou recrutar índios de 13 a 17 anos para a Marinha, mas não conseguiu, pois

> nascidos e criados nas matas, nos matos querem viver e morrer; a maior ambição que lhes conheço é de gozarem a liberdade de gentios: tendo uma camisa e ceroula de algodão estão satisfeitos contanto que possam viver ao largo.[603]

Segundo o prefeito, deles não se podia esperar serviço voluntário, “principalmente enquanto estiverem aldeados, porque conservam sempre os seus antigos ritos e costumes”. O prefeito recorreu ao capitão comandante dos índios, Agostinho Panaxo Arcoverde, e este o informou que “só presos e recrutados serviriam na Marinha”. Ele mesmo já tinha recrutado alguns para o mesmo fim e quando foram enviados para Rio Formoso, vários fugiram e ficaram perdidos pela comarca.[604] Se Agostinho acreditava que apenas recrutados fariam o serviço militar, ou seja, de maneira forçada, é sinal de que essa era uma das formas utilizada por ele para compor as suas tropas. Ao lado da coerção, deveria também usar do convencimento junto aos seus comandados, bem como da sua legitimidade via histórico familiar. A força poderia não garantir sua autoridade e seu poder por muito tempo na aldeia, já que era frequentemente contestado.

Em outro momento, um coronel da freguesia tratou com o prefeito de Rio Formoso sobre a dificuldade em fazer os índios participaram das eleições que ocorreriam em 1837. Sugeriu que fosse chamado o capitão Agostinho Panaxo para trabalharem em conjunto com o objetivo de que os índios participassem do processo, embora não explique de que maneira se envolveriam. E queria que tudo fosse feito de tal maneira para evitar que os “índios entrem em total desgosto visto que eles ignoram

---

[602] FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit., pp. 42-44.

[603] Apeje. Pc 4.28/10/1837. Ofício do prefeito da comarca do Rio Formoso, Luiz Eller, para o presidente da província, Vicente Thomas Pires de Figueiredo Camargo. Fl. 303-303v.

[604] Idem.

o benefício que se lhes faz".[605] Portanto, era imprescindível convencer os índios a se envolverem no pleito, sendo a pessoa mais indicada para ajudar nisso o seu capitão Agostinho Panaxo Arcoverde.

As repetidas solicitações de ajuda feitas por autoridades locais e as ações de Agostinho Arcoverde no sentido de atender a essas demandas demonstram a articulação das redes de relações entre essa liderança indígena e seus poderosos aliados não indígenas. Por meio dessa troca de favores e apoios mútuos foram criadas relações de interdependências, assim como os caminhos possíveis para Agostinho galgar os cargos políticos que ocupou na vila e no aldeamento.

A partir desses importantes cargos, Agostinho Arcoverde conseguia recrutar grande número de índios para participar dos conflitos armados, tanto durante a Cabanada quanto na repressão ao Quilombo do Catucá. A sua habilidade em fazer com que indígenas de Barreiros participassem dos conflitos armados do período, a meu ver, está focada em algumas questões. O seu poder político permitia a realização de recrutamento forçado de muitos indígenas. Tal poder fora construído através de sua própria trajetória política com a ocupação de cargos locais e inserção nas redes de relações com importantes proprietários não indígenas da região. Toda a atuação de Agostinho era, então, reforçada pelo histórico de serviços prestados por suas famílias à consolidação do domínio português em Pernambuco. Ele soube atualizar os antecedentes de liderança de seus antepassados através dos cargos assumidos no século XIX, dos compromissos com não índios importantes e de seu envolvimento na vida política local.

Alguns anos após o período de intensa atuação de Agostinho Panaxo Arcoverde em Barreiros, outro descendente de suas famílias tratou dos feitos realizados por seus antepassados. Francisco Braz Pereira Arcoverde Camarão, como maioral dos índios de Barreiros em 1858, fez um requerimento ao diretor geral dos índios de Pernambuco no qual pedia soluções para a invasão das terras por não indígenas e a mudança do diretor da aldeia. Para justificar o seu pedido, o maioral dos índios de Barreiros relembrou que seus antepassados ajudaram voluntariamente a reprimir o Quilombo dos Palmares e que, por isso, receberam terras do Rei de Portugal em 28 de janeiro de 1698. Além desse grande feito, também afirmou que tais índios "não tem desmerecido o Governo Imperial, porque sempre fiéis governistas se

[605] Apeje. Pc 4. 08/10/1837. Ofício do coronel Barros para o prefeito da comarca de Rio Formoso, Luiz Eller. Fl. 304.

tem prestado em todas as crises". Como na Guerra dos Cabanos quando "o sangue dos índios de Barreiros, de 1832 a 1835 foi vertido em prol da obediência ao Governo de Sua Majestade imperial; e eles combateram ao lado de Vossa Senhoria por 3 anos",[606] sendo então liderados por Agostinho Arcoverde, antepassado de Francisco Arcoverde Camarão.

Em sua petição, Francisco Braz Pereira Arcoverde Camarão associou momentos em que os índios de Barreiros ajudaram a reprimir dois movimentos rebeldes, embora ocorridos em contextos muito diferentes. Importava demonstrar a obediência indígena ao Rei de Portugal e à Sua Majestade Imperial, numa lógica em que era central relembrar os serviços prestados ao rei na expectativa de reconhecimento de direitos especiais adquiridos no período colonial. Mesmo inserido num regime monárquico constitucional fundado em princípios liberais, Francisco Braz Arcoverde estava construindo uma cultura histórica, tal como outros índios da América Latina,[607] na qual fez uma mistura muito própria entre questões referentes a sistemas políticos e de hierarquização social diferentes para atender seus interesses e os dos demais índios aldeados. É igualmente significativo que o requerimento tenha sido feito por uma liderança indígena descendente das famílias Arcoverde e Camarão, demonstrando que o histórico de alianças dessas elites indígenas ainda contribuía, entre outros aspectos, para garantir a legitimidade das demandas de seus representantes perante a aldeia e não índios.

Com isso, percebemos que Francisco Braz construiu uma história de continuidade entre sistemas políticos diferentes, com o intuito de defender interesses coletivos pertinentes ao aldeamento. A continuidade criada fez emergir os acontecimentos que acreditava serem relevantes para a manutenção das terras coletivas e o bom relacionamento com o governo instituído, enquanto outros foram silenciados. Criou uma história de apoio dos índios de Barreiros aos governos vitoriosos tanto na repressão ao Quilombo dos Palmares, quando à Cabanada.

As lideranças indígenas de Barreiros e seus comandados atuavam, então, nos jogos políticos locais, tentando alcançar suas expectativas através das redes de relações que estabeleciam, e dos apoios, embates, alianças e trocas. Portanto, entendemos que a participação dos indígenas de Barreiros foi realizada a partir de

---

[606] Apeje. Petições-Índios. Novembro de 1858. Ofício do maioral dos índios da aldeia de Barreiros, Francisco Braz Pereira Arcoverde Camarão, para o diretor geral dos índios, José Pedro Velloso da Silveira. Fl.1-2.
[607] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2009, p. 210.

diferentes aspectos de suas vivências na freguesia e no aldeamento através das relações desenvolvidas com não-indígenas. Grande parte dessas vivências foi intermediada por uma liderança do aldeamento proveniente de famílias indígenas com histórico de contribuições militares ao estabelecimento da colonização portuguesa. As ações dessa liderança frente aos outros indígenas seriam legitimadas e, em sua maioria, aceitas. Como demonstramos, tal liderança não era aceita por unanimidade, sendo questionada por alguns de seus subordinados diretos na hierarquia militar. Assim, podemos afirmar que a participação dos índios de Barreiros na Guerra dos Cabanos ocorreu em ambos os lados dos embates armados e que o seu envolvimento estava intrinsecamente relacionado à busca da realização de suas expectativas e na sua atuação das disputas políticas locais e provinciais.

Na Guerra dos Cabanos se envolveram índios de grupos diferentes, assumindo posicionamentos opostos. Atuando em campos contrários, podemos afirmar que ambos participaram dos conflitos das elites, em parte, motivados por interesses próprios e de acordo com as condições locais construídas através de relações de interdependência com políticos e grandes proprietários não indígenas. É importante atentar, como afirma Marta Irurozqui,[608] que o envolvimento dos indígenas em rebeliões iniciadas por membros das elites não significa que os primeiros conceberam as suas demandas particulares como gerais, mas que o seu apoio foi considerado imprescindível para o êxito de um objetivo entendido coletivamente como nacional, seja pelos rebeldes ou pelo governo.

Ao atrelar seus interesses mais particulares a uma revolta, os indígenas conseguiam visibilidade política entre as elites políticas provincial e nacional, construindo espaços, ainda que restritos, para negociação de seus interesses. Agindo dentro de limites estabelecidos pela posição desprivilegiada que ocupavam na hierarquia social do Brasil oitocentista, redefiniam tais limites através de acordos e da violência empregada para alcançar seus objetivos e satisfazer suas expectativas que, em geral, estavam relacionadas às terras dos aldeamentos e às matas que os circundavam. À sua própria maneira compreenderam as transformações dos cenários

[608] IRUROZQUI, Marta. "El bautismo de la violencia. Indígenas patriotas en la revolución de 1870 en Bolivia". In: SALMÓN, Josefa. DELGADO, Guillermo. (editores). *Identidad, ciudadanía y participación popular desde la colonia al siglo XX*. Bolivia: Plural editores, 2003, p. 117.

políticos na província e na Corte, estabelecendo estratégias, que poderiam ser redefinidas em função de suas necessidades e seus interesses.

A participação indígena na Guerra dos Cabanos foi marcada pelo seu potencial bélico e sua importância para vitórias militares tanto para as tropas rebeldes quanto para as governistas. A sua ação política no momento da revolta foi concretizada pelo uso da violência,[609] o que nos leva a analisar a construção do Estado nacional brasileiro de maneira mais ampla e inclusiva através da criação de espaços informais para a participação política e para o exercício da cidadania.

O período político no qual a Cabanada se desenvolveu, quando o Império brasileiro estava sendo governado por regências, foi um grande laboratório de práticas políticas e sociais, como afirma Marco Morel. Foram discutidos conceitos e ideias marcantes para a formulação do Estado nacional,[610] num processo no qual diversos sujeitos históricos se mobilizaram e elaboraram lugares de exercício informal da cidadania. Podemos ainda afirmar que ao mesmo tempo estavam ocorrendo a formação do Estado brasileiro e o aprendizado político da população, nos termos propostos por Mônica Dantas.[611] E, assim, os grupos indígenas em conjunto com os indivíduos livres pobres e libertos, e também os escravizados, envolvidos na revolta criaram suas próprias interpretações sobre o exercício da cidadania e a ampliação da ideia de participação política.

---

[609] IRUROZQUI, Marta. Op. Cit. 2011, pp. 19-20. IRUROZQUI, Marta. GALANTE, Miriam. (orgs.). Op. Cit. 2011, pp. 22-24.
[610] MOREL, Marco. Op. Cit., pp. 9-10.
[611] DANTAS, Mônica. Op. Cit., p. 517.

CAPÍTULO 5

REELABORAÇÃO DAS REDES DE INTERDEPENDÊNCIAS E GANHOS SOBRE TERRAS: PARTICIPAÇÃO INDÍGENA NA PRAIEIRA E FORMAÇÃO DA ALDEIA DO RIACHO DO MATO.

A busca pela continuidade do uso coletivo das terras das aldeias se manteve como mote principal para o envolvimento de indígenas de Pernambuco e Alagoas nos embates políticos e na última rebelião da primeira metade do século XIX, a Praieira. Neste capítulo iremos analisar como os índios de Barreiros e Jacuípe articularam a sua participação na Praieira ao lado dos rebeldes, reelaborando alianças com antigos e novos aliados. Além do envolvimento na revolta, também trataremos da formação de um aldeamento na década de 1860 no lugar construído como refúgio por cabanos e praieiros, o Riacho do Mato. Embora tenha sido extinto na década seguinte a da sua criação, entendemos que o reconhecimento oficial da aldeia do Riacho do Mato, bem como a manutenção por mais alguns anos dos territórios coletivos dos indígenas envolvidos nas revoltas (Cimbres, Jacuípe, Barreiros), representaram um ganho efetivo para os grupos indígenas que, por décadas, defenderam suas terras de invasões. Grande parte deles percebeu que participar das rixas originadas entre as elites poderia ser mais uma estratégia para manter as terras dos aldeamentos.

A própria participação na Praieira, e nas rebeliões anteriores, e também outras táticas empregadas como a invasão de engenhos, revelam, novamente, o uso da violência como instrumento político para esses indígenas. Como vimos no capítulo anterior, através da ação coletiva pautada pela violência se tornaria possível acelerar, modificar ou frear processos sociais e políticos. Dessa forma, tais usos da violência podem deixar de ser vistos como desestruturadores e provocadores da desordem, para serem percebidos como conformadores de diferentes ordens sociais, dinâmica fundamental na formação de Estados nacionais na América Latina.[612] As ações políticas dos indígenas antes e durante a Praieira, além de apontar para o uso da violência, também indicam as transformações identitárias vivenciadas. Conforme seus interesses e necessidades, indígenas poderiam exaltar as fragmentações dentro da aldeia, o que configurava a formação de facções internas aos grupos. Ou poderiam escolher se mostrar como uma unidade, caso assim fosse interessante para alcançar

[612] IRUROZQUI, Marta Op. Cit. 2011, pp. 19-20.

seus intentos. Ao mesmo tempo, disputas pela identidade étnica dos grupos [613] surgiram em função dos conflitos pelas terras dos aldeamentos. Assim, era preciso ratificar a condição de indígena em face das classificações impostas de mestiços pelas autoridades e políticos locais.

A manutenção das terras coletivas assegurava aos indígenas, ainda durante o século XIX, um lugar específico nas sociedades pernambucana e brasileira. Como demonstrou Maria Regina Celestino de Almeida, os grupos indígenas aldeados adquiriram direitos específicos durante o período colonial, e chegaram ao século XIX reivindicando-os. [614] Como vimos nos capítulos anteriores, nos aldeamentos os indígenas garantiam a sua sobrevivência material, a realização e criação de seus ritos e costumes e um certo grau de autonomia em relação aos potentados locais. Diferentemente dos agregados, moradores e escravos dos engenhos da zona da mata, os indígenas, ainda que estivessem em posição subordinada, possuíam outros meios para negociar e reivindicar seus direitos. Líderes indígenas tiveram importante papel na atualização desse lugar específico no contexto de desenvolvimento da Praieira.

Movimentando-se em busca da realização de suas expectativas, indígenas se envolveram em revoltas que alcançaram projeção nacional, conseguindo, assim, marcar sua participação em processos mais amplos. Isso não significa que conseguiram fazer das suas reivindicações as demandas mais gerais das revoltas encabeçadas por líderes não indígenas[615], na maioria das vezes membros das elites. Mas souberam se articular a outras arenas de disputas em escala nacional, sendo o seu envolvimento fundamental para a constituição da província e, por consequência, do Estado brasileiro em formação.

As desavenças locais em Barreiros e Jacuípe receberam outros significados com as mudanças no panorama político, tornando-se importante acompanhar as negociações e rixas nas vilas e nos aldeamentos vinculados aos conflitos políticos provinciais que levaram à eclosão da Praieira.

---

[613] BOCCARA, Guillaume. Op. Cit., pp. 5-6.

[614] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2008, pp. 30-32. ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. "Comunidades indígenas e Estado nacional: histórias, memorias e identidades em construção (Rio de Janeiro e México-séculos XVIII e XIX). In: ABREU, Martha. SOIHET, Rachel. GONTIJO, Rebeca (org.). *Cultura política e leituras do passado*: historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 205. ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2003, p. 263.

[615] IRUROZQUI, Marta. Op. Cit. 2003, pp. 116-117.

5.1. Diversidade de interesses envolvidos na Praieira

Durante o "Quinquênio liberal" (1844-1848) em Pernambuco, a apropriação do aparato policial da província era uma preocupação tanto dos que faziam parte do governo (praieiros), quanto de seus adversários. Ser subdelegado, delegado e chefe de polícia representava a institucionalização do poder de potentados locais, como também o acesso a armamentos e munições providenciados e financiados pelo Estado. Além disso, os atributos das funções policiais se tornaram instrumentos políticos nas querelas entre senhores de engenho, tais como realizar investigações, prender suspeitos, iniciar inquérito, etc. Ao assumir a administração da província, os políticos liberais demitiram mais de 650 indivíduos que ocupavam funções de repressão e eram seus adversários políticos, alinhados ao partido conservador na Corte.[616]

Uma das ações mais frequentes da polícia praieira durante os anos de 1845 e 1848 foi invasão de propriedades de membros do Partido Conservador, respaldada, muitas vezes, pela acusação de que precisavam recuperar escravos furtados.[617] Essa não foi uma estratégia nova, e voltaria a ser usada pelos conservadores quando os liberais caíram em 1848, mas que causou uma turbulência entre os senhores de engenho que tiveram suas propriedades invadidas e ainda perderam os cargos de polícia. O poder de mando de quem estava fora dos cargos políticos naquele momento fora significativamente abalado.

Em 1847, os proprietários conservadores armaram sua clientela e partiram para o contra-ataque, tentando articular uma revolta mais organizada contra o governo praieiro, no intuito de destitui-lo da presidência da província. O movimento que passou a ser conhecido como "Revolta Guabiru" foi liderado por João do Rego Barros, irmão do Barão da Boa Vista, político conservador que governara a província antes dos praieiros, e José Pedro Veloso da Silveira. Este último era proprietário do engenho Lages, em Escada, onde os conservadores começaram a se reunir, aglomerando forças para enfrentar a polícia praieira.[618] José Pedro foi o primeiro Diretor Geral dos Índios da província de Pernambuco. Já o seu sobrinho, Pedro Ivo Veloso da Silveira, foi um dos principais líderes da Praieira, constituindo um forte foco de resistência ao sul de Pernambuco, numa região onde havia várias propriedades da família.

---

[616] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 1986, pp. 40-41.
[617] Idem, pp. 43; 48-49.
[618] Idem, pp. 73-74.

A "revolta guabiru" foi abafada em abril de 1848 pela queda do praieiro Antônio Pinto Chichorro da Gama da presidência da província e a ascensão de Manoel de Souza Teixeira, outro político liberal, mas que fazia parte de uma dissidência do partido praieiro. O novo presidente decidiu demitir vários praieiros dos cargos policiais, com isso os senhores de engenho conservadores viram a diminuição dos ataques às suas propriedades e deixaram de se levantar com armas. A pacificação do que foi considerado como uma "guerra civil" foi conseguida através da exoneração dos que ocupavam as funções de repressão estatal, e não pela derrota dos rebeldes conservadores. No entanto, os 41 praieiros exonerados de seus cargos se negaram a entregá-los, bem como as armas e munições que possuíam, o que levou à situação de permanecerem nos cargos mas sem as vantagens e benefícios proporcionados pelo Estado, como a disponibilidade farta de armamentos e munições.[619]

Com a queda dos liberais na Corte no Rio de Janeiro em setembro e a ascensão dos conservadores que estavam desde 1844 fora do poder, a situação em Pernambuco se inverteu. Aqueles que haviam sofrido os ataques mais duros da polícia praieira agora voltavam aos cargos provinciais, inclusive para as funções daqueles 41 praieiros que foram exonerados. Os senhores de engenho praieiros começaram a se armar no intuito de defender suas vidas e propriedades, argumentação, aliás, também usada pelos conservadores quando se viram debaixo do fogo e das intervenções policiais praieiras.[620]

A Insurreição Praieira começou quando uma tropa do governo conservador tentou prender à força um desses praieiros demitidos, Manuel Pereira de Moraes, senhor do engenho Inhamam em Igarassu. A resistência armada de Moraes impulsionou a mesma atitude em outros proprietários praieiros. Como argumenta Marcus Carvalho, "a raiz da Praieira foi esta disputa pelo poder local, principalmente pelos cargos na Polícia Civil, e secundariamente na Assembleia Provincial, nas Câmaras, na Justiça de Paz e Guarda Nacional".[621]

Após a eclosão dos combates armados tanto na zona da mata sul quanto na norte, alguns deputados liberais chegaram a Recife para aderir ao movimento dos senhores de engenho, embora alguns deles já tivessem feito duras críticas ao governo

---

[619] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 1986, pp. 81-83.
[620] Idem, pp. 82-85.
[621] CARVALHO, Marcus J. M de. Op. Cit. 2003, p. 212.

praieiro, como Borges da Fonseca.[622] Embora criticasse a relação dos praieiros na Corte, ele tornou-se o mais radical do movimento, escrevendo o "Manifesto ao Mundo", com propostas que causaram divergências entre as elites liberais na província.[623]

As contradições dentro do partido eram frequentes, existindo muitos interesses divergentes envolvidos, o que conferiu um caráter frentista à insurreição. Izabel Marson e Marcus Carvalho destacam que o partido reuniu desde ex-conservadores até republicanos, o que em parte dava força ao movimento, pois fazia convergir adversários do governo no poder, mas, por outro lado, o enfraquecia já que era comum a falta de consenso entre os rebeldes.[624]

O Manifesto ao Mundo escrito por Borges da Fonseca e que foi assinado por muitos senhores de engenho, em especial os que viviam ao norte de Recife, não despertava as mesmas opiniões entre os praieiros. Muitos deputados se viram obrigados a concordar com o Manifesto porque congregava algumas das aspirações da população pobre urbana, que acreditava em Borges e pegaria em armas para defender seus ideais.[625] Mesmo discordando em vários aspectos, muitos praieiros apoiaram o Manifesto de Borges que possuía propostas que iam muito além da defesa do constitucionalismo e demanda por maior autonomia política da província reivindicados pela maioria dos deputados praieiros. Ainda que fosse um homem da sua época, Borges da Fonseca desenvolveu uma proposta radical, fazendo várias exigências, tais como o voto livre e universal do povo brasileiro, o comércio a retalho exclusivo para cidadãos brasileiros e a extinção do sistema de recrutamento, então, vigente.[626] De fato as suas exigências traduziam, em parte, as necessidades da população pobre e livre da cidade do Recife.

Ainda que existissem muitas divergências, os deputados que chegaram ao Recife defenderam a principal demanda da população pobre urbana, a reinvindicação de nacionalizar o comércio a retalho. A defesa dessa ideia já ecoava pelo Recife meses antes da eclosão da Praieira, dispersa junto com os episódios de mata-marinheiros ocorridos na capital pernambucana. Os políticos praieiros tomaram essa

---

[622] CARVALHO, Marcus J. M de. Op. Cit. 2003, p. 215-216.
[623] CARVALHO, Marcus. CÂMARA, Bruno D. Op. Cit. 2011, p. 371.
[624] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 1986, pp. 86-87. MARSON, Izabel Andrade. *O império do progresso*: a Revolução Praieira em Pernambuco (1842-1855). São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, pp. 189-190.
[625] MARSON, Izabel Andrade. Op. Cit., p. 66.
[626] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 2003, p. 217.

demanda do povo e a traduziram em termos políticos nos discursos proclamados nos comícios de rua ou *meetings*, como eram denominados na época.[627]

Por outro lado, nas áreas rebeldes produtoras de açúcar, a população rural envolvida na Praieira era composta dos moradores de engenho e agregados dos potentados locais, escravos que eram armados por seus senhores para defendê-los, e por índios de aldeias próximas. Muitas vezes tratada pela historiografia como uma massa uniforme, desprovida de motivações próprias, esse grupo de rebeldes pobres do meio rural era heterogêneo e, tal como as elites que comandavam o movimento insurrecional, possuíam diferentes interesses para se envolver na revolta.

Os indígenas das aldeias localizadas na região dos conflitos, embora estivessem inseridos nas malhas das relações de clientelismo como os moradores e agregados, partiam de uma posição diferente na hierarquia da sociedade escravista pernambucana de meados do oitocentos, tal como demonstramos nos capítulos anteriores. Com a posse e usufruto do território coletivo podiam se posicionar de maneira muito especial nos conflitos e negociações, se recusando a apoiar um lado dos conflitos, ou conferindo ajuda ao grupo político que lhes interessasse. Podiam, também, resistir aos recrutamentos forçados, entrincheirando-se nas aldeias e negando-se a sair delas, como ocorreu em Cimbres em 1824. Em todas essas situações, as lideranças indígenas cumpriam um importante papel de intermediação entre os comandantes não-indígenas e as comunidades que chefiavam. Acompanhando os meandros da participação indígena na última grande revolta armada no contexto do Brasil Imperial, podemos compreender como a defesa das aldeias implicava na manutenção de uma identidade coletiva diferenciada no seio de um Estado em formação e que se pretendia homogêneo e pacífico.

5.2. Questionamentos sobre o arrendamento feito em 1832 no aldeamento de Barreiros

Mais uma vez, os conflitos em torno das terras do aldeamento de Barreiros e as alianças políticas locais eram o cerne do posicionamento indígena nos embates armados. Os índios de Barreiros, naqueles momentos de rixas políticas entre as elites de Pernambuco e de disputas armadas eivadas de violência, basearam-se em suas culturas políticas de negociações com não-indígenas, transformando-as para

[627] CARVALHO, Marcus J. M. de. CÂMARA, Bruno. Op. Cit. 2011, p. 376.

adaptarem-se às novas condições políticas advindas com o governo praieiro constituídos na província de Pernambuco entre os anos de 1844 e 1848.

Após a morte do líder indígena Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde, que ajudou na repressão à Cabanada, Bento José Duarte assumiu o comando do aldeamento de Barreiros, mesmo não fazendo parte daquelas famílias de longo histórico de relacionamento com a Coroa portuguesa e que fazia delas e dos demais indígenas de Barreiros "fiéis governistas".[628] Bento José Duarte conseguiu construir sua liderança dentro do aldeamento a partir das suas escolhas e enfrentamentos, evidenciando o faccionalismo dentro do grupo e a insatisfação de alguns indígenas com a direção de Agostinho. Tal como fizera na década de 1830, quando questionou algumas posturas do seu superior militar, Bento voltou a problematizar as escolhas políticas de seu antecessor, principalmente no que se referia ao arrendamento das terras coletivas, sendo apoiado por um grande número de índios do aldeamento. Bento se constituiu como uma outra liderança a partir dos conflitos internos e das disputas com proprietários de engenhos vizinhos.

Em 1845, Bento Duarte liderou um movimento que passou a questionar o arrendamento de parte de terras do aldeamento feito em 1832 por Agostinho Panaxo a Francisco Santigo Ramos, senhor de engenho vizinho. Um grupo de índios, liderados por Bento Duarte, começou a se queixar de perseguições que sofriam de Santiago Ramos, que era apoiado pelo juiz municipal de Rio Formoso, Fernando Afonso de Mello, por causa do aforamento de terrenos na aldeia. O juiz municipal, na tentativa de repelir as acusações, retomou algumas das justificativas usadas para realizar tal aforamento, inclusive a de que os índios aceitaram pacificamente o acordo, do qual Agostinho Panaxo tirou proveito particular ao tomar para o si o valor de 120 mil réis referentes ao contrato.[629]

A perseguição a qual os índios afirmaram sofrer se refere à ajuda conferida pelo mesmo juiz municipal em reconhecer o acordo feito apenas entre a liderança indígena e o proprietário local, mas que não possuía registro oficial. O próprio juiz municipal informou sobre o seu papel nesse processo ao presidente de Pernambuco, Antônio Pinto Chichorro da Gama, quando este pediu informações sobre a situação do

[628] Apeje. Petições-Índios. Novembro de 1858. Ofício do maioral dos índios da aldeia de Barreiros, Francisco Braz Pereira Arcoverde Camarão, para o diretor geral dos índios, José Pedro Velloso da Silveira. Fl.1-2.
[629] Apeje. JM 2B. 04/10/1845. Ofício do juiz municipal de órfãos de Rio Formoso, Fernando Afonso de Mello, para o presidente da província de Pernambuco, Antônio Pinto Chichorro da Gama. Fl. 229-232.

aldeamento. O juiz municipal informou que o foreiro Santiago Ramos havia lhe pedido que confirmasse ou notificasse o citado contrato de aforamento, por ser o juiz autorizado para isso. Ou seja, Santiago Ramos desejava "aforar judicialmente aqueles terrenos", por Agostinho Panaxo ter sido "incompetente" para tal feito.[630] Ao que o juiz deu logo prosseguimento ao processo por entender que naquela área aforada, Santiago Ramos construiu "um excelente engenho de fazer açúcar denominado Linda Flor", ganhando com os seus aforamentos a Fazenda Pública e os próprios índios. Em outra correspondência, o juiz municipal afirmou que aquele era "um dos melhores engenhos de fazer açúcar que existe neste município".[631]

Além desse contrato, Agostinho Panaxo também arrendou outras partes do aldeamento para outros foreiros que construíram cerca de três ou quatro engenhos, totalizando, junto com o arrendamento da área do Linda Flor, 275 mil réis em renda para a aldeia. Embora os aforamentos resultassem nessa soma significativa para o aldeamento, o juiz municipal não tinha conhecimento de onde o dinheiro tinha sido investido e quais eram os responsáveis por recebe-lo dos foreiros.[632] Poucos dias após os esclarecimentos fornecidos ao presidente da província, o aforamento de Santiago Ramos foi validado oficialmente pelo juiz municipal do Rio Formoso.[633] Em defesa de sua decisão, o juiz municipal argumentou que o referido foreiro se encontrava em posse pacífica dos terrenos em questão e, além disso, que o aforamento era útil para a agricultura, para a população da região e também para os índios, tendo em vista que a área não era usada por eles para as suas plantações. Os indígenas estavam, segundo o juiz, "todos aglomerados na meia légua de terra pertencente ao patrimônio de Santo Antônio da dita povoação, cuja meia légua de terra é contígua ao patrimônio dos mesmos índios".[634] Pelos fatos que ocorreram durante a validação do aforamento e nos dois anos seguintes, percebe-se que a opinião dos índios não era a mesma do juiz municipal: eles precisavam daquelas terras e passaram a defendê-las.

Antes da validação e arrematação das 800 braças do terreno a Santiago Ramos, vários índios de Barreiros capitaneados por Bento José Duarte se

---

630 Apeje. JM 2B. 04/10/1845. Ofício do juiz municipal de órfãos de Rio Formoso, Fernando Afonso de Mello, para o presidente da província de Pernambuco, Antônio Pinto Chichorro da Gama. Fl. 229-232.
631 Idem.
632 Apeje. JM 2B. 15/02/1845. Ofício do juiz municipal e de órfãos do Rio Formoso, Fernando Afonso de Mello, para o presidente da província de Pernambuco, Thomaz Xavier Garcia de Almeida. Fl.39-40.
633 Apeje. JM 2B. 21/02/1845. Sentença do juiz municipal de Rio Formoso, Fernando Afonso de Mello. p. 239.
634 Apeje. JM 2B. 04/10/1845. Ofício do juiz municipal de órfãos de Rio Formoso, Fernando Afonso de Mello, para o presidente da província de Pernambuco, Antônio Pinto Chichorro da Gama. Fl.229-232.

apresentaram na vila para impedir esse processo.[635] Nos trâmites judiciais foram representados por seu curador *ad litem*, o advogado Francisco da Silva Leitão, e através dele informaram que não foram ouvidos no processo de aforamento, desejando, por isso, tomar conhecimento do processo de arrematação para entrar com possíveis embargos de nulidade.[636] Através de seu representante jurídico, os índios apresentavam domínio dos meandros da justiça imperial em busca da conservação de seus direitos.

O juiz municipal de Rio Formoso aprovou o pedido dos índios para que tomassem conhecimento da avaliação sobre o aforamento, mas eles apenas poderiam ter acesso à documentação depois da arrematação ser concluída. A decisão do juiz municipal diminuiu a efetividade prática da ação dos indígenas em reverter o processo, pois uma vez validada a arrematação, como de fato ocorreu em 21 de fevereiro de 1845, os índios teriam muita dificuldade em reaver os terrenos sob litígio. A dificuldade de questionar o aforamento através dos meios legais e jurídicos aumentou quando o curador *ad litem* dos índios deu o seu parecer no sentido de não interferir mais no processo de validade da arrematação. Após tomar conhecimento dos autos e sanar as nulidades que pretendia usar para fazer a defesa dos seus curados, o advogado Leitão não apresentou mais nenhuma oposição ao processo. Por outro lado, informou que não deveria ser privado de ser ouvido quando fosse realizada a demarcação do referido território, talvez na tentativa de conseguir um último momento de defesa para os indígenas. Sem informar quais eram as possíveis nulidades à validação do aforamento ou mesmo como estas foram resolvidas, já que as descreveu como "sanadas", o curador dos índios deu um passo atrás e abriu caminho para a oficialização da posse sobre terrenos da aldeia para Francisco Santiago Ramos.

Diante da validação do arrendamento, a situação ficou mais tensa no aldeamento de Barreiros e em seus arredores, quando poucos meses depois cerca de cem índios armados se dirigiram à povoação de Rio Formoso. Segundo o mesmo juiz municipal de Rio Formoso, em decorrência da ação armada dos índios, muitas pessoas foram mortas e outras feridas. Por conta disso, o chefe de polícia, autoridade

---

[635] Apeje. JM 2B. 04/10/1845. Ofício do juiz municipal de órfãos de Rio Formoso, Fernando Afonso de Mello, para o presidente da província de Pernambuco, Antônio Pinto Chichorro da Gama. Fl.229-232.
[636] Apeje. JM 2B. 19/02/1845. Requerimento dos índios de Barreiros representados por seu curador ad litem. Fl. 239-239v.

máxima da hierarquia dos aparelhos de repressão da província, o senhor Antônio Afonso Ferreira, foi enviado para a vila para apurar os acontecimentos.[637]

Em seguida ocorreu outro episódio em que os índios se apresentaram armados com o objetivo de defender as suas terras. Foi sobre isso que o comandante interino Francisco de Barros Rego informou ao juiz municipal, Fernando Afonso de Mello. Os índios tinham comprado dois barris de pólvora para transformá-la em cartuchos, estando, assim, armados para resistirem "a qualquer proprietário de suas terras".[638] Levando em consideração as disputas entre eles e Santiago Ramos, a resistência deveria ter sido organizada contra o proprietário do engenho Linda Flor. Isso demonstra que o posicionamento do curador *ad litem* durante o processo de validação do referido aforamento não representava a demanda dos índios naquele momento. Eles reivindicavam a nulidade do aforamento e, para isso, haviam recorrido aos meios legais, sendo representados pelo curador. Como não conseguiram o que lhes interessava, decidiram pegar em armas e enfrentar o senhor de engenho que tinha se apossado de alguns terrenos da aldeia.

Mas, os índios de Barreiros não estavam atuando sozinhos, recebiam apoio de antigos aliados que, segundo o comandante interino, eram os que "acompanharam Vicente de Paula", o mais conhecido líder popular da Cabanada. Os aliados de Bento, ainda durante a Cabanada, se refugiaram em Barreiros depois de terem feito um ataque às tropas da província de Alagoas, permanecendo na vila "com as mesmas ideias e más intenções", conforme opinião do comandante interino.[639] É importante lembrar que ao final da Guerra dos Cabanos quase todos os indígenas desertaram, morreram ou fugiram das fileiras rebeldes, apenas restando para Vicente de Paula o apoio dos conhecidos "negros papa-méis", sendo possivelmente estes que se colocaram ao lado de Bento e dos índios de Barreiros em 1845 na disputa com Santiago Ramos. Os cabanos remanescentes ainda circulavam entre as vilas da zona da mata sul, principalmente entre Água Preta e Barreiros.

Mas, para o juiz municipal de Rio Formoso, Fernando Afonso de Mello, não eram todos os índios daquela região que estavam aliados aos cabanos remanescentes, já que, de acordo com sua perspectiva, havia uma divisão interna no grupo indígena.

[637] Apeje. JM 2B. 04/10/1845. Ofício do juiz municipal de órfãos de Rio Formoso, Fernando Afonso de Mello, para o presidente da província de Pernambuco, Antônio Pinto Chichorro da Gama. Fl.229-232.
[638] Apeje. JM 2B. 27/08/1845. Ofício do Comandante superior interino, Francisco de Barros Rego, para o juiz municipal de Rio Formoso, Fernando Afonso de Mello. Fl.247-247v.
[639] Idem.

A maioria dos índios de Barreiros estariam vivendo em paz com seus vizinhos e felizes com os arrendamentos realizados em sua aldeia. Em sua opinião, a movimentação contrária aos arrendamentos era realizada por outro grupo de índios.

> Bento José Duarte, e mais 12 apóstolos da perversidade que a posteriori se querem encaixar no dito Engenho Tibiri, por não poderem achar acolhimento entre os demais índios de Barreiros, que sinceramente os detestam, por serem eles os autores do incêndio que sofrera a sua própria matriz em 1832, quando principiou a guerra dos Cabanos, e das muitas outras atrocidades passando-se depois para as forças do caudilho Vicente de Paula[640]

Nesse trecho, Fernando Afonso de Mello informou que os índios capitaneados por Bento tentavam se instalar no engenho Tibiri, também de propriedade de Francisco Santiago Ramos, o mesmo dono do Linda Flor. Bento Duarte e seus liderados avançavam sobre as posses de Santiago Ramos, no intuito de retomar através da força a área que haviam pleiteado judicialmente alguns meses antes. Se Bento Duarte conseguiu ser seguido por uma quantidade expressiva de índios, é sinal de que o seu pleito era legítimo e respaldado pelo apoio dos seus liderados, o que ajudava a consolidar o seu comando entre uma parte dos índios do aldeamento.

Por sua vez, o juiz municipal tentava deslegitimar a liderança e a atuação de Bento Duarte tendo em vista que outros tantos índios de Barreiros o detestavam, de acordo com sua opinião. Ao lidar com as facções existentes dentro do aldeamento, o juiz de paz tentava criar um discurso de convivência pacífica na vila e de contentamento dos índios em relação aos aforamentos de suas terras, de modo a justificar a sua ação em conjunto com os posseiros e senhores de engenho.

Com isso, mais uma vez percebemos que Bento Duarte se posicionou num campo oposto ao de Agostinho Panaxo nos momentos finais da Cabanada, embora o tenha ajudado no início dos conflitos da década de 1830. A divisão interna na aldeia fazia com que antigos acordos sobre o uso das terras fossem revistos e questionados pelos próprios indígenas e revigorava antigas alianças. Naquele momento, Bento Duarte construiu seu protagonismo baseado em suas escolhas passadas, em suas alianças com não-índios e ao reunir a insatisfação de uma parcela dos índios de Barreiros sobre as usurpações feitas nos terrenos da aldeia.

Com os índios armados, prontos para resistir, e diante da iminência de um novo conflito na região, o comandante interino pediu auxílio para compor uma força

[640] Apeje. JM 2B. 04/10/1845. Ofício do juiz municipal de órfãos de Rio Formoso, Fernando Afonso de Mello, para o presidente da província de Pernambuco, Antônio Pinto Chichorro da Gama. Fl.229-232.

maior e prevenir o possível ataque dos índios. Se assim não fosse feito, "pode acontecer, como é mui fácil, de se reunir todos os índios e aparecer um total rompimento".[641] O medo de um levante indígena era evidente e fazia com que as autoridades policiais tentassem se prevenir.

A ação indígena não ocorreu na forma de um levante, mas como um ataque a um dos engenhos de Santiago Ramos, o Tibiri, que já estava sendo ocupado por índios liderados por Bento Duarte. Em meados de 1846, Santiago Ramos começou a realizar as demarcações das suas terras que, como já vimos, pertenciam à aldeia e foram aforadas em 1832. É provável que nessa demarcação, o proprietário dos engenhos Tibiri e Linda Flor não tenha respeitado os limites das terras aforadas, mas tenha invadido um pouco mais as que eram de uso indígena. Diante dessa situação, os índios sob a liderança de Bento Duarte reagiram e passaram a atacar com flechadas a casa do engenho Tibiri, matando um oficial, o que obrigou o proprietário a contratar capangas para protegê-lo e depois fugir. Os índios ameaçaram invadir a vila de Barreiros, mas logo em seguida desistiram.[642]

O ataque de parte dos índios de Barreiros a um engenho de um importante proprietário da região pode ser compreendido a partir do histórico de relações conflituosas vivenciadas entre ambas as partes, principalmente entre o grupo de índios chefiado por Bento Duarte. O avanço indígena em direção à casa grande do engenho contou com uma certa audácia, especialmente quando levamos em conta que havia outro grupo de índios que era favorável à posse de Santiago Ramos, provavelmente seguindo ainda o posicionamento tomado por sua antiga liderança Agostinho Panaxo. Outra questão a ser levantada é que, tendo em vista que alguns cabanos remanescentes viviam nas matas de Barreiros e apoiavam a facção indígena de Bento Duarte, é possível que o ataque ao engenho Tibiri tenha contado com ajuda de "negros papa-méis", o que deve ter intensificado a violência do ataque e o medo do proprietário, fazendo-o fugir, já que os cabanos tinham larga experiência em conflitos armados e guerra de guerrilha.

Além disso, naqueles anos entre 1845 e 1847 estava se tornando cada vez mais comum os ataques a engenhos motivados por disputas políticas entre adversários da

---

[641] Apeje. JM 2B. 27/08/1845. Ofício do Comandante superior interino, Francisco de Barros Rego, para o juiz municipal de Rio Formoso, Fernando Afonso de Mello. Fl.247-247v.

[642] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 1986, pp. 28-29. CARVALHO, Marcus J. M. de. "Os índios e o ciclo das insurreições liberais em Pernambuco (1817-1848): ideologias e resistência". In: *Índios do Nordeste*: temas e problemas - III. Maceió: Edufal, 2002, pp. 79-80.

política provincial. Uma das políticas da polícia praieira, durante o quinquênio liberal em Pernambuco, foi a de investir sobre os engenhos de seus inimigos considerados conservadores com a justificativa de resgatar escravos roubados. Fortemente armadas devido ao incentivo e financiamento conferido pelas autoridades encarregadas das funções no governo provincial, as autoridades locais da administração praieira varejavam, como se dizia na época, as propriedades de seus adversários.[643] Os índios de Barreiros assumiram postura parecida e recorrente entre as elites do período para defender o seu pleito em relação ao uso das terras da aldeia.

No entanto, a ação indígena teve uma consequência inesperada. Os habitantes das vilas de Una e Barreiros pediram ao Imperador que os índios de Barreiros fossem transferidos "para outro qualquer lugar" devido aos insultos que vinham sofrendo destes. Por isso, o presidente de Pernambuco, Antônio Pinto Chichorro da Gama, exigiu mais informações do chefe de polícia da província.[644] Em sua resposta, o chefe de polícia deu parecer contrário à solicitação dos moradores de Una e Barreiros, argumentando que aqueles mesmos índios haviam ajudado as tropas liberais a combater a Guerra dos Cabanos. Os índios haviam apoiado os mesmos praieiros que na década de 1840 voltaram ao poder e comandavam a província e isso deveria lhes garantir a posse sobre as terras coletivas do aldeamento, segundo o chefe de polícia da província.[645]

Portanto em 1846, quando a aldeia sofria com a possibilidade de ter seus habitantes deslocados para "qualquer outro lugar" devido aos conflitos com o dono do Tibiri, as escolhas e o posicionamento político de Agostinho Panaxo Arcoverde durante a Cabanada contribuíram para salvar o destino de seu adversário Bento Duarte e dos demais índios por ele liderados, e que haviam ajudado e recebido apoio dos cabanos. Percebemos que a complexidade das alianças estabelecidas entre índios e não-índios não dependia somente das condições políticas e econômicas locais, provinciais e nacionais, mas também das próprias dissensões internas ao aldeamento, das cisões e faccionalismos revelados através da emergência de lideranças indígenas que ganharam visibilidade e importância na vida local a partir das próprias disputas internas.

---

[643] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 1986, pp. 42-43.
[644] PC 327. 09/06/1846. Ofício do presidente da província de Pernambuco, Antônio Pinto Chichorro da Gama, para o chefe da polícia interino, Joaquim Teixeira Peixoto de Abreu e Lima. Fl.173.
[645] CARVALHO, Marcus J. M: de. Op. Cit. 2002, p. 80.

Dessa forma, a vida da aldeia interferia diretamente na forma como as elites locais se relacionariam com seus habitantes, atingindo, por sua vez, as redes de dependências e relações das elites locais. Em alguns momentos, o aldeamento de Barreiros era compreendido pelas autoridades não indígenas por meio das suas divisões internas e, em outros momentos, os benefícios e o histórico de relacionamento de um dos grupos que compunham o aldeamento ajudavam à coletividade como uma unidade. É muito provável que as mudanças da identidade coletiva e de posicionamento político desse grupo, entendida ora enquanto unidade, ora de maneira fragmentada, desencadeadas pelos acontecimentos políticos e relações com não-indígenas, tenham sido apropriadas pelas lideranças indígenas e também por seus comandados. Retomando a proposição de Max Weber sobre a importância da ação política em torno de objetivos comuns na constituição do sentimento de comunhão étnica[646], podemos inferir que a identidade desse grupo, diante de situações de conflitos e disputas, poderia se mostrar de maneira dinâmica e flexível, adotando formas diferentes e adequando-se a seus intentos políticos. Além da ação política, as interações e trocas entre grupos também são aspectos constitutivos das identidades étnicas, sendo estas elaboradas de maneira contrastiva e relacional, conforme as proposições de F. Barth.[647] Podemos afirmar, então, que os índios de Barreiros apresentavam-se de maneira unitária ou fragmentada em função dos seus próprios interesses, das circunstâncias políticas e das relações que construíam com outros agentes sociais. Tanto a situação política quando as alianças e rivalidades podiam se transformar, levando a reelaborações e atualizações por parte dos indígenas em suas identidades e estratégias políticas.

Não é de causar surpresa que Bento Duarte tenha guardado silêncio sobre a decisão do chefe de polícia em manter a aldeia, em decorrência das ações daqueles que tinham apoiado os liberais sob as ordens de Agostinho Panaxo na década de 1830. Era de interesse de ambas as facções que o aldeamento permanecesse em Barreiros, onde estabeleceram sua vida de acordo com seus costumes e a posse das terras coletivas há séculos. Serem vistos como unidade pelas autoridades não-indígenas naquele momento, ainda que houvesse sérias divergências dentro do aldeamento, foi fundamental para manterem o acesso coletivo às suas terras.

---

[646] WEBER, Max. Op. Cit., pp. 270-274.
[647] BARTH, Fredrik. Op. Cit., pp. 25-68.

Frente ao argumento do chefe de polícia, a atitude do presidente de Pernambuco foi menos enérgica do que a desejada pelos moradores de Una e Barreiros. Deu ordens para que o subdelegado de Barreiros continuasse na diligência de prender os índios que foram pronunciados e desarmar os que fossem encontrados armados. Além disso, era necessário providenciar "por meios brandos a que eles se conservem tranquilos nas suas aldeias e se entreguem ao trabalho".[648] Portanto, os índios não seriam severamente punidos com o seu deslocamento para um local desconhecido, mas alguns deveriam ser presos ou desarmados, e os demais tratados brandamente para que a paz fosse restaurada ao lugar e se sentissem motivados a trabalhar. Além do reconhecimento pela ajuda conferida por eles durante a Cabanada, as autoridades locais e senhores de engenhos deviam temer o início de mais um levante indígena ou ataque violento às propriedades da região.

Não obstante, seriam os índios de Barreiros que sofreriam outra investida do dono do engenho Tibiri no ano seguinte, dando continuidade aos conflitos em torno daqueles terrenos. Acompanhar os conflitos entre índios e Santiago Ramos acerca dos terrenos da aldeia e dos engenhos de açúcar nos ajuda a compreender a inserção desses índios nas disputas políticas da província.

No ano seguinte do ataque ao engenho Tibiri, isto é, em 1847, novamente houve divergências e conflitos relacionados aos limites entre engenhos e aldeamento. Nesse ano, Santiago Ramos mandou proceder à demarcação judicial das terras de seus engenhos, entre os quais estava o Tibiri, cujo território, como já vimos, era parte da aldeia que fora aforada em 1832, sendo o processo confirmado em 1845. As questões referentes aos limites do engenho Tibiri voltaram à tona em 1873, quando o engenheiro Luiz José da Silva começou os procedimentos para demarcação da área do já extinto aldeamento de Barreiros, de acordo com as determinações resultantes da Lei de Terras de 1850. Durante o processo de reconhecimento dos limites do antigo aldeamento, o trabalho do engenheiro foi questionado por um dos proprietários de engenhos inseridos naquele espaço. Caso um dos limites em questão fosse reconhecido como pertencente ao aldeamento, as terras onde o engenho Tibiri estava localizado passariam ao patrimônio do Estado, já que eram da aldeia antes da sua extinção e, assim, a demarcação judicial realizada em 1847 a mando de Santiago

[648] Apeje. PC 327. 28/08/1846. Ofício do presidente da província de Pernambuco, Antônio Pinto Chichorro da Gama, para o chefe de polícia interino, Joaquim Teixeira Peixoto de Abreu e Lima. Fl. 260.

Ramos seria anulada. Pela planta da extinta aldeia, que estava sendo estudada pelo engenheiro, e pelo tombo de demarcação e delimitação daquele engenho, Luiz José da Silva identificou que o Tibiri "apodera-se da maior parte de sua superfície [aldeamento], restando aos índios a pior e a mais insignificante".[649]

A referida demarcação de 1847 fora praticada pelo poder judiciário, mas com prejuízo dos índios e, àquela altura, também do Estado. Retomando o histórico do processo de 1847, o engenheiro Luiz José informou que a demarcação foi julgada em 22 de junho desse ano pelo juiz de direito de Rio Formoso, Custódio Manoel da Silva Guimarães, não sendo intimadas as partes interessadas. Por isso, os índios não foram comunicados nem fizeram parte do processo de demarcação. O engenheiro também informou que os marcos implantados para estabelecer os limites entre os engenhos Tibiri, Linda Flor e Cachoeira Alta, e o aldeamento de Barreiros foram arrancados e destruídos pelos próprios índios, que "assim solenemente protestavam contra a usurpação e espoliação do que lhes pertencia". Na época da demarcação, o curador dos índios, José Antônio Pimentel, fez um protesto mostrando como todo o processo fora ofensivo aos direitos indígenas. Para legitimar as suas posses sobre aqueles terrenos, Santiago Ramos retomou doações de sesmarias realizadas nos séculos XVII e XVIII que, segundo ele, não contemplavam o aldeamento de Barreiros, colocando os indígenas como usurpadores das terras dos engenhos. Essa argumentação foi negada e questionada pelo engenheiro Luiz José da Silva.[650]

Concluiu o engenheiro que a demarcação do engenho Tibiri em 1847 não foi verdadeira e que mesmo assim o fizera Santiago Ramos para satisfazer suas vontades, pois por não conseguir expandir suas posses ao norte devido à resistência de outros senhores de engenhos vizinhos, tratou de avançar em direção às terras dos índios. Além do engenho Tibiri, pelos estudos para demarcação realizados em 1873, havia outros engenhos que estavam inseridos na área do aldeamento. Eram eles Cachoeira Alta, São Pedro, Pau Ferro, Serra d'Água e Araticum, além de partes de outros engenhos que também ocupavam trechos da área indígena.[651] As disputas pelos limites entre as terras do aldeamento e dos engenhos vizinhos, primeiro de propriedade de Santiago Ramos e depois de Paulo Amorim de Salgado, continuaram pela década de 1850, quando o presidente da província de Pernambuco, Francisco

---

[649] Apeje. Diversos II, 29. 16/08/1873. Ofício do engenheiro, Luiz José da Silva, para o presidente da província, Henrique Pereira de Lucena. Fl. 194-204v.
[650] Idem.
[651] Ibidem.

Antônio Ribeiro, anulou o aforamento das terras do aldeamento e a demarcação de 1847. As rixas chegaram à década de 1870, quando as terras dos aldeamentos extintos em Pernambuco[652] começaram a ser identificadas e demarcadas para reverter suas rendas à Fazenda Pública.[653]

No momento cabe ressaltar que, ao longo da década de 1840, quando eclodiram os conflitos da Praieira, os índios de Barreiros, principalmente os liderados por Bento Duarte, tentaram defender as terras do seu aldeamento, articulando e refabricando alianças com não indígenas, fossem políticos liberais proprietários de engenhos ou cabanos remanescentes dos embates da década de 1830. Em busca da defesa de seus interesses e suas necessidades, mantiveram, em parte, a aliança estabelecida com os liberais durante a Cabanada, o que lhes garantiu a continuidade da existência do aldeamento em reconhecimento à sua importante ajuda. Por outro lado, as suas alianças eram matizadas pelo avanço e usurpações sofridas em seus territórios diante da expansão dos engenhos, consequência do crescimento da economia açucareira do período. Mais terras eram necessárias na zona da mata sul, e as dos aldeamentos ali localizados seriam preferencialmente atingidas.

5.3. Enfrentamentos armados na Praieira

Os conflitos armados da Praieira, como já vimos, começaram quando, em novembro de 1848, houve a tentativa de prender e desarmar o coronel Manoel Pereira de Moraes, poderoso dono do engenho Inhamam, localizado em Igarassu ao norte de Recife. À sua resistência no engenho, seguiram-se os conflitos armados entre a polícia conservadora recém-empossada e os outros senhores de engenho praieiros. Os parlamentares praieiros apoiaram e aderiram à revolta.

---

[652] Em Pernambuco, ao longo das décadas de 1860 e 1870 foi intensificado o processo de extinção dos aldeamentos indígenas. Entre os argumentos articulados para justificar o processo, o mais utilizado foi o de que já não havia "índios puros" nas aldeias, mas apenas os seus remanescentes misturados à sociedade envolvente que, por isso, não teriam direito ao acesso coletivo às terras das aldeias instaladas ainda no período colonial. Todo esse processo foi permeado pelo uso de diferentes estratégias pelos indígenas na luta pela manutenção das suas terras. Sobre a extinção das aldeias em Pernambuco, consultar: VALLE, Sarah Maranhão. *A Perpetuação da Conquista*: a destruição das aldeias indígenas em Pernambuco no século XIX. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 1992. SILVA, Edson Hely. *O Lugar do Índio*. Conflitos, esbulhos de terras e resistência indígena no século XIX: o caso de Escada-PE (1860-1880). Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE. 1995. FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit. DANTAS, Mariana Albuquerque. *Dinâmica social e estratégias indígenas*: disputas e alianças no aldeamento do Ipanema (1860-1920). Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense. 2010.

[653] Apeje. Diversos II, 29. 04/11/1874. Ofício do engenheiro encarregado da medição das terras públicas, Luiz José da Silva, para o presidente da província, Henrique Pereira de Lucena. Recife. Fl. 372-379v.

Marcus Carvalho demonstra através de levantamento do número de engenhos cujos senhores participaram dos conflitos que se estenderam pela região produtora de açúcar no final do ano de 1848, que os senhores da zona da mata sul contribuíram mais intensamente do que os que tinham propriedades ao norte de Recife. Estes últimos, de fato, tiveram um importante papel no início da revolta, resistindo com firmeza às pressões da polícia conservadora e conferindo um conteúdo ideológico ao movimento por terem assinado o supracitado "Manifesto ao Mundo" de Borges da Fonseca.[654]

Já ao sul da província, a revolta encontrou o apoio de outros senhores de engenho, que arregimentaram sua clientela, e também a ajuda dos índios situados na grande área pernambucana produtora de açúcar. Em Barreiros, os índios se movimentaram formando uma tropa para dar continuidade à resistência armada aos avanços da polícia conservadora. Testemunhas do processo contra os rebeldes encaminhado pelo chefe de polícia conservador, Figueira de Melo, em 1849, afirmaram que junto aos líderes rebeldes estava Bento Duarte, capitão-mor dos índios de Barreiros, pois este havia tomado parte da revolta e comandado tropas.[655] Em novembro de 1848, quando a revolta apenas eclodira na mata sul, as autoridades de Porto Calvo, em Alagoas, demonstravam preocupação, com medo de que as ações dos índios de Barreiros contagiassem os de Jacuípe. As desordens ocorridas na província de Pernambuco eram também de responsabilidade dos índios de Barreiros, e antes que o seu "espírito de pilhagem e roubo" acometesse os outros indígenas que viviam na fronteira, foi sugerido o envio de uma força maior para Jacuípe no intuito de "tranquilizar os espíritos" contra o medo da influência daqueles índios de Pernambuco.[656]

Levantamos a hipótese de que esse grupo de índios liderado por Bento Duarte tentava manter a proteção ao seu aldeamento concedida pelo chefe de polícia praieiro em 1846. Estavam participando, assim, motivados por interesses próprios. É também relevante ressaltar que aquele grupo se posicionara a partir de um lugar próprio dentro da rígida hierarquia da sociedade escravista e açucareira da zona da mata sul de Pernambuco. Eles se envolveram, como já afirmamos, na tentativa de defender o seu

---

[654] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 1986, p. 99.

[655] Apeje. Revolução Praieira, vol.1. 11/04/1849. Depoimento da testemunha 4. fl.500-502, 484. Revolução Praieira, vol.2. 31/03/1849. Inquirição de testemunhas. Depoimento da 1ª. Testemunha. fl. 1140.

[656] AN. Série Interior. IJJ9 282. 25/11/1848 Correspondência de João Capistrano Bandeira de Mello para o presidente e os vereadores da Câmara municipal da vila do Porto Calvo. Fl.294-294v.

acesso coletivo às terras da aldeia, que tinha partes em litígio com potentados vizinhos. Defender o aldeamento significava manter seus costumes e rituais, bem como os meios de sua subsistência, além de conferir relativo poder ao grupo uma vez que infligiam na população não-indígena circundante o receio da realização de violentos levantes, como ocorrera em Cimbres e em Jacuípe em períodos anteriores. Eram recorrentes as queixas da população não-indígena sobre assassinatos, roubos de gado e assaltos em estradas e a roçados. Nos momentos em que as elites provinciais e locais se levantavam em revoltas, as ações indígenas ganhavam uma conotação política mais contundente.

Armados e motivados, aqueles indígenas, como visto, não ocupavam o mesmo lugar social da clientela de moradores e agregados dos senhores de engenho, antes se diferenciavam pela posse de terras coletivas, pela proteção e pelo relativo poder advindos dessa condição. Por outro lado, precisavam do apoio de potentados locais, que ocupavam importantes cargos da administração e do aparelho repressor públicos, para alcançar seus objetivos, além de, na maioria dos casos, precisarem ter suas relações mediadas por diretores e curadores que, com frequência, estavam inseridos nas malhas de poder das localidades. As relações entre índios e não índios eram complexas, construídas com base em negociações, acordos, promessas, conflitos e violência, nas quais os indígenas ocupavam também uma posição desprivilegiada. Mesmo com um espaço de manobra reduzido, os indígenas conseguiram importantes feitos, como o de Bento José Duarte que, não apenas liderou energicamente outros índios do seu aldeamento, como se tornou um dos oficiais das forças rebeldes de 1848.

As tropas rebeldes passaram a ter uma estrutura militar bem organizada no início de 1849. Intituladas de "Exército Liberal", as forças rebeldes foram compostas nas matas de Una, Água Preta e Barreiros e organizadas por Nunes Machado, Félix Peixoto e Villela Tavares. A necessidade de organizar esse exército na parte sul da província surgiu após os vários combates nos arredores de Recife, nos quais as forças praieiras sentiram o seu despreparo, falta de disciplina e planejamento diante das tropas governistas bem abastecidas de munições pelo Estado e bem treinadas.[657] Segundo Izabel Marson, ali seria possível reunir forças disponíveis e organizar um exército, composto em sua maioria por "índios, caboclos ou dependentes dos

[657] MARSON, Izabel Andrade. Op. Cit., pp. 74-76.

engenhos", para fazer frente às tropas do governo, tendo em vista que estavam longe do Recife, receberiam mais facilmente alimentos e munições e poderiam se refugiar nas matas.[658]

O Exército Liberal era composto por três divisões que, por sua vez, continham os batalhões. A segunda Divisão estava sob o comando do brigadeiro Pedro Ivo Velloso da Silveira, que liderava do quinto ao oitavo batalhões. Este último era comandado pelo tenente-coronel Bento José Duarte, congregando os índios de Barreiros e Jacuípe.[659] Após um ajuste no exército rebelde, Bento Duarte assumiu o comando do terceiro batalhão e, nessa posição fez indicações de oficiais para funções dentro de seu contingente, revelando quem seriam seus aliados. Entre eles estava Ignacio Pessoa Panasco (ou Panaxo), que foi sugerido para o cargo de tenente ajudante.[660] Não obtivemos maiores informações sobre Ignacio, mas ao comparar sobrenomes podemos inferir que pertencia à família de Agostinho José Pessoa Panaxo. Além disso, acredito que se trata da mesma pessoa que entre 1829 e início da década de 1830 foi indicado por Agostinho para assumir a função de capitão-mor da aldeia de Barreiros. Ignacio e Bento estavam em lados distintos em relação à querela de Agostinho Panaxo com o diretor dos índios de Barreiros na década de 1830. Com a mudança das condições políticas na província em 1848 e, por outro lado, com a continuidade da aliança com os liberais, a participação de Igancio nas tropas de Bento sugere uma conciliação entre líderes da aldeia com o intuito de promover sua participação nos conflitos da Praieira e, por consequência, de tentar manter a posse coletiva do território.

O exército rebelde também foi composto de índios de Jacuípe, como veremos mais adiante, cuja companhia compôs o segundo batalhão da primeira divisão da Coluna do Norte. Portanto, trataram de se manter ao lado dos rebeldes, dando continuidade às relações iniciadas com a sua rendição ao final da Guerra dos Cabanos.[661]

A origem das tropas rebeldes era bastante variada e heterogênea, sendo compostas em sua maioria por arrendatários, lavradores e moradores de engenhos

---

[658] MARSON, Izabel Andrade. Op. Cit., p. 82.

[659] Apeje. Revolução Praieira, volume 1. 14/01/1849. Ordem do dia nº 1 do Comando Geral das tropas liberais acampadas no engenho Tintugal. P.337-338. Revolução Praieira, volume 2. 09/03/1849, p.990.

[660] Apeje. Revolução Praieira, volume 2. 09/03/1849. Cópia da proposta de Bento Duarte para oficiais do terceiro Batalhão, p. 1051.

[661] Apeje. Revolução Praieira, volume 2. 20/01/1849. Ordem do dia número 1 do Exército Liberal, p.1068.

habituados a seguir as ordens dos proprietários das terras. Mas, os indígenas liderados por Pedro Ivo e Bento Duarte formavam, de acordo com Marson, o "contingente mais fiel e disciplinado", cuja experiência militar era proveniente da participação em conflitos armados desde a Independência.[662] Com certeza a participação em vários combates conferia aos indígenas a referida experiência, no entanto vários potentados vizinhos aos aldeamentos e, inclusive, diretores de índios, queixavam-se da indolência e da resistência dos índios ao trabalho, principalmente no que se refere ao serviço militar. Lembramos que os de Jacuípe resistiram à tentativa massiva de recrutamento durante os conflitos cabanos, o mesmo tendo ocorrido com os de Cimbres em 1824. Além disso, levantamos a hipótese de que os índios de Barreiros teriam participado na repressão à Cabanada por reconhecerem a liderança de Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde, legitimada pelo histórico de seus antepassados. Mas, mesmo Agostinho já reclamara que para conseguir o envolvimento militar de seus subordinados era necessário usar a força do recrutamento. O que explicaria a disciplina e fidelidade dos índios liderados por Bento Duarte e Pedro Ivo nos combates da Praieira desenvolvidos na zona da mata sul? A meu ver, mais uma vez, a motivação estava na tentativa de manter a posse coletiva sobre as terras dos aldeamentos, que no caso de Barreiros foi conseguida com a proteção dada por uma autoridade praieira.

A fidelidade dos índios de Barreiros e Jacuípe participantes dos conflitos armados da Praieira, ou seja, num momento tão específico pode ser comparada ao envolvimento de índios da Bolívia numa revolução em 1870 contra o governo instituído do general Mariano Melgarejo. Fazia parte do projeto do líder da oposição ao governo, Casimiro Corral, recorrer à força indígena para realizar a revolução e demonstrar o controle que entendia possuir sobre o exército auxiliar indígena composto pelo impressionante contingente de 50 mil indivíduos. A participação indígena foi enérgica e descrita pelas fontes como "selvagem" e desenfreada. Marta Irurozqui, ao estudar esse caso, questiona as fontes, contradizendo as leituras usuais sobre os indígenas envolvidos na revolução de 1870. Ao invés de percebê-los formando um exército que estava exclusivamente sob as ordens de Corral, ela propõe a leitura de que os indígenas estavam respondendo a uma situação política e simbólica que os prejudicava. A reforma agrária empreendida por Melgarejo, então presidente, conferiu a possibilidade de venda de terras de comunidade por entende-las como

[662] MARSON, Izabel Andrade. Op. Cit., p. 92.

propriedades do Estado. Estado este que tentava se constituir como homogêneo e negava a possibilidade de existência de coletivos com direitos diferenciados em relação aos cidadãos bolivianos. Os indígenas que compuseram o exército auxiliar intencionavam fazer uma transição entre uma identidade com privilégios do Antigo Regime para a de cidadãos bolivianos, num jogo ambíguo com seu aliado político, pois também defendiam a continuidade da existência das comunidades e suas identidades coletivas.[663]

Ao comparar com esse caso boliviano podemos compreender que a lealdade dos indígenas de Barreiros ou a sua aparente submissão para com as lideranças não-indígenas foram ações constituídas a partir de seus próprios interesses. Eles procuravam se inserir nos debates e conflitos nacionais partindo de suas necessidades, especialmente no que dizia respeito às terras. Nesses conflitos, escolher um lado e contribuir para que seus aliados vencessem poderia garantir a existência da aldeia por mais alguns anos, como argumentou Marcus Carvalho.[664]

Após várias escaramuças entre as forças do governo conservador e dos praieiros pelos engenhos ao sul e ao norte de Recife, os líderes praieiros receberam a notícia de que Recife estaria desguarnecida, pois o contingente do presidente Manuel Vieira Tosta que assumira em setembro de 1848, estava se deslocando em três colunas para cercar e atacar a vila de Água Preta numa tentativa de enfrentar o exército praieiro. De posse dessas informações, no final de janeiro de 1849, os praieiros que estavam na mata sul marcharam em direção à capital da província, passando antes pela vila de Bonito, onde reuniram mais homens, inclusive Pedro Ivo e alguns dos seus liderados. Tendo conhecimento de que o contingente de Pedro Ivo era formado em sua maioria por índios e caboclos que viviam nas margens do rio Una, é viável admitir que muitos indígenas de Barreiros e Jacuípe tenham participado do ataque à capital pernambucana. Fato este que foi ressaltando por Marson quando afirmou que embora Pedro Ivo tenha conseguido avançar sobre território inimigo, suas forças desconheciam o campo em que lutavam, pois "seus índios e caboclos jamais haviam posto os pés em Recife".[665] Essa ideia também é corroborada pelo depoimento de uma das testemunhas do processo estabelecido em 1849 contra os rebeldes. De acordo com a testemunha, o "caboculo Bento Duarte" e Caetano Alves

[663] IRUROZQUI, Marta. Op. Cit. 2003., pp. 115-150.
[664] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 2002., p. 69.
[665] MARSON, Izabel Andrade. Op. Cit., p.102.

haviam comandado "forças quando atacaram a Cidade no dia dois de fevereiro último".[666]

Ao tomar conhecimento das intenções e do deslocamento dos rebeldes e suas forças, o presidente da província montou a defesa de Recife com todo o efetivo disponível. No dia 2 de fevereiro o contingente praieiro atacou a capital, sendo dividido em duas colunas: uma que reunia parte das forças de Pedro Ivo e outros líderes rebeldes, que atacaram pelo sul da cidade, invadindo a área comercial e chegando muito próximo ao palácio do governo e ao arsenal de guerra; e a outra atacou pelo norte, avançando até o bairro da Soledade. As duas colunas ficaram imobilizadas e esperaram até o início da tarde por reforços, que não apareceram. Os principais líderes se refugiaram em casas de amigos e esperaram por sua prisão, enquanto Pedro Ivo reuniu seus homens e retornou para Água Preta.[667]

Antes de chegar a Água Preta, Pedro Ivo se reuniu com outros líderes em Igarassu, onde passaram a discutir quais estratégias adotar a partir de então. Os comandantes da coluna norte, como Manoel Pereira de Moraes e Borges da Fonseca, defendiam a aquisição de recursos na Paraíba para enfrentar novamente as forças governistas. Já Pedro Ivo argumentou sobre a necessidade de voltar às matas no sul, área que conhecia e onde poderiam ter maiores possibilidades de sucesso. As diferenças entre os líderes não foram sanadas, e Pedro Ivo resolveu retornar para o sul da província, onde tinha propriedades, abandonando seus aliados de então e começando uma luta própria.[668]

Outra parte das tropas liberais tentou dar continuidade aos ataques se dirigindo contra Goiana, enquanto Pedro Ivo permanecia entrincheirado em Água Preta. De Goiana se retiraram, quando souberam do envio para aquela vila de forças governistas, se refugiando no engenho Pau Amarelo, sendo aí também alcançados. Então, seguiram para Brejo d'Areia na Paraíba, onde se esperava conseguir levantar reforços. Logo em seguida regressaram para Pernambuco procurando caminhos quase inacessíveis, se refugiando em engenhos na região de Pasmado. Ao longo desse périplo, as forças rebeldes tiveram muitas perdas com várias deserções de seus soldados e a morte de João Roma em decorrência de um ferimento de combate, um

---

[666] Apeje. Revolução Praieira, vol.2. 31/03/1849. Inquirição de testemunhas. Depoimento da 1ª. Testemunha, p. 1140.
[667] Idem, p. 97-99.
[668] Apeje. Revolução Praieira, vol.2. 31/03/1849. Inquirição de testemunhas. Depoimento da 1ª. Testemunha, p. 100.

dos líderes mais envolvidos no movimento. Além disso, perderam grande parte dos seus documentos fornecendo, assim, um amplo material para o chefe de polícia, Figueira de Mello, construir o processo contra os rebeldes. Após esse momento de enfraquecimento e desgaste das tropas rebeldes remanescentes, alguns líderes praieiros retornaram às suas propriedades para recobrar forças e retomar os ataques pelo sul. De acordo com Marson, era um retorno às circunstâncias iniciais da revolta. O governo, por sua vez, usou outra estratégia. Ao invés de usar mais força e violência para reprimir os últimos focos da revolta, ofereceu concessões, anistia e exílio aos líderes rebeldes. O que foi aceito pela grande maioria deles.[669]

Durante esse momento de negociação entre líderes rebeldes e governo, os índios de Barreiros continuaram agindo na zona da mata sul. As autoridades de Alagoas, em conjunto com as de Pernambuco, continuavam na busca por Pedro Ivo, pois havia notícias de que ele havia se deslocado de Água Preta para Atalaia, em Alagoas. As primeiras medidas foram a de reforçar o contingente na fronteira entre as duas províncias, e enviar uma parte das forças para averiguar o deslocamento dos rebeldes. Não os encontrando, a força destacada se deparou com um grupo de índios rebeldes em Barreiros, num total de pouco mais ou menos de cem indivíduos.[670] Para averiguar a situação dos índios rebeldes, foi enviado em diligência o comandante superior José Antônio de Mendonça.

Ao indagar sobre notícias dos índios que teriam saído do acampamento rebelde em Água Preta, o comandante superior recebeu a informação de que os índios de Barreiros haviam assassinado o portador dos ofícios que o presidente de Alagoas lhes enviara. Os referidos índios tinham atacado o engenho Araguaras, matando sua proprietária, tendo antes maltratando-a "barbaramente". De acordo com o relato de José Antônio de Mendonça, os índios também mataram um sobrinho da senhora do Araguaras e roubaram tudo de precioso que havia na casa do engenho. No caminho para o engenho Tentugal, conhecido refúgio praieiro localizado na comarca de Una, causaram grande destruição e, por fim, se reuniram ao coronel Alecrim, um mulato que comandou um grupo rebelde na invasão e saque a engenhos, no final de 1848.[671]

---

[669] MARSON, Izabel Andrade. Op. Cit., pp. 103-105.
[670] AN. Série Guerra. IG[1] 97. 12/03/1849. Ofício do presidente de Alagoas, Antônio Nunes de Aguiar, para o ministro e secretario de Estado dos Negócios da Guerra, Manoel Felizardo de Souza e Mello. Fl.27-28v; 33.
[671] AN. Série Guerra. IG[1] 97. 05/03/1849. Ofício do Comandante superior da comarca, José Antônio de Mendonça, para o presidente e comandante das Armas de Alagoas, Antônio Nunes de Aguiar. Fl.29-31. MARSON, Izabel Andrade. Op. Cit., p. 87.

O coronel Alecrim, saindo do norte de Pernambuco, desembarcou naquela região com um grupo de cerca de vinte indivíduos carregando armamento e munição.[672] Parte das forças do comandante superior José Antônio de Mendonça foi deslocada para fazer buscas desses grupos nas casas de pessoas que teriam ajudado os rebeldes, mas apenas encontrou poucas armas e as mulheres. Não havia notícia dos homens. Diante disso, as forças do comandante foram deslocadas para Porto Calvo para ajudar na "pacificação do país, livrando-nos desta sorte dos horrores da guerra civil".[673]

Alecrim e seu grupo continuavam a ser perseguidos pelas tropas do governo devido aos seus ataques, mas também em função da maneira pela qual chegaram naquela região da mata sul. Ali desembarcou sem encontrar qualquer resistência ou obstáculo imposto pelo governo. Os moradores das margens do rio Una, dos povoados de Abreu e São José da Coroa Grande se viam desprotegidos, já que ali era muito facilitado o desembarque de rebeldes e armamentos, "estabelecendo desta maneira um trânsito continuado de que tem resultado o estado de devastação em que se acha toda aquela parte da margem de Una, até a povoação de Água Preta". A solução segundo o comandante superior era aumentar as forças de repressão na região, enviando dois destacamentos.[674]

Apesar dos indígenas continuarem agindo no sentido de dar continuidade aos combates, bem como alguns poucos rebeldes, a revolta estava perto do seu fim com a morte de alguns líderes, a deserção de grande parte das tropas, e a aceitação pelas outras lideranças das condições de anistia e exílio concedidas pelo governo após o malfadado ataque a Recife. Em abril de 1849 alguns índios e outros membros das tropas de Pedro Ivo e Caetano Alves começaram a se entregar, ao serem cercados por um destacamento das forças governistas em Rio Formoso e pela falta de apoio dos seus partidários que já haviam se entregado.[675]

A "caça" aos últimos praieiros continuava, principalmente em busca dos que se internaram nas matas ao sul de Recife, originando conflitos que duraram até o final de 1849. Os embates armados nesse momento foram nomeados pelas fontes da época como a "nova cabanada". Pedro Ivo ainda conseguira resistir por muitos meses após a derrocada da Praieira anunciada em abril de 1849. Ele desmobilizou suas forças, deixando seus homens nas matas, que voltariam ao combate a qualquer sinal seu.

---

[672] Idem.
[673] Ibidem.
[674] Ibidem.
[675] MARSON, Izabel Andrade. Op. Cit., pp. 106-107.

Nesse ínterim, recebeu propostas de rendição e exílio do presidente da província de Pernambuco, Honório Hermeto Carneiro Leão, as quais recusou, mantendo-se entrincheirado em propriedades de sua família. Mesmo estando do lado que perdera os conflitos e a revolta, os índios de Barreiros permaneceram armados e prontos a atender às ordens de seus líderes, tanto indígenas quanto não-indígenas, como Pedro Ivo. Numa busca na região de Mutuns, foi encontrado um grupo de sessenta homens armados, dos quais vinte eram "caboclos de Barreiros", provavelmente preparados para contra-atacar qualquer investida das tropas do governo e apoiar as ações de Pedro Ivo.[676]

Ao final daquele ano de 1849, o comandante das armas de Pernambuco, o mesmo que chefiou a repressão ao final da Praieira, tentava recrutar indígenas para fazer parte das fileiras governistas, logrando êxito com os de Pesqueira, dos quais cerca de 120 se colocaram sob o seu comando. Mantendo o seu posicionamento ao lado dos rebeldes liberais, era de se esperar que os índios de Barreiros não cooperassem com o recrutamento do comandante das armas, José Joaquim Coelho. Este tampouco confiava naqueles índios, afirmando que "jamais lançarei mão enquanto me restar o mínimo recurso, por causa das más qualidades que de ordinário caracterizam tais indivíduos".[677] Aparentemente, os índios de Barreiros não estavam mais em posição belicosa, prontos para atacar, mas o seu envolvimento nos conflitos e na invasão de engenhos havia criado uma desconfiança sobre eles entre as autoridades provinciais que encabeçaram a repressão.

Com o final da Praieira e a morte de Pedro Ivo após a resistência na zona da mata sul, os índios de Barreiros de "fiéis governistas" passaram a rebeldes, nos quais era impossível confiar. Por isso, como vimos no capítulo sobre a Cabanada, Francisco Braz Arcoverde em 1858 silenciou sobre a participação de seus antepassados na Praieira, no intuito de construir uma cultura histórica que privilegiasse as suas ações ao lado dos vencedores colonos portugueses e também do governo que reprimiu quilombos e insurreições.

Por outro lado, durante a Praieira, a aliança com os índios de Barreiros conferiu um contingente armado maior para os rebeldes enfrentarem a repressão do

---

[676] Apeje. Comando das Armas, publicado em Revista do Apeje. 26/06/1849. Ofício do tenente comandante do terceiro batalhão de artilharia a pé, José Ferreira de Azevedo, para o comandante das armas de Pernambuco, José Joaquim Coelho, pp. 500-501

[677] Apeje. Comando das Armas, publicado em Revista do Apeje. 28/10/1849. Ofício do comandante das armas de Pernambuco, José Joaquim Coelho, para o presidente da província, Honório Hermeto Carneiro Leão, p. 699.

governo provincial. Já os índios de Barreiros viram na sua participação e no apoio aos rebeldes a possibilidade de manter o acesso ao território do aldeamento de maneira coletiva. A sua participação era também mediada pelas alianças e inimizades que articulavam na localidade em que viviam. Ao final da Praieira, estando aliados ao lado perdedor dos conflitos, os índios de Barreiros perderam, além da guerra, a perspectiva de conseguir uma maior proteção para o aldeamento. De fato, continuaram a sentir a pressão de seus vizinhos proprietários de engenhos sobre as suas terras, estendendo as disputas até meados da década de 1870, quando o aldeamento foi, por fim, extinto.

5.4. "Dádivas" e convencimento: escolhas dos índios de Alagoas

A aliança entre líderes praieiros e grupos indígenas também ocorreu no Arraial de Jacuípe em Alagoas e assim como Bento Duarte em Barreiros, lideranças indígenas se destacaram no lado alagoano dos conflitos ocorridos entre os anos de 1848 e1849. Em Jacuípe, o grande líder foi o índio Maurício de Barros Rego, que teve ao seu lado o capitão Antônio de Souza Salazar, índio e chefe do aldeamento de Cocal. Apesar de liderar Cocal, Salazar circulava pelo Riacho do Mato, no povoado de Água Preta em Pernambuco, e pelas regiões vizinhas. Também é citado nas fontes capitaneando o aldeamento de Jacuípe. É possível que tenha dividido o comando das forças indígenas aliadas aos liberais com Maurício e Bento.

Os índios do Cocal não figuraram como participantes nas revoltas anteriores à Praieira, porque o aldeamento foi formado na década de 1830 "com emigrados de Jacuípe e de Barreiros (província de Pernambuco) durante a guerra dos cabanos insurgidos nas matas de Jacuípe".[678] Como ocorreu com outras aldeias em Alagoas, a de Cocal também contava com índios Xucuru, portanto provenientes de Cimbres, para onde devem ter se dirigido possivelmente após a perseguição que sofreram em 1824.[679] Durante a Praieira, os índios de Cocal também participaram em decorrência da aliança de Salazar com Peixoto de Brito, político liberal que havia sido presidente de Alagoas até 1848.[680]

---

[678] Fala à Assembleia Legislativa das Alagoas pelo presidente da província, Antônio Alves de Souza Carvalho. 15/06/1862. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de (org). Op. Cit. 1999, p. 49

[679] Fala à Assembleia Legislativa das Alagoas pelo presidente da província, Antônio Alves de Souza Carvalho. 15/06/1862. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de (org). Op. Cit. 1999, p. 51.

[680] MARSON, Izabel Andrade. Op. Cit., p. 85.

Aldeias de Alagoas

ESTADO DE ALAGOAS

ALDEIA DE PARICONHA
(TRIBO PANKARARU)

ALDEIA DE GAMELEIRA

ALDEIA DE LIMOEIRO

ALDEIA DE COCAL
(TRIBO WASSÚ)

ALDEIA DE JACUIPE

ALDEIA DE P. DOS ÍNDIOS
(TRIBO KARIRI-XUCURÚ)

ALDEIA DE P. DE PEDRAS

ALDEIA DE URUCU

ALDEIA DE CABEÇA DE CAVALO

ALDEIA DE ATALAIA

ALDEIA DE STO. AMARO

ALDEIA DOS CAMPOS DOS ARROZAES DE INHAÚNS

ALDEIA DE ARAMURÚ

ALDEIA DE JACIOBÁ

ALDEIA DE OLHO DÁGUA DO MEIO
(TRIBO TINGUI - BOTÓ)

ALDEIA DE PORTO DA FOLHA

ALDEIA DE SÃO BRÁS

ALDEIA DE TERRA NOVA
(TRIBO TINGUI)

ALDEIA DE PORTO REAL DO COLÉGIO
(TRIBO KARIRI - XOKÓ)

ALDEIA DE LAGOA COMPRIDA

AGUA BRANCA

DELMIRO GOUVEIA

PÃO DE AÇÚCAR

PALMEIRA DOS ÍNDIOS

SANTANA DO MUNDAÚ

JOAQUIM GOMES

JACUIPE

PORTO DE PEDRAS

MURICI

CAJUEIRO

ATALAIA

PILAR

ANADIA

MACEIÓ

FEIRA GRANDE

SÃO SEBASTIÃO

TRAIPU

PORTO REAL DO COLÉGIO

SÃO BRÁS

PIAÇABUÇU

PERNAMBUCO

BAHIA

SERGIPE

OCEANO ATLÂNTICO

Rio Moxotó

Rio São Francisco

CONVENÇÕES

Capital	◎
Cidade	○
Aldeias e Tribos Indígenas	●
Limite interestadual	⊢+⊣
Limite intermunicipal	——

ELABORADO POR: PRE CLÓVIS ANTUNES
DESENHADO POR: J.M.MATTOS /83

ANTUNES, Clóvis. *Os índios de Alagoas*. Documentário. Maceió: Governo do Estado de Alagoas, 1984.

O histórico da formação do aldeamento de Cocal e a proximidade de sua liderança com um rebelde liberal ajudam a explicar a inserção dos seus índios na Praieira. Antes de eclodirem os conflitos de 1848 e 1849, o capitão Salazar e seus comandados demonstravam o seu bom relacionamento com os liberais no poder, procurando sempre andar "em boa ordem com as autoridades e de bom acordo com os governos desta província". Realizaram buscas por alguns cabanos remanescentes liderados por Vicente de Paula nas matas de Jacuípe, mas, nada encontrando, Salazar se explicou ao presidente de Alagoas: "nestas matas já não se encontra mais novidade, tenho saído as explorações de oito dias e seis, e não é possível encontrar-se um homem dos que dizem ser cabano". Com isso, sugeriu que as tropas fossem retiradas das matas.[681] É significativo que Salazar tenha escrito essa correspondência no acampamento do Riacho do Mato, em Água Preta, local que fora usado como refúgio para os cabanos, que no início da década de 1840 já estava sob o domínio das forças liberais e que, novamente, se tornaria refúgio para rebeldes em 1849.

O apoio militar dos índios de Alagoas foi muito disputado entre políticos e proprietários conservadores e liberais, mais especificamente os de Jacuípe tendo em vista o seu envolvimento militar na Cabanada. Os governos de Pernambuco e Alagoas tentavam demonstrar aos índios que o seu envolvimento com os rebeldes lhes traria prejuízo, oferecendo-lhes em contrapartida pequenas "dádivas". Já os rebeldes praieiros tinham ao seu lado a aliança estabelecida com os índios de Jacuípe e, por consequência, com os de Cocal, ao final da Guerra dos Cabanos, quando os índios desertaram das fileiras de Vicente de Paula e passaram a apoiar os governos instaurados em Pernambuco e Alagoas. Quando os engenhos de proprietários conservadores sofriam varejamentos da polícia durante o governo praieiro (1844-1848), alguns desses potentados tentaram atrair os índios de Jacuípe para o seu lado.

Em 1847, quando os conflitos entre polícia praieira e senhores de engenho se intensificava Antônio Lopes Ribas e João Guilherme de Azevedo, dois proprietários conservadores, "pretendiam com falsas insinuações seduzirem os índios de Jacuípe para uma rebelião". Por isso, o delegado de Água Preta aconselhou "toda vigilância a alguns movimentos sediciosos que aparecem nas matas de Jacuípe". O delegado pediu a Pedro Ivo, comandante da força de Água Preta, que fosse à Jacuípe para acalmar os

---

[681] AN. Série Guerra. IG[1] 97. 18/12/1845. Ofício do capitão comandante dos índios, Antônio de Souza Salazar, para o presidente da província de Alagoas, Antônio Manoel Campos de Mello. Fl.8.

ânimos no povoado e também tentar "embaraçar" Lopes Ribas, conseguindo tal feito e "restabelecendo a ordem".[682]

João Guilherme de Azevedo estava ligado diretamente a José Pedro Veloso da Silveira, tio de Pedro Ivo e proprietário do engenho Lages em Escada, onde se organizava a resistência à polícia praieira. Azevedo recebeu orientações de José Pedro para entrar em contato e convencer coronéis amigos a participar de uma revolta que englobaria senhores de engenho nas áreas do Cabo, Ipojuca, Rio Formoso, Vitória e Escada, ou seja, zona da mata sul de Pernambuco.[683] Pelo visto, não era interessante para os conservadores ter apenas o apoio de poderosos proprietários locais, precisavam também dos índios dos aldeamentos vizinhos, que iriam figurar como força militar, assim como os agregados e moradores dos engenhos da região.

Na direção contrária do que desejavam Lopes Ribas e João Guilherme de Azevedo, os índios de Jacuípe se uniram aos revoltosos situados em Água Preta, bem como os de Barreiros, assim que a rebelião Praieira eclodiu em novembro de 1848. A aliança entre os índios de Jacuípe e os praieiros foi noticiada ao chefe de polícia de Alagoas pelo juiz municipal e delegado de Porto Calvo, que se dirigiu a Jacuípe para tentar resolver a situação. Embora tenha ido à região dos conflitos, o delegado de Porto Calvo não deixou mais notícias sobre a sua ação policial.[684]

Os índios de Jacuípe, de acordo com as fontes produzidas pela repressão, foram "seduzidos" pelos "caudilhos" a participarem dos conflitos ocorridos nos engenhos da zona da mata sul, aumentando a quantidade de membros das tropas rebeldes que, naquele momento inicial, ainda eram reduzidas. Estavam ao lado dos índios de Barreiros, como já vimos, que recebiam armas e munições dos praieiros, sendo animados por estes e também recebendo socorros.[685] Enquanto os conflitos da Praieira estavam se desenvolvendo nos ataques a povoações, vilas e engenhos da área de produção de açúcar e também ao norte de Recife, a tática do governo de Alagoas foi enfraquecer as forças rebeldes ao tentar convencer os índios a não participarem da rebelião. Era preciso "seduzir" os índios para o outro lado dos enfrentamentos.

---

[682] Apeje. PC 17. 19/06/1847. Ofício do delegado de Água Preta, Zeferino da Cunha Bastos, para o chefe de polícia, Antônio Afonso Ferreira. Fl. 70-70v.
[683] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 1986, pp. 73-74.
[684] AN. IJJ[9] 282. 18/11/1848. Ofício do juiz municipal e delegado de Porto Calvo, Antônio Buarque de Lima, para o chefe de polícia de Alagoas, Francisco Domingues da Silva. Fl. 295-295v.
[685] Apeje. Revolução Praieira vol.2. 20/11/1848. Ofício do delegado de Rio Formoso, Marco Henrique Wanderley, para o presidente da província de Pernambuco, Herculano Ferreira Pena. Fl.1128-1129.

O presidente de Alagoas em novembro de 1848, João Capistrano Bandeira de Mello, deu orientações ao comandante do destacamento de Jacuípe sobre como lidar com os indígenas. Era necessário mostrar aos índios que, caso fossem convidados a fazer parte das tropas rebeldes, como já ocorria, "esse procedimento além de ilegal, lhes é pessoalmente prejudicial, pois vão sacrificar suas vidas somente para satisfazer as paixões alheias". Assim, os índios deveriam perceber que nada iriam conseguir em proveito próprio. Era trabalho do comandante do destacamento "frustrar essa sedução". No entanto, esse convencimento não deveria ser realizado de qualquer maneira, mas sim direcionado àqueles "índios que mais influência tem sobre os outros", chamando-os à "ordem". Para estes estava permitido a doação de "pequenas dádivas", que se constituíam em pequenas quantidades de dinheiro, já que o seu total não poderia exceder cem mil réis, como orientou o presidente de Alagoas. Caso fosse necessário aumentar a quantidade de "dádivas", o comandante deveria comunicar a situação ao presidente.[686] A manutenção da ordem era o objetivo principal daquele governo, de maneira a não "fermentar a imaginação do povo, e distrai-lo de suas ocupações ordinárias e animando-o sempre a favor da ordem".[687]

O receio de que os índios aderissem em sua maioria à causa rebelde era notório entre as autoridades de Alagoas. Apesar de não sabermos das consequências das ações empregadas pelo comandante orientado pelo presidente, podemos inferir que alguns índios tenham se beneficiado dessas "dádivas", recebendo-as. Por outro lado, é igualmente possível que, naquele momento, as trocas e negociações realizadas com os líderes praieiros fossem mais interessantes do que receber as dádivas do governo, como demonstra o apoio dos índios aos rebeldes.

A disputa entre conservadores e liberais pelo apoio indígena demonstra a força dessa população nos embates armados e na rede de negociações e rivalidades locais. Convencer os indígenas com "dádivas" ou propor trocas nos seus próprios termos foram ações tomadas por políticos de ambos os partidos que revelaram a conexão entre a arena de disputas por projetos diferentes para a construção do Estado brasileiro e os interesses dos grupos indígenas envolvidos. Era crucial, tanto para conservadores

---

[686] AN. Série Interior. IJJ[9] 282. 21/11/1848. Orientações do presidente de Alagoas, João Capistrano Bandeira de Mello, ao comandante do destacamento de Jacuípe, tenente Manuel Pereira de Souza Burity. Fl. 297-297v.
[687] Idem.

quando para liberais, tê-los como aliados. Situações parecidas foram analisadas em outros países da América Latina.[688]

No entanto, como vimos, todo o esforço dos governos conservadores foi em vão. Os índios de Jacuípe passaram a fazer parte do Exército Liberal durante a Praieira, como parte do batalhão dos índios de Barreiros comandados, mais diretamente por Bento José Duarte, Pedro Ivo e Caetano Alves.[689] Em novembro de 1848 já recebiam ordens para fazer os ataques aos engenhos, tendo participado também do ataque ao Recife em 2 de fevereiro de 1849. Após esse ataque fracassado, as tropas rebeldes retomaram os embates na região dos engenhos de seus líderes, sendo os indígenas de Barreiros e Jacuípe uma presença fundamental nos conflitos armados, conferindo número, força e, como já afirmou Izabel Marson, um tom de fidelidade da tropa às ordens das chefias praieiras. Como já discutimos, essa fidelidade foi moldada pelas próprias motivações indígenas. Os de Jacuípe foram deslocados para Água Preta a pedido do comandante das forças, Félix Peixoto de Brito e Melo, local onde já se encontrava Pedro Ivo.[690]

Nesse momento, aparece uma outra liderança em Jacuípe, o capitão Maurício de Barros Rego. Tal como Bento ou Salazar e, portanto, diferentemente de Agostinho, Maurício não era descendente de uma família de uma elite indígena construída com base em apoios e alianças no período colonial. Temos poucas informações sobre ele, a não ser as fornecidas no período dos combates e que foram escritas pela correspondência dos militares dos governos de Pernambuco e Alagoas. Mas, podemos perceber que a sua atuação nos enfrentamentos armados o ajudou a construir sua liderança no grupo e legitimar suas escolhas perante seus subordinados. O contingente de índios de diferentes grupos liderados por Maurício, Salazar e Bento foram determinantes em momentos da Praieira após a invasão a Recife, proporcionando uma força fundamental quando as deserções das fileiras rebeldes passaram a ocorrer com frequência.

Acreditando que, ao conseguir a rendição de Maurício, os demais índios o seguiriam, o presidente de Alagoas propôs termos para que o líder se entregasse. Ele deveria se apresentar com a força que pudesse reunir ao comandante da coluna em

---

[688] MALLON, Florencia E. Op. Cit., pp. 43-45.
[689] Apeje. Revolução Praieira vol.1. 14/01/1849. Ordem do dia nº 1 do Comando Geral das tropas liberais acampadas no engenho Tentugal. fl.337-338.
[690] Apeje. Revolução Praieira vol.1. 22/02/1849. Correspondência de Félix Peixoto de Brito e Melo para o capitão Frutuoso José dos Santos. fl.75.

operação e “os que se apresentarem serão perdoados da falta de obediência ao governo de sua majestade o Imperador, que cometeram servindo a favor dos revoltosos”.[691] Ao oferecer um tipo de anistia a Maurício e seus indígenas, o presidente de Alagoas, Antônio Nunes de Aguiar, inaugurava e antecipava a estratégia utilizada pelo governo de Pernambuco nos meses seguintes com os líderes praieiros proprietários de engenhos, quando a Praieira já entrava em seus momentos derradeiros. Conseguir uma vitória sobre os indígenas poderia significar um desmantelamento das forças rebeldes e um avanço significativo para o êxito das forças governistas. No entanto, Maurício frustrou as expectativas do presidente de Alagoas e não aceitou aquela proposta, argumentando que “não me é possível apresentar-me a vossa excelência e ficar anistiado por essa presidência, por ser eu habitante da província de Pernambuco e não de Alagoas”. Maurício ainda aproveitou a resposta para fazer uma crítica às autoridades de Porto Calvo, das quais “melhoramento algum se pode esperar para os povos dessa província pois são eles bem conhecidos”.[692] Maurício usou a justificativa de que estava em Pernambuco para não comparecer pois estava, mais especificamente, em Água Preta, vila onde assinou a correspondência dirigida ao presidente de Alagoas. Com esse ardil, Maurício rejeitou a proposta de anistia que lhe foi oferecida e permaneceu nas lutas armadas na zona da mata sul ao lado dos praieiros. Da sua correspondência também é importante ressaltar que ele estava entrincheirado em Água Preta, nas proximidades do lugar conhecido como Riacho do Mato, onde Vicente de Paula já havia se refugiado e por onde circulavam também os outros grupos de índios aliados aos rebeldes, como os de Barreiros e Cocal.

No momento, cabe assinalar que Água Preta e, mais especificamente, o Riacho do Mato, cujos territórios eram limítrofes com o povoado de Jacuípe, separados apenas pelo rio de mesmo nome, foram se constituindo como espaços onde se deram intensas relações entre índios, “negros papa-méis”, cabanos remanescentes e outros não-índios pobres. A região assumiu uma função muito especial para a população indígena da zona da mata sul pernambucana em meados da década de 1860, como será tratado na seção seguinte.

---

[691] AN. Série Guerra. IG[1] 97. 22/02/1849. Correspondência do presidente da província de Alagoas, Antônio Nunes de Aguiar, para o capitão-mor dos índios de Jacuípe, Maurício de Barros Rego. Fl. 13.
[692] AN. Série Guerra. IG[1] 97. 27/02/1849. Correspondência do capitão-mor dos índios de Jacuípe, Maurício de Barros Rego, para o presidente da província de Alagoas, Antônio Nunes de Aguiar. Fl.14.

Embora Maurício tenha se recusado a negociar com a presidência de Alagoas, os índios de Jacuípe começaram a se entregar justamente no momento em que várias lideranças rebeldes morreram e outras aceitaram a oferta governamental de anistia e exílio. Então, apesar da sua audácia, em abril de 1849, o capitão Maurício se apresentou junto com outros 32 indígenas ao comando de Alagoas que estava estacionado em Água Preta, protestando obediência ao Imperador. Como quase todos os que se apresentaram estavam armados de espingardas, o comandante ordenou que se recolhessem às suas casas para evitar qualquer tipo de confusão.[693] A notícia de rendição dos índios de Jacuípe deve ter sido recebida com entusiasmo pois era um importante ganho para a Corte e os governos provinciais envolvidos. Tanto que o presidente de Alagoas fez a notícia chegar até o ministro dos negócios da guerra.[694]

Não obstante, a rendição dessa pequena quantidade de índios não significou a interrupção das atividades do próprio capitão Maurício e de outros índios sob seu comando. Talvez tenha apresentado em Água Preta aqueles índios que não aguentavam mais participar do estado de guerra em que se envolveram, continuando Maurício a atuar com os outros que permaneceram ao seu lado, apoiando, inclusive, Pedro Ivo até novembro de 1849. Importantes indicativos da continuidade da ação dos índios de Jacuípe e de Cocal durante o período em que os conflitos da Praieira novamente se concentraram no sul de Pernambuco foram, por um lado, as medidas de repressão do governo e, por outro, as novas tentativas de convencimento feitas pelas autoridades governistas para que os grupos indígenas deixassem de participar dos enfrentamentos armados.

Em setembro de 1849, era de grande interesse da presidência da província de Alagoas que as matas de Água Preta da fronteira com Pernambuco fossem revistadas e os rebeldes ali reunidos por Pedro Ivo fossem dispersos. Esses rebeldes eram considerados o "fermento de sedições", oferecendo perigo à "ordem pública" das duas províncias. Grandes esforços estavam sendo feitos para colocar aquela região sob as ordens do governo e para conseguir a obediência de seus habitantes, percebidos pelas autoridades como "homens das matas" e "selvagens". Foi enviado às matas o

[693] Comando das Armas. 11/04/1849. Ofício do tenente-coronel Antônio Maria de Souza, para o comandante das armas da província de Pernambuco, José Joaquim Coelho. In: ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL. *Revista do Arquivo Público*. 1º e 2º semestres. Ano III, número V. Recife: Secretaria do Interior e Justiça, 1948, pp. 407-408.
[694] AN. Série Guerra. IG[1] 97. Ofício do presidente de Alagoas, Antônio Nunes de Aguiar, para o ministro de Estado dos Negócios da Guerra, Manoel Felizardo de Souza e Mello. 18 de abril de 1849. Fl.101.

missionário capuchinho Euzébio Sales, com o objetivo de conseguir a rendição de Pedro Ivo e informa-lo que, caso tivesse receio de sair da região pelo litoral de Pernambuco, ele poderia fazê-lo por Alagoas. Mas, além de conseguir a prisão de Pedro Ivo, era imprescindível também dispersar a população que o seguia, que formava ajuntamentos chamados de "coitos" e que causavam desordem. O exemplo citado pelo presidente de Alagoas sobre essa "gente de Pedro Ivo" foi o do "caboculo Salazar", que capitaneava "os índios do Cocal, e que a qualquer aceno de desordem se apresenta armado, como há bem pouco tempo acabou de praticar no dia das eleições, segundo fui informado pelo chefe de polícia". Não foi possível conseguir mais dados sobre o envolvimento de Salazar e outros índios do Cocal nas eleições citadas na fonte, mas o episódio, aliado aos combates da Praieira, devem ter causado tanto impacto e medo na localidade, que o presidente de Alagoas propunha medidas drásticas para a região: era necessário construir "grandes estradas que rasguem as matas e que facilitem uma colonização militar no lugar mais central". Com isso, se acreditava que seria possível destruir o "foco de aventureiros" e as "pequenas repúblicas" que ali se formavam. Planejava-se devastar as matas e destruir os rebeldes instalados. Estes, segundo suspeitas do presidente de Alagoas, deveriam receber ajuda de potentados locais, que os mantinham armados para impedir ou resistir a possíveis levantes de escravos.[695]

Tais medidas não foram tomadas de imediato, inclusive porque as estradas de ferro apenas seriam instaladas em Pernambuco, rasgando as matas como se desejava, alguns anos depois.[696] Diante da resistência dos rebeldes que ainda se refugiavam na região de Água Preta e Jacuípe, a tática do governo se tornou mais conciliatória, no intuito de conseguir a rendição daquelas forças e a adesão delas para o lado de quem estava no poder. Em 1849, os Diretores de Aldeia e os Provinciais começavam a atuar de acordo com o Regulamento das Missões de 1845; por isso, o Diretor Geral dos Índios de Alagoas tomou a frente das negociações. O diretor, José Rodrigues Leite Pitanga, estava encontrando muitas dificuldades em reunir os índios para formar um corpo e prestar ajuda a José Joaquim Coelho, que comandava as operações contra os rebeldes de Pedro Ivo. Por isso, se dirigiu à aldeia do Cocal e no caminho não obteve

---

[695] AN. Série Guerra. IG[1] 97. 20/09/ 1849. Ofício do presidente da província de Alagoas, José Bento da Cunha Figueiredo, para o ministro e secretario de Estado dos Negócios da Guerra, Manoel Felizardo de Souza e Mello. Fl. 44, 44v, 50, 50v

[696] SILVA, Edson H. Op. Cit. 1995, p.11. MELLO, Evaldo Cabral de. "As províncias do norte e os 'melhoramentos materiais'". In: *O Norte agrário e o Império*. 1871-1889. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999, pp. 191-244.

notícias favoráveis sobre seus habitantes. Essas notícias, provavelmente, faziam referência aos tumultos causados pelos indígenas comandados por Salazar e que estavam ao lado de Pedro Ivo. Ali chegando, o diretor passou a animar os índios, mostrando "o dever que eles tem de obedecer ao Governo e prestarem-se em tudo que ele ordenar"[697] e, devido ao seu trabalho de convencimento, 24 índios resolveram segui-lo, recebendo ainda a promessa de outros tantos que iriam encontrá-lo mais adiante. A adesão dos índios do Cocal pode ter causado algum contentamento no diretor geral, apesar de seu baixo número e promessas que talvez não tenham sido cumpridas. Mas, o diretor precisava de mais homens e, assim, convocara cem guardas nacionais de Porto Calvo para guarnecer o lugar.[698]

Chegando ao aldeamento de Jacuípe, algumas pessoas o alertaram, aconselhando que "não deposite confiança na maior parte dos habitantes desta aldeia, tanto nos guardas nacionais, como nos índios". Além disso, recebera notícias de que os rebeldes estavam prontos para atacá-lo, deixando-o numa posição muito delicada. Mesmo estando nessa situação e tendo aplicado "as medidas mais persuasivas e prudentes" para reunir os índios, pouquíssimo conseguiu daquela população, pois tendo permanecido três dias na aldeia de Jacuípe, à espera da adesão dos índios dali e do Cocal, não conseguiu reunir sequer um soldado. A expectativa do diretor ao chegar em Jacuípe revela um pouco dos seus argumentos para convencer os indígenas, bem como os interesses destes últimos para se aliarem ao governo. O diretor esperava encontrar "mais obediência e desejos de defenderem o seu terreno" mas, ao contrário, encontrou os índios "indiferentes".[699] Diante da afirmação do diretor é de supor que tenha tentado barganhar com os índios, oferecendo uma maior proteção das suas terras em troca de apoio militar; negociação que seria benéfica para ambos os lados, segundo sua lógica. O diretor interpretou que a defesa do território seria de grande importância para os indígenas de Jacuípe, fazendo-os apoia-lo e, como demonstramos até aqui, de fato a manutenção do aldeamento era o motivo mais forte para estimular a sua participação nas guerras. Não obstante, havia outras questões que os motivavam a participar das revoltas ou a mudar as suas escolhas durante os conflitos, como as alianças já formadas e mantidas de acordo com os interesses envolvidos, disputas

[697] Comando das Armas. 07/11/1849. Ofício do diretor geral dos índios de Alagoas, José Rodrigues Leite Pitanga, para o comandante das armas, José Joaquim Coelho. In: ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL. *Revista do Arquivo Público*. 1º e 2º semestres. Ano III, número V. Recife: Secretaria do Interior e Justiça, 1948, pp. 636-637.
[698] Idem.
[699] Ibidem.

políticas locais, comando de uma liderança indígena legitimada pelo grupo e condições de penúria advindas das guerras.

Embora não tenhamos mais elementos para analisar o desinteresse dos índios diante da proposta do diretor geral de Alagoas, podemos inferir que para eles continuar fazendo parte da rebelião nas matas apoiando os rebeldes, significaria maiores chances de proteger o uso coletivo das terras da aldeia. Manter-se ao lado dessa parte da elite poderia protege-los com mais eficácia dos desmandos e invasões de terras realizados por outros potentados locais.

O poderio bélico e a recalcitrância dos indígenas de Jacuípe e Cocal faziam com que a tática das autoridades do governo continuasse a ser a do convencimento. O próprio comandante das armas de Pernambuco, José Joaquim Coelho, já havia tentado fazer um acordo com os índios, principalmente com os de Jacuípe quando percebeu que não havia chegado força alguma da Guarda Nacional, nem dos índios de Alagoas. Ele se dirigiu diretamente aos chefes dos índios de Jacuípe, "convidando-os a se apresentarem com os seus governados para ajudar a debelar a anarquia". Ofereceu o "vencimento diário de um cruzado e uma ração de duas libras de carne verde ou uma de carne seca, e um décimo de farinha". Esse cálculo foi baseado no que receberam na "guerra passada", ou seja, a Cabanada, quando se renderam e receberam uma ração ordinária de 640 réis por dia.[700]

Diante dos esforços e tentativas de convencer os índios de Jacuípe a participarem da repressão e da negativa destes, o comandante das armas, José Joaquim Coelho, finalmente chegou à conclusão de que não podia esperar qualquer tipo de ajuda deles e comunicou a situação ao presidente da província. Eles não pretendiam se aliar ao "partido da ordem". [701] Dessa forma, teriam que lidar com os últimos rebeldes refugiados nas matas de Água Preta apenas com as tropas que ainda existiam em Pernambuco.

No entanto, àquela altura do desenvolvimento dos conflitos da Praieira, as forças rebeldes estavam cada vez mais enfraquecidas. Foi no mesmo período em que

---

[700] Comando das Armas. 05/11/1849. Ofício do comandante das armas, José Joaquim Coelho, para o presidente da província de Pernambuco, Honório Hermeto Carneiro Leão. In: In: ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL. *Revista do Arquivo Público*. 1º e 2º semestres. Ano III, número V. Recife: Secretaria do Interior e Justiça, 1948, pp. 671-672.

[701] Comando das Armas. 10/11/1849. Ofício do comandante das armas, José Joaquim Coelho, para o presidente da província de Pernambuco, Honório Hermeto Carneiro Leão. In: In: ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL. *Revista do Arquivo Público*. 1º e 2º semestres. Ano III, número V. Recife: Secretaria do Interior e Justiça, 1948, pp. 635-636.

o governo de Pernambuco tentava convencer os índios, que Pedro Ivo cedeu às negociações e se entregou, morrendo em alto mar, quando viajava em direção à Europa. Os índios de Jacuípe também sofreram uma grande perda. Nos conflitos do dia 14 de novembro morreu o capitão Maurício. Ele fora identificado por Coelho como "um dos chefes rebeldes", "índio rebelde que tem figurado na maior parte dessas resoluções e sedutor de quantos índios se acham com os rebeldes".[702] A ameaça que a liderança de Maurício causava era grande, pois o comandante das armas tratou da sua morte da seguinte maneira: " a sua morte traz grande utilidade, não só por ter desaparecido um inimigo realmente terrível, como porque é provável que os índios se retirem com a perda do seu chefe".[703]

A outra liderança importante dos índios de Alagoas, o capitão Salazar se apresentou no acampamento de Coelho em Água Preta, acompanhado do diretor dos índios de Alagoas, alguns guardas nacionais e "meia dúzia de índios", dos quais muitos já haviam desertado. O comandante das armas ordenou que os índios se retirassem porque não eram necessários naquele momento, mas deveriam se manter prontos para quando fossem chamados. A atitude de Coelho nesse momento contrastou com a de poucos dias atrás, quando tentava de todas as formas convencer os índios a aderir às forças do governo. Ele se justificou dizendo que os índios se apresentaram em número diminuto e que estavam dispostos a desertar caso o diretor voltasse para Alagoas. Para prevenir que fizessem algum crime, Coelho mandou que se retirassem.[704] Mesmo com a rendição dos índios e a morte de uma das suas lideranças mais importantes, o receio de que se rebelassem ou causassem mais danos aos proprietários da região ainda era forte.

Após a sua rendição e seu alinhamento com os governos de Pernambuco e de Alagoas, o diretor dos índios da província passou a ter despesas com o sustento dos índios, que também receberam gratificações por "serviços importantes prestados pelos mesmos índios em favor da legalidade, de que grande proveito se tirou". A ajuda foi concedida, provavelmente, para manter os indígenas em sossego com o fim da Praieira, justificando o sustento deles pelo apoio que deram ao governo após o término da Cabanada, quando se renderam. Também foram feitos gastos para a

[702] Comando das Armas. 23/11/1849. Ofício do comandante das armas, José Joaquim Coelho, para o presidente da província de Pernambuco, Honório Hermeto Carneiro Leão. In: In: ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL. *Revista do Arquivo Público*. 1º e 2º semestres. Ano III, número V. Recife: Secretaria do Interior e Justiça, 1948, pp. 657-658.
[703] Idem.
[704] Ibidem.

realização da festa do padroeiro da aldeia de Jacuípe, São Caetano.[705] Ainda que os índios estivessem vivendo numa situação miserável, era de grande importância para o governo reconhecer a sua ajuda através de gratificações e mantê-los satisfeitos. Mais uma vez, mesmo tendo participado ativamente dos conflitos armados e tendo infligido grandes perdas às tropas governistas, os indígenas de Jacuípe não sofreram uma repressão violenta, mas tiveram a oportunidade de negociar a sua rendição e, depois, receberem gratificações pela ajuda que deram. Era imprescindível mantê-los ao lado do governo.

A participação de indígenas nas rebeliões garantiu a sua inserção em movimentos com um alcance mais amplo do que proporcionavam as disputas por terras nas localidades. Fizeram parte de algo maior, participando de revoltas que contestavam sistemas políticos, ainda que boa parte das elites provinciais apenas reclamassem o retorno de seus membros aos cargos perdidos em decorrência das mudanças políticas, como ocorreu no início da Cabanada e na Praieira. De maneira geral, esses movimentos defendiam ou o retorno a um tipo de regime político e social, ou priorizavam o debate para a construção de novas formas de administrar o público, com mais ou menos autonomia provincial. Embora algumas revoltas tenham se iniciado devido a discordâncias em relação ao poder centralizado diante de demandas locais e conflitos regionais por cargos políticos e propriedades, todas ganharam uma amplitude nacional, num jogo de escalas[706] em que as intrigas mais localizadas se conectaram com questões nacionais.

A contribuição dos indígenas se deu nessa teia de conexões em que a sua participação os alçou a disputas num panorama mais amplo. As contendas e demandas dos indígenas tiveram um caráter localizado, na maioria das vezes relacionados aos usos dos territórios das aldeias. Mas através do seu envolvimento das revoltas, em alguns casos realizando alianças com importantes lideranças rebeldes, os indígenas conseguiram atrelar os seus interesses aos movimentos com projeção regional e nacional. As alianças e rivalidades construídas em suas relações com não-indígenas nas localidades foram atualizadas com outros significados políticos advindos dos diferentes contextos de revolta. Conforme as estratégias utilizadas para participar dos

---

[705] AN. IG[1] 97. 04/06/1850. Ofício do presidente da província de Alagoas, José Bento da Cunha Figueiredo, para o ministro Estado dos Negócios da Guerra, Manoel Felizardo de Souza e Mello. Fl.42-43v.
[706] REVEL, Jacques. Op. Cit. 1998, pp. 15-38.

movimentos revoltosos, os indígenas encontraram formas variadas de interferir nos destinos políticos provincial e nacional.

A conexão entre as demandas de grupos indígenas envolvidos em revoltas com as reivindicações mais amplas dos líderes não-indígenas desses movimentos foi explorada por Marta Irurozqui em pesquisa sobre a revolução de 1870 ocorrida no departamento de La Paz, Bolívia. Nessa ocasião, índios compuseram um exército auxiliar, marcando sua participação militar numa revolta encabeçada por Casimiro Corral, sendo esta realizada como um ato contra "o despotismo e a usurpação" instituídos pela reforma agrária do presidente Melgarejo. O grupo político opositor ao presidente se apoiou na aliança com grupos indígenas de La Paz e, estes, por sua vez, perceberam a oportunidade de se manifestarem contra as leis que ratificavam a vendas das terras de comunidade em hasta pública, por considera-las propriedade do Estado. Ela argumenta que a mobilização popular gerada por revoluções e golpes de Estado

> no implicaba que los participantes en la contienda tuvieran que concebir sus intereses particulares como generales, sino que su colaboración fuese imprescindible para el logro de un objetivo considerado colectivamente como nacional.[707]

Assim, a colaboração dos indígenas de La Paz na revolta com projeção nacional pode ser entendida na articulação de suas demandas com as dos líderes rebeldes, lançando sua participação política para espaços mais amplos de discussão sobre projetos nacionais. Irurozqui consegue, dessa maneira, conectar necessidades mais localizadas dos indígenas com as propostas dos rebeldes, sem fazer dos primeiros personagens sem interesses e dispostos a seguir cegamente ordens dos líderes não-indígenas. Ao contrário, com sua leitura, Irurozqui confere certo grau de autonomia política para os indígenas envolvidos na revolta.

Portanto, a participação de diferentes grupos indígenas nas revoltas ocorridas em Pernambuco pode ser entendida através de sua interferência desses momentos críticos da formação do Estado nacional. A sua inserção nas revoltas não implicava na mudança de suas reivindicações na tentativa de as igualar às propostas políticas das elites envolvidas. Mas, compreender como as malhas e redes de alianças, rivalidades, desenvolvidas em função de demandas localizadas conectadas a projetos políticos mais amplos alçaram os grupos indígenas envolvidos nas revoltas a processos mais amplos e à própria constituição do Estado nacional brasileiro.

---

[707] IRUROZQUI, Marta. Op. Cit. 2003, pp. 117.

Durante as revoltas, o envolvimento dos grupos indígenas foi fundamental, tanto que eram disputados pelos diferentes lados das contendas, precisando, muitas vezes, serem convencidos ou "seduzidos" com promessas que tentavam contemplar suas expectativas em relação a terras, a pagamentos em dinheiro ou rações, à resolução de conflitos locais em torno de arrendamentos ou, em alguns casos, a interesses particulares.

Após o final da Praieira, os aldeamentos em Pernambuco e Alagoas ainda se mantiveram por algum tempo, assim como os confrontos por suas terras com posseiros e proprietários vizinhos. Esse quadro iria mudar na década de 1870, quando todos os aldeamentos foram extintos mas, antes disso, a população que permaneceu em Água Preta teve significativos ganhos no Riacho do Mato. De fato, ganhos que foram sendo conquistados aos poucos e à base de muita negociação, conflitos e resistência de autoridades e senhores de engenho da região.

5.5. Riacho do Mato: ganho dos índios e da população envolvidos nas rebeliões

Com a repressão à Praieira, última rebelião liberal da década de 1840, deu-se a consolidação do projeto conservador na Corte, iniciado com o movimento do Regresso em 1837.[708] De acordo com análise de José Murilo de Carvalho, o ano de 1850 foi um marco decisivo, pois nele se reafirmou um ministério conservador representado pela trindade saquarema, e uma composição na câmara de deputados na mesma linha política de maior centralização administrativa. Diante desse contexto parlamentar favorável, o governo se sentiu forte o suficiente para tratar de duas questões centrais ao Império: a mão de obra, através da problemática do tráfico, e a estrutura fundiária. Foram, assim, instituídos o fim do tráfico de africanos escravizados e a Lei nº 601, também conhecida como a Lei de Terras.[709] Nesse mesmo arcabouço de hegemonia conservadora no governo, foi também promulgado o Regulamento das Missões em 1845.

Instrumentalizadas em conjunto, a Lei de Terras e o Regulamento de 1845 contribuíram para oficializar e intensificar o processo de extinção dos aldeamentos indígenas pelo Brasil.[710] Na província de Pernambuco, ao final da década de 1870,

[708] MATTOS, Ilmar Rohloff de. "O gigante e o espelho". In: GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo. (orgs.). Op. Cit. Volume II, pp. 32-33.
[709] CARVALHO, José Murilo de. Op. Cit. 2003, pp. 255-257.
[710] CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). Op. Cit. 1992, pp. 20-21.

todos os aldeamentos já não mais existiam.[711] No entanto, esse processo não ocorreu sem a interferência indígena. O grupo de índios que permaneceu no Riacho do Mato e outro proveniente da aldeia de Escada reivindicaram a criação de um novo aldeamento durante a década de 1860.

A região do Riacho do Mato era conhecida por sua fertilidade, sendo margeada pelos rios Una e por vários riachos como o Jacuípe-mirim e o Taquara. Durante o inverno, devido às chuvas torrenciais, os caminhos se tornavam intransitáveis, causando grandes transtornos aos viajantes mais desavisados. Era, então, uma região propícia ao cultivo de algodão, cana-de-açúcar e café. Dali também se extraía madeiras e se fazia pequenos roçados. Era uma área importante de circulação entre as províncias vizinhas de Pernambuco e Alagoas, mais especificamente entre as vilas de Água Preta e Jacuípe.[712] Aquele espaço se constituiu enquanto refúgio de cabanos e praieiros, muitas pessoas que participaram desses eventos permaneceram morando ali, trabalhando nos engenhos e fazendas, e também nos seus próprios roçados. É importante ressaltar que nessa região de fronteira entre as duas províncias se desenvolveram grande parte dos conflitos relacionados às revoltas do período. Foi naquele espaço que desembarcaram as forças de repressão à Insurreição de 1817 e à Confederação de 1824, angariando apoio entre potentados locais e populações indígenas; ali também se enfrentaram cabanos e tropas imperiais, e, anos depois, os praieiros se refugiaram e guerrearam com as forças do governo instituído. Com isso, queremos afirmar que a população de pobres livres, libertos e escravizados que já habitava naquela região e também a que ali se refugiou, vivenciou experiências singulares nos diferentes contextos de revoltas e guerras.

Concordamos com Mônica Dantas quando afirma que ao participarem dos conflitos armados, ainda que em rebeliões iniciadas pelas elites, aqueles sujeitos históricos em posição social desprivilegiada "aprenderam a lutar, eventualmente até a liderar e, paralelamente, a reinterpretar a experiência da contestação como uma via possível".[713] A população daquela região, e mais especificamente a do Riacho do Mato, tinha passado, portanto, por um aprendizado político que a levou a vivenciar a contestação em favor da realização de seus objetivos. Não queremos defender uma análise que enfoque a linearidade dos acontecimentos ocorridos num mesmo espaço,

---

[711] VALLE, Sarah M. "O processo de destruição das aldeias na segunda metade do século XIX". In: OLIVEIRA, João Pacheco de (org.). Op. Cit. 2011, pp. 296-297.
[712] SILVA, Edson H. Op. Cit. 1995, p. 80.
[713] DANTAS, Mônica Duarte. Op. Cit., pp. 518-519.

mas que as vivências bélicas da população pobre habitante daquela área não devem ser menosprezadas, e sim levadas em conta para compreender as sua motivações e estratégias de participação política.

Desse contexto de experiências e aprendizado político tem-se notícias do índio Manuel Valentim dos Santos, que habitava aquela área desde 1858, sendo no ano seguinte reconhecido como o maioral dos cerca de vinte índios do aldeamento de Escada que viviam no Riacho do Mato. O Inspetor de Quarteirão Manoel Francisco Jatobá Canuto, com quem os índios de Riacho do Mato tinham desavenças, informou que Manuel Valentim foi cabano e quando Vicente de Paula foi preso em 1849, ele fugiu para escapar do encarceramento. O seu envolvimento na Cabanada deve ter sido intenso, pois Valentim foi chamado por uma das autoridades da região de "um segundo Vicente", o que demonstra também o seu potencial de liderança, igualado ao do grande líder da década de 1830.[714]

Logo após o fim da Praieira, Manuel Valentim conseguiu uma autorização do então Diretor Geral dos Índios, José Pedro Veloso da Silveira (um dos líderes da Revolta Guabiru e da repressão aos praieiros), para permanecer com seus companheiros no Riacho do Mato. Porém, apenas seriam considerados "aldeados" depois de ordem do governo imperial. Não demoraria muito para ele fazer requerimentos ao presidente da província e até para o Imperador no intuito de conseguir o reconhecimento do governo imperial.[715]

Durante a sua estadia no Riacho do Mato, Manuel Valentim foi se tornando importante liderança daquela população que pleiteava a demarcação do aldeamento e, por consequência, o reconhecimento como "aldeados". Afinal, a legislação do período continuava garantindo acesso a terras aos indígenas aldeados,[716] o que também significava proteção para sua subsistência frente ao avanço dos canaviais e das fazendas do entorno. Ainda que tenha enfrentado muitas discordâncias no interior do grupo e também confrontos com autoridades e vizinhos não indígenas, Valentim e seus aliados conseguiram importantes ganhos na região.

Ele era um agricultor como os demais índios, casado e com três filhos. A medida que ali foram se instalando, Valentim e os demais índios foram criando outros

[714] SILVA, Edson H. Op. Cit. 1995, pp. 90-91.
[715] Apeje. Série Diversos II, 19. 26/01/1870. Ofício do diretor geral interino dos índios, Francisco Alves Cavalcanti Camboim, para o presidente da província, Frederico de Almeida e Albuquerque. Fl. 154-154v.
[716] CUNHA, Manuela Carneiro da. Op. Cit. p. 20-21.

vínculos com o local. Em 1868 havia várias choupanas e “algumas casas de telha em arruamento” e, segundo o relato de um de seus aliados, os índios viviam “honestamente do produto de suas lavouras”.[717] No aldeamento havia engenhos, sendo um deles do índio Manoel Antônio de Araújo. Os índios também se dedicavam ao corte de madeira.[718]

Os indígenas que Valentim liderava eram provenientes de aldeias diferentes. No Riacho do Mato, além da população de pardos, negros e escravos que habitavam aquela localidade desde a Cabanada, se instalaram indivíduos da aldeia de Escada, assim como Manuel Valentim, que tinham encontrado ali uma alternativa à exploração, invasão e pressão exercidas por proprietários vizinhos ao seu antigo aldeamento. Também havia índios das aldeias do Cocal e de Jacuípe, ambas em Alagoas, para os quais o Riacho do Mato deveria representar um refúgio importante. Segundo o subdelegado da colônia militar Leopoldina, alguns índios do Cocal foram “seduzidos” por Manuel Valentim dos Santos e, por isso, foram encontrados no Riacho do Mato. Ao serem levados de volta para a sua aldeia em Alagoas, logo retornaram ao encontro de Valentim no Riacho do Mato.[719] Já sobre os índios imigrados de Jacuípe, o diretor geral afirmou que viviam sob a proteção de Manuel Valentim.[720]

Apesar de haver cisões no Riacho do Mato, concretizadas pela divisão entre aldeia de cima e aldeia de baixo,[721] Valentim, como representante da coletividade, conseguiu importantes ganhos para o grupo, mesmo quando a legitimidade da presença indígena na localidade foi questionada por autoridades da região. Argumentava-se que o lugar poderia se tornar “novo foco de criminosos e malfeitores”, tendo em vista os acontecimentos de 1849 e 1850, fazendo referência aos conflitos finais da Praieira desenvolvidos na zona da mata sul, nos quais os índios que reivindicavam terras participaram. Diante de tal quadro, Manuel Valentim e outros 30 índios provenientes da aldeia de Escada se dirigiram ao Diretor Geral dos

[717] Apeje. Série Petições Índios. 22/09/1868. Atestado do capitão reformado do Exército, Trajano Alípio de Carvalho de Mendonça, a pedido de Manuel Valentim dos Santos. Fl.93v.
[718] Apeje. RTP 17. Junho de 1878. Relatório sobre o extinto aldeamento do Riacho do Mato. Fl. 388-388v.
[719] Apeje. Série Petições Índios. 25/12/1865. Atestado do subdelegado da colônia militar Leopoldina, Manoel Cândido Rocha de Andrade. Fl. 81-81v
[720] Apeje. Série Diversos II, 19. 26/01/1870. Ofício do diretor geral interino dos índios, Francisco Alves Cavalcanti Camboim, para o presidente da província, Frederico de Almeida e Albuquerque. Fl. 154-154v.
[721] Idem.

Índios da província, o Barão dos Guararapes, para intervir no caso e garantir a permanência deles no local.[722]

Logo depois disso, Manuel Valentim recorreu a outra tática. Viajou ao Rio de Janeiro junto com outro índio, Jacinto Pereira da Silva, para reivindicar na Corte a transferência dos índios de Escada, onde sofriam perseguições e invasões dos fazendeiros vizinhos. Com isso, eles conseguiram um aviso do Ministério da Agricultura de 14 de setembro de 1861 que determinava a criação do novo aldeamento, mandando medir e demarcar uma porção de terreno para os duzentos índios já ali instalados e para os que deveriam chegar da aldeia de Escada. Esse terreno deveria ser medido na proporção de 22.500 braças quadradas para cada família indígena já estabelecida no lugar. A demarcação deveria ser continuada de acordo com a chegada dos demais índios de Escada até completar uma légua em quadro. Além disso, também se ordenava que fossem distribuídas ferramentas, tais como machados e enxadas para trabalho na lavoura. Também deveria ser indicado um Diretor Parcial para o novo aldeamento, sendo este um indivíduo aceito pelos índios.[723]

Esse aviso de 1861 foi acompanhado de outros dois, ambos de 23 de setembro. Como demonstra Sarah Valle, um trata da extinção da aldeia de Escada devido à criação da do Riacho do Mato. E o outro aviso recomenda o reconhecimento dos limites da antiga sesmaria concedida aos índios em Escada e a verificação das posses dos agricultores e senhores de engenho que nela estivessem instalados.[724]

É interessante perceber que as terras no Riacho do Mato, de acordo com o primeiro aviso de 1861, foram concedidas em lotes para as famílias indígenas, individualizando o acesso ao território, situação condizente com as novas proposições liberais da Lei de Terras de 1850 e suas regulamentações. Esse foi o mesmo mecanismo utilizado após a extinção dos aldeamentos a partir da década de 1860, para que as famílias pudessem permanecer provendo a sua subsistência nos lotes, descaracterizando o usufruto coletivo do território.[725] Ao mesmo tempo, a população ali estabelecida era vista pelo Estado como um grupo, uma coletividade, já

---

[722] SILVA, Edson. Op. Cit. 1995, p. 74.

[723] Apeje. Série Petições Índios. 14/09/1861. Cópia do Ofício do Ministério da Agricultura para o presidente da província de Pernambuco. Fl.74v-75.

[724] VALLE, Sarah M. Op. Cit. 2011 pp. 310-311.

[725] VALLE, Sarah M. Op. Cit. 1992. SILVA, Edson. Op. Cit. 1995. FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit. DANTAS, Mariana Albuquerque. Op. Cit.

que deveria ser administrada por um diretor parcial, tal como dispunha o Regulamento das Missões de 1845.[726]

O reconhecimento da aldeia do Riacho do Mato, conforme o aviso de 1861, ocorreu num momento de intensificação de conflitos e de perspectiva de extinção das aldeias da província. A aldeia de Riacho do Mato estava na contracorrente. Sua principal liderança, Manuel Valentim, com domínio dos instrumentos legais e conhecimento das culturas políticas e novas instituições do período, recorreu ao Diretor Geral e ao Imperador para fazer suas reivindicações. Baseado nas leis, que ainda garantiam terras para o aldeamento de índios, Manuel Valentim conseguiu aprovação a despeito dos argumentos contrários.

Não obstante, os conflitos continuaram no Riacho do Mato e em Escada. Devido às resistências existentes entre índios de Escada ao comando exercido por Manuel Valentim, um grupo deles enviou uma representação ao diretor geral no qual informavam ser "nociva" a sua transferência para a nova aldeia.[727] O diretor geral da província, o Barão dos Guararapes, mostrou-se contrário aos supracitados avisos, argumentado que índios e não índios viviam em conflito pelas terras de Escada e extingui-la significaria o triunfo dos posseiros. Em sua percepção, o novo aldeamento não traria benefício algum para os índios, já que estariam bem estabelecidos em Escada. A ida de Manuel Valentim à Corte seria um ardil dos posseiros de Escada para conseguir a transferência dos índios para o Riacho do Mato. E a demarcação da sesmaria dos índios já tinha sido ordenada, mas não foi realizada por falta de pagamento ao engenheiro responsável.[728]

Provavelmente em função dos argumentos apresentados pelo diretor geral e em decorrência de conflitos que ocorreram com o inspetor de quarteirão Manuel Francisco Jatobá Canuto no final de 1861, o Ministério da Agricultura, em 1862, revogou a remoção dos índios de Escada para o Riacho do Mato e, por consequência, voltou atrás na demarcação das terras. Valentim e outros índios envolvidos foram presos e acusados de desobediência às autoridades, invasão de terras e sedição.[729]

Valentim não desistiu e, em 1864, novamente se dirigiu à Corte no Rio de Janeiro para esclarecer a situação e reivindicar a delimitação do território da aldeia e a

[726] Art. 2º do Decreto nº 426 ou Regulamento acerca das missões de catequese e civilização dos índios. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. Op. Cit., p. 195.
[727] VALLE, Sarah M. Op. Cit. 2011, p. 307.
[728] Idem, pp. 310-311.
[729] SILVA, Edson. Op. Cit. 1995, pp. 75-76.

continuidade da remoção oficial dos índios de Escada. O ministro da agricultura emitiu um aviso, no qual ordenou ao presidente da província de Pernambuco que o índio Manuel Valentim permanecesse no Riacho do Mato:

> onde tem morada e plantações, e convindo que ali seja garantido em seus direitos, recomendo a Vossa Excelência que o faça persistir naquele lugar até que nova deliberação seja tomada.[730]

Com isso, Valentim conseguiu autorização para permanecer no Riacho do Mato ao lado dos outros indígenas que o acompanhavam mas, as disputas não se resolveriam com facilidade. Nos anos seguintes, a legalidade da existência da aldeia do Riacho do Mato foi questionada pelo diretor geral. Ele relembrou em ofícios entre os anos de 1865 e 1867 da revogação da transferência dos índios de Escada em ordem do Ministério da Agricultura feita em 1862.[731] Ao escolher enfatizar esse aviso, o diretor geral ignorava a ordem de 1864 que mantinha Manuel Valentim instalado na nova aldeia.

Valentim atuou de novo, mesmo diante da solicitação de alguns índios, provavelmente da Aldeia de Baixo, de sua substituição, já que não concordavam com a direção que ele dava ao aldeamento. Valentim também se viu atacado por vizinhos com interesses naquelas terras férteis e que, em parte, recebiam apoio do Diretor Geral dos Índios, Lourenço de Sá, o Barão de Guararapes. Em 1866, Valentim enviou duas petições ao Imperador, descrevendo a situação que se vivia no Riacho e as inimizades ali vivenciadas.

Na primeira delas, o líder indígena reclamou que as ordens de 1861 e 1864 para que as terras fossem demarcadas não estavam sendo cumpridas e que o referido Diretor Geral tem exercido pressão para que os índios deixem suas lavouras e retornem à aldeia de Escada, onde todo o terreno já estava ocupado por engenhos e cercados. Percebendo no Imperador a mais alta instância para realizar essa reivindicação, Valentim pediu proteção e a concretização de suas ordens:

> à paternal clemência de Vossa Majestade Imperial recorrem os pobres indígenas, para que dignando-se cobri-los com o manto de sua graça, ordene que sem perda de tempo sejam cumpridas as suas ordens.[732]

---

[730] Apeje. Série Petições Índios. 11/03/1864. Aviso do Ministro da Agricultura, Pedro de Alcântara Bellegarde, ao presidente da província de Pernambuco, Fl. 27-27v.
[731] VALLE, Sarah. Op. Cit. 2011, pp. 310-311.
[732] Apeje. Série Petições Índios. Abril de 1866. Petição de Manoel Valentim dos Santos para o imperador dom Pedro II. Fl. 87-87v.

Era importante demonstrar obediência para conseguir a mercê do Imperador: "todos os índios se dedicam ao trabalho com respeito, e submissão às leis e autoridades, prestando-se ao serviço público sempre que deles se precisa".[733]

Um mês depois, Valentim enviou nova petição ao Imperador, dessa vez com apoio de índios de outras aldeias. Em conjunto, as aldeias do Riacho do Mato, Barreiros, Ipanema e "Ubá" (Ararobá em Cimbres) pediram a demissão do Diretor Geral, Lourenço de Sá, por estar forçando os índios a saírem de suas terras, enquanto apoiava os posseiros invasores. Segundo Valentim, no Riacho do Mato, os índios haviam "aberto mais clareiras, com grandes sacrifícios plantado suas roças, montado suas engenhocas, levantado seus ranchos" e os posseiros, com violência, tentavam retirá-los das terras já trabalhadas, "desarranjando assim mais de 200 famílias agrícolas", que fazem "todo e qualquer sacrifício para defender o trono de Vossa Majestade Imperial". Além da demissão do Diretor Geral, os índios de Riacho do Mato também desejavam a demarcação das terras.[734]

Em 1867, a situação do Riacho do Mato ainda não havia sido resolvida. O diretor geral, o Barão dos Guararapes, respondeu algumas das acusações de Valentim sobre a administração da aldeia e lembrou que ele fora protagonista de várias turbulências ocorridas na região e que, por isso, o Ministério da Agricultura havia revogado a remoção dos índios de Escada para o Riacho do Mato em 1862. A determinação de Valentim em seu projeto era contestada pelo diretor e por outros índios da localidade. O diretor afirmou que ali, ele "se vai conservando, querendo a todo transe organizar um aldeamento no Riacho do Mato sem estar para isto autorizado".[735] Os índios contrários à sua liderança argumentaram que Manoel Valentim se fazia senhor do Riacho do Mato, colocando nela seus aliados, e abusando da mão-de-obra dos demais moradores.[736]

Logo em seguida se deu o processo de extinção da aldeia de Escada e medição de lotes no Riacho do Mato para distribuição entre as famílias indígenas.[737] Entre

---

[733] Apeje. Série Petições Índios. Abril de 1866. Petição de Manoel Valentim dos Santos para o imperador dom Pedro II. Fl. 87-87v.

[734] Apeje. Série Petições Índios. Maio de 1866. Petição de Manoel Valentim dos Santos para o imperador dom Pedro II. Fl.88-89.

[735] Apeje. Diversos II-19. 01/03/1867. Ofício do diretor geral dos índios, o barão dos Guararapes, para o presidente da província, Francisco de Paula da Silveira Lobo. Diretoria Geral dos Índios. Fl. 105-105v.

[736] Apeje. Diversos II-19. 25/02/1867. Abaixo-assinado dos índios da aldeia de Escada para o presidente da província, Francisco de Paula da Silveira Lobo. Fl. 106.

[737] Sobre o processo de extinção do aldeamento de Escada, consultar SILVA, Edson. Op. Cit. 1995.

1868 e 1869 se sucederam as disputas sobre os limites dos terrenos ocupados por posseiros e índios que escolheram permanecer em Escada. E para diminuir os conflitos no Riacho do Mato, o diretor geral entendia que era necessária a nomeação de um diretor parcial. Mas os conflitos continuaram, inclusive, com a interferência do juiz comissário local em favor dos não índios interessados nas terras da nova aldeia.[738]

Valentim defendeu-se das acusações feitas por não índios e índios contrários ao seu comando. Ele pediu auxílio aos seus aliados da região, que emitiram atestados sobre a boa conduta dos índios e a obediência prestada ao Imperador.[739] Não satisfeito com o debate sobre sua administração no aldeamento, em nível provincial, viajou uma terceira vez à Corte no Rio de Janeiro. Lá encaminhou uma petição ao Imperador, na qual se queixava das atitudes do juiz interino do Riacho do Mato, Alexandre Falcão, que estaria dando posse a indivíduos não indígenas em terras do aldeamento. Valentim rogava ao Imperador que fosse feita justiça, não reconhecendo os títulos dos posseiros, para "prevenir questões entre os índios, e já para não serem lesados em seus direitos".[740] Direitos baseados no reconhecimento do primeiro Diretor Geral dos Índios de Pernambuco, José Pedro Veloso da Silveira, e nos avisos de 1861 e 1864 do Ministério da Agricultura.[741]

O estabelecimento e a manutenção da aldeia do Riacho do Mato eram muito criticados pelos proprietários e autoridades locais. Edson Silva chama a atenção para as fontes produzidas durante o processo de 1861 relativas aos conflitos entre índios e um inspetor de quarteirão. Esses conflitos levaram à já citada revogação da remoção dos índios de Escada para o Riacho do Mato em 1862. Nessas fontes, parte das pessoas envolvidas nos conflitos e da população residente na nova aldeia foram descritas como não indígenas. Haveria, ao lado de Valentim, "um cabra negro intitulado por Índio", um grupo de "20 a vinte cinco cabras armados entre estes alguns índios", outros tantos negros, pardos, mamelucos, acaboclados e "cabras". Uma autoridade vizinha explicou que na aldeia viviam "homens de diferentes raças". De

[738] VALLE, Sarah. Op. Cit. 2011, pp. 314-315.
[739] SILVA, Edson. Op. Cit. 1995, p. 83.
[740] Apeje. Série Petições Índios. 12/08/1870. Petição de Manuel Valentim dos Santos para o Imperador, d. Pedro II. Fl.117-118. Grifos meus.
[741] Apeje. Série Petições Índios. 08/07/1870. Petição de Manoel Valentim dos Santos para o Imperador, d. Pedro II. Fl. 116.

acordo com o diretor da Colônia Militar de Pimenteiras, área próxima ao aldeamento, “todos eram supostos índios que se julgavam feridos em seus direitos”.[742]

Como demonstramos no capítulo 3, as disputas acerca das categorias sociais estavam relacionadas às disputas políticas e sociais, conforme argumentação de G. Boccara.[743] Por isso, num momento de conflitos por terras das aldeias, quando o discurso sobre o desaparecimento dos indígenas através da mistura estava sendo moldado pelas elites locais, os não indígenas interessados nesses territórios se valiam do questionamento sobre a identidade étnica dos habitantes da aldeia. Dessa forma entendemos que no Riacho do Mato as classificações étnicas estavam diretamente ligadas às disputas por identidades relacionadas aos conflitos por terras.

Apesar de a argumentação sobre convivência de pessoas consideradas não indígenas ter sido utilizada para deslegitimar as solicitações de reconhecimento do aldeamento, é muito significativo que um índio cabano, como Manuel Valentim dos Santos, tenha escolhido, junto com outros índios, o lugar do Riacho do Mato para constituir o novo aldeamento. Sobre aquele espaço foram construídos significados e uma relação com a população local importantes para a sua reivindicação enquanto aldeamento indígena. Como já vimos, aquele foi um lugar de convergência de rebeldes ao longo das décadas de 1830 e 1840, dos cabanos, de indivíduos escravizados, dos moradores e de agregados de engenhos transformados em soldados e que desertaram, de grandes proprietários que circularam pela região, de lideranças como Vicente de Paula, e de índios de aldeias variadas envolvidos nos conflitos armados.

É de se esperar que a população inserida nos conflitos por terras no Riacho do Mato fosse mestiça e também, podemos afirmar, em grande parte indígena. Os contatos e as relações interétnicas vivenciados ali foram intensificadas durante as duas últimas revoltas cujos conflitos ocorreram na região. Mas, além disso, a população indígena deslocada para aquela área, proveniente dos aldeamentos de Escada, Cocal, Jacuípe e Barreiros, já havia passado por profundos processos de reelaborações identitárias e mestiçagens. Conforme vários estudos sobre grupos indígenas aldeados na Colônia,[744] principalmente a partir da legislação pombalina em meados do século XVIII, as relações interétnicas foram incentivadas por meio de casamentos, do

[742] SILVA, Edson. Op. Cit. 1995, pp. 77-78.
[743] BOCCARA, Guillaume. Op. Cit., pp. 5-6.
[744] OLIVEIRA, João Pacheco de. Op. Cit. 2004. MEDEIROS, Ricardo Pinto de. Op. Cit., pp. 125-159. LOPES, Fátima Martins. Op. Cit. 2005. ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2003.

comércio, da imposição de religiosidade e costumes portugueses, intensificando a presença de não índios dentro das aldeias. Essa foi uma política do governo português para assimilar as populações indígenas, com intuito de transformar seus indivíduos em súditos cristãos do rei. Embora esse processo tenha acarretado uma série de transformações impostas aos indígenas, reafirmando sua posição de subordinados na hierarquia social da colônia, muitos grupos souberam se apropriar de maneira criativa das novas condições e se adaptaram a essa realidade. Afinal, ainda que tivessem seus territórios reduzidos e passassem a assumir várias obrigações, especialmente as relativas ao trabalho, as aldeias representavam garantia de terra e proteção aos indígenas, como bem demonstrou Maria Regina Celestino de Almeida.[745]

Por tudo isso, ao chegarem ao século XIX, os indígenas habitantes de aldeamentos coloniais, em sua maioria, não deveriam possuir sinais externos que os diferenciassem em relação à sociedade envolvente. Portanto, sob a classificação de "mestiços" utilizada pelas fontes existiriam muitos indivíduos que se percebiam como indígenas lutando pela manutenção de seus aldeamentos. Podemos afirmar, através das elaborações teóricas de Weber, que traços culturais e até mesmo laços sanguíneos não são os elementos definidores dos grupos étnicos e de suas identidades diferenciadoras. Como já vimos, a ação política em favor de interesses comuns exerce papel central na criação e reafirmação do sentimento de comunhão étnica e na criação de identidades coletivas.[746] Outro aspecto relevante nesse processo se refere às relações estabelecidas entre diferentes grupos étnicos. De acordo com o já citado F. Barth, a formação de grupos étnicos e de suas características diferenciadoras não são resultado de isolamento e estagnação, ao contrário, as diferenciações entre os variados grupos são construídas a partir das interações e trocas. Da interação entre membros de diferentes grupos decorrem os critérios de pertencimento ou exclusão, elementos fundantes do sentimento de comunhão criado dentro de uma coletividade. Portanto, a análise relativa aos grupos étnicos se desloca para a abordagem da construção e manutenção das fronteiras sociais entre os grupos, onde ocorrem as relações e/ou conflitos.[747]

Identificar uma população como misturada ou mestiça, para as autoridades locais significava diminuir ou mesmo destituir o direito de grupos sobre o território coletivo das aldeias. Enquanto que, para os sujeitos históricos classificados, ser identificado e

---

[745] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2003, pp. 101-103.
[746] WEBER, Max. Op. Cit., p. 270.
[747] BARTH, Fredrik. Op. Cit., p. 26.

se identificar como índio na segunda metade do século XIX ainda significava ter um lugar social e político diferenciado na hierarquia da sociedade imperial que implicava no acesso a direitos específicos, sendo o principal deles a manutenção das terras dos aldeamentos. As disputas por classificações e identidades de grupos indígenas foram uma constante ao longo do século XIX em várias regiões do Brasil, demonstrando os graves problemas relacionados à posse das terras das aldeias vivenciados pelos índios.[748]

No caso do Riacho do Mato, os índios e seu líder Manuel Valentim baseavam suas reivindicações na impossibilidade de continuarem no aldeamento de Escada devido às perseguições que sofriam, e na sua instalação no Riacho do Mato há muitos anos, onde já possuíam lavouras e conseguiam prover o seu sustento. A sua presença naquela região fora, inclusive, legitimada pelo reconhecimento da Diretoria Geral dos Índios em 1859, e pelos avisos ministeriais de 1861 e 1864. Podemos inferir sobre o seu reconhecimento a partir também do processo de extinção do aldeamento do Riacho do Mato. Se foi extinta de acordo com a sugestão do relatório de 1873,[749] em conjunto com outras aldeias, é sinal de que foi reconhecida pelo governo provincial como aldeia indígena. Após a extinção, o destino das suas terras foi idêntico ao das outras aldeias: divisão em lotes para as famílias indígenas que ainda estivessem na área e venda do restante em hasta pública.[750] Os não índios moradores da aldeia seriam beneficiados pela Lei de Terras que previa o reconhecimento da posse "mansa e pacífica" das terras que estivessem cultivadas, ou com princípio de cultura, e morada habitual do respectivo posseiro.[751]

Diante das novas condições proporcionadas pelas revoltas do período e perseguições sofridas, os índios de Escada e de outas aldeias da região (Cocal, Barreiros e Jacuípe) souberam se adaptar ao novo território e criar novos laços com aquele espaço, conseguindo, inclusive, respaldo oficial. Reelaboraram suas

---

748 Trabalhos sobre as classificações conferidas aos grupos indígenas ao longo do século XIX. ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2008, pp. 19-40. SILVA, Edson. Op. Cit. 1995. DANTAS, Mariana A. Op. Cit. SILVA, Isabelle Braz P. da. "O relatório provincial de 1863 e a expropriação das terras indígenas". In: OLIVEIRA, João Pacheco (org.). Op. Cit. 2011, pp. 327-346. MOREIRA, Vânia M. L. "Nem selvagens nem cidadãos: os índios da Vila de Nova Almeida e a usurpação de suas terras durante o século XIX". In: *Dimensões*. Vol. 14, 2002. p. 151-167.

749 "Relatório sobre os aldeamentos de índios na província de Pernambuco". In: MELLO, José Antônio Gonsalves de (org.). *O Diário de Pernambuco e a História Social do Nordeste* (1840-1889). Vol. I. Recife, pp. 350-351.

750 DANTAS, Mariana A. Op. Cit., p. 93.

751 Artigo 5º da Lei Nº 601, de 18/09/1850. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L0601-1850.htm. Visitado em 21 de outubro de 2014. DANTAS, Mariana A. Op. Cit., p. 72.

identidades e agiram politicamente em favor de um objetivo comum constituindo, assim, os sentimentos de pertença e comunhão em torno do novo território.

O líder indígena Manuel Valentim, ainda que não fosse unanimidade entre os índios do Riacho do Mato, havia acumulado experiências de contestação devido ao seu envolvimento na Cabanada e à sua proximidade com o grande líder da época, Vicente de Paula. Torna-se possível inferir que ele construiu interpretações próprias sobre as novas leis indigenista e fundiária e o novo contexto político, percebendo a possibilidade de reivindicar a constituição de um novo aldeamento em área tão importante para a população do entorno. Acionou os diferentes níveis da administração imperial, inclusive o Imperador, para reivindicar o reconhecimento daquele espaço como aldeamento, sendo esta unidade territorial ainda percebida pelos indígenas como um ganho central para a sua sobrevivência e proteção.

Dessa forma, na segunda metade do século XIX, ainda era interessante defender a identidade coletiva indígena, mesmo que essa classificação levasse a problemas sérios, a perseguições, conflitos e desentendimentos. Por outro lado, essa mesma identidade conferia um lugar de fala, uma posição social e uma condição jurídica diferenciados. Concordamos com Edson Silva, quando afirma que

> o Riacho do Mato como tudo indica, na época do aldeamento foi também "refúgio", abrigo, moradia, lugar de vivências e convivências de não-índios com a população indígena no local.[752]

Negros, índios, pardos e brancos pobres encontraram, assim, outro espaço de proteção quando a nova aldeia foi reconhecida em 1861 e 1864, o que não implica dizer que viveram sempre de maneira pacífica. Essa população era regida por sentimentos ambíguos, por relações complexas de apoios mútuos, interdependências, brigas, rixas e embates armados.

Com a participação na última revolta do período, indígenas de Barreiros e Jacuípe marcaram os destinos políticos das localidades em que viviam e fizeram suas demandas por terras serem ouvidas pelas autoridades e políticos. Embora alguns indígenas envolvidos na Cabanada e na Praieira, bem como outros sujeitos históricos que continuaram vivendo num espaço específico da vila de Água Preta, tenham conseguido um ganho expressivo com a formação do aldeamento do Riacho do Mato,

---

[752] SILVA, Edson. Op. Cit. 1995, pp. 80-81.

na década seguinte viram suas aldeias serem extintas, as terras loteadas e seu acesso restringido drasticamente. Por outro lado, os ganhos situacionais e passageiros, representados na aldeia do Riacho do Mato, possibilitaram a sua sobrevivência e lhes conferiu proteção e alguma autonomia. Fizeram uso da violência e da sua experiência de contestação, negociaram e reelaboraram seus campos de apoios mútuos e rivalidades, na condição de sujeitos ativos contribuindo para a constituição do Estado nacional no século XIX.

CAPÍTULO 6

DIMENSÕES DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA INDÍGENA

A participação de indígenas, principalmente os das aldeias de Jacuípe, Barreiros e Cimbres, nas revoltas ocorridas na primeira metade do século XIX foi articulada em diferentes dimensões. Como foi possível observar através do estudo das quatro revoltas, Insurreição de 1817, Confederação do Equador (18124), Cabanada (1832-1835) e Praieira (1848), os indígenas se envolveram de maneiras diversas e foram motivados por interesses próprios relacionados às dinâmicas locais das aldeias e povoados ou vilas vizinhos. Apesar da multiplicidade de situações em que houve a inserção de indígenas, é importante reafirmar alguns fios condutores de análise, que agrupam as formas de participação política e as motivações desses sujeitos históricos.

A atuação dos indígenas nas revoltas se deu através da ação dos grupos em função de interesses coletivos, do recrutamento forçado e da intervenção de uma liderança indígena que atuava visando aos seus próprios objetivos. A partir dessas formas de atuação, foram articulados pelos índios espaços informais e formais de interferência no âmbito público, que consistiram nos caminhos construídos por eles para ter suas necessidades e expectativas atendidas em contextos de intensas disputas políticas iniciadas pelas elites.

Na maior parte dos casos aqui estudados, tais necessidades e expectativas estavam relacionados à defesa do território das aldeias e da sua administração da forma que mais interessasse aos indígenas. Houve uma importante exceção a essa proposição mais geral, que foi o caso da atuação de Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde, principal líder da aldeia de Barreiros entre as décadas de 1820 e 1830. Ele comandou um grupo de índios proveniente da aldeia durante os conflitos da Cabanada, e em outras situações, em função de seus próprios interesses e das relações que mantinha com potentados locais. Não obstante, mesmo nessa exceção, a participação dos índios comandados por Agostinho ocorreu num contexto local de disputas pelas terras do aldeamento. Então, podemos indicar que o problema do acesso às terras das aldeias era o motivo central para a inserção dos indígenas nos conflitos iniciados pelas elites no início do Oitocentos.

Tais questões relativas às formas de participação dos indígenas nas revoltas e às suas motivações conferem o nexo da análise apresentada até o momento. Devido a essa análise, é possível afirmar que a participação indígena possuía um viés

fortemente político, uma vez que os interesses dos índios envolvidos nos embates armados eram relacionados aos objetivos dos líderes das revoltas ou da repressão montada pelos governos provinciais. A participação política nas revoltas inseriu os indígenas nos debates políticos desenvolvidos em momentos críticos do processo de formação do Estado brasileiro no Oitocentos. Situação que os destacava da massa composta por indivíduos pobres livres, e por escravos, que também tiveram intensa participação nas revoltas citadas.

Portanto, em linhas gerais, a participação indígena nas revoltas do início do Oitocentos possuía significados políticos, estava inserida nas contendas locais entre índios e não índios, foi motivada pelos conflitos em torno do território das aldeias e ocorreu através de ações coletivas. Esses conflitos fundiários emergem através de uma análise realizada numa escala mais localizada, em nível micro, o que não implica a perda da perspectiva mais ampla sobre as revoltas e o processo de construção do Estado brasileiro no século XIX. Ao contrário, a partir dessa perspectiva torna-se possível indicar outros sujeitos históricos como protagonistas e apontar outros significados e explicações para compreender tais processos. Assim, o Estado nacional oitocentista pode ser entendido de maneira mais plural e dinâmica em função do envolvimento de diferentes sujeitos históricos em seu processo inacabado de construção.

6.1. Construção do Estado nacional no Oitocentos: processo inconcluso e múltiplo

Ao longo desse trabalho viemos demonstrando como as revoltas ocorridas no início do século XIX em Pernambuco e Alagoas foram momentos importantes no processo de construção do Estado brasileiro no período. Partimos da ideia de que a formação de uma unidade política e territorial no Brasil se constituiu como um processo complexo e inacabado. Esse processo deve ser entendido a partir das inconstâncias e mudanças políticas causadas pelos debates sucessivos em torno de diferentes projetos de governo desenvolvidos, principalmente, entre as elites intelectuais e políticas, bem como pela atuação de variados sujeitos históricos, provenientes de estratos sociais diversificados. A ideia de Estado, assim, poder ser compreendida a partir de uma perspectiva mais dinâmica e múltipla. Alguns estudos sobre os processos de construção de Estados nacionais no século XIX vem sendo desenvolvidos tomando como foco países da América Latina. Em análise sobre a

configuração dos Estados argentino, boliviano e peruano, Marta Irurozqui critica a perspectiva que cria uma oposição entre Estado e sociedade ou os sistemas políticos institucionalizados e a atuação da população. Embora os processos colocados em debate por Irurozqui tenham levado à democratização do Estado e à formação de Repúblicas, as suas colocações sobre as interações entre ação coletiva, com capacidade de transformar estruturas, tendências e atores sociais, e o conceito de instituição[753] ajudam a pensar a formação do Estado brasileiro no Oitocentos.

Retornando à concepção semântica de instituição, Irurozqui aponta que a ação de instituir significa fundar e criar uma nova ordem sobre uma antiga. Isso confere ao conceito de instituição um conteúdo polissêmico, dinâmico e multifuncional, já que se refere tanto às normas vigentes e à ordem estabelecida, quanto às mudanças e aos novos conteúdos. Essa concepção de instituição leva em conta a permanência e a intervenção, a dinamicidade e a multiplicidade, desmontando a perspectiva de instituição como transcendente aos grupos humanos. O processo de institucionalizar, portanto, resulta da interação entre a racionalidade estabelecida e os acontecimentos e movimentos sociais, sendo construído por fenômenos de poder, sistemas de ação de decisão, de controle e de negociação. [754] Assim, pode-se afirmar que a ação social interfere diretamente nos processos de conformação e transformação da instituição.[755]

Ao tomar o Estado enquanto instituição, Irurozqui afirma que

> se aboga por un acercamiento de Estado desde su complejidad socio-institucional, entendiéndolo como una construcción producto de procesos políticos y sociales que una vez instituidos por la sociedad instituyente conforman los límites estructurales de ésta, pudiendo estos volver a transformarse gracias a su accionar publico. El Estado en tanto institución no estaría antes o después de la sociedad, pues actúa como un elemento fundador de la misma que al mismo tiempo es fundado por ella, garantizando su existencia institucional la vida de otras instituciones a través de múltiples pactos.[756]

Com essa proposta conceitual, Irurozqui entende o Estado e a sociedade em interação permanente, sendo essa relação construída a partir de negociações, disputas

[753] IRUROZQUI, Marta. Op. Cit. 2012, pp. 415-417.
[754] Idem, p. 417.
[755] IRUROZQUI, Marta. Op. Cit. 2011, vol. 37, p. 17.
[756] Em tradução livre da autora: "defende-se uma compreensão de Estado a partir de sua complexidade sócio-institucional, entendendo-o como uma construção, produto de processos políticos e sociais que, uma vez instituídos pela sociedade, conformam os limites estruturais dessa mesma sociedade, podendo tais limites voltarem a se transformar graças às ações públicas em seu interior. O Estado enquanto instituição não estaria antes ou depois da sociedade, pois atua como um elemento fundador da mesma, que também é fundado por ela, garantindo sua existência institucional a vida de outras instituições através de múltiplos pactos." IRUROZQUI, Marta. Op. Cit. 2011, p. 18.

e acordos entre grupos diferentes de atores.[757] É possível, então, estabelecer uma abordagem sobre a formação dos Estados latino-americanos no século XIX partindo da crítica à teoria da dependência que, entre outros aspectos, percebia no legado da colonização espanhola a impossibilidade de desenvolvimento democrático na região, sendo essa situação evidenciada na persistência da violência.[758] Por isso, a pesquisadora lança um olhar diferente sobre o uso da violência política no processo de democratização desses Estados recém-independentes e sobre a cultura política que os sustentava.[759]

Apesar de não podermos falar em sistema democrático no Brasil oitocentista, tal como ocorreu na Argentina, no Peru e na Bolívia, a análise sobre instituição proposta acima indica uma perspectiva mais dinâmica e que confere maior complexidade à formação do Estado nacional, principalmente através de movimentos armados inseridos em amplos debates sobre projetos políticos e que contaram com expressiva participação de segmentos sociais muitas vezes desprovidos de instrumentos formais de envolvimento na arena pública. Fica, assim, mais evidente a participação de agentes históricos, antes invisibilizados, como constituidores do Estado nacional brasileiro através de sua ação coletiva.

Com isso, acreditamos que os casos aqui estudados sobre indígenas participantes das revoltas do início do século XIX, ao lado dos rebeldes ou aliados às tropas governistas, contribuam para pensar esses sujeitos históricos enquanto participantes ativos do processo de formação do Estado nacional no período. Torna-se, então, necessário abordar, ao mesmo tempo, alguns dos embates políticos originados nos níveis nacional, provincial e local através da atuação dos indígenas nas revoltas aqui estudadas, fazendo um jogo de escalas, nos termos propostos por Jacques Revel.[760]

6.1.1. Espaços informais e formais de inserção na arena pública: uso da violência política e exercício da cidadania.

Os indígenas das aldeias de Cimbres, Barreiros, Jacuípe, e das demais citadas nesse trabalho, atuaram nas revoltas ao lado de outros sujeitos históricos, com quem compartilhavam uma posição desprivilegiada em relação aos membros das elites políticas e econômicas. O envolvimento, as escolhas e as motivações desses agentes

[757] IRUROZQUI, Marta. Op. Cit. 2011, p. 18.
[758] IRUROZQUI, Marta. Op. Cit. 2012, p. 418.
[759] Idem.
[760] REVEL, Jacques. Op. Cit. 1998.

sociais diante das revoltas iniciadas pelas elites indicam a elaboração de espaços informais de participação política, ou seja, de estratégias de interferência no âmbito público por populações que tinham acesso muito restrito aos mecanismos formais de atuação política, como o voto. Essa perspectiva confere maior complexidade ao processo de construção do Estado brasileiro no Oitocentos.

A década de 1830, na qual teve início o Período Regencial, foi um período privilegiado pelos estudos historiográficos sobre esse tipo de participação política. Nesse sentido, os acontecimentos e as movimentações na Corte proporcionam exemplos marcantes. Liberais moderados, liberais exaltados e caramurus construíram espaços informais de sociabilidade e participação política, exemplificados nas associações, na imprensa, nos movimentos de protesto e nas manifestações cívicas. No espaço público emergente valorizado pelo liberalismo do período, desenvolviam-se de maneira iniciante uma opinião pública e práticas informais de cidadania. Marcello Basile indica como a política extrapolou os círculos palacianos da Corte e passou a ser feita e debatida no espaço público fluminense, com a participação de agentes sociais que até então "estavam a margem do processo participativo" provenientes não apenas de estratos médios como também dos "estratos de baixa condição social (inclusive escravos)".[761] Apesar de terem vidas curtas, a mobilização política e a construção de lugares de exercício informal da cidadania ocorridas durante o Período Regencial, segundo Basile, devem contribuir para o entendimento da formação do Estado brasileiro e da "comunidade imaginada" como um "longo e tortuoso" processo constituído de baixo para cima. [762]

A população pobre e livre habitante da capital do Império se viu tomada pelas discussões sobre conceitos políticos relativos aos regimes de governo, como monarquia, república, federalismo e centralismo. Gladys Sabina Ribeiro demonstra como o envolvimento dessa população nas "noites das garrafadas" em março, antes da abdicação, refletia seus descontentamentos em relação a situações não resolvidas após a Independência. Esses populares, defende Ribeiro, tinham seus próprios pontos de vista sobre os problemas políticos em debate, sobre a liberdade aclamada durante o processo de Independência e sobre a relação de "portugueses" e "brasileiros". Foi no seio dessa movimentação popular no Rio de Janeiro nas décadas de 1820 e 1830 que

---

[761] BASILE, Marcello Otávio Neri de Campos. *O Império em construção*: projetos de Brasil e ação política na Corte regencial. Tese (doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2004, p. 15.
[762] Idem, p. 450.

se consolidou os conteúdos do sentimento antilusitano e das identidades brasileira e portuguesa.[763]

É possível, então, afirmar que foi nesse momento, no qual a estrutura política se encontrava abalada devido à ausência de centralização do poder no monarca, que emergiram atores históricos variados. Os novos atores, entre os quais deve-se incluir as "camadas pobres", de acordo com Marco Morel, faziam-se presentes nas lutas políticas, inclusive nas lutas armadas que eclodiram por várias províncias, levando os "grupos privilegiados" a perder o controle das atividades políticas. Tais atores históricos estavam atuando de maneiras variadas, compondo um "mosaico das formas de participação política" através da imprensa, das associações, das mobilizações de rua, das lutas armadas e alianças. A participação política de diversos sujeitos históricos e a exposição e debate de ideias em diferentes instâncias levaram Morel a denominar o Período Regencial de "grande laboratório de formulações e de práticas políticas e sociais" que, segundo ele, teria ocorrido em outros poucos momentos da história do Brasil. [764]

Apesar de fazer uma análise mais generalizante sobre as "camadas pobres" da sociedade brasileira oitocentista, Morel confere destaque aos indígenas e escravos. Sobre os primeiros, ele enfatiza o seu considerável número nas províncias e a sua atuação em revoltas, como a Cabanada e a Cabanagem, na maioria das vezes na tentativa de defender seus territórios coletivos. Assim, Morel afirma que "a população indígena coloca-se como protagonista histórico no século XIX brasileiro".[765]

Como vimos no capítulo 4, índios aldeados em Pernambuco e Alagoas participaram numa das revoltas do Período Regencial, a Cabanada, a partir de motivações especificas, as quais estavam diretamente relacionadas às dinâmicas locais. Iniciada em 1832, os líderes da Cabanada se viram prejudicados com a abdicação de D. Pedro I, já que perderam seus cargos políticos e militares. Além disso, viram antigos inimigos políticos, rebeldes de 1824, ganhar anistia e voltar ao poder em Pernambuco. Por isso, defenderam o retorno do Imperador ao trono. A situação política na Corte não favorecia os anseios dos rebeldes. Um conjunto de leis conhecida como reformas liberais colocou em discussão as relações de força entre o Executivo e o Legislativo e a implantação de medidas na tentativa de remover alguns

---

[763] RIBEIRO, Gladys Sabina. *A liberdade em construção*: identidade nacional e conflitos antilusitanos no primeiro reinado. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Faperj, 2002, pp. 18-21.
[764] MOREL, Marco. Op. Cit., pp. 9-10; 38.
[765] Idem, p. 43.

"resíduos absolutistas do Estado imperial, identificados à forte centralização política e administrativa".[766]

Diante desses contextos, índios de Jacuípe e Barreiros encontraram respostas frente aos problemas colocados pelo início dos conflitos, articulando-se com não índios em função de suas necessidades e seus interesses. Então, novos conteúdos políticos foram adicionados às contendas entre índios e não índios em torno das terras das aldeias. Em Jacuípe, índios e sua liderança, Hipólito Nunes Bacelar, envolveram-se na revolta a partir de uma aliança articulada com João Batista, ex-tenente-coronel das milícias de Barra Grande em Alagoas. Essa aliança foi construída num contexto local de disputas pelo cargo de diretor da aldeia. Um ano antes do início da Cabanada, em 1831, novamente o cargo de diretor da aldeia foi disputado e, dessa vez, João Batista tentou interferir a favor do candidato dos índios. Não obteve sucesso e, por isso, embates se iniciaram na vila. Quando a Cabanada eclodiu, João Batista se uniu aos rebeldes e obteve ajuda dos índios de Jacuípe, devido aos apoios mútuos construídos no ano anterior. [767] Então, por meio da análise das fontes, pudemos indicar o contexto local de disputas por terras e demonstrar que o envolvimento dos índios de Jacuípe nessa revolta estava relacionado à administração da aldeia e à tentativa dos indígenas de defendê-la dos interesses de proprietários vizinhos.

Já em Barreiros, a administração das terras coletivas e disputas entre lideranças indígenas foram motivos para uma cisão interna. No mesmo ano em que eclodiu a revolta, Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde, líder indígena da aldeia naquele momento, negociou parte das terras da aldeia para um dono de engenho vizinho. [768] Somando-se essa negociação aos conflitos entre Agostinho Panaxo Arcoverde e Bento Duarte, outro líder indígena, pelos cargos de administração da aldeia entre 1829 e 1830,[769] percebemos que a participação dos índios de Barreiros na Cabanada em lados opostos dos conflitos se deu em decorrência das divergências entre as lideranças mais destacadas da aldeia. Divergências que se davam em torno da administração da aldeia e, consequentemente, de suas terras.

---

[766] BASILE, Marcello. Op. Cit. 2009, p. 82.

[767] SANT'ANA, Moacir Medeiros de. Notas e reflexões sobre os cabanos. Manuscrito. Pasta 01. Apud: ALMEIDA, Luiz Sávio de. Op. Cit. 1995. Cap. 7, pp. 40-42.

[768] FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit., p. 39.

[769] Apeje. Ord. 7. 25/04/1829. Ofício do juiz de paz de Barreiros, Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde, para o presidente da província, Tomás Xavier Garcia de Almeida. Fl. 221-221v. Apeje. Ord. 8. 19/03/1830. Ofício do comandante das ordenanças dos índios de Barreiros, Bento José Duarte, ao presidente da província, Joaquim José Pinheiro Vasconcelos. Fl. 50.

Pelos casos estudados no capítulo 4 e retomados sumariamente acima, inferimos que os índios das duas aldeias encontraram maneiras próprias para se envolver nos conflitos da Cabanada, fazendo interpretações da situação política a partir das dinâmicas vivenciadas em seus territórios e das relações com não índios vizinhos. Colocar-se ao lado dos rebeldes, como fizeram os índios de Jacuípe liderados por Hipólito Bacelar e o grupo de índios de Barreiros liderado por Bento Duarte, ou das tropas de repressão, como se posicionou Agostinho Panaxo Arcoverde ao comandar outro grupo de índios de Barreiros, foram estratégias utilizadas por eles para melhor lidar com as pressões sobre as terras das aldeias e as redes de relações estabelecidas com não índios. A atuação militar e política dos indígenas foi de grande importância para o desenvolvimento dos conflitos, tanto que quando a Cabanada já se encaminhava para o fim, os governos de Pernambuco e Alagoas tentaram estabelecer canais de negociação com os índios de Jacuípe para que eles se rendessem. Era fundamental convencê-los a mudar de lado e tê-los como aliados.

Como viemos demonstrando ao longo desse trabalho, não foi apenas no Período Regencial que houve a participação de indígenas, movidos por interesses próprios, nos conflitos iniciados pelas elites e, portanto, envolvendo-se nas disputas acerca dos regimes de governo em discussão. Tais disputas se intensificaram com a transferência da Corte portuguesa para o Brasil em 1808,[770] quando a diminuição da atuação de Lisboa levou a uma alteração no tradicional equilíbrio entre as capitanias no Brasil, que "anteriormente relacionavam-se horizontalmente". [771] A partir de então, passaram a ficar subordinadas ao Rio de Janeiro. Em 1815, a dinâmica entre metrópole e colônia seria abalada com a elevação do Brasil à condição de Reino Unido a Algarve e Portugal, conferindo autonomia e estatuto igualitário à antiga possessão portuguesa na América.[772] Ainda que essa mudança de estatuto tenha sido elaborada mais no plano simbólico, foi significativa a transformação de uma variedade de espaços reunidos em torno da representação de um príncipe numa "entidade política dotada de precisa territorialidade e de um centro de gravidade que, além de sê-lo do novo reino, era-o também de todo o império".[773]

---

[770] GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo. "Prefácio". In: *O Brasil Imperial, volume 1*: 1808-1831. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 11.
[771] JANCSÓ, István. PIMENTA, João Paulo G. Op. Cit., p. 154.
[772] OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. "Repercussões da revolução: delineamento do Império do Brasil, 1808/1831". In: GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo (org.). Op. Cit. volume I, p. 20.
[773] JANCSÓ, István. PIMENTA, João Paulo G. Op. Cit., p. 154.

Novos conceitos políticos passaram a circular e a ser discutidos nesse contexto atlântico, aparecendo com mais força em 1817, na Insurreição ocorrida em Pernambuco, e na década de 1820 com a Revolução do Porto. No cenário de intensificação dos debates, indígenas de Pernambuco e Alagoas se envolveram nos conflitos armados.

No contexto da Insurreição de 1817, índios que compunham a câmara da vila de Atalaia, em Alagoas, decidiram apoiar as tropas realistas e investir na repressão aos patriotas após saberem, por uma autoridade local, que os rebeldes teriam a intenção de se apossar das terras de sua aldeia e escravizar os sobreviventes aos conflitos.[774] Não temos informações para afirmar se essa era a intenção dos rebeldes. Mas, a conjectura levantada foi o suficiente para fazer os índios de Atalaia apoiar a repressão à Insurreição. Por sua vez, os índios da aldeia de Escada, localizada na zona da mata sul de Pernambuco e, por isso, próxima aos conflitos, protestaram contra a imposição do novo diretor que apoiava a causa dos rebeldes de 1817. Enviaram-lhe uma carta, dando-lhe um ultimato: "ou se declarasse a favor de sua majestade ou o vinham arrasar".[775]

Como foi abordado no capítulo 3, em 1824, os índios das aldeias de Jacuípe, em Alagoas, e de Barreiros, em Pernambuco, contribuíram com as tropas da repressão à Confederação do Equador, sendo decisivos em batalhas ocorridas na fronteira entre as duas províncias. Levantamos a hipótese, apesar das lacunas nas fontes, de que esses índios haviam feito uma escolha política, defendendo interesses coletivos, levando em consideração o elevado número de participantes, cerca de 200 provenientes apenas de Jacuípe,[776] e a indicação de que os índios de Barreiros teriam sido "seduzidos" pelas tropas governistas, ou seja, convencidos.[777] É possível inferir que o fato de terem sido convencidos indica uma abertura para negociação, sendo-lhes prometido algo em troca pela sua participação armada. A existência de uma negociação entre índios e não índios na tentativa de persuadir os primeiros é indício

---

[774] BN. Sessão de periódicos. História abreviada dos acontecimentos que se deram na comarca das Alagoas depois da revolução de Pernambuco, por Antônio Batalha. Documento 52, p. 64-71. 29/01/1818. *Documentos Históricos*. Revolução de 1817. Vol. CIII (103). Ministério da educação e cultura. Biblioteca Nacional. Divisão de obras raras e publicações. 1953.

[775] AN. Códice 7, vol. 1. Testemunho de Manoel João Ferro. 01 de dezembro de 1817. Fl. 137v-139v.

[776] AN. Série Guerra. IG[1]247. 21/08/1824. Ofício do tenente engenheiro, Conrado Jacob de Niemeyer. s/fl.

[777] AN. *Publicações do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro: Officinas Graphicas do Arquivo Nacional, 1924. Vol. 22. Voto de frei Joaquim do Amor Divino Caneca a favor da invasão de Alagoas. p. 104. Sem data.

de que eram importantes nas táticas militares e na vitória de seus aliados. Nessa linha de análise, conseguimos inferir que os interesses coletivos dos indígenas de ambas as aldeias estavam relacionados aos territórios nos quais viviam. Defenderam o Imperador, aliando-se as suas tropas, na tentativa de manter as terras concedidas no período colonial. Os de Jacuípe, mais especificamente, tinham acesso quase irrestrito às matas do tombo real, onde conseguiam um mínimo de proteção e subsistência. É possível que tenham percebido a imagem do monarca como uma figura distante, mas provedora de justiça e a quem poderiam recorrer em última instância,[778] tal como vários grupos indígenas fizeram em outros estados latino-americanos.[779] Portanto, a participação ao lado das tropas de d. Pedro I estava relacionada ao seu estatuto de súdito e aos direitos adquiridos sobre as terras das aldeias e matas adjacentes.

Os índios de Cimbres adotaram escolha diferente da dos índios de Jacuípe e Barreiros, também defendendo uma figura real, mas nesse caso o soberano de Portugal d. João VI. Em 1824 realizaram um levante a favor de d. João VI e numa devassa foram acusados de serem contrários à "causa do Brasil" e à constituição.[780] Essas foram acusações muito graves, feitas num momento crítico do desenvolvimento do Estado brasileiro no qual foi outorgada a Constituição e iniciada uma revolta de grandes proporções em Pernambuco e nas províncias vizinhas. Em decorrência de seu posicionamento político, bem como das disputas políticas locais, os índios de Cimbres sofreram uma violenta tentativa de recrutamento realizada pelo sargento-mor Manoel José de Serqueira, que tinha intenção tanto de reunir braços para suas tropas quanto de esvaziar a aldeia e minar a organização de seus habitantes.[781] Os indígenas viviam uma situação de embates com autoridades locais, invasão de terras, tentativa de extinção da aldeia, violência e de recrutamento forçado. Diante desse quadro, deve ter parecido interessante realizar levantes e defender d. João VI, sendo este o representante de uma ordem política anterior à Independência que havia garantido o acesso coletivo ao território da aldeia.

Durante a Praieira, ocorrida em 1848, os indígenas envolvidos voltaram a se posicionar em face das disputas políticas entre liberais e conservadores, partidos criados no contexto do Regresso. Ainda que tenha sido a terceira revolta do "ciclo das

---

[778] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 1996, p. 61.
[779] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2011, pp. 211-212.
[780] Apeje. JO 2. Devassa sobre a culpa dos índios da vila de Cimbres (contra Vicente Cabeludo e outros.) Devassa iniciada 9 de janeiro de 1824 e finalizada em 19 de março de 1824. Fl.100-109.
[781] COSTA, F.A. Pereira da. Op. Cit. Vol.6, p. 241. BARBALHO, Nelson. Op. Cit. Vol.13, p. 99.

insurreições liberais" em Pernambuco[782], o contexto de eclosão da Praieira foi composto de organizações políticas e propostas diferentes das discutidas em 1817 e 1824. Os enfrentamentos políticos de acirraram, grosso modo, em torno das concepções sobre centralismo do governo imperial ou maior autonomia para as províncias, principalmente a partir da ascensão do movimento do Regresso, em 1837. Essa facção política defendia a monarquia constitucional centralizada e o retorno às condições políticas anteriores às reformas liberais promulgadas com o início das Regências.[783] De maneira geral, Marcello Basile afirma que os regressistas não eram totalmente contrários às reformas liberais, mas entendiam que o país não estava pronto para elas e que era necessário fazer as mudanças de maneira lenta e gradual. Em oposição ao Regresso formou-se o Progresso, que originou o Partido Liberal, cujos membros defendiam a autonomia provincial, a restrição ao Poder Moderador e maior poder ao Legislativo.[784]

Como foi visto no quinto capitulo, uma das lideranças indígenas de Barreiros, Bento Duarte, comandou os demais índios nos conflitos armados ao lado dos rebeldes. Anos antes da eclosão da Praieira, Bento Duarte e seus aliados recorreram aos instrumentos administrativos do Império, como petições e ofícios, para questionar os arrendamentos feitos em terras da aldeia.[785] Sem qualquer solução favorável, Bento Duarte e seus subordinados articularam ações armadas na vila e a invasão a um engenho vizinho.[786] O ataque a engenhos de adversários políticos era a mesma estratégia utilizada pela polícia do governo praieiro durante o "quinquênio liberal" (1844-1848). Nessa situação de invasões e embates armados, os indígenas de Barreiros foram defendidos pelo chefe de polícia praieiro, quando foi solicitada, pelos moradores das vilas de Una e Barreiros, a transferência dos indígenas para outra localidade. O chefe de polícia argumentou que eles haviam ajudado a debelar a Cabanada na década anterior e, por isso, suas terras coletivas deveriam ser mantidas na localidade.[787] Bento Duarte silenciou sobre as disputas internas na aldeia e o seu próprio alinhamento com os cabanos durante a Cabanada, passando a apoiar os

[782] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 1996, pp. 51-69.
[783] Idem, p. 92.
[784] Idem, p. 93.
[785] Apeje. JM 2B. 19/02/1845. Requerimento dos índios de Barreiros representados por seu curador ad litem. Fl. 239-239v.
[786] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 1986, pp. 28-29. CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 2002, pp. 79-80.
[787] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 2002, p. 80.

praieiros na revolta, fazendo parte, inclusive, do exército rebelde como um oficial.[788]

Embora tenham contado com o apoio militar e político de índios aldeados de Pernambuco e Alagoas, os praieiros não lograram sucesso com seu movimento armado. A vitória sobre a última revolta liberal do período significou o triunfo do Regresso e de seu projeto político centralizador para o Brasil, reafirmado em 1850 com o ministério conservador representado pela trindade saquarema, sendo essa composta por Rodrigues Torres, Paulino José Soares de Sousa e Eusébio de Queirós.[789] Esses políticos e seus aliados conferiram o tom e o conteúdo do Estado imperial, nas palavras de Ilmar Matos, ao orientar suas ações pelos princípios da Ordem e da Civilização. Os saquaremas conseguiram estar no governo do Estado, exercendo uma direção política específica centrada num projeto definido para garantir a integridade territorial e um governo com poderes reais para o monarca.[790]

Pela rápida revisão das situações acima colocadas e de acordo com a análise realizada nos capítulos anteriores, percebemos que os indígenas envolvidos nas revoltas participaram intensamente da construção do Estado nacional e dos debates políticos em questão, desenvolvendo percepções próprias sobre os contextos políticos em diferentes escalas. Conforme suas possibilidades e margens restritas de atuação, os indígenas relacionaram suas necessidades e demandas locais, na maioria dos casos relacionadas às terras coletivas, aos propósitos tanto de rebeldes quanto dos líderes das tropas de repressão. Dessa forma, entendemos que eles construíram seus espaços de participação informal na política da província e por, consequência, nos debates em escala nacional sobre os diferentes projetos políticos em relação aos regimes de governo do Império brasileiro.

Concordamos com Mônica Dantas, em seu estudo sobre o que chamou de "participação popular" em revoltas, motins e revoluções ocorridos no século XIX, quando afirma que a experiência de envolvimento em embates armados de cunho político e iniciados, muitas vezes, pelas elites implicou numa compreensão própria da população em situação social desprivilegiada sobre os conceitos em discussão, como o de cidadania. Além disso, ela indica que é possível relacionar o processo de formação do Estado nacional no século XIX ao aprendizado político da população.

---

788 Apeje. Revolução Praieira, volume 1. 14/01/1849. Ordem do dia nº 1 do Comando Geral das tropas liberais acampadas no engenho Tintugal. P.337-338. Revolução Praieira, volume 2. 09/03/1849 p. 990.

789 CARVALHO, José Murilo de. p. 255-257. MATTOS, Ilmar Rohllof de. "O gigante e o espelho". p. 32-33.

790 MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema*. São Paulo; Hucitec, 2004, pp. 17; 120-121; 142-204.

Nesse sentido, a participação de indivíduos em movimentos rebeldes diferentes originaria um acúmulo de experiências, inclusive de contestação. Ao inverter o foco e analisar as expectativas populares nas revoltas, ao invés de apenas estudar as motivações dos líderes provenientes das elites, torna-se possível compreender algumas supostas contradições e a articulação entre demandas mais concretas de pessoas pobres e livres com as mais amplas das revoltas.[791] De acordo com Mônica Dantas

> estes homens se mobilizaram e agiram tendo em vista valores e instrumentos próprios à sua inserção social, mas também se apropriando de valores e instrumentos novos que estavam sendo constituídos a partir da organização de um regime que se queria monárquico, constitucional e representativo.[792]

O envolvimento de outros sujeitos históricos, que movimentaram-se em função de interesses próprios, em fatos importantes ocorridos no século XIX torna o processo de formação do Estado nacional brasileiro oitocentista mais dinâmico, apontando para outras dimensões da participação política para além da formal.

Nesse sentido, a ideia de cidadania em negativo, elaborada por José Murilo de Carvalho, aponta para o mesmo caminho. O conceito de cidadania é entendido como "a maneira pela qual as pessoas se relacionam com o Estado"[793], sendo exercido através do voto, da composição do corpo de jurados e da formação da Guarda Nacional. Para compreender as situações que não se enquadram nessa conceituação, em seu estudo, Carvalho adotou o alistamento militar, o registro civil e a introdução do sistema métrico como experiências que despertaram a fúria e a reação violenta da população. Essa reação seria gerada pelas mudanças impostas que interferiam no cotidiano dos indivíduos, tendo por objetivos alterar comportamentos tradicionais e aumentar o controle do Estado. Tudo isso dava lugar à insegurança da população pobre e livre, que se recusava a ter sua vida regulada sem respeito aos valores e costumes considerados tradicionais. Esse posicionamento, de acordo com José Murilo de Carvalho, não deve ser entendido como uma negativa à cidadania, mas como uma maneira de afirmar direitos e fazer política para garantir direitos tradicionais. "Não deixava de ser um tipo de cidadania, embora em negativo".[794]

---

[791] DANTAS, Mônica Duarte. Op. Cit. 2011, pp. 516-523.
[792]Idem. p. 521.
[793] CARVALHO, José Murilo de. "Cidadania: tipos e percursos". In: *Estudos históricos*. Nº 18, 1996, p. 4.
[794] CARVALHO, José Murilo de. Op. Cit. 1996, p. 14.

Ainda que tenha ajudado a pensar as situações de participação política que fogem da estrutura institucionalizada pelos mecanismos formais de exercício da cidadania, essa conceituação deixa de lado as possíveis apropriações e reelaborações feitas pelos sujeitos históricos em situação social desprivilegiada de novas ideias e de novos instrumentos políticos constituídos ao mesmo tempo em que o Estado brasileiro se formava.

Alguns estudos recentes feitos sobres países da América Latina tem conseguido analisar a participação política de grupos sociais variados no intuito de defender seus interesses, articulando-os às transformações políticas e conceituais do processo de formação dos Estados nacionais no século XIX. Os trabalhos de Marta Irurozqui se destacam nesse sentido por analisar o processo eleitoral na Bolívia oitocentista, bem como as fraudes eleitorais e os golpes de Estado, entendendo-os como momentos de aprendizado democrático da população envolvida. Se não fossem a generalização da fraude e da violência eleitorais, indígenas, populares, artesãos e pequenos comerciantes não teriam acesso às urnas. A ilegalidade, argumenta Irurozqui, converteu as eleições em espaços de intervenção generalizada da população, tendo essa experiência permitido o aprendizado dos conceitos de representatividade e de soberania popular.[795]

Assim, a intenção da pesquisadora é demonstrar como os indivíduos de um país aprenderam a ser cidadãos e como se converteram em tais. Para isso, a ideia de cidadania precisa ser vista de maneira mais ampla e inclusiva, como uma forma de gestão e transformação do espaço público. Ainda que nas eleições as elites tenham se colocado como lideranças do processo, apresentando propostas e arregimentando partidários, houve uma contínua mobilização popular através de revoltas urbanas e sublevações indígenas. Ao invés de tratá-los como resistência, seria necessário perceber que tais movimentos não significaram um rechaço às transformações políticas, econômicas e sociais, mas um desacordo em relação à exclusão do processo de construção do novo regime político ou de sua inclusão de maneira marginal ou tutelada na condição de mão de obra dócil. Portanto, a participação de grupos subalternos a partir dos projetos e comando das elites não os invisibiliza, ao contrário, lhes confere protagonismo.[796]

---

[795] IRUROZQUI, Marta. Op. Cit. 2000, pp. 16-17.
[796] IRUROZQUI, Marta. Op. Cit. 2000, pp. 18-21.

Essa análise sobre fraudes, uso da violência e eleições é importante por contribuir para a compreensão dos processos de elaboração dos espaços informais de participação política, ainda que comparações entre os casos boliviano e brasileiro possuam limitações. No século XIX, os dois Estados divergiam, principalmente, no que se referia ao seu processo de emancipação política, à concepção e prática da democracia, aos diferentes sistemas eleitorais, aos regimes políticos adotados, e também às dimensões da presença e participação indígena nesses processos. Não obstante, os estudos sobre os usos da violência política e a participação de amplos setores sociais no âmbito público ajudam a conferir visibilidade a outros sujeitos históricos na constituição dos Estados nacionais no Oitocentos a partir de outras formas de inserção, como viemos demonstrando até o momento através da participação de indígenas nas revoltas do período.

A violência utilizada em revoltas, nas guerras civis, nos combates armados, a exemplo dos movimentos rebeldes ocorridos em Pernambuco e Alagoas na primeira metade do século XIX, pode ser entendida como um modo de ação social, como um instrumento da política. De acordo com Irurozqui, a violência, posto que presente em toda sociedade, não se constituí enquanto monopólio do Estado. Deve ser percebida, então, através de seu caráter fundador de ordens sociais e de novas identidades públicas, acelerador ou modificador da dinâmica social. A violência é utilizada, portanto, pelos envolvidos nos embates como um recurso disponível para frear, acelerar ou precipitar a mudança social ou política. [797] Como argumenta Marta Irurozqui,

> resultado de ello ha sido la comprensión de las guerras civiles, revoluciones, rebeliones, revueltas o los golpes de Estado como acontecimientos generadores de modernidad a través de los que fue posible generar un tejido nacional.[798]

Os contextos históricos analisados nas elaborações sobre os usos da violência política se referem aos conflitos armados desenvolvidos no processo de formação dos Estados nacionais surgidos com os processos de ocaso da monarquia espanhola, fragmentação territorial e independência de países da região andina, mais especificamente da Bolívia. Os países independentes adotaram o formato republicano

---

[797] IRUROZQUI, Marta. Op. Cit. 2009, p. 11.

[798] Em tradução livre da autora: "como resultado, tem-se a compreensão das guerras civis, revoluções, rebeliões, revoltas ou dos golpes de Estado como acontecimentos geradores de modernidade, através dos quais foi possível dar origem a um tecido nacional." IRUROZQUI, Marta. Op. Cit. 2011 p. 19.

como fórmula de governo e a democracia representativa como expressão da vontade popular, o que os colocava na vanguarda da experimentação política.[799] Essa perspectiva propõe uma crítica à análise sobre a América Latina não se constituir enquanto um espaço capaz de gerar modernidade devido à sua herança colonial.[800]

Diante disso, é necessário fazer a ressalva de que o processo brasileiro no século XIX foi distinto em relação aos outros países latino-americanos devido, entre outros aspectos, à conformação de uma monarquia constitucional após a independência, regida por quatro poderes, tendo o Poder Moderador função central e, por consequência, atuação quase irrestrita do Imperador. No entanto, esse foi um processo antecedido por profundas transformações no vocabulário político em Portugal e no Brasil, principalmente nas décadas de 1810 e 1820,[801] com a inserção de ideias liberais como soberania popular, distinção entre os três poderes e afirmação de direitos individuais, que influenciaram os rebeldes de 1817 e 1824 em Pernambuco.[802] Ainda que a primeira Constituição brasileira tenha sido outorgada e tenha ratificado o poder de intervenção do Imperador, o seu liberalismo correspondia ao que já era praticado em outros países americanos, como afirmam Hebe Mattos e Keila Grinberg.[803] O Brasil, enquanto Estado soberano, estava, portanto, inserido nos grandes movimentos atlânticos de transformações políticas. Contudo, havia grandes diferenças em relação aos processos políticos protagonizados pelos vizinhos latino-americanos. Por isso, não é possível falar em democracia ou soberania popular no Brasil tal como era debatida e vivenciada na região andina.

Entretanto, compreender o uso da violência como instrumento da ação política que possibilita a inserção de sujeitos históricos variados na arena de debate público, bem como perceber o Estado como uma instituição com capacidade de adaptação, ajuda a analisar a participação de indígenas nas discussões políticas relativas à formação do Estado brasileiro através da sua inserção nas revoltas do período. A força bélica dos indígenas aldeados de Pernambuco e Alagoas foi compreendida tanto pelos líderes dos movimentos rebeldes, quanto pelas autoridades das forças repressivas, o que levou às tentativas de negociação e convencimento em situações diferentes como,

---

[799] IRUROZQUI, Marta. Op. Cit. 2009, p. 9.
[800] IRUROZQUI, Marta. Op. Cit. 2009, pp. 9-10. IRUROZQUI, Marta. Op. Cit. 2011, p. 16.
[801] NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Op. Cit. 2003.
[802] BERNARDES, Denis. Op. Cit. 2006, pp. 206-207.
[803] GRINBERG, Keila. *O fiador dos brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, pp. 111-113. MATTOS, Hebe. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, pp. 7-10

por exemplo, na Confederação do Equador, na Cabanada e na Praieira. Os indígenas e suas respectivas lideranças, em muitos casos, atuaram nos novos contextos conflitivos, tentando também se favorecer de seu potencial bélico, como os índios de Jacuípe durante o fim da Cabanada[804]

Diante do exposto, podemos afirmar que os indígenas envolvidos nas revoltas utilizaram sua força militar como instrumento político, levando-os a participar da política imperial numa dimensão informal e nos debates sobre os projetos políticos divergentes para o Estado em construção. A construção pelos indígenas dessa dimensão da participação política ganha ainda mais importância diante das restrições existentes para a sua participação formal através dos mecanismos institucionalizados dentro do Estado. O regime monárquico constitucional inseriu o mecanismo do voto, exercido apenas por aqueles que atendiam as condições relativas à renda, ao local de nascimento e ao estatuto jurídico de livre ou liberto.[805] Ainda que houvesse impedimentos censitários, estes não foram suficientes para vetar o envolvimento de amplas camadas da população devido ao nível de renda exigida, considerada baixa para a época.[806]

No entanto, para os indígenas, mesmo baixa, a renda poderia ser um impeditivo real, já que não possuíam propriedades particulares, nem rendimentos suficientes. Boa parte da renda produzida pelos indígenas aldeados na primeira metade do século XIX era administrada pelos diretores e tesoureiros, pois, como foi visto no capítulo 1, esses cargos foram mantidos em Pernambuco mesmo após a extinção do Diretório Pombalino em todo o Brasil no ano de 1822.[807] Esses funcionários continuavam responsáveis pela distribuição da mão de obra indígena e pela administração de seus rendimentos.

A força de trabalho dos indígenas empregada em áreas externas às aldeias, segundo a legislação do século XVIII, deveria ser paga tendo por intermediário o diretor da aldeia. Dessa forma, o indígena que trabalhasse em propriedades vizinhas deveria ter acesso a apenas um terço do salário, sendo o restante depositado no

---

[804] AN. Série Guerra. IG[1]94. 26/05/1835. Ofício do comandante em chefe em Água Preta, Joaquim José Luiz de Souza, ao presidente da província de Alagoas, José Joaquim Machado de Oliveira. fl.31-33v.

[805] Artigo 6º da Constituição Política do Império do Brasil. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm visitado em 17 de junho de 2014.

[806] BARBOSA, Wellington. Op. Cit., p. 65.

[807] O Diretório já havia sido extinto no Estado do Grão-Pará e Rio Negro em 1798. SAMPAIO, Patrícia. Op. Cit., p. 183.

"cofre" existente em todas as povoações.[808] Além disso, o fruto da comercialização de seus produtos com não índios deveria ser recebido pelo tesoureiro da aldeia, que o repassaria aos índios na forma de gêneros alimentícios, manufaturas, ferramentas, e não em espécie.[809] Ambas determinações do Diretório eram baseadas no conceito de menoridade do indígena e, portanto, na sua incapacidade de gerir recursos, sendo necessário um tutor para intermediar as relações com não indígenas.

Como a estrutura preconizada pelo Diretório continuou atuando em Pernambuco mesmo depois da sua extinção em 1822, o diretor da aldeia passou a dividir essas funções com os responsáveis pela administração dos bens indígenas, ou seja, com os ouvidores de comarcas (até 1832) e juízes de órfãos (a partir de 1833).[810] Em Pernambuco e Alagoas houve, então, anteriormente à implantação do Regulamento de 1845, uma sobreposição de funções na administração das aldeias. Portanto, a instituição da tutela, na primeira metade do século XIX, estruturou-se com a atuação de diferentes intermediários nas relações entre não índios e índios, já que, de acordo com a legislação do período, estes não teriam a capacidade de governar a eles mesmos, nem as suas respectivas terras.

Devido a essas restrições à atuação dos indígenas, o seu envolvimento através de mecanismos formais na política local ou provincial era bastante limitado. Considerados incapazes de se administrar, por consequência, também seriam vistos como impossibilitados de exercer direitos políticos. Até o momento, são raras as referências à participação de indígenas nos processos eleitorais do Império brasileiro,[811] reafirmando a proposição de que seu envolvimento na política e nos debates públicos através de meios oficiais ou formais era cerceado pela instituição da tutela.

Uma importante referência à participação política indígena através de meios instituições foi a atuação de Agostinho José Panaxo Arcoverde, liderança mais proeminente do aldeamento de Barreiros entre as décadas de 1820 e 1840, e que teve papel importante no comando dos demais índios da sua aldeia nos conflitos da Cabanada. Agostinho ocupou importantes cargos na administração da aldeia e na

---

[808] Parágrafos 68 e 69 do Diretório dos Índios. ALMEIDA, Rita Heloísa. Op. Cit., p. 214.
[809] Parágrafo 58 do Diretório. ALMEIDA, Rita Heloísa. Op. Cit. p. 211.
[810] CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). Op. Cit., p. 14.
[811] Há a informação da participação de índios do aldeamento do Ipanema, em 1860, numa tentativa violenta de fraude eleitoral na vila de Águas Belas, agreste pernambucano. Por conta desse golpe, o processo de extinção do aldeamento foi intensificado. DANTAS, Mariana Albuquerque. Op. Cit., pp. 79-83.

política de Barreiros. Entre 1829 e 1836, ele informou estar atuando como juiz de paz, capitão-mor e comandante do aldeamento.[812] Na vila ele assumiu o título de capitão da Guarda Nacional, em 1836, e em 1838 foi investido no cargo de subprefeito de Barreiros.[813] De acordo com a análise desenvolvida no capítulo 4, inferimos que Agostinho Panaxo Arcoverde cumpria as condições para exercer a cidadania ativamente, tendo em vista ter sido um oficial da milícia cidadã e juiz de paz, cargos que exigiam os mesmos requisitos para a inserção nos espaços formais de participação política. Portanto, a atuação de Agostinho Panaxo Arcoverde na vida política local se desenvolveu dentro dos parâmetros formais para o exercício da cidadania no século XIX.

O estudo do caso de Agostinho Arcoverde nos permite afirmar que, a depender dos interesses e das circunstâncias, caso fosse importante para o indivíduo ou coletividade, era possível ao indígena acionar duas condições concomitantemente, a de cidadão e a de seu estatuto jurídico diferenciado de índio. Situação que contrariava as proposições de políticos e autoridades da época, que entendiam e preconizavam a transformação dos indígenas em cidadãos iguais aos demais ao desvincular-se de seus costumes específicos e direitos coletivos.[814] Embora o caso de Agostinho Arcoverde seja relevante, não podemos afirmar se houve muitas outras situações de acionamento da condição de cidadão ao longo do século XIX devido à falta de estudos na área. Apenas podemos inseri-lo num conjunto, ainda pouco estudado no Brasil, de indígenas que expandiram os limites do exercício da cidadania, como os já citados do Espírito Santo estudados por Vânia Moreira,[815] e em outros pontos da América Latina.[816]

Contudo, podemos afirmar que a sua atuação nas malhas do poder local, valendo-se de suas conexões com outros políticos da vila, bem como de seu histórico familiar para conseguir legitimidade entre os outros índios de Barreiros, levou

---

[812] Apeje. Ord 7. 25/04/1829. Ofício do juiz de paz de Barreiros, Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde, para o presidente da província, Tomás Xavier Garcia de Almeida. fl. 221-221v. Apeje. Pc 1. 28/06/1836. Ofício do Prefeito da comarca do Rio Formoso, Luiz Eller, para Presidente desta província, Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque. Fl. 514-514v.
[813] COSTA, F. A. Pereira da. Op. Cit. Vol. 8, p. 47. Apeje. Pc 17. Ofício do prefeito da comarca do Rio Formoso, Álvaro Barbalho Uchoa Cavalcanti, para o presidente da província, Francisco do Rego Barros. 20 de janeiro de 1841. Fl. 84. Apeje. GN1. 20/01/1836. Ofício do alferes Francisco Santiago Ramos para o presidente da província, Francisco de Paula Cavalcanti. Fl.152.
[814] SPOSITO, Fernanda. Op. Cit., p. 94.
[815] MOREIRA, Vânia M. L. Op. Cit. 2009.
[816] LIRA, Andrés. Comunidades indígenas frente a la ciudad de México. Tenochtitlán y Tlatelolco, sus pueblos y barrios, 1812-1919. México: El Colegio de México; Zamora: El Colegio de Michoacán, 1983. Apud: ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2011, p. 125.

Agostinho num caminho contrário ao preconizado pelas autoridades que viam a condição de indígena como excludente à de cidadão. Portanto, como homem livre, nascido em território brasileiro e ao atender os requisitos para participar da vida pública através do voto,[817] Agostinho cumpria as condições para assumir o título de cidadão brasileiro e de ser empossado em cargos compatíveis com esse estatuto político e jurídico.

Por outro lado, a situação de Agostinho o inseria na estrutura da instituição da tutela. Ao assumir funções centrais da administração da aldeia, como o de diretor e capitão-mor, ele se tornava, ao mesmo tempo, instrumento e objeto da tutela. Por ser indígena, Agostinho deveria estar submisso às leis e mecanismos de cerceamento impostos pela incapacidade de autogoverno, pressuposto que norteou a legislação indigenista dos séculos XVIII e XIX. No entanto, ele também estava na posição de tutor e intermediário ao ocupar os referidos cargos e por regular os usos da mão de obra indígena em conflitos armados, como na Cabanada, e mediar as negociações em torno do arrendamento das terras da aldeia com proprietários vizinhos nos anos de 1832 e 1836.[818] Agostinho Panaxo Arcoverde se inseria, assim, em múltiplos níveis das relações entre índios e não índios.

O envolvimento de Agostinho Panaxo Arcoverde na política local nos ajuda a demonstrar como, ainda que cerceados em sua atuação pelas relações desiguais de poder nas quais estavam inseridos, os indígenas se envolveram nas questões políticas do início do século XIX a partir de suas próprias perspectivas. De maneira formal ou informal, eles encontraram caminhos variados para participar dos processos de conformação do Estado nacional, defendendo seus interesses e buscando atender suas necessidades.

6.1.2. Participação coagida: recrutamento forçado

O recrutamento coagido configurou uma outra dimensão da participação indígena nas revoltas, que pôde ser melhor observada durante os combates da Insurreição de 1817, quando índios das aldeias do Ipanema, de Palmeira e de Cimbres

---

[817] Conforme a Constituição de 1824, para ser cidadão brasileiro era necessário ter nascido no Brasil e ser livre. Tinham o poder de voto nas paróquias, primeiro nível das eleições, os homens a partir de vinte e cinco anos de idade e renda líquida anual de cem mil réis. Para participar do nível seguinte do processo eleitoral, ou seja, votar nos candidatos a deputado, senador e membro dos Conselhos de Província, era necessário ter renda líquida anual de duzentos mil réis e ter nascido livre. Constituição Política do Império do Brasil disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm

[818] FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit., pp. 39; 42-44.

foram arregimentados para participar dos conflitos armados, tanto ao lado dos patriotas, quando da repressão ao governo provisório.[819] Muitas vezes o recrutamento coagido de mão de obra indígena pelas autoridades locais era usado como método de esvaziamento das aldeias e de controle social.[820]

Juízes, ouvidores e diretores administravam as aldeias, tentando dispor do trabalho indígena, fosse militar, fosse em serviços diversos. Ao analisar a participação indígena sob o jugo de oficiais das Ordenanças e diretores de aldeias no capítulo 2, demonstramos como os recrutados estavam vulneráveis a esse tipo de serviço militar violentamente forçado, e a outros trabalhos, principalmente, em obras públicas. Nesses casos, os indígenas compartilhavam com uma população pobre e livre um lugar social desfavorável em comparação aos membros das elites que, não raro, ocupavam cargos militares, como por exemplo oficiais das Ordenanças e, depois, da Guarda Nacional. A violência com a qual os recrutamentos eram realizados foi uma das questões levantadas por Denis Bernardes para ter ocasionado o aumento da tensão social em Pernambuco no ano de 1817. A rígida disciplina militar, o soldo insuficiente e frequentemente pago com atrasos aprofundavam o descontentamento entre os recrutas.[821]

Essa foi uma prática comumente utilizada por autoridades locais ao longo do século XIX, como demonstraram em seus respectivos trabalhos Edson Silva[822] e Vânia Moreira[823]. Conforme foi tratado no capítulo 2, Silva demonstra como índios da aldeia de Cimbres foram recrutados de maneira brutal para fazer parte das tropas que combateram na Guerra do Paraguai (1865-1870). Ele afirma que os recrutamentos eram uma maneira de conseguir controle social sobre indivíduos livres e pobres, além de acesso à mão de obra militar.[824]

Na aldeia de Barreiros, o recrutamento forçado de índios teve funções diferentes a depender da situação política do momento. Durante a Guerra do Paraguai, um grupo de índios, menor do que o de Cimbres, foi levado para a frente de combate,

---

[819] BARBALHO, Nelson. Op. Cit. vol. 11, pp. 259; 287. BN. Sessão de Periódicos. Documentos Históricos. Revolução de 1817. Vol. CIII (103). Ministério da educação e Cultura. Biblioteca Nacional. Divisão de Obras Raras e Publicações. 1953. Documento 52, p. 64-71. Apeje. Ord. 1. 29/05/1817. Ofício do sargento-mor, Manoel José de Serqueira, para o capitão-mor das Ordenanças de Cimbres, Antônio dos Santos Coelho da Silva. Fl. 30-31v.

[820] SILVA, Edson. Op. Cit. 2008, p. 93. MOREIRA, Vânia. Op. Cit. 2005, pp. 2; 10.

[821] BERNARDES, Denis. Op. Cit. 2011, pp. 77-80.

[822] SILVA, Edson. Op. Cit. 2008.

[823] MOREIRA, Vânia. Op. Cit. 2005.

[824] SILVA, Edson. Op. Cit. 2008, pp. 87-93.

como demonstra Lorena Ferreira.[825] Durante a Cabanada e na repressão ao Quilombo do Catucá, como foi visto no capítulo 4, índios foram recrutados por seu líder Agostinho José Panaxo Arcoverde, que, diferentemente das autoridades não indígenas, dispunha de outras ferramentas para angariar soldados. É provável que o histórico familiar de liderança, proveniente dos seus antepassados Camarão e Arcoverde, tenha conferido a Agostinho legitimidade diante dos demais indígenas aldeados para conseguir recrutá-los sem maiores resistências. Ainda em Barreiros, indígenas também foram recrutados para trabalhar em serviços variados fora da aldeia, tais como as obras públicas no Recife.[826]

Para alguns políticos do período, a exemplo de José Bonifácio, os indígenas deveriam figurar como os substitutos naturais do trabalho escravo.[827] Assim também se posicionou o presidente de Pernambuco em 1827, José Carlos Mairink da Silva Ferrão, afirmando ainda que os indígenas deveriam ser emancipados da tutela e, dessa forma, igualar-se aos demais cidadãos. Suas terras deveriam ser repartidas em seguida.[828] Em 1833, a Assembleia Legislativa de Pernambuco propôs à Assembleia Geral Legislativa que todas as aldeias daquela província fossem extintas e os indígenas "reintegrados na plenitude dos direitos e garantias dos cidadãos brasileiros". Na mesma proposta, há indicações sobre o destino das terras das aldeias.[829]

Não conseguimos mais informações sobre essa proposta, mas tendo em vista que a extinção das aldeias de Pernambuco se intensificou a partir da década de 1860, podemos inferir que não foi colocada em prática imediatamente. Cabe ressaltar a convergência nas propostas de Ferrão, em 1827, e da Assembleia provincial, em 1833, sobre a necessidade de emancipar os indígenas da tutela e igualá-los aos cidadãos, o que facilitaria a sua inserção na sociedade nacional como trabalhadores. Essa perspectiva também foi adotada pelo presidente de Pernambuco em 1830 de inclinação antiliberal, Thomaz Garcia de Almeida, que entendia ser necessário preparar os índios para substituir os escravos, pois o fim do tráfico estava se

---

[825] FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit., pp. 148-152.
[826] Idem, p. 144.
[827] DOLHNIKOFF, Miriam (org.). *Projetos para o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 33.
[828] Apeje. Correspondência para a Corte, volume 31. Fl 107-109. Ofício do presidente da província, José Carlos Mairink da Silva Ferrão, para o ministro do Império, Visconde de São Leopoldo. 05/04/1827. fl. 107-109.
[829] Anais do Senado do Império do Brasil. Vol. 3. Sessão de 13 de agosto de 1833. p. 13. http://www.senado.gov.br/anais/pesquisa/edita.asp?Periodo=4&Ano=1833&Livro=3&Tipo=9&Pagina=0 visitado em 17 de novembro de 2014.

aproximando. O mesmo foi defendido por um político liberal, Francisco de Carvalho Paes de Andrade, presidente da província em 1831, indicando que os indígenas poderiam ser utilizados tanto na lavoura como em trabalhos domésticos. Concordamos com Marcus Carvalho quanto afirma que as elites estavam coesas em relação ao problema da mão de obra indígena, pois as diferentes facções políticas entendiam que "o índio aldeado seria naturalmente o substituto do braço escravo em Pernambuco".[830]

O trabalho indígena em propriedades de não índios já era uma realidade há muito tempo, como demonstra o relato do viajante inglês Henry Koster, proprietário de engenho em Pernambuco. Em suas viagens na década de 1810 passou por aldeias indígenas e, no Ceará, fez um relato sobre o funcionamento das aldeias de Arronches e Massangana e os usos da força de trabalho de seus habitantes.[831] O diretor da aldeia tinha papel central nessa prática ao intermediar o recrutamento e escolher as propriedades onde os indígenas deveriam trabalhar. Estando o diretor inserido nas malhas do poder local, ele poderia beneficiar seus aliados no recebimento de trabalhadores a baixo custo, em detrimento de seus rivais políticos. Temos, portanto, componentes da estrutura da instituição tutelar sendo acionados em relação direta com as redes locais de barganhas e inimizades políticas.

Como tentamos demonstrar no capítulo 2, o indígena inserido nas redes tutelares e nas relações baseadas no clientelismo, muitas vezes tinha sua mão de obra, tanto militar quanto para serviços externo às aldeias, recrutado de maneira forçada. No primeiro caso, equivalia a outra forma de participação informal, uma vez que líderes das revoltas e da repressão percebiam o poderio militar indígena e tentavam fazer uso dele. Assim, na condição de recrutados, os indígenas participantes dos conflitos, inseridos num processo de militarização, não devem ter sua atuação

---

[830] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 1996. p. 54. É importante frisar que com as leis de emancipação gradual da escravidão na segunda metade do século XIX, as atividades produtivas das províncias da atual região Nordeste não foram desarticuladas pelo deslocamento de cativos para a região Sudeste através do tráfico interprovincial. Os engenhos de açúcar já contavam com o acesso à mão de obra juridicamente livre através dos serviços prestados por moradores e agregados, por lavradores e pelos trabalhadores sazonais, assalariados ou diaristas. Em outro trabalho, levantamos a hipótese de as aldeias terem desempenhado importante papel no provimento de mão de obra em suas localidades diante desse contexto nacional. É interessante perceber a contemporaneidade entre a aplicação das leis de emancipação e o processo de extinção das aldeias indígenas em Pernambuco e Alagoas na segunda metade do século XIX. Nas décadas anteriores ao desenvolvimento desses processos, autoridades atuantes em Pernambuco apontavam o indígena como uma alternativa viável à força de trabalho escravizada, inclusive tendo em vista que já desempenhava diversos serviços, como viemos demonstrando até o momento. DANTAS, Mariana Albuquerque. Op. Cit., pp. 65-66

[831] KOSTER. Henry. *Viagens ao nordeste do Brasil*. Volume I. 11ª ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2002, p. 224.

menosprezada. Ao contrário, a disputa pela sua força de trabalho para fins bélicos e para realização de outros serviços demonstra a importância de seu potencial de ação para as elites locais e provinciais. A percepção de sua própria importância, em outros contextos, foi utilizada pelos indígenas na tentativa de ver suas expectativas realizadas, como no caso dos índios de Jacuípe após o fim da Cabanada. Os recrutamentos forçados, contudo, deixaram marcas devido ao seu caráter de violência intensa, levando alguns grupos indígenas a resistir e a se negar a cumprir as ordens para o serviço militar, como ocorreu em Cimbres entre 1817 e 1824.[832]

6.1.3. Interesses e motivações indígenas

De acordo com as análises realizadas nesse trabalho, indicamos que os indígenas das aldeias de Pernambuco e Alagoas participaram das revoltas ocorridas na primeira metade do século XIX movidos, principalmente, pela defesa dos territórios das aldeias e pela administração desses espaços da forma que melhor representasse as necessidades e os interesses de seus habitantes. Devido às características das fontes analisadas, em sua grande maioria escrita por não índios que eram autoridades e/ou potentados locais, é difícil identificar de maneira direta as causas, os motivos e as expectativas que fizeram indígenas se envolverem em conflitos armados. Não obstante, recorrer a uma escala micro de análise[833] possibilitou, em alguns casos, desconstruir algumas ideias generalizantes e pouco explicativas relativas aos grupos participantes, como também dar visibilidade aos conflitos locais por terras, pela administração das aldeias e pelo provimento de cargos locais, nos quais os indígenas se posicionavam. Para outras situações, foi necessário levantar hipóteses de acordo com os dados disponíveis. Mesmo diante de tais dificuldades, foi possível visualizar os interesses dos indígenas inseridos nos conflitos iniciados por representantes das elites locais e provinciais.

Nos conflitos instigados por questões políticas das elites, os indígenas percebiam mais uma possibilidade de interferir na maneira como os aldeamentos vinham sendo administrados, bem como de conseguir aliados diante das disputas pelas terras com não índios proprietários vizinhos. As alianças, os apoios mútuos, os laços de interdependência eram construídos de acordo com os históricos de

[832] Apeje. Ord. 1. 29/05/1817. Ofício do sargento-mor, Manoel José de Serqueira, para o capitão-mor das Ordenanças de Cimbres, Antônio dos Santos Coelho da Silva. Fl. 30-31v.Apeje. Ord.2 fl. 75. 02/07/1819. Ofício do capitão-mor de Cimbres, Antônio dos Santos Coelho da Silva, que informa da prisão dos índios rebeldes de Cimbres por ordem do general, Luiz do Rego.
[833] REVEL, Jacques. Op. Cit. 1998.

relacionamentos entre índios e não índios, como também a partir das circunstâncias, que poderiam ser favoráveis ou não para ambos. Os alinhamentos e as escolhas políticas podiam se transformar, como ocorreu com os índios de Jacuípe ao final da Cabanada que, não apenas se renderam aos governos de Pernambuco e Alagoas, como passaram a perseguir seus antigos aliados. Acordos e apoios que poderiam ser mantidos se fosse do interesse das partes em questão, como em relação aos mesmos índios de Jacuípe que mantiveram sua aliança com liberais quando da eclosão da Praieira, apesar de ter havido forte investimento das autoridades encarregadas da repressão de convencê-los a não apoiar os rebeldes.[834]

Alianças e inimizades que, como tentamos demonstrar, tinham por cerne de sua elaboração o acesso ao território das aldeias, em sua maioria constituídas ainda no período colonial. Esses espaços, ressignificados pelos próprios indígenas, no século XIX ainda representavam certo grau de autonomia, na medida em que conseguiam garantir a subsistência de seus habitantes, pois estavam localizados em áreas férteis e davam proteção e acesso a terras para os mais diversos usos.[835] Ademais, eram espaços nos quais vivenciaram um longo processo de refabricação cultural e identitária, das suas relações com o passado e com o entorno, como parte do primeiro processo de territorialização, com enfoque especial aos dois primeiros momentos de mistura, nas aldeias missionárias e posteriormente nas vilas e povoados criados no século XVIII.[836] A relação com os territórios das aldeias era, assim, parte constitutiva da identidade dos grupos étnicos que os habitavam.

Participar das brigas das elites representava, para os indígenas, mais uma estratégia de defesa de espaços tão valiosos para eles e para não indígenas. Além da elaboração de petições e ofícios, ou seja, da utilização dos meios institucionais para fazer suas demandas, os indígenas perceberam que se armar e participar dos conflitos promovidos pelas elites provinciais poderia ajudá-los a barganhar, negociar ou mesmo a enfrentar na arena de combate os invasores de suas terras ou aqueles que articulavam a supressão das aldeias. Poderiam ter sucesso ou não na sua empreitada, por isso concordamos com Marcus Carvalho quando afirma que

> para os índios aldeados de Pernambuco, aderir a um lado ou outro nas disputas senhoriais poderia ser uma estratégia para garantir a

---

[834] AN. Série Interior. IJJ[9] 282. 21/11/1848. Orientações do presidente de Alagoas, João Capistrano Bandeira de Mello, ao comandante do destacamento de Jacuípe, tenente Manuel Pereira de Souza Burity. Fl. 297-297v.
[835] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2005, p. 243.
[836] OLIVEIRA, João Pacheco de. Op. Cit. 2004, pp. 22-24.

> posse da terra por mais algum tempo. Aliar-se a facção perdedora, todavia, poderia significar o fim da aldeia como tal.[837]

A defesa das terras coletivas poderia, ainda, assumir outro significado. Como procuramos demonstrar no capítulo 3, manter o acesso coletivo às terras representava também a manutenção de um lugar social específico, diferenciado em relação tanto aos escravos, quanto aos moradores e agregados dos engenhos e das fazendas. Ainda que estivessem em uma posição desprivilegiada, vulneráveis às relações de clientelismo e de cunho tutelar, os indígenas aldeados ocupavam um lugar diferenciado numa sociedade fortemente hierarquizada e escravista como as de Pernambuco e Alagoas oitocentistas. Como afirma Maria Regina Celestino de Almeida, o direito sobre as terras dos aldeamentos ainda deveria ser atraente no século XIX, constituindo-se ainda num espaço de proteção.[838] Contudo, a defesa de um lugar social específico associado ao uso coletivo das terras das aldeias não significava uma resistência aberta e direta dos indígenas. Diante das complexas relações estabelecidas nas localidades, indígenas, principalmente as lideranças, articulavam alianças e redes de barganha e apoio com autoridades e potentados locais, na busca da realização de seus interesses e suas necessidades, coletivos ou individuais. Os laços de dependências mútuas eram desfeitos e refeitos ao sabor das circunstâncias políticas e sociais, bem como das mudanças nos contextos provincial e nacional.

Embora motivações coletivas tenham impulsionado os indígenas aldeados de Pernambuco e Alagoas a se envolverem nas revoltas, também houve participação incentivada por interesses individuais de lideranças indígenas e de autoridades locais que procuraram coagir as populações das aldeias a entrar nos embates armados. Nesse sentido, tem-se o caso do líder da aldeia de Barreiros, Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde, que levou seus comandados a lutar na Cabanada ao lado da repressão e a enfrentar o Quilombo do Catucá. Completamente inserido nas redes locais de trocas políticas, Agostinho desenvolveu seu poder de mando e influência através do provimento de cargos na administração da aldeia e da vila de Barreiros. Além de estar baseado nas funções políticas que exerceu, o poder de Agostinho também se fundamentou no histórico de liderança dos seus antepassados das famílias Arcoverde e Camarão, que ele atualizou no século XIX. Portanto, podemos afirmar que o uso de

[837] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op. Cit. 1996, p. 52.
[838] ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. Cit. 2005, p. 243.

um grupo de indígenas de Barreiros na repressão aos cabanos entre os anos de 1832 e 1835 e, posteriormente, como força policial estavam relacionados aos interesses de Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde e à sua inserção nas redes de relacionamentos com outros políticos e autoridades da vila.

Não obstante, é possível afirmar que a participação dos indígenas das aldeias aqui estudadas nas revoltas do início do século XIX, na grande maioria dos casos, ocorreu num contexto local por disputas pelas terras das aldeias e pela necessidade deles em defendê-las e de interferir na forma como eram administradas. O caso da constituição da aldeia do Riacho do Mato é mais um exemplo que ajuda a corroborar essa argumentação. Manuel Valentim, que havia lutado ao lado dos cabanos na década de 1830, se esforçou durante anos para que um espaço próximo ao povoado de Água Preta fosse reconhecido como aldeia indígena pelo governo provincial na década de 1860. Espaço que já tinha servido de refúgio para cabanos e praieiros. Sua argumentação embasou-se na necessidade de transferir outros índios da aldeia de Escada, também localizada na zona da mata, devido às frequentes perseguições e invasões da aldeia. Para isso, Valentim chegou, inclusive, a enviar petições ao Imperador.[839] A despeito da discordância de um grupo de índios de Escada e das ações de várias autoridades locais e provinciais para reverter o processo,[840] a aldeia de Riacho do Mato foi criada num período em que o governo de Pernambuco já estava articulando a extinção das outras aldeias da província. É muito significativo que Manuel Valentim, seus seguidores e a população local estabelecida em função das revoltas ocorridas em décadas anteriores, tenham defendido a criação de uma aldeia garantindo, assim, os direitos previstos no Regulamento das Missões de 1845. A constituição e manutenção de uma aldeia representava, como já afirmamos, ter acesso a terras, a uma administração específica, à proteção e a certo grau de autonomia. Daí a insistência em conseguir o reconhecimento do Riacho do Mato enquanto aldeia.

Ao compreender o processo de construção do Estado brasileiro ao longo do século XIX a partir de uma perspectiva mais dinâmica e plural, percebendo seu início com a migração da Corte portuguesa para sua colônia mais rica em 1808, é possível

[839] Apeje. Série Petições Índios. Abril de 1866. Petição de Manoel Valentim dos Santos para o imperador dom Pedro II. Fl. 87-89. Apeje. Série Petições Índios. 12/08/1870. Petição de Manuel Valentim dos Santos para o Imperador, d. Pedro II. Fl.117-118.

[840] Apeje. Diversos II-19. 25/02/1867. Abaixo-assinado dos índios da aldeia de Escada para o presidente da província, Francisco de Paula da Silveira Lobo. Fl. 106. SILVA, Edson H. Op. Cit. 1995, pp. 77-78.

considerar a efetiva participação de outros sujeitos históricos, para além das elites. Ainda que estivessem relacionados às lideranças dos movimentos rebeldes ou das tropas de repressão, muitos indígenas aldeados nas províncias de Pernambuco e Alagoas se inseriram nos conflitos armados e nos debates políticos a partir de suas expectativas próprias referentes, na maioria dos casos, aos territórios coletivos. Assim, a trajetória inacabada e complexa de construção do Estado no Brasil oitocentista contou com o envolvimento desses sujeitos históricos, que moldaram seu protagonismo por meio da constituição de espaços informais e formais de participação política na arena pública.

Conclusão

A partir de meados do século XIX foi intensificado o processo de extinção dos aldeamentos de áreas de colonização antiga, como o atual Nordeste e a província do Rio de Janeiro. A depender dos lugares onde as aldeias estavam estabelecidas, foram utilizados argumentos diferentes pelas autoridades, fazendo referência ao perigo que os índios representavam já que se envolviam nas contendas políticas locais[841] ou afirmando a necessidade de emancipar os índios da tutela e torná-los iguais aos demais cidadãos tendo, portanto, acesso individual a parcelas de terras.[842] Apesar desse processo mais amplo ter ganhado nuances locais, houve uma justificativa de tom generalizante sobre o destino dos indígenas aldeados, principalmente os das províncias da região que conhecemos como Nordeste. De acordo com várias autoridades da época, os índios que viviam em aldeias eram mestiços, não eram mais puros e, por isso, não deveriam ter o direito de acessar coletivamente o território das antigas aldeias.[843] Era-lhes, assim, negado seu estatuto jurídico diferenciado, sendo-lhes reservado um futuro de desaparecimento.

O presente trabalho intentou demonstrar um caminho percorrido pelos indígenas de Pernambuco e Alagoas contrário às previsões das autoridades imperiais. Eles chegaram ao século XIX profundamente transformados, tendo vivenciado o processo de territorialização, os momentos de mistura, reelaborando suas identidades e culturas em torno do território das aldeias. Ao longo do Oitocentos, esses indígenas, aldeados e misturados, interferiram diretamente nos rumos políticos das localidades onde viviam e das províncias através de seu envolvimento nas revoltas. Diante de novos contextos caracterizados pela intensificação das disputas políticas e pela eclosão de embates armados, os indígenas das aldeias de Cimbres, Barreiros e Jacuípe, e também os de outras aldeias que participaram de maneira mais espaçada, viram nos movimentos revoltosos uma oportunidade de continuar lutando pela realização de seus interesses, na maioria dos casos, relacionados à manutenção das

---

[841] DANTAS, Mariana Albuquerque. Op. Cit., pp. 80-84.

[842] Apeje. RO, vol.12-13. 29/10/1852. Ofício do presidente da província, Francisco Antônio Ribeiro, para o diretor parcial da aldeia de Barreiros. Fl. 40-40v. Apud. MELLO, Lorena Ferreira de. *São Miguel de Barreiros*: uma aldeia indígena no Império. 2006. Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE. P. 120-122.

[843] Ver Capítulo 1. Consultar a seção III “A fabricação social da mistura” do livro OLIVEIRA, João Pacheco de. (org.). *A presença indígena no Nordeste*: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011, pp. 295-512. SILVA, Edson H. Op. Cit. 1995. FERREIRA, Lorena de Mello. Op. Cit. DANTAS, Mariana Albuquerque. Op. Cit.

terras coletivas. Portanto, eles não apresentaram uma tendência natural ao desaparecimento. Na mão inversa dessa proposição, estavam atuando, vivenciando as disputas políticas e as interpretando de acordo com suas capacidades e necessidades.

Contudo, não atuavam de maneira irrestrita. Os limites da sua participação política eram conferidos pela sua inserção nas redes de relações baseadas no clientelismo e na instituição da tutela. Numa posição social desprivilegiada em relação aos grandes proprietários das vilas e dos povoados vizinhos, os indígenas aldeados estavam também numa condição subordinada aos seus administradores, como os diretores das aldeias, os juízes de paz ou de órfãos e os oficiais das Ordenanças. Assim, diante desse quadro de desigualdades, a defesa das aldeias era de suma importância para seus habitantes, já que garantia acesso à terra e a certo grau de proteção, diferenciando-os de outros grupos sociais que também ocupavam lugares sociais desprivilegiados.

As citadas redes de relações serviam também de ponto de partida para os indígenas nos contextos das revoltas iniciadas pelas elites, quando aliar-se a um lado ou outro dos conflitos poderia significar ter apoio para enfrentar seus inimigos, principalmente no que se referia aos conflitos por terras. Nesse sentido, as expectativas e as necessidades indígenas se relacionavam com os interesses dos chefes das revoltas ou da repressão e, assim, os primeiros se inseriam nos debates relativos aos diferentes projetos políticos para o Estado brasileiro oitocentista.

Analisar o envolvimento de indígenas nas revoltas, tanto ao lado dos rebeldes quanto das tropas de repressão, possibilitou a compreensão do processo de elaboração de espaços informais de participação política por sujeitos históricos até então invisibilizados. Queremos dizer que os indígenas, muitas vezes, impossibilitados de participar de maneira formal da vida pública devido às restrições de renda e às impostas pela instituição da tutela, interferiram ativamente nos rumos políticos através de práticas informais, como o uso da violência através da participação nas revoltas. Ao mesmo tempo, compreender quais eram os interesses específicos e as necessidades dos indígenas contribuiu para destacá-los da população pobre e livre que também participou das revoltas.

Como pudemos observar ao longo do trabalho, outros tipos de participação política foram protagonizados pelos indígenas. O recrutamento forçado foi um deles. Entendemos que apesar das condições violentas em que era realizado, o recrutamento indicou a importância bélica dos indígenas aldeados, que foi percebida pelos líderes

rebeldes e também pelos da repressão. Numa situação de guerra, era de grande importância ter indígenas aldeados como aliados para compor as forças militares, mesmo que esse apoio fosse angariado de maneira forçada.

Uma outra forma de participação se deu através de meios formalizados. Mesmo sendo muito restrita a atuação dos indígenas através do voto, vimos que a maior liderança do aldeamento de Barreiros nas décadas de 1820 e 1830, Agostinho José Pessoa Panaxo Arcoverde, alcançou cargos importantes no povoado e na aldeia, bem como a patente de oficial da Guarda Nacional. Com isso, Agostinho Paxano Arcoverde, a meu ver, conseguiu atingir as condições necessárias para ser considerado um cidadão ativo. O sucesso político dele estava atrelado às relações que construiu com não índios, tentando conectar seus interesses pessoais aos de seus aliados. Apesar de ter causado fortes desentendimentos e uma séria divisão no seio da aldeia, a atuação de Agostinho apontou para mais uma forma possível de participação política de indígenas na arena pública.

Ao longo desse trabalho, procuramos demonstrar a intensa atuação de indígenas aldeados nas províncias de Alagoas e Pernambuco no processo de formação do Estado nacional brasileiro no século XIX através do estudo sobre a sua inserção nas revoltas iniciadas por membros das elites. Por meio de um jogo de escalas, elaborou-se um diálogo entre aspectos mais localizados dessa temática e questões mais amplas. Num nível relacionado às aldeias e vilas, percebeu-se as redes de apoios mútuos e as rixas políticas articuladas entre índios e não índios, bem como os interesses e as necessidades dos primeiros. Tais situações foram relacionadas aos objetivos dos líderes rebeldes e as repercussões da eclosão das revoltas na Corte e nos governos provinciais, de onde partiram as ordens para a repressão. O diálogo entre os diferentes níveis de análise não implicou no entendimento de que as demandas dos indígenas envolvidos fossem colocadas entre as reivindicações dos rebeldes ou dos governos que promoveram a repressão. Mas o jogo realizado entre as escalas micro e macro possibilitou identificar os interesses que motivavam os indígenas, que eram diferentes dos objetivos dos não índios líderes das revoltas. Além disso, proporcionou a percepção de que a participação dos indígenas era compreendida por ambos os lados em conflito como importante para solucionar impasses políticos em níveis mais amplos. Dessa forma, um processo com características globalizantes, como o de formação do Estado nacional brasileiro, visto a partir dos embates violentos entre os diferentes projetos políticos, pôde ser complexificado e analisado a partir da

interferência dos diversos sujeitos históricos em ação, e não apenas das elites políticas e econômicas.

FONTES

Arquivo Nacional - AN

Códice 7, "Processo original dos réus da rebelião de Pernambuco – 1817". Volumes: 1, 8, 12.
Publicações do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: Officinas Graphicas do Arquivo Nacional, 1924. Vol. 22.
Série Guerra. Volumes: IG^{1}94, IG^{1} 97, IG^{1}247.
Série Interior. Volumes: *IJJ249, *IJJ^{9}251, IJJ^{9} 282, IIJ9 252 A

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano de Pernambuco - Apeje

Atas do Conselho de Governo (ACG). Volume: 1.
Câmaras Municipais (CM). Volumes: 3, 7, 10, 14.
Correspondência para a Corte (CC). Volumes: 31, 33.
Diversos II. Volumes: 19, 29.
Guarda Nacional (GN). Volume: 1.
Juízes de Paz (JP). Volumes: 2, 4, 7.
Juízes Municipais (JM). Volume: 2B.
Juízes Ordinários (JO). Volume: 2.
Ouvidores de Comarca (OC). Volumes: 2, 5.
Ordenanças (Ord.). Volumes: 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8.
Petições – índios.
Polícia Civil (PC). Volumes: 17, 327.
Prefeituras de comarcas (Pc). Volumes: 1, 4, 5, 11, 17.
Registro de Terras Públicas (RTP). Volume: 17.
Revolução Praieira. Volumes: 1, 2.

Biblioteca Nacional – BN

Informação Geral da Capitania de Pernambuco, 1749. In: *Anais da Biblioteca Nacional*. Vol. 28. Rio de Janeiro: Officinas de Artes Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1908.

Documentos Históricos. Revolução de 1817. Ministério da educação e Cultura. Biblioteca Nacional. Divisão de Obras Raras e Publicações, 1953-1954. Volumes: 103, 104.

Impressas

ALMEIDA, Luís Sávio de (org.). *Índios nas falas e relatórios provinciais das Alagoas*. Maceió: Edufal, 1999.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL. *Revista do Arquivo Público*. 1º e 2º semestres. Ano III, número V. Recife: Secretaria do Interior e Justiça, 1948.

"1o. Mapa geral da população da província de Pernambuco, ano de 1829, classificada por idades, sexos, classes e condições de indivíduos". MELLO, Jeronimo Martiniano Figueira de. *Ensaio sobre a estatística civil e política da província de Pernambuco*

por Jeronymo Martiniano Figueira de Mello. (Reedição da publicação datada de 1852). Recife: Estado de Pernambuco, Conselho Estadual de Cultura. 1979.
"Relatório sobre os aldeamentos de índios na província de Pernambuco". In: MELLO, José Antônio Gonsalves de (org.). *O Diário de Pernambuco e a História Social do Nordeste* (1840-1889). Vol. I. Recife.

Internet

Lei Nº 601, de 18/09/1850. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L0601-1850.htm. Visitado em 21 de outubro de 2014.

Constituição Política do Império do Brasil, 1824. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm visitado em 17 jun 2014.

Anais do Senado do Império do Brasil. Vol. 3. Sessão de 13 de agosto de 1833. http://www.senado.gov.br/anais/pesquisa/edita.asp?Periodo=4&Ano=1833&Livro=3&Tipo=9&Pagina=0 visitado em 17 nov 2014.

Histórico da cidade de Porto Calvo-IBGE http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=270730&search=|porto-calvo visitado em 24 mai 2014.

Histórico da cidade de Jacuípe-IBGE http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=270350&search=alagoas|jacuipe|infograficos:-historico visitado em 24 mai 2014.

Histórico da cidade de Pesqueira-IBGE http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=261090&search=||infogr%E1ficos:-hist%F3rico visitado em 24 de maio de 2014.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Luiz Sávio de. *Memorial biographico do capitão de todas as matas*. Tese (doutorado). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1995.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses indígenas*: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

________________________________. "Comunidades indígenas e Estado nacional: histórias, memórias e identidades em construção (Rio de Janeiro e México-séculos XVIII e XIX). In: ABREU, Martha. SOIHET, Rachel. GONTIJO, Rebeca (orgs.). *Cultura política e leituras do passado*: historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 189-212.

________________________________. "Índios, missionários e políticos: discursos e atuações político-culturais no Rio de Janeiro oitocentista". In: SOIEHT, Rachel. BICALHO, Maria Fernanda. GOUVÊA, Maria de Fátima. (orgs.). *Culturas políticas*: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, pp. 235-258.

________________________________. "Índios e mestiços no Rio de Janeiro: significados plurais e cambiantes (séculos XVIII-XIX). In: *Memoria Americana*. 16 (1). 2008, pp. 19-40.

________________________________. "Os índios no tempo da corte: reflexões sobre política indigenista e cultura política indígena no Rio de Janeiro oitocentista". In: *Revista USP*, São Paulo, n.79, setembro/novembro 2008, pp. 94-105.

________________________________. "O lugar dos índios na história entre múltiplos usos do passado: reflexões sobre cultura história e cultura política". In: SOIHET, Rachel… [et al] (orgs.). *Mitos, projetos e práticas políticas*: memória e historiografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 207-230.

________________________________. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

________________________________. "Populações indígenas e Estados nacionais latino- americanos: novas abordagens historiográficas". In: AZEVEDO, Cecília. RAMINELLI, Ronald. *História das Américas*: novas perspectivas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, pp. 105-134.

ALMEIDA, Rita Heloísa de. *O Diretório dos Índios*: um projeto de civilização no Brasil do século XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste*: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 8ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_________________________. *A Guerra dos Cabanos*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005.

ANTUNES, Clóvis. *Os índios de Alagoas*. Documentário. Maceió: Governo do Estado de Alagoas, 1984.

BARBALHO, Nelson. *Cronologia Pernambucana*: subsídios para a história do agreste e do sertão. Volumes 11 ao 14. Recife: Centro de Estudos de História Municipal/ FIAM, 1983-1984.

BARTH, Fredrik. "Os grupos étnicos e suas fronteiras". In: *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000, pp. 25-68.

BASILE, Marcello Otávio Neri de Campos. *O Império em construção*: projetos de Brasil e ação política na Corte regencial. Tese (doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2004.

____________________________________. "O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840)". In: GRINBERG, Keila. SALES, Ricardo. *O Brasil Imperial, volume II*: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 53-120.

BELLO, Ruy de Ayres. *Breve história do município de Barreiros*. Recife: Prefeitura Municipal de Barreiros.

BERBEL, Márcia Regina. *A nação como artefato*: deputados do Brasil nas cortes portuguesas (1821-1822). São Paulo: Hucitec, 2010.

BERNARDES, Denis. "Pernambuco e o Império (1822-1824): sem constituição soberana não há união". In: JANCSÓ, Istvan (org.). *Brasil*: formação do Estado e da Nação. São Paulo: Hucitec; Ed. Unijuí, Fapesp. 2003, pp. 219-250.

__________________. *O patriotismo constitucional*: Pernambuco, 1820-1822. São Paulo: Hucitec: Fapesp; Recife, PE: UFPE, 2006.

__________________. "1817". In: DANTAS, Mônica Duarte (org.). *Revoltas, motins, revoluções*: homens libres pobres e libertos no Brasil do século XIX. São Paulo: Alameda, 2011, pp. 69-96.

BOCCARRA, Guillaume. "Mundos nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo". In: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. Debates, 2001. http://nuevomundo.revues.org/index426.html. Visitado em 18 ago 2014. 43 p.

CARVALHO, José Murilo de. "Cidadania: tipos e percursos". In: *Estudos históricos*. Nº 18, 1996. http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2029/1168 visitado em 20 set 2014, p. 337-259.

__________________________. "Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual". In: *Dados*. Vol. 40, n. 2. Rio de Janeiro, 1997. http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52581997000200003 Visitado em ago 2013.

__________________________. "Dimensiones de la ciudadanía en el Brasil del siglo XIX". In: SABATO, Hilda (org.). *Ciudadanía política y formación de las naciones*.

Perspectivas históricas de América Latina. México: FCE, COLMEX, FHA, 1999, pp. 321-344.

____________________________. *A construção da ordem*: a elite política imperial. *Teatro de sombras*: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Marcus J. M. de. "Os índios de Pernambuco no ciclo das insurreições liberais, 1817/1848: ideologias e resistência". In: *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Nº 111, 1996, pp. 51-69.

____________________________. *A Guerra do Moraes*: A Luta dos Senhores de Engenho na Praieira. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1986.

____________________________. "O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco". In: REIS, João José. GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). *Liberdade por um fio*: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 407-432.

____________________________. "Cavalcantis e cavalgados: a formação das alianças políticas em Pernambuco, 1817-1824". In: *Revista Brasileira de História*. v. 18 n. 36 São Paulo. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881998000200014&script=sci_arttext visitado em 30 ago 2014. 1998, pp. 331-365.

____________________________. "Os índios e o ciclo das insurreições liberais em Pernambuco (1817-1848): ideologias e resistência". In: ALMEIDA, Luiz Sávio de. GALINDO, Marcos. (orgs.). *Índios do Nordeste*: temas e problemas. Maceió: Edufal, 2002, pp. 67-96.

____________________________. "Os nomes da *Revolução*: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849". In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 23, nº 45, 2003, pp. 209-238.

____________________________. "Movimentos sociais: Pernambuco (1831-1848)". In: GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo. (orgs.). O Brasil imperial, volume II: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 121-184.

____________________________. "Um exército de índios, quilombolas e senhores de engenho contra os 'jacubinos': a Cabanada, 1832-1835". In: DANTAS, Mônica Duarte (org.). *Revoltas, motins, revoluções*: homens livres pobres e libertos no Brasil do século XIX. São Paulo: Alameda, 2011, pp. 167-200.

CARVALHO, Marcus J. M. de, CÂMARA, Bruno Dornelas. "A Rebelião Praieira". In: DANTAS, Mônica Duarte (org.). *Revoltas, motins, revoluções*: homens livres pobres e libertos no Brasil do século XIX. São Paulo: Alameda, 2011, pp. 355-390.

CAVALCANTI, Alfredo Leite. *História de Garanhuns*. Recife: FIAM/ Centro de Estudos de História Municipal, 1983.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

COELHO, Mauro Cezar. *Do sertão para o mar. Um estudo sobre a experiência portuguesa na América*: o caso do Diretório dos índios. Tese (Doutorado)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COSTA, F. A. Pereira da. *Anais Pernambucanos*. Versão em CD encarte de *Folk-lore pernambucano*: subsídios para a História da poesia popular em Pernambuco. Recife: CEPE, 2004.

____________________. *Pernambucanos Célebres*. Versão em CD encarte de *Folk-lore pernambucano*: subsídios para a História da poesia popular em Pernambuco. Recife: CEPE, 2004.

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *Legislação indigenista no século XIX*: uma compilação: 1808-1889. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Comissão Pró-índio de São Paulo, 1992.

__________________________ (org.) *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: Fapesp, 2002.

DANTAS, Mariana Albuquerque. *Dinâmica social e estratégias indígenas*: disputas e alianças no aldeamento do Ipanema (1860-1920). Dissertação (mestrado)- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

DANTAS, Mônica Duarte. "Epílogo. Homens livres pobres e libertos e o aprendizado da política no Império." In: DANTAS, Mônica Duarte (org.). *Revoltas, motins, revoluções*: homens livres pobres e libertos no Brasil do século XIX. São Paulo: Alameda, 2011, pp. 511-564.

DOLHNIKOFF, Miriam. (Org.). *Projetos para o Brasil*. José Bonifácio de Andrada e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DOMINGUES, Ângela. *Quando os índios eram vassalos*. Colonização e relações de poder no Norte do Brasil na segunda metade do século XVIII. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. 2000.

ECHEVERRI, Marcela. "Los derechos de indios y esclavos realistas y la transformación política en Popayán, Nueva Granada (1808-1820)". In: *Revista de Indias*. 2009. Vol. LXIX. Nº 246, pp. 45-72.

FERREIRA, Lorena de Mello. *São Miguel de Barreiros*: uma aldeia indígena no Império. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2006.

Fundação de Informações para o desenvolvimento de Pernambuco-FIDEPE. *Escada*. Monografias Municipais. Recife: Governo de Pernambuco, 1982.

FLORY, Thomas. *El juez de paz y el jurado en el Brasil imperial, 1808-1871*. Control social y estabilidad política en el nuevo Estado. México: Fondo de Cultura, 1986.

FREITAS, Décio. *Cabanos, os guerrilheiros do Imperador*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

GARCIA, Elisa Fruhauf. *As diversas formas de ser índio*: políticas indígenas e políticas indigenistas no extremo Sul da América Portuguesa. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.

GRAHAM, Richard. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

GRINBERG, Keila. *O fiador dos brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo. "Prefácio". In: *O Brasil Imperial, volume 1*: 1808-1831. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 11-13.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. 5ª. Ed. vol. 4. São Paulo: Difel, 1985.

IRUROZQUI, Marta. *"A bala, piedra y palo"*: la construcción de la ciudadanía política en Bolivia, 1826-1952. Sevilla: Diputación de Sevilla, 2000.

__________________. "El bautismo de la violencia. Indígenas patriotas en la revolución de 1870 en Bolivia". In: SALMÓN, Josefa. DELGADO, Guillermo. (editores). *Identidad, ciudadanía y participación popular desde la colonia al siglo XX*. Bolivia: Plural editores, 2003, pp.115-150.

__________________ (org.). *Revista de Indias*. Dossier: Violencia política en América Latina, siglo XIX. Madrid. Vol. LXIX, nº 246. 2009.

__________________ (org.). *Revista Complutense de Historia*. Dossier: La institucionalización del Estado en América Latina. Justicia y violencia política en la primera mitad del siglo XIX. Madrid. Vol. 37. 2011.

__________________ (org.). *Anuario de Estudios Americanos*. Sevilla. Vol. 69,2. 2012.

IRUROZQUI, Marta y GALANTE, Mirian (org.). *Sangre de ley*. Justicia y violencia política en la institucionalización del Estado en América Latina, siglo XIX. Madrid: Ed. Polifemo. 2011.

JANCSÓ, István. PIMENTA, João Paulo G. . "Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira)". In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem incompleta*. A experiência brasileira (1500-2000). Formação: histórias. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000, pp. 127-176.

KOSTER. Henry. *Viagens ao nordeste do Brasil*. Volume I. 11ª ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2002.

LEITE, Glacyra Lazzari. *Pernambuco 1817*: estrutura e comportamentos sociais. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1988.

____________________. *Pernambuco 1824*: a Confederação do Equador. Recife: Fundaj, Editora Massangana. 1989.

L'ESTOILE, Charlotte de Castelnau. *Os operários de uma vinha estéril*: os jesuitas e a conversão dos índios no Brasil (1580-1620). Bauru, São Paulo: Edusc, 2006.

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial*: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas*. Sentidos de mestiçagem no Império do Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

LINDOSO, Dirceu. *A utopia armada*: rebeliões de pobres nas matas do Tombo Real. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LOPES, Fátima Martins. *Índios, colonos e missionários na colonização da capitania do Rio Grande do Norte*. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 2003.

____________________. *Em nome da Liberdade*: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o Diretório Pombalino no século XVIII. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2005.

MACIEL, José de Almeida. *Pesqueira e o antigo termo de Cimbres*. Vol. 1. Recife: Centro de Estudos de História Municipal, 1980.

MAIA, Lígio J. De O. *Serras de Ibiapaba*. De aldeia à vila de índios: vassalagem e identidade no Ceará colonial (Século XVIII). Tese (doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

__________________. "A implantação do Diretório em Vila Viçosa Real (CE): incerteza, colaboração e negociação indígenas (c.1759-1762). In: OLIVEIRA, João Pacheco de. (org.). *A presença indígena no Nordeste*: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011. p. 21-46.

MALLON, Florencia E. *Peasant and nation*: the making of postcolonial Mexico and Peru. California: University of California Press. 1995.

MARSON, Izabel Andrade. *O império do progresso*: a Revolução Praieira em Pernambuco (1842-1855). São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema*. São Paulo; Hucitec, 2004.

______________________. “O gigante e o espelho”. In: GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo (orgs.). *O Brasil Imperial, volume II*: 1831-1879. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 13-52.

MATTOS, Hebe. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MEDEIROS, Maria do Céu. *Os Oratorianos de Pernambuco*: uma congregação “a serviço” do Estado português. Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1981.

MEDEIROS, Ricardo Pinto de. “Política indigenista do período pombalino e seus reflexos nas capitanias do norte da América portuguesa”. OLIVEIRA, João Pacheco de. (org.). *A presença indígena no Nordeste*: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011, pp. 115-144.

MÉNDEZ, Cecilia. “Tradiciones liberales en los Andes o la ciudadanía por las armas: campesinos y militares en la formación del Estado peruano”. In: IRUROZQUI, Marta. *La mirada esquiva*. Reflexiones históricas sobre la interacción del Estado y de la ciudadanía en los Andes (Bolivia, Ecuador y Perú), silgo XIX. Madrid: CSIC, 2005, pp. 125-154.

MELLO, Evaldo Cabral de. *O Norte agrário e o Império*. 1871-1889. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

______________________. *A outra independência*: o outro federalismo pernambucano de 1817 a 1824. São Paulo: Ed. 34, 2004.

MINTZ, Sidney. “Cultura: uma visão antropológica”. In: *Tempo*. Vol. 14, nº 28, 2011, pp. 225-239.

MONTEIRO, John M. *Tupis, Tapuias e historiadores*. Estudos de História indígena e do indigenismo. Tese (Livre Docência) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. “Nem selvagens nem cidadãos: os índios da Vila de Nova Almeida e a usurpação de suas terras durante o século XIX”. In: *Dimensões*. Vol. 14, 2002, pp. 151-167.

__________________________. “Caboclismo, vadiagem e recrutamento militar entre as populações indígenas do Espírito Santo (1822-1875)”. *Diálogos Latino-americanos*, n. 11, 2005, pp. 94-120.

__________________________. *Os índios e o Império*: direitos sociais e agenciamento indígena. Trabalho apresentado no XXV Simpósio Nacional de História da ANPUH. Simpósio Temático 36: Os índios na História. Julho de 2009. http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Trabalhos/ST36Vania.pdf visitado em mar 2014. 17 p.

__________________________. “De índio a guarda nacional: cidadania e direitos indígenas no Império (Vila de Itaguaí, 1822-1836)”. In: *Topoi*. v. 11, n. 21, jul.-dez. 2010, pp. 127-142.

__________________________. “A serviço do império e da nação: trabalho indígena e fronteiras étnicas no Espírito Santo (1822-1860)”. In: *Anos 90*. Porto Alegre, v. 17, n. 31, 2010, pp. 13-55.

_________________________. “Os índios na história política do Império: avanços, resistências e tropeços”. In: *Revista História Hoje*. V. 1, no. 2, 2012, pp. 269-274.

_________________________. “Autogoverno e economia moral dos índios: liberdade, territorialidade e trabalho (Espírito Santo, 1798-1845)”. In: *Revista de História*, São Paulo, n. 166, 2012, pp. 223-243.

MOREL, Marco. *O período das regências*, (1831-1840). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MOTA, Carlos Guilherme. *Nordeste 1817*: estruturas e argumentos. São Paulo: Perspectiva, Ed. da USP, 1972.

NEVES, Guilherme Pereira das. “A suposta conspiração de 1801 em Pernambuco: ideias ilustradas ou conflitos tradicionais?”. In: *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, tomo 33, 1999, pp. 439-481.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Corcundas e constitucionais*: cultura e política (1820-1823). Rio de Janeiro: Revan: Faperj, 2003.

____________________________________. “Estado e política na independência”. In: GRINBERG, Keila. SALLE, Ricardo. *O Brasil Imperial, volume 1*: 1808-1831. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 95-136.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. “Repercussões da revolução: delineamento do Império do Brasil, 1808/1831”. In: GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo (org.). *O Brasil Imperial, volume 1*: 1808-1831. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 15-54.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *“O nosso governo”*: os Ticuna e o regime tutelar. São Paulo: Marco Zero; Brasília: MCT/CNPq, 1988.

________________________. “Entrando e saindo da ‘mistura’: os índios nos censos nacionais”. In: *Ensaios em antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999, pp. 124-154.

________________________. “Uma etnologia dos ‘índios misturados’? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais”. In: *A Viagem da Volta*: Etnicidade, Política e Reelaboração Cultural no Nordeste Indígena. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004, pp. 13-42.

________________________. (org.). *A presença indígena no Nordeste*: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

________________________. “Os indígenas na fundação da colônia: uma abordagem crítica”. In: FRAGOSO, João. GOUVÊA, Maria de Fátima (Orgs.). *O Brasil Colonial.* 1443-1580. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, pp. 167-228.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. “Índios livres e índios escravos. Os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVIII)”. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. (org.) *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: Fapesp, 2002, pp. 115-132.

POMPA, Cristina. *Religião como Tradução*: Missionários, Tupi e Tapuia no Brasil Colonial. São Paulo: EDUSC, 2003.

PUNTONI, Pedro. *A Guerra dos Bárbaros*: Povos indígenas e colonização do sertão. Nordeste do Brasil, 1650-1720. São Paulo: Hucitec – Edusp, 2002.

RAMINELLI, Ronald J. “Nobreza indígena – os chefes potiguares, 1633-1695”. In: OLIVEIRA, João Pacheco de. (org.). *A presença indígena no Nordeste*: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011, pp. 47-68.

REVEL, Jacques. *Jogos de escala*: a experiência da microanálise.. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

RIBEIRO, Gladys Sabina. *A liberdade em construção*: identidade nacional e conflitos antilusitanos no primeiro reinado. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Faperj, 2002.

RODRÍGUEZ O, Jaime E. “Ciudadanos de la nación española: los indígenas y las elecciones constitucionales en el Reino de Quito”. In: IRUROZQUI, Marta. *La mirada esquiva*: reflexiones históricas sobre la interacción del Estado y de la ciudadanía en los Andes (Bolivia, Ecuador y Perú), silgo XIX. Madrid: CSIC, 2005, pp. 41-64.

SAMPAIO, Patrícia. “Política indigenista no Brasil imperial”. In: GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo (orgs.). *O Brasil Imperial*, volume I: 1808-1831. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 175-206.

SCHWARTZ, Stuart B. “Brazilian ethnogenesis: mestiços, mamelucos, and pardos”.In: GRUZINSKI, Serge. WACHTEL, Nathan (orgs.). *Le nouveau monde. Mondes nouveaux*: l’expérience américaine. Paris: Recherche sur les civilisations. ERC/Ecole des hautes études en sciences sociales, 1996, pp. 7-27.

_____________________. *Segredos Internos*: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

SILVA, Edson Hely. *O Lugar do Índio*. Conflitos, esbulhos de terras e resistência indígena no século XIX: o caso de Escada-PE (1860-1880). Dissertação (mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

_________________. *Xukuru*: memórias e história dos índios da Serra Ororubá (Pesqueira/PE), 1950-1988. Tese (Doutorado) –Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

_________________. "Os Xukuru e o 'Sul': migrações e trabalho indígena na lavoura canavieira em Pernambuco e Alagoas". In: *Clio*. Série História do Nordeste (UFPE), v. 26.2. 2008, pp. 215-244.

SILVA, Geysa Kelly Alves da. *Índios e identidades*: formas de inserção e sobrevivência na sociedade colonial (1535-1716). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto. *Vilas de índios no Ceará Grande*: dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino. Campinas: Pontes Editores, 2005.

SILVA, Luiz Geraldo. "Negros patriotas. Raça e identidade social na formação do Estado nação. (Pernambuco, 1770-1830). In: JANCSÓ, Istvan (org.). *Brasil*: formação do Estado e da Nação. São Paulo: Hucitec; Ed. Unijuí, Fapesp. 2003, pp 497-520.

SLEMIAN, Andrea. "Instituciones, legitimidad y (des)orden: crisis de la monarquia portuguesa y construcción del Imperio de Brasil (1808-1841). In: FRASQUET, Ivana. SLEMIAN, Andrea. (orgs.), *De las independencias ibero-americanas a los estados nacionales* (1810-1850): 200 años de historia. Madrid/Frankfurt: Vervuert Iberoamericana, 2009, pp. 89-108.

SPOSITO, Fernanda. *Nem cidadãos, nem brasileiros*. Indígenas na formação do Estado nacional brasileiro e conflitos na província de São Paulo (1822-1845). São Paulo: Alameda, 2012.

TOLLENARE, L. F. *Notas dominicais.* Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

VALLE, Sarah Maranhão. *A Perpetuação da Conquista*: a destruição das aldeias indígenas em Pernambuco no século XIX. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 1992.

_____________________. "O processo de destruição das aldeias na segunda metade do século XIX". In: OLIVEIRA, João Pacheco de (org.). *A presença indígena no Nordeste*: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011, pp. 295-326.

VELLASCO, Ivan de Andrade. "Clientelismo, ordem privada e Estado no Brasil oitocentista: notas para um debate". In: CARVALHO, José Murilo de. NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. (orgs.). *Repensando o Brasil do oitocentos*: cidadania, política e liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 71-100.

VIEIRA, Geysa Kelly Alves. “Entre perdas, feitos e barganhas: a elite indígena na capitania de Pernambuco, 1669-1732”. In: OLIVEIRA, João Pacheco de de. (org.) *A presença indígena no Nordeste*: processo de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2011, pp. 69-90.

SILVA, Wellington Barbosa da. *Entre a liturgia e o salário*: a formação dos aparatos policiais no Recife do século XIX (1830-1850). Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2003.

WEBER, Marx. “Relações comunitárias étnicas”. In: *Economia e sociedade*: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2009, pp. 267-277.

WILLEKE, Frei Venâncio. “Missão de São Miguel de Una”. In: *Revista de História*. São Paulo: USP. Nº 79, 1969, pp. 209-219.

______________________. *Missões Franciscanas no Brasil (1500-1975)*. Petrópolis: Vozes, 1974.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

WILLIAM MASSAYUKI FUJII

Os farrapos no Prata: as relações do Rio Grande do Sul farroupilha com o Estado Oriental do Uruguai (1835-1845)

Brasília
2017

WILLIAM MASSAYUKI FUJII

Os farrapos no Prata: as relações do Rio Grande do Sul farroupilha com o Estado Oriental do Uruguai (1835-1845)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Departamento de História, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História
Área de concentração: Sociedade, Cultura e Política

Orientador: Prof. Dr. Francisco Doratioto

Brasília
2017

Os farrapos no Prata: as relações do Rio Grande do Sul farroupilha com o Estado Oriental do Uruguai (1835-1845)

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a reconstruir parcialmente as relações entre o Rio Grande do Sul farroupilha e o Estado Oriental do Uruguai durante o decênio 1835-1845. Partindo da premissa de que a província sulina constituiu uma área de transição entre o Brasil e o Prata, a pesquisa tem como pano de fundo tanto o Período Regencial brasileiro quanto o processo de formação dos Estados platinos. Percorre-se, assim, as ligações e interações entre farroupilhas e uruguaios à luz desses dois processos históricos, reconhecendo a área geográfica da antiga Banda Oriental como espaço singular onde diferentes projetos políticos se entrelaçaram no período em tela. Os aspectos econômico, social e político são considerados, privilegiando-se este último como principal eixo de análise. Busca-se, desse modo, compreender a dinâmica das relações entre farrapos e uruguaios inseridas em um contexto mais amplo de consolidação do Estado Imperial e construção do Estado Nacional Argentino.

Palavras-chave: Revolução Farroupilha; relações Rio Grande do Sul-Uruguai; Rio da Prata; Estado Nacional.

The farrapos in the Platine region: Farroupilha Rio Grande do Sul's relations with the Eastern State of Uruguay (1835-1845)

ABSTRACT

This work aims to revisit the relations between Rio Grande do Sul under *Farroupilha* control and the Eastern State of Uruguay during the 1835-1845 period. Departing from the premise that the Brazil's southern province constituted an area of transition between Brazil and the Rio de la Plata region, the research has as its background both the Regency Era (1831-1840) and the Platine process of State formation. Thus, the links and interactions between *farrapos* and Uruguayans are covered in light of these two historical processes, recognising the old Banda Oriental geographical area as a unique space where different political projects intertwined in the period in question. The economic, social and political aspects are considered, with a focus on the latter as the main axis of analysis. We seek therefore to comprehend the dynamics of these relations placed in the broader context marked by the consolidation of the Brazilian Imperial State and the building of the Argentinian National State.

Keywords: *Farroupilha Revolution*.; *Rio Grande do Sul-Uruguay relations; River Plate/Rio de la Plata; National State*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Pela sua longa duração e impacto singular que teve no processo de construção do Estado Nacional brasileiro, pode-se dizer que a Revolução[1] Farroupilha foi a mais consistente revolta provincial do Período Regencial (1831-1840). Não no sentido ufanista e epopeico muitas vezes associados a manifestações culturais inseridas no tradicionalismo gaúcho, mas do ponto de vista da dimensão que alcançou na realidade concreta durante quase um decênio, inclusive com repercussões internacionais. Para além de questões vinculadas à construção de sua memória como mito fundador regional, objeto de acaloradas discussões, as evidências históricas disponíveis confirmam objetivamente que a revolta na província meridional foi, de fato, a que mais se aproximou de uma ruptura política plena com o Estado Imperial em formação; representou, por assim dizer, o movimento contestador regencial que logrou transpor suas reivindicações do mundo das ideias para a realidade concreta com relativamente maior êxito. E sua posição geográfica e formação histórica estiveram intimamente ligadas aos fatores que viabilizaram tal feito.

O ciclo das revoltas regenciais se inseriu em um contexto marcado por um sistema político altamente centralizado que se amparava na Carta de 1824 – cujo processo de elaboração fora interrompido coercitivamente – que criou um Poder Executivo hipertrofiado que tinha no Poder Moderador seu sustentáculo. Além disso, ao erigir um Estado Imperial unitário, 'forçou' e formalizou uma dinâmica institucional centrípeta entre o poder central e o periférico, subordinando as províncias ao Rio de Janeiro e produzindo um fator de tensão permanente em um país cuja realidade havia sido marcada por tendências centrífugas até então. Se a primeira reação provincial veio ainda em 1824, na forma da Confederação do Equador, as lutas políticas foram canalizadas para o âmbito parlamentar a partir de 1826, com a instalação da Assembleia Geral do Império.

Ainda que contestações ao poder central continuassem existindo durante esse período, o fato de elas haverem se deslocado para a arena legislativa significou uma redução dos riscos de confrontos extraparlamentares violentos e uma temporária

[1] Aqui, utilizamos a expressão 'revolução' devido à forma como se convencionou chamar a Farroupilha, sem maiores preocupações quanto a conceituações políticas ou sociológicas. Embora o termo seja usado algumas poucas vezes neste trabalho, optamos pelo uso da expressão 'movimento farroupilha', que entendemos ser mais apropriado.

'suspensão' das contendas encerradas abruptamente em 1823, durante a Constituinte. Tal realidade, somada à noção de legitimidade dinástica que a Coroa ainda representava na década de 1820[2], concorreram para uma relativa estabilização das disputas políticas surgidas ainda durante o processo de Independência das colônias da América portuguesa. Nesse período, os embates entre ideias e concepções políticas na esfera extraparlamentar se deram, em sua maioria, por meio de jornais que surgiam em grande número desde o fim da censura prévia, em, 1821, e a constitucionalização da liberdade de imprensa[3], três anos mais tarde. Apesar de possuir caráter liberal relativamente ao contexto histórico em questão, a centralização imposta pela Constituição de 1824 acirrou as contradições de um Estado que buscava constituir-se politicamente amparado nos pilares do unitarismo e centralismo[4] sobre uma vasta e heterogênea base territorial.

Essas contradições culminaram na Abdicação de 1831, que, de certo modo, implicou uma pequena 'abertura' no sistema político vigente que levou ao recrudescimento das disputas travadas durante o processo de Independência e sufocadas durante a Assembleia Constituinte. A suspensão temporária do poder da Coroa, ainda que representado por uma Regência, eliminou momentaneamente a noção de continuidade que caracteriza o regime monárquico em um Estado Imperial em plenas vias de construção[5]. Engendrou, como consequência, a ascensão de forças políticas que se opunham ao centralismo imperial e que se tornaram dominantes no Executivo e no Legislativo. A atuação dessas forças, compostas em sua maioria por liberais moderados, se deu pelos canais institucionais e conviveu com agitações extraparlamentares de elementos mais radicais, tanto à esquerda quanto à direita. A resposta desses liberais veio

---

[2] O Império do Brasil era uma realidade recente e não havia uma identificação subjetiva das populações de suas variadas unidades com o centro político dessa nova entidade, o Rio de Janeiro, que não seria mais que uma entre outras províncias se não houvesse se tornado a sede da Coroa portuguesa e, depois da brasileira.

[3] Art. 179 da Constituição Política do Império do Brazil, de 24 de março de 1824.

[4] Cuja dimensão institucional se manifestava no poder que o governo geral detinha para nomear presidentes provinciais, na inexistência de órgãos deliberativos nas províncias e, como já mencionado, na primazia dos Poderes Executivo-Moderador sobre o Legislativo nacional.

[5] Evitando qualquer visão determinista que tenda a encarar a monarquia brasileira como inevitável, entendemos que o Período Regencial significou que diferentes alternativas político-institucionais para o jovem país estavam 'em aberto' novamente. Conforme Antônio Paim: 'Sem Imperador, sem instituições consolidadas, exacerbando-se o espírito federalista, muitas vezes identificado com o puro separatismo, que caminho empreender? A situação na década de trinta é deveras dramática. [...]. Entre as fórmulas imaginadas e experimentadas aparece a da eleição direta do Regente. Se a experiência tivesse aprovado, estava aberto o caminho à proclamação da República. ***História do liberalismo brasileiro***. São Paulo: Editora Mandarim, 1998, p.48.

na forma de medidas pontuais de descentralização política, cuja obra maior foi o Ato Adicional de 1834.

Se tal reforma constitucional inseriu alguns componentes 'federalistas' na Carta Imperial – e manteve princípios 'absolutistas' –, criando o Poder Legislativo Provincial, por exemplo, ela também fomentou as disputas entre as elites provinciais que passaram a competir para preencher o espaço aberto com a descentralização parcial do poder. Em são Pedro do Rio Grande do Sul, essa realidade era agravada pelo fato de a província possuir elites militarizadas com fortes tendências autonomistas em um espaço fronteiriço, resultado natural do próprio processo de formação do Rio Grande do Sul português. Como diz José Murilo de Carvalho, '*caso único no Brasil, o Rio Grande do Sul tinha proprietários de terra que eram também militares, ao estilo dos caudilhos da Argentina e do Uruguai*'[6].

Diversas foram as revoltas que irromperam após a abdicação de D. Pedro I, quer de caráter liberal ou nativista, quer de natureza absolutista ou restauradora[7]. Enquanto estas traduziam reivindicações que convergiam para o retorno do ex-imperador ao trono brasileiro, aquelas simbolizavam, em maior ou menor grau, a rejeição a vias políticas que levassem à restauração de seu reinado. Algumas revoltas tiveram, ainda, questões sociais como pano de fundo e foram protagonizadas por escravos, como a de Carrancas (1833), em Minas Gerais, e a dos Malês (1835), na Bahia. Politicamente, as revoltas da Cabanagem (1835-1840), Farroupilha (1835-1845) e Sabinada (1837-1838) levaram à separação das províncias grão-paraense, rio-grandense e baiana, respectivamente, impondo um desafio 'existencial' ao Império do Brasil.

Findo o Período Regencial com o assim chamado Golpe da Maioridade em 1840, e a coroação antecipada de Pedro II, em 1841, o regime monárquico iniciava um processo de fortalecimento que levaria à consolidação do Estado Nacional brasileiro ao fim da década. E um dos requisitos fundamentais para tal consolidação foi a reintegração do Rio Grande do Sul ao Brasil, conforme atesta o processo de construção do Estado Imperial que esteve intimamente imbricado com a formação dos Estados na Bacia do Rio da Prata. As elites governantes imperiais do início do Segundo Reinado tinham a consciência de que a consolidação do Império passava necessariamente pela pacificação do Rio Grande

---

[6] CARVALHO, José Murilo de. A vida política. In: CARVALHO, José Murilo de (Coord.). ***A construção nacional, 1830-1889***, vol. 2. História do Brasil nação: 1808-2010. Direção Lilia Moritz Schwarcz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p.92.

[7] Embora estas ocorressem em número bastante inferior e desaparecessem após 1834, dada a 'perda de objeto' que a morte de D. Pedro significou para restauradores e 'absolutistas'.

do Sul, sem a qual as fronteiras meridionais e a integração do território nacional estavam ameaçadas. A Farroupilha representou, assim, a contestação de um poder periférico representado por uma província de cujos rumos dependia a própria construção do Estado Nacional brasileiro.

Como tema mais pesquisado pela historiografia do Rio Grande do Sul, a Farroupilha não é e nem poderia ser livre de polêmicas, tendo proporcionado, ao longo do tempo, uma série de debates entre os pesquisadores do assunto. Entre eles, a questão referente aos objetivos prementes dos farrapos teve importante influência na produção de pesquisas realizadas desde o fim do século XIX. Em linhas gerais, esse debate, que não pretendemos aprofundar aqui, se dá acerca da 'brasilidade' ou não do movimento farroupilha. Ou seja, se os dirigentes da revolução intencionavam a separação do Império ou se buscavam avançar seus objetivos dentro do sistema monárquico-constitucional vigente; e, dada a proximidade geográfica do Rio Grande do Sul ao Rio da Prata e a existência de fatores históricos que aproximavam a província sulina dessa região, uma variável que surgiu no âmbito desse debate foi a questão do suposto 'caráter platino' da Farroupilha.

As duas primeiras obras de relevo sobre o tema foram publicadas ainda no século XIX por Tristão de Alencar Araripe[8], em 1881, e Assis Brasil[9], no ano seguinte. Se o primeiro se mostra abertamente crítico à Farroupilha, apresentando uma perspectiva brasileira, ou, imperial, o segundo é favorável ao movimento e justifica suas razões com base na justa necessidade que a província tinha de reagir aos abusos do Império. A questão do '*separatismo x não separatismo*' já aparece nessas obras de forma relativamente substancial.

Já no século XX, Alfredo Varela publicou *História da Grande Revolução*, 6 volumes (1933), tendo este causado grande impacto no debate vigente à época por defender o 'caráter platino' da Farroupilha em pleno 'governo provisório' de Getúlio Vargas. Varela utilizou farta documentação do arquivo pessoal de Domingos José de Almeida, prócer farroupilha e principal administrador da República Rio-Grandense que reunira a documentação com o objetivo de escrever sua versão da revolução. De leitura difícil, por utilizar uma linguagem rebuscada e se revestir de caráter de epopeia carregada de ufanismos e heroísmos – refletindo a tendência positivista do autor –, a obra, no

[8] ARARIPE, Tristão Alencar de. ***Guerra civil no Rio Grande do Sul***. Porto Alegre: Corag, 1986.
[9] ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco. ***História da História da República Rio-Grandense***. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1982.

entanto, é a que se ampara na maior quantidade de documentos ainda hoje. A documentação herdada de Domingos de Almeida deu origem à Coleção Varela, conjunto de mais de dez mil documentos sobre a Farroupilha mantidos pelo Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Os livros de Varela geraram uma séria de respostas de autores ligados ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS). Aurélio Porto publicou *Notas ao processo dos farrapos* ao longo da década de 1930, negando intenções separatistas e formulando a tese que deu origem à corrente 'brasileira' da Farroupilha. Emílio Fernandes de Souza Docca[10], por sua vez, deu continuidade a essa tendência logo após a primeira publicação de Porto. Na mesma linha, Dante de Laytano[11] privilegia as relações dos rebeldes rio-grandenses com os insurgentes de outras províncias brasileiras, focalizando a Farroupilha enquanto revolução inserida no âmbito das revoltas regenciais. É a mesma posição de Walter Spalding[12], vigoroso defensor da tese da 'brasilidade' dos farrapos. Não obstante, Spalding não nega as relações mantidas entre farroupilhas e platinos e fornece informações relevantes sobre a dinâmica dessas interações.

O debate que resumimos perdeu força a partir dos anos 1970, embora não tenha desaparecido, com novas pesquisas surgidas que não priorizavam a dicotomia *separação x não separação* ou *'brasilidade' x 'platinidade'*. Em *Modelo político dos farrapos*[13] (1978), primeira obra a tratar especificamente sobre a política na Farroupilha, Moacyr Flores rejeita a tese do separatismo orgânico dos rebeldes rio-grandenses, bem como que as influências do Prata tivessem sido determinantes nesse sentido. No entanto, reconhece que o movimento se tornou separatista após sua fase inicial, constituindo uma espécie de 'posição intermediária' relativamente ao debate que mencionamos. O foco da obra de Flores, porém, são as ideias políticas dos farrapos e aspectos relacionados à República Rio-Grandense.

---

[10] DOCCA, Emílio Fernandes de Souza. ***O sentido brasileiro da Revolução Farroupilha***. Porto Alegre: Globo, 1935.

[11] LAYTANO, Dante de. ***História da República Rio-Grandense***. 1936.

[12] SPALDING, Walter. ***Farrapos***. Porto Alegre: Sulina, 1934. ***A Revolução Farroupilha***. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982 (original:1936). ***A epopeia farroupilha: pequena história da Grande Revolução, acompanhada de farta documentação da época***. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1963 (original: 1958).

[13] FLORES, Moacyr. ***Modelo político dos farrapos***. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

Já a partir do fim dos anos 1990, César Augusto Barcelos Guazzelli[14] e Maria Medianeira Padoin[15] apresentaram abordagens e perguntas que superavam as antigas disputas acerca do separatismo farroupilha. Guazzelli trata das relações entre farrapos e caudilhos rio-platenses e demonstra como as questões estavam entrelaçadas nos dois 'lados' da fronteira, ao passo que Padoin aborda, entre outras, a questão do federalismo e como ele era compreendido na região do Prata que abarcava o Rio Grande do Sul. É a essas tendências que nossa pesquisa sobre o Rio Grande do Sul e o Uruguai se alinha no tocante à superação da dicotomia que, insistentemente, deu a tônica da historiografia sobre a Farroupilha até relativamente recentemente.

Neste trabalho, nossa proposta consiste em investigar as relações entre o Rio Grande do Sul farroupilha e o Estado Oriental do Uruguai e reconstruir parcialmente a dinâmica das interações entre os dois campos. Por Rio Grande do Sul farroupilha, entende-se os elementos políticos e militares que participaram ou aderiram ao movimento, bem como a República Rio-Grandense proclamada em setembro de 1836 e organizada a partir de então. Do lado uruguaio, o Estado Oriental é compreendido como abarcando tanto o governo constitucional quanto a facção oposicionista da vez, uma vez que os dois grupos políticos dominantes se alternaram no poder desde a promulgação da Constituição: de 1830 a 1834, governaram o nascente país as forças políticas que dariam origem ao Partido Colorado a partir de 1836; entre 1835 e 1838, o governo constitucional foi ocupado pelo Partido Nacional, que, afastado do poder por uma sublevação colorada nesse ano, foi sucedido pelo Partido Colorado em outubro. A partir de 1843, o Uruguai conviveria com uma duplicidade de governos que só terminaria em 1851.

A pesquisa foi realizada parcialmente em fontes primárias, sobretudo documentos da Coleção Varela publicados pelo Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, tratados diplomáticos, manifestações políticas, documentos utilizados por Walter Spalding e o diário de Antônio Vicente da Fontoura, deputado e ministro farroupilha. A pesquisa bibliográfica, parte substancial deste trabalho, se baseou não só em obras brasileiras sobre a Farroupilha em si, mas também na historiografia uruguaia, como Alberto Zum Felde, Ana Frega, Benjamín Nahum, Carlos Machado, Juan Arteaga, Pedro Barrán, Pivel Devoto e Walter Rela. Autores argentinos utilizados incluem Andrés Cisneros, Carlos

---

[14] GUAZELLI, César Augusto Barcelos. ***O horizonte da província: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata***. Porto Alegre: Linus, 2013.

[15] PADOIN, Maria Medianeira. ***Federalismo gaúcho: fronteira platina, direito e revolução***. São Paulo: Companhia Editora, 2001.

Escudé, José Carlos Chiaramonte, Jorge Fernández, José María Rosa, Julio César Rondina, Halperín Donghi e Roberto Payró, entre outros.

Das poucas obras que se dedicaram especificamente às relações entre a Farroupilha a o Prata, a pesquisa teve como fonte os estudos de César Guazzelli e da historiadora argentina Alicia Vidaurreta, que pesquisou o assunto no *Archivo General de la Nación*, em Buenos Aires. Além disso, recorreu-se a autores que analisam o processo mais amplo de formação dos Estados platinos, como Luiz Alberto Moniz Bandeira e Gabriela Nunes Ferreira, e a obras referentes à formação das fronteiras do Rio Grande do Sul, casos de Ana Reckziegel, Tau Golin e Demétrio Magnoli. Reckziegel, particularmente, utiliza o conceito de 'diplomacia marginal' que consideramos útil para compreender a dinâmica das relações entre farroupilhas e orientais, o que se aproxima do que entendemos como 'diplomacia paralela'. Isto é, uma 'política externa platina' dos estancieiros-militares rio-grandenses baseada exclusivamente em seus interesses privados e autônomos em relação aos interesses da diplomacia imperial.

Relações, aqui, são abordadas primordialmente do ponto de vista político[16] – e nossa pesquisa teve esse aspecto como fio condutor –, embora não se ignore as dimensões econômicas e sociais, ainda que sejam abordadas tangencialmente. Optou-se por 'Rio Grande do Sul farroupilha' em vez de 'Revolução Farroupilha' ou mesmo 'República Rio-Grandense' porque, como veremos, o movimento farroupilha precedeu o que normalmente se considera o início da revolução. A sublevação de 20 de setembro de 1835, marco inicial da Farroupilha para a historiografia, representou a culminação das ações do movimento e o início de sua fase armada. Tendo o Partido Farroupilha sido fundado na província já em 1832 como desdobramento da criação de partidos análogos no Rio de Janeiro e em São Paulo, entendemos ser mais apropriado usarmos o termo 'Rio Grande do Sul farroupilha'. Ademais, em nenhum momento da guerra os farrapos tiveram a adesão de todo o Rio Grande do Sul, que foi marcado pela duplicidade de governos e pela ocupação territorial simultânea por rebeldes e legalistas.

A pesquisa levou em conta uma realidade muitas vezes simplificada por uma perspectiva que, não raro, tende a enxergar o movimento farroupilha como coeso e os objetivos de seus integrantes como estáticos no tempo. A guerra entre os rebeldes e o Império durou mais de nove anos e transcorreu em meio a intensas movimentações políticas e militares tanto no Brasil quanto no Prata, sendo as mudanças de interesses,

---

[16] A realidade no espaço Rio Grande do Sul-Uruguai e o contexto em que se inseriu a Farroupilha, contudo, tornam os aspectos políticos e militares dessas relações virtualmente 'inseparáveis'.

perspectivas, ideias e objetivos variáveis constantes que acompanharam esse evento histórico do início ao fim – no começo de 1845, sequer havia consenso quanto aos termos de paz. O Brasil passava por um processo de construção do Estado Imperial que foi duramente desafiado pela Farroupilha, enquanto o Rio da Prata testemunhava guerras civis na Argentina e no Uruguai e a efêmera Confederação Peru-Boliviana se desintegrava como resultado da derrota para o Chile. Com exceção do Paraguai, cujo isolamento político e econômico também o isolavam dos conflitos que varriam o Prata, a região foi palco de sucessivas conflagrações que afetavam o Rio Grande do Sul, a 'estremadura platina' do Império em nossa visão.

Nesse sentido, a perspectiva deste trabalho é a de que a Farroupilha, como processo histórico, esteve inserida em um contexto regional mais amplo marcado pela formação dos Estados platinos, sem retirá-la, por outro lado, do enquadramento das revoltas regenciais brasileiras. Ao contrário da premissa binária na qual se ampara o debate historiográfico entre as correntes 'brasileira' e 'platina', entendemos que a Farroupilha não foi nem brasileira nem platina, ou, por outra, foi brasileira *e* platina.

A formação histórica do Rio Grande do Sul português nas porções norte e central da área geográfica da Banda Oriental, em cuja parte meridional se configurou o Uruguai espanhol, proporcionou uma realidade objetiva em que a província meridional brasileira encontrava-se plenamente inserida no contexto rio-platense. Politicamente vinculados à América portuguesa e ao mesmo tempo distantes de seus centros de poder, os habitantes da província sul-rio-grandense se relacionavam diretamente com as populações 'além-fronteiras' em um espaço geográfico que, na ausência de demarcações, era 'cortado' por uma 'linha' imaginária. Nas palavras de Tau Golin:

> Na história da fronteira rio-grandense, a fixação da linha divisória, sua afirmação ou suas oscilações, dependeram de decisões acordadas politicamente nos centros de decisão de poder, a exemplo do Rio de Janeiro, Lisboa, Madri, Londres, Buenos Aires e Montevidéu. Combinados com a conquista militar, a expansão demográfica e o recorrente uti possidetis, ao cabo, a sua definição significou uma opção imaginária, arbitrária, pesada na balança limitativamente possível da geopolítica[17].

Na perspectiva do Prata, a própria formação territorial da província, marcada por intensas disputas entre as Coroas ibéricas, criou um fator subjetivo nas mentes de próceres da Independência rio-platense que fazia do Rio Grande do Sul um objeto legítimo de suas

[17] GOLIN, Tau. ***A fronteira: governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina***. São Paulo: L&PM, 2002, p.13.

ambições. Tal foi o caso do movimento artiguista a partir de 1813, que não só olhou para a província do extremo sul luso-brasileiro como objeto de uma desejada expansão territorial, mas buscou propagar os ideais da ala mais radical da Revolução de Maio entre sua população. Antes disso, a própria Revolução de Maio de 1810 contemplou o Rio Grande do Sul como província passível de ser incorporada ao processo revolucionário platino sob a liderança de Buenos Aires, não diferente do que ocorreu com outras províncias que integravam o Vice-Reino do Rio da Prata. Assim, compreendemos que a província sul-rio-grandense esteve inserida no processo de formação do Estado brasileiro e integrada ao Império, atuando, inclusive, como 'sentinela da fronteira' contra os desígnios expansionistas do 'outro lado'. Ao mesmo tempo, sua localização geográfica, a inexistência de fronteiras definidas com o Uruguai – onde as elites estancieiras rio-grandenses tinham sólidos interesses – e as relações mantidas com as populações platinas concorriam para inserir o Rio Grande no Sul também no subsistema platino. Tanto assim que os farroupilhas participaram ativamente do jogo político do Prata, como já haviam feito em períodos anteriores, embora ainda não sob essa égide. Não haveria, em nossa visão, uma contradição intrínseca em vislumbrar o 'caráter híbrido' da Farroupilha no tocante a essa questão.

Esse quadro geopolítico mais amplo, caracterizado pela formação dos Estados na Bacia do Prata, também esteve marcado pela imbricação das questões decorrentes do próprio processo de construção do Estado brasileiro, sendo o espaço geográfico da Banda Oriental – onde as unidades políticas 'Rio Grande do Sul' e 'Uruguai' se formaram – uma espécie de ponto de intersecção entre esses processos. Assim, o Rio Grande do Sul, que Gabriela Nunes Ferreira[18] chamou de correia de transmissão dos conflitos platinos para dentro do Império, constituiu um espaço econômico, geográfico, político e social que se articulava aos processos históricos que transcorriam em torno de dois centros gravitacionais distintos, Buenos Aires e o Rio de Janeiro. Em vista disso, este trabalho examina tanto os aspectos conjunturais das relações farrapo-uruguaias quanto os fatores estruturais que moldaram e moldavam o contexto no qual elas se desenvolveram, associando-se a uma perspectiva de curta, média e longa duração que contempla: os eventos imediatos na conjuntura das guerras travadas dos dois 'lados' da fronteira, o ciclo farroupilha e os fenômenos históricos associados aos processos de construção dos Estados no Prata e no Brasil, respectivamente.

---

[18] FERREIRA, Gabriela Nunes. ***O Rio da Prata e a consolidação do Estado Imperial***. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

O primeiro capítulo apresenta uma breve síntese da formação político-territorial do Rio Grande do Sul enquanto colônia da América portuguesa, fruto de sucessivas disputas entre as Coroas ibéricas que moldaram as fronteiras políticas na Banda Oriental. O capítulo aborda os ciclos missioneiros, as incursões bandeirantes como frente de expansão lusa, a resistência dos jesuítas como manifestação da contenção espanhola desse avanço e as ligações de Buenos Aires com a América portuguesa. Percorre, ainda, o projeto português de expansão rumo ao Prata e a fundação de Colônia do Sacramento como fator decisivo para a formação do Rio Grande do Sul, bem como as disputas militares e diplomáticas que acabariam dando os contornos da Capitania do Rio Grande de São Pedro (1760) e da *Gobernación de Montevideo* (1751) em uma mesma área geográfica após o Tratado de Madri.

O segundo capítulo trata da Banda Oriental no início do século XIX, quando o nome desse espaço geográfico já era plenamente associado à entidade política da *Gobernación de Montevideo* tanto por luso-americanos quanto por hispano-americanos. A rivalidade entre os portos de Buenos Aires e Montevidéu, o processo de Independência do Rio da Prata e seus desdobramentos na Banda Oriental, as intervenções portuguesas, a criação da Cisplatina e a guerra que a transformou em Estado independente são abordadas. De forma sucinta, o capítulo examina, ainda, o centralismo imperial vigente no Brasil e o ambiente político regencial no período que antecedeu imediatamente a fase armada do movimento farroupilha, de modo a contemplar uma certa continuidade entre as disputas da época da Independência e as que recrudesceram no pós-Abdicação.

Já o terceiro capítulo aborda o 'fator Uruguai' na política rio-grandense no início do Período Regencial, procurando demonstrar que, ao contrário das disputas regenciais travadas em outros pontos do Império, a contenda na província sulina tinha como variável adicional diversos fatores vinculados à realidade uruguaia e, obliquamente, do Prata em geral. Considerando que este trabalho privilegia o enfoque político das relações farrapos-orientais, uma breve conceituação do liberalismo farroupilha, inclusive no tocante às suas contradições, é apresentada. O capítulo trata também do espaço fronteiriço Rio Grande-Uruguai e das interações sociais nessa área, abarcando possíveis influências políticas do Prata e as ligações de estancieiros-militares da fronteira[19] com a antiga Cisplatina, assim como suas vinculações com forças políticas orientais antes de 1835. Além disso, aborda os principais acontecimentos que levaram ao início da fase armada do movimento que

[19] Grupo dirigente do movimento farroupilha.

derrubou o presidente provincial, os esforços dos farroupilhas em institucionalizar a República e criar as bases do novo Estado e suas relações com o governo constitucional oriental de Manuel Oribe, sem negligenciar as relações buscadas com Buenos Aires. Apresenta, adicionalmente, uma breve conceituação do Estado e do Estado Nacional, dada a relevância que atribuímos a esses conceitos em face do período histórico em tela.

Por fim, o quarto capítulo aborda as relações da República Rio-Grandense com as facções políticas uruguaias, o governo de Buenos Aires e a província argentina de Corrientes, inserindo a Farroupilha no contexto regional da Guerra Grande uruguaia. Nesse sentido, o capítulo busca demonstrar como os farrapos, na condição de atores políticos e sociais regionais, eram sensíveis e respondiam aos processos que se sucediam no Rio da Prata, tendo alguns de seus setores chegado a contemplar arranjos institucionais com entidades políticas platinas. O papel da dissidência de Corrientes relativamente a Buenos Aires é abordado, considerando que a província faz fronteira com o Rio Grande do Sul e teve posição de destaque nos acontecimentos político-militares a partir de 1839. Se os farroupilhas se insurgiam contra o Império, os correntinos o faziam contra Buenos Aires, e ambos buscaram bases de convergência para fazer frente aos seus respectivos adversários.

O capítulo examina, ainda, as articulações levadas a cabo por farroupilhas, uruguaios colorados e correntinos para criar um terceiro polo de poder fora das esferas de influência do Império do Brasil e da Confederação Argentina, bem como a reação desses dois países. Aborda, ainda, as dissidências internas ocorridas no seio da República Rio-Grandense à luz das relações desta com o Partido Colorado uruguaio, assim como a duplicidade de governos no Uruguai a partir do início de 1843. Naturalmente, o papel do Brasil também é levado em conta, sobretudo a partir da chegada do barão de Caxias, em fins de 1842, cuja política de pacificação será discutida dentro de uma conjuntura de intensa movimentação de farrapos e uruguaios ao longo da fronteira. O capítulo encerra identificando a delineação de um projeto expansionista bonaerense como fator decisivo para o fim da guerra no Rio Grande do Sul, servindo a ameaça externa como uma ‘solda’ que ‘uniu’ o poder periférico rio-grandense ao poder central imperial.

CAPÍTULO I

BREVE SÍNTESE DA FORMAÇÃO POLÍTICO-TERRITORIAL DO RIO GRANDE DO SUL

1.1. A Banda Oriental como território espanhol *de jure*

De acordo com os imprecisos limites estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas (1494) e tacitamente fixados por portugueses e espanhóis no século XVI, a área que atualmente corresponde ao Rio Grande do Sul pertencia à Coroa espanhola[20] quando da implantação do sistema de capitanias hereditárias por D. João III, em 1534, formando uma unidade geográfica com o espaço que viria a constituir o Estado Oriental do Uruguai em 1830. Segundo os cálculos de Francisco Adolfo de Varnhagen, por sua vez baseados nas medidas calculadas pelo cartógrafo sevilhano Martin Fernandez de Enciso[21] em 1519, os limites meridionais dos domínios portugueses chegavam, aproximadamente, até a localidade onde seria fundado o povoado de Laguna em 1676, na Capitania de Santana[22]. Essa unidade geográfica do que se convencionou chamar de Banda Oriental[23] decorre das características físicas da região, que, limitada ao norte pelo rio Pelotas e pela Serra Geral, a noroeste e a oeste pelo rio Uruguai, ao sul pelo rio da Prata e a leste pelo Oceano Atlântico, constitui uma área relativamente homogênea, sem os grandes acidentes naturais que caracterizam outras partes do continente.

Assim, em termos puramente geográficos, a área na qual se formaram os embriões dos núcleos populacionais que dariam origem ao Rio Grande do Sul e ao Uruguai, estendendo-se desde a divisa sul do atual estado de Santa Catarina até o rio da Prata, na costa sul uruguaia, não possuía fronteiras naturais internas; as fronteiras

[20] ABREU, João Capistrano de. C*apítulos de história colonial (1500-1800)*. Brasília: Senado Federal, 1998, p.50

[21] GARCIA, Fernando Cacciatore de. *Fronteira iluminada: história do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul a partir do Tratado de Tordesilhas (1420-1920)*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012, p.32.

[22] Uma das quinze capitanias hereditárias criadas em 1534, correspondia à colônia mais meridional da América portuguesa. Seu território estendia-se por quarenta léguas ao sul da ilha de Cananéia, perto da atual divisa litorânea entre os estados de São Paulo e Paraná. Sobre a história de Santa Catarina como território da América espanhola no século XVI, ver MELLO, Amílcar. *Expedições e Crônicas das Origens – Santa Catarina na Era dos Descobrimentos Geográficos*. Florianópolis: Editora Expressão, 3 volumes, 2005.

[23] '*La Banda Oriental del Río Uruguay'*, assim os espanhóis de Assunção chamavam o território desde o século XVI, em uma óbvia referência à sua localização a leste do rio Uruguai.

políticas, artificiais que são, seriam moldadas por portugueses, espanhóis, luso-brasileiros e *criollos* das colônias espanholas seguindo uma lógica tanto geopolítico-econômica dos impérios ibéricos naquela região como comercial dos próprios colonos, resultando em uma longa e intensa disputa pela Banda Oriental que terminaria por dividi-la definitivamente entre Portugal e Espanha por meio de sucessivos tratados diplomáticos e conflitos militares ao longo do século XVIII. Apenas a partir daí, mais precisamente de 1801, com a tomada definitiva dos Sete Povos das Missões por luso-brasileiros[24], é que os limites entre a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e a Província Oriental seriam estabelecidos de fato, ainda que o reconhecimento de direito viesse apenas em 1851[25], já no âmbito das relações entre o Império do Brasil e o Estado Oriental do Uruguai.

Durante o século XVI e até a primeira metade do século XVII, a região não despertou os interesses das Coroas ibéricas devido à aparente inexistência de riquezas econômicas, eis que não possuía metais preciosos que permitissem a organização de atividades mineradoras e tampouco era propícia para o cultivo da cana de açúcar, principais atividades econômicas de Espanha e Portugal em suas colônias americanas à época, respectivamente. Mesmo durante a União Ibérica (1580-1640), quando Portugal esteve formalmente incorporado à Espanha, a Banda Oriental não foi ocupada pelos portugueses, cujos interesses nesse período, em termos geográficos, estiveram voltados principalmente para a Amazônia, conforme assinala Renato Mendonça:

> E o grande problema, a que se ia ater a colonização portuguesa nessa época, era a posse exclusiva das margens do Amazonas. De 1580 até a restauração em 1640, decresce a importância dos limites meridionais. A Amazônia focaliza todas as atenções. Para rebater as incursões de flamengos e ingleses, frequentes no Pará, ali se estabeleceu Castelo Branco[26].

A Coroa espanhola, ‘proprietária’ *de jure* daquele território, tampouco teve interesse em consolidar seu domínio *de facto* sobre ele pelo mesmo motivo, havendo apenas alguns poucos fortins precariamente erguidos por particulares, como Sebastião Caboto. Ademais, a impressionante quantidade de prata encontrada em Potosí, no Alto Peru, e em Zacatecas, no México, contribuía para fomentar ainda mais o desinteresse

---

[24] GARCIA, Elisa Frühauf. ‘A derradeira expansão da fronteira: a ‘conquista’ definitiva dos Sete Povos das Missões – 1801’, *Actas do Congresso Internacional Espaço Atlântico de Antigo Regime*: poderes e sociedades, 2005.

[25] GOES FILHO, Synesio Sampaio. *As fronteiras do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2013, p.34.

[26] MENDONÇA, Renato. *História da política exterior do Brasil: do período colonial ao reconhecimento do Império (1500-1825)*, Brasília: FUNAG, 2013, p. 58.

espanhol, estando o núcleo do seu projeto colonizador na América do Sul localizado em Ciudad de los Reyes, atual Lima, fundada em 1535, longe da pobre e despovoada Banda Oriental.

Vencida a resistência incaica, a Coroa espanhola fundou o Vice-Reino do Peru em 1542, estabelecendo uma organização política que compreendia a quase totalidade das colônias espanholas na América do Sul, à exceção da província da Venezuela. Em certa medida, e guardadas as proporções, tal centralização pode ser comparada à criação do Governo-Geral do Brasil pela Coroa portuguesa que ocorreria sete anos mais tarde. Por meio desse processo, a região da Banda Oriental subordinou-se ao Vice-Reino do Peru como parte integrante da Governadoria do Rio da Prata e Paraguai (1534-1617), cuja jurisdição incluía, além das áreas que atualmente constituem o Rio Grande do Sul e o Uruguai, os atuais estados de Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul, além de parte de São Paulo. Com o intuito de melhor administrar esse vasto território, o rei Filipe III o dividiu em dois no ano de 1617, criando a Governadoria do Paraguai, com capital em Assunção, e a do Rio da Prata, a ser governada desde Buenos Aires, cuja população portuguesa, na primeira metade do século XVII, correspondia a cerca de um quarto do total[27].

A negligência das autoridades espanholas levou a uma situação em que essa área localizada entre o rio da Prata e o Império português era espanhola de direito, porém sem que sua ocupação fosse efetivamente realizada. Ao fim do século XVI, além de Ciudad de Los Reyes, os espanhóis haviam fundado as vilas e cidades de Assunção (1536), Buenos Aires[28] (1536), Santa Fé de Bogotá (1538), Santiago (1541) e Santiago del Estero (1553), entre outras, enquanto a Banda Oriental foi deixada virtualmente abandonada por um largo período, tendo o primeiro povoado espanhol sido criado apenas em 1724, com a fundação de San Felipe y Santiago de Montevideo. Salvo visitas esporádicas de aventureiros, bandeirantes e contrabandistas, essa área permaneceria livre de ocupações minimamente significantes do ponto de vista populacional – espanhola ou portuguesa – até a fundação de seu primeiro povoado permanente em 1680, com a

---

[27] PAYRÓ, Roberto P. *Historia del Río de la Plata, Tomo II: peripecias de la organización nacional en los países del Río de la Plata y sus vecinos, 1810-1852*. Madri-Buenos Aires: Alianza, 2008, p.29.

[28] Buenos Aires teve duas fundações em razão de sua completa destruição por tribos indígenas em 1541, apenas cinco anos após sua primeira fundação. A cidade seria fundada novamente, em 1580, pelo fidalgo espanhol Juan de Garay, que se deslocou do Paraguai para erguer Buenos Aires em janeiro desse ano. Esse empreendimento fez parte de uma iniciativa mais ampla das autoridades de Assunção que buscavam 'abrir as portas da terra' para evitar o completo isolamento da cidade, tendo sido precedido pela fundação de Santa Fé, em 1573. LUNA, Félix. *Breve historia de los argentinos*. Buenos Aires: Planeta, 1993.

fundação de Colônia do Sacramento pelos portugueses. Ainda assim, essa iniciativa constituiu um fenômeno localizado, e seria apenas a partir da segunda década do século XVIII que a Banda Oriental veria um processo de ocupação e povoamento mais amplo que gradualmente daria contorno às futuras unidades político-territoriais do Rio Grande do Sul e do Uruguai em suas porções centro-norte e meridional, respectivamente. Bertino e Millot sintetizam esse processo da seguinte forma:

> [...] la colonización de la Banda Oriental fue espontánea y privada y dio lugar a una población predominantemente rural, que le dio el tono a la sociedad toda, por lo menos hasta el último cuarto del siglo (XVIII). [...] el 'descubrimiento' de la mina de cueros y ganado que era la Banda Oriental, atrajo gente de toda la Cuenca y la seguirá atrayendo hasta por lo menos la segunda década del siglo XIX. [...] son los peones de las vaquerías, legales o clandestinas, españoles, criollos y mestizos, portugueses, desertores de los barcos e indígenas, los que se mezclan y asientan en la nueva tierra[29].

Mas se essa área localizada ao sul da Capitania de Santana não interessava a portugueses nem a espanhóis, o mesmo não poderia ser dito sobre a vasta área ao norte dela que se encontrava a oeste da linha imaginária de Tordesilhas e, consequentemente, sob domínio espanhol. Frustrados com a aparente ausência de metais preciosos nas terras que lhes couberam, os portugueses passaram a penetrar profundamente nas terras do 'lado espanhol' com o objetivo de encontrar *'o outro Peru'*[30], rompendo os limites da América portuguesa e tornando o Tratado de Tordesilhas letra morta na prática.

Tal expansão foi facilitada durante os sessenta anos da União Ibérica[31], o que permitia que seus súditos se deslocassem livremente pela América espanhola. O fim desse arranjo político, porém, não deteve o ímpeto luso-brasileiro de percorrer áreas do Império espanhol em busca de riquezas materiais, seja na Amazônia, nas áreas centrais da América do Sul ou mesmo no Guairá, atual Centro-Oeste paranaense, onde os espanhóis haviam fundado Ontiveros (1554), Ciudad Real (1551) e Vila Rica (1577) ainda no primeiro século da colonização[32].

Desse modo, os lusos, com notório destaque para os paulistas, empurraram consideravelmente a 'linha demarcatória' de Tordesilhas para oeste, avançando sobre amplas áreas pertencentes à Espanha de direito e ampliando a extensão

---

[29] BERTINO, Magdalena. MILLOT, Julio. *Historia econômica del Uruguay*, Tomo I. Montevidéu: Fundación de Cultura Universitaria, 1991, p.24.
[30] HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*, São Paulo: Publifolha, 2000, p.83-124.
[31] União dinástica entre as monarquias espanhola e portuguesa.
[32] VAN ERVEN, Domingos. *O 'Paraná Espanhol'*. Curitiba: Clube de Autores, 2013, p.79.

dos limites do Império português no continente, não ocupando, porém, a Banda Oriental, que continuaria sendo espanhola *de jure* e virtualmente de ninguém *de facto* até as primeiras décadas do século XVIII.

1.2. O início da ocupação europeia do território: o primeiro ciclo missioneiro e as bandeiras

Carente de atrativos materiais que justificassem sua ocupação, a Banda Oriental sem embargo despertou interesses de natureza religiosa por parte da Companhia de Jesus, interessada em difundir o cristianismo pelo 'Novo Mundo' por meio da catequese e do aldeamento de povos indígenas, o que explica parcialmente o fato de os primeiros povoadores europeus dessa área terem sido jesuítas, vindos de Assunção e do Guairá, sob jurisdição da Governadoria do Paraguai. Os períodos que vão de 1626 a 1641 e de 1682 a 1767 marcam os ciclos missioneiros de povoamento do Rio Grande do Sul, com o primeiro representando uma tentativa pioneira de ocupação europeia desse território. Por sua vez, esse processo de penetração de jesuítas espanhóis no norte da Banda Oriental representou a continuidade da expansão do sistema de missões implantado no Paraguai e no Guairá, de onde se espalharam para região do Tape, Centro- Oeste do atual Rio Grande do Sul[33].

As reduções do Guairá começaram a ser erguidas em 1610, quando os padres José Cataldino e Simon Mazet fundaram *Nuestra Señora de Loreto* e *San Ignacio Mini*, na margem meridional do Paranapanema, divisa natural entre os atuais estados do Paraná e de São Paulo, somando-se às já citadas vilas fundadas pela Coroa espanhola na região durante o século XVI. Juridicamente, esse território constituía a província do Guairá, criada em 1608 e subordinada a Assunção. Após a fundação das primeiras reduções, doze outras foram organizadas pela Companhia de Jesus nos vales dos rios Paraná, Iguaçu, Piquiri, Ivaí e Tibagi até 1628-1629, quando a constante pressão militar vinda de São Paulo, ironicamente fundada por jesuítas, inviabilizou o projeto missioneiro na região[34].

A partir de 1628, bandeiras comandadas por Manuel Preto e Antônio Raposo Tavares cruzaram o Tibagi e destruíram, em sucessivas investidas, a maior parte das

---

[33] LAROQUE, Luís Fernando da Silva. Os nativos charrua/minuano, guarani e kaigang: o protagonismo indígena e as relações interculturais em territórios de planície, serra e planalto no Rio Grande do Sul. In: *Releituras da História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, 2011, p.24.

[34] TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. *História das bandeiras paulistas*. Salvador: Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, 2012, p.51-55.

reduções jesuíticas da região, acarretando o que ficou conhecido como *éxodo guayreño*, episódio em que um grande número de jesuítas e indígenas fugiu para o Paraguai e a Banda Oriental. Até 1632, não só as missões jesuíticas como os povoados espanhóis no Guairá seriam todos destruídos – ou abandonados em razão da iminência da destruição – pelas bandeiras, o que levou os espanhóis a retornarem à margem ocidental do rio Paraná, abandonando definitivamente o Guairá, que passou ao controle dos paulistas[35], ainda que não houvesse distinção legal entre os territórios portugueses e espanhóis em razão da União Ibérica.

Ao contrário do projeto missioneiro dos jesuítas, a marcha dos espanhóis de Assunção para o Guairá representava uma tentativa de conquistar uma saída para o mar dentro da ideia do 'grande Paraguai' segundo a qual o território deste deveria se estender até ao Atlântico[36], tendo como objetivo a construção de um porto na baía de Paranaguá ou a captura de Cananeia com esse fim. Essa vila, uma das duas primeiras fundadas por portugueses no Brasil, constituía uma espécie de 'linha de frente' da América portuguesa em relação ao Império espanhol. Ou seja, se por um lado havia um movimento paulista do litoral para o interior, também havia uma marcha de Assunção rumo ao Atlântico, o que criava as condições para confrontos entre os dois povos ibéricos naquela região, dos quais os bandeirantes, e consequentemente Portugal, saíram vitoriosos.

Na mesma época em que as missões do Guairá eram atacadas pelas bandeiras, jesuítas liderados pelo padre Roque González de Santa Cruz, vindos de Assunção, criaram os primeiros núcleos populacionais europeus do 'Rio Grande do Sul', no noroeste da Banda Oriental, onde fundaram San Nicolás de Piratini em 1626. Apesar de seu pioneirismo, o primeiro ciclo missioneiro foi transitório pelo mesmo motivo que levou os jesuítas a abandonarem o Guairá, uma vez que o bandeirismo paulista terminou servindo como 'barreira intransponível' para os membros da Companhia de Jesus que buscavam se fixar na região.

De fato, as incursões bandeirantes constituíram o primeiro movimento sistemático desde a América portuguesa rumo à Banda Oriental e impediram uma maior expansão do sistema missioneiro na região, freando a tentativa de sua ocupação pelos padres jesuítas. Com quase uma dezena de reduções fundadas entre 1628 e 1634 na região do Tape, não

[35] ELLIS, Alfredo Jr. *O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934, p.33.
[36] GOES FILHO, Synésio Sampaio. *Navegantes, bandeirantes, diplomatas: um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2015, p.122.

demorou para que estas passassem a ser alvos das bandeiras. Já em 1636, a bandeira de Raposo Tavares atacou e destruiu a missão de *Jesús María*, localizada na atual mesorregião Centro-Oriental do Rio Grande do Sul, capturando milhares de índios guaranis, o que levou o presidente da Audiência de Charcas[37], D. Juan de Lizarázu, a escrever ao monarca Filipe IV a

> Relatar-lhe as recentes agressões dos paulistas "gente ympia e cruel" que segundo o governador do Paraguai informava, acabava de destruir três novas reduções "matando y cautibando millares de yndios". Referia-se o informante aos acontecimentos do Tape. "Vayan abriendo paso y camino al Perú", advertiu, rompendo o caminho das minas a holandeses e marranos "eu todo es uno". Era preciso, de vez, arrasar aquela perversa gente, aquela corja de judeus[38].

De maneira similar ao que ocorreu no Guairá, a incursões bandeirantes levaram, a despeito da resistência dos atacados, ao abandono das reduções por parte de jesuítas e indígenas, que cruzaram o rio Uruguai e fugiram para a mesopotâmia dos rios Paraná e Uruguai[39]. Diferentemente do que haviam feito no Guairá, no entanto, os bandeirantes continuaram avançando rumo ao oeste, com a bandeira de Raposo Tavares atravessando o Uruguai em busca de índios ao longo da margem direita desse rio, sendo, dessa vez, derrotada pelos guaranis em Caazapa Guazú no ano de 1638. Em 1641, cerca de um ano após o fim da União Ibérica, os bandeirantes avançaram novamente para o outro lado do rio, com a bandeira de Jerônimo Pedroso de Barros, e foram liquidados por guaranis armados na Batalha de M'bororé[40], nas cercanias da atual cidade de Panambi, na província argentina de Misiones. A partir de então, cessariam as grandes incursões bandeirantes no Tape e ao longo do rio Uruguai, embora pequenas expedições continuassem percorrendo essas áreas[41], interrompendo o avanço desenfreado sobre os territórios meridionais pertencentes à Espanha.

Ao voltarem para o outro lado do Uruguai, os jesuítas abandonaram o gado que haviam trazido em grande quantidade[42], dando origem aos rebanhos selvagens que teriam duradouro impacto na economia, política e sociedade da região. Estavam lançadas as

---

[37] Órgão com sede em Chuquisaca (atual Sucre, Bolívia) cuja principal função era a administração da Justiça na jurisdição de Charcas, que incluía a maior parte dos territórios que formariam o Vice-Reino do Rio da Prata, no século XVIII.
[38] TAUNAY, 2012, p.85-86.
[39] LAROQUE, p.26.
[40] GOES FILHO, 2015, p.122.
[41] VELINHO, Moysés. *Capitania d'El Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense*. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p.64.
[42] LAROQUE, Op., cit., loc., cit.

bases materiais que viabilizariam a organização da economia estancieira sul-rio-grandense mais de um século mais tarde, ao mesmo tempo em que se criava uma 'riqueza natural' em uma região considerada sem valor econômico, o que impulsionaria o desbravamento e a ocupação do território por preadores de gado e tropeiros e possibilitaria sua integração ao ciclo da mineração da América portuguesa no século XVIII.

1.3. A Restauração portuguesa e a retomada da rivalidade entre as Coroas ibéricas no Sul: o papel de Buenos Aires e da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais

O fim da União Ibérica, que coincidiu com o fim do ciclo das bandeiras no Tape, inaugurou uma nova fase nas relações entre Espanha e Portugal tanto na Europa como na América. A Restauração portuguesa desencadeou um longo conflito direto com Madri na Europa que se prolongou até 1668, quando o Tratado de Lisboa cimentou juridicamente a independência lusitana. A Espanha, que também participava da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), da Guerra Franco-Espanhola (1635-1659) e enfrentava sublevações independentistas na Catalunha (1640-1652) e na Andaluzia (1641), viu-se demasiadamente débil para conter a independência de Portugal, em que pese a própria debilidade deste à época. Na América, as colônias ibéricas foram afetadas pelo conflito militar entre as metrópoles em variados graus, e a Bacia do Rio da Prata, na qual se inclui o atual território do Rio Grande do Sul, foi o palco por excelência da rivalidade luso-espanhola.

Ainda em 1641, na mesma época em que a expansão paulista no Prata era freada em M'bororé, os espanhóis de São Vicente, receando perder definitivamente os territórios tomados pelas bandeiras diante do fim da União Ibérica, decidiram separar a capitania do Império português e transformá-la em Estado independente. Sabiam, no entanto, que era necessário convencer a população local de tal necessidade, e assim os fidalgos Juan e Francisco Rendon de Quevedo, Francisco de Lemos, Bartolomeu de Torales e Gabriel Ponce de León, entre outros, incluindo paulistas, levaram adiante uma tentativa de aclamar Amador Bueno, filho de pai espanhol e abastado morador de Piratininga, monarca de São Vicente. O Aclamado recusou a oferta e reconheceu publicamente a autoridade de D. João IV, e, com o auxílio de autoridades religiosas e

cidadãos de prestígio favoráveis à Restauração portuguesa, rapidamente e de forma pacífica, colocou um fim ao movimento[43].

Esse episódio, apesar de pouco relevante para a formação político-territorial do Rio Grande do Sul e mesmo para a história de São Paulo, fornece uma noção da dimensão do impacto que o fim da União Ibérica teve nas relações entre os súditos das duas Coroas nos limites meridionais de seus Impérios na América. O antigo sonho hispano-paraguaio de obter acesso ao Atlântico seria revivido juntamente com as inquietações espanholas em relação às ambições portuguesas no Prata, enquanto o receio luso-brasileiro de perder a preeminência no lucrativo contrabando de prata na região alteraria definitivamente a política de Lisboa para ela.

A ambição espanhola relativamente ao acesso ao mar não tardaria em se dissipar em face da efetivação da posse do território do Guairá pelos lusitanos, que, desde a expulsão dos jesuítas para a outra margem do rio Paraguai e para o Tape, haviam povoado os Campos de Curitiba e o litoral, onde o paulista Gabriel de Lara fundou Paranaguá, em 1648[44] – núcleo da primeira cidade paranaense fundada por portugueses. As demais preocupações, porém, tiveram como consequência o acirramento das tensões entre Espanha e Portugal para além daquelas surgidas em razão da independência portuguesa. Para a Coroa espanhola, os portugueses ameaçavam – pela via do contrabando – não apenas o monopólio colonial que proporcionava ao porto de Lima o exclusivismo comercial no Vice-Reino do Peru, mas representavam, também, riscos reais de ocupação do estuário do Prata, a começar por Buenos Aires, de onde poderiam alcançar as ricas minas de prata do Alto Peru através do caminho que passava por Córdoba, Santiago del Estero, Tucumán, Salta e Jujuy[45], o que, obviamente, era inaceitável para as autoridades espanholas.

Durante o período em que vigorou a União Ibérica, a capital da Governadoria do Rio da Prata tornara-se, do ponto de vista demográfico e comercial, uma cidade sob forte influência portuguesa, tendo seus interesses comerciais inequivocamente ligados ao mundo luso-brasileiro e às rotas do Atlântico Sul, ao contrário da Espanha, que privilegiava a conexão Pacífico-Caribe-Atlântico Norte. Buenos Aires era um porto

---

[43] TAUNAY, Affonso d'Ecragnolle. *História da cidade de São Paulo*. Brasília: Senado Federal, 2004, p. 50.
[44] O embrião da vila já existia desde 1617, onde o mesmo Gabriel de Lara havia criado um pequeno povoado.
[45] BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A expansão do Brasil e a formação dos Estados na bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p.49.

fechado desde o fim do século XVI[46] por determinação da Coroa espanhola, o que a tornava dependente do comércio ilegal com os portos do Império português, de onde recebia escravos, açúcar, manufaturas, tecidos e sal, entre outras mercadorias, e para onde enviava a prata contrabandeada do Alto Peru. Somente por um breve período o comércio com a América portuguesa havia sido autorizado, em 1602, conforme lembra Varnhagen, mas foi proibido pela Coroa novamente apenas três anos mais tarde devido '*ao dano que dali resultava às terras do Rio da Prata*'[47].

Com o fim da união dinástica entre as Coroas ibéricas, a população portuguesa de Buenos Aires foi alvo de expulsão[48], o que impôs considerável prejuízo a esses comerciantes que praticamente dominavam o comércio clandestino no Prata, mas também aos próprios espanhóis e *criollos* que dele dependiam. Mas se a expulsão dos portugueses de Buenos Aires resguardava a cidade contra possíveis ameaças internas, ela de pouco servia contra ameaças externas. Antes, concorria para acirrá-las, uma vez que a perda do acesso ao contrabando de prata na região tornava uma eventual anexação de Buenos Aires pelo Império português uma alternativa a ser considerada, pois, se consumada, daria aos portugueses acesso ao Alto Peru e o completo controle da costa sul da América do Sul – o litoral norte estava fora do controle dos portugueses a essa época, pois uma extensa porção da costa da atual região Nordeste do Brasil estava sob domínio holandês por meio da configuração formal da Nova Holanda (1630-1654), cujas elites mercantis ambicionavam substituir Portugal no fornecimento de escravos às colônias da Bacia do Prata[49].

Por certo, as preocupações das autoridades espanholas não eram infundadas, uma vez que havia, realmente, vozes que defendiam a anexação de Buenos Aires como colônia portuguesa. Não foi outra senão essa a posição de Salvador Correia de Sá e Benevides, governador da Capitania do Rio de Janeiro e entusiasta da ideia de estender os domínios portugueses até Buenos Aires como forma de recuperar o controle do comércio do Atlântico Sul, desorganizado pelos holandeses desde a ocupação da costa

---

[46] MOUTOUKIAS, Zacarias. 'Burocracia, contrabando y autotransformación de las elites de Buenos Aires en el siglo XVII', *Anuario del IEHS*, III, Tandil, 1988, p.215

[47] VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil, Tomo I*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1870, p.400.

[48] CRUXEN, Edison Bisso. 'A ocupação ibérica do território e as disputas pelas fronteiras do continente de Rio Grande', in *Releituras da História do Rio Grande do Sul*, p.65-88, Porto Alegre: Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, 2011, p.78

[49] SCHWARTZ, Stuart. 'Prata, açúcar e escravos: de como o Império restaurou Portugal', *Tempo*, vol. 2, Nº. 24, Niterói, 2008.

angolana pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, em 1641, coincidindo com a perda do comércio rio-platense pelos portugueses. Nesse sentido, em 1643, Benevides fez gestões junto ao Conselho Ultramarino com vistas a convencê-lo da necessidade de ocupar Buenos Aires em face da difícil situação econômico-comercial por qual passava Portugal naquela década de 1640, apresentando um plano que consistia em

> Despachar do Rio de Janeiro uma força naval, transportando cerca de quinhentos a seiscentos homens, para atacar Buenos Aires pelo estuário do Prata, enquanto os bandeirantes cruzariam o Paraguai e a invadiriam por terra.....os bandeirantes, especialmente Antônio Raposo Tavares, voltaram a investir contra as reduções jesuíticas do Paraguai e, em 1651, planejaram um ataque combinado, por terra e mar, contra Buenos Aires[50].

Essa proposta não constituía um plano isolado, mas uma estratégia maior de recuperar o controle da lucrativa triangulação comercial ultramarina formada pelo eixo Pernambuco-Luanda-Buenos Aires, cuja perda havia afetado duramente as finanças portuguesas. Tamanha era a lucratividade que tal triangulação proporcionava que os holandeses instalados na Nova Holanda pretendiam dominá-la por completo, o que, em vista do fato de que Angola e Pernambuco já se encontravam ocupados, fazia de Buenos Aires o último porto desse circuito a ser anexado pela Companhia. Entre os defensores dessa ação estava o próprio Maurício de Nassau[51], instalado no Recife/*Mauritsstadt* desde 1637, que pretendia ocupar Buenos Aires e preencher o vácuo deixado pelos portugueses no contrabando de prata. O conde julgava que a ocupação de Buenos Aires '*abriria a porta traseira do caminho, tão longo quanto dificultoso, das minas de Potosí*'[52] e planejava controlá-la por completo, chegando a organizar uma expedição com essa finalidade em 1642.

Na ocasião, armou-se uma empresa considerável, reunindo-se '*o maior número possível de naus grandes e pequenas, e..... um exército de cerca de 800 homens'*, segundo Gaspar Barléu[53], que deveriam ocupar Buenos Aires e fazer dela a base para o controle do fluxo da prata potosina pela Companhia, que também supriria a demanda do Alto Peru por escravos trazidos de Angola. Revoltas anti-holandesas no Maranhão e em São Tomé, e a necessidade de fornecer armamentos e suprimentos à expedição de Hendrik

---

[50] BANDEIRA, p.55.
[51] HOLLANDA, Sérgio Buarque de, p.116.
[52] BOXER, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil*. Tradução de Olivério M. de Oliveira Pinto. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2004, p.206-207.
[53] BARLÉU, Gaspar. *O Brasil Holandês sob o Conde João Maurício de Nassau*. Brasília: Senado Federal, 2005, p.277.

Brouwer[54], no entanto, inviabilizaram os planos de Nassau[55], que se viu obrigado a desistir da invasão do Rio da Prata.

Como Nassau, Benevides também fracassou em seu intento de enviar uma expedição para atacar e anexar Buenos Aires. O Conselho Ultramarino concluiu que, antes de se buscar a retomada do controle do contrabando no Prata, era necessário recapturar aos holandeses a região mais rica da colônia e restabelecer o controle do fluxo comercial de escravos no Atlântico Sul, o que exigiria, invariavelmente, a retomada de Angola. Pesou, na decisão do Conselho, não apenas os interesses diretos de Portugal nos lucros do comércio transatlântico de escravos que outrora controlou, mas também o entendimento de que a reconquista de Angola desorganizaria o comércio de escravos mantido pelos holandeses de Pernambuco, o que enfraqueceria a posição da Nova Holanda frente ao Brasil português[56]. Em 1648, Salvador comandou a esquadra que partiu do Rio de Janeiro e reconquistou Angola[57], cortando uma importante fonte de fornecimento de escravos e desferindo, de uma só vez, dois duros golpes no Brasil Holandês: a perda de mão de obra imprescindível para a economia açucareira e o estancamento do comércio clandestino de escravos no Rio da Prata.

O período que vai do fim da União Ibérica até o Tratado de Lisboa de 1668, passando pelo Tratado de Haia (1661), que formalizou a devolução dos territórios da Nova Holanda a Portugal, é marcado por um recuo da presença luso-brasileira na Bacia do Prata. Ocupada com uma guerra de independência contra a Espanha e em conflito pela retomada do controle comercial do Atlântico Sul contra os holandeses, cuja perda acarretara graves perdas financeiras, a Coroa portuguesa evitou maiores confrontos com os hispano-americanos nas fronteiras meridionais entre os dois Impérios.

Mesmo as iniciativas de caráter privado, como as bandeiras e o contrabando, passaram por um sensível recuo na região durante esse período; este, pela já mencionada expulsão dos portugueses de Buenos Aires; aquelas, pela abertura de novas frentes de expansão nas áreas centrais do continente e pela formação de exércitos de guaranis

---

[54] Governador-Geral das Índias Orientais Neerlandesas no período 1632-1636, Brouwer comandou uma expedição à costa chilena a partir de Pernambuco, em 1643, tendo como objetivo o estabelecimento de um posto comercial em Valdívia, que havia sido abandonada pelos espanhóis em 1604 após sofrer ataques de tribos mapuches e huilliches. Consultar BOXER, Charles Ralph, 2004.

[55] BARLÉU, p.277-278.

[56] LOUREIRO, Marcello José Gomes. Reconectando o Império: mercês e interesses mercantis na Força Naval de Salvador de Sá que reconquistou Angola, *Revista Navigator*, V. 4, N. 7, 2008, p.40-41.

[57] BOXER, Charles Ralph. *Salvador de Sá and the struggle for Brazil and Angola: 1602-1686*. Londres: The Atholone Press, 1955.

armados com armas de fogo, cuja autorização pelo rei da Espanha Filipe IV e pelo Papa se deu como resultado de gestões encaminhadas pelo padre Antonio Ruiz de Montoya[58], jesuíta que havia liderado o êxodo do Guairá ao final dos anos 1620. De certo modo, a militarização de jesuítas e guaranis, a qual explica o episódio de M'bororé, 'fixou' temporariamente os limites dos Impérios ibéricos aproximadamente na atual divisa centro-leste entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul, concorrendo para que a Banda Oriental continuasse à margem das ondas de ocupação que ocorriam no Guairá, em Itatim[59], no oeste de São Vicente e na Bacia do Amazonas, onde os portugueses ergueram o Forte de São José da Barra do Rio Negro, embrião da futura vila de Manaós, em 1669.

1.4. A afirmação do Estado português e a expansão das fronteiras meridionais na América: Rio Grande de São Pedro como corredor natural entre o extremo sul luso-brasileiro e Colônia do Sacramento

Com a expulsão dos holandeses, a reincorporação dos territórios tomados pela Holanda, a reorganização do comércio transatlântico de escravos e a consolidação de sua independência, Portugal estava em melhores condições de embarcar em uma política expansionista no Rio da Prata para retomar o controle do contrabando de prata de que o país e suas colônias tanto necessitavam. Em vista dos prejuízos causados pela referida perda, que por sua vez geraram fortes pressões dos comerciantes, a Coroa portuguesa decidiu avançar rumo ao Prata e povoar as áreas ao sul de Paranaguá, onde algum ouro havia sido encontrado[60].

É o início de um lento processo de fortalecimento do Estado português, marcado, entre outros aspectos, pela substituição do poder privado pelo poder estatal como principal motor da expansão territorial luso-brasileira[61]. Se o processo de expansão e ocupação ocorrido até então era capitaneado principalmente pelo particular, com a notória predominância das bandeiras, a gradual afirmação do Estado Nacional português

---

[58] GOES FILHO, 2013, p.91.
[59] Aproximadamente a porção sul do atual estado de Mato Grosso do Sul.
[60] CALÓGERAS, João Pandiá. *Formação histórica do Brasil*, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1938, p.49.
[61] IGLESIAS, Francisco. *Trajetória política do Brasil: 1500-1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.60.

levaria a um predomínio do poder público como principal formulador e executor de um projeto expansionista[62].

Com a descoberta de ouro no atual litoral paranaense, a necessidade de recuperar o comércio da prata peruana e a afirmação do Estado português, estavam dadas, pois, as condições e razões para que a Coroa se lançasse em uma onda povoadora naqueles territórios formalmente pertencentes à Espanha. Fundaram-se, à revelia de Madri, São Francisco do Sul (1660), Nossa Senhora do Desterro (1662), Curitiba (1668) e Laguna (1676), esta, servindo como último porto antes do rio da Prata para os navios vindos dos demais portos brasileiros ou de Lisboa. Posto de outra forma, esse avanço para além dos limites meridionais representou uma ousada iniciativa da Coroa portuguesa de povoar a extensa área ao sul de Paranaguá antes que os espanhóis de Assunção ou de Buenos Aires o fizessem, constituindo

> O desdobramento, em nível oficial, dos esforços que os luso-brasileiros, por meio das bandeiras, empreenderam, desde pelo menos 1636 e intensificaram, sobretudo a partir da rebelião contra a Espanha, para efetivarem sua presença na Bacia do Prata e prosseguirem o avanço sobre o resto da região[63].

Após a fundação de Laguna, a geografia impôs-se como barreira quase intransponível para o projeto expansionista luso-brasileiro. O retilíneo litoral do que viria a ser o Rio Grande do Sul já havia afastado exploradores e colonizadores ainda no século XVI, incluindo o próprio Martim Afonso de Souza, fundador de São Vicente, que navegou ao longo da costa em sua viagem ao Prata em 1531. Assim, fundada Laguna, '*las dificultades físicas del tramo siguiente del litoral explican el salto dado em 1680 con la fundación de Colonia frente a Buenos Aires, en tierra indudablemente española*'[64]. Por instrução e ordem da Coroa, o governador do Rio de Janeiro Manuel Lobo fundou Colônia do Sacramento, um enclave luso-brasileiro na margem setentrional do rio da Prata, a apenas dez léguas de Buenos Aires, tendo como objetivo não apenas a ocupação de uma das margens do rio da Prata para o controle do fluxo ilegal de prata, mas também possível

---

[62] Caio Prado Júnior divide a História Colonial em dois períodos: o primeiro vai do 'descobrimento' até a expulsão dos holandeses, enquanto o segundo se estende até a chegada da Corte ao Rio de Janeiro. Do ponto de vista político, a diferença fundamental entre os dois períodos esteve na extensão dos poderes e as formas de atuação do Estado, cuja ação nos dois primeiros séculos é mais tímida, embora longe de ser irrelevante, adquirindo protagonismo gradualmente após a reconquista do que viria a ser a região Nordeste. Ver *Evolução política do Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

[63] BANDEIRA, p.63

[64] ARTEAGA, Juan José. *Uruguay: breve historia contenporánea*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2000, p. 16.

posterior invasão e conquista daquele porto[65] que já havia sido alvo dos planos de Salvador Correia de Sá e Benevides e de Maurício de Nassau.

Apesar do recuo da presença portuguesa no Prata desde a expulsão de portugueses de Buenos Aires, a fundação de Colônia quarenta anos mais tarde reacendeu e potencializou as inquietações espanholas frente às ambições de seu arquirrival na região. Uma parcela significativa de lusitanos e de seus descendentes permanecera em Buenos Aires[66] e os interesses comerciais da cidade continuavam, a despeito do fim da União Ibérica, que pouco alterou a realidade concreta e o quadro de necessidades econômicas e comerciais bonaerenses, intimamente ligados a Portugal e à América portuguesa. O monopólio aduaneiro do porto de Lima continuava em vigor em todo o Vice-Reino do Peru, o que concorria para manter Buenos Aires dependente do comércio com os portos do Império português no Atlântico. Cientes da ameaça que Colônia, praça-forte lusa no Prata, representava, o governador do Rio da Prata José de Garro organizou uma expedição que terminou com a ocupação do enclave apenas poucos meses após sua fundação[67].

A ocupação de Colônia por forças de Buenos Aires marcou o início do que Fernando Cacciatore de Garcia chamou de ‘Guerra dos cem anos’ pela margem setentrional do Prata, período este que vai de 1680 a 1777 e durante o qual o controle do enclave alternou-se entre Portugal e Espanha diversas vezes. Não é, e nem poderia ser, objetivo desta pesquisa discutir a ‘Questão de Colônia’ e os acontecimentos políticos, diplomáticos e militares que se desenvolveram em torno dela, inclusive com desdobramentos no xadrez dinástico-diplomático europeu, a não ser na medida em que sejam imprescindíveis para os objetivos deste capítulo[68].

Nesse sentido, por ora, é suficiente anotar que a fundação de Colônia não se deu de forma isolada, mas representou o primeiro de três estágios da estratégia de ocupação da margem setentrional do rio da Prata pela Coroa portuguesa, inaugurando a ocupação efetiva do sul da Banda Oriental ou do que viria a ser o Uruguai. Pretendiam os portugueses fundar outros dois povoados no que é hoje a costa sul uruguaia, um na

---

[65] BANDEIRA, 2012, p.63.
[66] SANTOS, Corcino Medeiros dos. *A produção das minas do Alto Peru e a evasão de prata para o Brasil*. Brasília: Editora Thesaurus, 1998, p.166
[67] ARTEAGA, p.17.
[68] Para uma leitura detalhada sobre a disputa luso-espanhola por Colônia, ver PRADO, Fabrício. *Colônia do Sacramento: o extremo sul da América portuguesa*. Porto Alegre, 2002.

Baía de Montevidéu e outro onde está localizada a atual cidade de Maldonado, de modo a estabelecer linhas de comunicação entre Laguna e Colônia[69].

Em 1723, por ordem régia, uma expedição de Colônia liderada por Manuel de Freitas Fonseca chegou a construir o Forte de Montevidéu como primeiro passo para a fundação de um povoado no local[70], sendo, no entanto, descoberta em pouco tempo pelo governo de Buenos Aires. O governador bonaerense Bruno de Zabala respondeu enviando um protesto ao governador de Colônia e organizando sua própria expedição para expulsar os portugueses de Montevidéu, que, sem reforços, abandonaram o lugar já em janeiro de 1724. A constante pressão militar hispano-platense desde Buenos Aires acabou colocando os colonenses na defensiva permanentemente, não só tornando inviável uma futura invasão a Buenos Aires, mas também ameaçando a própria posse portuguesa da vila.

Outro ponto a se destacar é a importância de Colônia para a formação política e territorial do Rio Grande do Sul português, uma vez que os diferentes esforços empreendidos por particulares e pela Coroa lusitana de ocupar e defender essa área ao sul de Laguna estiveram ligados, em maior ou menor grau, aos imperativos de manter as comunicações e defender esse posto avançado português no Prata. Ou seja, '*a conquista e povoamento do Rio Grande do Sul são capítulos complementares desse recuado acontecimento*'[71]. Após a fracassada tentativa de povoar Montevidéu – que terminou incentivando os espanhóis a ocupar a área em definitivo –, o Conselho Ultramarino recomendou ao rei a povoação de todo o território localizado entre Santa Catarina e a Lagoa dos Patos[72]. Diante do isolamento geográfico, do permanente assédio espanhol desde Buenos Aires e da inviabilidade do plano de ocupação e povoamento da costa sul da Banda Oriental ao longo do rio da Prata, fazia-se necessário povoar o vasto 'corredor' entre Laguna e Colônia do Sacramento[73].

Como as próprias datas de fundação dos primeiros povoados portugueses na área do atual Rio Grande do Sul sugerem, a ocupação efetiva do território teve início apenas a partir de 1725, quando D. João IV solicitou às autoridades de Laguna que estabelecessem um posto militar na barra do Rio Grande[74], ao passo que a primeira onda

---

[69] PRADO, Ibid., p.41-43.

[70] POSSAMAI, Paulo. 'Montevideo fortificado es outro Gibraltar': as tentativas dos portugueses em ocupar Montevidéu no século XVIII, *Estudios Historicos*, Nº3, dezembro, 2009, p.9.

[71] VELINHO, Moysés. VELINHO, Moysés. *Capitania d'El Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense*. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p.22.

[72] Ibid.

[73] ABREU, p.187.

[74] GARCIA, 2012, p.109.

de povoamento se iniciou a partir da mesma vila, em 1727. Em comparação, Laguna e Colônia foram fundadas ainda no último quartel do século XVII, ou seja, mais de quarenta anos antes da criação da primeira vila rio-grandense, Rio Grande, em 1737; esse fato pode ser explicado justamente pela condição de 'corredor de passagem' que esse território adquirira para os lusitanos na medida em que era por ele que o extremo sul do Império português, até então nas imediações meridionais de Laguna, se conectava ao posto avançado de Colônia, isolado geograficamente em terras espanholas e defronte a Buenos Aires.

Além disso, '*tratava-se de criar uma retaguarda militar para a defesa de Colônia do Sacramento e, ao mesmo tempo, consolidar a posse da região meridional na eventualidade da perda daquele posto avançado para o inimigo espanhol*'[75], o que concorre para demonstrar a dimensão da importância que o enclave luso às margens do Prata teve para a formação do Rio Grande do Sul português. Esse movimento de povoamento das terras ao sul de Laguna, no entanto, não foi conduzido exclusivamente pelo Estado, mas constituiu uma política oficial que era complementada por ações de particulares.

Se bem é verdade que a expansão luso-brasileira em direção ao Prata a partir dos anos 1670 representou principalmente uma iniciativa da Coroa, como se assinalou, essa frente expansionista se desenvolveu paralelamente a outra menor conduzida sobretudo por paulistas, que retomaram a marcha ao sul não mais em busca de escravos, mas de gado bovino e cavalar[76]. A organização da economia da mineração no centro da América portuguesa criava, assim, um fator adicional de incentivo à ocupação das terras localizadas ao sul de Laguna, levando à formação de uma frente essencialmente privada que complementava e se articulava com as ações da Coroa que terminaram por 'lusitanizar' o território que se viria a formar o Rio Grande do Sul.

---

[75] COSTA, Wilma Peres, 1996, apud FERREIRA, Gabriela Nunes. *O Rio da Prata e a consolidação do Estado Imperial*. São Paulo: Editora Hucitec, 2006, p.71.
[76] PRADO, 2002, p.44.

1.5. A criação da Capitania de Rio Grande de São Pedro e a configuração territorial do Rio Grande português entre a guerra e a diplomacia: os Sete Povos das Missões, as invasões hispano-americanas e os tratados de limites

Apenas dois anos após a fundação de Colônia do Sacramento no extremo sul da Banda Oriental, padres da Companhia de Jesus e guaranis estabelecidos no Paraguai e na mesopotâmia 'argentina' cruzaram para a margem leste do Rio Uruguai e retomaram o projeto missioneiro que havia sido interrompido naquela área havia mais de quarenta anos. Começava o segundo ciclo missioneiro (1682-1767), mais longo e próspero do que o primeiro, e que desempenharia papel central nos acontecimentos que desembocaram na configuração definitiva do atual Rio Grande do Sul enquanto unidade político-territorial integrada à América portuguesa. Partindo da redução de San Tomé, localizada no atual território de Corrientes, jesuítas liderados pelo padre Francisco Garcia fundaram a missão de San Francisco de Borja em 1682[77], o que faz da atual cidade de São Borja a mais antiga do estado, apesar da visão predominante na historiografia brasileira de atribuir essa condição à cidade de Rio Grande, erguida quase meio século mais tarde.

Com o fim das bandeiras de preação, que, ao fim do século XVII haviam sido amplamente substituídas pelas bandeiras de prospecção e se concentravam nas áreas centrais da colônia, os jesuítas puderam retomar seu projeto missioneiro na margem oriental do rio Uruguai. Além de São Francisco de Borja, outras seis missões seriam construídas até 1706, formando, juntas, o que ficou conhecido como os Sete Povos das Missões Orientais, ou Missões Orientais do Rio Uruguai. Essas missões, ou povoados, floresceram rapidamente do ponto de vista econômico, urbanístico e populacional, aproveitando-se da grande quantidade de gado selvagem existente na região, como assinala Fernando Cacciatore de Garcia:

> Além de lá erigir centros urbanos padronizados – com belas e imponentes igrejas, casas de pedra para os índios, oficinas artesanais, colégios, rica vida cultural, etc. –, incomparavelmente superiores aos acanhados centros populacionais que a Espanha erguera no Prata, os Sete Povos estabeleceram extensíssimas estâncias de gado, geralmente bravio, que chegavam até o Rio Negro, no atual Uruguai[78].

[77] RUBERT, Arlindo. *História da Igreja no Rio Grande do Sul: época colonial (1626-1822).* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994, p.22.
[78] GARCIA, 2012, p.89.

O rápido desenvolvimento dos Sete Povos atraiu a atenção das autoridades luso-brasileiras, inclusive as de Colônia do Sacramento, com quem as missões passaram a competir comercial e economicamente em relativamente pouco tempo. Mais que uma concorrência econômica, no entanto, as Missões Orientais representavam um projeto político[79] que incluía o efetivo povoamento de uma região ainda formalmente pertencente à Espanha, o que poderia significar a consolidação da posse *de facto* de uma extensa área que compreendia a maior parte da porção ocidental do atual território gaúcho. No início do século XVIII, os portugueses ainda não haviam ocupado efetivamente aquela área no norte da Banda Oriental, havendo apenas precárias linhas terrestres de comunicação ao longo da costa entre Laguna e Colônia, a assim chamada Estrada de Laguna ou Caminho da Praia.

É precisamente nesse sentido que o desenvolvimento dos Sete Povos irá influenciar, juntamente com Colônia, a ocupação definitiva e o povoamento do que seria o Rio Grande do Sul por portugueses, lagunenses, colonenses, paulistas e pessoas oriundas de outras partes do Império português, inclusive dos Açores. Se Sacramento foi reflexo do desejo português de ocupar a costa sul da Banda Oriental, a fundação dos Sete Povos representou uma tentativa espanhola – embora levada a cabo pela Companhia de Jesus, não pela Coroa ou por autoridades seculares – de ocupar o norte dessa região geográfica, do antigo Tape até os Campos de Viamão. As Missões Orientais eram, assim, a resposta hispano-americana para a iniciativa luso-brasileira no Prata; e como tal implicaria duras reações por parte de seus rivais.

Perdida para a Espanha em 1705, Colônia seria devolvida a Portugal dez anos mais tarde pelo Tratado de Utrecht (1715), iniciando um ciclo de prosperidade impulsionado pelo constante fluxo de prata, exploração de gado, produção de gêneros agrícolas e fornecimento de produtos 'brasileiros' a todo o Rio da Prata, inclusive a Buenos Aires, além do ouro contrabandeado da região das Minas Gerais. Esse período de prosperidade seria interrompido em 1735, quando teve início o sítio de Colônia do Sacramento por tropas hispano-americanas. Ao longo de quase dois anos, o enclave esteve sitiado e sofreu constantes ataques que destruíram grande parte da capacidade de produção agrícola das terras no seu entorno[80]. Ironicamente, a ameaça de destruição de Sacramento constituiu fator decisivo e imediato para o 'nascimento' do Rio Grande do

---

[79] VELINHO, Moysés. VELINHO, Moysés. *Capitania d'El Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense*. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p.77-80.
[80] PRADO, 2002, p.120-121.

Sul português: diante das extremas dificuldades enfrentadas pelos colonenses, a Coroa ordenou ao governo do Rio de Janeiro que enviasse uma expedição para socorrê-los, devendo, ainda, ocupar as ilhas de São Gabriel, o Cerro de Montevidéu, onde a tentativa de fundar uma vila havia fracassado em 1723, e fundar uma colônia na barra do Rio Grande[81], na entrada da atual Lagoa dos Patos.

Assim, o governador do Rio de Janeiro, o brigadeiro José da Silva Pais, comandou a expedição que ergueu o Forte Jesus, Maria, José, embrião da atual cidade de Rio Grande, primeiro núcleo populacional português fundado em terras hoje consideradas gaúchas, em 1737. No ano seguinte, criava-se a Comandância Militar do Rio Grande de São Pedro, primeiro desenho jurídico do território, subordinado à também recém-criada Capitania de Santa Catarina. Com isso, cuidava-se de povoar deliberadamente o território com populações leais a Portugal, de modo a integrá-lo à América portuguesa, como observa Pedro Calmon:

> O povoamento das coxilhas rio-grandenses obedeceu às mesmas injunções da conquista de Santa Catarina. Porém, ali, como no Nordeste, o homem apenas começou a obra, dominando [...] a lagoa dos Patos, cujo sangradouro, o 'Rio Grande de São Pedro', dos jesuítas, dera nome à terra. [...] A Câmara de Laguna pedira ao rei a remessa de casais de açorianos para a colonização da nova terra: vieram cento e sessenta, núcleo efetivo do povoamento do Rio Grande. Em 1731, Cristóvão Pereira de Abreu iniciou um comércio ativíssimo, levando em três meses do Rio Grande a Curitiba 800 cabeças de gado[82].

Desse modo, o território que viria a constituir o Rio Grande do Sul se inseria formalmente, ainda que de forma tênue, no mundo luso-brasileiro, integrando-se, em poucos anos, à economia do Estado do Brasil por meio do fornecimento de gado, mulas e cavalos a outras regiões, sobretudo à das Minas Gerais, cujo ciclo do ouro atingia seu apogeu em meados do século XVIII[83].

Além de servir como cabeça de ponte para expedições que partiam do Estado do Brasil para Colônia, estando em posição quase equidistante entre esta e Laguna, a fundação da vila e do porto de Rio Grande representou o início da ocupação e do povoamento efetivo daquele território localizado entre os Sete Povos, o rio Pelotas e o Atlântico – ao sul, a efetivação da posse da área era mais problemática devido à forte resistência espanhola. Dessa forma, a presença luso-brasileira espalhou-se pelo território sul-rio-grandense com o estabelecimento de vários núcleos populacionais: Bujuru/São

---

[81] PRADO, Ibid. p.54.

[82] CALMON, Pedro. *História da civilização brasileira*. Brasília: Senado Federal, 2002, p.87.

[83] ABREU, p.153.

José do Norte (1738), Santo Antônio da Patrulha (1743), Viamão (1747), Porto dos Casais (1747), Rio Pardo (1752) e Triunfo (1754), o que concorreu para a 'lusitanização' de fato do território. Sobre essa política deliberada de expansão ao sul, observa Demétrio Magnoli:

> Na região meridional, a Coroa portuguesa desencadeou, na década de 1740, um amplo programa de reconhecimento de fronteiras e espionagem direcionado para os aldeamentos missionários do Paraguai, Uruguai e Rio Grande do Sul. As primeiras conversações visando ao futuro tratado, que datam de 1746, assinalam a multiplicação das expedições para as zonas limítrofes de soberania incerta[84].

Firmado entre as Coroas ibéricas em 1750, o moderno Tratado de Madri[85] revogou o medieval Tordesilhas, tendo a Espanha reconhecido o Rio Grande como território português pela aplicação dos princípios das fronteiras naturais e do *uti possidetis*, segundo o qual a ocupação de fato de um território confere direitos sobre ele ao ocupante. Tendo Colônia do Sacramento como um dos pontos centrais das negociações que levaram à assinatura do diploma, Portugal comprometeu-se a entregá-la à Espanha em troca dos Sete Povos e do reconhecimento formal da soberania portuguesa sobre as imensas áreas da América espanhola ocupadas desde as bandeiras, como o Guairá, o Itatim e a Bacia do Amazonas.

Todavia, se por um lado a obrigação de entregar Colônia à Espanha não causou maiores problemas, embora contrabandistas e comerciantes tenham pressionado em sentido contrário, a resistência da Companhia de Jesus impôs obstáculos para a anexação dos Sete Povos ao Rio Grande português. Recusando-se a abandonar as Missões Orientais, os jesuítas, seus exércitos guaranis e mesmo parte das autoridades espanholas seculares não acataram as ordens da Coroa espanhola para que abandonassem o território. Diante das insistentes recusas dos jesuítas, forças luso-espanholas invadiram os Sete Povos em fevereiro de 1754 para dar cumprimento aos dispositivos do Tratado de Madri. Começava o conflito que ficou conhecido como Guerra Guaranítica. O governador do Rio da Prata, José de Andonaegui, e o comandante português, Antônio Gomes Freire, comandaram suas respectivas tropas e devastaram as

---

[84] MAGNOLI, Demétrio. *O corpo da pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil, 1808-1912*. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p.73.

[85] Consultar CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri*, 2 volumes, São Paulo: Editora Imprensa Oficial, 2006.

missões, matando cerca de 1500 guaranis no processo[86]. Terminado o conflito dois anos mais tarde, no entanto, a permuta não se consumou devido à mudança de atitude da Espanha, que, por meio do novo governador do Rio da Prata, inocentou os padres da Companhia de Jesus e incentivou abertamente seu retorno aos Sete Povos[87].

O Tratado de El Pardo, assinado em 1761, foi a expressão diplomática – embora não exclusivamente – do fracasso da permuta entre Sacramento e as Missões Orientais, e como tal anulou por completo o Tratado de Madri. Mantida Colônia sob controle português, voltava ela a ser objeto de desconfiança e de cobiça de Buenos Aires, cujo governador Pedro de Ceballos encarnava um forte sentimento expansionista em relação ao Extremo Sul da América portuguesa. A entrada de Portugal e Espanha na Guerra dos Sete Anos (1756-1763) em 1762, em lados opostos, forneceu o *casus belli* necessário, e Ceballos comandou a expedição que ocupou Colônia e a vila de Rio Grande.

Porém, em face da paz de Fontainebleau na Europa, as tropas hispano-americanas se retiraram de Sacramento, recusando-se Ceballos, no entanto, a devolver a capital Rio Grande, fato que a essa altura preocupava mais a Coroa portuguesa do que a perda do enclave no Prata, uma vez que o ciclo do ouro e do diamante nas áreas centrais do Brasil havia acarretado uma perda relativa da importância do contrabando da prata do Alto Peru.

A importância que o Extremo Sul ganhara para a Coroa se refletiu na elevação da Comandância Militar à condição política de Capitania do Rio Grande de São Pedro, em 1760, com capital em Rio Grande e agora subordinada à Capitania Real do Rio de Janeiro, cuja capital passaria a ser o centro político oficial do Estado do Brasil em três anos. Em razão da ocupação de Rio Grande e de grandes áreas ao sul e ao leste de Rio Pardo pelas tropas de Ceballos, setores da população luso-brasileira dessas partes do território fugiram para Viamão[88], que passou a ser a nova sede da capitania até sua transferência, em 1772, para Porto Alegre, antiga Porto dos Casais.

Se Rio Grande e a porção sul da capitania – e os Sete Povos – estavam ocupadas pelos espanhóis, que chegaram a controlar cerca de dois terços do atual território gaúcho nesse período[89], as áreas sob controle luso-brasileiro eram rapidamente povoadas por iniciativas oficiais e particulares, com contingentes de açorianos, lagunenses e paulistas,

---

[86] PAYRÓ, p.76.
[87] GARCIA, 2012, p.146.
[88] LESSA, Barbosa. *Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo: como surgiu o Rio Grande*. Porto Alegre: Editora AGE, 2002, p.66.
[89] MURADÁS, Jorge. 'A geopolítica e a formação territorial do sul do Brasil'. Tese de doutorado, UFRGS, Porto Alegre, 2008, p.227.

entre outros, sendo assentados em áreas no litoral, na região central e na capital, enquanto fortificações eram erguidas mais ao sul. Tratava-se de expandir os limites do Império português, tanto quanto possível, em direção ao oeste e ao sul com o objetivo de avançar sobre os Sete Povos e de fixar a fronteira o mais próximo possível da margem setentrional do Prata.

Diante da franca expansão luso-brasileira por um território cuja posse era incerta, dada a anulação do Tratado de Madri e a ocupação efetiva de parte dele por portugueses e brasileiros, o governo do Rio da Prata organiza uma nova expedição ao Rio Grande de São Pedro. O fato de esta constituir legalmente uma capitania do Estado do Brasil, inclusive vinculada ao Rio de Janeiro e com amplas áreas já efetivamente ocupadas, pouco significava para as autoridades hispano-americanas: se o próprio Tratado de Madri já não vigia, não haveria que se falar em *uti possidetis* em primeiro lugar. Assim, o novo governador do Rio da Prata, Juan de Vértiz y Salcedo, comandou a invasão do território de São Pedro em 1773, tendo como objetivo a destruição das fortificações militares da Serra do Herval e Serra do Tape, a ocupação de Rio Pardo, uma espécie de cabeça de ponte para expedições luso-brasileiras para os Sete Povos, e a região do Viamão[90], onde estavam o porto homônimo e a nova capital, Porto Alegre.

A essa época, já era possível se falar em uma elite própria, ainda que incipiente, do Rio Grande de São Pedro com interesses locais definidos e íntima identificação com as terras duramente conquistadas e defendidas. Rafael Pinto Bandeira, comandante militar e primeiro sul-rio-grandense a governar a capitania, e o português Joaquim Gonçalves da Silva, capitão de guerrilhas e pai do futuro líder farroupilha Bento Gonçalves, são alguns nomes dessa fase de formação das elites locais que tiveram papel de destaque na resistência às invasões hispano-platenses e que mais tarde desafiariam o centralismo político do Império do Brasil. Dessa maneira, o período de ocupação hispano-americana e constantes ameaças impostas por Buenos Aires não tiveram outro resultado senão o de levar à '*aceleração do processo de militarização da sociedade rio-grandense*'[91].

Ao contrário de 1763, as tropas luso-brasileiras resistiram aos ataques do invasor durante vários anos, passando para a ofensiva em 1775. A oportunidade de recuperar os territórios perdidos para a expedição de Ceballos estava dada; no entanto, diante da importância que Rio Grande de São Pedro havia adquirido para a Coroa, inclusive para a política externa do próprio Marquês de Pombal, e da correlação de forças

---

[90] Ibid.
[91] CRUXEN, p.75.

daquele momento, as tropas luso-brasileiras foram muito além da reconquista do território perdido:

> [...] foi iniciado o ataque pelos luso-brasileiros, com o avanço sobre os Sete Povos. Rafael Pinto Bandeira arrasou o forte de São Martinho, parte da defesa das Missões Orientais, ao sul de São Miguel, e destruiu alguns arraiais dos índios aldeados. Em março de 1776, desmantelou o forte de Santa Tecla [atual Bagé], a meia distância no caminho entre Montevidéu e São Miguel das Missões. Com isso, empurrou o domínio português cento e sessenta quilômetros a oeste e duzentos e oitenta quilômetros ao sul de Rio Pardo[92].

Em 1777, porém, era assinado o Tratado de Santo Ildefonso entre as Coroas ibéricas, que revalidou a maior parte do Tratado de Madri, à exceção do que dizia respeito às Missões Orientais, que deveriam ser devolvidas à Espanha, e da criação dos campos neutrais, área entre os limites portugueses e espanhóis que deveriam permanecer desocupadas[93]. O tratado resultou lesivo a Portugal e a São Pedro do Rio Grande do Sul, que perdeu a maior parte do território conquistado durante o conflito com Buenos Aires. Apenas em 1801, quando a Espanha invadiu Portugal no âmbito da breve Guerra das Laranjas, tropas particulares sul-rio-grandenses atacaram e anexaram os Sete Povos das Missões em caráter definitivo sem que houvesse um conflito formal entre os governos coloniais sediados no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, avançando ainda sobre os campos neutrais diante da passividade espanhola naquele período. Firmado em seguida, o Tratado de Badajoz (1801), que selou a paz entre as nações ibéricas naquela área, em nada alterou as demarcações territoriais da região.

Com isso, a configuração territorial do Rio Grande de São Pedro se aproximava à do atual Rio Grande do Sul, à exceção da parte meridional, cujos contornos definitivos só seriam fixados em 1851, como já se observou, e '[...] *o Rio Grande do Sul tinha definido o seu perfil básico: uma economia mercantilizada e fornecedora do mercado interno brasileiro e uma sociedade militarizada que se forjava nas lutas contínuas com os castelhanos*[94].

Em 19 de setembro de 1807, era criada a Capitania-Geral de São Pedro do Rio Grande do Sul. A posse luso-brasileira do norte e do centro da antiga Banda Oriental estava consolidada de fato e de direito, à exceção da problemática região das Missões

---

[92] GARCIA, 2012, p.157.

[93] BARBOSA, Fidélis Dalcin. *História do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo Apoio à Cultura, 2013, p.80.

[94] PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Farroupilha*. Editora Brasiliense, 1990, p.9.

Orientais, que continuaria sendo um ponto de atrito mesmo após o fim dos Impérios ibéricos na América do Sul; a dinâmica da ocupação daquele território, sua proximidade geográfica ao Prata e a realidade local marcada pela existência de ‘fronteiras em movimento’, contudo, haviam concorrido para a formação de um espaço fronteiriço que muitas vezes mais aproximava do que afastava as populações dos dois lados da fronteira – fronteira não oficialmente delimitada e reconhecida, frise-se sempre –, fatores que teriam profundos impactos nos acontecimentos políticos do Rio Grande do Sul durante o processo de construção do Estado Nacional brasileiro ao qual a Revolução Farroupilha e a longa guerra que se seguiu representaram ameaças existenciais.

CAPÍTULO II

O CONTEXTO POLÍTICO NA BANDA ORIENTAL NO INÍCIO DO SÉCULO XIX E O ADVENTO DA REGÊNCIA

2.1. A rivalidade Buenos Aires-Montevidéu e a Revolução de Maio

A Banda Oriental dos primeiros anos do século XIX era consideravelmente diferente daquela de períodos anteriores, quando não havia povoações permanentes e a região era vista como secundária pelas autoridades reais e coloniais espanholas, conforme se observou no capítulo anterior. A introdução do gado pelo governador do Paraguai e Rio da Prata, Hernando Arias de Saavedra [Hernandarias], ainda no início dos seiscentos, combinada com condições naturais favoráveis das pradarias orientais, dera origem a imensos rebanhos de gado *cimarrón* – selvagem – que constituiriam a base econômica daquela região[95], assim como o gado abandonado pelos jesuítas do Tape esteve na origem da principal atividade econômica de São Pedro do Rio Grande do Sul. Explorados predatoriamente nas chamadas *vaquerías*, espaços naturais onde o gado se procriava livremente, os rebanhos passaram a ser criados em estâncias em um processo similar ao que ocorreu na campanha rio-grandense a partir de meados do século XVIII.

A expansão luso-brasileira pelo norte e centro da Banda Oriental, com a gradual formação do Rio Grande do Sul português em detrimento do espanhol, teve impacto direto na mudança da política da Coroa espanhola para o Rio da Prata[96]. Até então relegadas a um segundo plano no âmbito do Vice-Reino do Peru, as colônias espanholas na Bacia do Prata adquiriam maior importância na medida em que os portugueses avançavam sobre a região e, mais preocupante ainda para os espanhóis, consolidavam sua posse de fato e de direito sobre mais da metade da Banda Oriental que outrora pertencera integralmente a Madri. Já não era possível reverter as perdas na região, fato que a feroz resistência dos habitantes da Capitania do Rio Grande de São Pedro havia evidenciado durante as recentes invasões promovidas desde Buenos Aires, o que exigia reformas que ao menos freassem a dilatação das fronteiras meridionais da América portuguesa.

---

[95] SAÉNZ, María Quesada. *Los estancieros: Desde la época colonial hasta nuestros días*. Buenos Aires: Penguin Random House, 2012.
[96] DONGHI, Tulio Halperín. *La formación de la clase terrateniente bonaerense*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005, p.79.

A resposta da Coroa espanhola[97] veio na forma do Vice-Reino do Rio da Prata, criado em 1776, com capital em Buenos Aires e jurisdição sobre vastos territórios que compreendiam, grosso modo, em termos atuais, todo o Centro-Norte argentino, o Uruguai, o Paraguai, a Bolívia e partes de Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Conforme se observou no capítulo anterior, a região do Rio da Prata estava juridicamente vinculada ao Vice-Reino do Peru desde o século XVI. Com o declínio do poder espanhol e a ascensão de novas potências, como a Grã-Bretanha e os Países Baixos, que tinham burguesias sólidas e empreendiam esforços modernizadores nos campos político, econômico e militar, a Coroa espanhola implementou reformas ao longo do século XVIII para reverter o atraso da Espanha em relação a essas potências que haviam superado o Antigo Regime precocemente. O resultado foi o início da adoção de uma série de medidas reformistas, as assim chamadas *reformas borbónicas*, entre cujas medidas esteve a criação do Vice-Reino do Rio da Prata[98]. Ou seja, do ponto de vista administrativo, as reformas incluíam a reorganização das colônias americanas para melhor administrá-las, ao que, no Prata, acrescentava-se a necessidade de defender o território contra o expansionismo luso-brasileiro[99].

Em seguida, a promulgação do *Reglamento de libre comercio* pelo rei Carlos III encerrou o monopólio comercial do porto de Lima[100], abrindo oficialmente 24 portos hispano-americanos ao comércio com a metrópole, entre os quais Buenos Aires e Montevidéu, criando as condições objetivas para o que ficaria conhecido como *lucha de puertos*[101] e que teria importantes repercussões nos acontecimentos políticos em torno do processo de independência da região.

Apesar do fim do monopólio comercial do porto de Lima, a condição de único porto do Prata – ainda que voltado para o contrabando – da qual Buenos Aires havia

---

[97] Destaque-se que, embora a referida expansão portuguesa rumo ao Prata fosse uma das razões para a criação do Vice-Reino do Rio da Prata, ela esteve longe de ser a única, sendo melhor explicada por um conjunto de fatores políticos, econômicos e geopolíticos que envolviam não só as disputas coloniais com Portugal na América do Sul, mas também os interesses e a ameaça representada por outros impérios europeus, como o britânico e o francês. ROCK, David. Argentina, 1516-1987: From Spanish colonization to Alfonsín. Berkeley: University of California Press, 1987, p.59-65.

[98] LORENZO, Celso Ramón. *Manual de historia constitucional argentina*. Rosario: Juris, 2000.

[99] Ibid.

[100] ENTIN, Gabriel. El patriotismo americano em el siglo XVIII: ambigüedades de un discurso político hispánico. In: HÉBRAD, Véronique; VERDO, Geneviève. *Las independencias hispanoamericanas: un objeto de historia*, Madrid: Casa de Velázquez, 2013, p.26.

[101] Refere-se à disputa entre as elites portenhas e montevideanas em torno da rivalidade entre os portos de Buenos Aires e de Montevidéu. MAIZTEGUI, Lincoln Casas. *Orientales: una historia política del Uruguay. De los orígenes a 1865*, Montevideo: Planeta, 2005, p.33.

gozado por mais de dois séculos levara à formação de uma elite mercantil com aspirações monopolísticas em relação às províncias do interior, sentimento este que se fortaleceu após a cidade se tornar a capital de um vice-reino. Se a concorrência imposta por Montevidéu por si só já alarmava parcelas expressivas da burguesia mercantil bonaerense, o fato de seu porto ser melhor que o de Buenos Aires, por ser inteiramente marítimo e natural, potencializava as inquietações das elites portenhas. Soma-se a isso o tratamento favorável que as autoridades espanholas conferiram ao porto da Banda Oriental, dispondo, ainda em 1776, que '*todos los buques que salen del Perú con dirección a España pasen antes por Montevideo*'[102].

Já em 1786, diante do início da produção de charque em grande escala, que os orientais haviam aprendido com os rio-grandenses[103], o governo do Vice-Reino do Rio da Prata agiu no sentido de dificultar o desenvolvimento do potencial comercial de Montevidéu, e

> Fez malograr a promissora iniciativa 'e deixou apodrercer no estabelecimento as carnes salgadas já preparadas'. A indústria do charque apenas 'pôde crescer às escondidas, para que não deslumbrasse as autoridades superiores [de Buenos Aires], sempre ciumentas de qualquer brilho'.... Em 1797, o porto da Banda Oriental se beneficiou da abertura do comércio com as colônias estrangeiras, contra o que se opuseram, como de sólito, as autoridades comerciais de Buenos Aires. Solicitaram estas ao rei da Espanha o monopólio desse intercâmbio. Consolidou-se, com isso, a rivalidade dos dois portos, pois enquanto o governador e a população de Montevidéu empenhavam-se na causa do progresso local, uma corporação vizinha trabalhava para anulá-lo[104].

As preocupações das elites bonaerenses nesse aspecto não eram exageradas, já que a Banda Oriental possuía as condições necessárias para se tornar um formidável concorrente de sua indústria saladeiril, incluindo, além da melhor qualidade de seu porto principal e do favorecimento proporcionado pela Coroa, os grandes estoques de gado existentes em seus campos que, aliás, também abasteciam a produção em Buenos Aires. Com a liberalização do comércio, Montevidéu integrava-se ao resto do Império espanhol principalmente como porto fornecedor de couros e charque/*tasajo*, acarretando um rápido desenvolvimento de sua indústria saladeiril ao ponto de tornar-se rival direto de Buenos Aires. O primeiro carregamento de *tasajo* foi enviado a Cuba em 1785 e, pouco mais de

---

[102] MACHADO, Carlos. *Historia de los orientales, Tomo I: De la Colonia a Rivera y Oribe*. Montevidéu: Ediciones de la Banda Orienta, 1997, p.11.
[103] GARCIA, Fernando Cacciatore de. *Fronteira iluminada: história do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul a partir do Tratado de Tordesilhas (1420-1920)*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012, p.183.
[104] Ibid.

dez anos depois, começava a abastecer o mercado brasileiro[105], grande importador desse produto que era destinado majoritariamente para o consumo da população escrava. Beneficiado pela decisão do vice-rei de concentrar esse comércio no porto de Montevidéu, a produção na Banda Oriental cresceu sensivelmente em pouco tempo, tendo a exportação de charque passado de uma média anual de 8.152 quintais[106] no período 1792-96 para 24.100 quintais dois anos depois[107].

Essa rivalidade, que gradualmente alimentava o sentimento autonomista de Montevidéu, será um dos elementos constitutivos da identidade oriental enquanto nação distinta daquela que viria a ser a nação argentina, possibilitando a formulação de um projeto nacional autônomo e independente do projeto centrado em Buenos Aires durante o processo de independência das províncias do vice-reino. Assim, mais que uma rivalidade comercial, que por si só já era fonte de tensões, a rivalidade Buenos Aires-Montevidéu concorria para acirrar as contradições rio-platenses ao contrapor as ambições centralizadoras da capital aos interesses marcadamente autonomistas das elites montevideanas, que, ao contrário das demais elites rio-platenses, podiam competir comercialmente com Buenos Aires e neutralizar sua supremacia mercantil[108].

Apenas com a anexação da Banda Oriental pelo Brasil, num primeiro momento, e com a independência do Uruguai, em definitivo, é que a *lucha de puertos* será mitigada[109], com Buenos Aires superando os desafios que as atividades comerciais do porto de Montevidéu apresentavam e consolidando sua supremacia sobre o conjunto das províncias argentinas, dependentes que eram do porto bonaerense. No entanto, tal 'solução' para a rivalidade entre os dois principais portos do Prata não estava dada durante o processo de emancipação política rio-platense iniciado em maio de 1810, quando o antagonismo entre ambos ficou ainda mais evidente; primeiro, com Montevidéu se tornando a nova sede do Vice-Reino do Rio da Prata e foco de resistência das forças realistas espanholas em oposição aos revolucionários de Buenos Aires; e depois, quando toda a Banda Oriental se tornou base territorial de um projeto político alternativo preconizado por José Gervasio Artigas e que se chocava diretamente com os interesses portenhos, como se verá adiante.

---

[105] BERTINO, Magdalena. MILLOT, Julio. *Historia econômica del Uruguay*, Tomo I. Montevidéu: Fundación de Cultura Universitaria, 1991, p.77.
[106] 1 quintal = 45,94 kg, de acordo com a fonte utilizada.
[107] BERTINO, MILLOT. Op., cit., p.85.
[108] RELA, Walter. *Uruguay: Cronologia historica documentada*, Montevideo: Ross Pub Inc. 2000, p.261.
[109] Não seria, entretanto, encerrada, pois o governo e parte da burguesia comercial de Buenos Aires continuariam ambicionando o controle do porto de Montevidéu mesmo após a independência uruguaia.

Apesar de sua importância para os rumos que o processo de emancipação rio-platense tomou, a rivalidade Buenos Aires-Montevidéu não teve papel determinante para o desencadeamento desse processo, cujos antecedentes imediatos tiveram origem na Europa. Ocorridas no contexto das Guerras Napoleônicas, as invasões inglesas do Prata de 1806-1807 tiveram profundo impacto nos eventos políticos da região ao tornarem patente a fragilidade dos laços coloniais que uniam a decadente Espanha a suas colônias platinas[110]. Mais que isso, as expedições militares comandadas por William Beresford e Home Popham impulsionaram o desenvolvimento de uma consciência própria da classe *criolla* rio-platense, sobretudo em Buenos Aires, que comandou a resistência e a posterior reconquista frente à inépcia das autoridades espanholas, simbolizada pela fuga do vice-rei Marquês Rafael de Sobremonte com todo o Tesouro da capital[111].

A avalanche causada pelo fenômeno que Eric Hobsbawm chamou de '*dual revolution*'[112] – a Industrial e a Francesa – colidia com o cambaleante sistema colonial ancorado no Antigo Regime e que vigia, ainda que precariamente, no Rio da Prata. Ao mesmo tempo, a resistência *criolla* organizada desde Buenos teve como consequência o fortalecimento dos vínculos da capital com as demais unidades políticas do vice-reino, à exceção da Banda Oriental, que, tendo Montevidéu sido o centro aglutinador das forças que libertaram Buenos Aires da ocupação inglesa após a primeira invasão[113], deu mais um passo na gradual formação de uma identidade própria distinta da do resto do vice-reino.

Mas se as invasões inglesas – repelidas em relativamente pouco tempo – sinalizaram a crise do sistema colonial, a captura do monarca espanhol, Fernando VII, pelos franceses e sua substituição por José Bonaparte agravaram seriamente esse quadro. Abria-se a questão da legitimidade dinástica, cujos debates, em linhas gerais, questionavam se uma nova dinastia monárquica instalada pela via da usurpação era legítima para reinar no lugar daquela que detinha a Coroa espanhola desde 1700. Em vista

---

[110] BETHELL, Leslie. *História da América Latina: da Independência a 1870*, Volume 3. São Paulo: EDUSP, 2001, pp.44-45.

[111] O fato de tal medida estar prevista em regramentos reais de pouco serviu para evitar a indignação *criolla* com o vice-rei e com a própria Coroa.

[112] HOBSBAWM, Eric. *The age of revolution, 1789-1848*. Londres: Abacus, 1962, p.11.

[113] Montevidéu não foi alvo da primeira invasão comandada por Beresford, o que possibilitou a organização de uma expedição reconquistadora a Buenos Aires. Santiago de Liniers, antigo governador das *Misiones Guaraníes*, comandou as tropas libertadoras que, partindo de Montevidéu, atacaram Buenos Aires a partir de Colônia do Sacramento. Como consequência, Sobremonte foi destituído e Liniers foi nomeado vice-rei do Rio da Prata, cargo que ocupou de fevereiro de 1807 a julho de 1809. GALLO, Klaus. *Las invasiones inglesas*. Buenos Aires: Editorial Universidad de Buenos Aires, 2004.

da prisão do rei deposto, juntas governativas leais ao monarca se formaram na Espanha e nas colônias americanas para governar em seu nome. Essas juntas seriam representadas pela *Junta Central Suprema y Gubernativa del Reino* a partir de setembro de 1808, acumulando os poderes antes pertencentes à Coroa e governando em nome dela, pelo menos formalmente, enquanto Fernando VII permanecesse preso, o que representava uma solução temporária para a questão da legitimidade.

Perseguida pelas tropas de Napoleão Bonaparte, porém, a Junta Central viu-se obrigada a deslocar-se de Madri para a Estremadura, e depois para Sevilha, de onde finalmente transferiu-se para a Ilha de León, na Baía de Cádiz[114], sendo finalmente dissolvida e substituída pelo fraco Conselho de Regência. O fracasso da Junta Central teria impacto direto na eclosão da Revolução de Maio enquanto antecedente imediato: diante de sua dissolução e da recusa de parte das elites espanholas locais e da maioria das elites *criollas* de Buenos Aires em aceitar a autoridade do Conselho de Regência, desaparecia a autoridade do órgão que governava em nome da Coroa e, por consequência, do vice-rei.

Segundo Jorge María Ramallo[115], havia três grandes grupos entre os revolucionários bonaerenses no momento histórico em tela que acabaram convergindo, em última instância, para um objetivo comum em maio de 1810. O grupo encabeçado por Martín Álzaga, espanhol radicado em Buenos Aires e que fora alcaide da cidade, integrado por figuras como Mariano Moreno – este, com inclinações democráticas – e Larrea y Matheu, desejava conservar os territórios platinos sob domínio espanhol, mas sem vínculos com a monarquia, defendendo, portanto, a transição para a república sob controle espanhol; um segundo grupo, liderado pelo advogado *criollo* Juan José Castelli, que, influenciado pelo liberalismo francês, pretendia romper com os laços coloniais ao mesmo tempo que simpatizava com a monarquia constitucional, e defendia políticas moderadamente reformadoras, fazendo parte do bloco, ainda, Manuel Belgrano, Nicolás Rodríguez Peña e Hipólito Vieytes. É o mesmo grupo que formou o ‘partido carlotista’, que defendia a coroação de Carlota Joaquina como regente ou rainha do Prata; e um terceiro, relativamente mais conservador, que tinha como núcleo duro figuras que se destacaram durante a resistência *criolla* às invasões inglesas e que buscavam reformas limitadas, sem, contudo, romper com as estruturas do passado, sendo liderado por

[114] Motivo pelo qual a junta é comumente chamada de Junta de Cádiz.
[115] Apud FERNÁNDEZ, Jorge. RONDINA, Julio César. *Historia Argentina: 1810-1930*. Santa Fé: Ediciones UNL, 2006, p.28.

Cornélio de Saavedra e integrado por nomes como Juan Ramón Balcarce, Joaquín Campana e Juan José Viamonte[116].

Esses principais setores das elites bonaerenses exigiram do vice-rei Baltasar Cisneros a convocação de um cabildo aberto e a formação de uma junta, rompendo com uma ordem política em que os *peninsulares*[117] dominavam a administração colonial. Como a legitimidade da Junta Central se perdera, o cabildo aberto, que não reconheceu a autoridade do Conselho de Regência, deveria eleger uma junta governativa para governar em nome do rei preso, como também ocorria em outras cidades hispano-americanas, como Bogotá, Caracas, Santiago do Chile e Bajío, no México, enquanto Cidade do México, Lima e Montevidéu declararam lealdade ao Conselho de Regência que havia sucedido à Junta Central[118]. Após a formação da efêmera junta sob a presidência de Cisneros, uma nova junta, que passou a ser conhecida como *la Primera Junta*[119], foi formada sob a liderança de Cornélio de Saavedra, comandante das milícias *criollas* formadas durante as invasões inglesas, e o vice-rei é deposto sob a alegação de perda de legitimidade.

Embora, a essa época, os líderes da revolução não declarassem explicitamente objetivos que levassem à ruptura política com a Espanha – e a questão em torno das reais intenções dos próceres da Revolução de Maio é tema de relevo na historiografia argentina –, tendo a Primeira Junta jurado lealdade a Fernando VII, parte da historiografia liberal argentina, cuja corrente originou-se com Bartolomé Mitre, Domingos Sarmiento e Vicente López[120], considera que houve recurso ao subterfúgio que ficou conhecido como

---

[116] Ibid.

[117] Espanhóis nascidos na Espanha, ao contrário dos *criollos*, que eram os espanhóis nascidos nas Américas.

[118] Ver WILLIAMSON, Edwin. *The Penguin History of Latin America: New Edition*, London: Penguin Books, 2003.

[119] Oficialmente, la *Junta Provisional Gubernativa de la capital del Río de la Plata*. Da formação da Primeira Junta até janeiro de 1814, o poder central das Províncias Unidas foi exercido por meio de instituições provisórias que deveriam funcionar até que as bases do novo Estado Nacional fossem organizadas, o que explica parcialmente a curta duração dessas instituições: Primeira Junta: 25 de maio a 18 de dezembro de 1810; Junta Grande: 18 de dezembro de 1810 a 22 de setembro de 1811; Primeiro Triunvirato: 23 de setembro de 1811 a 8 de outubro de 1812; Segundo Triunvirato: outubro de 1812 a janeiro de 1814. A Assembleia Constituinte das Províncias Unidas de 1813, realizada em Buenos Aires, embora não atingisse todos seus objetivos, criou o Diretório Supremo das Províncias Unidas do Rio da Prata para funcionar como órgão de governo central, o que ocorreu até 1820, quando as guerras civis platinas levaram à sua extinção.

[120] ESPUL, Cecilia González. 'Corrientes interpretativas de la Revolución de Mayo de 1810', *Agencia Rebanadas de Realidad*, 04 de dezembro, Buenos Aires, 2009; e DOESWIJK, Andreas L. 'Revisionismo y historiografía em el Bicentenario de la Revolución de Mayo'. Anuario del Centro de Estudios Historicos ''Prof. Carlos S. A. Segreti, Córdoba, Nº 10, 2010, p.15-34

a *máscara de Fernando VII*. Segundo essa visão, o quadro na Espanha, onde a possibilidade de derrota de Napoleão Bonaparte parecia improvável naquele momento, sugeria que Fernando VII jamais teria sua autoridade restaurada, o que significava que jurar lealdade a ele ao mesmo tempo em que se desconhecia a autoridade do Conselho de Regência equivalia a uma declaração de autonomia na prática. Sobre essa manobra dos revolucionários bonaerenses, usada também pelas elites *criollas* da Nova Espanha e da Venezuela, observa François-Xavier Guerra:

> Lo más destacado de todas estas reacciones es el lugar central que ocupa en este imaginario el rey. El monarca aparece como la clave de bóveda de la Monarquía, pero unido indisolublemente a la nación: la ofensa al rey es una ofensa a la nación […] Consecuencia normal del carácter servil del vínculo de vasallaje, es que la relación entre el rey y sus vasallos necesariamente ha de ser bilateral y, por lo tanto, no puede ser rota por una sola de las partes […]. Por esto – además de otros motivos – el carácter ilegítimo del régimen napoleónico es indiscutible para todos […]. El carácter personal del vínculo de cada vasallo para con y el juramento prestado entonces contribuyen a explicar las dificultades considerables que los independentistas tuvieron después en América para franquear el paso de la Independencia total, es decir, del rechazo abierto del rey. La referencia obligada a éste, aun entre los más determinados partidarios de la Independencia – lo que se ha llamado <la máscara de Fernando VII> - encuentra aquí una de sus explicaciones esenciales[121].

No entanto, o governador de Montevidéu, o espanhol Francisco Javier de Elío, que reconhecera a autoridade do Conselho de Regência, recusou-se a se submeter à autoridade da Junta de Buenos Aires, transformando Montevidéu em reduto da resistência espanhola contra as forças revolucionárias. Embora fosse um absolutista convicto e prezasse pelos interesses da Coroa espanhola, Elío também se aproveitou da condição sediciosa de Buenos Aires para avançar a causa autonomista de Montevidéu[122], antigo objetivo do governador. Diante da perda da capital do vice-reino e da expulsão de Cisneros pela Junta de Buenos Aires, Elío foi designado vice-rei pelo Conselho de Regência e exigiu do governo bonaerense o reconhecimento de sua autoridade, o que, diante da negativa, acarretou a transferência da capital do Vice-Reino do Rio da Prata para Montevidéu, mesmo que com jurisdição apenas sobre a Banda Oriental. Rechaçado, Elío acusou Buenos Aires de cidade rebelde e declarou-lhe guerra em fevereiro de 1811.

Dessa forma, a rivalidade entre Buenos Aires e Montevidéu, antes circunscrita a questões comerciais dentro de uma lógica colonial, adquire uma dinâmica própria e

---

[121] GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e independencias: ensayos sobre las revoluciones hispánicas*, Madrid: Ediciones Encuentro, 2009, pp.190, 195, 198.

[122] PAYRÓ, Roberto. *Historia del Río de la Plata, Tomo I: La aventura colonial española en el Río de la Plata*. Madrid-Buenos Aires: Alianza, 2008, p.230-231.

ganha uma dimensão maior em que se chocavam não apenas os interesses comerciais de dois portos, mas também os interesses das elites *criollas* liberais bonaerenses com os dos realistas de Montevidéu defensores do Antigo Regime, que desempenharia o papel de último reduto do absolutismo espanhol no Rio da Prata durante parte do processo de emancipação rio-platense. Rompiam-se os laços coloniais na região, onde as províncias platinas se lançavam em violentas campanhas contra o domínio espanhol, enquanto a principal cidade da Banda Oriental mantinha-se precariamente como último bastião[123] da resistência espanhola não contra portugueses, mas contra *criollos* descendentes de *peninsulares* e que haviam formado uma identidade própria e adquirido interesses autônomos em relação aos da metrópole.

É importante ressaltar que, durante esse período histórico, os arranjos políticos e o modelo de Estado que emergiriam do processo deflagrado pela Revolução de Maio não estavam claros, não havendo consenso nesse sentido e sequer sobre a manutenção ou ruptura dos laços coloniais com a Espanha. Em Montevidéu, o vice-rei Elío trabalhava no sentido de defender a integridade das colônias espanholas enquanto domínios espanhóis; as elites de Buenos Aires, por sua vez, contemplavam diferentes alternativas e projetos nacionais, inclusive um monárquico, representado pelo ‘partido carlotista’[124], que defendia a coroação de D. Carlota Joaquina, filha de Carlos III, irmã de Fernando VII e esposa de D. João, como regente ou mesmo rainha do Rio da Prata, cujos partidários incluíam importantes nomes como Manuel Belgrano, Juan José Castelli e Nicolás Rodriguez Peña, como já anotado.

Era a alternativa monárquica-constitucional, que, embora pareça pouco provável aos olhos do presente, dada a associação historicista que normalmente se faz entre a emancipação platina e o republicanismo, foi seriamente considerada por parte das elites bonaerenses durante o período que vai da prisão de Fernando VII, em 1808, até a tomada de Montevidéu pelos partidários da Revolução de Maio. Porém, com a perda do último reduto da resistência espanhola no Prata, as articulações carlotistas tornaram-se obsoletas[125]. Sem base territorial para governar, não haveria que se falar em monarquia

---

[123] Ao contrário de Montevidéu, os *pueblos* de Colônia, Maldonado, Soriano, Florida e Paysandú aderiram à Junta de Buenos Aires, embora os três primeiros fossem reconquistados pelas forças navais espanholas ancoradas em Montevidéu em pouco tempo. PAYRÓ, p.268.

[124] Esse partido correspondia ao grupo liderado por Castelli que pretendia romper com o Antigo Regime e instalar a monarquia constitucional no Rio da Prata, constituindo, portanto, uma das três principais forças políticas da Revolução de Maio.

[125] AZEVEDO, Francisca L. Nogueira. *Carlota Joaquina: cartas inéditas*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008, p.52.

constitucional platina. Ademais, os carlotistas de Buenos Aires eram, em sua maioria, liberais moderados que buscavam conciliar a força e a legitimidade da monarquia com um conjunto de liberdades garantidas por uma Constituição, à qual caberia também limitar os poderes da Coroa e regular as relações entre esta e os Poderes constituídos, objetivos incompatíveis com Carlota Joaquina, cujas tendências absolutistas eram conhecidas em Buenos Aires[126].

No plano externo, o carlotismo sofreu veemente oposição da diplomacia britânica, que temia a anexação das províncias rio-platenses pelo Brasil como resultado de uma possível união entre os tronos português – sediado no Rio de Janeiro – e a 'Coroa do Prata' que Carlota Joaquina passaria a representar desde Buenos Aires ou Montevidéu, o que levaria à criação de um imenso Império que dominaria toda a costa atlântica da América do Sul. Além disso, como Londres havia se aliado a Madri na guerra contra a França napoleônica, não convinha aos britânicos arriscar alienar seus novos aliados e, mais grave ainda, um conflito entre Espanha e Brasil/Portugal em decorrência das ambições de Carlota Joaquina sobre territórios que ainda pertenciam aos espanhóis formalmente[127].

Desse modo, a Revolução de Maio abriu um caminho que acabou culminando na ruptura dos laços coloniais das províncias do Rio da Prata com a metrópole, levando os principais setores revolucionários de Buenos Aires a convergir, a despeito de suas diferenças e após anos de disputas entre diferentes projetos políticos, para o objetivo comum da independência. Mas, se por um lado foi possível para os revolucionários chegar a um consenso quanto a esse objetivo, por outro, não havia um entendimento comum entre as elites rio-platenses sobre os arranjos institucionais e o modelo de Estado a ser perseguido para se organizar as bases do Estado Nacional que emergiria do processo de emancipação política das colônias espanholas daquela região.

2.2. O projeto artiguista, as intervenções luso-brasileiras, a Província Cisplatina e o surgimento do Uruguai independente

---

[126] BETHELL, Leslie. *História da América Latina, Volume 3: da independência a 1870*. Brasília: FUNAG, 2004, p.121.

[127] ROCK, David. *Argentina, 1516-1987: From Spanish colonization to Alfonsín*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1987, p.87.

Pouco depois do início das hostilidades entre as Províncias Unidas e os realistas de Montevidéu, os chefes militares a serviço do vice-rei, Venancio Benavídez e Pedro Vieira, rio-grandense de Viamão, aderiram à Revolução de Maio e a estenderam até a Banda Oriental, dando início à chamada *Revolución Oriental*, cujo principal líder seria o capitão das milícias *blandengues* de Colônia do Sacramento, José Gervasio Artigas. Apoiado pela Junta de Buenos Aires, Artigas liderou a principal sublevação contra o governo de Elío e obteve importantes vitórias contra os espanhóis na Banda Oriental, ocupando a maior parte do território em poucos meses e confinando a jurisdição *de facto* do Vice-Reino do Rio da Prata a Colônia do Sacramento e a Montevidéu, que foi sitiada em meados de 1811 pelas tropas do comandante portenho José Rondeau, às quais se somaram as forças artiguistas em condição de subordinação[128].

Acuado e diante da real possibilidade de invasão da cidade, o vice-rei Elío solicitou a ajuda do Príncipe-Regente Dom João, que, desde sua chegada ao Brasil, ambicionava estender as fronteiras da América portuguesa até o Prata. Auxiliar os espanhóis de Montevidéu contra as tropas revolucionárias, assim, aparecia como um oportuno pretexto para o regente realizar um antigo objetivo dos reis portugueses; ademais, temia D. João que o Extremo Sul do Império fosse contaminado pela onda revolucionária de Artigas, que chegou a incitar parte da população rio-grandense a aderir à revolução[129]. Comandadas pelo governador de São Pedro do Rio Grande do Sul, D. Diogo de Sousa, tropas portuguesas invadiram a Banda Oriental sob o pretexto de auxiliar os espanhóis, avançando sobre o território e ocupando Melo, Santa Teresa, Rocha e Maldonado, chegando às portas de Montevidéu em pouco tempo.

A desconfiança hispano-americana com as reais intenções de D. João VI, somada ao impasse da guerra e às sérias dificuldades enfrentadas pelas Províncias Unidas, que também combatiam os exércitos realistas do Vice-Reino do Peru, no entanto, levaram a um armistício entre a Junta Grande e o governo vice-real de Montevidéu ainda em 1811. Segundo o acordo, as tropas revolucionárias deveriam retornar a Buenos Aires e às demais províncias e entregar toda a Banda Oriental aos espanhóis, que, em troca, levantariam o bloqueio naval do rio da Prata que prejudicava o comércio das Províncias Unidas. Discordando do armistício e de seus termos, Artigas liderou um grande

---

[128] NAHUM, Benjamín. *Breve historia del Uruguay Independiente*, Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2011, p.15.

[129] BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A expansão do Brasil e a formação dos Estados na bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p.81.

movimento migratório que adquiriu contornos épicos como parte do mito fundador da nação uruguaia, o assim chamado Êxodo Oriental. Retirando-se da Banda Oriental, parte expressiva da população da região, cerca de oitenta por cento da população da campanha oriental[130], atravessou o rio Uruguai e fixou-se perto do arroio Ayuí Grande, então no território de Misiones.

Diferentemente da maioria dos líderes da Revolução de Maio, Artigas concebia um projeto político transformador, perseguindo não apenas a autonomia política, mas também amplas transformações políticas, econômicas e sociais que incluíam a abolição do regime escravista e até uma espécie de 'reforma agrária'. Se a Junta de Buenos Aires representava, em sua maioria, forças liberais moderadas que buscavam um processo de transição politicamente moderado e sob a hegemonia portenha, Artigas encarnava um projeto que defendia simultaneamente a soberania particular e a igualdade entre as províncias e os povos[131], algo considerado subversivo à época mesmo para alguns setores liberais. Não à toa, enquanto a Revolução de Maio foi influenciada primordialmente por ideias liberais, seu desdobramento artiguista, também com influências liberais, ainda teve fortes vinculações com as ideias democráticas de Jean-Jacques Rousseau[132], mais associadas, pejorativamente, ao jacobinismo francês pelos seus críticos contemporâneos, embora o modelo político norte-americano também fosse uma importante influência na medida em que Artigas defendia o federalismo nos moldes daquele país.

É nesse contexto que surge o projeto de nação artiguista, republicano, federalista e democrático, confrontando-se diretamente com o modelo centralizador liberal de Buenos Aires, que, do ponto de vista estritamente político, em pouco alterava o *status quo* além da substituição das elites peninsulares pelas elites *criollas* portenhas, mantendo parcialmente as estruturas sociais e a hegemonia político-comercial de Buenos Aires, como anota Moniz Bandeira:

> Artigas [...] apoiava a luta de libertação nacional na revolução agrária e se opunha à hegemonia de Buenos Aires e à sua pretensão de conservar o

---

130 FERREIRA, Gabriela Nunes. *O Rio da Prata e a consolidação do Estado Imperial*, São Paulo: Editora Hucitec, 2006, p.54.

131 Segundo José Carlos Chiaramonte, '[...] *no breve lapso de uns poucos meses, tiveram início as duas posturas que constituirão uma parte substancial do pano de fundo das lutas políticas que se avizinham. Uma, que atribui a soberania a todas e cada uma das cidades americanas – os 'pueblos' –, de maneira que Buenos Aires não é mais que uma cidade soberana entre outras. Outra, que sem contradizer explicitamente essa doutrina, atribui a Buenos Aires uma preeminência derivada de sua posição na estrutura político-administrativa do vice-reino, de seus maiores recursos e de sua 'ilustração', e tenta organizar um novo Estado sob sua liderança*', apud FERREIRA, 2006, p. 29-30.

132 DOTTA, Mario. *El artiguismo y las vertientes universales*. Montevidéu: Ediciones de la Plaza, 2008, p.48.

> monopólio sobre o comércio do Prata. Aí residia a diferença básica entre o movimento que Artigas comandava e o de Buenos Aires, cujos líderes, defendendo interesses econômicos similares aos dos espanhóis, jamais o admitiram, 'senão como o pior dos seus inimigos', segundo as palavras de Calógeras, 'a ponto de sacrificar a seu ódio por ele a própria independência uruguaia, sob a bandeira das Províncias Unidas[133].

Essa diferença fundamental entre dois projetos políticos minaria a frágil unidade dos revolucionários rio-platenses já durante o início do processo de organização das bases do novo Estado Nacional. De seu acampamento na margem ocidental do rio Uruguai, Artigas articulou com os caudilhos da região e organizou o projeto de Estado que os representantes orientais defenderiam na Assembleia Constituinte das Províncias Unidas que seria realizada na cidade de Buenos Aires, em 1813, estabelecendo formalmente a Província Oriental no território da Banda Oriental, ainda que Montevidéu permanecesse sob domínio espanhol. Essas instruções apresentadas aos deputados orientais traziam os pilares do modelo de Estado defendido por Artigas, com diversos pontos sendo frontalmente incompatíveis com o projeto concebido pelas elites portenhas, como os seguintes:

> No admitirán otro sistema, que el de Confederación para el pacto recíproco con las Provincias que formen nuestro Estado (Art. 2º); Como el objeto y fin del Gobierno debe ser conservar la libertad, igualdad y seguridad de los Ciudadanos, y los Pueblos, cada Provincia formará su Gobierno bajo esas bases, a más del Gobierno Supremo de la Nación (Art. 4º); El Gobierno Supremo entenderá solamente en los negocios generales del Estado. El resto es peculiar al Gobierno de cada Provincia (Art. 7º); El despotismo militar será precisamente aniquilado con trabas constituciones que aseguren inviolable la soberanía de los Pueblos (Art. 8º); Que esta Provincia retiene su soberanía, libertad e independencia, todo poder, jurisdicción y derecho que no es delegado expresamente por la Confederación a las Provincias Unidas, juntas e congreso (Art. 10); El sitio de Gobierno no será en Buenos Aires (Art. 11)[134].

A disputa entre o projeto artiguista e o preconizado pela burguesia portenha acabou contribuindo para o fracasso da Constituinte, ao que se seguiu um conflito armado entre as forças unitárias comandada pelo Diretório de Buenos Aires e as federalistas sob a liderança de Artigas, que formou a Liga dos Povos Livres, ou, Liga Federal, uma confederação de províncias autônomas que incluía Corrientes, Entre Rios, Província Oriental, Santa Fé e os povoados de Misiones, além de Córdoba, que a integrou brevemente. Declarado *protector de los pueblos libres*, Artigas exerceu o papel de líder

---

[133] BANDEIRA, p.81.

[134] In: *Las Instrucciones orientales del año XIII*, Comisión Nacional Archivo Artigas, Archivo Artigas, Montevideo, 1974, págs. 87, CHIARAMONTE, José Carlos. *Ciudades, provincias, Estados: Orígenes de la Nación Argentina, 1800-1846*, Buenos Aires: Arial, 1997, p.142-143.

máximo da Liga, ainda que esta não possuísse governo central, ao passo que as demais províncias aderiram ao projeto de Buenos Aires materializado no Congresso de Tucumán (1816-1820), que formalizou a independência das Províncias Unidas em 1816 e aprovou uma Constituição unitária para o novo país, em 1819. Organizavam-se, assim, ainda que precariamente, dois modelos de Estado, mas tanto o Diretório de Buenos Aires como Artigas mantinham o objetivo de unificar as províncias rio-platenses sob suas respectivas lideranças.

No Rio de Janeiro, pressionado por interesses de estancieiros rio-grandenses, espanhóis realistas[135] fugidos de Montevidéu e de outras partes da América espanhola e emigrados das Províncias Unidas anti-artiguistas, somado ao temor que a subversão de Artigas impunha no tocante à segurança do Extremo Sul brasileiro e mesmo à ordem social do Reino do Brasil, D. João VI, agora no comando de um Brasil que deixava de ser colônia e se tornava parte integrante de um Reino Unido, invadiu a Banda Oriental pela segunda vez sob o pretexto de combater a ‘anarquia artiguista’ e restabelecer a ordem na região – desejo, aliás, da maioria das lideranças orientais àquela altura, conforme Ana Frega:

> La invasión portuguesa pretendió legitimarse en la necesidad de resguardar sus territorios del avance de la ‘anarquía’ artiguista, presentándose como ‘ejército pacificador’. Entre las expectativas de los grupos que en la Provincia Oriental habían acompañado tal avance, estaba el restablecimiento del ‘orden’ en la campaña y es desarrollo comercial a través del puerto de Montevideo. El tema central era la conformación de un gobierno estable, aunque fuera asociado o incorporado a otro estado, resguardado por una fuerza militar que garantizara el orden interno y permitiera afianzar la posición de los grupos dirigentes en todo el territorio de la Provincia (cuya extensión, en realidad, no tenía límites precisos)[136].

Iniciada em 1816, a segunda intervenção luso-brasileira contou com a conivência do Diretório de Buenos Aires, cujo chefe supremo, Juan Martín de Pueyrredón, enviou tropas para atacar as forças aliadas a Artigas nas províncias litorâneas da Liga no âmbito da guerra que se travava entre os dois blocos de poder. Isolados e enfrentando hostilidades tanto do Brasil como de Buenos Aires, os artiguistas foram derrotados, tendo as tropas comandadas pelo barão de Laguna, Frederico Lecor, ocupado Montevidéu no ano seguinte. Os remanescentes artiguistas resistiram por meio de guerrilhas, mas foram finalmente liquidados em Tacuarembó, já em 1820.

---

[135] Entre eles, Gaspar de Vigodet, último governador realista de Montevidéu.

[136] FREGA, Ana. *Pueblos y soberanía em la revolución artiguista: La región de Santo Domingo Soriano desde fines de la colonia a ocupación portuguesa*. Montevidéu: Ediciones de la Banda Oriental, 2007, p.330.

Derrotado em definitivo, Artigas exilou-se no Paraguai, onde viveria até sua morte. O projeto artiguista sucumbia diante do centralismo portenho e do expansionismo bragantino, e a Província Oriental, com o apoio de parte dos líderes orientais, inclusive Fructuoso Rivera, era anexada ao Brasil na condição de Província Cisplatina, ou Estado Cisplatino Oriental, conforme decidido no Congresso Cisplatino que sacramentou a anexação[137]. O Brasil conquistava, dessa forma, dois importantes ativos: os vultosos estoques de gado presentes nos pastos orientais – principal interesse dos estancieiros rio-grandenses – e o controle da margem setentrional do Rio da Prata, cuja bacia era essencial para as comunicações do Rio de Janeiro com a província de Mato Grosso.

Durante o período em que a Cisplatina esteve incorporada ao Brasil, a penetração de estancieiros rio-grandenses em território cisplatino, que já ocorria antes, intensificou-se sensivelmente[138]. Muitos desses estancieiros adquiriram estâncias e vastos rebanhos de gado na região, sobretudo no norte da província, ao longo da imprecisa fronteira entre o Rio Grande e a Cisplatina, entre eles Bento Gonçalves, Domingos José de Almeida e Bento Manuel Ribeiro, que também construíram relações pessoais com caudilhos orientais nesse período. A manutenção do controle da Cisplatina, no entanto, provou ser bastante difícil por uma série de razões, entre elas a precária situação econômica em que a província se encontrava após mais de uma década de sucessivos conflitos militares, que desorganizara completamente a economia oriental, e a falta de identidade comum entre a população local – mais acentuada no interior do que nos núcleos populacionais litorâneos – e as autoridades, que nunca deixaram de ser vistas como invasoras.

Do outro lado do Prata, os estancieiros de Buenos Aires, em que pese o papel fundamental que o Diretório teve para anexação da Província Oriental ao Brasil, também cobiçavam o abundante gado das pradarias orientais. Esse seria um dos motivos que levariam o governo de Buenos Aires a apoiar, ainda que relutantemente, o movimento

---

[137] O Congresso foi instalado por ordem de D. João VI e tinha como objetivo a definição do futuro da Banda Oriental, que se encontrava ocupada pelas tropas luso-brasileiras. Composto por deputados orientais que haviam se aliado a Lecor, incluindo Fructuoso Rivera e os ex-membros do Cabildo de Montevidéu Francisco Llambí, Juan José Durán e Jerónimo Bianqui, o Congresso decidiu unanimemente pela anexação da Província Oriental pelo Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. FERREIRA, Fábio. O discurso dos deputados orientais na criação do Estado Cisplatino, Anais Eletrônicos do *VII Encontro Internacional da ANPHLAC*, Campinas, 2006, p.2-3.

[138] FERREIRA, Fábio. *O general Lecor, os Voluntários Reais e os conflitos pela Independência do Brasil na Cisplatina (1822-1824).* 2012. 258 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012, p.90-91.

pela libertação da Banda Oriental do Império do Brasil[139], já independente de Portugal. Em 1823, o governo de Buenos Aires pediu a Dom Pedro I que Assim, um grupo de patriotas orientais, conhecido por *los treinta y tres orientales*, iniciou uma campanha de reconquista do território em 1825.

Liderados por Juan Antonio Lavalleja e apoiados militar e economicamente por parte das Províncias Unidas, o grupo formou uma expedição que arregimentou grande apoio da população local e conquistou a campanha oriental em relativamente pouco tempo, confinando o controle imperial a Colônia e Montevidéu[140]. Fructuoso Rivera, que ocupava o cargo de Comandante da Campanha Imperial, abandonou as fileiras imperiais e juntou-se a Lavalleja, Manuel Oribe e demais patriotas[141]. Visando a uma rápida formalização da independência oriental, ainda que precocemente, dada a situação de fato na província, os patriotas orientais organizaram o Congresso da Florida e declararam a independência da Província Oriental e, posteriormente, sua incorporação às Províncias Unidas do Rio da Prata. Como resposta, o governo brasileiro declarou guerra a Buenos Aires em dezembro de 1825, dando início à Guerra da Cisplatina.

O conflito se desenvolveu até 1827 sem que nenhum lado obtivesse vantagem decisiva contra o outro. Se o Império possuía clara superioridade naval, tendo bloqueado o rio da Prata logo no início das hostilidades, as Províncias Unidas conquistavam importantes vitórias terrestres, a principal delas na Batalha do Passo do Rosário, ou Ituzaingó[142], para os hispano-americanos, em solo rio-grandense. O comandante rio-platense, general Carlos Alvear, contudo, não dispunha de recursos suficientes para avançar mais devido à precária situação econômica e política das Províncias Unidas, que sentiam os efeitos do bloqueio naval brasileiro e de sublevações iniciadas em diversas províncias em resposta à Constituição unitária aprovada em 1826. Na Cisplatina, em que pese as vitórias das tropas comandadas por Lavalleja e Rivera, os orientais não conseguiram tomar Montevidéu e Colônia, que permaneciam sob controle imperial, criando uma situação similar à de 1811, quando os revolucionários ocuparam a maior parte da Banda Oriental e confinaram a presença espanhola a esses dois núcleos populacionais.

---

[139] Ibid., p.165.
[140] DORATIOTO, Francisco. Poder naval e política externa do Império do Brasil no Rio da Prata (1822-1852). *Navigator 12*, Vol. 6, Nº 12, p.9-20, dezembro, 2010.
[141] ACEVEDO, Pablo Blanco. *Historia de la República Oriental del Uruguay*, 1906, p.110.
[142] DONGHI, p.197.

Convencido da necessidade de se chegar a um armistício com o Império, não só pela crise econômica causada pela guerra, mas também pelas sublevações no interior que contestavam a hegemonia política de Buenos Aires, o primeiro chefe do Executivo Nacional das Províncias Unidas, Bernardino Rivadavia, iniciou gestões junto ao Rio de Janeiro e a Londres para avançar nesse sentido. Em comum acordo com a diplomacia britânica, enviou o plenipotenciário Manuel José García à capital imperial com instruções específicas para servir de subsídio às negociações, tendo como base a 'devolução' da Província Oriental às Províncias Unidas ou sua total independência do Império[143].

Chocaram-se, todavia, tais pretensões com a irredutibilidade de D. Pedro no tocante à Cisplatina, o que levou García, após sucessivos fracassos e sob constante pressão da diplomacia britânica, que desejava o imediato fim da guerra para restabelecer o comércio no Prata, a alterar as bases da negociação, o que permitiu que se chegasse à Convenção Geral de Paz, em maio de 1827. A principal mudança dispunha que as Províncias Unidas renunciariam a quaisquer pretensões à Cisplatina ao mesmo tempo em que reconheciam os direitos do Império sobre ela[144]. García, que em 1816 incitara D. João VI a invadir a Banda Oriental e defendera a proposta de coroá-lo imperador da América no Congresso de Tucumán[145], mais uma vez 'entregava' a Província Oriental aos brasileiros. Tal ato causou indignação no Congresso Nacional das Províncias Unidas e na opinião pública de Buenos Aires, concorrendo para a queda do governo unitário de Rivadavia, que foi substituído no cargo pelo oposicionista Manuel Dorrego, federalista e defensor dos interesses das províncias do interior.

No comando do Poder Executivo Nacional, Dorrego, diante da forte pressão britânica, entrou em negociações com o Império, por intermédio de Lord Ponsomby, ministro britânico em Buenos Aires, firmando a Convenção Preliminar de Paz em 1828 por meio da qual se reconhecia a independência da Cisplatina do Império do Brasil e sua condição de Estado soberano e independente. Nascia, assim, o Uruguai independente, uma espécie de Estado-tampão entre o Império e as Províncias Unidas, ou, nas palavras do próprio Ponsonby, '*um algodão entre dois cristais*'[146].

Desse modo, a secular disputa pela Banda Oriental, herdada de Espanha e Portugal pelas Províncias Unidas e o Brasil, respectivamente, desembocou, em última

[143] DONGHI, p.197.
[144] GARCIA, p.236.
[145] BANDEIRA, p.91.
[146] MELLO, Leonel Itaussu Almeida. *Argentina e Brasil: a balança de poder no Cone Sul*. São Paulo: Annablume, 1996. p.31.

instância, no nascimento do Uruguai como nação independente; nem Província Oriental, nem Cisplatina, a antiga Banda Oriental tornava-se o Estado Oriental do Uruguai como coroação dos esforços da diplomacia britânica, embora sua independência de direito não representasse nenhuma garantia de independência de fato, o que ficaria evidente no âmbito dos acontecimentos políticos da Bacia do Prata no período pós-Guerra da Cisplatina.

Naturalmente, a independência formal do país não significou que ele já surgisse como Estado consolidado nem que a nação uruguaia se formasse imediatamente como consequência da assinatura da Convenção Preliminar de Paz. Era necessário institucionalizar o novo país, organizar a ordem política nacional e reorganizar as bases da economia, devastada por sucessivas guerras, de modo a construir bases do Estado Nacional uruguaio ao longo das seguintes décadas, coincidindo em parte com o período em que a Revolução Farroupilha levou à ruptura dos laços do Rio Grande do Sul com o poder central do Império e buscou erigir seu próprio Estado.

2.3. O Estado Imperial de 1824 e o ambiente político regencial antes de setembro de 1835

A eclosão da Farroupilha, assim como de outras revoltas regionais do Período Regencial, encontra suas raízes políticas na Constituição Imperial de 1824, que instituiu um Estado centralizado, unitário e com preponderância do Poder Executivo e um único centro de poder na cidade do Rio de Janeiro. Para os objetivos do presente capítulo, é suficiente observar que essas causas se originaram, em sua maioria, de uma dinâmica de relações assimétricas entre centro e periferia que o Estado Imperial centralizado desenhado pela Constituição de 1824 configurou[147].

Ao erguer uma estrutura político-administrativa na qual o Executivo Nacional – dominado pelo poder pessoal do imperador – detinha a prerrogativa de nomear os presidentes das províncias, cujos órgãos ‘legislativos’ eram desprovidos de capacidade deliberativa, e em que o governo central concentrava atribuições de forma desproporcional, inclusive no tocante à instituição e repartição de tributos, a Carta Imperial estabeleceu formalmente um padrão de relacionamento entre a Corte do Rio de

[147] FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996, p.112-115.

Janeiro e as províncias no qual estas se submetiam àquela em grande medida[148]. Esse padrão, por seu turno, constituiu uma séria fonte de descontentamento por parte das elites regionais e locais que atingiriam seu ápice no Período Regencial – e uma das razões para esse movimento de ruptura foi justamente a 'suspensão' temporária do poder da Coroa ocasionado pela abdicação de D. Pedro I, que teve como um de seus efeitos a implicação de uma abertura no sistema político imperial vigente, viabilizando contestações mais contundentes por parte das forças políticas de oposição.

Após o desencadeamento da Revolução do Porto em 1820 e as subsequentes ações das Cortes liberais de Lisboa para a parte americana do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, as elites das províncias de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo se aglutinaram em torno do Príncipe Regente D. Pedro para resistir à assim chamada 'política recolonizadora' das Cortes. Durante esse processo, delineou-se gradualmente três distintos projetos políticos para o Brasil, com clivagens e dissensões internas dentro de cada um, que constituiriam as alternativas políticas para a América portuguesa naquele momento histórico. Emília Viotti da Costa divide-os da seguinte forma:

> Um partido predominantemente português, composto na maioria por comerciantes ansiosos por restabelecer antigos privilégios. Concentrados na sua maioria no Rio de Janeiro e nas cidades portuárias do Norte e Nordeste do país. A estes se juntavam militares e alguns funcionários da Coroa [...]. O segundo partido compunha-se de brasileiros e portugueses recrutados entre as categorias dominantes, os mais poderosos em posses e empregos de representação [...] que almejavam a autonomia e encaravam com simpatia a fórmula da monarquia dual, sonhando com uma constituição em que figurassem como lords. Estes, diante da impossibilidade de manter unidades as duas Coroas e ao mesmo tempo preservar a autonomia e as regalias já alcançadas, acabariam por aceitar a ideia de ruptura com Portugal. Finalmente, o Partido Republicano, igualmente interessado na Independência, composto na sua maioria de elementos de tendências mais radicais e democratas[149][150].

[148] Constituição Política do Império do Brazil, de 25 de março de 1824.
[149] COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*, São Paulo: Editora UNESP, 1998, p.48-49.
[150] Em um primeiro momento, o 'partido português' buscou na figura de D. Pedro a legitimidade dinástica necessária para organizar a resistência às Cortes de Lisboa, marcadamente liberais e anti-absolutistas e que adotavam postura abertamente hostil ao Antigo Regime que ainda vigia no Império português. Contudo, na medida em que se foi tornando claro que as intenções das Cortes para o Brasil se aproximavam mais de uma política 'absolutista' do que propriamente liberal, esse grupo à direita dos outros dois se afastou de D. Pedro e passou a atuar, embora por motivos diferentes, no mesmo sentido que as Cortes de Lisboa e a buscar o retorno das províncias luso-brasileiras à condição de colônia. Por outro lado, os partidos 'brasileiro' e 'liberal radical' se uniram em torno do Príncipe Regente e atuaram de forma relativamente articulada contra a política das Cortes por algum tempo, sendo essa frágil unidade desfeita na medida em que se tornava cada vez mais evidente que a Independência era questão de tempo e que as Cortes deixariam de representar uma ameaça real. Finda a ameaça do inimigo comum, intensificava-se a disputa entre monarquistas constitucionais e liberais radicais com inclinações democráticas.

Essa disputa foi vencida pelos monarquistas constitucionais moderados que, do ponto de vista do espectro político, representavam a tendência de centro relativamente aos outros grupos, tendo como nome de maior destaque José Bonifácio de Andrada e Silva, ministro forte de D. Pedro e principal articulador da Independência ao lado do menos conhecido Joaquim Gonçalves Ledo, adversário de Bonifácio e perseguido por ele durante o ápice da disputa entre o 'partido brasileiro' e o dos 'liberais radicais', ao fim de 1822. Bonifácio concebia um Estado Nacional edificado sobre bases monárquico-constitucionais e da primazia do Poder Executivo, e idealizava um projeto de nação que passava, necessariamente, pela integração político-territorial das províncias brasileiras e a construção de uma identidade nacional brasílica, o que, para ele, só poderia ser realizado por um poder central robusto com capacidade de comandar esse processo[151].

Caso contrário, temia o Patriarca da Independência que o Brasil se fragmentaria em vários países[152], como, aliás, ocorria na América espanhola, que, sem um centro de poder único e carecendo de um símbolo de unidade e legitimidade como a Coroa, testemunhava violentas guerras civis e o surgimento de diversos Estados independentes. De certo modo, as inquietações de Bonifácio se confirmariam pouco mais de uma década depois, quando a ausência do símbolo da Coroa e a descentralização política promovida pelos governos regenciais levaram a sublevações por todo o Império que ameaçaram a unidade político-territorial do país.

À época da Independência, os laços que uniam as províncias brasileiras eram física e politicamente tênues, e parte das elites regionais favorecia uma configuração política em que o alto grau de autonomia com o qual haviam se acostumado fosse preservado, o que abriu uma dissidência dentro dos partidários da monarquia constitucional. Enquanto o grupo encabeçado por Bonifácio favorecia um Estado Unitário, com a Coroa representando a unidade nacional e a legitimidade dinástica e o Rio de Janeiro o poder central, parte das elites regionais tendia a defender um Estado Federal assentado na existência de múltiplos centros de poder, algo próximo a uma monarquia federativa, embora o conceito de federação se aproximasse ao de república no contexto histórico em questão[153].

---

[151] DOLHNIKOFF, Miriam. *José Bonifácio*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.
[152] COSTA, p.33.
[153] Assunto a ser tratado no Capítulo III.

É nessa dicotomia centralização-descentralização que a gênese da Revolução Farroupilha pode ser encontrada[154], sobretudo no tocante a seus objetivos em relação ao poder central do Império do Brasil – em relação ao quadro político no Rio da Prata, a Farroupilha teria outras conotações, como se verá mais adiante. Os farrapos rio-grandenses de 1835 eram, por assim dizer, herdeiros políticos diretos da ala federalista dos monarquistas constitucionais e dos 'liberais radicais' de 1822, que concebiam um Estado Federal marcado pela soberania das províncias onde o poder fosse distribuído de forma mais ou menos equânime entre elas, ou, nos casos mais extremos, uma república.

O embate entre o grupo de Bonifácio e os federalistas na Constituinte de 1823 terminou com o sufocamento de ambos por parte do imperador, que, ressaltando suas tendências absolutistas – e, ao mesmo tempo, seu caráter ambíguo –, fechou a Assembleia e ordenou a prisão dos deputados constituintes, inclusive a de José Bonifácio, indispensável aliado de outrora que caíra em desgraça com o monarca diante da aproximação deste aos portugueses simpatizantes da tradição absolutista. Outorgada por D. Pedro no ano seguinte, a Constituição Imperial instituía um Estado unitário em cuja cúpula estava a figura do imperador, que acumulava a chefia do Poder Executivo com a titularidade exclusiva do Poder Moderador, em clara distorção da teoria política de Benjamin Constant[155].

Apesar desses traços, a Carta de 1824 era surpreendentemente liberal para a época, o que pode ser compreendido como mais um reflexo da personalidade ambígua de D. Pedro, que oscilava entre ideias liberais e atitudes absolutistas. Sobre José Bonifácio, sua derrocada política teve contornos paradoxais, uma vez que, se caía em desgraça no cenário político e era exilado na Europa após a prisão, por outro lado, o projeto de Estado que havia formulado e defendido se mostrava vencedor na medida em que a Constituição

---

[154] FREITAS, Décio. Farrapos: uma rebelião federalista. In: FREITAS, Décio. *A Revolução Farroupilha: história e interpretação*, Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1985.

[155] Divulgada em 1814 por meio da obra *Princípios Políticos Constitucionais*, a ideia de Poder Moderador – Poder Real, Poder Neutro – em linhas gerais, visava à manutenção da estabilidade do poder político mediante o estabelecimento de um quarto Poder a ser exercido pelo monarca que moderaria as relações entre os demais Poderes, limitando a soberania popular quando necessário e ao mesmo tempo garantindo a estabilidade do Estado. Liberal e preocupado com os excessos da 'Fase do Terror' da Revolução Francesa, Constant defendia, assim, a criação de um mecanismo constitucional que fosse capaz de influir diretamente nos três Poderes de modo a evitar impasses que pudessem levar a rupturas e à anarquia, preocupação esta, aliás, comum entre muitos liberais brasileiros da época. Contudo, enquanto na concepção de Constant o Poder Moderador deveria ser neutro, a Constituição Imperial o configurou de tal modo que o imperador poderia exercê-lo para interferir discricionária e arbitrariamente nos demais Poderes, descaracterizando o significado original do conceito e hipertrofiando o poder do monarca brasileiro. Ver CARVALHO, José Murilo de. *A monarquia brasileira*. Presidente Prudente: Ao Livro Técnico, 1993; CONSTANT, Benjamin. *Princípios Políticos Constitucionais*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2014.

outorgada pelo imperador mantinha seus principais pilares do ponto de vista de seu modelo político, como a existência de um Poder Executivo com primazia sobre o Legislativo, a criação do Poder Moderador e a monarquia unitária[156].

Houve reações à forma autoritária com que o imperador procedeu durante o processo de constitucionalização do país, sendo a principal delas a Confederação do Equador de 1824, movimento separatista e republicano que teve na província de Pernambuco seu epicentro. Rapidamente sufocado, o movimento simbolizou o início de um hiato da ação extraparlamentar das forças oposicionistas ao poder central, tendo estas sido canalizadas para o âmbito parlamentar até o ano de 1831, quando D. Pedro abdicou ao trono.

Desgastado pelas críticas sistemáticas que a excessiva aproximação aos portugueses lhe rendiam, pelo autoritarismo demonstrado na conduta dos negócios do Império e pela derrota na Guerra da Cisplatina, e enfrentando uma onda liberal no Brasil como consequência das revoluções liberais europeias de 1830[157], o imperador abdicou em favor de seu filho mais velho, retornando a Portugal para comandar os exércitos liberais contra os absolutistas liderados por seu irmão D. Miguel como parte da guerra civil portuguesa iniciada em 1828 em torno da disputa pela sucessão real, aberta em 1826 com a morte de D. João VI.

Ironicamente, se a atuação de D. Pedro na Europa simbolizou a luta das forças liberais contra o absolutismo, sua abdicação no Brasil significou o fim da hegemonia do 'partido português' de tendências absolutistas, abrindo o caminho para contestações mais combativas por parte de liberais de vários matizes, de moderados monarquistas a exaltados republicanos. A Constituição de 1824, ao concentrar o poder político no governo central em detrimento das províncias, inclusive no tocante aos seus governantes, que não eram eleitos nas províncias e sim nomeados pelo Conselho de Estado no Rio de Janeiro, como se observou acima, acirrou as contradições existentes à época da independência e criou as condições para contestação armada do poder central pelos poderes periféricos; e a Farroupilha foi o reflexo mais expressivo dessas contradições e

---

[156] NOGUEIRA, Octaciano. *Constituições brasileiras: 1824*, volume 1. Brasília: Edição do Senado Federal, 2012.

[157] Iniciada na França contra o rei Charles X, que subira ao trono como consequência da reação absolutista, a onda revolucionária liberal se expandiu pelos Países Baixos, Polônia, Península Itálica, Estados alemães, Portugal e Espanha ainda em 1830. A abdicação de D. Pedro, cada vez mais visto como absolutista pelos brasileiros, ocorreu nesse contexto de efervescência liberal que varreu a Europa e as Américas.

representou a principal ação contestatória de uma província em relação ao Centro durante o Período Regencial e mesmo durante os primeiros anos do reinado de Dom Pedro II.

Não se pretende, aqui, discorrer sobre os dispositivos constitucionais que traçavam o desenho jurídico do governo regencial, nem os acontecimentos em torno da abdicação de D. Pedro I e do debate sobre a sucessão de seu filho, mas apenas ressaltar que a Regência que se instalou ainda em abril de 1831 representou o recrudescimento das disputas políticas levadas a cabo à época do processo de independência e da Constituinte. Se essas disputas haviam desembocado no triunfo do Estado Imperial centralizado sob o comando de um Poder Executivo Nacional hipertrofiado, a remoção do seu principal símbolo da cena política reabriria a contenda que havia sido violenta e temporariamente encerrada com o fechamento da Assembleia Constituinte em 1823. Sem o poder monárquico efetivamente representado, uma vez que o sucessor à Coroa tinha apenas cinco anos e fazia-se representar pela Regência, como previa a Constituição, sua legitimidade como símbolo unificador da nação não só perdia sustentação como também passava a ser duramente contestada pelas províncias, que tinham, em sua maioria, elites com aspirações descentralizadoras[158].

Com a queda de D. Pedro I e de seus partidários que haviam formado o 'partido português' durante o processo de emancipação do Brasil, grupos liberais assumiram a condução política do Império, sendo subdivididos, segundo consagrou a historiografia nacional, em moderados e exaltados, também chamados de chimangos e farroupilhas, respectivamente[159]. Em um segundo momento, os antigos partidários do imperador se reagruparam e constituíram o grupo dos restauradores, também conhecidos por caramurus, que defendiam o retorno de D. Pedro I ao Brasil e a restauração de seu reinado.

Sobre essas clivagens, Marco Morel apresenta parâmetros originais para diferenciar os três grupos de acordo com o conceito de soberania predominante em cada um: os restauradores se vinculavam à antiga noção de soberania, típica do Estado absolutista, segundo a qual a soberania era indissociável da Coroa, enquanto os liberais moderados viam a soberania como decorrente da nação e os exaltados, do povo[160]. Por motivos mais pragmáticos, José Bonifácio, que em 1822 fora a principal liderança dos

---

[158] O que não significa dizer que não houvesse partidários do Estado centralizado e unitário nas províncias, uma vez que estes estiveram presentes na maior parte delas. Mesmo no Rio Grande do Sul durante a Farroupilha, o poder central nunca deixou de estar representado na província – ou na república, a depender da perspectiva adotada –, tendo as três maiores cidades rio-grandenses, Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas, se mantido fiéis ao Governo Regencial.

[159] PAIM, Antônio. *Momentos decisivos na história do Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.125.

[160] MOREL, Marco. *O período das Regências (1831-1840)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

monarquistas constitucionais e liberais moderados, passou a integrar o grupo dos restauradores no quadro político regencial por força de suas antigas preocupações com a 'anarquia' e a fragmentação do Brasil, cujo Estado Nacional ainda se encontrava em vias de construção[161].

Após o fim da efêmera Regência Trina Provisória que fora instalada logo após o Sete de Abril, os liberais moderados, que formavam a maioria na Câmara dos Deputados, estenderam sua primazia ao Poder Executivo ao eleger os três membros da Regência Trina Permanente, os deputados gerais José da Costa Carvalho e João Bráulio Moniz, e o militar e senador Francisco de Lima e Silva. Ao assumirem o controle do governo e da administração central, atuaram no sentido de reformar pontualmente a Carta de 1824 e flexibilizar seu caráter centralizador, ao mesmo tempo em que agiram para neutralizar as ações dos liberais exaltados, que defendiam reformas políticas estruturantes e mais profundas[162], tendo como oposição, portanto, tanto restauradores de tendências absolutistas como liberais exaltados. Porém, se a representação dos exaltados era bastante reduzida na Câmara e virtualmente nula no Senado, os caramurus – síntese das forças restauradoras e conservadoras a partir da morte de D. Pedro I – formavam pelo menos 35 dos 123 deputados e possuíam ampla maioria no Senado[163].

A principal reforma se concretizou na figura do Ato Adicional de 1834, que incorporou certos princípios federalistas à forma monárquica de governo vigente, abolindo o Conselho de Estado – e, por consequência, limitando o poder central –, substituindo os Conselhos Gerais das Províncias pelas Assembleias Legislativas Provinciais com poderes deliberativos e transformando a Regência Trina em Regência Una, cujo posto de regente passava a ser eletivo, sendo o líder liberal Diogo Feijó, ministro da Justiça no início do Período Regencial, eleito para o cargo em 1835.

Paradoxalmente, o diploma descentralizador agradou aos liberais exaltados momentaneamente e ao mesmo tempo acirrou as disputas regionais, tornando o poder central mais vulnerável às ações das elites locais que, com a instituição do Poder

---

[161] Pesou, adicionalmente, sobre José Bonifácio, o fato de D. Pedro I haver-lhe nomeado tutor do herdeiro da Coroa, título que foi questionado pela Câmara dos Deputados sob a alegação de que competia a ela a nomeação e a investidura do ocupante dessa função. Após sucessivos embates e discussões políticas, a Câmara acabou destituindo Bonifácio por 45 votos contra 31, tendo o Senado do Império, porém, rejeitado a medida por maioria de apenas um voto. A contenda continuou até que o governo regencial, violando dispositivo da Constituição Imperial, que atribuía tal competência ao parlamento, destituiu o 'Patriarca da Independência' do posto de tutor em dezembro de 1833. Ver COSTA, 1998.

[162] WERNET, Augustin. *Sociedades políticas, 1831-1832*. Editora Cultrix, 1978, p.70.

[163] BASILE, Marcelo. O laboratório da nação: a Era Regencial (1831-1840). In: GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo (Org.). *O Brasil Imperial, Volume II - 1831-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p.63.

Legislativo provincial, tiveram sua autonomia e esfera de atuação ampliada, sobretudo em províncias com forte tradição autonomista e militar, como o próprio Rio Grande do Sul, conforme afirma Boris Fausto:

> [...] a Regência procurou dar alguma autonomia às Assembleias Provinciais e organizar a distribuição entre o governo central e as províncias. Ocorre, porém, que, agindo nesse sentido, os regentes acabaram incentivando as disputas entre elites regionais pelo controle das províncias cuja importância crescia. Além disso, o governo perdera a aura de legitimidade que, bem ou mal, tivera enquanto um imperador esteve no trono. Algumas indicações equivocadas para presidente de províncias fizeram o resto[164].

Não obstante, a reforma constitucional, em parte uma concessão feita pelos liberais moderados às reivindicações de exaltados e restauradores[165], manteve para o poder central uma das prerrogativas mais importantes: a de nomear os presidentes das províncias. Assim, enquanto às províncias foi dado o direito de eleger seus representantes para o Legislativo da província, o Poder Executivo provincial continuou cuidadosamente controlado pelo governo central, tornando possível uma situação contraditória em que as deliberações dos legisladores provinciais eleitos podiam ser vetadas por um chefe do Executivo nomeado exclusivamente pelo Governo Regencial no Rio de Janeiro[166]. Como ocorrera no Rio da Prata durante o processo de independência das províncias da região, o embate entre centralização e descentralização foi um constante ponto de atrito durante o Período Regencial, abrindo um amplo debate em torno do modelo de Estado a ser organizado no país, remetendo às discussões e disputas do início dos anos 1820.

Por isso mesmo, o processo de construção do Estado Nacional brasileiro, iniciado entre a instalação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro e a elevação da colônia à condição de parte integrante de um Reino Unido, impulsionado com a ruptura da independência e parcialmente consolidado durante o Primeiro Reinado, teria no Período Regencial sua fase mais conturbada precisamente em razão do recrudescimento dos embates intra-elites acerca do modelo de Estado-nação a ser consolidado no país; em certa medida, e tendo em consideração os diferentes contextos, reabria-se a disputa em torno do modelo de Estado que fora abruptamente interrompida em novembro de 1823 por um ato de força do imperador, e o Rio Grande do Sul, província cujo processo de formação engendrou elites fronteiriças e militarizadas com alto grau de autonomia em relação ao

---

[164] FAUSTO, Bóris. *História do Brasil.* São Paulo: EDUSP, 2009, p.165.
[165] FERREIRA, Gabriela Nunes. *Centralização e descentralização no Império: o debate entre Tavares Bastos e o Visconde do Uruguai*. São Paulo: Editora 34, 1999, p.30.
[166] ANDRADE, Manuel Correia de Oliveira. *As raízes do separatismo no Brasil*. São Paulo: UNESP, 1998, p.70.

Centro, constituía um campo fértil para desígnios autonomistas mais contundentes e até com cores separatistas, embora, na perspectiva do governo regencial, representasse menores riscos para a ordem social do que as disputas travadas em outras províncias, como no Grão-Pará e na Bahia. Sobre esse aspecto, diz José Murilo de Carvalho:

> Em algumas revoltas o conflito entre elites não transbordava para o povo. Tratava-se, em geral, de províncias em que era mais sólido o sistema de grande agricultura e da grande pecuária. Neste caso está a revolta Farroupilha, no Rio Grande do Sul [...] Briga de estancieiros e charqueadores com complicações internacionais, a Farroupilha não corria o risco de tornar-se guerra de pobres, de tornar-se perigo para a paz social. Era briga de brancos. Mas constituía alto risco político pela posição estratégica da província como fornecedora de charque para a economia escravista e pela ameaça à unidade do país e ao sistema monárquico de governo[167].

A morte de D. Pedro I em 1834, mesmo ano em que o Ato Adicional foi aprovado, enterrou definitivamente as pretensões dos restauradores que desejavam vê-lo coroado imperador do Brasil mais uma vez. Com isso, os partidários de D. Pedro I e do centralismo político se aproximaram da ala menos radical dos liberais[168], engrossando gradualmente as fileiras dos liberais moderados que se encontravam no poder e com maioria na Câmara Baixa do parlamento. Com o tempo, os restauradores passariam a formar o Partido Conservador juntamente com a ala mais conservadora dos liberais moderados, enquanto os elementos mais liberais desse grupo se aproximariam dos exaltados, constituindo, assim, o Partido Liberal durante o Período Regencial[169].

Desse modo, a disputa entre os exaltados rio-grandenses e os conservadores partidários do centralismo da Corte se acirraria após a entrada em vigor do Ato Adicional, manifestando-se com força já na inauguração dos trabalhos da primeira legislatura da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em abril de 1835. Ao abrir a sessão legislativa, o presidente provincial Antônio Fernandes Braga denunciou a existência de um partido separatista, acusando os deputados Bento Gonçalves, Bento Manoel Ribeiro,

---

[167] CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003, p.253-254.

[168] MOREL, p.31.

[169] Sobre a formação desses primeiros partidos políticos brasileiros, diz Antônio Paim: 'com a eleição de Feijó, constitui-se o Partido Progressista que daria origem, posteriormente, ao Partido Liberal. A oposição a Feijó denominou-se inicialmente de regressista. Seus elementos, granjeando o apoio de antigos caramurus e outros descontentes, dariam origem ao Partido Conservador, que se considera estivesse formalmente constituído em 1837'. História do liberalismo brasileiro. São Paulo: Editora Mandarim, 1998, p.125.

José Magalhães Calvet e o presidente da Assembleia Marciano Pereira Ribeiro[170] de integrá-lo.

[170] SÁ BRITO, Francisco de. Memória da Guerra dos *Farrapos*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza, 1950, p.51.

CAPÍTULO III
O MOVIMENTO FARROUPILHA E AS CONEXÕES PLATINAS (1832-1838)

3.1. O 'fator Uruguai' na política rio-grandense e o liberalismo farroupilha

Como mencionado no capítulo anterior, a historiografia brasileira sobre o Período Regencial tradicionalmente divide os grupos políticos que disputaram o poder após a abdicação de D. Pedro em três, sendo possível posicioná-los ao longo do espectro político, no contexto histórico da época, com maior ou menor precisão, junto a tendências de centro, de direita e de esquerda: os assim chamados liberais moderados (chimangos), restauradores (caramurus) e liberais exaltados (farroupilhas), respectivamente. Naturalmente, ao se separar as diversas forças políticas dos principais núcleos populacionais do Império daquele período em três blocos com certa rigidez, corre-se o risco de se incorrer em reducionismos e de se perder de vista as complexidades e nuances das ideias e posições políticas dos diferentes agentes políticos que atuavam à época, bem como de se ignorar a permeabilidade que havia entre eles.

Para o escopo deste trabalho, contudo, é suficiente partir da premissa de que os eventos que precederam a eclosão da Revolução Farroupilha ocorreram no contexto de uma conjuntura política nacional na qual havia inicialmente três projetos políticos vagamente definidos em disputa, sem maiores preocupações quanto às especificidades, clivagens e dissidências que haviam dentro de cada grupo ou mesmo fora dessas agremiações informalmente reconhecidas pelos seus contemporâneos. Essa mesma divisão 'tripartite' dos grupos políticos dominantes que deu a tônica da luta política durante os primeiros anos do Período Regencial[171] também se reproduzia na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, onde a disputa pelo poder, como na maioria das províncias, também acabou evoluindo para a bipolaridade entre liberais e conservadores. O fato de os restauradores – que tendiam a ser politicamente conservadores e desejavam reinstaurar o reinado de D. Pedro I – terem perdido sua razão de ser no tocante ao seu objetivo político máximo após a morte do antigo imperador não alterava suas inquietações quanto à 'anarquia regencial' e suas inclinações antiliberais, o que fez com que abandonassem suas ambições restauradoras e passassem a buscar com maior vigor a

[171] Mais especificamente, do início do período até a Regência Feijó (1835-1837).

reversão das mudanças trazidas pelo Ato Adicional de 1834[172]. Caducava o objetivo de buscar o retorno de D. Pedro ao trono brasileiro, mas mantinham-se as preocupações quanto às forças que se insurgiam contra a ordem política do Império e à necessidade de se combater os 'subversivos' que a convulsionavam, o que aproximou antigos restauradores à ala mais conservadora dos liberais moderados[173]. Estes, por sua vez, tinham suas fileiras engrossadas tanto por restauradores que haviam perdido sua principal bandeira como por parte dos exaltados, que, sem possuírem força suficiente nas esferas institucionais, acabaram migrando para o campo moderado e levando à preponderância do bloco centrista, conforme expõe Antônio Paim:

> Deste modo, nos três primeiros lustros subsequentes à Independência, emerge o centro liberal, equidistante dos que sonhavam com um monarca forte como daqueles que aspiravam à abolição da monarquia. Chegou-se a afirmar, com propriedade, que o centro liberal queria "um governo que parece ter sido até agora na Europa o sonho de alguns políticos, mas que vai ser agora uma realidade na América, uma monarquia sustentada por instituições populares". [...] Os elementos moderados, afinal vitoriosos, é que se fracionariam em liberais e conservadores[174].

Ainda que os grupos políticos que participavam da disputa pelo poder no Rio Grande do Sul regencial refletissem, em grande medida, do ponto de vista da dicotomia *centralização-descentralização*, a contenda que se travava na capital imperial e em outras províncias, havia certas peculiaridades que davam contornos particulares ao embate intra-elites naquela região do extremo sul do Império. A própria bipolaridade que marcou a segunda metade do Período Regencial, resultado de uma cisão dentro do campo moderado que o fracionou, finalmente, em Partido Liberal e Conservador, atraindo respectivamente exaltados e antigos restauradores, se consolidou no Rio Grande do Sul mais cedo do que no próprio Rio de Janeiro[175].

Se tal processo se desenvolveu na capital gradualmente entre a morte de D. Pedro I e a queda de Diogo Feijó da Regência Una, em setembro de 1837, a divisão entre liberais e conservadores (que não eram necessariamente restauradores) se expressava com maior nitidez na província meridional já em 1834, manifestando-se com força na abertura dos trabalhos da Assembleia Legislativa, em abril de 1835[176]. Na ocasião, o presidente da

---

[172] DOLHNIKOFF, Miriam. *O pacto imperial: origens do federalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2005, p.133-134.
[173] AURÉLIO, Daniel Rodrigues. *A extraordinária história do Brasil*, Vol. 2. São Paulo: Universo dos Livros, 2010, p.46.
[174] PAIM, Antônio. *História do liberalismo brasileiro*. São Paulo: Editora Mandarim, 1998, p.74.
[175] FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
[176] SPALDING, Walter. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Editora Nacional, 1980, p.6-7.

província Antônio Fernandes Braga acusou os liberais de planejarem a separação do Rio Grande do Sul e sua subsequente federação ao Uruguai[177]. Em vez de atuar como grupos explicitamente independentes, moderados e os assim chamados exaltados rio-grandenses tendiam a agir politicamente sob o mesmo amplo e impreciso guarda-chuva do liberalismo contra restauradores e depois conservadores, englobando virtualmente toda a oposição da província, incluindo liberais moderados monarquistas, liberais moderados de tendências republicanas e exaltados separatistas[178].

A principal diferença entre as disputas políticas regenciais na província de São Pedro e nas demais regiões do Império, porém, residia na influência que os eventos do Rio da Prata exerciam no debate político e na disputa pelo poder na primeira, dada a óbvia proximidade geográfica entre a região e a província, que continuava formando um espaço sociogeográfico comum com o Uruguai, e as ligações e interesses comuns que haviam entre os caudilhos orientais e parte das elites rio-grandenses:

> Assim, a posição *sui generis* do Rio Grande como província fronteiriça de maior extensão no Brasil reservava-lhe um papel fundamental na balança do relacionamento brasileiro-oriental, no qual, seguidamente, o estado ignorou os ditames oficiais, agindo em função de seus próprios interesses, não raro, desvinculados das outras frações do país[179].

Portanto, ao contrário das disputas regenciais que se desenvolviam em vários pontos do Império em torno de questões que derivavam fundamentalmente da dicotomia *centralização versus centralização* – da qual decorriam as demais reivindicações e disputas –, a luta política no extremo sul brasileiro tinha como variável adicional a realidade rio-platense, sobretudo a do Estado Oriental, cuja fronteira com o Rio Grande do Sul não estava formalmente delimitada e onde estancieiros rio-grandenses mantinham contatos políticos, propriedades e grandes rebanhos de gado[180].

Se os estanceiros da fronteira haviam prosperado durante a experiência cisplatina, período durante o qual o gado dos campos orientais abasteceu a produção rio-

---

[177] Ibid.

[178] LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.62.

[179] RECKZIEGEL, Ana. *A diplomacia marginal: vinculações políticas entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai (1893-1904)*. Passo Fundo: UPF Editora, 2015, p.74.

[180] MENEGAT, Carla. Os brasileiros e suas estâncias no Estado Oriental do Uruguai (1845-1852): perspectivas de análise. *XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal, 2013, p.7.

grandense[181], a perda dessa fonte de abastecimento acarretou duras perdas à economia da província – assunto que será discutido no próximo subcapítulo. Consequentemente, durante os primeiros anos de vida independente do Uruguai, a questão dessas perdas econômicas, da proibição do trânsito de gado pela fronteira e do favorecimento que o Império conferia às exportações do nascente país constituíram assuntos permanentes na política do Rio Grande do Sul[182] que complementavam o debate em torno da questão centralização-descentralização.

Desejando ter um vizinho estável em suas fronteiras meridionais, o governo imperial intencionava que o Uruguai prosperasse economicamente e tomou medidas no sentido de recuperar a economia oriental[183] que havia sido seriamente desorganizada em razão do período cisplatino e da guerra que se seguiu a ele. Ademais, o Império precisava do charque uruguaio para suprir sua demanda, pois a produção do Rio Grande do Sul não era suficiente para abastecer o mercado interno, o que gerou uma situação amplamente desfavorável aos estancieiros rio-grandenses do ponto de vista tributário, pois enfrentavam a concorrência platina em desvantagem, concorrendo adicionalmente para a firme inserção do 'elemento Uruguai' na política da província. Como assinala Guazzelli:

> Exauridos economicamente, desprestigiados politicamente, os homens da estremadura tratariam de estabelecer e reforçar relações através da fronteira com o Estado Oriental. Para tanto, os principais 'senhores da guerra' do Rio Grande estiveram atentos aos conflitos entre as lideranças e facções no país vizinho[184].

Coerente com sua posição intransigente na defesa da monarquia e do Estado unitário e à integridade territorial do Império, os conservadores rio-grandenses viam com suspeita as vinculações entre parte dos líderes liberais farroupilhas com próceres orientais, fato que se agravava na medida em que essas ligações eram usadas como arma política por um grupo contra outro. Em janeiro de 1835, por exemplo, nove meses antes do início da fase armada da Farroupilha e quando a Assembleia Legislativa provincial ainda não estava instalada, o presidente Fernandes Braga denunciava o plano dos liberais

---

[181] MACHADO, Carlos. *Historia de los orientales, Tomo I*. Montevidéu: Ediciones de la Banda Oriental, 1997, p.122-126.

[182] AVILA, Arthur Lima de. Caudilhos e fronteiriços: a Revolução Farroupilha e seus vínculos rio-platenses. In: *Releituras da História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, 2011, p.181-202.

[183] LEITMAN, Spencer. *Raízes socioeconômicas da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

[184] GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. *O horizonte da província: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata*. Porto Alegre: Linus Editores, 2013, p.55.

de '*separar esta província do resto do Brasil, constituindo república semelhante à do Estado do Uruguai, com a qual pretendem federar, caso Lavalleja consiga derribar o Governo Legal'*[185].

Assim, o Estado Oriental aparecia no âmbito do tabuleiro político rio-grandense como um importante ator, cujos interesses e conjuntura nacional não poderiam ser ignorados pelas elites provinciais. Era um contraste com o debate regencial que se travava em outras províncias, para cujas elites os acontecimentos políticos e econômicos do Rio da Prata ocupavam um lugar secundário. E os liberais rio-grandenses, que tinham na região da fronteira sua principal base territorial, tendiam a ser ainda mais sensíveis às questões orientais devido à maior permeabilidade política e econômica que a realidade fronteiriça proporcionava.

Nessa perspectiva, o Uruguai, que não só rompera por completo com o centralismo imperial como se constituíra em Estado independente havia apenas sete anos antes do início da sublevação farroupilha, aparecia como um possível exemplo a ser seguido pelos elementos mais radicais dos liberais rio-grandenses[186]. Afinal, suas reivindicações por mais autonomia e direitos provinciais e a percepção do poder central como fonte de tirania faziam dos conservadores brasileiros seus principais adversários a serem superados, não os orientais[187].

Mas em que consistia o liberalismo encampado pelos farrapos? De um modo geral, a historiografia brasileira tende a confirmar o caráter liberal do movimento farroupilha, incluindo desde os 'clássicos' Alfredo Varela[188], Souza Docca[189] e Dante de Laytano[190], passando por Walter Spalding[191] e Moacyr Flores[192] e englobando trabalhos mais recentes de Sandra Jatahy Pesavento[193], Maria Medianeira Padoin[194] e Helga

---

[185] Ibid., p.68.
[186] Ibid.
[187] ÁVILA, 2011.
[188] *História da grande revolução: o cyclo farroupilha no Brasi*l, 6 volumes. Porto Alegre: Livrava do Globo, 1933.
[189] *O sentido brasileiro da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Editora Globo, 1935.
[190] *História da República Rio-Grandense (1835-1845),* Porto Alegre: Editora Globo, 1936.
[191] *História da Revolução Farroupilha*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980 (1ª ed. 1939).
[192] *Modelo político dos farrapos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996 (1ª ed. 1978).
[193] Farrapos, liberalismo e ideologia. In: DACANAL, José Hildebrando (Org.). *A Revolução Farroupilha: história e interpretação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
[194] *Federalismo gaúcho, fronteira platina, direito e revolução*. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 2001.

Piccolo[195], ainda que haja muitas diferenças na forma como esse liberalismo é conceituado e interpretado.

Embora *farroupilha* fosse um termo que englobasse os assim chamados liberais exaltados em nível nacional após a queda de D. Pedro I, foi no Rio Grande do Sul que o movimento farroupilha encontrou sua maior expressão e força política. Fundado pelo militar Luís José dos Reis Alpoim em Porto Alegre, no ano de 1832, o Partido Farroupilha, que já existia no Rio de Janeiro e em São Paulo[196], trazia entre seus objetivos programáticos a instituição da federação e a proclamação da república[197], formando, assim, uma espécie de facção radical no âmbito do heterogêneo campo liberal da província que gradualmente se imporia às demais correntes.

Moacyr Flores associa os farroupilhas aos jacobinos da Revolução Francesa, apontando para uma espécie de correspondência entre os dois grupos no que diz respeito ao radicalismo de suas posições políticas em relação às demais em disputa, mencionando, inclusive, passagem de um jornal[198] de Porto Alegre que se referia aos dois como sinônimos e criticava o fato de que '*já houve um tempo em que os farroupilhas governaram a França, com prestígios de renunciar às riquezas e a proscrição de todos os talentos que não tomassem a divisa dos farrapos da ferocidade e da bruteza*'[199].

No tocante ao conteúdo ideológico, todavia, Flores distancia uns dos outros, posicionando os farrapos no campo liberal e o liberalismo farroupilha como tributário do liberalismo inglês, do qual teriam retirado a ideia de direito à rebelião formulada por John Locke[200]; os jacobinos franceses, como se sabe, possuíam tendências democráticas, algo extremamente radical para o início do século XIX. De fato, em manifesto de 1835, publicado poucos dias após a deflagração do movimento armado, Bento Gonçalves faz referência à derrubada do governo provincial como '*consequência inevitável de uma má e odiosa administração'* e da necessidade de '*restaurar o Império da lei, afastando de*

---

[195] O discurso político na Revolução Farroupilha. In: *Revista de História do IFCH/UFRGS*. Porto Alegre, UFRGS, 1987.
[196] FLORES, Moacyr, *República Rio-Grandense: realidade e utopia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.326-328.
[197] FLORES, Ibid., p.328.
[198] Sentinela da Liberdade (na Guarita ao Norte da Barra do Rio Grande de São Pedro), editado entre 1830 e 1837.
[199] FLORES, 1996, p.31.
[200] Ibid., p.32-34.

nós um administrador inepto e faccioso', uma vez que o governo de Fernandes Braga teria rompido a confiança do povo[201].

Mesmo após o início da fase armada contra o governo provincial em 20 de setembro de 1835, *farroupilha* continuou sendo um termo para se referir apenas aos radicais do movimento, não englobando os liberais mais moderados que dele participavam. Com a escalada da sedição para uma rebelião separatista, que desembocou na proclamação da República Rio-Grandense, parte dos moderados abandonou a causa por discordar dos rumos que ela tomava, provocando uma cisão no interior do movimento farroupilha[202].

É a partir desse momento que os rebeldes passam a ser progressivamente chamados de farroupilhas de um modo geral, independentemente das divisões anteriores entre liberais moderados e exaltados, a começar pelo próprio Bento Gonçalves[203], que não era separatista – uma das principais clivagens para identificar um exaltado naquele momento histórico –, mas permaneceu à frente do movimento até 1844. Retornando à analogia dos jacobinos, se os farroupilhas correspondiam a estes no tocante ao radicalismo de suas propostas, os liberais moderados se aproximavam dos girondinos; mas, ao contrário do que ocorreu na França, os 'girondinos' e os 'jacobinos' rio-grandenses acabaram convergindo para um objetivo comum e sendo englobados sob a mesma ampla égide da Farroupilha.

De certo modo, porém, pode-se dizer que o liberalismo farroupilha, assim como as correntes liberais que circulavam no Brasil à época, encontrava seus próprios limites em uma realidade social marcada pela vigência do regime escravista. Essa noção é reforçada quando se considera que muitos farrapos eram proprietários de escravos, sobretudo os estancieiros, ainda que um projeto de abolição da escravatura fosse apresentado na Constituinte farroupilha realizada entre o fim de 1842 e o início de 1843[204]. No contexto rio-grandense, bem como no brasileiro em geral, o liberalismo não representava a mesma força transformadora que havia demonstrado no âmbito europeu a partir do final do século XVII. Enquanto na Europa o liberalismo, em suas vertentes econômica e política, servia como referência ideológica e justificativa teórico-moral para

---

[201] Manifesto de Bento Gonçalves da Silva, em 25 de setembro de 1835. In: AMARAL, Roberto. BONAVIDES, Paulo. *Textos políticos da história do Brasil*. Vol. I. Brasília: Senado Federal, 2002, p.66-73.
[202] SPALDING, 1980.
[203] FLORES, 2002, p.367.
[204] A proposição foi apresentada pelo constituinte e vice-presidente da República Rio-Grandense, Mariano de Mattos, sendo, contudo, derrotada.

a revolucionária burguesia que assumira a vanguarda do processo de *transição* do Estado Absolutista para o Estado Liberal, e, portanto, a substituição de uma classe dominante por outra, o liberalismo rio-grandense fornecia a justificativa para a *manutenção* da hegemonia política e econômica das classes dominantes da província[205]. Nas palavras de Vogt:

> Fato é que a Revolução Farroupilha não provocou transformações na estrutura econômica e social existentes desde o período colonial. Os farrapos nunca aboliram a escravidão na República constituída. A República instaurada possuía uma semelhança muito grande ao que tinha sido adotado pelo Império do Brasil e era uma extensão do antigo regime português. [...] Ainda que tributários do pensamento iluminista e dos ventos liberais que em 1789 aprovaram, na França, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, a maior parte dos farroupilhas era escravocrata. [...] Entre o artigo primeiro da declaração e o artigo 172, falava mais forte este último que dizia respeito ao direito de propriedade, sendo mais uma demonstração que o liberalismo se adaptou a diferentes contextos históricos[206].

Por outro lado, no tocante às relações entre a província rio-grandense e o Império, ou, entre periferia e centro, uma dinâmica mais próxima à do liberalismo clássico europeu pode ser observada. Uma das principais questões colocadas pelo liberalismo na Europa, começando na Inglaterra[207], que foi a dos limites do poder do Estado perante o indivíduo, encontra algum paralelo com as reivindicações dos liberais rio-grandenses contra o Estado Imperial. Se John Locke formulou uma sofisticada teoria política que questionava a extensão dos poderes do Estado Absolutista ao mesmo tempo que advogava em defesa da limitação desses poderes – em parte, com o intuito de legitimar a ascensão da burguesia inglesa –, a reivindicação liberal rio-grandense pela redução dos poderes do Estado brasileiro – em vias de construção e com resquícios 'absolutistas' – e pela ampliação dos direitos da província reproduzia uma dinâmica semelhante. Em manifesto publicado em 1838, por exemplo, Bento Gonçalves expôs as razões que levaram o Rio Grande do Sul a se separar do Brasil, vinculando a maioria delas ao excessivo centralismo

---

[205] DORNELLES, Laura de Leão, Guerra Farroupilha: considerações acerca das tensões internas, reivindicações e ganhos reais do decênio revoltoso. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, Vol. 2, Número 4, dezembro de 2010, p.173-174.

[206] VOGT, Olgário Paulo. O liberalismo farroupilha e a escravidão na República Rio-Grandense. *REDES - Rev. Des. Regional*, Santa Cruz do Sul, v. 19, ed. especial, p. 153-168, 2014, p.166.

[207] Por meio do *Act of Union* de 1707, os reinos da Inglaterra e da Escócia foram abolidos, tendo esses dois Estados dado origem ao Reino da Grã-Bretanha, motivo pelo qual fala-se em Inglaterra até essa data e em Grã-Bretanha a partir de então.

político do Império que comprometia as liberdades, as finanças, a segurança e a honra da província[208].

O fato de os líderes da Revolução Farroupilha terem sido estancieiros-militares possuidores de vastas terras e rebanhos de gado e donos de verdadeiros exércitos particulares, muitos dos quais descendiam dos primeiros estancieiros que colonizaram a província, refletiu em parte tal realidade concreta em que o liberalismo com frequência adquiria significados diversos dos originais formulados no contexto europeu e adaptava-se, em um processo que Sandra Jatahy Pesavento chamou de '*metabolização do liberalismo*'[209], à realidade sociopolítica local. Mas se por um lado o liberalismo podia ser instrumentalizado pelos farrapos com a finalidade de defender os interesses das oligarquias regionais, por outro, essa interpretação também fornecia o arcabouço ideológico para ações reivindicatórias contra o poder central que pugnavam pela ampliação dos direitos da província e seu desenvolvimento econômico com base na visão da soberania local; e a descentralização política era condição essencial para o atingimento desses objetivos.

Isto é, em vez de fornecer uma justificativa para a limitação do próprio *poder estatal* frente ao indivíduo, como ocorria na Europa, o liberalismo no contexto regencial/rio-grandense oferecia um argumento racional para se pleitear a limitação do *poder central* – cuja associação à ideia de tirania era comum entre os exaltados do Período Regencial[210] – em relação ao poder periférico, no caso, o Rio Grande do Sul. Sobre esse aspecto, observa Sandra Jatahy Pesavento:

> A elite revolucionária gaúcha realizou um endosso seletivo das ideias liberais em voga na época na Europa e no Brasil, adaptando-as aos interesses e problemas locais. Tal processo, evidentemente, implicava uma metabolização, pela elite social, daquelas ideias que, surgidas no contexto europeu, representavam uma justificativa racional para o poder burguês, que se expandia na nova ordem capitalista e uma arma de combate contra os resquícios do antigo regime [...] De Locke, foi recolhido o princípio de legitimidade para o enfrentamento de um poder que ameaçava a propriedade e a soberania dos rio-grandenses. Entenda-se, no caso, o conceito de soberania como capacidade de livre determinação e interiorização dos mecanismos de decisão na província [...]. Nesta medida, justificava-se a rebelião contra um poder arbitrário que restringia uma liberdade original, no caso, aquela gozada pelos potentados

[208] *Manifesto do Presidente da República Rio-Grandense em Nome de seus Constituintes,* em 29 de agosto de 1838. In: SPALDING, Walter. *A epopeia farroupilha: pequena história da grande revolução*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1963, p.332-345.
[209] PESAVENTO, 1985.
[210] SPALDING, 1980.

> locais antes da instalação da política centralizadora e unitária emanada da Corte[211].

Percorridos esses pontos, pode-se dizer que os líderes farrapos eram, em sua maioria, liberais e federalistas, em maior ou menor grau, sendo possível dividi-los, de acordo com Padoin, que aponta para uma cisão fundamental entre as facções farroupilhas de acordo com suas reivindicações políticas, entre os campos majoritário e minoritário - tal cisão ganharia força sobretudo durante os trabalhos da Constituinte de 1842-43. Segundo a autora, o primeiro tinha como ponto unificador a defesa de um federalismo que se aproximava mais da ideia de confederação, com forte viés republicano que preconizava a organização do Rio Grande do Sul enquanto República soberana confederada a outras ‘províncias-regiões’ igualmente soberanas, alinhando-se ao conceito desenvolvido por José Carlos Chiaramonte[212]. Por sua vez, o bloco minoritário, relativamente mais conservador, buscava a implementação de um modelo federativo como parte integrante do Império do Brasil[213], ligando-se, assim, à ideia de monarquia federativa defendida por parte dos monarquistas constitucionais de 1822-23.

Naturalmente, tal divisão não implica dizer que os dois grupos possuíam, internamente, um alto grau de coesão que permitisse homogeneizá-los por completo, como se todos os integrantes de uma ala tivessem as mesmas ideias e aspirações políticas entre si. Mesmo no tocante ao que se pode considerar o objetivo político maior do movimento, a questão das liberdades provinciais/modelo de Estado, a federação com as províncias brasileiras, a confederação com o Uruguai, a república unitária ou outros arranjos, não se pode falar nesses objetivos como se estáticos e imutáveis fossem, como se um determinado líder farroupilha que defendesse certos arranjos no início da sublevação não pudesse mudar de posição ao longo do conflito – o que, de fato, verificou-se. Estancieiros e militares que eram, a maioria dos líderes farroupilhas não agia concretamente no mundo material tendo como referência constante princípios doutrinários retirados do mundo das ideias, o que significa dizer que a própria ideologia farroupilha – ou, ideologias farroupilhas – era fortemente moldada pelas circunstâncias e vicissitudes da guerra e se retroalimentava nas disputas e eventos políticos ocorridos no Império e no Rio da Prata.

---

[211] PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008, p.22.
[212] PADOIN, 2001. CHIARAMONTE, José Carlos. *Nación y Estado em Iberoamérica: el lenguaje político en tiempos de las independencias*. Buenos Aires: Sudamericana, 2004.
[213] PADOIN, Maria Medianeira. *Federalismo gaúcho, fronteira platina, direito e revolução*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p.131-132.

Essa realidade talvez ajude a explicar por que, apesar de a Farroupilha ser tema amplamente pesquisado, ainda haja certa divergência entre os historiadores sobre as ideologias e os objetivos políticos de seus próceres. Ao contrário de Maria Medianeira Padoin, autores como Walter Spalding[214] e Moacyr Flores[215], que se alinham à tradição da 'brasilidade do movimento'[216], minimizam o caráter orgânico do republicanismo farroupilha, interpretando-o mais como produto das circunstâncias políticas e contingências da guerra do que como fruto de uma ideologia propriamente dita. Isso não quer dizer que não houvesse figuras com inclinações ideológicas mais definidas no movimento farroupilha, como os liberais letrados dos núcleos urbanos da província, a exemplo de Domingos de Almeida, Ulhôa Cintra e Francisco de Sá Brito[217], os carbonários de Luigi Rossetti e os *mazzinianos* liderados por Giuseppe Garibaldi, mas sim que não é simples apontar inequivocamente as filiações ideológicas da maioria de seus líderes pelas razões mencionadas.

Portanto, paralelo aos alinhamentos ideológicos e às convicções políticas dos farrapos, é certo que o movimento farroupilha também foi conduzido por considerável grau de pragmatismo diante das dificuldades advindas das circunstâncias da guerra tanto do Brasil quanto do Rio da Prata. Essa tendência se reforçava no próprio fato de as classes dirigentes farroupilhas serem compostas majoritariamente por estancieiros-militares, tendo seus setores intelectuais desempenhado um papel relativamente mais discreto na condução do movimento, embora longe de ignorável.

---

[214] 1963.

[215] 1996.

[216] Inaugurada por Aurélio Porto, em 1933, essa tradição interpreta a Farroupilha como movimento essencialmente brasileiro e federalista, afastando o componente republicano e a influência platina, bem como outras influências estrangeiras. A centralização política patrocinada pelo Governo Provisório encabeçado por Getúlio Vargas, oriundo do Rio Grande do Sul e que agora, no comando do país, buscava implementar uma política de centralização nacional, concorria para a formação de um ambiente doméstico em que reforçar a brasilidade do movimento farrapo não só era desejável, mas necessário. Seguida em sua maior parte por historiadores ligados ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, essa tradição também contou com os trabalhos de Souza Doca (1935) e de Dante de Laytano (1936), entre outros que a eles se seguiram.

[217] Liberal convicto e um dos poucos rio-grandenses com estudos em Coimbra – a formação foi concluída na Faculdade de Direito de São Paulo –, Sá de Brito esteve entre os moderados que abandonaram o movimento farroupilha após sua escalada separatista, em setembro de 1836. Voltou, no entanto, a colaborar com os rebeldes, inclusive participando dos trabalhos da Assembleia Constituinte farroupilha de 1842-43, tendo sido um dos membros da comissão que elaborou o Anteprojeto da Constituição.

3.2. O espaço fronteiriço Rio Grande do Sul-Uruguai e as vinculações entre farrapos e orientais

O grau de influência que a Revolução de Maio e seus desdobramentos uruguaios tiveram sobre o movimento farroupilha constitui objeto ligado ao antigo debate historiográfico acerca da 'brasilidade' ou 'platinidade' dos farrapos, conforme se expôs na Introdução. Independentemente de discussões dessa natureza, que não constituem objeto desta pesquisa, o que se pode dizer com certeza é que, dada a formação histórica e a proximidade geográfica do Rio Grande do Sul ao Prata, as questões rio-platenses permearam a política rio-grandense muito mais do que qualquer outra arena política provincial brasileira ou mesmo a nacional. No plano das relações individuais, líderes do movimento farroupilha mantiveram relações pessoais e se vincularam politicamente aos principais caudilhos[218] orientais da época, isto é, a Juan Antonio Lavalleja, Fructuoso Rivera e Manuel Oribe, personagens centrais do processo de independência do Uruguai e de construção do Estado Nacional oriental, além de manterem diversos graus de relacionamento com forças políticas de Buenos Aires, Corrientes e Entre Rios[219].

Em agosto de 1810, ainda nos estágios iniciais do processo revolucionário rio-platense desencadeado pela Revolução de Maio, o membro da *Primera Junta* Mariano Moreno apresentou um plano de ação que incluía '*la conquista de la campaña del Río Grande del Sud, por medio de la insurrección, y los intereses que sacrificaremos bajo el aspecto de proteger la independencia, y los derechos de su libertad'*, e continuava:

> [...]. Estando todo el Río Grande en el estado de revolución según y conforme llevo expresado, e internadas en sus pueblos nuestras tropas [...] Suponiendo que todos los pueblos se hayan ya declarado por libres e independientes, bajo la garantía de nuestras tropas bajo las circunstancias expresadas de hallarse guarneciendo una parte de nuestras tropas los más interesantes destinos [...]. Debe de proponerse este mismo convenio a las familias pobres de la Banda Oriental de Montevideo y Capital de Buenos Aires, que quieran ir a poblar a los territorios del Río Grande, para de esta manera introducir en dichos destinos el idioma castellano. En los dichos destinos del Río Grande deben abolirse ya, en este caso, las escuelas y otras clases de estudios, en los niños de cinco años

---

[218] Uma das definições do caudilhismo pode ser encontrada em BOBBIO, segundo o qual esse fenômeno '*é caracterizado pela divisão do poder entre chefes de tendência local [...] geralmente de origem militar, oriundos, em sua grande maioria, da desmobilização dos exércitos que combateram nas guerras de independência, de 1810 em diante [...]. Valiam-se do seu magnetismo pessoal na condução das tropas, que haviam recrutada geralmente nas áreas rurais e mantinham como reses requisitadas, em ações guerreiras, seja contra o ainda mal consolidado poder central, seja contra seus iguais, com o apoio dos senhores locais'*. BOBBIO, Norberto. MATEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco (Org.). *Dicionário de política.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, vol. 1, 2008, p.156.

[219] CISNEROS, Andrés. ESCUDÉ, Carlos (Org.) *Historia de las relaciones exteriores argentinas, Tomo IV*. Buenos Aires: CARI, 1998.

> para arriba, en el idioma portugués, remitiéndose maestros que enseñen en castellano y lo mismo sacerdotes para los mismos fines[220].

O plano revela um Rio Grande do Sul, visto desde a perspectiva do principal intelectual da Junta, como um espaço político-territorial inserido na esfera rio-platense e passível de ser anexado pelos revolucionários bonaerenses, o que não ocorria relativamente a outras unidades da América portuguesa, que eram tratadas de forma diversa. Em certa medida, Moreno buscava dispensar ao Rio Grande um tratamento similar àquele conferido a outras províncias do Rio da Prata às quais Buenos Aires enviou tropas para ligá-las à revolução (ainda que coercitivamente) e integrá-las politicamente sob a liderança portenha, como aconteceu com as demais unidades que compunham o Vice-Reino do Rio da Prata, com sucessos[221] e fracassos[222].

Em 1816, uma das várias razões que motivaram a intervenção luso-brasileira na Banda Oriental teria sido '*el temor y la propagación del 'sistema' artiguista, que ganaba adherentes al sur del Brasil, vinculado a la Banda Oriental y ganado por el separatismo ante las pretensiones centralistas de la capital*'[223]. Já em 1843, o ministro farroupilha Domingos José de Almeida manifestava, por meio de O Povo, jornal oficial da República, que o movimento farroupilha era o '*desenvolvimento mais recente do movimento de Maio'* e que se filiava aos trabalhos começados por Mariano Moreno e ultimados por Bolívar[224]. Em 1834, Ana Monteroso, esposa de Juan Lavalleja, atuava em Porto Alegre supostamente na condição de espiã de Rosas, tendo Walter Spalding assinalado, porém, que:

> Entretanto, parece que, na realidade ela viera para sondar o ambiente no sentido da formação do famoso quadrilátero sonhado por Artigas, Rivera e Lavalleja: o Estado livre composto com os territórios do Rio Grande do Sul, Corrientes, Entre Rios (Argentina e Uruguai)[225].

Mais que estabelecer se a Farroupilha fez parte do ciclo revolucionário brasileiro ou platino, parece-nos mais relevante, aqui, o fato de que o Rio Grande do Sul, politicamente ligado ao Brasil e geograficamente inserido no Prata, formou um espaço

---

[220] MORENO, Mariano. Plan revolucionario de operaciones, 1810. In: PIÑERO, Roberto. *Mariano Moreno: escritos políticos y económicos*. Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1915.
[221] Casos de Córdoba e Tucumán, por exemplo.
[222] Além da própria Banda Oriental, os territórios que formariam Bolívia e Paraguai não reconheceram a autoridade de Buenos Aires e permaneceram fora da configuração político-territorial que deu origem à Argentina.
[223] MACHADO, 1997, p.98.
[224] GUAZZELLI, 2013, p.221.
[225] SPALDING, 1963, p.261.

tipicamente fronteiriço em que questões oriundas dos dois 'subsistemas' se entrelaçavam no âmbito de uma mesma área político-territorial.

Conforme exposto no primeiro capítulo, o processo de formação político-territorial do Rio Grande do Sul e do Uruguai em uma mesma região geográfica, a Banda Oriental, engendrara um espaço político-social fronteiriço comum que condicionava as relações entre as populações nesses dois territórios a despeito de suas subordinações legais a Coroas distintas e rivais. Com a consumação de fato e de direito das respectivas independências das colônias ibero-americanas, o Rio Grande firmava-se política, territorial e juridicamente como província do Império do Brasil, enquanto a antiga Província Oriental, após o período cisplatino, configurava-se como Estado soberano e independente, ainda que precariamente, dadas as disposições da Convenção Preliminar de Paz que comprometiam seriamente tal soberania, o que será discutido no subcapítulo seguinte.

Em que pese essas importantes mudanças políticas, o espaço fronteiriço Rio Grande do Sul-Uruguai continuou a proporcionar uma realidade social e relações locais com as quais rio-grandenses e orientais haviam se acostumado, muitas vezes se sobrepondo à dinâmica das relações internacionais entre suas respectivas entidades políticas superiores[226], no caso, superado o domínio luso-espanhol, os governos do Império do Brasil e do Estado Oriental. Helen Osório observa que, por exemplo, em 1814, mais de 10% dos créditos a serem recebidos pelos comerciantes de Jaguarão eram devidos por pessoas chamadas de 'castelhano', 'espanhol' ou outros termos correlatos[227]. O mesmo ocorria do 'lado espanhol' da fronteira, onde documentos como testamentos comprovam a '*fluidez das relações entre os moradores da fronteira*'[228].

Os próprios comandantes da fronteira e nomes de destaque no movimento farroupilha, Bento Gonçalves e Bento Manoel Ribeiro, eram compadres dos mais importantes caudilhos da Banda Oriental pós-Artigas, Juan Antonio Lavalleja e Fructuoso Rivera, respectivamente[229], ao passo que o primeiro era casado com a 'castelhana'

---

[226] PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma certa Revolução Farroupilha. In: GRINBERG, Keila. Salles, Ricardo (Org.). *O Brasil Imperial, Volume II – 1831-1870*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
[227] OSÓRIO, Helen. A revolução artiguista e o Rio Grande do Sul: alguns entrelaçamentos. In: *Cadernos do CHDD*. Ano 6. Número Especial, 2007, p.14
[228] Ibid.
[229] FLORES, 2002, p.101-103.

Caetana Garcia, com quem teve sete filhos[230]. Sobre os entrelaçamentos sociais existentes nesse espaço fronteiriço, Alicia Vidaurreta argumenta que

> Esa frontera de gran movilidad conformó también un contexto étnico diferenciado. Una gran hibridación social determinó que los riograndenses, geográfica y culturalmente, se identificaran más con los países de la cuenca platense que con el Imperio. Tradiciones, costumbres y vocabulario otorgaron a Río Grande del sur un carácter regional típico de áreas de frontera. Ello contribuye a explicar también que sus jefes políticos se identificaran en forma natural con los caudillos uruguayos participando en sus movimientos revolucionarios mediante el auxilio armado, el de ganado y ofreciendo aquel territorio como seguro refugio a los vecinos. […] En la realidad, la frontera era un límite ficticio, un espacio abierto sin trabas ni obstáculos […][231].

Geograficamente mais próximos entre si do que de seus respectivos governos centrais, e compartilhando um espaço comum no qual a fronteira não existia na prática, as populações fronteiriças da estremadura rio-grandense-oriental tendiam a privilegiar seus próprios interesses privados no âmbito dessa realidade concreta em detrimento dos interesses de Estado defendidos desde o Rio de Janeiro e de Montevidéu. Sobre esse espaço comum que extrapolava as fronteiras internacionais[232], diz Pandiá Calógeras:

> Dos longamente protraídos tumultos em ambas as margens do Rio da Prata, e da semelhança de meios, de modos de viver, de costumes e de pontos de vista na região inteira, formara-se nas populações sulinas uma comunhão de mentalidade. Suas feições dominantes constavam de autonomia, de liberdade de movimentos e de hábitos [...]. Durante a campanha da Cisplatina, entre rio-grandenses e uruguaios existia muita simpatia, muita correspondência de ideias. Os primeiros eram leais ao Brasil, mas este sentimento afetuoso estendia-se aos vizinhos que pelejavam para conquistar sua independência. Após o tratado de 1828, tais laços, velhos e novos, continuaram a existir. [...] nenhum estudo válido da bacia do Rio da Prata se pode aceitar, do ponto de vista histórico, que não leve em conta o fato de que, por aqueles tempos, a região constituía um todo, uma unidade político-geográfica, na qual os limites convencionados não isolavam realmente as populações. Em ambos os países, os homens tinham amigos e inimigos, aliados e adversários, e sua influência não se continha dentro de lindes legais, e ultrapassava as fronteiras[233].

---

[230] Ibid.

[231] VIDAURRETA, Alicia. Los farrapos y el Río de la Plata. *Jahbuch für Geschichte Lateinamerikas*/*Anuario de Historia de America Latina* (tradução), p.417-454, 1987, p.417-418.

[232] Esclareça-se que a fronteira entre o Império e o Uruguai foram formalmente delimitadas apenas em 1851, mas, com o independência do Estado Oriental em 1828, podia-se falar em fronteiras *de facto* entre esses dois países mesmo que estas ainda não fossem oficialmente reconhecidas, uma vez a própria emancipação política da Cisplatina levara ao restabelecimento de fronteiras internacionais entre o extremo sul brasileiro e aquela província que se tornava um Estado soberano, mesmo que a Convenção Preliminar de Paz houvesse deixado as questões lindeiras em aberto. Daí que a histórica imprecisão da fronteira do extremo sul brasileiro continuaria existindo durante todo o ciclo farroupilha no Rio Grande do Sul.

[233] CALÓGERAS, Pandiá. *Formação histórica do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1966, p.140.

Adicionalmente, analisando o processo histórico de fixação dos limites na Banda Oriental entre o que viria a constituir o Rio Grande do Sul e o Uruguai, conclui Ana Reckziegel:

> No decorrer do processo de ocupação desses territórios, houve uma séria imbricação de interesses econômicos, familiares e culturais, o que tornava problemática, muitas vezes, a separação da condição oriental da sul-rio-grandense, e vice-versa. Para essa zona, a noção de limite foi um tanto fluída, mesclando-se interesses de indivíduos ou grupos de nacionalidade diversa que muitas vezes se uniram em torno de causas estranhas à sua origem estatal propriamente dita[234].

Do lado rio-grandense, tal peculiaridade se respaldava no alto grau de autonomia e militarização das elites estancieiras do centro-sul da província, que com frequência não só agiam à revelia do governo imperial, mas também de seus prepostos provinciais instalados em Porto Alegre, dada a debilidade do poder central que o impedia de impor sua vontade a esses grupos[235]. Já no Uruguai, a desorganização da economia e a inexistência de um aparato estatal efetivo concorriam para limitar o poder extroverso do incipiente Estado uruguaio sediado em Montevidéu sobre o interior, principalmente ao norte do rio Negro, onde era possível agir militar e politicamente com considerável autonomia em relação ao governo constitucional[236].

Assim, ainda que a província do Rio Grande formasse parte integral do Império, os estancieiros-militares da campanha mantinham uma margem de ação relativamente ampla em relação ao poder central, comandando seus próprios pequenos exércitos particulares e se relacionando diretamente com o Estado Oriental com base em seus interesses privados e sem o intermédio dos governos provincial e imperial[237]. Tratava-se, por assim dizer, de uma espécie de 'diplomacia paralela' por meio da qual os líderes do movimento farroupilha externavam seus interesses e formulavam sua própria 'política externa' para o Estado vizinho, tanto em relação ao poder constituído representado pelo governo constitucional em Montevidéu como no tocante ao poder privado dos caudilhos orientais do interior.

---

[234] RECKZIEGEL, Ana. Fronteiras fluídas: Rio Grande do Sul e a Banda Oriental no processo de fixação de limites. *História: Debates e Tendências*, vol. 15, n. 2, jul/dez, 2015, p.438-439.

[235] RECKZIEGEL, Ana. *A diplomacia marginal: vinculações políticas entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai (1893-1904)*. Passo Fundo: UPF Editora, 2015, p.79-80.

[236] À época da independência do Uruguai, o nascente país tinha uma população de cerca de 70 mil habitantes, dos quais apenas sete mil ao norte do rio Negro, ao passo que a população rio-grandense chegava a 180 mil, sendo que três quartos das terras públicas pertenciam a brasileiros, apesar de estarem formalmente localizadas dentro do território do novo Estado que se constituía juridicamente. SOUZA, Susana Bleil, apud RECKZIEGEL, 2015, Ibid., p.77.

[237] GUAZZELLI, 2013.

Portanto, se por um lado esses estancieiros, classe dirigente do movimento farroupilha, tinham dificuldade em influir diretamente no governo regencial por meio de canais institucionais[238], dado o centralismo político que se impunha pela Carta de 1824 e nela se legitimava, por outro, sua capacidade de agência em relação ao Estado Oriental era mais ampla e se viabilizava mediante a ação política extraoficial. Em outras palavras, as elites farroupilhas da fronteira tinham mais condições e recursos à sua disposição para intervir na política nacional oriental do que na do próprio Império do Brasil do qual formalmente faziam parte, o que não se resolveu com o Ato Adicional de 1834, uma vez que os presidentes provinciais continuaram sendo indicados pelo Rio de Janeiro e tinham o poder de veto sobre as decisões do nascente Poder Legislativo das províncias[239], reduzindo, assim, os efeitos da descentralização política.

Esse era o caso do principal chefe político e militar do movimento farroupilha, Bento Gonçalves da Silva, que, valendo-se do poder que exercia no espaço fronteiriço Rio Grande-Uruguai, onde atuava como um genuíno 'senhor da fronteira', imiscuiu-se em assuntos orientais ainda durante o período do Governo Provisório (1828-1830) do Estado Oriental. Na verdade, as origens de tal padrão de ingerência datavam de muito antes, uma vez que Gonçalves mantinha interesses em terras orientais desde a intervenção luso-brasileira de 1811, quando, a serviço do governador do Rio Grande do Sul, D. Diogo de Souza, providenciou auxílio logístico às tropas invasoras desde Cerro Largo[240], onde já vivia anteriormente. Envolvendo-se estreitamente nas questões da Banda Oriental durante o período de turbulência aberto com a Revolução de Maio, o caudilho rio-grandense teve ampla atuação no decurso do movimento artiguista, período em que as elites estancieiras rio-grandenses começaram a se envolver mais ativamente nas disputas platinas[241].

---

[238] Por força do Decreto Imperial de 26 de março de 1824, que fixou o número de deputados gerais e senadores na Assembleia Geral e vigeu até 1847, a bancada do Rio Grande do Sul possuía apenas três deputados e um senador em um total de 102 e 52 parlamentares, respectivamente. A título de comparação, a província do Rio de Janeiro elegia 8 deputados, São Paulo, 9, Bahia, 13, e Minas Gerais, 20. À Cisplatina, ainda vinculada ao Império quando da edição do referido Decreto, caberia ser representada por 2 deputados gerais. *Coleção das Leis do Império do Brasil*, 1824, Parte 2ª, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886.

[239] Lei nº 16, de 12 de agosto de 1834. 'Faz algumas alterações e adições à Constituição Política do Império, nos termos da Lei de 12 de outubro de 1832'. In NOGUEIRA, Octaciano. *Constituições brasileiras, Vol. 1 – 1824*. Brasília: Senado Federal, 1999, p.107-114.

[240] BENTO, Cláudio. *O Exército Farrapo e seus chefe*s. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992, p.72-73.

[241] Ibid.

Segundo Cesar Augusto Guazzelli, *quando iniciou o movimento de Artigas, Bento aderiu a ele num primeiro momento*[242], abandonando os artiguistas posteriormente, *talvez em razão do sucesso das armas luso-brasileiras*, e se incorporando às milícias rio-grandenses. Nessa esteira, Gonçalves participou de diversas batalhas contra as forças artiguistas, ampliando seu contato com as ideias políticas que circulavam no Prata, em particular, as propostas federalistas defendidas pelo *Jefe de los orientales*[243]. Coerente com as aspirações autonomistas das elites fronteiriças do Rio Grande do Sul, o federalismo, que comporia o quadro de reivindicações farroupilhas duas décadas mais tarde, conforme já exposto, entraria para o leque de alternativas políticas de parte dessas elites rio-grandenses durante esse conturbado período marcado pelo ápice de um movimento emancipacionista preconizado pelas forças mais radicais da Revolução de Maio.

Após a derrota definitiva e o exílio de Artigas, Bento Gonçalves participou da incorporação da Província Oriental pelo Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, aumentando seu círculo de relações pessoais e políticas na Cisplatina, em especial com Juan Antonio Lavalleja. Os dois ficariam em lados opostos durante a Guerra da Cisplatina, quando Bento combateu os patriotas orientais na condição de tenente-coronel das milícias rio-grandenses e Lavalleja atuou como principal líder do movimento pela secessão da Cisplatina do Império, tendo os dois se reaproximado após o fim do conflito e a criação jurídica do Estado Oriental independente[244].

Mas se essas ingerências de Bento Gonçalves nas questões orientais se deram como parte e no âmbito da ação oficial do Estado, seja o português (primeira intervenção), o luso-brasileiro (Guerra contra Artigas) ou o imperial (Guerra da Cisplatina), a interferência do caudilho rio-grandense no Uruguai pós-Independência realizava-se principalmente na esfera privada, compatível com a visão que os estancieiros da campanha tinham sobre os assuntos do espaço fronteiriço[245] que abrangia o sul da província e o norte do Estado Oriental.

A trajetória da maioria dos generais farroupilhas seguiu padrões similares à de Bento Gonçalves no tocante à Banda Oriental, onde Bento Manuel Ribeiro, Antônio de Souza Netto e Davi Canabarro também iniciaram suas carreiras militares no contexto da

[242] GUAZZELLI, 2013, p.59.
[243] Ibid.
[244] SPALDING, 1963.
[245] GUAZZELLI, 2013.

primeira intervenção luso-brasileira, passando pela atuação nas campanhas contra Artigas e, mais tarde, da Guerra da Cisplatina[246]. Assim, dos seis generais[247] que a República Rio-Grandense chegou a ter, cinco iniciaram sua trajetória militar durante a primeira intervenção luso-brasileira na Banda Oriental após a deflagração da Revolução de Maio, e atuaram nas demais campanhas platinas até a conclusão do processo de independência do Uruguai, ao final de 1828, ampliando seus laços pessoais, políticos e econômicos naquela região.

O estabelecimento do Estado Oriental acarretou duras perdas econômicas para as elites estancieiras do Rio Grande do Sul, uma vez que a Cisplatina, com seus pastos mais férteis que os rio-grandenses, havia se tornado a principal fonte natural de gado selvagem para as atividades econômicas dessas elites, tendo sido retiradas, desde a ocupação de Montevidéu pelas tropas de Frederico Lecor, ou seja, de 1817 a 1828, até cerca de 14 milhões de reses[248]. Tal quantidade, de fato impressionante, fornece uma noção da dimensão dos prejuízos econômicos que o Rio Grande teve com a 'perda' da Cisplatina, ao mesmo tempo que, inversamente, demonstra que os interesses de natureza econômica dos estancieiros rio-grandenses se coadunavam com as pretensões geopolíticas do Império durante aquele período em que o território cisplatino esteve incorporado à comunhão brasileira.

A independência do Uruguai, consequentemente, implicou duas importantes e rápidas mudanças do ponto de vista das elites fronteiriças do Rio Grande em relação ao vizinho meridional, de caráter econômico e político, mas intimamente interligadas entre si: o fim da convergência de interesses com o Império e o surgimento do Estado Oriental como um *possível* interlocutor independente – ainda que precariamente, frise-se – no quadro geopolítico da bacia do Rio da Prata, respectivamente. Desse modo, ironicamente, a secessão da Cisplatina e a configuração do Uruguai independente ocasionaram um distanciamento entre as elites do centro-sul rio-grandense e as elites políticas dirigentes do Império concomitantemente a uma reaproximação daquelas às forças políticas

---

[246] BENTO, 1992.

[247] O único general farroupilha que não participou das intervenções luso-brasileiras na Banda Oriental dos anos 1810 foi João Manoel Lima e Silva, irmão do regente Francisco de Lima e Silva e tio do futuro barão de Caxias e mais jovem do que ele, cuja carreira militar teve início em 1822, no Rio de Janeiro. Ibid. p. 49.

[248] BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A expansão do Brasil e a formação dos Estados na Bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p.107.

uruguaias, ou pelo menos parte delas, uma vez que havia setores das elites políticas orientais que se vinculavam aos interesses imperiais[249].

Sob a ótica interna do Império, a independência uruguaia teve como um de seus efeitos o afastamento das elites estancieiras do Rio Grande das do centro, rompendo uma convergência de interesses que existia desde 1811, quando aquelas aderiram ao projeto expansionista bragantino com base em seus interesses privados voltados para os volumosos estoques de gado existentes nas pradarias orientais. Além das perdas econômicas, concorreu para esse distanciamento a atuação das forças imperiais durante a Guerra da Cisplatina, quando os comandantes rio-grandenses foram preteridos e subordinados a oficiais de outras províncias e de Portugal, como o Marquês de Barbacena e o próprio Frederico Lecor, respectivamente, que atuaram como chefes do Exército do Sul em períodos distintos ao longo do conflito. Havendo sido relegados a um segundo plano numa guerra travada parcialmente em solo rio-grandense, os estancieiros-militares do Rio Grande demonstraram forte descontentamento com a condução da campanha pelas autoridades imperiais e as culparam pelos subsequentes reveses militares e políticos, o que serviu como fator adicional na sua alienação relativamente ao projeto de Estado Imperial centralizado[250]

Entre a assinatura do Tratado do Rio de Janeiro e a posse do primeiro Presidente constitucional do Uruguai, em 1830, o Poder Executivo do novo país foi exercido pelo Governo Provisório encabeçado pelo portenho José Rondeau, último[251] *Director Supremo* das Províncias Unidas[252] e veterano da Revolução de Maio que havia comandado o sítio a Montevidéu contra os realistas espanhóis a serviço do vice-rei Francisco Elío. Eleito pela Assembleia Geral Constituinte e Legislativa do Estado Oriental ainda em 1828, Rondeau deixou o cargo após a promulgação da primeira Constituição do país, em abril de 1830, sucedendo-o imediata e interinamente Juan

---

[249] NAHUM, Benjamín. *Manual de Historia uruguaya: 1830-1903*. Montevidéu: Ediciones de la Banda Oriental, 1993, p.269.

[250] GUAZZELLI, 2013, p.31.

[251] Para ser mais preciso, Rondeau foi o último a ocupar o cargo em caráter *efetivo*, uma vez que, após sua queda, Juan Aguirre governou interinamente por onze dias, período após o qual renunciou diante da inviabilidade de manutenção do órgão.

[252] O cargo deixou de existir em 1820, como resultado da Batalha de Cepeda, que colocou um fim à primeira onda de guerras civis nas Províncias Unidas com a vitória dos federalistas de Corrientes, Entre Rios e Santa Fé, que integravam a Liga Federal, comandados pelos caudilhos Pedro Campbell, Estanislao López e Francisco Ramírez. Derrotados os unitários, as instituições nacionais foram dissolvidas, passando cada província a governar de forma autônoma, o que significou o fim do Diretório Supremo das Províncias Unidas do Rio da Prata, que (mal) servira como órgão máximo do Poder Executivo Nacional desde sua criação, em 1814, iniciando o que a historiografia argentina chama de *La Anarquía del Año XX*.

Antonio Lavalleja, que já fora governante da Cisplatina em plena guerra contra o Império. As primeiras eleições para a Presidência oriental, realizadas em agosto do mesmo ano, evidenciariam a acirrada disputa pelo poder entre as principais forças políticas uruguaias que marcariam todo o processo de construção do Estado Nacional daquele país.

Em linhas gerais, a política do Uruguai pós-independência estava dividida entre aqueles que estavam alinhados a Fructuoso Rivera e eram identificados com as forças políticas que haviam colaborado com o Império durante a intervenção contra os artiguistas e no processo de anexação da Província Oriental, e os elementos políticos ligados a Lavalleja que se aproximavam dos federalistas de Buenos Aires e que haviam composto o 'núcleo duro' dos patriotas de 1825 na *Cruzada Libertadora* contra o Brasil, inclusive com vultoso apoio financeiro das elites estancieiras bonaerenses, base social dos *federales* da província[253]. Essas facções constituíram o embrião dos dois partidos políticos históricos do Uruguai, o Colorado e o Nacional – ou, Blanco –, respectivamente, que surgiriam em julho de 1836 durante o confronto militar entre riveristas e lavallejistas na Batalha de Carpintería.

Figuras políticas dominantes em um Uruguai que começava a dar os primeiros passos enquanto país soberano, Rivera e Lavalleja disputaram a primeira eleição presidencial do país, realizada de forma indireta pelo Legislativo, da qual o primeiro saiu vencedor por 27 a 5 votos[254], tornando-se o primeiro presidente constitucional do Estado Oriental. Com a eleição, delineava-se institucionalmente a divisão das forças políticas do país, com um bloco governista ligado ao presidente Rivera e uma facção oposicionista aglutinada em torno de Lavalleja, que se firmava como principal chefe da oposição aos *abrasilerados* riveristas.

Os primeiros tinham como base social os setores médios urbanos dos principais povoados uruguaios – apesar de seu líder máximo ser um 'senhor da fronteira' – e inclinavam-se pelo livre-cambismo, aproximando-se do liberalismo econômico preconizado pela Grã-Bretanha e, de um modo geral, favoráveis a influências de potências estrangeiras[255]; os partidários de Lavalleja, por seu turno, tinham sua base de apoio no interior do país e estavam ligados aos estancieiros e *saladeros* orientais, constituindo, portanto, uma facção intimamente vinculada às elites agrárias que tendiam a ser

[253] BANDEIRA, 2012, p.109-110.
[254] NAHUM, Benjamín. *Manual de Historia del Uruguay, Tomo I, 1730-1903*. Montevidéu: Ediciones de la Banda Oriental, 2011, p.64.
[255] BETHELL, Leslie. *História da América Latina, Volume 3 – da Independência a 1870*. São Paulo: EDUSP, 2001, p.673-674.

antiliberais e mais hostis a influências externas, sendo possível identificar certos traços do que poderia ser considerada uma tendência 'protonacionalista' oriental[256].

Verdadeiro caudilho da fronteira e pouco afeito a questões administrativas e de governo, Rivera passou parte significativa de seu mandato percorrendo a campanha oriental, delegando a administração do Estado a seus aliados do antigo *Club del Barón*, grupo formado em torno do ex-governador da Cisplatina Frederico Lecor, o barão de Laguna, e composto por parte das elites montevideanas que haviam apoiado a ocupação da Província Oriental pelas tropas luso-brasileiras[257], como Lucas Obes, José Ellauri, Nicolás Herrera, Julián Álvarez e Juan Gelly. Os lavallejistas, por sua vez, compunham a minoria absoluta na recém-instalada Assembleia Geral, mas mantinham importante apoio das elites estancieiras do interior.

No plano externo, o Uruguai sob a Presidência de *Don Fructos* organizou a diplomacia oriental sobre uma base pró-Império, refletindo as estreitas, ainda que pragmáticas, relações construídas entre o caudilho e as autoridades imperiais durante o período de ocupação da Cisplatina[258]. Por outro lado, a antiga desconfiança de Rivera com relação a Buenos Aires, mais especificamente os *federales* provinciais, cuja base social eram os estancieiros bonaerenses, se manifestava na política externa uruguaia para aquela província. Inversamente, os partidários de Lavalleja mantinham ligações com esses federalistas portenhos, incluindo o governador da província, Juan Manuel de Rosas, de quem receberam apoio decisivo na campanha dos *treinta y tres orientales*, ao mesmo tempo que, no âmbito do Império, se vinculavam aos farrapos rio-grandenses, principais apoiadores nas articulações contra o governo de Rivera nos anos que se seguiram à independência oriental.

Visando tomar o poder constitucional do país pela via das armas, Lavalleja liderou uma sublevação contra Rivera no ano de 1832 desde a fronteira com o Rio Grande do Sul, na região do Jaguarão, cujo Comandante da Fronteira era o seu amigo Bento Gonçalves, que forneceu apoio material e logístico ao caudilho rebelde e às suas tropas[259].

---

[256] Ver HOBSBAWM, Eric. *Nations and nationalism since 1780: Programme, myth, reality*, Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

[257] DELFANTE, Carlos B. *Una flor blanca en el cardal*. Clube de Autores, 2009, p.65.

[258] Ressalte-se que a proximidade de Rivera ao Império era relativa e dizia respeito à sua posição em relação aos partidários de Lavalleja, claramente mais hostis ao Brasil. O caudilho colorado temia uma nova invasão da Banda Oriental – agora, configurada como Estado Oriental – por parte dos brasileiros e não havia desistido das Missões, de onde fora obrigado a se retirar durante a Guerra da Cisplatina. Assim, embora nutrisse suspeitas e ressentimentos pelo Império, Rivera era mais favorável a ele *comparativamente* a Lavalleja e seus aliados.

[259] GUAZZELLI, 2013, p. 56.

Reagindo à rebelião, o governo oriental fez gestões junto ao Império para que contivesse a interferência de rio-grandenses em questões internas do Uruguai, chegando o ministro das Relações Exteriores, Santiago Vázquez, a informar o governo regencial de que os sublevados de Lavalleja *se han concentrado y refugiándose a un extremo de ella, y en proximidad a la Frontera de ese Imperio, desde donde continúan las violencias*[260].

Apesar do auxílio prestado pelos farrapos aos rebeldes lavallejistas na região da fronteira, as forças legalistas subordinadas a Rivera não tiveram grandes dificuldades em derrotá-los, o que levou parte dos insurretos a buscar refúgio no Rio Grande do Sul, com a ajuda de Bento Gonçalves e de Bento Manoel Ribeiro[261], este, Comandante da Fronteira do Rio Pardo. O partido de Lavalleja, no qual se incluía o padre Caldas, pernambucano que havia sido constituinte em 1823 e veterano da Confederação do Equador, se rebelaria novamente em 1834, acarretando sucessivas reclamações do governo uruguaio e alertas da Legação brasileira em Montevidéu à Regência Trina no Rio de Janeiro, que, diante da continuidade das articulações entre farrapos – entre os quais havia emigrados orientais – e lavallejistas – cujas fileiras incluíam rio-grandenses e brasileiros de outras províncias –, ordenou ao marechal Sebastião Barreto, Comandante das Armas da província, que tomasse as providências necessárias para pacificar a fronteira e expulsar Lavalleja do território rio-grandense, mas

> Bento Gonçalves e Bento Manoel o tinham eficazmente protegido, se bem que por forma não ostensiva, e os delegados imperiais não possuíam força para coibir o abuso, tais o prestigio e as ligações dos dois militares e políticos, tanto na fronteira de Jaguarão a Bagé, como na região de S. Gabriel ás Missões[262].

Apesar do apoio que recebiam na fronteira, os lavallejistas acabaram se retirando da região, entre outras razões, porque a ação dos comandantes da fronteira sofreu um momentâneo revés por meio de sucessivas denúncias encaminhadas pelo governo provincial à Regência, retirando-se Lavalleja e seus partidários para a província de Entre Rios, governada pelo federalista e aliado de Rosas, Pascual Echagüe.

Essas vinculações com o ex-chefe dos *33 orientales* acabariam por levar Bento Gonçalves e João Manuel de Lima e Silva ao Rio de Janeiro em 1834, para onde foram chamados para prestar esclarecimentos acerca de seu apoio a Lavalleja e a um suposto plano para separar o Rio Grande do Sul e federá-lo ao Estado Oriental. Beneficiados por

---

[260] Ibid., p.57.
[261] FLORES, 1996, p.74.
[262] CALÓGERAS, Pandiá. *A política exterior do Império*, Volume III. Brasília: Senado Federal, 1998, p.199.

um ambiente político relativamente favorável na capital, uma vez que os liberais moderados controlavam a Câmara dos Deputados e mesmo a direção da Regência Trina, entre cujos regentes estava Francisco de Lima e Silva, irmão de João Manuel, além de exercerem importante influência por meio da imprensa, com destaque para a ação de Evaristo da Veiga, os acusados rio-grandenses acabaram inocentados e Gonçalves manteve seu posto de Comandante da Fronteira do Jaguarão, de onde continuou a apoiar a facção de Lavalleja.

Ainda em 1834, o líder farroupilha cruzou a fronteira com um exército de 300 homens, dos quais cerca de 50 eram orientais, e atacou as forças do coronel Servando Gómez, as quais saíram derrotadas e foram feitas prisioneiras[263]. Diante da continuidade da interferência de estancieiros-militares da fronteira em assuntos orientais, o governo uruguaio viu-se obrigado a extrapolar a ação puramente diplomática, que não vinha dando resultados, e passou à ação militar: enviou reforços à fronteira do Jaguarão com vistas a dissuadir os farrapos de futuras incursões, enquanto o governo regencial, após sucessivos alertas por parte do cônsul-geral do Império em Montevidéu, Manuel de Almeida Vasconcelos, ordenou ao governo do Rio Grande do Sul que contivesse os elementos desestabilizadores da província e assegurasse a ordem na fronteira[264].

Abria-se em definitivo a contenda que desembocaria diretamente na eclosão do movimento armado farrapo em setembro do ano seguinte, e o Estado Oriental aparecia como ator central nessa disputa intraprovincial que tinha como pano de fundo o choque entre o centralismo imperial ancorado na Constituição de 1824 e os velhos desígnios autonomistas das elites liberais fronteiriças da província, reforçados e impulsionados pelo fim do reinado de D. Pedro I. Se em 1823 a luta dos liberais brasileiros por maior descentralização política fora interrompida com o fechamento da Constituinte, simbolizando o autoritarismo e a preponderância do imperador sobre o Legislativo, a abdicação de 1831 representou uma abertura no sistema imperial que possibilitou às forças liberais um retorno efetivo ao tabuleiro político nacional, quadro este que ganhava variáveis adicionais no Rio Grande do Sul, cujas lideranças políticas de todos os matizes não podiam ignorar os acontecimentos políticos e militares que se desenvolviam do outro lado da fronteira.

Em 20 de setembro de 1835, começava a sublevação farroupilha em Porto Alegre. Tropas rebeldes da Guarda Nacional comandadas por Bento Gonçalves, Onofre

---

[263] GUAZZELI, 2013, p.66.
[264] Ibid., p.67.

Pires e Gomes Jardim rapidamente destituíram Fernandes Braga do governo, ao que se seguiu, já no dia seguinte, a posse de Marciano Pereira Ribeiro como presidente provisório da província. Vice-presidente provincial e liberal moderado simpático ao movimento àquela altura, Marciano defendeu o movimento perante o governo regencial, justificando-a como resultado da perseguição do governo Braga aos liberais da província. Bento Gonçalves, por sua vez, já dava o movimento por concluído no dia 25, e os rebeldes de tudo fizeram para convencer a Regência de que o ato se dera contra a administração de Fernandes Braga e o marechal Barreto, não contra o Império, mas:

> Apesar dos reiterados protestos de fidelidade à monarquia constitucional, apenas as autoridades assistiram ao Te Deum na matriz de Porto Alegre, em 2-12-1835, pelo aniversário de D. Pedro. Só a barca a vapor Liberal e um bergantim americano se embandeiraram, numa demonstração que a província do Rio Grande do Sul não tinha feições ao imperador ou ao sistema monárquico[265].

3.3. A política farroupilha para o Uruguai durante o governo Oribe (1835-1838) e a questão do Estado Nacional

Ao analisar o processo histórico de desenvolvimento do conceito de Estado moderno Inglaterra, o historiador Quentin Skinner observa que a mesma adquiriu relevância gradualmente entre o fim do século XVI e o início do século XVII, em grande medida influenciada por discussões escolásticas sobre a *summa potestas*[266], tratados franceses acerca da ideia de soberania e manuais políticos oriundos da Península Itálica sobre a razão do Estado[267]. Associando esse processo de afirmação do Estado na modernidade europeia ao surgimento da própria perspectiva absolutista, Skinner atribui às teorias de Jean Bodin (1530-1596) e de Robert Filmer (1588-1653) – este, autor de uma elaborada articulação da doutrina do direito divino dos reis – lugar de destaque no processo de evolução do conceito no plano teórico. Tal visão absolutista do Estado seria, pouco a pouco, desafiada por um robusto conjunto de ideias políticas e econômicas comumente conhecidas como liberalismo e que constituiriam o arcabouço jurídico-

---

[265] FLORES, 2002, p.342.

[266] Poder próprio do Estado caracterizado pela sua supremacia sobre indivíduos e quaisquer associações de natureza privada, confundia-se com o conceito de soberania e constituía objeto privilegiado de discussões de pensadores escolásticos do início da Idade Moderna europeia.

[267] Ver SKINNER, Quentin. A genealogy of the modern State. *Proceedings of the British Academy*, 162, p.325-370, 2009.

político do que viria a ser o Estado Liberal, contrapondo-se, assim, aos pressupostos do Estado Absolutista moderno contra o qual a burguesia inglesa se insurgia.

Na esfera da realidade concreta, a disputa entre as duas concepções de Estado, que teve na Guerra Civil Inglesa (1642-1651) sua manifestação mais violenta, culminou com o triunfo do Parlamento sobre a Coroa e o declínio do Estado Absolutista inglês, concorrendo para a gradual transição para o que se pode considerar o primeiro Estado Liberal da história. Decaía o poder real e o da nobreza, enquanto a burguesia, em grande parte representada no Parlamento pelos *whigs*[268], construía lentamente sua hegemonia político-econômica que culminaria, do ponto de vista da evolução do Estado, na organização das bases do Estado capitalista moderno, consolidadas no século XIX.

O confronto entre esses dois modelos de Estado se repetiria nas colônias portuguesas na América durante o processo que levou à ruptura dos laços coloniais com a metrópole portuguesa, guardadas as proporções e levando em consideração as particularidades da região e suas diferenças históricas relativamente ao caso britânico. A consolidação da Grã-Bretanha[269] como potência econômica e militar dominante ao longo da segunda metade do século XVIII, com significativa influência na América do Sul, fizera do modelo de Estado britânico contemporâneo uma das principais alternativas políticas a serem emuladas do ponto de vista das elites políticas e econômicas luso-brasileiras após a eclosão da Revolução do Porto – ela própria tributária dos valores 'liberais anglo-saxões' e da intensificação do processo autonomista brasileiro.

Nesse sentido, cumpre mencionar a atuação de Hipólito da Costa que, por meio da ação doutrinária de seu Correio Braziliense, desempenhou papel fundamental na disseminação de valores, ideias e medidas político-econômicas liberais pelo mundo luso-brasileiro no início do século XIX. O jornal constituiu a principal fonte de informação e de doutrinação política para os setores das elites da América portuguesa que a partir de 1820 se aglutinariam em torno de D. Pedro para organizar a resistência às demandas e

---

[268] Partido político de tendências liberais que defendia, entre outros ideais, o constitucionalismo, o liberalismo político e econômico, a supremacia do Parlamento sobre a Coroa e a tolerância religiosa com os protestantes, polarizou a política inglesa e depois britânica com os conservadores do Partido Tory entre 1678 e 1859. Representou os interesses da ascendente burguesia contra os partidários da monarquia absoluta, cujos principais defensores no Parlamento eram os *tories*, precursores do atual Partido Conservador britânico.

[269] Em consequência do *Acts of Union* de 1706-1707 votados pelos respectivos parlamentos, os reinos da Inglaterra e da Escócia se fundiram para dar origem ao Reino da Grã-Bretanha, unificando as duas Coroas e governos, motivo pelo qual fala-se em Inglaterra aqui, ao contrário do período do ciclo farroupilha, quando o que se tinha já era o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda – tendo este último reino sido absorvido por meio dos *Acts of Union* de 1800 e 1801.

pressões das Cortes de Lisboa. Nascido em Colônia do Sacramento em uma família de rio-grandenses, Hipólito, após viver em Filadélfia e em Lisboa, fixou-se em Londres em 1805, onde fundou o que seria o primeiro jornal brasileiro da história três anos mais tarde. Servindo mais como veículo de doutrinação política liberal do que como um jornal informativo propriamente dito, o Correio Braziliense advogava sistematicamente ideias políticas intimamente associadas ao liberalismo, como o modelo parlamentar de governo, a monarquia constitucional, a separação e equilíbrio entre os Poderes e o consentimento dos governados[270], sendo seu redator, de certo modo, o precursor do liberalismo no Brasil.

Por outro lado, a manutenção de um corpo político nitidamente subordinado ao poder da Coroa, cuja legitimação derivava da doutrina do direito divino dos reis, apresentava-se como alternativa para uma parte das elites luso-brasileiras que, por razões diversas, defendiam a continuidade do Estado monárquico sob a égide de pressupostos do absolutismo.

Fosse como fosse, após a consumação de fato da independência do Brasil, a questão do Estado – e da nação – se colocava perante as elites dirigentes: rompidos os laços com Portugal, fazia-se necessário construir o Estado Nacional do novo país, como também era o caso das recém-emancipadas colônias espanholas na região, ainda que, no caso peculiar brasileiro, pode-se dizer que tal construção se daria sobre uma estrutura estatal pré-existente, moldada principalmente a partir de 1808, com a instalação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro.

Ao contrário do processo de emancipação política das colônias espanholas do Prata, o qual foi tratado no capítulo II, a luta pela Independência brasileira se caracterizou pela sua relativa curta duração, o que permitiu que as elites nacionais organizassem as bases do novo Estado e consolidassem um projeto nacional – monárquico-constitucional centralizado e amparado em uma ordem social escravista – antes das Províncias Unidas, apesar de a Revolução de Maio preceder a do Porto em uma década.

O processo de construção do Estado Imperial, cujas bases jurídicas foram estabelecidas pela Constituição de 1824, sofreria um revés com a abdicação de 1831 e as turbulências do Período Regencial que se seguiram, e foi precisamente a Farroupilha que representou a maior ameaça à consolidação do modelo de Estado monárquico-constitucional centralizado no Brasil. Por outro lado, ironicamente, a radicalização do movimento farroupilha manifestada na secessão de 1836 alienou os liberais moderados

[270] FERREIRA, João Pedro Rosa. O pensamento político de Hipólito da Costa, *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, Vol. 22, 2006, 319-338, p. 319.

que ocupavam o governo regencial e formavam maioria na Câmara, concorrendo, ainda, para a subsequente queda do governo Feijó e a reação conservadora simbolizada pelo Regresso[271].

Em outras palavras, se a Farroupilha, cujas lideranças reivindicavam reformas políticas profundas que exigiam arranjos institucionais que levariam ao fim do modelo vigente, colocou em xeque a construção do Estado Nacional brasileiro. Ela, ao constituir-se em ameaça separatista, também foi parcialmente responsável por fortalecer os elementos conservadores e endurecer os liberais moderados do cenário político imperial, dada a grave ameaça de desintegração territorial do país. Devido à separação da província de São Pedro do Rio Grande do Sul e da proclamação da República Rio-Grandense, ganhavam força os conservadores, principais defensores da unidade territorial do Império, enquanto muitos dos liberais moderados, assustados com a radicalização do movimento, tornavam-se relativamente mais conservadores nesse aspecto[272].

Seria um equívoco, porém, tratar a separação farroupilha como um objetivo orgânico das elites liberais rio-grandenses como um todo, devendo-se frisar que ela compôs uma dentre algumas opções políticas naquele momento histórico. As evidências disponíveis demonstram que nem mesmo o desencadeamento da revolta contra o governo provincial foi fruto de um plano conscientemente amadurecido pelo conjunto das elites liberais da província contra o poder central, a despeito da existência de antigas reivindicações, uma vez que as *causas imediatas* da sublevação de 20 de setembro derivaram da crescente perseguição que as forças conservadoras da província levavam a cabo contra os liberais[273]. E, ainda assim, a insurreição se deu contra o governo provincial de Antônio Fernandes Braga e o comando militar de Sebastião Barreto, não contra o governo central encabeçado pelo regente Feijó, uma das mais conhecidas lideranças liberais do Império à época. Em discurso pronunciado após a derrubada do governo Braga, disse Bento Gonçalves:

> [...] Compatriotas! Vossos votos e vossas justas exigências já estão satisfeitas. Caducou aquela autoridade cujo manto cobria os atentados de homens perversos, que tem conduzido esta benemérita província à borda do precipício. [...] Conheça o Brasil que o dia vinte de setembro de 1835 foi a consequência inevitável de uma má e odiosa administração, e que não tivemos outro objeto, e não nos propusemos a outro fim, que restaurar o império da lei, afastando de nós um administrador inepto e faccioso sustentando o trono do nosso jovem

[271] PAIM, 1998, p.47-50.
[272] FLORES, 1996.
[273] SPALDING, 1980.

> monarca e a integridade do Império. [...]. Desgraçadamente, nesta província, como nas demais do Império, existe uma facção retrógrada adversa por princípios e interesses à nova ordem de coisas e inimiga implacável de todos aqueles que professam decidido amor às liberdades pátrias. Apoiado este partido antinacional pelo marechal Barreto, cuja ambição desmedida e princípios impopulares são assaz conhecidos, deixou sentir sua fatal influência em todas as presidências anteriores à do Sr. Braga, mas nunca ousou mostrar-se tão descaradamente como neste último período[274].

Como se depreende desse curto trecho extraído do discurso, a sublevação de 20 de setembro representou a culminação da disputa política travada na província entre liberais e conservadores desde o início do Período Regencial, na qual aqueles, em ampla superioridade militar e em maioria na Assembleia Legislativa, apesar de alijados do governo provincial, saíram vencedores. A rebelião se dava especificamente contra o governo Braga e o chefe militar da província e simbolicamente contra 'os retrógrados inimigos da liberdade', ou seja, os conservadores do Rio Grande do Sul, e não contra o Império do Brasil governado por uma Regência liberal. Ademais, havia a percepção em setores das elites farroupilhas de que os interesses dos conservadores de sua província e de outras se confundiam com os interesses dos antigos absolutistas portugueses, cujo principal braço no Rio Grande era a Sociedade Militar, o que era razoável, visto que muitos dos antigos partidários lusos de D. Pedro continuavam ocupando postos importantes na burocracia estatal e no Exército.

Como se observou acima, consumada a deposição de Braga, os rebeldes de Bento Gonçalves instalaram o 3º vice-presidente da província, Marciano Pereira Ribeiro, considerado o mais confiável pelos liberais dentre os quatro vices, que governou a província interinamente até fevereiro de 1836. O governo regencial não reagiu imediatamente à derrubada de Braga, tampouco buscou sufocar a sublevação pelas armas, limitando-se a enviar um novo presidente à província meses após o Vinte de Setembro[275]. Após assumir o governo provincial na cidade de Rio Grande, o que foi considerado nulo pela Assembleia Provincial sob a alegação de que apenas ela possuía competência legal para empossar o presidente, o enviado pela Regência José de Araújo Ribeiro passou a governar a província desde a cidade portuária, gerando uma duplicidade de governos no extremo sul do Império mesmo antes da fase separatista do movimento

---

[274] PINHEIRO, José Feliciano Fernandes. *Annaes da Província de São Pedro*, Paris: Tipografia de Casimir, 1839, p. 362-363.

[275] SPALDING, 1963, p.304.

farroupilha. Em que pese as instruções da Regência para que evitasse agir de modo a agravar a crise na província, tal medida tomada pelo novo presidente causou indignação e acarretou mais desconfianças entre as forças rebeladas sobre as reais intenções por trás da política conciliatória do governo regencial[276]. Em seguida, Araújo Ribeiro atraiu Bento Manoel, seu parente e receoso de uma possível radicalização do movimento do qual fazia parte, para seu lado e o nomeou Comandante das Armas provincial, encarregando-o de organizar a contrarrevolução. Em seguida, o novo chefe militar legalista da província ordenou aos comandantes militares de Rio Grande, Pelotas e São José do Norte:

> Salvem a província dos males da anarquia, em que a pretende envolver um partido republicano, que infelizmente aparece, o qual tem chegado a dominar a Assembleia Legislativa provincial, conseguindo obstar que se desse posse ao Dr. José de Araújo Ribeiro da presidência da província, para que fora legalmente nomeado pelo Regente, em nome do Imperador D. Pedro II'[277].

Assim, se as principais reações imediatas contra os farrapos vieram dos conservadores da província comandados pelo marechal Sebastião Barreto e coronel Silva Tavares – que se refugiaram no Uruguai após a derrubada do governo Braga –, a reação do novo presidente provincial enviado pelo Rio de Janeiro terminou por inviabilizar quaisquer tratativas que levassem a uma composição com os rebeldes que desagravasse a crise, a despeito da política conciliatória da Regência liberal, cujo chefe, Diogo Feijó, via o movimento farroupilha essencialmente como um levante sedicioso que deveria ser tratado com negociações, não um movimento separatista a ser sufocado pelas armas[278].

Do lado dos farrapos, é certo que parte dos elementos moderados do movimento o davam por encerrado após a queda do governo Braga e em face da política conciliatória da Regência[279], a exemplo do próprio Bento Manoel, mas a radicalização gerada após um longo impasse político e a precipitação de Araújo Ribeiro acabaram impulsionando os componentes mais exaltados dos farroupilhas que defendiam a escalada do movimento para uma revolução política plena. Como tende a ocorrer em casos dessa natureza, os

---

[276] Em resposta à posse ilegal de Araújo Ribeiro na cidade de Rio Grande enquanto ainda se negociava com o governo revolucionário em Porto Alegre, e temendo que a medida levasse ao fim definitivo das negociações com os farrapos, Feijó escreveu-lhe: '*Deus queira que a esta hora esteja V. Ex. ª de posse de toda a Província, e que tenham cessado os motivos mais fortes das dissidências. Grandes razões teria V. Ex. ª para deixar de tomar posse na capital, eu, contudo, muito temo desse passo, porém, V. Ex. ª lá está, e sua prudência e patriotismo lhe sugerirá o mais conveniente*'. VARELA, Alfredo. *História da grande revolução, volume 3*, Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1933, p. 42.

[277] FLORES, 2002, p. 348.

[278] Ibid., p. 361.

[279] FLORES, 1996.

elementos radicais foram fortalecidos pela própria intransigência do oponente em detrimento dos mais moderados; e a proclamação da República Rio-Grandense seria consequência direta dessa radicalização.

Desse modo, pode-se dizer que a declaração de secessão da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, em 11 de setembro de 1836, não foi resultado da vontade do movimento contestador como um todo nem um objetivo orgânico cuidadosamente planejado para ser colocado em prática, mas, sim, o desfecho da radicalização que se seguiu à destituição de Braga. Como se tratou aqui, o separatismo certamente compunha o leque de reivindicações no ideário farroupilha, e mesmo antes de 1835, mas ele representava uma dentre outras bandeiras empunhadas pelo movimento que, diante das medidas tomadas por Araújo Ribeiro e do impasse político que se instalou após a queda de Fernandes Braga, acabou se impondo às demais.

Proclamada a República por Antônio de Souza Netto, a percepção da liderança farroupilha em relação à situação político-militar do Rio Grande alterava-se radicalmente no plano das ideias: já não se tratava de uma província convulsionada por rebeldes, mas de uma República sob o ataque de invasores do Império do Brasil, cujos prepostos buscavam governá-la ilegal e ilegitimamente. Naturalmente, tal mudança de percepção causada pela declaração de separação da província não implicava mudanças automáticas e profundas no plano da realidade objetiva, marcada que estava por um conflito militar pelo qual o Império tentava reincorporar sua província meridional, muito menos que o Rio de Janeiro aceitaria uma medida considerada extrema e unilateral dessa natureza apenas em respeito à vontade dos farroupilhas.

Sua importância reside no fato de que, tendo o Rio Grande se tornado uma república nominalmente independente, e havendo os legalistas passado à condição de invasores na perspectiva dos farrapos, fazia-se necessário organizar o Estado Farroupilha e efetivar a soberania da nova República por meio de medidas concretas. Em outras palavras, impunha-se às elites separatistas organizar as bases do Estado Nacional rio-grandense concomitantemente à condução da guerra, o que, dada a formação histórica da província, sua proximidade geográfica ao Rio da Prata e as ligações entre farroupilhas e caudilhos platinos, ensejava uma multiplicidade de alternativas de projetos políticos que se entrelaçavam com outros inscritos nas disputas travadas no Uruguai e na Confederação Argentina[280], ambos em vias de construção de seus próprios Estados Nacionais.

---

[280] FERREIRA, Gabriela Nunes. *O Rio da Prata e a consolidação do Estado Imperial*. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

Sobre esse conceito, é preciso que se faça uma distinção entre Estado Nacional e Estado, uma vez que aquele é mais amplo do que este, englobando, além de uma dimensão político-administrativa objetivamente verificável, aspectos culturais e identitários de natureza essencialmente subjetiva, além de situá-los nos devidos contextos histórico e geográfico da Bacia do Prata[281] da primeira metade do século XIX de modo a evitar anacronismos e a abordagem de 'ideias fora do lugar'.

Para Max Weber, cuja definição do Estado moderno está entre as mais conhecidas, em síntese, trata-se de uma manifestação histórica da política, um corpo político que possui entre suas características fundamentais a detenção do monopólio do uso legítimo da violência dentro de um território claramente demarcado, que é aceito pelos governados, nos Estados modernos, com base em uma ampla crença na validade legal de normas racionalmente constituídas[282].

O Estado Nacional, por sua vez, consiste na identificação psicológica, cultural e histórica dos membros de uma nação – ou, nações – com um determinado Estado ao qual estão jurídica e politicamente vinculados como cidadãos; fundamentalmente, refere-se a um conjunto composto por Estado e nação/nações cujo elo é a identificação subjetiva da segunda com o primeiro. A socióloga Montserrat Guibernau conceitua esse fenômeno como produto da modernidade, marcado pela formação de um Estado que possui o alegado monopólio do uso legítimo da força em um determinado território. Esse Estado busca unir os povos sujeitos à sua autoridade por meio de um processo de homogeneização, fomentando a criação de uma cultura comum, símbolos e valores, e reconstruindo ou inventando tradições e mitos fundadores que não se confundem com aqueles existentes dentro de cada nação que vem a compor determinado Estado Nacional[283].

Essas definições fornecem uma ideia básica sobre os pressupostos e requisitos fundamentais para a existência do Estado e do Estado Nacional em geral, mas devem ser complementadas por um recorte temporal e espacial mais específico. Em obra que se propõe a reconstruir os significados dos conceitos de Estado e nação na linguagem

---

[281] Embora as concepções contemporâneas de Estado e Estado Nacional vigentes no Império do Brasil e nas repúblicas do Rio da Prata não fossem idênticas, e em que pese a óbvia constatação de que o Rio Grande do Sul se constituíra historicamente como parte daquele, pode-se dizer que a noção que as elites estancieiras e os letrados farroupilhas tinham acerca desses conceitos se aproximava bastante da predominante no Uruguai e na Confederação Argentina em razão dos fatores já abordados neste trabalho.
[282] WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.
[283] GUIBERNAU, Montserrat. Nationalisms: *The Nation-State and nationalism in twenty-first century*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2003.

política das elites rio-platenses no período que interessa a este trabalho, José Carlos Chiaramonte observa que, durante o Congresso Constituinte realizado em Buenos Aires no período 1824-1827, o deputado e ex-integrante da Junta Grande, Juan Ignacio Gorriti, formulou uma '*paradigmática distinción en Río de la Plata*' que definiu a nação como '*gentes que tienen un mismo origen y um mismo idioma, aunque de ellas se formen diferentes estados*', e '*como una sociedade ya constituída bajo el régimen de um solo gobierno*[284]', complementando o autor que

> En tiempos de las independencias se consideraban como sinónimo los conceptos de Estado y nación [...] al asimilar nación y Estado, éste no era visto como un conjunto institucional complejo, tal como se refleja, por ejemplo, en la expresión relativamente reciente de 'aparato' estatal, sino que 'Estado' – o 'república' – eran vistos como conjuntos humanos com un cierto orden y una carta modalidad de mano y obediencia, criterio que hacía posible asimilar ambos conceptos[285].

A definição de Chiaramonte encontra eco na linguagem política dos líderes farroupilhas, que em seus manifestos e correspondências tratavam nação, república e Estado como sinônimos, tanto que Estado Rio-Grandense e República Rio-Grandense eram termos usados de maneira intercambiável. Isto é, apesar de a segunda terminologia ser mais conhecida popularmente, o Projeto de Constituição 'farroupilha' elaborado em 1843 também utilizava a primeira, como no dispositivo que estabelece que '*Os representantes da República Rio-grandense são a Assembleia Geral e o Presidente do Estado*'[286]. A ideia de nação evoluiria para um significado mais próximo ao atual a partir das últimas décadas do século XIX, tendo sua construção sido posterior à do Estado e se dado como produto de esforços conscientes e deliberados das elites nacionais após a consolidação dos respectivos Estados soberanos que ocorreu por volta de 1850 no Brasil e de 1880, no Uruguai e na República Argentina.

A construção do Estado (Liberal) requer medidas concretas que levem à centralização política e a criação de um aparato burocrático-administrativo-militar calcado em um amplo arcabouço jurídico que regule as relações entre os Poderes constituídos e a ordem social de um determinado território de forma autônoma em relação

---

[284] CHIARAMONTE, José Carlos. *Nación y Estado em Iberoamérica: el lenguaje político en tiempos de las independencias*. Buenos Aires: Sudamericana, 2004, p.41.
[285] Ibid., p.22.
[286] Art. 11 do Projeto de Constituição da República Rio-Grandense, 1843, *Memorial do Legislativo do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre.

a forças externas, visando, em última instância, à consolidação da soberania nacional e à proteção das liberdades da população.

As primeiras providências para a organização do novo governo foram tomadas em Piratini, escolhida para ser a capital da República em face da retomada de Porto Alegre pelos imperiais, pela sua topografia privilegiada e por estar localizada no coração da base territorial dos farroupilhas, na região da fronteira do Jaguarão. O governo republicano foi constituído em 6 de novembro de 1836, tendo os oficiais farroupilhas reunidos na nova capital eleito para presidente Bento Gonçalves, que se encontrava preso no Rio de Janeiro após a Batalha do Fanfa. Para os postos de vice-presidentes, foram escolhidos Antônio Paulino da Fontoura, Domingos de Almeida, Inácio José de Oliveira Guimarães e Mariano de Mattos, que exerceu a Presidência de 1838 a 1841[287]. Gomes Jardim, que comandara pessoalmente o levante que derrubou o governo Braga em 1835, foi eleito presidente interino e nessa condição governou até abril de 1837, tendo o sequestro dos bens dos inimigos dos farrapos ocorrido durante sua administração. Nesse mesmo mês de abril, Fructuoso Rivera, que se juntara aos farrapos após um período de internação em Porto Alegre na esteira da derrota de sua primeira sublevação, compareceu à *'eleição de Caçapava'* que elegeu *'Antônio Netto para general em chefe do exército republicano'*[288].

Para o ministério, foram nomeados Domingos José de Almeida, vice-presidente e um dos mentores do movimento e dos mais exaltados republicanos, para Fazenda e Interior; o advogado e diplomata José Pinheiro Ulhôa Cintra, para a pasta da Justiça e Estrangeiros; e o também vice-presidente Mariano de Mattos, para Marinha e Guerra[289]. Assim como Bento Gonçalves e Bento Manoel, os três haviam sido deputados provinciais antes do advento da república. O general João Manuel de Lima e Silva, tio do futuro Duque de Caxias, assumiu o cargo de Comandante do Exército Republicano[290]. Por meio do Decreto de 12 de novembro de 1836, criou-se a bandeira e o brasão da nova República[291]. O hino nacional seria composto e oficializado em maio de 1838, em Rio Pardo, após a tomada da maior cidade rio-grandense pelos farroupilhas[292].

Além da organização administrativa do governo republicano, era necessário constituir politicamente o Estado rio-grandense por meio da adesão dos poderes locais

---

[287] FLORES, 1996, p.136.
[288] CALÓGERAS, 1998, p.205.
[289] ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. *História da República Rio-Grandense*, vol. I. Porto Alegre: ERUS, 1981, p.190-191.
[290] Ibid.
[291] SPALDING, Walter. *Bandeira, brasão e hino do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: DAER, 1930, p.32.
[292] BARBOSA, p.178.

representados pelos municípios a um novo poder central que se buscava formar desde Piratini. Na conjuntura contemporânea, os municípios possuíam grande importância não só enquanto primeiros núcleos políticos formados nas Américas e ao papel que desempenharam no processo de emancipação política, mas também devido à tendência vigente de associá-los ao próprio conceito de soberania local[293], isto é, 'a primeira das soberanias', uma vez que, mesmo após a ruptura dos laços coloniais com Portugal, as câmaras municipais continuaram sendo a única instância de representação do poder local – as Assembleia Legislativas, instaladas apenas no início de 1835, ainda eram uma novidade política e conceitual para a população. Sem a adesão dos municípios, que constituem a instância mais básica de poder e a base territorial de qualquer Estado, a proclamação da República Rio-Grandense não seria muito mais do que um ato heroico sem maiores consequências políticas práticas.

Herdeiro de uma tradição colonial marcada pela ausência de um poder central e pela fragilidade dos laços que uniam suas capitanias, o Brasil se libertara do controle português sem que houvesse uma identificação das populações locais com o poder central sediado no Rio de Janeiro, visto como mais uma unidade política como as outras. Se até 1822 a principal identificação simbólica e subjetiva da população com o poder nacional se dava por meio da Coroa portuguesa e se assentava na noção de legitimidade dinástica, tal realidade não se alterou rapidamente após a ruptura dos laços coloniais, tendo a instituição da monarquia brasileira passado a exercer o papel simbólico e político enquanto representação da unidade nacional mesmo após a criação de uma ordem constitucional.

Apesar dos esforços centralizadores e homogeneizadores empreendidos pelas elites imperiais no pós-Independência, José Murilo de Carvalho argumenta que a forte tradição localista e centrífuga que vinha desde o tempo da Colônia permaneceu viva por todo o Período Regencial, tendo a centralização política do Império se consolidado posteriormente mais como resultado de uma conjugação de fatores objetivos do que de uma percepção subjetiva da população e das elites locais[294].

---

[293] PADOIN, Maria Medianeira. PEREIRA, Alessandro de Almeida. Concepções de república entre a elite farroupilha (1835-1845) e a institucionalização da República Rio-Grandense. *XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal, 2013, p.7.

[294] CARVALHO, José Murilo de. Federalismo y centralización em el Imperio brasileño. In: CARMAGNANI, Marcello (org.). *Federalismos latino-americanos: México/Brasil/Argentina*, México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1995.

Assim, a adesão dos municípios à República era condição imprescindível para a própria existência e legitimação desta, tendo os novos governantes logrado obter a adesão da maioria dos quatorze municípios rio-grandenses[295] com órgãos representativos à época, a começar pela Câmara de Jaguarão, que aderiu poucos dias após a declaração de secessão, sendo seguida pelas de Piratini e Alegrete, além de Caçapava, Cruz Alta, São Borja, Cachoeira, Triunfo, Rio Pardo e Lages, este último, localizado na província de Santa Catarina. Dessa maneira, formava-se gradualmente um novo poder central por meio da união entre os municípios que proclamavam o desligamento dos poderes locais da comunhão brasileira e sua adesão ao Estado Rio-Grandense, o que levaria, no médio e longo prazos, à construção de uma nova soberania assentada sobre bases republicanas.

Além disso, com vistas à institucionalização da República, o novo governo deliberou acerca da convocação de uma Assembleia Constituinte para elaborar a Constituição que deveria constituir os Poderes do Estado, regular seu funcionamento e delimitar as garantias, os direitos e os deveres dos cidadãos rio-grandenses, entre outras providências, devendo passar a exercer as funções de Poder Legislativo nacional após a promulgação da Carta da República[296]. Devido a fatores e circunstâncias impostos pela escalada da guerra, contudo, a convocação da Constituinte acabou não se realizando imediatamente, tendo o ministro Domingos de Almeida publicado o Decreto convocatório para a instalação do Conselho de Procuradores-Gerais dos Municípios em setembro de 1838, ‘ *afim de que o governo pudesse consultá-los em todos os negócios concernentes ao bem do país e de cada município*’[297].

Como José Bonifácio fizera em 1822 ao convocar os procuradores-gerais das províncias do Brasil, o governo republicano farroupilha convocava os procuradores-gerais dos municípios rio-grandenses, que, reunidos ao final de 1839, decidiram:

> Que se tomem as necessárias providências para a pronta instalação da Assembleia Geral Rio-Grandense [...] que a Assembleia referida seja constituinte e legislativa, por assim convir ao bem da nação. [...] decidiu-se

---

[295] Para fins ilustrativos, cite-se trecho da ata da sessão da Câmara de Alegrete que decidiu pela adesão: ‘*Tendo a Câmara Municipal de Piratini, oficiado à de Alegrete, comunicando-lhe a declaração da Independência Rio-Grandense (11-Set-1836), esta municipalidade, em Sessão de 16 de Junho de 1837, resolveu aderir à manifestação republicana da sua congênere. Determinou, para esse fim, uma sessão extraordinária para o dia 24 de Julho, fazendo-se público convite por Editais, em todo o município, às autoridades, funcionário e povo, a fim de retificarem os seus juramentos e assistirem a tão transcendente acontecimento político. Foi também, para o mesmo dia ordenado ao Pároco da Vila (Pároco Manoel Carlos Airez de Carvalho), a celebração de um Te Deum, com missa solene e oração análoga ao ato da Independência’*. Retirado de SANTOS, Danilo Assumpção. *Adesão da Câmara de Alegrete aos Revolucionários Farroupilhas*. Câmara Municipal de Alegrete: 180 anos (1831 – 2011), 2011.

[296] FLORES, 1996, p.152.

[297] Ibid.

> que a Assembleia Geral Constituinte Legislativa se comporá de 36 deputados por geral eleição, feita pelo método semidireto adotado no Brasil, cujas concernentes leis e instruções sejam alteradas na parte que convier[298].

Essas medidas administrativas e políticas para a organização do governo republicano e das bases do Estado rio-grandense eram implementadas em meio a um quadro marcado pela guerra, o que condicionava todas as demais ações dos republicanos nesse sentido. As contingências impostas por um conflito armado travado contra um oponente com ampla vantagem de recursos e no próprio território onde se buscava organizar e construir um novo Estado Nacional comprometia os esforços empreendidos pelos governantes de Piratini, que constantemente viam-se obrigados a conciliar suas atividades políticas com as relacionadas à guerra em uma conjuntura na qual quase sempre os imperativos desta se sobrepunham aos daquela[299]. Ante às dificuldades advindas da guerra e da dimensão do que se visava alcançar – nada menos que a constituição de um novo país –, os letrados e chefes militares farroupilhas inclinavam-se por buscar soluções no Rio da Prata, inclusive do ponto de vista econômico.

Simultaneamente à organização do novo governo, os farroupilhas também tomaram providências de caráter econômico com o duplo objetivo de manter o esforço de guerra e viabilizar a incipiente República. Em 11 de novembro de 1836, o recém-formado governo republicano expediu Decreto sequestrando os bens dos legalistas da província, abrangendo todas as mercadorias existentes nas alfândegas, povoados e até mesmo em casas particulares[300].

Passado o período de hesitação do regente Feijó, a Marinha imperial impôs um bloqueio ao litoral rio-grandense e reforçou o controle que detinha sobre os portos provinciais com o objetivo de asfixiar os rebeldes economicamente. Considerando as ligações de muitos chefes farrapos com o Uruguai e a facilidade com que se moviam por esse país, era natural que ele aparecesse como a alternativa mais óbvia para neutralizar o bloqueio. Em linha com o apoio extraoficial que vinha concedendo aos rebeldes, o governo oriental de Manuel Oribe permitiu que artigos de guerra, reses, cavalos e mercadorias em geral transitassem pela fronteira[301], 'abrindo' o território oriental aos

---

[298] Ata da Sessão de Instalação do Conselho de Procuradores-Gerais da República Rio-Grandense e Convocação de Assembleia Constituinte, em 21 de dezembro de 1839. In: ALMEIDA, Roberto Amaral de. BONAVIDES, Paulo. *Textos políticos da história do Brasil*, Brasília: Senado Federal, 2002, p.978.
[299] ASSIS BRASIL, 1981.
[300] GUAZZELLI, 2013, p.92.
[301] ÁVILA, p.198.

republicanos. Autorizou, ainda, que a praça de Montevidéu fosse usada, possibilitando à República Rio-Grandense escoar seus produtos e adquirir artigos na capital uruguaia[302]. Os farrapos, assim, se ligavam ainda mais profundamente com os rumos do Estado Oriental, de quem passavam a depender para a manutenção da guerra contra o Império e para a própria sobrevivência do Estado que buscavam constituir, conforme Maestri:

> A economia da República Riograndense continuou se baseando na produção e exportação de gados e couros, realizados pelo Uruguai, por causa do controle imperialista do porto de Rio Grande e de São José do Norte. Nos fatos, se o governo uruguaio fechasse a fronteira aos farroupilhas, o movimento teria fenecido inexoravelmente por asfixia[303].

Manuel Oribe assumira a Presidência constitucional em março de 1835, mesmo mês em que Rosas foi eleito governador de Buenos Aires com a soma dos poderes públicos[304] após um golpe de Estado e intensa pressão sobre o Poder Legislativo. No poder, ambos empreenderam esforços para a organização e a construção de seus respectivos Estados desde aquele mesmo ano em que a Farroupilha foi deflagrada. Vinculado politicamente a Rivera quando de sua eleição para o cargo, Oribe mostrou-se um administrador bastante diferente de seu antigo aliado. Enquanto *Don Fructos* passou a maior parte de seu primeiro mandato (1830-1834) no interior, delegando a administração do governo ao seus *abrasilerados*, Oribe não só demonstrou notável aptidão para tratar dos negócios públicos como também para colocar em marcha políticas que viabilizassem a construção do Estado uruguaio, cuja soberania seguia em estado precário.

O artigo 10º da Convenção Preliminar de Paz de 1828 trazia a previsão expressa de intervenção do Império e das Províncias Unidas (formalmente, Confederação Argentina desde 1831) na '*Provincia de Montevideo*' em caso de '*la tranquilidad y la seguridad fuese perturbadas dentro de ella por la guerra civil*'[305] durante os cinco anos seguintes, além de não fazer qualquer referência aos limites territoriais do novo país, tornando o Uruguai um Estado soberano apenas nominalmente durante os primeiros anos pós-Independência. Caducado esse dispositivo que vigera durante a maior parte do

---

[302] Ibid.

[303] MAESTRI, Mário. *Breve História do Rio Grande do Sul: da pré-História aos dias atuais*. Passo Fundo: Editora UPF, 2010, p.169.

[304] Pelo ato, o Legislativo transferia a Rosas o exercício dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, criando, na prática, uma ditadura na província de Buenos Aires

[305] *Convención preliminar de paz entre el Gobierno de la República de las Provincias Unidas del Río de la Plata y Su Majestad el Emperador del Brasil sobre la Independencia de la Provincia de Montevideo*., de 27 de agosto de 1828, Rio de Janeiro.

primeiro governo Rivera, urgia agir no sentido de efetivar a soberania oriental e colocar em marcha a construção do Estado e da nação uruguaia, necessidades prementes que não diferiam drasticamente daquelas impostas ao governo rio-grandense instalado em Piratini que se pretendia independente e soberano, ainda que sem o reconhecimento de outros governos àquela altura.

A principal e mais evidente diferença entre as duas situações, além da questão do reconhecimento diplomático, estava em que, ao contrário do Uruguai, cuja Independência fora produto de negociações após anos de conflito armado e contara com o apoio da diplomacia britânica e a anuência do Império e das Províncias Unidas, a República Rio-Grandense encontrava-se ainda no estágio de contestação armada contra um poder político constituído e soberano ao qual permanecia juridicamente vinculado. Nessa perspectiva, apesar de consideráveis avanços políticos, administrativos e institucionais, o processo rio-grandense estava, por assim dizer, cerca de dez anos 'atrasado' em relação ao uruguaio, cuja fase armada havia começado em 1825, com o desembarque dos *33 orientales* na *Playa de la Agraciada*.

Não obstante, havia muito a ser feito para a construção de fato do Estado Oriental para além de sua configuração jurídica, sendo

> Necesario ante todo poblarlo, dotarlo de instituciones sólidas, afirmar su sistema político-constitucional e tomar providencias que permitiesen determinar sus fronteras, crear un ejército profesional capaz de defender su soberania y una política que hiciera respetar la ley y el orden[306].

Assim, Oribe teve como uma das prioridades de seu primeiro governo o estabelecimento das bases do Estado Nacional uruguaio, tomando algumas medidas nesse sentido, como o saneamento das finanças públicas[307] – em grave estado de desarranjo deixado pelo governo Rivera[308] –, a criação de uma universidade nacional e de um sistema de aposentadoria e pensões, a organização de serviços postais, a recriação de uma

---

[306] ARTEAGA, Juan José. *Uruguay: breve historia contemporánea*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 2000, p.67.

[307] Poucos días após asumir a Presidência, manifestou-se Oribe: '*Los cofres del erario nacional se encuentran totalmente exhaustos; las rentas y los arbitrios que debían abastecerlos de caudales han sido consumidos de antemano o están empeñados para el reembolso de anticipaciones, que también han sido ya invertidas; el crédito se ha extinguido por una consecuencia forzosa de la falta de cumplimiento de los compromisos contraídos em los momentos de conflicto; y una deuda de 2.200.000 pesos abruma com su enorme peso al tesoro público*'. MACHADO, 1997, p.162.

[308] As acusações recaíram principalmente sobre o ex-ministro da Fazenda, dr. Lucas Obes, que retaliou pedindo à Câmara dos Deputados que se responsabilizasse solidariamente o próprio Oribe, uma vez que ele também havia servido como ministro no governo de Rivera. CALÓGERAS, 1998, p. 201.

biblioteca nacional e o início de políticas básicas de saúde pública, além de enviar seu chanceler Jerónimo Villademoros ao Rio de Janeiro para solicitar providências para a fixação de limites e pleitear negociações em torno de um tratado de paz definitivo[309], visto que a Convenção de 1828 tinha caráter *preliminar* e as questões lindeiras continuavam sem definição. Sem razões aparentes para aquiescer aos pedidos do governo oriental, a Regência ignorou-os, mas a sublevação farroupilha desencadeada no mesmo ano criou um sério fator de instabilidade no extremo sul do Império que tornaria o Rio de Janeiro mais propenso a buscar melhores termos de inteligência com Montevidéu.

Paradoxalmente, do lado uruguaio, a Farroupilha representou ao mesmo tempo riscos e oportunidades adicionais para os esforços de construção do Estado Nacional que o governo Oribe empreendia. Riscos, pois uma guerra aberta em território rio-grandense, com o qual o Uruguai compartilhava extensas 'fronteiras abertas e em movimento', inviabilizava a demarcação legal e definitiva do território oriental, o que constitui um entrave capital para a edificação de qualquer Estado soberano, mormente quando se considera que a generalização do conflito armado na província levou à intensificação de fluxos de rio-grandenses – rebeldes e legalistas – rumo ao território oriental.

Oportunidades, uma vez que o advento do Rio Grande do Sul farroupilha como ator político-militar autônomo no quadro da Bacia do Prata e abertamente hostil ao Império colocava-o como um possível interlocutor do governo Oribe e ampliava o poder de barganha deste relativamente ao governo regencial, ainda que Montevidéu declarasse neutralidade perante o conflito armado que varria seu vizinho ao norte. Com a intensificação da guerra e seu 'transbordamento' para o território oriental[310], o processo de construção do Estado Nacional uruguaio se entrelaçava ainda mais firmemente com os rumos do Rio Grande do Sul.

Acobertado pela posição oficial de neutralidade de um lado, Oribe manteve, de outro, contatos com os farrapos durante todo seu primeiro mandato, chegando mesmo a apoiar a ala mais radical do movimento em relação ao 'cruzamento do Rubicão' que a separação expressa e inequívoca da província do Império do Brasil representaria, valendo-se precisamente da 'janela de oportunidades' que havia sido aberta desde

---

[309] MACHADO, Carlos, p.162.

[310] Não em sentido estrito, pois as operações militares não transbordaram para o Uruguai, a não ser na imprecisa região da fronteira, mas sim em uma acepção mais ampla que diz respeito à utilização do território oriental pelos republicanos rio-grandenses como parte de seu esforço de guerra.

setembro de 1835. Se a derrubada do governo legal de Fernandes Braga e a crise que se seguiu enfraqueciam o Império na região platina, a secessão da província rio-grandense e a posterior consolidação dessa independência o afastaria em definitivo do Prata, criando um tampão que reduziria a capacidade de ação do Rio de Janeiro no Uruguai.

Assim, em resposta à solicitação por auxílio material enviada pelo coronel farroupilha Antônio Souza Netto, que derrotara as forças do legalista Silva Tavares que retornavam do território oriental após a destituição do governo Fernandes Braga, Oribe respondeu que

> Enquanto não erguesse um pavilhão, afirmando que lutava pela ideia de separação, ele não comprometeria o futuro do seu País. [...] unidas as Repúblicas do Uruguai e a Rio-Grandense, formariam um colosso capaz de resistir à totalidade das falanges brasileiras [...] só em tal caso deveriam contar com a proteção da República Oriental, a qual saberia colocar-se na altura reclamada por um povo vizinho, quase irmão e tão digno da sua independência[311].

Evidentemente, deve-se ter cuidado para não se superestimar o peso da exigência de Oribe na decisão de Netto, posto que, conforme se assinalou neste trabalho, a separação da província do resto do Brasil era ideia e objetivo antigos acalentados por setores das elites rio-grandenses. Estes, no entanto, careciam de um projeto consistente e amadurecido de independência, apesar de importantes nomes como Tito Lívio Zambeccari[312], João Manuel de Lima e Silva, Joaquim Pedro Soares[313] e Lucas de Oliveira[314], terem defendido abertamente a proclamação da República, tendo os dois últimos, inclusive, persuadido Souza Netto diretamente nesse sentido[315].

Mais que uma irresistível e decisiva influência circunstancial na importante decisão que Netto tomara, a iniciativa do presidente oriental demonstra sua intenção de valer-se da Farroupilha para avançar os interesses do Estado Oriental, o que é ratificado pela subsequente política adotada por Montevidéu de transitar da retórica para o auxílio concreto à República Rio-Grandense. Do lado dos farrapos, a busca por soluções políticas e militares no Rio da Prata foi colocada em prática logo nos primeiros estágios de organização da República.

---

[311] VARELA, p. 214.
[312] Um dos idealizadores da revolução, atuou, até sua prisão na Batalha do Fanfa (outubro de 1836), como principal estrategista político do movimento farroupilha.
[313] Militar próximo a Souza Netto. Organizou o 1º Corpo de Lanceiros Negros do Exército Farroupilha.
[314] Deputado provincial e ministro da Guerra da República Rio-Grandense em sua fase final.
[315] BENTO, p.171.

Nesse sentido, no mesmo mês em que o governo provisório republicano era organizado em Piratini, novembro de 1836, os farrapos solicitaram ao governo bonaerense o reconhecimento da República Rio-Grandense e que o governador Rosas assumisse o caráter de seu protetor[316], enviando, ainda, o emissário José Carlos Pinto a Buenos Aires para estabelecer relações diplomáticas com a Confederação Argentina, cujas relações externas estavam a cargo dessa província. Hesitante em assumir uma posição frontalmente hostil ao Império, Rosas evitou comprometer-se com o agente enviado pelo ministro farroupilha Ulhôa Cintra, mas não se opôs a que ele

> Adquiriera y despachara desde el puerto de Buenos Aires cuarenta cajones repletos de material de guerra, a pesar de las seguridades dadas por Arana al encargado de negocios Lisboa y al agente secreto imperial Antonio Cândido Ferreira, de que eran destinadas para auxiliar a Oribe[317].

Como ocorrera em 1811, 1816 e 1825, mais uma vez setores das elites rio-grandenses voltavam-se para o sul de seu território para defender seus interesses internos, embora, aqui, já não se tratasse mais de interesses exclusivamente particulares, mas também de necessidades de natureza pública advindas da imperiosidade de se consolidar a independência política e organizar a República. Apesar disso, os conflitos entre interesses privados e públicos seriam um problema constante no governo republicano, sobretudo na esfera econômica. Parte dos estancieiros-políticos farrapos deixou de observar os atos oficiais do governo que contrariassem seus interesses econômicos[318], inclusive, e ironicamente, Domingos José de Almeida, o principal organizador da República.

Ao contrário de Rivera, que mantinha relações relativamente estáveis com o Rio de Janeiro e auxiliava os legalistas rio-grandenses desde o lado uruguaio da fronteira, Oribe e Rosas demonstravam inclinações pró-farroupilhas, ainda que dissimuladas, o que era lógico e racional na conjuntura contemporânea platina, considerando o papel histórico da província como base de operações do Império na Bacia do Prata, como observa Tau Golin:

> De certa forma, a partir da ótica do Prata, o movimento republicano conseguira, por fim, fragmentar o poderoso Império. [...] Rosas e Oribe, os temerários inimigos do Império, viram nos farroupilhas o instrumento para fracionar o

[316] VIDAURRETA, p.425.
[317] Ibid.
[318] GUAZZELLI, 2013, p.88-98.

> Brasil. Nos primeiros anos da insurreição, o governo portenho concebeu planos com a pretensão de transformar o perfil político da América meridional[319].

Não obstante, se por um lado Manuel Oribe apoiou diretamente os republicanos rio-grandenses, ainda que veladamente, Rosas, ocupado com uma guerra civil contra os unitários de seu país liderados por Juan Viamonte e José María Paz, ex-governadores das províncias de Buenos Aires e de Córdoba, respectivamente, optou por concentrar seu apoio pela via indireta por meio seus aliados de Corrientes e Entre Rios após o auxílio material concedido nos momentos iniciais na fase separatista da revolução. Sobre a reação dos referidos caudilhos à desejada radicalização do movimento farroupilha, diz o historiador argentino José María Rosa:

> Pero Oribe y Rosas saben a qué atenerse. Aquél quiere ayudar a los insurrectos, y choca con Rivera, a quien separa de la comandancia de campaña. Rosas – ya Jefe virtual de la Confederación con la suma del poder público – instruye a los gobernadores de Corrientes y Entre Ríos ''que conviene a los intereses de la Confederación que triunfe el coronel Bento Gonçalves...esperando que presten la cooperación que fuese posible''. Viaja a Buenos Aires, a poco de estallada la insurrección, Eliseo Antunes Maciel en nombre de Gonçalves para solicitar la ayuda '*'visto ter dado o passo que desmascarava a revolução*''. Pero Rosas no se mostró conforme con los ambiguos términos de las proclamas *farroupilhas*, o no creyó prudente provocar al Imperio, y limito su apoyo a la manera indirecta señalada[320].

Apesar das dificuldades que tais relações enfrentaram dentro do complexo e volátil quadro de alianças vigente no Rio da Prata, é certo que, durante os três anos em que esteve à frente do governo oriental, Manuel Oribe pendeu claramente para o lado dos farroupilhas e agiu no sentido de apoiar seu esforço de guerra, inclusive abrindo a praça de Montevidéu para os farrapos e permitindo que seu porto fosse utilizado para o escoamento de produtos rio-grandenses[321] em face do bloqueio naval que a Armada Imperial havia imposto à República. Permitia o governo oriental blanco, ainda, que os farrapos se refugiassem em território uruguaio quando julgassem necessário ou as circunstâncias assim exigissem, ocasionando diversas reclamações do Império e mesmo de antigos farroupilhas, como Bento Manoel, que escreveu a Araújo Ribeiro denunciando que

> Mais de dois mil homens estão emigrados no Estado Oriental, protegidos por Oribe, e Rosas, e todos saberão tirar proveito de precipício, e confesso-lhe

[319] GOLIN, 2002, p.343-344.
[320] ROSA, José María. *Historia argentina: unitarios y federales (1826-1841), Tomo IV*, Buenos Aires: Editorial Oriente, 1981, p.275.
[321] GUAZZELLI, 2013, p. 98-102.

> francamente, que eu não me atrevo a opor-me a esta nova impetuosidade de paixões que eles têm incendiado[322].

Mais do que uma opção de apoio externo, o Estado Oriental havia se tornado imprescindível para a sobrevivência da República Rio-Grandense, quer do ponto de vista econômico, quer do logístico. Em 1837, por exemplo, o ministro Domingos de Almeida dava conta de 446 reses que enviara para vender na praça de Montevidéu, e, até abril desse ano, mais de 2300 cavalos haviam sido adquiridos pelo governo rio-grandense na capital oriental[323]. Em outro momento, o ministro registra o despacho de um total de cinco a seis mil reses[324] à capital oriental como forma de pagamento pela aquisição de mercadorias que o governo realizara.

A política do governo Oribe para o conflito armado que se travava no Rio Grande do Sul, no entanto, não se baseava apenas em cálculos que abrangiam fatores relacionados à consolidação da soberania uruguaia *de facto*, mas levava em conta, também, questões de caráter essencialmente interno acerca da disputa pelo poder e pelo modelo de Estado a ser construído no Uruguai. Oribe, apesar de haver chegado à Presidência com o apoio de Rivera, era, para todos os efeitos práticos, um lavallejista[325]; e, como tal, tinha claras tendências conservadoras e nacionalistas, vinculando-se politicamente a militares de academia, clérigos e aos *aporteñados* uruguaios[326] – e, por extensão, à burguesia portenha que havia financiado parcialmente a expedição dos *33 orientales* em 1825. Com tendências liberais e livre-cambistas, apesar de ser um ‘homem da fronteira’, *Don Fructos*, por sua vez, estava ligado a *los hombres civiles de tendências liberales y progresistas*[327], *los militares gauchos*, *el populacho y la indiada*[328]. Essas caraterísticas naturalmente influíam nas políticas de blancos e colorados para o conflito que se desenvolvia do ‘outro lado’ de limites fronteiriços pouco precisos, embora não devam ser superestimadas em detrimento de fatores mais pragmáticos.

Com a decadência da importância de Lavalleja no cenário político oriental após o fracasso das rebeliões de 1832 e 1834, Oribe, ao se libertar gradualmente da influência de Rivera, firma-se como maior líder dos lavallejistas que evoluiriam para o Partido

---

[322] CV 7711 – Carta de Bento Manoel Ribeiro a José de Araújo Ribeiro, em 17 de fevereiro de 1837.
[323] SCHMITT, Anderson Marcelo. *O despacho para o Uruguai de bens legalistas durante a guerra civil no Rio-Grandense*. Aedos, nº 12, volume 5 – Jan/Jul 2013, p.221-223.
[324] GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. ‘A República Rio-Grandense e a praça de Montevidéu’. *Unbral Fronteiras*, 2004.
[325] ZUM FELDE, Alberto. *Proceso historico del Uruguay*, p. 146-147
[326] Ibid.
[327] Os assim chamados *abrasilerados*, conforme se expôs anteriormente.
[328] Ibid.

Nacional, o que o colocava em situação de oposição aberta ao seu antecessor. Rivera, como forma de manter parte de seu poder formal e militar após a saída da Presidência em 1834, havia criado o cargo de Comandante-Geral da Campanha para si, gerando, na prática, uma 'duplicidade de jurisdição' de fato. A extinção do posto pelo governo Oribe e sua subsequente recriação para acomodar seu irmão, Ignácio Oribe, bem como divergências acerca do apoio do Estado Oriental aos republicanos rio-grandenses[329], estiveram entre os fatores imediatos que concorreram para que o confronto entre os dois caudilhos desbordasse do campo da política para o do conflito armado.

Em julho de 1836, Rivera iniciou uma sublevação contra o governo uruguaio juntamente com emigrados unitários argentinos anti-rosistas desde a região da fronteira, sendo batido em setembro do mesmo ano na Batalha de Carpintería, oito dias após a proclamação da República Rio-Grandense. Derrotado, o caudilho refugiou-se em Alegrete junto com o chefe unitário Juan Lavalle e cerca de quatrocentos soldados remanescentes, onde entrevistou-se com Bento Manoel Ribeiro, que já havia passado para as forças legalistas. Apesar disso, Ribeiro ofereceu proteção a Rivera, uma vez que, além dos laços pessoais que ligavam os dois, os interesses do caudilho colorado possuíam maior convergência com os do Império naquele momento em que as desconfianças da Regência quanto às ligações entre o governo Oribe e os farrapos se confirmavam. Abrigado por Bento Manoel, *Don Fructos* organizou uma nova rebelião durante os meses que passou na região de Alegrete, sendo, no entanto, interrompido como resultado das gestões do governo uruguaio[330].

Reagindo à proteção que Bento Manoel fornecia ao chefe colorado, o governo Oribe enviou a Porto Alegre o emissário Atanásio Cruz Aguirre, presidente interino do Uruguai em 1864-5, para negociar uma intervenção por parte do governo da província do Rio Grande do Sul. Aguirre encontrou-se com o novo presidente Antero de Brito, e, beneficiado pela existência de disputas pessoais entre este e Bento Manoel, conseguiu que o governo provincial interviesse contra as articulações que se produziam entre o ex- chefe farroupilha e o ex-presidente uruguaio[331].

---

[329] Segundo José María Rosa, documento do agente imperial em Montevidéu datado de 1838 diz sobre Rivera que '*as circunstâncias o tinham feito sucessivamente caramuru ou farroupilha para tirar partido de uns ou outros. Pero seus sentimentos, contudo, foram sempre a favor dos legalistas por causa dos quais tiveram origem, em parte, suas desavenças com Oribe*'. p. 274.

[330] CALÓGERAS, 1998, p.204.

[331] VIDAURRETA, p.426.

Durante o período em que esteve exilado no Rio Grande do Sul, Rivera buscou o apoio tanto de imperiais quanto de farroupilhas para sua causa, fazendo gestões junto ao governo provincial de Porto Alegre em um primeiro momento e ao republicano em Piratini, posteriormente. Ao Império, procurava demonstrar a necessidade de remover Oribe do poder em face do auxílio material e da proteção que este fornecia aos farrapos em território oriental, ligando o fim da Farroupilha à queda do governo oriental blanco[332]. Apesar da dissimulação, o apoio que Oribe fornecia aos farrapos tornara-se conhecido pelo governo regencial após os sucessivos informes encaminhados pelo encarregado Manoel de Almeida Vasconcelos.

Por outro lado, as conversas com os farroupilhas buscavam convencê-los de que o êxito da República dependia da saída de Oribe do governo, valendo-se da relutância deste em reconhecer diplomaticamente o Estado Rio-Grandense, além de procurar mostrar uma convergência entre as duas causas. Em carta enviada a Bento Gonçalves no início de 1838, quando já se encontrava sublevado contra o governo de Oribe pela segunda vez, Rivera expressou que os dois estão '*hermanados en princípios, pues una misma es la causa por que ambos peleamos, pues si U aspira a libertar a su Patria sacudiendo el yujo de um Gobierno Monárquico, yo peleo para destruir un tirano que se há entronizado en mi pátria...*'. E prosseguia:

> Debemos también ponernos em inteligencia para favorecernos mutuamente y por mi parte no se perdonaran medios para arribar a ello, así es que desde ya le invito, y lo hago com hechos no com palabras, yo ya me he dirigido a la Corte del Brasil por conducto muy seguro, y he introducido en ella en suma contra el Gobierno de Montevideo que lo alejara sin duda de toda negociación, y a la vez mis agentes adquirirán la bastante confianza para estar al conocimiento de todos los recursos de aquella corte y las medidas que pensé tomar sobre La Provincia de San Pedro, y de consiguiente podemos prevenirlo todo com bueno suceso. También ya nos podemos convenir en el modo de dar un golpe sobre as fuerzas legales que hay en esta frontera, sino que yo haré aparecer esto como una intriga jugada por el Gobierno de Montevideo[333].

Do lado do Império, a Regência Feijó, apesar de suas hesitações em relação à Farroupilha e às questões do Prata, não aguardou os acontecimentos em completa passividade no campo da diplomacia. Desde o início do conflito, o governo regencial tendia a encarar Rivera como seu principal interlocutor no Uruguai para conter os

[332]CANDIDO, Salvatore. *Giuseppe Garibaldi: corsário rio-grandense (1837 – 1838),* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1992, p.43.
[333] CV 7876 – Carta de Fructuoso Rivera a Bento Gonçalves da Silva, em 2 de março de 1838. *Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul*, volume 18, Porto Alegre, 2009, p.136-137.

farrapos, em parte devido à existência de maior convergência de interesses entre ambos[334]. Diante da aproximação do governo oriental de Manuel Oribe aos farroupilhas, ainda que extraoficialmente, e do início das hostilidades entre os dois caudilhos, reforçava-se o papel de Rivera como aliado em potencial do Império na medida em que as circunstâncias concorriam para que os interesses de ambos convergissem: o caudilho colorado desejava derrubar Oribe do poder, enquanto ao Império, buscando reintegrar sua província sulina, cabia sufocar o movimento farroupilha cujo principal apoiador externo era o governo oriental oribista.

Porém, desentendimentos entre Bento Manoel e o novo presidente provincial acabaram desencadeando eventos que criaram uma cisão no campo legalista rio-grandense e alteraram imediata e radicalmente esse quadro, impactando nos alinhamentos e alianças vigentes. Bento Manoel era primo do presidente Araújo Em fins de março de 1837, após as tratativas com Anastásio Aguirre e em meio a desinteligências acerca de questões em torno da condução da guerra[335], o presidente buscou destituir Bento Manoel do posto de Comandante das Armas e exigiu que Rivera se transferisse de Porto Alegre ao Rio de Janeiro. Em sinal de afronta, Bento Manoel retirou-se para Alegrete, enquanto Rivera, não acatando as ordens do presidente, teve sua prisão decretada. Em seguida, Antero de Brito deslocou-se para a fronteira na região de Alegrete para dar cumprimento à sua decisão e prender Ribeiro, que, antecipando-se, surpreendeu o presidente e prendeu-o antes. Bento Manoel comunicou o ocorrido a Francisco das Chagas Santos, sucessor de Brito no cargo, valendo-se do episódio para garantir a segurança de Rivera:

> Conhecendo os males desastrosos que o despotismo e iniquas arbitrariedades do brigadeiro Antero José Ferreira de Brito faziam pesar sobre os mais distintos e leais rio-grandenses, e bem assim os que por sua péssima administração ameaçavam submergir para sempre n'um pélago esta infeliz Província, prendi-o para evitar enquanto é tempo o precipício a que em tão curto espaço nos ia arrojando. [...]. Eu me comprometo a responder perante o Governo Imperial pela detenção do brigadeiro Antero. É ainda necessário que no momento que Vossa Excelência receba esta conceda-se ampla faculdade ao general D. Fructuoso Rivera para vir para o meio dos seus companheiros, na certeza de que a vida do brigadeiro Antero, que desde já entrego aos orientais, será o garante para a execução desta cláusula[336].

Como consequência, Bento Manoel rompeu com o Império e retornou aos quadros farroupilhas, levando consigo tropas que não respondiam a nenhum comando a não ser

[334] CISNEROS, ESCUDÉ, 1998.
[335] VIDAURRETA, p.426.
[336] CV 7713 – Carta de Bento Manoel Ribeiro a Francisco das Chagas Santos, em 24 de março de 1837.

ao seu. Tal mudança implicou o afastamento de Rivera e de seus colorados da órbita do Império e ao mesmo tempo os aproximou da esfera dos farrapos, ainda que não houvesse consenso em Piratini acerca da conveniência de se estreitar relações com o caudilho, dada sua amplamente conhecida ardileza que gerava a percepção em setores do movimento e do governo republicano de que '*de Fructus nada se pode esperar'* e que sua amizade seria *'falsa, efêmera e prejudicial*'[337].

A complexa e volátil conjuntura do espaço Rio Grande-Uruguai, todavia, exigia uma alta dose de pragmatismo dos políticos e chefes militares que compunham o governo farroupilha, que logrou alcançar razoáveis termos de inteligência com Fructuoso Rivera a despeito de eventuais restrições que se pudesse levantar relativamente a ele. E, no ano seguinte, o chefe colorado ofereceria a Piratini algo que Oribe se esquivara de fazer desde que o movimento assumiu expressamente um caráter separatista: o reconhecimento diplomático do Estado Rio-Grandense pelo Uruguai, a produzir seus efeitos após o retorno de Rivera à Presidência oriental[338].

As relações entre Rivera e os farrapos se estreitaram ainda mais durante esse período, ao ponto de o caudilho integrar diretamente as divisões farroupilhas no esforço de guerra contra as forças legalistas em território rio-grandense[339]. Foi em tal contexto que Rivera iniciou a articulação de uma aliança formal com Bento Gonçalves e tornou a mobilizar tropas com o objetivo de invadir o território oriental novamente, comprometendo-se, em troca, a apoiar os farrapos em suas ambições de conquistar um porto para a República em território rio-grandense. Tratava-se de se alcançar bases mutualmente aceitas para futuras ações conjuntas contra o Império e o governo blanco por meio das quais os farroupilhas estenderiam seu domínio ao litoral rio-grandense e os colorados tomariam o governo nacional uruguaio, conforme elucida Tau Golin:

> Uma grande operação foi montada em conjunto: a tomada de Montevidéu por Rivera e a cidade de Rio Grande pelos farrapos. Os recursos seriam maximizados. Entretanto, mais tarde, Rivera conquistou a capital uruguaia e, subornado pelo Império, não cumpriu a sua parte. Ele havia se comprometido com os farroupilhas a fornecer três mil cavalos, permitir a organização de uma tropa rebelde nos campos de Maldonado, prometendo protegê-la até a fronteira de Santa Teresa. A traição de Rivera foi a causa do atraso das operações dos rebeldes rio-grandenses e de jamais terem conquistado a cidade de Rio Grande, onde se localizava o porto de fundamental importância para o comércio

[337] CV 8033 – Ofício de Luigi Rosetti para Domingos José de Almeida, em 5 de janeiro de 1838.
[338] Por meio do Tratado de Canguë, de agosto de 1838, conforme se examinará no capítulo seguinte.
[339] CALÓGERAS, 1998, p.205-206.

> exterior e sobrevivência da República insurgente. Porém, a posição dos insurretos da província sulina não permitia rompimentos[340].

Tendo em vista a aproximação entre farrapos e colorados e a intensa movimentação destes na fronteira, o Império e o Estado Oriental blanco ganhavam um ponto de convergência à medida que seus respectivos insurretos pareciam agir em conjunto e representavam graves fontes de instabilidade para os governos instalados no Rio de Janeiro e em Montevidéu. Reagindo a essa aproximação, o governo Oribe publicou um decreto que exigia que o gado transportado '*dos territórios brasileiros adjacentes*' para '*a tablada montevideana*' fosse acompanhado de documentos legais assinados pelo legítimo proprietário, comprometendo, na prática, as medidas confiscatórias implementadas pelo governo rio-grandense contra seus adversários[341]; devido à debilidade do Estado Oriental naquela conjuntura, no entanto, o ato não foi implementado efetivamente e o decreto não produziu seus efeitos[342].

Dando continuidade às negociações que haviam sido iniciadas na capital uruguaia, e visando também tirar proveito da fragilidade do Império para fixar em definitivo as fronteiras, o Encarregado de Negócios do Estado Oriental, Carlos Villademoros, manteve na capital imperial uma série de encontros com o ministro dos Estrangeiros da Regência, Francisco Jê Acaiaba de Montezuma. Durante as tratativas, Villademoros propôs um tratado ofensivo-defensivo dirigido contra farroupilhas e colorados que previa a possibilidade de forças regulares orientais atuarem em território rio-grandense com o intuito de combater os dois grupos, e vice-versa. Tal acordo incluiria, entre outras providências:

> Auxílios recíprocos, constantes de força de terra e mar, bem como de recursos pecuniários; as tropas de cada nação conservariam seus uniformes, e seriam comandadas por um chefe geral do país em cujo território operassem; os criminosos políticos seriam imediatamente retidos e enviados para longe das fronteiras, ficando ao arbítrio do governo do qual fossem súditos marcar o lugar de internação, para onde receberiam passaporte; desarmamento e internação das forças rebeldes que passarem de um para outro país; entrega recíproca dos chefes da rebelião[343].

[340] GOLIN, Tau, 2002, p.354.
[341] LEITMAN, 1979, p.164.
[342] Ibid., p.165.
[343] CALÓGERAS, 1998, p.208.

O ministro Montezuma e o regente Feijó simpatizaram com a proposta, ainda que ela envolvesse a autorização para forças estrangeiras operarem em solo brasileiro[344], pois era imprescindível debelar a '*insidiosa e sanguinária rebelião da importantíssima província do Rio-Grande do Sul*' e, para tanto, '*seria mui vantajosa uma força habituada àquele gênero de guerra*'[345]. Contudo, a proposição gerou forte repulsa na comissão parlamentar eleita para analisá-la e agravou o isolamento político do governo Feijó, terminando rejeitada por deputados e senadores, que reprochavam o que entendiam como extraordinária debilidade do Poder Executivo. Já enfraquecido por disputas internas, hesitações diante da Farroupilha de cujas reivindicações jamais discordara de verdade[346] e agora por um ato de surpreendente e evidente fragilidade, o governo Feijó caiu quatro dias depois da rejeição unânime da proposta de acordo[347]. Menos de um mês depois, com o apoio relutante e decisivo de Piratini, Rivera invadia o Uruguai com tropas coloradas e unitárias.

Com o fim da Regência Feijó, afastavam-se as frágeis possibilidades de entendimento do Império com o governo Oribe, e os liberais moderados eram afastados do poder. A Regência conservadora de Araújo Lima[348] formularia uma política externa menos vacilante para o Rio da Prata, embora mantivesse a posição oficial de neutralidade de seu antecessor. Tal política incluiu a nomeação de Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, conservador convicto e um dos responsáveis pelo acirramento das tensões após a derrubada do governo de seu irmão Fernandes Braga, para o posto de Encarregado de Negócios do Império em Montevidéu.

Instalado no cargo em janeiro de 1838, quando as tropas sublevadas de Rivera já estavam em Canelones, Chaves propôs a Oribe a formação de uma brigada de cavalaria integrada por brasileiros residentes no Uruguai[349], buscando um acordo em termos considerados menos humilhantes para o Império. A proposta não previa qualquer contrapartida, e Oribe, desconfiado das intenções do Brasil e ainda ligado a Piratini, recusou-a. Refletindo uma política mais incisiva do Império para o Prata, Chaves,

[344] Por motivos óbvios, havendo a Regência se recusado a reconhecer a separação do Rio Grande do Sul, o território do Estado Rio-Grandense era tratado como brasileiro.
[345] Palavras proferidas por Feijó na ocasião e registradas por Montezuma. CALÓGERAS, Op. cit., p.211.
[346] BARMAN, Roderick. *Brazil: The forging of a nation, 1798-1852*. Stanford-CA: Stanford University Press, 1994, p.185-188.
[347] CALÓGERAS, 1998, p.212.
[348] Não encontrando sucessor nos quadros liberais, e enfrentando pressão da Câmara conservadora, Feijó indicou o conservador Pedro Araújo Lima para sucedê-lo na Regência Una, o que foi confirmado pela eleição realizada em abril de 1838.
[349] VIDAURRETA, p.431.

buscando tirar proveito de uma possível vitória definitiva de Rivera, propôs ao governo regencial '*apalpá-lo, e para bom êxito conviria oferecer-lhe vantagens, as quais V. Exa. dirá quais sejam*', pois '*Oribe, sempre propenso para os farrapos, agora que a fortuna os favorece mais e mais se lhes há de ligar*'[350].

Tendo em vista o apoio que o governo oriental ainda dava aos farrapos[351], mesmo diante da aparente aproximação destes aos colorados, e da quase obsessiva política do presidente oriental de buscar extrair do Império um tratado de fronteira com base no Tratado de Santo Ildefonso, a Regência conservadora passou a conceber uma política de instrumentalização de Rivera e dos colorados para destituir Oribe[352]. Convergiam os interesses do Império novamente com os de Rivera no tocante aos rumos do Estado Oriental – e, por extensão e ironicamente, cada vez mais com os dos farroupilhas naquele momento –, evidenciando mais uma vez o alto grau de complexidade e instabilidade dos alinhamentos existentes no amplo tabuleiro político-militar platino que se estendia até o Rio Grande do Sul.

As forças de Rivera conquistaram a maior parte do interior do território oriental em poucos meses, chegando às portas de Montevidéu em janeiro de 1838, ao que o governo Oribe respondeu propondo um acordo com o chefe colorado – que não foi adiante – e solicitando a intervenção do general e ex-governador de Buenos Aires, Miguel Estanislao Soler, que assumiu a defesa da capital. Pouco depois, motivado por uma crise diplomática aberta entre o governo Rosas e o Reino da França acerca da obrigatoriedade de alistamento militar dos cidadãos franceses residentes na província de Buenos Aires[353], começava o bloqueio francês do Rio da Prata que duraria até outubro de 1840.

Como consequência da resistência de Rosas em ceder à pressão francesa e da vinculação expressa entre o governador bonaerense e Oribe, que recusara a solicitação do almirante francês Leblanc para utilizar o porto de Montevidéu como base naval contra Buenos Aires[354], os franceses decidiram apoiar os colorados contra os blancos, que foram decisivamente derrotados pelas tropas de Rivera na Batalha de Palmar, em junho de 1838[355]. Com seu exército devastado e com Montevidéu bloqueada e sob a mira de canhões franceses, Oribe renunciou e se refugiou em Buenos Aires, não sem antes

---

[350] GUAZZELLI, 2013, p121.
[351] A praça e o porto de Montevidéu permaneciam abertos à República Rio-Grandense a essa época.
[352] BANDEIRA, p.111.
[353] FERNANDÉZ, Jorge. RONDINA, Julio César. *Historia Argentina: 1810-1930*. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2006, p.161.
[354] Ibid.
[355] ROSA, p.280.

registrar que a renúncia era resultado de coerção e de exigir de Rivera o compromisso de realizar eleições.

Desse modo, com o apoio do Estado Rio-Grandense, da esquadra francesa e crescentemente do Império, Rivera depõe Oribe da Presidência e impõe derrota militar incontestável aos blancos, encerrando sua rebelião contra o governo oriental. Não obstante, a disputa entre os dois caudilhos não só não estava terminada como escalaria para um conflito militar mais amplo, com impacto no Rio Grande do Sul. Tendo em vista as inclinações pessoais e ideológicas dos dois caudilhos, suas bases sociopolíticas e seus alinhamentos internos e externos, e considerando a conjuntura contemporânea e o momento histórico no qual estavam em marcha os processos de organização das bases dos Estados Nacionais dos países da região e a multiplicidade de projetos que se inscreviam nas contendas travadas dos dois lados da fronteira, a disputa entre blancos e colorados não se limitaria às fronteiras internas orientais.

Mais que uma disputa entre caudilhos, estava em jogo o modelo de Estado Nacional que seria conformado no Uruguai, enquanto os possíveis rumos da República Rio-Grandense se encontravam estreitamente entrelaçados com as alternativas que se apresentavam no contexto da Guerra Grande que se abriria após a derrocada do governo Oribe e seu exílio em Buenos Aires, em 23 de outubro de 1838. Antes mesmo da retomada do poder pelo Partido Colorado, Rivera já tinha um emissário junto aos farrapos, Martiniano Chilavert[356], militar argentino veterano da Guerra da Cisplatina, que seria encarregado de representar os interesses do caudilho colorado junto ao Estado Rio-Grandense.

Do outro lado da contenda, o exílio dos blancos em Buenos Aires e a nomeação de Manuel Oribe para o posto de comandante das tropas da Confederação concorriam para cimentar a inserção do Partido Nacional na órbita de Rosas, fazendo do caudilho blanco uma espécie de extensão dos interesses do ditador portenho e acirrando ainda mais as divisões políticas e o antagonismo de interesses no Prata, cujos conflitos penetravam as fronteiras brasileiras por meio da '*correia de transmissão*'[357] que o Rio Grande do Sul representava para o Império.

---

[356] FIGUEIREDO, Joana Bosak de. GUAZZELLI, César Augusto Barcelos. Región y nación: el Río Grande insurgente, entre el Imperio de Brasil y las Repúblicas del Río de la Plata (1838-1842). *Revista de Historia Social y de las Mentalidades*, Vol. 16, Nº 2, 2012, 9-43, p.18.

[357] FERREIRA, 2006, p.69.

CAPÍTULO IV

OS FARRAPOS NO PRATA: A REPÚBLICA RIO-GRANDENSE E A GUERRA GRANDE NO URUGUAI (1839-1845)

4.1. A conjuntura político-militar no início de 1839

Do início da fase armada do movimento farroupilha, em setembro de 1835, até a queda do governo Oribe, em outubro de 1838, a guerra civil no Rio Grande do Sul estruturou dois alinhamentos políticos no quadro platino, tendo farrapos rio-grandenses, blancos uruguaios e a maior parte dos federalistas de Buenos Aires, Corrientes e Entre Rios de um lado, e colorados, unitários e uma parte minoritária de *federales*[358], de outro, com variados graus de cooperação e padrões de relações que eram definidos pelas circunstâncias e vicissitudes advindas do complexo e turbulento subsistema platino daquele período.

Do ponto de vista das Repúblicas do Prata, os três primeiros anos da Farroupilha foram marcados pelo apoio concreto – ainda que dissimulado – aos rebeldes por parte do Uruguai, e retórico e indireto de Buenos Aires, enquanto as províncias de Corrientes e Entre Rios prestaram auxílios na forma de fornecimento de cavalhadas e armas aos rebeldes[359]. Visto por outro ângulo, pode-se dizer que os farrapos estiveram alinhados às forças políticas que ocupavam os principais governos platinos que detinham interesses na rebelião farroupilha, seja no Uruguai, em Buenos Aires ou nas províncias litorâneas da Confederação. O Império, embora mantivesse posição oficial de neutralidade, buscou articular algum tipo de ação tanto com blancos como com colorados com o objetivo de pacificar o Rio Grande do Sul. Se estava alinhado a Rivera e seus *abrasilerados* no início do conflito, tentou agir em conjunto com os blancos – o que

---

[358] Uma das razões para a divisão interna do Partido Federal decorria da recusa de Rosas em nacionalizar as rendas da aduana de Buenos Aires e de fechar os rios interiores à navegação, o que prejudicava as províncias. A Lei de Aduana de 1835 mitigou esse problema ao estabelecer uma política protecionista que beneficiava as economias provinciais, mas não foi suficiente para eliminar por completo as dissidências entre os *federales*, a exemplo de Corrientes, cujo federalismo se chocava com a forma centralizadora com que Rosas governou. Além disso, havia *federales* que se opunham a Rosas em razão de seu autoritarismo. Ver LYNCH, John. *Argentine caudilho: Juan Manuel de Rosas: 1829-1851*. Oxford: Oxford University Press, 1981.

[359] LEITMAN, Spencer. *Raízes socioeconômicas da Guerra dos Farrapos: um capítulo da História do Brasil no século XIX*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

concorreu para a queda de Feijó da Regência – em um segundo momento, optando finalmente pelo polo colorado após o fracasso das tratativas com o governo Oribe.

Se tais alinhamentos começaram a ser desfeitos ainda 1837, quando Bento Manuel Ribeiro se reintegrou aos farrapos junto com os colorados, foi com o exílio de Oribe em Buenos Aires e o retorno de Rivera à Presidência oriental que uma nova estruturação de coligações foi colocada em marcha. Tendo os colorados chegado ao poder com o auxílio de Piratini e dos agentes franceses em um primeiro momento, e do Império posteriormente, Rivera iniciou seu segundo mandato vinculado a uma série de compromissos com forças estrangeiras que impactariam na teia de relações do tabuleiro rio-platense.

Para os republicanos rio-grandenses, tal fato implicava, na prática, a manutenção do apoio do governo uruguaio ao esforço de guerra farroupilha, considerando o auxílio prestado por Oribe anteriormente. Além disso, e talvez ainda mais importante, representava expectativas de que o novo governo levasse essa cooperação a um novo nível, principalmente em relação ao reconhecimento diplomático do Estado Rio-Grandense, antigo ponto de divergência entre o governo blanco e Piratini. Afinal, Rivera havia se comprometido a reconhecer a República durante o tempo em que esteve com os farrapos no ano de 1837, formalizando o compromisso no ano seguinte por meio do Tratado de Canguë, como já se disse.

Buscando consolidar sua independência e organizar as bases de seu Estado Nacional, objetivos indivisíveis, os líderes farroupilhas viam como imprescindível o reconhecimento internacional da República[360], a começar pelo Uruguai, e a contínua recusa de Oribe em fazê-lo desempenhou papel importante no afastamento entre os dois blocos, juntamente com o retorno de Bento Manuel Ribeiro aos quadros republicanos e a aproximação a Rivera que esse ato acarretou. A partir de então, *os farroupilhas teriam em Rivera um aliado mais convicto e movediço do que fora Oribe*, e, por força do antagonismo existente entre os dois caudilhos orientais, *participariam nas complicadas manobras políticas que Don Frutos armava com os unitarios argentinos e os dissidentes do litoral, especialmente a província de Corrientes*'[361].

As ambiguidades de Rivera e as desconfianças que ele despertava levaram os farrapos a tentar uma nova aproximação a Rosas ao longo de 1839, mas, já em setembro

[360] FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996, p.124.
[361] GUAZZELLI, César Augusto Barcelos. *O horizonte da província: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata*. Porto Alegre: Linus Editores, 1997, p.126.

desse ano, os integrantes do governo republicano decidiriam permanecer vinculados aos colorados. Sobre o afastamento dos republicanos rio-grandenses de Oribe, o redator do diário oficial farroupilha, Luigi Rossetti, escreveu ao ministro Domingos de Almeida desde Montevidéu:

> Oribe, a não ser a pouca ou nenhuma franqueza que houve de nossa parte, era nosso amigo. Ele era farroupilha; eram caramurus os seus empregados e seu ministério, os membros da Câmara permanente. Precisava lhe subministrar razões para nos poder proteger, ao contrário, que se fez? [...]. Se o Senhor General Neto, e o Coronel Canabarro não tivessem nunca contestado às suas cartas, e se não entrasse o Governo nunca em tratados com Lavalleja[362], me posso enganar, mas me atrevo dizer que Oribe teria conhecido desde muito tempo a independência do Rio Grande[363].

Objetivamente, a aproximação entre farrapos e colorados significou a redução da margem de convergência entre estes e o Império, tornando o outro campo da disputa, isto é, o Partido Nacional, aparentemente mais atraente do ponto de vista da política platina do Brasil no que dizia respeito à pacificação do Rio Grande do Sul. Apesar disso, a Regência conservadora de Araújo Lima manteve tratativas com o novo governo oriental de Rivera, pois uma maior aproximação ao partido de Oribe era vista com cautela na medida em que poderia levar, em última instância, ao estreitamento de relações com Juan Manuel de Rosas, visto como principal adversário estratégico do Império no subsistema platino[364]. Por isso mesmo, a linha de ação adotada pela diplomacia imperial após o exílio de Oribe e seus partidários em Buenos Aires e a chegada de Rivera à Presidência foi a de neutralidade, porém com algum grau de engajamento com o novo governo colorado-oriental. Se os blancos eram cada vez mais vistos como uma espécie de extensão dos interesses de Rosas no Uruguai, cabia ao Império agir no sentido de buscar alguma base de convergência com o grupo político de Fructuoso Rivera, que, no entanto, apoiava os farroupilhas e com o apoio deles derrubara Oribe.

Dessa maneira, ao começar o ano de 1839, a República Rio-Grandense estava vinculada aos colorados – e, consequentemente, ao governo oriental – e em situação de

---

[362] É possível que Rossetti tenha querido se referir a Rivera, em vez de Lavalleja, por dois motivos: quando a carta foi escrita, os farrapos haviam firmado um tratado com Rivera no ano anterior na capital Piratini, no período em que o chefe colorado esteve emigrado; a essa mesma época, Lavalleja e Oribe já estavam há muito ligados ao mesmo grupo, o Partido Nacional, e não haveria, salvo melhor juízo, antagonismos mais profundos entre os dois, como as ações militares de ambos demonstrariam ao longo dos anos seguintes.

[363] CV 8035 – Carta de Luigi Rossetti a Domingos José de Almeida, em 5 de fevereiro de 1838.

[364] BUENO, Clodoaldo. CERVO, Amado Luiz. *História da política exterior do Brasil*. Brasília: Editora UnB, 2008, p.110-113.

neutralidade tácita em relação aos blancos orientais exilados em Buenos Aires e aliados dos *federales* de Rosas. Além disso, encontrava-se em óbvio estado de beligerância *vis-à-vis* o Império, cujas tropas conquistaram a capital Piratini em fevereiro; e o Partido Colorado tratava tanto com farroupilhas como com imperiais, além de estar intimamente ligado aos interesses franceses, de quem, reforce-se, havia recebido apoio decisivo na luta contra as forças de Oribe.

Na Confederação Argentina, a província de Corrientes, que há muito se ressentia do centralismo bonaerense, levantara-se pela primeira vez contra Rosas em dezembro de 1838 com o *pronunciamiento* do governador Genaro Berón de Astrada, que firmou uma aliança anti-rosista com os unitários exilados em Montevidéu e com Rivera[365] quando este já havia expulsado Oribe e seus partidários do Uruguai. Ao contrário de Corrientes, o governador de Entre Rios, Pascual Echagüe, mantinha boas relações com Buenos Aires e colocou-se do lado de Rosas e dos blancos orientais após o início da segunda sublevação de Rivera, desempenhando importante papel como preposto do ditador bonaerense[366].

Já as duas potências europeias com presença e interesses no Prata, França e Grã-Bretanha, atuavam de forma diversa àquela altura. O bloqueio naval francês, tão importante para a queda de Oribe, continuaria em vigor até outubro de1840. A diplomacia britânica agia no sentido colocar um fim a essa medida que prejudicava seu comércio na região ao mesmo tempo que buscava evitar uma vitória dos franceses que possivelmente levaria à supremacia destes nas duas margens do rio da Prata[367], uma vez que Montevidéu já estava ligada aos interesses de Paris.

Desenhavam-se, assim, os alinhamentos e as alianças que davam cores ao tabuleiro rio-platense quando do início da guerra civil que assolou o Uruguai de 1839 a 1851, cujos desdobramentos teriam impacto direto nos rumos do Estado Rio-Grandense, ele próprio parte interessada na disputa que se travava no tabuleiro platino.

---

[365] ROSA, José María. *Historia argentina: unitarios y federales (1826-1841)*, Tomo IV. Buenos Aires: Editorial Oriente, 1981, p.370-371.
[366] Ibid.
[367] CISNEROS, Andrés. ESCUDÉ, Carlos. *Historia general de las relaciones exteriores de la República Argentina, Parte I, Tomo IV*. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1998, p.100.

4.2. Entrelaçamentos da Farroupilha com a Guerra Grande durante o segundo governo colorado (1839-1843)

4.2.1. A República entre Rivera e Rosas

Após dissolver o Poder Legislativo oriental posteriormente ao exílio de Oribe, Fructuoso Rivera foi eleito presidente do Estado Oriental por uma reconstituída Assembleia Nacional em março de 1839, passado um breve período de governo interino de Gabriel Antonio Pereira, presidente do Senado. A eleição de Rivera formalizou o amplo domínio de fato que o caudilho já detinha sobre a política uruguaia como resultado da vitória sobre o Partido Nacional. Ao assumir o cargo, e sob pressão dos agentes franceses de Montevidéu e da *Comisión Argentina* sediada na mesma cidade[368], o novo presidente assinou, sem publicá-lo de imediato, documento de declaração de guerra a Juan Manuel de Rosas. Começava, assim, o conflito que varreria o Uruguai durante cerca de doze anos.

Do lado rio-grandense, o transbordamento da guerra entre blancos e colorados para o território argentino significava, entre outras consequências, a 'extensão' do conflito farroupilha para o mesmo âmbito, quer pela via indireta por meio da vinculação e das obrigações mútuas existentes entre farrapos e colorados, quer pela direta no tocante às relações que o Estado Farroupilha mantinha diretamente com a limítrofe Corrientes e Entre Rios. Se o alinhamento dos republicanos rio-grandenses aos colorados havia distanciado aqueles dos *federales* de Rosas, a declaração de guerra de Rivera ao ditador bonaerense inseriu objetivamente – ainda que indireta e tacitamente – os farrapos no campo anti-rosista, o que exigiria da República Rio-Grandense atitudes concretas de apoio ao Estado Oriental no conflito contra Rosas e seus aliados.

Na verdade, apesar das tentativas passadas de Bento Gonçalves e de outros chefes farroupilhas de buscar o apoio de Rosas, havia limites objetivos para que as relações entre ambos se desenvolvessem para muito além de um apoio retórico e algum auxílio material do ditador portenho à secessão do Rio Grande do Sul. Não é demasiado registrar, como já se fez neste trabalho, que a base social de Rosas era formada por estancieiros e

---

[368] FERREIRA, Gabriela Nunes. *O Rio da Prata e a consolidação do Estado Imperial*. São Paulo: Hucitec, 2006, p.99.

saladeros da província de Buenos Aires que competiam com os estancieiros rio-grandenses tanto por mercado quanto por 'matéria prima', isto é, os estoques de gado vacum espalhados pelos campos orientais[369].

Se a Rosas interessava um Império fragmentado e enfraquecido, também lhe convinha a desorganização da economia rio-grandense, cujos estancieiros da fronteira ainda detinham extensões desproporcionais de terras no Uruguai. Afinal, o financiamento da campanha dos *33 orientales* por Buenos Aires, em 1825, se dera parcialmente em razão da necessidade de se arrancar a Banda Oriental da esfera de controle dos estancieiros rio-grandenses[370], demonstrando a dimensão da importância que os federalistas argentinos em geral e Rosas em particular atribuíam a essa questão.

Por isso mesmo, a entrada tácita da República Rio-Grandense no campo anti-rosista, ainda que discutível do ponto de vista de sua conveniência, fazia sentido economicamente na medida em que Juan Manuel de Rosas representava interesses econômicos antagônicos aos dos estancieiros rio-grandenses. Por essa razão, jamais apoiara direta e seriamente o movimento farroupilha, apesar das diversas gestões encaminhadas primeiro por líderes farrapos e depois pela incipiente diplomacia da República[371]. Para a classe estancieira do Rio Grande do Sul, que constituía a principal base da Farroupilha, os unitários argentinos, cujas bases social e econômica não estavam nas atividades estancieiras ou no campo, mas sim no comércio dos principais povoados, apareciam como aliados mais naturais do que os federalistas que estavam intimamente ligados aos setores rurais e com a indústria saladeiril de Buenos Aires e outras províncias. Nesse sentido, os interesses econômicos dos estancieiros rio-grandenses representados pelo governo farroupilha se coadunavam com os do Estado Oriental colorado, dada a existência de maior complementariedade entre eles. Não foi por outra razão que o Partido Colorado, como uma espécie de expressão política dos unitários argentinos no Uruguai, mostrou-se relativamente menos conflitivo com os farrapos no
tocante à questão do estoque de gado no território oriental.

Ainda assim, a volatilidade das relações e alianças no subsistema platino se manifestaria mais uma vez. Diante da (correta) desconfiança de que Rivera mantinha

---

[369] BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A expansão do Brasil e a formação dos Estados na Bacia do Prata: Argentina, Paraguai e Uruguai*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p.113.

[370] DORATIOTO, Francisco. Formación de los Estados Nacionales y expansión del capitalismo. In: RAPOPORT, Mario. CERVO, Amado Luiz (Org.). *El Cono Sur: una historia común*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2001, p.135-194.

[371] VIDAURRETA, Alicia. Los farrapos y el Río de la Plata. *Jahbuch für Geschichte Lateinamerikas/Anuario de Historia de America Latina* (tradução), p.417-454, 1987

negociações secretas com o Rio de Janeiro, em que pese a assinatura do Tratado de Cangüe no ano anterior, e da realidade objetiva em que a Confederação Argentina aparecia como única potência regional capaz de fazer frente ao Império, Bento Gonçalves abriu novas negociações com Buenos Aires em 1839 na tentativa de realizar uma última ofensiva diplomática junto a Rosas[372]. Em setembro, o ministro farroupilha Correa da Câmara visitou Buenos Aires e reuniu-se com o ditador, que, ao recebê-lo, agiu como se reconhecesse tacitamente a República Rio-Grandense[373].

As principais negociações do governo farroupilha com Rosas, porém, se deram indiretamente por intermédio de Pascual Echagüe, governador rosista de Entre Rios e leal comandante militar de *Don Juan Manuel*. Bento Gonçalves buscou ativamente o apoio dessa importante província – e, por essa via, o de Buenos Aires – ao mesmo tempo que permanecia vinculado diplomaticamente aos colorados de Rivera, mesmo quando este já havia declarado guerra a Rosas em conjunto com Genaro Berón de Astrada, chegando a designar Bento Manuel Ribeiro representante da República junto a Echagüe para avançar as tratativas acerca de uma eventual aliança entre o Estado Rio-Grandense e Buenos Aires.

Apesar do empenho de Bento Gonçalves, Correa da Câmara e Bento Manoel, as conversações com o governador entrerriano terminaram sem resultados concretos, a despeito da proposta farroupilha de aliança militar entre a República e a província[374], pois Echagüe exigia como condição prévia uma intervenção direta dos farrapos contra as forças anti-rosistas que haviam invadido o território argentino, isto é, os colorados de Rivera, unitários argentinos e *federales* correntinos. Oferecia em troca, um vago posicionamento do governo de Buenos Aires em favor da Farroupilha[375], o que foi recusado pelos líderes rio-grandenses. Por instruções de Rosas, o ministro Felipe Arana escreveu a Correa da Câmara comunicando que

> El Gobierno de Buenos Ayres animado siempre de la buena fe y sinceridad que preside a todos sus actos, y muy especialmente a la que tienden a conservar sus amistosas relaciones con el Imperio del Brasil, sorprenderá el reconocimiento del Señor Correa da Cámara en su carácter diplomático, pero no la repelerá absolutamente porque a juicio de S. E. el arribo de esta misión presentaba la lisonjera oportunidad de dar principio a los buenos oficios que está resuelto a ejercer en obsequio de la paz y con el noble fin de obtener un arreglo amistoso entre los partidos contendientes en el Río

---

[372] GUAZZELLI, César Augusto Barcelos. *O horizonte da província: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata*. Porto Alegre: Linus Editores, 2013, p.134.
[373] GOLIN, Tau. *A fronteira.* São Paulo: L&PM, 2002, p.343-344.
[374] GUAZZELLI, 2013, p.136.
[375] Ibid., p.135.

> Grande, en caso de que ambos se presten deferentes a los nobles deseos de S. E. el señor Gobernador, para cuyo caso sería necesario obtuviese V.E. la competente autorización e instrucciones conducentes al objetivo indicado[376].

Fracassava a última tentativa de obtenção do apoio do mais poderoso caudilho do Rio da Prata, fato que concorreu para a permanência definitiva dos farrapos no campo colorado no âmbito da guerra que havia começado. Em face da impossibilidade de se alcançar melhores termos de inteligência com a Confederação, restava à República Rio-Grandense continuar investindo nas relações com o Partido Colorado – que seguiu sendo beneficiado pelo bloqueio francês – e em eventuais dissidências anti-rosistas nas províncias *litoraleñas*.

4.2.2. A dissidência de Corrientes

Apesar de as causas imediatas da Guerra Grande poderem ser encontradas na própria disputa entre dois blocos antagônicos que polarizavam a política oriental antes mesmo da criação jurídica do Uruguai, ou seja, em questões essencialmente locais, o conflito se inscreveu em um processo bastante mais amplo de formação dos Estados e das nações no subsistema platino, tendo como uma de suas características um alto grau de internacionalização devido à complexa e volátil teia de relações e conjuntos de interesses existentes na região.

A própria declaração de guerra de Rivera a Rosas, quando já se tinha vencido o inimigo interno representado pelos blancos de Manuel Oribe, demonstra que, longe de se inserir exclusivamente dentro dos limites do Uruguai, a disputa entre os dois principais grupos políticos orientais extrapolava as ainda indefinidas fronteiras de um Estado que se encontrava em vias de construção. Nas palavras do historiador Pivel Devoto, um dos principais pesquisadores do tema no Uruguai,

> La Guerra Grande se nos presenta, así, como un gran drama íntimamente ligado a la configuración de las nacionalidades de la cuenca del Río de la Plata, drama en cuyo planteamiento y desarrollo se discutirán las fronteras de esos países, la navegación de sus ríos, la defensa de la soberanía aún no prestigiadas y amenazadas por la política de los Estados europeos que anhelaban abrir rutas a su comercio. […] La vida de nuestro país – por circunstancias especiales – estuvo siempre muy vinculada a la de sus vecinos, pero nunca como en este período de su historia[377].

---

[376] LANDI, Julián Otal. *Rosas y la rebelión de los farrapos*. Buenos Aires, 2015.
[377] DEVOTO, Juan E. Pivel. *La Guerra Grande, 1839-1851*. Montevidéu: Editorial Medina, 1976, p.8.

Na Confederação Argentina, a velha animosidade existente entre Corrientes e Buenos Aires, dado o controle desta sobre a aduana e a navegação dos rios interiores, fazia daquela uma das províncias mais hostis ao centralismo imposto pelo governo bonaerense[378]. Juntamente com sua posição geográfica, essa realidade criava um oportuno ponto de convergência na perspectiva dos farroupilhas após o distanciamento definitivo destes de Oribe e de Rosas, assim como fornecia uma oportunidade aos colorados de Rivera para encadear uma frente contra Buenos Aires dentro da Confederação. Não à toa, após a caída do governo Oribe e a fuga do caudilho blanco para a capital portenha, Rivera firmou um tratado militar com o governador correntino Genaro Berón de Astrada especificamente '*contra Don Juan Manuel de Rosas*', em dezembro de 1839, comprometendo-se a levantar uma força de dois mil homens para esse fim[379]. Buscava, assim, tirar proveito da oposição anti-rosista para articular um bloco mais amplo contra o ditador argentino durante o período que transcorreu entre a queda do governo Oribe e a declaração de guerra a Rosas, divulgada em março de 1839.

Embora houvesse assinado a declaração de guerra, Rivera esperava que sua publicação se desse quando os preparativos estivessem concluídos, como, aliás, fora acordado com os agentes franceses[380]. Não obstante, em face da derrota decisiva da Confederação Peru-Boliviana para o Chile na batalha de Yungay[381], os agentes franceses em Montevidéu, que apoiavam aquela, se precipitaram e publicaram a declaração de guerra de Rivera a Rosas em uma reação precipitada a mais um triunfo do ditador argentino, mesmo que os preparativos para a campanha não estivessem concluídos nem do lado oriental nem do correntino[382].

Precipitou-se o início do conflito, o que deu a Rosas tempo para agir primeiro e ordenar a invasão de Corrientes pelas tropas entrerrianas comandadas por Pascual Echagüe, infringindo dura derrota ao *Primer Ejército Correntino contra Rosas* na batalha de Pago Largo, em 31 de março de 1839. Astrada, apesar de conseguir reunir cerca de

---

[378] Entre 1839 e 1851, Corrientes levantou-se cinco vezes contra o governo de Rosas.
[379] ROSA, p.379.
[380] Ibid.
[381] A República do Chile e a Confederação Peru-Boliviana se enfrentaram militarmente entre 1836 e 1839, tendo recebido apoio da Confederação Argentina e da França, respectivamente. Forças rosistas argentinas participam diretamente do conflito a partir de 1837, mas são derrotadas em definitivo no ano seguinte e se retiram do conflito, passando a apoiar o Chile indiretamente enquanto a potência francesa mantinha seu apoio à Confederação Peru-Boliviana. Para uma leitura detalhada sobre o conflito, ver MORALEDA, Ernesto Muñoz. *La guerra contra la Confederación Peruano-Boliviana, 1834-1839*. San Miguel de Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 1983.
[382] ROSA, Op. cit., p.380-381.

seis mil homens, terminou derrotado e morto sem receber o auxílio prometido por Rivera[383]. Vitorioso, Echagüe, secundado pelos generais Justo Urquiza, Lavalleja e Servando Gómez, cruzou o rio Uruguai e invadiu o território oriental com suas tropas com o objetivo de tomar Montevidéu e colocar um fim à guerra rapidamente. Entretanto, as forças rosistas terminaram derrotadas pelas tropas comandadas por Rivera na batalha de Cagancha, a cerca de 30km da capital, o que obrigou os invasores a retornarem a Entre Rios em dezembro de 1839. O Uruguai colorado recuperava a ofensiva, mitigando os efeitos da derrota do *Primer Ejército Correntino*.

Por sua vez, o governo farroupilha negociara, ainda em 1838, um tratado com Rivera no âmbito das tratativas que selaram o apoio farroupilha ao caudilho durante a campanha contra o governo de Oribe. Na ocasião, o ministro das Relações Exteriores farroupilha, Mariano de Mattos e o representante de Rivera, Martiniano Chilavert, assinaram o já citado Tratado de Cangüe[384], nas cercanias de Paysandú, segundo o qual o caudilho colorado se obrigava a '*no descender jamás de la silla de Presidente sin pasar a ocupar inmediatamente el cargo de Comandante general de campaña, a fin de que pueda suceder a su turno a su proprio sucesor'*, demonstrando a intenção de Rivera de permanecer no poder por tempo indeterminado, e estabelecia que:

> El Presidente riograndense se obliga en nombre, por, y de parte de su República, a mantener con todas sus fuerzas y recursos aun cinco años después de conquistada y reconocida la Independencia del Rio Grande por el Gobierno Imperial, la influencia y la preponderancia política en el Estado Oriental del General en Jefe Defensor de la Constitución, siempre que esta preponderancia e influencia fueren despertadas de cualquier modo que sea por un partido facción o potencia extranjera[385].

Na prática, o tratado fazia de Fructuoso Rivera a única autoridade oriental reconhecida pelo Estado Rio-Grandense, ao passo que definia o reconhecimento da independência deste por parte do Uruguai após o retorno do caudilho à Presidência do país. Com isso, os farrapos pareciam atingir um objetivo que nunca haviam conseguido alcançar durante o mandato de Oribe, passo fundamental na luta pela consolidação da independência rio-grandense, ainda que não houvesse garantias de que o ardiloso Rivera cumpriria o acordo. A desconfiança era compartilhada até mesmo por Bento Manoel

---

[383] CISNEROS, ESCUDÉ (Org.), 1998.
[384] ROSA, p.280.
[385] Art. 3º, Tratado de Cangüe, 21 de agosto de 1838.

Ribeiro, antigo amigo e aliado de *Fructo*, manifestado certo grau de ceticismo quanto ao cumprimento do tratado[386].

Consequentemente, os farroupilhas achavam-se ligados diplomaticamente a Rivera quando da eclosão da Guerra Grande em março de 1839, além de continuarem dependendo da praça e do porto de Montevidéu para a comercialização e o escoamento de seus produtos. Após uma última série de tentativas de reaproximação ao núcleo rosista da Confederação ao longo do ano, em parte motivada pela desconfiança que Rivera despertava, a cúpula farroupilha desistiu de buscar o apoio militar de Rosas para articular uma aliança com sua vizinha Corrientes. Após a derrota de Pago Largo e um breve período de controle rosista, a província voltava-se pela segunda vez contra o centralismo bonaerense encarnado na figura do ditador argentino.

Aqui, cabe registrar que Corrientes esteve longe de ser a única província que se opôs à política centralizadora de Rosas, uma vez que outras que compunham a Confederação também o fizeram, inclusive mantendo relações mais próximas com governos de outros países do que com Buenos Aires, como as províncias *cuyanas*, entre outras. Em geral, o embate com Rosas representava uma oposição à hipertrofia da mais poderosa província argentina que monopolizava as rendas aduaneiras e controlava a navegação dos rios. Os efeitos dessa política – ironicamente, tributária do centralismo portenho encampado pelos 'proto-unitários' dos anos 1810 – asfixiavam economicamente as províncias e foi uma das causas das guerras civis argentinas do período[387].

A posição geográfica de Corrientes, localizada entre os rios Uruguai e Paraná e fazendo fronteira com o Império (Rio Grande do Sul), o Estado Oriental e o Paraguai, contudo, conferia-lhe um alto valor estratégico e a tornava particularmente sensível ao controle da navegação dos rios que Rosas detinha. Assim, os dirigentes da província tendiam a contemplar a cooperação com outros países e províncias da região com base em possíveis interesses comuns e antagônicos aos de Buenos Aires.

Afora os fatores geográficos, há que se anotar que Corrientes era uma das províncias mais entusiastas do federalismo e zelosas de sua autonomia no âmbito da Confederação, o que já se fazia claro nas tratativas que haviam culminado na assinatura do Pacto Federal[388], em 1831, do qual os correntinos ficaram de fora em um primeiro

---

[386] GUAZZELLI, 2012, p.166-167.

[387] PAYRÓ, Roberto P. *Historia del Río de la Plata, Tomo II: peripecias de la organización nacional en los países del Río de la Plata y sus vecinos, 1810-1852*. Madri-Buenos Aires: Alianza, 2008.

[388] Documento incialmente assinado pelas províncias de Buenos Aires, Entre Rios e Santa Fé, em 4 janeiro de 1831, como resposta à criação da *Liga Unitaria/Liga del Interior* por nove províncias no ano anterior.

momento justamente pelos seus desígnios autonomistas. À época, José María Roxas y Patron e Pedro Ferré, delegados de Buenos Aires e de Corrientes, respectivamente, foram encarregados de redigir um projeto de texto do Pacto Federal, travando discussões que terminaram por explicitar as profundas divergências existentes entre as duas províncias no tocante à organização nacional.

Particularmente, três condições apresentadas por Ferré foram rechaçadas por Roxas y Patron: a) a manutenção da representação das províncias até que a nação argentina fosse organizada; b) a exigência legal para essa organização '*hacer el imposible'* na busca pela organização nacional; c) e a garantia da livre navegação dos rios Uruguai e Paraná[389]. Alegando não poder avançar nesses pontos por se tratarem de assuntos de interesse do conjunto das províncias argentinas, o representante bonaerense resistiu às exigências de Ferré, cedendo apenas quando o próprio Juan Manuel de Rosas concordou com a criação de uma comissão de representação das províncias[390], como exigia Ferré.

As tensões entre Corrientes e Buenos Aires aumentaram ao longo da década de 1830 ao ponto de Pascual Echagüe, a mando de Rosas, organizar uma vigilância permanente das movimentações das tropas correntinas desde Entre Rios, tomando a decisão de invadi-la após a revelação da declaração de guerra oriental-correntina a Rosas, conforme se viu acima. Em outubro de 1839, Pedro Ferré é eleito governador da província e inicia a articulação de uma nova frente contra Rosas, buscando o apoio do Rio Grande do Sul farroupilha e, como Berón de Astrada fizera, do Estado Oriental colorado. Em novembro de 1839, Ferré organizou um novo exército anti-rosista, entregando seu comando ao unitário e inimigo ferrenho de Rosas, Juan Lavalle.

No mês seguinte, Bento Gonçalves escrevia a Domingos de Almeida tratando sobre a conveniência de se estabelecer relações ainda mais próximas com Corrientes, manifestando ter conhecimento do apoio que as forças políticas dessa província davam à

Após a queda do governo unitário de Rivadavia durante a Guerra da Cisplatina, ainda nos anos 1820, os federalistas não foram capazes de organizar um novo Estado sobre bases federais devido a uma série de desentendimentos e choques de interesses, o que reanimou os unitários e os levou a promover em conjunto a organização nacional dentro de um modelo unitário e centralizado. Após mais um (breve) período de guerra civil, os federalistas saíram vitoriosos e procederam à organização, pela primeira vez, de um Estado Federal, o que não se concretizou devido à oposição de Rosas, que defendia o adiamento desse objetivo por desejar governar sem um arcabouço constitucional. Ver LORENZO, Celso Ramón. *Manual de historia constitucional argentina, vol*. *2*. Rosário: Editorial Juris, 2000.

[389] CISNEROS, ESCUDÉ (Org.), p.165.

[390] Ibid.

'*nossa sagrada causa'*[391]. Os republicanos rio-grandenses precisavam ampliar seu espectro de alianças para continuar fazendo frente ao Império, o que, diante do jogo duplo que Rivera conduzia relativamente a imperiais e farrapos, e da frontal oposição correntina a Rosas, fazia de Corrientes virtualmente um 'aliado natural' da República Rio-Grandense.

4.2.3. Farrapos, orientais e a guerra em território argentino

Enquanto as tropas comandadas por Rivera batiam as forças de Pascual Echagüe em Cagancha, no Uruguai, Pedro Ferré declarava guerra a Juan Manuel de Rosas desde Corrientes, iniciando a segunda sublevação da província contra o governador bonaerense. Ao mesmo tempo, a República Farroupilha sofria um duro revés com a reintegração de Santa Catarina ao Império, que, após apenas quatro meses, logrou reincorporar a província, empurrando as forças republicanas de volta para o território rio-grandense.

A própria proclamação da República Juliana em Laguna havia se dado como um desdobramento da guerra travada no Rio Grande, tendo a ideia de estender a revolução à província catarinense surgido da necessidade de se obter um porto para o Estado Rio-Grandense[392], ainda que Montevidéu continuasse sendo usado como 'porto farroupilha', dada a extrema vulnerabilidade de se depender de apenas um porto.

Do ponto de vista dos diferentes projetos políticos que se inscreviam no âmbito dos conflitos que se travavam no espaço geográfico da Banda Oriental naquele período histórico, a Independência de Santa Catarina, conduzida pelo general farrapo Davi Canabarro[393], representou, na prática, uma opção 'brasileira' e pelo modelo federativo-constitucional por parte da liderança farroupilha. Isso não permite arguir que os farrapos buscavam instalar uma república em todo o território brasileiro de modo a puramente substituir o modelo imperial pelo republicano; antes, significa que a 'alternativa brasileira', tão propagada pelos jornais farroupilhas[394], representava um modelo segundo

---

[391] GUAZZELLI, 2013, p.175-176.
[392] BARBOSA, Fidélis Dalcin. *História do Rio Grande do Sul.* Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2013, p.112.
[393] Apesar disso, não eram poucos os simpatizantes da Farroupilha em Santa Catarina, sobretudo no litoral, o que é atestado, entre outros, por Giuseppe Garibaldi, que liderou a invasão de Laguna por mar simultaneamente à ofensiva terrestre comandada por Canabarro. Ver ROSENFELD, William. *Garibaldi and Rio Grande do Sul's war of independence from Brazil – the memoirs of Luigi Rossetti, John Griggs and Anita Garibaldi*. Boston: Dante University Press, 2013.
[394] FLORES, 1996.

o qual as demais províncias se desligariam da comunhão brasileira, uma a uma e individualmente, para constituir laços federativos com o Estado Rio-Grandense[395], cada uma mantendo sua soberania particular cujo conjunto simbolizaria a soberania geral da nação que se construiria posteriormente, conforme registrou o próprio Bento Gonçalves em seu manifesto de agosto de 1838:

> [...]. Perdidas pois as esperanças de concluírem com o Governo de Sua Majestade Imperial uma conciliação fundada nos princípios de justiça universal, os Rio-Grandenses reunidos às suas municipalidades solenemente Proclamaram e Juraram a sua Independência Política debaixo dos auspícios do sistema Republicano, dispostos todavia a federarem-se quando nisso se acorde às províncias irmãs que venham a adotar o mesmo sistema. Bem penetrados da justiça de sua santa causa, confiando primeiro que tudo no favor do juiz supremo das nações, eles têm jurado por esse mesmo supremo juiz, por sua honra, por tudo que lhe é mais claro, não aceitar do Governo do Brasil uma paz ignominiosa que possa desmentir a sua soberania e independência[396].

Ao que as evidências disponíveis indicam, parece haver semelhanças entre esse modelo e o defendido por Artigas na década de 1810, na medida em que ambos conferiam acentuada importância à soberania particular das províncias e tinham na igualdade jurídico-política entre elas um valor inegociável, de modo que nenhuma se impusesse às demais. Se o movimento artiguista defendeu intransigentemente a soberania da Província Oriental e a vinculação das outras províncias platinas a ela sobre bases federativas e igualitárias, o movimento farroupilha – cujos próceres, em parte, receberam influências de Artigas – seguia a mesma direção no tocante à República Rio-Grandense e às províncias brasileiras.

Como analogia comparativa, objetivamente falando, o papel do Rio Grande do Sul farroupilha de 1840 assemelhava-se ao da Província Oriental artiguista de 1813: ambos buscavam a consolidação de sua soberania particular ao mesmo tempo em que defendiam a soberania das outras unidades que compunham um ente mais amplo do qual faziam parte e contra os quais se insurgiam, isto é, o Império do Brasil e as Províncias Unidas, respectivamente, e articularam ações no sentido de retirá-las da comunhão desses Estados em formação para dar origem a novos corpos políticos.

Em meio à ‘interrupção’ que o Período Regencial significou para o processo de construção do Estado Nacional brasílico, os chefes da República Rio-Grandense não

---

[395] Ibid., p.126.

[396] *Manifesto do Presidente da República Rio-Grandense em Nome de seus Constituintes,* em 29 de agosto de 1838. In: SPALDING, Walter. *A epopeia farroupilha: pequena história da Grande Revolução, acompanhada de farta documentação da época*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1963, p.332-342.

ignoravam a possibilidade de atrair outras províncias que mantinham significativas forças de oposição ao centralismo imperial. Na conjuntura regencial e no imediato pós-Regência, cujo marco foi a maioridade de D. Pedro II, em 1840, províncias como Bahia, Grão-Pará, Maranhão, Minas Gerais e São Paulo, além de Santa Catarina, estavam entre aquelas que poderiam ser contempladas pelo 'projeto federativo' farroupilha, o que, se concretizado, levaria inevitavelmente à desintegração do Império do Brasil na forma como ele existia naquele momento histórico.

Foi com tal intuito que o governo farroupilha acompanhou atentamente os movimentos contestadores de diversas naturezas que irrompiam por todo o Império, fazendo causa comum com a Sabinada e a Cabanagem em manifesto divulgado em 1840 que dizia que '*proclamastes a vossa independência política e ainda hoje gemeis curvados sob o jugo abominável de vossos senhores*', e que '*a sorte dos baianos e dos paraenses acha-se identificada com a nossa própria sorte'*[397]. Da mesma forma, quando a onda de revoltas é estendida a São Paulo em 1842, cujo principal agitador é o ex-chefe da Regência Diogo Feijó, que reagira à centralização política levada a cabo pelo gabinete conservador de 1841, Bento Gonçalves pronunciava que '*já as falanges paulistas marcham sobre o inimigo comum...o Brasil em massa se levanta como um só homem para sacudir o férreo jugo do segundo Pedro*'[398].

Para que tal via tivesse qualquer viabilidade para além de ideias e discursos, no entanto, a manutenção da independência da República Juliana, primeiro passo nessa direção, fazia-se imprescindível para a criação de uma espécie de Confederação Brasileira. Não foi por outra razão que sua perda implicou o surgimento de um 'partido da paz' no seio da cúpula farroupilha e sinalizou o início de um período, ainda que longo e marcado por interrupções, de negociações de paz desse setor com o Rio de Janeiro[399]. Encabeçado por Domingos José de Almeida e Luigi Rossetti em um primeiro momento, e contando com a simpatia de Bento Gonçalves, essa ala, amplamente minoritária que era àquela altura, ficou isolada durante as discussões que se travaram acerca de um possível fim da guerra após o fim da República Juliana.

---

[397] CASTRO, Denise Zullo. *Coletânea de documentos de Bento Gonçalves da Silva, 1835-1935*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, 1985, p.292.
[398] Ibid., p.294.
[399] FLORES, 1996, p.128.

Mesmo diante das crescentes dificuldades militares e políticas, o presidente interino Mariano de Mattos[400] expediu Decreto convocando o Conselho de Procuradores Gerais dos Municípios, que se reuniu ainda em Caçapava no início de 1840. Se, por um lado, parte dos integrantes do governo farroupilha passara a fazer gestões no sentido de encaminhar a pacificação da província, por outro, setores majoritários pareciam estar mais determinados do que nunca em consolidar a independência e a soberania da República[401]. Conforme visto anteriormente, o Conselho havia sido criado em 1838, mas não fora instalado devido às circunstâncias da guerra que frequentemente exigiam a presença das autoridades políticas rio-grandenses no campo de batalha. Cumprindo sua função, estabeleceu regras para a eleição dos constituintes e a convocou, mas, devido ao avanço imperial sobre a capital farroupilha, a contagem dos votos foi interrompida e as eleições, anuladas. Passar-se-iam quase três anos até que a Assembleia Constituinte rio- grandense fosse instalada, em Alegrete, capital da República a partir de 1840.

Entrementes, ao sul, após avançar sobre as forças de Echagüe, o *Segundo Ejército Correntino contra Rosas* sofria uma derrota parcial em Sauce Grande, no sul de Entre Rios, levando Lavalle a deslocá-lo pelo Rio Paraná até a província de Buenos Aires em uma ousada – e, talvez, açodada – tentativa de impor uma derrota surpresa e decisiva ao governador portenho. Os ventos da guerra pareciam soprar favoravelmente para colorados, correntinos, unitários e, indiretamente, farroupilhas, sendo interrompidos com a conclusão bem-sucedida das tratativas entre os governos de Buenos Aires e da França. Cada vez mais pressionada pela Grã-Bretanha, e por desejo do novo primeiro-ministro, Adolphe Thiers, a diplomacia francesa acordou o fim do bloqueio francês, resultando no
Tratado Mackau-Arana, de 29 de outubro de 1840.

Triunfo da diplomacia rosista, o tratado acarretou um sensível aumento do prestígio de Rosas na Confederação e elevou o moral dos *federales* no contexto das guerras civis argentinas e da uruguaia, ao passo que criou sérias dificuldades para os aliados franceses que tinham no bloqueio uma vantagem estratégica relativamente a seus inimigos. Um mês após a assinatura do diploma, Lavalle, que havia se retirado de Buenos Aires por não obter o apoio necessário à invasão da província tanto da França como da população local, era completamente derrotado pelas tropas da Confederação lideradas por

[400] Bento Gonçalves assumiu o comando máximo do Exército Republicano em diferentes momentos da guerra, ocasiões em que passou o cargo de presidente da República para um de seus quatro vices.
[401] SPALDING, 1982.

Manuel Oribe em Quebracho Herrado[402], na província de Córdoba, colocando um fim ao segundo exército anti-rosista organizado por Corrientes.

Sem ter como prosseguir com seus planos de atacar Buenos Aires, Lavalle havia planejado unir-se às tropas da *Coalición del Norte*[403] comandadas por Gregório Lamadrid em território cordobês, de onde finalmente invadiriam a província bonaerense. Contudo, Lamadrid retirou-se de Córdoba devido ao atraso das tropas de Lavalle, que, perseguidas pelo exército de Oribe, haviam marchado muito mais lentamente do que o planejado[404]. Sem os reforços do norte, Lavalle viu-se obrigado a enfrentar um Oribe em ampla vantagem numérica naquela que foi a maior batalha travada no território da Confederação durante os três primeiros anos da Guerra Grande.

No Uruguai, apesar das hesitações e da ambivalência de Fructuoso Rivera, Montevidéu continuava funcionando como porto e praça comercial para os produtos rio-grandenses, que, após a fracassada invasão de São José do Norte em meados de 1840, haviam perdido perspectivas de conquistar um porto para o República. Somava-se a isso o levantamento definitivo do sítio de Porto Alegre, cuja perda para os imperiais em 1836 se mostraria irreversível ao longo do tempo: após três anos de sítio, os farroupilhas finalmente desistiam de retomar a capital[405].

Tais dificuldades estratégicas concorriam para direcionar o governo farroupilha a buscar alternativas no Prata mais uma vez, posto que, abandonado em definitivo o plano de fazer de Porto Alegre a capital da República, e diante do forte controle imperial sobre Rio Grande e São José do Norte e da perda do porto de Laguna, o Uruguai ressurgia como elemento imprescindível para o sucesso do esforço de guerra farrapo e, em última instância, para a própria construção do Estado Rio-Grandense. Do lado colorado, com a derrota definitiva e a subsequente morte de Juan Lavalle após a derrota de Famaillá, na

---

[402] GALLO, Claudio Rodolfo. *'Claroscuros' de la Historia Argentina*. Buenos Aires: Editorial Dunken, 2014, p.356

[403] Formada em abril de 1840, a *Coalición del Norte* foi um grupo de províncias formado contra o governo de Rosas, aproveitando-se da guerra movida por Rivera e Corrientes, tendo como objetivo ao fim do poder discricionário de Buenos Aires e a aprovação de uma Constituição nacional. Formada após o *pronunciamiento* de Tucumán contra Rosas, o bloco foi integrado por Catamarca, Jujuy, La Rioja e Salta, e manteve contatos e tratativas com Corrientes, apesar de o isolamento geográfico desta em relação àquelas ter impedido uma colaboração mais estreita. Enfrentando uma série de desentendimentos internos e incapaz de articular ações conjuntas com os elementos anti-rosistas das províncias do litoral, a Coalizão teve vida efêmera e se desfez em outubro de 1841, após a invasão de Catamarca, última província a ser ocupada pelas forças rosistas.

[404] PAYRÓ, p.429-430.

[405] Sobre as tentativas das forças farroupilhas de reconquistar a capital e a relação da população desta com os farrapos, consultar GALVALI, Walter. *A difícil convivência: Porto Alegre e os farrapos*. Porto Alegre: AGE Editora, 2013.

província de Tucumán, em setembro de 1841, Rivera, que já havia sofrido um duro golpe com o levantamento do bloqueio francês no ano anterior, passa a depender ainda mais do apoio farroupilha para fazer frente ao bloco rosista que incluía seus inimigos internos do Partido Nacional. Apesar da existência de desinteligências e desconfianças mútuas, as circunstâncias da guerra empurravam mais uma vez o Rio Grande do Sul farroupilha e o Uruguai colorado para a mesma direção.

Esses fatores reabririam uma nova 'janela de oportunidades' para o governo farroupilha articular novas ações conjuntas com o governo oriental, ainda que a maior parte dos dispositivos do Tratado de Cangüe de 1838 não houvesse sido cumprida[406], embora o mesmo pudesse ser dito sobre os próprios farrapos nesse aspecto. As tratativas com Rivera se intensificaram ao longo de 1841, com Bento Gonçalves e Domingos de Almeida liderando as iniciativas no campo farroupilha, resultando na decisão do governo colorado de devolver à República Rio-Grandense quaisquer desertores rio-grandenses que buscassem refúgio na Banda Oriental[407].

De um lado, Fructuoso Rivera continuava agindo de forma ambivalente em relação ao Rio de Janeiro, tendo como preocupação constante – não de todo infundada – uma eventual reanexação do Uruguai pelo Império; levava em conta, ainda, a necessidade de manutenção do auxílio financeiro prestado pelo governo imperial, o que exigia um cuidadoso equilíbrio da política externa oriental de modo a não alienar nem se aproximar excessivamente ao Brasil. De outro, razões estruturais e conjunturais insistiam em fazer de Rosas seu principal inimigo em toda a extensa Bacia do Prata, o que, diante do fim do bloqueio francês e do fracasso dos *pronunciamientos* anti-rosistas na Confederação, impulsionava o caudilho-presidente a articular novas iniciativas com seus antigos aliados do *litoral* e do Rio Grande do Sul.

As conversações entre as duas partes seriam brindadas com um acontecimento bastante favorável para farroupilhas e colorados: em novembro de 1841, o novo exército correntino criado por Pedro Ferré e organizado e comandado pelo general José María Paz infringia uma dura derrota às tropas de Echagüe em Caaguazú, Corrientes, destruindo completamente o exército entrerriano e colocando a província rosista na defensiva. Animado com o triunfo de Paz, Rivera escreveu a Domingos de Almeida informando-o sobre as oportunidades que se abriam com esse êxito que traria '*los más favorables resultados a la causa de ambas Republicas*' e encaminhando diários que davam conta

---

[406] GOLIN, 2002, p.354-355.
[407] GUAZZELLI, 2013, p.169.

'*del estado favorable de la política en general*'[408], enquanto o próprio Paz comunicava a Bento Gonçalves que o '*exército invasor ao mando do general Echagüe e forte de mui perto de 4 mil homens das três armas foi completamente pulverizado*'[409]. Com Entre Rios na defensiva e quase desmilitarizada, abriam-se novos campos de convergência e de oportunidades para farroupilhas, orientais, correntinos e unitários.

Um mês após a vitória de Caaguazú, o ministro[410] Domingos de Almeida reuniu-se com o emissário colorado José Bustamante na vila de San Fructuoso[411], do 'lado' uruguaio na região da fronteira, para assinar um tratado de cooperação militar. Pelo acordo, os farroupilhas se comprometiam a fornecer setecentos homens para invadir Entre Rios em conjunto com tropas uruguaias, enquanto o governo oriental obrigava-se a entregar dois mil cavalos para esse fim:

> 1º. – S. Exª. o sr. presidente da República Rio-grandense prestará a S. Exª. o sr. presidente da República Oriental do Uruguai um auxílio de 500 homens de infantaria e 200 de cavalaria, todos de linha, para invadirem e ocuparem a província de Entre Rios, depondo sua atual ominosa administração, cujas tropas armadas e equipadas obedecerão, durante a campanha, às ordens de S. Exª. o sr. presidente da mencionada República Oriental do Uruguai. [...] 3º. – Será da obrigação de S. Exª. o sr. presidente da República Oriental do Uruguai auxiliar de pronto com 2.000 cavalos a S. Exª. o sr. presidente da República Rio-grandense, para o serviço do seu exército[412].

Por meio desse diploma, buscavam os dois governos subjugar Entre Rios e, posteriormente, inseri-la no bloco que se criava e que incluía o Rio Grande do Sul, o Uruguai, Corrientes e, possivelmente, Santa Fé. Deve-se registrar, no entanto, que farrapos e colorados não convergiam no tocante ao principal destinatário dessa rede de alianças que se formava, posto que estes tinham em mente o Partido Nacional e Rosas, enquanto aqueles pretendiam fazer frente ao Império do Brasil, o que, sem dúvida, constituía um elemento de desagregação de articulações e esforços comuns naquele contexto de guerra generalizada no Prata. Como chefe das tropas rio-grandenses que o governo farroupilha forneceria às forças invasoras de Entre Rios, Bento Gonçalves designou o general Antônio de Souza Neto, proclamador da República Rio-Grandense e um dos mais prestigiados militares farroupilhas. Faltava retomar as conversações com o governo correntino que haviam começado em 1840, uma vez que as circunstâncias se

[408] CV 7882 – Carta de Fructuoso Rivera a Domingos José de Almeida, em 9 de dezembro de 1841.
[409] GUAZZELLI, 2013, p.177.
[410] A essa época, Almeida ocupava a pasta dos Negócios Estrangeiros.
[411] Atual cidade de Tacuarembó.
[412] Tratado de San Fructuoso, de 28 de dezembro de 1841. In: SPALDING, 1982, p.192-193.

mostravam favoráveis em decorrência da vitória estrondosa do general Paz sobre Echagüe.

Paralelo à assinatura do Tratado de San Fructuoso, o governo rio-grandense enviava a Corrientes o plenipotenciário José Pinheiro de Ulhôa Cintra, tendo como objetivo a negociação de um tratado com a província. Em janeiro de 1842, Ulhôa Cintra e o ministro correntino Manuel Leiva assinaram uma convenção secreta tratando de diversos assuntos, como o fomento do comércio, o combate ao contrabando, a conferência mútua do tratamento de Nação mais favorecida, a tomada de providências para o desarmamento de respectivos inimigos que se encontrassem em territórios correntino ou rio-grandense e a formação de uma aliança ofensivo-defensiva '*logo que as circunstâncias permitam*'; definia, ainda, a ampliação das relações da República Rio-Grandense com outras províncias da Confederação e o reconhecimento de sua independência '*logo que as províncias do Rio da Prata que compõem a República Argentina consigam sacudir o jugo pesado com que oprime o Ditador de Buenos Aires D. Juan Manuel de Rosas*'[413].

No mesmo mês, o *Tercero Ejército Correntino* comandado pelo general Paz, que havia dizimado as tropas de Echagüe havia cerca de um mês, invadiu Entre Rios e ocupou a capital Paraná, acarretando a fuga do novo governador provincial Justo José de Urquiza. Por sua vez, Rivera marchava sobre o território entrerriano desde a Banda Oriental e iniciava suas campanhas militares na província. Com a queda do governo Urquiza, José María Paz tornava-se a maior autoridade em Entre Rios, passando a responder pelo governo da província nas tratativas que se seguiram. Em Santa Fé, o governador Juan Pablo López, que se ligara ao bloco rosista com relutância, passou para o lado dos unitários após a vitória de Paz em Caaguazú, ingressando o governo santafesino nas tratativas que se desenvolviam entre a mesopotâmia argentina, o Rio Grande farroupilha e o Uruguai colorado.

A falta de combates militares em território rio-grandense a essa época, em parte em razão das revoltas liberais irrompidas em Minas Gerais e São Paulo, que obrigavam o Império a concentrar seus esforços para debelá-las, permitia que o governo farroupilha concentrasse suas ações políticas no Prata. Enquanto o barão de Caxias sufocava a revolta em Minas Gerais, o presidente Bento Gonçalves escrevia ao governador Pedro Ferré

---

[413] FIGUEIREDO, Joana Bosak de. GUAZZELLI, César Augusto Barcelos. Región y nación: el Río Grande insurgente, entre el Imperio de Brasil y las Repúblicas del Río de la Plata (1838-1842). *Revista de Historia Social y de las Mentalidades*, Vol. 16, Nº 2, 2012, 9-43, p.28-30.

propondo ações conjuntas e compartilhando sua visão sobre os destinos do Império e de Rosas:

> Combinar mejor nuestros movimientos en lo posible con ventajas comunes. [...] todo me induce a creer que está próxima da caída del único trono que existe en América [...] pienso dar un golpe mortal al ejército imperial, no solo para desembarazar mi patria de la presencia de estos monstruos, como también de común acuerdo dirigir nuestros esfuerzos contra el tirano de Buenos Aires; y entonces firmaremos sólidamente la libertad de nuestros países[414].

Entretanto, diante da inviabilidade do projeto político de se formar uma federação republicana com as províncias brasileiras, cujas possibilidades de êxito haviam sofrido duro revés com a dissolução da República Juliana e do Golpe da Maioridade em 1839 e 1840, respectivamente, Bento Gonçalves agora voltava-se para o Rio da Prata; não mais para unicamente buscar o apoio para o esforço de guerra farroupilha, mas, também, para articular arranjos políticos mais duradouros que poderiam levar, no limite, à vinculação da República a um modelo de Estado Confederado platino[415].

Essa inclinação do presidente rio-grandense se coadunava com a posição de Fructuoso Rivera, que, motivado pelo sucesso militar de Paz em Entre Rios, ressuscitou sua antiga ideia de formação de uma federação entre o Uruguai, o Rio Grande do Sul e as províncias do litoral que, juntas, conformariam um bloco capaz de fazer frente tanto à Confederação quanto ao Império:

> Já estavam no ar ideias maiores, de amplo alcance. Se tratava de unir federativamente o Uruguai com a República Farroupilha, como base de um núcleo mais amplo que incluiria Santa Catarina, a Mesopotâmia argentina, talvez Santa Fé, possivelmente o Paraguai, e de criar com isso tudo uma grande Confederação do Uruguai que predominasse sobre o Brasil e a Argentina[416].

A concepção historicamente verificável desse ‘projeto’ político, que Moniz Bandeira chamou de Uruguai Maior[417], reforça nossa visão de que a Guerra Grande ensejou diversos projetos e modelos políticos que abarcavam os diferentes Estados em formação que, direta ou indiretamente, estavam envolvidos nos conflitos do subsistema platino. Múltiplas alternativas de Estados Nacionais estavam disponíveis para os jovens países da Bacia do Prata em vias de construção, e o ponto de intersecção desses diferentes e por vezes antagônicos projetos residia justamente no Uruguai.

---

[414] GUAZZELLI, 2013, p.180.
[415] Ibid.; VIDAURRETA, 1987.
[416] SCENNA, apud MAGNOLI, Demétrio. *O corpo da pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil, 1808-1912*. São Paulo: Editora UESP, 1997, p.156.
[417] BANDEIRA, 2012, p.111.

Por isso mesmo, os rumos desse conflito armado influíam diretamente nos destinos dos próprios Estados e 'províncias-regiões' nela envolvidos, o que, a depender das consequências advindas de opções políticas e ações militares, poderiam propelir os atores do tabuleiro da Guerra Grande a alternativas político-institucionais diversas das que se verificaram historicamente. Cogitar que o Rio Grande do Sul estava destinado a ser reintegrado ao Império do Brasil seria incorrer em um determinismo que esconderia a importância que decisões e eventos conjunturais por vezes têm nos rumos dos processos históricos em geral.

Ao que as evidências disponíveis indicam, Bento Gonçalves, que combinara com Lavalleja a separação do Rio Grande do Sul em 1832[418], não apoiou a ideia de federá-lo ao Uruguai durante os anos iniciais da guerra iniciada em 1835; os sucessivos insucessos em consolidar a independência da República e a falta de reais perspectivas de vitória após a perda de Laguna e da impossibilidade de conquistar São José e Rio Grande, no entanto, o tornaram mais aberto a buscar alternativas político-institucionais no Rio da Prata. Mesmo antes do êxito de Paz sobre Echagüe, o presidente farroupilha já havia enviado José Dias da Cruz Lima como emissário a Montevidéu para manifestar a intenção de aceitar qualquer proposição, com a única condição sendo a manutenção da independência rio-grandense[419]. E, diante da conjuntura favorável na qual Entre Rios encontrava-se sob o controle do general Paz e a República Rio-Grandense estava ligada a Corrientes e ao Uruguai por tratados assinados e ratificados, o caminho parecia estar aberto para um aprofundamento das relações entre esses entes políticos. Seguindo nessa direção, Rivera convidou os respectivos mandatários para uma conferência às margens do rio Uruguai, em Paysandú, para tratar de assuntos que vinculariam mais estreitamente as unidades políticas envolvidas, conforme Cisneros e Escudé:

> Una nueva tentativa de poner a flote el proyecto de crear un macro-Estado que comprendiera las provincias de Entre Ríos y Corrientes, la República Oriental del Uruguay y el Estado de Rio Grande do Sul -proyecto deseado tanto por Rivera como por su colega riograndense Bento Gonçalves- fue la firma de los Protocolos de Paysandú el 14 de octubre de 1842. Rivera había invitado a Paysandú a José María Paz, Juan Pablo López y Pedro Ferré, gobernadores de Entre Ríos, Santa Fe y Corrientes respectivamente, y a Bento Gonçalves[420].

Os Protocolos de Paysandú, como ficou conhecido o documento assinado na localidade homônima, simbolizou um esforço conjunto das partes envolvidas de formar

[418] LEITMAN, 1979, p.26-28.
[419] FLORES, 1996, p.130.
[420] CISNEROS, ESCUDÉ (Org.), p.201.

uma frente comum que escapasse às influências do Império e da Confederação, constituindo uma opção pragmática de Bento Gonçalves de vincular a República a esse 'terceiro campo'. Bento Gonçalves compareceu à conferência, sendo recebido com honras de presidente[421]. Apesar de o presidente farroupilha não ter assinado a convenção, a existência de tratados do governo rio-grandense com o Uruguai e Corrientes já vinculava indiretamente a República Rio-Grandense à aliança que se formava. Preocupado, o ministro bonaerense Felipe Arana encaminhou nota ao Encarregado de Negócios imperial, Gaspar José Lisboa, alertando sobre a ameaça que representava '*la combinación en que había entrado Rivera para confederar a la provincia de Río Grande con el Uruguay y las provincias mesopotámicas argentinas*'; e manifestava que o acordo '*no sólo atentaba contra la integridad de sus territorios sino, fundamentalmente, contra el equilibrio políticos de los países del Atlántico sur*'[422].

Apesar de inclinar-se cada vez mais a buscar soluções políticas no Prata, não é possível estabelecer o grau de comprometimento de Gonçalves com um projeto que poderia levar à ligação política formal do Estado Rio-Grandense a unidades políticas rio-platenses, uma vez que a alta volatilidade do tabuleiro platino naquele período tendia a flexibilizar convicções e objetivos com alguma frequência. O que se pode verificar, independentemente de preferências políticas subjetivas do presidente rio-grandense, é que suas ações concretas direcionaram objetivamente os rumos da República para possíveis arranjos institucionais com outras unidades no Rio da Prata, ainda que esta não fosse a vontade da maioria da cúpula político-militar farroupilha.

O antigo temor do governo imperial e dos conservadores brasileiros de que o Rio Grande do Sul viesse a se separar do Império para federar-se ao Uruguai parecia finalmente se confirmar, e o Império responderia com veemência a essa movimentação. Em Buenos Aires, as notícias dos eventos de Paysandú não foram melhor recebidas, já que, além de estar em guerra contra as províncias mesopotâmicas e o Uruguai, Rosas tinha seu próprio projeto de Estado que envolvia a anexação desse último à Confederação Argentina, como se discutirá em seguida. Unindo o Estado Oriental, as províncias de Corrientes, Entre Rios e Santa Fé, os Protocolos de Paysandú pareciam ressuscitar a antiga Liga Federal de Artigas, com o agravante, na perspectiva de Rosas – e do governo imperial –, de incluir o Rio Grande do Sul, intento no qual *El Protector* havia fracassado três décadas antes.

---

[421] GUAZZELLI, 2013, p.183.
[422] VIDAURRETA, p.438.

Não obstante, enquanto as articulações se intensificavam do lado leste do rio Uruguai, Manuel Oribe, que invadira Santa Fé e reinserira a província na órbita de Buenos Aires, marchou sobre o território entrerriano desde o outro lado do rio. Visando repelir a invasão de Oribe, Rivera, que havia sido designado *Director de la Guerra* na Conferência de Paysandú, comandou as tropas colorado-correntinas contra os invasores, sofrendo uma decisiva derrota que destruiu a maior parte de seu exército e mudou os rumos da guerra em Arroyo Grande, leste de Entre Rios, em dezembro de 1842. Essa vitória inverteu os papeis e colocou Rivera e seus aliados na defensiva, ao passo que Oribe, encabeçando um exército composto por orientais blancos, *federales* entrerrianos e bonaerenses, passou a ter as iniciativas militares no quadro que passava a se desenhar. Após a tomada de toda a província de Entre Rios, tropas federalistas comandadas por Urquiza invadiram Corrientes, provocando o exílio de diversos correntinos nos territórios vizinhos localizados no Brasil, Rio Grande e Paraguai, sendo este último o destino de Ferré. Por sua vez, Rivera cruzou o rio Uruguai e retornou a Montevidéu com as tropas de Oribe em seu encalço.

Para além dos motivos puramente táticos e militares, que de fato concorreram para a derrota de Rivera[423], o fracasso de Arroyo Grande revelou a inviabilidade estratégica do projeto do Uruguai Maior, mesmo em um momento em que ele ainda se apresentava como uma ideia. Como se observou anteriormente, a classe dirigente correntina era marcada por um forte sentimento autonomista e, se não desejava ver a autonomia de sua província ameaçada por Buenos Aires, também não o almejava em relação ao Uruguai. Assim, Pedro Ferré jamais conseguiu superar uma perspectiva estritamente provincial durante as negociações que se desenrolaram, enquanto Paz e López tinham um grau de autoridade precário em suas respectivas províncias, Entre Rios e Santa Fé, dado que a primeira continuava contando com importantes elementos rosistas e a segunda havia sido conquistada por Manuel Oribe. Sobre essas articulações e a derrota em Arroyo Grande, anota Vidaurreta:

> [...]...el triunfo de Urquiza significó que no solamente se había derrotado a una fuerza militar sino también al ambicioso plan político que pretendía remodelar el mapa sudamericano. […]. La batalla fue también decisiva para los disidentes riograndenses que con el eclipse de Rivera perdían a su aliado principal, mientras se acentuaba el conflicto entre los jefes farrapos […][424].

[423] CISNEROS, ESCUDÉ (Org.), 1998.
[424] VIDAURRETA, p.452.

Ademais, disciplinado militar e convicto unitário que era, o general Paz decepcionou-se com os fortes particularismos demonstrados pelos demais signatários que mais lembravam a rivalidade entre *federales* argentinos, e a oposição constante de Ferré e Rivera a seus planos militares[425] selaram sua decisão de se retirar da aliança antes mesmo do combate de Arroyo Grande. No tocante à participação rio-grandense que fora acertada por meio do Tratado de San Fructuoso:

> [...] la ayuda *farroupilha* a Rivera no fue eficaz, entre otras causas porque el correntino Ferré impidió el paso de las fuerzas riograndenses que debían atravesar su provincia en auxilio de las de Rivera. Así, éste se enfrentó a Oribe en la batalla de Arroyo Grande (6 de diciembre de 1842) sin contar con el auxilio de Rio Grande ni con el valioso aporte de Paz. La victoria de Oribe en Arroyo Grande truncó la idea del "Uruguay Mayor" y los apetitos de protagonismo del presidente oriental[426].

Do lado dos farrapos, Alfredo Varela identifica o não cumprimento do acordo como consequência de forte oposição no interior do governo farroupilha, sobretudo por parte do ministro Antônio Vicente da Fontoura e dos generais Davi Canabarro e João Antônio da Silveira. Estes levantaram objeções, quando a Divisão Expedicionária já estava pronta para marchar para Entre Rios, apontando para o risco de as tropas rio-grandenses não retornarem e para os sucessivos descumprimentos de acordos por parte de Rivera, ao que:

> Bento Gonçalves conformou-se com o parecer mais geral, e dissolveu-se a unidade já pronta a seguir, do nosso, para o Entre-Rios argentino. Era o primeiro sério castigo imposto à soeira falsia de Rivera, à sua inveterada falta de escrúpulos, e maior o teve, para o fim do anno 42. Porquanto, solapando a brilhante situação criada pelo general Paz, depois de sua grande victoria, ficou braço a braço, ele, sozinho, contra um poder militar que prestes o esmagaria, sem remédio algum[427].

Se o acontecimento de Arroyo Grande representou um prematuro fim de um prematuro projeto que poderia levar à constituição de uma nova unidade política, retirando Corrientes, Entre Rios e Santa Fé da esfera colorado-farroupilha, o mesmo não ocorreu relativamente a estes dois últimos. Afinal, a guerra continuava no território rio-

---

[425] Paz defendia a centralização completa dos esforços de guerra por parte das partes envolvidas, buscando, com isso, conferir maior coesão e efetividade à aliança que se buscava formar. Caso sua posição tivesse prevalecido, as tropas comandadas por Rivera em Arroyo Grande teriam contado com a totalidade do Exército Correntino e com a Divisão Expedicionária Farroupilha, que não chegou a participar da batalha porque Ferré impediu sua passagem pelo território correntino.
[426] CISNEROS, ESCUDÉ (Org.), 1998.
[427] VARELA, Alfredo. *História da grande revolução: o ciclo farroupilha no Brasil,* vol. 5. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1933, p.449.

grandense e agora retornava ao território oriental após quase quatro anos, ao que os dois governos respondiam intensificando suas articulações diante de um quadro de extrema adversidade que se delineava: no mesmo mês em que Oribe invadia o Uruguai com o Exército da Confederação, o barão de Caxias, nomeado presidente e Comandante das Armas da província pelo governo imperial, iniciava as operações militares após um período de cuidadosos preparativos. Dos cerca e 24 mil soldados que o Império tinha em armas naquele ano, cerca de doze mil haviam sido mobilizados para o Rio Grande do Sul[428]. Enfrentando o avanço das tropas de Caxias e de Oribe, respectivamente, farroupilhas e colorados passavam para uma posição amplamente desfavorável no tabuleiro dos conflitos que se travavam no espaço geográfico da Banda Oriental do rio Uruguai.

4.3. Dissidências farroupilhas, caudilhos orientais e a ameaça rosista durante as negociações com o barão de Caxias (1843 – 1845)

Em que pese o fracasso de Arroyo Grande e a pacificação das províncias mesopotâmicas pelas forças rosistas, o que reduziu amplamente as possibilidades de manobras e articulações dos farrapos no Prata, os trabalhos da Assembleia Constituinte e Legislativa rio-grandense iniciados em 1º de dezembro prosseguiram até o início do ano seguinte. Ao abrir a sessão, Bento Gonçalves comunicou aos constituintes que a causa farroupilha contava com a simpatia '*não só das repúblicas vizinhas, mas de grande parte dos brasileiros*', e que, '*banida a realeza da terra de Santa Cruz, nos havemos de reunir para estreitar laços federais à magnânima nação brasileira, a cujo grêmio nos chama a natureza e nossos mais caros interesses*'[429].

A ideia de federação brasileira foi formalmente inserida no Projeto de Constituição concluído em fevereiro de 1843, em uma inequívoca manifestação da preferência da maioria dos constituintes rio-grandenses por essa via. Porém, esse Projeto, no qual é possível identificar claras influências do liberalismo inglês, acabou não sendo votado em parte devido, em parte, ao início das operações lançadas pelo barão de

---

[428] BENTO, p.15.
[429] Fala de Bento Gonçalves na abertura da Assembleia Constituinte de Alegrete, em 1º de dezembro de 1842. In: SPALDING, Walter. *A Epopeia Farroupilha*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1963, p.377-378.

Caxias[430], que ocasionaram o recrudescimento dos combates militares em solo rio-grandense. Internamente, a principal razão para a dissolução da Assembleia a cristalização de uma cisão política que vinha sendo gestada havia anos entre a 'maioria' e a 'minoria'[431]. Em abril do mesmo ano, o Exército Imperial conquistou Alegrete e desferiu um duro golpe no esforço de guerra farroupilha e na própria República, pois, além de centro político, o local funcionava como centro de abastecimento e de fontes pecuniárias para os farrapos[432].

A facção da 'maioria' era formada essencialmente pelos deputados governistas que apoiavam o governo provisório de Bento Gonçalves, sendo integrada por parte dos principais nomes que conduziram a República desde 1836. Estes incluíam nomes como Domingos José de Almeida, Ulhôa Cintra e Mariano de Mattos, além de outros, como Francisco de Sá Brito e Hildebrando de Freitas[433]. A da 'minoria' era nucleada principalmente por deputados que se opunham, em maior ou menor grau, à direção do movimento farroupilha e que se organizaram formalmente durante a Constituinte, tendo como líderes os deputados Vicente da Fontoura, Lucas de Oliveira e Onofre Pires[434]. O general Davi Canabarro aderiria ao grupo posteriormente. Com exceção do último, que morreria em duelo contra Bento Gonçalves em março de 1844, todos teriam papel de destaque na fase final da guerra na medida em que o grupo se encontrava no poder durante esse período.

Para Maria Medianeira Padoin, a facção governista era relativamente mais progressista e ciosa da independência do Rio Grande do Sul do que a outra, enquanto a oposição minoritária tinha tendências claramente mais conservadoras e, por isso mesmo, mostrava-se mais propensa a aceitar uma composição que levasse ao retorno da República à comunhão brasileira na condição de província[435]. Conforme já discutido neste trabalho, as ideias e posições políticas no contexto rio-grandense/platino em que os Estados Nacionais estavam em formação eram marcadas por um grau significativo de volatilidade, e a mudança de reivindicações no âmbito da cúpula farroupilha reflete parcialmente essa realidade. Vicente da Fontoura, por exemplo, que estava entre os mais exaltados republicanos à época da radicalização do movimento sedicioso[436], agora assumia a

[430] HARTMANN, Ivan. *Aspectos da Guerra dos Farrapos*. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2002, p.69.
[431] FLORES, 2002, p.439-440.
[432] CALÓGERAS, 1998, p.444.
[433] SPALDING, 1963. Op. cit., p.364.
[434] Ibid.
[435] PADOIN, 2001, p.132-133.
[436] FONTOURA, Antônio Vicente da. *Diário*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

vanguarda dos que defendiam a reintegração do Rio Grande ao Império. Por outro lado, Bento Gonçalves, que fora contra a escalada separatista do movimento em 1836, resistia a quaisquer soluções políticas que comprometessem a independência rio-grandense[437].

Tais mudanças também foram observadas nas questões sociais que os farrapos tiveram que enfrentar, mormente em relação à escravatura. Se a questão da abolição foi relegada a um segundo plano durante a maior parte da existência da República Rio-Grandense – e a maioria dos chefes farrapos estancieiros, de fato, era proprietária de cativos – os trabalhos da Constituinte colocaram o assunto no centro das discussões. Sobre esse episódio, relata Alfredo Varela:

> É de saber-se que numa das sessões, José Mariano, como representante e definidor dos princípios a que se atinham os fiéis de Bento Gonçalves, apresentou à assembleia um projeto que abolia o cativeiro, semelhante ao que se fizera no vizinho Uruguai. Pois bem, assistiu a extremado e nefando espetáculo. A minoria, acaudilhada por Antônio Vicente opôs-se, irredutível e fera, deixando-nos patente, este, com a sua costumeira, penalizadora truculência, as frágeis razões em que se apoiava, para obstar a "liberdade geral dos escravos". [...]. No "Diário" que estava escrevendo, em determinada altura Antônio Vicente alude a este episódio parlamentar: depois de referir-se "à alma vil e fraca do mulato José Mariano" e "ao mofino Bento", [...] assevera que o plano emancipador apresentado por "esse mulato", "em plena assembleia", tinha "o fim sinistro de tudo confundir para, no início da geral consternação, roubar-nos mais amplamente e evadir-se para o pais vizinho[438].

A análise do debate farroupilha acerca da abolição da escravidão é um objetivo que demandaria uma pesquisa inteira, dada a própria complexidade do tema. Aqui, o que nos interessa é o fato de que a Assembleia Constituinte de 1842-1843 representou um marco no sentido de que o assunto foi discutido pelo conjunto das lideranças farroupilhas pela primeira vez desde a deflagração do movimento em 1835, diferentemente do que asseveram as obras que tendem a atribuir aos chefes farroupilhas uma espécie de posição estática e determinista pró-escravidão. E, mais relevante para este trabalho, a apresentação do projeto de abolição da escravatura acabou aprofundando ainda mais a cisão entre os dois grupos.

Além disso, outro motivo imediato para o agravamento das tensões no núcleo da República parece ter sido as relações estreitas entre membros do partido majoritário e o Prata, mais especificamente os colorados uruguaios. Ao comunicar que não participaria mais dos trabalhos da Constituinte, Vicente da Fontoura fez referência aos ‘*intitulados*

---

[437] FLORES, 1996.

[438] VARELA, Alfredo. *História da grande revolução: o ciclo farroupilha no Brasil*, vol. 6. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1933, p.16.

tratados'[439] firmados pelo grupo de Bento Gonçalves, e seu diário, escrito a partir de 1º de janeiro de 1844, traz duras críticas aos convênios firmados com o governo oriental-colorado.

No Uruguai, o *Ejercito de Vanguardia de la Confederación Argentina* comandado por Manuel Oribe havia avançado rapidamente sobre a campanha oriental, conquistando a maior parte do interior e chegando ao entorno de Montevidéu em 16 de fevereiro, poucos dias depois da dissolução da Assembleia Constituinte farroupilha. Em vez de invadir a capital, Oribe optou por sitiá-la, dando início ao sítio que duraria cerca de oito anos. Confinando o domínio do governo oriental colorado a Montevidéu, Oribe, que continuava se considerando presidente legítimo do país, tomou providências no sentido de organizar um novo governo nos arredores das muralhas fortificadas da capital uruguaia, em área localizada atualmente no bairro montevideano de Cerrito de la Victoria. Nessa condição, passou a governar como se o estivesse fazendo ininterruptamente desde que seu mandato fora precocemente terminado pela sublevação de Rivera em 1838[440].

Intramuros, a organização da defesa da capital havia começado antes mesmo da aproximação das tropas de Oribe, quando, ainda em dezembro de 1842, o general Paz foi incumbido de preparar um exército de defesa pelo presidente do Senado Joaquin Suárez, em exercício da chefia do Executivo devido à ausência de Rivera, que se encontrava em território entrerriano à época. Formavam-se, assim, o *Gobierno del Cerrito*, encabeçado por Oribe e expressão política do Partido Nacional, com jurisdição em quase todo o território oriental, e o *Gobierno de la Defensa*, dominado pelo Partido Colorado e com controle sobre Montevidéu.

Em certa medida, tal duplicidade de governos assemelhava-se à situação de fato existente no Rio Grande do Sul desde setembro de 1836, quando a proclamação da República engendrou a existência de duas jurisdições no território rio-grandense, com os farrapos dominando virtualmente todo o interior e os imperiais controlando o litoral – em 1843, no entanto, tal realidade havia se alterado significativamente, dada a reduzida base territorial que o cambaleante Estado Rio-Grandense possuía após o início das operações de Caxias.

Apesar da situação desfavorável em que se encontravam farrapos e colorados, os governos de Buenos Aires e do Rio de Janeiro se alarmaram com as articulações desenvolvidas ao longo de 1842 que pareciam levar à formação de um terceiro polo que

---

[439] SPALDING, 1963, p.362.

[440] DEVOTO, Juan Pivel. *La Guerra Grande, 1839-1851*. Montevidéu: Editorial Medina, 1976.

alteraria o equilíbrio de poder na Bacia do Prata, como ocorrera com a Liga Federal de Artigas na década de 1810. Para Rosas, havia ainda um grave risco adicional de intervenção das duas maiores potências da época, França e Grã-Bretanha, que, temendo a anexação do Uruguai pela Confederação – aparentemente, uma questão de tempo àquela altura –, ameaçavam bloquear Buenos Aires[441]. A reação de Rosas veio na forma de uma política de aproximação ao Império que buscava fixar um ponto de convergência justamente na aliança farroupilha-colorada, mesmo após os eventos de Arroyo Grande.

Como fizera em 1838, quando enviou Manuel Sarratea ao Rio de Janeiro para alertar a Regência do perigo que a aproximação dos farrapos a colorados e unitários representava para os dois países[442], Rosas buscou uma aproximação ao governo brasileiro mais uma vez. O plenipotenciário da Confederação na Corte, Tomás Guido, fez gestões junto ao governo imperial para convencê-lo da necessidade de ações conjuntas, chegando a sugerir que bastava sua autorização para que as tropas confederadas sob o comando de Oribe entrassem em território rio-grandense para combater colorados e farroupilhas[443].

As tratativas com o chanceler imperial Honório Hermeto Carneiro Leão evoluíram para uma proposta, por parte de Guido, de um tratado ofensivo-defensivo entre a Confederação e o Império '*contra o poder e a autoridade que exerce Fructuoso Rivera na República do Uruguay, e contra os rebeldes da Província do Rio-Grande de São Pedro do Sul, e contra os partidistas do dito caudilho e dos mencionados rebeldes*'[444]. O diploma detalhava as ações que seriam realizadas conjuntamente contra os dois inimigos, prevendo o bloqueio do porto de Montevidéu pela Armada brasileira e o ingresso de tropas argentinas em território rio-grandense, onde seriam colocadas sob o comando de um general imperial. Inversamente, dispunha da mesma forma sobre forças imperiais que marchassem sobre o território oriental e previa o fornecimento de seis mil cavalos por parte da Confederação[445], providência crucial para as tropas de Caxias que enfrentavam dificuldades nesse sentido.

Inicialmente, o governo imperial relutara em entrar em acordos que ligassem o Império à Confederação tanto por razões estratégicas como táticas. Do ponto de vista estratégico, Rosas era visto como uma ameaça ao projeto de Estado Imperial assentado

---

[441] FERREIRA, Gabriela Nunes. *O Rio da Prata e a consolidação do Estado Imperial*. São Paulo: Editora Hucitec, 2006, p.101.
[442] BANDEIRA, 2012, p.113.
[443] GUAZZELLI, 2013, p.205.
[444] Tratado de Aliança ofensiva e defensiva entre o Império do Brasil e a Confederação Argentina, de 24 de março de 1843. Sistema Consular Integrado, Ministério das Relações Exteriores.
[445] Ibid.

sobre os pilares da monarquia, do centralismo político, da unidade territorial e da ordem social escravista, além de representar um possível obstáculo geopolítico no tocante à questão da navegação dos rios internacionais na Bacia do Prata[446], tão importante para a comunicação do Rio de Janeiro com a província do Mato Grosso. Havia, ainda, a percepção de que o 'sistema americano' abertamente defendido por Rosas escondia as ambições do ditador de reconstruir territorialmente o antigo Vice-Reino do Rio da Prata[447], o que envolveria a anexação do Uruguai e de parte do Rio Grande do Sul, além de Bolívia e Paraguai.

Na esfera tática, a aliança entre farrapos e colorados e as articulações dos dois grupos com a mesopotâmia argentina que preocupavam o Império haviam perdido relevância após Arroyo Grande. O próprio Estado Oriental colorado agora se resumia a pouco mais que Montevidéu, sem base territorial significante e sitiado, e a República Rio-Grandense achava-se em grave estado por uma combinação de fatores: a inviabilização da formação de uma frente comum tanto com as províncias brasileiras[448] como com o Uruguai e o litoral argentino, a concentração de recursos por parte do Império para colocar um fim à guerra e as velhas dificuldades advindas da falta de um porto para a República.

Não obstante, e talvez ironicamente, a precária situação de Rivera e do *Gobierno de la Defensa* concorreram para uma mudança de atitude por parte do governo imperial. O quadro militar no Uruguai sugeria que o fim do governo colorado – o qual, aliás, era o único reconhecido pelo Rio de Janeiro[449] – estava próximo e que Oribe controlaria todo o país em pouco tempo. Dadas as conhecidas ligações entre o chefe blanco e Rosas, tal fato poderia ameaçar seriamente a soberania oriental, o que era inaceitável para o Império, ao que o ministro Leão concluiu que '*melhor seria pactuar com Rosas, associando-se ao seu triunfo, para ligá-lo a um compromisso de que não intentaria a anexação da República do Uruguai*'[450]. Como em 1816, os interesses do Rio de Janeiro e de Buenos Aires convergiam para a necessidade de liquidar um terceiro bloco de poder que surgia entre os dois países.

[446] DORATIOTO, 2014, p.26.
[447] FERREIRA, 2006.
[448] Em 1843, após o fim das revoltas liberais em Minas Gerais e São Paulo, virtualmente todo o Império havia sido pacificado, faltando apenas o Rio Grande do Sul. As possibilidades de articulação de uma aliança com as diversas províncias brasileiras que se rebelaram, como era a vontade da maioria da cúpula farroupilha, haviam passado. O Estado Imperial caminhava, aos poucos, para sua consolidação, o que ocorreu por volta do fim da década de 1840.
[449]
[450] BANDEIRA, 2012, p.114.

Desse modo, embora relutante, o governo imperial assinou o tratado em 24 de março de 1843 e o ratificou no mesmo mês, remetendo o diploma a Buenos Aires para ratificação. Porém, a essa altura, os fatores objetivos que motivaram Rosas a propor a aliança pareciam ter desaparecido[451], e o ditador recusou-se a assinar o tratado e desautorizou Guido sob o argumento de que apenas Oribe, na condição de presidente legal do Uruguai, poderia tratar de assuntos que envolvessem o país. As agitações na mesopotâmia argentina haviam terminado com a derrota de Arroyo Grande e a inserção de Corrientes no sistema federal rosista, 'empurrando' a Guerra Grande de volta para o Uruguai, enquanto a intervenção anglo-francesa não se confirmou em razão de divergências de entendimentos dentro de seus respectivos governos acerca da conveniência de tal medida[452]. Como razão adicional para a recusa de Rosas, Tau Golin aponta, ainda, a indisposição do governador em desistir em definitivo das Missões Orientais[453], visto que o tratado também previa a resolução definitiva da questão lindeira. Além do mais, a recusa de Rosas pareceu confirmar as aparentes suspeitas de que o governo bonaerense se movia para perseguir uma política externa que levaria à reconstrução territorial do Vice-Reino do Rio da Prata, tendo em vista as salvaguardas relativas à independência do Uruguai que o tratado trazia[454].

O episódio teve como efeito o fim do breve período de aproximação entre o Império e a Confederação e demonstrou, mais uma vez, o quão instável o quadro geopolítico e os alinhamentos vigentes na Bacia do Prata naquele período histórico eram. Discursando no Senado quarenta anos mais tarde, o visconde de Sinimbu, que serviu como ministro do Império em Montevidéu durante parte do sítio da capital oriental, descreveu:

> Quando se davam estes acontecimentos, o representante de Rosas nesta corte empenhava os maiores esforços para chamar o governo Imperial aos interesses de sua causa. O incentivo com que pretendia atraí-lo eram a conveniência e oportunidade de acabar o Império com a revolta do Rio Grande, por meio da ação combinada entre os dois Governos. [...] A revolta do Rio Grande foi, desde o começo, animada e auxiliada pelos Governos das duas Repúblicas. Quando ela arrebentou em 1835, foi Oribe, então Presidente do Estado Oriental, o primeiro que a bafejou. Rosas até recebeu emissários dos revoltosos, facilitando-lhes por vezes a aquisição de munições de guerra; Fructuoso Rivera foi ainda mais longe; com eles celebrou convenções. Todos

[451] DORATIOTO, p.26-27.
[452] CISNEROS, ESCUDÉ (Org.), 1998.
[453] GOLIN, 2002, p.344.
[454] GARCIA, Fernando Cacciatore de. *Fronteira iluminada: história do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul a partir do Tratado de Tordesilhas, 1420-1920*. Porto Alegre: Editora Meridional, 2012, p.251.

> esses Governos aproximavam-se ou afastavam-se dos revoltosos segundo as conveniências da ocasião.[455]

A partir de então, salvo algumas tentativas pontuais de acomodação, a política da Confederação para o Império se tornaria cada vez mais hostil, enquanto o governo imperial passaria a formular gradualmente uma política platina mais ativa que levaria ao abandono da neutralidade oficial a partir de 1844[456]; e sua culminação viria com intervenção armada contra Rosas e Oribe, em 1851. Condição essencial para essa transição da política externa brasileira, todavia, era a pacificação do Rio Grande do Sul.

Entre os farrapos, a cisão ocorrida em seu núcleo político-militar abriu um período de crise interna que perduraria até a reintegração da província ao Império. Isto é, da dissolução da Constituinte, em fevereiro de 1843, à Paz de Poncho Verde, em fevereiro de 1845, o esforço de guerra farroupilha conviveu com constantes disputas internas que acabaram facilitando a 'política pacificadora' de Caxias – que, diga-se, também incluía o fomento dessas discórdias. Para além de desavenças de natureza pessoal, que inegavelmente desempenharam papel relevante nessas disputas, os desentendimentos entre as duas facções também giraram em torno de assuntos mais amplos que passavam, necessariamente, pelo modelo político a ser perseguido naquela conjuntura de 1843 e pelas questões do Prata. A 'maioria' convergia para a manutenção da defesa da independência do Rio Grande do Sul, o que implicava a continuação da guerra; já seus opositores buscavam aprofundar as tratativas com o Império com vistas ao fim do conflito[457].

José Plínio Fachel argumenta que a oposição entre esses dois grupos levou à delineação de dois projetos políticos já na fase final da Farroupilha, com a 'maioria' optando por manter suas reivindicações pela forma republicana de governo e a 'minoria' defendendo a busca por melhorias dentro do próprio sistema[458], isto é, o monárquico. Para manter o movimento independentista, a facção majoritária e governista desejava continuar buscando alternativas no Prata, ao passo que o partido da 'minoria', refletindo sua posição favorável ao fim guerra e à reincorporação o Rio Grande do Sul ao Império, opunha-se à 'política platina' dos primeiros[459]. Buscava, ainda, rejeitar expressamente o

---

[455] Apud MAGNOLI, 1997, p.158
[456] CERVO, Amado Luiz. BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*, 3ª ed. Brasília: Editora UnB, 2008, p.110-111.
[457] FACHEL, José Plínio Guimarães. *Revolução Farroupilha*. Pelotas: Editora da UFPEL, 2002, p.124.
[458] Ibid.
[459] Ibid.

caudilhismo como um obstáculo ao progresso. Em seu diário, Vicente da Fontoura trata os caudilhos orientais com desdém e os associa à barbárie, independentemente das facções às quais estivessem ligados:

> Quando as hordas selvagens habitavam estas campinas, quando os caciques dos Charruas e dos Minuanos dominavam seus toldos, não era por certo tão ermo o país. [...] os míseros e infelizes orientais estão jogando seu sangue ao querer dos caudilhos, que disputam o mando supremo de uma pátria, que nas vindouras épocas se envergonhará de tais monstros haver nutrido. [...]. Colorados e blanquilhos, dão se aqui mutuamente o nome de selvagens. Estupenda cegueira! Por que não fazem eles um exame dos seus feitos, por que não recordam suas atrocidades, e não se reconhecem, já e já, muito mais desgraçados do que o mais vil Charrua, o mais abjeto Minuano?[460]

Em outras passagens, o principal deputado oposicionista refere-se ao grupo de Bento Gonçalves como '*a mashorca do Alegrete*'[461], como, aliás, o faziam outros membros da 'minoria', em uma clara intenção de ligar retoricamente os governistas a Juan Manuel de Rosas, cuja corporação 'parapolicial' chamava-se *la Mazorca*[462]. De certo modo, a posição de Fontoura e da oposição buscava vincular o partido majoritário ao caudilhismo rio-platense e associá-lo à violência inerente a esse fenômeno sociopolítico, não muito diferente do que faziam colorados orientais e unitários argentinos relativamente a seus respectivos adversários. Aqui, cabe uma breve distinção sobre a composição dos colorados.

Apesar de, em linhas gerais, o Partido Colorado estar vinculado aos setores médios urbanos e a interesses livre-cambistas, Pivel Devoto diferencia colorados '*puros*' dos '*extranjerizantes*', estabelecendo uma espécie de subdivisão no interior daquela facção[463]. Segundo o autor, uma das principais clivagens para diferenciar uns dos outros estava no grau de interferência estrangeira nos assuntos do Estado Oriental que cada grupo via como desejável, com os primeiros sendo relativamente mais 'autonomistas' do que os segundos. Isto é, ainda que os dois grupos fossem mais favoráveis à interferência estrangeira em questões orientais do que o Partido Nacional, os '*puros*'[464] tendiam a ser mais cautelosos nesse aspecto do que os '*extranjerizantes*'[465]; socialmente, estes estavam mais intimamente ligados aos *doctores* dos principais núcleos urbanos – isto é,

---

[460] FONTOURA, p.98.
[461] Ibid, p.53.
[462] Veja-se DI MEGLIO, Gabriel. *Mueran los salvajes unitarios! La Mazorca y la política em tiempos de Rosas*. Buenos Aires: Penguin Random House Grupo Editorial Argentina, 2012.
[463] DEVOTO, 1973.
[464] Encabeçado por Rivera e composto por nomes como José Bustamante, Venancio Flores, Enrique Martínez e Estanislao Vega.
[465] Entre os quais estavam Joaquín Suárez, Andrés Lamas, Manuel Herrera y Obes e Santiago Vázquez.

Montevidéu e Colônia – e aqueles, à plebe rural, aos gaúchos e a '*la indiada*[466]'. Se tais diferenças já existiam desde o início do processo de formação do partido após a batalha de Carpintería, foi com o sítio de Montevidéu que elas se tornaram mais evidentes: os segmentos caudilhescos colorados abriram uma frente de combate contra as tropas de Oribe na campanha e auxiliaram os farroupilhas na fronteira, enquanto os '*extranjerizantes*' iniciaram uma ofensiva diplomática desde Montevidéu para buscar intervenções estrangeiras, sobretudo do Brasil, da França e da Grã-Bretanha[467].

A cisão consolidada no núcleo do movimento farroupilha significou que os farrapos tiveram que lidar com o barão de Caxias diplomática e militarmente em situação de completa divisão interna, divisão esta que se refletiu nas respectivas gestões encaminhadas por representantes da 'maioria' e da 'minoria'. O partido majoritário adotou a bandeira da defesa intransigente da independência rio-grandense mesmo após o início das negociações com Caxias[468], em certa medida refletindo o desejo de seus membros de manter uma independência *de facto* com a qual haviam se acostumado. Após quase sete anos de independência, não era simples aceitar o retorno a um sistema político ainda mais centralizado do que aquele que vigia quando da eclosão da fase armada da Farroupilha, em 1835[469].

Ainda em março de 1843, quando as tratativas de paz com Caxias não haviam começado, Bento Gonçalves manifestava sua preferência por uma solução que levasse à união do Rio Grande do Sul às províncias brasileiras mediante arranjos que se aproximavam de uma liga ou confederação[470]. Na mesma linha, o proclamador da República em 1836, Antônio de Souza Netto, reiterava por meio do jornal oficial a simpatia que os Estados platinos tinham pela causa farroupilha, e instava o Império a reconhecer a independência rio-grandense e aceitar a federação[471]. No ano seguinte, já durante o curso das negociações de paz, Gonçalves, que havia deixado a Presidência da República, propôs ao barão:

---

[466] ZUM FELDE, Alberto.

[467]

[468] FACHEL, 2002.

[469] Medidas tomadas pela Regência conservadora, como a Lei de Interpretação do Ato Adicional (1840), e pelo governo imperial, como a recriação do Conselho de Estado (1842), representaram o regresso conservador que terminou por reverter parte das mudanças descentralizadoras trazidas pelo Ato Adicional de 1834, reduzindo, assim, a autonomia relativa das províncias. FAUSTO, Bóris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2009, p.171-176.

[470] GUAZZELLI, 2013, p.221-222.

[471] Ibid.

> A conciliação com a federação do Rio Grande do Sul ao Brasil, agregando a ela ‘os Estados de Montevidéu, Corrientes e Entre Rios’. Caxias contestou, só aceitava a conciliação se o Rio Grande desistisse da independência. [...]. Bento Gonçalves perguntou se nesse caso o Império reconheceria a dívida externa e interna, garantiria a liberdade dos libertos republicanos e os oficiais nos respectivos postos. Caxias anuiu e Bento Gonçalves não quis aceitar a responsabilidade de decidir a paz, deixando para o governo republicano meditar e decidir, pois sempre se dedicou ‘a libertar nossa Pátria sustentando nossa independência’, portanto não queria ser acusado de que, por um capricho, concorreu para a infelicidade de seus patrícios[472].

Enquanto o líder da oposição Vicente da Fontoura procurava traçar uma ‘linha divisória’ entre seu grupo e os caudilhos do Prata, entre ‘civilização’ e ‘barbárie’, o chefe da facção governista propunha abertamente ao representante imperial a incorporação de três unidades políticas platinas ao Império juntamente com o Rio Grande. Evidentemente, havia um obstáculo virtualmente ‘existencial’, do ponto de vista da Corte, para que tal proposta fosse adiante. Afinal, o Império se sustentava politicamente sobre os pilares da monarquia unitária e da centralização política, o que significava que entrar em arranjos dessa natureza constituiria uma anomalia constitucional.

Ademais, na prática, o Estado Imperial caminhava para sua consolidação – e o último entrave era justamente o quadro político-militar no Rio Grande do Sul – após o turbulento Período Regencial, e não havia qualquer base de negociação para uma solução federativa, menos ainda com províncias e países do Prata. As elites imperiais da Corte no pós-Regência, traumatizadas com as revoltas regenciais e identificando suas causas imediatas na descentralização relativa promovida pelo Ato Adicional[473], certamente não aceitariam uma flexibilização tão profunda e extraordinária que dificilmente não implicaria o fim do Império na forma como ele existia.

A disputa entre farroupilhas governistas e oposicionistas se acirrou ao ponto de Bento Gonçalves renunciar à Presidência da República, em 4 de agosto de 1843, entregando o cargo a Gomes Jardim e o comando do Exército Rio-Grandense, a Davi Canabarro. Assim, quando apresentou a proposta a Caxias, Gonçalves o fez na condição de encarregado das negociações do lado rio-grandense, não como presidente, mantendo, ao mesmo tempo, o esforço de guerra ativo na região da fronteira.

Como já se mencionou, após a derrota de Arroyo Grande, Rivera recompôs parcialmente seu exército e iniciou campanhas contra as tropas confederadas de Oribe na campanha, passando a Presidência oriental ao presidente do Senado, o colorado

---

[472] FLORES, 2002, p.436 – BGS 379.
[473] DOLHNIKOFF, 2005.

'*extranjerizante*' Joaquín Suárez, em março de 1843. Esse período inicial do sítio de Montevidéu foi o mais ativo em termos de batalhas em solo oriental, com uma série de vitórias para os dois lados que não alteraram significativamente o estado de coisas no Uruguai: em junho, Rivera derrotou as forças de Ignácio Oribe em Solís Grande, perto de Maldonado, enquanto Venâncio Flores comandou as tropas da *Defensa* que bateram os *federales* de Angel Núñez no mês seguinte[474]. Já no próximo mês, o *Gobierno de la Defensa* sofre uma derrota em Cerro Largo, na fronteira com o Rio Grande do Sul. Os combates se aproximavam do espaço fronteiriço na medida em que os colorados dependiam dessa região para neutralizar parcialmente a ampla vantagem do *Cerrito*, tendo combates entre tropas dos dois governos sido verificados em variados pontos da imprecisa 'faixa' de fronteira[475].

Desse modo, Rivera voltou a articular ações conjuntas com os farroupilhas nos dois lados da fronteira, fornecendo-lhes auxílios na forma de cavalos, armas e outros artigos de guerra, além de combaterem juntos no campo de batalha[476], ora contra imperiais, ora contra blancos-rosistas. Em vista da situação amplamente desfavorável em que se encontravam os farrapos nesse período, o uso da fronteira se intensificou: quando se viam em desvantagem em relação às tropas de Caxias, os farrapos emigravam para o território oriental, '*onde os amigos de D. Frutos lhes davam sempre refúgio e guarida*'[477]. Ao mesmo tempo, talvez já percebendo que o movimento farroupilha seria derrotado, o caudilho passou a procurar o barão de Caxias para se oferecer como mediador nas negociações acerca da pacificação do Rio Grande do Sul[478]. A ambivalência – ou, talvez, o 'pragmatismo radical' – que tão apropriadamente caracterizava Fructuoso Rivera se manifestaria com clareza também nesse estágio derradeiro da República Rio-Grandense e em pleno sítio de Montevidéu.

Se bem já desconfiasse desde antes da permanência das relações entre farroupilhas e colorados, Caxias teve provas concretas de tal realidade em setembro de 1843, quando interceptou um regimento composto por orientais e santafesinos que ingressaram em território rio-grandense e que se subordinavam a Rivera[479]. Antes disso, porém, o

---

[474] RELA, Walter. *Uruguay: Cronologia historica documentada*. Montevideo: Ross Pub Inc. 2000 p.82.
[475] Ibid. p.82-84.
[476] GUAZZELLI, 2013, p.224-227.
[477] CALÓGERAS, 1998, p.446.
[478] GOLIN, 2002, p.355-356.
[479] MENDES, Jeferson. *O barão de Caxias na guerra contra os farrapos*. 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2011, p.53-54.

comandante imperial já fazia contatos com Manuel Oribe e seus partidários para, também ele, buscar soluções táticas no Estado Oriental, sobretudo no tocante ao fornecimento de cavalhadas. Como consequência da não-ratificação do tratado de março de 1843 por Rosas, o Império via-se privado dos seis mil cavalos que a Confederação Argentina forneceria a Caxias, com sensível impacto no teatro de guerra. A solução encontrada pelo barão foi buscar diretamente junto a Oribe os cavalos de que necessitava, sem passar por tratados ou convenções. No entanto, o caudilho blanco acabou se esquivando de tomar uma medida que beneficiaria o Império tão claramente, ao que Caxias reagiu procurando outras fontes em Corrientes, no Paraguai e até mesmo junto aos colorados[480].

Apesar da extraordinária superioridade numérica[481] das forças imperiais, a dificuldade em repor montarias mitigava a ampla vantagem de recursos que Caxias possuía em comparação aos farroupilhas. Ao incorporar Bento Manoel Ribeiro ao seu Estado Maior, o barão já havia reduzido uma significativa vantagem relativa que os farrapos possuíam no tocante à capacidade de conduzir guerras de movimento, cujas principais características eram justamente rápidas movimentações de cavalaria ligeira apoiadas em constantes reposições de montaria[482].

Tão 'senhor da fronteira' quanto Bento Gonçalves e Fructuoso Rivera, Ribeiro desempenhou papel central nas operações imperiais ao longo de 1843 e em 1844, mas, ao contrário de seus antigos aliados, não estava autorizado a valer-se da fronteira livremente como um caudilho. Afora traços pessoais que pudessem ter determinado tal conduta, Caxias se opunha frontalmente a incursões em território oriental para evitar qualquer possibilidade de retaliação de Rosas[483], o que reduzia a margem de ação de Bento Manoel comparativamente aos farroupilhas. Tamanha era a importância que os chefes políticos orientais tinham para a guerra no Rio Grande do Sul que Caxias escreveu ao governo imperial informando que '*sem um acordo definitivo com um os dois contendores do*

---

[480] Ibid.

[481] Segundo o historiador militar Cláudio Moreira Bento, o Exército Imperial contava com cerca de 11.500 homens em território rio-grandense no início de 1843, enquanto o Exército Farroupilha chegava, no máximo, a 3.500, e esse efetivo foi reduzido drasticamente ao longo do ano. BENTO, 1992, p.17-18.

[482] GUAZZELLI, 2013, p.75-81.

[483] Adicionalmente, o barão possuía instruções específicas do ministro da Guerra do Império, Clemente Pereira, que consideravam ilícitas quaisquer incursões no território oriental '*em perseguição a rebeldes*'. JANKE, Leandro Macedo. *Duarte da Ponte Ribeiro: território e territorialidade no Império do Brasil*. 2014 254 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014, p.146.

Estado Oriental [Uruguai], nunca será possível concluir de todo a guerra nessa província'[484].

Assim, o general imperial recorreu a Oribe não apenas para garantir o suprimento de cavalos, mas, também, para tentar alcançar alguma base de convergência que neutralizasse as ações dos farroupilhas do outro lado da fronteira. A Oribe também interessava chegar a algum entendimento nesse sentido, já que Rivera e seus partidários aproveitavam-se igualmente da área fronteiriça. Como consequência, a margem de manobra de farrapos e colorados na fronteira reduziu-se significativamente, criando mais um fator de dificuldade para os dois grupos.

Apesar disso, o governo imperial também se via duramente pressionado pelas circunstâncias que faziam com que duas de suas prioridades se chocassem: de um lado, a pacificação do Rio Grande do Sul constituía a mais urgente prioridade interna e devia ser perseguida incessantemente; de outro, a facção oriental que apoiava os farrapos e concorria para o prolongamento da guerra era a mesma que resistia às tropas da Confederação, de modo que derrotá-la implicaria, na prática, um apoio à conquista do Uruguai por parte de Rosas. Mais ainda, em meio a desinteligências com a Grã-Bretanha acerca do tráfico negreiro e da não-renovação do tratado de comércio de 1810, o governo imperial temia que a Marinha britânica penetrasse o rio Uruguai e por meio dele estabelecesse comunicações com os farroupilhas[485]. O fato de a potência europeia estar cada vez mais preocupada com as ações de Rosas contra o Estado Oriental àquela altura reforçava essa hipótese.

Montevidéu estava sob bloqueio naval parcial da Confederação, mas, enquanto o governo britânico era inequívoco em sua oposição a um eventual controle da cidade por Buenos Aires[486], o brasileiro, sempre temendo uma intervenção de Rosas no Rio Grande em favor dos farrapos, reconhecia-o. Temendo tanto a caída do *Gobierno de la Defensa* quanto um eventual apoio da Grã-Bretanha aos farrapos, o Encarregado de Negócios imperial em Montevidéu, Cansanção de Sinimbu, buscava convencer '*o Governo Imperial a efeito ligar-se ao Oriental já e já...evitando assim os males que resultariam ao Brasil se a Inglaterra tivesse tomado parte*'[487].

[484] SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p.462.
[485] GUAZZELLI, 2013, p.215.
[486] Embora houvesse reconhecido o bloqueio, após um período de oposição, mediante decisão de Rosas de isentar navios britânicos de seus efeitos.
[487] Ibid.

Em julho de 1844, o presidente farroupilha substituiu Bento Gonçalves por Vicente da Fontoura nas negociações com Caxias. Gomes Jardim não era do grupo de Fontoura, mas escolheu-o em parte como resultado do impasse das negociações de Bento Gonçalves com o barão, visto que o chefe farrapo insistia em algum arranjo político que garantisse amplas autonomias à província[488]. Diante do impasse, Caxias sugeriu o nome de Fontoura, com o que Jardim concordou.

Do ponto de vista da abordagem que combinava ofensivas militares com medidas conciliadoras, Caxias foi além do que o governo imperial poderia desejar em um primeiro momento. Essas medidas incluíram desde atos oficiais, como a busca ativa pela anistia dos rebeldes junto à Corte, até a concessão de vantagens pessoais como forma de avançar as negociações de paz. Com Fontoura assumindo o comando das negociações do lado dos rebeldes, o caminho estava aberto para que as negociações avançassem.

A questão dos colorados na fronteira, porém, ainda aparecia como um entrave adicional ao lado de outras questões de fundo, como o grau de autonomia política da província após sua reincorporação ao Império, o trânsito de gado do Uruguai e a escravatura, todos intimamente relacionados ao Estado Oriental naquele momento. Sobre a questão da escravidão, cabe registrar que o regime havia sido abolido por completo no Uruguai em dezembro de 1842[489], e havia o receio por parte da elite imperial – e da farroupilha – de que os escravos libertados pelos farrapos fugissem para o território oriental após a guerra, havendo mesmo os que temiam rebeliões armadas[490].

Em outubro de 1844, Rivera ainda tentou, uma última vez, colocar-se como mediador da paz entre farrapos e imperiais, o que contribuía para agravar a questão das tropas do *Gobierno de la Defensa* na fronteira desde a perspectiva do Império. Em uma iniciativa ousada, o chefe colorado propôs a Caxias a suspensão de armas por parte das forças imperiais enquanto durassem as negociações[491]; aos farrapos, apresentou proposta que consistia em, caso o barão declinasse, marchar conjuntamente rumo ao sul para derrotar Manuel Oribe. Derrotados os blancos, colorados e farroupilhas retornariam ao Rio Grande juntos para, então, bater as tropas imperiais[492]. Habilmente, Caxias recusou a proposta, excluiu Rivera das negociações definitivamente e enviou o tenente-coronel

[488] FLORES, 1996.
[489] Lei nº 242, de 12 de dezembro de 1842. *Presidencia – República Oriental del Uruguay*.
[490] MAESTRI, Mário. *Breve história do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: UPF Editora 2010, p.183.
[491] FONTOURA, p.137.
[492] Ibid.

imperial Manoel Luís Osório para ouvir Vicente da Fontoura, que, desiludido com *Fructo*, escreveu em seu diário:

> Este gaúcho fino é verdadeiramente um gênio, porém um gênio que, nas torpezas das revoluções por que tem passado seu país, parece estar já familiarizado com desgraças e males alheios, sempre que deles possa fazer a experiência de algum resultado favorável a si ou ao seu país[493]. [...]. Surpreendeu-me quando me assegurou o quanto lhe era doloroso não poder dar a sua pátria uma testa coroada! [...]. Então pretendia fascinar-nos para o ajudarmos a expelir seus inimigos, e tendo-lhe rebatido este pensamento, mudou e pretende agora que os rio-grandenses e o Brasil se liguem, salvem o Estado Oriental e fixem já os tratados de limites com vantagem sua[494].

Desacreditado pelos farrapos que ainda intencionavam continuar a guerra, desprezado pelos que desejavam a paz e neutralizado por Caxias, Fructuoso Rivera, que chegou a considerar a possibilidade de transformar o Uruguai em Vice-Reino ligado ao Império[495], era afastado definitivamente das tratativas. No mesmo mês, Bento Gonçalves alertava o barão sobre os graves riscos que o prolongamento da guerra poderia acarretar para o Rio Grande do Sul e o Brasil, apontando especificamente para a ameaça representada por Rosas:

> Acredite V. Ex.ª que não há um instante a perder-se a vista da atitude imponente do tirano Rosas, de quem será presa o continente, se continuam a guerrear-se mutuamente seus filhos, destruindo os poucos elementos que restam para disputar o passo ao deposto audaz, que nos ameaça com aguerridas hostes; esta consideração que sobre mim pesa, deve convencer V. Ex.ª da urgente necessidade de levar a efeito o que proponho, no que fará transcendente serviço ao país que o viu nascer [...][496].

Claramente, Gonçalves desejava o fim da guerra a essa altura, apesar de haver discordâncias quanto aos termos sob os quais o concerto se daria, e colocava a pacificação do Rio Grande do Sul como passo fundamental para o Império fazer frente aos desígnios expansionistas de Rosas. Em vista de uma ameaça geopolítica da envergadura da que Buenos Aires parecia representar naquele momento histórico, o principal líder farroupilha sinalizava que os interesses dos rebeldes convergiam com os do Império. Como tende a ocorrer em casos análogos, a ameaça externa parecia implicar uma maior convergência entre as forças políticas internas.

---

[493] Ibid., p.136-137.
[494] Ibid., p.138.
[495] BANDEIRA, p.112.
[496] CV 8573 – Carta de Bento Gonçalves a Caxias, em 13 de outubro de 1844.

O próprio Império já via Rosas como uma ameaça real há algum tempo, mas seus homens de Estado não desejavam correr riscos de ter a poderosa Confederação interferindo em um conflito cujo fim era prioridade para o país e diante do qual Caxias, apesar dos avanços, enfrentava dificuldades para debelar em definitivo. De fato, essa possibilidade era preocupação do barão[497] e norteou sua '*realpolik*' para a pacificação do Rio Grande do Sul que tinha ramificações no Uruguai e, indiretamente, poderia afetar os interesses de Buenos Aires. Na prática, a posição cautelosa de Caxias em relação ao Prata já havia tido como efeito a redução da vantagem relativa que o Império poderia passar a ter com o uso da fronteira por Bento Manoel, o que concorrera para que farrapos e colorados continuassem usando a fronteira em condição de superioridade. Agora, porém, o quadro era outro: as articulações entre farrapos e colorados na fronteira haviam sido neutralizadas, Rivera estava afastado das questões farroupilhas e o *Gobierno de la Defensa* fracassava em suas tentativas de obter intervenções estrangeiras contra Rosas[498].

Em janeiro de 1845, quando as negociações de paz estavam em seus estágios finais, Rosas encaminhou uma proposta a Canabarro oferecendo apoio '*aos valorosos rio-grandenses*'[499] contra o Império. Em resposta, Canabarro, que fazia parte da 'minoria', respondeu-lhe:

> Senhor, o primeiro de vossos soldados que transpuser a fronteira, fornecerá o sangue com que assinaremos a paz com os imperiais. Acima de nosso amor à República está nosso brio de brasileiros. Quisemos, ontem, a separação de nossa pátria, hoje almejamos a sua integridade. Vossos homens, se ousarem invadir nosso país, encontrarão, ombro a ombro, os republicanos de Piratini e os monarquistas do senhor D. Pedro II[500].

Não havia possibilidades de soluções serem buscadas em Buenos Aires, menos ainda porque o grupo que estava na condução do que ainda restava do movimento farroupilha favorecia uma saída por meio de arranjos que tivessem o 'centro gravitacional' no Brasil, não no Prata e menos ainda em Rosas, chamado de '*o tirano de Buenos Aires'* por Vicente da Fontoura[501]. É altamente questionável se o grupo da 'maioria' teria sido mais receptivo a acordos que ligassem os farrapos a Rosas em janeiro de 1845, quando mesmo Bento Gonçalves já via o ditador bonaerense como principal inimigo. O que se pode afirmar com segurança é que, na fase final da Farroupilha, os

[497] GUAZZELLI, 2013, p.236-237.
[498] DEVOTO, 1973.
[499] SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1969, p.158.
[500] SPALDING, Op. cit., loc. cit.
[501] FONTOURA, p.128.

caminhos para que os farrapos mantivessem a guerra com perspectivas de vitória passavam por algum concerto que os inserisse na esfera da Confederação Argentina. Nesse sentido, nossa interpretação aproxima-se à de Tau Golin, que assinala:

> O problema adquiriria uma outra envergadura se os ineptos farroupilhas, na construção do Estado Rio-Grandense, tivessem prosseguido nas negociações com Oribe e Rosas e assumissem uma posição de apêndice das forças portenhas. [...]. Agora, os farrapos estavam espremidos entre os exércitos do barão de Caxias e de Oribe/Rosas. Já consumidos pelo ácido da discórdia entre seus dois grupos internos, Bento Gonçalves, como presidente e chefe da maioria, assinou a sentença de morte da sedição que começara nove anos antes, ao lhe retirar qualquer perspectiva internacional e enredar-se na aliança com um caudilho confinado na campanha latifundiária[502].

Por outro lado, não se pode perder de vista que os farroupilhas buscaram uma aproximação a Rosas por diversas vezes até o fim de 1839, pendendo 'definitivamente' para os colorados de Rivera apenas após o fracasso da última tentativa em setembro daquele ano. Portanto, se é plausível que algum tipo de acordo com Rosas teria dado sobrevida à Farroupilha mesmo no quadro de extrema adversidade que se desenhou a partir de 1843, permanecem dúvidas quanto à viabilidade de tal concerto.

As tratativas entre os farroupilhas e o governo imperial, porém, já estavam muito avançadas, não obstante as divergências que surgiram entre a 'minoria' e o Império. No mês anterior, Vicente da Fontoura havia se deslocado ao Rio de Janeiro para tratar sobre a pacificação diretamente na Corte, reunindo-se com os ministros Jerônimo Coelho, José Almeida Torres e Manuel Galvão[503] das pastas da Guerra, Império e Justiça, respectivamente. Apesar de ter se tornado a principal voz farroupilha a defender o fim do conflito em sua derradeira fase, Fontoura criticou a intransigência dos ministros Coelho e Torres e manifestou-lhes '*a força que ainda tem e pode ter o governo que aqui me mandou*', inclusive fazendo referência à '*eficaz e oferecida cooperação estrangeira*'[504].

Em que pese as desinteligências iniciais, o governo imperial concordou, após outras reuniões, em delegar plenos poderes ao barão de Caxias tratar da pacificação e conceder anistia a todos os rebeldes que haviam participado da guerra no Rio Grande, embora seu conteúdo fosse secreto[505]. Desse modo, o Império fez concessões que

[502] GOLIN, 2002, p.456.
[503] Manuel Antônio Galvão ocupou o cargo de presidente provincial do Rio Grande do Sul entre 1831 e 1833.
[504] FONTOURA, p.152.
[505] BENTO, Cláudio Moreira. *O Exército Farrapo e seus chefes*, vol. 2. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1993, p.7.

incluíam a indenização aos líderes farroupilhas, a incorporação de seus oficiais ao Exército Imperial e a libertação dos escravos que houvessem lutado nas tropas rebeldes, ainda que esta última não fosse propriamente cumprida[506].

Portanto, quando Rosas decidiu instrumentalizar os farrapos contra o Império mais uma vez – e, pela primeira vez, oferecendo apoio militar –, já não havia maiores possibilidades de se chegar a um entendimento nesse sentido. No mesmo mês, isto é, janeiro de 1845, o governo colorado de Montevidéu, pressionado pelas tropas do *Cerrito*, abriu negociações com o Império para fixar definitivamente as fronteiras entre os dois países. O emissário Francisco Magariños estava autorizado a consentir na cessão de parte do território oriental em troca de recursos financeiros, dada a precária situação da *Defensa* naquele momento[507]. No entanto, além de oferecer o que não lhe pertencia, uma vez que o interior do Uruguai estava sob o controle de fato do *Cerrito*, o governo colorado deparou-se com uma postura imperial desfavorável. Mesmo que os rumos dos fatos indicassem que os rebeldes rio-grandenses estavam em vias de rendição, o governo imperial não desejava correr quaisquer riscos de provocar Rosas antes da pacificação plena de sua província meridional[508]. O governo de Montevidéu se preparava para uma escalada das ações da Confederação e de Oribe que poderiam levar ao colapso da defesa da cidade.

Um mês depois, oficiais e ministros farroupilhas reuniram-se em Ponche Verde, na fronteira nas cercanias de Bagé, e deliberaram acerca da aceitação ou não da *Convenção de paz entre o Brasil e os republicanos*[509]. A maioria dos presentes votou pela aceitação da proposta, e, em 28 de fevereiro, Canabarro, que estava autorizado a representar o presidente Gomes Jardim, proclamou o fim da guerra. Oito dias antes, Rosas havia ordenado o bloqueio absoluto de Montevidéu e que Urquiza impusesse uma derrota decisiva a Rivera[510], o que ocorreu exatos 28 dias após a proclamação de Canabarro.

Terminava a guerra e a República Rio-Grandense via-se absorvida pela província imperial do Rio Grande do Sul, mas a realidade concreta no espaço fronteiriço em pouco se alterava. O conflito terminava como resultado de uma ampla composição influenciada pela crescente ameaça que Juan Manuel de Rosas, bem como seu preposto Manuel Oribe,

---

[506] FLORES, 2002.
[507] GOLIN, 2002, p.360.
[508] Ibid., p.360-362.
[509] Documento manuscrito pelo barão de Caxias e encontrado em seu arquivo pessoal. In: BONES, Elmar (Ed.). *A paz dos farrapos: 150 do fim da guerra que separou o Rio Grande*. Reportagem histórica. Porto Alegre: Copesul, 1995, p.70-71.
[510] RELA, Walter. *Uruguay: Cronologia historica documentada*. Montevideo: Ross Pub Inc. 2000, p.85.

representavam para o Rio Grande e o Império. Divergências quanto aos termos da pacificação continuariam existindo por longos anos entre os antigos farroupilhas, inclusive no tocante à concessão de anistia, que foi concedida sem o conhecimento da maioria dos farrapos[511]. Em 1845, porém, as atenções das classes que haviam dirigido o movimento que fora sucessivamente sedicioso e separatista, convergiam novamente para o Uruguai; já não mais como uma extensão do 'território farroupilha' a ser usado na guerra contra o Império, mas como um espaço territorial que muito provavelmente teria que ser defendido do cada vez mais aparente expansionismo rosista. Afinal, os interesses dos estancieiros-militares do sul da província no Uruguai continuariam sólidos mesmo após o fim da guerra. Com a notável exceção de Bento Gonçalves, que morreria em 1847, a maioria dos ex-farroupilhas voltaria ao território oriental, na condição de imperiais, para intervir contra o *Gobierno del Cerrito* e em favor da 'Troia Americana' que Montevidéu se tornaria naquela década.

[511] Integrantes do grupo de Bento Gonçalves, a começar por ele próprio, se opunham a essa medida por ela implicar o reconhecimento tácito de que o tratado não se deu entre duas partes iguais. Como anistias são necessariamente concedidas por uma autoridade superior a quem está submetido a ela, a questão da anistia foi mantida em segredo da maioria dos oficiais e ministros farroupilhas por Vicente da Fontoura.

CONCLUSÕES

São inequívocas as vinculações do movimento farroupilha com as forças políticas uruguaias antes e depois da eclosão do conflito que veio a ser conhecido como Guerra dos Farrapos. A província do Rio Grande do Sul, resultado da expansão colonial portuguesa sobre uma área geográfica 'espanhola' sem ocupação efetiva, formou-se territorial, política e socialmente na mesma área geográfica que o Uruguai, sem fronteiras definidas e com uma fluidez de movimentos viabilizada pela ausência de grandes acidentes naturais. De certo modo, e sem ignorar os diferentes contextos e períodos dos dois casos, pode-se fazer uma analogia entre a 'faixa de fronteira' traçada horizontalmente na Banda Oriental e a 'linha imaginária' vertical de Tordesilhas. Se o medieval Meridiano de Tordesilhas 'dividiu' o mundo entre Portugal e Castela, os modernos 'Paralelos' de Madri (1750), El Pardo (1761), Santo Ildefonso (1777) e Badajoz (1801) estabeleceram uma divisão na Banda Oriental.

O expansionismo português na Banda Oriental, começando por Colônia (1680), passando por Montevidéu (1723) e chegando a Rio Grande (1737), ocasionou reações por parte da Coroa espanhola que visavam à contenção do alargamento das fronteiras portuguesas em detrimento dos territórios espanhóis. Buenos Aires, relegada a um plano secundário no campo de interesses de Madri durante mais de dois séculos, tornava-se o principal centro a partir do qual a expansão lusa deveria ser contida. Mais que isso, a vila se transformou no núcleo de um projeto espanhol que buscava avançar seus domínios – ou, na perspectiva espanhola, recuperá-los –, tanto quanto possível, rumo ao norte da Banda Oriental. Assim, somados a outros fatores, Buenos Aires não se limitou a destruir Colônia sucessivas vezes, mas invadiu a capitania rio-grandense em duas ocasiões. Com a criação do Vice-Reino do Rio da Prata em 1777, o novo poder político e militar de Buenos Aires se formalizava como capital de um vice-reino. Por sua vez, essa nova configuração político-administrativa concorreu para a formação de elites bonaerenses com pretensões hegemônicas em relação às demais províncias platinas, tendência potencializada pelo poder de fato que o porto de Buenos Aires proporcionava a esses grupos.

O processo de Independência rio-platense rompeu os frágeis vínculos entre as unidades integrantes do Vice-Reino do Rio da Prata e levou à sua desagregação territorial,

resultando em uma acentuada diminuição do território das Províncias Unidas, seu principal sucessor. Ao mesmo tempo, a Revolução de Maio de 1810 implicou o surgimento de duas concepções políticas antagônicas acerca da organização das bases dos novos Estados que surgiam, com Buenos Aires se tornando o principal campeão da centralização e José Gervasio Artigas, da descentralização. Essas noções, intimamente ligadas a diferentes concepções de soberania, evoluíram para modelos políticos mais claramente definidos que deram origem às correntes políticas unitária e federalista nas Províncias Unidas do Rio da Prata, cujas variantes na Província Oriental se traduziram mais tarde na forma de blancos e colorados. O choque entre o centralismo portenho e o federalismo artiguista – mais próximo do atual conceito de confederação – desembocou em uma guerra que culminou na perda definitiva, na visão de Buenos Aires, de sua Província Oriental. Anexada à América portuguesa como Cisplatina, a província, contudo, continuou sendo objeto das ambições das elites governantes, pecuárias e mercantis de Buenos Aires.

A incorporação da Cisplatina, em parte fruto da adesão das elites estancieiras rio-grandenses ao projeto expansionista bragantino, intensificou o movimento desses grupos rumo ao sul. Essas elites, formadas durante a ocupação do que se tornaria o Rio Grande do Sul, construíram interesses concretos em terras que viriam a constituir o Uruguai após sucessivas intervenções e o período cisplatino. A criação do Estado Oriental como entidade soberana e independente em pouco alterou esse quadro; antes, agravou seriamente a situação econômica do Rio Grande do Sul, que deixou de contar com os abundantes estoques de gado dos campos orientais. O quadro se tornava ainda mais dramático na medida em que a centralização política imposta pela Constituição Imperial sufocava politicamente uma província já em crítica situação econômica, proporcionando as primeiras e ainda vagas ideias de uma eventual união entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai. Diferentemente de outras províncias brasileiras, as disputas regenciais na província sulina, portanto, ocorriam em meio a variáveis que não tinham origem apenas em questões internas, mas decorriam também do Rio da Prata.

Com a primeira sublevação de Fructuoso Rivera em julho de 1836, o Uruguai mergulhava em uma guerra civil apenas dez meses após a derrubada do governo Fernandes Braga pelo movimento farroupilha. Conflagravam-se os dois territórios da antiga Banda Oriental e, dada a inexistência de fronteiras na prática, os processos nos dois ‘lados’ se imbricaram intimamente com maior facilidade. As concepções políticas surgidas na esteira da Revolução de Maio se ramificaram no Uruguai sob a roupagem dos

partidos Colorado e Nacional, mas os farroupilhas agiram de forma pragmática e buscaram ativamente a cooperação dos dois grupos.

Curiosamente, apesar de a República Rio-Grandense ter mantido relações mais estreitas com o polo colorado da contenda, os farrapos estavam política e ideologicamente mais alinhados aos blancos de Juan Lavalleja e Manuel Oribe, ao menos em tese. As reivindicações farroupilhas por mais autonomia ou mesmo independência se coadunavam com as inclinações federalistas do Partido Nacional, inclusive no tocante à concepção de 'província-região' que ambos tinham de suas respectivas pátrias rio-grandense e oriental/uruguaia. Por extensão, os farroupilhas estariam mais próximos dos federalistas argentinos do que dos unitários, que se inclinavam pelo não reconhecimento das soberanias locais e das autonomias provinciais. Ora, os farrapos se insurgiram contra o centralismo fluminense da Regência da mesma forma que os federalistas argentinos resistiam ao centralismo bonaerense, estando os conservadores brasileiros mais próximos doutrinariamente de unitários e colorados que defendiam a centralização política.

Essa era a visão de João Manuel de Lima e Silva, um dos principais líderes exaltados no heterogêneo movimento farroupilha e chefe do Exército Republicano até sua morte, em 1837, que agiu no sentido de inserir a recém-proclamada República Rio-Grandense na esfera da Confederação Argentina. Coerentemente com o caráter federalista dos liberais rio-grandenses, Lima e Silva fez contatos com Juan Manuel de Rosas que faziam causa comum com o federalismo rosista e chegavam a instá-lo a declarar-se publicamente protetor da República Rio-Grandense, como observamos. O complexo quadro platino e as necessidades impostas pela guerra contra o Império, porém, exigiam das lideranças farroupilhas ações pragmáticas que borravam as fronteiras ideológicas vigentes na Bacia do Prata; e, como assinalamos neste trabalho, muitos dirigentes rebeldes, estancieiros-militares que eram, não se moviam no mundo concreto guiados por princípios e ideias, a não ser no que dissesse respeito à autonomia ou mesmo independência do Rio Grande do Sul. O papel dos elementos urbanos da Farroupilha, ou dos intelectuais que estiveram ligados ao movimento, são objetos que carecem de maior atenção por parte da academia, o que não é de todo incompreensível, dado o amplo protagonismo dos estancieiros-militares nesse conflito.

Teria a República Rio-Grandense se viabilizado caso seus governantes tivessem insistido em uma aliança com Oribe e Rosas? Naturalmente, responder a esse tipo de pergunta implicaria um deslocamento epistemológico para as fronteiras do campo da História Contrafactual, o que não é o propósito aqui. O que pudemos verificar neste

trabalho é que Manuel Oribe haveria sido um interlocutor mais confiável e consistente do que Rivera, cuja ambivalência e ardileza constituíram um elemento desestabilizador para os farrapos que, em última instância, limitou os efeitos práticos da cooperação farroupilha-colorada. Oribe, por outro lado, demonstrou ser mais rígido e disciplinado do que seu maior adversário e não firmou compromissos que não pretendesse ou não pudesse cumprir. Exemplo disso foi a recusa sistemática de seu governo em reconhecer a independência da República-Rio Grandense, apesar dos auxílios dissimulados que prestava aos rebeldes, posto que não desejava provocar o Império.

Outra foi a posição de Rivera ao se comprometer a reconhecer a República, condicionando o ato ao seu retorno à cadeira de presidente oriental. Uma vez na Presidência, recusou-se a fazê-lo sob o pretexto de não querer alienar o Império, com quem também mantinha tratativas secretas desde o período em que esteve emigrado no Rio Grande do Sul. Apesar disso, o chefe colorado apoiou mais ativamente os farrapos e o Estado Rio-Grandense do que o governo de Oribe havia feito, e reconheceu a República já em 1844. De mais a mais, é possível que a cooperação entre farroupilhas e blancos tivesse limites intrínsecos na medida em que os dois grupos se apoiavam em bases socioeconômicas similares, representando as elites estancieiras que disputavam os estoques de gado orientais, o que também se aplicava a Rosas, porta-voz dos estancieiros bonaerenses.

O início da Guerra Grande do Uruguai em 1839, como conflito vinculado às disputas na Confederação Argentina, acentuou as contradições existentes no interior do processo de formação dos Estados no Prata e abriu possibilidades que poderiam ter resultado em diferentes arranjos político-institucionais e, provavelmente, em novos espaços nacionais. Por seu turno, as vinculações entre farrapos e orientais e a existência de amplos interesses daqueles no Uruguai criaram as condições para a inserção da Farroupilha no tabuleiro rio-platense. Não geograficamente, pois a província estava objetivamente inserida nesse subsistema, mas do ponto de vista dos interesses subjetivos de seus atores. Ao articularem ações conjuntas com ou contra as forças políticas uruguaias – que estavam ligadas às argentinas de uma forma ou outra –, foram propelidas para as disputas que se decorriam de uma série de interesses e contradições inerentes ao processo histórico platino. Assim, se os atores políticos do Rio Grande do Sul, cuja província representava a 'estremadura platina' do Brasil, já se imiscuíam em assuntos orientais antes de 1835, o início de uma guerra contra o Império e a eclosão de uma guerra civil no Uruguai quase simultaneamente concorreram para a intensificação dessa tendência.

Para o Brasil, cujas elites governantes se empenhavam para consolidar o Estado Imperial, o fim da Farroupilha representava condição imprescindível não só nesse sentido, mas também relativamente à crescente ameaça que Rosas refletia. Não há qualquer força determinista que vincule inexoravelmente o Rio Grande do Sul ao Brasil, e, na conjuntura da Farroupilha e da Guerra Grande, o futuro da província estava em aberto – e, por consequência, do próprio Império. A ameaça representada por Rosas, figura cada vez mais associada a um projeto expansionista que envolveria a anexação de Paraguai, Uruguai e parte do Rio Grande do Sul, acarretaria uma profunda desestabilização no Império se concretizada. A navegação dos rios, tão essencial para a integração do vasto território brasileiro, seria comprometida, e a construção do Estado Imperial sem dúvida sofreria um duro revés, inclusive com possíveis perdas de território, embora não seja possível estabelecer as consequências específicas que adviriam de tal situação.

Ao Império cabia reintegrar o Rio Grande do Sul e defender a independência de um Uruguai que parecia estar prestes a ser anexado por Rosas, e, para isso, a pacificação da província sulina também se fazia necessário; e foi exatamente o que ocorreu. Reincorporado o Rio Grande do Sul, as fronteiras meridionais foram asseguradas, o Estado Imperial entrou em sua fase de consolidação e sua política platina concluiu o processo de transição para uma política de caráter intervencionista. Em 1851, diante da aparente iminência da queda do *Gobierno de la Defensa*, e em conjunto com colorados, ex-farroupilhas e as províncias de Corrientes e Entre Rios, o Império intervinha no Prata e derrubava o bloco de poder encabeçado por Rosas e integrado pelo Partido Nacional de Oribe.

Desse modo, os rumos do Estado Nacional brasileiro estiveram diretamente ligados aos possíveis caminhos que a Farroupilha percorreria, que, por outro lado, também inscreveu diferentes possibilidades no tabuleiro rio-platense, principalmente em relação ao Uruguai. Com o fim da guerra, o Rio Grande do Sul foi gradualmente reintegrado ao sistema político imperial e suas elites, acomodadas pelo governo imperial, voltaram a atuar como 'sentinelas da fronteira'. Não se alterariam, porém, seus interesses no Uruguai. Estes eram tão sólidos que, passados quase 20 anos, o Império interviria novamente no Estado Oriental por pressão dos antigos farroupilhas, acarretando uma série de eventos que acabariam desembocando na Guerra do Paraguai, ela própria consequência do processo de formação dos Estados na Bacia do Rio da Prata.

REFERÊNCIAS

Fontes

Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Volume 16. *Uma República contra o Império*. Coleção Varela. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2009.

Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Volume 17. *Guerra civil no Brasil meridional*. Coleção Varela. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2009.

Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Volume 18. *Os segredos do Jarau*. Coleção Varela. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2009.

AMARAL, Roberto. BONAVIDES, Paulo. *Textos políticos da história do Brasil*. Volume I. Brasília: Senado Federal, 2002.

FONTOURA, Antônio Vicente da. *Diário: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845*. Porto Alegre: Sulina/Martins, Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

Documentos contidos em: SPALDING, Walter. *A epopeia farroupilha: pequena história da grande revolução acompanhada de farta documentação*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1963.

Bibliografia

ABREU, João Capistrano de. C*apítulos de história colonial (1500-1800)*. Brasília: Senado Federal, 1998.

ARARIPE, Tristão Alencar de. *Guerra civil no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Corag, 1986.

ARTEAGA, Juan José. *Uruguay: breve historia contenporánea*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

AURÉLIO, Daniel Rodrigues. *A extraordinária história do Brasil*, Vol. 2. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. *História da República Rio-Grandense*, vol. I. Porto Alegre: ERUS, 1981.

ACEVEDO, Pablo Blanco. *Historia de la República Oriental del Uruguay*, 1906.

AVILA, Arthur Lima de. Caudilhos e fronteiriços: a Revolução Farroupilha e seus vínculos rio-platenses. In: *Releituras da História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, 2011.

AZEVEDO, Francisca L. Nogueira. *Carlota Joaquina: cartas inéditas*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

ANDRADE, Manuel Correia de Oliveira. *As raízes do separatismo no Brasil*. São Paulo: UNESP, 1998.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A expansão do Brasil e a formação dos Estados na bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BARBOSA, Fidélis Dalcin. *História do Rio Grande do Sul.* Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2013.

BARLÉU, Gaspar. *O Brasil Holandês sob o Conde João Maurício de Nassau*. Brasília: Senado Federal, 2005.

BARMAN, Roderick. *Brazil: The forging of a nation, 1798-1852*. Stanford-CA: Stanford University Press, 1994.

BASILE, Marcelo. O laboratório da nação: a Era Regencial (1831-1840). In: GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo (Org.). *O Brasil Imperial, Volume II - 1831-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BENTO, Cláudio. *O Exército Farrapo e seus chefe*s. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992.

BERTINO, Magdalena. MILLOT, Julio. *Historia econômica del Uruguay*, Tomo I. Montevidéu: Fundación de Cultura Universitaria, 1991.

BETHELL, Leslie. *História da América Latina: da Independência a 1870*, Volume 3. São Paulo: EDUSP, 2001.

BETHELL, Leslie. *História da América Latina, Volume 3: da independência a 1870*. Brasília: FUNAG, 2004.

BOBBIO, Norberto. MATEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco (Org.). *Dicionário de política.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, vol. 1, 2008.

BONES, Elmar (Ed.). *A paz dos farrapos: 150 do fim da guerra que separou o Rio Grande*. Reportagem histórica. Porto Alegre: Copesul, 1995.

BOXER, Charles Ralph. Os holandeses no Brasil. Tradução de Olivério M. de Oliveira Pinto. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2004.

BUENO, Clodoaldo. CERVO, Amado Luiz. *História da política exterior do Brasil*. Brasília: Editora UnB, 2008.

CALMON, Pedro. *História da civilização brasileira*. Brasília: Senado Federal, 2002.

CALÓGERAS, João Pandiá. *Formação histórica do Brasil*, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1938.

CALÓGERAS, Pandiá. *A política exterior do Império*, Volume III. Brasília: Senado Federal, 1998.

CANDIDO, Salvatore. *Giuseppe Garibaldi: corsário rio-grandense (1837 – 1838),* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1992.

CARVALHO, José Murilo de. *A monarquia brasileira*. Presidente Prudente: Ao Livro Técnico, 1993.

CARVALHO, José Murilo de. Federalismo y centralización em el Imperio brasileño. In: CARMAGNANI, Marcello (org.). *Federalismos latino-americanos: México/Brasil/Argentina*, México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1995.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Denise Zullo. *Coletânea de documentos de Bento Gonçalves da Silva, 1835-1935*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, 1985.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Ciudades, provincias, Estados: Orígenes de la Nación Argentina, 1800-1846*, Buenos Aires: Arial, 1997.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Nación y Estado em Iberoamérica: el lenguaje político en tiempos de las independencias*. Buenos Aires: Sudamericana, 2004.

CISNEROS, Andrés. ESCUDÉ, Carlos (Org.) *Historia de las relaciones exteriores argentinas, Tomo IV*. Buenos Aires: CARI, 1998.

CONSTANT, Benjamin. *Princípios Políticos Constitucionais*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2014.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*, São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CRUXEN, Edison Bisso. 'A ocupação ibérica do território e as disputas pelas fronteiras do continente de Rio Grande', in *Releituras da História do Rio Grande do Sul,* p.65-88, Porto Alegre: Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, 2011.

DACANAL, José Hildebrando (Org.). *A Revolução Farroupilha: história e interpretação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

DELFANTE, Carlos B. *Una flor blanca en el cardal*. Clube de Autores, 2009.

DEVOTO, Juan E. Pivel. *La Guerra Grande, 1839-1851*. Montevidéu: Editorial Medina, 1976.

DI MEGLIO, Gabriel. *Mueran los salvajes unitarios! La Mazorca y la política em tiempos de Rosas*. Buenos Aires: Penguin Random House Grupo Editorial Argentina, 2012

DOESWIJK, Andreas L. 'Revisionismo y historiografía em el Bicentenario de la Revolución de Mayo'. Anuario del Centro de Estudios Historicos ''Prof. Carlos S. A. Segreti, Córdoba, Nº 10, 2010.

DOLHNIKOFF, Miriam. *O pacto imperial: origens do federalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2005.

DOLHNIKOFF, Miriam. *José Bonifácio*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.

DONGHI, Tulio Halperín. *La formación de la clase terrateniente bonaerense*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.

DORATIOTO, Francisco. Formación de los Estados Nacionales y expansión del capitalismo. In: RAPOPORT, Mario. CERVO, Amado Luiz (Org.). *El Cono Sur: una historia común*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2001.

DORATIOTO, Francisco. Poder naval e política externa do Império do Brasil no Rio da Prata (1822-1852). *Navigator 12*, Vol. 6, Nº 12, p.9-20, dezembro, 2010.

DORATIOTO, Francisco. *O Brasil no Rio da Prata*. Brasília: FUNAG, 2014.

DORNELLES, Laura de Leão, Guerra Farroupilha: considerações acerca das tensões internas, reivindicações e ganhos reais do decênio revoltoso. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, Vol. 2, Número 4, dezembro de 2010.

DOTTA, Mario. *El artiguismo y las vertientes universales*. Montevidéu: Ediciones de la Plaza, 2008.

ELLIS, Alfredo Jr. *O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

ENTIN, Gabriel. El patriotismo americano em el siglo XVIII: ambigüedades de un discurso político hispánico. In: HÉBRAD, Véronique; VERDO, Geneviève. *Las independencias hispanoamericanas: un objeto de historia*, Madrid: Casa de Velázquez, 2013.

ESPUL, Cecilia González. ‘Corrientes interpretativas de la Revolución de Mayo de 1810’, *Agencia Rebanadas de Realidad*, 04 de dezembro, Buenos Aires, 2009.

FACHEL, José Plínio Guimarães. *Revolução Farroupilha*. Pelotas: Editora da UFPEL, 2002.

FAUSTO, Bóris. *História do Brasil.* São Paulo: EDUSP, 2009.

FERREIRA, Gabriela Nunes. *Centralização e descentralização no Império: o debate entre Tavares Bastos e o Visconde do Uruguai*. São Paulo: Editora 34, 1999.

FERREIRA, Gabriela Nunes. *O Rio da Prata e a consolidação do Estado Imperial*, São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

FERREIRA, Fábio. O discurso dos deputados orientais na criação do Estado Cisplatino, Anais Eletrônicos do *VII Encontro Internacional da ANPHLAC*, Campinas, 2006,

FERREIRA, Fábio. *O general Lecor, os Voluntários Reais e os conflitos pela Independência do Brasil na Cisplatina (1822-1824).* 2012. 258 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.

FERREIRA, João Pedro Rosa. O pensamento político de Hipólito da Costa, *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, Vol. 22, 2006.

FIGUEIREDO, Joana Bosak de. GUAZZELLI, César Augusto Barcelos. Región y nación: el Río Grande insurgente, entre el Imperio de Brasil y las Repúblicas del Río de la Plata (1838-1842). *Revista de Historia Social y de las Mentalidades*, Vol. 16, Nº 2, 2012.

FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

FLORES, Moacyr. *República Rio-Grandense: realidade e utopia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2002.

FREGA, Ana. *Pueblos y soberanía em la revolución artiguista: La región de Santo Domingo Soriano desde fines de la colonia a ocupación portuguesa*. Montevidéu: Ediciones de la Banda Oriental, 2007.

FREITAS, Décio. Farrapos: uma rebelião federalista. In: FREITAS, Décio. *A Revolução Farroupilha: história e interpretação*, Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1985.

GALLO, Claudio Rodolfo. *‘Claroscuros’ de la Historia Argentina*. Buenos Aires: Editorial Dunken, 2014.

GALVALI, Walter. *A difícil convivência: Porto Alegre e os farrapos*. Porto Alegre: AGE Editora, 2013.

GARCIA, Elisa Frühauf. ‘A derradeira expansão da fronteira: a ‘conquista’ definitiva dos Sete Povos das Missões – 1801’, *Actas do Congresso Internacional Espaço Atlântico de Antigo Regime*: poderes e sociedades, 2005.

GARCIA, Fernando Cacciatore de. *Fronteira iluminada: história do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul a partir do Tratado de Tordesilhas (1420-1920)*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

GOES FILHO, Synesio Sampaio. *As fronteiras do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2013.

GOES FILHO, Synésio Sampaio. *Navegantes, bandeirantes, diplomatas: um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2015.

GOLIN, Tau. *A fronteira: governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina*. São Paulo: L&PM, 2002.

GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo (Org.). *O Brasil Imperial, Volume II - 1831-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. *O horizonte da província: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata*. Porto Alegre: Linus Editores, 2013.

GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e independencias: ensayos sobre las revoluciones hispánicas*, Madrid: Ediciones Encuentro, 2009.

GUIBERNAU, Montserrat. Nationalisms: *The Nation-State and nationalism in twenty-first century*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2003.

HARTMANN, Ivan. *Aspectos da Guerra dos Farrapos*. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2002.

HOBSBAWM, Eric. *The age of revolution, 1789-1848*. Londres: Abacus, 1962.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*, São Paulo: Publifolha, 2000.

IGLESIAS, Francisco. *Trajetória política do Brasil: 1500-1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

JANKE, Leandro Macedo. *Duarte da Ponte Ribeiro: território e territorialidade no Império do Brasil*. 2014 254 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

LAROQUE, Luís Fernando da Silva. ‘Os nativos charrua/minuano, guarani e kaigang: o protagonismo indígena e as relações interculturais em territórios de planície, serra e planalto no Rio Grande do Sul’, In *Releituras da História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, 2011.

LANDI, Julián Otal. *Rosas y la rebelión de los farrapos*. Buenos Aires, 2015.

LEITMAN, Spencer. *Raízes socioeconômicas da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LORENZO, Celso Ramón. *Manual de historia constitucional argentina*. Rosario: Juris, 2000.

LOUREIRO, Marcello José Gomes. 'Reconectando o Império: mercês e interesses mercantis na Força Naval de Salvador de Sá que reconquistou Angola', in *Revista Navigator*, V. 4, N. 7, 2008.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LYNCH, John. *Argentine caudilho: Juan Manuel de Rosas: 1829-1851*. Oxford: Oxford University Press, 1981.

MACHADO, Carlos. *Historia de los orientales, Tomo I: De la Colonia a Rivera y Oribe*. Montevidéu: Ediciones de la Banda Orienta, 1997.

MAESTRI, Mário. *Breve História do Rio Grande do Sul: da pré-História aos dias atuais*. Passo Fundo: Editora UPF, 2010.

MAGNOLI, Demétrio. *O corpo da pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil, 1808-1912*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

MAIZTEGUI, Lincoln Casas. *Orientales: una historia política del Uruguay. De los orígenes a 1865*, Montevideo: Planeta, 2005.

MELLO, Amílcar. *Expedições e Crônicas das Origens – Santa Catarina na Era dos Descobrimentos Geográficos*. Florianópolis: Editora Expressão, 3 volumes, 2005.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. *Argentina e Brasil: a balança de poder no Cone Sul*. São Paulo: Annablume, 1996.

MENDES, Jeferson. *O barão de Caxias na guerra contra os farrapos*. 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2011.

MENDONÇA, Renato. *História da política exterior do Brasil: do período colonial ao reconhecimento do Império (1500-1825)*, Brasília: FUNAG, 2013.

MENEGAT, Carla. Os brasileiros e suas estâncias no Estado Oriental do Uruguai (1845-1852): perspectivas de análise. *XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal, 2013.

MORALEDA, Ernesto Muñoz. *La guerra contra la Confederación Peruano-Boliviana, 1834-1839*. San Miguel de Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 1983.

MOREL, Marco. *O período das Regências (1831-1840)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MOUTOUKIAS, Zacarias. 'Burocracia, contrabando y autotransformación de las elites de Buenos Aires en el siglo XVII', *Anuario del IEHS*, III, Tandil, 1988.

MURADÁS, Jorge. 'A geopolítica e a formação territorial do sul do Brasil'. Tese de doutorado, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

NAHUM, Benjamín. *Breve historia del Uruguay Independiente*, Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2011.

NOGUEIRA, Octaciano. *Constituições brasileiras: 1824*, volume 1. Brasília: Edição do Senado Federal, 2012.

OLIVEIRA, Lizéte Dias de. *O caminho das tropas*, UFRGS, Porto Alegre, S/D.

PADOIN, Maria Medianeira. *Federalismo gaúcho, fronteira platina, direito e revolução*. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 2001.

PADOIN, Maria Medianeira. PEREIRA, Alessandro de Almeida. Concepções de república entre a elite farroupilha (1835-1845) e a institucionalização da República Rio-Grandense. *XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal, 2013.

PAIM, Antônio. *História do liberalismo brasileiro*. São Paulo: Editora Mandarim, 1998.

PAIM, Antônio. *Momentos decisivos na história do Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 2000

PAYRÓ, Roberto. *Historia del Río de la Plata, Tomo I: La aventura colonial española en el Río de la Plata*. Madrid-Buenos Aires: Alianza, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Farrapos, liberalismo e ideologia. In: DACANAL, José Hildebrando (Org.). *A Revolução Farroupilha: história e interpretação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Farroupilha*. Editora Brasiliense, 1990.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma certa Revolução Farroupilha. In: GRINBERG, Keila. Salles, Ricardo (Org.). *O Brasil Imperial, Volume II – 1831-1870*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014

PIÑERO, Roberto. *Mariano Moreno: escritos políticos y económicos*. Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1915.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. O discurso político na Revolução Farroupilha. In: *Revista de História do IFCH/UFRGS*. Porto Alegre, UFRGS, 1987.

PINHEIRO, José Feliciano Fernandes. *Annaes da Província de São Pedro*, Paris: Tipografia de Casimir, 1839

POSSAMAI, Paulo. 'Montevideo fortificado es outro Gibraltar': as tentativas dos portugueses em ocupar Montevidéu no século XVIII, *Estudios Historicos,* Nº3, dezembro, 2009.

PRADO, Caio Jr. *Evolução política do Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

RELA, Walter. *Uruguay: Cronologia historica documentada,* Montevideo: Ross Pub Inc. 2000.

RECKZIEGEL, Ana. *A diplomacia marginal: vinculações políticas entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai (1893-1904).* Passo Fundo: UPF Editora, 2015.

RECKZIEGEL, Ana. Fronteiras fluídas: Rio Grande do Sul e a Banda Oriental no processo de fixação de limites. *História: Debates e Tendências,* vol. 15, n. 2, jul/dez, 2015

ROCK, David. Argentina, 1516-1987: From Spanish colonization to Alfonsín. Berkeley: University of California Press, 1987.

RONDINA, Julio César. *Historia Argentina: 1810-1930*. Santa Fé: Ediciones UNL, 2006.

ROSA, José María. *Historia argentina: unitarios y federales (1826-1841), Tomo IV*, Buenos Aires: Editorial Oriente, 1981.

ROSENFELD, William. *Garibaldi and Rio Grande do Sul's war of independence from Brazil – the memoirs of Luigi Rossetti, John Griggs and Anita Garibaldi*. Boston: Dante University Press, 2013.

SÁ BRITO, Francisco de. *Memória da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza, 1950.

SAÉNZ, María Quesada. *Los estancieros: Desde la época colonial hasta nuestros días*. Buenos Aires: Penguin Random House, 2012.

SANTOS, Corcino Medeiros dos. *A produção das minas do Alto Peru e a evasão de prata para o Brasil*. Brasília: Editora Thesaurus, 1998.

SANTOS, Danilo Assumpção. *Adesão da Câmara de Alegrete aos Revolucionários Farroupilhas*. Câmara Municipal de Alegrete: 180 anos (1831 – 2011), 2011.

SCHMITT, Anderson Marcelo. *O despacho para o Uruguai de bens legalistas durante a guerra civil no Rio-Grandense.* Aedos, nº 12, volume 5 – Jan/Jul 2013

SCHWARTZ, Stuart. ‘Prata, açúcar e escravos: de como o Império restaurou Portugal’, *Tempo*, vol. 2, no. 24, Niterói, 2008.

SKINNER, Quentin. A genealogy of the modern State. *Proceedings of the British Academy*, 162, p.325-370, 2009.

SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SPALDING, Walter. *Bandeira, brasão e hino do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: DAER, 1930.

SPALDING, Walter. *A epopeia farroupilha: pequena história da grande revolução acompanhada de farta documentação*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1963.

SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1969.

SPALDING, Walter. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

TAUNAY, Affonso d’Ecragnolle. *História da cidade de São Paulo*. Brasília: Senado Federal, 2004.

VARELA, Alfredo. *História da Grande Revolução*, 6 volumes, Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1933.

VELHINHO, Moysés. *Capitania d’El Rei*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005.

VOGT, Olgário Paulo. O liberalismo farroupilha e a escravidão na República Rio-Grandense. *REDES - Rev. Des. Regional*, Santa Cruz do Sul, v. 19, ed. especial, p. 153-168, 2014.

WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

WERNET, Augustin. *Sociedades políticas, 1831-1832*. Editora Cultrix, 1978.

WILLIAMSON, Edwin. *The Penguin History of Latin America: New Edition*, London: Penguin Books, 2003.

ZUM FELDE, Alberto. *Proceso historico del Uruguay*. Montevidéu: ARCA, 1978.

GUSTAVO MARANGONI COSTA

ENTRE CONTRABANDO E AMBIGÜIDADES: OUTROS ASPECTOS DA REPÚBLICA JULIANA LAGUNA/SC - 1836-1845

FLORIANÓPOLIS – UFSC

2006

GUSTAVO MARANGONI COSTA

ENTRE CONTRABANDO E AMBIGÜIDADES: OUTROS ASPECTOS DA REPÚBLICA JULIANA LAGUNA/SC - 1836-1845

Dissertação apresentada como requisito final para a obtenção do grau de Mestre no curso de Pós-Graduação em História do Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.
Orientador: Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado.

FLORIANÓPOLIS – UFSC

2006

Sumário

Resumo

Através desta pesquisa estudamos a República Juliana em Laguna – Santa Catarina – em 1839 com o avanço de forças rebeldes farroupilhas sobre território catarinense. Analisamos diferentes aspectos provocados pelos acontecimentos que precederam a chegada dos rebeldes farroupilhas em Laguna e a proclamação da república, tais como: o contrabando de pólvora e armamento para o Rio Grande do Sul, a presença de emigrados rio-grandenses em Santa Catarina, o recrutamento forçado para o exército, levantes ocorridos na vila, além de aspectos peculiares da política local. Foi realizado um levantamento das lideranças locais, seus bens e sua participação em funções públicas antes, durante e depois do movimento republicano.

Estudamos ainda como todos esses fatores influíram para a chegada dos farroupilhas em Laguna, criando, inicialmente, um clima favorável na vila, contribuindo para a proclamação da República Juliana e quais circunstâncias levaram esta situação favorável se tornar um ambiente de hostilidade em relação aos farroupilhas em Laguna, analisando os problemas acarretados pela presença da tropa farrapa em Laguna e as revoltas de Tubarão e Imaruí contra os farroupilhas.

Abstract

Through this research we study the Juliana Republic in Laguna – Santa Catarina – in 1839 with the advance of farroupilhas rebel forces over the catarinense territory. We analyzed different aspects caused by the events that preceded the arrival of the farroupilhas rebels in Laguna and the proclamation oh the republic, such as: the smuggling of gunpowder and guns to Rio Grande do Sul, the presence of rio-grandenses emigrated in Santa Catarina, the forced recruitment to the army, revolts occurred in the village, besides peculiar aspects of the local politics. It was made a research of the local leaderships, their goods and its participation in public functions before, during and after the republican movement.

We still studied how all those factors influenced to the arrival of the farroupilhas in Santa Catarina, making, in the beginning, a favorable atmosphere in the village, contributing to the proclamation of the Juliana Republic and which circumstances took this favorable situation to become a hostile atmosphere related to the farroupilhas in Laguna, analyzing the problems carted by the presence of the farrapa troop in Laguna and the revolts of Tubarão and Imaruí against the farroupilhas.

Agradecimentos

Quando chegamos ao final de uma etapa como essa da realização do mestrado, olhamos para trás e lembramos daquelas pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para a concretização deste trabalho.Em primeiro lugar gostaria de agradecer de forma especial à minha família, meu pais e minha irmã que sempre me apoiaram de forma incondicional em todos os momentos. MUITO OBRIGADO!

De forma especial também gostaria de agradecer ao meu orientador Prof. Paulo Pinheiro Machado. Não tenho palavras para demonstrar a admiração e gratidão que sinto por todo a auxílio nessa caminhada. Obrigado por toda a bibliografia emprestada, todos os conselhos e observações e principalmente, por apostar no projeto que se tornou essa dissertação.

Aos professores componentes da banca examinadora pela disponibilidade em participar da avaliação: Prof. Henrique Espada, Prof.ª Beatriz Gallotti e Prof. César Guazzeli. Gostaria de agradecer em especial aos Profs. Henrique e Beatriz pela participação também na banca de qualificação, por suas observações que contribuíram em muito para o trabalho.

Também quero agradecer ao Prof. João Klug que me incentivou a participar da seleção para o mestrado e se dispôs a ler o projeto e contribuir com sugestões. Da mesma maneira ao Manoel por todo o apoio e incentivo nessa fase, e por todas as conversas e conselhos prestados, valeu irmão.

Falando em irmãos, não posso esquecer de mencionar duas pessoas que se tornaram dois irmãos para mim durante o período de curso e durante o mestrado. Daniel e Celso, vocês sabem o que representam, muito obrigado pela amizade, que considero o bem mais precioso do ser humano, pelas conversas, conselhos, enfim, por tudo.

Aos meus colegas de mestrado, por todas as viagens, discussões acadêmicas nas mesas do Iega nas sextas à noite, pelo companheirismo em estudarmos todos juntos para a seleção, mesmo sabendo que concorreríamos pelas mesmas vagas e pela grande amizade que se formou ao longo do

mestrado: Martha, Pereira, Camilo, Juliana e Cunha, muito obrigado. Tenho todos vocês em alta estima e consideração.

Obrigado Nazaré, sempre muito prestativa em resolver todas as questões que surgiram durante esses dois anos. Também agradeço à CAPES pela bolsa de estudo que me possibilitou dedicação exclusiva para a realização deste trabalho.

Durante a pesquisa nas fontes, indispensáveis para a dissertação encontrei diversas pessoas muito especiais que não me impuseram nenhum obstáculo nessa fase importante do trabalho, pelo contrário, facilitaram minha pesquisa. Muito obrigado Neusa, Humberto e Seu Bernardo, funcionários do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, com os quais tive um contato maior.

Durante o levantamento da documentação realizei viagens ao Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Laguna. No Rio Grande quero agradecer em especial ao Seu Cláudio e ao Felipe, grandes amigos, pela hospitalidade e por toda a ajuda dispensada. Também aos funcionários do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, inclusive pela doação dos Anais do Arquivo Histórico, muito importantes na pesquisa. No Rio de Janeiro encontrei abrigo e auxílio familiar. Obrigado Tia Linda, Tio José, Eduardo e Carolina pela estadia por toda a ajuda para encontrar o arquivo, ensinar qual ônibus pegar, etc. Também gostaria de agradecer aos funcionários do Arquivo Nacional, por sua organização e por toda o auxílio prestado que me fizeram recuperar diversos documentos importantes para o trabalho. Muito obrigado. Em Laguna obrigado especial às senhoras que cuidam do acervo da Casa Candemil, também pela ajuda prestada durante a pesquisa.

Gostaria de agradecer também ao *Danielzinho* pelo companheirismo e pela disponibilidade de utilizar seu computador para realizar tarefas essenciais, como a transcrição das fontes. Renato e Ramon, obrigado pela amizade e pela hospitalidade em todas as vezes que precisei. Muito obrigado meus amigos, uns dos melhores. Tiago e Rodrigo, grandes amigos, obrigado pela ajuda e disponibilidade sempre que necessária, Tiago pelas impressões e Rodrigo por utilizar a Net para várias atividades.

Por fim, mas não menos importante, ao meu cunhado Tiago, também pelas impressões de versões para correção e por toda a força e otimismo que sempre demonstra. Valeu!

Enfim, a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização desse trabalho, Muito Obrigado!

Introdução

Geralmente quando pensamos em República Juliana nos vêm à mente as figuras de Anita e Giuseppe Garibaldi, considerados uns dos principais personagens desses eventos. Isso não é muito diferente quando partimos para uma análise da bibliografia produzida sobre o episódio. São dezenas de livros dedicados a estudar a trajetória de vida de ambos e seu romance iniciado durante o período republicano em Laguna, trazendo nos títulos geralmente uma alusão ao caráter heróico destes personagens, tais como: "Anita Garibaldi: o perfil de uma heroína brasileira"[1] e **"**Uma viagem através do tempo: Giuseppe Garibaldi, a jornada de um herói**.**"[2] Outras menções referentes à República Juliana podem ser encontradas nas obras relativas à história de Santa Catarina, como a de Oswaldo R. Cabral,[3] no entanto, esses registros se fazem de forma rápida e superficial. O mesmo ocorre em alguns livros que analisam a Revolta Farroupilha e discorrem rapidamente sobre a proclamação da República Juliana em Laguna, porém também o fazem sem aprofundar a discussão. Uma produção de maior fôlego que se destinou a um estudo mais detalhado da República Juliana foi o trabalho de Henrique Boiteux, *A República Catarinense*, publicado em 1927.[4]

A obra de Boiteux é muito importante, pois traz vários documentos do período transcritos em seu texto, alguns dos quais também nos deparamos em nossa pesquisa e outros que não pudemos recuperar. No entanto, Boiteux, não cita suas fontes, tornando muito difícil a confirmação de muitos dos episódios que narra. O fato de este ser um dos poucos trabalhos mais densos publicados sobre a República Juliana, faz de Henrique Boiteux, nosso principal interlocutor dos acontecimentos, no entanto, nossa análise difere em grande medida da dele, que dá grande destaque aos relatos das operações militares e aos aspectos políticos regionais mencionando rápida e

---

[1] RAU, Wolfgang Ludwig. **Anita Garibaldi**: o perfil de uma heroína brasileira. Florianópolis: Ed. do Autor, 1975.
[2] GAGLIANONE, Paulo César. **Uma viagem através do tempo**: Giuseppe Garibaldi, a jornada de um herói. Rio de Janeiro: Litteris, 1999.
[3] CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina.** Rio de Janeiro: Laudes, 1970.
[4] Nesse trabalho optamos por denominar a República Juliana desta maneira, pois esse é um dos nomes pelo qual ficou conhecida, por ter sido proclamada em julho de 1839. Outra denominação, que também aparecerá no transcorrer do trabalho é República Catarinense, como denomina Henrique Boiteux. Ambas denominações se referem ao mesmo acontecimento, a utilização de uma ou outra neste trabalho é mera opção.

superficialmente questões como o contrabando e as ambigüidades referentes à política local catarinense.

A partir destas constatações surgiu a motivação inicial da nossa pesquisa a qual se propunha estudar a participação da população mais pobre de Santa Catarina no processo de proclamação da República Juliana. Porém a pesquisa de fontes que nos auxiliassem a trabalhar este tema se mostrou muito difícil, por se tratar de um período histórico recuado, a obtenção de registros pessoais: diários, cartas, que nos possibilitassem uma investigação nesse sentido torna-se muito complicada. No entanto, durante uma extensa pesquisa nos acervos do Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (Florianópolis), Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (Porto Alegre) e na Casa Candemil – Arquivo Municipal de Laguna – pudemos encontrar na documentação outros aspectos relativos à República Juliana ainda pouco explorados pela bibliografia existente. Questões como a presença de emigrados rio-grandenses em Laguna, a ocorrência de contrabando de pólvora e armamentos para o Rio Grande do Sul, o impacto do recrutamento militar forçado em Santa Catarina e as ambigüidades provocadas pela proclamação da república em Laguna são temas pertinentes à história da República Juliana e pouco privilegiados pela historiografia. Por exemplo, o texto de Henrique Boiteux, trabalho mais extenso sobre a República Catarinense, menciona rapidamente a questão do contrabando, dos emigrados e analisa com um pouco mais de cuidado o problema do recrutamento forçado.

A partir da constatação desses temas e questões, buscamos neste trabalho entender de que maneira se foi construindo um apoio inicial, percebido em Laguna, dispensado aos rebeldes farroupilhas e como esses fatores contribuíram para isso. É possível constatar, também, a partir da documentação uma mudança extrema no clima vivido na vila de Laguna frente a presença dos farroupilhas, que vai de uma situação favorável à hostilidade durante o transcorrer dos quatro meses de existência da República Juliana. Entender as causas dessa mudança também é um dos objetivos deste trabalho.

Para responder a estas questões buscamos nos acervos mencionados acima uma grande quantidade de fontes. Por se tratar de um período muito afastado, grande parte da documentação referente é composta de fontes oficiais, basicamente ofícios trocados entre as autoridades provinciais e o Presidente da Província de Santa Catarina e entre este e os ministros da Corte. Apesar do caráter oficial das fontes, procuramos trabalhar com as mesmas com um olhar diferente, fazendo diferentes perguntas e buscando nas entrelinhas, novos aspectos que as mesmas poderiam revelar.[5] O interessante foi que a partir da disponibilidade das fontes, conseguimos recuperar em muitos casos, os ofícios e as respostas dadas pelas partes aos mesmos. No entanto, muitas vezes, os registros só guardavam as cópias do ofício, não estando disponíveis os anexos.

Por outro lado, no acervo do Arquivo Nacional pesquisando a Séries Guerra e Série Marinha, compostos da documentação dos respectivos ministérios, pudemos recuperar parte dos anexos enviados pelo Presidente da Província de Santa Catarina aos Ministros da Guerra e da Marinha, o que contribuiu em muito para o trabalho, pois muitas vezes tratavam-se de documentos enviados pelas autoridades militares de Laguna relatando a situação na vila, eram remetidas ao governo provincial, que por sua vez as enviava ao governo central.

O Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul guarda uma extensa documentação produzida pelos farroupilhas durante a guerra. Grande parte desses documentos encontra-se transcrita nos Anais do Arquivo Histórico, o que nos possibilitou encontrar várias correspondências referentes à Laguna. Entre a documentação ainda não transcrita, recuperarmos as cartas enviadas por Luis Rosseti, secretário de governo da República Juliana, de Laguna relatando várias ações do governo republicano e o clima vivido na chamada *Cidade Juliana.*

Em Laguna, pudemos recuperar, na Casa Candemil, alguns inventários de moradores de Laguna que deixaram a vila juntamente com os farroupilhas e tiverem seus bens arrecadados para leilão. A documentação referente ao tema é escassa em Laguna, por razões que desconhecemos.

---

[5] Os fundos pesquisados no Arquivo Público de Santa Catarina são entres outros: Ofícios dos Juízes de Paz para Presidente da Província, Ofícios das Câmaras Municipais para Presidente da Província, Ofícios dos Juízes de Direito e Chefes de Polícia para Presidente da Província, Registro do Presidente da Província para Juízes de Paz, Registro do Presidente da Província para Ministério da Guerra, Registro do Presidente da Província para Ministério da Marinha.

Todas essas fontes, além de outras transcritas na bibliografia referente nos auxiliaram para a realização deste trabalho que se divide em quatro capítulos. A organização dos capítulos foi feita de forma temática. Durante a leitura ocorrerá um certo vai e vem nas datas. Isso se deve ao fato de que diferentes questões em Laguna, como o contrabando e o recrutamento por exemplo, ocorrem muitas vezes de forma simultânea, tornando difícil a organização do texto cronologicamente, o que foi tentado, na medida do possível.

O primeiro capítulo busca apresentar a vila de Laguna em meados da década de 1830 e situa-la regional e nacionalmente, expondo dados acerca de sua geografia, divisão administrativa, população, economia e política local. Além disso, tentamos demonstrar como se definia o contexto político da época envolvendo a abdicação de D. Pedro I e Regência, período de grande instabilidade, durante o qual diversas rebeliões eclodiram em várias partes do país. A discussão sobre as rebeliões provinciais é importante para situar a República Juliana no debate acerca desses movimentos os quais causaram grandes preocupações ao governo imperial.

No segundo capítulo iniciamos nossa análise em 1836, acerca da presença dos emigrados rio-grandenses em Santa Catarina sobre a ocorrência do contrabando de pólvora e armamentos passando por Santa Catarina para os farroupilhas em luta no Rio Grande do Sul. Buscamos com isso entender de que maneira as notícias da revolta no Rio Grande e a ação dos emigrados farroupilhas promovendo reuniões em território catarinense vão influir para o fomento do clima favorável obtido pelos rebeldes em Laguna no início de 1839. Também é importante para entender parte das motivações das pessoas para auxiliar os farroupilhas, motivações econômicas, no que tange ao contrabando. Ainda discorreremos sobre a revolta ocorrida no 2º Corpo de Artilharia Imperial estacionado em Laguna para termos noção de como essas questões estavam influindo no clima vivido na vila.

No terceiro capítulo estudamos um velho recurso utilizado pelo governo provincial para aumentar os efetivos e tentar barrar a ação dos farroupilhas em Santa Catarina e para combater a propagação da revolta em território catarinense, o recrutamento forçado, prática que causava

grandes descontentamentos junto à população o que poderia contribuir para o aumento do apoio dado aos farroupilhas em Santa Catarina. Além disso, analisamos os problemas que brotavam do recrutamento, como fugas e deserções e um episódio importante ocorrido na Fortaleza da Barra do Sul, localizada no extremo sul da Ilha de Santa Catarina, quando a guarnição se rebelou contra o comando e se uniu às forças farroupilhas estacionadas próximas à fortaleza. A formação do chamado pelas autoridades de *partido interno,* em Santa Catarina, de apoio aos farroupilhas também é analisado e, como contribuiu para o sucesso da invasão e da proclamação da República Juliana. Na parte final desse capítulo, estudaremos quais as expectativas de rebeldes e catarinenses com o governo republicano pesquisando as ações relativas à organização do aparelho de governo e de cidadania na República Juliana.

No quarto capítulo buscamos demonstrar a mudança ocorrida no clima vivido em Laguna durante a República Juliana. É possível notar uma mudança no ânimo da população para com os farroupilhas, indo do apoio inicial a uma relação de hostilidade no período final da república. Essa hostilidade se fez sentir com intensidade na revolta da população de Imaruí contra a presença farroupilha em Laguna e na movimentação da freguesia de Tubarão que a exemplo de Imaruí também vai manifestar oposição à presença farroupilhas em Laguna. Estudamos as causas desse desgaste na relação entre catarinenses e rio-grandenses e de que forma isso influiu para a derrota dos farroupilhas frente às forças imperiais determinando a retirada das forças farrapas de Laguna e o fim da República Juliana. Além disso, analisaremos as relações de ambigüidade demonstradas por diversos moradores apoiando ora farroupilhas ora imperiais entendendo melhor as relações políticas da época.

Os episódios que envolvem a proclamação da República Juliana em Laguna compõem um capítulo importante da história catarinense e acreditamos que o tema merece um maior interesse o qual destine a este tema um estudo mais aprofundado Ao realizar esse trabalho, buscamos trabalhar no sentido de demonstrar a relevância da República Juliana no contexto regional, as relações sociais

e econômicas que suscitou e contextualizá-la também na política nacional, situando-a no debate acerca das diversas revoltas provinciais que abalaram o país durante o período regencial.

Capítulo 1

Laguna: aspectos gerais

> O vastíssimo município da Laguna, situado na parte meridional de Santa Catarina, confina ao sul com a [província] do Rio Grande ao Oeste com esta província e o distrito de Lages, ao Norte com o de São José, e a Leste com o Oceano Atlântico, tanto por divisas conhecidas ao Sul, Rio Mampituba, ao Oeste a Serra Geral, que gradualmente se aproxima a costa do mar, a maneira que se encaminha para a fronteira, e ao Norte um pequeno arroio que há no lugar denominado Pão da Rainha, contendo trinta e quatro léguas de extensão de norte ao sul e dezessete na sua maior largura de Leste a Oeste.[6]

Assim iniciava a descrição do Coronel Vicente Paulo d'Oliveira Villas-Boas sobre a vila de Laguna em outubro de 1839. Neste momento Villas-Boas encontrava-se em Porto Alegre depois de sua retirada daquela vila meses antes, quando os rebeldes farroupilhas tomaram-na, proclamando ali a República Juliana.

Como podemos notar na descrição acima, Laguna possuía um extenso território, o qual abrangia toda a parte sul da província de Santa Catarina. Dividia-se administrativamente em seis distritos, também chamados freguesias, eram eles: Santo Antônio dos Anjos da Laguna (a sede da vila), Vila Nova de Santa Ana, São João de Imaruí, Pescaria Brava, Nossa Senhora da Piedade do Tubarão e o distrito de Araranguá.[7] [Ver anexo - Mapa 1]

Em um censo referente ao ano de 1833, Laguna contava com 11682 habitantes distribuídos por seus distritos, sendo que, praticamente, um quinto desse total era formado por escravos. Possuía nesse ano uma população livre "de cor" de 346 pessoas, incluindo pardos, pretos, libertos e

---

[6] VILLAS-BOAS, Vicente Paulo d'Oliveira. Noções topográficas e militares do município da Laguna. In: CARNEIRO, Carlos da Silveira. **Enciclopédia de Santa Catarina**. Florianópolis, s/d. Vol. 5. s/p. Setor de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

[7] Arquivo Público do Estado de Santa Catarina - APESC. Ofícios das Câmaras Municipais para Presidente da Província. Vol. 1833 – p. 27/27v. Ofício de 22 de abril de 1833. [A grafia da documentação primária foi atualizada para facilitar a compreensão]. Araranguá só seria elevado à categoria de freguesia em 1848. SPRICIGO, Antônio César. **Sujeitos esquecidos, sujeitos lembrados**: entre fatos e números a escravidão registrada na freguesia do Araranguá no século XIX. Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Santa Catarina. p. 11.

ingênuos. É percebida também uma diminuta presença de índios e estrangeiros, 26 e 85 pessoas, respectivamente.[8]

Quadro 1: População de Laguna em 1833

Descrição	Brancos nacionais	Livres "de cor"	Escravos	Estrangeiros	Índios
Porcentagem	74,73 %	2,98 %	21,35 %	0,72 %	0,22 %
N. Absolutos	8730	346	2495	85	26

Fonte: Arquivo Histórico Municipal – Florianópolis

Percebemos que a grande maioria da população se compunha de brancos, mais de 20 por cento das pessoas eram escravas e que a presença de índios e estrangeiros era realmente muito pequena em relação ao restante da população. Sabemos, no entanto, que esses dados não são extremamente precisos, pois havia a possibilidade dos responsáveis pelo recenseamento, não desempenharem seu papel a contento como se refere o Presidente da Província no relatório do ano de 1842.

> Ainda me não é dado oferecer-vos sobre a estatística da Província mais noções que as que por ventura se acharem nas diferentes partes deste Relatório. A da população, que d'ora [sic] em diante devemos esperar que seja mais exata, à vista da obrigação que a este respeito impõem aos Chefes de Policia e Delegados a Lei de Reforma do Código do Processo.[9]

Muitas pessoas, também, evitavam os recenseadores, temendo o recrutamento forçado para o exército, o que contribuía para a redução da credibilidade dos números apresentados nos censos. Mesmo em períodos em que não estava ocorrendo o recrutamento, a possibilidade das pessoas

---

[8] Arquivo Histórico Municipal – Florianópolis. Ofícios da Presidência da Província para Câmara Municipal de Desterro. Pasta n. 70. Ofício de 1º de agosto de 1834.
[9] Relatório do Presidente da Província de Santa Catarina. Ano de 1842, p. 33. http://brazil.crl.edu.

associarem a figura do recenseador ao do recrutador era grande, implicando na dificuldade de se obterem estatísticas mais precisas.[10]

Um outro censo, agora relativo ao ano de 1840, aponta para Laguna uma população geral de 12628 pessoas, demonstrando assim um pequeno crescimento em sete anos.[11] Os números relacionados trazem a estatística divida em livres e escravos, sem distinção entre pardos, pretos, índios ou estrangeiros, como fazia o censo anterior, impossibilitando maiores comparações. Nesse momento, Laguna e os distritos apresentados dispunham de 10502 livres e 2126 escravos, aqueles representando 83,16 % da população e estes 16,84 %.[12]

Comparando-se esses dados com os do censo anterior, notamos que ocorreu uma diminuição da população escrava de Laguna em relação aos livres de quase 5 por cento. Em números absolutos, os escravos em Laguna que eram 2495 em 1833, passaram a contar com uma população de 2126 em 1840. Essa diminuição do número de escravos ajuda a explicar o pequeno crescimento geral da vila no período. No recenseamento de 1840 são apresentados dados específicos sobre os distritos de Laguna, no entanto, constam números de apenas quatro localidades, ficando Pescaria Brava e Araranguá de fora da relação.[13] Esses fatos, aliados à invasão farroupilha e a proclamação da República Juliana em 1839, podem ter influído nesse pequeno crescimento.[14]

A freguesia de Imaruí possuía 2362 habitantes em 1840, representando 18,70 % da população geral de Laguna, sendo que 345 eram escravos. Esse distrito comunicava-se com o porto de Laguna através da Lagoa comercializando produtos oriundos da produção agrícola e de animais na região. É possível que a criação de gado fosse importante, tanto que, em janeiro de 1839 motivou

[10] Apesar de todos esses problemas, estes são os dados que dispomos, e apesar de não demonstrarem um quadro exato da população, eles oferecem uma idéia aproximada de qual era o número de habitantes em Laguna.
[11] Relatório do Presidente da Província de Santa Catarina. Ano de 1841, mapa 15. http://brazil.crl.edu. Entendemos esse como um pequeno crescimento, ou pelo menos, abaixo do esperado, pois a partir dos dados de nascimentos e óbitos contidos no censo de 1833, podemos determinar o crescimento vegetativo da população de Laguna para aquele ano, o qual foi de 335 pessoas. Infelizmente não dispomos de dados dos anos posteriores para uma análise mais exata, no entanto, supondo que esse crescimento se mantivesse até 1840, verificamos que a população de Laguna deveria contar, neste ano, com 14027 pessoas, número superior ao apurado de 12628.
[12] Relatório do Presidente da Província de Santa Catarina. Ano de 1841, mapa 15. http://brazil.crl.edu.
[13] É possível que os números referentes a esses distritos simplesmente não terem sido enviados para comporem a estatística provincial pelos problemas apresentados acima sobre os recenseamentos, ocasionando sua falta no censo.
[14] O processo de proclamação da República Juliana ocasionou deslocamentos populacionais, além de um número de mortes superior aos habituais registrados em Laguna. Esses acontecimentos também explicam, em parte, o pequeno crescimento na população de Laguna. As causas específicas para a diminuição da população escrava não temos como precisar no momento.

um pedido da Provedoria Provincial ao Presidente da Província para a "criação de mais uma Coletoria para a percepção da taxa de 800 réis sobre o gado em pé, na Freguesia de S. João de Imaruí". Outra função possivelmente desempenhada pela coletoria seria a arrecadação de impostos sobre as tropas de gado que descessem da serra em direção a este distrito pela estrada que "os moradores da Paróquia de S. João de Imaruí [...] acabam de abrir a comunicar-se com a vila de Lages". Em um trecho de suas memórias, relatando sua passagem por Laguna, Giuseppe Garibaldi descreve esta freguesia como pequena, porém provida de uma série de "lojinhas" com vários tipos de bebidas e gêneros à venda, demonstrando assim um certo desenvolvimento comercial no local.[15]

Acerca dos demais distritos de Laguna, temos algumas informações. Sabemos, por exemplo, que Araranguá, era o distrito mais ao sul, fazendo divisa com a província do Rio Grande do Sul. Provavelmente realizava algum comércio com esta província através do caminho que o ligava a Torres no Rio Grande e também com Lages pelo Caminho dos Conventos. Tubarão também possuía um caminho de ligação com a vila de Lages, por onde, talvez, também se realizasse o comércio tropeiro. Nas demais localidades, bem como nas citadas, a grande parte do trabalho da população era dedicado à produção de gêneros de primeira necessidade, como o feijão, milho, cana de açúcar e, principalmente à fabricação de farinha de mandioca.[16]

Além dos lavradores, Laguna abrigava uma diversidade de profissionais tais como: ourives, caixeiros, sapateiros, ferreiros, carpinteiros, embarcadiços, tanoeiros, pequenos comerciantes,

---

[15] Relatório do Presidente da Província de Santa Catarina. Ano de 1841, mapa 15. http://brazil.crl.edu.
APESC. Ofícios da Provedoria da Província para o Presidente da Província. Vol. 1839 – p. 7. Ofício de 19 de janeiro de 1839.
APESC. Ofícios da Câmara Municipal para o Presidente da Província. Vol. 1837 – p. 277. Ofício de 22 de abril de 1837.
Provavelmente Garibaldi referia-se ao seu núcleo urbano de Imaruí, sua extensão total abrangia uma grande área, ocupada possivelmente por propriedades rurais.
DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi**. Porto Alegre: L&PM, 1998. p. 103.
[16] APESC. Registro do Presidente da Província para Juiz de Paz. Vol. 1835-1838 – p. 77v. Ofício de 23 de julho de 1836.
SPRICIGO, Antônio César. Op. cit. p. 11.
APESC. Ofícios do Juiz de Paz para o Presidente da Província. Vol. 2, 1838 – p. 32/32A. Ofício de 5 de abril de 1838.
APESC. Ofícios da Câmara Municipal para o Presidente da Província. Vol. 1840 – p.307/307v. Ofício de 11 de abril de 1840.

militares, entre outros.[17] Por ser uma vila litorânea, muitos de seus habitantes tinham na pesca seu meio de sobrevivência. Ana Maria de Jesus, posteriormente conhecida como Anita Garibaldi, se refere às atividades destes em uma carta enviada à sua irmã, residente no Rio de Janeiro.[18]

Aliado a isso, o comércio realizado pelo porto na sede da Vila era importante para a movimentação econômica em Laguna. Para se ter uma idéia da movimentação de embarcações no porto de Laguna, foram registradas no ano de 1835 a entrada de 100 e a saída de 110 barcos.[19] Em Desterro no ano de 1836, segundo relatório do Presidente da Província, "entraram no [porto] desta Cidade 265 embarcações, e saíram 263".[20] Considerando Desterro como principal porto e capital da Província, cidade que recebia, inclusive, embarcações estrangeiras, as movimentações em ambos os portos são pequenas em comparação com o porto do Rio de Janeiro, por exemplo, que registrava uma média anual girando em torno de mil entradas.[21] Porém, em um contexto regional, mantinham uma movimentação similar às demais cidades portuárias do sul. O porto de Rio Grande, principal do Rio Grande do Sul, recebia uma média de 250 a 280 embarcações por ano.[22] Por se tratar de uma vila de menor porte, o movimento no porto de Laguna era inferior às demais, mantendo relações comerciais mais diretas com os portos da região. A maioria das embarcações que aportavam em Laguna provinha da província catarinense, principalmente de Desterro, mas muitos barcos chegavam da corte e também de Santos, Paranaguá e Rio Grande.[23]

Lidavam com o comércio do porto negociantes, os quais "dominavam" a vida econômica e pública de Laguna. Para exemplificar vamos utilizar uma proposta enviada pela Câmara de Vereadores de Laguna em 1835 para o preenchimento dos cargos de Juiz Municipal, Juiz de Órfãos

---

[17] APESC. Ofícios do Juiz de Paz para o Presidente da Província. Vol. 2 1838 – p. 35/37. Ofício de 11 de Maio de 1838. [Tanoeiro realiza consertos em pipas, barris e tinas. Embarcadiço é aquele que costuma andar embarcado; marinheiro] Dicionário Aurélio Eletrônico: Século XXI. Versão 3.0, novembro de 1999.

[18] GARIBALDI, Anita. **Anita Garibaldi**: a mulher do general. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 44.

[19] APESC. Ofícios do Juiz de Paz para o Presidente da Província. Vol. 2 1836 – p. 05/12. Ofício de 25 de janeiro de 1836.

[20] Relatório do Presidente da Província de Santa Catarina. Ano de 1837, p.16. http://brazil.crl.edu

[21] FLORENTINO, Manolo; FRAGOSO, João. **O arcaísmo como projeto**: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia, Rio de Janeiro, c. 1790 – c. 1840. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 190.

[22] FLORES, Moacyr. **Revolução Farroupilha.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. p. 10.

[23] APESC. Ofícios do Juiz de Paz para o Presidente da Província. Vol. 2 1836 – p. 05/12. Ofício de 25 de janeiro de 1836.

e Promotor Público. Foram indicadas nove pessoas residentes em Laguna, três para cada cargo (lista tríplice elaborada pela Câmara Municipal), pessoas consideradas inteligentes, "com algumas luzes", segundo a documentação, e que já haviam ocupado, em algum momento, cargos públicos.[24] Praticamente todos os indicados foram descritos como negociantes, apenas um deles vivia de lavoura e outro não havia especificação de sua atividade. Este exemplo se repete em todas as indicações para ocupação desses cargos no período pesquisado, incluindo a Câmara Municipal, onde os eleitos também eram, na maioria das vezes, negociantes.[25] Muitas vezes as mesmas pessoas que ocupavam um cargo de Juiz de Paz em um momento, em outro estavam ocupando uma cadeira na Câmara Municipal, indicando uma certa permanência destas pessoas nesses cargos.

Voltando ao exemplo da proposta de 1835 e cruzando alguns dos nomes propostos com dados do recolhimento da dízima dos prédios urbanos de Laguna de 1839 podemos ter uma pequena idéia do patrimônio arrecadado por estas pessoas.[26] José Francisco Coelho indicado para Juiz Municipal possuía em 1839 uma propriedade na rua Direita pela qual pagava 6$912 réis de imposto referente à dízima predial, outra propriedade na Praia com imposto de 4$320 réis, outras três propriedades na rua do Império que somadas totalizavam uma arrecadação de 10$152 réis e outras duas ainda na rua da Figueira, uma pagando 5$832 réis e a outra arrecadando 2$592 réis de imposto. O primeiro indicado para o cargo de Juiz de Órfãos também possuía algumas propriedades na área urbana da vila de Laguna. Manoel José Garcia tinha em seu nome nada menos que cinco propriedades, todas localizadas na rua do Fogo que somadas totalizam uma quantia de 4$492 réis de imposto pago.[27]

Outro morador de Laguna proposto para Juiz de Órfãos foi Luciano José da Silva. Luciano também possuía diversas propriedades na vila, uma propriedade na rua Direita com imposto de

[24] APESC. Ofícios da Câmara Municipal para o Presidente da Província. Vol. 1835 – p. 100/100v. Ofício de 31 de julho de 1835.
[25] Entendemos esses negociantes, como negociantes de mercadorias, principalmente, comercializadas pelo porto.
[26] Apesar de não refletirem com absoluta clareza a situação financeira dessas pessoas, os dados sobre o recolhimento da dízima predial foram os únicos indicadores que conseguimos recuperar nesse sentido. Temos consciência que inventários dos bens arrecadados por estas pessoas seriam mais indicados para tal análise, no entanto, os inventários disponíveis são escassos e datam de períodos distantes do estudado, impossibilitando sua utilização. Desta forma, utilizaremos os dados referentes à dízima para termos uma pequena noção do patrimônio dessas pessoas.
[27] ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE SANTA CATARINA; CATALANO, Maria Inês. (Org) Laguna: manuscritos avulsos, 1835-1888. Florianópolis: Assembléia Legislativa, Divisão de Divulgação e Serviços Gráficos, 2001. p. 35-50.

1$036 réis, outra na mesma rua recolhendo taxa predial de 2$764 e uma outra propriedade na Praia pela qual pagava o imposto de 2$160.[28] A respeito dos negócios de Luciano temos uma outra informação que confirma a idéia de serem estes negociantes, pessoas envolvidas com o comércio do porto de Laguna. Luciano enviou um carregamento de couros à Desterro para vendê-los e do produto pagar Luiz Ferreira Braga no Rio de Janeiro, provavelmente um contato comercial de Luciano na Corte.[29]

Propostos para o cargo de Juiz Municipal, Antônio José Machado e João Antonio de Oliveira Tavarez, também possuíam propriedades urbanas em Laguna. O primeiro era proprietário de dois prédios urbanos cujo recolhimento atingia 5$184 réis. Tavarez por sua vez era dono de três propriedades com um recolhimento fiscal de 5$400 réis.[30]

José Lopes da Silva é o único proposto que não é descrito como negociante, segundo o ofício ele "vive de lavoura", caracterizado assim como produtor rural, possivelmente proprietário de terras. José Lopes também possuía propriedades na área urbana de Laguna. Na rua Direita ele possuía uma propriedade pela qual pagava 1$382 réis de imposto e uma outra propriedade na rua da Fonte com o mesmo valor de recolhimento fiscal.[31]

Um outro nome citado no ofício, porém não como proposto para os cargos acima, e sim como presidente da Câmara de Vereadores é o senhor Manoel José de Bessa. Manoel, assim como José Francisco Coelho, chama a atenção pela quantidade de imóveis registrados em seu nome na relação do recolhimento da dízima predial, seis propriedades localizadas em diferentes pontos da vila e que somam 11$619 réis de imposto pago.[32] Outras informações indicam que Manoel José de Bessa também era um dos negociantes da vila de Laguna. Um ofício enviado pelo Presidente da Província de Santa Catarina ao Ministério da Marinha sobre o fornecimento de madeiras para compor mastros nos navios da armada dizia o seguinte:

---

[28] Idem.
[29] APESC. Ofícios dos Chefes de Polícia e Juizes de Direito ao Presidente de Província. Vol. 1839 – s/p. Ofício de 8 de outubro de 1839.
[30] ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE SANTA CATARINA; CATALANO, Maria Inês. (Org) Laguna: manuscritos avulsos, 1835-1888. Florianópolis: Assembléia Legislativa, Divisão de Divulgação e Serviços Gráficos, 2001. p. 35-50.
[31] Idem.
[32] Idem.

> Ill.^{mo} Ex.^{mo} S.^{r} = Ordenando V. Ex.ª por Aviso de 9 de Agosto próximo passado que eu lhe informasse se esta Província podia suprir o Arsenal da Marinha da Corte com Antenas de loiro, que sejam bem direitas e próprias para se empregarem nas mastreações e vergames dos Navios da Armada, e no caso de afirmativa, que mandasse eu proceder logo ao corte delas, por conta da Intendência da Marinha da mesma Corte, devo dizer a V. Ex.ª que informado de que só no rio Tubarão podiam-se ainda encontrar paus de loiro para o mister que V. Ex.ª exige, dirigi-me ao proprietário da Vila de Laguna Manoel José de Bessa que tem embarcações e negocia em madeiras para que me declara-se se podia encarregar-se da prontificação das Antenas, e pela sua resposta que incluso em cópia, verá V. Ex.ª que ele incumbe-se disso.[33]

Podemos perceber pelo conteúdo do ofício que Manoel possuía embarcações e negociava com madeiras, possivelmente também lidava com outros gêneros e materiais. O ofício não permite concluir se o negócio com a Marinha Imperial foi firmado ou não, pois o Presidente da Província afirma que iria aguardar resposta do Ministro. Mesmo assim, podemos ver que Manoel José de Bessa era um importante negociante de Laguna, dono de embarcações e que negociava inclusive com o governo imperial.

Essas são algumas das figuras que, em nossa concepção, "dominavam" a vida política e econômica de Laguna. Podemos notar na documentação uma permanência e rotatividade desses homens nos cargos públicos, desempenhando funções de Juízes de Paz, Juízes Municipais e Vereadores. Denominados em sua maioria como negociantes eram, possivelmente, minoritários em relação aos lavradores e demais profissionais, mas provavelmente detinham boa parte do poder local em Laguna, dispondo de influência na sede da vila e seus distritos.

Outra indicação do "poder" dos negociantes de Laguna pode ser encontrado na lista das pessoas que se apresentaram para a defesa da vila contra as forças farroupilhas.[34] Cento e doze homens se apresentaram para tal fim. Dados interessantes podem ser obtidos nessa relação, pois traz informações acerca da profissão e cargos ocupados pelos relacionados. Do total, 44 eram descritos como homens de negócio e a segunda ocupação mais citada é a de caixeiro, com 18 menções. Viviam de lavoura apenas 5 dos relacionados. Acreditamos que grande parte dos nomes que

---

[33] APESC. Registro do Presidente da Província para Ministério da Marinha. Vol. 1837-1839 – p.128/128v. Ofício de 12 de setembro de 1837.

[34] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para Presidente da Província. Vol. 2 1838 – p. 35-37. Ofício de 11 de maio de 1838.

constam nessa lista fossem de pessoas residentes na sede da vila, daí o pequeno número de lavradores que provavelmente se concentravam nas áreas rurais. Se levarmos em conta toda a extensão do município de Laguna, supomos que o número de lavradores era superior ao de negociantes, como afirmado acima. O interessante é notar como os cargos públicos, patentes de oficiais e de guardas nacionais são ocupados majoritariamente por negociantes, o que lhes conferia boa parte do poder político da vila, e também indicava seu poder econômico, uma vez que para fazer parte da Guarda Nacional era necessário dispor uma renda igual ou superior a cem mil réis.[35]

Laguna configurava-se então, em meados dos anos 1830, como um importante porto na região sul da província de Santa Catarina, porém de caráter secundário no contexto nacional. Mesmo assim, mantinha relações comerciais com o centro do país, com a capital da província e com a província vizinha do Rio Grande do Sul. Essa movimentação de mercadorias possivelmente gerava também uma circulação de idéias. Sempre que chegava uma embarcação proveniente de uma região do Império, trazia em seu interior além dos produtos para comercializar, as notícias daquela região, que eram transmitidas no "boca-a-boca" pelos marinheiros ao pessoal que trabalhava no porto e assim o processo se ramificava até a notícia atingir os lugares mais interioranos da província.

Assim, Laguna com uma movimentação de embarcações provenientes do Rio de Janeiro, possivelmente, mantinha-se atualizada a respeito dos acontecimentos da Corte imperial e da província fluminense. Também recebia informações sobre a capital catarinense, Desterro e notícias vindas do sul, da província do Rio Grande, porque a proximidade territorial também facilitava a chegada de novidades por terra.

Regência

[35] RIBEIRO, José Iran. **Quando o serviço os chamava**: milicianos e Guardas Nacionais no Rio Grande do Sul (1825-1845). Santa Maria: Ed. UFSM, 2005. p. 172.

No início dos anos 1830, as notícias que chegavam em Laguna da Corte eram as da abdicação do Imperador Pedro I. Este momento político havia se tornado muito delicado e a oposição ao Imperador se fazia sentir fortemente na imprensa, que taxava o monarca de absolutista e despótico no exercício do poder. A insatisfação com o governo ganhava as ruas no Rio de Janeiro e o Imperador isolava-se cada vez mais. A situação se agravava enquanto D. Pedro tomava algumas medidas para tentar contornar a crise.[36] As medidas, no entanto, não surtiram resultado, e a tensão política culminou na abdicação do Imperador em abril de 1831. Com isto, instalou-se a Regência para comandar o Brasil, uma vez que o herdeiro legítimo ao trono, Pedro II, não tinha idade suficiente para assumir a Coroa. Em contraposição ao centralismo exercido por D. Pedro I durante o primeiro reinado, a tendência que marcou o período regencial em seus primeiros anos foi de descentralização. Medidas que conferiam mais autonomia e poder para províncias e municípios foram tomadas durante esse período.

Uma delas, a aprovação do Código do Processo Criminal em 1832, trouxe algumas mudanças que sinalizavam essa tendência descentralizadora, característica da política liberal. Instituindo entre outras coisas o júri popular, o novo código também estabelecia maiores prerrogativas, entre as quais, atribuições policiais aos Juízes de Paz, juiz leigo e o único eleito localmente. Essas mudanças possibilitavam aos municípios maior autonomia na escolha das autoridades locais e tornavam a figura do Juiz de Paz importantíssima no cenário político da época – a correspondência entre Juiz de Paz e Presidente da Província é intensa no período estudado. Segundo Ilmar Rohloff de Mattos, na avaliação dos políticos conservadores, desde 1832 o poder do Juiz de Paz "era tudo", enquanto que o do Juiz de Direito, nomeado pelo Governo, "nada". [37] De acordo com Thomas Holloway, a partir de 1832, os juízes de paz tinham plenos poderes em âmbito

[36] Segundo Marco Morel, "D. Pedro I ainda tenta salvar a situação e convoca a 19 de março, pressionado pelas manifestações, um novo ministério, no qual predominam políticos brasileiros da nova geração. Mas, sentindo-se acuado, a 5 de abril o monarca monta outro gabinete ministerial, integrado por cinco marqueses e um visconde, à maneira do Antigo Regime". MOREL, Marco. **O período das Regências**: (1831-1840). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 18-19.
[37] MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo saquarema**: a formação do estado imperial. 3 ed. Rio de Janeiro: Access, 1994. p. 206.

local para investigar, prender, determinar acusação, estabelecer fiança, julgar, sentenciar e punir violações das posturas municipais e contravenções.[38]

Além de todas essas prerrogativas policiais, cabia ao Juiz de Paz a função de presidir a mesa de votação das eleições paroquiais nas localidades, o que possibilitava ao juiz "influir" nos resultados favorecendo seus possíveis aliados e bases de apoio. Cabia ainda ao Juiz de Paz nomear os oficiais de justiça nos distritos e indicar os nomes para os cargos de escrivão e inspetor de quarteirão, os quais seriam designados pelas Câmaras Municipais.[39] Nesse sentido, o cargo de Juiz de Paz, mesmo não sendo remunerado, tornava-se muito atraente, proporcionando uma boa gama de poder aos seus ocupantes.

Além do Código do Processo Criminal, em 1834 foi promulgado o Ato Adicional, também na linha das reformas descentralizadoras. Caracterizou-se como a primeira emenda na Constituição brasileira, outorgada dez anos antes por D. Pedro I. Com a edição do Ato Adicional, foram criadas as Assembléias Provinciais "com maior grau de autonomia e deliberação"[40] conferindo, dessa maneira, maiores poderes ao âmbito regional.

Outra questão que pautava a política da Regência era a questão da manutenção da ordem e da unidade do Império. Uma das primeiras medidas tomadas nesse sentido foi a desmobilização do exército brasileiro e a extinção das unidades de milícias espalhadas nas diversas províncias, as quais foram substituídas pela Guarda Nacional, criada em 1831. Segundo José Murilo de Carvalho as razões para a desmobilização do exército brasileiro passavam por três motivos principais.

O primeiro teria relação com a utilização de grandes exércitos para a sustentação de regimes absolutistas na Europa. Na América, a manutenção de exércitos fortes poderia contribuir para o surgimento de ditadores, como já acontecia na Argentina com Rosas e no México com Santa Anna. O segundo motivo era porque o emprego de grandes contingentes nas forças armadas retiraria do trabalho uma boa parcela da mão-de-obra. E, finalmente, e o argumento mais importante para

[38] HOLLOWAY, Thomas H. **Polícia no Rio de Janeiro**: repressão e resistência numa cidade do século XIX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997. p. 158.
[39] LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Alfa-Omega, 1978. p. 193.
[40] MOREL, Marco. Op. cit. p. 30.

justificar a quase extinção da tropa de linha era que esta era formada pelas camadas mais baixas da população e em função disso era um fator de anarquia ao invés de ordem porque era grande a possibilidade da mesma se unir à população.[41]

A questão fundamental estava em se retirar da camada da população, considerada "perigosa", o acesso as armas e a fácil mobilização de contingente humano que o exército proporcionava. A tropa do exército, bem como os corpos de milícias que atuavam nas províncias brasileiras eram formados pelos estratos mais pobres da população, vislumbradas nesse período como de fácil convulsão e de pouco controle quando rebelada. Os temores eram de que ao invés de combater o povo que por ventura viesse a se revoltar, a tropa do exército se identificasse com as reivindicações e se unisse à população na revolta, uma vez que compunha a mesma camada da sociedade, e enfrentava, basicamente, os mesmos infortúnios.

A criação da Guarda Nacional foi a solução encontrada pelos liberais para tentar resolver os problemas da manutenção da ordem e da unidade territorial do Império, ainda muito frágeis nesse período. A resposta seria concentrar nas mãos dos considerados "cidadãos" a responsabilidade pelo policiamento das questões internas do Império e subordinar às autoridades civis o controle sobre uma força armada, que garantiria a estabilidade e ordem no território nacional. Segundo José Iran Ribeiro, a Guarda Nacional era diferenciada, pois ela significava uma nova força armada comprometida com o Imperador e interessada em defender as relações de produção vigentes e o Brasil como uma nação soberana. Era de sua responsabilidade manter a unidade do Império e era tida como uma força confiável por ser composta por cidadãos eleitores, ou seja, proprietários.[42] Assim, os integrantes, ao defenderem o Império e o Imperador, estariam, automaticamente, defendendo seus interesses na manutenção de uma sociedade de proprietários de terras e escravos. É preciso lembrar que o exército brasileiro não foi completamente extinto, no entanto teve seu efetivo consideravelmente reduzido, mas ainda era responsável pelo enfrentamento de ameaças externas ao

---

[41] CARVALHO, José Murilo. **A construção da ordem:** a elite política imperial; **Teatro de sombras**: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 189-190.

[42] "Na Gu arda Nacional, somente deveriam ser alistados os indivíduos participantes da vida política do Império, ou seja, aqueles cidadãos que auferissem o mínimo de renda exigido para ser eleitor, cem mil réis, conforme previa a Constituição do Império no seu artigo 6º". RIBEIRO, José Iran. Op cit. p. 172.

território brasileiro. À Guarda Nacional caberia a função de contribuir na tarefa de manter a ordem interna do Império e também em questões externas como força auxiliar de 2ª linha.[43]

Rebeliões e revoltas

Apesar de todas essas medidas, a Regência em seus primeiros anos não conseguiu alcançar a estabilidade política almejada, a ordem interna foi constantemente quebrada, tornando o período regencial em um dos mais conturbados da história do Império, como afirma Mathias Röhrig Assunção, "a 'Revolução' liberal de 7 de abril de 1831 foi considerada por muitos patriotas como a 'verdadeira' data da independência brasileira. No entanto, os Regentes liberais que dirigiram o Brasil em seguida não conseguiram atingir estabilidade política [...]".[44] A ordem intentada foi abalada por protestos e revoltas que eclodiram em diversas regiões do país. José Murilo de Carvalho aponta várias revoltas em diferentes pontos do território brasileiro nos anos iniciais da regência. Segundo ele, no Rio de Janeiro, capital do Império, a agitação foi mais intensa. Ocorreram cinco levantes em 1831 e 1832. Os distúrbios eram tão intensos que em 1832 o Conselho de Estado foi consultado devido ao perigo de que a anarquia se espalhasse e que províncias do norte se separassem do restante do Império. Na Bahia e em Pernambuco também foram verificados diversos levantes.[45]

Esses conflitos ocorriam pelos mais variados motivos. Descontentamento popular contra o alto custo de vida, problemas cotidianos enfrentados pela alta da inflação, pela infiltração de moedas falsas no comércio e mercado, e por um sentimento que causava embates desde o período da independência, o antilusitanismo. Segundo Gladys Sabina Ribeiro, era necessário incutir uma noção de brasilidade na população, um sentimento de amor pela nação, construir o "ser brasileiro",

---

[43] Idem. p. 135-139.
[44] ASSUNÇÃO. Mathias Röhrig. Elite politics and popular rebellion in the construction of post-colonial order: the case of Maranhão, Brazil (1820-1841). In: **Journal of Latin American Studies**. n. 31. 1999. p. 2. [The liberal 'Revolution' of the 7th of April 1831 was considered by many patriots as the 'true' date of Brazilian Independence. However, the liberal Regents who ruled Brazil thereafter did not manage to achieve political stability]. Tradução minha.
[45] CARVALHO, José Murilo. Op. cit. p. 251.

e isto foi sendo feito em oposição ao "ser português", criando uma identidade para a *Nação brasileira* ao mesmo tempo em que se forjava um distanciamento da *Nação portuguesa*. Procurou-se pautar um modelo de cidadania brasileira baseada no amor à Causa da Independência, ou seja, a Causa do Brasil.[46] No entanto, as noções do "ser brasileiro" e "ser portu guês" eram um tanto quanto confusas. De acordo com Gladys Sabina Ribeiro, "ser português" não necessariamente era característica de quem nasceu em Portugal, e sim, do absolutista, do "inimigo". O "ser brasileiro" significava aquele adepto da causa da Independência, dessa maneira, portugueses de nascimento podiam ser considerados "brasileiros" se jurassem fidelidade à causa do Brasil e à Independência. [47]

Apesar das construções retóricas e políticas, os enfrentamentos entre portugueses e brasileiros se davam também em outro campo que não o político-ideológico. O sentimento antilusitano estava presente em boa parte do território nacional e os conflitos ocorriam em um terreno muito mais palpável às classes populares, a disputa pelo mercado de trabalho. A intensa imigração portuguesa para o Brasil, desde o século XVIII e início do XIX, inundava os mercados de trabalho brasileiros com mão-de-obra barata que disputava diretamente com os escravos de ganho, população livre "de cor" e trabalhadores nacionais. [48]

Apesar do antilusitanismo atingir boa parte do território brasileiro, durante nossa pesquisa não encontramos manifestações específicas de antilusitanismo em Laguna. Como vimos acima, de acordo com o censo de 1833, Laguna contava com 85 estrangeiros, sendo que destes 67 eram homens. Uma possibilidade para a aparente ausência do antilusitanismo é que esses estrangeiros atuassem, em sua maioria, como negociantes na vila. Mesmo considerando que todos fossem portugueses, representavam um número diminuto em relação à população da vila e trabalhando

---

[46] RIBEIRO, Gladys Sabina. **A liberdade em construção**: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado. Rio de Janeiro: FAPERJ/Relume-Dumará, 2002. p. 61-62.
[47] Idem. p. 60-62.
[48] Jovens e pobres, muitos portugueses deixaram Portugal para trabalhar no comércio brasileiro, geralmente com um parente ou conhecido já estabelecido nesse ramo. Vinham, na maioria das vezes, com a passagem paga pelo parente ou pelo comandante do navio, que recebia posteriormente do comerciante estabelecido, ficando assim, o jovem português, *engajado* pela dívida da passagem. Enfrentavam duras condições de trabalho e extenuantes jornadas até conseguirem pagar suas dívidas e iniciarem o trabalho por conta própria no comércio varejista brasileiro. Uma vez estabelecidos, podiam voltar para Portugal ou então trazer um jovem português para trabalhar para si no comércio, reproduzindo o ciclo. Para mais informações sobre os *engajados* ver: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **Proletários e escravos**: imigrantes portugueses e cativos africanos no Rio de Janeiro, 1850-1872. **Novos Estudos** – CEBRAP 21 (1988); RIBEIRO, Gladys Sabina. Op. cit.

como negociantes, não entrariam em conflito com a população mais pobre, como ocorria nas disputas pelo mercado de trabalho em outras partes do Brasil.

Além de todos esses motivos, também contribuíam para a ocorrência de outras revoltas, disputas econômicas e políticas entre as regiões brasileiras, especialmente, entre a Corte e as demais províncias. Um desses conflitos foi a Guerra dos Farrapos iniciada em 1835 na província do Rio Grande do Sul. Essa província localizada no extremo sul do território brasileiro sempre teve importância militar e estratégica para o Império, pois situada numa região fronteiriça, era a primeira linha de defesa contra invasões estrangeiras e ao mesmo tempo, trampolim para investidas brasileiras na região platina. Por encontrar-se numa posição de grande importância para o país, era vital que dispusesse de uma boa força militar. Grandes proprietários dispunham de exércitos particulares para desencorajar possíveis invasões e no caso de ataque, ter condições de repelir o inimigo. Por esses motivos o Rio Grande desfrutava de algum poder de barganha frente ao poder central.[49]

Nas décadas iniciais do século XIX o Rio Grande do Sul havia se consolidado como o principal fornecedor de charque para o abastecimento do mercado interno brasileiro, com sua economia baseada na pecuária de grande propriedade. O charque, como base principal na alimentação dos escravos, detinha um atraente mercado consumidor em grande parte do território brasileiro. O governo central interessado na manutenção de baixos preços para o charque no mercado brasileiro, para benefício dos grandes produtores agro-exportadores, diminuindo seus custos de produção, reduziu as tarifas alfandegárias para importação do charque platino que, com um menor preço, foi substituindo o produto rio-grandense. Essa situação se mostrou danosa aos interesses da camada dominante dessa província que vinha, gradativamente, perdendo espaço para os concorrentes estrangeiros no mercado interno brasileiro.[50]

---

[49] MATTOS, Ilmar Rohloff de. Op. cit. p. 152.
[50] Um decreto de 6 de junho de 1835 em artigo único determinava que "os gados de qualquer gênero importados da Província de São Pedro do Sul dos Estados vizinhos não estão sujeitos aos direitos de importação". Coleção das Leis do Império do Brasil. http://www2.camara.gov.br/legislacao/publicacoes/doimperio/. A isenção de imposto sobre o gado importado poderia ser tentativa de compensação aos rio-grandenses devido ao descontentamento dos proprietários e estancieiros pelos privilégios existentes ao charque platino.

Além disso, em 1828, "a independência da Província Cisplatina implicou, para o Rio Grande a perda do gado uruguaio que não mais foi dirigido para as charqueadas e sim para os *saladeros* platinos que se rearticularam [...] foram prejudicados os interesses econômicos dos rio-grandenses [...] abalando o prestígio dos gaúchos nas armas."[51] Com isso a relação de força nas negociações da província rio-grandense frente à Corte se desestabilizou, permitindo que atuasse com maior força o sistema de dominação política instaurado pela estrutura administrativa imperial. Esse sistema entre outras medidas implicava na indicação direta dos presidentes de província e no afastamento de funcionários locais segundo os interesses do Governo Central.[52]

Dessa maneira as divergências entre centro e periferia não se davam apenas no campo estratégico e econômico, mas também passavam pelo âmbito político. O descontentamento com a nomeação de presidentes da província, atribuição do governo central, se dava pois influiria nas nomeações em várias instâncias do poder local, uma vez que vários cargos eram indicados pelo presidente da província. Isso afetou interesses já estabelecidos na província do Rio Grande do Sul e causou grande insatisfação, que somada as questões econômicas contribuiu para ocasionar a revolta farroupilha. Homens como Bento Gonçalves da Silva, Domingos José de Almeida, Antônio Souza Neto, proprietários de terras e gado e ligados às instâncias do poder local, encabeçavam o movimento, buscando defender a manutenção de sua influência regional. Havia ainda aqueles, como Bento Manoel Ribeiro, que procuravam defender seus interesses da maneira que melhor conviesse, apoiando ora os farroupilhas, ora imperiais, demonstrando também, ambigüidade e oportunismo nas relações políticas da época.

Em seu primeiro ano a revolta não se propôs como separatista, apenas reivindicava que seus interesses fossem defendidos e suas exigências fossem atendidas. No entanto, no ano seguinte, 1836, foi proclamada a República Rio-Grandense convocando as outras províncias a se rebelarem com a proposta de uma federação de estados brasileiros autônomos, propagandeada pela imprensa farroupilha em seus jornais. Segundo César Augusto Guazzelli, apesar dos exemplos utilizados

---

[51] PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Revolução Farroupilha**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 42.
[52] HOLANDA, Sérgio Buarque de; CAMPOS, Pedro Moacyr. **História geral da civilização brasileira**: dispersão e unidade. 5 ed. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 499.

apontarem as vantagens da federação, a noção de federalismo era vaga, não passando da idéia de autonomia provincial. No entanto essa noção era difundida como a libertação da opressão do Império Brasileiro.[53]

Um dos interesses dos farroupilhas na eclosão de conflitos em outras partes do Império era que isso levaria o governo do Rio de Janeiro a dividir sua atenção para a repressão desses novos movimentos. Com a divisão das forças imperiais empenhadas em outras regiões brasileiras aliviaria a pressão sentida pelos farroupilhas. Outro motivo era econômico. A República Rio-Grandense havia adotado o federalismo com a intenção de que à medida que as revoltas provinciais fossem proclamando suas independências, elas se tornassem repúblicas autônomas unidas ao estado rio-grandense por meio da federação. A adoção se dava pelo fato de a província rio-grandense depender do mercado interno brasileiro para comercializar seus produtos.[54] Um dos objetivos era enfraquecer o governo do Rio de Janeiro e conseguir apoio das demais províncias para que se formasse a nova federação de estados independentes.

E as rebeliões foram eclodindo nas outras províncias, não seguindo necessariamente o apelo farroupilha. A Cabanagem no Pará que durou de 1835 até 1840, foi um dos conflitos mais sangrentos desse período. Os rebeldes ficaram no poder em Belém por aproximadamente um ano e se declararam independentes do governo do Rio de Janeiro. Acuados, deixaram Belém após uma forte ofensiva imperial e mantiveram uma luta de guerrilha pelo interior paraense, até 1840, quando os últimos rebeldes foram capturados. Participaram do movimento pequenos agricultores, grande quantidade de índios, militares, caboclos e escravos.[55] Segundo David Cleary, o processo de destribalização na região Amazônica desde o século XVIII na região norte do país teve papel fundamental para a eclosão da revolta. Após a expulsão dos jesuítas em 1755, os aldeamentos indígenas passaram à administração leiga, conforme a legislação (*Diretório dos Ìndios* – 1757). No

---

[53] GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Textos e lenços: representações de federalismo na república rio-grandense (1836-1845). In: **Almanack Brasiliense**. Maio/2005. Revista Eletrônica.
[54] JÚNIOR, Antônio Manoel Elíbio. Uma mulher ilustre do Brasil: Anita Garibaldi e o culto à nação. In: AREND, Sílvia Maria Fávero; BRANCHER, Ana. (Orgs.) **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001. p. 148.
[55] MOREL, Marco. Op. cit. p. 61.

entanto o governo provincial se mostrou incapaz de administrar as missões e após o fim da vigência do *Diretório*, os índios foram deixados por conta própria. Eram extremamente importantes no comércio regional, que era muito dependente deles, além de serem mão-de-obra necessária aos colonos, eram hábeis canoeiros e comercializavam os produtos da floresta, os quais eram as principais exportações da região.

Além disso, outra opção aberta aos índios nesse período era de se alistar ao exército. No início de 1830, eles ocupavam praticamente todos os postos e tropa na província do Pará. Essa situação atingia tal ponto que quando iniciou a Cabanagem os legalistas não contavam com nenhuma unidade de "não-índios" para socorrer-lhes, e após a morte dos oficiais, as instituições militares, exceto a Marinha, passaram às mãos dos rebeldes.[56] A revolta se espalhou pela província pelo rio Amazonas até Manaus. A Cabanagem foi umas das mais violentas revoltas províncias, deixando um saldo de 30 mil mortos e inúmeros feridos. O número de mortes equivalia a vinte por cento da população do Pará na época.[57]

O levantamento desses conflitos ocorridos em diversas partes do território brasileiro se faz necessário para termos noção das condições sociais e políticas pelas quais passava o Brasil durante a Regência. A ocorrência de levantes e revoltas em várias províncias ajuda a avaliar a situação institucional do Império e as condições precárias operadas pelo governo regencial na Corte. Essa instabilidade política e a pressão levaram Diogo Antônio Feijó, que havia sido eleito regente uno em 1835 a renunciar seu cargo em 1837. O período liberal da regência havia falhado em pontos importantes para a condução da política imperial: a manutenção da ordem não havia sido alcançada, as revoltas se multiplicavam pelo território brasileiro, e "o regente eleito tinha-se revelado incapaz de arbitrar as divergências dos grupos dominantes".[58] Com isso, assumiu a regência Araújo Lima, futuro Marquês de Olinda, trazendo ao centro do poder e à direção da política nacional o grupo dos políticos conservadores, que com uma administração centralizadora, iniciaram o que se chamou de

---

[56] CLEARY, David. Lost Altogether to the Civilised World: race and the Cabanagem in Northern Brazil, 1750-1850. In: **Comparative Studies in Society and History.** vol. 40, n. 1. 1998. p. 115.
[57] CARVALHO, José Murilo. Op. cit. p. 253.
[58] Idem. p. 255.

regresso conservador. De acordo com José Murilo de Carvalho, *regresso* buscou anular as medidas descentralizadoras operadas no período inicial da Regência, devolvendo ao governo central os poderes perdidos principalmente com a promulgação do Ato Adicional de 1834 e com o Código de Processo Criminal de 1832. Com a reforma do Código Criminal em 1841, os juízes de paz perderam boa parte de suas atribuições, passando estas para os delegados de polícia e todo o funcionalismo da justiça passou a ser controlado pelo ministro da Justiça. A interpretação do Ato Adicional em 1840 retirou das assembléias provinciais o controle sobre funcionários do governo central.[59]

Com o advento do regresso e a política de centralização do poder na Corte, ocorreu uma diminuição da autonomia das províncias e, diversas outras rebeliões eclodiram contra essas ações, como: a Sabinada em 1837-1838 e as Revoltas Liberais em São Paulo e Minas Gerais em 1842. A Sabinada eclodiu na Bahia em 1837 logo após a renúncia de Diogo Antônio Feijó da regência do império, sendo liderada pelos liberais radicais baianos que reivindicavam mais autonomia para a província da Bahia. Estes utilizaram a renúncia de Feijó e o início do *regresso conservador*, com a regência de Araújo Lima, como justificativa para a revolta. No entanto, Hendrik Kraay afirma que o conflito representou muito mais do que disputas de poder entre as elites locais e a elite política fluminense na Corte. Segundo ele, os aspectos sociais e a participação dos mais pobres tiveram papel fundamental no quadro que esta nova interpretação delineia sobre a revolta. A desmobilização de parte da tropa do exército e a criação da Guarda Nacional atingiram em cheio a Bahia provocando um grande número de desempregados nas camadas mais pobres da população. A participação destes nas milícias municipais era numerosa. Segundo Kraay, Salvador contava com quatro regimentos de milícias: um corpo de comerciantes, um segundo de brancos livres pobres, os *Henriques* composto de negros livres e por último uma unidade formada por mulatos.[60]

Essas milícias ainda continuariam ativas até o início dos anos 1830 quando a criação da Guarda Nacional desmobilizou-as. Esse fato aliado à recessão vivida pela Bahia devido à competição com o açúcar cubano, uma inundação de moedas falsas e inflação proveu a Sabinada de

---

[59] Idem. p. 235.
[60] KRAAY, Hendrik. As terrifying as unexpected: the bahian Sabinada, 1837-1838. In: **Hispanic American Historical Review**. 72, n. 4. 1992. p. 513.

um grande número de baianos descontentes, muitos deles com treinamento militar. [61] Rapidamente a Sabinada foi perdendo o apoio inicial dado pelas elites locais que foram se retirando de Salvador, tomada pelos revoltosos. A repressão imperial impôs um cerco à capital que foi abalando as forças dos insurgentes. Em fevereiro de 1838, uma tentativa de quebrar o cerco falhou e as lideranças do movimento perderam o controle da situação para a população que iniciou uma radicalização atacando diversas propriedades e portugueses, vistos há muito como inimigos.[62] A repressão contra os revoltosos foi extremamente violenta ocorrendo execuções de soldados rendidos e diversas deportações.

A tarefa do regresso e dos conservadores seria a de manter a ordem e a preservação da unidade territorial do Império ameaçada pela onda de rebeliões desencadeadas no período regencial. Para muitos autores, as medidas centralizadoras do regresso significaram uma ordenação do Império através de uma concentração extrema de poderes na corte do Rio de Janeiro em detrimento da autonomia regional.

Segundo Ilmar Rohloff de Mattos, nesse momento o governo central através de medidas sobre a política de terras, tributária e sobre a mão-de-obra buscava essa ordenação centralizadora. Além dessas políticas e da ação repressiva, a Coroa entendia ser necessária também a centralização administrativa para seguir adiante com essas ações.[63] Analisando os procedimentos adotados pelos conservadores após o regresso e em seu predomínio na direção da política imperial, Mattos reforça a idéia da importância do centralismo administrativo como condição básica para a consolidação do Estado Brasileiro.

Para Mirian Dolhnikoff, a adoção das medidas centralizadoras, não representa, no entanto, "uma anulação da autonomia regional e da subjugação das elites provinciais a uma elite nacional". [64] Ela defende que essas medidas buscaram unificar o aparelho repressor na Corte. Como aponta José

---

[61] Idem. p. 503.

[62] O antilusitanismo já estava presente na Bahia desde as Guerras de Independência e pela disputa entre nacionais e portugueses pelo domínio do comércio a retalho.

[63] MATTOS, Ilmar Rohloff de. Op. cit. p. 85.

[64] DOLHNIKOFF, Mirian. Elites regionais e a construção do Estado Imperial. In: JANCSÓ, István (Org.). **Brasil**: formação do estado e da nação. São Paulo-Ijuí: Ed. HUCITEC, Ed. UNIJUÍ, FAPESP, 2003. p. 442.

Murilo de Carvalho, o Ministro da Justiça ganhou poderes para nomear ou demitir "desde o desembargador até o guarda de prisão".[65] Segundo Thomas Holloway, de acordo com a reforma do Código do Processo Criminal de 1841, os delegados de polícia ganharam poderes para acusar, investigar, julgar, sentenciar e punir, todos os crimes, exceto os de maior gravidade, como os *crimes de sangue*.[66] A concessão dessas prerrogativas aos delegados não foi uma inovação autoritária da centralização efetuada pelo *regresso*, pois como vimos, esses poderes anteriormente eram atribuições dos juízes de paz, até 1841.[67]

O funcionalismo da justiça e da polícia sendo controlados e nomeados diretamente pelo Ministro da Justiça e a perda pelos juízes de paz dessas atribuições em benefício dos delegados e subdelegados demonstram a preocupação dos conservadores com a questão da manutenção da ordem e, que estes entendiam um aparato policial e judiciário centralizado como mais eficaz na tarefa de erradicar a desordem, entendida pelos conservadores como fruto da descentralização. "As constantes disputas entre as invariáveis facções, [...] as rebeliões que em decorrência sacudiam as províncias, exigiam essa centralização, sob pena de, caso nada fosse feito, pôr em risco o próprio Estado."[68] Dolhnikoff destaca a importância da centralização do aparelho repressor, uma vez que o próprio Estado corria perigo, mas, segundo ela, as províncias mantiveram jurisdição e poder de decisão sobre diversos assuntos no âmbito da política provincial, como a tributação, arrecadação de recursos e nomeação de empregados provinciais, excetuando-se os cargos de magistratura e ligados ao aparelho coercitivo.[69]

Concordamos com o argumento de Dolhnikoff de que a centralização promovida pelo regresso não representou de maneira radical uma anulação da autonomia nas províncias e que a concentração de poderes se deu de forma mais incisiva no aparelho repressor, devido à necessidade de se combater as rebeliões provinciais. Diversas atribuições continuaram de competência regional

---

[65] CARVALHO, José Murilo. Op. cit. p. 235.
[66] Crimes envolvendo mortes.
[67] HOLLOWAY, Thomas H. Op. cit. p. 158-159.
[68] DOLHNIKOFF, Mirian. Op. cit. p. 442.
[69] Para mais, ver: DOLHNIKOFF, Mirian. Op. cit; DOLHNIKOFF, Mirian. O lugar das elites regionais. In: **Revista USP**, n. 58, p.116-133, junho/agosto 2003.

e mesmo aqueles cargos nomeados pelo Governo Central teriam de promover uma negociação com as classes dominantes locais para conseguirem apoio e alcançar um certo consenso acerca de suas posições.

O embate entre centralização e descentralização se dava pela falta de consenso entre os proprietários, interessados em defenderem seus interesses particulares. Marcus J. M. Carvalho estudando as eleições de 1828-30 e a implementação da Justiça de Paz no Império resume a disputa pelo poder local em uma frase: "as elites locais não estavam unidas".[70] Segundo ele as facções estavam em constante luta, "interessadas em algum novo arranjo político que lhes permitisse maior flexibilidade, mais espaço, mais poder".[71] Essas querelas, também destacadas por Dolhnikoff, ocorriam em âmbito local, regional e nacional.

As rebeliões seguiram ocorrendo Segundo Reinado adentro e, as disputas entre as facções, ocorreram também na última grande revolta desse contexto de construção do Estado Imperial Brasileiro e manutenção da ordem e integridade territorial, a Insurreição Praieira. Marcus Carvalho trabalhando principalmente com os autos de inquérito sobre a Praieira busca entender as diversas faces dessa revolta ocorrida em Pernambuco em 1848, procurando identificar nela a participação e as motivações das camadas populares de Recife.

Uma das faces seria uma disputa da elite provincial pelo poder local, entre o Partido Liberal e uma dissidência deste que formou o "Partido Praieiro". O desentendimento se deu pela alternância no poder dos partidos, que ao assumir demitiam todos os funcionários de confiança empossados pela administração anterior para empregar seus próprios clientes e homens de confiança. Segundo Marcus Carvalho, o governo praieiro após assumir o poder iniciou a substituição dos funcionários provinciais por seus aliados, delegados entre outros, para aumentar o poder de suas bases locais. Tempos depois, em 1848, com a queda dos liberais na corte, ocorreu o mesmo processo, mas nesse

[70] CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. Aí vem o Capitão-Mor: as eleições de 1828-30 e a questão do poder local no Brasil imperial. In: **Tempo**, 7, n. 13. 2002. p. 174.
[71] Idem. p. 175.

momento, as demissões aconteciam no lado dos praieiros, fenômeno chamado de *gangorra* da política imperial.[72]

No entanto muitos proprietários vinculados ao partido praieiro se recusaram a entregar seus cargos e armas, dando início à Insurreição Praieira quando soldados tentaram desarmar o coronel praieiro Manoel Pereira de Moraes, levando alguns autores contemporâneos a classificar o conflito realmente como uma disputa pelo poder político.[73]

Mais um nome dado à Praieira é a 'Guerra do Moraes", denominação que ficou gravada na tradição oral dos moradores da zona da mata do norte do Recife, onde a disputa se deu entre os grandes proprietários defendendo seus cargos e envolveu grande parte da população rural, ligadas aos senhores pelos laços de clientelismo. Porém, para Marcus Carvalho, na convivência do dia-a-dia, a visão da relação entre o chefe político e seu cliente ocorre de forma desigual. O cliente não apenas recebe a pressão do patrão que tenta impor sua visão das coisas, ele busca interpretar essa pressão e influir no processo, pensando e agindo do seu modo, tentando durante a negociação garantir uma série de direitos que já lhe são concedidos e na medida do possível, expandi-los.[74]

Nesse sentido, Marcus Carvalho busca analisar a Praieira entendendo a participação das camadas mais pobres da população e suas motivações para se engajarem no movimento. Os inquéritos policiais conduzidos após a repressão da insurreição apontam apenas os líderes sendo que alguns aparecem como: lavradores de terra, pequenos negociantes, trabalhadores especializados, semi-especializados, professores, contadores, secretários, entre outros. Para Marcus Carvalho, os funcionários públicos arrolados nos processos, provavelmente estavam defendendo também seus empregos, ameaçados pela *gangorra* da política. Segundo ele, "não há líderes sem seguidores. Essa amostra, portanto, permite entrever que as opiniões do visconde de Camaragibe, ou de Nabuco,

---

[72] CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. Os nomes da revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849. In: **Revista Brasileira de História**. vol. 23, n. 45. 2003. p. 212.
[73] Nabuco também destaca a disputa política em Pernambuco como uma das causas da Revolta da Praia. Ver: NABUCO, Joaquim. **Um estadista do Império.** 5 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997. p. 93-120.
[74] Idem. p. 219.
José Murilo de Carvalho também identifica no clientelismo uma relação de interação entre atores de poder desigual. Para uma discussão mais detida sobre esse conceito, ver: CARVALHO, José Murilo. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. In: **Pontos e bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. p. 130-153.

sobre a presença dos grupos subalternos na Praieira, não eram totalmente infundadas."[75] Buscando então as motivações para a participação dos mais pobres no movimento, Marcus Carvalho identifica na radicalização das eleições, nos comícios e manifestações de rua envolvendo a população, a chave para se entender o envolvimento das classes subalternas na Praieira. Entre 1845 e 1848 haviam ocorrido em Recife, cinco manifestações de rua violentas em que participaram maciçamente elementos mais pobres do povo. Essas manifestações tinham um propósito principal: a reivindicação pela nacionalização do comércio a retalho, dominado em Recife pelos portugueses. Foram levados abaixo-assinados exigindo a expulsão dos portugueses desse setor do comércio.[76]

Ocorreu então uma convergência de interesses entre as lideranças da Praieira e as classes menos favorecidas da população do Recife. Houve uma confluência entre os interesses dos envolvidos. A população reivindicava a nacionalização do comércio a retalho e isto foi incluído pelos praieiros também em sua pauta política. A nacionalização foi o que ligou as diferentes camadas sociais presentes na revolta e esteve em todos os principais manifestos da revolta.[77]

Dessa maneira, ao participar do movimento, a população do Recife acreditava estar lutando pela defesa de seus direitos e não apenas seguindo os oficiais ou seus patrões que os chamavam para o combate. A presença dos portugueses que dominavam o setor do comércio mais miúdo era grande em, praticamente, todo o país e foi contra isso que se revoltou a população do Recife. Segundo Marcus Carvalho, nem sempre a população se revolta contra seu superior imediato, mas em algumas vezes, contra aquele mais próximo, que está disputando o espaço de trabalho, neste caso, os portugueses solteiros que dominavam o comércio a retalho em Pernambuco.

A Praieira foi a última revolta desse período que ficou marcado pela turbulência que atingiu diversas partes do território do império brasileiro. De todas as rebeliões ocorridas a que por mais tempo se estendeu e causou muitos problemas para o Império foi a Guerra dos Farrapos, durando dez anos, e além da província do Rio Grande do Sul, também teve repercussões na província de Santa Catarina.

---

[75] Idem. p. 226.
[76] Idem. p. 228. [Itálicos como no original].
[77] Idem. p. 231-232. [Itálicos como no original].

República Juliana

Os combates da Guerra dos Farrapos se davam mais intensamente, no Rio Grande do Sul, desde 1836 e os insurgentes meridionais detinham controle da região da campanha, interior da província, com sua capital na vila de Piratini. No entanto, o porto de Rio Grande, principal acesso marítimo da província, permanecia sob domínio imperial. Desta maneira, "bloqueados na zona lacustre, onde a marinha nacional não lhes permitia o menor avanço, procuravam aqueles com os catarinenses do altiplano um porto de mar para desafogo."[78]

Foram elaborados planos para avançar sobre a província de Santa Catarina com o objetivo de tomar a vila de Laguna, que como vimos constituía um importante ponto no litoral sul da Província de Santa Catarina no período. Isso se dava pela necessidade do porto, e também, pelo elemento político mencionado anteriormente, de se avançar em direção a outras províncias e de se formar de uma federação de estados autônomos.

As intenções farroupilhas de levar a rebelião à província vizinha de Santa Catarina são percebidas já a partir de 1838 quando a vila de Lages no planalto catarinense foi ocupada pela primeira vez por forças farroupilhas. A reação do governo provincial à ocupação de Lages se fez sentir com a sanção da seguinte lei proibindo o comércio com Lages.

> Lei Provincial de 4 de Abril de 1838
> Art. 1 – Fica proibida a exportação de todos os artigos de comércio, de qualquer ponto da província, para o município de Lages, ou para parte dele, por tempo de um ano, se antes não for o dito município evacuado pelas forças insurgentes da província do Rio Grande do Sul, que ora o ocupam.[79]

Essa lei visava prejudicar a economia lageana que dependia do sal para a criação do gado. Em março de 1839 foi proclamada a adesão da população de Lages à revolta, e declarada a incorporação da vila à República Rio-Grandense.

---

[78] BOITEUX, Henrique. **A República Catharinense**: notas para sua história. Rio de Janeiro: Xerox, 1985. p. 105.
[79] O Povo. n. 80. p. 3. Caçapava, 3 de julho de 1839.

Foram designados para comandar o ataque à Laguna Giuseppe Garibaldi, como comandante da esquadrilha e Davi Canabarro, que lideraria a tropa por terra. Após realizar a famosa travessia dos lanchões[80], Giuseppe Garibaldi avançou por mar para dar apoio à chamada "Divisão Libertadora"[81] que seguiu em direção à Laguna, comandada por Canabarro. Vencendo alguns combates no rio Tubarão e aumentando a flotilha farroupilha com as embarcações imperiais apreendidas, Garibaldi avançou sobre o porto de Laguna. As forças farroupilhas não encontraram muita resistência militar ao tomarem a vila em julho de 1839. A guarnição imperial estacionada em Laguna encontrava-se em menor número frente às forças farrapas e após confrontos iniciais, os legalistas retiraram-se temendo pesadas baixas na tropa. Mesmo assim morreram 17 soldados imperiais e 77 foram presos pelos farroupilhas.[82]

Com a tomada de Laguna logo foi proclamada a República Catarinense, tornando-se um estado federado à República Rio-Grandense. Após ter conquistado esse ponto estratégico, os "farrapos" tentaram chegar, por terra, também em Desterro, capital da província catarinense. Depois de obterem controle de Laguna as forças farroupilhas continuaram avançando para o norte em perseguição das tropas imperiais que se retiraram de Laguna. Os farrapos avançaram cerca de 70 quilômetros até a planície do rio Massiambú. O avanço dos farroupilhas só foi contido devido a um entrincheiramento das forças imperiais protegido pela geografia do Morro dos Cavalos, que dificultava o acesso das tropas farrapas e lhes bloqueava o avanço para o ataque à Desterro. [Ver anexo - Mapa 1]

Com a proclamação da independência, praticamente metade da província catarinense ficou em mãos republicanas. Laguna abrangia toda a região sul da província e com a incorporação da vila de Lages, também sob controle rebelde, ao novo estado, o território da República Juliana se estendia do extremo meridional até o planalto catarinense. Buscou-se, então, iniciar a organização da

---

[80] Para levar os lanchões "Farroupilha" e Seival" até o oceano, Garibaldi e seus comandados atrelaram as embarcações a várias juntas de bois e realizaram uma travessia por terra de 45 quilômetros da Lagoa dos Patos até a barra de Tramandaí, local não guarnecido pela Marinha Imperial. Este fato é heroicamente celebrado em vários livros, como o de FAGUNDES, Morivalde Calvet. **História da Revolução Farroupilha**. Caxias do Sul: Ed. UCS, 1985.

[81] Esse foi o nome dado à divisão farroupilha que tomou Laguna em 1839, mais uma alusão ao caráter idealista de libertação da opressão imperial.

[82] LUZ, Aujor Ávila da. **Santa Catarina**: quatro séculos de história XVI ao XIX. Florianópolis: Insular, 2000. p 186.

República Juliana e, para tanto, foram convocadas eleições para constituição do governo republicano. Canabarro ficou à frente do governo da nova república até que em 07 de agosto de 1839 foi convocado o colégio eleitoral. As eleições foram censitárias, seguindo os moldes da Constituição de 1824. Segundo a ata da eleição, foram convocados eleitores suplentes para substituir aqueles que ou se recusaram a votar ou então que haviam se retirado da vila devido à chegada das forças farroupilhas, demonstrando claramente que não apoiavam os rebeldes, como foi o caso do senhor Manoel José de Bessa que deixou Laguna em 22 de julho.[83] Muitos outros permaneceram na vila e destes, vinte e uma pessoas votaram na eleição para presidente. Compunham o colégio eleitoral: Antônio José Machado, Domingos José da Silva, Américo Antônio da Costa, Luciano José da Silva, Bartholomeu Antônio do Canto, José Pacheco dos Reis, Francisco Gonçalves Barreiros, entre outros.[84] Podemos notar aqui os nomes de alguns daqueles apontados anteriormente como negociantes e assíduos ocupantes de cargos públicos e continuaram atuando politicamente também durante a República Juliana.

Foram eleitos para presidente o Tenente-Coronel Joaquim Xavier Neves e para vice o padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro.[85] Em virtude de Xavier Neves encontrar-se em São José e impossibilitado de comparecer a Laguna pelas forças imperiais que bloqueavam as estradas, o padre Vicente Cordeiro assumiu a presidência. Podemos nos perguntar por quais razões Xavier Neves foi eleito presidente uma vez que não se encontrava em Laguna e não havia participado do processo de proclamação da república. Boiteux aponta Neves como um homem de grande prestígio na região sul e na serra e detentor de idéias liberais.[86] O prestígio do Coronel e sua influência sobre setores da tropa poderiam auxiliar os farroupilhas, inclusive, no intento de tomar Desterro. Talvez por esses motivos ele foi escolhido para presidir a República Juliana, porém como vimos não pode assumir. Em 31 de agosto o Presidente da Província de Santa Catarina informava ao Ministro da Guerra o seguinte:

---

[83] APESC. Ofícios da Câmara Municipal para o Presidente da Província. Vol. 1840 – p. 288. Ofício de 21 de janeiro de 1840.
[84] BOITEUX, Henrique. Op. cit. p. 157.
[85] Idem. p. 75.
[86] BOITEUX, Henrique. Op. cit. p. 133.

> Está instalada a República Lagunense, e foi nomeado Presidente dela o Tenente Coronel das Guardas Nacionais Joaquim Xavier Neves, que está em S. José comandando o seu Batalhão. Eu não tenho até agora motivos seguros para desconfiar deste Oficial, e tenciono dar-lhe o Comando dos Batalhões da Terra Firme como chefe de Legião, porque me parece ativo e decisivo quando manda.[87]

Mesmo afirmando que não tinha motivos para desconfiar de Xavier Neves e com intenções de lhe nomear para um alto cargo, o Presidente o chamou ao Palácio do Governo e o informou que seria responsabilizado por qualquer tentativa de sublevação que ocorresse em São José. Isso certamente também influiu para que Neves não fosse até Laguna assumir a presidência da República Juliana.[88]

Com a eleição do governo para a República Juliana, foi montada uma estrutura para organizar e dirigir os assuntos de interesse do novo estado. Foram nomeados ministros para atuarem nas diversas áreas.[89] A administração geral da República Catarinense ficou a cargo de seu Secretário de Estado, o italiano Luís Rosseti. A República Juliana enfrentou uma série de dificuldades em seus quatro meses de existência. Foram enfrentados problemas econômicos e políticos, além dos militares. Em uma correspondência enviada por Rosseti ao Ministro da República Rio-Grandense, Domingos José de Almeida, pode-se perceber uma certa desorganização no gabinete do governo, talvez causado pelos alaridos da guerra, ou pela ameaça de que a capital da república fosse retomada pelos legalistas. A falta de pessoal e de recursos implicaram em grandes dificuldades para Rosseti que descreve assim sua situação em 14 de setembro de 1839:

> A falta de uma tipografia aqui me causa um transtorno que não posso lhe explicar. Não sei a quem recorrer para [ilegível] das diferentes repartições e eu não tenho

---

[87] APESC. Registro do Presidente da Província para Ministério da Guerra. Vol. 1839/1841 – p. 04-05v. Ofício de 31 de agosto de 1839.

[88] É interessante notar que ao contrário do que ocorreu em Pernambuco, onde a mudança dos partidos acarretava a derrubada dos políticos da antiga situação, em Santa Catarina os partidos em disputa buscavam o apoio das mesmas pessoas, que dispunham de algum destaque no poder regional.

[89] **Conselho Administrativo**: José Pacheco dos Reis, Antonio Claudino de Souza Medeiros, Capitão João Antonio de Oliveira Tavarez, Tenente Vicente Francisco de Oliveira, Antonio José Machado e padre João Jacintho de S. Joaquim. **Ministro e Secretário d' Estado dos Negócios da Fazenda, Interior e Justiça**: João Antonio de Oliveira Tavarez. **Ministro e Secretário d' Estado dos Negócios da Guerra, Marinha e Exterior**: Antonio Claudino de Souza Medeiros. **Ministro Plenipotenciário e Enviado Extraordinário do Governo Catarinense**: José Prudêncio dos Reis.

> tempo de rever o que mando copiar. E tão demais que os meus borrões são quase ininteligíveis a mim mesmo.[90]

Podemos notar nesse trecho que havia muito trabalho e pouco tempo e pessoal disponível, e possivelmente as pessoas que trabalhavam não estavam devidamente qualificadas, pois mesmo sem termos o conteúdo completo da frase, a expressão "não tenho a quem recorrer" deixa claro que não havia funcionários suficientes, ou os que cercavam Rosseti não estavam apropriadamente preparados para exercerem suas funções.

O governo da nova república já iniciou suas atividades em dificuldades financeiras. Apesar de toda mercadoria apreendida no porto resultante da tomada de Laguna pelas forças farroupilhas e de todo o dinheiro abandonado na vila[91] durante a fuga das tropas e do aparelho de governo imperial, uma das primeiras medidas tomadas pelo Secretário de Estado foi solicitar ao governo da República Rio-Grandense um empréstimo:

> me proponho de recorrer a um empréstimo seu desde já convencido que não alcançaremos nada ou bem pouco. Neste receio pretendo prevenir-me.
> Parece-me que o Governo Riograndense [sic] poderá emprestar [...] ao governo da República Catarinense irmão a quantia suponhamos de Cem contos de reis em cédulas de papel moeda que esta se obriga a restituir-lhe no espaço de três anos mas em três pagamentos iguais em fim de cada ano com o prêmio de dez por cento [...][92]

Podemos notar o grau de preocupação expresso na correspondência de Rosseti. Essa é uma das primeiras correspondências enviadas, de Laguna, por Rosseti ao seu correspondente no Rio Grande do Sul, Domingos José de Almeida. A necessidade de dinheiro, e em uma quantia tão elevada como essa revela que o governo da República Juliana atravessava um período de certa dificuldade. A expressão de Rosseti de "neste receio pretendo prevenir-me" mostra o medo de um possível fracasso do novo governo e os esforços empreendidos pelo italiano para evitar que isso ocorresse. Porém, a dificuldade da situação é bem compreendida por Rosseti, pois ele escreve que

---

[90] Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul - AHRS. Coleção Alfredo Varela. CV - 8041. Carta de 14 de setembro de 1839.
[91] Segundo Rosseti o papel moeda do Império e cobre carimbado encontravam-se em abundância em Laguna.
[92] Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul - AHRS. Coleção Alfredo Varela. CV - 8041. Carta de 14 de setembro de 1839.

sem o auxílio da República Rio-Grandense concedendo o empréstimo, "não alcançaremos nada ou bem pouco."[93]

Além de todos esses problemas enfrentados pela República Juliana, um outro causava maiores transtornos para a economia local. A marinha imperial promoveu um bloqueio ao porto de Laguna, estrangulando o comércio e a comunicação da vila com o exterior. Assim requisitava o Presidente da Província ao Ministro da Marinha em agosto de 1839, logo após a tomada da vila pelos farroupilhas.

> Não me sendo possível pela pouca demora que aqui tem a Escuna de Guerra 1º de Abril que conduz este, fazer a V. Ex.ª um relatório minucioso do estado dessa Província depois da tomada da Laguna pelos Rebeldes do Rio Grande do Sul, o que contudo fiz ao Ex.mo Ministro da Guerra; cumpre-me porém rogar a V. Ex.ª com toda a eficácia haja de mandar bloquear fortemente o porto da dita Vila, pois me consta que os rebeldes ali armam embarcações destinadas ao Corço que muito danosas serão à causa da Legalidade não só nesta Província como em todo o Império[94]

A situação em Laguna poucos meses depois da proclamação da República Juliana começava a se tornar muito difícil para catarinenses e rio-grandenses. Além de todos esses problemas que eram enfrentados na capital republicana, o governo da regência, tomou várias medidas para retomar o controle da situação. Uma das primeiras foi a nomeação de um novo presidente para a província para ocupar o lugar de João Carlos Pardal. O escolhido foi o General Francisco José de Souza Soares d' Andrea. Essa escolha foi calculada pelo governo do Ri o de Janeiro. O General Soares d' Andrea ficou conhecido no Brasil por ter sido o responsável pelo sufocamento de uma outra importante rebelião provincial que gerava muita preocupação à Regência, a Cabanagem. Além do cerco implementado ao porto de Laguna, iniciou-se uma reorganização e reforço das tropas imperiais destinadas a desferir uma grande ofensiva contra as posições farroupilhas.

O cerco estava se fechando e o tempo ia se esgotando para os republicanos. Em carta datada de 5 de novembro, Canabarro pede reforços urgentes para mobilizar a defesa da Cidade Juliana.

---

[93] Idem.

[94] APESC. Registro do Presidente da Província para Ministério da Marinha. Vol. 1837-1839 – 190v/191. Ofício de 7 de agosto de 1839.

> Em conseqüência de ordens que recebi do Ex.^{mo} Snr. General em Chefe Antônio Neto: ordeno a V. S., para logo que este receber marchar com o batalhão de seu comando com a brevidade que lhe for possível, até este ponto. Oficio nesta data ao Capitão Thimoteo da Silva Bueno, que se acha em Torres para marchar com o seu esquadrão junto ao batalhão. Espero que V. S. com toda energia faça quanto estiver ao seu alcance para que não hajam tropeços em sua marcha. Deus Guarde a V. S. – Cidade Juliana da Laguna, 5 de novembro de 1839. Davi Canabarro.[95]

Podemos notar nas palavras de Canabarro a gravidade da situação. A correspondência é de poucos dias antes do ataque imperial. Certamente Canabarro já estava ciente da movimentação e preparativos do exército e marinha imperial para hostilizar as forças farroupilhas. As tropas avançadas republicanas já sofriam ataques e recuavam em direção à Laguna. Canabarro pede reforços a dois oficiais farroupilhas. Infelizmente a transcrição da carta feita por Caggiani em seu livro não nos permite identificar o destinatário, porém sabemos que além desta correspondência, outro ofício foi encaminhado no mesmo dia ao Capitão Thimoteo da Silva Bueno também solicitando o envio de tropas para a defesa de Laguna. Quando pede para o destinatário da correspondência "marchar com o batalhão de seu comando com a brevidade que lhe for possível" e roga que "não hajam tropeços em sua marcha", Canabarro explicita a urgência da necessidade d e reforços, pois se estes sofressem algum atraso, certamente a defesa da Cidade Juliana estaria comprometida.

Realmente o pedido de reforços realizado por Canabarro era justificável. Para a ofensiva contra Laguna, o exército imperial dispunha de mais de dois mil soldados e a marinha contava com 13 embarcações e trinta e três canhões de grosso calibre, enquanto os farrapos contavam com menos de mil homens e treze canhões de pequeno calibre.[96]

A ofensiva legalista culminou em 15 de novembro com um grande ataque contra as linhas farroupilhas. Depois de uma grande batalha por mar e por terra, as forças revolucionárias em número menor não resistiram à investida imperial e terminaram por abandonar a vila de Laguna. Alguns retornaram diretamente ao Rio Grande do Sul, outros como Garibaldi fugiram na direção de

---

[95] CAGGIANI, Ivo. Op. cit. p. 80.
[96] Idem. p. 82.

Lages. Com o ataque imperial, a derrota e conseqüente retirada das forças farroupilhas chegava ao fim período de existência da República Juliana.

Após o revés em Laguna, ainda ocorreu um combate entre forças imperiais e farroupilhas, estas comandadas por Joaquim Teixeira Nunes no local que ficou conhecido como *Capão da Mortandade* próximo a Curitibanos no início de 1840. Segundo Licurgo Costa,

> Teixeira Nunes teve ciência, nos primeiros dias de janeiro, de que havia movimentação de forças inimigas nas proximidades de Curitibanos, onde deveria fazer junção a coluna do Coronel Antônio Mello e Albuquerque, procedente de Cruz Alta, com forças que viriam do Norte. Eram tropas que se movimentavam a escassos oitenta quilômetros de Lages e que consumada a junção poderiam oferecer grave perigo à Vila.[97]

As forças farroupilhas foram derrotadas nesse combate, recuando para Lages e permanecendo na região por mais algum tempo até se retirarem definitivamente para o Rio Grande do Sul.[98] Podemos supor, no entanto, que no caso de uma vitória farroupilha no *Capão da Mortandade*, os mesmos possivelmente continuariam avançando até alcançar a província de São Paulo. Propomos essa suposição, pois as razões para a expedição até Laguna eram muito mais políticas do que econômicas. O porto de Laguna poderia ser importante para escoar parte da produção de Lages e, possivelmente, da região norte rio-grandense, porém não resolveria sozinho o problema da falta de acesso ao oceano enfrentado pelos rebeldes farroupilhas. Um dos objetivos dos farroupilhas em Santa Catarina era de avançar rumo norte o máximo possível. A república foi proclamada em Laguna, porém esta foi declarada como capital provisória da República Catarinense[99], deixando-nos antever que uma vez tomada Desterro, a sede administrativa da república para lá se transferiria. Com essa reflexão em mente, entendemos o avanço de forças farroupilhas até a planície do Massiambú, distante pouco mais de 30 quilômetros de Desterro e a tentativa de avanço pelo planalto.

---

[97] COSTA, Licurgo. **O continente das lagens**: sua história e influência no sertão da terra firme. Florianópolis: FCC, 1982. Vol. 1. p. 270.

[98] Os farroupilhas perderam controle sobre a vila de Lages praticamente ao mesmo tempo que foram derrotados em Laguna, no entanto, conseguiram retomar Lages ainda em dezembro de 1839. Permaneceram nesta vila até abril de 1840 quando foram definitivamente expulsos do planalto catarinense. Idem. p. 266-272.

[99] O Povo. n. 107. p. 3. Caçapava, 5 de outubro de 1839.

O presidente Soares d'Andrea também temia esta investida das forças farroupilhas e das conseqüências que a mesma poderia acarretar. Segundo ele

> Se os Rebeldes conseguiram efetivamente voltar a posição do Morro dos Cavalos, e que o Tenente Coronel Fernandes se veja forçado a retirar-se, então deve V. Ex.ª contar com todas as desgraças inevitáveis a Tropas bisonhas carregadas por um Inimigo ativo e que tem quatro anos de guerra, e pode supor sem grande erro, quando receber este ofício que eu estou reduzido a disputar unicamente a posse desta Ilha, e que os Rebeldes vão livremente propagando as suas doutrinas e devastando até ao Rio de S. Francisco pelo menos. Este negócio é mais sério do que parece a primeira vista. O Inimigo está senhor de toda a parte da Província para o Sul do Morro dos Cavalos, e ainda nenhum dos seus moradores se passou a nós, ou nos deu o mais pequeno aviso sobre a força, ou posições do Inimigo. Quase todos olham para esta catástrofe com indiferença, e preferem antes unir-se aos Rebeldes para lhes darem proteção, do que unir-se ao Governo que em quatro anos de luta ainda não atinou em dar providências eficazes, e os tem deixado em abandono.[100]

Pelo que podemos perceber a ameaça sobre a província de Santa Catarina era grande. Segundo o presidente se os farroupilhas conseguissem vencer as forças imperiais destacadas no Morro dos Cavalos, ele se veria reduzido à defesa da Ilha de Santa Catarina e o caminho dos rebeldes estaria livre pelo menos até São Francisco, no norte da província. Soares d'Andrea destaca outra informação importante, sobre o abandono do governo em relação à população o que pode ter contribuído para a receptividade desta para com os rebeldes. Trataremos mais detidamente desses assuntos posteriormente. Esse trecho nos dá idéia do perigo que corria não só a província de Santa Catarina, mas também o Império Brasileiro. Avançando até o norte de Santa Catarina, os farroupilhas chegariam na província de São Paulo, o que certamente causaria muitos transtornos para o governo do Rio de Janeiro.[101]

Ilmar Rohloff de Mattos vai mais longe nessa idéia de avanço e analisando os movimentos liberais de 1842 afirma que:

---

[100] APESC. Registro do Presidente da Província para Ministério da Guerra. Vol. 1839/1841 – p.08v-10. Ofício de 5 de setembro de 1839.

[101] Lembramos que nesse momento a Província do Paraná ainda não existia e sendo que Santa Catarina fazia divisa ao norte com a província paulista.

> foram tramados na Corte pelos componentes do Clube dos Patriarcas Invisíveis, os quais embora tivessem a pretensão de unir as forças liberais de três províncias, além de alguns setores da província fluminense, acabaram por optar pela deflagração do movimento na província de São Paulo, por sua proximidade com o Rio Grande do Sul, havia muito conflagrado pelos *farrapos*. Conta-se também que além dos liberais gaúchos não poderem vir em ajuda dos paulistas, aqueles da Comarca de Curitiba se retraíram, seduzidos pela promessa de desligamento de São Paulo, efetivamente cumprida alguns anos depois com a criação da Comarca de Curitiba.[102]

É possível que estes planos já estivessem em curso desde 1839. Não podemos esquecer que nesse ano o liberal Diogo Antônio Feijó já se encontrava em São Paulo, afastado da política da Corte e, que foi considerado como um dos principais responsáveis pela revolta liberal ocorrida em São Paulo em 1842, o que reforça a idéia de que o avanço dos farroupilhas em Santa Catarina por razões políticas além das econômicas.

Boiteux, por exemplo, reforça a idéia do avanço em função do porto, porém sem considerar a questão política estratégica, ele afirma que os rio-grandenses iriam buscar em Santa Catarina um porto de mar para desafogo. Nossa posição não exclui o propósito econômico da incursão farroupilha em Santa Catarina, porém é preciso considerar o avanço estratégico também no plano político que como vimos acarretaria grandes preocupações ao governo central.

Além dessas considerações iniciais, para melhor entendermos a proclamação da República Juliana em Laguna, se faz necessário um retorno a 1836 para que sejam analisados outros aspectos importantes, que vão proporcionar um quadro mais amplo para o entendimento da República Juliana e, é isso que vamos explorar nos próximos capítulos.

---

[102] MATTOS, Ilmar Rohloff de. Op. cit. p. 98. [Itálicos como no original].

Capítulo 2

Emigrados

Devido aos combates entre forças imperiais e farroupilhas no Rio Grande do Sul, ocorreu um deslocamento populacional da província rio-grandense para a de Santa Catarina nos anos iniciais da Guerra dos Farrapos. Nosso objetivo nesse capítulo é analisar essa emigração, a influência que os refugiados exerceram sobre a população catarinense e o contrabando de pólvora e armamento que desenvolve nesse período partindo, muitas vezes, de Laguna, para os rebeldes no Rio Grande. O propósito é perceber como essas questões vão influir na invasão posterior dos farroupilhas em Santa Catarina, no ano de 1839, que vai culminar com a proclamação da República Juliana em Laguna.

A partir de 1836 já é possível perceber a presença de emigrados rio-grandenses em território catarinense, principalmente em Lages, no planalto e, Laguna, no sul da província. Em 1836 um aviso foi publicado pelo Juiz de Paz de Laguna, Francisco da Silva França, aos emigrados do Rio Grande do Sul, no qual se lia,

> faço saber a todos os domiciliários da Província de São Pedro do Sul, hora foragidos neste Distrito por motivos políticos desgraçadamente aparecidos naquela Província que em conseqüência de Ordens oficialmente recebidas pela legítima Autoridade da legalidade que achando-se a capital da cidade de Porto Alegre ocupada pelo Governo Legítimo de S. M. o I. que os mesmos foragidos se recolham ao centro de suas famílias no prazo de 15 dias contados da publicação deste, e findo o qual prazo serão considerados ali como cúmplices na rebelião aparecida na Província, e para que chegue a notícia até todos mandei lavrar o presente que depois de publicado será afohado [sic] nos lugares Públicos, remetendo-se cópia com fé da publicação a Autoridade requisitante, dado e passado nesta Vila da Laguna aos 8 de julho de 1836[103]

Pelo que podemos entender do aviso, muitas pessoas haviam deixado a cidade de Porto Alegre, e possivelmente outros pontos da província do Rio Grande, em direção da vila de Laguna,

---

[103] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para o Presidente da Província. Vol. 2 1836 – p. 73. Ofício de 8 de julho de 1836.

provavelmente para escapar dos combates que se davam naquele momento em torno do controle da capital rio-grandense.[104] A determinação era clara, todos os foragidos deveriam retornar às suas casas, no Rio Grande do Sul, no prazo de 15 dias a partir da publicação do aviso, do contrário seriam considerados cúmplices dos rebeldes. O prazo estabelecido para retorno era muito curto e sugere desconfiança e receio em relação aos emigrados. As ordens seriam afixadas em locais públicos na vila, onde poderiam ser lidas por alguns e ouvidas por outros que não soubessem ler e escrever, proporcionando assim, uma difusão rápida e mais ampla possível de seu conteúdo. Não temos como precisar se a ordem foi plenamente atendida, talvez alguns tenham retornado ao Rio Grande, outros podem ter permanecido em Laguna e outros ainda, podem ter se deslocado para outros pontos de Santa Catarina.

O que sabemos com certeza é que a circulação de emigrados rio-grandenses em Santa Catarina e, em Laguna, continuou nos anos seguintes. É o que podemos perceber em um ofício de Antônio José Machado, Juiz de Paz de Laguna em 1837. Ele afirma em correspondência ao Presidente da Província que,

> da Província do Rio grande, tem emigrado para esta muitas pessoas, as quais tem chegado ao distrito desta Vila, e se me tem apresentado, alguns com suas famílias; entre estes uns tem me apresentado portarias de diferentes Juízes de Paz, e outras sem elas exigindo eu deles as competentes portarias respondem-me que o estado revoltoso daquela Província tem dado lugar a que eles se retirem sem elas. Em emigrados uns param além da Barra, e outros existem nessa Vila, e todos me tem assegurado que só desejam abrigarem-se neste Distrito, até que os negócios políticos daquela Província permitam que eles possam regressar às suas casas, e viverem em pacífica tranqüilidade. Eu tenho consentido nisso pelo dever que segundo me parece tenho de franquear-lhe a hospitalidade, que em semelhantes casos é lícita.[105]

Como podemos ver, diversas pessoas, segundo Antônio José Machado, estavam chegando em Laguna, provenientes da província do Rio Grande do Sul, alguns apresentando a devida documentação, outros não. A alegação para a falta das "portarias" era o estado de revolta em que se

[104] Porto Alegre permaneceu sob domínio farroupilha desde o início da revolta em setembro de 1835 até junho de 1836 quando foi retomada pelas forças imperiais.
[105] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para o Presidente da Província. Vol. 2 1837 – p. 05/05v. Ofício de 7 de fevereiro de 1837.

encontrava a província, impossibilitando a obtenção dos documentos. É interessante observar que passados alguns meses do ofício anterior, a movimentação de pessoas vindas do Rio Grande do Sul ainda continua em Laguna, uma vez que o Juiz de Paz afirma que "tem chegado muitas pessoas", o que nos possibilita supor um movimento contínuo de emigrados, ou pelo menos, com certa freqüência.

Na continuação do ofício Antônio Machado cita outros fatos referentes aos emigrados rio-grandenses. Segundo ele,

> entes mal intencionados e inimigos do sossego público espalharam no dia 4 do corrente um boato de que [ilegível] refugiados tentavam nesta vila um assalto, ou rusga, cuja notícia tendo chegado ao meu conhecimento tratei de indagar a origem, porém não havendo quem me certificasse de sua veracidade, contudo tomei providência, requisitei ao Comandante dos Guardas Nacionais uma força para rondarem esta Vila, e eu com eles e os Inspetores de quarteirões fiz rondar o Distrito desta mesma Vila, na noite do dia mencionado não observei vestígio algum de que tentassem contra o sossego desta vila, que por hora se conserva inalterável e só espíritos intrigantes torno a repetir e viciados podiam espalhar tais boatos.[106]

Corria, então, um boato de que os emigrados poderiam realizar algum tipo de perturbação da ordem na vila, o que exigiu algumas medidas tomadas pelo Juiz de Paz, convocando os Guardas Nacionais e Inspetores de Quarteirão para fazerem rondas a fim de evitar qualquer agitação, a qual não se confirmou. Pode ser que os boatos tenham sido espalhados por habitantes de Laguna descontentes com a presença dos emigrados na vila, ou então, o boato poderia ser verdadeiro e os fatos não se consumaram devido às precauções tomadas pelo Juiz de Paz. Podemos apenas supor, no entanto essa informação nos leva a algumas reflexões importantes. Juntamente com aqueles emigrados alheios à rebelião que, simplesmente, tentavam escapar das lutas no Rio Grande do Sul, poderia haver em Laguna, farroupilhas fugindo de perseguição política ou então, pessoas ligadas aos legalistas que moravam em locais dominados pelos rebeldes, ambos buscando refúgio em Santa Catarina e a suposta agitação poderia ser fruto da ação dessas pessoas.

---

[106] Idem.

Isso pode ser demonstrado em uma carta de agosto de 1837 do Tenente do Estado-maior do Exército Francisco de Paula Nogueira de Melo e Gama ao Comandante de Armas do Rio Grande do Sul Francisco Xavier da Cunha. Relatando sobre operações realizadas devido aos ataques efetuados pelos rebeldes às vilas de Rio Grande e São José do Norte, ele escreve o seguinte:

> os mesmos que serviam na polícia do meu comando que até ali pude ir contendo, e com os quais necessariamente contava mal souberam [...] que se aproximavam as forças dos revoltosos [...] se revoltaram logo contra mim, chegando a prenderem-me no meu quartel [...] dois dias se passaram neste estado quando às duas horas da noite de 17 de maio do corrente ano foi o meu quartel reforçado por uma porção dos revoltosos (emigrados até então na província de Santa Catarina, mas que, inteirados dos progressos dos seus cúmplices, voltaram) e que juntamente com os meus gritavam-me que entregasse quanto antes a chave do depósito do armamento e munições [...][107]

As suspeitas de muitos emigrados farroupilhas estarem fugindo e procurando abrigo, por vezes temporário, na província de Santa Catarina são confirmadas pela carta de Francisco de Paula Nogueira. Ele afirma que alguns rebeldes, sabendo das vitórias de seus companheiros, voltaram de Santa Catarina, onde estavam emigrados, para reforçar o destacamento. Isso demonstra também que as notícias circulavam livre e rapidamente pela região. Além disso, podemos entender que a alegação de alguns emigrados, sobre as dificuldades em se obter a documentação necessária, poderia ser um artifício utilizado por farroupilhas emigrados para não despertar a atenção das autoridades locais. Sem apresentar documentos, poderiam circular sem restrições e manter constante movimentação entre as duas províncias.

A emigração também se dava por pessoas ligadas aos legalistas. Na mesma correspondência, citada acima, o Tenente Francisco de Paula afirma que ele próprio utilizou o recurso da fuga para Santa Catarina para escapar à prisão. De acordo com ele,

> em razão do quanto achava-me gravemente doente, me concederam voltar às Torres (onde se achava a minha família) debaixo de prisão e escoltado por um destacamento deles que para ali se dirigia; no fim porém de 10 dias foi então o destacamento retirado com as quatro peças do ponto, e levaram-me ainda preso, e

[107] RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação e Cultura. Subsecretaria de Cultura. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1985. Vol. 9 – p. 122.

> nessa ocasião foi que aproveitando-me de um falso rebate que tiveram os meus guardas, pude então evadir-me com grandes sacrifícios e despesas para a Província de Santa Catarina, assim como salvar a minha família. [...][108]

Nogueira não permaneceu em Santa Catarina, segundo ele, devido à impossibilidade de retornar à Porto Alegre, decidiu seguir para a corte do Rio de Janeiro e de lá enviou a correspondência, datada de agosto de 1837, onde relata esses ocorridos ao Sr. Francisco Xavier da Cunha, Comandante das Armas da Província do Rio Grande. Podemos notar que a fronteira entre Santa Catarina e o Rio Grande do Sul era uma região aberta, por onde havia uma grande circulação de pessoas, de idéias e informações. Essa situação começou a causar uma certa preocupação nas autoridades imperiais, requerendo uma maior atenção sobre essa movimentação.

O próprio Francisco Nogueira já havia alertado ao Juiz de Paz de Laguna para se intensificar a vigilância sobre a movimentação dos emigrados em Santa Catarina, meses antes dos ocorridos relatados acima. Sendo o Comandante do Forte e Polícia de Torres, local situado na fronteira entre as duas províncias, Nogueira dispunha de uma posição privilegiada para observar e receber notícias acerca da movimentação de emigrados em Santa Catarina. Isso já causava apreensão em fevereiro de 1837, quando ele enviou um ofício a Antônio José Machado no qual afirmava que

> achando-se por essa Província um grande número dos rebeldes Anarquistas aí espalhados principiando logo da Divisa desta Província fazendo de contínuo suas reuniões, e convites, como consta, e com o maior escândalo as Leis, privando por isso o trânsito dos amigos das Leis e da ordem, que de receio deixam de fazer seus negócios para não se encontrarem com esses inimigos de nosso bem estar, esses degenerados Rio Grandenses, além de trazerem a Província ou parte dela em Alarme. Cumpre-me fazer ver a V.ª S.ª, que a bem da causa do Governo Legal, e sossego desta Província, V.ª S.ª haja de empregar seus esforços a fim de fazêlos dispersar, capturando quantos desses rebeldes por aí se acharem acoitados [...][109]

Pelo que podemos perceber na documentação, a presença de emigrados rio-grandenses em Santa Catarina era uma constante nos primeiros anos da Guerra dos Farrapos. Em meio aos emigrados, vinham para Santa Catarina vários farroupilhas, como demonstra a correspondência do

[108] Idem.
[109] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para o Presidente da Província. Vol. 2 1837 – p. 08/08v. Ofício de 21 de fevereiro de 1837.

Comandante de Torres. Um dado interessante que pode ser constatado nessa carta é que além de buscar refúgio, os rebeldes estavam promovendo convites e reuniões, provavelmente para angariar apoio junto aos habitantes de Santa Catarina e conseguir mais força para enfrentar as lutas contra o Império na província do Rio Grande do Sul. Além das reuniões ocorrendo de forma contínua, como afirma Francisco Nogueira, a presença dos farroupilhas em território catarinense estava prejudicando de certo modo o comércio, uma vez que alguns comerciantes estavam deixando de realizar viagens, possivelmente tropeiros, com receio de um possível saque que resultaria de um encontro com os rebeldes. O Comandante pedia ainda, que providências fossem tomadas pelas autoridades catarinenses para a captura dos rebeldes emigrados em Santa Catarina.

Diante dessas denúncias, o Juiz de Paz de Laguna, encaminhou uma cópia da correspondência do Comandante Francisco Nogueira ao Presidente da Província para que ele lhe determinasse qual a melhor maneira para agir naquela situação, após a comunicação de fatos tão importantes vindos da fronteira sul da província. A resposta do Presidente Joaquim José Machado veio no mês seguinte e assim expressava.

> Depreendendo-se do Ofício do Tenente Comandante das Torres datado de 21 de Fevereiro próximo passado, e que em Cópia acompanhou ao seu de 27 do dito, que assustado ele pelo falso e calunioso boato de que os emigrados daquela Província se achavam no território desta fazendo de contínuo reuniões, e convites, e por isso lhe exigia a dispersão deles, capturando a quantos se achassem acoitados por esse território: cumpre que V. M. lhe responda, que nem é ele autoridade competente para fazer semelhantes requisições, e que convinha que estivesse fundado em algum fato, e não por notícias vagas, e falsos boatos, para supor que as Autoridades públicas desta Província se empregavam com menos vigilância, e cuidado na sustentação da ordem, segurança, e sossego da mesma, e não estavam alerta sobre a acumulação nesta Província dos indivíduos dos dois partidos em que se dividiram os Rio-Grandenses, e que só, e unicamente vieram aqui procurar asilo, e segurança.[110]

Vemos então que o Presidente da Província de Santa Catarina desqualifica totalmente as denúncias feitas pelo Tenente Comandante Francisco Nogueira. É natural que o Presidente Machado tentasse diminuir essas denúncias, ainda mais vindas de uma autoridade de fora da

[110] APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes de Paz. Vol. 1835-1838 – p. 108-108v. Ofício de 6 de março de 1837.

província, um Comandante do Rio Grande do Sul. A confirmação destas reuniões e convites feitos aos catarinenses por emigrados farroupilhas poderia significar uma falta de vigilância e um certo descaso por parte das autoridades catarinenses no combate à propagação da Guerra dos Farrapos em Santa Catarina. Nesse sentido podemos entender o tom, um tanto quanto, agressivo em que se refere o Presidente catarinense ao Tenente Comandante de Torres quando afirma que ele não é "autoridade competente" para fazer tais denúncias e requisições. Apesar disso, no restante do ofício, dedica-se a reiterar ordens já expedidas ao Juiz de Paz de Laguna, para que se tomem as devidas precauções contra os emigrados rio-grandenses, sendo uma delas o recolhimento de armamento e munições que se encontrassem com os refugiados, até o momento em que o estado político do Rio Grande do Sul retornasse à normalidade, uma indicação de que nem tudo se passava tão pacificamente como era afirmado.[111]

Apesar das alegações do Presidente da Província de Santa Catarina apontarem para o caráter pacífico dos emigrados rio-grandenses e da absoluta tranqüilidade em que se encontrava a província e das declarações enérgicas da não ocorrência das reuniões, encontramos referências que confirmam as denúncias realizadas pelo Comandante de Torres e rebatidas pelo Presidente Machado. Uma correspondência trocada, em maio de 1838, entre Eusébio de Queiroz e o Ministro da Justiça Bernardo Pereira de Vasconcelos revela a ocorrência de reuniões de farroupilhas em território catarinense. Uma cópia dessa carta foi enviada ao governo da província de Santa Catarina nos Avisos do Ministério da Justiça para o Presidente da Província e, em suas linhas afirma

> que, em Santa Catharina, existe um Joaquim José Coelho, em cuja casa se reúnem Joaquim da Silva Mariante, Boticário, e Anacleto de Medeiros, todos do Rio Grande, e trabalhando nos interesses dos rebeldes; de tal sorte, que esse Coelho tem saído por três vezes até a Serra, a falar com o Onofre, e tem [ilegível] seduzir o contingente de Santa Catarina. Deus Guarde a V. Ex.ª Rio 16 de Maio de 1838 Il.^mo^ Ex.^mo^ Sr. Bernardo Pereira de Vanconcellos. Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça. Euzébio de Queiroz Coutinho Mattozo da Câmara.[112]

---

[111] Idem.
[112] APESC. Avisos do Ministério da Justiça para Presidente da Província. Vol. 1838-1840 – s/p. Ofício de 16 de maio de 1838.

A correspondência data de 1838 e as denúncias do Tenente Comandante de Torres foram feitas no ano de 1837. Apesar da distância temporal, acreditamos que esse aviso do Ministério da Justiça serve como exemplo para mostrar que as denúncias do Comandante Nogueira não eram totalmente infundadas como afirmava o Presidente de Santa Catarina. Possivelmente desde 1837 já ocorria esse tipo de reunião de emigrados farroupilhas, contando provavelmente, com a participação de habitantes de Santa Catarina. Acreditamos que os objetivos eram de angariar apoio para a rebelião e articular algum tipo de suporte para a manutenção da luta contra o Império. O documento é bem claro dá nome de alguns dos envolvidos, como é o caso do boticário Joaquim da Silva Mariante e Anacleto de Medeiros, os quais se reuniam na casa de Joaquim José Coelho. De acordo com o relatado, podemos supor que Coelho residisse em algum ponto do sul catarinense uma vez que havia se deslocado por três vezes até a Serra para falar com Onofre. Como vimos no primeiro capítulo, essas regiões possuíam caminhos de ligação.[113]

Segundo Henrique Boiteux, "os agentes do governo revolucionário sul-riograndense já não guardavam termos às suas ações; nos distritos ao sul da Laguna procediam como se o território já estivesse sob suas ordens, pois encontravam todo apoio na população que os protegia."[114] Com certeza a região sul da província, onde se localizavam alguns distritos de Laguna era a área de atuação dos emigrados. A fronteira aberta e a pouca fiscalização facilitavam sua atuação, que encontrava terreno fértil em parte da população. Porém, devemos ter em mente que nem todos os habitantes do sul catarinense eram favoráveis ou simpáticos aos rebeldes farroupilhas. Concordamos em parte com as afirmações de Boiteux, porém acreditamos que ele exagera um pouco no que se refere ao apoio de toda a população aos emigrados.

Em outras revoltas provinciais também podem ser percebidas a ocorrência de reuniões para organização do movimento. Em seu estudo sobre a Insurreição Praieira, Marcus Carvalho aponta, como abordamos no capítulo anterior, a participação das camadas populares do Recife na revolta.

---

[113] Nesse momento Lages se encontrava sob domínio dos rebeldes farroupilhas. As reuniões podiam ter outros objetivos como organizar meios para avançar forças farroupilhas e dominar outros pontos de Santa Catarina.

[114] BOITEUX, Henrique. **A República Catharinense**: notas para sua história. Rio de Janeiro: Xerox, 1985.

Ele afirma ter encontrado nos autos do processo movido contra os envolvidos na Praieira, indícios de uma certa organização em torno de associações.

> Havia uma associação de *artistas mecânicos* capaz de mobilizar a massa urbana numa manifestação em favor da nacionalização do comércio a retalho [...] ao menos na casa do funileiro Geraldo Amarante dos Santos havia reuniões sediciosas. Pode-se supor que nesses encontros, como era comum na época, devia haver leitura em voz alta de textos panfletários, permitindo a transposição do discurso político-partidário para os presentes, e deles para o resto da população.[115]

Diferente do ocorrido em Pernambuco, não encontramos indicações da organização de catarinenses e rio-grandenses em torno de associações em Laguna, porém, podemos supor que leituras também ocorriam nas reuniões na casa de Joaquim José Coelho, uma vez que essa prática era comum na época, como afirma Carvalho. Dessa maneira, as idéias propagandeadas nas reuniões não ficavam restritas aos presentes, e atingiam um público muito maior em Santa Catarina.

A distribuição de textos panfletários e a tentativa de aliciamento de catarinenses pelos farroupilhas também eram denunciadas pelas autoridades de Santa Catarina. Possivelmente, alguns dos emigrados, partidários dos rebeldes, que chegavam em Laguna, traziam consigo proclamações e panfletos propagandeando a luta dos rebeldes contra o Império, na tentativa de conseguir apoio em meio à população de Santa Catarina. Em 1836, o Juiz de Paz de Laguna denuncia o recebimento de proclamações farroupilhas ao Presidente da Província da seguinte forma, em ofício datado de nove de maio:

> Cumprindo o meu dever, na forma das Ordens de V. Ex.ª, devo participar-lhe pontualmente, o que há passado que vieram a esta vila, os dois emissários da parte de Bento Gonçalves, conforme o meu ofício que dirigi a V. Ex.ª em data de 30 do mês próximo passado: ao chegar deles no ponto das Torres, me envia por dois expressos o Alferes Bernardino dos Santos – digo – Antônio Bernardino dos Santos, o ofício que junto vai por cópia em n.º 1, com as proclamações que nele relata, e das quais remeto também incluso uma delas em n.º, para eu fazer dar publicidade a mesma mas vendo eu, à vista de tal proclamação que era indecoroso a mim, e especialmente ao Governo, dar publicidade a tal proclamação, e ainda mesmo fosse outra qualquer, sem ordem positiva de V. Ex.ª, julguei remetê-la ao "silêncio", e enviar a V. Ex.ª para determinar-me se devo ou não publicá-la, e que

[115] CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. Os nomes da revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849. In: **Revista Brasileira de História**. Vol. 23, n. 45. 2003. p. 231.

> me dê as Instruções precisas para no caso de aparecerem outras, eu saber o que devo praticar.[116]

Pelo que podemos entender do ofício duas pessoas ligadas aos farroupilhas trouxeram para Santa Catarina proclamações destinadas ao Juiz de Paz de Laguna, o senhor João Antônio de Oliveira Tavarez. Já vimos que Tavarez ocupou um cargo importante na República Juliana (capítulo 1, p. 42), porém neste momento não parecia estar disposto a colaborar com os rebeldes farroupilhas e não publicou as proclamações como foi solicitado. Podemos apontar duas possibilidades para sua atitude. É possível que de fato considerasse as proclamações indecorosas ao governo e não apoiasse o movimento que ocorria no Rio Grande do Sul e posteriormente em 1839, aproveitando da ocasião, buscou a situação mais confortável para si, apoiando os farroupilhas, mesmo sem professar os mesmos ideais. Por outro lado, também temos que considerar que a possibilidade de Tavarez já nutrir alguma simpatia para com os farroupilhas, porém, ainda não se sentia seguro para afrontar o governo provincial em 1837, deixando de publicar o conteúdo das proclamações.

Infelizmente, não encontramos na documentação as proclamações referidas, mas certamente as mesmas continham duras críticas ao Governo Imperial e possivelmente se dirigiam à população de Laguna incitando algum tipo de movimento ou apoio à revolta que ocorria no Rio Grande do Sul. O teor desses documentos era provavelmente semelhante ao publicado posteriormente nos artigos da imprensa farrapa, nos jornais *O Povo*, *O Americano* e *Estrela do Sul*.[117]

A solicitação de instruções de João Antônio Tavarez foi atendida e a resposta do Presidente da Província se deu nos seguintes termos:

[116] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para o Presidente da Província. Vol. 2 1836 – p. 62. Ofício de 9 de maio de 1836.

[117] "Julgamos mais conveniente transcrever em nossos números, e levar ao conhecimento de todos os nossos leitores a fiel exposição circunstanciada do julgamento e condenação à morte do Cidadão Republicano Francisco Sabino Alves Rocha Vieira, e mais beneméritos Baianos, por uma associação, ou antes congregação de aceleratos [sic] assassinos, encarregados pelo Governo do Rio de Janeiro, para ali exterminar, ou levar ao cadafalso grande parte de ilustres, sábios e estimáveis Baianos, do que simplesmente fazer a resenha daqueles a quem coube a infausta sorte de não morrerem antes com sua Pátria e Liberdade, do que verem, ouvirem, e sofrerem tantas coisas abomináveis e nefandas. [...] Para que satisfizestes então a sórdida ambição desse Governo déspota? Foi para agora ele vos arrastar ao cadafalso? Sim meus Patrícios, os insultos as infâmias, as imundas masmorras, os ferros e a morte ignominiosa da forca, este foi e será sempre a moeda com que o despotismo paga seus melhores servidores, o exemplo aí o tendes na Bahia"[...] O Povo. N.º 13. p. 01. Piratini, 13 de outubro de 1838.

> Tenho presente o seu Ofício de 9 do corrente, e inteirado do que ele contém, assim como os papéis que ele acompanhou, sou a dizer-lhe que cumpriu V. M.ce o seu dever não dando publicidade às Proclamações que lhe enviaram, porque emanam de Autoridades ou pessoas que não obram em virtude da Ordem do Governo de S. M. o Imperador, e em todo o caso, viessem de quem viessem essas proclamações, seria V. M.ce criminoso se as publicasse, antes de ser autorizado por mim, porque a tanto se não estendem as atribuições de Magistratura que exerce. Como Juiz de Paz, e Policial deve V. M.ce procurar por todos os meios evitar não só provocações individuais de que resultem [rixas] e talvez alguns insultos a esse Distrito, mas também que se espalhem idéias subversivas da Ordem, sendo sua obrigação processar aos que as emitirem ou por qualquer modo as quererem propagar. Muito confio no bom senso dos habitantes desse Distrito; estou persuadido que com eles não será preciso usar de medidas de rigor para os conter no círculo de seus deveres, nem para fazê-los detestar um partido que já tantos males tem causado ao Império na desgraçada Província nossa vizinha; por isso indicando-lhe os meios que a Lei põem a sua disposição para reprimir a desordem [...][118]

Ao ter suas ações confirmadas pelo presidente, podemos supor que o Juiz de Paz João Antônio Tavarez ganhava "pontos" e aprovação do presidente. No caso de Tavarez ser simpático aos farroupilhas, sua atitude poderia ser útil, pois dessa maneira conquistaria uma maior confiança do presidente, agindo "mais livremente" e sem tanta pressão, podendo auxiliar os farrapos e aguardar o momento em que o movimento ganhasse mais força para professar suas idéias em público. O fato é que nesse momento as proclamações subversivas não ganharam as ruas e vielas de Laguna, porém a distribuição de textos panfletários suscitou outros acontecimentos que causaram grande movimentação também em 1836.

Revolta no 2º Corpo de Artilharia

Em março de 1836 ocorreu em Laguna um princípio de sublevação no 2º Corpo de Artilharia de Posição que estava estacionado na vila. Esse destacamento deveria se deslocar para o Rio Grande do Sul, no entanto, alguns soldados e oficiais se recusaram a marchar e iniciaram uma revolta no destacamento. Isto implicou em alguns acontecimentos na vila de Laguna, os quais foram informados ao Presidente da Província pelo Juiz de Paz em ofício da seguinte forma:

---

[118] APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes de Paz. Vol. 1835-1838 – p. 64v/65. Ofício de 14 de maio de 1836.

> Cumpre-me participar a V. Ex.ª que a alguns dias [ilegível] principiarão a aparecer pelos cantos das Ruas desta Vila, alguns papéis incendiários, e seguidamente o boato de que alguns soldados mal intencionados do 2º Corpo de Artilharia de Posição do Comando do Tenente Coronel Henrique Marques Lisboa, de combinação com alguns paisanos da mesma [ilegível], pretendiam fazer uma comoção nessa Vila a título de vários pretextos frívolos, para no meio da desordem e anarquia poderem massacrar, roubar os Cidadãos, e saquearem várias casas que até já assinalaram algumas, e assim insultarem e assaltarem esta Vila, e destinaram o dia 20 do corrente, para porem em prática este nefando plano, quando o povo se reunisse que era provável, para a festividade do Senhor dos Passos, isto é segundo as notícias que corriam, à que eu lhe não dava todo o crédito, porém por cautela deixou-se de fazer aquela festividade, e eu passei a dar algumas providências que julguei precisas a ver se evitava o aparecimento de tais papéis incendiários, mas me não foi possível efetuar; com efeito aparece o dia 20, e com ele um número imenso de pasquins incendiários concitando a Câmara para deporem Autoridades, e aos Povos para a obrigarem a isso, e até indigitando quatro ou cinco Cidadãos desta Vila que deviam ser assassinados; [...] das seis para as sete horas da tarde do dito dia 20, observo os habitantes todos em um total alvoroço, a embarcarem famílias para os sítios, como com efeito se retiraram naquela hora para mais de 30 famílias, outros retirarem-se para as matas, iam canoas para o mar e porem-se de largo para observarem o que se passava em terra; passo a indagar, e sou informado que o motivo era por correr a notícia que estava a romper a rusga; ao mesmo tempo tenho participação do Tenente Coronel Comandante do Corpo, de que tinha aviso de ter dado princípio algum movimento no Corpo de seu comando, e que eu providenciasse o que estivesse de minha parte a bem do sossego público, que ele passava a fazer o mesmo no seu corpo, e o que havia eu fazer neste momento, e em uma tal crise. Lancei mão do único recurso que podia: consegui imediatamente os Guardas Nacionais, e todos os mais Cidadãos que se reunissem para repelirem qualquer insulto que tentassem os desordeiros; com efeito em menos de uma hora (com gosto o digo) vi-me com mais de cem Cidadãos que de bom grado se prestaram ao meu chamado, fiz dividir em Patrulhas reforçadas, e rondar nas vizinhanças do aquartelamento, e a vista desta barreira, e da energia que mostrou o Tenente Coronel Comandante do Corpo, expedindo igualmente Patrulhas, e indo ele mesmo em pessoa rondar, os desordeiros se intimidaram, e nada puseram em prática do que projetavam, com tudo consta-me que no aquartelamento sempre tentaram romper por vezes, mas foram repelidos pelos dignos Oficiais do Corpo, também algumas vezes quiseram sair, e as Patrulhas dos Guardas os fizeram voltar, finalmente tudo se concluiu esta noite sem o menor ultrage, nem violência de parte à parte, recolhendo-se na mesma noite às suas Casas muitas famílias que se tinham retirado, e os mais Cidadãos que se achavam ao largo do mar em observações.[119]

Pedimos desculpas pela extensão da transcrição, mas pela quantidade de informações relevantes, não poderíamos deixar de citar este ofício quase em sua íntegra. Mais uma vez notamos o aparecimento de proclamações, chamados de "pasquins incendiários" pelo Juiz de Paz João Antônio de Oliveira Tavarez. Na verdade, o que ocorreu foi um início de sublevação no 2º Corpo, encabeçado por alguns oficiais e soldados que se recusavam a marchar para o Rio Grande do Sul. O

[119] APESC. Ofício dos Juízes de Paz para o Presidente da Província. Vol. 2 1836 – p. 25/26v. Ofício de 22 de março de 1836.

movimento foi rapidamente controlado pelo Comandante Lisboa e patrulhas foram organizadas pelo Juiz de Paz para evitar que se concretizasse qualquer perturbação da ordem na vila.

Mesmo não tendo de fato ocorrido uma revolta generalizada em Laguna como conclamavam os "pasquins" e a revolta no Corpo de Artilharia ter sido rapidamente controlada, o aparecimento das proclamações e dos boatos de combinação de revolta são importantes para termos uma noção da influência das notícias da Guerra dos Farrapos e da ação dos emigrados em angariar apoio em Laguna e no sul catarinense. Podemos supor já existiam vários habitantes de Laguna simpáticos aos rebeldes farroupilhas, além dos emigrados farroupilhas por hora residentes na vila. Provavelmente os soldados rebelados do 2º Corpo de Artilharia não estavam trabalhando a favor dos farroupilhas ou para a sua causa, simplesmente não queriam marchar sem reforços para onde estariam em risco, ou seja, para o Rio Grande do Sul em guerra. Possivelmente os simpáticos aos farroupilhas, sabendo dessa predisposição dos soldados em se recusarem a marchar se aproveitaram disso para tentar promover um movimento de revolta em Laguna. Novamente nos deparamos com João Antônio Tavarez envolvido com a distribuição de proclamações rebeldes. A partir de sua atuação nesse ocorrido, entendemos que a hipótese de ele ser opositor aos farroupilhas mais plausível neste momento, uma vez que organizou patrulhas e rondas para evitar que a revolta na vila se deflagrasse. Posteriormente ele poderia ter sido cooptado por aqueles que apoiavam os farrapos, ou então, teria ele visualizado algum interesse na revolta, mudando de lado e participando mais ativamente na República Juliana.

A questão da indisposição dos soldados em marchar para o Rio Grande é confirmada pela comunicação que o Presidente José Mariano de Albuquerque Cavalcante faz ao Ministério da Guerra sobre os acontecimentos ocorridos em Laguna em março de 1836.

> Cumprindo um dever que me é por extremo penoso, tenho nesta ocasião de informar a V. Ex.ª que, a bem da manutenção da ordem, fiz recolher para esta Capital o 2º Corpo de Artilharia que eu havia postar na Vila da Laguna, como tenho participado a V. Ex.ª. Passo a relatar a V. Ex.ª os motivos que me forçaram a tomar esta medida. No dia 12 de Março próximo findo, constando naquela Vila, que o Presidente da Província de São Pedro me requisitara a ida do mencionado Corpo para o Rio Grande, por mar, foi avisado o Tenente Coronel de que rumores

> corriam, que o Corpo se recusaria a esta marcha, e então formando-o ele em um arrabalde da Vila lhe dirigiu uma Fala em que lembrando-lhe seus deveres o dispunha para a marcha: neste ato manifestou-se a oposição por parte do Major, e de mais alguns oficiais, e praças de pret., o que o mesmo Comandante prudentemente dissimulou, e fez recolher o Corpo ao Quartel [...][120]

Vemos então que realmente o protesto dos soldados e oficiais envolvidos na sublevação é contra a ordem de marchar para o Rio Grande do Sul. Segundo o Presidente da Província a comoção não foi maior e a revolta foi controlada rapidamente pela ação do Comandante do corpo que agindo rapidamente recolheu o destacamento ao quartel e prendeu os envolvidos na revolta. A resposta do Ministério da Guerra ao ofício da presidência de Santa Catarina se faz de maneira incisiva, determinando

> que não fique impune algum dos cúmplices, que faça responder a Conselho de Guerra os Oficiais, e mesmo aquelas praças de Pret. que mais influentes fossem neste movimento sedicioso: devendo-se conservar presos tais indivíduos sem a menor condescendência com alguns deles para que principiem desde já a sentir o castigo de que se fazem merecedores [...].[121]

Pelo tom utilizado na correspondência a notícia da sublevação no 2º Corpo de Artilharia não foi bem recebida pelo governo regencial. Ocupado com a tarefa de manter a ordem abalada pelas diversas revoltas nas províncias, ter que lidar ainda com rebeliões também nas forças legalistas certamente desagradava o Ministro da Guerra. Daí a requisição de punição exemplar aos envolvidos nessa revolta, até para que servissem de exemplo aos demais praças do Corpo.

De fato, oficiais e praças envolvidos foram submetidos à investigação e processos em Conselho de Guerra. Na correspondência do Conselho Supremo Militar para a presidência da província de Santa Catarina podemos encontrar os nomes dos rebelados submetidos a processo verbal. São eles: o soldado João Pereira dos Santos, o Major Patricio Antonio de Sepulveda Everard, o Segundo Tenente Ajudante Laurentino Eloy de Medeiros, o Segundo Tenente Francisco

---

[120] APESC. Registro do Presidente da Província para Ministério da Guerra. Vol. 1828-1836 – p.257/258. Ofício de 2 de abril de 1836.
[121] APESC. Correspondências do Ministério da Guerra para Presidente da Província. Vol. 1836/1838 – p.1457/1457v. Ofício de 18 de Abril de 1836.

d'Almeida Varella e o Segundo Cadete Primeiro Sargento Luis Marques.[122] Possivelmente havia outros envolvidos, porém só nos foi possível encontrar referências de processo contra os relacionados acima. Os militares implicados permaneceram em Desterro para o prosseguimento das investigações. Infelizmente, na correspondência consultada só permaneceram as referências de envio dos processos, que não constam da documentação.

Apesar do rigor exigido pelo Ministério da Guerra e dos processos conduzidos contra os acusados, as investigações não apontaram nenhum culpado. Essa resolução surpreendeu ao Presidente Cavalcanti que escreveu àquele ministério apresentando a decisão do Conselho de Guerra ao qual foram submetidos os soldados do 2º Corpo de Artilharia.

> Tenho a honra de apresentar a V. Ex.ª para ser remetido à decisão do Conselho Supremo Militar, o Conselho de Guerra a que–responderam o Major, e mais Oficiais e praças do 2º Corpo de Artilharia de Posição de 1ª Linha, pelos atos de insubordinação, de que foram acusados, praticados na Vila da Laguna, onde o Corpo se achava estacionado, e em ação de obrar contra os Inimigos da tranqüilidade do Império.
> Foram os principais fundamentos da acusação ter se na frente do Corpo faltado ao respeito, e desobedecido ao Comandante tê-lo desafiado neste ato um dos Réus ter-se manifestado que havia disposição a não obedecer a uma ordem de marcha quando fosse dada: e ter-se finalmente tramado a deposição do mesmo Comandante, e de um Empregado Público de Fazenda, de que resultou perturbar-se a tranqüilidade no lugar, donde fugiram famílias. Mostra-se do processo com documentos a existência dos fatos ditos de Testemunhas os comprovam, bem como que os Réus intervieram mais ou menos neles, e foram autores ou coniventes. Todavia, e contra toda a expectação, o Conselho de Guerra a ninguém acha culpado, e absolve plenamente todos os acusados, sem que as diferentes classes de vogaes em suas tenções aleguem fatos, ou provas com que destruam, ou ao menos atenuem os fundamentos da acusação.[123]

Segundo o presidente havia provas e testemunhas suficientes para formar culpa nos acusados, provas que não foram refutadas pela defesa dos réus. A decisão de absolver todos os envolvidos surpreende o presidente, pois em estado de guerra, outras demonstrações de insubordinação seriam desencorajadas com a punição dos envolvidos.

---

[122] APESC. Correspondência do Conselho Supremo Militar para Presidente da Província de Santa Catarina. Vol. 1827-1840 – p. 212. Ofício de 15 de dezembro de 1836 - p. 213A. Ofício de 14 de abril de 1836.
[123] APESC. Registro do Presidente da Província para Ministério da Guerra. Vol. 1828-1836 – p. 266/267. Ofício de 2 de maio de 1836.

No entanto, se analisarmos outros aspectos podemos entender a decisão tomada pelo Conselho de Guerra. A utilização de redes de influência e trabalhos de bastidores podem ter sido utilizados como estratégia para amenizar o julgamento dos fatos ocorridos em Laguna em 1836. Pelo menos essa é a opinião de um articulista do jornal o *Bemfasejo*. Segundo informação colhida na Enciclopédia do Almirante Carneiro, o *Bemfasejo* era um jornal oficial, impresso na tipografia do beco do quartel e teve circulação nos anos de 1837 e 1838.[124] Encontramos apenas algumas páginas desse jornal no acervo do Arquivo Nacional, em meio à correspondência do Ministério da Marinha. Em uma dessas há um artigo referindo-se aos acontecimentos da revolta no 2º Corpo de Artilharia. Utilizando-se de uma linguagem irônica o articulista assim expressa sua visão:

> Em princípio de 1836, marchando até a Laguna o Corpo de Artilharia de Santa Catarina que devia estar à disposição do ex-presidente Araújo Ribeiro, que daqui o chamou em socorro da Legalidade, o Major Patrício Antônio de Sepulveda Everard como cabeça da sedição aliciou Oficiais e outras praças; para declararem, que dali não viriam sem grandes forças; e como o Tenente Coronel Comandante Henrique Marques de Oliveira Lisboa se opusesse à esse procedimento, faltaram-lhe esses Oficiais, e um Cadete Sargento completamente ao respeito chegando a ponto de o Major o desafiar na frente do Corpo. O Comandante prendeu os cabeças, e os enviou para a Capital, onde foram julgados em Conselho de Guerra: altos empenhos (fruta que bem produz no Brasil) comiserações da família do Major, chicana de um Tenente Coronel Villas-Boas, tudo se pôs em uso, e em último resultado são soltos e livres de culpa e pena por falta de prova!!! [...] E não está Sr. Redator um belo exemplo para subordinação?[125]

O artigo foi transcrito na edição do *Bemfasejo* de 22 de setembro de 1837 a partir do *Mercantil* do Rio de Janeiro. Segundo o articulista os contatos e as redes de influência dos envolvidos na revolta foram importantes para a absolvição dos oficiais e soldados rebelados. Ironicamente o autor finaliza o artigo indagando não ser este um bom exemplo para a subordinação do exército, sendo que mesmos com provas contra os acusados, estes foram absolvidos, contrariando até a determinação do Ministério da Guerra da utilização deles como exemplo para os

---

[124] CARNEIRO, Carlos da Silveira. **Enciclopédia de Santa Catarina**. Florianópolis, s/d. Vol. 10. s/p. Setor de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina. [Essas informações estão contidas na seção "Esboço histórico-descritivo da imprensa do Estado de Santa Catarina – 1831-1907". Infelizmente o autor não cita suas fontes, não nos sendo possível confirmar totalmente as informações, mesmo assim, assumimos como verídicos os dados apresentados].

[125] Arquivo Nacional (AN). Série Marinha – XM – 134. *O Bemfasejo*. Sexta-feira, 22 de Setembro de 1837. N. 63 p. 3-4. Desterro – Tipografia Provincial.

demais componentes do Corpo. O Major Everard continuou trabalhando em Santa Catarina como Major do Corpo de Engenheiros e foi responsável pela construção de trincheiras e defesas no Morro dos Cavalos e na Ilha de Santa Catarina quando do avanço farroupilha em 1839.[126]

Os fatos de tentativa de revolta e distribuição de textos panfletários demonstram que se tentava em Laguna, por parte de emigrados e de habitantes de Laguna simpáticos aos farroupilhas, aumentar o apoio aos rebeldes em Santa Catarina. Não temos como precisar quantas pessoas eram adeptas aos farrapos em Laguna, mas podemos sentir que essas idéias encontraram terreno fértil em parte da população. Deixemos bem claro que não entendemos a sublevação do 2º Corpo de Artilharia como um indício de apoio aos farroupilhas e sim como uma insubordinação ao governo imperial. Os sinais de apoio para com os rebeldes rio-grandenses provêm do aparecimento dos pasquins e dos boatos de que, se aproveitando do movimento dos praças do 2º Corpo, se tentaria uma revolta em Laguna.

A influência dessas questões em Laguna pode ser percebida em um outro ofício do Juiz de Paz, cargo exercido nesse momento pelo senhor Francisco da Silva França, no qual pedia a permanência da 5ª Companhia de Artilharia na vila de Laguna, em oposição a uma ordem que havia sido expedida para o deslocamento da dita companhia para o Rio Grande do Sul para coadjuvar as forças imperiais em operações contra os farroupilhas. França justifica seu pedido afirmando

> que da conservação dela [a 5ª Cia] depende o sossego e segurança não desta vila, como mesmo da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul, o fogo da Guerra Civil e os partidos aculudados [sic] um contra o outro, pode V. Ex.ca estar certo que bem cedo aparecerão também aqui desordem e sucessos que não só comprometerão a tranqüilidade dos pacíficos cidadãos desta vila, que descansando à sombra da égide da luz e da proteção do Governo Provincial, se julgam acoberto dos insultos de inimigos externos, e internos, como do mesmo modo comprometerão o bem de toda a Província, porque é preciso confessar a V. Ex.a o partido dos Anarquistas do Rio Grande tem nesta vila não só pessoas, que simpatizam completamente com eles como outras, que já possuídas das mesmas idéias subversivas se tem identificados nos mesmos princípios de desprezo as Leis de ruína e de morte, não estão a mira de ocasião oportuna para lançando fora a máscara que se disfarçam, porem em dessa [sic] as desordens que há muito ensaiam, e se a primeira centelha pegar persuada-se V. Ex. ela há de lavrar o incêndio com estampido por mais Pontos, e naqueles onde não chegar, só a

[126] APESC. Correspondências dos Engenheiros para Presidente da Província. Vol. 1830-1859 – p. 106/107. Ofício de 29 de junho de 1839.

> repercussão fará grandes e incalculáveis males. Acredite V. Ex.ª, que se há mais tempo esses espíritos desorganizadores esses seres fascinados pelas doutrinas dos anarquistas do Rio Grande não tem saído a público com suas inovações contentando-se por enquanto de as instruírem nos outros onde se ocultam; duas tem sido as razões que os tem refreado a primeira a esperança de com a demora aumentar o número dos prosélitos; dar tempo amadurecerem as idéias, e ver um melhor resultado na tentativa do Rio Grande, e a segunda, e a mais poderosa o aparecimento e existência nesta da companhia de Artilharia, que foi desacorçoar [sic], e vacilar nos projetos de rompimento aberto, tanto é nisto verdade que eu sei de pessoas fidedignas que eles tentaram aliciar algumas praças da dita companhia, mas encontrando uma Praça fiel ao juramento, que deu subordinada, e amante dos Oficiais, que a comanda esmoreceram no meio da carreira, e ficaram por enquanto esvaecidos as esperanças de propalarem a revolução, que desejavam.[127]

Segundo o Juiz de Paz, é imprescindível a permanência da 5ª Cia de Artilharia em Laguna, não apenas para proteção da vila, mas também das províncias do sul do país. Naquele momento, afirma França, os "conspiradores" contentavam-se em instruírem nos outros onde se ocultam e esperavam aumentar o número de colaboradores, aguardando também, notícias favoráveis vindas do Rio Grande do Sul. Essa afirmação nos leva a crer na existência de reuniões secretas já em 1836 com os objetivos de propagação da revolta em Santa Catarina. O que é reiterado pelo Juiz é que a presença da companhia em Laguna tem refreado as tentativas de rebelião, sendo que os simpáticos aos farroupilhas haviam tentado aliciar alguns soldados do destacamento, intento no qual não obtiveram sucesso, afirmando mais uma vez a importância da 5ª Cia para a manutenção da ordem na vila.

Apesar da gravidade das denúncias, a resposta do Vice-Presidente da Província ao Juiz Francisco da Silva França foi negativa. A ordem para o deslocamento da companhia havia sido dada pelo governo do Rio de Janeiro e o Vice-Presidente Francisco Luiz do Livramento só deixaria de cumpri-la diante de provas irrefutáveis das acusações feitas por Francisco da Silva França. Livramento segue afirmando que a guerra no Rio Grande do Sul já ocorria há quase um ano. Nesse período, nem sempre existiu tropa de linha estacionada em Laguna e mesmo assim, não havia ocorrido nenhuma perturbação da ordem e nem mesmo indícios de que se planejasse algum movimento de insurreição na vila de Laguna, ignorando completamente os ocorridos e

---

[127] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para o Presidente da Província. Vol. 2 1836 – p. 66/67v. Ofício de 28 de junho de 1836.

desdobramentos da revolta do 2º Corpo de Artilharia. O Vice-Presidente finaliza dizendo que poderia haver pessoas simpáticas aos farroupilhas em Laguna, mas que eles representavam uma minoria, que poderia ser controlada e que o papel de manter a ordem interna na vila era desempenhada pela Guarda Nacional e não pela tropa de linha. Por essas razões o pedido para permanência da 5ª Cia de Artilharia em Laguna foi negado pelo governo provincial.[128]

Podemos entender essas denúncias a partir da ação dos emigrados em território catarinense e dos apoiadores que foram conseguindo em meio à população de Santa Catarina. Acreditamos que os ocorridos de março de 1836 e a preocupação do Juiz de Paz ao requisitar a permanência da 5ª Companhia de Artilharia em Laguna se devem a um resultado positivo das reuniões e convites feitos pelos farroupilhas em Laguna. Apesar de o vice-presidente não dar total crédito às denúncias contra a ação dos emigrados e do crescente apoio de habitantes de Santa Catarina para com os farroupilhas, podemos notar uma tendência nesse sentido.

Outra questão que preocupava as autoridades e que é encontrada de forma recorrente na documentação pesquisada, por vezes, envolvendo emigrados, é a questão do contrabando de pólvora e armamento partindo de Santa Catarina para os farroupilhas no Rio Grande do Sul.

Contrabando

Em ofício datado de julho de 1836 o Vice-Presidente Francisco Luiz do Livramento pedia maior cuidado e vigilância ao Juiz de Paz de Laguna para que se evitasse o contrabando de gêneros bélicos para os farroupilhas em guerra no Rio Grande do Sul. Assim versava a comunicação:

> Constando que por essa Vila, e seu Termo tem passado pólvora e armamento para os rebeldes da Província de São Pedro, do que até já foi informado o Governo Imperial, como se me participa pela Secretaria de Estado dos Negócios da Justiça, recomendo muito a Sua Senhoria que empregue todo o seu zelo, e vigilância para evitar que isto se pratique, estendendo as medidas preventivas que a este respeito tomar até a passagem de Araranguá, a cujo Juiz de Paz oficio agora fazendo-lhe a

[128] APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes de Paz. Vol. 1835-1838 – p. 72v-74. Ofício de 4 de julho de 1836.

> mesma recomendação. Deus Guarde a V. M.ce Palácio do Governo em 23 de Julho de 1836.[129]

Denúncias como essa permeiam a documentação referente ao período pesquisado e causavam grandes transtornos e preocupações às autoridades catarinenses. Estava proibida a passagem de pólvora e armamento pela fronteira, com destino aos farroupilhas no Rio Grande do Sul. Como vimos, a presença de emigrados farroupilhas era grande em Laguna e sul catarinense e, os olhares oficiais também se voltaram para eles. Em 1837 o Juiz de Paz de Imaruí comunica à presidência da província que vai reforçar a vigilância sobre os rebeldes farroupilhas em solo catarinense.

> Tenho presente o Ofício de V. Ex.ª datado de 15 de Agosto próximo passado, em que me faz ver, que não sendo para desprezar o anúncio que fez um correspondente do jornal Bemfasejo, publicado em 15 do Corrente, de que para esta Província se tem dirigido indivíduos, que pertencendo ao partido dos rebeldes da de São Pedro, vem na diligência de comprar Pólvora: recomendando-me de novo a observância das ordens que há, proibindo a venda de Armamento, pólvora, e chumbo, a pessoas daquele partido, ou que tenham correspondência com eles e ao mesmo tempo, toda a vigilância sobre tais indivíduos, pesquisa a respeito dos fins a que eles se propõem.[130]

A partir desse ofício podemos entender outros motivos para a emigração de rio-grandenses para Santa Catarina no período da Guerra dos Farrapos. Além de escapar de uma possível perseguição e buscar apoio junto aos catarinenses, os farroupilhas vinham também em busca de pólvora e armamentos para suprir suas reservas durante as lutas contra as forças imperiais. As autoridades catarinenses, de posse dessa informação proibiram toda e qualquer venda de pólvora e armamentos para os emigrados suspeitos de fazerem parte do partido farrapo.

As determinações não se restringiam apenas à Laguna e suas freguesias. Uma circular enviada aos Juízes de Paz de Desterro, São Miguel, São José, Enseada, Vila Nova, Imaruí, Laguna, e Nossa Senhora da Piedade determinava que se "proíba no Distrito de sua jurisdição a venda de pólvora, chumbo e armamento aos emigrados daquela Província [Rio Grande do Sul] que aí estão

---

[129]APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes. Vol. 1835-1839 – p. 42. Ofício de 23 de julho de 1836.
[130] APESC.Ofícios dos Juízes de Paz para o Presidente da Província. Vol. 1 1837 – p. 106. Ofício de 16 de setembro de 1837.

residindo, ou que por aí passem; assim como a qualquer pessoa que para ali se dirija, que tenha relações com os emigrados, ou que suspeite-se que pretenderá negociar com esses gêneros para aquela Província"[131]. Como vemos as suspeitas recaíam sobre os emigrados e também sobre os catarinenses que negociavam com a província do Rio Grande do Sul. A proibição visava cortar aos rebeldes farroupilhas suprimentos necessários para a continuação da revolta no Rio Grande. A determinação era bem clara e deveria ser aplicada com rigor pelas autoridades locais, publicando editais nos locais de grande circulação nas vilas para que todos ficassem cientes das proibições.

Apesar de todas as determinações do Presidente da Província para evitar o contrabando de armamentos e suprimentos para os farroupilhas, podemos perceber na documentação a prática desse negócio durante todo o período anterior à proclamação da República Juliana em Laguna, revelando ousadia dos contrabandistas, muitas vezes aliada a falta de fiscalização das autoridades. Uma outra circular, datada de agosto de 1837, enviada para todas as vilas da província demonstra um pouco isso. Reclama o Presidente José Joaquim Machado de Oliveira que

> os avisos que se me faziam, de que na Vila da Laguna não se havia dado devida e restrita execução a quanto tenho determinado sobre a proibição da venda de pólvora e armamento aos rebeldes da Província de São Pedro e seus aderentes, o que até certo tempo duvidei, porque confiava em que se não daria ao desprezo as minhas ordens, [...] Semelhantes avisos de homens zelosos pelo [ilegível] da Província, e pela sustentação da Ordem Pública, são agora verificados por uma carta do caudilho dos rebeldes, Antonio Neto, que sitia a Cidade de Porto Alegre, e que aparece impressa em várias Folhas da Corte, declarando que, daquela Vila lhe eram remetidas por Macedo, seu enviado, pólvora, e outros gêneros, e que já estava de posse de 25 arrobas, idas na primeira carreta.[132]

De acordo com o Presidente Machado já estavam chegando aos seus ouvidos notícias de que a fiscalização e a observância das suas ordens para coibir a passagem de pólvora e armamentos para o Rio Grande do Sul não estavam sendo executadas a contento. A publicação da carta do General farroupilha Antônio de Souza Neto complicava a situação do Presidente Machado, pois demonstrava ao governo central que este não estava desempenhando suas funções a contento,

[131] APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes de Paz. Vol. 1835-1838 – p.120v-121. Ofício de 3 de junho de 1837.
[132] APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes de Paz. Vol. 1835-1838 – p. 137-137v. Ofício de 25 de agosto de 1837.

deixando que o contrabando de gêneros bélicos em Santa Catarina abastecesse os farrapos em guerra contra o Império. Em seu ofício, o presidente reafirma a proibição desse tipo de comércio com os rebeldes emigrados em Laguna, e com seus aderentes, confirmando a existência de catarinenses apoiadores dos farroupilhas.

A carta a qual se refere o Presidente de Santa Catarina é a seguinte, datada de 15 de junho de 1837 e endereçada à João Antônio da Silveira.

> Em meu último ofício lhe comunicava estar pronto a sair para o campo conforme V. S.ª exigia em seu primeiro, porém podendo dispensar o abandono deste ponto muito nos convém conservá-lo, tanto porque moralizava o inimigo minha retirada como ficamos privados de todos os recursos que em caminho nos viera de Santa Catarina; ontem chegaram da Laguna 25 arrobas de pólvora e muitas outras coisas de primeira necessidade; tanto os habitantes daquela Província como o Presidente dela, o patriota Machadinho nos tem prestado relevantes serviços, e a viagem que para ali fez o Capitão Macedo por mim enviado nos tem produzido os mais felizes resultados, dirigindo-se inúmeros negociantes com Fazendas de todo o gênero para fornecimento do Exército [...][133]

A carta do General Neto confirma não só a chegada de pólvora proveniente de Laguna, bem como de várias outras mercadorias e reafirma a viagem do Capitão Macedo para Laguna e o sucesso dos negócios realizados com comerciantes lagunenses para o abastecimento do exército farroupilha. Neto comenta do grande apoio dado pela população catarinense aos rebeldes e dos relevantes serviços prestados pelo Presidente Machado, chamado de Machadinho na correspondência, aos farrapos. Não dispomos de dados precisos confirmando se realmente o presidente de Santa Catarina era conivente ou não com os rebeldes farroupilhas.[134] Outra possibilidade é que as afirmações do General Neto fossem irônicas e se referiam à falta de fiscalização das autoridades catarinenses na tarefa de coibir o comércio de pólvora e armamento com os farroupilhas, facilitando assim a ação

---

[133] RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação e Cultura. Subsecretaria de Cultura. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1985. Vol. 12 – p. 37.

[134] Uma referência que encontramos nesse sentido foi um trecho de uma das cartas enviadas por Luis Rosseti à Domingos José de Almeida, durante a República Juliana, no qual afirma estar escrevendo à algumas pessoas no Rio de Janeiro, entre elas o ‘Il.mo Cidadão José Joaquim Machado de Oliveira / o Machadinho”. Não temos como saber se Machado era de fato conivente com os farroupilhas ou se apenas estava sendo assediado por estes para tal fim. Tal correspondência não chegou às mãos de Machado pois foi apreendida em Desterro quando a embarcação que a conduzia aportou. Apesar de não podermos afirmar com absoluta certeza, consideramos o envio dessa carta e os esforços do próprio Machado, durante seu governo, em diminuir as denúncias de contrabando e reuniões em território catarinense muito suspeitas e, a possibilidade de conivência plausível. AHRS. Coleção Alfredo Varela. CV. 8043. Carta de 11 de outubro de 1839.

destes em território catarinense, prestando assim, um serviço indireto aos farrapos, porém, no momento podemos apenas supor.

O Presidente Machado não comenta as afirmações de Antônio Neto no ofício transcrito acima, porém ele o faz em uma proclamação em 17 de agosto de 1837.[135] Essa proclamação foi comentada por um escritor do jornal *Mercantil* e reproduzida no *O Bemfasejo*. No artigo, o autor rebate as afirmações de Neto e critica o que, segundo ele, são tentativas de abalar a credibilidade do Presidente Machado de Oliveira, classificando as afirmações de Neto de caluniosas. Segundo o autor

> estas expressões da carta de Antônio Neto, deixam bem antever que o seu fim não é outro, que indispor no conceito da Nação o Sr. Machado de Oliveira, e os habitantes de Santa Catarina, que jamais deram ouvidos às intrigas e calúnias desses miseráveis, que sustentam o plano de republicanisar [sic] a bela Província de São Pedro do Sul, apesar da corajosa resistência que há dois anos tem feito os legalistas. Porque não tem Antônio Neto publicado nos Jornais de Montevidéu, os socorros que desde o começo da rebelião tem recebido do Estado Oriental? Acaso não é de todos sabido que daquele Estado lhe enviam tudo quanto precisam para nos fazerem a guerra, a troco de gados que os farrapos tem roubado das estâncias dos Legalistas? Como é possível crer que Neto recebendo uma tão grande proteção do Presidente Machado, o quisesse comprometer para com o Governo Central?[136]

O artigo se propõe a defender o Presidente da Província de Santa Catarina e declara que os habitantes de Santa Catarina nunca "deram ouvidos" aos farroupilhas. No entanto não é isso o que demonstra a documentação. As denúncias e os constantes pedidos para que se evite com eficácia o contrabando para o Rio Grande do Sul nos permitem conjeturar que o comércio ocorria com certa freqüência pelo sul da província. Uma das medidas tomadas em Laguna para coibir a venda e passagem de armamentos para os farrapos foi o deslocamento de dois destacamentos de Guardas Nacionais, um situado no passo da Carniça e outro no passo da Barra de Laguna, dois pontos de grande circulação. Os destacamentos foram mobilizados "para vigiarem e examinarem todas as cargas que ali chegarem desta Vila, para serem transportadas em carretas que seguirem para a

---

[135] Não foi possível recuperar a referida proclamação.

[136] AN. Série Marinha – XM – 134. *O Bemfasejo*. Sexta-feira, 22 de Setembro de 1837. N. 63 p. 3. Desterro – Tipografia Provincial.

Província do Sul, para por esse meio se evitar a remeça de munições"[137] para os farroupilhas. Ordens do executivo catarinense também determinavam ao Juiz de Paz de Laguna

> revistar a [...] chegada de embarcações que entram neste porto idas daqui [Desterro], e mesmo as que para aí vão de outros portos e se tanto numas como noutras forem encontrados os artigos, cuja venda é proibida aos rebeldes do Sul, e a seus aderentes, devem ser recolhidos em depósito, e só deste saírem por venda que o proprietário faça a pessoa conhecida, que os não faça passar para os rebeldes, e cujo nome devera ficar em registro, assim como o dia da venda, e a quantidade dos Artigos vendidos; e se essa pessoa não for conhecida deverá prestar fiadores que possam garantir o uso que tem ela de fazer dos artigos que comprar.[138]

Vemos então que a fiscalização, pelo menos no papel, estava determinada a não deixar que suprimentos e armamentos passassem para os farroupilhas. Não apenas os carregamentos suspeitos, mas todos aqueles que transportassem pólvora e armamentos deveriam manter esses produtos em um depósito na vila e só poderiam comercializá-los seguindo as determinações acima expostas. Com estas medidas acreditava o Presidente da Província que o contrabando de armas e munição para os farroupilhas seria obstruído em Laguna. Segundo o restante do ofício a punição seria mais incisiva para aqueles que estivessem em viagem para o sul, em direção à província do Rio Grande do Sul, carregando os produtos proibidos.[139]

Além disso, foi requisitada ao Juiz Municipal de Laguna a reunião de moradores e Guardas Nacionais, possivelmente da freguesia de Araranguá, para guarnecerem, juntamente com oficiais, na fronteira sul da província "o Ponto de Mampituba, e suas imediações, a fim de ter em respeito essa Fronteira, e evitar que passem socorros aos rebeldes".[140] Vemos que a preocupação com a passagem dos referidos *socorros* pela vila de Laguna e suas freguesias era grande por parte da

---

[137] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para o Presidente da Província. Vol. 2 1837 – p.27/27v. Ofício de 20 de setembro de 1837.

[138] APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes de Paz. Vol. 1835-1838 – p.145v. Ofício de 28 de setembro de 1837.

[139] Idem.

[140] APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes. Vol. 1835-1839 – p. 65v. Ofício de 23 de outubro de 1837. Os Juízes Municipais eram nomeados pelo Presidente da Província, de três em três anos, a partir de lista tríplice indicada pela Câmara Municipal. Eram escolhidos para a função pessoas formadas em direito ou advogados (rábulas leigos), quando estes não existiam, eram indicadas pessoas consideradas bem instruídas, "com luzes". Cabia ao Juiz Municipal substituir ao Juiz de Direito, dentro do termo municipal, no impedimento deste. Também executava sentenças e mandados despachados pelos tribunais e pelo Juiz de Direito, além de conceder *habeas corpus* e exercer policiamento, dentro da jurisdição municipal. PIERANGELLI, José Henrique. **Processo penal**: evolução histórica e fontes legislativas. Bauru: Ed. Jalovi, 1983. p. 105.

Presidência da Província. Porém essa preocupação não se dava por nada, vimos como a fronteira sul da província catarinense era uma área aberta de livre circulação de pessoas, mercadorias e idéias. Demonstramos como a ação dos emigrados angariava apoio junto à população catarinense e que nesse mérito obtinham algum sucesso, uma vez que o próprio presidente reconhecia existirem habitantes em Laguna e seus distritos "aderentes" aos rebeldes. Por essa perspectiva podemos entender o cuidado e as medidas para coibir o contrabando.

O aumento da fiscalização exigiu uma maior criatividade e engenhosidade dos negociantes que realizavam esse tipo de negócio. É assim que nos deparamos com outros cuidados tomados pelo Juiz de Paz de Tubarão sobre o contrabando em seu distrito. Além de proibir a passagem no seu distrito de *socorros* aos farroupilhas, ele estabeleceu uma "Guarda nos últimos moradores deste Rio [Tubarão] para que não deixem passar as tais munições, pois que não é difícil passarem Barricas de Pólvora inculcando-se por Barril de Águas-ardentes, e chegar em cima no Campo e caminharem para o Distrito da Vacaria lugar onde tem dominado o espírito da rebelião".[141] Com o estabelecimento de registros para fiscalização dos carregamentos, aqueles que se propunham a realizar o contrabando tinham que recorrer a estratégias como a de carregar pólvora em barris de cachaça ou então embalada em sacos, os quais eram carregados nos barris e cobertos com farinha para ludibriar as autoridades.[142]

Uma notícia que causou certa indignação por parte do Presidente João Carlos Pardal foi a de que duas carretas, partindo de Laguna, se dirigiam ao Rio Grande do Sul levando fazendas e por baixo dessas mercadorias, um carregamento de pólvora destinado aos farroupilhas. Dois ofícios foram enviados à Laguna, um destinado ao Juiz Municipal Domingos José da Silva e de Paz Antônio José Machado. Segundos os ofícios, de conteúdo praticamente igual, um grupo de legalistas sabendo da natureza dos carregamentos

[141] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para o Presidente da Província. Vol. 2 1837 – p.62/62v. Ofício de 9 de novembro de 1837.
[142] APESC. Ofícios dos Juízes Municipais para Presidente da Província. Vol. 1844 – s/p. Ofício de 13 de novembro de 1844.

> fora a essa Vila pedir as Autoridades auxílio de homens, e armamentos para as capturar; que sendo-lhe aí negado este auxílio, aquela partida conseguiu todavia apoderar-se das ditas carretas; que apreendendo quatro condutores delas entregando-os aí presos às Autoridades, foram soltos, ou os deixaram escapar; e que quem faz estas remessas para os rebeldes é um Veiga, ora aí residente, não posso ainda acreditar tais notícias, pois seria sobre modo estranho, que nada V. M.ce me participasse sobre ocorrências de tamanha importância.Não devendo com tudo ser a eles indiferente, ordeno a V. M.ce que me informe circunstanciadamente sobre cada um dos pontos que deixo referidos, e principalmente sobre qual foi a Autoridade que soltou os presos condutores das Carretas, ou quem é o culpado de sua fuga, quanto seja este sendo, afim de que eu providencie como for de Lei.[143]

A resposta dos magistrados também veio com o mesmo teor e as mesmas explicações. Segundo o Juiz Municipal, ele desconhecia a existência de pólvora por debaixo das fazendas e só sabia que um tal de Viegas [sic] era o condutor das carretas que conduziam fazendas compradas em Laguna. Após a saída de Viegas [sic] da Barra, correu um boato que um João Francisco e mais alguns legalistas, provenientes do Passo do Mampituba, acompanharam as duas carretas e prenderam seus condutores, levando-os para Torres, regressando posteriormente para o ponto do rio Mampituba. Teria sido de Torres que escaparam os condutores, e que uma partida de rebeldes retornou até onde se encontrava João Francisco, cercaram sua casa e o prenderam juntamente com outros, voltando depois para Torres. De acordo com o juiz, nada ele podia fazer por se tratar de uma localidade fora de sua jurisdição.[144]

A resposta do Juiz de Paz conta a mesma história, no entanto, mais detalhadamente. Segundo ele, chegaram à vila homens armados vindos do Rio Grande do Sul, os quais mandou desarmar e indagar a que vinham. Foi levado à presença do magistrado João Francisco da Silveira o qual informou que seu grupo era legalista, emigrados no Quarteirão do Mampituba e que necessitavam comprar alguns gêneros existentes em Laguna. Disse ainda João Francisco ao Juiz de Paz

> que ali no paço da Barra, existiam duas carretas, prestes a seguirem, e que ele desconfiava levassem pólvora, para os rebeldes, eu fiz lhe ver que elas não seguiriam sem serem revistadas, pelo destacamento que se achava na rigorosa obrigação de impedir o comércio deste gênero, visto as ordens existentes para esse

---

[143] APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes de Paz. Vol. 1835-1838 – p. 149v/150. Ofício de 30 de outubro de 1837.
[144] APESC. Ofícios dos Juízes Municipais para Presidente da Província. Vol. 1837 – s/p. Ofício de 13 de novembro de 1837.

> fim, cujas ordens existiam nos paços de Urussanga, Araranguá, e Mampituba, pediu-me licença para ele também as revistar, franqueei-lhe, e lhe ofereci auxílio, para passar a revista; respondeu-me que lhe não era preciso, por quanto tinha gente sua, e retirou-se, e passados dias soube que o mesmo João Francisco se tinha unido a comitiva das carretas, e com eles seguira, depois disso tive participação do Inspetor de Mampituba que o dito João Francisco tinha prendido os condutores, e levado para as Torres, e voltando outra vez para onde estavam as carretas, e isto já fiz ver a V. Ex.ª no meu oficio de 8 do corrente mês, e agora me consta mais que os ditos condutores se evadiram da Prisão.[145]

Sobre a denúncia contra o tal de Veiga ou Viegas [sic] de ser o condutor das carretas, diz o Juiz de Paz que nada se tem contra este homem que apenas estava na vila para comprar alguns gêneros e depois foi ao "recôncavo a comprar açúcar, o que trouxe e o conduziu em barricas, e isto foi observado por mim".[146] Pelo que notamos das respostas, ambos os juízes tentam justificar os acontecimentos afirmando que estavam cumprindo com suas obrigações e que os fatos apenas chegaram ao conhecimento deles depois de ocorridos ou então fora de sua área de atuação, não podendo tomar maiores medidas sobre eles. As versões apresentadas, apesar de serem muito semelhantes, se contradizem quanto à conduta do Veiga ou Viegas [sic] em Laguna. Segundo o Juiz Municipal ele era realmente o condutor das carretas que contrabandeavam pólvora embaixo das fazendas. Já o Juiz de Paz afirma que as mercadorias compradas pelo citado foram examinadas por ele e que nada de suspeito se apurou.

Mais uma vez, apesar de todas as recomendações e exigências feitas pela presidência da província, o contrabando seguiu ocorrendo. Isso se deve em parte pelas estratégias elaboradas pelos comerciantes e por uma falta de rigor e descuido na aplicação do que era requisitado pelo Presidente da Província na condução da fiscalização das cargas destinadas ao Rio Grande do Sul. É o que podemos atestar na correspondência do Presidente João Carlos Pardal ao Tenente Coronel Villas-Boas, encarregado da defesa da vila de Laguna. Segundo Pardal

> corre por certo que cargueiros com pólvora passam em Campo Bom para o Araranguá, e de lá para cima da Serra, nada tenho podido colher até agora de certo, a tal respeito, porém conhecendo que além da Carniça há uma confluência de Rios,

---

[145] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para o Presidente da Província. Vol. 2 1837 – p. 39/40. Ofício de 10 de novembro de 1837.
[146] Idem.

> por cujo ponto podem passar cargas, o que conheci quando ali fui, aí julgo mui profícua a colocação de uma Canhoneira, dispensando-se distante o Registro da Carniça, ou diminuindo sua força numérica. Do Registro de Campo Bom tenho informações desfavoráveis, por quanto me informam que o Quartel dos Soldados está tão distante do lugar por que transitam os andantes que a toda hora (mormente de noite) passa quem quer sem ser registrados, além de que os soldados vivem dispersos em um Engenho trabalhando em obras, e serviço do mesmo.[147]

Era de conhecimento das autoridades em junho de 1838, data desta correspondência, que a atividade dos contrabandistas seguia ocorrendo nesse período, mesmo com todas as denúncias e medidas tomadas desde 1836. Nessa carta, o Presidente Pardal deixa entrever alguns dos motivos, que aliados com a criatividade dos negociantes, propiciava o fornecimento de armamentos e munições aos rebeldes farroupilhas. Um deles é a geografia, que proporcionava algumas possibilidades diferentes de rotas para o comércio ilegal e dificultava a vigilância. Outro é a precariedade da estrutura de estado que comprometia a fiscalização. Como vimos, foram mobilizados destacamentos e estabelecidos registros nos principais pontos de passagem de cargas nos distritos de Laguna, no entanto, o rigor dos responsáveis pela vigilância não era o esperado. Dessa maneira, facilmente poderiam passar pólvora e armamento pela fronteira sul da província catarinense, ou então, subir a serra e serem vendidas aos farroupilhas, através de Lages, na região de Vacaria. Os responsáveis pela fiscalização desempenhavam cargos públicos não remunerados, dedicando alguns dias por semana, ou mesmo, por mês às atividades exigidas pelos mesmos, cuidando de seus negócios pessoais a maior parte do tempo. Dessa maneira é natural que o rigor aplicado na fiscalização não fosse aquele requisitado pela presidência da província.

As denúncias e pedidos de maior vigilância e rigor na fiscalização são abundantes no período pesquisado, demonstrando que um grande movimento nesse sentido ocorreu durante os anos iniciais da Guerra dos Farrapos. Um exemplo da fabricação de armamentos em Santa Catarina para contrabando vem em uma denúncia contra um serralheiro francês chamado Maillard que trabalhava na freguesia de Vila Nova de Santa Ana. Em ofício reservado enviado ao Juiz de Direito

---

[147] APESC. Registro do Presidente da Província para Militar. Vol. 1834-1838 – p. 192/194. Ofício de 20 de junho de 1838.

da Comarca do Sul[148] Severo Amorim do Valle, o qual também acumulava a função de Chefe de Polícia o Presidente João Carlos Pardal afirmava que

> Muitas pessoas dignas de crédito de vários Distritos do Sul desta Província asseveram que o serralheiro Francês Maillard fabricava e ainda fabrica lanças e outras armas para o uso dos rebeldes da Província de São Pedro, e que desta até se jactara mostrando-as em uma venda em Vila Nova, o que deu lugar a um sumário a que se procedeu naquele Juízo, e em que foi verificada a veracidade dos fatos, como de V. M.ce é sabido. Agora consta-me que este Francês está domiciliado na Fazenda do Capitão Joaquim Jozé da Costa, e que ali continua na fabricação das Armas, para o mesmo fim; sobre o que é mister que V. M.ce como Chefe de Policia proceda as mais exatas e [ilegível] averiguações, e me informe do resultado delas, pois se por ditas averiguações se conhecer que o supradito Francês por suas relações e proceder é conivente com os rebeldes, e os fornece de armamentos, cumprirá que o Governo, faça deportar da Província. Deus Guarde a V. M.ce. Palácio do Governo em 6 de Fevereiro de 1839 = João Carlos Pardal = Sr. Juiz de Direito Chefe de Polícia da Comarca do Sul.[149]

Talvez o francês agisse dessa maneira, pois gozava da proteção do Capitão Joaquim José da Costa, rico proprietário de terras. Este ofício motivou dois outros enviados por Severo Amorim do Valle aos Juízes de Paz da Enseada do Brito e de Vila Nova. Nas comunicações o Chefe de Polícia pede averiguações minuciosas dos juízes na oficina do serralheiro e interrogatórios para descobrir se Maillard era de fato conivente e fabricava armamentos para os rebeldes farroupilhas. Infelizmente não nos foi possível recuperar a resposta do Juiz de Paz da Enseada do Brito. No entanto, a resposta do Juiz de Paz de Vila Nova de Santa Ana vem no dia 23 de fevereiro de 1839 e informa sobre os pedidos de investigação sobre o serralheiro francês Maillard que

> anteriormente morou neste distrito e há meses me consta haver se mudado para o distrito da Enseada do Brito, e não me consta se ter volvido a esta, porém contudo fico a examinar centralmente e pelos lugares mais remotos da minha jurisdição.[150]

---

[148] Em 1832 a província de Santa Catarina foi dividida juridicamente em duas comarcas: a do Norte abrangia as vilas de Lages, São Francisco, Porto Belo e São Miguel, está última como sede. A Comarca do Sul reunia a cidade de Desterro (sede), a vila de Laguna e São José. CABRAL, Oswaldo R. **A organização das justiças na Colônia e no Império e na história da Comarca de Laguna.** Porto Alegre: Santa Teresinha, 1955. p. 99.

[149] APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes. Vol. 1835-1839 – p.113v/114. Ofício de 6 de Fevereiro de 1839.

[150] APESC. Ofícios dos Chefes de Polícia e Juízes de Direito para Presidente da Província. Vol. 1839 – s/p. Ofício de 23 de fevereiro de 1839.

Pelas informações que encontramos nos ofícios, podemos supor que as terras do Capitão Joaquim José da Costa localizavam-se na região da Enseada do Brito. Certamente o Capitão Joaquim nutria sentimentos simpáticos aos farroupilhas, por dar abrigo a um homem acusado de fornecer armamentos para os rebeldes, algo que, como vimos, era proibido e combatido pelo governo provincial catarinense.[151]

Como podemos notar diante da documentação pesquisada o comércio e fornecimento de pólvora, armamentos e diversos tipos de produtos aos rebeldes farroupilhas passando por Santa Catarina ocorria intensamente nos anos iniciais da Guerra dos Farrapos. É também interessante ressaltar que não foram encontradas referências sobre punições mais severas aos suspeitos de conduzirem o comércio ilegal nesse período, apesar dos constantes pedidos da presidência da província de intensificação da fiscalização e castigos aos envolvidos. Podemos atribuir essa relativa impunidade à uma falta de evidências mais concretas que apontassem mais claramente os culpados. Laguna por ser uma vila com uma população relativamente pequena, proporcionava que a maioria dos moradores conhecesse uns aos outros. Conseqüentemente, as autoridades locais conheciam pelo nome boa parte dos habitantes. Podemos supor que era sabido, ou pelo menos se suspeitava, quais eram as pessoas em Laguna que forneciam armamento e pólvora aos farroupilhas, no entanto, por falta de provas mais contundentes, a ação dos responsáveis pela repressão limitava-se a vigiar e denunciar suas suspeitas ao Presidente da Província, como faz inúmeras vezes o Juiz de Paz Francisco da Silva França.

Porém, outro aspecto também merece consideração. A ação dos emigrados em conseguir apoio junto aos catarinenses certamente obteve algum sucesso na medida em que o contrabando se desenrolava nos anos de 1836 a 1839. É possível que a ação dos emigrados e dos contrabandistas tenha sido facilitada pela conivência de algumas autoridades que, simpáticas aos rebeldes farroupilhas, faziam vistas grossas ao que se passava na vila e não desempenhavam a contento, do ponto de vista do governo, suas funções. Alguns dos envolvidos posteriormente na República

[151] De fato o Capitão Joaquim José da Costa era simpático aos farroupilhas ou tinha algum tipo de interesse pessoal no avanço das forças farroupilhas em Santa Catarina pois, após proclamada a República Juliana ele comandou parte das forças farrapas na frente de batalha na planície do Massiambú. BOITEUX, Henrique. Op. cit. p. 171.

Juliana, ocupavam cargos públicos em Laguna no período anterior à invasão farrapa. Um exemplo é o de Bartholomeu Antônio do Canto que foi vereador antes e depois da chegada dos farroupilhas e foi presidente da Câmara Municipal. Outro caso é de Antônio José Machado. Como vimos, Antônio Machado desempenhou a função de Juiz de Paz de Laguna em 1837, porém quando as forças farroupilhas se aproximavam de Laguna em 1839, ele deixou a vila para ir ao encontro dos rebeldes que chegavam,[152] ocupando posteriormente um cargo no Conselho Governativo da República Juliana. A partir dessa informação podemos entender melhor algumas de suas atitudes e respostas desmerecendo as denúncias de contrabando e no caso das duas carretas conduzidas por Veiga, relatado acima, procurando isentar de culpa o mesmo. É muito possível que desde esse período Machado já fosse conivente com os farroupilhas e ocupando um cargo de importância em de Laguna, fizesse "vista grossa" ao que se passava na vila, mesmo sem declarar publicamente suas convicções. Isso poderia ocorrer porque, mesmo sendo o Juiz de Paz subordinado ao Governo Provincial, era um cargo eletivo, e nem sempre era escolhido pela população alguém fiel aos interesses da presidência da província.

Porém, apesar de toda a simpatia, até que ponto esse comércio era feito por estarem os catarinenses imbuídos nos ideais republicanos e buscavam assim auxiliar os rebeldes farroupilhas em sua luta contra o Império? Não estariam, também, essas pessoas interessadas no lucro que esse tipo de negócio poderia proporcionar? O fornecimento de gêneros para o abastecimento de uma guerra pode revelar-se extremamente rentável, uma vez que o consumo aumenta consideravelmente, e as partes envolvidas, não podendo produzir normalmente devido ao transtorno causado pelas lutas, necessitam constantemente de suprimentos vindos de fora da província. Relatando sobre os negócios políticos da província no ano de 1839, o Presidente João Carlos Pardal escreve à Assembléia Provincial sobre a atuação dos emigrados farroupilhas e as medidas para combater o contrabando. Minimizando a influência dos farroupilhas em território catarinense diz ele:

[152] AN. Série Guerra. IG[1] 531. Ofícios do Presidente da Província de Santa Catarina para o Ministério da Guerra. Ofício anexo de 3 de julho de 1839.

> apesar das sugestões dos Emigrados rebeldes da Província do Rio Grande, que há mais de dois anos não cessão [ilegível] esta Província, de vir envenenar com doutrinas destruidoras da ordem, o ânimo pacífico de seus habitantes, a tranqüilidade pública não tem sido alterada a exceção o Município de Lages, aonde por duas diferentes vezes grupos rebeldes tem entrado [...] As diferentes recomendações feitas aos Juízes de Direito, determinantes ordens aos Juízes de Paz, e os Registros novamente estabelecidos nos diferentes pontos que comunicam com a Província rebelada, não só tem minorado este mal, que com o correr dos tempos [ilegível] funestas conseqüências traria a Província rebelada mas ainda em parte impedido os socorros bélicos, por que os rebeldes tanto anhelam [sic], e que o sórdido interesse de lucros extraordinários alimenta.[153]

Este trecho do ofício é particularmente interessante para explicar o clima vivido em Santa Catarina no período anterior à expedição farroupilha que culminaria na proclamação da República Juliana em Laguna e para entendermos um outro aspecto que contribuiu para a continuidade do fornecimento de armamento e munições para os rebeldes em luta no Rio Grande do Sul. Pardal confirma nossas afirmações anteriores de que emigrados farroupilhas atuavam em território catarinense, desde os anos iniciais da Guerra dos Farrapos. É possível avaliar que a ação dos emigrados não tenha sido em vão, como tenta afirmar o Pardal, o exemplo claro é Lages. Certamente as idéias e ação dos emigrados encontraram terreno fértil em parte da população sul catarinense, o que se viu representado na tentativa de revolta em Laguna durante a sublevação do 2º Corpo de Artilharia e nas denúncias e efetiva ação dos contrabandistas de pólvora atuando na província catarinense.

No entanto, não podemos basear a atividade dos contrabandistas apenas na adesão aos ideais republicanos, e nesse sentido o Presidente afirma outra causa do fornecimento de pólvora e armamentos aos rebeldes, os lucros proporcionados por esse comércio. Certamente muitas pessoas viam no comércio de artigos bélicos para o Rio Grande do Sul uma boa fonte de lucros, ao mesmo tempo em que alguns catarinenses influenciados pelas idéias vindas da província vizinha em meio à guerra, realizavam esse arriscado negócio por simpatia aos republicanos, muitas vezes unindo o útil ao agradável, ou seja, simpatia e lucros. Certamente realizavam esse comércio aqueles que possuíam os meios necessários para tal, tais como: carretas, cavalos, etc; e que estavam

[153] APESC. Registro do Presidente da Província para Assembléia Legislativa Provincial. Vol. 1837-1840 – p. 70/71v. Ofício de 1 de março de 1839.

acostumados a negociar, possivelmente já praticando há tempos o comércio entre as duas províncias, estando envolvidos pequenos e grandes negociantes, ou seja, pessoas de posses.

Essas questões foram influindo na população catarinense, enquanto se desenrolavam os combates na província rio-grandense. A partir de 1838/39 os farroupilhas ganham fôlego frente aos imperiais e iniciam incursões mais objetivas em Santa Catarina. Nesse período Lages é tomada e se rebela contra o Império por duas vezes. A ação dos emigrados, as reuniões, convites, a leitura e distribuição de pasquins foram influenciando parte da população de Santa Catarina que passou nutrir sentimentos simpáticos aos rebeldes farroupilhas. Esse apoio consta claramente na documentação e vai certamente influir favoravelmente aos farrapos na invasão farroupilha de 1839. Este tema, entre outros, abordaremos no próximo capítulo.

Capítulo 3

Recrutamento Forçado

Para combater a revolta que ocorria na província vizinha e causava preocupações à Regência, bem como para aumentar o efetivo com fim de combater o contrabando que auxiliava os farroupilhas, o governo provincial de Santa Catarina lançou mão de um velho recurso que causava grandes descontentamentos para a população, o recrutamento forçado, que representava uma verdadeira caçada às pessoas aptas a prestarem serviço militar e completarem as fileiras do exército. Mesmo em tempos de paz, artifícios de ambas as partes, recrutadores e possíveis recrutados eram utilizados nessa disputa. Certamente, em um período turbulento, como o período regencial, onde diversas rebeliões eclodiram nas províncias brasileiras, o recrutamento se intensificou em todo o território brasileiro.

Em Santa Catarina, com a província vizinha envolvida em uma dessas rebeliões, fazia-se necessário arregimentar homens para combater os rebeldes farroupilhas, tanto em território rio-grandense como em Santa Catarina que, como vimos, se via as voltas com denúncias de contrabando e reuniões por parte dos rebelados rio-grandenses. Em correspondência ao Secretário de Estado dos Estados Unidos da América, senhor John Forsyth, o Cônsul americano em Desterro, Samuel Nells, informava que "o Governo não sendo capaz de obter voluntários para o Exército nesta Província, começou a alistar compulsoriamente homens para este propósito, o que causa grande descontentamento nos cidadãos".[154] Certamente o senhor Nells referia-se ao recrutamento forçado que estava ocorrendo no início de 1838 e relatava aspectos comuns àquela prática no período. Uma delas era a indisposição dos habitantes em serem voluntários para o serviço militar e

[154] Biblioteca Universitária – UFSC. Cartas do Cônsul americano. Microfilme. Carta de 10 de janeiro de 1838. [The Government not being able to obtain volunteers for the Army in this Province has commenced pressing men for that purpose which gives great dissatisfaction to the Citizens].

a pressão das autoridades para preencherem a cota do recrutamento. Isso poderia significar novidade para Samuel Nells, no entanto, foi comum durante todo o período colonial e imperial.[155]

Segundo Fábio Faria Mendes, cabia

> ao juiz de paz tomar decisões fundamentais na distribuição dos encargos, determinando aqueles que "estão nas circunstâncias" do recrutamento [...] outra figura decisiva nas levas é o temido agente do recrutamento. Não se trata de funcionário especializado, mas antes de indivíduo comissionado, nomeado pelos juízes de direito, tendo à sua disposição amplos poderes e prerrogativas. Os agentes do recrutamento eram remunerados por "peça" e reembolsados por despesas realizadas na caça, na vigília e no sustento dos recrutas. [...] A necessidade de completar as cotas os tornava pouco propensos a considerações de justiça e eqüidade.[156]

Em período de recrutamento, medidas eram tomadas pelo Juiz de Paz para evitar o que representava a forma mais comum de evasão ao recrutamento forçado, a fuga.[157] Podemos perceber a utilização dessas artimanhas também em Laguna em 1836. Segundo João Oliveira Tavarez, suplente do juizado de paz,

> muitos dos que se achavam em circunstâncias de serem alistados, estavam aprontando-se para retirarem-se de suas habitações, assim como o tem querido fazer muitos moradores dos outros Distritos circunvizinhos que passaram para mais de 100 moradores, porém tenho conseguido fazer com que eles não saiam do Município e todos em geral me tem prometido de reunirem ao 1º aviso logo que seja mister.[158]

O recurso da fuga era muito utilizado na época como forma de se escapar ao recrutamento. Neste momento, o Juiz de Paz afirmou ter conseguido evitar as fugas e obteve, dos moradores, promessas de reunirem-se posteriormente, no entanto, não acredito que o juramento tenha sido

---

155 Certamente Samuel Nells tinha uma visão diferente do serviço militar, pois, segundo Vitor Izeckson, nos Estados Unidos a tradição militar era de voluntarismo baseado em milícias estaduais. Essa situação permaneceu inalterada até pouco depois do início da Guerra Civil, quando a necessidade de grandes contingentes levou à prática do recrutamento forçado também naquele país. IZECKSON, Vitor. Resistência ao recrutamento para o Exército durante as guerras Civil e do Paraguai: Brasil e Estados Unidos na década de 1860. In: **Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, n. 27, 2001. p. 12-18.

156 MENDES, Fábio Faria. Encargos, privilégios e direitos: o recrutamento militar no Brasil nos séculos XVIII e XIX. IN: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik. **Nova história militar brasileira.** Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 130 – 133.

157 Idem. p. 126.

158 APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para Presidente da Província. Vol. 2 1836 – p. 56/57v. Ofício de 30 de abril de 1836.

cumprido por todos. Possivelmente na presença do juiz uma coisa era dita e quando aparecia a oportunidade, rapazes jovens e pobres, principal alvo dos recrutadores, procuravam escapar para garantir sua segurança individual. A evasão dos possíveis recrutáveis foi constante durante todo o Império, tornando o recrutamento um verdadeiro "jogo de gato e rato". Mendes afirma que essa situação tinha os efeitos de uma praga, deixando vilas abandonadas, prejudicando indústria e agricultura. Como os responsáveis pelo recrutamento utilizavam diversas estratégias para completarem as cotas, os possíveis recrutáveis, de sua parte, tentavam esforços para escapar ou então para se enquadrar nas regras de isenção.[159]

As isenções ao recrutamento estavam especificadas nas instruções de 10 de julho de 1822, as quais continuariam regendo a forma de recrutamento até o fim do Império.[160] De acordo com as instruções, alguns dos que estavam isentos do serviço militar eram

> caixeiros de lojas de bebidas e tavernas; homens casados; o irmão mais velho de órfãos; o filho único de viúva; o filho único de lavrador; o feitor ou administrador de fazenda de mais de seis escravos, tropeiros, boiadeiros, mestres de ofício [...].[161]

De acordo com Fábio Mendes, casamentos de última hora eram comuns na época do recrutamento como estratégia para escapar ao serviço. Porém, ao mesmo tempo que proporcionavam uma vasta gama de possibilidades de isenção, as instruções deixavam margem para interpretação dos recrutadores que recrutavam pessoas inclusas nas isenções, uma vez que a obrigação de provar que estavam isentos do serviço era do recrutado. Razões políticas também eram motivos para recrutamento.

É dessa maneira que nos deparamos com a súplica da viúva Maria Vieira de Jesus, moradora da vila de Laguna, para que fosse dada baixa ao seu filho José Maria da Rosa, recrutado no início de 1838. Diz a suplicante que

---

[159] MENDES, Fábio Faria. Op. cit. p. 125.
[160] Idem. p. 122.
[161] "Minuciosa na enumeração das isenções, as instruções deixavam em aberto os requisitos a que deviam satisfazer os recrutáveis, com critérios vagos e manipuláveis, deixando ampla margem de arbítrio à interpretação dos executores. [...] O ônus da prova da imunidade ao recrutamento recaía, evidentemente, sobre o recruta incauto, pois as isenções impunham complexos problemas de coleta e verificação de informações". Idem. p. 122-123.

> se acha reduzida ao mais deplorável estado de indigência pela privação que hora sofre de um filho de nome José Maria da Rosa, único amparo de sua viuvez, e que sustentava de mais aos seus irmãos e órfãos, o qual fora recrutado naquela Província [Santa Catarina], onde se acha [...] para o serviço da Marinha de Guerra.[162]

Como vimos, o recruta José Maria da Rosa deveria estar isento do recrutamento por sustentar sua mãe e seus irmãos, sendo o irmão mais velho de órfãos. No entanto, mesmo apresentando essas características foi recrutado para o serviço da armada. Isso motivou pedidos da mãe de José Maria que buscou auxílio de Joaquim Francisco Pereira e Luis Gonçalves Barreiros, que a rogo dela escreveram ao Presidente da Província explicando a situação e pedindo a baixa de serviço de José Maria. Ambas súplicas possuem praticamente o mesmo teor. Informavam ao Presidente Pardal que a família de Maria Vieira, moradora do Quarteirão do Siqueiro em Laguna, tinha seis filhos, três homens e três mulheres e que José Maria da Rosa era o mais velho e responsável pelo sustento da casa, uma vez que os outros meninos eram mais novos, um com cinco anos e o outro de onze, que doente, não podia auxiliar seu irmão no serviço. Afirmavam ainda que por esses motivos, José Maria se enquadrava nos artigos das instruções de 10 de julho de 1822, sendo isento do recrutamento e pediam sua baixa.[163]

As súplicas da viúva motivam um pedido de investigação do caso para o Juiz de Paz de Laguna que encarrega o Inspetor de Quarteirão de Siqueiro das averiguações. A resposta do Inspetor Antonio M. de Oliveira ao Juiz de Paz, data de 26 de maio de 1838 e informa:

> Em cumprimento do Despacho de V. S. e [ilegível] na Petição da Suplicante Maria Vieira viúva de Silvano Pereira da Rosa, moradora deste Quarteirão cumpre-me informar a V. S. que a Suplicante [ilegível] filhos a saber três filhas solteiras e três filhos, sendo estes de tenra idade e só o filho mais velho José Maria da Rosa esse o que estava sustentando a Suplicante e suas irmãs e órfãos por se

[162] AN. Série Marinha XM 134. Ofícios do Presidente da Província de Santa Catarina para o Ministério da Marinha. Ofício anexo sem data, recebido em 9 de Julho de 1838.
[163] AN. Série Marinha XM 134. Ofícios do Presidente da Província de Santa Catarina para o Ministério da Marinha. Ofícios anexos sem data, recebidos em 26 e 28 de maio de 1838.

> achar mais capaz para o trabalho e quanto a pobreza desta família não pode ser mais, é o quanto se me oferece informar.[164]

A partir dessas informações era de se esperar que a baixa de serviço fosse concedida ao recruta José Maria da Rosa, por ele se enquadrar em uma das condições que proporcionavam isenção de recrutamento, ser irmão mais velho de órfãos. No entanto, um outro ofício, enviado ao Presidente Pardal pelo senhor Francisco de Assis Feijó e Silva traz outras informações sobre o recrutamento de José da Rosa. Francisco relata em seu ofício que

> me apresenta a Mãe de um [recruta] de nome José Maria da Rosa um requerimento em que diz que seu filho não está em circunstâncias de ser recrutado; mas pelas circunstâncias que vou expor a V. S.ª; não o dispensei do recrutamento. Haverá dois meses que fui ao lugar chamado Siqueiro em que mora o mencionado José Maria da Rosa, e indagando do Inspetor de Quarteirão de nome Antônio de Oliveira, as pessoas que tinha no seu Quarteirão que estivessem nas circunstâncias de serem recrutados me respondeu informando-me que a pessoa que tinha em melhores circunstâncias de assentar praça era José Maria da Rosa filho de uma Viúva, a qual tinha três filhos dois homens, e um menor, e que o mais velho era muito partidista [sic] e vadio e que tinha dito que queria ver qual era o Caramuru que lhe punha as mãos, e que portanto quando eu fosse a sua casa que fosse acautelado por quanto ele costumava trazer armas carregadas. Apesar de eu me dirigir a casa do Inspetor de noite, e em trajes desconhecidos, e deixando a Escolta oculta nos matos teve o dito Rosa notícia, e se refugiou de uma maneira que quando eu entrei na casa não o achei. No dia 15 do corrente estando ele próximo a esta Vila [Laguna] na ocasião que passavam algumas pessoas das que estão saindo do Sul refugiar-se aqui, disse o dito José Maria da Rosa que os Camelos (modo de tratar os Legalistas) que já se vendiam a dez por um vintém, e isto a vista de um Cabo e um Soldado de Artilharia dos que estão aqui destacados, estes participando ao Tenente Coronel Comandante da Força, e mandou prender, e tendo eu logo disto notícia, participei ao dito Tenente Coronel que aquele indivíduo era um dos que eu tinha andado na diligência de o prender para recruta, e por isso me mandou entregar.[165]

Seguramente Francisco de Assis era um agente recrutador, designado para arregimentar novos praças em Laguna. É possível perceber que o mesmo reconhecia que José Maria poderia ser dispensado do serviço por se enquadrar nas isenções explicitadas acima, porém não o fez por ter recebido informações do Inspetor Antônio de Oliveira de que José Maria era partidário dos farroupilhas. Notemos que o Inspetor é o mesmo que envia o ofício citado acima. As informações

[164] AN. Série Marinha XM 134. Ofícios do Presidente da Província de Santa Catarina para o Ministério da Marinha. Ofício anexo de 26 de maio de 1838.
[165] AN. Série Marinha XM 134. Ofícios do Presidente da Província de Santa Catarina para o Ministério da Marinha. Ofício anexo de 18 de maio de 1838.

apresentadas pelo Inspetor de Quarteirão não se contradizem, em ambas afirma que José Maria é filho de viúva sendo o irmão mais velho, devidamente isento do recrutamento. No entanto, uma nova informação motiva o recrutamento de José Maria, ele era partidário dos farroupilhas e proferia injúrias contra os legalistas. Esse era o motivo pelo qual o agente recrutador não o dispensou. O recruta José Maria da Rosa foi requisitado pelo 2º Tenente Manoel José de Bessa para ser empregado no lanchão que o mesmo estava armando.[166] Tratava-se do lanchão *Santa Ana* da propriedade de Bessa que o mesmo ofereceu para o serviço do Império, como informou o Presidente da Província ao Ministério da Marinha em 28 de maio de 1838, período do recrutamento de José Maria.[167] Vemos aqui então que mesmo o rapaz estando nas condições de ser isentado do serviço, poderia ser recrutado mediante razões políticas.

Outro aspecto interessante que podemos perceber nesse caso é a formação de redes de solidariedade contra uma prática que era vista como danosa pelas pessoas mais humildes, neste momento o recrutamento. De acordo com o relato, Francisco de Assis foi à casa do Inspetor Antônio de Oliveira à noite e tomou precauções para não ser reconhecido, visando dessa maneira não chamar atenção e evitar que os jovens fugissem para escapar ao recrutamento. No entanto, mesmo com todos os cuidados, as novidades chegaram aos ouvidos de José Maria mais rápido que o agente recrutador e aquele conseguiu fugir a tempo de escapar do recrutamento, sendo preso posteriormente e enviado para o serviço em Laguna. É interessante notar como a notícia da chegada do agente recrutador na localidade se espalhava rapidamente, dando tempo aos possíveis recrutados de se evadirem. É possível que os habitantes já estivessem "com olho treinado" para reconhecer o agente do recrutamento, e como as localidades eram pequenas, onde todos se conheciam, a difusão da informação se dava de forma muito dinâmica.

Apesar de todas as súplicas e representações apresentadas para que José Maria fosse dispensado do serviço militar o Presidente João Carlos Pardal negou sua dispensa por "ser perigosa a sua residência no Distrito, em razão dos princípios que professa, como tudo se prova do Ofício,

[166] Idem.
[167] APESC. Registro do Presidente da Província para Ministério da Marinha. Vol. 1837-1839 – 151/151v. Ofício de 28 de maio de 1838.

incluso por Cópia, do oficial encarregado do recrutamento, o destinei à Marinha de Guerra”.[168] Certamente José Maria era um dos habitantes de Laguna que foram influenciados pelos emigrados e pelas notícias da revolta vindas do sul. É possível que já tivesse alguma predisposição contra o Império, talvez por correr o risco do recrutamento, mesmo estando em condições de isento, a margem de interpretações poderia lhe ser desfavorável. Com o início da guerra no Rio Grande do Sul, José Maria se tornou favorável aos farroupilhas. Certamente práticas como essa causavam grande insatisfação na população mais humilde de Santa Catarina, a mais atingida pelo recrutamento forçado.

Além de se recrutar alguns, teoricamente isentos, outras medidas mais enérgicas também eram tomadas visando evitar as fugas e realizar o recrutamento. Para tentar barrar a evasão de pessoas aptas a servirem, o Presidente João Carlos Pardal determinou ao Juiz de Direito Severo Amorim do Valle “que nenhum passaporte seja concedido a pessoa alguma que pretenda fazer viagem para fora da Província e mesmo da Capital sem ordem minha expressa por escrito o que só terá lugar por motivo justificado”.[169]

Apesar de medidas como essa, tentando claramente impedir que aqueles que pudessem servir fugissem ao recrutamento, as fugas e deserções eram comuns na época e, de acordo com Fábio Mendes, partilhavam das mesmas causas. As constantes anistias concedidas aos desertores geravam uma sensação de impunidade e transformavam a deserção em um círculo vicioso. A mesma fazia parte do cotidiano, tratada pela população como algo corriqueiro, não representando uma traição da pátria.[170]

Concordamos com o argumento de Mendes quando afirma que as causas das deserções e da evasão para evitar o recrutamento fossem praticamente as mesmas e no sentido de representarem um aspecto corriqueiro da sociedade da época, ocorrendo freqüentemente. A grande movimentação de pessoas na fronteira sul de Santa Catarina, demonstrada acima, facilitava a vida de desertores e

---

[168]AN. Série Marinha XM 134. Ofícios do Presidente da Província de Santa Catarina para o Ministério da Marinha. Ofício de 9 de agosto de 1838.

[169] APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes. Vol. 1835-1839 – p.110v/111. Ofício de 25 de julho de 1839

[170] MENDES, Fábio Faria. Op. cit. p. 124.

daqueles que buscavam escapar ao recrutamento. Estes últimos, possivelmente, ficavam fora de casa por um tempo, retornando posteriormente, passado o período do recrutamento. Os desertores geralmente retornavam às suas famílias, retomando suas atividades habituais.

Uma das medidas para evitar a utilização do artifício de retorno ao lar e para reforçar o número de praças onde sua presença era mais necessária era o deslocamento de destacamentos pelas províncias. As dificuldades para um soldado desertar em uma província desconhecida, onde o mesmo não possuía vínculos e redes de proteção eram maiores do que em sua província natal. Nesse sentido que encontramos referência à essa prática em um ofício do Presidente Pardal ao Ministério da Guerra sobre a influência dos farroupilhas em Santa Catarina afirmando que "os "rebeldes vão fazendo prosélitos, e conhecendo por isso a necessidade de destruir no começo tais bandos de assassinos só espero adestrar a tropa que recentemente veio da Bahia para cumprir esse dever".[171] A transferência de um destacamento da Bahia foi efetivada para reforçar as forças imperiais em Santa Catarina onde segundo o presidente, os adeptos dos farroupilhas vão aumentando.

No entanto, medidas como essas poderiam resultar em problemas, causando mais deserções. Respondendo sobre o grande número de deserções em seu batalhão o Tenente Coronel Francisco José Damasceno escreve ao Comandante das forças imperiais em Laguna, Vicente Paulo de Oliveira Villas-Boas dizendo que

> as causas a que atribuo uma semelhante falta, são certamente as mesmas que V. S. não deve ignorar. Soldados que pertencem a Províncias rebeladas, quais são da Bahia, e Pará, e por conseqüência que simpatizam com a opinião dos dissidentes da Província Vizinha, não podem certamente defender a opinião diametralmente oposta, outros porém filhos desta Província, e por isso conhecedores do terreno, fácil é o evadirem-se do serviço das armas, para na ociosidade passarem a vida: as intenções destes propalados a seus camaradas os desmoralizam, e é sem dúvida o motivo de algum outro que não esta nestas circunstâncias haver desertado; ou talvez algum indivíduo que existe ocultamente entre nós, que nutrindo sentimentos contrários à ordem, seduzem aos Soldados para abandonarem as armas da Lei, ou mesmo algum dos habitantes dos lugares por onde havemos passado.[172]

[171] APESC. Registro do Presidente da Província para Ministério da Guerra. Vol. 1839 – p. 16v. Ofício de 18 de julho de 1839.
[172] AN. Série Guerra IG[1] 531 – 1839. Ofícios do Presidente da Província de Santa Catarina para o Ministério da Guerra. Ofício anexo de 16 de janeiro de 1839.

Como podemos perceber a transferência de soldados de outras províncias poderia causar transtornos para o exército. Muitos dos recrutados em províncias onde ocorreram rebeliões estavam envolvidos nas mesmas e, depois de presos, eram recrutados para o exército para completarem as fileiras e transferidos. Entre outras, essa era uma das causas das deserções, pois como iriam esperar que esses recrutados lutassem pelo Império se simpatizavam com as causas dos farroupilhas? Esta prática poderia acarretar grandes problemas para o exército imperial, pois ao colocar soldados recrutados à força e provenientes de províncias rebeladas, para combater outras revoltas, o governo não corria apenas o risco desses soldados desertarem, desfalcando as tropas imperiais, havia também o perigo de que os desertores passassem a engrossar as fileiras dos batalhões rebeldes.

Como afirmou Mendes, a deserção era uma prática corriqueira durante o Império e era vista como uma banalidade pela população, não tendo o peso da traição à pátria. Em sua grande maioria, os desertores capturados eram perdoados e reintegrados aos batalhões, também pelas dificuldades que os recrutadores encontravam em arregimentar novos recrutas. A reintegração poderia passar ao soldado uma sensação de impunidade, incentivando-o a desertar novamente, assim que surgisse a primeira oportunidade.

A falta de soldados levava ao governo a adotar tais medidas de transferência de batalhões de províncias rebeladas para lutarem em outras províncias também enfrentando revoltas. Mesmo sendo uma prática reconhecidamente perigosa pelos comandantes, a situação exigia tais medidas.

Revolta na Fortaleza da Barra do Sul

Após a tomada de Laguna pelos farroupilhas e a proclamação da República Juliana em julho de 1839, as forças rebeldes avançaram em direção à Desterro como abordamos anteriormente. No período em que a frente de batalha ficou estacionada na planície do rio Massiambú, com as tropas imperiais entrincheiradas no Morro dos Cavalos, um evento ocorrido na Fortaleza da Barra do Sul,

próxima de onde estavam acampadas as tropas rebeldes e imperais surpreendeu a presidência da província.

> Ainda que me custe a acreditar a noticia que V. S.ª acaba de comunicar-me em o seu 2º Ofício de hoje, com tudo mande V. S.ª já ao Comandante da Força Naval que se acha para o lado de morro dos Cavalos. Deus Guarde a V. S.ª Palácio do Governo de Santa Catarina, 12 de Setembro de 1839 = Francisco José de Souza Soares d' Andréa = Sr. Tenente Coronel José Joaquim de Magalhães Fontoura Comandante Militar do Ribeirão.[173]

Essa foi a resposta de Soares de Andréa ao Comandante Militar do Ribeirão. Possivelmente pela proximidade com a Fortaleza da Barra do Sul,[174] os moradores do distrito do Ribeirão, pertencente à Desterro foram os primeiros a saber do evento no qual o presidente custava a acreditar: a revolta da guarnição da Fortaleza da Barra do Sul. Após ser informado dos ocorridos informou ao Ministério da Guerra sobre o assunto.

> Em a noite de 11 para 12 deste sublevou-se a Guarnição da Fortaleza, mataram o Ajudante o Alferes Reformado Pedro Fernandes com dois tiros, e procuraram o Comandante para o mesmo fim, que podendo esconder-se demorou por algumas horas o seu suplicio.
> No dia 12 pela manhã mandaram uma canoa à ponta da Pinheira avisar os rebeldes para virem tomar posse da Fortaleza, e vindo estes levaram logo a guarnição e com ela o seu Comandante que puderam descobrir, e mais o Cadete de Cavalaria Benvenuto de Lara Ribas que ali estava prezo de correção, e depois vieram saquear a Fortaleza de todas as munições que havia, e tinham tenção de o fazer completamente se não fossem estorvados.[175]

Na noite de 11 de setembro ocorreu uma revolta na guarnição da Fortaleza da Barra do Sul, localizada no extremo sul da Ilha de Santa Catarina causando a reação de surpresa no Presidente da Província ao ser informado do fato. Percebendo a movimentação de embarcações entre o local onde estavam acampadas as tropas farroupilhas e a fortaleza, o Comandante do Ribeirão mandou fazer um reconhecimento e concluiu que o forte estava entregue aos rebeldes. Comunicou o fato ao Presidente Andréa, como vimos, e aos demais comandantes responsáveis por barrar o avanço

[173] APESC. Registro do Presidente da Província para Militar. Vol. 1839/1840 – p. 21. Ofício de 12 de setembro de 1839
[174] O distrito do Ribeirão ficava localizado na parte meridional da Ilha de Santa Catarina.
[175] APESC. Registro do Presidente da Província para Ministério da Guerra. Vol. 1839/1841 – p. 10/12. Ofício de 14 de setembro de 1839.

farroupilha na região. Uma manobra das forças imperiais foi executada para retomada de poder da fortaleza visando evitar maiores saques de armamento e munições da mesma. Segundo o presidente, no dia 13 a Fortaleza da Barra do Sul já se encontrava novamente sob domínio imperial e "logo foram desencravadas cinco peças que os Rebeldes tinham encravado, e foi municiada de novo, e continuo a dar as providências para que nada ali falte, exceto uma guarnição fiel que não sei aonde a possa encontrar". [176]

Praticamente toda a guarnição da fortaleza, composta aproximadamente de 50 soldados, entre praças e oficiais, juntaram-se aos farroupilhas levando boa parte do armamento, munição e da pólvora existente. É possível que a ação dos soldados tenha sido incitada pela presença das tropas farroupilhas próximas à fortaleza, estacionadas na planície do rio Massiambú e por uma intimação enviada por estes, dias antes, ao Comandante da Fortaleza da Barra do Sul para que entregasse a mesma.[177] A intimação e a proximidade das tropas rebeldes pode ter dado início ao movimento que resultaria na revolta na noite do dia 11 de setembro. Mas quais seriam os motivos que levaram a essa revolta? Seriam os soldados da guarnição republicanos fervorosos ou outras razões os levaram a se rebelarem contra o comando da fortaleza? A continuação do relato do Presidente da Província ao Ministério da Guerra e a investigação conduzida pelo Capitão Manoel José de Souza a mando do Presidente Soares de Andréa nos ajudam a entender melhor os motivos da revolta.

O Presidente da Província supõe que,

> esta sublevação julga-se por agora devida a maldade de João Rebello de Mattos, natural da Bahia, que sendo Soldado do Batalhão 13 e muito estimado do seu Coronel, o ajudou grandemente na revolta feita nesta Província [...] Este crime não foi punido, como não são entre nos muitos da mesma natureza, e o Agente João Rebello de Mattos foi, depois que teve baixa, nomeado Pregoeiro do Município desta Capital, em que se fez notável pela sua inconduta [sic] e embriaguez contínua, e a cujo Emprego (que lhe rendia 200$000) renunciou para assentar praça de Soldado, oferecendo-se, como tal, para fazer parte da Guarnição daquela Fortaleza. Estas coisas passaram-se no tempo do meu Antecessor, e ninguém disto me fez o mais pequeno aviso, mas hoje todos se dizem profetas deste

[176] Idem.
[177] APESC. Registro do Presidente da Província para Ministério da Guerra. Vol. 1839/1841 – p. 07/07v. Ofício de 31 de agosto de 1839.

> acontecimento como infalível, o de que eu não tenho até ao presente certeza alguma.[178]

Vemos então que a hipótese inicial do Presidente da Província é de que a revolta tenha sido instigada pelo soldado João Rebello de Mattos, proveniente da Bahia e envolvido na Sabinada. Pelas razões que dispusemos anteriormente e como era corriqueiro na época, não recebeu maiores punições, sendo deslocado para outra província. Segundo Soares de Andréa, Rebello não mais fazia parte do exército, exercendo a profissão de leiloeiro em Desterro, porém em determinado momento foi voluntário para servir na guarnição da Barra do Sul. Andréa ainda reclama que estes fatos ocorreram durante o governo de João Carlos Pardal e que não foi devidamente informado a respeito. No entanto, estas eram apenas conjecturas iniciais, para obter informações mais precisas acerca da revolta, o Presidente encarregou o Oficial Manoel José de Souza para conduzir uma investigação na fortaleza a fim de interrogar as testemunhas e traçar um quadro mais amplo para o entendimento dos acontecimentos. Assim informava ao Manoel de Souza.

> Cumprindo a Ordem de V. Ex.ª saí desta Capital para a Fortaleza da Barra do Sul no dia 14 do corrente a qual consegui chegar ontem [...] Pesquisei o fato da rebelião que ali havia tido lugar no dia 11 pelo destacamento, quase todo composto de recrutas vindos das Províncias do Norte, e para esse fim lancei mão do soldado do 5º Corpo de Artilharia Manoel Cardoso que ali se achava destacado, e que por idoso foi abandonado pelos revoltosos, da mulher deste soldado, e da do Sargento Almoxarife, únicas testemunhas presenciais do fato, e delas soube haverem sido cabeças da rebelião o Recruta de Caçadores vindo da Bahia Bento José Roiz.ª [sic], e o Recruta de Artilharia do Rio de Janeiro José Pinto Ribeiro, ambos envolvidos na revolução da Bahia, este natural de Portugal, e aquele da dita Província. Tomou igualmente parte ativa neste ato o Sargento João Francisco Regis também da Artilharia da Bahia, e um dos revolucionários daquela Província; o qual foi que oficiou aos rebeldes convidando-os a virem tomar conta da Fortaleza, assumindo assim o Comando.[179]

A investigação confirma as suspeitas de influência de soldados envolvidos na Sabinada como responsáveis pela deflagração da revolta. Como vimos anteriormente, isso já era motivo de reclamações acerca das deserções. Provavelmente por falta de voluntários o governo via-se

---

[178] APESC. Registro do Presidente da Província para Ministério da Guerra. Vol. 1839/1841 – p. 10/12. Ofício de 14 de setembro de 1839.
[179] AN. Série Guerra. IG[1] 531. Ofícios do Presidente da Província de Santa Catarina para o Ministério da Guerra. Ofício anexo de 18 de setembro de 1839.

obrigado a dispor do deslocamento desses soldados, mesmo com a possibilidade da deserção. Dessa vez as conseqüências foram mais desastrosas do que uma simples deserção. Além da evasão em massa, 44 soldados, grande parte do armamento, munição e pólvora foram entregues aos farroupilhas. Porém, uma outra causa para a revolta veio à tona com a investigação do Capitão Souza, além dos princípios compartilhados entre sabinos e farroupilhas. Assim continua o relato do Capitão Souza.

> Das mesmas testemunhas soube que este atentado devia atribuir-se ao excessivo rigor com que o Comandante da Fortaleza José Joaquim Pereira tratava a guarnição, fazendo-lhe excessivos castigos nas ocasiões em que se embriagava, que era freqüente, confirmando o ter na véspera do rompimento castigado com chibatadas um dos cabeças, o recruta Bento José Roiz.ª [sic].[180]

Entendemos a partir do relato que o estopim da revolta foi o castigo físico sofrido pelo recruta Bento José no dia 10 de setembro. É possível que a revolta já estivesse planejada, e que a punição de Bento José antecipou seu início. A prática de castigos físicos como forma de punição por indisciplina e insubordinação foi comum em quartéis e embarcações de guerra durante todo o período imperial. Existia uma espécie de acordo não declarado entre praças e oficiais. As questões de indisciplina, que não eram poucas nas forças armadas, eram resolvidas, geralmente, no próprio batalhão ou vaso de guerra. Isso se dava também para que o castigo aplicado, geralmente chibatadas, servisse de exemplo para o restante dos soldados para que não cometessem a mesma falta. Os marinheiros ou soldados tinham consciência de que tinham cometido algum delito, suportavam as chibatadas e geralmente, se recuperavam rapidamente retornando às suas atividades. Segundo Álvaro Pereira Nascimento, a prática de castigar os praças era comum na marinha e exército brasileiro. Sua análise se detém, principalmente, sobre os navios de guerra brasileiros, porém seus exemplos servem também para os quartéis e fortalezas onde a prática era a mesma. Segundo Nascimento, as revoltas aconteciam devido aos abusos ocorridos nessa prática, onde os castigos aplicados eram desmedidos por parte dos oficiais em relação à faltas cometidas, ou pela

---

[180] Idem.

extrapolação de se aplicar castigos físicos de forma abusiva sem maiores razões, ou seja, o praça não sabia pelo que estava apanhando, ou considerava sua punição mais severa do que deveria receber.[181]

Dessa forma, entendemos um dos motivos que levaram a guarnição da Fortaleza da Barra do Sul a se revoltar contra o comando. O abuso das punições e a influência da participação da rebelião baiana do ano anterior levou a guarnição a se revoltar e se aliar aos farroupilhas acampados na planície do Massiambú. A questão dos castigos pode ser confirmada pelo artigo publicado no jornal farroupilha *O Povo* relatando os acontecimentos da revolta na Barra do Sul.

> Os maus tratamentos, as injúrias continuadamente lançadas contra os Brasileiros pelo Comandante da Fortaleza do Sul contra nós, de comprimir despertaram no coração do virtuoso soldado José Pinto Ribeiro a nobre ira de um verdadeiro filho da terra de Santa Cruz possuído dela assentou no silêncio o seu projeto, e previa a fé do secreto, o comunicou depois ao seu Sargento; ambos juraram imolar-se para Pátria, e Deus abençoou a generosa conjura.[182]

Se analisássemos somente o artigo farroupilha, poderíamos entender essas palavras como uma linguagem retórica de crítica ao governo central e seus agentes. Porém , a partir das constatações da investigação conduzida na fortaleza e o relato das testemunhas, podemos afirmar que esses maus tratamentos se referem aos castigos abusivos sofridos pela guarnição. Lendo o restante do artigo e as ações tomadas pelos rebeldes podemos supor outra coisa a respeito dos soldados envolvidos na revolta. Segundo a investigação, os cabeças do levante eram o soldado de artilharia José Pinto Ribeiro, natural de Portugal e o recruta de caçadores Bento José Roiz.ª nascido na Bahia, ambos envolvidos na Sabinada. Apesar de serem apontados como cabeças da rebelião, e Bento José ter recebido o castigo no dia 11 o qual, provavelmente foi o estopim da revolta, o artigo de *O Povo* menciona apenas o nome de José Pinto Ribeiro. Após serem incorporados ao exército farrapo, o soldado José Pinto Ribeiro, e somente ele, foi aclamado cidadão benemérito da pátria

---

[181] NASCIMENTO, Álvaro Pereira. **A ressaca da marujada**: recrutamento e disciplina na Armada Imperial. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001. p. 137-138.
[182] O Povo. n.º 102. Caçapava, 18 de setembro de 1839. Suplemento Especial.

catarinense e elevado ao posto de 1.º Tenente do Corpo de Artilharia.[183] Quais conclusões podemos tirar dessas informações? Acreditamos que o recruta José Pinto Ribeiro, nascido em Portugal, era branco e o praça Bento José Roiz.ª, natural da Bahia, era "de cor", e acreditamos que isso teve relevância no tratamento dispensado aos dois, onde várias honras foram designadas à José Pinto Ribeiro e o nome de Bento José sequer foi mencionado no periódico farroupilha, confirmando um aspecto da sociedade da época, a discriminação em relação aos indivíduos "de cor".

Álvaro Pereira Nascimento afirma que a primeira vez que os marinheiros se rebelaram contra os excessos dos castigos físicos foi em junho de 1893 quando a guarnição da canhoneira Marajó se revoltou tomando controle da embarcação e ameaçando bombardear a cidade de Rio Grande no Estado do Rio Grande do Sul se suas reivindicações de que fossem substituídos os oficiais mais severos não fossem atendidas.[184] Essa seria a primeira vez que marinheiros se revoltaram contra os abusos na aplicação das punições. Acreditamos que Álvaro Nascimento esteja correto no que tange às embarcações da Marinha Imperial e às reivindicações dos marinheiros brasileiros. Porém, nossas fontes são claras e apontam descontentamentos traduzidos em revolta já em 1839 na sublevação da guarnição da Fortaleza da Barra do Sul.[185]

Alguns dos soldados envolvidos na revolta da Fortaleza da Barra do Sul foram capturados pelas forças imperiais e submetidos a Conselho de Guerra. Sabemos que nem todos que acompanharam os revoltosos foram de livre e espontânea vontade, sendo obrigados a deixarem o forte como é o caso do Cadete Benvenuto de Lara Ribas que estava preso na fortaleza e dos soldados Antônio Francisco e Laurindo da Silva.[186] Os soldados capturados e dos quais encontramos referências de seus processos em Conselho de Guerra são: João Nepomuceno, José Joaquim Pinheiro, Antônio Pereira dos Santos, Laurindo Antônio da Silva, Joaquim de Souza,

---

[183] Idem.
[184] NASCIMENTO, Álvaro Pereira. Op.cit. p. 127-128.
[185] Não queremos com isso desmerecer a qualidade da pesquisa desenvolvida por Álvaro, até porque seu foco de estudo foi a Armada Imperial, e pelo que podemos notar a Fortaleza da Barra do Sul estava subordinada ao Ministério da Guerra, uma vez que o relato da revolta destinado a esse ministério foi extenso e detalhado, enquanto que ao Ministério da Marinha apenas se fez uma breve comunicação.
[186] AN. Série Guerra. IG[1] 531. Ofícios do Presidente da Província de Santa Catarina para o Ministério da Guerra. Ofício anexo de 18 de setembro de 1839.

Lourenço Antônio e os Cabos Joaquim Ribeiro Lapa e João Manuel Soares.[187] Não temos referências de como terminaram estes processos, pois os mesmos não foram recuperados durante nossa pesquisa. Henrique Boiteux afirma que "pelo aprisionamento dos sublevados, dois deles pagaram com a vida o assassinato do 2º comandante e entrega da fortaleza. Eram eles Cisenando de tal, natural da Bahia, que foi enforcado e sepultado no dia 13 de julho de 1842, e o segundo, Bento José de Souza, natural do Rio de Janeiro, enforcado por execução de sentença a 6 de setembro de 1843"[188], porém não temos como confirmar essas afirmações.

Outra informação relevante encontrada no relato da investigação é a participação de habitantes da região na operação para a tomada e saque da fortaleza, segundo as testemunhas ouvidas pelo Capitão Manoel José de Souza "ao chamado feito pelos rebeldes, acudira em um Lanchão acompanhado de algumas canoas, um sargento destes, sendo os remadores gente do Campo de Araçatuba e daqueles subúrbios".[189] Acreditamos que essa participação tenha sido voluntária por parte da população do Campo de Araçatuba que se localizava, no continente, defronte à Fortaleza da Barra do Sul, pois no relato feito ao Ministério da Guerra pelo Presidente Francisco Soares de Andréa sobre a revolta na fortaleza ele afirmava que os habitantes do sul da província "preferem antes unir-se aos Rebeldes para lhes darem proteção".

As questões do apoio da população catarinense aos farroupilhas no período anterior à proclamação da República Juliana em decorrência da ação dos emigrados e de liberais catarinenses eram bem evidentes para as autoridades provinciais da época e é isso que vamos analisar a seguir.

Partido interno

Já abordamos como era a ação dos emigrados farroupilhas e como isso influía em questões como o contrabando de pólvora e armamento para o Rio Grande do Sul. O que tentaremos

[187] Arquivo Histórico do Exército (AHEx). Ofícios do Ministério da Guerra para Presidente da Província de Santa Catarina. Vol. 1840/1851. p. 24. Ofício de 13 de fevereiro de 1841.
[188] BOITEUX, Henrique. **A República Catharinense**: notas para sua história. Rio de Janeiro: Xerox, 1985. p. 150.
[189] AN. Série Guerra. IG[1] 531. Ofícios do Presidente da Província de Santa Catarina para o Ministério da Guerra. Ofício anexo de 18 de setembro de 1839.

demonstrar neste momento é como estava o clima vivido por boa parte da população sul catarinense no período imediatamente anterior à proclamação da República Juliana em Laguna. As informações provenientes do Comandante Vicente Paulo de Oliveira Villas-Boas, dos juízes de paz e de outras autoridades nos permitem visualizar, pelo menos em parte, qual a inclinação da população de Laguna, frente ao desenrolar dos acontecimentos da Guerra dos Farrapos, da influência das notícias e da ação dos emigrados em território catarinense.

Villas-Boas, por exemplo relatando ao Presidente Pardal sobre a situação de alguns desertores das forças farroupilhas informa que

> se apresentaram nesta Vila [Laguna], vindo foragidos dos rebeldes os Cabos Vicente da Costa Furtado, Camilo José Gomes, Laurentino Antônio Joaquim, Manoel Antônio de Oliveira e o Soldado Martinho José Lagoa; e [...] aquele primeiro cabo espalhasse notícias aterradoras, e dissesse talvez por indiscrição, ou embriaguez, que conhecia pessoas nessa vila que tinham correspondência com o inimigo, o que depois negou [...][190]

Essa informação reforça a idéia de que a ação dos emigrados rendia frutos em Santa Catarina. A negação posterior das afirmações pode ter sido motivada por receio de ter que dar maiores explicações ou por pressões sofridas, infelizmente aqui apenas podemos supor. No entanto, podemos afirmar com certeza que havia pessoas em Laguna que mantinham correspondências com os rebeldes farroupilhas, e isso se dava desde 1836, como afirma o Juiz de Paz Francisco da Silva França em setembro deste ano dizendo que em Laguna "existem muitos indivíduos que sem peijo [sic] ao crime, sustentam opinião daqueles [farrapos], com quem tem correspondências secretas".[191] Podemos notar que a interação entre catarinenses e farroupilhas ocorria desde 1836, motivada de certa forma pela presença dos emigrados rio-grandenses no sul de Santa Catarina.

O distrito de Araranguá, localizado no extremo sul do município de Laguna, provavelmente era um dos mais suscetíveis à influência e movimentação de farroupilhas, sendo portanto, muito

---

[190] AN. Série Guerra. IG[1] 531. Ofícios do Presidente da Província de Santa Catarina para o Ministério da Guerra. Ofício anexo de 3 de julho de 1839.

[191] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para Presidente da Província. Vol. 2 1836 – p. 100. Ofício de 23 de setembro de 1836.

possível que as idéias de revolta conseguissem maior espaço nesta população. Isso pode ser atestado numa comunicação do Juiz de Paz de Laguna Jerônimo Coelho Neto, também destinada ao Presidente Pardal, noticiando sobre requisições solicitadas pela presidência da província que a respeito das

> relações que V. Ex.ª pede, porém resta informar a V. Ex.ª que de Araranguá nada se pode obter, sem ter ali um destacamento de tropa de linha, comandado por oficial de confiança, pois quase todos os moradores daquele lugar seguem o partido dos rebeldes, pois tendo sido alguns, por diferentes vezes intimados para deporem sobre certos objetos, de nada fazem caso.[192]

Por essa comunicação vemos que a grande maioria da população do distrito de Araranguá apoiava os rebeldes farroupilhas. Infelizmente nos mapas de população consultados, e apresentados no primeiro capítulo, não temos maiores referências sobre a população de Araranguá, porém se tomarmos como base os outros distritos de Laguna, Araranguá, possivelmente, contava com menos de mil habitantes. O importante é notar como foi sentido pela população o desenrolar da revolta da província vizinha. O Comandante Villas-Boas confirma a situação apontada para Araranguá dizendo que

> o inimigo que tem numerosas forças na Capela de Viamão, e pode de súbito vir exercer vinganças, e acabar de arrasar as propriedades dos habitantes das Torres, e até podendo dilatarem suas hostilidades até o Araranguá, aonde tem afeiçoados que os podem coadjuvar.[193]

Essa disposição dos habitantes de Araranguá de fato influiu nos acontecimentos da invasão farroupilha à Santa Catarina em 1839. Como vimos, parte das forças rebeldes avançaram por terra entrando pela fronteira sul da província, exatamente onde se localizava o distrito de Araranguá, e duas embarcações vieram por mar com destino à Laguna. Porém, em algum ponto do litoral sul

[192] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para Presidente da Província. Vol. 2 1838 – p. 32/32A. Ofício de 5 de abril de 1838.
[193] AN. Série Guerra. IG[1] 531. Ofícios do Presidente da Província de Santa Catarina para o Ministério da Guerra. Ofício anexo de 19 de abril de 1839.

catarinense,[194] o lanchão *Farroupilha*, comandado por Garibaldi naufragou, provocando a morte de boa parte da tripulação. Garibaldi conseguiu nadar até a praia e assim narrou este fato em suas memórias.

> Felizmente, aquela região da Província de Santa Catarina onde naufragáramos, animada pela notícia da chegada das forças republicanas, havia se rebelado contra o imperador. Assim, encontramos aliados ao invés de inimigos e fomos festejados, em lugar de sermos combatidos. Tivemos então à nossa imediata disposição todos os meios de transporte que podiam nos proporcionar os humildes habitantes aos quais pedimos hospitalidade.[195]

Vemos como fontes de origens totalmente distintas afirmam exatamente a mesma coisa. Não temos como saber precisamente quantas pessoas em Araranguá eram a favor dos farroupilhas, quantas eram contra ou até indiferentes. A questão é que, pelo que notamos da documentação, havia uma disposição favorável de boa parte dessa população para com os farroupilhas, o que de certa maneira, "preparou o terreno" e favoreceu a invasão.

Possivelmente esta situação também era semelhante em outros distritos de Laguna e até na própria sede da vila. Em 14 de julho de 1839, dias antes da tomada de Laguna pelos farroupilhas, Villas-Boas informa ao Presidente Pardal sobre suas providências para evitar o ataque das forças rebeldes reunidas próximas à vila e afirma que os moradores da terra firme "com raras exceções têm simpatizado com os anarquistas". [196] Isso demonstra como estava o clima em Laguna às vésperas da proclamação da República Juliana. Possivelmente, encorajados pela presença das forças farroupilhas, muitos que simpatizavam silenciosamente, com medo de repressões, com os rebeldes, declararam abertamente suas opiniões e muitas vezes uniram-se às tropas farrapas. É claro que temos consciência que muitas pessoas também não demonstravam esse tipo de comportamento, e possivelmente foram coagidas a alistarem-se nas forças rebeldes.

---

[194] Existe uma controvérsia sobre o local do naufrágio do Farroupilha, diversos autores afirmam que ocorreu na barra do rio Araranguá, no entanto, Garibaldi afirma ter ocorrido na desembocadura do rio Urussanga. Apesar da dúvida, a distância entre estes rio é de pouco mais de 30 quilômetros, e ambos faziam parte do distrito de Araranguá e é essa informação que nos interessa no momento.

[195] DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi.** Porto Alegre: L&PM, 1998. p. 94.

[196] AN. Série Guerra. IG[1] 531. Ofícios do Presidente da Província de Santa Catarina para o Ministério da Guerra. Ofício anexo de 14 de julho de 1839.

No entanto, acreditamos que o apoio dado aos farroupilhas durante a invasão e nos primeiros meses da República Juliana era de fato grande. Isso pode ser visualizado a partir das questões do contrabando, da ação dos emigrados e da formação de uma espécie de agentes fomentadores das idéias de rebelião em Laguna. Essas denúncias eram feitas ao Presidente da Província pelo Juiz de Paz Francisco da Silva França quando afirmava em março de 1839

> estar esta vila ameaçada pelos inimigos, e segundo se me informa, e ontem ficou nos conventos ao pé da Barra Velha uma guarda avançada dos mesmos, e não obstante terem-se dado providências, afim de obstar a entrada dos mesmos, todavia não posso deixar de dizer a V. Ex.ª haja-se de acautelar-se nessa, pois parece haver plano concertado dos **inimigos externos com os internos.** Também acaba de informar o Juiz de Paz de Imaruí que as bocas das Serra estão todas tomadas pelos rebeldes da Serra eu tenho observado movimentos nessa Vila que muito me fazem acreditar que aqui há combinação de revolta.[197]

Podemos notar a preocupação de uma aproximação de forças farroupilhas provenientes do planalto catarinenses, uma vez que Lages já se encontrava sob domínio dos rebeldes nesse momento. É possível perceber também, nas palavras do Juiz França, que existiam inimigos internos em Laguna, certamente referindo-se àqueles que simpatizavam com os farroupilhas. A troca de correspondências pode ajudar a explicar as desconfianças do Juiz de Paz acerca de um plano dessa natureza. Certamente a aproximação das tropas rebeldes inflamou os ânimos dos simpatizantes lagunenses provocando, talvez, algum tipo de movimentação na vila, causando o alerta do Juiz Francisco da Silva França. Em um outro ofício de maio, ele reafirma suas suspeitas dizendo que "de acordo com o Comandante Militar ficamos dando as providências da defensiva, não só contra os inimigos externos, **como com os internos, (os mais perigosos**)".[198] Diante dessas afirmações, temos como declarar que de fato existia em Laguna pessoas articuladas, simpatizantes dos farroupilhas, que buscavam fomentar um tipo de apoio para os mesmos. Possivelmente, estas pessoas participavam ou promoviam as reuniões mencionadas anteriormente. As autoridades tinham suspeitas sobre a conduta de algumas dessas pessoas, que poderiam fazer parte do *partido interno*,

---

[197] AN. Série Guerra. IG[1] 531. Ofícios do Presidente da Província de Santa Catarina para o Ministério da Guerra. Ofício de 23 de março de 1839. [Grifo meu].

[198] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para Presidente da Província. Vol. 2 1839 – p. 25/25v. Ofício de 31 de maio de 1839. [Grifo como no original].

porém medidas mais enérgicas não foram implementadas contra elas, talvez por falta de maiores evidências, possibilitando que elas atuassem livremente "no interesse dos rebeldes" até a invasão farroupilha em 1839.

Por exemplo, na conclusão de um processo movido por João Henrique Teixeira Retalho contra o Capitão Manoel Joaquim da Costa o Juiz de Paz Francisco da Silva França determinou que

> não procede a queixa do queixoso [...] não só pelas exceções apontadas no artigo cento e oitenta e um do Código Criminal, como pelos depoimentos das testemunhas deste Sumário apenso em abono dos mesmos depoimentos, que tudo induz a crer ser o queixoso homem turbulento inimigo declarado da paz e amicíssimo dos Rebeldes da Província vizinha do Rio Grande de São Pedro do Sul, que senão [ilegível] de propagar doutrinas subversivas a boa ordem com manifesta postergação das Leis [...][199]

No ofício que determina a conclusão do processo não são indicados os motivos pelos quais Retalho processou o Capitão Manoel da Costa. Porém, o mais importante aqui é perceber que já em janeiro de 1839, data da conclusão do processo, Retalho já era apontado como um dos apoiadores dos farroupilhas em Laguna. Não temos referências de punições ou represálias movidas contra Retalho por sua posição declaradamente a favor dos farroupilhas. Possivelmente, continuou a viver livremente até o avanço das tropas rebeldes sobre Laguna e a proclamação da República Juliana, na qual assumiu uma posição de comandante em uma das embarcações republicanas.[200]

Outras pessoas também despertavam suspeitas nas autoridades provinciais. Uma outra correspondência do Juiz Francisco da Silva França enviada em anexo pelo Presidente da Província para o Ministério da Guerra aponta mais pessoas em Laguna suspeitas de terem ligações com os farroupilhas. De acordo com ele, Rogério José de Castro e Jacinto Rodrigues de Figueiredo, ambos provenientes da vila de Lages, declararam ter saído daquela vila por não quererem se envolver com os rebeldes, os quais andavam pela região recrutando pessoas para a tropa, mas apesar disto são vistos como suspeitos. Por fim, pede cuidados com o ex-Juiz de Paz de Tubarão Marcelino de

[199] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para Presidente da Província. Vol. 2 1839 – p. 13/14. Ofício de 16 de janeiro de 1839.

[200] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para Presidente da Província. Vol. 2 1839 – p. 37/38. Ofício de 10 de dezembro de 1839.

Castro e Lima que no dia em que "entregou a vara, antes de entregar mandou reunir quarenta homens armados na sua residência, estiveram ao meio-dia e depois os mandou embora que se recolhessem até segunda ordem e não se sabe o fim para que era".[201] No mínimo, foi um tanto suspeita a atitude de Marcelino Castro, reunindo pessoas armadas para que ficassem de prontidão até segunda ordem no dia em que entregaria a vara do juizado de paz. Podemos supor que as pessoas reunidas por Castro eram simpáticas aos farroupilhas e poderiam ser reunidas para auxiliar no iminente avanço rebelde, ou então poderiam defender o ex-juiz de paz contra qualquer ameaça que se fizesse contra sua pessoa. Francisco da Silva França termina seu ofício com as seguintes notas:

> (a) Este Rogério é suspeito, e foi quem trouxe as Proclamações de Bento Gonçalves para o Ex-Juiz do Tubarão Marcelino de Castro e Lima = (b) Jacinto Rodrigues é também suspeito, e o considero conivente com os rebeldes = (c) Marcelino de Castro e Lima o considero um agente dos rebeldes no Tubarão pelo que tem demonstrado há tempos, e que não é novo.[202]

Muitos eram apontados como agentes dos farrapos em Santa Catarina. Esses agentes, como Marcelino de Castro e Lima, eleito para o cargo de juiz de paz, provavelmente dispunham de boa influência junto à população em geral, e tinham grandes possibilidades de arregimentar mais pessoas em seus distritos para o chamado *partido rebelde*. Vimos como Marcelino contava com, pelo menos, quarenta homens armados, certamente, de sua confiança no distrito de Tubarão.

Podemos nos perguntar como não se realizava nenhuma ação mais enérgica para coibir as ações dessas pessoas sendo apontadas como suspeitas? As resposta podem estar no diminuto tamanho do aparelho de estado provincial que não dava conta de resolver todas as pendengas ocorridas em âmbito provincial e, outra causa pode ser as redes de proteção e influência desenvolvidas pelos suspeitos, as quais lhes rendiam autonomia para exercerem tranqüilamente atividades vistas como suspeitas pelas autoridades responsáveis pela repressão aos mesmos. Em

---

[201] AN. Série Guerra. IG[1] 531. Ofícios do Presidente da Província de Santa Catarina para o Ministério da Guerra. Ofício anexo de 8 de junho de 1839.
[202] Idem.

outra correspondência oficial, tratando das atividades de Marcelino de Castro, Francisco da Silva França afirma que "este homem [Castro] é protegido por esta Ilha", [203], dando a entender que em Desterro havia pessoas que davam amparo e proteção às ações de Marcelino.

Devido à aproximação das forças farroupilhas de Laguna em meados de maio e junho de 1839, aqueles identificados como simpáticos aos rebeldes, animaram-se aumentando as forças farrapas e facilitando o avanço das mesmas. Nesse sentido, temos o relato do Comandante Villas-Boas de 3 de julho de 1839 sobre as circunstâncias da invasão onde declara que

> dizem alguns apresentados, que na mesma ocasião em que se efetuou o ataque no Araranguá marchava de Campo Bom Miguel Rabello com porção de gente reuniu desde aquele lugar até Urussanga, e com ela interceptou todas as comunicações para esta Vila, o que tem todo o fundamento, porque se sabe que alguns moradores de Garopaba [do Sul] e Figueirinha foram surpreendidos em suas casas pelos seus próprios vizinhos; e tão cauteloso foi o inimigo, tão fiéis os seus sectários, que não houve sequer uma pessoa que viesse, ou pudesse vir a esta Vila dar parte do que ocorria, e dela fugiram na noite do dia 11, o ex Juiz de Paz Antônio José Machado, José Prudêncio, Vicente de Oliveira, Antônio José de Freitas, Domingos Custódio e Manoel Luiz da Silva, todos há muito tempo indiciados pela opinião pública, como apaixonados do partido anárquico.[204]

A partir dessas informações podemos confirmar nossas afirmações de que parte da população se mostrava de fato favorável aos farroupilhas. Quando o Comandante Villas-Boas comunica que moradores de Garopaba do Sul e Figueirinha, localidades ao sul de Laguna, foram surpreendidos por seus vizinhos durante o avanço das forças farroupilhas, confirma que muitos habitantes desses locais juntaram-se às tropas farroupilhas durante a marcha das mesmas, além dos arregimentados no trajeto de Araranguá até Urussanga. Villas-Boas dá nomes àqueles que segundo ele, há tempos são conhecidos por sua aberta disposição em favor dos rebeldes rio-grandenses, e que talvez pelas razões explicitadas acima, não tenham sido processados ou advertidos, podendo agir livremente na região de Laguna para facilitar a aproximação dos farroupilhas. Segundo Villas-Boas, os citados deixaram Laguna no dia 11 de junho de 1839, certamente para encontrarem-se com as tropas que avançavam no sul da província, deixando extremamente claras suas posições e a

[203] Idem.
[204] AN. Série Guerra. IG[1] 531. Ofícios do Presidente da Província de Santa Catarina para o Ministério da Guerra. Ofício anexo de 3 de julho de 1839.

existência do tal *partido interno* tantas vezes denunciado pelo Juiz de Paz Francisco da Silva França.

As motivações dessas pessoas para se unirem aos farroupilhas podem ter várias causas. Muitos podem ter visualizado na invasão uma possibilidade de garantir interesses pessoais, econômicos e políticos. As possibilidades de lucro com o contrabando e as relações comerciais de lagunenses com os rebeldes ajudam a explicar essa adesão que em muitos casos vai muito além da simples convicção republicana. A partir da documentação levantada podemos arriscar supor uma disputa pelo poder local. Por exemplo, Antônio José Machado havia ocupado o juizado de paz de Laguna em 1837 e neste momento, pelo que nos parece, não estava ocupando nenhum cargo público. Bartholomeu Antônio do Canto aparece como vereador em uma Ata da Câmara Municipal de Laguna em janeiro de 1839, e depois não é citado nas atas posteriores até a invasão farroupilha.[205] Ambos atuaram em importantes cargos durante a República Juliana, retornando à frente do poder em Laguna durante o período da república. A possibilidade de defender interesses pessoais pode ter grande influência na sedimentação de posições políticas nesse contexto.

Os citados, entre eles um ex-juiz de paz, certamente tinham alguma influência e poder de persuasão em setores da população de Laguna. É provável que juntamente com eles, outras pessoas também saíram da vila para se juntar aos farroupilhas que chegavam. Como afirma Marcus Carvalho, 'não há líderes sem seguidores' [206] e, provavelmente as pessoas que eram arregimentadas para compor as tropas farrapas eram humildes e simples. Porém, não estavam ali unicamente porque eram obrigadas ou porque estavam ligadas por laços de clientelismo. Questões como o recrutamento forçado causava grande descontentamento na população mais pobre, a mais atingida por essa prática durante o Império. Outras causas, como as dificuldades cotidianas da vida no século XIX, aliadas à propaganda republicana desempenhada pelos agentes farroupilhas em Santa Catarina, que possivelmente, prometiam uma vida melhor ou alguma espécie de mudança para a vida dessas pessoas, foram fatores que certamente influenciaram na tomada de posição dessa população que se

---

[205] APESC. Ofícios das Câmaras Municipais para Presidente da Província. Vol. 1839 – p. 44-78.

[206] CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. Os nomes da revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849. In: **Revista Brasileira de História**. vol. 23, n. 45. 2003. p. 226.

juntou aos farrapos. Com certeza, muitos também foram forçados a participar ao lado dos farroupilhas, uma vez que o recrutamento forçado partia de ambos os lados. Porém, no momento inicial, o terreno se mostrava favorável aos rebeldes que avançaram rapidamente pelos distritos ao sul de Laguna e chegaram na sede da vila em julho de 1839, proclamando a República Juliana ainda naquele mês. As questões conduzidas pelo governo republicano em Santa Catarina serão objetos de análise dos próximos itens.

Governo Republicano

Durante os quatro meses de seu funcionamento, as principais medidas tomadas pelo governo da República Juliana foram no sentido de organizar o aparelho de estado. Poucos documentos produzidos pelos republicanos em Laguna puderam ser recuperados durante a pesquisa, porém, as atas das sessões da Câmara Municipal de Laguna de julho até outubro de 1839, reproduzidas no livro de Henrique Boiteux "A República Catarinense" e as cartas enviadas por Luís Rosseti ao Secretário de Governo da República Rio Grandense Domingos José de Almeida nos possibilitam notar algumas das ações adotadas pelo governo republicano catarinense.

Sendo Rosseti o principal responsável pelo andamento do governo da República Juliana, como ele mesmo afirma à Domingos José de Almeida, "todos os decretos que até agora promulgou o governo são igualmente produções minhas [...] Lembre-se que eu estou aqui conduzindo os negócios públicos, [ilegível] do governo. Apreciarei então muito seus conselhos, e muito me honrarei em seguir a norma que V. Ex.ª quiser me traçar"[207], suas correspondências com o mesmo podem revelar aspectos interessantes do andamento do governo republicano. O que se nota claramente nos escritos de Rosseti é uma preocupação em fazer movimentar a economia da República Juliana e buscar algum tipo de apoio para auxiliar na implantação da república na província de Santa Catarina.

[207] AHRS. Coleção Alfredo Varela. CV. 8042. Carta de 1º de outubro de 1839.

Em outubro foi enviado ao Rio Grande do Sul José Prudêncio dos Reis, morador de Laguna, como *Enviado Extraordinário da República Juliana* para tratar dos negócios diplomáticos com a República Rio-Grandense. Rosseti alerta à Domingos José de Almeida que

> ele é absolutamente novo na carreira diplomática onde a revolução o lançou e espero com isso ter em V. Ex. um conselheiro. Verá as instruções que de ordem do Governo lhe tenho dado. Não sei se teremos tudo previsto ou se terei bem penetrado no espírito da Revolução e das vistas da República rio-grandense. Deus queira que as coisas se encaminhem como eu penso.[208]

Podemos notar neste trecho uma certa apreensão de Rosseti acerca do futuro da República Juliana. Como vimos acima, Rosseti era praticamente responsável pelo andamento dos negócios públicos da república, e no primeiro capítulo podemos notar uma carência de organização quando ele reclama da falta de uma tipografia e de pessoal qualificado. O envio de José Prudêncio dos Reis como agente diplomático ao Rio Grande do Sul, mesmo sem nenhuma experiência nesse sentido, exemplifica essa situação. Talvez com a conquista de Desterro, onde o aparelho de governo estava melhor organizado, as coisas melhorassem para a República Juliana, mas como sabemos, isso não ocorreu.

Para Rosseti, um auxílio poderia vir de fora, com negociações acerca da política externa. Em mais de uma carta ele demonstra essa preocupação. Na mesma em que apresenta o enviado diplomático ele afirma que

> a parte mais delicada é a meu ver a política externa, e certamente V. Ex. talvez pense como eu a este respeito. Castellini mesmo me o diz. Observará que para não estar de frente mostro nas instruções inclinar-me em favor da aliança com Rosas – mas o Enviado leva uma nota particular sobre a qual deverá se entender previamente com V. Ex.ª a tome bem em consideração e procure Ex.mo Senhor que não seja cometido o erro que eu receio e tentamos prevenir. Talvez que ele bastaria para destruir num instante o trabalho de quatro anos e as esperanças de cinco milhões de oprimidos.[209]

---

[208] Idem.
[209] Idem.

Não sabemos exatamente quais eram os erros temidos por Rosseti, talvez a forma como a política externa havia sido tratada pela República Rio-Grandense, porém é clara sua preocupação sobre esse tema e a maneira como considera este um assunto importantíssimo para o futuro da República Juliana. Castellini era um amigo de Rosseti, também italiano, estabelecido em Montevidéu e que segundo Rosseti, juntamente com Cuneo, outro italiano, seriam de grande importância para a república em Santa Catarina. Em 14 de setembro Rosseti solicitou a Domingos José de Almeida "ativar o armamento de corsários em Montevidéu. Escreva a Cuneo e Castellini. Será um dia feliz para mim em que verei entrar barra dentro uma embarcação armada daquele porto. Eu sei quanto esse golpe vai ser fatal ao Império e proveitoso às duas Repúblicas".[210] Em correspondência enviada diretamente a Cuneo, Rosseti novamente mencionou a necessidade de acionar o "armamento Corsari". [211] Possivelmente a insistência de Rosseti nesse assunto era pela necessidade de se atacar as embarcações imperiais que bloqueavam o porto de Laguna. O auxílio externo poderia surpreender e causar estragos nas unidades da marinha do Império ali fundeadas. Em outra correspondência informa ao Secretário de Governo Rio-Grandense que

> seria conveniente que soubéssemos se nossas embarcações seriam recebidas no Porto de Montevidéu, porque neste caso poderíamos mandar alguma por [ilegível] de buscar os marinheiros que Castellini tiver engajado. Me tomo [sic] outra vez a confiança de lhe confessar que estão com bastante cuidado pela política exterior que esse Gabinete ia [sic] adotar. Não [ilegível] nada partidário de uma aliança com Rosas e muito menos o faz agora que teríamos muito que recear da França se por acaso nos envolvêssemos na sua questão com o ditador.[212]

As dúvidas de Rosseti acerca do recebimento das embarcações catarinenses são compreendidas por causas das disputas e alternância no poder uruguaio entre Manuel Oribe e Frutuoso Rivera. As constantes mudanças de interesses e ambigüidades poderiam influir no apoio recebido pelos farroupilhas da República Oriental.[213] Neste momento, Rosseti parece não encontrar

---

[210] AHRS. Coleção Alfredo Varela. CV. 8041. Carta de 14 de setembro de 1839.
[211] DALL' ALBA, João Leonir. **Laguna antes de 1880**: documentário. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 128.
[212] AHRS. Coleção Alfredo Varela. CV. 8043. Carta de 11 de outubro de 1839.
[213] TITARA, Ladislau dos Santos. **Memórias do grande exército aliado libertador do Sul da América.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1950. p.19-20.

muitas vantagens em uma aliança com Rosas, por receio de alguma atitude hostil da França.[214] Os interesses franceses na região platina eram acerca da livre navegação dos rios da bacia do Prata, contrários às determinações de Rosas de manter a limitação do comércio exterior através do porto de Buenos Aires. Essas disputas levaram à intervenção francesa no Prata e um bloqueio do porto de Buenos Aires neste período.[215] Daí as preocupações de Rosseti.

Além da política externa, as questões relativas à economia também e ao porto também ocuparam a pauta e as ações da República Juliana. Por isso, um dos primeiros decretos estabelecidos foi aquele que determinava o porto de Laguna franco ao comércio das nações estrangeiras, uma vez que boa parte da economia da região dependia do comércio realizado por ali. Segundo Rosseti, este decreto era de sua autoria.[216] Além dos negócios via marítima, outra preocupação percebida nas correspondências com Domingos José de Almeida era com a produção agrícola. Dizia ele,

> o território vastíssimo desta República é quase todo devoluto e seriamos bem dignos de repreensão se não procurássemos de aproveitar-nos dele – tão de mais que é muito fácil de demonstrar quais as vendas de terreno melhor influem nos progressos da agricultura de que as doações condicionais, sejam embora efetuadas ao preço mais baixo possível.[217]

Rosseti afirma que o território é grande e que seria um desperdício não aproveitá-lo para a produção agrícola. Também propõe, ao que parece, a venda dos terrenos ao invés da tradicional concessão, o que segundo ele, seria mais interessante para o progresso da agricultura, proposta um tanto quanto inovadora para a época. Não temos como confirmar se essas idéias foram postas em prática, acreditamos que não, pois a carta em que Rosseti relata esses pensamentos data de poucos dias antes da retomada de Laguna pelas forças imperiais.

Nas atas da Câmara Municipal também são encontradas questões referentes à economia da República Juliana. Na sessão de 8 de agosto de 1839, uma das primeiras reuniões dos vereadores de

---

[214] Em sua correspondência enviada à G. B. Cuneo em Montevidéu, Rosseti também afirma seus receios de entrar em conflito com interesses franceses. DALL' ALBA, João Leonir. Op. cit. p. 131.
[215] SARMIENTO, Domingos Faustino. **Facundo**: civilização e barbárie. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 52.
[216] AHRS. Coleção Alfredo Varela. CV. 8041. Carta de 14 de setembro de 1839.
[217] AHRS. Coleção Alfredo Varela. CV. 8044. Carta de 3 de novembro de 1839.

Laguna, "resolveu-se que se oficiasse aos Juízes de Paz desta Vila [Laguna] e de Imaruí, para prevenirem a saída por atacado dos gêneros de importação, principalmente o sal, por ser de primeira [necessidade]."[218] Essa preocupação se refere principalmente por saberem os vereadores que estando a região em estado de guerra, a circulação de mercadorias sofreria uma diminuição, a produção provavelmente também sofreria algum dano e com a presença de um contingente armado, o consumo de alimentos e recursos locais aumentariam consideravelmente. A preocupação específica com o sal se dava por ser muito importante na criação de gado, e em outras atividades como a pesca, empregado para salgar os peixes. Lembramos que quando Lages foi ocupada pela primeira vez pelos farroupilhas em 1838, o governo provincial determinou a proibição de todo e qualquer comércio com a vila de Lages, visando principalmente, desabastecer aquela região de sal, fundamental para a economia local.

O que transparece nas demais atas das sessões da Câmara de Laguna é a tentativa de organizar o estado e aparelho de governo republicano. São diversas nomeações para cargos de juiz de paz das freguesias, inspetores de quarteirão, chefes de polícia entre outros. As preocupações com a frente de combate também são evidentes e muitos que foram nomeados para cargos públicos eram licenciados, procedendo-se ao chamamento do suplente, por estar o indicado envolvido com as ações militares desenvolvidas pelas forças farroupilhas que tentavam avançar rumo ao norte. Foi o caso do nosso já conhecido Capitão Joaquim José da Costa que eleito para membro do Conselho Governativo da República foi dispensado por "achar-se no comando da força da frente".[219]

Entre as nomeações para cargos e outras deliberações tomadas pelos membros da Câmara Municipal de Laguna, um pedido do professor do distrito de Tubarão chama a atenção. Foi relatado pelo secretário José Pinto dos Reis na ata da sessão de 1º de agosto de 1839 que havia se respondido "a um ofício de um Professor das primeiras letras do Tubarão em que pede a esta Câmara que lhe assegure seu ordenado".[220] O que achamos interessante nesse caso é que a iniciativa de entrar em contato com o governo partiu do professor de Tubarão, o qual provavelmente já exercia essa função

[218] BOITEUX, Henrique. Op. cit. p. 167.
[219] Idem. p. 169.
[220] Idem. p. 165.

antes da chegada dos farroupilhas. Essa atitude pode ser entendida como uma forma de apoio aos rebeldes e à República por ele continuar trabalhando debaixo de um novo tipo de governo. No entanto, acho mais provável que o professor estivesse tentando garantir o seu ganha-pão, independentemente de quem estivesse no poder. Acreditamos que isso ocorria também com outras pessoas de Laguna confirmadas pelo governo republicano para cargos que já ocupavam anteriormente. Não necessariamente estas pessoas partilhavam de sentimentos simpáticos aos farroupilhas, é possível que isso também ocorresse, mas é importante que tenhamos em mente que apesar de todo o apoio e auxílio demonstrados acima, os rebeldes não eram unanimidade em Laguna.

Muitas pessoas deixaram a vila com o avanço dos farrapos sobre Laguna. Isso pode ser atestado nas atas das sessões da Câmara e em um ofício do Presidente da Província Francisco Soares de Andréa enviado ao Juiz de Direito Severo Amorim do Valle no qual informa que

> tendo-se-me [sic] ontem apresentado alguns indivíduos que fugindo da Vila da Laguna chegaram a esta, V. S.ª as chamará à sua presença para fazer as indagações que julgar necessárias, e proceder a sumário afim de conhecer-se quais os indivíduos mais salientes daquela revolta. Deus Guarde a V. S.ª Palácio do Governo da Província de Santa Catharina em 30 de Agosto de 1839 = Francisco José de Souza Soares de Andréa = S.r Severo Amorim do Valle.[221]

Como podemos ver, algumas pessoas deixaram a vila de Laguna com a chegada dos farroupilhas, deixando claro que não nutriam os mesmos sentimentos de simpatia que outros habitantes possuíam, os quais celebraram a presença dos rebeldes em julho de 1839. O receio das atitudes dos rio-grandenses em relação à população pode ter contribuído para a evasão de moradores da vila. Isto foi tema em uma sessão da Câmara Municipal onde se decidiu proceder à uma arrecadação judicial dos "bens e fazendas das pessoas que desampararam esta Vila [Laguna] e mais Distritos" para realização de leilões públicos onde se venderiam estes bens como forma de arrecadação de renda pela república. Vemos que não apenas da sede da vila, mas também dos

---

[221] APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes. Vol. 1839-1842 – p.04. Ofício de 30 de agosto de 1839.

distritos pertencentes à Laguna, muitas pessoas deixaram suas casas em direção a Desterro, fugindo do avanço das tropas farroupilhas sobre Laguna.

Porém, nem todos que por ventura desejassem deixar a vila conseguiram. Foi o caso da esposa do Alferes Botia narrado pelo Presidente Soares de Andréa ao Ministro da Marinha Jacinto Roque da Sena Pereira da seguinte forma:

> O Alferes Botia na sua retirada da Laguna não pode salvar a Mulher que lhe ficou entre os Rebeldes: recorreu a um amigo para escrever a outro que tinha na Laguna que solicitasse a vinda da sua Mulher e de alguns Escravos que tinha.[222]

Os motivos da permanência da esposa de Botia, até que ponto ela não conseguiu ou não quis deixar Laguna, não temos como afirmar. Porém, acreditamos que o mais provável é que, a exemplo de outras pessoas, ela simplesmente não teve meios, talvez a falta de condução, para retirar-se em direção à Desterro. Essa informação confirma que havia também em Laguna pessoas que, não podendo deixar a vila e não sendo adeptas à república, tiveram, no entanto, de conviver com a presença dos farroupilhas obedecendo quem, naquele momento, estava no poder.

É possível também, que muitas pessoas estivessem alheias aos acontecimentos, sabiam o que se passava, mas não tomavam, declaradamente, partido nem para um lado, nem para o outro, dando mais atenção aos seus problemas cotidianos e familiares, evitando algum tipo de retaliação.

Sabemos então que, inicialmente, os farroupilhas contavam com grande apoio em Laguna, porém não podemos imaginar que todas as pessoas eram a favor dos rebeldes. O que percebemos foi que diversos tipos de atitude se desenvolveram durante a República Juliana, alguns deixando a vila, nos passam a idéia de medo e/ou repulsa dos farrapos. Aqueles que não puderam sair e que não apoiavam os rebeldes tiveram que conviver por um determinado tempo com aqueles, "dançando conforme a música", e outros ainda, numa atitude muita similar a esta última, sem inclinação política, levavam suas vidas independentemente de quem estivesse no poder. Como veremos adiante, com a contra-ofensiva legalista e a retirada farroupilha a situação se inverteu, e aqueles que

---

[222] APESC. Registro do Presidente da Província para Ministério da Marinha. Vol. 1839-1842 – p. 19v. Ofício de 17 de outubro de 1839.

atuaram na República Juliana procuraram se retratar para escapar as punições e viver sob o regime imperial. Ao que nos parece, esse jogo de inversões era comum no cenário político da época.

Cidadania na República Juliana

Na sessão extraordinária da Câmara Municipal de Laguna em 29 de julho de 1839 declarou-se "a Independência do Estado Catarinense Livre e Independente, adotando o sistema Republicano Rio-Grandense em todo o círculo que as fileiras da Divisão Auxiliadora e Libertadora Rio Grandense tem avançado neste Município e em os mais da Província, ficando assim formado um Estado Republicano, Livre, Constitucional e Independente".[223] Ou seja, toda a parte meridional de Santa Catarina, desde a planície do Massiambú até a fronteira sul no rio Mampituba e a região do planalto estavam submetidas a partir daquele momento à um governo republicano nos moldes do governo instaurado em parte do Rio Grande do Sul pela Guerra dos Farrapos. Sendo esta considerada uma rebelião de caráter liberal, algumas questões acerca da cidadania no sistema republicano se colocam. De acordo com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, documento que estabeleceu os postulados básicos do liberalismo, eram assegurados à todos os cidadãos liberdades individuais e direitos de propriedade, além de poderem participar da elaboração dos preceitos necessários para a manutenção da ordem e para o desenvolvimento da comunidade.[224]

A cidadania plena foi estendida a todos os habitantes de Santa Catarina que agora viviam sob a República Juliana? Falamos em cidadania plena pois, segundo Lucia Maria Guimarães, apesar de assegurar direitos à todos os cidadãos, a linguagem liberal é abstrata e não esclarece quem pode

[223] Idem. p. 163.
[224] GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Liberalismo Moderado: postulados ideológicos e práticas políticas no período regencial (1831-1837). IN: GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal; PRADO, Maria Emília. (Orgs.) **O liberalismo no Brasil Imperial**: origens, conceitos e práticas. Rio de Janeiro: Revan: UERJ, 2001. p. 103.

ser considerado cidadão e quais são aqueles que podem participar do sistema representativo, cabendo interpretações sobre estas questões.[225]

Quando foi proclamada a República Rio-Grandense em 1836, um ano após o início dos desentendimentos políticos no Rio Grande do Sul, se buscou organizar uma Assembléia Constituinte, porém a mesma só se reuniu pela primeira vez em fins de 1842, porém devido a desentendimentos não chegou a discutir os artigos do projeto de Constituição. Com a aproximação das forças imperiais em fevereiro de 1843, a assembléia se dissolveu e não chegando a se reunir novamente.[226] Por estes motivos, os farroupilhas se baseavam nos moldes da Constituição Brasileira de 1824, apenas com adaptações ao regime republicano. A carta outorgada por D. Pedro I em 1824 estabelecia os critérios para aqueles que estavam aptos a exercerem seus direitos políticos, dividindo a população em cidadãos ativos e cidadãos passivos. Andréa Slemian analisa os debates da Assembléia Constituinte de 1823 e os postulados da Carta Constitucional de 1824 acerca da definição dos conceitos de cidadania. Segundo ela, havia uma discussão sobre as diferenças em se considerar os membros da sociedade como "brasileiros" ou "cidadãos". No texto constitucional havia uma distinção entre nacionalidade e cidadania, pois àqueles aglutinados na categoria "brasileiros", homens livres, estrangeiros naturalizados e libert os, caberiam apenas os direitos civis. Os direitos políticos eram reservados para os cidadãos, sendo que para estes havia um outro artigo determinando quem eram os "cidadãos-ativos", ou seja, habilitados a votar nas eleições primárias.[227]

As discussões e as opiniões dos deputados giraram em torno de se incluir ou não aqueles apenas considerados "brasileiros" na categoria de "cidadãos". Como vemos, mesmo nesta categoria, havia uma distinção entre aqueles que estavam aptos a exercerem os direitos políticos e os que apenas gozavam dos direitos civis. Porém, a polêmica não alterou o fundamental, que ambos os

---

[225] Idem.

[226] CAGGIANI, Ivo. **David Canabarro:** de tenente a general. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992. p. 105-107.

[227] SLEMIAN, Andréa, Seriam todos os brasileiros cidadãos?: os impasses na construção da cidadania nos primórdios do constitucionalismo no Brasil (1823-1824). In: **Seminário IEB**. http://www.usp.br/ieb. p. 03.

lados concordavam era na divisão da concessão de direitos entre cidadãos ativos e cidadãos passivos, aqueles gozando de plenos direitos e estes apenas dos direitos civis.[228]

Segundo Guimarães, isto ocorreu, pois "no caso brasileiro a doutrina liberal foi ao mesmo tempo "revolucionária" – no que se refere à emancipação política e à destruição de instituições político administrativas tradicionais – e "conservadora" – quando se tratava de manter a ordem vigente".[229] A preocupação em se manter a ordem vigente, ou seja, uma sociedade escravista de base agro-exportadora, se refletiu na Constituição onde a escravidão não foi alterada e a exclusão da maior parte da população da participação política por critérios econômicos perpetuaria a camada dirigente no poder.

Ao adotar os pressupostos da Constituição Brasileira em sua própria carta constitucional, os farroupilhas confirmavam estes preceitos e distinções. Conseqüentemente, ao declarar como vigente no Estado Catarinense os moldes da República Rio-Grandense, a República Juliana também estabelecia as mesmas distinções entre cidadãos ativos e passivos. Isto pode ser observado nas eleições para presidente e conselho governativo da República Juliana, onde em meio a uma população de aproximadamente nove mil pessoas, apenas alguns tinham o direito de votar.[230]

Apesar de Rosseti assinar suas cartas para Domingos José de Almeida com a frase "pelo incremento do sistema democrático adaptado"[231], as noções de democracia de Rosseti, influenciado pelo *Carbonarismo*[232], e a noção de liberais brasileiros de meados do século XIX eram diferentes. Naquela época, a democracia - poder do povo - era entendida como algo abominável pelas camadas dirigentes, associado à anarquia e desordem social. Segundo alguns preceitos, a população em geral não tinha capacidade de reger seus destinos políticos, tendo que ser conduzida por aqueles que eram capazes de tais ações. Nas palavras de Araújo Lima,

---

[228] Idem.
[229] GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Op. cit. p. 104.
[230] Votaram na eleição de presidente 21 pessoas (renda de 200 mil réis) e para conselho governativo cento e setenta e uma pessoas (renda de 100 mil réis). BOITEUX, Henrique. Op. cit. p. 157.
[231] AHRS. Coleção Alfredo Varela. CV. 8041. Carta de 14 de setembro de 1839.
[232] "A *carboneria* (este nome advém do hábito que tinham os seus membros de reunirem-se nas florestas, e, mais precisamente, nas cabanas dos carvoeiros – *carbonai*) é uma sociedade secreta fundada na Itália meridional no começo do século XIX, organizada para lutar contra a monarquia dos Bourbons. Extensivamente, os *carbonari* opõem-se aos austríacos e a todos aqueles que julgam exercer um poder tirânico". DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi.** Porto Alegre: L&PM, 1998. p. 10.

> na organização da sociedade entram todos com as suas forças, e com o seu grau de inteligência para o fim comum, que é o bem de todos [...] é verdade que nem todos têm igual habilidade para desempenharem os Ofícios da sociedade, porque a natureza não deu a todos iguais talentos; isto porém o que prova, é que nem todos podem exercer os mesmos direitos [...] A desigualdade de talentos, e inabilidade natural e mesmo social traz consigo desigualdade de direitos.[233]

Vemos então que alguns eram considerados aptos a exercerem os direitos políticos e participarem ativamente da vida política no Brasil. Este modelo foi reproduzido também na República Juliana onde a grande maioria da população foi excluída da participação direta na política republicana. Por estas razões a resposta para a pergunta formulada acima é não, a cidadania plena não foi estendida a todos os habitantes de Laguna na República Juliana.

Apesar disso, a população teve sim influência nos rumos dos acontecimentos que circundam a República Juliana e, buscou outras formas de participar e manifestar sua opinião durante o período republicano em Santa Catarina em 1839. Essas manifestações serão objeto de análise do próximo capítulo.

[233] **Diário da Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil**: 1823. Brasília, Centro Gráfico do Senado Federal, 1973, v. 3. p. 106. Apud. SLEMIAN, Andréa. Op. cit. p. 06.

Capítulo 4

Descontentamento

Para a tomada de Laguna e a campanha em Santa Catarina, os farroupilhas empregaram uma grande força. Como vimos os objetivos em território catarinense não se limitavam à proclamação da república em Laguna, mas também, uma expansão rumo norte, incluindo a posse da capital da província catarinense: Desterro. Rosseti menciona esse propósito algumas vezes em suas correspondências com Domingos José de Almeida, referindo-se à entrada na Cidade ou à tomada da Ilha.[234] Para tanto, foram mobilizadas em Santa Catarina tropas farroupilhas contando em torno de mil homens, de acordo com informações recebidas em agosto de 1839 pelo Presidente da Província João Carlos Pardal. Ele informava ao Ministério da Guerra o seguinte,

> Quanto a posição e força do inimigo o que tenho podido colher de bombeiros que todos os dias estou expedindo é o seguinte. David Canabarro tem 200 Lanceiros e igual força de Carabineiros, e mais 200 a 300 Infantes, a força principal de Cavalaria está além da Laguna por causa de melhores pastagens, nessa Vila há 100 homens, em Vila Nova 60, em Garopaba igual força, e o rebelde chamado Comandante da avançada intitulado Tenente Coronel José Teixeira Nunes tem no Passo do Embaú a sua gente composta de 300 homens, 100 de Cavalaria e 200 Infantes distando seus piquetes até ao Rio Massiambú, próximo ao Morro dos Cavalos, ao todo entre tropa vinda do Sul e gente que tem obrigado uma outra voluntária a seguir o seu partido, diz-se ter o inimigo de 800 a 1000 homens.[235]

Podemos visualizar de que maneira estavam distribuídas as forças farroupilhas pelo território do município de Laguna e a concentração de tropas junto ao rio Massiambú e Morro dos Cavalos, principal preocupação das forças imperiais. O número de homens engajados nas tropas farroupilhas foi estimado pelo governo provincial baseado em informações colhidas através de batedores na frente de batalha, podendo ser questionado, porém acreditamos que essa estimativa esteja correta e que os farrapos contavam realmente com uma força de aproximadamente mil

[234] AHRS. Coleção Alfredo Varela. CV - 8043. Carta de 11 de outubro de 1839; CV - 8044. Carta de 3 de novembro de 1839.
[235] APESC. Registro do Presidente da Província para Ministério da Guerra. Vol. 1839 – p.21v-/22. Ofício de 7 de agosto de 1839.

homens.[236] Esse ofício, datado de agosto de 1839, revela que os rebeldes avançaram rapidamente sobre o território catarinense após a tomada de Laguna chegando ao limite do seu avanço no Morro dos Cavalos, planície do Massiambú, onde permaneceram até final do mês de outubro.[237]

Durante o período em que a frente de batalha ficou estacionada na planície do rio Massiambú e a República Juliana buscava se organizar, podemos notar uma mudança no clima vivido em Laguna. Aquele ambiente favorável aos republicanos foi dando lugar a uma antipatia por parte da população para com os rebeldes. O relacionamento entre catarinenses e rio-grandenses foi se desgastando com o passar do tempo. Podemos sentir um pouco dessa situação através de trechos das correspondências de Ana Maria de Jesus para sua irmã no Rio de Janeiro. Em 30 de outubro de 1839 escrevendo a bordo do navio *Rio Pardo* ela descrevia o momento vivido.

> Em Laguna, os últimos tempos não têm sido fáceis, alternando momentos maravilhosos com José e desconcertantes provas de ódio por parte dos nossos conterrâneos. Fui ameaçada, me chamaram de puta, de traidora.[238]

Nessa ocasião Ana já estava vivendo com Giuseppe Garibaldi, referido como José, e parecia não agradar muitas pessoas em Laguna.[239] Sua união com Garibaldi certamente não era vista com bons olhos pela população da época pelo fato de ela ser casada. Ana se referia à situação como difícil, comentando, certamente, o tratamento pouco educado dispensado a ela pela população, mas também relatando o momento vivido pelos farroupilhas em Laguna naquela ocasião. Provavelmente muitos lagunenses associavam sua insatisfação com a presença das forças rio-grandenses em Laguna com o fato de Ana ter se juntado ao italiano Giuseppe Garibaldi e assumido publicamente um romance com ele. Em outra carta, agora datada de 6 de novembro de 1839, uma semana antes da retirada dos rebeldes de Laguna, Ana Maria escrevia:

---

[236] Esse número pode ser inclusive superior pois na batalha de 15 de novembro os farroupilhas contavam com um pouco menos de mil homens. Muitas deserções ocorreram nas tropas farroupilhas desde a tomada de Laguna em julho permitindo-nos supor que a força empregada em Santa Catarina realmente contava com aproximadamente mil pessoas. CAGGIANI, Ivo. **David Canabarro:** de tenente a general. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992. p. 82.

[237] APESC. Registro do Presidente da Província para Ministério da Guerra. Vol. 1839/1841 – p.27/29. Ofício de 14 de novembro de 1839.

[238] GARIBALDI, Anita. **Anita Garibaldi**: a mulher do general. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 53-54.

[239] Lembremos aqui que Ana Maria era casada desde 1835 com Manuel Duarte. Este, no entanto, convocado para combater os farroupilhas, deixou a vila de Laguna juntamente com outros reservistas e não retornou. Idem. p. 35.

> Ainda estou morando no *Rio Pardo* com José, para ficar com ele e para fugir da hostilidade de toda a cidade contra mim. Não, "toda a cidade" não é a expressão correta. Não quero exagerar. Muitas pessoas continuam amigas, principalmente os simpatizantes da revolução, todos os companheiros e alguns amigos de Laguna [...][240]

Dessa maneira, podemos visualizar como se configurava a situação em Laguna dias antes do ataque imperial e da retirada dos farroupilhas de Laguna. Isso também pode ser percebido pela quantidade de deserções das tropas farrapas ocorridas nesse período. Já vimos que as deserções ocorriam de lado a lado e que eram corriqueiras nas forças militares da época. No entanto, isso ocorreu em grande medida nas forças farroupilhas no período em que Ana Maria relatava os tempos difíceis vividos em Laguna. Davi Canabarro em uma de suas últimas correspondências expedidas da *Cidade Juliana* ao General Antônio Neto, critica os catarinenses e expõe a situação na Capital da República Juliana.

> Amigo Neto – Cidade Juliana, 9 de novembro de 1839. As fileiras defensoras desta República contam com um diminuto número de Catarinenses; na vanguarda 7 Lageanos de cento e tantos e 30 Lagunenses; o batalhão de guardas nacionais desta cidade anteontem contava 300 e ontem cento e tantos. Onde irá fazer termo a falta de brio e desalento destes homens? Não tem limites; nasceram para escravos, salvo honrosas exceções.[241]

A indisposição dos catarinenses com os farroupilhas era tanta nos últimos dias de duração da República Juliana que a deserção de lagunenses das linhas de frente e dos batalhões de defesa da vila se fazia às centenas – note-se que a carta de Canabarro está datada de 9 de novembro de 1839, menos de uma semana da derrota final dos farroupilhas para as forças imperiais. Podemos notar o grande desgaste em que se encontrava a relação entre farrapos e catarinenses nos comentários de Canabarro sobre estes últimos, aos quais chama de nascidos para escravos e sem brio. Manoel Teixeira Nunes escrevia ao Comandante das operações legalistas José Fernandes Pereira em 11 de novembro que contava com sessenta soldados, além daqueles que iam

[240] Idem. p. 57.
[241] CAGGIANI, Ivo. Op. cit. p. 81.

continuamente "desertando das fileiras deles [rebeldes] a engrossar as nossas". [242] A decisão dos soldados de desertar dos batalhões revela a situação adversa que vivia o governo republicano e a relutância de muitos em continuar lutando ao lado dos farroupilhas. Certamente muitos dos que desertavam o faziam porque foram recrutados à força, prática comum da época, como já abordamos. No entanto, é muito provável que outros tenham se voluntariado para compor os batalhões farroupilhas em Santa Catarina, uma vez que o apoio e simpatia para com os farroupilhas eram grande em Laguna no período inicial da República Juliana. Essas deserções revelam também a mudança de clima na vila, demonstrando que a situação alternou de favorável à desfavorável com o passar dos meses.

Podemos identificar as causas para essa inversão no ambiente vivido em Laguna fundamentalmente em dois fatos: o bloqueio do porto e a presença da tropa na vila. Como vimos, uma das primeiras medidas tomadas pelo governo provincial para combater os farroupilhas foi ordenar um bloqueio ao porto de Laguna, baseando embarcações de guerra em frente à barra da Lagoa com o propósito de evitar o trânsito de navios para dificultar a comunicação e o abastecimento da vila. Certamente isso criou problemas para o comércio da vila e afetou interesses particulares em Laguna, abalando o relacionamento entre rio-grandenses e catarinenses. A presença da tropa também causou transtornos. A impossibilidade de avançar sobre Desterro obrigou os farroupilhas a manterem suas forças estacionadas no município de Laguna.

Acreditamos que esses dados são importantíssimos para o entendimento do que se passou em Laguna nos últimas semanas da República Juliana. Imaginemos o impacto de um aumento populacional repentino de mais de mil pessoas sobre um município de 12000 habitantes. De acordo com os censos apresentados no capítulo 1, com a chegada das tropas farroupilhas, a população de Laguna elevou-se em poucos dias, praticamente o mesmo que levou sete anos para crescer. Sabemos que a manutenção de uma força militar demanda diversos recursos para manter o abastecimento e alimentação dos soldados. Certamente muitas requisições de guerra eram feitas em

---

[242] APESC. Ofícios de Diversos para Presidente da Província. Vol. 1839 – p. 118/119. Ofício de 11 de novembro de 1839.

caráter de emergência, ou seja, sem pagamento prévio, à população de Laguna que fornecia gêneros ao exército, porém não recebia a restituição devida. Isso sem mencionar os saques que provavelmente ocorriam, pois a insubordinação e indisciplina, comuns as tropas do período, propiciavam esse tipo de atividade, o que certamente desgastava o relacionamento entre catarinenses e rio-grandenses.[243] As tropas farroupilhas permaneceram estacionadas em Laguna, sem possibilidade de avanço por pelo menos três meses. Esse fato, aliado ao bloqueio do porto, certamente gerou desabastecimento em Laguna, e significou um pesado fardo para a vila, minando o apoio demonstrando inicialmente e gerando o clima de insatisfação detectado nas cartas de Ana Maria de Jesus e nas deserções relatadas por Canabarro. O descontentamento da população de Laguna se fez sentir mais explicitamente na revolta ocorrida na Freguesia de Imaruí.

Revolta de Imaruí

Os problemas enumerados acima e o conseqüente desgaste de relacionamento entre os habitantes de Laguna e os farroupilhas foram agravando a situação enfrentada pela República Juliana de tal forma que no início de novembro de 1839 os habitantes da Freguesia de Imaruí pegaram em armas e se revoltaram contra os rebeldes rio-grandenses. O levante de Imaruí foi noticiado pelo Jornal *O Povo* com a publicação de uma correspondência de Davi Canabarro ao General Antônio Neto, no entanto foi relatado por aquele como um episódio de pouca relevância:

> Il^{mo}. Ex^{mo}. S.^{r} – Tendo o inimigo na Freguesia de Imaruí formado reunião dos refugiados pelos matos, não só dali como do Tubarão, por onde pequenas partidas já fizeram sentir o furor realista, determinei mandar dispersá-los por 100 homens sob o mando do Capitão Tenente Garibaldi. A empresa precedida das necessárias cautelas, teve o fim desejado; o inimigo reunido ali em número de 250, sofreram uma derrota completa, morrendo três dentro da povoação número que admira assim mesmo, porque dispersaram-se ao primeiro grito de Liberdade. Duas canhoneiras, e o Palhabote Seival foram à expedição, e somente serviram para observar o que ali se passou.

[243] Apesar da probabilidade, não encontramos outros indícios da ocorrência de saques além do incidente de Imaruí.

> Tivemos dois feridos levemente da primeira embuscada [sic], única que deu sinal a seus companheiros. O inimigo ainda se acha em Vila Nova, tendo em sua frente em Tapiruva o Coronel Teixeira. Temos em nosso poder 12 prisioneiros do Imaruí.
> Deus Guarde a V. Ex.ª – Cidade Juliana 12 de Novembro de 1839, as 4 horas da tarde. – Ao Ex.mo Cidadão *Antonio Netto*, General em Chefe do Exército Rio Grandense. – David Canabarro.[244]

Segundo Canabarro, soldados legalistas que estavam dispersos se reuniram em Imaruí em número de 250 homens e foi enviada uma força farroupilha para combater estes soldados. Podemos supor que a população da Freguesia de Imaruí, animada pela presença desses praças imperiais, revoltou-se contra a presença farroupilha. De acordo com Canabarro a ação foi muito rápida e teve o efeito esperado. Canabarro escreve ao General Netto contando o que parece ter sido uma operação normal. Porém Garibaldi, que comandou a repressão ao levante de Imaruí, conta mais detalhes e demonstra que a operação não ocorreu exatamente com a tranqüilidade que Canabarro descreve. Assim se inicia o relato que o revolucionário italiano faz a Alexandre Dumas em suas memórias:

> Visto que o inimigo continuava a avançar contra as nossas posições em sua marcha por terra, e em número tão superior que não haveria possibilidade de lhe opor resistência, e visto ainda que nossa estupidez e nossa incivilidade nos haviam alienado os habitantes da Província de Santa Catarina, prestes a se insurgirem e a se associarem às milícias imperiais (a própria gente do povoado de Imaruí, situado na extremidade do lago, já deflagrara a sua revolta), o general Canabarro emitiu-me a ordem de castigar aquele pobre torrão a ferro e fogo. Não tive escolha: obedeci ao seu comando.
> Os aldeões aquartelados haviam obrado preparativos de defesa, todos eles voltados para o mar. Desembarcamos, então, a três milhas de distância e os assaltamos pelo lado da montanha, no momento em que menos esperavam. Surpreendida e batida, a guarnição abalou e assentamos assim o nosso domínio sobre Imaruí.[245]

Como vimos, com o passar do tempo as dificuldades enfrentadas pela República Juliana foram aumentando e, tornando o fardo sobre a população insuportável. Provavelmente muitos daqueles que inicialmente se mostravam favoráveis à república foram desanimando e entrando em atrito com os farrapos. Segundo o relato de Garibaldi, as notícias dos reveses farroupilhas na

---

[244] O Povo. Suplemento ao nº 121. p. 01. Caçapava, 23 de novembro de 1839.
[245] DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi.** Porto Alegre: L&PM, 1998. p. 102

frente de batalha já estavam chegando aos ouvidos da população e os habitantes da Imaruí, animados com o avanço das forças legalistas, se rebelaram contra a República Catarinense. No entanto a primeira vista, Garibaldi não deixa clara a questão da presença de forças imperiais no distrito, como justificava Canabarro a ordem para a repressão. Podemos supor a partir das palavras de Garibaldi que a própria população se organizou e preparou defesas para combater os farroupilhas, tal era o nível de insatisfação com a situação. Isso pode ser percebido também um ofício do Presidente Francisco José Soares de Andréa ao Ministério da Guerra onde ele comentava sobre o avanço das tropas legalistas e as primeiras vitórias sobre os farroupilhas. Abordando as forças do inimigo ele diz,

> aumentaram as Fortificações da Barra, e puseram ali 200 homens de Infantaria do Coronel Silvano, chegado ultimamente do Rio Grande. [...] Não sei ao certo que força trouxe consigo Silvano; mas sei que esta Infantaria tem quatro anos de Campanha, e que parte dela também apareceu em Imaruí, aonde pôs em debandada uma reunião popular que ali tinham feito os moradores.[246]

Por esta correspondência do Presidente Soares de Andréa podemos supor que a revolta foi promovida pelos moradores de Imaruí e que Canabarro tenha se referido à presença de soldados imperais como forma de amenizar a ordem de saque e repressão à localidade. Acompanhando a narração de Garibaldi, realmente o quadro de violência que se configurou em Imaruí foi muito sério. Assim continua o relato de Garibaldi sobre a ação:

> Auguro a toda criatura fiel à sua condição humana, como a mim mesmo, que ela jamais receba uma ordem de teor igual àquela que me fora expedida: ordem que, firme e afirmativa, não me abria qualquer caminho para contorná-la. Ainda que existam longos e prolixos relatos sobre situações dessa mesma natureza, considero impossível que o mais terrificante deles chegue a aproximar-se da realidade. Que Deus, do alto de Sua compaixão, possa perdoar-me! Jamais um outro dia desta vida gravou em minha alma uma tão amarga recordação...
> Ninguém poderá imaginar o desgaste a que me submeti a fim de impedir a violência contra as pessoas e para que a destruição – a pilhagem estando liberada – ficasse circunscrita às coisas inanimadas. Não obstante, creio ter superado as minhas próprias expectativas de êxito. Relativamente aos bens, porém, foi-me impossível evitar a desordem. E nada o faria! Nem a autoridade do comando, nem as punições, nem mesmo os tiros. Apelei até para a ameaça do retorno do

[246] APESC. Registro do Presidente da Província para Ministério da Guerra. Vol. 1839-1841. p. 27-29.

> inimigo, espalhando o boato de que, tendo incorporado reforços, ele estaria voltando à carga. Tudo foi inútil, houvesse o inimigo de fato reinvestido, apanhando-nos desbaratados como estávamos, teria realizado uma verdadeira carnificina.[247]

Neste trecho podemos perceber a violência da repressão farroupilha no levante de Imaruí, um sinal de como os ânimos, de ambos os lados, estavam exaltados. Garibaldi passa a relatar, segundo ele, uma das piores experiências de sua vida. A dramaticidade da narrativa talvez se deva ao fato de suas memórias terem sido escritas quando Garibaldi já estava idoso, relembrando e contando suas aventuras a Alexandre Dumas, autor das *Memórias de Garibaldi*,[248] porém podemos notar que a violência contra a Freguesia de Imaruí foi grande por parte dos farroupilhas. A ação impetuosa certamente foi conseqüência do desgaste sofrido pelas dificuldades enfrentadas pela República Juliana e, estando liberada a pilhagem, os soldados foram em busca de seus próprios interesses, ignorando as ordens dos comandantes, e saqueando as casas, roubando e destruindo o que podiam. Garibaldi afirma que se esforçou e logrou êxito em evitar ofensas aos moradores da freguesia, "relativamente aos bens, porém foi [...] impossível evitar a desordem", mas em vista da violência descrita pelo revolucionário italiano, certamente houve vítimas civis na ação dos farroupilhas. Aqui podemos notar que de fato existiam soldados imperiais em Imaruí, os quais, certamente encorajaram os habitantes a se revoltarem. Afirmamos isso, pois Garibaldi relatava no primeiro trecho destacado, que a guarnição existente no distrito foi vencida e bateu em retirada, porém não explicitava se estava se referindo aos soldados imperiais mencionados por Canabarro. Nesta seqüência, o italiano explicava que uma dos artifícios que utilizou para tentar restringir o saque dos soldados farroupilhas ao distrito era a ameaça do retorno do inimigo com reforços, inimigos aqui entendidos como aqueles praças imperiais que estavam reunidos em Imaruí e foram vencidos pelas forças comandadas por Garibaldi, chamados anteriormente de guarnição. Certamente a presença desses soldados influenciou para a população se revoltar.

[247] DUMAS, Alexandre. Op. cit. p. 102-103.
[248] Garibaldi relatou suas memórias à Alexandre Dumas baseando-se em suas notas de viagem e diários, o que confere maior veracidade aos fatos contados.

Seguindo em sua narrativa, afirma que um dos fatores contribuintes para o tumulto foi o fato de que

> apesar de acanhada, a cidade abrigava uma porção de lojinhas bem sortidas de vinhos e licores alcoólicos, de modo que – excetuando casos como o meu, que bebo unicamente água, e o de alguns oficiais sobre os quais ainda podia exercer o meu controle – a embriaguez foi mais ou menos generalizada. Devo lembrar que os meus homens, na sua maioria, eram indivíduos que eu mal conhecia, recrutados havia pouco tempo, indisciplinados por conseqüência. Cinqüenta homens firmemente determinados que nos atacassem de repente teriam com certeza inclinado as nossas resistências. Enfim, após tantos esforços e ameaças, consegui reembarcar aquelas bestas ferozes. Com o navio carregado de uma certa variedade de víveres e mais algumas mercancias salvas da pilhagem e destinadas à nossa subsistência, retornamos à laguna [sic].[249]

Garibaldi tenta justificar o caos generalizado e seu pouco controle afirmando que os soldados eram novos, muitos certamente, recrutados contra a vontade, característica do recrutamento forçado. É possível que em meio a força que atacou Imaruí existissem novos recrutas, porém o General Soares de Andréa afirmou que soldados vindo do Rio Grande, com 4 anos de experiência compuseram a expedição à Imaruí. O argumento dos novos recrutados pode ter sido utilizado por Garibaldi, para justificar sua falta de controle sobre os homens. A presença de álcool à vontade foi um ingrediente a mais para tornar o quadro de acontecimentos ainda mais problemático. Somando-se então embriaguez, insatisfação, despreparo e indisciplina temos noção do horrendo espetáculo que se formou na repressão da revolta de Imaruí.

O descontentamento da população de Imaruí reflete a situação vivida em Laguna naquele momento. Certamente a insatisfação se fazia sentir em outras freguesias do município, bem como na sede da vila. Encontramos nos livros pesquisados, referências de uma possível conspiração contra os farroupilhas ocorrida em Laguna, organizada por alguns daqueles que inicialmente apoiaram a República Juliana. Infelizmente não encontramos durante nossa pesquisa dados que confirmem com certeza a ocorrência desse conluio e nem os autores pesquisados citam suas

[249] DUMAS, Alexandre. Op. cit. p. 103.

fontes. No entanto, a partir de alguns dados colhidos em documentação secundária, podemos inferir a possibilidade dessa conspiração.

Ivo Caggiani e Aujor Ávila da Luz relatam em suas obras a trama iniciada na vila por negociantes e pelo vigário Francisco Villela de Araújo. Segundo esses autores, muitos estavam frustrados pelos prejuízos que estavam sofrendo em vista de não poderem escoar seus produtos pelo porto, iniciaram a conspiração e, foram seguidos pelo padre Villela de Araújo, sendo a Igreja Matriz de Laguna apontada como núcleo dos conspiradores, a mesma igreja onde o vigário Villela de Araújo celebrou uma missa em comemoração à chegada dos farroupilhas. Segundo esses autores a trama foi descoberta e "foram presos e levados para bordo dos navios, como promotores dela, 70 moradores. O padre Vilela e o major Francisco Gonçalves Barreiros foram considerados chefes".[250] Infelizmente Caggiani e Luz não citam suas fontes ao relatarem esses acontecimentos, mas é muito provável que ambos tenham buscado suas informações na obra de Henrique Boiteux que também relata esse acontecimento de forma muito similar ao que foi contado por Caggiani e Luz, porém Boiteux também não cita suas fontes.[251]

Apesar disso, encontramos referências que podem confirmar ou ao menos, indicar a real ocorrência da suposta conspiração. Durante a batalha ocorrida em 15 de novembro para a retomada de Laguna pela forças imperiais ocorreram mortes de pessoas apontadas como envolvidas na conspiração. Assim informava o Juiz de Paz de Laguna em 10 de dezembro de 1839 ao Presidente da Província

> no dia 15 de Novembro dia da restauração desta Vila foram bárbaro e cruelmente assassinados o [ilegível] Vigário desta Igreja Francisco Villela de Araújo e o Tenente Coronel de Guarda Nacional Francisco Gonçalves Barreiros, aquele do outro lado da Barra, e este a bordo da Escuna Itaparica.
> Consta que o assassínio do Vigário fora feito pelos rebeldes do Sul por ordem de David Canabarro e logo que estes se retirarão o mandei procurar e já se achava enterrado, porém o mandei desenterrar e conduzir para esta Vila a fim de se fazer as últimas exéquias devidas do cargo que ocupava, o que se fez com toda a decência, e nesta o Caixão examinei o Corpo, e conheci ser o próprio, não obstante ter imensos golpes de espadas baionetadas e até os olhos vazados.

[250] CAGGIANI, Ivo. Op. cit. p. 79; LUZ, Aujor Ávila da. **Santa Catarina**: quatro séculos de história XVI ao XIX. Florianópolis: Insular, 2000.p. 191.
[251] BOITEUX, Henrique. **A República Catharinense**: notas para sua história. Rio de Janeiro: Xerox, 1985. p. 204.

> Quanto ao Tenente Coronel Barreiros consta-me que por estar prezo a bordo da Escuna Itaparica, na ocasião de entrar a Esquadra Nacional, ficara o Comandante da mesma João Henriques Teixeira Retalho desesperado, e avançando para o mesmo Tenente Coronel o acutilou bastantemente [sic] presenciando este fato o Comandante da primeira Embarcação que entrou neste Porto Manoel Moreira da Silva, e consta que esse Comandante da Itaparica, logo que acabou de acutilar esse Tenente Coronel fora baleado e morrera mesmo a bordo.[252]

Este ofício pode iluminar um pouco sobre a conspiração e a partir dela podemos supor que esta pode realmente ter acontecido. Pelo relato do Juiz de Paz podemos concluir que os farroupilhas, acusados da morte do vigário Francisco Villela de Araújo, estavam extremamente irritados com o mesmo, uma vez que sua morte foi extremamente violenta, tendo inclusive seus olhos perfurados. O documento menciona que Francisco Gonçalves estava preso a bordo da *Itaparica* confirmando a informação de pessoas foram presas nas embarcações farroupilhas ancoradas no porto de Laguna. As causas para a morte de ambos poderiam estar no envolvimento da conspiração mencionada pelos autores citados acima.

Estes indícios nos levam a crer então, que a indisposição com os farroupilhas se fazia sentir em grande medida em Laguna e atingia inclusive pessoas que anteriormente demonstraram apoio ou então participaram efetivamente da República Juliana. Francisco Gonçalves Barreiros, por exemplo, votou na eleição para presidente da república além de ser Tenente Coronel da Guarda Nacional lutando do lado farroupilha,[253] transparecendo que apoiava o regime republicano e mudou de opinião, assim como diversas pessoas em Laguna devem ter mudado, quando a situação começou a ficar complicada e a indisposição com os rebeldes cresceu e passou a fazer oposição aos farroupilhas. É perfeitamente possível que as pessoas possam alternar sua opinião sobre determinados assuntos se estes não condizerem com suas expectativas. No entanto, outras pessoas, demonstraram uma grande ambigüidade no processo, e mudaram de opinião diversas vezes, conforme a situação.

---

[252] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para o Presidente da Província. Vol. 1839 – vol. 2 p.37/38. Ofício de 10 de dezembro de 1839.
[253] BOITEUX, Henrique. Op. cit. p. 164.

Ambigüidades

No primeiro capítulo apresentamos o exemplo de Bento Manuel Ribeiro que no Rio Grande do Sul, durante a Farroupilha, mudou de lado diversas vezes de acordo com seus interesses, apoiando ora imperiais ora farroupilhas. Em Laguna não foi diferente. Observamos no terceiro capítulo a situação de algumas pessoas ocupando que cargos sob domínio legalista e foram confirmadas nas funções durante a República Juliana.

Neste momento analisaremos mais alguns casos de ambigüidade no posicionamento político de acordo com os acontecimentos. As situações vividas pelo vigário Francisco Villela de Araújo dão um bom exemplo. Na relação de moradores de Laguna que se apresentaram para lutar contra os farroupilhas podemos encontrar o nome do vigário. Esta disposição de se voluntariar para defender a vila de Laguna demonstrava, a princípio, sua intenção de proteger o Império contra os rebeldes rio-grandenses. Porém, após a tomada de Laguna pelas forças farroupilhas e a proclamação da República Juliana, uma missa foi rezada pelo mesmo Francisco Villela Araújo em celebração da instalação do regime republicano em Laguna.[254] Vemos então que aparentemente o padre mudou de opinião a respeito dos farroupilhas, após a vitória destes e com sua presença em Laguna. É possível que o vigário Francisco Villela não fosse realmente partidário dos republicanos, mas procurou se adaptar à situação, ou então visualizou alguma vantagem com a presença dos rebeldes em Laguna. A partir do momento que a estadia dos farroupilhas começou a se mostrar danosa aos seus interesses, ele mudou de opinião novamente e passou a fazer oposição aos farrapos, inclusive encabeçando a suposta conspiração e sendo por isso morto pelos rebeldes no momento de sua retirada de Laguna. Assim como o vigário, muitos outros em Laguna tiveram comportamento semelhante, o que acreditamos ser uma prática política comum na época. À medida que a situação se configurava, cada um procurava estabelecer suas bandeiras para defender e, quando aquilo já não era mais atraente, buscava-se um novo arranjo que satisfizesse.

---

[254] BOITEUX, Henrique. Op. cit. p. 166.

Inicialmente observamos a mudança de atitude, partindo da oposição para participação no governo republicano em Laguna. Retomando a lista das pessoas que se apresentaram para lutar contra os farroupilhas em 1838, encontramos diversos casos de alternância de opinião. Estava disposto a combater os rebeldes, Domingos José da Veiga, descrito como negociante.[255] No entanto, após a tomada de Laguna e a proclamação da república, Domingos pode ser encontrado na lista de votantes para presidente e também em diversas sessões da Câmara Municipal durante o período republicano, sendo empossado vereador na sessão de 17 de setembro de 1839.[256] Da mesma maneira, consta na lista de defesa o nome de José Pereira Carpes, descrito como ourives e Alferes de Milícias.[257] Carpes se apresentou para combater os rebeldes em 1838, no entanto também ocupou uma cadeira na Câmara Municipal de Laguna, participando de sessões desde o dia 27 de julho até 5 de agosto de 1839. Na ata de sua última sessão ficou registrada que o mesmo estava desempossado do cargo de vereador, no entanto as causas para isso não são mencionadas.[258] É possível que José Pereira Carpes tenha deixado seu cargo alegando motivos pessoais ou outros impedimentos, não acreditamos que ele tenha mudado novamente de idéia neste momento, engrossando a oposição aos farroupilhas, a qual pelo que notamos na documentação, começaria a aumentar a partir de final de setembro de 1839.

Outro morador de Laguna, negociante mencionado no primeiro capítulo que foi voluntário para lutar contra os rebeldes foi João Antônio de Oliveira Tavarez.[259] Como vimos João Antônio Tavarez já ocupava cargos públicos em alguns momentos como vereador, em outros como Juiz de Paz. Isso ocorreu também na República Juliana onde sua atuação foi expressiva. Além de votar na eleição para presidência, ele foi eleito para compor o Corpo Governativo Republicano. Além disso, foi nomeado para ocupar a pasta do Ministério dos Negócios da Fazenda, Interior e Justiça da

---

[255] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para Presidente da Província. Vol. 2 1838 – p. 35-37. Ofício de 11 de maio de 1838. A listagem se intitulava como a "Relação Nominal dos Cidadãos que se oferecerão para a defesa da Vila da Laguna" porém, é preciso ter em mente que muitos podem ter sido constrangidos a assinar o documento, e o fizeram para evitar represálias naquele momento.
[256] BOITEUX, Henrique. Op. cit.p. 176.
[257] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para Presidente da Província. Vol. 2 1838 – p. 35-37. Ofício de 11 de maio de 1838.
[258] BOITEUX, Henrique. Op. cit. p. 166.
[259] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para Presidente da Província. Vol. 2 1838 – p. 35-37. Ofício de 11 de maio de 1838.

República Catarinense, assinando diversos decretos, entre eles: o que elevava a vila de Laguna à categoria de cidade e outro nomeando os demais componentes do governo.[260]

Certamente essas mudanças de opinião ou, simplesmente, de lado ocorreram com diversas pessoas, utilizamos estes apenas como exemplos os quais apuramos na documentação. Podemos supor variadas razões para essa alternância durante o processo. É possível que com o avanço das forças farroupilhas sobre Laguna, estas pessoas tenham visualizado na república alguma vantagem ou situação interessante, passando a atuar ao lado dos rebeldes farroupilhas. A chegada dos emigrados e as reuniões apresentadas no segundo capítulo, também ajudam a explicar em parte esse tipo de atitude, propagando idéias de melhores oportunidades que podem ter influído na decisão de mudar de lado. Outra possibilidade é simplesmente a necessidade de não entrar em conflito com a autoridade que naquele momento dominava Laguna, os farroupilhas. É possível que muitos não simpatizassem com os farroupilhas, mas devido à impossibilidade de deixar a vila ou não quererem abandonar seus negócios, ficaram e, sendo convocados a trabalhar, optaram por colaborar para não sofrer algum tipo de represália. Até o momento, exemplificamos mais detidamente casos de pessoas que alternaram do apoio ao Império para colaboração com os farroupilhas. Veremos agora alguns exemplos do oposto. Moradores que assim como Francisco Barreiros fizeram o caminho inverso, não constavam na lista de defesa de 1838, participaram de alguma forma da República Catarinense e após a derrota dos farroupilhas inverteram suas posições, demonstrando fidelidade ao Império.

Um deles foi Américo Antônio da Costa. O nome de Américo não consta da lista de defesa, por isso não nos é possível saber qual sua profissão. No entanto, sabemos que ele possuía uma ocupação que lhe rendia o mínimo necessário para votar na eleição para presidente da República Juliana.[261] O fato de ter participado da eleição nos passa a impressão de que Américo Antônio da Costa apoiava o governo republicano, porém após a retirada das forças farroupilhas e o restabelecimento do poder imperial na vila ele assinou um documento que repudiava o período da República Juliana no qual se lia:

---

[260] Idem. p. 155-161.
[261] Idem. p. 157.

> O Povo Lagunense, tendo, por espaço de quatro meses, sofrido o mais pesado jugo, durante a estada dos rebeldes, conduzidos pelo malvado Canabarro, que apenas trouxe a este Povo a Escravidão, a miséria e multiplicadas perseguições; O Povo Lagunense Ex.mo S.r já se tinha esquecido de tantos sofrimentos, para unicamente se entregar aos vivos transportes da mais pronunciada, e justa alegria pela entrada das Tropas Legais nesta Vila [...][262]

O documento assinado por trinta e duas pessoas pedia a permanência do Batalhão da Serra, força militar estacionada em Laguna e que tinha ordens para se recolher a Desterro. Segundo os signatários, o batalhão era composto de soldados bem disciplinados e garantia a segurança de Laguna, evitando uma outra incursão dos rebeldes farroupilhas na vila. A elaboração desta solicitação demonstrava a adesão de várias pessoas em Laguna à chamada "ordem imperial", inclusive de pessoas que participaram da República Juliana ao lado dos farroupilhas.

A exemplo de Américo Antônio da Costa, também assinou a lista solicitando a permanência do Batalhão da Serra em Laguna em julho de 1840 Antônio Joaquim Teixeira.[263] Ao que parece a opinião de Antônio Teixeira oscilou de apoio aos farroupilhas a repulsa, pois Teixeira trabalhou como vereador na República Juliana e esteve presente em praticamente todas as sessões realizadas pela Câmara Municipal de Laguna durante o período republicano.[264]

Um outro integrante ativo da República Juliana e que depois da retirada dos farroupilhas fez questão de demonstrar sua adesão ao Imperador novamente foi o vigário de Tubarão, João Jacinto de São Joaquim. O vigário foi componente do Conselho Governativo da república, ocupando, dessa maneira, um cargo importante.[265] No entanto, apesar desempenhar um papel de destaque na República Juliana, mudou radicalmente de opinião após a retirada dos farroupilhas de Laguna. Além de assinar o documento que repudiava o período em que os rebeldes permaneceram na vila, ele enviou, juntamente com outras pessoas, duas correspondências, datadas de 2 de dezembro de 1839, ao Presidente da Província lamentando os acontecimentos e proclamando a adesão do povo

---

[262] APESC. Ofícios dos Juízes Municipais para Presidente da Província. Vol. 1840 – p. 01-02. Ofício de 8 de julho de 1840.
[263] Idem. Idem.
[264] BOITEUX. Henrique. Op. cit. p. 162-180.
[265] Idem. p. 159.

da Freguesia de Tubarão ao Império Brasileiro. A primeira correspondência fazia referência aos problemas causados com a vinda dos farroupilhas e a implantação da república em Laguna e seu município.

> A honrosa missão a que hoje somos conduzidos ante V. Ex.ª pelo heróico Povo da Freguesia da Nossa Senhora da Piedade do Tubarão, que nos escolheu para dirigir à V. Ex.ª os seus mais sinceros protestos de felicitação, a todos os Senhores oficiais, e mais tropa, que vieram libertar-nos da mais dura opressão, que sobre nós a mais de três meses pesava [...] no infausto dia 22 de julho do ano que rege, teve de pela primeira vez o faccioso Canabarro ousado pisar o seu território, e apossar-se da Vila da Laguna, e seu município. E que presenciamos nós, Ex.^{mo} S.^{r} as maiores cenas de horror [que] foram por esse caudilho, e seus sectários, postas em ação superior [...] A Freguesia de São João do Imaruí experimentou o mais cruel golpe sendo saqueada por os ássechas [sic] [ilegível], que a reduziram a um montão de misérias não respeitando o sexo e nem idade [...] Eis Ex.^{mo} S.^{r} o sentimento de que se acha possuído o Povo do Tubarão que congratulando-se com V. Ex.ª as suas homenagens, protestando ante V. Ex.ª a sua adesão ao Augusto Trono do seu jovem Monarca, e obediência às autoridades constituídas.[266]

Pelo que notamos aqui a preocupação era em afirmar que a experiência da República Juliana foi a pior possível e como a população de Laguna e suas freguesias sofreram nas mãos dos farrapos. Os redatores da correspondência utilizaram o incidente do saque à Imaruí para exemplificar a opressão imposta pelos republicanos e o mal que isso acarretou para a vila. Merece destaque a preocupação em deixar bem claro a total adesão da população da freguesia de Tubarão ao Trono, abominando o período em que os farroupilhas permaneceram na vila. Realmente a situação não parecia favorável em Laguna nos últimos tempos da república e, certamente diversos abusos ocorreram.[267]

Levante em Tubarão

Uma das pessoas que assinou as correspondências enviadas ao Presidente da Província, juntamente com o Vigário João Jacinto de São Joaquim, foi Manoel Teixeira Nunes. Manoel

---

[266] APESC. Correspondências dos Arciprestes e Vigários com o Presidente da Província. Vol. 1837-1890. p. 18-19. Correspondência de 2 de dezembro de 1839.

[267] A segunda correspondência, também datada de 2 de dezembro de 1839, proferia votos de felicidade e longa vida ao Imperador D. Pedro II por ocasião do seu aniversário e era dirigida em nome de todos os moradores de Tubarão. Esta mensagem também afirmava a total adesão dessa freguesia ao trono imperial e às instituições que regiam o Império Brasileiro. APESC. Correspondências dos Arciprestes e Vigários com o Presidente da Província. Vol. 1837-1890. p. 21-22. Correspondência de 2 de dezembro de 1839.

também havia votado na eleição do presidente da República Juliana, transparecendo apoiar a instalação da república em Laguna. Sua atitude de assinar as felicitações pela retomada de Laguna pelas forças imperiais e pelo aniversário do Imperador Pedro II demonstram que, assim como os demais expostos acima, ele também mudou de opinião em relação à sua posição e queria deixar bem clara sua aderência ao Império. As disposições de Manoel Teixeira Nunes nesse sentido, podem ser notadas ainda quando os farroupilhas estavam em Laguna. Em 11 de novembro, Nunes enviou um ofício ao Comandante José Fernandes dos Santos Pereira, oficial legalista que comandava o contra-ataque que estava empurrando as tropas farroupilhas de volta à Laguna, onde o informava de suas ações para auxiliar no combate aos rebeldes.

> Da cavalhada q. os rebeldes aqui tinham mandado por para engordar, pode-se tomar vinte a trinta, e maior número dela cairia em nosso poder, se o Ofício de V. S. viesse mais cedo; por que não havia ciência certa da aproximação das forças a entrar na Laguna e muito cumpria haver toda a prudência para evitar outros males. Aproveitando esta ocasião, cumpre inteirar a V. S. que logo que soube do movimento das forças Legais sobre a Laguna, não pude jamais sofrer, e nem me restava outro recurso senão aparecer em campo com a pequena força que havia reunido tomando todos os pontos por onde os rebeldes pudessem aqui vir agredir-nos, e tirar os poucos recursos que ainda restavam e hoje, porém conto com sessenta praças além das que continuamente vão desertando das fileiras deles a engrossar as nossas. [...] Querendo finalmente aproveitar o seguimento do próprio, deixo de ser mais minucioso, e termino significando a V. S. a constante vigilância, e adesão a Causa da Legalidade, bem como o mais povo do lugar, que se faz digno da consideração de V. S. por ter de uma maneira louvável prestado-se através de imensas privações e sacrifícios a salvar a Província, sustentando assim a Constituição, e o Trono do Nosso Jovem Patrício o Senhor Dom Pedro Segundo.[268]

Pelo que podemos entender do ofício, a iniciativa da comunicação partiu de José Fernandes dos Santos Pereira, informando do avanço das tropas imperiais sobre Laguna e convocando o apoio de Manoel Teixeira Nunes para combater os farroupilhas.[269] A resposta de Manoel e da população de Tubarão, como vimos, se deu de forma positiva numa atitude muito semelhante à tomada pela população de Imaruí, que animada pelo avanço dos legalistas se revoltou contra os farroupilhas. Daí entendemos a preocupação em ocupar os pontos de acesso à freguesia para evitar qualquer atitude

[268] APESC. Ofícios de Diversos para Presidente da Província. Vol. 1839 - p.118-119. Ofício de 11 de novembro de 1839.
[269] Possivelmente ofícios semelhantes foram despachados para outras pessoas em Laguna solicitando auxílio contra os farroupilhas.

de represália por parte dos farrapos, a exemplo do que ocorreu em Imaruí e certamente já era de conhecimento em Tubarão. Movimentos como esse certamente favoreceram as tropas imperiais no combate aos farroupilhas, pois como menciona o ofício, retiraram parte dos recursos de abastecimento de que dispunham os rebeldes e representavam uma opção de destino aos desertores que iam deixando as tropas farroupilhas e ingressando nas legalistas. A mudança de opinião de Manoel Teixeira Nunes se deu então ainda em plena República Juliana e sua atitude como a das demais pessoas que alternaram de lado contribuíram para a vitória imperial e para o fim da República Catarinense.

As atitudes de Américo Antônio da Costa, Antônio Joaquim Teixeira, do Vigário João Jacinto de São Joaquim, de Manoel Teixeira Nunes e de tantos outros podem ser entendidas a partir da visualização do quadro de dificuldades e problemas que se formou a partir do final de setembro e meados de outubro de 1839 em Laguna. A presença da tropa consumindo recursos, a dificuldade nas relações, os abusos cometidos e o bloqueio do porto estrangulando o comércio do porto provocaram a reação da população Laguna frente aos farroupilhas. Certamente expectativas frustradas e descontentamento foram gerando a insatisfação da população lagunense contra os farroupilhas, que se materializou nas revoltas de Imaruí e Tubarão e no declínio do apoio dado aos rebeldes, o que certamente influiu para a derrota em 15 de novembro de 1839.

No entanto, ocorreram casos de ambigüidade mais intensos, deixando-nos antever que as questões de apoio a um ou outro lado passavam muitas vezes pela defesa de interesses próprios do que pela adesão à ideais, fossem eles republicanos ou imperiais. Nesse sentido encontramos o caso de Fidelis José de Fraga outro negociante de Laguna. Assim como várias outras pessoas, Fidelis se apresentou para combater os farroupilhas e seu nome pode ser encontrado na relação de pessoas que se dispuseram para defender Laguna. [270] Da mesma forma que Domingos José da Veiga e João Antônio de Oliveira Tavarez, Fidelis José de Fraga apoiou a República Juliana. Ele foi nomeado para o cargo de Inspetor da Alfândega demonstrando a confiança dos vereadores e

---

[270] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para Presidente da Província. Vol. 2 1838 – p. 35-37. Ofício de 11 de maio de 1838.

do governo republicano em sua pessoa, no entanto não pode assumir sua função por não se encontrar em Laguna naquele momento.[271] Já demonstramos que essa alternância de posições ocorreu com outras pessoas em Laguna, porém, no caso de Fidelis ela foi extremamente ambígua, pois após a derrota dos farroupilhas, ele mudou novamente de lado jurando sua fidelidade ao trono e ao Imperador assinando juntamente com Américo Antônio da Costa e Antônio Joaquim Teixeira o ofício que repudiava os acontecimentos advindos da proclamação da República Juliana e que pedia a permanência do Batalhão da Serra em Laguna para evitar que tais eventos se repetissem.[272] Podemos ver então que Fidelis oscilou de um lado para outro conforme a situação requisitava, apoiando sempre que estava no comando.[273]

Assim como Fidelis José de Fraga, Domingos José da Silva tomou atitudes semelhantes. Domingos ocupava o posto de Juiz Municipal de Laguna em 1838 e possivelmente possuía uma casa de comércio na vila sendo descrito também como negociante. Era natural que, ocupando um cargo como esse Domingos José da Silva se apresentasse para lutar contra os farroupilhas, incluindo seu nome na relação de voluntários.[274] Não temos como saber se realmente Domingos combateu ou não os rebeldes em julho de 1839, o fato é que ele permaneceu em Laguna após a vitória dos farrapos, foi secretário e responsável pela redação da ata de eleição do presidente da República Juliana além de ter votado na mesma.[275] Isso transparece o apoio dado por Domingos ao governo republicano. No entanto, a exemplo de Fidelis José de Fraga, com a retomada de Laguna pelas forças imperiais e o fim da república, Domingos voltou a apoiar o sistema imperial e também assinou o pedido de permanência do Batalhão da Serra.[276]

---

[271] BOITUEX, Henrique. Op. cit. p. 177. Não acreditamos que Fidelis José de Fraga tenha se retirado de Laguna juntamente com outros que o fizeram após a chegada dos farrapos e a tomada de Laguna em 22 de julho de 1839. Do contrário não haveria motivos para sua nomeação se o mesmo se encontrasse em refugiado em Desterro, por exemplo.
[272] APESC. Ofícios dos Juízes Municipais para Presidente da Província. Vol. 1840 – p. 01-02. Ofício de 8 de julho de 1840.
[273] Certamente aqueles que se reconciliavam com o Império temiam um retorno dos farroupilhas a Laguna, daí a insistência na permanência do Batalhão da Serra.
[274] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para Presidente da Província. Vol. 2 1838 – p. 35-37. Ofício de 11 de maio de 1838.
[275] BOITUEX, Henrique. Op. cit. p. 156-157.
[276] APESC. Ofícios dos Juízes Municipais para Presidente da Província. Vol. 1840 – p. 01-02. Ofício de 8 de julho de 1840.

Como podemos perceber as mudanças de lado ocorreram em diversos momentos. Não estamos aqui julgando o comportamento dos citados ou condenando qualquer atitude. Apenas queremos demonstrar como funcionava um pouco a política da época, na qual procurava-se, muitas vezes, resguardar-se contra determinados infortúnios apoiando aqueles que detinham o poder a defender posições ou ideais teóricos. Certamente muitas pessoas tiveram suas expectativas frustradas, se decepcionaram ou foram prejudicadas pela presença dos farroupilhas em Laguna e a pela reação legalista que isso desencadeou (bloqueio do porto), explicando perfeitamente a oscilação entre os lados.

No entanto, muitos procuraram defender seus interesses próprios, alheios às bandeiras republicanas ou imperiais, alternando de discurso conforme a situação requisitava. O caso de Luciano José da Silva exemplifica bem isso. Como vimos no primeiro capítulo, Luciano era um dos negociantes de Laguna envolvido com o comércio e política da vila. Atuou como vereador na Câmara Municipal por diversas vezes, constando seu nome nos ofícios enviados ao Presidente da Província no ano de 1833, 1837 e 1838.[277] Da mesma forma que muitos na vila, apresentou-se para defende-la e lutar contra a possível invasão farroupilha, também deixando seu nome na relação citada acima, transparecendo apoiar o Império contra os rebeldes.[278] Luciano José da Silva era genro de Manoel José de Bessa,[279] outro importante comerciante de Laguna apresentado no primeiro capítulo e também muito atuante na política local, Manoel José de Bessa por diversos mandatos presidiu a Câmara Municipal de Laguna.[280]

Com a chegada das forças farroupilhas e sua vitória em julho de 1839, diversos moradores de Laguna deixaram a vila juntamente com as tropas imperiais que recuavam em direção a Desterro, demonstrando que repudiavam a presença dos rebeldes ou então, tomaram esta atitude motivados por receio do que essa nova situação acarretaria para a vila e quais seriam as ações dos farroupilhas

[277] APESC. Ofícios das Câmaras Municipais para Presidente da Província. Vol. 1833 – p. 30-30v. Ofício de 6 de maio de 1833. Vol. 1837 – p. 277. Ofício de 22 de abril de 1837. Vol. 1838 – p. 105. Ofício de 5 de fevereiro de 1838.
[278] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para Presidente da Província. Vol. 2 1838 – p. 35-37. Ofício de 11 de maio de 1838.
[279] APESC. Ofícios do Chefe de Policia de Juiz de Direito para Presidente da Província. Vol. 1839 – s/p. Ofício de 8 de outubro de 1839.
[280] APESC. Ofícios das Câmaras Municipais para Presidente da Província. Vol. 1833-1834 – p. 3. Ofício de 25 de janeiro de 1833. Vol. 1837 – p. 254. Ofício de 2 de janeiro de 1837. Vol. 1839 – p. 72. Ofício de 8 de maio de 1839.

em Laguna. Uma das pessoas que deixou Laguna nessa data foi Manoel José de Bessa, como vimos anteriormente.[281] Assim como Luciano, Manoel também havia se apresentado para lutar e retirando-se da vila tomou uma atitude coerente com sua posição inicial. Era de se esperar que Luciano José da Silva agisse de forma semelhante ao seu sogro, no entanto não foi isso que ocorreu. Luciano não só permaneceu em Laguna, assim como outros expostos acima, como atuou ativamente no governo da República Juliana.

Além de votar na eleição para presidente[282], Luciano participou como vereador de praticamente todas as sessões realizadas pela Câmara Municipal de Laguna. No início de outubro viajou para Desterro a bordo da Lancha Santa Cruz, uma das poucas embarcações que conseguiram passar pelo bloqueio naval realizado pela Marinha Imperial no porto de Laguna.[283] A chegada da lancha Santa Cruz no porto de Desterro motivou um ofício enviado pelo Presidente Francisco Soares de Andréa ao Ministro da Marinha Jacinto Roque de Sena Pereira, datado de 3 de outubro de 1839, no qual se lia:

> Ontem entrou neste Porto a Lancha Santa Cruz – vinda da Laguna com permissão do Presidente daquela República que adotando os princípios luminosos do Comércio franco lhe permitiu a sair para que nós possuídos dos mesmos sentimentos lhe deixemos ir algum sal, e fumo de que muito precisam. Eu tenho dado as ordens que julgo precisas para pôr em seqüestro tudo quanto possa pertencer a Rebeldes, o que digo de passagem, porque o meu fim principal é participar a V. Ex.ª que nesta Lancha veio o 1º Tenente da Armada Ernesto Alves Branco Muniz Barreto, sobre a conduta do qual já mandei proceder a Conselho de Investigação.[284]

Como vemos, a lancha aportou em Desterro no dia 2 de outubro de 1839 para comprar produtos importantes que começavam a faltar em Laguna, como o sal. Uma vez que a embarcação

---

[281] APESC. Ofícios da Câmara Municipal para o Presidente da Província. Vol. 1840 – p. 288. Ofício de 21 de janeiro de 1840. Ver capítulo 1 – p. 32.

[282] BOITEUX, Henrique. Op. cit. p. 157.

[283] APESC. Ofícios do Chefe de Policia de Juiz de Direito para Presidente da Província. Vol. 1839 – s/p. Ofício de 8 de outubro de 1839.
Além das embarcações comandadas por Garibaldi que partiram de Laguna atacar navios na costa Brasileira, a partir da documentação pesquisa encontramos informações que apontam apenas duas saídas do porto de Laguna durante a República Juliana, a Lancha Santa Cruz e Santa Tereza de Jesus, tendo ambas aportado em Desterro em outubro de 1839. APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes. Vol. 1839-1842 – p. 20. Ofício de 23 de Outubro de 1839. Vol. 1839-1842 – p. 39-39v. Ofício de 30 de dezembro de 1839.

[284] APESC. Registro do Presidente da Província para Ministério da Marinha. Vol. 1839-1842 – 14v-15. Ofício de 3 de outubro de 1839.

provinha de uma área sob domínio farroupilha, se procedeu a uma investigação em sua carga e ocupantes, como se refere o ofício à Ernesto Muniz Barreto. Ernesto foi interrogado pelo Juiz de Direito e Chefe de Polícia Severo Amorim do Valle sobre a conduta de Luciano José da Silva. Sendo perguntado se Luciano pertencia ao partido rebelde respondeu que Luciano era aderente à causa legal e que continuava em Laguna por "suas circunstâncias e por ter família". [285] Francisco Antônio da Rosa também foi questionado a respeito das posições tomadas por Luciano José da Silva e assim respondeu:

> Disse que o dito Luciano não pertence ao partido rebelde e que se ali existe é obrigado pelas circunstâncias de ter família e interesses e por não se ter podido retirar com eles porém sempre tem mostrado desejos de viver debaixo do Governo Legal [...][286]

Lembramos que Luciano, dois dias antes de aportar em Desterro à bordo na lancha Santa Cruz, havia participado da sessão da Câmara Municipal de Laguna em 30 de setembro.[287] Certamente ao desembarcar em Desterro e se questionado sobre suas posições frente aos farroupilhas, declarou sua adesão ao Imperador D. Pedro II e à Causa Imperial, assim como as demais pessoas possivelmente fizeram. Luciano José da Silva ainda foi beneficiado pelos depoimentos favoráveis de Ernesto Muniz Barreto e Francisco Antônio da Rosa. Possivelmente a falta de maiores evidências que apontassem o contrário influenciou nas conclusões tomadas pelo Chefe de Polícia e Juiz de Direito Severo Amorim do Valle sobre a carga e tripulantes da lancha Santa Cruz levando-o a inferir que

> [...] nada se colige que se possa suspeitar, sendo os ditos gêneros remetidos pelos Rebeldes para negócio mas antes se depreende serem pessoas tidos havidos por legais, como seja o dito Luciano José da Silva, que atenta as suas circunstâncias e numerosa família não tem podido sair daquele lugar, e que em nada tem figurado,

[285] APESC. Ofícios do Chefe de Policia de Juiz de Direito para Presidente da Província. Vol. 1839 – s/p. Ofício de 7 de outubro de 1839.
[286] Idem.
[287] BOITEUX, Henrique. Op. cit. p. 179.

> sendo por ele remetido os ditos couros ao seu Sogro emigrado nesta Cidade Manoel José de Bessa [...][288]

Vemos aqui então que Luciano procurava se adequar às situações conforme as circunstâncias requeriam. É possível que Luciano realmente não nutrisse simpatia pelos farroupilhas ou pelos ideais republicanos, porém permaneceu em Laguna após a chegada dos farroupilhas e procurou pelo menos participar do governo, certamente para defender seus interesses, como afirma Francisco Antônio da Rosa. Certamente, assim como Luciano, muitos outros moradores de Laguna que não apoiavam totalmente os farroupilhas, procuraram adequar-se às situações para evitar possíveis represálias ou para garantirem a manutenção de sua forma de vida, como apontamos no terceiro capítulo. Luciano voltou à Laguna ainda em outubro e participou de pelo menos de mais duas sessões da Câmara Municipal, em 14 e 19 de outubro de 1839.[289] Vemos aí a capacidade de Luciano em se submeter à autoridade de momento, alternando de lado a cada ocasião. Além de todas essas mudanças, após a retirada dos farroupilhas de Laguna e o restabelecimento da "ordem imperial" na vila, Luciano também assinou a solicitação para permanência do Batalhão da Serra em Laguna, repudiando o período de estadia dos rebeldes farroupilhas e da República Juliana em Laguna, eventos dos quais ele próprio participou.

Certamente essas oscilações e alternâncias de lado demonstravam ambigüidades de alguns, mas mais do que isso, revelavam estratégias individuais e familiares para tentar sobreviver e ainda ganhar algumas vantagens. Durante um período conturbado como esse, de troca muita rápida de autoridade em Laguna.[290] Acreditamos também ser possível que muitas pessoas mudaram de opinião em relação aos farroupilhas, passando da oposição ao apoio, como

---

[288] APESC. Ofícios do Chefe de Policia de Juiz de Direito para Presidente da Província. Vol. 1839 – s/p. Ofício de 8 de outubro de 1839.

[289] BOITEUX, Henrique. Op. cit. p. 179-180. É possível que Luciano José da Silva tenha participado de outras sessões até o final da República Juliana, no entanto, não podemos confirmar essa afirmação pois Henrique Boiteux não encontrou o outro livro de atas da Câmara Municipal, transcrevendo as sessões que ocorrem até o dia 19 de outubro de 1839 e estes documento também não puderam ser recuperados durante a pesquisa.

[290] Parte destas ambigüidades de comportamento político podem representar uma estratégia familiar de sobrevivência, enquanto uma parte da família fugia para os imperiais, outra parte permanecia entre os rebeldes, assim requisições e expropriações de parte a parte poderiam ser evitadas, salvando-se o patrimônio familiar.

demonstrado no primeiro capítulo, visualizando alguma vantagem ou possibilidade de vida melhor, certamente propagandeada pelos emigrados e agentes farroupilhas em Laguna.

Ausentados

Apesar de todos os problemas enfrentados pela República Juliana em Laguna e do clima desfavorável enfrentado pelos republicanos, muitos moradores de Laguna mantiveram suas posições de apoio aos farroupilhas e após a derrota para as forças imperiais em novembro deixaram a vila juntamente com as tropas farroupilhas, como informava o Juiz de Paz de Laguna Albino José da Rosa ao Presidente Soares de Andréa em dezembro de 1839.

> Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex.ª que existindo nesta Vila algumas Casas de Negócios pertencentes a alguns habitantes desta mesma Vila que simpatizando com os rebeldes, se retirarão com eles, e como se acham fechadas e já alguns parentes tem me requerido a entregar os objetos que se acham dentro daquelas Casas, por isso recorro a V. Ex.ª haja de me informar o que devo fazer neste Caso, para meu governo.[291]

Além dos negociantes, retiraram-se da vila oficiais da Guarda Nacional também acompanharam os farroupilhas e por este motivo foram dispensados do serviço.[292] Apesar das solicitações dos familiares para a entrega dos objetos pertencentes aos "ausentados" as ordens do Presidente da Província foram para que se procedesse ao inventário e arrecadação dos bens dessas pessoas para "mandar por em arrematação todos os bens que sejam suscetíveis de deterioração, e em arrendamento todos os de raiz, a fim de com o produto do lucro, e de outro pagar aos Credores daqueles indivíduos".[293] Os motivos para essa atitude de abandonar suas casas, negócios e muitas

[291] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para o Presidente da Província. Vol. 2 1839 – p.39. Ofício de 12 de dezembro de 1839.
[292] APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes. Vol. 1839-1942 – p. 31-31v. Ofício de 6 de dezembro de 1839. É muito possível que alguns dos negociantes que deixaram Laguna, referidos no ofício de 12 de dezembro, fossem oficiais da Guarda Nacional, sendo punidos com a expulsão. Infelizmente não conseguimos recuperar as relações dos oficiais dispensados do serviço.
[293] APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes. Vol. 1839-1942 – p. 50v. Ofício de 21 de fevereiro de 1840.

vezes a família seguindo os rebeldes em retirada poderiam ir além das convicções republicanas de cada um.

Alguns dos que se retiraram, participaram ativamente do governo da República Juliana e sua fuga se deu por apego aos ideais e, certamente, pelo medo de represálias advindas dos imperiais que retomavam o controle sobre Laguna. Uma das pessoas que deixou Laguna com os farroupilhas e cujos bens foram inventariados foi Bartholomeu Antônio do Canto. Bartholomeu participou ativamente da República Juliana votando na eleição para presidente, e atuando como vereador, inclusive presidindo diversas sessões na Câmara Municipal.[294] Bartholomeu era mais um dos negociantes de Laguna e foram encontrados em sua Casa de Negócio diversos produtos desde enxadas a dobradiças de porta, pela extensão do inventário de Bartholomeu, podemos supor que ele era um comerciante importante em Laguna.[295] Porém não apenas a quantidade de bens chama a atenção na casa de Bartholomeu Antônio do Canto. O Juiz de Direito da Comarca do Sul Severo Amorim do Valle,[296] enviado à Laguna para investigar a situação na vila após a retirada dos farroupilhas e o envolvimento dos moradores no processo de proclamação da República Juliana enviou uma comunicação ao Comandante Militar de Laguna acerca de outros objetos encontrados na residência de Bartholomeu, os quais parecem ter causado grande indignação ao Juiz de Direito. Assim se expressa Valle:

> Achando-me nesta Vila da minha Comarca, em exercício do meu ofício, e respeito às ordens do Ex.^{mo} S.^{r} Presidente, entre outros objetos, bem assim o fazer por em arrecadação os bens dos rebeldes ausentes pelo Juízo a quem a lei tem outorgado tal execução, e sendo pelo Juiz de Órfãos o privativo para tais arrecadações, fazer inventário nos bens do rebelde Bartholomeu Antônio do Canto, por este me foi oficiado ter ali encontrado uma Bandeira Republicana, com uma faixa do mesmo distintivo, e um talabarte [...][297]

---

[294] BOITEUX, Henrique. Op. cit. p. 157-180.

[295] Casa Candemil. Arquivo da Comarca de Laguna. Inventário de arrecadação dos bens de Bartholomeu Antônio do Canto. Caixa 19. Infelizmente no inventário não são relacionados seus bens de raiz, nem se possuía ou não escravos.

[296] Nesta época Santa Catarina se dividia juridicamente em duas comarcas: do sul e do norte. A primeira abrangia os município de Desterro, Laguna, São José e a segunda compreendia os município de São Miguel, Porto Belo, São Francisco e Lages. Cada comarca contava com um Juiz de Direito, o qual acumulava a função de Chefe de Polícia.

[297] APESC. Ofícios do Chefe de Policia de Juiz de Direito para Presidente da Província. Vol. 1840 – s/p. Ofício de 25 de janeiro de 1840.

Severo Amorim do Valle ordenou que procedesse a um auto de corpo de delito para que tais objetos fossem utilizados como provas no processo contra Bartholomeu pelo crime de rebeldia. Bartholomeu deixou Laguna levando consigo toda a sua família, certamente por receios de possíveis represálias extensivas a ela, por sua atuação no governo republicano.[298]

Bandeira da República Catarinense

Outro morador de Laguna que se retirou da vila com os farroupilhas foi Silvério Pereira da Silva. No inventário de Silvério também encontramos uma boa diversidade de gêneros e utensílios domésticos, por isso acreditamos que Silvério Pereira também desempenhava a profissão de comerciante, porém a quantidade era menor que da arrecadação feita nos bens de Bartholomeu.[299] Certamente Silvério participou de alguma forma do governo republicano, porém não encontramos referências sobre ocupação de cargos ou desempenho de função administrativa na vila durante a República Juliana. Os nomes de Silvério e de Bartholomeu não constam na relação das pessoas que se apresentaram para lutar contra os farroupilhas em 1838.[300] Podemos supor que desde essa época já nutrissem simpatia pelos farroupilhas o que se confirmou nesse momento com a evasão deles juntamente com as forças farrapas.

Porém, não apenas comerciantes e pessoas envolvidas com o governo republicano deixaram a vila de Laguna em novembro de 1839. Pessoas simples também o fizeram, não necessariamente por seu apego aos ideais republicanos, mas para defender interesses próprios. Foi

[298] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para o Presidente da Província. Vol. 2 1839 – p.35-35v. s/d.
[299] Casa Candemil. Arquivo da Comarca de Laguna. Inventário de arrecadação dos bens de Silvério Pereira da Silva. Caixa 135. É possível que Silvério tivesse levado consigo mais bens do que Bartholomeu em sua retirada da vila, ou então que sua casa tivesse sido saqueada antes da realização da arrecadação.
[300] APESC. Ofícios dos Juízes de Paz para Presidente da Província. Vol. 2 1838 – p. 35-37. Ofício de 11 de maio de 1838.

o caso de João, escravo do vigário Francisco Villela de Araújo. Já vimos que o vigário foi morto durante a retirada dos farroupilhas de Laguna. Como não possuía herdeiros, seus bens foram inventariados e entre eles foram relacionados dois escravos: um de nome Paulo avaliado em 250 mil réis e outro denominado João no valor de 100 mil réis.[301] Os bens inventariados foram leiloados e arrematados, com exceção de João que foi libertado por Joaquim Clemente Collaço de Almeida.

> Em praça do mesmo das feitas diligências da lei e praticadas as Cerimônias do Estilo, compareceu Joaquim Clemente Collaço de Almeida, e por ele foi dito que vinha apresentar em Juízo a quantia de cem mil réis, em que foi avaliado o escravo João, que foi do falecido Vigário Francisco Villela de Araújo, a quem deseja conferir a sua Liberdade, para que ele sobredito escravo a fique gozando como se liberto nasceu [...][302]

A alforria de João ocorreu em junho de 1840 e a arrecadação dos bens em maio do mesmo ano, no entanto, acreditamos que tudo isso se passou à revelia de João, pois uma informação do Juiz de Órfãos José Pinto de Magalhães constante nos autos do inventário afirma que João "havia fugido desta Vila [Laguna] com os Rebeldes da Província do Rio Grande".[303]

Vemos então que não apenas os negociantes envolvidos com os rebeldes rio-grandenses deixaram Laguna, mas também pessoas simples como João. Mas quais seriam os interesses de João em fugir de Laguna juntamente com os farroupilhas? Durante a Guerra dos Farrapos, aos escravos que lutassem nas tropas farroupilhas era prometida a liberdade e isso certamente atraiu a atenção de vários cativos que juntaram-se aos rebeldes rio-grandenses, muitas vezes fugindo de seus senhores para se alistar. Segundo Morivalde Calvet Fagundes, os farrapos ofereciam

> aos agenciadores plena liberdade aos cativos, sossegando os proprietários com a segurança de que seriam indenizados, mediante venda dos bens legalistas, para atender a tal empenho, o que os fazia tolerar a expropriação. Os negros eram encaminhados aos batalhões de 1.ª linha.[304]

[301] Casa Candemil. Arquivo da Comarca de Laguna. Inventário de arrecadação dos bens de Francisco Villela de Araújo. Caixa 45.
[302] Idem.
[303] Idem.
[304] FAGUNDES, Morivalde Calvet. **História da Revolução Farroupilha**. Caxias do Sul, Ed. UCS, 1985. p. 252.

João pode ter sido motivado a deixar Laguna juntamente com os farroupilhas vislumbrando essa possibilidade de liberdade, aproveitando-se da morte de seu senhor, o vigário Francisco Villela Araújo, para evadir-se da vila.[305] Outros escravos ou livres pobres podem ter deixado a vila acompanhando de livre e espontânea vontade os rebeldes farroupilhas em sua retirada, visualizando a defesa de seus interesses pessoais e não apenas necessidade de acompanhar algum importante negociante subjugado por relações de clientela. Nesses momentos de revolta, essas relações tornam-se mais flexíveis e os menos favorecidos procuram negociar mais vantagens e alargar seu espaço de manobra. Tendo isso em mente, podemos entender as atitudes de João e de outros que por ventura optaram por acompanhar os farroupilhas deixando Laguna em novembro de 1839.

No entanto, muitas pessoas que participaram do processo de proclamação da República Juliana e que se envolveram com os rebeldes optaram por ficar ou não puderam deixar Laguna após a vitória das forças imperiais. Como vimos, foi enviado para Laguna para investigar os ocorridos o Juiz de Direito Severo Amorim do Valle. Este tratou logo de passar instruções às autoridades locais sobre o modo de conduzir as averiguações. Sobre a conduta do Promotor Público de Laguna Bernardino Antônio Soares, assim se referia Severo em ofício encaminhado ao próprio Promotor:

> Estranhando sobre modo a conduta que V. M.ce tem guardado depois do sedicioso movimento de alguns habitantes deste Município que coniventes com os Rebeldes do Sul, quando desta Vila se apossaram, ajudaram a proclamar aqui o Governo Republicano; no que tem V. M.ce mostrado senão conivência ao menos fraqueza e negligência nos seus deveres. Cumpre-me, portanto chamá-lo ao cumprimento dos seus deveres, que lhes estão marcados no Código do Processo Criminal. Deus Guarde a V. M.ce Laguna 13 de Janeiro de 1840 = Severo Amorim do Valle[306]

---

[305] Apesar de Laguna contar com uma população de aproximadamente dois mil escravos, a documentação pesquisada não faz referências sobre estes no processo da proclamação da República Juliana, sendo o caso do escravo João o único que pudemos recuperar nesse sentido. Ao que parece, a questão se dava entre os livres e os escravos estariam controlados – não encontramos nenhuma referência de revoltas - agindo dentro da margem de manobra das relações com seus senhores para obter algumas vantagens e privilégios ou para defender seus interesses, assim como João.

[306] APESC. Ofícios do Chefe de Polícia e Juiz de Direito para Presidente da Província. Vol. 1840 – s/p. Ofício de 13 de janeiro de 1840.

O teor do ofício nos passa a impressão de que Bernardino estivesse fazendo "vista grossa" para com aqueles que apoiaram e participaram da República Juliana e que permaneceram em Laguna e era requerida uma ação mais enérgica para a punição dos envolvidos. Não temos referências sobre a participação do próprio Bernardino no governo republicano, mas ao que parece, ele estava tentando aliviar a pressão dos envolvidos, muitos deles possivelmente amigos ou conhecidos do Promotor Público. As ordens do Chefe de Polícia eram duras nesse sentido. Em um outro ofício ele comunicou ao Presidente da Província sobre as instruções passadas ao Promotor ordenando a este que "fosse permitido exceder os meios de brandura, e boa ordem, e que se mostre espírito de vingança e perseguição contra todo e qualquer indivíduo, a não ser dos mais salientes daquela Revolta".[307] Acreditamos que todos os envolvidos seriam investigados e processados, porém perseguições e vinganças não ocorreriam contra os mais influentes, ou seja, os ricos negociantes da vila.

Apesar de todo o rigor das instruções passadas às autoridades no que tange à repressão e investigação dos ocorridos em Laguna e à punição dos envolvidos, o próprio Severo Amorim do Valle reconheceu que seria melhor suspender temporariamente as punições, perseguições e vinganças em Laguna contra os envolvidos no processo republicano.

> Instruído na forma da lei ao [...] Juiz de Paz para a <u>formação de culpa nos compreendidos naquela Rebelião</u> julguei ser muito prudente nas vésperas de minha partida para esta [Desterro], mandar suspender interinamente todo o procedimento Criminal, receando que a continuação dele viesse complicar com as operações militares que se tratava por em execução [...][308]

Procurou-se então, em um primeiro momento relaxar a devassa em Laguna para poder a partir dessa vila, combater os farroupilhas remanescentes em Santa Catarina, Lages por exemplo, e no Rio Grande do Sul, temendo que uma repressão muito violenta em Laguna pudesse exaltar novamente os ânimos. A ordem era para controlar e combater no sul.

---

[307] APESC. Ofícios do Chefe de Polícia e Juiz de Direito para Presidente da Província. Vol. 1840 – s/p. Ofício de 29 de janeiro de 1840.
[308] Idem. Sublinhados como no original.

Retorno e anistia

O raciocínio do Chefe de Polícia Severo Amorim do Valle foi seguido posteriormente pelo governo central. Muitos daqueles que deixaram Laguna em novembro de 1839, começaram a retornar para a vila já em fevereiro de 1840, certamente motivados pelas notícias da branda repressão implementada na vila. As questões referentes aos inventários e arrecadações dos bens dos ausentes criaram um certo problema para as autoridades de Laguna que solicitavam instruções ao Juiz de Direito e ao Presidente da Província. O Juiz de Órfãos de Laguna José Pinto de Magalhães, responsável pela condução dos inventários, informava ao Juiz de Direito Severo Amorim do Valle sobre a chegada de alguns indivíduos ou das famílias que anteriormente se retiraram da vila e indagava sobre a maneira de proceder em tais casos, perguntando se poderia entregar os bens arrecadados aos seus donos ou às famílias dos mesmos.[309] A resolução do Juiz de Direito foi a seguinte, a qual foi submetida à aprovação do Presidente da Província:

> Levo a presença de V. Ex.ª [...], as relações dos bens arrecadados pelo Juiz de Órfãos da Vila de Laguna, pertencentes aos indivíduos que se retiraram daquela Vila com os rebeldes [...] uma vez que a maior parte daqueles indivíduos ausentes, se tem apresentado e mandados recolher às suas casas, não podem no meu entender perderem os seus bens, sem que primeiramente haja uma Sentença, que os condene em uma pena em conseqüência da qual deva segui-se a perda de alguns bens para a indenização [...][310]

Pelas informações que recolhemos acreditamos que o Presidente da Província ratificou a resolução tomada pelo Juiz de Direito pois em resposta a um ofício do Juiz Municipal de Laguna ordenou que fossem entregues à família de Vicente Francisco de Oliveira seus bens afirmando que não havia qualquer embargo sobre os mesmos, ordenando ainda "entregar a seus donos os

[309] APESC. Ofícios do Chefe de Polícia e Juiz de Direito para Presidente da Província. Vol. 1840 – s/p. Ofício de 8 de fevereiro de 1840.
[310] APESC. Ofícios do Chefe de Polícia e Juiz de Direito para Presidente da Província. Vol. 1840 – s/p. Ofício de 15 de fevereiro de 1840.

bens, ou seu produto, que assim se acharem, não havendo sentença Judiciária contra".[311] Vicente Francisco de Oliveira foi vereador durante o período republicano e deixou Laguna juntamente com os farroupilhas.[312] Apesar disso, seus bens foram restituídos à sua família que retornou à Laguna pouco tempo depois de ter saído da vila. Isso demonstra a preocupação do governo em manter as coisas e ânimos controlados em Laguna. Preocupado em combater a revolta ainda muito forte no Rio Grande do Sul necessitava de Laguna como trampolim para investidas na província rio-grandense.

Muitos dos que retornaram declararam ter sido coagidos à acompanhar os farroupilhas em sua retirada, como afirmou Constantino Alvares de Oliveira em seu retorno.[313] Certamente muitas pessoas foram de fato obrigadas a deixar Laguna juntamente com os farrapos, um exemplo seriam os soldados recrutados forçosamente e que não tiveram oportunidade para desertar, o que vimos estava ocorrendo em grande escala nas tropas farroupilhas. Porém, o argumento da coação poderia ser utilizado também por aqueles que voluntariamente acompanharam os farroupilhas, e posteriormente retornaram a Laguna, como justificativa para sua ausência e para evitar represálias das autoridades imperiais. No entanto, vimos que a repressão estava branda em Laguna no início de 1840. Tanto que em junho deste ano, o Chefe de Polícia Severo Amorim enviou um ofício sobre as medidas a serem tomadas com relação aos envolvidos na República Juliana. Assim escrevia ao Presidente da Província:

> Como a maior parte dos indivíduos mais influentes e complicados na revolta da Laguna se tem apresentado ao Comandante Militar daquele Ponto, que os tem mandado recolher às suas casas; e achando-se já alguns nesta Capital, devo sem dúvida julgá-los anistiados por V. Ex.ª [314]

Tal era a disposição do governo em acalmar os ânimos em Laguna que Severo Amorim do Valle supunha estarem anistiados os envolvidos na República Juliana. Ele pedia, ao Presidente

[311] APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes. Vol. 1839-1842 – p. 54-54v. Ofício de 8 de março de 1840.
[312] BOITEUX, Henrique. Op. cit. p. 166.
[313] APESC. Ofícios do Chefe de Polícia e Juiz de Direito para Presidente da Província. Vol. 1840 – s/p. Ofício de 3 de outubro de 1840.
[314] APESC. Ofícios do Chefe de Polícia e Juiz de Direito para Presidente da Província. Vol. 1840 – s/p. Ofício de 1 de junho de 1840

Soares de Andréa, explicações acerca dos processos já em andamento conduzidos pelo Juiz de Paz motivados por roubos e saques efetuados por algumas dessas pessoas, e se o perdão era extensivo em relação à estes crimes também.[315]

No entanto a resposta veio logo no dia seguinte afirmando que

> em primeiro lugar que eu não anistiei ninguém, e em segundo, para seu governo, e solvendo a dúvida que me propõe: que contra os habitantes da Província indigitados do crime de rebelião está suspenso qualquer procedimento criminal, pela parte puramente política, enquanto o Governo Central, a quem sobre este assunto me tenho dirigido, não determinar o contrário[316]

Segundo o Presidente da Província ninguém estava anistiado, apenas suspensos os processos políticos. Outros crimes deveriam ser apurados e julgados normalmente. Esta disposição certamente beneficiou Thomé Teixeira da Silveira, morador da Vila Nova que deixou Laguna juntamente com os farroupilhas. Após seu retorno este encontrava-se preso, no entanto uma ordem do Presidente Soares de Andréa determinava que o mesmo fosse libertado e conduzido à sua casa se não estivesse sendo acusado de outro crime que não o de rebeldia.[317]

Certamente essas atitudes motivaram muitos outros envolvidos a retornarem para Laguna ao longo do ano de 1840. Possivelmente desiludidos com o andamento da campanha farroupilha em Santa Catarina, muitos começaram a retornar às suas casas e retomar suas atividades. Depois da derrota no Capão da Mortandade no planalto e conseqüente expulsão de Lages em abril de 1840, muitos moradores devem ter optado por voltar à Laguna. Essas medidas de brandura se davam não pela benevolência do governo imperial, mas pelo seu interesse em manter um clima favorável na vila de Laguna e na província catarinense, para utilizar a vila como um trampolim para combater os farroupilhas no Rio Grande do Sul e para evitar que novas tentativas de revolta ocorressem em Laguna.

---

[315] Idem.
[316] APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes. Vol. 1839-1842 – p. 75/75v. Ofício de 2 de junho de 1840.
[317] APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes. Vol. 1839-1842 – p. 77. Ofício de 6 de junho de 1840.

Pouco tempo depois de mandar, através do Presidente da Província, suspender os processos contra os moradores de Laguna pelos crimes de rebeldia, o governo central, interessado apaziguar os ânimos em várias partes do Império decretou uma anistia geral válida em todo o território brasileiro.[318]

> Artigo 1º. É concedida anistia a todos aqueles que estiverem por qualquer forma envolvidos em crimes políticos cometidos até a publicação do presente Decreto em cada uma das Províncias do Império [...] Artigo 2º Ficam em perpétuo silêncio, como se nunca tivessem existido, os processos e sentenças, que tiverem tido lugar em virtude de crimes políticos, para mais não produzirem efeito algum contra as pessoas envolvidas nos mesmos crimes [...][319]

A anistia concedida pelo recém empossado Imperador D. Pedro II e pelo gabinete da maioridade, com forte presença liberal, era mais uma tentativa de apaziguar as revoltas nas províncias e restabelecer a ordem interna e a segurança pública.[320] Porém ao que parece, não surtiu o efeito esperado, uma vez que a Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul se estendeu até 1845 e a Balaiada continuou até o ano seguinte. Apenas no Pará "os últimos rebeldes renderam-se após a anistia de 1840".[321]

A necessidade de manter as coisas controladas beneficiou em Santa Catarina os envolvidos na República Juliana. Estando anistiados e livres dos processos por crime político, muitos daqueles que participaram do movimento retornaram à vila após agosto de 1840. Foi o que aconteceu com

> Floriano José de Andrada, Apolinário Rodrigues de Jezus, e Joaquim de Souza Franco [que] se achavam no mesmo caso que Domingos Custódio, isto é sendo rebeldes, se haviam apresentado dentro do prazo marcado para gozarem da anistia concedida pelo Decreto de 22 de Agosto deste ano, nenhum procedimento devia haver contra eles.[322]

---

[318] Lembramos que nesse momento ainda ocorriam revoltas nas províncias do Rio Grande do Sul (Farroupilha), Pará (Cabanagem) e Maranhão (Balaiada).

[319] APESC. Avisos do Ministério da Justiça para Presidente da Província. Vol. 1838-1840 – s/p. Decreto de 22 de agosto de 1840. Uma anistia também foi decretada beneficiando os desertores do Exército, Armada e Guarda Nacional pelos crimes de primeira e segunda deserção. APESC. Correspondências do Ministério da Guerra para Presidente da Província. Vol. 1839-1840 p. 1847. Decreto de 6 de agosto de 1840.

[320] Lembremos que D. Pedro II estava no poder desde julho de 1840, entronizado através do chamado Golpe da Maioridade.

[321] CARVALHO, José Murilo. Op cit. p. 253.

[322] APESC. Registro do Presidente da Província para Juízes. Vol. 1839-1842 – p.106-106v. Ofício de 5 de dezembro de 1840.

Pelo que vemos a ordem era manter a tranqüilidade e o *status quo* em Laguna. A decisão de não processar os envolvidos na República Juliana alcançou seus objetivos em serenar os ânimos em Laguna e, ao que tudo indica, a ordem implantada pelo governo provincial na vila não foi questionada novamente. Bartholomeu Antônio do Canto também retornou, certamente motivado e pode ser encontrado em Laguna em agosto de 1842.[323] É provável que Silvério Pereira da Silva, que também se retirou da vila e teve seus bens arrecadados a exemplo de Bartholomeu, também tenha retornado, porém não podemos confirmar.

Outro morador de Laguna que havia deixado a vila juntamente com as forças farroupilhas e que retornou foi João, o escravo alforriado do vigário Francisco Villela de Araújo. João voltou para Laguna em 1841, porém não gozou da anistia concedida aos demais que deixaram a vila com os farroupilhas. Expomos anteriormente que João havia sido libertado por Joaquim Clemente Collaço de Almeida, o qual pagou o valor referente a sua avaliação no inventário dos bens do vigário Araújo. Mesmo assim, ao se apresentar ao Juiz de Órfãos José Pinto de Magalhães ele foi novamente avaliado e posto à venda em leilão.[324] João foi arrematado pela quantia de 163$000 réis pelo senhor Fortunato José da Silva voltando à sua condição de escravo. O Juiz de Órfãos do inventário dos bens do vigário Francisco Villela de Araújo era o mesmo José Pinto de Magalhães para o qual João se apresentou em seu retorno à vila. Ele sabia que João havia sido libertado por Joaquim Clemente e mesmo assim determinou o leilão. Por que motivos teria sido João re-escravizado? Retomando as orientações do Juiz de Direito Severo Amorim do Valle acerca da conduta das autoridades de Laguna para com os envolvidos na República Juliana podemos entender um pouco isso. Seria

---

[323] APESC. Ofícios das Câmaras Municipais para Presidente da Província. Vol. 1842 – p. 139. Ofício de 18 de agosto de 1842.

[324] Casa Candemil. Arquivo da Comarca de Laguna. Inventário de arrecadação dos bens de Francisco Villela de Araújo. Caixa 45. Acreditamos que João havia sido avaliado e libertado à revelia, enquanto estava fora da vila de Laguna, pois em sua primeira avaliação em maio de 1840 seu valor foi definido em 100$000 réis e em fevereiro de 1841 ele foi avaliado em 150$000 réis. Valores diferentes em pouco tempo. Isto significa dizer que na primeira avaliação, os inventariantes não tiveram oportunidade de observar João para uma avaliação mais precisa, estimando seu preço, e na segunda oportunidade, a partir de uma análise pessoal avaliaram João com um valor diferente do primeiro.

> permitido exceder os meios de brandura, e boa ordem, e que se mostre espírito de vingança e perseguição contra todo e qualquer indivíduo, a não ser dos mais salientes daquela Revolta.[325]

Certamente o espírito de vingança recaiu mais incisivamente sobre os mais simples, como o escravo João. Mesmo assim não acreditamos que a perseguição não tenha ocorrido em larga escala pela necessidade que as autoridades imperiais tinham de manter a calma e a ordem das coisas em Laguna para poder combater os farroupilhas que ainda atuavam em pontos de Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.[326]

Certamente a decisão de retorno passava pelo desgaste sofrido por estarem longe de suas casas e, muitas vezes, das famílias e pela perda de força de uma das principais motivações para deixar Laguna, o medo da repressão, que após a anistia deixou de representar uma ameaça. Provavelmente as pessoas que retornaram se apresentavam às autoridades locais de Laguna e prometiam fidelidade ao trono e ao imperador para evitar mais problemas. No entanto, muitos o faziam sem convicção, pois como informa o Presidente de Santa Catarina

> os rebeldes infelizmente ainda têm grande apoio nesta Província, esses apresentados!, esses anistiados!, que melhor seria que nunca viessem, esse grande número de desertores e criminosos que existem agrupados em diferentes pontos da Província e que ainda não convém bulir com eles enquanto os rebeldes estiverem próximos, mostram em suas palavras e ações que ainda estão alimentados com uma esperança de uma dissolução do Império.[327]

Essa correspondência enviada em dezembro de 1840 ao Comandante do Exército no Rio Grande do Sul João Paulo dos Santos Barreto, por Antero José Ferreira de Brito confirma que muitos daqueles que se apresentaram ainda mantinham certas convicções republicanas. A recomendação ainda era a mesma que aconselhou Severo Amorim do Valle e posta em prática

---

[325] APESC. Ofícios do Chefe de Polícia e Juiz de Direito para Presidente da Província. Vol. 1840 – s/p. Ofício de 29 de janeiro de 1840.

[326] O caso de João foi o único episódio envolvendo escravos que pudemos recuperar durante os acontecimentos da proclamação da República Juliana. O silêncio da documentação sobre os escravos não significa porém que eles não se envolveram no processo, os fatos acerca de João demonstram isso. A falta de maiores registros sobre escravos demonstra que possivelmente, os mesmos se encontravam em uma situação de controle durante os acontecimentos. No entanto isso não quer dizer que eram meramente subjugados. Mesmo em um situação de situação de subordinação era possível lutar por um maior espaço de negociação, para garantir ou expandir direitos adquiridos.

[327] RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação e Cultura. Subsecretaria de Cultura. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1981. Vol. 5 – p. 247.

pelo governo central, de se deixar em paz estas pessoas enquanto ainda existir riscos de novas incursões farroupilhas em Santa Catarina.

Apesar dos receios das autoridades, Laguna não sofreu mais ataques até o final da Guerra dos Farrapos em 1845. Com o avanço das forças imperiais no Rio Grande do Sul, aqueles que ainda mantinham idéias de revolta certamente serenaram em suas posições e procuraram retomar suas vidas beneficiados pela anistia geral, a qual proporcionou que ninguém em Laguna fosse processado pela participação no levante que proclamou em Laguna, de julho à novembro de 1839, um governo republicano, em meio ao Império Brasileiro.

Considerações Finais

Após a retirada das tropas farroupilhas e o retorno dos moradores que deixaram a vila, certamente se iniciou um processo de reconstrução e reorganização em Laguna. Vimos como a vila se configurava em meados dos anos 1830 um pequeno município, com uma movimentação econômica modesta, porém condizente com seu porte.[328] O impacto dos acontecimentos, batalhas, saques e abusos recorrentes em períodos de guerra certamente deixaram cicatrizes em Laguna. A suspensão inicial dos processos e a anistia decretada em agosto de 1840 certamente contribuíram para amenizar os desentendimentos e acalmar os ânimos, contribuindo para o processo de reorganização da vila. Desta forma não foram processados aqueles que atuaram ou apoiaram os farroupilhas e a República Juliana.

Tentamos demonstrar que esse apoio de fato era grande em Laguna no início de 1839 e como foi sendo fomentado desde 1836, a partir da presença dos emigrados, organizando reuniões, distribuindo proclamações e *pasquins incendiários* e comprando pólvora e armamento em Santa Catarina. As motivações para catarinenses apoiarem farroupilhas iam muito além da simples adesão aos ideais liberais e republicanos ou apenas da eficácia da propaganda. Interesses econômicos, vantagens pessoais ou então a expectativa de melhores oportunidades para a população pobre, geralmente com uma vida muito difícil, contribuíram nesse sentido.

A revolta do 2º Corpo de Artilharia estacionado em Laguna em 1836 e os tumultos ocorridos na vila ajudam a demonstrar como foi se construindo o apoio aos farrapos desde aquele ano. Certamente a movimentação ocorrida na tropa do 2º Corpo de Artilharia não se deu devido aos seus sentimentos republicanos, e sim pela recusa em marchar para a área em conflito no Rio Grande do Sul. No entanto, o que aponta, nesse momento, a simpatia pelos farroupilhas em Laguna foi a tentativa de revolta na vila e a distribuição de *pasquins* aproveitando da confusão iniciada com o levante no Corpo de Artilharia. Os pedidos do Juiz de Paz de Laguna para a permanência da 5ª

[328] Estamos considerando aqui os dados populacionais e econômicos, não sua dimensão territorial a qual era muito extensa.

Companhia de Artilharia em Laguna, meses depois, também revela que existiam várias pessoas em Laguna que simpatizavam com os rebeldes rio-grandenses, fato reconhecido pelo Juiz de Paz.

Descontentamentos com o governo imperial, traduzidos nas evasões e deserções para escapar aos abusos do recrutamento forçado, prática que atingia em cheio a população mais pobre, também ajudavam a incitar o apoio e criar um ambiente favorável que influiu para a invasão farroupilha de 1839 e a relativa facilidade com que as tropas farroupilhas tomaram Laguna em julho daquele ano. As conseqüências do recrutamento e das deserções foram importantes no episódio da revolta da Fortaleza da Barra do Sul, onde soldados baianos, envolvidos na Sabinada e transferidos para Santa Catarina ajudaram a organizar um levante na fortaleza que levou toda a guarnição a se unir às forças farroupilhas, trazendo inclusive grande quantidade de armamento e munição.

Um dos aspectos relevantes no processo de construção do apoio é o contrabando. Além do interesse econômico que motivava essa prática, muito interessante é a constatação de um Aparelho de Estado ainda embrionário em Santa Catarina, incapaz de coibir essa prática. Certamente interesses pessoais facilitavam a ação de contrabandistas, porém a falta de pessoal para fiscalização e a disponibilidade de caminhos utilizáveis para esse comércio contribuíam para a impunidade e fornecimento de armamento e pólvora para os farroupilhas. Essa situação demonstra uma grande motivação para o apoio demonstrado aos farroupilhas nos anos 1836 a 1839. Sendo a guerra um território de oportunidades, muitos se aproveitaram da situação para obter vantagens pessoais. A possibilidade de lucros mostrou-se atraente e certamente influenciou para sedimentar posições e convicções que, mais uma vez, iam além dos ideais políticos, sendo essa uma das motivações para o aumento do apoio demonstrado para com os farroupilhas.

A proclamação da República Juliana representou um grande perigo não apenas para a província de Santa Catarina, mas também ao Império Brasileiro. O território da República Juliana abrangia praticamente metade da província catarinense. No entanto os objetivos dos farroupilhas em Santa Catarina não cessavam em Laguna. Após a proclamação da república, buscaram avançar rumo norte para tomar Desterro e continuar avançando. As tropas farroupilhas chegaram próximas

de seu intento, fato reconhecido pelo próprio Presidente de Santa Catarina, o General Soares de Andréa. Sendo barrados no Morro dos Cavalos, os farroupilhas não puderam avançar, porém sua presença ali representava um grande perigo para o Império. Por isso, ressaltamos os fatores políticos, além dos econômicos para a campanha farroupilha em Santa Catarina. Além da necessidade de se tomar um porto, a possibilidade de causar mais problemas para o Império e uma possível junção com forças de outras províncias também eram objetivos farroupilhas.

Merecem destaque também as ambigüidades reveladas no processo, que são extremamente interessantes para notarmos como se davam diversos tipos de relação na época, na política local, e a capacidade das pessoas agirem conforme a situação requeria. Por ser uma pequena vila, com uma modesta população, muitos dos cargos públicos eram ocupados, geralmente, pelas mesmas pessoas e é interessante notar que muitos daqueles que ocupavam funções públicas servindo ao Império, continuaram a exercer as mesmas, ou outras, atribuições durante a República Juliana. As ambigüidades políticas se refletiram de forma acentuada na eleição do presidente da República, quando os lagunenses elegeram Joaquim Xavier Neves, Tenente Coronel do Batalhão de Guardas Nacionais de São José, município sob o controle das forças do Império. O presidente da província, sabedor disso, promoveu Neves à Comandante Geral dos Batalhões de Terra. Vimos que em Santa Catarina, diferentemente de outras províncias, como Pernambuco onde a mudança dos partidos acarretava a derrubada dos políticos da antiga situação, os partidos em disputa buscavam o apoio das mesmas pessoas, que dispunham de algum destaque no poder regional.

As ambigüidades revelavam também estratégias para sobrevivência em meio a um período tão conturbado como esse. Para a população em geral, muitas vezes alheia aos partidos em disputa, uma das formas de evitar represálias ou constrangimentos era apoiar aqueles que estivessem no poder em Laguna. Vimos o exemplo do professor de Tubarão que solicitou ao novo governo a manutenção do cargo que já desempenhava e o recebimento de seus vencimentos. Acreditamos que sua disposição em trabalhar para o governo da República Juliana se deu muito mais por suas necessidades pessoais do que por suas convicções políticas. Da mesma maneira, muitos outros

tiveram que se adaptar a uma situação conturbada e de mudanças bruscas que foi o processo de proclamação da República Juliana. Em um momento uma autoridade constituída na vila foi deposta pelos rebeldes farroupilhas, novos poderes entraram em cena, e pouco tempo depois, uma nova alteração ocorreu com a derrota e retirada dos farroupilhas e o restabelecimento da "ordem imperial" em Laguna. Em um processo conturbado como esse, muitas pessoas tiveram que se adequar as situações conforme as mesmas requisitavam para defender suas vidas e interesses pessoais.

A partir dessas constatações temos consciência de que o apoio destinado aos rebeldes farroupilhas não foi unânime em Laguna. Muitas pessoas deixaram a vila devido ao avanço farrapo em 1839 e, aqueles impossibilitados do mesmo, optaram pelas ações descritas acima para evitar maiores problemas. No entanto, podemos notar na documentação que realmente era grande o apoio em Laguna para com os farroupilhas. Um dos ofícios pesquisados mencionava que em 1838, praticamente todo o distrito de Araranguá demonstrava simpatia aos rebeldes. Essa grande disposição em Araranguá pode ser entendida, pois, esse distrito localizava-se muito distante, quase isolado da sede da vila de Laguna, e muito próximo da fronteira com o Rio Grande do Sul. Dessa maneira estava muito mais exposta à influência dos emigrados e notícias da guerra vindas da província vizinha. Acreditamos que essa situação se refletia também em outras freguesias de Laguna e que a situação favorável criada a partir disso contribuiu para o avanço dos farrapos e proclamação da República Juliana em Laguna.

No entanto o apoio foi esmorecendo após a proclamação da república, e muitos daqueles que apoiavam inicialmente, passaram a fazer oposição ao governo e aos rebeldes. O governo republicano não conseguiu uma boa organização e os problemas acarretados pela presença dos farroupilhas, o bloqueio do porto, as batalhas pelo controle da vila, saques e requisições certamente deixaram a vila de Laguna com diversos problemas, causaram a grande indisposição da população de Laguna para com os farroupilhas. A antipatia e aversão aos farroupilhas foram sendo construídas

com o passar do tempo, fruto das dificuldades enfrentadas tanto por catarinenses e rio-grandenses durante o período republicano, transformando aquela situação favorável em um ambiente hostil.

A indisposição gerada em Laguna era realmente muito grande. As revoltas de Imaruí e de Tubarão demonstram que esse sentimento se desenvolvia não apenas na sede da vila, mas também em suas freguesias, evidenciando que a presença dos farrapos em Laguna e seus distritos desagradava a muitas pessoas em todo o município. A violência empregada pelos farrapos na repressão ao levante de Imaruí demonstra a situação de desgaste do relacionamento e de como os ânimos em ambos os lados estavam exaltados. A brutalidade certamente contribuiu para o aumento da aversão aos farroupilhas em Laguna, ainda durante o período final da República Juliana e após a retirada das tropas rebeldes fazendo com que muitos que apoiaram inicialmente os rebeldes se arrependessem e passassem a oposição, tratando de jurar sua fidelidade ao Império assim que possível, demonstrando desgaste político dos farroupilhas.

Podemos notar a gravidade da aversão gerada em Laguna analisando a queda brusca das denúncias de contrabando, um dos indicativos da simpatia e interesse dos catarinenses para com os farroupilhas. Estas permeavam a documentação no período de 1836 a 1839 e praticamente desapareceram no período posterior a 1840 até o final da Guerra dos Farrapos. Apenas uma denúncia foi recuperada sobre o contrabando de pólvora, em 1844, demonstrando que os catarinenses não estavam mais dispostos a colaborar com os farroupilhas.

Todos esses problemas enfrentados e a indisposição gerada contribuíram para a derrota das tropas farroupilhas frente às forças imperiais. A deserção, fato corriqueiro na época ocorria em ambos os lados, porém a partir de final de outubro, as deserções estavam ocorrendo em grande medida no lado farroupilhas. Vimos que os desertores estavam se unindo as forças imperiais que avançavam sobre Laguna e que, quando as notícias desse avanço chegavam aos ouvidos de parte da população, algumas pessoas se revoltaram contra os farroupilhas, lhes retirando acesso a suprimentos, armamentos e pessoal disponível, como foram os casos de Tubarão e Imaruí. Certamente o saque realizado em Imaruí causou grande impacto em Santa Catarina, pois quando

Manoel Teixeira Nunes comunicou ao Comandante das Tropas Imperiais sobre a reação ocorrida em Tubarão, relatou suas ações para bloquear os caminhos de acesso à povoação, certamente para evitar que ocorresse ali o mesmo que houve em Imaruí. Todos esses fatores influíram para a derrocada da República Juliana.

Apesar disso tudo, alguns moradores de Laguna ainda mantiveram suas posições e deixaram a vila juntamente com os farrapos. Os motivos para essa saída vão desde o apego às convicções republicanas e principalmente, pelo receio de uma dura repressão contra os envolvidos. Certamente isso motivou muitos a abandonarem suas casas levando, em muitos casos toda a família consigo. Porém a situação beneficiou os envolvidos na República Juliana. Com o andamento da guerra no Rio Grande do Sul, o governo imperial necessitava de bases estratégicas para lançar ataques e suprir suas tropas nesta província. Dessa maneira, procurou-se abrandar a repressão para acalmar os ânimos em Laguna, para garantir a estabilidade e ordem necessárias naquele momento. O governo entendia que uma dura repressão causaria mais problemas do que soluções e ordenou, inicialmente suspender os processos por crimes de rebeldia. Essa disposição fez com que muitos retornassem à vila e retomassem tranqüilamente suas vidas e afazeres. A anistia decretada em agosto de 1840 beneficiou todos os envolvidos na República Juliana, fazendo com que não se processasse politicamente ninguém na vila. A partir disso, entendemos que se buscou a manutenção *status quo* da vila, uma vez que muitos daqueles que ocuparam cargos durante a República Juliana, continuaram a exercer vida pública após 1840 e aqueles que retornavam eram encaminhados às suas casas para retomarem suas vidas e atividades.

Ocorrida durante o período regencial, a República Juliana se situa ao lado das diversas revoltas provinciais que abalaram o Império Brasileiro e representa um episódio muito relevante, pois apresenta vários aspectos peculiares da vida e política da época, e como interesses eram mais importantes do que bandeiras políticas fossem elas farroupilhas ou imperiais.

Fontes Consultadas

Manuscritas

Arquivo Nacional – Rio de Janeiro

- Série Guerra - IG[1] 531
- Série Marinha - XM 134

Arquivo Público do Estado de Santa Catarina – Florianópolis

- Avisos do Ministério da Justiça para Presidente da Província
- Correspondências dos Engenheiros para Presidente da Província
- Correspondências do Ministério da Guerra para Presidente da Província
- Ofícios das Câmaras Municipais para Presidente da Província
- Ofícios dos Chefes de Polícia e Juizes de Direito para Presidente da Província
- Ofícios de Diversos para Presidente da Província
- Ofícios dos Juízes Municipais para Presidente da Província
- Ofícios dos Juizes de Paz para Presidente da Província
- Registro do Presidente da Província para Assembléia Legislativa Provincial
- Ofícios da Provedoria da Província para Presidente da Província
- Registro das Correspondências com a Guarda Nacional
- Registro do Presidente da Província para Autoridades Policiais
- Registro do Presidente da Província para Juízes
- Registro do Presidente da Província para Juízes de Paz
- Registro do Presidente da Província para Militar
- Registro do Presidente da Província para Ministério da Guerra
- Registro do Presidente da Província para Ministério da Marinha

Arquivo Histórico Municipal – Florianópolis

- Ofícios da Presidência da Província para Câmara Municipal de Desterro

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – Porto Alegre

- Coleção Alfredo Varela – Correspondências de Luís Rosseti (ativa)

Arquivo da Comarca de Laguna – Casa Candemil – Laguna

- Inventários de Arrecadação de Bens de Francisco Villela Araújo
- Inventários de Arrecadação de Bens de Silvério Pereira da Silva
- Inventários de Arrecadação de Bens de Bartholomeu Antônio do Canto

Impressas

- **O Povo:** jornal político, literário e ministerial da República Rio Grandense. Edição Fac-símile. Porto Alegre: Globo, 1930.
- GARIBALDI, Anita. **Anita Garibaldi**: a mulher do general. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi.** Porto Alegre: L&PM, 1998.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação e Cultura. Subsecretaria de Cultura. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Vol. 1-13.
- ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE SANTA CATARINA; CATALANO, Maria Inês. (Org) **Laguna**: manuscritos avulsos, 1835-1888. Florianópolis: Assembléia Legislativa, Divisão de Divulgação e Serviços Gráficos, 2001.

Outras fontes

- Relatórios dos Presidentes da Província de Santa Catarina. http://brazil.crl.edu.
- Biblioteca Universitária – UFSC. Cartas do Cônsul americano Samuel Nells. Microfilme.

Referências Bibliográficas

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Proletários e escravos: imigrantes portugueses e cativos africanos no Rio de Janeiro, 1850-1872. **Novos Estudos** – CEBRAP 21 (1988).

ASSUNÇÃO, Mathias Röhrig. Elite politics and popular rebellion in the construction of post-colonial order: the case of Maranhão, Brazil (1820-1841). In: **Journal of Latin American Studies**. n. 31. 1999.

BOITEUX, Henrique. **A República Catharinense**: notas para sua história. Rio de Janeiro: Xerox, 1985.

CABRAL, Oswaldo R. **A organização das justiças na Colônia e no Império e na história da Comarca de Laguna.** Porto Alegre: Santa Teresinha, 1955.

____________________; Reis, Sara Regina Poyares dos (Org.). **A história da política em Santa Catarina durante o Império**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

____________________. **História de Santa Catarina.** Rio de Janeiro: Laudes, 1970.

____________________. **Laguna e outros ensaios**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1939.

CADORIN, Adílcio. **Anita:** a guerreira das repúblicas. Florianópolis: IOESC, 1999.

CAGGIANI, Ivo. **David Canabarro:** de tenente a general. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

CARNEIRO, Carlos da Silveira. **Enciclopédia de Santa Catarina**. Florianópolis, s/d. Vol. 5. s/p. Setor de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem:** a elite política imperial; **Teatro de sombras**: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_________________________.**Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a república que não foi. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

_________________________. **Pontos e bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. Os nomes da revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849. In: **Revista Brasileira de História**. vol. 23, n. 45. 2003

______________________. de. Aí vem o Capitão-Mor: as eleições de 1828-30 e a questão do poder local no Brasil imperial. In: **Tempo**, 7, n. 13. 2002.

CLEARY, David. Lost Altogether to the Civilised World: race and the Cabanagem in Northern Brazil, 1750-1850. In: **Comparative Studies in Society and History.** vol. 40, n. 1. 1998.

COLLOR, Lindolfo. **Garibaldi e a Guerra dos Farrapos.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1938.

COSTA, Licurgo. **O continente das lagens**: sua história e influência no sertão da terra firme. Florianópolis: FCC, 1982.

DACANAL, José Hildebrando (Org.). **A Revolução Farroupilha**: história e interpretação. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

DALL' ALBA, João Leonir. **Laguna antes de 1880**: documentário. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. A interiorização da metrópole: (1808-1853). In: MOTA, Carlos Guilherme. (ed). **1822**: dimensões. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

DOLHNIKOFF, Mirian. Elites regionais e a construção do Estado Imperial. In: JANCSÓ, István (Org.). **Brasil**: formação do estado e da nação. São Paulo-Ijuí: Ed. HUCITEC, Ed. UNIJUÍ, FAPESP, 2003.

___________________. O lugar das elites regionais. In: **Revista USP**, n. 58, p.116-133, junho/agosto 2003.

DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi.** Porto Alegre: L&PM, 1998.

FAGUNDES, Morivalde Calvet. **História da Revolução Farroupilha**. Caxias do Sul: Ed. UCS, 1985.

FLORENTINO, Manolo; FRAGOSO, João. **O arcaísmo como projeto**: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia, Rio de Janeiro, c. 1790 – c. 1840. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FLORES, Moacyr. **Modelo político dos farrapos.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1978.

FRAGOSO, Augusto Tasso. **A Revolução Farroupilha.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1939.

GAGLIANONE, Paulo César. **Uma viagem através do tempo**: Giuseppe Garibaldi, a jornada de um herói. Rio de Janeiro: Litteris, 1999.

GARIBALDI, Anita. **Anita Garibaldi**: a mulher do general. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GERSON, Brasil. **Garibaldi e Anita:** farrapos, balaios e cabanos; uma guerra por um porto ou rosas contra Montevidéu; as revoluções liberais européias. Rio de Janeiro: Ed. Souza, 1953.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Textos e lenços: representações de federalismo na república rio-grandense (1836-1845). In: **Almanack Brasiliense**. Maio/2005.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Liberalismo Moderado: postulados ideológicos e práticas políticas no período regencial (1831-1837). IN: GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal; PRADO, Maria Emília. (Orgs.) **O liberalismo no Brasil Imperial**: origens, conceitos e práticas. Rio de Janeiro: Revan: UERJ, 2001.

HOBSBAWN, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de; CAMPOS, Pedro Moacyr. **História geral da civilização brasileira**: dispersão e unidade. 5 ed. São Paulo: DIFEL, 1985.

HOLLOWAY, Thomas H. **Polícia no Rio de Janeiro**: repressão e resistência numa cidade do século XIX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

HOOK, Sidney. **O herói na história**. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

IZECKSON, Vitor. Resistência ao recrutamento para o Exército durante as guerras Civil e do Paraguai: Brasil e Estados Unidos na década de 1860. In: **Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, n. 27, 2001.

JÚNIOR, Antônio Manoel Elíbio. Uma mulher ilustre do Brasil: Anita Garibaldi e o culto à nação. In: Título Anita. AREND, Sílvia Maria Fávero; BRANCHER, Ana. (Orgs.) **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

LAYTANO, Dante de. **História da República Rio-Grandense.** Porto Alegre: Sulina/ARI, 1983.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

LEITMAN, Spencer. **Raízes sócio-econômicas da Revolução Farroupilha.** Rio de Janeiro, Graal, 1979.

LENHARO, Alcir. **As tropas da moderação**: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil; 1808-1842. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1993.

LUCENA, Liliane M. Fernandes de. **Laguna**: de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Santa Catarina.

LUZ, Aujor Ávila da. **Santa Catarina**: quatro séculos de história XVI ao XIX. Florianópolis: Insular, 2000.

KRAAY, Hendrik. As terrifying as unexpected: the bahian Sabinada, 1837-1838. In: **Hispanic American Historical Review**. 72, n. 4. 1992.

KRANTZ, Frederick (org). **A outra história**: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

MATTOS, Ilmar R. de. **Tempo Saquarema**: a formação do Estado Imperial. Rio de Janeiro: Access, 1994.

______________________. **O lavrador e o construtor**: o Visconde do Uruguai e a construção do estado imperial. In: PRADO, Maria Emília. (org.) **O estado como vocação**: idéias e práticas políticas no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Access, 1999.

MENDES, Fábio Faria. Encargos, privilégios e direitos: o recrutamento militar no Brasil nos séculos XVIII e XIX. IN: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik. **Nova história militar brasileira.** Rio de Janeiro: FGV, 2004.

MOREL, Marco. **O período das Regências**: (1831-1840). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

NABUCO, Joaquim. **Um estadista do Império.** 5 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira. **A ressaca da marujada**: recrutamento e disciplina na Armada Imperial. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Revolução Farroupilha.** 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PIERANGELLI, José Henrique. **Processo penal**: evolução histórica e fontes legislativas. Bauru: Ed. Jalovi, 1983.

PORTO, Aurélio. **Notas ao processo dos farrapos.** Rio de Janeiro: Publicações do Arquivo Nacional. Vol. 29 a 32, 1933 a 1935.

RAU, Wolfgang Ludwig. **A heroína Anita Garibaldi.** Florianópolis: Ed. do Autor, 1986.

____________________. **Anita Garibaldi**: o perfil de uma heroína brasileira. Florianópolis: Ed. do Autor, 1975.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RIBEIRO, Gladys Sabina. **A liberdade em construção**: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado. Rio de Janeiro: FAPERJ/Relume-Dumará, 2002.

_____________________. "Pés -de-chumbo" e "Garrafeiros": conflitos e tensões nas ruas d o Rio de Janeiro no Primeiro Reinado (1822 – 1831). In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/FAPESP/ Marco Zero, vol. 12, n. 23/24, 1991/1992.

RIBEIRO, José Iran. **Quando o serviço os chamava**: milicianos e Guardas Nacionais no Rio Grande do Sul (1825-1845). Santa Maria: Ed. UFSM, 2005.

RICCI, Magda. **Assombrações de um padre regente**: Diogo Antônio Feijó (1784-1843). Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

RUDÉ, George. **A multidão na história**: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SARMIENTO, Domingos Faustino. **Facundo**: civilização e barbárie. Petrópolis: Vozes, 1996.

SLEMIAN, Andréa, Seriam todos os brasileiros cidadãos?: os impasses na construção da cidadania nos primórdios do constitucionalismo no Brasil (1823-1824). In: **Seminário IEB**. http://www.usp.br/ieb

SPRICIGO, Antônio César. **Sujeitos esquecidos, sujeitos lembrados**: entre fatos e números a escravidão registrada na freguesia do Araranguá no século XIX. Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Santa Catarina.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

TITARA, Ladislau dos Santos. **Memórias do grande exército aliado libertador do Sul da América.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1950.

VALLADÃO, Alfredo. **Da aclamação à maioridade**: 1822 – 1840 e outros trabalhos históricos. 3 ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1973.

VARELA, Alfredo. **História da grande revolução.** Porto Alegre, 1933.

Anexo

Mapa 1

Fabrício Antônio Antunes Soares

FARRAPOS DE ESTÓRIAS:
Romance e historiografia da Farroupilha (1841-1999)

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor pelo programa de pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Área de Concentração: História das Sociedades Ibéricas e Americanas

Linha de Pesquisa: Sociedade. Ciência e Arte

Orientador: Dr. Jurandir Malerba

Porto Alegre
2016

Fabrício Antônio Antunes Soares

FARRAPOS DE ESTÓRIAS:

Romance e historiografia da Farroupilha (1841-1999)

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor pelo programa de pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

BANCA EXAMINADORA:

____ / ____ / ______

____

Porf. Dr. Jurandir Malerba – PUCRS (orientador)

____

Prof. Dra. Ligia Chiappini de Moraes Leite – FU BERLIN

____

Prof. Dr. Luiz Antônio de Assis Brasil – PUCRS

____

Prof. Dr. Claudio Pereira Elmir – UNISINOS

____

Prof. Dr. Temístocles Américo Corrêa Cezar – UFRGS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S676f Soares, Fabrício Antônio Antunes
Farrapos de estórias : romance e historiografia da Farroupilha (1841-1999) / Fabrício Antônio Antunes Soares. – 2016.
323 f.

Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS.
Orientação: Prof. Dr. Jurandir Malerba.

1. Rio Grande do Sul – História – Guerra dos Farrapos (1835-1845). 2. Rio Grande do Sul – Historiografia. 3. Romances – História e Crítica. 4. Ficção – História e Crítica. 5. Imaginário. I. Malerba, Jurandir. II. Título.

CDD 16 ed. 981.65043

Ficha Catalográfica elaborada por Ramon Ely – CRB10/2165

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Essa tese de doutorado não existiria sem o amor e o apoio incondicional de meus pais, Nero e Conceição, ao longo de toda a minha vida. Pelos mesmos motivos, agradeço aos meus irmãos, Franco, Félix e Danielle, e ao meu sobrinho Gabriel, às minhas cunhadas Raquel e Cristiane, ao meu cunhado Fernando, aos meus padrinhos, Jair e Cristina, e ao meu primo Jair Montiel.

Sou grato a Eduardo Silva pela amizade de todas as horas e companheirismo de mais de trinta anos. Sou muito grato ao João Júlio Gomes dos Santos Júnior pelo auxílio intelectual, pelas conversas sobre os mais variados temas da vida e, fundamentalmente, agradeço a sua amizade. Sem ele essa tese não seria o que foi. Agradeço a Ricardo Oliveira, meu leitor, parceiro intelectual e grande amigo. Sou muito grato a amizade e carinho de Sheila e Beatriz Lehnen. A elas devo muito do que consegui e sou. Em especial, sou muito grato a Dorival Lehnen por tudo que me ensinou e pelo quanto me cuidou. Onde quer que eu estiver, haverá o meu eterno reconhecimento.

Um ano da tese de doutorado eu morei em Berlim estudando e pesquisando no Instituto de Estudos Latino-Americanos (LAI) da Universidade Livre de Berlim (FU). Período importantíssimo profissional e pessoalmente. Desse período, fiz grandes amizades. Quero agradecer a Flávio Aguiar pela paciência em ler meus escritos, pela disponibilidade em me ouvir e aconselhar. Também agradeço a Ligia Chiappini pela oportunidade de frequentar seu seminário no LAI, pelo acolhimento, pelo apoio intelectual e pela honra que me dá ao participar de banca do meu doutorado. Agradeço também ao meu coorientador no LAI, Stefan Rinke, pela oportunidade de ir pesquisar na FU, a Susane Klengel pela acolhida, pela leitura e crítica do material da tese, a Eduardo Gallardo e Jefferson Martins pela amizade que nasceu em Berlim, a Jörg Lühdorff e sua família pela atenção e carinho na minha estada em Lichterfelde, a Airton Müller pelo companheirismo e amizade. Um agradecimento especial ao casal Estevão e Sara Bosco pela forte amizade que cultivamos em Berlim, pela companhia e pelas ótimas conversas que perpassavam os mais diversos temas na noite de Berlim.

Agradeço ao professor Luiz Antônio de Assis Brasil e Claudio Elmir pela honra que me dão ao participar da minha banca de doutorado. Sou muito grato a Temístocles Cezar, pelo incentivo intelectual, pela paciência em me ouvir, pela amizade e por ter na minha banca de doutorado um historiador e uma pessoa que tanto admiro.

Igualmente sou muito grato ao meu orientador de doutorado Jurandir Malerba. Perfeccionista, exigente ao extremo, incansável nas correções e sugestões para melhorar a

tese. Agradeço, também, a oportunidade que me ofereceu de estudar em Berlim. Foi uma honra tê-lo como orientador. Mas agradeço, sobretudo, por nestes quatro anos ter privado de sua amizade e por ter conhecido sua família. Sempre foi generoso, leal e sincero comigo. Todos os acertos da tese passam por ele... *Gracias viejo!*

Sou grato à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e ao seu PPG em história pela oportunidade de realizar o doutorado nesta instituição, que é referência na área da pesquisa em história. Agradeço ao CNPq por ter financiado minha pesquisa no Brasil e a Capes por ter financiado minha pesquisa na Alemanha.

Nos últimos nove meses da tese eu morei no Alegrete. Nesse período agradeço a amizade e o companheirismo de Rafael Feijó, Geison de Oliveira, Itagira Martins, Mirian Lopes, Vitor Costa, Wederson Ferreira, Elizeu Benachio, Leandro Goya e Mariana Lopes Dal Ri.

Agradeço a Ana Maria Alves pela paciência da espera, pelo carinho na distância e o cuidado na presença, mas agradeço, principalmente, o seu amor.

“El mérito principal de la historia consiste en ser un instrumento de cultura intelectual, y lo es por varios modos. En primer lugar, la práctica del método histórico de investigación (...) es muy saludable para el espíritu, al que cura de la credulidad. En segundo lugar, la historia, porque muestra gran número de sociedades diferentes, prepara para compreender y aceptar usos varios (...) y cura del temor a las transformaciones”
(Langlois – Seignobos
Introduccio a los studios históricos)

“There are places I remember
All my life though some have changed
Some forever not for better
Some have gone and some remain
All these places had their moments
With lovers and friends I still can recall
Some are dead and some are living
In my life I’ve loved them all”
(Lennon – McCartney
In my life)

LISTA DE SIGLAS

IHGB:	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IHGPSP:	Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro
IHGRGS:	Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
RIHGRGS:	Revista do Instituto e Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
PUCRS:	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UFRGS:	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

Esta tese analisa a escrita da Farroupilha na historiografia e no romanceiro, em um período de 158 anos, desde as publicações de Saturnino Oliveira Coutinho e Caldre e Fião na década de 1840 até as publicações de Cesar Guazzelli e Flávio Aguiar no final do século XX. À luz do conceito de controle do imaginário, pretende-se demonstrar neste estudo como, em sucessivos momentos, os limites da escrita historiográfica e ficcional sobre a Farroupilha foram estabelecidos por grupos sociais que pautaram os modos de se narrar aquele evento histórico.

Palavras-chave: Historiografia. Romance. Imaginário. Ficção. Farroupilha.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the writing of the Farroupilha in historiography and in novel, in a period of 158 years since the publications of Saturnino Oliveira Coutinho and Caldre e Fião in the 1840s until the works of Cesar Guazzelli and Flávio Aguiar in the late of twentieth century. In this study we intend to demonstrate, in light of the imaginary control concept, how in successive moments some social groups have oriented the ways of account that historical event establishing limits on the historiographical and fictional writings.

Keywords: Historiography. Novel. Imaginary. Fiction. Farroupilha.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A legítima abordagem do discurso não se efetiva por uma especialização da linguística, mas por sua integração no acervo das abordagens propriamente sociais. (LIMA, 2006, p. 27).

A Farroupilha,[1] ou Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos e demais denominações que houve ao longo de mais de 171 anos, foi um conflito político-militar que ocorreu na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul entre 1835 e 1845. Ela tem sido escrita de muitas formas, em vários contextos e no meio de muitas alterações na vida social e política brasileira e rio-grandense. Da primeira obra analisada até a última nesta tese, entre 1841 e 1999, temos um arco temporal de 158 anos de histórias narradas.

A bibliografia sobre a Farroupilha é vastíssima. No decorrer da pesquisa, entendi que o importante não era analisar obra por obra ou o maior número possível de obras sobre o tema. O objetivo é, diferentemente, perceber as alterações na escrita da Farroupilha de uma geração a outra, de um grupo social, político e teórico em relação aos outros. Num lapso de tempo tão amplo, mais importante que entender a permanência é apreender as mudanças nas formas e conteúdos da escrita. Como cada geração, ao longo dos anos, escreveu a Farroupilha tanto na historiografia quanto no romance: é disso que se trata a presente tese, esse é o seu objeto. Com quais recursos teóricos, em que momento social, com que fim político foi escrita a Farroupilha, são as indagações que guiaram a pesquisa e a sua escrita.

O objetivo principal do estudo é, então, analisar como foi escrita a Farroupilha na temporalidade aqui proposta. Para isso, é necessário saber as mudanças teóricas havidas no modo de escrever o conflito sulino, assim como compreender as mudanças políticas e sociais por que passaram o Brasil, os lugares de produção da historiografia e do romance ao longo do tempo e a relação dos intelectuais com as instituições do Estado. Além disso, é indispensável saber as semelhanças e diferenças do romance e a historiografia.[2]

---

[1] Ao longo da tese denominei a Revolução Farroupilha ou a Guerra dos Farrapos, como o conflito sulino atualmente é mais comumente conhecido, de a "Farroupilha". Com isso pretendo duas coisas; a) ir além da discussão da década de 1980 de caráter ideologico sobre se a Farroupilha era uma revolução ou guerra (o que não é o objetivo desta tese) e b) denominar a fortuna crítica sobre esse evento.

[2] Este mesmo objetivo de reconstruir o trajeto de um fenômeno histórico ao longo do tempo via narrativa também foi o que se propôs Elmir (2004) em seu livro *A história devorada*. Aí ele reconstrói toda a trajetória das narrativas sobre os crimes da Rua do Arvoredo.

Sobre o objeto da tese

A escrita sobre a Farroupilha começou cinco dias após o 20 de setembro de 1835 quando, em um manifesto, Bento Gonçalves explicava os motivos da deposição do presidente da província Antônio Rodrigues Fernandes Braga. Ao longo do conflito, os farroupilhas e os legalistas manifestavam suas opiniões sobre o confronto em seus respectivos jornais. Também de ambos os lados do conflito se escreveu poesia. O cancioneiro popular igualmente registrou em versos os eventos desse período. Contudo, o objeto da tese são as escritas sobre a Farroupilha no romance e na historiografia e o entrelaçamento de ambas.

O objeto desta tese já foi estudado anteriormente. A maior parte das análises foi feita em artigos. Há outras poucas apreciações que se encontram em capítulos de livros, dissertações ou teses acadêmicas, em geral estudos introdutórios ao episódio histórico da Farroupilha. Portanto, a originalidade da tese não se encontra em analisar pela primeira vez a escrita da Farroupilha. A novidade encontra-se na forma de abordar esse objeto historiograficamente. Para clarificar o objeto da tese, uma análise da bibliografia anterior é elucidativa, trazendo a lume a forma como foi entendido anteriormente.

Em dois artigos escritos respectivamente em 1985 e 1986, Moacyr Flores fez um balanço historiográfico sobre a Farroupilha. O autor tratou da historiografia sobre o conflito desde seu início, em 1835, até o início da década de 1980. É um dos historiadores que mais alarga temporalmente a análise. Contudo, não fez mais que uma cronologia das obras, isto é, não examina nem o lugar de produção dos textos nem a intriga da história, tampouco a relação de ambas, texto e contexto. Apenas colocou as obras em ordem cronológica. O critério utilizado para a apresentação das obras é pré-centenário e pós-centenário da Farroupilha. Flores teve o esforço de fazer uma cronologia das obras, porém não avançou em entender a escrita do historiador como uma operação historiográfica. (CERTEAU, 2007).

Em artigo de 1985, Sandra Pesavento também avalia as narrativas dos historiadores sobre o conflito sulino. Ela foi além da cronologia das obras. Pesavento fez uma abordagem de crítica ideológica em relação à historiografia da Farroupilha e, assim, avançou em relação a Flores. Para a autora, é necessário investigar as ligações entre os intelectuais e a classe social que ele representa. Portanto, no entendimento da historiadora o intelectual é o elemento que elabora e difunde a ideologia e, desse modo, é o criador do sistema de ideias da classe dominante. A ciência, nesse caso, serve para manter o sistema de classes uma superestrutura, uma ideologia dos grupos predominantes.

Para Pesavento, por meio da escrita dos historiadores a classe dominante apresenta a visão que possui de si mesma. A produção historiográfica é elaborada no sentido de oferecer uma visão do passado na qual o grupo no poder apareça como representante dos interesses de toda sociedade e "é assim no caso da historiografia oficial rio-grandense, que louva e exalta as qualidades do gaúcho, altaneiro, livre e destemido". (PESAVENTO, 1985b, p. 77). Por isso, a "montagem de uma história oficial, que legitimasse o poder dos pecuaristas no estado [...] a Revolução Farroupilha ocupou um lugar de destaque". (PESAVENTO, 1985b, p. 79).

Era necessário resgatar para o grupo no poder regional um passado enobrecedor e capaz de se apresentar como comum a todos, sem distinção de classes; e a Farroupilha se revelou a peça fundamental deste passado. Enfim, a historiografia, até o momento em que escreve Pesavento (década de 1980), apenas teria usado a Farroupilha para criar uma defasagem entre o passado real e uma representação invertida desse passado.

Essa perspectiva falha por dois motivos: a) a obra é sobredeterminada pelo contexto econômico da luta de classes; e b) haveria uma teoria que conheceria o real por detrás das aparências ideológicas, isto é, ela assentar-se-ia em uma metanarrativa que teria a explicação total da realidade baseada num monocausalismo epistêmico. O texto e os sujeitos da história seriam apenas reflexos de uma base econômica, conhecida sem as aparências ideológicas graças à teoria marxista da história. Ao contrário disso, a escritura recria um passado que se abre como mediação para a compreensão do outro. O texto é produtor um de distanciamento que permite ver a obra estruturada que não esconde a história, mas revela o passado que o historiador narrou. Não há um ponto arquimédico da crítica que *a priori* permita "ver" o real como se passou. Enfim, a história da historiografia tem que relacionar o texto com o mundo que não é texto, mas só (re)conhecido através da linguagem.

Maria Eunice Moreira analisou a literatura do século XIX sobre a Farroupilha em um artigo de 1985. Ela constatou que a produção teve como intriga principal a guerra. Segundo a autora, o conflito sulino foi a insatisfação de uma economia subsidiária em relação ao governo central. "[…] Assim compreendida, a Revolução Farroupilha não teria tomado a projeção que assumiu na historiografia oficial". (MOREIRA, 1985, p. 39).

Moreira afirma que a Província de São Pedro era uma economia fornecedora do mercado interno e, ao mesmo tempo, uma sociedade militarizada. Foi desse modo que se estabeleceram as relações entre a Coroa e a elite regional. O fortalecimento econômico dos estancieiros exigia semelhante fortalecimento no plano político. Enfim, o fato histórico foi absorvido pela literatura e "o tratamento literário, associado à palavra dos historiadores, consagrou um tipo – o gaúcho – e uma ideologia – a regionalista". (MOREIRA, 1985, p. 40).

Para Moreira, a guerra deixou seu rastro permeando a produção literária rio-grandense ao longo do século XIX. E a Farroupilha foi seu tema preferencial, porque possibilita a configuração de certa ideologia que é “representativa dos estancieiros gaúchos”. (MOREIRA, 1985, p. 62). De tal modo, todos esses aspectos tematizados na literatura e no discurso histórico “delimitam um modelo a ser seguido e preservado”. (MOREIRA, 1985, p. 62). Por fim, a autora entendeu que, se aliando ao discurso oficial, a literatura consagrou o gaúcho, o herói, e uma ideologia, a dos estancieiros. Moreira ainda fez uma análise ideológica procurando saber o que, por trás do texto, determina o próprio texto. Portanto, através da ideologia quis determinar a ficção que nasceu nas obras literárias.

Em artigo de 1993, Weinhardt fez uma análise dos romances sobre a Farroupilha. Diferente de Moreira, ela avançou ao século XX, mas manteve a mesma postura teórica em relação às obras literárias. Assim, Weinhardt analisou Manuel Canho (personagem do romance *O gaúcho*): “Mas Manuel Canho não é um representante de sua classe. Alencar coloca-o em função periférica na ação histórica”. (WEINHARDT, 1993, p. 118). A autora não está preocupada em compreender as particularidades da vida de Canho, pois é em suas vinganças, cumprimento de ordens de Bento Gonçalves, em peleias e relações de afeto, principalmente suas relações com os cavalos, que a narrativa alencariana se desenvolve em par com a da Farroupilha.

Outra crítica da autora é ao romance *Os farrapos*, de Luís Alves Oliveira Belo, em que escreve:

> A argumentação dos peões de cada facção, para optarem pelo lado em que se engajarão é artificial. Como também o é o questionamento da guerra e de seus efeitos apresentado por um ancião analfabeto, criticando indiretamente a ação de Bento Gonçalves. (WEINHARDT, 1993, p. 120).

Por um lado, a autora considerou que, por serem despossuídos, peões não podem refletir e optar sobre o conflito político-militar, isto estaria reservado apenas aos líderes do movimento; por outro lado, o analfabeto não poderia criticar Bento Gonçalves a partir de sua experiência de vida (como despossuído), tomando por pressuposto a autora que o analfabeto não teria meios simbólicos de analisar o conflito. Por sua posição teórica, só percebeu agência consciente nos personagens “grandes” da história e não nos que considerou os personagens secundários. O que é justamente o que o romance de Oliveira Belo não faz, pois mostra o cotidiano da guerra a partir da vida dos personagens Juca Silva, que é um vaqueano, de seu primo Manduca, que é um peão, e de seu amigo índio chamado Serrano. O desenrolar do

enredo consiste no modo como eles vão percebendo a Farroupilha com o passar do tempo e, também, como a partir dessa experiência a vão entendendo. Por fim, Weinhardt (1993, p. 123) elogia a obra *A prole do corvo*, de Luiz Antônio de Assis Brasil, pois "É um mergulho em profundidade na história e no indivíduo. A leitura de orientação social vê a denúncia, a crítica a uma história que se faz de mitos e enganos [...] É o desnudamento da crueza da realidade".

Sobre *A prole do corvo* dedicarei especial atenção no sétimo capítulo. Contudo, para Weinhardt os romances encobririam a realidade de dominação de classe e somente textos que desmitificam essa dominação poderiam representar corretamente o mundo, pois haveria uma realidade que está escondida por detrás do texto. E só uma obra de denúncia social pode representar verdadeiramente a realidade.[3] A questão não é ver o romance como mitificação do real ou não, mas o passado reconstruído que se abre à leitura.[4] O ponto me parece não limitar a interpretação dos romances, a saber, se mitificou ou não a história, mas como pontuou Ricoeur (2008, p. 68): "Não se trata de impor ao texto sua própria capacidade finita de compreender, mas de expor-se ao texto e receber um *si* mais amplo, que seria a proposição de existência respondendo, da maneira mais apropriada possível, à proposição de mundo".

Cesar Guazzelli, em sua tese de doutorado de 1998, aborda a historiografia da Farroupilha no século XX desde a obra de Alfredo Varella até a obra da historiadora Helga Piccolo. A análise da historiografia de Guazzelli é diferente da do período anterior. Não percebe mais a escrita da história como encobrimento da luta de classes e ocultamento do real. Analisa as obras a partir de suas temáticas. Avança em relação às análises anteriores em considerar as narrativas pelo que elas querem dizer, pelo passado que a intriga do texto cria.

Começa sua análise retomando a diferenciação de Gutfreind (1992) entre a matriz platina e a matriz lusitana na historiografia. Assim, como representante da matriz platina e representando a pátria gaúcha estaria a obra de Alfredo Varella (1915; 1933). Como representante da matriz lusa e compreendendo o Rio Grade como a sentinela avançada do Brasil estaria a obra de Walter Spalding (1939). Depois avalia a obra de Spencer Leitman (1979), que introduziria a análise econômica na motivação de os estancieiros entrarem em conflito com o Império brasileiro. A explicação para o surgimento do conflito seria a perda das terras uruguaias e os impostos sobre charque. Em seguida, examina um artigo de Sandra Pesanvento (1985) sobre o liberalismo Farroupilha, mostrando que os farrapos eram

[3] Sobre as limitações da análise ideológica, ver Rodrigues (2006), "Introdução"; Nedel; Rodrigues (2005); Boeira (2009). Costa Lima (1968) também apontou para as limitações e algumas alternativas a esse tipo de análise.

[4] Conforme observou Chiappini (2000, p. 24), "não cabe dizer que um ficcionista finge ou mente, embora caiba perguntar, sim, que verdade ele nos traz pelas suas meias-verdades".

controversos nesse tema, sendo liberais em alguns temas e protecionistas em outros. Sobre os artigos de Helga Piccolo (1985), sustenta que os ressentimentos da elite pecuarista da Província contra a formação do Estado-nacional centralizado eram econômicos.

Cesar Guazzelli tem o mérito de demonstrar as intrigas com que os autores formaram suas obras. Entretanto, uma história da historiografia mais completa reclamaria ainda a análise dos lugares de produção dos textos, e o que o enredo das obras tem a ver com a sociedade que as cerca.

No início da segunda parte do livro *Federalismo gaúcho* (2001), Maria Medianeira Padoin analisa a historiografia a partir do posicionamento teórico-metodológico dos historiadores. Diferencia os historiadores entre descritivas-positivistas e críticos. Entre os primeiros estariam os historiadores ligados ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), que foram definidos por Padoin como historiadores tradicionais, apenas preocupados em justificar a brasilidade dos farrapos e negar o separatismo da revolução. São eles: Walter Spalding, Morivalde Fagundes, J. P. Coelho e Souza e Dante de Laytano. Entre os segundos estariam os historiadores ligados à universidade e a uma percepção crítica da história. Padoin não explica o que seria tal visão crítica. Entre esses estariam: Sandra Pesavento, Helga Piccolo, Spencer Leitman e Moacyr Flores.

Apesar do esforço de Padoin de não fazer uma mera cronologia das obras, sua história da historiografia da Farroupilha é problemática no enfoque que escolheu: apenas diferencia os historiadores entre tradicionais e críticos sem explicar mais detalhadamente o que seria esta diferenciação e qual relação haveria a partir dessas opções teóricas com o lugar de produção historiográfica. A análise de Padoin pressupõe que exista uma postura teórico-metodológica científica, isto é, a opção pela crítica, em que o real possa emergir do texto produzido por meio da cientificidade dos historiadores universitários. Assim, a historiadora acaba por naturalizar o texto sem perceber a historicidade que o compõe.

Em 2002, Eduardo Scheidt publica o artigo “O processo de construção da memória da Revolução Farroupilha”, em que o autor descreve uma grande quantidade de obras, desde a primeira memória histórica de 1838 de João da Cunha Barreto até a sua própria dissertação de mestrado em 2000. Scheidt tem o mérito de enumerar a obra de treze autores sobre a Farroupilha. Ele apresenta, como Guazzelli, a intriga das obras dos historiadores. Contudo, conforme Scheidt mesmo reconhece, o seu artigo tem um caráter preliminar. Faltaria precisar melhor a relação entre memória e história e, também, o contexto de produção de cada autor por ele escolhido. Não obstante, assim como Guazzelli, é um bom início para conhecer a historiografia da Farroupilha.

Em *Revolução Farroupilha: estudos históricos* (2004), Alves analisa a historiografia do conflito sulino em três dos seus quatro capítulos. Alves volta com uma abordagem semelhante à de Pesavento, quer dizer, ele quer busca como foi construído o mito Farroupilha que serviu de bastião ideológico a determinados grupos político. Enfim, quer denunciar um tipo de historiografia como falsa e ficcional, que atenderia a demandas específicas da classe dominantes. Para o autor, o processo de mitificação teve um de seus iniciadores em Alfredo Ferreira Rodrigues, que contribuiu "decisivamente para a criação mítica da Revolução Farroupilha" (ALVES, 2004, p. 45) e que as obras de Rodrigues desempenhariam "um papel relevante na construção do mito de uma Revolução Farroupilha heroica, moderada, cavalheiresca, não-separatista e, enfim, brasileira". (ALVES, 2004, p. 59).

De acordo com Alves, a consolidação do mito da Farroupilha se daria alguns anos depois com a instituição da historiografia oficial em torno do IHGRGS. Para ele, Aurélio Porto, Souza Docca, Othelo Rosa e Walter Spalding são os responsáveis pela concretização do mito. Segundo Alves, esses intelectuais estariam vinculados a um bloco histórico e, assim, buscavam tornar coerentes as ideias e valores da elite governante junto à população. Portanto, esses intelectuais ajudaram "perpetuar a situação preeminente da classe dirigente". (ALVES, 2004, p. 63). Esse discurso historiográfico se incumbiu de resgatar para as elites do Rio Grande o seu passado, mostrando qual seu lugar na estratificação social. Nesse processo historiográfico, tais intelectuais solidificaram a mitologia Farroupilha. No último capítulo do livro, Alves analisa os escritos de Lindolfo Collor e Osvaldo Aranha sobre o conflito sulino, chegando à conclusão de que eles, como os demais autores anteriores, edificaram o mito da Farroupilha. O balanço historiográfico de Alves é uma reatualização, quase vinte anos depois, sobre as mesmas bases do argumento de Sandra Pesavento.

Em 2009, Sandra Pesavento lança outro artigo sobre a Farroupilha denominado "Uma certa Revolução Farroupilha", que traz uma abordagem bem diferente do artigo "Uma ideologia em farrapos" de 1985.[5] Em vez do desvelamento ideológico do texto, a autora investiga a construção do fato pelos intelectuais. O texto se divide em três partes. A primeira é sobre os antecedentes da Farroupilha; a segunda consiste na narrativa dos eventos do conflito; a terceira fala sobre a construção do fato sobre os dez anos da guerra. Para o entendimento do objeto desta tese, interessa-nos a terceira parte do referido artigo.

Vinte e quatro anos depois, Pesavento está interessada na forma como foi retrabalhada a Farroupilha na memória local pelos intelectuais da Província. A memória seria a força

---

[5] Ao longo da década de 1990, Pesavento alterou seu perfil teórico deixando a orientação marxista e tornando-se em uma das grandes historiadoras brasileiras da nova história cultural.

definidora do Rio Grande do Sul e da identidade regional, além da alteridade dos rio-grandenses em relação ao Brasil e ao Prata. A historiadora tem o mérito de ser a primeira a abordar, conjuntamente, a escrita da Farroupilha por meio das relações entre as representações literárias e historiográficas. Esse é um destaque de seu artigo em relação à produção anterior. Ela mostra o empenho dos letrados do século XIX e de suas instituições em construir a identidade regional a partir da Farroupilha. Trata em especial do Partenon Literário e de dois de seus integrantes, Apolinário Porto Alegre e Bernardo Taveira Junior, e do Clube 20 de Setembro e outros dois de seus membros: Alcides Lima e Francisco Assis Brasil. Depois de 24, anos a autora entende que esses letrados não mascaram mais a realidade, mas criam representações

> marcadas por suas razões e sensibilidades, inseridas em uma determinada época, passam a ser traços atemporais, eternos imutáveis, porque integrantes de um modo de ser, de um *éthos*, de uma identidade regional. Correspondem a um núcleo de positividade com alta capacidade agregadora, condição básica para as construções imaginárias de pertencimento. (PESAVENTO, 2009, p. 252).

A escrita da Farroupilha moldada pelos propósitos e sentimentos de uma época mostra a capacidade de construir um imaginário e uma identidade vinculada a ele. Apesar de o artigo de Pesavento ter apenas um terço dele dedicado a análise das narrativas, mesmo assim a autora abre um caminho de exame inédito em relação à escrita da Farroupilha. Propõe averiguar as escritas da história e da literatura vinculadas a um contexto de época, articuladas com projetos políticos e identitários. Assim, a autora escapa da análise, comum em outros autores e em seus próprios escritos da década de 1980, de averiguar o real que se esconde atrás do texto ou como a ideologia de uma classe esconde ou escamoteia o real no texto. Também, inicia uma análise que pretende ir além da simples dicotomia mito-verdade (da historiografia),[6] pois o conceito de imaginário acaba problematizando a dicotomia, mostrando que a construção da realidade do passado vai além de um mero jogo da verdade-falsidade ou história de um lado e mito de outro, pois o imaginário faria a articulação da ficção na historiografia e da história no romance. Dessa forma, matizando concepções teóricas e abrindo um veio analítico, Pesavento aprofundou a análise da escrita Farroupilha.

Em 2011, é publicado o artigo “História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito”, de Jocelito Zalla e Carla Menegat. Assim como o artigo anterior de Pesavento, este se mantém vinculado à abordagem da escrita literária e historiográfica.

---

[6] Não que a autora abandone os conceitos de mito e ciência, mas problematiza-os.

Também contextualiza rapidamente a produção sobre o conflito sulino em cinco momentos: a) durante o conflito armado, usando nesse período os jornais da época como fontes; b) após o termino da Farroupilha, a vitória discursiva dos imperiais; c) o advento dos republicanos do PRR e a revalorização da Farroupilha; d) a heroizição dos farroupilhas nas décadas de 1920 e 1930; e) A Farroupilha sob a festa dos CTGs.

Como alguns autores anteriores, Zalla e Menegat têm por objetivo “analisar o processo de produção e reprodução do episódio farrapo enquanto mito”. (MENEGAT; ZALLA, 2011, p. 50). Assim, a partir de uma visão panorâmica eles analisaram “o longo processo de construção, atualização e disputa em torno do mito da Revolução Farroupilha”. (MENEGAT; ZALLA, 2011, p. 66). Os autores acabaram de certa formar por colocar a escrita da Farroupilha no mesmo binômio mito-ciência que Pesavento (1985b), Moreira (1985), Weinhardt (1993), Alves (2004), apesar de fazê-lo sem a análise ideológica marxista como fundamento. Nessa problemática do mito, Zalla e Menegat foram mais elaborados. Para eles, o mito não é necessariamente o oposto da verdade, mas a justificação dos elementos que unificam e constituem uma determinada cultura. Neles, o mito não reproduziria uma situação real, mas, no entendimento de ambos, o mito a embelezaria, corrigiria e aperfeiçoaria a Farroupilha para determinado grupo se reproduzir no poder. Nisso estaria o caráter instrumental da representação do conflito sulino. O único ponto de discordância que temos é que em uma representação há mais que um caráter instrumental. Por mais que possa haver o caráter instrumental nas obras sobre o conflito sulino de 1835, essas mesmas obras representam um estado de coisas sobre a Farroupilha, que à sua época tinha um caráter de verossimilhança. E se apenas entender nas representações o seu lado instrumental, perde-se como se construiu o seu caráter, mesmo que hoje defasado, veritativo.

Dessas diversas maneiras, o objeto da tese foi analisado anteriormente. Primeiro, com a separação da história da historiografia, de um lado, e a história da literatura, de outro, apenas os dois últimos artigos trataram as duas em conjunto. Segundo, a análises se definiram de três maneiras: por um lado, apresentaram os textos de forma cronológica, que é o caso de Flores; já Guazzelli e Scheidt, além da cronologia, expuseram um pequeno resumo do enredo dos livros; por fim, tivemos a análise ideológica, que em muitos casos se assemelha ao exame da construção do mito Farroupilha, isto é, o discurso encobrindo o real, como em Pesavento, Moreira, Weinhardt, Alves, Padoin, Menegat e Zalla. Por último, na segunda fase de Pesavento as representações dos textos são articuladas ao imaginário e às identidades do período.

O objeto da tese

Nesta tese, pretende-se ir além da mera cronologia dos livros ou da exposição da intriga das obras, como também ambiciona-se ultrapassar a crítica ideológica das escritas da Farroupilha, aquelas interpretações que apenas examinaram mecanicamente a determinação do texto pela classe social. Igualmente, o enfoque da tese aspira ir além de perceber a produção narrativa sobre a Farroupilha como simples formadora do mito de um grupo ou classe social. Aqui, entendemos que o instrumental teórico usado por Lima, em a *Trilogia do Controle*, é o melhor indicado para abordagem. Pensar a escrita a partir do imaginário possibilita especificar as representações das narrativas não em dicotomias, como falso e verdadeiro, mas entrecruzar a escrita da história com a do romance no imaginário de cada época.

Em a *Trilogia do Controle*, Lima desenvolve o conceito de controle do imaginário "entendido como o mecanismo com que a sociedade (ocidental) opera para ajustar as obras dos que privilegiam o imaginário [...] aos valores em vigência em certo período histórico dessa sociedade". (LIMA, 2007, p. 17-18). A tese aí proposta é a de que há um veto à ficção, em cada momento histórico por uma dada sociedade, com o objetivo de controlar o imaginário que não se coaduna com o poder vigente.[7] Há o controle do ficcional na possibilidade de imaginar formas alternativas de ser na sociedade.

Foi com o advento do romantismo,[8] no fim do século XVIII europeu e no XIX na América, que o controle do imaginário passa ser exercido pela historiografia.[9] E a partir do século XIX, a proposta de examinar as narrativas historiográficas e os romances em conjunto ganha sentido na operacionalização do objeto da tese. Pois o sentido de uma interfere no da outra. Portanto, a direção que o romance assumirá, tornando-se o gênero preferido dos escritores realistas, evidencia a busca de evadir a marca do ficcional. Submetendo-se à ciência e à história, o romance torna-se um gênero em ascensão:

---

[7] Lima (2009, p. 228-229) reafirma tal posição: "o controle supõe, primeiramente, a concordância da obra com os valores aceitos e consagrados pelas instituições de certa sociedade, as quais costumavam (e costumam) recorrer a letrados para exercê-los […] o controle visa evitar qualquer dissonância, pelo menos de peso, entre a aventura narrada e os valores reiterados pela sociedade. O controle é uma trava reprodutora".

[8] Ver Lima (2007), capítulo "Subjetividade e poética no primeiro romantismo".

[9] "Por sua forma narrativa, pelos conflitos pessoalizados de suas personagens, o romance está junto não só da prosa da vida diária, quanto da forma narrativa privilegiada desde os fins do século XVIII: a forma da História. Por isso, ainda quando não pudesse disfarçar seu germe na fábula, o romance procura esquecer sua mancha originária, fazendo-se semelhante a história". (LIMA, 2007, p. 122).

> Aceito enquanto próximo da História e da ciência, omite seu caráter ficcional e, assim, endossa o seu veto [...] Depois de dessacralizada, a natureza se torna o palco de uma narrativa, a narrativa do Estado-nação, apoiada em uma observação eleita: a científica […] Com todas as letras: o controle que então se exercerá será sustentado pela escrita da história. (LIMA, 2007, p. 123).

Integrada ao avanço do Estado-nação, a história se torna centralmente política, em que a coletividade era estabelecida pelo relato dos fatos e pela biografia das grandes personalidades, pois é o surgimento mesmo do Estado moderno, ligado à expectativa então colocada no nacionalismo, que defini a preferência pela história política e o exame privilegiado de suas grandes personalidades. Também, nesse período o papel do ponto de vista apaga-se; o historiador, em suma, é um cientista porque observa e diz objetivamente o que foi. Objetividade e neutralidade tornam-se traços do historiador. A pretensão hermenêutica não é mais cogitada: "A História, em suma, alcançara o seu alvo: sua inscrição na ciência". (LIMA, 2007, p.133). Contudo, desta "absolutização científica, como sequer pretender que o poético, mesmo submerso, ainda tivesse algo a ver com a história? No entanto, ele se mantém, como um indesejado clandestino, a partir mesmo do culto das fontes". (LIMA, 2007, p. 133)[10].

Portanto, a tensão entre ficção e a tentativa de objetividade científica se resolve pelo recalque da ficção ou do elemento poético, em favor da veracidade cientificista da história política. Desse modo, "Historiografia e literatura 'narrativa' se mantêm agora em contato justamente através da face que mais ressalta em ambas: a face dominante do cientificismo e do serviço que ele presta ao Estado". (LIMA, 2007, p. 137).

O princípio nacionalista se manteve estável nas décadas seguintes em que a literatura, histórica e cientificamente conduzida, destinava-se à pedagogia do cidadão. O desenvolvimento da historiografia[11] fora superponível ao que anteriormente, no Renascimento e no Absolutismo, tinha-se com a *imitatio* sobre o desenvolvimento do romance.[12]

Em suma, o controle do imaginário mostra-se como o instrumental teórico mais adequado para explicar a escrita da Farroupilha. Contudo, ao longo da escrita da tese,

---

[10] Ele chamara essa manutenção da ficção de presença perversa, por que "a historiografia se encara como ciência, surgindo, sob a autoimagem, a face escarninha, debochada, inescrupulosa da arte. Aí, submersa, recalcada, ela como que se vinga, fazendo-se perversa. Onde a indesejada seja reconhecida, será para o desprezo de seu praticante". (LIMA, 2007, p. 134).

[11] Importa notar também que "a disciplinarização da história implicava a exclusão de certo imaginário; não só daquele fantástico, por onde transitavam crenças, lendas e mitos ridicularizados por um tempo de orientação leiga e científica, como de toda a forma que pusesse em suspeita o sentido da vida humana e a evolução cumprida pela sociedade". (LIMA, 1989, p. 70).

[12] Esta superposição "torna ainda mais clara a presença de um veto ao ficcional […] O romance adapta-se bem a este clima, estabelecendo-se como uma paralela à história legitimada […] O poema […] arrasta para o poço a ficção que nele sequer se vê. Aí deposta, a ideia de ficção não é resgatada". (LIMA, 2007, p. 141).

percebeu-se serem necessários alguns ajustes nessa ferramenta. Ao longo da *Trilogia do Imaginário,* o autor vai mostrando as mudanças por que passa o controle do imaginário, como este vai se sofisticando e se articulando com os contextos sócio-históricos. Ao desenvolver o controle do imaginário como veto à ficção, isto é, a laminação do pensamento divergente aos valores de um determinado momento histórico, ao mesmo tempo, Lima cria o conceito de "drible" ao veto. Isto é, um escritor consegue burlar, por meio de algum subterfúgio de sua escrita, o veto à ficção imposto por determinada sociedade. E usando de tal artimanha, o burlar, o "driblar" o veto, o autor permite-se questionar os valores da sociedade. É neste momento que entra um questionamento ao que Lima define como "drible".

Para Lima (2007, p. 193), Machado de Assis "é um dos poucos [escritores de língua portuguesa] que soube vencer o controle do ficcional", como é exemplo um livro da maturidade do escritor, *Esaú e Jacob*. Nesse romance, destacam-se o narrador, o Conselheiro Aires e três personagens, Flora e os irmãos gêmeos Pedro e Paulo. Os irmãos fisicamente semelhantes são diferentes em tudo. Ambos só convergem em seu amor por Flora. Segundo Lima, importa analisar o romance para se perceber o drible ao veto, a relação de falta de decisão de Flora, com as instituições sociopolíticas da segunda metade do século XIX brasileiro e como isso se relaciona ao veto ao ficcional. Assim, "a problemática amorosa de Flora assentava sobre uma base social anterior ao texto [...] os gêmeos eram-lhe indistintos não por efeito de uma mera incapacidade pessoal sua. O lastro social funcionava como um *sensibilizador contextual* que 'orientava' sua resposta". (LIMA, 2007, p. 208).

Dessa forma, os dilemas de Flora se motivaram pelas características das instituições sociopolíticas do Brasil da época, porém tais dilemas não são reflexos da sociedade, e sim a condução da ficcionalidade que rompe com o horizonte do leitor. Portanto, Machado inverteu os termos como a ficção se relacionava com a história e "driblou" o veto. Tomou como matéria a história e a política e, em sua inscrição ficcional desdobrada, permitiu ultrapassar a historiografia.

Outra modalidade de compreensão é apresentada com o exame de Denis Diderot. Este foi escritor em uma época de transição do controle teológico para o controle científico do imaginário. No iluminismo, a razão torna-se um instrumento político contra o absolutismo e a religião. A imaginação torna-se um fator de perturbação à razão. Natureza e razão tomam o lugar de Deus na explicação das coisas e são elas que agora levam ao progresso. Mas, nesse contexto histórico e intelectual, Lima aponta para dois Diderots: um determinista e outro que se opunha a uma explicação determinista. Para o autor, esse dilema em Diderot terá como consequência um tipo de controle do imaginário, bem como os eventuais recuos que

enunciam a hesitação em consagrá-lo. Portanto, ele percebe uma contradição, um paradoxo, nos escritos de Diderot em relação ao veto à ficção:

> no lado que tende a uma moral leiga e abstrata, rígida e formalista e a uma teoria utilitária da arte, mas também no lado de uma indagação que compreende serem os fenômenos e os objetos mais complicados do que supunha o modelo filosófico-científico em processo de expansão. (LIMA, 2007, p. 619).

Assim, de contestador do controle do imaginário do absolutismo, Diderot "se convertia, apesar de suas boas intenções, em um dos porta-vozes da manutenção do controle, se bem que transformado, do imaginário". (LIMA, 2007, p. 625). Nem mesmo o conceito de gênio – que Lima percebe no iluminista francês, identificado como uma forma de transbordamento da imaginação e como historicamente uma rebelião do indivíduo contra a sociedade tradicional – conseguiu desfazer em Diderot a arte como uma forma de *imitatio*. Enfim,

> a nova modalidade de controle de que participava a inventiva de Diderot já não se explica por um motivo sociopolítico explícito, como sucedera com o controle clássico. O controle passa a se impor por uma pressão epistemológica: a necessidade de que o conhecimento se justifique a partir do centro. O centro deixa de ser o divino, a ordem cosmológica, para ser a natureza. E, como da revelação dos segredos da natureza encarrega-se a ciência, será a ideia de ciência a razão controladora da arte. (LIMA, 2007, p. 665-66).

Enquanto Diderot ajudou a combater um controle, ao mesmo tempo ele firmou outro tipo de controle do imaginário: o da ciência. Por outro lado, Machado de Assis driblou o veto à ficção. Não que, necessariamente, tenham-se situações opostas, mas há no mínimo duas formas que se abrem à pesquisa sobre o imaginário. Como notou Lima, na introdução da problemática do drible do veto à ficção em Machado, são poucos os que o lograram. Em suas obras (2007; 2009), apresenta Machado, Cervantes e Borges como escritores que driblaram o veto. E foi isto o que se percebeu durante a pesquisa e a escrita da tese: o quão difícil e raro é o "drible" ao veto.

Outra via de abordagem da relação historiografia e romance jazia na possibilidade de compreender os romancistas à maneira de Diderot. Entender que, ao mesmo tempo em que representavam um estado de coisas com seus romances, eles estavam envoltos em um ambiente histórico em que articulavam posicionamentos políticos, éticos e estéticos. Não que isso seja uma desculpa por não terem driblado o veto (que era, por mim, o esperado), mas como uma forma de perceber as obras em todas as suas riquezas e contradições.

Diderot estava envolto em um mundo em transformação, mas tal mudança só foi possível por que grupos sociais foram para a luta política e estética. Como já observara Lima, as ideias de Diderot não podem ser entendidas como um reflexo de sua condição burguesa, mas a esta condição se articulavam. Com isso, enquanto fazia reflexões próprias à área estética e epistêmica, o filosofo francês não deixava de encadear isso com a frente política do iluminismo em geral. Portanto, essa abordagem entre as relações da historiografia com o romance que Lima proporcionava pareceu mais propícia para as fontes selecionadas para a tese.

Ao longo da pesquisa, foi possível perceber em determinados autores o paradoxo que Lima apreendera em Diderot. Ou seja, os autores, se não driblaram o veto, ao menos sentiram suas contradições e "tocaram" em seus paradoxos. Para construir o objeto da minha pesquisa, optei por denominar essas contradições e paradoxos em relação à ficção, como *problematização*. Isto é, se os romancistas não chegaram a driblar o veto à ficção, ao menos o problematizaram. Eles o *problematizaram* ou teoricamente em sua análise estética, ou politicamente invertendo o sentido que, em geral, as instituições atribuíam a um determinado evento.

Um último ponto sobre o drible ao veto precisa ser avaliado. Subjaz na obra de Lima (2007) que o último estágio a que a ficção pode chegar é o drible ao veto, isto é, libertar-se dos entraves à sua livre produção. Parece que, na obra de Lima, ao se driblar o veto, a realidade e o sujeito se manifestariam tal como são ou foram. Isso pode ser um elemento para entender o pequeno número, na obra de Lima, de "dribladores" do veto à ficção. Não coloco em questão a interpretação de Machado de Assis fornecida por Lima, mas pode-se supor o quanto há de exigência utópica em relação ao escritor e ao romance. Por isso, pode ser mais produtivo como abordagem do romance, em vez de "ver" o drible ao veto, analisar o imaginário se articulando com o elemento teórico, social e político. Um caminho diferente pode-se abrir para entender as relações entre imaginação e controle, que remete diretamente ao enlace da historiografia com o romance. Mas nesse caso teríamos que novamente problematizar o instrumental teórico desenvolvido por Lima.

O autor explica a necessidade de controle na sociedade a partir da "afirmação da natureza carente do homem que o força a tornar-se um ser obrigado à disciplina". (LIMA, 2009, p. 182). Assim, o que Lima entende por controle não se confunde somente com o aspecto negativo, também o que sobressai:

> é antes seu aspecto positivo do controle, pois se confunde com a capacidade humana de modelar, dentro de limites, seus impulsos, inibindo ou diferindo suas necessidades e interesses. Apenas a partir de sua natureza carente o homem se distingue dos outros animais. (LIMA, 2009, p. 181).

Por outro lado, da acepção negativa do controle supõe-se uma sociedade assimétrica. Não haveria só tensões, mas

> que o exercício do controle deriva de setores que se empenham em manter seu poder, ao passo que os que reagem procuram ou se apossar desse poder ou assumir, dentro da estrutura dominante, uma posição menos desigual, quando não, utopicamente, propugnar um não-controle que é outro modo de controle. (LIMA, 2009, p. 182).

E assim, negar a

> necessidade humana de controle seria um contrassenso tão primário que não carece insistir. Há de se encontrar outra maneira de mostrar que, mesmo em um caso como o do controle do imaginário, em princípio pertencente a sua espécie negativa, há uma situação em que o controle é positivo. (LIMA, 2009, p. 183).

Portanto, desenvolvendo o objeto da tese em um largo arco temporal, em que perceber a mudança do controle do imaginário era mais importante do que verificar sua permanência, pude constatar a existência de imaginários em disputa social. Para dar conta de compreender essas disputas entre imaginários que vão aparecendo ao longo do tempo, pareceu mais produtivo ampliar o enfoque. Isto é, ao mesmo tempo em que há o controle do imaginário por uma determinada geração que usa um específico aparato teórico e institucional, há também uma luta, entre gerações ou grupos sociais, por reconhecimento do seu imaginário. Isso foi observado quando, nas décadas de 1870 e 1880, há uma disputa sobre qual imaginário deve-se empregar na interpretação da Farroupilha, o monarquista ou o republicano. Isto é, um grupo social não apenas se impõe e, então, busca controlar o imaginário a partir do veto à ficção; tal grupo social entra em disputa pelo reconhecimento do seu imaginário com o(s) grupo(s) político(s) e teórico(s) rival(is).

A luta por reconhecimento do imaginário seria mais produtiva, pois deixaria mais nítida a disputa entre grupos sociais com imaginários diferentes, oferecendo uma dimensão mais social e temporal para a questão do imaginário. Pois não se trata somente do controle vertical do imaginário, via instituições, mas da disputa horizontal, entre grupos sociais, pelo reconhecimento do imaginário em disputa. Honneth (2003, p. 24) desenvolve “a ideia de uma teoria crítica da sociedade na qual os processos de mudança social devem ser explicados com

referências às pretensões normativas estruturalmente inscritas na relação de reconhecimento recíproco". O conceito de luta por reconhecimento, creio eu, ajuda a problematizar o modo como Lima entende o controle. O controle em Lima teria uma dupla problemática: a) a natureza carente do homem; b) a tensão entre a negatividade e a positividade do controle.[13] Pode-se perguntar: a) De que o homem é carente? De controle? Que teoria social há por trás disso? b) A negatividade e a positividade, do modo que estão em Lima (2009), parecem dois mundos que não interagem para além de suas discrepâncias e diferenças. Creio que o conceito de luta por reconhecimento pode ajudar, em uma pesquisa empírica, a cobrir essas dificuldades. Pois esses dois elementos podem dar um novo rumo ao uso do conceito de "controle" do imaginário, porque agora estão ancorados em um processo de construção social da identidade que passa a ter seu entendimento a partir da luta por reconhecimento.

O que Honneth propõe é uma interação social baseada no conflito, o que poderia ser um início de resposta às duas tematizações: a) o homem é carente de ter uma identidade socialmente reconhecida; e b) *a priori* não há negatividade ou positividade, estas apenas surgem quando há um dano em um acordo normativo, isto é, negatividade e positividade só existem pragmaticamente com a mediação da ação social. Assim, o controle do imaginário e suas transformações ao longo do tempo podem ser mais produtivos se pensados como resultado de permanentes conflitos e não de uma carência humana que, no decorrer do processo, receberia uma identificação de negativa ou positiva dependendo da origem da posição social dos controlados ou dos controladores.

Honneth está interessado em amplos processos sociais de reconhecimento. Aqui na tese parte-se, por delimitação, do reconhecimento a partir de textos historiográficos e romances. Assim, os sujeitos defendem em textos (pensados como forma de ação) as exigências de suas coletividades, antecipando, a partir de suas obras, uma sociedade que concede mais espaço para diversidade identitária e social. Desse modo, a luta por reconhecimento feita através de textos (historiográficos e romances) "antecipa o futuro" ao narrar o passado. Volto ao exemplo das décadas de 1870 e 1880 quando os intelectuais republicanos, em pleno período monárquico, usavam da Farroupilha para apresentar suas ideias sociais e políticas para o futuro. Essa antecipação se dá pelo reconhecimento do imaginário produzido no texto. E quando há luta por reconhecimento de imaginários, pode-se pensar que

---

[13] No livro *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*, essas duas questões foram observadas por Gumbrecht (2010) nas primeira e terceira perguntas feitas a Lima. A primeira pergunta relativa ao uso do controle da imaginação e a terceira a um uso normativo do controle da imaginação.

> são as lutas moralmente motivadas de grupos sociais, sua tentativa coletiva de estabelecer institucionalmente e culturalmente formas ampliadas de reconhecimento recíproco, aquilo por meio do qual vem a se realizar a transformação normativamente gerida das sociedades. (HONNETH, 2003, p. 156).

Enfim, analisando os dois pontos acima levantados: a) o sujeito busca reconhecimento (amor, estima social e garantias jurídicas), o que consegue através do conflito social; e b) em contraposição à tensão entre positividade e negatividade do controle:

> a reprodução da vida social se efetua sob o imperativo de um reconhecimento recíproco porque os sujeitos só podem chegar a uma autorrelação prática quando aprendem a se conceber, da perspectiva normativa de seus parceiros de interação, como seus destinatários sociais. (HONNETH, 2003, p. 155).

Assim, os escritores em suas obras visam a outra forma de normatizar a sociedade e usam de seus escritos para comunicar o reconhecimento do seu novo imaginário. Portanto, as mudanças e os conflitos por imaginários ao longo dos tempos – elementos observados no objeto da tese – ocorrem não só por uma carência abstrata por controle, mas porque os sujeitos se relacionam das mais diversas maneiras para terem suas mais diversas identidades reconhecidas. Essa problemática da luta por reconhecimento apareceu na pesquisa logo em seu princípio. Inicialmente vieram as primeiras narrativas e estabeleceram o imaginário monárquico sobre a Farroupilha. Contudo, depois apareceu o imaginário republicano a respeito do conflito de 1835. Na sociedade brasileira do final do Império, que ficava cada vez mais complexa, percebi o quanto precisava de um instrumento teórico em que se resguarda tanto a diversidade de posições políticas e estéticas quanto o conflito por tais imaginários.

Essa abordagem sobre as escritas da Farroupilha, que creio inovadora, superpõe em muitos momentos o romance, a historiografia, a ficção e a imaginação. Para poder desenvolver o objeto da tese, faz-se necessário definir alguns conceitos.

As relações entre historiografia e o romance: entre a ficção e a imaginação

A análise das escritas sobre a Farroupilha se apoiam numa mudança teórica ocorrida na historiografia nos últimos quarentas anos. No primeiro tomo de *Tempo e narrativa*, Ricoeur desenvolve o argumento de que narrativa teve seu período de eclipse a partir da primeira geração do *Annales* e do modelo nomológico ou *covering law* de Carl Hempel. Ricoeur diagnostica, entretanto, que a partir das teses narrativistas, de meados do século XX, a partir dos filósofos da história anglo-americanos, como William Dray, George von Wright,

Arthur Danto, W.B. Gallie, Louis Mink, do historiador estadunidense Hayden White e do historiador francês Paul Veyne, a narrativa historiadora volta para o centro da explicação histórica.

Com as teses narrativistas, abrem-se questionamentos sobre a cientificidade da historiografia, a propósito da relação da historiografia com o discurso literário, a respeito da retórica e o estilo do historiador, sobre a imaginação e o ficcional na escrita da história e o lugar de produção da historiografia. O entendimento deste tensionamento na explicação do historiador ilumina o objeto da tese.

Em *The Revival of Narrative* (1979), o historiador Stone aborda a mudança que a historiografia atravessava na década de 1970: o retorno da narrativa. Para ele, os historiadores sempre contaram histórias, assim sendo

> nos últimos cinquenta anos, contudo, a função de contar histórias ganhou péssima reputação entre os que se consideravam na vanguarda do ofício […] Agora, contudo, percebo as evidências de uma corrente que anda atraindo muitos "novos historiadores" proeminentes de volta a um certo tipo de narrativa. (STONE, 2013, p. 9).

E caracteriza o retorno da narrativa dessa forma: "Nenhum historiador narrativo, como os tenho definido, evita a análise, mas esta não constitui o esqueleto em torno do qual seus trabalhos se fazem. Por fim, eles estão profundamente preocupados com os aspectos retóricos de sua representação". (STONE, 2013, p. 10).[14]

Para Stone, houve uma guinada de conteúdo, método e estilo em um grupo pequeno de historiadores, mas desproporcionalmente importantes na atividade historiográfica. Segundo ele, seria o fim da era da história estrutural e analítica surgida há meio século. Ricoeur (1994) afirma, analisando a obra de Fernand Braudel, que mesmo a história profunda ou de longa duração é uma narrativa. Isto é, no fundo mesmo a história estrutural, como entende Stone, é uma narrativa que dispõe de uma intriga e personagens.

Para Temístocles Cezar (1998), essa mudança na historiografia abriu espaço para redimensionar e teorizar a própria escrita do historiador, vista a partir de então não mais como um ornamento, mas como forma que constrói conteúdo, de modo que o conteúdo do discurso histórico é indistinguível de sua forma. Ao teorizar-se a escrita do historiador, percebeu-se a historiografia como uma narrativa que possui elementos retóricos, normas, códigos, subjetividade e, o que estranhou e contrariou a muitos, ficção.

---

[14] Ver Malerba (2011).

Em “A história, ciência e ficção”, Certeau (2011, p. 45-70) sustenta que a ficção é uma palavra perigosa. Ele acredita que a historiografia ocidental muito lutou contra a ficção. Em sua batalha contra a fabulação, a escrita da história teria criado um distanciamento em relação ao saber comum aliando-se ao erudito. Ao diagnosticar o que é falso, a historiografia ganharia terreno sobre a ficção e, assim, construindo a posição que atribuiria a sua disciplina. Portanto, ao longo dos anos a ficção foi o que a ciência da história estabeleceu como estranha ao seu campo, entendido como científico. Ao estabelecer a ligação do erro com a ficção, a historiografia arrogou-se falar em nome do real. Desde então a ficção é transferida para o lado da imaginação.[15]

Contudo, por esse retorno da narrativa “a ficção se encontra também no campo da ciência”. (CERTEAU, 2011, p. 46). O trabalho ficcional agora instaura coerência, produz ordem e uma história. A partir disso não se julgaria mais o fictício pelo real que lhe faz falta, mas pelo que ele permite fazer e transformar. A ficção não é o trabalho final da escrita da história, mas um elemento que a organiza. Para Certeau, a historiografia utiliza ficções quando constrói sistemas definidos como estáveis. Mas, para o historiador francês, muitos ainda acusam o ficcional de destruir a ciência da história. A ficção não teria um discurso unívoco e careceria de “limpeza” científica. Portanto, por anos o cientificismo negou seus vínculos com o que, na historiografia, assumiu a configuração de literatura: “Para devolver a legitimidade à ficção que assombra o campo da historiografia, convém ‘reconhecer’, em primeiro lugar, no discurso legitimado como científico, o recalcado que assumiu a forma de ‘literatura’”. (CERTEAU, 2011, p. 68).

Aceitando que o elemento ficcional é constitutivo da historiografia, a velha dicotomia entre aquela e a literatura, instaurada no século XIX, perde sentido.[16] Esta tese pressupõe outro tipo de relação entre história e literatura. Não mais examinando-as em espaços estanques e definidos, mas agora justapostos, entrelaçados o que, contudo, não apaga suas diferenças. Não se trataria de perceber a literatura ou romance como iguais à historiografia, mas que ambas participam do gênero narrativo com suas diferenças. Reconhecendo o

---

[15] Para um mapeamento da relação entre história e ficção a partir da obra de Hayden White, ver Malerba (2011), “Ficções: ensaio de imaginação histórica”. Também mapeando essa questão, só que do lado do romance, Chiappini (1987, p. 71-72) observa: “O pressuposto da objetividade ou o principio segundo o qual a narrativa deveria contar-se a si mesma, sem a intervenção de um NARRADOR, é expressão de uma visão realista que, juntamente, com o próprio gênero romanesco, entra em crise no século XX […] entramos a desconfiar das visões totalizadoras e explicativas do universo […] o ROMANCE também sofre, neste século, alterações análogas: abala-se a cronologia, fundem-se passado, presente e futuro, estremecem os planos da consciência e o onírico invade a realidade”.

[16] Conforme notou Lima (2006, p. 340), “Se, pelo romance, a literatura, é o discurso ficcional por excelência da modernidade, o território da literatura não se confunde com o da ficcionalidade. Assim como a ficção não se limita à literatura, tampouco a literatura repousa por inteiro no ficcional”.

ficcional na escrita do historiador, pode-se dar o próximo passo e pensar a relação da historiografia com o romance.

Em "O texto histórico como artefato literário", White (2014) desenvolve o argumento a respeito sobre do status da narrativa histórica. Considera as narrativas históricas como "ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências". (WHITE, 2014, p. 98). Assim, como vinha formulando anteriormente, a oposição radical do cientificismo entre história e ficção, fato e imaginação é problematizada.

Para White, à semelhança da literatura, a historiografia deriva suas explicações do procedimento de urdidura de enredo. Esta, a semelhança da composição da intriga em Ricoeur, codifica e dá coerência aos fatos. Assim, os acontecimentos

> são convertidos em estória pela supressão ou subordinação de alguns deles e pelo realce de outros, por caracterização, repetição do motivo, variação do tom e ponto de vista, estratégias descritivas alternativas e assim por diante – em suma, por todas as técnicas que normalmente se espera encontrar na urdidura do enredo de um romance ou de uma peça. (WHITE, 2014, p. 100).

Assim, aquilo que o historiador produz no texto histórico também é uma configuração de tipos de evento. Por isso, muitos eventos podem ser contados de maneiras diferentes, porque os eventos históricos não trazem em si sentidos intrínsecos.[17] Portanto, o modo como uma situação histórica pode ser narrada depende de como o historiador combina a estrutura do enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais ele fornece um sentido específico. Para White (2014, p. 102), "Trata-se essencialmente de uma operação literária, vale dizer, criadora de ficção. E chamá-la assim não deprecia de forma alguma o *status* das narrativas históricas como fornecedoras de um tipo de conhecimento".

---

[17] É nesse ponto que as críticas ao entendimento historiográfico de White são pertinentes. Para Lima (2006, p. 19), é reconhecidamente positivo na obra de White os *emplotments* supor modos pré-configuracionais abrangentes, mas "O estorvo se introduziu quando White definiu as formações de enredo como originariamente poéticas, bem como ao tentar torná-las exaustivas". (LIMA, 2006, p. 20). Ricoeur (1994, p. 230-242) reconhece a importância de White ao propor a armação da intriga como explicação, mas "lamento o impasse no qual se fechou H. White ao tratar as operações de composição de intriga como modos explicativos, tidos, na melhor das hipóteses, como indiferentes para os procedimentos científicos do saber histórico, na pior, como substituíveis por esses últimos […] É preciso articular pacientemente os modos da representação com os da explicação/compreensão e, através desses, com o momento documental e sua matriz de verdade presumida, a saber, o testemunho daqueles que declararam ter se encontrado no local onde as coisas aconteceram. Nunca acharemos na forma narrativa enquanto tal a razão dessa busca de referencialidade". (RICOEUR, 2007, p. 266-67). Portanto, o que importa para a tese em relação a White é o mesmo observado por Lima e Ricoeur, a necessidade de para se iniciar uma explicação de haver um enredo, uma intriga, que agencia os fatos. E nisso o romance e a historiografia se assemelham. Agora, como notaram os dois autores, a historiografia não pode fechar-se na formalidade do *emplotments*, mas necessita também da referencialidade dos documentos e testemunhos para comprovar ou não o enredo.

Portanto, problematizando uma tradição cientificista que determinava o que é real, de um lado, e o que é imaginado, de outro, ficando a historiografia no polo realista e o romance no polo imaginativo, as teorias narrativistas da história,[18] por mais diferentes que sejam, acabam contemporaneamente abrindo-se à reflexão sobre a ficção, a imaginação e a relação da historiografia com o romance.

Assim, no século XIX até meados do século XX, como a ficção, a imaginação foi colocada no campo do irreal pela historiografia. A história passou a ser contraposta à imaginação e ao romance, aquela como representação do real em contraste com a representação do imaginável: "o objetivo do historiador do século XIX era expungir do seu discurso todo o traço do fictício, ou simplesmente do imaginável". (WHITE, 2014, p. 139). Assim, o campo da história se formou contraposto à ficção e ao romance. A história seria a representação do real e o romance a representação do imaginário. A historiografia se constituiu no campo científico, em parte, denegando a imaginação.

A narrativa histórica não imagina as coisas que escreve, "ela traz à mente imagens das coisas que indica, tal como faz a metáfora". (WHITE, 2014, p. 108). A historiografia também cria um espaço para não transparência do signo, fornecendo diretrizes de interpretação a partir da imaginação. As narrativas históricas conseguem dar sentido a um conjunto de fatos, porque a princípio foram processadas na imaginação. Assim, a urdidura de enredo desenvolve, também, a imaginação figurativa do historiador sobre os fatos em sua narrativa. De tal modo, a distinção dual de ficção de um lado, e ciência da história de outro, "deve dar lugar ao reconhecimento de que só podemos conhecer o *real* comparando-o ou equiparando-o ao *imaginável*". (WHITE, 2014, p. 115). Desse modo, White acredita que se pode perceber o elemento poético na narrativa do historiador. Quando aceita-se tal proposição, às vezes as narrativas do historiador e do romancista podem se sobrepor. Nesse entrecruzamento entre história e romance, "história não é menos uma forma de ficção do que o romance é uma forma de representação histórica". (WHITE, 2014, p. 138).[19]

A imaginação está contida na narrativa histórica e isso significa que a ficção é tão necessária à composição da narrativa historiadora quanto as técnicas da ciência. A imaginação se infiltra na escrita da história. Essa brecha para imaginação tem suas consequências na historiografia. Em seu livro *A ideia de história*, Collingwood já havia desenvolvido o

---

[18] Sobre um balanço das teorias narrativas da história, ver White (2011).

[19] Ver Ricoeur (1997), capítulo "O entrecruzamento da história e da ficção".

argumento de que a imaginação operava na ciência história.[20] Collingwood expõe sua concepção de imaginação histórica para rebater o que ele chama de teoria do senso comum da história.[21] Assim, para o filósofo inglês, o historiador trabalharia de um modo autônomo e crítico (seleção dos fatos, interpretação histórica e crítica histórica). Mas, além do modo crítico, haveria outro modo: o construtivo. Para ele, a história construtiva seria a interpolação entre afirmações das fontes e afirmações deduzidas daquelas. O ato de interpolação possui duas características. A primeira é que a interpolação não é arbitrária, a interpolação é necessária ou apriorística. Não haveria nada nela que não fosse exigido pela evidência. A segunda é que o inferido é algo imaginado. A esta ação de interpolar, Collingwood chama de imaginação *a priori*:

> é esta ação que, preenchendo as lacunas entre elementos que nos são fornecidos pelas fontes, dá continuidade à narrativa ou descrição histórica […] o papel desempenhado pela imaginação histórica, que não é propriamente ornamental mas estrutural. Sem ela, o historiador não disporia de qualquer narrativa para adornar. A imaginação […] é indispensável […] para a história. É ela que, atuando não caprichosamente, como fantasia, mas sob a sua forma apriorística, executa todo o trabalho de construção histórica. (COLLINGWOOD, 1972, p. 298.)

Contudo, Collingwood ainda está preso a uma representação objetivista do passado a partir do seu conceito de *re-enactment*, isto é, ele acredita que é possível empaticamente saber o que realmente se passou na mente das pessoas do passado e reconstruir isso, objetivamente, no presente. Ele constrói a imaginação histórica como uma possibilidade formal de reconstruir o passado objetivamente, sem delegar credibilidade a fontes e testemunhos. Assim, a partir das considerações teóricas, anteriormente abordadas de Lima, Certeau e White, é preciso encontrar um conceito de imaginação que contemple a subjetividade do intérprete.

Partirei das reflexões de Bachelard em *A poética do espaço* para pensar a imaginação como *poiesis*.[22] A imaginação em Bachelard é um despertar da criação poética. A imagem poética abala toda atividade linguística, e nos colocaria na origem do ser falante. Assim, um dos problemas colocados pela imaginação poética é a problematização do passado de uma cultura. O ato de poético de criação não tem um passado definível e destacável. A imaginação não seria um eco do passado. Para Bachelard, haveria, antes, uma explosão de sentidos e o passado ecoaria, mas não se sabe em que profundidade e aonde cessaria. Assim, a imaginação

---

[20] Sobre as críticas a Collingwood e, principalmente, a seu conceito de *re-enactment*, ver Walsh (1978); Albieri; Pereira (2013); Arrais (2013).

[21] Para Collingwood, esta teoria retiraria a autonomia crítica do historiador e passaria a memória e a autoridade das fontes.

[22] Tanto Lima (2007) como Ricoeur (1994) demonstram a importância de se repensar o caráter poiético da representação ou mímesis.

poética teria um dinamismo próprio: "Todas essas subjetividades, transubjetividades, não podem ser determinadas definitivamente. A imagem poética é essencialmente variacional". (BACHELARD, 1978, p. 185).

A criação que há nas imagens repõe a anterioridade na linguagem da experiência poética, como se a imagem existisse antes do conceito. Segue Bachelard que a imagem poética é inovadora: "a novidade essencial da imagem poética coloca o problema da criatividade do ser falante. Por essa criatividade, a consciência imaginante se descobre [...] como uma origem". (BACHELARD, 1978, p. 188).

A criatividade da origem leva a imaginação a conjecturar o passado que parecia esquecido a princípio, e agora é percebido como novidade. A possibilidade de trazer elementos novos ao passado a partir da imaginação leva a Bachelard a considerar que à função do real na imaginação é necessário juntar a função do irreal:

> tocando mais despretensiosamente os problemas da imaginação poética, é impossível receber o lucro psíquico da poesia sem fazer cooperar duas funções do psiquismo humano: a função do real e a função do irreal. Uma verdadeira cura de ritmanálise nos é oferecida pelo poema que tece o real e o irreal, que dinamiza a linguagem pela dupla atividade da significação e da poesia. E, na poesia, o engajamento do ser imaginante é tal que ele não é mais simples sujeito do verbo adaptar-se. As condições reais não são mais determinantes. Com a poesia, a imaginação se coloca no lugar onde a função do irreal vem seduzir ou inquietar [...] o ser adormecido em seus automatismos. (BACHELARD, 1978, p. 195).

Portanto, chega-se a uma concepção em que a imaginação se assume como *poiesis* e se enriquece sempre de novas imagens. Com a criação, a imaginação coloca-nos diante de um mundo novo ou sempre possível de reatualização. Cada imagem que se forma abre novas possibilidades de compreensão. Assim, visto pela imaginação poética o mundo é mutável e "Viver, viver verdadeiramente uma imagem poética, é conhecer, em cada uma de suas pequenas fibras, um devir do ser que é uma consciência da *inquietação do ser*". (BACHELARD, 1978, p. 341).

Creio que agora estamos próximos a um conceito de imaginação que auxiliará na investigação do objeto da tese, que ajudará a entender conceitualmente as mudanças de imaginário. Em Bachelard, a imaginação ocupa um lugar próprio de criação entre as faculdades humanas. A imaginação não seria apenas uma faculdade formal da consciência, ela seria um papel ativo na configuração do saber. Enquanto criação, no fluxo de novas imagens que libera, a imaginação impulsiona descobertas para além da realidade manifesta. Isso em parte mostra a impossibilidade objetivista de atualizar em pensamento a experiência passada, como pretendia Collingwood.

Mas ainda falta pensar a ligação da imaginação poética com textos, pois tanto a historiografia como romance são constituídos de textos. Como, então, seria possível pensar essa imaginação *poietica* no texto? Como uma imagem, no ato de leitura, transformaria o já conhecido? Em *A metáfora viva*, Ricoeur constrói uma teoria semântica considerando a imagem como o último momento dessa teoria. Seria o momento sensível da metáfora, designado pelo seu caráter de vivacidade, pelo seu poder de pôr sob os olhos.

Com essa teoria, o filósofo quer mostrar que se "opera de maneira singular a ligação entre um momento lógico e um momento sensível, ou, […] um momento *verbal* e *não-verbal*". (RICOEUR, 2005, p. 319). Isto é, Ricoeur quer estabelecer pontes entre a linguagem poética e o texto, entre o sentido e o sensível. Assim, ele crê poder ancorar o imaginário em uma teoria semântica da metáfora.

Para Ricoeur, um entendimento do que seja a leitura é requisito para se poder avançar nessa operação. Portanto, a leitura tem que, a princípio, suspender a posição da realidade, liberando assim tudo já fixado de dados, detalhes e condições estabelecidas. Seria a leitura uma suspensão do real e uma abertura ativa do texto.

> O ato de ler atesta que o traço essencial da linguagem poética não é a fusão do sentido com o som, mas a fusão do sentido com um fluxo de imagens evocadas ou ativadas; essa fusão constitui a verdadeira "iconicidade do sentido" […] A linguagem poética é o jogo de linguagem […] em que o propósito das palavras é evocar, ativar as imagens. Não somente o sentido e o som funcionam iconicamente um em relação ao outro, mas o próprio sentido é icônico pelo poder de desenvolver-se em imagens. Esta iconicidade apresenta justamente os dois traços do ato de ler: a suspensão e a abertura. Por um lado, a imagem é, por excelência, obra da neutralização da realidade natural; por outro, o desdobramento da imagem é algo que "acontece" e para o qual o sentido se abra indefinidamente, dando à interpretação um campo ilimitado; com tal fluxo de imagens, pode-se dizer que ler é conceder seu direito a todos os *data*; na poesia, a abertura ao texto é a abertura ao imaginário que o sentido libera. (RICOEUR, 2005, p. 321).

Para Ricoeur (2005, p. 324), essa teoria da leitura abre a possibilidade de o leitor *ver como* no ato de ler; isto é, ao ler, o leitor pode *ver*:

> O "ver como" é um fator revelado pelo ato de ler, na medida em que este é "o modo sob o qual o imaginário é realizado". O "ver como" é o liame positivo entre *veículo* e *conteúdo*: na metáfora poética, o *veículo* metafórico é *como* o *conteúdo*, e de um ponto de vista, mas não todos os pontos de vista, explicar uma metáfora é enumerar os sentidos apropriados nos quais o *veículo* é "visto como" o *conteúdo*. O "ver como" é a relação intuitiva que mantém juntos o sentido e a imagem. (RICOEUR, 2005, p. 324).

Assim, o “ver como” é “ter essa imagem” e, portanto, oferece a ligação que eu procurava entre a palavra e a imaginação, e a partir disso o imaginário pode ser explicado.[23] O *ver como*, que acontece pela pujança narrativa no ato mesmo de leitura, é a face sensível da linguagem, é a relação que mantém unidos sentido e imagem. O *ver como* é, por um lado, fluxo de imagens que escapa a todo controle voluntário e, por outro lado, a imagem não é livre, mas ligada ao *ver como* que ordena o fluxo, regulando o desdobramento icônico. É dessa maneira que este conceito assegura a implicação do imaginário na significação textual:

> o “ver como” posto em ação no ato de ler assegura a junção entre o sentido verbal e a plenitude imaginária. Tal junção não é mais algo exterior à linguagem, na medida em que pode ser pensada como uma relação, precisamente a semelhança: não mais a semelhança entre duas ideias, mas a mesma que instituiu o “ver como”; o semelhante […] é o que resulta do ato-experiência do “ver como” […] ele agrega a luz do sentido à plenitude da imagem. O não-verbal e o verbal são assim estreitamente unidos no seio da função imaginante da linguagem. (RICOEUR, 2005, p. 326-27).

Ricoeur acredita, à semelhança de Bachelard, que a imagem não é um resíduo da impressão, mas a aurora da palavra. Entendendo a *poiesis* que há na imaginação e apreendendo como ela é o primeiro passo para a criação de sentidos alternativos aos sentidos já estabelecidos, nota-se porque o controle do imaginário de um grupo sobre o outro, é tão importante para manutenção do seu *status quo*, pois veta pensar alternativas à sua dominação social, ao não reconhecer outros imaginários. Da mesma forma, ter seu imaginário reconhecido também é fundamental a cada grupo para desestabilizar o controle social e político do grupo dominante.

Portanto, retomando as questões teóricas apontadas anteriormente sobre escrita da história, romance, ficção e imaginação poética, é importante reconhecer que a historiografia não estaria somente do lado da ciência e do real, e ao romance não caberia apenas a ficção e o irreal. A virada narrativa de meados do século XX mostrou que a historiografia também faz parte do gênero narrativo. Também há ficção e imaginação na escrita da história.[24] Contudo,

> se alguém compuser em verso um tratado de medicina ou de física, esse será vulgarmente chamado de “poeta”; na verdade, porém, nada há de comum entre

[23] Em *A memória, a história e o esquecimento*, Ricoeur (2007, p. 70), ao tratar da memória, continua expondo a importância da imaginação “é preciso falar da função da imaginação, que consiste em ‘pôr debaixo dos olhos’, função que podemos chamar ostensiva: trata-se de uma imaginação que mostra, que expõe, que deixa ver”.

[24] “O que chamávamos antigamente de ‘ficcionalização do discurso histórico’ pode ser reformulado como entrecruzamento da legibilidade e da visibilidade no seio da representação historiadora”. (RICOEUR, 2007, p. 276).

> Homero e Empédocles, a não ser a metrificação: aquele merece o nome de “poeta”, e este, o de “fisiólogo”, mais que o de poeta. (ARISTÓTELES, 1991, p. 201).

Isto é, há um lugar de produção, regras de produção, uma epistemologia, um modo de lidar com testemunhas e documentos, um modo de escrever, um pacto implícito com o leitor,[25] que diferenciam a escrita da história do romance apesar das semelhanças. A diferença mais importante entre a historiografia e o romance, é que “um diz as coisas que sucederam, e o outro as que poderiam suceder”. (ARISTÓTELES, 1991, p. 209).

Por fim, poderia ser feita a pergunta sobre como a história opera o veto à ficção se a historiografia também tem a ficção como seu elemento constitutivo. Parece-me pelo simples fato de que, até meados do século XX, a questão de a história ter um elemento ficcional era controversa e não aceita. Assim, tanto na academia (de maneira geral)[26] como no senso comum, a história era uma ciência “dura” como as demais ciências da natureza.[27] Por isso, a história estaria autorizada a vetar a ficção e a controlar o imaginário. É somente com a virada narrativa que a questão da ficção, da imaginação, da composição da intriga, da retórica e do estilo do historiador resurgem com força. Essa nova percepção vem ao encontro do objeto da tese. Pensar a escrita da Farroupilha na intersecção da historiografia e do romance, ao longo de mais de 150 anos, exige pensar imaginação e ficção como componentes de ambas narrativas que se entrecruzam, sem indiferenciar-se.

Estruturação dos capítulos

A tese está estruturada em três partes e oito capítulos. A primeira tem dois capítulos e aborda o período imperial da escrita do conflito sulino que vai de 1838, quando é inaugurado o IHGB, a 1889, quando ocorre o fim da monarquia. No primeiro capítulo, aborda-se a escrita da Farroupilha a partir da construção da ordem monárquica. Isto é, como um determinado tipo de reconhecimento do conflito militar-político de 1835 foi necessário para a consolidação do reinado de D. Pedro II. Este capítulo tem como marca inicial a fundação do IHGB, em 1838, e vai até 1850, quando gabinetes conservadores suprimiram as revoltas e o regime alcançou certa estabilidade. Nesse capítulo são abordados três autores e cinco obras. Coutinho escreveu

---

[25] Sobre esse pacto do leitor com o historiador ou romancista, ver Ricoeur (2007).

[26] Jules Michelet, na França, e Thomas Macaulay, na Inglaterra, no século XIX já observavam a importância da imaginação para o historiador, mesmo que neles a imaginação tenha um caráter às vezes ornamental. Sobre Jules Michelet, ver Schwarcz (2010); sobre Macaulay, ver Gonçalves (2010).

[27] Essa ideia de as ciências da natureza serem “duras” ou de verdades inquestionáveis já algum tempo não é mais aceita de forma incontestável dentro da filosofia da ciência. Ver Lakatos (1999); Kuhn (2005); Feyerabend (2011).

duas memórias históricas, *Bosquejo histórico* e *Negócios do Rio Grande* (1841-1842), em que defende sua administração a frente da Província de São Pedro e, além disso, seu grupo político alinhado aos áulicos da Corte Imperial. Antônio Manuel Correia da Câmara escreveu outra memória histórica, *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias* (1846), em que defende a estratégia política e militar de Caxias contra os ataques promovidos por seus críticos. Essas três memórias históricas têm em comum, além de uma visão monarquista, estarem imersas nas disputas políticas no período de consolidação do regime monárquico. Caldre e Fião escreveu dois romances ambientados no conflito sulino: *A divina pastora* (1847) e *O corsário* (1851). Nelas, o autor expõe uma visão condenatória e moralista em relação ao conflito que recém havia terminado. Portanto, essas primeiras obras se articulam em um imaginário que fortalece a construção da ordem imperial.

O segundo capítulo trata da escrita da Farroupilha no apogeu do regime monárquico, entre 1850 e 1875. Este é o momento em que sucede a política de Conciliação, a volta dos liberais ao poder, a Guerra da Tríplice Aliança e a Lei do Ventre Livre. José de Alencar publica *O gaúcho* em 1870, fazendo a condenação política do movimento republicano, mas exalta a figura de Bento Gonçalves e do gaúcho, o habitante do extremo meridional do Império. O período de crise de império seria de 1875 a 1889. Este tempo ficou caracterizado pelo desenvolvimento do movimento republicano, pelo aparecimento dos militares como atores políticos e pela lenta erradicação da escravidão. Em 1879, Tristão de Alencar Araripe, apresentou no IHGB o seu famoso trabalho sobre a Farroupilha publicado dois anos depois (1881). Numa época em que o império era contestado por novos segmentos sociais, alguns francamente republicanos, ao escrever a história do conflito sulino o autor quis mostrar a superioridade da monarquia sobre a República do "Piratini" como forma de governo, usando então a escrita sobre a Farroupilha para conter os ataques políticos e socais que o Império sofria.

A segunda parte está dividida em três capítulos. O terceiro capítulo da tese aborda o período de crise do império, mas analisa as narrativas republicanas. A primeira visão contrastante com a imperial aparece ainda em 1872. Neste ano é publicado na Revista do Partenon Literário a obra *O vaqueano*, de Apolinário Porto Alegre. Nele, pela primeira vez assiste-se a uma alteração do imaginário do conflito militar. A Farroupilha passa ser entendida como valorosa, os farroupilhas são exaltados e seu objetivo político era lutar contra a tirania da monarquia centralizada. Em 1882, Assis Brasil lança *A história da República Rio-Grandense*, uma resposta à tese de Araripe a favor da centralização monárquica. Ao recontar

a história dos farrapos, Assis Brasil defende que eles teriam o federalismo como objetivo final.

O quarto capítulo trata da escrita da Farroupilha no período da República Velha. Com o advento da República em 1889, o PRR torna-se o partido dominante no Estado por mais de quarenta anos. Dois intelectuais na segunda década do século XX escreveram sobre a Farroupilha, e dela se usaram para lançar críticas ao que consideravam o autoritarismo no projeto castilhista-borgista de poder. Em 1910, Alcides Maya lança *Ruínas vivas*, neste período o autor ainda fazia oposição ao castilhismo, aderindo ao PRR no decorrer da década. Porém, em seu romance, Maya critica a situação social e econômica do Rio Grande do Sul. Assim, percebe o passado farroupilha como uma possível alternativa para o período de ruína que o Estado vivia sob o PRR. Em 1915, Alfredo Varella publica as *Revoluções Cisplatinas*. Ao mesmo tempo em que defende uma Farroupilha republicana e com origem platina, Varella usa do conflito de 1835 para questionar o autoritarismo do período borgista no comando do Estado. Ao contrário de Maya, Varella era integrante da velha guarda do PRR, passando à oposição a partir da dissidência de 1907.

Já o quinto capítulo trata do período da comemoração do centenário da Farroupilha. Em 1920, foi criado o IHGRGS, instituição promotora e divulgadora da história regional. Na vida literária, o gaúcho em ruínas de Maya é contestado por jovens intelectuais. Em 1930, a Aliança Liberal chega ao poder nacional com Getúlio Vargas na liderança. Com um gaúcho no poder federal, a Farroupilha foi nacionalizada e heroificada. Rodrigues lança em 1935 o romance *Farrapo: histórias de um cavalo*. Apoiador de primeira hora de Vargas, Rodrigues foi um entusiasta da comemoração do centenário. Em seu romance, os farrapos são heróis e profundamente brasileiros. Na historiografia, Docca publica, em 1935, *O sentido brasileiro da Revolução Farroupilha*, uma defesa do brasileirismo da Farroupilha e um repudio às teses platinas de Varella, que não cabiam mais no momento nacionalista do período. Um novo significado era construído para o conflito político militar de 1835, os farroupilhas se tornam heróis e, fundamentalmente, brasileiros.

A terceira parte da tese tem três capítulos. O sexto desenvolve-se após o fim do Estado Novo, quando o Brasil se redemocratiza. Nesse período a intelectualidade rio-grandense repensa a experiência varguista no poder e, além disso, é o momento de contar a história de formação do Rio Grande do Sul, que também deveria ser nacionalizada. Em 1949, Érico Verissimo lança *O continente*, primeira parte da trilogia *O tempo e o vento*. A Farroupilha desenrola-se no capítulo “Um certo capitão Rodrigo”. Verissimo tem o mérito de abrir um novo espaço de compreensão sobre o passado do conflito sulino. Através do Capitão Rodrigo,

ele retira o caráter heroico dos farroupilhas, colocando em seu lugar o elemento da coragem; também, contra a historiografia predominante no IHGRGS, mostra que a Farroupilha tem um caráter platino. Em 1964, Vellinho lança *Capitania d'El-Rei*. Nele há um capítulo chamado "O Rio Grande e o Prata: contrastes", no qual o autor reatualiza a tese do centenário. A Farroupilha é brasileira, nada havendo de intromissão do Prata, e os farrapos são os verdadeiros heróis que os integrantes da geração da Revolução de 1930 não conseguiram ser. Nesse capítulo da tese é a primeira vez em que a orientação histórica do imaginário do romance diverge da historiografia.

O sétimo capítulo trata da Farroupilha no período da ditadura civil-militar, quando o conflito sulino começa a ser analisado a partir da crítica ideológica lançada a partir da universidade. Essa geração é crítica da produção nacionalista e heroicizante da Farroupilha. Principalmente a historiografia, que faz uma típica análise ideológica da produção anterior. Em 1978, vem a luz *A prole do corvo*, de Luiz Antônio de Assis Brasil, romance em que o autor reatualiza com o olhar irônico a tradição imperial de análise da Farroupilha, isto é, os farrapos não são mais heróis, não são mais valentes, deixam de ser os centauros do pampa; ao contrário, eles comentem crimes e violências. Assis Brasil retoma uma leitura que ficou submersa desde *Os farrapos*, de Luiz Alves Oliveira Belo. Em 1985, Pesavento publica dois artigos sobre a Farroupilha, um sobre a ideologia liberal dos farrapos, outro sobre como a historiografia rio-grandense tratou o fenômeno dos farrapos.

O último capítulo da tese abrange a década entre 1989 e 1999. Nessa época em que o Brasil se redemocratiza, cai o muro de Berlim e finda a URSS, assiste-se ao avanço da economia de mercado e da globalização. Na historiografia, os paradigmas marxista e estruturalista perdem fôlego, dando espaço à nova história política e cultural. Em 1998, o historiador Guazzelli defende sua tese de doutorado. Nela extrapola os limites da história nacional, retomando a influência do Prata na Farroupilha, a partir das relações pessoais entre caudilhos. Em 1999, vem à luz o romance *Anita*, de Flávio Aguiar, em que se narra a história de Talco da Costa, um negro africano que, através de muitas peripécias, acaba vindo parar na Província do Rio Grande e lutando ao lado dos farrapos. Guazzelli e Aguiar escrevem sobre a Farroupilha no fim de século XX, momento em que as grandes narrativas perdem vigor e a identidade nacional ou de classe não é mais o elemento principal de aglutinação social.

* * *

Essas considerações introdutórias foram uma bússola pelas águas que naveguei. Não foram um plano pré-determinado que obrigatoriamente segui; foram, apenas, um plano de viagem. Como as águas se apresentaram ao longo desta jornada é que procedi a direção da minha navegação. Os autores usados como referências para pensar o objeto de pesquisa não são paradas imperativas. Ao contrário, são companheiros de viagem que podem ficar em qualquer porto pelo caminho. Com eles, lanço-me a mares nunca antes navegados (por mim).

PARTE I

As escritas sobre a Farroupilha no Brasil Imperial

1º de março de 1845. Vila de São Gabriel, campo de Alexandre Simões, margem direita do rio Santa Maria. Luís Alves de Lima e Silva ordenou a seu auxiliar que chamasse o tenente-coronel Andrade Neves. Em pouco tempo ele entrou no escritório improvisado do Conde de Caxias. Andrade Neves recém havia chegado dos campos de Carolina, onde finalizou o fim do conflito com os farroupilhas. Caxias, ao vê-lo, levantou-se da cadeira e abriu um vibrante sorriso. O tenente-coronel fez o cumprimento militar ao seu superior. Caxias pegou sobre a mesa a proclamação que acabara de escrever. Avançou perto da janela onde penetrava o jorro de luz necessário à leitura. Caxias, que era o presidente da Província de São Pedro e Comandante das Armas, colocou os óculos novos que acabaram de chegar do Rio de Janeiro, empostou a voz e iniciou a ler a proclamação para Andrade Neves. Caxias escreveu sobre seu prazer em ver terminada a guerra civil, em que irmãos combatiam irmãos. Observou em sua proclamação que o jovem imperador do Brasil, em decreto de dezembro último, ordenou o esquecimento do passado. Nesse momento, Andrade Neves recordou o quanto já peleara junto com Antônio Netto e Bento Gonçalves, pelo Império brasileiro ou a Coroa Portuguesa, e que, agora, por ideias, estavam em lados opostos. Retomou seu olhar ao Conde, depois que essas imagens do passado sorrateiramente lhe roubavam a atenção. Por fim, rematou Caxias: “Uma só vontade nos una, Rio Grandenses, maldição eterna a quem ousar recordar-se das nossas dissensões passadas”[28] e terminou seu texto: “Viva o Imperador”, “Viva a integridade do Império”.

* * *

A primeira parte da tese analisa como foi escrita a Farroupilha sob o imaginário do Brasil Império, dessa forma, cobrindo o período de tempo que vai de 1838 a 1889. Para dar conta desse período, a primeira parte foi dividida em dois capítulos. O primeiro busca compreender a escrita sobre a Farroupilha entre 1838 a 1850 e que é denominada a construção da ordem. O segundo capítulo investiga a escrita da Farroupilha entre 1850 a 1889. No primeiro capítulo, foram usados três autores e cincos livros. Três são memórias históricas,

---

[28] FRAGOSO, 1938, p. 277.

duas são memórias de Saturnino de Sousa e Oliveira Coutinho, *Bosquejo Histórico* e *Negócios do Rio Grande*, e uma memória de Antônio Manuel Correia da Câmara, *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias*. Ambos estão envoltos com suas escritas na construção da ordem. Mas, em especial, é preciso ligar Saturnino a uma trama política mais específica, a briga entre as facções palacianas. Saturnino escreve envolto em sua defesa direta. Ele fora duas vezes presidente da Província do Rio Grande do Sul e assim, indiretamente, defende a facção áulica a que pertence. Câmara produz uma memória sobre o período de Caxias na Presidência e no Comando das Armas. Nessa memória, faz a defesa das opções políticas e militares de Caxias para pôr fim à guerra. Os dois romances analisados nesse capítulo são de autoria de Caldre e Fião. Tanto em *A divina Pastora* como em *O corsário* ficam patentes a defesa da integridade nacional e a condenação da Farroupilha.

O segundo capítulo abarca o período de 1850 a 1889. Essa época pode ser dividida em duas. De 1850 a 1875, o auge da monarquia; e de 1875 a 1889, a crise e a queda da monarquia. Em 1870, José de Alencar publica *O gaúcho*, romance que se, por um lado, exalta o tipo gaúcho e o personagem de Bento Gonçalves, por outro, reafirma o erro político e histórico da Farroupilha. Em 1881, é publicada a memória histórica de Tristão de Alencar Araripe, primo de José de Alencar. Essa memória é produzida no período de crise da monarquia. Além de condenar a Farroupilha, ela está num contexto de profundas críticas à monarquia. Assim, a memória de Araripe tem o duplo objetivo de narrar a Farroupilha dentro dos moldes do IHGB e de lançar-se na defesa da monarquia contra os novos liberais e republicanos.

No decorrer do período do Brasil Império criou-se um imaginário voltado para a defesa das instituições monárquicas, de diferenciação em relação às repúblicas platinas e de censura às insurreições que colocaram em perigo a monarquia. O veto à ficção esteve presente na construção da ordem monárquica. Somente com a crise da monarquia tal imaginário será questionado. Enfim, o imaginário monárquico sobre a Farroupilha que analiso nessa primeira parte.

CAP. 1 A Farroupilha: entre a construção da ordem e as intrigas palacianas

O período imperial brasileiro foi um longo e doloroso parto do Estado-nação na visão de Carvalho (2012). Nesse período, o Brasil consolidou a sua independência, garantiu a unidade da territorial, definiu suas relações externas, fundou uma monarquia constitucional, manteve a liberdade de imprensa, deu os primeiros passos na industrialização e,

demoradamente, terminou com o trabalho escravo. O período do Brasil imperial analisado neste capítulo vai de 1838 a 1850 e é denominado, por Carvalho, como a construção da ordem – momento em que foram lançados os fundamentos do Estado imperial.[29]

É nesse período que estão as obras analisadas neste capítulo. Todos os autores, cada um à sua maneira, participam da construção da ordem. O primeiro autor a publicar um escrito sobre a Farroupilha foi Saturnino de Sousa Oliveira Coutinho, que foi duas vezes presidente da Província do Rio Grande. Publicou suas duas memórias históricas, respectivamente, em 1841 e 1842. Em 1846, sob anonimato, Câmara publica a memória histórica *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias*. Nas três memórias históricas, a escrita está direcionada para a defesa pessoal e de terceiros, como também para a salvaguarda da monarquia. Caldre e Fião publicou o seu primeiro romance, *A divina Pastora*, em 1847. Em 1849, saiu pelo Jornal *O Americano* o folhetim *O corsário*, quem 1851 sairia em livro. No mesmo sentido que as memórias históricas, os dois romances de Caldre e Fião defendem a monarquia e condenam a Farroupilha.

A inauguração do IHGB em 1838 está no contexto que foi denominado a construção da ordem, que começa em 7 de abril de 1831 quando D. Pedro I abdicou do poder em favor de seu filho, Pedro de Alcântara, à época com cinco anos de idade. Em 1831, aumentara a tensão política em torno D. Pedro I. Na oposição a ele estavam liberais, republicanos e os brasileiros em geral incomodados com as práticas despóticas e com a lusofilia do governante. Eram a tropa, políticos e o povo unido em incomum integração. Para Carvalho (2012, p. 84) “o Brasil não chorava. Tomava, entusiasmado, posse de si mesmo”.

Com a impossibilidade de seu filho assumir o trono, a abdicação de D. Pedro I deu início a um período de intensa disputa política. Essa época ficou conhecida como período regencial e durou de 1831 a 1840. Para Carvalho (2012, p. 87), como na América hispânica, “houve no Brasil instabilidade, revoltas regionais, conflitos urbanos, secessões. A diferença em relação aos países hispânicos foi que o Brasil conseguiu sobreviver ao teste e manter sua unidade política”. O período regencial teve duas fases: de 1831 a 1837 correspondeu ao domínio dos liberais moderados e de 1837 a 1840 foi caracterizado pela reação conservadora.

---

[29] Dolhnikoff (2005) problematiza as afirmações de Carvalho. Ela entende que “a proposta de uma distribuição equilibrada do aparelho do Estado pelo território imperial era um projeto nacional capaz de articular as diversas elites provinciais, uma vez que estas não se confundiam com as forças locais. E esse projeto não era apenas dos liberais, mas também dos conservadores, pois, o que os dividia eram divergências pontuais em torno das dificuldades para sua implementação”. (DOLHNIKOFF, 2005, p. 83). Portanto, as elites regionais desenvolveram-se igualmente como elites políticas de destacada atuação no contexto político brasileiro mais amplo. Nesse concerto político, foi preciso a corte imperial adaptar-se às facções regionais, para prevenir insatisfações que atrapalhariam a coesão do Brasil sob a monarquia.

A reação inicial à abdicação foi de um alvoroço geral. Entretanto a percepção de liberdade arrastou a eclosão de revoltas. Para Carvalho, o motivo mais comum para os conflitos foi o antilusitanismo. Os portugueses ocupavam posições importantes na administração civil e militar e dominavam o comércio. Os liberais moderados, no controle do governo da regência, tiveram que lutar com dois problemas: por um lado, a manutenção da ordem pública e, por outro lado, as pressões federalistas. Para solucionar o primeiro problema, criaram a Guarda Nacional com o fim de "colocar a manutenção da ordem nas mãos dos que tinham algo a defender, isto é, dos proprietários". (CARVALHO, 2012, p. 89). Em relação ao federalismo, a Constituição de 1824 era demasiadamente centralizadora para um país tão vasto.

Portanto, em 1834 foi reformada Constituição por um Ato Adicional. O novo sistema só não foi inteiramente federal porquanto os presidentes permaneciam a ser designados pelo governo central. Assim, "a descentralização de 1834 viabilizou o surgimento de um novo tipo de revolta. O aumento do poder dos governos provinciais fez deles objetos de luta entre as facções locais". (CARVALHO, 2012, p. 90). Dessa forma, por um período de dez anos surgiram várias revoltas regenciais: Cabanagem (1835-1840), Balaiada (1838-1841), Sabinada (1837-1838), Farroupilha (1835-1845) e Revolta dos Malês (1835). Temendo a desintegração do país, o regente Feijó decidiu renunciar. Quem o substituiu foi Pedro de Araújo Lima, político experiente vindo do Primeiro Reinado. Ele era formado em Coimbra, senhor de engenho em Pernambuco, "profundamente conservador e opositor declarado da descentralização introduzida pelo ato adicional […] tanto o novo regente quanto a nova Câmara apoiavam a reforma do Ato Adicional. Foi o início do movimento que ficou conhecido como regresso conservador". (CARVALHO, 2012, p. 95).

Quem liderou o regresso foi Bernardo Pereira de Vasconcelos. Ex-aluno de Coimbra e deputado por Minas Gerais, Vasconcelos era antigo liberal, ex-aliado do padre Feijó e o autor do projeto de lei do Ato Adicional de 1834. Ele foi chamado para o ministério de Araújo Lima juntamente com políticos ligados a magistratura e a agricultura de exportação.[30] Nesse período, começariam a surgir os dois partidos do Império: o Partido Conservado e o Liberal.

[30] Foi ministro da justiça de 1837 a 1839. Para Carvalho (1999, p. 12), Vasconcelos foi político em tempo integral, respirava e transpirava política. Ocupou cargos no governo mineiro e teve uma constante atividade jornalística que na "época era complemento indispensável da atuação política". Ainda segundo Carvalho (1999), foi a partir da aprovação do Ato Institucional de 1834 que Vasconcelos iniciou a se distanciar dos antigos companheiros moderados, sobretudo Evaristo da Veiga e o padre Feijó. Na regência de Feijó, Vasconcelos já assumiu a liderança da oposição. E nesse período assumia cada vez mais uma clara defesa do tráfico e da escravidão. E como chefe da oposição, tornou-se figura dominante no mistério de Araújo Lima. Para Carvalho, Vasconcelos foi um dos esteios da centralização política do Regresso na Regência e, depois, no Segundo Reinado.

Segundo Carvalho, a filosofia dos conservadores, desenvolvida por Vasconcelos, defendia um Estado central forte e um governo baseado nas classes conservadoras. A maioria do partido era composta por

> proprietários de terra e escravos voltados para a agricultura de exportação, concentrados nas províncias do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, por grandes comerciantes e pela burocracia, sobretudo judiciária. O Partido Liberal, por seu lado, favorecia a descentralização política e administrativa, era menos resistente às medidas tendentes a abolir o tráfico e congregava, sobretudo, os proprietários rurais mais voltados para o mercado interno, como os de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul e profissionais liberais urbanos. (CARVALHO, 2012, p. 95).

Receando outras reformas regressistas, os liberais tentaram evitá-las apelando a uma causa popular, a antecipação da maioridade do imperador que, pela Constituição, só era possível em dezembro de 1843. O movimento teve apoio da população. Em 1840, a maioridade de D. Pedro II foi sancionada e os liberais voltaram ao poder. Mas o governo liberal durou apenas um ano. Os conservadores de volta ao poder avançaram em seu projeto centralista. Receosos de que muito acúmulo de poder os eliminasse do jogo político, os liberais apelaram as armas. Em 1842, surgiram revoltas em São Paulo e Minas Gerais. Foi nessa ocasião que o imperador, já com certa experiência, principiou a fazer uso do Poder Moderador. Os liberais derrotados em campo de batalha em 1842 foram dois anos após, em 1844 chamados ao governo e a anistia foi concedida. Para Carvalho (2012, p. 98), “essa capacidade de arbitramento por parte do Poder Moderador ajudou a legitimar a monarquia”. E após a rebelião Praieira “fechava-se com essa revolta o ciclo de rebeliões iniciado após o Ato Adicional. O sistema estabilizou-se sob a hegemonia dos conservadores que se estenderia por cerca de dez anos”. (CARVALHO, 2012, p. 98). Portanto, para o autor o ano de 1850 foi um marco divisório na política imperial, pois

> O gabinete conservador que assumiu em 1848 derrotou a Praieira e governou, com algumas mudanças, até 1853. Foi o segundo gabinete mais longo do segundo Reinado. Eliminando as revoltas, consolidando o regime, o governo sentiu-se em condições de enfrentar alguns problemas urgentes na área social, econômica e de política externa. (CARVALHO, 2012, p. 98).

A primeira das reformas foi o fim do tráfico de escravos. Com a pressão da Inglaterra, o gabinete decidiu acabar com o tráfico. O governo empenhou-se na repressão. Prendeu, e deportou traficantes. Depois vieram a Lei de Terras e o Código Comercial, sendo “o início da modernização capitalista do país”. (CARVALHO, 2012, p. 101). Na política externa, o Brasil interviu novamente no Prata retirando Rosas do poder. Com isso se definiu uma política para

a área diplomática: não conquistar e não deixar conquistar. Em 1850, o governo também reformou a Guarda nacional. Tal reforma estreitou os laços que uniam a instituição ao governo. Nas mãos do governo os postos da Guarda viraram moeda política. Para Carvalho, o aumento de controle sobre a Guarda foi a última medida dentro do movimento de centralização iniciado em 1837.

Portanto, foi nesse contexto histórico de construção da ordem que Caxias lançou sua "maldição" para quem recordar os dez anos de guerra civil. Uma "maldição eterna" a quem lembrasse a guerra de irmãos contra irmãos. E ele pediu que se esquecesse dos fatos passados em nome do imperador. A "maldição de Caxias" quer impor na produção da escrita sobre a Farroupilha seu controle. Um controle que é anterior ao próprio Caxias, mas que avança em seu desempenho. O controle se exerce no jogo político-social, nas instituições e também na escrita sobre o passado.[31] Assim, nesse período um novo elemento identitário se criava no século XIX: a nacionalidade. (THIESSE, 2001; 2002). A produção de um passado brasileiro, no segundo quartel do século XIX, iniciou a formação da identidade brasileira. Esta identidade nacional começou a ser construída pela elite letrada tanto na literatura quanto em torno do IHGB. Os limites da escrita sobre o futuro e o passado da jovem nação começavam a ser moldados. A representação da Farroupilha passava por esse controle, por esses espaços de escrita, que eram espaços de política e estética. Dessa forma, a "maldição de Caxias" era um sintoma da construção da ordem, que produzia imaginário e era produzida por esse imaginário.

Para tanto, a reconstrução da ambiência histórica da escrita ajuda a entender o próprio escrito, isto é, o lugar de produção textual que limita a escrita sobre a Farroupilha. Mas isso não é tudo: o significado de um texto, de uma escrita não se explica somente por seu contexto ou por uma base econômica, antropológica ou política-institucional. O texto exige uma análise de sua estrutura, de seus personagens e de sua intriga que não são, apenas, um reflexo do lugar de produção.

Em um período em que os letrados são políticos ou agentes do Estado Imperial, há uma articulação dos seus escritos com o interesse do Estado. Só publicam ou participam dos espaços institucionais reconhecidos socialmente à época aqueles comprometidos com o

---

[31] Para Lima (2009, p. 228-229), "o controle supõe, primeiramente a concordância da obra com os valores aceitos e consagrados pelas instituições de certa sociedade, as quais costumavam (e costumam) recorrer a letrados para exercê-los [...] O controle visa a evitar qualquer dissonância, pelo menos de peso, entre a aventura narrada e os valores reiterados pela sociedade".

interesse do Estado, havendo poucos espaços (havia debates sobre diferentes projetos políticos[32]) para a produção de algo que divergisse do projeto da monarquia.[33]

Após a independência, torna-se um imperativo à classe dirigente a busca de criação de uma literatura autônoma no Brasil, manifestando a seu modo os temas, dilemas e aspectos da nova nação.[34] A literatura romântica se articulou ao processo de construção da ordem. Portanto, para Araujo (2008, p. 124),

> Ela precisa ser a expressão de uma identidade. A nação já não é apenas a soma dos homens bons, mas um personagem histórico que é anterior à própria comunidade empírica […] Compreender a literatura como expressão de uma unidade individual chamada nação criava a necessidade de explicar as forças que a organizavam.

Os literatos foram, pois, à busca das tradições nacionais e da história,[35] sendo uma consequência o tema local: descrever costumes, paisagens e fatos nacionais. O romance foi um elemento que se encadeou a construção da ordem. Os letrados românticos encontraram neste gênero o veículo ideal.[36] Há três eixos para se pensar o romance romântico: a) o lastro do real;[37] b) visão de país; e c) temas.

Sobre o terceiro eixo, que interessa mais diretamente à tese, a expansão do romance romântico imprimiu a "disposição de fixar literariamente a paisagem, os costumes, os tipos humanos". (CANDIDO, 2013, p. 434). Desse modo, dentre os assuntos do nacionalismo, foram os mais apreciados os mais diferentes para o citadino: os índios e o homem rural. Nesse contexto, "O literato adquiria a sua via singular de fazer política. Como educador, sua missão

---

[32] Um exemplo disso é o debate sobre a questão indígena. Ver Guimarães (2011).

[33] Sobre a indistinção entre atividades políticas e intelectuais no século XIX brasileiro, ver Alonso (2000). Também, para Lazzari (2004), apesar de história e literatura serem considerados gêneros distintos, ambas eram complementares aos "homens de letra" do século XIX. Tanto a história como a literatura eram praticadas, em muitos casos, pelos mesmos autores, sem uma maior especialização. Para Cezar (2004), havia a carência de regras claras para definir as fronteiras do campo histórico e o literário.

[34] O primeiro sinal desta mudança literária é a revista *Niterói* lançada em Paris em 1836 com o artigo de Magalhães (1836, p. 152): "No século XIX com as mudanças, e reformas políticas, que tem o Brasil experimentado, nova face Literária apresenta. Uma só ideia absorve todos os pensamentos, uma nova ideia até ali desconhecida, é a ideia de Pátria; ela domina tudo, tudo se faz por ela, ou em seu nome". Araujo (2008, p. 130-131) escreve, comentando o texto de Magalhães, que "no século XIX, a história da literatura estava destinada a assumir o papel que a religião exercera, ou seja, produzir totalidades estáveis".

[35] Para Araujo (2008, p. 122), "Claro está que ao novo conceito de literatura era fundamental um novo conceito de história". E segue o autor, "a cunhagem de um novo conceito de história não poderia ser entendida como uma tarefa de especialistas ou de um campo do conhecimento, mas como a confluência de demandas oriundas das mais diversas áreas da atividade 'letrada'". (ARAUJO, 2008, p. 187).

[36] "[…] o nosso romance tem fome de espaço e uma ânsia topográfica de apalpar o país. Talvez o seu legado consista menos em tipos, personagens e enredo do que em certas regiões tornadas literárias". (CANDIDO, 2013, p. 433).

[37] Segundo Araujo (2008, p. 120), "A ênfase no papel testemunhal da literatura é correlata à percepção da singularidade de cada povo e […] de cada época ou geração […] uma peça no grande quadro da história da humanidade" (ARAUJO, 2008, pg. 120).

era qualificar o brasileiro, que entregue aos seus próprios instintos não poderia ser o cidadão de um país civilizado". (ARAUJO, 2008, p. 133).

No campo da produção histórica em 1838 cria-se, no Rio de Janeiro, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que desempenharia papel relevante na construção do imaginário da nação. A partir desse momento, havia um núcleo arquivador e irradiador da história nacional.[38] No pano de fundo da fundação do instituto,

> estava a veneração da nação, sendo a história vista como instrumento para elevar seu brilho e sua honra […] o instituto foi criado no momento em que o país buscava proteção contra a "revolução" […] os "princípios republicanos anárquicos" são rejeitados e combatidos. A manutenção da monarquia é tomada como garantia e pressuposto para a integração do país. (GUIMARÃES, 2011, p. 69).

Na sessão inaugural realizada em 1º de dezembro de 1838, o IHGB manifestava sua conexão com o poder político, porquanto seus sócios invocaram e dispuseram-se sob o abrigo imperial. Essa proteção trouxe auxílio político e econômico. A monarquia afiança sua atividade e o IHGB garantia o "controle do imaginário". Os letrados do IHGB preenchiam outras posições no aparelho do Estado, no IHGB usavam sua escrita para interpretar o passado conforme o controle da construção da ordem.[39] Os letrados brasileiros, servidores públicos em sua esmagadora maioria, usaram da sua escrita para produzir o imaginário do passado brasileiro.[40] De certa forma, o "Estado" narrava o próprio Estado:

> Ao reivindicar a tradição do patronato real para sua Academia, o IHGB preparava a sua incorporação ao Estado Imperial […] Assim, alinhavam-se os conceitos de estado, nação, pátria e monarca em um conjunto único de referência que deveria responder pelo interesse público, o qual, na concepção desses homens, se confundia com a manutenção dessa conjunção conceitual. Essa nova tarefa de zelador do interesse do Estado e, por conseguinte, do interesse nacional, exigia toda uma série de garantias epistemológicas de verdade para a história que se produzia. (ARAUJO, 2008, p. 151).

Os componentes do IHGB partiam do preceito de que seria plausível selecionar exemplos e padrões do passado para o presente e para futuro.[41] Assim, o imperativo da

---

[38] Conforme observou Guimarães, os historiadores do IHGB não eram historiadores de formação, mas, eram juristas, militares, médicos ou políticos. Esses homens se definiam como literatos. Tanto Raimundo José da Cunha Matos como Januario da Cunha, fundadores do IHGB, eram servidores do Estado.

[39] Numa sociedade de estrutura social impermeável, o serviço público representava a única possibilidade de ascensão social. Assim, o sinal distintivo dessa elite intelectual e política era a trilha no serviço público. É o Estado que confere importância aos letrados e a historiografia.

[40] Para Guimarães (1995, p. 498), do perfil do elenco do IHGB por ela analisado, duas palavras o caracterizariam: "dependência e lealdade. À Coroa e ao imperador".

[41] Assim, é importante "constatar que cabe à história uma função com correspondentes consequências político-pragmáticas para o presente e o futuro". (GUIMARÃES, 2011, p. 125).

história para o homem de Estado levou a história *magistra vitae* a ser o instrumento desta escrita da história, isto é, retirar da história exemplos para o presente. As biografias dos "grandes homens" seriam uma constante na revista do IHGB. Ao historiador ciente dos ensinamentos da história competiria o serviço de educar seus contemporâneos a serem fiéis súditos.[42] Partindo da Capital, a luz deveria alastrar-se por todo Império ajustando-se à construção da ordem. Era indispensável controlar o imaginário, o pensável e o dizível, pois as revoltas regenciais colocaram o projeto de centralização monárquica em questão.[43]

O desafio de instituir uma nação foi acolhido pelo Estado e pelos letrados. Para Guimarães, a historiografia quis harmonizar a velha lealdade à dinastia reinante com a nova lealdade à nação em construção. Tomava, assim, uma restrição com formas estatais distintas, de tal modo, que "os inimigos da nação são antes as repúblicas sul-americanas vizinhas". (GUIMARÃES, 2011, p. 245). Portanto, as condições a partir das quais a historiografia brasileira nasceu tinham um caráter político, pois "o interesse pelo conhecimento do passado, porém entrelaçado com a ação política". (GUIMARÃES, 2011, p. 251). Essa proeminência política na historiografia brasileira em seu começo e a evidência de seu vínculo com os interesses do Estado incidem por quatro temas capitais: a) construção e legitimação de uma política de centralização; b) questão indígena; c) escravidão; e d) problemática das fronteiras.[44]

A escrita sobre o passado rio-grandense foi um ponto de suma importância no IHGB.[45] Os possíveis arrependimentos e as aventuras separatistas poderiam ressurgir se o passado da Província não fosse bem escrito, bem dito. Se não obedecesse ao lugar de escrita, que exigia a construção da ordem, os nomes da história (RANCIÈRE, 1994) não poderiam "matar o rei" e com a "maldição de Caxias" uma poética dissonante, na Corte e alhures, seria herética.

Caxias, contudo, não poderia prever que não viriam da Província de São Pedro, outrora rebelada, as escritas que ousariam romper com sua "maldição", ao contrário, viriam do coração do Império: Rio de Janeiro. As duas primeiras escritas produzidas na Corte

---

[42] "Na historiografia embasada em princípios conservadores […] história e política se entremeavam. Noutras palavras, questões políticas norteavam a interpretação da história e instrumentalizavam a história para fins políticos". (GUIMARÃES, 2011, p. 257).

[43] Assim sendo, os letrados eram engajados no projeto de uma historiografia que fornecesse um passado para a nação em construção. A nação brasileira é compreendida como se já fizesse parte do núcleo do passado. Só esperando a independência para emergir.

[44] Para Guimarães (1995, p. 527), "Afora o objetivo de coletar documentos para a História do Brasil […] Deveriam colher subsídios que auxiliassem o governo na demarcação dos limites da soberania do país […] Independente desde 1822, o Império desconhecias suas fronteiras".

[45] Para Guimarães (1995, p. 535), "Naqueles rincões meridionais a chamada 'República de Piratini' envolvera estancieiros e charqueadores, com complicações internacionais. 'Briga de brancos' […] Por motivos óbvios, os relatórios, ou mesmo as simples lembranças do cronista oficial da última fase da Farroupilha, não seriam impressos na *Revista*".

tiveram um duplo movimento em relação à “maldição de Caxias”: se, por um lado, relembraram as dissensões internas, por outro, produziram um passado que recolocou o projeto da construção da ordem em primeiro lugar. Na Corte, as escritas obedeceram ao lugar de sua produção, isto é, foram escritas com o imaginário sobre elas controlado. A intriga deste conflito: a construção da jovem nação imperial. O trono, o cetro, o imperador, essas eram as referências dos enunciados da escrita. Os nomes, tanto próprios quanto históricos, da história tem um lugar a respeitar e a obedecer no alvorecer do segundo reinado.[46]

As duas memórias históricas de Saturnino Coutinho, além dos elementos históricos da construção da ordem, têm como particularidade surgirem a partir das disputas políticas palacianas. Palaciano era denominando de áulico desde a corte de Jaime II. Para Bentivoglio (2010, p. 188), na linguagem política da época o conceito de áulico assumia um sentido negativo, pois áulico seria o súdito que vive sob a proteção especial do monarca. No caso brasileiro,

> Os conselheiros de Estado eram também chamados áulicos naquele tempo. Vez ou outra, na imprensa também era comum o uso desta alcunha para homens que pareciam ter a proteção de D. Pedro II. Para ser áulico era preciso ser palaciano, ou seja, ter valimento, título de nobreza e frequentar a corte. Mas a denúncia feita em 1847 de que Aureliano Coutinho de Oliveira liderava um grupo que agia nos bastidores do governo imperial manipulando D. Pedro II e interferindo na formação e dissolução dos gabinetes fez com que o termo áulico passasse a se referir exclusivamente ao grupo de Aureliano, ou seja, à facção áulica. A partir de então palaciano era quem vivia na corte, áulico os integrantes da facção áulica e nobre era todo aquele detentor de título de nobreza. Todos os áulicos da facção eram palacianos, mas nem todos eram nobres e a alcunha teve seu teor pejorativo potencializado. (BENTIVOGLIO, 2010, p. 189).

Saturnino era o irmão mais novo de Aureliano, o líder da facção áulica. A convivência muito próxima com a família imperial punha os palacianos como intermediários daqueles que ambicionassem a estima do imperador. E igualmente quem cobiçasse a designação para algum cargo para si e para outrem no rol da administração imperial. Bentivoglio (2010, p. 190) analisa que, com a Independência, era preciso combinar a nobreza hereditária com a de aquisição e “este papel foi desempenhado, dentre outros, por Aureliano. Ele é um elo entre palacianos antigos e novos, do Primeiro e Segundo Reinado”. Segue o autor que nesse espaço palaciano quem se sobressaía era Aureliano Coutinho. Personalidade próxima do imperador, seu triunfo político foi obtido depois do combate dado aos exaltados no decorrer da regência e no êxito ante José Bonifácio, removido da tutoria de D. Pedro II, depois de arremetidas no seu

[46] Para Cezar (2003), a historiografia do século XIX se caracterizou por: a) uma história pedagógica, uma *historia magistra vitae* calculada; b) combater os inimigos do Império; e c) a missão do historiador é tornar o Brasil conhecido e visível aos próprios brasileiros.

jornal *A Verdade* entre 1832 e 1834. Em seguida, ele escreveu no *Sentinela da Verdade*, que pertencia a seu irmão Saturnino, entre 1837 e 1840. Uma consequência desse jogo político, para Bentivoglio, é perceber que nem só de partidos vivia a política imperial e que o valimento era uma ferramenta para o acesso à burocracia do Estado. Assim, Aureliano foi um membro importante nas redes de poder e sua facção áulica interferiu no jogo político da regência e do Segundo Reinado:

> A facção áulica teve seu aparecimento mais efetivamente na abdicação de D. Pedro I e se constituiu numa força política de considerável influência no governo a partir de 1834, após se projetar na corte, superando outros grupos palacianos importantes como os de José Bonifácio, de Holanda Cavalcanti, do marquês de Abrantes, do visconde de Olinda, combatendo Bernardo Pereira de Vasconcelos e resistindo à paulatina projeção do grupo de Honório Hermeto Carneiro Leão, que em 1848 ao lado do visconde de Itaboraí sucedeu em São Cristovão o prestígio da facção áulica […] Assim, nos bastidores do poder os áulicos, particularmente, seu líder Aureliano Coutinho, assumiram uma posição estratégica unindo validos do Primeiro Reinado e novos validos, construindo redes de solidariedade […] em iniciativas filantrópicas e culturais como um instrumento de projeção social e política. (BENTIVOGLIO, 2010, p. 194).

E é com a facção áulica que a criação do IHGB está vinculada. E como escreve Guimarães (1995, p. 482), o personagem principal dessa história "o ponto de interseção, [é] o ministro Aureliano". Com a destituição de José Bonifácio da tutoria do jovem imperador, modificou-se o jogo das forças políticas na Corte. Porém,

> O prestígio e autoridade do futuro visconde de Sepetiba no circuito palaciano permaneceriam intocados, mesmo após sua queda do ministério, provocada pelas manobras oposicionistas de Bernardo Pereira de Vasconcellos. E, no intricado jogo de xadrez que foi a disputa pelo governo, na segunda metade do período regencial, à proporção que Vasconcellos avançava, o grupo de Aureliano […] viu-se obrigado a recuar […] Apeados dos postos chaves da Regência, com a subida do "Gabinete Parlamentar", em 19 de setembro de 1837, onde Vasconcellos ocupou dois ministérios, reduzidos à Quinta da Boa Vista e, por isso mesmo, muito visados pelos adversários, os "áulicos" necessitavam abrir um espaço na Corte. Um espaço aparentemente neutro, que lhes permitisse transpor os jardins da Quinta, facilitando o seu transito no cenário político. Neste sentido, podemos afiançar de antemão, nada mais oportuno do que a criação da Academia. Nascida na Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Gerada em altos conchavos, nos salões de São Cristóvão. Funcionando, a princípio, numa modesta salinha, cedida pelos seus patrocinadores da Sociedade Auxiliadora, em pouco mais de um mês o IHGB já estaria com os Estatutos aprovados e a primeira mesa diretora eleita. (GUIMARÃES, 1995, p. 482).

Não sem razão quase metade de seus fundadores eram áulicos,[47] como o cônego Januário da Cunha Barbosa e o Marechal Raimundo José da Cunha Matos, além de Aureliano

---

[47] E todos eram estabelecidos na Capital do Império. (GUIMARÃES, 1995).

Coutinho de Oliveira, que pertenceu ao quadro de fundadores do IHGB. Januário[48] foi escolhido primeiro-secretário perpétuo, Cunha Matos vice-presidente que, ao falecer, assumiu em seu lugar Aureliano. O presidente do IHGB também era um áulico, o político José Feliciano Pinheiro.[49] Outro áulico importante no grupo do IHGB seria o político e magistrado Rodrigo de Souza da Silva Pontes.[50] Portanto, pode-se dizer que o IHGB foi idealizado no círculo palaciano.[51] Assim,

> Passo a passo, através das iniciativas acadêmicas, o Instituto se transformou na porta de saída do ostracismo, a que os "áulicos" estavam submetidos, desde o final de 1837. A grande virada, no entanto, só viria ocorrer em 1840, quando se instalou no Rio de Janeiro o "Clube da Maioridade" […] Indício da trama, na formação do Primeiro Gabinete do Segundo Reinado, figurava como titular do Ministério dos estrangeiros o vice-presidente do IHGB, o deputado Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho. A volta dos "palacianos" ao governo significou prestígio crescente para a associação […] multiplicaram-se verbas e benesses. (GUIMARÃES, 1995, p. 485).

Próximos do imperador, os políticos do IHGB faziam questão de manter as aparências e, assim, suas relações com o monarca seriam protocolares, na mesma medida correspondia o imperador. Segundo Guimarães, em celebrações no IHGB o imperador homenageava a

---

[48] O cônego Januário antes de assumir como secretário pouco tempo antes fora demitido do cargo de diretor da Tipografia Nacional pelo ministro e inimigo político Vasconcelos.

[49] Em 1839, o Visconde de São Leopoldo publica *Anais da Província de São Pedro*. O livro não trata sobre a Farroupilha, mas seu autor não deixa de comentá-la: "Resta-me um quadro do mais horroroso aspecto: desde 1828 trovoam revoltas no céu tão sereno e puro desta província, e choviam os sarcasmos e injurias ante correios da tempestade, contra o governo geral e provincial […] ouvi a ardentes defensores da monarquia proporem *a separação da nossa província até a maioridade do jovem monarca!* Desgraçado Brasil! Uma vez quebrado, quem será capaz de soldar este precioso vaso de porcelana! Faltava só um homem de algum prestígio; o espírito de demagogia encarnou em o coronel de um dos regimentos de cavalaria, Bento Gonçalves da Silva, e a apareceu a sedição de 20 de setembro de 1835". (PINHEIRO, 1982, p. 175-176).

[50] Pontes escreveu em 1841 um importante texto para o IHGB intitulado *Quais os meios de que se deve lançar mão para se obter o maior número possível de documentos relativos à história do e geografia do Brasil?*, mas em relação a Farroupilha ficaria conhecido com o escrito *Memória histórica sobre as causas e acontecimentos que mais imediatamente antecederam a sedição de 20 de setembro de 1835*. Segundo Hruby (2012, p. 196), "permaneceria escrita a mão no Acervo do Arquivo Público do Império e com cópias espalhadas por outros estabelecimentos durante quase cem anos. Datada de 21 de abril de 1844 (Rio de Janeiro)". A memória de Pontes não foi publicada a época de sua escrita. Aurélio Porto acredita que a memória fora uma encomenda do D. Pedro II. Segundo Hruby (2012), não é possível comprovar esse pedido do D. Pedro II, para Hruby houve ordens superioras para que ele escrevesse, mas o que não implicaria ordem direta do monarca. A memória de Pontes foi publicada pela primeira vez na Revista do IHGRGS em 1923. Em Pontes (2006), a intriga de sua memória fica exposta já no primeiro parágrafo ao escrever que "as cadeias democráticas" após 7 de abril de 1831 levaram a diante doutrinas do mais requintado demagogismo, neste caso, o ideário liberal. Isto é, após a abdicação de D. Pedro I, a desordem liberal levou o Império a situação de calamidade, que os "amigos da ordem" na Província do Rio Grande tentaram frear, mas não conseguiram deter "os anarquistas", a desordem que penetrara pela fronteira.

[51] Se o IHGB foi responsabilidade dos áulicos, outro lugar de memória no Império, o Arquivo Nacional, foi responsabilidade do Bernardo Pereira de Vasconcelos. O Arquivo Nacional foi fundado em 2 de janeiro de 1838. Portanto, antes do IHGB, que foi em 21 de outubro. Para Guimarães (1995, p. 474), "Esta duplicação de meio para fins idênticos nos levaria a imaginar se a Sociedade Auxiliadora não estaria patrocinando o que hoje em dia denominaríamos de 'entidade alternativa', ou quem sabe, uma espécie de 'arquivo paralelo', organizado pelos opositores do ministro Vasconcellos".

entidade concebida pela sua família palaciana. Pessoas às quais em sua infância o monarca se afeiçoou tais como Araujo Viana e Aureliano por quem, segundo a autora, o imperador seria fascinado.

Antes de entrar nos textos deste capítulo, uma observação de caráter teórico se faz necessária (até mesmo para os textos do próximo capítulo). O veto à ficção se dá, segundo Lima, pela historiografia e o Estado-nação. Entretanto, conforme notou Guimarães (1995), as portas no IHGB estavam fechadas para a história e abertas para a memória.[52] Partindo do raciocínio de Guimarães, percebe-se que, logo, não poderia ter sido a historiografia que acionou o veto a ficção, mas sim a memória produzida no IHGB, pois não haveria história e muito menos história da Farroupilha ou, ainda, nem isso, pois o IHGB nesse período não tratava do passado imediato.[53] Não sem razão as memórias históricas analisadas nesse capítulo não foram publicadas pelo IHGB, mesmo sendo Saturnino Coutinho a ele filiado. Não haveria história do tempo recente. Havia história do Brasil pré-1822 e muita publicação de fontes históricas na revista do IHGB. E mesmo as narrativas históricas produzidas sobre a Farroupilha no período imperial os seus autores as consideravam memórias históricas, que serviriam aos futuros historiadores. Portanto, é preciso matizar a questão do veto da historiografia no Brasil imperial relativo à Farroupilha. Nesta tese, trabalho com a hipótese de que o veto se daria pelas memórias históricas e possivelmente pela leitura de jornais da época ou numa cultura historiográfica não restrita à historiografia. Creio também que nesse sentido o veto deveria ter um caráter mais político nesse período, pois haveria um elemento a menos nele como pensado por Lima, a própria ciência da história.

Segundo Guimarães (1995), a baixa produtividade dos sócios do IHGB era grave. Não haveria como exigir que profissionais da política priorizassem os trabalhos de pesquisa em prejuízo de sua atuação pública. No periódico oficial do IHGB durante 1839 e 1889, "constatamos que a divulgação de fontes foi o forte da *Revista*, privilegiando-as, em detrimento das análises interpretativas da História do Brasil". (GUIMARÃES, 1995, p.

---

[52] "A construção da Memória do Império foi um longo e seletivo empreendimento, onde se procurou pinçar, no 'vertiginoso repertório' do passado, os esclarecimentos que pudessem auxiliar na definição do presente. A nortear a organização do 'estoque' das lembranças, estava a necessidade de levar adiante o projeto político iniciado em 1822". (GUIMARÃES, 1995, p. 517).

[53] Assim, Guimarães (1995) se pergunta se descartado o passado imediato, onde o IHGB edificaria a memória do Império. Ela acredita que as "origens foram resgatadas numa época mais longínqua, aquém da Independência. Denominamos este período de passado remoto. Ele abrangeu, em nossa investigação, o espaço de tempo compreendido entre 1500 e 1816, contemplando, basicamente, a fase colonial". (GUIMARÃES, 1995, p. 520).

565).[54] A historiadora, negando o argumento que dava a primazia da literatura sobre a escrita da história no período inicial do IHGB, assim argumenta:

> E, por essa linha de raciocínio, podemos depreender que a escrita da História pátria não seria um decurso da nascente literatura brasileira. A organização da Memória Nacional foi uma condição *sine qua non*, que teria favorecido o desenvolvimento de ambas. Vejamos como essas premissas se confirmam, do ponto de vista empírico. Retomemos o caso épico "Confederação dos Tamoios". Apesar das falhas apontadas por Varnhagen, quanto ao nome do chefe dos índios confederados, a redação do poema só se viabilizou, à medida que o seu autor travou conhecimento com testemunhos relativos àquele episódio, ocorrido durante as lutas para a expulsão dos huguenotes da França Antártica. As "lembranças" colhidas pelo IHGB, serviram de tema ao poeta. (GUIMARÃES, 1995, p. 583).

No IHGB, a etapa de construção da memória nacional encerrou-se à medida que os fundadores do instituto foram desaparecendo. Os fundadores dotaram o Império de um passado. Organizaram a memória que não poderia ser esquecida. Com o fim dessa primeira geração, havia chegado a hora de escrever a história. Guimarães acredita que esse período de transição deu-se de 1855 a 1865. Portanto, após 1865 com o elenco das lembranças ordenado, os novos frequentadores do IHGB "começariam a escrever a História do Império". (GUIMARÃES, 1995, p. 585). Com essa transição de gerações, o véu que encobria o passado imediato do império foi levantado. E nessa nova geração a escrita se orientava pelo "'vertiginoso repertório de lembranças', organizadas pelos fundadores do IHGB. Aplicados aprendizes, seus sucessores fixaram a Memória, tal qual seus mestres haviam-na construído". (GUIMARÃES, 1995, p. 591). Enfim, houve para Guimarães (1995, p. 599) "a opção pela Memória em detrimento da História". Prover o jovem país de um passado atinente às pretensões da monarquia constitui-se no traço mais importante dessa memória, construída com a exclusão das insurreições, traumas e conflitos. Para a autora, no IHGB "A Memória vencera definitivamente a História"[55]. (GUIMARÃES, 1995, p. 599).

Portanto, a questão do veto à ficção da historiografia, no Brasil do século XIX, deve ser matizada. Se isso vale para a Alemanha, Inglaterra e França, onde a historiografia já estava na universidade e já era considerada científica, no Brasil não acontece o mesmo. Nesta

---

[54] Guimarães (1995, p. 462) ainda afirma que "o Instituto 'repudiou', sistematicamente, a divulgação de todo e qualquer tipo de documentos contemporâneo que pudesse implicar no questionamento das instituições monárquicas".

[55] E isso leva Guimarães (1995, p. 516) do "discurso acadêmico, para se situar no da ação política. Deste patamar é que foram tomadas as decisões sobre a conveniência de tornar públicos certos documentos. Arquivar fontes cuja veiculação prejudicava a imagem de determinados sócios. Censurar obras que apresentassem versões de episódios históricos incompatíveis com o projeto político em curso", pois "À luz das evidencias, rememorar os acontecimentos históricos recentes, implicaria em trazer à tona uma série de contradições, dúvidas e até mesmo rivalidades pessoais, que em nada poderiam contribuir para o fortalecimento das debilitadas instituições monárquicas". (GUIMARÃES, 1995, p. 518).

parte I, todos os romances analisados foram escritos sem uma história oficial do IHGB sobre a Farroupilha, que seria apresentada somente 1879 e publicada em 1881. E, mesmo assim, Tristão de Alencar Araripe considerou o seu livro *Guerra civil no Rio Grande do Sul* uma memória histórica. Contudo, uma possibilidade de a historiografia entrar no veto à ficção, à época, seria a partir da história *magistra vitae*, isto é, uma forma de entender historiograficamente a racionalidade dos personagens, seria usando os exemplos da história antiga, pois não havia história da nova nação (entendida como coletivo singular, separada de Portugal), a história ainda estava por ser feita, mas não havia possibilidade de fazer história recente, logo, não haveria história da Farroupilha. Portanto, esse é um campo interpretativo que se abra a análise.

Há um material abundante de escritas sobre a Farroupilha que seria impossível abarcar nessa tese. Para este capítulo (como nos demais), fizeram-se necessários, então, alguns recortes nas fontes. A primeira fonte que já produziria uma explicação do 20 de setembro seria o manifesto de Bento Gonçalves de 25 de setembro de 1835.[56] Seguir-se-iam outros manifestos.[57] Também há o cancioneiro popular,[58] que sem uma datação precisa sabe-se que foi composto no período da guerra em que soldados e sectários de lado a lado cantavam. Também a poesia desse período não pode ser incluída na análise.[59] Algumas memórias históricas que não foram publicadas logo após sua escrita e dormitaram nos arquivos pessoais

---

[56] Assim justificava Bento Gonçalves a farroupilha: “Conheça o Brasil que o dia *vinte de setembro de 1835* foi a consequência inevitável de uma má e odiosa administração; e que não tivemos outro objeto,[…], que restaurar o império da lei, afastando de nós um administrador inepto e faccioso, sustentado trono do nosso jovem monarca e a integridade do império”. (SILVA, 1981, p. 196).

[57] Em 1838, assim explica a Farroupilha: “Há muito desenvolvia o Governo Imperial uma parcialidade imérita, um desprezo insolente e revoltante respeito à nossa província. O sangue que derramamos na guerra com as Repúblicas Argentinas, o sacrifício das vidas de nossos irmãos […] não nos valeram a menor deferência da parte daquele governo injusto e tirânico. Éramos o braço direito e também a parte mais vulnerável do Império. Agressor ou agredido o governo nos fazia sempre marchar à sua frente: disparávamos o primeiro tiro de canhão e éramos os últimos a recebê-los. Longe do perigo dormiam em profunda paz as mais Províncias […] Sobre povo algum da terra carregou mais duro e mais pesado o tempestuoso aboletamento; transformou-se o Rio Grande numa estalagem do Império!”. (SILVA, 2005, p. 329).

[58] O cancioneiro popular sobre a Farroupilha foi resgatado por três autores em ordem de publicação: Em 1910, Simões Lopes Neto (1954), após em 1935 Apolinário Porto Alegre (1981). Apolinário foi o primeiro a trabalhar no resgate do cancioneiro sobre a Farroupilha, mas não chegou a publicar o trabalho em vida, apenas no centenário da Farroupilha foi publicada. Em 1952, Augusto Meyer (1959) publica seu estudo sobre o cancioneiro. Há nos livros cancioneiros a favor e contra os farrapos e monarquistas, mas com muito mais a favor dos farrapos. Outra fonte importante de ser lembrada como narrativa sobre a Farroupilha são os hinos. No cancioneiro de Apolinário há quatro hinos para a Farroupilha.

[59] Mena (1933, p. 35) ficou conhecido como o poeta dos farrapos: “A alta proclamação e independência/Da república augusta Rio-Grandense/Tiranos! Respeitai tão fausto dia! […] P’ra que entre os grandes memoráveis dias/Este seja o maior do mundo aos olhos”.

ou públicos e não tiveram repercussão em sua época de produção também não foram selecionadas para esse capítulo.[60]

As primeiras memórias históricas sobre a Farroupilha, apesar de serem escritas e publicadas a partir do surgimento do IHGB e seu projeto historiográfico em torno da construção da ordem monárquica, acabaram sendo, também, uma forma de se acomodar pessoalmente ou a terceiros nesse projeto. Nenhuma das memórias históricas deste capítulo foi publicada na revista do IHGB,[61] isso se deve a que

> Nos tomos iniciais, o IHGB publicava documentos, inventários e ofícios não contemporâneos relativos à Província com muito mais frequência, cedendo parco espaço a memórias históricas escritas por associados ou não sócios contemporâneos. Isso começou a sofrer alterações em meados de 1850. Porém, persistiu certa postura que evitasse em assuntos que envolvessem o tempo presente. (BOEIRA, 2013, p. 36). [62]

Quem escreveu a primeira memória publicada sobre a Farroupilha foi Saturnino de Souza e Oliveira Coutinho (1803-1848), fluminense, bacharel em direito pela Universidade de Coimbra.[63] Foi deputado pelo Rio de Janeiro em 1833. Tinha 36 anos quando assumiu pela primeira vez a presidência da Província de São Pedro, em 24 de junho de 1839.[64] Terminou o seu primeiro mandato e retornou à Corte em 27 de junho de 1840. Ocupou vários cargos políticos no Império. Depois de ter sido presidente da Província, foi ministro dos Negócios Estrangeiros, ministro da Justiça e, interinamente, ministro da Fazenda. E em 1847 foi senador do Império e, desde 1840, era membro do IHGB. Escreveu o *Bosquejo Histórico e Documentado das Operações Militares na Província do Rio Grande do Sul*, editado no Rio de Janeiro em 1841 ainda durante o conflito.

---

[60] Fontoura (1928; 1984) foi partícipe da Farroupilha. Ficou no fim da Farroupilha no grupo conhecido como minoria, que fazia oposição à maioria liderada por Bento Gonçalves. Suas memórias, principalmente a última, são críticas de ambos os lados, porém suas memórias tem o caráter de ser a defesa dos seus atos durante a guerra civil. Neste diário, como na memória anterior, escrito quase dez anos antes, não escreve para o público, mas escreve "para os meus filhinhos" para que sigam a trilho da "honra e o conhecimento dos homens". Pede a seus filhos que, ao lerem o diário, "fazei-me justiça". Conta que até antes de 35 tinha sólido comércio em na vila de Cachoeira. Contudo, todo o seu comércio cessa no início de 1836, pois se dedicou, segundo Fontoura, "unicamente à causa pública, sem outro interesse". Da narrativa do major João Cunha Lobo Barreto (1935), ao que tudo indica escrita em 1838 (mas só publicada em 1935) irrompe de sua posição política antiliberal. Seria a ordem legalista conservadora versus a desordem dos farroupilhas e liberais. Isto é, o Império brasileiro após a abdicação de D. Pedro I, com o início do governo liberal das primeiras regências entra em desordem, convulsão social e um reflexo disso será a "Revolução de 1835" liderada por liberais "anarquistas" da Província de São Pedro que levam a desordem para a província.

[61] A "Revista representava a palavra oficial do grêmio". (GUIMARÃES, 1995, p. 558).

[62] Não se pode esquecer que um dos objetivos do IHGB em seu artigo 1º era: coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos necessários à história.

[63] Ver Carvalho (2003), capítulo "Unificação da elite: uma ilha de letrados".

[64] É importante perceber a data que Saturnino assume a presidência da Província, pois Vasconcelos deixara o ministério em abril de 1839.

Saturnino iniciou o seu *Bosquejo Histórico* explicando que não foi com o objetivo de justificar-se, nem de revelar seus serviços que publicou a memória, mas porque "pouco se sabe na Corte dos feitos ocorridos na província do Rio-Grande". (COUTINHO, 1986, p. 5). Para o bacharel fluminense, a tribuna parlamentar e a imprensa periódica, isto é, onde se encontrariam os adversários da facção áulica, ambas mal instruídas e sem documentos oficiais, "têm espalhado notáveis inexatidões; o público julga por aparências, por cartas anônimas estampadas nos jornais, e não faltará quem escreva a história com tão falíveis elementos". (COUTINHO, 1986, p. 5). E por se considerar portador de documentos "oficiais", ele se considerou no dever, e pela honra, de explicar ao país por que a luta no Rio Grande não terminou.

É importante observar que a memória histórica tem a necessidade de documentos para justificar o que estava sendo escrito, a memória histórica não avança sem justificação documental, pois precisa comprovar sua veracidade.[65] Visa a que não se escreva a história com elementos falíveis, e o que ele quer oferecer seriam elementos infalíveis para que o futuro historiador tenha suporte factual seguro e objetivo. Não sem razão faz parte do nome do livro a palavra "documentado", isto é, para assegurar a validade dos enunciados.

Como os outros letrados do século XIX, Saturnino articulava política e escrita em sua memória histórica. E escrevia para que a história fornecesse lições para quem fosse governar o Rio Grande:

> […] a história nos dá instruções e avisos importantes; a ligação dos fatos com os sucessos militares é digna de meditação; e, se se quiser tirar partido de experiências anteriores, este bosquejo, ainda que limitado, poderá fornecer uma escala por onde possa medir o presente e o futuro quem tiver de continuar a dirigir os destinos do Rio-Grande e do império. (COUTINHO, 1986, p. 5).

O bacharel fluminense, aproximando-se de uma concepção da *historia magistra vitae*,[66] produziu uma narrativa dos acontecimentos militares e políticos da sua gestão como presidente da Província. Concebeu um plano de operação militar que propunha procurar uma ação decisiva numa batalha na região do vale do Caí, baseada nos ensinamentos de Frederico da Prússia, que em seu livro *O tratado da Guerra*, que Saturnino citou com muita frequência, ensinou que o objetivo da guerra é buscar uma batalha decisiva sem fazer ações militares de

---

[65] Para Araujo (2008, p. 152), "É o documento a única fonte de verdade. Sem sua positividade seria impossível ao historiador rebater as falsas opiniões, até mesmo a sua, quando, em certas circunstancias, possa estar influenciado pelas disputas e preceitos. Por isso, a principal tarefa do IHGB era indubitavelmente a crítica documental. É por ela que essa nova figura do letrado-historiador pode reivindicar um controle da verdade e, assim o fazendo, se qualificar como servidor e guia do Estado […] e a verdade agora passa a se identificar com fato-documento".

[66] Sobre a escrita da história como exemplo, ver Koselleck (2006); Rüsen (2007).

menor impacto. Saturnino propôs, então, seu plano ao chefe das armas da Província, o general Manoel Jorge Rodrigues. Desse modo, a sequência de sua memória almeja fazer sua justificação política para a Corte da sua administração provincial, que não debelou os rebeldes.

Por toda a memória, apontou como algoz de seu plano decisivo o general Manoel Jorge, pois as morosidades logo começaram, desde os primeiros passos de sua execução. Escreveu várias vezes para o general sobre a importância de uma ação decisiva contra o inimigo, porém “o Sr. General queria *cercar o inimigo*”.[67]

Saturnino apontou os erros que frustraram o golpe fatal que ele queria dar na rebelião e que, se executado como imaginava, teria posto termo à Farroupilha. O senador Bernardo de Vasconcelos é mencionado no *Esboço*. Nesse momento de sua narração, procura justificar a sua administração provincial na Corte. O senador Vasconcelos, em discurso na tribuna, criticou o seu plano decisivo de ação.[68] Ao seu oponente político respondeu: “O Sr. Vasconcelos reconhecerá agora, da quanta importância era essa marcha por Caçapava, que, se fosse executada como foi projetada, podia só por si decidir da pacificação da província, sem mais derramamento de sangue”. (COUTINHO, 1986, p. 32).

O *Esboço* visa apresentar sua defesa política em relação aos ataques que sofreu nos jornais e no governo imperial, em relação à sua administração, que por fim era uma defesa dos áulicos. Dessa forma, na narração de sua memória, consoante a sua preocupação de se defender a si e seu grupo politicamente na Corte, o presente político invade-a para construí-la colocando toda culpa no comandante das armas:

> esta carta fez-me ver que o Sr. General não tinha um propósito firme de *procurar um engajamento decisivo* no plano de operações: que no que menos pensava era em aproveitar as suas forças, reunindo o maior número possível, que podia ser o dobro do inimigo, para procurar um combate; e que, se alguma ideia fixa tinha, era só a de não atacar o exército rebelde. Procurei mostrar-lhe a possibilidade e as vantagens deste ataque. (COUTINHO, 1986, p. 39).

---

[67] A memória de Saturnino contém, também, tabelas e citações de outros livros que dão suporte às suas análises militares. A documentação que o autor usa no livro é toda de documentos oficiais do Estado.

[68] Em 1840, Vasconcelos, antes do advento da maioridade, ficou nove horas como ministro do governo. Vasconcelos nunca mais voltou para um ministério. Para Carvalho (1999, p. 30), “Provavelmente a razão tinha a ver com Aureliano Coutinho, presença dominante nos primeiros anos do Segundo Reinado e grande desafeto de Vasconcelos, com quem tivera sério atrito durante a regência”. Aureliano publicou um panfleto em 1835 contra Vasconcelos denominado “A impostura do Sr. Bernardo Pereira de Vasconcelos desmascarada”. Também “a oposição de Vasconcelos ao golpe da maioridade também não deve ter servido de recomendação perante o jovem monarca e seus áulicos”. (CARVALHO, 1999, p. 30). Vasconcelos apoiou o gabinete de Araújo Lima de 1848. A vitória do regresso fora total e Vasconcelos desempenhara papel importante no campo político e institucional. Para Carvalho, Vasconcelos foi admirado, temido e odiado, não deixou ninguém indiferente à sua passagem.

A sua memória histórica sobre tais acontecimentos é focada nas batalhas, nos principais personagens militares monarquistas e na tentativa da execução de seu plano. Sua memória seria, por um lado, fonte para quem for escrever a história; por outro, a régua com que se medirão o presente e o futuro, isto é, qual deveria ser atuação política mais correta sobre o conflito militar sulino, assinalando as falhas do "Sr. general" que, segundo o bacharel fluminense, "queria antes acabar partidas dispersas do que o grosso do exército inimigo […] queria antes, para acabar com os rebeldes, dar-lhes nos braços do que na cabeça". (COUTINHO, 1986, p. 40). A causa imperial estava em perigo, porém voltando a escrever com olhos presentemente voltados à Corte:

> a imprensa o tem absolvido de suas graves culpas como general, e procura assinalar causas diversas ao atraso dos negócios, quando só as deve procurar na falta […] de resolução e de energia do general em chefe do exército imperial, e na sua extrema velhice. (COUTINHO, 1986, p. 89).

Também atacou um artigo, escrito segundo ele por um defensor do general, no jornal *Mercantil* de Rio Grande, em que se comparou o general Manoel ao general romano Fábio, famoso por sua defesa de Roma contra Aníbal, assim, também critica este artigo, pois defendia "o sistema de expectativas do Sr. general, e atacando o meu e a mim". (COUTINHO, 1986, p. 90). Igualmente, faz outra crítica à imprensa que "Por estranha contradição, alguns jornais da corte que defenderam o sistema do Sr. Manoel Jorge, combatiam a ideia do cerco que me atribuíam". (COUTINHO, 1986, p. 90). Percebe-se que no *Esboço*, mais que elementos para se escrever a história, expõe-se a defesa de seu sistema de guerra, da sua administração e de uma disputa sobre com que grupo político se comandaria a centralização do Estado imperial.

Portanto, ele compreendeu, desde o início da sua presidência, que o general Manoel Jorge não podia dar conta daquela missão; contudo, sabia que no momento que dissesse isso ao governo, "um partido se levantaria a exigir-me provas". Foi indispensável que o general Manoel desse-as por si, por que "alguns descontentes na corte, que procuravam intrigar-me no Rio Grande, tinham chegado ao excesso de remeter aos chefes de cavalaria cópias de supostos ofícios meus reclamando a destituição e deportação para a corte de alguns desses chefes". (COUTINHO, 1986, p. 91).

A "causa da monarquia e da integridade do império" (COUTINHO, 1986, p. 91) exigia que Saturnino informasse ao governo das necessidades da Província, assim, pediu um novo general que o ajudasse. Contudo, na imprensa "eu fui censurado porque pedi a

substituição do general". (COUTINHO, 1986, p. 93). Novamente percebe-se o quanto este *Esboço* foi escrito para rebater as críticas político-administrativas que recebia na disputa entre as facções que rondavam o imperador.

Sabendo que o novo ministério imperial queria reunir no general Soares Andréa[69] (1781-1858) as autoridades civis e militares da Província, Saturnino resolveu demitir-se. Contudo, suas desavenças com o general Manoel não acabaram na Província. Saturnino relatou que, ao chegar à Corte, o general disse ao imperador "que a guerra estava acabada, que a província estava pacificada, que os rebeldes estavam reduzidos […] Eu, chegando dias depois, disse o contrário […] e pedi a pronta e imediata remessa de toda a força que houvesse disponível na Corte". (COUTINHO, 1986, p. 125).

O antepenúltimo capítulo do livro chama-se "Lições". Saturnino quer saber que lições o passado, neste caso sua primeira passagem pela presidência da província do Rio Grande de São Pedro, poderia dar ao presente e ao futuro (político da província). Para o jovem bacharel fluminense, como os republicanos sabiam levar ao ponto máximo a celeridade, era grande a desvantagem da legalidade que erigia em máxima a morosidade. A lição do passado era fazer o que ele tinha tentado fazer: o seu sistema de guerra de um combate decisivo.

Saturnino Coutinho voltou à Província, para a sua segunda presidência, em 17 de abril de 1841 e nela ficou até nove de novembro de 1842.[70] A segunda memória, referente à sua segunda passagem no comando da Província, é "sobre as causas concorrentes para a malogração das operações do Passo Fundo, em novembro e dezembro de 1840". (COUTINHO, 1986, p. 3). Esta segunda memória histórica, *Negócios do Rio Grande*, foi publicada em 1842 no Rio de Janeiro. O autor partiu da defesa que o general Pedro Labatut (1776-1849) fez ao conselho de guerra sobre as incriminações que lhe perpetrou o brigadeiro João Paulo (1788-1864). Como na primeira memória, também exige a exatidão empírica para o futuro historiador: "infelizmente para a exatidão da história, a exposição do Sr. Labatut vem confirmar esta crença e aumentar a ilusão. Ela contém mais um notável anacronismo, que a mesma exatidão histórica exige que seja corrigido". (COUTINHO, 1986, p. 3).

Como em sua primeira memória, também quer que a segunda seja fonte para que futuramente se escreva a história; igualmente, quer proceder de maneira que não favoreça a

[69] "O Sr. general Andréa, enquanto os rebeldes não começarão movimentos ofensivos, conservou o exército no mesmo estado, nas mesmas posições em que recebeu do seu antecessor. Na sua ordem do dia de entrada, o Sr. Andréa preferiu solenemente a sua *sentença condenatória* das minhas opiniões sobre as operações, *prometendo que em tudo e por tudo seguiria os planos do Sr. Manoel Jorge*. (COUTINHO, 1986, p. 125-126).

[70] Saturnino Coutinho deixara pela primeira vez a presidência da província um mês antes do golpe da maioridade e assumira a presidência pela segunda vez oito meses após a maioridade de D. Pedro II.

nenhuma pessoa. De novo, documenta fartamente esta memória com papéis oficiais e do mesmo modo entra na disputa entre facções políticas:

> Destas defesas e memórias tiram-se elementos com que para o futuro se escreva a história, e, contribuindo com elementos que tenho ao meu alcance, eu não quero fazer mais favor ou carga a este do que aquele; apareça cada um no lugar que devidamente lhe compete. Em aditamento à defesa do Sr. Labatut, farei a narração destas desgraçadas operações de cima da Serra, confirmando-a com os documentos oficiais que tenho coligido. Necessariamente serei difuso e minucioso nas observações que tenho a fazer, para que o público possa formar seu juízo com todo o conhecimento de causa, não só sobre os concorrentes para a malogração desse plano, como sobre ele mesmo. (COUTINHO, 1986, p. 4).

Por fim, terminou sua segunda memória com uma reflexão sobre seu modo de escrever os fatos:

> Aqueles que tem ridicularizado o Bosquejo Histórico poderão fazer o mesmo a este suplemento, mas com isso não destruirão as convicções que produzem narrações históricas, fundadas em documentos oficiais, cuja veracidade se não contesta; em quanto não mostrarem a falsidade de tais documentos, seus ditos de mofa não poderão destruir as impressões que elas causam no público. O Bosquejo Histórico contém uma ideia dominante – a necessidade de atacar e destruir de pronto o pequeno exército rebelde que estava seguro do lado de Viamão –; esta ideia que eu tanto sustentei, tenho-a justificado com o raciocínio e com os resultados do seu desprezo. Todos os que a desprezaram por diversos princípios não podem simpatizar com estas narrações; […] mal pensava que dizia uma verdade, que toda a província reconhece com o exército que estava possuído daquela mesma ideia dominante no Bosquejo! […] Se não tenho justificado a minha opinião, refutem-na. (COUTINHO, 1986, p. 23).

Saturnino usou o *Esboço* e também *Negócios do Rio Grande* para sua defesa e da facção política a que representava. Mostrou com isso o seu entendimento do passado, que fornece lições ao presente. Além disso, ofereceu essas memórias, documentadas (documentos do Estado e jornais), para que sejam fontes para futuros historiadores. Igualmente, a intriga narrativa do *Esboço* e em *Negócios do Rio Grande*, que organiza a ligação dos fatos, são as divergências entre o seu sistema de guerra com o do General Manoel e o do presidente-general Andréa. Porém a intriga é também política. É a disputa entre grupos pelo comando do Estado Imperial. Toda a sua narrativa se concentra nos episódios militares, batalhas, escaramuças políticas, entre militares monarquistas e os líderes rebeldes e sobre seus sistemas de guerras e a política imperial. O controle que se reinventava no século XIX faz-se presente nesses elementos, pois trata-se de uma defesa de suas escolhas militares e políticas que indiretamente protege os outros áulicos.

Vem a lume em 1846, um ano após o fim da sedição de 35, o livro *Reflexões sobre o Generalato do Conde de Caxias*. Esta memória nasceu sem autoria. Trazia escrito no lugar do

nome do autor apenas o dizer: “Por um Rio-Grandense”. Somente cem anos depois descobriu-se quem fora o seu verdadeiro autor. Quem fez a descoberta foi Eugênio Vilhena de Morais, membro do IHGB, em 1946 nas páginas do *Jornal do Comércio*.[71] A autoria era de Antônio Manuel Correia da Câmara. Isso explica muitos dos motivos de à época a memória ter saído sem autoria. A semelhança de Bento Manuel, Câmara esteve dos dois lados, farroupilha e imperial, durante a guerra.

Câmara nasceu em Rio Pardo em 1783. Aos dezesseis anos foi para o Rio de Janeiro estudar no colégio São José. Em 1800, apresentou-se como voluntário para combater nas Índias, assim como fizera seu pai. Em 1804, voltou para Lisboa, sendo promovido a tenente. Quatro anos depois matriculou-se na Academia Real da Marinha, da qual solicitou trancamento de matrícula para não prestar serviços aos franceses por ocasião da invasão de Junot. Por ocasião da reação lusitana (1808-1810), ferido e feito prisioneiro de guerra, foi levado para a França, sendo obrigado a servir no exército francês entre 1812 e 1814. De 1815 a 1818, viajou pela Europa.[72] Em 1820, retorna a Porto Alegre. Dois anos após é preso junto com Manuel Marques de Souza e Antero de Ferreira Brito, por estarem implicados no movimento revolucionário em prol da emancipação em relação a Portugal.

Em 1824, foi comandante do Forte de Coimbra em Mato Grosso. Segundo seu biógrafo, Câmara tinha uma vida de solteirão impenitente. No mesmo ano foi cônsul no Paraguai e em Montevidéu. Em 1831, voltou a Porto Alegre. Não se sabe ao certo o ano em que aderiu aos farroupilhas, mas seu biógrafo sugere que foi em 1839. Foi ministro plenipotenciário dos Farrapos junto a Argentina, Uruguai e Paraguai, regressando em 1840 a Rio Pardo. Em 1842, foi eleito como suplente para a Constituinte Farroupilha e no ano seguinte passou a desempenhar a missão de agente diplomático dos legalistas junto a Oribe.[73] A 12 de setembro de 1845, Caxias incumbiu-lhe de organizar o serviço de estatísticas da Província. Câmara faleceu às seis horas do dia primeiro de julho de 1849.

Não estão totalmente claras as circunstâncias que fizeram tanto Câmara apoiar os farroupilhas como aderir aos imperiais. Portanto,

> Sua adesão à República Rio-Grandense é, de algum modo surpreendente, porque sua família era ligada aos imperiais, e ele próprio possuía convicções monarquistas.

---

[71] Na revista do IHGB, em 1970, Walter Spalding escreve o artigo “Correção necessária”, em que esclarece em artigo anterior errara ao atribuir o livro, como fizera também Rego Monteiro (1938) ao prefaciar a segunda edição do *Reflexões* em 1938, ao tenente coronel Casimiro José de Câmara e Sá. José Honório Rodrigues em *Teoria da História do Brasil* em 1949 já afirmava, baseado em Vilhena, a autoria a Câmara.

[72] A biografia utilizada sobre Câmara está em Câmara (1964).

[73] Para Spalding (1970), Câmara (1964) e Morais (1946), Antônio Câmara foi emissário junto a Manuel Oribe. Para Franco (2003), foi emissário junto a Frutuoso Rivera.

> Porém, o espírito de aventura e o desejo de se tornar a cabeça pensante da insurreição talvez expliquem sua ativa colaboração, que seguramente antecede o lançamento do jornal O Povo e o manifesto de Bento Gonçalves de 29/08/1838. Na redação desse documento ele teve comprovada participação, sendo alvo de queixas do italiano Luigi Rossetti em carta ao seu compatriota Cuneo, pois à orientação republicana e radical de Rossetti se opunha o espírito conservador do “velho” Câmara, assim chamado por causa de seus 55 anos. Um e outro disputavam a liderança intelectual no movimento. Frustrado como embaixador da República junto ao Paraguai e ficando em modesta suplência como deputado a Constituinte de Alegrete, Câmara terminará por abandonar os farrapos. (FRANCO, 2003, p. 16).

Câmara abandonara sua família, amigos e história monárquica pelos farroupilhas e quando o barco dos farroupilhas começara a afundar ele voltou aos legalistas como protegido de Caxias. Não deveria ter ficado de boas relações com os legalistas de primeira hora e muito menos com os farroupilhas. Assim, creio não colocou o *Reflexões* sob sua autoria, por ser um tema de história recente e por ele pessoalmente ter uma história pessoal conturbada nos dois lados do conflito.[74]

Por fim, encarregado por Caxias de organizar a Repartição de Estatísticas da Província: “Pedia em carta ao seu protetor oculto […] além de certas regalias o provimento de determinado lugar […] É que surgiam de novo os apuros financeiros e voltavam a aperreá-lo as exigências dos credores cada vez mais alarmados”. (MORAIS, 1946, p. 5). Portanto, como Saturnino, Câmara também defendia sua facção, pois era seu suporte social e político.

Sua memória histórica narrou, especificamente, os feitos militares do novo Hochê (Caxias) na sedição de 1835. Não seria a força bruta, para o autor, o que conseguiria os resultados, mas, ao contrário, acalmar o vulcão revolucionário sem guiar-se pelos conselhos pérfidos de quem queria a continuação da guerra. Convinha ao general nunca tornar-se severo em extremo. Pois homens superiores como Caxias “que estão colocados em posição subida não devem partilhar das paixões do vulgo”. (CÂMARA, 1938, p. 11). Contudo, é errôneo supor que o povo é estúpido e também, para Câmara, há no homem uma tendência natural ao bem. Além disso, para compreender-se a história se deve observar os modelos da antiguidade e o modelo dos grandes monarcas de todos os tempos. Observa-se então que sua modalidade

---

[74] Enfim, no *Jornal do Comércio* no dia 8 de setembro de 1946, Eugênio de Morais apresentava a “paternidade” do *Reflexões*. Para Morais, “Urgia, pois, confrontar, atentamente, com a ‘correspondência Turca’ as ‘Reflexões sobre o generalato’”. Isto na visão dele “Era o momento decisivo!...” e “O aspecto gráfico, porém, não deixava dúvidas” e seguindo em suas pesquisas: “Somente um cego deixaria de reconhecer aí no autor da ‘Correspondência Turca’, o próprio e idêntico, até então misterioso *Akakia*, isto é amplificando a igualdade, Antonio Manoel Correia da Câmara. O mesmo estilo, ainda o mesmo temperamento”. (MORAIS, 1946, p. 5). Finalmente, *quod erat demonstrandum*. Também haveria semelhanças “existentes entre os autógrafos da correspondência do Jornal e o texto das “Reflexões”. Contudo, “Em 183... cedendo aos impulsos de um temperamento agitado e incontestável bandeia-se com os farrapos”. Porém, notou Morais: “Desgostoso, mais tarde, passa-se, como vimos, aos legais aceitando a missão de que o incumbiu Caxias […] Batidos os rebeldes, acolhe-se a boa sombra do pacificador, cuja política passa a defender, pelas colunas dos jornais, fazendo lhe em seguida a franca apologia nas páginas das ‘Reflexões’”. (MORAIS, 1946, p. 5).

de história em sua memória histórica é a história *magistra vitae*. Câmara (1938, p. 11) compreende que mesmo a distância dos séculos não permitiu a "incorruptível história de transmitir fielmente as suas gloriosas ações as gerações futuras: e nós os vemos hoje, quais eles realmente foram". Nesta compreensão da história de Câmara percebe-se que o passado incorruptível dá exemplos ao presente.

O exército imperial parecia pertencer às épocas da infância da guerra, do generalato de Eliziario ao do conde de Rio Pardo. Também, os diferentes ministérios do governo imperial, durante a "enfadonha revolução do Rio Grande", contribuíram para neutralizar os recursos do exército. E muitos generais, igualmente, são responsáveis pelas adversidades do Império. O sistema do governo imperial era o de substituir generais entre si e, segundo o autor, pelo fato deles terem carta branca da Corte, "não estavam subordinados a nenhum plano, faziam o que queriam [...] Daí provieram as irresoluções, as perplexidades, a prolongação de uma luta desastrosa". (CÂMARA, 1938, p. 14). Neste momento de sua narrativa, faz uma reflexão sobre sua escrita: "não é o espírito de vingança ou de parcialidade, quem nos dirige; mas, sim, o desejo de apresentar, com as suas verdadeiras cores, as faltas [...] que passamos a descrever a analisar!". (CÂMARA, 1938, p. 17).

Como as outras memórias, quer escrever o passado de uma maneira que sua subjetividade não interfira em sua análise e as verdadeiras cores da história ressurjam. Escreve Câmara que Caxias ofuscou a todos os generais anteriores que tentaram terminar a Farroupilha, com seu sistema militar tão fértil. Apologista de Caxias, Câmara justificou sua política, e sistema de guerra na "Revolução do Rio Grande" acreditando que é

> tempo, enfim, que elevemos a sua glória ao apogeu: pois dela nos resultaram grandes bens, pela pacificação da nossa província! [...] Nós não fazemos mais do que tributar, no altar da justiça, merecidos louvores a quem de louvores é digno! Os fatos só de per si bastam; eles não precisam nem de adornos, e nem de lisonja, e mostram aos mais míopes ou incrédulos, que, o que outros generais apenas conceberam, Caxias executou e obteve!! [...] De hoje em diante sem êmulos, ninguém ousará disputar-lhe a palma do merecimento [...] qual bronze, que ao tempo resista. (CÂMARA, 1938, p. 25).

Quando o governo nomeou Caxias, não o subordinou a um plano de campanha, recebeu ele carta branca semelhante a seus antecessores. Mas Caxias não precisava, diferentemente de seus antecessores, de nenhuma instrução para fazer guerra. Para Câmara (1938, p. 26-27),

> O sistema era muito melindroso, por ser justamente o inverso daquele seguido por outros generais. Era necessário apresentar à presunçosa rebelião, em uma mão, o

> ferro pronto a descarregar o golpe, e na outra o ramo de Oliveira. Porém o difícil consistia na maneira de o fazer […] era necessário não tocar os extremos […] um justo meio, ou equilíbrio.

Razões militares e políticas sustentavam esse sistema. A razão militar era devida a que, em 1843, Manuel Oribe e Fructuoso Rivera encontravam-se em luta,[75] motivo pelo qual “não devia a rebelião contar com mais nenhum recurso do Estado vizinho”. (CÂMARA, 1938, p. 39). A razão política era mais valiosa que a militar. O político, acreditava o autor, era quem mais influenciaria a pacificação, porque nas guerras civis a moderação é mais eficaz que a força. Para o autor, foi importante ter convencido as pessoas do campo, homens ignorantes, pois dependia deles a duração da luta. As armas políticas, então, contribuíram mais que as baionetas dos “nossos” infantes para a pacificação. Foi por meio da política e o “auxílio da fortuna” o modo “com que foram vencidos os rebeldes do Rio Grande”. (CÂMARA, 1938, p. 42). E para obter essa pacificação por meio político só Caxias, um homem de gênio, um homem extraordinário.

O autor pouco analisa socialmente a “enfadonha revolução”. Sua narrativa é basicamente militar. Contudo, escreveu uma pequena passagem afirmando que as causas “que sublevaram a província do Rio Grande […] não apresentaram os menores laivos de justiça ou razão”. (CÂMARA, 1938, p. 44). Quanto ao sistema de Caxias, afirmou que a moderação é tão eficaz como a água nos incêndios. O general não dificultou as anistias. E o autor faz uma crítica à política militar dos antecessores do general:

> E vós, ó generais, que por tanto tempo, e tal mal dirigistes a administração, e campanha de nossa província durante a sua prolongada revolução, se são susceptíveis de correção, volvei ao Rio Grande, e aprendei com o Herói Pacificador a ter prudência, moderação, humanidade, grandeza d’alma, e também a desprezar as vaidades humanas! (CÂMARA, 1938, p. 45).

Câmara volta a defender que a moderação foi o sucesso de Caxias. E, dirigindo-se aos críticos do sistema de Caxias, sentencia:

> […] a moderação do Conde Caxias era apreciada por todas as pessoas sensatas, e que sinceramente desejavam a terminação da guerra, era todavia censurada por muitos do nossos puritanos, que queriam que Caxias, como Sila, ou Mario, proscrevesse em massa aos rio-grandenses rebeldes. (CÂMARA, 1938, p. 46).

---

[75] Para Câmara (1938, p. 38-39), “Ha seguramente 30 anos, que as repúblicas Sul-Americanas se conservam em guerra civil; não pela primazia, ou preeminência, que quer ter este ou aquele caudilho na gerencia dos negócios públicos. Estes Estados verdadeiras hierarquias militares não têm de república senão o nome: a força, a audácia, e a fortuna de um chefe ambicioso é quem os governa, e hoje não são mais do que o ludíbrio e escárnio do mundo civilizado”.

O *Reflexões* foi, deste modo, uma justificativa dos procedimentos de Caxias para terminar com Revolução do Rio Grande. A memória não é uma simples defesa de Caxias. Ea vai além, torna-o mais que um simples homem:

> Antes da marcha do exército, tinha-se feito visível o Cometa de 1843, que os nossos soldados batizaram com o nome de – ESTRELA CAXIAS. A cauda apontava para o município de Alegrete (ocupado então pela rebelião). As tropas tomaram de bom grado a presença deste astro, como precursor infalível da queda dos rebeldes, e tiveram que o Deus dos exércitos o fizera aparecer para inspirar-lhes a confiança nas disposições do seu novo general, considerando-o um seguro garantidor da vitória. (CÂMARA, 1938, p. 49).

O autor, logo após, faz uma reflexão sobre sua escrita. Aborda que seu pequeno folheto dispensa de continuar com o detalhe das operações que são estranhos à finalidade do livro, que é a pacificação. Afirmou que não pode empreender esta tarefa, a de fazer uma narração detalhada das operações. Entendeu que são "omissões indesculpáveis de quem escreve a historia". (CÂMARA, 1938, p. 75). Espera que penas mais hábeis façam este trabalho. Entretanto, quer pontuar as causas que concorreram para a pacificação. Mas, além das causas, também quer com este livro defender política e militarmente Caxias das críticas que "fizeram vários militares aos sistemas de guerra adotados pelo Conde Caxias". (CÂMARA, 1938, p. 68).[76] Para o autor, no fim de 1843 a rebelião estava moribunda. Seus chefes estavam sem energia e a deserção ocorria em massa nas tropas republicanas. A Província encontrava-se em extrema penúria. Isto era "o fruto e a consequência infalível das revoluções" (CÂMARA, 1938, p. 91) em que, segundo o autor, astutos demagogos fomentaram um governo inábil e ambicioso, contudo, pouco a pouco ganhava espaço a causa da legalidade e o fim da anarquia.

Apesar de o autor procurar as causas da pacificação, ele não deixou de fazer a narrativa de "certas particularidades, que serviram de motivo a empresas de grande monta" (CÂMARA, 1938, p. 108), pois as razões "careciam para que o leitor lhes desse o devido peso [...] [serem] desenvolvidas, comentadas e explicadas". (CÂMARA, 1938, p. 108). De tal modo, escrevendo o *Reflexões* percebeu que

> seria longa a narrativa circunstanciada de todos esses sucessos; como ela é alheia do nosso objeto, sendo aliás preciso que omitamos muitos acontecimentos gloriosos [...] e deixando uma imensa lacuna entre os sucessos já descritos, e aqueles que precederam ao último triunfo obtido pela Legalidade, convidamos aos nossos

[76] General que assim não praticar "não passará de um mero charlatão". Ora, nota-se que a o sistema de Caxias, que é uma lição da história e da ciência militar, é oposto do sistema de guerra de Saturnino. Câmara em nenhum momento citou ou escreveu sobre Saturnino.

> profissionais, a quem não falecem os precisos meios para escrever a história, para que compulsando os arquivos militares […] não se poupem em legar à posteridade a descrição fiel, imparcial e valiosa das operações militares executadas pelo exército pacificador sob o comando do nobre Conde de Caxias. (CÂMARA, 1938, p. 111).

Sua memória exprime a necessidade de contar a história, mas qual história? A dos fatos militares, narrativas particulares e localizadas. Essa narrativa histórica ainda estaria por fazer-se. E finalizando sua narrativa em que o estandarte tricolor foi batido pelo Imperial, em que a anarquia entregou-se ao Hochê brasileiro, Câmara mostrou toda sua veneração em relação a Caxias que, novamente, vai além de uma memória para futuro trabalho de historiadores escrevendo uma memória para a heroizição do general:

> O céu não se mostrou indiferente à terminação da encarniçada luta, que nos devorava, e inda por esta vez outro cometa foi visto, que cobria com a sua vasta e brilhante cauda uma extensão imensa do nosso hemisfério meridional, e que tão logo que cessaram de parte a parte as hostilidades, desapareceu dos nossos olhos, deixando-os em paz, e congraçados. Alguém houve que notou na aparição dos dois cometas uma coincidência bem rara! Vimos o primeiro em fins de Fevereiro de 1843 (abertura da campanha) e o segundo em fins de Fevereiro de 1845 (quando ela terminava). Também dessa vez atribuiu o povo à ESTRELLA CAXIAS o brilhante e magnífico desfecho de uma luta até ali tão desastrada. (CÂMARA, 1938, p. 121).

A memória de Câmara é uma justificação do sistema de guerra de Caxias. Ela foi basicamente uma justificativa das ações políticas do general e se concentrou em episódios militares. Tem um só grande personagem em que toda a história converge: o Conde de Caxias. Em relação às outras memórias, trabalha com menos documentação. Com muita frequência, comparou Caxias com militares do passado, como se Caxias estivesse justificado por imitá-los. Nessa perspectiva de Câmara, o passado produz lições ao presente e ao futuro. No caso específico de sua memória, são lições de caráter político-militar. Enfim, a intriga que produziu sentido é a justificação do sistema de guerra de Caxias, moderação política, usado para a pacificação da Província na Revolução do Rio Grande. Todas as marchas, contramarchas, batalhas, anistias, personagens anarquistas ou imperiais ganham sentido nessa memória histórica porque mostraram a história do sistema de guerra de Caxias. Por fim, o imaginário sobre a Farroupilha na construção da ordem vai se aperfeiçoando. Encontra seu primeiro herói, seu primeiro grande personagem na obra coletiva de construção da nação.

Um elemento une as três memórias analisadas. Por que elas não respeitaram o critério do IHGB de não se escrever sobre o passado imediato? Por que elas preferiram despertar as paixões? Saturnino e Câmara escreveram sobre um perigoso passado imediato. Mas, conforme analisou Araujo (2008, p. 152),

> A partir dessas novas exigências, e dessa figura do historiador-sacerdote, o afastamento temporal ganha uma produtividade que não possuía até então. Se permanece a figura do tempo como um devorador de documentos e memórias, ele também passa a ser reivindicado como antídoto para as paixões e os interesses. Quanto mais distante a questão, mais facilmente o historiador pode atingir a imparcialidade e perspectiva correta, ou seja, aquela que o permitia "senta[r] sobre a tumba do tempo".

Parece-me que uma resposta à questão de se escrever a história imediata do Brasil Império, quando não era para se escrever a história imediata, pode ter como uma possível resposta que a finalidade das três memórias, antes de serem históricas, era a de serem políticas. As memórias de Saturnino eram para defender-se a si mesmo e a facção áulica e a de Câmara de defender e responder às críticas a Caxias. Os dois autores, para a época, não se distanciaram da paixão, ao contrário, entraram em seu torvelinho. Câmara parece ter tido mais consciência disso ou, o mais provável, a situação pessoal e social em que se encontrava após a Farroupilha, inimizades de ambos os lados, apenas a proteção de Caxias, o levaram a publicar sua memória sem autoria. Saturnino, tendo ou não consciência historiográfica, foi para a luta política aberta.

O romance, um ano após a publicação do livro de Câmara, usou a Farroupilha como matéria de sua narrativa. A estética romântica do período foi a via pela qual se constituiu em texto a Farroupilha. Também, como a nascente historiografia em forma de memória histórica, o conflito sulino de 1835 foi enquadrado no processo de construção da ordem da jovem nação brasileira, mostrando um passado, às vezes, diferente das memórias históricas, mas dentro do mesmo controle do imaginário. O romance fez-se de maneira a descrever paisagens e hábitos locais, contribuindo para a cor local[77] da Província de Rio Grande ser conhecida no Império inteiro. A matéria do romance estava quente ainda quando Caldre e Fião escreveu sua narrativa. O romance trouxe outros personagens, outras paisagens e outros tempos que os das memórias históricas. "A maldição de Caxias", no romance, também foi rompida, mas articulando-se aos interesses do Império. As dissensões internas foram relembradas, mas com o objetivo de não serem mais repetidas.

José Antonio do Valle (Caldre e Fião somente depois incorporaria ao nome) nasceu em Porto Alegre em 1821. Aos 13 anos começou a trabalhar em uma farmácia na capital sulina. Aos dezesseis, foi admitido como auxiliar de botica na Santa Casa de Misericórdia também na Capital. Aos 22 anos foi para a o Rio de Janeiro ainda nos tempos da Farroupilha. Exerceu o magistério em escola particular na Capital do Império. Não saiu do Estado natal

[77] Sobre o entendimento do conceito de cor local no século XIX, ver Cezar (2004b).

por questões políticas, mas para formar-se em medicina no Rio de Janeiro, dedicando-se aos estudos de homeopatia.

Também na Corte desempenhou as atividades de jornalista e professor. Ainda no Rio de Janeiro fundou o jornal *O Filantropo* em cujas páginas defendeu o fim da escravidão[78] e que lhe valeu inúmeras perseguições. Além disso, foi um dos fundadores, em 1850, da Sociedade contra o Tráfico de Escravos. Em 1852, retornou para Porto Alegre, sendo eleito à Assembleia Provincial em muitas legislaturas. Pertenceu ao Partido Liberal, quando este se cindiu aderiu à chamada ala progressista. Na área das letras, foi membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro (IHGPSP) em 1860.[79] Em 1868, foi nomeado o primeiro presidente da sociedade literária Partenon Literário, que congregava a nova geração de intelectuais rio-grandenses.

Os anos passados na Corte foram de intensa atividade pública e produção intelectual. Foi professor, dono de jornal, publicou dois romances, guias homeopáticos e intensa atividade abolicionista, mas também "a fidelidade ao regime monárquico temperava seu liberalismo político […] Caldre e Fião empenhava-se em cumprir um papel de homem público e construir as instituições sociais e políticas do império". (LAZZARI, 2004, p. 53). Portanto, merece ênfase nesta pequena biografia de Caldre Fião o fato de que ele se formou intelectualmente e como homem público na Capital do Império e esses elementos são importantes para interpretar seus romances.

O primeiro romance que narrou a Farroupilha foi de autoria de Caldre e Fião: *A divina pastora*, de 1847. O livro é o segundo romance na história da literatura brasileira. No entanto, a primeira edição do livro desapareceu, tornando a obra um enigma na história da literatura. O livro teria sido tirado de circulação por retaliação de um traficante de escravos desafeto de Caldre e Fião. Após 145 anos de procura, por fim em 1992 o livro foi encontrado em Montevidéu. Apesar de ser um livro que ficou tanto tempo sumido e que não chegou a criar, após sua publicação, uma tradição de escrita regional, como *O gaúcho*, é importante para a tese, pois foi o primeiro romance que narrou a Farroupilha. Além disso, Caldre e Fião pode estender sua influência nas letras rio-grandense, pois tanto participou do IHGPSP quanto do Partenon Literário.

---

[78] A temática da escravidão foge ao escopo da tese, mas para uma análise do tema nos dois romances de Caldre e Fião, ver Tomasi (2007).

[79] Sobre o IHGPSP, ver Boeira (2009), capítulo "O Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro e a missão de historiar".

A paisagem do romance é a vila de São Leopoldo, a cidade de Porto Alegre, Viamão, o Passo da Cavalhada e Belém Velho.[80] Isso é a marca do romance brasileiro que, na época, estaria comprometido na identificação e nomeação do espaço circundante, fazendo do romance uma ferramenta para o conhecimento da jovem nação.[81] O romance está centrado em Edélia (a divina pastora) e seu primo Almênio. Entretanto, após a recusa de Edélia em casar-se com ele por ser farroupilha, e, também, pelas vilanias amorosas de Francisco,[82] Almênio casou-se com Clarinda (jovem imigrante alemã). O livro é composto em uma narrativa moralista, em que os exemplos de condutas atravessam a atuação dos personagens. Nisso o romance de Caldre e Fião se aproximou das memórias históricas, isto é, fornece lições de conduta, exemplos, para o leitor.[83]

Para o narrador, "Estava reservado ao século 19º o desenvolvimento das ideias liberais". (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 27). Ideias geradas na alma do homem contra a Idade Média. O Brasil, por estas ideias, quebrou o jugo de Portugal e começou realizar suas disposições. Contudo, excessos aparecem nas requeridas reformas e em diferentes pontos do Império levando os homens ao fanatismo político:

> Desde 1818 uma fermentação de ideais se preparava, em clubes diversos, na província do Rio Grande do Sul, até que uma explosão espantosa teve lugar em 20 de setembro de 1835, presidindo então os negócios governativos da província o Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga. (CLADRE E FIÃO, 1992, p. 27).

Ao grito de liberdade, o rio-grandense desembainhou a espada, outrora muito usada no Uruguai e "correu ao encontro do suposto tirano que lhe assinalavam". (CALDRE E FIÃO, 1992, 27). Ao citar o Uruguai, o autor relacionou a importância do espaço platino para a história da Província. Almênio, soldado republicano, neste momento entra na narrativa. Este ponto na intriga do romance é importante porquanto foi o apoio de Almênio à "explosão espantosa em 20 de setembro" que acendeu a aversão de sua prima Edélia e a repulsa ao possível casamento com ele. Este é um recurso narrativo para demarcar a interpretação dos fatos. A explosão espantosa foi narrada como sinonímia da desordem, uma energia negativa, desestabilizadora da composição social e familiar, pois, conforme o narrador observou no

---

[80] Conforme notou Chaves (1992, p. 9), "Embora pertencesse à primeira geração 'romântica', Caldre e Fião não renunciou à atitude *realista* quando tratou de configurar o Rio Grande do Sul e sua capital, oferecendo aos círculos intelectuais da corte imperial um cenário até aí absolutamente desconhecido na literatura brasileira".

[81] Os escritores românticos saíram em busca das paisagens, "no esforço para desenhar de maneira indelével a identidade nacional". (CHAVES, 1992, p. 10).

[82] Rival de Almênio pelo amor de Edélia.

[83] "Aqui interessa menos o aprofundamento psicológico dos caracteres, exigindo longas digressões, e muito mais a sucessão vertiginosa dos acontecimentos; menos a densidade metafísica do conjunto e mais o caráter 'exemplar' que cada um dos episódios virtualmente contenha". (CHAVES, 1992, p. 10-11).

início, não era algo reservado ao homem bom. Tanto que no final do romance, convencido da ilegitimidade do 20 de Setembro, Almênio passou ao exército imperial, ajuizando sobre a imoralidade do ato político-militar que tomou. Contudo, ainda anterior a isso, no início do romance

> Almênio, jovem de 23 anos, no ardor das paixões violentas, filho de abastados pais, julgou cumprir um dever, apresentando-se no campo da batalha em defesa dos sagrados ideias da liberdade, e no calor do prélio fazer provar aos que julgava inimigo o fio da sua espada. Inflamado pelo ardor marcial esquecera a casa paterna; e a benção dos céus que de seus maiores recebia, sagrado talismã, de há muito não recaía sobre sua cabeça. (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 27-28).

Sob o comando das paixões violentas, Almênio era como o barco que naufraga no baixio, pois ele teria a vida do homem mau enquanto estivesse lutando pelas ideias liberais. Mas havia algo moralmente ainda mais grave: "Ele tinha desobedecido. Seus pais, amestrados na escola do mundo, tinham reprovado uma reforma que julgavam desnecessária em um país que apenas começava a fruir o resultado da aplicação de uma constituição liberal". (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 28).

Almênio e o imigrante alemão Hendrichs iniciam um diálogo sobre a revolução. O imigrante lhe falou do embate das paixões quando há revolução. Esta seria sempre o resultado de intestinas guerras, flagelo imenso de todos os povos, que rompem o laço da fraternidade humana. Almênio respondeu que muita dor sofreu por causa da guerra. E o imigrante lhe sugeriu que ele poderia remediar tudo. A partir dessa sugestão respondeu Almênio: "Eu sempre gostei de conservar em meu coração o plácido deleite que se gera na ausência de tumultuosas paixões, mas excitado pelo amor da pátria tenho-me constituído réu de lesa paternidade, desprezando os conselhos em que fui alimentado desde a infância". (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 34).

Antes de deixar Hendrichs e sua filha Clarinda (com quem se casara no fim do romance), Almênio afirma: "Tenho de cumprir projetos formados pela desesperação de minha alma [...] Arreneguei minha vida política e quero reparar os males que hei feito". (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 35). Após conversar com o imigrante alemão, Almênio renuncia "a explosão espantosa em 20 de setembro" e quer reparar os males que causou.[84] Então, o controle é acionado, arrependendo-se quis voltar à ordem (Imperial), à família e à ideia de Deus que seus pais o ensinaram.

[84] Ao ser convencido após sua guerra interna, advinda das paixões sobre ser ou não republicano pelo imigrante alemão, percebe-se que o personagem alemão traz na narrativa de Caldre e Fião um fator de regeneração e progresso. Ver Lazzari (2004).

Almênio encontrava-se em Viamão, apeia em um cemitério improvisado dos republicanos. Sentia-se com o coração aliviado e passou em revista a sua vida:

> Quanto devo a meus pais que insuflaram em meu coração o amor da virtude quando apenas entrava o limiar da existência! Em vão, ainda hoje, o bafejar do crime tem pretendido fascinar-me; imune conservado me tenho do pêgo voraz dos vícios e sinto o modicar da alma nessas impressões, que geram desconhecidas emoções. Mas o amor da *pátria*! Esse sentimento me era estranho, fez-me tantas maganguices, negaceando-me na órbita de minhas ações juvenis que arrastou-me ao lavacro do foco revolucionário e me deixou entregue à sua torrente ruidosa; desde então estabeleceu-se uma reação, partindo do sentido íntimo ou moral, que tem lutado com vigor as sensações externas causadas pelo prazer da guerra, dos desastres e da morte. Meus irmãos […] Por que não vos reunistes como um só homem para esmagar com mão de ferro aquele que ousou concitar-vos à guerra civil? […] prometo sacrificar minha vida à grandiosa obra da *pacificação da província*, para que a frondosa árvore da prosperidade espalhe numerosos e não exíguos ramos por todos os seus pontos. (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 37-38).

A reconversão do personagem Almênio à ideia da ordem é total. Ao recusar suas posições, Almênio compreendia que estar ao lado dos rebeldes era estar do lado do vício e do crime. E quando ele não tinha amor à pátria foi que esteve do lado dos revolucionários. Mas logo acendeu em seu peito o amor à pátria. Almênio passou-se para o lado imperial e convida a todos a terminarem com a guerra civil. Assim, os exemplos de bondade e ordem recuperam o personagem Almênio para o interior da paz e da pátria. Almênio muda de um polo ao outro da guerra ao longo da narrativa. Portanto, o personagem Almênio descobre os males da rebeldia política, moral e familiar e retorna ao *status quo* anterior.

Para o narrador, um dos motivos da espantosa explosão foi que “a gente baixa da *campanha* obedece cegamente ao chefe que a guia ao combate, sem importar-se com a cor política do *partido* que ele segue”. (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 40). Almênio abandonava a causa da República do Piratini, pois seus pais a reprovavam. Assim o narrador analisa a Farroupilha:

> Se eu pensar como filósofo não direi uma palavra; mas como Legalista direi: *que ele fazia muito bem*; e como Republicano: *que ele era um traidor, um passado*. Mas Almênio está de bom humor comigo; eu sou filósofo e não partidário das dissensões civis que dilaceram as entranhas de minha pátria. Julgai vós, leitores, o que quiserdes de seu procedimento. (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 42).

O narrador quer mostrar sua imparcialidade como filósofo. Contudo, acredita que dependendo do ponto de vista, poder-se-ia mudar a opinião sobre a revolução. Tal imparcialidade é um requisito da nascente historiografia. Todvia, ao colocar-se como filósofo, mesmo assim, posicionou-se contra as dissensões civis. Em *A divina pastora*, o narrador interpreta a Farroupilha como um acontecimento desagregador da vida moral e social e

contrário à nação em construção. Porém, para fornecer à sua narrativa um caráter descritivo, avisou que o julgamento dos fatos cabe ao leitor. Da revolução de 20 de setembro de 1835 que devastou os campos da Província, escreveu: “Não farei dela a história; direi em definitivo: a razão condena os *partidos* que em uma reunião social tendem a disseminar a desordem e com ela a desconfiança que destrói os laços da fraternidade”. (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 45).

Ao afirmar que não pretende fazer história da Farroupilha a partir de seu romance, direta ou indiretamente, o narrador acaba seguindo os pressupostos do IHGB. Contudo, em possibilidade, inicia uma problematização do veto a ficção, isto é, ao deslocar o seu romance da história, cria um espaço ficcional para poder inventar um mundo possível para além da memória do período. Porém o sentido da Farroupilha, em seu romance, acaba sendo o mesmo das memórias históricas do período. E seu moralismo, suas lições, indiretamente reatualizam o veto em seu romance. Um moralismo que é, em certa medida, construído a partir de uma noção de respeito a valores (cristãos) e ao passado (imperial). Em seu romance tanto os valores como a reconstrução do passado constroem um imaginário do Brasil imperial.

O romancista deu dois motivos para a tal explosão espantosa. Por um lado, o povo excitado por líderes brutos ambicionava do governo soluções que abrandassem os ânimos, todavia o povo aguardou inutilmente e a corrente da insatisfação cruzou sobre a reação dos políticos. Por outro lado, “alguns caudilhos antolhavam um futuro cheio de esperanças, de ouro e glória individual, e muito poucos o da verdadeira glória da Pátria”. (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 45). Para o narrador, os republicanos colocaram à frente do bem social o individualismo o que, em seu entendimento, sempre trouxera anomalias sociais. Iniciada a revolução, os republicanos tiveram que mantê-la e fizeram a sua independência sendo amparados, nesta guerra, pelos vizinhos platinos, a quem o narrador considerava ambiciosos e desleais.

Não pertencendo mais ao exército republicano, Almênio foi a Porto Alegre cortejar Edélia. Contudo, não foi bem recebido por sua prima, pois ela era contrária a revolução de 20 de setembro. No pequeno diálogo que mantiveram, o futuro amor dos dois tornou-se impossível, pois a Farroupilha interpôs-se entre os dois e impediu a sua união. Numa conversa rodeada pelo mate, assim Edélia falou ao primo:

> Homem iníquo! Eu te horrorizo e detesto teu hálito de desumana fera! Quando as gerações vindouras lerem os anais de nossa história encontrarão uma página de sangue e teu nome escrito em caracteres de infernal invenção. Teu crime parece desnaturar-se aos olhos da natureza. Eu não sou tua prima! […] Não posso perdoar crimes de lesa-pátria! (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 58).

Estar ao lado dos rebeldes, em *A divina pastora*, é estar do lado do crime que coloca sangue na história da nação e, além disso, um crime tão grave que a personagem Edélia rompe o laço afetivo e o futuro matrimônio com Almênio por causa de seu crime de lesa-pátria, ao qual ele participara como republicano. Contudo, Almênio (re)convertido à vida justa, a ordem imperial, respondeu: "Tendes razão, minha prima, disse ele. Folgo ter renunciado o título de *farroupilha*. Irreflexões me arrastaram e justamente sou réu no tribunal de vossas convicções". (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 60). Portanto, a Farroupilha, controlada textualmente, interditou um relacionamento amoroso. Política, guerra e relações afetivas se entrecruzam no romance. Neste momento do romance, o narrador reflete sobre sua escrita e como se explica o passado:

> Alguns historiadores têm querido que o clima só por si forme o Rio-Grandense tão austero em costumes, tão forte e constante nos combates, tão bom e fiel na sociedade e tão vingativo e implacável inimigo quando é ofendido, como ele é atualmente descrito por todos os estrangeiros que têm observado seus hábitos e seus usos e que têm atravessado as plagas que ele habita; *mas, quanto a mim, que já me considero com algumas propriedades e quesitos necessários ao historiador*, suponho dever atribuir-se muitas dessas coisas à sua alimentação e educação moral. (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 80-81).

Justificando suas afirmações históricas e a frugalidade do rio-grandense, o narrador usa como exemplo as lições da história antiga: "Pompeu, vendo os soldados de César sustentarem-se de raízes agrestes, dizia: *Eles são uns animais selvagens*; mas veio um tempo em que chegou a conhecer que eles eram verdadeiros *homens*" (CLADRE E FIÃO, 1992, p. 81). E desta passagem da história antiga retira a seguinte conclusão: "A primeira virtude é o desprezo a vida, a segunda a redução das necessidades dela". (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 81). E no presente quem segue essas lições da história são o rio-grandense: "Despidos de todo o luxo que enerva os membros de um Estado, o Rio-Grandense acha recursos imensos em sua frugalidade e costumes simples". (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 81).

História *magistra vitae* e um narrador de romances com propriedades de historiador se unem. Em *A divina pastora* não são só as lições da história antiga que acionam o veto à ficção, as lições da história cristã também. Para avançar a explicação em seu romance, a ficção deve-se fazer pela história. A história dos exemplos passados (não os historiadores) não deve ser questionada. Considerando-se um historiador, isto é, considerando-se com os mesmos atributos de um historiador, o narrador entendeu-se guarnecido para narrar a Farroupilha. Ficção fez-se lições de história, isto é, a história e suas possíveis causações

delimitaram o romance *A divina pastora*. O narrador observou que o clima e a geografia foram usados nas explicações dos historiadores como base do esclarecimento sobre os acontecimentos rio-grandenses. Contudo, o narrador do romance, igualmente historiador, propõe que também a alimentação e a moral são as bases da explicação.[85] E justificou tal assertiva com um exemplo da história antiga.

Chaves (1992, p. 16) acredita que "o romance de Caldre e Fião é essencialmente *romance histórico* […] mas no sentido talvez mais moderno da problematização da história à luz da ficção". Mas creio que seria o contrário, isto é, a história (antiga e cristã) controlando a ficção do romance. No caso d'*A divina pastora,* ao invés de a ficção problematizar a história, parece o caso de a história controlar a narração da ficção no romance no sentido de a história não apenas orientar uma cronologia da narração fatos, mas no sentido controlar o próprio sentido dos fatos do romance.

Enfim, "o ensanguentado dia 20 de setembro de 1835 em que a revolução começou os seus furores sob o mando do Coronel Bento Gonçalves da Silva". (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 174), dia em que irmãos e amigos se amaldiçoavam mutuamente, terminou por impedir de vingar os sentimentos dos primos. Dessa forma, a partir do imaginário imperial e no conflito interno da consciência cristã de Almênio e Edélia se desenvolveu o ensanguentado 20 de setembro. Ao fim, Almênio não conseguiu permanecer na desordem republicana que a consciência cristã desautorizava. E tal consciência moral o levou a defender o império e a jovem nação. Edélia, a própria consciência da nação contra crimes de lesa-pátria, é a virtude do Império. O imigrante Hendrichs, com exemplos e lições das revoluções passadas, mostrou o que, na visão do narrador, seria o melhor caminho a ser seguido politicamente: respeitar a ordem, a fé cristã e a unidade do Império. *A divina pastora* mostrou mais que guerras ou eventos militares. O texto criou uma representação sobre o ensanguentado 20 de setembro em que dilemas morais, exemplos, a pedagogia cristã do narrador e amores ceifados por escolhas políticas se desenvolveram no cotidiano dos personagens.

Quatro anos depois, Caldre e Fião lançou em 1851 o seu segundo romance: *O corsário*. Este livro, à semelhança do anterior, "também se eclipsou em prolongado sumiço". (REVERBEL, 1992. p. 238). Guilhermino César reencontra o livro em 1954. *O corsário* veio a lume em folhetins, no jornal *O Americano*, do Rio de Janeiro, a partir de janeiro de 1849. Em 1851, sairia a sua primeira edição em livro. *O corsário* tem como paisagem de sua

---

[85] No caso da explicação da Farroupilha, somente quarenta anos depois Assis Brasil, no segundo capítulo desta tese, usara a alimentação e a moral como explicação da revolução, mas diferentemente de Caldre e Fião, Assis Brasil escreveu envolto nas filosofias da história.

narrativa a vila de Tramandaí, São José do Norte, Pelotas, Viamão, Gravataí, Capivari, Itapuã, Tapes, Pedras Brancas, Bagé, Santo Antônio da Patrulha, Mostardas, São Francisco de Paula e Porto Alegre. Também, o ensanguentado dia 20 de setembro é o tempo de sua narrativa. Ademais, *O corsário* é narrado de forma diferente na comparação com *A divina pastora*, pois, se nesse romance suas opiniões eram explícitas, naquele o mesmo não ocorre.

O romance começa com uma descrição do ambiente. Este tipo de procedimento foi comum em muito dos romances românticos do século XIX. Tomou um acontecimento como o iniciador da intriga, que era corriqueiro nas praias sulinas, o naufrágio de barcos próximo de Tramandaí. Vanzini, que saíra fugido de Veneza,[86] naufraga em Tramandaí, sendo resgatado por Maria, filha de pescadores, que por ele se apaixona. Mas ele a engana. Vanzini era corsário desde as guerras cisplatinas e tinha um circuito de proteção em São José do Norte e adjacências, em particular com Matias. Maria, personagem virtuosa, foge com Vanzini e a família sai em perseguição a ambos. Quando Vanzini é finalmente desmascarado em suas intenções, Maria recupera sua virtude e vem a amar um honrado vaqueano, João Martinho. O romance centra-se no triângulo amoroso entre os personagens Maria, João Martinho, vaqueano, e o italiano Vanzini, o corsário.

O romance narra a história dos moradores do litoral, o seu cotidiano e a subsistência que dependia de uma intrincada relação econômica com corsários e política com os revolucionários. A família de Filipe, pai de Maria, morava em Tramandaí e sobrevivia dos despojos de navios naufragados em Tramandaí. Além disso, Filipe comandava esse negócio e em sua habitação moravam seus empregados, entre eles, João Martinho. Matias, pai de Manoelzinho, foi o mais importante contrabandista em São José do Norte.[87] Era ele que tinha os contatos econômicos e políticos com os corsários e os revolucionários. As duas famílias, a de Filipe e Matias, eram amigas e tinham negócios conjuntos.

Filipe envia uma carta para Matias, em que conta que está apoiando uma sociedade política que se estabelecera em Porto Alegre, sob o comando de um velho general do Estado Oriental, e que tem por fim "um pacto com alguns de nossos patrícios, a bem de formar-se uma federação entre esta província e aquele Estado". (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 61). Na carta, Filipe pede que Matias participe deste plano. Matias lê a carta e dá um grito:

---

[86] Vanzini vem à América para fugir de uma vingança, pois estava jurado de morte por uma família aristocrata veneziana. Vanzini seduziu e desonrou Anita Pompilii, que comete suicídio. Seu irmão, Giacopo Pompilli, que quando chegou a Tramandaí virou um agregado de Matias, veio atrás para matá-lo em vingança à desonra.

[87] Sobre o contrabando em *O corsário*, ver Tomasi (2007, p. 75-77).

> Uma revolução! […] é um manancial de riquezas para os contrabanditas e para todos aqueles que sabem aproveitar-se da perturbação e da desordem das famílias. Quanto dinheiro emprestado a troco de hipotecas de bens, cujo valor sobe às vezes a dois mil por cento!... Quantos contratos com o governo, quantas conveniências particulares, e quantas com os agentes das administrações militares!... Oh! Tudo isto são lucros incalculáveis; são lucros que podem tornar-me o mais rico dos homens, que podem aumentar a minha consideração social a ponto que todos dependam de mim, e que sem mim não possam viver. (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 61).

A Farroupilha novamente encontra em um romance de Caldre e Fião o sentido da desordem social e familiar, em que a vantagem individual e o lucro fácil e manipulador adquirem o sentido do que seria a Farroupilha. Não haveria ideais por que lutar no movimento revolucionário; apenas a pretensão de se tornar rico como um fora da lei enquanto contrabandista.

Matias recebe a notícia de que os caramurus estavam animados, que Silva Tavares virou comandante superior da Guarda Nacional. Matias perguntou a seu interlocutor se Bento Gonçalves não é mais amigo do presidente Braga e este lhe respondeu que o presidente virou a casaca e era, agora, caramuru. Logo que soube disso, Matias foi ao encontro de Bento Gonçalves. Encilhou o cavalo e partiu rumo a sua estância. Bento Gonçalves, com sua afabilidade costumeira:

> Era um homem de estatura regular: sem ser gordo, o seu corpo não era contudo muito delgado. A sua presença agradável atraía desde logo a simpatia dos outros; simpatia que se vigorizava com o seu trato e maneiras delicadas. Ele não parecia um oficial de guerrilhas acostumado ao trato grosseiro dos gaúchos, e à cavalheirosa altiveza dos *monarcas*, mas sim um homem educado nos salões polidos e magníficos das cidades; o seu espírito ativo e a sua sagacidade própria supria bem as estudadas ilustrações que se adquirem nas escolas. A estratégia lhe era conhecida, e se ele não tinha na arte da guerra os conhecimentos matemáticos que soem fazer um hábil general na velha e carcomida Europa, a prática lhe havia ensinado mais do que era preciso a um soldado da América […] ele era também insuflado pelo santo fogo do amor a pátria; tinha-se desde os seus primeiros anos empregado no serviço do país contra as repúblicas vizinhas. (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 76).

Bento Gonçalves afirmou a Matias que o irá proteger das perseguições de Vanzini, uma vez que ele se dedicou à causa da pátria. Bento pediu que se reunissem homens na costa e os levasse a Viamão, que prestariam um grande serviço ao país. Matias perguntou que lucro teria com isso. Bento Gonçalves lhe responde que os lucros seriam muitos, tais como: a glória das gerações futuras; quando os grilhões da tirania e do despotismo aprisionam seus patrícios ele plantaria a árvore da liberdade e os defensores da liberdade não morrem, vivem na lembrança eterna dos povos. Contudo, Matias polidamente o rebateu, querendo saber de que serve essa coisa que nunca morre, dizendo que o que importa era ganhar dinheiro para deixar para os filhos. Bento Gonçalves o retrucou afirmando-lhe que um homem não se reduz a si e

sim à sua pátria, sua grande família, e que a pátria não poderia ficar abandonada à mercê de tiranos. Matias abanou a cabeça e disse que se fossem somente os lucros não teria dúvida. Porém no fim concordou em participar dos planos de Bento Gonçalves, pensando nos lucros que poderia auferir.

Matias encontrou seu amigo Pedro Joaquim em Pelotas e lhe falou do plano revolucionário. Contudo, aquele desaconselhou Matias a participar da revolução. Entretanto, diz a seu amigo alfaiate que

> para um homem enriquecer não a nada como a revolução. Olhe: os assaltos de uma cidade; a emigração dos proprietários; a falta de ordem nas escriturações das repartições públicas; os roubos aos particulares; e por fim compram-se casas baratas; empresta-se dinheiro aos enforcados; negocia-se à grande com a nação, e aí é que temos mel aos potes: o que vale cinco, mete-se por vinte e cinco; e assim é o mais […] É pescar nas águas turvas: os peixinhos estão tontos, caem que é um gosto. (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 83).

A Farroupilha é reapresentada no romance *O corsário* como uma oportunidade de assaltos, roubos e falcatruas. O lucro fácil, a falta da moral cristã das pessoas é o que mostra o narrador. A desordem reinaria através dos revolucionários. Assim, no momento da construção da nação brasileira, a Farroupilha era significada como a desordem, a baderna uma revolução sem princípios em que apenas aproveitadores e ladrões poderiam ser beneficiados com ela.

A Província inteira sabia que Matias aderiu à causa revolucionária. Contudo, sua esposa, Mariana, não queria que ele participasse da maldita revolução. Ela recebe uma carta de Bento Gonçalves. Este, sabendo que seus planos com Matias foram descobertos, declarou que Matias e ele nada combinaram nem entraram em negócios juntos e que faria uma reparação se ela achasse necessário, até mesmo mandando publicar em jornal uma reparação. Exclamou Mariana que a carta não era verdadeira, mas era precisa. Matias cometeu: “a grande falta que um pai de família pode cometer, quando se extravia de suas ocupações lícitas, para cuidar em fomentar a intriga dos partidos, ou servir a meros caprichos pessoais que sempre arrastam após si medonhos males sociais”. (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 131).

Algum tempo depois, as famílias de Matias e Filipe se encontravam juntas. Por indiscrição de Matias, toda a Província já sabia do plano de Bento Gonçalves, o que gerou reações políticas. Querendo ocultar seu plano, Bento enviou uma carta à Matias na qual exigia, para tentar ocultar sua revolução, que este fosse embora da Província com sua família e não voltasse até segunda ordem e se não obedecesse suas ordens, sua vida e a de sua família estariam em perigo.

Procurando novas formas de lucros fáceis como corsário, Vanzini encontrou com Simplício, um velho amigo, que lhe informou que Matias havia partido da Província, que Filipe ficou com suas posses e encarregado de, em segredo, juntar homens para a revolução. Bento Gonçalves, contudo, ficou sabedor de sua história de corsário e de sua fuga com Maria e o considerou indigno de pertencer à revolução. Vanzini ficou contrariado, pois não conseguiria tomar o comando da esquadrilha da república:[88]

> Era este o tempo em que o presidente Braga já havia evacuado a província, e em que o valente coronel Silva Tavares havia debandado a sua força, e se retirado para o Estado Oriental do Uruguai. A província estava toda entregue aos revoltosos; Bento Gonçalves gozava os louros do seu triunfo. (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 197).

Após o início da revolução, a narrativa avança quatro anos no tempo. Filipe, sua família e seus agregados, que no início apoiaram a revolução, agora estão contra a desordem social que ela provocou:

> Quatro anos se têm passado, e tantas letras foram escritas pela mão do tempo na vida destes pobres habitantes da costa do mar. As lutas que desolaram o interior da província aí vieram refletir as suas tristes cenas. Todos os pobres pescadores habitantes das areias se têm ressentido delas. As cidades bloqueadas, fortes alevantados em Itapoã, os combates diários têm destruído e enfraquecido o comércio, e enfraquecido a navegação para o porto do Rio Grande: por isso raros navios têm naufragado na Costa; bem raros e insuficientes para sustento de todos os seus habitadores. Verdade é que Filipe tem a administração da casa de Matias, donde alguns rendimentos estão à sua disposição. Mas ele, escrupuloso em demasia, não lança mão deles; sofrerá antes a miséria do que abusar do tesouro que lhe é confiado. Filipe está na miséria; sua família sofre, e os seus amigos ainda mais do que ela. (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 21).

Passados esses anos, Filipe se perguntou "e que faremos no meio das desordens?" (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 221) e diz a seus agregados: "eu meti-me na revolução, e sou hoje vítima dos negros resultados que ela nos deixou". (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 221). Falou de seu arrependimento de ter sido agente da revolução e que entrou nela

> porque era incauto, e não sabia então que os rebeldes e os revolucionários são, a mor parte das vezes, ou sempre, especuladores miseráveis, a quem nada importam as

[88] Vanzini não conseguiu comandar a esquadrilha marítima farroupilha, mas acabou trabalhando sob as ordens de Garibaldi: "As incursões políticas, isto é, o corso que Vanzini faz na *Lagoa dos Patos*, debaixo das ordens de Garibaldi". (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 218). E prossegue o narrador: "Contava-se ainda mais, como cousa certa, que um dos companheiros de Garibaldi, que com ele tinham feito as mais infames piratarias na *Lagoa dos Patos*, era o que comandava e o que dirigia a reunião. Algumas das famílias que existem ainda por aí queixaram-se amargamente de se verem expostas a visitas desses ladrões, aves de rapina que levavam consigo quando encontravam, ainda mesmo dos mais pobres" ou "porque Vanzini servira com Garibaldi, e porque ele era, como Garibaldi, um homem amigo da pilhagem... e o é ainda!". (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 256).

> desgraças da pátria, as lágrimas das mães, os gemidos dos órfãos; enfim, a miséria de todos. Um desses desvairados devia ser considerado como o maior inimigo da humanidade […] Insistirei ainda recomendando o perdão para o culpado; mas fugi do revolucionário como um inimigo tentador que vos arrasta com boas palavras ao abismo insondável dos perigos. Fugi dele, porque, se ele não achar apoio, não prosseguirá em seus crimes, resignará seu peito na malvadez que nutre, sem poder derramá-la na cabeça dos outros. Eu estou arrependido […] porque ainda desconhecia a malvadez daqueles que me incitavam. (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 222-223).

A criação do imaginário em *O corsário* se articula com os interesses da Corte imperial para a construção da ordem monárquica. A Farroupilha, que fora um movimento político-militar que tensionara as relações entre a Província e a Corte, recebe sua significação a partir desse imaginário imperial. Os rebeldes revolucionários não passavam de especuladores miseráveis, que com sua ação política e militar causam desgraça à família e a desgraça da sociedade. Os farroupilhas, como seriam todos os revolucionários, são inimigos da humanidade e, no caso concreto, da construção da ordem. Semelhante a Almênio, Filipe desilude-se com a revolução, o personagem no decorrer da intriga desenvolve uma consciência negativa dos farroupilhas e acaba por se afastar da revolução. Não sem razão, Filipe pede a todos que se afastem dos farroupilhas, pois ao se reconverter à ordem, se reencontra com a moral cristã, reinterpretando os farroupilhas como inimigos e criminosos. Onde via o futuro da Província, Filipe descobriu a maldade e torna-se arrependido de ter lutado contra a ordem, a família e a nação. Nada poderia ser mais interessante para um projeto de representação da nação brasileira, monárquica e centralista, que este entendimento em relação a Farroupilha.

Matias e sua família voltaram à Província após quatros anos de exílio e são recebidos com um almoço, quando Matias faz sua reflexão sobre a Farroupilha:

> Hoje é que eu me acho desenganado: as riquezas não valem nada, porque o que tudo vale são a honra e a virtude!... Foi esta a cruel lição que eu recebi em meu desterro decretado por um homem que se intitulou – *Salvador da pátria* – […] Cuidai, pois, meus filhos em trabalhar para a honra e para a virtude, e não vos fieis jamais nesses que intitulam – *Salvadores da pátria* – procuradores do povo –; porque o único motivo que os leva a isto são seus interesses... os mais vis interesses!... (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 262).

Da mesma forma que Almênio e Filipe, Matias reavalia sua participação na revolução. Volta ao fim do romance para o lado da virtude e da ordem (imperial). Matias foi dissuadido de que a fortuna seja o objetivo da vida e aprende pelos exemplos dos rebeldes que o que importa são a honra e a virtude (cristã), e acredita que aprendeu a lição de nunca mais seguir

um salvador da Pátria (Bento Gonçalves) que só seguiu seu interesse privado e a miséria da nação.

Os dois romances de Caldre e Fião podem ser caracterizados como folhetins.[89] E nisso há quatro elementos principais nos seus dois romances. Primeiro o culto à peripécia. Há continuamente um episódio (quando Almênio é salvo por seu pai ou quando Bento Gonçalves expulsa Matias e sua família), em que o acontecimento sobrecarrega dominando inevitavelmente o andamento da narrativa. O segundo elemento é a digressão, que é a inserção de narrativas paralelas à principal (há inúmeras nos dois romances). O terceiro elemento é a crise moral. Em *A divina pastora*, Almênio e Francisco, em *O corsário* Matias e Filipe. O quarto elemento é o cuidado de deduzir a moral dos fatos, isto é, nos dois romances a moral cristã e a construção da ordem condenam a Farroupilha.

Na conformação do gênero folhetinesco, emerge o combate do bem contra o mal. Portanto, no fim do romance as famílias de Matias e Filipe encontram Vanzini morto por seus companheiros de pirataria e todos rezam por ele. O romance obedeceu ao plano intelectual de Caldre e Fião, o bem é recompensado e o mal punido. Além disso, mais um fato que interessa à análise: carência de organicidade, principalmente em *A divina pastora*, na conexão das várias histórias paralelas entre elas e com a principal. Há, principalmente em *A divina pastora*, infindáveis narrativas e exposições empoladas.

A ficção do romance em *O corsário*, do mesmo modo em *A divina pastora*, ficou controlada pelo imaginário moralista da história. A República e seus personagens são colocados em contraste com o projeto da construção da ordem. Os farroupilhas são bandidos, criminosos, mentirosos e vis salvadores da pátria. Quando Matias resolve se unir aos farroupilhas, é para burlar a ordem e, pela ganância, se distanciar da moralidade cristã. Em *O corsário*, permaneceram a luta do bem (Império) contra o mal (Farroupilha), a condenação da desordem no movimento revolucionário. O triunfo da virtude, tanto com Maria (salva de Vanzini) quanto em relação à nação (salva da revolução, dos rebeldes), foi construído em seu romance cujo moralismo reestabelece o primado da justiça sobre a traição.[90]

---

[89] Principalmente a análise de *A divina pastora* e, em menor grau, de *O corsário*, são muito semelhante com a que Candido (2013) faz da obra de Texeira e Sousa no capítulo "Sob o signo do folhetim: Teixeira e Sousa". Para Gomes (2009, p. 61), "Nascia assim o romance-folhetim, para *educar* e *comparar* os modos de ser na cidade e no campo, do litoral e do sertão, de forma que os escritores urbanos *ensinavam* e *explicavam* didaticamente pelos exemplos dos personagens, as qualidades e as maneiras desejadas ou não pelo pensamento civilizado para a sociedade em formação".

[90] Antes de terminar este capítulo, importa mencionar dois livros. *Memórias de Garibaldi*, de Alexandre Dumas, de 1860, e *Tentativa de Independência do Estado do Rio Grande do Sul*, de Luigi Nascimbene também de 1860. Apesar de narrarem a Farroupilha diferente dos textos do controle imperial, com eles guardam uma semelhança. A Farroupilha se enquadra no contexto de construção de outras nações. Em Dumas na italiana, e em Nascimbene na uruguaia. Luigi Nascimbene foi um italiano que morou no Uruguai

Tanto *A divina pastora* como *O corsário* podem ser compreendidos como romances com um viés pedagógico, querendo instruir aos leitores da época exemplos a respeito de ética social e moral cristã, além da história como exemplo para compreender como a Província mais ao sul do Império equivocou-se com a Farroupilha.

Portanto, os romances de Caldre e Fião se articulam a um imaginário pós-independência, em que os letrados brasileiros desenvolveram uma literatura nacional que escreveria a história da jovem nação. A construção da ordem foi um vetor intelectual para pensar a ficção, para uma história e uma cultura não mais luso-brasileira, mas apenas brasileira, que permitisse conhecer o Brasil, sua geografia e sua história através do romance.

Os dois romances de Caldre e Fião e as memórias de Saturnino Coutinho e Antônio Câmara se enlaçam ao projeto da monarquia de construir a nação tanto do ponto de vista institucional, em que os letrados eram servidores do Estado, como estético-político, onde a escrita articula-se à monarquia. Política e epistemologia se uniam, pragmaticamente, na escrita desses letrados para construir a imagem da nação. O controle do imaginário sobre a

---

na época da Guerra dos 33 até a Grande Guerra em 1852. Crê-se que o autor veio para o Uruguai em exílio por sua atuação política na Itália. Era carbonário e pertenceu ao movimento Jovem Itália. Sob a inspiração do ideário mazzinista, comove-se com o republicanismo liberal e exalta o que considera espontânea mobilização popular na Farroupilha. Nascimbene se opunha à monarquia brasileira associando-a à barbárie. O autor via entre a Colônia, o reino de Portugal e o Império uma linha de continuidade, a mesma política absolutista, antiliberal, antidemocrática, escravista. Na face oposta do terreno, estavam os milicianos sul-rio-grandenses, dispostos a lutar com valentia e liberdade, como um espelho do movimento Jovem Itália. Na leitura de Nascimbene, a Farroupilha somente pode ser analisada no âmbito do processo de descolonização do Prata e de emergência de nacionalidades com limites físicos e simbólicos. Após isso, percebe-se que a intriga de seu livro: "a finalidade desta obra é de lançar luz sobre os fatos, pelo menos os principais, da guerra rio-grandense, e utilizá-los para ajudar a resolver a questão dos limites, que embora paralisados atualmente por causas acidentais, O Império e os Governos do Prata devem fixar. Guiados portanto por esta dupla finalidade traçamos o plano da obra". (NASCIMBENE, 2009, p. 81). Dessa forma, sua narrativa sobre a "tentativa de independência" surge como uma forma de entender e solucionar o problema do Tratado de 1777 e o limite e a fronteira entre o Império Brasileiro e o Uruguai. Nascimbene (2009, p. 220) em sua escrita, semelhante às memórias históricas imperiais, fez considerações sobre como escrever a história. Para ele não lhe caberia escrever a história, algo que a futuros historiadores deveriam fazer, Nascimbene quer apenas apontar a índole dos povos e apontar fatos que a tirania quer manter escondido. A outra narrativa deste período é as *Memórias de Garibaldi* de 1860. Diferentemente das memórias históricas, em que os autores forneciam documentos, provas da sua argumentação, esta memória foi escrita em parceria com um grande literato francês, Alexandre Dumas. A memória conta a vida do italiano Giuseppe Garibaldi. Mazzinista é participante, assim como Nascimbene, do movimento Jovem Itália. Garibaldi expulso da Itália, acabou vindo para a região do Prata, da onde partiu para formar a marinha da República Rio-Grandense. Em suas memórias as recordações, em sua maioria, são de consagração aos líderes da Farroupilha, homens cheios de virtude e atitudes heroicas, personificam, como em Bento Gonçalves: "um verdadeiro cavaleiro errante do ciclo de Carlos Magno, […] vigoroso, ágil, leal como eles, verdadeiro centauro montando um cavalo, como só terei visto fazê-lo o general Netto, o modelo acabado do cavaleiro". (DUMAS, 2011, p. 67-68). Também, contrariando a narrativa de Caldre e Fião sobre a desordem da Farroupilha e ambição pessoal dos seus lideres, narra: "Movido não por particular ambição, mas no ideal de todos os filhos daquele povo guerreiro". (DUMAS, 2011, p. 69). A intriga que percorre toda a sua memória e revela a dimensão política de seus atos é: "Eu, que jamais abriguei senão uma ideia, um amor, uma paixão: a pátria". (DUMAS, 2011, p. 85). Mais especificamente sobre sua passagem na República Rio-Grandense, expõe que lutou contra seu principal adversário político desde os tempos da Jovem Itália: "Na América, eu servi – e servi sinceramente – à causa dos povos. Assim, fui o adversário do absolutismo". (DUMAS, 2011, p. 107).

Farroupilha também aí se iniciava. Tanto nas memórias históricas como no romance, a ficção ficou maleada pela construção da ordem. A criação ficcional, com a disciplinarização da história e com caráter testemunhal do romance romântico, ficava então duplamente controlada, pois, se de um lado, havia o controle político institucional a partir de um projeto de construir a nação, do outro lado, o romance e a historiografia se articulavam com as instituições monárquicas para o controle do imaginário. Enfim, a Farroupilha estava com sua narrativa parcialmente traçada, enquanto essas instituições e esse controle do imaginário fossem mantidos.

Ainda nesse período histórico, foram eliminadas as insurreições e a ameaça de desmembramento do Império, ficando tangível a força da centralização. No decênio de 1860, com a volta do Partido Liberal ao gabinete e à câmara, retornaram-se as reivindicações por descentralização e maior autonomia para as Províncias.[91] Entretanto, as exigências por descentralização e, às vezes, por federalismo, ficaram mais intensas e foram vencedoras com a acolhida da República federalista em 1889. Portanto, o próximo capítulo vai tratar dessas mudanças e como em meio a elas foi escrita a Farroupilha.

CAP. 2 A Farroupilha: entre o apogeu e a crise do Império

Após o período de consolidação do Estado imperial brasileiro, de 1831 a 1850, entrar-se-ia no período denominado o apogeu da monarquia, de 1850 a 1875. O poder do Partido Conservador desdobrou-se até 1853. Desse ano até 1862, prevaleceu a política da Conciliação, depois na sequência veio uma temporada liberal até 1868. Dom Pedro II em 1853, tendendo a revogar a supressão dos liberais do poder, levou ao gabinete um político do Partido Conservador que se delineava a suplantar os conflitos políticos que cindiam o Império desde 1831. Este político era Honório Hermeto Carneiro de Leão, marquês do Paraná. Falecido em 1856, sua arquitetura política ficou incompleta.

A Conciliação, mesmo que de reduzida duração, transformou a estabilidade do campo político-partidário que se deslocou no sentido de robustecer politicamente o Partido Liberal. Em 1862, foi concebido um novo partido que reunia liberais moderados e conservadores dissidentes, a que se deu o nome de Liga ou Partido Progressista. Concomitante ao fim das

[91] Mas havia: “certa ilusão de ótica nessa crítica à centralização. O poder do Estado era em parte ilusório. As autoridades locais, como os delegados de polícia e os comandantes da Guarda Nacional, eram nomeados pelo governo central, mas sempre em entendimento e em benefícios dos chefes políticos locais. Tratava-se não tanto de um controle do governo como de um acordo tático com grupos dominantes locais”. (CARVALHO, 2012, p. 102).

insurreições e do temor da divisão do território, começaram embates sobre o caráter do sistema político. Liberais, progressistas e, após 1869, os radicais, principiaram a questionar diversas particularidades das instituições monárquicas. Só não questionavam o centro das instituições: a própria monarquia. Entretanto, essa dinâmica da vida política cessou-se, por um evento começado no fim de 1864: A Guerra do Paraguai: "Prolongado-se conflito, o imperador julgou necessário chamar ao poder os velhos conservadores, a cujo grêmio pertenciam os políticos mais experientes e os melhores oficias. A mudança se deu em 1868 e causou um pequeno terremoto político". (CARVALHO, 2012, p. 105).

O Império do Brasil investiu contra o Uruguai, com a anuência da Argentina, e conduziu ao governo daquele país o general Venâncio Flores. Francisco Solano Lopez, presidente do Paraguai, com a ocupação brasileira deu ensejo a colocar em prática sua política regional. Em defesa do Uruguai, deu início às hostilidades contra o Brasil, que por fim acabou envolvendo a Argentina e o próprio Uruguai.

O Brasil sustentou a maior parte das despesas da guerra tanto em soldados como recursos financeiros. Para Carvalho, somente a disposição de D. Pedro II conservou o exército na guerra até a ruína de Solano Lopez. Os resultados para o erário brasileiro foram calamitosos. As decorrências políticas da guerra igualmente foram nocivas:

> Preocupado em ter um gabinete afinado com o comando militar, então nas mãos do marquês de Caxias, que era membro do Partido Conservador, o imperador chamou ao poder esse partido quando a Câmara era dominada por progressistas e liberais. A mudança era constitucional, mas no ambiente reformista da época foi acusada de golpe de Estado. Golpe ou não, a tendência que se desenhava no sistema partidário de enfraquecimento dos conservadores foi revertida, voltando-se à antiga divisão bipartidária. Parte dos progressistas voltou ao Partido Liberal, outra criou o Clube Radical, que fiel a seu nome radicalizou as propostas de reforma. (CARVALHO, 2012, p. 106-7).

Nesse período, os novos liberais e os radicais colocaram pela primeira vez a questão da eliminação da escravidão em seus programas partidários. A própria Guerra do Paraguai colaborara para essa transformação. O Partido Conservador, ao voltar ao poder em 1868, enterrou a discussão da abolição, contudo os grupos liberais e radicais resgataram a questão da abolição ao fim do conflito.

Outra decorrência do conflito com o Paraguai foi o início de um espírito de corporação entre os oficiais do Exército. No ano do fim da guerra, em 1870, foi fundado o Partido Republicano. O manifesto do partido modificava a exigência de descentralização em declaração de federalismo. Contudo, a matéria mais controvertida após 1870 foi a "questão servil".

Nesse novo contexto do Império brasileiro e passado mais vinte anos do lançamento de *O corsário*, vem a lume, em 1870, o romance *O gaúcho*, do escritor cearense José Martiniano de Alencar, nascido em Mecejana, Ceará, em 1º de maio de 1829. Em 1838, sua família transferiu-se ao Rio de Janeiro. Seu pai, José Pereira de Alencar, foi senador do Império e duas vezes presidente da Província do Ceará. José de Alencar formou-se, em 1850, em direito na província São Paulo. Iniciou trabalhando no jornal *Correio Mercantil*[92] no começo da década de 1850, depois, em 1856, transferiu-se para o *Diário do Rio de Janeiro*. No mesmo ano estreou na literatura com o romance *Cinco minutos*. No início da década 1860, elegeu-se deputado pelo Partido Conservador, depois, em 1868 tornou-se ministro da Justiça. José Alencar foi, então, sempre ligado à construção da jovem nação, tanto na vida política como na literatura.[93]

O romance *O gaúcho*, assim como os dois romances de Caldre e Fião, passa pela mesma questão da matização do veto à ficção da historiografia. Em notas ao fim do romance, Alencar relata as fontes que pesquisou para escrever o livro: “Quanto, porém, à revolução rio-grandense de 1835, tive de consultar os jornais do tempo, onde se acham transcritas as participações oficiais. Não encontrei, nem tive notícia de crônica ou memória histórica sobre este importante acontecimento, cuja lição não aproveitou”. (ALENCAR, 1982, p. 170).

Pelo visto, Alencar não teve acesso as três memórias publicadas. Isso reforça a hipótese sobre ter que se matizar o veto da historiografia nesse período em relação historiografia brasileira e em especial sobre a história da Farroupilha. Mas, como no período a historiografia era em seu modo a *história magistra vitae*, a história entrava no veto por essa porta, isto é, pelas lições dos antigos.[94] Alencar cita o livro *Apuntes para la história de la Republica Oriental* de Sr. Pascual como fonte sobre o desarmamento em 1832 de Lavalleja por Bento Gonçalves. Tal livro também não é um livro de história, mas apenas apontamentos para a história. Para escrever sobre a cultura do gaúcho, Alencar encontrou apenas um artigo

---

[92] Para Souza (1998, p. 139), esse período inicial do escritor Alencar é muito importante para entender o futuro grande romancista. “No entanto, a obra do romancista e do dramaturgo muito se beneficiou da série do Correio Mercantil. Foram estes folhetins que lhe serviram como campo de provas para a experimentação dos limites do narrar e lhe ensinaram como lançar mão do discurso para divulgar e defender proposições comprometidas com as visões de mundo de determinados grupos”.

[93] Bosi (1992, p. 176) entendeu, a partir das relações políticas de Alencar, que o romance do escritor cearense “mostrou-se receoso de qualquer mudança social, parecendo esgotar os seus sentimentos de rebeldia ao jugo colonial nas comoções políticas da independência”.

[94] Para Carvalho (2012, p. 33-34), nesse período também começaram a se alterar as ideias filosóficas e políticas no Brasil. Quanto às ideias filosóficas, até a década de 1860 sobressaiu-se o ecletismo de Vitcor Cousin. Quanto às ideais políticas, predominaram até a mesma década autores como François Guizot, Benjamin Constant, Alexis de Tocqueville e John Stuart Mill. A partir dos anos de 1870, invadiram o país as grandes filosofias deterministas da história. Destacaram-se o positivismo de Auguste Comte, o evolucionismo de Herbert Spencer, o biologismo de Ernst Haeckel e a geografia de Friedrich Ratzel.

do colombiano José Maria Torres Caicedo. A "história" que Alencar usou está principalmente escrita em jornais. Mas parece-me que de certa forma ele tinha consciência (para sua época) desses impasses do saber histórico (nacional), pois em mais uma nota no fim do romance escreveu:

> Quanto à parte histórica, o autor foi mais sóbrio do que desejava, e quiçá do que esperava o leitor; limitou-se a atravessar de relance o prólogo da revolução rio-grandense. A isso o obrigaram seus escrúpulos; trinta e cinco anos, menos de meio século, não bastam para arquivar fatos e personagens tão ligados ainda ao presente pelos vínculos das paixões e famílias. Nem todos os bustos dessa galeria são, como o de Bento Gonçalves, da classe daqueles homens que ao sair do mundo entram logo na posteridade. Muitos há cuja memória sofre uma espécie de incubação antes de pertencerem à história. (ALENCAR, 1982, p. 173).

Ele sabia que a história do passado imediato da nação brasileira ainda em construção era vetada pelo IHGB. Por isso entendia de certa forma que 35 anos era ainda um tempo relativamente curto para se escrever sobre um fato de suma gravidade para a construção da nação. Alencar acreditava que era preciso um tempo para arquivar, deixar as paixões arrefecerem. Ele entendia que era necessário incubar a memória da maioria das pessoas até poder se escrever a história, mas também em seu entendimento da história, os "grandes homens" não precisavam desse tempo. Eles já eram história, e esse era o caso de Bento Gonçalves, pois, os grandes homens estão acima das paixões do seu tempo. Como os grandes homens do passado, Bento Gonçalves forneceria as lições da história imediatamente ao seu desaparecimento, ao presente e ao futuro, assim compreendia Alencar.

Quando Alencar lançou o romance *O gaúcho* já era reconhecido e famoso escritor nacional. Era a época de uma literatura nacional orientada à designação dos componentes basilares da cultura nacional. Alencar, então, narrou aos leitores a formação nacional das várias regiões do Brasil e:

> Esta intenção cultural surge em conjunto com uma necessidade política da jovem nação de construir a sua imagem, de encontrar em sua História valores autóctones formadores da cultura brasileira. Assim inicia-se dentro do movimento literário romântico uma tendência que se propõe a mapear os modos de viver regionais, tendo José de Alencar como o intelectual que conduz este pedagógico projeto nacionalista que visa apresentar os costumes, o linguajar e o comportamento típicos dos habitantes de outras regiões do interior do Brasil, aos brasileiros da Corte e vice-versa. Alencar manifesta muita consciência quanto ao seu papel […] demonstrando o quanto se sentia historicamente envolvido no esforço de construção da identidade nacional via Literatura. (GOMES, 2008, p. 40-41).

É nessa atmosfera que surge *O gaúcho*. Logo, os distintos modos de ação de Alencar em benefício de um idioma literário nacional, incluem a sua reflexão a propósito da literatura,

o seu procedimento de criação literária e o significado de sua obra para a jovem identidade brasileira.[95] Além do mais, os painéis dos romances seriam, no conjunto da obra alencariana, uma figuração da própria formação brasileira. O projeto literário alencariano aspirava registrar todo o país e seu legado é menos os personagens que as regiões tornadas literárias.[96] Em *O gaúcho*, Alencar colocou a ficção na articulação com o imaginário imperial.

O romance *O gaúcho* começa por uma descrição da natureza. O narrador descreve como melancólicos e solenes os vastos campos que margeiam o rio Uruguai. A paisagem é erma, imóvel, de profunda solidão. O pampa é o pasmo, por toda parte a imutabilidade. O pampa, segundo o narrador, é a pátria do tufão. Passa a borrasca sem deixar vestígio, "a savana permanece como foi ontem, como há de ser amanhã". (ALENCAR, 1982, p. 14). A narrativa do romance *O gaúcho* propõe uma ligação da natureza com os seus habitantes, isto é, os animais e o homem refletem a natureza que os cerca, suas qualidades provêm da natureza. Para o narrador, cada região tem sua alma, o que impõe sua originalidade. Portanto, "A natureza infiltra em todos os seres que ela gera e nutre aquela seiva própria; e forma assim uma família na grande sociedade universal". (ALENCAR, 1982, p. 14).

Os habitantes das estepes americanas, homens, animais ou plantas têm uma só alma pampa: "A coragem, a sobriedade, a rapidez". (ALENCAR, 1982, p. 14). São, assim, todos os filhos do pampa. Porém nenhum espelha mais intensamente a alma pampa do que o homem, o gaúcho. Como o pampa, ele é franco, impetuoso, forte. Contudo, a civilização adulou a virgindade primitiva, "perdeu o pampa o seu belo nome americano. O gaúcho, habitante da savana, dá-lhe o nome de campanha". (ALENCAR, 1982, p. 14).

Era manhã de 29 de setembro de 1832. Reinava o inverno e soprava o minuano. Descreve o narrador que um moço de 22 anos corria a toda velocidade na campanha. Reconhecia-se pelo traje que era um gaúcho: ponche, chiripá, botas e chilenas grossas. Vinha montado e trazia, junto a si, mais três cavalos. Para o narrador, o cavalo é a fibra mais sensível do coração do gaúcho. Na parada comia um churrasco. Seu nome era Manuel Canho.

Na tarde desse mesmo dia havia um alvoroço na vila de Jaguarão. O general Lavalleja fora batido por Rivera no Uruguai. Derrotado, foi obrigado a passar a fronteira. Em território brasileiro, o caudilho foi intimado pelo coronel Bento Gonçalves a entregar as armas. Os soldados foram recolhidos ao quartel e Lavalleja ficou hospedado na casa de Bento Gonçalves

---

[95] Notou Silveira (2009, p. 93) que "é plausível afirmar que o tema que aflora mais fortemente nessas discussões do oitocentos e do início do século XX é a nação [...] o que vem à tona é a querela em torno da poética mais adequada para a representação da nacionalidade brasileira".

[96] Para Campos (1982, p. 8), "neste prisma, *O gaúcho* também se inscreve, no esforço de configurar – através da mediação da História – o espaço geográfico como signo literário que significa, recebe o caráter gráfico, à medida que é palco de feito histórico".

esperando um destino. Em Jaguarão, o povo especulou que Bento não desarmou com gosto o caudilho. E que preferia ter feito isso com Rivera. Para o narrador (1982, p. 20),

> O coronel Bento Gonçalves da Silva […] era então o homem mais respeitado em toda a campanha do Rio Grande do Sul. Franco e generoso, bravo com as armas […] montando a cavalo como o Cid campeador, era Bento Gonçalves o ídolo da campanha. Os homens o adoravam; as mulheres o admiravam.[…] Da influência que exercia Bento Gonçalves sobre o ânimo da população, pode bem dar uma ideia o que dizia há pouco um dos camaradas reunidos no alpendre da pousada: "Se ele não quisesse, quem o obrigava?" estas palavras traduziam a convicção daquela gente. Para os habitantes do interior, o coronel era o rei da campanha; ninguém tinha o direito de lhe dar ordens; desarmara Juan Lavalleja porque assim lhe aprouvera, como poderia protegê-lo, unir-se a ele, e marchar sobre Frutuoso Rivera. Havia então no Rio grande do Sul outros coronéis, e entre eles o veterano Bento Ribeiro, que devia figurar posteriormente na história de sua província de uma maneira tão triste […] mas o coronel por excelência […] era Bento Gonçalves.

Enquanto isso, em uma venda a população continuava a conversar sobre o ocorrido. Para um carneador, Bento deveria prender Lavalleja. Para outro habitante Bento Gonçalves não havia porque querer libertar a pátria, pois, dizia o popular, "as coisas vão mal; o governo do Rio não dá importância aos homens da província". (ALENCAR, 1982, p. 20). Outro retrucou que não por falta de vontade de Montevidéu a Província não se separava. Ainda outro dizia que, se não fosse o coronel, eles passavam pela fronteira como se fosse a própria casa. Para o narrador, "Eram os pródromos da revolução que devia prorromper três anos depois. A semente aí estava lançada na população, e se desenvolvia com o vento sedicioso que sopra do Prata". (ALENCAR, 1982, p. 20). Segundo o narrador de *O gaúcho*, a origem da revolução estava na influência platina. A paisagem do livro é a fronteira: Jaguarão, Alegrete, Bagé, Uruguai, Livramento, Entre-Rios, Corrientes, Dom Pedrito, Salto, Concórdia.

Era a hora da ceia e Bento Gonçalves voltou para casa e encontrou Lavalleja nervoso a falar. O caudilho uruguaio exclamou para Bento Gonçalves: "Coronel, o senhor não é um homem!". (ALENCAR, 1982, p. 22). Bento Gonçalves respondeu, passada a cólera, que precisaria dois castelhanos para fazer meio brasileiro. Lavalleja retrucou, voltou a insistir no mesmo ponto, porque para ele se Bento fosse homem seria o primeiro em todo o Rio Grande: "Em vez de coronel se faria General". (ALENCAR, 1982, p. 23). Para o caudilho do Estado Oriental, o Rio Grande do Sul seria um Estado independente se Bento assim o desejasse. E o acusava de preferir tomar "mate como uma velha" do que agir como homem. Bento Gonçalves o ironizou perguntando do que valeu a divisão da Cisplatina se agora era seu prisioneiro. Respondeu-lhe o caudilho que eram as contingências da guerra, mas que não era governado por um menino de 7 anos. Bento respondeu que quem governa é a lei. O narrador

quis mostrar as diferenças de caráter dos dois líderes. Lavalleja é castelhano, portanto não é confiável; Bento Gonçalves, brasileiro, portanto, respeita as leis do país. Retrucou-lhe o caudilho que quem governa é a força ou a astúcia e finalizou dizendo a Bento Gonçalves: “o Rio Grande lhe pertence, coronel”. Por isso que o narrador só denominou de caudilho o uruguaio, pois não teria respeito à lei. Nisso, Bento ordenou a ceia. Lavalleja afirmou que não acreditava que Bento iria deixar passar tal oportunidade. Bento terminando a conversa respondeu:

> Sou brasileiro; nasci cidadão do império; e assim hei de viver, enquanto houver liberdade em meu país, porque para mim a liberdade não é a burla para enganar o povo, mas o primeiro bem, que não se perde sem desonra, e não se tira sem traição. Quando eu me convencer que para ser livre, é preciso deixar de ser imperialista, não careço que ninguém me lembre o que me cabe fazer. O coronel Bento Gonçalves saberá cumprir seu dever. (ALENCAR, 1982, p. 23-24).

O romance *O gaúcho* reafirma a identidade brasileira unida à integridade do Império, e que os brasileiros lutam pela liberdade e os platinos pelo poder. O romance procurava fornecer à nacionalidade em vias de formação padrões de conduta através da ação de seus personagens. Acabou que o romance alencariano fixou-se num centramento da brasilidade que o induziu para certa depreciação dos países platinos. Sendo a tônica de *O gaúcho* e do período era a vontade em nacionalizar a literatura no século XIX, isso levou o romance alencariano a ser marcado pelas tensões sul-americanas.

Passaram a ceia. Nisso chegou Manuel Canho e beijou a mão de seu padrinho, Bento Gonçalves, e disse-lhe que queria falar em particular. Bento afirma que o faria depois da ceia. Bento Gonçalves serviu um peixe a Lavalleja. Depois, um escravo levou os pratos para a comitiva de gaúchos de Bento Gonçalves. Depois da ceia Bento e Canho, falaram em particular. Manuel Canho pediu a seu padrinho a benção para vingar-se do homem que matou seu pai. Canho diz que não se vingou antes, pois tinha que assegurar sua mãe caso ele não voltasse. Ao que seu padrinho respondeu “E Bento Gonçalves não está aqui”. (ALENCAR, 1982, p. 24). Canho respondeu que o padrinho tinha muitos por quem olhar. Bento Gonçalves abençoou a vingança. O gaúcho beijou a mão do coronel e partiu, autorizado a vingar-se. Manuel Canho, durante toda a narração, é um personagem mobilizado pela obsessão de vingar a morte de seu pai. Canho tornou-se um solitário, amando os cavalos e rejeitando as mulheres. A mulher que é, em uma passagem do livro, mero objeto de troca num jogo de cartas, logo após torna-se uma ameaça a invadir a solidão de Canho em meio aos cavalos.

Consumada a vingança, Canho atravessou a Banda Oriental passando a fronteira em Jaguarão para falar com seu padrinho novamente. O gaúcho queria a aprovação do coronel pelo que fez. Para o gaúcho, seu padrinho era “o símbolo da coragem, da honra, da justiça, da virtude. Aquilo que ele achasse bom devia merecer a graça de Deus”. (ALENCAR, 1982, p. 71). Bento Gonçalves tinha duas estâncias em Camaquã, porém o serviço militar o retinha em Jaguarão. Muitas vezes o chamavam fora da vila ou a estâncias próximas nas quais havia “jogo forte de parada” que, para quem teve uma existência cheia de perigos, carecia das emoções desse entretenimento. Manuel Canho contou toda a história até vingar-se, isto é, matar o assassino de seu pai. O padrinho aprovou suas ações. Na saída, quando Canho beijava-lhe a mão, o coronel lhe deu uma onça de ouro. E lhe disse para comprar um presente para sua mãe e namorada.

No romance *O gaúcho*, enquanto deslizava a existência obscura e tranquila de Canho, “ensaia-se o drama terrível” que ensanguentaria[97] a Província e a transformaria num campo de guerra. Estava em curso o prólogo da revolução. Desde 1832, quando se realizou o desarmamento de Lavalleja por Bento Gonçalves, iniciaram-se, para o narrador, os germes de uma conspiração para espalhar a independência e a república na Província. O caudilho uruguaio concentrou energias para promover a propaganda de sua pretensão. Desse tempo data a criação de sociedades secretas que se ramificaram por toda Província sob a invocação da liberdade, mas que no fundo preparavam a revolução. Lavalleja foi a Buenos Aires, onde “obteve para o futuro estado a proteção secreta de Rosas”. (ALENCAR, 1982, p. 80). Fontoura acompanhou o caudilho em tal passagem, em que “Naturalmente assistiu ele às conferencias onde se planejou a grande Confederação do Prata, formada dos três estados independentes: de Buenos Aires sob a ditadura de Rosas, Montevidéu sob a ditadura de Lavalleja, e Rio Grande sob a ditadura de Bento Gonçalves”. (ALENCAR, 1982, p. 80).

Como já representado nas memórias e romances anteriores, há uma nítida vinculação da Farroupilha com o Prata. A revolução teria nos caudilhos platinos um suporte e um espelho. E como a revolução levou à fundação da República Rio-Grandense, semelhante às repúblicas platinas, essa ligação não passou despercebida a esses escritores. Em *O gaúcho* ainda foi-se mais longe que todos, narrando um grande projeto platino que incluía o Rio Grande. E como as repúblicas platinas eram sinônimo, para o projeto da monarquia centralista, de anarquia e desordem, tal significado aderiu no sentido da Farroupilha.

---

[97] Semelhante a Caldre e Fião com o “ensanguentado 20 de setembro”.

No partido que se organizava a oposição armada, "havia uma fração que era francamente republicana" (ALENCAR, 1982, p. 80), a que aspirava à independência com a Confederação do Rio da Prata. Para o narrador, o republicanismo chegou a tal ponto "que desvanecia de momento a repugnância tradicional das duas famílias da raça latina". (ALENCAR, 1982, p. 80).[98] Para o narrador, não havia dúvida que Netto e Canabarro eram a alma do republicanismo na revolução. Contudo, observou que a outra fração política do mesmo partido não tinha ideias de separação e independência. Limitar-se-ia a restaurar a liberdade. Dessa parcialidade política, "era chefe incontestado Bento Gonçalves da Silva, o homem de maior influência na província, aderiram sinceramente não só liberais da campanha como a classe militar, decaída do antigo lustre com a política democrática e pacífica, inaugurada pela revolução de 7 de abril". (ALENCAR, 1982, p. 80).

No romance *O gaúcho*, portanto, interesses ofendidos se reuniram contra um inimigo comum: a regência trina. Um governo fraco que tinha a irritação dos aliados e o desprezo dos adversários. Para o narrador, Bento Gonçalves resistiu às instâncias do grupo republicano. Por isso, "A história lhe fará justiça", porque foi sua lealdade e o seu prestígio que contiveram a revolução há muito fomentado na população. Para o narrador, não havia no espírito de Bento uma atuação tão forte do princípio monárquico "quanto o sentimento de nacionalidade e, sobretudo da dignidade da raça. Como brasileiro devia repugnar-lhe a comunhão com os povos de origem espanhola". (ALENCAR, 1982, p. 81). Tampouco devia passar despercebido para o coronel que a intenção de Rosas era "a restauração do antigo vice-reinado de Buenos Aires". (ALENCAR, 1982, p. 81). Também, narrou-se que Bento foi chamado à Corte acusado de excitar à revolução. Contudo, ele nunca se aproveitou das desordens e voltou da Corte disposto a acalmar os ânimos. Entendeu-se que o coronel não defendeu a revolução e a julgava com rigidez. É importante notar a diferença do personagem Bento Gonçalves representado em *O gaúcho* em relação ao dos romances de Caldre e Fião: para estes, Bento era nada mais que um falso salvador da pátria, para aquele era respeitado, franco, generoso, bravo, um Cid campeador, o adoravam, admiravam-no, era o rei, o ídolo da campanha, brasileiro, cidadão do Império, um libertador, conteve a revolução dos radicais, um monarquista com o sentimento de nacionalidade e dignidade da raça, não era revolucionário e um dia a história lhe faria justiça. Não obstante, a narração para com a Farroupilha foi diferente e na escrita de *O gaúcho*, o "drama terrível" (a Farroupilha):

---

[98] Tal argumento sobreviveria por mais de um século e é possível percebê-lo na obra de Vellinho. Ver o primeiro capítulo da terceira parte da tese.

> Não foi unicamente um crime político, um atentado à integridade do Império, foi mais do que isso, foi um grande erro que felizmente não se consumou. A separação do Rio Grande seria um sacrifício de sua nacionalidade, que brevemente ficaria absorvida, senão aniquilada pela anarquia das repúblicas platinas. Não se decepa um membro para dar-lhe força. (ALENCAR, 1982, p. 81).

Na interpretação que *O gaúcho* oferece para a Farroupilha, esta foi mais que um erro, um cálculo político infeliz contra a nacionalidade brasileira e a integridade do Império. Um golpe da anarquia platina contra a ordem imperial. Portanto, o imaginário imperial está presente no romance *O gaúcho*. Neste momento do romance, o narrador faz uma reflexão sobre sua escrita da “revolução”.

> A história, superior às paixões, restabelecerá a verdade dos fatos. Não é meu propósito antecipá-la. Dessa página apenas destaco o vulto do homem que figurou como protagonista da tragédia política, em cuja cena também se representou o drama simples e obscuro que me propus narrar. (ALENCAR, 1982, p. 81).

Alencar sabia que ainda não era o momento de escrever a história da Farroupilha. Esta passagem dá vazão à hipótese de Lúcia Guimarães sobre a escrita da história no Brasil Império. Para o narrador, a história era superior às paixões, logo, superior à memória e ao romance. O narrador parece dissociar, a princípio, o romance e a verdade. Entre a história e o romance não haveria só uma diferença de gênero narrativo, mas também de possibilidade de narrar a verdade do passado.[99] Entretanto, creio que a citação acima faz perceber uma problematização ao veto à ficção. Creio que, por mais que haja uma “intenção historiadora” e um zelo com as fontes em Alencar, essa intenção, no caso de *O gaúcho*, é para tentar matizar a história. Para tentar escrever a verdade literariamente. Como? Ao colocar a sua forma de fazer romance como semelhante à paixão e a história como análoga da verdade (sem pretender, contraditoriamente, como romancista escrever a verdade), o narrador cria, entre a história e o romance, um espaço de possibilidade ficcional para inserir diálogos, paisagens, personagens e, principalmente, Manuel Canho, que não é um Hamlet guasca,[100] e sim um cavaleiro errante do pampa às avessas com sua monomania (vingança) que permite a Alencar imaginar mais livremente que qualquer outro romancista várias possibilidades de ação no enredo: seu amor por cavalos, seu desprezo por mulheres, sua honra,[101] sua admiração por seu

---

[99] Mesmo parecendo se distanciar da nascente disciplina histórica, Silveira (2009 p. 100-101) percebe uma “intenção historiadora” em Alencar, pois, a partir de sua imaginação transbordante, o autor cearense lidaria “cientificamente” com as fontes consultadas na preparação do romance e com historiadores seus coetâneos.

[100] Augusto Meyer (1958) tem essa interpretação, pois haveria um drama hamletiano refletindo o motivo psicológico do romance.

[101] “O mesmo sentimento de honra, estadeado em outros contextos, anima os romances históricos de Alencar”. (BOSI, 2012, p. 243).

padrinho, seu relacionamento ambíguo com Catita e sua ligação com a natureza. José de Alencar problematizou o veto à ficção da historiografia, contudo, manteve o veto do Estado-nação que fora sua limitação (junto com o projeto político que se percebe no seu romance), porém, foi dos romancistas que mais ficcionalizou em relação à Farroupilha.

Creio que Manuel Canho tem mais de um cavaleiro (errante) do que de príncipe (dinamarquês). Assim, Alencar, ao escolher Manuel Canho e Bento Gonçalves como os tipos principais, assegura a diversidade social da fala e a diferenciação das vozes individuais que florescem nessas condições. De outro modo, a monomania de Canho não impede que se manifestem aspectos contraditórios da vida sul-rio-grandense contemporânea, desde a relação com o Prata, a indefinição política da revolução, a vida guerreira e galanteadora do campo, o desprezo e a rendição às mulheres, a opinião popular aparecendo no romance e, por fim, a relação contraditória com a Corte imperial. Portanto, o romance passa aceitar tipos e a história se mescla na ficção. Os personagens dos romances de Caldre e Fião poderiam ter mais a ver com Hamlet que o gaúcho de Alencar. Há uma diferença entre as intrigas dos romances de Caldre Fião e de o romance Alencar. Se, por um lado, as narrativas estão sob a intriga da construção da nação, por outro, divergem sobre a natureza dos personagens. Se Almênio, Matias e Filipe, ao refletirem sob o ponto de vista da lógica moral cristã, renegam o seu apoio à Farroupilha e aderem aos imperiais, isto é, os personagens puderam fazer uma escolha sobre seguir ou não com a mesma conduta política – em *O gaúcho*, isso não é possível. Pois se a natureza e o homem só têm uma e mesma alma pampeira, e esta alma pampa é o tufão, tanto o minuano quanto pampeiro, os movimentos do homem e dos animais do pampa são os mesmos da natureza pampa, que na síntese alencariana é o tufão. O tufão é forte, corajoso e renitente, assim, pois, é o pampa e tudo o que o habita e, em especial, o gaúcho. Então não há dois mundos como nos romances de Caldre e Fião, em que Almênio, Matias e Filipe puderam fazer uma escolha sobre continuar ou não na revolução. Não há nos romances de Caldre e Fião uma síntese entre natureza e homem. Os personagens têm a liberdade moral para escolher, apesar de o narrador tomar partido pela moral cristã da ordem monárquica. Em *O gaúcho* é diferente: Manuel Canho não tem opção, ele só poderia pelear por Bento Gonçalves, representante mor da alma pampa. Por isso também as vinganças se consumam em *O gaúcho* e não nos dois romances de Caldre e Fião. Não há escolhas em *O gaúcho*, o pampa é o tufão. Não sem razão Manoel Canho, ao fim do livro, desesperado, some em meio ao tufão com seu cavalo e Catita. Como se o fim da vida fosse um voltar cíclico para a alma pampa, o tufão. Canho nunca se questionou sobre a revolução, apenas seguiu a natureza. Não teve problemas de consciência, como os personagens dos romances de Caldre e Fião. Manuel Canho era

apenas gaúcho. Assim, há duas linhas de explicações na literatura: por um lado, a alencariana, que é determinística via natureza e, por outro, a de Caldre e Fião, que é a redentora. Isto é, no fim o(s) personagem(s) principal(s) volta à palavra de Deus, de onde iniciaram, retornando à ordem anterior à convulsão, à ordem original.

De volta a narrativa de *O gaúcho*, no suceder dos dias, ocorreu a demissão de Bento Gonçalves do comando do 4.º corpo de cavalaria e da fronteira de Jaguarão. Segundo o narrador, esse ato de energia teria abrandado o drama terrível se não fosse a fraqueza da regência. A exoneração de Bento foi avaliada como um desafio à revolução e, desse modo, formou-se na campanha uma convicção de que o rompimento era inadiável.

Manuel Canho soube desta notícia por um peão numa estância em Bagé, foi para casa e contou a novidade para mãe e irmã, Jacintinha. Para o narrador, todos sabiam o alcance do fato. Sua mãe logo procurou a mala de seu pai e sua irmã alcançou-lhe a roupa enquanto ele arrumou suas armas. Com tudo pronto, Canho foi ao encontro do padrinho. Bento tomava mate na varanda quando avistou o gaúcho. Canho diz que veio assim que soube da notícia, e Bento respondeu-lhe que estava procurando alguém disposto a tudo. O gaúcho diz-lhe que fará tudo de boa vontade. Canho serviu de segurança ao padrinho em suas idas a Porto Alegre, onde o coronel, além de grande popularidade na Capital, fazia seu jogo político e consumia-se nos divertimentos da capital, e nos jogos de azar.

Quem percorresse a campanha no mês de agosto de 1835 observaria certo movimento que não era normal. Pelas estradas encontrava-se a cada instante gente armada que ia se reunindo, famílias que mudavam de um lado para o outro da Província. O aspecto animado do povo era um sinal evidente da aproximação da guerra. Agitação que se propagara por toda fronteira, de São Borja a Jaguarão, mas concentrada em Piratini, onde era o ponto de reunião, onde as estâncias estavam recebendo hóspedes e peões.

No decorrer da narrativa, o coronel Bento Gonçalves mandou chamar imediatamente o gaúcho. O coronel estava irado. Dizia que não entregaria o continente ao mazorqueiro. Bento, ao ver Canho, confiou-lhe entregar várias cartas, de Rio Pardo até Alegrete, para Bento Manuel. O gaúcho encilhou o cavalo e partiu às pressas para cumprir o que ordenou seu padrinho.

> Para Manuel a causa a que se dedicara era um homem, e nada mais. A afeição que recusava à sua espécie se concentrara ultimamente em um indivíduo. Bento Gonçalves se tornara para ele um símbolo, uma veneração. Tinha pelo velho guerreiro admiração profunda; e enchia-o de orgulho a ideia de estar ligado a ele por um laço espiritual. Não sabia Manuel o que intentava o coronel; e nunca se preocupara com isso. Para quê? Sua missão era acompanhar, servir, defender o seu

> homem, e morrer quando fosse preciso para salvá-lo ou para vingá-lo. (ALENCAR, 1982, p. 96).

Na entrega das cartas, o gaúcho conhece Lucas e Félix e descobre que seu pai já havia lutado ao lado de Lucas no passado. Também, ele salva Catita (filha de Lucas) de um acidente, ela que no futuro será seu par amoroso. Contudo, fatos de suma gravidade aconteciam naquele tempo, pois, "o partido republicano, de quem Neto era a alma, senão a cabeça, tinha visto com intenso desgosto a hesitação de Bento Gonçalves em proclamar a república". (ALENCAR, 1982, p. 98). Acreditavam que, com a demissão, o coronel romperia com sua resistência à revolução e, assim, esperavam os radicais, com o apoio inicial de Bento, se apoderariam do movimento.

Contudo, Bento Gonçalves esperava que a regência de Feijó repará-lo-ia dos agravos que sofreu; então, temendo perder a disposição do coronel, os republicanos resolveram precipitar o acontecimento. Foi marcada para o dia 7 de setembro a revolução e tudo se fazia, às escondidas, em nome de Bento Gonçalves. Netto[102] procurou reunir alguma força em Piratini. Os mais ardentes defensores da revolução chegavam, entre eles Lucas Fernandes. Nisso, Manuel Canho voltou de sua missão de entregar as cartas e Lucas foi com ele encontrar o coronel. Pois Lucas queria lutar sob as ordens de Bento Gonçalves, sua maior honra. Porém, chegando à estância do coronel, com Canho, viu o Bento Gonçalves envolvido em trabalhos rurais. Com o passar dos dias e sem perceber qualquer movimento militar, Lucas pergunta sobre a revolução ao coronel, que lhe responde: "Qual, revolução! Deixe-se disso; vá para casa e fique sossegado". Lucas, que era furriel, não entendeu.

Em uma noite na vila de Piratini, ouve-se um homem aos gritos de "tomamos Porto Alegre". Era Lucas Fernandes e logo a população foi à praça aclamar com entusiasmo a revolução. Para o narrador, não era de estranhar-se o desenlace dos acontecimentos que chegavam a Piratini, porque depois de 7 de setembro "alguns amigos de Bento Gonçalves o tinham convencido de que a revolução era inevitável". (ALENCAR, 1982, p. 106).

No ponto em que havia chegado a situação, se Bento Gonçalves não tomasse a frente dos rumos, seria total a radicalidade. Por isso, "o meio mais seguro de prevenir a separação da província era sem dúvida a revolução; ela tirava o pretexto aos republicanos". (ALENCAR, 1982, p. 106). O coronel saiu de Camaquã, convencido por essas razões, e marchou sobre Porto Alegre a 20 de setembro. O presidente Fernandes Braga fugiu e organizou a resistência em Rio Grande. O coronel, senhor da capital, despachou Manuel Canho com uma carta para

---

[102] Netto, no romance de Alencar, toma o lugar do revolucionário republicano que pertenceu, nos romances de Caldre e Fião, a Bento Gonçalves.

Netto em Piratini avisando que deveria bater Silva Tavares em Herval. Lucas, que estava também na Capital, seguiu com Canho para estar mais perto da próxima luta.

Ao longo da narrativa, Manuel Canho apaixonou-se por Catita. Em Piratini, Canho foi avisá-la da última ordem que recebera de Bento Gonçalves, que era a de levar uma carta para Rosas em Buenos Aires. Um mês passara até que Manuel Canho voltasse da missão. Antes de ele regressar a Piratini, passou em Bagé para ver a mãe e a irmã. Logo após, partiu para Piratini para ver Catita. Contudo, ao chegar o gaúcho ficou sabendo pelo pai da moça que ele fora desonrado. A moça fora enganada por um mascate chileno chamado D. Romero.[103] Nesse momento em que o gaúcho se encontra atônito, Bento Gonçalves chegou a casa de Lucas. Fortunata (a mãe de Catita) contou ao coronel o que ocorreu. Bento aproximou-se de Canho e deu-lhe uma palavra de consolo. Ele despertou-se com a voz do coronel, sorriu-lhe e entregou-lhe a carta que Rosas lhe enviara. Depois disso apartou-se. Foi atrás da sua vingança. Mas o chileno fugiu e estava protegido por tropas legalistas. Mas o gaúcho conseguiu capturar o chileno e o levou a Piratini, onde o obrigou a casar com Catita. Depois o chileno tentou violar Catita e é morto por Manuel Canho. O gaúcho e Catita, ele assombrado e selvagem, ela procurando em Canho sua redenção moral e agarrada em seu corpo, somem juntos montados em um cavalo em meio a um tufão.[104]

O gaúcho constitui um momento do projeto de Alencar de narrar a brasilidade, assim, regionalizar em Alencar não significa fragmentar, mas integrar a cultura local no todo do projeto nacional. Alencar usou elementos regionais em *O gaúcho*, apropriando-se da estética romântica, para construir uma simbologia que expressava a natureza nova e peculiar das nações em construção. Dessa forma, a Farroupilha mostrou-se, na narrativa alencariana, como parte de um projeto literário nacional em que os personagens históricos ou fictícios representam uma parcela de um quadro maior. Alencar estava vinculado de forma política e estética ao controle do imaginário no Império, provavelmente ele foi um dos seus maiores inventores e controladores. Contudo, constrói um romance em que a ficção leva o histórico a contradições. Quem sabe, contra seus críticos, tenha até sido bom não ter vindo ao Rio Grande "ver" o gaúcho, pois sua ficção pode problematizar o veto.

Para Candido (2013, p. 536-545), "o sonho voa célere sem dar satisfações a vida" na obra de Alencar. Por isso ele tornou-se "suspeito ao gosto do nosso século [XX]" e por isso

[103] Para Alencar (1982, p. 31), D. Romero tinha "excessivo donaire que afeta geralmente a raça espanhola".
[104] Para Bosi (1992, p. 179), é possível detectar a existência de um complexo sacrifical na mitologia romântica de Alencar. Creio que possa ser o caso em *O gaúcho* também. Para Bosi, são obras cujas tramas narrativas se resolvem pela imolação voluntária dos protagonistas. A nobreza só se conquista pelo sacrifício de suas vidas.

não é escritor "para a cabeceira, nem para absorver uma vocação de leitor; mas não aceitar seu lado épico […] é prova de imaginação pedestre ou ressecamento de tudo em que nós, mesmo adultos, permanece verde e flexível". (CANDIDO, 2013, p. 538). Segue Candido que em Alencar desponta a ávida adolescência de todos os tempos, "nossa" e dele, abafada antes da hora. É uma "imaginação adolescente" a de Alencar (sem ser adolescente). Contudo, há também, para Candido, o Alencar dos "adultos" e esse Alencar é "um sociólogo implícito" e nesse haveria um refinamento que pressagia Machado de Assis. Para Candido, como para alguns críticos de Alencar, sua imaginação sempre fora um problema.

Na análise de Candido, da imaginação de Alencar, há implícito um cientificismo evolucionista, isto é, do adolescente ao adulto, do sonho ao sociólogo. Candido "valoriza" o lado racional, objetivo e científico que encontra na obra de Alencar e é isso que pressagia Machado de Assis (o ápice da literatura brasileira). E não é o adolescente nem o sonho o que levam a Machado, mas o adulto e o sociólogo. Mas como o que mais há na obra de Alencar é a imaginação, ele não serviria para ser um escritor de cabeceira. Como percebeu Lima (2010, p. 129-130), a *Formação* tem um caráter teleológico, pois a partir de um ponto final, a qual a literatura deveria chegar, Candido (2013, p. 130) reconstrói toda a literatura brasileira e "deste modo a velha questão do caráter vago, carente ou impreciso do que fosse literatura era contornada; melhor diria, era recalcada, assegurando-se o pleno serviço da literatura ao Estado-nação". A *Formação*, de Candido, em suma, culminava o processo de estabilização da história da literatura no Brasil e nessa *Formação* não há espaço para o tipo de imaginação adolescente de Alencar.[105]

Bernardo Taveira, em *Provincianas*, criticou José de Alencar por causa de *O gaúcho*. Para Taveira, a poesia é "a expressão da verdade revestida das formas artísticas, segue-se que sem aquela e sem estas não há poesia". (TAVEIRA JR. 1886, p. 6). Portanto, acreditando na verdade da poesia, o Taveira afirma que poetizou "sobre coisas que me passaram pelos olhos, e das quais tenho pleno conhecimento" (TAVEIRA, 1886, p. 7) e que

> Não fiz como *Senio*, que num livro intitulado – o gaúcho – tratou do campeiro do Rio Grande do Sul, dos seus hábitos, e costumes, sem nunca ter presenciado nada

[105] Chaves (2001, p. 33), no mesmo sentido de Candido, assim escreve sobre o personagem Manuel Canho em *O gaúcho*: "Já não é possível conciliar as duas coisas, mesmo admitindo as liberdades inventivas da ficção romântica; torna-se muito difícil admitir e conceber o rei do deserto, o centauro dos pampas […] agora vacilando feito um ébrio […] afastando-se trôpego para não ser triturado na voragem do precipício feminino". Schwarz (2012), no capítulo "Importações do romance e suas contradições em Alencar", entende que os romances de José Alencar são contraditórios devido a seu romantismo, uma forma literária típica da burguesa europeia, ser inadequada para representar a realidade brasileira. Para Schwarz (2012, p. 68), "a ficção de Alencar é inconsistente em seu centro", apenas repetiria a ideologia europeia. Portanto, a imaginação de Alencar estaria fora do lugar.

> d'isso... É esta razão porque do eminente romancista brasileiro é aquele seu livro o de menos mérito, e mais falto de verdade. Ninguém escreva sobre o que não conhece ou viu, ou ainda confiado em informações destituídas de toda a verossimilhança. (TAVEIRA, 1886, p.7).

Para Taveira, José de Alencar faltou com a verdade, em sua ficção, por não conhecer o Rio Grande do Sul. Para ele, Senio nem visitou o Rio Grande do Sul, nem buscou informações com as pessoas da Província, por isso, desnaturadamente, fantasiou no seu gaúcho. E para Taveira: "*Senio*, como romancista podia fantasiar; mas tendo sempre por tema a verdade […] *Senio* naufragou na fantasia do seu gaúcho, porque este – o tema d'aquela – era um pseudogaúcho". (TAVEIRA, 1886, p. 8).

Portanto, o entendimento do que seria, narrativamente, o gaúcho está previamente vinculado à forma como Taveira produz a sua ficção, isto é, seguindo os passos da ciência. Em Taveira, para o literato escrever verdadeiramente há a necessidade do conhecimento (sensorial) do objeto do qual escreve. José de Alencar faltou com a verdade, segundo Taveira, não porque fantasiou, mas porque partiu de um falso gaúcho. Mas para sanar isso teria que ter visto, conhecido o objeto. Sem isso seu romance passou por inverossímil. E como parte de um entendimento falso, produziu uma narrativa fantasiosa sobre o gaúcho, que não diria a verdade de forma artística. Por ter preenchido os requisitos epistêmicos que considerava necessários para conhecer o gaúcho, Taveira acreditou ter produzido um gaúcho artisticamente verdadeiro.

Para Lima (2007, p. 432), "o privilégio da observação é parte integrante do culto da verossimilhança, que, em seu sentido usual, partilhava do *corpus* canônico ao veto ao ficcional". Lima (2007, p. 433) segue afirmando que no realismo ficcional (mesmo no romantismo) brasileiro em relação ao europeu, "a observação substituía o primado da reflexão". Taveira Jr. nada mais fez que levar o veto ao ficcional às últimas consequências. Alencar é acusado de falsidade por criar esse espaço para a ficção "respirar" em seu romance. Independentemente de ter vindo ou não observar o gaúcho, o seu romance problematiza o veto. Araripe Júnior também crítica Alencar da mesma forma que Taveira: "O verdadeiro pampa não foi observado pelo romancista; este que aí fica esboçado nas páginas do livro não passa de um sonho, de um pesadelo: pintura mais exata das desolações, das tristuras que povoavam a mente do escritor". (ARARIPE JR. apud MEYER, 1958, p. 409). Meyer também retoma mais de meio século depois a mesma crítica: "De qualquer modo, a observação de Araripe vem confirmar certas deficiências do texto, quando o consideramos do ponto de vista

documentário, particularmente no que se refere à assimilação da linguagem, ou do vocabulário regional". (MEYER, 1958, p. 410).

Segue Meyer (1958, p. 412), "o aproveitamento intuitivo das informações documentárias [...] não consegue apagar as falhas e tropeços". Alencar é criticado por não ter documentado de forma satisfatória o gaúcho e sua paisagem. Entretanto, Lima (2007, p. 418) vai afirmar que no texto literário há uma *radicalidade não documental* por que o "discurso literário não se apresenta como prova, documento, testemunho do que houve, porquanto o que nele está se mescla com o que poderia ter havido; o que nela há se combina com o desejo do que estivesse; e que por isso passa a haver e a estar". (LIMA, 2007 p. 418).

O erro de Meyer, como dos outros críticos, no fundo é expresso nessas palavras: "a criação literária vive em grande parte desse paradoxo, ou melhor, da contradição inevitável entre mimese, ou imitação da realidade, e a síntese criadora e subjetiva, que lhe dá estilo e vida". (MEYER, 1958, p. 413). O erro é entender a *mímesis* como *imitatio*. Como mera reprodução do passado ausente. Se aceitar-se o entendimento de mímesis como *poiesis*, o sentido muda. No próprio processo de representação da *mímesis*, o diferente e o igual se misturam, interpõem-se. Não o contrário, como se houvesse, de um lado, a criação do diferente e a repetição dele, de outro, e ambos entrassem em conflito para produzir a representação, ou entrassem num paradoxo por ter que misturar realidade e fantasia. Só haveria paradoxo, se se buscasse uma representação da realidade a partir do romance numa perspectiva de um empirismo positivista. Assim, haveria realidade (história) de um lado e sonho (ficção) do outro e, por fim, haveria um paradoxo.

Parece-me, então, que tais críticos nada mais fizeram que acionar o veto a ficção, via historiografia, na crítica ao *O gaúcho* de Alencar. Gomes (2008, p. 49, grifo meu), cinquenta anos depois de Meyer, reatualiza a mesma crítica: "Talvez Alencar não tenha sido um eficiente *tradutor da realidade* rio-grandense". E segue a autora: "Alencar não conseguiu fornecer um painel da sociedade rio-grandense que apresentasse suas nuances sociais adequadamente [...] devido sobretudo a ausência de uma *vivência* que lhe possibilitasse interpretar esta região com mais acuidade". (GOMES, 2008, p. 71, grifo meu).

E segue dizendo que Alencar "constrói um estereotipo lacunar, com base no mínimo senso-comum" (GOMES, 2008, p. 72), pois, "a partir de uma visão externa e sem nenhuma familiaridade com os costumes da província". (GOMES, 2008, p. 74). Alencar pode e deve ser criticado, mas não por ter supostamente imaginado demais ou por não ter vindo à Província ver o habitante local, por não ter tido uma vivência entre os rio-grandenses e assim traduzir a realidade, e a partir disso produzir seu romance. Pode ser criticado porque ficou

restrito ao imaginário imperial, porque ficou preso ao entendimento da história do IHGB e isso o vetou de ver outros mundos *poieticamente* possíveis. Mas Alencar, com todas essas críticas, conseguiu o que poucos conseguiriam: problematizar o veto à ficção da historiografia.

Um ano após a publicação de *O gaúcho* foi aprovada a Lei do Ventre Livre no governo Rio Branco. A partir das leis de 1850 e de 1871, de forma imprecisa não entravam nem nasciam mais escravos no Brasil. Aparecia a conjuntura para o desenvolvimento de uma organização abolicionista, que se concretizara no início da década de 1880.

> Para a monarquia, a lei de 1871 teve também grande significado. O envolvimento direto do imperador foi visto pelos proprietários como traição da Coroa a eles e aos interesses do país. Eles começaram a questionar a legitimidade da monarquia e a voltar os olhos para o novo partido fundado um ano antes. Para o sistema político as consequências também foram importantes. A nova lei, como a de 1850, foi aprovada por um gabinete conservador, quando a bandeira da emancipação fora levantada por liberais e radicais. O efeito foi deletério para ambos os partidos. O Liberal sentiu-se desprestigiado por não ter sido chamado para fazer aprovar a lei, o Conservador cindiu-se ao meio e os opositores passaram a hostilizar o gabinete. Como decorrência, o sistema partidário como um todo também se enfraqueceu. (CARVALHO, 2012, p. 114).

O gabinete Rio Branco arrostou outros conflitos, agora em oposição à Igreja Católica. Replicando ao empenho de romanização da Igreja, dois bispos brasileiros coibiram a frequência de maçons em irmandades religiosas. Em 1874, os dois bispos foram processados e condenados. O fato deu ensejo a uma cruzada antieclesiástica na opinião pública. O conflito com a Igreja uniu-se ao embate com os proprietários de escravos e terras que resultava na falta de apoio à monarquia. Para Carvalho (2012, p. 116), o ministério Rio Branco (1871-1875) foi o mais reformista do Império e

> Além da lei de 1871, reformou a polícia, o sistema judiciário, a Guarda Nacional e fez aprovar a lei do recrutamento militar […] Dele se disse que esvaziou o programa de reformas dos liberais. Pode ser considerado o ponto alto do governo de Pedro II. Ao mesmo tempo, nele também germinaram algumas das principais causas da queda do Império, o ataque à escravidão, alienando os proprietários, o conflito com os bispos, alienado a Igreja, e o surgimento do Partido Republicano, que fornecia alternativa à monarquia.

Os últimos anos do Império caracterizaram-se pela lenta eliminação da escravidão, pelo aparecimento dos militares como atores políticos e pelo desenvolvimento da organização republicana. Todos esses elementos cooperaram para a redução da força da monarquia diante dos grupos que exerciam grande influência na sociedade. Para piorar a circunstância, uma reforma eleitoral diminuiu a representatividade na Câmara:

> O impacto da lei foi profundo e de longa duração. Uma participação que começara ampla foi fortemente reduzida. O Congresso passou a representar apenas uma pequena parcela da população, a mais rica e educada. É verdade que um dos propósitos da lei foi atingido: a influência do governo nas eleições diminuiu e não mais houve câmaras unânimes. Ministros foram derrotados pelos novos eleitores. Se se acrescenta a isso o fato de que o imperador cada vez mais se abstinha de usar o Poder Moderador para mudar situações políticas […] a perda do apoio dos proprietários, da Igreja e dos militares, a monarquia foi afastada do povo pela redução da participação eleitoral. (CARVALHO, 2012, p. 119).

O tema da abolição retomou à pauta política no princípio da década de 1880. Segundo Carvalho, a pressão não foi dos ingleses, nem do imperador dessa vez. Ela veio dos clubes, da imprensa, das ruas, das senzalas. A luta pela abolição saia do parlamento para as ruas: “A mudança foi rápida e impressionante se se levar em conta que até o início da década de 1880 não existia uma opinião pública claramente favorável à abolição, muito menos um movimento abolicionista”. (CARVALHO, 2012, p. 121).[106] O abolicionismo converteu-se em um importante movimento popular. Foi significativa a determinação da regente Isabel de sustentar a demanda o que lhe acarretou notoriedade, entretanto a

> consequência negativa da abolição foi agravar a desmoralização dos partidos políticos, todos eles, inclusive o republicano, divididos em torno da questão. O dano maior, no entanto, foi para os dois partidos monárquicos, já mencionados pela redução da franquia eleitoral. Aos fatores já mencionados de enfraquecimento da monarquia acrescentava-se mais esse. O regime estava indefeso e o imperador não parecia disposto a tomar providências. (CARVALHO, 2012, p. 123).

O orgulho militar nascido no decurso da Guerra do Paraguai manifestou-se em exigências e reclamações contra o governo. Segundo Carvalho, na década de 1880 os antigos chefes militares haviam falecido. A nova geração cultivava mais fidelidade à corporação do que aos partidos, ou mesmo a monarquia. Ela considerava-se disposta afrontar a alta roda civil de bacharéis. Uma das razões da mobilização dos militares foi a demanda do fim da escravidão. No Brasil, poucos oficiais do Exército procediam da nobreza ou das classes elevadas da sociedade. Para Carvalho, pela procedência social não haveria importância na sustentação da escravidão. Conjuntamente, preparava-se na Academia Militar uma geração de oficiais mais interessados em matemática, filosofia e letras do que para temas bélicos. O

[106] Angela Alonso (2015) reconstitui a história da teia de associações que estruturaram um movimento social antiescravista. Assim, ela defende uma interpretação da Abolição que não se reduz somente às resoluções jurídicas estabelecidas pelo governo, tampouco ao contexto econômico mundial, nem às sublevações dos cativos. Para Alonso haveria também, em parte contra as afirmações de Carvalho, um vigoroso movimento abolicionista, que também teve poderosa influência na vida social brasileira ao longo de vinte anos, 1868-1888, que precederam a Lei Áurea.

positivismo foi corrente hegemônica entre os militares da nova geração e dois pontos do positivismo eram salientes naquela ocasião: por um lado, a recusa da escravidão e, por outro, a adesão à República. Essa nova geração militar aliou-se à geração egressa da Guerra do Paraguai, apresentando como aporte a luta pela república.

Assim, chegasse ao período de crise do Império. Nesse novo contexto que surgia no Brasil e passados quase dez anos da publicação de *O gaúcho*, o conflito sulino mereceu fazer parte da memória nacional. Mas sua entrada no lugar oficial de produção historiográfica não aconteceu de forma consensual ou sem mover antigas paixões e ressentimentos. Como um acontecimento que foi contra a integridade do Império receberia a proteção Imperial? Já estaria na hora de enterrar os mortos oficialmente? Dar-lhes uma sepultura no IHGB?[107] Como deveria ser narrada essa história sob a proteção imperial?

A proteção imperial impunha certos limites à narrativa. Os limites da integridade da nação, da figura do Imperador, da criação de uma identidade nacional. Uma memória que narrasse a fortuna da jovem nação. A isso se dedicaram, em especial, dois homens de letras. O primeiro, considerado pelos pares como escrevendo antes do tempo, terminou arquivado, o outro virou a narrativa oficial do IHGB.

Em 1854, de Sebastião Ferreira Soares (1820-1887), natural da cidade de Piratini, escreveu sua memória. Em 1839, alistou-se nas forças imperiais como 2º tenente no corpo de engenheiros. Após 1845, entrou na Tesouraria da Fazenda do Rio Grande do Sul. O autor também foi um dos primeiros contadores do Império. Na época de sua memória sobre a Farroupilha já era membro do IHGB. Com trabalho sobre a estatística financial na Província, Soares foi admitido, em 1853, como sócio do IHGB. No ano seguinte,

> em outro trabalho, tratando da guerra civil, fora acusado de plágio e, indignado, submeteu um documento do ministro da guerra farrapo Lucas de Oliveira à apreciação da casa, com o intuito de provar sua inocência e demonstrar a autenticidade dos documentos que trabalhava. O IHGB aceitou as provas documentais de Soares, mas lhe deu como destino o arquivo, bem como arquivaria os comentários por ele feitos sobre a documentação. No relatório de final ano, o secretário Macedo foi direto: documentos daquela ordem deveriam ser arquivados para "oportunamente" lhes ser feita "a devida menção". Para Macedo, era necessário recolher os documentos sobre os acontecimentos no Sul (àquela altura, "politicamente esquecidos", reiterava ele), mas para serem lidos somente no futuro, quando se teria o distanciamento necessário em relação, a fim de evitar o calor proveniente de fatos tão recentemente vividos. (BOEIRA, 2013, p. 37).

A primeira memória apresentada no IHGB sobre a Farroupilha foi arquivada por ainda estar-se muito perto do calor dos acontecimentos. O lugar oficial de produção da história no

[107] CERTEAU, 2007, p. 106-109.

Império Brasileiro não autorizou a circulação da memória de Soares.[108] Por isso que as outras memórias acabaram sendo publicadas por outro caminho. Ao passado farroupilha ainda não era concebido um túmulo. O controle do imaginário fez-se sentir de forma contundente na memória de Soares. Era um espectro que ainda sofria a “maldição de Caxias”.

Contudo, a memória foi escrita e foi a primeira no IHGB. Seu destino não foi alvissareiro, mas era o sintoma de um período da historiografia. A história era para unificar o Império e não mostrar uma guerra em que a Província mais ao sul queria se separar. Parece que nem a proteção imperial conseguiria salvar do esquecimento os atos bravos da guerra civil.[109] Somente 25 anos mais tarde Farroupilha faria sua entrada triunfal nos salões do IHGB.

Somente na sessão de 22 de agosto de 1879, ao final do dia, a guerra civil no Rio Grande do Sul entra de fato no IHGB com a permissão de Sua Majestade Imperial. Dois elementos são importantes para essa virada; a distância temporal e uma mudança na concepção de história por parte do IHGB. Conforme observou Boeira (2013, p. 37),

> no IHGB, foram os próprios sócios que percebem uma mudança na concepção de história da casa. No “Discurso do Presidente Visconde de Sapucaí” de 1867, ele assinalava sobre a transformação sofrida pela concepção de história do IHGB desde sua fundação. Em 1867, observava o Visconde, a história não mais servia somente para coligir, metodizar ou arquivar, como se acreditava em 1839, mas também para combater erros e esclarecer pontos duvidosos, através da publicação de memórias.

Estava aberto o caminho para a guerra civil no Rio Grande do Sul entrar pela porta da frente no IHGB em 1879.[110] Enfim, parecia que a “maldição de Caxias” finalmente seria quebrada. Não mais memórias históricas parciais, incompletas ou arquivadas; finalmente

---

[108] A memória de Soares (1935) sobre a Farroupilha, *Breves considerações sobre a Revolução de 20 de setembro de 1835*, só acabou sendo publicada pela primeira vez em 1935 pelo Arquivo Nacional. Para Soares (1935), a intriga que coaduna os personagens e fatos desta narrativa são as correções empíricas que o autor fez. Contudo essas correções fáticas são a defesa da política imperial para a Província, como também a defesa dos personagens, chefes políticos e militares imperiais, criticados nos textos de Lucas de Oliveira. Soares fez ao longo de sua memória pequenas defesas pontuais das críticas que Oliveira fez. Outra memória que dormitou nos arquivos, neste caso arquivo pessoal, foi a de Francisco de Sá Brito. Escrita em 1875, só foi publicada pela primeira vez em 1904 no Almanack Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul com o título de “Memória sobre a Revolução de 20 de setembro de 1835”. Em 1950, foi publicada em livro com o título de *Memória da Guerra dos Farrapos*. Na memória de Sá Brito (1985), a intriga que dá coerência aos eventos narrados é a intenção de deixar a seus filhos uma memória para que eles possam defender o seu obscuro nome. Isto é, o que dá sentido à gramática de sua escrita é defender a si mesmo em eventos que participou na “revolução”. Então a revolução é narrada nesta memória, como um texto de justificativa de suas escolhas políticas.

[109] “E assim ficou o assunto ‘asilado’ no arquivo da agremiação, abrigado das opiniões e discussões que poderia despertar”. (BOEIRA, 2013, p. 171).

[110] Hruby (2012, p. 167) aponta mais um motivo para a leitura nesse ano da memória de Araripe: “De 1878 a 1885, os ministérios permaneceram com os liberais. Iniciou com o gabinete Sinimbu (5 de janeiro de 1878) e perdurou até o gabinete Dantas (6 de maio de 1885). E com os liberais no poder, em especial na província de São Pedro, determinada visão do passado veio alimentar pretensões e rearranjos políticos”.

haveria uma memória do início ao fim. Araripe chega ao salão de leituras e começa a discursar: "Peço permissão a Vossa Majestade e aos meus ilustres consócios". Quando, enfim, a "maldição de Caxias" seria quebrada, e se relembrariam das dissensões internas, a leitura de Tristão se torna, paradoxalmente, uma nova condenação da guerra civil. Lembra, mas condena.[111] O que parecia o remédio (RICOEUR, 2007, p. 151-154) das paixões políticas reacende a polêmica novamente:

> O Império, abalado que estava naquela década de 1880 pelas ideias republicanas e abolicionistas que eram uma realidade incomoda e preocupante dentro do país, não poderia abrir mão de uma visão firme e que argumentasse a seu favor no caso farroupilha. Nesse sentido, o trabalho de Araripe se enquadrava perfeitamente no quesito dos interesses da nação imperial, justificando convenientemente as atitudes tomadas pelo governo central em relação ao conflito no sul, o que também convinha aos propósitos do IHGB […] dessa maneira, Araripe desqualifica o movimento sulino e reafirmava a soberania nacional […] Dentro dessa lógica, era oportuno a Araripe – e, por extensão, ao Instituto imperial – afirmar que o soldado farroupilha não foi herói e sim *criminoso* […] foi a voz de Araripe que ressoou para o resto do país como aquela que estava autorizada, pelo IHGB e por extensão, pelo governo de D. Pedro II, a narrar o que se passou nos campos de batalha do Brasil meridional no sangrento decênio de 1835 a 1845. (BOEIRA, 2013, p. 236-237).

A "maldição de Caxias" é usada pelo avesso, relembra o que não era para ser relembrado, mas condena novamente, como se o ritual da maldição fosse outra vez refeito, agora com mais força. Como Certeau (2007, p. 243-265) observou, na possessão de *Loudon* sempre que a bruxa é interrogada é para ser condenada.

Tristão de Alencar Araripe (1821-1908) foi político, jurista, magistrado e escritor. Também foi membro do Partido Conservador e do IHGB.[112] De 5 de abril de 1876 a 5 de fevereiro de 1877, foi presidente da Província de São Pedro. Em 1879, apresentou no IHGB seu discurso sobre a Farroupilha. Em 1881, veio à luz *A guerra civil no Rio Grande do Sul*.

No primeiro capítulo de sua memória histórica, Araripe[113] se propôs a fazer observações sobre a "revolução rio-grandense" e sobre os documentos que coligiu sobre ela. Nos capítulos seguintes, em que ele entende que apresentara os documentos, narra os episódios da guerra civil. Divide em três épocas a revolução rio-grandense. A primeira, a sedição em 1835 até 1836, em que a desobediência pedia justiça. A segunda, a da rebelião de

---

[111] Boeira (2013) comenta a intensa repercussão da obra de Araripe na Corte e na Província.

[112] Para Guimarães (1995, p. 500-501), na época final do Império "ofuscado por brasões e fardões reluzentes, apegado às convenções da Corte, o Instituto Histórico tornara-se opaco […] Espelho fiel que sempre fora da monarquia, tal qual o regime nos últimos tempos, o mais importante reduto intelectual do Império se arrastava […] A 'escola palatina', cantada por Araújo Porto Alegre da década de 40, desviara-se do seu rumo. Relegando as atividades acadêmicas para um plano secundário, convertera-se num salão elegante do Paço".

[113] Guimarães (1995, p. 494) se reporta a Araripe como "o *doublé* de político e escritor Tristão de Alencar Araripe".

setembro de 1836 até 1843, que renegava a comunhão brasileira. A terceira, a da sujeição em que os rebeldes regressam ao grêmio nacional. Por isso, “o princípio da integridade do Império manteve-se e a luta por parte do governo imperial deve ser aplaudida”. (ARARIPE, 1986, p. 4).

Outro ponto que abordou foi a denominação de “democrática” que havia no movimento revolucionário. Para o magistrado cearense, nunca um chefe supremo da Repúbica foi erguido pelo voto popular, antes, o presidente da “república do Piratini” nunca teve legitimidade senão pelo arbítrio dos caudilhos. Para o autor, “tão certa era a incapacidade dos caudilhos para a ordem civil!”. (ARARIPE, 1986, p. 5). Nunca houve eleições regulares no novo Estado. Os caudilhos militares a tudo decidiam e ordenavam. A democracia nunca se separou tanto de um governo do que na república do Piratini. Para o magistrado cearense, por não ter eleições regulares e por ser governada por caudilhos, “a república de Piratini jamais passou de uma fantástica criação de espíritos desejosos de inovações; pois nunca o voto geral influiu no d’essa república dos caudilhos rio-grandenses; só eles […] resolviam as questões de interesse geral”. (ARARIPE, 1986, p. 5).

Portanto, o regime militar protegeu o despotismo dos caudilhos. Outro ponto importante foi que a revolução terminou com a *rendição* dos rebeldes e não com um tratado de paz. Também a revolução rio-grandense não tinha um plano contrário à monarquia brasileira; para ele, as rivalidades na Província e os atos pouco justos do governo imperial é que causaram a desobediência dos farroupilhas. Pois, se só o pensamento republicano fosse a origem da guerra civil, não haveria a República, porque, segundo o autor, nunca houve eleições populares e tudo se decidiu por atos ditatoriais. Assim, do sistema democrático a república do Piratini teve apenas o nome vão. Em vez do voto público, a voz do soldado.

Para Araripe, na república do Piratini a justiça não tinha sacerdotes para a aplicação da lei. Também, não só as pessoas estavam alheias aos caprichos dos caudilhos, como a propriedade teve seu destino vinculado ao arbítrio dos líderes rebeldes. Assim, quando nem a pessoa nem a propriedade são respeitadas, a anarquia é a força destruidora do governo. Por isso, Araripe entendeu que a causa republicana servia de pretexto a essa circunstância. Logo, as causas da revolução não seriam justas, e que a república não era uma exigência real na Província.

Para Araripe (1986, p. 8), quem passasse do território do Império ao território da República “não conheceria diferença no regime, à exceção d’esses atos de pura violência, ingênitos ao predomínio do militarismo […] Ali, como aqui, as normas legais dos cidadãos entre si eram as mesmas”. Os atos políticos e civis da República pautavam-se pelos do

Império. Para o magistrado e político cearense, a diferença seria apenas nominal: onde se chamava Império "ali chamava-se República", onde era Imperador, "ali denominava-se Presidente". Nestas diferenças consistia a essência do governo. Isso leva o autor a crer que

> Os Rio-grandenses pois parece não terem tido jamais o pensamento definitivamente assentado de separação da nossa nacionalidade, salva a pequena fração dos agitadores idealistas. Quando os rebeldes depuseram as armas para fazer cessar a luta, o motivo d'essa deposição foi a conservação da integridade d'esse mesmo Império, a quem combatia. (ARARIPE, 1986, p. 9).

Se os rebeldes tivessem a intenção de se separar do Império teriam, formalmente, se confraternizado com as repúblicas vizinhas do Prata. E isso eles nunca o fizeram, porque

> A conservação das leis e esse retraimento, […] indicam, que no ânimo dos rebeldes nunca desapareceu a ideia de regresso à união brasileira. Que não foi a república rio-grandense o êxito de um plano em prol da ideia democrática, mas sim o recurso empregado pelos rebeldes para manter-se fora do alcance do castigo legal da sua primitiva desobediência. (ARARIPE, 1986, p. 9).

Outra evidência seria que exigiram, segundo o autor, para retornar ao Império: a) o reconhecimento dos seus postos militares e b) o pagamento da dívida por eles contraída durante a guerra. Para Araripe, ficou evidente que só haveria interesse particular dos líderes da rebelião, nunca a causa republicana e democrática esteve em primeiro lugar.[114] O mais importante foram "os afetos pessoais" nos atos dos rebeldes, revelando, para o magistrado, que a questão de princípios não era a causa da revolução:

> O que incitava os rebeldes a depor as armas, não era nada d'isso; era sim a satisfação do orgulho pessoal, e a aceitação de condições vantajosas de interesse privado, o que determinava para os rebeldes a paz e a cessação do derramamento de sangue dos seus concidadãos. A rebelião rio-grandense pois, no nosso modo de pensar, teve caráter egoístico, e não caráter de patriotismo […] Os rebeldes do Rio-grande do Sul julgavam-se fortes; mas depunham as armas, logo que condições favoráveis a interesses particulares fossem admitidas pelo governo imperial. (ARARIPE, 1986, p. 11).

Para mostrar que estas foram as características da rebelião rio-grandense, ele as comparou com duas rebeliões anteriores que ocorreram no norte do país uma em 1817 e a outra em 1824. Em ambas, mostrou-se nítida diferença de caráter em relação ao movimento rio-grandense, pois no "Norte o primeiro pensamento dos revolucionários foi recorrer ao povo

[114] Para Araripe (1986, p. 10), o único ponto em que os rebeldes foram coerentes foi em relação à liberdade dos escravos por eles apregoado e esforçaram-se junto ao governo imperial para que os negros não voltassem ao cativeiro.

como origem do poder”. (ARARIPE, 1986, p. 12). Esses governos no norte procuraram-se legitimar pela eleição popular. Lá os dois movimentos foram derrotados pela força das armas e não cederam, enquanto no Sul, para o autor, não houve legitimação popular e, sem serem vencidos, transigiram.

No Norte, continuou argumentando o magistrado, o sentimento democrático levantou a rebelião; no Sul, havia apenas a ideia de influência local. No Norte, a insurreição sustentou-se no voto popular; no Sul, apoiou-se no espírito de caudilhagem. Lá os revolucionários inspiraram-se nas ideias de regime civil. Aqui armou-se sob a influência da ideia do governo militar. No Norte, os rebeldes observavam os Estados Unidos e deles tiravam-se seu exemplo. No Sul, os rebeldes tinham na cercania os caudilhos militares do Prata e dali tiravam o seu exemplo. Logo, para o autor, “concluímos a grande diferença nos respectivos movimentos do Norte e do Sul do Império” (ARARIPE, 1986, p. 12).

Araripe refletiu também sobre sua escrita. Para o autor, a guerra civil no Rio Grande do Sul foi um acontecimento muito importante, portanto, não se poderia desconhecer a necessidade de saber o fato em suas causas e progresso. E continuando seu raciocínio:

> Ainda não temos a história da época d’este sucesso, nem é ainda tempo de escrevê-la, visto não ter ainda chegado o remanso das paixões para que o escritor, como juiz imparcial, possa expender a verdade sem preterir considerações individuais. Escrever dos contemporâneos, emitindo juízo, é correr o perigo de exagerar a apologia pela amizade, ou engendrar censuras pelo ódio. A história não tem complacências, e tão somente dignifica-se pela verdade. (ARARIPE, 1986, p. 13).

Como os memorialistas anteriores, Araripe entendeu que não é o momento de escrever a história da guerra civil por não haver as condições epistêmicas que garantissem a imparcialidade e a verdade para a escrita dessa história. Continua sua reflexão afirmando que

> O historiador é juiz; e o juiz deve ser competente, e julgar pelo processo. A competência dá o tempo; o processo organiza-se pelos depoimentos, acumulando-se os documentos, em que estes se contêm. Escrever antes de tempo é ser juiz ilegítimo; é proferir sentença sem processo regular. Os contemporâneos não são historiadores; são apenas testemunhas e organizadores do processo. O nosso egrégio Instituto bem compreendeu esta verdade; por isso fundou-se com o intuito, não de escrever a história, mas de reunir documentos para que ela escreva-se oportunamente. (ARARIPE, 1986, p. 13).

De tal modo que para a memória virar história é necessária uma distância temporal até que se possa escrevê-la. Para isso, ele usa a metáfora jurídica, é preciso recolher provas, isto é, documentos. Se o historiador narrar antes do tempo, historiar quando ainda houvesse paixões sobre determinado assunto e, também, quando não houvesse documentos necessários

sobre determinado acontecimento, seria um juiz ilegítimo, logo, um historiador ilegítimo. Assim, como os demais memorialistas, ele se propõe a produzir uma memória que será usada futuramente para os historiadores terem como base factual para escrever a história. E aponta que esse era o norte historiográfico no IHGB.

O autor considerou este procedimento, a preparação do processo histórico, um importante serviço do IHGB e com este fim que "hoje venho trazer à vossa apreciação alguns documentos, que me parecerão úteis coligir, e depositar no nosso arquivo". (ARARIPE, 1986, p. 14). Dentro do espírito do IHGB, pesa-lhe não ter conseguido acumular todos os documentos autênticos sobre a guerra civil rio-grandense. Dispôs os documentos por ordem cronológica e conforme o assunto referente, pois mais fácil se prestavam à consulta e exame. Assim, continua o autor:

> A leitura dos documentos assim coordenados dá-nos as minudências dos fatos, as peripécias dos acontecimentos, e faz-nos como que presenciar os atos […], que nos guiem na apreciação dos sucessos, e no julgamento dos caracteres, que muitas vezes revelam-se melhor por casos particulares, que somem-se pelo pequeno vulto ante a distância dos tempos, do que por sucessos estrondosos, que a fama engrandece e desnatura. (ARARIPE, 1986, p. 16).

Para Araripe, ao longo da narração alguns documentos podem parecer insignificantes, mas muitas vezes tal aparência engana quando o documento for observado por si, isto é, quando ele fixa uma data, caracteriza um fato e referencia um personagem específico. Antes de apresentar os documentos, o autor considerou necessário

> fazer sucinta narração dos fatos principais da revolução rio-grandense, mostrando a concatenação e marcha dos acontecimentos. Omitiremos as considerações políticas e morais, que poderiam envolver julgamento dos homens e dos fatos especiais: o nosso fim é, com a simples exposição narrativa, dispor o leitor a melhor compreender o valor e significação dos documentos […] N'essa exposição procurarei a possível fidelidade, acompanhando as peças instrumentarias, que exibo. Na seleção dos documentos procurei reunir todos aqueles, que vieram ao meu conhecimento, e que me pareceram convenientes para esclarecer os fatos, e habilitar o escritor a emitir juízos sobre os acontecimentos, quer no tocante à causa deles, quer na parte relativa ao caráter dos autores do drama representado […] que agora ofereço. (ARARIPE, 1986, p. 16-17).

Araripe almejava escrever, como era o mote em sua época, numa utópica neutralidade axiológica, ou seja, queria escrever sobre o passado sem considerações políticas e morais.[115]

---

[115] Apesar de tratar do caso Varnhagem, o argumento de Cezar (2005) pode ser estendido para se compreender a imparcialidade das obras desse capítulo.

Pretendeu, como os outros memorialistas, só fazer uma memória documentada.[116] O autor considerou que ainda não era o tempo de se escrever a história da guerra civil no Rio Grande do Sul. Estava recolhendo documentos, contudo, colocou estes documentos dentro de uma sucinta narração para que eles fossem entendidos. Além dos documentos, também, compreendeu que só com o passar dos anos e das paixões é que se poderia escrever uma história imparcial e fidedigna. Só futuramente o historiador escreveria uma história como juiz, com juízo.

Depois das análises sobre a guerra civil e sobre como se deve escrever sobre o passado, começou a narrar os fatos da rebelião rio-grandense. Para o autor, tudo começou em 7 de abril de 1831 quando D. Pedro I abdicou da coroa. Desse fato, percebeu Araripe, decorreram dois resultados: "o afrouxamento do vínculo autoritário, e o exaltamento das ideias democráticas". (ARARIPE, 1986, p. 18). Desses dois fenômenos foi que veio a inspiração para a revolução. Ideias democráticas, republicanas e federativas estavam disseminadas na Província e eram estimuladas pelas repúblicas do Prata e pela maçonaria. Dessa forma, em 20 de setembro rompeu a sedição na cidade de Porto Alegre.

O partido que fizera a sedição, denominado exaltado ou dos exagerados, tinha Bento Gonçalves a sua frente, a quem Araripe considerava perigoso à paz pública. O autor entendeu que dentro da sedição haviam os que buscavam uma maior autonomia da Província e os republicanos. Contra eles havia o partido retrógrado, que era a favor da restauração do Imperador e avesso às políticas liberais da regência. Em outubro, o presidente deposto Fernandes Braga vai para Corte, em seu lugar assumindo Araújo Ribeiro, para "salvar-nos da anarquia". Com a volta de Bento Manoel à legalidade, o governo imperial militarmente avança sobre os rebeldes. No governo provincial de Araújo Ribeiro, um momento importante foi o combate na ilha de Fanfa. Nesse combate, "a necessidade de salvar as vidas forçou Bento Gonçalves a depor as armas, e render-se". (ARARIPE, 1986, p. 37). Entretanto, escreveu que os rebeldes consideravam-se capitulados e que suas prisões foram injustas. Para o magistrado cearense, por mais que os rebeldes tenham recriminado seus adversários como desleais com as prisões em Fanfa, eles nunca exibiram provas para suas afirmações. Isto é, não tinham documentos probatórios da capitulação, pois "A capitulação, jamais provada por documento, foi argumento dos vencidos para encobrir o desastre". (ARARIPE, 1986, p. 38).

[116] "O aprofundamento do passado, como consequência, dentre outros fatores, da ênfase na singularidade do presente, exigia novo entendimento dos eventos […] Entretanto, essa tarefa era dificultada pela consciência nascente de que os interesses e parcialidades dos homens vivos poderiam distorcer a compreensão dos eventos e, logo, do destino histórico da comunidade. Para enfrentar esse problema, a positividade dos fatos é transformada em único critério de verdade". (ARAUJO, 2008, p. 187).

O primeiro efeito da derrota foi a estupefação dos sediciosos, contudo, logo, os rebeldes reanimaram seus meios de ação, com Antônio Netto e João Manoel.

A sedição iniciada em 20 de setembro de 1835 terminou em 4 de outubro de 1836 “na desconhecida ilha de Fanfa. Findou-se ali a sedição para erguer-se em franca rebeldia”. (ARARIPE, 1986, p. 39). Combatiam não mais um partido contra o outro, mas cada um, em nome de um princípio diferente. E então “surge o ato mais importante d’esse drama […] para constituir a época mais notável da guerra civil”. (ARARIPE, 1986, p. 40). Assim a guerra teve dois momentos, partido contra partido, Estado contra Estado.

Netto proclamou em 12 de setembro de 1836 a separação e decretou a República. Para o autor, um caudilho militar faz a obra que devia ser dos cidadãos. Contudo, havia mais aparência do que realidade nesta nova república, embora houvesse a tentativa de um governo independente. A Província procurava retalhar o Brasil, mas a Providência, na reflexão do autor, não consentiria, por que o Brasil estava fadado à grandeza na América e no mundo. Além disso, obervou o magistrado e político cearense, que o povo não tinha educação para entender e fazer a democracia, que só quando tivesse o povo habilitado pelo ensino e pela moral isso seria possível.[117]

Criada a República, tudo se fez à imitação do que existia no Império. Para o autor, os auxílios clandestinos que a nova Repúbica recebia das repúblicas do Prata foram fundamentais para sua sobrevivência. Depois do combate de Fanfa e da proclamação da República, no início de 1837, Araújo Ribeiro foi substituído da presidência por Antero de Brito. Com essa alteração na presidência da Província, Bento Manoel aderiu novamente à causa rebelde, quando inicia o melhor momento militar dos rebeldes, que possuíam, nesse período da guerra, um centro administrativo em Piratini. Segundo Araripe, esse enorme sucesso é efeito da traição. E, portanto, “a rebeldia não cedia, e a anarquia prosseguia impelida pelo sopro do vento democrático”. (ARARIPE, 1986, p. 59). E cumpria reprimir essas ideias contrárias à ordem monárquica na província.

A memória de Araripe é a primeira a narrar com mais atenção um elemento militar novo que os rebeldes trouxeram para a guerra. Esse elemento era a participação dos negros na guerra civil. Portanto, davam liberdade aos “escravos, que viessem defender a liberdade dos republicanos, as vítimas da opressão social afluíram”. (ARARIPE, 1986, p. 86). Os negros

---

[117] Para Araripe (1986, p. 163), “a república só deve ter por base a ilustração do povo; mas a república de Piratini levanta-se no meio de uma população na máxima parte sem instrução […] por isso inapta para o regime de democracia”. Moacyr Flores, quase cem anos depois, comenta sobre a influência do *Risorgimento* na Farroupilha e chega a conclusão semelhante à de Araripe: “o povo não tinha condições de entendê-las por seu baixo nível cultural” (FLORES, 1996, p. 66), ou “O homem do povo lutou nas hostes rebeldes e legalistas sem entender a doutrina de cada facção”. (FLORES, 1996, p. 37).

formavam a base da força militar da República. A Corte imperial buscou sempre dissipar essa força militar que era uma ameaça ao direito de propriedade e um recurso eficaz do exército rebelde. Na escrita de Araripe, apareceu também o personagem José Garibaldi, com seu corso contra o comércio marítimo do Império e a tomada militar de Laguna. É importante frisar que esses dois novos personagens narrativos na memória (mas que em Caldre e Fião já haviam sido trazidos à cena narrativa), que Araripe abordou com mais destaque que os outros memorialistas (menos Dumas e Nascimbene), são personagens que habitam a periferia da sua rede narrativa na compreensão da guerra civil.[118]

Dois acontecimentos deram novo ânimo aos imperiais no momento de maior avanço das forças rebeldes. O primeiro em julho de 1839, em que Bento Manuel, desavindo com Bento Gonçalves, de quem era competidor na república, abandona em definitivo as forças rebeldes. No ano seguinte, antes dos 18 anos, D. Pedro de Alcântara era declarado imperador "e esse acontecimento ia influir positivamente sobre a direção dos negócios da província rebelada". (ARARIPE, 1986, p. 105). Contudo, só no final de 1842 quando é nomeado o Barão de Caxias para presidente e comandante das armas da Província, os legalistas começam a levar vantagem na guerra civil. Entrou-se, então, na terceira época da revolução rio-grandense: a da sujeição. Caxias tinha como alicerce de seu sistema político-militar a conciliação, e foi "Esta política conciliadora, que finalmente pôs termo à guerra civil". (ARARIPE, 1986, p. 128). Outros fatos trouxeram mais força aos imperiais como a volta de Bento Manuel a suas fileiras e a deserção que começou a ocorrer nas tropas rebeldes. Além disso, havia na assembleia constituinte do Alegrete uma discórdia intestina entre os líderes rebeldes.

Considerando impossível sua vitória em fins de 1844 e começo de 1845, os rebeldes deliberaram sugerir sinceramente a paz. Em 28 de fevereiro de 1845, "Sumia-se assim a república rio-grandense d'entre as potências da terra, e resurgia a província de Rio-grande do Sul". (ARARIPE, 1986, p. 179). A causa da monarquia e a integridade do Império estavam restabelecidas.[119] Por fim, sentenciou Araripe, "Expomos os fatos: julgue o leitor segundo o seu critério". (ARARIPE, 1986, p. 221).

---

[118] Apesar de aparecerem pouco em sua memória, Araripe tem o mérito de ser o primeiro, pois, só no próximo século que esses personagens entrariam para o centro da narrativa de alguns historiadores. Esse caso é dos imigrantes alemães, que só de passagem aparecem nas narrativas até agora, sem nenhuma preocupação de narrar a vida desses personagens. Sobre os imigrantes alemães e a Farroupilha ver: Moehleck (1986), Gertz (2008) e Tramontini (2000).

[119] Araripe (1986, p. 182) pergunta-se como a "revolução" pode durar tanto e enumera quatro causas: "A fraqueza do Império nesses tempos em relação às finanças; a facilidade com que os rebeldes encontravam refúgio e auxílio no Estado Oriental; a vacilação de plano por parte do governo imperial sobre os meios de

A memória de Araripe é, com certeza, dentre todas, a de maior fôlego. Tanto no que se refere ao uso de documentos, pesquisa, narração dos fatos e quanto ao que se refere à reflexão teórica sobre sua própria escrita. Propõe-se a não escrever a história, mas apenas coligir documentos para que no futuro, quando houvesse condições epistêmicas, se escrevesse a história sem paixões, isto é, com imparcialidade, e com o material empírico suficiente para narrar a história. Propõem-se a ser um subsídio para os futuros historiadores. *A guerra civil no Rio Grande do Sul* é o primeiro livro que narra a Farroupilha desde seu início em 1835 até seu fim em 1845. Também é o primeiro que propõem uma periodização da mesma. E uma periodização é o início de uma explicação. Ao colocar as três épocas da guerra civil, esboça um quadro interpretativo. Se Saturnino escreveu dentro das intrigas palacianas, Araripe escreve nem momento em que os liberais estão no poder e, ao mesmo tempo, em que ocorre um processo de desligitamação da monarquia perante a sociedade. Dentro de uma das possíveis leituras da memória de Araripe, politicamente ela quer ressalvar a importância do centralismo da monarquia na construção da nação, isto é, o seu passado, mas também aponta para o futuro do país que, também, deve ser com a monarquia, pois que a alternativa, a república (não só em 1835, mas no seu próprio tempo de escrita), é anárquica, desintegradora da nação e não respeita a propriedade.

Apesar de ser a mais detalhada e narrar tanto monarquistas quanto rebeldes, como as demais, sua memória se concentrou em contar os acontecimentos políticos e militares dos principais personagens legalistas e anarquistas. A intriga que forneceu sentido à sua narrativa é a integridade do Império, isto é, os caudilhos se aproveitando das ideias avançadas e da falta de autoridade na Corte do Império lançam-se primeiro na sedição depois na rebelião e, por fim, são sujeitados e retornam ao Império de onde, segundo Araripe, nunca tiveram intenção de sair. Portanto, desenvolveu os personagens entre os defensores da integridade do Império, por um lado, e, por outro, os caudilhos que queriam primeiro a sedição e depois a rebelião, a separação do Império, para atender a seus interesses privados. Mostrou o passado, em sua narrativa, de quase dez anos de luta para reintegração da província de São Pedro do Rio Grande do Sul ao Império. Do Império frágil com a abdicação de D. Pedro I ao "exaltamento das ideias democráticas", que os rebeldes usaram a seu favor, há uma luta política e militar entre os personagens da ordem, os legalistas que defendem a integridade do Império, e os personagens da anarquia, os rebeldes, que defendem primeiro a sedição e depois a separação do Império. De tal modo, com a memória de Araripe instaura-se, em definitivo, o controle

---

pacificar a província; a intrepidez e tenacidade dos principais homens de guerra da república rio-grandense".

sobre o imaginário da guerra civil que vem do centro do poder sobre a escrita do passado, o IHGB que é a voz oficial do Império sobre a história da Farroupilha. O controle imperial postula o imaginário do passado mediante seus interesses políticos e com a ajuda do IHGB.[120]

Após a publicação da memória de Araripe, entra-se nos momentos finais do Império, na atmosfera politicamente carregada dos últimos anos, em que D. Pedro II pouco fizera para proteger a monarquia. Sua autoridade, porém, era tão grande que os políticos, com poucas ressalvas, não arriscavam a contradizê-lo. Eles "obedeciam ao imperador e o respeitavam, mas não o amavam e, em sua maioria, não estavam dispostos a lutar por ele". (CARVALHO, 2012, p. 126). E quando no dia 15 de novembro informaram-lhe que a República fora proclamada, D. Pedro II não acreditou nas notícias, porém "confirmados os fatos, sua reação foi dizer que seria sua aposentadoria, já trabalhara muito e estava cansado". (CARVALHO, 2012, p. 127).

A conspiração militar marchou ligeiramente. O Partido Republicano aceitava desde 1887 o auxílio do exército para derrocar a monarquia. Eles lograram aliciar para o golpe o general Deodoro, que sempre fora fiel a D. Pedro II. Ele avisado saiu de Petrópolis sem dar credibilidade às informações. Apenas à noite, quando Deodoro da Fonseca soube da escolha de um opositor pessoal para suceder a Ouro Preto, resolveu-se pela proclamação. A família imperial foi intimada a deixar o país na madrugada do dia 17. Definida a proclamação, compôs-se o primeiro ministério, com Deodoro na presidência:

> No Brasil, a República consolidava-se aos poucos, enfrentando as dificuldades da maneira por que fora proclamada e da heterogênea composição dos seus aderentes. Depois de quase dez anos de conflitos e guerras civis, encontrou sua estabilidade na presidência de Campos Salles, um dos fundadores do Partido Republicano paulista. (CARVALHO, 2012, p. 128).

Portanto, se em 1879 o IHGB fornecia seu veredito científico-político sobre a Farroupilha, o regime monárquico enfrentava uma crise político-social. No final de década de 1860, na província do Rio Grande do Sul, sob a liderança do general Osório e de Gaspar

---

[120] Hruby (2012, p. 167-191) mapeia a repercussão da memória de Araripe na Província de São Pedro. E após faz uma síntese, a partir dos críticos de Araripe, de como foi analisada a sua escrita sobre a Farroupilha: "Essas pesquisas continuam a trazer o trabalho de Araripe aos leitores, embora de forma adjetivada e não analisada. Desde as críticas de Koseritz, em 1881, até hoje, a bibliografia teima em nos mostrar a figura caricata do autor e do trabalho: historiógrafo imperial, adversário da rebeldia, cronista do Império, tom faccioso, autorizado historiador, zeloso funcionário do Império, inimigo dos Farrapos, voz absolutamente insuspeita, defensor da legalidade, escritor monarquista, historiador palaciano". (HRUBY, 2012, p. 182). Ele prossegue dizendo que "foi pelo choque entre experiências remontadas e expectativas recriadas que o texto do autor cearense foi rotulado, estigmatizado e condenado. Tristão de Alencar Araripe podia ser consagrado historiador na Corte e até no Norte, mas não na província de São Pedro do Rio Grande do Sul". (HRUBY, 2012, p. 183).

Silveira Martins, o novo Partido Liberal rompe a antiga aliança com os progressistas e assume uma postura mais agressiva em relação ao unitarismo da Corte. Desse novo Partido Liberal também participavam os republicanos da província. A partir do Partenon Literário, inicialmente e, mais adiante, a partir do Clube 20 de Setembro, na Faculdade de Direito de São Paulo, novos enredos surgiram sobre a Farroupilha. Tanto liberais como republicanos mudaram o sentido da narrativa. E isso foi articulado com a disputa sobre o imaginário, isto é, após os anos 1860, com o fim da Guerra do Paraguai, a *geração de 70*, o recrudescimento da luta abolicionista, a questão religiosa e militar, foi-se configurando um novo imaginário social que possibilitou escrever um passado, tanto no romance como na historiografia, diferente do que havia se feito até então. Se, anteriormente, a Farroupilha foi escrita como uma afronta à construção da jovem nação, como anarquia social, no último quartel do Império isso mudaria e ela passaria a ser escrita como regeneração do Brasil, como luta contra o despotismo. A mudança de imaginário é articulada com a crise da monarquia.

PARTE II

Do Partenon Literário a comemoração do centenário da Farroupilha

Último semestre de 1872. Gaspar Silveira Martins, com sua comitiva, chega ao escritório do general Manuel Luis Osório, em Porto Alegre. O sorriso que vinha do rosto de Silveira Martins não poderia ser mais contagiante. Todos os que vinham com ele estavam a passos largos e decididos. O dia amanhecera nublado, mas o sol despontava com um início de calor. Silveira Martins, com então 42 anos, era o segundo em importância no novo Partido Liberal,[121] que surgira no final da década de 1860. Osório, após a morte de Félix da Cunha, assumia a liderança dos liberais históricos. Ao futuro tribuno nada parecia poder deter o avanço liberal na Província. A vitória nas eleições legislativas provinciais de 1872 levou os liberais ao controle do poder legislativo. Contudo, o comando no executivo só viria em 1878, quando o poder de Silveira Martins na Província, principalmente após a morte de Osório em 1879, seria inquestionável.

Silveira Martins entra no gabinete de Osório, cumprimenta o velho general pela vitória nas eleições de 1872, calcada no prestígio general. Pensavam ambos que esta mudança política poderia levar, futuramente, a uma maior autonomia da Província e à afirmação do projeto reformista do novo Partido Liberal. Silveira Martins cumprimenta-o pela vitória, fala do futuro político do movimento liberal, das reformas urgentes, da necessidade de resgatar o passado farroupilha e de se colocaram como herdeiros daquela jornada político-militar. Osório relembra-o que apoiara o dia 20 de setembro, mas não apoiara a República. Neste momento, um silêncio invade a sala, ambos se olham, o passado e o futuro da Província.

O futuro Tribuno afirma-lhe que águas passadas não movem moinhos e que o momento é de repensar a contribuição dos farroupilhas para o projeto liberal-reformista deles. Diz-lhe que havia um grupo de literatos liderados por um jovem e idealista escritor, Apolinário Porto Alegre, que, apesar de ser um republicano, fazia na literatura o que pretendiam na política. Nisso, pede a um de seus auxiliares que lhe alcance a revista do Partenon Literário. Mostra-lhe *O Vaqueano*. Diz-lhe que a visão imperial dominante sobre os antigos liberais da Província deveria ser combatida, para que seus projetos políticos vingassem. Nisso a lembrança de Osório volta no tempo. Primeiro, nas Guerras Cisplatinas, em que lutou sob as ordens de Bento Gonçalves. Depois, na trama de 1835, que a princípio

[121] ALONSO, 2002, p. 65-75.

apoiou. Relembrava sua radicalidade política da juventude num átimo de tempo. O tempo passara para todos. A situação era outra politicamente; sabia que Silveira Martins estava certo. O novo teria que vir do velho. Nisso, o jovem político liberal se despede do velho general e sai com sua comitiva. O futuro tribuno deixara a revista na mesa do líder liberal. Ele estava sozinho em seu escritório, abre a janela e ao entrar a luz do dia inicia a leitura. Começa uma nova etapa da Farroupilha. Um novo imaginário se cria sobre ela

* * *

Esta segunda parte está dividida em três capítulos. Ela abrange um período de escrita que vai de 1868, ano de fundação do Partenon Literário, a 1935, ano da comemoração do centenário da Farroupilha. O terceiro capítulo analisa um período de escrita que vai de 1868 a 1889. Nele, tratar-se da recusa do controle imperial sobre o imaginário da Farroupilha, iniciando pelo romance *O Vaqueano* de Apolinário Porto Alegre, integrante de maior relevo do grupo Partenon Literário. Em seguida, analisa-se o federalismo científico de Joaquim Francisco Assis Brasil que, a partir do Clube 20 de Setembro, na Faculdade de Direito de São Paulo, iniciou outro imaginário sobre a Farroupilha na historiografia.

O quarto capítulo examina um período de escrita que vai de 1889 a 1920. Após a proclamação da República em 1889 e o estabelecimento do comando do Estado do Rio Grande do Sul pelo castilhismo, no primeiro quartel do século XX, dois livros marcam o período. Alcides Maya em *Ruínas vivas*, a época da escritura e publicação do romance encontrava-se na oposição ao castilhismo, narrou em seu romance o que entendia ser a decadência sul-rio-grandense e a Farroupilha como um passado que ao mesmo tempo em que estava “ficando longe”, poderia ser o impulso modernizador do Estado. Alfredo Varella, com *Revoluções Cisplatinas*, também critica a situação política e social por que passava o Rio Grande no período castilhista-borgista. Porém Varella foi adepto do castilhismo, mas quando da publicação do seu livro encontrava-se nas hostes opositoras, usando da Farroupilha como uma forma de problematizar o período em que vivia.

O quinto capítulo aborda um tempo de escrita que vai de 1920 a 1935. Nele, trata-se do centenário de comemoração da Farroupilha que acontece em 1935. Com a tomada do poder nacional por Getúlio Vargas em 1930, torna-se necessário estabelecer a imagem da Farroupilha como construtora da nação, a Farroupilha como integradora da unidade nacional. Ao contrário da geração anterior, que apontava as peculiaridades históricas do passado rio-

grandense para construir a narrativa da Farroupilha, esse período nacionalista da escrita apontava as semelhanças com a história brasileira.

Por fim, nesta segunda parte, a Farroupilha é escrita partindo-se do regionalismo local até sua afirmação de poder nacional, isto é, inicia-se indo da contestação à ordem imperial, passando a críticas ao modelo castilhista continuado por Borges de Medeiros até a consagração dos rio-grandenses no poder nacional com Getúlio Vargas.

CAP. 3 Da contestação à criação de um novo imaginário

No Rio de Janeiro, em 3 de dezembro de 1870, foi publicado no jornal *A República* o manifesto do movimento republicano no Brasil. O manifesto tinha em destaque as ideias de democracia e federalismo e, também, continha críticas ao poder pessoal do imperador e sua interferência nos resultados eleitorais. Ele fora assinado em sua maioria por dissidentes do Partido Liberal. A ausência de uma questão no manifesto chamava a atenção: ele não tocava no tema da escravidão, pois os republicanos não acordaram uma unanimidade sobre a matéria. Muitos dos republicanos eram abolicionistas convictos. Muitos outros eram grandes fazendeiros escravistas que combateriam a aceitação da lei do Ventre Livre. A grande maioria era da província de São Paulo, onde as demandas desta Província e de outras mais periféricas se viam como mal representadas na rígida estrutura de representação da política imperial. A defesa do federalismo levou muito deles para o campo reformista. Mas a situação começava a mudar e

> A partir da década de 1870, surgia no Rio de Janeiro uma nascente opinião pública baseada no crescimento dos setores médios urbanos, em uma imprensa crítica e em uma cultura política que se passava a valorizar a ocupação dos espaços públicos. Nos cafés da efervescente rua do Ouvidor, no centro político do Rio, políticos, literatos, estudantes, artistas e jornalistas de todas as províncias e com todos os sotaques formavam uma caixa de ressonância que introduzia muitas novidades ao cenário político. (MATTOS, 2012, p. 86).

Para Alonso (2000), no fim do Brasil Império formou-se uma nova geração de intelectuais que questionavam as instituições e os valores monárquicos. E o movimento político, da geração de 1870, precisava de sua representação historiográfica e literária do país.[122] Essa nova geração de letrados, durante o fim do período monárquico, estava em busca

[122] O diagnóstico intelectual do período de Alonso é pertinente para a tese: “Dada a inexistência de um campo intelectual autônomo no século XIX, a experiência da geração de 1870 é diretamente política. Por isso adoto a dinâmica política como ângulo de análise. Ao invés de organizar textos e práticas conforme referências teóricas estrangeiras, inscrevo-os na conjuntura político local”. (ALONSO, 2000, p. 36).

de dados para compreender a conjuntura que vivenciavam e conectar com uma atuação política. Disso, as inclusões de novos aspectos intelectuais se entendem como busca de novos recursos teóricos para suscitar uma explicação da crise social e proporcionar vias alternativas ao poder monárquico. Desse modo, "este é o sentido do 'positivismo', do 'cientificismo', do 'novo liberalismo': são modalidades de crítica ao *status* imperial". (ALONSO, 2000, p. 45). Portanto, as obras da geração de 1870 são respostas ao contexto de crise política.

Houve uma reelaboração intelectual e política que provocava a manipulação do cânon de personagens, efemérides e símbolos nacionais do *status quo* imperial, além de uma busca por meio da história de edificar "uma tradição alternativa à elite imperial" (ALONSO, 2000, p. 48) a partir de seu novo panteão. Movimentos republicanos do passado, que foram esquecidos, são recuperados.

Portanto, os dias da "maldição de Caxias" como único imaginário sobre a Farroupilha estavam contados. Com o rearranjo político nacional e provincial, após a queda do gabinete liberal, em 1868, novas formas de representação do passado articulam a crise política do presente.[123] Na província de São Pedro, o lugar de produção intelectual de maior relevo foi o Partenon Literário, sob a direção de Apolinário Porto Alegre,[124] criando-se um novo imaginário sobre a Farroupilha.

A geração paternonista estava voltada aos temas públicos do Estado, sem ainda tomar parte dele, e valem-se de sua escrita para agir no processo político em curso, somente a geração republicana posterior que comandaria o PRR atingiu ao comando do Estado.[125] Os instrumentos que os partenonistas dispunham eram ou jornais ou revistas literárias.[126] Junto com a crítica, de que foram os precursores, os letrados do Partenon, produziram contos, poesia e romance, gêneros por meio dos quais propagaram seu ideário liberal, o apoio inicial

---

123 Ver Zilberman (1998), "O Partenon Literário: literatura e discurso político"; Lazzari (2004), "Política e literatura: entre o precipício e o imperecível monumento".

124 "Atas das reuniões do Partenon Literário revelam sua presença constante na discussão dos rumos da associação e uma insistente disposição à polemica e à controvérsia com seus pares. Não raro tinha suas posições derrotadas em plenário, o que parece confirmar a heterogeneidade do grupo e permite que relativize seu poder e influência pessoal. O próprio Apolinário, durante o ano em que exerceu a presidência da entidade, em 1871, teria reconhecido estes limites". (LAZZARI, 2004, p. 113).

125 Contudo antes dos republicanos chegarem ao controle do Estado, "A ascensão do Partido Liberal na província, liderado por Gaspar Silveira Martins, se fazia acompanhar de confrontos e assassinatos políticos, ao mesmo tempo que construía as condições para selar um novo compromisso da elite dos grandes proprietários de terras da fronteira com o Estado Imperial, frustrando liberais mais radicais e republicanos". (LAZZARI, 2004, p. 171).

126 Sobre esse tema perpassa toda a dissertação de Boeira (2009).

ao republicanismo e iniciaram a narrar a Farroupilha diferentemente do controle do imaginário monarquista.[127]

Enquanto os criadores do IHGPSP[128] tinham no comprometimento do Rio Grande com equilíbrio do Estado imperial o seu guia de desempenho político, eles estavam também congregados em sua maior parte no Partido Liberal Progressista rio-grandense nas décadas de 1850 a 1860. Tal partido após a Guerra do Paraguai entrou em declínio e dirigiu-se para seu término. Em seguida a tal fato conformou-se, então, a polarização entre os partidos Liberal, reestruturado pelo general Manoel Luis Osório e por Gaspar Silveira Martins e o Conservador, favorável ao governo centralizado. Portanto, "É significativo, portanto, que a sociedade *Partenon Literário* tenha nascido no ano em que se dava o ocaso de uma identidade política sob a qual os rio-grandenses ilustrados acreditavam contribuir para a integração de sua província à história nacional". (LAZZARI, 2004, p. 86).

O Partenon, constituído em 1868, era um lugar associativo de cunho não oficial e autônomo em relação às instituições do Império e, por causa disso, nesta instituição tiveram repercussões as divergências da sociedade local. Conforme Lazzari, isso é indicador de como o Partenon converteu-se no campo onde despontaram pretensões sociopolíticas as mais distintas, até aquele momento com poucas probabilidades de relevância regional. Por ser uma agremiação não ligada ao Império, o Partenon era um espaço dos oposicionistas ou insatisfeitos com a monarquia.

Nesse momento cria-se, então, na Província um novo imaginário sobre a Farroupilha, isto é, a partir de uma nova configuração na política provincial, grupos de interesse e parte da elite ligada aos liberais e republicanos têm, entre seus projetos de poder, uma necessidade de reconfigurar o passado. Surge, assim, uma nova narrativa sobre a Farroupilha, que fornece outro controle do imaginário sobre o passado. Se para a geração farroupilha a luta armada foi uma forma de conseguir a autonomia ou a separação da Província, para os novos liberais[129] e,

---

[127] Para Zilberman (1998, p. 29-30), "há, no Rio Grande do Sul, maior envolvimento com a causa republicana. Este ideário unificara antes revoltosos de 35; e reaparecia agora para expor a reação Rio-Grandense ao Monarca e à Corte […] A república, com sua proposição federalista, convinha aos interesses regionais […] Dentro deste panorama, embora mais velhos que os membros da geração republicana, atuam os mentores da Sociedade Partenon Literário, com uma plataforma identificada a dos futuros senhores políticos do Rio Grande Sul".

[128] "Mesmo que o IHGPSP tenha procurado reunir entre seus sócios efetivos uma representação diversificada, de ex-líderes farroupilhas e deputados liberais ao bispo da província, o caráter oficial e mesmo partidário da iniciativa era indisfarçável". (LAZZARI, 2004, p. 87). Sobre o IHGPSP, ver Boeira (2009), "O Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro e a missão de historiar".

[129] Havia, conforme observou Piccolo (1979, p. 110), a presença de republicanos na década de 1870 no Partido Liberal.

posteriormente os republicanos-liberais e republicanos do PRP,[130] o controle do imaginário sobre os farroupilhas foi uma maneira de buscar a autonomia política do Estado do Rio Grande.[131]

Nesta nova etapa da escrita sobre a Farroupilha, dois imaginários se chocam. Interessante notar é que *O Vaqueano* de Apolinário Porto Alegre é de 1872, isto é, quando a palavra oficial do IHGB sobre a Farroupilha não havia se pronunciado. Então, tem-se a partir desse período uma disputa em torno do imaginário da Farroupilha, isto é, o projeto imperial da nação centralizada começa a ficar poroso e enfrentar as primeiras adversidades públicas. Os republicanos, os militares, os abolicionistas e os centros urbanos começam a questionar a vida política e social no Império. Novos sujeitos sociais disputam com antigos o poder político-institucional. Tais grupos precisam de outro imaginário que os representem socialmente. A partir do Partenon Literário, em que muito dos integrantes são ou liberais ou republicanos vinculados a outros projetos políticos que não os do Estado Imperial, há uma luta por reconhecimento sobre o imaginário farroupilha. Há uma disputa pela reprodução correta do imaginário. Esse capítulo então mostrará como foi construída outra escrita sobre a Farroupilha com outro imaginário sociopolítico.

A partir do Partenon Literário, os rio-grandenses iniciaram a conceber o seu pertencimento à nacionalidade brasileira. Na pena desses letrados surgiram tipos humanos e costumes rio-grandenses que começaram a integrar o painel nacional.[132] A identidade rio-grandense e depois gaúcha começa a se formar.[133] Se com IHGPSP o objetivo era nacionalizar política e historiograficamente a Província de São Pedro, com o Partenon a literatura toma a frente.[134]

Apolinário Porto Alegre publicou *O vaqueano* em 1872 na revista do Partenon, dois anos após a publicação de *O gaúcho* e nove anos antes da publicação de A *guerra civil do Rio Grande do Sul*. Apolinário passaria pela mesma problemática que Alencar na questão de haver uma história sobre a Farroupilha. Portanto, ainda nesse período não fora feita, para o entendimento da época, a história da Farroupilha. O que mantém a hipótese de ver outras

---

130 Ver Love (1975), “A ascensão do castilhismo”.

131 Jonas Moreira Vargas (2007) defende a hipótese em sua dissertação de mestrado que eram as redes sociais e familiares e não os partidos políticos que disciplinavam as ações políticas da elite gaúcha nos últimos vinte anos do Brasil Império.

132 Em Caldre e Fião inicia-se esse processo, mas no Partenon Literário ele ganha uma forma sistemática. Ver Fischer (2004), “Como assim, literatura gaúcha?”.

133 Ver Gomes (2009).

134 Ver Lazzari (2004), “Um malogro e uma vitória: do IHGPSP ao Parthenon Litterario”.

variantes na teoria do veto feita por Lima. Luís Alves de Oliveira Belo,[135] que pertencia ao Partenon Literário e que também escreveu um romance sobre a Farroupilha, *Os farrapos*, é quem fornece tal indício, para a temática e para a época, a essa questão:

> A esfinge dessa rebelião ainda não deparou com o Édipo que lhe proferisse a palavra; as sombras que lhe envolveram o berço perduram, embruscando o critério da razão julgadora, que aliás nada ou pouco tem feito face ao problema, não para menosprezar, antes todo para atrair a luz escrutadora das investigações históricas. Será cedo para escrever-se a história desse movimento insurrecionista? Talvez; no convolver as cinzas desse brasido, pode ser que desperte ainda uma fagulha, insuflada pelo açoite da severidade, vibrado em punição de alguma demasia, senão de algum crime. O escalpelo indagador, cuidando dissecar um cadáver, pode acontecer que corte nas vísceras paralisadas, não extintas, de um cataléptico; um grito prerromperá, quem sabe? No pungir da dor. A história é de si póstuma; vivem ainda atores da tragédia, inflexos pela velhice, mas com o rescaldo dos antigos entusiasmos não de todo o ponto pagado talvez. Dez anos de luta porfiada não se diluem em trinta de paz ainda fraterna; a onda de anistia, que lava as nódoas de sangue salpicadas das tábuas da lei criminal, nem sempre pode sumir tão depressa as cicatrizes que, se já não são chagas, pois sararam, são todavia pontos melindrosos que se doem da mais tênue pressão. A história pode contudo já ir instruindo com documentos o processo que tem de instaurar; o tempo urge, os testemunhos visuais vão desaparecendo, a tradição começa já a bordar as ramarias fantásticas da lenda na tela das narrativas revolucionárias; a fidelidade austera da crônica rende-se às seduções das musas, que inspiram os cânticos populares. Mais tarde, quando se for rastrear os depoimentos severos para o plenário da posteridade, pode ser que se encontre um ciclo de episódios romanescos maravilhosos para um cancioneiro e não fundamentos seguros para sentenças convictas. (BELO, 1985, p. 26).[136]

Belo está ciente do projeto historiográfico do IHGB. Ele entende não ser o momento de produzir a história da Farroupilha, mas crê que é necessário construir os arquivos para o futuro historiador de forma que aí, ao se narrar veridicamente a Farroupilha, não se percam

---

[135] Belo era de família da Província do Rio Grande do Sul. Sua família perdera posses durante a Farroupilha. Seu pai, de mesmo nome, foi magistrado e duas vezes presidente Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e pertenceu ao Partido Conservador. Oliveira Belo, o filho, pertenceu ao Partido Liberal e foi presidente de três Províncias, Sergipe, Paraná e Santa Catarina, dessa fora presidente durante a proclamação da República. A sua posição em relação à Farroupilha foi mais comedida que a dos outros e que a de Apolinário: “Houve na revolução do Rio Grande do Sul, como em quantas memora a história, duas paixões pleiteando em pró da mesma causa, cada uma a seu modo: a paixão do entusiasmo. Altiva, nobre em si, leal em suas demasias mesmas, generosa nas próprias convulsões e na cegueira de seus ímpetos, servindo com afã um empenho, porventura repreensível, porque exagerado em seus transbordamentos, porém servindo-o com esse valor e essa abnegação, que se retemperam nas fráguas das convicções ardentes; e houve, também, a paixão do assolamento, mesquinha, de si ignóbil e ruim, desvairada em seus excessos, feroz em suas sanhas, sem crenças, sem ideias, explorando a subversão. Como os corvos o desastre, para pastar os sanguentos destroços que ele deixa”. (BELO, 1985, p. 34). Luiz Antônio de Assis Brasil, um século depois, usara desse expediente, o corvo, para pensar como metáfora da Farroupilha.

[136] Um ponto interessante de se refletir sobre o veto da historiografia a ficção é quando em *Os farrapos* narra-se que as estâncias foram construídas para barrar o “galope” destruidor das partidas que assolavam na fronteira. Assim sendo, o autor que fez uma comparação entra a estância e um castelo medieval. Chaves (2001, p. 57) assim analisa a comparação: “Não é possível saber onde e como Oliveira Belo encontrou em pleno pampa, esse castelo medieval”. Uma resposta possível para o espanto de Chaves é indagar sobre o controle da historiografia ao ficcional. Por isso, Belo ao precisar explicar a estância só encontra paralelo na história europeia.

em episódios maravilhosos ou ramarias fantásticas, mas que a historiografia orbite na galáxia das sentenças convictas.

Apolinário Porto Alegre nasceu na cidade de Rio Grande em 1844 e morreu em Porto Alegre, na Santa Casa, em 1904. Iniciou seus estudos na faculdade de direito de São Paulo,[137] mas abdicou de formar-se, por razão da morte do pai e do amparo aos familiares. Fez-se professor, poeta, romancista, dramaturgo, linguista e educador exercendo grande influência intelectual em sua época. Pelos periódicos, na literatura ou ministrando suas aulas, espalhou a ideia de república. [138]

O Vaqueano narra a história de José Avençal e sua participação como vaqueano no exército farroupilha. O romance começou a ser publicado na Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário (RMSPL), grêmio onde o letrado teve função de relevo. Depois o romance saiu em livro. A narração adota os preceitos do romantismo seguido pela maior parte dos componentes do Partenon, com a ascendência de José de Alencar.[139] O pano de fundo do romance é a Farroupilha, e o enredo mescla dois temas prezados pelo Romantismo: o amor e a vingança,[140] em que estão submergidos José de Avençal e Rosita.

Por meio de José de Avençal, delineia-se o tipo do rio-grandense, num painel em que seus atributos físicos e morais se misturam em duas funções da vida rio-grandense: o campeiro e o soldado. No caminho iniciado por Caldre e Fião e Alencar, Apolinário coloca em destaque a feição do monarca das coxilhas, valente e lidador dos pampas em que Bento Gonçalves, "glória tradicional do Rio Grande do Sul" (APOLINÁRIO, 1987, p. 82), é o modelo.

A ação do romance *O Vaqueano* passa-se no período de 14 de julho de 1838 a 15 de novembro de 1839, composto tanto por personagens históricos como de fictícios. Gil Avençal, pai do vaqueano, tem uma estância e é assassinado pelo posteiro José Capinchos, que usurpa seu patrimônio e incrimina Moisés, um mestiço que era, sigilosamente, filho natural de Gil. José Avençal consegue escapar da chacina familiar e torna-se vaqueano. No futuro, encontra-se com Moisés e desvendam que José Capinchos é o homicida de seu pai. Tentam assassiná-lo, porém os índios com que Moisés convive se adiantam e o matam. José

---

[137] A mesma faculdade que cursariam a geração de republicanos posterior a Apolinário e que controlaria a vida política do Estado após a proclamação da República.

[138] Dados biográficos de Apolinário baseados em Marobin (1985). Mais dados em Moreira (1989).

[139] Da influência de José de Alencar sobre o Partenon literário, ver Lazzari (2004), "Alencar: Uma literatura e uma nacionalidade".

[140] "O céu diria a ele pela voz do Evangelho: O perdão resgata o crime. A lógica das paixões dizia-lhe: A nódoa de sangue lava-se com sangue". (APOLINÁRIO, 1987, p. 66). Também: "Vingança! És tu também uma das sombras a embruscar os traços magistrais do caráter rio-grandense, falha que ninguém pode, nem deve ocultar". (APOLINÁRIO, 1987, p. 66).

Capinchos tem dois filhos, André e Rosita. O vaqueano se apaixona por Rosita. Em fúria, o irmão de Rosita assassina a irmã e envia-lhe a cabeça, em vingança, a José de Avençal, seu oponente. Este, num sinal de desesperança, coloca fogo no paiol de pólvora, e faz explodir a fortificação, morrendo com seus inimigos. José de Avençal é forte, soturno e corajoso. Rosita é a alegoria romântica e vítima de um amor irrefreável. André Capinchos é brioso, entretanto, vingativo.

À semelhança do *O gaúcho*, *O vaqueano* começa com uma descrição da paisagem rio-grandense. Narra-se o que seria a característica da paisagem: o frio. Esta descrição é uma forma de particularizar a Província em relação ao resto da nação. Pergunta o narrador quem pode amar o inverno, período em que a vida congelaria,

> não tinha só a melancolia do deserto, o vago e indefinido, que coam na alma das savanas e matas americanas, tinha mais o tom baço, a desoladora taciturnidade, a paralisia, a inércia, a aparência de cadáver que ressaltam da quadra hibernal […] que jamais a linguagem conseguiria reproduzir. (APOLINÁRIO, 1987, p. 26).

Neve, frio intenso, solidão. A paisagem da maior parte do livro são os campos de Vacaria. Para o narrador "que íntima e mística afinidade existe entre a natureza e a alma humana". (APOLINÁRIO, 1987, p. 25). Creio que por essa afinidade entre homem e natureza a vingança se conclui em *O vaqueano* ao contrário dos dois romances de Caldre e Fião e semelhante a *O gaúcho*. O que acontece com uma "encontra ecos naquela". Para o narrador, "O homem é um autômato". O homem seria governado por um poder estranho a si próprio. O homem seria governado pela natureza e, neste caso, o homem rio-grandense tem sua natureza: o frio. Esta explicação é diferente da de Caldre e Fião, que expõe a alimentação e moral como distintivos dos rio-grandenses e, em parte, semelhante (pois Apolinário percebe o frio como traço característico) a de Alencar, que percebia no tufão como o traço distintivo.

Depois de referir-se à natureza, o narrador aborda como é o homem rio-grandense: "De repente na treva sulcou uma centelha. Crer-se-ia que fora ferida uma pederneira". (APOLINÁRIO, 1987, p. 27). Cena mítica em que nas trevas fez-se o fogo. Só do fogo que aquece poderia nascer a vida, surgir o homem, o rio-grandense. O narrador pede que "acerquemo-nos" do fogo. Era 14 de julho, dois homens estão juntos de uma fogueira tomando mate. Descreve um dos mateadores com fisionomia franca, jovial, insinuativa típica

do campeiro rio-grandense. Descreve sua roupa, o poncho.[141] Porém observa que os alamares eram de prata e

> esse metal na Província não é a insígnia distintiva de certas classes, tanto se o depara na cabeçada do lombilho do estancieiro como na do último da peonada. Ricos e proletários ostentam-nos com garridice. As pratarias constituem o ponto de contato entre uns e outros, o laço da irmandade das diferentes hierarquias. (APOLINÁRIO, 1987, p. 27).

Essas descrições de costumes e trajes fazem parte do projeto romântico de construir um tipo regional que integre a jovem nação em construção. Em aspectos da vida cotidiana e da história, criam-se o cenário e o entendimento da nação e da região. Após descrever esse hábito local, muda de cena e passa a uma conversa entre dois líderes da revolução: Garibaldi e Canabarro. Eles estavam conversando sobre como chegar mais rapidamente a um determinado lugar, pois, para Canabarro, a surpresa é a alma da guerra. Canabarro manda chamar o vaqueano, que se caracteriza por ser um profundo conhecedor dos caminhos e é o guia do exército. O vaqueano, que era um dos mateadores, foi ao encontro dos líderes militares e disse que os levaria ao seu destino de forma mais rápida, mas que o novo caminho era mais perigoso. Conforme se lê:

> Os republicanos com as grandes vitórias adquiridas em 1838, mormente a do Rio Pardo, em 30 de abril, onde reunidas as forças de Netto, Canabarro, João Antônio da Silveira e Bento Manuel, fizeram retirar o exército imperial comandado pelo General Sebastião Barreto Pereira Pinto, quiseram estender a área dos combates, e para tal intuito determinaram tomar a Província de Santa Catarina. Aí vão eles, agora que os encontramos, executar o plano concebido. (APOLINÁRIO, 1987, p. 29).

Nota-se que não é o fim do controle, mas o início de outro controle do imaginário, mesmo a estética de Apolinário sendo semelhante à de José de Alencar. Se, na geração posterior a Apolinário haveria uma ruptura com o modelo liberal-romântico, em Apolinário não houve tal mudança. O que muda de Apolinário para Alencar é seu entendimento político, permanecendo a semelhança estética.[142]

---

[141] O narrador mostra que havia no campo rio-grandense uma igualdade de traje e no hábito. O outro mateador, robusto e esbelto era "a personificação, a apoteose viva do gênio da liberdade". Para o narrador, o campeiro rio-grandense tinha a liberdade e uma sociedade sem hierarquias como características que vinham da natureza fria da paisagem.

[142] Apolinário não foi o único integrante do Partenon a escrever sobre a Farroupilha e *O Vaqueano* não foi seu único escrito sobre o tema. Apolinário também escreveu um conto chamado *O Valeiro* integrado ao seu livro de contos denominado *Paisagens* de 1875. *O Valeiro* narra o triângulo amoroso entre Jacínio, capitão republicano, Amélia, irmã de Leonel (amigo de Jacínio) e o coronel legalista Varena. A história passa-se no cerco republicano a Porto Alegre em que, no morro de Santana quase dez mil soldados e "três nomes

Segundo o narrador, José de Avençal tinha uma natureza admirável, músculos de ferro, perícia e inteligência para guiar o exército republicano. Nos trabalhos campeiros, ninguém o excedia. Nos manejos da guerra não ficava somenos. Mas para os companheiros de acampamento, tinha defeitos imperdoáveis. Não conversava, não bebia, não jogava ou fumava. Supunham que haveria uma mácula em seu passado.

Em *O vaqueano*, o filósofo encontraria formas dialéticas para explicar o vaqueano, mas pregaria no deserto. Os rio-grandenses seguiam o instinto campeiro, sua faculdade moral, seguiam o pressentimento, uma misteriosa elaboração do homem com a natureza. O rio-grandense esboçado pelo narrador é a "elaboração em cujo processo entra mais o sentimento do que a razão". (APOLINÁRIO, 1987, p. 31). Contudo, não conseguiam fazer Avençal falar seu passado. O delírio do vaqueano no combate seria um escudo para seu passado. Avençal teria a febre da morte. O narrador afirma ao leitor que isso não é a criação delirante do poeta:

> Os principais traços característicos da fisionomia que esboçamos de leve, são tão reais, que os encontramos a cada passo em nossa Província, desde o posteiro até o senhor da estância, desde a existência errante do tropeiro até a existência sedentária do guasqueiro ou trançador de lonca. O que há de mais é a cor do mistério, a sombra da intensa melancolia que o destaca do tipo genérico. (APOLINÁRIO, 1987, p. 31-32).

---

legendários, três nomes duma epopeia de glorias: Bento Gonçalves, Neto e Canabarro, passavam pelo lábio de tantas coortes como hinos de liberdade". (PORTO ALEGRE, 1987 B, p. 85). Aquiles Porto Alegre (2002) em 1872 publica na RMSPL o conto *O Tropeiro*. A história passasse no mês de julho de 1836, no cerco a Porto Alegre. E também tem um triângulo amoroso de fundo. Laura é casada com o tropeiro Juca Serrano, moram entre Viamão e Porto Alegre. Quando Juca Serrano está ausente em função do trabalho de tropeiro, Laura recebe a visita do tenente das forças rebeldes Pedro Xavier. Juca acaba descobrindo as traições da mulher e mata seu rival em duelo, e sai de casa levando a filha. Laura morre, louca, dois meses depois nos campos da Casa Branca. Outro conto publicado na *RMSPL* (foi publicado em três edições duas em 1874 e uma em 1875) foi *Um farrapo não se rende* de Vítor Valpírio alcunha de Alberto Coelho da Cunha (2002). Narra a história de um veterano da Guerra dos Farrapos. Mostra-o como valente e destemido, lutando por princípios e empobrecendo durante a revolta, o denomina como coronel B. Ao fim do conto como uma maneira de não se render aos imperiais, parte sua espada e ruma para a imensidão da campanha. Na poesia também o partenonistas narraram a Farroupilha. Bernardo Taveira Junior em as *Provincianas* na poesia *Rio Grande do Sul* narra: "És a terra fecunda em que nasceram/ Bento Gonçalves, Canabarro e Netto -/ As águias a quem sempre alvoreceram/Belas autoras de um porvir dileto!/[…] Aqui de *trinta e cinco* a ideia avança/E de hora em hora engendra o grande dia/". (TAVEIRA, 1886. p. 10). Francisco Lobo da Costa (1985) em *Os farrapos* ou *A Revolução de 1835 no Rio Grande do Sul* poetiza de maneira lírica a Farroupilha. Escrita em 1888 o manuscrito ficou inédito até 1985. A poesia traz a linguagem regional, a descrição das paisagens e dos hábitos dos rio-grandenses. Tem Garibaldi como o personagem principal (antecipando em muito a narração sobre Garibaldi de Lindolfo Collor ou mesmo a pesquisa universitária) e, como os demais partenonistas, tem uma estética romântica. Múcio Teixeira (1903) também escreveu um poema sobre Farroupilha. A poesia se chama *Duelo Épico* e foi escrita em espanhol e publicada em um livro de poesias compilados por seu filho em 1903. Esse duelo épico expõe a heroicidade dos dois generais que se dispõe a morrer por seus exércitos. O autor segue a disposição inicial, marca do regionalismo, de primeiro apresentar ao leitor a natureza e o homem. Mas, após, Múcio recria em plena "Revolución de Rio Grande Del Sur" o antigo duelo medieval da defesa de direitos. Usa do expediente da erudição histórica para criar um fato irreal, mas que seu de certa maneira é, por outros meios, semelhante ao acontecimento histórico.

O narrador assevera que o que escreve é a verdade sobre o tipo rio-grandense, pois verificou – "os encontramos a cada passo em nossa Província" – sua natureza e seus costumes. O que Avençal tem de diferente "é a cor do mistério". Apolinário defendeu José de Alencar das críticas que este sofreu por não ter vindo ao Rio Grande do Sul "ver" o gaúcho. Mas não deixou de aceitar que Alencar esqueceu "um ou outro tom" sobre o rio-grandense.[143] Apolinário aceitou, então, que "traços característicos", mesmo esboçados de leve, são apresentados verdadeiramente em seu romance. A diferença de Avençal para os outros seria a "cor do mistério". Não propôs, como Alencar, uma diferenciação entre história que iria restaurar a verdade e o romance que narraria as paixões. Apenas uma "cor de mistério" seria o que lhe permitiria problematizar o veto.

O vaqueano é esteticamente semelhante a *O gaúcho*, o que se altera são as razões políticas. O que altera de um romance a outro, onde a *poiesis* mostra sua força de criação, é a partir da demanda política de Apolinário. Ele é republicano e a partir disso cria um significado diferente para a Farroupilha. Essa nova reapresentação da Farroupilha tem, na distensão política que os novos liberais e republicanos[144] trazem para a representação do passado, uma nova configuração política para presente.

De volta à narrativa do romance, ouve-se o berro de uma canguçu. Avençal prontifica-se a caçá-la. Nisso Manuelzinho, Manduca e outros soldados vão com ele. Após caçar a canguçu, o grupo é rodeado por um grupo de guaicanãs. O líder do grupo indígena ordena que os amarrassem. Entretanto, Avençal exclama o nome de Moisés (o líder indígena). Eles eram velhos amigos. Moisés mandou soltar os soldados. O narrador expõe que "Quando rebentara a revolução, procuraram atraí-lo de ambas as parcialidades". (APOLINÁRIO, 1987, p. 37). Mas, para Moisés, "as ideias que debatiam entre os dois partidos, lhe eram indiferentes". (APOLINÁRIO, 1987, p. 37). E argumentou que não havia ninguém mais livre que os índios. Avençal contou que fazia parte das forças de Canabarro como vaqueano. E que tinha saído para caçar. Moisés os convidou a irem a seu pago para jantar: "Farroupilhas e índios entraram e momentos após refestelavam-se em torno dum braseiro". (APOLINÁRIO, 1987, p. 38).

Era 22 de julho, os farroupilhas estavam em Laguna e o silêncio reinava. Dois homens em uma canoa atravessam a lagoa. Chegam do outro lado, descem da canoa e seguem a pé. Nisso um bando de quero-queros levanta voo, fazendo um enorme barulho. Nisso Avençal e os irmãos Capinchos se encontram, anos depois, em Laguna. Há doze anos André procurava

---

[143] Ver a biografia de Apolinário (1873a, b) sobre José de Alencar.
[144] Não esquecer que os republicanos estiveram por muito tempo no Partido Liberal.

Avençal. Doze anos atrás de vingança. Conforme o narrador, não só as grandes ideias que granjeiam o mal, mas, também, instintos grosseiros os levam a seu triunfo:

> com Sócrates vem Ânito, com o Nazareno a seita farisaica, com Galileu a Inquisição […] numa esfera mais obscura e menos esplendida, porém não menos verdadeira, destaca Avençal a par do vulto André. A diferença repousa na distância da história ao romance. A lógica das paixões é idêntica. (APOLINÁRIO, 1987, p. 48).

Se, para Alencar, a história trataria com a verdade e o romance trataria com as paixões, o que lhe daria um espaço ficcional para seu romance, Apolinário as aproxima afirmando que por mais que exista uma distância entre história e romance, a lógica que movimenta a ambas é a mesma: as paixões. O que daria a Apolinário menos espaço de criação para o romance. Também, reaparece em *O vaqueano*, a modalidade de história *magistrae vitae*, isto é, os exemplos do passado como lições para o presente. Com Sócrates, Ânito, Nazareno, fariseus, Galileu, Inquisição, o passado virara história e forneceria lições ao presente e explicaria os personagens fictícios Avençal e André.

A disputa decisiva em relação à interpretação da Farroupilha de Apolinário em comparação com a de Caldre e Fião e de Alencar manifesta-se em sua crença política. Se ele tem outro entendimento do conflito sulino, o tem é por ser republicano e por produzir num espaço de escrita não monárquico. Assim, acaba problematizando a Farroupilha de uma forma diferente do controle imperial não por questões estéticas, e sim por convicções políticas.

Na continuação do romance, o exército republicano estava perto do morro de Santa Marta e Moisés foi como bombeiro averiguar a vila de Laguna. Em 23 de julho, o estandarte da "República do Piratini" estava fincado sobre a vila, balançando aos ventos da vitória. Enquanto isso,

> Canabarro tratou logo de se precaver contra qualquer eventualidade. Levantou na barra uma forte bateria em defesa do porto e fez armar quatro embarcações para o corso. Garibaldi, não só bom soldado, mas excelente marinheiro, […] foi nomeado chefe da esquadrilha. Também em pouco infestou a costa, e raro era o dia em que não fazia presas consideráveis de navios mercantes do império, requintando de audácia até o ponto de aparecer em frente à cidade do Desterro e de ameaçá-la com um canhoneio. Canabarro, no continente, não descansava, os planos de hostilidades abrangiam a Província inteira. Esperava em breve ocupar toda ilha, de posições tão importantes, que o tornariam formidável por terra. (APOLINÁRIO, 1987, p. 85).

Do outro lado, Avençal e Moisés gozavam de privilégios entre os soldados. O vaqueano era o guia do exército e se tomou parte nas lutas, foi porque quis. O líder dos guaicanãs não lutou por soldo. Na mesma noite, Moisés convidou a todos para irem à bodega

de Bino Capenga, homem que seguia o exército com seus negócios. Beberam e cantaram em homenagem a Bento Gonçalves.

Contudo, chegou o dia em que o governo central, assustado com a invasão de Laguna, temeu por uma ocupação geral da Província de Santa Catarina. Também viu seus navios mercantes "apresados por um inimigo cuja audácia e valor não tinham limites". (APOLINÁRIO, 1987, p. 100). A Corte nomeou o Marechal Soares de Andréa para o exército e o chefe da força naval era Frederico Mariath. Em 15 de novembro de 1839, imperiais e republicanos travaram a batalha. Canabarro "campava" na bateria que defendia o porto e Garibaldi estava com os navios prontos para a batalha. Rompe o fogo e quantas façanhas, heroísmo e bravura. Percebe-se uma mudança de entendimento em relação aos farrapos diferente do controle monárquico. Em *O vaqueano* se reconhecia nos farroupilhas exemplos de bravura e liberdade:

> Como Canabarro e Garibaldi sorriam jubilosos, sob um céu de metralhas de fogo! Leões da guerra, colunas avançadas da liberdade, cederam […] ao número e recursos poderosos, não ao esforço e bizarria. Grandes na vitória e no infortúnio. Grandes na derrota, porque tinham no coração as lágrimas do desespero! Derrota?!! Não... retirada gloriosa, ressaca de vagalhões que imprimiram o selo de sua pujança onde bateram, fracassando. (APOLINÁRIO, 1987, p. 101).

Para Apolinário, os "republicanos" eram heróis até na derrota. A bandeira tricolor flutuava na hástea mesmo crivada de balas, contudo media-se altiva com a bandeira do Império. Há uma disputa política pelo imaginário, isto é, com o romance *O vaqueano* inicia-se uma luta pelo reconhecimento entre imaginários diferentes. O imaginário monarquista e, o outro, republicano. Canabarro manda recolher a bandeira, pois a posição iria ser tomada. Nisso o vaqueano gritou dizendo que vai guardar a bandeira e que nos imperiais iria "dar-lhes uma lição". Tocou-se a retirada, "partiram tantos heróis ainda com ímpetos de retrocederem, se a voz do chefe ordenasse. Quantos naquele momento não preferiam ter ficado na arena da batalha". (APOLINÁRIO, 1987, p. 102). Enfim, as tropas partiram, Avençal só ali se conservava tendo à mão um morrão acesso. Pensava que em pouco tempo estaria com Rosita. Os imperiais aproximavam-se. Ele espalhou rastilho de pólvora através do terreno até o mastro em que estava a bandeira. Os legalistas tomaram a posição e, neste momento,

> Avençal bradou: Viva República! E seu braço abaixou o morrão; o rastilho incendiou e [...] uma detonação horrenda, nuvens de fumo, espanadas de fogo! Quando o ar desanuviou, viu-se que o pavilhão da República não costumava render-se: ardia com seus inimigos. (APOLINÁRIO, 1987, p.102).

André viu a explosão do alto do penhasco e o corpo do vaqueano surgir no oceano. Sentia-se vingado. Moisés chorava no mesmo dia que ele e sua tribo iriam finar. Assim, *O vaqueano* mostrou o conflito sulino de 1835 como um momento de afirmação de um novo imaginário: o republicano. Se esteticamente *O vaqueano* é semelhante a *O gaúcho*, contudo aquele inova politicamente, pois retira a Farroupilha do controle político monárquico, iniciando uma disputa pelo reconhecimento do imaginário na Farroupilha. Outras positividades sobre a Farroupilha vão sendo criadas. Se esteticamente Apolinário não tem a sofisticação de Alencar, o que permite a Apolinário ser "transgressor" *poeiticamente* é seu ideário político: a república. É por esse caminho que Apolinário problematiza o veto a ficção, pois põe em contradição um dos seus elementos: o Estação-nação, nesse caso o Brasil monárquico.

Na década de 1880, uma nova geração de republicanos entra na disputa política e toma o lugar político e estético de Apolinário e dos partenonistas. Será essa mesma geração que desbancará o Partido Liberal na Província. Em 1879, no discurso de onze anos do Partenon (LAZZARI, 2004, p. 171-172), Apolinário apresentou aos seus companheiros de letras uma desoladora comparação do momento em que viviam com o distante 1868. Para ele, a atualidade seria uma época convulsiva e a culpa seria da invasão da filosofia materialista de Auguste Comte. Junto com esta situação "estava chegando ao fim o projeto literário do próprio Apolinário e do Partenon". (LAZZARI, 2004, p. 172).[145] A batalha pública parecia transferir-se do campo das letras para a dos partidos. Apolinário apostava reorganizar politicamente os republicanos, na perspectiva do colapso derradeiro do regime monárquico, contudo

> a recusa ao positivismo comtiano selaria seu isolamento no renovado partido republicano da década seguinte. Apesar de nunca ter renunciado à condição de estudioso e defensor das ciências, não aceitava a subordinação da literatura e da política às modernas teses científicas, o que contribui para marginalizá-lo no cenário das modas intelectuais deterministas do final do século XIX. (LAZZARI, 2004, p. 173).

O Partenon resistiria ainda algum tempo durante a década de 1880, mas não voltaria a ter a importância e a mobilização de antes. No começo da década de 1880, a publicação de narrativas sobre guerra farroupilha torna-se objeto dos militantes do PRR. Era uma ocasião de

[145] "Neste ponto já se prenuncia sua pouca disposição em aceitar as mudanças que tomariam força entre os intelectuais brasileiros a partir da década de 1870, com a valorização cada vez maior do determinismo científico derivado do positivismo e das teorias evolutivas em todas as áreas, da historiografia à política e à literatura". (LAZZARI, 2004, p. 141).

disputar com o IHGB a legítima explicação dos fatos e o domínio sobre a memória farroupilha. O que alterava nesta etapa eram os protagonistas, saiam os letrados do Partenon e entravam os bacharéis recém-egressos dos bancos acadêmicos.

O experimento da República Rio-Grandense proporcionava ao republicanismo uma baliza instituidora, uma história e uma tradição imaginada na qual se podia fundar a causa política. Foi preciso reinventar o passado republicano como ferramenta política. Afora a empreitada de tornar pública e espalhar a memória de heróis e seus ideais, os combatentes do partido, que se fundava nas décadas de 1870 e 1880, depararam-se com o repto de organizar uma história escrita e estabelecer uma narrativa crível de ser apregoada pela imprensa. Em 1890, Apolinário sai do Partido Republicano como sequela das desavenças que se intensificaram ao longo da década de 1880 e da marginalização e derrota infligida aos seus pontos de vista. Com a vinda da República e o sectarismo dos defensores da percepção positivista do Estado, Apolinário reagiu com a aproximação aos demais dissidentes e aos antigos liberais da monarquia para formar a União Nacional. Definia-se a prioridade por um republicanismo democrático e liberal. Enfim, suas posições se tornaram minoritárias no movimento republicano, o que, segundo Lazzari (2004), se deu ao longo da década de 1880, quando perdeu espaço a uma nova geração de bacharéis formada em direito em São Paulo e influenciada pelo positivismo.

Os estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo que fizeram seus cursos preparatórios nas escolas particulares da Capital rio-grandense na década de 1870, presenciando o auge da atividade do Partenon e que conheceram a propaganda de Apolinário, decidiram entrar em uma empreitada para escrever uma concisa história da Província. Almejava-se concretizar uma obra de publicidade, a ser lançada a 20 de setembro, data do aniversário da revolução.

Em relação à produção histórica anterior, os republicanos pretendiam escrever uma história científica. Era alvo dos republicanos explicar o significado dos episódios históricos confrontando as decisões políticas com o caráter rio-grandense tramado pelas influências naturais da raça e do ambiente. No momento da Farroupilha, a Província estaria com sua personalidade despontando em integral pujança, nutrida pelos estímulos naturais que se encarregavam de conformar a feição povo. A tática era instigar o sentido de uma identidade original entre os rio-grandenses para persuadi-los da ascendência do regime federativo sobre a centralização. Os novos republicanos rio-grandenses da década de 1880 acreditavam poder

estabelecer sua racionalidade e cientificidade e colocaram-se em ação para serem hegemônicos no comando do Partido Republicano.[146]

O Partido Liberal no poder, de 1878 até 1885, não alcançou esquivar-se das iguais críticas que perpetrara, quando na oposição, aos conservadores. Para Piccolo, numa atitude de inércia, os liberais não conseguiram no governo o que exigiam na oposição. Na Província, as censuras ao Partido Liberal pela sua omissão não chegavam somente do Partido Conservador:

> Partiam também de dentro do próprio partido liberal e dos republicanos. Uma nova geração de políticos fazia a sua entrada na Assembleia e muitos estavam imbuídos do republicanismo. Não aceitavam a acomodação do partido liberal e desafiavam a liderança autocrática de Silveira Martins. E, a partir de 1882 com a fundação do Partido Republicano Rio-Grandense e, principalmente, a partir de 1884, através das páginas de *A Federação*, a hegemonia liberal, na província, começava a ser contestada. (PICCOLO, 1979, p. 114).

O Partido Republicano no Rio Grande do Sul apresentou dificuldades para estruturar-se. As tentativas feitas depois da publicação do Manifesto de 1870 não surtiram resultado. Integravam o PRR, sobretudo, jovens há poucos egressos da Academia de São Paulo, então um amplo núcleo difusor do ideal republicano. Ali se fundara o Clube 20 de Setembro, filiando seu pensamento político ao dos farrapos, tal qual haviam feito os liberais e republicanos da geração anterior:

> Júlio de Castilhos, que em pouco tempo assumira uma liderança incontestável dentro do partido, levando-o a abandonar a filiação ideológica ao Manifesto de 1870, discutiria pelas páginas de *A federação* o direito, a que os liberais se haviam arvorado, de herdeiros do movimento farroupilha. (PICCOLO, 1979, p. 115).[147]

O Partido Republicano aproveitava-se dos entraves do sistema político imperial, explorando a sua pouca representatividade e a demasiada centralização. O PRR fundado em 1882 (quando o Partido Liberal se corroborava uma atitude acomodada ao *status quo* deixando de segurar a bandeira das reformas) teve consciência da nova realidade econômica e social da Província e procurou capitalizar politicamente os novos grupos sociais.

> É este partido que virá a liderar a política sul-rio-grandense, assim como seus seguidores no campo das Letras irão dominar a literatura. Unidos num mesmo

---

[146] Apolinário denunciou "uma conspiração do grupo positivista e dos republicanos de última hora para combater sua influência e excluí-los do partido, de modo que a tese da ditadura científica pudesse prevalecer sobre a tradicional bandeira da democracia liberal […] Além das questões estritamente doutrinárias que colocavam liberais e positivistas em disputa aberta pela hegemonia do partido, decisões sobre a estratégia de intervenção política e social do gripo igualmente colocavam em evidencia visões divergentes". (LAZZARI, 2004, p. 232-3).

[147] Ver Grijó (1993), "Articuladores do Partido Republicano apropriam-se da 'Revolução'".

> movimento, assiste-se à tomada paulatina do poder literário e político, rumo à consolidação da oligarquia por muitas décadas responsável pelos rumos da Província. (ZILBERMAN, 1998, p. 38).

Entre os integrantes do PRR que se dedicaram à escrita historiográfica da Farroupilha estava o jovem estudante de direito Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938). Para Love (1975, p. 31-32),

> Assis, nascido em 1857 e herdeiro de extensas propriedades na Campanha, distingue-se na Faculdade de Direito por ser orador inflamado. Em São Paulo, contribuiu para a fundação do Clube Acadêmico Republicano, que servia de fórum para as denúncias veementes do monarquismo, do centralismo e do Catolicismo […] Rico, elegante e excelente orador, rapidamente adquiriu adeptos em sua terra natal, e sua eleição para a Assembleia Provincial, em 1884, parecia pressagiar a mais brilhante carreira de sua geração.

A pregação republicana marchava para saídas radicais e alguns acadêmicos rio-grandenses, estudantes na Academia de São Paulo, agremiados no Clube 20 de Setembro, iriam desfechar críticas à ordem imperial. As obras escritas por essa época, por Alcides Lima e Assis Brasil, acentuam a preocupação de rever o passado rio-grandense à luz as ideias republicanas. O primeiro escreve a *História Popular do Rio Grande do Sul* e o segundo a *História da República Rio-Grandense*, publicadas no mesmo ano de 1882, na data de aniversário da Farroupilha.[148] Na intenção, constituem um só livro de tal modo se fundem e completam os planos a que obedeceram. [149]

---

[148] Algo que daqui para diante será comum sobre a Farroupilha: a comemoração. Mas esta começara, primeiro, de forma mais simples, mas sempre simbólica da luta por reconhecimento do imaginário entre imperiais e republicanos no século XIX. Assim, Assis Brasil (1981, p. VI) inicia seu livro: "O clube Vinte de Setembro, composto dos estudantes republicanos rio-grandenses da faculdade jurídica de São Paulo, mandou imprimir esta obra para comemorar a imortal revolução do Rio Grande do Sul, no seu 47º aniversário, 20 de setembro de 1882". Isto é, o reconhecimento do imaginário oposto ao imperial nasce com a marca da comemoração da revolução e com um lugar de produção: o Clube 20 de setembro.

[149] Na apresentação, Lima (1983, p. 6) afirma: "A edição original deste livro foi impressa a pedido do clube **VINTE DE SETEMBRO**, composto dos estudantes republicanos rio-grandenses da faculdade jurídica de São Paulo, para comemorar a imortal revolução do Rio Grande do Sul no seu 20º aniversário, 20 de setembro de 1882". E na introdução declara: "O autor intenta unicamente apresentar aos seus comprovincianos, em uma apreciação resumida e sintética, o conjunto da elaboração social e a concatenação dos elementos que predispuseram o Rio Grande do Sul a desligar-se do Império brasileiro, proclamando-se Estado Independente sob a forma de governo republicano. Nesse sentido a *História Popular* não é mais do que uma introdução necessária à *História da República Rio-grandense*. Ambos os trabalhos são frutos de uma mesma aspiração: *comemorar a imortal Revolução de 35*. O Clube Vinte de Setembro que as mandou executar deixou aos seus autores plena autonomia no modo de escrevê-las e de apreciar os fatos. Cumpre-me dar a esse mesmo Clube, que tão elevadamente compreende os seus deveres sociais, as explicações, que de algum modo esclarecem e motivaram as imperfeições deste trabalho que o mesmo *Clube* confiou-me". (LIMA, 1983, p. 9). Semelhante ao livro de Assis Brasil, a *História Popular* nasce sob o signo da comemoração da Farroupilha e tendo um lugar de produção que possibilita e permite um tipo de escrita do passado: O Clube 20 de Setembro.

Há um projeto político-narrativo do Clube 20 de Setembro sobre como escrever a Farroupilha. Isto é, intentam o reconhecimento de outro imaginário que se acomodasse a seu projeto político. Se juntamente almejam com o Partenon, franquear outro imaginário à Farroupilha, diferente dos partenonistas os jovens do Clube 20 de Setembro tinham maior pretensão político-institucional. Por serem de uma geração posterior a Apolinário também foram tributários de outras fontes teóricas e estéticas.[150]

Para Assis Brasil, seu livro *História da República Rio-Grandense* é um empenho na direção das ideias que expôs, anteriormente, no livro *República Federal*. É convicção do autor de que as revoluções mais importantes que abalaram outrora o país "tiveram como causa principal a necessidade do sistema racional da federação". (ASSIS BRASIL, 1981, p. VII). A revolução rio-grandense seria a mais característica dessas revoluções. Nenhuma outra revolução brasileira colocou em tanto risco a integridade nacional. Por isso, considerou-se com trabalho dobrado, pois "além do de historiar os fatos, ainda o de tornar saliente a índole deles". (ASSIS BRASIL, 1981, p. VII). Considerou importante para sua obra o livro de Tristão Araripe, pois "obra de grande mérito" que juntou elementos que andavam dispersos, embora Assis Brasil se considerasse em discordância com as ideias de Araripe e com a exatidão de alguns fatos. O aparecimento da obra de Araripe, no entanto, teve o valor de uma afronta aos republicanos e por causa dele alguns planos de apresentar a versão ligada a uma narrativa republicana da Farroupilha foram colocados em curso.[151]

---

[150] Ver Lazzari (2004), capítulo "Novos republicanos contam velhas histórias: republicanismo e identidade provincial".

[151] Além de Assis Brasil, outros escreveram livros historiográficos sobre a Farroupilha nesse período. Em 1882, vem à luz o livro de Barcelos (1987), *A Revolução de 1835 no Rio Grande do Sul*. Ramiro Barcellos pertenceu ao PRR, contribuiu com o jornal *A Federação*, foi secretário da fazenda do Estado do Rio Grande do Sul, duas vezes senador da República e embaixador do Brasil no Uruguai. No século XX, após a morte de Castilhos, rompe com Borges de Medeiros e lança um livro de sátira sobre ele que foi sua obra mais conhecida: *Antônio Chimango*. Barcellos (1986, p. 25) entedia que a Província era injustiçada pela Corte Imperial neste período, e por isso se estabeleceu um combate "entre o espírito político do passado, herança da metrópole, e as ideias novas que entusiasmavam a democracia rio-grandense, a qual então se inspirava nas teorias da *Jovem Itália*". Mas a principal contribuição de Barcellos foi que a Farroupilha foi uma revolução que buscava a confederação brasileira: "Os revolucionários rio-grandenses tomaram então uma suprema resolução e determinaram-se a lançar a primeira pedra de um grandioso edifício – da Confederação Brasileira –. O Rio Grande tomava a iniciativa e dava o grande exemplo […] Foi esse o pensamento dos revolucionários". (BARCELLOS, 1987, p. 73). Fernando Luis Osório, em 1894, escreveu o primeiro volume da *História do General Osório* que lhe rendeu um ano depois o ingresso no IHGB. Fernando Osório escreveu uma biografia sobre seu pai, o General Manuel Luis Osório. Dessa biografia há uma parte dedicada à Farroupilha intitulada "A Guerra Civil dos Farrapos". É uma defesa de seu pai durante o conflito sulino. Mas a intriga é reatualizada defendendo a ideia de república, logo, defende os farrapos. Isto é, Fernando Osório fica de um lado, defendendo a atuação do seu pai ao lado dos imperiais, mas tem que ao mesmo tempo defender os farroupilhas. Assim, para o autor, "Em face de um altar sagrado, irão ajoelhar-se: – o patriota sincero e respeitoso – o republicano que presa as tradições gloriosas do seu partido – o democrata convicto – os descendentes dos *Farrapos* imortais que legaram aos seus vindouros exemplos de bravura e heroicidade, os ensinaram a amar a terra natal, e a sofrer por ela. Irão também descobrir-se... e porque não? – instigados por justo acatamento, os filhos dos *legalistas* vencedores dos

Ao contrário dos memorialistas, afirmou: "Empreendo escrever a história da República Rio-grandense". (ASSIS BRASIL, 1981, p. 1). Diferentemente dos memorialistas, considera que o tempo das paixões passou ou pelo menos haveria uma ciência que produziria sentenças históricas verdadeiras, independentemente do posicionamento pessoal. Portanto, Assis Brasil considera necessário postular um novo método para a *História da República Rio-Grandense*:

> Levados pela fatal mania de atribuir tudo a exclusiva influência dos indivíduos e nada às leis indefectíveis segundo as quais se efetua o movimento histórico, os escritores que se têm ocupado até hoje da revolução rio-grandense vão procurar-lhe as causas em fatos isolados e imediatos, que, perante uma indagação mais exigente e mais racional, exigirão por sua vez segunda e mais longa explicação. Divergindo fundamentalmente de método tão cômodo quanto infecundo, procurei esboçar, com a filiação histórica da série de sucesso cuja narração me proponho, as causas que me parece explicarem a sua origem e prolongamento. (ASSIS BRASIL, 1981, p. 2).

Segundo Assis Brasil, ninguém poderia desconhecer a eficaz influência que se desempenha sobre as pessoas o emaranhado de ocorrências físicas que o circundam: o *meio cósmico*. Esse entendimento é importante para compreender o Rio Grande: "onde os hábitos e as tendências dos habitantes, desde logo, sensivelmente se adaptaram a natureza específica do meio". (ASSIS BRASIL, 1981, p. 3). Portanto, começa fazendo uma descrição geofísica da Província. Descreveu as estações, a vegetação, o solo, as diferenças geográficas da Província, a altitude em relação ao nível do mar, as chuvas, a agricultura e as riquezas naturais. De tal modo que

---

farrapos, se é que tiveram, como eu, a fortuna de ouvir seus Pais falarem com reverência das grandiosas façanhas destes vencidos ilustres, cuja quase totalidade já dorme". (OSÓRIO, 1935, p. 178-179). Ao fim do livro conta uma conversa que teve com seu pai em que via nele certo pesar ao falar sobre a guerra civil, pois seus sentimentos eram republicanos e o que mais aumentava sua mágoa era ter combatido contra as suas próprias ideias. Para uma pesquisa de fôlego sobre a livro *História do General Osório*, ver Lamb (2012). Também há *Achegas à Araripe*, que são as notas que José Gomes Portinho (1814-1886) fez ao livro *Guerra Civil no Rio-grande do Sul* de Araripe, isto é, apontamentos, notas, subsídios para estudo de um assunto, neste caso, a "Guerra civil". Portinho quis, com estas notas ao livro de Tristão Araripe, corrigir o livro aonde ele considerava-o equivocado. Essas notas pertenceram a Alfredo Varella, hoje integrando a coleção Varella. Em 1990, Mario Dornelles reuniu as notas e publicou as *Achegas*. Segundo Dorneles, as notas foram escritas em 1881, porém não há certeza. As *Achegas* são as memórias de Portinho sobre a "guerra civil". Nelas pretende corrigir as informações de Araripe para os futuros historiadores. Portinho participou na "revolução rio-grandense" do lado dos "rebeldes", chegou ao fim da guerra como tenente-coronel. As *Achegas* vão desde correções de nome, de números de mortos em batalha, dias de eventos, a interpretações sobre a guerra e até sobre como deve se escrever, isto é, vai desde as menores correções empíricas a questões de interpretação e escrita. Suas notas são uma resposta direta às considerações de Araripe sobre "revolução". Mostra, em sua narrativa, os "republicanos" como homens de princípios que lutam por ideais, que a república era uma vontade geral dos rio-grandenses. Apresenta os chefes "rebeldes" como homens de ação e caráter, no qual só uma "paz honrosa" os fez parar de lutar contra o Império. Enfim, Portinho defendeu e enalteceu seus colegas de armas e suas ideias.

> Nada falta ao Rio Grande do Sul. É uma terra que pode viver com luxo exclusivamente dos seus próprios recursos. Tudo ali é favorável à civilização e ao progresso […] Quem nasceu e viveu nessa terra, em que a própria natureza tem um singular aspecto de máscula generosidade, não pode deixar de amá-la com amor fanático: já tornou-se proverbial a adoração do rio-grandense pelo seu torrão natal […] com que ele a coloca acima de todas as províncias irmãs. Há terras assim, que exercem tal influência sobre os seus filhos – que os chegam a identificar consigo. Da adaptação do povo a esse conjunto de circunstâncias ambientes nasce para ele uma natureza correspondente. O caráter rio-grandense teve essa origem. É, pois, em primeiro lugar, na natureza física, no conjunto de circunstâncias que constituem o meio cósmico – que se encontram a primeira razão, a causa inicial, não direi só da revolução, mas também do modo por que ela se efetuou. Para fazer ressaltar a sanção deste asserto – bastará combinar as circunstâncias primordiais entre si e depois com os fatos supervenientes que com elas vieram entrar em colaboração. (ASSIS BRASIL, 1981, p. 13).[152]

No meio cósmico está a causa da revolução rio-grandense, o caráter do rio-grandense é produzido na natureza. As condições físicas e geográficas (o meio cósmico) são a razão de ser do rio-grandense e da revolução rio-grandense, enfim, o meio cósmico como trama da explicação historiográfica. Depois de mostrar as circunstâncias primordiais, o autor passa a descrever os fatos supervenientes, isto é, a composição social, a descrição dos povos que formaram a Província e o caráter de seu povo. Como o meio do Rio Grande é diferente, logo, o povo é diferente. Os elementos que formaram a população rio-grandense diferem muito dos que formaram as outras Províncias do país. Formaram o Rio Grande, os açorianos, portugueses, paulistas, mineiros e espanhóis, modificados da sua base original comum tanto pela influência do meio como do novo gênero de atividade que exerceram. Para o autor, o comércio de africanos não foi no Rio Grande feito com grandes vantagens. Enfim, o "sangue etiópico" não foi, na época da revolução, em quantidade eficiente que formasse na população uma influência decisiv". Também, em 1835, o "elemento aborígine" não cooperou na formação da população. A população rio-grandense, na época do "movimento de 1835", foi produto dos elementos principais. Assim,

> o que é real […] porque é um fato, – é que, fossem quais fossem as forças que agiram no princípio, delas saiu como resultante uma população duma plasticidade tal que rapidamente, em menos de quatro gerações, adaptou-se plenamente ao meio cósmico em que foi lançada e apresentou a mais frisante originalidade. Este é o fato culminante, que tenho por firme e inabalável. Quando a revolução de 1835 se foi preparando no animo da província, já esta possuía um caráter propriamente seu, usos, costumes e tendências característicos. Era mesmo esse o tempo da maior originalidade: as forças naturais haviam realizado a sua evolução completa e a civilização não lhes tinha ainda modificado os efeitos […] Um fato que ressalta à mínima observação é que nesse trabalho a ascendência da natureza ambiente sobre a

---

[152] Claro que não só Assis Brasil manejava assim a historiografia. O peso da determinação do meio, tese do geógrafo alemão Karl Ritter, difundida nesta época, está presente em vários autores. Euclides da Cunha (1968), em *Os sertões*, reitera a determinação das "condições mesológicas" para explicar Antônio Conselheiro e Canudos.

> população foi muita pronunciada. Todas as características peculiares do povo, todos os seus hábitos e o próprio tipo de constituição física, estão na mais rigorosa correlatividade com as circunstâncias particulares do meio. (ASSIS BRASIL, 1981, p. 21-22).

Assis Brasil entendia que a posição astronômica da Província, as temperaturas contrastantes, o solo, a alimentação (carne), o mate amargo, as verdes campinas contribuíam para deixar na alma do seu povo, a coragem, a força extraordinária de que ela é cometida. Também a indústria,[153] o trabalho nas estâncias o equiparou a condição das riquezas e gerou, em todos, igual atividade de interesse. O contato com os hispano-americano codeterminou o tipo característico da Província tanto pela efusão de sangue hispano-americano quanto pela imitação de costumes. Disso ficaram resíduos consideráveis:

> Foi dessa concorrência de circunstâncias, resumidamente exposta, – influência do clima, da natureza e aspecto do solo e da sua consequente capacidade produtora, plasticidade da população original, alimentação, indústria, contágio com a raça vizinha, – que germinou e cresceu o tipo distintivo dos rio-grandenses, esse tipo vigoroso e sólido que só por si bastava para explicar o estranho ímpeto da sua revolução. (ASSIS BRASIL, 1981, p. 33).

Mais duas causas secundárias que derivaram daquelas eram importantes: por um lado, o sentimento inato de orgulho e altivez e, por outro, o sentimento de independência. Considerando todos esses fatos, "compreender-se-ão, sem esforço, a natureza e os efeitos dum movimento que partisse do coração desse povo por tal forma preparado por enérgicos precedentes". (ASSIS BRASIL, 1981, p. 34).

A relação entre a província do Rio Grande e o Império do Brasil também deve ser estuda para se entender as causas do fato revolucionário. Nessa indagação, o que em primeiro lugar percebeu o autor é a diferença entre o Brasil e o Rio Grande. Não haveria Província tão diferente do resto do país. O que a ordem natural de coisas demandava era que as instituições que a cobrissem não fossem contrárias à sua natureza. Para Assis Brasil, um sistema racional de instituições políticas deveria ser o espelho do meio sobre o qual se constitui e foi isso o que o Brasil negou ao Rio Grande. As instituições e a legislação brasileira tentaram tornar uma parte igual ao todo que "ela apenas por vínculos remotos de afinidade se ligava". (ASSIS BRASIL, 1981, p. 36). A Província foi amarrada ao centro por uma unidade mal entendida, pois "A lei teve o intento insensato de nivelar aquilo em que a natureza havia estabelecido uma sábia e harmônica desigualdade". (ASSIS BRASIL, 1981, p. 36). Quando instituições e natureza se ajustam é salutar, mas quando ocorre o contrário, a vitória neste embate é sempre

[153] Por indústria o autor entende todo o gênero de atividade material de um povo.

da natureza, assim, “os sucessos do Rio Grande foram uma triste comprovação desta verdade”. (ASSIS BRASIL, 1981, p. 36). Mas as lições do Rio Grande não serviram a quem se destinava. E assim, no momento em que seu pensamento político e sua compreensão da história se unem, ele escreveu que

> Uma organização baseada nos elementos naturais, uma organização federativa, para dizer tudo, estabelecida no tempo oportuno, na qual os grandes órgãos deste extraordinário país exercessem livremente as suas funções próprias, cooperando livremente também para a vida do todo – teria aparado os reduplicados golpes que por vezes estiveram prestes a cortar para sempre o fio da integridade nacional. A liberdade é em tudo uma condição de vida e, por conseguinte, de ordem; quiseram substituí-la pela centralização atrofiante; o resultado foi o que se viu: um protesto enérgico da natureza. (ASSIS BRASIL, 1981, p. 36-37).

Além disso, o medo do regresso ao período colonial, as atitudes suspeitas de agentes políticos que autorizariam a desconfiança, os presidentes que o governo do Rio de Janeiro mandava para a Província tinham o defeito de não conhecerem o povo e a terra, a perda da Cisplatina, foi que “a fé na paternidade do governo geral estava perdida”. (ASSIS BRASIL, 1981, p. 42). Como resultado dessa política imperial, a Província foi aniquilada e os “queixosos tinham toda a razão […] O governo central promovia guerras, assolava a província, sugava as suas riquezas por todos os modos, utilizava os serviços dos seus valentes filhos”. (ASSIS BRASIL, 1981, p. 42). Os impostos foram elevados e agravaram a economia que deveriam proteger. Portanto,

> Nunca foram tão evidentes os males da centralização, isto é, da ausência de liberdade. O governo central não conhecia as necessidades da província […] não as sentia […] por outro lado, a iniciativa local não existia, não podia existir num sistema em que toda a vida confluía para o centro. (ASSIS BRASIL, 1981, p. 46).

Por causa dessa centralização, não haveria infraestrutura básica na Província além de não haver escolas públicas. Portanto, os que conseguiam se ilustrar não toleravam a “governança madrasta” que arruinava a Província. Os desgostos, os ressentimentos fermentavam e

> o mal de que mais dolorosamente sofria a província era a falta de liberdade. Liberdade quer dizer o poder de viver soberanamente por si naquilo que só a si diz respeito. Estava rasgada a senda da federação. O povo não tardou em precipitar-se por ela […] E este fenômeno foi geral em todo o Brasil. (ASSIS BRASIL, 1981, p. 47).

Após explicar o meio natural em que surgiram as causas da revolução rio-grandense, Assis Brasil passa aos acontecimentos da revolução, que seriam uma consequência do meio. Portanto, em 7 de abril de 1831, estavam frouxos os vínculos de autoridade. Começara por todo Brasil o fenômeno da desagregação. A abdicação de D. Pedro I "colocou mais pronunciadamente grande número de espíritos ao serviço dessa lei histórica. As forças da revolução receberão demasiado impulso progressivo; as forças da conservação […] operaram impelidas por extraordinário impulso retrogressivo". (ASSIS BRASIL, 1981, p. 49).

Crescia na Província um sentimento de desgosto aos negócios públicos. As lutas e rivalidades dos dois partidos antagônicos aguçaram o processo. Os "patriotas rio-grandenses" reclamavam que a "facção retrógrada" impedia as reformas liberais de 7 de abril. Rodeados de tais suspeições e instigados pela disposição do país para rechaçar a uniformidade, os "patriotas rio-grandenses" não podiam sujeitar-se ao governo do centro, mesmo que fosse liberal. No Rio Grande surgiu o Partido Federalista. Este partido queria a autonomia das Províncias ligadas pelo vínculo federal. E esta teria sido a causa das revoluções no primeiro quartel da vida nacional e que "No Rio Grande, a federação era a ideia culminante dentre todas as aspirações liberais. Nada, porém, autoriza a crer que houvesse por esse tempo definidas convicções republicanas; antes o certo é que […] a democracia era repelida por todos os patriotas liberais". (ASSIS BRASIL, 1981, p. 54).

As ideias federais eram as mais adiantadas e discutia-se em sociedades secretas, na maçonaria e nos jornais. O italiano Zambeccari era quem difundia por meio dos jornais as ideias republicanas. Portanto, o influxo da *Jovem Itália* na Província passou por Zambeccari. Havia na Província uma férvida luta dos partidos entre retrógrados e exaltados sobre o futuro do país. E Fernandes Braga, presidente da Província, neste clima de febre partidária acusa os liberais de querer separar a Província da comunhão brasileira. O que, para Assis Brasil (1981, p. 73), foi um erro e uma injustiça:

> […] nunca os homens que fizeram a revolução pensaram, antes dela, na separação da província; tratavam sim de estabelecer a federação em todo o país, o que também era ideia comum a todos os brasileiros mais ilustres daqueles tempos. Esta interpretação é a que resulta duma infinidade de documentos privados e públicos.

A sua afirmação sobre o que foi revolução rio-grandense está sustentada no procedimento historiográfico, isto é, só afirmou o que foi quando dispunha de sólida documentação. Cientificamente "comprovou" que a revolução rio-grandense não era separatista nem republicana, mas federalista. E mesmo após as circunstâncias obrigarem os

rio-grandenses a proclamarem-se independentes, em todos os atos oficiais do governo republicano sempre apareceu a ideia de federação.

Além disso, fatos relativos as repúblicas do Prata sempre interferiram na sorte da Província. Rivera e Lavalleja no Uruguai e Rosas em Buenos Aires eram personagens frequentes na política provincial com Bento Gonçalves e Bento Manuel. Para o autor, o presidente Braga e o marechal Barreto alimentavam o Partido Retrógrado que se opunha à reforma liberal e à federação. E para deter as forças retrógradas, os liberais escolheram seu líder: “todos olharam para Bento Gonçalves. Era de fato a figura mais saliente, a entidade real de toda província”. (ASSIS BRASIL, 1981, p. 86). Tal era o estado geral de coisas “os revolucionários tinham preparado maduramente o golpe irresistível”. (ASSIS BRASIL, 1981, p. 91).

O espírito revolucionário tinha contaminado a Província inteira e “era completa e absoluta a vitória da revolução”. Bento Gonçalves era aclamado como o libertador da Província. Nesse momento, a paz era completa. Contudo, Braga chegou ao Rio de Janeiro pintando a revolução rio-grandense com cores medonhas. Assim o Padre Feijó, “sincero patriota”, tratou de sufocá-la. A ele, também, se deve o sangue derramado na Província, além da inutilização das ideias salvadoras que os patriotas rio-grandenses plantaram na nação brasileira. Feijó nomeia Araújo Ribeiro novo presidente da Província. Ribeiro era homem de grande firmeza em política e com tendências autoritárias. Feijó não compreendeu a revolução rio-grandense, pois ao querer fazer uma anistia geral, não entendia a causa real da revolução, que não era deposição de Braga e Barreto, mas a federação.

Nesse momento da narrativa, Assis Brasil apoia a suspeita dos liberais em relação ao novo presidente e ao adiamento de sua posse. O argumento que usa o historiador é o processo contra o vice-cônsul de Hamburgo. Com isso “o governo mostrava-se decidido a persegui-los”. Assis Brasil, com essa argumentação, atribui a continuação da guerra ao governo imperial, ao contrário do que sugeriria Araripe e outros memorialistas que imputavam aos revolucionários a continuação da guerra. Na escrita da historia de Assis Brasil, os revolucionários queriam garantias de respeitar a revolução de setembro e os seus homens. No entanto, a contrarrevolução avança liderada militarmente por Bento Manuel, que passou para o lado da reação. Com Bento Manuel como chefe das armas da Província, a atividade militar surgia de parte a parte com idêntico esforço. Acreditava Assis Brasil que a Província inteira estava do lado dos rebeldes. Contudo, refletindo sobre sua escrita:

> O autor desta narrativa não tem o mínimo interesse em ocultar a verdade sobre fatos particulares do grande drama que escreve, porque está certo de que qualquer nódoa parcial seria iluminada e desfeita pela harmonia do conjunto, e mesmo porque o descrédito da causa de 1835 não seria para a causa de hoje. O interesse que há é o de dizer a verdade histórica, bebida de boa fé nas melhores fontes. (ASSIS BRASIL, 1981, p. 136).

Assis Brasil propôs para sua escrita três coisas: imparcialidade, a busca da verdade histórica e, as duas anteriores baseadas na terceira, as fontes históricas. Em nenhum momento ele escreveu sobre a impossibilidade de se escrever a história da República Rio-Grandense e apenas produzir memórias históricas. Ele considerava-se escrevendo a história e não a memória da Farroupilha.

O triunfo da República Rio-Grandense não foi total pelo fato dela não dispor de uma marinha armada. Mas quase toda a população da Província pertencia à revolução, e os que a combatiam eram de outras Províncias, de Portugal ou outros países. Dentro do argumento, nada mais lógico, pois só quem era do meio saberia entender as necessidades do meio. O que daria legitimidade política à revolução. Portanto, com o tratamento dado pelo governo regencial, haveria mais aceitação social deste movimento: “Todos perceberam logo e ao mesmo tempo que só havia um caminho que apresentava a saída de tantos embaraços: era separação da província do grêmio brasileiro, com cujo governo tornara-se incompatível qualquer harmonia. E assim solveu-se a crise”. (ASSIS BRASIL, 1981, p. 162).

Netto proclamou a República, pois tal pensamento já estaria penetrado no Partido Revolucionário. Conforme Assis Brasil, acusaram Netto de querer arvorar-se em árbitro de uma população inteira, contudo “não pode haver acusação mais banal. Toda iniciativa há de partir dalgum ponto. Não foi também o seu brado um rasgo de militarismo ou de caudilhagem. Netto e os que o cercavam eram cidadãos armados; não eram soldados”. (ASSIS BRASIL, 1981, p. 164). Percebe-se que é uma resposta de Assis Brasil à consideração de Tristão Araripe que compreendeu a revolução como militarista e caudilhesca, e sem presença nenhuma do povo em sua elaboração. Também, a revolução não se iniciou como republicana porque

> Os revolucionários, porém, apenas queriam a autonomia da província, sem que fosse roto o princípio da integridade da nação; entretanto […] A independência e a democracia vieram fatalmente, como única solução das ideias liberais bem entendidas. Impuseram a vontade dos homens. Foi sempre esta a história das revoluções liberais: ou sucumbem debaixo da pressão reacionária, ou a lógica as arrasta a democracia legítima. Muitas vezes, os próprios homens que as servem não as compreendem, tiram-lhe o caráter social, o caráter amplo, para atribuir-lhes feições egoísticas e acanhadas. Mas os homens são instrumentos das ideias:

> trabalham por elas sem saber para que trabalham, sem apreender a conjunto de fatos a que se dirigem. (ASSIS BRASIL, 1981, p. 165).

Assis Brasil justificou a separação como uma fatalidade perante os acontecimentos e, além disso, observa-se em sua escrita uma filosofia da história: os homens fazem história sem saber por que fazem, mas há um plano que perpassa a história que os homens não têm acesso, mas que mesmo assim suas ações, mesmo sem a consciência do fenômeno, cumprem esse fim preestabelecido da história. No caso do entendimento de Assis Brasil, os homens são instrumentos das ideias federalistas de liberdade. Se nas memórias imperiais era o passado que controlava o presente, agora, a partir de Assis Brasil, é o futuro programado que o faz.[154]

Enquanto Netto proclamava a República, Bento Gonçalves sitiava a Capital. Porém, por falta de forças, Bento Gonçalves resolveu voltar à campanha. Em seu encalço vinha Bento Manuel, que aderira aos legalistas. Para Assis Brasil, "a indecisão foi sempre o lado fraco de Bento Gonçalves" (ASSIS BRASIL, 1981, p. 172) e um dos motivos do fracasso em Fanfa. Mas o que chamou a atenção neste caso não foi à batalha em si, entretanto a questão se houve ou não capitulação.[155] Diferentemente de Araripe, o que houve foi capitulação. Assis Brasil sentiu-se admirado que um fato como o de Fanfa fosse até sua época um tema controvertido. Muitos argumentavam que Bento Gonçalves se rendeu à discrição[156] e que nunca houve provas da existência da capitulação. Porém o acontecimento de Fanfa veio a aumentar a tenacidade dos republicanos e reafirmar que a revolução rio-grandense não era caudilhista:

> O fervor com que a luta recomeçou e recrudesceu bem evidenciava que era unânime e acorde, espontâneo e natural o sentimento que movia esses homens, arrastados por convicções, bem ou mal fundadas – não importa –, mas que certamente não seguiam as imposições dum caudilho, porque a ausência desse caudilho não sufocou, antes alentou e impeliu o primitivo ímpeto. (ASSIS BRASIL, 1981, p. 183).

Araripe afirmou que era uma revolução de caudilhos. O que Assis Brasil negou. E assim, querendo afirmar o caráter popular da revolução, ele escreveu que "de toda parte

---

[154] Sobre o entendimento de futuro controlando o presente, ver Kosselleck (2006), capítulo "O futuro passado dos tempos modernos".

[155] Para Assis Brasil (1981, p. 175), Bento Manuel "escreveu a Bento Gonçalves, pedindo-lhe que capitulasse; este perguntou-lhe em que condições aceitava a capitulação; Bento Manoel respondeu que deixaria livres a todos […] Pediu-lhe Bento Gonçalves que enviasse escritas essas condições. Bento Manoel acendeu. Então, capitularam". E, querendo mostrar que os documentos são mais significativos do que os raciocínios, transcreve um documento oficial de Bento Manuel ao ministro da guerra em que ele garante que prova a capitulação. E conclui que "Tudo isso prova com alguma evidência que Bento Gonçalves, apesar da sua desesperada posição, não se entregou prisioneiro, mas *capitulou*, aceitou condições […] Mostra-o de sobra o seguinte documento, que ao mesmo tempo dá o último e soberano golpe na questão". (ASSIS BRASIL, 1981, p. 179).

[156] Entregar-se incondicionalmente.

concorria o povo para Piratini, muitos vinham pela consideração da segurança pessoal e todos pelo desejo de tomar parte na constituição da república". (ASSIS BRASIL, 1981, p. 184-85). O povo se aglomerava dentro e fora da câmara de Piratini para presenciar a independência e a república, que foi o último recurso que tiveram os patriotas diante da perseguição do governo brasileiro. Este, com seus erros políticos, precipitou os rio-grandenses para fora do teto em que nasceram. Portanto, "começou o povo a depositar na urna seu sufrágio" (ASSIS BRASIL, 1981, p. 189-190) para decidir o presidente da república, nisto ao contrário de Araripe, o militarismo em nada influiu. Enfim, "o que tenho até aqui historiado não é mais do que o prólogo da tragédia cujas cenas se vão desdobrar ainda […] sem nunca macular, antes engrandecendo e exaltando, até o último momento, a honra do generoso povo que a erigiu e sustentou". (ASSIS BRASIL, 1981, p. 191).

Não é mais memória e agora, contra o IHGB, logo, contra monarquia, é história. A revolução é do povo e não dos caudilhos, pois o meio cósmico os fez desta maneira.[157] Assis Brasil inicia a contraposição federalista positivista ao imaginário centralista monarquista. Pertencendo a uma geração crítica da monarquia, seu horizonte foi a repúbica federal e o Clube 20 de Setembro foi o lugar onde operou o seu texto historiográfico.[158]

A *História da República Rio-Grandense* de Assis Brasil, diferentemente da escrita histórica vinculada ao IHGB, centra sua explicação histórica em uma estrutura geofísica, o meio cósmico, que pretende que seja o princípio da explicação das ações dos personagens. Isto é, descobre-se qual o suporte geofísico que seria a constante e o repetitivo e a partir do qual se prevê a ação humana. Assis Brasil faz o que estava se tornando habitual no período, a introdução do cientificismo europeu na historiografia brasileira,[159] a busca pelas causas naturalistas do agir e, também, junto na explicação historiadora, a introdução das filosofias da história,[160] isto é, a história tendo um fim predeterminado a cumprir. No caso da *História da*

---

[157] Luigi Nascimbene em parte concorda com isso, aceita a tese do meio, mas pensa que esse meio só pertence à fronteira da Província com o Prata.

[158] A dimensão política de sua escrita foi a de ser "Considerada uma resposta ao estudo de Araripe, muito mais refinada e coerente do que as que até então se publicaram na província, pois contesta diretamente seu argumento principal, de que a unidade nacional estava acima de questão da forma de governo e que nas condições brasileiras a monarquia centralizada era sua única garantia. Assis Brasil busca provar o contrário, mostrando que era o governo imperial, ao impor sua autoridade às províncias, quem ameaçava a integridade do país, pois aquele seria um sistema de governo inadequado à índole dos diferentes povos que o compunham, especialmente o rio-grandense". (LAZZARI, 2004, p. 222).

[159] Ver Alonso (2002), capítulo "Os federalistas científicos: crítica da política imperial".

[160] Sobre a influência de Henry Buckle e Hippolyte Taine em Assis Brasil, ver Boeira (1980), "O positivismo difuso". Buckle e Taine pensam a historiografia como uma epistemologia semelhante à das ciências naturais, uma visão da história como ciência generalizadora, a história como progresso e um confronto entre as sociedades humanas e o meio geofísico. Assis Brasil usa Taine em especial, entre os dois autores, e dele toma seus três passos metódicos: a história deveria ser analisada a partir de três fatores: a) o meio geofísico; b) raça; e c) momento histórico.

República Rio-Grandense o fim, para o qual deveria culminar a história, seria a criação de uma sociedade brasileira que atingiria a liberdade, lutando contra o inimigo da liberdade, o centralismo da Corte, a partir da ideia do federalismo e, após, chegando a um sistema federalista. E o Rio Grande do Sul, a partir da Farroupilha, foi a principal Província, sobretudo por suas condições cósmicas, a ser a portadora desse projeto federal de liberdade nacional. E além desse diferencial teórico finalmente tinha-se uma "História" da Farroupilha. Agora, a teoria do veto para o século XIX estaria conforme formulada por Lima. Não haveria mais uma história *magistrae vitae* articulada a outros elementos da cultura histórica, a exemplos de memórias e crônicas de jornal. A ramaria fantástica de Oliveira Belo teria quem podá-la agora, e foi Assis Brasil quem forneceu as primeiras sentenças convictas da história. Como os romancistas escreveriam agora, que a verdade da história foi estabelecida contra a memória. Assis Brasil usou da teoria histórica a sua disposição para criar uma intriga em que a Farroupilha seria a precursora de um futuro em que o federalismo seria a conclusão de uma meta.

Com o fim da monarquia centralista em 1889 e o surgimento da República Federativa do Brasil, os Estados passam a ter mais autonomia. Contudo, a Farroupilha assumira um novo papel tempos depois. Já não mais a favor do projeto imperial ou a favor do federalismo e da república. A Farroupilha será usada para combater o novo sistema de poder institucional que se implantou no Rio Grande do Sul depois de 1889: o castilhismo.

CAP. 4 A Farroupilha e o Castilhismo-borgismo contestado

O PRR com Júlio de Castilhos, Proclamada a República em 1889, assume o poder no Estado. Após o interregno do governo liderado por Barros Cassal em 1892, o PRR volta ao poder ainda antes da Revolução Federalista de 1893. A institucionalização do regime republicano colaborou para produzir o sistema político coronelista que foi a base do poder na República Velha (1889-1930).[161] O coronelismo, enquanto sistema, instituiu-se no período em que os chefes locais principiaram a perder a sua força política local e necessitaram apelar ao governo, que, por sua vez ainda não era forte o suficiente para garantir sua presença institucional. (AXT, 2007). O fato da base do poder do coronel ser local, não significava que ele estivesse em isolamento. Muitos coronéis influenciaram a política estadual e nacional.

---

[161] Sobre esse tema ver Axt (2007).

O sistema coronelista entraria em colapso somente no fim da Primeira República, à medida que se incrementava no país o processo de urbanização, de industrialização e de crescimento populacional. Além disso, o Estado foi tornando-se mais interventor e aumentando sua margem de ascendência sobre o poder privado. Contudo, muitas práticas coronelistas, nepotismo, mandonismo e tráfico de influência continuariam a existir na vida política brasileira. Para Axt (2007, p. 92), o PRR no poder

> costurou mais compromissos conservadores do que progressistas, esteve longe das decantadas fidelidade partidária e coerência programática e esteve tão envolvido com as práticas coronelistas como qualquer outro agente político da época. Todavia, o modelo político conhecido no Rio Grande do Sul apresentou inegáveis especificidades. A principal delas diz respeito ao quadro de institucionalização autoritária e de sistematização do discurso político-ideológico de justificação do regime.

O PRR governou o Estado do Rio Grande do Sul por toda a República Velha tendo nas figuras de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros seus expoentes. Em 14 de julho de 1891, a constituição estadual foi proclamada. Muitas foram as questões polêmicas, com realce aos mecanismos de ingerência do poder estadual nos municípios, a omissão do conceito liberal de separação dos poderes e a possibilidade de reeleição ilimitada. A Revolução Federalista iniciada em fevereiro de 1893 foi uma resposta das oposições à centralização política imposta pela constituição de 1891. Em 1895, com o fim da Revolução Federalista, o presidente Prudente de Morais garantiu a anistia aos federalistas.

O Partido Federalista reorganizou-se em 1896, mas limitou-se a participar da política através da imprensa até as eleições para a Câmara Federal em 1906, quando elegeu três deputados.[162] Contudo, Júlio de Castilhos, em seguida à Revolução Federalista, concluiu a organização do aparelho de Estado. Para Axt (2007, p. 95-96),

> o autoritarismo de Constituição de 14 de julho de 1891 investiu o Poder executivo de formidáveis instrumentos de intervenção nos municípios e de controle do aparato estatal. Mas, ainda assim, o aparelho de estado continuava não sendo *infraestruturalmente* forte o bastante para possibilitar à elite dirigente assenhoreada do comando a implantação de um regime ditatorial e de controle absoluto.

Contudo, havia no espaço político, com a progressiva urbanização e industrialização, novos sujeitos sociais em cena, criando focos de pressão que ameaçavam o fechamento do sistema político. Para o autor,

---

[162] Ver Franco (2007), “O Partido Federalista”.

> A especificidade do Rio Grande do Sul em relação ao sistema coronelista nacional estava numa permanente tensão existente entre o poder estadual e poderes locais, pois a natureza dessa relação era ao mesmo tempo de cooperação e de competição […] enquanto nos demais estados a regra foi a acomodação entre esses dois termos. Ou seja no Rio Grande do Sul, o comando político regional – também emerso de uma rede de compromissos coronelísticos – pretendia sedimentar cada vez mais o controle sobre o estado, enquanto que os poderes locais aspiravam escapar do jugo compressor e forjar chefias relativamente autônomas. (AXT, 2007, p. 96).

E dois intelectuais se destacam neste período por suas trajetórias políticas e intelectuais. São eles Alcides Maya e Alfredo Varella. Dois intelectuais com trajetórias parecidas e distintas ao mesmo tempo. Alfredo Varella foi republicano de primeira hora, mas cindiu com o partido no cisma de 1906-1907. Alcides Maya foi do Partido Federalista e, após sua segunda passagem pela Capital federal, entre 1913-1914, aderiu ao castilhismo-borgismo.

Entretanto, quando ambos escreveram os livros aqui analisados, estavam na oposição ao projeto castilhista de poder que, após sua morte, foi liderado por Borges de Medeiros no comando do PRR. E ambos os autores usaram do passado farroupilha para fazer sua crítica ao regime autoritário castilhista-borgista. Alcides Maya lança, em 1911, *Ruínas vivas* e Alfredo Varella lança em 1915, em Portugal enquanto trabalhava como diplomata, *Revoluções Cisplatinas*.[163] Os dois fizeram o caminho inverso, enquanto um foi da oposição à situação político-partidária, o outro foi da situação à oposição. Mas, em um curto período de tempo, estiveram na oposição e suas obras têm as marcas do tempo presente. Assim, a Farroupilha no início do século XX foi usada para criticar e repensar o poder regional castilhista.

Ruínas vivas foi escrita entre 1905-1907, quando Alcides Maya encontrava-se no Rio de Janeiro, então capital federal. Maya, desde o final da década de 1890, dedicava-se à atividade da imprensa rio-grandense tanto n'*A Reforma* como n'*A República* e no *Correio do Povo*, jornais ligados aos federalistas. Os editoriais de Maya eram agressivos ao governo estadual, comandado pelo PRR, o que lhe dava a hostilidade dos governistas.[164] E uma das consequências da supremacia do PRR foi a coerção aos críticos do castilhismo.[165] Na virada do século, ressalta-se nos escritos de Alcides Maya uma visão crítica do presente, junto a um projeto de futuro liberal onde

---

[163] Tanto Maya como Varella lançaram esses dois livros pela Livraria Chardron, de Lello & Irmãos Editores de Porto, em Portugal.

[164] Segundo Almeida (1994, p. 29), a firme atitude oposicionista de Alcides Maya configurou uma situação familiar paradoxal na medida em que seu pai e avô materno eram republicanos e castilhistas. E continua a Almeida (1994, p. 30), neste período Maya fez amizade com Apolinário, frequentando a casa branca.

[165] Para Murari (2008, p. 158-159), "a partir de uma perspectiva liberal inspirada pela leitura de Spencer e na defesa dos direitos de cidadania, empreende uma crítica ferrenha ao castilhismo, condenado como regime político ditatorial, nutrido pela politicagem e pelo militarismo".

> Opondo-se, acima de tudo, ao clima de terror repressivo instaurado no Rio Grande do Sul com o término da Revolução de 1893, buscavam sustar a consolidação da ditadura positivista no Estado, mantendo um confronto constante com a facção governista. Com idêntico vigor, no entanto, exorbitavam o âmbito da política partidária, empenhando-se na construção de uma liderança intelectual e moral que abarcava, em seus projetos, a literatura a imprensa, as manifestações artísticas e filosóficas, enfim, o meio cultural em sua generalidade. Nesse sentido, a atuação de Alcides Maya parece ter sido ponderável, congregando intelectuais, difundindo novas ideias e conclamando à tomada de posições. (ALMEIDA, 1994, p. 59).

Alcides Maya transferiu-se pela primeira vez para a capital federal em 1903. Onde permaneceu até o primeiro semestre de 1907.[166] No Rio de Janeiro, escreveu *Ruínas vivas* entre 1905-1907.[167] Essa primeira passagem pelo Rio se caracterizou por um intenso trabalho jornalístico com uma intensa vida literária.[168] Volta no segundo semestre de 1907 para o Rio Grande do Sul, quando lança o *Jornal da Manhã*, em que a maioria dos seus colaboradores se identificava com os federalistas. Nesse ano também acontecia as eleições para o presidente do Estado. Disputavam as eleições Carlos Barbosa, apoiado pelo PRR e por Borges de Medeiros, e Fernando Abbott,[169] apoiado pelos oposicionistas da dissidência republicana e pelo Partido Federalista. Fora patente o apoio de Alcides Maya na campanha de Fernando Abbott.[170]

Borges de Medeiros e Pinheiro Machado eram os alvos da crítica no *Jornal da Manhã*. Essa troca de Júlio de Castilhos por outros alvos elucida-se pela fama que se cultivou em volta do Patriarca da República. Assim, existe uma modificação em relação às manifestações de Alcides Maya sobre a figura de Castilhos nessa conjuntura, diferente da antecedente. Comum aos dois momentos foi a censura a resolução de Castilhos a perpetuar-se no poder, alcançando em cheio Borges de Medeiros.[171]

---

[166] Nesse período Maya tornou-se amigo de Machado de Assis.

[167] Uma primeira questão a destacar em relação a *Ruínas vivas* é a diferença entre o tempo de edição e a efetiva oferta do livro ao público. Embora 1910 nas notas tipográficas de *Ruínas vivas* como o ano de sua edição, chegou às livrarias só no segundo semestre de 1911. Para a Almeida (1994 p. 127), é passível de desconfiar que alguma coisa no livro tenha sido modificada entre 1907 a 1910. E, também, por estar estreando na narrativa regionalista, Alcides Maya provavelmente encontrou dificuldades em publicar seu romance. (ALMEIDA, 1994, p. 122).

[168] Para Moreira (2007 p. 275), "Alcides Maya sintetiza o pensamento crítico dessa época: munido de renovado arsenal teórico, introduz as novas ideias na esfera das discussões literárias".

[169] Foi vice-presidente do Estado em 1891.

[170] "Tendo o jornal da manhã optado por uma linha de franca oposição ao governo de Borges de Medeiros […] a imprensa oficial, no intento de silenciar a oposição incômoda, não tivera pruridos éticos". (ALMEIDA, 1994, p. 76).

[171] Almeida (1994, p. 89) chama esta atenção para a mudança de posicionamento de Maya em relação a Castilhos "concorre para confirmar o movimento detectado anteriormente, simultâneo a *crucificação* de Borges de Medeiros, de entronização da imagem teórico-política de Castilhos como *Patriarca da República*". Segue Almeida (1994, p. 89) que em artigo "publicado no Correio do Povo em agosto de 1910, que denota uma avaliação positiva da atuação de Júlio de Castilhos à frente do Partido Republicano Rio-Grandense e do governo estadual". Almeida percebeu também nesse período que Maya no final da primeira década de século XX vai diluindo seu spenceranismo e solidificando seu comtismo.

Alcides Maya, em fins de 1909, sai do Rio Grande do Sul, fixando-se outra vez na capital federal, onde continuaria de forma mais ou menos constante até o início da década de 1920.[172] Se na primeira passagem no Rio de Janeiro é quando escreve o livro, foi só na segunda passagem, anos depois, que o publica.[173]

O romance começa com uma cena em que o velho capitão Chico Santos desperta quando fantasiava sua vivência de outrora. As lembranças eram visões desorientadas. Rememora-se de Andrade Neves comandando o ataque aos paraguaios. Chico Santos recordando o cenário abancou-se ligeiro, atormentado com as aparições quiméricas. Entretanto o desvairo partiu, girou-se para o campo. O sossego dilatava o planalto, no clima brilhante, toda a amplitude do pampa.[174]

Após uma calma transitória, Chico Santos abala-se mais uma vez: "fugira-lhe novamente o espírito para o passado belicoso. Andava agora por 35". (MAYA, 2002, p. 23). A paisagem era de uma dobra de serrania. Emboscara-se ali uma tropa da república. Maya (2002, p. 23-24) descreve o acampamento farrapo a partir da visão Chico Santos:

> A dois passos, entre arbustos açarrapados, um pendão *farroupilha* balouçava arrogante às bafagens da altura o seu feixe d'armas, e, em torno, soldados de gandola vermelha e fitas rubras nos sombreiros, quebrados insolentemente à testa, passeavam dispersos ou aos magotes, entre flâmulas coloradas das lanças nos sarilhos. […] Apaixonado pelo encontro, Chico Santos esperava ansiosos o desfecho, desejando o desarme, exigindo uma vitória imediata, como diante de um caso sério.

Essa quebra da narrativa dos fatos contemporâneos, pela inclusão do passado, adianta ao leitor a trajetória futura de Miguelito. Isso acontece pelo problema de ajuste à situação contemporânea e pela relação que o ligava ao avô materno. Miguelito acostumar-se-ia a

---

172 Nesta ida ao Rio de Janeiro, além de intelectual, Maya torna-se um burocrata. Também aponta três razões para sua volta ao Rio de Janeiro: a) realização literária; b) situação político-partidária adversa; e c) campanha civilista em nível nacional. (ALMEIDA, 1994, p. 99-100).

173 João Simões Lopes Neto, em 1912, publica *Contos Gauchescos*. Nesse livro há um conto sobre a Farroupilha chamado *Duelo de farrapos*. Nele, o próprio narrador, Blau Nunes, conta sua participação na Farroupilha como ordenança de Bento Gonçalves. Para Chiappini (1988, p. 289-89), "Finalmente, se os chefes militares e políticos são exaltados como heróis-cavaleiros em tempos de guerra, é o peão que ocupa o primeiro plano, reivindicando para si os atributos de heroísmo e deixando entrever, por outro lado, a fragilidade dos grandes. A Revolução Farroupilha, a Guerra do Paraguai, as lutas como o Prata têm aqui, como na historiografia, a preferência, mas sempre mediadas pelo ponto de vista do peão-soldado que, ao narrar sua história inserta na História do Rio Grande, e esta como parte de sua vida, readquire ele próprio a densidade histórica e a dignidade humana que perdera enquanto 'bucha-de-canhão' ou trabalhador servil. Ao inverter, assim, o ponto de vista pela qual a história é narrada, Simões Lopes não relativiza a versão do vencedor, como antecipa a história de um gaúcho ainda mais pobre, que começa a nascer ao tempo de Blau velho: o 'gaúcho a pé', dos anos 20 e 30". Também sobre esse conto, ver Chaves (2001), capítulo "A história observada pelo avesso".

174 "Em *Ruínas vivas* – onde a tradição guerreira da província foi inserida e, no século XIX, também pelas referências explícitas as campanhas em que Chico Santos participara a partir da Revolução Farroupilha". (ALMEIDA, 1994, p. 138).

reviver as lembranças do avô na fantasia. E a fantasia passada de Chico Santos na farroupilha era um momento de fuga para Miguelito. Contudo, haveria uma nostalgia pueril no seu retorno, por isso,

> Chico Santos pensou nos camaradas, buscou-os, chamou-os: tinha a certeza de que estavam perto, a algumas braças; e não enxergava ninguém, ninguém, respondia, foi obrigado a continuar sozinho, sentindo-se irremedialvemente abandonado nos rodeios tortuosos da montanha traiçoeira […] Dominou-o uma angústia inexprimível, fê-lo vacilar uma vertigem coruscante: quis deter-se, faltou-lhe o chão, ia rolar... Um movimento brusco, violento, fazendo oscilar o catre, dissipou o vágado. (MAYA, 2002, p. 25).

Na tapera do Capitão Santos havia três peças e mal se podia caminhar lá dentro. O narrador descreve seu traje campeiro, a antiga espingarda, a espora e o poncho. O rancho, separado da estância, tinha abrigado Chico Santos contra as desordens do sul. Ele arrastava as pernas após setenta anos a cavalo. E a sua frente,

> Ei-la, a vastidão deserta, a vastidão querida! Nunca se fartara de vê-la, de respira-la, de senti-la, e rejubilava contemplando-a sem fim, majestosa e torva, cinturada de flamas, à rutilância do sol, por entre densas fumagens de batalha […] aos dezesseis anos, deixara o rancho paterno para sopesar, comovido, a sua primeira lança […] a sua alma revel de gaúcho, alma saudosa de guerreador e de nômade […] ia-se toda […] para as nuvens cor de sangue. (MAYA, 2002, p. 28).

A percepção persistia em atraiçoar o velho Chico Santos, a febre cruzava a pele em ardor, tomava-lhe o corpo, a mente agitada, as feições esparsas da batalha. Miguelito a cavalo, de volta a estância, observava o avô estático no chão. Completara 15 anos, era moreno, forte e do avô legara somente o tamanho avolumado. Diferia dele em tudo:

> Miguelito criara-se guacho, haragano, pelas bibocas; invalescera dia a dia no seio agro dos escampados, à lei da natureza anárquica de mestiço, sem a menor coerção moral, com a alma rebelde emoldada à antiga, impressionado, apenas pela força. Ignorava a poesia das carícias; nunca se lhe embebera o coração de religiosidade; não tivera mãe que o ameigasse. Existia nele, contudo, um elemento qualquer de ideação, que faltava aos demais de sua idade […] Arrebatado, violento, encruelecido na solidão nativa pela inclemência pastoril, desenvolvera em si mesmo, naturalmente, faculdades de sonho. (MAYA, 2002, p. 34-35).

Miguelito era o único que escutava Chico Santos em seus lances de combate, que os revivia em seu imaginário e como ao avô, só a sina de peleja lhe parecia honrada e livre. A experiência do avô fora um contínuo pelejar que ele recordava com outros casos bélicos do passado:

> Durante a guerra civil de 1835, sentira um entusiasmo irrefletido, cego, de instinto, pela causa revolucionária e não se alistara logo sob as insígnias da república por causa de um tio, que o educara e servia à legalidade […]. Prestava, todavia, os serviços possíveis aos rebeldes e, de uma feita, salvou a cinco de morte certa, num rincão onde iam ser surpreendidos. Mas o tio pereceu num recontro e a tomada de Caçapava, a 8 de abril, fê-lo desaparecer numa força incorporada mais tarde à coluna do general Netto. O tratado de 45 restituiu-o às lides campeiras. (MAYA, 2002, p. 35).

Transfigurado em "gaúcho consumado" sob a ascendência do avô materno, Miguelito era contrário aos serviços cotidianos da estância e indócil com a categoria subordinada que penalizava Chico Santos e induzia o avô a abrigar-se na reminiscência das velhas proezas bélicas. O que sugere, na história do avô vinculada à história do Estado do Rio Grande, um movimento de degeneração e, também, mostra o empenho de Maya com o determinismo cientificista do momento. O que Maya via em seu presente (da escrita à publicação do romance), era um tempo de ruína econômica, política e moral do Estado e por isso sua "ida ao passado" para retomar a Farroupilha como uma solução para o que considerava a degeneração do Rio Grande. E Chico Santos é o ponto arquimédico da crítica ao presente:

> Chico Santos apreciava então o espetáculo […] do poderoso encanto simples da grande vida forte de outrora, quando a campanha era uma imensa estância sem alambrados, percorrida à vontade, em todas as direções, livremente trabalhada, a todo tempo, pela gauchada lesta. Volvia a mocidade, pisando, num olvido feliz das suas dores, o mesmo proscênio de dantes, revendo o velho campo dos guascas rudes. (MAYA, 2002, p. 36).

Chico Santos tinha nas suas histórias intervalos de gozo, generosidades da alma, naturalidades maliciosas da juventude; apesar da lembrança debilitada "ressurgia nos seus contos a alma cavalhereisca do antigo Rio Grande heroico e legendar" (MAYA, 2002, p. 37), Miguelito escutava todos os lances no bravo dialeto dos acampamentos fronteiriços. Ouvia com idolatria, inventando acenos de quem sobrecarrega o oponente:

> Alheava-se de todo, por instantes, e só voltava a si do devaneio quando, no ambiente, alguma praga estourava rubra de ódio contra os *legalistas*, que o general Netto destroçava a patas de cavalo, ou sobre os paraguaios, que o narrador, ao lado de Andrade Neves, punha em fuga. (MAYA, 2002, p. 38).

Miguelito arrematava de fantasia as histórias, não só escutava, também criava, completava as aventuras do avô. Miguelito imaginava, inventava grandes homens, fantasiava pelejas num espetáculo rude. Não distinguia datas e fatos, não sabia dos motivos de tantas batalhas. Assombrado, "passou a contrafazer a existência aventurosa dos caudilhos célebres". (MAYA, 2002, p. 39). Miguelito assim idealizava as pelejas de Chico Santos e imaginava

combater seus inimigos, “na boa camaradagem tradicional dos piquetes *farroupilhas*”. (MAYA, 2002, p. 41). O passado heroico sempre lhe vinha. É na passagem do século XIX ao XX que Maya discerniu o protagonista rio-grandense que transmitira à vida regional um aspecto particular: o monarca das coxilhas, vulto lendário a ser entendido como o organizador da história, lançava-o como a caução do amanhã, isto é, o passado farroupilha poderia assegurar o futuro desejado. E, pelo momento político no Rio Grande do Sul no início do século XX, o castilhismo repercutira no projeto literário do escritor.[175]

Na narrativa de *Ruínas vivas*, sobrepujava na paisagem o casarão do coronel. Em épocas passadas, em tempos de rebeldia e de invasão, ficou conhecida como Casa Grande; era outrora um lugar triunfante, “quase feudal”. (MAYA, 2002, p. 43).[176] Prendida as guerras do passado entre portugueses e espanhóis, “quartel-general dos Farrapos” com o passar do tempo, perdera o esplendor áureo de antigamente. Após vendas e descuidos, virou propriedade de Paulino Gomes, comandante da Guarda Nacional, chefe político do distrito e último representante de poderosa família das cercanias. Chamavam-na Estância Nova e condizia “com o tom senhorial e soturno do frontispício, relembrando episódios de combate, façanhas cavalheirescas de 35, legendas sangrentas da reconquista. Envolvia-a o prestigio das tradições […] cuja história Chico Santos referira ao neto, aos fragmentos”. (MAYA, 2002, p. 44).

Miguelito era neto também do coronel Paulino Gomes. Este tivera um filho chamado Artur (que morrera assassinado em uma disputa política no Capital). Artur visitava ao pai nas férias, quando em uma dessas férias conheceu e seduziu Elisa, a filha de Chico Santos. Assim nasceu Miguelito de um caso entre Artur e Elisa. O velho capitão apreciava Artur, conversavam sobre o passado e um dia Artur “leu com solenidade um trecho apologético dos *farrapos*, o antigo revolucionário, analfabeto, ficava entusiasmado só de vê-lo”. (MAYA, 2002, p. 45). Depois Artur voltou para São Paulo cursar direito. O velho capitão descobriu, então, que lhe fora engravidada a filha. O episódio apresentou um término em que Elisa sumiu e, tempos depois, Miguelito apareceu. Chico Santos, depois do acontecido à filha, vivera

---

175 “[…] passado e futuro aparecem como uma *miragem* vista num *continuum*, no qual não há espaço para o presente. O presente é apenas transição, circunstancia fugaz que precisa ser superada para que a sociedade não interrompa seu ciclo evolutivo […] O presente, marcado regionalmente pela frustração do projeto político republicano de tendência liberal e por ainda um ainda contingente e irrefutável raquitismo intelectual, só existe como realidade a ser negada pela ação de uma minoria heroica, comprometida com as forças progressistas e ‘fanática do Belo e da Verdade’”. (ALMEIDA, 1994, p. 62).

176 Em Maya reaparece, como em Oliveira Belo, a comparação da estância com o mundo feudal, o castelo. De novo o recurso intelectual de comparação foi o mesmo que causou estranheza a Loureiro Chaves. Ver página 120 da presente tese.

afastado de todos e o conforto que lhe restou na velhice foi contar as crônicas belicosas dos tempos passados:

> Miguelito crescera no culto desse passado: o avô e a casa formavam para ele um todo homogêneo: escapava-se de ambos algo de estranho ao meio em que respirava, diferentemente e mais belo, no espaço e no tempo, dando-lhe a aspiração de outro existir, por entre pelejas, no desconhecido das aventuras, na liberdade das várzeas ilimitadas. (MAYA, 2002, p. 46).

Percebe-se então que naquele período político em que Maya escrevera o romance tudo seria expectativa, a não ser o autoritarismo borgista, mas a estabilidade do gaúcho cavaleiro na alma do Rio Grande mantinha o imaginário em evasão para um futuro que poderia ser diferente, espaçando-se além do presente.[177] E assim,

> O coronel compreendera o espírito do tempo: a beca substituíra a espada; aos campanhistas audazes tinham sucedido os *doutores*; e ele queria ver a raça culminando num rebento espiritual do antigo tronco rude. O mancebo animava, sem saber, aquelas esperanças secretas, orgulhosas e fortes: era popular no meio gaúcho e o Coronel, satisfeito, previa-o advogado, deputado, senhor intelectual da Comarca, dantes dominada, à violência, pelos avós guerrilheiros. (MAYA, 2002, p. 82-83).

As últimas férias de Artur assustaram seu pai com manifestos republicanos contra os políticos atrasados do Império e Artur assinava um artigo em que

> concitava, profeticamente, a mocidade patrícia a estar a postos, vigilantes, firmes, pronta ao sacrifício, prosseguindo na obra dos “Farrapos”, continuando Bento Gonçalves, Canabarro e Netto. À ossada dos bravos de outrora, entregava-a o revolucionário ao “minuano” para que este, a soprar indomável, das alturas andinas sobre os pampas vastos, a revolvesse e espalhasse entre a nova geração de lutadores... (MAYA, 2002, p. 83).

O coronel acreditava que seu filho seria um Silveira Martins no futuro. Porém isso não aconteceu. Artur morrera por um tiro. Miguelito, filho de Artur, era neto do coronel. Contudo o coronel resolveu bani-lo da estância, pois queria impedir incômodos posteriores e princípios morais que tinha sobre a “gente de semelhante laia” evitava incertezas. O coronel não percebia afeições além da família. Miguelito ensaiou uma explicação e só um vestígio de respeito hierárquico neutralizou-lhe o ímpeto aguerrido. Resolveu sair:

> Miguelito quedou um segundo indeciso, vagamente arrependido da própria conduta, num retorno imediato à realidade brutal. Sentia-se alheio ao torrão, expulso,

---

[177] “Embora a imagem do *gaúcho-paladino* não tenha sido abandonada, sua imponderabilidade cada vez mais palpável, diluiu a figura vigorosa de *monarca das coxilhas*, observador altivo do horizonte da pátria, num traço difuso e intangível, resgatável apenas no delírio de Chico Santos”. (ALMEIDA, 1994, p. 63).

> escorraçado. Amava deveras o pago, denunciou-lho a comoção, e a ideia de sair, gerou-lhe no ânimo uma incerteza de futuro, um pressentimento de males. (MAYA, 2002, p. 88).

Embora a existência houvesse debilitado a imaginação cavaleiresca de Miguelito, tal acontecimento foi incapaz de dissipar o tom lendário das histórias do velho capitão. E eram estas velhas histórias farroupilhas que o mantinham altivo no presente, portanto com o entendimento "farroupilha" de que o passado era melhor que o presente e, também, que o futuro seria melhor se fosse "farroupilha".[178]A ser válida a hipótese de questionamento do presente em *Ruínas vivas*, isso também distinguir-se-ia como uma demonstração de oposição face à degradação socioeconômica presente. E assim, Miguelito "Recordava, meditava [...] cortando o campo em retirada Miguelito volta-se a remirá-la, crescera sob a atração da estância [...] por ali tinham passando, nos intervalos das cargas, os lidadores farroupilhas". (MAYA, 2002, p. 97-98).[179]

Entretanto, terminada as hesitações e o conflito moral em que se agitava, Miguelito foi assentar praça. Era a peleja, a passagem da gauchada nas coxilhas, perspectivas de lances inesquecíveis. A guerra era, para Miguelito, um bom prenúncio e ao "esporear o 'pingo' se arremessava, à disparada, nos campos, imaginando-o destemido lanceiro de Netto ou de Canabarro, em carga sobre pelotões inimigos". (MAYA, 2002, p. 156).

O passado aparece pelas lembranças do avô, dessa maneira surge a Farroupilha no romance e nisso se torna elemento de construção de Miguelito, que se projeta como esperança de um futuro diferente do recorrentemente esperado e que tensiona, assim, a perspectiva determinista do narrador em relação ao futuro. Miguelito pode pelas lembranças do avô a respeito da Farroupilha, matizar o futuro de degeneração à vista.

Em *Ruínas vivas*, Alcides Maya discerniu o naturalismo como a configuração literária adequada ao espírito positivo do tempo. Ainda assim, Maya entrevia vestígios da índole do monarca das coxilhas na alma do povo rio-grandense, confirmando a perspectiva idealista que animara a percepção de seu plano literário no final do século XIX.[180] A pressão social do naturalismo e a vontade pessoal do idealismo se cruzam em *Ruínas vivas*, que levam Miguelito a resgatar velhas aspirações para repensar seu presente:

---

[178] Para Almeida (1994, p. 135), o "que o sustentavam nesse momento de solidão extrema [...] Resguardando a hombridade e a valentia de Miguelito em situações limites, sustentando a expectativa de reversão da situação vigente através da mobilização de forças políticas 'progressistas e liberais'".

[179] Para Ameida (1994, p. 131), a "ocorrência do paisagismo, como paradas descritivas é uma das particularidades do regionalismo literário no Rio Grande do Sul, em moda ao período dos textos precursores de Alcides Maya".

[180] Para Chiappini (1978, p. 52), "Mesmo assim, a idealização do gaúcho persiste, porque, na ruína, buscam-se os resquícios do apogeu; no presente, procuram-se os restos do passado".

> Mas a vida é a vida, e, enquanto uns vivem à farta, outros rebentam de fome, ou se reagem, são perseguidos como "cachorro chimarrões" a tiro e a balas. Por que a distinção? Não conseguia precisar as causas; do passado possuía só, desmentidas pela realidade, as noções que lhe dera Chico Santos; e o presente chocava-o como uma formidável injustiça... Enquanto uns tudo possuem, outros *nada podem* possuir, *ele* nada podia possuir... Nem justificativa, nem solução: a sociedade esmagava-o sob o peso de sua força bruta. (MAYA, 2002, p. 158-159).

Do ponto de vista conceitual, a cosmovisão que decorre do romance seria a do naturalismo em que o meio subtrai as expectativas de mudança social. Por outro lado, no entendimento social, poder-se-ia destacar a crítica de Maya em expor as dificuldades do Rio Grande do Sul e a inépcia do castilhismo-borgismo em entender as dificuldades sociais da Campanha, descritas pelo narrador. O meio, decadência da campanha, sufocando o indivíduo Miguelito.[181] *Ruínas vivas* permitiu uma síntese entre os elementos do gaúcho, originários das situações de vivência na Campanha, e as ideias naturalistas sobre a adaptação do indivíduo ao meio, combinando isso no personagem de Miguelito.

Miguelito servia na guarnição de São Gabriel. Ele aparecera na venda do Aires, este pensou que ele desertara. Miguelito não pode tolerar o quartel, "bom pra a negrada...". Brigou com um superior e fora preso. Mas "gavionara, que não era cativo". Aires procura Miguelito, avisando-lhe da vinda de uma escolta de São Gabriel, guiada pelo Anilho e vinha prendê-lo por desertor. Miguelito mata Anilho com uma adaga. Matara, entretanto, não como se mata nas guerras, como Chico Santos matava. Miguelito cometera um delito.

Miguelito não era mais o mesmo, o mundo não era mais o mesmo. Assim, "uma lucidez tranquila dissipava de uma a uma, como um facho de luz crua, inapagável, todas as ilusões da sua adolescência...". (MAYA, 2002, p. 173). Aquele era o primeiro cadáver e nunca deixaria de ser, na opinião de todos e na sua, um bandido. Miguelito voltara à estância por onde a abandonaria a caminho da fronteira:

> Miguelito contemplou o espetáculo, desperto da cisma perversa que o levava; e o seu último olhar carregado de vingança, cintilante de álcool, foi para a fachada altiva da antiga residência caudilheira. Odiava-a; supunha eterna em sua força e retirou-se ameaçando-a, punhos crispados, sem saber que lá, como em tudo ao redor, como nele próprio, só havia restos, – de velhas crenças, de velhas construções, de velhas raças... (MAYA, 2002, p. 175).[182]

---

[181] Conforme observou Bosi (2012, p. 264), "do naturalismo incorporado a ficção brasileira […] de um lado, a tendência a mostrar a degeneração dos comportamentos causada por disposições herdadas e pressões do meio, e, de outro lado, a atenção centrada em situações propriamente brasileiras".

[182] Para Almeida (1994, p. 136), "o uso da palavra raça no texto alcidiano, além de ser um uso corrente na época, constituía literariamente, na ótica positivista de Taine uma versão aproximada do espírito da nação. Tratava-se de expressões de natureza sociológica questionável, porém adequadas, por seu forte potencial

O passado que transpôs para o romance e que Miguelito vivia se desfez. Logo após a publicação de *Ruínas vivas*, a posição filosófica e política de Maya passou por mudanças, em reavaliação profunda das conexões político-partidárias antecedentes, que resultaram com sua entrada na Câmara Federal, no fim da década, integrando a bancada do PRR.[183]

Alcides Maya, em *Ruínas vivas*, mostrou o processo de desintegração econômico social da campanha na figura do jovem Miguelito. O reverso desse processo é a crítica, em seu tempo, ao projeto castilhista de poder reatualizado em Borges de Medeiros. O passado Farroupilha entra no romance através de Chico Santos como uma forma de o personagem Miguelito ter subsídios para resistir à força indestrutível do meio social, esse naturalizado, que avança para seu destino. As lembranças da Farroupilha, no presente de Miguelito, forçam a mostrar as mudanças que a sociedade sofreu e, também, acabam sendo uma crítica às contradições sociais, econômicas e políticas do período, isto é, como a Farroupilha pode colocar valores que estariam degenerando e seriam importantes para o progresso do Estado.

A partir da geração de 1870, com o naturalismo e o realismo, o veto que do lado teórico viria da historiografia expande-se para as demais ciências, em especial a biologia. A observação da natureza nacional contaria com mais ferramentas para o romancista. Mas, ao mesmo tempo, alarga-se o veto à ficção para além a história. (LIMA, 2007). O romance *Ruínas vivas* é tributário desta experiência estética naturalista. E as descrições tanto das paisagens como de Miguelito reportam a essa estética. Miguelito obedeceria, assim como a vida biológica, as leis da evolução que antecipam o declínio fatal da vida ou da sociedade. Apesar de Miguelito se insurgir contra seu declínio, uma era de decadência espelhava, fatalmente, o seu abatimento físico e moral, que se estenderia ao Rio Grande em geral. A decadência de Miguelito seria parte da dinâmica geral, o que torna o romance dentro dos limites de uma perspectiva finalista.

Portanto, se *Ruínas vivas* não problematiza o veto da ciência e da historiografia a ficção, contudo Maya problematizou o veto, a sua época, referente ao "Estado castilhista" que

---

ideológico mobilizador, a uma conjuntura em que as forças oposicionistas rio-grandenses empenhavam-se em formular um projeto de modernização da estrutura produtiva do Estado".

[183] Para Almeida (1994, p. 102), "Certamente não aleatório, nem oportunista na acepção pragmática que por vezes lhe foi atribuído, seu distanciamento do dogmatismo spenceriano da juventude parece responder, junto a fatores de ordem subjetiva, à conjuntura da nova correlação de forças estabelecidas entre os governos rio-grandense e federal no quadriênio 1910-1914". Um identificador estratégico para fixar a ocasião em que teria acontecido a aproximação entre Alcides Maya e Pinheiro Machado, a autora entende que isso sucedeu em 1913. Por causa disso, sua eleição para a Academia ficou sob suspeita, com denúncias de intermediação política no processo eleitoral de 1913. Entretanto as obras editadas entre 1910 e 1912 avalizaram a Alcides Maya um lugar na literatura brasileira, ratificando em 1913 por sua seleção para a Academia Brasileira de Letras.

levava ao declínio de um tipo, figurado em Miguelito. Haveria um tempo passado que fora o ápice evolucional, centrado no personagem capitão Chico Santos a época da Farroupilha, dos caudilhos célebres que, no progresso da sociedade, foram entrando em decadência pela evolução e, mais especificamente no caso de Miguelito, as espadas foram substituídas pelos doutores. Um tipo de vida que terminou e um outro que se iniciava e para o qual não havia mais espaço, para Miguelito e a seu avô, a não ser a ruína determinada pelo naturalismo.

O tipo de problematização de Maya é semelhante à de Apolinário e foi pela via política. Assim, como os republicanos no final do século XIX criaram um imaginário para se contrapor ao controle monárquico da Farroupilha, no primeiro quartel do século XX a oposição ao PRR (federalistas e dissidentes republicanos) começa a contestar o domínio autoritário que o PRR tem sobre o Estado e usam da Farroupilha como instrumento para isso. Maya dá estocadas pontuais na situação social sul-rio-grandense através de *Ruínas vivas*. A república que, em 1889, era a expectativa de um futuro melhor tornou-se, no Rio Grande, um Estado autoritário controlado por uma chefia unipessoal – ou de Júlio de Castilhos ou por Borges de Medeiros. Em *Ruínas vivas*, a Farroupilha vem lembrar, com o personagem Chico Santos, que o passado mostra as contradições do presente. Para Maya, a Farroupilha seria um repositório de lembranças de um passado de glórias em que se evoluiu para a ruína do futuro. Em *Ruínas vivas*, a Farroupilha é resquícios de um apogeu.

Do outro lado, a historiografia também não ficou sem oferecer a sua compreensão desse período. Como o romance, a escrita da história também expressou a sua avaliação do período através do uso da Farroupilha. Em 16 de setembro de 1864, nascia Alfredo Varella em Jaguarão, cidade fronteiriça com o Uruguai. Varella estabeleceu-se na Capital da Província em 1881 para prosseguir nos seus estudos. Obteve ingresso no Instituto Brasileiro, onde foi aluno de Apolinário Porto Alegre e acabou influenciado por suas ideias republicanas. Finalizado os estudos no Instituto Brasileiro, foi para São Paulo para ingressar na Escola de Direito. Porém, voltou a Porto Alegre, só retornando em 1886 aos estudos em Pernambuco, concluindo o curso de direito em Recife no ano de 1889.[184]

Varella foi empossado Procurador Geral da República no Rio Grande do Sul em 1890, e em seguida Secretário dos Negócios do Interior e Exterior em 1891. Converteu-se em um dos personagens centrais da República no Estado, devotado partidário de Júlio de Castilhos. Também nessa época alcançou a chefia do jornal *A Federação*. Varella foi membro influente

---

[184] Para informações biográficas sobre Alfredo Varella, ver Silva (2010). Sobre o contexto historiográfico de Varella, ver Diehl (1998), capítulo “Aspectos da historiografia positivista no exemplo da história do Rio Grande do Sul”.

dos republicanos da velha guarda no Estado, em meio dos quais se encontraram no começo do PRR. Além disso, Varella participou da guerra civil federalista. Foi deputado de 1900 a 1906. Entretanto, em seguida ao término do seu mandato, afastar-se-ia da militância direta na política. Em 1907, com a dissensão representada pela candidatura de Fernando Abbott originando transformações nos quadros políticos republicanos, Varella ficou ao lado da dissidência, discordando da direção que o castilhismo assumiu. Após esses acontecimentos, seguiu atividade na diplomacia. Foi cônsul na Espanha (1909), no Japão (1910), em Portugal (1913) e na Itália (1914). Depois dessa temporada, voltou ao Brasil no princípio de 1920.

A profissão de diplomata permitiu-o examinar arquivos desconhecidos sobre o Estado natal, obtendo, dessa forma, uma considerável coletânea de fontes. Os arquivos examinados na Península Ibérica permitiram a Varella delimitar

> uma relativa distância do que vinha sendo realizado entre a plêiade de historiadores regionais. Documentos sobre o desenvolvimento de líderes farroupilhas com as nascentes repúblicas do Prata iriam endossar uma de suas mais polêmicas teses, a respeito da influência platina não apenas na formação do gentio rio-grandense, mas também na própria gênese e desenvolvimento da Revolução Farroupilha. (SILVA, 2010, p. 26).

Varella estreou com seu primeiro livro chamado *A constituição rio-grandense* de 1896. Contudo, somente em 1914 começa a escrever a história da Farroupilha e publica seus principais livros. O primeiro deles é *Revoluções Cisplatinas* de 1915.[185] Em 1920, Varella foi membro e sociofundador do IHGRGS. Também é patrono de uma das cadeiras da Academia Rio-Grandense de Letras.

O surgimento de *Revoluções Cisplatinas* integra-se na consolidação da hegemonia borgista.[186] Esse pode ser um dos motivos pelo qual Varella foi mais contundente que Maya em relação ao borgismo, pois haveria uma maior pressão institucional e política sobre os adversários e a verve dura de Varella contra o autoritarismo foi um sintoma disso. Após o falecimento de Castilhos, em 1903, as lutas políticas dentro PRR polarizaram-se na defesa de duas formas de regime republicano: o regime ditatorial e autoritário, representado por Borges, e o regime liberal, defendido pela dissidência do PRR e pelos federalistas. Os dissidentes

---

[185] Para Oliveira (2005, p. 378-379), "*Revoluções Cisplatinas*, editadas pela livraria portuguesa Chardron, pode ser considerada uma obra intermediaria na obra vareliana. Precedia pelos escritos do fim do século XIX e dezoito anos antes de sua obra magna *História da Grande Revolução*, *Revoluções Cisplatinas* tem como foco o movimento farroupilha e o advento da República Rio-Grandense, articulados aos acontecimentos platinos".

[186] Para Axt (2007), o período da hegemonia borgiana vai de 1913 a 1920 e é a época de maior poder de Borges de Medeiros.

abraçaram uma defesa dos ideais democráticos e liberais e reprovariam a autocracia partidária e a onipresença do Executivo estadual em todos os temas políticos e governamentais.

Como nas outras obras analisadas, também em *Revoluções Cisplatinas* o presente infiltrou-se na escrita. Política e epistemologia interpenetram-se. Filosofia liberal e antiborgismo são marcas que aparecem de esgueio na Farroupilha de Varella.

A filosofia liberal da história fornece uma forma de entender o passado com um sujeito histórico, o "caudilho liberal" (VARELLA, 1915, v. 1, p. 247)[187] que promove a liberdade da Província e que tem sua contraface presente na luta contra o autoritarismo borgista. Isto é, os farroupilhas lutavam contra um Estado Imperial opressivo e usavam o liberalismo como filosofia política e, igualmente, Varella lutava contra o Estado autoritário borgista, também usando da filosofia liberal dos farrapos de outrora. Para o autor, "Com o eterno engano, fatalíssimo aos povos, de que o governo deve ser a providência zeladora e protetora de tudo, quando seu papel na economia pública é sempre de funesta perturbação, até mesmo quando parece favorecê-la ou transitoriamente a favorece". (VARELLA, 1915, v. 1, p. 54).

Para Varella, entregues a si mesmos na anarquia do pampa, longe do absolutismo, os povoadores da capitania atingiram a condição de dignidade pessoal. Épocas de tropelias, encaminhadores do "apaixonado liberalismo", de que deu prova a alma popular. Chega a citar Darwin[188] para provar que esse extremo liberalismo, que veio a desenvolver-se na Província, acabaria por produzir efeitos: a autonomia, por igual, desata a vontade e a inteligência. Segundo Varella, o campo das razões de um religioso, de um servo, de um súdito resignado com o despotismo, abrange um campo restrito. No sujeito entregue a si mesmo em vez de involução, há evolução, em vez de amesquinhamento, há pujança e desenvolvimento normal:

> De onde se vai a iniciativa, foge célere o progresso. E a iniciativa é o indício por excelência, como é o fruto, da vida solta, que aviva a inteligência, para que indique os meios de vencer os obstáculos e garantir utilidades […] Só do esforço próprio dos recém vindos ficou a depender o bem-estar de cada um. (VARELLA, 1915, v. 1, p. 101).[189]

---

187 Assim se refere a Bento Gonçalves.

188 Cita no v. 1 p. 100.

189 Interessante analogia liberal + liberdade: "as esperanças dos reformadores […] de completar a autonomia e repõe o país na trilha cuja diretriz marcavam seguros pontos de referência: primeiro 1789, adiante, 1817, por fim 1824". (VARELLA, 1915, v. 1, p. 248). Varella coloca as revoluções liberais em sequência para demonstrar a evolução liberal do mundo, uma análise dualista entre os que impedem a evolução do liberalismo e os que são os revolucionários liberais. A história tem um fim, a liberdade liberal, e um sujeito, o sujeito liberal, que no Rio Grande do Sul é o caudilho liberal: "Não há no que digo sombra de favor com que um liberal moderno pretenda amparar os de sua bandeira, que foram reprimidos, no período da regência". (VARELLA, 1915, v. 1, p. 196).

Faz da filosofia liberal o ponto de sua crítica ao borgismo e, igualmente, a filosofia da história implícita em sua obra. Para Varella (1915, v. 1, p. 91), o despotismo colonial, se comparado à "inquisição positivista, é um esplendor de liberdade".[190] Usou sua crítica ao passado sul-rio-grandense para censurar fatos políticos do presente, aderindo aos críticos do autoritarismo de Borges de Medeiros. As alusões à exclusão política dos liberais,[191] à opressão do governo borgista,[192] à admoestação ao sistema educacional[193] e ao suborno eleitoral presentes no livro assinalam para o perfilamento de Varella com o discurso liberal arquitetado por federalistas, democratas e dissidentes republicanos estabelecidos em torno de Assis Brasil. Não obstante de reconhecer e criticar a ditadura científica, em *Revoluções Cisplatinas*, Varella se confessa seguidor da filosofia comtiana e da justificação do método científico, inspirado nas ciências da natureza, na construção da verdade historiográfica.[194] Porém não pode deixar de fazer a autocrítica:

---

[190] Crítica a Castilhos e Borges: "Sucessos, ainda pouco vulgarizados e expostos em outro volume, demonstrarão, que o autor está longe de manifestar um parecer utópico, mutatis mutanti, o Dr. Braga podia ter feito em seu tempo, o que em o nosso propus a Júlio de Castilhos: propus, diante do Dr. Borges de Medeiros, que saísse da inação e a frente de seus compatrícios, unidos todos em volta da bandeira regeneradora, impusesse ao governo federal uma política sinceramente republicana e reformista dos abusos, sob pena de alçar-se em armas com o Rio Grande do Sul. Numa ou noutra hipótese, seria de efeito decisivo o lance, porque em 1835, como em fins de 1901, o poder público central não conseguiria resistir a semelhante eventualidade, manejada com talento a força incontrastável de heroica, prestigiosa terra, hoje sem peso algum na coletividade brasileira e reduzida a miséria". (VARELLA, 1915, v. 1, p. 509-510).

[191] Crítica ao borgismo: "Hoje tudo é o contrário: a emigração é grande e cada vez maior. Certo está longe de merecer o mínimo reparo a saída da gente, em virtude das novas condições da existência moderna. O que impressiona é a que expatria espontaneamente, ou para fugir ao doloroso espetáculo de aviltante despotismo ou para a procura em terra estranha, das garantias, que existem no sul apenas como uma dádiva dos mandões, e isto com tamanho escândalo, que a folha oficial da ditadura positivista, apregoava ainda há pouco os méritos da tolerância com que consentia no surto de uma candidatura federalista, sendo este, pois, não o fruto das urnas livres e sim um favor liberalizado pela prepotência! Aliás, não é este o mais grave aspecto do problema local, porquanto os próprios direitos civis mais elementares vivem como viviam no tempo do absolutismo, isto é, sempre que não se torna possível uma dispensa na lei, em favor dos apaniguados do governo, com ou sem detrimento dos que não comunguem na missa oficial. Para estes, aliás, o meio único de fugir a uma azeda má vontade, senão a negro zelo farisaico, é a stricta observância da teoria que um antigo esculpiu em famoso símbolo de Nikko: o dos três símios, preceituando NÃO VER, NÃO OUVIR, NÃO FALAR, e que resume *a sciencia do bem viver*, hoje, na terra dos livres 'farrapos'. Eis um conjunto de males que só agora se esta desvendando ao país inteiro e o que deu lugar à recente crítica na imprensa da capital federal, onde uma folha, que nada tem de partidária, disse que para seus próprios filhos, o Rio Grande se havia tornado 'uma terra de maldição!'". (VARELLA, 1915, v. 1, p. 85-86).

[192] "O outro ainda é o caso mais significativo: o avô paterno de Pedro Moacyr, o grande tribuno, que mantem erguido em nosso parlamento dos retrógrados de hoje, miserandas sobrevivências de um tempo que julgaremos para sempre sepulto e mortífera congregação de infernais purificadores, cuja a passagem no poder, na antiga terra liberal, não só profana as tradições do passado, como requeima as fecundas sementes do porvir". (VARELLA, 1915, v. 1, p. 496).

[193] "[…] a ditadura local gaba-se de empregar um quinto de sua renda com as despesas da instrução pública, ocultando o que existe debaixo desse aparente amor a cultura: a maior parte da quota se desvia em clandestinas torrentes de peita ao suborno eleitoral". (VARELLA, 1915, v. 1, p. 63). Crítica a Borges: "Consta existir inédito um formidável e brilhante libelo do provecto educacionista Ulysses Cabral, que põe em menores a obra raquítica dos responsáveis pela decadência da instrução pública, na capitania do moderno governo absoluto, instituído por obra e graça de Augusto Comte". (VARELLA, 1915, v. 1, p. 63).

[194] Outra questão a ser avaliada nesse período da cultura historiográfica sul-rio-grandense é sobre as conexões com a filosofia comtiana. Mais que um modismo predominante, o comtismo estabilizou-se no Estado,

> Avesso hoje em absoluto à funesta doutrina positivista, que tanto contribuiu para restabelecer, depois da revolução de 1889, o absolutismo, que a 1835 combatia; não bani do meu espírito tudo o que seu grande autor em boa hora coordenou do vasto saber humano, imprimindo-lhe o cunho de um extraordinário gênio. (VARELLA, 1915, v. 2, p. 644).

No Rio Grande, os habitantes apreciavam os admiráveis resultados do empenho emancipador e sentiam naturais atrações pelo liberalismo do Prata. O exemplo da Cisplatina era mais estímulo do que arrefecimento nas tendências generalizadas pelo sistema republicano e pela autonomia. Para os sul-rio-grandenses o preferível não era a agência inacabada de 1822 e sim a extermínio do domínio colonial, realizada no Rio do Prata. Porém, no presente, "o absolutismo, que continuava sob aparências constitucionais (tal qual hoje!)". (VARELLA, 1915, v. 1, p. 513). E para Varella (1915, v. 1, p. 932)

> Mirem-se neste espelho de boa doutrina os que negam "princípios" aos modestos farroupilhas; e também os devotos da autocracia, que em nome de uma tradição vilipendiada e traída, se assenhoreou da honrada terra que aqueles a muito custo ilustraram. Mirem-se neste espelho de verdadeiro regime republicano, os pecos e espertos historiógrafos, que viciaram as nossas mais lidimas, mais luminosas crônicas; e também os que hão envenenado um povo ingênuo e sincero, infundindo-lhes apegos ou transigentes acomodações com um cesarismo mal disfarçado. Mirem-se uns e outros neste espelho de segura ciência, em que, há quase três quartos de século, os nossos *ignorantes* antepassados deixavam lucilar entre as esperanças do Rio Grande, não só as promessas correntes da democracia, como os iniludíveis reflexos de um ideal superior: os de integralíssima e radicalíssima reconstituição da sociedade, por via de um complexo de reformas, que ergam as massas inferiores, materialmente, intelectualmente e sobretudo moralmente: que as elevem, em resumo, do cativeiro de áreas antigas e modernas, ao digno convívio no banquete em comum, da presente civilização, – em que nos referimos a hilotas e pariahs, como reminiscência histórica, ombreamos com eles, por todo o ocidente, mudado apenas em parte o gênero da vetusta opressão. Mirem-se neste espelho de verdade inconfundível, os que mentiram ontem e os que mentem hoje, aqueles torcendo as melhores recordações do passado e estes deturpando um modelo imortal, em escandalosa contrafacção: tirania política e econômica, em vez de fraternidade sob égide do bem público, – inferno, com um Cérbero trifauce a beira da entrada, a que a condescendência ou cumplicidade de fáceis ou cobiçosos doutores constitucionais empresta o titulo de benemérita, pura, humana, liberalíssima, instituição dos "farrapos".

---

extravasando os próprios limites do PRR, sendo modelo para o debate público. A alusão ao positivismo "difuso" indica que o comtismo foi coligado a outras fluxos de filosofias cientificistas do século XIX, tais como o darwinismo, o spencerismo e o evolucionismo."No caso específico de Alcides Lima, Assis Brasil e Alfredo Varella, observa-se que, num primeiro momento, a adoção do positivismo político acompanhou a trajetória de fundação e de consolidação do projeto republicano sul-rio-grandense, que buscou, no comtismo, os elementos que justificassem suas propostas partidárias. Contudo, o rompimento dos intelectuais do PRR com o positivismo político não implicou o abandonou absoluto dos pressupostos filosóficos defendidos por Comte. Alfredo Varella, embora viesse a romper com o comtismo em seus aspectos políticos, continuava apoiando-se nas concepções fundamentais do positivismo e seu método de investigação". (OLIVEIRA, 2005, p. 378).

Junto com Assis Brasil, Varella justificou o começo do regime republicano e o imperativo de ligações federativas entre as províncias, ressaltando as especificidades do Rio Grande do Sul, determinando seus fatores singularizadores em correlação às demais regiões do Brasil, como a geografia, o processo de colonização e a formação político-econômica. Na definição dessas peculiaridades, a Farroupilha nascia, então, como um tópico distinto, narrada como um episódio simbólico do passado sul-rio-grandense.

Para Varella, abolido o partido que combatia a ditadura borgista, primeiro se dissimula e, em seguida, se desfralda o arbítrio, elevando-se aos poucos e, ao fim, a usurpação todos os poderes. Varella usa do liberalismo farroupilha para realizá-los, no presente, para si, e “Se me pronuncio em estilo indignado contra o monarca, primeiro, é por que não posso vencer, hoje, a minha indomável aversão aos brutais processos da tirania, tenha ela coroa ou gorro frígio; segundo, porque isto me impõe o método que foi adotado”. (VARELLA, 1915, v. 2, p. 998).

Varella é o historiador da obra mais extensa e intensa sobre a Farroupilha. Inicia a *Revoluções Cisplatinas* com um preâmbulo que demonstra o seu entendimento sobre o começo histórico da Farroupilha. Varella entende a Farroupilha, como um conflito de um povo livre em busca da sua liberdade. Escreve que, durante a colonização portuguesa, a província sulina era como a Gália para os romanos: um Estado de fronteira permanentemente em guerra, um grande acampamento bélico. O que floresceu entre combates e acampamentos foi “um milagre das forças econômicas, impondo-se preponderantes a quaisquer outras”. (VARELLA, 1915, v. 1, p. 2). Igualmente contra as hesitações de outras províncias contra a insuficiência constitucional, “resolutamente e abnegadamente se lança à frente de todas […] alinha-se na vanguarda do movimento reivindicador liberal”. (VARELLA, 1915, v. 1, p. 3). O autor conclui, então, que da posição de progresso social do Rio Grande nasce o “nosso” amor pela liberdade e a oposição que o Brasil em “nós” tem encontrado para “nos” imprimir ideias retrógradas. Assim,

> O que melhores luzes tornavam de evidencia na fronteira do mesmo com o Rio da Prata, isto é, que “o resultado do progresso social” o que nos impeliu no dia 20 de setembro de 1835, a romper um silêncio vergonhoso, e a fazermos sentir ao governo do Brasil, que se não cansa impunemente a paciência de um povo livre: foi o resultado do nosso progresso social que levou os nossos patrícios a correrem armados […] a liberdade, e a Pátria. (VARELLA, 1915, v. 1, p. 5).[195]

[195] Assim se justificaria o “magno evento” que só teria semelhantes da defesa do norte contra os batavos e nas expedições bandeirantes, pois os gaúchos seriam os continuadores, tanto no gênio cavalheiresco quanto no impetuoso “ciúme nativista”.

Outro ponto importante do preâmbulo são as considerações que fez sobre teoria da história. Varella estava atualizado em relação às filosofias da história e das ciências europeias. Com certeza, na história da historiografia sobre a Farroupilha, nenhum outro historiador demonstrou tanto manejo e conhecimento do instrumental teórico do historiador à sua época. Mas não nos esqueçamos de que à epoca de Varella a historiografia ainda estava se disciplinarizando e, em particular, não estava profissionalizada no Brasil. Era importante teoricamente para sua compreensão da revolução "um método fecundo" que ainda não havia logrado a confiança que é credor, pois

> Banindo em absoluto aquele para o qual os fenômenos da categoria dos que me ocupam, constituem um produto do arbítrio humano, nunca admiti o que interpreta como efeito de um cego determinismo, todos os atos e fatos de predicamento individual ou social. A verdade científica figura-me encontrável em um meio termo, quero dizer, no processo positivo de investigação, que se apoia em sólidos fundamentos científicos, genialmente resumidos em profundo conceito filosófico: – As modificações quaisquer da ordem universal se limitam à intensidade dos fenômenos, cujo arranjo permanece inalterável. Concepção é esta que concilia o que há de legítimo, nas que foram mencionadas acima, por quanto erra a escola, que submete *in totum* aos caprichos da vontade individual, os referidos fenômenos, como erra a outra escola, competidor da primeira, no reduzi-los *in totum* a uma expressão de leis superiores e reguladoras do mundo orgânico e inorgânico. A elas se acham subordinados, mas indesconhecível é, no estado atual dos nossos conhecimentos, que as leis naturais, se são imutáveis, também são modificáveis, o que nos permite uma certa interferência reformadora, como dilucida espontâneas reações, – circunstâncias que mudam em grau, a marcha das cousas, retrotraindo-as, paralisando-as ou acelerando-as, dentro de limites de variação próprios a cada departamento da natureza, – variação que tem o máximo de amplitude na órbita que nos é própria, na órbita humana. (VARELLA, 1915, v. 1, p. 6).

Varella exibiu os passos da sua pesquisa e os passos da sua escrita, o que de certa forma já é uma estrutura do entendimento da sua narrativa:

> [...] antes de proceder ao exame e desenho dos sucessos que se prendem ao memorando e memorável dia 20 de setembro, tratarei de pesar com justa medida, primeiro, os modificadores de ação espontânea, quer o meio físico e econômico, quer o meio social, interior e exterior, que agiram sobre a população do Pampa brasileira, predispondo-a a inovações do sistema político vigente; depois, os modificadores de ação sistemática, internos e externos; em último ponto, a soma de causas determinantes da ruptura da paz pública, ocasionando a explosão revolucionária. (VARELLA, 1915, v. 1, p. 7).[196]

Varella começou escrevendo sobre a geofísica do continente, isso é, faz uma descrição da natureza que formou o rio-grandense e que moldara a futura revolução. Segregada da

[196] Lógica da explicação: 1) causas predisponentes: a) modificadores da ação espontânea: meio físico e econômico + meio social (interior e exterior), b) modificadores de ação sistemática (interno e externos); 2) causas determinantes; 3) relato do grande movimento.

América lusitana a sua porção mais austral, pelos estorvos naturais, a vasta parede separatória não se ergue apenas como uma dificuldade a superar: expressa uma linha de profunda distinção entre o Brasil propriamente dito e as regiões platinas: "está no Rio Grande, porque é nele que finda a natureza brasileira e começa a estranha". (VARELLA, 1915, v. 1, p. 10). E, para o autor, isso é uma verdade, sob o aspecto topográfico, geológico, botânico e zoológico. O Rio Grande do Sul constituiria, para o narrador, um todo geográfico distinto, quase uma ilha. O clima também é diferente, mais frio. O quadro meteorológico é outro "mui vizinha da casa que rege a atmosfera, no vale do Prata". (VARELLA, 1915, v. 1, p. 26). Varella (1915, v. 1, p. 30) define o Estado:

> A transição, deve dizer-se, é maior ainda que parece. Fisicamente é aqui o extremo do Brasil, e entramos no Estado oriental. Plantas e animais, paisagens, a própria vida, indústrias e comércio do Brasil ficam para trás. Politicamente, o Império vai algumas centenas de quilômetros adiante: socialmente, todo o resto da província gravita para as Repúblicas platinas.

Após as condições geofísicas da região, passa a narrar o povoamento. Os primeiros povoadores foram os portugueses de Laguna, originários de São Vicente. Para o historiador de Jaguarão, é importante tal averiguação da população, pois "quer apurar quais os componentes biológicos que a metrópole introduziu aí, modificações que acaso sofreram a influxo do meio, tipo que resultou, e sua influência no desdobramento do fenômeno político em estudo". (VARELLA, 1915, v. 1, p. 42). Enfim,

> Tal vazou-se, em meio incomparável, a população enérgica do Continente: o bronze rigíssimo do português de lei, com acréscimo de matéria estranha que o aprimorou e laivos de outra que não no degradaram, como ainda com tênues vestígios de raças mais coloridas, reforçantes da beleza e vigor ou aumentativos dos atributos morais do exemplar humano primitivo. (VARELLA, 1915, v. 1, p. 64).

Para entender os eventos que resultaram no 20 de setembro, Varella considerou primeiramente a evolução preparatória ou as causas predisponentes das circunstâncias que operaram na população e no território rio-grandense, isto é, o meio geofísico. Continua narrando a soma de causas determinantes do rompimento e a definição dos sintomáticos abalos que resultaram no estouro revolucionário.

Distinguindo as particularidades rio-grandenses, o autor sustenta-se nos relatos de naturalistas estrangeiros e nos aspectos climáticos da região. Portanto, Varella corrobora dois aspectos que delimitam essa particularidade: a) a condição de passagem do espaço rio-

grandense que constituiria um ambiente de alteração entre o Brasil e o Prata; e b) a dualidade de seu meio geofísico dividindo com o Brasil e o Prata semelhanças na paisagem.

Esboçando a linhagem dos habitantes rio-grandenses, Varella acredita que o subsídio açoriano constituiria o traço fundamental na formação étnica do Rio-Grande, cunhando um rastro indelével, sendo o Rio Grande um resultado da civilização lusa. Em seguida, existiu a influência espanhola. O influxo indígena é considerado limitado, bem como ao africano, que, por causa da indústria e do contrabando, pouco colaboraram para o tipo rio-grandense.

Nas causas predisponentes para apresentar as ligações entre o Rio Grande e o Império, Varella usa uma lei geral da física em que a unidade de um sistema tende a romper-se na medida em que as suas partes não operem mutações comuns. Na conjuntura de convulsão regencial, para Varella, a tendência separatista atua como uma disposição generalizada no espírito popular sul-rio-grandense.[197]

Existiria um provincialismo atribuído ao rio-grandense que, desde a colaboração dos sul-rio-grandenses no movimento de maio de 1810 e nos conflitos dos orientais, a partir da propaganda revolucionária que ignorava fronteiras, ratificava o atrelamento do Estado com os fatos políticos do Prata. Para Varella, derivava em depauperamento do passado farroupilha recusar a ligação com o Prata. As ideias separatistas e republicanas teriam vindo para a Capital da Província pela fronteira. O provincialismo seria resultante do afastamento em relação à Corte e da proximidade política, cultural e geográfica com a região do Prata.

Os primeiros abalos do fato revoltoso foram observados em 1829 depois da perda da Cisplatina pelo Império, momento em que principia uma intriga na fronteira sul-rio-grandense, alusivo às conspirações do padre José Caldas, do caudilho Juan Lavalleja e do líder da fronteira Bento Gonçalves.

A simultaneidade entre os eventos do Prata e os do Rio Grande é a hipótese do historiador de Jaguarão para explicar o movimento de 1835. Varella entendeu que a Farroupilha nada mais seria que um espelho das Revoluções Cisplatinas em sua ascendência e processo, tendo procedência no Prata, porém em serventia de todos os liberais brasileiros. Os pressupostos de *Revoluções Cisplatinas*, por um lado, acarretaram a explicação determinista e teleológica do Rio Grande do Sul, e, por outro lado, posicionou a Farroupilha em um contexto mais complexo, não só em seu vínculo com o Império português como também com o Prata.

---

[197] "No vasto organismo combalido, tudo consente, tudo conspira, tudo concorre, para a quebra da unidade nacional e ruptura dos elos que prendiam o Rio Grande, a um sistema cujas translações haviam deixado de ser exatamente comuns, conforme pudera prever quem estudasse os fatos a luz da lição genial de Galileu". (VARELLA, 1915, v. 1, p. 217). Empregando termos das ciências da natureza, Varella crê que ambas as ciências compartilham a mesma epistemologia.

A escolha de Varella por abordar o passado do sul-rio-grandense numa perspectiva mais dilatada que sua origem portuguesa se converteu num aporte novo em relação ao imaginário imperial que entendia a origem platina da Farroupilha como algo danoso à identidade nacional, ao contrário do que entende Varella, em que a ideia positiva de liberdade vem do Prata.[198] Enfim, para ele, a "Revolução de 1835"

> nada mais foi que um reflexo das revoluções cisplatinas, – a nossa, de 1835 a 1845 – em sua origem e desenvolvimento até o segundo semestre de 1837, apoiando-se daí em diante no Rio da Prata, mas buscando conseguir a vitória também com os liberais do Brasil, e, se possível, em proveito de todo o Brasil. (VARELLA, 1915, v. 1, p. 522).

Para Varella, a Revolução de 1835 foi uma alteração no interior de um sistema no qual a ação mecânica de relação entre as partes e o todo parou de funcionar em sintonia. Também para o historiador, distinções geofísicas assumiriam um caráter decisivo na explicação da Farroupilha. Além disso, a característica do Rio Grande do Sul de ser linha limítrofe, entre o Império do Brasil, a Confederação Argentina e a Banda Oriental, isto é, ser fronteira, surge como uma razão para a compreensão da revolução de 1835 e só se faz plausível como

[198] Alfredo Ferreira Rodrigues, contemporâneo de Varella, também escreveu sobre a Farroupilha em seu *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul* que publicou de 1889 até 1917. Se Varella acreditava que a Farroupilha seria uma continuação das revoluções Cisplatinas, para Rodrigues a Farroupilha era uma continuação das revoluções nativistas afirmadoras do espírito nacional. Por isso, pensava Rodrigues (1990, p. 164), "A revolução, a par das ideias liberais que a impulsionaram, foi também um movimento de nativismo, de jacobinismo, como diriam hoje, taxem-no, embora exagerado, mas, em todo caso, justificado. É talvez em nossa história política o exemplo mais eloquente de quanto é capaz o espírito nacional". Para Rodrigues (1990, p. 166), "a revolução teve dois fatores gerais: o ódio contra os portugueses e a revolta contra o governo, que arrastaram a massa da população; e dois fatores parciais: a agitação republicana dos carbonários, que influiu no ânimo de alguns chefes e afinal converteu-se em realidade, preponderando, apressando e dirigindo o movimento; e o descontentamento de chefes militares, que deram direção e unidade ao movimento". Resumindo, o mais importante foi a) a necessidade de reagir contra o elemento português; b) a revolução, a par das ideias liberais, foi um movimento de nativismo, de jacobinismo; c) a política injusta dos governos do império com o Rio Grande, exigindo pesados sacrifícios, empobrecendo-lhes o tesouro e arruinando as suas industrias; d) as ideias de separação e república, através de liberais exaltados e emissários de Rosas, haviam feito, também, muitos prosélitos; e) centro de ação, pois, se a explosão ainda não se dera é que faltava um centro irradiador. E foi o próprio governo quem se encarregou de dar à revolução o fermento que lhe faltava para irromper: os coronéis Bento Gonçalves e Bento Manoel foram perseguidos pelo governo. Fora a interpretação diferenciada sobre a Farroupilha, ambos propiciaram o debate mais instigante sobre o conflito sulino: Porongos. Em seu livro de 1897 *Rio Grande do Sul: descrição física, histórica e econômica*, Varella acusa Canabarro de traição em Porongos, isto é, tendo combinado com Caxias o massacre dos negros do exército farroupilha. Rodrigues em 1899 em seu almanaque escreve o artigo "A pacificação do Rio Grande – David Canabarro e a *Surpresa de Porongos*", em que defende que o que houve em Porongos foi uma surpresa militar e que Varella não teria provas da traição de Canabarro. No mesmo ano, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, Varella publica um documento em que Caxias, em ofício a Francisco Pedro de Abreu, ordena o ataque ao exército farroupilha e que tudo já estaria combinado com Canabarro. Rodrigues, em 1901, em novo artigo "David Canabarro e a *Surpresa de Porongos*" afirma que o documento em que se baseia Varella é falso. Além dessa contenda intelectual sobre Porongos, encontra-se em muitos artigos de Rodrigues no *Almanaque* e em várias passagens da *Revolução Cisplatina*, de Varella, críticas ácidas entre ambos. Ao contrário de Varella, faltam pesquisas de maior fôlego sobre Alfredo Rodrigues.

elemento de um encadeamento de sucessos mais extensos, as Revoluções Cisplatinas, o que sugere uma inclusão do passado do Rio Grande na conjuntura dos eventos da região do Prata.

Apesar de mais refinada, a explicação de Varella se assemelha à de Assis Brasil. Isto é, há um meio cósmico ou geofísico que é a base da explicação. Descobre-se como funciona tal base, que seria estrutural na explicação do passado e em que se pode deduzir o que aconteceu na ação humana passada. Varella se tornou mais refinado, pois acabou produzindo uma obra mais madura sobre a Farroupilha. Mas a lógica da explicação é a mesma. Enquanto para Assis Brasil é o federalismo a pedra angular da explicação, para Varella é o liberalismo platino. E um dos modos de perceber essa diferença é o momento político da escrita de cada obra. Enquanto Assis Brasil escrevia no Brasil imperial em sua luta contra o imaginário da monarquia centralista, Varella, mais de trinta anos depois, lutava contra o imaginário castilhista-borgista. Para Assis Brasil, a Farroupilha queria uma República Federalista brasileira enquanto para Alfredo Varella a Farroupilha queria uma República Rio-Grandense.

Na luta pelo reconhecimento do imaginário, a Farroupilha foi criada por Varella como a representação de um estado de liberdade para enfrentar o que considerava o autoritarismo borgista. Usou da epistemologia cientificista de sua época, apoiando-se em Taine, Spencer e Comte, entre outros. Entretanto, a base política da sua compreensão do passado era o liberalismo. Estas foram suas armas conceituais para criar uma outra Farroupilha, numa luta por reconhecimento de um imaginário liberal para o conflito sulino de 1835.[199]

Na década de 1920, cinco anos após o lançamento de *Revoluções Cisplatinas*, um novo imaginário vai surgir. Na década de 1920, inaugura-se um novo discurso na historiografia e na literatura que insistia na origem lusitana e no sentimento de brasilidade de seus habitantes. Varella e Maya passam a ser questionados pela nova geração de intelectuais ligados à livraria do Globo e ao IHGRGS. Para esse novo grupo de letrados e políticos, não interessava mais, para a conquista do poder nacional, um gaúcho em ruínas ou um Rio Grande do Sul platino. Necessitavam antes de um gaúcho altivo e um Rio Grande do Sul brasileiro. E no centenário de comemoração da Farroupilha, esse imaginário encontrara seu apogeu.

CAP. 5 O centenário da Farroupilha: a comemoração

Recapitulando o tratamento dado à Farroupilha, Rodrigues (2013) entendeu que o IHGPSP não propôs fazer ou divulgar nenhuma atividade sobre a Farroupilha, conquanto

[199] Varella sempre foi criticado por seu estilo gongórico e empolado de escrever. Guilhermino (2006, p. 383) resume bem o espírito dos críticos a Varella: "Queiramos ou não, é preciso suportá-lo".

certo número de seus componentes o efetuasse de fora à instituição, sobretudo na esfera político-partidária. A autora observou que, no IHGB, a autoridade de Tristão Araripe sobre a Farroupilha estender-se-ia para depois de sua morte, ocorrida em 1908, pois, até 1921, não se observou ninguém que contradissesse a sua explicação mesmo após o surgimento de uma nova memória brasileira após a proclamação da República. Esse novo período de silêncio no IHGB terminaria no começo da década de 1920, na ocasião em que a Farroupilha se converteria em elemento de comemorações e discussões até a década de 1930. Assim,

> Se, no espaço das elaborações textuais mais eruditas e cientificamente legitimadas dos artigos da revista, a Guerra dos Farrapos não se fazia presente, era no âmbito das comemorações, das conferencias publicadas nas atas do IHGB, que ela emergia como temática importante da memória nacional. (RODRIGUES, 2013, p. 169).

Foi Souza Docca quem começou a intervenção mais intensa de reabilitação da Farroupilha na memória histórica nacional. Entretanto,

> O que chama atenção no caso do centenário farroupilha é que as comemorações começaram três anos antes, já em 1932, ano emblemático para as disputas simbólicas em torno do governo Vargas, e aconteceram nos dias 20 de setembro daquele e dos próximos anos, até 1935. (RODRIGUES, 2013, p. 176-177).

A comemoração atenderia a necessidade de afirmação de uma nova lógica entre as memórias regional e nacional que se estabeleciam como republicanas desde o fim do século XIX. A partir 1930, a rearticulação da Farroupilha com a memória nacional exigia "mais do que no contexto das reivindicações federalistas do século XIX, a sua inserção na tradição republicana nacional". (RODRIGUES, 2013, p. 178). Enfim,

> O movimento, que manteve durante dez anos uma guerra contra o Império, tornava-se não somente digno e glorioso, mas também patriótico e indispensável à integridade da nação! Após uma verdadeira operação de glorificação, nos anos precedentes, em relação as individualidades farroupilhas […] o próprio *caráter* do evento sofria uma releitura. A continuidade entre os ideais republicanos de 1835 e os de 1889 e o caráter brasileiro do movimento são explicitamente estabelecidos. (RODRIGUES, 2013, p. 179).

A consequência foi (GUTFREIND, 1992, p. 180) a conexão da Farroupilha à memória histórica nacional como um movimento revolucionário, republicano, federalista, brasileiro e patriótico. A memória da Farroupilha era disputada em distintas versões, não apenas na esfera do IHGRGS, mas também nos jornais e nas comissões oficiais organizados para as

comemorações do centenário, sobressaindo-se a tese do abrasileiramento da farroupilha. Desse modo,

> Em 1935, o centenário da Farroupilha foi comemorado com grandes eventos: exposições industriais, publicações, edificações de parques urbanos, temporadas líricas, estreias de peças teatrais e reapresentações de uma ópera sobre o drama dos farrapos. Um esforço do Governador, General José Antônio Flores da Cunha, para fazer conciliar a tradição campeira e regionalista com a modernidade urbana e industrial. (AXT, 2009, p. 37).

O processo de conversão da Farroupilha, nas vésperas de seu centenário, simultaneamente em objeto cívico nacional e objeto historiográfico, provocava reações apaixonadas por parte dos intelectuais. Entretanto, uma vez respeitados os procedimentos científicos legitimados pelas instituições, os textos dos historiadores logo se prestavam ao uso político, como se pode verificar na continuidade das conferências comemorativas do centenário farroupilha.[200]

Os livros de Apolinário Porto Alegre, Assis Brasil, Varella e Maya[201] reconfiguraram, cada um a sua maneira, as conexões da Província com o centro. Enfatizando a particularidade

---

[200] No período do centenário da Farroupilha, houve uma demanda editorial sobre o tema, capitaneada pela editora O Globo. A demanda foi tanto em historiografia como em literatura. Callege, em sua introdução ao *Revolução dos Farrapos*, assim escreve "Tão somente, o desejo de contribuir para o centenário dos farrapos com uma pequena obra" (p. 7). Já no seu primeiro capítulo assim escreve: "Quando se procura festejar, com brilho, o centenário da Revolução dos Farrapos". Na introdução do poema histórico *A Revolução Farroupilha* de Adalberto Machado dos Santos, Eduardo Duarte escreve sobre o poema: "a comemoração do épico movimento decenal que no próximo ano atingirá o centenário […] É uma leitura sadia […] evocando lances heroicos que a nossa gente celebrizou" (p. 3). Celso Schröder, em *O Decênio Farroupilha em São Gabriel*, assim introduz o tema "A população gabrielense não poderá deixar de se associar com entusiasmo as festividades como que se vai comemorar o 1º centenário do formidável prélio conhecido pelo nome de Revolução Farroupilha" (p. 5). Outras obras também forma publicadas com o objetivo de comemorar a Farroupilha: *Alma Gaúcha* de Zeferino Brasil; de Othelo Rosa *Vultos da Epopeia Farroupilha* e *Os Amores de Canabarro*; De Paranho Antunes *Episódios e Perfis de 1835*; *Bento Manoel Ribeiro: Ensaio histórico* de Olyntho Sanmartin; *História da República Rio-Grandense: (1835-1845)* de Dante de Laytano; *Guerra dos Farrapos* de Castilhos Goycochêa; *A Revolução Farroupilha (1835-1845): narrativas sintética das operações militares* de Augusto Tasso Fragoso; *Farrapíada* de Aurélio Porto, premiado pela Comissão Executiva da Comemoração do Centenário da Revolução Farroupilha como o prêmio de melhor livro de poesia; *A Revolução Farroupilha* de Walter Spalding, que concorrendo na mesma premiação, mas na área de história, mesmo sendo o único concorrente foi desclassificado por não atender aos requisitos. Contudo o autor o publicou o livro em 1939 apesar do acontecido. Após isso Spalding produziu uma farta obra sobre a farroupilha que vai da literatura à história. Outro livro desse período do centenário é *Farrapos! História, em contos, da Revolução Farroupilha*. Depois, esse livro foi desmembrado em dois. Mansueto Bernardi durante as décadas de 1920 e 1930 escreveu em jornais e na revista do IHGRGS vários artigos sobre a Farroupilha, depois reunidos em sua *Obras completas.* O sexto volume contém os seus artigos sobre a Farroupilha. *O Sentido e o Espírito da Revolução Farroupilha* de J. P. Coelho e Souza, secretário da educação do Rio Grande do Sul, mesmo sendo publicado só em 1944, é o seu discurso pronunciado na sessão solene da Assembleia Legislativa, em 20 de setembro de 1935. Em sua maioria, três pontos perpassam todas as obras: a) a brasilidade da Farroupilha; b) o não separatismo da revolução; e c) o seu federalismo.

[201] Ao tratar da polêmica mantida entre Rubens de Barcelos e Paulo Arinos (Moysés Vellinho) em torno da obra de Alcides Maya, Chiappini aponta que a nova geração de literatos, a qual pertencia Arinos, negava-se a aceitar a visão do gaúcho em ruínas, popularizada na obra de Maya. Para a autora, "na década de 20, em

do Rio Grande do Sul. Estabelecendo um discurso que evidenciava o Estado sulino "não mais voltado para o Brasil, mas para si mesmo, capaz de sobreviver, sem o concurso nacional, graças a suas potencialidades, a interesses econômico-financeiros específicos e à diversidade das demais Províncias". (GUTFREIND, 1992, p. 17). Apesar disso, "Afirmação como a exposta acima não poderia ser aceita no contexto pós-20, marcadamente nacionalista". (GUTFREIND, 1992, p. 19). Assim, Varella e Maya tornaram-se em pouco tempo intelectuais que deveriam ser neutralizados entre a elite intelectual sulina: Varella, por seu platinismo que não se coadunava com o nacionalismo dos novos tempos, e Maya,[202] por seu gaúcho em ruínas que não combinava com o otimismo do gaúcho herói que queria rio-grandinizar o Brasil.

Varella fundamentou que, na primeira metade do século XIX, o caráter de liberdade foi mais importante que o de nacionalidade. Abrigar tais conceitos a partir de 1920 expressava a discordância em relação ao recente imaginário carregado de nacionalismo, que nesse período transitava em torno da unidade nacional.

---

que a nova geração está perfeitamente integrada na ideologia otimista do desenvolvimento do Rio Grande, o quixote perde seu prestígio […] e o que os novos propunham era a sua superação, através da incorporação ativa do modelo de Simões, não porque percebessem as profundas diferenças entre um e outro mas porque a ausência do tom 'apocalíptico', na obra deste, era condizente com o otimismo reinante. Além disso, quando muito, combatiam a linguagem parnasiana de Alcides […] O fato é que, ao aproximar-se o ano de 1930, a imagem do gaúcho-quixote perde terreno cada vez mais, dando lugar ao pleno renascimento da imagem do gaúcho herói. Juntamente com o combate ao quixote, os escritores da década de 20 enfatizam cada vez mais o papel do Regionalismo no modernismo Brasileiro, pela possibilidade de produzir uma Literatura verdadeiramente nacionalista, aprofundando a perspectiva regional […] destacando o papel do Rio Grande como um produtor de uma literatura exemplar em termos de brasilidade". (CHIAPPINI, 1978, p. 166-167).

[202] Para Chiappini (1978, p. 203), "Alcides Maya teria tido um papel desmistificador e os escritores da década de 20, em que se acentua o otimismo, teriam regredido a uma apresentação romântica do gaúcho, do tempo de Apolinário e Alencar, por motivos claramente ideológicos: o Rio Grande, dos anos 20, fazendo renascer um gauchismo idealizante, estaria se enquadrando no panorama geral de euforia, que caracterizou o pensamento das classes dominantes do Brasil depois da guerra e, através da apoteose da figura do gaúcho-herói, reacendia o sentimento regionalista, canalizando para todas as lutas políticas do Estado, e que tão útil se mostraria mais tarde, na propaganda da Aliança Liberal e da Revolução de 30. […] a razão da divergência dos 'novos' com Alcides: a ânsia de preservar o símbolo contra a visão 'apocalíptica' do autor de *Ruínas vivas*". Interessante é observar as consequências que Souza (1945, p. 73-74) tem da obra de Maya no momento da comemoração da Farroupilha: "Nas páginas de um livro, que será sempre um dos maiores da literatura rio-grandense, vive um personagem, Miguelito, que encarnando os instintos ancestrais de gaucheria é, desta época, um deslocado no meio, um homem vindo muito tarde, um *revenant*. Choca-se com a nova ordem social, que lhe não sofre os desmandos; mata aquele que lhe faz sentir, mais vivamente, a nova era; foge; e na fuga, passando pela velha residência feudal da fazenda, que julga expressão das forças que o esmagam, mostra-lhe, em maldição, o punho cerrado. 'Odiava-a, diz agora o escritor, supunha-a eterna na sua força, ignorando que lá, como em tudo ao redor, como nele próprio, só haviam restos, de velhas crenças, de velhas construções, de velhas raças...' Muita gente tem repetido esse fim de livro, à maneira do dobre de finados de uma raça. Não – esse símbolo, na sua alta beleza, quer dizer, apenas, que a idade heroica do Rio Grande está finda. O 1º ciclo da nossa evolução, fechado em 35, foi o da formação da raça e da conquista do território – e teve a sua mais elevada expressão humana em Rafael Pinto Bandeira. O 2º termina nos nossos dias: encerra a nossa constituição política – esforço que vive na espada de Bento Gonçalves, no verbo de Silveira Martins, na pena e na ação de Júlio de Castilhos, na predicação dos pioneiros do movimento de 30. O 3º, que agora principia, remate natural dos que o precederam, deve ser o do aperfeiçoamento do Rio Grande".

Não sem razão, é no ano de 1920 que se funda o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), isto é, a decisiva institucionalização da história em um momento de constituição de uma narrativa histórica que idealiza o ajustamento integral do Rio Grande do Sul com o Brasil: "O estado sulino assume um compromisso com a História e financia as pesquisas, delegando responsabilidades a seus funcionários para a execução de trabalhos". (GUTFREIND, 1992, p. 20). Desse modo, ressalta-se um empenho em inventar uma representação do Rio Grande do Sul que se aproxime do Brasil, porque

> A Revolução de 30 leva ao poder um presidente gaúcho, e é nesse contexto, principalmente nos anos 20, na luta para alcançar o poder em nível nacional e legitimar essa posse, que se coloca o interesse em demonstrar historicamente a identidade brasileira do estado sulino. (GUTFREIND, 1992, p. 20).

As ferramentas empregadas foram a história e a literatura, e seus operadores, os historiadores, literários e os políticos rio-grandenses. A brasilidade do Rio Grande do Sul torna-se, desde sempre, um padrão no entendimento do passado sulino. O padrão teórico-metodológico que adotam tem, a partir de então, nas condições físicas a base do processo histórico sulino. Haveria um modelo determinista para o qual a conformação geográfica de cada país contém uma fatalidade inevitável:

> Criar a imagem de um Rio Grande do Sul brasileiro, forte, pujante, com líderes capazes de estarem à frente do poder nacional, justificando seu esforço para alcançá-lo, e finalmente conseguindo, com a Revolução de 1930, foi a tarefa que os construtores da História Gaúcha se impuseram desde a década de 1920. (GUTFREIND, 1992, p. 22).

Assim como o IHGB e o IHGPSP tiveram os seus nascimentos e vidas ligados ao poder político-institucional, o mesmo acontece com o IHGRGS. Também políticos, padres, professores, médicos, engenheiros, militares, bacharéis e funcionários públicos são, em sua maioria, seus integrantes.[203] Igualmente, muitos de seus membros tinham a literatura como ofício e quase todos os membros do IHGRGS eram membros da Academia Rio-Grandense de Letras.[204]

Florêncio de Abreu e Silva, o primeiro presidente do IHGRGS de 1920 até 1934, na primeira reunião do IHGRGS transmitiu aos presentes que se encontravam reunidos em um salão do Arquivo Público que o Dr. Borges de Medeiros, presidente do Estado, autorizava-o a afirmar que a administração estadual ofereceria todo auxílio ao IHGRGS. O secretário do

[203] Gutfriend (1992, p. 24) conta a presença de alguns ilustres.
[204] Em 18 de junho de 1944, a nova sede da Academia Rio-Grandense de Letras é a sede do IHGRGS.

interior, Protásio Alves, igualmente mostrou admiração pela ideia. A inauguração solene do Instituto aconteceu no salão nobre da Intendência Municipal, quando foi eleita a sua primeira diretoria. O vínculo entre o poder político e a escritura do passado estava traçado.[205] Assim,

> Como ocorreu no final do século XIX, uma vez mais a História estava a serviço da política de uma forma direta e imediata. O nacionalismo ascendente e o esforço de grupos políticos gaúchos em se lançaram à liderança nacional tomaram a História como escudo e bandeira de batalha. A ciência, que diziam sagrada, tornou-se profana, parcial, mostrando-se impregnada de desígnios políticos. (GUTFREIND, 1992, p. 24).

Os historiadores e romancistas, em suas páginas, revelaram o ambiente de seu presente. A escrita sobre a Farroupilha estava a serviço de um projeto intelectual e político. Estabelecia-se a organização de uma escrita no campo do imaginário, plausível de diferenciar o Rio Grande. Os últimos anos da década de 1920 assinalaram o empenho político para erguer-se à direção do país. Como numa cruzada patriótica, políticos, intelectuais convergiram para projetar o estado sulino no Brasil.[206]

Em 1929, conforme notou Chiappini, no início da campanha eleitoral já se capitalizavam as comemorações de 20 de setembro. E a união entre os farroupilhas e os gaúchos do presente comprometidos na eleição de Vargas é produzida de modo explícito. Desse modo, principia na campanha da Aliança “A exploração de um passado tido como heroico, representado, principalmente, pela Revolução Farroupilha, vai acompanhar todas as fases da luta”. (CHIAPPINI, 1978, p. 185).

Em um desenvolvimento da integração nacional e de nacionalismo exagerado, era manifesto que interferências estrangeiras ecoassem como incômodo aos gaúchos e brasileiros. Assim, ficavam ligados em torno de um imaginário, proclamado não só pelas preleções do PRR, possuidor do poder no Estado, mas também pelos intelectuais e políticos em comum.[207]

---

205 “Na solenidade, estavam presentes as autoridades mais representativas do estado, como João Pinto da Silva, secretário do presidente do Estado e o seu representante, o comandante da 3ª Região Militar e seu ajudante-de-ordens, o Intendente Municipal, o secretário do Interior, o comandante da Brigada Militar, representantes da Assembleia de deputados, entre eles Getúlio Vargas, conselheiros municipais, diretores da Faculdade de Medicina, da Escola de Engenharia, da Escola Médica-Cirúrgica e o arcebispo metropolitano”. (GUTFREIND, 1992, p. 24).

206 Para Chiappini (1978, p. 188-189), “o apelo ao mito do gaúcho pelos aliancistas foi tão sistemático e frequente, da parte de gaúchos e mineiros; políticos, intelectuais ou jornalistas; que não podemos ignorá-lo. E é difícil negar a sua relação com a popularização do mito pelo Regionalismo Literário, com o clima de euforia dos anos 20, com o intimo relacionamento entre os jovens políticos e os jovens escritores, com o papel centralizador da Livraria do Globo […] O interesse de todos está longe de ser o Modernismo e, muito menos a Literatura em si, mas um certo *uso* que se faz de um tipo de Regionalismo que se presta mais facilmente a ser sugado”.

207 Chiappini (1978, p. 164) sugere que o regionalismo dos anos 20 parece ter cumprido um papel ideológico importante no movimento de afirmação das classes dominantes gaúchas no contexto nacional em que “Nas

A atmosfera de euforia que ostentava as qualidades éticas do Estado, a confiança no destino próspero do Estado, o qual a sociedade sobrevinha a reproduzir, a probabilidade e a aptidão de comando do Rio Grande instituíram um conjunto de conceitos a serem acolhidos pela maior parte da sociedade, conceitos que se propagam, política e intelectualmente, sendo a Farroupilha nacionalizada como o emblema máximo deste imaginário a propagar.[208]

No nº 4 da revista do IHGRS, de 1935, foi relatado o primeiro Congresso de História Sul-rio-grandense, sobre a Farroupilha, realizado sob os auspícios do Instituto entre 30 de setembro e 9 de outubro. Às 21 horas do dia 30 de setembro, Leonardo Macedônia, presidente do IHGRGS, abriu o seminário.[209] Começou a sessão garantindo que o IHGRGS dava o seu apoio, com o máximo brilho, à "comemoração do 1º Centenário da Revolução Farroupilha". E que as teses e as memórias do congresso dariam "maior lustre e relevo a este torneio intelectual, realizado em homenagem à Epopeia Farroupilha". (RIHGRGS, 1935, p. 167). Para Macedônia, "nosso povo" encontrava-se preparado a tudo imolar pela libertação, e pela organização de um país robusto e estimado, estabelecendo uma República sob o alicerce da federação.[210]

Todos dos eventos da Farroupilha seriam contemplados com equidade nesse passado "que nos enche de orgulho" feito por "nossos maiores". Mesmos após as mudanças na escrita da história e do romance, persiste na visão dos letrados do IHGRGS o entendimento do passado que fornece lições ao presente:

> Porque a herança do passado, nos aperfeiçoamos, e tornamos melhor […] e estamos seguros de assim poder transmiti-la aos nossos filhos, que também terão orgulho da obra realizada pela geração a que pertencemos […] Mas a geração contemporânea,

---

vésperas da Revolução de 30, que significativamente é o momento de união de Maragatos e Chimangos, os intelectuais da velha e nova geração vão-se unir pela crença na ressurreição do 'Centauro', do 'Monarca das Cochilhas'".

[208] Entretanto as tensões políticas do período, que em 1937 desembocariam no Estado Novo, não deixaram de florescer no centenário. Vargas, com um governo federal cada vez mais centralista, e Flores da Cunha, então governador do Rio Grande do Sul, que propugnava uma maior autonomia aos Estados, estavam politicamente em conflito e "Em setembro de 35, nas comemorações da Revolução Farroupilha, aquilo que era apenas boato ficou explícito: Getúlio e Flores estavam rompidos!". (RANGEL, 2007, p. 32).

[209] "Estavam presentes à solenidade os srs. general Parga Rodrigues, Comandante da Região, acompanhando de seu ajudante de ordens, 1º tenente Aldo Pereira, deputados Viriato Dutra, Hildebrando Westfalen e Adroaldo Mesquita da Costa, representando a Assembleia Legislativa do Estado; Othelo Rosa, representando o general Flores da Cunha, governador do Estado. Cônego José de Natal, representando o arcebispo d. João Becker". (RIHGRGS, 1935, p. 165). Havia uma comissão redatora na RIHGRGS composta dos seguintes nomes: Adroaldo Mesquita da Costa, Othelo Rosa, Emilio Fernandes de Souza Docca, Eduardo Duarte.

[210] Nota-se o presente entrando na narração de Macedônia: "A transformação política, que não foi possível conseguir, seria alcançada antes de findar o século que fora o da independência. E para ela o Rio Grande contribuiria, como efetivamente aconteceu, com o esforço dos seus grandes homens, Júlio de Castilhos, Demétrio Ribeiro, Barros Cassal, e outros, legítimos continuadores dos heroicos farroupilhas". (RIHGRGS, 1935, p. 169).

> que orgulhosa de seus maiores [...] essa também é digna continuadora dos homens da Revolução. (RIHGRGS, 1935, p. 170-171).

Faz-se uma ligação direta dos homens da Revolução de 1835 com os homens da Revolução de 1930 e conclui seu discurso de abertura do Congresso exaltando o glorioso decênio farroupilha e o que os maiores fizeram pela elevação do Estado e pela integridade do "nosso amado" Brasil.

Em seguida, expõe-se a relação de teses apresentadas no Congresso, a relação de teses aprovadas, as teses louvadas, depois se passa ao término do Congresso. E, no dia 9 de outubro, às 21 horas, foi aberta a sessão de fechamento e "compareceram à sessão altas autoridades civis, militares e eclesiásticas". (RIHGRGS, 1935, p. 179).

O presidente Leonardo Macedônia encerrou o evento Congresso com um discurso para "comemorar o 1º Centenário da Revolução Farroupilha", em que os integrantes do IHGRGS contribuíram com a comemoração dos "nossos maiores". Com a comemoração do primeiro Centenário da Revolução Farroupilha, promovida nesta capital pelo honrado Governo do Estado, e sob esse patrocínio, o Instituto tinha o dever de agenciar um congresso que constatasse a importância intelectual dos homens do Rio Grande e que fosse "um monumento erguido à glória dos farroupilhas".[211]

Macedônia finaliza seu discurso com uma analogia em que história *magistrae vitae* e história a do presente se misturam. Para ele, o Império Romano do Ocidente foi uma admirável edificação política; igualmente a França, que teve a obra da Grande Revolução a causar um novo aspecto em todo o planeta. Pois bem, o Império Romano do Ocidente tombou por terra, igualmente a magnífica constituição política, idealizada e concretizada pela obstinação do grande Corso, desmoronou. Entretanto, resistem as obras da inteligência, muito mais extraordinária que as conquistas militares romanas e francesas. Continuam a viver as duas obras que rememoram toda essa passada distinção, de Roma, e da França de Bonaparte: o *Corpus Juris Civilis*, símbolo duradouro do engenho romano, e o Código Civil Francês, que eternizaria o nome de Bonaparte: o Código Napoleônico. Assim,

> Sinceramente, e sem falsa vaidade, sinto que o mesmo vai suceder com este congresso. A comemoração Farroupilha, ora realizada em Porto Alegre, será encerrada em breve prazo. As brilhantíssimas iluminações, que dão ao recinto da Exposição um aspecto grandioso, as festas venezianas, os bailes de gala, os banquetes, as recepções, e todas as festas que estão a encantar a nossa sociedade,

---

[211] Para Macedônia, "Essa foi, meus senhores, a contribuição do Instituto para a majestosa comemoração do Centenário Farroupilha, e ela ficará perpetuada, em breve prazo, e para glória da nossa geração, nos anais destinados a levar ao conhecimento de todo o Brasil a obra realizada por este Congresso". (RIHGRGS, 1935, p. 187).

> serão em breve prazo uma agradável recordação de noites e de dias plenos de alegria e de deslumbramento. Mas as sessões deste Congresso, atestado certo e positivo e do trabalho intelectual da geração hodierna, perpetuadas com as teses e memórias nas páginas dos Anais, constituirão, sem a menor dúvida, um monumento digno da glória farroupilha que aqui estamos a comemorar. Assim, podemos dizer, com legítima ufania, que a obra deste congresso será de duração perene, e não será jamais esquecida. (RIHGRGS, 1935, p. 188).

Ao fim, solicita que todos fiquem em pé, em reverência pelos "nossos maiores", heroicos farroupilhas, com o reconhecimento da obra alcançada por eles. Entretanto, igualmente "com a maior admiração e entusiasmo pela nossa gente, que agora em 1935 tão dignamente comemora a grande Revolução, e trabalha, e progride, dentro do Brasil, íntegro". (RIHGRGS, 1935, p. 188). Calorosas aclamações abrigaram a fala final do Dr. Leonardo Macedônia.

Foi publicado na ocasião da comemoração do Centenário Farroupilha em 1935, o romance *Farrapo: memórias dum cavalo*. O autor, Félix Contreiras Rodrigues – de pseudônimo *Piá do Sul* –, nasceu em Bagé em 1884 e faleceu na mesma cidade em 1960. Em 1909, bacharelou-se pela faculdade de direito de Porto Alegre. Depois, cursou economia política na Sorbonne. Entre 1910 e 1915, exerceu a advocacia em Bagé e, entre 1915 e 1922, na Suíça. Fundou e dirigiu o jornal *Tribuna Liberal* em Bagé, também foi diretor do jornal *Correio do Sul*. Foi igualmente dono de estância em Bagé de 1925 a 1934. Professor de Economia Política na Faculdade de Ciências Econômicas de Porto Alegre, depois de 1935 teve uma estância no Uruguai, até falecer.

Rodrigues foi poeta, romancista, teatrólogo, ensaísta, sociólogo e historiador. Foi membro da Academia Rio-Grandense de Letras, que presidiu de 1936 a 1938, além de ter sido membro do IHGRGS.[212] Pertencente ao Partido Federalista, em 1928 adere à Frente Única Gaúcha. Em 1930, apoia a Revolução liderada por Getúlio Vargas. Em 1937, rompe com Getúlio, após o Estado Novo, indo exilar-se no Uruguai.[213]

O romance *Farrapo* surge nesse contexto de comemoração da Farroupilha e de inserção do passado rio-grandense na história do Brasil. O imaginário nacionalista da década de 1920 está presente em sua obra. A história e as instituições políticas novamente entram na narrativa. O veto à ficção do romance estabelece o imaginário nacionalista e comemorativo. Felix Contreiras Rodrigues, que tem interesses políticos e econômicos, é um agente da intelectualidade a construir uma narrativa que lhe insere no jogo político das representações do passado.

---

[212] Informações biográficas em sobre Félix Rodrigues em Martins (1978).
[213] Ver Gertz (2013).

Cavalo de antigas guerras, Farrapo, aos 24 anos – no ano de 1847 –, resolvera contar a sua vida a uma tropilha de cavalos mais novos que o ouviam com muita atenção. Havia cavalgado por muitos terrenos, comeu muitas pastagens, "mas nenhuma terra como esta, nenhum capim tão gostoso como este, do pago em que nasci". (RODRIGUES, 1958, p. 25). É no seu pago que Farrapo foi feliz, pois havia espaço, liberdade: "Só movendo-se na amplidão, sem peias nem maneias, pode mostrar toda a eloquência de sua linguagem, toda a elevação dos seus sentimentos". (RODRIGUES, 1958, p. 26).

Farrapo lembrava-se do velho Manduca, seu primeiro dono, a rodeá-lo no curral. E aquele afeto lhe deixava alegre e preparado a florear-se diante dele. Farrapo nascera em 1823. Na primavera de 1826, completou três anos. Um dia desapareceu e pôs-se a matreirar. Esperou ter se apropriado para sempre da sua liberdade. Tentou fazer da querência uma espécie de toca, de onde acreditou não lhe tirarem jamais. Sabia que seu dono não aceitaria a sua ausência, mas não era "cavalo capão pra viver arrinconado […] Eu tinha toda a virilidade e todo o fogo que dão os bons campos […] Desejava mais largueza e novas impressões. Fui ficando cada vez mais xucro". (RODRIGUES, 1958, p. 30).

O narrativa de *Farrapo* traz uma novidade nos romances sobre a Farroupilha de um cavalo como personagem principal. E o cavalo, Farrapo, em primeira pessoa narra a sua história. Nestes campos macios, de canhadas suaves, andava onde queria e podia gracejar com a distância:

> Nesse tempo, camarada, divertíamo-nos assim, por estes campos abertos, que nos oferecem todos os horizontes, e nos desafiam com seu infinito […] Pensei abandonar aquele rincão, mas sabia por minhas correrias que capim como aquele, só ali mesmo […] E segui na mesma vida de quebra-largo, a brigar por tudo, com o infinito por domínio, com a liberdade por guia. (RODRIGUES, 1958, p. 31).

Após a liberdade na mocidade, chegou o tempo de ser cavalo manso "e nós podemos sê-lo com brio e até com orgulho, conservando até o fim a nobreza da nossa raça. Verás pela minha história que assim é, que assim faças". (RODRIGUES, 1958, p. 38). Não se importava de andar encilhado, se os seus preparos eram de prata, se os seus arreios de luxo, e com tais aperos ficava mais lindo ainda. E o velho Mancuda lhe compreendia.

Que vida boa foi a sua, se não principiasse neste ponto uma peregrinação guerreira que só acabou há pouco. Em janeiro de 1827, Manduca e Farrapo para os lados de Bagé souberam que "um exército, sob o comando de Alvear e Lavalleja, vinha arrebanhando tudo que encontrava. […] Quando não era o Artigas que tivemos de atirar, com seus *chalecos* de couro

cru pra o outro lado do Uruguai, é o Alvear a pisotear e saquear os nossos pagos". (RODRIGUES, 1958, p. 42-43).

Aqui aparece outra característica desta geração: o antiplatinismo. Nega-se a influência platina na história do Rio Grande do Sul, nega-se qualquer semelhança cultural com a região do Prata. Isso torna-se necessário, pois a geração de 1920, querendo nacionalizar a história sul-rio-grandense, expurga qualquer elemento não nacional de uma genealogia histórica. E o Prata, o outro, torna-se o inimigo que poderia corromper a brasilidade dos rio-grandenses, por isso foi preciso, ao se mostrar para o Brasil, negar o Prata no passado do Estado. Não sem razão, Farrapo, como metáfora do gaúcho, nasce defendendo as fronteiras dos castelhanos.[214]

Farrapo e Manduca uniram-se ao brigadeiro Barreto, a Bento Gonçalves e ao General Abreu. Manduca alegou que a peleja estava outra vez em casa e pensava Farrapo: "Os Argentinos vêm aí dispostos a levar tudo por diante [...] Que cousa seria essa, a guerra". (RODRIGUES, 1958, p. 43-44). Assim, Manduca abandona a estância e leva junto o Farrapo. No fim de janeiro de 1827, Farrapo deixou a estância onde só agora voltou para morrer. E o sofrimento que ia moendo Manduca, abatia o cavalo: "Tu verás, quando te domem a ti, como nós tomamos parte nas atropeladas que faz a vida dentro d'alma de quem nos monta" (RODRIGUES, 1958, p. 45), falava Farrapo a manada de tropilhos.

Manduca se incorporou ao exército do Marechal Abreu. Vendo a inferioridade do exército, o velho Manduca cede ao marechal o Farrapo durante aquela campanha. Marcharam encalçando o exército opositor na direção de São Gabriel. O general Abreu na frente e Farrapo, com as orelhas tesas, puxava a fila do exército. Na batalha decisiva contra os orientais e argentinos, Manduca fora machucado na perna esquerda. Chiru, afilhado de Manduca, conseguiu capturar o Farrapo, pois viu quando o General Abreu foi morto em cima do cavalo. Enquanto Manduca se recuperava, Farrapo ficou aos cuidados de seu afilhado. Farrapo passou em uma estância de Vacacaí os meses da primavera e do verão do ano de 28.

Chegara o grande dia 20 de setembro. Farrapo está com o Coronel Amaral que participa do lado dos farroupilhas na guerra. O coronel, Farrapo mais seu acompanhante Biriva vão ao encontro de Bento Gonçalves que estava sitiando Porto Alegre para entregar a resposta que Amaral lhe trazia. A notícia é que fracassaram suas pretensões de adesão dos paulistas e mineiros ao movimento. Portanto, Bento Gonçalves "se desespera pensando que esta revolução pode dar numa turumbamba de separação do Continente, quando ele não quer

---

[214] "O Estado Oriental em paz é mais perigoso que o Rio Grande em guerra". (RODRIGUES, 1958, p. 141). Este é um indício do antiplatinismo dessa geração marcadamente nacionalista.

senão um regime de mais liberdade, mais brasileiro e menos camelo. Demasiado sabe ele que há muita gente escondida atrás da macega". (RODRIGUES, 1958, p. 116).

O narrador define que a Farroupilha não é separatista, isto é, quer mostrar a brasilidade dos farroupilhas e que a intenção deles era de fundar uma República Federal. Voltando ao romance, Biriva, companheiro de Amaral, responde que o que Bento Gonçalves não quer é atiçar fogo ao churrasco dos outros, o que coronel Amaral confirma. Coronel Amaral morre num dos ataques a Porto Alegre. E legou Farrapo para o general Bento Gonçalves:

> Foi no poder deste que pude sentir até onde vai toda a glória de ser homem. Com ele me identifiquei de tal modo que, quando me gritavam – Farrapo! Farrapo! Eu pensava em Bento Gonçalves, na sua amizade por mim, nas suas delicadezas, na sua elegância, nos seus entusiasmos, na habilidade com que me governava em qualquer circunstância, e atendia com prazer e ligeiro ao grito de quem me chamava […] Bento Gonçalves, quando o senti pela primeira vez no meu dorso, estremeci de comoções estranhas e contraditórias; excitaram-se os meus nervos e tive a impressão dos primeiros dias da minha mocidade. Que felicidade! Que alegria de viver! Não me passava, como o poeta que eu tivera a glória de embalar no meu galope, o vago dos sonhos, a fantasia das ilusões, porque sua alma era a mais perfeita das realidades, solidamente implantada na terra e apta para transformar os seus pagos no mais encantado paraíso. Carregando-o, sonhar para quê? Se não havia nada mais completo que o andar identificado com Bento Gonçalves!... Nesse aprendi que há homens tão perfeitos como os poetas […] Bento Gonçalves deu-me sempre a impressão de andar cavalgado por um Deus que descesse dos céus. (RODRIGUES, 1958, p. 120-121).

O herói da trama foi traçado: Bento Gonçalves. Ele seria o representante dos interesses máximos dos rio-grandenses. Farrapo só consegue representá-lo idealizando em suas formas, compara-o a um deus, que dominaria sua montaria no simples gesto de ser o que é: o herói escolhido. Do gaúcho em ruínas de Maya, vai-se ao gaúcho herói.

Havia muitos parentes, amigos, separados agora por ideias ou pelas preferências de seus líderes, porém, combinavam-se junções ou no acampamento farroupilha ou no acampamento imperialista: "Não se matava senão em combate; e mais de uma vez ouvi a guerreiros lamentarem a morte de heróis amigos". (RODRIGUES, 1958, p. 121). Soube-se, então, que Bento Manuel entrara na Capital. Houve essa noite alvoroço nos exércitos, pois se confiou que era o fim da guerra. O narrador expõe que farrapos e monarquistas não queriam a guerra, que o desentendimento seria passageiro, pois todos seriam brasileiros e queriam a paz.

Farrapo foi encilhado e posto à disposição de Bento Gonçalves, que foi ao encontro de Bento Manoel. Por algum tempo levou em sua cavalgada todo o triunfo de uma nação:

> Era certo, teríamos a paz, pensava o meu nobre cavaleiro, porque as suas condições correspondiam as aspirações de uma boa parte da nação brasileira. Como rejeitá-las, sem arranhar o povo rio-grandense que tanto se sacrifica pelo Império do Brasil?

> […] O Continente tornará a ser o paraíso terrestre […] por que o ser de Bento Gonçalves, que era um feixe da vida rio-grandense, ia significando isso mesmo. (RODRIGUES, 1958, p. 124).

Bento Gonçalves e seu tocaio abraçaram-se como amigos de duras privações militares. O Farrapo ficou a distância, mas ouvia a conversa que iria decidir a sorte do povo do Continente e do Brasil inteiro. Entre um mate e outro argumentavam, Bento Manuel pela integridade do Império e autoridade das leis, e Bento Gonçalves por democracia, liberdade e os direitos do povo continentino. Porém não chegaram a nenhum acordo.

Bento Gonçalves chama o capitão Amaral para enviar-lhe em missão de levar uma comunicação a Netto e João Manuel. E, nisso, Farrapo foi escolhido para ser o cavalo a levar o capitão Amaral em tal missão. Chegando ao acampamento de Netto, entrega-lhe o ofício de Bento. Dias depois, em 10 de setembro, apareciam os caramurus liderados por Silva Tavares nas pontas do arroio Seival. Netto montou no Farrapo que o sentiu como um verdadeiro homem aquele que o cavalgava: "Netto me deu logo a impressão de ser um ginete igual a Bento Gonçalves, senhor do pingo que monta, sem brutalidade, senhor de si mesmo […] Tal era a sua destreza em governar-me, tal a violência e a certeza do seu braço". (RODRIGUES, 1958, p. 134). Inicia-se a batalha de Seival e a vitória é farroupilha. No exército farroupilha, o arrebatamento foi extraordinário. A lembrança de Farrapo foi a de

> Era um centauro em cima de mim […] Do meu cavaleiro não era só a influência moral o que impressionava os soldados republicanos, mas também o seu porte a cavalo, marcial como o próprio deus da guerra, rutilante como o arcanjo […] Só num ponto me fazia saudades do primeiro General que me cavalgou […] Bento Gonçalves era bom, porque não podia ser mau, porque sua natureza se revoltava contra a maldade; Netto era bom, porque ser bom era melhor e mais útil. A Bento Gonçalves guiava o coração, a Netto a cabeça. Montado por ele eu sentia principalmente uma coisa – a certeza, a firmeza, a certeza que ia bem, a firmeza na execução. Horas de orgulho […] passei cavalgado por esse herói, orgulho pela vitória, orgulho pela proclamação da República. (RODRIGUES, 1958, p. 135).

Há no romance um processo de heroificação das lideranças farrapas e, estando dominado pelo ideal republicano, Netto era um honrado herdeiro de Bento Gonçalves, após ele ser preso em Fanfa. Mesmo com o líder máximo preso, continuava a mesma "índole da gauchada". Depois de alguns sucessos militares de Netto e com Bento Manuel do lado dos farroupilhas, Porto alegre volta a ficar sitiada. Farrapo vai passar um período em uma fazenda, nas vizinhanças para readquirir as forças depois de muitas batalhas. Nesse tempo, Bento Gonçalves fugiu da prisão e se encontrava no Rio Grande do Sul, quando passa pela estância em que se encontrava Farrapo. Nela lhe é oferecido pela dona, novamente. Farrapo teria

Bento Gonçalves cavalgando nele novamente: “o homem mais perfeito que me cavalgara até então, violento e suave, conforme as circunstâncias, sempre inspirado pelo bem”. (RODRIGUES, 1958, p. 148). Bento Gonçalves retornava com um entusiasmo indescritível diante dos campos do Rio Grande, seus projetos militares majestosos e suas intuições de glória infinitas.

Farrapo sentiu, por ser cavalgado, a saudade no coração daquele herói, o seu anseio pela paz, o seu desagrado contra aqueles que a tornavam impraticável e o seu amor para voltar ao seio familiar. Farrapo, depois de um tempo tropeando e fazendo tropilha, que serviriam a revolução, participou do ataque a Rio Pardo. Logo após a tomada de Rio Pardo, o general Bento Manuel estava a pé e arranjou com que o general Netto passasse o Farrapo a ele. Farrapo acreditou que, com aquele peso em cima dele, não iria muito longe ou não chegaria ao fim da viagem. Era o general Bento Manuel quem o montava. Para Farrapo, ele não parecia ter nascido no lombo de um cavalo, ao modo dos gaúchos que o tinham cavalgado até então. Sob aquele peso chegara a Porto Alegre mais morto que vivo. Pensava Bento Manuel que Netto perdera tempo em festas e farras após Rio Pardo. Mas também refletira se não seria melhor assim:

> Deus também escreve o direito por linhas tortas. Vencer pra que? pra fundar uma República? Pra separar o Rio Grande? Isto seria um crime... um crime contra o nosso passado, um crime contra as possibilidades do nosso futuro, um crime contra a paz em que temos vivido entre nós […] Que culpa tem o Brasil da incapacidade de Fernandes Braga ou da inépcia de Antero de Brito? […] Por nada desta vida consentirei que a nossa vitória seja a separação. (RODRIGUES, 1958, p. 172).

Farrapo passou um ano em invernagem, recuperando-se de junho de 1838 a julho de 1839. Após esse interregno, Farrapo aparecera na invasão de Santa Catarina montando pelo capitão Garibaldi. No lombo do cavalo, o corsário contou que seu barco afundara, de seu amor por Manuela e que se batia “pela República, pela independência dos povos que querem formar sua Pátria, pela liberdade dos oprimidos”. (RODRIGUES, 1958, p. 176). No ataque a Laguna, Farrapo fora montado pelo Coronel Canabarro, ele que, após a vitória, tornou-se general. E o novo general ria-se dos habitantes de Santa Catarina. Farrapo ouvia dizer que nenhuma pessoa pegaria em armas para defender a nova República. O General Canabarro não soube acompanhar os hábitos dos catarinenses. Os imperiais vieram e expulsaram os farroupilhas. Na volta para o Rio Grande, vinha cavalgado por uma mulher. Farrapo estava gracioso, misturando seu ser com a alma de uma mulher. Farrapo estranhara o propósito de Anita, sua felicidade por arriscar-se por Garibaldi, pois para ela o amor entre ambos era o seu

fim. O cavalo estranhou tal propósito, aquela insensibilidade pela República, pela Pátria. Contudo, aos poucos, foi se identificando com Anita, enquanto, “Garibaldi batia-se pela liberdade e pela República; Anita batia-se por Garibaldi”. (RODRIGUES, 1958, p. 183).

Anita e Farrapo encontram Garibaldi e chegam, logo após, ao acampamento de Bento Gonçalves. Farrapo ainda participou da fuga de Anita e Menotti das tropas de Chico Pedro. No ataque a São José do Norte, foi montado por Bento Gonçalves. Após o insucesso de São José do Norte e Taquari, Bento Gonçalves refletia que esses homens ainda não haviam compreendido a coragem e as intenções dos farroupilhas. Se vencesse, veria o governo imperial como se organizava um governo liberal e como se cultiva a unidade da pátria. O herói contemplava a distância e dizia a si mesmo: “eu juro as gerações que hão de vir que sou movido por um ideal, e estou certo de não desdourar a nossa tradição”. (RODRIGUES, 1958, p. 196).

Já havia passado o forte do inverno de 1841, as tropas de Bento Gonçalves guerreiam com as de Chico Pedro. Farrapo era montado por Bento. Uma lança que escapara do corpo do general cravara-se no quarto direito do Farrapo que ficou “ferido e tremia de dor. Mas […] o Chefe de toda aquela gente está são e salvo”. (RODRIGUES, 1958, p. 200). Bento Gonçalves tinha os olhos em prantos. Farrapo sentia a sua dor, porque era a mesma que estava sofrendo, a dor da separação, a saudade. Bento Gonçalves passa a mão no pelo e falou-lhe:

> Tu és o Farrapo, que fica pra trás, em poder do inimigo; amanhã, talvez, servindo de instrumento contra nós mesmos. Compreendo... Tu és a força que me veio conduzindo até hoje, mas que também pode conduzir o Império... Compreendo... Farrapo, tu não pertences somente aos farroupilhas, porque és a força que anima a todos os Gaúchos, de um e de outro bando. És mais do que Farrapo, és Rio-Grandense, és Brasileiro... Compreendo. Aqui está o princípio do fim. Compreendo... Soou a corneta, e a força afastou-se, deixando-me ali sozinho, à sombra de uma figueira braba. (RODRIGUES, 1958, p. 201).

A percepção nacionalista do romance fica evidente nessa citação, a intenção de relacionar o passado rio-grandense com o brasileiro é feito nessa metáfora do Farrapo como não tendo lado entre imperiais e gaúchos, pertencendo a ambos. Farrapo é o símbolo desse período, lutou na defesa das fronteiras. Além disso, foi personagem em todos principais acontecimentos da Farroupilha, conhecendo todos os principais líderes e personagens dela.

De volta ao romance, após ser ferido, Farrapo dormiu mais de tristeza do que de dor. Quando desperta, ouve chamarem um homem que o elogiava. Era Moringue, o vencedor, o mais atemorizante dos comandantes do Império. Um prisioneiro farroupilha identificou

Farrapo a Chico Pedro, e explicando as qualidades do cavalo, foi interrompido por Moringue que disse:

> Então chama-se Farrapo. Isto quer dizer que o Farrapo caiu em nosso poder, vai ser cavalgado, governado pelos caramurus. Não está mal. Boa senha dos fados. A mesma força que levou os Farroupilhas aos seus triunfos, levar-nos-á à vitória final. Este cavalo é a consciência brasileira do povo rio-grandense que nos começa a dar ganho de causa. Farrapo, por tua beleza, por tua majestade, por tua força, considero-te um presente do céu, e, como tal, mandar-te-ei guardar cuidadosamente. (RODRIGUES, 1958, p. 202).

No romance, o cavalo Farrapo é a síntese entre brasileiros e gaúchos, é a prova cabal da brasilidade da Farroupilha. Farrapo é a consciência da brasilidade construída a partir da década de 1920 como projeto de futuro do regionalismo rio-grandense.

Não levou muito tempo, Farrapo entrara numa grande invernada de cavalhada do governo. Entre os caramurus, encontra as mesmas qualidades, a mesma obstinação em atingir a vitória. Eram os mesmos gaúchos, impelidos por ideias opostas. No combate, nada ficavam devendo aos farroupilhas. Mais uma demonstração da brasilidade dos gaúchos, pois os farroupilhas em nada diferiam dos caramurus, eram todos gaúchos e brasileiros. Pouco depois houve, em Pelotas, uma festa pela vinda de um grande homem que chegava à Província. Farrapo ouve chamá-lo de general Caxias. Estavam encilhando Farrapo com a sela do Barão de Caxias. Pouco depois, acercou-lhe o general. Não lhe transmitiu rancor, nem desejo de vencer a qualquer preço. Aproximando-se do Farrapo, Caxias disse-lhe baixinho:

> Não venho aqui multiplicar as desgraças, mas pacificar esta gente denotada […] Isto já não é uma revolta comum como aquelas que debelei no Maranhão, em S. Paulo, em Minas; mas a obra de um ideal que envenenou quase toda a população da Província. Não é cortando pescoços que se eliminam as ideias da cabeça de um povo; mas convencendo-o de que há outras ideias superiores, de concepção mais justa e mais elevada finalidade. Os Continentinos são homens sujeitos a errarem; bastará o emprego de meios suasórios, para que voltam a verdade e a realidade das coisas. Vencê-los talvez seja impossível, porque são valentes e pertinazes; creio, entretanto que convencê-los não será difícil. Se me ouvissem, faltar-lhes-ia como irmão, sinceramente animado da ambição de realizar a paz. (RODRIGUES, 1958, p. 214).

Depois de ser montado pelos líderes/heróis farroupilhas, Farrapo agora é cavalgado pelo mais expressivo líder militar monarquista. Essa passagem de lado do Farrapo não se faz por nenhum motivo menor, mas apenas porque, com isso, mostra-se que os farrapos também eram brasileiros, não havendo maior antagonismo entre rio-grandenses e brasileiros, pois como notou Caxias, eram irmãos.

Farrapo marchava passo a passo, sem exaltações, com orgulho de levar um cavaleiro de alto coturno, que vinha da Corte, onde vivia um imperador, que buscava o meio de impor ao inimigo a conveniência da paz, Farrapo tornou-se não "um instrumento de guerra, mas um amigo dedicado, um aliado". (RODRIGUES, 1958, p. 217). O autor faz um jogo semântico inconciliável para Varella, "farrapo" um dedicado amigo de Caxias, mas a geração posterior a Varella, impregnada de nacionalismo e com um projeto político diferente, constrói uma outra gramática sobre a Farroupilha, o que possibilita um entendimento diferente sobre ela. Nisso, Farrapo vê chegar Bento Gonçalves ao encontro de Caxias. Bento percebe que Farrapo pertence a Caxias e lhe disse que estava bem montado o general, o que Caxias replica que sem dúvida, pois sabia que o Farrapo tem a força para levar-lhe às regiões da glória. Ao que Bento responde: "Ah, sim Ele foi criado pra honrar todos aqueles que se servem dele. O Farrapo nobilitou os Gaúchos, tocará então a vêz de nobilitar os Imperiais e os próprios Brasileiros, se se apossarem dele para sempre". (RODRIGUES, 1958, p. 218).

Ao que Caxias diz esperar que isso aconteça e que não será difícil governar o Farrapo suavemente. Nisso, Caxias solta a espada "para apertar-lhe a mão de Gaúcho brasileiro, como Brasileiro e amigo" (RODRIGUES, 1958, p. 218). O uso do cavalo como metáfora busca a inserção do Rio Grande na história da nação brasileira. Nisso, continua o diálogo e Bento afirma que quer uma pátria livre. Caxias responde-lhe que as Repúblicas do Prata vivem dilaceradas pelos próprios concidadãos, em que a discórdia começa a inutilizar os seus melhores vultos. Volta o narrador ao argumento antiplatinista. Bento replica que os farroupilhas querem ser livres e que nunca sonharam com o apequenamento do Brasil e que a federação sempre foi o norte revolucionário. O narrador volta a usar o argumento da brasilidade dos farroupilhas. Também, Bento Gonçalves afirmou que não queriam ser governados por um tirano. Ao que Caxias responde: A República Rio-Grandense é impossível, para o império a federação é contraproducente. E que continuará conversado, pois sabe que os farroupilhas têm a satisfação de continuarem brasileiros.

Estava o General Caxias cavalgando o Farrapo e, com sua imensa alegria de haver feito a paz na Província, pensava que "Estava resguardada a unidade do Império de língua portuguesa". (RODRIGUES, 1958, p. 228). Parou em Ponche Verde, numa estância denominada Carolina, depois cumprimentou os principais chefes farroupilhas. Ali estava Canabarro, que com a proposta argentina levou-o a aceitar a paz. Para Caxias, era "verdadeiramente comovedor, pensava ele, o patriotismo dos Rio-grandenses. Lutaram por suas ideias, enquanto não esteve em questão a existência da sua velha Pátria. Mas, ameaçada

esta como está pelo poderio de Rosas, voltam a recolher-se ao seio da mãe comum". (RODRIGUES, 1958, p. 228).

Caxias se perguntava que outro povo pensaria assim, com tanta superioridade. Este dia primeiro de março de 1845 não é só alegria geral "mas também de profunda gratidão do Império ao Rio Grande do Sul". (RODRIGUES, 1958, p. 228-229). Pela sua altivez, pelo seu denodo, bem mereceram as condições honrosas que lhe ditaram de tratar com heróis de pé e não vencidos:

> Pelo que eu via, estavam todos os Rio-grandenses irmanados no seio da mesma Pátria – o Brasil; pois nas ruas o povo se rejubilava, gritando vivas ao Imperador, vivas ao Brasil, vivas ao Rio Grande, a Caxias, a Canabarro, a Bento Gonçalves, a Netto, quando este Estado-Maior passou […], diziam, não tinham sido vencidos nem vencedores […] Viva o Brasil, que hoje incorpora à sua História todos os heróis farroupilhas! (RODRIGUES, 1958, p. 229).

Enfim, os farroupilhas após cem anos de transformações narrativas tornam-se "heróis" e agora podem descansar em perfeita harmonia com a história nacional. A geração de intelectuais gaúchos que trabalhou na década de 1920 para a conquista do poder dá um drible na "maldição de Caxias", ao mesmo tempo em que relembram os acontecimentos da Farroupilha, não mais para desconstruir a nação brasileira, mas no centenário, ao contrário, a construção da nação brasileira passa pela "Revolução" Farroupilha. Na República brasileira, a República Rio-Grandense encontra o seu descanso no panteão de heróis nacionais. Mas, ao expor a brasilidade dos farrapos e o antiplatinismo como norte do controle do imaginário na fase atual da Farroupilha, a "maldição de Caxias" entra pela porta dos fundos, isto é, a Farroupilha só pode ser relembrada no mesmo sentido do controle imperial, enquanto construtora da nação; a única diferença é que uma seria a construção do Brasil enquanto monarquia e a outra enquanto República.

Continuando a contar a sua história, Farrapo falou aos cavalos mais novos que o fim do conflito foi como o crepúsculo do seu último dia. De manhã, todo aquelas pessoas foram embora, e um sossego intenso principiou a imperar dentro dele. Parecia a Farrapo que já tinha morrido em vida, que já tinha cumprido a sua missão e que só lhe restava morrer. Mandaram o Farrapo para a Carpintaria com a recomendação "de que ninguém o encilhe. O Farrapo daqui em diante é só pra recordações". (RODRIGUES, 1958, p. 233). Lá Farrapo estava há dois anos. Nisso, vinha disparando do lado da estância um dos companheiros da quadrilha, de cola alçada, bufando e notícia que morreu o general Bento Gonçalves. O Farrapo não disse mais nada, espichou o pescoço e afastou-se entrando na sombra da noite que caía.

Depois do acordo de paz, Farrapo não era mais para ser encilhado e devia ficar só na recordação. O narrador quer mostrar, em 1935, que aquela Farroupilha separatista não existe mais e seria naquele tempo apenas uma longínqua recordação para a Farroupilha brasileira que nasceu a partir de 1920. E a morte de Bento Gonçalves, junto com o "desaparecimento" de Farrapo, é a metáfora para a morte de uma Farroupilha separatista e o nascimento de outra: uma Farroupilha brasileira e construtora da nação brasileira.

A comemoração do centenário da Farroupilha não poderia passar sem uma produção historiográfica que marcasse a nacionalização da memória dos farrapos e legitimasse o poder de Getúlio Vargas. A produção foi vasta na comemoração do centenário. Escolhi a obra de Docca por representar a nacionalização da Farroupilha e por ser, entre os historiadores da comemoração, o grande polemista da obra de Varella. Emílio Fernandes de Souza Docca nasceu em São Borja em 1884 e faleceu em 1945. Docca foi militar de carreira, sóciofundador do IHGRGS, membro do IHGB e pertenceu também, como era comum à época, a Academia Rio-Grandense de Letras. Para Armani (2012, p. 195), a obra de Docca se caracteriza "como a busca constante de uma identidade que refletisse o 'caráter nacional' do Brasil e, em particular, do Rio Grande do Sul" e foi um exemplar dos ideais do Estado Novo.

Convocado por Osvaldo Aranha, quando da Revolução de 1930, Docca rejeitou seu apoio em nome da obrigação militar, por isso na continuação do movimento foi aprisionado. Contudo, para Gutfreind (1992, p. 66),

> Afirmou-se que Souza Docca negou apoio à Revolução de 1930. Torna-se necessário esclarecer: negou apoio militar, coerente com sua visão de dever profissional, de inspiração positivista-comtiana; como historiador, porém, colaborou significativamente na construção dos propósitos revolucionários de 1930.

Em *O sentido brasileiro da Revolução Farroupilha*, Docca começa de uma maneira objetiva, explicando o porquê de sua publicação: o aparecimento da *História da Grande Revolução*, do Dr. Alfredo Varella, em 1933, atribuindo aos farroupilhas a) ideias separatistas, sob b) o fundamento de que, no Rio Grande do Sul, nunca houve forte sentimento de brasilidade.[215]

[215] Para Armani (2012, p. 198), "Em momentos de ritualização rememorativa e comemorativa do passado, quaisquer manifestações dissonantes eram peremptoriamente solapadas, afastando o perigo da pureza imaginária da identidade. Aqueles que contestavam a unidade nacional, a *pacificidade* dos brasileiros e a *brasilidade* dos rio-grandenses eram tachados como autores cuja promiscuidade com paixões políticas era evidente. Os *detratores da pátria* eram, nesse sentido, abominados. Foi o caso, por exemplo, de um 'profanador' das 'verdades sagradas': Alfredo Varela".

Isso levou Docca a travar uma controvérsia com tal autor. As ideias históricas de Varella não eram novidades.[216] O autor avisa que não as contestou antes, pois tais ideias "corriam por sua conta e risco", em vários livros dispersos, mas Varella as reuniu, em 1933, em uma obra que rotulou com o nome *História da Grande Revolução* e conseguiu fazer com que ela fosse patrocinada pelo governo do Estado, com a promoção do IHGRGS.[217]

Para Docca, essa oficialização aparente, essa ligação do Estado (política) com a ideia (escrita) de Varella, acontece em detrimento da verdade histórica e, por isso, deveria ser combatida. Porque, para Docca, essas ideias seriam depreciadoras dos sentimentos cívicos e da dignidade dos antepassados.[218] O seu escopo com este livro é "julgar, explanar, discutir as ideias e os homens da Revolução". (DOCCA, 1935, p. 4). E, também, no transcorrer do ano de 1935

> em que transcorre o primeiro século do grandioso e patriótico feito farroupilha, a nossa primeira contribuição, como simples achega para as comemorações desse centenário e como homenagem de mais alta admiração e de fervente culto à memória dos grandes vultos de nosso passado, que agiram como rio-grandenses e pensaram sempre como brasileiros. (DOCCA, 1935, p. 4).

No início de seu livro, o autor deixa claro sua proposta de escrita: o projeto nacionalista de escrita da Farroupilha. Quer "resgatar" a dignidade dos farroupilhas que foi manchada por Alfredo Varella. E, no ano da comemoração do centenário dos "nossos maiores", isso não poderia ficar assim; a brasilidade dos farrapos não poderia estar em disputa.

Para Docca, o sentido da Farroupilha (nessa época a denominação Revolução Farroupilha, como ela ficou mais popularmente conhecida, ganha a linguagem comum e científica) era o federalismo. Haveria no século XIX a ideia de federalismo que impulsionava as ações dos personagens históricos em busca da liberdade. Assim, como consequência da independência do Brasil, nasceu a ideia federativa. A dissolução da Câmara em 1823 impulsionou tal vontade política. A marcha federativa teve partidários no Rio Grande do Sul. Para Docca, a Confederação do Equador, em 1824, apesar da designação, propunha a

---

[216] Na introdução da *História da Grande Revolução*, assim inicia Varella (1933, v. 1, p. 7): "A presente obra, conquanto inclua extraordinárias, copiosíssimas novidades, reproduz, *mutatis mutantis*, o que se contem noutra, ainda então inacabada. Para definir a nova com rigor, cumpre dizer que tão somente representa um quadro mais elucidativo, mais nítido, mais perfeito, sobretudo mais completo, mais erudito; do que foi traçado em 'Revoluções Cisplatinas'".

[217] Sobre a querela envolvendo a publicação da *História da Grande Revolução*, com apoio estatal e do IHGRGS, ver Silva (2010), capítulo "A polêmica ao redor da História da Grande Revolução".

[218] "O resultado de nossa atitude aí está: O instituto proclamou, por unanimidade, como se há de ver para diante, que não concorda, absolutamente, com aquelas ideias, as quais, o Dr. Varela, jeitosamente, deixava transparecer haverem merecido o beneplácito daquela douta instituição". (DOCCA, 1935, p. 3-4).

federação. Com isso, quer mostrar que o federalismo tinha raízes no Brasil e que, portanto, a Farroupilha tinha antecedentes brasileiros, não surgindo do liberalismo platino. Assim a promoção em prol da federação brasileira só aumentou. Para Docca é a ideia de federação que em 7 de setembro dá início à abdicação de D. Pedro I. Buscando o regime federativo e tendo como exemplo a Constituição dos Estados Unidos da América do Norte,

> Eis em um relance, de modo geral, concretizada nos fatores culminante a ideia federativa, a expansão dessa ideia no Brasil. Verdadeira aspiração política. A tese que defendemos: a filiação do movimento farroupilha aos antecedentes históricos no Brasil, em prol da República Federativa, tendo como modelo a constituição da Filadélfia. (DOCCA, 1935, p. 9).

Para Docca, o conceito de federação entre os farroupilhas era claro. Os farroupilhas ambicionavam a federação brasileira, adotando como modelo a constituição dos Estados Unidos da América do Norte.[219] Mostra que os farroupilhas eram leitores de John Locke, Montesquieu e admiravam a Constituição Americana.[220] Para Docca, é importante não confundir os dois conceitos: confederação e federação.[221] Era o federalismo clássico que os farroupilhas aspiravam desfraldar no Brasil, não existindo filiação platina, entendia Docca que "Tão grande era a afinidade, a concordância das ideias dos rio-grandenses com seus irmãos brasileiros que a república do Piratini era o berço histórico das aspirações federalistas do Brasil em geral". (DOCCA, 1935, p. 14).

Após mostrar para o leitor como era conceituada a federação e qual o modelo de federação dos farroupilhas, Docca passa por mais de dez páginas a comprovar suas assertivas. Isto é, primeiro encontra um modelo do que seria a federação para os farroupilhas e, depois, começa a testá-lo:[222] "Dessas provas documentais e por outros fatos é que asseveramos a comunidade de ideias entre os filhos do Rio Grande do Sul e os das demais províncias brasileiras e repelimos a pretensa filiação platina". (DOCCA, 1935, p. 15). Docca acredita ter demonstrado que o movimento de 35 girou em volta da brasilidade e não tem o platinismo que lhe é imposto e, muito menos, constitui um reflexo das revoluções cisplatinas, como

---

219 "Para o Dr. Alfredo Varela […] aturdido por aquela paixão, e vendo tudo que é sul rio-grandense através de seu uruguaiofilismo, empresta aos nossos antepassados o errôneo ou confuso conceito de federação, corrente nos países platinos, na primeira metade do século passado […] O conceito do sistema federativo entre os farroupilhas não tinha dubiedade que o Dr. Varela menciona". (DOCCA, 1935, p. 9-10).

220 Pode-se considerar que Docca faz uma história das ideias sobre federalismo entre os farroupilhas.

221 Para isso, Docca usa várias autoridades para justificar seu argumento, como se a autoridade e não a pesquisa histórica definisse o sentido do conceito.

222 Para comprovar, cita artigos de vários jornais, faz isso entre as páginas 15 e 25 de seu livro.

pretende o “dr. Varella”.[223] Os farroupilhas foram o mais heroico esforço em prol da República Federativa do Brasil, e que, de forma alguma, eram os farroupilhas retintamente separatista.

No limiar do primeiro centenário da cruzada portentosa, Docca assinala que o IHGRGS recusou sua adesão às opiniões de Alfredo Varella a respeito da Farroupilha e, assim se manifestou, por unanimidade, contra o apregoado separatismo, isto é, o IHGRGS por pressão política de seus membros lançou uma nota que contestava as ideias de Varella. Precisava-se que o lugar legítimo de produção e operação do conhecimento histórico regional desse o seu veredito científico-político:

> Ao invés disso, tem reivindicado para os farroupilhas a integridade de um alto sentimento de brasilidade, sustentando que os dirigiu uma ideologia republicana – federativa, e que a proclamação do Seival, e a consequente independência da Província foi apenas um meio e não um fim. (DOCCA, 1935, p. 35).

E continua Docca (1935, p. 35):

> Esta oportuna declaração do Instituto Rio-grandense, provocada pelo Dr. Castilhos Goycochêa, em judiciosa carta ao seu presidente, firmou, de modo peremptório, criterioso e justo, o verdadeiro ideal dos farroupilhas e representa para nós, particularmente, um ato de íntima satisfação, porque nos deu ganho de causa na contradita que sustentamos contra as afirmativas do autor da **História da Grande Revolução**, na parte referente aquele ideal, que há mais de 20 anos vimos declarando que foi o mais decidido esforço em prol da república federativa do Brasil e, por isso, consubstancia um exemplo magnífico de civismo, impregnado de brasilidade pura.

Docca, esclarecendo a federação pela qual aspiravam os farroupilhas, deixa provado que aquele movimento não era seccionista, não permitindo o “amesquinhamento” de seus sentimentos de brasilidade. Desse modo imperativo, faz-se arrasar definitivamente a tese separatista.[224] Ao contrário de Alfredo Varella, que vê fingimento em Bento Gonçalves

---

[223] “Foi o Dr. Alfredo Varela quem, ao serviço de sua brasilofobia e abusando da autoridade de seu nome como historiador, tentou nimbar a brasilidade dos rio-grandenses, negando que a cruzada farroupilha visasse a federação brasileira […] O autor separatista não fez prosélitos entre os estudiosos, mas tem sido auxiliar dos interessados, por explorações políticas, em desprestigiar, aos olhos do grande público, aos sentimentos de patriotismo dos rio-grandenses. Os historiadores sinceros, os historiadores sem disfarce sem ideias preconcebidas que tem meditado sobre o assunto, afirmaram sempre e continuam afirmando o que o retovado procura negar”. (DOCCA, 1935, p. 26).

[224] Cita novamente vários autores que contestam a tese separatista. Como na questão do federalismo, Docca usa vários autores, porém, no separatismo usa um em especial, o Dr. Getúlio Vargas. Eduardo Duarte, secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, assim explicou em relatório a não concordância do Instituto com as ideias do Dr. Varella: “A publicação foi feita e entregue ao governo do Estado. É de notar, entretanto, que o Dr. Varella em certos pontos de vista divulgados em seu afanoso trabalho, nem sempre encontrou o apoio de muitos de nossos consócios. O fato, porém, não tem a importância que se lhe queira emprestar, com menoscabo para o Instituto, pois que este apenas patrocinou a

quando este nega as intenções separatistas, Docca confia na pureza de suas afirmativas. Elas são sinceras e contra as afirmativas de Varella que traria

> […] de certos escritores de um país vizinho, para a nossa história, com aplausos de homens de bem e contra a verdade histórica, esse desdourante conceito, para justificar falsidades ou coonestar ideias que se alicerçam em deplorável exotismo, que é o fermento inesgotável da paixão que atropela o autor citado. (DOCCA, 1935, p. 44).

Além de usar argumentos epistêmicos, Docca desfere ataque direto a Varella, baseando-se em questões de ordem moral, isto é, homens de bem não poderiam sustentar que a Farroupilha fosse separatista, pois isso extrapolava o caráter científico da história e só poderia ter sido escrito por alguém tomado por violenta paixão e não haveriam documentos para comprovar essa paixão.

As manifestações que Docca citou corroboram sua tese de que a ação separatista de 1836 foi um expediente e que jamais foi para os farroupilhas o fim do movimento. Erram, para Docca, os que impressionados por esse ato consideram-no como a causa da revolução, quando o regime federativo sob a bandeira do Brasil era a finalidade. Para o autor, a repulsa às teses de Varella é geral. Se Varella achava que a *História da Grande Revolução* era um "edifício comemorativo erguido sob os auspícios do Instituto Histórico do Sul", Docca as rejeita: "o Instituto não subscreve, não endossa, não aceita as ideias separatistas do dr. Alfredo Varella". (DOCCA, 1935, p. 59).[225]Assim, nega a credibilidade de Varella, por este não contar com o apoio do IHGRGS.

> Quem animado de boas intenções, com a inteligência ao serviço da verdade e da justiça, estudar a cruzada farroupilha, há de verificar que nunca turbaram no ânimo dos rio-grandenses o sentimento de brasilidade; que esse sentimento foi mantido íntegro e sublime, em todas as fases da luta. O ato separatista, como simples recurso que foi, para atingir a finalidade da Revolução, não podia ter, como não teve, forças para romper os laços sagrados e vigorosos da *união psíquica* em que vivemos e que tem mantido a integridade do Brasil, que não é um milagre, como se tem dito, e sim, fruto da *alma de uma raça* […] A verdade histórica, amparada nos fatos e nos documentos, desautoriza a afirmativa dos que negam sentimento de brasilidade aos rio-grandenses do sul. Esses sentimentos têm como penhor seguro, sincero, forte,

---

publicação, não querendo com isso dizer que esposava as ideias do autor". (DUARTE apud DOCCA, 1935, p. 50). A voz oficial da história no Rio Grande dava sua sentença.

[225] "O Dr. Castilhos Goycochêa, com quem eu ainda não tinha relações pessoais, provocou sobre o assunto manifestações daquela douta instituição e daí o parecer dado por uma comissão nomeada para esse fim, onde se lê: 'Em referência à debatida tese do separatismo, nenhuma dúvida pode existir, quanto à orientação do Instituto'. 'Naquelas publicações, que envolvem a responsabilidade da casa; nas suas solenidades e comemorações; na palavra de seus interpretes oficiais, o Instituto tem reiterada e sistematicamente negado o seu apoio a essa opinião, esposada pelo Dr. Alfredo Varella, de que houvesse, no espírito dos revolucionários de 1835, a ideia da separação do Rio Grande do Sul, da comunhão nacional'". (DOCCA, 1935, p. 59).

> indestrutível, o heroico sacrifício de sangue, no mais alto grau, em todas as lutas externas da nacionalidade. (DOCCA, 1935, p. 59-60, grifo meu).

Para Docca (1935, p. 61), a "história ardente da integração nacional do território brasileiro" espanta a lenda fria da separação. O azinhavre separatista nunca ofuscou o fulgor da Farroupilha. A República Federativa para o Brasil era a condição para a paz e não a separação: "Onde é evidenciado o espírito de brasilidade da Revolução". (DOCCA, 1935, p. 67). Assim aconteceu a despeito das negativas sem fundamentos do "Dr. Alfredo Varella" e sua psicose separatista. Docca pede que "perdoemos a ignorância" de alguns inspirados por paixões políticas ou partidárias, mas "combatamos, até a destruição completa, o iscariotismo de um falso apóstolo de nosso passado de um pseudo glorificador 'da energia nacional ao serviço da Pátria'". (DOCCA, 1935, p.70).

Segundo Docca, é desolador que por injustiças políticas se dê ouvidos a um separatista vermelho, que analisa pelo prisma da paixão e que despreza a consciência. Pois nos "distúrbios de uma paixão que o atropela, não teve olhos para ver, nem coração para sentir" (DOCCA, 1935, p. 94) as revelações de uma raça que "é um elemento estável da vida do homem, atua sobre o indivíduo e sobre as massas humanas, unificando povos, criando nacionalidades" (DOCCA, 1935, p. 94). Para Docca (1935, p. 101), Varella sofre de um platinismo imaginário. Empreende tal erro induzido pela observação introspectiva que expressa sua mentalidade e não o sentir dos rio-grandenses.

Outro fator que, para Docca, distanciaria o Rio Grande do platinismo seria a não existência de caudilhos no Estado. Isso se deu, pois a mestiçagem do aborígine com o colonizador branco (de onde procederia o caudilhismo para Docca) no Rio Grande não foi em alta escala como na Argentina e no Uruguai. Desse modo, os fatores determinantes da existência do caudilho não existiram no Rio Grande do Sul e, por isso, o caudilhismo não desgraçou a "nossa terra". Não fora em torno de um líder, mas em torno de uma ideia que o povo se levantou em 1835. O chefe não era o princípio nem o fim da Revolução, lutavam todos por um ideal.

Não havendo o apelo em nome da Federação Brasileira encontrado eco nas demais Províncias, optaram os farroupilhas por terminar a guerra. Assim, a filiação mais platina que luso-brasileira de Varella é "simplesmente imaginativa, mera ficção, desautorizada pelos fatos e pelos principais homens de decênio heroico". (DOCCA, 1935, p. 104). Assim, Docca crê ter negado a filiação platina e o uruguaiofilismo do Dr. Varella. Não houve influência platina. Os ideais de liberdade dos farroupilhas não podiam encontrar abrigo nos caudilhos platinos, pois haveria aspirações democráticas na Farroupilha incompatíveis com o caudilhismo. Então é

preciso abolir com a lenda, com a invencionice da influência platina no modo de ser e nas aspirações políticas dos rio-grandenses.

Para o historiador de São Borja, muito se tem escrito e muito se tem exagerado sobre a cooperação estrangeira na Revolução Farroupilha: Zambeccari, Garibaldi, Rossetti. Segundo Docca, para manter a brasilidade da Farroupilha, necessário seria que nenhum elemento estrangeiro se sobrepusesse ao elemento nacional. A ninguém é lícito menosprezar a colaboração de Zambeccari, mas a verdade histórica repeliria a atuação primacial que lhe foi atribuída. É inaceitável, para Docca, a inferência de que ele foi o pai espiritual da revolução. Assim nega à Zambeccari: a) preponderância na Farroupilha; b) autoria no manifesto de 25 de setembro; c) que fosse estrategista; d) mentor de Bento Gonçalves; e) que fez a bandeira farroupilha; f) e não foi desterrado, nem deportado, tampouco seguiu para Europa com pesar dos amigos. Zambeccari foi anistiado, foi embora por seu desejo. Ficava, assim, desfeito mais um truque de Varella, ao querer promover o Conde Bolonhês acima dos brasileiros.

Garibaldi batalhou com os farroupilhas, não fazendo o mesmo, segundo Docca, na luta das ideias. De acordo com o historiador, foi censurável que não tivesse se associado no ideal farroupilha. Mas “Cumpre-se glorificá-lo, entretanto, tem-se levado ao excesso, endeusado e fantasiado os serviços de Garibaldi e com o esquecimento dos nossos antepassados”. (DOCCA, 1935, p. 135). Para Docca, inventou-se uma fábula que Garibaldi não necessitava para ser emoldurado entre os heróis farroupilhas. Entretanto, autores têm levado Garibaldi a ter mais importância que os brasileiros, assim, o que visa Docca “é reivindicar as glórias de nossos maiores, que têm o direito de nosso culto inabdicável, de nossa veneração consciente, sincera e sagrada”. (DOCCA, 1935, p. 138). O mesmo vale para Rossetti. Assim, não necessita persistir-se contra a verdade histórica, pois tais afirmativas defraudam o amplo esforço e a honra de “nossos maiores”.[226] Enfim,

> Estamos às portas do centenário da Grande Revolução e não é justo, não é digno, que se comemore esse feito extraordinário, menosprezando seus legítimos heróis […] Não consintamos que desses heróis se roubem ou se ofusquem suas glórias […] O historiador não tem o direito de criar heróis segundo suas simpatias, porque a história não se inventa, visto que ela é nobre e merece crédito quando os que a cultivam são orientados pela “vontade firme e perpétua de dar a cada um o que lhe pertence”. (DOCCA, 1935, p. 143).

Docca pede que se aplauda aos três ilustres italianos, mas “cantemos as nossas hosanas em louvor dos verdadeiros heróis farroupilhas”. (DOCCA, 1935, p. 143). Pede também que

---

226 Sobre os usos de “Garibaldi” na comemoração do centenário da Farroupilha, ver Brum (2007), “A densidade social do mito: Garibaldi no centenário da Revolução Farroupilha”.

"glorifiquemos" esse povo que se afeiçoou às ideias "pregadas pelos evangelizadores da democracia". (DOCCA, 1935, p. 143). O povo se aliou com os homens de ideias, batalhou pela República Federativa sob o pavilhão brasileiro. As demonstrações de brasilidade dos rio-grandenses foram um dos meios da solidificação da "nossa união". Para Docca (1935, p. 146), o bem supremo, a grandeza do Brasil, deve esse serviço à Farroupilha:

> Brasileiros acima de tudo. A Revolução Farroupilha não foi, pois, um elemento funesto a integridade do Brasil, ao contrário, contribui para a consolidação dessa integridade […] por isso, comemorar o primeiro centenário dessa revolução é comemorar um dos maiores feitos da nacionalidade, um dos mais belos anseios em prol do regime democrático. […] É tempo e é a ocasião de nos elevarmos acima das paixões e fazer justiça aos farroupilhas. Rendamos um culto fervoroso e consciente a esses heróis esquecidos e até menosprezados. Sejamos dignos de possuir o patrimônio glorioso que eles nos legaram, dignificando-os.[227]

Conforme observou Hartog (2013, p. 183), "em certos momentos-chave, o passado (qual passado e o que do passado?) fora retomado no presente, para fazer dele um passado significante". Isso acontece no centenário da Farroupilha, um momento-chave da política nacional em que Vargas e seu grupo político tinham que se justificar no poder nacional. O imaginário nacionalista do período foi usado para articular a Farroupilha aos propósitos políticos dos revolucionários de 1930.

Para Hartog, a comemoração inclui a ausência, a presença do invisível, a presença daquele que nunca se pode parar de lembrar. O centenário da Farroupilha foi uma comemoração do passado que se torna heroico que não se pode esquecer, a celebração da nacionalização da Farroupilha e, finalmente, o atrelamento da memória regional à nacional. Mas o momento político é propício para isso. Se Assis Brasil (que também entendia a Farroupilha como federalista) pretendia o fim do centralismo monárquico e não percebia a Farroupilha como democrática e mostrava a importância dos estrangeiros nela, com Docca, que também tem o federalismo como norte da Farroupilha, percebeu a Farroupilha como democrática, com pouca importância dos estrangeiros e escrevia em um momento de ascensão do regionalismo político local na esfera nacional. Por isso, uma necessidade maior e imperiosa de mostrar a brasilidade dos farrapos. Se Assis Brasil e Varella enfatizavam a especificidade do meio cósmico sulino para fundamentar sua justificação da diferença do Rio Grande do Sul em relação ao Brasil e, a partir disso, entender a própria farroupilha e fundamentar o modelo político necessário para "cobrir" aquela natureza, em Docca, por mais

---

[227] "Evitemos os entusiasmos exagerados e fúteis pelos semideuses que a fantasia criou, para não sermos, a luz da verdade histórica, decepcionados". (DOCCA, 1935, p. 147).

que Rio Grande do Sul tenha um meio cósmico diverso, o fundamento da justificação da Farroupilha e de sua brasilidade era a "união psíquica" entre os brasileiros, isto é, a "alma de uma raça" seria anterior a qualquer diferença do meio cósmico. Se o federalismo de Assis Brasil vem pela diferença do meio cósmico (entre Brasil e Rio Grande), o federalismo de Docca chega pela "união psíquica" dos brasileiros.

Outro imaginário entra na luta por reconhecimento: a Farroupilha nacionalizada, ou *à brasileira*. E tal imaginário encontrou instituições, intelectuais e uma atmosfera propícia à sua criação e divulgação. A *poiesis* do centenário criou uma farroupilha como um elemento da constituição da nação brasileira. A comemoração do centenário tem este duplo enganche: nacionalização da história e da memória da Farroupilha e luta política em nível nacional. Não mais como no século XIX, ou como em Varella e Maya, em que a Farroupilha era usada como uma forma de autonomia econômica e política na vida nacional. Em 1935, no centenário, o controle do imaginário da Farroupilha passa também pela manutenção e reprodução do poder nas instituições nacionais.

Em 1937, Getúlio Vargas implanta o Estado Novo. Os últimos vestígios de democracia liberal no Brasil cessaram. Os tempos de descrédito em relação ao capitalismo e à democracia liberal, que pareciam tombar em face da crise de 1929, pareciam alterar-se quando, em 1942, o Brasil entra na Segunda Guerra Mundial ao lado dos aliancistas contra o eixo. (FAUSTO, 2012). Como era possível entrar na Segunda Guerra Mundial ao lado das potências democráticas e manter o Estado Novo? A distensão do clima político levou a uma distensão no ambiente intelectual. Após o fim do Estado Novo, o momento era de um nacionalismo pensado a partir do regional, e a intelectualidade, segundo Dutra (2013), tinha o objetivo de encontrar um saber sobre o país, de investigar seu passado. Isso levou a experiências de interpretação do Brasil, uma vez que adquiririam o repto de abranger as particularidades da formação social brasileira e os dilemas e entraves para levar o país à modernidade. A Farroupilha não ficaria fora destas questões. Ela seria de novo transformada em seu significado, outros imaginários seriam necessários para a farroupilha responder às novas demandas que se colocam depois do fim do Estado Novo.

PARTE III

A Farroupilha: da formação histórica às transformações do fim do século XX

Era um dia de sol, o verde do pampa contrastava no infinito da paisagem com o azul do céu, um vento calmo vinha do rio Uruguai. Raiava o dia, Jango e seu capataz chegavam à frente da porteira da estância Santo Reis. O capataz, como de costume, apeou do cavalo e abriu a porteira, Jango passou e o esperou para continuarem até seu destino. Dona Darcy, na casa da estância, cevava o mate. Ao seu lado Getúlio pensava no gado que iria mandar marcar. Getúlio sorve o primeiro gole do mate e dirige-se à soleira da porta para sentir o clima úmido da manhã de outono. Nisso, vê ao longe dois cavaleiros. Getúlio reconheceu um deles: era o filho do seu amigo Vicente Goulart, deputado estadual do Rio Grande de Sul, João Goulart.

Jango vinha pensando nos próximos passos políticos que daria com seu padrinho político. Ele admirava Getúlio, pensava que o velho caudilho fez o que deveria ser feito no seu período no poder. Mas sabia que os tempos eram outros. O Brasil se redemocratizava, se urbanizava, se industrializava, mas sabia, sobretudo, dos fossos sociais ainda incrustados na vida nacional. Getúlio observava seu jovem pupilo ao longe. Pensava o que seria do seu legado político, rememorava sua a vida política. Jovem castilhista, deputado, ministro, governador, presidente e ditador. Fora deposto em 1945 pelos mesmos militares que o apoiavam. Sabia que Jango vinha discutir sua candidatura à presidência em 1950. Não desconhecia o tamanho dessa empreitada, mas sentia-se cansado para os planos que lhe imputavam, preferia estar nos campos verdes e calmos de São Borja e Itaqui.

Jango olha para Getúlio e pede-lhe que concorra à presidência no próximo ano. Diz que Eurico Gaspar Dutra não governou como esperavam e que precisam retornar o desenvolvimento da nação. Getúlio procura D. Darcy, ela está na cozinha. Então mira Jango e responde que os tempos são outros, não sabe se conseguiria desta vez. Diz que mal vai a Capital Federal fazer o papel de senador e que o seu partido estava se distanciando dele.

Jango lhe diz que deveria entrar para o PTB, pois as transformações políticas e sociais, no período do seu governo anterior, seriam mais fáceis de serem defendias e melhoradas por tal legenda. A ala moça do PTB do Estado, liderada pelo jovem e impetuoso Brizola, dizia Jango, ansiava por isso. Getúlio ponderava como quem maneia o destino com a rédea curta. Sabia da sua importância para a realização do projeto político nacionalista, no fundo, também

gostava do poder, de manejar as peças do tabuleiro político, mas sabia que agora as coisas seriam diferentes. Só ainda não sabia o quão diferente.

Conversaram mais um tanto, falaram de Carlos Lacerda, do brigadeiro Eduardo Gomes, de Luís Carlos Prestes, de Juscelino Kubitschek e sobre a necessidade de uma empresa estatal de petróleo. O mate ficara lavado, Jango anuncia que precisa estar de volta para o almoço, levanta-se e vai até Getúlio, dá-lhe um abraço de despedida. Nisso chama seu capataz e pede que Juan alcance-lhe o pacote. O capataz retira da sua mala de garupa o pacote e entrega a Jango. Ele entrega um presente a Getúlio, disse que era o último lançamento de Érico Verissimo *O continente* que fazia parte de uma trilogia *O tempo e o vento* em que o literato pretendia recontar a história do Rio Grande do Sul de sua formação até o tempo presente. E essa trilogia representa uma nova forma de narrar a história do Estado. Getúlio rapidamente lembra-se dos excessos e virtudes do seu período no poder, lembrou-se da campanha de 1907, dos seus mestres Pinheiro Machado e Borges de Medeiros, suspira e pensa como o tempo passou e que parece que tudo tem que ser feito de novo. Despede-se de Jango, este com a certeza que o padrinho voltará nos braços do povo. Getúlio sabia, com a certeza que só os anos oferecem, que tudo seria difícil como em 1930. Ele entra em seu escritório, senta-se e inicia a ler o livro. Após as cinco primeiras páginas sorri e pensa: “O Érico é um homem impossível”.

* * *

A terceira parte constitui-se em três capítulos. Neles, analisam-se a escrita da Farroupilha entre 1945 e 1999. Este período aborda desde o lançamento de *O continente,* de Érico Verissimo, até o romance *Anita*, de Flávio Aguiar. O sexto capítulo aborda a escrita da Farroupilha no período que vai de 1945 a 1964, quando predomina o sentido de explicar a *formação* histórica do Brasil e do Rio Grande do Sul no cenário intelectual. Portanto, a Farroupilha explicada como mais um evento da longa formação do Estado sulino. Duas obras foram analisadas como representantes desse período: “Um certo capitão Rodrigo”, de Érico Verissimo, datada de 1949, que compõe o livro *O continente* da trilogia *O tempo e o vento*. A partir da família Terra Cambará, o romancista escreve a história da formação do Rio Grande do Sul. Pelo lado da historiografia, o foco da análise recai no livro *Capitania d’El-Rei*, no capítulo “O Rio Grande e o Prata: contrastes”, em que o autor compara a formação do Estado sulino com a formação do Prata para mostrar as diferenças entre eles e, com isso, reafirmar a

nacionalidade brasileira dos gaúchos e a Farroupilha como parte dessa intriga de nacionalização do Rio Grande do Sul.

O sétimo capítulo, "A Farroupilha: entre a crítica e a pesquisa universitária", mostra outro momento da escrita da Farroupilha que se estende de 1964 a 1989, período em que o sentido da Farroupilha assume seu significado a partir da crítica ideológica que marcou o campo intelectual da época. Um romance e dois artigos são analisados como representantes do período. O romance analisado é *A prole do corvo*, de Luiz Antônio Assis Brasil, publicado em 1978. No romance, Assis Brasil reconverte o sentido Farroupilha exposto desde o Partenon Literário, especialmente o período da comemoração do centenário da Farroupilha, em que os farrapos foram heroificados; a partir de *A prole do corvo*, a Farroupilha é escrita como degradante e sem nenhum valor que não o egoísmo. Em dois artigos também analisados, Sandra Pesavento propõe, por um lado, que a Farroupilha fora um movimento da elite oligárquica da Província do Rio Grande do Sul e, por outro, que a ulterior escrita da Farroupilha foi usada como uma forma de legitimar a classe dominante no poder. Neste período, romance e historiografia alteram o sentido em relação aos tempos em que a Farroupilha era entendida como liberdade e crença no progresso sulino.

O oitavo e último capítulo analisa como foi escrita a Farroupilha na última década do século XX. Esse período ficou caracterizado por repensar a Farroupilha com novos protagonistas em sua escrita e, também, por analisar a Farroupilha não mais como uma etapa de uma história predefinida que começa no dado bruto da nação. Em sua tese de doutorado de 1998, Cesar Guazzelli apresenta a Farroupilha no enredo da construção dos Estado-nacionais, em especial o cenário platino. Mostra, para além de uma história nacional e nacionalista, as disputas e as alianças políticas e econômicas dos caudilhos do sul do continente americano. Flávio Aguiar, em seu romance *Anita*, pubicado em 1999, apresenta a Farroupilha com personagens excêntricos no protagonismo da intriga. Novas identidades surgem em uma narrativa em que a mudança de identidade mostra-se como a única constância na busca pela liberdade.

No período abrangido nessa parte da tese, foram identificados três modos de escrever a Farroupilha. Eles representam imaginários diferentes que buscam um reconhecimento através da escrita do conflito sulino de 1835.

CAP. 6 A Farroupilha na formação histórica do Rio Grande do Sul

Em 1937, instituiu-se o Estado Novo no Brasil. O poder executivo centralizou os poderes da República. Os Estados perderam autonomia e passaram a ser governados por interventores nomeados por Vargas. Para Fausto (2012, p. 102),

> sob o aspecto socioeconômico, o Estado Novo foi sustentado pela aliança entre a burocracia civil e militar, pela burguesia industrial […] e pela classe operária organizada nos sindicatos […] A oposição, silenciada nos primeiros anos do Estado Novo, concentrou-se nos setores letrados da classe média urbana.

Nesse período, as iniciativas do governo em favor dos empregados aumentaram, além da construção da imagem de Vargas como o protetor dos trabalhadores e condutor da nação. O conjunto de benefícios materiais para os trabalhadores foi sistematizado e consolidado pela CLT em 1943. Para explicar a queda do Estado Novo, seria necessário, segue Fausto, introduzir o cenário internacional e a política externa brasileira. Duas hipóteses são relevantes. Por um lado, as afinidades ideológicas pesavam menos que os interesses comerciais; por outro, o pragmatismo de Vargas sempre teve em perspectiva os vínculos tradicionais com os EUA e o fato geopolítico de que o Brasil se encontrava no continente americano. O governo pendeu para os Estados Unidos. A medida abriria uma lacuna para as manifestações pró-democracia, de setores da classe média e pela União Nacional dos Estudantes (UNE). Com o fim do Estado Novo em 1945, Getúlio forjou dois partidos que sustentassem o getulismo nos novos tempos. Assim, as duas vertentes do getulismo abrigaram-se no Partido Social Democrático (PSD) e no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). A primeira abrigava os membros da máquina governamental e caciques políticos de alguns Estados, a segunda abrigava os dirigentes sindicais e membros assistencialistas do governo. O partido de oposição, a União Democrática Nacional (UDN), definir-se-ia como um partido liberal e antigetulista.

Após redemocratização e com intenso debate político, a nova carta constitucional de 1946 vem a lume, conformada pelo figurino liberal-democrático, refletindo o contexto do período. No governo do general Dutra, o PSD predominou no aparelho do Estado; além disso, fora um governo marcado pelo conservadorismo e pela repressão aos comunistas. No início da Guerra Fria, o PCB foi posto na ilegalidade e, em 1947, foram rompidas as relações diplomáticas com a URSS. Nesse quadro, iniciou-se uma divisão nas forças armadas entre os liberais-conservadores e os nacionalistas. Os primeiros eram alinhavam-se com os Estados Unidos, e os segundos adotavam uma posição de neutralidade. No plano econômico, os

nacionalistas queriam a industrialização enquanto os liberais-conservadores queriam menos intervenção do Estado na economia.

Vargas volta ao poder em 1950, pela primeira vez por meio do voto. Governara num quadro complicado. Havia a crescente divisão ideológica nas Forças Armadas e a oposição implacável da UDN. Numa situação de equilíbrio precário, o "círculo dos íntimos" proporcionou um pretexto para a deposição do presidente; foi uma tentativa de assassinar o líder da oposição: Carlos Lacerda. A pressão para a renúncia de Vargas era dramática e ele decidiu por outro fim. Na manhã de 24 de agosto de 1954, cometeu suicídio. O golpe ou a renúncia de Vargas não se concretizaram. Em 1955, assumiu a presidência da República o filho de imigrantes tchecos Juscelino Kubitschek, do PDS, e como seu vice João Goulart do PTB, que seria o sucessor político de Vargas. Após o governo de Juscelino, tomou posso Jânio quadros do PTN, apoiado pela UDN. Jânio durou pouco tempo na presidência. Alegando que "forças ocultas" agiam contra seu governo, acabou renunciando. Nisso assume o vice-presidente que, de novo era, João Goulart. Para Fausto, é importante considerar a conjuntura do período caracterizada por avanços na organização de trabalhadores urbanos e do campo. Portanto, "o tripé populista […] foi perdendo rapidamente a presença da burguesia industrial, assustada com as propostas de reformas e as mobilizações de massa". (FAUSTO, 2013, p. 127). Outro dado é a radicalização ideológica, expressa em torno do tema do nacionalismo econômico e político. Mas foi nas Forças Armadas que a divisão em torno do nacionalismo e do liberalismo-conservador se acirrara, ao mesmo tempo em que a politização de cabos e sargentos e, além disso, a doutrina de segurança nacional teriam forte apelo na corrente conservadora. Foi nesse complexo e radical contexto político que começou e terminou o governo de João Goulart. O primeiro ato das reformas de Jango marcou o começo do fim de seu governo e o colapso da democracia no Brasil por mais de vinte anos. Enfim, outro imaginário, outras narrativas, outro contexto político.

Foi nesse contexto, após o momento de comemoração e abrasileiramento da Farroupilha, que surge outro imaginário sobre a Farroupilha: a *formação* do Rio Grande do Sul. A Farroupilha faria parte agora de um longo processo da formação histórica do Rio Grande do Sul e que, também, teria seus representantes na historiografia e no romance:

> É possível afirmar que o papel representado pelo "decênio glorioso" na década de 1930, quando se comemorou seu centenário, foi equivalente ao papel que o tema da *formação* desempenharia a partir dos anos 1940 até, pelo menos, os anos 1960. A mutação da preferência pelo tema da formação era parcialmente relacionada à comemoração das efemérides. Se o centenário da Revolução, em 1935, condicionara amplamente o debate historiográfico dos anos trinta, trazendo o tema para o centro

> das atenções, o redirecionamento dos interesses históricos para a formação pode estar relacionado às comemorações do bicentenário da fundação de Porto Alegre na década de 1940. Contudo, tanto no primeiro, quanto no segundo caso, o uso do passado, a releitura da história passara a ter que solucionar outro problema: o da integração da história regional nos marcos da história nacional. (RODRIGUES, 2006, p. 128).[228]

A escolha das obras a analisar sobre escrita da Farroupilha, nesse quartel de tempo, apoia-se na tese de doutoramento de Mara Rodrigues.[229] Assim, foram analisados dois livros. O *Continente*, de Érico Verissimo, parte da trilogia *O tempo e o vento*, especificamente o capítulo que trata da Farroupilha: "Um certo Capitão Rodrigo". De parte da historiografia, toma-se em consideração a obra *Capitania d'El-Rei*, de Moysés Vellinho, no capítulo intitulado "O Rio Grande e o Prata: Contrastes". Segundo Rodrigues, a relevância da aproximação comparativa entre *O tempo e o vento* e *Capitania d'El Rei* se fundamenta de três maneiras: 1) pela colocação distinta de Verissimo no grupo de intelectuais locais; 2) pela identidade entre o objeto de *O tempo e o vento* e aquele dos historiadores locais (a história sul-rio-grandense) e 3) pela concomitância entre as datas de publicação da trilogia de Verissimo e o ingresso de Vellinho no IHGRGS.

Além desses três eventos, outros episódios desse tempo são significativos. A instauração da Comissão Estadual do Folclore (1948), da qual tomaram parte os mais importantes intelectuais regionais, incluindo Verissimo e Vellinho, e a fundação do 35 CTG (1948), que demarcava uma organização que quase absorveria o aspecto celebrador da identidade regional. (RODRIGUES, 2006, p. 100). Esse período de escrita apresentava como

---

[228] Em 1940, publica-se *Romance antigo* de Darcy Azambuja premiado em concurso do bicentenário da cidade de Porto Alegre. Conta a história de Porto Alegre através da personagem Ana Emília e de sua família. E ao passar pelo período da Farroupilha, Ana Emília tem uma chamada filha Beatriz que está apaixonada por um oficial farroupilha chamado José, pessoa muito próxima a Bento Gonçalves. Nisso Bento no meio da guerra vai a casa de Ana Emília intervir para que ela conceda ao casamento dos jovens, além de trataram de questões da guerra, pois os farroupilhas em Rio Pardo ocuparam sua fazenda. O romance, como o de Érico, não trata da Farroupilha, mas narra-a quando a Farroupilha se encontra com a história de Porto Alegre, mas diferentemente de Érico, Darcy mantém o imaginário da geração anterior, isto é, de admiração e heroificação dos farrapos: "Si [Bento Gonçalves] conseguira entrar quase sem ser percebido, não pode ao sair fazer do mesmo modo. Ao atravessar o salão, grupos de homens e moças cercaram-no. Em todos, via-se o respeito e a emoção que sua presença despertava. Ana Emília acompanhou com os olhos, emocionada também, o seu perfil enérgico e simpático, abrindo caminho a custo entre os que o cumprimentavam. – O ídolo e a esperança de todos – pensou. – é Bento Gonçalves, o Grande. Deus o acompanhe". (AZAMBUJA, 1940, p. 196). Em 1957 o romance *Brava gente* (HESSEL, 1985) de Lothar Hessel vence o prêmio Sagol, no qual faziam parte da banca avaliadora Érico e Vellinho. *Brava gente* passa-se no ano de 1840 na cidade de Taquari. Conta a história das jovens irmãs Silvera e dos amigos Leocádio, Paulo e Antônio. O romance é centrado na percepção desses jovens da Farroupilha. Outra característica do romance é que os personagens principais masculinos são imperiais, o que normalmente era o contrário.

[229] Para Rodrigues (2006, p. 99-100), "Através da leitura e recepção de Veríssimo por Vellinho sobre literatura, busco compreender elementos relevantes sobre as relações entre a escrita literária e a historiográfica nesse momento em que ambas eram mais próximas como práticas intelectuais e profissionais no Brasil e no Rio Grande do Sul".

cenário o progressivo distanciamento dos intelectuais da militância política, em andamento desde a década de 1940, depois de seu intenso comprometimento na Revolução de 1930. Entre 1930 e 1960, existiu um:

> Relativo distanciamento dos “intelectuais” vinculados à Editora do Globo no que se refere à “política”, no sentido das lutas governamentais e, especificamente, do governo Vargas, passou a haver um esforço para redefinir o regionalismo. Não se trataria mais do regionalismo diretamente associado à mobilização política, inclusive porque esse *aggiornamento* decorre das divergências quanto aos rumos da Revolução de 1930, e também das novas condições de relacionamento dos “intelectuais” com o restante do Brasil. (CORADINI, 2003, p. 135).

A partir do final dos anos de 1920 até meados de 1940, a Revolução de 30 e o Estado Novo exerceram sucessivamente um elemento de mobilização e decepção dos letrados no embate político. Na redemocratização, a partir de 1945, os intelectuais achavam-se comprometidos em notabilizar nacionalmente o Rio Grande do Sul, não mais no campo político, mas na arena da cultural. Esse afastamento das atividades políticas práticas foi expressivo. Entretanto, isso não permite que se entenda como um procedimento de autonomização da esfera cultural em correspondência a distintos domínios sociais. Portanto, a Revolução de 30 e a Era Vargas poderiam ser avaliadas como um espectro sobre a consciência de historiadores e romancistas, nesse tempo em que

> As distinções entre as duas escritas […] não impediram que, durante muito tempo, no Brasil, não só a história como também todas as outras disciplinas humanas fossem atividades intelectuais políticas e governamentais e que não se visse contradição entre ambas […] Parece que o mesmo acontecia no Rio Grande do Sul antes da “era” da pesquisa universitária – isto é, antes da década de 1970 –, pois um grande número de historiadores havia sido iniciado no fazer intelectual a partir da literatura e da crítica literária. (RODRIGUES, 2006, p. 25).

Terminado o Estado Novo em 1945, inicia-se a publicação da revista *Província de São Pedro*, fundada e dirigida por Moysés Vellinho. A data coincide com a atitude crítica do autor em relação ao regime autoritário de Vargas e o início de sua atuação mais vinculada ao campo da cultural. Em 1949, vem à luz o primeiro volume da obra mais consagrada de Verissimo, *O tempo e o vento*, romance histórico em formato de trilogia, preparado por mais de uma década e apresentando como a narrativa de uma família que se emaranhava com a história do Rio Grande do Sul. E essa ligação estreita da obra de Vellinho e Veríssmo, toca num ponto que é fundamental à tese, o veto a ficção pela história e a problematização do veto.[230]

[230] Sem trabalhar com a problemática de Lima de fundo, o controle do imaginário, Rodrigues (2006, p. 34) ao tratar das relações entre romance e historiografia, contudo, percebeu “paradoxalmente” (provavelmente por

No período da publicação de *O tempo e o vento*, há outro evento expressivo. O ingresso do crítico literário Moysés Vellinho no IHGRGS em 1949. Ele exerceu no instituto funções diretivas e propôs problemáticas, regras e critérios à historiografia local, como antes efetuara com a literatura.

Entretanto, se os intelectuais não precisavam mais intervir nas lutas da política partidária para exercerem sua função social, havia outra obrigação à qual necessitariam estar comprometidos: a promoção da região e da nação. O comprometimento militante, sobretudo de Vellinho, era relativo com a atmosfera pré-revolucionária de 1930 no Estado. Depois do Estado Novo, o ambiente intelectual se pauta pela desilusão dos intelectuais sul-rio-grandenses com a direção da revolução de que tinham participado. Todavia, se a construção de uma identidade intelectual autônoma da atividade político-partidária se distinguia dos posicionamentos precedentes, o agenciamento da região prosseguia a ser uma das características definidoras desse papel social. Porém a mudança consistia em que a identidade regional não poderia mais estar ser unicamente vinculada à índole guerreira. Foi imperativo conectar o tipo social urbano e intelectualizado na cadeia histórica da formação social. O valor de uma identidade intelectual foi percebido para a construção de uma identidade aos sul-rio-grandenses a partir da década de 1940, em particular após o fim do Estado Novo.

O romance tomava um espaço relevante no plano da cultura, principalmente com a obra de Verissimo. Mas dificilmente se pode pensar em fazer romance, nesse período, sem se fazer menção à sociologia e à história. O sentido do romance estava vinculado a uma compreensão da história. O plano de *O tempo e o vento* foi estabelecido antes da década de 1940 e atinente a um intento crítico de Érico à sociedade e à historiografia sobre o Rio Grande do Sul, sobretudo aquela oferecida nos livros escolares no presente de sua escrita. Assim, "a literatura regionalista e a história dos livros escolares, sob a ótica de Verissimo, contribuíram para a formação e consolidação da mitologia do gaúcho e do Rio Grande. Haveria um desejo de *desmistificar* a história regional". (RODRIGUES, 2006, p. 117).

Por isso Érico Verissimo tem sido, por um lado, analisado como um exemplar das considerações da oligarquia rural e, por outro lado, como um precursor da crítica à mitologia do gaúcho:

> Os primeiros tenderam a ler a obra de Verissimo em paralelo apenas com a literatura, fosse ela regional ou nacional, mas sem investigar profundamente suas relações com as teses historiográficas da época. Os segundos, ao contrário, tenderam

---

não ser essa a sua problemática) que o desenvolvimento do romance histórico fazia-se em estreita ligação com a historiografia.

> a ler os textos de Verissimo apenas em paralelo com os dos historiadores que eram considerados intelectuais orgânicos a serviço da ideologia das classes dominantes. (RODRIGUES, 2006, p. 119).

Se em *O continente* os deserdados, as classes dominadas e os heróis anônimos exerciam a centralidade da intriga, nos próximos volumes eles modificaram a sua colocação com os personagens históricos vinculados ao poder. Portanto,

> A narrativa da urbanização, da modernização e intelectualização da sociedade são paralelas à narrativa da degradação dos heróis caudilhescos, do latifúndio, da sociedade machista tradicional. Mas a perspectiva de degradação de uma forma de ser gaúcho só é visível na abordagem da trilogia como um todo, a leitura de *O continente*, isolada não oferece a dimensão crítica da obra em sua totalidade. (RODRIGUES, 2006, p. 135).

Rodrigues tem razão ao avaliar que só em uma análise de conjunto *O continente* mostra a sua dimensão crítica. Contudo, mesmo que aqui se trate de um capítulo de *O continente* – "Um certo capitão Rodrigo" –, creio que também não deixa de mostrar o viés crítico da obra, pois tal capítulo é, para o período, uma análise diferente da época anterior, em que não há uma heroicização da Farroupilha, mas Verissimo mostra seu personagem principal, o capitão Rodrigo, como um personagem contraditório, capaz das ações mais corajosas às mais mesquinhas. Além disso, no microcosmo de Santa Fé Verissimo mostra as contradições sociais, políticas e econômicas do período. Em "Um certo capitão Rodrigo", Verissimo é mais sofisticado como escritor em relação aos períodos anteriores, pois apresenta as contradições sociais e políticas do período histórico da Farroupilha sem representar os farroupilhas como anarquistas, bandidos ou como heróis. Enfim, é possível perceber a crítica, em relação à Farroupilha, sem ler *O Continente* inteiro.

Juntamente com a história de deteriorização de um modo de vida, Verissimo arquitetou a história da continuação de valores positivos.[231] Assim, "a interpretação da concepção histórica do romancista como unilateralmente pessimista perde força ante a perspectiva da simultaneidade entre a decadência e a possibilidade de regeneração". (RODRIGUES, 2006, p. 142). A decadência de um tipo social propiciava o nascimento de um novo. O que se sobressai é a justificação de uma nova identidade para o gaúcho, a de intelectual.

---

[231] Para Zilberman (1998, p. 72-73), Érico "não narrou a decadência para lamentá-la ou compadecer-se dos que estão prestes a perder seus privilégios. Nem para comemorar a queda dos que até então detinham o poder e não sabiam que esse era transitório. Generoso com as vítimas [...] foi também compreensivo em relação aos poderosos". Para Marobin (1985, p. 177-178), Érico "é um ponto de equilíbrio entre a exaltação do monarca das coxilhas, que hoje não existe mais, e o anti-herói, que é visão de extremados".

Outro ponto importante na obra de Érico Verissimo foi a renúncia do ponto de vista do heroísmo como alicerce de continuação da história local, permutando heroísmo por coragem. Portanto, a alternativa de Érico à história e à literatura precisaria considerar um dispositivo de autodesmistificação que une sua iniciativa a uma visão crítica em relação à historiografia regional nos livros escolares do período:

> A operação de *desmistificação* da história do Rio Grande do Sul deveria cumprir o duplo objetivo de reaproximar o próprio Verissimo de "sua gente", do passado coletivo do Rio Grande, e de fornecer ao público em geral uma versão da história regional passível de reconciliar o público leitor com a identidade local. Se essa palavra sugere na atualidade tão somente a desmontagem dos mitos e de seu poder enganador, para Érico Verissimo e seus contemporâneos, essa operação tinha o sentido complementar, de "fazer amar ao Rio Grande". A pretendida *desmitificação* dos heróis regionais estava muito associada à humanização dos personagens e, portanto, a sua verossimilhança, não se restringindo à denúncia da violência como forma de resolução dos conflitos, como contemporaneamente o sentido da palavra sugere. (RODRIGUES, 2006, p. 150).

O entendimento de que Verissimo antagoniza com os historiadores da sua época deve, contudo, ser repensado em favor de uma ideia mais prudente. Havia discordância entre sua compreensão da história e as teses mais correntes. Entretanto, "a causa da identidade do 'intelectual de província' e da necessidade de uma reelaboração da memória parece ter sido ecumênica". (RODRIGUES, 2006, p. 152).

Érico Lopes Verissimo nasceu em Cruz Alta em 1905. Em 1929, publicou na *Revista do Globo* o conto "Ladrão de Gado", o que o anima a seguir a carreira literária. Em 1930, muda-se para Porto Alegre quando decide ser escritor profissional. Mansueto Bernardi o empregou ainda em 1930, como secretário de redação na *Revista do Globo* e tradutor da Livraria do Globo. Érico apoiou a Revolução de 30. Em 1941, afastando-se do Estado Novo, visitou os Estados Unidos a convite do Departamento de Estado norte-americano, primeiro no programa da Boa Vizinhança de Roosevelt e, depois, como professor de Literatura e Cultura Brasileira na Universidade da Califórnia. Em 1946, com a queda do Estado Novo, regressa ao Brasil. Em 1952, dirigiu o Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, em Washington, voltando a se fixar no Brasil em 1956, quando abandonou o cargo na livraria Globo e passou a viver de direitos autorais.

Começa o narrador em "Um certo capitão Rodrigo" em outubro de 1828, quando terminavam as Guerras Cisplatinas. Entra em cena o personagem principal da narrativa: o Cap. Rodrigo Cambará. Ele entra na venda de Nicolau com um ar de velho conhecido. O narrador sugere um jeito atrevido no protagonista. Na venda, Rodrigo conheceu Juvenal Terra, seu futuro cunhado. Juvenal analisava Rodrigo, "que era prosa, logo se via; que era

fanfarrão, não restava a menor dúvida”. (VERISSIMO, 1997, p. 174); entretanto Juvenal conhecia homens e cavalos e compreendia que Rodrigo não era covarde. Nos olhos do Capitão, “havia atrevimento, muito orgulho e um ar de superioridade”. Juvenal sentiu uma fascinação pela história do Capitão Rodrigo e perguntou de onde ele vinha. O Capitão respondeu venho de muitas guerras, e contou que esteve na Banda Oriental:

> Sentara praça com dezoito anos e em 1811 andava com as forças que invadiram a Banda Oriental. Entrou em Montevidéu em 1817 com as forças do Gen. Lecor, contou que numa noite foi para o quarto com três moças. Juvenal questiona senão era feio invadir a terra dos outros, o que Rodrigo responde que o governo da Banda Oriental pediu proteção, pois Artigas andava fazendo estripulias por lá. (VERISSIMO, 1997, p. 176).

Capitão Rodrigo era tenente na guarnição da Capital da Província quando, em 1821, ocorreu a Revolução do Porto. Juvenal disse que jamais ouvira falar desse assunto, ao que Capitão Rodrigo esclarece que a “portuguesada” aspirava abolir a prática de o rei comandar tudo e ansiavam por uma constituição. Juvenal indaga o que é uma constituição, ao que Rodrigo replica: “todas as leis... um negócio desses... compreende?”, e que na Capital da Província não se esperava invocar a constituição e de todos os lados se pensava em insurreição, ao que Juvenal, embora confuso, interroga contra quem se faria isso. Rodrigo responde que contra o governo e que se fosse contra o governo podiam chamá-lo, ao que Juvenal de novo indaga o porquê, ao que o Cap. Rodrigo responde que “se é contra o governo podem contar comigo […] Governo é governo e é sempre divertido ser contra”. (VERISSIMO, 1997, p. 177). Esta primeira passagem mostra o que será uma constante no texto: a crítica aos excessos do governo, às intervenções do governo na vida das pessoas. Creio que essa análise de Verissimo é um indício do contexto intelectual pós-Estado Novo.

Juvenal tinha que ir embora, entretanto, atentava pelo que falava Rodrigo, que espalhava seu carisma. Rodrigo prosseguia a narrar sua vida, adorava estar na cavalaria e que no remate da história foi jurada a tal constituição. Juvenal pergunta se adiantou alguma coisa, ao que Rodrigo responde:

> Não sei se adiantou ou não. O que sei é que naquele dia houve festa da grossa. Rolou bebida e comida. Houve uma hora que eu senti o bucho tão cheio de vinho e churrasco que pensei que ia rebentar. Só sei que lá pelo anoitecer acordei completamente nu numa cama não sei com quem, num quarto não sei aonde e ao lado duma mulher não sei de quem nem de onde. (RODRIGUES, 2006, p. 178).

Em 1822, Rodrigo entrou no comércio de gado, em seguida que a Banda Oriental pertenceu ao Império lusitano a situação do gado e do charque melhorou e Rodrigo ganhou

dinheiro. Porém logo que escutou falar em revolução novamente, limpou a pistola e azeitou a espada. Semelhante a Lopes Neto, que criou o personagem Blau Nunes para contar a história de um ponto de vista dos de "baixo", aqui Érico conta a história dos últimos trinta anos do Rio Grande do Sul na ótica do miliciano Capitão Rodrigo. Uma história composta não só de grandes lances políticos, militares, mas de povo, mulheres, jogo e bebida. Rodrigo contara que foi a Porto Alegre onde gastou até o último centavo, ao que Juvenal ponderou que ele não pensava no amanhã. Rodrigo simplesmente falou que "*mañana es otro dia*" e

> Escuta o que vou le dizer, amigo. Nesta província a gente só pode ter como certo uma coisa: mais cedo ou mais tarde rebenta uma guerra ou uma revolução […] Que é que adianta plantar, criar, trabalhar como um burro de carga? O direito mesmo era a nossa gente nunca tirar o fardamento do corpo nem a espada da cinta. Trabalhar fardado, deitar fardado, comer fardado, dormir com as chinocas fardado... O castelhano está aí mesmo. Hoje é Montevidéu. Amanhã, Buenos Aires. E nós aqui no Continente sempre acabamos entrando na dança. (VERISSIMO, 1997, p. 179).

Rodrigo falou também de Bolívar, da independência da América espanhola e de San Martín. A partir de 1825 esteve nas Guerras Cisplatinas no combate do Rincón de las Gallinas com as forças de Mena Barreto. Em 1827, estava com as tropas do Marquês de Barbacena e participou da "batalha desgraçada" do Passo do Rosário. Como Barbacena permanecia imóvel com sua tropa e dava ares de medo, o Capitão Rodrigo querendo uma peleja evadiu-se das tropas de Barbacena. Ouvia-se muito da cavalaria de Bento Gonçalves e de Bento Manoel, nessa hora todos pararam a escutá-lo. Então, com a atenção em si, retornou a se pronunciar mais robusto e numa "inflexão mais dramática". Juntou-se com a cavalaria dos dois Bentos: "Barbaridade! Que cavaleiros! Levamos a castelhanada a grito e a ponta de lança até a fronteira". (VERISSIMO, 1997, p. 182).

Após Rodrigo, o narrador apresenta seu par amoroso, Bibiana Terra. Ela era voluntariosa, teimosa e orgulhosa. E foi no cemitério ao visitar o túmulo da avó que viu pela primeira vez o Capitão Rodrigo, um homem vestido de uma maneira esquisita, metade soldado, metade paisano. Pedro Terra não queria ver sua filha com Rodrigo, porque pensava que ele traria infelicidade para a povoação. Pedro Terra igualmente estivera nas batalhas de fronteira. Aquele era o destino dos habitantes do continente, falavam-lhe que a vida na Capital do Império era diversa, mais fácil e

> Ao pensar na Corte, Pedro pensou em "governo". Para ele governo era uma palavra que significava algo de temível e ao mesmo tempo odioso. Era o governo que cobrava os impostos, que recrutava os homens para a guerra, que requisitava gado, mantimentos e às vezes até dinheiro e que nunca mais se lembrava de pagar tais requisições... Era o governo que fazia as leis – leis que sempre vinham em prejuízo

> do trabalhador, do agricultor, do pequeno proprietário. Antigamente, quem dizia governo dizia Portugal, e a gente tinha uma certa má vontade para com tudo quanto fosse português, começando por antipatizar com o jeito de falar dos "galegos". Mas que se passava agora que o país havia proclamado sua independência e possuía um imperador? Não tinha mudado nada, nem podia mudar. No fim das contas D. Pedro I era também português. Vivia cercado de políticos e oficiais "galegos". Ali mesmo na Província já se dizia que nas tropas quem mandava eram os oficiais portugueses; murmurava-se que eles estavam conspirando para fazer o Brasil voltar de novo ao domínio de Portugal. (VERISSIMO, 1997, p. 193).

Novamente o narrador faz críticas ao governo no sentido de espoliar direito dos indivíduos. A partir de seu personagem, o narrador faz uma reflexão sobre um governo que interfere em todas as esferas da vida privada de um indivíduo, assim como fora o Estado Novo. Creio que a questão do "governo" é uma releitura do passado. As marcas do imaginário do presente, novamente, na Farroupilha. A crítica política de Érico retroage no passado para criar um imaginário.

Enquanto as mulheres bordavam, Pedro Terra pensava nas plantações arruinadas. Perdera seus trigais, inicialmente foi a surto da ferrugem, a seguir, a Coroa colocou um valor determinado para o trigo e esses preços não interessavam ao agricultor: "era impossível lutar contra duas pestes ao mesmo tempo: a ferrugem e o governo". (VERISSIMO, 1997, p. 196). Novamente segue o narrador a mostrar seus personagens contra o governo ou, melhor, o governo contra seus personagens. Mas a metáfora desta passagem é reveladora: o governo como uma ferrugem que não permite a indivíduo florescer, que como uma ferrugem come por dentro e impede a vida.

Abancado num mocho, de pernas cruzadas e violão em punho, Rodrigo Cambará cantava cantigas que aprendera nos acampamentos da Província e da Banda Oriental. Nisso vem o Padre Lara para conversar com ele. Capitão Rodrigo disse não entender desses "negócios de religião". Padre Lara solicitou que Rodrigo cessasse o violão à noite, pois era dia de finados e também que ele carecia acatar o chefe do lugar. Era o que Rodrigo esperava, o padre obedecia ao chefe local. Padre Lara pediu que Rodrigo encilhasse seu cavalo e fosse embora, uma vez que Santa Fé não é ambiente para um indivíduo de sua índole por que era um homem que amava a guerra, jogo, mulheres e bebida. Juvenal, Pedro Terra e as famílias de imigrantes alemãs[232] (Kunz e Schultz) representam a ética do trabalho, do indivíduo

---

[232] Josué Guimarães, de modo semelhante a Érico só que narrando a história do ponto de vista dos imigrantes alemães na formação do Rio Grande do Sul, publica em 1972 *A ferro e fogo: tempo de solidão* e, em 1975, publica o segundo volume *A ferro e fogo: tempo de guerra*. É no segundo volume que se unem a história da imigração alemã e a Farroupilha. Semelhante a *Um Certo capitão Rodrigo*, também na primeira parte de *A ferro e fogo: tempo de Guerra* (onde narra o episódio da Farroupilha), Guimarães (2002) narra a vida cotidiana dos imigrantes alemães na colônia de São Leopoldo centrado na história da família de Daniel Abrahão e Frau Catarina, e em Porto Alegre centrado em Herr Gründling, dono de um empório. O romance trata do cotidiano dos alemães durante a Farroupilha e a divisão de uns, como Philipp (filho de Frau

produtivo e comedido, já Capitão Rodrigo é, ao contrário, a ética do prazer, do momento, que representa para o período a vida dos peões, das guerrilhas e das correrias.[233] Se aqueles personagens representam o indivíduo econômico, que quer vencer pelo trabalho, Rodrigo é uma crítica à ética do trabalho, mostrando que o indivíduo está envolto numa história que não domina, em que pode-se estar disperso, e que o sentido da história se mostraria pragmaticamente a cada evento. Rodrigo representa os costumes que se perdem com a burocratização do Estado regulando toda a vida do indivíduo. Já os outros personagens estão adaptados aos novos tempos, apenas trazem a crítica ao governo como algo que perturba seu êxito econômico.

De volta à narrativa do romance o padre pergunta se ele já se confessou ao que Rodrigo responde que nunca. A religião nunca lhe fizera falta. Lara diz que há pessoas que só se lembram da Virgem quando troveja, ao que o Cap. Rodrigo diz, que quando troveja, lembra-se do seu poncho e que na sua família ninguém morre de morte natural, e que "Cambará macho não morre na cama". (VERISSIMO, 1997, p. 203).

Por obra do Padre Lara, Rodrigo estava frente a frente com o senhor de Santa Fé. Coronel Ricardo Amaral diz a Rodrigo que ele não tem o "nosso jeito". Rodrigo retruca-lhe que está lhe tratando como um castelhano, um estrangeiro. Coronel Amaral indaga o que ele tem a falar a seu próprio favor. Nisso Rodrigo apresenta seu ofício de fé. Sacou um rolo de papéis e exibiu ao Coronel Amaral. Tais papéis possuíam diversos louvores ao Capitão Rodrigo de diversos generais e, em especial, o de Bento Gonçalves da Silva afiançando o heroísmo, dedicação e disciplina de Rodrigo.

Rodrigo Cambará permaneceu em Santa Fé. Aos poucos conquistou a população, com restrição de Pedro Terra. Rodrigo era alegre, cantava, tocava violão, pagava bebida e sabia perder no jogo. Dizia-se em Santa Fé que onde estava o Cap. Rodrigo não havia tristeza. Rodrigo era apaixonado por Bibiana Terra e resolveu que estava exausto de pelejas e andanças. Falou em filhos e ao primogênito havia de dar-lhe uma educação de macho. Para Capitão Rodrigo, já não se reconhecia, e quanto mais o tempo passa entendia ser impossível viver sem Bibiana.

Catarina e Daniel) que lutou pelos farrapos, e o próprio Herr Gründling que ajudou na fuga da prisão do major Manuel Marques de Sousa e depois na tomada de Porto Alegre 1836 pelos imperiais. O romance recria o cotidiano religioso centrado na figura de Daniel Abrahão, o cotidiano do comércio ligado aos personagens de Frau Catarina e Herr Gründling e o cotidiano político centrado em Dr. Hillebrand. Guimarães, assim, constrói um amplo cenário histórico em que os imigrantes alemães participam na Farroupilha.

[233] Sobre essa temática, ética do trabalho e ética da aventura, ver Holanda (2006), capítulo "O semeador e o ladrilhador".

O ano novo entrou e uma filha de Rosa, prima de Pedro Terra, iria casar com um moço de Porto Alegre. Era um homem do litoral que vestia e falava distinto das pessoas do interior. Ele não conseguia encilhar um cavalo como os homens do interior e da fronteira. Apegado à terra, preferia uma existência moderada e sedentária às batalhas, correrias e ao perigo. Era devoto, hospitaleiro e tinha uma deferência à lei e à autoridade. Tal moço era o oposto de Rodrigo Cambará. A linguagem do moço litorâneo lembrava a das ilhas portuguesas, ao passo que Rodrigo proferia todas as letras, falava uma linguagem limpa e cheia de castelhanismos obtidos na Banda Oriental. Se para aquele moça era rapariga, para o capitão era *muchacha*; se para aquele agradecimento era obrigado, Rodrigo pronunciava um *gracias*, rápido e insolente:

> Esses açorianos, tão apegados a suas terras, lavouras, lojas e oficinas representavam a ordem, a estabilidade, o respeito às leis, a obediência à Corte de Lisboa. Mas os homens que, como Rodrigo, tinham vindo das Guerras Platinas, onde estiveram em contato com os caudilhos e guerreiros castelhanos que procuravam libertar sua pátria do domínio espanhol; os homens do interior e da fronteira que amavam a ação, o entrevero, as cargas de cavalaria, a lida e a liberdade do campo, onde viviam longe do coletor de impostos e das autoridades – esses falavam em liberdade, hostilizavam os portugueses, queriam a independência. Representavam a população menos estável porém mais nativista do Rio Grande. Criavam gado faziam tropas e eventualmente engrossavam os exércitos quando o inimigo invadia a Província. Alguns brigavam por obrigação; muitos por profissão; mas a maioria brigava por gosto. (VERISSIMO, 1997, p. 221).

Esta citação é importante, pois mostra, por um lado, que a interpretação de Érico sobre Farroupilha é diferente das teses correntes do período e, por outro lado, reafirma sua crítica liberal ao governo. Érico mostra, recuperando Varella, que a origem da Farroupilha é a fronteira com o Prata ao comparar o Cap. Rodrigo ao jovem litorâneo. Este, a serviço da ordem portuguesa e, depois, imperial; e Rodrigo, ao contrário vinha das Guerras do Prata, aprendeu sobre a guerra e a política com os caudilhos platinos, era um personagem da fronteira que queria libertar sua "pátria". E a partir disso faz crítica ao governo, pois essa liberdade veio do Prata, da fronteira com os castelhanos "em que se vivia longe do coletor de impostos e das autoridades", isto é, longe do governo, inicia-se a liberdade. Essa diferença entre Capitão Rodrigo e o moço de Porto Alegre, que a princípio parece ser apenas de personalidade, mostra mais, mostra a diferença da interpretação da história de Érico em relação às teses do centenário e do atual período. Assim, o romance de Érico luta em duas frentes, contra a historiografia socialmente reconhecida e a própria ficção corrente nos romances.

Vontando a narrativa romance o Padre Lara ficava em dúvida por qual perfil optar: ou o morador sedentário do litoral ou o povo bárbaro da fronteira e conclui que, entre Joca e

Rodrigo, o padre de todo o coração preferia o último. Para a Igreja, os litorâneos e os habitantes da Capital proporcionavam uma seara mais abastada e leal:

> Quanto às populações das estâncias e charqueadas, o problema era diferente e infinitamente mais complicado. Aquela vida agreste e livre convidava à violência e à insubmissão. As charqueadas eram focos de banditismo. O trabalho das estâncias como que nivelava o patrão ao peão e ao escravo. Muitas vezes o estancieiro saía a camperear ombro a ombro com aqueles numa faina igualizadora que oferecia certos perigos, pois criava o risco de negros e caboclos quererem gozar das mesmas prerrogativas que seus senhores. (VERISSIMO, 1997, p. 221).

Creio que com essa citação fica mais notória a identificação de Érico com a tese de que a Farroupilha tem seu início no Prata, e no contado dos fronteiriços com os castelhanos surgiu a insubmissão às autoridades, o amor pela liberdade, seja ela qual for, mas há uma concretude na liberdade de Verissimo: a vida na estância. Haveria uma faina igualizadora que nivelava a todos, patrão, peão e escravo e tal faina colocava a questão da conquista de direitos: se para uns o direito da interiorização das decisões, para outros o direito à terra e para outros o direito ao fim da escravidão. A concretude destas lutas por direitos teria como seu lugar a fronteira e como seu ideário o liberalismo.

O padre Lara tinha se resolvido a mediar o matrimônio de Rodrigo e Bibiana com Pedro Terra. O padre estimava tanto Rodrigo que desculpara todos os seus insultos à Igreja. Conhecera outros homens assim, eram o produto da vida que tinham e a guerra, talvez, fora sua única escola. Algum tempo depois nasce o primeiro filho de Rodrigo e Bibiana. Bolívar é o nome escolhido. Ser Bolívar o nome do primogênito de Rodrigo é identificador, no passado criado pelo narrador, da linguagem ordinária das pessoas da fronteira, do contato com os castelhanos, da aceitação do Prata na vida corrente.

Com o passar do tempo, Padre Lara observou que Rodrigo estava distante, ansioso. Rodrigo tinha aberto um bolicho com seu cunhado. Aquela vida ociosa começa a aborrecê-lo. Nisso o padre foi conversar com o capitão. Rodrigo disse ao padre o que gostaria de mudar no mundo. Primeiro, acabava com essa história de trabalhar, depois, fazia os filhos virem ao mundo de outro jeito; também, dividia essas grandes sesmarias dos coronéis, acabava com a escravatura, fazia o mundo menor, acabava com esse monte línguas, acabava também com a velhice e, por fim, não haveria mais casamento.

Cambará é a crítica, a partir da Farroupilha, ao passado e ao presente. Os personagens de *Um certo Capitão Rodrigo* sentiram o peso e a intervenção do Estado na vida privada das mais diversas maneiras. Se Verissimo presenciou as arbitrariedades do Estado Novo repensando-as após 1945, seus personagens vivenciaram as arbitrariedades do Estado

português e, após, da Corte Imperial. Ao contrário dos outros personagens do livro, Pedro e Juvenal, que representavam apenas a crítica do indivíduo contra a intervenção do governo na vida econômica; e o Padre Lara, que representava as forças da ordem, Rodrigo Cambará representou a crítica de maior fôlego social. Ao querer o fim do trabalho, o Capitão Rodrigo estava criticando a forma como ele estava tomando, um fim em si mesmo, não se trabalharia mais para ser feliz ou para si, mas apenas para acumular e enriquecer terceiros. Também queria a divisão das terras dos coronéis para os despossuídos e – o mais radical para época – queria o fim da escravidão. Tais críticas vão além do viés econômico, passam pela política e pelo social. Exigiam outra configuração da sociedade, no passado e no presente. Também, haveria uma crítica dos costumes, isto é, cultural. O Cap. Rodrigo queria acabar com o casamento. Rodrigo subverteria não só o pensamento econômico, social e político, mas as práticas morais do seu tempo (e por que não de outros tempos).

A crítica à "velhice" não seria ao ficar mais velho, mas a manter sempre os mesmos hábitos do passado, quando se percebe que o tempo está mudando e que se necessita de uma nova postura perante uma nova realidade. Haveria aqui um "prazer" pela mudança. E creio que essas críticas se fecham com a crítica "ao monte de línguas". Ter só uma língua, num "mundo menor", revela a perspectiva de uma comunicação livre de entraves, onde as mudanças que o Capitão Rodrigo queria poderiam ser realizadas, isto é, as pessoas se entendendo comunicativamente poderiam chegar às mudanças que o novo exige.[234] Rodrigo não chega a ser um personagem de transição, pois resolvia, resolveu e resolveria os conflitos na luta armada, mas inicia a reflexão que vai pontuar toda a obra: a resolução de conflitos de modo não violento. Pode-se dizer que o novo que desabrochará no Dr. Cambará no fim da trilogia inicia-se no (velho) Cap. Rodrigo. Nada mais liberal que acreditar na força do melhor argumento, e isso aponta para a nova identidade intelectualizada que haveria de ser criada para o rio-grandense. Em sua releitura da Farroupilha, passado e presente aparecem de forma emaranhada na narrativa. A crítica ao trabalho leva a crítica à divisão das terras, o que conduz ao fim da escravidão. Capitão Rodrigo seria um cavaleiro errante, portador de ideias improváveis de mudança.

---

[234] Para Fischer (2007, p. 438), nessa questão "Érico operava narrativamente nos termos da tradição da língua inglesa: grande clareza, comunicação limpa com o leitor, empenho em debater as coisas da vida diretamente observável, a partir de um ponto de vista mais próximo do liberalismo inglês do que do comunismo, em tudo isso sendo exceção na tradição brasileira, mais afeita às manhas estilísticas da tradição francesa, que se regozija nas considerações filosóficas e nas firulas do estilo, secundarizando muitas vezes a força do enredo e a análise da vida a partir do ponto de vista comunista, em alta naquela geração intelectual".

Enquanto isso, o senhor político de Santa Fé andava atento aos acontecimentos políticos:

> Falava-se em perturbação da ordem. Os ódios partidários explodiam e tudo indicava que mais cedo ou mais tarde ia haver barulho. Havia pouco chegara a Santa Fé um homem contando que corria pela Província o boato de que o Cel. Bento Gonçalves, do Partido Liberal, se correspondia com Gen. Lavalleja e estavam conspirando para entregar a Província aos castelhanos. (VERISSIMO, 1997, p. 271-72).

Rodrigo, que escutava o diálogo, falou alto que era uma falsidade aquilo que diziam do Cel. Bento Gonçalves, pois o conhecia, e quem falar mal dele brigaria com ele. O ano de 1833 abeirava-se do término e o tema favorito de todos os círculos era a política. Em seguida à abdicação de D. Pedro I, os acontecimentos na Corte caminhavam obscuros. Mesmo em Santa Fé as pessoas tomavam lado e a conjuntura era:

> Uns eram pela maioridade; outros achavam que o melhor mesmo era que uma junta de homens direitos e sábios ficasse no governo. A princípio todos esperavam que com a abdicação de Pedro I a situação mudasse, pois achavam que, sendo o Imperador português, não podia deixar de puxar brasa para o assado de Portugal. Mas haviam-se passado mais de dois anos e tudo continuava como antes. Bento Gonçalves, acusado de estar negociando com Lavalleja a anexação da Província à Banda Oriental, fora chamado à Corte para se defender dessas acusações e voltara de lá não só completamente desagravado, como também com honras e privilégios novos. Além disso trazia a seus correligionários do Partido Liberal a promessa de que um filho da própria Província, Fernandes Braga, seria nomeado governador. (VERISSIMO, 1997, p. 278).

Padre Lara conversara com o Cel. Ricardo Amaral no casarão e chegava de lá com notícias novas e que as transmitias na venda de Nicolau ou na de Cap. Rodrigo. A iminência de uma guerra trazia perturbação em Santa Fé:

> O Cel. Amaral inclinava-se ora para o lado do Partido Restaurador, que desejava a volta de D. Pedro I ao trono, ora para o Partido Liberal de Bento Gonçalves, que se opunha àquele. Os restauradores tinham fundado a Sociedade Militar e Bento Gonçalves trouxera do Rio de Janeiro a promessa do governo central de impedir o funcionamento desse clube, que os liberais classificavam de retrógrado. Tudo parecia resolvido quando o comandante militar da Província, Sebastião Barreto, de novo tentou reerguer a Sociedade. Bento Amaral – que agora era representante em Santa Fé do juiz de paz de São Borja – chegara, havia a pouco, de Porto Alegre e contava que a Câmara Municipal dera apoio aos liberais e que por sua vez o Presidente da Província censurara esse pronunciamento da Câmara. Nas ruas da cidade, liberais e restauradores discutiam, diziam-se nomes, engalfinhavam-se a tapas e socos. Os restauradores chamavam os liberais de “farroupilhas” e “pés-de-cabra”. Os liberais retrucavam, chamando seus adversários de “retrógrados”, “galegos”, “caramurus”. Ninguém se entendia mais. E – concluía Bento Amaral – a coisa estava muito preta. O Pe. Lara andava inquieto porque tudo indicava que ia rebentar uma guerra civil. – Que rebente! – exclamou um dia Rodrigo, exaltado. –

> Quanto tempo faz que esta gente não briga? As espadas e as lanças já estão enferrujadas, e os homens estão ficando molengas. (VERISSIMO, 1997, p. 278).

Nas noites de inverno de 1834, o Padre Lara lia os jornais que amigos lhe mandavam de Porto Alegre. As circunstâncias não podiam ser piores. Tudo indicava que o Cel. Ricardo e sua gente se conservariam fiéis à legalidade. Para o padre Lara, nenhuma revolução contra o resto do país poderia triunfar. No fim do verão de1835 Juvenal Terra voltou com sua carreta de Rio Pardo. O que dissera era alarmante. Juvenal assistira quando os portugueses de Rio Pardo fizeram desfilar pelas ruas um Judas que simulava os brasileiros:

> Ouvira falar de tumultos no Rio Grande e de ameaças de revolta em Viamão. Conversara com muitos charqueadores que estavam irritados com o governo central que os obrigava a pagar 600 réis fortes de imposto por arroba de charque. Os criadores também se queixavam, indignados, de que além da taxa de 10 mil réis por légua quadrada de campo, os quintos que tinham de pagar sobre o couro “eram uma barbaridade”; e se quisessem exportá-lo, Santo Deus, nesse caso o imposto era dobrado! Não se podia fabricar nada que lá vinham os impostos mais absurdos, os dízimos, como se o Rio Grande fosse uma colônia e não uma província do Brasil. Para cúmulo, até tropas de mulas que os criadores rio-grandenses vendiam para tropeiros de Sorocaba e outros lugares fora do Continente estavam sujeitas a um imposto que era cobrado não no lugar de origem do negócio, mas sim nos mercados onde os muares eram revendidos, de sorte que quem se ia beneficiar com a arrecadação eram outras províncias. A todas essas São Pedro do Rio Grande vivia abandonado e esquecido pela metrópole. Não lhe davam estradas, nem pontes nem policiamento nem nada. Justiça? Há-há! Todos os processos tinham de ser julgados pela Relação do Rio de Janeiro, para onde eram remetidos e onde ficavam a criar cabelos brancos. Parecia que a Corte que os continentinos só serviam para brigar com os castelhanos, porque quando rebentava a guerra começavam logo o recrutamento e as requisições. Terminada a luta, cessavam de pagar o soldo às tropas e esqueciam-se de resgatar as requisições. E pouco se lhes dava que a guerra tivesse dizimado os rebanhos e destruído as lavouras do Continente. (VERISSIMO, 1997, p. 290-91).

Novamente o narrador critica a relação do governo com os rio-grandenses e em especial na área da economia. Também mostra um descaso com a província no que diz respeito à justiça e infraestrutura e que os continentinos só eram lembrados para defender as fronteiras. Há uma crítica ao centralismo, ao comando da economia e a política do governo da Corte. Nisso perguntam a Juvenal o que fazem com o dinheiro dos impostos, outro responde que os caramurus jogam fora, outro afirma que com tudo o que pagam nem escolas há para seus filhos, um velho diz que o que dá raiva é que estão sustentando os luxos da Corte. Os malditos caramurus, para Pedro Terra, depois de saber as novidades, eram piores que a ferrugem e os gafanhotos, vão matar o que sobrou do Rio Grande.

Em meados do outono o Cel. Ricardo regressou da Capital e convocou os vereadores para uma sessão especial. Aquele ao declarar apoio aos imperiais e com Pedro Terra se

opondo, este acaba preso. Juvenal após o acontecido foi à casa da irmã advertir que podiam prender Rodrigo, entretanto notou que o boliche estava fechado e a espada de Rodrigo não estava mais pendurada. Bibiana avisa que Rodrigo a esta hora está longe. Acreditavam que Rodrigo fora se unir com o Cel. Bento Gonçalves, era o que ele sempre dizia que iria fazer. O estafeta que chegou a Rio Pardo em fins de outubro trouxe a notícia “Tinha rebentado a revolução e Bento Gonçalves da Silva, chefe supremo das forças revolucionárias, havia atacado e tomado Porto Alegre!”. (VERISSIMO, 1997, p. 294). E naquele novembro ventoso Bibiana passou os dias a trabalhar, a cuidar dos filhos e a esperar notícias do marido. Padre Lara sabia também que muitos sacerdotes católicos estavam inseridos na conspiração ou tinham aderido à revolução. Não compreendia como sacerdotes sujeitavam-se ao chefe da revolução que era um maçon. E continuando seu raciocínio uma ideia lhe veio à cabeça:

> Um dia todas essas coisas hão de ser histórias – refletiu ele. Lera já vários artigos e livros sobre Napoleão Bonaparte, o grande conquistador. Era já homem maduro quando pela primeira vez ouvira falar nesse famoso general nascido na Ilha de Córsega. Fora depois acompanhando, interessado, sua carreira. Agora Napoleão se tornara uma figura conhecida em todo mundo e estava na História ao lado de César, Alexandre, Átila e tantos outros. Mas era muito possível – concluiu – que o resto do mundo nunca chegasse a ouvir falar de Bento Gonçalves. Não deixava de ser curioso a gente ver a História no momento em que ela estava sendo feita! Dali a cem anos, como iriam os historiadores descrever aquela guerra civil? O Pe. Lara sabia como era custoso obter informações certas. As pessoas dificilmente contavam as coisas direito. Mentiam por vício, por prazer ou então alteravam os fatos por causa de suas paixões. Cenas da vida cotidiana que se tinham passado sob o seu nariz, ali mesmo na praça de Santa Fé, eram depois relatadas na venda do Nicolau duma maneira completamente diferente, Como era então que a gente podia ter confiança na História? Passou-lhe, então, pela mente a lembrança da importância que tinha para a Igreja Católica a tradição oral... Ora, estava claro que com a Igreja, que era divina, a coisa era diferente. Mas seria mesmo diferente? Essa dúvida era indigna dum sacerdote. Que Deus lhe perdoasse a heresia!. (VERISSIMO, 1997, p. 296-97).

Possivelmente esse comentário de Padre Lara seja, em relação à Farroupilha, o mais instigante do ponto de vista da teoria da história. Como sair do paradoxo de que todas as coisas hão de ser história, ao mesmo tempo em que a história não é confiável? Com certeza, de todos os autores analisados, nenhum foi tão longe na problematização do veto à ficção. Como a historiografia que seria inconfiável poderia controlar a escrita ficcional do romance? Verissimo mostraria o que para a historiografia da sua época (em geral) não era aceito, que as paixões, isto é, a subjetividade faria parte de sentenças historiográficas. A historiografia que teria se constituído no século XIX como uma ciência, mostrava-se, para o romancista sulino, como um discurso escrito eivado de seu presente. A ficção, que seria o oposto da ciência,

estaria emaranhada no saber historiográfico.[235] Padre Lara acreditava na santidade da Igreja para fornecer sentenças seguras. Por muito tempo, os historiadores acreditaram ser a história uma ciência dura do passado, em que a subjetividade do historiador teria sido abolida, onde que facilmente se distinguiria a historiografia (científica), de um lado, e o romance (ficção), de outro. José de Alencar, no século XIX, já havia indiretamente problematizado o veto à ficção para poder dar curso à ficção do seu romance e constatou que a história lidaria com a verdade e o romance com as paixões. Assim, criou um espaço para seu romance poder se ficcionalizar mais livremente. Mas, para isso, indicou uma categorização em que o romance não lidaria com a verdade, apenas com a subjetividade. À historiografia ficaria assegurada o direito de dizer a verdade e ao romance de Alencar, como se lidasse com uma narrativa menos relevante, escreveria sobre o sublunar. Com Verissimo, a crítica à escrita da história é direta, se não ao saber histórico em geral, pois sabe que tudo um dia há de ser história, a um tipo de epistemologia da historiografia que a sua época era dominante: o empirismo positivista. Era como se houvesse um método historiográfico que resgatasse, recuperasse a experiência histórica em sua inteireza, positivamente. Verissimo põe em suspensão as certezas da historiografia (como veremos mais adiante na escrita da história de Vellinho) para escrever seu romance, para liberar a ficção e problematizar o veto. Como confiar numa ciência em que seus registros são eivados de paixão e mentira? Ou como algo eivado de mentira e paixão se autoriza a controlar a ficção? Além do mais, de um fato poderiam surgir vários relatos. Como historiografia e o romance eram feitos pelos mesmos intelectuais nesse período, antes do advento da pesquisa universitária, pode-se considerar Érico, antes do tempo, como um "crítico historiográfico".

Para o Padre Lara, o que daria certeza aos acontecimentos passados seria a santidade da Igreja, isto é a estrutura explicativa da história teria um arcabouço teórico nos dogmas católicos, mas a historiografia anterior, contemporânea e posterior a Érico, por tempos acreditou em dogmas científicos, como os conceitos de: raça, evolução, modo de produção, etapas da história, estruturas intemporais dos mitos, estruturas econômicas e mentais, que dariam a tão desejada cientificidade do saber histórico, a tão preciosa regularidade e universalidade que a ciência moderna exige de quem participa do seu "time".

---

[235] Para Pesavento (2001, p. 41-2), "essa reflexão introduz a configuração da História como uma narrativa que, na sua tessitura, implica recortes, acréscimos e missões e onde os 'fatos vividos' se apresentam como construções. É por esse estatuto 'literário' da historiografia que Érico faz aparecer no texto […] que se coloca a discutida questão da ficcionalidade da História e do relativismo do discurso que constrói o passado".

Para escrever seu romance, Érico coloca a epistemologia da historiografia de sua época em questão.[236] Hermeneuticamente, indaga-se sobre a validade das sentenças historiográficas (da sua época), que partem de registros construídos sobre experiências subjetivas contaminadas por paixões e mentiras. Ao trazer o saber historiográfico para o mundo sublunar, Verissimo cria o espaço necessário para criar sua ficção e, assim, seu romance não passa pelo o outro da verdade historiográfica, mas como a "verdade ficcional" do passado, pois, aristotelicamente, cria outros mundos possíveis, verossímeis e necessários de serem verdades no passado. Isso porque a verdade do passado, em si, não existe. Não há mais uma experiência passada esperando para ser resgatada por uma ciência infalível da história. A verdade é uma construção da narrativa ou que tem sua representação na narrativa. Enfim, se Alencar criou uma hierarquia entre romance e história para liberar sua ficção, Érico crítica a própria epistemologia da história (da sua época) para criar seu romance. E em "Um certo capitão Rodrigo" a ficção se mistura com a historiografia e o romance para narrar a Farroupilha, que serve para Érico representar o passado e repensar seu presente.[237]

Voltando à narrativa do romance em 1836, a tropa farroupilha que Rodrigo comandava atacou o casarão dos Amarais. Após a ofensiva, informaram ao padre que tomaram o casarão, mas mataram o Cap. Rodrigo. Havia mais pessoas no velório de Rodrigo que no de Cel. Amaral, que também faleceu no assalto ao casarão. Mentalmente Bibiana conversava com Rodrigo, dizia-lhe coisas. A Câmara Municipal de Santa Fé aderiu à Revolução. Diziam que os imperiais tinham tomado de novo Porto Alegre. Bibiana não sabia nem queria saber se aquilo era verdade ou não. Não compreendia bem aquela guerra. Uns diziam que os Farrapos queriam separar a Província do resto do Brasil. Outros asseguravam que eles estavam guerreando pela razão que amavam a liberdade e porque tinham sido oprimidos pela Corte. Só de uma coisa ela tinha certeza: Rodrigo estava morto. Outra verdade era a de que ela tinha dois filhos e havia de criá-los direito. Agora estavam todos em paz. Afinal de contas, para ela o marido estava e estaria sempre vivo. Podiam dizer o que quisessem, mas a verdade era que o Cap. Cambará tinha voltado para casa.

---

[236] Pesavento (2001, p. 42) acredita assim que "o caráter ficcional da narrativa histórica se revelaria nesta capacidade de reinscrever o passado no presente por um discurso que se substitui ao acontecido, ocupando o seu lugar, numa operação imaginária que tanto envolve as funções de 'representância' quanto de atribuição de significado". Parece, ao contrário, que o caráter ficcional da narrativa histórica se revelaria na reinscrição do presente no passado, alterando o sentido do passado que já fora escrito antes.

[237] Conforme notou Pesavento (PESAVENTO, 2001, p. 51), "Sobremontando posições polares, relativizando as diferenças, permitindo a convivência de opostos, a narrativa pendular de Érico Veríssimo dilui as fronteiras e insinua uma forma de 'dizer o Rio Grande', numa postura *avant la lettre* que faz dialogar a História e a literatura".

Portanto, foi assim que a Farroupilha foi narrada por Érico: no enquadramento da formação histórica do Rio Grande do Sul. Érico soube problematizar o veto da história a ficção, não aderiu às teses nacionalistas mais corriqueiras, nem deixou sua ficção ser laminada pelo conhecimento historiográfico de sua época. Em seu romance a Farroupilha teve um sentido diferente do significado heroicizado do período da comemoração, outro imaginário estava presente na escrita, a *poieses* reconfigurou a representação para além dos padrões historiográficos do período.

A historiografia da Farroupilha também atentou à formação histórica do Rio Grande do Sul. Outro personagem deste capítulo é Moysés Vellinho. Nascido em Santa Maria em 1901, formou-se em direito e teve intensa participação na vida política do Rio Grande. Foi promotor, inspetor estadual de ensino e chefe de gabinete do Interior de Oswaldo Aranha (1928-1930). Participou ativamente da Revolução de 1930. Foi oficial de gabinete do Ministro da Justiça Oswaldo Aranha. Voltou a Porto Alegre em 1932, e elegeu-se deputado constituinte em 1934. Participou da dissidência liberal, em 1937, que levou à saída de Flores da Cunha do comando do Estado. De 1938 a 1945, foi membro do Departamento Administrativo do Estado. Dirigiu o jornal *A Federação* e foi ministro do Tribunal de Contas do Estado (1938-1964). Foi também vice-presidente do IHGRGS. Como os demais intelectuais da sua geração, fez parte do grupo da Livraria do Globo. Após o Estado Novo, fundou a revista *Província de São Pedro*, que dirigiu durante o período de 1945 a 1957.[238]

Vellinho participou do governo Vargas, até mais ativamente que Verissimo, tendo vários cargos na burocracia estatal. Mas, como Verissimo, tornou-se um crítico do período pelo qual trabalhou tão intensamente. Em comparação ao texto de Verissimo, a crítica de Vellinho é mais contundente em relação à Era Vargas. Érico foi mais sutil. Da mesma forma que Verissimo e como vem sendo mostrado até aqui, também tem uma filosofia liberal subjacente à sua concepção da história, o que levou Vellinho, no período de escrita do texto aqui analisado, a ver a Farroupilha como um momento de releitura da Era Vargas. Conforme notou Rodrigues, antes de ser um livro sobre a Farroupilha, "*Capitania d'El-Rei* é um livro sobre a *formação* do Rio Grande do Sul. Escrito durante a década de 1950 e publicada em 1964, pode ser visto, de certa maneira, como um produto anacrônico da obsessão dos anos 1930 brasileiros pelas 'raízes' nacionais". (RODRIGUES, 2006, 154).[239]

---

[238] Sobre os dados biográficos, ver Golim (1999), "Moysés Vellinho".

[239] O artigo do livro analisado foi publicado, ao que tudo indica, pela primeira vez em 1957: VELLINHO, Moysés. O gaúcho rio-grandense e o gaúcho platino. In: *Fundamentos da cultura Rio-Grandense*. 2ª. Série. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1957, p. 45-66.

Vellinho explica que a obrigação de escrever *Capitania* é para colaborar em romper o que, para ele, era uma representação imprópria das relações históricas e culturais entre o Estado e o país. Assim, a Farroupilha entra na obra de Vellinho não como o tema principal, mas como um elemento importante do período da formação do Rio Grande do Sul, pois

> Durante a década de 1930, a Revolução Farroupilha foi o tema obsessivo da historiografia produzida no Rio Grande do Sul. Em torno das comemorações de seu centenário, em 1935, debateu-se particularmente sobre o seu caráter separatista e a antecipação local em relação ao ideário republicano que mais tarde seria adotado no Brasil. Investigando-se sobre seus heróis, as discussões mais acirradas giraram em torno das teses de Alfredo Varela, que foram varridas do cânone interpretativo da história do Rio Grande do Sul. A partir de então, autor seria rejeitado como análise válida acerca do "decênio glorioso". A Revolução Farroupilha, na década de 1960, quando Vellinho escrevia *Capitania*, era considerada por ele assunto encerrado. Valiam como verdade histórica as teses de Othelo Rosa a seu respeito: foi um movimento genuinamente brasileiro e antecipador do ideário liberal e republicano que acabaria por se impor no restante do Brasil apenas no final do século XIX. (RODRIGUES, 2006, p. 156).

Por mais tardia que constituísse a iniciativa,[240] era imprescindível, na década de 1960, produzir uma nova interpretação da *formação* do Rio Grande, tal como fora feita na década de 1930 com a Farroupilha.[241] Portanto,

---

240 "*Capitania d'El-Rei* se compôs pela reunião de ensaios concebidos por Moysés Vellinho durante os anos 1940 e 1950: 'tardia' era mais a sua publicação do que a elaboração". (RODRIGUES, 2006, p. 157).

241 A produção na historiografia sobre a Farroupilha nesse período fora bem menor que no período anterior. Walter Spalding (1944) (1963) (1987) continuou a publicar sobre a Farroupilha nas mesmas características que no período anterior do mesmo modo que Olyntho Sanmartin (1940; 1951) e Paulino Jacques (1960). Lindolfo Collor escreve no exílio e pública em 1938 o livro *Garibaldi e a guerra dos farrapos*. Para a época, é um dos melhores livros sobre a Farroupilha. Collor aderira ao movimento revolucionário de 1930, foi o primeiro ministro do trabalho do governo provisório de Vargas. Em 1932, apoia os paulistas, após a derrota vai para seu primeiro exílio. Em 1934 é anistiado e volta a atuar na política. Com o Estado Novo vai para seu segundo exílio, agora em Berlim e depois Paris, onde escreveu o livro. Collor, mesmo não escrevendo o livro como uma história de formação como Vellinho, será, contudo, antes desse, o primeiro a usar a Farroupilha não mais para justificar Vargas no poder, mas para problematizar a Era Vargas. É interessante a relação que faz da historiografia com a sua vida: "Não sei se alguém já sublinhou devidamente esta coincidência: a História […] essa nasceu no exílio, floresceu e prosperou na adversidade dos ambientes estranhos". (COLLOR, 1989, p. 15). Para Collor, fazer história era viajar no tempo e (continuando a fazer relações entre a historiografia e o momento político brasileiro): "Um dia, cansado dos panoramas atuais, eu também resolvi […] viajar no passado. […] Nenhum período me afigurou mais indicado para tal viagem do que a Revolução de 35". (COLLOR, 1989, p. 17). E no meio dos farroupilhas havia estrangeiros, e entre eles a sua admiração por Garibaldi: "o romântico de tantas lutas pelas liberdades dos povos […] que empolgante figura para refazer-nos da deprimente mediocridade dos tempos atuais!" (COLLOR, 1989, p. 17). Por fim, iniciando a crítica (pela Farroupilha) a Vargas como depois fará Vellinho, escreve: "Escrevi este livro para, fugindo ao mundo dos meus dias, encontrar nos que já foram a verdadeira fisionomia moral do Rio Grande". (COLLOR, 1989, p. 29). Jean Roche publica em 1961 *L'administration de la Province du Rio Grande do Sul de 1829 a 1847*. Não tratando mais os farroupilhas como o período do centenário, assim a entende: "La révolution farroupilha, principal épisode de la vie publique du Rio Grande do Sul, a été la tentative la plus audacieuse et la plus cohérente pour conquérir la liberte politique dans le Brésil du XIXe siècle. Or la proclamation de la République Riograndenseau cours de la rébellion semble avoir dissimule le caractere purament brésilien et non-séparatiste d'um mouvement essentiellement fédéraliste: comme l'aspiration de la Province au respect des autonomies locales était

> tratava-se de narrar o surgimento da região em sua articulação com a história da nação, descobrindo e revelando ao público leitor quais teriam sido os heróis responsáveis pela instituição e manutenção do laço social que atava a parte ao todo […] Trata-se de um dos principais problemas teóricos e metodológicos que se dedicava a atitude polêmica de Vellinho: a concepção da organicidade das origens políticas, sociais, raciais e culturais do Rio Grande do Sul em relação ao Brasil. (RODRIGUES, 2006, p. 157).

Como Érico, a experiência de 1930 foi relida após 1945. Vellinho relaciona Getúlio Vargas e Júlio de Castilhos, censurando as atitudes autoritárias tomadas por eles. A vida intelectual de Vellinho foi se apartando da militância partidária e indo na direção da política intelectual e

> A obsessão de Vellinho e do grupo de intelectuais herdeiros da historiografia comemorativa do centenário da Revolução Farroupilha não era mais a de torná-la um evento memorável da luta dos sul-rio-grandenses pela integração à nação. Seguia-se escrevendo e pensando o Rio Grande como unidade a ser abrasileirada, mas o novo impulso criador para esse trabalho intelectual de tramar a região e a nação era o processo histórico da "formação" cultural desde os tempos heroicos. É no passado remoto que importava retroagir os laços entre a história local e nacional, entre a parte e o todo. (RODRIGUES, 2006, p. 220).

Na introdução do livro, Vellinho justifica o porquê de ter reunido os artigos para publicá-los em *Capitania d'El Rei*. Inicia contando uma história sobre o V Congresso Eucarístico realizado em 1948 em Porto Alegre. Uma senhora, vindo da Bahia e que fora entrevistada por um jornal local, declarou que achava que encontraria no Rio Grande do Sul gente estranha, hábitos estranhos, mas tivera uma surpresa ao encontrar-se entre um povo que era o seu povo, que no fundo tinha "o mesmo jeito de ser e de sentir dos demais brasileiros". (VELLINHO, 2005, p. 7). Viera ao Rio Grande com certo medo, só depois dos primeiros contatos se livraria do temor que tinha por dentro. Isso representava para Vellinho (2005, p. 7) "Pura obra de uma velha trama de incompreensões ou prevenções a que infelizmente nós, os de casa, nem sempre fomos ou somos alheios". E recapitula, anos depois, que Alfredo Varella, no interesse de demonstrar, em sua "ingrata teoria", a pretensa filiação da Farroupilha à cadeia das Revoluções Cisplatinas do século XIX e não satisfeito em desnacionalizar aquele movimento tão brasileiro, encontrava precauções contra as coisas do Brasil. O autor questiona o quanto à aversão de Varella não auxiliara um anseio antibrasileiro:

---

combattue par la centralisation impériale, elle ne put s'exprimer que par la révolution". (ROCHE, 1961, p. 32-33). Para Roche, enfim, a Farroupilha fora um movimento nacional e federalista.

> No caso do separatismo acidental da cruzada republicana e federalista dos rio-grandenses de 35, aquele vivo sentimento de integração que os arrastou às armas e ao extremo da ruptura com o Império. Nem mesmo Varella ousaria apontar entre os fatores dessa grave crise política e institucional, produto de um estado de justo desespero, qualquer fermento de irredentismo. A quebra dos laços com a Coroa não passou de um expediente, grave mas circunstancial, imposto pelos próprios erros da Regência. (VELLINHO, 2005, p. 8).[242]

De acordo com Vellinho (2005, p. 9), são falsos restos de um tempo que, a rigor, só houve como projeção retrospectiva de seu imaginário, porque

> a frequência com que o Rio Grande tem sido encarado como um corpo mais ou menos estranho, ao complexo luso-brasileiro! É como se fosse uma porção de terra e de gente que se tivesse incorporado do Brasil menos por um imperativo orgânico da própria expansão e afirmação da nacionalidade do que pelos caprichos ou acasos da História! Nada mais que uma excrescência na configuração sociológica do Brasil...

Em livro, periódicos ou "conversando com patrícios" há uma imagem de que o "Rio Grande do Sul não é bem Brasil". (VELLINHO, 2005, p. 9).[243] Parece que esse preconceito foi corroborado pela peculiaridade da Constituição positivista e pelas pressuposições de sua filosofia. O historiador rebate uma série de autores que destacariam a incompatibilidade do Rio Grande do Sul com o Brasil. Pois cada região exibe seus predicados próprios, sem que daí emanem riscos para a consumação de um destino comum, porque a preservação da coesão territorial estaria em conexão com o desenvolvimento dos regionalismos. Com Vellinho, nem mais o naturalismo da geografia, nem mais o substrato da psique ou da alma que definiria o sul-rio-grandense brasileiro, mas a defesa da fronteira:

> Se as peculiaridades da vida rio-grandense não se originam de fatores naturais e culturais em estado de repouso, isto se deve, antes de mais nada, à "nossa" posição de constante vigilância sobre as demarcações da nacionalidade em seu ponto crítico

---

[242] Vellinho considera o estilo de escrita de Varella profuso e atravancado erguendo-se como um espantalho contra o leitor. Só ler-se-ia Varella por dever de ofício.

[243] E aponta outros autores que corroborariam essa tese. Aponta que, para José Verissimo, o Rio Grande do Sul não passava de um corpo estranho na federação brasileira. Para Balduíno Rambo, gente de casa como disse Vellinho, que o Rio grande se formara na influência de Montevidéu. Assis Chateaubriand afirmava que o Brasil português terminava em Santa Catarina e que dali para o sul começava o Brasil espanhol. Para Humberto Campos, o Rio Grande do Sul sofreu uma influência artificial do Brasil e que se tornou brasileiro por descuido, também em um jornal na década de 1930 propôs o desmembramento do Rio Grande apontando a porta da rua. Aponta também que o deputado Ferreira França, durante a Farroupilha, já havia proposto a desanexação do Rio Grande. Joaquim Manuel de Macedo também justifica no parlamento a desagregação compulsória do Rio Grande. Mostra também que o historiador Basílio de Magalhães afirmava que no Rio Grande era em grande parte gente platinizada. Mas a maior mágoa de Velhinho era com Capistrano de Abreu, que lamentava que na consolidação das fronteiras nacionais o Rio Grande do Sul não tivesse ficado do lado de fora. E que o Rio Grade do Sul seria um cavalo de troia. Quanto à João Ribeiro, este discordava da tese de que a unidade brasileira era uma dádiva do rio São Francisco e que no extremo sul éramos platinos demais. Também aponta Oliveira Vianna, que diria que o Rio Grande do Sul era dominado pela cultura espanhola e pelo cenário platino.

> por excelência. Tanto vale dizer, sob o ângulo histórico e sociológico, que aquilo que nos diversifica e particulariza no amplo cenário nacional provém da nossa própria identidade política, da nossa própria condição de brasileiros. (VELLINHO, 2005, p. 10).

Diferentemente das gerações anteriores, que viam a particularidade do Rio Grande do Sul ou no meio geofísico ou na psique da alma, como Docca, Vellinho atribui a brasilidade dos rio-grandenses a um novo elemento: a fronteira. De acordo com Vellhinho, foi antes como súditos de Portugal, "brasileiros *in fieri*", e após a Independência como brasileiros mesmo que "arrostamos" com os reveses de um sangrento drama de fronteira: "A necessidade de defesa da comunidade nacional, ameaçada em suas divisas com as comarcas platinas mais que em qualquer outro ponto do nosso território, o que fez foi aguçar, dar um sentido urgente e militante à nossa consciência de brasileiros". (VELLINHO, 2005, p. 11).

O ciclo de disputas na fronteira é como um legado vivo, de modo que seriam os brasileiros do extremo sul leais à sua herança guerreira, que se prendessem numa vigilante afirmação patriótica:

> No entanto, como por artes de um raciocínio absurdo, parece ser por isso mesmo, por se ter o espírito de brasilidade adensado aqui de encontro a uma fronteira longamente disputada a ferro e fogo – parece ser por isso mesmo que tantas vezes o Rio Grande do Sul é vítima das mais chocantes incompreensões. Chega-se a farejar perigosos sintomas de desapego à convivência nacional mesmo nas provas mais vivas da nossa vocação para a unidade! (VELLINHO, 2005, p. 11).

Após a incorporação e povoamento da Capitania, os espanhóis, para Vellinho, só ingressaram "aqui" como inimigos, nunca como senhores e eles nada deixaram. E em nome das franquias locais, preteridas pelos representantes da Regência, o Continente rebelou-se. Era o começo do rude decênio farroupilha. E quase um século depois, novamente colocada em risco à união nacional, outra vez em armas o Rio Grande do Sul, junto com Minas Gerais e Paraíba, dirige a rebelião nacional em combate à deturpação das instituições republicanas:

> Se os objetivos da rebelião seriam distorcidos, traídos como foram, isto não desfigura a inspiração original do movimento. O insucesso resultou do enorme equívoco de se haverem confiados os destinos da revolução a quem nunca soube o que fazer dela, atirando-se por isso, a um jogo oportunista e inferior. Não era possível curar os vícios da república Velha com os expedientes de uma ditadura que Getúlio Vargas impôs em nome de coisa nenhuma. (VELLINHO, 2005, p. 19).

Sempre quando a união nacional esteve ameaçada, os rio-grandenses, guerreiros porque fronteiriços, brasileiros porque fronteiriços, levantam-se para defender a nação, pois sempre estariam acostumados a defendê-la na fronteira contra os castelhanos. Conforme

notou Rodrigues (2006, p. 214), “O presente refletia o passado; 1930 refletia 1835”. Contudo, como analisado mais adiante, para Vellinho a diferença entre a Farroupilha e a Revolução de 1930 é que a primeira manteve íntegra a pureza do movimento, isto é, a busca de uma maior liberdade para os brasileiros, ao passo que a segunda traiu seu objetivo, resultando em uma ditadura. E a Revolução de 1930 foi a imagem distorcida da Farroupilha.

Vellinho constatou que, no pensamento histórico brasileiro, há incompreensões acerca do Rio Grande, e sustenta que não se surpreende de que patrícios que vêm “aqui” se espantem de observar que “nós” temos a mesma língua que eles, sem as saliências espanholas que receavam, “esses bons patrícios como que ignoram que o Rio Grande sempre foi, desde o berço, um pedaço do Brasil, o Brasil que cresceu de si mesmo”. (VELLINHO, 2005, p. 17). Colocar em destaque o perfil do gaúcho rio-grandense dentro das condições naturais e culturais de sua *formação* não será uma operação de importância meramente acadêmica. Vellinho quer responder a um problema repleto de implicações políticas e sociológicas. Assim, do equívoco da origem e caracterização histórica do brasileiro do extremo sul derivam erros que abrangem dimensões da tradição rio-grandense e o lugar do Rio Grande do Sul ante a identidade brasileira:

> Dentre as causas que poderão ser arroladas para explicar tais desacertos não será das mais ostensivas, nem por isso das menos influentes, a ligeireza com que se admite e proclama a identidade do nosso gaúcho platino. E daí, por extensão, o conceito verdadeiramente peregrino de um Rio Grande meio português meio espanhol... Nem faltam, já o vimos, os que consideram o Rio Grande em face da História do Brasil como uma espécie de capítulo à parte, que se tivesse extraviado acidentalmente do tempestuoso contexto da formação platina. Também responde por grossos erros de interpretação o paralelo fácil […] entre situações que, se é verdade que se armaram em áreas geograficamente contíguas, não menos verdade é que pertencem a tradições antagônicas, cujas relações de vizinhança […] não foram outras senão os incidentes e guerras de *fronteira*. (VELLINHO, 2005, p. 124, grifo meu).

Nos períodos das definições do limite austral, que principiaram com o estabelecimento do presídio de Rio Grande e que só se encerraram ao fim da Guerra do Paraguai em 1870, os homens do Rio Grande e do Prata, assinalados por um antagonismo atávico, estariam “uns contra os outros numa violenta reativação de rivalidades imemoriais, herança subjacente de velhas disputas peninsulares”. (VELLINHO, 2005, p. 125). A despeito dessa realidade histórica, ainda existe quem coloque em suspeita as *raízes* luso-brasileiras do Rio-Grande do Sul, sugerindo “nosso meio-castelhanismo congênito”:

> Pontos de parecença entre os tipos sociais do gaúcho rio-grandense e do gaúcho platino existem, sem dúvida, mas se restringem às peculiaridades decorrentes do mesmo sistema básico de atividades – pastoreio – desenvolvidos num cenário físico

> semelhante, e parcialmente fundado, em ambos os lados, na experiência e nas práticas do campeador nativo. Fora disso, porém, fora desses fatores circunstnciais, suscitadores de ações e reações equivalentes, tudo o mais são traços que caracterizam tipos autônomos, ativamente extremados um do outro, e chamados a desempenhar um drama de *fronteira* no qual haviam de atuar como inimigos. (VELLINHO, 2005, p. 125, grifo meu).

Para demonstrar que na formação histórica do Rio Grande do Sul não há indícios de raízes castelhanas, Vellinho historia as diferenças entre o gaúcho platino e o rio-grandense. Como surgiu o gaúcho platino, perguntas-se Velhinho. Vagavam tribos “bárbaras e sem história” no Prata. Existiu, então, uma luta entre índios e espanhóis. Contra o avanço dos castelhanos houve a objeção dos aborígenes. À sombra de violências e rancores emergiria o mestiço.

Do encontro do europeu com o índio derivou a matéria-prima de que se faria o gaúcho. Os vínculos de sangue que aproximavam os nativos e os gaúchos iam fundar entre os dois uma linha fixando uma sensação de vindita. Se o mestiço era reputado como “infame de direito e de sangue” pelo espanhol, perdurou contra o branco a velha hostilidade do índio. Porém à sua frente ficava o pampa, e o pampa não era, para o oprimido, somente uma evasão a seu aviltamento: era um protesto. No pampa, abundava espaço para aqueles que se percebiam subjugados. E, conforme Vellinho, os crioulos desprezariam sua filiação espanhola para se reconhecerem com os mestiços no mesmo sentimento de insurreição.

O arbítrio dos espanhóis, demarcando a oposição em que se enfrentam os hispânicos e indígenas, levou ao “fenômeno platino por excelência que foi a luta entre o campo e a cidade”. (VELLINHO, 2005, p. 131). O fomento ao contrabando foi a primeira causa a exacerbar as rivalidades entre o campo e a cidade. Em frente aos núcleos urbanos, o povo do campo é percebido como uma instituição bárbara “sempre a postos para o assalto à civilização”. (VELLINHO, 2005, p. 131). Assim, o mestiço se fixa em seu ressentimento. Conquanto habituado à pugna, o mestiço argentino, isto é, o gaúcho, “ignora ainda o que seja a pátria”. É o gaúcho em estado bruto, descendente dos gaudérios. E essa gente perdida está confiada à anarquia do caudilhismo. E, em todas as províncias argentinas, o que se tem é uma situação de insurreição contra a cidade. Artigas foi predecessor de Rosas, e o fenômeno do caudilhismo foi a “solução em que havia de desfechar o ódio que desde séculos rondava a cidade. O caudilho é produto do estado de anarquia e da dispersão do território”. (VELLINHO, 2005, p. 134).

A lógica explicativa de Vellinho sobre o estado de anarquia, isto é, a falta de leis e, consequentemente, a falta de civilização e liberdade, começa com a hostilidade dos índios aos

espanhóis; depois tal hostilidade foi herdada pelo mestiço. Os crioulos também, desprezando sua filiação europeia, juntaram-se aos mestiços na insurreição contra o espanhol. E tal insurreição teve como lugar o campo, o pampa, o contraponto da civilização urbana. Portanto, a barbárie contra a civilização; a anarquia teria dois elementos: o mestiço e o pampa. Os mestiços eram liderados por um caudilho, este produto desta situação de rebeldia congênita, que não tem nem pátria e nem lei além de si. Dessa forma, o estado de anarquia no pampa platino é completo. E tudo isso se inicia porque o gaúcho platino tem o sangue indígena rebelde em suas veias e o pampa para exprimir sua indignação contra a submissão.

Para Vellinho (2005, p. 134), a formação do gaúcho rio-grandense aconteceu de forma diferente em relação ao Prata – o lado português tinha condições diversas, pois "O elemento autóctone, aqui, ao tempo do desembarque de Silva Pais, já pouco representava numericamente". Colocando de lado as Missões, os nativos acabariam quase desaparecendo. O "rebanho de guaranis" era apenas o "escarmento de uma raça desbaratada". O que sobrou foram "bagaços de gente". O certo é que o guarani "jamais poderia ser contado como fator positivo de civilização". (VELLINHO, 2005, p. 137). Assim, "na altura de 1835, ao deflagrar a Revolução Farroupilha, vagavam entre os escombros do vasto império missioneiro apenas 318 bugres. Nada mais restara dos Sete Povos!". (VELLINHO, 2005, p. 137). Com o Rio Grande a crescer como pedaço português, os nativos quase haviam desaparecido.

> Decisivo na formação étnico e moral do gaúcho platino […] o componente indígena se apresenta, desde logo, como elemento fortemente diferenciador no confronto entre os tipos históricos do Prata e do Rio Grande do Sul. Seria, pois, de ponderar, antes de mais nada, a notável diversidade desse fator, num e noutro caso […] Na formação antropológica do nosso campeiro, o índio não só entrou com um contingente bem mais pobre, como trazia a alma sem a carga de ódio com que ele reagiu ao desprezo e as truculências do espanhol, nas campanhas platinas. (VELLINHO, 2005, p. 137-38).

A diferença entre o gaúcho platino e o rio-grandense estaria na mestiçagem com o índio. No Rio Grande do Sul, tudo teria se passado diferentemente, pois esse "bagaço de gente" havia desaparecido por aqui já na época da Farroupilha, de modo que o índio pouco miscigenou com o português, o que fez do gaúcho rio-grandense um tipo sem revoltas contra a ordem ou a lei, o oposto do gaúcho platino. Logo, não haveria espaço para o surgimento de caudilhos neste lado da fronteira. No Prata, os nativos reunidos em turbas vingativas fizeram oposição à marcha dos conquistadores, entre os portuguêses, o aborígine jamais veio a ser um obstáculo aos "desbravadores":

> não há como fugir à conclusão de que, como contingente de integração histórica, o índio foi, entre nós, de significação bastante medíocre. Por não alimentarem sobre isto a menor dúvida, os homens de 35 rejeitaram, para seu lenço de guerra, um modelo onde apareciam, dois bugres sacudindo a bandeira tricolor. (VELLINHO, 2005, p. 138).

No Rio Grande do Sul, não se manifestou a mesma formação que a dos castelhanos no Prata. Ao gaúcho rio-grandense, oriundo, segundo Vellinho, de um povo menos arrogante, foi-lhe mais fácil a convivência com o nativo. A candura estabeleceu tradição, isso “explica o empenho com que os Farrapos resguardaram, através das estipulações de Poncho Verde, a liberdade dos escravos que se haviam batido lado a lado com eles”. (VELLINHO, 2005, p. 140).

À parte o inconstante limite do Rio Grande, havia uma fronteira política, disputada com tropas, e uma outra, que era a fronteira de raça e casta ocasionada pela arrogância dos espanhóis e a aversão com que lhes contrapunham “*los paria de la llanura*”. Essa fronteira interna gerou outro fenômeno ignorado do “processo histórico rio-grandense: a oposição entre o campo e a cidade, entre a barbárie e a civilização”. (VELLINHO, 2005, p. 141-42). Isso remete aos dois primeiros capítulos da tese quando aqueles letrados apontavam para o surgimento da Farroupilha pela ignorância e o barbarismo do homem do campo. A *formação* sul-rio-grandense desconhece o antagonismo entre campo e cidade, por isso

> a rebelião farroupilha se apresenta como ato de desespero de uma Província, na quase unanimidade de sua população livre, contra uma situação de agravos e vexames longamente suportados, e havia de irromper de uma conspiração em que não se distinguiam os homens da cidade dos homens do campo. (VELLINHO, 2005, p. 143).

A Farroupilha, ponto máximo da história sulina, difere das revoluções platinas, pois não haveria no Rio Grande do Sul muita mestiçagem, isto é, pouca incidência de índios, e como corolário o pampa (rio-grandense) não foi habitado por um povo revoltado contra os colonizadores europeus, o que não provocou a dicotomia campo *versus* cidade, isto é, barbárie *versus* civilização. E prossegue Vellinho (2005, p. 144-145):

> No caso da Guerra dos Farrapos, os homens do campo como os da cidade haviam de congraçar-se em torno da mesma causa, sem distinção de domicílio […] pontos de contato haverá […] entre os ideais dos Farrapos […] e os princípios que os autores da independência argentina tentaram fazer vingar nas instituições nacionais antes da funesta ronda dos caudilhos. As fontes ideológicas, porém, é que foram comuns […] não eram as mesmas as premissas sociológicas que aturam num e noutro caso: os revolucionários rio-grandenses […] acabaram se convencendo de que as instituições monárquicas é que eram responsáveis pelos males que se abatiam sobre a província,

> e se lançaram bravamente contra o regime […] Na revolução argentina tudo se passou de outra forma.

Para Vellinho, na Farroupilha havia princípios que os líderes seguiam e respeitavam, ao contrário das revoluções platinas em que os caudilhos – caudilhos que não havia no Rio Grande do Sul – agiam sem lei, apenas respeitando a sua própria vontade. Portanto, a presença de "turbas campeiras" e caudilhos, elementos alheios aos rio-grandenses, ocorreram na conformação das batalhas por emancipação que aconteceram no Prata. Nada das sublevações platinas pode contagiar "os ímpetos de afirmação revolucionária que conduziram os Farrapos". (VELLINHO, 2005, p. 145). Por isso, o Estado sulino jamais se sentiu um membro fora da compleição nacional, nem mesmo no decorrer da República do Piratini, pois

> Uma coisa, com efeito, nunca foi possível erradicar do coração dos Farrapos: o sentimento de sua condição de brasileiros, condição tão marcada pela presença de uma fronteira […] entre os rebeldes eram mais agudas que entre os responsáveis pela defesa das armas imperiais as suscetibilidades patrióticas em face dos vizinhos […] os Farrapos preferiram depor as armas a aceitar, mesmo na desgraça, a ajuda que lhes oferecia o tirano argentino. (VELLINHO, 2005, p. 146).

A brasilidade dos rio-grandenses em sua formação e na Farroupilha é a sua condição de fronteira. A defesa da fronteira portuguesa, depois brasileira, ao longo da formação do Rio Grande do Sul fez a brasilidade dos gaúchos. E isso é a injustiça que Vellinho quer reparar: não bastava abrasileirar só a Farroupilha, haveria de se abrasileirar o próprio Rio Grande do Sul.

As diferenças entre os gaúchos do Prata e os do Rio Grande do Sul vão desde a formação étnica e política até a natureza moral, e auxiliaram para a preparação de processos históricos distintos e, o mais importante: "Entre nós, faltou ao campo, como expressão política, seu instrumento específico de ação – o caudilho". (VELLINHO, 2005, p. 147). Se para Vellinho o estado de anarquia começa com a rebeldia indígena e mestiça, contudo atingia sua forma de luta política definitiva com a presença do caudilho. E o caudilho, por representar uma política movida por interesses apenas privados, não se coaduna com o respeito a leis.

Assim, segundo Vellinho a rebelião de 35 não se presta a este confronto, porque iria brotar "fora das nossas fronteiras, a planta monstruosa do caudilhismo". Isso levou os rio-grandenses a apresentarem uma consciência de seu arranjo político dentro do "complexo luso-brasileiro". Eles sabiam que a antiga Capitania d'El-Rei era parte integrante de um vasto país cioso de seus domínios. O isolamento físico, que os "devaneios da política positivista

chegariam a graduar em ‘fatalidade geográfica’” (VELLINHO, 2005, p. 158) [244] jamais evitaram a integração sob a configuração social e psicologia do Rio Grande do Sul. As fatalidades do meio cósmico nunca impediram a integração com a nação, pois a condição de fronteira suplantaria qualquer diferença física em relação ao todo nacional.

E, na repressão ao caudilhismo, desde Artigas, Rosas a Solano López, “os Farrapos depuseram as armas, considerando que era preferível capitular a ver o Rio Grande exposta às ‘iniquidades’ do caudilhismo”. (VELLINHO, 2005, p. 160). Percebe-se que a Farroupilha é o momento da formação rio-grandense em que os predicados de ser fronteira mostraram-se ao máximo e que a Farroupilha, ao contrário da Revolução de 1930, não foi desvirtuada de seu plano original: Salvar o todo nacional. Portanto, a Farroupilha é representada, como uma forma de repensar a experiência política a partir da Revolução de 1930. E vai ficando mais evidente o conteúdo desta crítica: a filosofia liberal da história de Vellinho. Quando o Brasil está ameaçado, os liberais do Rio Grande do Sul estão prontos à defesa de sua integridade, de suas leis e de sua liberdade, isto é, prontos à defesa contra governos autoritários e centralizadores.

A Farroupilha mostraria o Rio Grande a oferecer a prova da impossibilidade do caudilhismo “entre nós”. A disposição entre os líderes farroupilhas era para as formas orgânicas das instituições. A República de Piratini era mais que uma causa regional, “Firmados nesses propósitos de respeito à ordem civil prova o ânimo legalista dos rebeldes. Em 35 o espírito de fidelidade às instituições civis mostra o repúdio ao mandonismo […] inerentes à configuração do caudilhismo”. (VELLINHO, 2005, p. 162). Nem mesmo a derrota final fez ceder ao caudilhismo. Os farrapos não se deixaram contaminar.

> Os motivos e ideias que levaram os rebeldes rio-grandenses à madrugada republicana de Piratini não se compadeciam com as formas de tirania incubadas por condições históricas e sociais de todo avessas à nossa formação […] o movimento de 35, sem qualquer afinidade com a pesada maré de anarquia que assolou o Prata, mas antes substancial e ostensivamente ligado ao surto de agitações liberais que ao tempo sacudiram o país de norte a sul, deixou bem clara, desde logo, sua incompatibilidade com as soluções discricionárias. Em face dos agravos que Província vinha suportando nos seus brios e nos seus interesses, os rio-grandenses sublevaram-se. (VELLINHO, 2005, p. 163).

O comando militar farroupilha assumiu o modo de uma função delegada, pois pela causa respondiam um punhado de “patriotas vigilantes”, a crítica não poupava nem mesmo os chefes de maior hierarquia, pois “Entre os rebeldes imperava, sem dúvida, um ativo

[244] Crítica ao PRR da qual participou Vellinho.

sentimento de zelo democrático”. (VELLINHO, 2005, p. 164). Entre os farroupilhas, haveria o avesso dos caudilhos do Prata e o avesso da Era Vargas.

O poder pelo poder nunca subiu à cabeça dos farroupilhas. O que eles queriam era os direitos locais. Os farroupilhas empenharam-se por um sistema político de autonomia regional. Queriam também para as demais províncias, contando que a unidade nacional fosse mantida. Conforme Vellinho, a Farroupilha entra na história do Brasil como um de seus capítulos mais nobres e “A límpida bravura dos brasileiros do extremo sul […] pertence, decerto, ao patrimônio comum da nacionalidade”. (VELLINHO, 2005, p. 165). A Farroupilha rompia as medidas regionais, se “os revolucionários foram até à separação e à república, porém tudo isso ainda era obra de brasileiros”. (VELLINHO, 2005, p. 165). A filiação da Farroupilha estava na condição de brasilidade e a brasilidade nascia na defesa da fronteira. O entendimento da Farroupilha entre as revoluções brasileiras e a legitimidade de sua extração nacional comprovam que a “nossa vocação para a unidade nunca se apagou na alma dos republicanos de 35”. (VELLINHO, 2005, p. 166). Pensar distinto disso é característica da “imaginação desocupada” (VELLINHO, 2005, p. 167) e também

> mera fantasia literária […] Nada mais que contrabando livresco, usado principalmente para animar efabulações inconsequentes e dar colorido a perorações de comício. Ou então quando a irresponsabilidade dos demagogos conclama os gaúchos a saltarem de suas fronteiras e ganharem o Brasil para o Rio Grande […] (VELLINHO, 2005, p. 167).

O autor quer operar o controle do imaginário sobre a *formação* rio-grandense e a Farroupilha. O que estiver fora da sua interpretação “científica” do passado (não se pode esquecer que escrevia no lugar legítimo de produção do conhecimento histórico: o IHGRGS) seria imaginação desocupada ou fantasia literária usada para fins políticos. De uma maneira ou de outra, controlava o imaginário da historiografia e do romance histórico. Ele que fez a passagem da crítica literária à historiografia. Vellinho quer em um lance colocar todas as teses diferentes da sua no campo da fantasia, do ficcional ou do político, cabendo a si fazer ciência. Tanto em suas polêmicas como crítico literário quanto em seus debates historiográficos, sempre houve uma função política expressiva em seus escritos, mesmo que na época de crítico literário isso tenha sido mais intensivo. Com a aceitação científica e social das teses de Vellinho não é de estranhar que a contraposição a suas teses, em seu tempo, viesse do romance, pois “*Capitania d’El-rei*, representou em muitos pontos uma versão ensaística do romance histórico de Érico Verissimo”. (RODRIGUES, 2006, p. 221). Contudo, Vellinho não

pode deixar de examinar o Estado Novo. E a saída teórica que consegue, para mostrar que a formação rio-grandense não permite a presença de caudilhos, foi original, pois

> O que se pode admitir, a título de transigência, é que, se houve aqui vocações abusivas para a carreira, foram elas florescer e frutificar longe do Rio Grande, em ambiente menos prevenido contra os perigos do caudilhismo. Estamos pensando, é claro, em Pinheiro Machado e Getúlio Vargas, que tanto aperfeiçoaram, cada qual dentro de seu caráter próprio, mas já no cenário federal, seus pendores ditatoriais. (VELLINHO, 2005, p. 167).

Os pendores ditatoriais se manifestaram em três momentos: a) Pinheiro Machado; b) Getúlio Vargas; c) a Constituição Positivista (1891). Sobre Vargas, quem interessa diretamente a tese, diz Vellinho: "Quem ignora que só depois do idílio com a oposição, que teve com a consequência a Frente Única, é que ele, quebrando os compromissos democráticos daí decorrentes, foi testar suas veleidades de 'caudilho manso' longe do Rio Grande". (VELLINHO, 2005, p. 168). Só longe do Rio Grande do Sul, terra da liberdade e da democracia nacional, floresceria o caudilhismo de algum gaúcho. Nesse momento, sua filosofia liberal da história torna-se evidente, pois, para Vellinho, infelizmente, e isto é muito importante para o seu raciocínio, os "velhos republicanos fecharam suas portas às lições que ao mesmo tempo acenavam da vertente liberal que domina o processo político rio-grandense". (VELLINHO, 2005, p. 170). E prossegue:

> Nota-se ainda que essa política de áspero exclusivismo, de monopólio da coisa pública, teve, por ação de contraste, um efeito salutar: serviu de estímulo a uma oposição intrépida e tenaz, também polarizada em partido, e cujas raízes se nutriam justamente da seiva liberal de 35, que o partido situacionista cometera a imprudência de regular. Essa fidelidade à constante democrática das nossas tendências políticas deu a oposição rio-grandense uma força de vida que lhe permitiu transpor sem maior desgaste o longo recesso que a ditadura Vargas impôs as organizações partidárias. O pequeno Partido Libertador foi, com efeito, o único em todo o país que sobreviveu à devastação. (VELLINHO, 2005, p. 171).

Quer dizer que, de alguma forma, sobreviveu à "seiva liberal de 35" ao longo da história e se conservou, mesmo que reprimida por Getúlio Vargas, no Partido Libertador. A ideia de liberdade que existe desde a formação do Rio Grande do Sul teve seu ápice na Farroupilha, e em momentos específicos da história sulina sempre se manifesta em ocasiões em que a liberdade concreta está ameaçada, pois o sentido final imanente da história no escrito de Vellinho é a liberdade. Se a Revolução de 1930 não conseguiu concretizá-la, ela sobreviveu a esse período no Partido Libertador.

Contudo, o historiador ainda está em busca da explicação sobre a existência de caudilhos no Rio Grande do Sul. Se, no Rio Grande, não houve oligarquias militares ou civis, onde então estaria o suposto caudilhismo rio-grandense? Se não há caudilhos de geração espontânea, seu surgimento implica uma composição social peculiar. As condições que produziram os caudilhos do Prata não poderiam esclarecer o aparecimento de caudilhos na *formação rio-grandense*, pois "A História não conhece germinações gratuitas. É por isso que, à míngua, de atmosfera propícia, certos líderes que nascem sôfregos de autoritarismo, ou provocam o protesto revolucionário, ou vão tentar fortuna fora do Rio Grande. O pior é que às vezes são bem-sucedidos […]". (VELLINHO, 2005, p. 173).

No Rio Grande, por sua formação, não teria como haver caudilhos. O que poderia haver é que alguém propenso ao autoritarismo no Rio Grande o exerceria fora desse Estado, o que, para o Vellinho, era o caso de Vargas. Desse modo, seu pensamento político, sua filosofia da história, teria uma base regional. Isto é, só seriam válidos dentro dos limites do Rio Grande e pelo fundamento que permeia a identidade do gaúcho: a fronteira. Longe da fronteira, a ideia ou o espírito da liberdade e da democracia não estariam assegurados. Portanto, no argumento de Vellinho haveria, contraditoramente com o seu raciocínio anterior, duas entidades separadas: o Rio Grande do Sul e o Brasil. Pois, o que acontece num, necessariamente não acontece no outro. E, no caso do caudilhismo, acontece o oposto.

Vellinho continua argumentando que se constituiu no Rio Grande do Sul o respeito à ordem legal. Mesmo com a proclamação da República Rio-Grandense, em 1836, a autoridade iria bipartir-se, porém não desvaneceria como expressão legal:

> Os homens de 35 romperam com o Império mas se conservaram fiéis aos hábitos de disciplina jurídica e social que entre nós tinham o poder catalisador de uma velha tradição […] Por isso mesmo os chefes farroupilhas procuraram sempre resguardar as instituições legais. Tudo eles perderiam, ao longo de dez anos de luta – os bens, a vida, a própria causa – mas nunca perderam o zelo pela organização civil da ordem revolucionária. (VELLINHO, 2005, p. 175).

Foi sob o símbolo político que se originou a conquista da fronteira meridional do Brasil e isso "quer dizer que os fronteiros do Rio Grande estiveram desde logo enquadrados no amplo movimento de integração da nacionalidade". (VELLINHO, 2005, p. 178). Disso resulta que "A essa altura já tinha o Rio Grande construído a sua legenda guerreira. E essa legenda que funde espiritualmente as gerações entre si e lhes dá a substância histórica que as vincula ao todo nacional". (VELLINHO, 2005, p. 179).

Além da cooperação do Rio Grande na defesa da honra e integridade da nação, "nossas próprias revoluções sempre animadas por aquilo que se pode chamar consciência de integração nacional". (VELLINHO, 2005, p. 181). Essa "vocação" para a integração é uma das heranças que se debita ao "gênio aglutinador do português". E essa constituição e uniformidade permaneceram vigentes ao "nosso campeador", que na imagem do gaúcho concentrou a sua composição ética de todos os rio-grandenses identificados com o território meridional ou por filiação histórica, por aculturação ou adesão afetiva. Assim,

> O tipo do gaúcho […] emancipou-se da estrita contingência histórica e desbordou de sua paisagem nativa para sobreviver como ideia-força […] A velha Província de São Pedro já teria perdido a consciência de seu *ethos* se o gaúcho, redivivo, não continuasse em guarda, velando pela chama que uma vez foi acessa nestes confins. (VELLINHO, 2005, p. 182).

Essa última citação é uma síntese dos fundamentos do texto do historiador. O gaúcho, desde a sua formação histórica até os dias presentes da escrita de Vellinho, mantém um modo de ser, uma característica, um *ethos* em uma linha de continuidade, na sua *formação*, do passado com o presente em termos da defesa das nacionalidades; o que surgira como contingência histórica revive como ideia através da história. O gaúcho em sua finalidade histórica, de sentinela da fronteira, está vigilante pela liberdade nacional.

Os empreendimentos intelectuais de Érico e Vellinho não podem deixar de serem comparados. Se não existe uma disputa aberta entre eles acerca da interpretação da *formação* do Rio Grande do Sul, é possível analisar que há representações diferenciadas desse processo. Vellinho propunha uma narrativa em que a formação histórica sulina nascera da colonização portuguesa de desbravamento e conquista da América. Diferentemente, Verissimo admitia que a formação histórica do Rio Grande do Sul se relacionava com a história indígena e é seu ponto de partida no capítulo "A fonte" (primeiro capítulo de *O continente*), onde narra a história de Pedro Missioneiro, e depois em "Ana Terra" (segundo capítulo), onde narra o romance de Pedro Missioneiro e Ana Terra, em que as culturas indígena e portuguesa metaforicamente se unem na formação histórica gerando o filho do casal, meio índio e meio português, Pedro Terra.

Em Vellinho, a *formação* histórica do Rio Grande, além de suprimir o indígena, opera outra oposição: o platino e o brasileiro, ou, mais especificamente, o gaúcho platino e o gaúcho rio-grandense. O gaúcho brasileiro não poderia, na visão de Vellinho, estar associado a supostas característica bárbaras dos indígenas (como ocorreria no gaúcho platino), sendo, por conseguinte, a formação do Rio Grande do Sul um produto da civilização europeia, já que

para Vellinho as instituições, a democracia e a liberdade só seriam possíveis sem o barbarismo indígena e o caudilho. Verissimo, em "Um certo capitão Rodrigo", creio que faz o que havia proposto para *O continente*: se aqui ele problematiza a história da *formação* do Rio Grande do Sul, em "Um certo Capitão Rodrigo" problematiza a Farroupilha via romance, isto é, as teses correntes e mais aceitas do período (caso da obra de Vellinho) são contraditas por Verissimo. Dois momentos do *O continente* são importantes para frisar isso. Ao contrário de Vellinho, que inicia a formação com os portugueses, Verissimo inicia a *formação* com os Sete Povos das Missões; e o mais importante para a pesquisa: Vellinho desvincula a Farroupilha do Prata e, ao contrário, Rodrigo entra em Santa Fé, vindo das Guerras Cisplatinas de onde traz trejeitos, palavras, costumes e o nome do seu primogênito.[245]

Apesar destas diferenças, os autores tinham suas semelhanças. Além de terem um projeto intelectual sobre a *formação* histórica do Rio Grande do Sul, ambos partilhavam o apoio a Revolução de 1930 e, depois do fim do Estado Novo, partilharam a crítica ao Estado Novo. E a Farroupilha entrou na história da formação rio-grandense nessa perspectiva. Em ambos, a Farroupilha foi um tema em que o presente da escrita entra como uma marca da criação do passado escrito. Há, nos dois os autores, uma crítica política de cunho liberal na interpretação da Farroupilha, mas que se vincula a uma crítica no presente ao período do Estado Novo. Verissimo é mais sutil e sofisticado aos excessos e intervenções do governo;[246] Vellinho é mais incisivo na crítica e, além de conceber a história como um processo com um fim a ser realizado, faz uma ligação direta entre a Farroupilha e a Revolução de 1930.

Mais um período de escrita da Farroupilha é investigado. E em mais um período as marcas do imaginário se encontram na escrita. A *poieses*, a criação, é em parte determinada pela releitura do presente. A ficção do romance e a historiografia sobre a Farroupilha, neste período pela primeira, vez divergem sobre o controle do imaginário. A partir de um questionamento epistemológico da história, Verissimo encontra um lugar para, mais livremente que todos os romancistas até então, escrever e problematizar a Farroupilha. O seu entendimento da *formação* e da Farroupilha vai contra o cânone estabelecido pelos principais intelectuais do IHGRGS do seu período (entre eles, Vellinho). Em relação à pesquisa

[245] Gutfreind (1992, p. 99) comenta que "Enquanto a matriz lusa da historiografia sulina se esforça em construir uma imagem otimista do Rio Grande do Sul e do gaúcho, a literatura desenvolvia a criação de outra. Relacionando a literatura e a história, pode-se afirmar que nunca a literatura foi tão história quanto neste momento, no sentido da aproximação com a realidade concreta sulina". Parece o contrário, que a literatura nunca foi tão ficção, pois se fosse história teria que respeitar os critérios da racionalidade historiográfica do período ou os supostos conhecimentos da historiografia.

[246] Apesar de o imaginário do período estar presente em *Um certo Capitão Rodrigo*, é em *O arquipélago*, terceiro tomo de *O tempo e o vento*, que Verissimo reconstrói a história da família Terra-Cambará no período de atuação política de Vargas.

historiográfica atual, as teses históricas romanceadas de Verissimo são mais condizentes com o que se sabe, atualmente, do passado sul-rio-grandense do que a pesquisa histórica de Vellinho. E assim pode-se fazer a seguinte pergunta: Entre Vellinho e Verissimo, quem fez história e quem fez ficção?

Pode-se levantar a hipótese, que não pretendo comprovar ou pesquisar, mas que pode ser um norte a partir de agora para a tese (devido ao questionamento de Verissimo), de que a predominância da historiografia no controle e veto do imaginário não seja mais tão preponderante como fora anteriormente. Mas o interessante é que o romance de Verissimo é mais factível atualmente que a historiografia de Vellinho. Portanto, o que seria no tempo de Verissimo e Vellinho, o texto ficcional de Verissimo e as "sentenças científicas" de Vellinho, hoje parece o contrário, mesmo que Verissimo crie personagens fictícios, há mais verdade nos personagens fictícios dele que nos personagens "reais" de Vellinho. Portanto, o que fica de central, no questionamento de Verissimo é, para a tese, aceitar o elemento de ficção que há na escrita da história, algo que as fontes textuais analisadas anteriormente não nos autorizavam a cogitar. Agora se está, a partir da análise das fontes textuais, autorizado a pensar dessa forma em relação à escrita da Farroupilha.

No período que vai do fim do Estado Novo, em 1945, até o golpe militar em 1964, foram produzidas e publicadas as obras aqui analisadas. Ao mesmo tempo, muitas mudanças ocorreram na sociedade brasileira nesse período. Simultaneamente à redemocratização, em que houve a polarização da vida política nacional entre PTB e UDN, mediados pelo PSD, sempre se esteve cercado por instabilidades políticas de golpes, passando pelo suicídio de Vargas, a renúncia de Jânio, a Legalidade em 1961 até desaguar em 1964, na quebra da ordem constitucional. No campo econômico, a industrialização muda a cara do Brasil em seus grandes centros urbanos do Sul e Sudeste. Há, assim, um grande aumento da massa de trabalhadores urbanos no país. Desse modo, socialmente o Brasil de norte a sul vive um período de intensa atividade política nesse período de Guerra Fria. No campo e na cidade, os trabalhadores organizam-se para conquista de mais direitos sociais e políticos. Nesse período de polarização social e política, uma filosofia e teoria social ganha relevância na interpretação da realidade brasileira: o marxismo. O presente, o passado e o futuro da nação passam a ser interpretados a partir da necessidade revolucionária de superação do atraso brasileiro, para enfim o país entrar na modernidade. O golpe civil-militar de 1964, resultado de todas essas disputas no interior da sociedade brasileira (e com apoio externo estadunidense), coloca um fim a disputas pela via democrática, mas, ao mesmo tempo, a sociedade se move para novos conflitos que se dão de outras maneiras. A Farroupilha não poderia ficar de fora – como não

havia ficado antes – dessas movimentações no tecido social brasileiro em luta por reconhecimento em que o imaginário sobre a Farroupilha conhecerá novas modificações.

CAP. 7 A Farroupilha: entre a crítica e a pesquisa universitária

Após o golpe civil-militar de 1964, o Brasil entra em outro momento da sua história. A democracia e as esquerdas saíram derrotadas (não que a esquerda e a democracia sejam ou fossem naquele período sinônimos) e o país ingressara em um novo período autoritário. No conjunto, esse período reiterou o papel primordial do Estado e a fraqueza das propostas liberais e, já em fins da década de 1970, "a ditadura suscitara uma contradição básica. Impulsionara a modernização do país, sofisticando as estruturas de sociabilidade e potencializando as aspirações por direitos, mas negou-os na prática". (REIS, 2013, p. 24).

Para Reis, a ditadura civil-militar instaurada sem um tiro manteve mais do que rompera tradições com o passado. O golpe fora uma frente heterogênea unida pelo medo das reformas do governo Jango na paisagem da Guerra Fria, que pretendia "salvar" a democracia erradicando qualquer lembrança ou prática varguista na modernização do país. Entre 1967 e 1974, a ditadura abateu as oposições e solidificou um modelo de modernização conservadora e ditatorial, estimulada pelo Estado, recuperando o padrão nacional-estatista. Abandonou-se a aspiração liberal de eliminar o legado varguista. O entendimento do valor do Estado fora resgatado. Completou-se o projeto industrial proposto pelo Estado Novo, articulando o capital nacional ao estrangeiro.[247]

E é nesse período de autoritarismo civil-militar que as obras analisadas aqui se enquadram. A seguir, são analisados um livro e dois artigos. O romance *A prole do corvo*, do literato Luiz Antônio de Assis Brasil, e dois artigos de Pesavento. Com um momento político e intelectual diferente da geração anterior, outros significados iriam aparecer na escrita desses autores. Sai o liberalismo, entra o marxismo;[248] sai a democracia, entra a ditadura. A universidade e os cursos de pós-graduação são, nesse período, os campos de produção

---

[247] Partindo do entendimento de que uma ditadura é um estado de exceção, Daniel Reis acredita que este regime existiu no Brasil de 1964 a 1979 e que o período de 1979 a 1988 seria um período de transição democrática. Essa sua periodização de ditadura civil-militar gerou enorme controvérsia na historiografia. Tanto Melo (2012) quanto Maestri (2014) criticam essa periodização de Reis, pois acreditam que o Reis tem uma visão formalista da democracia e que, para fazer tal periodização, Reis não levou em conta as estruturas de classe em conflito, e que essa periodização de Reis só observaria eventos políticos superficiais e jogos de memória.

[248] "[…] enfatizamos aqui que a influência do marxista recente na produção intelectual geral e dos historiadores brasileiros, em especial, deve ser necessariamente levada em conta para fins de análise historiográfica". (DIEHL, 1999, p. 247).

intelectuais socialmente reconhecidos. O conhecimento e o debate sobre história e literatura saem dos jornais, do IHGRGS, de revistas literárias, da Academia Rio-Grandense de Letras, e foram para o campo universitário. A separação entre política partidária ou administrativa e ciência (escrita) institucionaliza-se com os cursos de pós-graduação. A ciência historiográfica parece, finalmente, estar longe do cotidiano da política. Ledo engano. Se há uma institucionalização do campo intelectual nas universidades e um afastamento da política administrativa e partidária por parte de alguns intelectuais, nem por isso há um afastamento da política enquanto disputas de projetos sociais, desenvolvimento econômico, modernização e destino da nação.

Se a produção do saber se dá nas universidades, a arma de combate, em geral, para os intelectuais é a crítica, principalmente, via marxismo ou estruturalismo. Para essa geração, haveria que se repensar todo o saber sobre o Brasil, pois tudo intelectualmente até então ou fora feito pela elite oligárquica, ou era conservador. Queria se revolucionar o conhecimento e transformar o Brasil, e fazia-se tudo em nome da *crítica*, em especial a das ideologias. No Rio Grande do Sul, as reformulações da geração de 1980 não aconteceram longe da atmosfera de crítica ideológica predominante no regime militar e em relação à forma literária e historiográfica anterior. Sobre a crítica à geração anterior, vê-se que

> pelo índice de *Cultura e ideologia* já seria suficiente para confirmar a suspeita de que os autores clamavam, em plena campanha pela anistia, pelo rompimento ético com uma tradição literária referida em sentido amplo, descrita como "teoricamente deficiente, anacrônica e reacionária". Enquanto os historiadores enumeravam, em tom de denúncia, a função ideológica dos mitos da "produção sem trabalho", da "democracia rural" e da miscigenação que não houve, teóricos da literatura também ocupados com *as mentiras sobre o gaúcho* reviraram o baú literário da província atrás de algumas vestes de modernidade, mas o que encontraram foi a marca localista e conservadora da ficção *regionalista* produzida no Rio Grande do Sul. Ao retraçar as linhagens das quais descendia, essa primeira geração de estudiosos pós-graduados forneceu, assim, mais um contraponto aos antecessores do que uma tentativa de compreender o tipo e o grau de legitimidade desfrutado por aquela produção. (NEDEL, 2007, p. 408-409).[249]

O entendimento de que a geração de 1980, junto com o advento dos cursos de graduação e pós-graduação em História e Letras, iniciou uma historiografia (e uma historiografia da literatura) "*objetiva, crítica* e *isenta* faz coincidir a superação de um modelo

[249] Para Nedel, os intelectuais que rompem com esta postura de denúncia foram Ruben Oliven (1992) e Maria Eunice Maciel (1994). Acrescentaria também Chiappini, que na conclusão do seu livro *Regionalismo e modernismo* (1978) (sua tese de doutorado de 1974), problematiza as conclusões de sua própria tese, e é uma também uma distensão em relação a denúncia ideológica nos saberes ligado ao regionalismo rio-grandense.

atrasado de interpretação histórica com a influência dos estudos desenvolvidos no centro do país, em especial a USP". (NEDEL, 2007, p. 425).

As pesquisas historiográficas no Rio Grande do Sul, realizadas a partir da década de 1980, exibem um expressivo acréscimo de produção, sempre que confrontada com décadas anteriores. Começava uma nova maneira de se escrever a história no – e do – Estado, cuja ocorrência é conferida ao surgimento dos programas de pós-graduação. Antes do predomínio da pesquisa universitária, os intelectuais do IHGRGS estavam preocupados em procurar "no passado uma herança comum aos gaúchos, dividindo suas ocupações entre a escrita da história, a direção de instituições e a militância política". (NEDEL; RODRIGUES, 2005, p. 166).[250] Em torno do IHGRGS, tais intelectuais contribuíram para a embrionária especialização da história, assim como para a pesquisa da "origem" do Rio Grande do Sul. Isso foi feito através de uma epistemologia em que o objeto de investigação era uma realidade exterior à problemática histórica por eles levantada. O documento seria o reflexo da verdade e a ele se deveria a objetividade da história. Portanto, as intelectuais do IHGRGS ofereceram aos farroupilhas e aos agentes da colonização lusitana o título de "fundadores do Rio Grande". Consequentemente,

> as primeiras "críticas" da produção dessa geração clamavam pelo estabelecimento de um compromisso de ruptura com aquela tradição historicista. A maioria dos autores fornecia, entretanto, mais um desmentido que uma tentativa de explicação à legitimidade desfrutada pelo "mito" do gauchismo e seus derivados, como a democracia racial/rural e da produção sem trabalho, entre tantos outros, como imperantes da vulgata regionalista. De outra parte, o clima do ainda vacilante processo de abertura política conferia um teor especial a esses trabalhos inaugurais. (NEDEL; RODRIGUES, 2005, p. 166).

Segundo Nedel e Rodrigues, teria havido uma transformação na maneira de escrever a história no Rio Grande do Sul na década de 1980. Essa análise coincide com as mudanças e o nascimento de uma historiografia a partir das universidades, em particular de cursos de pós-graduação.[251] De 1950 até a época presente, uma das transformações mais importantes para a história foi a requisição do título de pós-graduação para a atividade da docência em ensino superior, expandindo "o mercado de trabalho para o historiador e tornando obrigatória a sua passagem pela atividade investigativa". (NEDEL; RODRIGUES, 2005, p. 182). Na década de 1950 até o início dos programas de pós-graduação em História, a universidade reproduziu a

---

[250] As autoras citam os exemplos de Mansueto Bernardi, Darcy Azambuja, Othelo Rosa, Moysés Velhinho.

[251] "De tal modo, que concomitantemente a institucionalização do saber histórico pela universidade, sobretudo nos cursos de pós-graduação, advém igualmente a sua transformação nos processos subjacentes a própria ciência histórica". (DIELH, 1999, p. 262).

divisão de tarefas que atribuía ao IHGRGS a incumbência da pesquisa e aos cursos de Geografia e História competiam, somente, os papéis de ensino e formação de professores. “Entretanto, o ‘golpe final’ parece ter sido possível apenas na década de 1980, quando autores formados no meio universitário, de posse de novos instrumentos de análise, assumiram a missão crítica de rompimento com a tradição dos anos de 1930”. (NEDEL; RODRIGUES, 2005, p. 183).

Haveria, então, uma tradição de análise em voga na historiografia crítica dos anos 1980 que, preferencialmente, analisou as ligações entre a) a ideologia política, b) a posição de classe social e c) as teses dos historiadores dessa época. (RODRIGUES, 2006). E não há somente uma mudança epistêmica ou de espaço de produção entre uma geração e outra, pois se sabe que

> Essa mudança é demarcada com base na hipótese de que a construção da legitimidade “científica” universitária no campo da história teve de ser acompanhada pela construção de uma nova identidade para a história dos historiadores, que supervalorizou uma diferenciação epistemológica em relação à historiografia anterior, externa a universidade. (RODRIGUES, 2006, p. 13).

No Rio Grande do Sul na década de 1980, a historiografia universitária recorrerá à aproximação com as ciências sociais e a economia, “na busca de se diferenciar de sua maior ‘adversária’ no momento, a historiografia ‘ideológica’ e oficial”. (RODRIGUES, 2006, p. 21). As metodologias de pesquisa daquelas disciplinas, de institucionalização universitária mais antiga no Brasil, ofereceram para esta geração de historiadores universitários “uma história científica em contraposição a uma historiografia considerada nacionalista, ideológica e conservadora” (RODRIGUES, 2006, p. 21) e “pode-se propor que a diferença mais importante entre elas seja a substituição de uma dialética entre miscigenação e móvel político […] por uma dialética do desenvolvimento econômico e das lutas de classe”. (RODRIGUES, 2006, p. 222).

Se a historiografia foi marcada pela ascensão dos cursos de pós-graduação e por modelos teóricos estruturalizantes da explicação do passado, o romance com a ascensão dos cursos de pós-graduação em Letras sofre impactos semelhantes. Para Fischer (2004, p. 116),

> Neste período, houve claramente uma migração, fenômeno não particular do Rio Grande e, pelo contrário, comum a grande parte do mundo ocidental: a diminuição da força e mesmo da presença do debate cultural e da crítica literária nos jornais, que corresponde a um incremento das carreiras universitárias na área de Letras, Humanidades e Jornalismo.

A partir da década de 1970 e com consolidação na década de 1980, a universidade canalizou “grande parte das energias do debate literário e obrigavam a uma linguagem cifrada, por exemplo no sarampão estruturalista que dominou a cena acadêmica dos anos 1970”. (FISCHER, 2004, p. 117). Além da mudança teórica, houve a mudança do lugar literário. Assim como no campo da história, cria-se um campo específico da literatura nas universidades. Para se escrever sobre a história ou sobre a literatura a partir desse período, cria-se a exigência de expertise específica adquirida em cursos de graduação e pós-graduação. Cria-se um campo epistêmico e social de reconhecimento da história e da literatura como socialmente legítimos.[252]

Fischer escreve que houve duas gerações na história literária rio-grandense no século XX. A primeira desenvolveu-se no período, assistindo e participando dos anos de Vargas no poder, entre 1928, quando o líder político assumiu o governo do Rio Grande do Sul, e 1954, quando comete suicídio e causa uma revolta popular na Capital do Estado; a segunda geração, segundo Fischer, não concluiu o seu ciclo, e em matéria de experiência política assistiu surgir, desenvolver-se e findar a ditadura militar implantada com o golpe de 1964 e terminada em 1985. Para o autor, são “duas gerações de escritores, dois ciclos da modernização autoritária no país”. (FISCHER, 2007, p. 427). Compreende Fischer (2007, p. 427) que

> Vistas de panorama, as duas gerações apresentam semelhanças, como o apreço pelo romance – bastaria lembrar essa afinidade entre o grupo geracional de Érico Verissimo e Dyonélio Machado, e o de Luiz Antônio de Assis Brasil e Moacyr Scliar –, romance colocado a serviço da reflexão histórica e social, de seu lado, Érico e seus contemporâneos acompanharam a chegada da cidade moderna […] assim como a ascensão de um certo modo sul-rio-grandense de praticar política e a administração, encarnado em Getúlio; do lado da geração seguinte, foi o tempo de averiguar os estragos da ditadura, incluindo a morte da vida cultural livre, o cerceamento da inteligência, a subida fulminante da televisão num país que não tinha universalizado sequer a escola primária.

Uma diferença entre as duas gerações foi, segundo Fischer, que a primeira teve uma grande vocação poética (Mário Quintana), o que não sucedeu com a segunda geração. Do lado do romance, a escrita segura dos narradores do romance de 1930 dá lugar, na geração ulterior, “a um tom muitas vezes melancólico, rememorativo, ou francamente inseguro”. (FISCHER, 2007, p. 428). Os caminhos das duas gerações se fizeram acompanhar por instituições de importância, que foram lugares constituídos de valor simbólico para tais romances, como foi o

---

[252] Continua-se a produzir o saber sobre romances e história fora das universidades, mas sem mais o reconhecimento social e epistêmico de antes. Contudo, no fim dos anos de 1990 há uma demanda por leitura de história que esta sendo suprida por historiadores não acadêmicos. Sobre isso, ver Malerba (2014), “Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a história? Uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre *Public History*”.

caso da Livraria e Editora Globo, para a primeira geração, e depois, o Instituto Estadual do Livro e a Feira do Livro de Porto Alegre, para a segunda.

Esta segunda geração experienciou, ainda jovem, o movimento da Legalidade, quando existiu um suposto consenso político em volta de Leonel Brizola, estertor, segundo o autor, da força da política sul-rio-grandense no plano nacional e

> trata-se igualmente da geração que foi atropelada pelo golpe de 64, pelo fechamento do regime militar em 68 e pelos sombrios anos subsequentes, que se arrastaram lentos até a nova movimentação da sociedade, nos últimos anos 70, com a campanha pela anistia, pela constituinte e pelas diretas, tudo isso culminando com o grotesco episódio da eleição indireta de Tancredo e Sarney. (FISCHER, 2007, p. 445-46).

Como lugar de divulgação e produção dos romances, o Instituto Estadual do Livro teve o projeto de reacender, em novo estágio, a circulação dos livros dos novos escritores gaúchos

> animados de espírito público e interesse na divulgação de literatura, inclusive por motivos simplesmente de ampliar a democracia e combater pouco a pouco a ditadura e a burrice, fizeram desabrochar um fenômeno exclusivo do Rio Grande do Sul, relativamente a outros estados: o Instituto Estadual do Livro (IEL) como uma entidade ativa, que se encarregou de fazer circular a literatura antiga e recente produzidas no estado, em escolas e feiras pelo território todo. (FISCHER, 2004, p. 117).

Luiz Antônio de Assis Brasil nasceu em Porto Alegre em 1945. Ainda como os escritores da geração anterior, ele não é formado em Letras, graduando-se em Direito em 1970 pela PUCRS. Contudo, já nos moldes da nova geração obteve o doutorado, em 1987, em Linguística e Letras pela mesma instituição. Também, desde 1975, é professor da PUCRS, função que exerce até hoje. Desde 1985, Assis Brasil ministra a oficina de criação literária no curso de pós-graduação em Letras da PUCRS, a mais antiga do país e de funcionamento ininterrupto. Se à geração anterior à de Assis Brasil primeiro vinham os cargos públicos, o jornalismo e depois o romance, a geração de Assis Brasil (e mesmo ele) também trabalhou no aparato do Estado. Entre 1983-1986, Assis Brasil foi diretor do IEL e, de 2011 a 2014, foi secretário da Cultura do Rio Grande do Sul.

Sua produção literária é vasta e continua até os dias de hoje. Iniciou sua carreira de romancista em 1976 com a publicação de *Um quarto de légua em quadro*, onde narra a colonização açoriana no sul do Brasil. Em 1978, publica *A prole do corvo*, romance

ambientado durante a Farroupilha.[253] Este livro tem as marcas do imaginário do período: a revisão crítica, através do romance, da história da Farroupilha. Nesse livro, como percebem todos seus comentaristas, ele *dessacraliza*, *desmitifica* a Farroupilha. Isto é, para o período de sua escrita Assis Brasil ofereceria uma intriga até então inédita sobre a Farroupilha, uma narrativa que a mostra em sua realidade, em contraposição à geração anterior da historiografia e da literatura, que, para tais comentaristas, teria sacralizado e mitificado a Farroupilha.

O narrador começa *A prole do corvo* com Chicão gritando "Ora, dane-se! dane-se o Bambá!". E a narrativa de romance mostra, de início, a que veio. Bambá ou Bambaqueré era como os opositores de Bento Gonçalves o chamavam de modo pejorativo. Com isso, o narrador quer apresentar outra faceta deste personagem que, acredita, ficou submersa no período anterior: o anti-herói. De início, a função crítica do texto se aclara e o imaginário do período se mostra no romance.

O coronel Francisco de Assis Henriques de Paiva, conhecido como Chicão, reclamava a Dona Clarinda, sua a esposa, e a Laurita, sua filha, as novas requisições dos republicanos por cavalhada. Em vez de correr a tiros o major farroupilha Firmino, Chicão oferecera duzentos potros mansos. Ainda deu sugestões de como aproximar-se dos outros estancieiros. Primeiro precisaria falar que a república ia mal de dinheiro; depois indagar pelo tempo, pela cavalhada e como quem desconversa adular pela vaidade falando que tem a melhor estância da região e, por fim, falar que o próprio Bento Gonçalves se lembrara dele e que depois de finalizada a revolução o próprio líder dos farrapos iria comer um churrasco com ele. Voltando-se para Laurita, sua filha, diz que o pior de tudo era só ter um papel em que se garantia pagar os duzentos potros quando o governo puder. Chicão falava que era mais uma invenção do Bambá.

Se os intelectuais do período anterior mitificavam a Farroupilha quando apresentavam a revolução como o ponto de liberdade e de vitória do Rio Grande do Sul, em *A prole do corvo* narra-se a Farroupilha, não sem razão no ano 1844, ano que a revolução chegava ao fim e definhava. Por isso, a necessidade de requisições de cavalhadas sem a garantia de pagá-las e com os estancieiros que cediam os cavalos ficando revoltados com o Bambá que de herói passa a mentiroso.

---

[253] "Ao se pensar referida obra no contexto de produção do autor, percebe-se que faz parte de uma trilogia, composta pelos romances *Um quarto de légua em quadro* (1976), romance de estreia do escritor, seguido de *A prole do corvo* (1978) e, por fim, *Bacia das almas* (1981). A referida trilogia é denominada 'trilogia dos mitos rio-grandenses', pelo fato de todos esses romances, de algum modo, tratam de aspectos que se referem à história do Rio Grande do Sul". (COSTA, 2014 A, p. 95).

Aos 20 anos, Filhinho ainda não sabia o que pensar da revolução. Sabia ele que se guerreava distante. Seu pai (Chicão) a arrenega, entretanto, o vigário considerava que a guerra às vezes auxilia a reparar a situação. Laurita (sua irmã) diz que era melhor que estivessem todos trabalhando, em tranquilidade, todos cuidando de suas terras e famílias. Seu o marido fora para a guerra, assumiu o lado dos revolucionários. Quem sabe fora ferido, quem sabe até pensando nela. As cartas têm rareado para ela, e não são mais saudosas.

Filhinho estava acostumado a que a irmã tomasse conta da casa, ordenando as criadas, até os peões e os escravos, nada escapa: o que vestir, o que comer, as limpezas, as engomadas de ferro. Ele, muitas vezes, foi tirado da cama para ajudar no campo. Laurita pensa em como falar a Filhinho tudo o que vem sucedendo na estância. Se não é ela, não se sabe o que seria de Santa Flora. Pensa em como chamar Filhinho a assumir as responsabilidades da estância.

Personagem principal do romance, Filhinho nem sabe o que pensar da Farroupilha, ao contrário das gerações de romancistas anteriores, que mostravam os personagens decididos e com ideias firmes. Filhinho é um personagem sem a habilidade para lidar com a estância ou com vontade de trabalhar nas lidas campeiras que caracterizariam o rio-grandense. A maneira como o narrador chama o personagem principal – Filhinho – já é uma maneira de demonstrar sua fraqueza ou medo de assumir responsabilidades. Filhinho significa algo ou alguém sem coragem para assumir as mudanças ou responsabilidades, um personagem que vive protegido pela irmã.

Ao longe vinham dois cavaleiros com a farda republicana. Um era o major Firmino, a quem Filhinho pergunta a que vem. Firmino lhe responde que veio falar com o Cel. Chicão sobre assuntos de cavalo. Firmino perguntou qual seu nome, ao que lhe diz que é Filhinho. O major faz uma expressão de pasmado, ao que Filhinho lhe diz que esse é seu apelido e que seu nome é José. Nesse momento, surge Chicão vindo da sesta:

> Dão-se as mãos, abraçam-se, Filhinho não entende o comportamento do pai. No outro dia, na hora da janta, excomungou todos os farrapos, estremeceu a casa, aos gritos de bandidos! ordinários! ladrões de gado! Agora desmancha-se todo para aquela bigodeira caída. Corre o mate, os dois conversam animadamente, Firmino batendo no joelho de Chicão, que, alegre, enche a cuida do outro. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 21).

Firmino vinha requisitar mais cavalos, Chicão fala que não tem mais cavalos e aconselha que Firmino peça para o Pacheco e, também, lhe diz que está ficando velho para a guerra. Nisso, o major Firmino aquiesce e diz que a guerra é para os jovens, como José, o major crê que é o tempo de incorporá-lo ao exército republicano e diz que poderia ser

sargento em pouco tempo se ganhar corpo. Todavia, Chicão pergunta se não seria Filhinho muito novo, ao que o major responde que assim é a guerra e que tem incorporado frangotes de 15 anos. O major Firmino pensa que com suas recusas o general poderia duvidar de sua lealdade.

Passam à mesa; o charque estava salgado e Filhinho pede mais vinho ao pai. Chicão pondera um pouco e pede que sirvam mais ao guri, que, afinal, é homem, tanto que necessitam dele na guerra. Laurita pergunta ao pai se vai mandar Filhinho para uma guerra que nem ele entendia direito. O coronel responde que os homens têm que ir para a guerra, seria o mesmo que casar. Nisso, levanta o copo e diz que está decidido e Filhinho vai e arremata dizendo que só espera que ele ganhe dinheiro com essa bagunça. Chicão, ao denominar a Farroupilha de bagunça e que Filhinho ganhe dinheiro com nela, entende-a apenas dentro da esfera do ganho privado sem nenhum ideal político maior para lutar.

Filhinho estava sem entender tudo aquilo. Ele leva os jornais que Diogo Ferraz (marido de Laurita) trouxe para casa para o Padre Francisco Antônio ler para ele. O padre esclarece que aquele era um jornal dos revolucionários onde dizem o que pensam, e o padre pergunta o porquê da importância. Filhinho responde que vai incorporar-se aos republicanos, que seu pai já havia decidido. Diz que seu pai não quis mandar cavalos e ele iria no lugar, e se teria que ir gostaria de saber do que se trata, pois em Santa Flora ninguém sabia.

Filhinho tomou parte no exército republicano. O narrador apresenta o exército em uma situação de penúria, Filhinho montado num baio magro, o fardamento um trapo só, o boné de muitos furos, a fazenda despegava-se da carneira, o dólmã estava aberto por falta de botões. Filhinho fez amizade com Cássio, ficaram conversando sobre a guerra e sua incorporação. Filhinho fala que é uma história sobre cavalos mansos, que é melhor nem saber. Cássio se mostra interessado, pois

> Conta muitas peleias, desde o início da guerra, desde o vinte de setembro, tê guerra! Mas não sabe, não, o Bento Gonçalves já não é mais o mesmo. Passado nove anos, a fome vai apertando, os uniformes se estragando, a política degenerando. Ele mesmo, Cássio, agora briga porque está metido nisto, e pra falar ao certo, não vê bem a finalidade. Mas ele não quebra a cabeça, quem deve quebrar, quem deve, é os coronéis e os majores, e os capitães, e os tenentes e os cabos; porque é bom ser soldado, não precisa pensar, os outros é que resolvem tudo, dizem o que é bom e o que não é, resolvem que comer e o que vestir. Verdade que andam escassos de comidas e de roupas, mas diabo! Isso acontece sempre numa guerra. Mas ele não vê porque José incorporou, sendo assim tão rico. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 49).

O narrador sugere que a Farroupilha foi apenas do interesse dos ricos, dos estancieiros e ocupantes dos altos postos militares, que o peão e o soldado raso nem sabiam o que acontecia durante a guerra, e que eles foram massa de manobra da elite militar farroupilha.

O clarim brandia desde cedo. Contudo, a maioria da tropa nem sequer se mexeu. Filhinho acorda, cheira o ar e sente que estão fazendo churrasco. E o estômago ronca de fome. Cássio desapareceu deixando a seu lado nacos de papel manchados de gordura. A linguiça, lembra-se Filhinho, Cássio a deve estar comendo. Descobre Cássio assando a linguiça e dividem-na. Filhinho indaga se tem mais, ao que Cássio responde que na miséria do acampamento “nem pra remédio”, e ouviu dizer que todos os acampamentos republicanos são assim, falta tudo.

O tenente Meireles resolvera ensinar Filhinho a manejar uma arma. Ele erra os primeiros tiros ao alvo, depois de algumas tentativas acerta-o. Filhinho pergunta ao tenente por que tem que matar caramuru, o tenente responde-lhe que os caramurus são uns desgraçados. Filhinho retruca, perguntando por que seriam uns desgraçados. Ao que tenente somente responde: “se nós somos bons os outros são uns desgraçados”. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 56). O narrador mostra uma guerra sem sentido depois de muitos anos, em que a repetição irrefletida é a única norma. A Farroupilha que, começara como um conflito de elites, terminava melancolicamente como uma guerra que ninguém sabia o porquê começara e por que deveria continuar.

Os prisioneiros da tropa republicana são poucos. Por isso, Fillhinho tem tolerância com o prisioneiro. Chama-o por tu, sorve o mate na mesma cuia, debate com ele sobre o fim da revolução. Jogam baralho, escolhendo a bisca que o major caramuru sempre ganha. Filhinho vê os prisioneiros e busca desvendar o jeito diferente de falar que, concebe, tem os caramurus e decepciona-se de não serem diferentes dos republicanos. Não haveria nada de especial em ser farroupilha, era igual a ser caramuru. Todos eram a mesma carne, ser farroupilha, em *A prole do corvo*, não prenunciava um amanhã de dias gloriosos para um Brasil republicano. Ser farroupilha não adquire a importância que havia nos romances anteriores. Não mais um passado glorioso, que garantiu o vigor do Rio Grande do presente. Contudo, em *A prole do corvo* tudo é questionado, as certezas anteriores somem do horizonte interpretativo e o que se reapresenta é a Farroupilha ao avesso.

A penúria do exército farroupilha é uma constante. A lança de Filhinho está oxidada, deram-lhe também uma pistola que ele exibiu a Melitão. Este diz que se lhe ofereceram a pistola é porque não atira mais e se atirasse não adiantaria, pois não há mais pólvora. Tudo na farroupilha estaria em miséria. E acontece a primeira batalha de Filhinho que, atônito com as

ordens, imita os outros. Não compreende as ordens que recebe, “porque os flancos e as esquadras são nomes muitos novos, recém-conhecidos”. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 72). E pergunta o que deve fazer. Ouve um grito para pegar a lança. É o que faz. Entretanto nunca a lança lhe pareceu tão pesada. Filhinho é levado para o fervo ainda maior. Como o anti-herói, é levado pelos acontecimentos, nunca mostra um ato de coragem. Há certa movimentação que Filhinho não percebe, aproximam-se cada vez mais perto do arroio. Filhinho ergue a espada, esperando, “quando sente um peso enorme na mão e vê que atingira o soldado no ventre, recua, deixando que caia ao lado, mole e esguichando sangue”. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 74). Filhinho mata sem querer, não é por vingança nem por ideias, apenas uma banalidade.

Em Santa Flora, Laurita acerta o pavio do lampião. É a única que sabia fazer isso, e estremece à voz do pai, que

> Fica de costas, olhando o retrato de Bento Gonçalves, moço e bonito, largas suíças, lábios finos. Chicão continua: esse aí é que me leva os trocados. Duzentos potros mansos, o Bambá já me papou. Essa história de revolução e guerra, pra terminar no quê, me diz, no quê? Ainda ontem me convidaram para uma assembleia na casa do Faustino, que era pra decidirem o que fazer, acha que fui? Me disseram: tu tem que ir, porque em todo lado os estancieiros estão se juntando pra pensar junto pra ver se vale a pena continuar. Que se juntem eles, os ricos! Quem fez o embrulho que desembrulhe, já dizia o velho Zeferino Paiva, teu avô. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 76).

No personagem de Chicão, mostra-se a desilusão com a Farroupilha e Bento Gonçalves, desrespeitado pelo apelido Bambá, é tratado agora como um impostor. Diogo Ferraz chega à casa alto da noite. Ele diz para Laurita que estava em uma reunião de negócios e que todas as pessoas importantes de Aguaclara viraram caramurus. Informa que recebeu uma oferta para ser tesoureiro da Câmara por 20 mil contos de réis. Laurita não gosta, porque ele falava mal dos imperiais e ainda usava o uniforme da república, além de Filhinho estar a essas horas, quem sabe, morrendo. E com isso o narrador mostra que a Farroupilha é apenas um jogo de interesses privados. A crítica através de *A prole do corvo* mostra uma Farroupilha bem diferente dos períodos anteriores, com um sentido histórico diferente em relação aos romances anteriores.

O pelotão de Filhinho está agora na estância de Gamacho, estancieiro que abriga todas as tropas e que vende mantimentos e munição tanto a imperiais como a republicanos. Gamacho fora um dos que enriqueceram na revolução. A partir da “primeira morte” em batalha de Filhinho, seus colegas o começam a chamar de José em um sinal de respeito (só o narrador ainda o chama de Filhinho). Durante o jogo de cartas, falam sobre o curso da revolução e dizem a Filhinho as últimas notícias sobre os movimentos da guerra:

> A primeira é que os maiorais da revolução fizeram acordo com os castelhanos, eles vão ajudar na guerra. Parece a Filhinho que isso é vagamente bom, porque é certo que andam mal de roupas e munições. Não pergunta nada e se faz de entendido. Mas João Inácio quer explicar: e sabe por que estão brabos? Não gostam de castelhano, o castelhano é muito mal visto, vendia pro Império charque mais barato que os estancieiros da Província, antes da revolução. Essa história de charque é conhecida, Filhinho quando criança ouviu muitas vezes Chicão gritar que era uma afronta aos estancieiros o Império taxar o charque com tantos impostos, que no fim ficava tão caro que nem podiam vender, era mesmo preciso fazer a tal revolução. Que ele, Chicão, tinha deixado de ganhar dez contos de réis num só ano, e o charque castelhano passando, passando debaixo do nariz. – Daí, José, que estão uma fera com isso, com essa amizade fora de hora. Mas a outra notícia é boa, para eles. Bento Gonçalves reuniu-se com Canabarro, o Gomes Jardim e outros graúdos para tratar do fim da guerra. Vão pedir um acerto ao Império. Filhinho não entende o que João diz; como é que tratam do fim da guerra, se ao mesmo tempo fazem um arreglo com os castelhanos e mandam os soldados azeitaram as armas? Não entende. – Não entendes, José, porque a guerra não é feita por nós, nem pelos peões, nem pelos escravos, nem pela arraia-miúda das vilas. É feita por eles – aponta para a janela da varanda, onde explodem gargalhadas e gritos furiosos. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 109-110).

Nesse diálogo os personagens mostram que a Farroupilha não era democrática nem igualitária, era apenas um acerto de contas entre os poderosos, em que a arraia-miúda estava excluída. Durante o tempo em que estiveram na estância de Gamacho, Filhinho ficara amigo de Esperança, filha do dono da estância.

Era um dia de céu azul, no alto os corvos fazem seu voo. Os corvos giram em círculos, e cada vez aparecem mais, como se de cada um surgissem outros dez. Esperança abriu os olhos, fixava as nuvens, apontou os corvos que fazem voltas no ar e afirma que seu pai é um deles. Ela diz que a casa ficou cheia de corvos, vinham rondar a carniça e estão lá em cima, rondando. Filhinho olha para cima, os corvos continuam pontilhando o céu negro. Esperança pede a ele que os tire daí, pois vivem da morte dos outros. A Farroupilha, antes usada como justificativa de poder, agora é comparada aos corvos, como um mau presságio, em que se vive da morte do outro, uma guerra sem sentido. Os corvos estariam por toda parte na guerra, a Farroupilha quando comparada aos corvos, torna-se completamente o avesso que era para a geração anterior; Assis Brasil faz antítese da geração anterior: ao invés de heróis, os farroupilhas são corvos que vivem da morte e da miséria alheia. A metáfora do corvo, já formulada em *Os farrapos* de Oliveira Belo, em *A prole do corvo* ganha o desenvolvimento ficcional.

A presença dos corvos inicia-se no título. É um primeiro enquadramento inicial e aponta para um tipo de reflexão que se desenvolveu no decorrer do romance. Também, na epígrafe do romance, Assis Brasil introduz a temática do corvo. Ele cita uma passagem do poema épico de Jorge Lima – “A invenção do Orfeu” –, que possui no canto X atmosfera

sombria da guerra: “Agora tudo finda em guerra, em corvo, / em despojos molhados e vislumbres, / ataduras sangradas, algodões, / Sombras de grandes botas despovoadas”. (LIMA, 1952, p. 401).

Edgar Allan Poe (2009), poema “O corvo”, também desenvolve a metáfora do corvo em um ambiente triste e negativo. Nele, a atmosfera é completada pelo íntimo do narrador da poesia que está devastado e sofre a dor da perda da amada e não tem mais nenhuma ilusão sobre um futuro feliz.[254] Em *A prole do corvo*, os corvos apontam sempre para a destruição da guerra e dos laços humanos. Se no poema de Poe o corvo atormenta uma pessoa em sua subjetividade, Assis Brasil expande essa metáfora para pensá-la em uma temática social: a guerra em que os corvos sobrevoam-na como se a tudo observassem e tudo dirigissem, sempre pressagiando o mal de Filhinho, sua degeneração como pessoa e da sociedade que o circunda. Portanto a metáfora da Farroupilha como corvo, como mau presságio, uma decomposição da sociedade e dos valores, retoma um sentido para a Farroupilha que tinha ficado ausente desde o imaginário imperial. Os farroupilhas passam, de uma geração a outra, de centauros a corvos que, em sua passagem, tudo destroem.

A contestação do narrador ao que considerava um modelo ultrapassado de representação da Farroupilha mostra-se radical em seus fundamentos. Não sobra nada no campo textual da experiência hermenêutica anterior. A crítica do narrador propõe que tudo tenha que ser refeito a partir de uma crítica ideológica total.

Esperança espanta os corvos. Depois dá um suspiro e encosta a cabeça no peito de Filhinho. Ele tem vontade de chorar e quer Laurita:

> Esperança tem a mão em seu rosto: soldado, meu pai está como louco porque a guerra vai terminar, hoje manhã mandou matar todos os cachorros da estância que roubavam na despensa […] Vê aquele pedaço de terra escura, depois da aguada, lá onde fica o umbu? Aquilo não era dele quando se estava em paz. Quando começou a revolução ele ficou rico e comprou mais aquelas quadras e depois comprou mais aquelas outras e comprou mais todas as quadras do mundo! […] Na guerra são sempre essas coisas. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 111).

A Farroupilha que surge em *A prole do corvo* é apenas do interesse privado e egoístico, em que apenas o lucro individual e o roubo se sobrepõem. Seu sentido é deixá-la o oposto do que fora, para fazê-la diferente, “desmitificá-la”. Em lugar de heróis, bandidos, corvos que vivem da morte.

---

[254] Assim, Poe (2009, p. 68) se refere no poema ao corvo: “Ó ser do mal! Profeta sempre, ave infernal / que o Tentador lançou do abismo, ou que arrojaram temporais, / de algum naufrágio, a esta maldita e estéril terra, a esta precita / mansão do horror, que o horror habita – imploro, dize-mo, em verdade: / Existe um bálsamo em Glaad? Imploro! Dize-mo, em verdade! E o Corvo disse: ‘Nunca mais’”.

Visitanto a estância de Santa Flora, o vigário dizia que eles não percebiam que o retrato de Bento na sala poderia trazer incomodações. Ainda mais que agora a Câmara de Aguaclara se declarou legalista, além de tudo, a revolução estava perdida, os farrapos já faziam acordos com o império, pois estavam mortos de fome e frio.

> A propósito de queijo já falam nos preços, e dos preços, em política; estudam a conveniência ou não da guerra, Chicão coloca toda a culpa no Bambaqueré, no Canabarro, e no Bento Manoel, esse último um tratante degenerado. Agora sabe coisas, anda bem informado. O Canabarro, uma vergonha, enrabichado na tal Papagaia, mulher casada, mantida com o bom e o melhor. E o Bambaqueré, o verdadeiro azar da revolução, com o bando de mazorqueiros levando adiante esse capricho. A dignidade, a dignidade, branda Chicão, onde está? Então o Bento não sabe que já deu com os burros nágua? Não é herói quem manda os outros morrerem nas coxilhas, sabendo que o caso não tem mais volta. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 118).

O padre afirma que tudo isso não é cristão, e o coronel o responde:

> Se é cristão ou não, isso não sei, o fato é que tudo mudou, nesta Província: o soldado passou a general, o padre passou a deputado, o bandido virou santo, o pobre agora é rico. E daqui a alguns anos serão gente honesta e decente, os filhos e netos mal sabendo que estão pisando no sangue de muito soldado. Tudo entortou, tudo virou, tudo merece só um arroto. – E larga-o sonoro. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 118).

A Farroupilha virou de cabeça para baixo, ficou ao avesso, todos os valores anteriores ficaram fora do lugar. Toda a interpretação era equivocada, pois o bandido virou santo, o certo ficou errado, e o único sentido é um arroto, que não quer dizer nada. Tudo que foi interpretado até esse momento sobre a Farroupilha merece da crítica um sonoro arroto.

Nisso, o padre pergunta a Laurita o que pensa da guerra. Ela diz que a quer terminada e que os soldados voltem para casa. Padre Francisco entende que falar em guerra é ir longe demais, pois "nunca houve de fato uma guerra, como foram, por exemplo, as guerras Púnicas. O que teve são brigas aqui e ali, uns entreveros, um arremedo de república, tropas se perseguindo pelos campos". (ASSIS BRASIL, 1978, p. 119).

Nem mais uma guerra seria a Farroupilha, apenas entreveros. Rebaixar a Farroupilha de guerra para entreveros é outra forma de criticar e desmitificar um passado, que anteriormente fora construído de heróis que se forjaram na guerra, na peleja. Depois disso, o padre afirma que, exceto Laurita, a grande maioria das mulheres sequer fazem ideia do porquê os homens lutam, porém Chicão retruca: "e nós, padre, sabemos?". Laurita olha a chuva e pensa "O pai mudou bastante, em pouco tempo. Ele mudou. E filhinho também deve ter mudado". (ASSIS BRASIL, 1978, p. 119). A guerra mudara a todos, não há mais o sentido do

porquê é importante a revolução. Ninguém mais sabe os motivos; ficou sem sentido, e só uma interpretação a contrapelo poderia atribuir-lhe um novo sentido.

Filhinho pergunta se Cássio sabe de alguma novidade da guerra, ao que este conta que Bento Gonçalves andou se encontrando com Caxias faz pouco. Filhinho pergunta se Caxias não é o chefe dos legais, ao que Cássio diz que é o capataz e que Bento fora falar com ele. Quando Filhinho pergunta se brigaram, ouve apenas um *não* seco e, então, questiona-se: “e por que, se eu vejo um imperial, tenho que ir logo dando um lançaço no peito?”. Novamente, o narrador mostra a alienação dos personagens de “baixo” em relação ao evento histórico, em que a alta cúpula militar de ambos os lados do entrevero apenas tinha no seu horizonte seus próprios interesses e manipulava os personagens de origem social pobre, segundo seus interesses particulares.

A tropa estava formando uma linha no meio do campo. O soldado, ao lado de Filhinho, nunca esteve numa guerra. Floriano perguntou a Filhinho o que deveria fazer. Ele riu do novo soldado falando que igualmente era um noviço. Floriano sabia que Filhinho havia matado um caramuru e lhe pergunta por que virou soldado, ao que Filhinho lhe respondeu sobre uma história dos cavalos, que não entendia nada de guerra e queria estar em Santa Flora, devolvendo a Floriano a pergunta do porquê queria ser soldado. Este lhe diz:

> Porque sou homem. – Depois, mais sério, contou que sofria de asma, e o pai era oficial. Devia, portanto, ser ajudante do pai, mas este o rejeitaria, mandando que fosse para a linha e curasse a asma em algum combate. Já vieram para a revolução dois irmãos; o mais velho não queria vir, e foi obrigado. O outro, o do meio, um dia sumiu de casa e ninguém mais soube notícias até que receberam uma parte do capitão de sua Companhia dizendo que tinha morrido como um herói, um verdadeiro centauro da causa republicana, em pleno campo de honra. Desde então ficara muito impressionado pelas palavras ouvidas de sua mãe, quando leu a parte. Contou que ela lhe disse, com uma lágrima nos olhos: agora és tu, Floriano, que deves ir. Ele, então, tomou a resolução de ser também um centauro e morrer no campo de honra. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 145-146).

Floriano nunca tinha visto um combate, perguntou como era a Filhinho que já tinha matado um combatente. Filhinho teve de dizer os detalhes e Floriano ouvia preso num pensamento “O que é um centauro?”. Filhinho não sabia, mas o prisioneiro caramuru respondeu que centauro era um animal metade homem, metade cavalo. O prisioneiro pergunta por que Filhinho quer saber. Ele responde que é porque dizem que um soldado republicano é um centauro. Filhinho volta a perguntar o que o prisioneiro acha disso, o que ele lhe responde: uma patacoada. A Floriano que ansiava por uma resposta sobre o que seria um centauro, com o que se identificava, Filhinho apenas responde o que o prisioneiro lhe dissera “uma patacoada”.

A ironia do narrador é importante para mostrar seu contraponto em relação à geração anterior. É nas décadas de 1920 e 1930 que se consolida a palavra “centauro” como uma forma de se referir aos rio-grandenses do passado e aos farroupilhas. Ser centauro, n’*A prole do corvo* é morrer numa guerra sem sentido, em que só os poderosos ganham e a arraia-miúda, perde sempre e sem saber por quê. Arrogar-se como “centauro” em *A prole do corvo* é uma jactância vã, um disparate, uma tolice, uma mentira. O narrador procura, então, desfazer as teias de sentido anteriores, vistas como meros instrumentos de poder.

A ironia é uma modalidade de escrita de quem dá importância menor à Farroupilha. Esse uso da ironia como recurso literário torna frontal o contraste de Assis Brasil com os romancistas das gerações literárias anteriores. A Farroupilha havia sido um tema que antes, de Assis Brasil, foi pensado a partir da temática do herói e do passado glorioso. A ironia em *A prole do corvo* é para caracterizar a Farroupilha por meio da negação do que foi afirmado anteriormente, na historiografia ou em outros romances. Para White (2008, p. 48), a ironia é negacional, isto é, nega os sentidos anteriormente produzidos. Segue White (2008, p. 50) que a ironia é uma metáfora designada a produzir reconsiderações contrastantes acerca da natureza do que foi representado ou em discordância das representações anteriores. Portanto, a ironia em *A prole do corvo* abre outro sentido para o leitor e é uma tática de representação que permite, mesmo podendo parecer absurda diante do consenso social sobre o objeto representado, repensar um objeto a partir de outro ângulo e valores.

Seguindo o raciocínio de White (2008, p. 51), a ironia lança luz para o erro em potencial de todas as representações da realidade que ela parodia. Ainda, White definiu a ironia como um tropo que é crítico da verdade. É desse recurso retórico que o narrador faz uso e, desse modo, narra uma Farroupilha diferente das representações anteriores. O absurdo, a crítica aos lances heroicos que se tornam tolices, o centauro que se torna uma patacoada. A Farroupilha na ironia do romance de Assis Brasil é outra, está virada do avesso. Comparando-se a representação da Farroupilha em *A prole do corvo* com as representações anteriores e em especial, com o romance *Farrapo: memórias dum cavalo*, há um contraste de imaginário significativo. A ironia torna os centauros farroupilhas um absurdo; a crítica torna o herói primeiramente em um medroso, depois em um criminoso. A ironia em *A prole do corvo* inverte a representação da Farroupilha.

O retrato do Bambaqueré fora retirado por Chicão da parede da sala. Logo após começou a sentir uma dor no coração e falou: “me tirem a cara desse ordinário daí de cima, antes que me dê mais azar!”. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 150). Logo caiu na cadeira, levado para o quarto não resistiu, veio a falecer. O padre chegou, achou falta do retrato, estavam

certos em tirar o Bambá da parede, não tinha nada contra o general. Entretanto, esse retrato, agora que vem gente da cidade, não é bom. Laurita vacila com o quadro do Bambá na mão, mas não voltará para a parede. Essa metáfora do quadro é importante e significativa do momento da sua escrita. O quadro, ou melhor, a presença de Bento Gonçalves como algo importante ou significativo deve ser retirada, depois da crítica, pois se descobre que a Farroupilha foi por nada, foi para poucos. Mas essa metáfora do quadro retirado também mostra um outro lado da representação de Bento Gonçalves. Pode-se interpretar que houve uma “vingança” do quadro de Bento Gonçalves. Isto é, um personagem que é representado desde *O gaúcho* de Alencar como corajoso, brioso, leal, forte e libertário não poderia ser simplesmente retirado da parede ou apagado da história. Quando Chicão ousa fazer isso, retirar metaforicamente Bento Gonçalves do lugar de destaque que há tempos ocupa, ele morre e o quadro de Bento Gonçalves, isto é sua representação (pictórica no caso), vence o “confronto”.

O carancho bate assas e levanta voo, caçando um preá que foge desesperado. A ave imerge e após eleva-se, com o preá entre as garras e, numa manhã de inverno, o pelotão de Filhinho aproximara-se de outra estância. Souberam que o dono era imperial. Entraram demolindo a porta, cruzaram pelos corredores com facas entre os dentes. Nada permaneceu inteiro. Os donos da estância, um senhor e sua esposa, foram degolados na própria cama por um soldado. Enquanto isso, alguém avisa a Filhinho que há mais alguém no quarto. Ele “abriu a porta e a moça encostava-se ao armário, louca de medo. Hoje não é o Cássio, sou eu. E a teve no chão, entre gritos. O carancho pousa numa cerca de pedra e estripa a preá, um pedaço de víscera sanguinolenta pendurado no bico recurvo”. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 162).

Cássio aparece uns minutos depois, dá uma olhada e diz para Filhinho que, em seguida, inventar uma mentira ao coronel, ficando elas por elas. A crítica é frontal, a equivalência entre farrapos e corvos. Filhinho torna-se metaforicamente um corvo, um assassino, age por satisfação própria, já não é mais o mesmo, o sentido não é mais o mesmo. Em *A prole do corvo*, o sentido narrativo é o avesso de períodos anteriores. A Farroupilha está entre roubos, miséria, estupros e degolas, não há mais espaços para heróis, apenas enganos, falhas e bandidos.

Meireles volta da barraca do comando chamando a todos. Cercado por tochas põe-se a falar aos soldados, dizendo de que não assaltarão mais Aguaclara. Que todos arrumem suas tralhas e formem em coluna, porque vão marchar em direção à Câmara. Ingressam em Aguaclara, escutam tiroteios à volta, estão comemorando. Floriano foi unir-se aos outros que a caminho da Câmara dão vivas ao Imperador e a Caxias. Lido o papel, Paulino entra, seguido

pela oficialidade e logo erguem brindes ao Império e a D. Pedro II. Filhinho aproxima-se do cabo Acaba-de-querer, "que cai de bêbado, e grita que agora sim, não vai ser mais cabo dessa república de merda e sim cabo imperial, os militares que quiserem podem se passar para o exército do Imperador". (ASSIS BRASIL, 1978, p. 180). E, em Santa Flora, Laurita

> desce a escada do alpendre, Bento vê um homem de barba cerrada que acena de longe e senta-se numa pedra. Não é homem: é Filhinho, que ampara o rosto. Laurita caminha até ele, pega-o pela mão e o vem trazendo, como a uma criança. Ao subirem as escadas, Filhinho tem um sorriso para o irmão, e pousa os dedos em sua cabeça, como fazia sempre. Mas Laurita o conduz brandamente para dentro, e Bento segue-os; ela o leva ao quarto, desdobra as cobertas com cuidado, Filhinho se aninha entre lençóis; Laurita encosta as janelas e sai na ponta dos pés, fechando a porta atrás de si. Olha para Bento com o dedo frente aos lábios, pedindo silêncio. Fora, o sol já brilha alto, e Inocêncio acha que vai ser um dia quente. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 184-85).

A revolução termina e é como se nada tivesse acontecido. Foi um intervalo de dez anos, pode-se dormir sem nenhum problema. A Farroupilha não teve a importância que imaginaram antes. Aqui a ironia é frontal como a anterior, isto é, não há por que comemorá-la. O que ela merece é apenas um sono para poder descansar do fardo que ela foi, do mundo de absurdo e violência que ela criou para as famílias que destruiu. Comemorar a Farroupilha seria outra tolice revelada de forma irônica numa boa sesteada. Dormir para esquecer o absurdo e a vida voltar a normal, sem glórias e heróis vãos.

Literariamente, Filhinho é o oposto de todos os protagonistas da Farroupilha. Sem coragem, não sabe guerrear, é levado pelos acontecimentos. *A prole do corvo* reatualiza e aprofunda o tratamento literário dado à Farroupilha no imaginário Imperial. De Caldre e Fião retoma o entendimento de a Farroupilha constituída por crimes e bandidos. Também do mesmo romancista retoma a figura de Bento Gonçalves como o líder desacreditado e ganancioso agindo por interesse próprio. De Oliveira Belo, retoma a metáfora do corvo e, de Alencar, retoma o erro político que fora a Farroupilha. Assis Brasil aprofunda todos esses autores e reapresenta a Farroupilha com o sentido oposto ao que vinha sendo apresentado pelas gerações anteriores. Esse esforço analítico de Assis Brasil repõe significados sobre a Farroupilha que estavam ausentes das compreensões anteriores.

Creio que cabe aqui uma menção a Érico Verissimo. Penso que, em parte, a crítica de Assis Brasil explora e desenvolve um caminho literário aberto por Érico. Ao apontar as contradições sociais de Santa Fé e pessoais de Rodrigo, Érico já humaniza e tematiza de uma maneira diferente as representações das gerações literárias anteriores sobre a Farroupilha e é nessa senda que, creio, Assis Brasil desenvolve o seu romance. Mas há uma diferença entre

ambos: se Érico questionou a historiografia da sua época, parece que o mesmo não acontece com Assis Brasil. A historiografia acadêmica desse período também já critica as certezas das gerações de intelectuais anteriores. O livro que começou essa revisão crítica da história e da historiografia rio-grandense foi *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*, de Fernando Henrique Cardoso, publicado em 1962. Primeiro, demonstrou a relevância dos negros escravos para o tecido social rio-grandense. Segundo, a comprovação da repressão contra os gaúchos. Terceiro, as relações na estância não eram rigorosamente democráticas e igualitárias. Por fim, identifica a sociedade sul-rio-grandense como patrimonialista. Haveria, então, uma atmosfera intelectual na academia de reapresentar diferentemente a história do Rio Grande do Sul e da Farroupilha.[255]

Em *A prole do corvo*, a geração da comemoração e narradores heroificadores da Farroupilha encontram uma experiência de leitura diferente. Bento Gonçalves de herói passa a mentiroso. O personagem central, Filhinho, é meio homem, às vezes ingênuo e, por fim, bandido. E presenta a metáfora do corvo para mostrar a degradação em que a Farroupilha levou as relações sociais. Em *Ruínas vivas*, Miguelito se degradava, contudo o conflito sulino de 1835 estava no romance como uma forma de Miguelito suspender a degradação quando rememorava as façanhas farroupilhas de seu avô. Com Filhinho há a degradação pela guerra e a Farroupilha só aprofunda a degradação.

Após *A prole do corvo*, em geral os romances que narram a Farroupilha não tiveram mais a característica de louvor ou heroificação aos farroupilhas, como se viu no período do centenário[256] ou mesmo na historiografia no período de Érico. Todos os romances sopesaram, em geral, as qualidades e os defeitos dos farroupilhas, mas o tom laudatório quase sumiu. E deflacionou a perspectiva heroificadora pelo trabalho de recomposição do sentido narrativo em *A prole do corvo*, que, ao representar a Farroupilha, recuperou outro viés de interpretação que ficara ausente desde o imaginário imperial.

Recuperando e aprofundando outro modo de interpretar a Farroupilha, Assis Brasil fez os próximos romancistas refletirem sobre o tema dispondo de uma nova versão sobre o sentido da Farroupilha.[257] Se os romances posteriores *A prole do corvo* não “compraram

---

[255] Para Zilbermann (1980, p. 137), “Averiguada a prosa contemporânea, o sinal permanece: questiona-se a convenção histórica, no romance de Assis Brasil”. Creio que Zilberman se equivoca, pois a convenção histórica anterior, ao menos na produção acadêmica, já estava sendo questionada.

[256] Aqui chega-se até o romance de Darcy Azambuja.

[257] A Farroupilha reaparece em *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983) de Moacyr Scliar em 1983. Rafael Mendes, na procura por suas origens e por seu pai, foi ao sul do Brasil e participou da expedição a Laguna junto com Garibaldi. Alcy Cheuiche, em 1984, publica o seu romance *A guerra dos farrapos*. Se em *A estranha nação* a Farroupilha aparece em menos de dez páginas, com Cheuiche tem um livro só para si. *A guerra dos farrapos* é o romance menor deste período, pois o autor não aprofunda os personagens e falta

integralmente” o sentido do romance de Assis Brasil, em seus textos pouco se encontra do que havia sido escrito pela geração da comemoração.

Uma última observação sobre *A prole do corvo* faz-se importante. Ao ler um comentador do romance, parece que se leram todos os comentadores. Todos enquadram o romance como uma obra de dessacralização, desmistificação: Zilberman (1980), Marobin (1985), Silva (2009), Garlet (2013), Cardoso (2012) e Costa (2014 A, B). Isso revela algo do tipo de análise que foi feita sobre o romance. Tais comentadores acreditam que, ao desmitificar, Assis Brasil revelou um outro lado do mito, a verdade. Ela ficara escondida em camadas da ideologia conservadora. Creio que há certo equívoco nessa apreciação do romance *A prole do corvo*. Tais comentadores partem do pressuposto epistemológico que a verdade está inerte, em algum lugar, esperando para ser reapresentada. É isso que tais comentadores acreditam que *A prole do corvo* trouxe à superfície, a verdade sobre a Farroupilha que estava submersa e o mito da Farroupilha, pode finalmente ser superado. Penso que isso precisa ser problematizado.

Não parece que este seja o objetivo de *A prole do corvo*, quer dizer, apresentar a “verdade” sobre o passado da Farroupilha que o mito fez submergir e a escondeu por interesses de classe, assim dessacralizando-a e desmitificando-a. Primeiro, porque Assis Brasil reatualiza e aprofunda uma maneira de escrever a Farroupilha, isto é, ele repõe novamente no jogo interpretativo uma certa maneira de entender a Farroupilha. Reatualiza um imaginário sobre a Farroupilha. Então, não se teria uma verdade a ser descoberta como o

---

uma intriga que coligue todo o livro. Cada episódio do livro parece mais um manual de história. Neste romance, o veto a ficção está presentíssimo. Tabajara Ruas, em 1985, publica o romance *Os varões assinalados* (1985), provavelmente um dos melhores romances sobre a Farroupilha. Nele, a Farroupilha é tornada grandiosa, mas sem a perspectiva heroificadora (possivelmente só o personagem de Netto). Ruas narra as batalhas com vivacidade junto com as perdas humanas feitas pela guerra. A política é esmiuçada em diálogos densos entre os personagens. Em *Os varões assinalados*, os personagens históricos ganham densidade fictícia e as descrições da “atmosfera histórica” ganham vida épica. Em 1985, vem à luz o romance *O país dos gaúchos*, de Ivar Hartmann. Neste livro, ele desenvolve a intriga em que os farroupilhas vencem a guerra e concretizam a República Rio-Grandense. Fora a ideia criar os eventos que alterariam o passado, este romance ainda se encontra no padrão de “engrandecimento” dos farroupilhas. Também em 1985 um grupo de professores de letras (ZILBERMAN, 1985B) lança *Um dia todas essas coisas hão de ser história*, livro com excertos de romances sobre a Farroupilha. Josué Guimarães, em 1986, com o livro *Amor de perdição* (1986), narra o relacionamento amoroso entre Giuseppe Garibaldi e Manoela, sobrinha de Bento Gonçalves, que se passa durante a Farroupilha. Barbosa Lessa, em 1986, publica *República das carretas*. Assim como em *Farrapo* de Contreiras, em que o personagem principal é um cavalo, em *República das carretas* a história da Farroupilha está centrada em dois bois. Ao mesmo tempo em que mostra, por um lado, a República na penúria indo e vindo em carretas, por outro lado, ao nomear os dois bois que ponteiam carreta de Esperança e Fortaleza, e os fazerem participar dos principais episódios da farroupilha, Lessa mostra o engenho de lutar dos farroupilhas mesmo em uma situação adversa. E nas indas e vindas dos dois bois das carretas, narra o cotidiano farroupilha. Em 1990, vem à luz o romance *Amor que faz o mundo girar* de Ary Quitanella. Este livro conta o relacionamento amoroso de Garibaldi e Anita durante a Farroupilha. O livro repete os lugares comuns sobre a história da Farroupilha, e pouco constrói ficticiamente os personagens.

avesso do mito do sagrado. A interpretação de Assis Brasil, hermeneuticamente falando, não descobre a verdade, mas permite entender sentidos diferentes na Farroupilha do que os habitualmente narrados. Esse novo sentido apresentado em *A prole do corvo*, que, de certa forma, já existia no imaginário imperial e sempre, desde que foram escritos, esteve "aí" mesmo que "ausente". Segundo, ao usar as metáforas do corvo e do quadro e, principalmente, a ironia, creio que *A prole do corvo* não se enquadre na temática da desmitificação. Pois a ironia, por sua característica negacional e, também, por tornar absurdas as representações tidas como inquestionavelmente verdadeiras (que, no caso dos comentadores citados, seriam mitos), não autorizaria Assis Brasil a pensar em desmitificação, porque se ele desmitifica isto é, coloca no lugar do mito a verdade, estaria sendo contraditório com seu intento irônico, de mostrar que não há verdade definitiva, para colocar no lugar do mito, e por consequência, também não haveria mito definitivo. O que haveria seriam somente interpretações distintas, podendo, é claro, umas interpretações serem melhores que outras. Então, creio que o mais correto seja dizer que *A prole do corvo* reatualiza e aprofunda uma interpretação e um imaginário sobre a Farroupilha.[258]

A prole do corvo em sua época problematizou o veto à ficção do ponto de vista político-institucional, ao reatualizar um sentido da Farroupilha que não a narrava como gloriosa e portadora dos heróis dos sul-rio-grandenses. Problematiza, assim, um tipo de narrativa anterior sobre a Farroupilha que se fazia ligada ao Estado, em nível nacional na Era Vargas, e no Rio Grande do Sul desde o advento do PRR e que era reproduzida no ensino escolar da história. Assim, Assis Brasil tem o mérito de recriar outro sentido para a Farroupilha e recolocar em reconhecimento outro imaginário. Do ponto de vista teórico, não chegou a problematizar com a história acadêmica que se iniciou a fazer naquele período. Mas no mínimo lançou um desafio à historiografia da Farroupilha contemporânea ao enriquecer a narrativa usando da ironia como componente explicativo.

---

[258] Isso leva há uma hipótese. Se a teoria com que venho inquirindo as obras é que a historiografia é um veto à criação ficcional, creio que se pode ter como hipótese o seguinte: A historiografia é também um veto à crítica literária. Pois a versão da história da Farroupilha de que todos os comentadores de *A prole do corvo* se nutrem é a versão de Pesavento (é dela a próxima obra sobre a Farroupilha a ser analisada). Portanto, ao comentarem *A prole do corvo*, tinham por conhecimento da história da Farroupilha a obra de Pesavento dos anos de 1980 quando ela usava como suporte teórico um tipo de marxismo reducionista que também pretendia desmitificar a Farroupilha, então o conhecimento de tais comentadores sobre a Farroupilha ficou vetado dos conhecimentos mais atuais (aqui me refiro é claro aos comentadores do século XXI) e mais plausíveis sobre a Farroupilha. E por isso todos chegaram à mesma conclusão: que Assis Brasil desmitificou a Farroupilha. Mas chegaram a essa conclusão porque o pressuposto do qual partiam, isto é, a sua leitura historiográfica, permitia que "vissem" apenas isto: a desmitificação. E nisso a historiografia, pelo que parece, que veta a crítica literária. Faço essa reflexão a partir da seguinte consideração de Lima (2010, p. 126): "desta maneira, também de antemão, concede-se à história o papel decisivo do que explicaria a literatura, mais precisamente uma certa literatura, e, automaticamente, descarta-se a relevância que se poderia julgar ter a reflexão teórica".

Do lado da historiografia universitária da década de 1980, ela teve no marxismo, em geral, o seu suporte teórico. A pesquisa historiográfica, nesse período, feita em progrmas de pós-graduação teve a pretensão de reescrever o que o IHGRGS havia feito.[259] Consideravam a escrita do IHGRGS conservadora e aliada aos interesses da classe dominante. Assim, para esses novos historiadores universitários, o passado do Rio Grande do Sul deveria ser revisto para atender aos anseios populares, que se manifestavam com a anistia, as diretas e, logo após, o fim da ditadura. Desse modo, a escrita sobre a Farroupilha não ficaria indiferente.[260]

[259] A escrita historiográfica sobre a Farroupilha continuou a ser produzida fora da universidade nesse período. Alguns ainda escritos no diapasão anterior, como Retamozo (1980), Mariante (1985), Bento (1992), Moehlecke (1986) e outros de melhor qualidade historiográfica, como Wiederspahn (1979, 1980, 1984) e Morivalde Fagundes (1985). Mas um ponto que é interessante notar é que cada geração que "chega" quer refazer tudo o que a(s) anterior(es) fez(fizeram). No editorial da revista *História: ensino e pesquisa*, de 1985, assim escrevem: "alertou-se que realmente se festeja no Sesquicentenário um processo que, apesar de toda a produção historiográfica existente, *é ainda pouco conhecido* e possui uma série de lacunas e questões até o momento sem respostas". (HISTÓRIA, 1985, p. 5, grifo meu). Depois de tudo que se pesquisou desde o IHGB sobre a Farroupilha, a geração de 1980, porque possui um novo olhar teórico, acredita que a Farroupilha é pouco conhecida. Isso em parte da razão a Kuhn (2005), ou seja: cientistas com paradigmas diferentes "veem" realidades diferentes. E, no caso da geração de 1980, a crítica, via marxismo difuso e em muitos casos vulgar, acredita que tudo está por fazer-se novamente.

[260] Dois livros precedem na academia o de Pesavento. São eles: a) *Raízes socioeconômicas da Guerra dos Farrapos* de Lewis Spencer Leitman publicado no Brasil, traduzido em 1979, mas que foi sua tese de doutorado na Universidade do Texas, ainda em 1972; b) *O modelo político dos farrapos* publicado em 1978 por Moacyr Flores, foi sua dissertação de mestrado na PUCRS em 1977, em 1993 Flores defende sua tese de doutorado em que o tema novamente é a Farroupilha: *República Rio-Grandense: realidade e utopia* (2002). O primeiro é com certeza um dos melhores livros do período. Considerando que nos períodos anteriores a preocupação dos historiadores foi com a história política, Leitman (1979, p. 10) resolve fazer uma abordagem econômica focada "principalmente no fenômeno do fluxo de gado do Uruguai para o Rio Grande do Sul". Outro ponto importante da tese de Leitman é a retomada das teses de Varella. Para o historiador estadounidense, a Farroupilha fora separatita e republicana e "as tentativas de revolucionar o Rio Grande do Sul têm suas raízes entre os revolucionários de Buenos Aires, em 1810". (LEITMAN, 1979, p. 52). Lógica da explicação histórica do livro é econômica: economia (gado) → sociedade (estancieiros) → ideologia (republicanismo) → guerra (Farroupilha). Isto é, a uma infraestrutura econômica (gado) que estabelece uma sociedade (estancieiros da fronteira) que tem sua ideologia própria (república) e que faz a guerra (farroupilha) para manter seus interesses econômicos. Por essa lógica narrativa, ele chega à conclusão de que esta é de um grupo social "aos obstáculos a seu desenvolvimento econômico". (LEITMAN, 1979, p. 150). Assim, a Farroupilha seria uma guerra por causa econômica e portanto "os influentes chefes rio-grandenses encontraram razoes ideológicas para justificar o ataque ao governo central". (LEITMAN, 1979, p. 174). O livro de Leitman é um avanço, em geral, em relação às teses de Vellinho e à historiografia da comemoração. Contudo, as marcas da sua época são evidentes. O historiador, ao encontrar as "raízes" econômicas e sociais (a sociedade acaba sendo um reflexo da economia), acredita ter encontrado o verdadeiro real impulso da história e o que haveria acima da infraestrutura seriam só derivações da economia sendo o republicanismo uma ideologia que encobre o real. O livro de Flores não tem a envergadura do de Leitman. Flores quer descobrir, partindo da tradição dos historiadores do IHGRS, qual o modelo político dos farrapos. Descarta a possibilidade que sejam republicanos do Prata (Varella), depois descarta a possibilidade que sejam federalistas (Docca). Em seguida descarta a possibilidade do risorgimento italiano (Collor, Bernardi). Chega à conclusão de que o modelo político dos farroupilhas é o liberalismo. Tem esta conclusão, pois cria uma intriga que insere a Farroupilha em um contexto não só brasileiro, mas mundial e que nesse período o que "move" a história seria uma luta entre "o absolutismo e o liberalismo marca a era de instabilidade sociopolítica do século XIX, gerando revoluções e contrarrevoluções em todas as partes do mundo". (FLORES, 1978, p. 27). Isto é, dessa intriga ele deriva toda a história mundial do período e logo a da Farroupilha, por isso quando vai aos documentos só percebe o "liberalismo dos farroupilhas", fazendo uma transferência mecânica entre os escritos liberais dos filósofos iluministas europeus do século XVIII e a Farroupilha.

Quem se lançou nesse desafio de reescrever a Farroupilha do ponto de vista da crítica ideológica foi Pesavento. Essa autora nasceu em 1945 em Porto Alegre e foi uma das principais historiadoras rio-grandenses. Diferentemente da geração anterior, Pesavento tem toda a sua formação profissional feita na universidade. Graduou-se em História pela UFRGS em 1969, concluiu o mestrado em História na PUCRS em 1978. Em 1987, doutorou-se na mesma área pela USP. Durante a década de 1990, fez quatro pós-doutorados na França. Pesavento foi professora universitária na UFRGS de 1977 a 2008. Diversamente da geração anterior, não ocupou cargos políticos no aparelho. Esse processo de maior autonomia do campo intelectual em relação à política administrativa do Estado já foi referido antes e começou logo após o Estado Novo. Contudo, esse afastamento dos intelectuais da prática política administrativa não se refere a um afastamento dos intelectuais da vida ou do pensamento políticos. As marcas políticas e teóricas do período estão no texto de Pesavento. E as peculiaridades do imaginário são o marxismo, a historiografia acadêmica e a reabertura da vida cultural no país com o fim da ditadura.[261]

De Pesavento são analisados dois artigos. Eles são do ano de 1985, quando se comemoraram os 150 anos da Farroupilha.[262] Fora as comemorações estatais da Farroupilha, Pesavento participou de um livro e uma revista universitária em que se partiu da comemoração aos 150 anos da Farroupilha para se ter uma visão crítica dela, isto é, contrapor-se ao que consideravam as comemorações ufanistas e glorificadoras. No primeiro artigo, intitulado "Farrapos, liberalismo e ideologia", sobre a ideologia da Farroupilha, em que a autora, ao contrário da geração anterior, afirma que a Farroupilha não foi um movimento

[261] Em meados da década de 1990, o pensamento historiográfico de Pesavento sofre uma inflexão. Ela abandona o marxismo e a análise das estruturas sociais para uma história cultural do cotidiano. Sobre essa mudança em historiográfica de Pesavento, ver Vangelista (2009); Pacheco (2009).

[262] Cinquenta anos depois a comemoração da Farroupilha mantém o suporte estatal. No Rio Grande do Sul, foi constituída uma comissão executiva do sesquicentenário da Revolução Farroupilha e assim expressava seu entendimento da Farroupilha o subsecretário de cultura: "A Revolução Farroupilha é uma epopeia que não reflete apenas um aspecto ou registro de nossa história forja, ainda hoje, características peculiaridades da terra e do homem gaúcho. Foram dez anos de lutas. Neste ano de 1985, comemora-se o seu SESQUICENTENÁRIO. Mas, passados cento e cinquenta anos ainda pautamos com as mesmas ideias, o mesmo respeito aos direitos do indivíduo e, principalmente, as mesmas propostas que possam afirmar e reforçar promessas de justiça, de paz e os ideais do Federalismo. Este ano do sesquicentenário não se constitui apenas de um evento programado e planificado pelo Governo do Estado, mas revela a participação de toda a comunidade rio-grandense". (AMORIN, 1985, p. 13). A diretora do Arquivo histórico do Rio Grande do Sul à época, na mesma edição, se manifestou dizendo: "Isso [a comemoração] vem coroar o empenho da direção e da equipe técnica do AHRS, no sentido de dar a sua contribuição ao conhecimento de um período da história gaúcha que verdadeiramente projetou o Rio Grande do Sul perante a comunidade brasileira". (COSTA, 1985, p. 14). Cinquenta anos depois, a escrita a partir do Estado exalta a Farroupilha. Contudo, o Estado com esta comissão da comemoração reeditou vários livros e romances sobre a Farroupilha que estavam esgotados a muitos anos, o que ajudou a circular o saber sobre o tema. Também em 1985 lançou-se um livro *E o Bento levou...* (1985) em que dez cartunistas interpretavam a Farroupilha a partir dos seus desenhos. Fora uma iniciativa inédita, os cartuns, no sentido de interpretar a Farroupilha em cinto e cinquenta anos de escrita sobre a Farroupilha.

político que representou todos os gaúchos, mas que representou apenas a elite local.[263] No segundo artigo, "Uma ideologia em Farrapos", a autora vai mostrar que, do fim do século XIX até o momento do seu artigo, a escrita da história sobre a Farroupilha atendeu aos interesses da classe dominante.[264]

Para Pesavento, no primeiro artigo analisado – "Farrapos, liberalismo e ideologia", a Farroupilha foi o evento que maior atenção recebeu da historiografia tradicional, em que se ressaltou a bravura de seus líderes e onde se descreveram (e não analisavam) numerosos conflitos. Seu ensaio, conforme define a autora, não se propõe a apresentar novos fatos, nem mesmo a ter um entendimento além do já aceito.[265] Entretanto,

> quer parecer que ainda há espaço para a reflexão e análise de alguns tópicos, como o da ideologia dos farrapos. Em outras palavras, em torno de um episódio sobre o qual muito se tem escrito caberia tentar problematizar a instância ideológica, a partir da definição de uma determinada postura metodológica. (PESAVENTO, 1985a, p. 7).

O objetivo do ensaio, a investigação da ideologia dos farroupilhas, é uma manifestação das marcas da época: a críticas das ideologias. E faz isso porque acredita que a geração anterior justificou sua ascensão ao poder e sua manutenção nele criando um vínculo entre o passado farroupilha e o seu destino histórico. É essa ligação que a análise ideológica quer desfazer, quer mostrar que as escritas anteriores da Farroupilha são ilusórias, não são representações para todos os gaúchos, mas apenas remetem à classe dominante. Portanto, a

---

[263] Assim, os editores apresentam o livro do qual participa o artigo de Pesavento. São notórias as marcas teóricas e políticas do período nessa apresentação: "Ao projetarmos a *Série Documenta* no final da década de 1970 nosso objetivo era o de formar uma estante de obras que analisassem a realidade sul-rio-grandense em seu passado e em seu presente numa perspectiva atual e *crítica*. Perspectiva, aliás, inevitável numa era de modernização e de rápidas transformações pelas quais passou e passa o estado e as quais não permitem mais viver *do* e *no* passado mas exigem, pelo contrário, que ele seja visto como tal, como *história* […] Hoje a *Série Documenta* constitui uma verdadeira Biblioteca do Gaúcho, moderna e *esclarecedora*". (OS EDITORES, 1985, p. 3, grifo meu). Desse modo, fica evidente aqui a concepção de história moderna que se tem, ou seja, uma concepção crítica, pois ela esclarece o que antes era a ideologia da classe dominante e, assim, permite sair do passado e levar ao futuro, à modernização tão esperada, mas que sempre foi falha porque feita com a teoria incorreta e pela classe incorreta. Também fica evidente como muda a posição dos farroupilhas do ponto de vista da teoria social – se antes eram revolucionários, rebeldes, agora são chamados de "oligarquia rural sul-rio-grandense". (OS EDITORES, 1985, p. 3). Altera-se sua posição no quadro social da época.

[264] Na apresentação da revista, assim a organizadora se posiciona: "a guerra que a oligarquia sul rio-grandense empreendeu" (ZILBERMAN, 1985a, p. 5) e "as mudanças ocorrendo no sentido de *desmistificar* a faceta mais idealizada do episódio e compreender tanto suas causas sociais e ideológicas" (ZILBERMAN, 1985a, p. 5, grifo meu) e "na ocasião em que se *comemoram* os 150 anos […] cumpria retornar ao material literário e histórico […] deixando de endossar a perspectiva eufórica que por muito tempo acompanhou a interpretação dos fatos". (ZILBERMAN, 1985a, p. 5-6, grifo meu).

[265] Para a autora, o conflito representou uma rebelião dos senhores de terra e gado do Rio Grande do Sul contra a dominação que a oligarquia do centro do país, empresária da independência, buscava impor sobre as províncias da jovem monarquia brasileira.

anterior representação da Farroupilha apenas encobria o real e o verdadeiro interesse da classe dominante.

E a historiadora faz tal crítica com o subsídio teórico do marxismo, que é como as outras teorias da história usadas anteriormente: uma filosofia da história.[266] Assim como as filosofias da história de Hegel, de Comte e as filosofias liberais da história, o marxismo, enquanto filosofia da história, também crê em um sentido determinado da história: a plena liberdade com o fim das classes sociais. E é esse ponto de vista que está subtendido no texto e perpassa o período. Era importante mostrar que a ideologia farroupilha era mais uma forma de dominação de classe na sociedade rio-grandense.

Assim, Pesavento deixa bem claro seu método de análise: a) parte-se do pressuposto de que o estudo da ideologia deve se basear na análise das condições objetivas locais em sua dimensão infraestrutural; b) tais condições se traduzem em relações de poder, que por sua vez c) se fazem acompanhar de uma determinada visão de mundo. Para a historiadora "A ideologia neste caso, aparece como a representação desta realidade, mas elaborada de forma invertida, mediante o processo pelo qual as ideias de um grupo se tornam as ideias de todos os grupos, mas que visam ocultar este processo de dominação subjacente". (PESAVENTO, 1985a, p. 8).

Acredita a autora que, com este quadro teórico e a partir do exame do contexto histórico rio-grandense, conseguiria explicar o processo ideológico da Farroupilha com relação ao mascaramento da realidade regional. Ao iniciar a explicação sobre a Farroupilha, a historiadora cria uma estrutura dedutiva para a explicação, isto é, parte do geral para o particular. Começa pelo contexto mundial, passa ao contexto brasileiro, depois ao regional. Em seguida empreende uma análise da conjuntura que vai da Independência ao ano de 1835 e, depois de ter explicado e fornecido ao leitor o que crê ser a infraestrutura do período, passa, por fim, ao objetivo do seu artigo: a análise da ideologia farroupilha.

---

[266] A intenção aqui não é esgotar o marxismo, pois tem uma história diversificada e pujante, mas apenas mostrar uma de suas várias facetas que se o caracterizou na produção da Farroupilha neste período. O marxismo não é uma filosofia da história como as anteriores, conforme notou Walsh (1978, p. 26), "A filosofia marxista da história tem mais de um aspecto: na medida em que procura mostrar que o curso da história tende para a criação de uma sociedade comunista sem classes, por exemplo, aproxima-se de uma filosofia da história do tipo tradicional. Mas seu principal objetivo é apresentar uma teoria da interpretação e causação históricas". Dosse (2003b, p. 253-254) percebe essa tensão: "Entretanto, se Marx passa pelo desvio da concretude histórica, a da positividade dos fenômenos históricos e sociais, até em seus aspectos mais contingentes, ele não deixa de representar um pensamento teleológico que adquire forma de uma profecia escatológica voltada para o desaparecimento da sociedade de classes, para a transparência realizada pela sociedade comunista [...] Essa teleologia histórica atenua-se ao longo da obra de Marx, mas não desaparece verdadeiramente porque ela é o ponto de apoio de toda a prática política marxista e do horizonte de esperança que ela descortina".

Na perspectiva mundial, a Farroupilha se enquadraria no processo em que o capitalismo se encontrava como modo de produção configurado e, assim, a Farroupilha se ajustaria no processo de descolonização que ocorreu da passagem do século XVIII ao século XIX. No contexto brasileiro, haveria a Independência e, logo após, a elite cafeicultura do Rio de Janeiro construiria um Estado nacional centralizado para controlar e favorecer seus interesses econômicos e políticos. No contexto local, a autora viu na formação do Rio Grande do Sul dois traços importantes: por um lado, o componente militar-fronteiriço e, por outro, a economia predominante da pecuária. Na análise de conjuntura do Rio Grande que levou à revolução, a Pesavento percebeu três eventos como primordiais: a) dependência econômica em relação ao centro do país; b) perda da Cisplatina; e c) início da subordinação política à Corte. Metodicamente determinado o contexto histórico, inicia-se o estudo da ideologia do movimento. E verifica que

> A primeira constatação que se faz ao se empreender um estudo do ideário farroupilha é a conotação liberal do movimento. Entretanto, dentro do processo de descolonização em marcha e da expansão mundial do capitalismo, liberais eram tanto os portadores originais de tais ideias (a burguesia europeia) quanto se diziam liberais os farroupilhas ou os artífices do Estado Nacional centralizado e unitário contra os quais os rebeldes sulinos se insurgiam. (PESAVENTO, 1985a, p. 16).

No período de supremacia da burguesia europeia, “novas condições materiais e novas relações sociais surgidas estavam a exigir uma justificação racional e um ideário de combate […] a burguesia vitoriosa […] apresentou seu ideário à sociedade como interesses gerais”. (PESAVENTO, 1985a, p. 17). Estava subjacente a isso que ficassem extintas as barreiras comerciais, ampliando as forças econômicas e a acumulação privada. Tais conceitos obedeciam à vontade da burguesia no capitalismo que se desenvolvia. Há uma lógica no raciocínio. Uma nova economia gera uma situação política diferente que geram ideias para justiçar a nova economia. A infraestrutura da economia, a base profunda e regular da sociedade, precisa de sua justificação ideológica na superestrutura da sociedade: as ideias. Tal ideário no caso da Farroupilha é o liberalismo, que se pretendia geral na sua aceitação no Rio Grande do Sul, mas que a crítica ideológica mostra-se que representava apenas os interesses da classe dominante.[267]

---

[267] Outro livro que tem uma mesma perspectiva teórica e chega a ser mais esquemático que os artigos de Pesavento é *Revolução Farroupilha: a revisão dos mitos gaúchos*, de Lopez (1992). Na introdução, afirma-se que há uma revisão dos mitos do gauchismo e que a Farroupilha é um deles, ainda mais que “em 1985, na comemoração do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, o oficialismo resgatou, do movimento farrapo, o seu conteúdo de luta”. (LOPEZ, 1992, p. 10). Considera o autor que a peonada manipulada pelos estancieiros “jamais lutou por uma causa verdadeiramente sua” (LOPEZ, 1992, p. 13), assim, “o povo foi

O liberalismo europeu foi tanto filosofia quanto prática política, afora se exibir como o modo ilusório do aparecer social. Assim, então, pergunta-se a autora, como se teria dado no caso brasileiro a “metabolização” do ideário liberal?[268] Seus introdutores foram a elite brasileira que foi estudar nas universidades europeias, a maçonaria e a vinda da Corte para o Brasil. Estes fatores constituíram-se em fator de propagação do liberalismo. Entende a autora que a assimilação de um ideário por uma classe que não foi o seu vetor primário abarca uma ligação de domínio que expressa não só a relação entre capital e trabalho, mas “a nível de subordinação e dependência entre o Brasil e Europa. Mas como a realidade colonial é, por essência, ‘cá’ e ‘lá’, ou seja, não é só sobredeterminação, mas também dinamismo interno, a visão liberal de mundo sofre uma metabolização”. (PESAVENTO, 1985a, p. 20).[269]

Na Europa, o liberalismo atendia às reivindicações de concretização de uma nova classe e a solidificação do capitalismo. No Brasil, o processo de independência provocava a conservação do mesmo grupo como dominantes na sociedade, o que aludia à inviabilidade de uma alteração liberal total da sociedade, tal como na Europa. Para a autora,

> Em suma, se as propostas liberais, por um lado, tinham significância para os próceres da independência porque eram a expressão ideológica do sistema mais

---

massa de manobra do Federalismo das elites”. (LOPEZ, 1992, p. 17). E depois o autor descobre a verdadeira causa da Farroupilha: o “sufoco econômico” da elite rio-grandense. E “ver as coisas desta forma significa remeter a questão a seus fundamentos básicos – a infraestrutura da história rio-grandense”. (LOPEZ, 1992, p. 27). E, na conclusão do livro, a filosofia marxista da história se revela: “Em outras palavras, por que não trazer a realidade a tona?” Ele mesmo responde por que a realidade deve ser trazida à tona: “as camadas populares sempre perderam no campo da luta, desde Cabral. Por que elas devem continuar a perdendo nos livros de História? Sim, porque utilizar o nome do povo para encobrir interesses de apenas um grupo significa uma nova derrota popular, […] impede-se que um episódio histórico sirva para a formação de uma consciência crítica”. (LOPEZ, 1992, p. 45). Isto é, quer conhecer o passado para libertar o povo (o povo gaúcho) que considera oprimido pela elite (estancieiros). A historiografia assume um caráter bem prático: o de salvação. Para superar esta etapa da história, “tais episódios são interpretados à luz da metodologia da luta de classes tornando-se representativos de algo mais profundo” (LOPEZ, 1992, p. 48) e isso é necessário, pois “o exato conhecimento do passado é necessário à formação de uma postura *crítica* no presente” (LOPEZ, 1992, p. 49, grifo meu), isto é, usar a metodologia da luta de classes para o conhecimento da história que despertará a consciência crítica do povo é necessário, pois “a peonada evidenciou as fronteiras de sua consciência e nunca conseguiu ultrapassar o lamento poético, expressão patética de um desencanto impotente […] mas os tempos não estavam amadurecidos para que a queixa evoluísse e chegasse até o protesto no rumo da *transformação*”. (LOPEZ, 1992, p. 58, grifo meu).

[268] Aqui Pesavento tem como pano de fundo a discussão, que aconteceu em meados a década de 1970, sobre o lugar das ideias entre Schwartz (2012), com o capítulo “As ideias fora do lugar”, e Franco (1976), com o artigo “As ideias estão no lugar”.

[269] E é nesse ponto que Pesavento vai além de Flores (1996), pois este considera que as ideias liberais vieram para o Brasil apenas de modo reflexo, isto é, houvera apenas uma transferência descontextualizada das ideias liberais europeias para o Brasil. Pesavento mostra que isso é impossível, que as ideias precisam fazer sentido em um contexto e a pura transferência mecânica de significados das palavras de um contexto para outro é metodologicamente inconsistente. Por isso, ela usa o termo metabolização, isto é, por mais que os autores sejam os mesmos, o significado em cada contexto é diferente, ou seja: é o contexto de ação dos personagens que valida a correção de uma sentença. O que Flores faz é simplesmente usar o mesmo sentido das palavras em contextos diferentes. E o que Pesavento faz é mostrar que as mesmas ideias foram usadas em cada contexto de modos diferentes, elas foram metabolizadas.

> amplo em transformação, por outro lado necessariamente teriam sua chance limitada no contexto brasileiro por não corresponderem, *in totum*, após aos interesses de classe daqueles grupos. Desta forma, nossos liberais recolheram da ideologia importada àqueles elementos condizentes com suas reivindicações mais imediatas, ou seja, o liberalismo econômico tinha o significado básico de romper monopólios e estabelecer o livre comércio, enquanto que a sua contrapartida política se orientava para a entrega do poder de direito aos seus representantes de fato na sociedade brasileira: os proprietários de escravos e terras. (PESAVENTO, 1985a, p. 20).

Segundo Pesavento, mesmo que as classes que seguem o novo ideário no Brasil não sejam burguesas, isso apenas aparentaria uma ilusória contradição entre o pensa e o agir. Apesar disso, se o interesse não burguês se relaciona com interesses burgueses, esta adesão não provoca deslocamento, pois “A rigor, as ideias estão sempre no lugar. No caso do liberalismo, é a classe dominante, lá e cá, que elabora ou adota tais ideias que servem a seus interesses, no caso, a afirmação de sua dominação sobre os demais grupos”. (PESAVENTO, 1985a, p. 21).

Depois de explicar a ideologia liberal na Europa e no Brasil, a autora se pergunta quais seriam as ideias mais presentes no discurso farroupilha. O ideário era de conteúdo liberal. Entre os autores preferenciais dos farroupilhas estavam John Locke, Montesquieu e Jean-Jacques Rousseau.

O liberalismo adquiria, no contexto farroupilha, o fundamento para a insurreição contra um governo que, por um lado, ameaçava a propriedade e, por outro, a soberania dos rio-grandenses. A autora crê que, por causa disso, resultou que tal movimento apresentou a questão do federalismo. E o importante seria apreender o significado do “federalismo” a partir do ideário liberal. Para Pesavento, o apoio ao federalismo responde aos imperativos da economia suplementar do Rio Grande do Sul em relação à economia central de exportação, estando sujeita à distribuição de seu produto no mercado interno brasileiro. Em relação ao conceito de república, este, como no desenvolver da revolução, ganha, entre as diversas correntes, a orientação pela secessão política do Brasil. Igualmente tanto as correntes federalistas quantos as republicanas justificavam um regime que se conciliava com os interesses dos grupos dominantes locais que a questão da soberania deveria ser entendida com interiorização dos centros de decisão.

Estas concepções se combinavam na Europa com as pretensões burguesas de domínio do poder político, como também na realidade da Farroupilha, na aspiração do domínio de poder pelos dos proprietários de terra. Outro ponto que a autora destaca é a atitude adotada pelos rio-grandenses relativa ao liberalismo econômico. Ao buscarem o protecionismo alfandegário para o seu artigo, colocavam-se contrariamente aos cafeicultores do centro do

país. Para a autora, haveria contradição entre o modo protecionista e o caráter liberal quanto à política econômica a ser adotada. Isso é ocorrência do conflito entre uma economia orientada para o mercado interno e uma economia direcionada para o mercado externo. Tal conflito é produto da "metabolização" feita pelas classes dirigentes regionais das disposições do *laissez-faire* derivadas da Europa. Portanto, tal ideia assim seria entendida pela oligarquia regional que, após o domínio português, estava na submissão econômica à Corte Imperial. Além disso, no entendimento de Pesavento, não houve na Farroupilha uma proposta sobre o trabalho livre nem existiu também nela conteúdo social:

> Em suma, no Rio Grande do Sul o movimento circunscreveu-se aos limites da classe dominante, pecuarista, latifundiária e escravocrata. Estes eram os "cidadãos" […] que arrastavam junto a si seus empregados […] em torno de causas alheias […] Não há, portanto, falta de correspondência entre o discurso político e a sua base social […] As ideologias, no caso, não são julgadas necessariamente pelo seu critério de verdade ou falsidade, mas muito mais segundo uma eficiência em cimentar a posição de domínio de um grupo, unificando o bloco social […] Neste sentido, as ideias dos farrapos expressariam o "aparecer social" dos revoltosos: libertários, defensores dos direitos individuais dos cidadãos, respondendo pelas aspirações do povo diante de um poder opressor. Na "essência", constitui-se numa rebelião de elite, que na defesa de seus interesses privados posicionou-se em armas para resistir à política econômica e à dominação do poder central […] a justificação da rebelião passava pelo endosso seletivo das ideias liberais da época, adaptadas aos interesses e problemas locais. (PESAVENTO, 1985a, p. 28).[270]

Enfim, para a geração anterior o que fora obra político-militar de todos os rio-grandenses representava na verdade, segundo a crítica ideológica, apenas os interesses da classe dominante.[271] O liberalismo, que na Europa representava a ascensão de uma nova

---

[270] Em 1983 (pelo que pude averiguar), houve uma mesa redonda, organizada pela APHRGS, sobre a Farroupilha. Participaram as professoras Helga Piccolo, Sandra Pesavento e Maria Luiza Martini. Destaco o argumento de Pesavento sobre a questão da consciência do peão em relação à história (este debate surgiu, pois Martini, criticando Pesavento, achava importante recuperar a racionalidade histórica do peão). Acho importante recuperar essa argumentação de Pesavento, ela pois mostra como um determinado uso de uma teoria histórica empobrece a explicação do historiador, já que ao querer mostrar que a Farroupilha é uma guerra oligárquica sem nenhum vestígio popular, Pesavento retira qualquer agência histórica dos peões. Quando questionado sobre esse assunto, Pesavento responde: "Creio que, do ponto de vista do peão, não se coloca o questionamento 'por quem lutar?' O peão, que está na dependência do estancieiro, luta ao lado do seu senhor e contra quem este determinar". (HISTÓRIA, 1985, p. 17). E continua: "Sobre a classe subalterna se exerce a dominação e se espera obediência, não se perguntando com quem luta, por quem luta ou coisa que o valha […] Creio que, para a classe dominante da época, pouco importa a racionalidade do peão. Não era considerado gente, no sentido de poder optar" (HISTÓRIA, 1985, p. 17); "o peão não suspeita o que possa ser República, Federalismo, etc., que para ele são coisas completamente alheias a sua realidade". (HISTÓRIA, 1985, p. 18). E segue na sua visão de que "[…] que a percepção deste ou daquele lado nem desce ao nível do peão. Para início de conversa: tu [Maria Luiza] estás pressupondo politização da classe dominada em 1820. Não consigo perceber nesse contexto consciência política". (HISTÓRIA, 1992, p. 19). Ao optar-se por uma racionalidade historiográfica que não compreende a racionalidade fora a sua própria ou percebe as outras racionalidades de cima para baixo, o entendimento historiográfico da agência histórica de outros grupos sociais fica enfraquecido.

[271] Interessante notar que Sodré (1965, p. 236), historiador marxista, diferentemente de Pesavento, assim analisava a Farroupilha: "E a esquerda só encontrou um caminho, o da insurreição. Começa nesse mesmo

classe ao poder político, no Brasil representou apenas a acomodação da oligarquia nacional no poder após a independência. No caso da Farroupilha, o liberalismo representou os interesses dos senhores de terra e gado do Rio Grande do Sul, pois atendia à necessidade protecionista de uma economia suplementar e, também, à possibilidade de interiorizar as decisões à oligarquia local.

A Farroupilha, após a crítica da ideologia, não era mais obra de todos os rio-grandenses, mas produto da oligarquia local. No seu aparecer social, em seu modo ilusório, a Farroupilha representava a todos os sul-rio-grandenses, mas desmascarado o processo ideológico e verificada a camada profunda da história real, das atividades econômicas infraestruturais, a verdade apareceria em sua essência. E a verdade para a geração de 1980 é: a Farroupilha foi uma secessão da classe dominante em que o povo, peões e agregados, entraram alienados, servindo a interesses políticos e econômicos dos senhores de terra e gado.

Após demonstrar no primeiro artigo que a Farroupilha era uma revolução da elite oligárquica, no segundo artigo, *Uma ideologia em Farrapos*, a historiadora quer demonstrar a utilização ideológica da Farroupilha, ao longo dos anos, pelo discurso historiador a favor da classe dominante. A Farroupilha é o episódio mais notório do passado sul-rio-grandense e a imagem que habitualmente se apresenta é a de uma epopeia, distinguida pela bravura dos seus heróis. Seria um ponto de vista predominante no ensino escolar da história que, entretanto, excede o domínio escolar. Para a autora, a Farroupilha é o carro-chefe de uma maneira de explicar o Rio Grande do Sul enraizada na consciência do homem comum:

> Hoje, mais do que nunca, ao serem *comemorados* os 150 anos da Revolução Farroupilha, essa visão tem sido reativada, difundida e mesmo patrocinada oficialmente, mas numa dimensão que assume contornos de tragicomédia. Justamente no momento em que o Rio Grande do Sul enfrenta a maior crise econômico-financeira de sua história e quando também o seu peso político no jogo de interesses com o poder central chegou a um nível tão baixo, é que se busca celebrar festivamente um episódio do passado gaúcho no qual foi possível não só o enfrentamento armado de 10 anos com o poder central como inclusive barganhar com o centro decisório do poder nacional. A crise contemporânea é avassaladora sobre a economia, a sociedade e a vida político-partidária, mas as *comemorações* do Sesquicentenário afirmam a bravura e o espírito indômito do gaúcho, "centauro dos pampas", "monarca das coxilhas". (PESAVENTO, 1985b, p. 75, grifo meu).

---

ano de 1835, em setembro, com o pronunciamento da província sulina do Rio Grande". E suas considerações sobre as causas do movimento: "Porque a razão mais forte residiu em que, no Rio Grande de S. Pedro, a rebelião unira as classes, juntara proprietários de estância e de gado à peonada, aos autênticos farrapos". (SODRÉ, 1965, p. 239). Mesmo pertencendo à outra geração de historiadores e, por mais que existam vários marxismos, é importante ver a diferença que pode haver de interpretações usando as ferramentas teóricas marxistas. Para Sodré, a Farroupilha uniu as classes e era de esquerda.

Conforme Pesavento, isso leva à obrigação de refletir sobre a relação da historiografia com a ideologia e com o poder. Ao seguir explicando essas relações, a historiadora entende que cada grupo social teria o seu intelectual orgânico, que dissemina as ideias de sua classe. O intelectual organiza a ideologia e auxilia a construir a hegemonia de uma classe atuando no centro da sociedade. Neste caso a ciência, que poderia colaborar para a transformação da sociedade, no entanto, protege a reprodução desigual do sistema social. E, nessa condição, a objetividade da ciência é uma visão de mundo, pois a ligação que se faz entre o real e sua representação são intermediadas pela ideologia. A história, então, não pode ser neutra, sendo instituída através da ideologia, que obedece a interesses de classe, portanto, a historiografia seria uma esfera de recrutamento dos intelectuais orgânicos pelo sistema e, assim,

> a classe dominante apresenta, através dos historiadores, a visão que possui de si mesmo: digna, justa, merecedora da posição que ocupa […] a produção historiográfica de um povo é elaborada pelos pensadores a serviço da classe dominante, no sentido de oferecer uma visão na qual aquela classe apareça como representante de todos os interesses da sociedade […] É assim no caso da historiografia oficial rio-grandense, que louva e exalta as qualidades do gaúcho, altaneiro, livre, destemido. (PESAVENTO, 1985b, p. 77).

A ideologia, todavia, esconderia a dominação de classe, recusando a luta social e remodelaria a história em uma narrativa idealizada, imaginada, que não satisfaria o processo histórico real, pois, na historiografia oficial, senhores de terra e gado e peões se unem em num só tipo: o gaúcho. Tal entendimento do passado em sua configuração ideologizada domina o senso comum e "Nesta trajetória de montagem de uma história oficial, que legitimasse o poder dos pecuaristas no Estado […] a Revolução Farroupilha ocupou um lugar de destaque". (PESAVENTO, 1985b, p. 79).

A historiografia oficial rio-grandense surgiu, para a autora, na virada do século XIX para o XX sendo arquitetada ao longo dos anos na República Velha. Era indispensável para a classe dominante um passado que a nobilitasse e que fosse, enquanto ideologia, oferecer um passado comum a todos, sem diferenciação de classes e, portanto, a Farroupilha foi elemento essencial deste processo. Para a historiadora, a tendência básica de interpretação da Farroupilha veio a obedecer a diretriz fixada pela classe dominante. Ou seja, ao longo do século XX a interpretação que interessava à classe dominante sempre foi a representação oficial da Farroupilha. Assim, no início do século, venceu a tese isolacionista e, após a década de 1930, venceu a tese da integração com o Brasil, mas tudo em decorrência do interesse de como a classe dominante se representava no conjunto econômico e político nacional. Portanto, esta posição obedecia a um reforço dos mecanismos ideológicos de sustentação do

grupo dominante no poder regional. Este foi o período em que se concretizou a historiografia oficial no Estado, glorificadora dos seus heróis. Em ambos os momentos, isolacionismo e integração, a escrita historiadora da Farroupilha corroborou o poder de uma classe ao sacralizar o seu domínio, pela prescrição de uma história virtuosa, que não pertenceria só à elite, mas a todo povo.

Disseminada nas escolas, essa historiografia "representou uma forma não *crítica* de estudar o passado" (PESAVENTO, 1985b, p. 81, grifo meu), misturando relato linear, sequencial com o resgate dos grandes feitos dos grandes personagens. Tal narrativa caracterizar-se-ia por não entender a história como processo, fragmentando a realidade, de tal modo que os eventos políticos nada têm a ver com as maneiras de produção da esfera econômica.

Para Pesavento o Rio Grande do Sul no sesquicentenário da comemoração da Farroupilha vivia sua maior crise política, econômica e social. E bem neste momento, de celebração e crise, houve um reforço ideológico da classe dominante para se manter no poder e a Farroupilha é sempre usada para tal fim, mas a crise, percebe a autora, ofereceu uma oportunidade única para se mostrar a distância entre o discurso de dominação e a realidade concreta do Estado que estava encoberta. A crítica da ideologia torna-se vital não só para o conhecimento do passado, mas para a própria vida política, para a vida cotidiana, pois, ao desmascarar a ideologia dominante, o real se revela e as pessoas (até a consciência do homem comum) estão epistemologicamente seguras de como agir. Isso porque há um método que assegurou a verdade. Desse modo, assegurar o desvelamento do real é necessário para a vida política:

> O estudo da história deve ter um sentido prático muito efetivo, possibilitando a tomada de decisões no presente. Estuda-se história, em última análise, para poder agir. Neste ponto, a história deve assumir um sentido *crítico*, e a Revolução Farroupilha pode se apresentar como um momento privilegiado de análise no qual o Rio Grande teve condição de enfrentar e barganhar com o centro. Vista desta ótica, a questão tem grande atualidade, pois se impõe nos dias atuais, mais do que nunca, a necessidade de tentar alterar as relações entre o Rio Grande e o centro, encontrando novas formas de influir nas decisões da política nacional e obter ganhos para o estado. Ao predominar, contudo, uma visão glorificadora, corre-se o risco de estado ficar encerrado no passado, perdendo-se a possibilidade de uma análise mais séria das condições históricas objetivas atuais e das possíveis condições de barganha do Rio Grande face o poder central. (PESAVENTO, 1985b, p. 82-83, grifo meu).

O estudo da história tem um objetivo para além da verdade, e até mais importante que a verdade: o agir. Estuda-se história para desvendar o real por trás da ideologia. Depois disso poder-se-ia agir corretamente. O ponto arquimédico é a crítica (marxista). Deve-se, necessita-

se, estudar história para mudar o mundo. E nesse caso deve-se estudar história, pois as relações do Estado com o poder central eram muitos desfavoráveis aos rio-grandenses na década de 1980. E, no entender de Pesavento, tal situação política deveria mudar, pois poderia ser o começo de uma nova situação econômica para o Estado. O Rio Grande do Sul poderia se reerguer da crise aguda em que vivia se encontrasse uma maneira de reverter a relação desfavorável com o centro. E o caminho apontado pela historiadora, por mais paradoxal que possa parecer, é de forma invertida o mesmo que levou a crise: a Farroupilha. Isto é, necessita-se de um estudo crítico, não glorificador da Farroupilha, para saber como foi possível ao Estado "enfrentar e barganhar com o centro", pois atualmente (1985) não consegue mais. A geração de 1980 quer o mesmo que os antecessores: controlar a inserção do Rio Grande do Sul na nação. E a Farroupilha é virada do avesso, a partir da crítica, para o mesmo fim político.[272]

A geração de 1980 fez o contraponto dos períodos anteriores.[273] Sua importância reside em contestar muitas das teses anteriores tais quais: haveria o ideal de abolição da escravidão entre todos os farrapos e que não houve um massacre/traição em Porongos;[274] a representação heroica dos farrapos; a tese de que haveria uma unanimidade da população em torno dos farroupilhas no período da guerra e, também, mostrou os interesses econômicos que

---

[272] De modo semelhante, outros historiadores abordaram essa questão. Para Freitas, repensando as relações Rio Grande do Sul com o centro, desde o esmagamento das rebeliões federalistas pelo império, entre elas a Farroupilha, houve uma subimissão das demais regiões brasileiras a hegemonia centralista do sudeste. Para o autor, o Rio Grande três vezes se opôs a essa hegemonia. Primeiro com o regime castilhista, depois com o movimento de 1930 e, por fim, em 1961, quando a arremetida centralista esbarrou na insurgência gaúcha. Historicamente no Brasil, centralismo foi sinônimo de opressão, assim "Este é um momento oportuno [1985] para lembrar que não se pode haver democracia sem federalismo, nem federalismo sem democracia". (FREITAS, 1985, p. 120). Para Dacanal (1985, p. 127), por causa do domínio da oligarquia rio-grandense "o estado ressente-se hoje da ausência de uma liderança forte, moderna e ilustrada capaz de uma administração eficiente em termos capitalistas e avançada em termos sociais, destinada ou eliminar os bolsões de marginalização e miseráveis que vivem em meio ao esbanjamento irresponsável e ao consumo suntuário das classes dirigentes. Isto seria economicamente possível e até fácil por que o Rio Grande do Sul é um estado rico, desenvolvido e de grande potencial [...] com o tempo o marasmo e a mesmice do presente talvez desapareçam". Para Lopez (1992, p. 35), "é sabido que o Rio Grande periferia econômica e cultural do centro do país [...] só agora começa aparecer em âmbito nacional". Se as gerações passadas acreditavam que o Rio Grande do Sul era o portador da liberdade e do progresso brasileiro, a geração de 1980 entende as relações do Estado com o centro de forma invertida, o Rio Grande do Sul como um Estado periférico e empobrecido, mas no fim todos tem uma esperança, cada um acredita, a sua maneira, que o Rio Grande do Sul poderá ressurgir para o cenário nacional novamente.

[273] Nedel levanta uma hipótese sobre a geração de 1980 que é muito instigante para a compreensão da escrita historiadora e do romance desse período e que perpassa toda a tese, isto é, a relação entre escrita e política. Para a autora, caberia perguntar até onde vai a crítica da geração de 1980 em relação à geração anterior: "não seria a manobra amnésica própria de uma ciência que, fundada sob o signo da ancestralidade, continua firmemente engajada nas disputas identitárias sem assumir sua condição política interessada". (NEDEL, 2007, p. 426).

[274] O tema da escravidão foi um dos mais instigantes levantados por essa geração. Nenhuma traz ainda um personagem negro como protagonista da narrativa, duas narrativas mostram que houve uma traição em Porongos: Leitman (1985) e Flores (2004), e os limites do abolicionismo na Farroupilha: Bakos (1985) Santos (1990).

faziam parte do movimento; além disso, para a geração de 1980, o sesquicentenário não foi usado para comemorações, e sim para um repensar crítico sobre a explicação da Farroupilha até então oferecida, sua presença na formação identitária do gaúcho e, também, para refletir sobre a inserção do Estado na vida nacional.

O caso mais notório do entrechoque intelectual-político entre gerações deu-se a partir da publicação do breve ensaio *Bento Gonçalves: o herói ladrão*, de Tau Golin, lançado em 1983 e que teve como resposta o livro *Bento Gonçalves: mito e história (sobre o herói ladrão farroupilha),* de Fernando Sampaio, publicado em 1984. Para Golin, Bento Gonçalves é considerado o maior herói rio-grandense e quer desfazer o mito em torno de Bento Gonçalves criado pela historiografia oficial. Para Golin, além de destacado líder da oligarquia, Bento também praticou roubo. E diz que pode empiricamente provar o que afirma. Assim, o autor mostra o Bento Gonçalves histórico, não mais o mitológico da historiografia oficial. Também diz que, sendo visceralmente ligado às oligarquias, jamais teria um perfil de herói popular como Artigas. Enfim, Bento Gonçalves pertencia à elite, "fez parte de uma organização – verdadeira máfia da época". (GOLIN, 1983, p. 12). Assim, os responsáveis pelo mito Bento Gonçalves para Golin são os historiadores ligados ao poder e o tradicionalismo. Para Golin, os intelectuais a serviço da classe dominante escamotearam a verdade sobre Bento, com o suporte ideológico do positivismo. Além de Bento ser um ladrão e líder de guerrilha que fazia roubo e contrabando, Golin o acusa de ter combatido os artiguistas e contribuir para o fim do sonho povo uruguaio "que esteve prestes a se concretizar totalmente na revolução". (GOLIN, 1983, p. 23). Assim, sobre esses

> aspectos ele já se coloca antagonicamente à massa popular [...] mediante o conhecimento do homem histórico Bento Gonçalves, delimitado na sua classe – a oligarquia –, não é possível de ser cristalizado no coração do povo. Entretanto, se Bento totaliza-se como 'herói' genérico, devemos atribuir essa realidade ao sucesso estrondoso da ideologia dominante. (GOLIN, 1983, pg. 43-44).

E, ao fim, além de desmascarar a ideologia da classe dominante na criação do mito de Bento, Golin (1983, p. 48) entende que

> precisamos afrontar a necessidade que todo trabalho situe-se no senso comum, melhor maneira de alterar a visão dominante da elite sobre a história do Rio Grande do Sul. A supremacia da visão dominante e positiva sobre o processo social rio-grandense impera absoluta, articulando-se na massa popular como se fosse a sua verdade histórica. Existe uma tarefa urgente: a de reconstituir a história, para que o povo possa enxergar-se corretamente na sua trajetória social, desde o passado, [e] encaminhe as transformações futuras.

O imaginário da crítica está prenhe na obra de Golin. Sampaio, apesar de algumas críticas corretas a Golin, não deixa de reatualizar o mito Bento Gonçalves. Segundo ele, "Golin, objetivamente ataca a classe dominante brasileira e faz com que a atual situação política retroaja no tempo, num processo mítico e mistificatório, o qual talvez nem lhe seja claro". (SAMPAIO, 1984, p. 124). Por fim, entende que a crítica de Golin faz parte da falência cultural nacional: "Em suma, foi implantada a alienação e com ela vem a desculturação, matando no processo o espírito cívico e as raízes do próprio nacionalismo. Esta confusa situação que se criou e que explica, no meu entender, a origem e a metodologia de 'Bento Gonçalves: o herói ladrão'". (SAMPAIO, 1984, p. 128). Essa contenda é a luta por reconhecimento de dois imaginários opostos. [275]

A geração de 1980 deixou suas marcas na luta pelo reconhecimento do imaginário sobre a Farroupilha. Como as outras gerações, também lutou pelo reconhecimento do imaginário que acreditava científica, literária e politicamente o mais correto sobre a Farroupilha. Houve criação, houve diferença no imaginário representado. O presente foi o combustível que moveu o novo imaginário em disputa. E esse presente estava marcado pela crítica (marxista e estruturalista) e pela ditadura civil-militar.

A geração de 1980 ainda não é o fim dessa história. A coruja ainda está em seu voo e a história continua a mover-se. Em 1989, cai/derrubam o muro de Berlim, a URSS entra em colapso em 1991, o mundo não é mais bipolar e termina a Guerra Fria. Teoricamente, as metanarrativas sofrem o golpe de misericórdia. A crítica, marxista e estruturalista, entra em crise. Conforme notara Habermas (2009, p. 335), "Sob as circunstâncias atuais, talvez seja mais urgente assinalar os limites da falsa pretensão da universalidade da crítica do que a falsa pretensão de universalidade da hermenêutica". Claro que o contexto intelectual de Habermas é diferente do contexto intelectual dos narradores aqui analisados. Mas é de observar que Habermas, integrante da segunda geração da Escola de Frankfurt, em 1970 já percebera as insuficiências do paradigma crítico e a necessidade de sua revisão.

[275] Juremir Machado da Silva publicou o livro *História regional da infâmia* em 2010. Essa obra pretende retomar o projeto de desvelamento do real, não mais pela ideologia, mas no mito construído pelo imaginário. Para Silva (2010, p. 14): "Talvez por ser a Revolução Farroupilha o acontecimento mais reconstruído e mitificado da História brasileira, a ponto de História e Mito acharem-se atualmente quase inteiramente confundidos, com ampla vantagem para a idealização". Na ótica de deslegitimar o que entende serem os mitos de um período sobre a Farroupilha e mostrar o que realmente aconteceu, isto é, acabar com a infâmia escrita até agora, Silva assume o lugar do investigador neutro, que vai revelar e descobrir a verdade que outrora era mito. Assim, se considera "um leitor não comprometido do século XXI". (SILVA, 2010, p. 63). No fim, Silva faz com ares de novidade e sem citar a produção acadêmica recente sobre a Farroupilha, o mesmo que a geração de 1980 fez – a dialética negativa do período nacionalista e comemoracionista da escrita da Farroupilha – mas só que Silva faz isso trinta anos depois.

Novas identidades sociais foram criadas e vividas. O mapa geopolítico reconfigura-se. O mundo torna-se multipolar. O Estado-nação se enfraquece e avançam as políticas neoliberais em redor do globo. No Brasil termina a ditadura civil-militar. Começa-se uma nova fase democrática. Em 1989, é eleito o primeiro presidente pelo voto direto desde Jânio Quadros. Teoricamente, a hermenêutica e a filosofia analítica tomam a dianteira em relação ao marxismo e ao estruturalismo.[276] A explicação da historiografia altera-se. Não mais uma história explicada a partir de uma estrutura profunda, em que o sujeito apenas aparece como epifenômeno. Enfim, a Farroupilha não ficaria de fora dessa outra história.

CAP. 8 Democracia, globalização e pluralidade de modelos: a Farroupilha repensada

Em apenas dois anos, entre 1989 e 1991, o mundo e o Brasil mudaram muito e um novo futuro se abriu. Conforme dito acima, em 1989 cai/derrubam o muro de Berlim e, em 1991, a URSS desmorona-se. Parecia o fim do socialismo e a vitória triunfal da democracia liberal capitaneada pelos Estados Unidos. O avanço da economia de mercado no leste europeu e na Rússia fez intensificar o fenômeno da globalização.[277] Antigas identidades e polarizações políticas, iniciadas antes ou com a Guerra Fria, enfraquecem ou perdem sentido. Direitos humanos, ecologia, economia global, mundo multipolar são as questões que se colocam no novo tempo que se inicia. Na América do Sul, ditaduras militares caem uma após outra. A democracia ressurge, ainda que de forma precária, na América Latina na década de 1980.

Para Reis (2013), a década de 1980 no Brasil, com uma crise econômica endêmica e uma inflação vertiginosa em alta, permitiu amplos debates e demandas pela expansão da cidadania. Considerada como uma década perdida, Reis entende que foi o oposto. Fora uma década importante para a ascensão democrática com o surgimento de vários movimentos sociais de trabalhadores, mulheres, negros, índios e de camponeses. Em 1989, houve as primeiras eleições diretas desde o início da ditadura. Em 1990, Fernando Collor assume a presidência da República. Para o autor, a década de 1990 no Brasil foi marcada pelo avanço do neoliberalismo de Collor a Fernado Henrique Cardoso. Este retomaria propostas já iniciadas por Collor de abertura do país aos mercados internacionais e de diminuição do escopo e do tamanho do Estado. Houve, então, uma espécie de continuidade entre os governos de Collor, Itamar Franco e FHC.

---

[276] Ver Norris (2007), capítulo "'*Fog* sobre o canal, continente isolado': epistemologia nas duas 'tradições'".

[277] Hall (2005, p. 67), reforçando o argumento: "O que, então, está tão poderosamente deslocando as identidades culturais nacionais, agora, no fim do século XX? A resposta é: um complexo de processos e forças de mudanças, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo 'globalização'".

Articulado com essas mudanças na sociedade nas décadas de 1980 e 1990, o mundo intelectual também se modifica. Para Iggers (2010, p. 106),

> O pensamento histórico e a historiografia dos anos de 1990 e do início do século XXI não ficaram imunes a esses vastos reordenamentos. A dissolução da União Soviética representou não apenas o fim da Guerra Fria do ponto de vista político e militar, mas abriu, igualmente, o caminho para que o mundo viesse a ser profundamente embebido pelo capitalismo financeiro. O fracasso do socialismo de feitio soviético contribuiu, ademais, para a decadência do marxismo como filosofia social alternativa. Essa decadência começara, contudo, ainda antes, com o surgimento de outras opções teóricas com os mais diversos matizes intelectuais, marcadas pelo pensamento ecológico, pelo feminismo ou por questões étnicas que vieram a colocar gradualmente o marxismo em xeque. Essas teorias se mantiveram após 1990 e ganharam mesmo em força de convencimento.

Nesse período há a crise das metanarrativas, das verdades absolutas, das epistemologias monocausais, ambas legitimadoras da ordem social. A perda da certeza das normas fundadoras de um discurso científico unitário sobre o homem e a sociedade leva à perda de sentido de uma teoria geral de interpretação dos fenômenos sociais. Portanto, em meados de década de 1980 inicia-se uma oscilação de paradigma nas ciências humanas. Há uma guinada interpretativa, baseada na volta do sujeito situado na explicação da história; uma descrença do monocausalismo epistêmico; uma valorização da historicidade e uma descrença de grandes explicações globais. Haveria, então, uma oscilação em direção a uma organização conceitual diferente em que a historicidade substituía a estrutura. A pesquisa se desloca para o estudo da consciência, mas de uma consciência problematizada. Segundo Dosse (2003A), o esquema do desvelamento ideológico consistia em contornar, em passar por trás do estrato consciente para ir diretamente às motivações inconscientes. O novo paradigma inverte essa perspectiva, pois explicar por que as pessoas podem se enganar não seria o mesmo que explicar por que elas são mistificadas. Dosse percebe de três maneiras a oscilação para o paradigma interpretativo. Por um lado, vê a diluição das filosofias da história, por outro, a crise do Estado-nação que estaria na origem das sistematizações teóricas da crítica e, por fim, conexo a crise da ideia de nação o descrédito do papel de modernizador da sociedade que cabia às ciências. E isso remeteu a problematizar eficácia de explicação do paradigma crítico quanto à sua capacidade de explicar o agir social, pois

> Em primeiro lugar, a ruptura radical que o paradigma crítico instaura entre competência científica e competência comum teve como efeito não levar a sério as pretensões e competências das pessoas comuns, cujos propósitos remetia à expressão de uma ilusão ideológica. Em segundo lugar, o paradigma crítico era animado por uma antropologia pessimista implícita que fazia do interesse o único motivo da ação […] em terceiro lugar, o paradigma crítico se dava como grade de

> leitura global do social, capaz de tornar inteligíveis as condutas de todos os indivíduos em qualquer situação […] em quarto lugar, o paradigma funcionava de maneira pouco coerente uma vez que se pretendia crítico, denunciando o caráter normativo das posições dos atores, suas ilusões, suas crenças, sem para tanto desvendar seus próprios fundamentos normativos. (DOSSE, 2003a, p. 175-76).

Em 1989, o cientista político Francis Fukuyama no ensaio *O fim da história* apregoou o fim da história com o triunfo dos valores políticos e econômicos do capitalismo liberal do ocidente. No decorrer desse período difundiu-se ainda mais o modo de viver ocidental e sua cultura de consumo. Assim, na década de 1990 houve um crescente abismo social e econômico entre as sociedades ocidentais, a desmontagem do Estado de bem-estar social e a renúncia de lutar contra pobreza na maior parte da África, Ásia e América Latina, além do crescente aumento da pobreza na Europa e nos EUA. E segue Iggers (2010, p. 107) dizendo que "Tudo isso mostra que precisamos de uma nova forma de escrita da história para compreender nossas atuais condições de vida, que se diferencia de muitas maneiras da situação anterior a de 1989". Porém,

> precisamos ter em vista que os historiadores do período referido, em grande parte pertencem ao *establishment* acadêmico, cujas perspectivas não necessariamente reproduzem aquelas de grandes parcelas da população; em última instância, eles se identificam largamente com o *status quo*. (IGGERS, 2010, p. 107).

A partir do balanço que faz do período após a Guerra Fria, Iggers (2010, p. 108) aponta para cinco tendências na historiografia contemporânea:

> 1) o duradouro giro linguístico e cultural, que criou a assim chamada "nova história cultural"; 2) a expansão cada vez maior da história feminista e de temas relacionados ao gênero; 3) a guinada rumo à história universal e a permanência de nacionalismos; 4) uma nova articulação entre pesquisa histórica e ciência social feita a luz pós-moderna; 5) as ciências sociais e a história da globalização.

Na historiografia latino-americana e brasileira de fins dos 1980 e durante a década de 1990, Malerba (2009) analisou duas tendências historiográficas como predominantes: a nova história política e a nova história cultural. Essas duas tendências historiográficas aos poucos suplantaram as tendências historiográficas da história econômica e social, hegemônicas na década de 1960 ao início de década de 1980.[278] Para Malerba (2009, p. 91-92),

---

[278] Para Malerba (2009, p. 93), sempre se fez história política e cultural e a história política era de certa formar hegemônica até medos da década de 1930, quando perde o posto para a historiografia econômica. Assim, pelas mudanças teóricas por que a história cultural e política passaram se tornaram "novas" e hegemônicas a partir de 1980.

> A historiografia política da década de 1990 se autorreconhece como “nova” em oposição às antigas obras centradas no Estado e nos grandes homens que estiveram à sua frente, uma vez que nega esse tipo de narrativa apologética dos feitos das elites de mando, ao mesmo tempo em que adota uma nova pauta de problemas e um instrumental teórico-metodológico de acordo com o que se chamou *cultural turn* nas ciências humanas e sociais. O mesmo vale para a história cultural, que sempre existiu, ainda que com outros nomes e objetivos. O que distingue, mais uma vez, a “nova” história cultural [...] é sua tendência para alguns preceitos ditados pela quebra paradigmática pós-estruturalista.

Para Malerba, a entrada de novos personagens e temáticas na agenda dos historiadores culturais foi um dos efeitos de maio de 1968 sobre a historiografia. Segue o historiador que a história cultural influenciou a descompartimentalização dos saberes universitários. Outra face desse movimento cultural seria a pulverização dos movimentos sociais.[279] Por fim, caracteriza a história cultual em quatro pontos: a) o estudo das mentalidades; b) um interesse particular nos grupos subalternos; c) inclinação ao indutivismo na escrita da história; e 4) uma postura crítica em relação às fontes e à interpretação textual.

Em relação à nova história política, Malerba entende que ela chegou à América Latina e ao Brasil sob o influxo do movimento de renovação desse campo iniciado na Europa e particularmente na França. Em uma visão de conjunto da nova história política, Malerba acredita que ela está envolta com os movimentos sociais e os grupos minoritários, que surgiram ao final da década de 1970, despertando grande interesse na historiografia brasileira. O autor avalia outros dois acontecimentos para entender a nova história política. Por um lado, o tema da revolução dá lugar ao tema da democracia e, por outro, o Brasil e a América Latina, no período de 1980 e 1990, passaram pelo processo de esgotamento dos regimes militares à abertura política posterior.

Malerba destaca em relação à nova história política uma temática que foi preponderante no período: A construção do Estado e da nação no século XIX. Para Malerba (2009, p. 95-96),

> Um dos temas da história política em que mais se destacou a historiografia latino-americana nas últimas duas décadas foi a construção do Estado e da nação nas diversas regiões do continente. Aqui, merecem especial atenção os estudos inovadores do historiador argentino José Carlos Chiaramonte […] o trabalho de Chiaramonte ganhou espaço acadêmico na América Latina. No Brasil, influenciou sobretudo os debates sobre a questão da administração colonial e da formação do Estado e da nação no século XIX.

[279] Rago (1999, p. 74) observa que, na historiografia brasileira a partir da metade da década 1980 até o fim da década de 1990, “novos grupos sociais, étnicos e sexuais passaram a participar da vida pública, trazendo suas questões e reivindicações e, ao mesmo tempo, ampliando as formas culturais e estéticas de consumo”.

Assim, para Malerba registram-se os esforços crescentes para articular criticamente as questões do nacionalismo e da formação da nação. Continua o historiador dizendo que a nova história política procuraria reconceitualizar o papel do Estado e discutir o caráter problemático do conceito de nação, pois “Essa corrente teria vindo reequacionar os desafios postos pelo marxismo e as análises dependentistas anteriores, dispensando atenção crescente ao caráter complexo e socialmente determinado da construção do Estado e da nação”. (MALERBA, 2009, p. 98-99). Portanto, para Malerba haveria, no período de 1980 e 1990, dois polos hegemônicos na historiografia latino-americana e brasileira obedecendo, em relação aos períodos anteriores da historiografia, a outros padrões teóricos e temáticos.

E dessas mudanças no mundo, no Brasil e na historiografia, o contexto intelectual também se rearticula no romance do final do século XX. Para Esteves (2008, p. 58), o romance histórico criado por Walter Scott, que se impôs do no início do século XIX a meados do século XX, caracterizou-se, por um lado, em que a atuação dos personagens ocorre num passado antecedente ao presente do narrador tendo como cenário um ambiente histórico precisamente recomposto, onde figuras auxiliam a firmar a época; e, por outro lado, sobre esse cenário histórico coloca-se uma trama fictícia, com personagens e eventos concebidos pelo narrador. Mas muda-se o tempo, mudam-se as convenções e, assim, “conforme mudam as concepções do romance e suas relações com a sociedade, também muda o romance histórico, da mesma forma que também se vê afetado a cada mudança epistemológica do discurso histórico”. (ESTEVES, 2008, p. 59).

Uma primeira característica seria a autorreferencialidade do romance contemporâneo, que coloca em questão a possibilidade de conhecimento de um objeto exterior ao texto, em que o romancista torna-se então um criador de mundos estabelecendo as normas e as relações existentes e

> quebra-se, desse modo, o pacto realista e nenhum tipo de romance sofre mais tal ruptura que o romance histórico, em que a relação entre o texto e o referente é bem mais próxima. O autor contemporâneo não se sente obrigado a copiar ou refletir o mundo externo e cria seu próprio universo sem se sujeitar nem ao pacto de veracidade que impõe o discurso histórico, nem ao pacto de verossimilhança que mantinha, de certa forma, o discurso ficcional mais tradicional. (ESTEVES, 2008, p. 59).

Outra característica do novo romance histórico, conforme Esteves, é a deformação consciente da história por meio de anacronismos, omissões ou exageros, associada à

utilização da metaficção historiográfica.[280] Outra característica é a intertextualidade associada à dialogia, carnavalização, paródia e a heteroglossia. Ademais, segundo Esteves, o oposto do que acontecia no padrão definido por Walter Scott, existe uma precedência em ficcionalizar personagens históricos conhecidos que, na maioria das vezes, apresentam-se como protagonistas. Haveria um interesse em realizar, a partir do novo romance histórico, uma releitura do passado: "seja abolindo a distância épica do romance tradicional, seja invertendo os modelos clássicos, para dar voz àqueles que foram, ao longo dos tempos, excluídos, silenciados ou simplesmente mantidos à margem da história". (ESTEVES, 2008, p. 60).

Portanto, tanto a historiografia quanto o romance transformam-se no último quartel do século XX. O ambiente político e intelectual afeta a maneira de se escrever ou o que escrever e sobre quem escrever. Novos grupos sociais, novas identidades, emergem na esfera pública internacional e brasileira a espera que narrem sua história, novas abordagens teóricas surgem para ser o suporte narrativo desse passado.[281] Neste capítulo, para abordar a problemática da tese, são usadas duas obras: a tese de doutorado de Cesar Guazzelli, *O horizonte da Província*, de 1998, e o romance de Flávio Aguiar, *Anita*, de 1999.

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli nasceu em 1951 em Porto Alegre. Guazzelli é apenas seis anos mais novo que Pesavento. Pode-se considerá-los da mesma geração, porém, a obra de Guazzelli sobre a Farroupilha vem à luz treze anos depois dos dois artigos de Pesavento e produzida sob o influxo de outro momento histórico e historiográfico. Antes de exercer a profissão de professor de história, Guazzelli exerceu medicina na UFRGS durante quase treze anos, de 13 de dezembro de 1975 (ano em que se formou) até 18 de novembro de 1988, fez residência em neurologia e neurocirurgia, mais tarde especializou-se também em eletroencefalografia, com titulação pela Associação Médica do Brasil e pelo Conselho Federal de Medicina. Como historiador, Guazzelli tem toda a sua formação ligada à universidade. Graduou-se em 1987 em História pela UFRGS. Pela mesma instituição fez o mestrado na mesma área (é da primeira turma de mestrado da UFRGS) que defendeu em 1990. O seu doutoramento em história foi feito na UFRJ em 1998. Em 2011, fez pós-doutorado na

[280] Conceito de Hutcheon (1988), metaficção historiográfica caracteriza os romances que meditam a respeito do próprio desenvolvimento de criação literária, por isso a propriedade metaficcional; e simultaneamente manuseiam a história para discutir a própria verdade historiográfica. Esses romances complexificam o procedimento de construção do romance e da historiografia, pois indagam o que há de verdade historiográfica no texto ficcional e de ficcional na historiografia. O texto meta-historiográfico pergunta pela verdade, e coloca e possibilita outras verdades, antes não percebidas, de relatos antes ausentes, a partir de reinterpretações que proporcionam indagações do aceito como convencionado.

[281] Hall (2005, p. 88) acredita que "Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado".

Universidade General de Sarmiento na Argentina. Guazzelli é professor universitário na UFRGS desde 1988, ano em que abandonou a carreira médica.

A tese de doutorado de Guazzelli tem muito dessas mudanças que afetaram a historiografia na década de 1990. Há uma diluição da filosofia da história ou de uma teoria social abrangente que unificaria o processo histórico, apresenta um recorte metódico específico, sabendo que tal método é parcial na investigação do passado, isto é, não vai mostrar todo o real do passado ou desvendar a realidade passada oculta pela ideologia e, por fim, não tem o Estado-nação[282] como algo dado ou evidente, pelo contrário, inicia-se da construção do Estado nação vinculado a interesses políticos e econômicos. Portanto, a intriga da sua narrativa historiadora tem um enfoque da Farroupilha numa circunstância de a) oposição de seus grupos dominantes na Província de São Pedro à b) estruturação nacional ambicionada pelo Império do Brasil. Contudo, esse processo não poderia ser compreendido c) sem estar no bojo da explicação, e aqui que entra o diferencial da tese dele, a constituição dos Estados nacionais no espaço platino. Há uma novidade na narrativa de Guazzelli: é a recuperação pela historiografia do espaço platino como uma das razões da Farroupilha, explicação que ficou obliterada ou menos aceita socialmente desde a década de 1920. E isso também sem ter como pano de fundo a nacionalidade brasileira já pronta para o período em questão: 1835-1845. O Estado-nação deixa de ser um dado de início da explicação para ser compreendido em um processo, isto é, a Farroupilha é integrada no bojo da construção dos Estados nacionais.[283]

Para Guazzelli, com os precedentes históricos característicos de uma posse tardia e distinguida pelo conflito com os castelhanos, desenvolveu-se, no que viria a se tornar o Rio Grande do Sul, uma sociedade marcada por uma classe dominante de proprietários de terras, os estancieiros, que submeteram os antigos homens livres das campanhas sulinas, os gaúchos,

---

[282] Para Hall (2005, p. 48-49), "as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação* […] segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*" e segue seu raciocínio, dizendo que "uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural". (HALL, 2005, p. 59).

[283] Em artigo de 1985, Piccolo é a primeira historiadora a explicar a Farroupilha a partir da construção dos Estados nacionais. Mas diferentemente de Guazzelli, ela só explica a Farroupilha a partir da construção do Estado nacional brasileiro, o que Guazzelli expande para os Estados platinos. Para Piccolo (1985, p. 30), "Em 1835, na conjuntura em que se inicia o movimento farroupilha, cumpria-se mais uma etapa do processo de construção do Estado Nacional brasileiro". Piccolo, pode-se dizer, faz uma transição entre uma geração e outra, pois ao iniciar a intriga explicativa da Farroupilha na construção do Estado nacional, contudo, ainda está vinculada a uma história de perspectiva nacional e há ainda a crítica ideológica: "A Guerra dos Farrapos […] mostra como a ideologia serviu para encobrir interesses de grupos, falando em nome do povo cujas reivindicações diziam representar, procuraram legitimar sua ação". (PICCOLO, 1985, p. 60).

como trabalhadores em suas estâncias. Estava presente a escravidão africana, predominante na fabricação do charque para o centro do país, e em menor número das próprias estâncias.

As disputas com o mundo colonial espanhol foi causador não somente de hostilidade, porém, além disso, de coexistências entre os agentes privados.[284] Mais que isso, a inaptidão da Corte em comandar o espaço o espaço fronteiriço em conflito fazia dos senhores de terra os verdadeiros guardiões de uma fronteira indefinida, pois estavam habilitados em transformar seus peões do campo em tropas irregulares para as guerras na disputa do espaço. No entendimento da Farroupilha, compreende-se que a disputa de interesses regionais contra os nacionais afetou o predomínio do Império Brasileiro no espaço platino. Para a permanência da República Rio-Grandense, constituíram-se como basilares os pactos privados entre caudilhos do Rio Grande e seus vizinhos platinos e "a consequência da observação empírica de que as histórias nacionais ou aquelas puramente regionais não davam conta de uma série de problemas que apareciam, e que teimosamente reincidiam contra os marcos divisórios que existem no presente". (GUAZZELLI, 1998, p. 8).

Não era mais possível escrever sobre a Farroupilha como se fizera até então, tendo o Estado nacional como algo subentendido. Pelo contrário, os Estados nacionais platinos e o brasileiro estavam em construção. Duas coisas levam a isso. Por um lado, o contexto da época em que Guazzelli escreve, pois com o avanço da globalização os Estado nacionais na década de 1990 deixam de ser um ponto de referência conceitual[285] e começam a ser revistos. Por outro lado, a indeterminação do futuro é levada ao passado, o que possibilita pensar este passado sem predeterminações. Com certeza a diluição das metanarrativas, em que a história tinha um caminho seguro a ser cumprido, propiciou uma indagação sobre inúmeras possibilidades de ser e estar no passado.

Portanto, esses pactos no espaço platino foram importantes aos farroupilhas, pois impossibilitavam a hegemonia do Império brasileiro no Rio da Prata. Sem os homens da fronteira, eram impraticáveis as investidas que haviam marcado a participação portuguesa e brasileira na região platina. A República Rio-Grandense resistiu graças à sua posição fronteiriça, "os inimigos de antanho agora permitiam a afirmação dos republicanos contra a maior potência sul-americana". (GUAZZELLI, 1998, p. 17). Assim, o objetivo da tese de Guazzelli (1998, p. 17) é

[284] Aqui mostra o oposto de Vellinho, a fronteira não como divisora de nacionalidades, mas como ponto de contato da vida prática de agentes históricos com inúmeros interesses em jogo.

[285] Sobre a escrita da história nacional, da sua perda de desempenho na década de 1990 até suas possíveis reatualizações na segunda década do século XXI, ver Abrão (2014).

> apontar para a importância que as relações estabelecidas pelos rio-grandenses com os vizinhos platinos tiveram desde a deflagração do movimento autonomista, passando pelas estratégias de resistência ao conflito militar, chegando às condições especiais obtidas para a reincorporação ao Império.

Para chegar a esse objetivo, além de um estudo das relações externas instituídas pelos rio-grandenses, Guazzelli (1998, p. 71) propõe

> Primeiramente, […] superar os limites de uma história "nacional", que parte da realidade presente para criar um passado onde não existiam ainda as nacionalidades de hoje; falta uma abordagem que permita integrar a Guerra dos Farrapos à complicada e aparentemente caótica formação dos Estados nacionais na América Latina, especialmente no que se refere ao Prata. Ver a Revolução Farroupilha apenas como uma entre tantas revoltas liberais ocorridas no Brasil significa uma redução na perspectiva de análise, que chegaria no máximo às causas imediatas da revolta. Por outro lado, afirmar que o sucesso da rebelião se deu em função da oposição fronteiriça é pouco mais que uma constatação empírica se não se acompanhar de um adequado estudo do que contemple as relações estabelecidas neste espaço.

Disso resulta que "a Revolução Farroupilha seja vista sob uma ótica mais global, sem os entraves metódicos e políticos do Estado-nação, onde se possa compreender porque a recusa de tantas oligarquias regionais em aceitar os Estados nacionais que se propunham". (GUAZZELLI, 1998, p. 71). Assim, as relações externas constituídas pelos farroupilhas são fonte para pensar tal questão e, além disso,

> Essas relações entre os diferentes grupos dominantes que conviviam no espaço platino podem nos conduzir ao centro da questão, a construção dos Estados nacionais, e, num caminho de volta, esclarecer-se sobre os problemas específicos de cada região. A recusa de uma organização política mais elevada, comprometendo as possibilidades da realidade vista como possível – a província –, foi levada a cabo como única forma de sobrevivência das elites periféricas; esta resistência, cuja expressão política é o caudilho, poderá ser mais bem conhecida a partir das relações mantidas pelos diferentes grupos regionais do Prata. (GUAZZELLI, 1998, p. 72).

A construção dos Estados nacionais, tanto platinos como o brasileiro, é o centro da intriga da tese de Guazzelli.[286] Os Estados nacionais não mais uma evidência dada, mas construída. Um emaranhado jogo político, agora com a retomada do Prata na explicação historiadora,[287] sem um futuro definido de antemão (a partir da ótica dos agentes históricos),

---

286 Piccolo (1995), ao fazer um balanço da historiografia gaúcha, entre o fim dos anos de 1980 e 1990, percebeu essa "virada" em relação aos estudos do Rio Grande com o Prata: "A História do Rio Grande do Sul mais e mais vem sendo articulada à História do Brasil […] e mais recentemente com à História do Platina. […] Assim como é indiscutível que a História do Rio Grande do Sul se insere na História do Brasil, essa mesma História do Rio Grande do Sul faz parte da História Platina". (PICCOLO, 1995, p. 50).

287 Desde Verissimo no romance.

as nacionalidades que vieram a se configurar posteriormente permitiram mostrar outra Farroupilha no final do século XX.

O historiador começa a sua explicação mostrando a formação das estâncias no Prata, para depois mostrar a semelhança entre elas e as estâncias dos rio-grandenses. Isto é, quer mostrar que houve um processo de formação econômica e social muito semelhante entre o Prata e o Rio Grande do Sul e isso levara a muitas das proximidades entre ambas as regiões-províncias em seus processos políticos. O Prata apresentou uma conquista lenta em relação a outros locais da América espanhola. Durante a União Ibérica, Buenos Aires virou um núcleo de contrabando de prata vinda de Potosí, com comerciantes portugueses enganando o monopólio espanhol. Iniciou-se uma penetração no espaço colonial espanhol que não mais encerraria. Apenas no século XVIII o espaço platino integrou-se ao mercado global. A Revolução industrial inglesa foi crucial para as mudanças no Prata, pois a procura de couros "transformou o gado alçado espalhado pelos pampas em um bem econômico". (GUAZZELLI, 1998, p. 75). A presa ao gado foi uma maneira de enriquecimento momentâneo. Contudo, a ligeira redução dos rebanhos foi causa determinante para a completa apropriação do espaço platino. Depois da apropriação do gado, derivaria como consequência a apropriação da terra. Nessas primeiras *estancias cimarronas* se acelerava a "concentração da terra nas mãos dos mais privilegiados e mais próximos das autoridades". (GUAZZELLI, 1998, p. 77). Portanto, quando se configurava a esfera dos privilegiados, igualmente se determinavam os despossuídos, agora assentados à margem da lei. A legislação da vadiagem obrigava os gaúchos a virarem peões. A formação das estâncias distinguia a ocupação do espaço, determinado à produção pecuária que tomava a dianteira sobre as outras, acarretando concomitantemente a uma composição social peculiar, com trabalhadores livres e uma aguda presença de marginalizados.

Se o gaúcho do passado vivera do abate do gado que precisasse, o peão de estância pagava agora pelo sustento, e o peão percebia a si próprio como um trabalhador livre. Por outro lado, as difíceis condições materiais das estâncias aliavam os patrões aos seus empregados. Os hábitos eram os mesmos: a carne assada, o mate amargo, isso, se não esperavam falar que houvesse "igualdade", ou aceitavam ao menos que se constituísse um discurso igualitário, tornando patrões tão gaúchos quanto peões, logo socialmente iguais. Para Guazzelli (1998, p. 89),

> Sempre que ocorresse alguma crise que atingisse os interesses econômicos dos proprietários, o que seria a tônica com as tentativas de organização do Estado nacional, o conflito entre os setores dominantes se transferia aos trabalhadores

> rurais. O declínio econômico dos *terratenientes* seria associado a uma piora nas condições de sobrevivência das peonadas, atribuindo-se a um adversário comum todos os males [...] esse arrocho nos laços de dominação, no entanto, era identificado como uma "crise" cujas causas eram externas à "região-província". Quando a "crise" levava ao enfrentamento armado e que viam na guerra uma possibilidade de sobreviver faziam da luta do seu patrão a *patriada*, e da *guerra gaucha* a única chance para resgatar um passado perdido, onde as dificuldades do presente não existiam.

A decadência apareceu por responsabilidade dos outros, dos que tentaram implantar uma nova ordem *pueblera* para as gentes paisanas: O Estado nacional. Igualmente, a incompatibilidade entre a oligarquia da região-província com a oligarquia exportadora é levada para a plebe rural, o que lançaria sobre o grupo concorrente dos seus caudilhos a culpa pela difícil situação de vida em que se acham.

> Atenua-se o conflito de classes e transforma-se uma luta de interesses específicos das elites fundiárias numa luta que interessa a todos. O que defendemos é que apenas os caudilhos eram capazes de elaborarem discursos que criassem significados para os homens do campo, para os "gaúchos". Isso o Estado nacional fora absolutamente incapaz de realizar. (GUAZZELLI, 1998, p. 91).

Os setores oligárquicos exportadores tentaram construir o projeto nacional; contudo, pretenderam procurar origens nacionais onde elas jamais existiram. Ao construir o nacional, queriam ocupar o espaço aberto pelo declínio de relações antes existentes. Desse modo, competiria a quem constituísse o Estado nacional suprir aqueles vínculos pela nova ordem nacional que se estabelecia. Contudo, esse

> processo foi muito intrincado: o "nacional" teria inevitavelmente a tendência a ser suplantado pelo discurso dos caudilhos, capazes historicamente de construir significados para as massas de trabalhadores dos campos plainos, e tais significados tinham como máximo horizonte a província. (GUAZZELLI, 1998, p. 94-5).

O historiador, então, pergunta sobre o que haveria antes, na ausência de um protonacionalismo ou de um modo nacional de organização, no espaço platino. E Guazzelli entende que haveria conexões entre as regiões-províncias, a partir da presença dominante do capital comercial que, por um lado, adaptava uma estrutura para o curso comercial e, por outro, agenciava as produções locais. Os centros eram as antigas cidades coloniais, que posteriormente constituiriam as capitais políticas das regiões-províncias. Os produtores locais, que no século XIX virariam os caudilhos provincianos, eram submetidos ao capital mercantil.

> Não havia, pois, uma economia "nacional", ou sequer "regionais" no sentido amplo; o que existia eram economias "provinciais", cujo nexo era dado pelo capital

> comercial. Paradoxalmente é nessa conjuntura que os produtores assumem o mando político das suas "regiões-províncias" e, sem o saberem, teriam nostalgia do período colonial onde eram subordinados ao capital comercial dos *godos*. (GUAZZELLI, 1998, p. 98).

Para Buenos Aires, seu aspecto nacional se resumia na incumbência pelas outras províncias da representação externa, contudo, tinham-se duas questões de complexa solução. Por um lado, o controle da aduana – responsável por 80% das rendas de Buenos Aires – e, por outro, a justificação do livre mercado, contradizendo as aspirações protecionistas das outras províncias, onde

> Todos esses problemas conduziram a negação do Estado nacional, assim como não permitiram a consolidação de unidades políticas mais significativas que as províncias [...] Afirmando-se a produção mercantil – vale dizer a pecuária [...] aparecerão os grupos dominantes nas diferentes províncias os detentores daquela produção [...] Foi no latifúndio de criação que se gestaram esses comandantes, que moveram um guerra sem quartel contra a organização nacional. (GUAZZELLI, 1998, p. 99).

O território do atual Rio Grande do Sul, semelhantemente ao do Prata, era secundário em comparação às outras regiões de colonização da América portuguesa. A fundação da Colônia do Sacramento em 1680 permitia a Portugal adquirir prata da Espanha. Aos poucos os portugueses preocuparam-se com couro. A região do Rio Grande tinha uma localização que facilitava o deslocamento de gado para o fornecimento das Gerais. Até o termo do século XVIII, prosseguiu uma entrada arrojada de sul-rio-grandenses na banda oriental. As estâncias de criação de gado progrediam pelos Campos Neutrais e, igualmente, pelas Missões. A economia do couro obteve incremento da manufatura charqueadora, comportando um benefício completo do gado abatido e unindo o Rio Grande, em definitivo, ao mercado interno. O charque e o trigo asseguraram o desenvolvimento de Rio Grande, os negociantes de Pelotas e Porto Alegre em um curto espaço de tempo consistiam no grupo dominante na Província. Assim, na formação das estâncias do rio-grande:

> A ocupação do espaço, tornando-o produtivo e articulado as demais regiões de colonização portuguesa, teve como primeira ênfase a apropriação dos rebanhos alçados, mais tarde a da terra; isto é análogo ao que ocorreu na *pampa húmeda*, e difere do processo ocorrido nas demais regiões brasileiras e nas outras áreas sob domínio de Espanha, incluindo aqui todo o norte argentino. Analogamente ao que aconteceu no Prata, muito poucos tiveram acesso ao gado chimarrão; precocemente desenvolveram-se também aqueles mecanismos de repressão aos *vagamundos*. (GUAZZELLI, 1998, p. 125).

Semelhante ao Prata, o aproveitamento do gado solto ficaria impossível devido à procura de couro e gado a pé. A ocupação de terra foi, também, análoga ao do Prata e igualmente com uma limitação das pessoas favorecidas. Ocorrendo, do mesmo modo, o donativo das sesmarias apenas àqueles bem posicionados na sociedade colonial. A expansão das charqueadas no final do século XVIII aumentaria a procura pelo gado, salientando-se a demanda por estâncias. Os charqueadores foram uma parte da ordem dominante daqueles tempos, e os estancieiros criadores logo estariam submissos economicamente àqueles. O charque ascenderia em valor e, no decorrer do século XIX, tornaria-se o produto principal fabricado na Província. Porém "não foi nas charqueadas, no entanto, que surgiram os comandantes da rebelião de 1835, foi nas estâncias fronteiriças que apareceram os 'senhores da guerra', antigos militares transformados em proprietários". (GUAZZELLI, 1998, p. 131).

Os estancieiros da campanha, na formação das estâncias, desarticularam grupos sociais e evitaram que conseguissem obtenção de terras e foram precisamente estes excluídos que se tornaram os combatentes que compuseram as milícias dos estancieiros: "Um oficial que se 'afazendava' costumava transformar seus comandados em peões [...] fizeram parte da versão rio-grandense das *montoneras* platinas. Assim como no Prata a perseguição aos 'gaudérios' foi fundamental no constrangimento ao trabalho". (GUAZZELLI, 1998, p. 131).

Nas estâncias do Rio Grande, como no Prata, existia um pequeno uso de lidadores para o trabalho com as reses. A pequena exigência de trabalhadores ocasionava como decorrência uma alta porcentagem de "vagabundos" e disso resultou que

> Analogamente aos vizinhos do Prata, foi a cavalaria ligeira a arma por excelência das milícias rio-grandenses, e a guerra sempre foi de movimento; era a única possibilidade de enfretamento que poderiam oferecer os "senhores da guerra" do Rio Grande [...] A mesma "partida" de cavalarianos que enfrentava cotidianamente as adversidades do contrabando ou das "arriadas" de gado alheio, estava em condições de acompanhar o patrão casual numa aventura pela "pátria". (GUAZZELLI, 1998, p. 132-33).

A guerra era interessante para os comandantes-estancieiros, que aumentavam suas greis e abarcavam também posses, entretanto, do espólio da guerra todos extraíam vantagens. Portanto, a guerra em benefício dos estancieiros ocasionava proveitos para os peões.[288] Com a o fim das reformas de Artigas houve o triunfo dos estancieiros em toda a *pampa húmeda*.

[288] Em relação à geração a historiografia anterior, que entendia que peões ou os despossuídos entrevam na Farroupilha alienados dos verdadeiros interesses da Farroupilha. Guazzelli abre um espaço para mostrar que todos tinham seus interesses e consciência para entrar numa guerra. O autor não fez uma história relativa aos subalternos, pois fez uma história ligada ao Estado farroupilha e a seus principais agentes, mas com essa consideração abra um espaço teórico para pensar e se escrever sobre outras temáticas na Farroupilha.

Começariam, então, os problemas na Banda Oriental agora sob o domínio português e depois brasileiro. Estes problemas foram originados pelas maneiras "independentes dos estancieiros do Rio Grande, que ampliavam suas fronteiras produtivas em prejuízo dos pecuaristas da Cisplatina". (GUAZZELLI, 1998, p. 137). Existiram litígios por propriedade das terras e o governador Lecor contrariava as pretensões dos senhores da guerra da Província, que após a luta com Artigas e a posse da Banda Oriental queriam o botim. A conjuntura de conflito entre os rio-grandenses e os orientais ecoaria por todo o Prata. Buenos Aires mostrava ter apreensões com as implicações da ocupação da Banda Oriental, agora que Rio Grande virara um forte concorrente comercial. Partindo desta intriga construída para explicar a Farroupilha, torna-se evidente o retorno e a importância do Prata para o entendimento da análise de Guazzelli.

Igualmente, camaradagens e compadrios entre caudilhos de ambos os lados da fronteira extrapolavam as ordens dos governos aos quais operavam como militares, "Era mais fácil ao caudilho compreender o outro caudilho do que as aspirações de uma organização política mais elevada". (GUAZZELLI, 1998, p. 140). Portanto, o conceito que Guazzelli (1998, p. 141) toma de Chiaramonte, de "região-província", é um guia da sua pesquisa, pois

> o grupo dominante rio-grandense brevemente estaria em situação antagônica aos interesses do governo central. E a Guerra da Cisplatina seria o corolário das disputas entre os caudilhos de ambos os lados da raia, com o envolvimento das Províncias Unidas e do Império do Brasil. Parecia ser uma guerra entre duas nacionalidades que se afirmavam; parecia, mas não era.

A guerra na Farroupilha não foi, como entendida pelas gerações anteriores à pesquisa universitária, a partir da nacionalidade brasileira ou por um projeto de nação brasileira; foi decorrência de interesses de grupos provinciais que estavam em disputa com outros grupos provinciais, em específico a província do Rio de Janeiro. Na invasão da Cisplatina identifica-se o começo das desavenças entre Corte e os estancieiros rio-grandenses com suas demandas particulares; assim, a guerra, com suas várias causas, trouxe "por detrás os anseios privados dos estancieiros militares, que se mobilizaram mais uma vez na defesa da Pátria e dos seus próprios interesses". (GUAZZELLI, 1998, p. 160).[289] A perda da Cisplatina, intensificou a cizânia com o governo central e

[289] Torna a questão que fora importante para as gerações anteriores, de se saber se a Farroupilha era federalista, separatista, ou república, uma questão menor. O que importava era os farroupilhas serem atendidos em seus interesses.

> Arruinados economicamente, arrasados militarmente, desconsiderados em relação aos assuntos fronteiriços mais imediatos, os comandantes da fronteira não podiam pensar-se membros de uma grande e poderosa unidade política […] Aparentemente, o principal eco vindo do Prata não era a organização republicana ou o tão comentado federalismo, mas esta realidade de uma "região-província" como a Banda Oriental alcançar a autonomia política. (GUAZZELLI, 1998, p. 163).

A fronteira virou o lugar preferido dos caudilhos.[290] Os estancieiros comandantes de milícias, preservando seus interesses particulares, improvisaram na fronteira seu palco de guerra, "que muito poucas vezes respondiam aos anseios dos organizadores nacionais". (GUAZZELLI, 1998, p. 167). As disputas e as uniões atendiam às situações características:

> Exauridos economicamente, desprestigiados politicamente, os homens da estremadura tratariam de estabelecer e reforçar relações através da fronteira com eventuais dissidentes do vizinho Estado Oriental […] e agora passariam a intervir diretamente nas questões que se abririam entre os principais chefes uruguaios. (GUAZZELLI, 1998, p. 175).

Na Banda Oriental exacerbava-se o conflito entre os dois maiores caudilhos: Lavalleja e Rivera. A ação de Lavalleja não se restringiria as pelejas fronteiriças, todavia procuraria adesão nos grupos dominantes de Porto Alegre. A partir de 1832 e até a proximidade da Farroupilha, o futuro dos rio-grandenses seria atrelado às atuações de Lavalleja na fronteira:[291] "Certamente importou no Rio da Prata a tardia definição das 'regiões-províncias', sempre resultante do fracionamento de unidades mais amplas herdadas do período colonial […] unidades políticas que representavam o alcance máximo de poder dos proprietários rurais". (GUAZZELLI, 1998, p. 183).

Os litígios motivados pela atuação de Lavalleja e do Padre Caldas na fronteira, resguardados por Bento Gonçalves, constituiriam um prosseguimento, não de federalismos ou separatismos, mas "da atitude autônoma que tomavam os caudilhos do Rio Grande em relação ao Prata". (GUAZZELLI, 1998, p. 185). Assim, por parte da Corte, começaria a batalha entre

---

[290] Se para a geração de Vellinho e para as gerações anteriores a ele a fronteira era um espaço bem definido de nacionalidade em que o meio geofísico marcava a diferença entre os povos em disputa, em Guazzelli (1998, 166) a fronteira se definiria por pressupostos sociais e não geográficos, por isso "A necessidade de relativização do conceito de fronteira, desde logo assumindo seu caráter dinâmico e não imutável".

[291] Aqui Guazzelli indiretamente crítica a tese de Varella segundo a qual a Farroupilha seria uma consequência das revoluções platinas que se iniciaram em 1810. "São muito discutíveis as repercussões do Movimento de Maio no Rio Grande de São Pedro […] Parece mais provável […] que os efeitos de Maio tenham sido indiretos; na esteira das dificuldades apresentadas no processo de organização política das regiões platinas, acéfalas da autoridade real da Espanha, apareciam os projetos expansionistas carlotistas e bragantinos […] podendo os rio-grandenses vislumbrar a desejada ampliação da fronteira". (GUAZZELLI, 1998, p. 180). Contudo, por outro lado, ele critica os autores que explicavam a farroupilha como sendo um movimento federalista: "A presença de Bento Gonçalves e de outros tantos chefes da fronteira em território oriental permitiu-lhes o convívio com as propostas federalistas que circulavam amplamente no Prata […] Eram, no entanto vagas estas noções de federalismo". (GUAZZELLI, 1998, p. 182).

o presidente da Província, o comandante das Armas contra os dois autônomos caudilhos: Bento Gonçalves e Bento Manuel: “Esta política contrária aos interesses privados dos caudilhos seria um dos estopins da rebelião farroupilha; uma vez mais […] estavam as questões de orientais envolvendo os chefes rio-grandenses, para os quais os assuntos da fronteira eram de cunho privado”. (GUAZZELLI, 1998, p. 190).

Se a fronteira era o lugar de Bento Gonçalves, também o era de Fructuoso Rivera, e as atuações de ambos não respeitavam o poder legal ou de Manuel Oribe ou do Padre Feijó. Em vez de transigir com os insurgentes, Araújo Ribeiro optou por cindi-los, aliciando Bento Manoel como chefe militar imperial. Estava sujeita ao caudilho Bento Manuel a derrota de Bento Gonçalves. A circunstância se emaranhava com avanço de Rivera contra Manuel Oribe. Isso punha Oribe em frágil posição, pois as preocupações que apresentara em relação ao Império não se confirmavam, e a ajuda aos farroupilhas tinha pouco resultado, de modo que

> A opção para Oribe seria o apoio aos rebeldes condicionado a uma secessão definitiva, constituindo uma unidade política independente. Assim, a proclamação da República Rio-Grandense nos campos de Seival em 11 de setembro de 1836, após a vitória militar sobre Silva Tavares, teria inspiração do principal mandatário oriental […] A partir de então, e cada vez mais, o Estado Oriental seria não apenas um refúgio às eventuais perseguições, mas o lugar predileto para a manutenção das atividades comerciais, o mercado para os gados, couro e charque dos farroupilhas, e o principal abastecedor de equipamentos bélicos e cavalhadas. A sobrevivência da República estaria diretamente vinculada aos vizinhos do Prata, configurando questões internacionais muito complexas. Mal começava uma guerra em que os atores eram os caudilhos; seu peões e escravos libertos, que dependiam da economia pastoril para sobreviver; o modelo seria a *guerra a gaucha*. (GUAZZELLI, 1998, p. 198).

Os caudilhos do Prata improvisavam os peões como seus soldados, e a este modelo, também, seguiram os caudilhos do Rio Grande. Todavia nos farroupilhas se incluía uma soma significativa de escravos libertos. Uma das causas que arrastaram os rio-grandenses ao conflito para com o Império incluía a carência de apoio para os seus artigos; ademais, existia um atrelamento dos estancieiros “aos charqueadores e comerciantes dos centros urbanos próximos à barra do Rio Grande […] Agora, na tentativa de construir a República, o mercado uruguaio era a alternativa mais promissora”. (GUAZZELLI, 1998, p. 232).

Para Guazzelli, a configuração de financiamento da República foi o endividamento com determinadas casas comerciais do Uruguai e a futura remessa de tropas de gado para amortizar as obrigações tomadas. A Corte Imperial encontrava-se convicta de que os negócios entre os farroupilhas e o Estado Oriental era o maior obstáculo à sujeição dos farrapos. E o

Império sabia que militarmente não seria possível vencê-los, somente cortando os laços com o Prata poderiam sujeitá-los. E depois de a Corte aceitar as reivindicações dos farroupilhas,

> Voltavam os chefes da fronteira do Rio Grande ao histórico papel de sentinelas avançadas do Brasil. As medidas aos produtos pecuários e os prestígios militares sacramentados pela manutenção dos postos alcançados na insurreição, foram compensações econômicas e políticas bem-vindas pelos senhores da fronteira. Alguns permaneceriam inconformados: Bento Gonçalves, desmoralizado e empobrecido, morreria pouco tempo depois; Netto exilou-se no Estado Oriental, onde atuaria ativamente contra os *blancos*; Portinho recusaria o título de Barão em nome do seu republicanismo; Canabarro e Lucas de Oliveira repudiaram o legalista Chico Pedro até o final dos seus dias. Mas exceto o primeiro, por razões óbvias, os demais lutariam nas campanhas contra Rosas e no Paraguai sob a bandeira do Império. Ou seja, importava menos os eventuais ideais republicanos e federalistas, desde que os interesses do Rio Grande fossem atendidos nos anseios privados dos seus caudilhos. Os senhores da fronteira estavam sempre preparados para a "guerra pela Pátria", desde que a referida Pátria reconhecesse os seus domínios, econômica e politicamente. Legitimadas as principais reivindicações dos farrapos, reconstituía-se o poder local dos estancieiros-comandantes, e, até o final do século XIX, estes senhores da guerra estariam envolvidos em todos os conflitos da bacia do Prata. (GUAZZELLI, 1998, p. 396-97).

O historiador entende que a abordagem pertinente da Farroupilha é análise simultânea ao espaço brasileiro e platino. Mas creio que o entendimento de Guazzelli leva há uma perspectiva em que as relações com o Prata foram mais determinantes, pois explica a farroupilha a partir da analogia na configuração das estâncias e das relações sociais que desta situação surgiram, como a convivência fronteiriça que simultaneamente era caracterizada por disputas, porém igualmente era distinguida por vínculos de camaradagem. Portanto, as repúblicas platinas estiveram estreitamente ligadas com os litígios dos senhores da fronteira rio-grandense no rompimento com o Império, na subsistência da farroupilha e no momento do término da revolução.[292] E a partir desta particularidade platina, a Província, que um dia almejou a constituição da República Rio-Grandense,

> Tinha sido mais fácil conviver com os velhos inimigos de fala castelhana que com a autoridade centralizadora do Império. A fronteira marcara uma alteridade, mas possibilitara uma convivência pautada pela ação autônoma. A afirmação da

[292] Guazzelli foi buscar em Chiaramonte (1991) o conceito de região-província. Guazzelli (1998, p. 407) usa esse conceito por acreditar que ele explica "a unidade política mais consistente no âmbito do Rio da Prata, constituindo-se em pequenos Estados independentes, incapazes de uma integração que passasse dos limites das ligas eventuais com vistas a adversários comuns. No que diz respeito à organização interna, tais Estados tinham seus interesses plenamente confundidos com os do grupo dominante representado pelo caudilho principal e seus seguidores, que também eram os responsáveis pela ordem interna e pela formação dos contingentes que defendiam militarmente a província ou em nome dela atacavam os adversários […] Não havia um ordenamento político, uma burocracia profissionalizada, nem um recrutamento militar institucionalizado. A província era uma extensão do mundo da estância de criação, com um patrão mais seus capatazes e agregados capazes de acaudilhar *los de bajo* aos seus desígnios e dispensar as formalidades do Estado burguês".

> identidade regional, necessária para a expansão e segurança dos limites nacionais, dificultara a incorporação de uma identidade nacional. A guerra externa, tantas vezes alardeada como um fator importante de consolidação do "ser nacional", no caso do Rio Grande reafirmou o "continentino" – só bem mais tarde transformado em "gaúcho" – como quem carregava sobre os ombros o fardo pesado do Brasil, o "*tempestuoso aboletamento*" referido por Bento Gonçalves. Aparentemente existiu um Rio Grande do Sul na "contracorrente da História" desde que visto da óptica da formação do Estado nacional brasileiro. Mas da óptica mais restrita da província o Rio Grande portou-se de acordo com seus próprios desígnios, como aliás ocorria com as províncias do Rio da Prata. Se pertenceu a um espaço brasileiro, o Rio Grande de São Pedro também compartilhava o espaço platino, com anseios específicos e negociações próprias. E este era o horizonte da província. (GUAZZELLI, 1998, p. 413-14).

Ao contrário do *a priori* do Estado-nação brasileiro, o horizonte da província. A narrativa historiadora de Guazzelli fecha a análise do campo historiográfico. Percebe-se que em sua escrita, condizente com o momento intelectual e político, há a preocupação em saber como se formaram as nações e não haveria a nação como dado bruto, palpável. A Farroupilha, isto é, a construção da República Rio-Grandense, estaria entre os elementos fundamentais da construção do Estado nacional brasileiro e platino.[293] Isso leva à segunda reavaliação, o retorno do Prata como razão explicativa da Farroupilha que ficara obliterado não só cientificamente,[294] mas também socialmente desde Varella. E essa razão explicativa evidencia-se quando Guazzelli reconstrói narrativamente o que considera as semelhanças do Prata com o Rio Grande do Sul. Se, para Varella, as semelhanças se dariam pelo meio geofísico com o Prata, isto é, a Farroupilha seria uma das Revoluções Cisplatinas por determinismo naturalista, em Guazzelli só se poderia entender a Farroupilha quando comparada com a formação econômica e social do Prata. Se, para Varella, a regularidade científica vinha do meio cósmico, a regularidade na tese de Guazzelli vem da formação econômica e social, e nisso a Farroupilha tem que ser entendida e explicada em espelho à construção dos Estados nacionais platinos.

Portanto, a lógica da narrativa se fixa em três pontos: a estância, o caudilho e a Província. A formação econômica e social começaria na estância, onde a parte econômica (o gado) e social (as relações de trabalho) se constituíram. Da formação da estância surgiria o

---

[293] Por essa perspectiva passam os trabalhos acadêmicos atuais sobre a Farroupilha: Padoin (2001); Menegat (2010); Klafke (2011); Dornelles (2012); Ribeiro (2013). Um dado interessante sobre a escrita histórica sobre a Farroupilha nesse período é a enorme quantidade de publicações e pesquisas fora dos cursos universitários de pós-graduação. Nesse sentido, ver Macedo (1990a; 1990b; 1994; 1995); Urbim (2001); Hartmann (2002); Fagundes (2003); Bones (2004); Capuano (2004); Nascimento (2008); MTG (2010); Machado (2011); Ribeiro (2012).

[294] Há um retorno do Prata na explicação historiadora com Leitman (1979), mas que não fomentou nenhum programa de investigação científica sobre a Farroupilha.

poder dos caudilhos[295] que representariam o vínculo do mundo da estância com outras estâncias, caudilhos, regiões e, seguindo sua lógica, a Província, que seria a manifestação política da autonomia dos caudilhos do Prata e do Rio Grande do Sul, isto é, a Província seria o horizonte político e econômico dos caudilhos. Enfim, depois do controle imperial, do regionalismo gaúcho, da história de sua formação, passando pela história crítica, a partir da tese de Guazzelli inicia-se outra história, outro controle, o reconhecimento de um imaginário que se produz na universidade e que se imagina, em tempos de construção do Mercosul, para além do nacional.

Neste período de fim de século, o romance também teria sua representação da Farroupilha. E, semelhantemente à historiografia, proporia outro imaginário para escrevê-la. O romancista que representa a Farroupilha no fim do século XX é o porto-alegrense Flávio Wolf de Aguiar, nascido em 1947. Aguiar é da mesma geração de Assis Brasil, mas escreveu sobre a Farroupilha 21 anos depois, o que remete a outro contexto de escrita. Aguiar tem toda a sua formação de literato vinculada à universidade. Em 1970, graduou-se em Letras pela USP. Em 1974, concluiu o mestrado em Letras pela mesma instituição em que, também, torna-se doutor em 1979 na mesma área. Em 1982, fez pós-doutorado no Canadá, na Universidade de Montreal. Aguiar foi professor de literatura da USP de 1973 a 2006. Foi fundador e diretor do Centro Angel Rama da FFLCH/USP. Tem mais de 30 livros publicados, entre os de autoria própria, organizados, editados ou antologias. Ganhou quatro vezes o prêmio Jabuti. Em 2000, ganhou na categoria romance com o livro *Anita*. Como os escritores anteriores a ele, teve o jornalismo como atividade paralela à de professor e romancista. Atua no jornalismo desde 1967, isto é, antes mesmo da carreira universitária e de romancista. Iniciou como crítico de cinema na *Folha da Tarde*, em Porto Alegre. Foi crítico literário da *Última Hora* em São Paulo. Foi também editor de Cultura do *Jornal Movimento*. Contribuiu com diversos jornais e revistas da imprensa, durante e depois do período do regime de 1964: *Em tempo*, *versus*, *escrita*, *leia*. A partir de 2002, tornou-se colunista da revista *Carta Maior*, onde foi também diretor de TV. Entre 2005 e 2007, foi editor-chefe desta agência. Aguiar desde 2006, quando se aposenta na USP, dedica-se ao jornalismo como correspondente para publicações e mídias alternativas brasileiras: Carta Maior, Revista do Brasil, Rede Brasil Atual, Jornal Brasil Atual (rádio), Blog da Boitempo e TV dos Trabalhadores. Dirige atualmente a página de poesia da revista *Margem esquerda*, da Boitempo Editorial.

---

[295] Se o personagem explicativo “caudilho” estava desde o centenário das comemorações longe do bojo explicativo da Farroupilha, com Guazzelli o caudilho volta a ter as luzes do placo em si novamente.

O romance *Anita*, de Flávio Aguiar, conta a história de Talco da Costa e, em especial, seu relacionamento com Anita Garibaldi. Ele nasceu na África, filho de padre francês e mãe de origem fula, com o nome de Sundiata, depois chamado Assundan e, quando vendido como escravo, veio a se chamar Umar. Chegara ao Brasil com o nome de Quinho. Essas várias mudanças de nomes que Talco da Costa teve são importantes, pois apreende o centro da obra: a mudança. Tudo pode mudar, mesmo sem se perceber a mudança, nada fica como está, e cada nome que Talco recebe é um momento diferente de sua vida, com uma nova identidade.

Um dado importante para a interpretação do romance *Anita* é que a origem da história do romance está num manuscrito que o próprio Talco deixou com seu testamento. O manuscrito fora destruído, mas quem o destruiu o reescreveu novamente e que, mais uma vez, tempos depois, fora refeito. Através de relações pessoais, o manuscrito chegou às mãos do romancista, que após pesquisas chegou ao término não de um manuscrito, mas de um romance. A análise do romance se focará apenas na passagem de Talco da Costa pela Farroupilha.

Inicia o romance com o narrador relatando que havia nas campanhas do sul um tipo especial de homem chamado de *monarca*. Era gente rude, crescida de rédea solta, que galopava pelo pampa fazendo seu ofício, cantando, jogando e tudo em torno de uma aura de barbarismo. Eles não se prendiam

> a mulheres, nem terra ou patrão. Eram tidos como donos do seu nariz, e de pouco mais: o cavalo, a guitarra, os arreios, as armas, que andavam sempre armados, umas mudas de roupa, quando muito um brinco ou argola de ouro e aperos de prata para o cavalo. Eram na maioria analfabetos. Tanto que o povo dizia: *moço monarca não se assina, risca a marca*. (AGUIAR, 1999, p. 39).

Na hierarquia social, um pouco acima do monarca estava o peão. Era um tipo vinculado ao trabalho, a uma estância, a seu proprietário e às lides campeiras. Mas não deixavam a ligação com a violência, que era de outro tipo. Unidos a um estancieiro, eram de sua milícia “e por ele podiam ser chamados a intervir nas disputas políticas ou nas guerras de fronteira, pois praticamente todos os grandes proprietários daquela região tinham alguma patente militar”. (AGUIAR, 1999, p. 39). Aquém do monarca, estava o chamado *índio vago*. Este tinha atravessado o limite divisor da ordem e da lei:

> Era o bandoleiro, o fugitivo, às vezes mesmo sem saber mais o porquê. Gente de má fama, não desapareciam de todo, nem se furtavam a frequentar cavalhadas, fandangos, e iam mesmo assim com um ar de desafio às autoridades. Sua presença quase sempre indicava barulho grosso, impunha medo, arrastava os mistérios de crimes sabidos e falados à boca pequena. (AGUIAR, 1999, p. 39-40).

No último degrau da hierarquia estava a escravaria. Mas, pondera o narrador, nem tanto, pois de vez em quando se misturava com a peonada, porque "nos tempos de guerra, eles não eram poucos, verem-se até escravos armados". (AGUIAR, 1999, p. 40). Essa é uma característica dos romances da época ou do novo romance brasileiro: dar visibilidade aos excêntricos, personagens que tradicionalmente eram marginalizados. E Talco, quando na Farroupilha, foi de tudo, peão, negro, monarca e índio vago, isto é, foi das camadas sociais marginalizadas. Não sem razão, Talco da Costa é o primeiro protagonista negro de um romance ambientado na Farroupilha.[296] Desde a primeira memória histórica, nenhum historiador ou romancista havia centrado sua narrativa em um personagem negro e, no caso de Talco, também africano.

Portanto, Costa foi uma miscelânea de tudo, ainda que, em parte, em outras terras e com outros nomes. Como isso aconteceu é o tema do livro e crê o narrador que "talvez a mais difícil de recompor, pois nas notas futuras que tomou ele pouco escreveu sobre esse período de sua vida [farroupilha] que envolvia o jogo constante com crimes e mortes". (AGUIAR, 1999, p. 40). É interessante essa observação sobre a dificuldade de recompor esse período da vida de Talco. Isso de certa forma reforça a tese de Lima sobre a dependência (e veto) da ficção do romance em relação à historiografia. Pois se há uma falta de notas, fontes, "espaço em branco na história", o romancista poderia se sentir "livre" para narrar a história do que aconteceu. Porém, essa será uma tensão do romance, parte-se de um suposto manuscrito que são as memórias de Talco, que foram destruídas e reescritas duas vezes, mas há as criações do narrador que se interpõe às memórias de Talco e à história do período. Com essa tensão da verossimilhança entre memória, história e ficção do romance, o narrador flertará em *Anita*.[297]

Após Costa sair do Recife, perdera o apelido de Quinho, de criança, e ganha o nome de Tarquínio, pois ao matar, por mulher, o célebre Cabugá podia se considerar um homem. Um coronel amigo de sua mãe o abrigou, dando-lhe assistência até iniciar sua evasão para o sul. Primeiro a Bahia, logo Minas Gerais. De nome muda ainda no sertão de Minas, ficou conhecido como "da Costa", depois o Costa. A cada lugar uma mudança e um novo nome que representa a mudança do destino do personagem. Sabia idiomas, o dos índios, os dos negros e

---

[296] Mas a temática sobre os escravos negros apareceria antes com o romance *Netto perde sua alma*, de Tabajara Ruas (1997) em 1995. O romance se destaca, além disso, pela densidade ficcional da construção do personagem Netto e pela riqueza dos diálogos que reconstroem a paisagem histórica.

[297] Conforme observou Ramos (1999, p. 291): "Mas a matéria de que se serviu nessa escritura, as histórias que desvelou, são narrativas de variadas fontes fios superpostos e interligados que configuram um conjunto de narradores. Há um narrador que perdeu a condição de centro e passou a disputar com outros a primazia de ser a fonte geradora de ficção".

dos brancos, isto é, Talco aprendeu a passar por várias vidas com vários destinos, só não se prendeu a nenhuma, sempre mesmo só mudança. Tinha sempre livros consigo e um especial que jamais abandonava (que ganhara da sua mãe). Tarquínio, agora Costa, desceu das Minas para Sorocaba, até as campanhas sulinas dos confins do Império.

A vida no sul lhe agradou. O povo era discreto como ele, que só conversava em eventos. Fora rebatizado, "uma china, meio castelhana, meio índia, e sabendo que ele não gostava que o chamassem por esse nome, deu-lhe o apelido de Talco. E foi assim que ele virou o monarca Talco da Costa". (AGUIAR, 1999, p. 44). Fora à Banda Oriental, depois foi para Corrientes, trabalhando em estâncias e jogando truco. Sua vestimenta era a mesma dos habitantes locais, o pano grosseiro, botas, camisa branca. Logo depois, Costa aprendeu a tocar violão.

Em uma bodega houve um acerto de contas por causa de uma china. Talco da Costa acabou matando Laurindo. O padrinho de Laurindo botou seus capangas atrás dele, "E foi desse modo, de faca e sangue, que nasceu do monarca o índio vago Talco da Costa, de larga fama, boa voz, arredio e suspirado por muitas mulheres daquelas bandas ainda meio desabridas". (AGUIAR, 1999, p. 45). Mais uma mudança no destino do personagem, que passou de um tipo social a outro não por questões econômicas ou imposições de terceiros, mas pela incerteza do cotidiano e pela coragem de enfrentar a incerteza, que representa a mudança.

Alguém chega ao lado de Talco da Costa e pergunta de onde ele vem e para onde vai. Talco responde com indiferença. Quem falava com ele era o Capitão Rodrigo Severo Cambará, do Exército da República Rio-Grandense, divisão do general Antônio de Souza Netto. Aqui se nota a tensão que vive o romance, entre o "não ter notas" e a "dificuldade de reconstituição", que o narrador expõe no início, pois ele coloca em seu texto um personagem que pertence a outro romance, *O continente* de Verissimo. Há nesse caso a intertextualidade de textos de romance, o que abre para o romancista a possibilidade de ficcionalizar seu romance, pois se antes a intertextualidade se dava pelo veto da história, aqui diferentemente há um "veto" por um romance, mas que tem um efeito diferente do veto histórico, pois, se o texto histórico "poda" o romancista em sua ficcionalização, o texto do romance auxilia a desobstruir a ficcionalização, porque, sem ter a historiografia como parâmetro, tem-se apenas como diálogo outro romance que permite ao romancista um subterfúgio ficcional. Se Alencar construiu o romance como algo que fala das paixões e a história da verdade, para poder ficcionalizar, se Érico faz uma crítica contundente à epistemologia da história da sua época e isso o permite ficcionalizar, a solução de Aguiar em *Anita* é a intertextualidade, mas não com

a historiografia, e sim com outro romance, o que lhe permitiu imaginar já dentro da imaginação ficcional. E esse tipo de intertextualidade o permite inserir a incerteza do futuro no passado de Costa.

O Capitão Rodrigo lhe conta que estavam em uma guerra contra os caramurus do império. Fala que virá uma república. E que necessitavam de pessoas decididas, e espertas e sabia que Talco era índio instruído. Rodrigo conta-lhe que vai atacar a vila de Santa Fé que está controlada por imperiais, depois quer ver sua mulher, tomar um mate e terminar de rabiscar a cara de um canalha e o convida-o para ir junto.

Costa responde que vai para outro lado, que vinha dos antigos campos neutrais, e iria ao Alegrete. Rodrigo diz que ele pode ir até Piratini e procurar pelo major Teixeira Nunes, dito Gavião. Talco pediu um trago e pôs-se a refletir. O capitão tinha notoriedade de homem generoso e direto. Entretanto, igualmente de astuto se necessário. Entendeu que ou pegava em armas dos lados dos republicanos ou ia se dar mal, pois os imperiais nunca o receberiam, por que os cupinchas do Laurindo eram deste lado. Podia ir para a Banda Oriental, ou mesmo além do Prata, porém

> lá, ele sabia, o destino dos de pele mais escura, mesmo meio escura, podia ser mais complicado. Não que no Rio Grande fosse mais fácil. Mas sempre havia um pouco mais de gente de má cor, ou de cor da má sina, como se dizia […] Além do mais, embora de pele bem queimada, seus tratos mais refinados, suas sabedorias de viola e canto continuavam trazendo-lhe sucessos de galpão, bodega, cavalhada e até mesmo em algum salão. Não era desordeiro. Só não gostava que bolissem com ele, ou com sua cor, no mais era corda de viola, canto e diversão. (AGUIAR, 1999, p. 52).

Sua condição de negro em um país escravista lhe trazia um determinado destino que suas “sabedorias” cotidianas o ajudavam a superar. Um negro africano, que fora muitas coisas na vida, se tornara um rio-grandense farroupilha, mais um dos personagens da vida de Talco.

Talco tivera uma chinoca, uma negra. A maioria das negras escravas era do senhor, mas com as chinas não tinha essa dificuldade. Eram de todos. Conheceu-a nos campos de Cima-Serra durante o inverno. Não era mais escrava. Benedita era o seu nome. Precipitava um chuvisco de fins de junho e Talco, no galpão, fazia um fogo, logo depois viu que Benedita estava na porta. Da viola, Talco arrancou uma canção e foi paixão à primeira vista. Por ali ficou o inverno todo. Na primavera, Talco se foi, e era em Benedita que pensava na bodega:

> Se entrasse na guerra, perderia Benedita de vista por muito tempo. Mas se não entrasse, e a guerra se alongasse, talvez a perdesse de vista para sempre... Não que se quisesse se amarrar, ou se arranchar. Mas era o cheiro, o gosto de pinhão que ele tinha na boca, com todo o sabor maravilhoso daquele inverno, e os olhos quentes de Benedita. Pensou: quem sabe, se for uma república, haverá melhor lugar para ela, e

> melhores trilhas para suas passagens por lá? Além do mais, posso ser oficial do novo governo, pelo menos ter uma anistia, ou algo assim. A guerra vai levar os carteados, as noites de viola para os acampamentos, ainda pensou. Vai ser o fim dos vagos e da Monarquia. Quem for peão vai ser soldado. E quem não for também. Pegou o trago, saiu da bodega, tomou o cavalo e se foi no rumo de Piratini, pensando que o Frei do Amor Divino aprovaria. (AGUIAR, 1999, p. 55).

Se Cap. Rodrigo entrou na Farroupilha por lealdade, coragem e por seu instinto de liberdade, se Filhinho entrou na Farroupilha sem saber por que e sem querer, Talco da Costa entrou na Farroupilha pela possibilidade de mudança social de Benedita, pois "haveria um lugar melhor para ela", pela possibilidade ser um oficial no exército republicano mudando sua situação atual, pela mudança que acarretaria na vida boemia que iria para os acampamentos e pela mudança social que vislumbra. Pensando na mudança, foi a Piratini sabendo que frei Caneca aprovaria, pois este foi um personagem de mudanças como Talco.

Piratini arrumava o festejo, iria ter missa pela República. Era novembro, um pouco antes o General Netto, nos campos do Seival, proclamara a República. Netto hesitara. A dimensão do fato o assombrava, mas só assim arrumariam aliados no Prata ou no Brasil e

> Logo atrás dele vinha a melhor invenção – na lista dos seus inventores – do exército da República: o corpo de lanceiros negros, e a infantaria também de negros libertos. Naquelas terras era difícil conseguir soldados a pé, tamanho era o prestígio do cavalo. Mas com as promessas de liberdade para cada um, e com as promessas dos oficiais mais jovens sobretudo, de que a República aboliria a escravidão, fora possível formar aqueles corpos de combate. Não eram só negros; havia de tudo, também brancos e índios, alguns. (AGUIAR, 1999, p. 56-7).

O corpo de lanceiros negros e a infantaria com negros libertos, índios e brancos, estavam os despossuídos da história e que são os excêntricos do romance *Anita*, sintetizados no personagem de Talco. Personagens que estiveram sempre às margens da cena narrativa e que em *Anita* ocupam o centro do palco no romance. Sem em *A prole do corvo*, tais personagens aparecem como alienados, em *Anita* assumem a "dianteira" da narrativa.

Talco vira o desfile passar encostado no balcão da bodega. Nisso, um tipo indiático entra e vai falar com Talco. Talco lhe diz que veio da parte do Capitão Rodrigo Cambará falar com o major Teixeira Nunes. Seu interlocutor afirma que Cap. Rodrigo morrera na tomada de Santa Fé e que ele se disponibiliza a apresentar Talco ao major. Tal interlocutor se apresenta a Talco como sargento Charrua.

Pelo caminho foram conversando. Charrua diz que a guerra vai ser comprida e que talvez seja por que querem. Ao que Talco pergunta por quê. Charrua explica que assim há mais guerra, mais assaltos, mais correrias. Diz que esse monte de gente, que estava no desfile

de hoje, na paz não são nada. São escravos, peões, índios vagos, na guerra seriam alguém. Uns quantos morrem, mas o resto tem china de graça. Ao que Talco replica que esses não mandam nada e que não vão decidir a guerra. É verdade, diz o Charrua, no começo só queriam depor o presidente da Província, de que ninguém gostava. Agora estão com um governo independente, rompidos com um império do tamanho do Brasil, e não tem como dar para trás, e pior, nem para frente. E os maiorais querem conseguir um porto. Aqui terra não falta, mas precisam do mar, por aonde vêm os navios e o comércio. Aqui, Talco pergunta o que um índio charrua faz nisso tudo. Ao que o sargento responde que olha as coisas para o major e que entrara na guerra como Talco entrou pela mão do Capitão Rodrigo que conheceu na Banda Oriental há muitos anos.

Um índio explicando a situação política, uma novidade. Não sem razão, Talco pergunta "o que um índio faz aqui?", mas a primeira inovação é um índio e um negro como personagens proeminentes da narrativa, porém não só isso: eles analisam o que a Farroupilha implica não só para os "grandes" (o porto, a deposição do presidente), mas o que a Farroupilha representa para a gente considerada "miúda" na história (chinas, assaltos e correrias). E por isso fez um negro e um índio como protagonistas, para mostrar mais que o avesso da história, mostrar o avesso do avesso.

Talco pergunta se ele é índio charrua mesmo, ao que o sargento responde que é de pai e mãe. E que esteve na luta contra o rei da Espanha. Tempos depois o índio charrua encontrou o Capitão Rodrigo. Ele persuadiu o índio a se a alistar. Todavia, no começo não foi bom. À noite, lhe tiravam as armas e o prendiam numa roda de carreta. Depois veio o major Teixeira Nunes e mudara a situação, contudo falou o índio charrua: "Sabe? Estou a ver se consigo uma pátria. Já fui charrua. Mas a bem da verdade cresci numa missão". (AGUIAR, 1999, p. 60). Os padres o ensinaram a ler, a escrever. Tratavam-lhe bem, mas fugiu, pois "Quis ser charrua de novo". (AGUIAR, 1999, p.60). Não dera certo, ele não havia se acostumado. Agora estava com os farroupilhas na guerra e "Não sou mais charrua. Sou sargento Charrua". (AGUIAR, 1999, p. 60). A história de Charrua se apresenta semelhante à de Talco, interpretada pelo viés da mudança, ele já fora charrua, missioneiro e era agora farroupilha. Mas com ele se apresenta uma questão nova: a pátria. Como observou Guazzelli, a Farroupilha se enquadra na construção das nações, e é isso o que o sargento Charrua esperava: o advento da usa pátria. Num tempo de mudança, em que Talco se apresenta como um andarilho (ou por que não um imigrante), um viajante, um sem pátria que vagará pelo mundo, Charrua buscava apenas um lugar de parada no meio de tantas mudanças.

E assim, nos três anos seguintes da guerra, Talco e o sargento Charrua ficaram amigos. No período de trégua, iam juntos às chinas, às bodegas, às cartas, às cantorias. Nas batalhas, guerreavam unidos e “Talco maravilhava-se com aquele charrua: dono de várias culturas, línguas, dividido entre seus mundos. Era mais ou menos como ele, Talco, que se sentia ex-africano, ex-jagunço, ex-monarca, ex-vago, ex-isto e ex-aquilo e que não sabia o que ia ser”. (AGUIAR, 1999, p. 63).

Entre dois mundos, entre mundos, entre ser e não ser ou simplesmente entre. Nunca estar, a não ser estar entre algo que foi e algo que virá. O sargento Charrua já fora charrua, missioneiro, tentara ser charrua novamente, mas não conseguiu, pois já era missioneiro que deixava de ser, porém mudava para ser outra coisa que não sabia o que. Agora era farroupilha em busca de uma pátria abstrata. Como na citação acima Talco já fora muitas coisas também e a única coisa que sabia era que seria outra coisa que ainda não sabia o que. Mudança e o sujeito da mudança que se apresenta. E ser negro, mas com habilidades de branco e índio, refletia nas mudanças da sua vida: “Como lhe dissera o major, ele não tinha pelotão, propriamente. Isso não era mau, pois lhe dava mais liberdade de movimentos. Mas era também uma prova ainda de desconfiança: ninguém lhe devia obediência permanente, não tinha comando, a bem dizer”. (AGUIAR, 1999, p. 63).

Estava no meio do caminho, entre ter deixado de ser vago e ser soldado, pois Talco era assim, negro que sabia ler e escrever, mas era negro. Negro como os negros, mas lia e escrevia como os brancos. Por isso tinha essa posição intermediária no exército. Intermediário entre uma coisa e outra, entre mundos que vivia e não pertencia.

E esse entre, que representa estar entre dois momentos (dois ou mais mundos), um momento que já foi e outro que ainda não é se revela na pergunta de Talco a Charrua se ele é cristão, ao que responde que sim e não, que os padres o instruíram em muitas coisas, entretanto não o fizeram esquecer o que aprendeu com seu povo, isto é, está entre duas identidades, mas não é nenhuma das duas. É, assim, uma terceira identidade. Talco lhe retruca que é cristão, mas não leva uma vida cristã. Charrua responde que “hoje a gente é um amanhã é outro. O que é agora é a guerra. Ela vai dizer o que somos. Dela espero uma pátria, todos têm uma pátria”. (AGUIAR, 1999, p. 64). Talco diz que os negros não têm uma pátria e se tiveram perderam. Ao que o sargento afirma que os negros são escravos, os índios, nem isso, “Somos quem todo mundo esqueceu”. (AGUIAR, 1999, p. 64). Talco lhe pergunta onde aprendera a falar assim, Charrua pergunta o que há de estranho nisso ainda mais vindo dele, que anda com livros, e que “és um negro que não é negro e que não chega a ser branco por

que não é branco". (AGUIAR, 1999, p. 64). Os personagens transitam e vivem múltiplas identidades.

Um sargento Charrua que não é charrua, um negro que não é negro. Um estar entre possibilidades... apenas a mudança. Mas cabe uma pergunta afinal: Nesse período do romance de Aguiar, são mesmo personagens principais o negro e o índio? Se eles são tantas coisas que representam? Se eles representam o estar entre? A mudança? Historiograficamente sim, pois no período da Farroupilha narrado, representam uma forma histórica concreta em particular: os negros e índios do sul do Brasil, isto é, há um referente para isso. Contudo, a partir do romance a resposta para a pergunta é não, pois, no geral, representam a mudança por que todos passam. E o narrador, ao apresentar um charrua que não é charrua e um negro que não é negro, acha, descobre, inventa um espaço ficcional na sua escrita para além do veto, pois, podendo ser e não ser ao mesmo tempo, no fim, a princípio, ambos os personagens podem ser tudo, inclusive nada.

Eram três anos de guerra, a república rareava por falta de um porto e os farroupilhas decidiram conquistar um porto invadindo a Província de Santa Catarina. A guerra se até ali estava arrastada, tornou-se vertiginosa. Além disso, Talco viria a conhecer Anita. O sol em frente à proa. Talco de pé, no convés, olhando o horizonte: "em vez dos gritos das aves o mugido dos bois, em lugar das ondas o ranger das rodas de uma gigantesca carreta [...] navios a navegar pelo pampa verde, verde até não acabar, até darem às primeiras areias do litoral". (AGUIAR, 1999, p. 69). O narrador ainda diz que "assim ele [Talco] registrou a cena em seus escritos" (AGUIAR, 1999, p. 69), como se houvesse uma passagem direta da memória ao romance. O encarregado da empreitada era o italiano Giuseppe Garibaldi, que desterrado viera ao Brasil. Garibaldi veio criar a marinha republicana. Foi então que imaginaram o plano de transportar os navios por terra até o mar e dali atacar Laguna que era um porto, "E assim Talco se viu naquela posição inesperada, a cavaleiro de um navio que navegava pela terra firme rumo ao mar". (AGUIAR, 1999, p. 71).

O navio que navega no pampa como metáfora da mudança, do ser e não ser, de estar entre dois mundos. De não estar onde todos esperam que estejam na água, mas, ao contrário, eram marinheiros de terra firme. Metáfora de cavaleiro de navio, navegar por terra, essa situação de entrelugar[298] é a situação de Talco, a situação de Charrua, é chave de leitura do

---

[298] O conceito de entrelugar foi proposto por Silviano Santiago (2000) e decorre de fenômenos que ocorreram nas últimas décadas do século XX, a definir novas interpretações das relações humanas nos espaços periféricos do globo, sobretudo quanto ao significado de pertencimento das pessoas em relação a esses locais. As transformações nas relações econômicas e políticas sucedidas nos últimos anos afetaram todos os domínios da sociedade – desde os contatos privados até o entendimento do Estado-nação. O entrelugar,

romance. O inesperado da mudança, um cavaleiro que não cavalga, mas navega e um marinheiro que não navega, mas cavalga, mas com coragem para viver a mudança.

Tomada a cidade de Laguna, Talco e Charrua estavam na praça da cidade em frente ao sobrado que agora era a sede da proclamada República Juliana, federada à República Rio-Grandense. O índio olha para Talco e lhe fala que é a segunda república que ele vê nascendo, pensa que sua pátria deve estar chegando. Talco riu e disse que deviam tomar um trago nessa "república de pescadores". Ao saírem, Charrua comentou: "Quem diria, eu, o sargento Charrua, fundador de repúblicas...". (AGUIAR, 1999, p. 74). Quem diria, um excêntrico, no centro (da narrativa).

Era uma festa de batizado. A festa fora feita para agradar tanto aos pais da criança quanto ao governo. Mesmo com o novo governo, todos sabiam que quem mandava de fato eram os militares rio-grandenses: Canabarro, Teixeira Nunes e os outros. A notícia que sairia da festa farroupilha logo após "era que os rio-grandenses traziam bugres e negros para dançar nas festas das famílias, além de que seu capitão-de-mar se dava o direito de ficar com a mulher do sapateiro, uma mulher feita já de 18 anos, com idade para ser mãe!". (AGUIAR, 1999, p. 76).

O exército republicano fora recebido como libertador, e o saudaram liderados pelo padre Vilela. Contudo os problemas vieram "Libertar os poucos escravos existentes? Fazê-los soldados? Começaram as reclamações dos homens de bem, de bens e de posses. Quem os indenizaria? E isso de se pôr a armar negros... Já chegava os que tinham vindo com os rio-grandenses...". (AGUIAR, 1999, p. 77).

Creio que antes de Aguiar ninguém representou de tal modo os excluídos da Farroupilha. Primeiro, eles estão no centro da narrativa, e, segundo, a obra mostra as tensões sociais por eles estarem no centro da história. O narrador descreve a incerteza que havia no passado sobre a possibilidade de libertar os negros, sobre os negros e excluídos passarem ao centro da história.[299]

A República Juliana não era reconhecida por ninguém, a não ser por sua vizinha mais ao sul que não podia garantir nada. O comércio estagnara, as pessoas reclamavam cada vez

---

desse modo, é um conceito que se distingue por pensar a "fronteira", ou seja, ao mesmo tempo em que separa, ele comporta o convívio. É local de passagem e, simultaneamente, potencializador de identidades.

[299] Para Ramos (1999, p. 293), "Outro aspecto notável é a construção do personagem do mulato Costa, candidato a marcar uma inflexão na história dos personagens negros da literatura brasileira […] [Talco da Costa] considerado um negro, narrou sua própria história realçando como o preconceito que sofreu em diversas circunstâncias de sua vida foi uma mola propulsora a definir o seu destino […] sua pele era escura e essa marca indelével nunca o livrou dos constrangimentos inerentes a ela. Essa é ponto que o romance, de forma discreta, destila".

mais. Do lado da tropa, a situação não ia melhor. As guarnições de Desterro não se sublevaram. A República, pensava Talco, estava confinada.

Entre os problemas da República, havia um novo, algumas semanas antes da festa, Ana de Jesus Ribeiro, deixara o marido por Garibaldi. Talco sabia como fora o início do romance. O marido de Ana estava unido aos imperiais. Com a aproximação dos republicanos, ele evadira. Ana não era feliz naquele casamento. E ela e o italiano se viram pela primeira vez na missa festival pela República. Tudo Talco sabia.

Charrua chega em Talco e lhe diz: "vamos ter problemas". Ao que Talco retruca por que Charrua lhe diz que o clima entre eles e o povo não vai bem, e afirma que

> os revolucionários querem sempre um povo só para eles. O povo, esse que aí está, é difícil que vá querer mudar o mundo. Pensam em comer, dormir, morar, foder e rezar. Os revolucionários dizem que gostam, mas não gostam muito do povo não. Gostam do povo que tem na cabeça. (AGUIAR, 1999, p. 80).

Não é bem assim, diz Talco. Veja o Gavião e mesmo o Canabarro. Charrua pede desculpas, mas não estava feliz, era "a demora de sua pátria para vir, uma pátria que não pode ser só um galpão esburacado". (AGUIAR, 1999, p. 80).

No outro dia, Talco apresentou-se a Canabarro. Pedira uma audiência, era homem de confiança do Gavião, Rossetti igualmente estava na sala. Talco contou tudo o que Charrua lhe dissera, contudo não se referiu ao diálogo travado com o padre Vilela sobre a dificuldade dos farroupilhas em lidar com a população local. Quando Talco finalizou, Canabarro disse-lhe para prender o homem; que homem, perguntou-lhe Talco. Ora, respondeu o general, o padre. Repentinamente volta-se para Talco e lhe fala. "Que faz aí, sargento? […] Já tem as suas ordens. Talco titubeou. — Senhor general, se me permite, oficialmente eu não sou sargento... — Pois agora é. Reúna um destacamento e vá prender o padre". (AGUIAR, 1999, p. 85). Talco saiu reunindo soldados e foi atrás do padre. Virou sargento no improviso, que nem Canabarro virou general. A mudança novamente se apresenta inesperada, a incerteza do futuro igualmente se mantém como guia da narrativa. A mudança para sargento a frente de um destacamento finalmente aconteceu, um negro dando ordens, num contexto escravista. No romance de Aguiar, a história parece estar de pernas para o ar. Mas isso é possível por todas as táticas ficcionais que o narrador soube utilizar. Já não parece estranho, ou melhor, não parece inverossímil tal situação, parece uma história narrada com necessidade e verossimilhança, apenas mais uma história.

O Império preparava um ataque por mar e terra a Laguna. O governo republicano se desfizera. Quase todo ele estava preso no Forte da Barra, em companhia do Padre Vilela, por se rebelar contra os rio-grandenses. Na noite de 12 de novembro, realizou-se uma reunião entre os chefes militares. Talco e Charrua também estavam, foi um verdadeiro conselho de guerra. O saldo dessa reunião trazia à luz as divisões. Canabarro e Rossetti eram pela retirada de Laguna:

> Ali mesmo Rossetti começou a abraçar outra tese: estava na hora dos republicanos pensarem em fazer a paz com o Império. Não dava para eles derrotarem uma coisa do tamanho do Brasil. Tinham de deixar a luta pelas armas e lançarem-se numa luta política de ideias pela República e contra a escravidão, que era a coluna mestra do Império. (AGUIAR, 1999, p. 89).

A discussão se desdobrou e a estratégia de Garibaldi foi acolhida. No caminho, Charrua comentou com Talco que o italiano era ousado. Foram andando e passaram por Garibaldi e o ouviram dizer "ironia do destino... A República dos pampas vai ter sua batalha decisiva no mar, numa barra de lagoa...". (AGUIAR, 1999, p. 92). Mais uma vez o estar entre algo foi apresentado pelo narrador na ironia da Garibaldi. O destino da República dos pampas decidido no mar. Todos têm uma identidade volátil e transitória no romance *Anita*. A identidade não está vinculada a um predicado *a priori*, mas sim na relação prática que se estabelece nos eventos. A mudança altera todo significado que parece estável.

Aquilo não fora uma batalha, pensou Talco; fora um matadouro. Era o meio da tarde do dia 15 de novembro de 1839. Na madrugada daquele dia, o vento mudara. O corso, como de costume, se obstinou. Lutou-se como nunca, mas "um detalhe gravou-se nas retinas de Talco: Anita […] fora quem dera a ordem de fogo para a esquadra". (AGUIAR, 1999, p. 95). Talco pôs em ordem os remanescentes da infantaria, e mandou que os do Forte deixassem a posição.

Os olhos de Talco voltaram às alturas do planalto. A fumaça perto dos capões e o cheiro de carne assada acusava a presença das tropas. De repente, uma voz se volta para Talco, surpreso ele volta-se para Anita. Chama-a de Dona Ana ao que ela responde que não era mais Ana de Jesus Ribeiro e que era agora Anita Garibaldi. Mais um momento de mudança apreendido pelo narrador, Ana que era a esposa do sapateiro (que lutava do lado imperial) não era a mesma Anita, esposa de Garibaldi (que lutava do lado farroupilha) e, semelhante a Talco e a Charrua, Anita não teve medo da mudança, enfrentou-a. Anita perguntou o que era o livro que Talco carregava. Ele explicou-lhe a história do livro e deu-se conta de que estava contando a sua própria história e de que como se espantava "de tanta

mudança no seu destino, a tal ponto que não sabia mais o que era, ou quem". (AGUIAR, 1999, p. 100). Anita achou a história muito bonita e disse a Talco que ela mesma quis mudar de destino, como ele tinha mudado. Não quis ser Ana e sim Anita e declarou: "Quem sou eu agora, o que serei? Só Deus sabe...". (AGUIAR, 1999, p. 100).

Nessa última citação, a chave de leitura do romance se coloca novamente: a abertura ao incerto do futuro, em personagens que, por mais que não dominem a história que façam, fazem sua própria história. Talco registrou tudo isso em seus escritos. Nesse momento a guerra começou a ficar rotineira para ele, estava sem o ardor de antes e "Algo estava se alterando nele, e ele não sabia o que era". (AGUIAR, 1999, p. 106). A guerra parecia não ter fim. E assim, a ideia de Rossetti começara a vingar, iniciou-se a se pensar na ideia de paz. Os dois exércitos pouco faziam, proliferavam-se os carteados, carreiras com apostas e até uns bailes. As bodegas retornaram a prosperar, e em uma delas o destino de Talco novamente mudou.

Talco estava de folga, e fora na bodega por causa de uma morena escura. Nisto entra um bando. Eram do lado republicano. Estavam meio bêbados e Talco pressagiou o buchincho. Um deles reconheceu Talco e falou para os outros que fora Talco quem matou o amigo deles em Laguna. Talco estava com as divisas de tenente. Entretanto compreendia que isso não dizia nada para aquele bando, ainda mais "sendo ele oficial de pele escura e protegido de um oficial que andava sempre metido com os libertos. Um tenente branco, isso seria de respeitar". (AGUIAR, 1999, p. 120). O bando partiu para cima de Talco. Ele livrou-se matando-os, o último do bando ao ver a cena toda fugiu, "Talco saiu sem voltar, sem dizer palavra, montou e partiu. Sabia que tinha virado índio vago de novo". (AGUIAR, 1999, p. 120). E novamente o destino de Talco mudou, novamente por um episódio do cotidiano, não um episódio que requer uma grande estrutura explicativa ou que se creia ter desvelado uma realidade mais profunda na interpretação da cena, em um acerto de contas em meio a bebedeira o destino de Talco se altera e tudo se move como sempre.

Tal episódio foi a causa de uma reunião entre o Coronel Teixeira Nunes e o General Netto. Este já sabia do caso e foi logo dizendo: "Cachorro que come ovelha só matando. Uma vez índio vago sempre índio vago". (AGUIAR, 1999, p. 121). E Netto continuou falando que os imperiais estão na ofensiva na política. Um negro que matou um branco pode ser o argumento que faltava. Estava difícil de conservar estancieiros influentes do lado republicano: "Como a guerra não termina, eles temem cada vez mais uma revolta geral dos pretos". (AGUIAR, 1999, p. 122). Teixeira Nunes sugere um julgamento para Talco, ao que Netto diz que vai ser o pior, os discursos, prós e contras, o resultado vai ser um estorvo. Se ele fosse

branco, ou pelo menos o apadrinhado de algum estancieiro. E Netto diz a Gavião que ele sabe o que tem que ser feito em tal situação. Ao que o coronel responde que sabe o que fazer.

Novamente a centralidade da questão do excêntrico no cerne da narrativa. Um escravo negro mobiliza todo o alto escalão farroupilha por uma demanda política e social. O narrador toca num ponto sensível do período e de uma maneira inovadora em relação à Farroupilha. Um personagem que representa a exclusão histórica e narrativa entra para o centro da narrativa. E entra não como o personagem Filhinho alheio aos acontecimentos, Talco encontra-se vigilante ao seu destino. O episódio de Talco é grave, pois tem repercussões que os lideres militares não sabem avaliar direito e do qual era difícil encontrar uma solução. Contudo a história se move e Talco se transforma.

Garibaldi marchava ao sul em direção a Banda Oriental. Ele desligou-se do Exército republicano em troca de gado como pagamento, "Iam como podiam: ele que já fora soldado, marinheiro, mercador, podia ser tudo, menos tropeiro". (AGUIAR, 1999, p. 123). Aqui o narrador frisa a mudança em Garibaldi, o que ele foi, é e será. Naquela manhã Garibaldi viu um tropel de cavalos. Texeira Nunes saudou Garibaldi e Anita e disse-lhes que tinha um passageiro para eles. Garibaldi reconheceu então Talco da Costa. Este adiantou o cavalo, virou-o e pôs-se ao lado da carreta. Anita acompanhava a situação calada, porém atenta. Gavião diz que do lado da Banda Oriental, em Quëguay, o General Netto teria amigos que arrumariam as coisas para Talco. Gavião diz a Talco para ter frieza quando o assunto for sua cor e como prêmio pelo que fez pela República só pode lhe dar a vida como retribuição.

Passaram em Qüeguay, um vilarejo no meio do nada. Lá os recebeu um velho espanhol, D. Luna, que já sabia da história. Diz-lhes que o general "Nietto" lhe mandara a mensagem de que um italiano e "um desgarrado meio preto iam passar por ali e que o moreno precisava virar outro". (AGUIAR, 1999, p. 125). Deu a Talco um certificado de crisma e uma certidão de batismo em nome de um tal de José da Costa, nascido por ali, filho de mãe preta e brasileira e pai branco dali mesmo de Qüeguay, de nome desconhecido. E Talco muda novamente, não é mais Talco é agora José. Não é mais militar e sim tropeiro.

E continuou falando a José da Costa: "Essas fúrias eram coisa do índio vago Talco da Costa, não são do José da Costa, tropeiro por profissão... O índio vago, cuja fama que conheci, percorreu esta região, mas ele não existe mais...". (AGUIAR, 1999, p. 126). E mostrou outra coisa que preparou: a certidão de óbito de Talco da Costa. Esse papel vai para o general, ele quer ter certeza que o índio morreu. E, por fim, disse a Talco que eram cinco patacões por tudo "Três para mim, um para o padre, que vive amasiado com uma negra que mora por detrás da igreja e me cede os papéis quando peço, e outro para a Caridade... que é o

nome da negra. E deu uma risada solta”. (AGUIAR, 1999, p. 126). Talco pagou-o. O espanhol disse que estava morto e que deveriam tomar um trago a saúde disso. E saíram os dois em direção a bodega, o espanhol já meio cambaleando por conta do que ia beber.

Anita é o último romance e obra analisada na tese. Aqui como em todos os demais a representação alterou-se pela *poiética* da escrita que deixou sua marca na obra. Mais um imaginário “lutou” por seu reconhecimento. E como em cada momento diferente há um imaginário distinto. Por um lado, percebe-se o romance como dentro da quadra do novo romance brasileiro, por outro, o imaginário do período atravessa o próprio romance.[300]

No romance *Anita*, encontra-se como personagem central da intriga um excêntrico, alguém que até *Anita* ficara fora do proscênio narrativo: o negro. Mas o narrador, na parte do romance dedicada à Farroupilha, traz também o personagem do índio Charrua para o protagonismo literário e, também, a questão da liberdade de escravos e índios no período farroupilha. Indiretamente, é no contexto das décadas de 1980 e 1990 que se consolida um aumento de demandas por políticas publicas dos movimentos sociais de negros e índios no Brasil. Talco da Costa é o primeiro personagem negro central em uma narrativa que se conta na Farroupilha.[301]

Outra inovação que traz o romance é a intertextualidade, que também é uma característica do novo romance. Ao trazer o Cap. Rodrigo Cambará para a narrativa, o narrador amarra seu texto ao de Verissimo e cria um ambiente de continuidade, mas de uma maneira metaficcional, isto é, sabendo-se que é a ficção dentro da ficção. A característica principal do romance e que representa de maneira geral todas as outras é a mudança. E todas

---

[300] Outro romance de destaque do período é *A casa das sete mulheres*, de Leticia Wierzchowski de 2002. O romance tem como novidade trazer personagens femininos como protagonistas de um romance sobre a Farroupilha. O livro conta o cotidiano, durante a Farroupilha, da parte feminina da família de Bento Gonçalves. Este romance mostra o cotidiano delas na estância da família, narra um mundo que tinha ficado a parte ou esquecido de ser narrado como evento principal na Farroupilha. Mas o interessante é que, ao mesmo tempo em que a autora mostra o protagonismo e as suas façanhas na vida cotidiana durante a guerra, o livro mantém uma certa temporalidade da espera para os personagens femininos, que está presente desde *O continente*. Moacyr Scliar, em 1995, lança o livro o *Rio Grande Farroupilha* que, em 2004, iria relançar com outro nome: *Uma história farroupilha*. Este livro narra a história da família de imigrantes alemães Schmidt durante a Farroupilha. A novidade do livro é que o protagonismo das ações do enredo é feito pelos filhos adolescentes do casal Schmidt, Rudolph e Franz. Portanto, a Farroupilha é contada a partir da busca do Franz pelo irmão durante a Farroupilha e a guerra é narrada pela perspectiva de um adolescente. Ao mesmo tempo em que o autor traz essa novidade para a ficção sobre a Farroupilha, por ser um livro do gênero infanto-juvenil, o livro é didático e obediente à história, mas Scliar cria um livro dinâmico e de personagens consistentes.

[301] Para Esteves (2010, p. 108), “o romance de Flávio Aguiar cumpre aqui o que Linda Hutcheon aponta como uma das marcas da pós-modernidade, em especial da metaficção historiográfica: o herói tradicional é desalojado de seu pedestal e o protagonismo passa para os antes marginalizados, figuras periféricas da história hegemônica que abandonam sua posição excêntrica para ocupar o centro da história”.

essas situações aparecem e se articulam no personagem Talco da Costa e no sentido que a Farroupilha adquire em *Anita*. Outro imaginário, outro sentido. Outro tempo, outra escrita.

Também, o estar entre mundos e coisas, o entrelugar, entre o ser e o poder ser gera um espaço ficcional, pois pode-se ter vários sentidos então pode-se ficcionalizar várias situações como plausíveis no romance de *Anita*. E, assim, parece esta ser a grande contribuição de Aguiar: a incerteza, o estar no entrelugar, entre as muitas possibilidades, ao sabor da mudança. E nisso tudo o significado da Farroupilha ganha outro sentido e novamente entra em reconhecimento outro imaginário.

As obras de Guazzelli e Aguiar representam esse contexto histórico de fim de século XX pós-nacional, democrático e de identidades híbridas.[302] A cientificidade é reconfigurada após o descrédito das metanarrativas, a virada linguística recompõe num mesmo horizonte o saber comum e especializado. E um novo sentido da Farroupilha surge no fim de século XX.

Em meio século, entre 1949 e 1999, três imaginários articularam a escrita da Farroupilha. O primeiro em Verissimo e Vellinho diz respeito à formação histórica do Rio Grande do Sul, mesmo que ambos escritores entendessem a formação histórica de modo diferente. O segundo, com Assis Brasil e Pesavento, traz a visão crítica sobre a Farroupilha. E o terceiro, com Guazzelli e Aguiar, repensa a Farroupilha para além da abordagem e identidade nacional.

Com o romance *Anita*, finda-se essa longa história de transformações das escritas da Farroupilha em que se tem como pano de fundo as relações entre história, romance e o reconhecimento do imaginário.

[302] Para Hall (2005, p. 89), deve-se "aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sentidos, como os opostos, se completam,
dialeticamente, pela lógica da imagem que vive
da tensa unidade dos contrários.
Assim, o corpo se alarga no cosmos
e a palavra se reúne à coisa.
(CHIAPPINI, 1988, p. 373).

Ao longo da tese, procurou-se apresentar uma versão da história da escrita da Farroupilha ancorada nas relações entre historiografia e romance. Entre ambas, o imaginário, tomado como uma ideia reguladora do que poderia ser escrito ou não em cada geração. Na maioria dos casos, a historiografia pautou o romance. Poucas vezes o romance problematizou o saber historiográfico. Em geral, isso se deve ao ambiente social e político de cada época, em que demandas para justificar o controle social exigiam do grupo no poder uma narrativa legitimadora de tal estado de dominação e para grupos políticos terem suas demandas de reconhecimento atendidas. A regra foi que o romance acompanhou a historiografia, tanto com vistas a manter o controle do imaginário como para buscar o reconhecimento do imaginário de um grupo em disputa social. Desse modo, tivemos que reatualizar a hipótese de Costa Lima, que em parte foi modificada no sentido de luta por reconhecimento, necessária para se entender as transformações do imaginário.

Apenas em três casos os romancistas problematizaram o veto à ficção da historiografia durante a escrita da Farroupilha. O primeiro foi José de Alencar com seu romance *O gaúcho*. Politicamente, Alencar manteve a condenação monarquista sobre a Farroupilha. Contudo, na relação da historiografia com a ficção, o texto alencariano colocou a historiografia do lado da verdade e o romance ao lado da paixão, o que criou um espaço narrativo para a ficção cunhando uma fronteira entre a historiografia e romance. Mesmo utilizando material histórico para escrever, Alencar criou um espaço para ficcionalizar a Farroupilha. Isso o levou, diferentemente de todos os escritores do imaginário monarquista, a narrar o conflito sulino de maneira própria.

Os romances de Caldre e Fião mostravam a cor local da Província ao resto do Império e construíram uma interpretação da Farroupilha como um erro moral e um crime contra a nacionalidade brasileira em que a Província afligia-se por desafiar o Império e aliar-se às repúblicas caudilhescas do Prata, no arrependimento manifestado pelos personagens Almênio, Filipe e Matias. Pelo lado das memórias históricas, mesmo elas estando no mesmo diapasão monarquista, a diferença foi que enquanto as memórias de Saturnino e Câmara queriam

construir a ordem monárquica a memória histórica de Araripe queria defender a monarquia das críticas que sofria.

Paradoxalmente ao princípio monarquista, em seu romance *O gaúcho*, José de Alencar fez protagonistas dois farroupilhas, Bento Gonçalves e Manuel Canho. Aquele foi o líder da revolução para, ao contrário do que poderia parecer, conter os radicais republicanos; o outro personagem é o símbolo arquetípico do habitante da Província. O interessante dessa mudança de Alencar em relação a Caldre e Fião e aos memorialistas é que todos alinhavam-se no veto do Estado-nação à ficção republicana. Isso mostra o quanto a imaginação de Alencar dialeticamente recompõe, em um contexto monarquista, a experiência farroupilha em *O gaúcho*. Este romance também participa do projeto alencariano de narrar a cor local das províncias brasileiras e construir a identidade nacional no Brasil monarquista. Se em Caldre e Fião há o arrependimento dos personagens que foram republicanos, em Alencar há um misto de condenação da revolução, mas também de reconhecimento da valentia de Manuel Canho e Bento Gonçalves. De certa forma, a leitura de Alencar pode ser um caminho de entrada para a guinada da escrita em relação à Farroupilha que há posteriormente em *O vaqueano*.

Do ponto de vista formal, os romances de Alencar e Apolinário são parecidos. Descrição do ambiente e do tipo regional, vinganças que vão se sucedendo, relacionamento amoroso que não tem o tradicional final feliz. Um elemento diferencial é que em *O vaqueano* não há o elemento platino na origem da Farroupilha e, claro, em vez da condenação da Farroupilha há a sua valorização política. Se Manuel Canho anda pelo pampa entre os personagens platinos, isso não se passa com José de Avençal, que, em lugar de perambular pelo Prata, dirige-se à província de Santa Catarina. Com o romance de Apolinário, inicia-se então a inversão de compreensão: a Farroupilha é brasileira e a intenção não era separar-se do Brasil, mas conseguir um sistema político mais justo, de maior liberdade. Se no romance de Alencar havia valentia em Bento Gonçalves e Manuel Canho, no romance de Apolinário a valentia generaliza-se para todos os farrapos, com a valorização da ideia de república contrapondo-se à da monarquia. A ficção de Alencar de certa forma traz em si seu contraditório. Ao valorizar o gaúcho e Bento Gonçalves, abre um outro campo de análise para o romance e para a historiografia interpretarem a Farroupilha, que será ocupado justamente por quem participa politicamente do ideário republicano. O espaço teórico que Alencar cria para ficcionalizar a Farroupilha, outros grupos políticos o usam para avançar, literária e politicamente, a ideia de república.

Outro momento em que aconteceu a problematização ao veto à ficção da historiografia foi no romance *O continente*. Como muitos intelectuais de sua geração, Verissimo reavaliou o

período do varguismo, principalmente o Estado Novo. Na redemocratização do país, logo após o Estado Novo, publicou-se *O continente*. Trata-se de um intenso período da vida política nacional, em que projetos políticos diferenciados se debatiam no contexto da Guerra Fria. Assim, contra o nacionalismo predominante da historiografia do IHGRGS e de Moysés Vellinho, Verissimo foi além da origem lusitana do Estado, ou da brasilidade da farroupilha. O ambiente intelectual, mais arejado politicamente, é um elemento a ser considerado para Verissimo poder problematizar o imaginário dominante da historiografia nacionalista do IHGRGS. E não foi só isso. Para desenvolver a sua ficção, Verissimo problematizou o próprio conhecimento historiográfico de sua época. O empirismo positivista desse período, apesar de predominante na epistemologia da história, sempre teve seus contendores, como Croce, Collingwood e, no Brasil, Sérgio Buarque de Holanda. Verissimo não nega o saber do historiador; apenas mostra algumas limitações da pretensa de validade objetivista da historiografia.

José de Alencar cria uma fronteira entre historiografia e romance para poder ficionalizar, ao contrário, Érico rompe essa fronteira alencariana e cria uma narrativa que oscila entre o romance e a historiografia. Assim, problematiza o veto da ciência da história. Érico conseguiu problematizar o controle do imaginário nas duas frentes: tanto institucional quanto na historiográfica. Na escrita da Farroupilha, Verissimo abriu um veio ficcional, por onde passaram os próximos romancistas. Outro ponto a se destacar, que demandaria mais pesquisa, seria em que medida a historiografia ainda vetaria ou não a ficção, depois de Verissimo.

Então, é de se ponderar o quanto ainda é producente pensar em um veto à ficção pela historiografia depois da década de 1950 na literatura brasileira, ou por que motivos parece ter ficado mais fácil problematizar o veto da historiografia à ficção. Uma hipótese seriam as próprias mudanças teóricas que começaram a ocorrer em medos do século XX na narrativa historiadora. Do mesmo modo, teria de se averiguar, com mais profundidade, a questão do veto da historiografia no século XIX ou até pelo menos a década de 1870, quando a ciência da história ainda não habitava na Casa da memória nacional.

No próximo período de problematização do veto à ficção da historiografia, tem-se um contexto democrático do Brasil. Com uma escrita da história que se iniciava em 1990, ciente do seu relativismo e das indeterminações de suas afirmações (CEZAR, 2015), havia um espaço teórico e social mais arejado para Flávio Aguiar construir o romance *Anita*. Creio que a questão do veto à ficção do Estado-nação no fim da década de 1990, quando Aguiar publica

a citada obra, precisa ser revista. Com o avanço da economia de mercado e da globalização, parece que o Estado-nação divide com o mercado a sua capacidade de vetar a ficção.

No romance de Aguiar está outro ponto de inflexão importante na escrita da Farroupilha. Em *Anita*, o protagonista retoma a valentia aberta por José de Alencar para enfrentar um mundo sempre em mudança. Há, assim, uma diferença importante entre os protagonistas de *Anita* e *A prole do corvo*, de Assis Brasil, onde Filhinho era um personagem sem ação, com o destino traçado por terceiros, Talco é corajoso e põe-se sempre firme frente aos acontecimentos. Se Filhinho representa uma crítica ao herói farroupilha, criado pelo regionalismo gaúcho das décadas de 1920 e 1930, Talco representa as possibilidades abertas pelo mundo na década de 1990, como a transterritorialidade, o mercado global, a aceleração do tempo e a ação do sujeito frente aos acontecimentos.

Se através do Capitão Rodrigo, Verissimo escrevia questionando a escravidão, com Talco da Costa e o sargento Charrua Aguiar mostra as tensões sociais que se abrem ao se tentar libertar escravos negros e índios antes de meados do século XIX. Em *Anita*, há uma mudança de personagens no foco narrativo. No romance *Anita*, há a centralidade do negro, do índio em suas próprias interpretações da Farroupilha. Desde *A divina pastora* há personagens negros nos romances, mas é em *Anita* que ele se torna protagonista. Por um lado, retoma, para a Farroupilha, Simões Lopes Neto e Érico Verissimo, ao trazer para o centro da narração os excêntricos e por não glorificar e nem repudiar *a priori* a Farroupilha, não sem antes narrar as vidas que perpassam a intriga. Em relação a Érico e Simões, vai além deles no sentido de colocar um excêntrico no foco narrativo, pois Rodrigo é um homem branco e oficial farrapo, e Blau Nunes narra uma história que viu (O duelo de farrapos), mas não teve atuação mais destacada, ao contrário de Talco da Costa. Em *Anita*, Aguiar recompôs a coragem passando o bastão do Capitão Rodrigo a Talco da Costa, e escreveu sobre a Farroupilha fornecendo um sentido por meio de uma intriga em que as mudanças por que passava seu personagem refaziam sua identidade e, simultaneamente, ressignificavam a própria Farroupilha.

Como Érico e Alencar, Aguiar conseguiu problematizar o veto da historiografia à ficção. Diferentemente dos autores anteriores, ele inventa seu espaço de criação ao usar da intertextualidade. Sua problematização ao veto não tem a mesma força da Érico. É mais parecida com a de Alencar, um subterfúgio em relação à historiografia do que um confronto com a escrita da história como em Érico; pode-se dizer que Aguiar "costeia o alambrado do veto" com seu recurso à intertextualidade.

Foram muitos os percursos da escrita da Farroupilha ao longo de mais de 170 anos. O conflito deflagrado em 1835 esteve condenado durante quase todo o período da monarquia

bragantina, depois foi absolvido por republicanos, logo em seguida constituiu elemento de contestação à ordem castilhista, após ainda, sucessivamente, significou um elemento de comemoração nacional, entrou na formação histórica do Rio grande do Sul, foi usado para contestar os poderes de classe durante a ditadura civil-militar, e, por fim, o conflito sulino foi um modo de repensar as identidades no fim do século XX. Foram muitos caminhos para representar um passado, foram muitas narrativas a fornecer sentidos diferentes a um acontecimento que a cada novo enredo se transformava. Esta tese procurou avaliar esse tempo e espaço de escrita da estória da Farroupilha.

FONTES

AGUIAR, Flávio. Anita: romance. São Paulo: Boitempo, 1999.

ALENCAR, José de. (1870). O gaúcho. São Paulo: Ática, 1982.

ARARIPE, Tristão de Alencar. (1881). *Guerra civil no Rio Grande do Sul*: memória acompanhada de documentos lida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Porto Alegre: Corag, 1986.

ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco. (1882). *História da República Rio-Grandense*. Porto Alegre: ERUS, 1981.

ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de. *A prole do Corvo*: romance. Porto Alegre: Movimento, 1978.

CALDRE E FIÃO, José Antonio do Vale. (1847). *A divina Pastora*. Porto Alegre: RBS, 1992.

CALDRE E FIÃO, José Antonio do Vale. (1851). *O Corsário*: romance rio-grandense. Porto Alegre: Movimento, 1979.

CÂMARA, Antônio Manuel Correia. (1846). *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias*: Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

COUTINHO, Saturnino de Souza e Oliveira. (1841-1842). *Bosquejo histórico e documentado e negócios do Rio Grande*. Porto Alegre: Corag, 1986.

DOCCA, Emílio Fernandez de Souza. *O sentido brasileiro da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Globo, 1935.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *O horizonte da província*: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata (1835-1845). Tese (doutorado em História). Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 1998.

MAYA, Alcides. (1910). *Ruínas vivas*: romance gaúcho. Porto Alegre: Movimento, UFSM, 2002.

PESAVENTO, Sandra. Farrapos, liberalismo e ideologia. In: DACANAL, José. *A Revolução Farroupilha*: história & interpretação. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985a.

PESAVENTO, Sandra. Uma ideologia em farrapos. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 18, n.3, 1985b.

PORTO ALEGRE, Apolinário. (1872). *O Vaqueano*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1987a.

RODRIGUES, Félix Contreiras. (1935). *Farrapo*: Memórias dum cavalo. Porto Alegre: Globo, 1958.

VARELLA, Alfredo. *Revoluções cisplatinas*: A República Riograndense. Porto: Livraria Chardron, 1915. 2v.

VELLINHO, Moysés. (1964). *Capitania d'El Rey*: Aspectos polêmicos da formação rio-grandense. Porto Alegre: IEL: Corag, 2005.

VERISSIMO, Érico. (1949). Um certo capitão Rodrigo. In: *O tempo e o Vento*: continente I. São Paulo: Globo, 1997.

Referências Bibliográficas

ABRÃO, Janete. Como se de (re) escrever a história nacional? In: *Eilat*., n.69, diciembre, 2014.

ALBIERI, Sara; PEREIRA, Gustavo. Robin Georg Collingwood. In: PARADA, Maurício (org.). *Os historiadores*: clássicos da história. Petrópolis: Vozes: PUC-Rio, 2013.

ALMEIDA, Marlene Medaglia. *Na trilha de um andarengo*: Alcides Maya (1877-1944). Porto Alegre: EDIPUCRS: IEL, 1994.

ALONSO, Angela. Crítica e contestação: o movimento reformista da geração 1870. In: *Revista brasileira de ciências sociais,* vol. 15, nº 44 outubro de 2000.

ALONSO, Angela. *Ideias em movimento*: A geração de 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas*: O movimento abolicionista brasileiro (1868-88). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALVES, Francisco das Neves. *Revolução Farroupilha*: estudos históricos. Rio Grande: Fundação Universidade federal do Rio Grande, 2004.

AMORIM, Joaquim Paulo. Apresentações. In: *Rio Grande do Sul*. Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Subcomissão de Publicações e Concursos. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Levantamentos de fontes sobre a Revolução Farroupilha. Porto Alegre, 1985.

ANTUNES, Deoclécio de Paranhos. *Episódios e perfis de 1835*. Porto Alegre: Globo, 1935.

ARAUJO, Valdei Lopes de. *A experiência do tempo*: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845). São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

ARISTÓTELES. Poética. São Paulo: Nova Cultura, 1991, v. 2. (Col. Os pensadores)

ARMANI, Carlos Henrique. A história da historiografia no Rio Grande do Sul e a escrita do tempo da nação: um estudo de caso. In: *Oficina do historiador,* Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 5, n. 2, jul./dez. 2012.

ARRAIS, Cristian. Robin George Collingwood. In: MALERBA, Jurandir (org). *Lições de história*: da história cientifica à crítica da razão metódica no limiar do século XX. Porto Alegre: FGV/EDIPUCRS, 2013.

AXT, Gunter. Coronelismo indomável: o sistema de relações de poder. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson. (coord.); RECKZIEGEL, Ana; AXT, Gunter (dir.). *República Velha* (1889-1930). Passo Fundo: Méritos, 2007. V.3, t.1.

AXT, Gunter. Uma versão carbonária da Revolução Farroupilha. In: NASCIMBENE, Luigi. *Tentativa de independência do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CiaE, 2009.

AZAMBUJA, Darcy. *Romance antigo*. Porto alegre: Globo, 1940.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os pensadores)

BAKOS, Margaret. A escravidão negra e os farroupilhas. In: DACANAL, José. *A Revolução Farroupilha*: história & interpretação. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

BARBOSA LESSA, Luis Carlos. *Garibaldi Farroupilha*: História ilustrada do herói de dois mundos. Porto Alegre: Alcance, 2005.

BARBOSA LESSA, Luis Carlos. (1986). *República das carretas*. Porto Alegre: SferaSRP Editora de Artes, 2009.

BARCELLOS, Ramiro Fortes de. (1882). *A Revolução de 1835 no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Codec, 1987.

BARRETO, João da Cunha Lobo. “Revolução de 1835: apontamentos sobre a revolução do Rio Grande do Sul até o deplorável ataque do Rio Pardo”. In: *Publicações do Arquivo Nacional.* Rio de Janeiro, Oficinas gráficas do Arquivo Nacional, n. 31, 1935.

BARROS FILHO, OMAR de; SEELIG, Ricardo; BOJUNGA, Sylvia (orgs). *Sonhos de liberdade*: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita. Porto Alegre: Laser Press comunicação, 2007(a).

BARROSO, Vera Maciel. A expressão da ideologia liberal no Rio Grande do Sul através da Revolução Farroupilha. In: *Veritas,* Porto Alegre, v. 27, n. 105/108, 1982.

BELO, Luis Alves Leite de Oliveira. (1877). *Os farrapos*. Porto Alegre: Movimento, 1985.

BENTIVOGLIO, Julio. Palacianos e Aulicismo no Segundo Reinado – A facção Áulica de Aureliano Coutinho e os bastidores da Corte de D. Pedro II. In: *Revista Esboços,* vol. 17, nº 23, UFSC, 2010.

BENTO, Claudio Moreira. *O exército farrapo e os seus chefes*. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 1992.

BERNARDI, Mansueto. *Obras completas*: A Guerra dos Farrapos. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Livraria Sulina, 1981. Vol. 6.

BOEIRA, Luciana Fernandes. *Como salvar do esquecimento os atos bravos do passado rio-grandense*: a Província de São Pedro como um problema político-historiográfico no Brasil Imperial. Porto Alegre: UFRGS/IFCH/PPH, 2013.

BOEIRA, Luciana Fernandes. *Entre história e literatura*: a formação do panteão rio-grandense e os primórdios da escrita da história do Rio Grande do Sul no século XIX. Porto Alegre: IFCH/UFRGS, 2009. Dissertação (Mestrado em história).

BOEIRA, Nelson. O positivismo difuso. In: DACANAL, José; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS*: Cultura e ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

BONES, Elmar (org.) *A paz dos farrapos*: 150 anos do fim da guerra que separou o Rio Grande. Porto Alegre: Copesul, 1995.

BORGES, Jorge Luis. *História universal da infâmia*. Porto Alegre: Globo, 1975.

BOSI, Alfredo. Cultura. In: CARVALHO, José Murilo de (org.) *A construção nacional 1830-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

BOSI, Alfredo. Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar. In: *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRITO, Francisco de Sá. *Memória da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Corag, 1985.

BRUM, Rosemary. A densidade social do mito: Garibaldi no centenário da Revolução Farroupilha. In: FILHO, Omar; SEELIG, Ricardo; BOJUNGA, Sylvia. *Os caminhos de Garibaldi na América*. Porto Alegre: Laser Press Comunicação, 2007.

CALLAGE, Fernando. Episódios históricos da Revolução dos farrapos. Rio de janeiro: Record, 1935.

CÂMARA, Rinaldo Pereira. *O Marechal Câmara*: reflexões introdutórias a sua biografia. Porto Alegre: Globo, 1964. V. 1.

CAMPOS, Maria Consuelo. Apontamentos para uma leitura de “O Gaúcho”. In: ALENCAR, José de. *O gaúcho*. São Paulo: Ática, 1982.

CANDIDO. Antonio. *A formação da literatura brasileira*: Momentos decisivos. Rio de janeiro: Ouro sobre azul, 2013.

CANINI Et. AL. *E o Bento levou...*: A Guerra dos Farrapos vista por dez cartunistas gaúchos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

CAPUANO, Yvonne. *Bento Gonçalves*: Síntese biográfica. Porto Alegre: SENAI, 2004.

CARDOSO, Fernando Henrique. (1962). *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

CARDOSO, João Batista. Um diálogo entre memória, história e ficção na América Latina. In: *Entreletras*, Araguaína-TO, v. 3, n. 2, ago./dez. 2012.

CARVALHO, José Murilo de. A vida política. In: CARVALHO, José Murilo de (org.). *A construção nacional 1830-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. Elites políticas e construção do Estado. In: *A construção da ordem*: a elite imperial. Teatro de sombras: a política imperial. Rio de janeiro: Civilização brasileira, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. Introdução. In: VASCONCELOS, Bernardo Pereira. *Bernardo Pereira de Vasconcelos.* Organização e introdução de José Murilo de Carvalho. São Paulo: Ed. 34, 1999.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CERTEAU, Michel. *História e psicanálise*: entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul* (1737-1902). Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Corag, 2006.

CEZAR, Temístocles. Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual. In: PESAVENTO, Sandra (org.) *História cultural*: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

CEZAR, Temístocles. Em nome do pai, mas não do patriarca: ensaio sobre os limites da imparcialidade na obra de Varnhagen. In: *História*, São Paulo, v. 24, n. 2, 2005.

CEZAR, Temístocles. Hamlet Brasileiro: ensaio sobre o giro linguístico e indeterminação historiográfica (1970-1980). In: *História da historiografia,* Ouro Preto, n. 17, abril, 2015.

CEZAR, Temístocles. Narrativa, cor local e ciência: Notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX. In: *História Unisinos*. Vol. 8, nº 10, jul/dez, 2004. (B)

CEZAR, Temístocles. Presentismo, memória e poesia. Noções da escrita da história no Brasil oitocentista. In: PESAVENTO, Sandra. *Escrita, linguagem, objetos*: Leituras de história cultural. Bauru: Edusc, 2004.

CEZAR, Temístocles. Sob o firmamento da história: o “mito” do texto como representação objetiva do passado. In: FÉLIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio (orgs.). *Mitos e heróis*: construção de imaginários. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

CHAVES, Flávio Loureiro. Um texto resgatado. In: Caldre e Fião, José Antonio do Vale. *A divina Pastora*. Porto Alegre: RBS, 1992.

CHAVES, Flávio. *Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: Instituto estadual do livro: Ed. da Universidade, 2001.

CHEUICHE, Alcy. *A Guerra dos Farrapos*: romance. Porto Alegre: Habitasul, 1984.

CHIAPPINI, Ligia. Literatura e história: notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. In: *Literatura e sociedade*. n. 5: USP/FLCH/DTLLC, 2000.

CHIAPPINI, Ligia. *No entretanto dos tempos*: Literatura e história em João Simões Lopes Neto. São Paulo: Martins fontes, 1988.

CHIAPPINI, Ligia. *O foco narrativo*: (ou A polêmica em torno da ilusão). São Paulo: Ática, 1987.

CHIAPPINI, Ligia. *Regionalismo e modernismo*: (O "Caso" gaúcho). São Paulo: Ática, 1978.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Mercadores del litoral*: Economia y sociedade en la província de Corrientes, primera mitad del siglo XIX. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 1991.

COLLINGWOOD, Robin George. *A ideia de história*. Lisboa: Presença, 1972.

COLLOR, Lindolfo. (1938). *Garibaldi*: e a Guerra dos Farrapos. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva, 1989.

CORADINI, Odaci Luís. As missões da "cultura" e da "política": confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n. 32, 2003.

COSTA, Cibele Hechel. *A prole do corvo, de Luiz Antonio de Assis Brasil*: aproximações e distanciamentos no romance histórico. Dissertação (mestrado). FURG/PPG-Letras, Rio Grande, 2014a.

COSTA, Cibele Hechel. O intimismo no histórico a partir de leitura de obras: A prole do corvo, de Luiz Antonio de Assis Brasil e Netto perde sua alma, de Tabajara Ruas. In: *Macabéa*: Revista eletrônica do netlli, v. 3, nº 2, jul-dez. 2014b.

COSTA, Francisco Lobo da. (1888). *Os Farrapos* ou A Revolução de 1835 no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST, 1985.

COSTA, Rosamaria Coimbra. Apresentações. In: *Rio Grande do Sul*. Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Subcomissão de Publicações e Concursos. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Levantamentos de fontes sobre a Revolução Farroupilha. Porto Alegre, 1985.

CUNHA, Alberto Coelho. Um farrapo não se rende. In: MOREIRA, Maria Eunice (org). *Narradores do Partenon Literário*. Porto Alegre: IEL: Corag, 2002.

CUNHA, Euclides. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1968.

DACANAL, JOSÉ. Réquiem, ainda que tarde, para os farroupilhas: ou o Grande Sul era *coisa nossa*! In: DACANAL, José. *A Revolução Farroupilha*: história & interpretação. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

DIEHL, Astor. *A cultura historiográfica brasileira*: do IHGB aos anos de 1930. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

DIEHL, Astor. *Cultura historiográfica*: década de 1930 aos anos 1970. Passo Fundo: UPF Editora, 1999.

DOLHNIKOFF, Miriam. *O pacto imperial*: origens do federalismo no Brasil do século XIX. São Paulo: Globo, 2005.

DORNELLES, Laura. *Risorgimento e revolução*: Luigi Rossetti e os ideais de Giuseppe Mazzini no movimento farroupilha. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

DOSSE, François. *A história*. Bauru: EDUSC, 2003b.

DOSSE, François. *O império do sentido*: a humanização das ciências humanas. Bauru: EDUSC, 2003a.

DUMAS, Alexandre. (1860). *Memórias de Garibaldi*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

DUTRA, Eliana de Freitas. Cultura. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *História do Brasil nação*: 1808-2010; Olhando para Dentro: 1930-1964. São Paulo: Editora objetiva, 2013.

ELMIR, Cláudio Pereira. *A história devorada*: No rastro dos crimes da Rua do Arvoredo. Porto Alegre: Escritos editora, 2004.

ESTEVES, Antônio. As guerras de independência no romance histórico brasileiro contemporâneo: conflitos, fissuras, dissenções. In: *Revista de literatura, história e memória*, v. 6. nº 8, 2010.

ESTEVES, Antônio. Considerações sobre o romance histórico (no Brasil, no limiar do século XXI). In: *Revista de literatura, história e memória*. Unioeste/Cascavel. Vol. 4, n. 4, 2008.

FAGUNDES, Antônio Augusto. *Revolução Farroupilha*: cronologia do Decênio Heróico. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 2003.

FAGUNDES, Morivalde Calvet. *História da Revolução Farroupilha*. Caxias do Sul: Ed. Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre, Martins Livreiro, 1985.

FAUSTO, Boris. A vida política. In: GOMES, Angela de Castro. *História do Brasil nação*: 1808-2010; Olhando para Dentro: 1930-1964. São Paulo: Editora objetiva, 2013.

FERREIRA FILHO, Arthur. O Decênio heróico. In: *História geral do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1965.

FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

FISCHER, Luís Augusto. A era Érico e depois. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coord. Geral); GERTZ; René (diretor do vol.) *República*: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985). 2007. V.4.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura gaúcha*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Alemães na Guerra dos farrapos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

FLORES, Moacyr. Historiografia da Revolução Farroupilha – 1ª parte. *Veritas*, Porto Alegre, v. 30, nº 119, set. 1985.

FLORES, Moacyr. Historiografia da Revolução Farroupilha (II). *Veritas*, Porto Alegre, v. 31, nº 123, setembro de 1986.

FLORES, Moacyr. (1978). *Modelo político dos farrapos*: as idéias políticas da Revolução Farroupilha. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

FLORES, Moacyr. *Negros na Revolução Farroupilha*: traição em Porongos e farsa em Ponche Verde. Porto Alegre: EST, 2004.

FLORES, Moacyr. *República Rio-Grandense*: Realidade e utopia. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

FONTOURA, Antonio Vicente da. [1934, RIHGRGS]. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina; Martins; Caxias do Sul; Ed. Universidade de Caxias do Sul, 1984.

FONTOURA, Antonio Vicente da. Apontamentos para a história da Revolução de 1835-1845. Porto Alegre: [s.n], 1928.

FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Revolução Farroupilha (1835-1845)*: Narrativas sintéticas das operações militares. Rio de janeiro: Almanak Laemmert, 1938.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. As ideias estão no lugar. In: *Cadernos de Debates*, São Paulo, n. 1, p. 61-64, 1976.

FRANCO, Sérgio da Costa. O Partido Federalista. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson. (coord.); RECKZIEGEL, Ana; AXT, Gunter (dir.). *República Velha* (1889-1930). Passo Fundo: Méritos, 2007. V. 3, t. 1.

FRANCO, Sérgio da Costa. Uma biografia tentadora. In: *Zero Hora*. Porto Alegre: 14/09/2003.

FREITAS, Décio. Farrapos: uma rebelião federalista. In: DACANAL, José. *A Revolução Farroupilha*: história & interpretação. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

GARLET, Deivis Jhones. A desmistificação da história em *A prole do corvo*, de Assis Brasil. In: *Temporis* (ação), v. 13, n. 1, jan./jun. 20132.

GERTZ, René. A colonização alemã e a Revolução Farroupilha. In: Sidekum, Antonio et al. (orgs.). *Campos múltiplos*: identidade, cultura e história – *Festschrift* em homenagem ao prof. Arhur Blasio Rambo. São Leopoldo: Nova Harmonia/OIKOS, 2008.

GERTZ, René. Intelectuais gaúchos e o Estado Novo brasileiro (1937-1945). *História*: Debates e tendências, v. 13, n. 1, jan./jun.. 2013.

GOLIM, Cida. Moysés Vellinho. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice; ASSIS BRASIL, Luiz Antônio. *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Novo Século, 1999.

GOLIN, Tau. *Bento Gonçalves*: o herói ladrão. Santa Maria: Lgr, 1983.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. *De Rio-Grandense a Gaúcho*: o triunfo do avesso – um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877). Porto Alegre: Editora Associadas/Secretaria Municipal de Cultura – Prefeitura de Porto Alegre, 2009.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. José de Alencar e os Rio-grandenses: Imaginário e Representações no romance *O gaúcho*. In: *Nas tramas da ficção*: história, literatura e leitura. GRUNER, Clóvis; DeNIPOTI, Cláudio. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

GONÇALVES, Sérgio Campos. Thomas Babington Macaulay. In: MALERBA, Jurandir (org.). *Lições de história*: o caminho da ciência no longo século XIX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

GRIJÓ, Luiz Alberto. Articuladores do Partido Republicano apropriam-se da "Revolução". In: *Humanas*: Revista do IFCH/UFRGS. Vol, 28 n. 2 (jan/jun 1993). Porto Alegre: IFCH, 2006.

GUIMARÃES, Josué. *Garibaldi & Manuela*: uma história de amor. Porto Alegre, 2003.

GUIMARÃES, Josué. (1975). *A ferro e fogo II*: Tempo de guerra. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). In: *Revista do IHGB*, Rio de janeiro, n. 1, 1988.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e nação no Brasil*: 1838-1857. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Trilogia do controle. In: BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima*: uma obra em questão. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

GUTFREIND, Ieda. *Historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992.

HABERMAS. Jürgen. *A lógica das ciências sociais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de janeiro: DP&A, 2005.

HARTMANN, Ivar. *Aspectos da Guerra dos Farrapos*. Novo Hamburgo: Feevale, 2002.

HARTMANN, Ivar. *O país dos gaúchos*. Porto Alegre: Tchê! Editora Ltda., 1985.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade*: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HASSE, Geraldo; KOLLING, Guilherme. Lanceiros negros. Porto Alegre: JÁ Editores, 2006.

HESSEL, Lothar. (1957). *Brava gente*: romance. Porto Alegre: Comissão executiva da Revolução Farroupilha, 1986.

HISTÓRIA: ensino e pesquisa. Porto Alegre: Sulina, 1985.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento*: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HRUBY, Hugo. *O século XIX e a escrita da história do Brasil*: diálogos na obra de Tristão de Alencar Araripe (1967-1895). Porto Alegre: PUCRS, 2012. Tese (Doutorado em História).

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

IGGERS, Georg. Desafios do século XXI à historiografia. In: *História da historiografia*, Ouro Preto, n. 4, março, 2010.

JACQUES, Paulino. *A Guerra dos Farrapos* (1835-1845). Rio de Janeiro: Reper editora 1969.

KLAFKE, Álvaro Antonio. *Antecipar essa idade de paz, esse império do bem*: imprensa periódica e discurso de construção do Estado unificado (São Pedro do Rio Grande do Sul, 1831-1845). Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2011. Tese (Doutorado em história).

KOSSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectivas, 2005.

LAKATOS, Imre. *Falsificação e metodologia dos programas de investigação científica*. Lisboa: Edições 70, 1999.

LAMB, Nayara Emerick. *História de Farrapos*: biografia, historiografia e cultura no Rio Grande do Sul oitocentista. Dissertação (mestrado) UERJ/ IFCH, 2012.

LAYTANO, Dante de. *História da República Rio-Grandense (1835-1845)*. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1936.

LAZZARI, Alexandre. *Entre a grande e a pequena pátria*: letrados, identidade gaúcha e nacionalidade (1860/1910). UNICAMP/IFCH, 2004) Tese (Doutorado em história).

LEITMAN, Spencer. Negros farrapos: hipocrisia racial no sul do Brasil no século XIX. In: DACANAL, José. *A Revolução Farroupilha*: história & interpretação. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

LEITMAN, Spencer. *Raízes Sócio-Econômicas da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LIMA, Alcides. (1882). *História popular do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro ED., 1983.

LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

LIMA, Luiz Costa. *A aguarrás do tempo*: estudos sobre narrativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LIMA, Luiz Costa. *Lira e antilira*: Mário, Drummond, Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LIMA, Luiz Costa. *O Controle do imaginário & a afirmação do romance*: Dom Quixote, As relações perigosas, Mool Flanders, Tristram Shandy. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

LIMA, Luiz Costa. *Trilogia do Controle*: O controle do imaginário; Sociedade do discurso ficcional; O fingidor e o censor. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

LIMA, Luiz Costa. Uma fortuna problemática: A história da literatura no Brasil. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Histórias da literatura*: teorias e perspectivas. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2010.

LOPES NETO, João Simões. *Cancioneiro Guasca*. Porto Alegre: Globo, 1954. [1910]

LOPES NETO, João Simões. Duelo de Farrapos. In: *Contos gauchescos e Lendas do sul*. Porto Alegre: L&PM, 2002. [1912]

LOPEZ, Luiz Roberto. *Revolução Farroupilha*: a revisão dos mitos gaúchos. Porto Alegre: Movimento, 1992.

LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 30*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MACEDO, Francisco Riopardense de. *Bento Gonçalves*. Porto Alegre: IEL: DIVERGS, 1990.

MACEDO, Francisco Riopardense de. *Impressa Farroupilha*. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1994.

MACEDO, Francisco Riopardense de. *Lições da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do RS, 1995.

MACEDO, Francisco Riopardense de. *Rossetti e a imprensa farroupilha*. Porto Alegre: Corag, 1990.

MACHADO, Cesar Pires. *Porongos*: fatos e fábulas. Porto Alegre: Praça da Matriz, 2011.

MAESTRI, Mario. *O homem que encurtou a ditadura brasileira*. 2014. Disponível em: <http://www.correiocidadania.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=9610:submanchete150514&catid=29:cultura&Itemid=225>. Acesso em: 2 jan. 2016.

MAGALHÃES, Gonçalves. Ensaio sobre a história da literatura. In: *Niterói*, Revista Brasiliense. Ciência, Letras e Artes. Paris: Dauvin et Fontaine, libraires, 1836. Tomo 1.

MALERBA, Jurandir. *A história da América Latina*: Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a história? Uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. In: *História da historiografia*. Ouro Preto, n. 15, Ago., 2014.

MALERBA, Jurandir. *Ensaios*: teoria, história e ciências sociais. Londrina, PR: Eduel, 2011.

MARCHETTI, Norberto. *Revolução Farroupilha*: a história, os heróis e os símbolos. Porto Alegre: Corag, 2011.

MARIANTE, Helio Moro. *Antologia dos patronos da academia Rio-Grandense de Letras*: Alfredo Ferreira Rodrigues. Porto Alegre: Martins livreiro, 1982.

MARIANTE, Helio Moro. *Farrapos*: Guerra à gaúcha. Porto Alegre: Martins livreiro, 1985.

MAROBIN, Luiz. *A literatura no Rio Grande do Sul*: aspectos temáticos e estéticos. Porto Alegre: Martin Livr. ED., 1985.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1978.

MATTOS, Hebe. A vida política. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A abertura para o mundo*: 1889-1930. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MELO, Demian Bezerra de. Ditadura “civil-militar”?: Controvérsias historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os desafios do tempo presente: In: *Espaço Plural*, ano XIII, nº 27, 2º semestre 2012.

MENA, Xavier do Amaral Sarmento. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Pap. Velho, 1933.

MENEGAT, Carla. *Domingos José de Almeida*: O Estadista da República Riograndense (o casal Domingos José de Almeida e Bernardina Rodrigues Barcellos na Revolução Farroupilha). Curitiba: Instituto Memória, 2010.

MENEGAT, Carla; ZALLA; Jocelito. História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito. In: *Revista brasileira de história*, São Paulo, v. 31, nº 62, 2011.

MEYER, Augusto. (1952). *Cancioneiro gaúcho*: seleção de poesia popular com notas e um suplemento musical. Porto Alegre: Editora Globo, 1959.

MEYER, Augusto. Nota preliminar. In: ALENCAR, José de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar LTDA, 1958.

MOEHLECKE, Germano Oscar. *Os imigrantes alemães e a Revolução Farroupilha*. São Leopoldo, edição do autor, 1986.

MORAIS, Eugênio Vilhena de. Qual o autor de "Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias". In: *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro: 8/09/1946.

MOREIRA, Maria Eunice. A Literatura: de sombras e silêncios – novas formas para (re)pensar a sua história. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson. (coord. geral). AXT, Gunter; RECKZIEGEL, Ana Luiza. (diretores do vol.) *República velha* (1889-1930). Passo Fundo: Méritos, 2007. V. 3, t. 2. p. 275.

MOREIRA, Maria Eunice. *Apolinário Porto Alegre*. Porto Alegre: IEL, 1989.

MOREIRA, Maria Eunice. Uma literatura de Guerra. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 18, n. 3, 1985.

MOTTA, Mattos Flávia. Pelotas e o quilombo de Manuel Padeiro na conjuntura da Revolução Farroupilha. In: *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.* Porto Alegre: V. 13, 1985.

MTG (org.). *Farroupilhas*: ideias, cidadania e revolução. Porto Alegre: CORAG, 2010.

MURARI, Luciana. "Água parada": O olhar da modernidade na ficção de Alcides Maya. In: *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v; XXXIV, n.2, dezembro 2008.

NASCIMBENE, Luigi. *Tentativa de independência do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CiaE, 2009.

NASCIMENTO, Tupinambá Miguel Castro do. *República rio-grandense e os negros*. Porto Alegre: Edigal, 2008.

NEDEL, Letícia. Saber-se local: configurações do regionalismo no campo intelectual. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coord.): *República*: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007.

NEDEL, Letícia; RODRIGUES, Mara. Historiografia, crítica e autocrítica: itinerários da História no Rio Grande do Sul. In: *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 1, jan./jun. 2005.

NORRIS, Christopher. '*Fog* sobre o canal, continente isolado': epistemologia nas duas 'tradições'. In: *Epistemologia*: conceito-chave em filosofia. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA, Maria da Glória. Uma identidade platina para o Rio Grande do Sul: análise historiográfica de *Revoluções Cisplatinas*, de Alfredo Varella. In: Humanas. Porto Alegre, v. 26/27, n. 1/2, 2004/2005.

OS EDITORES. Apresentação. In: DACANAL, José Hidelbrando. *A Revolução Farroupilha*: história & interpretação. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

OSÓRIO, Fernando Luis. (1894). *A guerra civil dos farrapos*. Porto Alegre: Globo, 1935.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Uma resenha para Sandra Jatahy Pesavento. In: *Fênix*: Revista de história e estudos culturais. Vol. 6, ano. VI, nº 2, abril/maio/junho, 2009.

PADOIN, Maria Medianeira. *Federalismo gaúcho*: Fronteira, direitos e revolução. São Paulo: Cia Editora nacional, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A narrativa pendular: as fronteiras simbólicas da história e da literatura. In: PESAVENTO, Sandra et al. *Érico Verissimo*: o romance da história. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Farrapos, liberalismo e ideologia. In: DACANAL, José. *A Revolução Farroupilha*: história & interpretação. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985a.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma certa Revolução Farroupilha. In: Grinberg, Keila; Salles, Ricardo (org.). *O Brasil imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. Vol. 2.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma ideologia em farrapos. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 18, n. 3, 1985b.

PICCOLO, Helga; PESAVENTO, Sandra Jatahy. A Guerra dos Farrapos e a construção do Estado Nacional. In: DACANAL; José Hildebrando. *A Revolução Farroupilha*: história & interpretação. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985a.

PICCOLO, Helga; PESAVENTO, Sandra Jatahy. Historiografia gaúcha. In: *Anos 90*, Porto Alegre, n.3, junho, 1995.

PICCOLO, Helga. A política rio-grandense no Império. In: DACANAL, José; GONZAGA, Sergius. *RS*: Economia e política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

PINHEIRO, José Feliciano Fernandes. (1839). *Anais da Província de São Pedro*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

POE, Edgar Allan. *Poemas e ensaios*. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. São Paulo: Globo, 2009.

PONTES, Rodrigo de Souza da Silva. *Memória histórica da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul. Departamento de artes gráficas, 2006.

PORTINHO, José Gomes. *Achegas à Araripe* (Guerra civil no RGS). Porto Alegre: [s/n], 1990.

PORTO ALEGRE, Apolinário. (1935). *Cancioneiro da Revolução de 1835*. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1981.

PORTO ALEGRE, Apolinário. José de Alencar: Estudo biográfico. In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. nº. 10. Porto Alegre, 1873a.

PORTO ALEGRE, Apolinário. José de Alencar: Estudo biográfico. In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. nº. 11. Porto Alegre, 1873b.

PORTO ALEGRE, Apolinário. O valeiro. In: *Paisagens*: contos. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1987.

PORTO ALEGRE, Aquiles. (1874-1875). O tropeiro. In: MOREIRA, Maria Eunice (org). *Narradores do Partenon Literário*. Porto Alegre: IEL: Corag, 2002.

QUINTELLA, Ary. *Amor que faz o mundo girar*: romance. Belo Horizonte, MG: Ed. Lê, 1990.

RAGO, Margareth. A "Nova" historiografia brasileira. In: *Anos 90,* Porto Alegre, n. 11, julho de 1999.

RAMOS, Luiz Fernando. *Anita*, um livro que conta muitos livros. In: *Via atlântica*, n. 3 dez. 1999.

RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história*: Ensaio de poética do saber. São Paulo: EDUC/Pontes, 1994.

RANGEL, Carlos Roberto. O governo Flores da Cunha. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coord. Geral); GERTZ; René (diretor do vol.). *República*: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985). 2007. V. 4.

REICHEL, Heloisa Jochims. Fundamentos econômicos-sociais do federalismo argentino à época da Revolução Farroupilha. In: *R. Inst. Filos. Ci. Hum*. Porto Alegre: V. 13, 1985.

REIS, Daniel Aarão. A vida política. In: REIS, Daniel Aarão (coord.). *História do Brasil nação*: 1808-2010; Olhando para Dentro: 1930-1964. São Paulo: Editora objetiva, 2013.

RETAMOZO, Aldira (et. al.) *O papel das mulheres na Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Tchê!: Casa Masson, 1980.

REVERBEL, Carlos. Traços biográficos de Caldre e Fião. In: CALDRE E FIÃO, José Antonio do Vale. *A divina Pastora*. Porto Alegre: RBS, 1992.

REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. IV trimestre, ano XV. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1935.

RIBEIRO, Celia. *O jornalista Farroupilha Vicente Ferreira Gomes (1805-1837)*: A política, os costumes, a imprensa e a publicidade na raiz da História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Libretos, 2012.

RIBEIRO, José Iran. *O Império e as revoltas*: Estado e nação na trajetória dos militares do exército imperial no contexto da Guerra dos Farrapos. Rio de janeiro: Arquivo Nacional, 2013.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

RICOEUR, Paul. *Hermenêutica e ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2008.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papirus, 1994. Tomo I

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1997. Tomo III.

RIO GRANDE DO SUL. *Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha*. Levantamento de fontes sobre a Revolução Farroupilha. Porto Alegre: Corag, 1985.

RIO GRANDE DO SUL. *Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha*. A terra dos Farrapos: história, lendas e costumes. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1985.

RIO GRANDE DO SUL. *Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha*. O cidadão Domingos José de Almeida a seus compatriotas. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1986.

RIO GRANDE DO SUL. *Gabinete do Governador*. Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Sesquicentenário da Revolução Farroupilha: uma introdução ao estudo da Revolução Farroupilha. Porto Alegre: Corag, 1985.

ROCHE, Jean. *L'administration de la province du Rio Grande do Sul de 1829 à 1847*. Porto Alegre: Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul, 1961.

RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil*: introdução metodológica. São Paulo: IPE, 1949.

RODRIGUES, Mara Cristina. A releitura do passado farroupilha no IHGB (1921-1935): memória republicana e legitimidades intelectuais. In: *Revista Tempo*, vol. 19 n. 35, jul-dez. 2013.

RODRIGUES, Mara Cristina. *Da crítica à história*: Moysés Vellinho e a trama entre a Província e a nação. 1925 a 1964. Porto Alegre: IFCH/UFRGS, 2006.

RODRIGUES. Alfredo Ferreira. *Vultos e fatos da Revolução Farroupilha*. Brasília: Imprensa Nacional, 1990.

ROSA, Othelo Rodrigues. *Vultos da Epopeia Farroupilha*: Escorços Biográficos. Porto Alegre: Globo, 1935.

RUAS, Tabajara. *Netto perde sua alma*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

RUAS, Tabajara. (1985). *Os varões assinalados*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

RÜSEN, Jörn. Tópica - Formas da historiografia. In: *História Viva*: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

SAMPAIO, Fernando G. *Bento Gonçalves*: mito e história (sobre o herói ladrão farroupilha). Porto Alegre: Martins livreiro Ed., 1984.

SANDER, Wilson et. al. A presença do índio e do negro no decênio Farroupilha. In: *Estudos Ibero-americano*: Porto Alegre, v. 9, n. 1/2, 1983.

SANMARTIN, Olyntho. *Bento Manoel Ribeiro*: ensaio histórico. Porto Alegre: Tip. Do centro, 1935.

SANMARTIN, Olyntho. *Imagens da história*. Porto Alegre: Nação, 1951.

SANMARTIN, Olyntho. *O visconde do Rio Grande*. Porto Alegre: Globo, 1940.

SANTOS, Graziela dos. 1985: Sesquicentenário e escravidão negra: Uma revisão historiográfica. In: *Estudos Ibero-americanos*. Porto Alegre, v. 6, n. 1/2, 1990.

SCHEIDT, Eduardo. O processo de construção da memória da Revolução Farroupilha. In: *Revista de história,* n. 147, 2002.

SCHRÖDER, Celso M. O Decênio Farroupilha em São Gabriel. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1938.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Jules Michelet. In: MALERBA, Jurandir (org.). *Lições de história*: o caminho da ciência no longo século XIX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*: a forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2012.

SCLIAR, Moacyr. A estranha nação de Rafael Mendes. Porto Alegre: Círculo do livro, 1983.

SCLIAR, Moacyr. *Uma história farroupilha*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SILVA, Bento Gonçalves da. Manifesto de Bento Gonçalves. In: ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco. *História da República Rio-Grandense*. Porto Alegre: Erus, 1981.

SILVA, Bento Gonçalves da. Manifestos de Bento Gonçalves da Silva: 29/08/1838. In: *Bento Gonçalves da Silva*: atas, propostas e resoluções da Primeira Legislatura da Assembleia Provincial (1835/1836). Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do RS, 2005.

SILVA, Edevandro Sabino da. Gaúcho farroupilha: Visões e revisões. URI/PPG-Letras. Frederico Westphalen, 2009. Dissertação. (Mestrado em Letras)

SILVA, Jaisson Oliveira da. *A epopéia dos titãs do pampa*: historiografia e narrativa épica da grande revolução, de Alfredo Varella. Dissertação (mestrado) UFRGS, IFCH, PPG-História, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Juremir Machado da. *História regional da infâmia*: O destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários). Porto Alegre: L&PM, 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. *As razões da independência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SILVEIRA, Éder. *Tupi or not Tupi*: nação e nacionalidade em José de Alencar e Oswald de Andrade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

SOARES, Sebastião Ferreira. Breves considerações sobre a Revolução de 20 de setembro de 1835. Acontecida na Provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul. In: *Publicações do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro, Oficinas gráficas do Arquivo Nacional, n. 31, 1935.

SOUZA, J. P. Coelho de. *O sentido e o espírito da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Globo, 1945.

SOUZA, Silvia Cristina Martins. Ao correr da pena: Uma leitura dos folhetins de José de Alencar. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo de Miranda. *A história contada*: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SPALDING, Walter. *A Revolução Farroupilha* (história popular do grande decênio seguido das “efemérides” principais de 1835-1845, fartamente documentadas). Porto Alegre, Cia. Editora nacional, 1939.

SPALDING, Walter. A Revolução Farroupilha. In: *O Rio Grande Antigo*. Porto Alegre: *Livraria Sulina Editora*, 1968.

SPALDING, Walter. Correção necessária. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 288, julho-setembro, 1970.

SPALDING, Walter. *Farrapos!* História, em contos, da Revolução Farroupilha. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1930.

SPALDING, Walter. *Farroupilhas e Caramurus*: A brasilidade dos farrapos: História, documentos e bibliografia sobre o movimento reivindicador de 1835/45. Porto Alegre: Impr. Of., 1944.

SPALDING, Walter. *Revolução Farroupilha*. Triunfo: Petroquímica triunfo, 1987.

TAVEIRA JÚNIOR, Bernardo. *Provincianas*. Rio Grande: Liv. Evangélica, 1886.

TEIXEIRA, Mucio. *Poesias de Mucio Teixeira*: precedida do juízo de escriptores nacionaes e estrangeiros, de uma apotheosis poética e de notas. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. v. 2.

Teocomunicação: Revista trimestral de teologia: A Participação da Igreja na Revolução Farroupilha. Porto Alegre: v. 15, n. 68, 1985.

THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: As identidades nacionais. In: *Anos 90*, Porto Alegre, n. 15, 2001/2002.

TOMASI, Greice. *Leituras na fronteira*: um estudo sobre a relação entre literatura e história nas obras de Caldre e Fião. Caxias do Sul: UCS/CCS, 2007. Dissertação. (Mestrado em História).

TRAMONTINI, Marcos Justo. *A organização social dos imigrantes*: a colônia de São Leopoldo na fase pioneira: 1824-1850. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2000.

URBIM, Carlos. *Os farrapos*. Porto Alegre: Zero Hora, 2001.

VANGELISTA, Chiara. Sandra Jatahy Pesavento: imagens, lembranças, indícios. In: *Fênix*: Revista de história e estudos culturais. Vol. 6, ano. VI, nº 2, abril/maio/junho, 2009.

VARELLA, Alfredo. *História da grande revolução*: O ciclo farroupilha no Brasil. Porto Alegre: Globo, 1933. 6v.

VARGAS, Jonas Moreira. Entre a Paróquia e a Corte: Uma análise da elite política do Rio Grande do Sul (1868-1889). Porto Alegre: IFCH/UFRGS, 2007. Dissertação (Mestrado em História).

VOIGT, André. Imaginação e história: um diálogo com Gaston Bachelard. In: *Anos 90*, Porto Alegre. V. 16, n. 30, dez. 2009.

WALSH. W.H. *Introdução à filosofia da história*. Rio de janeiro: Zahar Editores, 1978.

WEINHARDT, Marilena. A Revolução Farroupilha como tema ficcional. In: *Letras*, Santa Maria, jul/dez, 1993.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Ed. USP, 2014.

WHITE, Hayden. A questão da narrativa na teoria histórica contemporânea. In: NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogerio. *Nova história em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

WHITE, Hayden. Meta-História: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo; Ed. da USP, 2008.

WIEDERSPAHN, Henrique. *Bento Gonçalves e as Guerras de Artigas*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul/Instituto estadual do livro, 1979.

WIEDERSPAHN, Henrique. *O convênio de Ponche Verde*. Porto Alegre, EST, 1980.

WIEDERSPAHN, Henrique. *O general farroupilha João Manuel de Lima e Silva. Porto Alegre*: Escola superior de Teologia São Lourenço do Sul de Brindes, Sulina, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1984.

WIERZCHOWSKI, Leticia. A casa das sete mulheres. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ZILBERMAN, Regina (orgs.). Um dia todas essas coisas hão de ser história: texto farroupilhas. Porto Alegre: PUCRS: Erus, 1985b.

ZILBERMAN, Regina. A literatura no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.

ZILBERMAN, Regina. Apresentação. In: Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 18, n. 3, 1985a.

ZILBERMAN, Regina. Roteiro de uma literatura *singular*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

SENADO FEDERAL

GARIBALDI E A GUERRA DOS FARRAPOS

Lindolfo Collor

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

Volume 230

Giuseppe Garibaldi
* Nice, 4.7.1807 – † Caprera, 2.6.1882

Garibaldi e a Guerra dos Farrapos

. . . .

Edições do Senado Federal – Vol. 230

Garibaldi e a Guerra dos Farrapos

Lindolfo Collor

SENADO FEDERAL

Brasília – 2016

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
Vol. 230

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF
CEDIT@senado.gov.br
Http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho

ISBN: 978-85-7018-752-9

. . . .

Collor, Linfolfo, 1890-1942.

Garibaldi e a Guerra dos Farrapos / Lindolfo Collor. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2016.

XVI + 496 p. : il. – (Edições do Senado Federal ; v. 230)

1. Garibaldi, Giuseppe, 1807-1882. 2. Guerra dos Farrapos (1835-1845). I. Título. II. Série.

CDD 923.545

. . . .

RIO GRANDE DO SUL

terra de gente simples e boa,
sofredora e heroica,
à minha terra e à minha gente,
dedico este livro.

A minha filha

LEDA,
minha colaboradora insuperável, deixo expresso aqui
os meus agradecimentos pelos dedicados auxílios que
me prestou na feitura deste livro.

"Vita tempestosa, cornposta di bene e di male, come credo
della maggior parte dells gent?

GARIBALDI – *Memorie Autobiografiche.*

. . . .

Sumário

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

. . . .

Garibaldi, o libertário político

Senador Fernando Collor

UM ANO APÓS *a implantação do Estado Novo, Lindolfo Collor publica sua obra-prima:* Garibaldi e a Guerra dos Farrapos. *Lançada em 1938, caiu em um inexplicável ostracismo até 1958, quando foi reeditada pela primeira vez, após alguns intelectuais, como Moysés Vellinho, editor da Província de São Pedro, revista trimestral da Editora do Globo, do Rio Grande, condenarem o ocaso com a obra.*

A última reedição da obra Garibaldi e a Guerra dos Farrapos *está prestes a completar três décadas, datada de 1989, quando se aproximava o centenário de nascimento de Lindolfo Collor. É hora de preencher esta lacuna para conhecer melhor o passado. Voltamos às suas páginas como forma de valorizar a história não só do revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi, figura essencial na propagação do mito do gaúcho, mas também como*

uma homenagem à memória do meu avô materno, jornalista, que tanto dignificou a vida política e cultural do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Em momentos difusos, é tempo de destacarmos exemplos cívicos e evocações heroicas como forma de projetar o futuro. A obra é ancorada na teoria positivista, que influenciou uma geração de políticos gaúchos. Não há acontecimento sem causa e a história é movimentada pelo herói, no sentido grego, conforme escreve Lindolfo Collor na introdução do livro: "Garibaldi é suficientemente grande como homem para que tenhamos de evocá-lo sempre como semideus."

As memórias de Garibaldi ganharam projeção quando sua vida foi retratada por Alexandre Dumas, o "herói de dois mundos", mas foi nos estertores de uma das mais sangrentas revoluções, quando se aliou aos farroupilhas em 1836, que sua mensagem de liberdade dos povos e valores republicanos foi cunhada.

Marinheiro experiente, forjado no Mediterrâneo, Garibaldi era um homem do mar, que gostava de contemplar o horizonte. Foi com essa fama que desembarcou no Brasil, primeiro no Rio de Janeiro e, depois, no Rio Grande do Sul. Em toda a sua vida de carbonário, contudo, nunca contou com uma frota tão poderosa como a que lhe foi destinada pelos próceres da República Rio-grandense. E foi com ela que singrou as águas da Lagoa dos Patos e do rio da Prata em suas proezas lutando ao lado de Bento Gonçalves.

Além de discorrer de forma literária sobre a atuação de Garibaldi no Rio Grande, o livro de Lindolfo Collor retrata também o período onde "o caçador de sensações, aventureiro de corpo e alma" conhece o amor de uma mulher, quando um vulto feminino à beira da praia desperta sua atenção, era Ana Maria de Jesus Ri-

beiro, hoje conhecida como Anita. O romance entre os dois é um capítulo à parte no livro em meio à tomada de Laguna, em Santa Catarina. Com farta documentação, a obra é indispensável para compreender a trajetória de Garibaldi na América do Sul, antes de retornar à Itália em 1848 trajando vestes gaúchas, com ar de guerrilheiro e, mais tarde, lutar pela unificação da Itália, onde entrou para o panteão definitivo dos heróis.

Garibaldi sempre foi conhecido como herói da Unificação Italiana, e não como comandante da Esquadra da República Rio-grandense. Um século depois, a passagem de Garibaldi na Revolução Farroupilha era praticamente relegada na bibliografia garibaldina. Na verdade, o próprio Garibaldi não tinha o status *de herói farroupilha que viria a adquirir depois, em parte, graças à biografia escrita por Lindolfo Collor, que resgatou com maestria a epopeia do corsário italiano no Sul do Brasil.*

Embora tenha começado sua carreira jornalística no Rio de Janeiro, foi através de Borges de Medeiros que Lindolfo Collor ganha projeção à frente do jornal A Federação, *o órgão do Partido Republicano Rio-grandense, antes de iniciar uma carreira política exitosa ao lado de Getúlio Vargas e João Neves da Fontoura. No Estado Novo, atingindo o ápice como ministro do Trabalho, deixou um legado importante na configuração das leis trabalhistas.*

Como todo intelectual integrante do PRR, Lindolfo Collor não fugiu à regra, dedicando-se a ensaios políticos e obras sobre a Revolução Farroupilha como O sentido histórico do Castilhismo e, claro, Garibaldi e a Guerra dos Farrapos, obra agora resgatada.

Com este livro, Lindolfo Collor faz uma viagem através do tempo, penetrando na intimidade dos acontecimentos da

revolução rio-grandense, maior que todas as outras insurreições brasileiras, e confere exatas proporções de realidade à figura do herói que durante cinco anos combateu em terras gaudérias. Ao folhear este livro, é possível apaixonar-se pelas mais diversas facetas de Garibaldi: do libertário político ao romântico e aventureiro sedento de emoções.

Boa leitura.

. . . .

Nota Prévia

NA BRILHANTE GERAÇÃO *de políticos que construiu o movimento revolucionário de 1930 no Rio Grande do Sul, Lindolfo Collor é figura singular.*

Como jornalista, fez-se admirado e temido por seus editoriais em A Federação, jornal porta-voz do Partido Republicano Rio-grandense, de que era oráculo o Dr. Borges de Medeiros, no decênio de Vinte. Suas colaborações na Imprensa do país e do exterior identificam em Lindolfo Collor uma surpreendente universalidade de espírito, capaz de abordar com erudição e de forma vertical os temas mais heterogêneos.

As crônicas que publicou, ainda em vida, sobre o clima prenunciador da Segunda Grande Guerra foram divulgadas em dois livros: Sinais dos Tempos *e* Europa 1939.

Em 1938, editou pela José Olímpio, na coleção "Documentos Brasileiros", Garibaldi e a Guerra dos Farrapos, tratando da participação do legendário herói no movimento rio-grandense de 1835, a Revolução Farroupilha. Este estudo fora escrito com a

declarada intenção de colocar em paralelo o perfil dos homens que conduziram o histórico episódio com a pequenez das figuras que, na época, levavam o Brasil pelos rumos da ditadura.

Aproximando-se as comemorações do centenário da Proclamação da República, pela qual aqui lutou Garibaldi, e a data do centenário de nascimento de Lindolfo Collor, a 4 de fevereiro de 1890, a reedição das obras desse rio-grandense ilustre torna-se oportuna.

Esse projeto editorial inicia pela biografia de Garibaldi, cujo texto já é um clássico da historiografia brasileira e cujo relançamento se impõe. Serão editados, a seguir, os dispersos na imprensa, permitindo uma visão de conjunto de suas produções quase diárias que traduzem uma excepcional capacidade de observar, interpretar, deduzir, esclarecer e convencer, tal como elas fluíam da pena deste político e humanista do Rio Grande. A publicação integral dessa obra ampla e multiforme, que localiza com precisão fatos ocorridos aquém e além-fronteiras, contemporâneos e históricos, permitirá à critica brasileira avaliar esses escritos até agora fragmentados.

Em convênio com a Fundação Casa de Rui Barbosa, do Rio de Janeiro, serão reeditados Sinais dos Tempos *e* Europa 1939, *coletâneas de crônicas escritas ao final dos anos Trinta.*

Com a instalação do Governo Provisório, consequente à Revolução de 1930, Lindolfo Collor foi indicado ministro do Trabalho – pasta recém-criada e de que foi o primeiro titular. Nessa atividade, deixou a marca de sua atuação: graças a seu empenho e insistência foram elaborados diversos decretos, com as competentes exposições de motivos, que assinalam a implantação de uma legislação trabalhista no país, dando vazão às reivindicações operárias sensíveis na época. Fazendo justiça ao ideador dessa legislação, serão editados, em sequência, os textos pertinentes, antecedidos de estudos explicativos.

Finalmente serão publicadas monografias do Autor sobre temas variados e sua correspondência.

Todos esses volumes integrarão a coleção LetraSul, já iniciada com a obra poética e a prosa de Teodemiro Tostes, perseguindo o objetivo editorial desta Fundação em divulgar o acervo de escritores do Rio Grande que por razões diversas, estão esquecidos.

*

Não parece ser obra do acaso que Lindolfo Collor tenha escolhido Garibaldi como tema de seu estudo histórico. São visíveis as afinidades entre biógrafo e biografado. Ambos viveram norteados pelo estímulo dos grandes ideais políticos. A fidelidade a estes, levou-os a extremos de culminância e adversidade, de aclamação e de exílio, de prisão e de glória. Por essas desafiadoras situações passaram incorruptíveis e mesmo exemplares.

As belas paisagens do Sul do Brasil foram cenário de um período de suas vidas. Frequentemente terão sido envolvidos nas gélidas rajadas do Minuano – velho vento guerreiro do Rio Grande, que se anuncia em assobio nostálgico, como voz imprecisa da Liberdade, cantando errante pelas planuras sem fim. Nesse ambiente ambos aperfeiçoaram seus instrumentos de ação.

Garibaldi conheceu, entre os revolucionários de 1835, outras figuras de marcante desprendimento, de ousadia e bravura. Encontrou ele neste território as melhores condições para adestrar-se nas armas que tanto lhe valeram, depois, em sua pátria, como condottiero *das lutas do Risorgimento.*

Um século mais tarde, Lindolfo Collor buscaria ideais semelhantes, no desejo de aperfeiçoar politicamente o país através do esclarecimento e da persuasão pela palavra. A imprensa foi, então, seu veículo essencial de ideias e de lutas. Sua dialética fundava-se

na clareza do raciocínio, associada a uma formação humanística adquirida, em boa parte, pela via do autodidatismo.

Originário de São Leopoldo (RS), e orientado pela férrea disciplina castilhista, concordante, aliás, com o estilo de suas raízes anglo-saxônicas, as qualificações intelectuais de Lindolfo Collor fizeram-no redator do Manifesto da Aliança Liberal, ideário das facções associadas na revolução que eclodiu naquele ano e de cujas operações militares também participou. A partir de 1932, quando ficou manifesto que o chefe do Governo Provisório adiava a meta maior de reconstitucionalização nacional proposta pelo movimento que o levara ao poder, passou em definitivo a oposição. E na oposição ainda se encontrava, depois de exílios e prisões, em 1942, quando faleceu, no Rio de Janeiro.

Garibaldi pôde conhecer em vida dias de gloria e de unânime reconhecimento.

Lindolfo Collor ainda aguarda, mais de quarenta anos após sua morte, a justiça da História à sua presença decisiva em momentos cruciais da vida nacional, como jornalista, como escritor, como político e estadista. A autoria da legislação social, que lhe cabe, não está devidamente assinalada.

Garibaldi e a Guerra dos Farrapos vai ao encontro dos leitores brasileiros em instantes difíceis da vida nacional. Em épocas de desencanto e de apatia é importante buscar o convívio dos heróis. Garibaldi simboliza o ideal que justifica viver. Do seu exemplo, da sua energia, da sua autoridade, do seu espírito público emerge o sentimento de que a esperança ainda é possível.

Porto Alegre, agosto de 1989
FUNDAÇÃO PAULO DO COUTO E SILVA

. . . .

Prefácio

NÃO SEI SE ALGUÉM *ja sublinhou devidamente esta coincidência: a História, não a logografia que se contentava com a transcrição de relatórios, não as eucômion dos gregos ou laudationes dos romanos, mas a verdadeira história, essa nasceu no exílio, floresceu e prosperou na adversidade dos ambientes estranhos. Dir-se-ia que o esplendor do passado parecesse agressivo à pequenez de determinadas figuras do presente. Observai Heródoto, atentai em Tucídides. meditai no caso de Xenofonte. Em nenhum deles encontrareis a satisfação dos conformados nem a indiferença dos cépticos, muito menos a bajulação dos escravos.*

Quando Halicarnaso tomba nas mãos de Ligdamis, neto de Artemísia, Heródoto se retira para Samos, onde, ao mesmo tempo que redige a História das Guerras Médicas trabalha pela libertação da pátria caída em ignóbil servidão. Depois da deposição do tirano, ouvem os gregos da boca do proscrito que voltou da ilha as evocações da sua passada grandeza. Com as narrativas amplas, tranquilas, majestosas dos dias que já foram, é o banido de Ligdamis quem, antes de

nenhum outro homem, comunica à pátria a consciência da sua imperecível dignidade. Contava o que aprendera, dizia, a fim de que as ações dos homens não fossem apagadas pelo tempo e os grandes feitos, tanto dos gregos como dos bárbaros, resplandecessem em glória para a edificação das gerações futuras. Se Heródoto é o Pai da História, não duvide ninguém de que a História nasceu no exílio.

Em Atenas, entre os que lhe ouvem as leituras, está um jovem de quinze anos, Tucídides, descendente de reis, que chora de emoção ao escutar as maravilhosas reconstruções das grandes épocas pretéritas. Ao vê-lo, prediz-lhe Heródoto excepcional destino como historiador. Pois só quem sabe comover-se com o exemplo dos maiores, será capaz de recompor-lhes a história.

Decide o infante fazer-se digno deles em todas as circunstâncias da sua vida. Mas os governantes de Atenas não lhe perdoam a independência do caráter. Também o discípulo de Heródoto conhece o caminho do exílio E só depois de expulsos por Trasíbulo os Trinta Tiranos conseguem voltar à pátria, levando consigo os oito livros da Guerra do Peloponeso: Quando os compôs, não pensara no presente: perlustrara o passado, a fim de contribuir com a evocação dos seus exemplos para a construção de um futuro melhor. "Se os que quiserem procurar neste livro a verdade do passado e, na medida das possibilidades humanas, uma verossímil conjetura do porvir, o julgarem de alguma utilidade, eu me darei por satisfeito. Este é um monumento perene, não uma peça de concurso nem uma obra de circunstancia." O prefácio de Tucídides vale por uma profissão de fé. O futuro está contido no passado, dirá muitos séculos depois, na síntese de todas as idades, Augusto Comte.

Também Xenofonte o terceiro dos grandes historiadores da Grécia, discípulo de Sócrates, chefe na Retirada dos Dez Mil: a "abelha ática" *pela contração ao trabalho, pelo sabor das nar-*

rativas, pela pureza do estilo, sofre banimento. Foi em Scilonte, na Élida, que escreveu a Anábase, a Ciropédia, as Helênicas. *A paixão da verdade domina-o por completo. Não julga, narra; não toma partido, expõe. On en croft pas lire, on emit voir, afirma dele Jean-Jacques. E porque se esquece do presente, consegue milênios volvidos, que a sua história ainda circule de mão em mão, como verdadeiro breviário dos homens de Estado.*

Ter-se-ia dado por mero acaso essa impressionante localização das origens da História em climas de exílio? Consideremos que toda reconstituição do passado significa em si mesma uma transposição no tempo. Quem se atira de alma inteira à voragem dos dias atuais, quem mergulha neles para vivê-los na voluptuosa plenitude dos satisfeitos não escreve História; não a escrevem tão pouco os displicentes nem os acomodatícios. Uma coisa é relatório ou logografia, enumeração de datas a registro de sucessos; outra, muito diferente, a História. Para escrevê-la dignamente, para estabelecer o nexo de continuidade entre o passado e o futuro, saber é preciso chorar de emoção como Tucídides, ao ouvir, na Ágora, as leituras de Heródoto. Quem se deleita com o atual nunca perderá os passos pelos mundos que já foram.

Neste sentido, os exílios de Heródoto, de Tucídides, de Xenofonte não devem ser considerados simples acidentes de ocasião, mas situações espirituais simbolicamente correspondentes reconstruções que fizeram do passado. Antes de exilados das suas cidades, já às o estavam das suas épocas. Porque escrever História, verdadeira, autêntica História, significa, antes de mais nada, exilar-se no tempo.

Um dia, cansado dos panoramas atuais, eu também resolvi, na modéstia das minhas possibilidades, viajar pelo passado. Como era natural, escolhi para meta da minha excursão aquele trecho de tempo que mais me fascinasse pela grandeza dos cená-

rios, pelo porte moral dos homens, pela ambiente desambição das multidões. Nenhum período se me afigurava mais indicado para tal viagem do que a Revolução de 35. Desde a minha mais remota formação mental, tudo ali me parecia verdadeiramente fora da medida comum das possibilidades humanas. Dez anos de luta contra as armas do Império centralista, pelo ideal da República e da Federação! Uma província talada, sacrificada, arruinada quase, por amor do princípio de autonomia local! Uma plêiade de homens que tudo abandonaram – a tranquilidade do lar, o bem-estar econômico, o normal desdobramento dos suas atividades – em holocausto das suas convicções políticas! E no meio deles algumas figuras de estrangeiros, a maioria dos quais aqui deixou a vida, em testemunho da sua integral identificação com a causa dos nossos maiores. Garibaldi, sobretudo, o amigo de Mazzini, o carbonário condenado à morte pelas autoridades do seu Estado, o romântico de tantas lutas pela liberdade dos povos, que formidável, que empolgante figura para refazer-nos da deprimente mediocridade dos tempos atuais! Decididamente, uma viagem pelo passado é, em certas ocasiões, uma indeclinável necessidade do espírito. Se observada à risca, a segregação no tempo será sempre mais completo do que o exílio no espaço. Porque, em verdade, a nossa ruptura de cantato com o mundo circunjacente é muito menos uma questão de superfície do que de profundidade. Em Paris ou na China, eu posso estar presente às questiúnculas do meu campanário. Sem sair de casa, porém, eu serei, em determinadas circunstâncias, o mais ausente dos homens.

Como escrevo este prefácio depois de concluída a peregrinação, estou em condições de comunicar aos possíveis leitores das minhas notas de viagem algumas impressões preliminares, que talvez não sejam de todo inúteis, com a vantagem de poderem servir

de aviso para que não prossigam na leitura, caso não lhes pareçam merecedoras de atenção.

Um panorama histórico se parece, em muito, com um sistema de montanhas. Vista à distância, que admirável perspectiva, que grandiosidade de linhas, que maravilhosa estruturação de contornos! Mas, quando houvermos de galgar os contrafortes da serraria, bem presto os acidentes do terreno invisíveis ao longe, os socavões e os precipícios, as asperezas das picadas íngremes, as traiçoeiras surpresas da mata viagem nos mostrarão quanto é penosa a realidade das ascensões e quanto ela difere, na brutalidade das suas exigências, da harmonia azul dos riscos que na baixada nos haviam fascinado o olhar.

Será então, perguntareis, sacrifício que se não deva tentar, o da escalada dos alpes do passado, dos quais tanto maldisse o terrível Karl Marx? De modo algum! Porque, se difícil a prova, as miradas que do alto se alcançam sobre a planura compensam centuplicadamente todas as fadigas e todos os desenganos da ascensão. E estou em dizer-vos que só quem sobe aos cumes do passado pode divisar com perfeita clareza todos os acidentes do presente.

Não julgueis, todavia, que a vida nas montanhas seja em si mesma diferente da que se conhece na mesmice dos descampados e das várzeas. A humanidade é, em toda parte, igual. Em todos os tempos as ambições são as mesmas, os mesmos os egoísmos, as vaidades, as incompreensões entre os homens, sempre, invariavelmente as mesmas Se me permitis uma confidência, quero segredar-vos que, ao despedir-me da planície, uma das minhas maiores preocupações seria seguramente a de não ver certo número de indivíduos cujos encontros longe estavam de fazer a delícia dos meus olhos. Sob esse aspecto, devo confessar-vos que a viagem me pareceu inútil. Apenas chegado à região do passado, dei de frente com personagens cuja

presença parecia que os meus passos houvessem ainda ontem evitado nos caminhos da vida real. Também por lá, ao lado de almas nobres, instintos utilitários em derredor das figuras de exceção, o sussurro da perfídia, os botes da calúnia, o cálculo dos aproveitadores do esforço alheio. Tratei de consolar-me com os exemplos imortais. Não há Epaminondas sem Meneclides. E Meneclides para ser perfeito como símbolo, deve ter nascido na mesma cidade que o herói ilustra com as suas virtudes e pela qual sacrifica a vida. Epaminondas habuit obtrectatorem Meneclidem quendam, indiiem Thebis.

Não existem então, indagareis agora, as chamadas grandes épocas da História? Existem, sim. Mas o que lhes comunica o sentido da sua grandeza nunca serão as matas rasteiras da maledicência, nem as lianas da intriga, nem os precipícios da inveja, nem as tocaias da ambição: e sim apenas aqueles cumes, solitários na sua dignidade telúrica, que marcam a altitude de todo o sistema e elevam para sempre as linhas do horizonte. São esses pontos culminantes que condicionam a perspectiva dos tempos. Tanto maior uma época histórica quanto mais altos os seus homens representativos. Dos acidentes vulgares do terreno, dos seixos do caminho, da poeira das estradas, a posteridade não se apercebe. E quando os observamos de perto, como acabo de fazê-lo, é para concluir que eles só existem a fim de tornar mais vivo, pela presença da sua miséria, o contraste dos dominadores da paisagem.

Porto Alegre, 31 de março de 1938.

. . . .

Introdução

ESTE NÃO É UM COMPÊNDIO *de logografia. Nele não se encontram relatórios sistematizados de fatos, cronologicamente dispostos em terrenos marcados de datas. Tais livros são necessários, mas eu não saberia escrevê-los. Ademais, eles já existem, excelentes, documentados, minuciosos, em relação à revolução rio-grandense de 1835. Não é tam pouco uma* laudatio *à maneira de Cornélio Nepos, cada um de cujos heróis se apresentam sempre como um resumo de tudo quanto há de sublime sob as vistas invejosas do Olimpo. Também a literatura puramente laudatória, que requisita tintas à lenda e situa nas nuvens o mundo das suas criações já é bastante volumosa, não só no que se refere ao decênio farroupilha, mas ainda e sobretudo no que diz respeito a Garibaldi. Inútil, pois, aumentar de novos panegíricos a vasta coleção internacional dos eucómion já conhecidos.*

O que pretendi na minha viagem através do tempo foi penetrar o sentido íntimo dos acontecimentos, alcançar-lhes as determinantes vitais, apreender-Ihes os nexos de casualidade, para só

depois oferecer ao leitor uma visão integral e possivelmente clara do panorama já reconstituído em partes. "Para um dia de síntese são necessários longos anos de análise", diz Fustel de Coulanges. Se as pesquisas em que me ocupei não se estenderam por anos, mas apenas por breves meses, fio em que isso não diminuirá a justeza das minhas observações, que só me foram possíveis, decerto, pelo consciencioso aproveitamento do formidável trabalho de análise realizado por várias gerações de historiadores.

Como se explica que alcance teve a presença de Garibaldi na revolução rio-grandense? Assentemos com Henri Berr que o caso não é acontecimento sem causa. Na determinação dos fenômenos pode o acaso, quando muito, ser definido como "o que não foi desejado nem previsto". Quando o jovem marinheiro lígure se dispôs a trocar suas pacíficas ocupações pelas aventuras dos conspiradores de Mazzini, longe estaria de imaginar que, dentro em pouco, o atirariam os acontecimentos sobre praias sul-americanas. Nenhum homem, a meu ver representa simbolicamente melhor do que ele a repercussão das tempestades políticas do Velho Mundo de 1830 sobre a América, notadamente o Brasil. O malogro momentâneo dos planos revolucionários na Itália levou Garibaldi a Túnis, por exemplo. Entrou a serviço do bei. Que finalidade poderia ter para o carbonário a ocupação das armas num Estado maometano, fora completamente das concepções políticas da Europa? Poucos meses dura a sua presença na costa setentrional da África. Não é essa a paisagem humana de que ele necessita para viver e esperar, enquanto não lhe seja possível agir na Itália. Vem-lhe a ideia da América. Naqueles países novos, luta-se pela liberdade política dentro dos ideais do Ocidente, de acordo com as normas de Paris.

E para lá que se dirige o proscrito. Se o seu problema se resumisse apenas em conseguir alguma tarefa militar, por que teria

deixado o serviço do bei de Túnis? Mais próximo da pátria, dentro mesmo das fronteiras do Império Romano onde tudo lhe falaria da grandeza do passado. ele estaria maravilhosamente situado como historiador, por certo, não como homem de ação. Mas Garibaldi não queria escrever História, queria fazê-la. E para isto necessitava de encontrar um lugar no mundo com fisionomia moral, com as aspirações de cujo povo pudesse considerar-se perfeitamente identificado. De outra maneira, não faria história, está visto. Pois, por muito que ele amasse o exótico, à boa maneira dos românticos que choravam de emoção ao lerem as aventuras de René e de Attala, jamais poderíamos imaginá-lo vestido pelos moldes orientais, brandindo a durindana árabe ou preocupado com as delícias dos haréns.

Garibaldi é, assim, na minha narração, o símbolo vivo que assinala a união dos acontecimentos do Brasil com os do Velho Mundo. Malogram os conspiradores na Europa? Ei-los no Rio Grande, ei-los no Rio da Prata: Garibaldi, Eduardo Matru, condenado como ele pela justiça marcial de Gênova, Giovanni-Battista Cuneo, um dos seus iniciadores nos segredos da Jovem Itália, Rossetti, admirável vagabundo cujos ossos estão enterrados no cemitério de Viamão. Castellini, Anzani. Combateram aqui com o mesmo entusiasmo com que lutaram antes, nos penosos dias da carbonaria, e alguns ainda lutariam depois, nas jornadas culminantes do risorgimento. Eles são o troço, o vivo, o palpitante traço de união entre os ideais de liberdade e de romântico humanismo da Europa e dos jovens países da América.

Claro está que essa identificação dos carbonários com a luta no Rio Grande do Sul protesta contra a caracterização de mercenários, que por tanto tempo lhes denegriu as memórias. Aliás, essa questão não chega mesmo a ter para mim nenhum alcance real. Porque a admitir-lhes tal feição, que diríamos de um Brown a serviço

da Confederação Argentina, de um Cockrane, de um Greenfell, de outros que vestiram as fardas do Império e tanto se distinguiram na fase da organização da nossa Independência?

*

Muito se tem discutido o separatismo dos "farrapos". Discussões apaixonadas, complexas, em que cada qual sustenta pontos de vista da sua predileção. Com os documentos que existem, prova-se tudo: que a revolução era e que a revolução não era separatista. Mas os documentos têm um valor relativo, relativo ao instante psicológico em que foram redigidos. Se não se os interpreta à luz dessas circunstâncias, cede lugar o critério objetivo da interpretação dos fatos ao espírito de polêmica, que, em história, nada constrói, mas tudo baralha e confunde. E isso é, não raro, o que se observa com a revolução rio-grandense.

Como fenômeno histórico, as causas e os fins da revolução me parecem transparentes. O golpe de 7 de Abril foi uma revolução em grande parte frustrada, porque não soube dar às províncias aquilo contra o que se sublevara a corte: o reconhecimento das suas prerrogativas, o respeito à nascente dignidade nacional. Daí, os levantes. O Ato Adicional veio tarde a não passou de letra morta. As sublevações brasileiras foram todas, na sua interpretação política, eminentemente federalistas.

Localista, autonomista, federalista foi também a revolução rio-grandense. Ela se gerou como simples protesto imediato e restrito contra a má administração da província, contra os governos retrógrados, lusitanamente centralistas que a corte lhe mandava. O ideal republicano também existia, por certo, mas note não estava posto o acento tônico do movimento, como o encontramos muitos decênios mais tarde, depois do manifesto de 1870. Na revolução de Paris La

Fayette agia como republicano, o que não o impediu de esforçar-se pela subida de Luís Filipe ao trono dos Bourbons. Republicano era Garibaldi. Quem o poria em dúvida? E não foi ele quem disse que só uma pessoa, uma única, lhe parecia indispensável à Itália nos dias da unificação, Vítor Manuel? Não se discuta, porque isso de tão inútil nem teria sentido prático, se a revolução rio-grandense foi ou não republicana. Tratemos antes de compreender o sentido relativo que teriam forçosamente os ideais republicanos da época. Garibaldi, aliás, não deixa dúvida a tal respeito. "Contentes que estejam, republicano deve considerar-se o seu governo", dizia. A monarquia constitucional inglesa parecia-lhe perfeitamente aceitável por parte dos republicanos mais exigentes. Não, não foi o governo republicano o traço distintivo, o alfa e o ômega da revolução rio-grandense, sim o respeito às prerrogativas de autonomia local por parte dos governos do Centro.

A revolução se fez em nome do princípio da self-determination provincial. E para torná-la vitoriosa trataram os autores do drama de fixar logicamente o máximo das suas reivindicações. Qual a mais lata expressão do autonomismo local? A independência. Mas seria a independência do Rio Grande um fim em si mesmo, ou um meio apenas para estabelecer "a confederação das províncias brasileiras"? É preciso não conhecer a história dos acontecimentos para hesitar um momento na resposta: a independência era um meio para atingir o ideal da federação, id est, do pleno e indiscutível reconhecimento das autonomias locais dentro dos limites da grande Pátria. É isso o que nos mostra o estudo das causas do levante, isso o seu desenvolvimento ulterior. Retenhamos estes termos de um manifesto de Bento Gonçalves: "A guerra, compatriotas, teria finalizado e a paz reinaria entre nós, se o governo do Brasil não desprezasse todas as nossas proposições, desde o começo da nossa gloriosa Revolução. Esta só foi operada para desfazermo-nos dos pequenos tiranos que,

apoiados pelo primeiro delegado do Governo, nos escravizavam; o que foi público no manifesto que apresentei, logo depois do majestoso 20 de Setembro de 1835."

Vista por este prisma, a revolução do Rio Grande, maior embora que todas as outras insurreições brasileiras, apresenta em relação a elas completa identidade de motivos e fins. As diferenças se reduzem apenas a uma questão de intensidade e também de extensão. Objetar-se-á que o projeto de Constituição apresentado à Assembleia de Alegrete dispunha, no artigo primeiro, que os cidadãos rio-grandenses formavam uma nação "livre e independente". Assim foi. Mas do momento em que a própria organização constitucional dessa independência vedava especificamente o estabelecimento de laços de união ou federação com qualquer nação não conforme com o seu regime interno, admitia ipso facto liames federais que não contraviessem ao referido sistema. Este é, no caso, o parecer de Felisbelo Freire, um dos nossos constitucionalistas de mais penetrante intuição e mais sólida cultura geral. "Sob esse ponto de vista", escreve, "a Revolução de 1835, com a República de Piratini, e a de 1824, com a Confederação do Equador, não oferecem a menor diferença: ambas representam o esforço dos rio-grandenses e pernambucanos na conquista do governo local em nome da República Federativa."

Eu tenho a tese como irrespondível. Os republicanos rio-grandenses aborreciam todo o poder que não tivesse origem no livre e expresso consentimento popular. Numerosos são os depoimentos a esse propósito. Aliás, anos antes, em Pernambuco, já Pais de Andrade exclamara: – "As constituições são feitas para os povos, não os povos para as. constituições!" E insurgia-se "contra o perverso intuito de fazer jurar à força d'armas" uma Constituição em que o povo não colaborara.

Foi com a sustentação da tese federalista, não com outra qualquer, que os rio-grandenses se dirigiram à gente de Santa Catarina. Dave ter-se em alta conta essas proclamações, através das

quais os republicanos falavam à população de uma província que suas armas estavam conquistando. Que diziam elas? Bento Gonçalves, em manifesto aos lajeanos, não deixa dúvidas a respeito das suas intenções federalistas. E Teixeira Nunes, depois da vitória da Laguna, afirmava que "a República Rio-grandense nada tinha tanto a peito como a Federação dos Estados seus irmãos".

A Ata da Pacificação confirma ainda, inversamente, a mesma tese. Nela se reconhece aos Republicanos (com R maiúsculo) rio-grandenses direito de indicar o nome que houvesse de presidir a província, o que representa da parte de Caxias a compreensão dos verdadeiros motivos do movimento. Ninguém mais do que um carbonário, Rossetti, o amigo inseparável de Garibaldi, se esforçara, antes, pela volta do Rio Grande ao seio do Império, certo como estava de que a monarquia fatalmente haveria de desaparecer na federação. Não sei de ninguém, na época, que houvesse com olhar mais agudo devassado a evolução política do Brasil.

As próprias confabulações, mesmo os pactos políticos dos revolucionários com Rivera primeiro, com as autoridades de Corrientes e Entre-Rios depois, são de todo compreensíveis, desde que observadas através do critério lógico da luta pela existência, que colocaria necessariamente em segundo plano quaisquer outras considerações. O ponto fraco da revolução estava na ausência de um porto de mar. Dominavam os insurgentes a província toda, menos a foz da bacia oriental, o ponto de acesso, a chave do que se pode chamar as águas da civilização rio-grandense. A luz da teoria de Ratzel – "O dominador da foz controla o curso superior das águas" – fatalmente a revolução sucumbiria pela posição que os legalistas ocupavam na barra do Rio Grande.

Para lutar contra as consequências desse estado de coisas, chegava Garibaldi a propósito. A República de Piratini, na ausência de um porto, ia tentar o corso em alto-mar, tomando-se Monte-

vidéu como base de operações. As reviravoltas da política uruguaia fazem naufragar o projeto. Vai Garibaldi, em seguida, tentar o corso nas águas interiores. O resultado é mínimo, pois os seus lenhos carecem de todo poder ofensivo em relação aos navios de Greenfell. Mas o acesso ao oceano representava uma necessidade vital para a República. Organiza-se a expedição contra a Laguna. Ao cabo de alguns meses, o sonho da República Juliana é um montão de ruínas. Que fazer agora?

O instinto da vida não permitiria dúvidas. Organiza-se um ataque decisivo à barra do Rio Grande, cuja posse, diz Garibaldi, teria dado outro rumo aos acontecimentos. Repelida também essa desesperada ofensiva, a última, para a posse do sistema hidrográfico oriental, outro recurso não ficava aos revolucionários senão o de se voltarem para a bacia ocidental, o rio Uruguai. As águas dessa bacia, não esqueçamos, desembocam no rio da Prata. E logicamente, durante meses, a revolução do Rio Grande parece que se vai orientar no sentido político das querelas platinas. Aparece Bento Gonçalves, nessa fase da República, como aliado de Rivera contra Rosas. E fala-se no quadrilátero Uruguai – Rio Grande – Entre-Rios – Corrientes.

Nunca, jamais teve alguém consciência mais acentuadamente brasileira do que Bento Gonçalves. Reconhecem-no os próprios historiadores do Prata. Mas as leis que regulam os fenômenos sociais são imutáveis como a física. Se os revolucionários, perdidas as águas do leste, se apegam às de oeste, não se espante ninguém: eles entrarão em entendimento ou em luta com os dominadores da foz. E como são dois os dominadores, um em Montevidéu, outro em, Buenos Aires, aliam-se a um deles para hostilizar o outro. Haverá nada mais claro, mais translúcido, mais dolorosamente humano nesse período final da revolução?

*

Aí tendes, em poucas palavras, o resultado das minhas observações. Elas não são espantosas, são lógicas; não serão ignominiosas em si mesmas, nem sublimes: são apenas humanas, perfeitamente, rigorosamente humanas. Essa, aliás, a preocupação fundamental deste livro: apresentar figuras humanas na sua exata compleição psicológica, não tipos irreais de semideuses, heróis de lenda, abstratas criações da fantasia.

Em se tratando de Garibaldi, não se apresenta de todo fácil o empenho de fugir ao arbitrário, para tomar em linha de conta apenas a parte humanamente ponderável das suas façanhas. Porque, entre os modernos, talvez não exista outro homem cuja histeria tanto se retoque – e por que não dizer? – tanto se prejudique pelo recurso às cores da legenda. Carducci, no seu admirável poema em prosa, deixa a perder de vista as licenças poéticas de que Homero reveste os heróis da Odisseia. Um homem como Garibaldi não pode ter, a seu juízo, nascimento igual ao dos outros seres humanos. Egli nacque da un antico dio della patria mescolatosi in amore con una fata del settentrione, la dove l'alpe cala sorridente verso il mare... E quando ele morreu, foi para tomar assento entre os numes protetores da terra natal. Liberato e restituito ne suoi diritti il popolo suo, conciliati i popoli d'intorno, fermata la pace, la libertá, la felicitá, un giorno l'eroe scomparve: dicono fosse assunto ai concilii degli Dii della patria".

O homem que inspirou estas metáforas a um dos maiores poetas modernos, viveu no século XIX, aqui andou, poucos decênios faz, pelas águas, pelas campinas, pelas serranias do Rio Grande. Carducci, dir-se-á, italiano, e italiano do risorgimento, vê o seu herói através das exaltações do patriotismo, e nada mais natural nem mais compreensível. Seja. Mas atentai num juízo a frio, a distância, no juízo crítico de Rodó: En el heroe de la Italia nueva,

la legendaria realidad triunfa de la contradicción por su proximidad en el tiemp y por la lucidez de una vida franqueada del uno al otro extremo a las miradas pertinaces.

Uma "legendaria realidade"! Nestas duas palavras se resume a vida de Garibaldi. Elas fazem pensar no aforisma de Le Bon: O irreal é, em certos casos, mais verdadeiro do que o real. Rodó, para explicar a estrutura psíquica do grande aventureiro, sente-se obrigado a mostrar-nos primeiramente o conceito que forma o heroísmo. O herói, segundo ele, não se identifica com o homem superior pela sua vontade e pelo seu braço, mas em razão de uma qualidade distinta. Ele é o "iluminado da ação". A ação heroica é a que toma impulso naqueles abismos insondáveis da alma, de onde provieram o demônio de Sócrates, a convulsão da sibila, a visão do extático: onde se engendra o que obra de um modo superior a razão: a palavra que avassala, o gesto que eletriza, o golpe que abate ou exalta. Bolivar é herói. San Martín não é herói; é apenas grande homem, grande soldado, grande capitão, ilustre, formosíssima figura. Falta-lhe, porém, a auréola deslumbradora, o relâmpago, a vibração magnética, o misterioso sopro que, tomado no sentido sobrenatural ou no puramente humano, é de qualquer maneira alguma coisa que vem do desconhecido. Garibaldi: tipo de herói, a personificação mais completa e fiel do quid *heroico.*

Assim falava Rodó sobre Garibaldi, vinte anos depois da sua morte. Não há, na projeção histórica de um homem, período mais ingrato do que o das primeiras décadas decorridas do seu desaparecimento objetivo. Nesse período, em geral, o juízo dos pósteros não deu ainda aos que se destinam a imortalidade o fulgor que só as grandes perspectivas permitem. O caso de Garibaldi, porém, é excepcional. O prestígio da lenda, a aura do sobrenatural pode dizer-se que já o acompanhavam em vida. A morte apenas os confirmou.

Estou em admitir, porém, que esse excesso na sublimação prejudica, pelo menos no que se refere à sua atividade no Rio Grande, a verdadeira figura histórica do lutador. Garibaldi é suficientemente grande como homem para que tenhamos de evocá-lo sempre como semideus. Sua presença entre nós foi um dos mais intensos, dos mais vivos romances que a vida real permitiu a um homem dos tempos modernos viver em recanto algum do mundo. O romântico de 1830. o libertário político, o aventureiro sedento de emoções encontrou aqui o seu clima ideal. Quem o diz, nas Memórias, é ele próprio. Não cabem no caso conjeturas nem valem hipóteses.

*

Como se compreende que esse trecho da sua vida esteja tão pouco estudado? Enorme é a bibliografia garibaldina, na parte referente às campanhas da Itália. E mesmo sua atuação no Prata vem sendo, de há muito, perquirida com crescente interesse. A Biografia di Giuseppe Garibaldi, compilada por G. B. Cuneo, é um repositório de inestimável valor, em tudo quanto diz respeito às suas andanças do Uruguai. Ninguém com autoridade maior do que Cuneo para compô-la. Imaginemos que precioso livro nos teria deixado, a respeito de Garibaldi no Rio Grande, Luigi Rossetti. Mas, ainda nisso, fomos infelizes. Porque a única pessoa em condições de escrever esse livro, pagou com a vida sua obstinação de servir à causa dos revolucionários rio-grandenses. Temos ainda, com atinência ao Rio da Prata: Montevidéu, ou une nouvelle Troíe, por Alexandre Dumas; Le siège de Montevidéu, de Wright; Réponse aux détracteurs de Montevidéo, por Pacheco y Obes; Documenti in torno a Garibaldi e la legione italiana a Montevidéo, pelo coronel E. de Langier; e outros muitos, de menor interesse histórico.

A revolução rio-grandense, porém, praticamente não existe na grande bibliografia garibaldina. O que se encontra nela é

uma deformação, quase sempre grotesca, dos homens e das coisas desta parte do Brasil.

Dá-se algumas vezes, até, que os biógrafos de Garibaldi entendam de injuriar o Brasil por conta do herói. É o caso de Camille Leynadier (Memórias de Garibaldi, tomo 1): "Chegando ao Rio de Janeiro, encantado por essa natureza luxuriosa do solo americano, onde tudo é gigantesco, rios, lagos, montanhas, vales, florestas, tudo, exceto os homens, Garibaldi ficou alguns dias em contemplação, sob o encanto dessas maravilhas da criação de que não vira coisa igual na Europa, nem na Ásia, nem na África." Observa-se, do primeiro golpe, que Leynadier fez aí apenas um tosco decalque das Memórias de Garibaldi, por Alexandre Dumas. E não se lhe oferecendo outra maneira de fugir à repetição de conceitos já expedidos sobre a natureza do Brasil, o escritor não se embaraça: injuria um povo que não conhece, e que lhe paga na mesma moeda com o não tomar maior conhecimento da sua literatura.

Este é um exemplo. Não vale a pena citar outros decorrentes já não de má-fé, sim de simples ignorância.

Mas não é justo nem mesmo compreensível que isto aconteça, quando se considera que foi no Brasil. no Rio Grande do Sul, que ele formou o seu caráter; e que foi ainda no Brasil, em Santa Catarina, que viveu o seu grande romance de amor e conheceu a companheira cuja grandeza moral haveria de causar a admiração da Itália e do mundo europeu. Os Leynardiers não vêm a propósito, quando se acompanha pari-passu a simpatia e a admiração de Garibaldi pela nossa gente. Foi aqui, e quem o refere é ele próprio, que entrou em contato com os homens mais bravos, mais nobres, mais cavalheirescos que encontrou em toda a sua vida, e aprendeu a "desprezar os perigos e a combater dignamente pela causa sagrada das gentes".

Não se há de perder de vista, por outro lado, que as próprias Memórias devem ser manuseadas com muito cuidado, pois foram es-

critas já na velhice. E Garibaldi, segundo tudo induz a crer, não dispunha de apontamentos, muito menos consultaria obras alheias para localizar exatamente suas reminiscências. Chega a ser admirável que, em tais circunstâncias, apresentem as Memórias tantos e tão notáveis elementos de informação relativamente á República Rio-grandense.

*

Mas nos não temos razão de espantar-nos com a não ciência dos estrangeiros a respeito do que é nosso, quando até há pouco escritores brasileiros viviam ainda em perfeita ignorância a respeito de Ana de Jesus Ribeiro, que foi depois na vida e é na glória Anita Garibaldi. O herói sempre guardou compreensível sigilo sobre o estado civil da giovine *que os seus óculos de alcance descobriram numa praia da Laguna. e que se tornaria depois* la compagna della mia vita, *– escreve nas Memórias –* la donna it di cui coraggio io mi sono desiderata tante volte. *Há na sua obra, a respeito de Anita, frases ambíguas apenas:* Se vi fu colpa, io l'ebbi intieral E... vi fu colpa. Si! Si rannoderavano due cuori con amore immenso, e s'infrangeva l'esistenza d'un innocente! *Palavras vagas, mas já bastante significativas para deixar estabelecido que o romance da Laguna fizera a irremediável desgraça de alguém. Durante muitos anos se discutiu quem pudesse ser o innocente. O próprio Alexandre Dumas conta, numa nota do seu livro, que interpelara Garibaldi a respeito da obscuridade do seu ditado.*

– Lê isso. Encontro aí uma grande lacuna.

Leu Garibaldi, e depois de pequeno silêncio, respondeu:

– E necessário que isso fique como está.

Dois dias depois, Dumas – e ainda ele que mo afirma – recebeu um manuscrito intitulado Anita Garibaldi. Mas nunca veio a público o que nele se continha.

Eu me lembro de haver lido, nos meus tempos de menino, uma histeria de brilhante autor brasileiro, catarinense ademais, na qual se apresentava Anita como solteira e Garibaldi obstinado em vencer a resistência paterna contra o seu casamento com a donzela. Só recentemente foi a história dessa mulher excepcional reconstituída nos seus aspectos essenciais. Deve-se o meritório serviço ao almirante Henrique Boiteux, cujos dois livros Anita Garibaldi *e* A República Catarinense, *preciosos repositórios de dados históricos, acompanhei com o necessário cuidado na elaboração deste trabalho. É de justice pôr em destaque o trabalho de Henrique Boiteux, porque sobre ele – diz com razão o citado autor – têm sido calcados todos os demais posteriormente aparecidos entre nós.*

*

Se pobres as letras garibaldinas com referenda ao Rio Grande, mais bem aquinhoadas não se apresentam as rio-grandenses com respeito a Garibaldi. Repete-se, em geral, muito perfunctoriamente, o que as Memórias consignam, sem tomar em conta suas lacunas, mais do que evidentes. Certas passagens delas, porém, são lapidares. Nenhum historiador consciencioso tratará da tomada e da retomada da Laguna, da frustrada batalha do Taquari, do assalto a S. José do Norte sem basear-se, em algumas partes, nos depoimentos de Garibaldi. Suas páginas sobre o encontro do Taquari não podem ser lidas sem uma emoção igual a que sentiu o próprio herói naquele dia, em que presenciou "o mais belo, o mais magnífico espetáculo" de toda a sua vida.

Alfredo Varela me parece, entre os nossos historiógrafos, aquele que mais conscienciosamente se ocupou de Garibaldi na revolução rio-grandense. Ele me serve de guia em mais de um capítulo deste livro. Mas na obra monumental de Varela, como é natural,

a figura do estrangeiro aparece fragmentada através do curso dos acontecimentos historiados. Há, depois, os que exageram até ao inverossímil, em delirantes laudationes, a significação de Zambeccari, de Rossetti, de Garibaldi no grande drama: e há os que lhes negam quase tudo.

Mas a polêmica, no caso, não tem razão de ser. Estamos em presença de fatos. Não os exageremos: a desfiguração do exagero é contraproducente. Mas não os neguemos também: a negação da evidência é ridícula. O que, em verdade, mal se compreende é que, ligada ao Rio Grande uma figura como a de Garibaldi, até hoje não tenha sido escrita a história dessa fase da sua existência, precisamente a mais bela, a mais romântica a mais humana, aquela que serviu de preparação a sua trajetória política no Velho Mundo e ao fulgor imortal da sua glória.

*

Eis o que eu pretendo, modestamente, com este livro: dar exatas proporções de realidade à figura do herói, situá-lo com a possível exatidão no meio rio-grandense, interpretar-lhe a ação durante os cinco anos em que combateu, sem descanso, ao lado dos nossos. Neste trabalho de reconstrução valho-me a cada passo das Memórias. Cito autenticamente, na própria língua Italiana, as passagens ilustrativas do seu texto por forma a que o leitor, mesmo se ignorante daquele idioma, compreenda pela situação de em torno o pensamento e a ação do personagem central.

Escrever este trecho da biografia de Garibaldi foi um dos meus intensos prazeres espirituais. Lembro-me, a propósito, desta confissão de Axel Munthe: Ce fut même un plaisir pour moi d'écrire ce livre, je ne m'étonne plus que tant de gens se mettent à écrire de nos jours. Escrevi este livro para, fugindo ao mundo dos meus dias,

encontrar, nos que já foram, a verdadeira fisionomia moral do Rio Grande. E agora que a tarefa toca ao fim, só tenho a lamentar que ela me ocupasse apenas pelo espaço de três a quatro meses, e que eu haja, dentro em pouco, de baixar da montanha sagrada para a planície cotidiana da vida.

Primeira Parte

. . . .

Capítulo 1

AS ORIGENS

PELAS ALTURAS DE 1780, o tronco principal dos Garibaldis, velha e honesta família de capitães do mar e armadores que até então vivera em Chiavari, resolveu fixar-se em Nizza Marítima. Chamava-se Angelo o chefe do pequeno *clan* que saía do vilarejo natal em busca de um ambiente melhor. Homem de hábitos simples, robusto de físico, de alma saudável. Um perfeito, um autêntico homem do mar.

Em Nizza, decorria a vida dos Garibaldis num ritmo sensivelmente igual ao de Chiavari. Os trabalhos do mar traziam Angelo afastado de casa por semanas consecutivas. Navegava ao longo do litoral da Ligúria, e uma que outra vez se aventurava em viagens mais distantes. Ia envelhecendo assim no oficio de marinheiro, duro, penoso ofício que não dava para enriquecer.

Um dos filhos, Domenico de nome, apenas chegado à adolescência, foi colocado a bordo de uma tartana para iniciar-se também nos misteres marítimos. Era preciso que não se interrompesse a tradição da família e a profissão não se aprendia nas escolas mas a bordo. Por certo, quem tivesse a preocupação de atirar-se a largas viagens, atravessar o Mare

Nostrum, o Atlântico, atingir costas da América, países da Índia, precisava de variados conhecimentos. Não se obtinha com facilidade uma carta de capitão de longo curso. Mas esse não era o caso dos Garibaldis, modestos navegadores costeiros, satisfeitos de se arrastarem pelos pequenos portos do Tirreno.

Saído da escola nas primeiras letras, não teve mais o jovem Domenico estudos de nenhuma espécie. Fez-se homem no mar. Laborioso, inteiramente votado às ocupações, marinheiro mais diligente não se conhecia na matrícula de Nizza. Faria carreira o filho de Angelo, não havia duvidar. Quando já ganhava o suficiente para viver por si, casou-se com uma rapariga em quem se fixara desde a meninice quase, Rosa Raimondi, de respeitável família da Savoia.

"Padron Domenico", como o chamavam no porto, não se dava descansos. Morto o pai, tratou de aumentar o pequeno patrimônio que herdada – algumas galeotas e chalupas – e de honrar a tradição dos seus maiores. Lamentava, isto sim, não possuir melhores conhecimentos de náutica, que lhe permitissem desdobrar suas atividades. Os portos de Ligúria, esses ele os conhecia de olhos fechados. A bordo da *Santa Reparata*, a velha e infatigável tartana, estava seguro como em sua própria casa, onde a companheira dividia escrupulosamente o tempo entre as obrigações da família e dos deveres da piedade cristã.

"Signora Rosa" não era menos popular em Nizza do que "padron Domenico". Todos lhe queriam bem pelo seu espírito caritativo, pela sua capacidade, na verdade excepcional, se simpatizar com as afeições alheias. Onde quer que houvesse um luto, uma tristeza, uma preocupação mais viva, lá estava ela pronta a consolar, a ajudar, a descobrir algum remédio à situação. E não se descuidava dos que afazeres domésticos. Dava gosto ver como trazia irrepreensivelmente arranjada a pequena casa do Quai Lunel onde lhe foram nascendo os filhos, três varões, Angelo, Giuseppe Maria, Felice, e uma menina, que morreu queimada num acidente.

O primogênito, que em sinal dessa responsabilidade trazia o nome do avô, fez-se marinheiro de muita perícia e granjeou reputação entre os armadores da Ligúria. Era o tipo do homem normal, mediano de inteligência, exato no cumprimento dos deveres. Ambicioso à sua maneira soube fazer valer a regular instrução que Domenico se afanara em propor-

cionar aos filhos. Não lhes coubesse sorte igual à sua, obrigado a aprender o pouco que sabia a bordo dos navios! Angelo, cansado da vida no mar, obteve, mais tarde, colocação de cônsul da Sardenha nos Estados Unidos. Felice deixou em Nizza rumorosa reputação de galanteria, simpático, insinuante, temível caçador de corações femininos. Dedicou-se ao comércio. Não tinha vocação, dizia, para andanças de marinheiro. Foi durante muitos anos agente de uma casa comercial em Bari. Fora das suas fraquezas donjuanescas, excelente homem, caráter de lei.

*

O segundo dos filhos, Giuseppe Maria, nasceu a 4 de julho de 1807, naquela mesma casa que dos fundos do porto Olímpio, na pitoresca irregularidade do velho cais, olhava para o mar. Era loiro e forte, ágil e risonho como um *Amor* de Ticiano. As aflições que dava à "signora Rosa" aquele menino, transbordante de vida, irrequieto, incrivelmente audacioso nas façanhas que engendrava! Só com grande custo conseguia tê-lo em casa por algumas horas. Vivia na praia, juntando conchas, brincando de soldado, inventando diabruras. Domenico pouca atenção podia dar aos filhos, preocupado sempre com as ásperas exigências da profissão. E "signora Rosa" confessava, desolada, que lhe faltavam energias para impor-se ao caráter rebelde do segundo dos seus filhos, o mais belo de todos, o mais saudável, aquele que mais lhe morava no coração e a quem maiores cuidados dispensava. Agastavam-na os encantos que *bambino* revelava pelas histórias de longes terras, de aventuras e piratas, que vagabundos do cais lhe contavam. Aquilo era uma perdição. Requereu para a educação do meninos os auxílios do marido. Que poderia fazer Domenico? Não estava disposto a impor aos filhos que trabalhassem desde pequenos, tal como lhe sucedera a ele. Queria que frequentassem a escola com regularidade e tratassem de aprender enquanto fosse tempo. E que depois escolhessem o rumo que melhor lhes aprouvesse. Se para a instrução de Pepin fosse necessário contratar professores. não se arrecearia de enfrentar o sacrifício. E na casinha do Quai Lunel entraram dois mestres, o padre Giacone e um militar reformado o *signore* Arena. Se *padron* Garibaldi não mandou instruir os filhos em disciplinas indispensáveis a pessoas de medianas aspirações, se não lhes fez ilustrar o espírito no convívio dos clássicos, por descaso não foi

nem por incompreensão dos seus deveres, mas pelas naturais dificuldades do meio. Naqueles tempos pressagiadores de grandes acontecimentos políticos, mais preocupados se mostravam os professores em incutir axiomas de civismo no ânimo da juventude e de formar cidadãos capazes de prestar serviços ao seu devastado país, do que em cultivar-lhes a inteligência com regras e postulados que não encontrassem aplicação imediata em mistérios considerados úteis às classes populares.

Fotografia da casa natal de Garibaldi (assinalada) em Nice, depois incorporada ao território francês. Reproduzida de Garibaldi L'Album Fotográfico *de W. Settimelli, Florença, 1982. p. 14 (detalhe).*

Tinha consciência o rude Domenico de estar cumprindo escrupulosamente os deveres de pai. Opôs-se com decidida energia a que o filho corresse, fora de tempo, os mesmos riscos a que ele próprio estivera exposto desde os dias da primeira infância: não lhe concedeu antes dos quinze anos a ambicionada permissão de iniciar-se como aprendiz de marinheiro. Esta será, mais tarde. a única restrição que Garibaldi encontrará de formular com referência aos poucos métodos de vida que o pai lhe impusera. Quando menino, irritava-o simplesmente a monotonia das lições dos professores caseiros. Nas horas reflexivas das *Memórias*, sustentará que péssimo sistema lhe parecia obrigar-se a estudar em terra os jovens destinados à vida do mar; pois o que lhes convinha era que fizessem seus estudos a bordo, do mesmo passo que se iniciassem nas práticas da navegação.

De Rosa Raimondi, afirmará com ênfase que poderia ter servido de modelo a todas as mães. "Não deverei ao seu amor", pergunta, "ao angélico do seu caráter, o pouco do bem que se reflete no meu?" A lembrança do pai a por ele evocada sempre com gratidão: mas *"della buona genitrice"* fala em todas as situações com entusiasmo, com arrebatamentos de vivíssima emoção. "*Mia madre, lo dichiaro con orgolio, mia madre era il modello delle madri, e credo con questo avere detto tutto.*" Confessará a aflição que o dominava por não haver podido fazer mais felizes os seus últimos dias, pois sabe quanto lhe amargurou a existência com a aventurosa carreira a que as rebeldias do temperamento impeliram. Se bem não fosse supersticioso, escrevera nas *Memórias* que à imagem materna, genuflexa diante do Altíssimo, implorando pela vida do filho perdido em aventuras, deveu ele o haver saído ileso de tantas lutes com o mar, e do fogo em tão numerosos campos de batalha. *"Io credevo all'efficacia della preghiera!"*

Posto que os mestres-escolas do tempo não ensinassem demasiado, ainda assim o turbulento filho de Domenico, mais amigo dos divertimentos que do estudo, não se mostrava disposto a aprender tudo quanto lhe poderiam ter propiciado. Lamentará, depois, não haver aproveitado convenientemente os ensinamentos de inglês que o padre Giacone se esforçava por transmitir-lhe. Com mestre Arena aprendeu caligrafia, italiano, matemática, história romana.

Sua infância e os primeiros anos de juventude revelam um caráter rebelde e ao mesmo tempo extremamente bondoso, uma natureza

inclinada a todas as aventuras e capaz de gestos da maior abnegação. Que a sua vida se destinasse ao mar era questão no seu espírito juvenil posta fora de dúvida pelo próprio ambiente em que vivia. Horas a fio acompanhava, perdido em cismas, as velas que entravam e saíam do porto. Um dia ele também, liberto já das canseiras da escola, haveria de largar do velho cais, e, dobrado o cabo extremo da baía, fazer-se ao mar em busca de terras desconhecidas, onde houvesse prisioneiros para libertar e injustiças a corrigir. A atração do perigo e o horror dos deveres regrados fizeram com que o fosse, aos poucos, possuindo a ideia da evasão imediata: desertar a casa paterna, fugir para Gênova, para longe da monotonia cotidiana, do prosaísmo das regras fixas...

Dando largas ao seu anseio de evasão, antes mesmo de entrado na adolescência, Garibaldi se revela um romântico precoce, que sente a imperiosa necessidade de buscar distâncias, de fugir aos meios físicos que o constrangem, para encontrar novos ambientes morais. Amadurecido o louco projeto, comunica-o a alguns companheiros de escola, meninos da sua idade, que não têm argumentos com que opor-se às fascinantes sugestões da sua vontade dominadora. O plano é delineado com decisão e presteza. Para executá-lo, levam os pequenos fugitivos a bordo de um velho barco abandonado alguns víveres e utensílios de pesca, e fazem-se de vela rumo ao Levante. Já iam pelas alturas de Mônaco, quando os alcançou e os reconduziu a Nizza o navio enviado pelo aflitíssimo Domenico, avisado da aventura por um clérigo.

Rebelde às obrigações que lhe eram impostas, animava-o, por outro lado, desde a meninice, a convicção da sua utilidade em benefício alheio. Um dia, andando a caçar com um primo pelas ribanceiras do Varo, viu que uma lavadeira caía ao rio. Precipitou-se às águas e arrastou para a margem a mulher em perigo de vida.

*

Afinal, completados os quinze anos, consegue a permissão de embarcar. Foi a bordo da *Costanza*, comandada por Andréa Pesante, de San Remo, – a seu juízo o melhor capitão de mar conhecido em toda a Itália – que sulcou pela primeira vez as águas do Mediterrâneo e as do mar Negro. Levou-o a viagem de iniciação a Odessa. Os seus olhos estavam cheios de

deslumbramento. "*Come eri bella*, *o* Costanza!" A indomável rebeldia que tanto o fustigava em terra desaparece com por encanto. Giuseppe é o mais atento e diligente marinheiro da equipagem. Tudo o interessa, nada lhe fatiga o espírito. Sabe que o seu destino começa a cumprir-se. Cansado da faina, não procura ainda a solidão do catre. Como que recolhido em si mesmo, senta-se, tímido, a proa do navio, para embriagar os sentidos mal despertos com as melodias populares, as amorosas e plangentes melodias que os marinheiros da Ligúria cantam nas claras noites do Mediterrâneo.

Regressando de Odessa, embarca com o pai na velha tartana de sua propriedade, a *Santa Reparata*. A viagem foi a Roma. Acabrunha-o, na Cidade Eterna, a sorte da Itália, humilhada, dividida, escravizada. Compreende melhor do que nunca que será aquela cidade o eixo da regeneração italiana, e que sem ela não passará a Itália Unida de utopia vã. O seu misticismo patriótico se exalta. E dentro das desilusões do presente, sonha o seu jovem entendimento com a Roma do futuro, *"Roma, il simbolo dell' unione d'Itália communque sia"*.

Depois de algumas outras viagens feitas sob as vistas do pai, foi a Cagliari a bordo do brigue *Enéa*, do comando de Giuseppe Gervino. Quando voltavam a Gênova, presenciou o naufrágio de um barco catalão, ao entrar em Vado, para onde os atirava a tempestade desfeita. A cena lhe ficou gravada com perene "memento" da fragilidade do homem em contato com a fúria dos elementos.

Mais algumas travessias entre Nizza e as costas levantinas em navios dos armadores Gion, e sulca depois as águas do Atlântico. No *Coromandel*, navio de Giacomo Galleno, detém-se alguns dias em Gibraltar e segue para as Canárias. Recomeça em seguida as viagens ao Levante, até que, enfermo em Constantinopla, desembarca do *Cortese*, comando de Carlo Semeria. A guerra entre a Rússia e a Sublime Porta obriga-o a espaçar por meses a sua estada na cidade dos Dardanelos. Desprovido de recursos, longe da terra natal, a sua irradiante simpatia e a ductilidade de espírito o salvam das dificuldades. Apresentam-no a uma viúva italiana, que necessita de um professor de primeiras letras para os filhos. E aproveita os lazeres para estudar alguns rudimentos de grego e de latim.

Em Constantinopla toma, meses depois, o comando da *Nostra Signora delle Grazie*. Pela primeira vez, comandava. Viaja a Gibraltar. Re-

torna ao Bósforo. Os meses de Constantinopla lhe haviam aumentado o interesse pela política. Trata agora de informar-se do andamento das coisas na Itália. Devora avidamente livros e escritos que tratem dos problemas italianos, da expulsão dos austríacos, da unificação da pátria.

Fez outras travessias. Numa viagem ao mar Negro, travou conhecimento com alguns saint-simonistas franceses que emigravam para o Oriente, entre eles Barrault. Gente estranha, aquela! Com que ardor, com que convicção falavam da decadência das instituições políticas vigentes na Europa, e da próxima vitória dos ideais de igualdade social e de fraternidade entre os povos! Foi nessa viagem ao Oriente que um mundo, até então insuspeitado, se abriu à sua compreensão.

*

Em todo o decurso de século XIX, nenhum dos grandes acontecimentos políticos que se desenrolaram na França repercutiu tão profunda e duradouramente sobre a Europa como a revolução de 1830. Ela significou, na esfera política, a confirmação dos princípios de liberdade desfraldados pela Grande Revolução e combatidos sistematicamente pela Santa Aliança, após a queda de Bonaparte. A dissolução das Câmaras, seguida logo depois pelas Ordenações Reais, que assinalavam o retrocesso franco ao absolutismo, golpe de surpresa com que Paris não esperava, dera ao mundo uma falsa impressão: a de que o povo francês houvera recebido com indiferença o atentado contra os seus direitos políticos. A capital, ruidosa e brilhante, parecia mostrar que apenas se apercebera do rude ultraje. A liberdade estava perdida – diziam os impressores que fechavam as oficinas em consequência da censura – "porque o governo decretara a tirania com todas as suas consequências". Só Thiers e alguns poucos amigos têm a coragem, nos primeiros dias, de protestar contra a violação das liberdades públicas. Mas passada a fase da sideração, o povo recobra ânimo e dispõe-se a medir suas forças com as do rei armado de todos os poderes, e que fizera a França retrogradar, à força de decretos, para antes de 1789.

Em casa do banqueiro Laffitte, organiza-se a reação em torno do Duque de Orleans, filho de Filipe Egalité, jacobino antes dos vinte anos, professor em colégios da Alemanha, e que conhecera todas as vicissitudes e privações do exílio, errando pelas cidades da Suíça com o falso nome burguês

de Chabaud-Latour. Esse passado romântico de príncipe revolucionário cercava-o de enorme prestígio na admiração das massas populares. Ainda assim, a corrente avançada procura implantar a República, com La Fayette na presidência. Mas não há tempo a perder com prévias discussões de programas. Desencadeia-se o movimento, sem outro propósito imediato que não o de abater o absolutismo de Carlos X. Já iniciada a ação, faz-se necessário resolver quase instantaneamente sabre o rumo dos acontecimentos. O honesto, o democrático La Fayette, mais uma vez confirma a sua desambição. Sem dificuldade, impõe-se a solução intermédia: proclamar Luís Filipe sucessor de Carlos X. Entregando-lhe o programa da revolução vitoriosa, declara La Fayette ao novo rei da França: "Sabeis que sou republicano e que considero a Constituição dos Estados Unidos o que de mais perfeito existe para o governo dos povos. Mas ela não nos convém na atualidade. A França precisa de um trono popular, rodeado de instituições republicanas." E Luís Filipe assume com o povo o compromisso de não se afastar das normas constitucionais. "La charte será désormais une vérité."

Teve para a França a revolução de Julho o exato alcance de protesto da dignidade nacional, ofendida pelo golpe de Estado que um rei ambicioso desferira em seu próprio proveito, contra os direitos políticos dos cidadãos. O mundo europeu, admirando a súbita capacidade de reação dos franceses, encarou os acontecimentos de Paris através da dupla conquista que eles haviam permitido ao país: a afirmação da liberdade de consciência e a delegação condicional do poder. Para a compreensão da Europa, ansiosa de reformas políticas, a revolução de 1830 adquiria assim e desde logo uma significação bem mais ampla e profunda do que aquela que lhe atribuiria pouco depois o envelhecido Talleyrand, mais uma vez voltado ao poder e nomeado embaixador em Londres, onde se esforçava por apresentá-la como simples episódio dinástico: a substituição do irmão de Luís XVIII pelo duque de Orleans. A própria moderação na conduta de Luís Filipe nada poderia contra a convicção dos políticos liberais do Continente, que consideravam estabelecida pelo movimento vitorioso a definitiva conciliação das normas revolucionarias da *Enciclopédia* com os interesses conservadores da sociedade.

A Grande Revolução de 1789 não tivera apenas caráter político, mas também social. A vitória dos seus princípios especificamente políticos complicara-se, por isso, com a imposição dos seus postulados sociais:

e daí as resistências que as camadas conservadoras da sociedade europeia lhe opuseram. A revolução de 1830, ao contrário, procurava a linha média das transigências oportunas, alijava de si a pesada carga da renovação social, esforçando-se por implantar simplesmente a liberdade política, sem ferir os interesses conservadores. Assim se explicava a sua repercussão fulminante sobre o mundo europeu.

A luta começada com a queda de Napoleão entre os tronos restaurados de uma parte e os povos de outra, aqueles procurando renovar o princípio das monarquias pelo direito divino, estes acompanhando as ideias da Revolução Francesa: pretendendo aqueles arvorar-se em tutores permanentes dos princípios conservadores, estes visando subverter a ordem social existente, encontrava, por fim, na revolução burguesa de Paris, um campo neutro, um terreno de compensações. O princípio da não intervenção, fixado talvez com hábil escapatória de momento pelo governo de Luís Filipe para o fim de não se aliar aos povos decididos a imitar o exemplo francês, produziu ainda a salutar consequência de dar à ideia revolucionária um caráter nacional, que até então lhe faltara. Em todos os países do Continente, os liberais, depois de julho de 1830, só tinham ouvidos para os debates do Parlamento francês. Como deveria entender-se o princípio de não intervenção? Até onde poderiam os reformadores da Europa contar com o auxilio da França? Quando compreenderam ou pensaram ter compreendido que o governo de Paris se limitaria a favorecer discretamente as sublevações onde elas, a juízo dos povos soberanos, se tornassem imprescindíveis, mas não interviria ostensivamente nos conflitos nem permitiria que sem o seu protesto o fizessem as potências da Santa Aliança, os ideólogos a os homens de ação "entraram a golpear com a espada essa carta da Europa, que a espada tinha traçado em 1814".

Em resultado das guerras subsequentes à Revolução Francesa, haviam as chancelarias e os congressos diplomáticos, desprezando o imperativo das raças, das línguas, das religiões, das tradições nacionais, dado ao mapa político da Europa contornos insustentáveis. Na Itália, retalhada, dividida, fragmentada, vegetavam palidamente alguns principados de terceira importância no concerto europeu. A Áustria ocupava o Tirol, parte da Lombardia, Veneza, a Dalmácia. Os Estados Pontifícios eram formados por dezoito legações, que compreendiam quarenta e quatro distritos e seis-

centos e vinte e seis comunas. Os reinos de Nápoles e da Sardenha, os ducados de Parma, de Módena, de Toscana, viviam em permanentes intrigas de chancelarias, buscando o alargamento das suas precaríssimas fronteiras.

Desde 1820 se haviam os carbonários espalhados por toda a península. Continuadores da maçonaria, fechada na Itália pelos dominadores franceses, a sua atividade multiforme e impenetrável era uma sombra cheia de ameaças contra aqueles governos retrógrados. Os carbonários buscavam os seus adeptos nas classes superiores da sociedade, na nobreza, nos meios universitários, no clero, no exército, na burguesia enriquecida. Depois das tentativas emancipadoras de 1821, recaíra a península sob o jugo cada vez mais intolerável dos invasores e dos reacionários. Em 1823 restabelecera o papa Leão XII a jurisdição episcopal, encarregados os eclesiásticos de instruir e julgar os processos dos seculares, conferidas de novo ao Santo Ofício as suas prerrogativas, aumentados os privilégios de mão-morta, abolidos os tribunais de distrito. Anos depois, o papa renovava a excomunhão contra as sociedades secretas. Eram comuns os homicídios políticos. A tentativa contra a vida de Rivarola teve como consequência numerosas condenações à morte. Sem perguntar se os justiçados eram ou não culposos, o povo exaltado via neles vitimas de prepotência apenas, e celebrava-lhes a memória como de mártires da liberdade.

No Piemonte, o rei Vítor Manuel havia abdicado em favor de seu irmão Carlos Félix, que se achava em Módena, e nomeara regente o príncipe de Carignan, o futuro Carlos Alberto. Repercutira penosamente a abdicação do rei devotado ao espírito nacional, em favor de um príncipe dominado pela casa de Habsburgo. "Com Vítor Manuel a pátria estava no rei." Com Carlos Félix sucedia exatamente o contrario: os italianos foram entregues novamente ao jugo da Áustria. O príncipe de Carignan, assumindo a regência, proclamou, *ad referendum* do novo soberano, a Constituição de Espanha para o uso do reino, o que considerava, a justos títulos, vitória dos carbonários.

Carlos Félix, porém, não homologou a constituição: "Declaro que, emanando o nosso poder de Deus, só a Nós pertence escolher os meios que julgarmos mais convenientes para chegar a qualquer fim." E impunha a submissão total dos seus "vassalos fiéis" como condição para voltar aos "seus Estados". Era o regresso ao absolutismo franco. O príncipe

de Carignan teve de exilar-se, e foi como granadeiro, um dos vencedores do Trocadero, na campanha espanhola. Em 1831. pela morte do rei absolutista, subiu ao trono com o nome de Carlos Alberto.

Em consequência da revolução de 1830, começara a península a agitar-se de novo. Em Nápoles, em Genova, em Parma. nos Estados Pontifícios, no Piemonte, por todos os recantos, crepita a chama da sublevação. As sociedades secretas crescem assustadoramente em número e aumentam dia a dia de atividade, na incansável faina contra os múltiplos adversários da unidade italiana. Mazzini, apóstolo da República e da revolução contra todos os dominadores, torna-se a figura central do movimento. Outros, mais moderados, propugnam apenas a expulsão dos exércitos estrangeiros e o estabelecimento da liberdade política dentro das monarquias do velho Lácio.

Como facilmente se compreende, nenhum povo sofreu tanto como o italiano a influência da revolução de 1830. Bem mais complexo, porém, do que em outros países da Europa apresentava-se o problema da insurreição na povo italiano, com efeito, devia a um só tempo conquistar a liberdade e a independência: “a liberdade, como o exigia a civilização dos tempos e a sua própria; a independência, como o impunha o sufocado sentimento nacional”. Para implantar a liberdade, devia recorrer a reformas; para conquistar a independência, à guerra. Como obter a liberdade política, porém, antes de firmada a independência nacional? Logicamente, só depois de constituída a Nação no Estado, poderia pensar-se em conseguir-lhe a liberdade. Entretanto, o problema se apresentava bem mais complexo ainda. Os pequenos tronos sentiam-se necessariamente unidos, no comum empenho de expulsar o dominador estrangeiro acampado no setentrião, poderosíssimo não apenas pelas cidades que retinha em seu poder e pela sua inexpugnável situação transalpina, mas ainda porque protegia a ordem vigente e os interesses conservadores contra as tendências revolucionárias. Os conspiradores de Mazzini, porém, inimigos da Áustria, o eram também das vacilantes monarquias peninsulares. Carlos Alberto, aclamado com entusiasmo e confiança pelos patriotas, bem cedo os decepcionara com a sua conduta dúplice. Os reacionários piemonteses se haviam apoderado do seu espírito e o induziram a criar uma comissão criminal extraordinária em Turim para dirigir os inquéritos militares e presidir às execuções dos

denunciados por crime de sedição. Fuzilava-se pelas costas, em sinal de desonra, quantos fossem indigitados como adeptos da "Jovem Itália".

O Pontificado Romano, por sua vez, principado temporal ligado pelos tratados de Viena ao sistema político da Santa Aliança, interessava-se em manter os Estados italianos divididos entre si e enfraquecidos, por forma a que nenhum deles pudesse enfrentá-lo, posto que da sua própria defesa se encarregariam as grandes potências asseguradoras do equilíbrio continental.

No meio desse emaranhado de tendências contraditórias e de interesses antagônicos, teria de encontrar o seu leito a revolução italiana.

*

Depois do contato revelador com aqueles apóstolos da igualdade política e da fraternidade social, o espírito inquieto de Garibaldi já não lograva sossego. Uma imensa curiosidade o avassalava, todo ele era presa de uma permanente, invencível trepidação. Alcançava instintivamente que se fazia necessário trabalhar pelo levantamento do nível moral e cultural do povo, torná-lo amante da liberdade, cioso dos seus direitos. Como poderiam os governos pretender a melhoria dos seus países, quando outro recurso não conheciam para manter-se no poder senão o apelo à força das armas? Compreendia a exatidão do axioma que Barrault lhe comunicara: "Em política, o perseguir nada mais produz do que perseguir cada vez mais. Convém antes extinguir prudentemente os ódios do que comprimi-los e exacerbá-los." Lamentava sua falta de preparação para penetrar nos fundamentos teóricos dos saint-simonistas. Mas não duvidava um instante sequer de que a razão estivesse com ales, quando sustentavam a indeclinável necessidade de incrementar o bem-estar da plebe, a diminuição do desemprego, o fomento da cultura, para que se pudesse conseguir o definitivo desaparecimento das três grandes causas de perturbações sociais: a miséria, a ociosidade e a ignorância. Quanto a isso, estava seguro: era da tirania dos governos que decorriam, em linha reta, aqueles flagelos. *"Odiatore della tirannide e della menzogna, col profondo convincimento: esser con esse lorigine principale dei mali e della corruzione del genera umano."*

Em vez de um governo de força e de opressão, que maravilhoso sonho o de Saint-Simon, com o seu "Estado dos Sábios", com as suas três

Câmaras – de Invenções, de Controles e Executiva composta essa pelos industriais que teriam de guiar os destinos da humanidade segundo os princípios da mais alta sabedoria! Possivelmente não passaria tudo isso de uma utopia, conforme opinavam alguns dos companheiros, aos quais expunha, a sua maneira, as ideias que aprendera naquela viagem ao Oriente. Que importava, porém, fossem inatingíveis asses ideais, se eles contribuíam pela força moral que as animava a pela beleza de que se revestiam, para melhorar, ainda que diminutamente, a sorte da humanidade?

A imaginação juvenil de Garibaldi ardia na impaciência de assenhorear-se dos mistérios que orientavam a evolução política dos povos. E a Itália? Seria possível que ela continuasse, para sempre, naquele estado a abatimento, de semi-inconsciência, a que estava reduzida por culpa de príncipes retrógrados e ineptos?

Quando voltou a Nizza, estava mudado. Em casa, só falava das doutrinas de Saint-Simon, da necessidade de derrubar os governos de opressão para instituir o regime da liberdade de pensar. *"Signora Rosa, la brava donna",* ouvindo-o discorrer, meneava, desconsolada, a cabeça. E ao fim de um longo discurso do filho, entrecortado de apóstrofes flamejantes, exclamou, tomada de tristes apreensões:

– Esses horríveis saint-simonianos roubaram-me o filho.

. . . .

Capítulo II

A *JOVEM ITÁLIA*

NUMA DAS SUAS VIAGENS ao mar Negro aconteceu que Garibaldi ficasse retido alguns dias no porto de Taganrok. Estava o navio à espera de vento para sair do triste lugarejo, onde não havia melhor maneira de matar as horas do que sentar-se a um recanto da taverna a ler velhos jornais da Itália e da França.

Ao penetrar, certa noite, naquele recinto denso de fumo, percebeu que ao redor de uma das mesas conversavam alguns marinheiros e mercadores italianos. Abancou-se a um canto da sala, sem ideia de prestar atenção ao que eles pudessem estar discutindo. Pediu uma bebida e alguma folha para ler. Mas, com o vozeiro da mesa próxima, seria impossível concentrar-se na leitura. Dobrou o jornal para ver quem falava. Fixou-se num jovem alto, simpático. de fronte larga e olhos inteligentes, que discorria com viva animação. acompanhando as palavras de largos gestos, a boa maneira dos peninsulares. Parecia que estivesse numa praça, proferindo uma arenga, e que o seu auditório fosse uma verdadeira multidão. O argumento do discurso, a todo memento interrompido de apartes e perguntas, tratava da situação política da Itália, e quem estava com a palavra recordava-lhe os períodos de esplendor, sua contribuição na cultura

da Europa e nos progressos do mundo, colocando essa passada grandeza em linha de comparação com os dias da miséria atual. Mas não seria para proferir uma nênia desesperada que o jovem marinheiro se esforçava por prender a atenção dos ouvintes, senão para, fustigando os erros e as covardias do presente, animar-lhes as esperanças em dias melhores, quando a pátria voltasse de novo a ocupar no mapa político dos Estados o lugar que lhe competia. Vencida jazia ela, presa agora aos grilhões da escravidão: mas disposta, não duvidasse ninguém, a retomar a luta pela perdida liberdade do povo e pela dignidade da sua existência nacional, assim que as condições se mostrassem favoráveis à reação. E o orador passava, nesta altura, a afirmações mais positivas.

Uma extensa associação criada pela fé patriótica de um apóstolo da Ligúria com o nome de "Jovem Itália", desligada já por completo dos símbolos caducos das velhas seitas, emancipada da superstição dos direitos divinos dos príncipes e acreditando apenas na ajuda de Deus e nos braços do povo, recolhia num feixe de vontades todos os crentes, aparelhando-os para a suprema batalha que já não vinha longe. Seu programa se resumia na expressão: "Unidade e República". Sua divisa: "Deus e Povo; Pensamento e Ação". Nessa sociedade não havia lugar para os displicentes nem para os tímidos. Dela só fariam parte os que se dispusessem realmente a lutar pela redenção da terra natal, dentro dos novos princípios políticos que Mazzini pregava nos seus panfletos e discursos. Os que estivessem animados de tais propósitos cometeriam verdadeiro crime não se inscrevendo entre os patriotas, de cujas lutas forçosamente haveria de emergir uma nova Itália, dignificada pelo idealismo dos seus filhos. Pois se todos se conformassem, a contragosto embora, com a vergonha do presente, como, por graça de que milagre esperar dias melhores para a península? Que ninguém se iludisse: os povos que não sabem, pela energia de seu caráter, conquistar a liberdade de pensar são indignos de possuí-la.

Teve Garibaldi a impressão de que a ele diretamente se dirigissem tais palavras. Essas, precisamente, as ideias que o vinham preocupando desde o seu contato com os saint-simonistas. Ficaria agora indiferente ao que se lhe dizia? Como, se há meses o devorava a inquietação pela sorte da Itália, se o seu espírito, em permanente agitação, procurava sem descanso ligar a sorte da pátria às novas ideias políticas da Europa? Ouvira já, vaga-

mente. falar na *Jovem Itália* e sabia que a orientava Mazzini, um agitador as mais das vezes expatriado. Mas nunca havia encontrado quem lhe pudesse retraçar um quadro exato daquele movimento. Agora, punha-lhe o acaso ao alcance a decifração dos mistérios que tanto o torturavam nas cismas solitárias das suas longas viagens pelos mares do Levante. Perderia tão favorável oportunidade de informar-se de tudo quanto ansiava saber?

Um ligeiro momento de hesitação ainda, e ei-lo de pé. Como que movido por misteriosa força, aproxima-se, rápido, do grupo já não sabendo como dominar a tempestade de sentimentos que o agitavam. Em vez de palavras, um gesto: aperta demoradamente, comovidamente contra o coração o jovem companheiro, cujos raciocínios lhe haviam fascinado a inteligência e cuja palavra, dirá nas *Memórias, "lo inizió ai sublimi misteri della patria".* Ali mesmo jura que dedicará sua vida à causa da Itália e dos povos oprimidos. E, momentos depois, já está integrado no grupo inquirindo, discorrendo, apostrofando.

Foi esse contato decisivo na vida de Garibaldi. Pela primeira vez, lhe dava alguém informações precisas e pormenorizadas das ideias que animavam os componentes da "Jovem Itália", das conspirações que urdiam, dos malogros já sofridos, das lutas que esperavam desencadear de novo, das amarguras e privações que suportavam por amor da pátria unida e livre. Mais tarde anotará que por certo não experimentara Colombo, com o descobrimento da América, satisfação maior que a sua ao ter notícia dos que se ocupavam com a redenção da Itália. Superlativo na linguagem, amante dos tropos ingênuos e ribombantes, ele o seria menos por vocação literária do que por exigências do seu temperamento passional, sedento de emoções e aventuras.

Abrindo o coração às ideias de liberdade que lhe eram apresentadas agora de maneira comunicativa e sistemática, ele o fez sem quaisquer restrições de ordem sentimental ou prática. *"Mui tuffai corpo ed anima in quell'elemento che sentivo esser il mio da tanto tempo."* Como verdadeiro romântico, a imaginação e a sensibilidade o impeliam a abandonar todas as solicitações egoísticas para correr os mesmos riscos que outros afrontavam por amor à pátria comum. E a imaginação incansável e ardente imergia-o num mundo de irrealidades magníficas, feitas de devotamentos sobre-humanos e de maravilhosas fantasias entretecidas de glórias. Naquelas horas,

Garibaldi não pensava em si: pensava na Itália e nos povos oprimidos que clamavam pela liberdade. Não ficou em caminho no ideal da redenção italiana. Fez-se discípulo integral de Mazzini. Queria, como ele, a Unificação e a República. Mas, liberal autêntico, tolerante e não exclusivista, a República não haveria de ser imposta pela força bruta para que não degenerasse, por sua vez, num sistema de opressão. *"Republicano quindi; essendo questo il sistema della gente onesta, sistema normale e voluto dai piú, e per conseguenza non imposto colla violenza e coll'impostura".* O sonho humanitário que lhe encheu a existência inteira estaria impregnado sempre de um horror superlativo a tudo quanto fosse tirania, opressão e mentira.

Depois do encontro de Taganrok tinha a "Jovem Itália" mais um adepto, disposto a todas as exigências da ação imediata.

Chegado ao termo da viagem, Garibaldi abandona o navio e alista-se entre os conspiradores. Um patriota com quem travara relações de intimidade, Covi, apresenta-o ao chefe da seita. Nas *Memórias* de Mazzini, encontra-se uma rápida referência a esse primeiro encontro com o novo conspirador: "Desde esse dia datam as minhas relações com Garibaldi, que tinha na associação o nome de Borel".

No Piemonte, havia sido sufocado um movimento contra o reacionarismo, entrado então em pleno desenvolvimento, de Carlos Alberto, que ordenava em consequência da sua fácil vitória os fuzilamentos de Chambery, Alessandria e Gênova. Mazzini, em Marselha, clama na *Jovem Itália:* "Italianos, é tempo de nos unirmos, se queremos ser dignos do nosso nome; e de derramarmos o nosso sangue, juntando-o com o dos mártires piemonteses."

Para melhor servir a causa revolucionária. entra Garibaldi a serviço do Estado, como marinheiro de primeira classe da fragata *Euridice*. É Cleombroto o seu apelido na regia marinha do Piemonte, Cleombroto, irmão de Leônidas, o herói das Termópilas.

*

Obrigado pelas autoridades francesas a sair de Marselha, dirigira-se Mazzini a Gênova, onde tratava de ultimar os preparativos de uma nova invasão do Piemonte. Ansiavam os patriotas por sair da inação, mas faltava-lhes um chefe militar. Propuseram a Mazzini o nome de Girolamo Roma-

nino, que granjeara fama na revolução da Polônia, onde se batera como voluntário nas tropas de Kosziusko. O mentor civil da revolução hesitou. Não tinha confiança na capacidade de Romarino, homem vaidoso e de atitudes sempre vacilantes. Mas não havia, na ocasião, outro nome com credenciais bastantes para o comando dos revolucionários. Conformou-se Mazzini, e Romarino, chamado a Gênova, foi investido na chefia do movimento.

Assentou-se que o Piemonte seria invadido simultaneamente por duas colunas, marchando uma pela Savoia e outra por Gênova. Sustentava Mazzini que a rapidez na execução do plano seria a condição exclusiva do seu êxito. Desde que as autoridades piemontesas, já alertadas tivessem tempo de exercer a espionagem entre os conspiradores, poderia considerar-se prejudicada a revolução.

Corria o mês de setembro quando os dois chefes assentaram, em Gênova, os pormenores da ação. E Mazzini entendia que o mais tardar até fins de outubro deveria produzir-se a invasão. Romarino, porém, preso sempre a considerações de estratégia e de tática, pensava que não devesse tomar outra resolução antes de organizadas militarmente as colunas. Deram-lhe quarenta mil francos para as primeiras despesas. Os meses foram passando. Chegou-se ao fim do ano, e a expedição não estava pronta. Mazzini, já adoentado, vivia horas de indizível aflição. Afinal, a reiteradas instâncias suas, nos últimos dias de janeiro apresentou-se em Gênova o chefe das tropas invasoras, acompanhado de dois generais e um ajudante de campo. Não foi cordial a entrevista entre os responsáveis pela conspiração. Teria Romarino todas as qualidades de militar, mas faltava-lhe a capacidade de inspirar confiança e suscitar entusiasmos, Um ar saturado de maus agouros envolvia aqueles homens, nas vésperas da grande partida que iam jogar.

Propôs Mazzini que a invasão se fizesse por São Julião, onde estavam reunidos numerosos patriotas da Savoia e republicanos franceses simpatizantes da causa italiana. Ocupado o lugar militarmente, lá se daria o grito de rebelião. Foi o alvitre aceito pela chefia militar.

As duas colunas pôr-se-iam em marcha no mesmo dia, partindo uma de Caronge, outra de Nyon. Esta, atravessado o lago, deveria reunir-se à primeira na estrada de São Julião. O plano, tal como receara Mazzini, já se tornara público e notório em Gênova, na França, no Piemonte, em toda a Europa. As autoridades genovesas, não querendo indispor-se com

o governo de Turim, pretenderam obstar a marcha da coluna de Caronge, comandada pelo próprio Romarino. Produziram-se, em consequência. arruaças populares e o governo de Gênova, temendo maiores distúrbios, resolveu fechar os olhos aos acontecimentos e deixou que a força revolucionária se pusesse em marcha.

A expedição de Nyon, chefiada por Grabowsky, foi menos afortunada. Quando os dois barcos conduzindo soldados e armamentos já iam em meio do lago, alcançou-os um vapor francês, que os obrigou a retroceder. As armas foram apreendidas, e aprisionados os voluntários daquela revolução, dirigida contra o governo de um país vizinho e amigo. Luís Ripe, o instigador das reivindicações liberais contra os governos despóticos, fazia causa comum com os reacionários italianos.

Romarino, do outro lado do Léman, continuava à espera de Grabowsky. Em vez de marchar resolutamente sobre São Julião continuava a costear o lago, sem saber que rumo tomar. Não poderia o inverno ser mais inclemente. As estradas estavam quase intransitáveis. A coluna revolucionária, composta quase toda de jovens voluntários italianos, arrastava-se, fatigada, abatida, decepcionada, por aqueles caminhos mais que deploráveis. Recebia-os por toda parte a indiferença das populações bestificadas e receosas de se comprometerem. Daquela gente, o máximo que se poderia esperar seria alguma curiosidade, nunca demonstrações de militante simpatia pela causa da liberdade. A bandeira italiana atravessava as aldeias indiferentes ou atemorizadas, sem que uma única voz ousasse demonstrar qualquer entusiasmo pela insígnia sagrada da pátria. Os padecimentos de Mazzini agravavam-se dia a dia. Cabisbaixo, humilhado, abatido pela moléstia, trotava, espingarda a tiracolo, na retaguarda da coluna. A custo dominava sua crescente irritação contra as inépcias do chefe militar que nem lhe comunicava quais as suas intenções naquelas estúpidas marchas, de aldeia a aldeia, com a tropa a tiritar de frio.

Em Carra, deteve-se a coluna para passar a noite. Mazzini e Romarino ocupavam o mesmo quarto na estalagem a que se abrigara o estado-maior. O mal-estar entre os dois homens não podia ser mais intenso. Envolto no seu manto de campanha, Romarino parecia perdido em graves preocupações. Não falava. Mazzini, medindo-o de alto a baixo com o olhar sombrio fazia o possível por obter dele alguma indicação sobre os seus objetivos próximos.

– Não é seguindo por este caminho, disse-lhe com a voz tornada mais viva pela febre, não é seguindo por este caminho que encontraremos o inimigo. Custe o que custar, devemos ir ao seu encontro, ainda que seja para sofrermos completa derrota. Se a vitória é impossível, mostremos ao menos à Itália que sabemos morrer por ela!

– Não faltará ocasião, respondeu-lhe Romarino, para afrontar perigos inúteis. Mas considero verdadeiro crime expor sem proveito a flor da mocidade italiana.

Ao que retrucou Mazzini:

– Não se esqueça, general, de que não há religião sem mártires. Fundemos a nossa à custa do nosso sangue.

Antes que Romarino tivesse tempo de responder, ouviu-se, súbito e intenso, o crepitar da fuzilaria. De um salto, Romarino pos-se de pé, e Mazzini, ardendo em febre, tomou da carabina para atirar-se à luta, tão ardentemente desejada. A vista se lhe obscurecia, os passos vacilavam. Procurou as últimas energias para enfrentar o inimigo, que supunha na imediata vizinhança. Deu alguns passos. Já não via o companheiro. Parecia que o chão lhe fugia aos pés. Indizível aflição a daqueles minutos eternos! Chegado aos extremos do depauperamento físico agravado pelos sofrimentos morais dos últimos meses, Mazzini tomba ao solo como morto.

Quando voltou a si estava na Suíça, para onde o haviam conduzido, com grandes dificuldades, os amigos. A fuzilaria de Carra não passara de rebate falso.

Depois desse episódio, Romarino recusou-se terminantemente a levar a efeito a invasão. O plano estava mais do que descoberto, as autoridades sardas haviam tomado todas as providências para bater os invasores. E ali mesmo ordenou a retirada.

Nesse entremeio, todavia, uma pequena coluna de cem homens, da qual participavam numerosos republicanos franceses, invadia a Savoia por Grenoble. Prevenidas pelo prefeito francês, as autoridades sardas atacaram os invasores, dispersando-os num combate que durou menos de hora. Tomaram os soldados do Piemonte prisioneiros dois voluntários, dois mártires mais que pagaram com a vida o crime de sonharem com a Itália dignificada e livre.

E assim terminou a triste e inglória aventura da invasão do Piemonte pelas tropas de Romarino.

*

Garibaldi, recém-entrado nos quadros da "Jovem Itália", já tivera o seu papel nessa conspiração. Devia agir entre os marinheiros do Estado, tratando de captar-lhes as simpatias para o movimento. Servia então a bordo da fragata *De Geneys*. Se a revolução lograsse bom início, ele se apossaria do barco, a fim de pô-lo a serviço dos insurgentes. Essa missão, porém, lhe parecera por demais secundária. Ouvira dizer que também em Gênova estalaria um movimento. Tratou de informar-se e decidiu tomar parte na ação. Deixou a alguns companheiros o encargo de se apoderarem do navio, como lhes havia sido ordenado, e foi a terra a fim de auxiliar o assalto ao quartel dos gendarmes. A sua saída de bordo era já um ato de indisciplina. Mas, conspirador, ele não conheceria limites de prudência. Tomou um batel e saltou na alfândega, De lá encaminhou-se à praça Sarzana, onde estava localizado o quartel a ser investido pelos insurgentes. Na praça, tudo mais tranquilo mesmo que de costume. Esperou quase uma hora pelo sinal convencionado para o início da rebelião. Nada. Olhava, inquieto, para todas as desembocaduras de ruas a ver se encontrava algum dos conjurados, seus conhecidos. Ninguém. Afinal. uma pessoa se aproxima dele para segredar-lhe rapidamente que o plano malograra. As autoridades estavam ao par da conspiração e haviam tomado todas as providências para frustrá-la. Que Garibaldi tratasse de fugir, pois não tardariam as prisões.

Voltar para bordo, impossível. Já ali teriam dado pela sua falta. Ademais, que faria ele ainda no serviço da marinha piemontesa, se nela se engajara com o fito único de auxiliar a revolução? Absorvia-se ainda nessas cogitações, quando divisou um contingente que se aproximava para guarnecer a praça. Dentro de alguns instantes, as ruas estariam militarmente ocupadas. Não havia tempo a perder. Sem mais pensar entrou na casa de uma vendedora de frutas, que sabia simpática à insurreição. Escondeu-o a boa mulher nos quartos interiores do estabelecimento. No dia seguinte, conseguiu-lhe um fato de camponês. E ao cair da noite, caminhando com ares despreocupados coma se estivesse a passear, Garibaldi saiu de Gênova pela porta da Lanterna. As *Memórias* consignam a data da fuga: 5 de feve-

reiro de 1834. E o revolucionário mal sucedido anota laconicamente: *"Qui comincia la mia vita pubblica."*

*

Assim que atingiu os aforas da cidade embrenhou-se por atalhos e desvãos, rumo das montanhas. Por fugir aos caminhos policiados, viu-se na contingência, várias vezes, de saltar muros de jardins e cercados de lavouras. Fazia-o sem dificuldade afeito como estava aos ásperos trabalhos de bordo. Ao cabo de uma hora, tinha deixado para traz a sebe da última propriedade agrícola. Toma o caminho, então, de Cassiopeia, ganha as montanhas em Sestri Ponente. Anda de preferência durante a noite, receoso sempre de algum encontro inoportuno. Come e dorme nas hospedarias fora de mão, em choupanas de agricultores e, se necessário, num esconderijo das florestas. Ao fim do décimo dia de marcha logra chegar a Nizza, onde vai direito à casa de uma tia. Descansa aí algumas horas, abraça e tranquiliza a mãe e põe-se de novo a andar. Acompanham-no até o Varo dois amigos de infância. Giuseppe Jaun e Angelo Gustafini. O rio transbordava. Abraça os companheiros e atira-se resolutamente a água, que atravessa em alguns minutos de nado. Da outra margem torna a dizer adeus aos amigos, que dentro em pouco voltariam à cidade. Quando reiteradamente se despede deles, é na verdade da primeira fase da sua vida que ele se despede. Começava o exílio.

Confiadamente encaminhou-se em direção ao corpo de guardas da alfândega. Sentia certo orgulho, agora que se via no estrangeiro, em dizer-se prófugo político. Ouviram-no os guardas com toda a polidez: e ao cabo do relato, lhe deram voz de prisão. Iam comunicar-se com Paris a indagar o que se deveria fazer de quem com tanta espontaneidade se apresentava às autoridades. Conduziram-no primeiro a Grasse, depois a Draguignan. Aí deveria aguardar a resolução definitiva do governo. Disfarçava o seu desapontamento pelo que lhe sucedia, em consequência de haver confiado demais na liberalidade do governo democrático de Luís Filipe. E compreendendo que toda resistência só lhe poderia agravar a situação, pôs-se a espreita da primeira oportunidade para a fuga.

Em Draguignan, deram-lhe alojamento no primeiro andar do posto oficial. As janelas não tinham grades, e olhavam para um jardim.

Afetando ares de grande indiferença, aproximou-se de uma delas e mediu, num relance, a altura em que se encontrava. Quinze pés, no máximo. Para um bom marinheiro de Lígúria, um salto de quinze pés é coisa banal. Viu que os guardas não traziam armas de fogo. Sem mais hesitar, firmou as mãos no peitoril e deu o salto. Os guardas, atônitos, não se animaram a seguir-lhe o exemplo. Desceram precipitadamente a escada: Quando chegaram ao jardim, já o fugitivo havia desaparecido nas montanhas próximas.

Nunca andara por aquelas paragens, e nada lhe parecia menos indicado do que perguntar a quem quer que fosse pelo caminho de Marselha. Cauteloso agora, jurava a si mesmo não cometer novas imprudências. Um pouco ao acaso, um pouco fiado no sentido de orientação peculiar aos marinheiros, observando a marcha do sol e a posição das estrelas, is avançando na direção que supunha a de Marselha.

À tarde do segundo dia chegou a uma aldeola. Estava com fome. Que perigo haveria em procurar a estalagem daquele lugarejo, onde ninguém podia suspeitar da sua qualidade de fugitivo da policia? Recebeu o casal de hospedeiros com muitas provas de agrado. Como fosse hora da ceia, o estalajadeiro o convidou a partilhar da refeição com ele e com a mulher. Boa a comida, o vinho generoso, agradável o fogo, os donos da casa comunicativos e simpáticos. Garibaldi sente de novo o prazer da vida. Um pouco e ele já não se lembra do propósito de não cometer imprudências. De resto, como seria possível não usar de franqueza com gente de tal maneira acolhedora e afável? Tão grande o seu bem-estar em companhia do casal, que mesmo sem querer, as confidências se impunham. Não se recordava de haver jamais comido com tamanho apetite, nem provado vinho mais suave.

Felicitou-o o estalajadeiro pela sua ótima disposição.

– Nada há nisso de extraordinário – respondeu-lhe Garibaldi. – Não como há dezoito horas. E é natural que me encontre satisfeito por ter escapado à morte no meu país e à prisão na França.

Ditas estas palavras, era conveniente que contasse tudo o mais: não fosse o hospedeiro suspeitá-lo algum delinquente vulgar, ladrão ou assassino, um reles vagabundo.

Ouviu-o o dono da estalagem com muita atenção. Depois, quedou-se mudo e pensativo.

– Que pensa? – perguntou-lhe Garibaldi.

– Penso que, depois da confissão que acaba de fazer-me, estou na obrigação de prendê-lo.

Exprimira-se o homem num tom indefinível, que tanto poderia ser jocoso como sério. Garibaldi, caído em si, resolveu tomar a declaração como pilhéria aparentemente pelo menos. Em todo caso, tratou de apressar-se para sair. Se o estalajadeiro tentasse embargar-lhe os passos, mostrar-lhe-ia a força dos seus punhos.

Mas antes que a ceia terminasse, começou o local a encher-se de clientes, moços do lugar que ali iam beber e encher o tempo. Já agora, a situação tomava outro cariz. Mais do que certo que, em caso de luta, teria o hospedeiro a seu favor toda aquela gente. Para fora de uma dezena de rapazes fortes e bem dispostos já estavam ali fumando, bebendo, jogando cartas. O estalajadeiro não voltara a falar-lhe no desagradável assunto, mas também não o perdia de vista. Seria pela intenção de prendê-lo, deveras, ou apenas por desconfiança de que ele não tivesse com que pagar a ceia? Como se ocupado na procura de um lenço, remexeu os bolsos das calças para que o homem ouvisse bem o tilintar dos escudos, garantia de que nada havia a temer quanto ao pagamento da despesa.

Enchera-se a sala por completo. Em alguns grupos discutiam-se assuntos políticos, e não havia duvidar de que o tom geral das palestras se mostrasse francamente favorável às tendências liberais. No meio da sala alguns jovens, mais alegres cantavam. A assistência, deleitada, batia palmas, quando um dos bebedores acabou de cantar. Garibaldi, pondo-se de pé e levantando o copo, exclamou:

– Agora canto eu!

E entoou com voz forte e bem timbrada uma canção, de Béranger – *Le Dieu des bonnes gens:*

> "Il est un Dieu devant qui je m'incline,
> Pauvre et content, sans lui demander rien...
> Le verre en main, gaiment je me confie
> Au Dieu des bonnes gens".

A popularidade dos versos, o calor com que eram vocalizados, o tocante apelo de fraternidade do estribilho arrebataram aquela gente sim-

ples, que não cessava de aplaudir e pedia que o estrangeiro repetisse algumas estrofes. E depois, de todos os recantos da sala de levantaram moços e velhos para abraçá-lo, comovidos e entusiasmados, aos gritos de "Viva a França!" e "Viva a Itália!"

Garibaldi estava seguro de haver ganho a partida. Ainda quando, ali mesmo, ele subisse a uma cadeira e gritasse a todos a sua situação de fugitivo político, ninguém ousaria tocar-lhe. Despreocupadamente, passou a noite a beber e a cantar. O estalajadeiro não falou mais em prendê-lo. O caso estava esquecido. Ao romper do dia, os seus novos amigos ofereceram-se para acompanhá-lo algumas milhas, a ensinar-lhe a estrada de Marselha. Daí por diante, as caminhadas foram fáceis.

Vinte dias depois de saído de Gênova, alcançava finalmente a sua primeira meta de proscrito. Em Marselha, no mesmo dia de chegada, teve a sensação de ler, pela primeira vez, o seu nome em letra de forma. Comprara o *Peuple Souverain*, jornal que o atraia pelo título, impresso em grossos caracteres. Numa das páginas de dentro, encontrou pormenorizada notícia dos recentes sucessos de Gênova, com a lista dos condenados à morte e à prisão. Entre os primeiros, figurava por extenso o seu nome: Garibaldi, Guiseppe Maria. Chegado à morte, condenado à morte ignominiosa! E qual o seu crime? Amar com exaltação a terra em que nascera, humilhada por governos despóticos e arbitrários, sem apoio na alma popular, e invadida pelo usurpador estrangeiro. Por isto o condenavam à morte. Se ele fosse, como tantos outros, insensível às desgraças da pátria, se desse o seu assentimento à impostura e à traição praticadas contra o povo, por certo não estaria condenado à morte; seria, pelo contrário, apontado como vassalo modelar, e tudo na vida lhe correria à feição: prosperaria nos negócios, alvo das considerações dos governos e cercado pelo respeito dos seus concidadãos. Que grande farsa, que lamentável entremez a vida política da sua terra! Dava-lhe asco aquilo, e ânimo para redobrar nos esforços contra todos os governos que não haurissem o poder na confiança do povo.

Longas horas caminhou, absorto, pelas rumorosas ruas da cidade. A todo momento, lhe voltava o lúgubre estribilho: "Condenado à morte!" Ele, José Maria Garibaldi, estava condenado à morte ignominiosa pelas autoridades de Gênova!

Por fim. cansado de andar sem destino, começou a orientar-se. O sentido real da vida voltava a ter império sobre ele. Que lhe importava que o houvessem condenado à morte, se estava vivo e longe dos gendarmes do Piemonte e de Gênova? Mas, já conhecera de perto a precária hospitalidade das autoridades francesas. Bem possível mesmo que a polícia de Marselha tivesse notícia da sua fuga e estivesse vigilante para capturá-lo. Convinha, pois, que agisse com a máxima cautela. Procurou onde alojar-se, enquanto não estabelecesse contacto com outros emigrados. Deu no albergue o nome de Giuseppe Pane. No espaço do poucos meses, era o terceiro pseudônimo que usava.

Ao fim de poucos dias estava ambientado na cidade, onde encontrou diversos compatriotas, exilados como ele. Comentavam todos com azedume os últimos acontecimentos. Incrível a estupidez de Romarino! Mazzini, sabia-se, estava reposto do abalo e começava, na Suíça, a tecer os fios de uma nova conspiração. As notícias que vinham da Itália pareciam favoráveis. apesar de tudo, aos ideais revolucionários. Dizia-se que o revés longe de abater o ânimo dos patriotas, mais os aferrara na convicção de que o golpe definitivo já não pudesse tardar.

Os meses, entretanto, iam passando, e a esperada reação não se produzia. As dificuldades materiais dos exilados se faziam cada vez maiores. Nada mais ingrato que o mister de conspirador no estrangeiro. Os acontecimentos mais insignificantes ocorridos na pátria tomam jeito de coisas decisivas. Vive-se num mundo de quimeras. Mas é preciso trabalhar para garantir a subsistência. E Garibaldi, até que os acontecimentos tomem outro rumo, trata de voltar à profissão de marinheiro. É este um dos traços mais acentuados do seu caráter. Na ação política dá tudo de si, mas quando vê que o esforço é inútil, abandona a empresa e muda de atividade, à espera de horas mais propícias.

Graças aos esforços de um amigo, Giuseppe Paris, consegue afinal engajar-se no serviço da *Union*, navio mercante francês, comandante François Gazan. Retorna a portos do Mediterrâneo e do mar Negro. As ocupações marítimas levam-no de novo a Odessa. Uma noite, em Marselha, salva a vida a um francês, Joseph Rambaud, caído ao mar de bordo da *Union*. Anos antes, no porto de Syrna, salvara em condições semelhantes o seu companheiro de infância Claudio Terese.

Mas aquela rápida experiência revolucionária já o incompatibilizara com a vida de marinheiro mercante. Ele sente necessidade de emoções mais intensas. Logo que volta do mar Negro busca o serviço de Hussein, bei de Túnis, a bordo de uma fragata de guerra construída em Marselha. Mas não é aquele o meio conveniente em que possa empregar a sua atividade. Em que lhe hão de interessar as questões do bei de Túnis? Passados alguns meses regressa à França, a bordo de outro navio de guerra.

Em Marselha grassava então, de maneira espantosa, o cólera. Os serviços regulares da administração mostravam-se impotentes para enfrentar o flagelo. Organizaram-se ambulâncias de voluntários. Garibaldi apresentou-se a uma delas, e durante o tempo em que permaneceu na cidade assolada passou as noites cuidando de coléricos.

Do modo como se prenunciavam os acontecimentos políticos, não lhe parecia voltar à Itália tão cedo. Esperar pela anistia que lhe cancelasse a pena de morte seria propósito vão, destituído de senso comum. A organização de qualquer reação revolucionária imediata, impossível, por sua vez. Gastaria ele ingloriamente os anos da mocidade nessas monótonas viagens aos portos do Levante e do mar Negro, entregue àqueles trabalhos embrutecedores da marinha mercante? Pela segunda vez, sente a urgência de uma evasão completa. Quando menino, para fugir à mesmice acabrunhadora da escola de mestre Arena, a libertação lhe parecia estar em Gênova. Na sua irrequieta imaginação de criança, Gênova seria então o imprevisto. a aventura, a vida. Agora, onde encontraria ele o ambiente de liberdade, fora do qual a vida lhe parecia insuportável?

Lembrava-se de Cuneo. seu amigo e como ele também expatriado, que seguira para a América. Devia estar no Rio de Janeiro ou no Rio da Prata. Sabia que no Brasil haviam ido buscar fortuna outros exilados italianos. A ideia da América passou a fascinar-lhe o espírito. Era aquele o cenário indispensável à sua ânsia de viver. Nas lutas em que estavam empenhadas as inquietas repúblicas recém-formadas, encontraria, por certo, ocupação adequada aos seus sonhos de liberdade, alguma tarefa que correspondesse a seu invencível horror à opressão. Continuar na Europa não teria nenhuma finalidade prática. A Itália. subjugada pela tirania. Marselha, devastada pela peste. Os portos do Mediterrâneo, incríveis na estupidez das suas algaravias ininteligíveis. O oficio de navegante a serviço

do comércio parecia-lhe, agora que compreendera o sentido moral da sua vida, uma verdadeira degradação do espírito.

Impunha-se de novo a evasão. a evasão integral, de corpo e espírito. Mais uma vez o seu temperamento romântico lhe traçava o rumo a seguir. Com a mesma disposição de ânimo com que, menino ainda, pusera alguns víveres e utensílios de pesca num barquinho abandonado para fugir à casa paterna e à monotonia da escola, Garibaldi assentou de seguir para o Brasil. E engajou-se como imediato de uma fragata francesa, o *Nautonnier*, capitão Beauregard, de partida dentro de breves dias para o Rio de Janeiro.

. . . .

Capítulo III

O NOVO MUNDO

MAIS QUE OS OUTROS TRIPULANTES não se cansa Garibaldi de contemplar a paisagem que vai surgindo das águas. O *Nautonnier* deixa a bombordo a ilha Rasa e a Redonda, a estibordo a ilha do Pai, rochas íngremes cobertas de profusa variedade de árvores e arbustos. Logo em seguida haveria de maravilhar-se o viajante com a estática visão do "Gigante de Pedra", guia principal dos navegantes da época. A "fonte bourbônica" do gigante ali estava, e também o vasto peito, e logo adiante a curva das pernas ligeiramente alteada, e acolá, na extremidade, o pé que assinala a entrada da Guanabara. As baías de Constantinopla e de Nápoles, tudo quanto vira ao longo das costas da África e da Ásia lhe pareciam agora miniaturas pálidas, em cotejo com aquela natureza selvagem, ciclopicamente harmoniosa na audácia sem par das suas linhas. Ali, o Pão de Açúcar; mais ao sul o maciço da Gávea; e na linha de montanhas que foge da praia, o Corcovado, coroado de carapinha azul-escura. "Paisagem sem rival à face da Terra e em cuja formação parece ter a Natureza esgotado toda a sua energia."

Passada a fortaleza de Santa Cruz, cujas salvas davam as autoridades do porto aviso do navio que entrava, divisa as praias e o casario de São Domingos e o porto de Niterói; do outro lado, o panorama da capital do

Império com a sua multidão de conventos e campanários: no meio e para o fundo da baía, ilhas ornadas de coqueiros; as margens do pequeno mediterrâneo, semeadas de plantações e pontilhadas de casas de campo, chácaras ensombradas e frescas; e encerrando o quadro todo, a gigantesca moldura das montanhas douradas pelo raios do sol. Pequenos barcos e canoas, tripulados por negros e mestiços seminus, vão e vêm em todas as direções, animando pitorescamente o cenário, no qual todos os contrastes parecem combinar-se para deslumbrar o navegante cansado da longa e penosa travessia.

Está Garibaldi como que subjugado e amesquinhado pela magnificência do espetáculo. Falta-lhe a capacidade para fixar as suas impressões do primeiro contato com a terra brasileira. Outro viajante, este paisagista exímio, Saint-Hilaire, não demonstrava embaraço menor quando perguntava a si mesmo quem poderia pintar as ilhas dessa baía, tão diferentes entre si, a multidão de angras que ornam seus contornos, as montanhas majestosas que a circundam, essa vegetação tão rica e variada que embeleza as suas margens. Naqueles instantes, lamenta Garibaldi não ser poeta. Não para sentir melhor a paisagem que o maravilha, mas para celebrá-la com os entusiasmos da sua palavra. Lembra-se de que amigos o haviam chamado poeta, algumas vezes, embora ele jamais compusesse, até então, nenhum trecho literário. Emprestando-lhe tal qualidade, referiam-se os amigos, por certo, às comuns expansões do seu temperamento vibrátil, em perfeita consonância sempre com as exaltadas manifestações da época. Pois era como romântico, autêntica expressão de 1830, que Garibaldi chegava ao Brasil.

Singrando vagarosamente as águas da baía, vai o *Nautonnier* ancorar no porto dos navios mercantes, fronteiro ao Largo do Paço e a pouca distância da Ilha das Cobras.

*

O viajante europeu recebia da cidade de costumes e traços coloniais muito às pressas retocada para hospedar a família real, uma impressão de surpresa e atordoamento. No esplendor jamais entressonhado daquele quadro de fascinação inquietante e selvagem, perdia-se uma grande povoação de ruas irregulares e mal calçadas, praças despidas de árvores e ardendo à canícula, casas acanhadas e mal construídas acotovelando-se em caótica assimetria.

Essa tristeza arquitetônica chocava-se violentamente com a natureza, em perene, dionisíaco esplendor de festa. As habitações, em geral sem gosto, toscas repetições das casas de Lisboa, não correspondiam aos rigores do meio tropical. Ou esparramadas e baixas, ou oferecendo penosos contrastes entre a altura e a base, comunicavam aos olhos ainda não acostumados à sua falta de harmonia uma invencível sensação de mal-estar. Nas ruas principais, nas de maior movimento comercial – armazéns ou lojas nos pisos térreos, moradias do senhorio nos superiores – enfileiravam-se sobrados de um e dois andares. Eram esses edifícios o luxo da época, a exteriorização da prosperidade dos comerciantes. Engradamentos de madeira com gelosias abrindo para as ruas comunicavam-lhes o aspecto de grandes gaiolas.

O valor dos terrenos nos quarteirões centrais explicaria de certo modo tão acentuado desconforto nas habitações, preocupados os proprietários em construir o maior número de alojamentos no menor espaço possível. Mas havia a considerar ainda o grau de cultura dos povoadores lusitanos. Gente modesta, vinda na maioria diretamente de suas aldeolas para tentar fortuna no Novo Mundo, irrisório fora admitir houvesse ela podido edificar uma cidade que se recomendasse pela elegância e comodidade das habitações.

Contados os edifícios no perímetro urbano, que se distanciavam um pouco da vulgaridade geral, o Paço Imperial, os numerosos conventos – o de São Bento, o da Ajuda, o de Santo Antônio – a Alfândega, a Bolsa, o Bispado, a Cadeia, a Casa da Moeda, o Tesouro, o Arsenal de Guerra, encontravam a razão principal da sua importância nas funções a que serviam e quando muito, nos seus volumes, desproporcionados em relação a característica mesquinhez das construções. Como pontos de exceção real nesse conjunto podiam citar-se o elegante octógono da igreja da Glória, local, anos antes dos piedosos recolhimentos da Imperatriz Dona Amélia; o Teatro Nacional, o Palácio do Conde dos Arcos; sede então de uma das casas do Parlamento, a residência do conde do Rio Seco, defronte à forca dos nobres, no Largo do Rocio. Entre as raras preciosidades arquitetônicas do tempo sobressaía, com à sua dupla fila de arcadas classicamente romanas o aqueduto que alimentava as fontes da cidade com as águas do rio Carioca, as quais, segundo Rocha Pita, "davam vozes suaves aos músicos e mimiosos carões às damas".

Não compreendendo os arrabaldes da Lapa e do Catete e a Cidade Nova. que começava no Largo de Santana, teria o Rio de Janeiro pouco mais de uma milha quadrada de superfície. Nos arredores, em Botafogo sobretudo e também em Mata-Cavalos e Catumbi, as habitações amplas, cercadas de árvores e adequadas ao clima, ofereciam confortador contraste com a angustiosa inadaptação das casas nos labirintos dos quarteirões urbanos. Nesses lugares afastados do burburinho do centro comercial e ainda em São Cristóvão, nas vizinhanças da Quinta da Boavista, residência habitual de D. João VI e de D. Pedro I, tinham moradia as famílias mais representativas, a fidalguia do primeiro reinado, os negociantes ricos, os estrangeiros, na sua maioria ingleses. Darwin, durante a sua demora no Rio de Janeiro, habitou uma pequena casa de campo na enseada de Botafogo e afirmava que impossível lhe parecia idear nada mais delicioso do que aquela vivenda em tão admirável localidade.

Podia o Rio de Janeiro vangloriar-se de ser uma das capitais com maior número de igrejas. A arquitetura religiosa não levava porém, vantagens à profana, se bem que o interior dos templos destoasse da monotonia das fachadas, quando não na pureza do gosto artístico, na grande riqueza, pelo menos, das ornamentações. Valiam as festas religiosas pela manifestação mais típica da sociedade da época. Quase diariamente procissões percorriam as ruas. Todas as quartas-feiras, à noitinha, saía do Bom Jesus a Via Sacra. A procissão, iluminada pela luz das lanternas e das tochas, levadas pelos membros de diversas irmandades, movia-se lenta, ao sussurro das preces recitadas pelos sacerdotes e repetidas pelos fiéis. Em numerosas esquinas havia nichos de santos, grandes crucifixos iluminados pelos moradores da vizinhança. – "Em cada cruz parava o acompanhamento, ajoelhavam-se todos e oravam durante muito tempo."

As matronas e as donzelas pouco saíam à rua. A própria disposição das casas impunha a intimidade entre moradores vizinhos. Nas janelas e nas sacadas distraíam-se as moças mais do que em nenhuma reunião. Também os homens permaneciam ali horas consecutivas, fumando, observando os que passavam, e só deixariam as casas no correr do dia, quando obrigados por assuntos indispensáveis. À compreensão dos europeus parecia incrível as intrigas amorosas que se entreteciam de sacada a sacada ou das janelas para a rua. Depois nas procissões, nos adros das igrejas,

os idílios passavam dos olhares languidos para resoluções mais definidas. O velho costume português, reminiscência do século XVII, dos beliscões como demonstração de amor manteve-se por longo tempo, mais no Rio de Janeiro do que em qualquer outra cidade brasileira.

As cores vivas das moradias e dos vestuários, o movimento das ruas, as salvas de artilharia de hora, o bimbalhar dos sinos, os gritos e os cantos dos negros, o vozerio dos mercadores atordoavam o recém-chegado. Para onde olhasse, encontraria sempre aspectos humanos nunca imaginados, típicas paisagens de alma tropical, trechos de vida inteiramente novas para a sua sensibilidade. Um dos cenários mais representativos era a Rua da Alfândega, pela qual se efetuavam quase todos os transportes da cidade. O incessante vaivém de comerciantes e caixeiros, a confusa agitação dos pretos seminus carregando pesados fardos e acompanhando o esforço físico com a sincopada harmonia das vozes graves e bem timbradas, todo esse burburinho formava um quadro intensamente característico e admirável de colorido local. Nas ruas da cidade habitadas por gente de mais baixa categoria, a música, a dança, os fogos de artifício davam a cada noite uma aparência de festa. O lugar de maior distinção, a Rua do Ouvidor, – a *rue Vivienne* do Rio de Janeiro – ressentia-se como nenhuma outra, então, do passageiro desequilíbrio consequente à volta de D. Pedro para o Reino.

O desembarque dos navios mercantes se fazia pelo Largo do Paço. À esquerda de quem vinha do mar, ficava o Palácio do imperador, antiga residência dos vice-reis, edifício acaçapado, de dois andares, retangular, pintado de branco. Ao fundo da praça, a fila das igrejas: a Metropolitana, a Capela Imperial, a do Carmo e a fachada do Convento dos Carmelitas. À destra havia uma sucessão de sobrados – casas de negócio, tavernas, agências de câmbio – o primeiro deles na esquina da Rua Direita, sobreposto a uma série de arcadas. Na linha do mar. comprida e baixa muralha com aberturas para a atracação de canoas e catraias. Em torno do chafariz, colocado primitivamente no centro da praça e reposto depois nas proximidades da amurada do cais, movimentava-se continuamente uma pequena multidão rumorosa e agitada, principalmente de escravos, ocupados nos transportes da água.

Ao avançar da tarde, pelas quatro horas, começava o largo a encher-se de gente de prol, desejosa de espairecer a de encontrar-se com ami-

gos. Em menos de meia hora, todo o paredão do cais estava tomado. Nos grupos ruidosos que se iam fazendo e desfazendo, discutiam-se os assuntos da cidade, contavam-se mexericos a anedotas, brincava-se com as escravas vendedoras de refrescos e doces, vestidas de saias berrantes a alvas camisas enfeitadas de rendas, e ornadas de cordões dourados. Ao cair da noite outra já era a frequência do largo, onde se reuniam então os mercadores, que iam discutir os seus negócios, buscar contratos que se oferecessem. Apareciam também os capitães de navios, os agentes de câmbio e intermediários em todas as espécies de transações. Ao forasteiro não se oferecia lugar mais apropriado para ambientar-se ao Rio de Janeiro. Ali podia estar seguro de encontrar ocupações e estabelecer amizades.

Terminada a faina de bordo, Garibaldi rumava a terra. Necessitava o seu temperamento de renovados contatos humanos. Saltava no Largo do Paço e perdia-se no burburinho dos homens do mar, negociantes, moradores da cidade e estrangeiros, que se agitavam confusamente no terreiro do cais discutindo mercancias, regateando preços e fretes, discriminando itinerários de viagens. Tomava parte nos assuntos. Polido e comunicativo, logo se fez notado nas rodas a gente do seu mister.

Foi aí que encontrou Rossetti, que seria um dos seus melhores amigos. Nunca antes se haviam visto, mas parecia já fossem conhecidos de largos anos. *"Gli occhi nostri s'incontrarono e non sembró per la prima volta, com'era realmente. Ci sorridemmo reciprocamente, e fummo fratelli per la vita, per la vita inseparabili".*

Rossetti apresentou o novo amigo aos emigrados italianos que viviam na cidade, entre eles Giovanni Battista Cuneo, a quem conhecera nas viagens do Mediterrâneo a para quem trazia cartas de Mazzini. Cuneo já estava aclimatado na nova residência, e habituado, ademais, aos meios do Rio da Prata, aonde o levavam contínuas viagens. Entrou em comércio de ideias também com Luigi Carniglia ao qual o ligaria vivíssima amizade. com Domingos Torrisano, negociante estabelecido na praça, e com Castellini. Rossetti morava na esquina do Largo do Paço com a Rua Direita, naquele velho sobrado das arcadas, defronte à Igreja Metropolitana. Nessa mesma hospedaria foi habitar Garibaldi.

*

Atravessava então a política brasileira a fase mais dramática da consolidação do novo Império. A notícia da revolução francesa de 1830, recebida na Corte e nas principais cidades com extraordinárias demonstrações de júbilo popular, já produzira as suas consequências históricas. Parecia que os patriotas só houvessem estado à espera de um exemplo e semelhante prestígio para se atirarem contra a política regressista de D. Pedro I. Na província do Rio de Janeiro, nas capitais de São Paulo, Pernambuco e Bahia, celebrava-se a derrocada do absolutismo de Carlos X como acontecimento de imediata significação nacional e de alcance indiscutível sobre os destinos do Estado recém-constituído. As violentas objurgatórias contra o Bourbon que suspendera o regime constitucional e pretendera sufocar a liberdade de pensamento na França eram proferidas e entendidas como claríssimas alusões aos arbítrios do tresloucado Imperador, que se ia identificando mais e mais com os manejos saudosistas do partido português. Certo, ele não chegara ainda aos extremos que haviam precipitado do trono o irmão de Luís XVIII. Mas a luta entre a Coroa e a Assembleia Nacional tornava-se cada vez mais viva. O Imperador abominava o regime constitucional, cujo mecanismo nunca chegara a compreender exatamente. Já no ano anterior, o seu discurso de encerramento da sessão legislativa, justo uma dúzia de palavras – "Augustos e digníssimos senhores representantes da Nação Brasileira, está encerrada a sessão" – significara um prenúncio de rompimento definitivo, que vinha próximo. No Rio de Janeiro a *Aurora Fluminense,* de Evaristo da Veiga, em São Paulo o *Observador Constitucional,* de Líbero Badaró, no Norte, *O Bahiano,* de Rebouças, em Minas *O Universal,* inspirado por Diogo de Vasconcelos, tiravam dos acontecimentos ocorridos na França a conclusão de que o absolutismo político era incompatível com a vida dos povos contemporâneos. Na capital de São Paulo, os estudantes se entregaram a ruidosas manifestações. Exaltaram-se os ânimos. Daí a pouco, já não seria o advento de Luís Filipe o que festejavam os alunos da Academia e os populares paulistanos: mas o predomínio dos portugueses, o regime absolutista e José Clemente Pereira, a política retrógrada e tirânica do imperador que condenavam sem rebuços. Em consequência desses sucessos, Líbero Badaró fora assassinado.

Isso acontecera quatro meses depois da revolução de Paris. A viagem do monarca à província de Minas Gerais acentuaria impiedosamente,

pouco depois, o seu desprestígio popular. Quando o cortejo imperial entrava nas cidades, os sinos dobravam a finados, celebrando as exéquias de Badaró, de cujo assassínio o povo acusava o imperante. Em Ouro Preto, fez D. Pedro uma proclamação a todos os brasileiros, referindo-se com desdém ao espírito de imitação, que levava os maus patriotas a copiarem modas estrangeiras, e denunciando-os de formarem o "partido desorganizador", preocupado em realizar a Federação das Províncias, o que parecia ao Bragança o cúmulo da estultície.

Estava declarada a guerra entre o trono e o povo, entre o absolutismo do governo e as tendências federalistas da nação. O regresso à corte foi apressado e melancólico. No Rio de Janeiro, as luminárias com que os "caramurus" quiseram festejar o regresso de Sua Majestade transformaram-se na "noite das garrafadas". O povo da corte confraternizava com a província de Minas.

Daí por diante, o despeito do imperador fazia garbo em desafiar a longanimidade do povo. Dirigiram-lhe os liberais um *ultimatum*. Mas D. Pedro não queria compreender a realidade da situação. Substituiu o Ministério Nacional pelo dos "marqueses", decorativos áulicos de São Cristóvão. Certa madrugada (no Brasil tais acontecimentos quase sempre ocorrem de madrugada), a única força em que se apoiava o governo – o Exército nacional – cumpria o seu destino histórico de defender a nação nas periódicas tentativas de regresso à tirania e enviava ao imperador a intimação do povo, que teve como consequência a abdicação.

Oito meses após os acontecimentos de Paris, triunfava no Brasil o espírito democrático da Revolução Burguesa de 1830.

Se, tanto pela identidade das causas que o motivaram como pela plástica dos acontecimentos, deve o 7 de Abril ser considerado legítima edição brasileira da Revolução de Julho, num ponto, entretanto, e esse de capitalíssima importância, as suas diferenças extrínsecas não poderiam ser maiores. Tal como na França, também aqui havia quem desejasse, desde logo, a proclamação da República. Mas não se encontrava um homem com o prestígio de La Fayette para aquietar essas tendências extremadas; e faltava, sobretudo, a figura intermédia de um príncipe respeitado pelo povo, que pudesse substituir o monarca abdicante. O 7 de Abril foi uma revolução democrática, moderada, fiel aos princípios do regime e respeitosa dos direitos dinásticos. Mas não teve Luís Filipe.

Devia o movimento vitorioso encaminhar com rapidez a reforma das instituições no sentido liberal e obediente ao sentimento autonomista das províncias. Mas a tarefa se fazia sobremodo difícil pela completa ausência de homogeneidade nas aspirações do mundo político, brilhante, narcisiano, ruidoso nas atitudes, extremado nas opiniões. De um lado, os "exaltados", federalistas, mais ou menos declaradamente republicanos, e para os quais o golpe vitorioso havia sido a *"journée des dupes"* referida por Teófilo Otoni; do outro, os absolutistas, que não se davam por convencidos e começariam, logo em seguida, a tramar a volta de D. Pedro I; no centro, os "moderados", que Evaristo da Veiga, auxiliado por Vasconcelos e Feijó, liderava na assembleia e cujas doutrinas expunha pelas colunas do seu jornal. A razão estava com Paula e Sousa, quando disse, no Parlamento, que acabara a revolução material, mas não a moral.

No meio desse caos, timbravam os regentes em manter fidelidade ao espírito liberal da revolução que inspirara o movimento. "Nenhum poder extraordinário foi concedido à Regência Provisória: antes se gritou no dia 7 de abril que não se queria ditadura, logo que foi apresentada a ideia de poderes extraordinários." Entre os "caramurus", os Andradas, principalmente Martim Francisco, levavam aos extremos os ataques à nova situação. Os "exaltados", por sua vez, não deixavam de conspirar. Os republicanos e os reacionários, os dois polos opostos nas lutas que haviam culminado na abdicação, aliaram-se contra o governo, formando aquela "liga de matérias repugnantes", denunciada por Evaristo. Parecia que os maiores excessos praticados no Parlamento e na imprensa não conseguiam levar a Regência Provisória a acobertar-se na suspensão das garantias constitucionais. A *Exposição dos Princípios do Ministério,* redigida por Bernardo de Vasconcelos, podia ser considerada um exatíssimo decalque da orientação com que os gabinetes de Lafitte e de Thiers faziam, além-Atlântico, a política de Luís Filipe. A Revolução de 7 de Abril não tivera por fim "subverter as instituições constitucionais e mudar a dinastia, nem o de consagrar a violência e proclamar a anarquia" (entenda-se: instituir a República ou admitir a Federação); mas, "usando do direito de resistência à opressão, popularizar a monarquia, arredando-se dela os abusos e os erros que a haviam tornado pesada aos povos, a fim de reconciliá-la com os princípios da verdadeira liberdade".

Se nobre e elevada a orientação liberal da Regência Provisória, faltou-lhe, contudo, e de maneira alarmante, a compreensão das necessidades políticas mais prementes do país. As revoltas localistas que dentro em breve iam estalar mostrariam à sociedade que as artificiosas confusões da corte não refletiam o sentimento das principais províncias, francamente favoráveis à Federação. Se o raro corresponde a um desacerto, o que constitui por longos anos um complexo de aspirações generalizadas, erraram crassamente os estadistas da Regência opondo-se à vitória do espírito federalista. "A se não alcançarem, em 1834, os melhoramentos prometidos, vamos entrar na luta maior que a liberdade tem sustentado", dizia a *Bússola da Liberdade*. Mas quando Lino Couto, Henrique de Resende e Costa Ferreira defenderam na Câmara a instituição da monarquia federativa, o projeto caiu por setenta e quatro votos contra quarenta e quatro.

Em vez de ir ao encontro das aspirações populares, buscou-se na força o remédio adequado para contrarrestar as agitações da corte e das províncias. O próprio Evaristo da Veiga, de ordinário propenso à conciliação, preconizava a necessidade de um pulso forte "para conter os extravasamentos da anarquia". E indicava o nome de Feijó.

Irrompem consecutivas rebeliões no Rio de Janeiro, julgadas no nascedouro pela vigilância do padre e pela energia de um major do Exército, o futuro Caxias. A ação do governo faz redobrar as violências da oposição. Montezuma denuncia, da tribuna da Câmara, o ministro da Justiça como incurso em crime de responsabilidade, por usurpação de atribuições do Legislativo. Ainda mais se incendeiam os ânimos. Resolve Feijó passar a contra-ataque e golpeia de rijo o reduto mais temível dos adversários – os Andradas, que haviam feito causa comum com os restauradores e os "anarquistas". Propõe a Assembleia a destituição de José Bonifácio das funções de tutor dos príncipes. Este o seu dilema: ou deixava José Bonifácio a tutoria, ou ele se demitia do Ministério da Justiça. "Um de nós tem de capitular."

A Câmara votou a destituição do patriarca. Mas a inteligência e a combatividade de Martim Francisco, líder dos oposicionistas na Assembleia, não se conformava facilmente com as derrotas. Veemente, maneiroso, infatigável, ele vai apelar para a outra casa do Parlamento. E o Senado rejeita a grave decisão da Assembleia. Criava-se um "impasse" no governo parlamentar da Regência. Para sair da dificuldade, só um caminho aparecia aos regentes

e ao Ministério: um golpe de Estado que transformasse a Assembleia Legislativa em Assembleia Nacional, com poderes para reformar a Constituição. De acordo com o combinado, demite-se o Ministério e renuncia a Regência. Opina a comissão parlamentar, nomeada para o efeito, que os acontecimentos mais que notórios – a restauração que empunhava armas, o Ministério que se demitira, a impossibilidade de organizar outro naquelas circunstâncias – exigiam enérgicas medidas para salvar a nação e o trono constitucional do Senhor D. Pedro II; e propõe que a Câmara se converta em Assembleia Nacional. Honório Hermeto, "que estava com a cabeça fria", consegue evitar o malfadado golpe. A Assembleia envia uma deputação aos regentes, rogando-lhes que retirassem a renúncia. Permanece a Regência, mas sacrificam-se os ministros, entre os quais Feijó e Bernardo de Vasconcelos.

Dissolvida a Câmara, as eleições deram maioria absoluta aos liberais. A nova Assembleia votou o Ato Adicional, que conservava a vitalidade do Senado, ensaiava timidamente algumas concessões, mas não encarava de frente o problema de Federação; e instituída a Regência Una.

No ano seguinte, Feijó voltava ao poder, já não como ministro, senão como regente uno. As aclamações que saudaram o novo governante mal disfarçariam as graves apreensões que saturavam a atmosfera política. O Pará e o Rio Grande do Sul estavam sublevados. Feijó, que por ocasião de tentativa do golpe de Estado se demitira do Ministério da Justiça em companhia de Vasconcelos, cometia agora o erro tático de não chamar ao governo o representante de Minas Gerais, homem de grandes talentos e enorme ambição. Essas duas figuras, que se poderiam ter completado em proveito da coisa pública – Feijó a ação, Vasconcelos a inteligência; este a sutileza, aquele a energia; um a doutrina, outro a execução – haviam-se tornado incompatíveis um em relação ao outro. Dessa incompatibilidade pessoal ia decorrer o mais significativo trecho das dificuldades que acabariam impopularizando o governo de Feijó. Porque, na verdade, "aquela alma titânica dentro de um arcabouço abatido e afistulado de moléstias", aquele "espantalho de ministros" teria sido a única força capaz de opor-se com êxito à demagogia de Martim Francisco, aos arroubos de Antônio Carlos, à fascinação mental de Maciel Monteiro, ao crescente prestígio parlamentar de Calmon, de Rodrigues Torres, de Honório Hermeto. Relegado à oposição, ele se tornaria, por exigências do próprio temperamento,

seu principal orientador. Nos jornais da época, a oposição à Regência Una passou a ser "a orquestra do Sr. Vasconcelos".

Ameaçadoras, multiformes, imprevisíveis, as dificuldades que o primeiro regente do Ato Adicional teve de enfrentar. A união nacional, longe de consolidada, estava exposta às mais graves ameaças. Por toda parte, tumultos, arruaças, quarteladas, a Revolta dos "cabanos" em Pernambuco. Alagoas, Pará, a revolução do Rio Grande; aqui e ali explosões do espírito federalista; manifestações, acolá, de pura anarquia. Fazia-se cada vez mais acesa a rivalidade entre os partidos. Só momentaneamente conseguira o falecimento de D. Pedro I abater o ânimo dos "caramurus". Respostos da surpresa, voltavam à luta com uma nova bandeira: a substituição da regência de sangue, com o nome da princesa Dona Januária.

O feitio autoritário e ríspido do regente não sabia contornar os obstáculos. Ia direto aos fins, não admitia contemporizações. Faltava-lhe a plasticidade indispensável em circunstâncias de tal complexidade. O seu rigor implacável não se casava com o sistema constitucional que Bernardo de Vasconcelos se esforçava por instituir no país, nem os seus preconceitos lhe permitiam compreender as profundas razões sociológicas que militavam pela Federação das províncias. Despido de otimismo e falho de simpatia humana, "via constantemente o país submergido, não tinha esperança em coisa alguma e pintava tudo com cores negras." Não soube impor-se, enfim, como o "homem que as necessidades do país exigiam". Quis estabelecer a ordem, mas não soube organizar a liberdade. Para defender a ordem, só via um remédio: reforçar a autoridade. "Nossas instituições vacilam – dizia na sessão parlamentar de 1835; o cidadão vive receoso e assustado; o governo consome o tempo em vãs recomendações. Seja ele responsabilizado por abusos e omissões; dai-lhe, porém, leis adaptadas às necessidades públicas; dai-lhe a força com que possa fazer efetiva a unidade nacional."

Era o grito de desespero, o grito da força que, para manter-se, necessita de mais força e acaba sacrificando a sua própria autoridade nos excessos da violência.

*

Quando se abriu a sessão legislativa de 1836, uma das mais agitadas, das mais brilhantes e dramáticas do Parlamento brasileiro, três

questões capitais dominavam a atenção das Câmaras: a questão religiosa, a revolução do Pará, a guerra civil no Rio Grande do Sul.

Tivera a questão religiosa os seus pródromos com a vinda de missionários protestantes para a catequese dos índios. O arcebispo da Bahia, D. Romualdo, membro da Assembleia e inimigo irreconciliável de Feijó, clamara indignado contra aquele insulto à religião católica. Pouco depois, surgia o conflito com a Santa Sé, motivado pelo fato de não aceitar o papa a representação imperial do bispo eleito para a diocese do Rio de Janeiro. Dois prelados haviam sido nomeados: o de Mariana, o próprio padre Diogo Feijó; e o do Rio de Janeiro, o padre D. Antônio Maria de Moura. Feijó declinou desde logo da eleição, mas insistia pela ratificação da escolha do Padre Moura, contra quem se movia áspera campanha, baseada nos seus costumes não de todo conformes aos preceitos da religião. O novo núncio apostólico, Monsenhor Fabrini, propõe uma transação a Feijó: iria o padre Moura para a diocese de Mariana, e ficaria no Rio de Janeiro o padre Feijó. "Assim fecharemos o incidente diplomático." Categórico, responde Feijó:

– Sinto, Monsenhor, mas não posso aceitar. Não se trata de pessoas, trata-se de prerrogativas do governo imperial. Desculpe-me V. Exa. Eu não serei bispo do Rio de Janeiro. Este lugar é de D. Moura.

Bernardo de Vasconcelos leva a questão à Câmara. Horrorizava-o a doutrina da Fala do Trono, que "considerava a Câmara com poderes para examinar o Evangelho, convidando-o à heresia, a romper a unidade da Igreja». Respondeu-lhe o ministro da Justiça, Limpo de Abreu, mas não logrou impressionar o auditório. Foi à tribuna Evaristo da Veiga, uma das vozes mais autorizadas pela nobreza da sua conduta política, elegância das atitudes e desambição dos propósitos. Fez uma defesa cabal do governo, já não apenas na questão com a Santa Sé, mas no caso da rebelião do Rio Grande. O próprio discurso de Evaristo, porém, já trazia em si os gérmens do seu futuro desentendimento com Feijó. No caso do Rio Grande do Sul, sustentava com calor a necessidade da anistia aos sediciosos. A chegada do presidente deposto da província, Fernandes Braga, produzira extraordinária sensação no Rio de Janeiro, onde os espíritos já se sentiam "sobremaneira comovidos pelas notícias de horrorosas cenas havidas no Pará". Diziam uns que a província do extremo sul se tinha separado do Império, outros que já estava unida ao Estado Oriental. Braga desmentiu tais boatos, e acusava

a fraqueza do centro como causa principal dos acontecimentos. Insinuava mesmo que a Regência Trina tivera cumplicidade no levante. "Pode-se dizer sem medo de errar que Bento Gonçalves fez a revolta com os juízes de paz, o código do processo e a lei da guarda nacional." E fazendo justiça aos sentimentos autonomistas da província rebelada, acrescentava: – "A importância do Rio Grande do Sul é bem conhecida. E é tempo de se lhe dar a atenção que merece entre as províncias do Império. O governo teve uma boa parte na desgraça do Rio Grande."

A própria rispidez de Feijó hesita em face dos acontecimentos. Numa carta a Barbacena, escreve: – "V. Exa. sabe muito bem que, sem grande apoio interno, mui difícil seria a todo o Brasil conquistar o Rio Grande." A temerária tentativa só trouxera, até então, uma consequência: "Firmar a rebelião, desacreditar o governo e acabar com os restos que ainda se podiam procurar."

Inclina-se o regente, nos primeiros momentos, à clemência. Araújo Ribeiro, nomeado presidente da província, leva no bolso a anistia aos rebeldes, mas não torna pública a medida salvadora. Na Assembleia, os inimigos de Feijó o acusam de não estar à altura da situação.

No Pará, o movimento revolucionário se apresenta com aspectos menos graves mas contribui, ainda assim, para aumentar as dificuldades que o governo tem de enfrentar. Depois de prolongados debates, a Câmara, por proposta de Evaristo, resolve introduzir na legislação do país as reformas "indispensáveis à justa repressão do crime". O governo continua a insistir no caminho da violência como único remédio indicado para restabelecer a ordem.

Por escassa maioria, logra aprovação à emenda. A situação parlamentar torna-se cada vez mais árdua. Limpo de Abreu solicita, em fundamentada exposição, a suspensão das garantias constitucionais para a província do Rio Grande do Sul. É o plano inclinado de Feijó. Martim Francisco e Bernardo de Vasconcelos combatem asperamente o projeto. Tudo que o governo pede às Câmaras serve de pretexto à oposição, que se revela dia a dia mais encarniçada e cruel. – "Quando a oposição se torna maioria, é dever imperioso entregar-lhe o governo", brada Bernardo de Vasconcelos, com a convicção de um orador de Westminster.

Não cede o regente nos seus propósitos de impor ordem ao país pelos métodos da força. Enfrenta, obstinado, a oposição do Parlamento. O

combate é de extermínio. Na fala de encerramento da sessão legislativa, ele se dirige às Câmaras para exprobar-lhes a falta de atenção às dificuldades que afligem o país: "Seis meses de sessão não bastaram para descobrir os remédios adequados aos males públicos; eles, infelizmente, vão em progresso; oxalá que na futura sessão o patriotismo e a sabedoria da Assembleia Geral possam satisfazer as urgentíssimas necessidades! Está fechada a sessão."

*

Tal o cenário político do país no ano em que Garibaldi chegou ao Rio de Janeiro. Vivia a cidade numa contínua efervescência de paixões. A intriga política avassalava as vontades. De todos os lados repontava a anarquia.

Dividiam-se as atenções dos emigrados italianos entre as notícias que esporadicamente lhes chegavam da pátria e os acontecimentos em evolução no ambiente local. O bárbaro trucidamento de Líbero Badaró servia de tema, ainda, a exaltadas apologias. O sangue do apóstolo italiano, derramado em defesa da liberdade de pensar, ligava a causa liberal do Brasil, no terreno dos fatos, à corrente mundial do romantismo político, que transformava a revolução da Polônia numa aspiração das consciências emancipadas em toda a Europa; dava ressonância continental às orações que Fichte dirigia à *Nação Alemã* e envolvia de prestígio inconfundível as pregações de Mazzini à frente da *Jovem Itália*. Nacional embora, a ideia revolucionária pelo golpe burguês de Paris, e confirmada essa tendência, logo após, pelo princípio luís-filipino da não intervenção, ressurgia como indiscutível em todas as latitudes políticas do mundo a simpatia militante dos reformadores republicanos ou simplesmente liberais pelos povos em luta contra a opressão dos governos. A não intervenção impunha-se como doutrina de chancelarias. Mas na liberdade da consciência individual encontrava a sua máxima expressão na tendência política dos tempos novos, simbolizada na Revolução de Julho.

Como a todos os carbonários, animava os italianos refugiados no Brasil um sentimento quase fanático de cosmopolitismo. Românticos da regeneração política, enamorados da justiça social, orgulhavam-se com o epíteto de "flibusteiros da liberdade" que por toda parte os acompanhava. Onde quer que se encontrassem, tribo de precursores que o exílio

dispersara, não perdiam de lembrança as palavras de Mazzini, que lhes mandava "*annunciare ai popoli la vicina risurrezione*".

Na questão religiosa, que se discutia no Parlamento e na imprensa, as tendências espirituais de Garibaldi o levariam naturalmente para o lado de Feijó. Mas, nas insurreições do Pará e do Rio Grande, as suas simpatias se mostrariam francamente favoráveis aos insurgentes. O governo de um padre não deixaria de suscitar no seu espírito a mais extremada aversão. *"Io ho sempre attacato il pretismo piú particolamente, perché in esso ho sempre creduto trovare il puntello ogni despotismo."*

O pulso duro de Feijó não conhecia censura de imprensa. Não lhe parecia necessária tal medida para salvar a unidade do Império. Os jornais da corte discutiam com desenvoltura as causas e finalidades das rebeliões no Sul e no Norte do país. E já ninguém ignorava, antes se proclamava sem rebuços, que esses movimentos se inspiravam nas ideias republicanas.

Os carbonários, tão duramente desiludidos na Itália com as consequências práticas da revolução de Julho em relação aos seus ideais, acompanhavam com crescente atenção o desenrolar dos acontecimentos no Brasil. Pelo sentimento de doutrina, mostravam-se solidários com os "exaltados", com os "abrilistas" autênticos. Excetuado Torrisano, que se associara aos negócios de um francês, quase todos enfrentavam prementes necessidades. Para viver, trabalhavam dia a dia. Mas a vida não se cifrava, para eles, apenas na satisfação das exigências práticas. Mais imperiosa do que nunca, dominava-os a atração da política. Pensaram em construir uma sociedade nos moldes da *Jovem Itália* e fundar um jornal que tivesse como finalidade a difusão dos princípios republicanos. Enquanto isso não lhes fosse possível, resignavam-se às precárias ocupações que iam conseguindo. Compraram, depois, um pequeno barco a que deram o nome de *Mazzini*, e o empregaram na cabotagem entre o Rio de Janeiro, Cabo Frio e Campos. Lia-se nas notícias marítimas do *Jornal do Comércio*, em 1837:

"No dia 22 de Janeiro, saída da lancha *Mazzini*, de vinte toneladas, carregamento de farinha e carne, levando os passageiros franceses Leost e Correntin e os italianos Luiz Rossetti, Luiz Parabotti e Marcos Gruba."

No dia 16 de fevereiro, retornava, procedente de Campos, com a equipagem de quatro homens, mestre José Francisco da Cruz e transpor-

tando onze passageiros, mais os italianos Rossetti, Gruba e Vicente Grandona. No dia 26 do mesmo mês, partia de novo com cinco passageiros.

Não se encontra nas listas de bordo o nome de Garibaldi. Mesmo no Brasil, ele não esquece de que está condenado à morte. Mas não é difícil encontrá-lo ali, sob o disfarce de um novo pseudônimo. Dias de estagnante monotonia esses a que ele se obriga ao longo das costas fluminenses! Quando, na capital, reúnem-se os carbonários na casa de negócio de Torrisano, a discutir novidades políticas.

Mais que os outros, sofre Garibaldi com essa vida de simples espectador que as condições do momento lhe impõem. O que ele esperara do Novo Mundo não fora essa eterna e estúpida existência de marinheiro mercante, que tanto já lhe havia pesado na Europa. Que compensações encontrara em substituir os portos do Mediterrâneo pelas costas selvagens do Brasil?

Cuneo fixara-se em Montevidéu. As cartas que Garibaldi lhe escreve são gritos de desespero contra a inatividade política em que se encontra, mas a antevisão, também, de um novo destino. Lê-se em uma delas: – "De mim, te digo que sou pouco feliz, que me faz bem mais falta a tempestade do que a calma. Estou cansado, por Deus, de arrastar uma existência tão inútil para a nossa terra. Estamos fora do nosso elemento. Podes ter a certeza, porém, de que somos destinados a coisas maiores."

Capítulo IV

A REVOLUÇÃO DO RIO GRANDE

Os JORNAIS DA CORTE vinham cheios de notícias a respeito da grande derrota sofrida pelos revolucionários rio-grandenses na Batalha do Fanfa. O próprio Bento Gonçalves fora aprisionado, ali, com Onofre Pires, um médico francês, o Dr. Paul, e um italiano de nome Zambeccari. Diziam as folhas do governo que esse acontecimento implicava a próxima submissão dos rebeldes, à míngua já de recursos bélicos. Os órgãos da oposição sustentavam o contrário. Não iludiam por certo, a gravidade do revés. Mas os revolucionários nem por isso deixaram de insistir no seu movimento de protesto contra a política centralista da Regência.

Algumas semanas mais tarde, chegavam ao Rio de Janeiro os prisioneiros do Fanfa e mais alguns outros, que a legalidade mantivera recolhidos, até então, nos porões da *Presiganga*, ancorada nas águas de Porto Alegre. A presença de um compatriota numa prisão do Estado causou alvoroço entre os carbonários. Decidiram que Rossetti tratasse de entrar em comunicação com Zambeccari, recolhido à fortaleza de Santa Cruz.

Não foi difícil ao italiano obter permissão para a visita. E, de volta à cidade, reuniu os amigos para transmitir-lhes as impressões que

tivera da figura doentia do compatriota e da sua palavra arrebatadora e mística.

Exultou Garibaldi com o relato do companheiro. Não seria a revolução do Rio Grande, já que o destino o levava a cruzar os passos com os de Zambeccari, cenário adequado ao emprego da sua atividade? Admitira, até então, se reduzissem os sucessos do Sul, afinal, a alguns rápidos levantes facilmente debeláveis pelas armas do Império. Mas desde que o movimento se afirmava com possibilidades e resistência, por certo não lhe faltaria ali como fazer-se útil à causa da liberdade.

Quando Rossetti voltou à fortaleza, para uma segunda visita ao encarcerado, levou Garibaldi em sua companhia.

*

Tito Lívio, descendente da velha linhagem dos Zambeccaris, havia emigrado por motivo das agitações políticas de 1823, ao tempo em que o duque de Módena aprisionara os cabecilhas da conjura em casa de Ciro Menotti, um dos primeiros mártires das lutas italianas. Criança ainda, perdera, num desastre, o pai, empenhado em resolver a dirigibilidade do aerostato por meio de remos. Reservado, esquivo, quase misantrópico, preocupavam-no desde a adolescência as ideias políticas a que Mazzini daria corpo e forma pouco depois. Na escola de diplomacia de Bolonha, entrou em contato com as sociedades secretas. Fez-se carbonário. A circunspecção de maneiras, excepcional para a sua idade, e o zelo que punha em todas as ocupações, indicavam-no ao desempenho de incumbências reservadas. Perseguido pela polícia, fugiu para a Espanha, onde se fazia intensa também a agitação patriótica. Esteve em Sevilha e aí se apresentou a Riego, que o nomeou seu ajudante de ordens. Passou, em objeto de serviço, a Gibraltar, e nessa praça o encontrou a notícia do desbarato dos insurgentes e do fuzilamento de Riego.

Partiu, então, para Londres. Durante meses viajou pela Inglaterra e pela França, ocupado em estudos mineralógicos. Algum tempo mais tarde, resolveu emigrar para a América. Desembarcou em Montevidéu. A Cisplatina já estava então em guerra com o Império. Sem demora, dirigiu-se ao quartel-general de Oribe, no Serrito; e daí, convenientemente credidado, a Durazno, onde se apresentou a Lavalleja. No exército uruguaio

havia grande falta de quem soubesse manejar canhões. Da artilharia, na opinião de Lavalleja, só gente ilustrada podia entender. Aquele "gringo", por exemplo, vinha a calhar para o posto de comandante geral dos artilheiros. E fácil não lhe foi convencer o caudilho da sua incapacidade para a função.

Depois de alguns meses de andanças pela campanha, passou à outra margem do Prata, em cujas rodas liberais, opostos à crescente ascendência de Rosas, logo se fez notado. Quando começou a ameaça dos federais contra Buenos Aires, quiseram dar-lhe o comando da legião de voluntários italianos a serviço da causa unitária. Não aceitou o posto, pelos mesmos motivos que anteriormente expusera a Lavalleja. Mas, alistado entre os "ussares republicanos" de Zenon Videla, tomou parte em várias ações nas proximidades da capital.

Fazia-se instável, com a vitória de Rosas, a sua permanência em Buenos Aires. Veio-lhe, daí, a ideia de ir para o Rio Grande. Tinha lá amigos, alguns dos quais conhecera em condições difíceis, no decurso dos meses em que servira na Guerra da Independência do Uruguai, outros em circunstâncias menos agudas, na capital argentina. Fez uma primeira viagem a Porto Alegre, onde foi acolhido com simpatia pelos liberais. Voltou ao Rio da Prata para liquidar negócios, hesitante entre a alternativa de regressar à Europa ou retornar à capital rio-grandense. Surpreenderam-no em Buenos Aires as notícias dos sucessivos malogros da *Jovem Itália*. E isso o decidiu a fixar-se no Rio Grande.

De novo na província, fez parte de uma comissão encarregada das medições de terras na colônia de São Leopoldo. Conheceu ali o emigrado alemão Hermann von Salisch, que partilharia da Revolução dos Farrapos em contraposição a Hillebrand, adepto dos legalistas e fervoroso servidor do trono.

Precocemente envelhecido e com uma nuvem de tristeza a pesar-lhe sempre nos olhos, dá o emigrado a impressão de já passar dos trinta e cinco anos, quando na realidade apenas entrara na casa dos trinta. Dedicou-se a estudos geográficos e de história natural. O seu mapa da província, um dos melhores da época, prestaria depois inestimáveis serviços na orientação da guerra de movimentos que teriam de sustentar os revolucionários. Guardava suas coleções de botânica, desaparecidas nos azares

da luta, na velha casa em que residia, à esquina da Ladeira com a Rua Nova, em Porto Alegre. Mais tarde, em Bolonha, reconstruiria de memória o seu formidável trabalho, nos *"Cinque quadri dei prodotti vegetali usati nell'economia e medicina domestica brasiliera"*.

*

Quando Zambeccari se fixou em Porto Alegre, já batia a revolução às portas da província. Apenas no Rio de Janeiro, em Minas, São Paulo e talvez na Bahia, produzira o golpe de 7 abril algumas ligeiras modificações no ambiente partidário. Nas circunscrições mais excêntricas, no Rio Grande do Sul sobretudo, continuavam mandando e desmandando os reacionários, como nos áureos tempos de D. Pedro, do *Chalaça* e dos complacentes marqueses que fingiam de ministros de Estado. Explicava-se esse prestígio dos remanescentes do absolutismo pelo fato de serem portugueses, ou politicamente aditas a eles, as principais autoridades militares da província. A vizinhança com as turbulentas ditaduras platinas fazia então do Rio Grande um permanente acampamento bélico. A preponderância do elemento militar se impunha, destarte, pela própria fatalidade do meio.

O partido "caramuru", absolutista, de acentuada orientação lusitana, trabalhava com afinco pela volta de D. Pedro. O seu órgão principal em Porto Alegre, *O Inflexível*, redigido pelo panfletário português Joaquim José de Araújo, movia odiosa campanha contra os sentimentos nativistas da população. Aos absolutistas opunha obstinada resistência o Partido Liberal, de resoluto espírito nacionalista. Mas não se limitavam os liberais à defesa da Constituição. Propugnavam ideias mais avançadas: a Federação das Províncias de começo, e, mais tarde, sem ambages, o regime republicano. Produzia-se no Rio Grande o choque entre o passado e o futuro. O presente, representado pelos governos da Regência, entraria nesse embate como simples elemento acessório de tempo e modo, consoante as atitudes foram quase sempre escancaradamente hostis aos sentimentos liberais da população, que se afirmariam de maneira indubitável por ocasião do pleito para a composição da primeira Assembleia Legislativa.

Fora de dúvida que a vizinhança dos cenários platinos influía poderosamente nas agitações da província. Lavalleja, o organizador da expedição libertadora da Cisplatina, convivia na intimidade de Bento Gon-

çalves, quando exilado no Rio Grande. Por mais de uma vez levara o governo uruguaio seus protestos ao Rio de Janeiro, contra as ajudas que aquele caudilho recebia do comandante da fronteira de Jaguarão. Do lado de lá da raia, o padre Caldas, condenado à morte em consequência da atuação que tivera na Confederação do Equador, não descansava nas suas onímodas intrigas, principalmente junto a oficiais do Exército. Fugido da prisão do Rio de Janeiro, servira como capelão das tropas argentinas e se estabelecera depois no Serro Largo, onde desfrutava de *"grandes consideraciones"*. O terrível sotaina não descansava na sua propaganda contra as instituições monárquicas. E em Porto Alegre, o "castelhano" Salvador Ruedas, figura enigmática, pregava com desempeno a rebelião contra o trono.

A Bento Gonçalves parecia verdadeira traição que se houvesse, depois do 7 de Abril, recorrido aos desastrosos princípios de um governo de força – "sistema precário e funesto", dizia – contra as aspirações do povo, francamente favoráveis à Federação, "baseada em sólidos princípios de justiça e conveniência recíproca". Dois oficiais do Exército, José Mariano de Matos e João Manuel de Lima e Silva, ambos fluminenses e irmão o segundo de um dos regentes do Império, formavam entre os "exaltados".

Um amigo de Zambeccari, o francês Arsène Isabelle, que por esses tempos passara pela província, viu – o que nele parece excepcional – com perfeita clareza o quadro político no extremo sul do Império. "Os habitantes de Porto Alegre", escrevia, "estão divididos em duas facções: a dos *caramurus*, compreendendo todos os adeptos do governo monárquico, e a dos *farroupilhas* ou *sans-culottes,* partidários do governo republicano. Os últimos dispõem de mais força aqui do que além, mas tal força não a conhecem eles... A província do Rio Grande, podendo dispensar o concurso das outras, e lhes sendo, ao contrário, muito útil, quer a Federação. E daí o protesto das outras, o que faz que não se possam entender."

A síntese não poderia ser mais exata. O centro só olhava para o Rio Grande com a dupla intenção de organizar batalhões e arrecadar impostos. Um dos representantes do governo do Rio de Janeiro, Paula Gama, dava a esse propósito irrecusável depoimento: "Qualquer governador do Rio Grande, ainda que intimamente convencido das utilidades públicas, deixa de promovê-las pelas contradições que tem de encontrar no Rio de Janeiro, onde essas utilidades nem são vistas nem examinadas e onde é do interesse geral ter numa rígida

Mapa do Rio Grande do Sul elaborado por T. L. Zambeccari.

tutela esta desgraçada capitania." Vinha de longe o mal, também anotado por Saint-Hilaire: "Os habitantes desta província prestaram serviços na guerra durante grande número de anos e quase nunca receberam soldo. Enquanto concorriam nas fileiras, tomavam-lhes cavalos, bois, carretas. Não se lhes pagava nada, e suas famílias ficavam expostas aos vexames e rapinas de subalternos e chefes... Os franceses não suportariam sem se revoltar a centésima parte do que aturavam, com tamanha paciência, os habitantes do Rio Grande."

Ruinosos impostos pesavam sobre o povo. O governo, exercido em geral por pessoas estranhas à província, considerava *res nullius* a fortuna pública. De melhoramentos materiais não se curava. Em nada absolutamente se modificara a situação do Rio Grande, depois da abdicação de Pedro I. Pelo contrário, tudo ia de mal a pior.

Como em todos os grandes movimentos políticos, entrechocavam-se no cenário liberal da província diversas tendências. Vozes moderadas clamavam apenas contra as más administrações, esperançosas de que tudo se pudesse remediar com um pouco mais de atenção por parte do governo central. Outras, mais avançadas, propugnavam a Federação: enquanto se negasse às províncias o direito de se governarem por si, a situação permaneceria a mesma. Outras, ainda, iam aos extremos da secessão. E, procurando aproveitar-se da confusão, as sereias de além-fronteira, Rosas e Rivera, atiçavam o mal-estar reinante, que a miopia dos estadistas do Rio de Janeiro não encontrava como estancar.

Haviam as rivalidades entre "caramurus" e liberais entrado em face acentuadamente hostil, quando o conde do Rio Pardo recebeu instruções de instalar, em Porto Alegre, uma sucursal da Sociedade Militar, cenáculo principal, na corte, dos partidários de D. Pedro. Desatendida pelo presidente Mariani a representação de José Mariano de Matos e João Manuel contra a iniciativa, resolveram os patriotas fundar, em revide, a Sociedade Defensora da Independência e da Liberdade, centro irradiador das ideias federalistas, que se estavam difundindo com crescente rapidez, sobretudo após chegado à província o tenente Luís José dos Reis Alpoim, filiado aos clubes abrilistas do Rio de Janeiro.

A Regência, impressionada com o desenrolar dos acontecimentos, substituiu José Mariani pelo Dr. Antônio Rodrigues Fernandes Braga, filho da província e membro de uma das suas famílias de melhor tradição.

Exultaram os liberais com a vitória. Pouco duraria o seu contentamento. Fernandes Braga, homem fraco e versátil, não soube resistir às sugestões de seu irmão Pedro Chaves, reacionário ostensivo e homem da confiança do marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, chefe da facção absolutista no extremo sul. A parcialidade do presidente Braga se manifestara em toda a sua insensatez por ocasião dos festejos populares, organizados em Porto Alegre pela promulgação do Ato Adicional. Irritados com o regozijo da cidade, os absolutistas saíram à rua, apoderaram-se do trem de guerra e passaram, de armas na mão, a ameaçar a população atônita. Braga não só não reprimiu essas violências, mas ainda ordenou se processassem os juízes de paz que haviam tomado parte nos regozijos do povo. Acintosamente, suspendeu, por inconveniente à ordem pública, a execução do decreto que nomeava Bento Gonçalves comandante superior da Guarda Nacional. Demitiu Bento Manuel Ribeiro do comando da fronteira no Alegrete. Extremava-se, assim, dia a dia, a divisão da província em duas parcialidades irreconciliavelmente antagônicas. Os reacionários, inimigos mais ou menos declarados da Constituição e que não obstante isto se consideravam "legalistas", chamavam aos liberais "farrapos" ou "farroupilhas", para significar tratar-se de gente sem nenhuma representação na sociedade. Longe de se darem por ofendidos com o apodo, passaram os nacionalistas a adotá-lo com orgulho, procurando dar arras assim do seu espírito democrático e de menosprezo pelas distinções e honrarias, de que tão ciosos se mostravam os reacionários.

A imprensa provinciana refletia apaixonadamente essas lutas. A bravura dos liberais irritava sobremaneira os "caramurus" sustentadores da monarquia por direito divino. No *Noticiário* Francisco entraria, dentro em breve, na maior luta sustentada pela liberdade desde a revolução de Tiradentes. No *Constitucional Rio-Grandense*, Pedro José de Almeida, o gordo e agitado Pedro *Boticário*, escrevia que só a Federação poderia livrar a província das harpias que a corte lhe mandava. No *Recopilador Liberal* doutrinava Magalhães Calvet: "Os brasileiros, verdadeiros amigos da sua pátria, não querem a guerra civil, querem a Federação: o que não convém à caterva infame dos caramurus traidores, nem à fingida moderação; porque sendo feita aquela, ficam burlados os planos de uns e outros."

*

Em ambiente de tal maneira convulsionado começou a agir Zambeccari. Escreveu primeiro no *Continentino*, que advogava moderadas reformas. Mas, no estado de exasperação a que haviam chegado os acontecimentos, simples retoques políticos dentro dos vícios do sistema unitário já não satisfariam as aspirações do povo. Surgiu por isso uma folha de franca oposição ao regime, *O Republicano*, em cuja orientação, desde o primeiro número, teve o carbonário parte destacada.

Não se ateve ao jornalismo a sua atividade. Auxiliou a organização da Sociedade do Continentino, moldada nos usos e preceitos das associações italianas de finalidades patrióticas. A fase culminante da conspiração rio-grandense foi toda feita em "lojas admiravelmente regidas, depois reorganizadas sistematicamente pelo naturalista italiano". Desenvolviam-se os trabalhos desses cenáculos em absoluto sigilo, "mantido ainda com o maior escrúpulo mesmo depois que o mistério das reuniões" houvesse perdido a razão de ser. Os orientadores do movimento, os grandes iniciados no plano fundamental, agiam em capítulos de poucos membros dentro de círculos que se iam gradativamente alargando, tal como de regra nas lojas maçônicas. Para tornar mais aceitáveis as sociedades aos olhos dos governantes, algumas mantinham aulas e salas de leitura, e punha-se especial empenho em conseguir que nomes de relevo nos círculos dos reacionários se filiassem a elas, como sócios contribuintes. Sempre que uma denúncia surgisse contra os fins subversivos das lojas, far-se-ia com a presença desses absolutistas a melhor prova das suas características apolíticas. Tão rigorosa a organização das sociedades, que mesmo farroupilhas de inequívocas convicções ignoravam por inteiro quanto se passava nos seus cenáculos orientadores e até os nomes dos conjurados. Só depois de haver Bento Gonçalves concertado o plano da revolução com Zambeccari, Calvet e poucos mais, homens da responsabilidade de Antônio de Sousa Neto foram convidados para a deposição de Fernandes Braga.

É fácil de explicar o ascendente de Tito Lívio entre os conspiradores. Suas qualidades de inteligência, sua cultura, excepcional no meio, e sobretudo a inata capacidade de conspirador faziam-no aparecer como um homem provincial nas situações mais complexas. Em todas as circunstâncias, sua palavra indicava uma solução acertada, rápida, segura. A circunspecção do caráter contribuía para impô-lo ao respeito de quantos com

ele tratassem. Assenhoreou-se com rara presteza dos segredos da língua, e pôde ser assim um dos jornalistas doutrinários mais completos de quantos se empenhavam em conduzir a opinião da agitada província. Sustentou polêmicas de ressonância. Escrevia para diversos jornais. Em todos eles, variando de pseudônimo, pregava sempre as mesmas ideias – a Federação das províncias e a República. Agia no Rio Grande com o mesmo entusiasmo com que defendera suas ideias na Itália e na Espanha, na Argentina e no Uruguai. Era fundamentalmente, medularmente, um "carbonário", e tanto vale dizer um revolucionário cosmopolita. Foi graças à sua atividade que o plano da revolução rio-grandense se impregnou de maneira tão profunda das ideias de Mazzini e do romantismo político da *Jovem Itália*.

*

Não se cansava Garibaldi de ouvir os acidentados episódios narrados pelo prisioneiro. Entusiasmava-o a resistência de ânimo dos revolucionários e a sua audácia nas refregas iniciais do movimento. De olhos fitos no rosto pálido de Zambeccari, começou a conhecer espiritualmente os atores do drama. Sua curiosidade não tinha limites. Queria apreender o nexo dos acontecimentos, inquiria pormenores. E o encarcerado continuava horas a fio, a reconstituir os fatos culminantes da revolução, orgulhoso de haver sido partícipe em lances de tão magna repercussão na vida do Brasil.

Nas vésperas de iniciar-se o movimento, sentia a população da capital que alguma coisa de extraordinário estava por acontecer. O segredo da conspiração era sigilosamente guardado. Mas havia vibrações estranhas no ar saturado de mistério, a gente respirava inquietação, ninguém estava tranquilo. Causara impressão em todos os espíritos a transcrição, pouco antes, no *Continentino*, da declaração do povo da Virgínia, insurgindo-se em 1776 contra o trono da Inglaterra: "Cada vez que um governo se fizer conhecido como incapaz de preencher os grandes fins para os quais o povo o investiu no poder, ou sempre que lhe seja contrária a maioria da nação, tem ele o direito indubitável, inabalável e inalterável de aboli-lo, substituí-lo e reformá-lo pela maneira que julgar mais conveniente ao bem público."

A situação de Fernandes Braga se tornava cada dia mais difícil. À socapa, já Bento Gonçalves assumira o comando supremo dos "farroupilhas", e viera da sua fazenda do Cristal, no Camaquã, para o povoado

das Pedras Brancas. Ali, numa olaria, no Petim, organizara o seu quartel--general. Por “chasques” de confiança, dirigia-se aos correligionários dos municípios vizinhos, dando-lhes as instruções para o início da ação. As forças de Belém, da Aldeia dos Anjos, de Santo Antônio, da Freguesia da Serra, deveriam marchar para a Capela, onde lhes assumiria o comando Onofre Pires, que estava preso, agora, naquela mesma fortaleza.

Ao anoitecer do dia 18 de setembro, José Gomes de Vasconcelos Jardim saía das Pedras Brancas com cem homens, em um iate, para o lado da capital. A 19, essa força fez junção com a de Onofre. Conhecida a concentração da gente, ordenou o governo a convocação imediata de todas as unidades da ativa e da reserva. Mas poucos foram os soldados que Braga conseguiu reunir, e esses mesmos simpatizantes da revolução. Um irmão de Calvet, cirurgião do corpo de permanentes, logrou, a pretexto de andar em serviço da profissão, chegar ao acampamento dos revolucionários, e os instruiu do que ocorria na cidade. Retornou, esteve em palácio, informou-se da surpresa que Camamu devia trazer, noite alta, aos revoltosos, e foi de novo à Lomba do Cemitério, inteirar Gomes Jardim desses planos. Mandou o chefe revolucionário que Cabo Rocha se postasse de emboscada com trinta homens ao lado da ponte da Azenha. Pouco antes da meia-noite, aparecem os legalistas. A grande distância ainda, as sentinelas avançadas dão as primeiras descargas. Respondem, de imediato, os mosquetões dos insurgentes. E antes que os soldados de Camamu pudessem tomar posição, os revoltosos, sem indagarem do número nem do ânimo dos atacantes, caem sobre eles, a meia rédea e de lança em punho, e os vão levando de roldão até a Várzea. “Não seria crível tanto valor se toda a cidade não o houvesse testemunhado.”

Mostrava a população da capital inequívocas simpatias pelos rebeldes, cujos chefes afrontavam as autoridades publicamente. Onofre Pires, comandante chefe dos assaltantes, saíra do acampamento no dia 20 de setembro, e, acompanhado apenas de alguns amigos, entrara a cavalo na cidade, pelo caminho da Várzea. Ia, à plena luz do sol, sublevar o quartel do oitavo, na praça do Portão. Sabia contar com valorosos adeptos entre os oficiais do corpo. O quartel estava hermeticamente fechado. O caudilho apeia do cavalo e passa a golpear com as enormes manoplas a porta principal da caserna. Chegam curiosos. A situação podia fazer-se crítica. Sem perder a calma, salta de novo sobre o cavalo e, com os companheiros, a trote largo, torna ao caminho da Várzea. E some-se na poeira densa da estrada.

No correr desse dia, sublevou-se parte das tropas de Porto Alegre. E no subsequente, amanheceram os muros e as paradas das casas cobertos de proclamações de Bento Gonçalves: só a renúncia de Fernandes Braga poderia restabelecer a ordem. O presidente, abandonado ostensivamente pelos seus, resolve deixar a capital e segue para o Rio Grande. Antes, dirige uma proclamação ao povo. “Não vos deixeis iludir com as palavras e promessas dos que com as armas na mão pretendem depor autoridades e nomear outras a seu bel-prazer. Não acrediteis que eles se contentarão com isso. Cenas lutuosas vos ameaçam; os pretextos de que se servem bem o demonstram pela sua futilidade, pois que o governo central já nomeou pessoa da sua confiança que tomasse em meu lugar as rédeas do governo.” Não se enganava dessa feita Fernandes Braga, envelhecido no mau vezo de viver sempre iludido com os outros e consigo mesmo.

Bento Gonçalves é recebido com delírio pela população da capital. Mas compreende que a ação está apenas em começo e que se faz necessário solidificar a vitória tão facilmente conseguida. Trata logo de conquistar o apoio da parte conservadora da sociedade. “Voltai às vossas pacíficas ocupações e tranquilizai-vos – proclama – que são vossos patrícios os que velam pela vossa segurança. A acefalia em que vos deixou o ex-presidente não vos espante: já oficiei à Câmara Municipal desta capital para que emposse na forma da lei o vice-presidente, até a chegada do presidente que for nomeado pelo governo central.”

Deixava o chefe da revolução cautelosamente aberto, assim, o caminho para um entendimento honroso com o governo da Regência. Este nomeava presidente da província, dias depois, o Dr. José de Araújo Ribeiro, homem de ilustração e inteireza de caráter, parente, ademais, de Bento Manuel Ribeiro, o que lhe aumentava as possibilidades de dominar o movimento. Ao desembarcar no Rio Grande, chegado da corte, declarou que não vinha fazer reação, mas promover a paz. Isso não obstante, não publicou o decreto de anistia ampla que trazia consigo, medida que lhe houvera talvez permitido restabelecer a ordem. Depois de uma conferência com Bento Gonçalves, assentou Araújo Ribeiro dirigir-se a Porto Alegre a fim de prestar compromisso perante a Câmara Municipal. Mas “Zambeccari, na qualidade de um dos principais atores do movimento revolucionário e de redator do programa que tinha servido como base das

operações, tomara com os patriotas as medidas oportunas para não reduzirem as coisas a mera representação cênica". O infatigável Pedro *Boticário*, em desacordo também com o plano de conciliação, conseguiu com hábeis medidas protelatórias impedir a posse do novo presidente. Irritado ante o malogro, voltou Araújo para o litoral. E, fortalecido com o apoio de Bento Manuel, cometeu o gesto impensado de tomar posse perante a Câmara do Rio Grande, recusando-se ostensivamente a atender o convite que então lhe fazia a de Porto Alegre, para ratificar perante ela a sua investidura. Publicou, em seguida, nova proclamação, na qual atirava a culpa inteira dos acontecimentos sobre os rebeldes, e se dizia disposto a "restabelecer a ordem e a justiça". E, para mostrar por que maneira pretendia fazê-lo, pediu à Regência reforços urgentes "a fim de salvar o Rio Grande do perigo de separação".

Era a guerra.

À atitude de Araújo Ribeiro respondeu a Assembleia Provincial empossando na presidência Américo Cabral de Melo. O ano de 1836 abria-se numa série ininterrupta de guerrilhas. Os farrapos assenhoreavam-se com rapidez dos principais pontos da província. Ia a revolução em franco progresso. Pelos meados do ano, porém, Porto Alegre recai em poder dos reacionários. Um oficial alemão, Henrique Guilherme Moyse, preso no quartel do 8º batalhão, revolta alguns soldados e surpreende as patrulhas que policiavam a cidade. Apodera-se da *Presiganga*, liberta o major Marques de Sousa, que toma a direção do movimento, até que nele se empossе o marechal visconde de São Gabriel. Na mesma madrugada são presos os principais chefes revolucionários, entre eles Marciano Pereira, Pedro *Boticário*, Magalhães Calvet. Desferira o governo central o primeiro golpe de efeito contra a rebelião. Mas, poucas semanas mais tarde, conseguem os farroupilhas uma vitória sensacional: o coronel Antônio de Sousa Neto, auxiliado por um corpo de uruguaios da facção de Oribe, derrota no Seival as forças do visconde de Cerro Alegre. Terminado o sangrento encontro, Neto, até então infenso às ideias antidinásticas, proclama a República Rio-Grandense.

Teve o chefe supremo do movimento notícia desses fatos nas cercanias de Porto Alegre, que se esforçava em retomar de assalto, por ataques simultâneos de terra e do rio. Vendo impossível a empresa, resolve seguir para a campanha. Num desesperado esforço, busca Bento Gonçalves a

margem direita do Jacuí, onde espera realizar junção com as forças de João Manuel, Neto e Crescêncio. E, já seguido de perto pelo inimigo, ocupa o morro do Fanfa. Impede-lhe a esquadrilha de Greenfell a passagem do rio. A bateria do morro mantém cerrado tiroteio com a força adversária. Bento Gonçalves tenta, numa arrancada decisiva, fugir à pressão de Bento Manuel, e ocupa a ilha do Fanfa, a que é cercada e dominada pelo fogo dos navios legalistas. No terceiro dia de combate, viu-se compelido à rendição. Fê-lo de maneira digna e para salvar a vida dos companheiros, fiado na palavra do adversário, que logo a desonrou.

Dias depois, Bento Gonçalves saía das enxovias da *Presiganga* a caminho da prisão, na corte.

Misteriosos amigos concertaram o plano de libertar os prisioneiros recolhidos aos dois calabouços. Alta noite, avizinhou-se da Laje uma canoa. Ao sinal combinado, Bento Gonçalves, que já conseguira serrar as grades da cela, alçou o corpo ágil e saltou pela abertura. Do lado de fora, quedou-se à espera do companheiro. Mas a janela não tinha suficiente largura para dar passagem ao corpo do gordo *Boticário*. Indizível angústia se estampava na sua face empapuçada, gotejando suor. Não havia tempo a perder. A sentinela, sobressaltada pelo ruído, aproximava-se do local. Condoeu-se Bento Gonçalves da sorte do amigo, e fez-lhe sinal para que retrocedesse. E, retesando os músculos, alcançou de novo a janela e voltou ao cubículo. A canoa abriu distância. Depois de libertados os da Laje, ela devia chegar-se às rampas da Santa Cruz. Mas, receosa em consequência do primeiro malogro, e temendo que da Laje dessem aviso à outra fortaleza, conservou-se ao largo, à espreita dos acontecimentos. Os prisioneiros, que já tinham tomado todas as disposições para a fuga, esperavam, angustiados, a aproximação do barco. Vendo-se pressentidos pela guarda, Onofre e Corte Real atiraram-se ao mar, ganhando a largas braçadas a canoa. Zambeccari, que não sabia nadar, desistiu da fuga. Acabrunhado, retornou à cela.

*

Conhecida a fuga dos dois encerrados, as autoridades redobraram de vigilância em torno dos remanescentes. O comandante da Santa Cruz foi submetido a conselho de guerra. Seu substituto teve ordem de manter incomunicável o prisioneiro italiano, para quem começava uma

vida de duras privações que se teria fim dois anos mais tarde, quando obteve permissão de regressar à Europa.

Nos seus repetidos encontros com Zambeccari, haviam Garibaldi e Rossetti assentado entrar ao serviço da República Rio-Grandense. Bento Gonçalves, ouvido sobre o plano, deu-lhe inteira aprovação. Deliberou-se que os carbonários armariam em guerra a *Mazzini* para fazerem o corso aos navios brasileiros na costa meridional do Império. Emprestavam os prisioneiros grande importância à iniciativa. O porto do Rio Grande permanecia em poder dos imperiais, e isso debilitava sobremaneira as possibilidades da revolução. Tudo quanto concorresse para dificultar as comunicações da corte com a província seria de tentar-se, mesmo à custa dos maiores esforços.

Garibaldi não cabia em si de satisfação. Ia enfim começar a vida de aventuras que havia sonhado ao vir para o Brasil. Nada requereu para lançar-se à empresa, além de um documento oficial, expedido pelo governo da República, que o autorizasse a fazer o corso. A fim de obtê-lo, escrevera Bento Gonçalves a João Manuel, seu substituto no comando das tropas, e que, passado o cargo a Antônio de Sousa Neto, se encontrava então em Montevidéu. Enquanto esperavam a carta de corso, iam os carbonários avançando nos preparativos bélicos do lanchão. A parte material do empreendimento ficara a cargo quase exclusivo de Domingos Torrisano, que figurava na capitania do porto como armador da embarcação.

Numa das suas letras a Cuneo, que continuava no Uruguai, escreve Garibaldi que teria ido encontrá-lo no Prata, disposto como andava a abandonar tudo quanto o retinha no Rio de Janeiro. Mas acrescenta em tom confidencial: "Estou, porém, mais do que nunca impossibilitado de fazê-lo. O motivo principal não te posso explicar, sem perigo. Só te direi que me disponho a iniciar uma nova existência, em conformidade com os nossos princípios."

Chega afinal a carta de corso, tão ansiosamente aguardada. E segue, logo, missiva a Cuneo, esta em termos precisos e claros, a despeito do perigo anteriormente invocado: "Estamos armando a nossa pequena *Mazzini*. Rossetti obteve a patente de corsário."

Rezava o documento, assinado por João Manuel, com rubrica de José Carlos Pinto, secretário militar, que o "governo rio-grandense autorizava a sumaca *Farroupilha*, de cento e vinte toneladas, a cruzar os mares e rios por

onde trafegassem barcos de guerra ou de comércio do Brasil, podendo apropriar-se deles ou tomá-los por força de suas armas, os quais seriam tidos por boas presas, emanadas de autoridade legítima e competente". E, referindo-se ao fato de não dispor a República de nenhum porto de mar, ordenava "ao capitão Giuseppe Garibaldi, comandante do dito corsário, em razão de não haver por enquanto na República porto adequado para ancorar, se servisse para este fim dos portos dos Estados vizinhos, em vista das relações ofensivas que os mesmos tinham contraído contra o governo do Rio de Janeiro". Recorrera o expedidor da patente a vários artifícios. Não a dava como feita e assinada em Montevidéu, mas no Candiota, e isso para realçar-lhe a autenticidade, já bastante comprovada, aliás, pelo escudo de armas da República. A arqueação do navio, na realidade de vinte toneladas, aparecia sextuplicada na patente. Referia-se ainda um inciso da carta ao corsário "nº 6", no evidente propósito de espalhar a confusão entre os inimigos.

*

Chegados a termo os trabalhos de aprestamento da *Mazzini*, manda Garibaldi transportar para bordo o armamento e as munições. O serviço só podia ser feito por gente de inteira confiança. Ele mesmo, Carniglia e Rossetti ocupam-se, horas consecutivas, em esconder as armas debaixo de sacos de farinha. Como contramestre do improvisado navio de guerra irá Luís Carniglia. Rossetti tomará parte na expedição mas não ocupará nenhum posto. A tripulação será de doze homens, mais o comandante.

Tudo preparado, enfim, numa clara manhã de maio, a *Mazzini* solta as amarras e é conduzida para a parte de fora do ancoradouro. Uma a uma, desfraldam-se-lhe as velas, que branquejam aos primeiros raios de sol. O barco passa junto à polícia do porto, na ilha de Villegaignon. Pede autorização para sair. Os papéis estão em ordem. Aquele lanchão já é conhecido da polícia. Ele carrega e traz café para o Rio de Janeiro. "Seu capitão é um italiano simpático. Os agentes da polícia marítima o saúdam e lhe dão passagem livre."

Velas enfunadas pelo vento de terra, o "*picolissimo legno*" que será dentro em breve a escuna de guerra *Farroupilha* manobra em direção à barra, passa à sombra quase da fortaleza de Santa Cruz, de onde, através das grades do cárcere, talvez o estejam acompanhando os olhos tristes de Zambeccari. E lança, resoluto, a proa sobre o Atlântico.

. . . .

Capítulo V

O RIO DA PRATA

A BORDO DA SUA GAROUPEIRA, tinha Garibaldi a sensação de que o oceano lhe pertencia. Ele era, enfim, um corsário: daria caça a navios inimigos, espalharia o terror nos mares. Enchia-o de orgulho a empresa confiada ao seu valor. Em nome dos bravos que no Rio Grande se batiam pela liberdade, ele e os seus companheiros iam desafiar um Império e fazer tremular pela primeira vez, em águas territoriais brasileiras, a bandeira de Piratini.

Hasteada à popa, ali estava aberta ao vento, a flâmula tricolor. Zambeccari lhe havia explicado a simbologia das suas linhas e do escudo de armas. Na bandeira, os triângulos retângulos, de cores verde e amarela, figuras geométricas da perfeição; o quadrilongo central, em vermelho, representação do mundo, na concepção dos antigos. Assim, na linguagem do pavilhão, o mundo das lutas presentes, tinto de sangue, é base ao mesmo tempo do progresso material, representado pelo triângulo cor de ouro, e da perfeição moral, pelo triângulo cor da esperança. No escudo, as colunas de Hércules, o *nec plus ultra* da marcha aparente do sol, significam que o poder e a sabedoria de Deus estão acima do julgamento dos homens; as romãs que as encimam, imagens da harmonia social; nos triângulos do

quadrilátero, as estrelas flamígeras de cinco pontas, designação da quintessência universal, do espírito animador de todas as coisas; o barrete frígio, emblema da república e da liberdade; a espada que o sustenta, símbolo da justiça e da inflexibilidade no cumprimento da lei; os ramos de acácia, evocação do florescimento das ideias que devem encher de beleza a vida dos homens. O número três, o número místico das idades sagradas, está nas suas cores, nos seus desenhos, e ainda ao sopé do escudo, no dístico da República, inspirado nas conquistas da Revolução Francesa.

Desfraldada pela primeira vez no mastro da *Bela Angélica*, navio de Modesto Franco, em Buenos Aires, ela já tivera sua consagração oficial na sede do governo revolucionário. Desde então, acompanhava os exércitos republicanos em todas as refregas, síntese, a um tempo, do apego da gente do Sul às coxilhas nativas e do seu amor à liberdade, integrado na universal aspiração da concórdia humana. Não nascera esse pavilhão de um capricho inconsequente de homens que vivessem alheios ao sentimento das massas. Correspondia, pelo contrário, aos imperativos de uma comunhão social consciente dos seus destinos – ou a Federação e a República, ou a independência. O sangue de que já se empapara nos campos de batalha fazia dela, mesmo aos olhos estrangeiros de Garibaldi, um símbolo do sacrifício, da bravura, da inteireza moral do povo do Rio Grande.

Transposta a barra, o corsário rumou em direção ao meio-dia. Navegava nas alturas da Ilha Grande, quando surgiu das bandas do sul um navio com a bandeira do Império. Pela pequena diferença entre o convés e a linha do mar, podia notar-se que vinha atestado de carga. A postos a tripulação, Garibaldi mandou aproar direto à galeota, cuja passagem cortou numa rápida manobra. Enquanto os companheiros tomavam posição e combate, intimou à rendição o comandante, que não se repunha da surpresa de tão estranha aventura, a três milhas da barra do Rio de Janeiro. Os abordados não ofereceram resistência. Em poucos instantes, tornaram os atacantes efetivo o apresamento do barco, a sumaca *Luísa*, de propriedade de D. Felisberta Stockmeyer, comando de Guilherme Grann. Tinha o navio a quilha coberta de cobre, tombadilho com "trincheira corrida de popa a proa, velacho e vela grande, próprios para caçar". Na impossibilidade de seguir viagem com os dois barcos por falta de tripulação suficiente em que pudesse ter confiança, resolveu Garibaldi passar-se com armas e bagagens

para a sumaca e meter a pique a *Mazzini*, que tivera, como corsário, tão curta e fecunda existência. Cientes os tripulantes atônitos da *Luíza*, de tal resolução, um português que nela viajava ofereceu ao chefe dos piratas algumas pedras preciosas em troca da sua vida, que imaginava gravemente ameaçada. Tranquilizou-o Garibaldi com a explicação de que faziam o corso como medida de guerra, não para saquear. Guardasse, pois, as joias e nada temesse dele nem dos seus homens.

Substituído o nome familiar da *Luísa* pelo dístico de guerra *Farroupilha* e hasteado o pavilhão da República, prosseguiram na rota para o sul. Após seis dias de navegação, quando andavam pelas alturas e Ipacoraí, na costa de Santa Catarina, aproximaram-se de terra, arriaram o único escaler e nele soltaram os tripulantes da *Luíza*, menos seis escravos que seriam desembarcados no Uruguai como homens livres, de acordo com preceitos firmados pelos republicanos rio-grandenses. E continuaram a viagem para a embocadura do Prata. Levavam como escopo o porto de Maldonado, onde esperavam encontrar, além de fácil mercado para a carga apreendida – 3.600 arrobas de café –, seguro auxílio de parte das autoridades uruguaias, na conformidade do que rezava a carta de corso e das explicações verbais transmitidas a Garibaldi.

*

Vivia o Uruguai imerso, então, na desenfreada caudilhagem revolucionária contemporânea da sua formação nacional. As rivalidades entre Lavalleja e Rivera, astuciosamente disfarçadas por vezes para explodirem de novo, mais adiante, em arremessos de ódio mortal, traziam dividida a escassa população da República em dois acampamentos de guerra. Dos dois caudilhos, seria Rivera homem de mais volume político, de maior inteligência talvez, de menos escrúpulos por certo na escolha dos meios de ação. Mas Lavalleja, antigo capataz de charqueada em Buenos Aires, tinha a seu favor a auréola da invasão dos Trinta e Três e das vitórias subsequentes, preparatórias da Assembleia da Flórida e da proclamação da independência. Em vivíssimo contraste com esse fulgor da personalidade moral de Lavalleja, argue-se apaixonadamente contra Rivera sua antiga condição de oficial do Exército brasileiro e seus entusiásticos juramentos de fidelidade ao imperador D. Pedro, depois de haver servido às hostes libertadoras de

Artigas. Mas seus adeptos explicavam essas atitudes como aceitáveis recursos de ocasião, mercê dos quais pudesse mais vantajosamente lutar pela independência nacional, quando de novo chegado o momento.

O primeiro governo provisório fora ocupado por Lavalleja. Correspondia-lhe de direito a investidura, como organizador e chefe da revolução emancipadora. Rivera, porém, não se conformava com a preeminência do rival. Tomando por pretexto uma ordem de incorporação das tropas uruguaias ao Exército argentino, ditada pelo representante das Províncias Unidas da Banda Oriental, promovera um motim, o primeiro da sangrenta era das revoluções, em 1826. Lavalleja, por sua vez, não satisfeito com o mandato de governador e capitão geral da província, dissolvera a legislatura de 1827 por meio de outro golpe de força. Quando, no ano seguinte, se assinava a Convenção Preliminar da Paz entre o Brasil e a Argentina, que fazia do Uruguai, na frase de um estadista do Império, a rama de algodão entre dois grandes vidros expostos a quebrar-se pelo choque, estava o recurso às revoluções consagrado como preceito normal para resolver pendências entre caudilhos rivais. E o novo Estado se engolfava em plena anarquia caudilhesca.

Inutilmente haviam os elementos intelectuais e conservadores da sociedade procurado esterilizar o conflito entre esses dois homens fortes e astuciosos, primitivos e violentos, reminiscências de épocas barbarescas, chamando o argentino Rondeau para governar o país. Mas, apesar de estranho às lutas locais, não soubera Rondeau imunizar-se contra os perigos do ambiente, e tivera de renunciar. Voltou ao poder Lavalleja, eleito pela Assembleia Constituinte, e logo depois estalava a segunda rebelião de Rivera. Na impossibilidade de submetê-lo, preferira o governante firmar um pacto com ele, assegurando-lhe a presidência da República logo que terminado o período em curso. Seria esta "uma fórmula de trégua mais que de paz, destinada a dar elementos para que os vencidos se lançassem às represálias, como efetivamente o fizeram dois anos mais tarde".

No governo de Rivera, o promotor de levantes passa a ser Lavalleja. Duas terças partes dessa administração foram consumidas em reprimir motins e represar a desordem. Sufocada a primeira mazorca, organiza Lavalleja a segunda, logo a terceira. E já não lhe faltam então argumentos de efeito para levantar o ânimo da população contra o governo: o derramamento do sangue de prisioneiros, a confiscação geral dos bens dos revo-

lucionários, a má administração das finanças públicas; acusações reais, por certo, mas decorrentes precisamente da anarquia que dominava o país em consequência das revoluções.

Dificultava-se a presidência de Rivera, ademais, pela política de Rosas, que acusava o governo de prestar auxílios aos unitários emigrantes na Banda Oriental, os quais estariam preparando a invasão por Paissandu, sob as ordens de Lavalle, vencedor e algoz de Dorrego. Também no Rio de Janeiro, inspirava desconfianças o governo do antigo oficial do Exército brasileiro. José Bonifácio afirmava no Parlamento "que se urdia uma liga entre Corrientes, Entre-Rios e a nova República do Uruguai para corromper o espírito dos habitantes do Rio Grande do Sul, com o fim de unir essa província àqueles Estados". Por ocasião do terceiro levante, dirigia-se Rivera ao povo para fazer o processo definitivo de Lavalleja, "que desde época remota se constituíra em ímã e foco de todos os elementos de anarquia", elemento fixador "da linha que divide para sempre os orientais respeitadores da Constituição daqueles outros, traidores, que pretendem sepultá-la em sangue e nos horrores da subversão. Entre uns e outros – acrescentava – já não existe outro intervalo senão o do tempo, que separa as gerações e os manes das vítimas sacrificadas pela liberdade". Rivera, no poder, não se lembrava de que fora ele e não outro o iniciador das sublevações como recurso hábil para a conquista com maior facilidade ainda as suas eloquentes palavras presidenciais com respeito à defesa da Constituição e das liberdades públicas e as suas apóstrofes condenatórias das revoluções.

Quando se aproximava do fim o mandato presidencial, procurou o caudilho entre os seus asseclas aquele que melhores garantias oferecesse de conservar-se incondicionalmente submisso à sua ambição de mando. Recaiu a escolha em Oribe. Logicamente, a presidência de Oribe deveria ser em tudo uma exata continuação da presidência de Rivera. Vencido Lavalleja e obrigado a expatriar-se, a vontade forte do rival se assenhoreara por completo do cenário político do país. Fora graças à sua proteção que Oribe viera galgando as posições de influência partidária e governamental. Fizera-o ministro da Guerra, e tanto vale dizer que lhe confiara a segunda posição administrativa da República. Em verdade, no início da sua carreira, havia sido Oribe homem da confiança de Lavalleja e, como tal, perseguira as forças de Rivera quando este punha em execução o plano de

marchar sobre as missões. Mas, reconhecendo "as intenções patrióticas" do adversário de então, se apressara em prestigiá-lo perante os seus superiores e deixara de hospitalizá-lo militarmente.

Tudo fortalecia a convicção de que faltasse ao novo presidente envergadura para enfrentar o seu criador. Se nenhum dos dois tinha cultura sequer acima da rudimentar, se tanto um como outro encarnavam o tipo clássico do caudilho das campanhas platinas daqueles tempos, indiscutível é que Rivera levava a Oribe vantagens pela inteligência, pela plasticidade das atitudes, pela capacidade de transigir e acomodar-se. Oribe unia à mediocridade intelectual "um amor-próprio insuperável, o que o levava a desconhecer toda superioridade mental e a ratificar-se invariavelmente nas suas próprias opiniões e decisões". Verdadeiro egocêntrico, revelando a todos os propósitos as taras da sua formação, ele seria influenciado forçosamente por indivíduos destituídos de escrúpulos, dispostos a fortalecê-lo na convicção da sua superioridade.

Apenas chegado ao poder, duas forças antagônicas entraram a agir sobre ele: Rivera e Rosas. "Rivera entendia ser o país patrimônio seu, via em Oribe apenas um subordinado, um lugar-tenente obrigado a consultá-lo em tudo, e em tudo conformar-se às suas indicações." Rosas, inimigo de Rivera e portanto inimigo de Oribe, propunha-se a tirar partido dessa situação de subalternidade em que os acontecimentos colocavam o presidente oriental. Ameaçando-o com os perigos de uma nova invasão de Lavalleja, seu amigo e protegido, soube o ditador de Buenos Aires trazer Oribe ao terreno das transações. Isso conseguido, passou a mostrar-lhe que as ameaças revolucionárias de Lavalleja tinham por motivo as ligações de dependência política do seu governo com Rivera. E falava-lhe ao amor-próprio com as possibilidades de um completo desmonte da influência do poderoso caudilho, que se fazia cada vez mais exigente em relação ao subalterno por ele colocado na administração da República. Daí para o rompimento definitivo com Rivera não faltariam a Oribe os melhores pretextos. E mais uma vez se confirmava a regra politica da revolta da criatura contra o criador. Destituído do posto de comandante-general da campanha, dentro em pouco voltaria Rivera a reunir os seus gaúchos para mais uma revolução.

*

Logo ao começo da presidência de Oribe, irrompera a rebelião no Rio Grande do Sul. Bento Gonçalves, amigo pessoal de Lavalleja, contava com os auxílios do rival de Rivera, o que vale dizer que este, desde logo, tomou posição a favor da causa do Império. Oribe começaria em seguida a sua aproximação com Lavalleja e passaria a inclinar-se ostensivamente para o lado dos revolucionários rio-grandenses. A revolução de Rivera traria como dupla consequência para Oribe sua aliança com Rosas e sua neutralidade simpática em relação aos "farrapos". Araújo Ribeiro comunicava ao governo Imperial, a respeito das atividades de Oribe: "O presidente atual da República do Uruguai já simpatiza sobremaneira com rebeldes que nos fazem guerra, sucedendo que Frutuoso Rivera se encosta para a causa do Império." E Oribe, confirmando o que dele dizia o presidente do Rio Grande, chegou a dirigir-se à fronteira de Jaguarão, a fim de ter um encontro, ali, com Bento Gonçalves.

Mas, instável nos seus compromissos, o feitio reticencioso do caudilho uruguaio fazia-o fugir às posições definidas e claras. As relações simultâneas e sempre incertas que mantinha com a República Rio-grandense e com a corte do Rio de Janeiro fornecem disso a prova mais concludente. Mas, fora de dúvida também, que a falta de atenção de alguns chefes rio-grandenses colaborou grandemente na mudança de atitude que, em relação a eles, pouco depois haveria de operar-se nas atitudes de Oribe. Quando João Manuel de Lima e Silva, que estivera por alguns meses em Montevidéu para tratar-se dos ferimentos recebidos em combate, quis retornar ao Rio Grande, conseguiu a legação brasileira evitar lhe fosse expedido passaporte. Isso não obstante, nas cercanias da capital aguardava-o Lavalleja, que o levou, na maior intimidade, ao quartel de campanha. Também não sofreram incômodos Onofre Pires e Corte Real quando, fugidos da fortaleza de Santa Cruz, apareceram na capital uruguaia.

Dois fatos foram decisivos na mutação definitiva de Oribe: a ameaçadora permanência de Frutuoso Rivera no Rio Grande e a nova adesão de Bento Manuel à causa da revolução. Rivera era amigo íntimo e compadre do trêfego sorocabano. Juntos haviam servido à causa de D. Pedro na Província Cisplatina. Obrigado a emigrar em consequência das suas derrotas, o caudilho se achegara à sombra do companheiro de antigas andanças em comum. E, logo que Bento Manuel se passou de novo para os arraiais

republicanos, acompanhou-o na mutação. Preparava-se Rivera para invadir o Uruguai. Bento Manuel cedeu-lhe praças do 3º corpo de cavalaria e cem índios. E, como se isso já não fosse bastante para acender suspeitas no ânimo tergiversante de Oribe, João Manuel, afastado do comando-chefe dos exércitos republicanos e resolvido a organizar um corpo nas missões, teve a infeliz ideia de associar à empresa o mesmo personagem tão malvisto pelo governo de Montevidéu. Inúteis as reclamações de Oribe contra tais faltas. O governo de Piratini neles não tinha conivência, por seguro. Mas menos certo não era que a prometida expulsão de Rivera nunca se efetuava. "Eu já não encontro meios de iludir as reiteradas e baseadas reclamações da Banda Oriental", dizia Canabarro, que bem compreendera a urgência dessa "operação a todas as luzes indispensável à tranquilidade do Uruguai, e cuja demora podia comprometer seriamente a dignidade, os interesses e a segurança da República".

A legação brasileira não deixaria de aproveitar convenientemente, no interesse do Império, a sequência de tais fatos. Em ofício de fins de abril de 1837, o encarregado de negócios Almeida Vasconcelos informava que o governo uruguaio, por "arrependimento ou por qualquer outro motivo, parecia disposto a mudar de atitude em relação à política brasileira". "José María Reyes – acrescentava – visitou-me, desejoso de saber o que penso acerca da pacificação do Estado Oriental e do Rio Grande. Depois de evidenciar os receios que tem do referido Bento Manuel, disse-me que o vice-presidente da República nutria sentimentos iguais aos meus." Lembrou o funcionário uruguaio uma carta de 1835, em que Oribe alvitrara um acordo para conter os facciosos dos dois países. E informava ainda Vasconcelos que no dia seguinte voltara à sua presença o mesmo Reyes para, de parte do vice-presidente Anaya, perguntar-lhe sobre que bases se poderia celebrar um convênio de recíproca segurança entre o Uruguai e o Império. Respondera-lhe evasivamente o diplomata brasileiro; mas, no desejo de demonstrar a sua boa vontade, dissera não ver inconveniente em expor-lhe as possíveis proposições do Rio de Janeiro, "desde que o governo oriental se dispusesse a dotá-las já e já". E terminava a informação: "Reyes tomou nota por escrito das sete cláusulas que exarei, com a reserva de que nada comunicasse ao governo imperial antes de conhecer-se, a respeito, o pensamento do general Oribe, esperando aqui dentro de oito dias."

Entre as cláusulas propostas por Vasconcelos a Reyes, a de número um, inspirando-se deveres da neutralidade estrita, rezava que o governo uruguaio expediria ordem no sentido de que nenhum partido do Rio Grande recebesse auxílios do Estado Oriental; mas os de números subsequentes, ingressando francamente no terreno dos auxílios recíprocos, mandavam interditar a fronteira aos revolucionários, “que seriam internados sempre que emigrassem”; e, por último, se dispunha ainda que não seriam toleradas “provisões a rebeldes, de vestuários ou artigos de guerra”. Esse projeto de convênio não chegou a ser apresentado à assinatura de plenipotenciários. Tão depressa transpirou a sua tramitação, levantou-se no Parlamento brasileiro forte oposição contra ele. Mas a simples propositura das cláusulas pelo encarregado de negócios do Brasil e o seu exame pela chancelaria uruguaia bastam só por si para caracterizar nitidamente a nova diretriz do governo de Oribe em relação ao conflito rio-grandense. Queria o presidente uruguaio que o governo imperial tornasse efetiva a expulsão de Rivera do Rio Grande do Sul, o que os farrapos não haviam conseguido, e o auxiliasse a debelar a revolução daquele caudilho. Em troca do que, acrescentava, “este governo sustentará com todo o seu poder as autoridades do Império no continente do Rio Grande”.

*

Estavam as coisas precisamente neste pé, quando confiados os seus tripulantes nas instruções liberais da carta de corso, meses antes expedida e assinada em Montevidéu, chegou a *Farroupilha* a Maldonado.

No pequeno porto achava-se ancorada apenas uma baleeira francesa. A chegada de um navio suscitava sempre a curiosidade da população. Crescia de ponto, agora, o alvoroço da gente, porque a escuna que deitara ferros a pequena distância da praia arvorava uma bandeira de todos desconhecida. A polícia marítima, percorrendo a lista dos pavilhões estrangeiros, certificou-se de que aquela flâmula não era a de nenhum Estado oficialmente reconhecido.

A recepção das autoridades ao corsário longe estaria de corresponder à expectativa de Garibaldi. Por toda parte encontrava evasivas, desconfianças. Enquanto Rossetti ia a Montevidéu procurar contato com amigos da causa rio-grandense, ficava Garibaldi tratando de vender a partida de café e acompanhando de perto o desenrolar dos acontecimentos.

Apenas inteirado o vice-cônsul do Brasil de que o navio entrado no porto estava a serviço dos revolucionários de Piratini, dirigiu-se à legação do Império prevenindo-a do fato. O encarregado de negócios, em nota à chancelaria de Montevidéu, requereu a captura da embarcação. O barco ia ser apreendido pelo governo, embargada a mercadoria, ele mesmo levado à prisão. Da capital, zarpara já, a fim de executar as ordens, uma escuna de guerra uruguaia, a *Loba*, e logo após se faria de velas para Maldonado o *Imperial Pedro*, navio da marinha brasileira, estacionado no Prata. Não havia tempo a perder. No correr da noite, a *Loba* estaria no porto.

Garibaldi mandou a Carniglia, que estava a bordo, ordem de preparativos imediatos para a partida. E, como ainda estivesse no desembolso do preço do café, já de noite, foi à casa do mercador de duvidosa honestidade para liquidar o assunto. Sentado à porta, o homem descansava da faina do dia. Quando viu o capitão, fez-lhe sinais de que se retirasse, como para adverti-lo de que a sua presença pessoal corria risco. Fingiu Garibaldi não compreender e, achegando-se a ele, pôs-lhe a pistola ao peito:

– "O meu dinheiro!, disse-lhe em tom imperativo.

Quis o negociante responder com evasivas. Parecia-lhe perigosa a transação. O café ia ser apreendido pelo governo. Mas, a uma nova intimação, levantou-se precipitadamente e foi ao interior da casa, de onde voltou com a soma devida: dois mil patacões.

A passos apressados, correndo quase, dirigiu-se Garibaldi ao porto. A bordo, já encontrou tudo pronto para largar. Não atinavam os tripulantes com o rumo a seguir. Interditada a presença do corsário no Uruguai, previram que sorte idêntica o aguardaria em Buenos Aires, cujo governo ditava ordens ao de Montevidéu. A situação era das mais críticas. A única esperança de Garibaldi estava em que Rossetti pudesse encontrar, na capital, alguma solução menos ruinosa para o caso. Assim pensando, despachou um próprio, a fim de prevenir o companheiro da sua partida, estuário adentro. E às onze horas da noite, deixou o porto e navegou pela costa esquerda, para além de Montevidéu.

Garibaldi passou a noite acordado, ao lado do timoneiro. Seus olhos, acostumados a enxergar nas trevas, adivinhavam continuamente a imediata proximidade da terra. E mandava dar de leme para a esquerda. De repente, alta madrugada, ressoa um grito de espanto. O navio estava a ponto

de ser atirado sobre os rochedos, que mal emergiam das águas. O desastre parecia inevitável. Grossos vagalhões varriam o tombadilho de lado a lado. Mais ao acaso que de acordo com preceitos técnicos, fez executar rápidas manobras, escolhendo entre os perigos os que lhe pareciam menores. E conseguiu, ao cabo de uma luta desesperada, afastar o navio da costa. Só ao outro dia deu com a causa da catástrofe iminente. O marinheiro encarregado do armamento colocara os mosquetões no compartimento da bússola. Influenciada pela presença do aço, a agulha se havia desviado para terra.

Ao amanhecer conseguiram os tripulantes localizar a posição do navio: encontravam-se a pequena distância da ponta de Jesus-Maria, nas barrancas de San Gregório. Sobre o litoral, abria-se a perder de vista a campanha uruguaia, povoada de gado. À distância de quatro milhas, mais ou menos, branqueava uma casa. A bordo, os alimentos faziam-se escassos. O gosto da aventura decide Garibaldi. Ele mesmo iria a terra de chegar àquela habitação. Como o escaler houvesse ficado na costa de Santa Catarina, ele e o marinheiro Maurício tomam uma jangada de tábuas, às pressas preparada, e conseguem saltar na praia. Ao cair da noite, atingem o rancho, moradia de um capataz. Atende-o hospitaleiramente a dona da casa, ocupado o marido nas lides do campo.

Garibaldi estava em presença de uma senhora jovem, montevideana, de boa educação. Disse-lhe ao que ia. A moça lhe explicou, por sua vez, onde ele se encontrava. Falava um pouco de italiano. Com muito desembaraço, atendeu à inesperada visita. Apesar de acostumada a outro meio, disse-lhe que não trocaria aquela existência idílica pela vida da cidade. Sabia de cor versos de Dante e de Petrarca. Recitou-os ao viajante maravilhado. Depois foi buscar um volume de Quintana, e enquanto Garibaldi matava a fome com um pedaço de carne assada, lia-lhe poesias em espanhol, que ele não entendia.

Encontrava o caráter romanesco de Garibaldi, naquele ermo, uma fonte de suaves emoções, que lhe fazia esquecer a brutalidade dos homens, e sua própria brutalidade, e o reconciliava com o sentido espiritual da vida. Perguntou à hospedeira se não era poetisa.

– Haverá algum, respondeu, que não seja poeta diante das maravilhas desta natureza?

E sem que o hóspede houvesse de pôr demasiada insistência no pedido, recitou-lhe algumas das suas composições. Seguia a amável tertú-

lia, quando chegou o capataz, homem forte, de maneiras rudes, mas de bondosa expressão fisionômica. Instou-o para que passasse ali a noite. Na madrugada seguinte sairiam juntos e carneariam uma rês, que o viajante levaria para bordo. Sem se preocupar maiormente com o companheiro que o esperava junto à jangada, Garibaldi dormiu a sono solto, como se estivesse em sua própria casa. Maurício, acocorado nas areias da praia, tiritava de frio; e não fechou os olhos a noite toda de medo das onças que, segundo lhe haviam dito, abundavam nas campanhas platinas.

Ao clarear da manhã o capataz levou o hóspede ao campo e cumpriu a promessa de dar-lhe uma vaquilhona, escolhida entre as melhores. Com grandes esforços, conseguiram Garibaldi e o marinheiro vencer as ondas e chegar a bordo com a provisão de carne que levavam.

De Rossetti, nenhuma notícia. Os da *Farroupilha* começavam a inquietar-se. Que teria acontecido ao companheiro, sempre tão solícito no cumprimento dos seus encargos? Passou-se a noite toda em espera, e também a manhã imediata. Às primeiras horas da tarde, grande regozijo a bordo. Dos lados de Montevidéu surge uma lancha, que vem direito ao navio. Será Rossetti? À medida que o barco se aproxima, crescem as dúvidas. A lancha não traz o sinal combinado, uma bandeira vermelha à proa. Garibaldi manda que os tripulantes ocupem os seus postos, preparem o velame e estejam de armas à mão. Quando a lancha vem à distância de poucas bragas, irrompem do seu porão cerca de trinta homens armados de mosquetões, e rápido tomam posição de combate. O comandante, em alta voz, intima a *Farroupilha* a render-se, em nome do governo oriental. Garibaldi, em resposta, manda abrir fogo. Os da lancha, mais do dobro em número, varrem a balas o tombadilho do corsário.

– As velas de diante!, grita Garibaldi.

Mas a galeota não obedece ao leme. Quando o marinheiro Florentino vai executar a ordem, um tiro o atinge na testa. No meio da fuzilaria, tenta Garibaldi substituí-lo. Uma bala o fere no pescoço, entre a orelha e a carótida, e ele cai sem sentidos. Carniglia assume o comando. Ao cabo de uma hora de combate, a lancha se retira com o pano crivado de balas e volta a Montevidéu com três feridos a bordo, um deles em estado mortal.

*

Decidira o governo uruguaio dar cabo do corsário. Em vista do insucesso da primeira tentativa, mandou ao mesmo local no dia imediato outra embarcação, a *Loba* em cujas águas navegava o *Imperial Pedro*. Mas quando essa expedição chegou às proximidades do Pavon, já havia desaparecido a *Farroupilha* . De bordo do navio brasileiro, avistaram apenas à distância, um pequeno barco, já perto da Colônia, de proa para Buenos Aires.

Entre os tripulantes do corsário lavrava o desânimo. Gravemente ferido o comandante, perseguidos a ferro e fogo pelo governo de Montevidéu, que lhes restava fazer, depois de sepultado nas águas do rio o companheiro morto? Alguns dentre eles desertaram a nado, alta noite, quando o barco havia penetrado no labirinto do delta.

Constrangido a tomar algum rumo, Garibaldi assinala na carta, mais ou menos a esmo, o porto de Santa Fé, que devia ser alcançado pelos canais do Gassu e do lbicuí. Chegados às proximidades de Gualeguaí, tiveram o auxílio da galeota *Pinturesca*, de Buenos Aires, cujo capitão, Luís Tartabull, dispensou toda sorte de cuidados aos fugitivos.

O ferimento de Garibaldi inquietava a Carniglia. Durante a fuga rio acima, não havia a bordo outro alimento além de café. O ferido ardia em febre, com acessos de delírio. Graças à gente da galeota amiga, a situação se tornara menos aflitiva. Podia-se pelo menos estar tranquilo quanto à alimentação para a marinhagem. Ao partir para Buenos Aires, dera Tartabull a Garibaldi cartas de recomendação para Don Pascual Echagüe, governador da província de Entre-Rios, e ao biscainho Arraigada, fazendeiro nas proximidades.

Echagüe, gentil-homem campesino, recebeu-os com simpatia. Instruiu o seu médico, um jovem argentino, Ramón del'Arca, para que cuidasse do ferido e lhe fizesse a extração da bala.

A legação brasileira em Buenos Aires, inteirada da subida do corsário pelo Paraná, fazia pressão sobre o governo para que procedesse "à arrecadação das existências no barco, sem excluir o respectivo casco". Uma chalupa vinda de Higueritas dera notícias precisas da *Farroupilha*. O plenipotenciário Lisboa dirigiu-se incontinente ao ministro das Relações Exteriores, pedindo-lhe que fossem efetivadas aquelas providências. Respondeu Araña que já soubera do fato e ia levá-lo ao conhecimento de Rosas, para que ainda no mesmo dia "tivessem curso as medidas resguardadoras que eram de lei".

Aos governos de Santa Fé e Entre-Rios foi transmitida ordem de captura do barco e aprisionamento da tripulação. Echagüe, porém, fazia ouvidos de mercador às recomendações da capital. Às novas insistências respondeu não dispor de gente para efetuar a apreensão. Quase diariamente indagava o representante brasileiro se as providências já haviam sido cumpridas. E quando Araña lhe transmitiu a resposta final do governador da província, Lisboa, de acordo com o Ministério do Exterior, mandou para o local uma baleeira tripulada por gente da sua confiança, a fim de apossar-se do corsário e levá-lo para Buenos Aires. E assim se fez.

Até segunda ordem, Garibaldi deveria ficar preso em Gualeguaí. Mas o governador não tornou efetiva a prisão. Deu-lhe a cidadezinha por menagem, livre de morar onde quisesse. Jacinto Andreus, um dos mais considerados "vecinos" do lugar, com quem o fugitivo entabulara desde logo relações de amizade, ofereceu-lhe a residência. Davam-lhe as autoridades permissão de andar a cavalo pelas redondezas. De começo, achava ótima aquela vida, saudável e descansada. Mas não tardou a pesar-lhe a inatividade e a irritá-lo a situação de prisioneiro. Recebia diariamente um peso para atender aos seus gastos, à guisa talvez de indenização pelo sequestro do navio.

Seis meses durava já o confinamento quando Echagüe seguiu para Buenos Aires, deixando em seu lugar Leonardo Milan, que mostrara sempre grande indiferença pelo prisioneiro. Ausente o governador, começaram pessoas da localidade a entremostrar-lhe possibilidades de evasão. Afinal, por que estava ele ali? Que interesse teria o governo argentino em manter indefinidamente naquela situação um homem que nenhum crime cometera contra as leis do país? A administração da província, por certo, acrescentavam, veria o afastamento dele sem nenhuma contrariedade. Em vista das deferências com que o tratavam, pareceram a Garibaldi de todo normais essas insinuações. A pouco e pouco foi dispondo as coisas para a fuga.

Numa noite de tempestade, bateu à porta de um conhecido que morava a três milhas da cidade e pô-lo ao corrente do seu plano, pedindo-lhe auxílio. Conseguidos um vaqueano e cavalos, puseram-se em marcha na alta madrugada, deixando a estrada real e galopando através dos campos. Tinham que andar mais de cinquenta milhas para atingir a estância de um inglês, sobre o rio Ibicuí. Ao clarear do dia, estavam com a fazenda à vista. Combinaram que Garibaldi ficasse num capão enquanto o companheiro se acercaria da casa,

por ver se não havia inconveniente na aproximação. Mais morto do que vivo pela fadiga da viagem e sentindo dores lancinantes pelo corpo todo, o fugitivo amarrou o cavalo a uma árvore e deitou-se a descansar. Passaram-se horas e o guia não voltava. Impacientado pela demora, levantou-se para examinar o caminho em direção à estância. Nesse mesmo instante, começou a ouvir ruídos de gente a cavalo. Voltou-se e deu com um bando de indivíduos, que de espada em punho se atiravam sobre ele. A resistência seria inútil. Os agressores vociferavam, indignados. O italiano mal os compreendia. Com as mãos atadas pelas costas e os pés sujeitos à silha da montaria, reconduziram-no a Gualeguaí.

Ao fim de penosa viagem, recebeu-o Milan com impropérios e ameaças. Queria saber quem o auxiliara na fuga. Como o preso se negasse à delação, passou, transfigurado de cólera, a chibatear-lhe o corpo e o rosto. E recomecou o interrogatório. Persistindo Garibaldi na sua obstinada mudez, mandou o brutamontes metê-lo na enxovia, com ordem de torturá-lo até que se resolvesse a denunciar os cúmplices. Atadas as mãos, passaram-lhe pelos pulsos uma grossa corda e o suspenderam a uma trave, à altura de quatro ou cinco pés. Ardia-lhe o corpo como uma fornalha. Parecia que os braços iam destroncar-se. O olhar em chamas, a boca ressequida apesar da água que de momento a momento lhe dava a beber um soldado, Garibaldi resistia. Assim o deixaram por mais de duas horas. Vendo inúteis os suplícios para arrancar-lhe a confissão arrastaram-no, meio desfalecido, à enxovia. Aí o amarraram ao cepo, ao lado de um assassino.

Jacinto Andreus também foi recolhido à cadeia, suspeitado de haver auxiliado a fuga. A população estava aterrada com os sucessos. Nesses momentos agudos, uma senhora do lugar, de sobrenome Albeman, condoída dos padecimentos de Garibaldi, obteve a permissão de levar-lhe alimentos. Poucos dias depois, conduziram-no à capital da província, onde permaneceu por dois meses. Um belo dia, sem que jamais soubesse o porquê, puseram-no em liberdade, de ordem do governador.

Apesar das torturas padecidas em Gualeguaí, Garibaldi nunca esqueceria, por toda a sua vida, a figura simples e humana do governador Echagüe. "*Vorrei oggi ancora*" – escreverá nas *Memórias* – "*potergli provare la mia gratitudine d'ogni cosa, massime per la mia libertà, che senza di lui potevo non ricuperare per un tempo indefinito.*"

*

Livre, enfim, uma só preocupação o dominava: reunir-se de novo aos amigos que deviam estar no Uruguai. Na capital da província, tomou passagem a bordo de um navio genovês, que o deixou na embocadura do Paraná. E daí seguiu diretamente para Montevidéu, onde encontrou Rossetti, Cuneo e Castellini.

Rossetti, ao chegar de Maldonado, fora perseguido pela polícia e tivera de ocultar-se durante semanas em casa de um amigo. Essa a razão pela qual nenhuma notícia pudera enviar à *Farroupilha*, quando Garibaldi o esperava nas barrancas de San Gregório. Inteirara-se pelas folhas, em seguida, do sangramento epílogo da aventura. Mas, não sabendo como encontrar o companheiro, resolvera seguir para o Rio Grande no intuito de transmitir às autoridades da República a notícia do malogro do corso, como consequência da inesperada atitude dos governos platinos. Em Piratini, assentou-se que os italianos fossem de vez para o Rio Grande do Sul, onde os seus serviços seriam de utilidade na Marinha da República.

Durante o mês de permanência em Montevidéu, esteve Garibaldi escondido em casa do italiano Pesenti. Continuava a ordem de prisão contra ele, por motivo do combate com o lanchão do governo.

Reposto de tantas emoções e sofrimentos, partiu Garibaldi para o Rio Grande, em companhia de Rossetti. Fizeram a viagem a cavalo, dias e dias, "*con grandissimo diletto*", através das intermináveis planuras uruguaias. Aquele espetáculo inteiramente novo para ele maravilhava o caçador de aventuras, acostumado à angústia física dos desfiladeiros e dos precipícios e aos cenários sociais do despotismo e da submissão. No ambiente em que ora se movia tudo respirava liberdade. Ali vivia o gaúcho como senhor absoluto do seu destino.

Enquanto o trote largo dos cavalos os aproximava da terra onde os homens lutavam e sabiam morrer pela conquista da sua liberdade, pensava Garibaldi na pátria oprimida pela tirania do invasor. Que diferença entre a Itália e as terras moças da América! Lá, quando passa um austríaco, os homens se curvam e o saúdam respeitosamente. Não ousam, sequer, uma atitude de indeferença em relação ao dominador arrogante e brutal. Garibaldi compara os dois mundos, e uma infinita tristeza se apodera do seu espírito.

– Senhor, até quando consentirás no aviltamento da tua criatura?

Segunda Parte

. . . .

Capítulo I

A REPÚBLICA DE PIRATINI

ANDANDO DE ESCOTEIRO, os viajantes atingiram, ao cabo de alguns dias de marcha, as terras banhadas pelo rio Piratini. Celebra-se nessas paragens o encontro dos trópicos com os climas temperados, o que comunica à natureza perenes deslumbramentos de festa. Na suave ondulação das suas coxilhas, encontra-se, a cada instante, o descanso verde-escuro de árvores e arbustos que vivem de preferência na umbrosa formação dos capões. Não se reveste ainda a pampa, no Rio Grande, da triste grandiosidade que a oprime em latitudes mais austrais, nem ostentam já as suas matas o viço excessivo dos climas quentes. "Nas planuras rio-grandenses", anotou Saint-Hilaire, "não há a monotonia das planícies argentinas. O aspecto da campanha não fatiga. Ela se assemelha a um vasto jardim." Pelas madrugadas, acreditar-se-ia que fadas caprichosas derramassem sobre ela cântaros de essências raras, tais os perfumes que o orvalho desprende das suas ervas. Nesses campos, aves das mais diversas procedências descansam de longas travessias. Também aí, toma o "quero-quero" as suas ruidosas atitudes de dono incontestável da região. Mas são os "avestruzes", vivendo em grandes manadas, confundidos muitas vezes com as manchas rápidas dos veados e

desaparecendo com misteriosa agilidade à vista do homem, os possuidores naturais dessas magníficas pastagens.

– Esta é a juventude da criação, aqui está o alvorecer da humanidade!, exclamava Garibaldi alongando o olhar para o norte, onde o horizonte se limita com a muralha azul da serra dos Tapes.

A viagem continua agora em campos mais cuidadosamente cultivados. Serpenteia a estrada entre densos laranjais. De quando em quando, casas cercadas de pomares já velhos mostram que a civilização se fixou nesses distritos há largos anos.

– Os primeiros povoadores desta campanha, explica Rossetti, foram casais açorianos que se estabeleceram aqui em 1789. Gente forte e simples, saudável de corpo e de espírito, povoou as terras, semeou o trigo, frutas europeias e fundou, sob o patrocínio de Nossa Senhora da Conceição, um povoado, que é hoje a capital da República. Toda esta redondeza está habitada pelos seus descendentes.

À medida que os viajantes se aproximam da cidade, torna-se o terreno mais acidentado, menores as propriedades rurais, mais frequentada a estrada. Carretas de rodas rangedoras, puxadas por três e quatro juntas de bois e acompanhadas pelos carreteiros a cavalo e munidos de longas aguilhadas; tropas de gado destinado aos abastecimentos do Exército; cavalarianos vestidos com os trajes característicos do Rio Grande, saudando-se afavelmente como se fossem todos íntimos amigos, indicavam-lhes que a viagem chegava ao termo.

A uma volta do caminho, surge a distância, enfim, o casario da cidade edificada ao sopé da serra de Piratini e à margem esquerda do rio Piratini-Mirim, que forma, pela junção das suas águas com as do Santa Maria, o maior tributário do São Gonçalo.

Seria esta, antes da guerra, uma das vilas mais atrasadas da província, a menos aparente talvez entre todas. Poucos edifícios se contavam, nas suas vias, construídos de tijolos e cobertos de telhas. Pertencia ainda a maioria ao tipo campesino da época, paredes de pau a pique e tetos de palha. Com exceção da câmara municipal, agora palácio do governo, nenhum outro chamaria a atenção "por sua extensão comparativa e menos por sua elegância". Tomadas as coisas ao pé da letra, razão não faltaria por certo à ironia dos reacionários quando se referiam, em tom de mofa, à "cidade de Piratini, capital da República dos Farrapos".

À compreensão de Garibaldi não passariam despercebidos os motivos da escolha desse longínquo povoado para sede do governo republicano. "*Stabilito il governo della Republica in codesto villaggio*" (p. 104 – acrescentar?) – anotará nas *Memórias* – "*per esser un punto centrale e fuori mano dalle scorrerie dei nemici imperiali.*"

Fora, com efeito, a sua situação topográfica, protegida pelos contrafortes da serra dos Tapes, que aí é chamada das Asperezas, e alongando-se para oeste, das Alegrias, do Veleda, do Espírito Santo; o seu relativo afastamento de Porto Alegre, base das operações militares dos imperialistas; e a rapidez com que dessa vila se podia atingir um dos trechos mais ricos da campanha meridional, a razão das charqueadas compreendida entre o rio Pelotas e o arroio Santa Bárbara, que haviam decidido os fundadores da República a estabelecer ali a sua administração. A tais motivos devia acrescentar-se ainda a proximidade do rio Jaguarão, recurso estratégico de enorme alcance pela facilidade de se internarem os revolucionários no Estado Oriental, na hipótese de feridos por algum revés de maior importância.

A pobreza da cidade, o seu ar primitivo e rústico significavam à compreensão dos dois estrangeiros elementos a mais para realçar as dificuldades dos defensores do novo Estado. Das características do meio concluía Garibaldi sobre o valor da gente que ali se batia com desesperada bravura pela vitória das suas ideias. O sentimentalismo de um revolucionário europeu de 1830 entrava em contato com um dos mais intensos capítulos de romantismo político vividos no século XIX. Não lhe parecia penoso, mas sublime, o fato de ser o governo obrigado, alguma vez, a transportar em carretas os arquivos da administração, para evitar que fossem apreendidos pelo inimigo. E buscava um paralelo cujo prestígio abonasse o procedimento dos republicanos rio-grandenses. "*Cosi opró il governo republicano degli Stati Uniti, quando Filadélfia, capitale, trovavasi minacciata dall'esercito inglese.*" Assim, e não de outro modo, haveriam de agir, em condições semelhantes, os povos dignos de si mesmos. E o cenário de Piratini levava-o a pensar na Itália. Como os homens do Rio Grande do Sul deveriam proceder, a seu juízo e sem exceção, "*quelle nazioni che preferiscono ogni sacrificio, disagio, privazioni, pericolo, all'umiliazione di diventar mancipi dello straniero*".

Apesar das deficiências da cidade, grandes modificações apresentava a sua fisionomia depois de elevada à sede do governo. As ruas de leitos irregulares, antes comumente desertas – menos aos domingos e dias de guarda religiosa – viviam tomadas agora por um ininterrupto movimento de forasteiros e gente de armas, cidadãos que vinham regularizar a sua situação com o governo, oficiais das tropas, soldados, gente da localidade. E podia observar-se que já se arraigara entre os moradores a convicção da importância histórica da "muito leal e patriótica cidade", distinguida com tais foros de nobreza cívica por ato solene dos fundadores do novo Estado.

Apenas chegados a Piratini, foram Garibaldi e Rossetti à presenca de Domingos José de Almeida, ministro do Interior e por algum tempo da Fazenda, a inteligência providencial do governo, o cérebro da revolução, o verdadeiro administrador da República. Homem simples, de transparente franqueza, acolheu os estrangeiros com vivas demonstrações de cordialidade. "*Almeida mi fece gli onori dell'ospitalità, semplicemente, ma con molta grazia*", escreve Garibaldi.

Grande o prestígio moral que cercava a figura do ministro. Não sendo embora filho da província, niguém se sacrificara mais do que ele aos ideais da sua gente. Oriundo de Minas Gerais, do distrito de Diamantina, domiciliara-se antes da Independência na então vila de São Francisco de Paula, aonde havia ido com o fim de organizar tropas para o entreposto de Sorocaba. Em Pelotas, dedicara-se ao comércio e constituíra família. O ambiente do Rio Grande, a sua fisionomia física e condições sociais tinham-no prendido para sempre. "O Rio Grande do Sul" – escreveria mais tarde – "é a mais preciosa parte do Brasil; porém, não está conhecido, pelo mau ingresso e pelo aspecto com que o apresentam ao longe, em razão das vicissitudes por que tem transitado desde seu começo. Eu vim para ele como forçado. Apesar de não pretender habitá-lo mais do que o tempo preciso para fazer uma tropa de mulas e regressar, adotei-o e meus ossos lhe serão entregues quando extinta a existência que lhe consagrei."

Encontrou-o o movimento revolucionário à frente das suas empresas industriais e no desempenho do mandato de deputado à Assembleia Provincial. Era proprietário de uma casa de negócios, de veleiros que navegavam para o norte do país. Possuía para mais de cinquenta escravos e contava entre os seus haveres uma das melhores charqueadas da época,

estabelecimento por todos apontado como um modelo de organização. Pareceria que tão grandes interesses houvessem de fazer dele um tipo expoente das classes conservadoras. Bem ao contrário, foi dos primeiros a pugnar pelos extremados ideais que agitavam a província. Em Porto Alegre, durante as sessões da Assembleia, formava no grupo de Bento Gonçalves, Marciano Pereira, Magalhães Calvet, Ulhoa Cintra. Tomou parte ativa na conspiração preparatória do 20 de setembro. E na primeira cisão ocorrida entre os revolucionários a propósito da tentativa de posse de Araújo Ribeiro, colocou-se francamente, não sem grande estranheza de muitos, no arraial dos intransigentes, orientado por João Manuel, Zambeccari e Pedro *Boticário*.

A geral consideração que lhe cercava o nome havia sido em Pelotas, antes e depois de estalada a revolta, elemento de inegável atração em favor da causa revolucionária. Irrompido o movimento, abandonou a cadeira no Legislativo da província e foi colocar-se à frente da força rebelde em São Lourenço. Núcleo de farrapos autênticos, necessário seria, antes de mais nada, vestir condignamente esses soldados da liberdade. Almeida vai à capital sem perda de tempo tratar do assunto. Em Porto Alegre ninguém se entende. O turbilhão dos acontecimentos não permite à administração interina de Marciano pôr um mínimo de ordem no caos da vitória. Resolve Almeida agir por conta própria. Situa-se no arsenal, convoca artífices, compra do seu bolso o pano necessário, e ao cabo de cinco dias e cinco noites volta para junto da sua força levando-lhe o fardamento prometido. Não lhe parecia, porém, de bom augúrio a anarquia que observara em Porto Alegre, privados os cidadãos em armas dos elementos mais indispensáveis à luta e expostos a sofrimentos acima da expectativa, ao passo que os apologistas do partido contrário abriam o Tesouro aos seus sequazes, bem fornecidos de tudo.

Mas não se limitava a clamar contra a deficiente orientação do movimento. Juntava à palavra o exemplo pessoal. "Ninguém o excedeu em sacrifícios, raríssimos os que se lhe igualaram, se contemporâneo houve que se nivelasse a ele." Organiza à sua custa um estaleiro onde se reparam e adaptam às exigências da guerra embarcações comerciais. Estabelece um arsenal. Completamente ignorante até então de tudo quanto se relacionasse com o mister das armas, improvisa conhecimentos técnicos,

discute com os entendidos, orienta os artífices, distribui tarefas a calafates, latoeiros, manipuladores de ferro, correeiros, alfaiates, aos encarregados do laboratório de munições. Dirige em pessoa os fornecimentos das tropas. E no angariamento de recursos para adquiri-los ou fabricá-los, é sempre o primeiro e mais generoso entre os doadores.

Quando os imperialistas irrompem em Pelotas, tomam-no preso e o põem incomunicável num barco de guerra, no Rio Grande. Assim que logra autorização para escrever à esposa, pede alguns livros com que possa matar o tédio da prisão, o volume *Dos delitos e das penas,* de Beccaria, e um tratado de economia política. Como o negociante não cuidara apenas dos seus interesses comerciais, não se confina também o revolucionário no círculo das atividades guerreiras. Sobra-lhe ânimo, no meio das maiores aflições, para escancarar as janelas da inteligência sobre o movimento intelectual do mundo.

Assistira à proclamação da Independência, fora um dos idealistas que haviam preparado na província o 7 de Abril. Agira como republicano, como "exaltado" de convicções doutrinárias. No caso rio-grandense, parecia-lhe ridículo se houvesse iniciado uma revolução daquela envergadura e dispondo de tão admiráveis elementos plásticos, para reduzi-la afinal, a um medíocre episódio de substituição de um presidente por outro presidente, criaturas do mesmo governo inconsequente e reacionário da corte e incapazes, portanto, de trazerem qualquer benefício real à província. A questão, para ele, não podia ser apenas de superfície. Os homens pouco lhe importavam. Impunha-se radical mudança do sistema político da nação, que só prosperaria, a seu aviso, dentro do regime federal. E de acordo com as características do meio americano, parecia-lhe imprescindível substituir a Monarquia pela República. Não hesitara, assim, em tomar posição contra o próprio Bento Gonçalves, que continuava preferindo, ainda no assédio de Porto Alegre, "a paz a uma batalha entre irmãos", confrangido "o seu coração ante a ideia de maior derramamento de sangue".

Enquanto o chefe da revolta propunha novas condições de conciliação a Bento Manuel, Domingos de Almeida, em Pelotas, concertava com Lima e Silva, a quem recolhera ferido em sua casa, o plano da imediata proclamação da República. O romântico, o abnegado João Manuel, ouvia-o ardendo em febre, a larga ferida aberta no rosto iluminado

de irradiante simpatia. Também ele continuava a pensar que a lógica dos acontecimentos, e mais do que isso, a própria dignidade ideal da revolução deveriam levá-los ao passo definitivo da República. O Rio Grande daria o exemplo às demais províncias. Seguramente São Paulo, Bahia, Pernambuco, imitariam-no; e dentro em breve, ver-se-ia a Regência compelida, pelos motins que rebentassem no Rio de Janeiro, a abandonar o governo. E então a República triunfaria naturalmente.

Horas e horas prosseguem esses entendimentos entre Almeida, um mineiro, e o seu hóspede, um fluminense. Resolvidos a agir imediatamente, despacham emissários de confiança ao acampamento do general Neto, poucos dias antes da batalha do Seival. O prestigioso caudilho, que se vinha mostrando infenso "ao demérito partido republicano aparecido em Porto Alegre", compreende as razões de Almeida e de João Manuel, calorosamente sustentadas no acampamento por Joaquim Pedro Salgado, Manuel Lucas de Oliveira e pelo uruguaio Saens Calengo, chegado em seu auxílio da parte de Lavalleja, com uma divisão de cavalaria. Neto capitula. E depois da derrota das forças de Silva Tavares, proclama, à frente da sua tropa, a República Rio-grandense.

O sonho de João Manuel e a obstinação de Domingos de Almeida haviam triunfado sobre a incerteza de rumos e a indecisão dos homens que se agitavam no convulsionado cenário da província.

Foram os acontecimentos do Seival comunicados imediatamente à Câmara Municipal de Jaguarão. E na data em que se cumpria o primeiro ano da insurreição, os vereadores aderiram em nome da maioria do povo à ideia republicana e elegeram o coronel Bento Gonçalves da Silva, antigo comandante daquela fronteira, "chefe e protetor da República e liberdade rio-grandense".

Fazia-se indispensável opor a máxima energia ao colapso da causa revolucionária, consequente à derrota no Fanfa. Neto conclama e admoesta os aderentes da República: "O revés que sofremos é grande, mas é um só no círculo de tantos triunfos: redobrai vosso valor e venceremos." Entra em novas confabulações com João Manuel e Domingos José de Almeida, e combina com eles uma reunião na vila de Piratini, na qual se procederia à definitiva constituição da República. Certos estavam, em tal passo, de agir em concordância com os sentimentos da maioria da população. Álva-

res Machado, monarquista de convicções inabaláveis, reconhecera o fato em discurso pronunciado na Câmara, meses antes: "Desgraçadamente, as melhores famílias da província do Rio Grande do Sul, a mocidade mais interessante, mais forte, mais corajosa, mais rica do país, os proprietários do interior, abraçaram a rebelião."

Mas isto, não obstante, muito seria de ponderar-se o gesto decisivo que cortaria os vínculos constitucionais da província com o Império. Por seguro que a secessão seria apenas uma fase preparatória da grande República federal, por todos ardentemente desejada. E quanto à recusa de obediência à Constituição do país, poderiam estribar-se em doutrina considerada vitoriosa no moderno direito público, e sustentada por Diogo Feijó nas cortes portuguesas: "O Pacto Social obrigará somente àqueles povos que, pela maioria dos seus representantes, o aprovarem." Ora, pela tese do próprio regente do Império, concluía-se não estarem os brasileiros obrigados a prestar fidelidade à Carta Constitucional de 1824, que havia sido "objeto de uma outorga e não o instituto lavrado *in totum* de harmonia com o voto livre" dos representantes do povo. O imperador, dissolvida a Câmara, tirara do bolso aquele diploma político e o outorgara *ex propria autoritate*, usurpando ao povo as funções específicas, sagradas, inalienáveis da sua soberania, e fazendo com que o país retrogradesse decênios no caminho da sua formação nacional. Uma Constituição outorgada – dissera-o Feijó em Lisboa – não obriga à obediência os povos livres: só a aceitam os escravos. E se tão irrefragável doutrina tivera o endosso expresso da maior autoridade política do Império, aquela mesma que pretendia sufocar agora, a ferro e fogo, a insurreição republicana do Rio Grande, a lógica e a razão estariam com os que negassem obediência à carta outorgada, jamais com os que se empenhassem na sua inconsequente defesa.

Bem examinados todos os aspectos do problema, convocaram os chefes republicanos "os povos em massa, representados nos homens bons e mais distintos de todos os conselhos e comarcas da terra sublevada", os comandantes de tropa e o clero secular para a grande reunião de Piratini. De acordo com a velha tradição peninsular em voga no Rio da Prata e também seguida no Rio de Janeiro por ocasião da Independência, deliberar-se-ia ali em *cabildo abierto.* Os notáveis do povo, de comum acordo com os

membros da Câmara Municipal, assentariam as conclusões e decretariam soberanamente as medidas julgadas úteis à coisa pública.

*

Dias antes do aprazado para a reunião, regurgitava já o povoado da gente chegada de longe para tomar parte na fundação da República. Presente estava o valoroso João Manuel, vindo de Pelotas numa viagem de quase duas semanas, extremamente penosa ao seu estado de saúde. Em caminho aclamara-o a tropa do general e comandante-chefe do Exército. Imobilizado no leito, impossível lhe seria tomar parte nos trabalhos. Mas viera para dar ao povo o exemplo de submissão às ordens da República. Também comparecera o coronel Antônio de Sousa Neto, tipo integral de gaúcho, irradiante de simpatia e franqueza, verdadeiro gentil-homem rural que tanto estaria à vontade nas refregas das batalhas como nos galanteios dos salões, dançando com o mesmo desempenho dos moços e sabendo como niguém fazer-se agradável às senhoras. Também José Gomes de Vasconcelos Jardim, o venerável ancião de prestigioso nome", acorrera pressuroso ao chamamento dos companheiros, que não poderiam dispensar, em nome dos momentos de tanta gravidade, a ponderação dos seus conselhos. Em confabulações com ele via-se, a todo momento, Domingos José de Almeida. Presentes ainda o glorioso veterano da revolução, major José Mariano de Matos, companheiro, desde os primeiros dias, de João Manuel; o tenente-coronel Joaquim Pedro Soares, republicano de convicções inabaláveis, homem de inamolgável inteireza moral; o major Joaquim Teixeira Nunes, cujo denodo e capacidade militar Garibaldi admiraria, mais tarde, na República Juliana e nas ásperas guerrilhas de Cima da Serra; José Pinheiro de Ulhoa Cintra, um dos primeiros conspiradores do grupo de Porto Alegre, poeta e homem de ação, futuro ministro e diplomata da República; e representando a brilhante plêiade dos sacerdotes integrados na causa revolucionária, o padre Miguel Justino Garcez Moncada.

Murmurava-se que surgia grave desentendimento entre Neto e João Manuel. O proclamador da República não via com bons olhos que o fluminense fosse o chefe supremo do primeiro Exército de rio-grandenses livres, e dizia que o temperamento autoritário de Lima e Silva procurava impor-se discricionariamente à vontade dos demais. Ao lado de Neto

formavam vultos de grande significação, que o fortaleciam no intento de opor-se às avançadas do rival. Mas impossível seria, de qualquer modo, desconhecer os formidáveis serviços de João Manuel à causa republicana. Domingos de Almeida, sempre o primeiro a proclamá-los, fazia prodígios por encontrar uma solução amistosa, capaz de contentar os chefes desavindos. Como se já não fora isso bastante, nova dificuldade se esboçava à última hora. Um dos vereadores, de nome Veleda, não se mostrava conforme com a orientação que se ia dar à revolução. Inúteis todos os esforços por demovê-lo dos seus pontos de vista.

Almeida insistia pelo início imediato dos trabalhos. Reuniram-se os vereadores em sessão preparatória. Vicente Lucas de Oliveira, presidente, abertos os trabalhos, declara o motivo daquela convocação extraordinária: a necessidade de proclamar-se a independência política do Rio Grande, não só por se manifestar assim a vontade da maioria da província, mas ainda porque parecia esse o único recurso que restava aos patriotas, depois das perseguições e hostilidades que lhes vinha movendo o governo do Brasil. A exemplo do que já fizera a Câmara de Jaguarão, deveria também a de Piratini declarar a província desligada da obediência ao governo do Império, e elevá-la à categoria de Estado livre, constitucional e independente, com a denominação de Estado Rio-grandense. Para prova de que o objetivo essencial dos republicanos não estava na separação da província, mas na substituição da Monarquia centralista pela República federativa, acrescentava Lucas que o Estado Rio-grandense poderia "ligar-se por laços de federação àquelas províncias do Brasil que adotassem o mesmo sistema de governo e quisessem federar-se" com ele. E terminou propondo que se convidasse a comparecer à Câmara o general chefe do Exército, a fim de opinar sobre o assunto, dar o seu voto para a nomeação do presidente constitucional da República e jurar a sua independência. Aprovada a proposta entre aplausos, nomeou-se uma comissão composta dos vereadores Verde, Silveira e Morais para levarem o ofício do convite a João Manuel.

Logo que chegou a resposta trazida pela mesma deputação, reiniciaram-se os trabalhos. Comunicava o comandante das tropas que a sua grave moléstia não lhe permitia assistir ao ato nem prestar agora o juramento, formalidade que seria por ele cumprida assim o permitisse sua saúde, ou hoje mesmo na casa de sua residência, se isso fosse compatível

com o serviço público. Quanto à pessoa que deveria ocupar a presidência, opinava em favor do cidadão Inácio José de Oliveira Guimarães. Pensava ainda devessem ter voto em assunto de tanta transcendência todos os chefes, oficiais e mais praças do seu comando. E rogava à Câmara que lhe comunicasse o dia destinado à eleição, a fim de passar ao Exército as ordens convenientes.

No dia seguinte reencontrou a Câmara os seus trabalhos. Corria que ali mesmo os vereadores e o povo declarariam instalada a República e escolheriam o presidente. A modesta sala das sessões regurgitava de pessoas de destaque. Pelos demais compartimentos aglomerava-se compacta massa. Na rua, uma verdadeira multidão, a vila em peso acompanhava ansiosa e emocionada o desenrolar dos acontecimentos. No recinto, no momento em que se abriu a sessão, o silêncio era completo. Um ar de grave compenetração pesava sobre a Assembleia. O Rio Grande ia libertar-se da monarquia centralista e firmar a sua vontade de dirigir por si mesmo os seus negócios públicos. Pediu Vicente Lucas a opinião de Neto e de Almeida sobre a possibilidade de efetuar-se a eleição imediatamente. A intervenção de Neto poderia parecer suspeita a João Manuel, mas não assim a de Almeida. Os dois interpelados responderam pela afirmativa. Os vereadores concordavam, o povo aplaudiu.

João Manuel havia enviado à Câmara, na véspera, os documentos relativos à investidura de Bento Gonçalves, feita pela Câmara de Jaguarão, na chefia do novo Estado. Quem o nome capaz de opor-se com vantagem ao prisioneiro da fortaleza de Lajes? Inácio José, proposto por João Manuel? Seria irrisório admiti-lo. A eleição de Bento Gonçalves se impunha por todos os motivos. Logo que chegou a resposta de João Manuel, a quem se mandara novo ofício comunicando que se procederia à eleição *in situ,* começou o povo a votar. Bento Gonçalves foi o escolhido pela confiança dos eleitores, e para ocupar-lhe o lugar, enquanto ausente, José Gomes de Vasconcelos Jardim. Em seguida foram eleitos vice-presidentes Antônio Paula da Fontoura, José Mariano de Matos, Domingos José de Almeida e Inácio José de Oliveira Guimarães. Significava a eleição de Guimarães uma homenagem a João Manuel.

Enorme regozijo popular celebrou o resultado da votação. O presidente da Câmara despachou três vereadores à presença do cidadão que

acabava de ser eleito, convidando-o a tomar posse. Quando Gomes Jardim atravessava a multidão à frente da municipalidade, as aclamações chegaram ao delírio. Com dificuldade, pôde o ancião alcançar o recinto, onde, nas mãos do presidente da Câmara, prestou o solene juramento de primeira autoridade constitucional da República. Depois convidou o presidente da Assembleia os assistentes a se dirigirem à igreja matriz, a fim de renderem graças ao Senhor. Organiza-se compacta, imponente coluna popular em demanda do templo. Abrindo o cortejo vai Joaquim Teixeira Nunes, "o bravo, de hercúleo porte". Caminha com majestade, visivelmente comovido, conduzindo a bandeira da República. Logo atrás dele, segue o primeiro presidente do novo Estado. A sua figura simples, bondosa, austera, é aos olhos do povo uma garantia de escrupulosa exação no manejo dos negócios públicos e a prova de que a nação poderá contar com o sacrifício integral dos seus servidores. Confundidos no meio do povo, marcham os notáveis do dia. A modesta nave da igreja é pequena para receber tanta gente. Celebra-se o *Te Deum* "com muita pompa, grandeza e magnificiência".

No mesmo dia, nomeia Vasconcelos Jardim o seu primeiro ministro de Estado: Domingos José de Almeida, efetivo na pasta do Interior e encarregado provisoriamente da gestão da Fazenda. Seis serão as secretarias de Estado. Dois dias depois, José Mariano de Matos é nomeado ministro da Guerra e da Marinha, e Ulhoa Cintra, secretário de Estado dos Negócios da Justiça, acumulando a pasta das Relações Exteriores.

Estava organizando o primeiro governo da República Rio-grandense.

*

Ouvia Garibaldi as narrativas desses acontecimentos com interesse não menor do que lhe despertariam os assuntos da sua própria pátria. Vivíssima a sua simpatia pela figura de João Manuel, pouco antes assassinado por um sicário a serviço da legalidade, em S. Luís. E ao passo que se enfronhava na recente história da República, observava de perto o formidável trabalho de Domingos José de Almeida na sua administração. De tudo cuidava esse homem de talhe excepcional. A estrutura política, a vida econômica, a gestão fazendária, a justiça e a instrução pública, tudo lhe merecia ininterruptos desvelos; os mais diversos problemas de governo

encontravam na sua inteligência plástica soluções adequadas e prontas. Organizara com surpreendente meticulosidade os serviços do Tesouro. À falta de meio circulante com que pudesse enfrentar os encargos do erário, dera um salto audacioso no tempo e voltara às trocas em espécie. Não dispondo de pecúnia, lançava mão, num autêntico regresso aos tempos primitivos, do *pecus* propriamente dito. Criara impostos, lançara empréstimos, confiscara os bens dos inimigos da República. Não lhe faltava tempo, ainda, para fundar escolas, manter correspondência com professores, estimulando-lhes o zelo, respondendo-lhes às transgressões disciplinares. E da própria vida espiritual do povo haveria de cuidar concienciosamente, estabelencendo com Ulhoa Cintra o Vicariato Apostólico da República, nomeando o padre Chagas vigário geral, "com funções equivalentes às de bispo, para inspecionar as matérias religiosas e os sacerdotais do Estado".

Ao instalar-se o governo em Piratini, tudo estava por fazer. Levantara-se uma superestrutura política sobre base econômica mais do que precária. Para garantir alguma durabilidade a tal improvisação fazia-se indispensável construir-lhe os esteios administrativos. A única riqueza da província estava na criação. Uma cabeça de gado valia de 2$800 a 3$200. Comprava-se um cavalo por 2$000. "Cinco réis eram dinheiro, expresso em moeda corrente, nas pequenas transações." Naquele meio de economia rudimentar, completamente destituído dos elementos básicos do progresso material, sem bancos nem caixas de depósitos oficiais, o modo mais comum de guardar dinheiro consistia nos "enterros" de panelas, atulhadas de peças de ouro e prata. Quantos dramas ignorados nesses misteriosos enterramentos, feitos em lugares ermos, longe de olhares cubiçosos, e que descobertos por acaso ou identificados com dolo, passavam como *res derelicta* às mãos de novos proprietários! Sabe-se que o campesino rio-grandense regateia menos com a vida do que com o dinheiro. Modesto de costumes, pouco requer para si. O que lhe sobra dos ganhos inverte em maiores propriedades de terra ou gados, amealha para dias menos prósperos. No decorrer da revolução, os "enterros" iam se tornando recurso generalizado na campanha. Almeida não se embaraçaria com o fato. Quem não tivesse dinheiro pagaria em espécie. Do gado se faria dinheiro. Estabeleceu entendimentos no Estado Oriental. Mandaria aos fornecedores da República em Montevidéu couros e gado em troca de munições. Justificando a violência do recurso pelos *salus populi,*

pela necessidade em que se via o governo de tomar as providências capazes de concorrer para a segurança e a defesa do país e de privar os inimigos, na medida do possível, dos elementos com que tentavam subjugar os seus habitantes, inspirou o decreto de sequestro dos seus bens, tal como o fizera em 1822 D. Pedro I em relação aos súditos portugueses.

Via-se o ministro obrigado a intervir em todos os assuntos administrativos, interpretando os textos de lei e evitando, no caos da guerra, a escancarada evasão das rendas já de si diminutas. Dividiu a República em diversas coletorias gerais, e nomeou para geri-las pessoas de crédito e identificadas com a sorte do novo Estado. Os coletores gerais fiscalizavam imediatamente certo número de coletores comuns, e tinham poderes para suspender os que julgassem menos aptos ao desempenho dos seus deveres, "bem como provisoriamente nomear para substituí-los homens de confiança pública". Eles haveriam de observar com toda a severidade se os dinheiros do Estado vinham sendo justamente dispendidos naquilo a que se destinavam; e não deveriam consentir em despesa alguma sem ordem por escrito do inspetor do Tesouro ou dos generais Antônio Neto e Bento Manuel Ribeiro.

Mas por muito que a pertinácia de Domingos José de Almeida se obstinasse em improvisar novas fontes de renda, elas seriam sempre exíguas em face das exigências de todo inadiáveis de administração. Como enfrentar, com as arrecadações ordinárias, as múltiplas despesas de guerra, soldos de oficiais e empregados, vestuário das tropas, requisições de petrechos bélicos, salários de transportes aos pontos mais distantes da República, despesas de hospitais, somas a serem remetidas para o estrangeiro e enviados políticos e agentes de negócios? O ministro da Fazenda não desanimava. Para todas as situações o seu tino descobria remédios. Se os recursos ordinários se mostravam insuficientes, resolvia lançar um empréstimo a ser coberto, dentro e fora do Estado, por voluntária subscrição pública. O limite da operação seria de 300 contos de réis a câmbio de 43, em moeda forte. O capital de subscrição venceria o juro de um e meio por cento ao mês ou menos, se possível: "a taxa da usura compensaria de qualquer modo a aléa do emprego do capital". Os juros e mais dez por cento para as amortizagens seriam pagos ao fim de cada ano, até a completa extinção do empréstimo, que não excederia o prazo de dez anos.

As requisições de guerra foram sempre temidas e malvistas pela população, quer praticadas pelos republicanos quer pelos imperiais. Trata Almeida de regularizá-las, dar-lhes aspectos jurídicos, fazê-las menos odiosas. E publica-se um decreto regulando a matéria, a fim de fazer "cessar a cisma que se tem apoderado de boa parte dos cidadãos do Estado, de que os objetos exigidos para a manutenção do Exército deixarão de ser satisfeitos, a exemplo do que praticava o governo do Brasil na guerra da Independência".

Daí por diante, nenhum membro ou agente do governo poderia lançar mão de objetos de qualquer natureza, sem que ao proprietário fosse previamente entregue documento da coisa recebida e sem que nele se declarasse o preço ajustado e a força ou repartição a que pertencia.

Tinha o Estado também as suas rendas industriais. Explorava as estâncias do Rincão de Saicã, do Rincão d'el-Rei, em Rio Pardo, os Campos do Bojuru, o da Condessa do Real Agrado, em Jaguarão, as antigas fazendas dos jesuítas, nas Missões. Administrava engenhos de erva-mate, um no distrito de Dores, outro em Taquari. E pensava Almeida em organizar mais um na fronteira das Missões, "região muito bem indicada para a exploração dessa indústria extrativa, atenta a abundância de primorosos ervais".

Quando Garibaldi passou por Piratini, estava Domingos de Almeida ocupado na realização de uma das operações financeiras de maior vulto da sua administração. O meio circulante, já de si deficiente, vinha sendo ainda prejudicado pela continuada invasão de moedas de cobre que as autoridades do Império faziam na província. A lei de Gresham, explicava Almeida, fazia com que "essa moeda podre do Brasil" expelisse da circulação a boa, de prata e ouro. Concebera, assim, a ideia de chamar a troco as divisas de metal desvalorizado, substituindo-as por certificados do governo. Essa operação, de enorme importância para a República, era então discutida com absorvente interesse pelos membros do governo. Já tinha Almeida rascunhado os *consideranda* do decreto. Neles se lia que o governo brasileiro, valendo-se das difíceis circunstâncias da República, havia introduzido no seu território toda a moeda de cobre que, não recolhida em tempo competente, se achava sem valor nos mercados do Império, ou mesmo aquela que, recolhida legalmente, não podia ali girar sem perda de metade do valor do cunho. E isso – acrescentava – pelo interesse de criar

efêmeros capitais para entreter a ruinosa guerra sustentada contra os princípios americanos gloriosamente desenvolvidos no Rio Grande. Como parecesse indispensável ao governo da República retirar ao inimigo "o imoral recurso" de que lançava mão para hostilizá-lo e no intuito de pôr a coberto da ruína a fortuna pública e privada, dispunha que todos os possuidores de moedas de cobre as recolhessem nas coletorias do Estado ou as entregassem às comissões especialmente organizadas pelo tribunal do Tesouro em lugares apropriados, recebendo documentos de que constassem o peso e o valor das quantias levadas a troco.

A inteligência dinâmica desse homem de tão excepcionais qualidades de administrador tratava de sanar, com as suas improvisações felizes, as dificuldades aparentemente insuperáveis que o nascente Estado tinha que enfrentar. À sua própria compreensão pareceriam exagerados, às vezes, os resultados conseguidos para a causa republicana. Numa carta reservada a Prado Lima, escrevia: "Julgue V. S. quão difícil, por meio de embaraços tais, chegar ao estado em que nos achamos. Pareceria sonho, mas os fatos existem. Agora tudo conspira para a vitória de uma causa que se diria antes abandonada pela Providência."

O progresso de revolução estava patente a quem quisesse observar a situação sem pontos de vista preconcebidamente hostis. Quase toda a província se encontrava em poder dos revolucionários. Apenas as povoações do litoral, Rio Grande e São José do Norte e, sobre a linha das águas interiores, Porto Alegre, permaneciam em mãos dos imperiais. Na campanha do centro, Rio Pardo não poderia resistir por muito tempo à pressão dos republicanos. A revolução se alastrava de sul a norte, de leste a oeste. Por todos os recantos da antiga província tremulava a flâmula da insurreição.

"Nos ângulos do Continente
por liberdade e valor,
se divisa sustentado
o pavilhão tricolor!"

. . . .

Capítulo II

O PONTO FRACO

A INSURREIÇÃO DOMINAVA, com efeito, quase toda a província. Todavia, a partir do instante em que os portos do Rio Grande e de São José do Norte recaíram em poder dos imperiais, lutavam os insurgentes contra a fatalidade de uma derrota inexorável. O domínio sobre o único ponto de acesso à província pelo mar seria, em verdade, questão vital para os combatentes de um e de outro lado. E a despeito de todas as vantagens que alhures conseguissem os revolucionários, a vitória haveria de estar condicionada, afinal, à posse da barra, porta isolada que se abre sobre o Atlântico e chave, ademais, de todo o sistema hidrográfico oriental do continente.

A configuração do litoral rio-grandense, a precária articulação das suas lagoas e rios com o oceano e a excepcional significação política dessas águas interiores explicam, por maneira evidente, o nexo de dependência entre o êxito das armas e o uso garantido e certo do escoadouro marítimo da província. Porque, ao longo da faixa retilínea e chata, varrida pelo "pampeiro" e pelo "carpinteiro da praia", coberta de cômodos itinerantes, nua de toda vegetação, não encontram os navegadores, desde Laguna até a barra do Rio Grande, nenhuma solução de continuidade que lhes possa servir de abrigo. Como sucede em todos os mares de pouco fundo,

os da extrema orla meridional do país se levantam, durante as tempestades, em vagalhões imensos, barrentos e opacos, que a rápidos intervalos se precipitam uns sobre os outros com tamanho estrondo como se em perigo estivesse a praia de ser tragada por eles; e não obrigado o oceano, como na realidade acontece, a uma constante regressão na luta em que se empenha contra os avanços usurpadores da terra. Em ocasiões assim, o navio que se aproximasse demasiado da linha da areia correria risco de naufrágio quase certo, principalmente na traiçoeira estância, observa Dreyes, que se encontra pelos 30' e 40' de latitude. Nessa posição o barco, estivesse o mar em crise de fúria, poderia prever-se inevitável o sinistro.

Nos tempos da navegação à vela, quantos demandassem o porto de S. Pedro consideravam essas paragens com permanente inquietação. Dir-se-ia que a própria natureza se encarregara da defesa dessa costa inóspita e bravia, cuja tristeza nenhuma paisagem do mundo pode superar. Dificílima de ser transposta, não só pela pouca profundidade comum das águas, mas ainda pela inconstância topográfica do canal que variava continuamente de posição, a barra se tornaria praticamente inexpugnável aos assaltos por mar, se defendida pelo fogo cruzado de baterias colocadas nas duas margens.

Não fosse tal peculiaridade de caráter tático já de si bastante para pôr de realce o valor militar das duas povoações litorâneas, outra consideração haveria a acrescentar-lhe ainda, e essa de transcendente alcance para o próprio desenvolvimento da luta na região de maior importância política e econômica da província. A barra do Rio Grande, com efeito, não é apenas um abrigo marítimo, um porto, a via de acesso a uma angra protegida dos ventos. Ela implica também, em última palavra, no domínio sobre aquelas lagoas e rios navegáveis que deságuam pela garganta.

Verdadeira a teoria de Ratzel, segundo a qual a maior influência sobre as águas, nos seus cursos superiores, pertence sempre a quem lhes ocupe a desembocadura, todo o complexo lacustre e potamográfico rio-grandense estaria fatalmente na dependência daquela posição. Nicolau Dreys sublinhou o fato em poucas palavras. "A barra do Rio Grande não é senão o desaguadouro de um vasto mediterrâneo dividido em dois lóbulos ovóides, que se prolongam de norte a sul por uma navegação contínua, sobre um comprimento de mais de cem léguas e uma largura variável,

desde vinte léguas na maior abertura até menos de uma milha nos estreitos." E noutra passagem sublinha que nenhuma situação na América pode a tal respeito lhe ser comparada, nem mesmo o Alto Canadá com as suas grandes coleções de águas interiores, "pois falta a essas o que existe aqui: a comunicação imediata com o oceano".

Em torno dessas lagoas e dos rios que as alimentam, – o Jacuí e o Taquari, o Caí, o dos Sinos, o Gravataí, o Camaquã, tributários da Lagoa dos Patos: o Jaguarão, o Piratini, o Pelotas, da Mirim – construiu-se o trecho mais significativo da civilização rio-grandense, depois de franqueada a barra por Silva Pais. Na década da revolução, toda a vida na bacia hidrográfica de leste, e tanto valeria dizer o Rio Grande político propriamente dito, só existia em função desses mares interiores e das suas águas afluentes. Foi por elas que o progresso vindo do Atlântico deitou bases na capitania geral e teve garantida a estabilidade e o incremento na província. O mais longínquo povoado à margem desses rios florescia em função daquele escoadouro. Fora a barra, em última análise, o elemento fixador da civilização nesse trato territorial.

Compreendida a parte principal do cenário da luta no raio de penetração econômica e política dessa rede hidrográfica, facilmente se avalia a decisiva importância que deveria ter para imperiais ou republicanos a posse da barra do Rio Grande.

*

Volvido justo um mês sobre a entrada dos rebeldes em Porto Alegre, proclamam as duas populações litorâneas sua adesão ao movimento revolucionário. O navio que levaria ao Rio de Janeiro o presidente deposto já encontrara o canal em poder dos insurgentes. E fora necessário forçá-lo, abrindo fogo contra as catraias que o guarneciam, para furgir-lhes à pressão e buscar a salvação no mar. No dia imediato ao da fuga, Bento Gonçalves ocupara a cidade de S. Pedro e Onofre Pires a vila do Norte. "A revolução triunfante estava a bem dizer terminada, sem maior derramamento de sangue."

Dificílimo será, nessa altura, explicar-se a atitude dos chefes revolucionários. Senhores, em vitória celeremente obtida, da posição estratégica por excelência, não souberam guardá-la: não guarneceram mi-

litarmente a barra, o que teria sido fácil no decurso das semanas em que lhes foi possível, sem nenhum incômodo, manter-se naquelas praças. Mais incompreensível o fato, quando se alcança que as forças militares do Império podiam considerar-se quase nulas na província, e que nenhum receio de ofensiva imediata deveria, nos meses iniciais, preocupar os rebeldes. Se o governo do Rio de Janeiro se resolvesse a enfrentar o movimento, imprescindível lhe seria enviar auxílios de fora, e esses haveriam de transformar primeiro a barra do Rio Grande.

Por que não se estabeleceram militarmente os revolucionários nas duas margens do canal? Cresce de ponto ainda a estranheza que o fato necessariamente suscita, desde que se considera que os legalistas, falhos de tropas de terra, dispunham de forças navais superiores às dos farrapos. Disseminadas por diversos pontos das lagoas e dos rios, essas unidades teriam sido forçadas à rendição sempre que do mar não lhes pudessem advir auxílios enérgicos e prontos.

Fora de dúvida que o assunto foi examinado pelo estado-maior dos sublevados. Não faltaram inteligências práticas que chamassem a atenção para esse ponto capitalíssimo do problema militar. Sabe-se mesmo, por depoimentos da época, que houve quem se lembrasse de tornar impraticável a barra pela obstrução do canal.

Da negligente atitude dos chefes da revolução depreende-se que eles não previam uma ação bélica de largas proporções. O êxito inicial fora-lhes excessivamente fácil. Não admitiam, nos deslumbramentos da vitória presente, a hipótese de desastres próximos. A revolução, praticamente, triunfara pelas adesões. Mas havia a considerar, sobretudo, que os seus dirigentes não se orientavam por um programa de finalidades definidas e uniformemente aceitas para todos. Ao contrário, bem nítida se desenhava, desde o primeiro momento, a falta de unidade de vistas entre eles. Ao passo que, para a corrente afinal vitoriosa, a rebelião haveria de insistir sobre a modificação da estrutura institucional do país, opinavam outros se devesse considerar a substituição de Fernandes Braga como base para uma recomposição com o centro. É bem de ver que, para os defensores desse ponto de vista, nenhum sentido prático teria o fechamento militar do porto marítimo da província. Esforçavam-se os partidários da paz imediata por manter o *status quo* da vitória conseguida; mas não queriam de nenhum

modo agravar a situação. Viam com satisfação que as câmaras municipais continuassem aderindo ao movimento; e se acaso alguma se mostrasse recalcitrante, bastaria uma rápida ameaça armada para demovê-la dos seus pruridos reacionários. Quanto ao mais, convinha esperar pelo que resolvesse o governo da Regência. Os farrapos contavam com ótimos amigos no Rio de Janeiro. Evaristo da Veiga, por exemplo, com quem Bento Gonçalves, quando da sua viagem à corte, tanto discreteara sobre a situação do país, não deixaria por certo de simpatizar com as razões da insurreição nem com os termos nitidamente constitucionais do manifesto que o chefe revolucionário publicara em Porto Alegre. Assim pensava Bento Gonçalves, assim Bento Manuel Ribeiro, assim Antônio de Sousa Neto. Não assim porém João Manuel de Lima e Silva, nem os exaltados patriotas da capital. É essa desconformidade de critérios que explica, se alguma explicação cabe no caso, a funesta imprevidência dos revolucionários no tocante às suas posições no Rio Grande e em São José do Norte, logo depois de iniciada a insurreição.

Quando o brigue *S. Cristóvão*, que trazia a bordo o substituto de Braga, se apresentou à entrada da barra, nenhuma dificuldade lhe foi oposta pelos revolucionários. Franqueou-a tranquilamente e deitou ferros em São José do Norte, onde Araújo Ribeiro desembarcou como quem entra em casa que lhe pertencesse.

Entre legalistas e revolucionários começa, em seguida, um nunca findar de confabulações, de planos, de prometimentos. E quando a Câmara Municipal de Porto Alegre nega a posse a Araújo Ribeiro, ele se instala na cidade do Rio Grande e passa a tomar em favor do Império exatamente aquelas medidas de que tão descuidosos se haviam mostrado os revolucionários. Fortifica-se na barra.

*

Mais valiosos que os dos revolucionários, embora modestos também a esse tempo, eram os recursos navais do Império nas águas interiores do Rio Grande. As doze escunas e barcas torpedeiras que constituíam a flotilha da lagoa Mirim haviam sido desarmadas, depois da assinatura da Convenção Preliminar da Paz com as Províncias Unidas do Rio da Prata. Apenas uma embarcação fazia ponto ali, em serviço de repressão

ao contrabando. O arsenal de Porto Alegre, totalmente desaparelhado, há muito que não se achava em condições de corresponder às exigências mais elementares. Ótimo pareceria, aliás, às autoridades legais que assim fosse; porquanto, com a vitória dos revolucionários na capital, todos os recursos ali existentes lhes haviam caído nas mãos. Fora o próprio intendente de Marinha na província, o capitão de mar e guerra Antônio Joaquim do Couto, cujo nome aparece incluído entre os principais cabeças da revolução, quem, valendo-se da muita influência das suas funções, armara do melhor modo possível os vasos de guerra do partido dos rebeldes. Graças aos auxílios técnicos dessa autoridade e à energia do presidente Marciano Pereira, que parecia compreender exatamente as instantes necessidades de uma defesa naval eficiente, em fins de 1835 dispunham os revolucionários de uma flotilha constituída de cinco pequenos vasos. Mais difícil, porém, do que arranjar navios utilizáveis na luta, muito mais difícil mesmo seria encontrar na província homens de sofrível capacidade para comandá-los. Oficiais de terra sempre se improvisam no Rio Grande. Todo rio-grandense, principalmente depois das guerras cisplatinas, valia por um militar à paisana. O contrário, porém, se verificava com referência às possibilidades de organizar-se preste uma esquadrilha de guerra. Sabe-se que o cavaleiro continentino, enclausurado nas suas campanhas, não tem nenhuma propensão para as lidas marítimas, bem diverso do que sucede com os seus vizinhos do litoral catarinense.

Tanto se fazia sentir a falta de técnicos capazes de, com algum proveito, dirigir as operações navais dos rebeldes, que eles se viram na contingência de contratar em Buenos Aires os serviços do estrangeiro Frederico Gustavo. E nas águas do Guaíba, as façanhas de maior relevo seriam as do português conhecido pela alcunha de *Menino Diabo*. Entre os nacionais, o valor de um Tobias dos Santos aparece como singularíssima exceção. Os demais pouco difeririam do lamentável Gonçalves do Saibro, que deixara apresar o navio do seu comando nas vizinhanças de Porto Alegre.

À vista do rápido incremento da revolução, tratou o governo central de guardar e defender as comunicações marítimas com a província sublevada. E compreendeu que isso só seria possível com o fortalecimento da sua posição na barra do Rio Grande. Agiu, pois, com toda a urgência no sentido de aumentar os seus recursos navais. E já em fevereiro de

1836 chegava uma primeira expedição, e duas outras logo em seguida. Em princípios de abril, com as embarcações adquiridas por Araújo Ribeiro, já dispunham os legalistas de dezesseis barcos de guerra. Se cada vez maior a superioridade material sobre os recursos dos rebeldes, maior ainda a desproporção entre a competência profissional dos elementos aditos ao Império e dos que serviam à revolução. Comandavam os navios legalistas oficiais de carreira, de comprovada idoneidade técnica, ao passo que os rebeldes se viam constrangidos a confiar em elementos improvisados ao sabor das circunstâncias.

Instalado na barra do Rio Grande, logo passou Araújo Ribeiro a assegurar-se do *controle* das águas interiores. Para consegui-lo, imprescindível se fazia dominar o canal de S. Gonçalo, que liga as duas lagoas, e reduzir o forte de Itapuã, que vedava a entrada dos legalistas no Guaíba. Enquanto não cumpridas essas providências, precária seria ainda a posição dos imperiais no istmo da barra. Em primeiro lugar, porque pelo passo do S. Gonçalo os ameaçava constantemente um ataque dos revolucionários, convencidos já então Marciano Pereira e os chefes do movimento de que para vencer não careciam "senão de vigilância, atividade e constância em conservar em apertado sítio o Rio Grande e o Norte"; e ainda porque, sem o desmonte das fortificações revolucionárias no Itapuã, impossível se lhes antolhava a retomada da capital. Entre as duas operações, sobre ser a menos difícil, a do sul parecia a mais premente, pois que a ela se ligava a própria defesa dos legalistas na cidade do Rio Grande. Mandou Araújo Ribeiro guarnecer o passo do São Gongalo com o *Liberal* – único barco a vapor existente na província – e com duas canhoneiras. Era a primeira vez que no Brasil se empregavam navios a vapor para o serviço da guerra. "E convém desde já dizer" – informava Teotônio Meireles com muita convicção – "que prestaram os mais relevantes serviços."

*

Cruzava a esse tempo as águas da Lagoa Mirim o *cutter Minuano*, comandado pelo tenente Tobias Antônio dos Santos Robalo, que saíra da capital aos primeiros dias do levante para reforgar a ação de Bento Gonçalves sobre o Rio Grande, quando ainda lá se encontrava Fernandes Braga. Depois, fora despachado para Jaguarão, a fim de vigiar a fronteira,

por onde se temia uma invasão de emigrados. Tivera Robalo, no desempenho dessa missão, grave incidente com as autoridades da outra banda, que terminara num combate entre *cutter* e um lanchão uruguaio, armado em guerra.

Mais do que desconfiados andavam os legalistas com referências às atitudes do oficial, de quem se dizia que abraçara definitivamente a causa da revolução. Chamou-o Araújo Ribeiro com urgência ao Rio Grande, no intuito, dizia, de congregar ali todas as unidades navais dispersas pelas lagoas e rios. Fez-se de vela o *cutter*, não para acatar as ordens da autoridade legalista, mas para dirigir-se a Porto Alegre, aonde deveria levar documentos reservados, de grande importância. Na previsão, seguramente, de que Robalo não obedecesse à determinação recebida, mandaram os legalistas ao seu encontro a canhoneira *Oceano*, de trinta e sete peças de bordo e comandada pelo tenente Manuel Joaquim de Sousa Junqueira, veterano da Cisplatina.

Encontraram-se os dois navios no Passo dos Canudos, ocupado e rebelde em receber um destacamento de primeira linha a ser transportado à capital. O *Oceano* intima-o a render-se. Em resposta, abre o *Minuano* fogo contra ele. Mantém-se entre ambos intensa fuzilaria, contraponteada, de espaço a espaço, pelo rimbombo dos morteiros. O barco revolucionário, cuja potência de fogo não se pode comparar à do atacante, tem rotos, dentro em pouco, velames e cordoalha, atingidas as obras mortas, ferida quase toda a tripulação. Ainda assim, sustenta o combate com tenacidade, até que um certeiro tiro lhe inutiliza a única peça. Quando o fogo ia calmando, aproxima-se-lhe o *Oceano*; e Junqueira repete a intimação. O comandante rebelde, vendo embora a situação perdida, recomeça a metralha com redobrador vigor. Ao cabo de três quartos de hora, novamente entra em declínio o fogo do *cutter*, e mais uma vez o legalista o intima à rendição. Tobias dos Santos esgotara por completo os recursos de defesa. Só lhe fica a alternativa de entregar-se e entregar os documentos que traz consigo, ou morrer. Não hesita. Prefere a morte. Prefere-a em companhia da esposa, a denodada Isabel Inácia de Jesus, e abraçado aos filhos, que também estão a bordo. Sem dizer palavra, desce ao paiol da pólvora e o faz explodir. Ouve-se, a grande distância, o estrondo que leva pelos ares o *Minuano* e seus defensores. Quando a nuvem de fumo começa a adelgaçar-

-se, os tripulantes atônitos do *Oceano* veem boiando nas águas quietas do rio pedaços de madeira, farrapos de velas, restos de utensílios de bordo. Um único marinheiro sobreviveu por algumas horas à catástrofe e pôde contar, antes de morrer, os últimos lances de heroísmo de Tobias Antônio dos Santos Robalo.

Ninguém melhor do que João Manuel compreendia que o êxito do movimento estava na dependência da retomada da barra. As ações na campanha lhe pareciam de secundária importância. A própria posse da capital de nada serviria como conquista definitiva, enquanto a chave da província estivesse em poder dos imperiais. Preparou com rara decisão o ataque ao passo do S. Gonçalo guarnecido pelos navios ali destacados por Araújo Ribeiro. Atingido o Passo dos Negros com auxílio de três iates, fez levantar durante a noite dois redutos de artilharia na foz do arroio Pelotas. Pela madrugada, a esquadrilha legalista abria fogo contra a bateria revolucionária. A canhoneira *S. Pedro Duarte* foi completamente destroçada e o seu casco tornado pelos rebeldes, que dele retiraram dois canhões. O *Oceano* teve que abandonar o combate, rebocado pelo *Liberal*. A tropa de João Manuel permanecia na posse do S. Gonçalo, apesar da superioridade naval dos legalistas. Podia considerar-se agora a barra da província à mercê dos rebeldes. A revolução vivia um dos seus momentos culminantes.

A vitória do S. Gonçalo produziu no Rio Grande indescritível abatimento. Imensa a consternação entre os legalistas. Não se cuidava senão de embarcar, para com mais facilidade fugir à aproximação dos revolucionários. Nessa emergência, o avanço decidido sobre a cidade não teria significado apenas o coroamento do dificílimo triunfo já conquistado, senão ainda, provavelmente, a própria vitória final da causa. Em Porto Alegre, o presidente Marciano Ribeiro estava certíssimo de que a ação iniciada no S. Gonçalo continuava a ser executada sobre o Rio Grande, de acordo com o plano por ele estabelecido com João Manuel. Uma semana depois do desbarato da esquadrilha legalista, determinava ao comandante do brigue *Bento Gonçalves* que se aproximasse do Estreito com os demais navios do seu comando. "O Norte e o Rio Grande estão a esta hora sendo batidos pelas nossas forças – dizia – e o fim por que mando cruzar até o Estreito é unicamente para intimidar a José de Araújo, fazendo-o crer que também é atacado pelo mar, e assim obrigá-lo a distrair parte das suas forças."

O grave ferimento de João Manuel e também o do capitão--tenente Frederico Gustavo não permitiram, ato contínuo, a marcha dos rebeldes sobre o litoral. Quando ela foi retomada, presente Neto, já os legalistas haviam despachado consideráveis reforços para a cidade do Rio Grande, e baldados foram os assaltos dos republicanos contra a praça fortificada, depois que o seu comandante se negara à rendição. E como esta, todas as ulteriores tentativas dos farrapos por apossar-se da barra naufragaram com a tenacidade com que os imperiais haveriam de defender aquela posição dominante no cenário da guerra. Tinham os revolucionários, por duas vezes, perdido a sua oportunidade. "Ceux qui font des révolutions à demi ne font que creuser leurs tombeaux." Instalados definitivamente sobre a barra, dentro em breve, pela lógica das causas incontrastáveis, passariam os legalistas a dominar não apenas o São Gonçalo e a lagoa Mirim, mas ainda a dos Patos e o próprio estuário do Guaíba.

*

Vendo a Regência que para debelar a revolução se tornava imprescindível reforçar as atividades navais, mandou à província para esse fim o capitão de mar e guerra John Pascoe Greenfell, que acabara de prestar destacados serviços à legalidade na revolta do Pará. Greenfell, marinheiro desde os onze anos de idade, viera para a América em companhia de lorde Cockrane, com ele servira na guerra da Independência do Chile e de lá passara ao serviço do Brasil, nos lances de cuja emancipação política tomara parte, quando as províncias do Norte foram expugnadas das tropas lusitanas. Na guerra da Cisplatina, a sua atuação foi das mais valiosas com que o Império pôde contar. Perdera em combate o braço direito. Enérgico e bravo, o inglês sabia fazer-se respeitado pela sua capacidade de mando, espírito de iniciativa e competência técnica. A Regência não poderia confiar a melhores mãos a empresa de consolidar as posições marítimas da legalidade na província sublevada. Logo que chegou ao porto do Rio Grande, iniciou o novo chefe naval "os preparativos para alcançar o domínio das lagos e dos rios navegáveis, cuja posse desfrutavam os revolucionários".

Nessa altura, era Porto Alegre vigorosamente atacada por terra e por água pelos insurgentes. Greenfell para lá fez seguir o tenente Silva Madela com cinco vasos de guerra, a fim de prestar auxílio aos defensores

da capital. Mas a esquadrilha legalista julgou arriscado transpor o estreito de Itapuã, pois ficaria com as comunicações cortadas e teria de enfrentar, nas águas do Guaíba, forças adversárias "que as percorriam em todas as direções". Ficou, pois, bordejando ao largo do promontório, observando o que por lá se passava. Essa, a situação ao norte da lagoa.

Ao sul, quis Greenfell certificar-se pessoalmente do estado das coisas, e tentou forçar o S. Gonçalo, onde os revolucionários se haviam fortificado, "mas não lhe pareceu prudente arriscar um desembarque". Retrocedeu e tratou de preparar-se melhor, para ações de maior alcance. O essencial, antes de tudo, seria restabelecer as comunicações regulares entre o litoral e Porto Alegre. Para tanto era de mister acabar de vez com os insurgentes no Itapuã, que todas as manhãs içavam por baixo da bandeira no Império um pano vermelho e disparavam provocadoramente os seus canhões sobre os navios legalistas fundeados na lagoa. Reuniu para a empresa treze canhoneiras a lanchas, nas quais fez embarcar cento e cinquenta soldados. Tanta confiança tinha no êxito que levou consigo, a fim de desembarcá-lo em Porto Alegre, o presidente Araújo Ribeiro. Com efeito, rompendo por entre o fogo da artilharia do forte, chegou à capital sem nenhuma avaria de monta. E logo depois tratou de desmontar as baterias dos rebeldes na ilha do Junco e na ponta do Itapuã. Isso conseguido limpo estava o Guaíba e livre o caminho entre a barra e a capital.

Se os revolucionários houvessem sabido manter as suas posições no litoral ou se, mais tarde, não interrompessem no S. Gonçalo a marcha vitoriosa sobre o Rio Grande em pânico, de nada teria valido aos legalistas a retomada de Porto Alegre. Seguramente recairia a cidade em poder dos revolucionários, tão certo o princípio de que o curso das águas é controlado pelo dominador da foz. A regra se comprovaria, aliás, de maneira inexorável, pelo próprio desenrolar dos acontecimentos. Araújo Ribeiro, ao chegar à província, governava apenas duas povoações: o Rio Grande e S. José do Norte. Mas essas povoações representavam a chave da província inteira, ou pelo menos da sua parte mais importante. Delas dispondo, tinha em mãos a base de operações indispensável para assenhorear-se das regiões econômica e politicamente tributárias da foz. Greenfell venceu os rebeldes porque os seus navios dominavam a barra do Rio Grande. "O que a marinha tinha a fazer está feito", comunicava ele ao governo do Rio de

Janeiro. "Se V. Ex. não achar indispensável a minha continuação no comando, estimarei muito a ordem para me retirar à corte."

O que a marinha fez, na verdade, foi confirmar a teoria de Ratzel. Quem dominasse a barra do Rio Grande acabaria dominando as águas interiores. Contra a fatalidade do princípio, inútil toda a obstinação dos farroupilhas, mal inspirados nas suas atitudes inconsequentes e militarmente incompreensíveis, nos primórdios da revolução. Perderam eles o domínio das águas interiores, porque não souberam conservar as suas posições na barra da província. A barra em poder dos legalistas era o ponto fraco da revolução.

*

Domingos de Almeida a autoridade de onímodas intuições, tinha desses acontecimentos uma compreensão exata. De há muito, aliás, o preocupavam os assuntos concernentes ao tráfego das lagoas. Anos antes de estalar o movimento revolucionário, havia organizado uma sociedade com Antônio Gonçalves, José de Oliveira Viana e Bernardino José Marques Camerim, para construir no estaleiro do arroio Santa Bárbara, em Pelotas, o primeiro barco a vapor da província, cuja máquina viera dos Estados Unidos. Muitos o consideravam utopista e previam como certo o malogro do negócio. Realizadas corn êxito as primeiras experiências no São Gonçalo, o *Liberal* – este o nome do vapor que estava prestando agora tão úteis serviços aos imperiais – fizera a sua viagem inaugural ao Rio Grande "com muita admiração dos espectadores, pela velocidade com que rompia contra o vento e a grande correnteza das águas". A travessia se efetuara em três horas e meia. Não cabiam em si de maravilhadas as populações litorâneas. E no mês seguinte, com sucesso igual, fora o navio ancorar em Porto Alegre. Domingos de Almeida era o exclusivo orientador da empresa, e essa responsabilidade, aliada às suas preocupações de charqueador e negociante, lhe havia permitido uma visão perfeitamente clara do intercâmbio das principais praças da província, conectadas entre si pelo sistema lacustre e servidas pela desembocadura do Rio Grande.

A ocupação do porto marítimo pelos imperiais parecera-lhe um pesado desastre para a causa revolucionária. Não desconvinham dessa opinião Marciano Pereira a João Manuel, que também consideravam

indispensável a retomada daquela posição. Durante as operações sobre o São Gonçalo mantinha-se Almeida em diário contato com João Manuel, animando-o com a sua lúcida obstinação a atravessar as águas do sangradouro para atirar-se sobre o último reduto dos reacionários, onde Araújo Ribeiro desempenhava nominalmente as funções de presidente.

Agora mesmo, estava Almeida preocupado com a reclamação que lhe faziam os criadores do sul, contra a proibição do governo republicano de exportarem para a praça do Rio Grande os seus gados e produtos animais. Causava-lhes a medida enormes prejuízos, na dependência exclusiva em que ficavam dos compradores do Estado Oriental, onde, por sua vez, a endemia revolucionária se opunha à regularidade das transações. O senso prático de Almeida poderia admitir a proibição do intercâmbio com o porto marítimo como passageira medida de emergência, não como resolução definitiva. Com caráter permanente, ela acarretaria por certo a ruína da indústria pastoril em largo trecho da campanha. O porto do Rio Grande era o verdadeiro regulador comercial da província. E colocado na alternativa de permitir o abastecimento dos imperiais naquela praça ou de gerar irremediáveis prejuízos aos produtores e de agravar ainda mais a penúria do Tesouro da República, inclinava-se a inteligência prática do ministro para o mal menor. E pensava, por isso, em expedir um decreto facultando o comércio de gado de corte para o porto do Rio Grande, pelo passo de Canudos, no S. Gonçalo.

No pé em que estavam as coisas o que muito urgia, no seu entender, era dificultar por todas as formas o intercâmbio entre o litoral e as cidades do interior, que tinham em Porto Alegre o seu entreposto de distribuição. Existia para o caso a lei de corso marítimo, expedida nos últimos meses de 1836. A notícia desse decreto causara a mais profunda irritação aos homens do governo imperial. Sabedor de que os revoltosos haviam organizado "um governo irrisório e quimérico, e que este, no excesso do seu delírio se lembrava de dar cartas de marca para o corso", mandara o regente recomendar ao comandante das armas, "a necessidade de acabar por uma vez e quanto antes com aquele grupo revolucionário, para que os iludidos a os ambiciosos se não acobertassem à sua sombra" e não viessem a hostilizar o comércio do Império. E de tal maneira se impressionava a Regência com a possibilidade de efetivarem os republicanos aquela ideia, que ordenava a

Bento Manuel, em linguagem peremptória e decidida, que "prescindindo de quaisquer contemplações, descarregasse o último a decisivo golpe contra o resto das forças dos revoltosos, a fim de prevenir os males que pudesse causar aquela lembrança, ainda que a medida do corso fosse ilegal e reconhecidamente verdadeira pirataria".

Fora em virtude dessa lei que se expedira meses antes a carta de corsário a Garibaldi. Malograda a tentativa em mar aberto pela falta de portos de abastecimento, de vez que não se podia contar para ela com a aquiescência tácita de Montevidéu e Buenos Aires, impunha-se, como única solução nas circunstâncias presentes, tentar o corso nas águas interiores.

A opinião de Garibaldi concordava com a do ministro. Dessem-lhe – um ponto de apoio quaisquer, e ele se lançaria de bom grado à empresa, da qual esperava tirar compensadoras vantagens. Decisão e ânimo de luta não lhe faltariam.

Almeida, entretanto, nada decidia em definitivo. Indispensável ouvir-se, a respeito, a opinião do presidente da República. Bento Gonçalves estava no seu acampamento de guerra, sobre o S. Gonçalo. Saíra de Piratini à testa de uma brigada de cavalaria, ao encontro de Silva Tavares. Passados alguns dias e perfeitamente entendido com Almeida, para lá se dirigiu Garibaldi. Levava do seu primeiro contato com as autoridades rio-grandenses ótima impressão. Homens simples, enérgicos, leais. Dava gosto tratar com gente assim.

. . . .

Capítulo III

NO ACAMPAMENTO

À MARGEM ESQUERDA do S. Gonçalo, sobre o ângulo formado pelo sangradouro e o rio Piratini, numa grande planície verde, salpicada de espaço a espaço pelas manchas escuras dos capões, acampava a força de Bento Gonçalves. Desde uma semana a brigada interrompera a marcha e estacionara ali, à espreita dos movimentos de Silva Tavares. Mal reposto da última derrota, já buscava o árdego chefe imperialista novas escaramuças com os republicanos. Não havia entre os reacionários caudilho menos afortunado nem mais recalcitrante no empenho de ser batido. Alcunhava--no "o armazém dos farrapos", tão certo resultava de cada encontro com suas forças recolherem estes proveitosa cópia de armas, munições, víveres, vestimentas. Agora, deslocava-se ele em marchas forçadas pelas campanhas do sul, procurando envolver pelo noroeste a vila de Pelotas, a fim de auxiliar a ação que a esquadrilha de Mariath pretendia levar contra a bateria estabelecida no Passo dos Negros.

Longe vinha ainda o sol, e o acampamento já parecia um inquieto formigueiro humano, rumoroso e trepidante. Para além da linha extrema das barracas, ardiam em semicírculo as fogueiras dos postos avançados. Redobrada se fazia a preocupação de mantê-las bem acesas, para que

o clarão das labaredas afugentasse os tigres atraídos pelo cheiro de carniça das chasqueadas e cujos rugidos lúgubres cortavam, correspondendo-se de uma à outra margem do rio, o silêncio das noites frias.

Raros os retardatários que esperassem o toque de alvorada para iniciar as fainas do dia. Dos ranchos coletivos, construídos de pau-a-pique e cobertos de folhagem, das tendas de panos encardidos pelo sol e pelas chuvas ou armadas com ponchos, e ainda dos simples leitos de campanha, estendidos em chão apropriado a carona, o lombilho, os pelegos, surgiam e levantavam-se, refeitos por algumas horas de sono, os cavalarianos que o próprio chefe do Estado comandava. Rostos bronzeados pelas intempéries, emoldurados de grandes barbas ou fisionomias ainda glabras de adolescentes; mestiços, índios, também numerosos negros, escravos de oficiais republicanos ou fugidos das senzalas de senhores imperialistas; "*castelhanos*", profissionais de "*montoneras*", formavam nesse acampamento de coluna em marcha um cenário dos mais variados tipos, das mais diferentes providências étnicas e sociais. Pertencia o maior número deles à categoria dos voluntários, que se engajavam sem fazer jus a soldos nem gratificações, ressalvado o direito de cuidarem dos seus negócios, sempre que necessário. Apenas terminado o trabalho voltariam a incorporarem-se de novo, mais afeitos já à vida das guerrilhas do que aos misteres das estâncias.

À luz incerta da madrugada e dos braseiros que se atiçavam, a indumentária dos soldados da República era uma agitada policromia, em contraste com o ar cinzento, embaçado de neblina e de fumaça. Os antigos soldados de linha, fardados de zuarte e tecidos cor de oliva desbotados pelo tempo, quepes do mesmo pano ou chapéus de abas largas presos sob o mento pelos barbicachos de couro, à primeira vista se distinguiam dos voluntários, na sua maioria vestidos de bombachas escuras guarnecidas de botões, e calçando botas com enormes esporas, as "chilenas" ou "choronas", que de tão pesadas se acreditaria lhes houvessem de dificultar os movimentos. Os índios de longas tranças, muitos deles com aros dourados nas orelhas, cobertos polo "xiripá" e por uma camisa que seria ao mesmo tempo casaco ou blusa, tinham os pés envoltos em tecidos ásperos. Raro o homem que não trouxesse o seu poncho de pano, um "pala" de vicunha, ou simplesmente algumas tiras de fazendas cozidas, com uma abertura ao centro. Estavam nos lenços os adornos principais dos guerrilheiros. Havia-

-os de todos os tons, mas sobressaíam os vermelhos e os brancos, muitos de seda, atestando a boa classe social dos que faziam garbo em usá-los atados com o "nó republicano", distintivo dos farroupilhas. Viam-se largas guaiacas, fechadas com moedas em lugar de botões, e simples cintas militares, ou mesmo, entre a ralé pedaços de couro cru, para sustentar as espadas, as pistolas, as adagas, as facas.

Variáveis embora as vestimentas e mesmo as armas dos soldados estabelecia-se entre eles uma tal ou qual uniformidade pelo uso da lança que todos traziam à mão. Artisticamente lavradas em ouro e prata, as do alguns oficiais; as do grosso da tropa terminadas apenas pelas pontas de aço reluzente; outros ainda, meros chuços de madeira, com que faziam prodígios os índios acostumados a manejá-las. Todas, porém, as de ébano finamente trabalhado como os toscos varapaus tinham por distintivo comum a flâmula tricolor da República.

Fazia-se intensa a azáfama em torno das fogueiras. Negros e índios traziam às costas, sobre sacos de lona, pedaços das reses abatidas no momento para colocá-los nos espetos a cargo dos assadores. Enquanto o churrasco tostasse suspenso sobre os braseiros, circulavam de mão em mão as cuias de mate. Meia hora depois, de pé, acocorados, sentados sobre lombilhos, os soldados comiam a sua ração matutina – o assado do clarear do dia. E tanto que mastigavam ou seguiam chimarreando, comentavam os acontecimentos da coluna.

– Ontem à tarde chegaram ao acampamento dois *gringos*, contava um oficial. Vieram de Piratini, com cartas do governo para o general. Diz-se que partiram do Rio de Janeiro numa embarcação que arvorava a bandeira da República, e que fizeram o corso a navios do Império. Depois estiveram presos na Argentina, donde parece que saíram fugidos.

O relato causava interesse e circulava de roda em roda, com deturpações e exageros. Os navios apresados pelo corsário cresciam de número, já passavam de seis, já seriam mais de dez. Ampliava-se desmesuradamente a extensão do combate no rio da Prata.

– Os italianos sustentaram fogo contra toda a esquadra oriental, e para vencê-los foi necessário despachar contra eles, além dos uruguaios, navios brasileiros e argentinos", informava alguém que se dizia bem enfronhado nos acontecimentos.

– Recebeu-os o general com grandes demonstrações de simpatia", referia o ajudante de ordens de um comandante de batalhão, que tivera oportunidade de vê-los quando apresentados a Bento Gonçalves pelo próprio que os acompanhara de Piratini.

– E convidou-os a comerem com ele. Parece que os italianos gostaram do assado. Conversaram os três por muito tempo e com tanta intimidade como se já fossem velhos conhecidos. Depois, o general mandou preparar-lhes uma barraca ao lado da sua", acrescentava um capitão.

– Dizem que vão ficar servindo na nossa coluna.

– Mas *gringo* já aprendeu a andar a cavalo?, perguntou um soldado que cortava no espeto, uma larga tira de carne.

– Vamos escolher dois baguais prá eles, propunha, irônico, um índio de funda cicatriz no rosto. E um gaúcho moço, de cabelo revolto e longas barbas pretas, sentencioso e grave.

– Eu vou amarrar chilenas bem grandes nas botinas deles.

E a cada chiste estalavam gargalhadas.

– Moçada, gritou um major-fiscal que se aproximava, toda gente trate de encilhar os cavalos. Vamos levantar acampamento, e o general quer passar revista à força em formatura, às oito horas!

E dentro em pouco, ouviam-se os sons agudos das cornetas, dando ao acampamento ordem de preparativos de marcha.

Menos de uma hora depois, arrogantes pelo orgulho da sua causa, magníficos na convicção da sua bravura e destreza nos combates, quase todos os guerrilheiros já estavam montados; poucos traziam ainda os cavalos pelas rédeas, enquanto chupavam um último chimarrão ou acendiam nos tições os compridos cigarros de palha. Qualquer que fosse a sua posição cuidavam dos "pingos" com os maiores desvelos, tosadas as crinas, as colas atadas a meia altura dos quartos. Os que dispunham de recursos usavam lombilhos chapeados de prata, de prata os estribos e os freios de rédeas finamente trançadas. Os peões de estância, os índios, os negros, os cafusos, os mulatos, que quase montavam em pelo, contentavam-se em mostrar os seus fletes tratados com esmero igual ao dos patrões. Todos, estancieiros ou piás tinham os laços de quatro tentos enrodilhados sobre as garupas dos animais e boleadeiras de ferro retocadas de couro, por baixo dos pelegos ou amarradas à cintura, sobre a guaiaca. Alguns cavalarianos de Porto Alegre e

de Pelotas não usavam lombilhos, mas uma espécie nova de ensilho, a que chamavam serigote. A novidade, introduzida recentemente pelos alemães de S. Leopoldo, era sobremaneira encomendada pelos fabricantes. "*Das ist sehr gut*", diziam.

O sol subia no céu muito azul e escampo de nuvens. Soprava rijo vento dos lados do mar. Os prenúncios do outono davam já às manhãs uma frescura picante, convidativa aos galopes, estrada afora.

A brigada estava a postos, à espera do general. De repente, notas vivas de clarim ressoam pelo acampamento. Montado em esplêndido cavalo, Bento Gonçalves aproxima-se a trote, cercado do estado-maior. Todos os soldados, nesse instante, só têm olhos para admirar o seu chefe, o bravo Bento Gonçalves, o presidente da República Rio-grandense. Alto, forte de corpo, elegante na sua postura de cavaleiro exímio ei-lo que se avizinha. Veste com extrema singeleza. O fardamento não o distinguiria do comum dos oficiais. Tem o rosto rigorosamente escanhoado, como se pronto para entrar em salões de cerimônia. Sobre a larga fronte abate-se a aba de um chapéu de campanha. Traz um poncho-pala claro, que, com o andar apressado do cavalo, ondeia ao vento como se fosse uma grande bandeira, conduzindo à vitória os soldados da República. Desprende-se da pessoa do chefe um estranho magnetismo que eletriza a tropa. Um halo de lenda envolve-lhe o nome. Mais do que um homem, aos olhos da sua gente ele é a personificação de um mito.

"O herói Bento Gonçalves
é a nossa salvação!"

grita, tomado de vibração irreprimível, um oficial. E imediatamente, aclamações frenéticas, retumbantes, ensurdecedoras, atroam os ares. Bento Gonçalves começa a revista às tropas. E sorri aos soldados num sorriso de comunicativa satisfação.

Garibaldi acompanhava a cena com entusiasmo. A figura do herói, tantas vezes imaginada nos seus devaneios românticos ele a tinha ali, ao alcance da vista. Fora um ambiente assim, cavalheiresco e empolgado pela ideia da liberdade conquistada à força do próprio valor, que ele entressonhara nas suas monótonas viagens do Mediterrâneo e na desolante modorra do Rio de Janeiro. Exaltado comunicava suas impressões a Rossetti:

– "Este é realmente o filho querido da natureza, que lhe prodigalizou tudo aquilo que faz do homem um verdadeiro herói. Vê o garbo com que monta a cavalo. Ninguém lhe daria mais de vinte e cinco anos. Não admira que com tais dotes Bento Gonçalves seja o ídolo dos seus concidadãos".

Mais tarde, escreverá nas *Memórias*, recordando as inesquecíveis impressões daquele dia: "*Alto della statura svelto, ei cavalcava un focoso destriero colla facilità a la destrezza d'un giovine conterraneo suo. E si sa contare i rio-grandensi fra i primi cavalieri del mondo*".

Nenhum dos generais da República, nem Antônio de Sousa Neto, admirável cavaleiro, o melhor cavaleiro que Garibaldi viu em toda a sua vida, homem de irradiante simpatia, admirado e estimado de todos; nem a figura romântica de João Manuel de Lima e Silva, oriundo de outro meio, porém mais do que ninguém identificado com o Rio Grande no altruísmo, na glória nos sofrimentos, no martírio; nem Davi Canabarro, o forjador do seu próprio destino soldado de raça cujas peculiaridades tão bem refletiam as idiossincrasias do homem da campanha rio-grandense; nem João Antônio da Silveira, "a valente espada que brilha em nossa fileira", popular entre os que mais o fossem pela bravura, pela lealdade – ninguém nenhum outro exerceu jamais sobre as multidões fascínio comparável ao de Bento Gonçalves. Este foi, no mais alto grau, o homem representativo da sua época. Soube melhor do que todos revelar aos seus contemporâneos a extensão da grandeza moral que haveria de singularizá-los no panorama das gerações rio-grandenses. Porque, em verdade, grande realmente só é o homem que magnifica os demais transmitindo-lhes a convicção de que eles também são grandes; e não aquele que, pelas suas monstruosas dessemelhanças com o meio, ofende e amesquinha quantos se vejam constrangidos a contemplá-la ofuscados e contrafeitos, à distância e de baixo para cima. Requer essa condição não perca o homem superior os requisitos comuns que o prendem ao seu tempo e o integram no seu ambiente, dos quais ele há de ser em tudo e por tudo a culminância, a espiritualização, a expressão mais perfeita, a síntese final.

Os acontecimentos posteriores ao 7 de Abril haviam colocado a geração de 35 na alternativa de agir em consequência deles, afirmando as tendências republicanas e autonomistas do Rio Grande do Sul, ou de

transigir com as imposições cada vez mais regressivas e centralistas do Rio de Janeiro. Na última hipótese ela significaria apenas um trecho humano mais ou menos anônimo, desses que se perdem na poeira dos cemitérios, sem nada legarem de si aos tempos que hão de vir. Mas no primeiro caso, a sua memória se constituiria em baixo-relevo das características essenciais do nosso povo, e seria como realmente foi, uma grande geração. E apenas se proclama uma verdade por todos pressentida, quando se diz que Bento Gonçalves transmitiu à geração de 35 a medida exata da sua grandeza.

Tudo conspiraria na trajetória desse homem por afastá-lo das linhas do seu destino. Filho de pai estrangeiro, o alferes Joaquim Gonçalves da Silva, natural da freguesia de Santa Marinha de Real, bispado de Lamego, e de mãe rio-grandense, Perpétua da Costa Meireles, natural da freguesia de Triunfo, mas oriunda, por sua vez, de genitores portugueses, ele haveria de ser, pela vontade da família, um respeitável clérigo que rezasse missas em alguma obscura paróquia da província. E quem sabe se, com os seus vivos dotes de inteligência, não faria brilhante carreira, acabando bispo, talvez, em alguma diocese brasileira ou mesmo no Reino? Mas o jovem Bento Gonçalves declinou de tão alta responsabilidade, que foi transferida a outro filho do casal. Inquieto, bulhento, ativo, superlativamente cioso da sua personalidade, só via diante de si uma destinação: o manejo das armas nos tempos de guerra; e nos rápidos períodos de paz, a vida forte dos trabalhadores rurais. Afirmando, já aos treze anos de idade a índole destemerosa do seu caráter, mata em duelo à espada um negro que lhe faltara ao respeito e tentara agredi-lo.

As lutas que a coroa portuguesa sustentava sobre as lindes da província de S. Pedro, nas terras da Cisplatina, levaram-no a assentar praga. Dir-se-ia agora que ele estivesse agindo de acordo com o seu destino. Mas, obrigado a combater na Companhia de D. Diego, a favor do realismo lusitano e contra os sentimentos de liberdade que se afirmavam em todos os quadrantes da América, essa guerra longe estaria de entusiasmar-lhe o ânimo juvenil. Apagada, quase nula é a sua ação militar nessa quadra. Terminada a luta ele se fixa em Melo, no Estado Oriental, onde se casa com Dona Caetana, filha de Narciso García, natural da Espanha, e de Dona Maria Gonzalez, oriunda do Rio Grande.

O meio em que se movia, saturado das façanhas de Artigas, e possivelmente o seu próprio meio familiar, se mostrariam intensamente

hostis a tudo quanto fosse brasileira, ou melhor, português. Mais uma conspiração, aí, contra o seu destino. Mas ele reage contra o ambiente. E tão decisiva é a reação que dez anos durante não se conheceu entre os brasileiros na Cisplatina guerrilheiro mais audaz nem mais afortunado. "Capitão de guerrilhas" ou de milícias em 1817, já se via em 1824 promovido a tenente-coronel e nomeado comandante de regimento; e no ano seguinte, depois da batalha de Sarandi, a coronel. Tinha, então, trinta e seis anos de idade. Difícil imaginar carreira mais fulgurante. O expatriado que casara em família estrangeira encontrara nos próprios obstáculos opostos à sua vocação os elementos que lhe fizessem ressaltar a força do caráter. Foi um dos heróis anos depois, na batalha do Passo do Rosário. E se Barbacena se houvesse inspirado nos seus avisos, outro teria sido o resultado do grande encontro.

Transferido da força auxiliar das milícias para as linhas regulares do exército e nomeado coronel do estado-maior, passou a comandar um regimento de cavalaria da primeira linha, em Jaguarão. E teve, mais tarde, a chefia militar daquela fronteira e o comando superior da guarda nacional na província. Saído do Rio Grande como ignorado e bisonho furriel, voltava à terra dos seus sonhos como oficial superior do exército de Sua Majestade. Longe de desnacionalizá-lo, a vida entre gente estranha só contribuíra para realçar-lhe os atribuíras de amor ao rincão natal.

Mas, fora de dúvida também que as encarniçadas lutas da Cisplatina, encerradas pelo reconhecimento da independência uruguaia, haviam deixado na sua experiência profundas raízes de convicções democráticas. Ele não formava, por certo, entre os seccionistas, não desejava a independência do Rio Grande nem se alistaria, desde logo, entre os obcecados pela ideia republicana. Mas observava a sentia que a administração imperial na província era um desastre; e não concordava, filho de português, com o predomínio dos elementos lusitanos, retrógrados a saudosistas, em todos os ressortes da sua atividade política.

Na fase preparatória do grande drama, é Bento Gonçalves o ponto para o qual de instinto convergem os olhares de todos os patriotas, não conformados com a situação de presa fiscal e para-choque militar que o centro distribui ao Continente, material e politicamente desdenhado tanto pela Regência quanto pelo Primeiro Reinado. Toma parte ativa nas

conspirações. O seu prestígio pessoal além da raia indica-o como a pessoa mais adequada para as primeiras sondagens estratégicas junto aos caudilhos orientais, de cujos auxílios tanto se valeriam os futuros insurgentes como os defensores do trono bragantino. Mas firma-se de imediato e bem nítida a linha de divisão política entre os conspiradores rio-grandenses e os chefes uruguaios. "Nós devemos tomar do general Lavalleja os elementos subalternos de que pode dispor, porém, não dar-lhe ingerência em nossos assuntos", escreve Marciano Pereira a Bento Gonçalves. E para prova da absoluta concordância do futuro presidente da República de Piratini com tal aviso, anotaria Antônio Diaz, na *Historia política y militar de las Repúblicas del Plata*: – *"Bento Gonçalves, como brasileño, no pensó jamás en otra política que ia que dirigía ai punto exclusivamente brasileño y republicano."*

A denúncia oferecida pelo marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, de estar o comandante da fronteira de Jaguarão em secretos entendimentos com Lavalleja, determina sua chamada à capital do Império, em 1833. Pareceria ter chegado o momento da sua desgraça. Mas o nobre espírito de João Manuel atira-se resoluto à defesa do amigo e companheiro de causa. Sem perda de tempo, viaja por terra ao Rio de Janeiro. O regente Lima e Silva, conhecedor das manobras reacionárias de Barreto Pinto, mantém Bento Gonçalves no seu posto de comando, confere-lhe uma pensão anual pelos relevantes serviços prestados à pátria e nomeia Fernandes Braga presidente da província.

Dentro em pouco, o desavisado Braga se transforma em joguete nas mãos dos regressistas. Longe de confraternizar com os patriotas, aos quais devera, em última análise, a sua nomeação, levanta contra Bento Gonçalves e seus companheiros a acusação de estarem conspirando com o fim de desmembrar a província do Império para incorporá-la à República Oriental. A sua "fala" à Assembleia é um modelo de insensatez: – "Consta-me que João Antônio de Lavalleja ainda não deixou o nosso território e que juntamente com o seu mentor, o indigno padre José Antônio Caldas, trabalha de mãos dadas com diferentes ambiciosos para perturbar o sossego da província e levar avante seus planos de separação do Império e federação com a Cisplatina."

A alusão a Bento Gonçalves é transparente, o inepto libelo provoca imediata reação na Assembleia. Que Fernandes Braga exibisse os

elementos em que se fundara para articular tão grave denúncia. E o presidente, acutilado pela altiva réplica dos representantes do povo, vê-se na contingência de confessar que não possuía provas oficiais, mas dera crédito a cartas particulares, impossíveis de serem exibidas em público.

Quando a Assembleia encerrava os trabalhos, em junho de 1835, já não havia dúvidas no espírito de quantos soubessem compreender os sinais dos tempos: a província estava em vésperas de sublevar-se, e o chefe da revolução não poderia ser outro senão o coronel Bento Gonçalves da Silva.

Esses acontecimentos e os subsequentes ao 20 de Setembro valeram à figura central do movimento um prestígio, uma ressonância, um vulto espiritual não igualados por nenhum outro homem no Rio Grande do Sul da sua época. Ele dera aos contemporâneos a definição das suas responsabilidades políticas, mostrara-lhes o sentido do seu destino histórico, assinalara-lhes a sua projeção sobre os tempos porvindouros. Era um autêntico herói aos olhos da sua gente. Feito à semelhança dela, surgido dos próprios sofrimentos do meio, plasmado o seu espírito com a substância dos mesmos ideais do seu povo, era como que a carne da sua carne, o sangue do seu sangue. Nele, o Rio Grande do magno decênio encontraria a sua imagem espiritualizada no heroísmo, nos sacrifícios e na glória.

*

O Rio Grande inteiro conhecia os pormenores da sua fuga, cujos lances dramáticos aumentavam ainda o halo romanesco que lhe envolvia o nome. De povoado a povoado, de fogão a fogão entre os exércitos republicanos e entre as hostes imperiais, nas cidades a nos campos, entre rudes lidadores de estâncias e no relato deslumbrante das mães acalentando os filhos nas longas noites de inverno, a energia, a bravura, a calma, a força física, a agilidade de que dera provas no episódio, causavam transmitidas de boca em boca, o assombro das multidões. E na coluna, os lances da evasão forneciam assunto a intermináveis referências.

Contava-se que, depois da interrompida fuga da Laje, recebera Bento Gonçalves aviso de que as autoridades militares iam ordenar uma busca em sua pessoa e bagagem, e que todo o dinheiro encontrado seria entregue em depósito ao comandante da fortaleza, a fim de dificultar-lhes novas tentativas de evasão. Acompanhava-o desde a Cisplatina um escravo

fugido, o *Congo*. Temendo ficar privado dos recursos que trazia consigo, resolveu fosse o negro à cidade leva-los a custódia de pessoa de confiança. Respondeu o preto que preferível lhe parecia guardasse ele próprio a soma. Não gostou o amo da resposta, e com alguma irritação reiterou, peremptório, a ordem. *Congo* não ousou insistir, e foi à cidade. De volta, afirmou que fizera a entrega de acordo com as instruções do senhor.

A busca, entretanto, não se efetuava. E um belo dia foi o prisioneiro surpreendido com a ordem de embarcar imediatamente num brigue de guerra pronto a sair para a Bahia, sendo-lhe ao mesmo tempo comunicado que não podia levar consigo o escravo. Desesperava-se Bento Gonçalves com a impossibilidade de mandar buscar o dinheiro, quando dele se aproxima o *Conguinho* a lhe segreda, desapertando o cinto:

– O dinheiro está aqui!

Quinze dias levou o brigue *Constança* na viagem do Rio de Janeiro a cidade do Salvador. E quinze dias apenas esteve Bento Gonçalves preso no Forte do Mar. Desde a sua chegada, entrou em confabulações com os republicanos da capital. Não combinou com eles apenas o plano da sua fuga: mas ainda o da sublevação baiana. Tinha o prisioneiro a praça de armas por menagem. Conversava com oficiais e valia-se diariamente da permissão de tomar banhos de mar. Exímio nadador, cada vez se afastava mais da praia, e chegava mesmo a fazer a volta da fortaleza, de maneira que a sentinela, por momentos, o perdesse de vista. Para captar as boas graças do comandante, mandava à sua filha os presentes e doces recebidos de pessoas amigas.

Combinou-se a evasão para o primeiro dia em que soprasse vento de terra. Aproximar-se-ia da fortaleza uma baleeira, fingindo ocupar-se na pesca. E Bento Gonçalves trataria de alcançá-la a nado.

Quando chegou o dia da fuga, aconteceu que o comandante lhe mandasse, de parte de sua filha, um vistoso pastelão. Embora de nada suspeitasse, não provou Bento Gonçalves da guloseima, mas deu uma fatia a um cãozinho que costumava visitá-lo as horas de refeição. O animal entrou em convulsões. Bento Gonçalves, para fingir que de nada se apercebera, escondeu o animalejo moribundo. Pouco depois foi visitá-lo o comandante da fortaleza e comunicou-lhe que iria à cidade.

– Comi o pastelão, comandante. Estava ótimo!, disse-lhe o prisioneiro. E acrescentou: – Se não vê nisso inconveniente, tomarei logo o meu banho.

– Não há inconveniente algum. Pode tomar o banho que quiser, retrucou, sorrindo, o comandante.

Já à vista a embarcação, foi o prisioneiro à praia, recomendando ao soldado que o acompanhava:

– Cuide da minha roupa. No bolso do colete há uma onça de ouro.

E atirando-se à água, nadou célere em direção à baleeira que se vinha aproximando. Vendo-o entrar no barco, o soldado correu à fortaleza e comunicou o fato ao segundo comandante. Inúteis todas as tentativas para dar o alarme. O preso ou alguém por ele havia quebrado a única buzina do forte, e molhadas estavam todas as escorvas das peças de artilharia. Içou-se a bandeira a meio pau para chamar a atenção de um brigue de guerra, surto nas vizinhanças. Do brigue despachou-se um escaler à fortaleza. Com todas essas demoras, quando iniciaram a perseguição, a baleeira, navegando a vela e tocada a oito remos, já ia chegando a Itaparica. Na prisão, deixara Bento Gonçalves crescer a barba. A bordo do barco encontrou os petrechos necessários para cortar os cabelos e escanhoar o rosto. Não faltavam, pois, à verdade os habitantes da ilha, quando respondiam à escolta não terem visto nenhuma pessoa com os sinais por ela discriminados. Da ilha passou a cidade, onde esteve escondido mais de mês. Esse tempo aproveitou-o cuidadosamente nos últimos preparativos da revolução que explodria algumas semanas mais tarde com a proclamação da República Baiense, quando ele já viajava para a capital de Santa Catarina a bordo de um navio de pessoa amiga.

Não havia lembrança de que a evasão de um homem produzira jamais semelhante abalo em todo o Império. Por coincidência, nove dias depois da fuga renunciava o regente Feijó e assumia o governo Pedro de Araújo Lima, considerado o homem mais hábil e maneiroso da época. Bernardo de Vasconcelos voltava ao poder como ministro da justiça, acumulando provisoriamente a pasta do Império. Era o “Ministério das Capacidades”, a brilhante equipe em que figuravam Miguel Calmon, Maciel Monteiro, Rego Barros, Rodrigues Torres. A política das panaceias e

contemporizações falhara. A revolução rio-grandense, a despeito de todas as promessas de anistia, continuava a trazer em xeque a unidade do país. E agora juntava-se-lhe a Sabinada, na Bahia, também com pretensões a república independente, escolhido para chefe do novo Estado Inocêncio da Rocha Galvão. E logo, pois seria a Balaiada, no Maranhão.

Na Câmara, Honório Hermeto culpava o governo caído, senão de cumplicidade ativa na fuga, pelo menos de negligência em relação à custódia do prisioneiro:

– A desconfiança que havia a despeito da conivência da passada administração com as rebeldes, ainda mais se manifesta pela fuga de Bento Gonçalves. Eu não quero dizer que a administração que acabou mandara Bento Gonçalves à Bahia para de lá fugir...

Algumas vozes: – Mandou, mandou...

O Sr. Carneiro Leão: – Não o direi; alguns o dizem, mas não eu, que não o creio. Estou persuadido mesmo de que a administração que acabou não quis senão melhorar de prisão a esse indivíduo, que tinha de estar preso e não facilitar-se-lhe a fuga. Mas, que acontece? Mesmo pelo boato que se tinha espalhado de que a administração favorecia os rebeldes do Rio Grande do Sul, as autoridades portaram-se negligentemente e o deixaram escapar.

O ataque, pontilhado de venenosas subtilezas, obrigou à fala Montezuma, que ocupara a pasta da Justiça no último gabinete da regência de Feijó:

– Já mostrei à Câmara que o ministro de então teve toda a razão para enviar Bento Gonçalves para a Bahia. Se a administração tivesse o menor intuito de promover a fuga de um dos presos, porque não teria também interesse em promover a fuga do outro? Dir-se-ia que a pessoa de Bento Gonçalves fosse mais importante; isto é, que melhor seria e mais vantajoso mandar Bento Gonçalves para lugar onde lhe fosse fácil a fuga, do que Pedro Boticário.

– Sr. Presidente não é esta a primeira vez que entre nós tem havido fugas. A Câmara está lembrada de que, no tempo do imperador, Caldas fugiu daqui. É de ver que o Sr. D. Pedro I não seria conivente com Caldas nem desejaria que ele se evadisse. Ora, isto posto, eu disse na Câmara que a política do governo se encerrava em dois pontos: 1º – as frequentes de-

núncias de que Bento Gonçalves projetava evadir-se, por todos os meios, da fortaleza da Laje; 2º – tirar Bento Gonçalves desta capital, onde, tendo numerosos amigos e grandes meios, estava como que auxiliando com seus conselhos e projetos os planos e até mesmo a estratégia dos rebeldes do Rio Grande: o que não aconteceria estando em uma província mais ao norte. Eu não poderia contar com que Bento Gonçalves fosse posto na Fortaleza do Mar: pelo contrário, devia contar que seria posto em prisão mais segura, onde, sem destruir o princípio da comunicabilidade, se achasse privado desse concurso de conselheiros para fazer mal à causa da legalidade... (Sussurros na sala.)

– Eu quisera que os senhores deputados que se opuseram a isto que acabo de dizer, longe de falarem baixo, falassem alto; e declarassem se querem mais explicações, que estou pronto a dá-las.

Anunciava, em seguida, o orador, que tinha em seu poder diversas cartas do prisioneiro, que faziam implicitamente a defesa do governo.

O *Sr. Nunes Machado*: – Pode dizer para quem eram? (Risadas.)

O *Sr. Montezuma*: – Como?

O *Sr. Nunes Machado*: – Para quem eram as cartas?

Montezuma, atarantado, não responde à pérfida interpelação. Continua a leitura das cartas. E termina:

– Pelo que acabo de ler, vê a Câmara que o mesmo Bento Gonçalves confessa que as autoridades da Bahia não foram coniventes, não favoreceram a sua fuga. Ele diz que, a princípio, o trataram com urbanidade. Não duvido que essa urbanidade existisse. É muito natural, entre militares, o acreditarem-se reciprocamente na palavra de honra. Bento Gonçalves não foi auxiliado na Bahia pelas autoridades públicas, as mesmas cartas dele o provam; ele evadiu-se, quase que o posso afirmar, com os recursos que tinha; e difícil seria, no estado das prisões brasileiras, o segurá-lo de modo que não se evadisse, salvo se quisesse ter Bento Gonçalves de uma maneira sem dúvida contrária aos princípios constitucionais adotados no país, conservando-o em ferros. A não querer fazê-lo assim, com as prisões que temos, a sua fuga era muito provável.

*

Da cidade do Desterro, persuadidas as autoridades de que ele estivesse no estrangeiro, dirigiu-se Bento Gonçalves a cavalo, e acompanhado de um vaqueano, para o Rio Grande do Sul. Nunca tinha andado por aquelas paragens. A certa altura, disse ao guia:

– Já estamos em terras do Rio Grande.

– Como o sabe, general?

– Vejo-o pelo modo altivo com que nos saúda a gente que estamos encontrando.

A travessia se fez sem incidente pelo caminho da serra, que vai ter a Viamão. Uma noite, distantes ainda da Setembrina, chegaram a uma estância a ver se lhes seria possível trocar a montaria do general, estropada pela viagem. Apeados à porta da casa solitária, veio recebê-los uma senhora idosa. Bento Gonçalves disse-lhe ao que iam. Não podiam continuar a marcha por falta de cavalo. Vinham valer-se da sua generosidade, certos de que ela não lhes negaria auxílio. Escusou-se a velhinha, respondendo:

– Fui rica, hoje estou pobre. Dei o que pude à revolução. As forças legais levaram-me o resto. Na estância, só tenho um cavalo para todo o serviço. Este só o daria se me viesse pedir o general Bento Gonçalves. Guardo-o para ele, quando voltar ao Rio Grande.

Ouvindo tais palavras, o viajante dominava com dificuldade a sua emoção. Deu-se a conhecer à estancieira. Nela encontrava de novo o retrato moral do Rio Grande, martirizado pela firmeza dos seus ideais, mas pronto sempre a novos sacrifícios.

Alguns dias depois, Bento Gonçalves chegava a Piratini. Reunidos em sessão especial os vereadores da Câmara, perante eles prestou juramento e tomou posse do cargo de presidente da República. Entusiásticas aclamações saudaram o herói. Depois da cerimônia, o presidente convidou o povo a assistir ao *Te Deum* que a Câmara mandava rezar na igreja matriz, em ação de graças pela fuga e feliz regresso do seu primeiro magistrado ao Rio Grande do Sul.

*

Garibaldi e Rossetti, incorporados provisoriamente à coluna, moviam-se, deslumbrados, naquele cenário de aventuras que lhes parecia um mundo de maravilhosas irrealidades. Estavam adidos ao estado-maior

de Bento Gonçalves. No decurso das marchas, no repouso dos capões, durante as horas de canícula ou à noite em volta das fogueiras, só tinham ouvidos para os episódios de que se entretecia a glória do caudilho na admiração do seu povo. Fascinava-os aquele romanesco fulgor de madrugada humana, *fiat* de uma consciência coletiva que surgia nos entreveros das batalhas e iluminava sobre-humanamente as figuras dos seus heróis.

Silva Tavares não se aventurava a engajar combate. Retirava-se precípite em correrias desabaladas, à aproximação da coluna republicana. O intento sobre Pelotas estava frustrado. À vista do que, Bento Gonçalves deu ordem de retroceder sobre Piratini.

Coincidia com a sua entrada na capital a notícia da segunda batalha de Rio Pardo. As forças de Antônio Neto e Bento Manuel haviam derrotado fragorosamente a maior coluna legalista, comandada pelo marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto. Na desesperada defesa da cidade, tinham os imperiais sofrido a perda de cem mortos a de outros tantos prisioneiros. Contava-se entre os tombados no campo de luta o coronel Guilherme José Lisboa, que morrera empunhando a bandeira do Império, quando dirigia uma carga de baioneta contra os vencedores. A estes custara a esplêndida vitória duzentas baixas. O grande feito de armas, o primeiro depois do regresso de Bento Gonçalves, trouxe extraordinário alento aos republicanos. O caminho da campanha pelo centro estava aberto aos seus exércitos.

Enquanto a população de Piratini se entregava aos regozijos da vitória, examinava o governo as possibilidades de imediata ocupação a dar aos dois carbonários. De acordo com as sugestões de Domingos de Almeida, resolveu-se que Garibaldi organizasse o corso nas águas interiores. Possuía a República um pequeno estaleiro na foz do Camaquã, em terras pertencentes a uma irmã de Bento Gonçalves. Para lá se dirigia o italiano a fim de concluir a construção de alguns lanchões, com os quais trataria de impedir o tráfego na lagoa.

Seu companheiro teria destinação diferente, condigna das suas aptidões. Sentia o governo a falta de um jornal que fosse ao mesmo tempo veículo de informações e repositório das doutrinas políticos que o inspiravam. Rossetti, com a extraordinária facilidade revelada em assenhorear-se dos segredos da nossa língua, bem podia servir ao mister de jornalista ofi-

cial da República. Ele continuaria, nesse posto, a tradição de Zambeccari, tão cara à lembrança de Bento Gonçalves.

Combinou-se ainda que Napoleone Castellini, fixado definitivamente em Montevidéu, fosse encarregado de adquirir ali o material de guerra e os demais gêneros necessários à República. Domingos de Almeida pôr-se-ia em comunicação com ele e lhe forneceria recursos em dinheiro, couros ou gado em pé, para as transações.

Tudo perfeitamente assentado, despediram-se os dois amigos. Garibaldi, com credenciais do próprio presidente da República, seguiu para o Camaquã. Rossetti ficava em Piratini, cuidando da publicação do jornal.

Alguns meses depois aparecia o primeiro número do *O Povo*, órgão político, literário e ministerial da República Rio-grandense. A um dos lados do cabeçalho, em grifo, um dístico: "O poder que dirige a revolução tem que preparar os ânimos dos cidadãos aos sentimentos de fraternidade, de modéstia, de igualdade e desinteressado amor da Pátria". (*Jovem Itália*, vol. V.)

. . . .

Capítulo IV

A ESTÂNCIA

NASCE O RIO CAMAQUÃ, por diversas vertentes, nas coxilhas do Tabulairo e de S. Sebastião, subsidiárias da Coxilha Grande; e avançando perpendicularmente a elas, deságuam na lagoa dos Patos, depois de percorridas trinta léguas aproximadamente, através do largo vale formado ao norte pelas serras de Baberacoá e do Herval, ao sul pela dos Tapes e pela coxilha de Piratini. Nutre-se no seu longo e sinuoso percurso de numerosas águas afluentes, orientadas umas de norte a sul, outras de sul a norte. Tanto as suas margens como as dos arroios que o alimentam são cobertas de florestas, magníficas no seu viço semitropical. Por fim, espreguiçado ao sol como enorme serpente de prata, lança as suas águas na lagoa através de várias barras, escondidas à vista do navegante por cerrada vegetação. Tanto essas umbrosas faixas como os campos mais afastados do seu leito são notáveis não apenas pela beleza; mas por uma fertilidade fora do comum.

Nessa região, possuíam Bento Gonçalves e membros de sua família extensões de terras havidas por herança paterna. A capela de São João Velho fora situada por lei eclesiástica em terreno de Joaquim Gonçalves, seu pai. E a vila atual se edificou em terras doadas por sua irmã, Don'Ana Gonçalves Meireles. Dava a fazenda de Don'Ana face sobre o Camaquã. A

de Dona Antônia, outra de suas irmãs, sobre o Arroio Grande. Inumeráveis rebanhos cobriam os campos dessas estâncias, cujos produtos agrícolas, de tão abundantes, deslumbrariam qualquer europeu.

Foi à primeira dessas fazendas, à Estância da Barra, que se dirigiu Garibaldi, chegado de Piratini. Mais acolhedora não poderia ter sido a recepção que lhe fizeram. Posto que já avançada em idade, conservava Don'Ana um gênio comunicativo e alegre. Parecia a sua casa, como se lê nas Memórias, "*un vero paradiso*". Longa, baixa, caiada de branco, não diferia do tipo comum das habitações rurais da época. Uma porta dava acesso à sala principal, outra aos compartimentos interiores. Estreita faixa de lajes de arenito, deterioradas pelo tempo e pelas goteiras, orlava-lhe a frente em todo o comprimento. Edificada sobre uma elevação do terreno, das suas janelas descortinavam os potreiros próximos e, mais à distância, já no campo da invernada, um grande açude. À esquerda, laranjais marginavam o caminho que vinha da estrada real, sobre a qual se abria uma porteira de varas horizontais. À direita, velha figueira de galharia circular, que as mãos podiam alcançar sem esforço, dava sombra à *mangueira* menor, cercada de taipa de pedra. Outras árvores, umbus, guabirobas, araçás da praia, taquarais – vivendo em admirável promiscuidade aí a lenhosa flora xerófila dos altos com a hidrófila dos alagados – protegiam a casa dos ventos que sopram à tarde das bandas da lagoa, e cercavam, a pequenos intervalos, os potreiros destinados aos apartes e às marcações. Mais para os fundos, o galpão grande, de madeira, todo aberto num dos seus lados, aquele que dava a frente para a casa da fazenda. A pouca distância outro galpão menor, e ao lado dele um grande forno de tijolos e barro, em forma abaulada.

Era o mobiliário da casa de extrema singeleza. Ao centro da sala, pequena mesa redonda, ao longo das paredes dois sofás com espaldares altos, de palha e cadeiras de vários feitios. Como adornos, numerosos retratos, já desbotados, de membros da família. Sobressaíam dois de dimensões maiores: um do pai da fazendeira, o falecido Joaquim Gonçalves, português enérgico e de hábitos patriarcais, respeitador da ordem e dos governos, súdito fiel de Sua Majestade; o outro, do "mano" Bento, do general, expoente e orgulho daquele *clã caudilhesco*, tão rapidamente amoldado à vocação do ambiente. Portas laterais comunicavam com os aposentos da família e com os dos hóspedes; outra, mais larga, aberta na parede dos

fundos, com a espaçosa sala de refeições, a "varanda", uma de cujas janelas abriam sobre o laranjal.

À hora das refeições, os capatazes, os posteiros que estivessem em casa e a peonada reuniam-se com as pessoas da família em torno da grande mesa principal. Aos comentários da vida diária juntavam-se agora os assuntos preeminentes do tempo, relativos aos acontecimentos da "guerra". Depois todos se encaminhavam aos seus aposentos, os trabalhadores aos galpões, onde se estendiam nos catres ou sobre os arreios. Passada a canícula ou ao clarear do dia, estavam todos de pé. E após o "chimarrão", recomeçavam a faina quotidiana.

Por primeira vez depois de iniciada a vida errante de batalhador pela liberdade dos povos e pela fraternidade entre os homens, sente-se Garibaldi verdadeiramente feliz nesse ambiente rústico e simples. Recordando, muitos anos mais tarde, o tempo vivido às margens do Camaquã, ele mesmo admitirá que o encanto dessa lembrança talvez fosse obra, em parte, das suas fantasias de moço. Mas anotará a propósito desse período da sua experiência, que em nenhuma outra parte do mundo encontrara jamais hospitalidade franca e cordial como a que se oferece aos forasteiros nas fazendas do Rio Grande. E fixando suas impressões desse longínquo passado e da carinhosa simpatia sempre desfrutada no convívio dos parentes de Bento Gonçalves, escrevera: "*Comunque sia, io posso assicurare; che nessuna delle circostanze della mia vita mi si presenta al pensiero con piú fascino, con piú dolcezza e piú piacevole reminiscenza*".

*

No plasma sociogênico do Rio Grande, representa a estância a função de célula nuclear. Baldados foram os esforços da metrópole por dar à capitania de S. Pedro, cujos campos, desde épocas remotas, se cobriam de gado bovino, uma fisionomia agrícola, retalhadas em pequenas propriedades as terras ao longo dos rios tributários do Guaíba e que serviram de estradas à penetração do *hinterland*. A colonização açorita não correspondeu, sob esse prisma, às expectativas do governo de Lisboa. Não que fossem menos aptas à pequena agricultura aquelas terras, nem porque houvesse degenerado, no novo *habitat*, a índole laboriosa dos ilhéus, gente forte, inclinada à liberdade e disposta a utilizar-se dela sem cair nos exces-

sos da licença; mas porque as condições da época se mostravam de todo desfavoráveis a tal emprego da atividade.

Mais de seiscentas léguas de deserto separavam a nova capitania dos entrepostos de São Vicente. As comunicações marítimas se faziam extremamente difíceis pelos traiçoeiros baixios que obstruíam a única saída ao mar. Assim, por força das circunstâncias, a pequena lavoura haveria de arrostar vida assaz precária, reduzidos os seus mercados aos burgos incipientes de Viamão, de Santo Antônio da Patrulha, Porto Alegre, Triunfo, Rio Pardo, e, no sul, São Pedro do Rio Grande. A essas razões, outras se juntavam como óbices decisivos ao florescimento das lavouras. O território ainda incerto da capitania era cenário de contínuas guerrilhas e correrias militares, ora contra os índios das reduções missioneiras, ora contra os espanhóis do Rio da Prata. Violentamente requisitados para o serviço militar, viam-se os colonos obrigados a trocar o arado pela carabina. Não lhes significava isso apenas o abandono das casas, mas ainda, não raro, o sacrifício total do seu trabalho pelas requisições arbitrárias que os governos faziam de tudo quanto lhes pudesse ser de proveito pare os misteres da guerra. Outras vezes, caíam sobre a capitania os invasores castelhanos, que dispersavam as populações rurais e lhes devastavam a colonização. E como se tudo isso já não bastasse para levar-lhe o desânimo, sucedia que, mesmo nos períodos de paz, exigiam as autoridades militares que os filhos dos agricultores e a sua peonagem permanecessem nas fileiras como soldados regulares.

Com tais percalços, nenhuma possibilidade entreviam os açorianos de conseguir a independência material no amanho das pequenas lavouras, tanto é evidente que “não há inimigo mais funesto à agricultura do que a guerra”. Por outro lado, menos certo não seria que as andanças militares pela campanha acabariam acendendo a cobiça dos ilhéus e dos seus filhos pela posse daquelas admiráveis regiões, totalmente abandonadas dos homens e cobertas de gado alçado, ao alcance de quem quisesse apropriar-se dele. Entraria também na linha do interesse das autoridades militares, que os longínquos distritos do centro, do sul e do oeste se fossem povoando, por forma que, chegada a necessidade, esses núcleos extremos da civilização portuguesa se constituíssem nos primeiros antemurais opostos à penetração do inimigo. A cobiça das terras e a lei do menor esforço

levariam naturalmente os agricultores a preferir aos cuidados da pequena propriedade intensiva as ocupações latifundiárias, mais fáceis, da criação. De qualquer maneira, não se livrariam, por certo, dos tributos da guerra. Menos lhes importaria, porém, entregar às requisições parte dos gados que cresciam livremente nos campos como coisa sem dono do que os parcos produtos das lavouras, conseguidos à custa de penoso trabalho. Os governos da capitania só tinham por que regozijar-se com o fato, não apenas pela ocupação do território em face do inimigo sempre pronto a disputá-lo naquele período de lindes vacilantes, mas ainda pela necessidade de pôr cobro às *arreadas* – correrias de bandoleiros que se entregavam à preia de gado, com o fim exclusivo de apropriar-se dos couros.

Assim, apenas firmada a paz com os espanhóis, generalizou-se entre os habitantes da capitania a preocupação de obter sesmarias no interior que os governadores distribuíam desordenadamente, tanto a quem as merecesse por serviços prestados como ainda a quem apenas as pleiteasse, embora sem nenhum mérito real a alegar em abandono da pretensão. Era a febre das estâncias. Todos os habitantes válidos da capitania queriam ser fazendeiros. Seria também a época de favores indefensáveis, de meridianos abusos de autoridade. "A lei das sesmarias, que mandava conceder apenas três léguas de campo, foi iludida, violada e desprezada pelos sesmeiros e pelos governadores, que faziam concessões largas e arbitrárias. Os indivíduos não escrupulizavam mais. Requeriam sesmarias não só em seus nomes, como ainda no das mulheres, dos filhos e filhas, de crianças ainda nos berços e das que estivessem por nascer. Por esse meio, muitos estancieiros chegaram a concentrar numerosas sesmarias, que representavam a extensão de vinte e trinta léguas de campos."

Em consequência, não poucas fazendas continuariam, por longo tempo, tão virgens de esforço humano como antes das concessões. O governo enérgico e por vezes atrabiliário de José Marcelino primeiro, o de Veiga Cabral depois, procuraram obrigar os sesmeiros a cuidar das terras, já pelo povoamento regular já pela obrigatória marcação dos gados. No fim do século XVIII existiam só na região meridional da capitania – a mais exposta aos perigos da guerra – quinhentas e trinta e nova estâncias nas quais os trabalhos da criação se desenvolviam, se não com a regularidade exigida pelos governos, ao menos com a que fosse possível nas condições da época.

O contato belicoso dessas populações com os castelhanos das planícies platinas haveria de propiciar-lhes os sedutores modelos da sua vida de *terratenientes* afortunados e livres. O meio físico era sensivelmente o mesmo. Idênticas, em tudo, as suas ocupações. No meio do deserto, pequenas manchas de civilização onde viviam em completa promiscuidade proprietários, agregados, peões. Longe das vistas da autoridade, a sua existência defluía como a de verdadeiros *outlaws,* situação que paradoxalmente, por força das circunstâncias, a própria lei lhes reconhecia. A sua liberdade praticamente não tinha limites, não sofria contrastes a sua autoridade caudilhesca. Desse imperativo de meio e tempo, decorreram duas conclusões de máxima significação na sociogênese rio-grandense: os hábitos democráticos do gaúcho e o seu extremado individualismo.

"A vastidão do ambiente, que atua provocando a dispersão na campanha, à revelia da autoridade, e a própria dispersão dos agregados humanos" geram o individualismo e condicionam dentro de formas de convívio simples e despretensioso, a vida desses pioneiros da civilização e da nacionalidade. As casas dos fazendeiros são, em geral, humildes ranchos, cuja extrema singeleza haveria de impressionar vivamente, ainda nos começos do século XIX, os viajantes estrangeiros que percorreram a capitania geral e a província – o meticuloso Saint-Hilaire, o consciencioso Dreyes entre eles. "Compõe-se a estância de José Bernardes – descreve Saint-Hilaire – como tantas outras, da casa do proprietário, de umas casas para negros e de uma cozinha, que forma uma pequena choupana à parte, segundo o costume de quase todo o Brasil. A casa do fazendeiro é coberta de palha, como as que eu vi desde a estância do Silveira; é baixa, como todas as outras, e construída com paus cruzados e barro. O interior da casa, que não é separado da sala senão por uma cortina. A sala é muito asseada, mas sem janelas, e o mobiliário consiste unicamente em duas cadeiras de couro, uma mesa, uma cama cujo fundo é guarnecido de couro, como se usa em toda parte, e de um estrado sobre o qual a mulher do proprietário trabalha, e que é formado de tábuas pregadas sobre dois pedaços de pau."

Pela sua miserável aparência, seria essa choupana, aos olhos de um europeu, a vivenda de um indigente. Mas os moradores de tais ranchos possuíam, muitas vezes, léguas e léguas de campos, povoados por muitos milhares de reses. Eram homens ricos.

O nível de vida dos proprietários, dos fazendeiros, da gente de posses, não diferia em nada, sensivelmente, dos hábitos da gente pobre, dos posteiros, dos "piás". A alimentação, a mesma: o churrasco, o chimarrão. As diversões, as mesmas ainda: as carreiras, o "fandango", as conversas no "boliche". Havia apenas uma diferença: a maior autoridade do fazendeiro, decorrente da importância social que a propriedade lhe conferia.

O fator econômico, porém, gerador, em toda parte, de intransponíveis barreiras sociais, causa inicial das estratificadas diferenciações políticas no Velho-Mundo, não agiu, no deserto rio-grandense, como força de seleção aristocrática. Não se envergonharia o general Osório, em sua estância, de trabalhar ao lado dos peões. Nem a fortuna das armas, nem as mercês nobiliárquicas, nem ainda o excepcional prestígio pessoal de que gozava seriam capazes de fazê-lo deslembrado das suas origens humildes. Conhece-se o incidente em que chamou à razão certo fidalgo improvisado, que afetava menosprezo por pessoas não tituladas:

– Ora, visconde, não seja pedante. Cuida que por ter um título é diferente dos outros homens? Quem era você antes de possuir um viscondado? Um simples plebeu, como eu, nada mais.

Casos como este não constituíam exceção, mas eram de regra geral. E, sobretudo por ter vivido sempre como uma exata expressão moral do meio, foi Osório o ídolo dos seus conterrâneos.

Os que não tivessem hoje campos de criação poderiam tê-los amanhã. As terras se conquistavam pelo valor pessoal e pela amizade dos poderosos. E o gaúcho enricado, em vez de segregar-se do convívio dos antigos companheiros na pobreza, tratava de elevá-los economicamente, de guindá-los ao seu novo escalão social. Para ilustrar o asserto, um fato só, que a história registra Pinto Bandeira, "que do nada se elevara à situação de personalidade culminante no Brasil, alcançara com a posição política uma fortuna invulgar. Farto, riquíssimo, procurou que os seus legionários também fossem compensados com abundantes haveres. Muitos dos seus vaqueanos, sargentos, cabos e soldados tornaram-se estancieiros a caminho da fortuna".

Não faltam razões para explicar esse inconfundível cunho democrático que assinalou, em todos os tempos, a vida rural rio-grandense. Há a considerar, em primeiro lugar, a camada de que provinham os po-

voadores lusitanos, ou melhor, açoritas. Trabalhadores honrados, gente de ótimo cerne moral, analfabetos na sua totalidade. "As suas maneiras são francas e dignas. Os seus sentimentos, pronunciados no sentido da mais ampla generosidade. Nos Açores, é cultivado em alto grau o sentimento da hospitalidade, que em todas as épocas tem sido o padrão por onde se afere a sensibilidade dos povos." Situando-se essa gente entre as mais frugais do mundo, observa-se, nela, contudo, "pronunciada tendência para a posse da propriedade territorial". Grandemente ciosa da liberdade, denota propensões acentuadas para insular-se no convívio social. O pai de família é um autêntico chefe de *clã*. Mas esse *clã* nunca perde os seus característicos democráticos fundamentais.

Só esse traço de origem seria bastante, já de si, para sublinhar as sensíveis diferenças entre a formação rio-grandense e a platina, embora operadas em meios físicos semelhantes se não iguais. Um imigrante de Castela, chegado às solidões da América, seria sempre um "hidalgo". A conquista espanhola no México e nas Antilhas, na Nova Granada e no Peru, no Chile e no Vice-Reinado do Prata é uma crônica admirável, mas cansativa pela monotonia do sublime no arbítrio, do pessoal na arrogância, da vitória no crime cometido indistintamente contra os aborígenes e contra os companheiros de armas. Por que todos os emigrantes quisessem ser "conquistadores" e todos os "conquistados" fidalgos, a ironia popular dos vencidos explodia contra a fortuna dos vencedores:

> "Vuestro don, señor hidalgo,
> es el don del algodón,
> pues para tener Don
> es preciso tener algo."

Há a considerar ainda que a conquista acende a cobiça e divide os homens, ao passo que a defesa desenvolve neles o sentido de solidariedade. A formação política do Rio Grande em face do Prata fez-se na atitude da defesa, não da agressão. Pouco importaria, no caso, remontar os direitos que a coroa lusitana tivesse ou não tivesse sobre a margem setentrional do rio de Solis. A questão é de fato. Fundada a colônia do Sacramento, demonstravam os portugueses que consideravam suas as terras compreendidas entre S. Vicente e o Prata. Dentro desse critério que é sociologicamente o exato, os povoadores do Rio Grande, no acidentado *processus* da

fixação dos limites, não se sentiam impelidos, como os conquistadores espanhóis, mesmo como os bandeirantes, pelo desejo incontrolável de novas terras, de fabulosas riquezas, de aventuras e mais aventuras. O falado nomadismo dos gaúchos brasileiros tem, assim, um sentido muito relativo. Eles são nômades em relação aos habitantes dos núcleos urbanos, dos burgos agrícolas; mas representam na gênese das populações meridionais o primeiro e decisivo elemento de fixação social, de civilização no deserto.

Surgindo e desenvolvendo-se as estâncias numa continuada véspera de campanhas militares, impregnou-se-lhes a substância nuclear de um vivo sentido de interdependência social, que haveria de corrigir, em alto grau, os excessos de individualismo, herdado dos açorianos e acentuado na solidão das planuras. Ao próprio Garibaldi não passaria despercebido que os gaúchos se mantêm congregados apenas quando sentem o perigo próximo: e que certa será sempre a sua desagregação, logo que as ameaças se alonguem. Vê-se, por essa anotação, que o carbonário observou e compreendeu a psicologia coletiva do meio rio-grandense. As tendências fundamentais do tipo são acentuadamente individualistas. As características gregárias da sociedade em formação decorrem da necessidade de uma defesa sempre vigilante em face da permanente ameaça de inimigos próximos.

Esse traço de orientação política na formação rio-grandense já explicaria a hospitalidade sem par que caracterizava a vida nas estâncias e que tão profundamente impressionou todos os viajantes dos fins do século XVIII e dos começos do XIX. Mas havia a tomar em consideração ainda as peculiaridades econômicas do meio, expressas na fácil abundância em que, contrastando com os hábitos de frugalidade dos seus povoadores, decorria a vida nas estâncias. "É preciso declarar – escrevia Nicolau Dreys – que a índole dos habitantes se harmoniza com a profusão da natureza: todos aqueles produtos de uma terra pródiga, solicitados por cuidados contínuos e esclarecidos, parecem propriedade comum. Qualquer passeante que deseje satisfazer a sede ou saborear os sedutores presentes da pomona local pode entrar na primeira chácara que lhe aprouver e pedir o que lhe agradar: achará logo, em toda parte, obsequiosa prontidão em o servir. É a idade de ouro reproduzida em novo Éden, num canto do mundo".

*

Na sociabilidade do gaúcho, exprimem-se as tendências individualistas por um ingênuo e romântico egocentrismo, pelo orgulho do seu valor pessoal, pela vaidade do seu cavalo. Como em límpido espelho, revê-se o narcisismo das sociedades em formação nos costumes típicos do primitivo campesino do Rio Grande. Ele é o "monarca das coxilhas". Ninguém o vence na "peleia", ninguém melhor do que ele sabe manejar o laço e as bolas, ninguém monta o "pingo" com *donaire* igual ao seu. E não é só isso. Também nos "fandangos", quem melhor do que ele dança o "sapateado", quem canta com mais graça e voz mais bem timbrada nos desafios à viola?

"Eu, quando inda era pequeno,
cantava que retinia.
Eu cantava em D. Pedrito
e em Porto Alegre se ouvia.

Sou valente como as armas,
sou guapo como um leão.
Índio velho sem governo,
minha lei é o coração.

Eu sou maior do que Deus,
maior do que Deus eu sou.
Eu sou maior no pecado,
porque Deus nunca pecou."

Os trabalhos na estância são para ele uma diversão, mais do que isto, uma representação cênica, na qual se esforçará por parecer o ator mais perfeito, sempre o mais hábil, o mais audaz. A rigor, não se encontram nas fazendas diferenças sociais entre patrões e assalariados. O proletariado praticamente não existe ali. Repontando o gado para os rodeios, atirando o laço a grandes distâncias, fazendo os "apartes", procedendo às marcações, organizando as tropas, tratará de mostrar que não vive naqueles "pagos" "guasca" mais completo do que ele; que no uso dos instrumentos campeiros ele é o mais capaz entre todos; que ninguém o excede na destreza da "doma", na resistência às mais porfiadas fadigas. As ocupações tradicionais dos gaúchos mais parecem, na verdade, festas que trabalhos. Das fazendas próximas vem gente ajudar nos "rodeios", pelo desejo de ser útil, por certo;

mas também pela necessidade de exibir-se e fazer-se admirada dos moradores da redondeza.

Não tente ninguém separar do cavalo esse habitante das savanas brasileiras. Um gaúcho sem cavalo é a última expressão da miséria, já não apenas econômica, mas moral.

> "O tatu foi encontrado
> pras bandas de S. Sepé
> muito aflito, muito pobre,
> de freio na mão, a pé."

Seu apego ao cavalo não se limita a considerá-lo como companheiro inseparável, observara Dreys. "Ele se ocupa também em adorná-lo com toda a riqueza ao alcance do dono; muitas vezes, a posição social do habitante do campo do Rio Grande não se revela senão pelo luxo do cavalo: enquanto a prata reluz de todas as partes do jaez, o cavaleiro negligentemente sentado no lombilho (espécie de sela complicada) aparece modestamente coberto de seu poncho de pano azul, forrado ordinariamente de baeta vermelha, e por baixo dele levando umas calças e jaqueta do mesmo pano ou da fazenda de algodão."

Na suas "gabanças" poéticas, dá invariavelmente ao cavalo sitio de alto destaque na sua estima. Tão alto, que o "coloca ao par da mulher bem amada":

> "Tou velho, tive bom gosto,
> morro quando Deus quiser.
> Duas penas levo comigo:
> cavalo bom e mulher."

Soldado, ele só conhece uma alma: a cavalaria. O depoimento do governador D. Diogo de Sousa é, a esse respeito, definitivo: – "De toda a tropa, é indispensável afastar a ideia de servir a pé, porque os habitantes, acostumados a andarem desde crianças a cavalo e a não mandarem nem pretos a recado desmontados, têm grande desprezo em ser alistados na infantaria e artilharia a pé, quando, aliás, se prestam voluntariamente para assentar praça nos corpos de cavalaria, dos quais, ao contrário do que acontece naqueles, são mui raras as deserções." Na guerra, os cavalarianos

rio-grandenses sempre causaram admiração ao inimigo: "*caballeria honra de cuenta*".

A Saint-Hilaire, os campesinos rio-grandenses pareceriam gente sem religião. Evidente o exagero. A aparente irreligiosidade dos gaúchos só pode ser estabelecida em grau comparativo com o fanatismo, com as superstições extremadas de outras populações brasileiras. No Rio Grande do Sul não existe o espanto telúrico dos terremotos, dos vulcões. Não se conhecem ali as secas periódicas e devastadoras do trabalho humano, nem tampouco as inundações que tudo levam de roldão. "Todos os fenômenos da natureza, que coadjuvam as superstições, são absolutamente estranhos" ao seu meio físico. É, por isso, o gaúcho um homem de vontade própria, bem formada e equilibrada. O terror dos flagelos cósmicos, de que Buckle faz derivar a religiosidade excessiva, não lhe deformou a sensibilidade pela submissão fatalista que gera a passividade. Por outro lado, os ancestrais açorianos, se bem que bons católicos distinguiam-se por um espírito de tolerância intimamente infiltrado na totalidade da população, de modo que todas as ideias e sentimentos religiosos eram por eles suportados em idêntico grau de consideração.

Mostra a história com clareza que a paixão da guerra predominou, em todas as suas fases, no espírito coletivo das fazendas impondo-se-lhes como uma fatalidade do seu próprio destino. Se as exigências sociais hipertrofiavam a vocação belicosa do habitante, onde maiores razões de espanto ante o fato de não se encontrarem nessa sociedade incipiente acentuadas demonstrações de religiosidade? Dar, entretanto, à apressada conclusão da sua carência em religião vai grande diferença.

Simples, bom, magnânimo, o gaúcho do Brasil possui e ostenta, pelo contrário, todos os atributos de uma criatura de agradável compleição espiritual aos olhos do Criador. Ele é um crente. Mas a suas qualidades de tolerância nunca permitiriam que fosse um fanático. A sua vida agitada e teatral, o seu feitio cavalheiresco, o destemor em face dos perigos, a arrogância de maneiras, o individualismo temperado nos seus profundos sentimentos de solidariedade humana, a simpatia pelos humildes, a contínua necessidade de mudanças de ambiente para retornar sempre a invariavelmente à saudosa mesmice da "querência", o amor ao cavalo, o culto da mulher, o gosto dos galanteios, a vida de aventuras fizeram, na

verdade, da gente campesina do Rio Grande uma das paisagens humanas mais acentuadamente românticas que se conheceram nos primórdios do século passado.

*

Ressalta à vista, por conseguinte, que não haveriam de correr apenas à conta dos entusiasmos da mocidade aquelas indeléveis impressões de agrado, recebidas por Garibaldi no seu convívio com a gente simples das estâncias da Barra e do Brejo. Só uma perfeita identificação moral com o ambiente poderia explicá-los satisfatoriamente. O aventureiro romântico encontrava ali o seu clima.

Entre aqueles homens arrogantemente sinceros, fortes e ingênuos, valentes e bons, que viviam uma vida de perfeita liberdade, respeitadores. mas nunca timoratos e rebeldes a todas as formas de tirania e sujeição, um carbonário da "Jovem Itália" deveria sentir, por força, literalmente confirmados os seus pendores pessoais. Aquela vida patriarcal, aquele ambiente de *clã* haveriam de impressionar vivamente qualquer italiano, pelo aceso sentimento de solidariedade familiar que o caracteriza em todas as manifestações. Bento Gonçalves, já homem feito e mesmo ainda depois de casado, nenhuma resolução de relativa importância tomava sem ouvir os conselhos do pai. Falecido o patriarca, passara ele a exercer as funções de chefe da família. O "mano" Bento tudo decidia entre os irmãos. Os seus amigos eram amigos da família. Os seus inimigos, inimigos dela.

Quem lograsse contato com esse agitado trecho de psicologia coletiva, levando como Garibaldi, o espírito saturado do romantismo econômico de Saint-Simon e dos seus princípios de humanitarismo político, seguramente encontraria nele, a todo passo, comprovadas as suas próprias teorias relativas à felicidade do individuo em concordância com as leis da natureza. É possível que o exilado piemontês jamais houvesse penetrado no exato sentido de todas aquelas fórmulas místicas que Barrault lhe explicara. É possível mesmo que o templo ideológico-industrial de Saint-Simon o houvesse deixado sempre um tanto céptico quanto à sua missão regeneradora da sociedade. Mas impõe-se como indiscutível a evidência de que as doutrinas da igualdade entre os homens, da fraternidade universal, da extinção do proletariado, da libertação das classes inferiores

de toda sujeição econômica tinham se incorporado de maneira indelével à sua personalidade moral. Mais propenso e mais apto mesmo a apropriar-se de tais ideias pelo sentimento do que pelo raciocínio, ele as houvera quase por instinto e nunca mais se libertaria delas, através de todas as agitadas fases da sua projeção mundial. Detestando todas as formas de fanatismo, tanto o religioso como o político, ele mesmo, quase que por contrassenso, se fizera sob o influxo das máximas saint-simonianas e das prédicas de Mazzini um fanático propugnador da extinção dos privilégios sociais, um combatente irredutível pela liberdade dos povos.

Quando faz o elogio da hospitalidade rio-grandense, da simplicidade daquela vida rudimentar, da bravura da sua gente em defesa dos ideais políticos que a animam, sente-se que Garibaldi incorporou ali à sua convicção novos motivos para acreditar apaixonadamente na dignidade do homem.

. . . .

Capítulo V

A ESQUADRILHA DA MORTE

NOS GALPÕES DE UMA VELHA CHARQUEADA pertencente a Dona Antônia, na Fazenda do Brejo, tinha o governo da República mandado construir o seu estaleiro. Pela pequena profundidade da lagoa ao longo dessa costa, podia considerar-se o lugar protegido contra os perigos de um ataque das unidades navais que faziam o patrulhamento das águas interiores.

Fora inicialmente encarregado da superintendência desses serviços John Griggs, curiosa figura cosmopolita, segundo uns norte-americano, irlandês segundo outros. Apelidavam-no pela esguia estatura o "João Grande". Era jovem, destro, corajoso, dotado de força hercúlea. Corriam as mais desencontradas versões a respeito da sua conformação moral. Percebe-se em quase todas o intuito de exagerar-lhe os traços de aventureiro internacional. Havia quem o dissesse eclesiástico renegado. Vigário de uma pequena paróquia na Irlanda, teria sido obrigado pelos desregramentos da sua vida, a deixar o serviço da Igreja, alistando-se entre os *quakers*. Ressaltava a visível inverossimilhança do relato, em face das extremadas preocupações puritanas daquela seita. Mas os propagadores da lenda iam mais longe. Como os *quackers* considerassem pecado mortal o uso das armas brancas e de fogo, o rixento Griggs, para dar largas aos seus

instintos, servir-se-ia de resistente bastão, que manejava com destreza. De consciência tranquila, pois que não pecara contra a inteligência literal do preceito apenas referente a armas cortantes ou detonantes, olharia o adversário abatido, recitando o versículo dos Salmos: "*Accipe abduc illum, Domine, in misericordiam tuam.*" Inútil insistir sobre as deturpações desse perfil do misterioso personagem, atirado, numa tempestade da vida, à praia dos acontecimentos rio-grandenses.

Dedica-lhe Garibaldi linhas de profunda simpatia, nas *Memórias*. John Griggs (como escreve) homem de excelente índole e de coragem a toda prova, distinguia-se por uma pertinácia sem igual, por "*un'immensa costanza*". Procedia, segundo o companheiro, de ótima família. Consagrara generosamente a vida aos serviços da República. E quando aqui chegou uma carta dos seus parentes norte-americanos chamando-o à pátria, a fim de entrar na posse de colossal herança, o pitoresco, o extraordinário Griggs já havia morrido pela causa que abraçara. "*Egli avea gloriosamente terminati i suoi giorni per un popolo infelice, ma generoso e valente.*"

Nos estaleiros do Camaquã, iniciara Griggs a construção de dois lanchões. Prosseguiram os trabalhos dificilmente. De tudo tinham penúria os improvisados construtores, menos da madeira, suprida em abundância pela mataria circundante. Falquejavam-na quatro carpinteiros da ribeira, adestrados no mister. À obtenção de ferro, porém, já se fazia mais penosa. Um mulato o forjava ali mesmo, transformando-o no cavilhame e nas pregaduras necessárias à armação dos navios. A estância fornecia a cordoalha de couros trançados. E o velame se fabricava de sacaria de algodão ou mesmo de aniagem.

Punha Griggs o máximo da sua tenacidade em tão complexa tarefa. Ao cabo de meses, o trabalho progredira bastante. Mas muito faltava ainda para lançar à água os dois barcos.

*

Compreendeu Garibaldi que, servido por tão parcos recursos humanos, extremamente difícil seria apressar, como se impunha, a terminação das obras. Conseguiu do governo fosse Rossetti despachado a Montevidéu, a fim de trazer-lhe de lá a ajuda de Carniglia, perfeito técnico em tais assuntos, e de outros profissionais de todo indispensáveis.

Ao cabo de algumas semanas, tinha completa, sob as suas vistas, a equipagem de mestres e operários. Vieram também alguns marinheiros de Montevidéu, outros foram recrutados nas redondezas, formando todos, afinal, uma chusma cosmopolita de setenta homens ao todo. Gente branca, de diversas nacionalidades, muitos mulatos e negros, estes os melhores e os mais fiéis. Entre os europeus, além de Carniglia, havia outro italiano, Eduardo Matru, camarada de infância de Garibaldi, seu companheiro nas conspirações da "Jovem Itália" e cujo nome abria a lista dos condenados em consequência do malogrado movimento de Gênova, que dera com ambos no exílio. Pertenciam os demais àquela classe de marujos aventureiros, conhecidos nos litorais americanos do Atlântico e do Pacífico pelo nome de "irmãos da costa", com que se tripulavam os barcos flibusteiros e os que se ocupavam no tráfico de negros.

Progrediam agora os trabalhos com rapidez e segurança. Dois meses depois da chegada do novo "comandante chefe da marinha da República Rio-grandense, o capitão-tenente José Garibaldi", os lanchões estavam prontos. Deram ao maior o nome de *Rio Pardo*; chamou-se ao outro *Independência*. Armaram-nos com duas pequenas peças de bronze. Garibaldi assumiu o comando do maior; Griggs o do segundo. Com a reduzida capacidade defensiva de que dispunham, não poderiam esses barcos empenhar-se em combates com as unidades do Império acometidas ao policiamento da lagoa. Valendo-se, porém, das condições especiais dos lugares onde deveriam agir, seu principal poder ofensivo estaria na surpresa com que se apresentassem à vista dos navios mercantes. À aproximação dos adversários mais fortes, desapareceriam prestemente entre os baixios, onde as quilhas maiores não ousariam dar-lhes caça. Mais do que as pequenas peças já gastas pelo uso, seria a temeridade dos chefes e o valor da marinhagem que fariam célebre, dentro em pouco, a misteriosa "flotilha da morte".

O desastre de rio Pardo causara formidável abalo entre os imperiais. O marechal Barreto, em fuga desabalada, fora ter à vila do Triunfo, onde estava destacado o patacho *Leopoldina*, do comando de Guilherme Parker. Deu-se pressa o inglês em transmitir a desagradável notícia ao presidente Antônio Elizário e ao comandante-chefe das forças navais. Estava por terra o plano de campanha de Elizário. O desânimo se apoderava dos legalistas, divididos ainda entre si por fúteis e irritantes querelas. Os

republicanos, por outro lado, entravam em plena atividade. Bento Gonçalves seguira de Piratini para Viamão e iniciara nova ofensiva contra Porto Alegre, cercada já pelos lados de leste e norte.

Greenfell redobrou de vigilância, a fim de evitar que a capital recaísse nas mãos dos revolucionários. Agia o chefe das forças navais por entre as maiores dificuldades, em vista da má vontade que lhe manifestava Elizário, dando ordens contrárias à sua orientação, dirigindo-se arbitrariamente aos comandantes das embarcações, intrometendo-se em pormenores técnicos, desorganizando, em suma, todos os serviços. O meticuloso Greenfell, já esgotada a sua provisão de paciência, insistia junto ao governo central para que o dispensasse de tão incômoda missão.

Nesse período de dificuldades para os imperiais e de renovadas esperanças para os republicanos, ia Garibaldi iniciar a sua atividade na lagoa dos Patos. Regulamentara o governo da República o decreto ao corso, concedendo a todos os cidadãos do Estado e estrangeiros a faculdade de armarem corsários contra navios do Império, a fim de "fazer-lhes toda sorte de guerra que pudessem com a força das suas armas". Mantinha-se no regulamento, *pro formula*, a referência às operações "no mar largo", que não apresentavam então nenhuma viabilidade pela falta da indispensável base de operações. Na realidade, o governo de Piratini se preocupava apenas com o corso "na lagoa dos Patos e Mirim e rios confluentes". A autorização contida no regulamento era ampla. Todos os habitantes que se propusessem a armar corsários de qualquer natureza deveriam solicitar seus títulos ao secretário dos negócios da Marinha. "Estabelecer cruzeiro naquela espécie de Mediterrâneo, por onde se mantinha o comércio das três praças do litoral, e precioso meio de comunicação entre esses derradeiros baluartes do Império, eis aí o projeto do governo da República."

*

Tão cedo teve o governo de Porto Alegre notícia dos preparativos navais em andamento nas costas do Camaquã, despachou para lá quatro embarcações de guerra, que, pelo seu grande calado, tiveram de manter-se a larga distância do litoral. A poderosa patrulha imperialista vigiava. Mas, ao cabo de alguns dias, o comandante da esquadrilha se mostrava perfeitamente tranquilo. A linha escura dos juncais que guarnece as

praias rasas da lagoa não se abria para dar passagem a nenhum barco, por pequeno que fosse. Parecia até que aquelas paragens estivessem completamente desabitadas.

Enquanto os imperialistas vigiavam, lograram os barcos revolucionários, deslizando sorrateiros a de velas encolhidas por entre a proteção dos juncos, fazer-se ao largo pelo sul, fora das vistas do adversário. Desde vários sóis, estavam bordejando na parte funda da lagoa, à espreita da primeira presa que aparecesse. Ao nono dia, finalmente, quando singravam pelas alturas da ponta de Cristóvão Pereira, na margem oriental, depararam com dois barcos que velejavam sem cuidado. Iam a rumo da capital e levavam içada a bandeira do Império. Chegada a hora de dar ao inimigo notícia da sua presença naquelas águas, transmitiu Garibaldi ao navio de Griggs a instrução de secundá-lo no ataque. Numa rápida manobra, aproxima-se de um dos veleiros. A tripulação está a postos. Dispara-se um tiro de pega. E o *Rio Pardo* se prolonga com o barco abordado, que capitula sem resistência. Era a sumaca *Mineira*. O comandante, Antônio Martins Bastos, e os nove homens da tripulação, embarcados num batelão, abandonam precipitadamente o navio. O chefe de polícia de Mostardas, na mesma tarde, mandava capturá-los e conduzir para as Goritas, onde ficariam à disposição das autoridades republicanas.

Apenas entrevisto o perigo, a outra embarcação, bem servida de velas, conseguiu ganhar distância, aproveitando quanto podia o vento de sazão. Largou o companheiro à má sorte e deu volta para o rio Grande, felizes o mestre e os tripulantes por safar-se de tão desagradável sobressalto. Chegado à cidade litorânea, no dia seguinte, transmitia o patacho *Novo Acordo* a comandância do porto pormenores da ocorrência.

A *Mineira*, que levava grande carregamento, foi rebocada para a costa ocidental e encalhada entre os pontais do Silva e de Antônio Garcia, em frente da casa do inspetor Isaías Rodrigues Mendes, "num lugar – informava Garibaldi em ofício ao governo da República – que achamos a propósito, não podendo escolher melhor". "A embarcação, é impossível salvá-la, por calar mais de dez palmos", acrescentava. "A carga se há de pôr toda em salvo, como alguns trastes do barco, fazendo entrega ao Sr. Juiz de Paz de tudo". Domingos de Almeida responde imediatamente ao ofício, e passa a dar suas instruções sobre a distribuição da presa feita "pelos valen-

tes oficiais da guarnição dos lanchões de guerra da República". Revendo "o contrato do engajamento feito por Mr. Rossetti, a fim de proceder em regra a tal respeito", vira que as presas deviam ser divididas em três partes iguais, uma ao armador, outra aos apresadores, outra ao Tesouro Nacional. No presente caso, sendo o Tesouro o armador, tocar-lhe-iam duas partes; mas, "tendo o governo em muita ponderação a relevância deste importante serviço pelas consequências a esperar", resolveu que a importância de todos os gêneros apresados fosse dividida em oito partes e rateada da forma seguinte: quatro partes para o Tesouro, uma para o comandante da expedição, uma para os oficiais que o acompanhavam e duas para os indivíduos da tripulação. E o meticuloso ministro passava em seguida às instruções relativas ao leilão das mercadorias, que seria feito em Piratini, encarregando-se os licitantes de buscar a carga no lugar em que estava. O massame e os aparelhos da sumaca ficavam à disposição de Garibaldi, "para ocorrer no armamento dos iates e lanchões que se iam pôr em atitude de hostilizar o inimigo".

*

Enorme foi a surpresa das autoridades da província com a notícia da presença dos corsários da lagoa dos Patos. O orgulho profissional de Greenfell estava em xeque. Com perfeito assento na realidade dos fatos, comunicara ao Rio de Janeiro, meses atrás, que graças às suas medidas decisivas as águas interiores pertenciam ao pacífico domínio dos imperiais, tanto quanto as da Guanabara ou o canal de Santos. As últimas unidades dos insurgentes haviam desaparecido de longa data das águas do Guaíba e do São Gonçalo, da lagoa dos Patos e da Mirim. A lembrança de Tobias dos Santos esfumava-se na lenda. Das façanhas do "Menino Diabo" apenas sobreviviam a fama da astúcia e a inverossimilhança do pitoresco. Desse novo surto nas atividades marítimas dos revolucionários culpava Greenfell o governo da província, pela falta de atenção com que sistematicamente recebia as suas sugestões concernentes às providências de caráter naval. Agora, porém, urgia pôr de lado o bizantinismo dessas tricas infindáveis e agir. Hoje eram dois ou três os corsários; mais tarde, quantos seriam?

Fazia-se imprescindível, antes de mais nada, garantir a regularidade da navegação entre o Rio Grande e a capital, sob pena de resultarem

infrutíferos todos os trabalhos anteriores, culminantes no arrasamento das fortificações no Itapuã e no Junco. Para isso Garibaldi só via um meio: proibir que os navios mercantes fizessem a travessia da lagoa isoladamente. Percebendo a gravidade da situação, concordou Elizário com o alvitre. E o governo da província dispôs que os barcos de comércio só viajassem entre as praças do litoral a Porto Alegre em dias determinados pelas autoridades, e convenientemente escoltados por navios de guerra. Esse foi, no arraial contrário, o resultado imediato da primeira surtida de Garibaldi.

Começa então para os corsários uma fase de aventuras. Incapazes de medir suas forças com as unidades legalistas, praticam nas planuras rio-grandenses as "guerrilhas", a ação por surpresa, os mais fracos contra os mais fortes, confiados apenas no imprevisto do ataque e na rapidez dos movimentos. Surgiam *ex abrupto* nos costados dos cruzadores imperiais. E quando estes se atiravam no seu encalço, abeiravam-se das costas a desapareciam, como por encanto, entre os barcos de areia que marginam os canais navegáveis. Conheciam palmo a palmo aquelas águas traiçoeiras e manobravam no dorso das ondas com a mesma segurança com que os "vaqueanos" se orientam através da pampa. De vez em quando trocavam as caçadas lacustres pelas de terra firme. Cavalos havia em abundância. Mesmo a bordo dos lanchões, sempre levavam consigo alguns para enfrentar quaisquer necessidades eventuais. Num abrir e fechar de olhos, transformavam-se os marinheiros em cavalarianos, não apenas brilhantes na destreza, mas temidos pelas *razzias* operadas nas circunvizinhanças. A vasta planície que do litoral da barra do Ribeiro se alonga até os contrafortes da serra dos Tapes, na proximidade de Pelotas, era já então povoada de numerosas fazendas. Muitas delas continuavam completamente desertadas, outras guardadas apenas por alguns peões. Havia que distinguir, ali, entre as propriedades dos republicanos e as de "caramurus" francos ou disfarçados. Contra estas é que se dirigiam as surtidas de cavalaria ligeira dos corsários. Nas roças de tais fazendas, encontravam em abundância tudo quanto lhes pudesse ser de necessidade.

Tratava Garibaldi a sua gente com uma bondade talvez excessiva, como lhe pareceria mais tarde. Quando escreveu as *Memórias*, enrugado, decepcionado dos homens, filosofaria com algum cepticismo sobre a perversidade da índole humana. Mas, no triunfal esplendor dos trinta anos e no ambiente igualitário da campanha rio-grandense, ele só poderia agir

de acordo com os verdadeiros impulsos do seu temperamento. Compreendia que a disciplina, naquela sociedade primitiva, não se impunha pela rudeza das maneiras. Fechava os olhos a pequenos deslizes. Tratava de viver de acordo com o meio. Queria ação, bravura, desprendimento. E coragem não faltava àqueles homens insubmissos, que, chegada a hora do perigo lhe obedeciam sem reservas, e em nenhuma circunstância lhe causariam desapontamento.

Entre o foz do Arroio Grande, assinalada por um bosque de jirivás, e o delta do Camaquã, cuja barra principal podia ser identificada por uma enorme figueira brava, existe uma espécie de península baixa, coberta, aqui e ali, de rasteira vegetação. É o "pontal dos barcos". Em toda a costa ocidental da lagoa e mesmo no litoral do Guaíba, esses "pontais", bancos arenosos que vieram lentamente emergindo das águas, representam esconderijos de inestimável alcance tático. As manobras de contorno daquela ponta alargam desmesuradamente a viagem entre os dois desaguadouros. Aproveitando as depressões dos bancos de areia ainda cobertos d'água, poder-se-ia com algum esforço encurtar a viagem e fugir à perseguição do inimigo, saltando a tripulação à lagoa e empurrando os lanchões através dos baixios. E adotou-se o recurso, que se foi tornando habitual.

"À água, patos!", gritava, em circunstâncias tais, o comandante. E imediatamente brancos, negros, multaos, Garibaldi entre eles, atiravam-se à água, e à força de ombros levavam os barcos para o outro lado da ponta. "*Tutti si trovavano al loro posto nell'onda, gii anfibi e coraggiosi miei compagni – ed io con loro*."

A marinhagem cumprira essas ordens com verdadeiro júbilo. Quando acossados de perto pelos navios imperialistas, debaixo da sua fuzilaria, ou surpreendidos pelos temporais que fazem a lagoa dos Patos rivalizar em fúria com o mar alto, o recurso adotado era aquele. Por vezes sucedia, porém, se vissem obrigados a permanecer dentro d'água uma noite inteira, sofria a tripulação verdadeiros tormentos. E só à força da sua resistência de ânimo conseguiria Garibaldi afrontar tão pesadas provações. *"Allora era um vero tormento, e bisognava, certo, una fervida gioventú per sostenervisi e non soccombere."*

*

Os republicanos persistiam no assédio a Porto Alegre. Dirigia-o Bento Gonçalves pelas bandas do norte, a caminho de quem vai para São Leopoldo; Neto, auxiliado por uma divisão de cavalaria sob as ordens de Canabarro, pelos lados de Viamão. Trataram estes últimos de instalar-se de novo no promontório do ltapuã. Ao par dessas atividades, despachou Elizário para lá um patacho, o *Leopoldina*, e dois lanchões de guerra, com ordem de impedir o trânsito aos adversários. Garibaldi recebera instruções para aproximar-se de Itapuã com os seus navios, a fim de agir contra os barcos dos legalistas. Cumpriu de imediato a ordem. Mas chegado à boca do Guaíba, verificou já se haverem os imperiais fortificado na ilha do Junco, posição muito favorável não só para garantir a passagem do estreito, como ainda para molestar a guarnição do promontório. Os navios republicanos confundiram-se com a costa, pelo lado da lagoa, a esperar os acontecimentos.

Dias depois, aparecia ao sul um grande comboio naval capitaneado por um barco a vapor, o *Águia*, o segundo dessa espécie nas águas da província. Apesar da enorme desproporção das forças, Garibaldi abriu fogo contra a esquadrilha, que se deteve, surpresa, ante a agressão. Trataram os legais de localizar o inimigo. A bordo do *Águia*, que já sofrera algumas avarias, viajava o ministro da guerra do Império, Sebastião do Rego Barros. A situação tornava-se difícil. Melhor pareceu aos legalistas não forçarem a passagem junto à bateria. Afastaram-se cautelosamente tratando de pôr a salvo o ministro, que desceu num escaler para alcançar Porto Alegre, onde sua presença era indispensável em face das intermináveis querelas em que se exauriam as melhores energias da administração.

A esquadrilha imperialista ganhou, depois, o canal do oeste, por onde, com a proteção da bateria do Junco, realizou afinal o intento de penetrar no Guaíba. E Garibaldi, verificada a impossibilidade de enfrentar o inimigo em águas abertas, retornou ao Camaquã, a fim de apressar a construção de mais dais lanchões.

Já não podiam de qualquer maneira estar tranquilos as legalistas quanto à posse da lagoa, e viam-se obrigados a distrair numerosos vasos de guerra nos comboios aos navios mercantes. A única maneira de acabar de vez com aqueles malditos flibusteiros era arrasar-lhes a base de operações. Do lado da lagoa, a empresa se mostrava impossível, pela falta de navios

apropriados àquelas águas de pouco fundo. A ação só poderia ser tentada por terra. Mas em toda aquela região, na região de Bento Gonçalves, no "chão" do caudilho, pisavam os legalistas *in partibus infidelium*.

Era, sem dúvidas, tentativa das mais difíceis. Só um homem, talvez, tivesse aptidões para levá-la a bom termo: Francisco Pedro de Abreu, o *Moringue*. Ninguém o emparelhara jamais na tática das surpresas. Tinha uma arte de guerra toda sua, havida por instinto auxiliada pela sua astúcia inata, desenvolvida pela experiência pessoal em sítios que ele conhecia melhor do que os melhores "vaqueanos".

Na região do Camaquã, Chico Pedro, membro de uma família tradicional de fazendeiros, estava também em casa. Pedro José Gomes de Abreu, seu pai, casara com uma filha de Antônio Alves Guimarães, o velho *Ceroulas*, o povoador do território da barra do Ribeiro, onde ainda hoje se conhece, para os lados do Camaquã e pouco antes da desembocadura do Guaíba, a "ponta do *Ceroulas*". Foi ao genro de Antônio Alves, pai do futuro barão de Jacuí, que apelidaram de *Moringue*. Tinha fama Pedro José de ser o homem mais feio daquelas paragens. A cabeça descomunalmente grande dava ideia de um moringue, no qual as orelhas, muito salientes, desempenhariam a função de alças. Foram os seus cunhados, talvez por despeito de serem "os filhos do velho *Ceroulas*", autores do apelido que ficaria como alcunha da família. Um deles, Antônio José da Costa Guimarães, levando mais longe os motejos, costumava dizer:

– "Se agarrarem o mano Pedro e o puserem de pernas para o ar, pode-se perfeitamente bater chocolate com a cabeça."

De Pedro *Moringue* sabe-se, além disso, que era um beato. Não admitia pusesse sua mulher o pão no forno sem antes benzê-lo. No dizer de gracejadores, às vezes as complicadas benzeduras demoravam tanto que o forno esfriava. Seus filhos passaram a ser "os filhos do *Moringue*". E depois, na avassalante fama de guerrilheiro, acabou Francisco Pedro conhecido de toda gente pela antonomásia paterna.

A esse homem, de quem Garibaldi diria que fora incontestavelmente "*it miglior capo degli imperiali, e massime in spedizioni di sorpresa, ove riuniva ad un conoscimento perfetto del paese e della gente, un'astuzia ed intrepidezza a tutta prova*" – confiara o governo o temerário encargo de surpreender e aniquilar a base naval dos republicanos.

*

Regressando da surtida ao Itapuã, mandou Garibaldi trazer à terra as embarcações. Pelas semanas próximas, ia ocupar-se em reparar os barcos e em ultimar a construção dos outros dois. Vieram dizer-lhe, um dia, que *Moringue* desembarcara com setenta cavaleiros e oitenta praças de infantaria, três a quatro léguas acima da barra do Arroio Grande, precisamente para os lados da fazenda do sogro. Era de todo verossímil a notícia. Mais cedo ou mais tarde, devia esperar-se um ataque dos imperiais por terra. E ninguém em melhores condições do que Chico Pedro para tentá-lo.

Tinha Garibaldi consigo, na ocasião, no máximo sessenta homens. Com eles, porém, experimentados já em empresas mais arriscadas, não se arrecearia de enfrentar nem trezentos, quanto mais cento e cinquenta "caramurus". Convinha, entretanto, que todos estivessem alerta. Com Chico Pedro ninguém podia descuidar-se.

Nessa mesma tarde, mandou uma dezena de espias bater o terreno em todas as direções. E quedou-se à espera dos acontecimentos na charqueada, com cerca de cinquenta homens prontos para a ação. Alta noite, voltaram os "vaqueanos". Nada tinham visto.

Na manhã seguinte, grande cerração cobria o litoral até a algumas léguas terra adentro. Não se estaria aproveitando dessa circunstância o astucioso inimigo? Inquieto, Garibaldi não confiava de todo na observação dos homens. Resolveu interrogar os animais. Sabia que os cavalos das estâncias pressentem, antes que ninguém, as emboscadas, e costumam, em tais circunstâncias, mostrar sinais de inquietação. Mas, no momento, tanto os que estavam à soga como os soltos pelo campo não demonstravam o menor desassossego. Tranquilizou-se Garibaldi e mandou sua gente depositar as armas no galpão. E depois do almoço, todos se dispersaram: uns para o reparo dos lanchões, outros para a forja; ao mato estes em busca de madeira, aqueles à pesca. Na charqueada, saboreando o chimarrão, ficara apenas Garibaldi em companhia do cozinheiro.

Pensava precisamente em que *Moringue*, apesar das evidências em contrário, talvez os estivesse espreitando da orla do mato próximo, quando ouviu, de repente, atrás de si, o toque de carregar. Avançando a galope, a pouca distância, vinha um tropel de cavalarianos e soldados de

infantaria. Trazia cada cavaleiro um homem na garupa. Outros corriam a pé, agarrados às crinas dos animais.

De um salto, Garibaldi achou-se no galpão. Seguira-o o cozinheiro. No instante em que punha o pé na entrada da porta, sentiu o sombreiro atravessado por uma lança. Não havia um segundo a perder. Bem ao alcance da mão, estavam sessenta carabinas carregadas. Apanhou a primeira e detonou-a; depois outra, e outra mais, com tanta rapidez que não seria de crer partissem os tiros de um só atirador. E como o alvo fosse compacto, as balas iam fazendo vítimas que rolavam pelo chão, algumas em contorções de morte. O inimigo não avançava, certo de que o galpão estivesse ocupado por numerosa guarnição, tão cerrada a fuzilaria. E continuando as baixas nas suas fileiras, achou de bom aviso retroceder uns cem passos, a fim de entrincheirar-se.

Como o cozinheiro não fosse bom atirador e não conviesse malgastar as munições, ordenou-lhe Garibaldi que se ocupasse em carregar os fuzis. Era indispensável manter o inimigo na convicção de estar enfrentando não dois homens, mas algumas dezenas. Ouvindo a fuzilaria, os companheiros tratariam de vir em seu auxílio imediatamente. E assim aconteceu. Luigi Carniglia foi o primeiro a aparecer, através das nuvens de fumaça. Depois foram chegando Inácio Bilbao, um biscainho, o genovês Lorenzo, Eduardo Matru, o mulato Rafael, o negro Procópio, Natale, Francisco da Silva, e alguns mais.

Recordando o episódio, lê-se, à boa maneira romântica, nas *Memórias* – "*Oh! vorrei ricordare it nome di tutti quei valorosissimi uomini, in numero di quatordici, che combatterono per varie ore, contro cento e cincuanta nemici, uccidendome e ferendone molti fino a liberarsene completamente.*"

Ocupara o inimigo todas as casas e barracas da charqueada, e de lá mantinha sobre o galpão um fogo ininterrupto. Apesar do erro gravíssimo em que caíra não tomando de assalto o reduto adversário, não se mostrava *Moringue* disposto à retirada. Alguns dos seus homens, na casa principal, haviam destelhado parcialmente a cobertura e atiravam de lá moirões acesos sobre o galpão. Enquanto uns apagavam as mechas, respondiam outros à fuzilaria. Duas ou três cabeças que apareceram nos telhados foram abatidas à bala. João da Mata, o chefe da pesca, tenta constituir um segundo ponto de resistência nos barcos da flotilha, mas é logo morto. E os

seus homens, desorientados, tratam de salvar-se, ganhando alguns o mato, atirando-se outros à lagoa.

Pelas três horas da tarde, o negro Procópio, repentinamente, localiza o chefe dos atacantes; e instantâneo, com certeira bala, vara um braço de Chico Pedro. Marianito Martins assume o comando dos legais. Não, porém, para insistir na refrega, senão para ordenar a retirada. *Moringue* era a alma da sua gente. Ferido ele, estava frustrado o ataque. Malgrado todos os esforços de Marianito, a retirada se fez quase em debandada. Saíram-lhes no encalço os republicanos, "mais para lesar do que para bater", pois não dispunham de forças capazes de enfrentá-los em campo aberto.

Conseguiu a gente de Chico Pedro, levando consigo os feridos, alcançar, algumas léguas acima, as embarcações que a conduziriam a Porto Alegre.

Comunicando, na ocasião, o acontecimento a Serafim Inácio, comandante da polícia, Garibaldi não se refere a quatorze, mas apenas a onze homens. "Cumpre-me notar que, estando a gente da guarnição espalhada, não lhe foi possível reunir ao calor do combate, cabendo por isso toda a glória aos onze bravos de que fiz menção, cujos nomes levarei à presença do governo para que sejam devidamente premiados, vista a bizarria com que se votaram à morte na defesa da nascente República Rio-grandense, contra inimigos em número tão desigual, o que ainda uma vez prova que um livre é para dez cativos." E prevendo a possibilidade de um novo ataque, acrescentava: ''É necessário que V. Sa. mande marchar alguma cavalaria para este ponto, porque ainda pode ser visitado por aquela gente, se bem que a não tememos."

Pela primeira vez, na sua acidentada experiência de guerrilheiro, tivera o astucioso *Moringue* de medir-se com uma astúcia maior que a sua.

. . . .

Capítulo VI

IDÍLIO

VIVIAM A ESSE TEMPO nas fazendas do Camaquã, ora na casa de Don'Ana, ora na de Dona Antônia, as filhas de uma terceira irmã de Bento Gonçalves, Dona Maria Manuela, casada com o Dr. Francisco de Paula Ferreira, de Pelotas. Como os vaivéns militares ameaçassem continuamente as posições republicanas ao longo do S. Gonçalo, foram as moças para junto dos parentes, onde se encontravam mais protegidas contra as surpresas da guerra. E faziam boa companhia às tias idosas, muito isoladas ali, nesse período em que os homens da família se encontravam nas lides das armas.

Tinham as filhas de Francisco de Paula recebido na vila a costumeira educação de base religiosa, reservada às donzelas de boa classe social. Não se considerava de utilidade, então, que as moças fossem muito instruídas. Bastava que soubessem ler e escrever, fazer os cálculos imprescindíveis à administração de uma casa, e tivessem sólidos conhecimentos de catecismo e doutrina cristã. Uma boa mãe de família não precisava de mais. O excesso de letras, por muitos motivos, poderia mesmo ser prejudicial às moças. A educação doméstica, porém, esta sim, seria das mais rigorosas. As filhas, adstritas à absoluta obediência aos pais, nunca tomariam nenhuma

resolução, por insignificante que fosse, sem prévio consentimento paterno. Quanto mais as famílias se elevassem na escala social, mais se acentuaria nelas o cancelamento das vontades individuais em benefício do clã, que reforçava, destarte, a consciência da sua função aristocrática naquele meio de origens igualitárias.

Essa acentuada submissão à vontade dos pais fazia que as mulheres do Rio Grande parecessem a Arsène Isabelle figuras de autômatos. Tinham fisionomias inexpressivas, dizia: e por mais que se sobrecarregassem de joias e flores, de bagatelas e de *clinquant* nunca seriam belas nem graciosas. Faltava-lhe aquele "ar de liberdade" que era, a seu juízo, a principal força da sedução das portenhas. Explicam-se as desvantagens desse apressado retrato pela notória lusofobia do viajante francês, sempre enamorado dos cenários sociais do rio da Prata. Superficial em quase todas as suas anotações, ele não poderia compreender que aquela aparente falta de personalidade das mulheres representava um dos mais significativos capítulos na formação moral do rio Grande. Vistas por esse prisma e desbastadas as deformações da sua má vontade, a opinião do *voyageur* confirma, ainda assim, um dos traços essenciais na estruturação da família campesina do extremo sul.

Saint-Hilaire, sempre meticuloso nas suas observações, louva a beleza das mulheres Rio-grandenses, embora mostrassem pouca delicadeza nos seus traços, e nas suas maneiras reduzida graça. Tinham lindos olhos, diz, e pareciam geralmente bonitas, superiores sem dúvida a quantas encontrara nas capitanias centrais. "Assim que o viajante penetra na capitania do Rio Grande, logo a atenção lhe é despertada pela beleza dos habitantes, pelo desembaraço dos seus movimentos e pela impressão de bem-estar e naturalidade que se desprende das suas maneiras." Vivendo o povo rio-grandense em clima diferente das outras regiões do Brasil e acostumado a outra alimentação, esse diverso regime de vida "lhe determinara outros hábitos". "Em Minas, raros eram os casamentos: e as mulheres, reclusas no interior dos seus lares, podiam considerar-se simplesmente as primeiras escravas dos maridos. No Rio Grande, as mulheres não se ocultavam, as ligações legítimas são mais comuns e mais puros os seus costumes", afirmava o naturalista.

Nos primeiros decênios do século, as camadas superiores da sociedade nas cidades, nas vilas, mesmo em fazendas de famílias de reno-

me, estavam afeitas já a um nível de vida que rivalizaria com os melhores do país. "Talvez mesmo que, em relação à população e aos costumes, o luxo houvesse feito mais progressos no Rio Grande do que em outras partes do Brasil", escrevia Nicolau Dreys. E, no referente à beleza feminina, acrescentava que as "senhoras do país tão ricas de perfeições físicas mostravam que mais facilmente poderiam emprestar suas graças ao luxo do que receber nada dele".

Espontâneas nas suas maneiras ainda não polidas por fina educação; seguras de si mesmas, embora tímidas à vista de gente estranha: mal adaptadas às exigências da moda, atravessando aquela fase crítica em que o artifício não compensa pela sedução do luxo o que lhes tira em elegância natural; eram as mulheres rio-grandenses desse tempo flores agrestes de singela aparência, mas de forte seiva, viçosas e recatadas. Garibaldi ficou, de imediato, seduzido pelas suas graças. "*Bellissime sono le riograndensi in generale, come bella la popolazione.*" As próprias escravas lhe pareciam agradáveis à vista: "*Non indifferenti erano pure le schiave di colore, che si trovavano in quei compitissimi stabilimenti.*" A umas e outras observava o jovem carbonário com olhos de simpatia, que descobriam encantos em tudo quanto pudesse corresponder ao seu próprio desejo de fazer-se agradável, de estabelecer nexos de compreensão e ligações de afeto. Oferecendo sua vida a essa ignorada região do mundo, como admitir que, em plena mocidade, não lhe parecessem amoráveis e belas as suas mulheres, quando já de tal maneira o haviam fascinado os homens?

*

Não raro, uma indefinível sensação de angústia se apoderava de Garibaldi naqueles cenários de horizontes ilimitados, que convidam o homem aos recolhimentos interiores. Ao fim dos trabalhos quotidianos, sentado à porta do galpão, dava largas à fantasia. Pensava na Itália, nas interrompidas lutas pela sua liberdade. Que seria feito de Mazzini, de todos os devotados companheiros que haviam jurado não descansar enquanto a terra natal não estivesse redimida do jugo dos opressores? E ele, e Rossetti, e Carniglia, e Matru, e Cuneo, e Castellini, perdidos nestes longínquos confins da América, sem esperanças de poder voltar tão cedo a preocupar-se com o ressurgimento da pátria... Como terminaria este ca-

pítulo da sua vida, dedicado à libertação do Rio Grande? Diariamente, encarava a morte pela causa desses bravos, que ele havia adotado como sua. Estranho ambiente aquele, tão diferente em tudo das suas paisagens nativas, e que o empolgava pelo vigor violento dos contrastes. A extensão das planícies, vestidas de mistério nas horas indecisas do crepúsculo, mergulhava o seu espírito nas sombras da *malinconia*. Afigurava-se-lhes, às vezes, sobre-humano o silêncio da pampa, quando sobre ela caem, lentamente, as primeiras gazes da noite. Vinham-lhe à lembrança esfarrapados fragmentos de poemas, perdidos em longínquas reminiscências

> ... "*Mirando interminati*
> spazi di la di quella, e sovrumani
> *silenzi e profundissima quiete*",

sentia necessidade de contatos espirituais, que lhe compensassem os desgastes de energia nas lutas e apreensões de todos os instantes. Impunha-lhe o temperamento inquieto e sempre insatisfeito uma contínua mutação de sensações. Aquele ambiente povoado de perigos o engolfava na volúpia das cismas contemplativas. Levava-o a brutalidade da sua vida de corsário, vivida entre almas rudes e caracteres primários, a buscar em espírito a quietação das águas de Citera. Ele estava então na plenitude da beleza e da força. Ao dobrar os trinta anos, tinha sua fisionomia um misto de suavidade nazarena e de ímpeto leonino. Vendo-o, anos mais tarde, na expedição dos Mil, as mulheres da Sicília ainda haveriam de exclamar, deslumbradas: "*O! quantu é beddu quantu é beddu*!"

Romântico, desbordante na ação e nos devaneios, ele parecia, nessa quadra feliz da sua existência, um personagem irreal de Byron, um ressurgido herói de Walter Scott. Naquele meio em que as maiores aventuras decorriam dos acontecimentos mais corriqueiros e a morte espreitava a cada momento os homens que nele se agitam, sentia-se Garibaldi irresistivelmente impelido às ligações de afeto. Talvez fosse a alvorada próxima a última que os seus olhos enxergassem. Enquanto a morte não o arrebatasse, ele não queria viver apenas pelos sentidos, mas pelo espírito. Sua mocidade era um grito pela vida.

*

Poucos dias depois de chegado à Charqueada, numa noite de sábado, levaram-no a um "fandango" no rancho de um posteiro. O pequeno compartimento, com chão de terra batida, estava repleto. Havia gente do lado de fora, espiando as danças, fumando, tagarelando. Os homens, domingueiramente enroupados, vestiam largas bombachas, camisas de fantasia, e traziam ao pescoço lenços de chita ou setineta atados a capricho. Muitos calçavam botas altas, cheirando a graxa recente. As mulheres, chinocas cor de bronze, algumas crioulas e mulatas, davam ao pequeno cenário aspectos de um cadinho de raças elementares. Trajavam com ingênua garridice vestidos de cores berrantes, azuis, vermelhos, cor-de-rosa. Enfeitavam de vistosos laços de fita os cabelos. Algumas torturavam os pés em sapatos, presentes de alguma "sinhá moça". Usavam quase todas chinelos e tamancos, com os quais levantavam nuvens de poeira nos sapateados do *Tatu*, da *Chimarrita*, da *Tirana*. Da trave central do rancho pendiam enfeites de papel. Dois lampiões de parede e algumas velas iluminavam a "sala". Sobre a porta da cozinha estavam sentados os músicos. Volta e meia, copos de cachaça corriam entre os assistentes.

– Mais um trago!

– Venha de lá!

E os comparsas tornavam-se expansivos, mais atrevidos. Convergiam as atenções sobretudo para os tocadores de viola, os melhores daqueles "pagos". Horas a fio continuavam os descantes:

"Eu amei uma tirana,
e ela não me quis bem.
Agora vou desprezá-la,
vou ser tirano também."

Numerosas vozes formavam o estribilho:

"Tirana, tira, tirana,
tirana, feliz tirana."

E o cantador continuava:

"Minha tirana de gosto,
rosto mimoso e bem-feito,
quem teu fandango não dança,
não é gaúcho direito."

Cantava outro o *Boi barroso:*

“Meu bonito boi barroso
que eu já contava perdido,
deixando rastro na areia
foi logo reconhecido.

“No cruzar uma picada,
meu cavalo relinchou.
Dei de rédea para a esquerda,
e o meu boi me atropelou.

“Nos tentos levava um laço
de vinte e cinco rodilhas,
pra laçar o boi barroso
lá no alto das coxilhas.”

As danças se faziam mais animadas. Os sapateados, em requebros lânguidos, abrasavam as dançarinas. Continuavam circulando os “tragos”. A aragem fresca da noite fazia tremeluzir os lampiões de querosene.

Alguém gritou:

– “Vamos aos desafios!”

Encheram, de novo, os copos dos tocadores. Os desafios eram um número obrigatório da “brincadeira”. Os cantadores afinam as violas. Depois, um deles começa, no tom agressivo que fazia as delicias dos “fandangos”:

“Para lhe cortar a língua,
sabe as guampas baralhar?
Pois que venha esse guampudo
com esse mocho se topar!”

Respondia o outro:

“Para te cortar a língua,
aqui tens um pela frente:
pois não merece falar
quem bate língua ‘nos dente’.”

Garibaldi, encostado a uma janela, escutava atento as peripécias do torneio, aplaudidas com entusiasmo por homens e mulheres. Encarou-o um dos cantores, e entoou com voz firme:

> "Garibaldi foi à missa
> a cavalo, sem espora.
> O cavalo tropicou,
> Garibaldi saltou fora."

Imediatamente, o companheiro retomou a deixa:

> "Garibaldi saltou fora
> do cavalo pangaré.
> Mas não espichou de lombo,
> saiu caminhando a pé."

Enorme hilaridade aprovou o improvisa no qual se metia à bulha o esforço do estrangeiro por montar a cavalo com o mesmo desempenho dos gaúchos. Garibaldi ria a bom rir do motejo com que o celebravam os cantadores do "fandango", e que haveria de ficar incorporado ao folclore gauchesco.

*

Por muito que o divertissem, essas festas não poderiam corresponder à necessidade de contatos humanos que ele sentia nas solidões de Camaquã. Atraía-o irresistivelmente a fazenda de Don'Ana. Sempre o recebiam aí com as mais vivas demonstrações de simpatia, e o mesmo se observava na propriedade de Dona Antônia. Não deixava passar nenhum pretexto para fazer-se presente ora numa, ora noutra estância. Por certo, não seria apenas a afabilidade das velhas fazendeiras o motivo dessa predileção pelo convívio nos seus estabelecimentos. "Três moças, cada qual mais graciosa, faziam o ornamento daquele lugar." E uma delas, Manuela, trazia-o fascinado com a sua candura e a sua graça. "*Manuela sinoreggiava assolutamente l'anima mia*", lê-se nas rápidas linhas das *Memórias*. Nas visitas às fazendas, acompanhava-o Eduardo Matru, visivelmente impressionado pelos encantos de uma das irmãs de Manuela.

Sempre que um vento contrário, uma exigência do serviço ou um simples pretexto pudesse levá-los ao Arroio Grande ou ao Camaquã, seria para eles dia de festa. O pequeno bosque dos jerivás que indica a entrada da Fazenda do Brejo, ou os laranjais que ensombram o caminho de acesso à Estância da Barra pareciam-lhes os sítios mais cobiçáveis do mundo. E tão seguros estavam da cordialidade daquela gente, que ainda no pomar das laranjeiras ou entre os jerivás, já se faziam anunciados com ruidosas demonstrações de alegria.

Mostravam as irmãs de Bento Gonçalves viva predileção por Garibaldi, servido, aliás, de todos os predicados para cair-lhes em graça. Era, dos pés à cabeça, um homem. Movia-se entre os gaúchos como se estivesse em seu próprio meio. Não fosse a sotaque, nem se reconheceria nele um estrangeiro. Os mais valentes, ali, testemunhavam o seu valor. Nos trabalhos do estaleiro e nas expedições de guerra, sabia impor a disciplina sem recorrer a arrogância, menos ainda à brutalidade. Todos lhe queriam bem, a começar por Griggs, a quem substituíra na direção dos serviços e no comando da flotilha. Os escravos e a gente mais humilde sentiam-se à vontade em sua companhia. Era indulgente com as faltas dos subalternos. Tratava-os com simplicidade e afeto. Não desdenhava de ir às suas festas e já começava a bailar as danças da terra.

Quando de visita nas fazendas, Garibaldi entretinha as senhoras e as moças com os relatos das suas aventuras na Itália e no Mediterrâneo, das peripécias da *Farroupilha* e do muito que sofrera na Argentina. Cantava-lhes *romanzas* de Nizza e canções francesas, que aprendera em Marselha. E dava gosto ouvi-lo declamar os poemas patrióticos dos carbonários e acompanhar-lhes os estos da imaginação, quando evocava a figura de Mazzini conclamando os italianos à redenção da pátria.

Escutava-o Manuela, silenciosa e atenta. Os grandes olhos negros sabiam dizer com ingênua eloquência o que suas palavras jamais lhe diriam. Indiferente, agora, a todas as outras mulheres, os cuidados de Garibaldi se dirigiam unicamente a eleita da sua fantasia, à "linda filha do continente". Nada de profano havia no seu amor. Seria feliz em unir o seu destino ao daquela criatura, que lhe parecia o resumo das seduções terrenas.

*

Não tardaria Garibaldi a penetrar na inteligência dos costumes domésticos do meio. Como bom italiano, compreendera por intuição a organização moral daqueles clãs e tratava de agir em conformidade com o espírito patriarcal da família em cuja intimidade convivia. Mas as exuberâncias do seu temperamento o levariam fatalmente a excessos de galanteios, em relação às veneráveis senhoras a quem desejava agradar por todas as maneiras, sobretudo a Don'Ana, aquela que maior simpatia lhe demonstrava. Por seu gosto moraria na Fazenda da Barra. Mas os deveres da guerra o forçavam a ausências de semanas, no estaleiro da Charqueada, nos cruzeiros da lagoa. Não resistia, por tais ocasiões, à preocupação de fazer-se lembrado. Tomava da pena e escrevia à fazendeira. As epístolas, de tão galantes, pareciam destinadas à própria namorada e não a uma velha tia, cujas boas graças convinha captar a todo custo. Alguma vez, o motivo aparente da carta seria o pedido de um pouco de cal, de que havia falta no estaleiro. Escrevia assim:

"Ilustríssima Senhora: Para passar as saudades da ausência, me ocupo em incomodar a V. S. Os estaleiros, onde se devem construir os lanchões, são inteiramente faltos de cal, e me foi necessário requisitar dois alqueires do dito por parte do capitão Francisco Gonzales da Silva; ao qual foi impossível de achar nas imediações. Eu me atrevo de o pedir a V.S., e demais, de ter a bondade de o mandar para a casa do seu capitão Francisco. He isso ser muito atrevido, só V. S. ter culpa, por ser demasiadamente generosa.

"Me parece termos de sair hoje mesmo de Camaquã, para não sei onde... E desejo que uma tempestade do norte nos empurre com violência até nos fazer pular por cima daqueles jerivás que nos ensinavam, em tempos mais felizes, a morada da Beleza, da Virtude e da hospitalidade mais generosa e mais bela que nunca tenho achado em minha vida.

"Os meus companheiros Zeffirino, Edoardo, Royer, lhe mandam ternas e respeitosas lembranças; as nossas conversas são sempre formoseadas do seu nome e seremos felizes quando nos honre das suas ordens. Disponha sempre de – José Garibaldi. Charqueada do Brejo, 15 de dezembro, 3."

Em outra oportunidade escrevia-lhe a respeito de um carregamento de farinha, proveniente por certo daquela apreendida na sumaca *Mineira*:

"Digníssima Senhora: – Com muitíssima saudade, lhe digo que por algum tempo não veremos o caro Arroio Grande, e portanto rogo a V. S. de mandar uma carreta na margem do Camaquã, para receber as barricas de farinha que deseja. Rogo a V. S. mandar entregar ao portador da presente um saco de breu, que deixamos em tempos mais ditosos. Acredite que serei feliz todas as vezes que possa servir a V. S. e que a minha existência é formoseada quando penso em aquele bendito Arroio (o que não passa momento). Entanto espero as suas ordens. Porto das Pedras, 13 de janeiro, 4."

Buscava Garibaldi acoitar-se com os seus lanchões no arroio São Lourenço, sempre que, perseguido pelos inimigos, não lhe fosse possível ganhar o Camaquã. Nas vizinhanças, no lugar onde é hoje a vila daquele nome, viviam então algumas famílias de pequenos estancieiros e lavradores, cujos filhos costumavam brincar nas margens da pequena corrente. Um dos meninos, mais que todos os outros, tem verdadeiros encantos por aqueles lindos lanchões, pelas suas peças de fogo, pelos seus mastros muito altos, e suas grandes velas abertas ao vento. Foge de casa e passa horas em companhia dos marinheiros. Garibaldi toma-o pela mão e lhe mostra o navio, explica-lhe tudo quanto sua curiosidade infantil deseja saber. O petiz está deslumbrado. Também será marinheiro. O comandante italiano faz-se amigo dele e um dia lhe dá de presente, perfeitamente equipado, um pequeno barquinho. O menino de São Lourenço, Joaquim Francisco de Abreu, veio a ser um dos mais brilhantes oficiais da marinha imperial. E até ao fim da vida, recordava o velho almirante Abreu os seus encontros com Garibaldi no arroio de São Lourenço e dizia que a ele devera a irresistível inclinação de fazer-se marinheiro.

*

Prometera Don'Ana que "daria um baile" assim que o "mano" Bento viesse ao Camaquã. As visitas do general se estavam tornando ultimamente mais espaçadas. Quando a campanha militar lhe permitia alguns vagares, corria para Piratini, a discutir com Domingos de Almeida problemas da administração. A situação do erário continuava mais do que premente e as relações com os vizinhos do Estado Oriental flutuavam, como sempre, de acordo com os interesses do momento: promessas amplas que

se transformavam em sinuosas contemporizações, logo depois em negativas especiosas e muitas vezes, afinal, nas mais incríveis agressões.

O general escrevera às irmãs anunciando-lhes uma próxima visita. Queria passar alguns dias na Estância do Cristal, a fim de dirigir os trabalhos dos apartes de gado. E aproveitara o ensejo para descansar um pouco, mudar de ares, tirar as ideias das preocupações do governo.

Uma tarde, ao cair do sol, chegou Bento Gonçalves. Apenas apeado do cavalo e ainda entre as efusões dos abraços e das boas-vindas, perceberam as fazendeiras que ele vinha grandemente preocupado. Uma ruga ensombrava-lhe a fronte. Tinha perdido a loquacidade habitual. Insistiram as irmãs por saber como iam os assuntos da guerra. Procurou tranquilizá-las. Tudo estava bem, respondia. Trazia-o cheio de apreensões apenas aquele maldito Bento Manuel, que mostrava cócegas, mais uma vez, de virar casaca. Jamais se vira semelhante falta de compostura! Ninguém podia fiar-se nesse caráter versátil, nas circunstâncias atuais, sua defecção seria um desastre. Antes não houvesse voltado aos arraiais republicanos. Ia, agora mesmo, em carta, fazer-lhe um apelo de honra para que se mantivesse fiel aos compromissos que espontaneamente assumira com a República. E oferecer-lhe-ia tudo quanto a sua ambição pudesse desejar.

Eram os bailes, nos povoados e nas fazendas, as manifestações mais comuns da sociabilidade da época. O fazendeiro que convidasse os vizinhos a uma dança preparava a casa para alojar os hóspedes por dois, três dias. Exigiam os costumes houvesse muita fartura de comidas, variedades de doces, licores e refrescos à disposição dos convidados. A fazenda, já nas vésperas da festa, entrava em grande azáfama. Os escravos não paravam. Estes se ocupavam com os assados de espeto, aqueles com os leitões, as galinhas, os guisados. Essa negra tinha fama de perita no arroz de leite, aquela nos beijus, nos quindins, nas cocadas. As mulheres dos posteiros vinham ajudar nos trabalhos da casa. O salão principal reluzia de limpeza. Enfeitavam o teto bandeirolas multicores. Pelos cantos, vasos com flores de papel. Ao longo das paredes, filas de cadeiras para descanso das senhoras e das moças.

Servia-se o jantar às quatro da tarde. E ao cair da noite, começava o baile, num ambiente de respeitosa afabilidade. Não se compreendia que uma senhorita se recusasse a dançar com quem quer que fosse. Todos ali se conheciam. Se o dono da casa, que mais do que ninguém devia zelar

pela sua moralidade, havia convidado quantos ali se encontravam, qualquer desaire feito a um dos seus hóspedes atingiria em cheio a autoridade, a própria compostura do patriarca.

Não dançavam apenas os moços e as moças casadoiras. Também as matronas e os chefes de família. Bento Gonçalves e Antônio Neto tiveram renome como dançarinos exímios. Neto, galanteador de estirpe, não perdia festas. E de Bento Gonçalves murmuravam as críticas que ele banalizava a dignidade das funções presidenciais enquanto bailarico e arrasta-pé se lhe apresentasse. Dançava a noite inteira com o desempenho e a galhardia de um jovem de vinte anos. E se estivesse de bom humor, acabaria entre os repentistas, cantando desafios à viola.

Dançava-se a quadrilha, os lanceiros, a chimarrita, a fieira à meia-cancha, o caranguejo, o anu, o *pericón*, a polca paraguaia. A quadrilha imperial, muito usada na corte ao tempo de Pedro I, não chegara a vulgarizar-se na província pela excessiva dificuldade dos movimentos. Nunca a dançariam, por certo, em reuniões de republicanos. Com os lanceiros, vistoso desfile dos pares em tom de marcha, se iniciava o baile. Vinha depois o caranguejo, colocados os cavalheiros em frente às damas, em roda, batendo palmas, tocando depois o soalho com o pé direito: e a um sinal de quem estivesse "mandando a dança", "juntavam-se os pares e saíam bailando. A meia-cancha gozava das predileções gerais. Um dançarino, de lenço na mão, fazia sinal a uma senhorita, que se levantava, ia para o meio da sala, e também com um lenço repetia o sinal a um moço; e assim sucessivamente até que todos quantos quisessem dançar houvessem sido "tirados". Depois formava-se a roda, enquanto a música iniciava os compassos de uma polca. O rapaz que iniciara a chamada dos pares saía, em passo de dança, para o meio da roda, e tornava a fazer sinal à moça da sua predileção, que ia juntar-se a ele. Andava a roda para um lado; e o par, no centro, em sentido contrário. Depois de muitos requebros e negaças, mandava o moço parar a música. E defronte à dama, recitava o "seu verso":

"Eu plantei a sempre-viva,
sempre-viva não nasceu.
Tomara que sempre viva
o teu coração com o meu."

Respondia a moça:

"Tu plantaste a sempre-viva,
sempre-viva não nasceu.
É porque teu coração
não quer viver com o meu."

Recomeça a música. O par dança alguns compassos. Depois, a dama conduz o cavalheiro para o seu lugar, retorna ao meio da roda, faz sinal a outro, que vai acompanhá-la. Agora, é a moça quem dá à música ordem de parar. E recita:

"Quando meus olhos te viram,
meu coração te adorou.
Na corrente dos teus braços
minh'alma presa ficou."

O cavalheiro dá a resposta:

"Os vaivéns da sorte ingrata
de ti podem me apartar,
mas no fundo do meu peito
para sempre hás de morar."

Continuava a dança até que todos os moços e moças, levados ao centro da roda, houvessem dito aos seus pares, em linguagem poética, o que mais conveniente lhes parecesse. Existiam na lírica popular modelos para todos os gostos e todas as situações. Por eles começavam, quase sempre, as primeiras declarações de amor. Se a donzela não concordasse com tais propósitos, difícil não lhe seria, na resposta rimada, dá-lo a perceber ao galanteador. E quando sucedia que se encontrassem pessoas de pouca simpatia recíproca, os recitativos descambavam frequentemente para os motejos, que causavam, às vezes, ruidosa hilaridade.

Sentadas aos cantos, as mães escutavam atentas os recitativos, a ver se lobrigavam neles indícios de inclinações entre as filhas e os rapazes que elas, em mente, lhes desejavam por maridos.

*

Andava a boa Don'Ana impressionada com a tímida aventura amorosa da sobrinha. A começo, tivera as suas dúvidas a respeito do caso. As excessivas amabilidades do italiano bem que lhe davam motivos para

desconfiar. Mas não acreditava fosse Manuela capaz de enamorar-se dela, que não passava, afinal, de um homem sem eira nem beira, muito simpático, por certo, ótimo amigo da família, dedicadíssimo à causa da República, mas de qualquer maneira um estranho, cujas origens ninguém ali conhecia. Ultimamente, porém, aquela inclinação, que antes poderia parecer simples passatempo de criança, começava a tomar jeitos de coisa séria. Tivera plena certeza disso por ocasião do combate da Charqueada. As primeiras notícias chegadas à estância diziam que Garibaldi havia sido morto na emboscada de Chico Pedro. Manuela, presa de vivíssima aflição, chorava desesperadamente, como se houvesse perdido o noivo. Consolando-a com os seus carinhos, obtivera Don'Ana a confissão de que estava deveras enamorada de Garibaldi e disposta a casar-se com ele. Chegava o "mano" a propósito para ajudar-lhe a deslindar o melindroso assunto. Ele conhecia o homem que apresentara às irmãs e saberia qual a atitude mais conveniente a tomar.

Bento Gonçalves, surpreso com a informação, julgou de bom conselho agir no caso com a necessária diplomacia. Dar o consentimento seria impossível. Mas não se devia ofender um homem como Garibaldi com uma recusa peremptória. A solução mais recomendável estaria em dizer-se que Manuela se destinava ao seu filho Joaquim. De resto, essa união correspondia mesmo aos seus desejos. Don'Ana se explicaria convenientemente com a sobrinha, menina ajuizada e de bom comportamento, que não custaria a compreender a impossibilidade de unir-se a um expatriado, caçador de aventuras e cujos rumos no futuro ninguém poderia prever. Quanto a Garibaldi, de próprio encontraria modos de fazer-lhe saber que a moça dos seus entusiasmos já era noiva de um dos seus filhos.

*

Garibaldi acreditou no que lhe contaram. Manuela, lê-se nas *Memórias*, "*era fiddanzata ad un figlio dal presidente*". Compreendeu que não devia insistir. Continuava subjugado pela sua imagem, "*benché senza speranza*". Só nutria, agora, uma preocupação: afastar-se daquele lugar, mergulhar de novo em perigos, buscar outras aventuras, expor a vida pela sede de glórias que o devorava. Mas a figura recatada e suave de Manuela nunca mais lhe sairia da lembrança. Romanticamente, ele a revê na segunda vida das *Memórias:* "*Si! Bellissima figlia del Continente, io ero felice*

d'appartenerti commungue fosse. Tu destinata a donna d'un altro!" Depois a vida o tomaria no seu vórtice. E ele se dobraria ao destino: aventureiro na glória, aventureiro no amor.

A dócil Manuela, porém nunca chegou a casar-se. Envelheceu solteira. Durante toda a vida permaneceu fiel ao seu primeiro amor. A figura insinuante daquele aventureiro loiro, que tão belas canções cantava nos serões da fazenda, não se apartou jamais da memória. Não recriminava os parentes pela recusa do consentimento. Os tios tinham razão. Como poderia ela, frágil criatura, ter acompanhado vida afora aquele estrangeiro que assombrava o mundo e ofuscava os humanos com a sua bravura descomunal? Devia queixar-se do destino, que tivera o capricho de situá-lo, humilde e desconhecido ainda, nas fazendas do Camaquã. Pela existência toda, a família, os amigos, os conhecidos, respeitaram o seu amor pelo herói. E quando morreu, em avançada idade, na cidade de Pelotas, ela era ainda, para toda gente, a "noiva"de Garibaldi.

. . . .

Capítulo VII

NECESSIDADE VITAL

VOLTA E MEIA CHEGAVAM aos acampamentos revolucionários propostas de pacificação, autorizadas umas, outras meros balões de ensaio. A última, vinda da parte de Antônio Carlos, deveria merecer-lhes especial atenção, quando não pelo conteúdo – deposição das armas e anistia ampla – pelo excepcional prestígio de quem formulava. Mas a resposta de Bento Gonçalves fora terminante e peremptória: – "Jamais deixarei de ser republicano, e só federalmente me unirei ao Império."

Poderia a firmeza dessas palavras indicar que os revolucionários se encontrassem em situação de enfrentar vantajosamente as armas imperiais. Tal interpretação, porém, não se ajustaria à realidade dos fatos. Longe do avanço decisivo previsto por eles, haviam as consequências da batalha do Rio Pardo, por todo o correr do ano III, determinado apenas um sensível empate de forças entre os contendores. Os primeiros efeitos da derrota tinham sido, realmente, de pânico entre os imperiais. Antônio Eliziário, temendo que o inimigo viesse de marcha batida sobre a capital, mandara a toda pressa reforçar o seu entrincheiramento. Porto Alegre estava "com pouca gente para a defesa", comunicava ao Rio, "e o povo consternado". À força destacada no S. Gonçalo dera ordem de retroceder para a margem

direita do canal. E não havia como desfalcá-la, "por ser ali a chave do Rio Grande".

Punham de realce tais providências a importância fundamental atribuída pelos legalistas às suas posições marítimas e fluviais. As duas grandes linhas estratégicas – Rio Grande-Porto Alegre e São Gonçalo – representavam as únicas defesas eficazes na resistência contra os avanços da revolução. E, enquanto esses pontos estivessem em seu poder, o inimigo se encontraria com os movimentos tolhidos, e a República bloqueada.

Parecia que as palavras de Bento Gonçalves na proclamação com que celebrara a vitória do Rio Pardo: – "Republicanos! mais um esforço ainda e a Pátria será livre!" – houvessem caído no vácuo. O conclamado esforço não se produzia. E o presidente da província podia comunicar à corte, meses depois, que os rebeldes se mantinham quase de todo inativos, o que faziam reaparecer entre o povo o perdido entusiasmo pela causa legal. Não lhe saía de mira, um instante sequer, a transcendente significação do eixo em torno do qual se operavam os movimentos da sua defesa. "Os batalhões de provisórios, os voluntários e parte da artilharia de linha ocupam-se especialmente nos entrincheiramentos de Porto Alegre, Rio Grande e S. José do Norte", informava ao ministro da Guerra, já seis meses decorridos desde a grande derrota.

O sítio de Porto Alegre, vagarosamente retomado pelos republicanos, esvaía-se em periódicas escaramuças para os lados da Aldeia dos Anjos e de Viamão. Continuava franco, pelo rio, o acesso à cidade. E mesmo do lado da terra, numerosas se abriam as frinchas por onde os sitiados mantinham comércio com os distritos vizinhos. Falhava o assédio, destarte, à sua primeira finalidade – privar a praça das necessárias articulações com o interior. O que havia nos arredores da capital era menos uma luta de posições, característica das operações de sítio, do que prolongados preparativos, de um e de outro lado, para uma ação culminante, que deveria produzir-se ou por um ataque em regra dos sitiantes ou pela surtida dos assediados. E nessa guerra de usura passavam-se as semanas, os meses. Dir-se-ia que a luta estivesse definitivamente empatada. Nem dispunham de suficiente força os atacantes para tomar a praça, nem sobravam recursos aos sitiados para obrigá-los a levantar o cerco. Em tal situação de impasse, iniciou-se o ano IV da revolução.

*

Mas não nutriam ilusões os republicanos quanto à precariedade da sua situação ao longo de linha estratégica do sul. Na região do São Gonçalo, a iniciativa da ação passara, de há muito, para o lado dos imperialistas. Mais intensa, de mês a mês, se fazia sentir a pressão sobre Pelotas, que caía alternadamente nas mãos de um e outro dos beligerantes. Em consequência, por toda a campanha meridional, desde as margens da Lagoa dos Patos até aos contrafortes da serra, a situação dos revolucionários piorava de mais em mais.

A própria capital da República já não poderia considerar-se, em tais circunstâncias, a coberto de um ataque envolvente. Nos primeiros dias de janeiro, anunciava Bento Gonçalves, em manifesto ao povo, a sua próxima transferência para Caçapava. "Piratinenses! O voto dos rio-grandenses e o interesse da República requerem que o governo se mude para Caçapava. Ele vai então cessar de residir entre vos. Saindo, o acompanhará uma profunda saudade; e desde já vos agradece o esmero com que tantas vezes o tendes coadjuvado."

Explicava *O Povo* que a mudança da Capital entrava no plano da campanha de 1839. E dava as razões da preferência pela vila de Caçapava: "sua posição central, a salubridade do seu clima, a lealdade dos seus habitantes". Na realidade, porém, só o primeiro argumento valeria. A mudança fora imposta ao governo por motivos puramente estratégicos. E se conveniente do ponto de vista militar, não deixaria de ser, na órbita política, um verdadeiro desastre. Nem pelo menos inspirava a população da nova sede a necessária confiança ao governo. Bento Gonçalves, que o precedera na transferência, escrevia de Caçapava ao ministro da Justiça: – "Tomara vê-lo aqui, e a toda gente de armas que lá ficou; pois neste lugar, meu amigo, não posso deixar de amanhecer na praça, à testa da guarnição".

A recepção feita ao governo pelos caçapavanos longe esteve de entusiástica. Os vivas que o presidente da República deu ao povo, na entrada da vila, foram correspondidos, em nome do povo, por um membro do próprio governo.

No jornal da República, a pena colorida de Rossetti descreve com pormenores a acidentada marcha dos ministros e funcionários através das planícies, mais parecida com uma peregrinação à maneira do *far-west*

americano do que a mudança da capital de um Estado: "O sol doirava apenas os cimos dos montes vizinhos, quando o governo, menos o Exmo. Sr. Presidente e S. Exa. o Sr. Ministro da Guerra, que o haviam precedido de alguns dias, deixava sua residência de Piratini. A saudade com que os magistrados da República saíam de uma cidade que pelas virtudes cívicas dos seus habitantes se tem tornado a admiração do Continente, penetrava de tristeza todos os corações. Dominava aquela multidão de irmãos um silêncio eloquente. Com um abraço, com um aperto de mão, tacitamente exprimíamos o quanto custava o deixar homens que nos haviam dado tão repetidos exemplos de verdadeiro patriotismo... A marcha do numeroso *comboy* foi majestosa e tranquila. O tempo a favoreceu e nada veio disputar a boa harmonia que sempre existe entre os homens animados de um mesmo princípio e de uma mesma opinião, expostos aos mesmos perigos e que dividem o mesmo pão e os mesmos trabalhos. Nossas autoridades civis receberam em todos os lugares onde passaram demonstrações não equívocas de um respeito cordial, de uma gratidão merecida e de afeição sincera.

"No dia 24 e às 5 horas da tarde, o Exmo. Presidente, acompanhado de seu estado-maior e das autoridades locais, foi reunir-se ao governo, para assim fazer sua entrada solene na Vila, escoltando o trem de guerra e o material das oficinas públicas uma força das três armas, comandada pelo valoroso tenente-coronel Morais. A banda militar dirigida pelo hábil professor Mendanha o precedia, tocando o hino nacional.

"Imenso foi o número das pessoas que acudiram a encontrar os distintos patriotas que dirigem a Revolução. A comitiva dirigiu-se ao som da música à praça principal, onde logo a tropa fez a continência do costume; o Exmo. Presidente, levado do santo entusiasmo da Pátria, rompeu vivas à Religião, à República e aos briosos caçapavanos. O Sr. ministro da Fazenda, interpretando os sentimentos daquela multidão comovida, correspondeu dando vivas ao mesmo Presidente, aos generais do exército e aos bravos defensores da Liberdade.

"À noite, a música andou tocando pelas ruas, e no sábado sucessivo, por ser a véspera do dia destinado à proclamação da Independência e da República na Vila, houve iluminação e foguetes. No domingo finalmente reuniu-se em sessão extraordinária a Câmara Municipal, e como pelas circunstâncias da guerra os caçapavanos não tivessem ainda dado sua

formal adesão à Independência e ao sistema democrático, o Ilmo. Sr. Presidente João Raimundo da Silveira e mais vereadores da mesma, agradecendo ao governo o esmero com que havia até hoje sustentado a Revolução... prestaram juramento de fidelidade nas mãos do Exmo. Presidente da República. Acabadas estas importantes formalidades, o Ilmo. Sr. Presidente da Câmara pronunciou uma alocução e depois o Exmo. Sr. Presidente da República, acompanhado dos dois ministros, do presidente da Câmara e vereadores, dirigiu-se à igreja para ouvir a missa e o *Te Deum,* em ação de graças ao Altíssimo pelo muito que protege a causa rio-grandense. S. Exa. foi recebido à porta da igreja pelo reverendo padre vigário José Medeiros Pereira, o qual o conduziu ao vestíbulo do altar-mor, onde também foram colocar-se os Srs. ministros, presidente e vereadores da Câmara, os oficiais da guarnição, o juiz de paz e mais empregados. Orou a missa o reverendíssimo padre vigário da vara Fidêncio José Ortiz da Silva, servindo de acólito o rev. padre Antônio Homem de Oliveira; e o Sr. Mendanha a rendeu mais devota com uma melodia tão penetrante e religiosa, que nosso coração cheio de fé e arrebatado em um êxtase celestial se lançava no futuro e via o cumprimento da vontade de Deus: a nossa pátria livre, grande e poderosa."

Em vão procuraria o jornalista demonstrar que a mudança da capital significaria o começo de uma renovada fase de atividades militares, e que a paralisação nos movimentos das tropas obedecia apenas aos planos de uma "calculada inação". O princípio relativo ao controle dos cursos d'água pelo domínio da foz continuava mostrando sua incontrastável influência sobre o desdobramento das operações. A força da vitória não estava nas colunas móveis da campanha, brilhantes nas suas cargas de lança, épicas na sua capacidade de ação, mas no ponto fixo do Rio Grande. Fora essa chave de mágico poder que forçava o abandono de Piratini. E era ela o alento do governo de Eliziário para resistir, meses a fio, à pressão dos revolucionários sobre a capital da província.

*

Mais confiado o comando legalista na fraqueza do adversário do que na sua própria capacidade de ofensiva, entendeu chegado o momento, antes de esgotado o primeiro mês do ano IV, de romper o cerco de Porto Alegre. À frente de mil e seiscentos homens, sai Eliziário rumo de S. Leo-

poldo, previamente guarnecido por barcos de guerra os passos do rio dos Sinos e do Caí. Abandonam os rebeldes as suas posições sobre os cerros que orlam a cidade. Davi Canabarro deixa Viamão à mercê do adversário; e simulando fugir, toma o rumo da serra. Entretém as presunçosas esperanças de Eliziário, que pretendia cercá-lo, e trata de afastar o mais possível as forças imperiais das raias da capital. As tropas republicanas somariam, então, naquele setor, cerca de quatro mil homens, servidas por sete bocas de fogo, segundo os cálculos do brigadeiro-presidente. Enquanto se vai executando a manobra de Canabarro, aproxima-se Bento Manuel, em marchas forçadas, da zona das Missões, com o intento de cair sobre a retaguarda dos legalistas, cortando-os de Porto Alegre. O plano dos revolucionários, admiravelmente concebido, parece que vai ter plena execução. Mas quando Bento Manuel se precipita sobre a margem direita do Caí, a dois passos já da capital e próximo a chocar-se com o grosso do adversário, encontra o Passo do Negro guarnecido por várias embarcações de guerra.

É preciso arredar do caminho o inesperado obstáculo. Duas canhoneiras, um lanchão e três botes são levados de roldão pelo ímpeto das forças republicanas. O primeiro-tenente Antônio Dias dos Santos Belico é morto na ação; seu companheiro Manuel Luís Pereira da Cunha, filho do marquês do Inhambupe, feito prisioneiro. Todas as unidades navais caem nas mãos dos revolucionários. Mas a fulminante vitória não lhes compensa o atraso que sofrera o seu avanço. Tivera tempo Antônio Eliziário de perceber a falsa situação em que se expunha. E vendo que não tardaria a ser atacado de frente e pela retaguarda, retorna precipitadamente sobre Porto Alegre. Bento Manuel chegara tarde. O engenhoso plano dos republicanos falhara, e outro recurso não lhes ficava senão restabelecer, de novo, o cerco da capital.

Depois do combate do Caí, recebera Garibaldi instruções de fazer-se presente no local, a fim de tomar conta dos barcos apressados. Mas a pretexto de que deveria por aqueles dias sair à lagoa, em cruzeiro, não deu cumprimento à ordem. Transmitiu Neto a ocorrência ao ministro da Guerra e da Marinha. Silva Brandão, em resposta ao general, comunicou-lhe ter levado o assunto ao conhecimento do presidente da República. E recomendava-lhe, de parte de Bento Gonçalves, um encontro com Garibaldi e com o comandante das divisões da direita e do centro a fim de combinarem o plano de operações em que fossem empregados não só os antigos lanchões como os que haviam sido tomados ao inimigo. Garibaldi andara mal atribuindo encargo de

tão grande responsabilidade ao tenente José Ferreira, "incapaz de merecer para isso a necessária confiança". Conhecia-o a gente do governo "por experiência do tempo em que comandara a *Farroupilha,* que por seu desleixo e inépcia se perdera". "Toda a cautela e vigilância será pouca – dizia Brandão – para não termos o desgosto de perder esses lanchões, e muito particularmente havendo já o exemplo dos inimigos terem conseguido safar do rio a canhoneira, que se julgava segura e impossível deles a poderem tirar do fundo."

Logo em seguida, recomeçariam os esforços dos republicanos por tomarem pé, de novo, no Itapuã. Mas tudo em pura perda. As baterias da ilha do Junco de um lado, a irresistível ação dos navios da esquadra por outro tornariam de todo infrutíferos os conjugados esforços de Neto, Canabarro e Bento Manuel. Se Garibaldi tivesse conseguido "preponderar na lagoa dos Patos, a luta houvera findado logo, com a vitoria da República". Mas, para tanto fora imprescindível a prévia verificação de uma destas soluções: ou um encontro decisivo com as unidades imperialistas, ou o domínio das águas interiores pela ocupação do Rio Grande e de S. José do Norte. Qualquer das duas hipóteses era, à plena evidência, impossível. De nada valia aos republicanos, para o primeiro caso, que os dois novos lanchões construídos nos estaleiros do Camaquã já estivessem em condições de ser lançados n'água, e que essa diminuta força naval houvesse sido aumentada ainda com as embarcações apresadas no Caí. A desproporção com a tonelagem e o poder ofensivo dos imperialistas patenteava-se cada vez maior. Já dispunham eles de trinta embarcações, entre as quais três navios a vapor, armados de noventa bocas de fogo e tripulados por novecentos e cinquenta homens. Nada de prático havia a fazer contra essa força. Em tais condições, a atividade da esquadrilha republicana ficaria limitada necessariamente a "meros lances mais de romântico heroísmo do que de efetivo benefício militar". *"Nulla potemmo noi operare in tutto il tempo che passammo in quella parte del lago",* depõe Garibaldi. A barra do Camaquã, ademais, nem serviria mesmo para as necessidades de uma base naval. Pela sua quase inacessibilidade ela só prestaria para esconderijo de corsários.

Quanto a uma possível ofensiva contra as posições litorâneas, nem havia como pensar-se nela a sério, desde que a própria linha de defesa dos republicanos sobre o São Gonçalo começara a flexionar, determinando até a transferência da capital para uma posição mais afastada.

Se enormes as dificuldades de natureza militar, não menos se apresentavam as de caráter administrativo para a República. Uma carta de Do-

mingos de Almeida a Antônio Neto, caída em poder dos imperiais e por eles estampada na imprensa, traía o estado de extrema penúria em que se afundara o erário republicano; e, pior ainda, a falta de ordem reinante na administração, pelas contínuas e sistemáticas infrações dos chefes de colunas nas determinações do governo. "A marcha de parte dos nossos oficiais superiores e comandantes de forças", escrevia ao ministro, "continua em perfeita oposição com os interesses do Estado...Não desprezei meio algum de proporcionar ao Exército quanto lhe fosse mister nas suas precisões." Em menos de um ano, fora gasta em benefício das tropas quantia superior a 300 contos. "E como se acha esse exército? Nu, inteiramente nu! Da prática de todos comprarem e de todos venderem, não é possível melhorar-se o sistema de distribuição, e menos de acudir o governo ao seu empenho e crédito público; pois que tendo por muitas e repetidas vezes comprado sobre fundos existentes nas coletorias e contra eles sacado a favor de diversos vendedores, tem constantemente sucedido não existirem esses fundos na ocasião de se apresentarem os saques. Daí o clamor geral, o cisma de que de propósito assim se há praticado dolosamente: o governo para desenvolver-se de embaraços tais a grandes prêmios se tem sujeitado." E mostrando a que raias tocavam os abusos de comprarem os comandantes por seu próprio alvedrio o que lhes aprouvesse, o meticuloso Almeida exemplificava: "O coletor de Cruz Alta não se tem pejado de mandar em seus balancetes contas de pólvora a 9$600 a libra; carne a 1$280 a arroba: e ultimamente carne de vaca a 5$000, quando o boi inteiro, por aqui, é pago a 4$500 pelo Tesouro e a 3$200 pelos particulares." Nessas condições, "de que serviria a organização de um sistema de arrecadação"? Meu general, é tempo: estabeleçamos a ordem e marchemos à felicidade do nosso país."

De todos os lados repontavam as dificuldades. A máquina administrativa, emperrada. As operações militares, estacionárias. Os melhores planos, malogrados, procrastinados. O governo imperial, por outro lado, mostrava-se disposto a agir com mais decisão. Eliziário, desmoralizado pelos seus contínuos reveses, fora substituído na presidência da província pelo Dr. Saturnino de Souza e Oliveira a no comando das armas pelo general Manuel Jorge Rodrigues. Greenfell, que se encontrava em Montevidéu, recebera ordem de reassumir o comando das forças navais, caído em desgraça Mariath depois da derrota do Caí.

Empalidecia, pelo visto, a estreia dos revolucionários. O ministro Rego Barros, retornado ao Rio de Janeiro, dizia-se convencido de que

a revolução se encontrava em vésperes de debelada. "Não trepidarei em afirmar ao Parlamento que o triunfo da Constituição e do trono não está distante, e que a duração da campanha já não pode ser longa". Muito mais significativo, porém, do que as palavras jactanciosas do ministro da Guerra, seria, à compreensão dos espectadores avisados, um tema de excepcional eloquência: Bento Manuel ameaçava abandonar, pela segunda vez, os rebeldes. Quem soubesse compreender os acontecimentos através das atitudes dos homens já não poderia ter dúvidas quanto às ingentes dificuldades que assoberbavam a República.

*

O panorama político do Uruguai acabara de sofrer nova mutação. Oribe, renunciante ao poder, fugira para Buenos Aires; e Rivera, chefe da revolução vitoriosa, ocupando Montevidéu, assumira "provisoriamente" o governo. Dir-se-ia que a causa republicana do Rio Grande houvesse, ao menos por essas bandas, entrado em maré de sorte. Com efeito, alguns meses antes celebrara o governo de Piratini uma convenção de mútuo auxílio com Frutuoso Rivera, muito precisado então das boas graças dos continentinos. Seria admissível que, chegado ao poder, faltasse Rivera à fé dos compromissos solenemente exarados naquela convenção?

A pergunta pareceria absurda, sempre que não se referisse a compromissos de caudilho. Mas é como um dos mais acabados expoentes do caudilhismo que esse curioso personagem deve ser estudado e compreendido. Por certo, sempre existiram caudilhos de nobres atributos morais. E não haveria por que duvidar de que mais numerosos tenham sido, através da história, os *buenos* que os *malos.* Entretanto, por uma dessas aberrações tão comuns nos panoramas políticos sul-americanos, há de notar-se que nestas sociedades em formação maior influência tiveram quase sempre os que mais ofendessem o ambiente social pelos seus rudimentares atributos morais. Não se conheceu, na Argentina, uma "época de San Martín", nem de Pueyrrédon, nem de Alvear, nem de Dorrego: mas houve, especificamente, "o tempo de Rosas". E no Uruguai, não seria Artigas nem Lavalleja quem mais se entranhassem no *substractum* da sociedade do seu tempo, mas Rivera.

Por isto, seguramente, se vem emprestando àquele vocabulário, de preferência, sentido pejorativo. Como os fatos podem mais que o léxico, e o corrigem e modificam – tal qual acontece com a moeda – o caudilho

malo foi expelindo do mercado o *bueno.* Quem diz simplesmente caudilho tem sempre em mente um homem sem escrúpulos, refalsado, traiçoeiro, mendaz e que vive alguns degraus abaixo do nível da moralidade comum. Despido de preconceitos éticos, instável em todas as suas atitudes, ambicioso e egocêntrico, ele só tem por mira a conquista do poder. Chegado às últimas do mando considera o Estado uma grande estância de sua propriedade individual. Que importa a Constituição, que importam as leis, se ele tem e manifesta pela dignidade da palavra humana um descaso integral?

As leis hão de ser o sopro da sua vontade. E se a Constituição o incomoda, ele a substitui por outra. Só fala para enganar. E tanto mais se jactará das suas qualidades quanto melhor souber iludir os homens que lhe houverem dado crédito. *"Comme gouverneurs ils ne consultent que leurs interêts personnels, se croient des droits absolus sur toutes les choses et les personnes de leurs pays: ils usent des uns et des autres comme dune ferme"*, escreve o diplomata Deffaudis, que os conheceu de perto num convívio de anos.

É sobretudo ao longo das linhas fronteiriças que o caudilhismo tem o seu *habitat.* E sobre as margens do Uruguai, pode dizer-se que ele encontrou, em todos os tempos, clima especialmente favorável ao seu desenvolvimento. O caudilho dessas paragens, misto de indolência andaluza, de humildade jesuítica, de hipocrisia aborígene, faz lembrar instintivamente os dramas morais das Missões. Falso por atavismo, degrada por onde passa homens e instituições, polui regimes e caracteres, abastarda sociedades, desmoraliza gerações. E essa era a "querência" de Rivera.

Chegado ao poder por uma revolução que se dizia feita para impor o respeito à Constituição e às leis, a primeira resolução do caudilho consistiria simplesmente em declarar suspensas as leis e a Constituição. O chefe dos "constitucionais", o revolucionário das reivindicações democráticas, o paladino das leis, cuja austeridade ele se propunha salvar das malversações de Oribe, basearia a sua autoridade conquistada pelas armas insurgentes não na reposição dos textos legais, mas numa ditadura sem limites. O grotesco de tais situações pesou por muito tempo como um opróbrio sobre a reputação dos países da América Latina. Incapazes de construir nada de elevado, de útil, de duradouro, esses regimes traziam dentro de si mesmos os germens da desagregação, da anarquia. No caso de Rivera, reduzidos à impotência os seus adversários, começaria a reação a produzir-se contra a esterilidade da sua dominação e a imoralidade do seu arbítrio entre os indivíduos que mais de

perto o rodeavam. *"La situación* – escrevia um dos seus mais íntimos sequazes – *cada vez se presenta más rodeada de peligros. El caudilaje que ha sido la causa de todos los males que pesan sobre estos desgraciados paises, como la hidra asoma mil cabezas y labra la infelicidad del Uruguay. Todos nuestros trabajos han sido estériles, pues en vez de orden vivimos en un desorden continuo, y en vez de respecto a las leyes se las conculcan todos los días el país no puede seguir así e no puede ser el patrimonio de ambiciosos vulgares."*

Rivera, como caudilho, não seria melhor nem pior do que o comum dos representantes da sua espécie, mestiços morais das fronteiras entre o homem civilizado, que sabe respeitar-se a si mesmo, e o bárbaro, que ostenta impávido o mais absoluto desprezo pelos homens com quem trata. Faltar à palavra dada não é, para essas figuras de rudimentar conformação, desdoiro nem indício de desonra pessoal: significa, pelo contrário, esperteza, habilidade, inteligência, tino político. O seu descaso pelos princípios que sustentam nas horas da conquista é sempre sem limites. *"Ad una politica pratica i principi valgono per quel che producono e non per quel che predicono."* A máxima do cinismo florentino pareceria estruturada a preceito para esses grandes desmoralizadores da civilização americana no seu período caudilhesco.

Não se enganavam os republicanos rio-grandenses nem os estadistas do Império com o caráter do caudilho oriental, de tão rumorosas façanhas. Dizia Limpo de Abreu, no Parlamento brasileiro, que Don Fructo seria sempre infiel a todo aquele com quem tratasse. *"Usted no se fie de Don Fructo* – recomendava Dorrego – *es hombre que ofrece mucho y no cumple nada".* E o marechal Sebastião Barreto advertia: "Não se fie de Rivera. Ele é meu compadre, eu o conheço bem, é um diabo, um velhaco." Os revolucionários do Rio Grande demasiado o conheciam. Se com ele pactuaram, foi porque a tanto se viram constrangidos pelos acontecimentos, desde que Oribe passara a entendimentos diplomáticos com o Rio de Janeiro.

Apenas voltado ao poder, procurou Rivera aliança com o Império, completamente deslembrado do convênio assinado com o governo de Piratini e dos enormes favores de que se lhe fizera devedor. Percebeu Bento Gonçalves o perigo que ameaçava, por esse lado, os interesses da República, e despachou para Montevidéu a José Mariano de Matos, em missão diplomática especial. Os entendimentos entre o ditador e o representante do governo de S. Cristóvão já se faziam às escâncaras. Uma comunicação confidencial do plenipotenciário rio-grandense retraça perfeitamente o quadro: – "A conduta

de Fructo é bastante equívoca; alimenta a um e outro partido. E não obstante as suas promessas, quem sabe a quem atraiçoará, se aos imperiais, se aos republicanos? É preciso estar prevenido e muito prevenido para o desenlace desta questão, a fim de que não nos seja funesta, caso Rivera nos atraiçoe".

O plenipotenciário do Brasil havia sido escolhido a dedo para aquele posto: Pedro Chaves, irmão de Fernandes Braga. Ele faria em Montevidéu o que fosse humanamente possível contra os farroupilhas. Mas o odiento personagem não se mostrava, por sua vez, confiante na atitude de Rivera. Referindo-se à missão diplomática rio-grandense, informava ao Rio de Janeiro que os farrapos haviam sido muito bem recebidos. "Percorriam os lugares públicos da capital exibindo livremente os topes, as divisas tricolores", apesar da reclamação por ele interposta. "Mas tudo capacita a acreditar – acrescentava – que o pretenso ministro nada conseguirá."

Do outro lado do Prata, Rosas não ficava inativo. Percebendo a grave infidelidade de Rivera em relação aos seus aliados e protetores de ontem, trata de tirar vantagens da situação. Lavalleja dirige-se em carta ao seu amigo e compadre Bento Gonçalves, encarregando de entregá-la pessoalmente ao destinatário Don Ventura Coronel, que entrou por Bagé. "Não somente o primeiro magistrado – informava o enviado confidencial de Rosas – mas a generalidade dos cidadãos desta nova Republica desejam com ânsia pôr-se de acordo conosco." E mais para adiante, anunciava que dentro em breve seguiria para Buenos Aires um ministro rio-grandense, com suficiente autoridade junto ao governo encarregado das relações exteriores da Confederação.

Desde que a inconstância de Rivera ameaçava cerrar aos republicanos o porto de Montevidéu, onde Castellini se esforçava em trocar couros e gados pelas mercadorias necessárias à revolução, impunha-se entabular negociações à margem direita do Prata. Mas, discreto e cauteloso, Bento Gonçalves, que assim conhecia as figuras do tabuleiro, não se deu pressa em mandar a Buenos Aires o representante da República, no que agiu com acerto. Porque, sob o influxo de circunstâncias várias, também o governo de Rosas não tardaria a inclinar-se, ligeiramente que fosse, pró Império. "Um dos objetivos no trato diplomático iniciado em Buenos Aires, era o de conquistar seguro porto de entrada para os fornecimentos que dependiam do ultramar, ameaçados como estavam de perder o da capital uruguaia".

Verificando isso impossível, não haveria por que despender tempo com inócuas andanças pelas avenidas de Palermo. A traição de Rivera, primeiro, a displicente mutação de Rosas logo em seguida, mostravam que no Prata se considerava extremamente precária a situação do novo Estado. Tão certo que os caudilhos de ambos os lados só se moviam inspirados pelas preocupações de vantagens palpáveis, imediatas.

Antes de vencida a primeira metade do ano IV, as dificuldades defrontadas pelas armas republicanas não poderiam apresentar-se mais penosas. Não que o interior do Rio Grande não lhes continuasse adito, e sim porque todas as suas empresas marítimas haviam malogrado. O corso em alto-mar nada produzira de útil. Roberto Bisley, que retomara a tentativa de Garibaldi com o corsário *Patriota,* conseguira apenas apresar um brigue e atirá-lo, a duras penas, sobre a barra do Tramandaí. Nesse assunto não havia que insistir. As guerrilhas navais da lagoa, por sua vez, não tinham correspondido às expectativas do governo. Porque a barra do Rio Grande não significava apenas o acesso para o Atlântico, mas também a garantia do domínio sobre as águas interiores. E as ameaças de um fechamento definitivo do porto de Montevidéu se faziam cada vez mais prementes. Era o bloqueio, a ameaça do estrangulamento, da asfixia. Essencial, se a República pretendia subsistir, a conquista de um respiradouro próprio, seguro, inexpugnável. Um porto marítimo, eis, no momento, a sua necessidade vital.

Há muito traziam os republicanos em observação o porto da Laguna, refúgio de numerosos rio-grandenses, "na maioria afeiçoados à causa revolucionária". O projeto expansionista viera se formando e amadurecendo ao sabor das circunstâncias. Os municípios do planalto catarinense, raianos com o Rio Grande, mostravam-se, desde o começo da luta, francamente simpáticos à causa liberal. Sentiam, como os vizinhos, a imperiosa urgência da federação; e as suas populações se inclinavam instintivamente a favor do regime republicano.

O plano, agora, parecia perfeitamente viável. Meses antes, auxiliada por pequeno contingente de rio-grandenses, a vila de Lajes se insurgira contra o governo provincial, para declarar-se desligada de Santa Catarina e unida por laços de federação à República de Piratini. Bento Gonçalves dirigira-lhe eloquente conclamação: "Fazei troar em meio de vossas montanhas o brado glorioso da vossa emancipação absoluta. Vossa posição geográfica, vos-

so caráter, vossos hábitos e usos, tudo concorre a irmanar-nos: liguemo-nos para sempre em anel firme; sejamos um e o mesmo povo; que a Providência, que a todos os homens fez livres, não deixará, porque é justa, de abençoar nossos esforços e de fazer prosperar as Nossas Armas."

Dez dias depois, podia o chefe do Estado falar novamente ao vizinho povo, já então para congratular-se com a sua "heroica resolução de aderir à causa sagrada da República Rio-grandense". Produzira-se – dizia – a incorporação de Lajes ao território do Rio Grande pela espontânea resolução dos seus habitantes. Mas a República estaria sempre pronta a devolver-lhes os seus juramentos e a permitir que o município se reincorporasse a Santa Catarina, "desde o momento em que se houvesse aquela província constituído livre e independente do jugo imperial".

Rossetti celebrava o acontecimento pelas colunas do *O Povo:* "Eis aí mais um laço de muralha que por si mesmo e estrondosamente se destacou do imperial edifício, verdadeira estátua de Nabuco... Não tardarão outros povos a imitá-lo; o que tiver a consciência da sua dignidade se unirá à causa sagrada que defendemos, abandonará os seus opressores e salvará o Brasil inteiro pelo meio único com que lhe é possível salvar-se". Referia-se o articulista ao *leit-motiv* da revolução: a autotomia das províncias, dentro do regime republicano-federativo.

Antônio Inácio de Oliveira Filho, aclamado capitão comandante da força armada do novo município da República, declarava-se convencido da necessidade da união de Lajes à família rio-grandense e da sua adesão ao sistema republicano, ao qual, de longa data, dera ele próprio o apoio da sua consciência: "Eis, pois, lajeanos, firmemos sobre bases sólidas e indestrutíveis o formoso edifício da nossa liberdade, sob a poderosa égide do Governo Republicano Rio-grandense, a um tempo sábio e paternal".

*

Chegara, pois, a ocasião de romper o anel constritor da República e de dar-lhe, por fim, o indispensável respiradouro sobre o mar. Decididamente, a Providência não abandonava os esforços dos republicanos. Na hora mais crítica da luta, quando mais uma vez haviam naufragado os seus esforços pela reconquista de Porto Alegre; quando o governo se via na contingência de transportar num comboio de carretas os arquivos da administração; quan-

do o Janus platino tornava a abandoná-lo pelas vantagens mais apetecíveis que o Império lhe oferecia, eis que a expansão territorial e a conquista de um porto se mostravam extremamente facilitadas pelos acontecimentos que acabavam de produzir-se no mais importante núcleo do planalto catarinense.

Para dirigir as operações contra a Laguna foi escolhido Davi Canabarro. Já nos longes anos da mocidade, nas guerras da Cisplatina, granjeara esse homem justa fama de bravura. No desastre do Rincón de las Gallinas, quando as tropas imperiais ameaçavam debandar em pânico, um alferes "à frente de quarenta milicianos, investe contra o inimigo vitorioso, obriga-o a refluir e permite que a retirada se organize em relativa ordem". Esse alferes é Davi José Martins, que conquista nessa prova os galões de tenente. Depois foi ferido em Gualeguaí, esteve em Sarandi, combateu no Passo do Rosário sob as ordens de Bento Gonçalves. Firmada a paz, abandona o serviço das armas e volta a ocupar-se nos trabalhos do campo, associado a seu tio Antônio Ferreira Canabarro, cujo nome, mais tarde, incorporaria ao seu.

Foi nessa situação que o encontraram, ou melhor, o surpreenderam os acontecimentos de 20 de setembro. Vivia completamente arredio das complicações da política. Nada sabia, ou sabia mal, do que se passava em seu derredor. Ao começo da revolução, deixou-se ficar inativo. Não compreendia aquele caos. Afinal, por que se fizera a revolução? Para depor o presidente da província como diziam uns? Para derrubar o trono, como queriam outros? Para separar o Rio Grande da comunhão brasileira, conforme assoalhavam muitos? Para essa última hipótese, não contassem com ele. Decididamente contrário à ideia seccionista em si mesma, só admitia a separação como meio para conseguir a autonomia das províncias. E foi quando o rumo dos acontecimentos começou a clarear que ele se decidiu a cingir a espada como combatente voluntário e incorporar-se ao movimento.

Desde a primeira hora, tiveram os caramurus e os farrapos a sensação de que um novo valor militar surgira nos campos de operações. O seu heroísmo na *Cerca de Pedra,* logo depois a derrota que infligia a Silva Tavares, feito prisioneiro por ele no combate de Arroio Grande, e uma série ininterrupta de façanhas lhe permitem percorrer com excepcional velocidade a escala das promoções.

Homem de caráter severo, valente como poucos, discreto, perspicaz, resistia às mais duras provas morais e as maiores fadigas físicas. Não gastava inutilmente as palavras. Calado, prudente, positivo de maneiras,

tinha um olhar todo seu, que se escoava através das pálpebras semicerradas. Nunca se deixava levar pelos primeiros impulsos. "É preciso ouvir as duas partes", ponderava. "Falava português pelo dicionário rio-grandense", diz um contemporâneo que de perto lhe acompanhou a vida. Taciturno, às vezes ríspido, quase sempre desconfiado, faltava-lhe, sem dúvida, aquela poderosa irradiação de simpatia, tão viva e irresistível em Bento Gonçalves e Neto. Não se notabilizaria como ídolo de multidões. Mas inspirava confiança pela franqueza, pela lealdade, pela desambição. Forjara o seu destino pelos seus próprios esforços. Era um homem.

Decidida a expedição, receberam ordem de incorporar-se a ela o major Joaquim Teixeira Nunes e a capitão-tenente José Garibaldi. Teixeira faria a vanguarda das tropas; comandaria Garibaldi o ataque por mar. *"Si meditó las spedizione nella provincia di Santa Catarina, ed io fui chiamato a parte di quella."*

Apontam as *Memórias* as dificuldades do projeto. Como sair da lagoa, guardada a sua embocadura pelos imperiais? Garibaldi aborrecia os impossíveis. E agora, como em outras ocasiões, só tinha um pensamento: afastar-se dos lugares onde vivia, pela necessidade de evadir-se das suas próprias preocupações. A vida às margens do Camaquã já lhe parecia intolerável. Era mister que ele saísse dali, de qualquer maneira.

Quando lhe requererem o aviso sobre o ataque naval à Laguna, rejubilou. Não se preocupassem os chefes com as peripécias da empresa. Dos barcos que a República possuía, dois poderiam continuar operando na lagoa sob as ordens de Zeferino Dutra, excelente marinheiro, em quem punha toda a confiança. Ele e o seu *inseparabile Grigg* se encarregariam de levar ao Atlântico os outros lanchões. Para tanto, requisitaria apenas algumas rodas e juntas de bois. Quando Canabarro chegasse, já as encontraria à sua espera para o assalto à cidade.

Terceira Parte

. . . .

Capítulo I

A TRAVESSIA DOS LANCHÕES

APENAS REPOSTO no comando das forças navais, assentou Gre-enfell desalojar os revolucionários do Itapuã e acabar de vez com o que enfaticamente se chamava "a esquadra da República". A primeira dessas empresas não lhe podia oferecer dificuldades. Quando menores os recursos da legalidade e as posições dos insurgentes bem mais fortes no promontório setentrional da lagoa, ele os varrera de lá a canhonaços e fuzilaria. Quanto aos lanchões de Garibaldi, porém, um ano de experiência demonstrara a impossibilidade de alcançá-los em águas abertas. Aqueles *damned pirates* conheciam o ofício e não se deixavam caçar como ratos. Para acabar com eles só havia um meio: arrasar-lhes o próprio ninho. Contentara-se Mariath, grande forjador de projetos, com vigiar à distância as costas do Camaquã, pois que não dispunha de navios apropriados para aventurar-se entre os baixios. E os corsários, burlando-lhe sistematicamente a vigilância, estavam dando por terra com o prestígio da divisão naval do Império.

Não se enganava o fleumático almirante quanto à facilidade com que a ponta do Itapuã voltaria a cair-lhe nas mãos. Pressentidos pelos insurgentes os preparativos do inglês, abandonaram a posição e, valendo-se das trevas da noite, embarcaram num dos navios que os custodiavam.

Greenfell saiu-lhe no encalço. Mas eles, como sempre, lograram fugir à perseguição, sumindo-se nos meandros da costa, onde encontravam, em tais circunstâncias, a sua melhor defesa.

Na margem oriental da lagoa, num fundo de saco chamado da Roça Velha, não muito acima do Itapuã, desemboca o pequeno rio Capivari, cujas cabeceiras se encontram numas águas de pouco fundo que circundam os contrafortes meridionais da serra Geral. Sua barra, obstruída de prolongados bancos, é como a do Camaquã, coberta de cerrada mataria. Foi nessas paragens de difícil acesso que se embrenharam os corsários, perseguidos de perto pelas embarcações legalistas. "Da meia-noite para o dia 29", informava Greenfell ao presidente da província, "os rebeldes abandonaram as suas posições do Itapuã e Ponta do Junco, podendo, protegidos por espessa cerração, retirar um lanchão que tinham amarrado debaixo de suas baterias. Segui atrás deles na barca a vapor *Cassiopeia,* examinando com cuidado toda a costa do Capivari, lugar onde, constava-me, os outros lanchões inimigos estavam reunidos. Achei, com efeito, um pequeno arroio, onde eles se achavam escondidos, sem contudo os poder ver da minha baleeira; e estando o mato ocupado por infantaria inimiga, vi que nada se podia fazer sem força de terra. Mandei o primeiro-tenente José Ricardo Coelho de Abreu com quatro canhoneiras para os bloquear e voltei a Porto Alegre a fim de consultar o general; e de acordo com ele, aguardo uma força daqui para destruir de uma vez esses piratas."

Foz do rio Capivari, local do embarque em carreta dos lanchões de Garibaldi. Fundação P. do Couto e Silva. (detalhe)

Apenas preparada a expedição – quatro pequenas canhoneiras com reforçado armamento e o vapor *Águia* conduzindo duzentos homens de infantaria – Greenfell rumou para Camaquã. Ia primeiro destruir a base dos corsários. Os "engarrafados" no Capivari ficavam para depois.

Foz do rio Capivari, local do embarque em carreta dos lanchões de Garibaldi. Fundação P. do Couto e Silva. (detalhe)

Completamente desguarnecido o delta, pôde com todas as cautelas preparar o assalto. Não permitia a correnteza que as canhoneiras subissem o rio. Deixou-as fundeadas na embocadura, com o *Águia.* E embarcando em lanchas e escaleres os marinheiros mais robustos e cinquenta soldados, adentrou-se nas sinuosas águas em procura do inimigo. "Dois dias e meio trabalharam alternadamente a remos e a espia", e vencendo numerosos obstáculos chegaram finalmente a lagoa Formosa, "onde os rebeldes tinham ocultado suas embarcações, oito léguas distante da barra".

Surpreendido com a súbita aparição de tão forte contingente, tentou Zeferino Dutra, no primeiro instante, oferecer alguma resistência. Mas para animar aqueles homens, para infundir-lhes confiança com os multiformes recursos da sua tática, para eletrizá-los com os exemplos da sua bravura, faltava Garibaldi. Sob as ordens suas faziam milagres. Pareciam autômatos que a vontade poderosa do chefe manejasse com um simples olhar. Longe

dele, faltava-lhes todo o espírito de iniciativa. Atarantados, confundidos, não sabiam como agir. Procurava em vão Zeferino conclamá-los a uma defesa em regra. Mas, trocados os primeiros tiros, deram tudo por perdido e embrenharam-se nas florestas, tão logo viram os caçadores saltar dos batelões. Quando a *razzia* dos legalistas já estava terminada com a ocupação dos barcos, apareceram "algumas partidas de cavalaria que nada fizeram e se contentaram em observar", enquanto Greenfell retirava de um vizinho capão mastros, correames, ferramentas, todo improvisado arsenal da esquadrilha. "Nesse mesmo dia desceu a expedição, sem ser molestada, para junto das canhoneiras." A tropa auxiliar voltou para Porto Alegre; as canhoneiras seguiram para o Rio Grande com a notícia de que Greenfell "tomara ao inimigo cinco lanchas e dois iates, reduzira a cinzas o madeirame de um brigue e outras embarcações, matara sete "carcamanos" e aprisionara dois, sem novidade alguma". E ainda de bordo do *Águia,* o comandante das forças navais comunicava ao ministro da Marinha o feliz resultado da expedição. "Julgo que esta notícia", dizia, "será muito agradável a V. Exa. e ao comércio desta província, por tanto tempo incomodado por estes piratas."

*

Enquanto os legalistas, mantendo guarda à barra do Capivari, supunham questão de dias a rendição das unidades rebeldes ali refugiadas, aprestava-se Garibaldi para o lance culminante das suas proezas de corsário. Punha Greenfell especialíssimo cuidado na prisão do audacioso chefe da esquadrilha. A vitória da lagoa Formosa, bem o sabia, não fora completa, pois que entre os mortos, e os capturados não se encontrava o animador dos piratas. Com muita astúcia referiam-se suas informações à morte de vários "carcamanos". Quem quisesse poderia concluir estivesse Garibaldi no seu número. Mas ele não ignorava que o comandante dos lanchões subira o Capivari. Fazia-se mister uma nova expedição por terra e por água para batê-lo. E foi a Porto Alegre preparar-se para a empresa, enquanto as canhoneiras do tenente Abreu, cautelosas, guardavam os acessos à enseada da Roça Velha. Garibaldi, a quem os legalistas imaginavam ansioso por voltar à lagoa, remontou aquelas águas – que têm de profundidade máxima quatro metros e meio e de largura menos do que isso – até onde o permitia o reduzido calado dos lanchões. Pôde subir, assim, duas léguas acima da

foz. Encontrada uma paragem favorável, por detrás de uma curva do rio, fez alto na avançada. E mandou cortar bastas folhagens para recobrir os mastros, que pareceriam, à distância, grandes árvores cujos portes se elevassem acima do nível das matarias adjacentes.

Foz do rio Capivari, local do embarque em carreta dos lanchões de Garibaldi. Fundação P. do Couto e Silva (vista panorâmica).

Antes de iniciar a marcha em direção à Laguna, havia Canabarro descido a Mostardas para examinar por onde mais favorável a travessia dos lanchões. Chegara até Tramandaí. Lá ordenara que se mandasse ao Capivari toda a cordoalha sobrante dos salvados do *Tentador.* E tomou rigorosas providências no sentido de assegurar o êxito do projetado empreendimento. Interceptou as comunicações em direção a São José do Norte. Ninguém devia chegar nem sair das trincheiras que rapidamente se abriam ao sul e a oeste do povoado. Requisitou o gado disponível na região para escolher duzentos bois, no mínimo, em condições de serem aproveitados em

serviços de tração, os quais deveriam estar prontos para seguir, a qualquer momento, em rumo ignorado dos habitantes das redondezas. Ordenou que se preparasse com toda a urgência a guarda nacional, servida de montarias em quantidade suficiente para que cada praça levasse consigo três cavalos. Postas em prática essas medidas e numerosas precauções de menor alcance, foi ele próprio ao lugar em que se encontravam os lanchões, a fim de instruir Garibaldi das observações que fizera e auxiliá-lo no gizamento da rota a seguir entre o Capivari e a lagoa de Tomás José.

Mais de cinquenta milhas medeiam entre esses dois pontos. A planície "muito uniforme e coberta de uma relva rasa" mostra-se intérmina para as bandas do sul, limitada ao forte pelos últimos contrafortes da Serra Geral. O terreno é baixo e alagadiço. De distância em distância, algumas sombras de árvores, pitangueiras, butiás, aroeiras. Seria esta, na época, uma das regiões mais atrasadas da província, apesar da sua proximidade da capital e da circunstância de requerer a pecuária, ali, apenas um mínimo de cuidados. Deixavam-se os gados à lei da natureza, nos campos, em completa liberdade. Nem se preocupavam os criadores em dar-lhes sal, pois que as pastagens se apresentam salgadas pela proximidade do mar. Consistia seu único trabalho "em acostumar os animais a ver os homens e a entender seus gritos, a fim de que não ficassem completamente selvagens". Havia ainda, nessas paragens, quantidade de gados alçados, sobrevivência da Real Fazenda do Bojuru, fundada cem anos antes por Silva Pais, que ali mandou soltar cerca de duas mil vacas e fundou o posto militar de Tramandaí, a fim de obstar a deserção dos soldados do presídio de São Pedro para a Laguna e a ilha de Santa Catarina. Terras trilhadas pelos passos dos pioneiros da civilização no Rio Grande, os Britos Peixoto, os Domingos de Filgueira, os Cristóvãos Pereira, os Sousas Faria, os Gonçalves de Aguiar, elas iam ser teatro, agora, de uma façanha nunca superada pelo arrojo e pela energia dos homens, em nenhuma parte do mundo.

Como empreendimento semelhante ao que preparavam os farrapos nos campos da costa rio-grandense, recorda a história antiga o que fez Antônio, depois da batalha de Actium. E em tempos mais próximos, no século XV, o que praticou o sultão Mohamed II, quando fez transportar suas naves de Coregia ao Bósforo, numa extensão de dez milhas, através dos vales de Delma-Bagdgê. Mas não há termo de comparação entre

as possibilidades ao alcance de um e de outro e os recursos mais do que primitivos com que tiveram de haver-se os marinheiros da República.

Também nas margens setentrionais do Prata, conta Bauzá na sua *Historia de la dominación española*, os orientais, premidos por idêntica necessidade, transportaram suas diminutas embarcações por terra, a fim de se livrarem da vigilância do inimigo. E mais tarde, ainda no Uruguai dois corsários a serviço da Confederação, Fournier e Soriano, encheram de pasmo as populações da campanha transferindo em carretas suas embarcações da costa de Maldonado às águas da lagoa Mirim, para fugirem ao bloqueio dos cruzadores do Império. Mas tratava-se, num e noutro caso, de reduzidíssimos lenhos, "tipo balandra ou *cutter,* ao passo que dos navios de Garibaldi, ambos do molde escuro, o *Farroupilha,* nave capitânea, arqueava dezoito toneladas e o *Seival* doze, armados um e outro de quatro canhões de bronze, com setenta homens de tripulação e combate".

Apresentava-se a empresa, em verdade, novelesca na concepção, revestida das mais transcendentais dificuldades técnicas, de enorme alcance na sua aventurosa execução. Concebida pela audácia de Garibaldi, ela teve para realizá-la o valor quase sobre-humano de algumas dezenas de homens, que não se arreceariam dos maiores sacrifícios, desde que deles pudesse decorrer alguma vantagem para a ideia coletiva de que todos estavam possuídos. Causa admiração, sobretudo, que nada do empreendimento houvesse transpirado nos arraiais dos legalistas. É de imaginar-se o espanto dos homens simples do campo, testemunhas daquelas cenas de energia e coragem, a que estariam dispostos a prestar seus auxílios valiosos e desinteressados, como "vaqueanos" do terreno, conhecedores dos seus menores acidentes. Comprovação, ainda, tal sigilo, da perfeita identidade de sentimentos existentes entre a causa da República e as populações do interior, sem a qual a revolução, falha desde os primeiros momentos dos indispensáveis recursos de ação, não poderia ter enfrentado, durante dez anos, as armas do Império.

*

Sem perda de tempo, mais confiado do que nunca no êxito dos seus esforços, atirou-se Garibaldi à realização do plano, que obtivera a aprovação do governo, do comando do exército e de Canabarro. Encostados os lanchões à terra, começou por descarregá-los das peças de artilharia

e demais armamentos, das munições de boca, de tudo, enfim, que pudesse aliviar-lhes o peso. Os canhões foram colocados sobre carretas de maior solidez, e em viaturas comuns a outra carga.

Enquanto parte do pessoal se entregava, dias consecutivos a essa faina pesada e áspera, outros lotes de trabalhadores, munidos de machados e facões, abatiam as árvores e "roçavam" mataria das margens. Na picada, larga de muitos metros, construiu-se depois, nivelando-o com a ribanceira do rio, um extenso plano inclinado, pelo qual seriam levadas à água as pesadas rodas que se estavam construindo em fazenda próxima, sob as vistas do hábil mestre carpinteiro Joaquim de Abreu. Eram doze as rodas, enormes e possantes, seis para o transporte de cada uma das embarcações, discos maciços de resistentes madeiras constringidas em aros de ferro. Grossas vigas ligavam as rodas aos pares.

Vários dias foram gastos nessa construção. Simultaneamente, avançavam os trabalhos da pesada carpintaria e dos improvisados engenheiros ocupados no nivelamento do terreno. Garibaldi estava em toda parte, ordenando, ajudando, corrigindo. Pesava-lhe a convicção da quase completa inutilidade dos seus esforços, até então, à testa da irrisória força naval dos revolucionários. Por certo mais não fizera porque se vira sempre desajudado dos mais imprescindíveis recursos materiais. Mas, de qualquer maneira, ele também se enganara sobre as possibilidades práticas do corso nas águas da lagoa. Gastara doze longos meses quase inutilmente naquelas loucas correrias, tão cheias de perigos quanto destituídas de vantagens reais.

Terminada ao cabo de dias a construção das rodas, algumas juntas de bois arrastaram-nas à picada. E daí foram transferidas com cuidados maiores para junto do rio e mergulhadas nas águas, por maneira que as quilhas dos lanchões pudessem ser postas sobre as suas vigas. Seria essa, por certo, a parte mais difícil da empresa. Alguns botes tocados a remo e numerosos nadadores, afrontando as águas gélidas do Capivari, gastaram horas a fio no trabalho, que se diria impossível, de sotopor as enormes rodas aos cascos dos navios. Nunca haviam parecido àqueles rudes trabalhadores tão desmesuradamente grandes, tão incrivelmente pesados aqueles lanchões. Várias vezes malogrados os esforços, outras tantas houveram os trabalhos de ser retomados, até que se conseguiu colocar o lanchão maior, o *Farroupilha,* sobre os três pares de rodas. Em seguida, foram ajustados

sob as quilhas, de três a três, os grossos eixos da carreta, cuja construção se terminava assim debaixo d'água. E depois amarrou-se a essas vigas, com grossos cabos, o casco do navio.

Vozes de entusiasmo celebram o resultado final de tanta pertinácia. Agora, trata-se de jungir ao engenho os bois, que rapidamente se encangam. Em poucos minutos estão atrelados dezesseis possantes juntas. Chega, enfim, o momento de pôr à prova definitiva a viabilidade do plano.

De cada lado das juntas postam-se cavaleiros e gente a pé, armados de aguilhadas. Tudo pronto para a arrancada, a um sinal do chefe os gritos usados na campanha para despertar e pôr em movimento os bois de carga atroam os ares. As aguilhadas cravam-se, impiedosas, nos flancos dos animais. Dir-se-ia que o esforço dos homens fosse, em tudo, correspondente ao dos bois, senão maior ainda. A boiada, espavorida com a gritaria e fustigada pelas pontas das hastes manejadas com destreza, dá um arranco, estaca, movimenta-se de novo, num supremo esforço para safar-se dali. O madeirame dos eixos e das traves estala. Entesa-se a cordoalha. Mais um arranque, e a tensão excede à capacidade de resistência. Quase simultaneamente, rompem-se diversos cabos. Com o violento desequilíbrio, o lanchão oscila e por momentos parece que vai tombar sobre o lado em que é mais acentuado o declive. Mas, por sorte, as rodas afundam no lodo da praia. E a inércia produz a estabilidade daquele conjunto fantástico, que esteve a pique de soçobrar por completo.

O desapontamento do malogro dura apenas alguns instantes. A energia de Garibaldi é, nestas horas, uma chama. Ele vai examinar o estado das rodas, dos eixos, dos cabos que cingem o lanchão. Discute com os seus homens a causa do acidente e mostra-lhes a maneira pela qual o serviço deve ser retomado de imediato. É preciso colocar as rodas de modo que elas se mantenham em harmonia *"col centro di gravità"*. Mais de vinte e quatro horas são necessárias para desencravar as rodas, refazer com moirões, galharia e folhagens o plano inclinado, e para reparar e reforçar a cordoalha rota.

No dia seguinte, pela tarde, recomeçam com maiores cautelas os trabalhos de tração. Desta vez, cuidadosamente observadas as experiências da véspera, consegue-se arrancar das águas a carreta. Enorme é o júbilo de quantos tomam parte no empreendimento. Gritos de alegria ressoam

pelos campos e pelos matos rasteiros do Capivari. Entre todos, Garibaldi é o mais tranquilo. Louva o esforço de uns, a perícia de outros. Manda que a carreta avance até o meio da picada. Sem perda de tempo, conclama a tripulação e os trabalhadores voluntários para levarem ao rio o outro jogo de rodas, sobre o qual há de fixar-se o segundo lanchão. E com menor dificuldade do que o primeiro consegue-se também trazer à terra o *Seival*, menos pesado do que o *Farroupilha*.

Começa, logo em seguida, a marcha através dos campos úmidos, em grandes trechos completamente submergidos. As chuvas desse inverno estavam sendo excepcionalmente abundantes. Os carreiros das estradas melhores eram, em longas extensões, canaletes d'água. De hora em hora, de momento a momento, o comboio estacava. E os homens da tripulação, improvisados sapadores, armados de pás e enxadas, atiravam-se à reparação dos caminhos abrindo vales, entulhando atoleiros, construindo pontilhões. Piquetes corriam os campos em todas as direções, perquirindo os horizontes, observando as andanças dos moradores da região. Outros cuidavam da boiada, por maneira que sempre houvesse um excesso de animais descansados, em condições de jungidos às cangas.

Os dias vão passando. Penosamente, mas cercado de toda a segurança, o comboio avança. A pouco e pouco, o terreno se torna mais arenoso. Ao longe, rumo de leste, já se divisa a linha esbranquiçada dos cômoros e se ouve, como um soturno trovão longínquo, a arrebentação das ondas. Mais um sol, e a marcha terá chegado ao termo depois de oferecido, durante seis dias, tão inesperado quão *"curioso spettacolo ai pochi abittatori di quella contrade"*.

O metódico, o sistemático Greefell continuava entrementes a preparar-se, com aquela sua maneira conscienciosa e minudente, para levar o assalto definitivo aos piratas refugiados no Capivari. E para evitar que lhe fugissem, permaneciam as conhoneiras do tenente Abreu em cuidadosa vigilância sobre os canais de acesso à barra impraticável do rio.

Do Mampituba para baixo, até à barra do Tramandaí, estende-se entre o oceano e as abas da serra Geral uma série de pequenas estreitas lagoas, quase todas ligadas entre si por sangradouros de pouco fundo. As duas do extremo meridional misturam as águas por um canal dessa espécie: e uma delas, a de Tomás José, comunica com o mar pelo rio Tramandaí, o

"Tramandabum" do roteiro de Figueira. Estende-se a lagoa de norte a sul, paralelamente ao oceano. Suas águas quase paradas cavaram, com milenares preguiças, aquele desaguadouro marítimo, sempre considerado impróprio à navegação por quantos lhe estudaram o fugitivo leito. Tão pouco aparente é essa barra que muitos navegantes, descobridores e cartógrafos passaram por ela sem dar fé da sua existência. Vasconcelos parece constituir entre eles uma exceção. Descrevendo a costa meridional do Brasil, depois de referir-se à Laguna, passa ele ao "rio de Martim Afonso", pelos 30°, o qual, segundo Nicolau Dreys, deve ser o Tramandaí, então provavelmente mais considerável. Anotou Saint-Hilaire que é difícil encontrar-se outro lugar tão triste. "Miseráveis e mal cercadas palhoças à margem do rio. Por todos os lados se percebe apenas areia pura, da qual o vento faz levantar nuvens de pó, emprestando à natureza a imagem da mais perfeita esterilidade e miséria." Os ventos sopram constantemente nessas regiões, e os do mês de julho, quando ali fez alto a expedição de Garibaldi, são sempre violentos e frios. Quando vêm de leste, em vez de desaguar a lagoa no oceano é o oceano que atira suas ondas encapeladas para dentro do canal. As águas dessa lagoa, como das demais, são doces; mas as do sangradouro são salgadas.

Seis meses antes, possivelmente a instâncias de Garibaldi, mandara o governo da República examinar por uma comissão de entendidos a aproveitabilidade dessa barra. Mas os técnicos tinham sido de unânime opinião que aquele filete fugidio, com menos de quatro palmos de fundo, seria sempre completamente impraticável. Confirmavam destarte os avisos uniformes de quantos anteriormente haviam feito ali idênticos estudos. Essa era, mesmo, a "esparcelada costa sem abrigo em surgidouro", descrita por Fernandes Pinheiro; "a pouco amorosa *linha de praia*, limpa completamente de enseada ou ilha, e que "não dá o menor abrigo aos navegantes", a que se referira Pizarro.

Outro bem diverso fora, porém, o parecer de Canabarro, quando por lá se deteve a observá-la com as suas vistas perspicazes e a inquirir os habitantes do local. Entendeu o cabo de guerra de seu dever chamar a atenção do governo sobre a barra do Tramandaí. "Sua vantagem é clara a todas as luzes, especialmente para circunstâncias presentes. O trabalho de conservá-la e de ter um estabelecimento de guia aos que a demandarem não nos deve desanimar. Agora, que faltam águas do interior, ela apresenta

quatro palmos de fundo e três de meio na arrebentação do baixio; devemos entender que, havendo abundância d'água e trabalho que faculte sua corrente, tornando-a mais veloz e que aprofunde o canal, conseguir-se-ão oito a nove palmos, pelo menos cinco a sete, na barra." Tivera essas informações de "pessoas experientes do lugar". Além das vantagens apontadas, outras havia: a facilidade que oferece a região ao corte e preparo de madeira para a construção naval, abundante sobre a costa da serra que beira as lagoas. Não o impressionava o parecer dos técnicos, completamente contrário ao seu modo de ver. A comissão se limitara apenas a examinar o estado atual da barra, não cogitara "dos melhoramentos de que ela é suscetível". Sob as vistas do próprio Canabarro, iriam agora confirmar-se ou não essas previsões.

Chegada a expedição à beira da lagoa, construíram-se pesadas pranchas sobre as quais os lanchões deslizaram à água sem maiores dificuldades. Deitaram ferros não longe da praia. E em batelões e lanchas, foram conduzidas para bordo as peças de artilharia, munições de guerra e de boca, tudo quanto fosse de mister e pudesse ali obter-se para a perigosa travessia. Dois dias se gastaram nesses preparativos. Depois transferiram-se os navios para a entrada do canal, à espera de condições favoráveis que lhes permitissem tentar a surtida. Soprava rijo o vento sul. O mar, agitado como sempre, parecia querer tragar a terra, tal a sua fúria. À tarde do segundo dia, ultrapassou a maré a altura calculada. Mas o tempo continuava prenunciando tempestade. Dentro em pouco, desabaria o pampeiro. Durante a noite toda, "relâmpagos riscavam o horizonte carregado de nuvens". Contudo, não seria possível retardar por dias ainda a prova suprema. Ademais, as condições do tempo não se modificariam sensivelmente para melhor, nessa quadra do ano. No outro dia, às primeiras horas da tarde, deu Garibaldi ordem de suspender âncoras. E os dois lanchões, desfraldando a bandeira da República, abriram as velas à tempestade e afrontaram a procelosa arrebentação do mar.

*

A Canabarro, que acompanhava da praia as peripécias da surtida, parecia que tudo houvesse corrido em ordem, sem novidade alguma. Na realidade, porém, à saída da barra estiveram os navios a ponto de naufragar. As ondas avançavam furiosas contra os pequenos barcos, cujos cascos a todo

momento batiam no fundo do canal. Os práticos operaram prodígios de destreza. Afinal, ao cair da noite, conseguiram transpor a barra. Já fora da arrebentação, fizeram pequena pausa. O *Seival*, comandado por John Griggs, tomou a dianteira. Nas suas águas tratou de seguir o *Farroupilha*, cujo comando fora confiado a Eduardo Matru, e que levava a bordo Garibaldi como chefe da expedição. No mesmo navio, no posto de imediato, ia Luigi Carniglia, e quatro italianos mais, entre eles Luigi Staderini.

"Desde o Tramandaí, mostrava-se o vento ameaçador, soprando com violência até que a pouco e pouco, se transmudou em desabalada procela." Vinha de sueste: era o "carpinteiro da praia". Imensos vagalhões limitavam o horizonte. O *Farroupilha* navegava a pouca distância de terra. Esse vento, anotara Dreys, "pequena possibilidade deixa de fugir às embarcações que apanha de improviso na vizinhança da costa, a não serem elas extraordinariamente boas de bolina". Aproximava-se o navio do ponto de máximo perigo, pelos 30° e 40' de latitude. Estava à altura da foz do Araranguá. "Nessa posição, o sinistro é quase inevitável."

Percebeu Garibaldi a impossibilidade, com tal vento de fazer-se mais ao largo. As ondas se abatiam com estrondo sobre o convés, varrendo-o de ponta a ponta e ameaçando submergir o navio, que ia sobrecarregado com o peso das peças e de muitos utensílios. Dos trinta homens da tripulação, grande parte vencida pelo enjoo estava completamente inutilizada para qualquer trabalho. Os outros, apavorados, não sabiam o que fazer. Persistir nessa situação equivalia a um naufrágio certo. Em desespero de causa, só havia um recurso a ser tentado: transpor a barra do Araranguá. Quando mesmo não se evitasse a sinistro, talvez fosse possível salvar-se a tripulação. Foi o que resolveu Garibaldi: *"La pericolosa situazione fece concepire la determinazione d'avvicinare la costa ed approdaria communque fosse"*.

Carniglia está ao leme, de mãos firmes, tratando de executar à risca as ordens que o chefe lhe grita por entre o uivar da procela e o baque surdo dos vagalhões. Rápido, sobe Garibaldi à parte mais elevada do mastro de traquete, de onde espera orientar melhor as manobras. A tempestade está chegando ao auge. Ruge o oceano, o vento uiva, coriscos cortam as nuvens. E nesse preciso instante, uma onda descomunal se abate sobre o navio que cai vertiginosamente sobre estibordo, e arremesa Garibaldi a uma distância de trinta pés. Era o naufrágio. Gritos de angústia ferem-lhe

os ouvidos. Bom nadador, não se desconcerta. Sabe, ademais, que a costa é próxima. Não pensa na morte, pensa na salvação dos companheiros; e começa a reunir a esmo os objetos que possam servir de salva-vidas aos menos destros. Nadando, trata de empurrá-los na direção do barco, que começa a afundar. Clama aos homens ficados a bordo que se atirem ao mar e diligenciem por chegar àqueles caixões e pedaços de madeira. E agarrado ele mesmo a uma tábua, chama, desesperadamente, pelos amigos:

– Carniglia! Matru! Staderini!...

O primeiro que encontra é Matru, de mãos presas a uma enxárcia. Impele-o a uma porta de estiva, que flutuava nas imediações, e brada-lhe que não a largue de nenhum modo Carniglia, que para proteger-se do frio vestira um pesado casacão de calmuque, está completamente privado de movimentos. Vê Garibaldi que ele faz sinais para que lhe acuda. A rápidas braçadas consegue alcançá-lo; e lembrando-se de que tinha consigo uma faça de bolso, começa com seguros golpes a romper-lhe a vestimenta, quando um formidável vagalhão, *un maroso, con orrendo fracasso*, rebenta sobre os poucos palmos de popa que ainda se conservavam fora d'água e arrebata o navio com quantos homens permaneciam a bordo. Garibaldi, preso no redemoinho, é arrastado ao fundo com a rapidez de um projétil. Quando, aturdido pelo golpe e sufocado pelas ondas, consegue voltar à tona, o infortunado Carniglia, o amigo fraternal, o dedicado companheiro que lhe salvara a vida no rio da Prata, havia desaparecido para sempre. Dá, então, com alguns homens que fazem esforços por ganhar a terra. E quase exausto, trata por sua vez de nadar em direção a costa, *"per salvar la pelle"*.

Mal havia posto os pés na praia, vê Matru já perto de terra, mas baldo completamente de forças. As ondas lhe haviam arrebatado as tábuas salvadoras. Garibaldi atira-se de novo ao mar, para socorrê-lo com o pedaço de madeira em que ele próprio conseguira salvar-se. Já estava quase a alcançá-lo, quando uma vaga monstruosa os toma no seu vértice. Submergem ambos. Tornando à superfície, chama pelo amigo. *"Chiamai disperatamente, ma invano!"* Também este outro companheiro de infância havia desaparecido. Retorna penosamente à praia. Grita por Procópio, pelo negro Rafael, homens de valor e fidelidade a toda prova. Chama-os com extremo desespero, mas em vão. Enorme angústia apodera-se dele. Naquela praia inóspita e sobre-humanamente triste, tem pela primeira vez na

vida, a sensação inteira do abandono. Põe-se a andar a esmo, como louco. Poucos passos caminhados, descobre um vulto humano. Aproxima-se. É o catalão Manoel Rodriguez. À pequena distância, atirados a terra, vê mais alguns homens. Estão tiritando de frio, já meio desfalecidos.

– Deu à costa ali o barril de aguardente. Vamos tratar de abri-lo para socorrer esses pobres– diz a Rodriguez.

Mas também eles estão vizinhos do enregelamento. Enquanto procuram, sem resultado, levar a cabo a seu propósito, uma rajada de frio mais intenso os envolve. Instintivamente, largam o barril e põem-se a correr. Correm, correm maquinalmente ao longo da costa, em direção do meio dia. Encorajam-se reciprocamente, para correrem ainda mais. Frias nuvens de areia fustigam-lhes o rosto. Correm, mas parece que os passos não progridem, tal o ímpeto do vento que continua a soprar das bandas do sul.

Ao cabo de algumas horas, chegaram à margem de um rio, o Araranguá, cujas águas, perto da embocadura, se espreguiçam em grande trecho quase paralelamente ao mar. Continuaram caminhando ao longo dessa corrente. O chão, ali, se fazia mais acidentado. Pequenas sangas, plantas rasteiras, tocos de árvores dificultavam-lhes os passos. Completamente exaustos, só tinham uma ideia: andar, afastar-se daqueles sítios tão lúgubres, tão tristes, que lhe pareciam a verdadeira mansão da morte. De quando em quando, um deles caía. Acudia-lhe o outro. E trôpegos, recomeçavam a marcha.

Quando já haviam andado cerca de quatro milhas, viram uma luz fracamente coada entre sombras de árvores. Uma casa, por certo. Era preciso alcançá-la, à custa dos últimos esforços de que ainda seriam capazes. Mas, se fossem inimigos? Ainda assim, ainda que ali os esperasse a prisão, buscariam a qualquer preço o contato de seres humanos. Atravessando um mato de árvores ralas e baixas, entraram num pequeno campestre. Estavam em frente ao rancho. Chamaram à maneira da terra:

– Ó de casa!

Atendeu-os um homem de meia-idade, caboclo rude, de feições enérgicas. Que se aproximassem. Tomou a palavra Garibaldi para explicar a situação em que se encontravam. Não omitiu, de propósito, sua qualidade de revolucionário. Levou-os o matuto para dentro da choupana, habitada por ele, pela mulher e um filho. Ouvira com interesse a consternação

do naufrágio. Por seguro, devia ser aquele homem simpático à revolução. Aliás, toda a parte meridional de Santa Catarina já estava de fato sublevada com a simples notícia da aproximação das forças rio-grandenses. Em lugar de inimigos, encontravam os náufragos aliados; e longe de combatidos, viram postos à postos à sua disposição todos os auxílios de que dispunha aquela pobre gente.

Passaram a noite no rancho. No dia seguine, Balduíno – esse o nome do habitante da choupana – o capitão Balduíno ofereceu-lhes os cavalos que fora possível encontrar. E sem perda de tempo, guiados por ele, puseram-se a caminho rumo do noroeste, para alcançar a vanguarda de Teixeira Nunes, que se dirigia em marchas forçadas sobre a Laguna, esperando surpreendê-la.

. . . .

Capítulo II

A TOMADA DA LAGUNA

NÃO APENAS PELA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA, excêntrica, perdida no deserto, mas ainda pelas próprias razões políticas da sua fundação, estava a Laguna destinada, desde os primeiros dias, a olhar para o sul. Centenas de léguas se interpunham entre o esquecido povoado e a vila de Santos. Dir-se-ía que fosse ali o fim do Brasil. Para diante, rumo do meio-dia, era a aventura, o desconhecido, a conquista.

A fundação da Colônia do Sacramento, em 1680, impusera aos portugueses o estabelecimento desse ponto de comunicações e de socorro, a meia rota entre São Vicente e o Rio da Prata. Tivera por fim a criação da Colônia determinar o meridiano de Tordesilhas nas possessões das duas metrópoles. Mas, enquanto subsistissem dúvidas a respeito da repartição das terras gizadas na célebre convenção, aquele posto militar, dilatando ao máximo possível a fronteira portuguesa, firmaria o *uti possidetis* em favor dos direitos de Sua Majestade Fidelíssima. O Continente de São Pedro, não sendo ainda domínio reconhecidamente lusitano, já tampouco formaria também parte incontestada do Vice-Reinado do Prata. Terra de ninguém, aberta pelo sul e pelo oeste às incursões espanholas, pelo mar e pelo norte à infiltração dos reinóis e dos bandeirantes, região divisória entre duas soberanias, ela perten-

ceria afinal ao mais audaz na luta, ao mais hábil nas discussões diplomáticas, ao mais resistente no afrontar as privações do deserto.

Inteiramente despovoado o território, mister se fazia explorá-lo, submeter o gentio, semear núcleos humanos nos campos ao longo do Atlântico. No começo do século XVIII determinava o governo do Rio de Janeiro a Francisco de Brito Peixoto, nomeado capitão-mor do recente povoado, que abrisse comunicações para o sul, entrasse em contato com os silvícolas e informasse sobre o estado daquelas terras. Começara, assim, o posto extremo da pacífica dominação portuguesa a cumprir a sua destinação política. Quase ignorada do norte, a Laguna abria os seus olhos para o sul. Foram rasgados caminhos através das florestas, estabeleceram-se invernadas, construíram-se choupanas. A ligação da Laguna com a Colônia do Sacramento dava início a incorporação brasileira do Rio Grande.

Quando Silva Pais entrou na barra de S. Pedro e fundou o forte de Jesus-Maria-José, já eram aquelas paragens conhecidas pelo roteiro de Domingos da Filgueira; já Bartolomeu Pais de Abreu obtivera licença para abrir uma estrada de S. Paulo até o Rio Grande, já Luís Pedroso Castanho se oferecera a rasgar uma picada naquelas terras, "que desse comodidade e bastasse ao sustento dos gados e cavalgaduras"; já o sargento-mor Francisco de Sousa Faria ocupara o seu regimento em idênticos misteres, levados a cabo depois pelo pioneiro Cristóvão Pereira de Abreu. A penetração da Laguna precedia, assim, de muitos anos, a posse oficial do Rio Grande em contraposição às avançadas espanholas.

A partir dessa época, foi a gente da Laguna perdendo o contato direto com a Colônia. O seu comércio de gados, que aumentava de importância, fazia-se com o Continente de São Pedro. O presídio de Silva Pais florescia. As terras ao longo da costa eram doadas em vastas concessões, nas quais surgiam os primeiros estabelecimentos regulares destinados à exploração dos gados. Os habitantes da Laguna demandavam o sul. A estrada que os conduzia às terras do Rio Grande, caminho político de transcendente importância no delineamento das nossas fronteiras, deixava de ser, através dos anos, um trilho de esporádicos aventureiros. O seu leito, batido pelos cascos das tropas, deprimido pelo peso das rodas rechinantes das carretas, tornou-se estável, inalterado ponto de referência na doação das sesmarias, acidente regular das divisas de fazendas. Penetrada no Rio

Grande, ramificava-se em duas direções: uma, a antiga, continuava península em fora até o povoado de S. José do Norte; a outra apartava-se do tronco primitivo na altura das Pitangueiras, e atravessando os campos do Capivari, tomava terra adentro o rumo de Viamão. "Laguna, Rio Grande e Viamão eram centro que entre si mantinham constantes comunicações de defesa e comércio."

*

A revolução rio-grandense encontrou, desde os seus primórdios, eco de grande ressonância entre as populações do sul catarinense. Araújo Ribeiro, dirigindo-se às autoridades vizinhas, denunciava que entre "os gigantescos planos" dos farrapos, se contava o propósito "de anarquizar e conquistar Santa Catarina". E o presidente José Mariano, em proclamação aos habitantes da província, referia-se a esses propósitos de expansão revolucionária: "Em seu delírio atreve-se" a facção republicana a avançar "que já estais com ela para, unida com a do Rio Grande, formar uma nação independente". Tomava em especial cuidado o presidente da província que a sua fala tivesse ampla distribuição "principalmente na Laguna". Encontravam-se nessa vila numerosos refugiados do Rio Grande, simpáticos na sua maioria à revolução. E nas discussões sobre os motivos e as finalidades do movimento, não poucas vezes se faziam ouvir pregando abertamente a adesão à causa dos rebeldes. A Laguna tomava jeitos, assim, de uma antessala dos farrapos.

O governo do Desterro não poderia cruzar os braços em presença de tal estado de coisas. E procurou por todas as maneiras evitar o contágio da rebelião. Despachada foi para a fronteira do Mampituba uma força sob as ordens do coronel Marques Lisboa, com recomendação de não molestar por nenhuma forma os habitantes de Laguna. Mas reconhecendo "que a crise começava a se fazer sentir em Santa Catarina", resolveu o presidente observar em pessoa o estado dos ânimos naquela vila. O que lhe foi dado notar, em vez de tranquilizá-lo, deu-lhe uma sensação mais exata do perigo, "pois pôde avaliar o sentir da população na sua maioria adepta dos princípios republicanos".

Gozava a legalidade de pouquíssimo prestígio por aquelas bandas. O povo já não acreditava na palavra do governo. Soldados do extinto regimento de "barrigas-verdes", à espera que lhes fossem pagos os soldos,

viviam da caridade pública. A administração, nas mínimas coisas, se desmoralizava. Às promessas da revolução, porém, quase toda gente dava crédito. O ambiente da política municipal concorria para aumentar as simpatias pelos insurgentes. O domínio dos Franças, potentados tradicionais, antigos arrematadores dos dízimos, era antipático à população. Os membros da malvista família distribuíam entre si e seus apaniguados todos os cargos de representação pública, os empregos mais rendosos.

Quando Francisco da Silva França, juiz de paz e tenente-coronel de milícias, recebeu a ordem de preparar um contingente de guardas nacionais que marchasse para a fronteira do Rio Grande, a população não atendeu à ordem militar, afixada em boletins. Os revolucionários mais exaltados percorriam as casas dos conhecidos, convencendo-os de que a chamada ao serviço não passava de um dos habituais estratagemas de França para exercer vindictas entre seus desafetos. Os oficiais de linha, por sua vez, fizeram sentir a Lisboa que as reduzidas praças do segundo corpo se recusavam a seguir para o sul. Com os soldos atrasados, não podiam deixar as famílias na miséria. Eles mesmos, os oficiais, acatariam a ordem, contanto lhes mandasse o governo abonar o dinheiro necessário à aquisição de fardamentos. Como estavam não poderiam ir à guerra. Recebeu com enorme surpresa o coronel a mal disfarçada negativa dos oficiais. Viu a sua autoridade abalada. Mas, baldo de meios para impor-se, transigiu.

Mostrava o penoso incidente quanto havia progredido a indisciplina no seio da tropa. Os manejos dos revolucionários triunfavam. Correu pela vila que os oficiais tramavam a deposição de Lisboa, a prisão do coletor das rendas nacionais – outro França, João Francisco de nome – e o assassinato do chefe político e tenente-coronel de milícias, Silva França, disposto à reação, indagou do comandante do segundo corpo se podia contar com a força de linha para conter os insubordinados. A resposta foi evasiva. Vendo que nada havia a fazer, irritado, o "mandão" retraiu-se, à espera dos acontecimentos. Nessa mesma noite, um republicano exaltado, João Tomás de Oliveira, chefiando numeroso grupo, foi postar-se à frente de sua casa, dizendo-se em altas vozes, "partidários de Bento Gonçalves, o pai dos pobres, e não de um ladrão, amigo de Bento Manuel", como o era o tenente-coronel e juiz de paz. Quebrava-se o encanto dos Franças. A pretexto de tomar assento na Assembleia Provincial, o juiz de paz abandonou

a vila. “Convulsionado estava o distrito de Laguna.” Os acontecimentos mostravam que “a maioria da população comungava das mesmas ideias que agitavam os filhos do Rio Grande”.

Boletins sediciosos infestavam o distrito, convidando o povo à revolta, que seria auxiliada por elementos do segundo grupo. O motim deveria deflagrar no dia do Senhor dos Passos, quando reunida a população nos festejos da igreja. Adiou-se a festa. Não obstante, na data, os pontos principais amanheceram cobertos de proclamações sediciosas, instigando a deposição da câmara municipal. Oliveira Tavares, que interinamente substituíra Silva França no juizado de paz, não se atemorizou. Pôs de prevenção a guarda nacional, mais de cem homens, que foram ocupar as imediações do quartel e outros sítios pelos quais poderiam irromper os amotinados. Numerosas famílias, em pânico, abandonaram a vila, refugiando-se em fazendas próximas ou ganhando em pequenas embarcações o outro lado da lagoa.

Lisboa também recebera denúncia de que inferiores e soldados do seu corpo, aliciados por alguns conhecidos revolucionários do lugar, “só esperavam o toque de recolher para com eles pegarem em armas, a fim de levarem a efeito a deposição do coletor e do comandante do corpo”. Conjugando seus esforços com os do juiz de paz, foi para o quartel, cujas guardas reforçou. Mandou reunir os oficiais. E quando lhes expunha o que havia chegado ao seu conhecimento. “deu-se a tentativa de levante, manifestada por gritos sediciosos e ameaças proferidas pelos insubordinados”. Agiram os oficiais com energia e presteza, conseguindo abafar no nascedouro a rebelião. Alguns soldados quiseram sair à rua, mas foram logo presos. Patrulhas da tropa de linha, rondadas por Lisboa, guarneceram a vila. Os ânimos continuavam exaltados. Ninguém podia estar tranquilo. Sufocado embora o motim, a Laguna continuava com os olhos fitos nos acontecimentos do sul.

*

Entendeu a Regência tornar-se necessário, na província limítrofe do Rio Grande, a presença de um homem enérgico, merecedor da inteira confiança do centro. Foi nomeado presidente e comandante das armas o português adesista João Carlos Pardal, reacionário de fama. “Cheio de

prevenções contra o povo que ia administrar, ali se apresentou cercado de aparato militar." Rodeou-se de péssimos elementos esse que fora valido incondicional de Pedro I e o era agora, com o mesmo entusiasmo, do governo constitucional do Brasil. Entendia defender a ordem, como nos tempos da vontade pessoal de um homem, impondo ideias, amordaçando a liberdade de pensar e de dizer. "Desconfiado do povo, deixou de parte os oficiais da guarda nacional, composta de brasileiros, a quem chamava de republicanos, inimigos do regime, ao mesmo tempo que para seus auxiliares nomeava de preferência patrícios seus, partidários do absolutismo."

Um dos alvitres de Pardal consistiu em guarnecer o porto da Laguna com alguns navios armados, que servissem também de proteção às forças destacadas na fronteira. Comandava a guarnição da vila o coronel Vicente Vilas-Boas, inepto e pusilânime, sabedor mais que ninguém de que a situação em todo o sul catarinense se fazia cada vez mais precária à legalidade. Destacado foi o capitão-tenente Ricardo Hayden, comandante da escuna *Pirajá*, para organizar a defesa marítima do porto. Tudo estava ali em desordem. Nem havia mesmo oficiais para comandar os navios, de todo desaparelhados para a ação.

Hayden sugeriu as providências que lhe pareciam mais urgentes. Semanas depois, outra parecia a situação. Estavam ancoradas no porto sete embarcações: a escuna *Itaparica*, comandada pelo primeiro-tenente Ernesto Alves Branco Muniz Barreto, o brigue-escuna *Cometa*, pelo guarda-marinha José Manuel Morais e Vale: a canhoneira *Imperial Catarinense*, pelo piloto José de Jesus: a canhoneira *Santana*, pelo segundo-tenente Honório Manuel José de Sousa: a canhoneira *Lagunense*, pelo piloto José de Beça; e mais dois lanchões armados.

Que os revolucionários do Rio Grande ameaçassem invadir a província, ninguém o ignorava. O *Jornal do Comércio*, do Rio de janeiro, publicara, um mês antes da expedição de Canabarro, uma correspondência de Porto Alegre, na qual se denunciava com pormenores o projeto: "Pessoas vindas dentre os rebeldes nos asseguram de que tentam mandar uma expedição à província de Santa Catarina com o fim de sublevarem os pacíficos habitantes daquela província e os obrigarem a separarem-se da comunhão brasileira. O assassino Onofre e o general em chefe de tal expedição, que deve marchar por estes dias, devendo reunir-se aos Aranhas

que descerão da Vacaria com toda a força que daquele lugar possam trazer. Esta notícia, que a muitos não merece peso, julgamos que deve merecer toda a atenção por parte do governo; pois que não há dúvida que se têm preparado os ânimos em Santa Catarina para a revolta: e que muitos dos nossos revolucionários se foram abrigar naquela província: e por isso ali existem os elementos necessários e só falta quem lhe dê começo, para o que vai o verdugo do cadete Onofre. Que de vítimas não serão imoladas por esse homem perverso, que seu prazer é de ver jorrar o sangue humano."

*

Enquanto Pardal preparava, às pressas, a defesa da Laguna, meia dúzia de temerários farroupilhas, chefiados pelo coronel Filipe José de Sousa Leão, conhecido pela alcunha de *Capote*, baixava dos Campos da Vacaria para o litoral de Araranguá, reunia ali alguns republicanos a marchava com eles rapidamente sobre a guarda da Barra Velha, que fora derrotada. No distrito de Araranguá, engrossou-se a coluna de uns trezentos homens, gente de José Francisco da Silva a da família Rebelo, vítima de violências das forças legalistas. Com o armamento conseguido na Barra Velha, prosseguiu *Capote* sem perda de tempo em direção ao norte. Pôs em debandada as guardas do Camacho e da Carniça. Ocupou esses lugares. E confiado no sucesso da empresa, demandou o Campo da Barra.

Já da Laguna havia saído a unir-se a ele Marcelino Soares da Silva, à frente dos populares simpatizantes da causa republicana. Isidoro Fernandes, outro filho do lugar, mais tarde marechal do exército brasileiro, foi dos primeiros a corresponder-lhe aos inflamados apelos. Ao mesmo tempo, descia de Lajes outro destacamento revolucionário, sob as ordens do coronel Serafim Muniz de Moura, e tomava de assalto a vila de Tubarão. De todos os lugarejos próximos, acorriam voluntários para as improvisadas fileiras de combatentes. "Grande foi o alvoroço na Laguna à aproximação das colunas revolucionárias: entusiasmo da parte dos filiados ao partido republicano, preocupação e nervosismo nos arraiais da legalidade." Silva França procurou chamar às armas os seus guardas-nacionais. *Capote* já acampara com a sua gente a margem direita do canal da Barra, defronte ao bairro do Magalhães. De lá, intimava a tropa legalista à rendição. Determinou Vilas-Boas que a canhoneira *Lagunense* e duas lanchas tripuladas

por setenta homens armados, "subissem a rio Tubarão até a Carniça, a fim de desalojar os rebeldes daquela posição; e que a escuna *Itaparica*, tomando um pelotão de setenta infantes, se dirigisse para o Campo da Barra, a fim de expulsar outro agrupamento dos farrapos, que ali se entrincheirara". E receando uma possível conivência entre as tropas de linha e os atacantes, mandou, desatinado como sempre, desmontar o forte fronteiro à vila, cujo material foi recolhido a bordo de uma das canhoneiras. O *Lagunense* e os lanchões desembarcaram parte da tropa no capão de Miraguaia procurando flanquear os rebeldes, que alertados em tempo, frustraram o ataque. Houve cerrado tiroteio, com baixas em ambas as partes. Também a *Itaparica*, nesse meio tempo, operava o desembarque, protegida pela ação da artilharia. Procuravam os republicanos atraí-la ao combate, formados em dois esquadrões. "Como os imperialistas não contassem com tropas montadas na ocasião, deixaram de prosseguir no avanço; e os sediciosos, vendo que não lhes seria possível assenhorear-se da Laguna com a facilidade imaginada. retrocederam sobre Campo Bom, onde se instalaram." Na retirada, arrebanharam "todo o gado e cavalhada que puderam". E entrincheirados naquele reduto, quedaram-se à espera da divisão de Canabarro, que se aproximava.

*

Ainda no distrito de Araranguá, reuniram-se os náufragos à vanguarda da coluna. Célere correu a notícia do desastre por toda a divisão. Via-se Garibaldi, a cada momento, obrigado pela afetuosa curiosidade dos expedicionários a retomar o relato do naufrágio. E indagava-se do paradeiro de Griggs. Teria também soçobrado o *Seival*? Iam em curso ainda essas ansiosas interrogações quando, ao atingir a vanguarda a lagoa de Garopaba, tiveram a grata surpresa de encontrar ancorado ali o segundo barco da expedição. Mais resistente e bem construído que o *Farroupilha*, apesar de menor, conseguira atravessar a tempestade e transpusera a barra do Camacho, de acordo com o plano delineado.

As águas que banham a Laguna comunicam com o oceano por duas aberturas: pela barra propriamente dita, pouco ao sul da vila: e através do Tubarão e da lagoa Garopaba, pelo desaguadouro do Camacho. A barra da Laguna, segundo se lê em velhos documentos, era inicialmente quase

impraticável. O seu continuado uso e os trabalhos dos homens foram, através dos séculos, cavando mais fundo o leito. A barra do Camacho, essa, na opinião geral, não se prestaria jamais como via de articulação com o Atlântico. Por ser essa a convicção comum, descuidaram-se os legalistas de vigiá-la. E pôde, destarte, o *Seival* transpô-la, num momento de águas consideravelmente crescidas em consequência das chuvas do inverno, e passar tranquilamente a lagoa de Garopaba. Já ali estacionava desde vários dias, sem que o inimigo próximo suspeitasse da sua presença. Daí para diante, porém, naquele dédalo de sinuosos canaletes, a avançada se faria impossível sem a ajuda de um prático.

O Seival. Reproduzido do livro A Revolução Farroupilha (1835-1845) *de A. T. Fragoso. Rio de Janeiro, Almanak Laemmert Ltda., 1938, p. 141.*

Garibaldi passou imediatamente para bordo do navio. "Graças à perícia de um filho do local, o marinheiro João Henriques", conseguiu subir o Tubarão, que deságua pelo oeste na lagoa. E assim lograram os marinheiros da República chegar à enseada da Laguna, onde se mantiveram ocultos até a entrada em ação da coluna de Teixeira Nunes.

Itinerário provável de Garibaldi para levar os navios da lagoa dos Patos ao Atlântico. Reproduzido do livro A Revolução Farroupilha (1835-1845) *de A. T. Fragoso. Rio de Janeiro. Almanak Laemmert Ltda. 1938. p. 131.*

Tão depressa deram os navios ancorados no porto pela presença da vanguarda nos areais do sul, romperam contra ela as baterias da *Itaparica* e do *Lagunense*.

Durante horas, com pequenas intermitências, mantiveram o fogo. Súbito, porém, a sua atenção é despertada por um fato estranho. Surge de sudoeste nas águas da baía um navio com a bandeira da República Rio-grandense. Por onde entrara esse barco-fantasma, que não transpusera a barra? Enorme abalo produz a misteriosa aparição entre os já desmoralizados defensores da praça. Positivamente, esses farrapos pareciam ter pacto com o demônio. Seria esse o único navio a surpreendê-los dessa maneira? Não viriam outros ainda, na esteira dele? Confirmava-se, pois, o que se vinha boquejando na vila: que Garibaldi conseguira transpor a barra do Tramandaí com alguns dos seus lanchões. Durante a noite e sem ser pressentido pelos legalistas, o grosso das forças de Canabarro se incorporava à vanguarda, que do Camacho continuava a dirigir-se sobre o Campo da Barra. Ordenara o comandante chefe que cem homens de infantaria embarcassem no *Seival* para serem levados à outra margem, onde deveriam abrir caminho ao avanço da coluna.

Faz-se o navio de vela. Mas a breve trecho, sobrevém um acidente que deixa transido o comando da divisão: o barco encalhara num traiçoeiro baixio, a pouco mais de meio caminho da outra margem. O contratempo não poderia ser pior. Já na flotilha imperial se apercebem que o lenho revolucionário está encalhado. Mede Garibaldi, num relance, a gravidade da situação. Se os imperialistas logram atacar o *Seival* encravado naquele banco, o desastre será completo. Serve-lhe, no lance, a aprendizagem nas águas do Camaquã. Sem perda de um minuto, ordena aos marinheiros que se atirem ao mar e que, braços ao costado, tratem de safar o navio.

Dezenas de punhos hercúleos, nervosos, se enrijam na desesperada decisão de darem de si toda a energia naquela tremenda, angustiosa situação. Sabem que ali se trata de vencer ou morrer. Estão dispostos todos a vender caro a vida. Garibaldi está entre os da frente, na posição mais exposta ao inimigo. Não exige dos seus homens nenhum sacrifício que ele mesmo não faça. Voz firme, chama-os um a um, pelos nomes, animando-os, infundindo-lhes confiança no êxito, arrastando-os pelo exemplo e pela palavra ao máximo esforço na empresa. Ao cabo de alguns minutos, já começa o casco

a mover-se. Depois, parece que estaca de novo. Redobram os empenhos da maruja. De bordo, numerosas varas, habilmente manejadas, ajudam o trabalho. Nenhum daqueles braços largará o costado do lanchão enquanto capaz ainda de um último arranque. De novo a quilha progride alguns palmos. Mais uma contração de músculos, decidida, desesperada, suprema; e um grito de alegria, uníssono, celebra o êxito da incrível tentativa.

Livre da traiçoeira areia, o *Seival* flutua novamente. Com a rapidez do relâmpago já está Garibaldi sobre o convés, orientando as manobras. Reerguem-se as velas e põe-se em marcha o lanchão, que, sem nenhuma novidade mais, consegue atravessar o canal entre as lagoas de Garopaba e Santa Maria. Entra, depois, no sangradouro pelo qual essa lagoa se comunica com o Tubarão; e surge, afinal, destemerosa a ufana, nas águas que banham a vila. A flotilha legalista prepara-se para impedir-lhe o avanço. Na impossibilidade de enfrentá-la, o *Seival* atém-se a ligeiras escaramuças. Avança, recua, hostiliza quanto pode o inimigo e apodera-se de pequenas embarcações que lhe são necessárias para o desembarque da tropa. Depois, reentra no Tubarão, a ver se atrai para situação menos favorável o adversário. Garibaldi recebe ordem de assumir o comando de um destacamento, a duas léguas dali. Griggs continua a bordo do *Seival*.

No correr da segunda noite, aproxima-se o grosso das forças de Canabarro, estacionárias, até então, no Campo da Barra. A gente de Teixeira toma posições nas florestas da margem direita, "um destacamento nas vizinhanças do Campo da Carniça, outro a boca do vale". Consiste o plano dos atacantes em surgir simultaneamente de vários rumos, por forma a confundir o inimigo nas providências da defesa e dar-lhe a impressão de que está sendo acometido por um exército de milhares de homens.

Conforme previra Garibaldi, não ficam inativos durante a noite os navios da flotilha. O *Imperial Catarinense* atravessa a baia e sobe o Tubarão, postando-se em posição vantajosa para o combate. Atraindo o *Seival*, trataria de arrastá-lo à desembocadura do rio; lá o surpreenderia, em ataque de flanco, o *Lagunense*. E se percebesse em tempo a manobra e não engajasse fogo, quedaria inutilizado naquele recôncavo para o grosso da ação que ia iniciar.

Sobre a margem do rio, não longe do lugar onde estava o barco imperial, estão de guarda três homens, comandados pelo cabo Manuel de Castro Oliveira, filho da Cachoeira. Logo que veem ancorando o navio,

sem medirem a desproporção das forças, abrem sobre ele nutrida fuzilaria. Surpreendidos de inopino, atarantam-se os tripulantes da canhoneira. Mas o piloto José de Jesus, que o comanda, não é homem que se atemorize da luta. Responde ao fogo com extremada decisão. De terra, convenientemente emboscados, os agressores dão-lhe ideia de numerosa vanguarda. A fuzilaria alerta os acampamentos revolucionários. "Os rio-grandenses contavam com o inimigo mais tarde."

O comandante chefe expede ordens urgentes aos postos avançados para que se execute, sem perda de tempo, o plano do ataque geral. Teixeira manda ao local os tenentes Joaquim Henriques e Teodoro Ferreira com os necessários socorros. Redobra o ímpeto da investida ao *Catarinense*. O estrondo da fuzilaria aumenta de momento a momento. Sustentam os atacados o fogo com extrema galhardia. Já se combate, agora, a peito descoberto. Pressente-se, de lado a lado, que o êxito desse encontro decidirá em muito da vitória final.

Griggs, apenas ouvidos os primeiros tiros, faz de velas o *Seival*, que rápido se aproxima, auxiliado pela correnteza das águas. Vê-se a tripulação do *Catarinense* agredida de dois lados. O navio republicano ataca de rijo. Atroam os ares os estampidos das suas peças, cujos disparos são orientados por Griggs, ao mesmo tempo que a guarnição varre de balas o tombadilho do navio legalista. Aumenta o número dos atacantes de terra. Entrecruzado o fogo deles com o do *Seival*, a situação dos imperialistas se torna insustentável. José de Jesus, ainda assim, não arrefece na defesa, apesar de quebrado, aos primeiros tiros, o rodízio do navio. Espera que o *Lagunense* lhe venha em auxílio. Mas o tempo vai passando, a munição rareia, os mais valentes já desanimam, e o socorro não chega.

Garibaldi está no seu posto, quando o combate se inicia. De acordo com as ordens do comando supremo, ele só deveria mover-se já clareando o dia. Vê, do sítio em que se encontra, que os acontecimentos se precipitam. Sem perda de um instante, põe-se em marcha. Quando atinge a lugar onde ficara o *Seival* na véspera, Griggs já havia zarpado. Percorre a pé com a sua gente as charnecas que ladeiam o Tubarão e as lagoas. E apenas chegado ao local do combate, organiza instantaneamente uma segunda emboscada, que resolve a luta. O reforço que, sob as suas ordens, trazem os tenentes Joaquim Gonçalves e Valerigni à gente de Joaquim Henriques e de Ferreira é decisivo.

José de Jesus compreende a inutilidade da resistência. Mas não perde o ânimo. Conseguindo manobrar o *Catarinense* para a ribanceira oposta, deita-lhe fogo e abre no casco um veio d'água. Quando as chamas o devoravam, desembarca com os sobreviventes da refrega: e, protegido pela floresta, trata de ganhar distância. Vai surgir, dias depois, no Desterro. O *Seival*, limpo agora o caminho, desce as águas do rio. Na embocadura, ajudado pela correnteza, aprisiona em ousada manobra o *Lagunense*. Comanda esse navio um bravo marinheiro, Manuel Moreira da Silva, o *Maneca Diabo*. Mas a tripulação não lhe obedece à voz de comando. Atemorizada, não quer entrar em contato com os farrapos. *Marreca Diabo*, encalhado o navio, abandona-o e retorna à vila, a reunir-se às forças de Vilas Boas.

O primeiro lance da jornada terminara com a vitória integral dos farroupilhas. Seguro prenúncio de que, na subsequente, a guarnição da praça já não encontraria ânimo para opor-se ao ímpeto dos atacantes.

*

O resultado do combate produziu na vila efeitos de pânico. O inepto Vilas Boas perdia os últimos restos de serenidade. Às duas horas da tarde, convocou um conselho consultivo, por ouvir as opiniões dos oficiais e pessoas abalizadas. Assentou-se no conclave "que só se faria a retirada em caso extremo e quando se não pudesse continuar a resistência, prevenindo-se antes ao corpo do comércio e famílias para se porem em salvo os seus efeitos". Perdidos o *Imperial Catarinense* e o *Lagunense*, ficavam ainda à defesa a escuna *Itaparica*, o brigue *Cometa*, a canhoneira *Santana*. As forças de terra estavam intactas. Na retaguarda, em Vila Nova, postavam-se as forças de cavalaria e infantaria da guarda nacional ao mando do major José da Silva Ramos; e em Maruí, o destacamento comandado pelo major Luís Lopes Botelho de Lacerda. Mas, agindo em diametral oposição ao acordado no conselho, durante a noite Vilas Boas abandonou a praça sem disso dar aviso a ninguém, e foi estacionar primeiro no morro dos Cavalos, depois na enseada de Imbituba.

Às primeiras horas da madrugada, os republicanos, ignorando ainda o que se passara na vila, continuam na metódica execução do ataque. O miliciano Jerônimo de Castilhos, à frente de quarenta homens, desembarca na orla setentrional da lagoa. Cauteloso, avança. Ninguém lhe sai ao encontro. O desembarque continua. Teixeira Nunes, sabedor

da atitude de Vilas Boas, atira-se no encalço do fugitivo. Mas, grande já o seu avanço, impossível foi atingir o grosso das forças retirantes. Consegue, ainda assim, aprisionar algumas guardas da retaguarda, que são mandadas para a Laguna.

Os navios legalistas viram que nada mais havia a fazer. "Apenas recebida a ordem de retirar, o bergantim *Cometa* fez-se de velas e conseguiu sair do porto". Desinteressou-se da sorte dos outros dois que, "na precipitação de suspender a âncora, principiaram a encalhar nos baixios fronteiros à vila e daí não puderam sair antes da manhã seguinte". Garibaldi foi apreendê-los. A *Santana*, trocados alguns tiros, arriou bandeira logo que do *Seival* e do *Lagunense* partiram embarcações guarnecidas para abordá-la. Na *Itaparica* tremulava ainda o pavilhão do Império. Manda-lhe Garibaldi a intimação para render-se. O tenente Muniz Barreto despacha um parlamentar dizendo que aceitava a proposta do inimigo "não por covardia, mas por achar-se em unidade, desobedecido, e o seu navio encalhado".

Depois do desembarque de Castilhos, as demais forças de Teixeira continuaram transpondo o canal. E avançando, sem que a menor resistência lhes fosse oposta, apoderaram-se da praça. Além dos barcos de guerra, caíram em seu poder quatorze embarcações de comércio abarrotadas de mercadorias, dezesseis bocas de fogo, perto de quinhentas armas, para mais de trinta e seis mil cartuchos embalados.

A cooperação de Garibaldi fora altamente valiosa. Destaca-a Teixeira Nunes em ordem do dia: – "Iguais senão maiores respeitos e considerações adquiriu o capitão-tenente José Garibaldi, comandante das forças navais da República; e o tenente-coronel, em nome da Pátria, lhe agradece a maneira por que desempenhou a parte do plano de ataque que lhe coube executar, fazendo uma jornada de mais duas léguas por terra e sendo o primeiro a lançar-se ao mar para desencalhar o lanchão *Seival*, quando agarrado no baixio do Camacho."

Entre delirantes, frenéticas manifestações de júbilo popular, fizeram os revolucionários entrada na vila. *I cattarinensi ci accolsero come fratelli e libertatori*, escreve Garibaldi. Esperando com impaciente curiosidade o estado-maior de Canabarro, naquele dia de festa toda a gente da Laguna olhava para o sul.

. . . .

Capítulo III

A REPÚBLICA JULIANA

CONSUMARA-SE A CONQUISTA da vila como num passe de mágica. Nem houvera, por assim dizer, resistência. Contra os dezessete mortos da legalidade, apenas um revolucionário, filho de Santa Catarina, vitimado na luta. Onde os "caramurus", onde os apaniguados dos Franças? Pelo que se observava, jamais contara a monarquia naquele distrito com defensores sinceros. Andavam por empenho os distintivos republicanos. Toda gente ansiava por enfeitar-se com o tope tricolor. Não só os homens, também as mulheres vibravam de exaltação patriótica. Ao entrarem as forças, uma linda moça, filha do antigo patrão-mor do posto, Maria da Glória Garcia, arrebatando a bandeira rio-grandense às mãos de um oficial, tomara o posto de porta-estandarte do exército libertador, freneticamente aplaudida pela multidão.

Repicavam os sinos. Nas missas festivas em ação de graças pela vitória, as igrejas transbordavam. E os folguedos populares, organizados junto ao acampamento do comando chefe, prolongavam-se, ruidosos, noite adentro. As melhores famílias, a fidalguia, os comerciantes da praça, todos confraternizavam com os rio-grandenses. Era como se, no cumprimento do seu destino, houvesse a Laguna dormido séculos à espera daquele dia.

Canabarro, isolado de todos, media taciturno a complexidade da tarefa que o aguardava. Longe de seu povo, em terra estranha, como fazer frente às necessidades da guerra? Melhor do que ninguém ele conhecia a fragilidade dos seus recursos. Por certo a presa fora excelente. Mas a guerra não se fazia apenas com armas e sim principalmente com homens. E como confiar no valor militar, no espírito da disciplina, na integral, absoluta dedicação daquela gente pela causa republicana? Agora tudo era alegria, júbilo, entusiasmo revolucionário. Que seria depois, quando chegasse a hora dos sacrifícios? Mas o delírio ambiente era tanto que chegava por vezes a contagiá-lo. E resumia, então, enfaticamente, as suas impressões: – "Deste porto sairá a hidra que devorará o Império!"

Preocupava-o a organização política da região libertada. De acordo com o que assentara o governo em Caçapava, não se deveria incorporar Santa Catarina à República Rio-grandense, mas erigi-la em administração autônoma. Lisonjeava-se com esse passo o sentimento nativista da população, despertando nela o amor-próprio regional e o sentido da sua responsabilidade na luta contra o trono. A repercussão nas outras províncias seria também incontestavelmente maior, se organizado, na primeira que se libertava, um governo próprio. Ademais, convinha não esquecer ainda os compromissos doutrinários da revolução, culminantes na federação dentro do regime republicano.

Sem perda de tempo, comunicou o chefe da expedição ao governo rio-grandense o êxito fulminante da primeira fase das operações. Acreditava que dentro em pouco também a capital estivesse em seu poder. E pedia o auxiliassem no prosseguimento do plano. "Conhecendo quanto é superior às minhas forças a tarefa de que fui investido, exijo que me envieis instruções", escrevia a Bento Gonçalves.

Teixeira Nunes, na vanguarda, lançava uma proclamação aos povos: – "Empunhai as armas conosco e arrancai a segunda província ao diadema do segundo Pedro: mostrai, porém, que os verdadeiros livres, mesmo nos afãs da guerra, sabem manter a ordem, obedecer às leis e respeitar a propriedade..." E enviava uma circular aos cidadãos notáveis da província: "Proclamando a independência em vosso país, não penseis que nisso afetais os interesses do Brasil do solo sagrado dos brasileiros: pois que a República Rio-grandense, conscienciosa da sua dignidade, do espírito da

grande maioria dos brasileiros e da honrosa missão que lhe foi confiada, nada tem tanto a peito quanto a federação dos Estados seus irmãos."

Rossetti, que tomara parte na expedição como segundo-tenente de marinha e viera servindo junto ao estado-maior na função de redator de boletins e ordens do dia, continuava ao lado de Canabarro, sugerindo, objetando, auxiliando em tudo que lhe fosse possível, com aquela incansável operosidade que o distinguia como único entre milhares. Não se limitara o genovês, nas horas culminantes da ação, aos costumeiros labores intelectuais. A ordem do dia de Teixeira fizera expressa menção da sua bravura e o recomendava "à consideração dos companheiros de armas e ao reconhecimento público" pela atividade que demonstrara "na transmissão das ordens do tenente-coronel, e quando sua presença se tornava precisa na linha de combate".

Na província "que as armas do Rio Grande libertaram do jugo imperial" tudo estava por fazer, ponderava o jovem carbonário. Ressentiam-se os rio-grandenses da falta dos elementos mais imprescindíveis, não encontravam amanuenses nem mesmo tipógrafos. Dentro do júbilo popular, notava-se uma perplexidade geral. Tudo difícil, tudo fora dos seus lugares. Exigia-se ali uma vontade de aço, equilibrada e firme, para plasmar no caos o arcabouço de um novo Estado.

Cinco dias depois da entrada das forças, reunia-se a Câmara Municipal para tomar conhecimento de um ofício de Canabarro. Presentes todos os vereadores, o presidente Vicente Francisco de Oliveira procede à leitura da mensagem. Pondera o comandante-chefe que a vitória militar e a espontânea decisão com que acorriam "os livres americanos em todas as capitais do nascente Estado Catarinense as fileiras libertadoras" seriam o garante da sua estabilidade. "Que deveremos praticar em um nexo vitorioso – pergunta – quando os fatos procuram os homens e não estes àqueles? Quais os embaraços que falta apurar?" E o próprio redator do ofício responde às perguntas que formula: – "Nem um só resta, para declarar já e já solenemente a Nação Catarinense livre e independente, formando um Estado Republicano constitucional. Esse dia de grandeza nacional pertence hoje à representação municipal desta vila, que deverá servir de capital interinamente, visto que o município da cidade do Desterro, único onde um limitado número de baionetas se conserva, ainda que por curto espa-

ço de tempo, está privado de partilhar da glória de elevar com os demais concidadãos a pátria ao nível das nações do globo." E o comandante das forças, concretizando o pensamento, propõe à Câmara que, declarada a independência do Estado, tome ela a si a eleição provisória do presidente, que governará até que uma Assembleia Constituinte regularize definitivamente a situação. E recomenda não haja demora na convocação dos eleitores: "A Nação Rio-grandense praticou o mesmo em circunstâncias bem calamitosas para ela, e quando a maior parte dos seus municípios eram ocupados pelos imperialistas."

Ponderavam os tímidos camareiros a transcendência da medida sugerida por Canabarro. Que fazer? Muito mais difícil seria discordar do que concordar. E, unanimemente, os vereadores concordaram.

No dia subsequente àquele em que haviam tornado conhecimento do ofício, de novo se reúnem, com a falta apenas de um deles, e declaram a independência de Santa Catarina. Assentam que o novo Estado se regerá pelo "sistema republicano sul-rio-grandense em todo o círculo em que as fileiras da Divisão Auxiliadora Libertadora avançarem, no município e nos demais da província". Delibera-se a expedição de proclamações a todos os juízes de paz, para que deem a maior publicidade ao que resolvera a câmara "de acordo com a vontade do povo". E fixa-se o dia em que os eleitores das paróquias comparecerão perante o juiz de paz de cada cabeça de termo, munidos dos seus respectivos diplomas, a fim de lhes serem marcados local e hora para a eleição do presidente provisório do Estado.

Enquanto não se organizasse o governo, estariam a cargo da edilidade as funções executivas do Estado. Proveu a Câmara os lugares públicos, abandonados pelos serventúarios monárquicos. Nomeou um encarregado da cobrança das rendas nacionais. "visto que elas, por essa falta, se estavam extraviando". Providenciou sobre o pagamento de foros. E de acordo com o recomendado por Canabarro, mandou arrecadar e arrolar judicialmente os bens e fazendas das pessoas que haviam saído da vila, nomeando depositários que os guardassem e administrassem até final decisão do governo que se estava organizando.

Não davam um passo os vereadores sem ouvir previamente o parecer do comando militar. Rossetti, em última instância, resolvia tudo. O comandante só pensava no avanço das tropas, na dilatação do território

republicano, na conquista do Desterro. Queria saber, a toda hora, com que elementos poderia contar para as operações militares. Premido pelas suas recomendações, mandava o presidente da Câmara expedir ofícios aos juízes de paz da vila e dos distritos "para que fizessem reunir os guardas nacionais, a fim de se conhecerem as forças e o estado do armamento".

No dia marcado para a eleição, a vila apresentava aspecto de muita solenidade. Bem cedo, houve missa festiva, rezada pelo vigário Francisco Vilela de Araújo, que proferiu "uma oração laudatória sobre o auspicioso acontecimento, assistida pelos eleitores e grande massa popular". Finda a cerimônia dirigiram-se todos à Câmara Municipal, onde se realizou a eleição, presentes vinte e dois eleitores, convocados na forma da lei os suplentes dos monarquistas que haviam abandonado o município. Correu o pleito em meio do maior entusiasmo e em perfeita regularidade. Apuraram-se vinte e um votos, dezessete para o nome do tenente-coronel Joaquim Xavier das Neves, quatro para o padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro.

Cumpridas as formalidades do estilo, resolveu-se dar conhecimento da eleição ao tenente-coronel Teixeira Nunes, comandante das forças da vanguarda, a fim de que ele fizesse chegar, por seguro conduto, às mãos do presidente da nova República o diploma que se lhe acabava de expedir.

*

Entre os liberais da província, pregoeiros decididos da revolução, destacava-se Xavier das Neves como um dos mais fervorosos. Pertencia ao primitivo núcleo dos exaltados. Amigo embora dos homens do governo, madrugara na condenação dos seus ruinosos processos de administração. Os deblateradores contra as práticas inconstitucionais do centro respeitavam-lhe a palavra perenemente apaixonada pela democracia pura. A sua fama, dentro em pouco, ultrapassava as redondezas da capital, atingia os distritos mais longínquos, avassalava a província inteira. E o notável rebento de S. José, medíocre burgo que ao sul do Desterro bocejava de tédio de si mesmo, sentia-se feliz nesse geral ambiente de admiração. Sabia que as multidões repetiam os seus conceitos como sentenças dignas de menção. Comprazia-se nos louvores do público. Deles necessitava a sua delicada sensibilidade, como os ídolos das espirais do incenso.

Não confiavam, porém, os que mais de perto o conheciam na firmeza das suas convicções. Sabiam-no fraco em presença das seduções do poder. A posição fora para ele, diziam, a maneira mais fácil de exteriorizar o despeito por não o haverem chamado ainda a funções importantes na administração. Depois, vendo que daí lhe advinha considerável notoriedade, entendeu de sublinhar sua permanente desconformidade em relação ao governo. Mas bem examinadas essas atitudes, elas se mostrariam frágeis e postiças, porque, egoísta como poucos, os sacrifícios lhe repugnavam, e não compreendia pudesse alguém dedicar-se à política sem dela tirar proveitos.

Quando os acontecimentos se extremaram e todos sentiam próxima a revolução. desapontando os seus partidários mais entusiásticos, recolheu-se Neves ao vilarejo natal, quedo, amuado, impenetrável. Outros, com responsabilidades menores, lançaram-se à fogueira. Ele, cauteloso, tratava de expor-se o menos possível. Se a revolução vencesse, de qualquer maneira lhe pertenceria a glória de haver sido um dos seus preparadores. Se vencida, de que serviria sacrificar-se ele ainda mais? E não houve jeito de conseguir que saísse de São José.

Apenas instalados na Laguna, entenderam os revolucionários que ninguém lhe devesse disputar a primazia na organização do Estado. Mas a esse tempo já andava ele em secretas confabulações com o adversário. Pardal, a instâncias de um amigo comum, o juiz de paz José Bonifácio Caldeira de Andrade, mandara chamá-lo a palácio: e envolvendo-o em blandícias, conseguira sem grandes dificuldades atenuar-lhe consideravelmente os ardores oposicionistas. O prestimoso amigo pleiteava do presidente da província fosse Neves encarregado da defesa de São José contra um possível avanço dos rebeldes. Pardal ficou estarrecido. Como poderia confiar tal posto a um dos chefes mais caracterizados da oposição, apontado como representante do pensamento de Canabarro nos distritos convizinhos da capital? Mas o juiz de paz insistiu. Sabia o que fazia. E Neves aceitou a comissão que Pardal, desconfiado, lhe oferecia. Instalado no posto, "valiosos serviços prestou a bem da ordem, animando e protegendo a população assustada". Mas quando soube que a força de Teixeira marchava sobre São José e viu alvoroçada a população no desejo de confraternizar com ela, o demagogo caiu em dubiedade. Venceriam os revolucionários?

As avançadas de Teixeira haviam progredido já até Maciambu e preparavam-se para atacar pela retaguarda os retirantes de Vilas Boas. Ao dedicado Marcelino Soares da Silva foi atribuída a missão de entender-se com Xavier Neves. Havia de dizer-lhe que os republicanos confiavam nele inteiramente. Sabiam que sua atitude não passava de hábil estratagema para agir com maior proveito no momento oportuno. No ofício que lhe mandava Teixeira, era ele investido da missão de barrar o avanço de Vilas Boas, que seria atacado pela vanguarda revolucionária. E Canabarro o nomeava coronel e comandante da força incumbida de acometer a capital da província.

Alta madrugada, foram acordar o juiz de paz com a notícia de estar a vila em poder dos revolucionários. O comandante deles, o jovem Marcelino, já ocupara o quartel da comandância militar. Defrontava José Bonifácio penosíssima situação moral, garante que fora da lisura de Neves. Que pensaria dele Pardal? Dirigiu-se, ato contínuo, ao quartel; e lá lhe foi dito por Marcelino que as forças de Vilas Boas haviam sido destroçadas, e que pela estrada do Trombudo descia sobre São José uma coluna de mais de seiscentos lajeanos. Saiu o juiz de paz à procura de Neves. Encontrou-o indeciso, acobardado. Não confiava, dizia, na fidelidade da guarda nacional, que não estava em condições, aliás, de opor-se às aguerridas tropas de Teixeira. E desde que Vilas Boas fora abatido no morro dos Cavalos, "julgava inútil e comprometedora qualquer resistência do governo".

Continuava Neves navegando entre duas águas. Opôs-se à sugestão de prender o emissário de Canabarro. Não consentiria em tal procedimento com relação a um amigo, que fora ter ali fiado nas palavras dele. Mas concedeu em que se participasse ao governo o que ocorria, e se lhe pedissem urgentes reforços para contrapor aos revolucionários.

Entrou Pardal em acessos de fúria quando lhe anunciaram a sublevação de São José e o pedido de auxílio de Neves. Viu-se traído. Os rebeldes, graças aos estratagemas daquele homem, já batiam às portas da capital. Convocou às pressas um conselho de notáveis em palácio. E de acordo com eles resolveu não mandar tropa nenhuma a São José, convencido de que o pedido de socorro mal encobria novo ardil do traidor, desejoso de fortalecer-se à custa do governo. "Qualquer remessa de tropas para ali seria aumentar a força dos insurgidos, pois se haviam tornado suspeitos às autoridades." E completamente atarantado, Pardal expediu ordens para

serem demolidas as fortificações fronteiras à ilha, encravada a artilharia e retirados os bronzes e acessórios de possível utilidade aos invasores.

Vendo Caldeira de Andrade que os revolucionários não avançavam nem vinham os socorros pedidos ao governo, resolveu agir por conta própria. Enfrentou a indecisão de Neves. Mostrou-lhe que Marcelino não passava de um intrujão. A notícia por ele trazida do desbarato de Vilas Boas era audaciosa, refalsada invencionice. Não seria possível consentirem as autoridades por mais tempo na sua presença ali. Urgia prendê-lo, a fim de acabar com a estúpida confusão que vinha lançando entre as legalistas. Avisado Marcelino da enérgica atitude do juiz, tratou de ocultar-se. Alguns dos seus homens foram presos. Ele mesmo conseguiu alcançar de novo as forças de Teixeira.

Deu-se pressa o juiz em participar ao governo a reação que se estava operando no arraial. E o presidente, reanimada a confiança em Neves, resolveu "mandar um reforço de primeira linha para o destacamento do morro dos Cavalos", o qual, ao passar por São José, teve ocasião de reconhecer "a modificação verificada no povoado".

A indecisão de Neves fizera malograr o plano dos revolucionários de se apoderarem da capital. Se ele houvesse atendido ao apelo de Canabarro e atacado pela frente a força de Vilas Boas, a cidade do Desterro, falha de cobertura no continente, teria caído nas mãos dos republicanos.

*

A notícia da ocupação da Laguna produziu na Capital do Império um mal-estar indescritível. Levantara-se contra a inépcia do governo um clamor universal. "Se até esta época tinham os insurgentes do Rio Grande do Sul resistido às forças legais – ponderava-se – daí por diante a nova posição lhes duplicaria a potencialidade, facilitando-lhes receber por um porto de mar não somente os gêneros, que já escasseavam, mas também munições de guerra. Acrescia ainda o perigo a que ficava exposto o comércio do Rio de Janeiro, com a aproximação dos navios republicanos. Os negociantes da capital protestavam energicamente contra a imprevidência do governo, deixando sem proteção nem socorro as suas fortunas. O povo perdia a confiança nos homens que dirigiam a política da Nação

e se mostravam incapazes de sufocar um movimento revolucionário em perene triunfo desde tantos anos."

Cumpria a substituição de Pardal. A esse respeito não havia dúvida nos conselhos da Regência. Mas não seria fácil encontrar o substituto. Quem o homem para enfrentar a situação? Lembrou alguém o nome de Andreia, o voluntarioso, o prepotente Francisco José de Sousa Soares de Andreia, português adesista, marechal do exército, deputado geral. Acabara ele de dar dos seus talentos militares e políticos provas positivas na pacificação do Pará. "Nenhuma escolha poderia ser mais acertada." Andreia era pessoa indicada para governar em épocas de crise, quando por força das circunstâncias a lei cede lugar ao arbítrio. Não perdia tempo na escolha dos meios para vencer. Impunha-se pelo terror. E para chefe da esquadra foi nomeado Mariath.

Desembarcado na praia de Fora, porque o navio não pudera entrar na barra. Andreia chegou inesperadamente, em companhia de um marinheiro. Caminhando em direção ao palácio, interrompia os transeuntes:

– Tire o chapéu. Eu sou o marechal Andreia, presidente da Província.

Dentro de algumas horas, a pacata população do Desterro tremia de pavor. Passou a reverência popular a chamá-lo *Tio Chico*. Mas todos o respeitavam e temiam.

Um dos seus primeiros cuidados foi mandar que lhe trouxessem Xavier Neves, que acabara de ser eleito presidente da República de Santa Catarina. Recebendo o demagogo, disse-lhe com toda a calma:

– Mandei buscá-lo para transmitir um abraço que lhe envia o regente em nome de Sua Majestade o Imperador.

Neves olhava-o, embasbacado. E Andreia, depois de abraçá-lo, continuou com voz firme:

– E agora que já recebeu o abraço, ouça o que tenho a dizer-lhe. Sua cabeça responderá por qualquer tentativa de subversão que houver na capital. Dou-lhe a cidade por mensagem. Pode retirar-se.

Neves deu-se por entendido. Sentiu que com Andreia não seria possível continuar no jogo dúplice do costume. Em vão o convocaram os amigos da Laguna a assumir o posto. Não ousou sair do Desterro. Andreia, para humilhá-lo mais ainda, deu-lhe um emprego na nova organização das

forças. Chamava-o ironicamente seu colega. E depois de o haver inutilizado no conceito público, afastou-se do centro das operações, incumbindo-o de irrisória comissão na colônia dos alemães. Neves, o grande homem de outros tempos, passava a alvo de todas as chacotas. Acabara empregado do governo. O sarcasmo popular arrasava-o em quadrinhas, que corriam de boca em boca:

"Conheceu o presidente
a certeza do ditador
Fazer de ladrão fiel
é de ótimo resultado.

"Da eleição da Laguna
o presidente avisado
desde logo com astúcia
fez do Neves delegado.

"É certo coisa de valia
um abraço do regente
pois faz virar, num momento,
a casaca a muita gente.

"Transmitido em palácio
o abraço memorável,
ficou do Neves então
a cabeça responsável.

"Assim deu fim o *Tio Chico*
à trama da Capital,
todos à ordem chamando
sem ser preciso edital."

*

Na Laguna, o padre Cordeiro, tio de Xavier Neves, continuava fazendo-lhe às vezes na presidência da República. Escolhera, entre os notáveis eleitos para o conselho do governo, dois ministros: João Antônio

de Oliveira Tavares, secretário de Estado dos Negócios da Fazenda, Interior e Justiça, e Antônio Claudino de Souza Medeiros, para as pastas da Guerra, Marinha e Relações Exteriores. A sede do governo passava, por decreto, a chamar-se "Cidade Juliana da Laguna". Para realçar melhor a independência do novo Estado e significar que nenhum laço o subordinava à República Rio-grandense, criaram-se a bandeira e o tope nacionais. "Apesar de ser louvável o motivo que no imortal 22 de julho impediu o povo catarinense a condecorar-se com o tope rio-grandense, porque quis com isso fazer uma solene manifestação de uniformidade do seu voto e dar uma expressa demonstração do reconhecimento de que era possuído pelos libertadores, contudo carece revelar a dignidade por tanto tempo abatida da Nação e fixar quais as cores a cujo brilho hão de unir-se os defensores da Pátria." Isso posto, o presidente provisório da República decretava como cores nacionais do novo Estado a verde, na extremidade superior; a branca, no meio; e a amarela na parte inferior.

Canabarro, o distinto cidadão Davi Canabarro, via-se cumulado das mais significativas homenagens. Com as ponderações de que os catarinenses seriam merecedores da mais áspera censura se não procurassem dar a tão denodado americano demonstrações não equívocas de gratidão nacional, não tardou o decreto que o nomeava coronel e comandante-chefe do exército da nova República. E o promovia, logo depois, ao generalato. Garibaldi e Teixeira Nunes tiveram também reconhecidos os seus serviços. Ao chefe da esquadrilha revolucionária foi confiado o comando da marinha catarinense, no posto de capitão-tenente; e Teixeira, promovido ao posto de coronel.

Tratava o governo de manter o povo na euforia da vitória. A todos os pretextos repicavam os sinos e rezavam-se missas. Quando se aproximava a data de 20 de setembro, resolveu a Câmara oficiar aos juízes de paz dos quatro distritos da cidade, determinando-lhes promovessem naquele dia o juramento de fidelidade dos cidadãos à independência do Estado e ao sistema democrático. Depois, deviam todos concorrer à missa nas matrizes dos distritos, e à noite iluminar as frentes das casas.

Fora das preocupações laudatórias, o governo dormitava. Rossetti, o infatigável, via-se constrangido a fazer as vezes do presidente e dos ministros. *"Rossetti, col titolo di segretario del governo, ne fu veramente*

l'amina. E Rossetti era idoneo per tale impiego", comenta Garibaldi. Propôs o secretário a organização de um aparelho fiscal. Foram nomeados um tesoureiro geral dos cofres do Estado e dos órgãos, um inspetor da alfândega e novos direitos, um escrivão do tesouro geral, um tabelião público e escrivão de órgãos. Mas os cofres permaneciam vazios, e o secretário da Fazenda não diligenciava por encontrar os recursos imprescindíveis à administração. Tratou-se de buscar para o cargo "indivíduo menos ocioso", informava Rossetti em correspondência para o Rio Grande. Tudo inútil. A máquina emperrava. Para aparelhar o governo dos meios indispensáveis, pensou-se num empréstimo interno. Mas não havia entre os lagunenses "aquele espírito revolucionário que anima aos sacrifícios", confidenciava ainda o italiano.

Apelou-se, então, para o último recurso: uma lista de subscrições entre os amigos mais dedicados da revolução. O resultado, magro embora, sempre serviu para vestir com a necessária decência alguns elementos da tropa.

Passados os primeiros momentos de entusiasmo, vivia Canabarro em permanente estado de irritação. Não compreendia aqueles homens enigmáticos, displicentes, reticenciosos. Pois seria crível não conhecessem eles o trampolineiro que era Xavier das Neves e lhe apresentassem o seu nome como o da pessoa mais indicada para ocupar a presidência do Estado? Enfurecia-o o tremendo ridículo a que se estava expondo, com tal eleição, perante o sarcástico Andreia. E no Rio Grande, que pensariam dele os companheiros? Bem não quisera aceitar aquela comissão. Os seus pressentimentos não o haviam enganado. Como acabaria tudo aquilo?

Enquanto isso, Rossetti se desdobrava em expedientes. Redigia decretos, escrevia cartas ao Rio Grande, explicando a situação e pedindo dinheiro. Se os auxílios não viessem com presteza, acabaria a nova República num desastre irremediável. Ainda a instâncias dele, resolveu o governo despachar um agente diplomático à capital da República Rio-grandense. Recaiu a escolha no ex-promotor José Prudêncio dos Reis, que com alguma demora se pôs em viagem para Caçapava.

Penetrado de vivo prazer" anunciava *O Povo* semanas depois a chegada àquela capital "do Exmo Sr. José Prudêncio dos Reis, ministro plenipotenciário e enviado extraordinário do Governo Catarinense junto

ao desta República, encarregado da elaboração do tratado que deve servir de base à Confederação Brasileira". Essa, a parte visível da missão. A mais dela, porém, levava a incumbência de obter um auxílio monetário, de todo imprescindível ao governo da Laguna. Domingos de Almeida recém-terminara, com surpreendentes resultados, a conversão das moedas de cobre. Excedera a operação à expectativa do próprio ministro. A Rossetti parecia razoável que de Caçapava acudissem ao governo da Laguna com um empréstimo. Não desanima. Se bem não houvessem as forças de Teixeira obtido nenhuma vantagem material nova, informava que "a causa da liberdade ia progressivamente melhor". E referindo-se ao estado dos ânimos no Desterro, acrescentava: – "Consta-nos que na cidade só suspiram por que avancemos."

*

Dias depois da tornada da Laguna passava pelo Desterro em demanda ao Rio da Prata, onde ia incorporar-se à divisão naval do Império, o patacho *Patagônia*, comandado pelo primeiro-tenente Jorge Benedito Otoni. O presidente da província reteve-o no porto da capital, determinando, sob sua responsabilidade, que interrompesse a rota, pois necessitava dele para bloquear a barra da Laguna. O encarregado interino das operações navais dava conta da resolução ao ministro da Marinha: – "De acordo com o presidente, mandei o brigue-escuna *Patagônia* bloquear o porto da Laguna, onde consta que pretendem armar embarcações para sair a corso, e onde já se acha o seu almirante, o italiano Garibaldi."

Ao assumir o comando da divisão naval, Mariath, otimista como sempre, tivera a impressão de que o povo, na sua quase totalidade, se mostrava disposto a repelir os invasores. Se alguns habitantes dos contornos do morro dos Cavalos pegaram em armas "contra a sagrada causa da legalidade", provavelmente teriam agido assim premidos pelas circunstâncias "e por não lhes ser possível evadir-se, o que talvez fizessem, logo que a força legal marchasse para a Laguna". O novo comandante comunicava essas agradáveis conjecturas ao governo do Rio de Janeiro. E informava que na vila se encontravam Garibaldi, comandante da marinha inimiga, e vários outros estrangeiros, providenciando para a defesa do porto. "A fortaleza da barra da Laguna dispunha de três peças de pequeno calibre, montadas; e

das embarcações que o inimigo tomara, algumas estavam armadas na boca da barra, sendo de crer – acrescentava – que chegassem outros "carcamanos" para guarnecer mais algumas."

Como os rebeldes tentassem sair do porto, mandara Andreia a escuna *Pirajá* reforçar o bloqueio. Junto a Araçatuba estavam fundeadas a barca *Belico* e o *Cometa*, ambos de pouco valia. No Estreito dispunha Mariath apenas da *Bela Americana*. Portanto "não tinha embarcações para fazer o cruzeiro, conforme as instruções do governo, e esperava a chegada das prometidas, bem como da barca a vapor que faria importantíssimos serviços pela pouca água que diziam calar, muito própria para a Laguna".

Muito não tardaria que Mariath houvesse de modificar as suas primeiras impressões a respeito do estado de ânimo da população. Na capital, sob as vistas do governo, o povo naturalmente não manifestaria os seus verdadeiros sentimentos, como o fazia no continente. Ali, informava mais tarde o chefe da esquadra ao ministro da Marinha, talvez a maior parte dos habitantes partilhasse das ideias revolucionárias.

*

Ao mesmo tempo em que Garibaldi tratava de fortificar a barra, aprestava também alguns navios para sair ao oceano, a fim de cooperar com as forças de terra na planejada investida ao Desterro. Mas não havia dinheiro para a reparação desses barcos. Nomeou-se uma comissão especial encarregada de fazer o orçamento das despesas e angariar os recursos necessários. Aprovado pela câmara o parecer da comissão, mandou-se publicá-lo em editais com um apelo à contribuição de todos os habitantes "para tão grande fim".

Era ainda Rossetti bem se vê a alma dessas iniciativas. Compreendia e verificava que sem o domínio do mar a posse da Laguna seria para os republicanos empresa destituída de sentido prático. Urgia se pusesse Garibaldi ao largo e garantisse a livre navegação do porto. A tentativa, entretanto, não se mostrava fácil. Mesmo afundados ou postos em fuga os dois barcos imperiais que cruzavam ao largo, não faltariam recursos ao Império para substituí-los por outros mais poderosos. Mariath não descansaria nesse propósito. Que fazer? Acudiu-lhe a ideia de declarar a Laguna porto franco. Com essa medida, desde que nela fosse possível interessar as

potências, notadamente a França, que mantinha então em bloqueio o rio da Prata, talvez se lograsse compelir o governo do Rio de Janeiro a retirar os seus navios.

Publicou-se o decreto declarando aberto o porto da Laguna, e assegurando regalias aos armadores e ao pessoal da equipagem, tal como já se haviam abolido os impostos sobre o gado que descesse do interior.

De fato, semanas depois saía barra afora a lancha *Santa Cruz*, rumo ao porto do Desterro. Que reação produziria, no ânimo de Andreia, a novidade sensacional? Procedente da Laguna, informava o português ao governo do centro, entrara no porto um navio "com permissão do presidente daquela República, que, adotando os princípios luminosos do comércio franco, lhe permitiu a saída, para que nós, possuídos dos mesmos sentimentos. lhe deixemos ir as mercadorias de que tanto necessitam". Depois da ironia, acrescentava. lacônico: "Eu tenho dado as ordens que julgo precisas para pôr em sequestro tudo quanto possa pertencer a rebeldes."

Possuidores os republicanos, finalmente, de um porto de mar, que serviços lhes estava ele prestando? Encurralados nesse fundo de saco, sentinelas à vista cruzando ao largo da barra, qual a potência que se pronunciaria a favor dos insurgentes, se eles mesmos não dispusessem da força necessária para afrontar o inimigo em mar aberto? A salvação da República estava no mar. Agora mais do que nunca era essencial que, desafiado o poder naval do Império, demonstrasse Garibaldi aos povos que as duas repúblicas ofereciam condições de merecer o reconhecimento da sua independência.

. . . .

Capítulo IV

ROMANCE DE AMOR

PASSAVA GARIBALDI a maior parte dos dias a bordo, na faina de aprestar os navios para a defesa do porto e o curso em alto-mar. Eram seis barcos da República. A escuna *Libertadora*, que se chamava agora *Rio Pardo*, arvorava a insígnia do chefe da esquadra, John Griggs, que passara para bordo da *Caçapava*, confiado o já histórico *Seival* ao comando de Lourenço Valerigini. Inácio Bilbao comandava a canhoneira *Santana*. Os outros lenhos, a escuna *Itaparica* e a canhoneira *Lagunense*, tinham como comandantes, João Henriques, um filho do lugar, e Manuel Rodrigues.

Garibaldi nunca tivera sob as suas ordens uma frota tão poderosa. Careciam os navios de consertos, em verdade, e não havia recursos para enfrentar os gastos. Mas, na Laguna, quase toda gente é afeita aos misteres do mar; e supre assim com a força do seu engenho o que lhe falte, por ventura, em provisões de adequado material.

Os trabalhos a bordo prosseguiam sem interrupção. *"Mi accinsi all'opera raccogliendo tutti gli elementi necessari all'armamento."* Punham todos no serviço mais do que uma boa vontade exemplar, incansável dedicação. O entusiasmo do chefe contagiava. Sem nada perder na sua autorida-

de, sabia ser como ninguém modesto e afável no trato com os subordinados. Falava sempre à maruja em tom afetuoso. Quando alguém lhe dirigia a palavra, tinha o costume de atender o interlocutor com um sorriso nos lábios; e isso o tornava sumamente simpático a todos. Mas não era loquaz. Dizia apenas o que fosse conveniente na ocasião. Jamais fazia comentários acerca dos chefes e pessoas do seu convívio. Porque fosse mais do que todos disciplinado, impunha a disciplina com facilidade. Não se irritava, não perdia a calma. Só nos momentos de perigo ou quando o subjugassem grandes preocupações de espírito, a fisionomia se velava numa expressão de severidade. Mas ainda nesses momentos, não o abandonava o domínio de si mesmo. Nunca usava de palavras bruscas, ou menos respeitosas, em relação aos que lhe obedeciam. Não era homem de estardalhaços. Sereno sempre, medido nas atitudes, polido nas palavras, "sabia levar os soldados ao combate, falando-lhes como se estivessem no quartel, com doçura", jamais com gritos e paradas espetaculares.

Raras vezes, agora, o encontravam em terra. Nada o distraía na vila. Não tinha amigos ali, com exceção de Rossetti. Mas este, absorvido nos cuidados da administração, trabalhava dia e noite: pensava e trabalhava por todo o governo da República. Falava-lhe apenas uma vez por semana, e isso mesmo para assuntos de serviço.

À tarde, quando o comandante da frota voltava para bordo da capitânia, estava exausto. Conversava alguns momentos com a tripulação, inquiria dos trabalhos de cada um, distribuía tarefas para o dia seguinte. E se assuntos de monta não o requeriam em nenhum dos outros barcos, recolhia-se ao camarote a descansar para as labutas da jornada vindoura. Assim se passaram as suas primeiras semanas na Laguna.

Mas, sob essa aparência calma e medida de Garibaldi, ocultava-se uma permanente, desalentadora inquietação. As cenas do naufrágio não lhe saíam da lembrança. Perdera ali os seus melhores amigos. Carniglia, Matru... Desconexos, como as vistas de um caleidoscópio, desfilavam-lhe na memória inapagáveis episódios da sua vida de carbonário, de marinheiro mercante, de ocioso nas ruas do Rio de Janeiro, de comandante do *Mazzini*, de corsário. Revivia as aventuras passadas, em companhia dos entes que a fatalidade lhe arrebatara. A terrível decepção de Maldonado, a perseguição por parte dos uruguaios, o combate do rio da Prata... Dos es-

caninhos de todas as recordações, a figura de Carniglia, alta, ágil, robusta, surgia a cada passo. A bravura com que enfrentara o inimigo, exposto às balas, no convés da *Farroupilha*, a segurança com que conduzira o lanchão rio acima, até Gualeguaí... Não havia perigo que o contivesse. "*Colui, bastava per diecil.*" Revia-se baleado, tremendo no delírio da febre. Carniglia, sentado ao pé do catre, *"coll'assoduità, la pazienza d'un angelo"*, curava-lhe a ferida; e quando se afastava por instantes, era para não mostrar a comoção que lhe enchia de lágrimas os olhos...

Depois, o cenário da recordação se deslocava para os trabalhos na Charqueada, as correrias pela lagoa, as visitas à fazenda em companhia de Matru, seu amigo de infância, como ele devotado de corpo e alma ao ressurgimento da pátria e a libertação dos povos... Queria-o enternecidamente, sentia-se ligado a ele por laços indissolúveis. *"Lo amavo Edoardo com'un fratello!*

Os outros amigos estavam longe. Cuneo continuava, a essas horas, nas andanças entre o rio da Prata e o Rio de Janeiro, à espera sempre do momento propício para voltar à terra natal. Castellini, fixado em Montevidéu, fazia as vezes, ali, de agente confidencial da República Rio-grandense, comprando armas e munições com gados e couros secos, transmitindo a Almeida as menores oscilações da política uruguaia, sempre inquieta e mutável... De todo o grupo oficial dos expatriados, que se viera formando aos poucos na América do Sul, só estava junto dele Rossetti. Mas este, o único no mundo que lhe poderia servir de amparo em tais momentos, parecia que estivesse longe também. *"Rossetti... era lontano occupato nel governo del nuovo Stato"*.

Aos companheiros recentes, que apenas conhecia, não o ligava nenhuma intimidade. Griggs, excelente homem, admirável marinheiro, modesto e bravo como poucos, mas tão diferente em sua fleuma, fechado em si mesmo, seria sempre britanicamente incapaz de compreender os extravasamentos da sua personalidade. Havia ainda Bilbao e Valerigini, impecáveis no trabalho, não menos que João Henriques e Manuel Rodrigues. Como companheiros de serviço, pareciam-lhe perfeitos. Mas apenas companheiros, não amigos. *"Nuovi compagni... e non un amico di cui ho sempre setito il bisogno nella mia vita."* E o que o seu temperamento vibrátil requer é a presença de uma pessoa a quem possa confiar sem rebuços nem

reticências os sentimentos mais íntimos, todas as suas inquietações. Garibaldi, isolado, sente-se um homem incompleto.

Na desolação em que vive, escreve cartas. Chegarão ao seu destino? *"Forse che si, forse che no."* Em todo caso escreve: escreve para aliviar o espírito do peso que o oprime, para desabafar, para evadir-se da angústia de si mesmo. Donana, a bondosa, a inesquecível Donana, serve-lhe de confidente à distância. "Nossa posição presente", escreve-lhe, "nada deixaria a desejar se não fosse amargurada por aquela catástrofe, a mais terrível que me pudesse acontecer. Ah! Senhora minha, a desgraça de uma existência de apostolado me havia endurecido contra as calamidades. Mas esta última! Esta última... se encontra impressa no meu coração em caracteres indeléveis; e nunca, jamais, se estamparão sobre a minha face senão a desdita e o desespero."

As cartas que entrega aos azares da sorte ficam sem resposta. Ninguém no mundo lhe ouve os gritos de angústia, ninguém lhe alivia o peso que o acabrunha. Sua solidão espiritual é sem limites. Sofre *"d'un modo inaspettato ed orribile"*. No correr dos dias, essa imperiosa necessidade de ter junto de si uma pessoa que o compreenda e lhe dedique algum afeto toma formas de verdadeira obsessão. *"Avevo bisogno d'un essere umano che mi amasse!"*

Nunca havia pensado, a sério, no casamento. O idílio do Camaquã perfumara-lhe o pensamento durante alguns meses, suavemente, como uma aspiração irreal, fantástica, fora dos quadros cotidianos da existência. Devaneio da mocidade, nada mais. Considerava-se, aliás, o menos indicado dos homens para a regularidade da vida conjugal. A desmedida independência de caráter e a paixão das aventuras não fariam dele, por certo, um tipo ideal de marido. A família parecia-lhe o resumo fatal das existências tranquilas, cujo ontem se parece com o amanhã, na mesmice invariável do hoje. Como poderia ele, incorrigível caçador de sensações, aventureiro de corpo e alma, pensar em ter a seu lado mulher e filhos? Nenhum contrassenso haveria de mostrar-se mais chocante nem menos conforme a natureza das coisas.

Mas a ideia, absurda, quase monstruosa, voltava a golpear-lhe o pensamento: *"Una donna! Si, una donna!"* Se encontrasse uma mulher que fosse capaz de compreendê-lo, sua vida se tornaria, por certo, mais

fecunda, mais bela, mais útil às causas que defendesse. Teria uma pessoa por quem trabalhar, lutar e sofrer. Situações e circunstâncias que se apresentavam agora falhas de sentido adquiririam um significado palpável e imediato. Só a mulher, dizia a si mesmo, pode verdadeiramente compreender e amar o homem. "Anjo tutelar nas aflições, estrela das tempestades, a mulher é uma divindade que nunca se implora em vão, especialmente quando se é desgraçado", pensava nas suas cismas solitárias, enquanto em volta dele a tripulação continuava a preparar o navio para as aventuras do corso. E Garibaldi voltava a cair bruscamente na realidade. O amor de uma mulher na vida de um corsário... Ótimo assunto de novela. Mas o prosaísmo da vida é inimigo do romanesco. E com um sorriso nos lábios, retomava, com decisão maior, a ocupação interrompida.

*

Os navios da República estão ancorados defronte ao morro da Barra, arrabalde situado entre a foz da lagoa e a vila. Observam-se bem, do lado do mar, as ladeiras íngremes, rasgadas em cotovelo. Com óculos de alcance chega-se a distinguir mesmo as feições das pessoas que se movem em torno daquelas casinholas, meio encobertas entre largas folhas de bananeiras e copados arbustos. De tão próximas, as casas sobre a estrada que acompanha a praia, quase se pode dirigir a palavra aos seus moradores.

Ao cair da tarde, no tombadilho da *Itaparica* ou do *Rio Pardo* um dos passatempos em que se compraz Garibaldi é observar os vaivéns pelas ruelas do morro. Quando algum recanto de paisagem lhe aviva a curiosidade, lança mão dos binóculos que encontrou a bordo da *Libertadora*. E passa alguns momentos distraído, assim, antes de recolher-se à solidão do catre.

Um dia sente a atenção despertada por um vulto feminino, que, vindo da vila, entrava numa das casas da praia. Ágil de movimentos, caminhava a passos rápidos, graciosos. Pouco depois estava à janela. Óculos em punho, observa-a com mais vagar. Tem a impressão de que já viu alhures aquele rosto. Mas é evidente o engano. Onde poderia ter encontrado, nas suas peregrinações, uma filha daquele lugarejo perdido no mundo?

Dias consecutivos, a cena se repete. Todas as tardes, ao cair do sal, a moça vem à janela. Os seus olhos não se desprendem do mar. Dir-

-se-ia absorta num grande sonho, e que esse sonho estivesse preso às velas infladas de vento, que cortam, céleres, a linha das águas. O vago passatempo de Garibaldi transforma-se já numa preocupação constante. É com ansiedade que ele espera a hora do Ângelus, não para repousar das fadigas do dia nem para espairecer, descuidoso e incerto, no convés do seu navio, mas para extasiar-se na contemplação daquele rosto pensativo e sério, cujos olhos não se afastam das ondas da laguna.

Parece-lhe, agora, que também a moça põe nele atenção. É certo, pelo menos, que se sabe observada. Reveste-se de ânimo um dia e resolve saudá-la. Na tarde seguinte, insiste. Será que ele se engana? A moça sorri, e depois, como que arrependida, retira-se bruscamente para o interior da casa. Sente Garibaldi que tudo, ao seu redor, toma aspectos de festa. Aquelas horas passadas, de tristes recordações e acabrunhamentos soturnos cedem lugar, agora, a uma ansiosa alegria de viver. Como compreender que um olhar de mulher, nada mais que um olhar, consiga espanejar as nuvens que lhe tornavam tão desalentadores os dias? Nem pelo menos sabe quem é a dona daqueles olhos, que parecem ocupados sempre em medir a profundeza das suas cismas com a larga superfície das águas.

O romanesco da situação o subjuga, já não se contém sua atração pela aventura. É imperioso que se aproxime daquela mulher, que lhe comunique o mundo de sentimentos novos que o seu olhar despertava nele. Resoluto chama alguns marinheiros para que o conduzam a terra. Não leva nenhum plano formado. A sorte decidirá, como em todas as circunstâncias da sua vida.

Chegando à praia, põe-se a caminhar em direção do núcleo de casas, no sopé do morro. Encontra um conhecido que lhe havia sido apresentado logo depois da chegada dos libertadores. Entabulam conversa. À boa maneira da terra, convida-o o lagunense a que "deem uma chegada" à sua casa, para tomar café. Garibaldi acede de boa mente. Espera que esse fortuito encontro o auxilie na realização do seu intento. Assim que a ocasião se apresentasse, pediria ao habitante do lugar às informações que procurava.

Quando transpõe o limiar da casa, estaca, tal estivessem os pés chumbados ao solo. Ali está, na sua presença, o objeto dos seus devaneios, uma jovem de mediana estatura, morena, grandes olhos negros, feições

não muito regulares, mas delicadas. O dono da casa faz as apresentações. Adianta-se a moça para dizer-lhe que já o conhecia. Vira-o quando as tropas entravam na vila, depois por ocasião do primeiro *Te Deum* na igreja matriz, mais tarde no hospital de sangue. Agora Garibaldi também recorda. De fato, aquele rosto, olhado à distância, já não lhe parecera estranho.

O acolhimento que lhe davam não poderia ser mais caloroso. A fama das suas proezas na lagoa dos Patos, o transporte dos lanchões, o naufrágio na barra do Araranguá, tudo isso lhe envolvia o nome de uma legenda de romântica bravura. A Laguna toda o conhecia. Nas raras vezes em que aparecia na vila, as moças comentavam, embevecidas: "Aquele é o Garibaldi. Que linda figura de homem!" Mas o herói, sumido nas suas preocupações, não dava atenção à geral curiosidade que o cercava.

Fora em dias de profunda crise moral que os seus passos se haviam cruzado, pela primeira vez, com os daquela *donna.* Não vira, por isso, quanto os olhos dela, como que magnetizados, se demoravam sobre o seu rosto.

Enquanto a conversa tomava giros vários, sempre em torno dos assuntos obrigatórios fornecidos pela revolução, tratava Garibaldi de dar a entender à jovem, pela insistência das miradas, quanto a sua beleza o trazia fascinado. Notava-a esquiva e retraída, e isso mais o aferrava ao seu propósito de decidir ali mesmo a sorte que o esperava. Mas *"del dire al fare"* – reza um ditado da sua terra – *"vi é di mezzo il mare"*. Como agir em tal circunstância, a meio daquela tertúlia? Ademais, nem sabia ainda quem ela era. Só lhe ficara da apresentação o nome: Aninha.

Não seria possível dilatar por mais tempo a visita. Garibaldi levanta-se. O sorriso, que é a sua grande força de sedução, lhe baila à flor dos lábios. Sim, por certo voltaria, não uma, mas muitas vezes para conversar e tomar café. Quando estende a mão a Aninha, sente-a profundamente perturbada. E perturbado ele também, diz-lhe a meia voz, na sua língua natal:

– Tu devi esser mia!

*

O pai de Aninha, Bento Ribeiro da Silva, latagão corpulento e disposto, a quem chamavam *Bentão* em todas as cercanias de Lajes, resolvera, depois de casar-se com Maria Antônia de Jesus, natural de São Paulo, experimentar a sorte nas regiões da beira-mar. Estava cansado da vida de

tropeiro. Pelas alturas de 1815 fixou-se em Morrinhos, no Tubarão, com sua mulher, mais conhecida pelo nome de Maria Bento, e três filhos, Manuela, Felicidade e Francisco. Este, o menor, faleceu menino ainda. *Bentão* ou *Chico Bento*, como também o tratavam, pouco prosperou na baixada. Levou sempre vida, senão atribulada, dificultosa.

Em Morrinhos nasceram mais três filhos do casal. Ana, Salvador e Bernardo, os dois últimos falecidos em tenra idade, assim como o outro varão, que viera da serra com os pais. Bentão poucos anos viveu depois da mudança. Deixou a viúva na miséria e com três filhas a criar.

A primeira infância de Aninha decorreu, assim, num ambiente de grandes privações. Maria Bento provia, ela só, à subsistência dos seus, com trabalhos domésticos que lhe proporcionavam os magros ganhos indispensáveis. As filhas cresciam viçosas, cheias de seiva. A mais velha, apenas chegada a moça, casava com um calafate da armada e com ele seguia para o Rio de Janeiro. Aninha, a menor das três, revelava desde criança um caráter independente a resoluto. Sabia impor-se pela energia. A pobreza como que lhe aguçava o amor-próprio, que herdara do pai. Muitas vezes, suas atitudes ríspidas criavam dificuldades à atribulada Maria Bento. E foi por uma rixa causada pela menina que a viúva resolveu, afinal, mudar-se de Morrinhos para a Laguna.

Aninha, na verdade, não tivera nenhuma culpa no ocorrido. Pelo contrário, a mãe e a irmã reconheciam que ela agira muito bem, castigando o audacioso que lhe faltara ao respeito. Ocorrera o caso num domingo pela manhã, quando a menina se dirigia ao povoado para assistir à missa. Ia a cavalo, como de costume. Ao atingir um trecho em que a estrada corre entre duas orlas de mato, encontrou o leito impedido por uma carreta e o pasto lateral tomado por uma junta de bois que o carreteiro trazia à soga. Era aquele rapaz um amigo de infância, que vivia a importuná-la com a impertinência dos seus cortejos. Mais de uma vez já havia procurado dissuadi-lo. Mas ele insistia, despeitado pela repulsa.

Saudou-o Aninha com afabilidade e pediu que arredasse os animais para dar-lhe passagem. Não se moveu o rapagão, estirado preguiçosamente na grama. Olhou-a com desdém e disse:

– Se quer passar, tire você mesma os bois. Eu daqui não saio.

Não deixaria Aninha que o carreteiro lhe repetisse o alvitre. De rebenque em punho, atirou o cavalo sobre os bois e fê-los arredar do caminho. Não esperava por isso o cortejador infeliz. Irritado, levanta-se de um salto e agarra pela rédea o cavalo, decidido a barrar a passagem à moça. Esta com a mesma decisão com que vergastara os animais, vibra-lhe algumas chicotadas no rosto obrigando-o a soltar a brida e a fugir de novos golpes. E sai a galope, rumo da freguesia.

O vilão castigado não encontrou solução melhor do que dar queixa ao subdelegado. Teve Maria Bento aborrecimentos com a questão. E para evitar maiores querelas resolveu mudar-se, primeiro para a outra margem do Tubarão, depois para o Campo da Carniça, a dois quilômetros da Laguna.

Aí, enamorou-se da menina um moço de nome Manuel Duarte de Aguiar, filho do falecido Francisco Duarte e de Joaquina Rosa de Jesus, natural do Desterro. Caíra o rapaz nas boas graças da viúva. Era caladão, morigerado nos costumes, de ofício sapateiro. Teria Aninha então quatorze a quinze anos. Na opinião da mãe, estava em idade para casar. Quando já comprometida com Manuel Duarte, requestou-a um sargento de milícias, João Gonçalves Padilha. Como partido, este seria superior ao outro. Mas, quem garantiria as boas intenções do novo pretendente? A palavra dada ao sapateiro tinha que ser mantida. E o sargento houve de reconhecer a falta de prestígio da sua farda para conquistar o coração da filha de Maria Bento. O casamento de Aninha com Duarte era coisa assentada. Marcou-se o dia. Da casa do padrinho da moça, João Joaquim Mendes Braga, dirigiram-se os noivos para a igreja. Casou-os o vigário Manuel Ferreira Cruz.

A vida do casal corria apagada e monótona: Manuel Duarte a cuidar das solas, Aninha a aborrecer-se na sua inexpressiva companhia. Não tiveram filhos. Não tiveram alegrias. Mas tiveram um enorme arrependimento de se haverem casado.

Quando a revolução começou a preocupar os habitantes da Laguna, pronunciou-se Aninha, apaixonadamente, desde a primeira hora, pelos republicanos. O marido tomou posição ao lado dos legalistas, ou mais exatamente, não tomou posição alguma: deixou-se ficar onde já estava. Para que mudar? De política não entendia, nem queria saber. Para ele, quem fazia a política era o coronel França. O que o juiz de paz dissesse de-

via ser, em última palavra, a vontade do povo. E como o coronel, semanas antes da entrada dos revolucionários, houvesse conclamado por editais a guarda nacional, lá se fora o sapateiro rumo do quartel; e dali, com a fuga de Vilas Boas, para o morro dos Cavalos. Deixara a mulher confiada aos cuidados de família amiga. E foi em casa dessa família que Garibaldi veio a encontrá-la.

Nessa noite, quando Aninha voltava à sua casinhola, uma estranha angústia lhe oprimia o coração. Parecia que seus passos a conduzissem a um cativeiro. Tudo entre aquelas paredes lhe era odioso, tudo lhe falava da sua miséria moral, ao lado de um homem que ela desprezava. Ao chegar defronte à casa, olhou instintivamente para o lado da baía. À claridade do luar, bem perto da praia, distinguiu a sombra de um navio. Ali estava Garibaldi. De bordo, algumas luzes, refletidas no espelho quieto das águas, alongavam-se em direção à terra como grandes, trêmulos braços de fogo que estivessem à sua procura para arrebatá-la.

Não dormiu a noite inteira. A sua infância triste, os rápidos, atribulados dias da adolescência, os anos de casada, monótonos, pesados, desmoralizantes na intransponível separação espiritual que se cavara entre ela e o marido, tudo lhe passava, horas e horas, pela mente insone, com a claridade das alucinações. Viu que não poderia continuar a viver assim. Um confuso rancor lhe subia das entranhas contra a memória da mãe, que a obrigara àquele casamento estúpido e falho de sentido. Afinal, para que se casara? Nunca tivera nenhum amor ao marido, nem pelo menos estivera ele jamais em condições de oferecer-lhe o mínimo de bem-estar de que sempre houvera falta na casa materna. Bem inspirada a sua amiga Licota, que preferia continuar solteira a ligar-se a um daqueles rapagões grosseiros, obstinados em requestá-la.

Depois via-se a bordo de um navio, ao lado do estrangeiro de semblante expressivo e atraente, olhos azuis, muito vivos. Lindo homem aquele, lindo como nunca vira nenhum outro. Não muito alto, largo de ombros, cintura fina. O rosto, emoldurado de uma barba sedosa e loura, fazia lembrar as figuras de Nosso Senhor. Mas a bondade que o iluminava não escondia de todo a máscula expressão de força, capaz de enfrentar os maiores perigos e que lhe dominava os traços da fisionomia. Os cabelos, mais escuros do que a barba, caíam-lhe em longos anéis sobre os ombros.

Homem estranho! Como sorria com doçura, como a sua voz enfeitiçava os sentidos, como fascinava o seu olhar metálico, penetrante, que parecia devassar os mais íntimos refolhos do pensamento alheio. À sua imaginação, aparecia aquele homem como o filho predileto da liberdade, como o

Retrato de Anita na casa-museu em Laguna (SC).
Fotografia de M. Gonçalves.

salvador dos oprimidos, um predestinado da glória. Que sacrifícios não faria uma mulher para segui-lo, para ser amada por ele? A própria morte ao seu lado seria agradável.

Quando se lembrava das palavras que lhe murmurara, presa a sua mão à dele: – "Tu serás minha!" – um tremor lhe agitava o corpo, como se estivesse ardendo em febre. Que seria da sua vida? Se resolvesse ligar-se àquele homem, que diriam dela as irmãs, os parentes, os amigos, a vila toda, onde todos a conheciam? Ninguém, por certo, lhe perdoaria tão grande loucura. Haveriam de acusá-la como perjura, como uma perdida, capaz de abandonar o marido. O marido! E a figura abrutalhada, insignificante do sapateiro lhe surgia na imaginação, mais odiosa do que nunca na sua incrível estupidez. Estaria condenada a passar a vida inteira ao lado de um homem que ela desprezava? Desesperada, parecia que o coração lhe is estalar. Depois, a dor se desfez em soluços. Chorou convulsivamente, chorou até que as primeiras luzes da madrugada entraram pelas frestas da janela.

Ao amanhecer, levantou-se completamente calma. Chegou à janela. O navio, nas águas transparentes da baía, balouçava de leve. A bordo já ia grande a azáfama. Preparavam os barcos, disseram-lhe Garibaldi, para sair ao mar dentro de alguns dias. Como fascinada por uma visão que lhe surgisse do seio azul das águas, esteve absorta muito tempo, sem dar atenção ao movimento cotidiano que começava nas ruelas do morro.

*

Os dias sucediam-se nervosos, inquietos, para os dois apaixonados. Do convés do navio, passava Garibaldi horas inteiras a espreitar os movimentos naquela casinha ao sopé da colina. Vivia a moça constantemente sob o império do seu olhar agudo, magnético, dominador. Já pelas vizinhanças o namoro dera na vista, e começavam os murmúrios. Seria possível? Que descaramento! Uma mulher casada prestar-se àquele escândalo! Pobre Duarte! Enquanto suportava as fadigas da guerra contra os invasores, embeiçava-se a mulher por um "farrapo", um aventureiro sem escrúpulos, um "gringo"!

Também a bordo notava-se a modificação produzida nas maneiras do comandante. Estava menos exigente para os serviços. Tudo lhe parecia bem. Dir-se-ia pedir à maruja que não lhe interrompesse os pen-

samentos. Evidente que aquelas preocupações não se ligavam às tarefas de bordo. Aquilo era coisa de mulher. Ali havia rabo de saia.

Garibaldi estava decidido. Aquela mulher seria sua, aquela ou nenhuma outra. Que importava fosse casada, se não amava o marido? Aquela criatura, admirável na sua simplicidade, flor desabrochada nos campos, tinha direito, afinal, à ventura e à vida. Se houvesse culpa no que intentava, ele a tomaria inteira à sua responsabilidade. *"Se vi fu colpa, io l'ebbi intiera"*. Por certo que o procedimento a que a paixão os arrastava era culposo, não só aos olhos do mundo, mas ainda aos dele próprio. Mas pode mais o amor, nas suas exigências cegas, do que todas as considerações da razão humana. *"E vi fu colpa, sil Si rannodavano due cuori con amore immenso, e s'infrangeva l'esistenza di un innocente!"*

Concorriam as dificuldades em fortalecê-lo na ideia que já fizera obsessão. Pois não era evidente que a aventura ganhava em prestígio novelesco pelo fato de pertencer a outro homem a mulher dos seus sonhos? Como é que um aventureiro deve ligar-se a uma mulher? Pelos caminhos normais trilhados por toda gente, ou pelos arrebatamentos da paixão e pela violência do escândalo?

*

Uma tarde, dirigia-se a terra, quando viu que Aninha saía de casa com um cântaro à mão e tomava o rumo da fonte, que fica a alguma distância da praia, numa pequena abertura de mato à encosta do outeiro. Faltavam dois dias apenas para a saída dos navios. Não havia tempo a perder. Hoje mesmo, dizia consigo, haveria de resolver-se aquela situação. E, saltando na praia, foi a passos rápidos, por outra estrada, ao lugar em que a moça devia estar. Sentia que a fatalidade o impelia a um momento culminante da sua vida.

Quando Aninha o viu chegar, fugiu-lhe um grito de espanto. Via-o como nunca vira, agitado, as feições alteradas, um fulgor de aço nos olhos muito azuis, muito grandes, penetrantemente cravados nela. Não sorria. As palavras que pronunciava, em torrentes, pareciam sem nexo. Voltava, sempre, ao mesmo estribilho: "É preciso que sejas minha!" *"Tu devi esser mia!"* Ao lado dele, dizia com arrebatamento, estava a felicidade, a vida de aventuras, o desconhecido, a glória. Como poderia uma criatura das suas condições de espírito resignar-se a uma vida apagada assim,

Retrato de Garibaldi feito entre 1843 e 1846 em Montevidéu.
Reproduzido de Garibaldi L'Album Fotografico *de W. Settimelli,*
Florença, Alinari, 1982. p. 33.

naquele triste burgo sem emoções, invencível espreguiçamento à face da Terra? Falou-lhe longamente, nervosamente, caldeadas as palavras no fogo da paixão. Mas, ainda mais do que as palavras falavam os seus olhos azuis, grandes, vivos, magnéticos, irresistíveis.

Aninha não atinava com o que responder-lhe. Olhava-o com fixidez, como que atemorizada do seu aspecto e horrorizada do que lhe propunha. Depois, chorou convulsamente. E quando ele lhe tomou as mãos e mais uma vez repetiu, com invencível decisão: *"Tu devi esser mia!"*, ela inclinou a cabeça, vencida, incapaz de novas resistências.

Dois dias depois, às primeiras sombras da noite, Garibaldi a esperava no seu escaler, no desvão da praia onde haviam combinado encontrar-se. Dentro de instantes o *Rio Pardo* ia abrir as velas e transpor a barra, procurando iludir a esquadrilha legalista, destacada naquelas águas para impedir a todo custo a saída dos corsários.

. . . .

Capítulo V

VIAGEM DE NÚPCIAS

NÃO DESCANSAVA Andreia no cuidado de impedir que os ocupantes da Laguna atingissem o mar aberto. Se Garibaldi conseguisse iludir a vigilância dos legalistas, repercutiria o fato no Rio de Janeiro, sempre nervosos e irritadiços os homens do governo, como imperdoável desídia do comando naval e, por extensão, do próprio presidente da província. O chefe dos piratas, audacioso como ninguém, não deixara de tirar vantagens da surtida. E George Broom, comandante do *Patagônia*, encarregado de vigiar a barra, foi notificado de que seria pessoalmente responsável pela eficácia do bloqueio.

A presença dos revolucionários naquele ponto não ameaçava apenas o comércio de cabotagem, também os transportes de guerra destinados ao Rio Grande. As cotidianas, minudentes indagações de Andreia não deixavam Mariath respirar tranquilo. Que se reforçasse o bloqueio, que se destacassem novas unidades às águas da Laguna. Além do *Patagônia*, mais quatro navios já cruzavam, sob as ordens de Broom, ao largo da barra. E não sossegou o presidente enquanto o comandante da esquadra não lhe garantisse que mandara "cobrir a costa toda com quantos navios pudera conseguir para o serviço do cruzeiro".

Em face de tantas precauções, como lograriam os barcos republicanos transpor a barra? Empenhar-se em combate, logo à saída do porto, não seria recomendável. Incerto o êxito, a vitória mesmo se mostraria pouco apetecível naquelas circunstâncias. Quem sai ao curso não pode expor-se, de início, a tão grandes contratempos. Teve Garibaldi desde logo por assentado que se fazia imprescindível iludir a vigilância do adversário. No porto, substituindo-o na chefia dos serviços navais, ficaria João Henriques. Ele mesmo se encarregaria de atravessar o bloqueio. Levaria consigo o *Rio Pardo*, sob o seu comando, a *Caçapava*, comandada por Griggs, e o *Seival*, sob as ordens de Valerigini.

No dia fixado para a saída, despachou pela manhã uma sumaca destinada aparentemente aos portos do norte, mas de fato encaminhada ao Desterro.

Logo que os legalistas viram o barquinho solitário velejando rumo do setentrião, fizeram os necessários bordejos para persegui-lo. O estratagema não falhara. Dentro de algumas horas, o caminho estaria livre. Os espias colocados no morro davam notícia das manobras do inimigo. Ao cair da tarde, já não se divisava nenhuma vela imperial nas cercanias da Laguna. E os três lenhos republicanos transpuseram tranquilamente a barra.

Como o vento fosse de sudoeste, navegaram durante a noite com rumo sul-sueste. Distanciavam-se, assim, dos navios encarregados do bloqueio. Mudando o vento, demandaram as queimadas, nas vizinhanças de Santos. E ali se conservaram durante dois dias, sem haver lobrigado nenhum navio de guerra. Rondando depois o vento para nordeste, rumaram de novo em direção ao sul.

Nesse em meio, esfalfava-se o *Patagônia* por atingir a fugitiva sumaca. Bordejou com vento contrário todo um dia e toda uma noite. Gabava-se Broom do seu espírito de disciplina. Por que soubesse cumprir as ordens que lhe confiavam, não deixaria, de nenhum modo, escapar aquela presa. Quando já se aproximava do Desterro, nas alturas da barra sul, logrou, afinal, registrá-la. Chegada a sumaca ao porto da capital, soube-se pelas declarações do comandante o ardil em que havia caído o chefe do bloqueio. A fúria de Andreia extravasou. O simplório Broom, de volta ao seu posto nas águas da Laguna, foi suspenso do comando do navio e man-

dado ao Rio de Janeiro para responder a conselho de guerra. Do bloqueio ficava encarregado o capitão-tenente Romano da Silva.

Andreia, já sabedor da saída dos corsários através de uma comunicação de Canabarro a Teixeira, interceptada por patrulhas legalistas, mandou que Mariath aprestasse incontinente todos os navios em condições de caçá-los. E expediu aviso às autoridades dos portos de mar da província para que estivessem acautelados, pois constava "terem saído da vila alguns corsários". Aqueles a quem o aviso fosse apresentado deveriam apor-lhe "o visto de que ficavam inteligenciados". Mariath entrou em atividade febril. Ordenou ao capitão de fragata Joaquim Leal Ferreira, comandante da corveta *Regeneração*, que "sem a menor perda de tempo se fizesse à vela e fosse cruzar até a altura do Rio de Janeiro". Recomendava-lhe muito que se demorasse alguns dias em Paranaguá e Santos, pois notícias recentes anunciavam a saída de corsários do porto da Laguna com o propósito de apresar embarcações naquela costa. "Devendo V.S. tomar não só as inimigas, mas ainda aquelas que lhe causarem desconfianças; pois também se sabe que alguns dos corsários levara papéis falsos para entrarem em algum porto a carregarem."

Tratou Leal Ferreira de executar as determinações ao pé da letra. Perscrutou minuciosamente a costa. Examinou os portos de Santos e Paranaguá. Registrou quantas embarcações fosse encontrando. Mas chegou à barra do Rio de Janeiro sem haver logrado o mais leve sinal dos rebeldes. Depois de bordejar inutilmente durante alguns dias nessas alturas, tomou caminho de volta para o sul.

*

A bordo dos corsários, desde Garibaldi até ao mais novato dos marinheiros, todos ansiavam pelo encontro do inimigo. Aninha, apresentada à tripulação como esposa do comandante, dava a impressão de haver caído no mundo dos seus sonhos. Tudo lhe causava interesse. Observava, inquiria, nenhum pormenor lhe era indiferente. Garibaldi passava horas ao seu lado instruindo-a nos misteres da navegação e da guerra. Improvisou-se um tiro ao alvo para exercitá-la. Ao cabo de dias, já passavam as gaivotas a servir-lhe de mira. Pediu depois que lhe explicassem o manejo das peças. Simulavam-se combates. Ela, entre os soldados, atirava-se ao convés; e parapeitada, de mosquetão ao peito, executava com precisão as ordens do

comandante. Aninha começava a viver. O grande sonho de sua vida, que ela sempre entrevira no mar, tomava por fim contornos de realidade.

Garibaldi falava-lhe, muitas vezes, em italiano. Compreendia-o já perfeitamente.

"Lo ti chiameró Anita", dissera-lhe. E ela concordara em que Anita soava melhor que o outro diminutivo caseiro.

Os trabalhos de bordo, aquela constante, nervosa inquietação da vida maruja, a imensidade agitada do mar cujos horizontes, vazios agora, poderiam dentro em pouco, povoar-se dos perigos da morte, tudo isso lhe parecia uma fascinante moldura de seu idílio. À noite, quando a tripulação já dormia, vigilantes apenas os homens de quarto, os dois enamorados se quedavam à amurada do barco, entretidos na linguagem muda da sua felicidade. As esteiras de prata que o luar ia desdobrando no mar eram, aos olhos maravilhados de Anita, como um caminho irreal que ela houvesse transposto para atingir à glória do seu amor. Pensava na degradação da sua vida passada. Estivera presa, durante anos, aos grilhões da humilhação. Mas um príncipe encantado, loiro e belo como os príncipes que apareciam nos contos de fada da sua meninice, surgira um dia das águas do mar para libertá-la da prisão. "Para que eu te leve comigo", dissera-lhe, "é preciso que me dês a prova do teu amor. Transpõe com teus próprios pés esse caminho de prata que o luar estende entre a tua prisão e o meu navio."

Horas e horas continuava o êxtase. A voz de Garibaldi chamava-a à realidade. "Ao longe, aquela luz... Seria um navio?" O vigia, cozido ao mastro respondia: – "Nenhum navio à vista!"

Afinal, quando já se aproximavam de Santos, encontraram uma embarcação com a bandeira do Império: uma sumaca, cheia de carga, em demanda dos portos do sul. Encarregado Griggs de abordá-la, "foi o baleote arpoado num abrir e fechar de olhos pela maruja da *Caçapava*. A tripulação, que parecia de boa paz, submeteu-se às determinações do corsário. Griggs mandou alguns dos seus homens para bordo da sumaca. E tratou de alcançar o *Rio Pardo* e o *Seival*, já distanciados. Mas quando a *Caçapava* diligenciava por juntar-se aos companheiros, começou o mar a cobrir-se de espessa neblina, tão comum naquelas costas em certos períodos do ano. O navio de Griggs tresmalhou-se. Nem logrou avistar-se mais com os barcos de Garibaldi e Valerigini, nem lhe foi possível cuidar convenientemente da presa. Vendo-se

perdida da *Caçapava*, a tripulação da sumaca mudou de atitude. De humilde e submissa, fez-se rebelde às ordens dos apresadores. Instigada pelo mestre e segura da sua força, recusou-se a obedecer ao novo comandante. Inútil qualquer tentativa de resistência, entregaram-se os corsários à sua sorte e foram postos a ferros. Protegido pelo vento, o barco retomou a rota para o sul.

Garibaldi e Valerigini afanavam-se na procura de Griggs. Entraram em quantas angras depararam. Bateram todos os recôncavos do litoral. Mas nenhum sinal do navio perdido. Iam já pelas alturas de Iguape e velejavam sobre a costa, nas cercanias da ponta da Juréa, quando perceberam a aproximação de um navio. *"Una corveta imperiale!"* Dispôs-se Garibaldi a um condigno encontro com o inimigo. Recorreu imediatamente à sua tática predileta: coser-se o mais possível com a praia, perigosa aí pela sua pouca profundidade e pelos recifes que o enxameiam. O barco inimigo era a *Regeneração*, há vários dias em busca dos farrapos. Logo que o seu comandante deu com os dois navios naquela posição, desconfiou-se tratar-se dos piratas da Laguna. Achegando-se a eles, viu que buscavam atraí-lo a situação desvantajosa, junto de terra. Teve confirmadas, assim, as suas suspeitas. Sem mais esperar por novas confirmações, abriu fogo, que foi respondido da outra banda.

Contava a corveta com vinte grandes peças em bateria coberta. Dispunham os revolucionários apenas de três pequenos canhões, dois de calibre 9 e um de 12. A desproporção, apesar de enorme, não atemorizou os rebeldes. Enfrentaram com decisão o ataque. Tinham em seu auxílio as condições do local. De bordo da *Regeneração*, mediam a profundidade do mar: sete braças. Impossível pensar na perseguição do inimigo. Leal Ferreira conhecia mal aquela costa, "sabida perigosa pelos alfaques que a cingem". Já avançara demais sobre a praia. Via nos corsários a intenção de passar de agredidos a agressores. *"La minacciammo d'abbordaggio"*, diz Garibaldi. A *Regeneração*, apesar de sua formidável potência de fogo em relações àqueles pequenos barcos, esteve a pique de um desastre. Avizinhava-se a noite. Não havia outro remédio senão abandonar o local. Foi o que resolveu o comandante legalista, mandando virar de proa para o mar alto.

Na manhã seguinte, continuava a corveta à vista da sumaca e do iate.

De novo se inicia a perseguição aos rebeldes. "À força da vela, correram os navios pela costa." Recomeçou o fogo. Mas o combate mais

parecia um simulacro do que uma ação real. Nenhum dos tiros alcançou os lenhos revolucionários, que continuavam favorecidos pelas condições do tempo. De súbito, e com grande violência, saltou o vento para o quadrante de sudoeste e fez em tiras o velacho da corveta, já arriado sobre a pega, bem como o traquete que se achava carregado. "Soprou a ventania com enorme intensidade, durante horas." A *Regeneração* conseguiu fazer-se ao largo. Foi, sem dúvida, a sua salvação, pois de leste ou sueste o vento, e ela "ter-se-ia perdido irremediavelmente naquelas praias tão marcadas de esqueletos de navios".

Seguia nublado o tempo e caíam fortes aguaceiros. A corveta fez o possível, até o dia imediato, por não se distanciar demais dos corsários. Mas estes, bordejando com vantagem, alcançaram a latitude de Cananeia. E transpondo a barra do sul, que melhores condições de acesso lhes oferecia, foram ocultar-se por detrás da ilha do Abrigo, ótimo esconderijo e lugar indicado para refazerem as provisões de bordo. Desembarcou parte da tripulação, que percorreu as fazendas próximas da costa. Os proprietários corresponderam de boa vontade às suas requisições, o que não impediu que se queixassem, mais tarde, de terem sido depredadas as suas plantações.

Estavam ainda os corsários ancorados sob a proteção da ilha quando lhes passaram à vista duas sumacas, que foram intimadas a render-se. Eram a *Bizarra* e a *Elvira*, que levavam carregamentos de arroz para o Rio de Janeiro. Apoderando-se delas, guarneceu-as Garibaldi convenientemente com homens da sua melhor confiança.

Amainada a tempestade e enriquecidos pela boa presa, continuaram no roteiro para o sul, tratando de aproximar-se da Laguna. Tinha Garibaldi maus pressentimentos a respeito da situação política ali. Canabarro, violento, sempre insatisfeito, não se entendia com os homens do governo. Fazia Teixeira o possível por incentivar os avanços militares. Opunha-se-lhe, porém, uma invencível resistência passiva, que fazia malograr todos os planos. Convinha que se não retardasse por mais tempo a ausência dos navios. Se lograssem voltar ao porto com as embarcações já apresadas, por certo se levantariam os ânimos da população e renasceria a confiança no poder ofensivo da República.

Anita passara com a maior naturalidade da fase dos combates simulados para os reais. Dir-se-ia que ela fosse acostumada, de longa data,

a travessias marítimas, ao fragor das fuzilarias, aos sobressaltos das abordagens. Nos momentos de perigo não se apartava do lado de Garibaldi.

Pouco antes de chegarem às alturas de Paranaguá, alcançaram os corsários um barco mercante de rumo para o sul. Deram-lhe abordagem. Era a sumaca *Formiga*, que não ofereceu resistência. Destacados alguns homens para guarnecê-la, deparou-se lhes um quadro inesperado. No fundo do porão, postos a ferros, estavam os homens da tripulação da *Caçapava*", que lhes contaram a sua odisséia: o apresamento da sumaca, a hipócrita submissão do mestre e da maruja, a imediata revolta deles, apenas perdidos de vista pelo navio corsário. Vinham padecendo os maiores horrores. Maltratava-os barbaramente a tripulação amotinada. E dissera o mestre que os levaria algemados até o Desterro, onde os entregaria às autoridades do porto. Muda-se de novo e imprevistamente a situação: libertam-se os que estavam em algemas, agrilhoam-se os seus algozes. E comboiando as presas, os corsários continuam a sua rota.

No dia seguinte fundearam junto do morro das Conchas, na entrada de Paranaguá. Como exploradora, mandou Garibaldi uma lancha à terra. "Necessitando de aguada e tendo dito um dos tripulantes que podia fazê-lo junto à fortaleza que se encontrava desarmada", para lá se dirigiu a pequena embarcação. Nada lhe obstando o acesso, fundeou bem em frente do forte. Joaquim Ferreira Barbosa, que comandava a decadente posição militar, mandou revistar a lancha por um sargento. Enorme foi a surpresa quando soube que se tratava de uma embarcação de rebeldes, tripulada por um inglês, "que servia de capitão de presas, e mais quatro soldados". Nunca imaginaria que o atrevimento dos piratas chegasse a tanto. Como agir? O forte estava quase em ruínas. Se os corsários surpreendessem a cidade, dela se apoderariam. Ferreira Barbosa fez o que as circunstâncias lhe permitiam. Intimou a lancha com um tiro a que arriasse a bandeira do Império, que levava indevidamente içada. Não fizeram caso os corsários. Carregada a única peça ainda servível, despachou uma canoa para junto dos piratas: que se rendessem ou ele os meteria a pique. E ao mesmo tempo, mandou com urgência um próprio à cidade comunicar o que estava ocorrendo e pedir reforços de armas e soldados.

Como os rebeldes não obedecessem à intimação, fez o comandante da fortaleza abrir fogo. Mas, tal o estado do reparo, que ao disparar

a peça desabou de sobre o socalco de pedra onde estava montada. Incontinente, diversas canoas tripuladas por gente armada cercaram a lancha e aprisionaram os farrapos, arrecadando os seus armamentos. Ouvidos os tiros, os corsários, postados à entrada da barra, fizeram-se de vela em socorro da lancha. E quando de Paranaguá acudiram os auxílios pedidos pelo comandante da fortaleza, os republicanos já se haviam sumido rumo ao sul, em perseguição de um brigue assinalado à altura da barra.

*

Navegavam os barcos revolucionários com suas presas nas cercanias da ilha de Santa Catarina, quando lhes surgiu pela proa o brigue *Andorinha*, que nas vésperas saíra em cruzeiro pela barra do norte. Desagradável encontro! Os olhos de Garibaldi não podiam enganar-se. Era aquele um *"vero legno da guerra"* com armas a bombordo, armado o convés com sete peças de artilharia. O dramático momento nunca mais será conhecido pelo corsário. Nas *Memórias*, lembrará que o *Rio Pardo* não passava de uma pequena galeota mercante, sem nenhum dos requisitos essenciais para tal conjuntura; o *Seival*, um simples lanchão. Mas, *"conveniva far buona contenenza"*. Deu ordens às pressas para que continuassem a sua rota em direção à enseada de Imbituba. E ato contínuo lançou-se contra o patacho, abrindo sobre ele nutrido fogo de artilharia e fuzis. O *Andorinha* respondeu com bravura. Mas agitado como estava o mar, o combate não poderia ser de resultados imediatos. Tinham os navios republicanos, as mais das vezes, a bateria do boreste debaixo d'água. Os canhonaços dos imperiais, nessas condições, poucos estragos lhe faziam. Esforçava-se Garibaldi por entreter o inimigo a barlavento, a fim de ensejar que os navios apresados ganhassem distância. Mas Francisco Romano da Silva percebeu o ardil e, abandonando por instantes os corsários, atirou-se sobre os navios mercantes para interceptar-lhes a fuga. Uma das sumacas deu à costa. O comandante do iate, apavorado, amainou a bandeira. O terceiro, comandado por Inácio Bilbao, conseguiu fugir.

Reengaja-se com mais violência o combate. O *Rio Pardo* tem furadas, já, algumas velas. Mantém-se a tripulação com bravura exemplar. Garibaldi dirige o fogo. Dificílima a técnica dos tiros, em vista da agitação do mar. Mas a maruja da *Andorinha* insiste no ataque. O *Seival* é atingido por seguro tiro, que lhe desmonta a peça. O casco do lanchão começa a

fazer água. A situação vai se tornando crítica para os corsários. Felizmente a noite já vem próxima. E o combate continua. Logo que as trevas se adensam, Garibaldi consegue iludir o fogo do patacho e fugir-lhe ao alcance dos tiros. O *Seival*, com dificuldade embora, vai-lhe nas águas. O vento, que soprara de leste, descamba para o quadrante sul. *"Con tale vento, impossibile entrare nella Laguna"*. É preciso também encontrar a presa que Bilbao, segundo as ordens recebidas, deve estar conduzindo a Imbituba.

Nenhuma solução melhor se oferece senão a de alcançar também essa enseada. Por certo, não encontrariam ali abrigo seguro contra o inimigo que lhes vinha no encalço e que trataria naturalmente de buscar reforços, durante a noite, na ilha de Santa Catarina. Mas não havia outro recurso. De qualquer maneira, poderiam melhor naquela angra do que em mar aberto esperar o ataque e reparar os navios. *"Bisognava quindi prepararsi a combatere"*. E na manhã seguinte os dois navios deitaram ferros em Imbituba, tão perto quanto possível de terra.

*

A enseada onde se foram refugiar os corsários é formada apenas por uma breve concavidade da praia, continuada ao sul pelo avanço retilíneo de um contraforte, que atinge aí a sua máxima altura mas sofre, ao atirar-se no mar, violenta depressão. Escancarada aos ventos do setentrião e do oriente, limitam-se os seus préstimos apenas contra os pampeiros e as tempestades de sudoeste. Como posição de defesa, pouco se recomenda o lugar. As águas do ancoradouro, profundas e limpas de rochedos, dão acesso a barcos de bastante calado.

Teve Garibaldi por indubitável "que ali mesmo seria atacado pelas quilhas imperiais", e que a *Andorinha* voltaria a carga auxiliada por significativo reforço. Era imprescindível, pois, aproveitar no máximo as condições topográficas do ancoradouro. Devia prever-se que os navios inimigos não se manteriam à distância. Valendo-se da sua capacidade ofensiva, tratariam de entrar na enseada, impelindo os corsários contra a costa.

Destarte poderia ser-lhes de valia tática o pequeno promontório, guarnecido convenientemente por uma bateria. Quando os atacantes se aproximassem de terra, ver-se-iam, de inopino, entre dois fogos.

Mandou Garibaldi desembarcar a maruja, a fim de preparar, sob as suas vistas, um parapeito escondido na densa mataria do promontório. Um pequeno destacamento da coluna de Teixeira, deixado ali como guarnição de emergência, auxiliou a tripulação no preparo do terreno. Entrementes, o *Seival* se achegaria o mais possível à praia. Desmontada como fora a sua peça no combate, ela poderia ser de grande préstimo colocada em terra firme. Gastou-se o dia todo nesses trabalhos. Ao cair da noite, estava o canhão instalado no parapeito do promontório. Do comando da bateria ficou encarregado Manuel Rodrigues. Agora, tocava a dar aos barcos a posição mais conveniente, por forma a colocar o adversário entre os fogos cruzados de terra e do mar.

Valerigini e Bilbao receberam as instruções a que deveriam ater-se. Durante a noite, foram postar-se nos lugares determinados. Pelos cálculos do comandante, o ataque produziria de um momento a outro. Mas as horas passavam sem notícia do inimigo.

Insistiu Garibaldi com Anita por que desembarcasse. A refrega seria áspera e cruenta. De qualquer maneira, eles resistiriam até o fim. Que fazia ela a bordo, por que exporia inutilmente a vida? Que fosse para terra: e à distância poderia acompanhar as peripécias da ação. Baldados, porém, todos os seus esforços: Anita correria os mesmos riscos que Garibaldi. E não se preocupasse com ela, que não lhe daria incômodos nem cuidados.

*

Desde a sua chegada a Imbituba, haviam sido os lenhos republicanos localizados pelos imperiais. A *Andorinha*, arribada ao porto da capital, estava sofrendo os necessários reparos para voltar à ação. Dispôs Mariath que a acompanhassem os dois melhores navios surtos no porto: o *Patagônia*, com cinco peças e sessenta e dois tripulantes, comandado por José Benedito Otoni; e a escuna *Bela Americana*, com três peças e quarenta e oito praças, do comando de Jorge Custódio d'Houdain, dois marinheiros brilhantes que fariam boa companhia ao bravo Romano da Silva.

Seguro estava Andreia de que os piratas, dessa feita, não lhe escapariam. A potência de fogo dos legalistas garantia, por si só, o êxito da agressão. E encurralados naquela enseada, como haveriam de furtar-se a um aniquilamento irremissível?

No dia em que a esquadrilha ia deixar as águas do Desterro, prenunciou o português a vitória próxima em convicta ordem do dia: – "Tenho saído do porto da Laguna três piratas dos rebeldes com destino de roubar e destruir o comércio, foram enviadas logo por toda a costa as embarcações que estavam disponíveis. No dia 1° deste mês lhes foram tomadas duas presas, que se achavam neste porto, e no dia três foram encontradas na enseada de Imbituba quatro embarcações, das quais duas outras são as que saíam a roubar, e a quarta é a outra presa que eles tinham feito. Estas quatro embarcações, bem que defendidas pela sua própria força, por artilharia posta em terra e por uma numerosa linha de atiradores, estão em perfeito bloqueio"...

O quarto navio a que se referia Andreia era um pequeno barco de negociantes da Laguna, enviado ao Rio de Janeiro à revelia das autoridades republicanas. Ao avistar os corsários quando iam para o norte, refugiaram-se em Imbituba, onde se deixara ficar, aguardando o clarear dos acontecimentos.

Garibaldi, logo ao entrar na enseada, apossou-se do barco e das mercadorias e expediu-se salvo-conduto à tripulação, que regressou, antes do combate, para a cidade Juliana.

*

Às primeiras horas da manhã, estava o inimigo à vista, três grandes naves que, de velas enfunadas, se aproximavam velozes da enseada. A postos a tripulação do *Rio Pardo* e do *Seival*, prontos para a refrega a guarnição da bateria e os atiradores de terra, esperavam todos na comoção nervosa dos grandes lances que as naus chegassem ao alcance dos tiros. Rompe o fogo a *Bela Americana*. Secunda-a o *Patagônia* no ataque ao *Rio Pardo*, enquanto a *Andorinha* concentra os tiros das suas peças sobre o promontório, de onde Manuel Rodrigues alveja, a rápidos intervalos, os flancos legalistas. O ataque se dirige de preferência contra o barco de Garibaldi, o maior, o que marcará a resistência dos rebeldes. Favorecidos nas suas manobras pelo vento de bonança, "mantêm-se os inimigos sob vela em curtas bordadas". Alargam como melhor lhes convém os seus ângulos de pontaria, fazendo convergir as balas sobre os costados do *Rio Pardo*, *"sul povero e solo 'Rio Pardo' da me commandato"*. Cada bordada dos imperiais

representa para o navio atacado, exposto de cheio aos seus fogos, a perda certa de alguns dos seus valorosos defensores. O convés começa a cobrir-se de cadáveres. Anita continua na primeira linha dos atiradores. Aumenta de intensidade a refrega. Ao encarnecimento com que atacam os legalistas, dispostos a tirar todas as vantagens da superioridade das suas forças e da vantajosa posição que ocupam, respondem os republicanos com denodo cada vez maior, "decididos a não ceder". Já se combate agora a carabina, quase que homem a homem, *"ben da vicino"*. Parece que o rugir dos canhões bate o compasso à crepitação incessante da mosqueteria. Grita Garibaldi que não se atire a esmo. É preciso poupar a munição. Os tiros devem ser de pontaria.

No tombadilho empapado de sangue, cresce o número dos caídos. Gemem os moribundos, alguns mutilados imprecam, gritam blasfêmias nas ânsias do sofrimento. Crivadas de balas as bordas do navio, cortados os cabos, as velas esfarrapadas, espera-se a todo instante a abordagem. Garibaldi toma as disposições para o momento culminante. *"Io mi aspettavo ad un abordaggio"*. Ele e os seus homens estão dispostos a tudo, menos a entregar o barco, enquanto lhes reste um pouco de alento para a defesa. *"Erimo pronti a tutto, meno a cedere"*.

Em terra, a bateria de Manuel Rodrigues mantém-se firme no contra-ataque. Podem ver-se os estragos causados pelos tiros da peça e a fuzilaria aos atacantes. Mas os imperialistas, por sua vez, não parecem dispostos a abandonar a luta. Aproximam-se cada vez mais do *Rio Pardo*. Dentro em pouco, por certo, vai começar a abordagem. Apesar do ímpeto e da decisão de Garibaldi, chega o instante crítico em que a guarnição, exausta já, começa a sentir a inutilidade da resistência e a apavorar-se. Alguns soldados abandonam o convés. Admoesta-os Garibaldi a que permaneçam nos seus postos. Ele mesmo lhes dá o exemplo. Peito descoberto às balas, não arreda pé dos lugares de maior perigo. Mas a tripulação continua a fraquear. A trovoada do canhoneio e a chuva da fuzilaria recrudescem cada vez mais.

Anita, entre dois marinheiros, continua na proa, de fuzil ao peito. Como que alheada de tudo quanto se passa ao seu redor, descarrega a arma em tiros rápidos. Nenhum lugar está mais exposto às balas do inimigo. Em vão se empenhara Garibaldi por tirá-la dali. De repente, um tiro de peça, batendo de encontro à amurada, fá-la em estilhaços. Anita e os marinheiros são

arremessados à distancia. Ouvem-se gritos de espanto. Garibaldi precipita-se para o lugar em que a companheira jaz estirada, sem sentidos, coberta de sangue. Acodem alguns homens aos marinheiros. Inútil todo o socorro. Estão mortos, horrivelmente mutilados. Anita, porém, passados alguns instantes, volta a si. Diz que não está ferida. O sangue que lhe mancha o rosto, as mãos, os braços, é sangue dos marinheiros que morreram ao seu lado. E quando Garibaldi de novo lhe adverte que desça, ela responde:

– Sim, vou descer ao porão, mas para enxotar os covardes que lá se foram esconder!

Ao passo firme, saiu do convés. E momentos depois, voltava, afrontando as balas e trazendo consigo três marinheiros que, apavorados e vencidos pelo cansaço, haviam desertado à pugna.

Já vinha caindo a tarde, quando o fogo entra a fraquear a bordo dos atacantes. Pouco depois e por maneira quase inesperada, dá a *Bela Americana* sinal de retirar. Garibaldi, no seu imenso júbilo, não atina com o motivo da retirada. Admite que o comandante Houdain houvesse caído morto. Não se confirmava, porém, tal suposição. O barco cessara o fogo por ter danificadas algumas peças e um grande rombo no casco. Levavam os três navios vários mortos e numerosos feridos, entre eles um oficial, o primeiro-tenente Cunha Vasconcelos.

Fizeram constar os legalistas que se retiravam em obediência a ordens recebidas do Desterro. O verdadeiro motivo, porém, fora outro. Convencidos da impossibilidade de reduzirem os rebeldes, resolveram buscar reforços na capital, maior número de navios e tropa de desembarque.

As últimas luzes do dia foram utilizadas pelos rebeldes nos cuidados aos feridos e na atenção aos mortos.

Cansados, estropiados, trêmulos de emoção, ei-los a cavar as sepulturas em que descansarão, no silêncio daquele ermo que só o bramir das ondas perturba, os denodados companheiros de causa, caídos na formidável, desigual refrega. Garibaldi, acabrunhado, toma parte no último adeus aos que haviam tão bravamente cumprido o seu dever. Anita o acompanha com uma sobre-humana expressão de energia estampada no rosto.

*

A viagem de núpcias se aproxima do fim. Ela está sendo digna, em tudo, de um verdadeiro casal de piratas. A intensidade do amor corre parelha, nas suas situações culminantes, com a extensão dos perigos. Nos velhos livros de folhas rasgadas, que se lêem nas noites de inverno na Laguna, também é assim. Vê-se Anita, heroína de um romance de amor e de aventuras. Dignificada aos seus próprios olhos, começa a vida de novo. Não a compreenderá talvez o mundo em que ela cresceu e viveu até então. Que importa? Anita pertence agora a um mundo diferente daquele, diferente pela espontaneidade dos sentimentos, pelo desassombro das resoluções, pela sinceridade das atitudes, pela coragem de afirmar-se a si mesma na plenitude da sua personalidade. É natural que o mundo das convenções, das regras restritivas, das hipocrisias não a compreenda. O seu amor é grande demais para ser alcançado pela vulgaridade da gente de todos os dias.

Os mortos estão enterrados. É preciso, então, cuidar dos vivos. Depois de convenientemente pensados, os feridos de gravidade são alojados em carretas que os transportarão à Laguna, escoltados por algumas praças do destacamento de Teixeira Nunes.

Ao mesmo tempo, Garibaldi manda reembarcar às pressas o canhão no *Seival* e repara, como lhe é possível, os estragos dos barcos. Durante a noite, os republicanos se fazem de vela, auxiliados pelo vento que lhes corria à feição. E ao clarear do dia já estão a regular distância do inimigo.

Mariath, ao ter notícia do insucesso de Imbituba, resolve seguir em pessoa ao local, a fim de comandar novo ataque aos corsários. A *Bela Americana*, informa o chefe das operações navais, havia seguido para o Desterro, a fim de pedir socorro, onde chegou na manhã de 4". "Nessa mesma tarde saí na barca a vapor *Astreia*, rebocando o *Eolo* e o *Caliope*, acompanhado de quatro canhoneiras. Tendo-me demorado em Garopaba a conferenciar com o coronel Fernandes, ao chegar em Imbituba, soube que na noite de 5 foram avistadas três grandes fogueiras no mar; e que um dos navios encarregados do bloqueio, tendo mandado um escaler ver o que havia se passado, regressou com a notícia de haverem os republicanos incendiado os seus navios."

As fogueiras vistas de alto mar não passariam, talvez, de novo estratagema de Garibaldi para confundir os seus perseguidores. Mas os legalistas se aferravam na afirmativa de que ele incendiara as presas de guerra.

No ano imediato, entravam os seus barcos na barra da Laguna e deitavam ferros no ancoradouro do Morro. Enorme a alegria dos companheiros ao vê-los livres, enfim, da desigual perseguição dos adversários, de que já se tivera notícia na Juliana. Foram os corsários, durante dias, alvo da admiração dos habitantes da cidade *"che si stupivano"* contará Garibaldi com singeleza – *"come avessimo potuto scapare ad un nemico tanto piú forte di noi"*.

Capítulo VI

A DECADÊNCIA DA REPÚBLICA

NÃO SE ENGANARA GARIBALDI nos seus pressentimentos. Durante as semanas em que estivera empenhado nos encontros com o inimigo em mar aberto, outro inimigo bem mais temível solapava pela base a vida incerta da República. A discórdia entre o comando militar e o governo, atrabiliário aquele este inerte, lavrava cada vez mais intensa. Não se entendiam Canabarro e o padre Cordeiro, não se entendia Rossetti com o governo, o governo com os chefes militares, nem estes com a tropa. Nas fileiras, o que não fosse indisciplina franca seria inatenção aos deveres mais comezinhos, resistência passiva, indiferença pela causa da revolução. A cidade Juliana vivia imersa numa onda de derrotismo. O entusiasmo revolucionário das primeiras horas desaparecera, deixando em seu lugar a desconfiança, a prevenção contra os rio-grandenses. Os libertadores, ontem aclamados pelo delírio do povo, passavam a ser considerados invasores, perturbadores da paz catarinense. A decadência da nova situação, muito mais apressada do que fora de imaginar-se, escancarava-se aos olhos menos avisados com uma evidência de todo incontrastável.

A impressão triunfal de Canabarro, na hora cênica da apoteose inicial, transmudara-se na mais completa e estéril das decepções. Uma hidra

assomava a cabeça, na verdade: mas não para devorar o Império senão o frágil ensaio republicano, a esboroar-se ao sopro das primeiras dificuldades.

A coluna de Teixeira Nunes não progredia para além do Maciambu, pequeno filete d'água que se despeja no canal de Santa Catarina, já próximo da barra do sul. Os reforços prometidos de Lajes não chegavam. Procrastinava-se tudo. E Teixeira era constrangido a contentar-se com a posse do terreno que lhe havia caído nas mãos, logo ao início das operações. Do Rio Grande não acudiam os auxílios com a presteza e a cópia desejadas. No Rio de Janeiro, de onde a começo se esperavam recursos pecuniários, tudo falhara. "Em vez de dinheiro, os amigos da corte, dizia Canabarro, só nos mandam notícias".

Compreendiam os chefes republicanos que a inatividade militar seria a ruína deles. Do passo que as semanas se escoassem, iria o inimigo acumulando recursos na capital; e no momento propício passaria à ofensiva, contando para a vitória com dois fatores: a abundância das forças e a mal velada antipatia dos habitantes pelas tropas da República.

Tudo servia de pretexto para queixas dos habitantes contra os revolucionários. As menores requisições de guerra pareciam-lhes ofensas brutais aos seus direitos de propriedade. Mas sempre se mostraram extremamente tolerantes em relação aos "atos de ferocidade dos escravos de D. Pedro II", como referia Canabarro. Dir-se-ia estivessem acostumados a se deixarem brutalizar e espoliar em nome da lei; mas não concebiam que também os seus anunciados salvadores houvessem de recorrer a medidas de violência. Admitiam os vandalismos do governo como castigos impostos a rebeldes, por quem tinha o direito de os castigar. As represálias dos republicanos, porém, não passariam aos seus olhos de inúteis atos de prepotência, de extorsões criminosas e intoleráveis.

A administração do padre Cordeiro malograra da maneira mais completa. Ao investir-se nas responsabilidades do governo, cercava-o uma auréola de benemerência, ecoava a fama das suas virtudes em todos os quadrantes da opinião. Tipo acabado de puritano nem parecia homem da sua época. Austero, arredio do mundo, ninguém lhe imputara jamais o menor deslize na correção da vida privada. Os próprios santos da Igreja haveriam de tomar lições de moral com aquele varão exemplar. Tinha em sagrado horror a presença das mulheres. Asceta por natural vocação, sempre que houvesse

de praticar com alguma respeitável matrona, podia observar-se, pelo súbito rubor das faces, o mal-estar que tão dura obrigação lhe causava. Politicamente, dizia-se um democrata, um constitucionalista enamorado das práticas do sistema inglês, que até, de tão familiar, pareceria coisa de sua exclusiva propriedade, pelo menos na província. Não faltaria mesmo, nas discussões da vila, quem se referisse com ênfase ao "sistema do padre Cordeiro". Chegado, enfim, a um posto de governo, a decepção não poderia ser maior. Embaraçava-se nos mínimos acidentes da administração. Nada resolvia por maneira definitiva e certa. Tudo se diluía nas suas mãos. Ainda mais do que ao sexo pecaminoso, tinha aborrecimentos invencíveis à responsabilidade dos atos públicos. Não queria comprometerse. Todos os negócios do governo lhe pareciam sempre suspeitos por definição. E entregue à camarilha que o manejava e lhe explorava a indecisão, não deixaria de acumular erros sobre erros nos rápidos, estéreis meses da República Juliana. Antes mesmo de atingir o termo daquela provação política, já confessava a sua repugnância física em entrar na casa do governo. Decepcionados, alguns dos seus antigos panegiristas gabavam-lhe ainda, contudo, a sinceridade das convicções. Com o correr dos tempos, mais se evidenciavam nele as demonstrações de fraqueza, timidez, de congênita irresolução. Toda aquela austeridade agressiva de costumes nada mais seria do que um complexo psíquico, pelo qual viesse à luz do dia a recalcada consciência da sua inferioridade orgânica. Prestava ouvidos à maledicência – maldizente ele próprio – em cochichos de esquina. Um indivíduo de ação muitas vezes desregrada como Canabarro, parecia-lhe um monstro com o qual um homem de princípios rígidos não pudesse ter contatos apreciáveis. Mas no fundo invejava aquele filho da natureza, rude, extravagante, descuidoso de filigranas morais.

Lavrava entre os dois personagens, desde o começo, uma surda antipatia. Canabarro ironizava o puritano, que nada resolvia nem deixava que outros resolvessem por ele. Cordeiro por sua vez, detestava o cabo de guerra, que para a conquista da coisa apetecida não conhecia obstáculos à sua vontade. A convivência imposta pelos assuntos públicos corria para ambos, como horas de verdadeira provação. Nunca dois homens mais diferentes se haviam encontrado em nenhum cenário político. Mediam-se os ímpetos de um pela delicadeza doentia do outro: a pusilanimidade deste pela energia destemperada daquele. A antipatia do asceta pelo caudilho

crescia paralelamente com a íntima convicção do seu deslocamento no governo, da sua impotência. Não lhe tolerava já a própria presença pessoal. Tão grande a animadversão, que ele, bem no fundo da consciência, talvez desejasse o próprio esboroamento da República e o sacrifício dos seus mais caros ideais políticos, contanto que daí decorresse a ruína daquele homem superlativamente detestado, a quem estendera a mão, em outros dias, como aliado e amigo decidido. Tipo de convicções, o puritano. Ele era assim: não transigia. Que tudo se perdesse, embora. Mas aquele caudilho sem a menor noção da verdadeira democracia, ignorante do sistema parlamentar – do seu sistema – aquele caudilho precisava levar uma lição que lhe servisse para o resto da vida.

Já não ousavam agora os melhores amigos de Cordeiro disfarçar os seus desastres no governo. Mas ainda se consolavam em dizer, do último reduto da sua admiração:

– Ele tem errado, não há dúvida, mas é um idealista!

Mostravam-se os ministros da República dignos, em tudo, de tal presidente. Um deles, Oliveira Tavares, o da Justiça e Fazenda, fora substituído por um notável do lugar: José Pacheco dos Reis. Deste, diziam-se maravilhas. Ninguém mais em condições para ocupar a pasta da Justiça. Pacheco era notável desde moço. Não falava, não escrevia. Mas sempre compenetrado da sua notabilidade, voz grave, gestos solenes, silêncios fecundos, Pacheco, de qualquer maneira, seria notável até o fim da vida. Mostrou-se no governo tão inoperante como o seu antecessor. Estourava de importância, apodrecia de preguiça. Quem, entretanto, ousaria afirmar na Laguna que o cidadão José Pacheco dos Reis não fosse o tipo nato do homem célebre? Impossível obter de tais ministros o menor esforço em benefício da República. Inertes, contemplativos, suspicazes, tudo lhes parecia insuperavelmente difícil. E quando Rossetti agia por eles, envenenava-os o despeito.

*

Da população da Laguna, lembrando-lhe os arroubos revolucionários durante a presidência de Machado de Oliveira e as férvidas demonstrações de legalismo por ocasião da visita de Pardal à vila, escrevera um missivista da época: "Nunca vi nenhum povo que tanto tenha tocado os dois extremos. Ao tempo do Machadinho, parecia não haver entre eles

um só legalista. Hoje à vista do Pardal, um só rebelde não respira nem aparece." E com a mesma facilidade com que, meses antes, criticava os governos da província, desmandava-se, agora, em acusações contra a dificultosa administração da República.

Na Laguna, como em todos os portos de mar, preponderavam pela sua importância social os mercadores. Davam o diapasão às manifestações da opinião geral. O que os negociantes dissessem estava certo. "Feridos nos seus interesses, não podendo dar saída aos seus produtos, privados de receber o de que necessitavam", os homens mais influentes da praça não encontravam como consolar-se da quase completa paralisação do seu comércio, obstruída como estava a navegação mercante pelos navios do Império, de sentinela à barra. Não se queixavam, está visto, do bloqueio: murmuravam a princípio, deblateravam abertamente depois contra a presença, ali, daqueles intrusos que obrigavam os governos do Rio de Janeiro e da província a medidas de represália. Sem dúvida, muitos deles se haviam manifestado, em outros tempos, favoráveis à causa revolucionária. Isso, porém, na suposição de vir a República a contar com o apoio geral do povo. Mas verificada a impossibilidade do triunfo, por que insistir? O que não se podia tolerar é que sofresse a sociedade inteira pelos caprichos de alguns. E os argumentos do egoísmo e da cobiça encontravam ressonância no espírito da coletividade. Imaginara o povo, na sua ingenuidade, que a vitória da revolução houvesse de caracterizar-se por uma imediata, quase mágica modificação no mau estado da coisa pública. Aquela gente "que parecia reduzida ao último degrau do acabrunhamento pela opressão longa de que fora vítima", segundo dizia Rossetti, verificava agora, na sua impaciência por uma vida folgada e tranquila, que aos males antigos novos males acresciam. E o fermento da revolta entrou a manifestar-se. A Laguna conspirava.

A Canabarro custava-lhe crer na veracidade do informe: o centro da conspiração era na igreja matriz, o outro não a orientava senão o vigário Francisco Vilela de Araújo, aquele mesmo que, no dia da eleição do presidente da República, ocupara a atenção dos ouvintes com uma oração turibular, de exaltação aos bravos libertadores chegados do Sul e de louvores entusiásticos às ideias a que serviam. Seria crível? Mas, afinal, quando agiria com sinceridade aquele padre: quando aplaudia a revolução, ou quando conspirava contra ela? Rossetti lhe explicaria filosoficamente que o padre era

sempre pelo governo estabelecido: quando se elegera o presidente da República, parecera-lhe indispensável apoiá-lo, pois se instalava um novo governo; e agora, quando via que a causa republicana era débil de força para opor-se às armas do Império, não menos evidente se lhe antolharia a necessidade de pronunciar-se a favor do poder mais forte. O padre fazia questão de estar com a vitória. A Igreja não poderia ficar mal por questões políticas.

Mas não houve explicação que servisse a Canabarro para coonestar as atitudes subversivas do vigário. Mandou prendê-lo. Ordenou rigorosa investigação acerca da conjura. Mais de sessenta habitantes da cidade foram levados à prisão, entre eles o major Francisco Gonçalves Barreiros, pessoa geralmente benquista no lugar.

Canabarro começava a desmandar-se. O povo, que já não acreditava na força dos invasores, mais se irritava em face de tais violências. E a conspiração se alastrava.

*

Mesmo nas imediatas vizinhanças de Canabarro fervia a intriga. Como campeão dela figurava um espanhol, José Guasque, que se dizia engenheiro e coronel. Na realidade, um charlatão dos mais acabados. Demitido do serviço do Império, fora procurar fortuna entre as forças de Neto. As suas bravatas granjearam-lhe imensa popularidade. Dizia-se capaz de fazer voar pelos ares a cidade de Porto Alegre. Consumado trapalhão, dentro em pouco procurava Neto ver-se livre da sua incômoda presença. Talvez pudesse ele, que se dizia autoridade em tantas matérias, prestar serviços à República Juliana.

Com a chegada de Don Guasque, nunca mais tiveram sossego nem Canabarro nem Rossetti. O estado-maior do comando geral era um fervedouro de mexericos. Não havia posição em que Guasque não pudesse os olhos. Todas as funções lhe pareciam apetecíveis. Palrador, insinuante, simpático de presença, onde ele surgisse os melhores amigos da véspera se desentendiam.

Sabia mentir com a mesma convicção que poria Epaminondas no empenho de não se afastar da verdade. Rossetti, visado pela sua preferência dos seus manejos ocultos, esteve a pique de sair da secretaria do governo para cedê-la ao aventureiro. Incapaz de medir-se com personagem

de tal coturno, preferiria sempre abandonar o terreno e estabelecer com ele uma luta de competições. Escrevendo a Domingos de Almeida, principal responsável pela sua ida à Laguna, lembrava que só aceitaria a função de secretário do governo "por falta de outro mais idôneo, e por insistência do presidente". Mas exigiria a sua demissão, assim entrassem as forças republicanas na cidade do Desterro. Iria, acrescentava, servir na coluna de Teixeira, "a quem quase amava tanto como a Garibaldi".

Também em torno do chefe da esquadrilha rondava a intriga de Guasque. Mas Garibaldi, indiferente sempre a essa espécie de indivíduos, nunca lhe deu atenção. Nenhuma lembrança lhe ficou desse Cagliostro de feira de arrabalde, cujo nome nem uma só vez aparece nas *Memórias*.

Percebeu Canabarro em tempo as traças do perigoso indivíduo, e tratou de afastá-lo de si. Em carta a Neto, referia as preocupações que lhe davam as suas onímodas invencionices: – "Meu amigo, se os catarinenses e o coronel Guasque me não tiram o juízo, eu direi que tenho deste gênero de boa quantidade; pois eles têm trabalhado a fim de não me deixarem algum."

Arredado o intrigante, conveio Rossetti em manter-se no cargo que só ele poderia desempenhar junto às múmias do governo. Mas havia gasto no medíocre entremez muita energia, e levado até às ultimas possibilidades a força da sua paciência. E isto em momento dificílimo, quando de toda ordem se acumulavam às vistas dos reais dirigentes da República.

*

Garibaldi, que observava com olhos perspicazes as causas desse generalizado descontentamento em relação ao governo, não tinha ouvidos, entretanto, para quanto dele próprio se dizia, abertamente, pelas ruas da cidade. O rapto de Anita constituía um dos temas principais dos agitadores monárquicos e dos revolucionários descontentes. Considerava-se aquele escândalo de fugir com uma mulher casada imperdoável afronta à face de toda a população da Laguna. Antes do fato, ninguém repara jamais na apagada existência de Duarte. Agora o sapateiro era apresentado como uma das vítimas da invasão. Subira o homem, contra a sua própria vontade, além das chinelas. Era um símbolo da dignidade ofendida dos lagunenses.

À sensibilidade de Anita, porém, não passaria despercebida a profunda modificação operada em torno dela. As amigas mais íntimas

exprobavam-lhe acerbamente o proceder e lhe davam conta do rumor que se fizera pela sua fuga com o italiano. Viu que seria inútil insistir em demonstrar-lhes a pureza dos seus sentimentos. Ninguém a compreenderia. Apenas uma que outra lhe manifestava um pouco da complacência. Sofria por ver-se alvo dos comentários malévolos do povo. Vinha-lhe um ardente desejo de se afastar daquele lugar, para terras onde ninguém a conhecesse e de onde ela nunca mais pudesse voltar.

*

Enquanto os republicanos, reduzidos praticamente à impotência, mal gastavam em pequeninas querelas as melhores energias, tratava Andreia de organizar-se para levar-lhes um ataque fulminante, que houvesse de expulsá-los da província. Não regateava o governo central em acudir-lhe com os devidos recursos. A decisão das suas atitudes infundia ânimo, de novo, aos defensores do Império. Celebrava-se a habilidade com que soubera reduzir a demagogia inconsciente de Xavier das Neves. "Andreia – lia-se numa correspondência ao *Jornal do Comércio* do Rio – Andreia, ou mais político ou mais consciencioso que Pardal, nomeou não obstante Neves" para o emprego em que tão bons serviços prestava à legalidade. "As coisas não têm piorado. Ele tem feito sair todos da apatia e amortecimento em que estavam; pois além de enérgico, tem olhos que enxergam bastante e bastante longe. Despreza os intrigantes e caluniadores, e em todas as suas disposições só deixa ver os ardentes desejos que o animam de salvar a província. Que contraste! Como por mágica tem ajuntado e alistado gente; ninguém se esconde nem recusa ao serviço. O arsenal naval trabalha com atividade e dentro de poucos dias teremos uma força respeitável para entrar em operações. Estão se organizando batalhões provisórios...; e em breve, com a força de linha que aqui está, teremos um pequeno exército para repelir os farrapos e coadjuvar pelas nossas fronteiras a província do Rio Grande. Oxalá que São Paulo desta vez faça o que só tem prometido, a ver se acabamos com a anarquia que tão teimosamente por cinco anos tem assolado a província do Rio Grande e influído sobre a nossa, e em suma, sobre o Império. Estamos muito contentes com Andreia. É homem de espada na mão, e tem prudência e economia. A ninguém revela o que pretende fazer. Vê-se que ele dispõe com rapidez, sabe-se quais são as suas

vistas; mas como determina os meios, isso só deixa a conjecturar. Enfim, temos homem... que não nos deixará ficar mal."

Organizava o enérgico português os seus planos com perícia e executava-os com impressionante rapidez. Tratou primeiro de fortalecer-se na capital. Limpou-a de elementos suspeitos. Levantou o ânimo da população. Estabeleceram no continente as linhas de cobertura que o pusessem a salvo de uma surpresa. Infestaram de espiões os arraiais dos revolucionários. Mas, quando já ia passar à ofensiva, produzia-se a revolta da guarnição de Araçatuba, ao sul da capital. Agiu com rigor contra os insurgentes, que haviam assassinado o comandante da praça, Fernandes Ortunho, aprisionado dois tenentes e várias praças.

Seguro, por fim, das posições que ocupava, combinou com Mariath e o coronel José Fernandes a tática a seguir no ataque aos republicanos. Os elementos e terra e mar de que dispunha seriam suficientes já para garantir-lhe a vitória contra o inimigo, sempre à espera de recursos que não vinham. Se os revolucionários do planalto houvessem conseguido sublevar as populações do interior e estabelecer contato permanente com o litoral, como fora planejado, apresentaria a tarefa de Andreia dificuldades insuperáveis. Mas, encurralado naquela estreita nesga entre as montanhas e o mar, a derrota final de Canabarro era apenas questão de tempo. Os elementos de Lajes falhavam por completo ao combinado. Serafim Muniz, incumbido de descer da serra com duzentos homens, não aparecia. E dentro da própria vila do altiplano começavam os aditos de Cândido Alano a preparar a reação em favor do Império.

Impossibilitada de avançar, a coluna de Teixeira Nunes dormitava ao longo do Maciambu. A ação sobre o Desterro mostrava-se cada vez menos provável. Em que pensaria Canabarro? Na verdade, aquela inércia seria para desesperar um homem do temperamento inquieto de Teixeira. O coronel José Fernandes, comandante dos postos avançados no morro dos Cavalos, conferenciava com Mariath. O chefe da vanguarda republicana não tinha dúvida: a ofensiva dos legalistas não tardaria.

Uma noite, a coluna de Fernandes pôs-se em movimento, rio acima, enquanto Mariath velejava para a barra do Maciambu e o tenente Fernandes Pereira ia postar-se na Ponta da Pinheira. Ao clarear do dia, o tenente operou o desembarque na ponta, a fim de apossar-se das embar-

cações encalhadas na praia. Receberam-no os republicanos com cerrada fuzilaria. Tiveram de recuar. Cerca de cinquenta legalistas desembarcaram. E enquanto parte deles "se ocupava em deitar ao mar as embarcações encalhadas, outra... entretinha o fogo". Hora e meio durou o combate. Conseguiriam os legalistas apoderar-se de seis embarcações. Quando começavam a largar da praia, a cavalaria dos revolucionários carregou. Mas o fogo do lanchão não os deixou aproximar. Terminada com tanta felicidade a primeira parte das operações, determinou Mariath que Pereira subisse com o piloto José de Jesus as águas do Maciambu para se apoderar de um lanchão dos republicanos. Nesse meio tempo surgiram no local as forças de terra comandadas por Fernandes. Atacados por dois lados, também aí os revolucionários houveram de ceder.

Fernandes, orgulhoso da vitória, comunicava a Andreia: "Em virtude das instruções de V. Exa. pus a coluna em marcha às quatro horas da manhã, e ao romper do dia forcei o passo do Maciambu, coadjuvado pelo chefe Frederico Mariath, e em menos de uma hora se passou toda a tropa. Segui o inimigo até a praia da Pinheira, onde reunidos sobre quatrocentos homens de cavalaria e cento e cinquenta de infantaria, quiseram disputar-nos o terreno; porém sendo carregados por mim com parte da nossa cavalaria, e com duas companhias de caçadores que faziam a vanguarda, chegamos a intreveirar-nos com eles e matar-lhes o capitão Henrique Marques da Rocha e três soldados rebeldes, fazendo muitos feridos e matando muitos cavalos e apossando-nos de munições, armas e mochilas. Durante o ataque, passaram-se à legalidade dezoito soldados."

Mariath exultava. Sua comunicação ao ministro da Marinha foi vazada em estilo épico. O presidente da província recebera denúncia – dizia – "de querer o inimigo passar-se para a ilha, empregando para isso lanchões e canoas, embora estivesse na barra sul um navio em vigilância". E isso, acrescentava, não era coisa de duvidar. Ao mesmo tempo em que se fazia constar, aos rebeldes não haver intenção de atacá-los, "disposições reservadas se tomavam para efetuar desembarques em diversos pontos". E depois de historiar prolixamente as peripécias da ação, resumia: "Ficaram em nosso poder, pelo ataque da Pinheira, seis grandes canhões: e pelo do Maciambu, sete canhões, duas baleeiras e dezoito canoas grandes e pequenas e um lanchão no fundo, o que monta a trinta e três embarcações."

Impossibilitada a travessia do canal pela perda desses barcos, frustrado estava o ataque ao Desterro pelos revolucionários.

Iniciada a ofensiva, Andreia não descansava mais. Alguns dias depois da ação na Ponta da Pinheira e no Maciambu, Mariath surpreendia os rebeldes na barra do Embaú e tomava-lhes três embarcações. Os soldados de Teixeira, falhos de todo auxílio da Laguna, retrocederam para Garopaba. Consideravam-se protegidos, ali, contra um novo avanço dos legalistas pela floresta que lhes ficava de permeio. Mas Andreia insistia. Era indispensável que o coronel Fernandes destruísse as forças de vanguarda do inimigo.

Duas semanas passadas, o prolixo Fernandes lhe comunicava: "As ordens de V. Exa. para destruir a força de vanguarda do inimigo ao mando rebelde Teixeira foram cumpridas." E explicava o decurso da ação. Tivera notícia "de uma picada por onde só podia passar um homem a pé, a qual, entrando na ponta da Gamboa, junto a Serra, com a volta de cinco léguas vinha por ela parte das suas tropas, que, "avançando as maiores dificuldades do terreno", as chuvas que caíam sem cessar, e marchando na escuridão da noite com todos os oficiais a pé, conseguira, na madrugada do segundo dia de marcha, "surpreender o piquete de cinco homens do inimigo, sem haver um tiro". Mas encontrara depois, continuando o avanço, um rebelde de Lajes, o capitão José Joaquim da Silveira, que não quisera render-se. Tomaram-no prisioneiro, depois de ferido e desmontado do cavalo. Ouvindo os tiros, "formou-se o inimigo e esperou" o ataque. Houve fogo de parte a parte, com o resultado de dez revolucionários mortos, seis soldados prisioneiros e um capitão, fugindo o resto em debandada para matos próximos. "Parte deles já se tem apresentado". O próprio Teixeira aparece no relato de Fernandes salvando-se, "num cavalo em pelo e perdendo até a espada". "Os cavalos fugiram assustados do fogo." Mas "tudo o mais", acrescenta, – "ficou em nosso poder". Na madrugada seguinte Fernandes atravessou o morro do Siriú; e ao meio-dia já estava de novo unido com o seu batalhão, "deixando à direita dos Morretes três postos inimigos de quarenta homens, os quais, não podendo retirar-se, fugiram para a serra". Dos fugitivos, alguns se apresentaram ao chefe legalista, alegando que serviam à revolução constrangidos, à força. Figurava entre estes um filho de Claudino Medeiros, ministro da Guerra da República.

A ofensiva legalista impelia os revolucionários para a península da Laguna, cujo ataque se preparava. Antes disso porém fazia-se necessário desalojar os republicanos de Imaruí, pequena freguesia ao norte de península. Mais de cem homens estavam dispostos ali à reação, comunicara-lhes o juiz de paz do lugar, e pediam com urgência que os auxiliassem com armas e munições e lhes enviassem um oficial de linha para comandá-los. O brigadeiro José Maria da Gama, ocorrido voluntariamente do Rio Grande a fim de cooperar na expulsão dos revolucionários da sua província natal, recebeu instruções de dirigir-se para aquela povoação com quatro companhias do batalhão da capital e dois esquadrões de cavalaria rio-grandense. Como o brigadeiro, por não ser pressentido pelos republicanos, só marchasse durante a noite, não chegou a desincumbir-se da missão, os acontecimentos começavam a precipitar-se.

*

Seguros da aproximação dos legalistas revoltaram-se os habitantes de Imaruí. Canabarro estourava de cólera. Era preciso tratar aquela gente com o rigor exigido pela sua duplicidade. Os resultados das contemporizações excessivas com os traidores vinham aparecendo nesses continuados desastres das armas republicanas. Ordenou a Garibaldi se fizesse imediatamente de caminho para Imaruí, com os barcos que fossem necessários, e submetesse os rebeldes. Depois, entregasse o lugar ao saque da soldadesca. Recebido *"l'esoso incarico di somettere quel paese e er castigo saccheggiarlo"*, Garibaldi não tinha como hesitar, embora lhe parecesse bem desagradável, sob um governo republicano, ter que obedecer cegamente a ordens tais.

Já tinham a guarnição e os habitantes do lugarejo organizado a defesa do lado da lagoa. Desembarcando a três milhas de distância, nas planuras de leste, Garibaldi realizou o assalto inesperadamente pelo morro, atacando os reacionários à retaguarda. A guarnição foi posta em fuga. Os civis trataram de salvar-se como o pânico lhes permitisse. Os republicanos apoderaram-se do lugar. Apenas um morto teve: um sargento alemão, alto, corpulento, muito estimado dos inferiores pela sua inesgotável bonomia. Quis Garibaldi enterrá-lo no cemitério do povoado, mas os soldados lhe fizeram ver que aquele bravo merecia condigno sepultamento na Laguna. E o comandante concordou em que se levasse o corpo para a cidade.

Soaram então as horas mais nefandas de que Garibaldi se recordaria, mais tarde, entre todos os anos vividos na América: o saque de Imaruí. *"Io ho mai avuto una giornata di tanto rammarico, e di tanta nausea dell'umana famiglia"*. Imensas foram as suas fadigas para refrear ao menos as violências contra as pessoas, já que impossível evitar os atentados contra a propriedade. Inaudita a desordem nas ruas e no interior das casas. De pouco lhe valeria a autoridade de chefe, menos ainda os esforços dos oficiais, que não se haviam deixado subjugar pela cobiça. De nada, tampouco, a notícia de propósito assoalhada, de que o inimigo, fortalecido de elementos decisivos, já se aproximava disposto a reengajar o combate. Nada havia que dominasse os saqueadores. E por fatalidade estava o lugarejo fartamente provido de toda espécie de mantimentos, depositados ali por habitantes das montanhas. Havia, sobretudo, álcool em quantidade. *"Di mado che l'ubbriachezza fu generale"*. Ao cabo de algumas horas, a soldadesca, completamente embriagada, parecia um bando de feras desaçaimadas. Só a grande custo foi possível embarcá-la de novo. Se o inimigo, que estava realmente à vista, sobre a montanha, houvesse levado um assalto aos republicanos, teria feito neles uma carnificina, *"ne avrebbe fatto um macello"*.

Cheio de desgosto retomou Garibaldi o caminho da Laguna. À noite, passeando na tolda do barco, viu luz no porão onde se alojavam os tripulantes e ouviu um confuso rumor de algazarra. Desceu. Quando chegou à porta do compartimento, surgiu-lhe aos olhos um quadro macabro: sobre o cadáver do sargento, estendido no chão, os soldados jogavam cartas. A luz vacilante das velas de sebo espetadas em gargalos de garrafas, uma delas colocadas sobre o ventre do cadáver, alumiava os rostos dos comparsas, congestionados pelo álcool e que *"facevan l'effeto di certi demoni... giocatori d'anime"*. Nunca mais se esqueceria Garibaldi daqueles depredadores dos míseros habitantes de Imaruí, jogando sobre o corpo de um cadáver o produto de seu saque.

*

A situação da Laguna piorava dia a dia, hora a hora. Pela sua falta de ductilidade, não seria Canabarro o homem indicado para enfrentar a situação. Não captava simpatias, não agremiava dedicações, muito menos semearia entusiasmos. Os amigos mais fiéis à causa sentiam-se chocados com as suas maneiras ásperas, com a intolerância de seu caráter. A

princípio temera-o a população, e por isso não se opunha à sua vontade discricionária. Com o correr dos tempos, porém, vendo-o fraco de recursos e quase que abandonado a si mesmo, passava a resistir-lhe com crescente decisão. À míngua de simpatia pessoal e de poder militar, procurava ainda fazer-se obedecido pela prepotência; mas a prepotência gerava a revolta. O general tratava os catarinenses, diz Garibaldi, com *"contegno prepotente";* e em consequência continuava o povo a *"sollevarsi contra la Republica"*.

Causava indignação por toda a província os termos de uma carta de Canabarro a Neto, interceptada na serra pelos legalistas e por ales amplamente divulgada em seguida: "As fileiras desta República contam com um diminuto número de catarinenses: na vanguarda, sete lajeanos de cento e tantos, e trinta lagunenses; o batalhão de guardas nacionais desta cidade anteontem contava trezentos homens e ontem cento e tantos. Onde irá fazer termo a falta de brio e desalento destes homens? Não tem limites: nascerão para escravos, salvo honrosas exceções. As circunstâncias até ontem às duas horas da tarde me obrigarão a deixar esta posição e conservar a do Campo da Barra. Se o inimigo marchasse sobre mim de Vila Nova (cinco léguas distante daqui), reduzindo o número de nossos patrícios, seria temerário arriscar-se a um combate que talvez marcasse funestas consequências; mas o anúncio de ontem às duas horas da tarde, de ter acampado na Barra o segundo batalhão, me arredou inteiramente de projetos que até então me pesavam e lançou-me em ideias que só procuram delinear combinações de um ataque decisivo. Eu estou preparado, e ele não há de demorar muitos dias; suposto que ainda não se pode conhecer exatamente a força inimiga em Vila Nova".

Apesar de sentir tão altamente crítica à situação, Canabarro confiava ainda. Em quê? Não por certo, na força das suas armas. Muito menos em qualquer reação do povo em favor dos republicanos. Do planalto, nada mais havia a esperar. Lajes já estava em poder dos legalistas. Alano triunfava na serra. Na praia, o inimigo se encontrava a poucas horas da Laguna. Mas se as tropas de Fernandes sobrestivessem alguns dias na ofensiva, talvez chegassem ainda em tempo os prometidos recursos do sul. Em horas tão difíceis, só medidas de extrema energia podiam valer. Daí o rigor sem limites com que enfrentava a população apavorada da Juliana, cujas prisões regurgitavam de conspiradores e de pessoas suspeitas à República. "Espero", escrevia a Neto, "que outra carta minha vos fale largamente da grande derrota que o inimigo vai sofrer."

. . . .

Capítulo VII

A RETOMADA DA LAGUNA

VIVE A CIDADE JULIANA dias nervosos, de febril agitação, de ansiosa, vibrante expectativa. As forças de Teixeira Nunes, sabe-se, vêm tocadas por numerosa tropa de cavalaria e infantaria, comandada por José Fernandes. E na enseada de Imbituba, Mariath organiza a esquadra para secundar o ataque por mar.

O comandante geral prepara a resistência da praça. Faz-se necessário passar parte da tropa para o lado sul do canal, a fim de evitar o encurralamento na ponta extrema da península. Foi Garibaldi encarregado de dirigir o serviço. Não seriam em número excessivo os homens a transportar. Entretanto, como fossem quase todos de cavalaria, apresentava-se a tarefa cheia de dificuldades pela falta de barcos em condições. *"Io ebbi il mio da fare",* anota o comandante da esquadrilha.

Grande parte da população abandona às pressas a cidade e procura ganhar a outra banda da lagoa. A desordem nas ruas é completa. O governo desapareceu. Ninguém dá notícias do padre-presidente nem dos ministros. Os elementos mais caracterizadamente republicanos da cidade tratam de retrair-se, se possível de ganhar distância. Boatos terroristas andam de boca

em boca. "A última posição dos republicanos, Itapirobá, já fora exterminada pelos legalistas". "As forças de Teixeira haviam sido destroçadas por completo". "Quem comandava os imperiais era o próprio Andreia". "Canabarro preparava-se para fugir". "Toda resistência seria inútil". Chegara a hora da debandada, do salve-se quem puder. A Laguna delira de pavor.

No meio do caos, Canabarro, mais taciturno do que nunca, sobrecenho franzido, as pálpebras cerradas, dita ordens. Que continuasse a passagem das tropas para o outro lado. E tratasse a vanguarda de postar-se nas alturas do Campo Bom. Pensa-se em obstruir a barra, pondo-se ao fundo algumas embarcações. Alvitra o comandante se feche o canal com grossas correntes de ferro. Ótima ideia. Mas onde encontrar as correntes? Deixando de parte projetos de difícil execução, tratam os responsáveis pela defesa naval de valer-se de meios que encontrem ao alcance as suas possibilidades.

Pelo mau estado das baterias não estava o forte da barra em condições de servibilidade. Preferível colocar ao longo da encosta os seis canhões que o guarneciam, por forma a dispará-los quase à queima-roupa sobre o inimigo, dado que ele realmente entrasse no porto. Em plano inferior ao das peças, ao longo da praia e rumo de oeste, numa extensão de trezentas a quatrocentas braças, estender-se-ia uma linha de atiradores, mil e duzentos homens, cujo fogo acompanharia as sinuosidades do canal. Gente toda escolhida, que se voltaria à morte quase certa se os legalistas lograssem transpor a barra. Na extremidade interior do sangradouro dispõe-se em semicírculo a esquadrilha republicana. A *Itaparica*, entregue aos cuidados de João Henriques, entestaria com o inimigo antes dos outros. Logo após o *Rio Pardo*: o capitânia. O barco de Griggs, a *Caçapava*, seria o terceiro da fila. Vinha depois o *Seival*, sob o comando de Valerigini. A seguir as duas canhoneiras, a *Lagunense* e a *Santana*, comandadas por Manuel Rodrigues e Inácio Bilbao. E entremeados com os navios, cinco lanchões com atiradores.

Garibaldi não para na sua dupla faina de efetuar a passagem das tropas e de tomar as medidas reclamadas pela defesa naval. *"Io faticai dunque della mattina, sino verso mezzodi."* Combinam com Griggs, com João Henriques, com Valerigini, com Rodrigues e Bilbao os pormenores da ação. Volta a examinar os serviços de transporte, que não chegam a termo. Cruza o canal uma, duas, cinco, dez vezes. Quer certificar-se pelos

seus próprios olhos se as ordens estão sendo executadas a rigor. Retorna à presença de Canabarro para sugerir alguma nova providencia. E procura, na entrada da barra, as posições mais elevadas, de onde tenta descobrir as velas inimigas, que já devem estar a caminho.

Depois da surpresa da Encantada, afanavam-se os legalistas por não mais perder contato com os revolucionários. Diariamente, as suas vanguardas tiroteavam com os retirantes. Já tinha José Fernandes sob suas ordens, agora, dois mil homens perfeitamente equipados e em condições de se atirarem a maior empreendimento. Tropa de escol, sua maioria: o batalhão provisório do Desterro, composto de oitocentos guardas nacionais sob o comando do major Miguel Moreira; o da serra, comandado pelo major Melo, reforçados com a gente que Fernandes trouxera do Rio Grande; o segundo de caçadores e um esquadrão de cavalaria. Insistia Andreia por que a força avançasse com a maior rapidez. Mariath, que já estava com quase todas as suas unidades reunidas na enseada de Imbituba, fazia sentir a Fernandes a conveniência de apressar a marcha. Mas apesar de tratar-se de um trajeto a ser coberto em quatro ou cinco dias, a brigada avançava com extrema lentidão. Mariath, com os navios quase em mar aberto, começava a impacientar-se.

Resolveu Andreia ir pessoalmente à zona de operações. Sua ordem do dia, ao sair da capital, era um clamor de vitória. Ao chegar a Imbituba, viu que a força não progredia porque lhe faltavam recursos mais indispensáveis. Tratou de melhorar o serviço de abastecimento. Mas não havia tempo a perder. Que a tropa avançasse de qualquer maneira. Quanto mais se retardasse a marcha maior seria a penúria.

Os espiões que voltavam da Laguna mais confirmavam os comandos legalistas na convicção de que a investida não podia ser procrastinada. Diziam que estavam por chegar, a qualquer momento, grandes reforços do Rio Grande; que toda a tropa dissidente se encontrava na vila; que a barra seria fechada com correntes presas sob embarcações. Mariath, assim que ouviu tais notícias, transmitiu-as a Andreia. E este determinou se organizasse uma força de trezentos homens, da melhor gente, cento e cinquenta marinheiros e outras tantas praças da brigada expedicionária, que se vinha aproximando já de Imbituba. Essa força seria transportada por um navio a vapor para o cabo de Santa Marta, onde desembarcaria

nas praias do norte, aproveitando o vento que soprava do sudoeste. E de lá marcharia sobre a barra da Laguna, a fim de remover as correntes que a fechassem e impedir a retirada do inimigo, quando o grosso das tropas entrasse na vila.

O plano não poderia ser mais absurdo. Executado que fosse, talvez o resultado da ação houvesse sido outro que não aquele que dentro em pouco iria produzir-se. Aconteceu, porém, que o vapor da carreira se atrasou. E o projeto de Andreia teve de ser posto de lado.

Com o vento que passou a cair de nordeste, os navios de Mariath garravam, perdendo ferros e amarras. Uma das canhoneiras, a comandada pelo tenente Wandenkolk, esteve a ponto de perder-se. As outras içaram as velas e passaram a bordejar ao longo da enseada, em cujo fundo, pela extrema dureza das areias, não podiam deitar âncoras.

"Notícias aterradoras circulavam, e todos os dias os partidaristas do inimigo as espalhavam, apresentando providências por ele tomadas", testemunhava Mariath ao governo da corte. E Fernandes confirmava esse ambiente de apreensões em que viviam os legais, referindo-se a informações relativas a "grandes forças do inimigo chegadas do sul", aos seus planos para passar à retaguarda, bem como às suas fortificações, "sem eu ter", dizia, "artilharia grossa". Mas percebia o chefe monarquista o exagero de tais informações "que os rebeldes espalhavam a propósito para lhe distrair forças".

Afanavam-se Mariath e Fernandes por não desmerecer no conceito do autoritário Andreia. "A confiança que nós merecíamos do Excelentíssimo Presidente mais fazia esforçar nossos desejos, a par de dificuldades que a cada passo se acumulavam." O comandante naval, vendo que o plano traçado por Andreia não poderia ser executado, concentrava-se em procura de outra solução. "Esgotei minhas fracas ideias em planos que logo destruía, à proporção que me ocorriam, pois árdua era a empresa." Pensava na angústia do canal da barra. Um tiro de pistola, disparado da fortaleza, atingiria com a maior facilidade os navios que por ali tentassem passar. Sabia que no forte do morro existiam "seis peças de artilharia, fuzilaria e diferentes obstáculos". E Garibaldi, não havia negar, era um "intrépido guerreiro". O corso de outro dia provara sua tenacidade, ao enfrentar em circunstâncias sumamente desiguais os três navios, naquela mesma enseada.

Mariath continuava pensando. Esgotou "todas as suas ideias"; por fim deliberou em forma definitiva o último plano e o comunicou a vários comandantes. Prometeram-lhe todos "antes sucumbir com honra, quando a sorte fosse adversa, do que praticar a mais leve ação" em desdoduro das armas imperiais. Ele por sua vez "estava assistido dos mesmos sentimentos". Transmitiu o seu plano a Fernandes. E ambos, postos de acordo, esperavam apenas que o vento mudasse para norte ou nordeste. Logo que isso se verificasse, forçaria Mariath a barra. Se de fato a passagem estivesse impedida pelas correntes estendidas entre o lado norte e a *Itaparica*, não seria esse um obstáculo instransponível, de vez que as seus navios poderiam facilmente meter a pique aquela unidade rebelde. Fernandes, com marchas forçadas, deveria atingir a vila ao mesmo tempo em que os navios estivessem acometendo as barreiras do canal.

Mariath organizou o avanço. A canhoneira nº 14, ao mando do segundo-tenente Manuel Moreira da Silva, e quatro lanchões levando cento e cinquenta marinheiros, deviam abordar a *Itaparica*, "para meterem-na a fundo ou desfazer as correntes, caso as tivesse, a fim de entrarem as demais embarcações". Previa que houvesse de perder nessa operação pelo menos metade dessas guarnições. "Contudo, críticas eram as circunstâncias, e maior glória caberia aos que escapassem por terem o arrojo de ir abordar uma embarcação de guerra debaixo de uma bateria, a menos de um tiro de pistola." Seguiam-se na popa, a duas amarras de distância, mais duas canhoneiras, comandadas pelos tenentes Pereira Pinto e Gama Rosa, com o desígnio de distrair parte do fogo que a fortaleza e os navios rebeldes deveriam fazer dos lanchões. Três amarras pelas popas dessas canhoneiras iriam ao patacho *São José*, comandado pelo piloto José de Jesus; o brigue escuna *Bela Americana*, comando do tenente João Custódio Houdain; o patacho *Desterro*, comandante o tenente Marcos José Evangelista; o brigue escuna *Cometa*, sob as ordens do capitão-tenente Sena de Araújo; e finalmente a canhoneira *Belico*, sob o comando do tenente Manuel José Vieira. De mestre prático serviria o piloto Caetano Gomes Ribeiro. Mariath, chefiando a expedição, iria a bordo do *Éolo*.

A escuna *Calíope* e o patacho *Patagônia*, comandados pelos tenentes Castro Meneses e Jorge Otoni, tiveram ordem de simular um desembarque no cabo de Santa Marta, a fim de atrair para esses lados a

atenção do inimigo embora com a agitação do mar e os ventos reinantes ninguém pudesse acreditar a sério na viabilidade de tal operação.

Antes do meio-dia avista Garibaldi a esquadra legalista. *"I legni nemici s'avanzavano."* Vinte e dois, ao todo, os barcos do inimigo. Alguns de pequeno porte, adequados admiravelmente às operações naquelas águas de pouco fundo. De óculos em punho, ao alto do morro, acompanha as evoluções do inimigo. Não há dúvida: ele não se limitará ao bloqueio, a operações à distância, mas tratará de transpor a barra para fazer o combate aos republicanos dentro da lagoa. Corre Garibaldi a comunicar a Canabarro a sua convicção. "*Il nemico si disponeva a forzare l'entrata.*" O quadro se desenha sombria Como poderá ele, com seus reduzidos barcos, enfrentar aquela expedição? A todo custo, devia tratar-se de impedir que os legalistas atravessassem o canal. E para isso faziam-se necessários imediatos reforços às linhas de atiradores. *"Io feci avertire il generale."*

É possível que Canabarro encontrasse exageradas as apreensões do comandante naval. É admissível que, esperando um ataque de flanco das forças de Fernandes, não quisesse desfalcar as suas defesas. Fosse por uma destas razões ou por já haver decidido a retirada, certo é que Canabarro titubeou. O momento crítico se aproximava, sem que os defensores do canal houvessem recebido os reforços tão ansiosamente reclamados.

Todos, porém, estão a postos. Sobre o convés da *Itaparica*, pronto a atirar-se a um inimigo três vezes mais forte, o modesto João Henriques, que tão alto soube elevar a fama da bravura lagunense, espera, imperturbável, o rompimento do fogo. Griggs afirma que Mariath, dentro de algumas horas, confundirá o canal da Laguna com as águas do Styx. Bilbao, ruidoso na sua vivacidade de biscainho, infunde ânimo à gente da *Santana*. Ao lado dela, a *Lagunense* já está com a tripulação disposta para a refrega. Valerigini transmite instruções ao imediato do *Seival*. Sobre o tombadilho do *Rio Pardo*, Garibaldi acompanha os últimos aprestos para o combate, a bordo dos navios, na bateria, na linha de atiradores. Ao seu lado, como uma sombra, a figura de Anita.

Os minutos correm letargicamente lentos e longos. Parece que o tempo sofre paralisia. Não chegam ainda os reforços? Volta e meia Garibaldi perscruta, inquieto, a estrada do acampamento. Nada se move naquelas direções. Do outro lado do canal a Laguna dá a impressão de um burgo

morto, de uma cidade inibida pelo pavor. Olha para o alto do morro. Lá está o posto do vigia. Que comunicam os seus sinais? O inimigo se aproxima. Os navios navegam em forma de aríete. Não se enganara Garibaldi: eles vão forçar a barra. E os reforços não chegam. *"Nessuno giunse a tempo per coadjuvare alla difess"*. Que estará fazendo Canabarro?

Garibaldi consulta agora as condições do tempo, indaga do estado do mar. O nordeste aumentara de violência. Corriam as águas com impetuosidade em direção à foz. Parece que o tempo, desta vez selou um pacto de amizade com o inimigo. O canal deve ter aumentado consideravelmente de profundidade. Garibaldi chega-se à proa para inquirir a João Henriques. "Doze a quatorze palmos", é a resposta. Raríssimas vezes oferece a barra tanto fundo. Parece de mal agouro a coincidência. Nestas condições, a esquadra inimiga seria *"favorita dal vento e dalla corrente"*. João Henriques confirma. "Realmente, é caso muito extraordinário nestas águas!" E os minutos decorrem longos, letargicamente lentos... Como é enervante esperar-se o início de um combate!

Mais ou menos pelas duas da tarde o inimigo surge, afinal, à entrada da Laguna. No tope grande da *Éolo*, a capitânia, o sinal de bandeira nacional indica a ordem de forçar a barra. "E a este sinal nada mais se ouviu senão vivo fogo" e aclamações ao Imperador. Mariath, "em ponto mais visível e exposto da embarcação, em pé sobre a retranca", acompanha, ansioso, as primeiras peripécias do combate.

Aproximam-se os navios em linha, como lhes fora prescrito. À frente, como ápice da cunha, veleja a canhoneira de Manuel Moreira da Silva, o *Manuel Diabo*: famoso pelas suas façanhas. A bateria da praia abre fogo sobre ele. Comanda-a Sousa Leão, o destemeroso *Capote*. A artilharia de bordo responde com extrema decisão aos tiros de terra. E o navio avança. Na sua esteira navegam mais alguns, já dentro da barra. Agora, acompanhando as sinuosidades do canal, os barcos inimigos têm as proas voltadas sobre o forte. Parece que vão cravar as quilhas precisamente no lugar em que estão armadas as baterias. É o momento culminante da investida. Se logram transpor este estreito braço do canal, terão garantida a entrada no porto. Redobra a intensidade do fogo da bateria. O alvo dos canhões situa-se a poucos metros. Torna-se vivíssima a fuzilaria. os mais destros fazem tiros de pontaria. Verificam-se as primeiras baixas da canhoneira. *Manuel*

Diabo, de carabina em punho, dirige a investida. Grita, impreca, blasfema. As balas lhe sibilam em torno. Que ninguém arrede o pé! Os soldados caem ao seu lado, cabeças despedaçadas, troncos destroçados, peitos abertos em largos ferimentos.

Capote, de pé junto à bateria, infunde ânimo aos seus homens. Que não cesse o fogo! Que se carreguem com rapidez as peças! Que os artilheiros façam pontaria segura sobre o convés da canhoneira! E o fogo da bateria continua. "Aproveitando as circunstâncias que tanto o favoreciam" contara Mariath, "os inimigos enviavam-nos projéteis que enfiavam os nossos navios, ora pela proa ora pela popa. Uma chuva de balas disparadas quase a queima-roupa pela sua infantaria, abrigada por uma cortina de pedra ao lado da mesma fortaleza, causava-nos um dano terrível. Pode-se dizer uma justa ideia do que sofríamos neste choque." Tão intenso é o canhoneio, tão vivo o chepitar da fuzilaria que alguns práticos se desorientam. Um lenho primeiro, e a pequenos intervalos mais dois, encalham no canal.

Os tiros dos navios abrem, por sua vez, extensas clareiras na guarnição da bateria e na linha de atiradores. O primeiro barco já está além da volta do sangradouro e começa a investir contra a *Itaparica*. Os subsequentes, de formidável potência de fogo, forçam a passagem com menor dificuldade. Mas a bateria resiste. Os artilheiros que caem são substituídos por outros, menos destros, todos dispostos, porém, a não entregar a posição ao inimigo enquanto lhes sobre algum alento. *Capote*, o "*valoroso capitano Capotto*", faz prodígios. Mas pela "*poca pratica degli artiglieri*" que se vão improvisando, os adversários, obrigados embora a apresentar o costado e logo a alheta à bateria, conseguem transpor quase todos o canal. Passa sobre cada navio "um sopro de destruição". Mais do que um combate, é um turbilhão de fogo que os envolve. Mas os navios continuam avançando "com velocidade regular, tocados pelo vento e pela maré, através de uma tempestade de balas". "*La squadra nemica entró tutta, facendo un fuoco d'inferno con artiglieria e moscchetti.*"

A luta está sendo bem mais terrível e sanguinolenta do que se imaginara. Parecem os pobres navios da República "verdadeiros açougues de carne humana": caminha-se sobre cabeças separadas dos corpos; tropeça-se a cada passo em esparsos membros de corpos terrivelmente mutilados. Um a um, vão caindo os valorosos comandantes dos barcos revolu-

cionários. Só Garibaldi continua ileso. Ao seu lado, Anita, "*Incomparabile mia Annita*", mais intrépida ainda do que as horas terríveis de Imbituba, esforça-se por animar a marinhagem, acode aos pontos mais expostos, descarrega ela mesma o canhão do *Rio Pardo*. Mas, pouco depois de concentrado o fogo dos atacantes sobre a capitânia, todas as suas peças vão sendo desmontadas. Escassa a tripulação, porque muitos dos marinheiros haviam ficado em terra a prestar serviços na bateria e nas linhas de atiradores. Se os reforços não chegarem imediatamente, a situação estará perdida.

Garibaldi, desesperado, envia Anita à presença de Canabarro para mostrar-lhe a inadiável urgência de socorro. Sem muita demora, volta Anita com a resposta do general: que Garibaldi pusesse a salvo o que fosse possível e incendiasse os navios.

O inimigo continua a fulminar o *Rio Pardo* com a sua artilharia. Poucos são os sobreviventes a bordo da capitânia. Garibaldi quase já não encontra quem o auxilie nas medidas que lhe são ordenadas pelo comando geral. *"Ed io quasi solo dovendo incendiare la piccola nostra flottiglia!"* Dispõe-se Anita a fazer a travessia num escaler a dois remos, para salvar algumas armas e munições de guerra. Garibaldi concorda em que ela se dirija a terra, à condição, porém, de não retornar, de aguardar-lhe a chegada entre os retirantes do Comacho. Cumpriu Anita a primeira parte das instruções, não a segunda. Dentro em pouco, está outra vez a bordo para retomar nova carga. Vinte vezes atravessou o canal, sob a fuzilaria do inimigo. Encolhiam-se o mais que pudessem os remadores, na ânsia de se protegerem das balas. Anita, de pé na popa da embarcação, desafiava, imóvel, o crepitar da metralha.

Nesse em meio, o *Seival* e a *Santana*, impossibilitados de toda defesa por terem desmontados os rodízios, veem-se obrigados a fugir à perseguição da *Bela Americana* e de dois lanchões. Outra solução não lhes fica senão atirarem as quilhas sobre os baixios mais próximos, através dos quais consegue salvar-se a maior parte das tripulações.

Posto em salvamento o que fora possível, passa Garibaldi a incendiar os navios. Fácil seria a empresa no *Rio Pardo*, mas dificílima nos demais. Aproximando-se, de facho em punho, do costado da *Itaparica*, avista João Henriques, o bravo, o modesto marinheiro da Laguna, com um largo rombo aberto no peito, caído no convés entre dois terços, pelo

menos, da equipagem. *"Juan Enrique, del paese della Laguna... lo trovai passato nel mezzo del petto da un biscaino."* Não pôde Garibaldi demorar-se no adeus ao companheiro. Os imperiais se aproximam para a abordagem. Mas quando as canhoneiras já se alongam com os costados da *Itaparica*, ouve-se um estrondo formidável: explode o paiol de pólvora do lenho revolucionário. As chamas devoram-lhe o velame, os mastros, parte da coberta. Atônitos, os legalistas não percebem que do convés da capitânia tenta alguém escalar a amurada da *Caçapava*. Quando os olhos de Garibaldi alcançam o tombadilho desse barco, depara-se-lhe um quadro dantesco: o pobre John Griggs tivera o corpo partido em dois pedaços. Uma bala de metralha, disparada à imediata vizinhança dele, destacara-lhe o tronco dos membros inferiores. "O busto ficara de pé contra a amurada, com o rosto intrépido ainda purpureado pelo ardor do combate." Garibaldi, horrorizado, apalpa-se e pergunta a si mesmo como explicar que ele se encontrasse intacto ao meio de tão formidável carnificina, "se não se havia poupado mais do que os outros". Por instantes rápidos, contempla a fisionomia do desventurado Griggs. *"Ei somigliava vivo".* E prossegue na sua faina destruidora. Também a *Caçapava*, logo depois o *Rio Pardo*, são presas das chamas, pira mortuária digna pela grandiosidade, dos bravos que jazem nos seus tombadilhos.

Caem as primeiras sombras da noite quando Garibaldi, cumprida até o fim a dolorosa tarefa, atravessa com Anita, em derradeira viagem, o canal da Laguna. O incêndio dos navios deita clarões sinistros sobre as águas, iluminando as cenas finais da fuga dos revolucionários. "Atiravam-se à água famílias, soldados, tudo em desordem, morrendo até mulheres à bala. Foi um horror a passagem do canal."

Para os lados do Camacho, ouve-se o rumor confuso do exército que bate em retirada.

*

Muitos anos mais tarde, em visita ao Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, celebrava D. Pedro II a arriscada passagem da armada imperial em Curupaiti. Ouvia-a com atenção o velho almirante barão de Ivinhema, que tomara parte na batalha naval da Laguna como primeiro-tenente, comandante da canhoneira nº. 6. Não contraveio, por certo, o encanecido

Pereira Pinto ao que dizia Sua Majestade. Mas pediu vênia para uma observação:

"Em Curupaiti, senhor, acometiam a uma fortaleza de armamento antigo embarcações pujantes, de espessa couraça, monitores modernos com artilharia de tipo aperfeiçoado, montada em torres ou baterias cobertas. Em 1839, foi em frágeis navios de madeira, borda baixa, que nos arrostamos com a furiosa resistência que nos contrapôs Garibaldi. Pareceu-nos milagre, ao termo do combate, o havermos podido escapar com vida a essa pavorosa tormenta de balas."

Os imperiais haviam conquistado a vitória à custa de uma centena de baixas, mais ou menos. Todos os navios, posto que nos cascos não fossem grandes as avarias, estavam com as mastreações e os velames despedaçados. Decidiu Mariath que alguns lanchões entrassem pelo Tubarão, a dar caça aos inimigos que fugiam em pequenas barcas, por entre os juncos.

Às primeiras horas da noite, entrava na vila a coluna de José Fernandes. Chegava depois da ação. Mas Fernandes, em comunicação com Andreia, fazia questão de figurar como comparsa da vitória: "A força de mar e esta coluna venceram as dificuldades que o mau tempo, os ventos contrários, a falta de mantimentos para os cavalos em um terreno arenoso" lhes opunham. "Eu marchei logo ao campo de Itapirobá, donde os inimigos se retiraram vergonhosamente. Forçando o passo sem dar-lhes tempo a defender-se, cheguei a esta vila ao mesmo tempo em que a nossa esquadra se cobria de glória, entrando na barra e batendo-se com a fortaleza e quatro barcos inimigos que foram queimados, e outros mercantes ficaram em nosso poder." Se mais não fizera o coronel, não fora culpa sua e sim do inimigo, que não esperara por ele para ser batido como convinha: "Sinto que o inimigo, contando mil e tantos homens, comandados pelo general em chefe e cinco coronéis, não se quisesse bater e defender a sua capital."

Mas, apesar de quantos esforços fizesse Fernandes, o herói da jornada era Mariath. As comunicações que despachou a Andreia e ao ministro da Marinha punham em realíssimo destaque o feito da esquadra. "Mandei abordar as embarcações: porém o inimigo pegou fogo nas escunas *Itaparica* e *Libertadora*. Contudo atalhou-se o fogo de um patacho novo, e a escuna *Caçapava* foi ao fundo pelos rombos que recebeu, porém, já está sobre fundas para ser levantada. Completa foi a nossa vitória; pois até foram mortos todos

os comandantes, menos o seu chefe José Garibaldi." As baixas dos legalistas, segundo as comunicações oficiais de Mariath, não passariam de dezessete mortos e trinta e oito feridos. Muitos anos mais tarde, porém, comentando numa folha do Rio de Janeiro as *Memórias* de Garibaldi que acabavam de aparecer, admitiria que houvessem sido em número de cinquenta e um mortos e de doze feridos. O lealismo do comandante naval tocava ao sublime: "Foi o dia 15 de novembro aquele que a Providência tinha destinado para que a Divisão Naval que tenho a honra de comandar, em operações nas águas de Santa Catarina, se cobrisse de eterna glória e fizesse triunfar as armas do nosso Augusto e Caro Imperador."

A primeira providência de Andreia, conhecida a vitória, consistiu em declarar "sem nenhum efeito, nulos e como se nunca houvessem existido, assim na parte civil como na militar e na judiciária, não só todos e quaisquer atos emanados do governo revolucionário e das autoridades que lhes obedecessem, mas qualquer convenção, ajuste ou avença entre partes que devesse ter efeito em juízo". O governo de Sua Majestade e seus delegados não poderiam reconhecer de nenhum modo os atos praticados pelo ajuntamento de rebeldes, que havia dominado na vila da Laguna e seus distritos desde 22 de julho até 19 de novembro. Em seguida, Andreia foi visitar a praça reconquistada. Era seu dever – dizia – agradecer pessoalmente aos vencedores da Laguna o haverem arrancado a vila às mãos dos inimigos do trono constitucional, "firmando com esta gloriosa empresa a completa restauração da província e dando o primeiro passo decisivo para a consolidação da integridade do Império e sustentação da coroa do nosso Augusto Monarca o Senhor D. Pedro II".

A linguagem altissonante do general havia de comover profundamente a população da vila, mais legalista agora do que a cidade ou o vilarejo que mais o fossem por todos os confins do Império. A câmara municipal, que meses antes delirara de entusiasmo na presença de Canabarro, que proclamava a República, criara a Cidade Juliana, convocara os eleitores para eleição do presidente, instituíra as cores nacionais do novo Estado, enviara a Andreia, três dias depois da sua fala, um entusiástico voto de congratulações pela vitória da legalidade. "A Câmara Municipal desta vila julga do seu mais rigoroso dever patentear a V. Exa. os seus agradecimentos por ocasião da feliz restauração desta vila. Em vão pretendeu

um punhado de rebeldes destruir o sistema que o Brasil adotou; porém V. Exa., menosprezando esse partido desvairado, fez com que se apresentassem as forças de mar e terra comandadas pelos muito beneméritos capitão-demar-e-guerra Frederico Mariath e tenente-coronel José Fernandes dos Santos Pereira, e foi quanto bastou para pôr em completa debandada esses perversos que vergonhosamente abandonaram este porto. É pois a V. Exa. que tudo se deve; os habitantes deste município não se cansam de louvar os serviços por V. Exa. prestados a esta província. Digne-se V. Exa. aceitar os protestos de consideração e estima que os habitantes deste município tributam à pessoa de V. Exa. Deus guarde V.Exa."

A fisionomia da Laguna estava mudada. Onde os revolucionários, onde os defensores da República, onde, sobretudo, algum responsável, comprometido na malograda aventura? As sátiras mais mordazes circulavam, em torpe linguagem rimada, contra Canabarro, contra Garibaldi e Teixeira. Como reconhecer naquele vilarejo, tão profundamente deprimido na sua expressão moral, a Cidade Juliana de ontem, a altiva sede de um governo republicano, que houvera pensado erigir-se em exemplo de dignidade cívica às populações do Império? Parecia que a lepra do adesionismo não deixara extreme do *vírus* um único habitante do lugar. A degradação da Câmara municipal, votando em julho moções de entusiasmo aos "bravos libertadores da província", proclamando, "em nome da vontade unânime do povo" um "Estado Republicano, Livre, Constitucional e Independente", e congratulando-se em novembro com o delegado da monarquia por haver conseguido expulsar da vila os perversos representantes de um partido desvairado que pretendera destruir o feliz sistema de governo adotado pelo Brasil, não suscitou protestos de indignação nem fez com que os lagunenses chorassem de desespero pela falta de vergonha dos seus representantes comunais. Caiu a República? Viva o Império!

Aderir era a preocupação geral. Aderiam uns estrepitosamente. Na verdade, nunca haviam sido republicanos, explicavam. Tinham obedecido à República, sim, mas coagidos pela força das circunstâncias. No âmago das consciências, porém, jamais esmorecera o seu apego ao trono... Outros aderiam constrangidos. "Que hei de fazer? Você sabe: continuo republicano. Mas preciso viver. Adiro para poder cuidar dos negócios, que andam mal..." Havia ainda os chefes, que aderiam não por si, mas pelos

amigos, os revolucionários em má situação. "Como se deixaria abandonada à discrição do vencedor aquela pobre gente sacrificada nos seus interesses? Não seria justo que os amigos perdessem os empregos, as propinas, os fornecimentos de que viviam. Melhor seria que aderissem todos, para que tudo na vida do município continuasse como antes."

A Laguna aderiu. E tudo continuou como antes, na conformada consciência da Cidade Juliana. Salvo raras exceções, os empregados da República passaram a empregados do Império. Os fornecedores do comando geral dos revolucionários fariam os seus fornecimentos, daí por diante, ao governo da província. Os negócios do porto voltavam à normalidade. A Laguna sentia-se feliz.

Cordeiro desaparecera, e com ele os ministros. "Vergonhosamente fugiram presidente, ministros, etc." informava José Fernandes a Andreia. Ia Cordeiro recolher-se à vida privada, dizia. Estava mais que farto da política. Afastado do mundo, continuaria a cultivar a delicada flor do seu idealismo.

Logo que Andreia chegou à Laguna, recebeu, entre outras, duas visitas sensacionais: a de Oliveira Tavares, o primeiro ministro da Justiça e da Fazenda, e a do seu substituto, José Pacheco dos Reis. Iam apresentar-se à autoridade. Pacheco, que se dizia democrata, passou, daí por diante, a viver em perfeita conformidade com a ditadura do general, representante do governo do centro. Antônio Claudino de Medeiros, ex-ministro da Guerra e da Marinha, este foi alvo até da gratidão de Andreia, porque havia sabido valer-se do seu cargo "para prestar benefícios a seus comprovincianos que mereciam dos soldados rio-grandenses". A nova situação premiava a transigência, a covardia, a duplicidade, a traição. E era geral, na população da Laguna, o empenho por mostrar-se à altura das exigências morais da nova ordem de coisas que se inaugurava.

*

Entre o Campo da Barra e a foz do Camacho, vagaroso, em desordem as colunas, retirava, rumo ao sul, o exercito republicano. Maltrapilhos, exaustos, vencidos de tantas provações, eram aqueles retirantes, na verdade, um exército de "farrapos". Canabarro, pálpebras cerradas, as linhas do rosto contraídas numa expressão de profunda, de insondável tristeza, só tinha uma ideia: afastar-se o mais depressa possível, afastar-se para sempre daquelas

terras, respirar de novo os ares do Rio Grande. Caminhava, perto dele, Garibaldi. Marchavam pela mesma estrada que haviam percorrido *"pocchi mesi prima, gonfio it cuore di speranza, e precedutti dalla vittoria"*.

Para trás lhes ficavam os distritos da Laguna, na sua conformação com a derrota, na sua adesão à vitória. Para diante, caminho do sul, seria de novo a luta pelas ideias da revolução.

Capitulo VII

A EXPEDIÇÃO AO PLANALTO

NO PASSO DO CAMACHO, estiveram os republicanos acampados mais de uma semana. Era preciso tomar alento, observar o inimigo, esperar os retardatários.

Um dos primeiros a chegar foi *Capote*, que alcançou os retirantes na mesma noite da derrota. Mantivera o fogo das baterias até as últimas horas da tarde. Só ao ver as fogueiras dos navios é que dera sinal de suspender a ação. Quando os legalistas chegaram às vizinhanças do forte, já não encontraram ninguém. Sousa Leão e os seus poucos homens, desvairados de emoção e de fadiga, atravessavam as charnecas da Carniça à procura da força que se deslocava em direção ao Campo Bom.

Teixeira Nunes, este viera em retirada de ltapirobá à Laguna sob o fogo das vanguardas de Fernandes. Corria "com uma vera nuvem de inimigos sobre os calcanhares". Mas retardara quanto possível o avanço dos imperiais. Quando entrou na cidade, a resistência da esquadrilha já entrava em agonia. Nada mais havia a fazer senão tratar de atingir a outra margem. Passou como um raio pelas ruas desertas e atirou-se às águas do canal, cruzando-o a nado com a maior parte dos que o acompanhavam.

Nos campos em que fizeram alto, tratou Canabarro, como pôde, de reorganizar a coluna. José Fernandes, que tanto lamentara nas suas comunicações oficiais não o houvessem esperado os rebeldes para serem por ele condignamente batidos, não se atrevia, contudo, a uma investida em regra. E daria graças a Deus por certo, não se lembrasse do inimigo de refluir sobre a Laguna. Dia-riamente as suas vanguardas esboçavam tentativas de avanço. Mas o intrépido Capote, a quem Canabarro confiava o comando da retaguarda, mantinha-as à distância e obrigou-as algumas vezes a retroceder sobre os pantanais da Carniça.

Enquanto se refaziam as tropas, o comando geral deliberava. Se chegassem os reforços do Rio Grande, poder-se-ia retomar a ofensiva sobre a Laguna, opinava Teixeira Nunes. Mas corriam os dias, a nenhum sinal de auxílio. Assentou Canabarro prosseguir na marcha para o sul, em direção a Torres. Não havia alternativa, dizia, embora estivesse à foz do Mampituba ocupada por uma coluna legalista superior a mil homens, gente do famigerado Juca Ourives. E no planalto, os Alanos, preparada a reação com a cumplicidade do vigário e do juiz de paz, tinham reocupado a vila de Lajes, no mesmo dia em que a Juliana recaíra em poder do Império.

Lentamente recomeça a coluna a mover-se rumo do Araranguá, ora ao longo da praia, deserta, ora, para garantir o pasto à cavalhada, mais sobre o interior, onde, disfarçados sob enganadores relvados, dormem os extensos e traiçoeiros tremedais. E esse terreno recortado de numerosas lagoas unidas entre si por estreitos sangradouros, os quais, de espaço a espaço, procuram, através das dunas, precárias comunicações com o mar. Difícil se faz por aí o avanço da tropa. As populações de pescadores disseminadas na faixa entre as lagoas e o oceano já não os acolhem agora com a comunicativa simpatia de meses atrás, quando avançavam sobre a Laguna.

Canabarro, sempre irritado contra aquela gente resignada à miséria, incapaz de todo esforço que não seja a fácil presa do marisco, descrê de qualquer tentativa no sentido da sua libertação. Teixeira Nunes, porém, insiste. O essencial, antes de tudo, é reforçar a situação do planalto. A serra garantira, por fim, a posse do litoral. Chegados os reforços, um duplo avanço do sul e do oeste poderá desalojar o inimigo da Cidade Juliana e mesmo do Desterro. Mas o general continua indeciso. Que Teixeira tratas-

se de alcançar o planalto. Ele prosseguiria em direção ao Rio Grande, onde mais úteis poderiam ser os seus serviços.

Deliberada a divisão da coluna, Garibaldi e Rossetti resolvem acompanhar Teixeira Nunes. Assenta-se que o chefe da esquadrilha comandará a infantaria da expedição, restos da sua marinhagem e alguns voluntários que se foram juntando aos retirantes. À testa dos seus bravos, longe está Garibaldi de sentir-se desanimado em tão difícil situação. No meio dos maiores contratempos não o abandona o otimismo. Dir-se-ia um discípulo de Candide, um irmão de Pangloss. Estava maltrapilho? "*E che m'importava il non aver altri vesti, che quelle che mi incoprivano il corpo*?" Terminada por maneira tão dramática a sua atividade de marinheiro, sentia-se lançado aos azares de uma vida menos aventurosa, quiçá mais atraente ainda — a de guerrilheiro. "Orgulhoso dos vivos, orgulhoso dos mortos, quase orgulhoso de si mesmo", jamais cogitaria ele que o erário da Republica não dispusesse de dinheiro para pagar os soldos dos seus servidores. Trazia à cintura uma espada, no arção do cavalo uma carabina. Por que não haveria de encarar com tranquilidade o futuro? Ao seu lado caminhava Anita, *"la donna del mio cuore",* dizia, Anita, o maior tesouro da sua vida. Não o obrigava o seu amor a todos os sacrifícios? Ela enfrentava o fogo dos combates com um sangue-frio de pasmar, como se não tivesse noção real dos perigos que a envolviam. Aquela mulher excepcional era digna, sem dúvida, "*dell'universale ammirazione*". Daqui por diante, haveria de esforçar-se mais ainda por não desmerecer de tal companheira. Olhava-a com embevecimento. Junto dela, quanto mais exaustivas se tornavam as privações da marcha, mais desejável lhe parecia à vida.

*

No Araranguá, deteve-se de novo a coluna. Ótima situação aquela para um fica-pé contra os "caramurus" de Andreia! A tardias horas teria Canabarro percebido o erro de não haver abandonado a Laguna antes do embate com os navios de Mariath. Nenhum lugar mais apropriado para esperar o avanço das tropas legalistas do que aquela traiçoeira zona compreendida entre as barras do Camacho e do Araranguá. "Em vez de prescrever em hora mal ensejada o retrocesso, Canabarro, desde que se desenhou com nitidez o poderoso armamento destinado à restauração da

Laguna, devera tê-la abandonado, para estabelecer mais sólidas linhas de resistência ao sul, primeiro no Camacho, segundo no Araranguá... Num e noutro sítio, poderia organizá-las, até mesmo com a ajuda e aproveitamento dos navios, se as circunstâncias locais permitissem conduzi-los ate lá." E seria de imaginar-se '"que milagres se pudera efetuar com eles em melhor zona, tendo-se em conta os que engendrava Garibaldi em outra muito mais desfavorável, peito a peito com uma forte esquadra do Império". Com efeito, transportados em tempo para o Araranguá os recursos bélicos existentes na Laguna e inutilizado assim o préstimo dos navios legalistas, como se aventuraria o cauteloso José Fernandes a acometer os republicanos parapeitados em tão formidável defesa natural, obrigados a percorrer, dias e dias, aqueles terríveis pantanais?

Seria tempo, ainda agora, de intentar a defesa dessa linha? Por certo que sim, principalmente se uma parte da coluna galgasse a serra e fosse limpar de inimigos a zona de Lajes. Mostrou-se o comando geral inclinado ao projeto. Mas quando Teixeira Nunes e Garibaldi iniciaram a subida do planalto, pôs-se o general em marcha, na direção do Mampituba.

*

Ao longo da costa meridional de Santa Catarina e ainda para o sul de Torres, rompe-se o planalto abruptamente em muralhas talhadas a prumo, cujas alturas variam de dezenas a centenas de metros. São os *taimbém,* os *ita-aimbé*, pedras pontiagudas, resultado da ação erosiva dos rios, segundo Maull, ou consequência de uma formidável paráclase, como opina Reinhard Maack. Acompanhando as camadas das rochas pérmicas desde Minas, através de São Paulo, elas atingem no sul à sua máxima grandiosidade e deixam a perder de vista, aí, os similares das regiões centrais. Desenvolve-se sinuosamente a linha dos *taimbés,* recortada em pontas que avançam sobre o litoral, em entrâncias que fogem para o interior. Aqui, uma saliência se destaca, longa por vezes de alguns quilômetros, e franjada, como uma renda, de caprichosos paredões menores. Ali, retrai-se o corte; e como que apavorado do bramir soturno do Atlântico, busca em demoradas extensões afastar-se o mais possível da faixa litorânea. De espaço a espaço, presas do delírio das alturas, as águas tímidas de algum riacho precipitam-se no abismo e rolam desfeitas em espumas, sobre rochas altas e esguias

como as torres de uma catedral. Nas cercanias do Araranguá, na latitude de 28° e 57, levanta-se um desses extensos paredões, ao qual, pela artificiosa forma que assume, chamam de *Conventos.* Visto do mar, configura-se, na verdade, como enorme e solitária construção, perdida naquele deserto para retiro de almas que buscassem na solidão a proximidade de Deus.

A *boca da serra* que dá acesso ao caminho do planalto é uma passagem augusta e íngreme, antigo leito, talvez, de uma corrente alpestre, e cujo percurso só com o auxilio de vaqueanos pode ser tentado. Ao longo da subida, são os animais obrigados, de trecho em trecho, a deslizar cautelosamente sobre lajeados inclinados, onde o menor descuido só acarretar deploráveis consequências. Por isto mesmo, preferem-se para essa penosa viagem os muares aos cavalos. Muitas vezes tem a alimária de galgar em sucessivos pulos vários degraus dessa escada natural, aberta na pedra pelas águas de rios milenares. E sucede, não raro, que as mulas "empaquem", negando-se, teimosas, a prosseguir na perigosa ascensão. Em tal conjuntura, os cavaleiros apeiam e tomam o animal pelas rédeas, fustigando-o e concitando-o com gritos continuados a mover-se.

A boca do *Fachinal,* que comunica a praia do Araranguá com a estrada de Lajes, tem sobre as demais a vantagem de não sair no nível do mar, e sim sobre uma extensa lombada onde se levantam os morros da Cruzinha, da Rigueira e da Recorta, e que se une com as escarpas do planalto por um estreito istmo. Do sopé dos morros, ela procura o leito do rio da Praia Grande. Por que o aclive dessa picada fosse menos abrupto, preferiam-na os tropeiros para o transporte dos seus gados.

Vencendo contínuas dificuldades e afrontando perigos sem conta, o viajante, quando ainda não existiam as estradas de rodagem, fazia a subida da praia ao planalto através dessas "bocas de serra". Os seus cuidados cresciam à medida que fosse ganhando altura, pois mais escarpado se tornava o caminho. E quando sucedida – coisa muito frequente – surpreendê-lo em caminho a *viração*, outro recurso não lhe ficava senão o de quedar-se imobilizado horas e horas, até que o sol, em luta com a neblina, conseguisse por fim vencê-la. Tão densa é às vezes essa cerração, que duas pessoas, à distância de poucos metros, se perdem de vista. Formada pelas correntes aéreas verticais oriundas da insolação dos campos e que atraem as nuvens do litoral, ela cai geralmente das duas às cinco horas da tarde,

sobretudo nos meses do estio. Começa o viandante por sentir primeiro um vento frio que sopra do lado do mar e vai rapidamente aumentando de intensidade. Logo depois, sobre as bordas do planalto, aparecem esbranquiçados nimbos, que progridem na direção de oeste e envolvem, dentro em pouco, toda a encosta num espesso manto de névoa.

Só muitos quilômetros para o interior, essa neblina desaparece aos calores do sol. Mesmo os vaqueanos, mais traquejados correm risco de desorientar-se dentro dela, escondidos por completo o leito da estrada, já de si tão perigosa, pelos precipícios que a marginam. Contam moradores dessas paragens que até pontas de gado têm muitas vezes rolado pelos *taimbés* abaixo, nas horas da *viração*.

Atingido o planalto, não cessam ainda os incômodos da viagem. Pois longe está o altiplano de apresentar-se numa prolongada, intérmina planura, como geralmente se imagina. Formam-no um sem-número de chapadas sobrepostas, entre as quais, no correr dos períodos geológicos, foi à água dos rios cavando profundos vales. O solo, de terra vermelha nas alturas médias, torna-se nas mais elevadas amarelento, e preto por fim nas altitudes superiores a mil e duzentos metros. Predominam, na costa oriental da serra, os campos de gramíneas ásperas. Os matos aparecem abundantes nas proximidades dos riachos, nas ribanceiras dos vales, nas depressões aonde confluem as águas pluviais. Nas alturas menos elevadas, encontram-se extensos pinheirais cujas copas dão a impressão, à distância, de sucessivas escadarias a limitarem, ao longe, a linha do horizonte. Nas altitudes maiores, porém, os pinheiros desaparecem substituídos por uma vegetação arbórea de madeiras de pouco préstimo. Em algumas regiões, até esta mata rala e pobre cede lugar a uma formação de arbusto raquíticos. Só de longe em longe, uma que outra árvore. "Se não fosse o solo pantanoso, o viajante teria a impressão de encontrar-se em plena *caatinga* nordestina." Os cambajuvais, espécies de taquara baixa, nutritiva para os gados, os xaxins, fetos arborescentes, e ainda os carás comunicam ao ambiente, por léguas e léguas, aspectos de completa desolação.

Os campos pantanosos, que ocupam largas extensões na xona mais elevada, desorientam também os melhores conhecedores do planalto. Eles não aparecem apenas nas depressões dos terrenos, mas ainda nas suas convexidades, nos flancos das coxilhas, nas escarpas dos morros. Aventurar-

-se por essas campinas traiçoeiras sem o auxílio de guias é sempre empresa das mais arriscadas. Mas encontram-se também campos ondulados, de pastagem intensamente verde, rodeados de matas e matizados de flores, regiões propícias como as que mais o forem para o amanho e a lavoura. Surgem como verdadeiros oásis dentro da grandiosidade brutal daquela paisagem.

Desde que a vila de Lajes aderira à República, preocupava-se o governo do Rio de Janeiro em organizar no planalto os fracionados elementos reacionários lá existentes. O caudilho de maior voga no clã dos Alanos, Cândido – Candinho como o chamavam – ansiava por uma desforra dos reveses anteriormente sofridos. Não descansava. Movia-se pelas picadas ermas a conclamar os seus sequazes. E auxiliado pelos disfarçados correligionários com que contava na vila, pôde preparar a reação que culminara na sua recaída em poder dos imperiais.

Confiara o ministro da Guerra a organização militar e o comando dos elementos da serra ao brigadeiro Francisco Xavier da Cunha. Depois de limpo o planalto de revolucionários, deveria a coluna entrar no Rio Grande, e – feita a junção com os grupos que sob as ordens do coronel Antônio de Melo Albuquerque preparavam um levante em Cruz Alta – marchar sobre Porto Alegre, a fim de aliviá-la da pressão do assédio republicano. Posta em pé de guerra no Rio Negro uma formação de dois mil homens batizada com o nome de “Divisão S. Paulo” e também de “Divisão da Serra”, entendeu o brigadeiro que a retomada de Lajes pelos imperiais devesse marcar-lhe o início da ação.

Entrado no sertão catarinense, dirigiu ao Campo do Corisco rebuscada fala dos habitantes. “A vanguarda da coluna do Rio Negro, que como por encanto se organizou e armou na extrema divisa da província de S. Paulo em menos de sessenta dias, já pisa aquém do sertão! O general que marcha à sua frente, munido de instruções do governo imperial, não nutre em seu peito sentimentos de vingança, não alimenta ideias de extermínio... A coluna, composta de aguerridos emigrados (rio-grandenses), de leais e valentes paulistas e cavaleiros curitibanos, não tem outro pensamento que o do seu general: se mal intencionados o contrário vos disserem, não vos acrediteis. Eia, serranos, reuni-vos a estes bravos. Desapareçam dentre vós, para sempre, a anarquia e seu horroroso cortejo. Sede brasileiros, sede o que deveis ser, legalistas! A efêmera república vai acabar”...

Dirigia-se o avanço de Cunha sobre o posto de Santa Vitória, antigo registro estabelecido pelo fisco de Sua Majestade à margem esquerda do rio Pelotas, com o fim de proceder à arrecadação das taxas do gado que saísse da Capitania d'el-Rei para a feira de Sorocaba. A notícia da retomada da Laguna comunicava-lhe a euforia da vitória. Aranha, Serafim Muniz, Antônio Inácio e outros líderes revolucionários, perseguidos de perto por Alano, batiam em retirada para os campos de Vacaria. O brigadeiro só tinha uma ideia: avançar. *"Avanzavasi pel la Serra la divisione Acunha, venuta dalla provincia di S. Paolo"*, diz Garibaldi.

Como vários núcleos de rebeldes perambulassem fracionados, pelas costas do arroio de Santana, mandou que cem cavalarianos, alguma infantaria e mais gente que se pudesse reunir, invadissem os Campos Novos, passassem o Pelotas junto ao Mato Português e fizessem "mão baixa em tudo que fosse farrapos, até ao registro de Santa Vitória", em cujas imediações foi colocar-se a toda pressa, informava ao presidente da província.

Não menos que no valor das armas, confiava o brigadeiro no retorcido estilo das suas proclamações, escritas, como os relatos de César, na terceira pessoa do singular. Do passo de Santa Vitória, onde "por agora fazia o pião das suas operações" dirigiu eloquente fala aos habitantes de Cruz Alta, incitando-os a se levantarem contra a República e a reagirem como reclamava o dever dos legalistas. "A divisão da Serra", dizia, "acha-se em marcha; e pela proclamação que o general fez publicar se conhecerá não só as suas benignas intenções como as bem fundadas esperanças que nutre a respeito dos habitantes de Cruz Alta e em geral de todos os serranos. Estabelecei uma boa e leal polícia na vila e vinde com confiança e pronto auxílio ocupar um posto militar no Mato Castelhano; aí sabereis das disposições" já tomadas para que seja batida de vez "a hidra infernal da anarquia".

Mandou buscar em Lajes um reforço de cem homens, pois recebera instruções de cobrir aquele município, perseguir os rebeldes e não lhes deixar fôlego. Não satisfeito com os convites públicos dirigidos às populações concitando-as a voltarem ao seio da legalidade, afanava-se ainda em epístolas endereçadas a líderes revolucionários, instando por que se pusessem a serviço do trono. Escreveu nesse sentido a Joaquim Mariano Aranha, confiando a cartas a um indivíduo que aparecera no acampamento, fugido,

segundo afirmava, de uma força rebelde. Essa força, dizia o fugitivo, não devia passar de duzentos homens no máximo. Recebida a mensagem, fingiu o espião que a levava ao destinatário: Poucos dias depois, voltou dizendo não ter podido entregá-la pessoalmente em vista do cuidado que nele punham os rebeldes, mas a transmitira a seguro portador. Reiterou ainda as declarações anteriores com referência ao número do inimigo, mal provido de armas e sem disposição de bater-se. O brigadeiro exultou.

Quando já cogitava de sair a atacá-los, voltava a reunir-se à coluna o capitão que fora encarregado da batida no arroio de Santana. Contou que perseguira os rebeldes por grande distância, chegara às imediações de Cruz Alta, estivera em Passo Fundo, onde arrebanhara ótima cavalhada e de onde trazia avultado número de voluntários. Tudo, para os lados do Rio Grande, se esboçava da melhor maneira. O adversário estava desmoralizado. Este era o momento de batê-lo.

Confirmando o oficial da sua tropa tudo quanto lhe revelara o indivíduo que oferecera levar a carta a Marianito Aranha, sem mais refletir resolveu o brigadeiro passar o Rubicão, que aí se chamava Pelotas.

*

Lenta e árdua se fez a subida dos revolucionários ao planalto. Através de picadas íngremes bordadas de precipícios, foram galgando penosamente, em dias de exaustiva marcha, as encostas abruptas, em demanda da escura franja dos pinheiros que, lá no alto, limita em interminável extensão a linha do horizonte. A Garibaldi, apesar dos riscos e das fadigas, pareceria extremamente pitoresca a ascensão, tão diversa em tudo aquela natureza agressiva de quanto até então conhecera nas suas peregrinações através do Uruguai, do Rio Grande do Sul e da faixa litorânea de Santa Catarina. Tinha a impressão, a todo momento, de um mágico regresso às paisagens da Itália. Mais frequente agora do que nunca, vinha-lhe a ideia do retorno à pátria. Explicava a Anita os seus compromissos com a *Jovem Itália*, e a companheira entendia devesse ele, logo que possível, voltar à terra natal a fim de esforçar-se pela sua libertação.

Quando a coluna se bifurcou em Araranguá, preferira Rossetti acompanhar Teixeira e Garibaldi. Na Laguna, servira Canabarro com uma dedicação sem igual. Mas o caráter difícil do comandante chefe não era de

natureza a conquistá-lo como amigo. Não apenas a Garibaldi, também a Teixeira sentia-se ligado por laços de indissolúvel afeto. Ademais, considerava em muito sua ideia da expedição a Santa Catarina em cujo plano, ao lado de Almeida, colaborara com tenacidade nos conciliábulos de Piratini e Caçapava. Por isto, enquanto houvesse ainda um laivo de esperança na libertação da província, ele estaria entre os combatentes. Seria, de qualquer maneira, dos últimos que houvessem de abandonar a empresa.

Chegados por fim ao altiplano, estacaram os expedicionários a tomar providências no sentido de que lhes incorporassem os companheiros da região. Despacharam próprios à procura de Marianito Aranha, de José Gomes Portinho. Souberam de uma refrega, dias antes, na estância do Lara, entre gente do capitão Lima e de Candinho Alano. Os revolucionários, atacados de surpresa, tinham abandonado o local. Antônio Inácio de Oliveira, o proclamador da república em Lajes, também se via acossado pelos legalistas. E em má situação estava ainda Amaral, aquele bravo republicano, ferrador de profissão, que costumava gritar, quando se atirava aos "entreveros": "Conheçam agora a força do Amaral Ferrador!"

Localizados os elementos revolucionários, puseram-se em marcha na direção de Vacaria, onde se operou a incorporação de Aranha, de Portinho e dos demais. Já formavam na coluna para cima de quinhentos homens, perfeitos conhecedores de todas as grutas e socavões da região. Os "bombeiros", diariamente despachados para junto do inimigo, acompanhavam minuciosamente as suas evoluções. Corria já de boca em boca a fama de ingenuidade do brigadeiro, copioso autor de proclamações e comandante da divisão de São Paulo. Impossível não seria manejar-lhe os movimentos, levando-o a posições desvantajosas e constrangendo-o a aceitar combate em situação ruinosa para ele. Os espiões continuavam, dia a dia, o seu serviço. Já lograra um deles fazer-se pessoa de íntima confiança do brigadeiro.

Transposto o rio Pelotas, continuou Xavier da Cunha até a Chapada Bonita, onde se lhe reuniu a cavalhada. O inimigo acampava a três quartos de légua do passo de Santa Vitória. Sem perda de tempo, para lá se dirigiu o chefe legalista, cuja vanguarda de cavalarianos rio-grandenses comandados por Alano entrou a tirotear com as avançadas revolucionárias, que se moviam sob as ordens de Antônio Inácio de Oliveira, catarinense de escol.

De acordo com o plano de Teixeira, simulou Inácio esquivar-se do ataque. Recuando sempre, atraiu os imperiais para o campo do Pinheirinho, onde, escondido na floresta, se encontrava o grosso da coluna dos rebeldes. Alano insistiu na perseguição. Mas, alcançando a fazenda do Socorro, entendeu de bom aviso estacar e colocar-se nas proximidades da força do brigadeiro. Teixeira aproveitou a noite para aproximar-se do inimigo. A trote vagaroso atingiu os Quatis, em Santa Cruz, e aí fez alto para descanso da tropa. Pela madrugada, iniciou a ofensiva.

Quando Cunha percebeu o avanço dos revolucionários no alto da coxilha, computou o seu número em quatrocentos a quinhentos homens, mais do dobro do que haviam assinalado os seus informantes. Seria tempo ainda de retroceder. Enquanto a retaguarda tiroteasse com os rebeldes, poderia ele alcançar sossegado a outra margem do Pelotas. Mas como ousaria aquele meio milhar de farrapos enfrentarem a sua coluna, forte de dois mil homens? A vitória continuava a parecer-lhe mais do que certa.

Existia no registro de Santa Vitória um amplo cercado de pedra, dentro do qual se fazia, em tempos idos, a contagem dos muares e dos cavalos levados do Rio Grande para importante feira paulista. A leste dessa taipa encontrava-se "uma restinga quase impenetrável, ao ocidente de um mato mui fechado". Meteu-se o brigadeiro nesse campo entrincheirado. A força rebelde aproximava-se com lentidão, perseguindo à distância a pequena guerrilha legalista. Cunha "esperou o ataque a pé, contando talvez com a bravura da sua cavalaria, além disto, com o apoio da cerca de pedra". E o que é mais provável ainda, com a expectativa "de que muitos rebeldes se passariam" para o seu lado. Pois não se mostravam – conforme lhe haviam garantido os seus observadores – desmoralizados os farrapos, impacientes muitos dos seus elementos por abandonar-lhes a fileiras e se bandearem para a legalidade? Mais do que na cerca de pedra e na bravura da sua gente, o brigadeiro confiaria, nessa hora, na eloquência das suas proclamações, na lógica irresistível das suas cartas, enviadas por portadores de confiança as cabecilhas revolucionários de nomeada, alguns dos quais deveriam estar ali, no alto da coxilha, bem perto já da taipa do registro.

Chegado à distância conveniente, o tropel revolucionário "carregou com toda a velocidade", não para passar-se à legalidade, mas para "forçar a passagem pela porteira da guarda". Protegidos pelo cercado, os

legalistas resistem à carga. Havia gente de valor ao lado do brigadeiro. "Ali estava o capitão Valentiniano José de Lima, com os seus voluntários do *Campo do Tenente*; ali estavam os Júlios, da Vacaria, o intrépido Bento Cordeiro Rodrigues, e outros valentes da coluna, que se tinham posto a pé e faziam morder a terra a uma porção de rebeldes cada vez que lhes disparavam suas bem seguras descargas, protegidos pela cerca de pedra, e cobertos por uma linha de atiradores." Perto de uma hora durava já a luta, quando os republicanos fizeram apear um grupo de homens e avançar "pela ponta da parede onde ela embica no *itaimbé*". Carregando esses homens simultaneamente com a cavalaria em direção à porteira, "conseguiram fazer entrar uma quarta ou quinta parte da sua gente, apesar do vigor da defesa e das perdas que sofriam". Valentiniano de Lima era, entre os defensores do reduto, quem mais se distinguia pela bravura e pela tenacidade. Quando já os assaltantes invadiam o cercado, fez muitos deles retroceder sob o fogo da sua fuzilaria e "redemoinhar para fora das taipas, deixando o terreno juncado de uma multidão de cavalos e cavaleiros".

Atrás dessa primeira onda outras se arremessam sobre a porteira. Chega depois à infantaria de Garibaldi, que reforça a pressão. Valentiniano tem de ceder. Os republicanos entram de roldão na taipa. Estabelece-se o *entrevero*. Muitas centenas de homens, apertados dentro do cercado, formam um espantoso novelo. De lança em riste uns, outros brandindo as durindanas, atiram os cavalos às cegas contra os mosquetões que lhes mandam a queima-roupa, mortíferas descargas. Aqui e ali os animais rodopiam nas patas traseiras e tombam no momento em que os cavaleiros, empenhados em duelos de morte, mais necessitam deslocar-se com rapidez. Outros, caídos os donos, correm aos corcovos, gotejando sangue e transidos de pavor, à procura de alguma brecha por onde possam atingir a campo aberto.

Ao cabo de alguns instantes, desprezadas as armas de fogo, luta-se a faca, num terrível corpo a corpo, onde mal se distinguem os companheiros dos inimigos. O desvario da morte apoderara-se daqueles homens, que parecem feras ensandecidas pelo cheiro de sangue. Gritos terríveis cortam o ar, imprecações, injúrias. E o *entrevero* continua.

Num dos recantos do registro, Cunha, desmontado, procura dirigir a resistência. Vê, porém, que ninguém lhe obedece. Ali, a lei do combate é a audácia de cada um. De sabre em punho, confundido com a

soldadesca, trata de defender-se ao Deus dará, sem lobrigar como venha a ter fim aquele gigantesco abraço de morte. Dentro de instantes, sente-se ferido na coxa. É então que o pânico se apodera da sua gente. Muitos já começavam a debandar, saltando a taipa e correndo para o lado do rio. Dentro do cercado, estruge o combate. O chão está coberto de cadáveres e de homens feridos. A grande custo, assistido por alguns dos seus, o brigadeiro consegue fugir. Os legalistas que logravam atingir a ribanceira atiravam-se às águas, procurando alcançar a nado a outra margem do Pelotas.

A divisão da Serra estava derrotada, desfeita, esfrangalhada. Uma parte dela atravessou o Passo Geral, outra fugiu com o major Alano para os lados do Campo dos Touros, outra vadeou o rio "por um passo esquisito", com o capitão Hipólito, outra ainda debandou em direção da Vacaria, sob as ordens de Jordão de Melo.

Do brigadeiro Cunha não houve noticia segura. O mais provável é que morresse na travessia do Pelotas. Essa, pelo menos, a versão dos revolucionários e também a de Garibaldi, que afirma: *"Il generale nemico mori nel fiume Pelotas".* Mas na "Relação circunstanciada da derrota da vanguarda da primeira coluna da Divisão Paulistana", publicada no *Noticiador de São Paulo,* diz-se que uma parte da força em debandada se ocupava "na defesa do seu general já baleado em uma coxa, ocorrência que o privou de acompanhá-la muito por um terreno tão escabroso; e assim ficou a meia légua de distância, no lugar chamado *Pinheirinho,* no meio de um grupo de rebeldes, sem saber-se até hoje qual foi a sua sorte".

Assim terminou a marcha do brigadeiro Francisco Xavier da Cunha.

A fragorosa derrota da Divisão da Serra entregava o município de Lajes, de novo, à dominação dos rio-grandenses. Enquanto destacamentos de cavalaria se ocupavam em bater as picadas próximas em procura de legalistas extraviados, Teixeira Nunes fazia a sua entrada triunfal na vila. Garibaldi, "a cuja inestimável colaboração em boa parte se deveram os magníficos louros da jornada", acompanhava-o à testa dos seus infantes. *"Dopo alcuni giorni intrammo trionfanti in Lajes".*

Encontraram os republicanos raspado o erário da municipalidade. "A reação legalista servira de pretexto à ladroeira quase total dos seus cofres", informava Teixeira a Domingos de Almeida. O juiz de paz, adito

aos Alanos e que fora *pars magna* na restauração, desaparecera. Todos os cargos públicos estavam acéfalos. Encontrava-se dificuldade em provê-los, sobretudo o juizado, a chefia de policia, a coletoria. "Não deve V. Exa.", explicava Teixeira, "deduzir de tudo isto consequências que possam fazê-lo duvidar do patriotismo deste povo, absolutamente republicano; mas só convencer-se de serem mui poucos os homens capazes de ocupar empregos de tanta responsabilidade."

Mandou o chefe revolucionário que os moradores da vila se reunissem em dia próximo; pensava por essa ocasião prover os cargos, esperando não lhe ser difícil, "mediante uma demasiadamente lícita cabala", fazer que recaíssem os votos dos cidadãos em "pessoas dignas de confiança do governo e da República". "Não devo deixar ignorar a V. Exa. que para remediar a grande falta de camisas, calças, etc., que sofriam os patriotas que me acompanham fui constrangido a lançar mão de algum dinheiro que entrou nos cofres depois que ocupamos Lajes, como também me cumpre dizer a V. Exa. que tenho comprado uma pequena fatura de fazendas a troco de gado, a 9$000 a rês, com a condição de deixá-lo introduzir para a ilha. A necessidade era muita e assentei que se com 90 reses podia suprir as mais urgentes precisões da divisão do meu comando, não mereceria seus reproches. Os indivíduos avessos ao sistema que defendemos abandonaram seus bens, e há por isso muitas fazendas dos municípios expostas à pilhagem dos andantes. Para conformar-se às ordens que me foram transmitidas, mandei publicar uma ordenação que proíbe a introdução de gado nos lugares ocupados pelo inimigo. Tenho aproveitado a ocasião para coonestar a nossa conduta em face do povo catarinense, que, parece-me, devemos considerar como nosso aliado". E a carta continuava cuidadosa de minúcias, pra que o exigente Domingos de Almeida visse como as suas recomendações de economia e equanimidade política eram observadas pela divisão de Santa Catarina.

Orientava-se Teixeira por uma política em tudo diferente da de Canabarro. No seu entender não se dirigia a luta armada contra a população, apenas contra os defensores do governo. O povo devia ser tratado como amigo. Ainda quando existissem provas em contrário, melhor seria ignorar essas atitudes hostis e procurar habilmente captar a confiança dos simpatizantes da legalidade. O que lhe parecia fora de dúvida era que a conquista de Santa Catarina não deveria ser abandona-

da, sobretudo a de Lajes, posição de excepcional significação estratégica e política. "Esta fronteira é de primeira importância para nós, seja pelo respeito ao grande rendimento das tropas, seja porque daqui podemos manter em chasques não só a província de Santa Catarina, mas também a de São Paulo, e vigiar com a maior facilidade os distritos da Vacaria, Cima da Serra e Missões." E rogava o novo comandante ao governo da República não perdesse de vista aquele ponto, mas providenciasse para ser ele guarnecido "por uma força correspondente às infinitas vantagens que apresenta".

Apesar do desastre da Laguna, podiam os republicanos confiar de novo no êxito da expedição a Santa Catarina. Bento Gonçalves celebrara em eloquente proclamação o feito de Santa Vitória. "O general presidente e comandante em chefe do Exército viu com prazer realizadas as vitórias que augurara. Elas se têm sucedido simultaneamente em Lajes e Cruz Alta, e a causa da liberdade e independência se robustece com redobrado vigor: este município se acha, como aquele, expurgado de pérfidos reatores que o assolaram, tendo com o escarmento deles conseguido a ordem que a traição e a covardia haviam entorpecido e feito desaparecer."

As notícias que Teixeira mandava para o Rio Grande deixavam entrever novos triunfos. Se Canabarro voltasse a ocupar as margens do Araranguá, ameaçando a Laguna e ocupando o caminho de beira-mar que vai dar no Campo dos Ausentes, a fim de ficar com a retaguarda garantida, poderia a coluna da serra descer sobre o litoral e ameaçar o Desterro pelos lados de São José.

Não sofriam os republicanos do delírio das grandezas. Os próprios reacionários confessavam que, ainda depois de retomada a Laguna, encontravam "os rebeldes infelizmente grande apoio nessa província". Quando se supunham os farrapos expulsos para sempre do seu território, forçoso era reconhecer que eles reapareciam "agrupados em diferentes pontos, mostrando com suas palavras e ações que ainda os alimentava a esperança de uma dissolução do Império".

Nos primeiros dias do ano VI lia-se numa correspondência ao *Jornal do Comércio*, da corte, ter o presidente da província do Rio Grande enviado ao seu colega de Santa Catarina o aviso de que os republicanos reuniam todas as suas forças para marchar contra a Laguna: "o que se

soube em consequência de ter sido interceptada uma correspondência oficial dos farrapos por uma força legalista no correr de uma surtida fora de Porto Alegre".

O próprio terror dos imperiais mostrava que só havia motivos para que o governo da República aguardasse com otimismo o desenrolar dos acontecimentos.

Capítulo IX

CABRAS-CEGAS

AS BELICOSAS PROCLAMAÇÕES do brigadeiro Francisco Xavier da Cunha haviam encontrado um homem capaz de contagiar-se por elas: o coronel Antônio de Melo Albuquerque, monarquista de convicções inabaláveis, conhecido pela alcunha de *Melo Manso*, que o diferenciava de outro Melo, tenente-coronel, apelidado de *Brabo*. Depois da derrota de Rio Pardo refugiara-se em Cruz Alta, e lá se encontrava à espreita de uma oportunidade realmente favorável de voltar à luta. Com o correr dos tempos e pela ação natural das circunstâncias, fora se tornando *Melo Manso* o principal conspirador contra a República na Serra e nas Missões.

Quando lhe chegou a notícia da aproximação de Francisco Xavier à testa da Divisão de São Paulo, o monarquista entrou em delírio. Devorou com avidez a literatura do brigadeiro. Que dizia ele aos verdadeiros legalistas de Cruz Alta, fugidos, pelos sertões? Que não esfriassem nos zelos pelo trono do Sr. D. Pedro II, que não se quedassem nos seus ardores patrióticos aquém dos bravos lajeanos, mas fossem reunir-se a ele, sem perda de tempo. E até lhes indicava o modo de proceder e o rumo a seguir: "Vinde com confiança", dizia, "no pronto auxílio que tereis da divisão da Serra, ocupar um posto militar na entrada do Mato Castelhano."

Homem disciplinado, *Melo Manso* conhecia o seu dever. Não esperaria segundo convite. Avizinhava-se o dia 2 de dezembro, natalício do jovem D. Pedro, "nosso adorado imperador". Ocasião mais solene não se encontraria para início da reação na Cruz Alta e regiões circunvizinhas. Conjugada tão feliz circunstância "com o aparato de marcha da divisão do brigadeiro", pôs-se em campo o reacionário "à testa de seiscentos homens, para a defesa do trono constitucional". Mas ao aproximar-se da raia catarinense, estarreceu-o a mais inesperada das notícias: o brigadeiro acabava de ser destroçado em Santa Vitória pelas forças de Joaquim Teixeira, Marianito Aranha e Garibaldi.

Que fazer? Dar volta, impossível. Já lhe vinha nas pegadas uma força do seu irmão Agostinho, revolucionário irredutível. *Melo Manso*, na sua enorme perplexidade, só encontra uma solução: continuar em frente, ao Deus dará. *"Melo si dirisse verso S. Paolo"*, anota Garibaldi na sua escrita. O próprio Melo contaria, depois, suas aflições ao ministro da Guerra: "Isolado inteiramente, na vizinhança de avultadas forças do inimigo e sem esperança de poder reunir-me para Porto Alegre ou Rio Grande, desesperado, me atirei com a força para o mesmo lado onde se achava o inimigo triunfante da nossa divisão. Pintar, Excelentíssimo senhor, os trabalhos e privações que afrontamos, seria tentar um impossível. Serras escabrosas e quase intransitáveis, rios caudalosos, fome, nudez, tudo arrostamos..."

Tratou de saber com a possível exatidão onde estava o adversário, não para sair-lhe ao encontro, mas a fim de evitá-lo. Para isso contornou cautelosamente a vila de Lajes pelos Campos Novos. Nesse rumo pensava topar-se com uma divisão de São Paulo que deveria marchar sobre o Rio Grande, comandada pelo general Labatut. Quase vagabundo no meio daquelas brenhas, considerava, com justo motivo, mais que difícil sua posição. Acolhia-o por toda parte a indiferença das populações. Aquela gente estava cansada de brigar. De Labatut, não havia sinal nem notícia. Infestada a zona por elementos revolucionários, certo não tardaria Teixeira em localizá-lo. E Melo continuava errando. Na sua preocupação de evitar o inimigo e de progredir no rumo de São Paulo, já se aproximava da região de Coritibanos. Estranha sina a sua: fazer um levante no Rio Grande e tomar caminho de São Paulo! A situação não poderia ser mais ridícula. Mas dele não era a culpa. Se errara, fora tão somente no seu imenso desejo de

prestar serviços ao trono constitucional e pelo excessivo crédito que dera às proclamações do brigadeiro Cunha. Agora, que seria dele e desses seiscentos homens de boa vontade que o acompanhavam? E *Melo Manso* insistia na marcha. Como encontraria fim aquela agonia?

Sabedor Teixeira Nunes da aproximação dessa força reacionária, convenceu-se do perigo de ser por ela atacado de surpresa. Enquanto Melo fugia de Teixeira, Teixeira assombrava-se com a presença de Melo. Disfarçando-se com aquelas negaças à distância, com aquelas andanças sem nexo, por onde pretenderia alcançá-lo o inimigo? Não lhe compreendia os movimentos. E porque não os compreendesse, resolveu o chefe republicano dividir sua coluna: uma parte, sob as ordens de Aranha, esperaria ataque pelo sul, sobre o Pelotas: a outra, por ele mesmo comandada, marcharia em direção de Curitibanos, na previsão de que os legalistas pudessem baixar por ali para acometer a vila de Lajes.

Compunha-se a tropa chefiada por Teixeira de menos de quinhentos homens, incluídos os cento e cinquenta infantes de Garibaldi. Nem toda a soldadesca podia considerar-se de confiança. Entre os cavalarianos havia numerosos prisioneiros do combate de Santa Vitória, gente que era preciso vigiar a todo momento. Além disso, a disciplina dos próprios republicanos afrouxava dia a dia. Os serranos, orgulhosos da estupenda vitória conseguida sobre as hastes do brigadeiro Cunha, julgavam-se donos incontestáveis do terreno. E dentro da sua conformação psicológica, não compreendiam as exigências de uma vigilância sistemática nem se mostravam dispostos, tampouco, a passar semanas consecutivas sem cuidar dos interesses pessoais, sem rever as famílias ou voltar aos passatempos favoritos.

As guardas avançadas não davam notícia do inimigo. E a coluna prosseguia sobre Curitibanos. No terceiro dia, acampou junto ao rio Marombas. *"Campammo a certa distanza del passo di Maromba, per ove si suponeva dovesse arrivare il nemico"*. Certo andava Teixeira de não alcançá-lo tão cedo o inimigo. Por volta da meia-noite, porém, as guardas das duas forças se chocaram. Viram-se as republicanas enfrentadas de inopino e com tanta fúria, que, trocados alguns tiros, apenas tiveram tempo de fugir. Comandava o ataque o capitão Hipólito, aquele que, depois da derrota de Santa Vitória, saíra com quatorze companheiros a abrir picadas pelo meio da floresta em direção a Curitibanos, onde se juntara à força de Melo.

Espada de Garibaldi. Reproduzida de Garibaldi L'album Fotografico *de W. Settimelli, Florença, Alinari, 1982, p. 29.*

Ouvido o primeiro tiro, Garibaldi, já de pé, chamava às armas sua gente. Em poucos minutos todos estavam prontos para o combate. As últimas horas da madrugada decorreram tranquilas, mas logo que começou a clarear encontrou-se o inimigo estendido em linha de batalha, a pequena distância. Valera-se da escuridão da noite para atravessar o rio. Avaliou Teixeira Nunes serem as tropas de Melo muito superiores às suas, quase o dobro. Haveria tempo de bater em retirada e mandar "chasques", a toda pressa, pedir o reforço da tropa de Aranha. Mas o comandante republicano compreendeu que os imperiais, em tal situação, tratariam sem mais demora de afastar-se daquelas paragens, procurando, por sua vez, recursos mais adiante.

Não engajar combate ali mesmo seria uma procrastinação perigosa, pelas ensanchas que se davam ao adversário de fortalecer-se convenientemente. *Melo Manso*, ademais, não seria homem capaz de infundir, peito a peito, grandes receios a Teixeira Nunes, cujas aflições anteriores decorriam da circunstância apenas de não poder adivinhar-lhe a intenção dos movimentos. E não mostrara o combate de Santa Vitória que os legalistas da serra não estavam em condições de medir-se com os republicanos?

"All'attacco, dunque!" E os republicanos atiram-se à carga, descuidosos do número do inimigo e da sua vantajosa posição, desdobradas as linhas no alto de uma coxilha de dificílimo acesso. O primeiro ímpeto é repelido com energia pela gente do sargento-mor Gonçalves Padilha, apelidado *Padilha Rico*. Mas os farrapos voltam à carga. Entra na ação a infantaria de Garibaldi. Os atacantes, entrincheirados por sua vez nos acidentes do terreno, despejam sem descanso a fuzilaria sobre as formações legalistas que já se veem obrigadas a ceder terreno. A arremetida dos republicanos faz-se violenta, pertinaz. Nada detém aquela onda humana que se atira, morro acima, contra as trincheiras naturais ocupadas pelo inimigo. A força de Melo continua recuando. Redobra o vigor da arremetida. O recuo já foi tomando jeito de uma debandada franca. Não se contenta Teixeira, *"l'arditissimo republicano"*, com a vantagem conquistada. Entende honrar o apelido que lhe haviam posto: e atira-se como um verdadeiro gavião sobre a presa espavorida que lhe fugia às garras.

Que a coluna não perdesse o contato com os fugitivos, gritava. E iniciou-se a batida num ímpeto brutal, quase às cegas, naquele terreno inós-

pito, retalhado de socavões e traiçoeiras furnas. Mandou que Garibaldi avançasse. *"Mio ordinó pure de fare ogni sforzo colla fanteria per seguirlo."* Teixeira, "engolfado no prazer da quase completa vitória", nem atende às regras da tática. Voa a galope coxilha abaixo, distanciando-se da infantaria numa perseguição insofrida que já atinge quase a nove milhas. As vanguardas legalistas, alcançado o Marombas, começam a passar a outra margem a boiada e os cavalos. É agora o momento do destroço final. E Teixeira redobra o ímpeto da perseguição. Mas, no pânico da fuga, depara-se aos imperiais, de inopino, um admirável reduto para enfrentar de novo os perseguidores. Teixeira, no antegozo já de uma vitória próxima, que será de completo extermínio, vê-se cortado da infantaria e atacado por fortes contingentes inimigos emboscados nas matarias que lhe ficavam na retaguarda.

Num relance compreende o "gavião" o irreparável erro cometido. Conclama à defesa, com a fera energia, os seus esquadrões. Mas nem todos correspondem, como fora de esperar, à decisão do chefe. Os prisioneiros do combate de Santa Vitória, esses só tinham uma preocupação: fugir ao fogo. Na confusão que se estabelece, muitos conseguem passar-se às linhas contrárias. Os cavalarianos do Rio Grande pugnam com extremado ardor. Mas toda a bravura seria impotente, por força, contra a inesperada superioridade do inimigo.

Garibaldi, que estava a grande distância com a infantaria, esforça-se por alcançar o local da luta, em tempo ainda de auxiliar os cavalarianos na sua desesperada resistência. Deixa à guarda de Anita, com alguns homens, o improvisado parque de munições e avança em marcha acelerada. Inúteis, porém, os seus esforços. Teixeira, na fúria da perseguição, havia tornado impossível o auxílio da infantaria.

No alto de uma eminência próxima, domina Garibaldi todo o quadrado da ação. Demasiado tarde para tomar parte no encontro, cedo viria, contudo, para abandonar o campo adversário. Chama uma dúzia dos seus antigos companheiros, os mais decididos, os mais destros na luta. E depois de encarregar o capitão Peixoto de permanecer à testa dos demais, vai com aqueles bravos ocupar um pequeno capão no alto da coxilha. E dali faz frente ao inimigo, mostrando-lhe que ainda não é de todo senhor do terreno, *"che non era vittorioso ovunque"*.

“O intrépido Garibaldi”, lê-se num ofício ao comandante geral do Exército, opôs ao inimigo “a mais decidida resistência, fazendo às suas linhas um considerável estrago”.

Teixeira, esgotados todos os esforços por deter os fugitivos dos seus esquadrões, trata de atingir o capão logo que o vê ocupado pela gente de Garibaldi. Para consegui-lo, tem de fazer milagres de coragem. Pouco depois chega também o resto da infantaria, deixada sob as ordens de Peixoto. Os legalistas atiram-se com rude sanha sobre o último reduto dos republicanos, cuja defesa se torna terrível e mortífera, *“terrible e molto micidiale al nemico”*.

De Anita, porém, e dos homens encarregados da guarda das munições, nenhuma notícia. Segundo informações dos últimos que a haviam assinalado no tropel do combate, ela tentava juntar-se à infantaria no alto da coxilha.

Protegidos pelo capão, os republicanos sustentavam a resistência aos furiosos ataques de um inimigo mais de cinco vezes superior. Somavam ao todo, agora, setenta e três homens, resto de uma coluna de quase quinhentos. A cavalaria legalista, brilhante e orgulhosa da vitória, afanava-se inutilmente em sucessivas cargas contra aquele pugilo, cujas munições iam rareando. Se Melo conseguisse reunir a sua tropa, a situação de Teixeira e de Garibaldi se verificaria de todo insustentável, por tornar-se fácil os legais estabelecer o cerco do capão. E isso aconteceria dentro de algumas horas, tão logo cessasse a perseguição de parte da coluna imperial aos demais revolucionários, fugidos em diversas direções. Era, pois, indispensável “não dar ao inimigo tempo de reunir as suas forças”. Para evitá-lo, só havia um meio: buscar outro refúgio, mais seguro do que aquele. Cerca de uma milha de distância existia uma ponta de floresta. Se lograssem alcançá-lo estariam salvos, pelo menos do perigo mais imediato. Audacioso o recurso, por certo. Mas era o único. E Anita onde estaria? Impossível mandar procurá-la, cercados como estavam. As horas passavam céleres. Não havia tempo a perder. Procurando as proteções do terreno, iniciam a retirada. Os legalistas, assim que os veem sair do capão, carregam impetuosamente, mas são recebidos por cerrada fuzilaria. Afanam-se em romper o quadrado. Inútil o seu encarniçamento. Armados de carabina, os oficiais revolucionários, todos homens aguerridos, colocam-se nos lugares mais expostos.

Os soldados os secundam com decisão. Por qualquer lado que os contrários tentem a investida, são recebidos sempre com um fogo enérgico e bem orientado, que abre claros nas suas fileiras. A retirada executa-se em perfeita ordem. E sem perda de um só homem, conseguem os retirantes alcançar a floresta, onde se embrenham. A pequena distância encontraram uma clareira. Aí fizeram alto e esperaram a noite. Os legalistas não ousavam transpor a orla do mato, o que teria sido, em verdade, uma loucura. Mas não desistiram tampouco do intento de expugná-los, fosse pelo terror, fosse pela fome. Montaram guarda à brenha, percorrendo-lhe as franjas extremas, a alguma distância.

– Rendam-se! Entreguem-se!, gritam de momento a momento, aos fugitivos, que respondem com o silêncio das intimativas.

Mas, Anita onde teria ficado? Era preciso avançar. Às primeiras horas da noite, começaram os preparativos de marcha. Trataram de orientar-se na direção de Lajes. A maior dificuldade estava no transporte dos feridos. O major Peixoto, sempre tão prestimoso em circunstâncias difíceis, não poderia auxiliá-los na tarefa, pois tivera o pé atravessado por uma bala. Só às dez horas conseguiram pôr-se em caminho, através de um terreno pedregoso, agressivo, e cuidadosos sempre de não se afastarem demais da proteção da mata. Os menores ruídos deveriam ser evitados para que o inimigo não percebesse o seu deslocamento. Logo ao início da marcha, por um triz não se extraviavam, presos de pânico, aqueles bravos que com tanto sangue-frio haviam enfrentado uma força dez vezes superior à sua. Sucedeu que um cavalo, parado à beira da floresta, se espantasse com a súbita aparição daqueles homens e deitasse a correr, fazendo estardalhaço na galharia seca. Alguém gritou:

– É o inimigo!

Os soldados entraram a fugir em todas as direções. Com dificuldade conseguiu Garibaldi acalmar os mais próximos, obrigando-os a se aquietarem. Percebido o engano pelo silêncio reinante, os fugitivos foram voltando. Na escuridão, a meia-voz, procedeu-se à contagem de todos. Quando já não faltava ninguém, recomeçou a marcha. Por sorte, o inimigo, cujas vedetas não estavam a grande distância, de nada se apercebera. E quando, no dia seguinte, reencetou a busca dos fugitivos, já não se encontravam onde os deixara na véspera.

Enormes foram as provações dos revolucionários nos quatro intermináveis dias de penosa caminhada para atingir a vila de Lajes. Enquanto lutavam e sabiam próximos os legais, não se lembrariam de sentir sede nem fome nem cansaço. Mas, perdidos na floresta, tornou-se indescritível a sua miséria orgânica.

"Indescrivibile le fattiche da noi provate." A falta de víveres, o abatimento de todos, as feridas de alguns e a carência dos meios indispensáveis para pensá-las ameaçavam ao desespero aqueles homens fortes, acostumados a encarar a morte sem pestanejar. Buscavam alimento nas raízes das árvores. A sua exaustão tocava ao extremo. Mas era necessário caminhar. E para caminhar fazia-se mister, muitas vezes, abrir picadas através da mata virgem, árvores monstruosas envolvidas no labirinto verde e luxuriante das lianas.

Garibaldi sentiria ímpetos de abandonar a força, de sair da floresta e retornar o caminho da coxilha, onde deixara Anita. Que seria dela? Teria logrado escapar à sanha do inimigo? Vinha-lhe depois a ideia trágica: e se houvesse resistido, como era de imaginar? Seguramente, teria sucumbido na luta. E isso por exclusiva culpa dele, que não se opusera a que ela ficasse comandando a guarda das munições...

Espantosa, durante a marcha, a sua tortura moral. No íntimo, ninguém mais desmoralizado do que ele. Mas tinha que aparentar ânimo firme no meio daqueles soldados, quase ensandecidos de tantos sofrimentos. Já começavam a produzir-se deserções. Preferível parecia a muitos entregar-se ao inimigo. Garibaldi, para evitar a debandada geral, socorreu-se de um ardil. Reuniu os seus homens e disse-lhes que poderiam retirar-se. Estavam livres de agir como melhor lhes parecesse.

Misteriosa força a da liberdade! Bastou saberem os soldados que ninguém procurava retê-los e não estavam sujeitos à disciplina militar, para que compreendessem as desvantagens do fracionamento da força. A partir daí *"no ci furon piú deserzioni, ed entró la fiducia di salvezza"*.

No quinto dia encontraram uma picada e, à saída dela, uma casa. Estavam salvos. A casa era de inimigo. Ocuparam-na militarmente. Mataram algumas reses e fizeram dois prisioneiros. Descansados e repostos, prosseguiram para Lajes, onde entraram, espectros de homens, debaixo de um terrível aguaceiro.

Vendo que os esquadrões de Teixeira não paravam na perseguição dos legalistas e receosa de que viessem a precisar de munições, resolvera avançar com a sua guarda. Quando já tinha andado algumas milhas, deu-se o fatal envolvimento da cavalaria rio-grandense pelas emboscadas legalistas. Ainda lhe teria sido possível naquela altura, garantir-se pela fuga. Mas se difícil a situação dos companheiros, como poderia abandoná-los, permitindo se extraviassem as munições? Perto já vinha, a galope solto, um esquadrão inimigo. Anita dá ordem de alto à sua gente e organiza a resistência. Completamente cercada, manda uma carga "para ver se poderia romper o círculo daqueles que, de lança em punho, lhe intimam rendição, ao que ela se nega com desafio". Uma bala atravessa-lhe o chapéu. Forma-se um *entrevero* sumamente desigual. Um tiro, disparado à queima-roupa, abate-lhe a montaria. E quando Anita cai por terra, envolvem-na e a tomam prisioneira.

Ao cair da tarde, conduziram-na ao acampamento de Melo Albuquerque. Enorme a surpresa de *Padilha Rico* ao encontrar ali a Aninha, filha de Maria Bento, que lhe recusara a corte, anos atrás, quando morava no Campo da Carniça. Começa o interrogatório, irônico, sarcástico, ofensivo às vezes, nas suas irritantes minúcias. Anita enfrenta com estoicismo a situação. Responde sobranceira e serena às intermináveis perguntas dos seus algozes. Um único pensamento a domina: saber do paradeiro de Garibaldi, encontrá-lo de qualquer maneira, morto embora. Não a abate a desdita de ver-se caída nas mãos do homem que em outros tempos a requestara. Servia a penosa circunstância, pelo contrário, para realçar ainda mais "a inquebrantável energia de que era dotada aquela extraordinária mulher, incomparável ao homem a quem dera todo o seu amor". Entregue pelos maus fados à discrição de Padilha, toma a sua resolução: "preferiria a morte à afronta"; agredida que fosse na sua dignidade de mulher, "reagiria sem desfalecimentos".

Muitos anos mais tarde, o velho coronel Albuquerque narrava aos jovens militares de Porto Alegre cenas de prisão da companheira de Garibaldi: "Quando me foi apresentada estava malvestida, em trajes masculinos, desgrenhada... Via-se que padecia horrivelmente", Conquistara com a sua presença", dizia, "a minha admiração e a dos meus comandados". Nunca imagináramos "ver uma mulher tão valorosa". Enchia-nos de

orgulho o fato de ser ela uma catarinense, "uma compatriota, que dava ao mundo tão sublime provas de valor e intrepidez". Dispôs o comandante que ela tivesse o acampamento por menagem, e prometeu "restituí-la a seu esposo na primeira oportunidade".

Toda a sua energia, porém, começou a flexionar quando se espalhou no acampamento a notícia da morte de Garibaldi. Pediu, suplicou ao coronel que lhe permitisse procurar nos campos próximos o corpo do companheiro. Conseguida a autorização, ei-la a percorrer grutas, furnas, desvãos, em busca de cadáveres, que já entravam em decomposição. Horas e horas durou a faina macabra. Esquadrinhou todos os recantos dos locais onde se combatera. Na ânsia de encontrar o corpo de homem amado, ia, angustiada, de cadáver em cadáver. Revolvendo-os de borco, examinando--lhes as fisionomias hirtas, contraídas no desespero da luta, nos últimos lampejos de vida. Já escurecia, quando deu por finda a busca. Respirava, aliviada, Garibaldi devia estar salvo.

A partir de então, uma única ideia a dominava: fugir, atirar-se às florestas próximas, saber do rumo dos fugitivos, alcançar Garibaldi. E uma noite, arrastando-se, cosida à terra, entre as linhas adormecidas dos vigias, consegue evadir-se da clareira onde estão acampados os prisioneiros. Vagarosamente, parando de instante a instante, a observar se ninguém havia dado ainda pela sua falta, prossegue ao longo das filas dos soldados, suspensa a respiração na tortura de conquistar a liberdade. Atingido o campo de fora, livre já das vistas das sentinelas, deitou a correr desabaladamente, saltando obstáculos, embrenhando-se nas macegas, em demanda da floresta dos pinheiros. Lá chegada, exausta, emocionada, deitou-se a descansar por alguns instantes e a orientar-se no rumo a tomar. Durante a noite, naquele mato, ninguém a descobriria. Mas devia aproveitar-se das trevas para avançar, por forma que, ao amanhecer, já estivesse longe.

Caminhou algumas horas pelos atalhos da floresta. Já depois da meia-noite encontrou uma casinhola. Indecisa, estacou. Chegaria àquele rancho? Como a receberiam ali? Tomou-se de ânimo e bateu à porta. Explicou, como pôde, a sua situação. Acolheram-na com benevolência, como é de hábito entre os camponeses do Sul. Dormiu algumas horas. De manhã cedo, quando já se preparava para continuar viagem no cavalo que havia conseguido, viu, dependurado a um canto, o "pala" claro de Garibaldi. Ex-

plicaram que o tinham encontrado na estrada, no meio de outros despojos. Propôs à dona da casa um negócio de vantagem: trocar o ponche pelo xale de lã que levava, quase novo em folha. Aceita a proposta, Anita enfiou o "pala" e montou a cavalo em demanda de Lajes.

"Evitando quanto possível os raros moradores para que não dessem notícia da sua passagem, procurava de preferência os atalhos", e internava-se no mato sempre que ouvisse na estrada tropel de cavalos. Péssimos estavam os caminhos, em consequência das prolongadas chuvas. Transbordavam os rios, alagando os campos em grandes extensões. Muitos arroios, transformados em correntes caudalosas, não permitiam vau.

Era noite quando alcançou o passo do Canoas. Estavam de guarda ali quatro soldados. Anita, ignorando a ocupação militar do passo, não refreou o galope desabalado em que ia. Vista à distância pareceria um fantasma envolto em branca mortalha, galopando ao luar. Os guardas, aterrorizados por aquela súbita aparição, abandonam as armas e correm para dentro do mato. E Anita, segura às crinas do cavalo, atira-se às águas gélidas do rio, que atravessa a nado.

Na tarde seguinte, exausta, com as roupas coladas ao corpo, chegou aos arredores de Lajes. Verificou então que inútil fora toda a sua peregrinação: os republicanos tinham abandonado a vila e seguido rumo de Vacaria. Procurou, desanimada, abrigo em casa de duas senhoras. Receberam-na com desconfiança as matronas. Como poderia pernoitar um homem naquela casa? O jovem soldado, entreabrindo a camisa, deu a conhecer o seu sexo. "Só assim venceu a resistência oposta ao pernoite que pedira àquelas mulheres", recatadas e temerosas do juízo que delas fizessem os moradores do lugar.

*

A inesperada vitória alcançada à margem do Marombas levantara por toda parte o ânimo dos legalistas. Dizia o conde de Lajes, ministro da Guerra, ao presidente de São Paulo que tinha "sido muito agradável ao governo de Sua Majestade a notícia de tão satisfatório acontecimento, capaz de restabelecer a energia porventura enfraquecida, em consequência do último revés sofrido no registro de Santa Vitória". As correspondências do *Jornal do Comércio* celebravam condignamente tão gostosas novas: "Teve lugar o encontro na Forquilha, um pouco além dos Curitibanos para o

norte, na estrada entre Lajes e o rio Negro. Comandava os legais o tenente--coronel Melo, a quem perseguia o seu irmão Agostinho. Aos rebeldes, mandava em chefe o coronel Teixeira, comandando a infantaria o "almirante" Garibaldi. Iniciaram a ação os legais, comandando a sua vanguarda o valente capitão Hipólito, que escapado à derrota de Cunha, pôde, com quatorze companheiros somente, atravessar desertos que ninguém havia passado e ir reunir-se às forças do Império. Foi renhido o combate, mas afinal teve a legalidade mais um triunfo: os rebeldes perderam para mais de cem homens, inclusos sete oficiais, seiscentos cavalos, grande número de arreios, alguns armamentos e munições de guerra. E dizem que fora prisioneiro Garibaldi, o que se não sabe ao certo. Teixeira, depois de destroçado, conservou-se algum tempo no mato, e daí foi postar-se no Canoas. Ali lhe deveriam ir ter os reforços, e conta-se que com o bando de Aranha, que chamaram, e com o de Agostinho, hoje deve haver no distrito, mesmo depois da perda, para mais de oitocentos homens. Não nos sabem dizer que direção tomou a força de Missões, depois da ação da Forquilha: é provável, porém, que continuasse na sua marcha para o rio Negro, a reunir-se às forças de São Paulo."

O governo central incentivava os aprestos para uma nova ofensiva. Em São Paulo, preparava-se para cair sobre os rebeldes de Santa Catarina o general Labatut, investido em substituição ao malogrado Xavier da Cunha no comando da divisão. Não desdenharia o novo chefe de mostrar-se digno êmulo literário do seu antecessor. "Como deixar de ensoberbecer-se de ser escolhido para comandar a mais brava tropa do Brasil? Que inimigos ora se nos apresentam? Bandos, sem dúvida guerreiros, cujo ardor militar é acendido pelo quente sangue paulista que ainda corre nas veias da mor parte delas. São filhos de paulistas; mas filhos degenerados de honrados pais. Nunca um paulista verdadeiro insultaria a orfandade do seu soberano".

Os pendores literários do general não o livrariam do conselho de guerra, meses depois, em consequência dos seus malogros na serra do Rio Grande. De Santos, seguiu Labatut por mar a Paranaguá, onde chegado tomou logo as necessárias providências para enfrentar os rebeldes do planalto.

Na desoladora situação em que se encontravam os republicanos, só lhes seria possível enfrentar tão numerosa tropa com auxílios que chegassem do Rio Grande. A Garibaldi parecia quase uma loucura a per-

manência em Lajes naquelas condições, expostos a serem exterminados, de um momento a outro, por força incomparavelmente superior. *"Audacissima fu l'occupazione nostra di Lajes."* E para explicar tamanha audácia só havia o incomparável valor, a temeridade sem par de *"codesti prodi figli del Continente"*.

Afinal, foram ter à vila reduzidas tropas de Aranha e de Portinho, e, com elas, notícias também dos preparativos legalistas para uma campanha em alto estilo. Do Rio Grande, porém, não vinham os esperados recursos. Bento Gonçalves, decepcionado com a nova do desastre de Marombas e preocupado com outra operação de largo alcance, decidira que nenhuma força poderia ser distraída para além das raias rio-grandenses. Pelo contrário, só haveria vantagem em que os combatentes do planalto viessem o quanto antes reforçar a divisão que se organizava na Setembrina.

Amargurado, desiludido, Teixeira deu ordem para a retirada final. Sem dúvida, o entusiasmo revolucionário já abandonara os serranos. As deserções verificavam-se em massa. Dia a dia minguavam as colunas da enfraquecida tropa republicana. Colocado em face do irremediável, o comandante chefe "decidiu o imediato abandono da região, para evitar que continuassem a se lhe dissipar as fileiras". Tomadas as necessárias precauções de cobertura, iniciou-se a marcha para a Vacaria, efetuada sem maiores sobressaltos.

Estavam os revolucionários acampados no vilarejo serrano, quando Anita conseguiu reunir-se a eles. Garibaldi, que já a dera por perdida, exultava. "Quem poderá descrever a nossa alegria?"

A coluna, logo depois, começou a descida da serra. Precedeu-a de alguns dias a infantaria. *"Quella discesa fu árdua"*, através de ínvias picadas onde os homens só logravam progredir com extremos cuidados, não apenas pelos obstáculos quase intransponíveis do terreno, mas ainda pelas emboscadas do inimigo. A infantaria de Garibaldi, sessenta homens ao todo, avançava abatida pela fome, exausta de todos aqueles inenarráveis estrupícios, apavorada ao meio dessa paisagem dantesca. Não raro, gritos tremendos reboavam, de súbito, no silêncio assustador da floresta. Patrulhas volantes do inimigo, conhecedor perfeito do terreno, escondidas em furnas inacessíveis, abriam fogo sobre os retirantes, que mais pareciam sombras do que homens. Olhos traiçoeiros acompanhavam, na escuridão

da mata, os vencidos. Garibaldi conta: *"Il nemico sceglieva i siti piú scabrosi per imboscarsi, irrompeva con furia e grida tremende su di note."*

Com alguns dias de distância vinha a cavalaria de Teixeira, restos de um grandioso sonho de conquista, dos sobre-humanos esforços dispendidos pela libertação de Santa Catarina. O audacioso projeto estava morto para sempre.

Quarta Parte

. . . .

Capítulo I

O EQUILÍBRIO DAS FORÇAS

O SÍTIO DE PORTO ALEGRE, reposto após a malogra da surtida de Eliziário, exauria não só a paciência dos imperiais como os recursos dos revolucionários. Em vão procurava Saturnino de Oliveira, substituto do infeliz Eliziário, conseguir que o comandante das armas incentivasse as operações. *"Il faut absolument dans la guerre en venir à des actions décisives"*, dizia, citando o grande Frederico. Mas Manuel Jorge, *"il vecchio Generale Giorgio"*, das *Memórias*, continuava na sua modorra. O ano de 39, o ano IV da Revolução, foi de lado a lado um entediado bocejo, um espreguiçamento de membros lassos. Na campanha, apenas a fanfarronada épica das guerrilhas quebrava a monotonia da "estação calmosa", superveniente ao combate do Caí. Não se esboçava nenhum plano de ação sistematizada.

Tanto como os rebeldes, viam-se os chefes legais na contingência de licenciar os soldados depois dos embates de certa importância. Se o não fizessem, dispersar-se-iam por conta própria, com o compromisso de se reincorporarem às tropas quando necessário. "Entre os imperiais, ficavam as forças de linha, entre os rebeldes a infantaria, em grande parte composta de escravos arrebatados aos seus senhores em nome da liberdade. As tropas, porém, que formavam sob o título de guardas nacionais não eram

mais do que paisanos acostumados às lides da guerra." Com esses não se podia contar para uma ação continuada. Corpos hoje numerosos estariam amanhã completamente desfalcados. Faltava aos dois Exércitos a noção da disciplina militar. O mal que Garibaldi apontava nos arraiais republicanos como causa das mais funestas consequências existia por igual nas fileiras imperiais, com a agravante de ser menor, entre estas, o entusiasmo pela causa que defendiam.

Não se cansava Saturnino de clamar contra aquela ruinosa, desesperante inatividade. Impunha-se imperiosamente, a seu juízo, o rompimento do *status quo* militar expresso no assédio da capital. "Enquanto as nossas forças", escrevia ao governo do Rio de Janeiro, "não correrem à campanha, não tornarem seu governo ambulante, nada se conseguirá." E tratou de ver se conseguia com jeito interromper o sono de Manuel Jorge Rodrigues, comandante das armas, militar de coturno, companheiro de Wellington na invasão da França, quando tocava ao ocaso a glória de Napoleão.

Greenfell e Isás Calderón foram presentes à conferência. O inglês teria parte não pequena no plano de Saturnino. Quanto ao uruguaio, ou cordovês, único dos brigadeiros da Cisplatina que se mantivera fiel ao Império, caber-lhe-ia a missão de transpor o São Gonçalo à testa de quatrocentos homens "montados a três cavalos, ao menos, por praça", e marchar "direito e rapidamente sobre Caçapava, para surpreender o governo rebelde". Em seguida, faria junção no Caí com a força que o próprio Manuel Jorge levaria do Rio Grande e de São José do Norte e com quinhentos cavalarianos que se lhe agregariam em Porto Alegre. Essa tropa impediria a passagem dos sitiantes da capital para o interior. Reunidas as duas colunas, contariam os legalistas com um Exército de seis mil homens em condições de aniquilar os republicanos, que não somariam, segundo os seus cálculos, além de três mil.

*

Mais do que os legais, sentiam os revolucionários o peso desmoralizante daquela paralisia militar. O tempo devia ser considerado por eles como o mais temível aliado dos adversários. Passada a fase caótica da inicial indecisão, em que tantos fatores de vitória foram desprezados, haviam as armas republicanas descrito a curva ascensional das suas possibilidades

até o instante em que a pressão sobre a linha estratégica do São Gonçalo lhe impusera a primeira transferência da sede do governo. Em Piratini se assinala o máximo esplendor da sua trajetória. Caçapava marca a parada, a pausa, a incerteza. Está ali a vacilação dos destinos da República.

Quando o ano IV tocava ao fim, compreendeu Bento Gonçalves que se fazia imprescindível vencer a indecisão da sorte. Em Santa Catarina não havia mais que pensar. A República Juliana deveria ter significado um auxílio à causa republicana, nunca um novo ônus. Desde que não se pudesse contar com o apoio formal da vizinha população, francamente desaconselhável seria todo projeto tendente a reanimar a empresa. Teixeira Nunes, o bravo, insistira desesperadamente pela remessa de novos recursos. Também Rossetti, na sua iluminada obsessão por uma porta sobre o mar. Mas esses companheiros estavam por demais comprometidos na grande aventura e não viam de perto os perigos que se amontoavam contra a República. Entregues a si mesmos, completamente abandonados pelos liberais das outras províncias, muito já faziam os rio-grandenses cuidando da sua própria sorte. O que não seria de compreender é que eles ainda houvessem de distrair parte dos seus limitados recursos na libertação de outras circunscrições do Império.

A situação do erário continuava mais do que precária, apesar dos onímodos recursos de que lançasse mão a fecunda atividade de Almeida. No Uruguai, prosseguiam nas negaças de Rivera. Imprescindível contemporizar com o espantoso personagem, ignorar-lhe as felonias. Porque Montevidéu, apesar de tudo, representava ainda o único respiradouro do Estado.

No campo militar fervilhavam as intrigas. Bento Manuel, por si só, dava que fazer ao governo todo, a toda a direção superior do Exército. Anunciada, nos meados do ano, sua resolução de demitir-se do serviço da República, conseguira Bento Gonçalves, esgotando os recursos da transigência, que ele voltasse a ocupar um posto de comando. Não teria sido um erro esse esforço por mantê-lo nas fileiras? Impossível fiar-se nele. Agia por conta própria, envenenava-se de ciúmes contra a preponderância de Neto, que detinha o comando das tropas, e mesmo contra Bento Gonçalves, que tantas provas lhe dava de atenção às suas notórias qualidades militares. Tudo quanto não fosse a reponsabilidade central dos acontecimentos pareceria sempre ao sorocabano intolerável menoscabo aos seus méritos.

Irrequieto, vaidoso, mais do que seguro dos seus talentos militares, ele, o brigadeiro do Império, o veterano da Cisplatina, não se conformaria jamais com a situação de segundo plano na chefia do Exército e nos conselhos da República. Mas nenhum dos seus atuais companheiros admitia a hipótese de confiar-lhe a posição suprema, porque ninguém acreditava na estabilidade do seu caráter. Para a chefia central não bastavam qualidades de campanha: exigiam-se requisitos morais. E esses, no consenso geral, faltavam a Bento Manuel.

No último dia do ano dos bocejos e espreguiçamentos Bento Gonçalves assumiu a direção do Exército. Os empenhos de Saturnino por sair do "impasse" militar não seriam menores do que as impaciências do generalíssimo da República por decifrar a esfinge do destino. Sentiam todos, legais e republicanos, que o tempo estava maduro para as grandes definições. Começava o ano de 1840, o "ano terrível" da Revolução.

Bento Gonçalves agia sem descanso. Logo aos primeiros dias de janeiro, já combinava com os combatentes das colunas, com Antônio Neto que ficava na direção do estado-maior, um plano de operações em face das renascentes atividades do inimigo. Neto acreditara, de início, que os imperiais pretendessem simultaneamente atacar o Exército revolucionário com duas alas: uma avançando do sul sobre a capital da província, outra marchando sobre o Caí. "O que seria", conjecturava ele, "a maior ventura que poderia sobrevir-nos".

Assentou-se que, apenas ousasse Manuel Jorge sair do seu reduto do sul, fizessem os republicanos "a junção geral de todas as forças", para "detalhadamente bater e escarmentar as suas colunas". Em consequência, dispôs-se que Onofre estacionasse no Capivari, Antônio Manuel do Amaral em Palmeiras, por forma a trancarem o acesso à faixa de terra formada pelo oceano e pela lagoa.

Bento Gonçalves percebeu em tempo que o plano legalista se desenvolveria de outra maneira. Mas deixou o adversário na convicção de estar esperando o seu ataque dos lados de São José do Norte, pela península do Estreito, com etapas em São Simão e no Capivari. Entretanto, transmitia ordens reservadíssimas a João Antônio para que limpasse de "caramurus" a serra; e a Bento Manuel, que "baixasse pela picada do Botucaraí e tomasse a posição na Cachoeira". Essas operações seriam de todo

indispensáveis, não acontecesse que os sitiantes de Porto Alegre acabassem sitiados por forças que lhes surgissem à retaguarda.

Em marchas forçadas, deslocou-se Calderón do ponto onde se encontrava, no Uruguai, rumo à fronteira, que transpôs no pontal de São Miguel. Marchou pela península do Albardão, e ao cabo de dias acampava na Turotama, nas vizinhanças da cidade do Rio Grande. Aí, ao invés de tomar a direção do Estreito, ruma sobre o São Gonçalo, que atravessa à frente de dois mil e quinhentos homens, "sem encontrar inimigo que o pudesse deter". E ato contínuo dirige-se a Bagé, que ocupa cinco dias depois de vadeado o sangradouro.

O inimigo estava *ad portas* da capital da República! "Segundo a direção e velocidade da sua marcha", explicaria depois Domingos de Almeida aos presidentes e vereadores das câmaras municipais, "fácil foi prever que o seu desígnio era surpreender a capital indefesa e enquanto não se reuniam as forças do seu derredor, perpetrar nela os horrores de costume".

Embora previsto, nada de útil se fez em Caçapava por obstar o assalto iminente. Os canhões dispostos nos parapeitos das decadentes fortificações, ali erigidas pelo Império contra os avanços platinos, já não poderiam prestar serviços, tão velhos e deteriorados os seus reparos. João Antônio tinha presa a atenção sobre outro ponto da marcha, cuidando evitar que a coluna operasse junção com a tropa saída de Porto Alegre. E Bento Manuel continuava a agir *prodomo*, pela inação.

Quatro dias antes da entrada em Caçapava, o chefe de polícia de Piratini enviou ao governo a primeira participação de que o inimigo, quarenta e oito horas antes, se encontrava nas Pedras Altas. Notícias subsequentes lhe acompanhavam os movimentos e assinalavam as posições que ia ocupando. Havia tempo de abandonar a capital, salvando os seus arquivos e pondo em boa guarda tudo quanto não devesse cair nas mãos do adversário.

Mas assim não entenderam os homens do governo. Repugnava-lhes abandonar a sede da administração à pilhagem. A fim de retardar a junção da tropa de Calderón com as outras forças do inimigo, "ou mesmo para derrotá-la", expedira Alencastre, ministro da Guerra, ordens urgentes à divisão da direita para que ocupasse os lugares mais indicados contra o avanço do invasor. Dois dias se passaram na expectativa dos acontecimen-

tos. Afinal chegou o aviso de que a hoste legalista levantara o acampamento em Piraí Grande, "e marchando na direção do Rodeio Colorado, teria dali de encaminhar-se para a capital ou São Gabriel".

Reunidas as altas autoridades, permaneceram na deliberação de não abandonar Caçapava, "em razão das forças com que contavam na frente e no flanco direito do inimigo. Determinou-se ao comandante da divisão da esquerda" que dela destacasse, a marchas forçadas, uma tropa qualquer. "E ao comandante da direita, que fizesse avançar toda a coluna, para, unida à guarnição, defender a capital do perigo que a ameaçava". Nesta diligência, para o forte e para a igreja matriz, que lhe ficava contígua, mandou passar os arquivos das secretarias e tesouro, objetos bélicos e parte dos gêneros existentes no trem de guerra. "De noite, todos os membros do governo, empregados públicos, operários e numerosos moradores da cidade, guarneceram o forte e a igreja".

Às primeiras horas da madrugada chegava o capitão Filinto de Oliveira Santos, "asseverando ter andado uma légua à vista do inimigo no dia anterior, quando o deixara aquém de Lavras uma légua", sem haver encontrado notícia de nenhuma força republicana que se tivesse aproximado de Caçapava. A posição da capital tornava-se, assim, mais que difícil. De novo se reuniram em conselho os ministros e, examinada a situação, decidiram a "pronta retirada do governo, uma vez que daquele ponto e àquelas horas já podia o inimigo ter tomado as avenidas da capital, como ainda privá-la da vinda de forças com que se contava para sua defesa". Permanecer na cidade significava arriscar seus defensores "a um combate desigual e funesto". Sem perda de tempo, deram-se as ordens para a retirada.

Enorme, em poucos instantes, a azáfama pelas ruas, habitualmente tão tranquilas. O inimigo irromperia pelas estradas de acesso a qualquer momento. Uma hora que se malgastasse poderia trazer irreparáveis consequências, pois seria de imaginar-se a catastrófica repercussão da notícia de haverem sido surpreendidos e presos o presidente e os ministros da República. Tratou-se de pôr a salvo, em diversas casas, o cofre e o tesouro, a livraria do gabinete de leitura e quanto havia sido levado à igreja ou se encontrava nos armazéns do trem.

Às três horas da manhã, tudo estava pronto para o êxodo do governo. Postos os arquivos das secretarias numa carreta, a cavalo os minis-

tros, saíram campo afora, rumo de São Gabriel. Não os abatia o revés, que daria lugar a tantas glosas de ridículo por parte dos adversários.

> "Que este século é de progresso
> Quem mais se atreve a negar?
> O governo rio-grandense
> Marcha em carreta, a rodar..."

Sentem-se moralmente fortes para enfrentar todas as adversidades. Pois não é verdade que o governo da União Americana, formada não por uma província mas por treze condados, viveu errante por longos meses, numa carreta, sempre, a fugir da aproximação do inimigo?

Na tarde do mesmo dia, a força de Calderón entrava em Caçapava. Mas não se manteve ali, nem seria esse o seu intento. E poucos sóis passados, voltaram os ministros com a carreta dos arquivos à sede do governo.

A breve ocupação não deixaria de produzir desalentadora impressão nos habitantes do município. Entendeu o governo da República de bom aviso publicar minudente narrativa dos fatos, através do qual se visse que tudo, afinal, não passara de coisa de somenos importância. Encarregou-se Almeida de redigir a nota, que foi publicada no *O Povo*. Mas não havia já como iludir a gravidade da situação, exposta daí por diante a capital aos ataques do adversário, tanto pela frente sul como pela do centro. Compreendia-se que a estabilidade da sede do governo estava na dependência imediata da ação militar em grande estilo que se prenunciava nas proximidades de Porto Alegre, onde as tropas inimigas já estavam fazendo junção. O vencedor naquele encontro seria, pela decorrência lógica dos fatos, o dono do Rio Grande.

*

O avanço de Calderón e a inação de Bento Manuel obrigaram o comandante republicano a uma modificação essencial nos seus planos. Assentou-se na Setembrina fosse Neto assumir a chefia da tropa acampada à margem direita do Taquari. Atravessando o rio, iria postar-se nas vizinhanças do morro da Fortaleza, de onde ameaçaria o exército de Manuel Jorge. Ao mesmo tempo, Bento Gonçalves forçaria a linha do Caí; e feita

a junção das duas colunas, cairiam sobre o adversário. Por certo o plano de sair de Viamão, atravessar as linhas inimigas e atacá-las pela retaguarda não poderia ser mais ousado. Mas Bento Gonçalves estava disposto a tudo. Conhecia o terreno, conhecia os homens, conhecia o inimigo. Tinha confiança no êxito. De qualquer maneira, era preciso decidir a situação. Quando se despediu de Neto, disse, segurando-lhe a mão:

– General, se no dia 25 eu não estiver no morro da Fortaleza é porque fui derrotado.

Neto reiterou-lhe a segurança de não faltar, por sua vez, no local do encontro, no dia aprazado. Era noite já quando abalou da Setembrina. Acompanhado de poucos homens dirigiu-se à fazenda da Boavista, onde o aguardava, escondida na mataria do litoral, uma canoa. À meia-noite em ponto, o "intrépido José Garibaldi e os três remadores, um dos quais oficial de marinha", deram início à travessia. Com essa equipagem ia Neto cruzar o Guaíba, guardado por forte linha de navios imperiais, disposto ele e os seus companheiros "a abordar qualquer lanchão que se lhes ousasse aproximar". Duas horas depois saltava na ponta do Mato Alto. Às quatro da madrugada, fundeou "em frente àquele ponto a esquadrilha inimiga". Chegara tarde. O general, escondida a canoa a alguma distância da praia, estava seguro de desincumbir-se da sua missão. Garibaldi ficaria no local, espreitando a oportunidade de passar de novo o rio para retornar a Setembrina, onde se incorporaria à força de Bento Gonçalves.

Na noite subsequente, pôde o chefe do estado-maior da República incorporar-se à divisão do Taquari. "Descrever o entusiasmo" que sua presença causava à tropa "seria mais fácil julgá-lo do que repeti-lo". Foi seu primeiro cuidado ordenar a reunião geral da gente e das cavalhadas dos departamentos circunvizinhos, indicando o dia aos oficiais para se apresentarem naquele campo. Em seguida, participou ao governo e a Bento Manuel a incumbência que lhe havia confiado o comando supremo, solicitando a um e a outro a urgente remessa de cavalos para cobrir a retaguarda da força. Organizada a tropa, pôs-se em marcha para vadear o rio no passo da Itaipava.

Entrementes já se pusera em movimento a coluna de Bento Gonçalves. Queixa-se Garibaldi das privações que sofreu a tropa na marcha para o Caí, através da colônia de São Leopoldo. *"Noi marciammo, prendendo la direzione di S. Leopoldo... quasi senza mangiare."* Parecia que se

houvesse fundado sob um signo adverso aquela colônia, para onde, desde 1824, se encaminhavam agricultores engajados na Alemanha. As primeiras levas nenhuma disposição haviam encontrado para o seu recebimento. "Ficaram os colonos arranchados nas velhas e arruinadas casas" pertencentes à antiga Feitoria do Linho Cânhamo. Distribuíram-lhes lotes de terras ao longo do rio Sinos, rumo da Estância Velha. Outros grupos foram chegando. De manhã à noite, os espetáculosos dolicocéfalos bronzeados pelo sol brasileiro abatem florestas a golpes de machado, arroteiam a terra, abrem picadas, semeiam lavouras. Depois, vão surgindo os primeiros povoados. Galgam os contrafortes da serra. Já são milhares de famílias. Os sofrimentos que afrontam não são de descrever-se. Abandonados naquele deserto, nem lhes dava o governo do Império o necessário para se alimentarem enquanto as terras não produzissem, muito menos os acudia com a assistência de escolas ou os auxiliava na construção de caminhos. "'Já custa a tolerar", informava ao presidente da província o próprio inspetor da colônia, Tomás José de Lima, "os clamores e exigências dos colonos de S. Leopoldo, na deficiência dos meios que experimentam para subsistir... É fácil de prever que a colônia, que tão lisonjeiras esperanças dava de chegar em breve a uma situação próspera pela rapidez com que ia florescendo, não tardará muito que entre em decadência." O anunciado malogro não se produziu, graças à resistência moral dos adversários. Mas, quando a colônia voltava a reanimar-se e o seu progresso se consolidava, eis que os estragos da revolução se abatem sobre ela, as forças dos legais e dos republicanos lhes talam as lavouras e arruínam as aldeias. E como uns e outros necessitam de soldados, arrastam os filhos de lavradores, que nem sabem muitas vezes de que se trata, para morrerem pela integridade do Império ou pela independência da República. Facilmente se compreende que ao cabo de cinco anos de guerra a coluna de Bento Gonçalves encontrasse tão empobrecida a região que os soldados, em dois dias e duas noites, nem tivessem ali o que comer.

Avançado sobre a aba da serra, no passo de cima de Santa Cruz, Neto recebeu aviso de que Bento Gonçalves, marchando pelo Portão, conseguira atravessar o Caí, depois de derrotada uma força legalista, pouco além de S. Leopoldo. Assinalava-lhe o chefe do exército local em que se deveria fazer a junção das duas tropas, no arroio Azeredo.

Neste em meio, entravam em grande agitação os arraiais legalistas. Inesperadamente falecera Calderón. Suspeitava-se no acampamento

que o velho brigadeiro houvesse morrido envenenado. É certo, porém, que ele já andava doente. Na véspera do desenlace, como se sentisse afrontado, tomara um purgativo. E passando por uma casa perto do passo, mandou que lhe matassem uma galinha. Tornaria mais tarde para alimentar-se. "Quando voltou e estava fora da casa, caiu repentinamente, fulminado por uma apoplexia."

Os dois chefes rebeldes "enfrentando mil perigos e dificuldades" tinham podido operar o encontro, apesar de algum atraso de Neto. "Destarte, conseguiu a causa republicana um assinalado triunfo; e os chefes que dirigiam tão audaciosa manobra se cobriram de imortal glória, verificando um feito familiar que se eternizará na memória dos vindouros: e quiçá seus ulteriores resultados garantam a estabilidade da independência do Continente", escrevia uma testemunha dos acontecimentos.

Depois da batalha do Rio Pardo, entestavam-se os dois exércitos, pela primeira vez, em campo aberto. Iria nesse encontro romper-se, por fim, o equilíbrio das forças?

Operada a junção, o exército republicano fez alto no Pinheirinho, a seis milhas do Taquari. Finalmente, soa a hora do encontro. *"Si presere tutte le disposizioni per combater."* Os revolucionários contavam com cinco mil homens de cavalaria e mil de infantaria. Estavam aí os generais da República: Bento Gonçalves, generalíssimo, Neto, chefe do estado-maior, Canabarro, os coronéis Crescêncio, Corte Real, Teixeira Nunes, Marcelino Manuel do Carmo e, comandando a reserva, João Antônio. A coxilha que domina o passo do Pinheirinho foi ocupada pelos republicanos. Melhor posição não poderia encontrar-se para esperar o ataque dos imperiais.

Superiores não apenas em número de combatentes mas ainda na eficiência dos recursos bélicos, os legalistas confiavam seguramente na vitória. Nem acreditava Manuel Jorge que os republicanos ousassem enfrentá-lo. Sua infantaria era duas vezes mais numerosa que a dos adversários e tinha dois corpos de artilharia, coisa que faltava completamente àqueles.

Às oito horas da manhã, deu o chefe monárquico ordem de avançar. *"Il generale nemico avea preso tutte le disposizíoni per un attacco in regola."* Com passo largo, marchou até frontear a posição que ocupavam os republicanos. As tropas, todas de escol, moviam-se sob as ordens de um velho estrategista, encanecido no serviço das armas. Transpõem as van-

guardas legalistas o leito quase enxuto do córrego. O grosso da tropa estaca e começa a estender-se em linha de batalha "entre o passo dos Pinheiros e um capão à margem esquerda do arroio". O comando imperialista dispõe a preceito a sua artilharia. Dois corpos de infantes já estão formados em quadrado. O choque é iminente. Formidável, eletrizante aquela expectativa!

As *Memórias* retraçam o quadro inesquecível. Já os valorosos soldados da primeira brigada de cavalaria, sob as ordens de Neto, haviam desembainhado os gládios e nada mais esperavam senão o som de carga para se lançarem sobre os dois batalhões que constituíam a vanguarda imperial. Tinham segura convicção da vitória. *"Neto e Ioro nom erano mai stati battuti"*. Escalonada por divisões no alto da colina, a infantaria com as bandeiras ondulando ao vento, mal se continha na impaciência pela luta. *"La fanteria nostra... fremava di combattere."* Os terríveis lanceiros de Canabarro, escravos libertos quase todos, e todos domadores de cavalos, já tinham feito um movimento de avanço sobre o flanco direito do inimigo. Formidáveis combatentes, aqueles negros! Nunca o inimigo lhes enxergara as costas. *"Veri figli della libertà."* Mais do que outros, sabem que é a sua liberdade que está em jogo. Os soldados do Império encaravam sempre com invencível terror esses negros de possante musculatura, enrijada em perenes, fatigantes exercícios, e que brandiam com singular destreza a lança, sua arma predileta, mais longas as deles que as de uso geral.

Bento Gonçalves galopa ao longo das filas. "Hoje cada um de nós combaterá por quatro!" grita o *"gran capitano"*. A tropa freme de entusiasmo. Aquela gente, em tal estado de ânimo, é capaz de todos os sacrifícios. Vibra de emoção Garibaldi. A grandiosidade daqueles instantes ficará sem par na sua lembrança. *"Giorno piú bello a piú magnifico spettacolo no erami capitato mai."*

As ordens de Bento Gonçalves estão dadas. A brigada de linha, sob o comando de Teixeira, desfilará no alto da coxilha e cairá sobre a direita do inimigo. Auxiliá-lo-á no movimento a infantaria. Neto, "apenas rompa o fogo na ala esquerda, entrará por um dos passos do arroio". Em simultaneidade com essa arrançada, o centro se lançará, a passo de carga, sobre as posições do exército imperial.

Quando a vanguarda já tinha atravessado o arroio e Neto iam mandar tocar à carga, chega a meia rédea Crescêncio e lhe grita:

General, mande fazer alto porque junto àquela casa está um batalhão inimigo!

Neto age na conformidade do aviso. A vanguarda legalista se aproximara quase na distância de um tiro de pistola. Também Canabarro, já não podendo refrear o ímpeto dos negros, adiantara os seus esquadrões. A súbita paralisação de Neto faz com que ele sobresteja nas disposições de carregar. Mas os legais, por sua vez, também não se movem. Manuel Jorge, que acreditava em retirada os republicanos quando deles se aproximara, vê gravemente comprometida a situação. Hesita no prosseguimento do avanço. A posição ocupada pelo adversário parece-lhe inexpugnável. Num ápice toma a sua decisão. Tudo fará por não engajar combate naquele lugar. Não lhe convém o lance. E ordena que os dois batalhões refluam para o outro lado do arroio. A manobra já se efetua num começo de desordem.

Bento Gonçalves percebe a perplexidade do inimigo, mas não manda atacar. Apesar de perdida a primeira oportunidade, entendem Neto e Canabarro que será gravíssimo erro deixar que o inimigo continue a retirar. Como eles, também Corte Real quer que ali mesmo se "decida a parada". O generalíssimo apresenta as suas razões em contrário. Mais aconselhado lhe parece esperar. Na posição em que se encontram, a ação seria de êxito certo para eles; mas, atacando-se o adversário no terreno sobre o qual se retraía, a situação poderia modificar-se. Aconselhava a prudência ficar na expectativa até a madrugada seguinte. Impaciente, enervado, sem compreender por que não se dava começo à luta, o exército continuava esperando a ordem de avançar: *"Ma invano!"* Ainda dessa vez, parece que não se romperá o equilíbrio das forças. *"Infine, non si combatté."*

Resolve o estado-maior dos republicanos valer-se da noite para meter uma força na retaguarda do inimigo, obstando-lhe a retirada, encurralando-o. Passou-se o resto do dia em pequenas estéreis caramuças. Nem ousavam os imperiais levar o assalto às posições dos republicanos, nem se decidiam estes a acometer as linhas legalistas, na previsão sempre de serem carregados por eles. Dir-se-ia que todo o ciclo da revolução estivesse comprimido, reduzido, sintetizado naquela dramática hesitação dos dois exércitos à margem do Taquari. O equilíbrio das forças gerava a inação.

Ao cair da tarde, recebeu Crescêncio instruções de guardar o campo. Todos os passos laterais haveriam de ser cuidadosamente cobertos

e deveria vigiar-se por gente de confiança a retaguarda do inimigo. De manhã cedo, os republicanos atacariam. Às primeiras luzes da madrugada, porém, quando Bento Gonçalves ia dar ordem para avançar, chegou-lhe a notícia de que o inimigo abandonara o campo.

Manuel Jorge seguira a sua tática: retirar, esperar, ganhar tempo. Nunca partilhara das vistas do governo provincial de que fosse indispensável uma ação em grade estilo, como pensava Saturnino citando Frederico, para debelar a revolução. "Sem uma probabilidade muito segura de vencer, os rebeldes não nos esperam", costumava dizer. "E se nos esperam, quem nos garante a vitória?" No Taquari, precisamente assim haveria de raciocinar a velha raposa de espada à cinta. Quando lhe parecia que os republicanos estivessem em retirada, dispôs-se a acometê-los. Mas sobresteve, refletiu, mediu as consequências, assim que percebeu a sua ótima disposição para o encontro. Quem lhe assegurava a vitória? Para que expor-se inutilmente?

Durante a noite, tratou de buscar melhores posições. Cruzou o arroio por um passo à jusante do Pinheirinho e foi postar-se já nas aforas da vila de Taquari. Até alta manhã teve a seu favor uma espessa neblina, que desorientou grandemente os republicanos. Quando estes perceberam, enfim, o lugar em que o inimigo se encontrava, apoderou-se deles o desespero pela ótima oportunidade perdida na véspera. Não refletiam mais na atitude a tomar. Dentro em pouco, o adversário estaria todo, sem um arranhão sequer, do outro lado do rio, livre completamente das suas arremetidas. É visível o mal-estar entre os chefes revolucionários. Lançam-se as culpas uns aos outros pelo péssimo resultado da tática contemporizada. É Domingos Crescêncio o alvo principal das invectivas. De Bento Gonçalves, diz-se que perdeu de todo a serenidade. Alegava que suas ordens, como sempre, não haviam sido cumpridas. "Não comeu o dia todo, de zangado de o nosso exército ter-se movido para o Taquari", consignava Manuel Jorge em ofício. Garibaldi confirma a veracidade do fato: "Não tenho dúvidas de que a sagaz manobra do inimigo ocasionou grandes angústias ao nobre coração do chefe republicano. Mas, irremediável a adversidade: ele tinha perdido uma esplêndida ocasião de arruinar as armas do Império e de assegurar provavelmente o triunfo completo do seu país". Possuía Bento Gonçalves, a seu juízo, todas as qualidades de um autêntico, de um grande cabo de guerra, *"meno la fortuna"*.

Garibaldi não toma parte nas disputas. Sereno, atencioso, polido, escuta e observa. As *Memórias* não refletem nenhum azedume, não acusam. Parecem a exata reprodução de um solilóquio. "Não nos atacando Manuel Jorge, deveríamos nós atacá-lo? Esta a opinião de muitos. Agiríamos com acerto, porém? Acometidos nas superiores posições do Pinheirinho, muitas seriam para nós as probabilidades de vitória. Mas abandonando-as para ir sobre o inimigo, necessário fora atravessar o leito do arroio um tanto escabroso, se bem que enxuto, além de não ser pequena a superioridade do adversário: ele com artilharia, nós sem um canhão ao menos." Garibaldi não defende, tampouco. Raciocina apenas: "Quando se inicia um ataque, deve-se refletir ponderadamente; mas uma vez decidido, há de empenhar-se nele toda a força disponível, até as últimas reservas."

Que se fará agora? Perseguir-se-á o inimigo? Reúnem-se em conselho os chefes. Opinam que seria desaconselhável atacar-se ali a força da legalidade, de vez que não se dispunha de artilharia. Os monárquicos, por sua vez, também deliberam. Manuel Jorge não quer arcar com toda a responsabilidade naqueles arriscadíssimos passos. O conselho haveria de dar-lhe por escrito a sua opinião sobre a possibilidade de acometer os rebeldes, apesar do cansaço dos cavalos, e, no caso negativo, dizer o que se lhe figurava conveniente. "Assentou-se que se devia passar o Taquari, porque seria certa a nossa perda, pelo estado dos cavalos." Esta a unânime conclusão do conselho.

Os dois exércitos hesitavam. Se os republicanos pudessem avaliar o abatimento dos imperiais, ali mesmo os teriam fulminado. Porque, na verdade, Manuel Jorge, apesar do muito que blasonaria mais tarde, havia encetado, como diziam alguns dos seus companheiros, "uma fuga para evitar o ataque temido".

Dois dias após, alta noite, começou o inimigo a transpor o rio, "embarcando a artilharia, menos duas peças, e as bagagens para descerem o Taquari". Em seguida, ordenou que passasse a cavalaria. Mas, muito cuidadoso das boas regras da tática, colocou o grosso do exército numa picada que desembarcava na praia. Protegia a retirada um corpo de cavalaria sob o mando de Andrade Neves, o futuro barão do Triunfo.

Às três horas da madrugada, Neto mandou uma força em reconhecimento sobre a vila. Já despontado o sol essa força se atirou sobre

a guarda legalista, que não arredou pé quatro horas durante, debaixo de vivíssimo fogo.

No povoado fizeram os revolucionários alguns prisioneiros. Afirmavam esses homens que as forças de cavalaria e artilharia estariam ainda na picada cento e tantas praças que se preparavam, por sua vez, para passar o rio.

Agora Bento Gonçalves, amargurado, irritado, não hesita mais. *"In ció non titubó il nostro generale"*. Deu ordem a Marcelino do Carmo para fazer avançar a infantaria. O primeiro e o terceiro batalhões, comandados pelos majores Luís Rodrigues e Baltasar de Bem, deviam carregar os retardatários, remanescentes na picada. A outra parte da infantaria e o pessoal de marinha serviriam de proteção à tropa que se engajasse na luta.

Tremendo foi o combate da infantaria no bosque, relata Garibaldi. Crepitava a fuzilaria, estava a galharia das árvores entre densos rolos de fumaça. *"Quel combatimento somigliava ad infernale tempesta."* Manuel Jorge, num relance, fez entrar em ação dois batalhões de caçadores que ainda estavam íntegros aquém do rio. Mas essa força teve de ceder terreno, pois que "o primeiro ímpeto dos rebeldes foi terrível". Outras formações procuram contrapor-se aos atacantes. Estes "precipitam-se direito à praia, levando de roldão as já confusas, desavoradas formações imperialistas". Chegados à beira-rio, porém, percebem o terrível engano do estado-maior. Grande parte da infantaria legalista ainda não havia encetado a passagem. De todos os lados surgem novas forças inimigas. Dentro em pouco, também de bordo dos navios começam a fazer-lhes fogo. "Privado de desenvolver sua força em semelhante terreno", Marcelino toca à retirada. Mas porque se houvesse adiantado demais no encalço dos fugitivos, estes, ao desenhar-se o recuo, iniciam o contra-ataque com o maior ímpeto possível, "graças ao que se restabeleceu o equilíbrio" no terrível encontro.

*

Novos conselhos de comandantes, num e outro exército. Os republicanos resolvem que Neto, à frente de uma força de cavalaria, siga a repor o cerco de Porto Alegre, "para onde retrogradaria o exército". Assentam os legalistas limitar-se a vigiar as barracas do Taquari, "colocando o exército no ponto mais apropriado para acudir a qualquer dos passos atacados".

Manuel Jorge, na sua comunicação ao ministro da Guerra, apresenta-se como vitorioso no embate, já se vê. "Não permitirá o Senhor dos Exércitos" que os rebeldes recolhessem outro triunfo, como sucedera em Rio Pardo. "O mapa junto mostrará a V. Exa. o quanto custou esta vitória, que alcançamos: todos calculam a perda dos rebeldes no triplo da nossa, em vista dos mortos que ficaram no campo, estando amontoados aos quatro e aos cinco, em parte alguma um só. Seu orgulho deve ter ficado muito abatido, e perdida a sua força moral ainda mais do que a física."

O próprio presidente da província, porém, se encarregaria de mostrar que o lusitano, nas suas partes oficiais, apregoava louros que não existiram quando fala no abandono da liça pelos revolucionários. "O Sr. General," diz Saturnino de Oliveira no seu *Bosqueio,* "a abandonou também no mesmo instante, pondo-se a salvo na margem direita do Taquari, e em tal precipitação que nem tratou de enterrar os mortos, os quais ficaram no campo. Nem ao menos se arrecadou o armamento. Bento Gonçalves, no dia seguinte, é que voltou e arrecadou perto de cem armas, e algum cartuchame." "Cara vitória foi essa", conclui.

Apesar dos graves prejuízos sofridos pelos republicanos na sua louca arremetida em condições tão desvantajosas, apesar da magnífica oportunidade perdida nos dias anteriores, cifrava-se o único resultado local conseguido pelos imperiais, mais uma vez, na indecisão da vitória. Parecia que o equilíbrio das forças ainda dessa vez não se rompera.

. . . .

Capítulo II

BATENDO À VELHA PORTA

ESSE EQUILÍBRIO entre as forças combatentes era muito mais aparente do que real. Em verdade, a simples indecisão da luta valia já por indisfarçável prenúncio da queda da República. A derrota final dos revolucionários seria apenas questão de tempo. Nisto não se enganava o velho e malicioso Manuel Jorge. O tempo contava como aliado dos imperiais.

Até o começo do "ano terrível", definia-se a situação do "impasse" por estes termos: a legalidade dominava a barra da província, controlava as águas interiores, resistia em Porto Alegre; a revolução triunfava por toda a campanha no norte do São Gonçalo, nas Missões. Sobre a linha do sangradouro, antes, eram os revolucionários que faziam pressão, ameaçando o Rio Grande e São José do Norte. Depois, fortalecidos pela posse da barra, passaram os legalistas a ameaçar Pelotas primeiro, Piratini em seguida.

Quando o governo começou a sentir-se ameaçado em Caçapava, o empate das forças estava já virtualmente roto, porque com o avanço fulminante de Calderón perderam os republicanos o "controle" indiscutido sobre a campanha. O inimigo irrompera nos domínios até então indevassados da República, atravessara-os sem nenhuma resistência, operara a

junção com a tropa saída de Porto Alegre. Depois do frustrado encontro no Taquari, haviam retornado os revolucionários o sítio da capital da província. Mas não estavam eles, por sua vez, sitiados? A qualquer momento poderia cair-lhes sobre a retaguarda as forças que o generalíssimo legalista mantinha sobre as margens do Taquari, em Santo Amaro. Auxiliado pela esquadrilha de Greenfell, dispondo de numerosa infantaria, bem provido de artilharia, o exército dos imperiais, nas circunstâncias presentes, neutralizava com vantagem o cerco de sua capital e trazia sob constante ameaça as linhas dos assediadores. E não apenas isto. A simples presença dos legalistas naquele ponto representava para os republicanos a perda das suas articulações com o interior. Dali dominavam eles toda a campanha pelo norte, toda a serra pelo sul. Saturnino, nas suas contidas impaciências, por cerco desejaria uma solução espetacular e imediata. Como agiria em semelhante situação o Grande Frederico? *"Nos guerres doivent être courtes et vives, puisqu'il n'est pas de notre intérêt de trainer l'affaire".* Movimentos rápidos, fulminantes, eis o que convinha à carreira política do brilhante e irrequieto bacharel, eis o que desejavam os homens do governo na corte, onde os gabinetes ministeriais faziam das operações no Rio Grande uma questão de prestígio. Porque a "guerra dos farrapos" continuava fornecendo o melhor arsenal de argumentos às oposições parlamentares. Mas visto pelo prisma tecnicamente militar, a questão se apresentava sob outros aspectos. Aí Manuel Jorge tinha razão: o tempo agia em favor da legalidade.

*

Para obstar um segundo amigo dos imperiais pelo sul, onde Silva Tavares reunia gente e cavalhadas, indispensável organizar uma coluna que se recostasse sobre o Camaquã. Desguarnecida essa linha, continuava Caçapava exposta aos perigos de um novo ataque. E seria fatalmente ruinoso, do ponto de vista moral, que o governo houvesse de perambular outra vez sob o toldo de uma carreta, pelos campos afora.

Antes que o comando militar tratasse da formação desse corpo, resolveram os habitantes de Piratini tomar à sua responsabilidade o encargo.

Vivia na lendária vila, a esse tempo, um dos mais curiosos personagens das guerras cisplatinas: Pedro José Vieira, conhecido no Uruguai e no Rio Grande pela alcunha de *Perico, el bailarín*. Peão de estância na

juventude, domiciliara-se no vale do rio Negro, na campanha uruguaia, ao tempo ainda do vice-reinado. Forte de estatura, alma sadia e franca, dentro em pouco as festas campesinas não seriam completas sem a presença do rio-grandense, popularíssimo pela sua requintada arte de tocar viola e *"por su destreza en bailar sobre sancos",* donde lhe adveio o cognome. Um autêntico "monarca das coxilhas", aquele gaúcho.

Quando Artigas conclamou os orientais à conquista da independência, Pedro Vieira, "por puro amor à liberdade" foi, como qualquer filho da região, bater-se contra o regime colonial. De como se houve nas pelejas, dizem os coetâneos uruguaios. Galgando rapidamente postos e subindo em importância política, ao fim de pouco tempo chefiava "*un considerable número de paisanos*". E na ocasião em que os libertadores se assenhorearam de Mercedes, convieram todos em que "*se posesionase de la villa don Pedro Vieira, comandante del ejército*". Perico estava com a carreira feita.

Mas, decidido Artigas a invadir o Rio Grande, o já famoso voluntário desistiu de todos os proveitos e retirou-se do serviço da guerra. Nunca deixara de ser apaixonadamente rio-grandense. Honras não havia nem vantagens materiais que o levassem a concordar lhe pisassem os companheiros o solo natal. Em 1825, não quis também servir à Argentina. As autoridades do Império lhe aproveitaram os serviços na Colônia do Sacramento, onde muito se "recomendou por sua conduta". Foi ferido aí. Depois voltou para o Rio Grande. Em Piratini todos conheciam a aventurosa história da sua mocidade, que ele, como quem revive grandes dias de glória, contava nos serões de inverno.

Quando a comuna de Piratini resolveu organizar a resistência ao avanço de uma segunda força imperialista, indiscutível parecia a todos os munícipes que o velho Pedro Vieira lhe assumisse o comando. Mas ao fim de poucas semanas, substituíram-no por um moço de escassa expressão social a nenhuma prática militar. Destituído, Pedro Vieira despede-se da função, em carta a Domingos de Almeida. A correção daquele rude homem do campo não poderia ser mais perfeita. "Participo a V. Exa. que me acho desonerado da comissão de que tive a honra de ser encarregado pelo governo, a qual sendo superior às minhas poucas luzes e forças, foi tão duradoura como é no verão a neve e no inverno a calmaria; restando-me o prazer de que, quando cheio de prazer começava a desenvolver a pouca prática militar que adquiri

em anos de fadigas e à custa de inúmeros sacrifícios, foi quando a demissão do comando das operações sobre o São Gonçalo me privou de prestar à causa rio-grandense os serviços ao meu alcance. Mas creia V. Exa. que não obstante ser minha recente queda alguma coisa desairosa, nem por isso deixarei de prestar-me a qualquer serviço para que o governo me julgue suficiente, o que ambiciono para manifestar a meus concidadãos que não aspiro a mando, mas sim a ser útil ao país onde nasci".

Como se as ingentes dificuldades militares não fossem bastantes para trazer assoberbados de preocupações os membros do governo e os comandantes de tropas, encarregava-se a intriga de inutilizar, aqui a ali, prestantes entusiasmos pela causa republicana. O incidente com Pedro Vieira mostra como o favoritismo se insinuava no ânimo dos ministros e dos generais. levando-os à prática de atos arbitrários a ruinosos à conveniência do Estado.

Em decorrência do erro cometido no comando dessa coluna de voluntários, a linha do Camaquã ficava praticamente sem defesa e a campanha escancarada, pelo sul, a reiteradas irrupções do inimigo. Mais dia menos dia, ele surgiria de novo às portas de Caçapava. Silva Tavares sabia-se, havia transposto já o S. Gonçalo. Logo que a tropa estivesse provida de cavalos iniciaria o avanço, a fim de impedir que Neto, agindo à retaguarda do exército de Manuel Jorge, auxiliasse Bento Gonçalves numa possível tentativa de ganhar o interior. Para cobrir-lhe os movimentos ao longo da lagoa, estaria Francisco Pedro, que conhecia aquele terreno como ninguém. Ao mesmo tempo, Santos Loureiro recebia ordens de transportar-se ao Alegrete, no intuito de conseguir montarias para as operações de inverno. Deveria também observar por ali os movimentos dos rebeldes; e, se possível, entrar em relação com Bento Manuel, cujo desapego da revolução se fazia mais do que evidente. De acordo com o que lhe fosse dado verificar naquela fronteira, Loureiro, secundando a pressão de Silva Tavares, ameaçaria Caçapava pelo oeste.

A 23 de maio publicava *O Povo* a comunicação oficial que Bento Gonçalves fazia ao cidadão Serafim José de Alencastre, secretário de Estado dos Negócios da Guerra e da Marinha, sobre o que ocorrera no arroio dos Pinheiros, à margem do Taquari. Comunicação sóbria, concisa, quanto possível real. Não blasona de vitória, mas põe em destaque as pesadas per-

das do adversário. Como consequência da frustrada batalha, apenas estas palavras – "O inimigo acha-se atualmente guarnecendo a margem direita do Taquari. Eis tudo quanto há ocorrido até esta data."

Justo uma semana depois, quando o número subsequente da folha republicana já estaria pronto para a impressão, espalha-se a terrível notícia: as forças de Loureiro se aproximam de Caçapava. Não há nas vizinhanças nenhuma tropa que se lhe possa opor. É preciso abandonar outra vez a capital, e agora por forma definitiva, para evitar a repetição dos ataques. Não se pode, na precipitação da fuga, cogitar da transferência da tipografia do Estado. Aquele número de *O Povo,* o jornal da República, a folha das doutrinações de Rossetti, uma das preocupações mais instantes de Almeida, fora o último da sua gloriosa existência.

Novamente trata o governo de salvar o que pode em algumas carretas, e põe-se em marcha. Pousando primeiro na estância de Luís Machado, dirige-se a São Gabriel. Lá se deterá até ulterior determinação. Mas doze dias apenas permanece na nova sede. Loureiro, depois de entrar em Caçapava, avança sobre São Gabriel. Como nas ocasiões anteriores, o governo põe os arquivos sobre as rodas a sal à campanha, rumo de oeste. Agora, vai fixar-se no Alegrete. Acompanha-o desta vez uma pequena força de cavalarianos, cento e cinquenta homens ao todo.

*

Dispostas como estavam as coisas depois do encontro no Taquari, não seria possível perdessem tempo os republicanos, como até então costumavam fazer, na observação dos planos do adversário A campanha aberta às colunas legalistas já não apenas pelo sul, mas pelo norte e oeste, o governo em contínua fuga; os sitiantes de Porto Alegre ameaçados a todo momento de um ataque de flanco. Só muita audácia e rapidez de movimentos poderiam conjurar maiores males, que a breve trecho sobreviriam, se não fossem tomadas imediatas providencias. Bento Gonçalves e Neto, no quartel-general da Setembrina, assentam novo plano de cuja execução se encarregará o chefe do estado-maior.

Pala segunda vez sai Neto de Viamão rumo à margem do Guaíba, que transporá, como de outra feita, a fim de organizar uma coluna de voluntários, a cuja frente tratará de aliviar a pressão dos imperiais na campa-

nha do Sul. Agora não lhe serve Garibaldi de timoneiro. Acompanham-no alguns elementos de valia, entre eles Corte Real, cujo renome exerce verdadeiro fascínio sobre as multidões. Sem nenhum acidente atravessam o rio, perto já da junção das suas águas com as da lagoa. Do outro lado, na Barba Negra, esperam-nos alguns companheiros. Seguem com eles até à margem do arroio Araçá, onde acampam. Anda pela vizinhança o *Moringue*. Aquela é a sua *cancha.* É preciso tomar cuidado com ele. Despacham-se espias por diversos rumos: não há notícias de Chico Pedro. Parece – dizem – que já tomou outros caminhos.

Alta noite, quando o pequeno acampamento dormia, súbito irrompe das trevas a horda traiçoeira do guerrilheiro. A surpresa fora fulminante. Em tal situação, ninguém poderia pensar em resistência. Só a fuga imediata valeria aos rebeldes. Foi o que fizeram, cuidando cada um de si mesmo. Neto e Corte Real saltam instantaneamente a cavalo e se embrenham na escuridão da noite. Nem o seu poncho conseguiria levar o general. E o que valia por irremediável desastre, também o arquivo do estado-maior ficara no acampamento. Naquela balsa de viagem estava o plano da ação que se ia inaugurar.

Na precipitação da fuga, toma Corte Real uma direção, Neto outra. Várias são as fazendas de correligionários que podem ser atingidas com algumas horas de galope. Corte Real segue pela estrada que vai dar à estância de Marcos Alves Pereira, seu amigo. Manda um "chasque" à procura de Neto, para informá-lo do rumo que escolhera. Na casa de Marcos Alves, ficará à espera do general.

No dia seguinte, estava com o fazendeiro e outras pessoas sentado à porta da casa, quando uma densa nuvem de poeira, na estrada geral, indica a célere aproximação de alguns cavaleiros.

"Deve ser Neto", diz Corte Real que já se impacientava pela demora do companheiro. E todos retomam, descuidosos, o fio da palestra.

A nuvem de poeira já vem perto. Mas ninguém no grupo lhe dá importância, convencidos de que daí a momentos iriam abraçar um amigo.

Só quando os cavalarianos estão a pouco metros da casa, dão pelo engano. Aqueles homens são gente de Chico Pedro, que saíra a bater as estâncias vizinhas em procura dos fugitivos. Todos, num repente, estão de pé e procuram ganhar o interior da casa. Corte Real, menos apressado,

ficara para trás. Quando põe o pé no limiar, reconhecido pelos assaltantes, uma certeira bala o atinge no pescoço. Cambaleando, consegue chegar à sala, onde cai, esvaído em sangue. Alguns instantes depois estava morto.

Não mereceu louvores pelo feito o implacável *Moringue*. Os próprios legalistas exprobaram a inútil crueldade dos seus sequazes, comandados pelo facinoroso João Patrício de Azambuja, sargento da tropa guerrilheira. Uma das mais respeitadas forças do governo, a brigada de João Propício Mena Barreto, o futuro barão de S. Gabriel, tomava luto, alguns dias depois, em sinal de pesar pelo sacrifício de Afonso de Almeida Corte Real, um dos expoentes morais da grande geração.

*

Devassado pela surpresa de *Moringue* o plano de ação na campanha, impunha-se que os republicanos dessem outra orientação aos seus próximos movimentos. Manuel Jorge só tinha olhos e ouvidos agora para o que se passasse no interior da província. Não seria aquele o momento de tentar-se um golpe de audácia sobre a barra? Malogradas estavam todas as empresas marítimas da República. Em consequência, mais precária se tornava, de mês em mês, a segurança interna do Estado. A esquadrilha de Greenfell cruzava do Rio Grande às lagoas e daí aos rios, sem encontrar o menor obstáculo. Enquanto a campanha estivera indene das incursões do inimigo, a situação, já de si difícil, poderia iludir a população. Agora, entretanto, obrigado o governo a mudar de sede duas vezes por mês, mais do que evidente que o prestígio da revolução entrava em declínio.

Apenas verificado o desastre da Laguna, ainda no altiplano catarinense, escrevia Rossetti a Domingos de Almeida, insistindo na necessidade vital de um porto de mar para a garantia da República. "Eu seria de opinião" dizia, "que o nosso exército se atirasse a uma ofensiva por todos os lados e principalmente pela banda do Rio Grande, de onde agora é fácil queiram tirar força, para com ela salvar a Laguna do acometimento de que se vê ameaçada por nós e pelo Canabarro. Não descuide isso: faça valer a sua influência, numa ocasião tão aproveitável para a decisão da guerra."

Rossetti via claro na sua obsessão. Domingos de Almeida partilhava dos mesmos pontos de vista. Mas nem sempre lhe seria fácil interferir nos planos do estado-maior. Agora, no entanto; os próprios acontecimen-

tos se encarregavam de levar os generais à compreensão da grande verdade. Para contrabalançar, anular, sobrepujar mesmo as vantagens conseguidas pelo inimigo no interior, só havia um recurso: atacá-lo na sua posição suprema, na barra do Rio Grande.

Garibaldi, retornado o exército à Setembrina, já se atirara de novo aos trabalhos de construção naval. O estaleiro da República estava situado à margem esquerda da lagoa, naqueles mesmos terrenos alagadiços da Roça Velha, através dos quais, meses antes, conduzira seus lanchões das ribanceiras do Capivari ao litoral marítimo. Mourejava-se intensamente, ali, na construção de algumas embarcações destinadas ao transporte das tropas para o outro lado da lagoa. "Os carpinteiros e calafates arroláveis na tropa e nas estância particulares" não encontravam descanso. O italiano, dentro da suavidade das suas maneiras, costumava ser exigente no serviço. Mas, por que ele soubesse como ninguém fazer-se amigo dos seus subordinados, todos lhe obedeciam sem resistência. E os trabalhos, no segundo estaleiro da Lagoa dos Patos, progrediam satisfatoriamente.

A situação entrevista na carta de Rossetti com relação ao desguarnecimento da cidade do Rio Grande parecia que se estivesse reproduzindo literalmente. Para Manuel Jorge, a única preocupação dos revolucionários haveria de cifrar-se fatalmente naquela operação sobre a campanha delineada pelo estado-maior, e da qual tivera notícia pelo arquivo de Neto. O que, por certo, não lhe passava pela ideia era a possibilidade de uma ação do adversário sobre as duas posições litorâneas. E mesmo quando os revolucionários começaram a deslocar o grosso da sua tropa da Setembrina para o Itapuã, e quando Garibaldi já seguia com algumas embarcações para a Boavista, entendia ainda o comando dos legais que esses movimentos só teriam por fito distrair-lhe a vigilância, a fim de tentarem passagem para o outro lado da lagoa. Greenfell, que policiava pessoalmente as águas do Guaíba a bordo da *Cassiopeia*, partilhava da mesma opinião. "Hoje soube por pessoa de confiança", informava o comandante das tropas, "que o inimigo fala em fortificar o Itapuã, pondo ali uma peça para chamar a atenção das embarcações e depois seguir para São José do Norte; que já foram as cavalarias para passar no Estreito à ilha do Canguaçu, para cujo fim já ali esperam algumas canoas, que, diz-se, foi arranjar em Meireles." Comprometia-se o inglês a fazer todo o possível por estorvar os imaginados planos dos revolucionários. Mas

ponderava ao general chefe que numa costa extensa como aquela, fácil lhes seria iludir a vigilância das canhoneiras "e passar-se gente com arreios para a contracosta". Por isso, "exijo de V. S." concluía, "providências em mandar retirar toda a cavalhada dos distritos de São Lourenço e Canguaçu".

Como os revolucionários tivessem fama de saber mascarar como ninguém os seus movimentos, resolveram, dessa vez, enganar o adversário com a verdade. A pressão que começavam a esboçar sobre a península do Estreito não passava de estratagema, raciocinava Manuel Jorge. Queriam, seguramente, que ele desguardasse a capital e fizesse afluir tropas ao Rio Grande, a fim de tentarem mais à vontade a travessia da lagoa. Ou era isso, ou então, referia em ofício a Tomás da Silva, queriam "dar-nos trabalho e tornar-se importantes". O que não acreditava é que eles de fato se aventurassem a um assalto às posições do litoral.

Havia boa tropa legalista, também, na península do Albardão. Mas esta não deveria sair dali, a não ser para uma ofensiva na frente do São Gonçalo. Esperavam-se forças ainda de Santa Catarina. Destas, apenas cento e vinte praças ficariam em São José do Norte. As restantes seguiriam de imediato para Porto Alegre, conforme as determinações do comandante das armas.

O presidente Saturnino, porém, desconfiado de tudo aquilo, continuava controlando os atos de Manuel Jorge. Parecia-lhe rematada loucura desguarnecer daquela maneira as posições da barra. De conta própria, tomou a resolução de interferir nas disposições do comando militar. Mandou que todo o segundo corpo de caçadores chegado de Santa Catarina permanecesse no Rio Grande. Entendeu-se com Greenfell para que fosse aumentada a estação naval do porto. Graças a estas providências a guarnição da cidade somava quase seiscentos homens, os quais, na hipótese de um ataque a São José do Norte, socorreriam imediatamente a vila, que contaria assim com uma defesa de novecentas armas de fogo. Além disso, estabeleceu-se ainda que Araújo Correia, comandante da força aquartelada no Rio Grande, requisitasse, em caso de necessidade, os auxílios de Silva Tavares, que se encontrava em São Gonçalo com uma boa reserva de cavalaria.

*

A resolução dos republicanos estava assentada. No ano V da Revolução voltaram a golpear a mesma porta tão impensadamente aban-

donada após a vitória de 20 de setembro, quando Bento Gonçalves ainda se debatia na incerteza dos rumos que o movimento deveria tomar, e a qual se haviam voltado sempre com invencível obstinação as vistas de João Manuel. Um lustro de lutas bastara para mostrar-lhes que as vantagens dos legalistas decorriam todas da continuada posse daquelas posições, garantia de acesso marítimo à província, ponto de conexão com o mundo exterior e de "controle" sobre as águas interiores. Sem dúvida alguma, a posse daquela maravilhosa chave seria capaz, só por si, de mudar completamente a situação já quase desesperada em que os revolucionários se encontravam. Com esse ponto de vista concordava literalmente Garibaldi: *"São José do Norte, único porto della provinzia... era una delle chiavi dell'imboccadura: ed it suo possesso avrebbe potuto cambiare la facia delle cose."*

Bento Gonçalves já se assenhoreara integralmente do plano. As suas forças desceriam fulminantemente pela península e cairiam de cheio sobre São José do Norte. Donos dessa posição, a tropa necessária passaria à outra margem, nas embarcações que Garibaldi estava armando e nas que fosse possível encontrar no local. E uma vez instalado no Rio Grande, seus cuidados não se limitariam à guarnição de terra: dessa vez, "trancaria a única entrada de que dispunha o Império, cercando absolutamente, portanto, à guarnição de Porto Alegre".

Quanto à capital da província, estava seguro o generalíssimo, "não tardaria a cair, por sua vez", desde que os legalistas perdessem o domínio da foz, e, em consequência, o das lagoas e dos rios.

Para auxiliar a tomada do Rio Grande, Neto operaria no vale do Camaquã, dificultando por esse lado qualquer auxilio que Manuel Jorge houvesse de mandar para o sul, e ocupando convenientemente os voluntários de Silva Tavares. E para que o alto comando imperial não se aventurasse a enviar excessiva gente da guarnição de Porto Alegre em auxílio daquelas posições, ficava Davi Canabarro nas vizinhanças da capital, com o objetivo de distrair por aí a atenção do inimigo e de apertar, se necessário, os movimentos do sítio.

O plano da ação estava traçado com todos os requisitos da arte militar. O Plano "concebido à farrapa", diria dele, mais tarde, uma voz autorizada e insuspeita – Filipe Néri.

Iria, por fim, pela conquista da foz, produzir-se o rompimento do "impasse", o desequilíbrio das forças?

*

Começou a marcha nos primeiros dias de julho. Naquele "ano terrível" para as armas republicanas, terribilíssima se iniciara a estação invernosa. Os terrenos do Capivari estavam alagados. Quase diariamente caíam chuvas espantosas. Composta de quase um milhar de soldados e com duas bocas de fogo, a expedição teria de caminhar dias consecutivos por aquele chão traiçoeiro, formado de intermináveis pantanais. O êxito dependia sobretudo da rapidez dos movimentos. Não pensasse ninguém em prolongados descansos. O generalíssimo distribui com cuidado as etapas. É preciso atingir o extremo da península em oito dias, a vinte e cinco milhas por jornada. *"Una marcia continua di otto giorni, a non meno di 25 miglia per giorno",* anota Garibaldi.

No começo do avanço, os legalistas acreditam que o adversário busca apenas distrair-lhes a atenção a fim de transpor a lagoa. Greenfell vigia cautelosamente as águas, de bordo da *Cassiopeia*, e despacha canhoneiras e barcos menores em todas as direções.

Finalmente, ao cabo do oitavo dia os republicanos estão às portas de São José do Norte. Que vento frio aquele, que sopra nos intermináveis areais da costa! *"Era una di quelle notti d'inverno, in cui un ricovero ed un puó di fuoco é una vera fortuna,"* relembra Garibaldi. Mas, além da noite chuvosa, a única proteção que os expedicionários encontram à vista é a linha de fortificações que circunda, pelos lados do norte, aquele triste vilarejo: e o fogo que os há de animar será o da fuzilaria a dos canhonaços, que estrondarão dentro em pouco. Os "pobres soldados da liberdade" estão "esfarrapados, esfaimados, com os membros entorpecidos pelo frio", expostos às infindáveis "cataratas de tempestuoso dilúvio" que os havia acompanhado durante toda a jornada. Agora, tratará cada um de aquecer o corpo ao fragor da ação. Os dois canhões foram abandonados no caminho "por se haverem inutilizados os carros". Já quase atingida a meta da expedição.

Bento Gonçalves toma as disposições finais para o assalto. A soldadesca espera, enregelada, a ordem de avançar. A própria morte é pre-

ferível àquele indescritível sofrimento. *"Ciascuno... preparavasi all'assalto che doveva aver luogo al primo – chi va lá? – delle sentinelle."*

À uma hora da madrugada, afinal, soa a ordem de avançar.

Os soldados da República lançam-se ao assalto contra as trincheiras guarnecidas de sentinelas. Ataca-se a guarnição em todos os seus pontos de defesa. Domingos Crescêncio, mais conhecedor do que ninguém daquelas paragens e dos obstáculos a acometer, dirige a ação sob as vistas imediatas do comandante do exército. Ao seu lado estão Teixeira Nunes, o "gavião", cuja fama tomara vulto maior ainda com as proezas em Santa Catarina, o valente Francisco Ramos d'Ansão e Garibaldi, que depois de tomar parte na investida deve dirigir a expedição contra a praça do Rio Grande. Rossetti, capitão-tenente, também participa da luta à frente da marinhagem.

No terceiro fortim, o "Imperial", a resistência é desesperada. Comanda a defesa ali o capitão João da Silva Portela. Vendo perdida a situação, lança fogo ao paiol da pólvora. Na explosão, voam pelos ares os assaltantes mais próximos. *"Io ricordo sempre",* escreve Garibaldi, "*quando successe la catastrofe".* E conta "ter visto nossos homens, que ocupavam aquele forte, dispersos no ar como vagalumes, com as vestes em fogo e lançados ao solo horrivelmente mutilados". Rápidos instantes dura o estupor. Uma nova onda toma o lugar dos sacrificados no ímpeto inicial, e precipita-se, incontida, na brecha que se abre. Os dois corpos de linha avançam a pé, auxiliados de perto por um contingente de cavalaria. Vencida a primeira resistência, vê-se que a guarnição não poderá opor-se àquela avalanche que se espraia, ao cabo de minutos, sobre as circunvalações externas. Depois de uma hora gasta no assalto, as duas da madrugada, os revolucionários ocupam o Norte.

Bento Gonçalves e o seu estado-maior foram postar-se no centro da vila, e aí se mantiveram durante toda a ação. O chefe republicano envia um ultimato ao coronel Soares de Paiva, comandante da praça, "para que se rendesse à discrição com promessa de recambiar às suas respectivas províncias todas as praças que fossem alheias ao Rio Grande": Em caso de negativa. "arrasaria a povoação".

Paiva não atende à intimativa. Ordena que as tropas se retirem ao quartel, onde se dispõe a resistir. Intervêm na luta, em seguida, alguns

barcos da flotilha imperial. Esse "apoio da gente de bordo contribuiu sobremaneira para aviventar a desesperada resistência do presídio agredido". O capitão-tenente Gama Rosa, que se distinguira já na retomada da Laguna, acode com o seu lanchão artilhado, o *Torres*. Também o tenente Pedro Garcia aproxima-se do litoral com uma lancha, ajudado pela tripulação de um brigue mercante. Varrem essas embarcações "os arredores do quartel e a embocadura das ruas por onde os revoltosos" procuram assaltá-lo. O comandante do lanchão consegue desembarcar e entra no quartel onde o saúdam as aclamações dos sitiados, que esperam a todo momento auxílios do Rio Grande. Com o mau tempo, porém, os navios não podem atravessar o canal e são atirados sobre a ilha dos Marinheiros. Mas já começa a desembarcar gente da *Andorinha*, comandada pelo bravo Romano da Silva, outro que tomou parte nas ações da Laguna.

Romano desce a terra acompanhado apenas de um piloto e de um soldado de artilharia. Quer comunicar-se com o comando da praça. Deixa ordem ao seu imediato que lhe mande na lancha os demais soldados, com os quais pretende guarnecer uma das peças da trincheira. Mas quando o imediato "mandou à terra buscar a lancha, já não se pôde tirá-la por causa do fogo dos rebeldes; e por isso não foram os soldados, como lhes havia ordenado o seu infeliz comandante"; explicaria o inspetor do arsenal a Greenfell. "O soldado foi encontrado morto em terra; do piloto há indícios de que morrera afogado; mas do comandante não houve o mais leve vestígio". Alguém o divisara ainda "a fazer fogo com as suas pistolas; mas carregando a cavalaria rebelde com grande força sobre a Rua da Alfândega, ninguém mais o viu, e presume-se quê viera entreverado com essa força rebelde e que caíra morto ao mar, de cima da estacada'".

Na vila, a soldadesca desenfreada entregava-se ao saque. Não havia como conter aqueles homens esfaimados e seminus, rebeldes às regras mais elementares da disciplina. *"La maggior parte quindi si dispersero coll'idea del saccheggio"*.

O aparecimento da força marítima enche de sérias apreensões o comando republicano. Os combates decisivos travam-se à beira-mar. A intervenção da marinha pode ser de influência definitiva em favor dos legais. Bento Gonçalves conclama a sua gente a um supremo esforço. O quartel continua resistindo aos ataques que se levam contra ele por todos

os lados. É o próprio comandante da praça quem orienta a defesa. Ferido numa perna, mandaram oferecer-lhe transporte para bordo de um lanchão. Respondeu o bravo que não abandonaria o seu posto. "Perdendo muito sangue, pediu uma cadeira e, sentado, continuou a dirigir o combate". Às primeiras horas da madrugada, amainado um pouco o temporal, chegam três lanchas do Rio Grande com algum reforço. Trazem a notícia de que outras embarcações não tardariam. Ao amanhecer, o tempo mudara completamente. Já se aproximavam mais dois navios, que vinham atravessando o canal. Reanimada assim a resistência e vendo Soares de Paiva que se debilitava o fogo dos assaltantes, resolveu fazer uma surtida, mandando carregar de rijo sobre eles. A bateria número 2, ocupada pelos republicanos, responde francamente à investida, "ou por imperícia dos artilheiros ou pelas más condições do material". Apenas dois ou três tiros de peça foram disparados sobre os sitiados de há pouco, transformados agora em agressores. Pouco depois, os legalistas se apossavam do fortim.

Organiza-se rapidamente uma coluna de ataque sob as ordens de Garibaldi, para retomar a bateria. Com fúria irresistível lançou-se a pequena tropa muros adentro da posição, e dela expulsou de novo os legalistas. Estes voltam à carga com redobrado ímpeto. Para manter o fortim em poder dos republicanos seria necessário, porém, que lhe chegasse algum reforço. Ocupado o comando com outras peripécias do combate e reinando entre a soldadesca aquela terrível indisciplina, os que lutam pela posse da bateria veem-se entregues a sua própria sorte. Resistem até onde lhes é possível, mas sobrevindo novos auxílios aos imperiais, acabam batendo em retirada. Nessa altura, por volta do meio-dia, já principia a debandada dos revolucionários. Crescêncio, para forçar a expugnação do quartel, manda propor a Bento Gonçalves o incêndio dos quarteirões que o rodeiam.

– Diga-lhe que por tal preço, com o sacrifício de tantas famílias, não quero a rendição da praça – foi a resposta.

E pouco depois o generalíssimo da República ordenava a retirada que se fez em "vergonhosa precipitação, quase numa fuga", afirma Garibaldi. Mas havia gente que chorava de raiva e desespero, ao ver todo aquele formidável esforço irremediavelmente perdido.

"Comparativamente imensas" haviam sido as baixas dos republicanos: cento e cinquenta feridos, cento e oitenta mortos, entre os quais

dois majores e quase todos os oficiais da infantaria. Era um lamentável esqueleto, agora, aquele soberbo corpo de libertos. *"La nostra fiera fanteria... divenne uno schelettro"*. Os legalistas tiveram setenta e dois mortos e oitenta e sete feridos. As suas baixas, no total, contando os prisioneiros, subiam a duzentos e quarenta e três homens.

Exaustos, ensanguentados, trôpegos, os soldados da República ofereciam um espetáculo doloroso quando começou a retirara. Nem medicamentos havia para atender aos feridos. Bento Gonçalves, condoído em face daquele quadro de desolação, envia um próprio a vila a pedir socorros, certo de que o comandante da praça não Ihos recusaria. Com efeito, Soares de Paiva "mandou que se lhe fornecesse tudo o que pedia". O chefe da revolução, ao receber os remédios, mal pôde conter as lágrimas. E, na miséria da sua derrota, ainda encontrou como retribuir a generosidade do comandante legalista. Chamou todos os prisioneiros e deu-lhes a liberdade, com estas palavras:

– Ide dizer ao vosso comandante como os rio-grandenses livres pagam as suas dívidas!

E por entre as dunas tristes da praia, retomou a marcha rumo da Setembrina.

. . . .

Capítulo III

O ÚLTIMO AMIGO

AO CABO DE ALGUNS DIAS os restos da expedição entraram em Mostardas, aldeia de uns cinquenta fogões construídos no meio de intermináveis areias e formando uma única rua muito larga e curta, sobre cujo eixo, numa das extremidades, se levanta, imponente, a igreja paroquial. A coluna faz alto aí. E Ulhoa Cintra, primeiro deputado general-chefe do estado-maior encarregado do expediente, escreve a ordem do dia historiando a ação de São José do Norte. "Estando já as forças republicanas senhoras de toda a praça do Norte, de algumas das suas fortificações", Bento Gonçalves ordenara a retirada, "não só por causa da copiosa chuva que inutilizara as armas de fogo, como porque, para constranger e capitular o resto da força inimiga entrincheirada em seus quartéis, fora mister destruir a praça: e a imagem de um incêndio, seus horrores e consequências" havia movido o coração do chefe republicano à piedade. "S. Exa. preferiu ver frustrado o plano que formou, do que pisar ufano sobre as ruínas e cadáveres ensanguentados de seus semelhantes". Depois, a ordem do dia põe em realce a capacidade de Crescêncio, a bravura de Teixeira Nunes, de Ramos d'Ansão, de Baltasar de Bem. "Os senhores capitão da marinha da República José Garibaldi e Luiz Rossetti, à frente da marinhagem que

combateu com a infantaria, portaram-se com aquela bravura que sempre os caracterizou."

Garibaldi recebe instruções de permanecer com os seus marinheiros nos campos de São Simão, a pouca distancia da aldeia, a fim de ocupar-se na construção de canoas e pequenas embarcações, necessárias para um possível transporte de tropas ao outro lado da lagoa. Rossetti acompanharia o grosso dos retirantes a Boavista.

Antes de se separarem, os dois amigos examinam, em longas confabulações, a situação militar da República. Estão convencidos de ter sido aquela a última tentativa para dar à revolução um respiradouro sobre o mar.

Paupérrimas são as casas de campo naquela desprezada região da província. Mesmo os homens de fortuna vivem pouco menos que miseravelmente, em palhoças de pau a pique, encontradas de légua em légua nessas terras arenosas, cobertas de pastagens ralas e pobres. Reunido com Anita, Garibaldi instala-se no casebre de uma fazenda abandonada pelo proprietário, favorável a legalidade. Ele e os seus comandados, como de hábito no tempo, agem como se estivessem na sua própria casa. *"Noi facevamo da padroni in quel luogo"*.

Os trabalhos de construção naval são quase de todo impossíveis nessa quadra do ano. Não aparecem as madeiras necessárias à feitura das canoas. As chuvas continuam torrenciais, semanas a fio. Todos se queixam da inclemência da estação. "*Dagli abitanti dicevasi inverno rigido, quello"*. Os gados e as cavalhadas andam soltos pelos campos, como coisa de ninguém. Não se poupam bois e carneiros para a alimentação da marinhagem. E como não existem barcos a cuidar, ocupam-se os nautas desembarcados da doma de potros. *"Ed alcuni malamente, domavano cavalli"*.

Ao lado de Anita, naqueles intermináveis dias de inverno, Garibaldi revê episódio por episódio, os seus trabalhos em favor da liberdade política dos homens. Recorda a sua entrada no serviço da República, os colóquios com Zambeccari e Rossetti na fortaleza de Santa Cruz. Depois disso, quantas lutas, quantos desenganos! Relembra, um a um, os amigos que já morreram pela causa do Rio Grande. Só Rossetti e ele, quase por milagre, estão vivos ainda. Rossetti é o último amigo que lhe resta aqui, dos antigos companheiros de crença e irmãos de sangue. Têmpera formidável, a daquele homem! Não há revés que consiga abatê-lo. E Garibaldi

volta a contar a Anita a história do amigo. Pensavam os pais, em Gênova, destiná-lo à carreira eclesiástica. Rossetti padre! Por certo os pais não lhe conheciam o caráter.

– É este, entre os italianos, um dos patriotas mais ardentes que tenho conhecido. Inclinado por temperamento à vida aventureira e não podendo respirar à vontade na Itália, partiu para o Rio de Janeiro. Aí foi negociante e corretor. Mas, não tendo nascido para a vida de negócios, ele seria sempre uma planta exótica no mundo do ágio. Não que não fosse dotado de penetrante inteligência, capaz de assimilar com surpreendente rapidez todos os conhecimentos, mas porque era o mais italiano de todos os italianos, o mais generoso e pródigo dos homens. Ora, com tais vícios não se faz fortuna; antes se caminha, a largos passos, para um malogro mais do que certo em todas as ocupações egoísticas. Foi o que aconteceu a Rossetti.

Anita seguia com atenção os largos traços do perfil do carbonário que ainda há dias lhe apertara a mão e se interessara vivamente por ela, quando a tropa atravessava os campos de S. Simão. E Garibaldi continuava:

– A sua casa no Rio de Janeiro estava sempre aberta a toda gente, sobretudo aos italianos desgraçados. Nunca esperava que os proscritos chegados ao Novo Mundo o fossem procurar: ia ao encontro deles. Tudo quanto ganhasse, gastava-o com os necessitados. Se acontecia que não pudesse socorrer imediatamente qualquer exilado que o procurasse, deixava-o esperando no seu albergue, saía à rua em procura de amigos e não tornaria a casa sem levar o auxílio requerido. Em tais circunstâncias, ninguém, aliás, seria capaz de negar-lhe coisa alguma. Todos lhe queriam bem e era com prazer que o ajudavam a mitigar as necessidades alheias.

Depois, relembrava os encontros com Zambeccari, a cuja presença, na fortaleza, o levara Rossetti:

– Falou-se em que nos deveríamos fazer corsários. E nunca mais tivemos um minuto de descanso enquanto não nos lançamos ao oceano com a bandeira republicana. Rossetti, sempre prodigioso na sua capacidade de realizar, encarregou-se de tudo quanto necessitávamos para levar a cabo a empresa. E alcançou o que pretendíamos.

Desfilavam ainda nas reminiscências as figuras de Cuneo, de Anzani, de Castellini. Os dois últimos, há pouco, tinham estado no Rio Grande. Castellini, de Caçapava, escrevera a Rossetti, na Laguna. Garibal-

di, o homem que não sabia viver sem amigos, enchia as horas de solitude nos campos de S. Simão com o encantamento das recordações.

*

As infindáveis querelas entre o presidente Saturnino e o general comandante das armas haviam decidido a Regência, finalmente, a dar-lhes substitutos. E para evitar *ab initio* aqueles ruinosos roçamentos entre a autoridade civil e a militar, resolveu-se que as duas funções, fossem, de novo, desempenhadas cumulativamente por uma só pessoa. Ninguém mais indicado para tão alta responsabilidade do que Soares de Andreia. Em Santa Catarina confirmara ele plenamente a fama dos seus talentos militares e a rígida intransigência do seu caráter. O velho partidário do absolutismo de D. Pedro I descontava nos liberais de hoje seus invencíveis despeitos de adesista de ontem. Mas, de qualquer maneira, seria sempre um formidável instrumento de ação a serviço dos governos. Porque para Andreia só os governos podiam ter razão. Ao transmitir o exercício do cargo no Desterro, dissera com empáfia e orgulho de si mesmo: – Pelo que pertence à segurança externa, está a província desembaraçada desses bandos rebeldes que se apregoam liberais, e não sabem mais do que ofender aos seus concidadãos e dilacerar o seio da sua pátria. Estando os postos avançados das forças desta província além dos limites dela, é claro que ela está livre.

Chegado a Porto Alegre, passou Andreia a agir à valentona, como do seu feitio. Não agradavam aos rio-grandenses aquelas maneiras desabaladas e ríspidas. "Há contra ele grande indisposição", comunicavam da capital da província a Antônio Neto. "Até se promoveu um assinado para ele ser demitido e reintegrado na presidência o Dr. Saturnino de Sousa." A reservada informação pareceria mais que verossímil, à vista dos incidentes que Andreia criava e da circunstância de continuar na capital o presidente substituído. A indisposição contra a nova autoridade crescia de ponto, em face daquela sua mania de que todos houvessem de tirar o chapéu quando o encontrassem. "Pensando que estava no Pará, passou uma grande descompostura no capitão Chico Barreto, irmão do brigadeiro Gaspar, por lhe não ter tirado o chapéu na rua; e dizem que, por isto ele (Chico Barreto) pediu demissão, bem como outros oficiais brasileiros." Constava também que existiam "grandes indisposições nas forças dos realistas por ser Soares

de Andreia o presidente a general das armas; diziam muitos oficiais brasileiros "não pensasse que cá havia de fazer aos brasileiros o que fez no Pará". Parece que Andreia percebeu o terreno perigoso em que pisava. "Ele se viu obrigado a tornar-se mais comedido; e daí por diante se tem portado de outras maneiras."

Com Andreia na presidência a no comando das armas, deviam os republicanos prever para breve acontecimentos de nota. O temível personagem tudo faria por confirmar no Rio Grande a sua tradição de capacidade militar, adquirida no Norte e confirmada em Santa Catarina. E a situação dos revolucionários não poderia apresentar-se mais difícil. O sítio de Porto Alegre estava já completamente desmoralizado. Depois dos insucessos no Taquari e São José do Norte e com a tropa naquele miserável estado, seria uma loucura acreditar ainda no êxito do assédio. O que Manuel Jorge, o *cunctator*, não empreendera, fá-lo-ia por certo Andreia. Mais dia menos dia, seriam os republicanos cercados nas posições que ainda ocupavam nas proximidades da capital da província. Para evitá-lo, impunha-se uma retirada geral, rumo ao norte e ao oeste.

A população estava visivelmente cansada da guerra. Cinco anos durava já à revolução, naquela permanente indecisão militar. "*Le popolazioni*", anota Garibaldi, "*siccome succede nelle lunghe guerre, si stancavano*". As requisições, tanto dos revolucionários como dos legalistas, exauriam os recursos dos habitantes. Todo mundo ansiava pela paz.

*

Inesperadamente, chega à província uma notícia sensacional: as Câmaras haviam proclamado a maioridade do menino Imperador! Fora a nova trazida pelo vapor *Baiana,* entrado no porto do Rio Grande nos primeiros dias de agosto. Na cidade litorânea houve grandes demonstrações de regozijo. Também em Porto Alegre e por todos os recantos da província. Não seria essa a oportunidade indicada para terminar a guerra? Como pensaria Bento Gonçalves a respeito disso, ele que já vinha discutindo com Gaspar Mena Barreto as possibilidades da pacificação? Na chefia do gabinete da maioridade estava Antônio Carlos, o velho liberal, amigo dos insurgentes rio-grandenses. A reação ensaiada dias antes com Bernardo de Vasconcelos não durara quarenta a oito horas. A todos parecia fora de

dúvida, se propostas de paz fossem sugeridas pela nova situação, não poderiam os republicanos deixar de examiná-las com o maior interesse.

Sabia-se que no ano anterior o brigadeiro reformado Gaspar Mena Barreto, pessoa insuspeita aos legalistas, iniciara com Bento Gonçalves, seu íntimo amigo, um exame oficioso das possibilidades de pôr-se fim à luta. Querendo eximir-se de maiores responsabilidades pessoais, o presidente da República lhe propusera então três itens: 1º) que o intermediário se munisse de credenciais para a discussão: 2º) que o presidente da província mandasse regressar a Porto Alegre a força que fizera estacionar no Caí, e para as posições do litoral as que houvessem transposto o São Gonçalo: 3º) os republicanos fariam igualmente retirar as tropas destinadas a enfrentar os monarquistas.

A Saturnino pareceram essas propostas o cúmulo da audácia. Respondeu por escrito que não mandaria retirar força alguma, nem tampouco sustaria quaisquer movimentos e operações porventura iniciados. A única atitude a que estaria disposto seria a de receber e perdoar a qualquer força revolucionária "que depusesse as armas e se acolhesse às bandeiras imperiais. O governo imperial não pode ser mais generoso e benigno do que dar um completo perdão e esquecimento do passado a todos os brasileiros que se mostrarem arrependidos, a garantir-lhes a conservação das suas honras e postos legais, a segurança de suas pessoas a os meios de subsistência: isto é mostrar sumo desejo de evitar o derramamento do sangue brasileiro e não querer mais vítimas".

Os termos abruptos da declaração de Saturnino valiam quase por uma formal desautoração à iniciativa de Mena Barreto. Dissera-o Bento Gonçalves em carta que lhe escreveu: – o presidente de província "estava longe de almejar uma verdadeira e sincera conciliação". Considerava-os – dizia – "como rebeldes, oferecia-lhes perdão, esquecendo-se de que há muita diferença entre rebelião e resistência legitima". "Neste último caso", acrescentava, "estão compreendidos os republicanos rio-grandenses, que, julgando-se fortes para resistir ao governo do Império, não têm juiz nem superior comum sobre a terra."

Dias depois, o infatigável Gaspar voltava ao assunto para convencer o antagonista de que nada havia de menos digno nas proposições da legalidade. Mas a resposta de Bento Gonçalves foi minuciosa, terminante. "A

questão é de princípios, não de interesses", afirma. Fizera-se a revolução "para garantir os direitos e liberdade do Rio Grande, conspurcados pelo Império, depois do 7 de Abril. Pensais que me pus à frente da Revolução para fazer fortuna? Ah! quão pouco me conheceis! Tenho empobrecido com a guerra. Esta não é de interesse, disse e repetirei à sociedade: tem um alto objetivo... Uma opressão acintosa pesava sobre o povo rio-grandense: a influência lusitana, que devia acabar com o glorioso 7 de Abril, dominava por toda a parte. Empunhamos as armas para resistir à opressão. Não tínhamos então a ideia de mudar a forma de governo estabelecido; mas as atrocidades e violências praticadas pelo governo do Império, seus agentes e delegados, nos forçaram a proclamar a independência. Quer antes, quer depois desses atos, combatemos sempre pelos princípios, isto é, por uma verdadeira liberdade, não apenas de direito, mas também de fato. Como desistiremos da luta sem salvar esses princípios? Dizeis que não perderemos nossos postos. Já vos respondi e repito que a nossa questão é de princípios, não de interesses individuais. Dizeis que ficaremos restabelecidos na grande família brasileira. Ah! nem eu nem os rio-grandenses desejamos desligar-nos absolutamente do Brasil. A mesma religião, a mesma linguagem, mesmos usos, vínculos de sangue, laços de amizade inclinam o nosso coração a favor de um povo que consideramos irmãos. Gozando de absoluta independência a respeito dos nossos negócios internos e particulares, não duvidaríamos, quanto ao mais, em submeter-nos a um governo, que vele sobre o bem e os interesses da União." Depois o chefe republicano, argumentando com Vattel na sua definição das guerras civis, mostrava como o Império e o Rio Grande se encontravam tipicamente "no caso de duas nações que entram em contestação e que, não podendo combinar-se, recorrem às armas". "Será porventura desonroso para o governo imperial tratar conosco por meio de uma convenção em que reciprocamente se estipulem condições segundo as quais deva pacificar-se o país?"

Esta carta pusera termo, então, às conversações de paz. No *O Povo,* o tema debatido por Bento Gonçalves fora retomado em artigo intitulado "A República", e que trazia como dístico estas palavras da *Jovem Itália:* "A República é para nós outros aquela forma de governo que unicamente pode dar lugar ao desenvolvimento harmônico de todas as faculdades do homem." Fácil adivinhar a pena de Rossetti na feitura desse conciso ensaio em favor dos governos republicanos.

Logo depois da batalha do Taquari, voltava Bento Gonçalves à presença do seu parente e amigo, o "querido Gaspar", falando-lhe de novo nas possibilidades de uma pacificação. "Passei a famosa linha do Caí", escrevia, "fiz junção com as divisões que estavam além do Taquari, tornando irrisórias as fortificações do exército imperial... Regressei para este ponto, a esperar que novamente se fortifiquem para outra vez mostrar ao vosso presidente que não faço caso do cerco em que ele, com tanto orgulho, contava ter-me. Dizei-lhe que, se ele quer a paz, se está autorizado a tratar dela, dispa-se desse orgulho, trate-nos como guerreiros, não como feras, que tudo pode ter fim, sem mais efusão de sangue..."

Discretas, reticenciosas, continuavam, aqui e ali, as confabulações entre os adversários. Ia se fazendo geral o desencanto pela luta. Onde iria parar a fortuna onde a riqueza privada do continente, se não se encontrasse um meio digno de estancar a sangueira?

De fato, uma das primeiras e mais instantes preocupações do Ministério da Maioridade era a pacificação do Rio Grande do Sul. O próprio imperador tomava a si a iniciativa, dirigindo-se em solene proclamação aos rio-grandenses, para mostrar-lhes sua profunda mágoa por ver que um dos mais brilhantes florões da coroa, a outrora próspera província do Rio Grande do Sul, embaciara durante a menoridade. "Agora, porém, que a lei me faculta falar-vos como pai comum, cuja felicidade depende da de seus filhos, ouvi, rio-grandenses, a voz que parte de uma alma contristada. O meu imperial coração sangra-se à vista do encarniçamento com que irmãos se dilaceram: se na mão do pai humano está ainda o remédio a muitos males, contai comigo, contai com vosso patrício, o Imperador do Brasil."

Compreendeu Andreia os ventos que sopravam. O governo queria a paz? Ele sempre concordava com os governos. Acompanhadas de atenciosa carta mandou a Bento Gonçalves as proclamações do imperador, em obediência ao desejo de Sua Majestade de que elas fossem do conhecimento de todos os seus súditos. "V. S. fará delas o uso que achar mais conveniente à justiça e ao bem geral." E tomando ares amáveis, acrescentava a epístola: "Vi uma carta do Sr. Joaquim Pedro Soares, mostrando desejos de abraçar quatro de seus amigos: e não julgando eu a propósito que eles saiam a campo, convenho, contudo, em que o mesmo senhor os venha ver e abraçar em uma das salas deste palácio."

Respondeu-lhe Bento Gonçalves que já conhecia o teor das proclamações, mas agradecia a remessa. Inimigo da sedução e do engano, amando em extremo a franqueza, filha da boa-fé e da sinceridade, mandaria dar-lhes a major publicidade. Estavam abertas de novo, e agora por forma oficial, as negociações de paz. Andreia volta a escrever a Bento Gonçalves. "Todos nós sabemos que a presente luta não pode acabar pela força das armas, sem que corra ainda muito sangue: e aquele homem que tiver a dignidade de o evitar fará um grande serviço à sua pátria. V. S. está em posição feliz: porque é, enfim, feliz a posição do homem que pode fazer um grande bem. V. S. pode pôr termo aos horrores desta guerra civil, e atenuar ou pôr no esquecimento as queixas que os seus patrícios possam ter pelos males sofridos em cinco anos de horrores... Falando com V. S. falo com todos: larguem as armas, corram aos braços do imperador, que lhes os abriu."

Retruca o generalíssimo que sempre manifesta essa opinião a Gaspar Mena Barreto: só a declaração da maioridade do imperador poderia servir de base à pacificação. E mostra em seguida ao servidor de todos os governos, democráticos ou absolutistas, uma das linhas mestras do caráter rio-grandense: o seu horror aos governos de exceção, que não haurissem em fontes livremente consentidas a imprescindível força moral para se fazerem respeitados e obedecidos. Compreenderia o velho Andreia, absolutista de ontem, hoje constitucional, mas sempre intransigentemente governista, esse horror aos governos da força?

"O povo rio-grandense levantou-se em massa para resistir à opressão", dizia-lhe Bento Gonçalves, "convencido de não poder encontrar felicidade sob a influência de governos excepcionais." Arredado agora esse obstáculo, estava disposto a examinar as possibilidades da pacificação imediata. "Entender-me diretamente com o governo imperial, em quem suponho suficiente autorização para o efeito, me parece o meio mais profícuo de chegar a esses fins." E "se V. S. descobrir algum meio de se evitarem, entretanto, os males desta luta, enquanto não chega semelhante decisão, não duvidarei adotá-lo, se for razoável; de modo contrário, eu não serei responsável, nem a Deus nem ao mundo, pelo sangue que ainda se derramar". Mas tudo quanto não fosse uma preliminar deposição das armas dentro da promessa de anistia contida na proclamação do imperador, não teria jamais o favor de Andreia. Ele traduzia ao pé da letra as ordens do

governo. E entendida a carta de Bento Gonçalves como uma recusa formal de aceitar os meios oferecidos para acabar de pronto a guerra, interrompeu bruscamente as conversações.

O gabinete Iliberal, porém, insistia nos propósitos de paz. Não ficaria bem a Antônio Carlos, partidário declarado de um acordo, não honrar no governo os seus notórios pontos de vista. O deputado geral Álvares Machado, liberal convicto e pessoa em que depositavam confiança muitos chefes republicanos, chegado à província, encetou novas conversações. Esteve na Setembrina, onde foi recebido com festas. Confabulou com alguns dos chefes da revolução, aos quais apresentou uma proposta concreta, em forma oficial. "Concedia-se ampla e irrestrita anistia aos comprometidos na rebelião, fossem quais fossem 'os crimes cometidos' no decurso do movimento; os oficiais do exército e empregados públicos reverteriam aos seus postos e cargos com direito aos respectivos estipêndios; assegurava-se o transporte a outras províncias, para si e suas famílias, aos insurgentes que o desejassem; os escravos libertos pela República não voltariam ao poder dos antigos senhores: adquiridos pelo governo teriam emprego nos arsenais e oficinas do Estado, com "ração diária de acordo com as etapas do exército e trinta réis por dia, para vestuário: aos que quisessem volver à Costa d'África dar-se-ia inteira liberdade."

Verbalmente e por escrito prosseguiam as negociações. Bento Gonçalves nada resolvia por si. Não estava – dizia – na função executiva do Estado. Fazia-se necessário consultar o governo. A opinião do general Neto teria de ser ouvida. O governo perambulava por Alegrete para o Caverá, do Caverá para São Filipe. Mas Neto, em casa a Silva Tavares, impugnou formalmente as condições apresentadas. Como na guerra, também nas discussões de paz se gerava o "impasse".

*

Naqueles dias enquanto Garibaldi ansiava, à distância, pelo desenrolar dos trabalhos que sabia iniciados em favor da paz e a sua reduzida marinhagem sofria as mais duras privações, dava Anita à luz o seu primeiro filho, Menotti, em casa de uma família Costa, nas entradas de Mostardas. Garibaldi estava completamente sem recursos. Decidiu-se a fazer uma viagem a Setembrina, no intuito de conseguir auxílio de um italiano, de nome Blingini, excelente homem.

A jornada a cavalo, através dos campos inundados, foi penosa. Na Roça Velha chegou ao rancho de um companheiro, o capitão Máximo, do corpo de lanceiros. Aceitou-lhe a pousada. Conversaram sobre a guerra, sobre a difícil situação da República. Na manhã seguinte, procurou Máximo retê-lo. Com os caminhos naquele estado, a viagem seria quase impossível. A chuva não tardaria a cair de novo. Mas Garibaldi tinha pressa. Afrontaria as estradas e o mau tempo. Despediu-se de Máximo e recomeçou a marcha. Mal teria andado algumas milhas, ouviu um tiroteio dos lados da casa que acabara deixar. Que seria? Voltar por aqueles caminhos, impossível, pela pressa que levava.

Ao anoitecer, chegou à casa de Rossetti. Encontrou-o abatido, contrafeito. Não acreditava mais nas possibilidades da revolução. Admitia e preconizava, em benefício da paz, uma transigência atual. Não se devia exigir maiores sacrifícios do povo. O exemplo estava dado, a semente lançada à terra brasileira. Mais cedo ou mais tarde, o Brasil fatalmente adotaria o regime republicano, e o Rio Grande do Sul seria um dos integrantes do grande Estado Federal.

Concordava Garibaldi em que isso, por agora, seria impossível. As dificuldades aumentavam dia a dia. Também a seu juízo, a revolução estava malograda. *"La situazione dell'esercito republicano peggiorava, ogni di le urgenze erano maggiori e maggiori le difficoltá di soddisfarle"*.

Mas a abatimento de Rossetti não decorria da sua descrença no êxito do movimento. Que lhe importava não fosse ele um dos beneficiários dos sacrifícios que fizera? Agira ali como discípulo de Mazzini, como carbonário, votado à construção da sociedade futura. O que o constrangia sobremodo eram as injustiças de que se via alvo, desde que resolvera constituir-se em paladino da paz imediata. Garibaldi ouvia-o surpreso. Relatou-lhe o amigo os entendimentos que tivera com Álvares Machado, por ocasião da sua estada na Setembrina. E mostrou-lhe, em seguida, a correspondência trocada com aquele monarquista e alguns republicanos a respeito da pacificação.

"Muito lhe agradeço", escrevera Álvares Machado, "a parte que toma na pacificação da província. Senhor Rossetti, quando a Itália toda obedecia a um só governo, deu leis ao mundo e foi potência de heróis; dividida em muitos Estados, caiu na escravidão dos bárbaros e ficou redu-

zida ao ludíbrio das nações". E continuava calcando nos exemplos da Itália argumentos a favor da unidade brasileira dentro do respeito ao trono. "Se o exército dissidente não se rende sob condições humilhantes, muito menos o fará o Império; mas quais são essas condições humilhantes? A bondade paternal do Senhor Pedro II, o arcanjo dos brasileiros, abriu a seus filhos dissidentes uma porta honrosa (o esquecimento do passado) para que todos pudessem ir a seus braços; eu tenho a dor de ver passarem-se os dias, e essa porta de honra ir fechar-se com o mais lúgubre ranger, deixando fora da legalidade a tantos homens que tantos serviços podiam ainda prestar a si, às suas famílias e a sua pátria... Eu parto breve, satisfeito em cumprir um dever consciencioso: poupar uma gota de sangue, um pingo de lágrima de meus irmãos rio-grandenses faria toda minha esperança e cumulava minhas aspirações."

Respondera-lhe Rossetti sem perda de tempo, numa carta longa, minuciosa, circunstanciada. Os termos da missiva de Álvares Machado o haviam quase desalentado – dizia – por ver que ele desesperava da sua honrosa missão. Depois de recebida a sua letra, quisera ver a correspondência trocada entre Machado e Bento Gonçalves. Mostrara-lhe Ulhoa Cintra, e o seu conteúdo o tranquilizara. "Continuo a ser de opinião que V. Exa. triunfará de todos os obstáculos, se, como não duvido, quiser fazer-nos o sacrifício de vir presidir a província. O exército dissidente quer a paz; mas a preciso ao menos em alguma coisa fazer-lhe a vontade." É sua convicção que Álvares Machado, na presidência, tudo conseguirá daquele povo "dócil ainda mais que valoroso". Depois, acompanha o contendor na sua excursão pelos paradigmas italianos. "A doutrina da *Jovem Itália",* explica, "não era da monarquia, ainda quando fosse a da indivisibilidade e da união. Nós queríamos a república, e até puramente democrática; porque além destas fórmulas, nós não vemos liberdade verdadeira possível." Mas não querendo insistir demasiado em assuntos meramente temáticos, admitia que depois da sua saída da Europa, se houvesse alterado aquele critério; e não tinha dúvidas, por isso, em aceitar como exato tudo quanto Álvares Machado lhe dissesse com referência à sua pátria. Como quer que fosse, porém, ele não acreditava que na monarquia geral e indivisível houvessem de parar os trabalhos da *Jovem Itália,* que sempre seriam a favor dos governos republicanos. A República – explicava – nós "não a queremos só

no Brasil, mas universal, e estamos convencidos de que os nossos esforços não serão baldados. A época em que se cumprir este plano majestoso, nós não a veremos; ela é remota, mas há de vir; e nós a preparamos ainda que com a certeza de não desfrutá-la". Depois, não resiste à tentação de examinar o panorama histórico da Itália, já que seu antagonista lhe escancarara, de par em par, esse exemplo. E argumenta que "a Itália produzia heróis quando governada pela República Romana; produziu-os no tempo, ainda que agitado, das repúblicas da Idade Média; mas engendrou escravos e vis" nos períodos do absolutismo, da tirania. Quanto ao Brasil, está certo de que o jovem imperador é um príncipe virtuoso. Mas nem porque o reconhece deixará de ser republicano. E se os herdeiros do imperante atual não lhe imitarem os padrões de clemência? "De resto", acrescenta, "eu sou estrangeiro, e só me fica o direito de valer-me do meu pequeno préstimo em favor do país que me hospedou. Nesta intenção, entrei na revolução, porque os meus princípios adquiriam um auxílio. É nesta mesma intenção e para os não ter inteiramente perdidos na terra onde desejava deixar ao menos uma pisada, que ora me hei de valer da minha pouca influência para fazer com que estes bravos brasileiros voltem ao grêmio da própria família. Eu conheço a necessidade em que eles estão de dar semelhante passo; e conheço quanto convém à prosperidade natural da província que eles tornem a obedecer ao mais digno soberano que felizmente domina sobre todo o Brasil. E direi, ademais, que desejava podê-los convencer do quanto lucrariam em confiar, antes que no tratado, na magnanimidade do Senhor D. Pedro II. V. Exa. talvez o consiga, voltando. Tudo depende de que V. Exa. possa proporcionar ao Sr. Bento Gonçalves o meio de entender-se com os mais chefes da revolução. Tomei-lhe o tempo, mas mo perdoará. Só me resta suplicar-lhe de não abandonar a empresa começada. A paz depende de V. Exa., e eu não vejo obstáculos. Se os há, não os conheço".

Rossetti, cumprindo a promessa feita a Álvares Machado, insistira nos seus trabalhos em favor da paz. Escrevera a Lucas de Oliveira, dirigira-se demoradamente a Domingos de Almeida: – "V. Exa. conhece meus sentimentos, e confio não me fará o *tort* de pensar mal de mim. A guerra agora é já inútil, porque não tem objetivo, é sem futuro. O caminho que percorríamos nos levava ao precipício; preciso, então, mudarmos de vereda, indo por meio diferente ao mesmo fim. O Império, por mais

que façam seus partidários, há de sumir-se na Confederação. É melhor, por isso, marcharmos com todos os brasileiros a ela. O triunfo é mais lento, mas também mais seguro, além do que poupamos muitas desgraças e muitas lágrimas... Se queremos um dia dar vivas mais eficazes à República, devemos fazer com que ela deixe recordações e saudades. Se continuarmos a guerra como a República Francesa, a República Rio-grandense deixará somente aborrecimentos e ficarão para sempre perdidos no Brasil os princípios democráticos, por cujo estabelecimento os homens de fé tantos trabalhos vamos aturando."

Apenas iniciadas essas correspondências pacifistas, rastejava-lhes a intriga em derredor. Para acabar com as explorações, escreveria a Bento Gonçalves. A carta seria talvez um pouco áspera, mas fazia-se necessário falar com franqueza ao chefe da revolução, em cuja nobreza de caráter confiava, vítima ele também de graves injustiças. E desdobrando as folhas de um rascunho, Rossetti leu:

"IImo. e Exmo. Sr. – A fim de cortar intrigas e para que ninguém faça ausência de mim, que não haja merecido, lhe remeto por cópia a carta que eu escrevi ao Sr. tenente-coronel Lucas, juntamente a resposta com a qual ele me honrou. Escrevendo ao Sr. Lucas, me dirigi a um amigo com quem mais vezes me entretive a respeito da coisa pública; e quis no mesmo tempo se servir a V. Exa., no pensamento da paz, tão determinantemente emitido, assim como o servi, com todos os meios ao meu alcance, na guerra. Expus minha opinião porque debaixo do governo de V. Exa. e da República não pode haver lei que mo proíba, mas o hei feito com boa intenção. Disse verdades talvez de difícil digestão ao paladar de muitos mas as confiei a um amigo, ainda que seja máxima minha que quando se tratar dos interesses de um povo, se haja de dizer a verdade, tal qual é sentida e a todos. A mentira, a adulação, as bravatas, e todo o seu cortejo de infames artimanhas são indignas do republicano, nem eu as sei usar.

"Agora, se me mostram que minha opinião é falsa ou mal fundada, que a paz nem é útil nem necessária, que a união do país ao Império não convém, que tudo quanto digo na carta anexa não rege; que há elementos republicanos e meios para pô-los em ação, muito o estimarei. Quando me lisonjeava disso, sacrifiquei vida e interesses de uns patrícios e amigos meus, talvez a minha própria honra; me sujeitei, por quatro anos,

a uma existência penosa, de privações e trabalhos, e nela estou pronto a permanecer, se houver quem me mostre, com sólidas e boas razões, que, continuando-se a luta, triunfara por fim a República. Convencido, porém, do contrário, pela experiência de cinco anos, depois que V. Exa. mesmo admitindo o Sr. marechal Gaspar e escrevendo ao Sr. Antônio Carlos, tem-se declarado a favor da minha convicção; deveria dizer a este povo, para cuja felicidade estou pronto a dar a vida: que teime, que continue a despedaçar--se? Eu nada espero do Império, porque nada esperava da República, da qual também nada queria, mas é em nome dela e do povo que confiou a V. Exa. os seus destinos, que eu lhe peço anuir à paz; porque só essa poderá um dia lhe dar a liberdade verdadeira, que anelava; porque é à sombra da paz que espero ver ainda triunfar os princípios que professo e a cujo espalhamento me tenho imolado. Se falei em mim, a isso fui constrangido. Devia presumir a maledicência. Desprezo-a sempre; porém acreditei que justificando-me poderia render um serviço ao país."

Aprovou Garibaldi sem reservas o procedimento de Rossetti. A continuarem as coisas como andavam aquela guerra só acabaria pela exaustão completa de um dos combatentes. E que esses combatentes fossem os republicanos não havia que duvidar. A última oportunidade de vitória fora perdida em São José do Norte. A posse da barra, sim, essa teria podido mudar o rumo das coisas. Mas isolados no interior, que finalidade política teriam aquelas diuturnas paradas de heroísmo? Como poderia triunfar a revolução sem um porto de mar? *"Lontano di qualunque porto di mare"...* Rossetti concordava. Afirmou, porém, que de qualquer maneira continuaria no serviço da revolução, até ao fim. Não permitiria que a maledicência ignóbil lhe tisnasse o nome. Honraria a sua fé de carbonário. Mas lamentava a obstinação de alguns dos grandes chefes de quererem continuar uma luta já sabidamente perdida.

*

Conseguidos alguns recursos com os amigos, comprou Garibaldi os objetos de que necessitavam Anita e o menino, e pôs-se de novo a caminho de São Simão. Quando chegou à Roça Velha, soube o que se passara ali. Poucos instantes depois da sua partida, a gente de *(Moringue)* tinha surpreendido o capitão Máximo, a quem tomara prisioneiro com to-

dos os homens que o acompanhavam. Os cavalos prestáveis, o guerrilheiro os havia arrebatado todos, e mandara sacrificar os que não lhe serviam. Depois, Chico Pedro embarcara a infantaria nos navios da esquadrilha que o auxiliara na surpresa. E descera com a cavalaria a península, rumo de São José do Norte, a fim de dispersar os pequenos grupos revolucionários que por ali se haviam quedado após a retirada.

Soube também que as seus marinheiros, prevenidos a tempo, tinham logrado ganhar o mato. Mas Anita, onde estaria Anita? Que seria dela e do menino? Garibaldi já está de novo a cavalo. Malditos caminhos aqueles! Como é desesperante viajar sobre atoladouros! Quando consegue alcançar o rancho da família Costa, encontra-o vazio. Mas logo alguém o tranquiliza: os moradores do casebre e também Anita com o recém-nascido haviam conseguido fugir para as capoeiras próximas, onde ainda se conservavam receosos de que *Moringue* voltasse. Saiu a encontrá-los. E em sua companhia regressaram todos a Mostardas.

Depois de alguma demora ainda em São Simão, teve Garibaldi ordem de estabelecer-se com os seus marinheiros à margem do Capivari, no mesmo sítio pelo qual, fazia agora um ano, tinha transportado os lanchões para a barra do Tramandaí. Começar de novo... Para quê? Enorme o desencantamento que lhe pesava no espírito. Como lhe pareciam monótonos agora, aqueles infindáveis serviços de construção de barquinhos para levar soldados à outra margem da lagoa! "*Fecimo alcuni viaggi tansportando gente e comunicazioni*". Que finalidade poderia ter toda essa canseira? Mais e mais cresce nele a necessidade de evadir-se daquela angústia que o oprime. Anita sofre resignadamente as privações que a sua vida miserável lhe impõe. Mas não lhe parece humano que ele continue a impor tão duros sofrimentos à companheira. A partida porém lhe parece ainda impossível. Como, com que explicação, poderia abandonar os companheiros? Sem Rossetti, não partiria. Como ele entrara ao serviço da República, e só com ele o abandonaria. E Rossetti recusava-se obstinadamente a partir.

Quanto à pacificação, já não havia mais como pensar vela. Andreia, o atrabiliário, fora afastado do governo da província. Desde começo se previra que, com as suas maneiras ásperas, não duraria no cargo. Substituíra-o Álvares Machado, o liberal, o homem de gabinete, encarregado de promover a pacificação. Mas também este já desanimara. Ao meio de uma

conferência em palácio com Ulhoa Cintra, perdidas as suas últimas reservas de paciência, levantara-se, irritado, para indicar ao plenipotenciário dos republicanos a porta da saída.

A situação do exército mostrava-se cada vez mais difícil. Aumentavam diariamente as deserções. O novo comandante das armas, general Santos Barreto, preparava-se para atacar os revolucionários nas suas posições da Setembrina. Fazia-se necessário levantar a cerco, já apenas nominal, de Porto Alegre. A divisão de Canabarro, a que estavam adscritos os marinheiros, teve ordem de iniciar o movimento de retirada, abrindo passagem para a Serra, onde estacionava a coluna de Labatut. Bento Gonçalves formaria a retaguarda com o restante das tropas.

Quando a guarnição da Setembrina se preparava para começar a marcha, foi surpreendida por Chico Pedro, numa daquelas batidas violentas que espalhavam o pânico entre os agredidos. Rossetti, na desesperada defesa da vila, praticou, relata Garibaldi, prodígios de bravura. Atingido por uma bala, caiu do cavalo. Intimaram-no a que se rendesse. Mas ele não entregaria a sua espada. Preferia que o matassem. "E, pereceu naquela surpresa o incomparável italiano, combatendo valorosamente." Honrara a palavra de carbonário e não faltara aos seus compromissos com a República Rio-grandense. Amigos piedosos, quando a coluna já se punha em marcha, deram-lhe sepultura no cemitério de Viamão.

. . . .

Capítulo IV

RITIRATA DISASTROSA

COMEÇOU A RETIRADA PARA A SERRA, exaustiva e desmoralizante, naquele espantoso inverno em que as águas do céu não cessavam de inundar a terra. Os sacrifícios desses dias permaneceriam inapagáveis na recordação de Garibaldi. *"L'impresa ritirata fu la piú disagiata e terribile chi'o m'abbia veduto mai."*

No planalto, na região de S. Francisco de Paula, estacionava a coluna de Labatut, que, ocupada a vila de Lajes e limpo de rebeldes o município, entrara no Rio Grande engrossada com desertores das hostes de Teixeira Nunes. Levava Canabarro o intuito de enfrentar essa força e obrigá-la a abandonar o território rio-grandense. Tremenda incumbência para uma tropa cuja capacidade de luta parecia que houvesse de esgotar-se definitivamente, no inenarrável martírio daquela marcha através de montanhas e desfiladeiros cobertos de mata virgem.

Os tributários do rio das Antas transbordavam. Entre o Tainhas e o Camisas, pedaços da divisão ficaram, por muitos dias, impossibilitados de todo movimento, os arroios e lajeados aprestes, amáveis na estação calmosa, eram agora rumorosas torrentes, agressivas na desabalada fúria de

atingirem a vitória da foz. A floresta do vale das Antas, na qual Garibaldi enfrentara tão duras peripécias na retirada de Lajes para Viamão, tomava aspectos, nas circunstâncias atuais, de uma verdadeira antecâmara do Inferno. É necessário conhecer as matas dessa parte do Brasil para fazer uma ideia das privações sofridas pela coluna, falha completamente dos imprescindíveis meios de locomoção.

Galgando aspérrimos aclives, famintos, mal vestidos para os rigores da estação, filhos da pampa quase todos, e apavorados ao contato da selva bruta, numerosos soldados sucumbiram às fadigas da travessia. Os seus ossos ficaram enterrados ao longo dos caminhos ou perdidos nas grutas e nos socavões da serra.

Ao sair da Setembrina, dispunha a coluna de boa provisão de gados, mas o transporte deles se fazia difícil através daquela região quase nua de toda pastagem. Ademais, fraccionada a força em pequenas formações, somente aquelas que nas proximidades estivessem do minguado rebanho poderiam ter, nos primeiros dias, garantido o cibo. Já nos fins da marcha, a fome era geral.

Como de costume, grande número de mulheres acompanhava a soldadesca. Ocupavam-se algumas, destras cavaleiras, em cuidar as pontas de gado, sempre em risco de se extraviarem. Muitas delas, mais crianças ainda, não resistiram a tanta e tão prolongada miséria. Maiores, em verdade, do que numa sangrenta batalha foram os sacrifícios de vidas, nessas dolorosas caminhadas através da floresta.

Desaparecidas as últimas vacas, passaram as retirantes a abater os cavalos. Aos rio-grandenses, sabe-se, repugna essa espécie de alimentação. O cavalo é para ele uma espécie de animal sagrado, seu companheiro nas lides do campo e amigo de todas as horas. Abatê-lo para tal fim parece-lhes quase um sacrilégio. Mas, em tal conjuntura, não havia alternativas.

*

Anita enfrentava com resignação todas as privações. Só a abalava a ideia de perder o filho, frágil fio de vida com três meses de idade. Nos passos dos rios e nas marchas a cavalo carregava-o Garibaldi num lenço amarrado a tiracolo, para aquecê-lo ao calor do corpo. O pequenino, enregelado, mal alimentado, definhava a olhos vistos.

Dos doze animais de sela que Garibaldi possuía ao penetrar na mata, já oito haviam sido abandonados. Ficavam-lhe apenas dois cavalos e duas mulas, cujo sustento, dia a dia, se tornava mais difícil. Peripécias tremendas, aquelas! Em plena mataria os próprios vaqueanos não saberiam nortear-se com segurança. E para cúmulo da infelicidade, enganaram-se os guias num cruzamento de picadas. Vários dias errou a pequena escolta, absolutamente sem norte no labirinto verde. E fazia-se necessário caminhar devagar para não perder as bagagens e os armamentos.

Resolveu Garibaldi que Anita se adiantasse com o menino, a ver se lograva encontrar a boca da picada. Ele ficaria para trás com os seus homens, tratando de salvar o que fosse possível entre gente, animais e apetrechamentos de guerra. Se ele também saísse, mais do que certo que os seus homens se dispersariam nas deserções.

Carregando a criança, adiantou-se Anita em companhia de um bagageiro. Levava consigo os dois cavalos a fim de os ir alternando no serviço. Inquebrantável a força de ânimo da pobre mulher na ânsia de salvar a vida do pequeno Menotti, o seu tesouro. *"Il coraggio sublime di quella mia compagna!"* Afrontando perigos e desprezando fadigas, andando dia e noite, sem descanso, alcançou, por fim, a saída da floresta. Por sorte encontrou na borda do campo alguns dos milicianos de Garibaldi, com fogo aceso, o que nem sempre se conseguia debaixo das chuvas torrenciais que caíam. Ocupavam-se os soldados em enxugar o seus andrajos. E condoídos da situação em que encontraram a mulher do comandante, tomaram-lhe dos braços o menino e o fizeram voltar a vida, quando a pobre mãe já desesperava de salvá-lo.

Na selva, Garibaldi se esforçava em vão por não perder os últimos animais que lhe restavam. Para alimentá-los havia apenas folhas de taquara. Abandonou-os, afinal, pelo nenhum serviço que lhe prestavam, e tratou de atingir a pé o fim da picada. Esfaimado, desesperado, completamente exausto, ia se arrastando para diante, a passos trôpegos. Acompanhava com cuidado os recentes sinais das pisadas de cavalo para certificar-se de estar no rumo certo, se bem que impossível qualquer engano, naquele estreito caminho através da mata. Nove dias durava já a travessia, quando conseguiu chegar à orla da floresta.

É de imaginar estivesse a tropa completamente esfrangalhada e desmoralizada, depois de tão atrozes sofrimentos. Mas a têmpera daquela gente era mesmo excepcional. Ao cabo de alguns dias, reuniam-se os dispersos membros da coluna nos campos do altiplano. Um tempo magnifico os esperava ali. O frio seco da serra rapidamente lhes retemperava as energias. Não faltavam rebanhos de gado para alimentar a tropa, e convinha refazer a cavalhada. Cavalos mansos não havia, mas grande a abundância de baguais. Tinham os libertos de Canabarro em que aplicar ali sua destreza de domadores.

Extasiava-se Garibaldi na contemplação do maravilhoso espetáculo. Pegado a bola ou a laço nas mandadas que voam pelo cimo das coxilhas e desaparecem logo nas canhadas e boqueirões, o animal é trazido, aos relinchos, para o curral, onde, sujeito pelas patas, se lhe põe sobre a boca à maneira de freio, uma forte corda, e no lombo rudimentares arreamentos. Depois, o domador salta-lhe sobre o dorso; e o bagual, solto das travas que o sujeitavam, sai aos corcovos, espumando, resfolegando. atirando-se contra quantos obstáculos encontre por diante. Esforça-se o homem por fazê-lo encontrar o portão da *mangueira.* E, uma vez conseguida a plena liberdade de movimentos, atira-se o animal, em corrida desabalada, campo afora. Mal tocariam o chão as patas, não fosse para formar os saltos prodigiosos em que, empinando-se ora nas dianteiras, ora nas de trás, não despreza recurso para libertar-se do cavaleiro. Mas este lhe parece cosido ao corpo. Por violentas que sejam as cabriolas, o homem não perde o prumo. Durante horas, continua o cavalo nas suas furiosas, extenuantes correrias. Afinal, vencido pelo cansaço, entrega-se aos manejos do domador, que volta à *mangueira* para, instantes depois, recomeçar a doma de outro bagual.

Não se cansava Garibaldi de acompanhar, horas consecutivas, a faina dos campeiros. Bela, imponente, a figura do domador. *"Uomo admirabile di destrezza, di forza, di coraggio"!*

*

A coluna de Labatut, pressentida a aproximação das forças republicanas, bateu em retirada rumo ao nordeste. A zona de São Francisco ficava livre dos imperiais. Canabarro, porém, não lhe pôde sair ao encalço,

já pelas más condições da tropa, que necessitava de algumas semanas para refazer-se, já pela espera, que se impunha, da coluna de Bento Gonçalves.

Permanecendo em Viamão à frente de reduzida força, a fim de poder mascarar a marcha de Canabarro, vira-se o generalíssimo em angustiosa situação, depois da batida de *Moringue.* Retirando pelos campos do litoral, em direção a Torres, saíram-lhe no encalço Caldwell e Chico Pedro. A certa altura do avanço, teve de abandonar as quatro peças de artilharia que levava e atirá-las ao fundo de uma lagoa. Com marchas aceleradas, conseguiu iludir as vistas do inimigo, subindo pelos "aparados", da praia ao altiplano.

Fugindo sempre, Labatut ocupara, nesse entremeio, a vila de Passo Fundo. Canabarro estacionara nos Campos da Vacaria. Nas Missões operava Guedes da Luz, que conseguira derrotar perto de São Borja o coronel Santos Loureiro, dizimando-lhe a força a obrigando-o a internar-se em Corrientes. Desenhava-se grandemente comprometida a situação do brigadeiro do Império. Desde que os revolucionários das Missões e a coluna de Canabarro marchassem simultaneamente sobre ele, impossível oferecer-lhes resistência. De Porto Alegre não chegavam os reforços que pedira. Nem seria possível ao novo comandante das armas, o general João Paulo, acudir aos companheiros da serra, quando os rebeldes, na campanha de São Gabriel, acabavam de derrotar fragorosamente o coronel Jerônimo Jacinto Pereira, que não pudera fazer junção com as forças de Loureiro e se dirigia ao Pau-Fincado. Surpreendido em São Filipe pelas forças de Neto e João Antônio, deixara aquele chefe legalista no campo da ação quase uma centena de mortos, tivera cento e sessenta prisioneiros e perdera toda a cavalhada, para cima de quinhentas cabeças.

Compreenderam os legalistas que os republicanos estavam no início de um novo plano de campanha. Álvares Machado rompera já as negociações de paz iniciadas com Bento Gonçalves, acusando-o de proceder com deslealdade. Labatut estava perplexo. Não compreendia nada do que se passava.

Transposta a picada do Rio Verde, Bento Gonçalves opera finalmente a junção com o grosso da tropa, na Vacaria. Sem perda de tempo, dirigem-se os revolucionários sobre Passo Fundo. As forças imperiais já se haviam retirado para o sul. Canabarro, dias depois, entra em Cruz Alta.

O comandante das armas, nessa altura, apresentava em Rio Pardo uma coluna superior a cinco mil homens para sair a campo. Urgia que os republicanos alcançassem a região central da campanha, antes que essa força estivesse em condições de barra-lhes o caminho.

Em marchas forçadas consegue Bento Gonçalves descer a serra e chegar a São Gabriel, onde instala a sede do comando. José Mariano de Matos, que ocupava interinamente a presidência da República, transmite-lhe o mando ali para assumir, logo em seguida, o cargo de ministro da Guerra. Bento Gonçalves está de novo na chefia do Estado; e São Gabriel é provisoriamente a capital da República.

Já no fim do "ano terrível", perdida a ofensiva sobre a barra do Rio Grande, obrigado o exército republicano a levantar o sítio de Porto Alegre, Domingos de Almeida via a situação com perfeita clareza: "Colijo que estamos nos paroxismos e que só o braço de Deus terá o poder de sustentar o edifício que pende para o lado", escrevia a Mariano de Matos. Mas apesar dessa íntima convicção, recusa-se a aprovar as confabulações pacifistas de Bento Gonçalves." "O Sr. vice-presidente da República... me determina lhe diga em resposta", escrevia-lhe, "que indo tal objeto de encontro ao juramento da independência do Estado rio-grandense, e ao interesse do exército e do povo, que a ele aderiu espontaneamente, não pode avançar um só passo sem consultar as câmaras municipais, procuradores-gerais e ao exército... Se, porém, V. Exa entender que, sem tais precedentes pode tratar que o faça; pois que destarte arredará do governo todo e qualquer evento a esperar-se."

Bento Gonçalves queixava-se da injustiça dos seus companheiros, quando o julgavam capaz de aventurar-se, por sua conta e risco, em definitivos comprometimentos com o adversário. "Nem posso imaginar como se me faça tal imputação. Pelo tenente-coronel Morais fiz ver a marcha do general Canabarro sobre Labatut e o meu plano de campanha... O fim das negociações era ganhar tempo... e fazer meus movimentos com o acerto e segurança que exigem as circunstâncias em que me achava. Releve, pois, V. Exa que me queixe da manifesta injustiça que se fez a meus bem conhecidos sentimentos."

Almeida volta ao assunto para congratular-se com o generalíssimo pela magnífica junção que obtivera realizar, em circunstâncias tão di-

fíceis, com a coluna de Canabarro. Quanto às negociações d paz, não teria dúvida em reconhecer os firmes princípios do chefe da revolução. Mas já que ele traduzira no literal sentido os termos da carta precedente, cumpria não ocultar-lhe o desprazer do governo "quando quase desmoronava o novo edifício republicano rio-grandense pelos seus tratos pacifistas com os delegados do Brasil". A esse respeito, o chefe interino do governo "explicação alguma lhe mandava fazer", pois "não a ele, mas ao inexorável tribunal da opinião pública, tem V. Exa de justificar-se dos males que temos sofrido por aquele incidente e os que sofreremos por suas consequências, Bento Gonçalves redarguiu, de imediato, para explicar demoradamente a sua posição nos tratos com o adversário. Razões poderosas, ditadas pela política e filhas das críticas circunstâncias em que me vi colocado pela absoluta falta de execução das minhas ordens, moveram-se a ouvir as proposições dos delegados do Brasil; mas das correspondências citadas por V. Exa bem se vê que eu não aparecia em negócio de tanta magnitude e transcendência senão como simples mediador... Ora, se das minhas correspondências com as autoridades do Império colheu a pátria algum proveito ou se delas quase nasceu o desmoronamento do Estado, pertence decidi-lo o inexorável tribunal da opinião pública... Ele decidirá igualmente se a invasão do inimigo por todos os ângulos do Estado, se o desprezo em que caiu o governo, sua fuga precipitada ao ponto de perder todo o seu arquivo, e finalmente a espantosa desmoralização da campanha, da qual proveio a ruína da nascente República, fatos estes anteriores às minhas comunicações com delegados do Brasil, devem-se também às correspondências de que me argui V. Exa e que tanto desprazer causaram ao Exmo vice-presidente."

Mais do que antes manifestava Almeida, depois desse entendimento com Bento Gonçalves, o desejo de demitir-se. "Tentava deixar o posto desde o ano do máximo esplendor do regime". Fora por amizade a Bento Gonçalves – escrevia – que aceitara por segunda vez um lugar no governo, onde buscara dar impulso à administração. "Estabeleci o tesouro, organizei as coletorias, coligi um método de arrecadação para ter o Estado um rendimento qualquer com que ocorrer às suas precisões. A par disto, coadjuvei com as minhas forças para o resgate da cancerosa moeda de cobre, redigindo a lei respectiva, que não desonra a República. Instrução à mocidade, incremento à indústria e outros trabalhos não foram esque-

cidos. A sorte dos cidadãos do exército mereceu toda a minha atenção e o período do governo não deixou de roubar-me tempo. Apesar de tantas vigílias e incômodos, meus serviços não têm correspondido à expectativa, e uma oposição sistemática... me convence de deixar o lugar a quem melhor o desempenhe." Requeria lhe concedessem a exoneração, não só pela urgência em que via de prover às necessidades da família, senão porque já não lhe seria resistir à "inepta oposição que minava as bases do governo". Recusada a demissão, várias vezes tornaram-se à carga por obtê-la. Mandou que lhe alugasse casa em Piratini, para onde se retirariam, apenas lograsse libertar-se dos fardos da coisa pública. Nada mais incômodo do que a administração da fazenda, naquela situação. Fazia-se imprescindível inventar novos impostos, reorganizar outra vez a situação do erário, de todo desprovido de recurso em decorrência dos repetidos desastres do "ano terrível". O governo resistia a tais sugestões, "tendo em vista que reformas sobre imposições alarmam sempre o povo, não poucas vezes escasso conhecedor dos seus próprios interesses". Mas acabou prevalecendo o ponto de vista de Almeida. "Carecemos de ir aos fins – dizia – e para isso nos são indispensáveis os meios". Compreendia absolutamente inadiável um grande esforço interno, "desde que nada se podia esperar do exterior".

Mais do que o insucesso das armas, solapava a discórdia o organismo do Estado. Bento Gonçalves, depois das frustradas confabulações de paz, era alvo geral da maledicência. E antes que o ano VI chegasse ao termo, ele haveria de confessar-se completamente desestimulado, não para continuar na luta, mas para conservar-se nos postos de responsabilidade central. Uma carta sua, escrita de Bagé a Manuel Lucas de Oliveira, refletiria pouco depois esse estado de ânimo: "Minha saúde está bastante deteriorada, minha paciência cansada de sofrer ingratidões e calúnias; nada me faz nem me fará afastar a carreira encetada, isto é, de libertar a pátria e não abandonar meus patrícios; mas já não posso com a carga que pesa sobre meus ombros, e só espero o meio legal para entregar o timão do Estado a quem melhor o dirija; do mesmo modo o mando do exército, contentando-me com correr para frente do inimigo, a comandar a vanguarda que for destinada a fazer-lhe frente. Ali darei o exemplo de obediência; ali mostrarei aos ambiciosos e sicofantas qual o dever de um verdadeiro republicano. Ah! Meu amigo, eu ando tão desgostoso, que, a não ser o amor da pátria e

da liberdade que me domina todo, preferiria a morte a ocupar o cargo que tenho! Tal é a desesperação em que me têm posto certos homens que se dizem republicanos e que não estão tão longe de serem como está a noite escura do claro dia!"

Caíra o primeiro gabinete da Maioridade. Os conservadores voltaram ao poder, e com eles velhos absolutistas da marca de José Clemente Pereira. Estavam contados, na província, os dias de Álvares Machado, que tão fragorosamente malogrará nas suas iniciativas pacifistas. Menos depois da mudança do governo, substituíam-no por Saturnino de Oliveira, que passava a ocupar pela segunda vez a curul do Executivo. Para o cargo de comandante das armas foi o português Tomás Joaquim Pereira Valente, marechal, segundo conde de Rio Pardo.

Saturnino não era homem que se enganasse com aparências. Aquela guerra, apesar de tudo, iria longe, assim não movimentasse o governo grandes recursos para bater os revolucionários na campanha. Qual o remédio que preconiza Frederico o Grande "pour terminer une querelle"? "Apesar das muitas faltas que sofriam, os rebeldes não estavam desanimados, antes seus chefes e oficiais em geral se mostravam muito tenazes e constantes", consignava o arguto e belicoso bacharel. A alegação do Império em Montevidéu, que acompanhava de perto os acontecimentos, não informava por modo diverso ao governo do Rio de Janeiro. "Presentemente e mais do que nunca, é esta a minha convicção íntima", escrevia o diplomata Vasconcelos. "Eu creio mesmo", acrescentava, "que a luta se prolongará por muitos tempos, se o governo imperial não fizer operar na campanha uma força efetiva de oito mil homens, dirigida por general hábil e muito ativo".

Na região de São Gabriel, já depois de substituído no comando das armas, prosseguia João Paulo empenhado num sistema de guerrilhas de largo estilo. Batera-se com Antônio Neto e João Antônio sobre o passo de São Borja, no rio Santa Maria. Dias após, novo encontro para os lados da fazenda da Boavista. Outro, logo em seguida, na coxilha da Estância do Meio, e outro ainda, com intervalo de pouco sóis, no banhado de Inhatium. Quando supunha haver destroçado os revolucionários, eles reapareciam, logo adiante, mais numerosos e audazes. Na tática das guerrilhas ninguém os vencia. Afinal, o pobre João Paulo passou pelo dissabor de ser substituído, em plena campanha, por um dos seus subalternos, o briga-

deiro Antônio Correia Seara. O império desclassificava, um após outro, os seus generais, à procura daquele que fosse, segundo a receita de Vasconcelos, "hábil e muito ativo". Para chegar-se ao fim da guerra, quantos sacrifícios seriam necessários ainda?

*

Estabelecido o quartel-general do exército em São Gabriel, levantaram-se nas cercanias da Vila os barracões necessários ao acampamento das tropas. Garibaldi viu-se transformado em construtor. Com auxílio de alguns marinheiros, edificou ele mesmo o seu rancho de pau a pique. *Lo pure, vi construssi una capanna*. Instalou-se nela com a pequena família. Anita, já resposta das fadigas da retirada, entregava-se aos quefazeres domésticos e aos cuidados do menino. Sentia-se, afinal, mais tranquila naquela modorra. Não havia previsão de novos combates próximos. Nos arraiais da legalidade como nos da República, era completo o desentendimento entre os homens.

Lentas e monótonas decorriam as semanas no acampamento. "Vi passai alcun tempo colla famigliuola", registra Garibaldi. São semanas de dúvidas, de vacilações. Vê instintivamente que todo um estado de coisas, toda uma orientação, todo um sistema chegara ao final. Que fazia ele no meio das tropas, em pleno coração da campanha rio-grandense? Em todas as situações da sua vida procura sempre o sentido da utilidade, não para si, mas para as causas que abraça. Viera ao Rio Grande para servir na marinha de guerra da República, para dirigir o corso contra as unidades do Império. Nesse mister, não lhe faltava autoridade e sabia que poderia ser útil à revolução. Não assim nas operações de terra, porque melhores guerrilheiros que os rio-grandenses não se encontravam no mundo. Acompanhando as forças como o fizera desde a saída da Setembrina, a sua ação fora sempre secundária. Não lhe importavam, por certo, situações de mando. Mas imprescindível lhe seria, de qualquer maneira, a convicção de que os seus esforços significavam alguma coisa de preponderante na marcha dos acontecimentos.

Quanto aos negócios da Marinha, já não se iludia. A barra do Rio Grande estava perdida para sempre, e a sua atividade na lagoa dos Patos era um capítulo que pertencia ao passado. Mortos quase todos os

seus companheiros corridos da pátria pelas armas despóticas da reação e dos invasores! A Itália nem lhes conhecia os nomes. Mas eles, dignos das responsabilidades morais da terra natal, tinham dado a este povo jovem e cioso dos seus direitos o exemplo do sacrifico pelo ideal e do mais perfeito altruísmo em favor das conquistas políticas. Como aqui, em quantas outras partes do mundo não estariam branquejando os ossos dos italianos votados ao futuro bem da humanidade? *Non v'é un angolo della terra ove non biancheggiano I'ossa d'un italiano generoso!*

Parecia-lhe um verdadeiro milagre que ele ainda estivesse vivo. Por certo, nunca regateara com a vida. Dizia-lhe a consciência que havia cumprido o seu dever. Nada lhe dera o Estado, nem ele aceitaria coisa alguma além daquilo que lhe fosse estritamente indispensável à subsistência. Só aos maus fados da República deveria atribuir-se o insucesso de todas as empresas marítimas, não à inépcia dos planos, menos à incúria dos dirigentes ou à falta de dedicação da massa anônima dos combatentes. Nunca vira gente tão brava como aquela, que enfrentava as penúrias das campanhas e os perigos dos combates com um estoicismo que sempre imaginara impossível sobre a Terra. Infelizmente, a guerra estava perdida para eles. Não admitia, a esse respeito, nenhuma possibilidade de dúvidas. Só a conquista da barra poderia ter resolvido o empate a favor da República. Repelido o assalto a São José do Norte, o cerco de Porto Alegre estava condenado para sempre. Daqui por diante a revolução seria uma agonia, lenta quiçá, entrecortada de lances de heroísmo por certo, e iludida possivelmente por passageiros êxitos militares. Mas, quanto ao desbarato final, a ninguém mais seria lícito iludir-se. Rossetti, o iluminado, que fora também o mais obcecado de todos, tivera razão ao entregar-se de corpo e alma à propagação das ideias de paz. A guerra atual não conseguiria plasmar a fisionomia definitiva do país. Mas a República triunfaria afinal, e o Rio Grande só poderia ser governado, no futuro, com pleno respeito à sua autonomia e mediante o reconhecimento de positivas e invioláveis franquias locais.

Do momento em que se convenceu da inutilidade da luta, o seu temperamento o impelia a abandoná-los. Desprendidos com ninguém quanto às vantagens pessoais, ele é sempre, em todas as suas atitudes, um grande utilitarista em benefício da sociedade. Praticará todas as renúncias, submeter-se-á a todas as provações, contanto que anteveja, ao cabo delas,

uma vantagem prática no terreno das suas idealizações. Este romântico da ação é no fundo um político realista. Só Rossetti teria o poder, pela sua tenacidade, de modificar-lhe passageiramente esses impulsos do temperamento. Mas a morte do amigo inseparável é um motivo a mais, agora, para aumentar-lhe a ânsia de afastar-se dali, de buscar novos horizontes, outras ocupações. Vê, ademais, que os chefes da revolução estão quase todos desavindos entre si. Como estrangeiro, não quer tomar parte em tais querelas. Mas se permanecer nesse fervedouro de intrigas, até quando lhe será possível manter-se alheio a tão lamentáveis competições?

Garibaldi sente, mais do que nunca, nas horas tristes daquele acampamento, a necessidade do contato dos velhos, dos verdadeiros amigos. *Lontano dal Consorzio delle relazioni antiche*, é um homem incompleto. Também dos seus pais, há quantos anos não tinha notícias? Era preciso aproximar-se de um porto de mar de onde pudesse escrever-lhes, onde pudesse receber informações da pátria. Quantas modificações não teriam ocorrido na Itália durante a sua ausência? Possivelmente já estaria avizinhando o momento de voltar à casa paterna, para influir de novo nos trabalhos em favor da libertação da terra natal. Ele mesmo nunca se deixara abater pelas privações. Mas na situação atual, já não era o mesmo. Imperioso seria olhar por Anita e pelo menino, *per la mia Donna ed Il mio bambino*.

As semanas naquela inatividade transcorriam enfadonhas e vagarosas. Bento Gonçalves, taciturno e solitário, parecia-lhe presa de fundas preocupações. Em que estaria pensando o general? Sem dúvida, também ele compreendia que o setor da luta se deslocara, que Porto Alegre valia por uma hipótese perdida e que a decisão das armas teria de ser procurada, daí por diante, na região do oeste no setor das águas do Uruguai. Um dia, resolveu falar-lhe. Durou algumas horas a misteriosa conferência, a cujo respeito ambos guardaram sempre o maior sigilo. *Mi decisi dunque di passare a Montevidéu temporariamente*, escreve Garibaldi sem nenhuma outra explicação.

Como enfrentar os gastos da viagem e onde encontrar os recursos necessários às primeiras despesas no Uruguai? Mais do que nunca, o tesouro da República estava exausto. Almeida procrastinava ordens de pagamento emanadas do próprio Bento Gonçalves, quando não as impugnava de maneira peremptória. Ele era o verdadeiro ditador financeiro do Estado. E como estivesse ocupando o cargo a contragosto e ameaçando sempre a demissão,

ninguém ousava contrariá-lo. Mas Garibaldi não se mostrava exigente. Não queria nenhuma retribuição pelos serviços prestados, apenas o indispensável auxílio para poder locomover-se. Deu-lhe o ministro da Fazenda autorização para organizar uma tropa de gado, mil reses, com as quais poderia obter algum dinheiro no Estado Oriental. Não deixaria o próprio Almeida de impressionar-se com tão modesta recompensa a quem prestara, durante mais de quatro anos, insuperável colaboração à República. Pouco depois, ele escreveria num requerimento de paga a certos construtores: "Os senhores engenheiros e artilheiros têm tido um procedimento que se não compadece com os defensores de princípios; cuidam que nadamos em ouro; não é fácil encontrar muitos Zambeccaris, Rossettis e Garibaldis."

*

No Curral das Pedras, Garibaldi toma parte no rodeio. Colocado um grupo de bois mansos, o "sinuelo", a uma distância de trezentos metros do lugar onde está o gado, os apartadores começam a faina. Devagar, como quem não quer nada, acompanham, negaceando, as reses assinaladas para a parte. É um trabalho de habilidade e de malícia. Sem que os animais se apercebam de que estão sendo levados por davante, eles o tocam um a um até à beira do rodeio. Aí, quando a rês "clareia", destacando-se ligeiramente do corpo da boiada, acometem-na de rijo e a atiram, a galope e aos gritos, em direção ao "sinuelo", núcleo fixador da tropa. Dez homens destros apartam, por hora, nunca menos de duzentas reses. E iniciado o trabalho às primeiras luzes da manhã, antes do cair da tarde pode estar formada uma tropa de mil cabeças.

A de Garibaldi, porém, não se organizou senão ao cabo de muitos dias, e não chegou ao milhar. Quando teve reunidos novecentos bois, muitos deles em péssimas condições pôs-se em viagem rumo à fronteira. "*Eccomi dunque truppiere*"! Mas não lhe parece fácil o mister. A saída da "querência" fez-se com dificuldade. A boiada, quase toda chucra, não parava de bater aspas e exigia constantes, exaustivos cuidados. Afinal, ei-la em marcha vagarosa, estrada afora, paciente, resignada na aparência, mas sempre em risco de trasmalhar-se no fragor de um "estouro".

À frente da tropa vai o "ponteiro", dois peões repontando os seus cavalos; em cada costado, quatro ou cinco tropeiros, os restantes na

culatra, com capataz. Para os pousos escolhem de preferência uma ponta de "alambrado" ou uma depressão de terreno. Acendem o fogo a uma distância de escasso meio quilômetro. O capataz organiza os quartos de vigilância. Termina a primeira ronda à meia-noite; às seis da manhã a segunda. Nas longas horas de escuridão, os rondadores cantam. A cantiga espanta o sono e aquieta o gado. E ouvindo à distância a voz do rondeiros, também o capataz fiscalizava melhor o serviço. Caminha um rondador em semicírculo, da direita para a esquerda, outro em sentido oposto, e vão encontrar-se, ao fim, ao meio do caminho. Volta, em seguida, cada um sobre seu rumo, para retornar outra vez ao mesmo encontro, até que o quarto esteja terminado. Ao clarear do dia, vê-se no capim o setor de arco que as patas dos cavalos descreveram com regularidade perfeita.

A essa hora, enquanto os tropeiros "churrasqueiam" e tomam o primeiro chimarrão, o gado, se o campo é propício, pasta uma hora ou duas. É o "verdejo". Depois, põe-se a tropa de novo em movimento, selva instável de guampas baloiçando na cadência da andadura monótona e lenta. Pela altura do meio-dia, outra parada. O gado vai ao "pastoreio", os tropeiros abatem um dos animais de "munício" para o almoço. No "pastoreio" como no "verdejo", os tropeiros deixam a boiada frouxa. "Afloxam a tropa", colocados os guardiães à distância para que as alimárias se espalhem numa extensão de meia quadra ou mais. E com três ou quatro horas de descanso, recomeça a marcha nas planuras infinitas da pampa.

Também as aguadas dão trabalho, se o gado está "brabo". É preciso então formar pequenos lotes e aproximá-los cautelosamente do arroio ou da sanga. Conseguido que o primeiro boi comece a beber, todos os demais lhe seguem o exemplo. Quando o gado "amadrinha", tudo é fácil: aonde vai um boi, vão os outros. E se acontece que os animais se dispersem no "verdejo", no "pastoreio" ou na passagem de uma sanga, e ainda que estejam misturados a outros, basta que se faça ouvir o berro de um para que todos se juntem de novo.

Mas mesmo nas tropas bem "amadrinhadas" é preciso tomar muito cuidado com o perigo dos "estouros". Se à noite, por exemplo, um cão se aproxima da boiada, o "estouro" é certo. Cachorro na ronda é que nem um tiro: a tropa levanta toda a um tempo, como se fosse um corpo só,

dispara, que não há nada capaz de atacá-la. É por isso que os tropeiros não desencilham os cavalos durante a noite, e "dormem por cima do cabreto".

Um gaúcho experimentado percebe a vizinhança do "estouro" pelo jeito do seu cavalo. Porque é certo: quando um cavalo "troca orelha", um bicho qualquer vai entrar na tropa.

A condução da boiada de Garibaldi fez-se com tropeços e incômodos de toda ordem. "*Ostaculi insuperabili mi si presentarono nella via*". Ao cabo de longas jornadas, aquele gado estava tão chucro como no rodeio. A toda hora, em pleno campo, ameaçava de "estouro". Em tais ocasiões os tropeiros da frente afrouxavam a ponta, abriam-se os dos costados, os da culatra o tocavam por diante para evitar que ele "embolasse". Depois, diminuída a marcha, quebravam a ponta da tropa. As maiores dificuldades, porém, não estariam nesses acidentes, senão na capacidade de alguns mercenários que o improvisado tropeiro tomara a seu serviço. Como o gado, quase todo de qualidade inferior, não fosse conduzido com os imprescindíveis cuidados, ia-se estropiando pelo caminho e era preciso vendê-lo. E vendê-lo significava, naquelas condições, abandoná-lo por pouco mais que nada. Chegados à margem do rio Negro viram que, aumentadas como estavam, as águas ofereciam vau em nenhum dos passos. Escolheram os "vaqueanos" o ponto que lhes parecia mais indicado para a travessia. Nada tão difícil, em situação semelhante, do que transportar uma tropa de um a outro lado de uma torrente. Antes de chegar ao passo é preciso "encordar" os bois, impelindo-os aos poucos para junto da água, a fim de que os da frente não comecem a andar em roda, ocasionando um "estouro". Os peões em canoas, alguns homens a cavalo, acompanham a tropa a jusante da correnteza. Na outra margem, já devem estar os ponteiros à espera. Se acontecer no percurso do nado que os bois se assustem, é fatal que comecem a rodopiar, atropelando-se, formando verdadeiros novelos. Os que não se afogam buscam a margem de onde saíram, raras vezes aquela a que se destinam.

Na passagem do rio Negro diz Garibaldi, "*mancai di perdere il mio capítale quasí intiero*". A tropa atingiu a ribanceira esquerda desfalcada de mais de quatrocentas cabeças. E recomeçou a invariável, exasperante monotonia das caminhadas numa paisagem que era sempre a mesma e na qual o rebanho, por semanas a fio, dava a impressão de não se mover do lugar.

Já em território uruguaio, resolveu acabar com aquela tortura. Mandou abater os bois e pagou os tropeiros com os couros. Sobraram-lhe ao todo, afinal, trezentos. Com essa carga recomeçou a viagem. Ao cabo de cinquenta dias, chegou a Montevidéu. Mais mortos do que vivos ele e a "famígluola", era enorme a sua alegria ao ver-se de novo nas proximidades do mar, o seu elemento, a sua vida! Previa que um novo capítulo de aventuras se abriria para ele, dentro em breve. O mar ali estava, o velho, o soberbo mar, à sua espera.

. . . .

Capítulo V

ÁGUAS PLATINAS

AS PRIMEIRAS SEMANAS de Montevidéu passou-as Garibaldi em casa de Castellini, o fidelíssimo Napoleone, amigo e confidente Almeida: "*...l'amico mio Napoleone Castellini, alle di cui gentilezze e della moglie, io devo molti riguardi*".

Também estava na cidade Giovanni Battista Cuneo. Risso e os irmãos Antonini, igualmente votados à causa da emancipação dos povos, formavam com eles animadas tertúlias, em que se discutiam os acontecimentos do Novo Mundo e da Europa.

Os dias passavam rápidos, como uma vertigem. Tratava Anita de ambientar-se na grande cidade. Discreta, cuidadosa das atitudes. lograva com facilidade fazer-se respeitada entre as suas novas relações. Não apenas as proezas de Garibaldi, também a fama da sua integral identificação com o guerrilheiro já davam que falar na capital uruguaia. Por toda parte, cercava o casal uma aura de admiração e simpatia.

Mas é preciso atender aos problemas práticos da vida. Garibaldi aborrece dever a quem quer que seja o pão de cada dia. "*1l pane altrui mi é sempre sembrato amaro*". Trata, pois, de procurar algum trabalho. Emprega-

-se no comércio e consegue lições de matemática elementar no colégio de Paulo Semidei. Poucos lhe rendem essas ocupações – o estritamente necessário à subsistência.

Ainda no Rio Grande, havia Anita recebido a notícia do falecimento do marido legítimo, o sapateiro da Laguna. Esperavam, ela e Garibaldi, o momento propício para legalizar sua união. Dispensados os proclamas e praticado tudo o mais que exige o direito canônico, "*in facie Ecclesiae*", no altar de São Francisco de Assis, casou-os o pároco Martín Pérez. "Não receberam as bênçãos núpciais por ser tempo em que a igreja não as concede." Serviram de testemunhas Paulo Semidei e Dona Feliciana Garcia Vilagrán.

Sentia-se Anita plenamente feliz agora. Não haveria sacrifício que não fizesse pelo amor de Garibaldi. Mas humilhava-a, ainda assim, a condição de companheira clandestina daquele homem, por quem abandonara a família e afrontara a maledicência da Laguna e adjacências. Enquanto vivo o marido, consolava-a, até certo ponto, a certeza da impossibilidade de unir-se matrimonialmente a Garibaldi que, por certo, sempre a tratara como esposa legítima. Mas quando soube que enviuvara, não teve mais descanso. Era preciso que se casassem. Garibaldi jamais opusera a menor resistência ao projeto. No Rio Grande, porém, todos os supunham casados. E ficaria mal que acabassem confessando a sua situação. Por isso recebera Anita, desde o primeiro instante. com verdadeiro entusiasmo, a ideia de se transladarem a Montevidéu. Finalmente, sua vida conjugal estava regularizada. Daí por diante poderia sem o menor sobressalto de consciência assinar-se Anita Garibaldi, a maior aspiração da sua vida.

*

Com diferença de poucos meses sobre a partida de Garibaldi, passava Bento Gonçalves de novo a presidência a José Mariano. Ia ausentar-se do país numa rápida visita a San Frutuoso, na República do Uruguai. Acompanhava-o Domingos de Almeida. Mantinham-se em muito sigilo os fins da viagem. Mas entre os mais achegados ao governo, murmurava-se que o chefe do Estado deveria encontrar-se naquela povoação com Frutroso Rivera, então em guerra contra o ditador de Buenos Aires, protetor e aliado de Oribe. Mais uma vez, via-se o caudilho precisado de militares

do ano V. tinha que pôr excepcional atenção em dois fatores externos, situados no campo da ação política: a sublevação de algumas províncias do Império e a captação da boa vontade, sempre incerta e fugidia, do dominador de Montevidéu.

Rivera, porém, não apareceu no lugar escolhido para o encontro. Mandou como emissário especial seu secretário de campanha. D. José Luiz Bustamante. Rápida foi a conferência. Examinada a situação dos dois Estados, convieram os plenipotenciários em celebrar uma convenção de mútuo auxílio entre o Uruguai e o Rio Grande. O instrumento assinado por Bustamante e Almeida dispunha que o presidente da República Rio-grandense prestaria ao do Uruguai um auxílio de quinhentos homens de infantaria e duzentos de cavalaria, os quais, obedecendo ao comando do presidente oriental, invadiriam a província de Entre-Rios para depor sua ominosa administração; concluída a operação militar, regressaria a força ao território rio-grandense; o presidente do Uruguai comprometia-se em auxiliar o governo do Rio Grande, de imediato, com dois mil cavalos; as cláusulas da convenção seriam guardadas em sigilo; o governo oriental socorreria a tropa de invasão durante a campanha e provê-la-ia de vestuário, equipamento, cavalos e tudo quanto lhe fosse de mister; a convenção seria ratificada pelo presidente da República Rio-grandense dentro do termo de vinte e quatro horas e pelo presidente da República Oriental do Uruguai dentro de quinze dias.

Apôs-lhe Bento Gonçalves, no mesmo dia, a sua ratificação: "Nós, Bento Gonçalves da Silva, presidente da República Rio-grandense e general comandante em chefe do exército da mesma, imposto da comissão secreta acordada entre o comissionado de V. Exa. o presidente do Estado Oriental do Uruguai e general comandante em chefe do exército nacional, D. José Luiz Bustamante, e nosso ministro e secretário de Estado dos Negócios do Interior e Fazenda, o cidadão Domingos José de Almeida, e bem examinado quanto contém a precitada convenção secreta, ratificamos os artigos em todas as suas partes, empenhando nossa palavra e fé pública para cumpri-la e fazê-la cumprir por todos os meios que estejam ao nosso alcance".

Acreditava Rivera chegado o momento de pôr em prática o seu velho sonho de um Uruguai maior. E os rio-grandenses lhe acalentavam o renitente devaneio, na previsão dos auxílios que lhes adviriam de uma aliança

com ele; o reconhecimento oficial da independência do novo Estado e, o que era mais, a garantia da livre navegação no rio Uruguai. Depois do desbarato de todos os seus projetos marítimos, ficava-lhes, ainda e por último, essa única esperança de lograr contato autônomo com o mundo exterior. O eixo das suas preocupações políticas estava, pela força dos acontecimentos, deslocado da barra do Rio Grande para a embocadura do rio da Prata. As determinações da guerra mostravam-se mais fortes do que a vontade dos homens. Se perdidas para a República as águas de leste do Guaíba, das lagoas e seus tributários – levava-os o instinto a procurar o domínio da bacia ocidental, com a cega decisão dos desesperados que se apegam a todas as possibilidades de salvação. Apresentava-se o rio Uruguai como o último recurso da República. Mas, para alcançar esse objetivo, era imprescindível a aliança com Rivera, o que significava a guerra contra Rosas.

Firmou-se esse ponto de vista como indisputável entre os republicanos. O próprio Antônio Vicente, contrário embora à remessa de tropas ao Uruguai, reconhecia que "o destino da nossa pátria parece em parte dependente da boa sorte do exército combinado contra Rosas". E Bento Gonçalves ardia já em impaciências contra o ditador de Buenos Aires. "Ninguém melhor do que V. Ex. – escrevia a Rivera – pode avaliar o quilate do sacrifício por mim feito atualmente com a ida dessa divisão, no instante em que o governo imperial esgota todos os recursos de que pode lançar mão para suplantar esta recente República... Tal é o desejo que tenho de religiosamente cumprir minha solene promessa, tal o meu almejo de ver arrancar do poder do tirano João Manuel Rosas o Estado Entre-Rios...

"Confiada esta nascente República na proteção de V. Exa e na boa-fé de nossos tratados, bem assim dos que com fundadas razões espera conseguir com os Estados de Corrientes, Entre-Rios, e Santa Fé, contamos como infalível a vitória da causa sagrada da liberdade."

Quando já iam em curso as negociações preliminares do acordo, resolveu-se Garibaldi a entrar no serviço militar do Uruguai. Mas para fazê-lo, seria preciso coonestar as aparências. Tinha o antigo carbonário péssima fama entre os imperiais. Chamava-o Saturnino "um bandido". E o encarregado de negócio do Brasil em Montevidéu, apesar da sua proclamada ingenuidade, não deixaria de espantar-se com o fato de passar o revolu-

cionário a colaborar com as forças de Rivera, quando este procurava ainda, por todos os modos, adormecer as suspicácias do Império. Assentou-se, pois, que ele comparecesse à legação do Brasil e assumisse por escrito o compromisso de não mais se envolver na contenda rio-grandense. Fê-lo Garibaldi; e não lhe custaria fazê-lo, pois de fato já não pretendia regressar às suas passadas atividades no Rio Grande.

Deram-lhe nas forças uruguaias o posto de coronel. E como houvesse falta de profissionais de marinha, confiaram-lhe o comando da esquadrilha que deveria bater-se contra os navios de Buenos Aires, comandados por Brown, o velho inglês das lutas da independência, a soldo, então, de Rosas. Compunha-se de três navios a força marítima de Rivera, em Montevidéu; a corveta *Constitución*, o brigue *Pereira* e um transporte de guerra, a galeota *Prócida*. Com eles tomou Garibaldi, Paraná acima, o rumo de Corrientes, província aliada de Rivera, *per co adjuvarla nelle sue operazioni di guerra, contro le forze di Rosas, tiranno di Buenos Aires*. Anita permanecia em Montevidéu confiada aos cuidados dos amigos.

*

O projeto acalentado por Don Fructo era dos mais audaciosos e sensacionais; a organização de uma nova confederação formada pelo Uruguai, Rio Grande do Sul e a mesopotâmia argentina – Corrientes e Entre-Rios – e possivelmente o Paraguai. Assim que o governo do Rio de Janeiro se recusou a intervir no *differendum* entre Montevidéu e Buenos Aires, passara o caudilho uruguaio a tomar atitudes francas a favor dos revolucionários rio-grandenses. Para dar-lhes uma porta por onde pudessem livremente prover às necessidades do seu comércio externo, decretou a livre navegação do Uruguai. De sorte que, ao subir Garibaldi as águas do Paraná a fim de enfrentar os navios de Rosas, iria ele, em outra esfera, bater-se pelo seu grande sonho do Camaquã, da Laguna e de São José do Norte.

Tinha o plano de Rivera por si – informa Ponte Ribeiro – o apoio de "estrangeiros" que, "para promover os próprios interesses, advogavam em benefício da independência dos rebeldes do Rio Grande". Aberto o rio ao comércio internacional, teriam meio os revolucionários de "se comunicarem por ele com outras nações e poderem ser reconhecidos". Quem seriam esses estrangeiros, interessados agora na independên-

cia do Rio Grande? Personagens do mais alto coturno, sem dúvida. Um deles Mandeville, representante de Sua Graciosa Majestade Britânica na capital cisplatina; De Luerde o outro, enviado diplomático do governo de Luís Filipe.

Opôs Rosas à mediação de ambos a mais decidida recusa, a menos que o caudilho uruguaio se submetesse a ruinosas, humilhantes condições. Foi nesse período "que mais instou Rivera, por seus emissários no Rio Grande, para que este lhe facultasse o prometido auxílio militar".

O governo rio-grandense, por sua vez, não cessava de trabalhar a favor da aliança cisplatina. Ulhoa Cintra operava em Corrientes, na qualidade de plenipotenciário da República. "Regalava-se em bailes", segundo alguns; mas, de fato, aproveitava o tempo da melhor maneira, nas confabulações com Ferré, governador do Estado sublevado contra Buenos Aires, com quem assinava um convênio diplomático. Só com os sucessores de Francia não lhe foi possível entabular negociações. Gente desconfiada, retraída, os políticos da pequena república mediterrânea! E como, pouco antes, uma tropa do Rio Grande houvesse invadido território paraguaio para bater um grupo de "caramurus" e arrebatar-lhes a cavalhada, não houve jeito mais de admitirem conversas com o delegado da República.

Impacientava-se Ulhoa Cintra por ver firmado o pacto. De Corrientes dirigiu-se em carta ao presidente do Uruguai, apressando-o a promover a falada reunião entre os representantes dos três Estados, a fim de "formarem um tratado ou convenção secreta de aliança ofensiva e defensiva". "A República Rio-grandense", argumentava, "auxiliará ao Estado Oriental e a Corrientes na presente luta contra Rosas; e reciprocamente, estas duas potências farão o mesmo em favor do Rio Grande. contra o gabinete do Brasil."

Afinal, para os fins de 1842 reuniu-se em Paissandu a conferência, na qual, segundo os desejos do caudilho oriental, deveriam ser lançadas as bases de uma nova potência sul-americana. Ao conclave comparecerem Rivera, Bento Gonçalves, D. Pedro Ferré, governador de Corrientes; D. Juan Pablo López, governador da província de Santa Fé; e o general José María Paz, comandante chefe do exército correntino.

Foi Bento Gonçalves recebido no Uruguai com as honras e "considerações devidas a um chefe de Estado". D. Melchor Pacheco y Obes

acompanhava-o, desde que pisou o território oriental, como representante do presidente da República. No Salto, saudaram-lhe a chegada com as honras militares do estilo – salva de vinte e um tiros e formatura de tropa. Repetiu-se a cerimônia à chegada em Paissandu, onde já se encontravam os outros chefes de Estado e partícipes da reunião. Vinha o presidente da República Rio-grandense – noticiava *El Nacional Correntino* – "aumentar o número dos esclarecidos hóspedes, campões de liberdade", ali congregados para a sustentação dos "princípios civilizadores e humanitários que os exércitos aliados contra o feroz tirano da República Argentina tinham por norma".

Não decorreram tranquilas as sessões do conclave. A oposição de Paz aos planos de Rivera não permitiu que se chegasse a nenhum resultado concreto. Parece que o general correntino ia disposto apenas a aprovar um plano de mútuo auxílio entre os quatro Estados. Quando ouviu falar em confederação, discordou. Adivinha alguma próxima traição do caudilho uruguaio, o qual, a seu juízo, outra coisa não pretendia senão alargar os seus domínios territoriais; e ele de nenhum modo estaria disposto a prestar-se a tão perigoso jogo. Dizia-se que o choque entre os dois personagens se revestira de certa dramaticidade. Isto não obstante, realizou-se, encerrada a conferência, o clássico banquete diplomático para solenizar-lhe os resultados. E ainda depois de tudo acabado, fazia Rivera publicar uma nota na qual "se falava do Rio Grande como nação independente".

*

Dentro das fronteiras do Império mostrava-se também o ano VII promissor de acontecimentos favoráveis à República. Em maio de 1842, estalara em Sorocaba um movimento revolucionário promovido pelo partido liberal. A insurreição ganhara célere as povoações de Itu, Constituição, Capivari, Porto Feliz, Tatuí. Servira de causa imediata ao levante de Rafael Tobias de Aguiar a sua substituição na presidência da província pelo baiano José da Costa Carvalho. A população era, na sua maioria, solidária com Tobias. Mais de vinte mil homens formavam, em Sorocaba, ao lado do chefe revolucionário, que se dirigia em proclamação aos filhos da província: "Paulistas! Os fidelíssimos sorocabanos, vendo o estado de coação a que se acha reduzido o nosso augusto Imperador o Sr. D. Pedro II por esta oligarquia sedenta de mando e riqueza, acaba de levantar a voz elegendo-me presidente interino da

província", a fim de libertá-la "deste pró-cônsul que, postergando os deveres mais sagrados, veio comissionado para reduzi-la ao estado do mísero Ceará e Paraíba." Como em quase todos os outros levantes, também aí a causa da sublevação residia no protesto da província contra a política unitária da corte.

Embora a rebelião paulista começasse com a mesma inicial indecisão de rumos práticos que assinalara sete anos antes a rio-grandense, pensava-se no Alegrete que, pela própria força dos acontecimentos, os paulistas seriam constrangidos a fazer causa comum com os republicanos do Rio Grande. Diogo Feijó, velho e combalido pela enfermidade, aderira publicamente à revolução. As surpresas e as contradições da política: o ex-regente do Império, que tanto se encarniçara contra os revolucionários de Piratini, acabava compelido pela sua consciência a tomar atitude ao lado dos antigos adversários.

Justo um mês depois, irrompia outro movimento em Barbacena, promovido também pelos liberais, que proclamaram presidente de Minas ao tenente-coronel José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, barão de Cocais, em oposição à autoridade legítima de Bernardo Jacinto da Veiga. Como a do Rio Grande, tinha a província de Minas duas capitais agora: Barbacena e Ouro Preto. Em Queluz o coronel Gusmão, comandante das armas, fora repelido, depois de violenta refrega, pelo chefe revolucionário Antônio Nunes Galvão. Dias após, no mesmo local, Galvão tornava a derrotar as forças legais comandadas então pelo general Toledo Ribas, que perdia no encontro para cima de duzentos e cinquenta homens. Pelo visto, também a revolução mineira prometia alastrar-se e pôr em xeque, com a de São Paulo, o prestígio das armas no centro do Império.

Media Bento Gonçalves o cuidado do seu proceder nas negociações com os chefes platinos, cujo auxílio lhe era mais do que necessário para garantir as comunicações da República com o exterior e para que as suas tropas pudessem livremente transpor as fronteiras do Uruguai e de Corrientes. Mas se a rebelião já ameaçava a própria capital do Império, seria altamente impolítico atirarem-se os revolucionários de corpo e alma na intriga internacional de Rivera. Que Ulhoa Cintra tomasse mais cautela nas suas confabulações, à outra margem do grande rio.

*

Com as boas notícias procedentes de São Paulo, de Minas, do Rio de Janeiro, e com os aspectos favoráveis das negociações em Montevidéu e Corrientes, renasciam as esperanças de uma vitória próxima nos arraiais da República. Desde a ocupação de Caçapava, ressentia-se a revolução da falta de um periódico em cujas colunas se fizesse a propaganda doutrinária do regime republicano. Em setembro de 1842 surgiu no Alegrete *O Americano*, que vinha substituir *O Povo*. "Achando-nos inteiramente concordes com o prudente modo de pensar e são liberalismo do chefe do Estado e de todos os membros do Ministério atual – lia-se no artigo de apresentação – vamos encarregar-nos de redigir esta folha periódica, que sairá às quintas-feiras e sábados de cada semana. Nosso fim principal será a vitória da República, e consolidação das suas instituições... Combateremos os escritores venais do Rio de Janeiro e seus satélites, que desfiguram os atos da nossa gloriosa revolução e propalam mil calúnias, dirigidas a aviltar nosso caráter e a deprimir nosso governo."

Os acontecimentos de São Paulo e Minas eram minudentemente acompanhados pela nova folha republicana, desde o seu primeiro número. Artigos de doutrina política sustentavam os modernos princípios do direito público: "a soberania reside nos povos, todo o poder legítimo dimana da vontade geral". Explicava-se a teoria de Rousseau, a doutrina de Benjamin Constant. "A lei deve ser a expressão da vontade de todos, ou somente da vontade de alguns? E qual será, neste segundo caso, a origem do privilégio que se concede a esse pequeno número? Se diz que é a força, como esta não pertence senão àquele que se apodera dela, não constitui um verdadeiro direito." E continuava o raciocínio: desde que se reconhece à força e à usurpação foros de legitimidade, inarredável a conclusão de que "ela terá esse caráter, quaisquer que sejam as mãos que a empreguem." Mas nesse caso já não haverá mais um estado de direito, apenas o emprego da violência contra a violência; pois que necessariamente se firma "a consequência de que cada um poderá ser conquistador, quando bem lhe parecer", sem que haja o ditador de opor-se a isso em nome de um direito que lhe não assiste. Se o fizer, será apenas pela brutalidade da força. "Este princípio se aplica a todas as instituições. A teocracia, a monarquia, a aristocracia, quando dominam os espíritos de todos são a vontade geral; quando não o fazem, mais não serão do que

a força. Em uma palavra, não há no mundo senão dois poderes: o ilegítimo, que é a força, e o legítimo, que é a vontade geral."

Em todos os quadrantes do Rio Grande do Sul deitava raízes a doutrina da legitimidade do poder, único que obriga à obediência e que sempre haveria de guiar o seu povo, através de todas as vicissitudes políticas.

*

Uma das condições capazes de apressar o reconhecimento da República pelas potências, segundo se depreendia das conversações de Mandeville e De Luerde, seria a sua definitiva organização constitucional. Esta, aliás, estava prevista desde a instalação do governo provisório em Piratini. As preocupações da guerra, porém, tinham sido causa da continuada protelação no cumprimento daquela promessa. Mas por se não estorvarem com a falta as confabulações do presidente no estrangeiro, convocaram-se os eleitores para a eleição da Assembleia Constituinte, algumas semanas antes da conferência de Paissandu.

Quando Bento Gonçalves chegou ao Alegrete, de volta do Uruguai, já se tomavam as providências necessárias para a instalação da Câmara. Mais do que nunca, ferviam as intrigas. O centro delas, ostensivo e sem rebuliços, era Antônio Vicente da Fontoura, o ministro da Fazenda. Reputava prejudicial a orientação de Bento Gonçalves e estava disposto a combatêla na Assembleia. Procurou adesões ao seu intento. Mas à maioria dos deputados não sorria o fazer-lhe o jogo. Almeida desejava manter-se alheio ao fervedouro das paixões. Foi morar numa chácara "um pouco arredada da povoação", esperando com isso "ser mais poupado da língua dos malvados", escrevia à esposa, pois que lhe pareciam "cada vez piores as intrigas". O golpe de Estado planejado pela comparsaria de Vicente falhou. Chegando o momento crítico, Bento Gonçalves enfrentou-o com resolução. O mentor da conspirata, descoberto o jogo, apresentou sua demissão, que foi imediatamente aceita.

No discurso de instalação da Assembleia não se referiu Bento Gonçalves às recentes confabulações com Rivera e seus aliados argentinos. O pacto de San Fructuoso tinha a cláusula de secreto, e as discussões de Paissandu não se haviam protocolizado em nenhum compromisso positivo. Mas referiu-se com entusiasmo aos levantes de São Paulo e Minas. "O

meu profundo pesar se diminui com a grata recordação de que a tirania acintosa... tem despertado o intato brio dos brasileiros, que já fizeram retumbar o grito de resistência em alguns pontos do Império. É assim que o seu poder se debilita, e se aproxima o dia em que, banida a realeza da terra de Santa Cruz, nos havemos de unir por laços federais à magnânima Nação Brasileira, a cujo grêmio nos chama a natureza e nossos mais caros interesses." Isso não obstante, punha grande entono na declaração de que "só a firme disposição de sustentar a todo custo a independência do país" devia inspirar confiança aos patriotas e poderia garantir a vitória dos princípios republicanos. Aliás, acrescentava, levantando discretamente uma ponta do véu que encobria a intriga platina, não apenas "grande parte dos brasileiros simpatizava" com a causa do Rio Grande, mas também "as repúblicas vizinhas". Na "fala" do orador da Assembleia em resposta ao discurso do presidente, exprimia-se a grande complacência com que a casa se inteirara das "simpatias que têm pelos nossos princípios políticos as repúblicas vizinhas, e grande parte dos brasileiros. Se ainda não foi reconhecida solenemente a nossa independência, é de supor que um dia nos seja outorgado este ato de·justiça". A Assembleia, aparando o golpe preparado pelo grêmio dos díscolos, reafirmava sua plena confiança na ação do presidente, afiançava-lhe todo o seu apoio e prometia coadjuvação ao governo enquanto fosse dirigido pelo bem da Pátria. A resposta de Bento Gonçalves foi concisa e lacônica: "Agradeço muito os sentimentos que manifesta a Assembleia e a confiança que deposita em mim: eu espero contribuir com todos os meus esforços para a felicidade da República, durante o tempo em que dirija o timão do Estado, uma vez que seja coadjuvado pela sabedoria da Assembleia, de quem em grande parte depende a felicidade do país."

Mas Antônio Vicente e os seus sicofantas, como os apelidava o chefe da República, não se conformavam com a derrota. Nessa hora em que se jogavam os lances supremos, em que era a vida ou a morte do novo Estado o envite a decidir, não conseguiam eles alargar os seus horizontes para além do círculo das querelas pessoais. Porque Onofre Pires se indispusera com Bento Gonçalves, porque Fontoura sucumbia de desgosto sempre que alguém perto dele gabasse os talentos e a elevação moral de Domingos de Almeida, todo o panorama político da República se agitava e as melhores energias, tão necessárias à sua defesa e construção, se malgas-

tavam numa guerra mesquinha de intrigas subterrâneas. Onofre por forma alguma toleraria mais a ascendência de Bento Gonçalves nos negócios do Estado. O ódio o cegava, a paixão seria capaz de levá-lo a todos os desvarios. Natureza arrebatada, temperamento ciclônico, que maravilhoso instrumento nas mãos de um intrigante de alto calibre como Vicente da Fontoura! Inteligente este, mais que vaidoso, egocêntrico, incapaz de admirar a quem quer que fosse, os dois personagens se completavam na espantosa obra de desmoralização moral e material da revolução, em que se tinham mancomunado. Alencastre, ex-ministro da Guerra, Amaral Sarmento, Silveira Lemos e Francisco Ferreira compunham na Assembleia a falange dos oposicionistas. Muito menos na tribuna do que nos conciliábulos reservados se manifestava essa resistência opiniática, feroz, sem entranhas. Era a oposição do ódio, que se valia da tática das intrigas. Os despeitos sociais rompiam os diques da conveniência pública. Prevaleciam os sentimentos individuais sobre os interesses coletivos. Por toda parte repontava a indisciplina, gerada na hipertrofia das vaidades.

Via o chefe do governo que, na atmosfera dessas pequeninas maquinações, impossível lhe seria encontrar compreensão para a grande intriga internacional jogada num cenário sumamente perigoso, ao contato de uma vontade dúplice como a de Rivera. Sentia esse grande instintivo que a República, perdida a ligação com as águas da bacia oriental, tinha de pender fatalmente para as margens do Uruguai; e isto significava, na correspondência política do fenômeno, que os acontecimentos rio-grandenses haveriam de procurar, como as águas daquele rio, o estuário do Prata. Embora não perdesse de mira os acontecimentos de São Paulo e de Minas, tratava de insinuar cautelosamente as vantagens da aliança platina. Noticiando o seu regresso de Paissandu, dizia *O Americano* que ele havia viajado ao Estado Oriental "a fim de arranjar para o exército todos os objetos de que precisava". E o jornal punha em relevo "o honroso e favorável acolhimento que recebeu S. Exa, naquele Estado": "Os Exmos. Srs. governadores de Corrientes, Entre-Rios e Santa Fé, e o Exmo. Sr. general presidente do Estado Oriental do Uruguai manifestaram a S. Exa. o Sr. presidente o sincero prazer que experimentaram com a sua visita. A maneira por que S. Exa. foi tratado faz honra ao chefe da nossa República e é uma prova das excelentes virtudes cívicas que ornam os referidos Srs. presidente e governadores

dos Estados vizinhos. Nem era possível que aqueles Exmos. Srs., fazendo guerra a um déspota feroz, olhassem com indiferença para o rio-grandense honrado, que não vacilou em tomar sobre os seus ombros o enorme peso de uma revolução gloriosa contra o peso da horrenda tirania"...

Saído de Montevidéu com os seus três navios, teve de enfrentar Garibaldi os fogos da ilha de Martín García. Tudo, entretanto, se passou aí sem maiores contratempos. Mas já entrado no delta, a *Constitución* encalhou. E quando ainda se ocupava a marinhagem de fazê-la flutuar, apareceu à vista a esquadra inimiga, sete navios ao todo, o" à frente. As tropas, sobre as margens próximas, preparavam-se a auxiliá-la no ataque iminente. "*ll nemico procedeva superbo alla vista, sicurissimo della vittoria*". O choque ia ser tremendo: sete navios contra três, um dos quais inutilizado pelo encalhe. Rápidas, enérgicas, as determinações de Garibaldi chamam a postos a tripulação. Embora a situação se mostrasse bastante crítica, não havia lugar ainda para o desespero. "*ll mio animo non era dato alla disperazione*". A esquadra inimiga aproxima-se rapidamente, velas abertas ao vento, já em ordem de ataque. De repente, quando apenas a uma distância de dois tiros de canhão, o navio capitânia do inimigo estaca. O mesmo banco de areia que detivera a *Constitución* atacava a quilha do barco de Brown.

A flotilha uruguaia estava salva. Como as desgraças também a boa fortuna, em geral, não anda só. Um espesso nevoeiro caí, logo em seguida. E safa do encalhe a *Constitución*, a flotilha sobre o Paraná, deixando o inglês na convicção de haver ela tomado o rumo do Uruguai. Ao longo deste rio, a margem esquerda estava em poder de Rivera, mais acima dos rio-grandenses. O Paraná, porém, tinha as duas margens ocupadas pelos argentinos. Passada com pleno sucesso a bateria do Cerrito, fez Garibaldi junção com os lanchões correntinos em Cavalo Guatiá. Da Costa Brava em diante seria impossível avançar, dada a pouca profundidade das águas, excepcionalmente baixas naquela estação. O inimigo, que deveria andar à procura deles, não tardaria, por certo. Era preciso aproveitar o tempo para organizar a defesa. Não estavam ainda terminados esses trabalhos, quando os navios da Confederação lhes surgiram pela frente. O combate, não havia duvidar, seria árduo. Brown se fazia temer pela capacidade e pela bravura. Ele era, sabia-o Garibaldi muito bem, '*la prima celebrità marítima dell'America Meridionale, ed a giusto titolo*".

Engaja-se a ação com extrema violência. Todas as vantagens estão do lado dos atacantes. Villegas, o comandante correntino, assim que vê a situação difícil, deserta lamentavelmente. Garibaldi e a sua gente combatem durante dois dias sem esperança de vitória, apenas pela honra da sua flâmula. "*L'onore, almeno, sivoleva salvo*". Afinal, decide-se, como na Laguna, a incendiar os navios. E carregando os feridos, empreende uma penosa retirada em direção à capital de Corrientes. Foi um espetáculo surpreendente o incêndio dos barcos. O inimigo, atemorizado, não ousou perseguir em terra firme os fugitivos.

No Salto, encontrou-se Garibaldi com Anzani. E prosseguindo a marcha alcançou o povoado de S. Francisco, onde estacionavam alguns lanchões armados, cujo comando assumiu.

Rivera, nesse entrementes, já havia invadido Entre-Rios com todo o seu exército, oito mil homens ao todo. Oribe, seu velho e impenitente rival, comandava a tropa de Buenos Aires, estacionada na província. Iam defrontar-se, por fim, numa ação decisiva, os dois inimigos de morte. Garibaldi antevia a grandeza, a dramaticidade daquele choque de três Estados contra a ditadura de Rosas. "*Tre popoli combattenti per i sacri loro diritti contro un tirano*". A batalha foi terrível. Mostravam-se as forças de Oribe em tudo superiores às de Rivera, a começar pelo moral. O caudilho uruguaio, que pusera nesse dia toda a fortuna no tabuleiro da sorte, teve de abandonar o campo completamente batido, aniquilado o seu exército.

Nos campos do Arroio Grande não se havia apenas esfrangalhado uma tropa militar, mas um grandioso plano político, um audacioso projeto de remodelação do mapa sul-americano. Dissipou-se, naquele encontro, o sonho de um Uruguai maior. "Nesse sentido", "escreve Calógeras, "pode-se dizer que Arroio Grande foi uma batalha decisiva para o futuro da Confederação" planejada pelo caudilho uruguaio. "Ela o foi também", acrescenta, "para a luta no Rio Grande do Sul."

. . . .

Capítulo VI

O FIM DA GUERRA

NO CORRER DO ANO VII, não foi apenas a derrota de Arroio Grande que se refletiu desastrosamente sobre a marcha dos acontecimentos no Rio Grande do Sul. Também as sublevações de São Paulo e Minas, com as quais tanto haviam contado os chefes farroupilhas, não lograram resistir à pressão das armas adversas. Desbaratados os revolucionários paulistanos, ocupava Caxias Sorocaba, abandonada na véspera por Tobias. Em seguida, passara o general vitorioso a operar em Minas Gerais. Coelho da Cunha, o presidente revolucionário, não era homem capaz de enfrentar maiores riscos. Assim que viu a situação periclitante, abandonou os companheiros e tratou de salvar-se na fuga. Já estava o general legalista com a partida ganha antes mesmo da batalha de Santa Luzia, na qual derrotou uma força quase dobradamente superior à sua. Dias depois entrava triunfalmente em Ouro Preto.

O governo do Rio de Janeiro já não tinha mais por que hesitar na escolha do general "hábil e muito ativo" que, à frente de grandes forças, submetesse as últimas colunas revolucionárias ainda em correrias pela campanha rio-grandense. Caxias foi nomeado presidente da província e comandante das armas.

Ao chegar a Porto Alegre, publicou uma proclamação que a muitos pareceu jactanciosa. "S. M. o Imperador, confiando-me a presidência desta província e o comando em chefe do bravo exército brasileiro. recomendou-me que eu restabelecesse a paz nesta parte do Império, como a restabeleci no Maranhão, em São Paulo e Minas; e a Providência fará que eu possa satisfazer os ardentes desejos do Magnânimo Monarca e do Brasil todo".

Tomou *O Americano* à sua conta a nova autoridade."Quem há por aí que reprove a moderação e a decência com que S. Exa. fala de si mesmo?", perguntava. "Quem duvidará que o Senhor Supremo, por um dos seus incompreensíveis mistérios, o tenha elegido para satisfazer os ardentes desejos do Imperador e do Brasil? Rio-grandenses, rendei as armas; entregai vossos pulsos às cadeias... Ele foi mandado, qual outro Moisés, a libertar um povo querido do cativeiro e da tirania: sua missão é augusta e sagrada, seu poder imenso e sobrenatural..."

Mas apesar do ridículo em que se procurava envolver o novo presidente e comandante das armas, bem presto se notava que os assuntos da legalidade passavam a um ritmo completamente diverso do antigo. Tratou Caxias de pôr ordem na desordem, fez valer o seu prestígio, organizou pacientemente as forças, deu o merecido destaque aos dois homens capazes de se medirem com os revolucionários pelo perfeito conhecimento que possuíam da campanha e dos métodos das guerrilhas: Bento Manuel e Francisco Pedro. E agiu com rigor contra os dilapidadores da fortuna pública. Perguntaram-lhe, mais tarde:

– Como foi, general, que chegou ao ponto onde tantos naufragaram?

– Por isto mesmo – respondeu. – Serviu-me de guia a experiência alheia. Como já não havia erro possível, só tive em vista não fazer nada do que se tinha feito.

E sorria maliciosamente.

*

A desventura militar de Rivera e o desbarato dos insurgentes de São Paulo e Minas tornavam cada vez mais dificultosa a situação de Bento Gonçalves, contra quem dia a dia se acirrava a oposição, já reforçada com as boas graças de Canabarro. Também Neto era alvo de acerbas críticas,

por não ter impedido que Caxias atravessasse o São Gonçalo à frente de mil e oitocentos homens e conduzindo enorme cavalhada. Os trabalhos da Constituinte estavam paralisados. O projeto de Constituição elaborado por Domingos de Almeida, Sá Brito, Ulhoa Cintra, Marinho de Matos e Serafim dos Anjos França não lograva entrar em discussão. A primeira Assembleia republicana que no Brasil tirou do seu seio, como escreveu Felisbelo Freire, as bases de uma Constituição política, encerrava as sessões sem conseguir aprovar aquele projeto fadado a constituir o elemento histórico do direito constitucional da República, que se consultaria no futuro como uma fase da evolução republicana do país.

Quando a Assembleia encerrou os trabalhos, achavam-se os seus membros mais divididos do que nunca. Já não era aquilo um dissídio político entre homens que se respeitavam, mas ódio de morte votado pelos inconformados aos membros da maioria. A "Exposição", ou manifesto da minoria, assinado em primeiro lugar por Antônio Vicente da Fontoura, foi a explosão desse ódio. Lamentável documento! Nele são detratados, de maneira feroz. Bento Gonçalves, Mariano de Matos, Domingos de Almeida, Ulhoa Cintra. "Não é de agora que uma opinião fortíssima se tem declarado contra o presidente da República. A maioria do nosso exército o considerava um general que trazia a desgraça a par de si; e convém confessar com sinceridade, que ou fosse efeito dos caprichos da volúvel Fortuna, ou meramente um resultado natural das disposições do mesmo general, a infelicidade acompanhou sempre este Sr. e marcou todos os seus passos e operações"... Bento Gonçalves passava a ter para os seus detratores a suprema culpa de não ser vitoriosa a revolução. "Havia tempo", dizia ainda o manifesto, "que S. Exa. tencionava ter uma conferência com o general presidente da República Oriental do Uruguai, e podendo tê-la muito antes, reservou-a para depois que a apuração geral lhe fizesse conhecer quais eram os deputados e suplentes. Certificado disso, partiu S. Exa. para Paissandu, afirmando que se acharia de volta na capital antes do dia destinado para a instalação da Assembleia... S. Exa. chegou depois do prazo marcado para a instalação... e logo se soube que trouxera do Exmo. Sr. presidente do Estado Oriental um grande número de cartas para diferentes chefes das nossas forças, aconselhando-os a que se unissem de coração a S. Exa. a fim de prosperarem os nossos negócios. As circunstâncias em que estas cartas foram escritas fazem mais honra

à boa-fé do Exmo. Sr. general Rivera do que à daqueles que as solicitou ou deu motivo a que elas fossem escritas. Bem examinado tudo, vemos que S. Exa. desconfiava do amor dos seus concidadãos e particularmente dos chefes militares de mais influência, e devemo-nos convencer de que S. Exa. tinha razão para assim pensar." E passando depois à diatribe franca, o redator da "Exposição" acrescentava, esquecido no seu desvario de que dois dos signatários haviam desempenhado funções de ministros de Estado: "Desde o começo da nossa gloriosa revolução (excetuando o tempo em que esteve preso) S. Exa. mostrou-se terrível aos seus compatriotas, encarou a liberdade de imprensa com o horror de um tirano sombrio e desconfiado, desprezou, aviltou, oprimiu o espírito nacional, chamando para seus ministros, com exclusão de rio-grandenses honrados e beneméritos, um fluminense [referiam-se ao precursor da revolução, o major Mariano de Matos] aborrecido por sua filáucia desmedida e gênio intrigante, um mineiro [aludiam ao grande Almeida] desconceituado do público por seu gênio colérico, arrebatamentos despóticos, crassa ignorância e má nota de confundir com os seus os bens do Estado, e para seu principal diretor, já no exército, já na presidência, outro mineiro [assinalavam Ulhoa Cintra] igualmente desconsiderado por sua falta de caráter, imoralidade, língua ferina, maledicência, covardia e até por apanhar pancadas em todos os lugares onde se demorava algum tempo."

Bem se via que a revolução estava perdida. Só o desespero da derrota poderia explicar semelhante desvario. O frenesi da destruição não sofria nenhuma resistência de ordem moral. De que valera a Domingos de Almeida haver chamado a contas e confundido publicamente, meses antes, os que lhe caluniavam a honrada pobreza? A miséria repontava, impudente, já nos cochichos anônimos já em documentos públicos que a posteridade analisaria.

Mão misteriosa ferira de morte, em Alegrete, a um dos vice-presidentes da República, Antônio Paulo da Fontoura, e inimigos de Bento Gonçalves o indigitavam como mandante do crime. Quando o presidente da República se apercebeu da situação, não hesitou. Passou o cargo a José Gomes de Vasconcelos Jardim. Três dias depois, Antônio Neto depôs nas mãos de Canabarro a chefia do exército. Como simples comandante de divisões, esperavam ambos que a oposição ensarilhasse armas. Mas, não. A enxurrada continuava. Um mar de lodo inundava a República. Excedia-se

Onofre Pires, entre todos, na difamação. Bento Gonçalves, calado, prosseguia nas suas operações militares. Mas chegado o momento azado, interpelou o seu difamador. “Havendo chegado ao meu conhecimento que em princípios do corrente mês, em presença de vários indivíduos do exército, quando vinha em marcha, V. S. avançava proposições ofensivas à minha honra e ousara até chamar-me ladrão... quisera que com a honra que dá esse caráter a um homem na posição de V. S. houvesse de dizer-me com urgência, por escrito, se é verdade ou falso o que a respeito se me informou. Deixo de fazer a V. S. qualquer outra reflexão a respeito, porque V.S. as deve perfeitamente compreender.”

A resposta de Onofre não se fizera esperar, superlativamente ofensiva, impondo o desfecho sangrento do dissídio: “Ladrão da fortuna, ladrão da vida, ladrão da honra e ladrão da liberdade é o brado ingente que contra vós levanta a nação rio-grandense, ao qual já sabeis que junto a minha convicção... Não deveis, pois, Sr. general, ter em dúvida a conversa que a respeito tive, e da qual vos informou tão pronto esse correio tão vosso... Deixai de afligir-vos por haverdes esgotado todos os meios legais em desafronta dessa honra, como dizeis: minha posição não tolhe que façais a escolha do mais conveniente, para o que sempre me encontrareis.”

No mesmo dia, nas margens do Sarandi, encontravam-se sem testemunhas os dois inimigos de morte, para o supremo ajuste de contas. Onofre saiu do campo ferido pela espada do contendor, e falecia, em consequência, quatro dias depois.

Transposto o São Gonçalo, Caxias não dava descanso aos revolucionários. Comandando ele próprio a divisão do centro e confiando a outras duas alas do exército aos melhores guerrilheiros da legalidade, obrigava os adversários a deslocamentos ininterruptos que lhes exauriam a capacidade de luta, estropiavam as montarias, espalhavam o desânimo entre os mais resistentes.

Pusera o barão especial empenho em possuir cavalhadas como nunca as houveram conhecido os seus antecessores, nem os republicanos nos períodos áureos da revolução. Grandes, por isso, os ataques dos revolucionários descontentes contra Neto, que teria podido, com um pouco de esforço, impedir que aqueles sete mil solípedes atravessassem o sangradouro.

Os movimentos de Caxias são fulminantes. Ontem ainda em São Gabriel já hoje surge às margens do rio Santa Maria, no passo de S. Borja. Persegue os revolucionários na coxilha de Santana, desaloja-os de São Diogo, atravessa logo depois o lbirapuitã, manda que a vanguarda comandada por João Propício os atire sobre a fronteira do Quaraí, obrigando-os a se internarem no Estado Oriental. Sem perda de tempo, marcha sobre Li vramento. Os rebeldes, em número de dois mil e quinhentos homens, não têm ânimo para enfrentá-lo. Abandonam precipitadamente a vila e refugiam-se, por sua vez, em território uruguaio, rumo de Cuñapiru.

Mas quando parece que os revolucionários, constrangidos a transporem a fronteira em vários pontos, estão definitivamente batidos e desmoralizados, ei-los que ressurgem em pleno coração do Rio Grande, surpreendendo os legalistas, levando-os de vencida, refazendo-se de cavalos e armamentos. Quem seria capaz de imaginá-los, de novo, nas vizinhanças imediatas de São Gabriel? Alta madrugada, irrompem na vila comandados pelo tenente-coronel Manuel de Carvalho Aragão e Silva, aprisionam o comandante da praça, matam e ferem quase uma centena de homens, apoderam-se de mil e quinhentas reses, cavalos, armamentos, munições. Não permanecem no lugar. Feita a *razzia*, vão reunir-se na Caieira às forças de Portinho. Protegido de perto por um batalhão de caçadores persegue-os o famigerado Silva Ourives. Os farrapos entestam com ele, repelem-no na invernada do Fidélis. Depois, incorporam-se à coluna de João Antônio, que ocupa de novo São Gabriel e cerca no acampamento da Trilha toda a segunda brigada de infantaria, três batalhões, comandada por Arruda Câmara.

Caxias interrompe o plano de ação em que está empenhado para acudir aos sitiados. João Antônio, à sua aproximação, levanta o cerco. Os revolucionários não estão em condições de enfrentar o adversário em batalha campal. A sua tática é cansar o inimigo pelas surpresas e pelas marchas continuadas, noite e dia. Também Canabarro, que está no cerco de Batovi, apenas se aproxima a vanguarda legalista comandada por Marques de Sousa, trata de evitar o encontro e bate em retirada. Se Caxias domina a campanha pela superioridade de forças, disputam-lhe os revolucionários a primazia pelo perfeito conhecimento do terreno, pela surpreendente rapidez de movimentos, pela capacidade guerrilheira dos seus chefes.

Os republicanos têm os olhos postos em Bento Manuel e Chico Pedro. Com estes, oficiais do mesmo ofício, é preciso tomar cuidado. Os quatro generais da revolução conseguem reunir as suas colunas para uma batida em regra contra o trânsfuga. Atacam-no de surpresa, com dois mil e setecentos homens, em Ponche Verde, Bento Manuel vê chegada a hora do ajuste final. A sua força é menor que a dos atacantes, mas ele resiste. Combate, nesse dia, como nunca na sua vida. Dá de si quanto pode. Ferido, não abandona o campo. Ali estão para estraçalhá-lo, inutilizá-lo, humilhá-lo, os seus grandes rivais, companheiros de ontem, hoje inimigos de morte: Bento Gonçalves, Neto, Canabarro, João Antônio. Ali está toda a força da revolução. Bento Manuel, batido, não sairá com vida daquela refrega. Antes a morte do que ter de confessar a derrota. E resiste com o maior encarniçamento. Os homens caem aos montes nas suas improvisadas trincheiras. Mas também entre os atacantes as baixas são formidáveis, tão formidáveis que, afinal, se veem na contingência de retirar. Duríssima vitória, a que consegue nesse dia Bento Manuel Ribeiro.

Foi em tal situação que assumiu Canabarro o comando supremo do exército republicano. Todo o ano VIII decorreu nessas operações de guerrilhas e nas mesmas circunstâncias se iniciou o IX. Os republicanos já não tinham em seu poder nenhuma localidade de importância. Rivera, do outro lado da raia, ocupava-se dos seus assuntos, cada vez mais complicados também. Em meados de 1844, chegava uma carta ao acampamento de Canabarro: "Si tengo la fortuna de abrazar a V.Exa., de viva voz le instruiré de mi plano. Entonces acordaremos el modo como nos poderemos proveer de recursos"...

Canabarro não falta à cita, que se realiza na estância do pai de Neto. Antônio Vicente da Fontoura, mentor do novo generalíssimo, foi presente à conferência. Espantosa incoerência, a do demagogo! Enquanto Bento Gonçalves conduzia as conversações com o caudilho oriental, murmurava contra elas e tratava de impopularizá-las: agora, porém, chegada a sua vez de agir, dava-lhes, mais que gostoso, a sua aprovação. Rivera e Canabarro selam, nesse encontro, um pacto de mútuo auxílio. Mas Rivera já percebe claramente que pouco terá que lucrar naquele entendimento. Os farrapos parecem-lhe cada vez menos dignos de atenção. Sabendo quanto Caxias se empenhava pela paz, manda-lhe emissários para inculcar-se

como possível mediador entre os contendores. Fiel à sua tara, “não queria iludir a um só”, escreve Alfredo Rodrigues, “porém, de todos tirar partido”.

*

Depois da vitória de Oribe no Arroio Grande, dispôs-se Rosas a levar a efeito o bloqueio de Montevidéu. Opuseram-se a isso os representantes da Inglaterra e da França. Quando Brown insiste no bloqueio, a esquadra do almirante Purvis detém violentamente as operações navais do ditador de Buenos Aires. Este protesta contra a violência, perante o governo inglês. Exercia, alega, um direito que ninguém lhe podia contestar. Sua intervenção nas lutas do país vizinho era “*legítima represália de lo que habia hecho o hacia Rivera interviniendo en la política argentina, al prestar auxilio a los unitários*”.

Acossado pelas potências europeias e vendo de perto o desbarato dos revolucionários rio-grandenses, busca o governo oriental por intermédio de Tomaz Guido, seu representante no Rio de Janeiro, celebrar um tratado de amizade, ofensivo e defensivo com o Império. Mantinha-se o gabinete de São Cristóvão em expectante atitude de neutralidade face às lutas platinas. A revolução do Rio Grande não lhe permitiria, aliás, envolver-se em querelas alheias. Sabia “que os revolucionários se abasteciam nas fronteiras do Uruguai, valendo-se das amistosas relações que mantinham com os magnatas limítrofes e com as próprias autoridades orientais”. Mas, visto mostrar-se o Uruguai disposto a começar vida nova, premido pelas suas próprias necessidades, entenderam os estadistas do Império conveniente não desprezar aquela oportunidade para apressar o fim da revolução. Honório Hermeto e o general Guido firmaram as bases de um acordo que suscitou acerbas críticas, porque valia, dizia-se, pela implícita confissão da impotência do país para restabelecer a ordem no Rio Grande do Sul. Negou-se Rosas a referendar o acordo pela alegação de nele não figurar Oribe, presidente constitucional do Uruguai. Os desígnios do ditador tornavam-se claros. Vendo as dificuldades do Império, em pacificar o Rio Grande do Sul, imaginou chegado o ensejo de impor-se como árbitro exclusivo da política platina e restabelecer, quiçá, as perdidas fronteiras do vice-reinado. Nessa altura dos acontecimentos, percebeu o governo do Rio de Janeiro que não poderia manter-se indefi-

nidamente na sua atitude de neutralidade, tão fora de medida diante das provocações do ditador. E para iniciar uma política mais ativa e sublinhar a posição do Brasil como garante principal da independência uruguaia, despachou a Montevidéu um estadista de conceito já firmado no cenário nacional, Cansanção de Sinimbu.

Chegado à capital do Uruguai, encontrou-se o novo plenipotenciário na impossibilidade de desembarcar. Régis, seu antecessor, fora ofendido publicamente por Garibaldi, e na falta das satisfações reclamadas ao governo da República, rompera relações com ele.

Garibaldi, a esse tempo, comandava a legião italiana, que prestava os maiores serviços na defesa de Montevidéu. As suas lutas com Brown, primeiro na Costa Brava e depois na ilha das Ratas, onde repelira vantajosamente um ataque da esquadra argentina, valiam-lhe excepcionais considerações por parte do governo uruguaio.

Alcançou Sinimbu quanto era incômoda aquela situação. Não lhe era lícito, porém, transigir. Sustentaria sem desfalecimento a autoridade da representação diplomática do Império. Os entendimentos, antes da sua chegada, se arrastavam morosamente, e parecia que Régis não lograria as satisfações exigidas. Sinimbu, em vista disso, deixou-se estar a bordo, declarando ao governo oriental ficar a sua apresentação oficial subordinada à solução do incidente. As negociações tomaram então novo rumo, e só quando elas se encaminharam francamente para um remate definitivo e honroso apresentou o novo ministro as suas credenciais.

Compreendera Garibaldi que as relações entre o Uruguai e a República Rio-grandense haviam terminado. A salvação da causa a que servia estava na dependência, agora, de um ajuste com o gabinete do Rio de Janeiro. Não seria nobre que pelas suas notórias ligações de simpatia com os rebeldes do Rio Grande criasse dificuldades ao governo do Uruguai. Conveio, pois, em comparecer à legação do Brasil, onde se lavrou uma ataque pôs termo ao incidente: "*Si ho fatto il male qualche volta, certo lo feci involontariamente*". O ministro do Exterior, D. Santiago Vásquez, em ofício, dava todas as explicações ao representante brasileiro. E o órgão do governo, publicando a ata assinada por Garibaldi, prestava as maiores homenagens ao novo chefe da missão diplomática do Império. "Ele soube desemaranhar esta questão de um montão de circunstâncias apaixonadas

em que estava envolta, compreender a verdade e entender-se lealmente com o governo uruguaio", escrevia a gazeta oficial.

Iniciada a atividade diplomática, concentrou Sinimbu, de início, todas as suas preocupações na fronteira. Levou ao governo uruguaio a convicção da necessidade de interromper definitivamente as relações, ainda há pouco públicas e quase oficiais, com os revolucionários do Rio Grande. Não seria fácil alcançar esse resultado, empeçado em obstáculos contra os quais era impotente o próprio governo oriental. "Eu sabia", "depunha muitos anos mais tarde Sinimbu perante o Senado Brasileiro, "eu, sabia que da capital partiam ordens terminantes do governo, intimando a Rivera para que se abstivesse de manter relações com os revoltados do Rio Grande: ele, porém, que... só atendia às circunstâncias da sua critica posição desobedecia e guiava-se por suas próprias inspirações. Do jogo desses interesses desencontrados, resultava, para o ministro brasileiro em Montevidéu, uma posição singular: quando, persuadido das boas intenções do governo oriental, eu afirmava ao governo imperial que os negócios em Montevidéu corriam no sentido desejado, recebia o governo imperial comunicações do general em chefe do Rio Grande comprovando as relações em que viviam Rivera e Canabarro. É fácil imaginar o efeito que tão contraditórias asseverações produziam no espírito do governo imperial; e por isso, é estranhável que pouco peso lhe merecessem as comunicações vindas de Montevidéu."

Não dava Rivera maior atenção ao que se passava na capital. A guerra – dizia – havia de decidir-se na campanha. As forças do caudilho atiraram-se com ímpeto sobre a retaguarda de Oribe, pondo-o na necessidade de levantar o sítio de Montevidéu. Já estava, de novo, quase todo o interior em seu poder. Oribe, a mais um esforço de Rivera, seria batido definitivamente. Mas o ditador de Buenos Aires velava pela sorte do seu aliado. Na hora crítica, despachou Urquiza em seu auxílio, à frente de numerosas tropas. E Rivera viu-se constrangido a retirar para o norte.

Ao tempo em que se produziram esses sucessos, resolvia a Inglaterra reconhecer a legitimidade do bloqueio, e o governo de Paris mandava que se desarmasse imediatamente a legião francesa, auxiliadora dos uruguaios na defesa da capital. Era a vitória integral de Rosas. E dentro em pouco, não havia duvidar, Montevidéu cairia sob a pressão das forças do ditador argentino.

Nessa hora decisiva, só se antolhava ao governo uruguaio uma salvação possível: o auxílio do Brasil. O ministro do Exterior foi pessoalmente à legação brasileira, a fim de expor a Sinimbu a dolorosa situação do seu país. "Está tudo perdido!", "exclamava, "e já não há salvação para esta infeliz República. Dentro de poucos dias, estará ela sob o domínio de Rosas. E nesta triste conjuntura, que fará o Brasil, senhor ministro, nosso vizinho e garante da nossa independência nacional, que por sua posição, está encarregado de proteger a causa da liberdade e da civilização neste continente?"

"Eu poderia responder no mesmo tom", "referia mais tarde Sinimbu, "se lhe dissesse: este é o fruto da falsa política da República para com o Império, alimentando a causa da revolta em nossas fronteiras. A ocasião, porém, não era oportuna para recriminações."

Dramático instante o que vivia o ministro brasileiro no Uruguai! "Para salvar a soberania e independência oriental, todos os meios estavam esgotados; só restava um, era a palavra do Brasil, e essa palavra era eu quem devia proferir. Era crença geral, que, estabelecido o bloqueio, Montevidéu fatalmente sucumbiria. A contemplação desse quadro me causava horror. Sabia-se que Rosas, com o fim de legitimar a sua tirania no interior, sonhava glórias e conquistas no exterior. O restabelecimento das antigas fronteiras do vice-reinado era o seu pensamento predileto. Dominando a Banda Oriental... as forças vitoriosas, sob o pretexto de perseguir Fructo Rivera, se internariam no Rio Grande. Equivale isto a dizer que para o Brasil seria a repetição da guerra cisplatina, e de caráter ainda mais desastroso nas condições dos novos invasores."

Pouco depois os sete navios argentinos, sob o comando de Brown, fundeavam diante de Montevidéu. A França e a Inglaterra cruzavam os braços... "Ia o Brasil, pela palavra de Sinimbu", escreve Craveiro Costa, "decidir a sorte do Uruguai. Mariath, comandante da esquadrilha imperial, notificado do bloqueio por Brown, respondeu que pediria instruções ao representante diplomático brasileiro. Todas as vistas estavam voltadas para a legação do Brasil... Quando a notícia se espalhou de que Sinimbu não concordava com o bloqueio, a população de Montevidéu delirou. Era a salvação nacional... Mariath, dispondo apenas de dois vasos de guerra, aguardou os acontecimentos. Não houve nem uma manifestação

de hostilidade por parte de Brown. Dias depois, os navios argentinos deixavam o porto de Montevidéu."

Indignou-se Rosas com o procedimento de Sinimbu. Araña, seu ministro do Exterior, daria o tom diplomático à ira do ditador, primeiro na resposta a Mariath, depois nas notas enviadas a Ponte Ribeiro, chefe da missão brasileira em Buenos Aires. Mas a própria diplomacia de Araña não disfarçaria o espírito caudilhesco do seu governo. Parecia-lhe "insólita estupidez" a atitude do ministro do Império em Montevidéu. Ponte Ribeiro protestou com energia contra os termos insultuosos da nota de Araña; e defendendo, à luz do direito internacional a doutrina esposada por Sinimbu, devolveu a injuriosa peça à chancelaria de Palermo, pedindo o seu trancamento. A resposta do ministro argentino constou de poucas linhas, mal-humoradas e altaneiras, aconselhando o representante brasileiro a pensar maduramente, a fim de evitar novas complicações. A *Gaceta Oficial*, intérprete do pensamento de Rosas, escrevia: "Cremos que o governo de S. M. I. capitulará com a devida severidade os infames procedimentos do seu ministro em Montevidéu; mas se acaso estiver tão fascinado o gabinete imperial que não veja o resultado que devem produzir, a República Oriental saberá sustentar a sua independência, e a Confederação os seus direitos e a sua dignidade."

Ponte Ribeiro intervém com outra nota. Contesta Araña. O governo argentino rompe as relações oficiais com a legação brasileira. Ponte Ribeiro pede os passaportes. O Império se encontra a dois passos da guerra com o ditador de Buenos Aires.

*

Terrível inverno o de 1844! O frio estava de quase não se poder escrever, contava Caxias, em carta, a Manuel Marques de Sousa. O "carioca" como o apelidavam os rio-grandenses, sofria horrores. Mas era preciso insistir nas perseguições aos farrapos, que, sempre acossados de perto, faziam prodígios de locomoção. "Apesar disso, não hei de invernar", acrescentava Caxias. E, de fato, não descansava na perseguição ao inimigo. Esse inverno devia ser o último da guerra. Os revolucionários caminhavam de desastre em desastre. Maltrapilhos, andrajosos mesmo, mal montados quase sempre, sofrendo privações de elementos bélicos e, o que era pior, perdida já por completo a esperança da vitória, o manterem-se ainda em campanha

significava, por certo, verdadeiro milagre, que só uma alta consciência de dignidade coletiva explicaria.

Lenta, penosa, sublime agonia a da revolução! Quando as forças de Caxias estavam a ponto de esmagá-los, rompiam os rebeldes o cerco que os constringia; e como que protegidos por mão invisível dispersavam-se aparentemente para reaparecer logo adiante, rearticulados, dispostos a recomeçar a luta infernal das guerrilhas. E se a pressão dos imperiais se fazia excessiva, internavam-se por veredas só deles conhecidas em território uruguaio, onde operavam como se estivessem em sua própria casa. Apesar dos protestos de Montevidéu, Rivera tinha sempre grande complacência pelos companheiros em apuros. E quem ditava a lei na campanha uruguaia não era o governo de sombras da capital, mas D. Fructo, o homem forte, que sabia em todas as circunstâncias ajustar as coisas ao sabor das suas inclinações.

Livres embora da pressão do inimigo, menos áspera não lhes corria a vida em território uruguaio. "Aqui andamos de grota em grota", escrevia Vicente da Fontoura no seu *Diário,* "creio que não só por melhor encobrir nossas marchas ao inimigo, como por mais comodidade dos pobres soldados. a quem na estação, visto que se lhes falta a roupa, é mister ao menos não os privar da lenha a fim de se aquecerem ao fogo..."

Os mais fracos de ânimo, sucumbidos a tantas provações, valiam-se da anistia ampla com que Caxias acenava aos retirantes da rebelião, e se apresentavam às autoridades. O governo da bruxuleante República errava pelas estradas, de acampamento em acampamento, sempre fugindo à aproximação das forças imperiais. Aos que resistiam às fadigas de hoje, prenunciavam maiores cansaços amanhã; os que houvessem hoje escapa do da perseguição do inimigo, previam, resignados, morte quase certa nos encontros próximos.

Não seria possível prolongar ainda por muito tempo aquele martírio. E já se voltava de novo a falar na pacificação. Canabarro hesitava ainda. Entendia que nenhuma resolução definitiva se deveria tomar, antes de mandar à corte um emissário de confiança, a fim de recolher a opinião dos líderes do Partido Liberal. Até agora eles se haviam valido da revolução do Rio Grande como de um espantalho para assustar o governo. Necessitavam, para os seus cálculos políticos, que o Sul continuasse conflagrado. Se pouco faziam pela revolução – e aí estavam os recentes malogros de

São Paulo e de Minas para confirmá-lo – entendiam como indefensável, inadmissível transigência que os rio-grandenses, premidos por tantas dificuldades, pensassem em depor as armas.

Manuel Lucas de Oliveira, ministro do Exterior, acabara de reunir-se à coluna. Canabarro preside uma reunião de notáveis e oficiais superiores, e expõe o seu ponto de vista. Resolve-se que Francisco Martins viaje para São Paulo e Rio com carta-circular assinada por Lucas convidando os paulistas a um levante, pois com "aquele povo ilustre" desejavam os cidadãos da República Rio-grandense "viver em liga fraternal", que preparasse a futura federação republicana das províncias brasileiras.

Em São Paulo, não encontrou o emissário ambiente favorável a uma nova insurreição. O malogro de Tobias, homem de prestígio e ação, era por demais recente para que alguém se aventurasse a outra tentativa. Tudo se cifrava em palavras amáveis aos companheiros do Rio Grande, a protestos indignados contra a prepotência do governo central; mas ninguém assumia compromissos definitivos. Martins, ainda assim, não se deu por vencido. Foi ao Rio de Janeiro onde procurou, de imediato, Teófilo Otoni. Deu-lhe o grande mineiro cordialíssima acolhida e o reteve em sua casa como hóspede. Ouviu com o mais humano dos interesses o relato da situação no Sul. Quanto às possibilidades de um novo levante em Minas, foi franco: não havia como pensar-se em tal hipótese. Expendia lealmente a sua opinião. Entendia que os rio-grandenses já haviam cumprido o seu dever, e não deviam insistir na ideia separatista com o fim de conseguir-se, mais tarde, a federação: "Mostrei as vantagens", contaria depois o próprio Otoni, "que haveria para a causa da liberdade se os rio-grandenses livres, voltando ao seio da pátria comum, viessem reforçar o partido liberal das outras províncias." E terminou as suas apreciações dizendo a Martins "que os rio-grandenses estavam isolados e só podiam contar com o valor e a resignação, de que em nove anos davam tão brilhantes exemplos". Enquanto se esperava o regresso do emissário, continuavam na campanha as confabulações pacifistas. Autorizado por Canabarro, encontrou-se Bento Gonçalves com Caxias, em Upamoroti. Vacilantes ainda e imprecisas, as possíveis condições do ajuste em mira. Mas a ideia se alastra. Todos sentem a necessidade de pôr fim àquelas correrias, que já não podem conduzir a nada de útil. Canabarro ainda resiste. Mas quando lhe chega o conselho de

Otoni, capitula por sua vez. Dá-lhe por escrito a sua resposta. "Apreciando a franqueza de V. S. e a leal exposição que me fez do estado geral das coisas me convenci que devia empregar os meus esforços e diminuta influência para a terminação da guerra, que por tanto tempo devastou as belas campinas deste Continente, podendo assegurar a V. S. que a sua carta foi o farol que conduziu os continentinos ao desejado porto."

Os entendimentos entre os adversários não interrompiam as operações militares. Saindo Bento Gonçalves de conversar com Caxias, voltava cada um a reassumir o seu comando; e assim o querendo o fado da guerra, dentro em pouco se encontrariam de novo na coxilha, à frente das suas tropas estendidas em linha de combate. Já estava decidida a pacificação; já haviam o governo da República e os generais aceito as bases assentadas no último encontro, em Bagé, entre Caxias e Bento Gonçalves; já seguira Vicente da Fontoura para o Rio como emissário dos revolucionários, quando Chico Pedro surpreendeu Canabarro em Porongos. Pouco antes estivera Amaro da Silveira no acampamento de *Moringue*, com o fim de fazer uma permuta de prisioneiros. Mandara-lhe Canabarro um recado chistoso: esperava que Chico Pedro o fosse tirar daquele sítio, pois já estava cansado da magreza dos gados dali. Respondera *Moringue* que não desejava continuar combatendo seus patrícios. "Evitaria quanto pudesse novos derramamentos de sangue."

Canabarro acreditou na treta. Pálpebras semicerradas, sorrindo com malícia, comentava, um pouco enfatuado:

– É isto mesmo. O *Moringue*, sentindo a minha catinga, não vem cá.

E não tomou nenhuma providência para defender-se de um possível ataque.

Uma noite, já ia alta a madrugada e o acampamento todo dormia, quando o inimigo, contornadas as posições dos republicanos, cai de chofre sobre os piquetes avançados que não tiveram tempo de dar um tiro, e irrompe de todos os lados sobre a coluna de Canabarro. Os brados de vitória dos assaltantes se entrecruzam com os gritos de raiva e de pavor dos republicanos.

– É *o Moringue*! É *o Moringue*!

Indescritível a confusão no acampamento. Os soldados, no primeiro instante, não sabem o que fazer. Correm em todas as direções, presas

de pânico. Alguns oficiais, a grandes vozes, procuram contê-los. A ordem de Canabarro é de retirada, para, refeita a coluna a alguma distância, poder enfrentar o inimigo. "Mas eis que a onda se despedaça de encontro a uma barreira inesperada. É o próprio Chico Pedro que, emboscado com o grosso das suas forças, esperava o resultado do ataque para surgir pela frente dos que fogem. A situação é terrível. Passado o primeiro momento de estupor os farrapos cobram ânimo e se dispõem a morrer lutando. Teixeira, o bravo dos bravos, cujo denodo assombrou um dia ao próprio Garibaldi, reúne os seus lanceiros; o quarto regimento de linha e alguns esquadrões afrouxam, mas os imperiais se multiplicam, surgem de todos os pontos. Segunda carga, mais impetuosa, mais desesperada, é também repelida." Dá-se a debandada geral.

Fora esta, diria Caxias, a primeira surpresa em toda a vida de militar de Canabarro.

A Garibaldi não causaria maior espanto o desastre de Porongos. Conhecia os personagens. Vira de perto o melhor guerrilheiro da legalidade. Agora, naquele fulminante envolvimento de Canabarro, de novo se verificava a sua ação decisiva na submissão do Rio Grande. "*Ei fece gran danno alla causa republicana, e l'Imperio deve a lui in gran parte la sottomissione della provincia*".

Durante três meses ainda, continuam aquelas guerrilhas desesperadas. Teixeira Nunes encontra a morte num combate perto de Canudos, sobre as margens do arroio Chasqueiro, lutando contra a horda do terrível Fidélis Pais, um dos braços mais valorosos de Chico Pedro.

Afinal, regressa da Corte Antônio Vicente. A paz está oficialmente encaminhada. Canabarro anseia pelo fim. Chegam-lhe propostas de entendimento de Rosas, contra o Brasil. Sua resposta é terminante: – "O primeiro de vossos soldados que transpuser a fronteira fornecerá o sangue com que assinaremos a paz de Piratini com os imperiais, que acima do nosso amor à República está o nosso brio de brasileiros. E a 28 de fevereiro de 1844 lança a sua proclamação aos rio-grandenses livres:

"Concidadãos! Completamente autorizado pelo magistrado civil, a quem obedecíamos, e na qualidade de comandante em chefe, concordando com a unânime vontade de todos os oficiais da força do meu comando, vos declaro que a guerra civil que há mais de nove anos devasta

este belo país, está acabada. A cadeia de sucessos por que passam todas as revoluções tem transviado o fim político a que nos dirigimos, e hoje a continuação de uma guerra tal seria o *ultimatum* da destruição e do aniquilamento da nossa terra.

"Um poder estranho ameaça a integridade do Império, e tão estólida ousadia jamais deixaria de ecoar em nossos corações de brasileiros. O Rio Grande não será o teatro de suas iniquidades e não partilharemos a glória de sacrificar aos ressentimentos criados no furor dos partidos o bem geral do Brasil."

*

A cláusula I do tratado de paz declarava que o nome "indicado pelos republicanos para presidente da província seria aprovado pelo governo imperial" e passaria a dirigir os seus destinos.

Mais de meio século antes de instituída no Brasil a República Federativa, o próprio governo imperial, centralista por definição, reconhecia ao Rio Grande do Sul, naquela situação excepcional, o direito de escolher livremente o seu governante. Sob esse aspecto, a revolução que se iniciara como protesto contra o mau governo de Fernandes Braga e como sinal do inconformismo local contra a política centralista do Rio de Janeiro, podia considerar-se vitoriosa.

A justiça inicial da causa rio-grandense fora reconhecida pelo Império. "*Contenti che siano, republicano deve considerarsi il loro governo*", raciocinava o espírito realista de Garibaldi, a quem não repugnaria, mais tarde, considerar perfeitamente aceitável, porque profundamente democráticas, as monarquias constitucionais a exemplo da inglesa.

Os revolucionários abatiam as armas na hora em que um poder estranho ameaçava a integridade do Império e mostravam sua inquebrantável dedicação à grande pátria; e o governo do centro, fazendo justiça ao invencível sentimento de autonomia dos rio-grandenses, reconhecia-lhe solenemente o direito de escolher o homem que houvesse de governá-los. Mais do que o poder das armas, foi a clarividência política de Caxias que salvou, nesses dias difíceis, a unidade do Brasil.

Epílogo

MONTEVIDÉU. Etapa de uma jornada. Parada de um viajante no itinerário da imortalidade. Uma ação que se extingue para recomeçar logo adiante, transmudada na trajetória definitiva de um destino.

Terminada a revolução no Rio Grande, consolidada a independência do Uruguai, que faria ainda Garibaldi na América do Sul? Cumprira dignamente os seus deveres militares, a serviço da República Oriental. À frente da legião italiana, Montevidéu, nos dias trágicos da defesa, fora para ele a *ciudad de los milagros*. Surpreendente espetáculo o do pobre burgo Assediado! Como resistir à formidável pressão das tropas de Rosas? "*Eppure, bisognava diffendersi. Tale era la volontà generale, in quel magnifico popolo*!"

Como sempre, para recompensar-lhe os sacrifícios pelas causas a que se devota – a miséria. Mal havia, na modesta casinhola de Portones, onde reside, o suficiente para matar a fome à pequena família. A segunda filha do casal, Rosita, não resistira às privações. Terrível golpe, a notícia que lhe é dada laconicamente pelo ministro da Guerra: "Vossa filha Rosita morreu." "Tu não és pai, nunca o serás." Porque, se o fosse, aquele homem teria sabido avaliar melhor o amor por uma filha.

Conta-se que uma noite foi visitá-lo em Portones Lainé, o comandante das forças navais francesas. Indicaram-lhe a residência do herói. Seria crível que Garibaldi morasse naquela choupana?

– Dá licença? Pode-se entrar? Pode-se falar ao general?

Que entrasse, respondeu uma voz feminina. A sala estava às escuras. Lainé tropeça num caixão. Ouve-se a voz de Garibaldi:

– Anita, dá-nos um pouco de luz!

– Como queres que eu alumie? Bem sabes que já não temos em casa uma única vela, nem dinheiro para comprá-las!

– É verdade", respondeu Garibaldi.

E dirigindo-se ao encontro da visita, parada ao meio da sala:

– Como ouviu de minha mulher, almirante, não possuímos dois centavos sequer para a compra de velas. Mas estou certo de que V. S. veio aqui para falar-me e não apenas para me ver.

Depois de Rosita, dois filhos mais nasce ao casal: Teresita e Ricciotti. Anita, inteiramente votada aos deveres domésticos, faz prodígios na economia da casa. Recebe do governo uma ração diária. Dinheiro, quase nunca existe. E Garibaldi, mesmo na indigência, encontra oportunidade de ser perdulário. Dando, certa vez, com um legionário que já nem camisa possuía, despiu a sua própria para cobrir a nudez do companheiro. Ao chegar à casa, pediu a Anita lhe desse outra ao que ela, enfadada, respondeu:

– Devias saber que só tinhas uma. Se a deste, pior para ti!

A figura romântica do herói é objeto, por toda parte, de viva admiração. As suas proezas fazem dele, durante anos, um "dominador da imaginação popular". Anita, nas suas longas ausências, sofre crises de ciúme. Diz-se que um dia chegou Garibaldi ao acampamento de cabelo e barba aparadas.

– Que é isso, coronel? Por que fez cortar sua estupenda cabeleira?

– Que queres, amigo"? – Foi a resposta. – "Minha mulher é ciumenta e diz que uso os cabelos compridos para dar na vista das belas. E tanto me atormentou por motivo desses malditos cabelos, que resolvi sacrificá-los em bem da paz do lar.

Já na fase final da revolução rio-grandense, as exigências das suas novas ocupações o afastavam mais e mais do convívio espiritual dos antigos companheiros. Por intermédio de Napoleone, viera acompanhando ainda os acontecimentos no território vizinho. Depois, o afastamento de Almeida dos conselhos do governo da República significara o alheamento de

Castellini das funções de agente confidencial. As preocupações da guerra contra Rosas mal lhe dariam tempo, em seguida, para indagar da sorte de muitos daqueles a cujo lado tantas vezes enfrentara a morte e cujas figuras morais nunca mais lhe sairiam da lembrança.

*

As notícias recebidas da Itália são unânimes no aviso de que se está processando em toda a península uma formidável renovação mental. Mazzini, mais filósofo que político, mais apóstolo que homem de ação, já não empolga as multidões. Depois do sacrifício dos dois Bandiera", na aventura da Sicília, começam os próprios discípulos a descrer da sua capacidade de mando e organização. O *neoguelfismo* vai preencher o lugar da *Jovem Itália*, como esta ocupara a dos primitivos carbonários das lojas fechadas. O papa Pio IX toma partido nas lutas da emancipação italiana. Também no Piemonte, homens práticos e plásticos já vão pensando numa federação dos Estados Italianos sob a presidência da coroa sarda. Balbo, nas *Esperanças da Itália*, d'Azeglio, nos *Últimos negócios da Romanha,* colocam os temas da federação e da unificação na dependência da chancelaria de Turim. O padre Vincenzo Gioberti publica em Bruxelas um livro de enorme repercussão: *Sur la primauté morale et civile des italiens*. As ideias patrióticas saem das águas-furtadas e dos porões dos conspiradores para o pleno ar das artes, da literatura, da música – o que significa que elas já conquistaram a Itália inteira. A poesia patriótica encontra os seus grandes intérpretes: Niccolini, Giovanni Prati, Gabriele Rossetti. Silvio Pellico domina os sentimentos e as inteligências com o relato das suas prisões. Leva Manzoni ao delírio, com os *Noivos*, a imaginação romântica das novas gerações. Na música Rossini, Bellini, Verdi contribuem decisivamente para a expansão das ideias da unificação italiana, que encontram servidores cautelosos e hábeis no próprio governo do Piemonte. O conde Camillo Benso de Cavour já é apontado como o verdadeiro orientador desse novo movimento político. A *Jovem Itália* cumpriu o seu destino como força precursora. Agora, é o começo do *Risorgimento. Itália fara de se*, afirma, convicto, na sua pequena corte, o rei da Sardenha.

Garibaldi sente que as grandes horas se aproximam. "É difícil", escreve Cuneo, "descrever o efeito que as notícias da Itália produziam então sobre Garibaldi. Sua fisionomia tomava uma expressão completamente

nova, seus movimentos se faziam mais vivos. Não raro ele se interrompia para sorrir com um ar feliz, como se estivesse vendo muito próximo um futuro cor de rosa." Auzani depõe que os membros da legião italiana em Montevidéu só pensavam a sério, nessa altura dos acontecimentos, em organizar uma expedição à Itália. "Nada nos falta para isso: temos um estado-maior corajoso e um comando patriótico e valente na pessoa do coronel Garibaldi." Na sua mansarda de Londres, Mazzini acompanhava a mutação dos tempos. "Este Garibaldi", escrevia a Cuneo, "é um homem do qual a pátria se utilizará no momento decisivo."

E Garibaldi decide voltar à pátria. A penúria em que vive a família toca a extremos intoleráveis. Anita de nada se queixa, a não ser das prolongadas separações impostas pela guerra. A Garibaldi parece melhor enviá-la com os filhos à Itália, onde, em contato com a sua família, estará ao abrigo das necessidades mais prementes. Além disso, seria mesmo conveniente que, antes dele, desembarcassem em Gênova e chegassem a Nizza sua mulher e os filhos. Eles significariam um pré-aviso do seu regresso próximo; e da maneira por que fossem recebidos, poderia ele concluir da sua popularidade na terra natal.

Anita concorda em partir. Está cansada daquela vida monótona às portas de Montevidéu, à margem da sociedade. Irrita-a a pobreza em que vivem, não por si, mas por entender que o governo do país não dá suficiente atenção aos serviços de Garibaldi. Os seus sacrifícios no Rio Grande tinham um sentido para ela, porque lutando no Brasil batalhava Garibaldi por um ideal da sua pátria. Que fosse correr a sorte dos companheiros na Itália, nada mais justo, pois que ela própria sentia a obrigação de fazer-se útil, de qualquer maneira, à terra do marido. Mas o que não se compreendia é que houvessem de sofrer toda sorte de privações num país em que ambos eram estrangeiros e cujos dirigentes longe estavam de recompensar a dedicação dos seus servidores:

Como obter o dinheiro para a viagem? Repugna a Garibaldi recorrer ao governo. Prefere pedir auxílio aos amigos. Do Salto escreve a Cuneo, em julho de 1846, já um ano depois de terminada a revolução do Rio Grande: – "Decidi mandar a família para Nizza; e como se acha 'impecuniada', queria que tivesses a complacência de ajudá-la no desembolso de uma passagem, para o que dei à minha mulher uma recomendação para Lainé e Auseley". Era este último ministro inglês em Montevidéu.

Não deixaria Cuneo de tomar todas as providências para que a família do amigo pudesse embarcar decentemente. Ele mesmo tinha o máximo interesse em que Garibaldi interrompesse as suas atividades na América e fosse participar das lutas em prol da liberdade e da unificação da pátria. Considerava-o Cuneo quase uma conquista sua para a causa da redenção italiana.

Anos depois da partida de Garibaldi, o general Pacheco y Obes daria o seu testemunho sobre a inteireza de caráter e o romântico desprendimento do legionário: "Em 1843, o senhor Francisco de Angelis, um dos mais respeitáveis negociantes de Montevidéu, dirigindo-se ao Ministério da Guerra, fez-me saber que na casa de Garibaldi, do chefe da legião italiana, do comandante da frota nacional, do homem que diariamente expunha sua vida pela sorte de Montevidéu, não se acendia luz à noite, porque na ração de soldado, único recurso com que contava para viver, não estavam compreendidas as velas. Mandou o ministro pelo seu ajudante de campo cem patacões a Garibaldi. Este, recebido o dinheiro, devolveu a metade ao ajudante, pedindo-lhe que a levasse à viúva de um legionário, mais precisada do que ele desse auxílio."

E Auseley, por intermédio de Lorde John Russe, informaria ao *Foreign Office* com referência ao homem cujo nome começava a preocupar as chancelarias europeias: "Na minha qualidade de embaixador em Montevidéu, estive em relações com Garibaldi durante dois anos. Como comandante das forças militares da cidade, ele havia sido colocado pelo seu governo sob as ordens dos almirantes francês e inglês. Para pôr a frota uruguaia em condições de combate era preciso entregar a Garibaldi armas e munições ou os meios para adquiri-los. A venalidade e a corrupção eram de regra geral. Teria sido inoportuno confiar o emprego do dinheiro ao governo indígena. Encorajado pela reputação de Garibaldi, não só da sua bravura, mas ainda da sua honestidade, decidi-me a resolver tudo pessoalmente com ele... De cada prova a que eu o submetesse, a sua honorabilidade ressortia sem mácula, cada verificação comprovava seu ponderado juízo e a perspicácia dos seus conselhos. [....] Garibaldi tinha o hábito de ver-me todas as noites, sempre vestido do seu poncho, que ele jamais tirava durante as nossas entrevistas. Isto me parecia bizarro. Soube depois porque só me procurava à noite. É que ele não tinha dinheiro sequer para comprar

velas, e organizava as suas contas antes que o sol entrasse. E o poncho, não o tirava para esconder o miserável estado da sua roupa, pois carecia dos meios para adquirir trajes convenientes. O soldo e as rações do governo de Montevidéu não lhe eram entregues ou só lho eram em parte".

*

Meses mais tarde chegava a Montevidéu uma carta de Anita, escrita a Estefano Antonini. "Tenho o prazer de dar a V. S. a notícia da minha chegada a Gênova, depois de uma felicíssima viagem de cerca de dois meses. Fui muito festejada pelo povo genovês. Mais de três mil pessoas vieram sob as janelas da casa gritando: "Viva Garibaldi! Viva a família de Garibaldi!" E me deram uma bandeira com as cores italianas, dizendo que eu a entregasse ao meu marido logo que chegue à Itália, para que ele seja o primeiro a plantá-la no solo lombardo. Se soubesse como é querido e desejado Garibaldi por toda a Itália, e principalmente aqui em Gênova! A cada navio que entra de Montevidéu, penso que possa ser ele quem chegue. Se fosse, creio que as festas seriam sem fim. As coisas da Itália caminham bastante bem. Em Nápoles, na Toscana e no Piemonte foi promulgada a Constituição, e Roma dentro em pouco a terá também. A guarda nacional foi estabelecida por toda parte. Muitíssimos benefícios já obtiveram estes países. De Gênova e de todo o Estado foram expulsos os jesuítas e todos os seus familiares. Por toda parte, só se fala em unir a Itália mediante uma liga política e aduaneira e libertar os irmãos lombardos do domínio estrangeiro.

"Mil finezas recebi dos irmãos Antonini. Anteontem fui à Ópera, e ontem à noite à Comédia. Visitei os principais lugares da cidade e dos arredores, e amanhã parto no vapor para Nizza. Far-me-á o favor, caso meu marido ainda não tenha partido, de solicitá-lo a isso e dizer-lhe que os últimos acontecimentos na Itália devem induzi-lo a apressar a partida."

Cruzava-se a carta de Anita, em alto-mar, com a que lhe escrevera Garibaldi poucos meses antes da sua partida de Montevidéu: "Minha querida Anita, incidentes, antes desagradáveis, retardam a nossa viagem de alguns dias. Auzani foi atacado de sua moléstia de modo violento, Sacchi foi ferido em um joelho, e pouco faltou para que perdesse a perna: ambos, porém, estão melhorando e espero que não passemos o mês de março em Montevidéu. O navio que nos levará chamava-se *Bifronte* quando estava

sob a bandeira da Sardenha, e se chamará *Esperança* ao mudar a bandeira oriental. Esta carta te chegará em Nizza ou Gênova. E em qualquer lugar com minha Mãe. Tomarás conta da minha pobre velha, por amor de mim; far-lhe-ás esquecer as preocupações que a velhice lhe ocasione. Foi sempre tão boa minha Mãe! Se esta te encontrar em Nizza, desejo vivamente que te sintas contente. Desejo que gozes do belo cantinho de terra que me viu nascer; que te seja caro como a tem sido sempre ao meu coração. Conheces a minha idolatria pela Itália, e Nizza é certamente um dos mais esplêndidos lugares desta pátria tão infeliz e que eu mais amo. Ama-a tu também, minha Anita, e eu te agradecerei este amor. Quando passeares pelos lugares que me viram criança, lembra-te do companheiro de tuas dores que tanto te ama, e saúda-os em meu nome. Desejo que conheças meu irmão Felice, para que possas julgar, por ti mesma, que me resta ainda um irmão bom e digno de mim. Os meus parentes Gustavin e Garibaldi te acolheram bem, sem dúvida, como também meu irmão Pepino, Giaume e todos os meus outros amigos. Serei eternamente grato a todos pelo que a ti fizerem. Abraça por mim Menotti, Tita e Ricciotti e a minha cara Mãe, e tu, pensa no teu fiel – Garibaldi."

Eram sessenta e três os sobreviventes da legião italiana, que deixavam o serviço do Uruguai para voltar à pátria. "*Sessantatré lasciammo les sponde del Plata per recarci sulla terra italiana a combattere la guerra di redenzione*", o condenado à morte de 1834 voltava a Gênova, quatorze anos depois, como um herói de legenda, com o nome envolto numa aura de bravura que fascinava as multidões. "Sublevara repúblicas, abatera tiranias", diria Carducci, transportado em entusiasmo. "Quando os tempos foram plenos e Teseu se transformara em Hércules, a Itália o chamou de novo".

*

A península está outra vez em agitação. Pio IX foge de Roma. Carlos Alberto, vencido na batalha de Novara pelos austríacos, abdicara do trono do Piemonte em favor de seu filho Vítor Manuel. Lança-se Garibaldi de cheio na luta. Combate em Luino, onde Anita, a seu lado, maravilha os soldados pelas suas provas de heroísmo. Quando Garibaldi dirigia uma segunda carga à ponte, as balas dos austríacos, entrincheirados numa hospedaria, fazem cair a montaria da Anita. Ao meio da carga, a amazona galga

de um salto o cavalo de Garibaldi, que, deitando-a diante de si, de espada em punho abre caminho através dos inimigos.

Depois do armistício de Salasco, chega-lhe o convite do governo da Sicília para auxiliá-lo na defesa da independência daquela porção do reino de Nápoles. Em Livorno, porém, o entusiasmo da população o obriga a tomar o caminho da Toscana. Os acontecimentos de Roma decidem-no a oferecer os seus serviços àquele Estado. Rossi, o aliado de Pio IX, fora assassinado por um moço patriota. "*Un giovane romano avea ritrovato il ferro di Marco Bruto*". Mandaram-no a Macerata, onde era, pouco depois, eleito deputado. Levou Anita a Roma, que continuava a ser, nos seus sonhos, o eixo da redenção italiana.

Eleito presidente da República Luís Napoleão, sai o governo de Paris em defesa dos direitos temporais de Pio IX e manda à península um exército comandado por Oudinot. Garibaldi está na Cidade Eterna, à frente dos seus voluntários. O exército francês, forte de seis mil homens, é repelido. A França entra em entendimento com a República de Mazzini e envia a Roma, como seu plenipotenciário, um republicano de folha corrida, Ferdinando de Lesseps, que deveria trabalhar junto às autoridades do Estado sem se comprometer pelo reconhecimento oficial das novas instituições. Ao mesmo tempo que Lesseps se entendia com os triúnviros de Roma, forças napolitanas e austríacas invadiam o território do Estado. Uma ala do exército da Áustria marcha sobre a Toscana, toma Livorno de assalto, enquanto outra coluna penetra na Romanha, onde se apossa de Bolonha e de Ancona. Marcha Garibaldi primeiro contra os napolitanos comandados por Lanza, os quais dispersa perto de Pellestrino e nas vizinhanças de Velletri. Não agradam ao governo de Paris as negociações de Lesseps, que recebe a sua revocatória. Devia Oudinot apoderar-se de Roma a ferro e fogo, tão logo chegassem os reforços que se estavam aprestando.

Um dia, estava Garibaldi almoçando com os seus oficiais na Vila Spada, onde estabelecera o quartel-general, quando se abriu a porta e entrou Anita, que ele supunha em Nizza. Acompanhava-a um velho veterano, amigo de Garibaldi, o cavalheiro Felice Origoni. Por nada se resignara a permanecer afastada do marido. Queria, ao seu lado, compartilhar as emoções da luta.

Na noite do dia de São Pedro, os franceses acometem, pela porta de São Pancrácio, a terceira linha da defesa de Roma. Anita, que estava adoentada, manda, no momento de se iniciar a luta, um bilhete a Garibaldi: “Na hora da peleja, não penses em mim nem nos nossos filhos: não cuides senão da Itália!”

“Durante esse terrível combate”, conta Clemente Robert, mostrou Garibaldi a mais estoica bravura. “Estava em toda parte: aqui, à testa de um batalhão, para uma carga de baioneta; ali, reanimando os soldados que começavam a desanimar, sempre nos pontos mais perigosos”... inútil, porém, toda resistência.

Oudinot, à frente das suas tropas, entra na cidade. Dissolve-se o exército romano. Garibaldi, com a sua força de voluntários, marcha sobre o território toscano. Anita, em trajes masculinos, apesar de enferma, acompanha a retirada. A muitos dos mais entusiásticos companheiros do *condottiere* vai falecendo o ânimo para aquela fuga por terrenos inóspitos, infestados de inimigos. As deserções são diárias. Em Orvieto, as autoridades se opõem à entrada dos expecidionários. Anita e Garibaldi passam a noite sobre um monte de feno trazido por alguns soldados, e aí encontrou a valorosa mulher a origem, possivelmente, da febre tifóide que a levou à morte. Atingem, afinal, os sopés dos Apeninos. Ia começar a parte mais difícil da marcha. Os soldados não estavam preparados para suportar os frios das alturas, e os austríacos procuravam por todos os meios barrar-lhes o avanço. Vinha Anita à retaguarda do destacamento dos dragões, quando os surpreende um esquadrão de *hussards*. Estabelece-se o pânico. Tratam os soldados de salvar-se como podem. Anita, de chicote em punho, grita-lhes indignada:

“Covardes! Enquanto uma mulher se bate, vocês fogem!”

O coronel Hoffstetter relata nas suas reminiscências: “Anita, a heroica amazona, exemplo de indômito valor, que na manhã do mesmo dia se tinha assinalado na retaguarda, às voltas com o inimigo, e que dentro em pouco veremos sustando a onda de fugitivos ao aparecimento dos austríacos, naquela noite apareceu aos seus piedosos admiradores extremamente doente: o anjo da morte a havia tocado, mas a sublime heroína não se abateu; a grande alma lutou até os extremos, sem um minuto de

fraqueza, sem uma queixa pelo sacrifício da própria vida em favor da pátria do seu herói amado, a Itália, sua pátria de adoção."

Consegue Garibaldi, afinal, alcançar o território da República de San Marino. Os austríacos propõem-lhe a rendição, sob condições por ele reputadas inaceitáveis: a dispersão da coluna e a sua retirada imediata para a América do Sul. Garibaldi convoca os oficiais para novos sacrifícios, que provavelmente os conduzirão à morte ou ao exílio.

Esforçava-se por deixar Anita sob as vistas de amigos, na repubbliqueta montanhesa. Ela, porém, se opõe. "Queres deixar-me?", pergunta. E Garibaldi, no auge do desespero, concorda em que ela o acompanhe. Simoncini, o cafeteiro que os hospedara em San Marino, conta: "Anita, na ocasião de despedir-se, quis repetidamente beijar minha mulher e minha filhinha. Parecia que não pudesse separar-se delas. À minha mulher ela disse: 'Esposa, agora não tenho meios para recompensar-vos, mas sempre me lembrarei dos favores que de vós recebi.' E partiu."

Inicia-se aí o seu calvário. A febre não a abandona mais. Sai a expedição rumo de Veneza. Os austríacos lhe vão no encalço. Num trecho de costa, paludoso e coberto de canaviais, conseguem esconder-se os retirantes. Toma Garibaldi em seus braços Anita; e guiado por um lavrador, atravessa os charcos em demanda de uma cabana abandonada, onde a deposita sobre um leito improvisado de palhas e caniços. O romance de amor de Anita se aproxima do fim. Nos seus delírios, ela se revê ao lado do herói, nas peripécias da Laguna. Tirita de frio. E quando abre os olhos é para suplicar ao companheiro lhe mitigue a sede que a abrasa. Pela manhã, surge no lugar, à procura de ambos, um amigo fiel, conhecedor das redondezas. Dispõe-se o transporte da enferma para a fazenda do marquês de Guiccioli, em San Alberto. Lá estaria, à espera dela, um médico, o dr. Nanini. Quando o facultativo pôde examiná-la, nada mais havia a fazer. Anita agonizava.

Primo Gironi, recolhidos os depoimentos das testemunhas, reconstitui a cena: "Com Garibaldi, no quarto fúnebre, estavam Leggiero, os irmãos Gaspare e Geremia Baldini com Angelo Basini, os quais, naquele dia, se encontravam nas proximidades da feitoria, a caçar. Garibaldi, ajoelhado, chorava convulsamente, segura entre as suas uma das mãos de Anita.

– Não, não, não está morta! Exclamava... É com certeza um novo desfalecimento. Tem sofrido tanto a pobre Anita! Voltará a si, não está morta, lhe digo! É impossível!... Olha-me Anita!... Fala!...

O desespero de Garibaldi tocava ao delírio. À força, foi arrancado de junto dos míseros despojos, depois de os haver coberto de beijos.

– Pelos teus filhos! Pela Itália! – lhe sussurrou Leggiero.

– Sufoco – disse, levando as mãos à garganta. – Dai-me um pouco d'água!

Bebeu. Ergueu os olhos ao céu, baixou-os sobre Anita e afastou-se, em soluços. Todos o seguiram. Embaixo, perguntou quem eram e o que queriam dois recém-chegados. Apresentaram-lhe Fabri e Vitali, os quais lhe expuseram a missão que traziam. Pediu Fabri que ele abandonasse aquele local, por demais perigoso à sua segurança.

– Estou resignado a tudo – respondeu-lhe. – Antes, porém, quero dar sepultura à minha Anita.

– Impossível! – Respondeu-lhe mais de uma vez.

– Impossível? Não! – Repetiu Garibaldi. Ide a Ravena e em meu nome falai com Antonio Cameraní e com o major Montanari. E lá tratai do funeral que merece esta santa mulher.

– Mas, perdoe-me, general, interveio Gaspar Baldini. Se fizermos isso, correremos risco, o senhor e nós, de encontrar inúmeros perigos, com o único resultado de não podermos realizar o almejado...

Tornou-se pensativo Garibaldi, e não insistiu.

Pegou uma lâmpada e subiu ao quarto mortuário. Longamente, convulsamente, chorou, a sua face encostada à de Anita. Beijou-Ihe as pálpebras. Alisou-lhe os cabelos sobre as têmporas. "*Io piansi amaramente la perdita della mia Anita, di quella che mi fu compagna inseparabile, nelle piú avventurose circostanze della mia vita*"!

Enfrenta Garibaldi aqui o maior dilema moral da sua vida: Anita, o amor da mulher que tudo abandonou por ele, ou a causa da Itália, pela qual ele sacrificaria tudo. Rápidos instantes dura a hesitação. Vence o sentido político do seu destino, que modifica as mais íntimas manifestações da sua afetividade. O semideus das batalhas, o gigante dos cenários públicos, é um pigmeu ao lado de Anita, a santa do amor, a heroína da abnegação.

Pobre Anita! Nem sepultura cristã lhe pôde dar o companheiro. Entregue o cadáver ao cuidado dos amigos que ficavam no lugar, presas

do medo das autoridades austríacas, enterram-na à flor da terra, quase às escondidas, sem as formalidades da lei. Nem depois da morte, encontrava condigno descanso o corpo da que nascera para sofrer pelo muito que soubera amar. Depois da dolorosa profanação presente, a glorificação do futuro:

"Aqui, onde jazeu, ocultamente sepultado, o corpo de Anita Garibaldi, de 4 a 10 de agosto de 1849, quis o município de Ravena erigir este marco, em sinal de que esta landa deve ser considerada sacra nos fastos do pátrio ressurgimento".

*

E Garibaldi segue o seu destino. Novamente, o exílio: Gibraltar, Tânger, Nova Vork, América Central, a costa do Pacífico, Lima. Depois, outra vez, o regresso à pátria. Novas lutas, novos triunfos, novos desenganos. Por fim, a glória em vida, tão grande como não a conheceu igual, talvez, nenhum outro homem do seu tempo.

A projeção dinástica de Vítor Emanuel e a capacidade diplomático de Cavour encontram nele um maravilhoso instrumento para a grande aventura, que é a unificação da raça. Na figura do aventureiro genial, vê o povo refletida a sua própria imagem. Ele é a síntese do romantismo político do seu tempo. A sua aliança com a casa de Savoia dá ao seu destino o caráter nacional que se afirma na constituição da Itália moderna. Confia-lhe Cavour o comando geral dos caçadores dos Alpes na guerra contra os austríacos. Garibaldi, que nunca despe, em campanha, o seu poncho-pala confeccionado pelos modelos do Rio Grande, conduz as tropas da Sardenha de vitória em vitória. De Varese a San Fermo, daí a Como, a Lecco, a Bérgamo. Ontem ainda em Bréscia, hoje entra em Santa Eufêmia, três dias depois combaterá os austríacos em Castanédolo. Sobrevém o armistício de Vilafranca, em que o imperador dos franceses pactua a paz à revelia dos seus aliados do Piemonte. Cavour delira de indignação. Ainda dessa vez, a casa de Savoia terá de conformar-se com uma situação secundária nas discussões dos gabinetes europeus. Nas negociações de paz, o Piemonte cede a cidade de Nizza aos franceses. Agora, quem ruge de cólera é Garibaldi. Eleito deputado, investe contra Cavour: "Era bem natural que ao filho, tornado adulto, a pátria vendesse o berço." Cavour, porém, não quer

entrar em polêmicas com ele. Conhece a capacidade de renúncia daquele homem em face do sonho da unificação italiana e manda-lhe um lacônico bilhete: – "Garibaldi, Nizza ou a Sicília? – Cavour". Garibaldi compreende e espera a grande hora.

Ela chega, por fim. No silêncio da noite, dois vapores, o *Piemonte* e o *Lombardo*, deixam o ancoradouro de Gênova. Fora do porto, os navios se detêm. De bordo de uma chalupa, seguro às cordas que lhe atiram, sobe Garibaldi a bordo do *Piemonte*. Veste, como sempre, o seu poncho-pala, usa-o como um ator usa os seus "travestis": – "o poncho era a indumentária da sua popularidade". Nas praias de Quarto, embarcam os expedicionários.

"Quando salpó da Quarto, era la sera,
sera di maggio con ridere di stelle",

Como se lê no poema d'annunziano.

São os "Mil", que vão, com a conquista da Sicília, construir a unidade italiana. De Quarto seguem a Talamane, de Talamane a Marsala, onde se opera o desembarque. O reino de Nápoles treme de pavor. A corte de Piemonte, o reino amigo, de nada sabe... Cavour é uma esfinge. A ilha toda se inflama pela causa da redenção nacional. Proclama-se a "guerra santa", pela Itália e por Vítor Emanuel. Dias após, do quartel de Salimi, lança Garibaldi a sua proclamação: – "A convite dos notáveis, assumo em nome do Rei Vítor Emanuel II a ditadura na Sicília." Depois, marcha de triunfo em triunfo: Calatafimi, Galibrassa, Palermo, Milano. "Aqui criaremos a Itália ou morreremos." Atravessa o estreito de Messina e avança sobre Nápoles, entra em Reggio de Calábria. O rei Fernando foge para Gaeta. Entra o conquistador trinfalmente em Nápoles. Destroça os últimos bourbônicos em Cápua, enquanto o rei da Sardenha desce ao seu encontro pelos Abruzzos. Encontram-se na estrada de Caianelo, perto de Teano. Desfilam os batalhões das tropas sardas. Rufam os tambores. As bandas dos regimentos executam a marcha real. Distancia-se Garibaldi dos camisas-vermelhas em direção ao soberano.

– Eu saúdo o rei da ltália! – diz, ao aproximar-se de Vítor Emanuel.

– Eu saúdo o maior dos italianos, – responde o rei *galantuomo,* estendendo-lhe a mão.

Os camponeses, em torno, gritam, agitando os chapéus:

– Viva Garibaldi!

Esforça-se o *condottiere* por que o povo aplauda a Vítor Emanuel.

– Viva o rei da Itália! Viva o nosso rei!

Mas o povo não lhe compreende a intenção e continua nas suas aclamações:

– Viva Garibaldi! Viva Garibaldi!

Põe-se a tropa em marcha. Ao lado do rei cavalga o antigo condenado à morte pelas autoridades de Gênova, em nome de Carlos Alberto, pai do soberano atual, a quem entrega, em retribuição, o Reino das Duas Sicílias. Só tem uma preocupação o conquistador: apagar-se, desaparecer, ceder a Vitor Emanuel o cenário todo. No seu manifesto – "A Itália e Vitor Emanuel!", – afirma: – Os italianos não devem afastar-se deste programa: Vítor Emanuel é o único indispensável na Itália, aquele em torno de quem se devem unir todos os homens que tenham amor à nossa península. Eu não cuido de saber se o ministro se chama Cavour ou Gattaneo. Que Deus me ouça. O que devem desejar todos os italianos é que no dia 1º de março de 1861 se encontre Vítor Emanuel à frente de cinquenta mil soldados!

Apenas uma graça tem a pedir ao rei: que deixe marchar a sua coluna na vanguarda das tropas, ao encontro do inimigo. Mas Vítor Emanuel lhe responde que os camisas-vermelhas já cumpriram o seu dever e merecem descanso. Ele próprio vai comandar a divisão que suportará o primeiro choque. Sente Garibaldi já não ser necessária sua presença no teatro dos acontecimentos. Cumpriu a sua missão. E novo Cincinato, vai com algumas bolsas de sementes instalar-se em Caprera. D'Annunzio cantará a cena em versos imortais:

"Donato il regno al sopragiunto re,
ora sen torna al sasso di Caprera
il Dittatore. Fece quel che poté.
E seco porta un sacco di semente."

Longe do mundo, cansado dos homens, toda a sua vida de aventuras lhe desfila na lembrança. Retumba seu renome por todos os quadrantes da pátria. Cavour será o primeiro a proclamar-lhe a benemerência:

"Os serviços que Garibaldi prestou à Itália são os maiores que um homem poderia prestar. Ele soube dar aos italianos confiança em si mesmos. Garibaldi dispõe de grande poder moral, e ele exerce enorme prestígio, não só na Itália, mas em toda a Europa."

"Como a Napoleão depois de Marengo, também a Garibaldi depois de Marsala, diz Guerzoni, "fez a complacente musa da Heráldica surgir do solo uma árvore genealógica perfeita, cujas raízes se perdem na profundeza das idades longobardas." Afirma-se com absoluta convicção que o nome dos seus antepassados foi *Gar de Bald* e que sua família procede em linha direta do famoso Garibaldo, duque de Turim.

De todos os pontos da Europa acorrem forasteiros a Caprera. Querem ver de perto o homem mais popular do século. O duque de Sutherland chega a ilha no seu *yacht*. Vai apresentar a duquesa ao seu amigo Garibaldi. Mas quando atinge a casinhola do asceta da glória, a *casa bianca* construída pelas suas próprias mãos, dá com ela vazia. Examina a duquesa o mobiliário daquele interior paupérrimo: uma cama, um armário com livros, quatro cadeiras, uma poltrona.

– Quer ver Garibaldi?, pergunta-lhe o duque. – Ali está.

Recorre a duquesa ao binóculo, e vê ao longe, sentado sobre uma rocha, o semideus da guerra, ocupado em pregar botões em um par de velhas pantalonas.

– Esta casa vale mais do que todos os palácios do mundo! – diz, emocionada, a duquesa de Sutherland.

As grandes vozes da Itália romântica, Manzoni entre eles, celebram o herói como o autêntico autor do *fiat* que produziu a unidade da pátria. Não só os poetas da Itália cantam a grandeza moral do solitário de Caprera. Alexandre Dumas é em Paris a tuba na sua fama. Abandonando todos os seus projetos literários, o criador dos *Três Mosqueteiros* corre à península para viver ao lado do feiticeiro das multidões. "*Tout est improvisé, tout est inédit et n'a jamais été encore. La force primitive de Garibaldi suit toujours des sentiers inconnus et il élabore sans cesse de nouveaux plans.*" Também Tennyson vai visitá-lo. Hugo, mais tarde, espera a sua visita em Guernesey. E o melhor alojamento da casa, o apartamento dos hóspedes de categoria passa a chamar-se então "o quarto de Garibaldi", embora o herói nunca houvesse podido realizar a visita.

George Sand, falando por todas as mulheres da Europa, traça-lhe o perfil em linhas apaixonadas: "Garibaldi não se assemelha a ninguém, e há

na sua pessoa um mistério que força a meditar. O semblante, nele, fascina mais pela nobreza e serenidade que pela formosura das linhas. Garibaldi é, em verdade, o homem que nasceu para o comando... Como chefe, representa algo de sobrenatural e de religioso, que não sofre confronto na história das tropas regulares; é um dos mais estranhos episódios do tempo em que vivemos, no qual a guerra é dirigida por via de cálculos sábios e por meio de severa disciplina. Homens de tal feitio representam não tanto uma ideia particular, quanto um sentimento geral. Neles se encarna a alma de uma nação inteira: neste herói se consubstancia a Itália rediviva, com todo o seu doloroso passado, os seus dramas angustiados, a sua tácita paciência, o seu gênio de exuberante ação, mormente com aquele seu ódio ao jugo estrangeiro, que nele impõe silêncio às vãs soberbias, às discórdias funestas, quando bate a hora do ser ou não ser." Aquele aventureiro representa para as mais altas consciências liberais do mundo "a concepção revolucionária da vida civil"; os poetas divisam nele "a aspiração a uma justiça do povo capaz de tornar melhores os destinos dos homens e das nações".

Um jornalista que o circunspecto *Times* manda à península esquece-se dos seus deveres de neutralidade e veste a camisa vermelha. Garibaldi é um dominador de consciências. Oferece-lhe Abraham Lincoln um posto de general do exército norte-americano. Gladstone convida-o para ir vê-lo em Londres. E se os homens tanto o requestam, como resistiriam as mulheres ao encanto da sua presença? A bela Mrs. Roberts, Esperanza von Schwartz que se chama literariamente Elpis Melena, a condessa Tattini, a jovem marquesinha Giuseppa Raimondi ocupam-lhe a atenção nesses dias de febre e de glória. Diz-se que Garibaldi, enamorado da glória, se irrita e enfastia, quando parece que lhe vão faltar as homenagens dos poderosos. Mas quando o rei quer distingui-lo com os brasões de príncipe de Calatafimi, sorri discretamente e recusa.

Viverá esse homem, até os últimos momentos, como um pedaço vivo da natureza, como uma chama romântica pelo bem e pelo justo. Palmerston é, ainda nas alturas de 1860, um dos homens mais poderosos da Europa. Foi vê-lo Garibaldi, por ocasião de uma visita a Londres. Falam sobre a situação de Veneza. O premier inglês é de aviso que a questão veneziana deva ser confiada ao tempo e resolvida pela diplomacia. Interrompe-o bruscamente o visitante:

Retrato de Garibaldi. Reproduzido de Garibaldi l'Album Fotografico *de W. Settimelli, Florença, Alinari, 1982, p. 36.*

– Que estais dizendo? Nunca é cedo para os escravos despedaçarem as suas cadeias!

E saiu subitamente, deixando estarrecido o sutilíssimo homem de Estado.

Todos os seus gestos são observados, interpretadas as suas atitudes, as suas maneiras imitadas na vida real, copiadas na literatura. Os pintores mais célebres do tempo buscam fixá-lo nas suas telas. Em verdade, a expressão heroica do século XIX seria incomparavelmente menor sem a figura de Garibaldi, e o romantismo não teria sentido no terreno político sem os ciclos de aventuras do herói da sua época. Quando a Europa mergulhava no racionalismo e buscava a plenitude da felicidade nas conquistas materiais da civilização, dois homens solitários, presos a dois rochedos perdidos no mar, souberam dar ao século a medida da sua grandeza espiritual: Hugo e Garibaldi, o verbo e a ação.

Mas, quanto mais a Europa o admira e a Itália lhe reclama a presença, mais o herói se afasta do convívio dos homens para viver de novo, na magia da recordação, o maravilhoso romance da sua existência.

Não se consolará, até o último momento, de que tropas estrangeiras ainda pisem o solo da Itália. E lembrará, como exortação ao valor dos seus compatriotas, os exemplos do Rio Grande: "Os gaúchos rio-grandenses eram homens habituados a todas as privações, e nunca de uma só boca ouvi lamentações dos moribundos de fome e de sede; ao contrário, mesmo em tão dolorosa situação, desejavam combater. Oh! italianos! No dia em que fordes unidos e sóbrios, pacientes nas fadigas e privações como os gaúchos rio-grandenses, o estrangeiro, estai seguros, não pisará mais a vossa terra, não mais poluirá o vosso lar. Nesse dia, italianos, terá a Itália reconquistado com brilho o seu lugar na frente das nações do Universo."

Conheceu, nas suas campanhas, dezenas e dezenas de cabos de guerra, mas o único perfil de guerreiro que ele retraça com alma é o de Bento Gonçalves. O seu estilo atinge, nessa página, um vigor sem igual nas *Memórias*. "Era Bento Gonçalves um verdadeiro cavaleiro errante, do ciclo de Carlos Magno, irmão pelo coração dos Oliveiros e dos Rolandos, vigoroso, ágil, leal como eles; perfeito centauro, manejando o cavalo como só o vi fazer o general Neto, modelo consumado de cavaleiro. Estive alguns dias em sua intimidade, nas margens do São Gonçalo. Era integralmente

o filho dileto da Natureza, que lhe havia dado tudo quanto constitui um perfeito herói. Quando o conheci, parecia atingir os seus sessenta anos. Alto, esbelto, cavalgava com uma graça e facilidade admiráveis. Montado, dir-se-ia ter vinte e cinco anos apenas. Bravo e feliz como um cavaleiro de Ariosto, não hesitaria um instante em combater um gigante, tivesse ele a estatura de Polifemo ou a armadura de Ferragus. Fora dos primeiros a dar o grito de guerra, não com um fim de ambição pessoal, mas como simples filho desse povo belicoso. Sua vida em campanha assemelhava-se à do último dos seus concidadãos. Com tantos dons, coisa estranha! Foi quase sempre infeliz nas empresas de guerra; o que me faz acreditar que o acaso valha muito mais que o gênio na fortuna dos heróis."

Quando discute com Mazzini as possibilidades da retirada de Roma, a sua convicção é inabalável. Expedições mais perigosas do que aquela pelos Apeninos havia, e muitas, na história das operações militares. Deixaria de mencionar tantas outras, para só lembrar a que ele mesmo conhecera, no Rio Grande do Sul. "*Una, ho testimoniata io, nella Republica del Rio Grande*". E quando dizia Rio Grande, que ninguém contrariasse. A cavalaria "daquele país" era "a melhor do mundo". "Eu vi batalhas mais disputadas – escreveu – mas nunca vi em nenhuma parte homens mais valentes nem cavaleiros mais brilhantes que os da cavalaria rio-grandense, em cujas fileiras comecei a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das gentes."

Tudo quanto se passava ao seu derredor na Europa parecia-lhe de pouco valor ao lado das provas de constância na luta, que observara entre os farrapos. "Não tenho escrito semelhantes prodígios pela carência de habilitações", dizia em carta a Domingos José de Almeida, o seu leal e inesquecível amigo, o companheiro do seu idolatrado Rossetti. "Mas aos meus companheiros de armas tenho memorado, mais de uma vez, tanta bravura nos combates quanto generosidade na vitória, tanta hospitalidade quanto afago aos estrangeiros, e a emoção que minha alma, então ainda jovem, sentia na majestosa presença das vossas florestas, da formosura das vossas campinas, dos viris e cavalheirescos exercícios da vossa juventude corajosa. E repassando na memória as vicissitudes de minha vida no vosso meio em seis anos de ativíssima guerra, de constante prática de ações magnânimas, como em delírio, exclamo: Onde estão agora esses belicosos

filhos do Continente, tão majestosamente terríveis nos combates? Onde Bento Gonçalves, Neto, Canabarro, Teixeira e tantos valorosos que não lembro? Que o Rio Grande ateste com uma modesta lápide o sítio em que descansam os seus ossos; e que vossas belíssimas patrícias cubram de flores esses santuários das vossas glórias!"

Ao tempo em que a Europa inteira olhava, deslumbrada, para o último dos românticos ainda sobreviventes, para uma das mais altas expressões do idealismo político do século, escrevia Garibaldi a Almeida: "Quando penso no Rio Grande, nessa bela província, quando recordo o acolhimento com que fui recebido no grêmio de suas famílias, onde fui considerado como filho; quando me lembro das minhas campanhas entre os vossos concidadãos e dos sublimes exemplos de patriotismo e abnegação que deles recebi, sinto-me verdadeiramente comovido. E este passado da minha vida se imprime na minha memória como alguma coisa de sobrenatural, de mágico, de verdadeiramente romântico!"

*

Ao tempo em que a Europa celebra em Garibaldi a mais alta figura romântica do século, o herói, com os olhos deslumbrados sobre o passado, revê no Rio Grande o mais espontâneo, o mais verdadeiro panorama romântico do mundo.

. . . .

Bibliografia

Garibaldi – *Memorie Autobiografiche*, Edizione diplomatica dall autografo definitivo, a cura di Ernesto Nathan.

Alexandre Dumas – *As memórias de José Garibaldi*, traduzidas so original manuscrito, publicação do *Diário de Notícias*, de Porto Alegre.

Giuseppe Guerzoni – *Garibaldi*, con documenti editi e inediti, piante topografiche

ed un fac-simile.

Luigi Palomba – *Vita de Giuseppe Garibaldi*.

Paul Frischauer – *Garibaldi*, traduit de I'allemand por S. Stetting-Michaud.

Enrico Corradini – *A formação da epopeia garibaldina*, conferência no Instituto Nacional de Música, publicação do *Jornal do Comércio*.

Gabriele d'Annunzio – *Canzone di Garibaldi*.

Carducci – *Ode a Giuseppe Garibaldi*.

Giovanni Marradi – *Rhapsodias Garibaldinas*.

Giacomo Emilio Curatulo – *Giuseppe Garibaldi, Lettere ad Anita e ad altre donne*.

L. von Alvensieben – *Garibaldi, seine Jugend, sein Leben, seine Abentheuer und seine Kriegstaten*.

Capellotti – *Garibaldi a Rio de Janeiro*.

Feraboli – *ll primo exilio di Garibaldi in America*.

Giuseppe Mazzini – *La Legione Italiana in Montevidéu*.

Pereda – *Garibaldi en el Uruguay*.

G. M. Treveyland – *Garibaldi in South America*.

Walter Spalding – "Cartas de amor de Garibaldi", in *Revista do Globo*.

José Enrique Rodó – "Garibaldi", in *El mirador de Próspero*.

Anita Garibaldi – "Garibaldi" *na America*.

Batista Pereira – "O Rio Grande dos Farrapos e Garibaldi", in ''Vultos e Episódios do Brasil".

Anibal Matos – *Garibaldi,* discurso.

Fernando Luís Osório – *A flama garibaldina*, conferência.

Eduardo Duarte – "Garibaldi, Rossetti e Zambeccari", in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*.

Mario Carli – *Cincoentenário da morte de José Garibaldi*.

Cesar Cantú – *História Universal*.

Guilherme Oncken – *História Universal*.

René Fulop-Miller – *Os grandes sonhos da humanidade*.

Rocha Pombo – *História do Brasil*.

Carlos Canepa – *História Argentina*.

Eduardo Acevedo – *Anales Históricos del Uruguay. Manual de História Uruguaya, desde el coloniaje*.

Juan G. Beltrán – *Historia del Brasil*.

A. Savelli – *Histoire d'Italie, de l'empire Romain jusju'à nos jours*.

A. Díaz – *Historia política y militar de las repúblicas del Plata*.

Felisbelo Freire – *História Constitucional da República*

Luís Edmundo – *No tempo dos vice-reis*.

Melo Leitão – *Visitantes do Primeiro Império*.

Gilberto Freire – *Sobrados e Mocambos*.

Fernando Denis – *O Brasil*.

Eduardo Theodor Boesche – *Wechselbilder von Land und Seeseisen*.

C. Schlichthorst – *Rio de Janeiro wie es isto*

J. B, Debret – *Voyage pittoresque et historique au Brésil*.

Manuel A. de Almeida – *Memórias de um sargento de milícias*.

Pandiá Calógeras – *Da Regência à queda de Rosas*.

Otávio Tarquínio de Sousa – *Bernardo Pereira de Vasconcelos e o seu tempo*.

Osvaldo Orico – *Feijó. Evaristo da Veiga e sua época*.

Craveiro da Costa – *O visconde de Sinimbu*.

Pedro Calmon – *Formação sociológica do Brasil*.

Manuel Bonfim – *O Brasil*.

A. J. de Sampaio – *Fitogeografia do Brasil*.

Augusto de Saint-Hilaire – *Viagem ao Rio Grande do Sul* (1820-21). Tradução de Leonam de Azevedo Pena.

Nicolau Dreys – *Notícia descritiva da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, com um esboço crítico por Alfredo F. Rodrigues.

Arsène Isabelle – *Voyage a Buenos Aires et à Porto Alegre*.

Visconde de S. Leopoldo – *Anais da Província de S. Pedro*.

Alcides Lima – *História popular do Rio Grande do Sul*.

Carlos Teschauer, S. J. – *Poranduba Rio-grandense*.

João Pinto da Silva – *A província de S. Pedro*.

Oliveira Viana – *Populações meridionais do Brasil*.

Otávio Augusto de Faria – *Diccionário geográfico, histórico e estatístico do Rio Grande do Sul*.

Jônatas da Costa Monteiro – *A Colônia do Sacramento*.

Felix Contreiras Rodrigues – *Formação social e psicológica do gaúcho brasileiro*, in *Anais do primeiro Congresso de História e Geografia Sul-riograndense*, vol. I.

Manuel E. Fernandes Bastos – *A estrada da Laguna ao Rio Grande*, in *Anais so Segundo Congresso de História e Geografia Sul-riograndense*, vol. I.

P. Geraldo José Pauwels – "O trecho duvidoso dos limites entre os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina", in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Ano IX, I e II Trimestres.

J. Simões Lopes Neto – *Lendas do Sul*.

Antônio Stenzel Filho – *A vila da Serra* (*Conceição do Arroio*). Sua descrição física e histórica. Usos e costumes até 1872.

Fernando Luís Osório – *Sociogênese da pampa brasileira*. Concepção e trato dos estudos rio-grandenses. A orientação do povo gaúcho.

Coronel Álvaro de Alencastre – *O regionalismo no Rio Grande do Sul*.

Aurélio Porto – *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*.

Aquiles Porto Alegre – *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*.

Tristão de Alencar Araripe – *Guerra civil do Rio Grande do Sul. Memória acompanhada de documentos*.

Alfredo Varela – *História da Grande Revolução*.

Assis Brasil – *História da República Rio-grandense*.

Alfredo Ferreira Rodrigues – *A Revolução e a República. Perfil Biográfico de Domingos de Almeida*.

Fernando Luís Osório (Pai) – *A guerra dos Farrapos*.

João Maia – *Histórìa do Rio Grande do Sul. Formação do Rio Grande do Sul. Resenha histórica*, in *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia Sul-riograndense*, vol. I.

Fernando Luís Osório – *A ação e os propósitos orgânicos dos farrapos*, in *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia Sul-riograndense,* vol. II. *A religiosidade e o sacerdócio dos Farrapos*, ibidem, vol. I. *A graça e o lirismo heroico dos Farrapos*. A ação militar de *João Manuel e o plano republicano de 1863*, ibidem, vol. II.

D. Henriqueta Galeno – *A Revolução Farroupilha. Suas causas sociais, políticas e econômicas*, in *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia Sul-riograndense*, vol. II.

Castilhos Goycochea – *A revolução farroupilha. Causas políticas e econômicas*, in *Anais do Primeiro Congresso de História Sul-riograndense*, vol. II.

De Paranhos Antunes – *Os partidos políticos do Rio Grande do Sul*, in *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia Sul-riograndense*, vol. II.

Celso Schoroeder – *Efemérides da Revolução Rio-grandense de 1835-1845*, in *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia Sul-riograndense*, vol. II.

Walter Spalding – “O Decênio Farrapo”, in *Revista do Globo*,

Félix Contreiras Rodrigues – *O fenômeno econômico na Revolução dos Farrapos*, in *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia Sul-riograndense*, vol. III,

Firmino Ramos Soares – *A educação primária na República Farroupilha*, ibidem, vol. III.

Florêncio C. de Abreu e Silva – *Recursos financeiros de República de Piratini*, ibidem, vol. III. *A Constituinte e o projeto de Constituição da República Riograndense*.

De Paranho Antunes – *A maior vitória dos Farrapos*, in *Revista do Globo*.
Alfredo Ferreira Rodrigues – Arquivo recolhido ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Joaquim Gonçalves da Silva – "Recordações históricas, Evasão do general Bento Gonçalves da Silva", in *Alamanaque Popular de Alfredo Ferreira Rodrigues*,

Lucas Alexandre Boiteux – "A Marinha Imperial na Revolução Farroupilha". *A Tática nas campanhas navais nacionais*.

Washington Perci de Almeida – *A Ação da Marinha Imperial na guerra dos Farrapo*".

Henrique Boiteux – *A República Catarinense*. (Notas para a sua história)". *Anita Garibaldi*.

Marechal Leite de Castro – *Anita Garibaldi*.

Fernando Callage – *A Revolução dos Farrapos*.

H. Canabarro Reichardt – *Davi Canabarro*.

Otelo Rosa – *Os amores de Canabarro. Vultos da epopeia farroupilha*.

Clemenciano Barnasque - *Efemérides Riograndenses*.

Coleção do *O Povo* (1838-1840).

Coleção do *O Mensageiro* (1835-1836).

Coleção do *O Americano* (1842-1843).

Coleção da *Estrela do Sul* (1843).

"Apontamentos escriptos pelo Coronel João Luís Gomes sobre a Revolução Farroupilha" in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*.

"Apontamentos para a História da Revolução de 1835-1845 Registro do Tesouro da República". *Ibidem*.

"Registro da correspondência officíal do presidente Antônio Rodrigues Fenandes Braga, desde 18 de setembro até 23 de outubro de 1835". *Ibidem*.

Saturnino de Sousa Oliveira – *Bosquejo histórico e documentado das operações militares na Província do Rio Grande do Sul. As operações do Passo Fundo descritas pelo atual presidente do R. G. do Sul*,

Carlos von Koseritz – *A República Rio-grandense e o livro do Sr. Conselheiro Araripe*. (Artigos editoriais da *Gazeta de Porto Alegre*.)

Dr. João Rodrigues Fagundes – *Diário dos negócios públicos em geral da província do Rio Grande do Sul*.

Sousa Docca – *O sentido brasileiro da Revolução Farroupilha*.

Rodrigo Otávio Filho – *O panorama político da Revolução* dos *Farrapos*.

Vicente Antônio Foutoura - *Diário*.

Anais do Itamarati, acompanhados de notas do Sr. Aurélio Porto, vol. I e II.

. . . .

NOTÍCIA BIOBIBLIOGRÁFICA DE LINDOLFO COLLOR

Lindolfo Boeckel Collor nasceu em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em 1889. Mudando-se, ainda moço, para o Rio de Janeiro, nesta cidade começou a trabalhar como jornalista, inicialmente como redator do *Jornal do Comércio* e, a partir de 1919, como diretor de *A Tribuna*.

Em 1921 foi convidado, devido a suas ligações com Borges de Medeiros, a dirigir *A Federação*, órgão oficial do Partido Republicano Rio-Grandense. Nesse jornal escreveu, em 1922, o célebre artigo "Pela Ordem", contra o levante de 5 de julho. Elegeu-se deputado à Assembleia Legislativa de seu Estado, e em 1923 foi eleito deputado federal. Integrou, na Câmara, a Comissão de Finanças, e presidiu durante muitos anos a Comissão de Diplomacia daquela Casa do Congresso. Participou de várias conferências internacionais, entre elas a Conferência Interamericana de Havana, em 1928.

Teve papel destacado na Convenção que criou a Aliança Liberal, tendo redigido seu Manifesto. Foi um dos mais ativos articuladores da Revolução de 1930.

Uma vez instalado o Governo Provisório, foi o primeiro titular do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, criado por sugestão sua. Demitiu-se do cargo, menos de dois anos depois, passando a liderar a corrente que exigia a instauração de um regime constitucional. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932, lutando no interior do Rio Grande do Sul com uma das colunas revolucionárias ali formadas.

Derrotado esse movimento, exilou-se na Argentina, só retornando ao Brasil ao ser convocada a Assembleia Constituinte. Foi secretário de Finanças do governo Flores da Cunha, participando, desde sua criação, da União Democrática Brasileira e apoiando a candidatura de Armando Sales de Oliveira à presidência da República.

Uma vez decretado o Estado Novo, foi várias vezes preso até ser deportado para a Europa, de onde voltou para o Brasil em 1942, já muito

doente. Mais uma vez detido, só foi solto poucas semanas antes de morrer, tendo falecido nesse mesmo ano, no Rio de Janeiro.

Durante sua vida colaborou regularmente em jornais brasileiros e estrangeiros. Publicou: *Sinal dos Tempos, O Brasil e a Liga das Nações. O Convênio e Montevidéu, Europa 1939 e Garibaldi* e *a Guerra dos Farrapos*. Deixou inédito um ensaio sobre a vida e a obra de Camilo Castelo Branco.

. . . .

Índice onomástico

B

C

D

E

F

G

H

I

J

K

L

M

N

O

S

W

X

Z

"A última reedição da obra *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos* está prestes a completar três décadas, datada de 1989, quando se aproximava o centenário de nascimento de Lindolfo Collor. É hora de preencher esta lacuna para conhecer melhor o passado. Voltamos às suas páginas como forma de valorizar a história, não só do revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi, figura essencial na propagação do mito do gaúcho, mas também como uma homenagem à memória do meu avô materno, jornalista, que tanto dignificou a vida política e cultural do Rio Grande do Sul e do Brasil."

Fernando Collor

9 788570 187529

Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

VOLUME 18

Os segredos do Jarau

A coleção Varela ~ documentos sobre a

Revolução Farroupilha

~ 1835/1845 ~

GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
CORAGEM PARA FAZER
SECRETARIA DA CULTURA

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria de Estado da Cultura
Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul
VOLUME 18

Os segredos do Jarau

A coleção Varela ~
documentos sobre a
Revolução Farroupilha
~ 1835/1845 ~

ediPUCRS

AHRS
Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

Porto Alegre
2009

Coleção Varela, 18

Capa:
Vinícius Xavier
(Foto: Bento Manoel Ribeiro – AHRS, Iconografia, P. 021B número 100)

Editoração:
Supernova Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772s Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul
Os Segredos do Jarau : documentos sobre a Revolução Farroupilha [recurso eletrônico] / Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2009.
348 p. – (Coleção varela ; v.18)

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader
Modo de Acesso: World Wide Web:
<http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>
Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.
Correspondências de Bernardo Pires e outros.
ISBN 978-85-7430-885-2

1. Rio Grande do Sul – História. 2. Rio Grande do Sul – História – Guerra dos Farrapos, 1835-1845. I. Título.
II. Série.

CDD 981.65043

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS.

ediPUCRS
www.pucrs.br/edipucrs

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33
Caixa Postal 1429
CEP 90619-900 Porto Alegre, RS – BRASIL
Fone/Fax: (51) 3320-3523
E-mail: edipucrs@pucrs.br

Governadora do Estado do Rio Grande do Sul
Yeda Rorato Crussius

Seretária de Estado da Cultura
Mônica Leal

Diretor do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul
Luiz Carlos da Cunha Carneiro

Assistentes
Vera Lucia Mendonça
Camila Provenzi

Planejamento Cultural
Simone Lersch

Lei de Incentivo
Mario Rozano

Patrocínio

Banrisul
Quem tem Banrisul tem tudo.

GRUPO CEEE

Realização

AHRS
Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
CORAGEM PARA FAZER
SECRETARIA DA CULTURA

Apoio cultural

PUCRS

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

BENTO MANOEL RIBEIRO,
O PROTEGIDO DE TEINIAGUÁ

Não raro, há passagens da História, que escapam apenas do trato de historiadores e das interpretações regradas pelo círculo culto. Elas costumam, às vezes, assumirem uma vida própria e imprevisível, senão de uma liberalidade excessiva e até mundana.

São situações especiais, quando algumas narrativas, as quais se reconhece grande valor ou interesse diferenciado, são submetidas a reinterpretações populares, transfigurando-as com um novo caráter carregado de conotações folclóricas ou, simplesmente, lendárias. Também, quando se reflete sobre tais eventos, podemos nos permitir uma analogia, entre as metamorfoses experimentadas sobre o passado, como se fosse uma aparição de uma nova realidade narrativa, da maneira de encarnações de profanos avatares. Avatares ressurgidos para outra existência, reproduzindo versões reelaboradas de um passado com o qual mantém apenas um tênue liame com sua manifestação original!

O fenômeno, um tanto desconcertante, contudo, não decorre por imposição deliberada ou exotismo característico, dessa ou daquela cultura atrasada ou subdesenvolvida. Reconhecemos nele algo com existência generalizada e universal, e que se mostra, quase sempre, irmanado ao espírito do etnocentrismo e suas derivações regionais, com toda a carga idiossincrática local.

Podemos, sem risco de equívoco, atribuir ao fenômeno alguma manifestação rememorativa de feitos pretéritos, acolhidos por alta relevância. Algum feito, geralmente não muito distante, que permita ser entendido dentro de dimensões de fundador, primordial, transbordante dos componentes do heroísmo da longanimidade, sobre a qual o presente terá por referência, para que possa moldar-se a perseguir seus ideais.

Também, a reverência desses fatos peculiares, sobretudo, adquire significância maiúscula por declinar os segmentos sociais protagonistas responsáveis por sua condução no passado, circunstância que permitirá atribuir importância, e relevância social valorativa, aos herdeiros atuais (grupo ou classe social) daqueles que o protagonizaram anteriormente.

Esse não é um processo transparente e de fácil percepção, na proporção em que vai se afirmando no plano social. Também não ocorre num breve lapso de

tempo sob a égide de alguma liderança autoritária e determinada. É uma ação continuada e prolongada, expressa por copiosa diversidade de meios culturais (educação, literatura, folclore, tradição, musica, etc) e disposição social para a aceitação da informação retrabalhada pelos segmentos que se destacam e contam com credibilidade para operar valores de aceitação acrítica pelas massas passivas. Ou, por outra, vemos aí a reprodução do domínio perene da cultura de uma classe social determinada sobre a totalidade da sociedade, tornando-a comum a todos. Nada de novo sobre o Sol, pois se sabe ha muito que a "cultura dominante é sempre a cultura da classe dominante". Mesmo em plena era da informação e da globalização tecnológica, o velho axioma da esquerda do século anterior, ainda é um dos poucos a resistir, mormente em sociedades de nítido viés periférico, como é o caso da nossa, onde o arcaico e a modernidade avizinham-se com assustadora naturalidade convivencial...

Nesses ambientes, os processos de mitificação encontram terreno fértil e se propagam como inço nas lavouras descuidadas. Então, os acontecimentos históricos começam a perder sua historicidade e vão sofrendo uma transmutação (apud ciências biológicas), através de uma sucessão progressiva de mutações interpretativas do passado, como uma imaginária crisálida deformadora, que acolhe uma pulpa teratológica que se desenvolverá corrompida até atingir o plano de aparição mítica!

No Rio Grande do Sul, a Guerra dos Farrapos (nome preferível à Revolução) passa por um curso seqüencial análogo, de tal intensidade que poderia mesmo ser narrada a partir de uma história paralela, avessa aquela dos acontecimentos havidos. Ou seja, um exercício de similitude histórica, cuja única identidade com a veracidade dos fatos, fica por conta de nomes, locais e datas!

Claro que não serão apenas os fatos históricos aqueles a padecerem a mitificação. Também, os personagens entranhados em suas etapas, irão experimentar grandes intromissões descaracterizadoras, no âmago de suas respectivas trajetórias autênticas.

Esse mau hábito do construtivismo mítico, sempre realizado a posteriori por mãos pesadas, costuma fantasiar, para o bem ou para o mal, a performance dos atores históricos, a luz de um imaginário retrospectivo resultante de desígnios do presente e enquadramentos ideológicos convenientes.

Em tais situações, é comum inflar ou esvaziar, o agir dos atores sociais de processos históricos escolhidos, tornados objetos de intervenções fantasiadoras.

Às vezes, não basta diminuir o protagonismo de alguém ou ampliar, desproporcionalmene, o seu desempenho. Em casos extremos, torna-se necessário simplesmente suprimi-lo – como a foto de Trotsky ao lado de Stalin nos tempos da Guerra Civil, por exemplo – ou demonizá-lo simplesmente, como é mais corriqueiro ser manifestado! Tudo realizado no melhor estilo orwelliano!

Nossa história regional está cheia desses exemplos, mas, acredita-se que o melhor deles, sobre mitificação pelo avesso, de um personagem determinado, seria aquela que alcança a figura de Bento Manoel Ribeiro, objeto da nossa atenção nesse volume de transcrições que agora o AHRS lança para facilitar o acesso para a comunidade de pesquisadores.

******

Guerra dos Farrapos e Bento Manoel Ribeiro, são realidades reconstruídas ao longo de décadas de meticuloso agir desse extraordinário “paralelismo histórico”.

A dita revolução, de certo não foi um caso isolado do retrabalhar fantasioso de um acontecimento histórico significativo. Há outros exemplos, sem dúvida. Porém, aqui nos interessam os acontecimentos da década insurreta de 1835/1845 no Rio Grande, por ter recebido uma atenção cuidadosamente detalhada.

O acontecimento, e seu personagens, já começaram a sentir o lume do cinzel e peso do malho que empunhavam as elites do Rio Grande, desde ainda o século XIX, na azáfama de reconfigurar o perfil do período insurrecional, sob os liames de uma estética, demasiadamente, aproximada da literatura e das epopéias românticas. Aliás, perfil que ainda hoje serve para delinear o “decênio heróico” e o desempenho de seus protagonistas.

Dos luminares do Partenon Literário às incursões historiográficas diletantes, como faz Alfredo Varella, Sallis Goulart e tantos outros – incluindo-se até mesmo alguns ficcionistas de várias épocas – a guerra farroupilha e seus personagens são modelados à imagem e semelhança de suas respectivas concepções de elite. Some-se a isso, ainda uma compreensão rudimentar do método e da sofisticação das ciências humanas e históricas, já em curso de acelerado desenvolvimento epistemológico por aqueles tempos, novidades que passavam ao largo do extremo meridional do Brasil.

O esforço em prol dos farrapos, contaria também com a contribuição entusiasmada dos primeiros republicanos na evocação do “decênio heróico”, que passaria a ser visto como exemplo maior da diferenciação e superioridade do povo gaúcho. Depois, século XX adiantado, já tendo os fatos e personagens farroupilhas guindados ao altar da pré-mitologia – entretanto restrito a fruição de muito poucos – o culto ao período “glorioso da História gaúcha”, começa a assumir uma dimensão sacralizada, quando dele se apropriam os precursores do gauchismo tradicionalista, que lhe iria, emprestar a reinterpretação edulcorada e apologética uma visibilidade ampla e popularesca. Daí em diante, todos nós conhecemos a trajetória e o rumo pela qual foi direcionada a questão. E também seus problemas.

Nesse contexto, pinçando a figura de Bento Manoel Ribeiro, o veremos sua imagem associada à condição de trânsfuga e até de traidor, pois sua ação

histórica não corresponde ao papel que se deseja a um personagem idealizado da guerra farroupilha! A versão ácida reflete o descontentamento dos adeptos dos republicanos rebeldes, que não aceitam o fato de Bento Manoel ter oscilado entre farrapos e imperiais ao longo da luta! Bento Manoel, apesar de ter iniciado sua participação na guerra lutando pelos farroupilhas, durante os meses de setembro e dezembro de 1835, entre eles não iria se manter, e rompe com os rebeldes antes do final do primeiro ano da sedição. Passa, então para o lado do Império, onde fica combatendo, com grande sucesso entre, 1836 e 1837, tendo inclusive batido Bento Gonçalves na ilha de Fanfa. Voltaria a juntar-se aos farrapos por mais dois anos e três meses, entre 1837 e 1839, levando as forças da "revolução" as suas mais bem sucedidas vitórias. Mas os rebeldes não tem habilidade para mantê-lo ao seu lado e deixam que se vá novamente e, depois de breve período de neutralidade recolhido ao Jarau, retorna a ombrear com os imperiais, por chamado de Caxias.

Varella o xingou de traidor, e nunca costuma ser bem visto em qualquer narrativa, seja lá de quem seja sobre Rio Grande do Sul. Ficcionistas menores fizeram dele um vilão sórdido e um invejoso, que inclusive cobiça a mulher do companheiro de armas! Some-se a isso o fato de Bento Manoel não ser natural do Rio Grande, pois que era um paulista de Sorocaba que, veio ao alvorecer do século XIX para o Sul, onde iria servir como soldado junto a Cia. de Milícias de Rio Pardo.

Bento Manoel Ribeiro, que foi general farroupilha e brigadeiro do Império, e de quem Oswaldo Aranha falava ter sido o maior guerreiro que o Brasil jamais teve, e quem os farroupilhas o temiam por ser pior do que todas as pragas do Egito reunidas! Esse paulista notável, faria sua história nos campos de honra do sul, onde começou a combater no alvorecer do Século XIX e continuaria assim até, praticamente, sua morte em 1859 na cidade de Porto Alegre para depois ser sepultado no solo gaúcho de Uruguaiana.

Bento Manoel não entendia, como ensinava Clausewitz, que a guerra é a continuação da política por outros meios! Fazia da guerra um fim em si mesmo e a sabia vencer sempre. Lembra um senhor da guerra dos tempos medievais que se move, muito mais, motivado por questões de honra e valentia do que apenas por questões políticas ou ideológicas.

Bento Manoel Ribeiro, contudo, é um dos grandes protagonistas da História do Rio Grande do Sul e dos menos festejados, além de muito caluniado.

Por ser paulista e ter lutado contra os rebeldes farroupilhas, Bento nunca foi benquisto pela historiografia regional. Enfim uma sina típica que lhe destinaria um tipo de História, demasiadamente comprometida com visões apologéticas do passado e atolada num lodaçal ideológico! Uma História paralela, construída ao léu da conveniência, além de fundada num arcabouço retrógrado.

Porém, é necessário lembrar, ainda que *en passant*, que o general Bento Manoel, ainda que o reconhecendo um vaidoso e um brigão par excellence, foi sempre um militar muito melhor qualificado que os melhores que tiveram os farroupilhas. Atesta tal afirmação suas vitórias obtidas para ambos os lados a quem serviu durante a década de lutas. Sua lança vincula-se as primeiras vitórias da revolta, ainda durante o ano de 1835. Depois, quando retornou a combater pelo Império, infringiu derrotas desmoralizantes aos rebeldes! Mais tarde, quando voltaria a juntar-se aos farroupilhas, em 1837, os iria conduzir as suas maiores vitórias, ao longo de todos os 10 anos da guerra. Quando retornou aos imperiais, voltaria a vencer os insurretos com sua habitual competência. Bateu firme nos farroupilhas até a vitória final do Império.

Mas para quem gosta de comemorar, como um grande feito uma guerra perdida, não é de admirar que Bento Manoel não tenha o reconhecimento que lhe é devido entre o ambiente historiográfico do Rio Grande do Sul. Mas se de alguns sofre uma recusa peremptória, de outros discriminação pouco sutil, há quem veja sua trajetória de guerreiro desassombrado e invencível motivação suficiente a sua condução ao plano das lendas. Aliás, o que efetivamente seria feito, agregando o general a condição de protagonista de uma das mais conhecidas lendas do Rio Grande, a Salamanca do Jarau1[1]. Esse específico apêndice da lenda, mostra Bento Manoel, proprietário da Estância do Jarau em Quarai, adentrando nos Cerros que servem de refúgio a fantasmagórica princesa encantada transformada pelo Anhangá-pitã, o diabo vermelho do índios, em Teiniaguá (a lagartixa) e com ela interage quando adentra nos Cerros do Jarau e interage com a sua encantada habitante, a própria Teiniaguá, que o presenteia com a Lança de Ébano, uma arma mágica com poderes assemelhados a mítica Excalibur de Arthur, que faria de Bento Manoel um guerreiro invencível[2].

Mas se a lenda o assimila, o mesmo não se pode dizer do Rio Grande, que ainda alimenta com relação ao general farroupilha, e brigadeiro do Império, incontidas reservas!

******

Cumprindo sua função de municiador da produção historiográfica do Rio Grande do Sul, o Arquivo Histórico do RS, com essa edição que agora lança com as transcrições de correspondências de Bento Manoel colecionadas por Alfredo Varella, e graças ao trabalho de nosso excepcional quadro de especialistas e o

---

[1] Há razões para se crer que essa lenda não tem origens populares ou folclóricas e se trate, na realidade, de um produto ficcional de Simões Lopes Neto, publicado por ele em 1913.

[2] *Dizem que, muito em segredo,/às véperas de um combate/Bento Manoel foi ao cerro/em busca de Teiniaguá./Não sei se a troco de nada,/a princesa enfeitiçada/deu-lhe a lança enfeitiçada/deu-lhe a arma e o poder./Com essa arma na mão/fazia a terra tremer,/punha em fuga o inimigo.* (Colmar Pereira Duarte)

patrocínio fundamental que recebeu do Banco do Estado do Rio Grande do Sul e do Grupo CEEE, disponibiliza um pouco das fontes que remetem ao personagem real, na esperança que novas luzes, como o luzeiro brilhante da ponta de prata da Lança de Ébano que o general recebeu da própria Teiniaguá, sejam projetadas sobre esse homem, ainda obscurecido por visões decepcionantes de uma História rancorosa e carregada por má vontade em assumi-lo como importante protagonista do passado do Rio Grande no Século XIX. Bom proveito...

Prof. Luiz Carlos da Cunha Carneiro
Diretor do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul
Abril de 2009

COLEÇÃO VARELA

APRESENTAÇÃO TÉCNICA

1 Procedimentos técnicos da trancrição

1.1 Reprodução do texto em toda sua integridade no que se refere ao conteúdo e ortografia.

1.2 Uso do negrito para todos os nomes próprios.

1.3 Desdobramento das abreviatuas, salvo nas expressões de tratamento; em caso de dúvida, são reproduzidos tal como aparecem no documento.

1.4 Todas as palavras ou frases sublinhadas ou riscadas, assim estavam no original.

1.5 Emprego de colchetes quando:

1.5.1 Da indicação do início de cada folha do documento, retro e verso;

1.5.2 Da inserção de nota explicativa no próprio texto, quando houve impossibilidade de leitura devido a rasura, mutilação, defeito de escrita ou de papel;

1.5.3 Do uso da palavra latina [sic] para indicar que o texto original é exatamente aquele que se reproduz, por estranho ou errado que pareça;

1.5.4 Da reconstituição de palavras evidentemente mutiladas;

1.5.5 Da reprodução de palavras de leitura duvidosa, neste caso seguidas de um ponto de interrogação;

1.5.6 Da introdução de nota explicativa que esclarece as notas à margem do documento.

1.6 As notas, despachos, encaminhamentos, informações à margem do documento foram transcritos ao final do corpo do texto.

2 Critérios de indexação

2.1 Índice geral abrangendo todos os nomes próprios de pessoas, lugares, jornais e embarcações citados nos documentos, bem como termos significativos e alcunhas.

RIBEIRO, Bento Manuel[1]
CV-7703 a CV-7782

CV-7703
Ilmos. Senhores **Canabarro**, **Davi**
Alegrete 30 de Setembro de 1835

Camaradas e Amigos. Hoje mais que nunca sua e a nossa Cara Provincia em asiduas colisões o Coronel **Bento Gonçalves** atesta do Povo da capital faz Baquear o Ex Prezidente **Braga**, e colocarão em seo lugar o Doutor **Marciano**[2] athe que o Governo Central delibere; esta Camara me convida para porme a testa das reunioens que no Municipio se fazem, e eu os Convido como companheiros antigos, asim como em outro tempo cobrimos de Louros a nosa Patria fazendo correr o sangue inimigo, asim agora poupemos o sangue de nossos Compatriotas, e conto certo Vossas Excelencias vão em avir coadejuvarme em tão emportante tarefa.

Sou com grande estima

De Vossas Excelencias
Companheiro Velho e Amigo
[a] **Bento Manoel Ribeiro**

[Anotado no verso]
Ilmos. Srs. **Canabarro** e **Davi**.
Tenentes do Extinto Regimento 40.
Sarandi.

CV-7704
Ilmos. Senhores **Canabarro**, e **David**
Alegrete 3 de Outubro de 1835

Reciozo que Vossas Senhorias não recebessem hua que dirigi-lhes com dacta do 1° do corrente, repito 2° vez. Pela Proclama junta verão que estou a testa das Forças que se armão nestas Fronteiras; por muitas rogos, e instancias da Camara desta Villa, deste Povo, do 8° Batalhão de Cassadores, nossos antigos Companheiros **Loureiros**, **Brabo**, **Boaventura**, e **Fabianno** que mandarão aqui o **Cazuza** pedir-me, que me puzesse a frente desta Força, abem da Ordem que recibi do actual Prezidente da Provincia. Já me acho em Campanha, e espero que Vossas Senhorias me acompanhem nesta occazião, o que conto certo, reunindo, e trazendo consigo a gente que poder.

---

[1] Ver Anexos nº 01 e 03 – Proclamação de Bento Manoel Ribeiro, de 15 de Fevereiro de 1836. AHRS – CG, maço 14; e requerimento de **Bento Manuel Ribeiro** (1813). [N. do E.]

[2] Trata-se do Dr. **Antonio Rodrigues Fernandes Braga**, substituído pelo Vice-Presidente da Província **Marciano Pereira Ribeiro**. [N. do E.]

Amanhã sem falta conto esteja deste lado de **Ibicuhi** as forças que vem em marcha de **São Borja**, e sem demora marcho com aquella, e esta força para **São Gabriel,** a reunir-me com as que alli estão reunidas dos Juizes de Paz daquelle lugar, da **Boca do Monte,** e **Rozario** para perseguir o Despota e Tirano **Barreto**, que persuadido que o apearão do Comando das Armas, proclama mentirozamente e procura reunir os Cidadãos da Provincia, e a custa de sangue Irmão quer sustentar-se no Comando das Armas; desobedecendo o actual Prezidente da Provincia. [1v]

Creião firmemente que no dia 21 de Setembro proximo passado depozerão na Capital ao **Braga** da Prezidencia, e foi collocado o Vice Prezidente o Doutor **Marcianno Pereira Ribeiro**, e que **Bento Gonçalves** se acha acampado na **Azenha** com mais de mil homens, e o Capitão **Neto** na Fronteira de **Jaguarão** persegue, e desarma a todos os partidarios de **Barreto**.

Sou com estima
De Vossas Senhorias
Camarada e Amigo
[a] **Bento Manuel Ribeiro**

CV-7705

Ilustrissimo Amigo e Senhor

Cassequi 7 de Outubro de 1835

Recebi a communicação de Vossa Senhoria em data de 5 do Corrente, e me congratulo pelo trimpho alcançado no dia 4 do Corrente pela força Armada ao mando de Vossa Senhoria nessa povoação; e já fiz constar em **Alegrete**, ao Major **Lima**, e em **São Borja**. As tres da tarde sigo a marcha ate o Tenente Coronel **Vallle**, e ali amanhã espero a Vossa Senhoria, e a nosso **Affonso** para combinarmos o que deveremos fazer. Em caso chegue hoje nessa povoação o Juiz de Paz **Constantino d'Avil**, e o Capitão das Guardas Nacionaes **Eulautherio Suares** tenha a bondade de dizer-lhe por cessar o motivo, que fazia minha acelerada marcha no cheguei hoje as horas, e no lugar destinado, [1v] e amanhã deliberarei sobre a força que elles commandão. Sou com alta estima

De Vossa Senhoria.
Verdadeiro Amigo
[a] **Bento Manuel**

[Anotado no verso]
Ilmo. Senhor **João Antonio da Silveira**
Commandante da força Armada na Povoação de **São Gabriel**.
Do Coronel **Bento Manuel Ribeiro**

CV-7706

Ilmo. Senhor **Pereira**

Constando-me que se achão em armas dous partidos um em **Porto Alegre** e suas immediações outro entre **Santa Anna** e **São Leopoldo**; e não me havendo ainda nem um dos Chefes feito participação algûa a respeito os considero ilegaes; e por isso julgo indispensavel a bem do socego da Provincia marchar para **Porto Alegre** para conter os partidos Retrogrado e Republicano. Como porem por toda a parte andão emissarios do partido desorganizador, por isso, e em virtude da plena authorização que em officio de 15 do Corrente me concedo o Excelentissimo Senhor Prezidente authorizo n'esta data o Senhor Coronel de Legião **Gabriel Gomes Lisbôa** para reunir a Companhia de **Santa Maria da Boca do Monte** com as forças vindas do Municipio da **Cruz Alta do Espirito Santo,** e destrictos da mesma Capella; e assim espero que Vossa Senhoria empenhando a bem da Patria sua influencia vá com os homens que possa reunir encorporar-se ao mencionado Coronel para conservar-lhe ali uma força respeitavel athe que aquelles dous partidos larguem as armas, e se restabeleça a paz e tranquilidade da Provincia.

Sou com estima, e consideração

de Vossa Senhoria

São Rafael 27 de Janeiro de 1836

Afetuozo Criado

[a] **Bento Manoel Ribeiro**

CV-7707

Ilmo. Amigo e Senhor **Fontoura**

Santa Barbara 31 de Janeiro de 1836.

Recebi a sua apreciavel Carta, e adejuntas Copias, que o mesmo me tinha dito o Coronel **Bento Gonçalves** em Carta de 27 do que finda; hera o mesmo que devia esperar aquela Cambada de impostores, que so para transtornar a ordem servem. No mesmo dia 27 se reunio Assemblea e afiliarão o Prezidente fazendo vir transtornos na Capital com a falta dele, pois o Dr. **Marciano**[3] demetiuce no dia 22 como se ve de sua Proclamação, e me parece que a [rasgado] do Prezidente para **Porto Alegre** ficara tudo concluido, no entanto eu me retiro para a **Boca do Monte** athe ver os ultimos rezultados,

Sou com estima

De Vossa Senhoria

Amigo Parente e Obrigado

[a] **Bento Manoel**

---

3 Trata-se de **Marciano José Pereira Ribeiro**. [N. do E.]

As cartas junto tera a bondade remeter a seos destinos.
[a] **Ribeiro**
[Anotado no verso]
Ilmo. Sr.
Antonio Vicente da Fontoura.
Major da Legião do **Rio Pardo**.
Cachoeira.
Do Commandante das Armas.
[Anotado no verso, na margem inferior]
Pertence a
Isidoro Neves
Cachoeira

CV-7708

Ilmo. Senhor

Acabo de ser informado que a força que existia em **Rio Pardo** hontem se retirou para o passo do **Coito**, julgo conveniente que Vossa Senhoria adiante-se esta noite passando pelas picadas de sima; e seguir com cautela athe onde possa com cuidado que não venha **Bento Gonçalves** com algûa força em auxilio. No caso que possa ir athe **Santo Amaro**, e passo de **Taquary** será bom, e vir reunindo quantos cavallos possa; assim como o Capitão **Antonio Manoel de Azambuja**, que está a nossa espera, e volte sem demora.

O **Cardozo** e **Rosa** trouxerão noticia, que **Netto** está na Villa de **Piratinym**, pode querer ganhar-nos a retagoarda, e por isso amanhã volto d'este ponto a repassar na **Cachoeira**, e esperar novos bombeiros que mandei a **Santa Anna de Camaquam**.

De amanhã por diante dirija suas participações com direção á **Cachoeira.**

Se puder prender o Capitão da Guarda Nacional de **Santo Amaro** será bom. Deos Guarde a Vossa Senhoria. Acampamento Volante a quem do **Passo das Pederneiras** 28 de Abril de 1836.

Ilustrissimo Senhor **Oliverio José Ortiz**
Coronel Commandante da Divisão da Esquerda.

[a] **Bento Manoel Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Nação.
Ilustrissimo Senhor **Oliverio Jozé Ortiz**.
Coronel Commandante da Divisão da Esquerda.
Auzente ao Ilmo. Senhor Coronel **Gabriel Gomes Lisboa**.
Onde se achar.

Do Commandante das Armas da Provincia.
[Anotado no verso a margem superior]
1836
Commandante das Armas
Bento Manoel Ribeiro
na revolução.

CV-7709

Copia.

Recebo como irmão e afianço serem livres de perseguições conforme as ordens do Governo do **Brasil** todos os individuos que se apresentem e reconheção o Governo Legal do mesmo **Brasil** e da Provincia, os que se achão nesta ilha hoje mesmo, os que estão na **Charqueada** dentro de quatro dias, e os de **Jaguarão** e **Pelotas** no prazo de 15 dias, inclusivo nestes todos os Chefes que tem acompanhado o coronel **Bento Gonçalves**, e o mesmo Coronel entregando todo o Parque d'Artilharia, armamentos e munições na occasião de se apresentarem. Campo no **Porto do Fanfa** 4 de Outubro de 1836. - **Bento Manoel Ribeiro** Commandante das Armas.

(Extraido do proprio Original em mão de **Bento Gonçalves** no dia seguinte).

Recebida 20 de Abril de 1860 pelo mesmo empenho – e do mesmo theor as que vi de diversos a 21 de Outubro de 1836 ao sahir do Reducto da **Barra de Pelotas**.

[Anotado no verso]
Ao Ilmo. Senhor **Domingos José de Almeida**.
Pelotas.

CV-7710

Folhas 1
[a] **Silveira Filho**

Instrumento de Publica Forma extrahido de um Documento historico assignado pelo general **Bento Manoel Ribeiro** na forma abaixo:

Recebo como irmãos e afianço serem livre de perseguições, conforme as ordens do Governo do **Brazil**, todos individuos que se apresentem e reconheção o Governo legal do mesmo **Brazil** e da Provincia, os que se achão n'esta

Ilha hoje mesmo, os que estão na **Charqueada** dentro de quatro dias, e os de **Jaguarão** e **Pelotas** no prazo de quinze dias; inclusivo n'estes todos os Chefes que tem acompanhado o Coronel **Bento Gonçalves da Silva**, e o mesmo Coronel, entregando o todo parque d'Artilharia, armamentos e munição na occasião de se apresentarem. Campo no porto do **Fanfa**, quatro de Outubro de mil oitocentos e trinta e seis. **Bento Manoel Ribeiro**, Commandante das Armas. Nós abaixo assignados attestamos, e juramos em os Santos Evangelhos em como a Letra e assignatura supra he a propria do Brigadeiro [1v] **Bento Manoel Ribeiro**. **Rio de Janeiro** nove de Maio de mil oitocentos e trinta e sete. **Jose Antonio de Caldas. Jose Cosme dos Reis**. Reconheço verdadeiros os signaes supra da atthestação. **Rio** dez de Maio de mil oitocentos e trinta e sete. Em testemunho (signal) publico de verdade. **Joaquim Jose de Castro**. Está conforme ao original que me foi apresentado para d'elle extrahir o presente instrumento de Publica Forma, e ao qual me reporto em mão do apresentante, que de o haver recebido n'este assigna; e vai Concertado por um dos Tabelliães companheiros, do que tudo dou Fé. **Pelotas** dois de Abril de mil oitocentos e oitenta e seis. Eu **Leonidio Antero da Silveira Filho**, Tabellião o escrevi e assigno em publico e raso.

Em testemunho de Verdade
O Tabellião
[a] **Leonidio Antero da Silveira Filho**
O Tabelião [a] **Sebastião João Domingues**.
[a] **Bruno Gonçalves Chaves**

CV-7711

Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor **Jozé de Araujo Ribeiro** = **Rio Pardo** 17 de Fevereiro de 1837 = Recebi a Carta de Vossa Excelencia dattada de 27 de Janeiro proximo passado e com ella a do Regente. Permitta-me Vossa Excelencia que lhe estranhe a debilidade, de que se deichou possuir entregando as redias do Governo Provincial aos falsos legalistas, quando em suas mãos estava o continuar. O novo Presidente de entrada me brindou com hum officio que terá visto na **Sentinella** honde foi impresso para fazer mais notorio o insulto que se me dirigia. Fazendo instrucçoens para os Commandantes de grandes distritos, tirou por meio dellas toda a intervenção do Commandante das Armas, e se arrogou a si attribuiçoens dictatoriaes. Semelhante homem ja conhecido na Provincia por ser o primeiro revolucionario della, quando em 1820 elle e seus parentes tramarão contra o General **Saldanha**, pelo que foi prezo e remettido para a Corte, sempre foi, e he ignorante, despota e caprixoso. Trato de me retirar da Provincia antes que me elle ponha na **Presiganga**; e também me arreceio de **Pedro Chaves**, que sendo principal causador dos malles da nossa Provincia, falo-ha agora perseguir a torto, e a direito, com especialidade os Setembristas por proprio recentimento.

Vossa Excelencia sabe que a força que tem debellado os anarchistas, he, no geral composta de Setembristas, os quaes comessão a temer que a perceguição feita pelo **Pedro**, e apoiada pelo Presidente, e Galegos de **Porto Alegre**, chegue ate elles, e por isso com tempo se vão pondo em salva terra, e por isso diminuem nossas fileiras.

Vossa Excelencia sabe que mais de dois mil homens estão emigrados no Estado Oriental, protegidos por **Oribe**, e **Rosas**, e todos saberão tirar proveito de precipicio, e [1v] confesso-lhe francamente, que eu não me atrevo a oppor-me a esta nova impetuosidade de paixoens que elles tem incendiado. E assim só espero licença para me retirar para a Provincia de **São Paulo**: entretanto sempre attribuirei os novos males da Provincia a Vossa Excelencia por ter entregado a Presidencia, quando me consta que o Avizo do Ministro do Imperio ainda fazia depender de Vossa Excelencia. Sou com a maior estima de Vossa Excelencia. Amigo muito obrigado = **Bento Manoel Ribeiro =**

CV-7712

Ilmo. Senhor

Seguem n'esta occaziāo o Doutor **Sebastião Ribeiro**, e o Alferes **Severino Antonio da Silveira** a conferencia com Vossas Senhorias sobre uma suspensão de armas athe que combinemos no meio e modo de nôs dirigir-mos ao Governo Imperial para extinguir de todo a fatal discordia, que reina entre o partido liberal da Provincia. Deos Guarde á Vossa Senhoria. Acampamento em **Ibirapuitam** aos 23 de Março de 1837.

Ilmo. Senhor Tenente Coronel **João Antonio da Silveira Filho**.

[a] **Bento Manoel Ribeiro**

[Anotado ao verso]
Ilmo. Senhor Tenente Coronel **João Antonio da Silveira Filho**.
Do General Commandante das Armas da Provincia.

CV-7713

[Impresso]

Ilmo. e Exmo. Senhor

CONHECENDO os males desastrosos que o despotismo, e iniquas arbitrariedades do Brigadeiro **Antero José**, **José Ferreira de Brito** fazião pesar sobre os mais distinctos e leaes **Rio – Grandenses**, e bem assim os que por sua pessima administração ameaçavão submergir para sempre n'hum pelago de desgraças esta infeliz Provincia, prendi-o para evitar emquanto he tempo o precipicio, a que em tão curto espaço nos hia arrojando. Posso asseverar a Vossa Excelencia que com este passo se extinguirá no Continente a guerra civil, se Vossa

Excelencia o secundar, como me fazem esperar seus serviços, e prudencia. Tudo se harmoniza: os té agora Republicanos desistem de seu projecto, e se submettem ao Governo Imperial, se quanto antes fôr chamado e collocado na Presidencia da Provincia o Vice- Presidente mais votado o Patriota **Joaquim Vieira da Cunha**: e se Vossa Excelencia entregar o commando dessa Guarnição ao Brigadeiro **Gaspar Francisco Menna**. Eu me comprometto a responder perante o Governo Imperial pela detenção do Brigadeiro **Antero**. He ainda necessario que no momento que Vossa Excelencia receba este conceda-se ampla faculdade ao general D.**Fructuoso Rivera** para vir para o meio dos seus Companheiros, na certesa de que a vida do Brigadeiro **Antero**, que desde já entrego aos Orientaes, será o garante para a execução desta clausula. Confio que Vossa Excelencia ouvirá a voz da rasão, e da Patria, e acquiserá aos desejos de todos os bons Patriotas. Deos Guarde a Vossa Excelencia. **Campo** 24 de março de 1837.
Ilmo. e Exmo. Sr. **Francisco das Chagas Santos**.

Bento Manoel Ribeiro

Da leitura do Officio ácima transcripto se convencerá o publico, que **Bento Manoel Ribeiro** se constituio chefe de huma nova facção, ou seu principal instrumento, cujos fins não são outros que os de anarchisar a Provincia, e faser a desgraça de hum cem numero de Brasileiros. A não ter já sido esta peça, a que chamaremos sempre corpo de delicto dos traidores do dia 23 de Março, nas differentes proclamações, assás destruida, teriamos agora de lançar por terra, esse parto infame do traidor **Bento Manoel**; mas como os differentes chefes influentes da campanha não pacturão com elle, e a maioria dos **Rio Grandenses** se tem declarado a favor da Causa Legal, a entregamos ao despreso. Se **Bento Manoel** porêm saltou por cima de todas as Leis; se com o seu attentado de 23 de Março cravou ainda outra vez o punhal no seio da Patria, temos distinctos Chefes Militares, que são fieis, e que jurarão vingal a. O castigo de seus crimes não está longe, e emquanto a Legalidade tiver á seu lado tão distinctos Defensores, não he **Bento Manoel**, nem nenhum outro capaz de sujeitar a Provincia ao jugo de traidores e rebeldes. **Gabriel Gomes**, **Silva Tavares**, **Calderon**, **Medeiros**, e outros distinctos Chefes ensinarão a **Bento Manoel** a respeitar as Leis, e os Direitos do Senhor **Dom Pedro Segundo.**

Rio Grande: Na Typographia do **Mercantil**, Rua Direita, 1837.

CV-7714

Ilmo. Sr. **João Antonio da Silveira**.

Garupa 23 de Maio de 1837

Em consequencia do que me dice no compadre sobre isso em resposta da carta que anteriormente dirigi a Vossa Senhoria; hoje mesmo vou ao acampamento

de D. **Fruto** que deve estar pelas pontas de **Paripaço**, o que por ali [ilegível] e pare athé que Vossa Senhoria delibere, ou no **Rincão de Catalan** ou no **Rincão de Artigas**. Nesta data convido a nosso Amigo **David** e a Vossa Senhoria para ter mos huma entrevista em Caza de **Joaquim Gomes** no **Caverá** para onde seguirei depois que falar com **D. Fruto**, e os esperarei ali os dias 27 e 28 do Corrente e formaremos hum Plano, e de golpe destruir essas Carantonhas[4] de **Loureiro** Comp. **Vidal**, **Gama**, **Gabriel Gomes**, que todos elles nem sabem o que dizem e nem o que devem fazer sera bom que meo Compadre **Sebirino** venha com Vossa Senhoria.

Seo Amigo
[a] **Bento Manoel**

[Anotado no verso]
Ilmo. Sr. Coronel **João Antonio da Silveira**.
Em Propria Mão.

CV-7715

Os Officiaes soperiores desta força do Exercito Republicano Rio-Grandense e authoridades civis que na mesma se achão, abaixo firmados reclamão ao Excelentissimo Sr. General **Bento Manoel Ribeiro** se proponha ao Ilmo. Sr. Coronel **Manoel dos Santos Loureiro**, a pas, visto que os abaixo firmados estão convencidos que a propozição feita pelo mencionado Coronel, que tende sobre este mesmo objecto e possoido da melhor fé, com vista unicamente de poupar o sangue humano, a devastação completa da Terra de **Missões**: os que se firmão prezando tanto como a suas, as vidas dos Rio Grandenses; dezejosos que desapareça de entre um Povo generozo e civilizado como o Rio Grandense a anarquia quando nada menos apresenta que um desenfreio e um barbaro, deixando dest'arte as demais Nações a mais acre sensura ao nosso praticar, e para que se não tenha aos Republicanos por inhumanos e faltos de fé offerecem ao Illustre Coronel as condições seguintes:

Artigo 1º

Será garantida a vida e propriedades do predito Coronel **Loureiro,** e mais individuos existentes em a força a seu mando conforme a Constituição do Estado, contanto que se chamem a neutralidade e deixem de alarmar os Habitantes de **Missões**, sem que promovão obstar as ordens emanadas do Governo Republicano.

Artigo 2º

A administração de **Missões**, com respeito aos empregados, sua nomeação ou aprovação, fica a descripção do Governo da Republica.

---

4 Carantonha: "Carranca, cara feia; caraça, máscara." GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume V, 1960: 857. [N. do E.]

3º

Não privará por qualquer meio ser reconhecida [1v] pela Camara Municipal de **São Borja** a Independencia deste Estado, a bem de que quando necessario for tenhão parte na eleição de Deputados para a Assemblea do Estado.

4º

Os que se firmão garantem o que o Governo da Republica assenta e vincula a prezente convenção que desde já fica em seu inteiro vigor, sendo aceita por outra de igual theor firmada pelo precitado Coronel e mais Officiaes. Campo 30 de Novembro de 1837.

Tenente Coronel **Claudio Jose de Abreu**.
Tenente Coronel **Jose Ignacio da Silva Abreu**.
Major **Jacinto Guedes da Luz**.
Major **Jose Antonio Carneiro**.
Major **Demetrio Ribeiro**.
Joaquim dos Santos Prado Lima.
Jose Ignacio dos Santos Menezes.
Joaquim Francisco de Moura.

Ilmo. Sr.

Pela convenção junta ficará Vossa Senhoria sciente de quanto desejão a pás os Republicanos Rio-Grandenses, que a querer Vossa Senhoria anuir se servirá manifestar-me, e caso querendo ter uma entrevista no **Passo Espenilho**, a terei, dizendo-me o dia e ora para ali me achar se necessario for com alguns Officiaes. Reitero minha estima e respeito [2] a Vossa Senhoria. Deos guarde a Vossa Senhoria Campo 30 de Novembro de 1837.
Ilmo. Sr. Coronel **Manoel dos Santos Loureiro** = **Bento Manoel Ribeiro**

CV-7716

Ilmo. Sr. Coronel **João Antonio**
Alegrete, 3 de Janeiro de 1838

Recebi seos 2 oficios de ontem, e devolvo os adjuntos Papeis congratulandome com Vossa Senhoria pela felis noticia da **Baia**. **Sá Brito** está em **Paripasso** Caza do sogro para Vossa Senhoria chegar ali, e dali mesmo possa seguir o Proprio.

Não me parece acertada a opinião de nosso Bravo **Guedes** em retardar a hida a **São Borja**, mais antes pelo Contrario seguirmos coanto antes em quanto o inimigo não se organiza Seja qual for a resposta do **Brito**; pode ficar 50 homens fazendo frente a **Jose Rodrigues** o lanxão a 500 marchar quanto antes, me parece a hora de 15 dias, quando muito, no entanto o General **Neto** pode conservar um por **Bage** ou mais para ca, eu [vou] a Campanha se quizer, e amanha a noite ficarei

nosso Campo para combinarmos dando lugar que Vossa Senhoria vá ao **Sá Brito**, e volte.

Faloume ontem o Coronel ao **Valentin** eu supus que Vossa Senhoria tinha recebido oficios de la por isso lhe não tinha comunicado o que sabia, no dia 20 do Passado atacarão huma força inimiga no **Passo Fundo** Commandada por hum capitão **Julio Ribeiro** foi derrotada completamente o Commandante Prezo, não me diz o nº da força nem de mortos ou Prezos, e sim que **Candido** estava com otra força na **Vacaria**.

Adeos athe amanha em Caza combine no que lhe digo de ordem a reunir todas as forças o coanto antes, e sera bom mandar por aqui o Sr. Coronel **Abreu** ativar as reonioens.

Seo Amigo
Bento.

CV-7717

Ilustrissimo Senhor

O Tenente **Ipolito Machado** faz quatro dias que seguio deste lugar com secenta homens, e diz que pertendia Reunir-se a **Loureiro** no **Campo do Meio** com mais de sem, e diz que contava serto, o Capitão **Candido** da **Vacaria** tão bem ali se Reunia com duzentos homens, falava tão bem em vinda do Tenente Coronel **Jozé Luiz** com Forças de **Lagens** por isso he percizo Vossa Senhoria estar mui vigilante, não licenciar a ninguem mais antes Reunir o que puder, ativar as reunioens de **Santa Maria**, ameaçando mandar para o Citio de **Porto Alegre** aqueles que não comparece-rem e não paçar da Estancia de **Silva Machado** ou inda mais a retaguarda para não se ver forçada a huma retirada precipitada se o inimigo aparece em numero superior, e em cazo de retirar-se deve ser por **São Martinho** por donde será facil fazer junção com outras forças e emtão dar hum golpe seguro. Por maneira nenhuma arriscar. Lembre-se o que o **Iliziario** dizia a **Jozé Rodrigues**. Será asertado adiantar o Major **Valencio** com sem homens para o **Passo Fundo** para comcervar partidas volantes pela **Boca da Picada**. Desta maneira nunca será Vossa Senhoria obrigado a fazer Retiradas precepitadas. [1v] Esta noite tivemos huma disparada de Cavallos que perdemos mais de sincoenta, e dos melhores, entre elles os de **Vasco de Abreu**, **Hiriligildo de Carvalho**, e os mais ariscos da estaca que são os melhores. Nesta ocazião volta hum Piam do **Vasco** a procurar e decer por **Santa Maria** porem cazo elle não ache, que o portador informará a Vossa Senhoria pode mandallos procurar que lhe poderão ser util. No dia 30 he que decerei a Picada segundo me emformão os praticos e athe o dia 6 = do entrante Fevereiro, estarei com o Excelentissimo Prezidente e activarei a espedição progetada que Vossa Senhoria não ignora e immediatamente o avisarei do rezultado de nossa entre vista, assim como de **Caxoeira** e **Cassapava**. Deos

Guarde a Vossa Senhoria. Campo em **Jaquizinho** 27 de Janeiro de 1838.
Ilmo. Senhor Coronel **João Antonio da Silveira**.
[a] **Bento Manoel Ribeiro**

CV-7718
Ilmo. Senhor
Hoje vou a ficar na emtrada da Picada e amanhã pertendo descer. **Hipolito** com a gente que o acompanha entrou pela picada que nos ajunciou o Major **Valencio**, e dizem os praticos que não vararião em dois dias.
A cavalhada que por aqui estava emvernada, nem huma achamos que nos podesse servir por magros e maltratados. Dizem que os do **Lageado** em poder de **Antonio Bento** que estão melhores elle pode escapar de **Hipolito**. Deos Guarde a Vossa Senhoria. **Serrinha** 29 de Janeiro 1838.
Ilmo. Senhor Coronel **João Antonio da Silveira**.
[a] **Bento Manoel Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço Republicano.
Ilmo. Senhor **João Antonio da Silveira**.
Coronel Commandante da Divizão da Direita.
Onde se achar.
Do General **Bento Manoel Ribeiro**.

CV-7719
Ilmo. Amigo e Senhor **João Antonio**.
Rio Pardo 4 de Fevereiro 1838.
No dia 2 do Corrente fiz seguir os Majores **Guedes** e **Demetrio** com a força que me acompanhou de **Butucarahy** em perceguição desses Tenazes da **Caxoeira** e **Cassapava** que se achavão immediato a barra de **Irapuá** em numero de sento e tantos homens, e no dia 3 devião ser batidos segundo a participação que me fez **Guedes** das immediaçoens da **Cachoeira** no dia 2 emcontrei-me com o Excelentissimo Prezidente nesta Villa e estamos a espera de **David** que no dia 2 estava na **Palma** emmediato ao **Cerro partido** tão bem com forças em perceguição dos mesmos Rebeldes, que o Prezidente nesta dacta manda chamar para ultimar-mos o plano de Operaçoens tanto por essa parte como por **Santo Antonio** como tinha mos converçado e mui prompto queira Vossa Senhoria terá o plano de Operaçoens. Sou com estima.
De Vossa Senhoria
Camarada e Amigo.
[a] **Bento Manoel**

N. B. Esquecia-me dizer-lhe que o resto dos homens que **José Rodrigues** reunio, forão dezarmados por ordem de **Ourives** e os Officiaes remetidos a **Tia Anna**.

[Anotado no verso]
Ilmo. Senhor **João Antonio da Silveira**.
Coronel Commandante da Divizão da Direita.
Onde se Achar.
Do General **Bento Manoel Ribeiro**.

CV-7720
Ilmo. Senhor **João Antonio da Silveira**.
Rio Pardo 8 de Fevereiro 1838.
Hoje mesmo seguimos com o Prezidente para o **Triumpho** a tender hum dezembarque que os de **Porto Alegre** fizerão no **Pompal**, e junção com os Faxineiros. Ainda não voltou de **Cassapava** este moptivo e aparição dos inimigos naquelle ponto, nos priva ultimar o plano de Operação. Logo que se dicipe estes moptivos, commonicarei a Vossa Senhoria. O Prezidente nomiou a meo Mano **Jozé**, Comandante do Departamento e Fronteira de **Alegrete**, e o **Boaventura** Comandante do Corpo; se Vossa Senhoria o poder dispençar, com as Praças daquelle Municipio, seria bom que fosse a **Alegrete**, reunir-se ao Coronel **Ribeiro** para marxarem immediatamentes para **São Borja**, e igualmente o Colector para por ali em andamento as arrecadações dos Direitos.
Sou com grande estima.

De Vossa Senhoria
Camarada e Amigo
[a] **Bento Manoel**

CV-7721
Ilmo. Senhor.
Nesta occasião fasso seguir ao Coronel **David Canabarro**, a reunir-se a Vossa Senhoria, e logo que se realize lhe ordens para que sem perda de momento siga a encontrar a Divisão do Centro, que a dias proximos retirou-se do acedio da Capital de **Porto Alegre**, inderessando suas marchas para **sima da Serra**, e conseguida que seja a interessante junção marchará a força das duas divisoens a sahir pela Picada de **Botucarahy**, deixando porem Vossa Senhoria o Coronel **Canabarro** com huma força de Cavallaria, suficiente para com vantage operar na **Vacaria** & tendo ao mesmo tempo a recomendar a Vossa Senhoria para que estabelessa no Municipio da **Cruz Alta** hua forte policia, ao mando de hum Official de primeira escolha, reunindo mais as qualidades de prudente, e consiliador, pois

que se em soldos os tempos são de utilidade estes homens, nas nossas actuais circunstancias se fasem [1v] mais que nunca necessario estas recomendaveis qualidades. Quartel General em a Villa do **Triunfo** 19 de Fevereiro de 1838.

[a] **Bento Manoel Ribeiro**

Ilmo. Senhor Coronel **João Antonio da Silveira**.
Commandante da Divisão da Direita.

CV-7722

Ilmo. Sr.

Sendo-me entregue hoje [trecho rasgado] Coronel **Mattos** e **Marcelino** de 17 do preterito passado [trecho rasgado] de Dona **Roza** em **Cima da Serra** por [trecho rasgado] que a Divizão do Centro tocou aque[trecho rasgado] teve quem lhes fizes-se oppozição e por [trecho rasgado] vencidos já os maiores obstaculos do que [trecho rasgado] infinitamente. Pelo Coronel **Canabarro** officiei a Va. Sa. com feicho de 19 do preterito passado contendo em si as instrucçoes pelas quais Va. Sa. se devia reger, saindo ao encontro da Divizão do Centro o que de tudo estará Va. Sa. cabalmente informado e por isso que so me cumpre recomendar a Va. Sa. no prezente minhas citadas ordens a respeito.

Nesta ocazião envio por copia ao Coronel **Canabarro** o citado officio dos Coronéis **Mattos** e **Marcelino**, e como creio que a esta ora estará Va. Sa. reunido ao mesmo Coronel **Canabarro** he o motivo por que acho desnecessario remeter-lhe copia do mesmo.

Deos Guarde a Va. Sa. muitos annos.

Taquary, 3 de Março de 1838.

Ilmo. Sr. Coronel **João Antonio da Silveira**.
Commandante da Divizão da Direita.

[a] **Bento Manoel Ribeiro**

[Anotado no verso]
Ilmo. Sr. Coronel **João Antonio da Silveira**.
Commandante da Divizão da Direita.
Onde se achar.
Do General **Bento Manoel Ribeiro**

CV-7723

Ilmo. Senhor

Sendo remetido ao Excelentissimo General em Cheffe o seu ultimo officio, e em sua resposta me dirijio esse incluzo ao Coronel **Mattos**, que Vossa Senhoria depois de embuir-se do que contem o feixará, e remeterá ao seo destino com a maior brevidade, e igualmente remeto o officio do mesmo Excelentissimo General

que me dirigio, pelo qual ficará também Vossa Senhoria ao facto do que me relata. Esta noute tive participação do Ajudante General que o inimigo se encaminha com hua força de 1500 homens; por cuja razão sendo-me forçoso retirar talvez athé **São Lourenço** para poder fazer a junção de todas as Forças, e atacallos. A Infantaria, e Artilharia da Divizão do Centro vem em marcha por **Cassapava**, porem com tudo não poderemos atacar sem a Divizão do seo commando que deve concervar-se em aptitude de marchar ao primeiro avizo. Hoje mesmo espero o General em Cheffe, e amanhã lhe serão expedidas as convenientes ordens. A sua reunião de **Santa Maria da Boca do Monte** deve mandar que se conservem por ali, ou vinhão para a **Caxoeira**, e dar-lhe aquella decisão a todas as outras reuniõens que possa mandar fazer, a exceção do Municipio da Fronteira de **Alegrete**, onde consta que o pervesso **Antônio de Medeiros**, e **João Propicio** procurão fazer reuniões pelo o **Hospital**, ou **São Luis**, e mesmo a força da **Cassapava** chamaremos na occazião de atacar. Amanhã tornarei a escrever a Vossa Senhoria, e então mais ao alcance dos movimentos do inimigo, e de combinação com o General em Cheffe, lhe poderei dar hum mais bem [1v] concertado. Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General em **Rio Pardo** 13 de Março 1838.
Ilmo. Senhor Coronel **João Antônio da Silveira**
Commandante da Divizão da Direita.

[a] **Bento Manoel Ribeiro**

CV-7724

Ilmo. Senhor.

Sendo necessario nomear hum Commandante da Policia para o Municipio da **Chruz Alta**, afim de se cuidar no socego daquelles Districtos, ordeno a Vossa Senhoria que em nome do Governo haja de encarregar de tal Emprego ao Major **Athanagildo Pinto Martins**; devendo Vossa Senhoria transmetir-lhe as instruções Policiais , e mais ordens, e Decretos tendentes a administração daquelle cargo, e todas as desposições na só gerais, como parciais e aplicaveis ao tempo e as circunstancias, e em tudo relativas ao referido emprego de Policia; e suposto que o dito Major seja o Prezidente da Camara Municipal, com tudo julgo que elle pode exercer cumulativamente ambos os empregos, mas em cazo contrario me parece justo empregar-se no mais importante, e actuaes circunstancia, o cargo de Policia he de summa transcendencia, e como, o de Prezidente da Camara hé electivo, assento que poderá recahir o dito emprego da Camara no Segundo em votos, e ficando ambos os empregos servidos; advertindo mais a Vossa Senhoria que deverá deixar a disposição do novo Commandante os Commandantes dos Districtos immediatos, sendo sugeitos de confiança, e com a gente necessaria para o serviço daquelle Emprego / isto he / dos diferentes destrictos do Municipio, trazendo Vossa Senhoria na sua Divizão toda a mais força reunida que existe daquelle Municipio. Espero que Vossa Senhoria fassa hûa indagação circunstanciada de hum embargo

que fez o Estrangeiro **Sarrazin** nas Fazendas de **Vidal Jozé do Pillar**, para me informar em sua vinda. Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General em **Rio Pardo** 13 Março 1838.

Ilmo. Senhor Coronel **João Antônio da Silveira**.

Commandante da Divizão da Direita.

[a] **Bento Manoel Ribeiro**

CV-7725

Ilmo. Senhor.

Recebi o Officio de Vossa Senhoria de 9 do corrente, e igualmente os Officios do Tenente Coronel **Boaventura**, e Major **Valença**. Pelas communicações officiaes do Tenente Coronel Ajudante General sei que o inimigo se acha deste lado do **Taquary**, acampado em sua margem, e prezumo não intenta adiantar a sua marcha; porem em todo o cazo he mister que Vossa Senhoria marche quanto antes com a Divizão de seo mando a descer pela Serra de **São Martinho**, deixando vinte homes no **Passo Fundo** com hum segeito de confiança, que eu lembro seja **Antônio Bento**, ou outro semelhante, para proteger a marcha da infantaria, e Artilharia da Divizão do Centro com municios, e o mais que couber em suas atribuições, que deverá descer pela Serra de **Botucarahy,** adiantando Vossa Senhoria 100 homes a incorporar-se com o Tenente Coronel **Boaventura** para perseguir ao foragido **Siqueira**. Ponha Vossa Senhoria em pratica tudo quanto contem na Proclamação incluza, pois seria impossivel tirar agora os Serranos do seo Municipio, e somente por Agosto poderemos dali reunir 300 a 400 homes voluntariamente.

As 100 rezes para cada Distrito que na mesma Proclamação menciono, deverão ser tiradas da Fazenda do traidor degenerado **Vidal**, que está debaixo de hum aparente embargo, mandado fazer pelo Estrangeiro **Sarrazin**. Tambem sera conveniente adiantar o Major **Valença** a reunir o Corpo a que pertence, pois que alem do Capitão **Porto** que Vossa Senhoria mandou, fiz tambem marchar para o Municipio da **Caxoeira** o Capitão **Frutuozo**, para activar, e a adiantar as reuniões, que eu suponho estarem já consumadas, para se reunirem a Vossa Senhoria depois de haver baixada a Serra. Nesta mesma a dacta officio, e ordeno ao Major **Demetrio Ribeiro** para agitar com presteza as reniões do Municipio de **Cassapava,** inclusive os Distritos de **São Gabriel**, sendo igualmente proveitoso que Vossa Senhoria mande algum Official [1v] que menos falta lhe fassa, e que seja idoneo para aquelle serviço, para coadjuvar ao dito Major, podendo ser o Capitão **Canto**, determinando-lhe Vossa Senhoria, que logo que chegue áquelle destino, se deve aprezentar ao mencionado Major, para obrarem de combinação, e conforme ás ordens que dirijo ao mesmo. As Cavalhadas que se achão deste lado de **Jacuhy**, deverá Vossa Senhoria encarregallas a **Antônio Bento**, e para o que farei seguir oitenta alqueires de sal às **Ouveiras**, estancia do Cidadão **Joaquim**

Jozé Domingues, onde o encarregado das invernadas pode mandar buscar o sal que percizar; e no cazo de concluir-se, e ser necessario mais Vossa Senhoria me avizará, para logo ser-lhe remetido; e as cavalhadas que existirem do outro lado do mesmo **Jacuhy**, fassa Vossa Senhoria repregallas sobre **São Martinho**, para o que tambem enviarei outros oitenta alqueires de sal derectos a **Santa Maria**.

Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General em **Rio Pardo** 14 de Março 1838.
Ilmo. Senhor Coronel **João Antônio da Silveira**.
Commandante da Divizão da Direita.

[a] **Bento Manoel Ribeiro**

CV-7726

Ilmo. Senhor.

Pelos Officios incluzos ficará Vossa Senhoria ao facto dos movimentos do inimigo dirigidos por **José Rodrigues**, e **Medeiros**, e sendo necessario accudir aquella parte no cazo que o inimigo se atreva a fazer algua tentativa, convem que Vossa Senhoria se concerve em aptitude de marchar se for possivel para aquella parte, e prompto a aparecer em outra se algua invazão subita do inimigo assim o determine. Vossa Senhoria ordenará ao Capitão **Porto**, e **Fructuozo** se concervem por ora nos lugares onde se achão reunindo, más que estejão promptos a seguir qualquer destino que se lhe ordene, ou para esta força se assim for justo, ou para a Fronteira se o bem do serviço o exigir, e cujas ordens lhes serão enviadas posteriormente e conforme às circunstancias. O inimigo ao mando de **Eliziario**, ou **Barretto**, e em numero de mil e duzentos homes pouco mais, ou menos, 700 de Infantaria, e 400 e tantos de Cavallaria entrou no dia 18 do corrente na Villa do **Rio Pardo** onde todavia se concerva, e nós só esperamos a junção da Divizão do Centro para os fazer arrepender de sua audacia, e de certo se se demorarão mais alguns dias naquelle ponto, terão infalivelmente de sofrer a sorte de **Gabriel Gomes**. Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General na Fazenda do Tenente **André** 21 de Março 1838.
Ilmo. Senhor Coronel **João Antônio da Silveira**.
Commandante da Divizão da Direita.

[a] **Bento Manoel Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ilustrissimo Senhor Coronel **João Antônio da Silveira**.
Commandante da Divizão da Direita.
Onde se achar.
Do General Commandante das Divizões do Centro, e Direita.

CV-7727

Ilmo. Senhor.

Pelo que me noticía o Capitão **Leiria** de haver sido Vossa Senhoria chamado para o **Mato Portuguez**, julgo não terá dado cumprimento ao officio, em que lhe determinei que descesse por **São Martinho**: a vista do que tenho a ordenar-lhe novamente que se acazo este lhe for entregue estando Vossa Senhoria do **Passo Fundo** por lá, deverá esperar pela infantaria, e Artilharia da Divizão do Centro para com elles vir Vossa Senhoria descer por **Botucarahy**: afim de batermos o inimigo, que nos procura.

O inimigo acha-se em **Rio Pardo** com 400 homens de Cavalaria, e 900 de infantaria: creio d'ali não avançará por falta de Cavalaria.

A nossa Força consta de 800 de Cavalaria, e 400 de infantaria.

Deos Guarde à Vossa Senhoria. **Campo** cerca do **Rio Pardo** 23 de Março de 1838.

Ilmo. Senhor **João Antônio da Silveira**.

Coronel Commandante da Divizão da Direita.

N. B.

O Coronel **Ribeiro** marchou de **Alegrete** com 100 homens para reunir-se com **Boaventura**, e atacar **Siqueira** e por tanto desnecessario he que Vossa Senhoria mande os 100 que lhe determinei.

[a] **Bento Manuel Ribeiro**

[Anotado no verso]

Serviço da Republica.

Ao Cidadão Coronel **João Antônio da Silveira**

Commandante e da Divizão da Direita

Onde se ache.

Do General Commandante em Cheffe das Divizões do Centro e Direita.

CV-7728

Ilmo. Senhor.

Fui entregue do officio, que Vossa Senhoria me dirigio de **Santa Maria**, e fico intelligenciado do seo contheudo: restando-me determinar-lhe que dê suas ordens para que estejão promptas as reuniões de sua Divizão, de sorte que ao aproximar-se a Divizão do Centro, possa Vossa Senhoria marchar afim de batermos o inimigo, que ainda se acha em **Rio Pardo**. Vossa Senhoria poderá de **São Gabriel** marchar para este lugar, ordenando ao Major **Valença** que marche de **Santa Maria** para aqui reunir sua Divizão, ou poderá vir por **Santa Maria**, conforme mais conveniente lhe seja.

He necessario que Vossa Senhoria faça todo o sacrificio para trazer boa cavalhada, pois temos precizão d'essa arma.

Aqui estão com os Capitães **Porto**, **Furtuozo**, **Machado** 100 e tantos homens, pertencentes a sua Divizão e bom será que Vossa Senhoria em marchando reúna todas os praças da Divizão, exceptuando somente os de **Alegrete** e **Bagé**, que deverão ficar à expectativa de **José Rodrigues**.

Junto achará o officio do General **Netto**, onde vem uma plauzivel noticia.

Deos Guarde à Vossa Senhoria. Quartel General na **Cachoeira** 1º de Abril de 1848.

Ilmo. Senhor **João Antônio da Silveira**.
Coronel Commandante da Divizão da Direita.

[a] **Bento Manuel Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ilmo. Senhor **João Antônio da Silveira**.
Coronel Commandante da Divizão da Direita.
Onde se achar.
Do General **Bento Manuel Ribeiro**

CV-7729

Ilmo. Senhor.

Officiei hoje mesmo a Vossa Senhoria acuzando a recepção dos Prezos, e agora de novo o torno a fazer lembrando a Vossa Senhoria que será mui acertado, e athé necessario que Vossa Senhoria antes de marchar para este destino mande levantar 300 ou 400 potros das Estancias de **Barreto**, **Bibiano**, **Propicio**, **Gama, Manoel Alvez,** e **Pedrozo**, que deverão servir de montaria para o Corpo de Lanceiros, pois os que vierão já se achão manços e bons, assim como deverá Vossa Senhoria igualmente mandar aprehender escravos nas Estancias dos sugeitos mencionados, para o mesmo Corpo, por isso que me consta que em alguas inda senão bulio, bem como a de **Manoel Alvez**, e cujos podem mui bem servir para a condução dos potros, se esse trabalho se efectuar com tempo. Na reunião geral que deve marchar ao mando de Vossa Senhoria para **Rio Pardo**, deve Vossa Senhoria somente exceptuar o Corpo d'**Alegrete** que ficará sob a deliberação do Tenente Coronel **Guedes** que fica fazendo frente a **Jozé Rodrigues** e **Ciqueira**. Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General na **Villa da Caxoeira** 2 d'Abril de 1838.

Ilmo. Senhor Coronel **João Antônio da Silveira**.
Commandante da Divizão da Direita

[a] **Bento Manuel Ribeiro**

CV-7730

Ilmo. Senhor

Continuando o inimigo a permanecer em **Rio Pardo** eu fico somente esperando pela Divizão do Centro para ir-mos dar-lhe o castigo de seos crimes, e pervesidades; e entretanto Vossa Senhoria dará suas providencias sobre a reunião geral da Divizão de seo Commando de sorte, que ao aproximar-se a Divizão do Centro Vossa Senhoria esteja prompto para marchar ao 1º avizo: pois justo he que partilhemos todos das glorias que nos esperão em **Rio Pardo**.

Recebi os prezos, a excepção do Soldado do Capitão **Porto**, que o Capitão **Alexandre** não sei com que fundamento soltára.

Os Republicanos da **Bahia** continuando em seo heroico empenho tem alcançado diversos triunfos, de sorte que contão hoje 6 mil homens em armas, e o Imperio só tem 2 mil.

O facinoroso **Pedra** foi morto, e sua partida completamente desbaratada pelo Major **Constantino** nas Fronteiras de **Serro Largo**.

Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General na **Cachoeira** 3 de Abril de 1838.

Ilmo. Senhor **João Antonio da Silveira**.

Coronel Commandante da Divizão de Direita.

[a] **Bento Manuel Ribeiro**

CV-7731

1° Via

Ilmo. Senhor.

Em consequencia das derradeiras noticias da Divizão do Centro deve ella descer a **Picada de Butucarahy** athe 12 do corrente, e n'esta conformidade deve tão bem Vossa Senhoria marchar com a Divizão de seo Commando afim de achar-se n'este lugar no dia 12 mencionado para esmagar-mos de uma vez os Gallegos em **Rio Pardo**.Vossa Senhoria reunirá a maior força que possa, deichando somente os Corpos de **Alegrete**, e **Bagé** fazendo frente à **Medeiros** e **Siqueira**, e uma partida Policial de 30 homens em **Cassapava**.

Parece mais acertado que Vossa Senhoria marche de **São Gabriel** em direitura à este ponto, ordenando ao major **Valença** que marche direito de **Santa Maria**, afim de fazer aqui a juncção geral de Divizão.

Será conveniente que nas immediações de **Jacuhy** Vossa Senhoria mande apartar 200 rezes para municio, pois d'este lado já ha falta.

Vossa Senhoria conhece mui bem o transtorno que causa uma falta de combinação, e por isso confiado em seo Patriotismo excuso fazer-lhe mais recomendação.

Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General na **Cachoeira** 4 de Abril de 1838.
Ilmo. Senhor Coronel **João Antonio da Silveira**.
Commandante da Divizão da Direita.
[a] **Bento Manuel Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ilustrissimo Senhor **João Antonio da Silveira**.
Coronel Commandante da Divizão da Direita.
Onde se achar.
Do General Commandante da Divizão do Centro e Direita.

CV-7732
2ª Via
Ilmo. Senhor.
Em consequencia da ultimas noticias da Divizão do Centro deve ella descer a **Picada de Butucarahy** athe o dia 12 do corrente mes: e n'esta conformidade deve tão bem Vossa Senhoria marchar com a Divizão de seo mando, afim de achar-se n'este lugar no dito dia 12 para esmagar de uma vez os Gallegos estacionados em **Rio Pardo**. Vossa Senhoria reunira a maior força que possa, deichando somente os Corpos de **Alegrete**, e **Bagé** fazendo frente à **Medeiros** e **Siqueira**, e uma partida policial de 30 homens em **Cassapava**.
Parece mais acertado que Vossa Senhoria marche de **São Gabriel** em direitura à este lugar, ordenando ao major **Valença** que marche de **Santa Maria**, a bem de fazer aqui a juncção geral de sua Divizão.
Será bom que Vossa Senhoria aparte alem do **Jacuhy** 200 rezes para Municio, pois que d'este lado do Rio já ha falta.
Vossa Senhoria conhece perfeitamente o transtorno que cauza uma falta de combinação, e por tanto escuso recomendar-lhe mais nada.
Deos Guarde à Vossa Senhoria. Quartel General na **Cachoeira** 4 de Abril de 1838.
Ilustrissimo Senhor Coronel **João Antonio da Silveira**.
Commandante da Divizão da Direita.
[a] **Bento Manuel Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ilustrissimo Senhor Coronel **João Antonio da Silveira**
Commandante da Divizão da Direita

Onde se acha.
Do General Commandante da Divizão do Centro a Direita

CV-7733
Ilustrissimo Senhor.
Remeto a Vossa Senhoria a Ordem do Dia anexa pela qual verá Vossa Senhoria os Officiaes novamente promovidos, e os que tiverão acesso, e para que fassa entrar em suas respectivas funções àquelles que pertecerem a Divizão de seo Commando.
Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General em **Rio Pardo** 14 de Maio 1838.
Ilustrissimo Senhor Coronel **João Antonio da Silveira**
Commandante da Divizão da Direita
[a] **Bento Manuel Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão Coronel **João Antonio da Silveira**.
Commandante da Divizão da Direita.
Seu Quartel.
Do General Cheffe do Estado Maior e Commandante das Divizões do Centro, e Direita.

CV-7734
Ilustrissimo Senhor
Tendo os planos novamente combinados, ordenado novos movimentos, convem que para seo consequente desenlace, fassa Vossa Senhoria destacar da Divizão de seo Commando 200 sob o mando, e direção do Tenente Coronel **José Alvez Valença**, cuja força hé dirigida a engrossar a Columna que deve por Sitio a Cidade de **Porto Alegre**, e que se deve achar neste ponto imperterivelmente no dia 25 do andante. Outro sim mandará Vossa Senhoria reforçar a guarnição de **São Borja** Commandada pelo Coronel **José Ribeiro** pelo Corpo do Major **Farias**, contando naquella colletoria com os suprimentos necessarios, assim como deve Vossa Senhoria contar com o numerario que lhe for percizo para manutenção da Força de seo mando na Collectoria de **Alegrete**, a cujo Collector se expedem as competentes ordens para tal efeito. Convem igualmente que Vossa Senhoria mande por hum Official examinar o estado das Cavalhadas invernadas em **Sima da Serra,** ao cuidado do Tenente **Toledo**, onde igualmente se achão mais de 100 alqueires de sal para sua manutenção.

Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General em **Rio Pardo** 14 de Maio 1838.

Ilustrissimo Senhor Coronel **João Antonio da Silveira**
Commandante da Divizão da Direita.

[a] **Bento Manuel Ribeiro**

CV-7735

Ilustrissimo Senhor.

Accuzo a recepção do Officio de Vossa Senhoria dactado de 16 do que rege; incluzive o do Major **Joaquim Faria Correa**, e a par de cujos contextos tenho a responder a Vossa Senhoria. Que o Governo Supremo da Republica tem inceptado, e firmado hum contracto regular com a Companhia Americana, que deve segundo as condições estipuladas suprir com os generos que forem percizos, não só para remir as necessidade do Exercito, más tambem de armamento, munição, etc., pelo que já podemos contar com hum centro de recursos reaes, e acrescendo que em **Piratiny** se acha comprada hûa grande factura que deve ser applicada para fardamento do Exercito, não convem por principio algum efectuar-se o negocio com o Coronel **Oliverio**, inexequivel, e impraticavel em seos ensaios, e muito principalmente porque nelle se manifesta hua usura notavel por todos os modos, e sobre maneira nociva ao Estado. Mesmo as razões em que o Major **Farias** estriba os seos raciocinios, acerca de tão transcendente assumpto, são escoradas em principios falsos, bazeados em errôres bem salientes, e destituidas dessa vantagem ideal, que elle pressupoem reverter em nosso abono. Alem de outras razões com que devo impugnar o dezempenho desse contracto, aliás ruinozo e exorbitante, eu não me acho authorizado para entabolar negociações de semelhante identidade, e que estão remotas da minha esphera de atribuições, cuja tarefa se limita ao circulo de obgectos parciaes.

Todavia se Vossa Senhoria tem suma necessidade de generos para sua Divizão e não pode esperar pelas fazendas que se esperão de **Corrientes**, para o que marchou meo filho a conduzillas, em consequencia de contracto estabelecido com o Coronel **Lopes** que aviza estarem promptas, [1v] então em ultimo cazo pode Vossa Senhoria dirigir-se ao Governo da Republica, a quem compete deslindar os negocios geraes, e de mais alta importancia.

Quanto à gente do Major **Farias**, que deve ter marchado para **São Borges**, em cumprimento de minhas ulteriores ordens, naquelle lugar existe hua Collectoria rendoza, e juntamente muito negocio de onde o Commandante da Fronteira subministrara ao dito Major o vestuario percizo para a Força de seo mando, e para o que já se lhe espedirão as respectivas ordens. Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General em **Rio Pardo** 19 de Maio 1838.

Ilustrissimo Senhor Coronel **João Antonio da Silveira**.
Commandante da Divizão da Direita
[a] **Bento Manuel Ribeiro**

CV-7736
Ilustrissimo Senhor.
Fico de posse do Officio de Vossa Senhoria conduzido pelo Capitão **Porto** que custodiou o Major **Fructuozo**, cuja captura intimei a Vossa Senhoria nos meos antecedentes, bem como o do Major **Fontoura**, e sumamente imbuido de seos contextos. Accuzo igualmente recebido o de 19 em resposta ao meo de 17 do corrente, e avista das razões que Vossa Senhoria expende, tenho a dizer-lhe que a occupação deste ponto por Vossa Senhoria só deve deixar em quanto durar a minha marcha sobre **Porto Alegre**, por isso que independente de Forças, eu somente exijo a prezença de Vossa Senhoria neste lugar, pois que existindo aqui Depozitos, Hospitáes, e varios outros objectos pertecentes ao Estado, alem das arrematações que se pertende fazer em hasta publica dos generos confiscados ao inimigo, necessariamente deve aqui permanecer hua reprezentação superior para substituir o meo lugar, deliberar, e predispor o que for condicente ao bem do serviço. Torno pois a dizer que prescindindo de forças, unicamente exijo a sua authoridade nesta Villa para dar andamento ao que for proficuo ao serviço do Estado, e cujo interesses ficão sob sua immediata administração que será respeitada e garantida pela Força que ficar guarnecendo esta localidade. Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General em **Rio Pardo** 21 de Maio 1838.
Ilustrissimo Senhor Coronel **João Antonio da Silveira**
Commandante da Divizão da Direita.
[a] **Bento Manuel Ribeiro**

CV-7737
Ilustrissimo Senhor
Tendo chegado à vista de **Porto Alegre** no dia 11 do corrente, logo no dia 12 se fez sobre os arredores da Cidade hua emboscada, da qual rezultou ficar em nosso poder 500 rezes, entrando 200 bois manços, 200 Cavallos, 80 em muito bom estado, hum rebanho de ovelhas, e 14 negros que cuidarão o gado.

Todos os prezos que existião na **Preziganga**, 8º, Cadeia, etc., seguirão para baixo, porem estas prizões já estão novamente cheias, tal he o estado de desmoralização e desordem que ali reina. Vossa Senhoria fara seguir sem demora o Major **Sebastião Guedes**, trazendo, ou por vontade, ou prezos hum Tenente **Evaristo** da **Chrus Alta**, hum **Gavião** das **Pederneiras**, e hum **João Chrisostomo** de **Rio Pardo**, assim como apromptar nessa Villa para marchar as Praças que faltão

ao Completo de 200 homes de sua Divizão, mandando prender, e conservar nessa Villa, ou remeter para o Exercito os Officiaes que se negão ao Serviço da Patria, e com seo máo exemplo desmoralizão os soldados, como sucedeo na primeira reunião, segundo me informa o Tenente Coronel **Valença**. Muito convem que Vossa Senhoria me informe do numero de armas de infantaria que existem nessa Villa compostas, compondo-se como tambem aquellas que armão as Praças que guarnecem essa Villa para saber-mos com que porção devemos contar no cazo de tentarmos contra os abatires[5] do inimigo. Acuzo a recepção [1v] dos seos 2 officios, hum de 2 do Junho, e outro 27 de Maio: quanto ao primeiro fico na inteligencia do que contem, e quanto ao segundo tenho a dizer-lhe que estamos inteiramente a pé, porem que estamos esperançados de que Vossa Senhoria com a sua actividade, e bons dezejos de servir a Patria, nos há de proporcionar algua remonta, pois por essa parte do Estado, hé mais facil do que por este lado hua tal empreza, e muito confio que Vossa Senhoria fará o que estiver de sua parte para nos promover esse auxilio de que tanto necessitamos. Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General na **Aldeia dos Anjos** 16 de Junho 1838.
Ilustrissimo Senhor Coronel **João Antonio da Silveira**
Commandante da Divizão da Direita
[a] **Bento Manuel Ribeiro**

CV-7738

Ilustrissimo Senhor.

O Officio de Vossa Senhoria de 29 do preterito passado me põem ao facto de toda sua [rasgado]sencia, mui principalmente dos periodos em que trata da reunião da gente que deve completar os 200 homes que falta ao Contingente de sua Divizão destacada n'esta parte, e do que trata dos cavallos, por isso que eu espero que Vossa Senhoria me fassa remessa de alguns, pois estamos inteiramente a pé. O Capitão **Adriano** segue n'esta occazião para a Fronteira, afim de trazer hua cavalhada comprada por meo Mano **Jozé Ribeiro**. Quanto ao **Alexandre d'Abreo**, se Vossa Senhoria conhecer que elle não pode por modo algum hostilizar-nos, o ser-nos prejudicial, se lhe parecer pode relaxar-lhe a custodia, e passar-lhe portaria, com a condição d'elle passar hum termo na conformidade do traslado que lhe remetia com as Instrucoens de Policia, e em tudo conforme a letra do Decreto de 13 de Janeiro do corrente anno: em suma deixo esse objecto a decisão

[5] Abatis: "Defesas acessórias na fortificação improvisada, feitas com ramos de árvores resistentes e espessos que se colocam diante dos entrincheiramentos para evitar ou dificultar o acesso as posições, ou nas estradas e caminhos para retardar o avanço da cavalaria e viaturas.". GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume I, 1960: 46. [N. do E.]

de Vossa Senhoria que prezumo será razoavel. Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General em **São Leopoldo** 5 de Julho 1838.
Ilustrissimo Senhor Coronel **João Antonio da Silveira**
Commandante da Divizão da Direita
[a] **Bento Manuel Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão Coronel **João Antonio da Silveira**.
Commandante da Divizão da Direita
Rio Pardo.
Do General Commandante das Divizões do Centro, e Direita.

CV-7739

Ilustrissimo Senhor.

Remeto a Vossa Senhoria as Cartas juntas, hua do Excelentissimo Prezidente, e outra do Excelentissimo General em Cheffe, e de cujo contheudo verá Vossa Senhoria o dezejo que há de que Vossa Senhoria os vá coadjuvar nas operações por aquella parte, devendo Vossa Senhoria levar os 100 homes que estavão destinados para completar o Contigente de sua Divizão que se acha fazendo o assedio de **Porto Alegre**, assim com o Major **Sebastião Guedes** com o seo Esquadrão, e toda a mais gente que poder reunir.

Hé de suma importancia e necessidade que Vossa Senhoria marche quanto antes, por assim convir ao serviço da Republica.

O Tenente Coronel **Manoel Macedo** segue para o mesmo destino com o Corpo de seo Commando, podendo adiantar a sua marcha o mais que lhe for possivel. Remeto a Vossa Senhoria a participação Official do nosso Amigo o General **Rivera**, da qual verá o triumpho ganhado pelo mesmo General. Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General em **São Leopoldo** 8 de Julho 1838.
Ilustrisimo Senhor Coronel **João Antonio da Silveira**
Commandante da Divizão da Direita
[a] **Bento Manuel Ribeiro**

CV-7740

Ilustrissimo Senhor.

Havendo o Governo ordenado a Creação do 2° Corpo de Lanceiros de 1° Linha, cumpre que Vossa Senhoria, proceda ao recrutamento para o mesmo Corpo, na forma indicada, e desposta no Decreto de 20 d’Abril do corrente anno, cujo deve ser conhecido por Vossa Senhoria. Quartel General em **São Leopoldo** 11 de Setembro 1838.

Ilustrissimo Senhor **Joaquim dos Santos Prado Lima**.
Commandante de Policia do Municipio de **Alegrete**
[a] **Bento Manuel Ribeiro**

[Anotado no verso]
Ao Cidadão **Joaquim dos Santos Prado Lima**.
Commandante Geral da Policia do Municipio d'**Alegrete**.
Do General Commandante das Divizões do Centro, e Direita.
[Anotado no verso, na margem superior]
Setembro – 11 – 38.
[a] **Bento Manuel**.

CV-7741

Copia.

Ilustrisimo Senhor = Tenho de deixar n'esta Villa certa porção de Fazendas que sendo aplicadas para a Divizão do Centro, o embaraço de hum Tranzito siguro para a mesma Divizão fez procrastinar a sua remessa. Cumpre pois que Vossa Senhoria em prol dos interesses do Estado passe a tomar conta das dittas Fazendas ,bem como devera receber outras que hão de ser enviadas d'**Alegrete** e conduzidas pelo Capitão **Francisco Gomes**, e conjuntamente conservallas em hum Deposito seguro. N'esta mesma data passo a communicar ao Excelentissimo Ministro da Fazenda a deliberação que hei tomado no que respeita a pessoa de Vossa Senhoria, e da missão em que fica encarregado.

Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General em **Rio Pardo** 27 d'Janeiro de 1839 = **Bento Manuel Ribeiro** = Ilustrissimo Senhor Major **Luiz Jose da Fontoura Palmeiro**. =

N. B.

Eu não só participei ao Senhor Ministro da Guerra que aqui me tinhão empregado como remeti a copia deste officio = **Palmeiro**.

CV-7742

Ilustrissimo Senhor.

Para se dar algum alento ao enthuziasmo da Força que marcha sobre o inimigo, e ao mesmo passo remediar em parte suas maiores privações, se promoveo n'esta Villa entre seos habitantes hum emprestimo de mil trezentos e cincoenta patacões em prata, e a cuja quantia se obrigou o Cidadão **Affonço Sarasin**; indispensavel he que Vossa Senhoria saptisfassa, ou mande saptisfazer ao mesmo Cidadão **Sarasin**, por alguas das Collectorias sobordinadas á sua competente jurisdição da referida importancia de 1:350 patacões, por que assim convem ao credito da Nação. Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General em **Rio Pardo** 27 de Janeiro 1839.

Ilustrissimo Senhor Major **Antonio Vicente da Fontoura**.
Collector Geral dos Municipios do **Rio Pardo**, **Cachoeira**, **Cassapava**, e **Chruz Alta**

1:296$000

[a] **Bento Manuel Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão Major **Antonio Vicente da Fontoura**.
Collector Geral dos Municipios do **Rio Pardo**, **Cachoeira**, **Cassapava**, e **Chruz Alta**.
Do General Commandante das Divizões da Direita, e Centro.
[Anotado no verso margem superior]
Ordem: **Affonso Sarasin**.

CV-7743

Ilustrissimo Senhor.

Em consequencia de varios suprimentos feitos pelo Cidadão Francez **Affonco Sarasin** á Fabrica de Carretas que trabalha por conta do Estado, cumpre que Vossa Senhoria saptisfassa ao mesmo Cidadão **Sarasin** a quantia de trezentos oitenta, e nove mil setecentos e trinta reis em moeda metalica, e cuja soma extrahirá Vossa Senhoria dos reditos Nacionaes de alguas Collectorias sugeitas a sua immediata adeministração. Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General em **Rio Pardo** 27 de Janeiro 1839.
Ilustrissimo Senhor Major **Antonio Vicente da Fontoura**.
Collector Geral dos Municipios do **Rio Pardo**, **Cachoeira**, **Cassapava**, e **Chruz Alta**

[a] **Bento Manuel Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão Major **Antonio Vicente da Fontoura**.
Collector Geral dos Municipios do **Rio Pardo**, **Cachoeira**, **Cassapava**, e **Chruz Alta**.
Do General Commandante das Divizões do Centro, e Direita.
[Anotado no verso, na margem superior]
Ordem: **Affonso Sarasin**.

CV-7744

Ilustrissimo Senhor.

O Documento junto assignado pelo Cidadão Coronel **David Canabarro**, Vossa Senhoria o mandará saptisfazer, por gado de corte, ou de criar, e pelo preço

corrente n'essa Fronteira, e cujo gado será extrahido das Fazendas arroladas, pertecentes aos inimigos de nossa Patria, e reputadas propriedades Nacionáes.

Deos Guarde a Vossa Senhoria. Quartel General em **São Leopoldo** 12 de Fevereiro 1839.
Ilustrissimo Senhor **Joaquim dos Santos Prado Lima**
Cheffe de Policia do Municipio do **Alegrete**
[a] **Bento Manuel Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão **Joaquim dos Santos Prado Lima**.
Cheffe de Policia do Municipio d'**Alegrete**.
Do General Commandante das Divizões da Direita, e Centro.
[Anotado no verso, na margem superior]
Fevereiro-12-39.
Bento Manuel

CV-7745
Vila Setembrina 16 d'Abril 1839.
Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor **Domingos José d'Almeida**.

Recebi a importante, e officioza carta de Vossa Excelencia de 23 do preterito passado e com ella os quadros athe numero quatro que Vossa Excelencia me remeteo, tendo em suma concideração a maneira amistoza com que Vossa Excelencia se há dignado tratar-me, e ao que só acompanho com os sufragios de meo respeito. Eu concordo em tudo o que Vossa Excelencia expoem, conheço quanto são justas as razões que Vossa Excelencia pondera, e que as salutares medidas tomadas por Vossa Excelencia sendo encaminhadas a firmar o credito do Governo, e ao melhoramento de seos recurços, trazem o tippo daquelle zello, actividade, e patriotismo que Vossa Excelencia custuma por em acção quando trata da prosperidade do Estado, e do bem da Patria, adevertindo Vossa Excelencia que de minha parte farei tudo o que estiver na esphera de minhas atribuições, influencia, e capacidade para coadjuvar a Vossa Excelencia em tão digna, quanto honroza missão. Não estando em hum contacto immediacto com os negocios da Fronteira, e de outras partes do Estado, não poderei remediar de prompto os abuzos que Vossa Excelencia aponta, más como Vossa Excelencia tem destinado quantias aplicadas á certos Commandos, prezumo que logo cessarão. Acho mui vantajoza, e proficua a Contracta que Vossa Excelencia entabolou, por isso que dando-se boa direcção a os [1v] nossos meios peculiares, poderemos contar com hum centro immediacto de recurços certos. No que reputa a remessa da tropa que Vossa Excelencia fez vir de **Cachoeira**, chegou em hua crizo em que não foi possivel effectuar-se a venda d'ella, por isso que havendo de apertar-se o Sitio, em consequencia do

plano das operações, foi necessario ordenar-se hua privação total ao ingresso de qualquer genero para a Cidade, pois em cazo contrario, se tornaria emproficua a ocupação do **Itapoã**; e emquanto ao dinheiro de **Santa Victoria**, já eu o remeti a Vossa Excelencia. Lembro a Vossa Excelencia que o Municipio d'**Alegrete** há hua Fazenda do Finado **Manoel Jozé Ribeiro de Farias**,[6] da sociedade com hum irmão **Thomé Ribeiro de Farias**, morador no **Rio de Janeiro**, mas que se acha povoada por intruzos, por estar abandonada; lançando o Governo mão d'ella, e mandando-a arrematar, pois são nove legoas, ao menos a dous contos de reis por legoa em moeda de prata corrente, se pode dali contar com algum numerario para fazer face ás despezas que Vossa Excelencia indica. Se eu podesse ir á Fronteira, asseguro a Vossa Excelencia que em hum mez faria levantar 8 ou 10 mil novilhos, que aplicaria ao fundo que Vossa Excelencia quer formar em **Monte Video**, mas como não posso, vou escrever ao Commandante Geral de Policia do Municipio d'**Alegrete** a este [2] respeito. Na minha digressão ao Municipio da **Chruz Alta**, deixei invernada ao cuidado do Cidadão **Rodrigo Felix Martins**,[7] hua tropa de mullas, e nas Estancias do Coronel **Gama** se podem levantar pelo menos 2000 que podem ser invernadas ao cuidado d'este mesmo Cidadão, e em tempo oportuno, ordenar-se a venda d'ellas. A meo Mano o Coronel **Jozé Ribeiro**[8] pode Vossa Excelencia se lhe apraz incubir d'esse trabalho, e verá Vossa Excelencia como esse recurço ministrará alguns meios de amortizar as dividas do Estado. Por que já estamos no inverno, e he percizo preparar os nossos soldados para o sofrer, aqui se recebeo de hum Cidadão 400 patacões para a compra de 500 bixarás, para o mesmo Cidadão ser indemnizado na Collectoria de **São Borja**. Se as percizões da tropa me compellirem, somente lançarei mão de algum dinheiro das Collectorias do **Triumpho** para cá, por que he impossivel a quem Commanda mais de 3000 homes, deixar de fazello. Me parece que breve se aplanarão todas as dificuldades que ora aparecem, porque vendo perto o triumpho de nossa cauza, o seo rezultado decidirá do progresso della para o fucturo. Em qualquer [2] tempo, e circunstancias, pode e deve Vossa Excelencia contar com a estima, e respeito com que sou

De V. Exa.
Amigo e Companheiro
[a] **Bento Manuel Ribeiro**

N. B.
as Cartas juntas fará Vossa Excelencia o obzequio remetellas ao seo destino.
[Anotado na margem superior]
Respondida a 23 de Maio.

---

6 Está anotado na margem, provavelmente por **Domingos José de Almeida**: "**Manoel José Ribeiro de Faria**". [N. do E.]

7 Está anotado na margem, provavelmente por **Domingos José de Almeida**: "Morador em **Jacuhizinho**". [N. do E.]

8 Está anotado na margem, provavelmente por **Domingos José de Almeida**: "**José Ribeiro**". [N. do E.]

CV-7746

Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor **Domingos José de Almeida**.

Havendo os Tenentes Coroneis **Cardozo** e **Rocha** praticado acções indignas de um official, já por relaxados, e sobretudo por insubordinados, em lugar de os ver punidos para evitar a reprodução de escandalos tão perniciozos ao Publico Serviço, vi com estranheza um Decreto do Senhor Ministro de Guerra premiando a insubordinação do ultimo. Esta offensa directa a minha dignidade militar, me obriga a deichar o Serviço, que não sei fazer com impostores, relaxados, e perversos: assim o verá da copia junta, por, officio, que dirijo ao Ministro da Guerra.

Tenho entretanto de rogar a Vossa Excelencia que sirva-se ter a bondade de fazer imprimir no primeiro Numero do **Povo** a copia do dito meo officio.

Ao retirar-me do serviço devo assegurar á Vossa Excelencia nossa firme amizade e muito folgarei de receber suas ordens na minha estancia de **Jaráo**, para onde vou viver.

Apetecendo a Vossa Excelencia toda a sorte e felicidades sou com a maior estima

De Vossa Excelencia
Amigo muito obrigado

Cachoeira 15 de Julho de 1839.

[a] **Bento Manuel Ribeiro**

[Anotado na margem superior]
Respondida a 23 – || –

CV-7747[9]

(Copia)

Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor = Depois de haver feito sacrificios quase Superiores ao esforço humano na deffeza da Integridade do **Brasil**, em cujo Serviço havia encanecido, me vi forçado a abandona-lo pela ingratidão, que se usou comigo e sobretudo por não comportar um dezaire, que a estupidez do Brigadeiro **Antero**, e a pervesidade de seos conselheiros me destinavão por galardão. Sabe-o Provincia inteira, e sabem-no até os vizinhos Estados.

Entretanto minha posição social não tolerava que ficasse eu então neutro no meio da violenta agitação em que estavão os espiritos: nem jamais o meo caracter lhano me permittiria o figurar de hypocrita, e alem d'isso meos bens (que avultão no Estado) e a conservação d'elles a bem de minha numeroza familia reclamavão minha adhezão á cauza, que começou a contar d'essa epocha a maioria do Paiz por si.

[9] O documento CV-7747 está anexo ao CV-7746. Esta carta de **Bento Manuel Ribeiro** foi publicada no jornal **O Povo**, de 24 de julho de 1839. [N. Do E.]

Dediquei-me pois a ajudar os Republicanos, porem foi meu intento servi-los na classe de simples Cidadão sem exercer Cargo algum. Virão-me todos prestar meos serviços ao lado do Coronel **João Antonio**, e de outros dignos Rio Grandenses, expondo-me assim ás amargas satiras de meos inimigos, sem outro objecto mais do que ser util ao **Rio Grande**.

Por fim havendo regressado de seo exterminio o Exmo. Sr. Prezidente nos encontramos em **Rio Pardo**; marchamos até o **Padre Eterno**, e retrocedemos juntos para a Villa do **Triunfo**. No decurso d'esta jornada occupei-me somente em eximir-me do Commando das Divizões, para que S. Exa. me havia nomeado: já o coração pressago me annunciava futuros dissabores: ja tantas ingratidões havia soffrido d'aquelles, a quem melhor tenho servido, que não duvidava quão brevemente m'as cauzarião esses, que então tanto me lisongeavão. Afinal sacrifiquei minha opinião e meos principios á uma pura condescendencia com aquelle Exmo. Sr. E eis que sem distar muito tempo vejo ja realizados meos pre-sentimentos notando com extranheza no N.º 79 do – **Povo** – Jornal da Republica publicado hum Decreto refferendado por V. Exa., onde nomeia para Tenente Coronel e Commandante do 2º Batalhão de Cassadores **Francisco José da Rocha**, dezairando-me dess'arte aos olhos de todo o Paiz, pois he geralmente sabido que reprehendi asperamente esse insubordinado Bahiano, – indigno athe de cingir a banda que desdoira.[10]

Dedicado desde meos primeiros annos a Carreira militar me tenho nella avantajado não pelos meios do servilismo, se não por acções de exforço e intelligencia: e servindo n'esses tempos com os Generais D. **Diogo de Souza**, **Conrado**, e tantos outros, que temos o costume de chamar déspotas, nenhum d'elles já mais me dezairou. Ahi [1v] estão os Rio-Grandenses todos testemunhas do apreço, e consideração com que sempre me honrarão, sem que eu soubese curvar-me á prepotencia.

Hoje ja proximo a sepultura e cheio de caãs ganhadas em arduos Serviços a Patria, não posso, nem devo tolerar que por hum obscuro Bahiano fira V. Exa. nem o Exmo. Governo minha honra, e pundonôr militar.

Pelo que levo ao conhecimento a V. Exa. para sua intelligencia que desde a data d'este me reputo demittido da graduação, que tenho da Republica, e exnoerado do serviço militar: ambicionando a honra de ser considerado sempre como hum simples Cidadão Rio Grandense – favor á que meos serviços me dão algum juz.

Deos Guarde á V. Exa. – **Cachoeira** 16 de Julho de 1839 = Ilmo. e Exmo. Sr. Coronel **José Mariano de Matos**. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Guerra = assignado = **Bento Manoel Ribeiro**.

Está conforme
[a] **Sebastião Ribeiro**.

---

[10] Ver Anexos nº 02 – Decreto publicado no jornal O Povo, em 29 de junho de 1839 – Nomeação do Coronel **Francisco José da Rocha** para Comandante do 2º Batalhão de Caçadores de lª Linha. [N. do E.]

CV-7748

Exmo. Sr. **Domingos José de Almeida**.

Alegrete 8 de Setembro de 1839.

Tenho a honra de participar á V. Exa. que fui pelo Sr. Prezidente encarregado de ir substituir ao nosso Compatriota o Sr. **Camara**: ao aceitar um empenho tão superior as minhas forças tive somente em vistas o servir á nossa Patria, n'uma crise, em que talvez meo nome concorrerá para fazer apressar uma solução. Alem de que as conhecidas picardias de Don **F**... me tem inflamado bastante contra esse perfido.

Se V. Exa pudesse mandar-me fazer ali um Sinete com as armas da Republica, bom seria: que deverá remetter ao Sr. Prezidente, pois na falta de outro levo o d'elle: visto que não me será facil encontrar o meo Antecessor, que tomou uma direcção differente da que levo.

A circunstancia de haver entrado muito o Exercito **Argentino** me obrigou a sobrestar em minha marcha, athe o regresso de um chasque, por quem somente espero.

Sirva-se V. Exa. contar sempre com cordial estima, e maior apreço em que tenho a honra de reputar-me

De V. Exa.
Amigo muito obrigado
[a] **Bento Manuel Ribeiro**.

[Anotado na margem superior]
Respondido a 23 – || –
[Anotado no verso]
Ao Cidadão **Domingos José de Almeida**.
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda.
Caçapava.
De Seo Amigo **Bento Manuel Ribeiro**.

CV-7749

Exmo. Sr. **Domingos José de Almeida**.

Alegrete 19 de Septembro de 1839.

Com o mais pofundo pezar sube do Sr. Presidente que V. Exa. insta pela marcha d'elle para essa Capital, onde deve rezidir, para então demittir-se V. Exa., ou desde já se elle não for, do alto cargo, que tão digamente tem dezempenhado na crize apurada porque passamos.

Permitta V. Exa. que um amigo apaixonado de V. Exa., bem como da Cauza Rio-Grandense, aventura algûas reflexões dictadas pello Bem Publico.

O lugar que V. Exa. occupa não he talvez possivel prehenche-lo: V. Exa. bem cohece que na actualidade não há homes aptos para tão difficil missão: nem

quando os houvesse se encontraria outro, cujo genio expeditivo rivalizasse com aquelle, que tanto caracteriza a V. Exa. Dado este precedente he claro que a falta de V. Exa. envolve grande quebra de Serviço: que a Causa, em cuja elevação tem V. Exa, tamanha parte paralizará seos progressos, e porventura decahirá e não se deve esperar de quem sempre se conservou sobranceiro aos vaivens dos homens, e das circunstancias, [1v] que n'esta conjunctura abandone a cauza de todos, e aos seos amigos.

V. Exa. bem sabe que eu tive ainda recentemente alguns motivos de desgosto; e que alem d'isso minha avançada idade he motivo justificado para minha demissão: e todavia vendo ante todas as coizas o Bem da Patria sube sacrificar-lhe qualquer recentimento que podesse ter, pois que a Cauza não he d'este, ou d'aquelle homem, mas he nossa, he de todos.

Hé certo que ahi deve ser a rezidencia do Sr. Presidente; porem julgo urgente sua prezença n'esta fronteira, sobretudo em quanto não estamos certos dos principios de nossos vizinhos, que apezar de varias diligencias não temos ainda conseguido conhece-los.

Agora mesmo vamos marchar para **Santa Anna**, onde esperaremos pela volta de um chasque, que dirigimos ao General **Echague**. Logo que isto se aclare seguramente regressará o Senhor Presidente, que entretanto descança na reconhecida actividade de V. Exa.

Me lizongeo pois que V. Exa. ouvindo a voz da amizade, que n'este caso se confunde com a da Patria, se manterá firme no arriscado Posto, de que [2] tantas difficuldades não souberão ainda fazê-lo recuar: com esta esperança marcho mais tranquilo para o meo novo destino, onde como em toda outra parte folgarei de receber suas ordens, por ser com o maior affecto e estima

De V. Exa.
Amigo muito obrigado
[a] **Bento Manuel Ribeiro**.

[Anotado na margem superior]
Respondido a 23 – | | –

CV-7750

Ilmo. Amigo e Sr. **Prado**.

Jaráo 11 de Dezembro de 1839.

O depois de ler as communicações de **Valdes**, digne-se remettelas pelo Correio a meo Mano em **São Borja**.

Tambeem lhe envio o Officio que me dirige **Agostinho** por onde se poderá orientar do que se passa por **Lages**, **Laguna**, etc.

Sou como sabe

De V. Sa.
Verdadeiro Amigo
[a] **Bento Manuel Ribeiro**.

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão **Joaquim dos Santos Prado Lima**.
Chefe de Policia do Municipio do **Alegrete**.
Do General **Bento Manuel Ribeiro**.
[Anotado no verso, na margem superior]
Dezembro – 11 – 39
Bento Manoel

CV-7751

Illmo. Senhor.

Junto axará V. S. uma carta do **Ricardo** que apezar de não me merecer todo o credito, com tudo será bom V. S. mandar um Official examinar essa noticia; a ser certo eu farei marxar daqui o Tenente Coronel **Porto** com 200 homes que tem, que deverá seguir por **São Vicente**, **São Pedro**, fazer junção com V. S. na **bocca do monte**, e entrar V. S. com essa força fazendo a vanguarda, e eu marxarei a traz com uma força a batermos essa canalha, uma vez que elles se atrevão a apparecerem aquem do **matto castelhano**; e se elles parão na **Vaccaria** seguramente serão batidos pelo Exmo. Presidente em Chefe **Bento Gonçalves** que mui prompto fará subir forças para **cima da Serra**, e sahir-lhes pela retaguarda. V. S. esteja mui disposto a marxar mui principalmente se a noticia que lhe der a pessoa que mandar a **Cruz Alta**, confrmar a carta de **Ricardo**.

Deos Guarde a V. S. Quartel General no **Jaráo** 15 de Dezembro de 1839.
Ilmo. Sr. Coronel **João Antônio da Silveira**.

[a] **Bento Manuel Ribeiro**.

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão **João Antônio da Silveira**.
Coronel Commandante da Divizão da Direita.
Onde se axe.
Do General **Bento Manuel Ribeiro**.

CV-7752

Illmo. Senhor.

Neste momento, e neste lugar, recebi o Officio de V. S. onde me annuncia o ingresso no dia 15, do inimigo em **Santa Maria**, que ja supponho terem voltado

para **cima da Serra**. A força aqui reunida no dia 20 fica em **Alegrete** prompta a marchar, e no dia 21 devo eu seguir sem falta; espero antes, V. S. me diga que direção devo tomar; pois no caso d'elles terem subido a Serra, eu marcho por **São Francisco**, **São Vicente**, **Toropy**, e fazemos junção no **passo de São Lucas** em **Bicuhy**, e entraremos por **São Martinho**; porem se elles fizerem outra manobra e não subirem a Serra, V. S. me indicará como já disse a direção que devo seguir.

Os Officios junto para **Cassapava**, fará os seguir em brevidade.

Deos Guarde a V. S. Quartel General na **Boa Vista** 17 de Dezembro 1839.
Ilmo. Sr. Coronel **João Antônio da Silveira**.

[a] **Bento Manuel Ribeiro**.

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão **João Antônio da Silveira**.
Coronel Commandante da Divizão da Direita.
Onde se axe.
Do General **Bento Manuel Ribeiro**.

CV-7753[11]

Reservado.

A nossa junção deve ser na entrada da **picada de São Chavier**, porém V. S. faça constar que vamos subir por **São Martinho**.

CV-7754

Ilmo. Senhor.

Foi-me entregue seo Officio d'hontem, e fico inteirado de seo contexto.

Hoje mesmo sigo, porem de vagar, por esperar algûas partidas que ainda não se reunirão.

Pelo itinerario de minhas marxas conhecerá V. S. o dia que devemos fazer junção em **São Xavier**, devendo V. S. desde já mandar tomar aquella picada a que não suba ninguem.

O Officio junto para o Presidente mande por um proprio violento, e seguro; pois contem combinações de operações, e o que vai para **Mattos**, mande para **São Gabriel** para d'alli mandarem logo, que isso tambem muito importa.

Deos Guarde a V. S. Quartel General no **Alegrete** 21 de Dezembro de 1839.

Ilmo. Sr. Coronel **João Antônio da Silveira**.

[a] **Bento Manuel Ribeiro**.

---

[11] O documento CV-7753 está anexo ao CV-7752. [N. do E.]

[Anotado na margem superior]
Respondido a 22 do corrente.
[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão Coronel **João Antônio da Silveira**.
Commandante da Divizão da Direita.
Onde se axe.
Do General **Bento Manuel Ribeiro**.

CV-7755

Ilmo. Senhor.

Lembro a V. S. que temos precizão de levar pelo menos quatro centas rezes para municio da Tropa: nesta dacta escrevo ao **Prudencio** para que me mande duzentas rezes, e V. S. veja se faz vir outro igual numero, e mesmo entender-se com o dito **Prudencio** que talvez não mande.

Conto que no dia 26 sem falta, nos reuniremos no lugar já indicado.

Deos Guarde a V. S. Quartel General em marcha na **estancia do Pavão** 24 de Dezembro de 1839.
Ilmo. Sr. Coronel **João Antônio da Silveira**.
[a] **Bento Manuel Ribeiro**.

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão Coronel **João Antônio da Silveira**.
Commandante da Divizão da Direita.
Onde se axe.
Do General **Bento Manuel Ribeiro**.

CV-7756

Ilmo. Senhor.

Pelas participações de **Aranha**, ainda que não são bastante claras, se collige que a derrota, ou dispersão do Coronel **Teixeira** foi pella força d'aqui emigrada.

No Officio junto do General em Chefe, verá V. Sa. que insta por forças na **Caxoeira**: V. S. logo que este receba siga para aquelle lugar da **Caxoeira**, dando parte immediatamente ao mesmo Exmo. General em Chefe e exija instrucçoens ou ordens. Prompto regressará o Capitão **Fermiano** com o Esquadrão a seo mando, e o farei seguir a incorporar-se a V. Sa.

Deos Guarde a V. S. Quartel General na **Cruz Alta** 22 de Janeiro de 1840.
Ilmo. Sr. Coronel **João Antônio da Silveira**.
[a] **Bento Manuel Ribeiro**.

CV-7757

Exmo. amigo Sr. **Almeida**.

Cruz Alta, 26 de Janeiro de 1840.

Por uns extraviados do Tenente Coronel **Teixeira** chegados hontem a este lugar, fui informado minuciosamente dos promenores da acção nos **Coritibanos**, cujas as aprezento a V. Exa.

Teixeira com a infantaria e cavallaria que tinha carregou em mui boa ordem sobre os profugos inimigos que em retirada se hião d'este Municipio, que reunidos ao Capitão **Hippolyto**, escapado da derrota do **Cunha**, e vagava nos **campos novos**, fazião o numero de 400, que de prompto forão rechaçados, e se pozerão n'uma percipitada retirada, soffrendo uma forte perseguição da nossa cavallaria, e infantaria que a marxe marxe os seguia; porem **Teixeira** engolfado no prazer que lhe inspirava uma quasi concluída victoria, teve de abrir-se com bastante distancia da infantaria, que não era possivel acompanhar a violenta marxa da cavallaria: e como por fatalidade o inimigo isso percebesse, aproveitando-se do bom terreno em seo favor, tomarão forte pozição sobre uma collina, e esperarão nossa cavallaria, que possuída de admiravel enthuziasmo, desprezando todos os obstaculos, carregarão sobre o inimigo, sem esperarem a infantaria; porem a posição mais que vantajosa d'este, e seo triplicado numero, fez succumbir nossos bravos, e tiverão de os perseguirem sem se embaraçarem com a infantaria, onde [1v] logo teve a fortuna de a ella se reunir **Teixeira**, a espera que o inimigo voltasse sobre ella, como com effeito assim aconteceo; mas pagarão caro sua audacia, e soffrerão d'aquelles valerosos soldados da Patria, commandado pelo intrepido **Garibaldi** a mais decidida rezistencia, e concideravel estrago, que os obrigou a retirarem-se, contando de perca entre o numero de seos mortos, o Tenente Coronel **Antunes de Mello**, Cappitão **Hippolyto**, e **Padilha** de **São Martinho** e **Mello brabo** com um braço fracturado, e tres prizioneiros.

No xoque da cavallaria temos a lamentar a perca do Tenente **Azevedo** que tinha á mezes seguido em commissão a Collectoria de **Santa Victoria**, e d'um Ajudante do novo corpo de lanceiros formados por **Teixeira** e de mais 18 companheiros e o Cappitão **Prestes**, d'este Municipio, gravemente ferido.

O inimigo já se suppõe na **Lapa**, segundo indicava suas marchas.

Teixeira axava-se em **Lages** com trezentos e tantos homes, e estava a reunir-se a elle o **Aranha** com os Vaccarianos, que a esta ora já o terá feito.

Eu tenciono demorar-me alguns dias, a fim de fazer remessa para essa Capital, dos perversos que assassinarão o negociante **Mantilha**, e mesmo por esperar [2] as noites de lua para minha marchas, visto que meus indommodos me privão inteiramente de apanhar sol.

Reitero os protestos de estima e amizade de quem confessa ser

De. V. Exa.

Amigo Muito Obrigado.

[a] **Bento Manuel Ribeiro**.

[Anotado na margem superior]
Respondida a 26 de Fevereiro – | | –

CV-7758

Amigo e Sr. **Almeida**.

Alegrette, 10 de Março de 1840.

Muita falta me fáz o Dr. **Bacquem** neste lugar donde hay mais de vinte doentes do 2º C., entre officiais e soldados, alem dos do Corpo do Tenente Coronel **Guedes** que se mandão recolher para hum Hospital de Brigada que aquy se esta organizando; e eu mesmo não ando bom ando receiouzo de repente ser atacado, pella percizão em perçoadir que o exercicio mehay proveito he que ainda viajo, assim espero que por sua intervenção o Dr. volte e com brevidade, **Mingote** e **Siqueira** xegarão a **Taquarimbo** com vinte Homens vindos do **Rio Grande** porem elles pouco vallem,

Sou com estima de V. Exa.

Amigo Obrigado.

[a] **Bento Manuel Ribeiro**.

[Anotado no verso]
Ao Cidadão **Domingos Jozé de Almeida**.
Ministro da Fazenda e Interior.
Cassapava.

CV-7759

Exmo. Amigo e Sr. **Almeida**.

Alegrette, 1º de Abril de 1840.

Ancioso espero que appareça meo Tocaio **Bento Gonçalves** para de uma vez despedir-me do Serviço da Republica, e procurar meo socego fora d’esta Provincia; pois que me não é mais possivel lutar com tantos e repetidos passos do Governo, onde mostra evidentemente ser mais obra de malicia do que dezejos na prosperidade do Estado.

V. Exa. bem sabe que não foi ambição de fazer minha fortuna que me conduzio ao Serviço da Republica, antes é patente o detrimento que tem soffrido meos bens, então não pouco avultados, e adquirido a custa de meo suor:

só o Exmo. Sr. Vice Prezidente é que se lhe figura o andar-mos todos esfaimados!

V. Exa. tambem não ignora as attribuições que o Goveno me havia confiado, tanto sobre Armas, como em Politica, e Fazenda e sabe mui bem se hei commettido abusos.

Em qualquer parte que tenho estado, tenho patenteado meos exforços em providenciar o precizo para vestir a tropa, e alimentar seos vicios com fumo, erva, etc. sem nunca ser precizo reclamar nada a **Cassapava**.

Commandar [1v] tropas sem ter recursos para accodir a suas maiores necessidades só tem por fim o desgostar a mesma tropa, ou fazer cahir qualquer opinião que o Chefe entre a mesma tenha ganho: firme pois n'estes principios, levarei a effeito meo projecto em retirar-me.

Não tenho tido noticias do Major **Simão** que foi encarregado da venda da erva, e compra da fazenda para o Estado: quando algua chegue a obter, transmittirei a V. Exa.

Em quanto a estancia de **Piraju** não tratarei mais d'ella, por estar convicto que fallar n'ella, equivalle a bolir-se com uma cascavel.

Reitera os protestos de amizade quem he

De V. Exa.
Amigo muito obrigado.
[a] **Bento Manuel Ribeiro**.

[Anotado na margem superior]
Respondida a 15 – | | –

CV-7760

Exmo. Amigo e Sr. **Almeida**.

Alegrette, 9 de Abril de 1840.

As judiciosas reflexões que formozeão a Carta de V. Exa. com dacta de 5 do corrente e que acabo de receber, são dignas certamente de toda attenção e respeito; porem tambem deve V. Exa. acolher em contextação as mesmas, as razões que nesta dacta aprezento ao Exmo. Sr. Vice Presidente por donde mostro o não dever seguir para **Taquari**, mormente quando esta Fronteira se axa evadida pelo inimigo, que cumpre expurga-lo, e sustentar não so ella, como a **Campanha**, cujas vantagens deixo-as a prespicacia de V. Exa.

Se meos Amigos tem depozitado sua confiança em mim, e me conhecem capacidade para não illudir suas esperanças, deixem me obrar livremente e fazer uso do que a pratica marcial me tem ensinado, na certeza de que heide dezenvolver meos planos, e ideias, conforme os movimentos que aprezente o inimigo, donde eu possa antecipar os rezultados.

Agradecendo-lhe a linguagem de Amigo com que me falla, concluo reiterando os protestos da pura amizade de quem se preza ser

De V. Exa.
Amigo obrigado.
[a] **Bento Manuel Ribeiro**.

[Anotado na margem superior]
Respondida a 15 – || –

CV-7761

Illmo. Sr.

Em contextação ao Officio de V. Sa. com dacta de 1º do corrente tenho a dizer lhe que supponho já estará de posse dos cavallos que deverião ser distribuidos por sua Divizão, conforme ordenei ao Coronel **Crescencio**, a quem fiz remessa de 400, e o **Guedes** de 250.

Nesta dacta escrevo ao Coronel **Crescencio** de quem V. Sa. saberá meo pensamento acerca de suas operações.

Deos Guarde a V. Sa. Quartel General no **Alegrette** 9 de Abril de 1840.
Illmo. Sr. Coronel **João Antonio da Silveira**.
[a] **Bento Manuel Ribeiro**.

CV-7762

Illmo. Senhor.

As judiciosas reflexões que V. Sa. me offerece em seo Officio de 3 do corrente são certamente por mim acolhidas com aquella attenção de que são dignas; porem V. Sa. de certo concordará comigo do proceder que devo ter na crize prezente, a vista do que lhe passo a expôr.

Siqueira com 100 homes aproxima-se, e ameaça esta Fronteira. **Mingote** com 200 apparece pela Fronteira de **Bagé**. **Cypriano** com cento e tantos cogita de evadir **São Gabriel**.

Como é pois possivel o eu dezamparar os preciosos pontos do Estado, quais seja a **Campanha** e **Fronteira**, por onde nos vem, e se depozitão nossos recursos? É precizo tambem antecipar os prejuizos que nos pode acarretar a pouca consideração para emproarmos nos lugares que mais nos cumpre zelar na sua segurança.

Essa força que ahi existe confiada a pericia, e valor do habil Coronel **Crescencio**, com o adjutorio de V. Sa. e mais bravos que o acompanhão, prestará os auxilios aos nossos Companheiros da Divizão do Centro, se para eles ser mister [1v] minha prezença.

A vista pois de meu expendido, espero fique satisfeito com minha deliberação, de que talvez em pouco conheça seos Rezultados.

Deos Guarde a V. S. Quartel General no **Alegrette** 10 de Abril de 1840. Ilmo. Sr. Coronel **João Antonio da Silveira**.

[a] **Bento Manuel Ribeiro**.

CV-7763

Illmo. Senhor.

No caso de que o inimigo faça junção com a força de **Mingote**, que estava em **Taquarimbo**, e carreguem sobre a Divizão a seo mando, V. Sa. venha-se retirando com direção a **Parauvé**, fazendo-me diarias e antecipadas participações, e mandando com antecipação partidas a reunir cavalhadas.

Se o inimigo por ventura tentar vir, pelo lado esquerdo do **Ibirapuitan**, tanto melhor; que chegarão a pé, a estas immediações, por causa do mao estado dos campos.

Se o inimigo retirar-se para os lados de **Bagé**, ou **Cassapava**, avize-me logo, para eu providenciar o ir cavalhadas ao nosso alcance.

O Governador **Ferrer** athe o fim deste mez nos põem mil cavallos na Costa do **Uruguai** em **Santa Anna**.

Recommendo-lhe muito que me avize diariamente do que ocorrer, e isso por próprios, que d'outra forma se estravião os officios.

Deos Guarde a V. Sa. Quartel General no **Alegrette** 21 de Junho de 1840. Ilmo. Sr. Coronel **João Antônio da Silveira**.

[a] **Bento Manuel Ribeiro**

CV-7764

Illmo. Senhor.

Depois de lhe ter escripto, vi a carta que o Tenente Coronel **Demetrio** escreveo a meo filho **Sebastião**, onde participa ter o inimigo feito a junção por **cunha-perú**, á vista do que confirmo túdo quanto lhe dizia em meos officios d'hoje, acrescentando somente o dizer-lhe que penso, amanhã se axará por **Itahum** o Coronel **Ribeiro**.

Deos Guarde a V. Sa. Quartel General no **Alegrette** 21 de Junho de 1840. Ilmo. Sr. Coronel **João Antônio da Silveira**.

[a] **Bento Manuel**

CV-7765

Illmo. Senhor.

Seo officio de 24 do que rege, fica em meo poder, e fico imposto de seo contexto.

O Coronel **Ribeiro** hontem devia chegar em **Itahum**, e hoje deve passar e seguir. Do Tenente Coronel **Portinho** não tenho noticia porem o supponho emmediato a **Ibicuhy**.

Amanhã a noite heide ficar emmediato a estancia do finado Alferes **Francisco Rodrigues** em **Ibirapuita-xico**; espero encontrar alli pessôa para guiar-me directamente a seo acampamento.

Se por essas emmediações de **Ibirapuita-chico**, houver lugar bom para estar-mos alguns dias, seria melhor V. Sa. vir para alli, a verificar-mos nossa junção, com as Forças que vem marchando; pois que pode o enemigo com uma marxa forçada pelo nosso flanco esquerdo, vir fazer-nos o que outr'ora fizemos ao finado **José Rodrigues** em **Inhanduhy**.

Adiantei-me das carretas do armamento que vão seguindo na minha retaguarda, e se entra a xover, talvez o **Ibirapuitã-xico**, nos sirva de grande obstaculo para a junção das forças que vem marxando.

Deos Guarde a V. Sa. Quartel General em marcha [1v] no campo do **Brazil**, 26 de Junho de 1840.
Ao Cidadão Coronel **João Antônio da Silveira**.
[a] **Bento Manuel**

CV-7766

Illmo. Exmo. Senhor Amigo **Domingos Jozé d'Almeida**.

Jarau 10 d'Agosto d'1840.

Juncto remetto á V. Exa. a carta de Dom **Pascoal Costa** em que ofrece mil cento e quatro Espadas; e apezar de que elle diz, que quer dinheiro ou couros em seu pagamento, talvez se possa comprar por bois de invernar; V. Exa. diga-me sua opinião a respeito.

Hoje vou entregar os mil bois a **Suviela** pois já tenho 750 d'outro lado de **Quarahim**, e deixei o resto que já tenho apartado para passar hoje. Deos queira que não haja falta nos dois mil que devem ser entregues no dia 15 no **Passo do Ricardinho**.

Sou com alta estima

De Sua Exa.
Amigo obrigado
[a] **Bento Manuel Ribeiro**

[Anotado na margem esquerda superior]
Recebida e respondida a 12 – || –
[Anotado no verso]
Ao Cidadão **Domingos Jozé d'Almeida**.
Ministro da Fazenda e da Guerra.
Alegrete.

CV-7767

Illmo. e Exmo. Senhor **Domingos Jozé d'Almeida**.

Comoatim 15 d'Agosto d'1840.

Vejo com batante dissabor estarem claramente roubando os Gados de meu amigo **Antonio Jozé Pires**, elle tinha arrendado hum Campo do Finado **Estacio d'Azambuja** em sua vida donte meteu mais de 6:000 rezes; acontece agora com a revolução aparecer **Manoel Pereira Viana**, fáz medir os campos injustamente para encontrar a hum Juiz Municipal, aquem **João Nunes**, cunhado do tal **Vianna** o tráz pelas ventas acabresto, dão possse ao tal **Vianna** metece no campo e agora alcança um Despacho embargando que o administrador de **Pires** não pare os rodeios, não componha cazas nem currais; de maneira que se vai perder toda a criação d'esta marcação que excede a 2:000 Terneiros, e o tal **Viana** a titulo de orelhanos está marcando todos os Terneiros de **Pires**, quando não meteu no campo mais de 400 rezes. Nada digo relativo ao direito que **Vianna** possa ter no campo: mas afirmo a V. Exa. que o Cirurgião **Daniel** tinha povoado este campo com cismaria a mais de 20 annos; este **Vianna** poz-lhe um Libello e perdeo a demanda, apellou para a **Côrte** e nenhum resultado teve, elle **Vianna** firmou-se em hum attestado do finado General **Abreu** que é falço, e se não foi já provado a falcidade do attestado eu o provo com todos que habitavão estes campos n'aquelle tempo. Em abono da Justiça [1v] pesso á V. Exa. annulle esses embargos de Patronato, e possa o administrador de **Pires Joaquim Antônio da Fonceca** livre e desambaraçadamente beneficiar os animais de seu Amo, e retificar corrais, ranchos, etc. E por meios competentes, **Viana** que procure anullar a cismaria e posse que hoje pertence a Viúva e Orfãos do finado **Estacio de Azambuja**, pois **Pires** não é mais que hum arrendatario.

Juncto lhe envio a carta que recibi de meu amigo **Pires**: e se não conhecesse a justicia d'esta cauza não encommodaria á V. Exa.

Sou com estima
De V. Exa.
Amigo obrigado
[a] **Bento Manuel Ribeiro**

[Anotado na margem esquerda superior]
Respondida a 27 – | | –
[Anotado no verso]
Ao Cidadão Ministro **Domingos Jozé d'Almeida**
Onde se achar.
Seu amigo [a] **Bento Manoel Ribeiro**

CV-7768

Parente e Amigo.

Jarao 10 de Setembro de 1840.

Quando mais que nunca me via opprimido com os rezultados infaliveis do estado a que se deixou reduzir **Bento Gonçalves** deixando o inimigo citia-lo, e apoderar-se da **Campanha**, é quando uma vista consoladora repentinamente aprezenta nosso Orizonte Político, com a subida de **Pedro 2º** ao throno, garantindo nossas esperanças com a nomeação de seus ministros todos por nos conhecido como pugnadores da Liberdade e da nossa Felicidade. Talvez a esta ora ja tenha sido offerecida por parte do governo emperial a **Bento Gonçalves** uma Paz honroza aos Rio-Grandenses, e não posso duvidar que de certo será por elle acceita; fazendo por esta forma a felicidade de seos Patricios, e curando os males da Patria bastante delacerada, por uma guerra devastadora, que já conta 5 annos.

No presupposto pois de que se não illudirão minhas esperanças, desde já me posso congratular com V. S. e mais companheiros amigos da Paz, e felicidade de nosso Paiz, pelo bem que se nos aguarda, para mui prompto o desfructar-mos no regaço de nossas famílias, e dos objectos que nos são mais charos.

Vejo-me a braços [1v] lutando com difficuldades, por falta de cavallos para passar o gado que aqui tenho para **Arapehy**, a fim de evitar a grande mortandade que tem havido por causa do mao pasto.

Recommende-me ao Parente **Portinho** e que receba esta tambem por sua, e V. Sa. disponha de quem se preza ser

Seu Parente e Amigo
[a] **Bento Manuel Ribeiro**

[Anotado no verso]
Ao Cidadão Major **Antônio Vicente da Fontoura**.
Onde se axe.
Do General **Bento Manoel**.

CV-7769

Copia fiel e com a propria orthografia da Carta, que **Bento Manoel Ribeiro** dirigiu ao Tenente Coronel **Jacinto Guedes da Luz** ao passar-se para o **Estado Oriental**.

Prezado Amigo e Sr. **Guedes** – **Juquiri** 1º de Outubro de 1840 – Não lhe deve ser estranho que o motivo primario que me compellio a pedir minha dimição quando me retirei do assedio de **Porto Alegre**, era o desgosto que me acompanhava occazionado pela má fé com que **Netto**, e **Joze Mariano** obrarão comigo, induzindo a **Bento Gonçalves** para tirar-me daquelle lugar, com receio de que me approveitando do prestigio que me conhecião sobre meus companheiros, e confiança que os mesmos em mim depozitavão, me acclamasse Presidente da Republica. Ora sedendo as rogativas de **Bento Gonçalves** e a lembrança do comprometimento de muito meus amigos, tive de continuar ainda com sacrificio.

V. S. é testemunha dos desairez que soffrerão os **Alegretenses**, com as produções da presidencia de **Joze Mariano**, que tudo se encaminhava para provocar a indisposição da tropa contra nós fixando suas vistas nas Collectorias. Quando fui fazer tropa em **São Thomé**, quiz retirar-me segunda vez; mas tive que ser grato a meus Amigos anuindo ao convite em que V. S. mais influía; e axei-me nas fileiras, não tendo attacado ao inimigo por seu numero de 900 homens, não se poder a elles chegar, como se faz a hum rebanho; porém consegui expurga-los do Município, por meio de hûa retirada precipitada, que para a obrigar, foi-me necessário fazer sacrifícios incompatíveis ao meu estado phisico, como V. Sa. prezenciou. Principiou o Sr. **Mattos** a espalhar a sizanea, apregoando que eu não attaquei por não querer; e ultimamente a minha innocente carta escrita a V. S. aonde o aconselhava como amigo de poupar o sangue de nossos Patricios, que espalhasse as operações, athe os rezultados da Divizão do Centro, servio para elle tirar huã illação a seu jeito, e já me publica como de combinação com os Legaes, como a V. S. lhe não é estranho, visto o que lhe fez ver o **Joze do Coito**. Todas estas circunstancias (com lagrimas o digo) me obrigão a deixar a chara Patria, a terna Espoza, os innocentes filhos, e os Preciosos e Antigos Amigos! Sigo para o **Salto** onde V. S. em todas as circunstancias [1v] deve contar comigo, na qualidade de seu verdadeiro amigo; e se quizer retirar-se para este Estado, me persuado que alcançarei do General **Rivera** o consenso para V. S. e seos Companheros poderem conservarem-se armados; contando que não tornem a empunhar armas contra o Governo do **Brazil**, porque n'esse caso compromette este Presidente com aquelle Governo, e a minha pessoa para com elle. Digne-se recomendar-me ao Capitão **Reginaldo**, apresentando-lhe com igualdade estes meos offerecimentos. Sou seu verdadeiro e invariável amigo – **Bento Manoel** –

Está conforme ao original
[a] **Domingos Jose de Almeida**

CV-7770

Illmo. e Exmo. Sr. **Domingos Jose d'Almeida**.

Juquiry 25 d'Setembro d'1840.

Combinei com o Sr. Major **Simoens** ir elle de prompto ao **Salto** receber e depozitar as Fazendas, fazer tãobem com que **Guach** receba touros e supra com Cavallos para o aparte do gado, ainda que se lhe dê os Bois por menos algûa couza, e creio elle annuirá pois consta-me ter bastante Cavalhada: isto sendo da approvação de V. Exa.

Sou com estima

De V. Exa.
Amigo muito Obrigado
[a] **Bento Manuel**

[Anotado na margem superior]
Respondida a 5 de Outubro. – | | –
[Anotado no verso]
Ao Cidadão **Domingos Jozé d'Almeida**.
Ministro da Fazenda e Interino da Guerra.
Ond4e se ache.

CV-7772

[Trecho rasgado] Remeto a V. Exa. as [trecho rasgado] comunicaçõens do Coronel **David**. Por ellas saberá V. Exa. o quanto corre respeito as operaçoens do inimigo. Sabendo que no **passo do Contrato** no **Cahy** existião duas canhoneiras n.º 7, e 9, e hum lanxão, e 3 escaleres, me deliberei atacallos, e com efeito me puz em marcha com o 3º Batalhão, e duas bocas de fogo. Esta madrugada os ataquemos, e postoo que a nossa Artilheria pouco fogo fizesse para se desorganizar aos primeiros tiros, somentes com a fuzilaria consiguimos tomar todas as 3 embarcaçoens, auxiliados por bordages, que também lhes mandei fazer. O resto da força fiz emcaminhar-se para **Monte Negro** a passar naquelle passo, e eu amanha devo hir passar também no mesmo, e seguir rapido sobre a retaguarda do inimigo, apezar de me faltar Cavallarias por ainda se não ter reunido o 2º Corpo de Lanceiros, e outros homens que mandei reunir. As guarniçoens das Canhoneiras quaze tudo morreo, incluzive o Commandante de hûa, ficando prizioneiro, o Commandante de outra que he o filho do **Marquez de Inhanbupe**. O Senhor Tenente **Bento** filho de V. Exa. commandou hûa das peças, mas esta sem perigo algum. Sou com estima, amizade, consideração de V. Exa. Tocaio, e Amigo = **Bento Manoel** = N. B. Com vagar darei hûa parte ciscunstanciada. Está [1v.] [trecho rasgado]

[a] **Antônio Candido de Campos**

CV-7773

Amigo e Senhor **João Antônio**.

Chacra 6.

Junto verá a parte de **Guedes**, e **Demetrio**. O inimigo pela direção que toma vai paçar o **Ibicuhi** no fundo do **Rincão de Iguira=Ocai** no Paço do finado **Silveira**, e hé precizo tomarmos medidas a tempo. No mesmo instante que este receba faça marchar o Corpo de **São Borja** para hir tomar medidas de precaução adiantadas, e mesmo nos aprontar Canoas em **Bicuhi** meo mano **Joze** aqui se incorporara com elles. Nossa marcha ficara para o dia que aver seo Capitão **Fermiano** quando o mesmo se reuna ao menos de aproxime, mas espero V. Sa. venha agora mesmo para combinarmos nosso Plano de Campanha e ver [1v] se se

recebem as fazendas que esta isso alguma couza embaraçado por falta de fiadores (tal é o credito de nosso Governo). Coanto antes o espero sou

De V. Sa.
Amigo Camarada
[a] **Bento Manoel**

CV-7774

Copia.

Quartel do Commando das Armas em **São Gabriel** 30 de Dezembro de 1835.

Ordem do Dia.

Tendo as Camaras Municipais das Cidades do **Rio Grande**, e **Pellotas** e **Villa do Norte** dirigido officialmente ao Commandante das Armas, Conjurando-o a que em cumprimento das promessas emittidas em suas Proclamações salve a Provincia dos males da Anarquia, em que a pertende envolver hum partido Republicano, que infelizmente aparece, o qual tem chegado a dominar na **Assemblêa Legislativa Provincial**, conseguindo obstar, que se desse posse ao Dr. **Jose de Araujo Ribeiro,** da Prezidencia da Provincia, para que fora legalmente nomeado pelo Regente em nome do Imperador o Sr. Dom **Pedro 2º**, dando com este proceder o primeiro passo, e desmembrar a Provincia da Associação Brazileira, declarando ao mesmo tempo aquellas Illutres Câmaras a justa indignação, que huma semelhante repulsa cauzaria nos animos dos Cidadãos dos seus Municipios, por conhecerem evidentemente os males que se seguirão a Pátria, e dezzejosos todos de prevenilos, tinhão rezolvido, como o fizerão reconhecer ao Dr. **Jose de Araujo Ribeiro** nosso Compatriota como Prezidente da Provincia.

O Commandante das Armas está demaziadamente ao facto dos manejos do partido Republicano,e dos meios, que emprega, e mais certo ainda das desgraças, que acompanharião a separação da Provincia, e firme nos principios, que proclamou depois do memoravel dia 20 de Setembro, em dezempenho da sua palavra, e de accordo com aquellas Illustres e Patrioticas Câmaras, e com a totalidade dos Cidadãos bons Da Provincia; solemnemente reconhece a legitima authoridade do Ilmo. e Exmo. Sr. Prezidente Dr. **Jose d'Araujo Ribeiro** desconhecendo outra qualquer que o partido Republicano da Capital intente levantar, ou sustentar, e em consequencia ordena a todos os Militares da Provincia sujeitos ao seu Commando, que reconheção ao mesmo Exmo. Sr. Dr. **Jose d'Araujo Ribeiro** [1v] como nosso legitimo Prezidente. Camaradas! Nós manifestamos quando tomamos as armas para libertar a Patria da oppressão, que o nosso fim era sermos sempre Brazileios mantendo a Constituição reformada e o Throno Imperial do Sr. D. **Pedro 2º**, e hoje não faltaremos aos nossos empenhos, pois seriamos perjuros, e inimigos da Patria, procederes que por indignos não cabem em Corações animados pela honra, e pelo

sagrado bem do Patriotismo. He mais gloriozo Camaradas conservarmos a Patria izempta da Anarquia, que ganhar batalhas sobre inimigos externos. Mantenhamo-nos firmes na Associação Brazileira do que prover a Provincia prosperidade e grandeza, quando de huma separação extemporanea somente teremos a ruina, e as disgraças. Não sejamos submissos escravos do pequeno partido Republicano, que desvairadamete assim pertende.

O Commandante das Armas conta com os seus Camaradas, e pluralidade dos Cidadãos da Provincia, e todos devem contar com elle a favor da Ordem e do bem publico. = Viva a Nação Brazileira = Viva a Constituição reformada = Viva o S. D. **Pedro 2º** nosso Imperador Constitucional Regente em seu nome = Vivão os Riograndenses livres = Vivão os Militares da Provincia.

Assignado = **Bento Manoel Ribeiro**.

CV-7775

Proclamação

Camaradas dos extintos Regimentos 20 e = 22 e mais Cidadoens beneméritos dos Municipios de **Porto Alegre**, **Santo Antônio**, **Triunfo**, e **Rio Pardo**.

Aquelles que por vezes combatendo ao vosso lado em defeza da Patria, vos guiou ao campo da honra, e comvosco salvou os Orientaes do Despota, tirano, e arbitrario **Artigas**; hoje firme em sustentar gloriozo o lustre e reputação Riograndençe, vos convida não para impunhar armas fratricidas, nem para fazer jorrar o sangue de irmãos, mas para Reunidos pedirmos a esses excessivos de **Porto Alegre** que abandonem sua tenacidade; que não desonrrem armas que tantas vezes haam brilhado a prol da Patria, e da Liberdade; que as deponhão, que reconheçam a legitima Autoridade do Exmo. Prezidente legalmente nomeado e já inpossado o senhor Dr. **Joze de Aráujo Ribeiro**, que respeitem suas determinaçoens, e que obedeção ao Governo que prezide aos destinos da União Brazileira, que não se cubran de oprobio renegando seus juramentos, mas antes cumpram as publicas e sagradas promesas imitidas em nossos Manifestos e Proclamaçoens, que se deram ao sempre memoravel dia 20 de Setembro; que restituio a liberdade a esses mizeros Ancióens, cujos Cans Venerandos adereçados de serviço a Patria e a Religião merecia se lhe Calhace mais respeito, que abandonemos eses malignamentes supostos receios de perceguicoens e prosseços, que aredem de si esse perigoso capricho de sustentar as felicitaçoens que mal pençadamente endereçarão a Assemblêa Provincial por ter negado a posse ao Exmo. Prezidente. Em fim rogamos-lhes que nos unamos, que nos demos mutuamente o anplexo fraternal, e que nos volvamos as nossas antigas amizades, preparando-nos para repelir os Comuns Inimigos da nossa Cara Pátria, e liberdade.

Viva a Religião, Viva a Constituição Reformada, o Senhor [1v.] **Dom Pedro 2º**, Vivão os Riograndenses livres e amantes de união, paz e sucego, e prosperidade da Provinçia.

Em marcha aos 26 de Janeiro de 1836.

[a] **Bento Manuel Ribeiro**

[Anotado na margem direita]
= 10 =
Proclamação, 26 de Janeiro de 1836, assignada por **Bento Manoel**.

CV-7776

Concidadãos!

A Divina Providencia permettio que fosse descoberto o plano dos perversos! Com o pretexto de sustentar a gloriosa revolução de 20 de Setembro, elles tentão impôr vos o jugo da Dictadura!

O General **Lavalleja**, e o dictador **Rozas** auxilião esta atroz perfidia, e o desleal **Paulino Fontoura,** foi o emissario encarregado de tramar com elles. Já seus agentes aparecem por **Entre Rios**: já o major **Paredes,** foi preso em **Sandú**, vindo com communicações para o Coronel **Bento Gonçalves**!

Alerta Concidadãos!

Não acrediteis nas enganadoras palavras dos perversos.

Se elles vos fallarem em sustentar a gloriosa Revolução de 20 de Setembro, dizei lhes que para ella ser glorioza deveria acabar, como com effeito acabou para nós, no dia 9 de Dezembro em que a Assemblea Provincial com injuria, e manifesta violação das Leis negou a posse ao Exmo. Prezidente nomeado Dr. **Jozé de Araujo Ribeiro**: d'esse dia em diante começou ja a anarchia, e não mais a Revolução que nesse dia justamente deveria terminar.

Elles vos fallão no respeito devido aos direitos do homem; todavia com a mais barbara cruesa assassinão o desgraçado Coronel **Vicente**, filho, e Companheiros.

Em fim, sempre com a lei na boca, e a maldade no coração exercem as mais tyrannicas perseguições em **Porto Alegre**, e nos lugares onde dominão.

Ja vedes, pois, que suas obras são o contrario de suas insinuantes palavras, e proclamações: por tanto cerrando os ouvidos ao seu palavreado, e perfidas suggestões, corramos às armas para defender as Instituições juradas, e o Throno Augusto de S. M. o Imperador.

Postergai caprichos ambiciosos, e correi as invenciveis columnas de vossos irmãos amantes da ordem, e tranqüilidade da Provincia. [1v]

O bem conhecido Tenente Coronel **Medeiros** com a Divizão da Direita entra por **Bagé**. O valente Coronel de **Gabriel Gomes** com a Divizão da Esquerda entra pela **Caxoeira**, **Rio Pardo**, e **Triumpho**.

O vosso amigo e antigo companheiro entra pelo Centro; em quanto que o bravo Major **Paulo Alano** com os fieis do Municipio de **Santo Antônio** põe em sitio a Cidade de **Porto Alegre**, alvo de todos nós, por ser o foco dos ambiçiosos, e o assento do Dictador.

Não consintamos briosos Rio-Grandenses, que de sobre as ruinas da Monarchia Constitucional do Sr. D. **Pedro 2º** se alce o throno sanguinolento de um Dictador.

Viva a Santa Religião!

Viva a Integridade do Imperio!

Viva S. M. o Imperador o Sr. D. **Pedro 2º**!

Viva a Constituição Politica do Imperio!

Campo em **São Rafael** 14 de Fevereiro 1836.

[a] **Bento Manoel Ribeiro**.
Commandante das Armas.

CV-7777

Proclamação

Concidadãos.

A Divina Providencia permettio que fosse descoberto o plano dos perversos com o pretexto de sustentar a Revolução de 20 de Setembro; elles intentão impor-vos a ferreo jugo da Ditadura. O General **Lavaleiga**, e o Ditador **Rozas** auxilião esta atrôz perfidia; o desleal **Paulino Fontoura** foi o emissario encarregado de tramar com elles. Já seus agentes aperecem por **Entre Rios**; já o major **Parredes** foi prezo em **Sandú** vindo com communicação para o Coronel **Bento Gonçalves** = Alerta Concidadãos! Não acrediteis nas enganadoras palavras dos perversos. Se elles vos fallarem em sustentar a glorioza revolução de 20 de Setembro dizei-lhes que = por ella ser glorioza devia acabar, como com effeito acabou para nós, desde que chegou o Exmo. Sr. Prezidente. Do dia 9 de Dezembro em que a Assembleia Provincial com injuria e manifesta violação das Leis negou a posse ao Exmo. Prezidente, desse dia em diante começou a anarchia, e não já a revolução que justamente neste dia devia ter terminado. Elles vos fallão em respeito aos direitos do homem, e todavia com barbara cauza assassinão o desgraçado Coronel **Vicente**, filhos e Companheiros. [1v]

Elles vos fallão no respeito devido á propriedade do Cidadão e todavia com o maior descaramento e arrogançia roubão e saqueião a caza do Brigadeiro **Gaspar**, e de outros. Fallão em liberdade e todavia decretão morte para quem não pensa como elles, nem tolerão que se escreva, ou se diga, humma só palavra a cerca das delapidações com que tem extraviado os dinheiros publicos, e das extorções que fazem aos particulares.

Em fim sempre com as leis na boca, e a maldade no Coração, exercem as mais tirânicas perseguiçõens em **Porto Alegre**, e nos lugares onde dominão. Já vedes, pois, que suas obras são o contrario de suas insinuantes palavras, e proclamaçõens: e por tanto cerrando os ouvidos aos seus palavriados e perfidas sugestões corramos as armas para sustentar as Instituiçoens juradas, e a Constituição Reformada. Não consintamos Briozos Rio=Grandenses, que de sobre as ruinas da Monarchia Constitucional do Sr. D. **Pedro 2º** = se alçe o throno sanguinolento de hum Dictador. Postergai caprichos ambiçiozos, e correi às ~~Armas~~ invençiveis Columnas de Vossos Irmãos amantes da Ordem, e tranqüilidade da Provincia. O experimentado Tenente Coronel **Medeiros,** Commandando a Divizão da Direita entra por **Bajé**. O Bravo Coronel de [2] Legião **Gabriel Gomes** com a Divizão da Esquerda entra pela **Caxoeira**, **Rio Pardo**, e **Triunfo**.

O vosso amigo e antigo companheiro, hoje Commandante interino das Armas entra pelo Centro, em quanto o Major **Alano** com os fieis do Municipio de **Santo Antônio** pôem em Sitio a Cidade de **Porto Alegre** alvo de todos nós por que he o fóco dos ambiçiozos, e o assento do Dictador. A Infantaria dos Bravos Catharinenses marcha pelas **Torres**. Compatriotas.

Abandonai o terror panico: imitai o procedimento generozo de vossos bravos, e leais Irmãos dos Municipios da **Cruz Alta**, **São Borja**, e **Alegrete**, que deixando seus cuidados domesticos correm presurosos a regar a Arvore da Liberdade; preservai a Provincia do terror da Dictadura, e conserva=la glorioza no Firmamento Brazileiro.

Viva a Religião. Viva a Constituição Reformada. Viva S. M. Imperial e Constitucional o Sr. D. **Pedro 2º**. Vivão os Defensores da Honra, gloria, e Liberdade da Provincia.

[a] **Bento Manoel Ribeiro**.[12]

CV-7778

Rio-Grandenses!

Homens perversos acobertados com o manto augusto do Patriotismo, das leis, e da justiça, vos fascinaram com tal arte que, atropellando vossos mais sagrados deveres, vos guiaram ao campo da infamia e do crime.

Promovendo a mais desastrosa guerra civil, elles querião reinar sobre os tumulos de seus compatriotas.

Vós os vistes hontem, e hoje, fugirem espavoridos ao lampejo de vossas espadas; e a terra juncada de golpeados membros, bradar vingança contra esses malvados que vos immolaram á sua ambição e capricho.

[12] Anexo ao documento CV-7777 existe uma cópia desta Proclamação de **Bento Manoel Ribeiro**, que encerra com: "Campo em **São Rafael**, 15 de Fevereiro 1836 = **Bento Manoel Ribeiro**". [N. do E.]

Victimas tristes da mais atroz perfidia, vós deveis bem dizer vossos irmãos vencedores nesses dias de horror e luto para os corações verdadeiramente Rio-Grandenses.

Escolhei: e poupai-me a dolorosa necessidade de ainda uma outra vez mandar os valerosos braços da Liberdade decepar cabeças que, ainda que criminosas, com tudo são de irmãos.

Viva a Liberdade!
Viva a gloriosa Revolução de 20 de Setembro!
Viva a Constituição politica da Nação!
Viva S. M. Imperial e Constitucional!

Quartel do Commando das Armas da Provincia, em **Pelotas** 8 de Abril 1836.

[a] **João Manoel de Lima e Silva**
Commandante das Armas.

CV-7779[13]

Concidadãos!

Homens perveros acobertados com o manto augusto do Patriotismo, das leis, e da justiça, vos fascinaram com tal arte que, atropellando [1v] vossos mais sagrados deveres, vos guiaram ao campo da infamia e do crime.

Promovendo a mais desastrosa guerra civil elles querião reinar sobre os tumulos de seus compatriotas.

Vós os vistes no dia desesete de Março fugirem espavoridos ao lampejo de vossas espadas; e a terra juncada de golpeados membros, bradar vingança contra esses malvados que vos immolaram á sua ambição e capricho.

Victimas tristes da mais atroz perfidia, vós deveis bem dizer vossos irmãos vencedores nesse dias de horror e luto para os corações verdadeiramemte Rio-Grandenses.

Escolhei: e poupai-me a dolorosa necessidade de ainda uma outra vez mandar os valerosos braços da Legalidade decepar cabeças que, ainda que criminosas, com tudo são de irmãos.

Viva a nossa Religião!
Viva a Integridade do Império!
Viva S. M. Imperial e Constitucional o Sr. D. **Pedro 2º**!
Vivão os verdadeiros Rio-Grandenses amantes da ordem, e tranquilidade da Provincia!

Campo em marcha de Abril 1836.

[a] **Bento Manoel Ribeiro**
Commandante das Armas.

---

[13] O documento CV-7779 está na mesma folha que o CV-7778 e o CV-7776. [N. do E.]

A data foi de 15, à 20 de Abril; mas já não me recordo do dia certo.[14]

CV-7780

Proclamação!

Habitantes de **Cima da Serra**, **Vacaria** e **Santo Antônio**.

Iludidos pela astuciosa má fé de Alguns Chefes, vós tendes servido de instrumento para a perpetração da mais atroz rebelliião tramada contra o Thono Augusto do Senhor **D. Pedro 2º** e contra a Constituição Reformada que jurasteis deffender. Com embustes, e ardis elles conseguirão enganarvôs algum tempo ocultando seus dannosos intentos. Hoje porem, que uma série não interrompida de delictos por elles praticados, tem rasgado o véo da Illuzão, já vos conheceis a que negros crimes elles querião guiarvos. Vós os tendes vistos esses inimigos da Patria, e da Humanidade cometerem roubos, saques, assacinios, e ainda vangloriarem se de tantas atrocidades. Gemidos mil retumbão das victimas sacrificadas a sua barbara sanha. É tempo, Concidadãos, de acudires aos gritos da Pátria apressa: hé tempo de voardes as fileiras de vossas Legitimas Authoridades, para que redobrando de Exforços possão restaurar quanto antes o Imperio das Leis, restabelecer definitivamente o sossego publico, e acabar de huâ vez com os poucos anarchistas, que enxovalhando a gloria desta Heroica Província tentão opor-se a maioria della, já por todos os pontos manifestão declarada em favor da Legalidade. O **Brazil** inteiro se arma e corre a vingar a Magestade das Leis ultrajadas, e vos Riograndenses ainda hesitareis em reunirvos em torno dos defençores da Ligalidade? Vosso compatriota e Commandante das Armas espera, que dando nos hua prova de vosso Patriotismo [1v] voareis a apresentarvos ás Legitimas Authoridades, e com ellas, e com ellas defendendo vossos mais sagrados deveres entoar vivas à Religião, á S. M. Imperial e Constitucional o Senhor D. **Pedro Segundo**, a Constituição Reformada, aos Riograndenses Livres, e amantes da Pás da Provinça.

Campo na margem do **Arroio Pequiri** 5 de Maio de 1836 – [a] **Bento Manoel Ribeiro**.

Esta conforme = [a] **Joze Barreto do Amaral Fontoura**.

Tenente dos Guardas Nacionais e 2º Commandante da Força.

CV-7781[15]

Proclamação!

Habitantes do Município da **Crús Alta do Espírito Santo**.

O Governo da Republica, sempre solicito, e ativo em remediar os males, e promover o bem estar de seos subditos, me ordenou mandace nomear ao Ancião, e

[14] Ao lado desta frase, escrito provavelmente por **Alfredo Varela**, consta: “É de 17 de março, no **passo do Rozario**. Vide ‘**Jornal do Commercio**’, de 8/6/36”. [N. do E.]

[15] Existem duas cópias do documento CV-7781. [N. do E.]

Virtuozo Patriota o Major **Athanagildo Pinto Martins**, para vosso Commandante de Policia: hûa tão bôa escolha vos deve dar hûa idêa real das retas, e das intenções do Governo que a nada se tem poupado a prol de vossas necessidades, çocego, e felicidades; e agora mesmo acaba de darvos hûa prova evidente desta verdade, licenciando-vos para cuidardes nas voças fabricas de Erva mate em quanto he tempo, para fazer mais toleravel voças necessidades, dar tregoas às privações que tendes soportado; ao mesmo passo que o Governo está firmemente perçuadido que logo que a Patria exija vossos serviços, encontrará súbditos fieis e filhos benemeritos, contando certo que voareis incontinente a emcorporar-vos ás fileiras dos livres Rio-Grandenses enthuziastas da verdadeira liberdade.

Aquelles porem que voluntariamente quizerem acompanhar a divizão da Direita, receberão seis mezes de soldos atrazados, e continuarão a vencer quatro mil reis por mez, todo o tempo que existirem servindo das fileiras Republicanas, alem de fardamento com que serão fornecidos, e percebendo impreterivelmente em dinheiro quando ouver, ou em Bestas, Gados, ou animais Cavalares, se lhes for conveniente: outro sim me Ordena o Governo manda-se dar sem rezes a cada Distrito para municio das Familias pobres, que serão recebidas, e destribuidas pelos Juizes de Pás, ou Commandantes de Distritos, e para cujo efeito sevão expedir as competentes ordens ao Coronel Commandante da Divizão da Direita.

Genio do mal, esse monstro fertil nos recurços da intriga, e da cizânia, tem abuzado da vossa constância, ofendido vosso patriotismo, i derramado empestado veneno entre nossos fieis companheiros, porem socegai Compatriotas, sêde de fieis aos vossos deveres e honrados como livres, e sêde leais ao vosso pais natal, univos, com vossa união zombareis de tudo, e confiai nas sabias dispoziçoens do Governo Republiccano, que todas se dirigem para vossa prezente, futura e permanente prosperidade: isto vo-lo acegura, e confirma o vosso bem conhecido amigo e antigo companheiro.

Quartel General em **Rio Pardo** 15 de Março de 1838

[a] **Bento Manoel Ribeiro**.

CV-7782

Honrados Camaradas e Concidadãos da Província do **Rio Grande**.

Não podendo por mais tempo, ser indifferente ao estado vacilante do Continente, a que tem o arrastado uma porção de falsos e iniquos aristocratas, que como filhos degenerados da Patria tem dado as mãos, a um punhado de faciozos, que nada menos pertendião do que involvernos na anarchia, para saciarem suas rancorozas vinganças, e perpetuarem quanto vos hão falcamente appellidado, chamando-vos de assacinos, sem caracter, immorais, e mais epitetos!!

Esses facticios e corruptos membros da Sociedade, a quem se á confiado a Administração da Ley, abuzando da confiança que hão merecido do Governo

Central, tem-se vallido do indulto da mesma Lei para flagelar a sociedade a que correspondem, já perceguindo a inocencia, e adenodados Patriotas por vós bem conhecidos. Aqui encarcerados, ali aferrolhando-se com pezados grilhões a outros, e alem processando-se e abocanhando-se a inumeros, como vitimas da oppreção. Eis Rio Grandenses a vossa cituação! O direito individoal, e de propriedade que vos garante a Constituição, hão-se tornado illuzorio. Sim estas são as vantagens á que gratuitamente vos conduzio a Governança de um parcial e inepto Prezidente da Provincia, que connivente em partidos dava azo com tais exemplos a proceguirem outras authoridades na ruinoza e arbitraria perceguição que promovião ignobeis retrogados, dedicados a aniquillarvos. Taes umentos [sic] fez com que exalasse a paciencia e sofrimento o ultimo sospiro vital que lhe restavão de moderação, e unindo-se consequentemente a melhor e mais conspicua classe dos Cidadãos da Provincia, lançarão mão dos ultimos recurços que lhe restavão, para fazer garantir a Lei, e de todo desprezada, e destarte animados empunharão as Armas levando a sua frente o bravo e vallente Coronel **Bento Gonçalves da Silva**, que em um momento fizerão baquear o Prezidente, orgão de tantas [1v] iniquidades, ellevando em seu lugar o Vice-Prezidente Sr. Dr. **Marciano Pereira Ribeiro**, que por Lei competia substituir a falta daquelle, acrecendo mais gozar este de completa opinião publica.

Como pois poderia deixar excitar a porme em Campo, quanto a Patria, o voto publico, a umanidade opprimida e flagellada me chamava a repellir os rebeldes, que nos pozerão em completo pelago de desgraças. E que devia fazer hum Cidadão que á jurado deffender a Patria, a Constituição reformada e ao nosso Jovem Imperador o Senhor **D. Pedro 2º**, a Integridade e união do Imperio, as liberdades Patrias, e garantias dos Cidadãos. Á Nem vacilei a impunhar as Armas para privar a efuzão de sangue e segurar a Prezidencia no Vice Prezidente, até que o Soperior Governo nos envie outro. Rio Grandenses e antigos Camaradas d'Armas, é neste sentido que vos convido a ingroçar as fileiras da força da Comarca de **Missões** que se achão a meu mando! Rio Grandenses voai a socorrer aos vossos Irmãos que se achão em defeza da liberdade, em cujo altar sereis coroaodos de immortaes louros, e bem dirão as gerações futuras, o vosso eroismo, sim correi, e não duvideis da Victoria que é certa. E havera quem se negue a fazer restabelecer a perturbada tranquillidade, não! Tanta infamia, tanta cobardia inda não é conhecida em peitos Brazileiros, que só tem emvistas defender a Patria e a liberdade como o primeiro em Sagrado deveres de Cidadão, voamos pois a congratularmos com nossos Irmãos, e os tiranos socumbirão ao éco de Vivão as liberdades Patrias, Viva a Constituição reformada, o nosso Jovem Imperador D. **Pedro 2º**, a União e Integridade do Império do **Brazil**, e Vivão os Valerosos Rio-Grandences!!!

[a] **Bento Manoel Ribeiro**

RIBEIRO, Carlos José da Costa
CV-7783

CV-7783

Ilmo. e Exmo. Senhor.

Os Officios de Vossa Excelência de 4 do passado me forão entregues, a 2° via em o dia 13, e a 1ª dias bastantes depois, tenho demorado o próprio para dar noticias a V. Exa. do Exmo. Marechal **Barreto** fazendo hoje 24 [?] dias que daqui mandei proprios a **Missões** saber delle, e com tanta demora soponho terem sido pegados, comprindo me por tanto participar a V. Exa. que não permitindo meu Estado de Saude a continuar no Commando da força, entreguei ao Major **Roberto Antonio de Souza**, instruindo=o das Ordens de V. Exa., e estou certo as cumprira, e logo que me ache bom me aprezentarei.

Deos Guarde a V. Exa. Distrito de **Caçapava** 1º de Outubro de 1837.
Ilmo. e Exmo. Sr. **Feliciano Nunes Pires**.
Prezidente da Provincia.

[a] **Carlos Jozé da Costa**

RIBEIRO, Cipriano Gonçalves
CV-7784 a CV-7785

CV-7784

Illmo. Senhor.

Participo que em cumprimento a Ordem de V. Sa., sahi na noite do dia 25 do corrente mêz com os dois Piquetes composto d'trinta nove Praças d'combinação com o Alferes **Alexandre Rodrigues Saraiva**, para ir ao Districto do **Estreito**. Na madrugada do dia 26 do corrente forão emboscados os mencionados Piquetes no Laranjal d'**João Alves Pereira Capa Verde**, por ter tido noticia que a Partida dos Rebeldes se achava no **Estreito**, e que costumavão mandaram as suas descobertas para aquelle lugar, e logo que clareou o dia aparecerão as suas descobertas de hum Sargento, e tres Soldados, tendo já passado dois rebeldes, que os quais não fis menção, e a dita descoberta indo a caza d'**José Rodrigues**, mandei carregar os Piquetes e estes rezistirão, ao que foi repellido, ficando hum gravemente balleado, e outro cortádo de hum talho, e outro Prisioneio tendo-se só escapado o dito Sargento, por ter ganhado o mato, deixando o Cavallo arrêado, em conseqüência d'se achar gravemente ferido, o que assima fica ditto, julgando que poucas horas mais podia durar, deixei na ditta caza. E indo a Costa da Lagoa do **Rincão** do falecido **José Rodrigues** encontrei hûa Canoa com seis homens os quais [1v] escapou-se hum para o mato, tendo ficado outro na ditta Canoa, o qual foi prezo, e

preguntando de quem hera aquella Canoa, e o que tinha hido fazer, respondeu que elle era Camarada, e que o outro que tinha ganhado o mato, que se chamava **José Francisco** e hera dono da mencionada Canoa, e que tinhão vindo do **Rio Grande** com Rolos d'Fumo, e hû Caixão que desconfiava ser Fazenda, e que tinha já desembarcado para terra. Achava-se a Canoa com Milho, e varias miudezas, a qual mandei quebrar, e nessa mesma occazião apareceu um rebelde, e mandando atráz delle, escaposse, mais balleado. E voltando para esta Villa no lugar denominado **Araçá**, foi agarrado os outros dois rebeldes que havião passado pelos Piquetes como assima fica ditto. Todos estes cinco armados com Espadas, e Pistollas, e estando os Piquetes nesse mesmo lugar aprezentou-se o Soldado da 5ª Companhia do 1º Batalhão Provizorio de Guardas Nacionaes, **Laurindo José Ignácio**, que se achava Prisioneiro, trazendo hûa Espada e Pistolla, e vierão seis cavallos dos Prisioneiros que vinhão montados.

Hé o quanto [2] tenho a participar a V. Sa. Quartel na Villa de **Sam José do Norte** 26 de Junho de 1840.

Ilmo. Sr. **Antônio Soares d'Paiva**.

Coronel Commandante da Villa e Guarnição de **Sam José do Norte**.

[a] **Cypriano Gonçalves Ribeiro**
Alferes Commandante do Piquete

CV-7785

Ilmo. Senhor.

Participo a V. Sa. que as Noticias que dey do Tenente Coronel **Francisco Pedro**, delle estar em **Mustardas** não foy Serta: mas he verdade **Francisco Oliveira** estar no dicto lugar com forças a qual já se atacou com a força Rebelde que a fez debandar isto he com toda certeza, pois já semetem aprezentado trez homens aonde hum foy prizioneiro no dia 16 pertencendo a 1ª Brigada de Cavallaria o qual segue commigo por saber aonde existem as Cavalhadas que os Rebeldes deixarão os outros dois mandey para as suas Cazas para constar ao outros que não se faz mal para quem se aprezentem e estes mesmos prometem fazer com que outros venhão se aprezentar segue se aprezentar a V. Sa. o Cabo **Plácido Pinheiro da Cunha** por se achar muito emcomodado o qual para me acompanhar veio a este lugar já Doente e como pioraçe o mando, do dictos aprezentados **Pedro Antônio Vaz** e **Manoel do Amaral**, e **Joze Ignácio de Campos**.

Deos Guarde a V. Sa. **Estreito** 26 de Dezembro de 1840.

Ilmo. Sr. **Antônio Suares de Paiva**.

Coronel Commandante Militar da Villa de **Sam Joze do Norte**.

[a] **Cypriano Gonçalves Ribeiro**
Alferes Commandante do Piquete de Cavalaria.

RIBEIRO, Demétrio[16]
CV-7786 a CV-7808

CV-7786

Illmo. Senhor

Fico de posse do Officio de V. Sa. dactado de 8 do Corrente e fico serto em seu contheúdo. A marcha que V. Sa. me Ordenna vou por em execução; porem não poço deixár o Official que V. Sa. me diz deixe com 30 homens, pella pouca gente que tenho, como lhe fiz ver no meu ultimo Officio, pois apennas se me aprezentou o Tenente **Thimotio** com 11 homens.

O Guarda Nacional **Gabito** que V. Sa. manda prender, julgo se terá aprezentado a V. Sa., como elle fás ao Capitão **Fileno**, por hum Officio feito em resposta aoutro que o dito **Fileno** lhe mandára onde lhe ordenava se viesse reunir com as praças que o acompanhavão, ao que elle não deu execução nem mandou as praças.

Deos Guarde a V. Sa muitos annos. **Campo no Macedo**

12 de Abril 1838.

Ilmo Senhor **João Antonio da Silveira**
Coronel Comandante da Divisão da Direita

[a] **Demetrio Ribeiro**
Tenente Coronel

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Illmo. Senhor **João Antonio da Silveira**.
Coronel Comandante da Divizão da Direita
Aonde si achar
Do Tenente Coronel **Demetrio Ribeiro**
[Anotado na margem superior]
O portador vai bastante Doente

CV-7787

Illmo. Sr.

Ao momento de receber seo officio deilhe a execução devida fazendo seguir os officios e não lhe mandei os cartuxos pelo mesmo portador por sumiosemelo porem agora o faso inviando lhe os 50 cartuxos que pede. Agora mesmo saio até o **Macedo** e dali pertendo mandar um official the **Alegrete** afazer reunir as praças que ali averem do Corpo; talvez me demore ali estes tres dias porisso que tenho feito todas as recomendaçoens respeito ao Campo ao Major **Florencio** afim de qualquer novidade que seja percizo aqui eu instar V. Sa. faça saber ao dito Major

[16] Ver anexo nº 4 – Requerimento de **Demétrio Ribeiro**, de 1813, solicitando permissão para introduzir três mil cabeças de gado vindas dos Domínios de Espanha. [N. do E.]

que ele me fará avizo; hoje mesmo ispero um official com uma Cavalhada que mandei buscar; façolhe saber que neste rincão visto isto ter percisão de Cavallos por isso no rodeio do **Ambrozio** apartei 20 Cavallos de auxilio e na estancia do **Gama** apartei 200 por isso me parece seria bom parar todos os rodeio e isto lembro a V. Sa. uniacsmente.

Campo 1º de Janeiro 1840.

Illmo. Sr. Coronel **João Antonio da Silveira**.

[a] **Demetrio Ribeiro**

[Anotado na margem superior]
Não tem resposta

CV-7788

Illmo. e Exmo. Sr.

Levo ao conhecimento de V.Exa. que hoje o Tenente Coronel **Guedes** mandoume dizer pelo Tenente **Apolinário** que não sabia do Inimigo, e eu neste instante acabo de ter a noticia que junto remeto a V.Exa. e julgo ser serta pela descuberta que mandei a frente dizerem terem visto em frente a caza de **Alexandre Rodrigues** como 30 homens com Cavalos a distancia que julgo ser inimigo por não andar gente nossa que ali digo forão vistos os homens do outro lado de **Inhanduy**. Deos Guarde a V.Exa. Campo Volante 4 de Julho de 1840.

Illmo. Ex. Sr. Gal. **Bento Manoel Ribeiro**

[a] **Demetrio Ribeiro**

CV-7789

Illmo. e Exmo. Senhor **Domingos José de Almeida**

Como me consta que sepôs em arrendamento os bens do finado **Francisco Vallentim** em **Garopá**, no vallor de cento, e cincoenta mil reis annual, e eu pertendendo ao dito arrendamento offereço mais cincoenta mil reis annual, e sendo que os ditos bens já estejão arrendados, julgo não ser pezado a V.Exa. revogar visto ser em beneficio do Estado, pois me fas conta por cinco, ou seis annos, e o primeiro pago a vista logo que me sejão entregues os ditos bens, o que espero em V.Exa. ser servido; Pelo portador espero a resposta de V.Exa. para meu governo. Os meus incômodos inda continuão, não pude entrar em medicamentos por me faltar remédios que mandei buscar no **Salto**.

Aproveito essa ocazião para saudar a V.Exa. e reiterar-lhe minha concideração e estima pois sou

De V. Exa.

Amigo Attenciozo e obrigadissimo Criado

[a] **Demetrio Ribeiro**

Rincão do Inferno 29 de Agosto de 1840

[Anotado no verso]
Ao Illmo. e Exmo. Sr. **Domingos José de Almeida**.
Ministro da Fazenda
Onde se ache
[anotado na margem esquerda]
Recebida e respondida a 2 de setembro

CV-7790

Exmo. Sr. **Domingos José de Almeida**.
Rincão do Inferno 10 de Setembro de 1840

Prezadissimo Amigo. Sou de posse da apreciável carta de V.Exa. de 2 do que reje a cujo contheudo respondo. Muito estimei a deliberação que V.Exa. tomou de pôr em Asta Publica os bens que eu pertendia arrendar, por que pençando eu no cazo já estava arrependido. Muita saptisfação terei que V.Exa. como me dis, venha ate cá, para vello e darlhe hum apertado abraço, visto que meu estado de saúde não me permite hir já; porem logo que me cheguem os remédios que mandei vir do **Salto**, dis o meu Professor que em quinse ou 20 dias fico bom, e ja corro a gozar a companhia dos meus Amigos e Companheiros. No entanto V. Exa. desponha do limitado préstimo de quem preza ser

De V. Exa.
Amigo verdadeiro e obrigadissimo Criado
[a] **Demetrio**

N.B.
Queira recomendarme ao Sr. **Joze Prudêncio**.
O Quartel Mestre se recomenda a V. Exa. e ao Sr. **Joze Prudencio**. [1v] Se V. Exa. souber de dentro algûa couza mande me dizer.

[Anotado na margem esquerda superior]
Recebida e respondida a 14.

CV-7791

Exmo. Ministro e Querido Amigo

Fui de posse ontem de tarde da sua apreciável carta de 14 do que rege, cujas sabias ponderações muito aprecio, e bem longe de me perçuadir que nossos Patrícios se deixem illudir por estes escravos de **Pedro 2º** cujo Trono e poder não pode diminuir a coragem dos defençores da Patria que tantas vezes o tem feito vacilar e jamais deixarão de sustentar a Honroza tarefa a que se propozerão; emfim meu Amigo nada temos que recear, maiores dificuldades temos vencido. Eu mui pronto lá hirei dar-lhe hum abraço e partilhar a sorte dos meus Companheiros,

apezar que elles ahi tratão de me disgostar, porem como eu não sirvo a elles, e sim a minha Patria, pronto serei logo que ella reclame meus diminutos serviços. Continuando a dar me noticias suas terei muito prazer pois sou

Seu sincero Amigo e obrigadissimo Criado

[a] **Demetrio Ribeiro**

Estância da Liberdade.

18 de setembro de 1840

[Anotado na margem superior esquerda]
Recebida e respondida a 19.
[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Illmo. e Exmo. Sr. **Domingos Jose de Almeida**
Onde se ache
Do Tenente Coronel **Demetrio Ribeiro**

CV-7792

Illmo. Exmo. Sr.

Os Officiaes do Segundo Corpo depois de comprementarem a V.Exa. felicitando-o de sua Viagem agradessem sobre maneiras o que V.Exa. lhes diregio em 29 do mez proxhimo passado despedindo-se dos mesmos e eu o fasso com mais particularidade dezejando todo grao de Saude. Deos Guarde a V.Exa. Campo em marcha a 1 de Dezembro de 1840.
Illmo. Exmo. Sr. **Domingos Joze de Almeida**
Ministro Secretario da Guerra

[a] **Demetrio Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Illmo. Exmo. Sr. **Domingos Joze de Almeida**
Ministro Secretario da Guerra
Do Comandante do 2º Corpo

CV-7793

Illmo. Sr.

Ressebi o officio de V. Sa. e a feito o parecer que me da de não mudar a invernada, porem pondero lhe que se nestes dias próximos não xover aquele lugar a de ficar falto de aguadas; participo lhe mais que o incarregado que ali tinhamos tem deixado istraviarnos alguns Cavallos porem agora já pus a cuidado da dita invernada um official de cuidado e este me pede lhe mande algum mercurio para curar Bixeiras que me dis averem muitos; asim aja de mandar o que over para este fim.

Deus Guarde a V. Sa. Campo 29 de Dezembro de 1846
Illmo. Sr. Cel. **João Antonio da Silveira**
[a] **Demetrio**

CV-7794
Illmo. Sr.
Neste momento chega o Tenente **Ipolito** e trouxe sento e sincoenta Cavalos em bom estado, notiçias he que **Juca Supriano** foi para **Cassapava** com seis o sete homens, e que por o **Curral de pedra** que andava partida do **Belo** e **Neto** reunindo Cavalos, por isso voltou mais depreça e Eu hoje marcho para baixo para onde V. Sa. me tinha determinado e dali farei sahir as partidas, a buscar os Cavalos, e para **Pamarotim** como V. Sa. me ordena, eu regulo dos rodeios que se estão parando agarassi mais de 200 Cavalos pelo o que me mandou diser o Capitão que ontem tinha já 100, e eu já tenho aqui 400 = e 30 = e V. Sa. veja que eu estou com muitos Soldados nus e se me parece que nós não sairemos daqui senão por estes quinze dias por isso se V. Sa. lhe parece me mande Ordem para o Coletor de **Alegrete** que pronto vira fazendas as que se precizão por que senão over tempo de fazer [1v] a roupa deixase fazenda. Deos Guarde a V. Sa. Campo 25 de Dezembro de 1840
Illmo. Sr. Coronel **João Antonio da Silveira**
[a] **Demetrio Ribeiro**
[Anotado na margem superior esquerda]
Respondido a 27.

CV-7795
Illmo. Sr.
Constame que **Joze Inacio** se acha ahi com porssão de Gente Cavalhada pronto a levantar os gados do **Bibiano** para no outro lado de **Quaraim** com o desacato mais de levantar os Rodeios para permitir aos Vizinhos o refugo de seos Gados como já tem feito com em um Rodeio que levantou e mais algumas voltiadas que tem feito para o mesmo fim; assim eh justo que V. Sa. prive um feito tão extraordinário assim como prejudiçial aos Vizinho ou interesses da Patria.
Rozario 29 de Dezembro de 1840.
Deus Guarde a V. Sa
Illmo. Sr. Coronel **João Antonio da Silveira**
[a] **Demetrio Ribeiro**
Hontem fis seguir as comunicacoens e agora torno com estas

CV-7796
Illmo. Sr.
Os Officios inclusos inteirarão a V. Sa. do quanto occorre na Fronteira d'**Alegrete**, e já fiz seguir copia ao Exmo. General em Chefe. Cumpre-me agora

ponderar a V. Sa que o Tenente **Figueirá** eh creminozo no **Estado Oriental** por ter brigado, e matado a **Luiz 18**, genro de **Alexandre d'Abreu,** e talvez que por isso, e mesmo por que lá há ordem de o prender, eh que motivasse semelhante movimento; esta minha reflexão já fiz ao Exmo. General e Chefe: e parece-me acertado que quanto antes se tome alguma providencia a semelhante respeito pois que aquella Fronteira se acha quase dezamparada em razão das continuadas moléstias do Capitão **Cavalheiro**, que se acha interinamente encarregado.

O General já seguio, e acha-se em **São Gabriel**. Amanhã vou fazer seguir pelo Capitão **Ignácio de São Vicente** a cavalhada para **Loureto**: Este Capitão chegou hoje do Exercito; e com o Tenente Coronel **Guedes** combinamos de o mandar para o Distrito, não só por estar com poucos homens, como por estar muito nu, e no entanto leva a cavalhada magra.

Deus Guarde a V. Sa. muitos annos

Caibuate [1v] 21 de Fevereiro d'1841

Illmo. Sr. Coronel **João Antonio da Silveira**

[a] **Demetrio Ribeiro**

CV-7797

Illmo. Sr.

Junto Remeto a V. Sa. as Rellaçoens de Despeza, de Fardamento, feito com o 2º Corpo de Lanceiros de meu Commando. Deos Guarde a V. Sa. Campo em **Caigoathe** 24 de Fevereiro de 1841.

Illmo. Sr. Coronel **João Antonio da Silveira**, Commandante da Divizão da Direita.

[a] **Demetrio Ribeiro**

CV-7798[17]

2º Corpo de Lanceiros de 1 ª Linha

Rellação da roupa que se fes da Factura recebida em **Alegrete** a 4 de Agosto de 1840 e se distribuio com as Praças do mesmo ate 15 de Outubro do mesmo Anno.

Ponxes forrados	Ponxes sem forro	Fardas finas	Fardas Groças	Calças Pano fino
123	18	28	60	16
Calças de belbute	Calças de brim	Fardas de brim	Camizas	Ceroulas
78	121	16	120	78

Campo em **Caboate** 27 de janeiro de 1841

[a] **Estevão Franco da Silva**

2º Tenente Quartel Mestre

[17] O CV-7798 está anexo ao CV-7797. [N. do E.]

CV-7799[18]

2º Corpo de Lanceiros de 1ª Linha

Relação da Distribuição feita com os Officiais desde 10 de Novembro d'1840 ate 10 de Janeiro de 1841.

Nomes	Covados de Pano ordinario	Calças de pano ordinario	Calças de belbute	Calças de gangá	Calças de brim	Camizas	Siroulas	Banch.	Botins	Baetas	Botas
Cap. **Antonio Luis de Borba**	6 ½			1		2					
Cap. **Antonio Munis Mariano**											1
Tem. **Bento Joze Ribeiro**					1	1	1			2	
Tenente **Ricardo de Oliveira Carvalho**	2			1		2	1				
Tenente **João Fiúza de Lima**		1	1	1		1		1	1		1
Tenente **Hipólito Ferreira Alves**	2										
Tenente **Urbano Correia de Oliveira**				2		1		1	1		
Tenente **Angelico Joze de Bairros**	2		1			2			1		
Tenente **João Ignacio de Barcellos**	2		1	1		1	1	1			1
Tenente **Germano**	2			1		2	1	1			1
Tenente **Joze Rodrigues do Valle**	2			1	1	1	1				1
Tenente **Joze Gonçalves**						1	1				
Tenente **Manoel de Santa Barbara**	2			1		2	1				
Tenente **Estevão Franco**		1		2		1		1	1		
Soma	20 1/2	2	3	11	2	17	7	5	4	2	5

[a] **Estevão Franco da Silva**

2º Ten. Quartel Mestre

[18] O CV-7799 está anexo ao CV-7797. [N. do E.]

CV-7800[19]

2 º Corpo de Lanceiros de 1ª Linha

Relação do Fardamento que se deo ao mesmo em **Vacaqua** a 10 de Novembro de 1840.

Calças de Belbute	Calças de Brim	Camizas	Siroulas	Baetas de 3 Covados
2	1	56	58	23
Barretes	Calças de algodão	Farda de brim	Bandeirollas	
10	7	1	30	

Campo Vollante 27 de Janeiro de 1841.

[a] **Estevão Franco da Silva**
2º Tenente Quartel Mestre

CV-7801[20]

2 º Corpo de Lanceiros de 1ª Linha

Rellação do Fardamento que se deo ao mesmo em **Cassequi** a 5 de Dezembro de 1840.

	Calça azul	Camizas	Siroulas	Bonet	Lanças	Pedras de ferir
Total	6	24	30	12	23	8

Campo Vollante 27 de Janeiro de 1841

[a] **Estevão Franco da Silva**
2º Tenente Quartel Mestre

CV-7802[21]

2º Corpo de Lanceiros de 1 ª Linha

Relação do Fardamento que se deo ao mesmo no Passo do **Rozario** de 25 de Dezembro de 1840 ate 14 de Janeiro do corrente anno.

	Calças de belbute	Calças de brim	Farda de brim	Baetas de 3 Covados
Total				
[22]	8	1	1	23

---

[19] O CV-7800 está anexo ao CV-7797. [N. do E.]
[20] O CV-7801 está anexo ao CV-7797. [N. do E.]
[21] O CV-7802 está anexo ao CV-7797. [N. do E.]
[22] Somma Total das 3 Distribuições.

	Barretes	Pedras de ferir	Calças de Riscado	Calças de algodão
Total			43	10
[23]	10	8	43	17

	Camizas	Siroulas	Bonets	Bandeirollas	Pares de Botins	Lanças
Total	46	13	38	180	14	5
[24]	126	101	50	210	14	28

Campo Vollante 27 de Janeiro de 1841
[a] **Estevão Franco da Silva**
2º Tenente Quartel Mestre

CV-7803[25]

2º Corpo de Lanceiros de 1ª Linha

Relação da Roupa que se fez da Factura recebida no posto **Lucimado** a 27 de Janeiro do Corrente anno que se distribuhio ao mesmo e a Companhia de Artifices.

Bonet	Chales para chiripas	Fardas de Ganga	Calsa de Belbute	Calsa de Ganga
22	4	4	12	10
Calsa de algodão	Camizas de riscado e chita	Camisas de Morim	Camisas de algodão	Siroulas
7	83	16	21	38

Campo em **Caiboaté** 10 de Fevereiro 1841

Deose nove cortes de vestidos de riscado para feitio das Camizas e sirolas. Acrece mais 12 Camizas de algodão e 5 siroulas produto de duas pessas de algodão que recebi para forro de bonet.

[a] **Estevão Franco da Silva**
2º Tenente Quartel Mestre

[23] Somma Total das 3 Distribuições.
[24] Somma Total das 3 Distribuições.
[25] O CV-7803 está anexo ao CV-7797. [N. do E.]

CV-7804

Mappa da Força, e Estado do 2º Corpo de Lanceiros de 1ª Linha

Acampamento em **Caibuaté** 1º de Fevereiro d'1841		Estado maior								Estado menor							Officiais			Inferiores						
		Tenente Coronel	Major	2º Tenente Ajudante	Ditto Quartel Mestre	Secretario	Patentes Estado	Capitão	Cirurgião mor	Sargento Ajudante	Dito vago mestre	Ajudante de Cirurgião	Corneta mor	Seleiro	Coronheiro	Espingardeiro	Cappitães	1º Tenentes	2º Dittos	1º Sargentos	2º Dittos	Furrieis	Cabos de Esquadra	Anspeçadas	Cornetas	Soldados	Toctal
Estado maior, e menor		1	1	1	1		2																				6
Companhias	1ª																1	1	1	1	1		2	3	1	25	36
	2ª																	1	1		1		1	3		26	33
	3ª																	1	1	1	1	1	3	1	1	24	34
	4ª																1	1	1	1	1	1	4			22	32
	5ª																1	1	1	1			2	2	1	23	32
	6ª																1	1				1	2	4		22	31
	7ª																1	1	1	1		1	2	2		23	32
	8ª																1	1	1	1	1	1	4		1	29	40
Estado Effectivo		1	1	1	1		2										6	8	7	6	5	5	20	15	4	194	276
Falta para completar						1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2		1	2	3	3	12	17	4	94	150
Estado Completo		1	1	1	1	1	4	1	1	1	1	1	1	1	1	1	8	8	8	8	8	8	32	32	8	288	426
Agregados e Adidos			1																	2			1			1	5
Total dos Effectivos Agregados, e Addidos		1	2	1	1		2										6	8	7	8	5	5	21	15	4	195	281
Para descontar do total dos Effectivos , Agregados e Addidos	Em deligencia						1										1	1		1	2		2	3		16	27
	Empregados		1														2	2	1	1		1		1		24	33
	Com exercicio de Licença																1										1
	Com licença																	1		1				1		6	9
	Doentes – No Campo	1					1										1		1	1			1	1		6	13
	Doentes – Fora do Ditto																1		1	1			2			20	25
Somma		1	1				2										6	4	3	5	2	1	5	6		72	108

N.B. Dezertarão 5 soldados, apresentou de Deserção 1 soldado, paçou a effectivo 1 Guarda Nacional que servia adido, sentarão praça 13 soldados, paçou a Cabo 1 soldado, e foi rebaxado do Posto 1 Furriel.

[a] **Demetrio Ribeiro**
Tenente Coronel Commandante

CV-7805

Exmo. Amigo Sr.

Alegrete 29 de Março de 1841

Fico de posse da de V.Exa. que me dirigio pelo Capitão **Mariano** que não respondi logo por não me achar no lugar, eu pertendo breve seguir para esse lugar a reunirme ao meo corpo deixando de meterme em curativo visto que os galegos poice em movimento emtão terei o gosto de abraçar a V.Exa. de quem sou

Amigo Patricio Atencioso
[a] **Demetrio Ribeiro**

[Anotado no verso]
Ao Exmo. Sr. **Domingos Jose d'Almeida**.
Ministro da Fazenda.
São Gabriel.
De seu amigo **Demetrio Ribeiro**.

CV-7806

Exmo. Sr.

Agora que são pouco mais de nove óras da manhã, recebo o officio de V.Exa. em que me ordena mande para coadjuvar no que convenha, á Divisão de Infantaria; certamente eu seria prompto no cumprimento da ordem, se não tivesse destacado em partidas ligeiras todo o corpo a meu mando restando cinco a seis homens empregados na bagagem: com tudo hoje espero hum Official com doze homens, e logo que chegue o farei marchar, sem perca de momento.

Estou neste logar para falar ao Juiz de Páz [1v] e esperar as reuniões de que estou encarregado pelo Exmo. Sr. General em Chefe, e se algumas chegar talvez amanhã possa estar com V. Exa.

Deos Guarde a V.Exa.

Caverá 8 de Junho de 1841

Exmo. Sr. **Domingos Jozé d'Almeida**
Ministro do Interior, Fazenda, e Guerra

[a] **Demetrio Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão **Domingos Jozé de Almeida**.
Ministro do Interior, Fazenda, e Guerra.
Onde se achar.
Do Ten. Cel. do 2º Corpo de Lanceiros.

CV-7807

Illmo. e Exmo. Sr. **Domingos Jozé d'Almeida**

Tendo lançado mão de todos os recursos que são possíveis para bem de fazer as despezas da Campanha que são indispensaveis, athe meus escravos tenho vendido para este fim; agora porem tendo entre mãos hum arranjo, este falhou-me, e vime percizado para vestir de lançar mão de humas fazendas e algum dinheiro do Sr. **Serrazem** que prompto me servio, e querendo eu tãobem saptisfazelo: rogo a V.Exa. enviar-me hum doccumento da quantia de cento e secenta mil reis, para com elle o mesmo Sr. **Serrazem** encontrar em pagamentos de direitos, em qualquer Collectoria aonde for aprezentado, ficando de tudo agradecido a V.Exa., pois bem sabe o estado em que todos nos achamos.

Para tudo quanto for util pode mandar-me com franqueza pois sou com respeito e amizade

De V.Exa.
Companheiro e Amigo Affectuoso
[a] **Demetrio Ribeiro**

Alegrete 3 d'Agosto de 1841.

[Anotado na margem superior]
Respondida a 27 — || —
[Anotado no verso]
Ao Cidadão **Domingos Jozé d'Almeida**, Ministro da Fazenda, Interior, e interinamente da Guerra.
Onde se ache.
Do Tenente Coronel **Demetrio Ribeiro**.

CV-7808

Exmo. Amigo e Sr.

Por ser ocazião de portador passo a comprimentar-lhe desejandolhe saúde e imenças felicidades.

Eu aqui me acho em huzo de medicamentos por cauza de meus antigos incomodos de que ja me acho melhor. Conte V.Exa. com os meus debeis serviços neste lugar ou em qualquer parte que me ache serto em que sou com a maior estima e concideração.

De V.Exa.
Amigo Attenciozo e obrigado Criado
[a] **Demetrio Ribeiro**

Alegrete 8 de Setembro de 1841.

[Anotado no verso]
Ao Exmo. Ministro **Domingos Jose d'Almeida**.
Onde se ache.

RIBEIRO, Duarte da Ponte
CV-7809

CV-7809[26]
8º

O **Brazil**, sempre fraco e cobarde, só tem feito declarações de guerra insidiosas para ter em sua ajuda alguns indivíduos da mesma Nação aque tem ido hostilizar.

Foi assim que declarou a guerra à Confederação **Argentina**, dizendo fazia a guerra unicamente a **Rozas**, para desse modo ter do seu lado algumas das Províncias e Generais sem cuja força seria vencido por aquelle Governador.

Ter outrotanto, declarando que fazia a Guerra a **Lopes**, e não ao **Paraguay**, para dessa maneira encitar revoluções na Republica contra esse chefe; não se julgando com força, nem valor para vencel-o.

Tendo assim procedido em 1852 contra **Rozas**, e não contra a Confederação **Argentina**, faltou o direito de exigir desta o pagamento das despesas de guerra; nem dellas fallou.

Do mesmo modo deve proceder com o **Paraguay**. Das suas declarações officiais rezulta que sempre disse que a guerra era feita ao tirano e falso **Lopes**, e não aos Paraguayos.

Destes dous factos, fazer a Guerra a **Rozas** e a **Lopes**, deve o **Brazil** confessar que por vaidade e cobardia se tem affastado das regras sanccionadas pelo direito internacional.

Quando huma Nação for a guerra a outra Nação comprehende todos os individuos desta. Sem a acção deste, não levaria o seu chefe a effeito os actos de tirania e extorsão que obrigão a fazer-se-lhe a guerra. Desde que a Nação lhe serve de Instrumento, tornou-se ella complice e obrigada a soffrer as consequencias. Se não queria responder por ellas, levantasse-se em massa contra quem a obrigava a praticar actos a sua vontade.

[26] Antes do documento CV-7809 consta um papel datilografado, provavelmente de autoria de Alfredo Varela, com o seguinte teor: “O importantissimo documento que figura em seguida e que já foi reproduzido em obra minha, eu o comprei em um alfarrabista no **Rio**. É do punho e letra de **Duarte da Ponte Ribeiro** e trecho incompleto da parte final da “Memória secreta” do illustre diplomata; trabalho inedito que cito muito seguidamente, nos meus. **Portoalegre**, 14-IV-933”. [N. do E.]

RIBEIRO, Joaquim Antônio
CV-7810

CV-7810[27]

MEMORIA
DESCRIPTIVA,
DA Forma porque foi estabelecido o Sistema Constitucional
em **Moçambique**; e da conducta do Ex-Governador, e Capitão General
João da Costa de Brito Sanches, e do seu Successor o Tenente General
João Manoel da Silva.

Apenas livres dos horrores de huma quazi anarquia, e de hum injusto e prepotente exterminio, onde me reteve a mão do despota o infame **João da Costa de Britto Sanches**, ex-Governador, e Capitão General de **Moçambique**, julgo indispençavel transmitir ao conhecimento do respeitavel publico huma verdadeira, e sucinta narração dos trabalhos, que fez sofrer a quazi todos os habitantes daquella Provincia durante o seu despotico governo, e os esforços com que foi alí promovida, e seguida a cauza da Constituição, salvando-me igualmente com todos os honrados habitantes da oppreção de hum tão absoluto, e rediculo mandão. Deixarei para occazião mais opportuna a demonstração individual dos factos crueis que impunemente praticara aquelle novo **Sancho Pança**, talvez persuadido de Governar a **Ilha dos Lagartos**, por isso que tenho de bosquejar o quadro horrorozo de anarquia em que esteve precepitada aquella Provincia por occazião da chegada do sucessor daquelle Bachá, o Tenente General **João Manoel da Silva**.

Tinha cançado a paciencia humana de soffrer já tantos, e tão extraordinarios insultos, vexames, e rapinas com que o Tyrano **Sancho**, e seu consorcio, e privado o perfido Brigadeio graduado de Milicias **Francisco Carlos da Costa Lacé** havião espezinhado ao desgraçado povo de **Moçambique**, e muito mais aquelles constituidos em digniades, e que se não subemetião em tudo a sua vontade, quando os nossos horizontes começarão a mostrar-se mais rizonhos com as noticias da Regeneração Portugueza começada no **Porto**, e esta nova, que cauzou tão grata sensação nos animos dos Moçambicanos foi tomada por aquelle Governador como hum effeito de rebelião, trama de huns poucos de bebados de **Portugal**, e facção digna o mais exemplar castigo. Para que o seu despotismo que elle via em o leito da morte tivesse ainda novos tropheos, tentou aquelle inhumano prender alguns, e desterrar outros que elle julgava se poderião conspirar contra elle, e levantar o estandarte da liberdade: esta medida se havia divulgado por toda a Ilha, que hia a ter execução depois do dia 24 de Junho, que elle solemnizava á honra do Santo do seu nome: havião já provas sobejas do seu intento, pois que dias antes elle me fez

[27] Documento impresso. [N. do E.]

embarcar subitamente para a [2] terra firme de huma maneira bem semelhante á degredo, privando-me dos direitos de Cidadão, sem que elle produzisse culpa, ou ainda iniciação de culpa, pela qual me fizesse credor de tanto castigo, esbulhando-me da posse do commando do Batalhão de Infanteria de Linha, que S. M. me comfiára: igual procedimento teve com o Escrivão Deputado da Junta da Fazenda **Joaquim Antonio de Carvalho e Menezes**, despojando-o do seu Lugar segunda vez com desprezo das recentes ordens de S. M. em favor daquelle benemerito Empregado, a quem em Dezembro de 1820 mandara assassinar por vinte e tantos Soldados Sipáes[28], de que milagrozamente escapara; fazendo-o conduzir entre huma escolta militar com toda a ignominia, e coação, mandando-o lançar as margens da praia da Terra firme, sem providencia alguma para a sua subsistencia, e isto motivado por querer aquelle Escrivão sustentar as regalias do seu Lugar, e zellar a Fazenda Publica por elle Governador, muitas vezes dilapidada de baixo de mil pretextos, o que he mui facil de provar: igual sorte preparava a **Domingos Corréa Arouca**, Tenente Coronel do Sobredito Batalhão, a quem aquelle mandão fizera húa intimação de se promptificar com o tempo, e de terminar os arranjos de sua caza, visto ser cazado, e ter de o mandar a húa commissão; tal era o destino, que semelhantemente preparava a outros Empregados, Negociantes, e Militares, alguns dos quaes concervava em prizões sem culpa formada, regozijando-se seu ferino coração de ver gemer a humanidade. Todos estes factos he percizo se saiba, que elle os praticou depois de ter jurado, e feito jurar por surpreza a nossa Santa Constituição, consequencia da chegada do Navio **Despique** com a feliz noticia de ter o nosso Bom Rei selado tão grande obra com o seu juramento.

Mas faltando de todo em todo o sofrimento agregarão-se os Officiaes dos Corpos Militares, e alguns Cidadãos que o indigno Bachá, e seu satelite **Lacé** trazião desunidos por meio da mais vil intriga, consolidnado-se em os mesmos sentimentos de regeneração, projectarão derribar o Tyrano, e revendicar seus direito tão indignamente postergados, e instalar-se hu governo Provizorio a maneira das outras Provincias do Ultra-mar. Concertado o plano destinou-se o dia 25 daquelle mez para a sua execução, dia este secundario ao em que elle festejou o Santo do seu nome com hum esplendido jantar, em que se acharão muitos daquelles, que tinhão concordado no projecto da sua queda, para deste modo não lhe ser suspeitoza a sua falta. No dia pois aprazado reunem-se na **Fortaleza de São Sebastião** os trez Corpos de Cassadores (sem o seu commandante o Brigadeiro graduado **João Vicente de Cardinas** a quem se não convocou pelo seu bem conhecido infame

[28] Cipaio: "Nome vulgar do soldado índio do serviço de qualquer potencia européia, aplicando-se, mais particularmente, às tropas indígenas organizadas pela **Inglaterra** para a defesa da **Ìndia**. A **França** tem também forças de cipaios nas suas possessões da **Indo-China**, existindo também no mesmo exército corpos de cavalaria ligeira, denominados *spahis*". GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume VI, 1960: 824. [N. do E.]

caracter, que nos trahiria não obstante ser de todos aquella cauza, em que entravão os seus mais proximos parentes) o Batalhão de Infanteria, e o Corpo de Artilharia; e formados se encaminharão a caza da rezidencia do mandão, a quem eu mesmo intimei a sua depozição e prizão de Ordem d'ElRey e Cortes, findando assim o seu governo de ferro. Escuzo agora narrar as baixezas, umilhações, e todo o genero de indignidades, que aquelle **Néro** praticou no momento de ouvir pronunciada a sentença da sua queda; e passo ao mais essencial. Foi ao mesmo passo prezo o perfido **Lacé**, cujos crimes são bem conhecidos nesta Corte, e se fizerão patentes ao Ministerio pelas reprezentações do por elle oprimido Povo do **Rios de Senna**, que governou, ou antes assollou, e ultimamente socio nos crimes, conselheiro, [3] e canal das extorções daquelle general. Concluida assim a prizão destes dois monstros da humanidade, juntarão-se na caza do conselho o Excelentissimo. Bispo, o Senado da Camara, e as Authoridades, Civis, e Militares com o de mais povo, os quaes unanimes e a huma voz instalarão com jubilo hum governo Provizorio Prezidido do Excelentissimo. Bispo até a deliberação das Cortes, a quem farião as competentes partecipações, ficando declarada na vereação da Camara daquelle dia a prizão de ambos á Ordem d'ElRey e Cortes pelos atrozes, e horriveis crimes, que praticarão e neste auto de vereação assignarão as sobreditas authoridades e povo. Assim findarão as dezordens que de dia em dia ião tornando a Provincia em huma total rebelião a não se lhe acudir com este efficaz remedio; e os habitantes vendo seguras suas vidas e propriedades, dando exuberantes provas do seu jubilo, já com illuminação espontanea por trez dias, solemnes acções de graças, e jantares publicos, em que manifestavão a mais completa satisfação por continuados vivas à nossa Santa Religião, ao Senhor **D. João 6º**, e á nossa Constituição.

Livres pois daquelle flagello, e tranquilos os habitantes pacificos de **Moçambique** já mais esperavamos tornar a cahir na perturbação, e desassocego, quando alguns rumores se forão espalhando de que huns poucos de mal intencionados, inimigos do socego publico, e interessados no antigo despotico governo, dos quaes era o primeiro movel **Antonio da Cruz e Almeida** sogro de **Lacé**, fomentavão huma outra revolução, a fim de soltarem os dois perversos Governador, e seu socio **Lacé**, crendo assim restaurarem os seus decahidos interesses: mas taes boatos não poderão emtão realizar-se; toda-via a chegada do Tenente General **João Manoel da Silva**, a quem S. M. havia Nomeado Governador e Capitão General para succeder ao despota **Sancho**, reproduzio naquela Provincia os horrores d'anarquia.

Hé percizo advertir, que logo depois de instalado aquelle governo Provizorio se espalhou por toda a Capital a noticia da proxima vinda do novo Governador. Persuadidos os Cidadãos de que não poderião melhorar sua sorte com o novo governo o qual seria certamente como a Serpente que veio reger as Rans; e esperientes de que os Governadores, geralmente fallando, sollicitavão os governos, e os asseitavão com vistas unicamente de engrossar seus interesses,

tendo na sua marcha governativa por modelo ao insigne Ladrão o pretor **Verres**, como aconteceo quazi sempre com os daquella Provincia que flagelando seos habitantes os reduzião á pobreza, e á mizeria, estorquindo-lhes o seu numerario, e manchando-lhes ao mesmo passo a honra, e o bom nome, não escapando até a Fazenda Publica em que fartavão a hidropica sede de riquezas; a Camara, o Clero, e Tropa derigirão suas reprezentações ao Governo, nas quaes declaravão que se conservasse aquelle mesmo governo, que elles havião installado por votto unanime até á deliberação das Cortes, e que se não asseitasse por forma alguma o Capitão General, que viesse nomeado, não só pelos damnos, que dali se poderião seguir da mudança do governo, como por ser o systema novamente abraçado pela cauza da Constituição. Ao cabo pois de sessenta e tantos dias da instalação do governo Provizorio, aportou na **Ilha de Moçambique** o Tenente General **João Manoel da Silva** nomeado governador daquela Provincia. O Governo lhe mandou significar qual éra a deliberação do Povo, que o não aceitava como govenador e lhe estinava no sitio da **Cabaceira** na terra firme huma [4] decente caza para nella morar, em tanto que não podesse regressar ao **Rio de Janeiro** como éra vontade do Povo em geral; porem elle relutando a estas propostas, ao 3º dia de sua chegada pode dezembarcar na Ilha, e para huma caza particular, sem que o governo, por sua nimia condescencia lhe obstasse hum tão perigozo dezembarque. Na madrugada do dia 3 de Setembro e 3º de sua estada em terra foi elle clandestinamente admitido na Fortaleza pelos officiaes inferiores dos tres Corpos, com quem os facciozos tramarão este negocio do modo que vou a referir.

O citado **Cruz**, crenco que com a introducção do Tenente General no Governo ganharia a soltura de seu genro **Lacé**, e todos continuarião a tirar novos interesses, conloiou-se com o mesmo Tenente General, a quem prometeo meter de posse do governo, contribuindo para isso com todo o dinheiro necessario. Para isto se effectuar valerão-se de hum tal Ajudante d'Ordens **Diogo da Costa Soares**. Natural daquella Ilha, homem de muito más manhas, assaz conhecido pelo seu vil caracter, não só alli, como nesta Corte, onde esteve e até prezo e de onde voltou em companhia do dito Tenente General. Este pessimo **Moçambicano** foi quem por sugestões, e a troco de hum porvir favorável, excitou aos Inferioes para tomarem parte no tramado negocio, ensinuando-lhes, que depois de penderem os seus officiaes pozessem em movimento aos Soldados, contra o governo Provizorio, e a favor do Tenente General de que de certo serião recompensados com huma somma avultada, e promovidos aos postos, que necessariamente vagavão pella prizão, e expulção dos officiaes. Aparelhado desta arte hum tal ardil, a que deo o seu consentimento o Brigadeiro **Cardinas**, começarão os facciozos a por em execução os seus traços com prenderem os officiaes, que pernoitavão na Fortaleza com o fim de acautelar alguma tentativa da parte do Tenente General; mas tão dezapercebidos estavão elles do que se tramava a seu respeito, que forão separadamente apanhados, e capturados no Calaboço pelos inferiores sem a menor rezistencia. Então

abrirão-se as portas da Fortaleza ao Tenente General, que para ella entrou em modo de triunfo, e dali despedio hum troço de mais de 30 Soldados municiados de cartuxame emballado para virem a minha caza prender-me. Dezejaria esquecer os ultrajes e attentados, que então sofrí, quando profanando-se o azilo de minha caza hum inferior me intimou a ordem de prizão da parte do Tenente General; e correndo hum véo sobre taes factos, poupo assim o desgosto, que huma tal recordação cauzaria.

Erão onze horas do dia, e o Tenente General fazendo sahir da Fortaleza as Tropas compradas de Cassadores, Infantaria e o Parque de Artilharia, se veio com ellas postar no **largo da Mizericordia**, onde entre os vivas de aclamação, que a Soldadesca dava em alarma ao seu General, abortou no abismo o feio monstro d'anarquia. Os Colonos e indigenas de ambos os sexos em hum momento forão logo desamparando a Cidade salvando-se huns a bordo dos Navios e fugindo outros para a terra firme, e todos deixando as suas habitações por se pouparem á morte, que os esperava. Nesta turbação geral, que huma tal medida hostil incitou nos animos daquelles povos, o mesmo Tenente General temeo-se; e querendo poupar já a continuação da dezordem visto que assim estava descorsoado de conseguir o fim, que projectara; fez recolher a Tropa, [5] a qual tendo-se já derramado por toda a Cidade, é perseguido o fugitivo Povo com tiros de mosquetaria, accommeteo o lugar das feiras publicas, que ali chamão *vazares*, e a seu bello prazer roubarão quando puderão.

Recolhido que foi esse Conquistador Imbecil á Fortaleza, lugar do seu azilo entrou em novos projectos, por ver malograda á sua Quixotada. Como a hidropica séde de governar o devorava, elle procurou ter parte no governo Provizorio; e tendo as tropas em armas mesmo dentro da Fortaleza por trez duas com o expeciozo motivo de tranquilizar o dezasocegado Povo entrou e fez entrar os seus satellites em negociações com a Camara, a qual temeroza do despotismo Militar se juntou no dia 5 na Caza do Conselho onde hum pequeno numero de gente do Povo entre elle alguns Canarins mizeraveis, degradados e taberneiros votarão na admissão do Tenente General para o Governo na qualidade de Prezidente, sendo agente das deliberações da Tropa com a Camara hum tal vereador **Adolfo** ao qual os facciozos encarregarão de exprimir a sua vontade. D'esta arte he que sahio elleito o Tenente General, fazendo-se descer ao lugar de Vice-Preziente ao Excelentissimo e Reverendissimo Bispo, o unico, que tem obstado, quanto pode, a continuação de injustos procedimentos. Hum dos membros deste Governo que tambem ellegerão foi o Juiz de Fora **Dionizio Lemos Pinto da Fonceca**, o qual tendo aportado naquela Ilha com o mesmo Tenente General, não tinha até aquelle dia tomado posse do lugar que ainda ocupava sei antecessor. O quarto varão probo, que nomearão, chama-se **Antonio Alves de Macedo**, degradado por dez annos por certa habilidade, que tinha de imitar alheias firmas . . . . e que na vespera da elleição andou mendigando votos.

Foi tambem elleito **Antonio Lourenço de Souza** outro degradado por toda a vida, por ter cruelmente assassinado huma sua concobina. Este homem, sentando praça de Soldado, foi promovido a official pelo mesmo motivo, porque tem sido outros muitos, quero dizer, por contribuir para o augmento da fortuna da maior parte dos governadores, e por isso Sua Magestade sendo ultimamente bem informado da sua ignorancia, e inhabilidade Militar, o reformou. **Baltazar Manoel de Souza e Britto** natural do Paiz cuja instrucção se limita em assignar o seu nome, tendo sido membro do antigo Governo, foi igualmente elleito para este, bem como o já mencionado Brigadeiro **Cardinas**, que tambem a falta de homens éra do passado Governo. Esta personagem, em todos os tempos tem sido hum cégo; e abjecto escravo dos exacrandos caprichos da maior parte dos mandões Governadores daquella Provincia com quem tem destribuido grossos cabedaes, parte dos quaes lhe forão consignados dos Portos d'**Azia**, ficando seus proprietarios até hoje no dezembolço delles, e parte adquiridos pelo abuzo, que faz da jurisdição, que tem nas Terras firmes de que hé Capitão mór. Taes são os meios porque este Brigadeiro tem obtido os postos, sacrificando até a sua honra (se he que alguma teve) a hum ponto de baixeza como elle mesmo o tem confeçado publicamente.

Em todas aquelas elleições teve bastante parte o celebre **Domingos Baptista**, que para **Moçambique** fora em qualidade de creado do Excelentissimo Bispo, depois de ter reprezentado nesta Corte o grande papel de Cavaleiro de industria, e associando-se ao **Cruz** nas malversações, que hum, e outro praticão n'Alfandega, onde são empregados, fez de necessidade cauza commum neste negocio.

Organizado assim aquelle novo governo, este cedendo ás deliberações do Juiz de Fora **Lemos** e do Tenente General, ordenou a soltura dos dois prezos **Sancho** e **Lacé**, sem attender, que lhe não competia hum tal arbitrio, estando a devassar-se dos crimes que tinhão perpetrado, muito mais sendo elles prezos a ordem do Soberano a quem então ficava competindo em regra a soltura dos mesmos: mas o Ouvidor Corregedor da Comarca **José Antonio de Miranda**, a quem o passado governo Provizorio havia officiado para tirar aquella Devassa não havendo então encontrado difficuldade nisto, e tendo allias o direito de informar ao governo da nulidade ou incoherencia de hum tal acto, começou a dita Devassa, e no cabo de doze testemunhas unicamente inquiridas, a deu por nulla e insubsistente, informando ao novo goveno da incurialidade daquele arbitrio. Concorde no mesmo (sem duvida por combinação secreta) o Juiz de Fora propoz em Sessão do goveno (de que faz parte) que a tal Devassa fosse queimada, e expendendo sofismas como raciocinios juridico soube astutamente fazer calar a sua doutrina nos mais membros, que derão ao exgeneral **Sancho** e seu socio **Lacé** por soltos, e livres; e a Devassa a instancias do Secretario **João Capistrano Coutinho Rangel**, goardada nos arquivos da Secretaria para se pasto do Copim. Tanto pode a malvada

fome do ouro; pois cumpre advertir, que tendo contribuido para aquella tragica Scena, como já disse o façanhoso **Cruz** com avultadas somas, que elle mesmo depois destribuio claramente pela Tropa, e sendo não menos contemplado com huma gratificação consideravel o outro igualmente facciozo Ajudante d'Ordens **Diogo da Costa Soares** que com seu Irmão o Commandante d'Artilharia havia posto em movimento a mesma Tropa, forão tãobem prezenteados grandemente o Tenente General Prezidente e o Juiz de Fora **Lemos** para se conseguir a soltura dos ditos Prezos.

Seria tambem digno e admiração a volubelidade do Ouvidor **Miranda** em o negocio de sua competencia, se não se intitulasse elle mesmo – **Catavento** – pois tomando a attitude da parte onde lhe assopra o vento, volveu-se para aquee lado aonde a adulação o chamava. E estes são os Ministros imparcias! Graças a nossa Regeneração que vai de huma vez acabar com esses Bachás de trez caudas.

Taes forão os dezastrozos factos, que encherão de lucto, e horror a malfadada **Ilha de Maçambique**, onde como consta por cartas fidedignas continua a dissolação por effeito do anarquico governo, que nella domina. E que dor não deveria pungir o diamantino coração do barbaro **Sanches**, que foi o primeiro mobilador de taes acontecimentos por sua tiranica dominação! Monstro ainda mais fero, que os mostros, elle quiça se regozija nesta Corte, onde impunemente o deixão passear livre, dos males em que começou a mergulhar aquella Provincia. Entrego-te, indigno **Sanches**, á execração publica!

Joaquim Antonio Ribeiro

NA OFFICINA DE **SILVA PORTO, & CIA.**

RIBEIRO, Joaquim José Pereira
CV-7811

CV-7811

Relação do que tirei da Caza de **Joaquim José Pereira Ribeiro** por ordem do Exmo. Sr. Commandante Interino das Armas

11" Tanazes[29]
2" Chegadeiras[30]
2" Espetadores
2" Malhos
5" Martellos

---

[29] Provavelmente "tenazes". [N. do E.]

[30] Chegadeira: "Haste de ferro com o extremo recurvado em forma de gancho, usada pelo ferreiro, serralheiro, caldereiro, etc, para atiçar o fogo da forja, remechendo os carvões acesos, aconchegando-os de encontro a peça de ferro ou aço que se aquesse." GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume 6, 1960: 648. [N. do E.]

4” Acentadores[31]
2” Bombas
1” Preguissa[32]
2” Tallhadeiras de bigornia
6” Tarraxas
2” Talhadeiras de cortar
8” Craveiras
2” Fôrnos de mão
1” Troquês[33]
20” Brócas
3” Tufos[34]
1” Esquadro
4” Tôrnos
2” Bigornias
2” Fólles
1” Tôrno de Forniar
1” Rebôllo[35]
1” Ballança com brasso
[1v]
1” Azeiteiro
1” Serrote

Pellotas 28 de Agosto de 1836
[a] **Antonio Pinto Nogueira**
Capitão Commandante de Policia

[31] Assentador: “Ferramenta de ferreiro para desempenar chapas e espalhar ferro.” GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume 3, 1960: 531. [N. do E.]
[32] Preguiça: “Aparelho empregado pelos ferreiros para servir de apoio ao extremo livre da peça a trabalhar, quando esta é bastante comprida.” GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume 23, 1960: 132. [N. do E.]
[33] Torquês: “Instrumento metálico usado para segurar ou agarrar.” GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume 32, 1960: 146. [N. do E.]
[34] Tufo: “Utensílio de ferreiro, com que se aperfeiçoam os olhos das enxós dos machados, etc.” GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume 33, 1960: 156. [N. do E.]
[35] Rebolo: Pequena mó de grés, que gira em torno de um eixo horizontal, passando por dentro de uma calha com água, e serve para amolar as folhas ou gumes de instrumentos cortantes, os quais, para esse fim, se fazem roças, levemnete sobre a circunferência da roda enquanto gira: passar o gume da faca pelo rebolo. GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume, 24. 1960: 549. [N. do E.]

RIBEIRO, José de Araújo
CV-7812 a CV-7821

CV-7812

Copia.

Illmo. e Exmo. Senhor.

Tenho a satisfação de communicar-lhe a Proclamação de amnistia para esta Província, que recebi ultimamente do Governo Imperial.

Na impossibilidade em que me vejo de a mandar imprimir e publicar desejaria que V. Exa. se encarregasse de o fazer quanto antes para que todos os Riograndenses se convenção de que são já sem fundamento algum os receios que se propalão de processos e persiguições, e para que concluão que as pessoas que ainda desse pretexto se querem servir, levão em vista outros fins que só desastres ameação. Deos Guarde a V. Exa.

Rio Grande a bordo do **Brigue Barca Sete de Septembro** dezanove de Dezembro de mil oitocentos e trinta e cinco = Illmo. e Exmo. Sr. Vice Presidente da Provincia = **Jozé de Araújo Ribeiro** =

Está conforme.
Na ausencia do Secretario do Governo.
[a] **Jozé Luiz Vicente da Costa**

CV-7813

Illmo. Senhor **José Vasco Madruga**.

Cheguei de **Porto Alegre** o mez passado, e tencionava de prompto retirar-me para o **Rio de Janeiro** bastante aflicto não por se me ter negado a posse, mas sim pelo tropel de males, que ameaçavão á esta Provincia, e seus habitantes, vi-me porem forçado a suspender minha partida, por que as Camaras das Cidades do **Rio Grande**, e **Pellotas**, e Villa de **São José do Norte** me instavão, que ficasse, e por ter recebido do **Rio de Janeiro** oficios, e hûa Proclamação do Regente, em que se mandava por em total esquecimento a Revolução, o que me pareceo dever communicar ao Cel. **Bento Gonçalves**, e ja tive em resposta na Commissão da Assemblea Provincial, que veio á conferenciar comigo; tenho a notar, que hontem recebi hum oficio da Camara da Villa de **Jagoarão** no mesmo sentido das representações das outras Camaras. [1v]

Nesta Provincia (por infelicidade nossa) tem apparecido pessoas, que maquinão por em execução um plano de sua separação do Imperio com o intento de formarem della uma Republica para o que não esta ainda preparada, se tal plano for ávante horrorosas calamidades assolarão seu terreno, e seus abitantes, a humanidade gemerá, e um futuro desastroso se terá em troca da prosperidade, que

se deve esperar de sua união ao Centro: V. Sa., eu estou bem certo, não partilha ideas tão contrarias ao bem estar da Provincia.

Vista a influencia, que V. S. tem me faria grande mercê, se me communicasse sua opinião á respeito dos negocios politicos desta Provincia, pois a estar certo que nella me não querem, serei prompto a retirar-me, assim como fui facil [2v] em annuir ao pedido das Camaras.

Brigue Barca 5 de Janeiro de 1836.

Sou
De V. S.
Muito attencioso Venerador e Criado
[a] **Jozé de Araújo Ribeiro**

CV-7814

Copia.

Illmo. e Exmo. Senhor = Tenho a honra de participar a V. Exa. que annuindo aos desejos já manifestados pela maior parte das Camaras Municipaes e Cidadãos da Provincia, deliberei-me a tomar posse da Prezidencia della,e o fiz hontem 15 do corrente pelas 11 horas da manhã na Camara desta Cidade com todos os requisitos e solemnidades da Lei. Não me permitindo ainda o meu debil estado de saude seguir immediatamente para essa Cidade, Officio nesta occasião ao Official Maior dessa Secretaria, que interinamente serve de Secretario, dando as providencias que julgo mais necessarias á respeito da Guarda dos archivos do Governo; e aproveito-me tambem desta opportunidade para agradecer a V. Exa. a sollicitude que sempre manifestou pela coservação do socego da Provincia durante a sua Vice=Presidencia. Deos Guarde a V. Exa. **Rio Grande** 16 de Janeiro de 1836 = Illmo. e Exmo. Sr. Dr. **Marciano Pereira Ribeiro** = **Joze de Araújo Ribeiro.**

Está conforme.
[a] **Jozé Luiz Vicente da Costa**

CV-7815

Illmo. Senhor Coronel **Oliverio José Ortiz**.

Eu vou dedicar todos os meus cuidados a promover a paz e o bem estar da nossa Provincia, antehontem tomei posse da Presidencia na Camara Municipal desta Cidade, mas á vista da desunião que se nota entre nossos patricios, e dos manejo de alguns homens mal-intencionados que dessa circunstancia se querem aproveitar, he preciso que nossos Comprovincianos se convenção de que só por mim eu nada posso fazer, se não for ajudado pela boa vontade de todos, e se todos não fizerem o sacrificio de seus resentimentos para nos reconciliarmos; de outro modo iremos cada vez a peior nunca faltarão pretextos para novas desordens, e os progressos que fazia o Continente se tornarão em atraso ruinas e mizeria.

Declare V. Sa. tudo isto a seus amigos e diga lhes de minha parte que julguem da minha administração pelos factos, e não por falços boatos, e que quando ouvirem della algûa coisa de mal eu lhes dou toda a liberdade de se dirigirem directamente a mim para saberem da verdade; que me escrevão, por que eu terei sempre muito prazer de lhes dar explicações e de lhes provar a todo o tempo que o que eu mais ambicióno hé marchar de acordo com a vontade [1v] de meus Patricios.

Tenho a satisfassão de ser

De V. Sa.
amigo e attencioso Venerador
[a] **Jozé de Araujo Ribeiro**

Rio Grande 17 de Janeiro de 1836.

[Anotado no verso]
1836
Presidente da Provincia.
J. A. de Araujo Ribeiro.
Na revolução.

CV-7816

Foi-me presente o seu Officio de 22 do corrente requerendo me explicações á respeito de dois pontos sobre a Guarda Nacional e tenho de responder lhe quanto ao primeiro que versa sobre o artigo 59 da Lei de 18 de Agosto de 1831, que ainda que a Lei diga nesse artigo que os Officiais e Officiais inferiores servirão por 4 annos, todavia estou informado de que o que mais geralmente se tem entendido no **Brasil** hé servirão 4 annos quando não seja para encher vaga, ou quando sua nomeação tenha tido lugar na eleição geral; por quanto a experiencia tem mostrado o muito que são encomodas as reuniões frequentes da Guarda Nacional e que de facto se verificarião se as elleições de seus Officiais não se ajuntassem, o mais que ser possão, para sua occasião. Isto hé o que mais geralmente se pratica; no entretanto se quiser entender que cada Official eleito (seja como e quando for) deve servir 4 annos, não me persuado que se possa atacar esse procedimento como illegal. Quanto ao outro ponto sobre os Officiais que andão emigrados e cuja ausencia tenha excedido o praso legal, devo responder lhe que segundo a lettra da lei de 25 de Outubro de 1832 parecem que tem perdido seus postos; mas como a nossa legislação Criminal admitte o temor irresistivel como justa escusa de falta [1v] de cumprimento de lei, hé preciso que V. Mce. pondere primeiro se os ditos Officiais estão nesse caso para ao depois resolver se se devem ou não serem considerados vagos os seus postos.

Deos Guarde a V. Mce. **Rio Grande** aos 26 de Janeiro de 1836.

[a] **Jozé de Araujo Ribeiro**

Senhor **Vasco Madruga Bitancurt**
Juiz de Paz do Districto do **Erval**.
[No verso]
Fornecidos por – **Vasco M. de Bitencourt**.

CV-7817

Tendo manifesto que o Coronel **Bento Gonçalves da Silva** se tem arrogado, e effectivamente exercido attribuições, que lhe não competem já praticando actos como Commandante Superior da Guarda Nacional de toda a Provincia, quando a Lei de 18 de Agosto de 1831 que creou esse Emprego o restringio aos limites de hû só Municipio, ja proclamando e convocando a mesma Guarda contra a expressa determinação da referida Lei, O Presidente da Provincia resolveu suspendelo do dito Commando, e assim lho comonica para sua intelligencia e execução. Cidade de **Pelotas** aos 15 de Fevereiro de 1836.

[a] **Joze de Araujo Ribeiro**

CV-7818

Achando-se este Municipio ameaçado pelos anarchistas, que estão em **Camaquam**, o Presidente da Provincia ordena ao Sr. Capitão **Florentino José de Sousa**, que sem perda de tempo reúna todos os Cidadãos e Guardas Nacionaes, que poder, e se derija com brevidade á esta Cidade para cooperarem com seus habitantes, que estão correndo ás armas para deffenderem seus bens, familias, e vidas. A nossa patria impoem-nos o dever de a salvar, qualquer demora pode ser o mesmo, que omissão, e em semelhantes crises jamais hesita o verdadeiro filho, que a pisa.

Pellotas 15 de Fevereiro de 1836.

[a] **Jozé de Araújo Ribeiro**

[Anotado no verso]
12 –
15 de Fevereiro de 1836.

CV-7819

Copia = Illmo. e Exmo. Sr. = Apresso-me a comunicar a V. Exa. que hoje tomei posse da Prezidencia da Provincia na Camara Municipal desta Cidade, concorrendo a esse acto as outras Camaras, a Oficialidade de Linha, e Guarda Nacional, e Cidadaons mais respeitaveis de toda esta Comarca. Como o meu debil estado de saude me não permitte emprehender já a viagem para a capital, [trecho rasgado] espero ter tão breve a satisfação de me avistar com V. Exa. como muito dezejava, ao mesmo tempo que a circunstancias da Provincia poderão de

um momento a outro reclamar providencias a bem da sua tranquilidade, julgo conveniente autorizar a V. Exa. por meio deste Officio a tomar todas aquellas medidas que forem necessarias para garantir o susego publico e impor respeito aos inimigos da união Brazileira, que não menos intentão manchar a honra nacional do que desacreditar a revolução de 20 de Setembro. Deos Guarde a V. Exa. **Rio Grande** 15 de Janeiro de 1836 = **Jozé de Araujo Ribeiro** = Illmo. Exmo. Sr. **Bento Manoel Ribeiro**, Commandante das Armas = Está conforme. **Ribeiro** = Commandante das Armas.

Está conforme
O Tabelião [a] **Jozé Domingues do Couto**

CV-7820

Illmo. e Exmo. Sr. Para conhecimento de V. Exa. tomo a liberdade de transmitir-lhe o Officio junto que me dirigio o meu antesseçor na Presidencia da Provincia de **São Pedro** o Brigadeiro **Antero Jozé Ferreira de Brito** aos 3 do corrente mes, e dou parte que sendo-me com a integra desse Officio intimada ordem de embarcar immediatamente, a isso me constrangerão condozindo-se-me debaixo de guarda e em hum lanxão armado para bordo de hua embarcação onde já nenhum comodo havia para minha passagem, e onde ate sair do porto estive debaixo daquella guarda como se fosse hum creminozo.

Tendo a conciência de haver empregado todos os meos esforxos para desempenhar a dificultoza Presidencia que exerci naquella Provincia, e de serem esses exforços coroados pelo sucesso, que se podia espirar a vista dos obstaculos com que tive de lutar, não posso deixar de dirigir minha bem fundada queixa ao Governo Imperial pelo violento e inexperado procedimento, que comigo teve o referido Brigadeiro, e que tanto pode ser interpretado em dezabono de minha reputação. O pretexto alegado para esta violenta, e verdadeira prisão em que estive até sair barra fora, e que V. Exa, verá no mencionado Officio onde se diz, que por se acharem os animos agitados com a minha presença, se mandava hum official para guarda da minha pessoa; semelhante pretexto não posso deixar de declarar a V. Exa. que he inteiramente falso a bem de ser caluniozo aos habitantes passificos da Cidade do **Rio Grande**. Eu fiz assas de bem a esses habitantes para que se possa prezomir, que me desejassem fazer mal, nem hua tão palpavel falta de verdade poderá vendar os olhos do Governo para reconhecer toda a injustiça do tratamento que ouve para comigo. Também não perderei esta occazião para preencher a [1v] hum dever a que me julgo religiozamente obrigado, e he o de reclamar a attenção do Governo de S. M. o Imperador para outras violencias ultimamente praticadas naquella malfadada Provincia contra varias pessoas que assaz merecem não só a proteção como a estima do mesmo Governo por se haverem votado a sustentar a integridade, e Constituição do Imperio, com seus serviços, credito, e com sacrificio

de seus bens. Na Capital de **Porto Alegre** se tem recentemente incarcerado a quantos o Governo Provincial ja havia declarado compreendidos no perdão do artigo 6º da lei de suspenção de garantias por terem abandonado o partido rebelde, e prestado serviços á cauza da legalidade, como comprovarão por factos que são notorios na Provincia, e documentos que devem existir na Secretaria do mesmo Governo; alem desses se perseguem também com mais notoria injustiça, e mais viva dor do meu coração a outros honrados Cidadãos, que sempre forão fieis a lei, e sobremaneira me ajudarão a salvar a Provincia dos seus maiores perigos; pois ao conhecimento do Governo Imperial devem ter chegado partecipaçoens das demissoens dadas a muitos Empregados de Fazenda como se fossem de illegal, ou suspeito credo politico, quando he de todos sabido que se prestarão sempre a servir á cauza da legalidade com as armas na mão; deve tambem ter chegado a noticia da suspenção, e processo da Camara da Cidade do **Rio Grande**, da prisão do seu digno Presidente, da do Commandante da Guarda Nacional da Cidade de **Pelotas**, assim como da prisão ou deportação de outras pessoas que empunharão seus exforço naquella laborioza luta. Serão estes os premios que merecem seus longo trabalhos, e sacrificios?

A marcha do actual Governo da Provincia tem tornado de nenhum effeito o artigo 6º [2] da lei de 13 de Outubro preterito passado, [36] os que tiverão parte na sedição de 20 de Setembro, embora abraçacem, e servissem depois a causa do Governo estão sojeitos aos raios do seu vigor por tão inaudita maneira applicada; mas não ignorando V. Exa. o quanto se generalisou na Provincia aquella sedicção bem pode conjeturar que esses raios não ferem sómente áquelles sobre que ora tem caido, mas a hua imensa porção dos habitantes da Provincia, e hua consideravel parte das nossas forças da campanha. Não me cumpre avançar aqui juizo algum sobre os resoltados politicos da presente marcha administrativa da Provincia, e só rogar a V. Exa. que pondere por hum momento a amargura da posição, e sentimentos de todos aquelles, que confiarão na palavra do Governo Imperial, e na invioabilidade de hua lei, soportarão os perigos e encomodos de tão longa, e laboriosa guerra, para se verem em remate sogeitos a hua prisão, ou deportação, acressendo ainda que esses amargos sentimentos, se tornão tanto mais desagradaveis, quanto he cherto a que a causa delles vem de onde não deveria.

Todos os que bem servirão, e hoje são perseguidos, ou o receião não ignorão que o Brigadeiro **Antero** sendo por mim varias vezes solicitado para nos coadjuvar nos momentos mais arriscados, sempre a isso se recuzou, e he agora quem por hum ignominiozo modo me expelle da Provincia e quem persegue aos que commigo, ou com o Commandante das Armas ajudarão a subjugar a rebelião.

[36] Ver anexo nº 12 – Decreto Imperial de 13 de Outubro de 1836. Artigo 6º: Ficão amnistiados todos os que tiverão parte na Sedição de vinte de Setembro de mil oitocentos e trinta e cinco, e se submetterão depois á ordem legal, e cooperárão para que esta prevalecesse. [N. do E.]

O seu procedimento Exmo. Sr. he não só injusto, como vivamente croel, e eu me julgo no sagrado dever de reclamar com toda a instancia a pronta e eficaz protessão do Governo de S. M. o Imperador em favor das innocentes victimas de suas inexplicaveis perseguiçoens.

Deos Guarde a V. Exa. **Rio de Janeiro** 20 de Março de [2v] 1837 = Illmo. e Exmo. Sr. **Antônio Paulino Limpo de Abreu** = **Jozé de Araújo Ribeiro**.

CV-7821

Illmos. Senhores Membros da Commisão da Assemblea.

Examinei os documentos que hontem me fizerão o favor de remetter vendo a Copia da Acta da Sessão do dia 22 do corrente da Assembléa, o parecer da Commisão, e a indicação feita pelo Senhor Deputado **Gonçalves da Silva**.

Quanto cheguei a este porto vindo da Capital de **Porto Alegre**, aqui achei hum correio que me expediu o Governo Geral enviando-me hûa Proclamação para esta Provincia, que me pareceu de summa importancia para deixar de a fazer constar. Resolvi communical-a á algûas pessoas de minha amizade para ouvir os seus pareceres, e para esse fim escrevi hûa carta particular ao Coronel **Bento Gonçalves da Silva** convidando-o a hûa entrevista neste lugar, onde me propunha mostrar-lhe pessoalmente o muito que pacificas e conciliadoras erão as intenções do Governo Geral á respeito dos nossos patricios que tivérão parte nos últimos successos desta Provincia.

O negocio, sem eu o pensar, se tornou objecto de hûa deliberação da Assembléa, e em vez de vir o Coronel **Bento Gonçalves**, vem a Commissão [1v] que a Assemblea me fez a honra de enviar. Os patrioticos sentimentos da Assembléa muito me penhorão, e para de modo algum deixar de corresponder á sua expectativa me apresso a communicar a V. Sas. huma copia authenticada da referida Proclamação.

Eu me persuado que nenhum acto poderia vir mais á proposito para esta Provincia nas suas actuaes circunstancias, nem que mais receios ou mais duvidas se possão allegar á respeito das pacificas intenções do Governo Geral. Elle hé o primeiro que promette lançar no esquecimento todo o passado, que abre os braços para a reconciliação, e que emprega da sua parte todos os meios de se evitarem maiores males, e de se promover a paz e com ella a prosperidade da Provincia.

E quaes serão os Riograndenses que não hão de corresponder a tão puros e magnanimos desejos? Se desses alguns há (o que eu não supponho) fico certo que não hão de ser os Membros da Assembléa da Provincia.

[a] **Jozé de Araujo Ribeiro**

RIBEIRO, José Xavier
CV-7822

CV-7822

Exmo. Sr.

Diz **Joze Xavier Ribeiro** afiançado por **Manoel Soares de Paiva**, que elle supplicante não podendo cuidar de seus interesses, por ter de habitar no 2º Districto desta Cidade, sem interrupção afim de não deixar mal a seo fiador, forçozo se faz que Vossa Excelência, por efecto da mais recta justiça, mande fique sem effeito a referida fiança, e o supplicante apto para viajar por qualquer Districto da Republica; e porque como assim o mande Vossa Excelência não só praticar huma Acção meritoria, como mesmo em nada ofende a justa cauza que defende e espera

Receber Justiça

[Anotado na margem superior esquerda]
Fale a este respeito a Autoridade, em cujo cartorio existe pasada a fiansa; volte depois para ser deferida. Secretaria da Guerra e interina da Justiça, 1º de Novembro de 1843.
[a] **Oliveira**[37]

[Anotado na margem inferior]
Informe o Escrivão.
Piratini, 2 e Novembro de 1843.
[a] **Martins Coelho**

[Anotado no verso]
Illmo. Sr. Dr. Juiz de Direito.

Cumprindo com o exigido por V. Sa. em Seu Despacho de justiça hoje exarado na Petição retro, cumpre-me informar a V. S. que o Suplicante se acha afiançado pelo Cidadão **Manoel Soares de Paiva**, desde o dia 11 de Maio deste anno, na quantia de quatro centos mil réis, como consta do Avizo do Ministerio da Justiça de 9 do mesmo mez dirigido ao Cidadão Juiz Municipal desta Cidade. He quanto tenho de informar a V. Sa. que mandará o que for de Justiça.

Cidade de **Piratinim** 2 de Novembro de 1843.

O tabelião [a] **José Maria da Silva**

[Anotado na margem superior]

Como requer; porem, quando ouver de tranzitar por este ou aquele Departamento, muna-se das competentes cautelas, para não ser impedido. Secretaria da Guerra e interinamente da Justiça 3 de Novembro 1843.
[a] **Oliveira**

[37] Trata-se de **Manoel Lucas de Oliveira**. Ver Volume 15 dos ANAIS do AHRS, páginas 30/130. [N. do E.]

RIBEIRO, Marciano Pereira[38]
CV-7823 a CV-7828

CV-7823

Chamado a Vice Prezidencia da Provincia pela Camara Municipal desta Cidade em consequencia do abandono que fez do Emprego o Dr. **Antonio Rodrigues Fernandes Braga**, retirando-se furtivamente da Capital sem dar providencia alguma nem idicar ao menos o ponto para que se dirigia, chega desgraçadamente á minha noticia que procurando o mesmo **Braga** refugiar-se nas Cidades de **São Francisco de Paula** e **Rio Grande**, tem da li expedido ordens e procura desta arte armando Brazileros contra Brazileiros sustentar-se no posto de que foi expulso pela vontade geral da Provincia.

Fugido das duas Cidades não tardará que elle passe tambem a inquietar esse Municipio com suas hostilidades; e para prevenir esse mal fasso seguir para ahi o Cidadão **Onofre Pires da Silveira Canto** a testa de uma força que não tem por fim senão evitar qualquer improdente tentativa do Dr. **Braga** nesse lugar, e manter a ordem publica. Espero pois que Vosmeces a quem a Lei incumbe vellar na tranquillidade do seu Municipio concorrão por sua parte para [1v] que ella se conserve contando para esse fim com o apoio da força que conduz este.

Deos Guarde a Vosmeces. **Porto Alegre** 7 de Outubro de 1835.

Dr. [a] **Marciano Pereira Ribeiro**

Sr. Prezidente e mais Vereadores da Camara Municipal da Villa do **Norte**.

CV-7824

Nº 15

Copia.

Chegando a minha noticia pelo interino Chefe de Policia que em todos os Destrictos desta Cidade se estão reunindo os seus moradores pedindo que se suste a posse do Doutor **José de Araujo Ribeiro** nomeado Prezidente da Provincia, até que o Governo Central aprove a Revolução do dia 20 de Setembro e confirme todas as medidas tomadas depois della; cumpre que Vosmece me informe com a maior brevidade o que tem occorrido a semelhante respeito, e que tenha o mais cuidado e vigilancia em que a ordem publica não seja perturbada. Deos Guarde a Vosmece. **Porto Alegre** 9 de Dezembro de 1835. Doutor **Marciano Pereira Ribeiro** = Sr. Juiz de Paz do 1º Destricto desta Cidade. = N. B. Iguaes officios se expeirão aos Juizes de Paz do 2º e 3º Destricto.

Está conforme.

No impedimento do Secretario.

[a] **Jozé Luiz Vicente da Costa**

---

[38] Ver anexo nº 5 – Requerimento do Dr. **Marciano Pereira Ribeiro**, de 1834, solicitando a concessão de terreno para edificação, na **Várzea** de **Porto Alegre**. [N. do E.]

CV-7825

Doutor **Marciano Pereira Ribeiro**, Vice Presidente da Provincia do **Rio Grande de São Pedro do Sul**.

Faço saber, aos a prezente Provizão virem que achando-se vaga e a concurso a Cadeira de primeiras Lettras da Capella de **São Gabriel**, e oppondo-se a ella **Augusto de Sequeira Pereira Leitão**, mostrando ser Cidadão Brazileiro, e estar no gozo de seus direitos civis e politcos, e sem nota na regularidade de sua conducta, foi examinado publicamente perante mim em todas as materias designadas no artigo sexto da Lei de quinze de Outubro de mil otocentos e vinte sete[39], e sendo approvado: Hei por bem em virtude da referida Lei prover, como por esta faço ao dito **Augusto de Sequeira Pereira Leitão**, no Emprego de Professor da Cadeira de primeiras Lettras da Capella de **São Gabriel** com o ordenado annual de seiscentos mil réis estabelecido pela Lei do Orçamento Provincial de vinte e sete de Junto do corrente anno[40], cujo emprego exercerá pelo methodo de Ensino Mutuo.

Em firmeza do que lhe manei passar [1v] a prezente que va por mim assignada e Sellada com o Sello das Armas do Imperio, a qual se registará na Sceretaria deste Governo, e nas mais Repartiçoens a que tocar. **Prudencio Jozé da Camara e Sá** a fez nesta Cidade de **Porto Alegre** aos dez dias do mez de Dezembro de mil oito centos e trinta e cinco = **Jozé Luiz Vicente da Costa**, primeiro Official no impedimento do Secretario do Governo a sobscrevy.

[a] Dr. **Marciano Pereira Ribeiro**

[selo]

Provizão pela qual S. Exa. Ha por bem de provêr a **Augusto de Sequeira Pereira Leitão** no emprego de Professor de Primeiras Lettras da Capella de **São Gabriel**, como acima se declara.

Para S. Exa. ver [2]

Por Despacho de S. Exa. de 10 de Dezembro de 1835.

---

[39] Diz o artigo sexto da Lei citada: "Os Professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações d'Arithmetica, pratica de quebrados, decimaes, e proporções, as noções mais geraes de Geometria pratica, a Grammatica da Lingoa Nacional, e os principios da Moral Christã, e da Doutrina da Religião Catholica, e Apostolica Romana, proporcionados á comprehensão dos meninos; preferindo para as Leituras a Constituição do Iperio, e a Historia do **Brasil**". Carta de Lei pela qual Vossa Magestade Imperial Manda executar o Decreto da Assembléa Geral Legislativa, que Houve por bem Sanccionar, sobre a Creação de Escolas e Primeiras Letras em toda as Cidades, Villas, e Lugares mais populosos do Imperio, na forma acima declarada". [N. do E.]

[40] Diz a Lei nº 4 de 27 de Junho de 1835, no artigo 1º, § 4º: "Com a instrucção Publica, estabelecendo-se mais uma aula de meninas n'esta cidade e ficando elevado a 600$ réis o ordenado de todos os Mestres de latim, francez, geometria, logica, rethorica e de primeiras lettras, tanto de meninos, como de meninas, menos o ordenado do Mestre das **Torres**, que fica marcadi em 300$ réis; despezas e aluguel das aulas de ensino mutuo, e construcção de tres edificios em **Porto Alegre**, **São Francisco de Paula** e **Caçapava**". AHRS – Códice de Legislação nº 70. Indice das Leis Promulgadas pela Assemblea Legislativa da Provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul desde o anno de 18735 até o de 1851. Porto Alegre, Typographia do Rio-Grandense, 1872. [N. do E.]

Registrada a folha 22 do Livro 4º de Provizoens. Secretaria do Governo 10 de Dezembro de 1835.
[a] **Prudencio Jozé da Camara e Sá**

Nº 215.
Pagou 2$000 réis de Sello. **Porto Alegre** 10 de Dezembro de 1835.
[a] **Silva** [a] **Seixas**

CV-7826

Logo que V. Sa. chegue a Cidade de **Pelotas**, espero que juste com o proprietario da Barca de Vapor o frete por qual deve vir a esta Cidade, e que a mande por á disposição do Exmo. Sr. Dr. **Jozé de Araujo Ribeiro**. **Porto Alegre**, 16 de Janeiro de 1836 = Dr. **Marciano Pereira Ribeiro** = Senhor **Francisco das Chagas Araujo** =

CV-7827

A vista de suas requisiçoens fasso seguir com este o armamento constante da relação inclusa, e julgo ocioso lembrar-lhe que haja todo o cuidado em que se não extravie; pois que de outra sorte ficaremos sem armamento algum visto que no arsenal ja o não ha. Não posso de maneira alguma approvar a medida de haver mandado requisitar gente ao Coronel **Onofre**, pois que nada ha mais facil do que ser o Hiate apprehendido pela frotilha de **José de Araujo** o que seria uma desgraça lamentavel.

O Commandante das Armas, o Major **João Manoel de Lima e Silva**, está em **Piratinim** reunindo gente: é preciso que Vosmece se entenda com elle, e não de um so passo sem combinação. Em todo o caso muito lhe adverto que não sacrifique gente [1v] nem se metta em empresa alguma duvidosa. Um revez pode tirar-nos a força moral, e sem ella estamos perdidos; e não sofreriamos o desastre do **passo do Rosario**, e se houverem mais prudencia, e se fossem strictamente observadas as ordens de **Bento Gonçalves**.

Espero pois da sua prudencia, que nada arriscará, e que em tudo marchará de acordo com o Commandante das Armas; convencendo-se que para vencermos não precizamos se não vigilancia, actividade e constancia em conservar em apertado sitio o **Rio Grande** e **Norte**, enquanto **Bento Gonçalves** desbarata as forças de **Bento Manoel**.

Deos Guarde a Vosmece. **Porto Alegre** 5 de Abril de 1836.

[a] Dr. **Marciano Pereira Ribeiro**

[2]
Sr. Coronel de Legião **Domingos Jose de Almeida**.

CV-7828
[Impresso]

PROCLAMAÇÃO
RIO-GRANDENSES!

A **Assembléa Legislativa Provincial**, que extraordinariamente convoquei para minorar os males que sobre nós pesavão, sempre sollicita pelo vosso bem-estar, e pela prosperidade desta Provincia, tendo resolvido em sessão de 9 do preteriro espaçar a pósse do Presidente nomeado, o Dr. **José d'Araujo Ribeiro** até que o Governo de Sua Magestade melhor informado do verdadeiro estado das nossas cousas houvesse de lançar sobre o Continente suas vistas paternaes, dirigindo-lhe com esse fim uma Representação motivada; hoje convencida das intenções pacificas, e conciliadoras do mesmo Governo acaba de dar um solemne desmentido aos falsos, e aterradores baotos de pertender-se separar a Provincia da Communhão Brasileira, Resolvendo empossar quanto antes da Presidencia da Provincia ao dito Presidente, a quem passo a communicar esta deliberação. RIO-GRANDENSES! Não trepideis um momento; o homem destinado para presidir-vos não vos é estranho, também é feitura vossa, vosso patricio, e amigo, e saberá bem alliar os deveres de Delegado do Governo Supremo, aos de Administrador de um POVO LIVRE. Reunamo-nos pois em torno delle, e dias serenos brilharão em nossos horisontes. – VIVA A NAÇÃO BRASILEIRA! VIVA O SR. D. **PEDRO II**, IMPERADOR CONSTITUCIONAL DO BRASIL! VIVÃO OS RIO-GRANDENSES LIVRES! VIVA O DIA VINTE DE SETEMBRO!

Palacio do Governo da Provicia em **Porto Alegre** 4 de Janeiro de 1836.

Doutor **Marciano Pereira Ribeiro**

Porto Alegre 1836: Na Typographia de **V. F. de Andrade**.

RIBEIRO, Ricardo José
CV-7829

CV-7829

Rio Grande, 28 de Dezembro de 1861.

Illmo. Sr. **Domingos Jozé d'Almeida**.

Pellotas.

Respeitavel Senhor.

Obzequiado com o favor de V. Sa. de 25 de Janeiro findo, não respondi logo, como divia, por esperar no Paquete d'aquella data, ou seguinte, o Engenheiro sobre que versava o dito favor, e de cuja vinda me havia prevenido o Sr. **Barão**, e dezeja responder a V. Sa. apresentando-o. Tendo finalmente elle chegado neste Paquete, e seguindo hoje para essa Cidade, eu tenho a satisfação de o apresentar a V.

Sa., como hum dos mais habeis Engenheiros de Pontes e Calçadas que possuimos, e que coadjuvado pelo valiozissimo auxilio e trabalhos preparatorios de V. Sa. conseguirá ele breve concluir com sua missão. Sabendo ser V. Sa. morador fora da Cidade, eu o dirijo ao meu parente e nosso amigo **João Saraiva**, que o apresentará a V. Sa. Tenho a satisfação de juntar hûa carta do Sr. **Barão** para V. Sa.

Parece finalmente chegada a epocha em que a **Ponte de Piratinim**, deixará de ser hum sonho; graças a tenaz vontade de V. Sa., e a seu patriotico appêllo ao genio emprehendedor e incansavel do Sr. **Barão**, cujo maior dezejo he ser util ao Paiz em que nasceu. Oxalá que nossos patricios dando de mão a mesquinhas intrigas, se compenetrem desta verdade, e que o espirito de associação, e o bem entendido desenvolvimento do credito, são a grande alavanca do progresso que tanto admiramos nos outros, mas que infelizmente tanto tardamos em imitar. Saúdando a V. Sa. com toda a consideração, sou com a mais destincta estima

De V. Sa.
Muito attecioso Criado
[a] **Ricardo José Ribeiro**

[Anotado no verso]
Nº3. Rs 200
Pagou duzentos reis. **Pelotas** 12 de Abril 1861.
[a] **Feijo**
[Anotado na margem inferior]
Reconheço a letra, e firma retro.
Pelotas 11 de Maio de 1861
Em testemunho de verdade
[a] **Francisco José da Neves**

RIBEIRO, Sebastião
CV-7830 a CV-7848

CV-7830

Amigo e Sr. Coronel **João Antonio**.

Cruz Alta 11 de Agosto de 1837

Meo Pay abrio o officio do General para melhor se imbuir das noticias, o que Vossa Excelencia terá a bondade de disculpar.

Meo Pay vai com melhoras e muito se lhes recomenda.

Sou sempre
Seo Patricio e Amigo obrigado
[a] **Sebastião Ribeiro**

CV-7831

Illmo. Sr. Tenente Coronel **David Canabarro**.

Campo de São Simão em 17 de Setembro de 1837.

N'este momento acaba meo Pay de receber a sua estimavel de 14 do corrente, em inteirado do seo contheudo manda responder-lhe, que agradecendo o interesse que Vossa Senhoria toma em seo restabelecimento, e bem assim as obzequiosas expressões com que o trata, deve declarar-lhe que ainda se acha com 4 feridas abertas e que em virtude da bala que recebeo no quadril se acha aquelle lugar tão dolorido que preciza de 4 pessoas para montar a cavallo e se não poder firmar; sem embargo se prestará á exigencia de Vossa Senhoria, e do Coronel quando seja tempo de marchar sobre o inimigo; entretanto vai até **São Luis** na estancia de **D. Rita**, para ali dar trez ou 4 dias de descanso ao corpo, e juntarmente fazer vir de **Alegrete** remedios, que carece. D'ahi seguirá para estancia de **Francisco Jose** no **caverá**, e pelo **Cardoso gordo** direito a casa de **Joaquim Gomes** onde Vossa Senhoria pode fazer-lhe aviso quando necessario for. He quanto por ordem de meo Pay tenho a communicar á Vossa Senhoria de quem

Sou Patricio e Atencioso Venerador

[a] **Sebastião Ribeiro**

[anotado no verso]
Serviço da Republica.
Illmo. Sr. **David Canabarro.**
Illmo. Tenente Coronel Commandante da 2ª Brigada.
Onde se ache.
Do Brigadeiro **Bento Manoel Ribeiro**

CV-7832

Illmo. Sr. Coronel **João Antonio da Silveira**.

Palma 30 de Setembro de 1837.

Pelas cartas, que lhe transmitto do **Boaventura** e **Domingos** ficará Vossa Senhoria imbuído do estado infelis de **Missões**, e de quam urgente he providenciar para que não se elevem á maior auge as reuniões adverssas á Causa, que deffendemos: outra tãobem lhe transmitto sobre o mesmo assumpto, e firmada pelo Ten. **Hypolito**. Meo Pay respondeo á elles que he conveniente que passem quanto antes para este lado afim de não estarem expostos a serem surprehendidos; e por tanto V. Sa. em suas dispozições deva contar com elles aquem do **Ibicuhy**.

Remetto uma carta do General **Netto** e os jornaes que elle menciona; Sou como sempre

Seo Patricio e Amigo obrigadissimo

[a] **Sebastião Ribeiro**

CV-7833

Illmo. Amigo e Snr. Cel. **João Antonio**

Estancia de **Ignacio de Almeida** 8 de Outubro de 1837.

Hoje pelas 10 horas do dia cheguei ao Acampamento de Dom **Fructo** no Campo de **Albino de Lima**; e em solução do objecto; que me ali levou, cumpre-me inteirar á Vossa Senhoria que elle me affirmou que amanhã espera achar-se alem do **Quaraym**, e tenciona passar em um passo que ha pouco abaixo, d'onde faz o **Quaró** barra no **Quaraym**: me parece merecer fé esta asserção, por que sei com certeza que já se achão 4 partidas partes d'elle alem do **Quaraym** e segundo me elle disse uma d'ellas devia amanhecer hontem alem do **Arapehy** no passo de **Mang velho**: assim me persuado que d'estes ves se vai o homem infellivelmente, permitta Deos que vá então boa hora que faça aos **Ouribes** pagarem suas horrendas tiranias.

D. **Fructo** me disse que sabia com certeza que havião ahi **Caibaté** 30 homens imperialistas, e que para comanda-los veio do outro lado o Alferes **Siqueira** (torto), que tinhão o intento de surprehender o Capitão **Fortunato**: Elle mandou avizar á **Fortunato**, e juntamente chamou **Siqueira**, e hia ver se o induzia a dispersar esses homens, ou a acompanha-lo: me assegurou que **Mingote** he o espirito santo, que assopra esses grupos; e me mostrou uma carta do **Mingote**, em que anunciava sua vinda e bem assim a do **Caldeirão**.

Não sou afeito a dar conselhos e nem posso da-los; com tudo permitta-me Vossa Senhoria ponderar-lhe [1v] que será de toda a conveniencia que baixe para esta costa quanto antes uma partida forte, que reúna os rebeldes e ressabiados, e que acosse os alevantados enquanto não tem tempo de engrossar suas reuniões e convença-se que n'este Districto não ha 4 Republicanos; e ainda para mais são continuadamente incitados pelos emigrados, que estão alem do **Uruguay**.

Bom seria mandar intimidar o **Mingote**, e outros. Ha por aqui muita gente capas de servir e vivem gavionado. O **Macedo** informará melhor.

Sirva-se dizem ao nosso Amigo Tenente Coronel. que o seo recado ao **Fructo** e que elle lhe retribue com mil protestos de amizade.

Hoje mesmo sigo para **Alegrette**, e porque não só tão facil como meo Pay, me acompanha athe ali o **Bazilio**.

Disponha com franquesa do pouco prestimo

do Seo Patricio e Amigo Obrigadissimo

Vizitas á todos os companheiros.

[a] **Sebastião Ribeiro**

[Anotado no verso]

Illmo. Senhor Coronel. **João Antonio da Silveira**.

Commandante da Divizão da Direita.

Onde se achar.

De **Sebastião Ribeiro**

CV-7834

Illmo. Sr. Amigo e Sr. Cel. **João Antonio**.

Ibicuhy 27 de Outubro de 1837.

Meo Pay, sabendo que por indisposição particular tem sido maltratada a Estancia de **Albino de Lima** por insinuação do Major **Carvalho** andando comnosco trez pessoas da casa d'elle, parece duro, alem de ser injusto, que se não respeitem as propriedades do cidadão: e como estamos persuadidos, de que Vossa Senhoria nutre um coração verdadeiramente Republicano, que não tolera que se comettão escessos taes, mais proprios da barbaridade dos tempos antigos, do que de um Governo por sua natureza justo e igual, por isso lhe pede meo Pay, que haja de ti alguma attenção com a referida Estancia; a bem assim de interpôr sua providencia para cohibir a continuação d'estes abusos com os outros moradores.

Sou com estima de V. Sa.
Patricio e Amigo Obrigado
[a] **Sebastião Ribeiro**

[Anotado no verso]
Illmo. Sr. **João Antonio da Silveira**.
Coronel Commandante da Divizão da Direita.
Onde se achar.

CV-7835

Illmo. Amigo. e Sr. Cel. **João Antonio**.

Ibicuhy no fundo do Campo do Coronel **Oliveiro** 27 de Outubro de 1837.

Meo Pay lhe manda dizer que visto D. **Fructo** se haver retirado da Costa, parece prudente que V. Sa. occupe pozição entre **Tapeví** e **Saican**, afim de nôs dar auxilio, se preciso for, e tãobem para entrar em combinação com o General **Netto**, que deve estar pelas pontas de **Santa Maria**: deichando entretanto algumas partidas sobre a costa de **Quaraym**.

Hoje acabamos de passar para outro lado, a esta noite marchamos sobre o inimigo: de quem não temos ainda noticia certa, e com tudo julgo que não excede de 400 homens aqui em **Missões**.

Dezeja-lhe saude e felicidade o seo
Patricio e Amigo Obrigado
[a] **Sebastião Ribeiro**

[Anotado no verso]
Illmo. Sr. Cel. **João Antonio da Silveira**.
Commandante da Divizão da Direita.
Aonde se achar.

CV-7836

Illmo. Sr. Cel. **João Antonio da Silveira**.

Bororé 17 de Novembro de 1837.

Junto achará V. Sa. o officio do Major **Valença** por onde verá o que d'elle consta: meo Pay apesar que julga carecer de fundamento semilhante noticia, com tudo manda ponderar a V. Sa. que será conveniente que V. Sa. faça marchar 100 homens com direcção a **São Borja**, afim se acudir com tempo á **Cruz Alta** no cazo que isso se verifique.

Hoje viemos amanhecer n'este ponto, onde hontem esteve **Loureiro** com pouco mais de 100 homens: esta noite marchamos a persegui-lo; e he de presumir que emigre: porem sempre he preciso concervar aqui força para obstar que não repasse.

Sou com estima e apreço
De V. Sa.
Patricio Amigo Obrigado
[a] **Sebastião Ribeiro**

[Anotado na margem inferior]
Respondida.
[Anotado no verso]
Illmo. Sr. **João Antonio da Silveira**.
Cel. Commandante da Divizão da Direita.
Onde se achar.
Do Brigadeiro **Bento Manoel Ribeiro**.

CV-7837

Illmo. Sr. Major **Jose Alves Valença**.

Alegrete 1º de Dezembro de 1837.

Meu Pay manda ponderar a V. Sa. que hé de toda a conviniencia que V. Sa. marche sem perda de tempo para **São Vicente** devendo descer por **São Xavier** e riunir quanto possa pellas imidiacoens de **Jaguarahy** tão=bem pode fazer reunions em **São Vicente** e seguir para **São Francisco** afim de obstar que **Soteiro** reuna gente nesse Destrito, e por ahi se deverá V. Sa. se conservar com vigilância na serteza que daqui lhe faremos os necesarios avizos.

Já lhe participei do destroço de **Boa Ventura** e agora tenho a acrescentar da valeroza gente de **Santa Maria** não foi tamanho o prejuiso como se conta, a exceção da lamentavel e sempre chorada perda do nosso Tenente Coronel **Zeferino**, que morreu fazendo asombros de valor, e inda hoje se reaprezentou com 12 homes o bravo Tenente Coronel **Jose Jacinto** que afirmavão ser morto.

Meu Pai recomenda que V. Sa. mande prender em **São Vicente** o Alferes **Silva**, e hum tal D. **Pedro**, que são influentes. Deseja saude e felicidades.

Seu Patricio Amigo venerador
[a] **Sebastião Ribeiro**

N. B.
O Capitão **Alexandre Machado** e **Azevedo** ficarão prizioneiros.

CV-7838

Illmo. Amigo e Sr. Cel. **João Antonio**.

Alegrete 4 de Dezembro de 1837.

Junto achará V. Sa. o officio do Major **Guedes**, por onde ficará intelligenciado da aparição de mais um grupo de retrogrados, que julgámos ser o Tenente **Felisberto Nunes Filho**. **Siqueira** e **Mingote** estavão antes de hontem do outro lado de **Quaraym** no **Serrito** emfrente ao fundo do campo de **Jaráo**: meo Pay mandou o Major **Guedes** reunir umas partidas, que andão por **Garupá**, para d'ali ir avançar n'elles do outro lado; para o que se entendeo com o General **Lavalle**.

Loureiro tem espalhado a sua gente em partidas a reunir por todos os lados: de modo que somos forçados a estar em apurada vigilância por todos os pontos.

Meo Pay determinou ao Major **Valença** que baixasse por **São Xavier**, e viesse occupar **São Vicente**, e por conseguinte pode V. Sa. entender-se com elle, e indicar-lhe suas ordens, quando assim julgue precizo.

Nos últimos proximos da morte os retrogrados fazem um grande e comum exforço para salvarem-se, porem he já tarde, e melhor lhe será o castigo.

Sou com toda a estima

De V. Sa.
Patricio e Amigo obrigado
[a] **Sebastião Ribeiro**

CV-7839

Illmo. Sr. Coronel **João Antonio**.

Alegrete 6 de Dezembro de 1837.

Transmitto á V. Sa. copia das proposições que se fizerão ao **Loureiro**; o que não fiz a mais tempo por crêr que o tivesse feito o amigo **Prado**: tãobem incluo a resposta do **Loureiro**, e por ella verá V. Sa. que o único objecto d'esse Pigmeo vaidoso he paliar[41] para engrossar a sua força, e ao mesmo tempo esperar algum

[41] Paliar: "Falar, palestrar acerca de coisas futeis." GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume XX, 1960: 61. [N. do E.]

incidente favoravel: visto que elle tem entabulado relações com varios Chefes, e fingem esperar resposta de uns para illudir outros, e assim continuará se lhe dermos tempo a vagar. Persuadido de que com elle nada se pode concluir de util, eu me recuzo de ir, onde elle pede, e da mesma sorte pensa e obra o amigo **Prado**.

Meo Pay julga que o que convem he atacalo de uma vez; mas entretanto espera pela deliberação de V. Sa. que visto achar-se aqui perto resolverá como julgar acertado.

Dezeja-lhe saude e fortuna
o Seo Patricio Amigo
[a] **Sebastião Ribeiro**

N. B. A carta de **Bento Gonçalves** fará o favor devolver.

CV-7840

Illmo. Amigo e Sr. Coronel **João Antonio**.

Alegrete 13 de Dezembro de 1837.

Junto remetto á V. Sa. o próprio original da Convenção firmada pelo Dr. **Brito**, e por **Palmeiro**: para avista d'ella V. Sa. diser-nos francamente se deve ou não ser ractificada: meo Pay ainda não se fia na boa fé de **Loureiro**, comtudo não quer proceder, sem ouvir o parecer de V. Sa.

Ahi vai tãobem a carta de **Jose Pedro**, por onde virá ao certo a noticia de D. **Fructo**.

Vai mais uma gracioza, e comica carta de **Mingote**.

Dezejo-lhe ventura e saude

Seo Patricio e Amigo
[a] **Sebastião Ribeiro**

[Anotado na margem superior]
Respondida.
[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Illmo. Sr. **João Antonio da Silveira**.
Coronel Commandante da Divizão da Direita.
Onde se achar.
Do Brigadeiro **Bento Manoel Ribeiro**

CV-7841

Illmo Amigo e Sr. Coronel **João Antonio**

Alegrete 16 de Dezembro de 1837

Fico de posse da sua estimada de 14 do corrente, onde declara seo parecer acerca da convenção firmada por **Sá**, e **Palmeiro**: o qual por ser acertado nos fez

pôs complemento á essa negociação, para cuja conclusão e arranjo já d'aqui partio o mesmo Dr. **Sá**, e agora vai o Major **Faustino** prezenciar o reconhecimento da Republica.

Pelo que respeita á noticia de **Roberto** meo Pay hoje determina ao Major **Guedes**, que faça marchar a reunir-se com V. Sa. o Esquadrão do Capitão **Laurindo**, e julgua conveniente que V. Sa. carregue positivamente sobre esse grupo, afim de impedir que elles vão para **Rio Grande** ou para a picada de **Porto Alegre**, que me parece mais provável.

Pela carta do Capitão **Fortunato** verá que estão comprados os cavallos que V. Sa. encomendou ao **Acunha**, e que ha mais 600 para vender; os quaes se V. Sa. quizer dará as providencias que precisas forem.

O mesmo Capitão **Fortunato** trouxe recado do Cel. **Lopes Chico** offerecendo-lhes para nos ajudar contra os oppressores da nossa Patria: e como he homem de conceito em **Corrientes**, e **Entre Rios**, estou deliberado a hir entender-me com elle, afim de ver se consigo que seja ali reconhecido o nosso Governo e aproveitarei a opportunidade para negociar generos de fardamento, e polvora; vistas as recomendações do General **Netto** e eu espero que V. Sa. se dignará approvar esta minha resolução.

Tudo isto V. Sa. fará o favor participar ao General **Netto**, para ser presente ao Governo; aquem meo Pay fará as devidas participações depois da conclusão da paz, e mais arranjo com **Loureiro**.

Saude e fortuna lhe dezeja o
Seo Patricio e Amigo
[a] **Sebastião Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Illmo. Sr. **João Antonio da Silveira**
Coronel Commandante da Divizão da Direita.
Onde se achar.
Do Dr. **Sebastião Ribeiro**
[Anotado no verso]
Respondido

CV-7842

Illmos. Srs.

Chamado pelo Exmo. Commandante das Divizões do Centro e Direita para prestar meos serviços em [trecho rasgado]taria, de grado assenti a tal convite: já por que conheço que d'este modo posso [trecho rasgado] e verdadeiramente a minha Patria, e ja mesmo porque semelhante serviço se compadece mais com meo genio e inclinações, e sobretudo por conhecer a nulidade do cargo de [trecho

rasgado] de que por este facto me considero dispensado. Agradecendo a honra e distincção, com que V. Sas. houverão por bem lembrar-se de meo humilde sujeito, aproveito a opportunidade para assegurar-lhes minha alta estima e consideração.

Deos Guarde a V. Sas. Quartel na **Setembrina** aos 31 de Maio de 1839.
Illmos. Srs. Presidente e Vereadores da Camara Municipal de **Alegrete**.

[a] **Sebastião Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Aos Cidadãos Prezidente e Vereadores da Camara Municipal de **Alegrete**.
D. **Sebastião Ribeiro**.
[Anotado na margem direita]
Maio – 31 – 39
Dr. **Sebastião Ribeiro**.

CV-7843

Exmo. Sr. **Domingos Jose de Almeida**

Alegrete 8 de Maio de 1840.

De **Montevideo** escrevi á V. Exa. indicando-lhe sucintamente o rezultados de minha Commissão.

D'ali vim á **S. José** a vêr ainda uma vez o General Presidente do **Estado Oriental**. De novo me encarregou que assegurasse ao Exmo. Governador Riograndense de sua firme adhesão aos principios Republicanos, de seos dezejos de ser prestativo a Causa da Liberdade, assim como que suas circunstancias enquanto se não verificar a queda de **Rosas** lhe não permitem de comprometter-se directamente contra o Imperio, que por isso estava pronto a auxiliar-nos com armamento e munições por meios indirectos.

Estava ali o Major **Simão** mandado em Comissão pelo General **Bento Manoel** e o General **Rivera** me offereceu entregar ja aquelle Major algum armamento: o que aceitei: e por tanto não deverá tardar em chegar á esta fronteira.

Fallei-lhe a respeito d'esses grupos, que se conservão pelas immediações de **Taquarembó**, e prometteo de empenha-los a deicharem o Paiz, ou dezarma-los se insistião em manter-se ali.

O Boletim incluso instruirá á V. Exa. do successo do General **Lavalle**: se dizia geralmente pela costa do **Uruguay** que houve segunda acção, em que se passou parte da infantaria de **Echague** para **Lavalle**, e que o resto se refugiára na cidade de **Paraná**. Parece que breve terá **Lavalle** triunfado completamente no **Entre Rios**.

Não deve tardar um comerciante de **Montevideo**, que á insinuações minhas tras quantidade de generos de fardamento para a tropa.

Remettendo á V. Exa. a Nota do Exmo. Vigario Appostolico não vão [1v] os Santos Oleos, porque é portador d'elles um Padre Irlandez á quem convidei para vir dezempenhar entre nós seos deveres de Ministro do Altar: o qual veio embarcado ao **Salto**, e brevemente aqui estará. Logo que chegue o mesmo será portador para essa: o que V. Exa. se servirá communicar ao Exmo. Vigario da Republica.

O máo estado de minha saude não me permitte de ter o gosto de ir pessoalmente apresentar-me a V. Exa., de quem espero se dignará relevar-me alguma falta, que sem conhecimento comettesse no dezempenho da ardua missão, que foi devido encarregar-me.

Tenho a honra de confessar-me
De V.Exa.
Subdito e Amigo certo
[a] **Sebastião Ribeiro**

[Anotado na margem superior]
Respondida a 12 de Maio.

CV-7844

Exmo. Amigo e Sr. **Almeida**.

Alegrete 19 de Maio de 1840.

Hontem recebi a sua datada a 11 do corrente. Por ella fiquei orientado dos movimentos do inimigo. Com a mais profunda dor vim achar estas fronteiras, como que segregadas do resto do Paiz: e offerecendo-me para ir para o Exercito tinha em vistas dar aqui um exemplo digno de imitar-se. Quando o inimigo combina seos esforxos e emprega todos os seos meios não era o lance oportuno para nos queichar-mos uns dos outros: mas infelizmente minha vos é debil, nem me aventuro já a diser quanto sinto. Entretanto tenho feito nascer em todos o ardor, que me anima de ir ajudar nossos companheiros. Se espera por meo Pay, quem já não prolongará mais seo comparecimento. Não permitta Deos que seja tarde!

Na carta que escrevo ao Sr. **Mattos** patenteo as razões que obrigão a que não seja eu o enviado a **Corrientes**. Escuzo repelir-lhes: basta o diser-lhe que ardo para ir soffrer as privações da Campanha, expôr-me ao perigo certo e provar por todos os modos meo ardente patriotismo; tudo sacrifico pela Patria, menos minha honra, e dignidade pessoal: e isto é justamente o sacrifício, que ora se exige de mim: decididamente não o faço.

Este próprio leva por principal objecto o requerimento adjunto, que V. Exa. se servirá despachar com a possivel brevidade: no que me fará favor.

A Collectoria occupada em dar execução á ordens anteriores do Governo não tem como cumprir a ordem que V.Exa. me enviou. Mas dentro de poucos dias se espera uma factura, da qual pode resultar alguma coisa: receberei somente a parte, que lhe pedi para dezempenhar-me de **Montevideo**.

Disponha V. Exa. da cordeal estima do

Seo certo Amigo e Atento Servidores

[a] **Sebastião Ribeiro**

[Anotado na margem superior]
Respondida a 26 – || –

CV-7845

Exmo. Amigo e Sr. **Almeida**

Alegrete 18 de Julho de 1840.

Jose Thomé de Lima Salgado – Escrivão d'esta Collectoria pertende a conservação de seo Emprego, que elle tem athe agora dezempenhado com intelligencia e comportamento; creio por isso que V.Exa. lhe não dará substituto, porquanto a excomunhão que tem cahido sobre o Collector **Manoel Lourenço** parece que não deve ser extensiva á todos, que com elle servião.

Si razões que eu ignorarei, não obstarem a esta pertenção, muito me obrigará V.Exa. defferindo-a benignamente.

Sem mais objecto sou sempre

De V.Exa.

Patriota e Amigo obrigadissimo

[a] **Sebastião Ribeiro**

[Anotado no verso]
Exmo. Sr. **Domingos Jose de Almeida**.
Ministro da Fazenda.
Onde se ache

CV-7846

Exmo. Amigo e Sr. **Almeida**.

Alegrete 16 de Agosto de 1840.

Sou informado que ao Dr. **Bacquier** concedeo V.Exa. uma ordem sobre a Collectoria, dando-lhe preferencia a todas as anteriores. Existe duvida se ella comprehende a que V.Exa. se servio dar-me a respeito da Letra do negociante **Monjardim**, porque a do doutor fala de dinheiro, e a minha especifica a letra de um individuo determinado: entretanto convem que V. Exa. me diga se sim ou não está a ordem a meo favor prejudicada pela do dito doutor.

Não tenho ido ajuda-lo a pescar, porque os dias estão muito frios.

Dezejando-lhe saude, sou com todo o apreço

De V.Exa.

Amigo e obrigado Patriota

[a] **Sebastião Ribeiro**

[Anotado na margem superior]
Respondida a 18 – || –
[Anotado no verso]
Exmo. Sr. **Domingos José de Almeida**.
Ministro da Fazenda.
Acampamento.
Do seo Amigo **Sebastião Ribeiro**

CV-7847
Illmo. Sr. Coronel **João Antonio da Silveira**.
Alegrete 20 de Fevereiro de 1841.
Meo Prezado Patricio e amigo.
Profundamente convencido que nas actuaes circonstancias de nossa Patria nenhum serviço lhe posso eu prestar, visto que não são a propozito para minha profissão, mas tão somentes para armas e guerreiros e sendome alem disso extremamente dolorozo preszenciar por mais tempo os dezacertos e desgraças que avão reduzindo ao ultimo ponto de mizeria e penuria, tomei a deliberação de ir viajar pella **Europa** com o objecto de melhorar os poucos conhecimento que ad'quiri em dez annos de estudos e vigilias. Sinto o mais vivo e entranhado pezar ao verificar esse exilio voluntario, por que deichando a minha amada terra deixo igualmente – e expostos aos azares da mais factal das guerras – todos os objectos de minhas afeiçoens, alguns amigos como não espero achar iguaes e tantos Patricios cheios de merecimento que sempre me honrarão convaforavel conceito quando com elles partilhei as fatigas e perigos de uma lucta penoza, são para mim objecto de tamnha dedicação que a não ser a intima conciencia de que sem poder ser util a elles me inutilizo, a mim proprio, por certo esmorecera no momento de levar a efeito a minha rezolução. Ouzo esperar que nehum dos meos Patricios, cuja amizade apetecerei sempre, me fará a injustiça de attribuir este meu propozito a motivos rasteiros que nunca acharão nem Deos permita que achem abrigo em meo peito. V. Sa. a quem sempre consagrei particular afecto se dignará ad'mitir nesta occazião solemne os sinceros votos de estima e concideração [1v] com que em toda parte me honrarei de confessarme

Seo Patricio Amigo Venerador
[a] **Sebastião Ribeiro**

CV-7848
Amigo e Sr. Coronel.
Alegrete 30 –
Soubemos com certeza, que **Loureiro** esteve hontem na picada de **Chico Machado** em frente aos **trez capões**; e ali soube da derrota, e se foi para

a costa de **Ibicuhy**: isto conta um que d'ali fugiu d'elle: e um filho do **Felix de Bairros** conta que **Quinca Loureiro** passou em caza do Pay com vinte homens.

Sou como sempre

Seo Patricio e Amigo

[a] **Sebastião**

Hoje escrevi ao Sr. **Severino** afim de tira-lo do susto, que hão deter cauzado os estraviados nossos.

RIBEIRO, Serafim da Silva
CV-7849

CV-7849

Sr. **Ignacio Jose de Oliveira Guimaraes**

Cortumes 26 de Maio 1837

Meu respeitavel sinhor primero que tudo estimo a sua boa saude tudo o quanto lhe pertende: ...

Participo a Vosmece que hontem chegou de **Canguçu** o Sr. **Candido Ferrera** e nos da boas noticias dizendo que **Silva Tavares** e **Paiva** e o Commante da esquadra estiverão com o Coronel **Crecencio** na cidade e que tratando de paz foi o Tenente Coronel **Florentino** com o **Grenffel** para **Porto Alegre** na barca; sendo asim podemos esperar socego breve e tambem diz que **Juca Neto** se axa no **Corral de Arroios**, que he perto do **Taim** que devão voltar por **Santa Thereza** e que se axa com força bastante e que esta aly parado athe ter ordem do General. O **Lima** esta em **Piratinim**. Asenhora dona **Maria Amelia** pediume que lhe dissesse que se vosmece ahinda tem de uns xapeus de palha que lhe mande hum do preço que nesecita muito. A mesma sinhora me diz que teve noticia certas que **Barreto** e **Joze** [1v] **Rodrigues** marxavão sobre o Tenente Coronel **Davide** com hua inomeravel força o que eu ponho muito duvida e não poço atribuir como seja similhante coza. Antes acho ser mais fácil ser algua gente que os orives madarão para ao Coronel **João Antonio da Silveira**, para dezarmarem **Fruto**. Porque agora quando fui a **São Joze**, me diserão que o Nosso **Neto** tinha mandado ordem para o acima dito dezarmar a **Fruto** e se não podese com a força, que pedisse coluna a **Orives** isto que dissera o **Joaquim Pedro** que vinha de **Porto Alegre** que hia ao **Cerro** buscar duas bocas de fogo de 24 que os orives tinhão ofrecido ao General. A carta junta e hum par de esporas rogolhe queira mandar entregar ao **Simão** por pessoa sigura [2] e o portador queira fazer o favor mandar logo, que eu estou me meprarando para seguir athe **Pelotas** tenho tenções de ver se xego a **Piratinim** certificarme bem destas noticias dezagradaveis.

Queira recomendarme ao Senhor **Joaquim Braga** e Senhor **João Nunes** e meus manos e mana estima falo como quem he com estima e alta consideração de vosmece muito obrigado.

[a] **Serafim da Silva Ribeiro**

N. B.
Rogolhe alguas noticias boas que haja por la mandarme dizer. Saudades ao Senhor **João Manoel** e Senhor **Jeromita**. [a] **Silva**

RIBEIRO, Teodoro José
CV-7850 a CV-7872

CV-7850
N°18
Por ordem do Illmo. Sr. Coronel Commandante Superior **Bento Gonçalvez da Silva**, tirei da Estancia do **São Lourenço**, pertençente ao Sr. **Ignacio Joze de Oliveira Guimaraes -** Noventa e Coatro Cavallos para montaria da força ao mando do mesmo Sr. Coronel; e para clareza passei o prezente. Freguezia do **Boqueirão** 21 de Outubro de 1835.

[a] **Theodóro Joze Ribeiro**
Tenente da Guarda Nacional

[Anotado na margem superior esquerda]
[a] **Bento Gonçalves da Silva**
Commandante Superior.

CV-7851
Illmo. Sr.
Neste istante tenho avizo de pessoa que tinha em obeçervação em que o Inimigo passava no passo **Jose Domingos** e encaminhoçe para o **Arroio Grande**, isto aconteçeu ontem 30 do Corrente, portanto pertendo hoje a noite, mudar o Acampamento para o **Passo do Pinto**, afim de nos Reunir todos, em quanto ao Camarada que V. S. mandou prender, quando Soltalo, o pode fazer e mandar que venha se reunir a esta força, visto que tenha Crime de mahior Circonstânçia he o quanto tenho a levar ao Conheçimento de V. Sa. a quem Deos Guarde muitos annos. Campo Volante 31 de Março 1836.
Illmo. Sr. Commandante **Domingos Joze de Almeida**.
Coronel Chefe de Legião do **Rio Grande**. [1v]

[a] **Theodoro Jozé Ribeiro**
Tenente Guarda Nacional Commandante da força

[Anotado no verso]
Illmo. Senhor.
Domingos Jozé de Almeida.
Coronel Chefe de Ligiao da Commarca do **Rio grande**.
Boqueirão.
Do Tenente dos Guardas Nacionais deste Districto.

CV-7852

Illmo. Sr.

Fico de posse de ofiçio que V. Sa. me deregio com dacta de Ontem 5 do Corrente e fui emtregue delle nas emediações de **São João** e bastante tarde da note, e nehuá deliberação se pode dar sobre as Cavalhadas q. V. Sa. requizita em Razão de fazermos Retirada por cauza do Inimigo ser descoberto em bastante momero, no **Arroio Grande** e a Banguarda muito junto da Freguezia do **Boquirão** no Passo da Viuva **Thereza**, e hoje determina, o Sr. Capitão Marchar mos para o **Arroio Grande da Armada**, ali pertendemos não havendo emcomvinientes, esperar pella prodentes Ordens de V. Sa. Tambem Sertifico a V. Sa. que **Silva Tavares** já se haxa reunido Com **Albano**, e quem me faz a banguarda, já he gente do **Silva**, he o quanto tenho a levar ao Conheçimento de V. Sa. a quem Deos Guarde muitos annos.

Campo em Marxa 6 de Abril de 1836.

Illmo. Sr. **Domingos Joze de Almeida**.
Coronel Chefe de Ligião da Commarca do **Rio Grande**.

[a] **Theodoro Jozé Ribeiro**
Tenente Guarda Nacional

CV-7853

Amigo e Senhor **Ignacio**.

Freguezia do **Boqueirão** 24 Janeiro 1837.

De posse da sua estimadissima e certo em seu conteudo respondo. Fica servia a pessoa porquem intercede unicamente no que lhe pertence, que no mais não he possivel servila approveito esta occazião [trecho ilegível] para dizer-lhe que sou com muita amizade e estima

De V. Exa.
Amigo e muito seu obrigado
[a] **Theodoro Jozé Ribeiro**

[Anotado no verso]
Illmo. Sr. **Ignacio Jose de Oliveira Guimarães**.
Salso.

CV-7854

Illmo. Exmo. Sr. **Domingos Jose de Almeida**.

Siguindo agora para casa Capital o Criminozo **Luiz Pimenta** prosseçado pelo Juizo de Paz Deste Departamento, sendo este perverso digno de Ser punido com todo o rigor das Leys, pelos frequentes attentados que tem praticado com bastante Offensa da Moral e Socego publico, e sendo eu parte contra elle por estar bem informado do que ultimamente praticou, e convencido que tal Espirito Dezordeiro não poderá rizidir neste Departamento, sem que sua pessima conducta, e desmoralização acarrete algum Outro acontecimento muito mais extraordinario: tenho a rogar a V. Exa. concorra para a punição deste malvado, para que ao menos não tenha de vir pertubar o socego das pacificos habitantes deste Departamento; com o que V. Exa. muito me obrigará.

Deos Guarde a V. Exa. muitos annos.
Freguezia do **Boqueirão** 4 de Maio 1839.

De V. Exa.
Amigo muito Venerador e serto Criado
[a] **Theodoro J. Ribeiro**

[Anotado na margem superior esquerda]
Respondida a 29 de Junho – || –
[Anotado no verso]
Ao Cidadão **Domingos Joze de Almeida**.
Ministro da Fazenda, Justiça e Interior
[Carimbo] **PIRATINIM** **Cassapava**

CV-7855

[Trecho rasgado]

Com intimo pezar levo ao conhecimento de V. Sa. o agravante attentado que acaba de praticar o dissoluto **Luis Pimenta** Contra o Velho, paçifico Cidadaõ **Francisco Vilela** atacando o na sua propria Casa com palavras emjuriosas, e ameaçadoras, e finalmente Conseguindo o dito **Vilela** feixar a porta, e recolher-se, teve aquele atrevido, a animosidade de penetrar pelo quintal procorando matalo; do que Se livrou por hum filis acaso; ficando porem tao Socombido, e apaixonado a ponto de nao querer receber alimento algum, Solto em lagrimas e inteiramente alienado do juizo que Causa lastima e Eis aqui o resultado de huma occazião Prosima que a muito se tolera [1v] neste lugar em total prejuizo do socego publico. Deos Guarde a V. Sa. **Freguesia do Boquerão** 13 de Maio 1839.
Illmo. Sr. **Ignacio Joze Oliveira Guimarães**.
Chefe de polisia do departamento

[a] **Theodoro Joze Ribeiro**
Tenente Coronel

[Anotado no verso]
Officio do Tenente **Theodoro** de 13 de Maio, recebido a 14 do mesmo, dando parte dos attentados praticados por **Luiz Pimenta**.

CV-7856

Freguezia do **Boqueirão** 8 de Agosto de 1839.

Patricio e Amigo.

Hotem sete do atual mes, tive parte do [trecho rasgado] **Urbano** que no dia 6 do mesmo pela tarde entrou pela barra do **rio Camaquao** a barca com duas escunas e dois Lanxoens. Com effeito verificouse o desembarque de 200 homens Inimigos de nossa Patria e marxarão para o brejo hé de sopor que [propo]zessem surpreender os lanxoens [trecho rasgado] retirarão-se a salvo com hum dia de vantagem [trecho rasgado] Marxo neste momento com a reonião para [trecho rasgado]narda de protecção aos lanxoens deixando hum destacamento sobre o **Arroio Grande** de observação [trecho rasgado] é de sopor que venha força de Cavalaria [trecho rasgado] para apoio deste Inimigo que se nos aprezenta e conto serto de que V. Sa. fasa reonir as policias desa parte e mais cidadoens e Guardas Nacionaes que hover . Fazer seguir para o **paso de Santa Isabel** ocopar aquele ponto Recomendando ao Commandante da força que deme parte logo que ali xegue e pode V. Sa. estar descansado que em qualquer parte que aparesa no departamento a Cavalaria Inimiga ha de ser [atacada].

Do acostomado zelo que V. Sa. mostra e sempre emprega no serviço de nossa cada patria eu espero a fiel [trecho rasgado] [1v] de V. Sa. por hesa parte e do mais que occorrer lhe commonicarei

Deos Guarde e felicite
A V. Sa. por muitos annos

Illmo. Sr. Tenente Coronel **Ignacio Joze de Oliveira Guimarães**.
Digno Chefe de Pollissia.

[a] **Theodoro Joze Ribeiro**

CV-7857

Sitio, 9 de Agosto de 1839.

Patricio e amigo.

Agora mesmo xega a parte official do Capitão **Paula** na qual Sertifica o inimigo ter se retirado para a lagoa e não Comseguirão o que temtavão. O mesmo **Greffeld** esteve com 5 embarcaçoens 14 bocas de fogo, e 2 Batalhoens, – dizem que tratarão muito bem algumas familias que ali emcontrarão. Pela parte do **arroio Grande** não há novidade por hora, Pode V. Sa. fazer paralisar a reonião por hesa

parte. Aproveito esta o Cazião para Reiterar os votos da amisade emfalivel que lhe profesa

Seu patricio e Fiel amigo
[a] **Theodoro Joze Ribeiro**

Illmo. Sr. **Ignacio Jozé de Oliveira Guimaraes**.
Dignissimo Chefe de Policia.

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao cidadão Tenente Coronel.
Ignacio Jozé de Oliveira Guimaraes.
Dignissimo Cheffe da policia do departamento.
De seu amigo **Ribeiro**.

[Anotado na margem superior]
Officio do Tenente Coronel **Theodoro**, dando parte de se ter retirado o inimigo da barra do **Camaquã** – dactado a 9 Agosto e recebido a 13 do mesmo.
[Anotado na margem esquerda]
Officio do Coronel **Theodoro**, dando parte de se ter retirado o inimigo da **barra do Camaquã**, datado de 9 – 8 –.

CV -7858

Illmo. Sr.

A critica opozição em que nos achamos ameaçados de algum desembarque das Canhoneiras que se vão entrodozindo na barra de **Camaquam** parece reclamar a maior atenção e a mais prompta reunião de forças para obstar e defender qualquer atentado. E para isso mesmo que Recebendo Ordens do Illmo. Tenente Coronel Commandante da 1ª Brigada para fazer marchar a gente para aquele ponto tomo o expediente de Reprezentar-lhe as circonstancias que levo dito o que participo a V. Sa. para merecer a sua aprovação coadjuvando com iguais ponderações aos respectivos superiores o que tanto para interessa a segurança deste lugar quanto pode ser funesto ficar o Districto inerne e a disposição do Inimigo. Deos guarde a V. Sr. freguesia do **Boqueirão** 19 de Agosto de 1839.
Illmo. Sr. **Ignacio Jose de Oliveira Guimarães**.
Tenente Coronel Commandante Chefe de Policia do departamento do **Boqueirão**.

[a] **Teodoro José Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica
Ao Cidadão **Ignacio José de Oliveira Guimarães**.
Tenente Coronel Chefe de Policia do Departamento do **Boqueirão**.
Seo Amigo **Theodoro Jose Ribeiro**.

[Anotado na margem superior direita]
Officio do Tenente Coronel Theodoro José Ribeiro, de 19 de Agosto, recebido a 20, fazendo ver a impossibilidade de marchar a vista do Departamento estar ameaçado.

CV-7859
Lista Nominal
1 O Marjor Fiscal **Urbano Soares** – parte de duente.
~~O Major **Melxór**~~ **Rodrigues Soares** – doente.
3 Major **Jerimias Soares da Silva** – parte de doente.
4 O Capitão **Francisco de Paula Soares** –
5 O Tenente Manoel Soares da Silva.
~~6 O Tenente **Zefirino Soares**~~ da Silva – em **Jagoarão**.
7 O Tenente **Manoel Gomes** – doente.
Guarda Nacional
Da 1ª Companhia
1 **Luis Lopes** = parte de doente.
2 **Apolinanio Soares** = parte de doente.
3 **Jasinto Ignasio –** Na picada.
4 **Lautereo** e Seu Irmao **Zeferinino**, ambos refugiados na Invernada do Capitão **José Gomez** em **São Joao**.
2ª Companhia
1 **José Laura** de reserva – por rebelde.
2 **Zefirino** da **barra** – Idem.
3 **Gregorio** da **barra** – Idem.
4 **Antonio** da **Barra** –
5 **Jozé Alves** = doente.
6 **João Gomes** –
7 **Antonio Fernadez da Silva** –
8 **José Canhoto** –
9 **Pedro Lopes** –
10 **Pulicarpio José de Freitaz** –
11 **Ricardo Alves** – oculto no destricto.
12 **Candido Alves** – oculto no destricto.
[a] **Theodoro Jozé Ribeiro**

CV-7860
Illmo. Sr.
Neste momento Tive parte do hoficial que Tinha de observação na Barra do **Camaquam**, que **Grinfa** ontem retirousse com a sua esquadra para Lagoa Levando [trecho rasgado], dos vizinhos que encontrou e diz que levara mais dois

presioneros que fez na **fazenda do Brejo**. Os estraviados ontem axouse os ultimos. As moniçoinz que estavão nagoa hoje conduzimos tudo para esta Fazenda e algumas bocas de fogo que estavão, na agoa e só ficarão as 3 grandes que so se poderão tirar depois de vazarem as agoaz. Amanhã sedo faço seguir tudo para o ponto donde V. Sa. ordena. Mando de protesão huma gente de Cavalaria Comandada pelo Tenente **Manoel Gomez**. Eu marcho para **pelotas** dar izicoção as ordens de meu Comandante ficando o 1º esquadrao a dizposição de V. Sa. já reonido e ao mando do Major **Melxor**. Deos guarde e felisite a V. Sa. por muitos anos. **Fazenda do prado** 26 de Agosto 1839.
Illmo. Sr. Tenente Coronel **Ignasio José de Oliveira Guimaraes**.
Chefe de policia do departamento.

[a] **Theodóro Joze Ribeiro**

P.S.
Fis oje demorar o seo proprio para não Tirar hum guarda do serviso, resibi o Cavalo e muito lhe agradeso pelo emcomodo que tomou.
[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadao Tenente Coronel **Ignasio Jozé de Oliveira Guimaraes**
Deguino Cheffe de pulisia do Departanto do **Boquerão**.
Do Comandante do 4º Corpo de Guarnição da 1ª Brigada.
[Anotado na margem superior direita]
Officio do Tenente Coronel **Theodoro** de 26 de Agosto, recebido a 31 do mesmo.

CV-7861

Ilmo Sr.

Em Comprimento as ordens que Recebi do Illmo. Sr. Tenente Coronel Comandante da 1ª Brigada dei as mais pozitivas providencias afim de serem com a maior prontidão exicotadaz as ordens do mesmo Sr. e prontamente forão Rionidos a 1ª Companhia do 1º Esquadrão e o 2º e 3º esquadrão pelo mesmo Comsiguinte; a 2º Companhia do 1º Esquadrão the esta data não tem Comparesido com todos seus oficiaiz. O Major fiscal **Urbano Soares** pelo ofisio Junto vera V. Sa. o Major **Jerimiaz** por mais que o xamase com meus oficios não foi possivel responder-me; Veio falar-me; Verbal deume parte de doente e falto de ropa. Da 1ª Companhia deo parte de doente o Tenente **Manoel Gomes** por ter destroncado hum joelho e por ele afianso sua marxa no que mellore. E como hé do meu dever levar ao respeitavel comnhecimento de V. Sa. por hiso o faso para que tome suas medidas a tal respeito; Junto tem V. Sa. a minuta dos ofisiais e Guardas Nacionais que ficarão no departamento, huns por doentes e outros por rebeldes, e Espero no acrizolado zelo, que V. Sa. Sempre mostra e emprega no Serviso de nosa Patria, de as suas terminantes ordenz a que estes homens marxem para o Corpo o para **Casapava**

perante o Governo darem os motivos por que se negão. Deos Guarde a V. Sa. felizes annos. **Serito** 9 de Outubro 1839.

Illmo. Tenente Coronel **Ignacio José de Oliveira Guimarães**.
Xeffe de pulisia do Departamento.

[a] **Thedóro Jozé Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadao **Ignasio Jozé de Oliveira Guimaraes**.
Tenente Coronel Diguino Cheffe de pulisia do departamento do **Boqueram**.
Tenente Coronel Comandante do 4º Corpo da 1ª Brigada.
[Anotado na margem superior direita]
Officio do Tenente Coronel **Theodoro Ribeiro** de 9 de Outubro, recebido a 11 do mesmo, e respondido no mesmo dia.

CV-7862
Chacra nas **palmaz**
11 de Abril 1840

Patrisio e Amigo.

Hoje me veio as maos Seu officio de 10 do Prezente mes, e com bastante pezar, me nego por me axar bastante encomodado; a 5 dias que rendime das Caderas sendo perçiso hozár de Bastão para poder dár algum paço, senão pronto izicotaria Suas ordens; meu amigo bem sabe quanto sou amante a causa que deffendemos e logo que tenha algum melhoramento pronto me axara. Nesta mesma data officio ao Capitão Ajudante dando-lhe os motivos por que não o posso Ajudar; O varguinhas depois que de sua Fazenda veio tem paçado mal. Está em huso de remedios. Os homores tornarão a Apareçer.

Aproveito esta mesma ocazião para Saudár a V. Sa. a quem Deos Guarde por Filizes annos.

Illmo. Sr. Tenente Coronel **Ignacio Joze de Oliveira Guimaraes**

[a] **Theodóro José Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão Tenente Coronel **Ignacio José de Oliveira Guimarães**.
Digno Cheffe de puliçia.
De Seu Amigo **Thedóro Ribeiro**.

CV-7863
Illmo. Sr.

Hoje me veio as maons o hoffiçio de V. Sa. de 16 do prezente mes a vista de seu comtiudo tenho adizer-lhe não tenho mais que dois Guardas Nacionais que me

acompanhão, esses estão na serra como fis ver ao Capitão Ajudante e ao momento que saião, marcho com eles; com todos os meus emcomodos no campo me á de ver, não permito que a Patria por mim padeça; heces listados pelo Commandante do 1º Destrito fas ver a V. Sa. ixistem commigo não há tal; para o Serviço de minha Patria nunca tive nem quero afilhados; hece mesmo Commandante quem sabe milhór do que eu da minha Casa que os precure, e Pode V. Sa. estar certo que por mim nunca se emcomodara. Deos Guarde a V. Sa. Residencia 17 de Abril 1840.
Illmo. Sr. Tenente Coronel **Ignaçio Jose de Oliveira Guimarães**
Cheffe de Puliçia

[a] **Theadóro Jose Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão Tenente Coronel
Ignaçio Jozé de Oliveira Guimarães.
Digno Cheffe de Puliçia do Departamento.
Do Tenente Coronel **Theadoro Jose Ribeiro**.
[Anotado na margem superior]
Pedesse ao Sr. Simão Jozé da Silva remessa deste officio.
[Anotado na margem superior direita]
Officio do Tenete Coronel **Theadoro** de 17 d'Abril, recebido a 18 do mesmo, fazendo ver ter só dois Camaradas consigo.

CV-7864

Illmo. Sr.

Reçibi seu ofiçio de 28 do prezente e apesar de meu estado de Saude inda não premitir-me, o fazer serviçio de acavalo vou nesta mesma data dár providençias a rionir o que emcontrar no departamento Guardas Nacionais e mais Sidadoins que poção com o peso das armas e creia V. Sa. se eu podeçe andár a Cavalo não estava em Caza, na frente do Inimigo me ávião ver, como sempre foi do meu Custume Ver meus comanheiros lutár e eu fugir para retarguarda; Amigo com pesar lhe comonico recebi Cartas da Cidade que me dizem o Inimigo destroçara o **João Simpliçio** e que este Imigrara para o **Estado Oriental** com os que escaparão, o nosso amigo **Felix Vieira** dizem foi prisionero por aqueles tiranos; tãobem dizem que **fruto** está no **paço do Sarandi** em **Jaguaram**. Do que eu sober lhe Comonicarei e mesmo do que hover sobre a rionião. Deos Guarde a V. Sa. Residencia 22 de Abril 1840.
Illmo. Sr. Tenente Coronel **Ignaçio Jozé de Oliveira Guimarães**.
Cheffe de puliçia do Departamento.

[a] **Theadóro Jose Ribeiro**
Tenente Coronel

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão Tenete Coronel **Ignaçio Jozé de Oliveira Guimarães**.
Digno Cheffe de Puliçia.
Do Tenente Coronel **Theadoro Jozé Ribeiro**
[Anotado na margem superior]
Officio do Tenente Coronel **Theadoro** de 22 d'Abril, recebido a 23 do mesmo.

CV-7865

Illmo. Sr.

Esta madrugada foi minha Casa Athacada por hum esquadrão de secenta homens Inimigos ficando hotro Esquadrão dividido pelos paços de fórma que fiquei cortado e a pé. Dali pasarão a Surprender a Freguezia do **Boqueirão** o que comsiguirão ao Clariar do dia Fazendo 5 Prisioneros nestes o Tenente **Balthasar**, e dois feridos gravemente; Logo comtramarcharão já me emcontrarão com 6 homens Reonidos fui siguindo=os te pasarem o **Aroio Grande** donde parei reciando Alguma embuscada. A rionião the esta data estou a espera dela. Toda Força inimiga rigulei em hoitenta homens. Estive com o **Varguinha** por varias vezes distante deles a hoito coadras. Amanhã pertendo paçar o **Aroio Grande** a descubrir Emtão darei-lhe parte circonstançiada. Deos Guarde a V. Sa. Residencia 27 de Abril 1840.

Illmo. Sr. Tenente Coronel **Ignaçio Jose de Oliveira Guimaraes**.
Cheffe de puliçia do Departamento.

[a] **Theadóro Jose Ribeiro**

N. B.
Levarão hum Escravo do Sr. **Abreu** prezo por nome **Lauterio** e me mandarão dizer por hum meu que eu levaçe a noticia ao dono. Veja meu amigo que bom homem hé o Sr. Capitão **Antunes** que hé o Commandante da força.
[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão Tenente Coronel **Ignaçio Jose de Oliveira Guimarães**.
Digno Cheffe de puliçia do Departamento do **Boqueirão**.
Do Tenente Coronel **Theadóro Jose Ribeiro**.
[Anotado na margem superior]
Officio do Tenente Coronel **Theadoro** de 27 d'Abril, recebido a 29 do mesmo, e respondido no mesmo dia.

CV-7866

Illmo. Sr.

Hoje mandei descobrir o Inimigo. Este axase no **seritho** e agora hé que receio a Comtra-marcha destes Diabos. Hé de Sopór que venhão Surprender todo

departamento, heles conheçerão que não ha neste lugar Força para os rebater e Bem emformados que deverão estar pelos prisioneiros; respeito a rionião tenho feito os maiores Sacrefiçios que si podem Comtar; Só do Primero Destrito apareçerão alguns, do 2º nada, não pode aver maior desgraçia, a minha odepois ha nos veremos emtao melhór lhe emformarei do que se tem paçado com estes pratiados o pra melhor dizer-lhe são Limões de Cheiro, que nem suas propriedades são Capazes de defender; amanha vou fazer sair huma Escolta pela **Costa da Serra** a ver se descobreçe 5 malfeitores que avançarão a caza das desgraçasdas orfãs do **Carvalhinho** e levarão huma a força as mais escaparão por felicidade; emfim meu amigo são flagelos por todas as partes. Deos Guarde a V. Sa. Chacra do 1º enjenho 28 de Abril 1840.
Illmo. Sr. Tenente Coronel **Ignaçio Jose Oliveira Guimarães**.
Cheffe de Puliçia do Departamento.

[a] **Theadoro Jose Ribeiro**
Tenente Coronel

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão **Ignaçio Jose de Oliveira Guimarães**.
Diguino Cheffe de Puliçia do Departamento do **Boqueirão**.
De Seu Patriçio e Amigo **Ribeiro**.
[Anotado na margem superior]
Officio do Tenente Coronel **Theadoro** de 28 d'Abril, recebido a 29 do mesmo, e respondido no mesmo dia.

CV-7867

Ilmo Sr.

Para milhor armar alguns homens que aqui se achão e outros que venhão mal armados; requizito a V. Sa. humas Lanças que hontem ahy vy; ficando eu responsavel a entregallas a V. Sa. logo que se não necessitem e espero que V. Sa. mas mande com toda a brevidade a **Capella**, por alguã pessoa de sua confiança.

Neste momento marcho d'aqui.

Deos Guarde a V. Sa.

S. João 2 de Maio de 1840**.**

Illmo. Sr. Tenente Coronel **Ignacio Joze d'Oliveira Guimarães**.
Cheffe Geral de Policia do Departamento do **Boqueirão**.

[a] **Theadóro Jose Ribeiro**
Tenente Coronel

N.B. Se não me achar na **Capella**, quem trouxer as Lanças; deve levallas á **Fortaleza**, Chacara de D. **Angelica**.

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadao Tenente Coronel **Ignacio Joze d'Oliveira Guimarães**.
Cheffe de Policia do Departamento do **Borqueirão**.
Salso.
Do Tenente Coronel Commandante da Reunião do mesmo Departamento.
[Anotado na margem superior]
Officio do Tenente Coronel **Theadoro** de 2 de Mayo, recebido no mesmo dia, e respondido, requisitando-me Lanças, e lhe mandei 7 que tinha.

CV-7868
Illmo Sr.
Recebi seu ofiçio de hoje e junto huma Cartinha Particolar, muito aprovo as medidas que V. Sa. tem tomado; neste momento Tinha ofiçiado ao Tenente **Vargas** para Retirarçe para esta Freguezia e eu comtramarchei a noite passada a emboscar a força e pertendia de combinação com V. Sa. no dia 8 a noite Marchar para frente a embuscar-me pelo **retiro** para Surprender huma escolta que ali ixistia Inimiga, e mesmo Rionir alguns Patriotas que por ali ixistem hocultos pelos Bosques reciosos do inimigo; amanha Faço marchar o Capitão **Brito** para o pontho indicado por V. Sa.; eu espero a **Vargas** para lhe dar as ordens e marcho falar a V. Sa. para de combinação fazer-mos noso Plano a ver se fazemos alguma cousa; de **Corentes** para esta parte não há Inimigos; respeito a que se dis aver Inimigo na força [1v] que tenho reonida não creia; Estou muito mais adiantado; o mal que nos podia vir hera de mais longe eu não reçeio estou bem prevenido, o que lhe afirmo é que se heçes emgratos Rio-grandenços Dejenerados me esperarem na opozição que inda hontem estavão V. Sa. dou-lhe minha palavra que hão de nos pagar os insultos que fizerão neste departamento. Deos Guarde a V. Sa. como a patria o exije. Campo 6 de Maio 1840**.**
Illmo. Sr. Tenente Coronel **Ignaçio Jose de Oliveira Guimarães**.
Cheffe Geral de puliçia.
[a] **Theadóro Jose Ribeiro**

CV-7869
Ilmo Sr.
Vindo eu devolta do **aroio Grande** emcomtrei o hofiçio de V. Sa. datado de hoje respeito o seu comtiudo tenho a dizer-lhe que não lhe tenho partiçipado de nada, por que de nada tenho tido parte da frente, e por iso tenho estado bastante emcomodado; e por isto ordenei a este tenente muito pozitivo que comtramarchase para este ponto, mesmo para constar ao inimigo que retiraçe a força, não tem sido pocivel o apareçer-me, hoje tornei a mandar chamalo Estou a espera para poder

deliberar o que se a de fazer. Emfim do que houver lhe comonicarei; por ora não resolvo a rionião, sem que venha o hofiçial que ocupa a frente o parte do mesmo salvo. V. Sa. mande disperçar pois estou pronto izicotar suas ordens. Deos Guarde a V. Sa. por felizes annos.

Freguezia do **Boqueirão** 10 de Maio 1840.

Illmo. Sr. Tenente Coronel **Ignaçio Jose de Oliveira Guimarães**.
Cheffe de Puliçia do Departamento.

[a] **Theodóro Jose Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Ccidadao Tenente Coronel **Ignaçio Jose de Oliveira Guimarães**.
Digno Cheffe de Puliçia do Departamento do **Boqueirão**.
Do Tenente Coronel **Theadóro Jose Ribeiro**.
[Anotado na margem superior]
Officio do Tenente Coronel **Theadoro** de 10 de Mayo, recebido a 11 do mesmo sobre inda não ter parte da frente.

CV-7870

Illmo. Sr.

Neste momento reçebi parte de que os emperiais se achão na Cidade de **pelotas**, Cavalarias e alguma imfantaria, seu numero iguinoro, Julgo que foi esquecimento pela preça que houve na escrita; o **varguinha** dizem q'inda está no **Serito** a espera de Cavalos naquele ponto não o Julgo siguro, hé o quanto tenho Levar ao respeitavel conhecimento de V. Sa.

Deos Guarde a V. Sa. por felizes annos.

Chacra aos 2 de Junhoo 1840

Illmo. Sr. **Ignaçio Jose de Oliveira Guimarães**.
Cheffe de Puliçia do Departamento.

[a] **Theadoro Jose Ribeiro**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão Tenente Coronel **Ignaçio Jose Oliveira Guimarães**
Cheffe Geral de Puliçia.
Do seu amigo **Theadóro**.
[Anotado na margem superior]
Segue as 10 horas da noite. 2 de Junho 1840
[Anotado na margem superior direita]
Officio do Tenente Coronel **Theadóro Jose Ribeiro**, de 2 de Junho, recebido a 3 do mesmo, sobre estar o inimigo em **Pelotas**, e o **Vargas** inda no **Serrito**.

CV-7871

Illmo. Sr.

Agora sou Emformado por pessoa de conçeito que **Silva Tavares** fes paçar 200 homens e grande porção de Cavalhada por hotro lado, do **norte** e que marchão para **Rio Pardo**; Em **Corrientes** tao bem se acha huma partida Imperial emboscada, observando os movimentos do Exmo. General **Netto**; o **Felix** conhado do Major **Belchior** aqui se acha dizendo que se escapou do **nórte** e que paçara só no **São Gonçalo** o que dovido muito. Este rapaz nao sabe sorterce em Sima dágoa e menos remar; hé de se desconfiar dele, eu julgo que veio neça partida que me dizem estar por **Corrientes** pois veio na mesma ocazião que apareceu naquele ponto esse pocos Imperiais presentemente hé o que tenho a levár ao conhecimento de V. Sa. a quem Deos Guarde por longos annos. Residençia 18 de Janeiro 1841.

Illmo. Sr. **Ignaçio Jose de Oliveira Guimarães**

Cheffe geral de Poliçia

[a] **Theodóro Jose Ribeiro**

[Anotado no verso]

Serviço da Republica.

Ao Cidadão Tenente Coronel

Ignaçio Jose de Oliveira Guimarães.

Chefe Geral de poliçia do Departamento.

Do Seu Amigo **Ribeiro**.

[Anotado na margem superior]

Officio do Tenente Coronel **Theodoro** de 18 de Janeiro, recebido a 20 do mesmo, sobre o **Felix**.

CV-7872

Illmo. Sr.

Agora mesmo Tenho parte por Pessoa de conceito que o Inimigo pelo amanheçer ontem cortou Todas as comonicaçoins no rio de **São Gonçalo** e achasse humas poucas Escunas, a barca a balça, no **paço da pasagem** para a Cidade e ontem mesmo paçou para Esta parte do Rio huma escolta de 40 homens; Embuscarão-se no fundo da Estançia de **pelotas**, na barra do mesmo **São Gonçalo**; Este movimento fizerão depois que repaçarão o Rio 4 bomberos que vierão the o **cerito** Sendo hum deles **Juca mulatinho**; a Cavalaria que tinha marxado pela parte della do **nórte** tornou a voltar para o **povo novo**; agora devemos esperar muito breve estes malvados por esta parte; meu amigo não perca tempo em prevenir seu departamento a que não Sseja Sorprendido, é quanto tenho por ora levar ao respeitavel conhecimento de V. Sa. a quem Deos Guarde como a patria o izige. Rezidençia 14 de Fevereiro 1841.

Illmo. Sr. **Ignaçio Jose de Oliveira Guimarães**.
Cheffe Geral de poliçia
[a] **Theodóro Jose Ribeiro**
[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadao Tenente Coronel
Ignaçio Jose de Oliveira Guimarães
Cheffe geral de poliçia do Departamento do **Boqueirão**.
Do Seu Patriçio e Amigo **Theodóro Jose Ribeiro**.
[Anotado na margem superior]
Officio do Tenente Coronel **Theodoro** de 14 de Fevereiro, recebido a 16 do mesmo.

RIO, Domingo B. Del
CV-7873

CV-7873
Sr. D. **Francisco de Trueba**
Montevideo Septiembre 5 1839

Muy Sr. Mio y amigo: Adjunto á V. la cuenta de venta de los Cueros que recibi por el **Carrero Tejera**; Salieran 34 Cueros de mas, arreglado á los que V. me dicia 185, por una parte y 35 marcados por dentro con T y 40 mas que hacen 260.

Hoy voy há entregarle los 100=cueros al apoderado Del Sr. **Castelline**, que es un tal **Cuneo**, segun el poder Gl. que ha precentado ante el Juez de Paz; yo le exijiré el recibo correspondente y los noventa y cinco pesos que me ordena.

Los Cueros ya hoy los pagan á 35£[?] y subiram mas; yo no pude consegir ese precio por tenerlos vendidos á los 34£[?] que era el precio en esos dias mas alto; Crin 16$ 99.

Es cuanto pone en su conocimiento su afino
Segº Serd. Dr. **B. S. M. Domingo B. Del Rio**

[Anotado no verso]
Sr. D. **Francisco de Trueba**
del. Comº.
Cerro Largo

RIVERA, Fermin A.
CV-7874

CV-7874

Eccelent. Sr. Ministro D. **Domingo Jose de Almeyda**

Cerro-Largo Diciembre 9 / 841

Señor de mi mayor respeto. Savedor por un conducto positivo, que han arreglado definitivamente las cuentas los Senhores **Minbiel** y **Quincoces**, y que este ha recibido en letras el importe que le correspondia; creo que ha llegado la oportunidad de molestar la ocupada atencion de V. E. que y hacen uso delos generozos ofrecimientos que V. E. se dignó hacerme, asegurandome, que tan luego como los Senhores **Minbiel** y **Quincoces** arreglaren sus cuentas el Gobierno daria eficaces providencias para el pronto pagamiento dela Cuenta que, como a creedores de **Minbiel**, deben recibir del Estado.

D. **Francisco Lacuesta**, va á introducir una factura regular, con pensamiento de siguir á **São Gabriel** le soy debedor á este Sr. de una cantidad de pesos por chancelacion de cuentas, y trastornos que no me han sido posible remediarlos, me han privado llenar este compromiso. Como el fiene que satisfacer los derechos de introduccion, quisiera merecer dela vontad de V. E. el especial favor, de que, la importancia delos derechos que debe pagar el Sr. **Lacuesta**, fueren abonados en la cuenta que V. E. ofreció satisfacer por **Minbiel**, tan luego como estubiesen chanceladas, las de este con **Quincoces**.

Para dar este paso he convenido antes [1v] con el Sr. **Trueba** por su calidad de acreedor; y qual por convenio entre ambos hemos resuelto me dirija yo directamente á V. E. á este respeto; por lo que me he creido autorizado, no solo por las generosas ofertas que V. E. me hizo, si no tambien por el deseo de satisfacer al Sr. **Lacuesta** la cantidad que le debo.

Espero pues que V. E. se prestará oficioso al lleno de mis deseos con aquella generosidad que tan altamente lo recomienda admittindo entre tanto los sinceros ofrecimientos de su afectuoso S. S.

Q. S. M. B.

[a] **Firmin A. Rivera**

[Anotado no verso]

Hecelenticimo Senhor. Ministro Dom **Domingo Jose de Almeyda**.

Bagé.

[Anotado na margem superior]

Respondida a 17 – || –

RIVERA, Fructuoso
CV-7875 a CV-7887

CV-7875

Illmo. Senõr Coronel y Amigo.

No quiero perder la oportunidad Del portador a quien se lo recomiendo afin de que se digne darle una partida hasta llegar al Esquadrón del Sr. General **Nieto** para donde va em una Comisión mia.

Al presente me ocupo em alistarme para estos 12 dias supongo que estaré ya enmarcha. Varios Gefes y Oficiales de este Departamiento prometen acompañarme el General Don **Bonifacio Mingote** y otros varios y elmismos **Lorero** también lo á ofrecido. Sin embargo del ho hay toda seguridad para qual segun las ultimas noticias el quise continuar La guerra Unindose á **Vidal**, y a **Eduardo Gomes** quales tenyen gente para La **Crus Alta** yo les tengo escrito e mandado ayi dos Oficiales para disuadirlos de tamaña locura el primero Oficial que fue regreso escandalisado sin embargo mande al Mayor Brigadero Don **Apolinario Paz** que los conose a todos y me prometió aser mucho empeño afin de aser Calmar aquellas gentes; aun no á regresado las noticias ultimas que tuve de **San Borja** las mande ya á **Davi** y el ystrura a V. Sa. de lo ocurrido alli [1v] del Presidente.

Mucho me á Costado para proverme de alguns recursos yndispensables apesar de eso, mucho debemos a nuestros amigos em este pais de quién seremos eternamente agradecidos.

Quando ya este donde esta el Teniente Coronel **Davi** desearia que V. Sa. alli fuese para tomar Sus ultimas hordens y darle un abrazo de amistad en prueva delo que soy a V. M. deudor. El Senõr Alferes **Severino** que tenga á este respecto esta parte sulla y á las demas personas de su familia de quién me repito obligado Servidor.

L B. S. M.

Guixapit. May 8/837

[a] **Fructuoso Riviera**

[Anotado no verso]
Illmo. Senõr Coronel **Juan Antonio da Silveira**.
Gen. **Rivera**.
Su Casa

CV-7876[42]

Illmo. Exmo. Sõr D. **Bento Gonzalves da Silva**.

Quartel Gral. Marzo 2 de 1838.

Sõr y Amigo de mi particular distincion.

[42] Trata-se de duas fotografias do documento original, que faz parte do acervo da Biblioteca Nacional, **Rio de Janeiro**, Secção de Manuscritos. [N. do E.]

Estando como estamos hermanados em principios, pues uma misma es la causa por que ambos peleamos, pues si U aspira álibertar asu Patria sacudiendo el yujo deun Gobierno Monarquico yo peleo Para destruir un tirano que seha entronizado em mi patria, devemos tambien ponernos em inteligencia para favorecernos mutuamiente y por mi parte no se perdonaran medios para arribar a ello, asi es que desde ya le invito, y lo hago con hechos no con palabras, yo ya mehe dirijido ala Corte del **Brasil** por conducto muy seguro, y he introducido en ella en Suma contra el Gobierno de **Montevideo** que lo alejara sin duda de toda negociacion, y ala vez mis agentes adquiriran la bastante confianza para estar al conocimiento de todos los recursos de aquella corte y las medidas que pense tomar sobre La Provincia de **San Pedro**, y de consiguiente podemos prevenirlo todo con buen suceso.

Tambien ya nos podemos convenir en el modo de dar un golpe sobre las fuerzas legales que hay en esta frontera, lo que no solo sera ventajoso para los Liberales, sino que yo haré aparecer esto como una intriga jugada por el Gobierno de **Montevideo**.

Enfin mi buen amigo, este negocio no puede ser bien convinado por la pluma, y por isto mandaré cerca de su persona a D. **Martiniano Chilabert**, quien verbalmente arreglará todo [1v] com U, pues por ello hirá autorizado, suficientemiente, sobre toda mucha reserva.

Queira U. admitir la sincera amistad con que de U se ofrece su afino

L B S M

[a] **Fructuoso Rivera**

[anotado no verso da primeira fotografia]
Rio de Janeiro
Maio 16, 19[trecho rasgado]
Querido Mestre,
Sr. Dr. **Alfredo Varela**.

Eis o “missing link” entre os Farrapos e **Rivera** (de quem é um vero “auto-retrato”), 1838!

Re-descobrindo-o aproveitei-o para a minha “charla” sobre **Rivera**, na Junta de Historia Nacional, de **Montevideo**, 1928.

Hoje, ofereci exemplar da sua grandiosa obra última ao meu amigo **Aquiles B. Oribe** (filho de D. **Ignacio Oribe**), em **Montevideo**.

Suas bôas novas e gratas ordens, péde o de Vossa Excelencia

admirador e servidor

[a] **Valter de Azevedo**

Grato pelo abraço, por intemedio do **Aurelio Porto**, ao ‘nosso precioso **Walter**”! [a] **Valter**

[Anotado na margem superior]
Carta do General **Fructuoso Rivera** a **Bento Gonçalves**.

CV-7877

Copia.

Exercito Constitucional = Quartel General em **Renovales** 17 de Junho de 1838. = O Exercito inimigo que havia feito húa marcha, cituando-se sobre a **Barra de Santanna**, se pôz em movimento a 15, tomando a costa do Arroio arriba. = Apouco tempo d'esta opperação sua vanguarda carregou sobre a nossa; mas foi completamente rechassada deixando alguns cadaveres no Campo. = Elles continuarão sua marcha, e nosso Exercito seguia seu costado athe húa do dia em que havendo chegado frente a altura de **Renovales** se preparão para passar o Arroio, e buscar hú combate. = Emtão dispuiz a linha em orde que se detalha. = A 1ª Divizão mandada pelo Señor General **Lavalha** formava a alla direita, e os Esquadrões dos Senhores **Silva**, **Blanco**, e **Dias** a compunhão. = A 2ª Divizão dirigida pelo Sr. Cheffe do Estado Maior General herão mandados os Corpos pelos Senhores Cheffes **Nieves**, **Garcia**, **Jacintho Pereira**, e **Santander**. = A 3ª Divizão ao mando do Senhor Coronel **Nunes** se compunha dos Senhores Cheffes **Mendes**, e **Quintana**. = O Corpo de rezerva as ordens do Coronel **Vinhas** o formavão o Esquadrão d'este Cheffe, e o do Commandante **Quadra**, e mais o Coronel D. **João Antonio Martins** com os Officiaes do Estado Maior, e algúa força mais. = O Senhor General **Medina** com três Esquadroens de atiradores mandados pelos Cheffes **Mendonça**, **Luna**, e **Camacho** occuparão o flanco direito em posição de atacar de revez aos inimigos. = Estes tardarão muito em passar o Arroio, e formar-se, e quando os vi dispostos, fiz distar pé a terra o Batalhão **Jacutiá** as ordens do Commandante **Belarmino Paes da Silva**, e os cituei sobre húa altura entre as Divizões 1ª, e 2ªs. = Algum tempo mais foi necessario esperar, athe que as tres da tarde se emprehendeo o ataque por Escaloens; e com quanto o choque fosse violento, e os inimigos fizessem differentes manobras sobre nossos Corpos não poderão resistir o vallor de nossos decididos soldados, e as quatro da tarde fugião espavoridamente em todas direcçõens, tendo deixado pelo resultado da Victoria no Campo da Batalha, perto de seiscentos mortos, mais de trezentos [1v] prisioneiros, incluza toda sua Infantaria, e armamento, hú pequeno Parque, o Commissariado, Equipagens, e como seis mil Cavallos; ao passo que por nossa parte entre mortos e feridos não alcançará nossa perda a 150 homens. O resultado d'esta completa Victoria vai a ser a occupação de todo o Paiz por nossas forças para o que estou já pondo-as em movimento. = Neste momento recebo partes de differentes pontos em que se me aviza que os vizinhos tem principiado a reunir-se, e fazer prizioneiros aos disperços, e he mais provavel que sejão poucos os que se salvem. = O Exercito inimigo com a Infanteria que teria 150, teria como 1:500, a 1:600 homens, e os nossos serião 1:700 com a Infanteria; porem tinhamos 300 homens em **Queguay** com 40 Infantes, e como 150 em observação sobre **Pai-Sandú**, mas **Almada** em **Caraguatá** com 100 homens, e **Andrada**, com **Saldanha**, com igual força sobre o **Passo de Navarro**. = Queira o Senhor Commissionado admitir os protestos

de amizade com que lhe sauda = **Fructuoso Rivera** = Senhor Tenente Coronel D.**Martinianno Chilavert** = Commissionado junto ao Governo da Republica Rio Grandense – Está conforme = **A. C. Campos**. = Está conforme – **Seraphim Joaquim d'Allencastro**. Secretario Militar =

CV-7878[43]

San Gabriel set-18 de 1837 – a las 7 y ½ de la noche.

Illmo. Señor Coronel y mi amigo –

Esta mañana por conducto del Señor Commandante **Mendosa** remiti a V. Sa. unas cartas y hum abiso que me llego hayer, y al llegar a esto recivo un nueso Chasque del Campto. en **Itapororó** por el qual se me habia, qualquer de Coronel **Juan Antonio** y Illmo. Coronel **David**, debiam por estos trez Diaz pasados, reunirse em **Alegrete**, con uma fursa de 600 hombres: Que por todo el paiz no se decia outra cosa sino qualquer que lo objeto hera baterme. Puede sea bien que no ha cierto, pero es cualquiera manera yo estoy ya obrigado a [1v] continuar mi marcha sin determe como lo verificare tan luego se despache esta carta.

[Trecho ilegível] **Matias** [?] yo he impuesto del todo y el podra cuando le escriba ser mas estenso.

Repito a V. Sa. lo que dise em mi famosa carta y solo tengo que agregarle que esto siempre persuadido que yo soy su verdadero amigo

L B. S. M.

[a] **Fructuoso Rivera**

[Anotado no verso]
Illmo. Sr. **Domingos Jose da Silbeyra**.
Coronel Commandante del Departamiento.
São Borja.

CV-7879

Cuartel Geral em **Guarayara**

Set. 18 de 1839

Illmo. Sr. Coronel y mi amigo

Hayer he recebido una comunicacion Del Campamento de **Itapororo**, qual presentava a V.Sa. el comandante **Mendosa**. Ella es un poco alarmante, y aun cuando por mi parte no le doy todo el valor que en si tiene, con todo estoy obligado a ponerme em guardia para lo que debo reunir mis tropas.

Eso es abramente sensible por algunas personas mal intencionadas, o mal informadas, me obliguen a retirarme del Paiz, no como yo deseaba, pero puedo

[43] Ver correspondência de **Domingos José da Silveira**, especialmente o documento CV-9130. [N. do E.]

segurar a V. Sa. que la suerte futura de esto hermoso suelo, será infinitamente mala, y yo tendre [trecho rasurado] un sentimiento por ello. Ojala me equiboque em mi calculo.

Su Senoria [1v] y buenas personas que lo acompañan, devem estar seguros de que tienem em mi un amigo, sea cual fuere su estado, amigos que debem disponer (en particular V. Sa.) es todo cuanto [trecho rasgado] su affetuoso amigo

L B. S. M.
[a] **Fructuoso Rivera**

[Anotado no verso]
Illmo. Sr. **Domingos Jose da Silveyra**.
Coronel Comandante Del Departamiento.
Sao Borja.

CV-7880

Exmo. Amigo e Señor **Almeida**.

Conheço que passó a emprundente, mas tenha paciencia, que hé para donde de pronpto posso recorrer. Podendo queira fazer o obzequio, emprestar alguns patacoens, alem do mais que sou a V. Exa. devedor, pello que muito obrigará a

Seu Patricio Amigo
S. Caza 19 de Fevereiro 1840.
[a] **Fructuozo**

[Anotado na margem inferior]
Mandei 16 patacoens
Dessesseis – || –
Mais 20 Ditos anteriormente
Março 29.
Mais 16 Patacoes

Fevereiro 19	Por esta	- Patacas	16			
	Para a anterior	- Patacas	20	52	a 960	49$920
Março 29	Dados hoje	- Patacas	16			

[Anotado no verso]
Illmo. Exmo. Senhor **Domingos Joze de Almeida**.
Sua Caza.
[Anotado na margem superior esquerda]
1840 Março 29.

CV-7881

Illmo. D. **Domingos Jose de Almeyda**.

Durasno Enero de 1841.

Hace mucho tiempo que tenia yo en bosquejo una Idea que debia neutralisar las maquinaciones de los enemigos del progreso de estos dos estados: Pero no me aventuraba a proponerla a esse Gobierno temien las resistencías que naturalmiente habian de aparecer antes que sasonados por el tienpo no apareciesen los frutos de la esperiencia; Pero ahora que D. **Pablo Fontoura** me há echo conocer la verdadera Cituación Politica de ese Estado, y que con el objeto de ser utíl a la causa de esse Paiz, toma la micion de ir a esplicar a el Gobierno mi pensamiento: Me dirijo á V. E. para que despues de oirlo, y meditar sobre negocios de tanta trascendencia agregue su voto a favor de una negociacion que tiene por objeto la seguridad, o tal vez la salvacion de ese Estado.

Fontoura informará al Gobierno hasta que punto han llegado mis condesendencias. El no há venido Inbertido de un Caracter Publico: pero á pesar de todo como lo reconosco por uno de los primeros patriotas, a sus menores indicaciones a favor de La Republica han sido por mi atendidas: El exigio la remoción de ciertos obstaculos en la frontera y a su satisfacion fueron luego dicipadas. Enfin el informará á V.E. de quanto hoy pasa por La Republica **Argentina** y cuanto se premedita. Yo entre tanto quedo [1v] anelando las contestaciones que él debe conducir Del mismo quedo conbencido de que V. E. hará quanto pueda en favor de Idea tan vantajosa, con lo que siempre me lisongearé de ser de V. E.

Su mas sincero y affectuoso amigo

L. B. S. M.

[a] **Fructuoso Rivera**

[Anotado ao alto, à esquerda]
Respondida a 19 – || –
[Anotado no verso]
Exmo. Señor Don **Domingos J. de Almeyda**.
Ministro de Hacienda de La Republica Rio Grandense.
Donde se halle.

CV-7882

Illmo. y Exmo. Señor **Domingos Jose de Almeyda**.

Arroyo de Don Estevan Diciembre 9 de 1841.

Con el mayor gusto he recibido las tres cartas de V. E. de 2 del corriente. Y me felicito de que nuestras relaciones amigables se hayan colocado en el vantajoso punto en que hoy se encuentran. Esto nos dará los mas favorables resultados á la causa de ambas Republicas.

La completa derrota de **Echague** por el General **Paz** aceleran los acontecimientos que nos ofreceis la mas pronta y feliz terminacion de la Campaña de **Entre=Rios**.

Los Diarios que remito a mi compadre el Señor Coronel **Mattos** le impondran a V. E. del estado favorable de la politica en general.

Con este motivo tengo el honor de repetirle los protestos de amistade con que soy a V. E. muy obediente – servidor y amigo.

[a] **Fructuoso Rivera**

CV-7883

Copia.

Commando Maior do Departamento de **Serro Largo**.

Exmo. Senhor o infranscrito Coronel Commandante Maior deste departamento tem a honra de dirigir-se a V. Exa. com obgeto de pôr em seu conhecimento que acaba de receber do Sr. Capitão D. **Camillo Veiga** huma communicação cujo theor e de sua referencia He como segue = Sr. D. **Francisco Sayon**, **Jaguarão Xico** janeiro 26 de 1842 = Estimado Chefe e amigo sube por hum amigo dessa Villa de hum movimento que querem fazer os Caramurus desse pais nestes quinse dias e He preciso que não se descuide trata de asigurar hum filho de **Luis Mendes**; ahi lhe mando o borrador da carta que recebi para que se emponha bem della. Coronel athe a data não tenho tido comtestação do outro lado: Desejo passe bem e mande como quiser a este seu amigo que de coração o estima e bem o deseja = **Camillo Veiga**.

Coronel este que me escreve he um dos individuos.

Senhor Capitão D. **Camillo Veiga** = **Villa de Mello** janeiro 24 de 1842 = Meu apreciavel Capitão esta tem o obgeto empor a Vosmecê de hum movimento que vão afaser os Portugueses Caramurus dentro destes quinze dias, e para que tenha toda a vigilancia que he necessaria respeito a sua pessoa, e entre as da Patria lhe commonico = sube do modo seguinte = **Francisco Mendes** filho de **Luis Mendes** he meu amigo, sabe que eu servi aos blancos, veio ontem ao quartel e dali sahi para fora acompanhando-o a Cavallo, e me comverçou muito a serca do movimento que vão a por em pratica, me convidou a mim e me disse que me empenhace em comvidar a outros amigos afim de que seguissem o movimento, que já **Dionisio Coronel** estava a passar-se a elles, e que não pudendo tulerar as injustiças que lhe faz **Rivera** que vão avingar-se; que tem dos Portugueses mas que estão no pais dois mil homes de vanguarda, que por a **Guarda da Lagôa** vão receber dinheiro [1v] e armamento, e todos os auxilios necessarios para fazer a Guerra a **Riveira**, que o Exercito passará logo que elles se puserem em movimento; que disto não dovidasse que era serto porque **Riveira** tinha perdido toda a opinião para com elles por as enjustiças que lhes tinha feito, e sua gente,

e que não podião sofrer, que outro dia o Tenente Alcaide **Dias** tinha mandado a sua casa coatro Soldados e havião trasido hum Piam, que isto não se faz com nenhum Cidadão; porem que emfim prompto se avião acabar aquelas tropelias, que serão apor sobre as Armas, e que assim como amigo lhe convidava e que lhe guardasse o segredo e que a guerra não he contra o pais que he contra **Riveira** que esse homem he opior que há; emfim me falou tanto sobre o movimento da sua Nação que já não tenho presente; porem Capitam viva com vigilança que o que o Portugues me disse não he mentira: Eu lhe asiguro he meu amigo e eu sei que me fala de todo o coração querendo tal ves que eu lhe seguiria. Eu não dei parte ao Commandante porque não tenho maior confiança não vá crer elle que como deu licença a esses Portugueses que são ideias minhas: Seu amigo que não lhe engana e dezeja o seu bem e da patria. Só me esqueci dizer-lhe que **Mendes** me assigurou que em combinação com **Rozas** vão apôr hum bloqueio em forma no **Rio da Prata,** athe me nomiou o Chefe da Esquadra que não me lembro. **Valle**. Não duvide Exmo. Senhor que o conthiudo da prezente carta tenha alguma serteza, e em sua virtude vou tomar quantas medidas considere necessarias afim de ivitar tenha efeito esse movimento que nella se denuncia; porem devo prevenir com este motivo a V. Exa. que os recurços com que ao efeito posso contar no momento são quase nenhuns, porque este departamento se compõem na maior [2] parte só de Purtugueses que se negão abertamente a prestar seus serviços, tomando armas para com ellas defender e manter os direitos da Nação, e os intereces particulares delles mesmos sob pretesto de serem Cidadãos Estrangeiros.

Assim que entrei no desempenho de minhas funções tratei de regular as superiores instrucções que tenho de formar a Guarda Nacional de Infantaria e Cavallaria deste departamento para atender as suas proprias necessidades, e em seu causo as do Estado, porem mui prompto desgraçadamente topei o inconviniente de não encontrar homes de que formalas, por que todos o a maior parte como tenho dito são Purtogueses que com tal medida tem corrido a hum Consul que com demasiada prodigalidade lhe á expendido Cartas de Cidadãos de sua Nação, advertindo o tem feito a individuos que a mais de trinta annos residem no pais, e a muitos filhos destes nacidos na Republica.

Sem embargo repito, vou atomar medidas para evitar aquele mal, esperando que o Superior Governo imposto de tudo se sirva dictar as ordens convinientes sobre o modo com que devo proceder. Deus Guarde a V. Sa. muitos annos. **Villa de Mello** janeiro 31 de 1842. Exmo. Sr. Prezidente da Republica e General em Chefe do Exercito D. **Fructuozo Riveira**.

Esta conforme

[a] **Procópio Gomes de Mello**

Coronel Comandante da Fronteira

CV-7884

Illmo. y Exmo. Sñr. General Don **Juan Antonio da Silveira**.

San Francisco Octubro 26/842

Com el regreso del Exmo. Señor Presidente **Bento Gonsales**, será V. Exa. instruido de nuestros mutuos acuerdos, que á mi ver han correspondido á los deseos de ambos; yo nada tengo que anadir á V.Exa. despues que hoiga los raciocínios del Señor Presidente, quien como yo esta combencido de que debemos marchar por um mismo camino para conservarmos; como se bien los deseos de V. Exa. por La dicha y libertad de todos me basta indicarle que segundando energicamente los deseos del Señor Presidente **Bento Gonsales**, manifestados em lo que ultimamente hemos combenido, tendremos indudablemente un feliz resultado, excuso ser suas extenso en estas cartas que termino saldandole afectuosamente y repetiendonos de V. Exa. su affetuoso y amigo

L. B. S. M.

[a] **Fructuoso Rivera**

[Anotado no verso]

Do General D. **Fructuoso Rivera** respondida a 17 de novembro.

CV-7885

O tirano de **Buenos Aires**, **Rozas**, esse ímpio que faz conduzir o seu retrato aos tenplos; O sanguinario que faz derramar o sangue inossente nas ruas da capital; o barbaro que sustenta bandos de degoladores a quem sacia com a fortuna de suas victimas; o tigre, emfim que nos espia para devorar-nos, pretende novamente lançar esses mesmos bandos sobre a nossa patria; = Nosso dever nos chama a defendel-a – Orientais / Alerta / Às armas / O prezidente da republica, O Soldado da imdependencia no anno X, O protetor dos persiguidos na épuca do terror, o general do **Rincón**, **sarand**i, **Missoins** e **cagancho**, este veterano tão valente como humano e generozo, prepara com o nosso auxilio uma vitoria que nos dara, emfim, Uma paz duradoura; = Filhos da culta **Europa**, Estrangeiros todos que sois exceptuados do chamento geral que faz o governo, se quereis ajudar-nos a defender esta terra hospitaleira que vos oferesse hum porvir de imencas esperanças, reuni-vos, nomeai vossos chefes i tomai a organização que vos convier. A pátria vos será agradecida; = Orientais / cidadoins / Amigos / União, Ordem i Constançia i subordinação / si algum d'entre nós não reconhecer o dever de sacrificar-se pela sua patria, que deiche o paiz; si uver por desgrassia algum traidor, tome em tempo pelo mesmo rumo, para ivitar que o braço da justiça venha a cahir sobre a cabessa; = **Montivideu**, 24 de julho de 1842 ___ ___ ___ Camara.

CV-7886[44]

Copia.

Proclamação

Habitantes da Provincia de **Missoens**, Brazileiros; chegou o tempo em que eu á cabeça da vanguarda do Exercito do Norte, havia de pizar o vosso territorio, porém as Ordens que trago do meu General não são outras se não de proteger o vizindario, afiançar-lhes as suas fazendas, e assegurar-lhes a inviolabilidade das suas Cazas, pessoas, e familias, toda a vez que estejão tranquilos nas suas Cazas. O meu objecto He pois prometter-vos que não tenhaes que recear nada, pois eu castigarei severamente toda a violencia que se fizesse por parte das minhas tropas, e não farei outra couza que propender á vossa felicidade. Se vós vos aprezentaes a engrossar as fillas dos Independentes, tereis bôa acolhida entre as minhas tropas, e se for o contrario me fazeis a Guerra, me será sencivel ver derramar sangue todo Americano, e ver arruinar todo este territorio. Ás armas Brazileiros, sejamos todos livres, e vamos a pornos esse estado de que não venha algúa Nação Européa a fazer-nos Escravos para sempre, juntai-vos commigo e estai certos que serei hum eterno defensor dos vossos sagrados direitos de liberdade. Quartel General em marcha 22 de Abril de 1828. —— = Assignado **Fructuozo Rivera**

CV-7887

[Impresso]

BOLETIN
EXTRAORDINARIO.
!VIVA LA PATRIA!

El asesino de **Pago-Largo**, el tirano **Echague** ha sido aniquilado. El sol de la **Tablada** y de **Ocantivo** ha brillado esplendido sobre la tierra correntina, e cuando la fama anuncie à la República **Argentina** tan fausta noticia, arrojará los crespones de su luto para vestir los colores de la victoria y de la esperanza.

Las victimas de **Pago Largo** han sido dignamente aplacadas, y la artilleria, bagajes y los centeares de prisioneros Rocinos, trofeo del valor correntino, habran realzado la solemnidad de su espiacion.

Loor á los valientes hijos de la provincia de **Corrientes** y á su ilustre y esclarecido general D. **José Maria Paz**!

La respetabilidad del Sr. Comandante de **Belen** don **Jose A. Reyes**, da el mayor peso á cuanto dice sobre los importantisimos detalles de esta victoria.

---

[44] Existem duas cópias manuscritas do documento CV-7886. [N. do E.]

Señor General Don **Enrique Martinez**.

Durazno 3 de 1841.

Mi amigo y Sr.: en este momento que son las 12 del dia acabo de recibir la importantisima noticia de la completa derrota del tirano **Echague**.

Por no demorar al chasque le incluyo las dos cartas originales. V. se servirá felicitar en mi nombre al gobierno por tan gran suceso.

Saluda á V. su servidor y amigo.

Fructuoso Rivera.

Excmo. Sr. Presidente D. **Fructuoso Rivera**.

Quegay, Diciembre 2 de 1841.

Mi Estimado Presidente: –

Son las cuatro de la mañana y acabo de recibir la adjunta del comandante D. **Antonio Reyes**, en que me participa la plausible noticia de la derrota completa del ejército **Entre-Riano**.

Sin embargo que no es oficial esta noticia, ya la celebra esta division, como ella merece.

Tan luego como reciba otros pormenores los remitiré á V. E. sin demora.

Ya mando partidas sobre la costa del **Uruguay** en precaucion de reunir cuanto hombre pase de los dispersos, que es conseguiente tenerlos.

Felicita á V. E. por tan plausible victoria que corona la obra de nuestros desvelos.

De V. E. su mas atento y servidor y amigo. Q. B. S. M.

Anacleto Medina

P. D.

El comandante militar del **Salto**, me participa esta misma noticia, habíendola recibido del coronel **Baez**.

Señor Brigadier General Don **Anacleto Medina**.

Belen Diciembre 1º de 1841.

En este momento que serán las tres de la mañana recibo la noticia plausible de haber sido derrotado completamente el egército del tirano **Echague**, por el egército correntino quedando en poder del general **Paz**, el bagaje, la artilleia, e infanteria, no habiendo escapado un solo soldado infante.

Esta interesante noticia me anticipo á comunicarla á U. S. á nombre de la pátria.

Deseo no tenga S. S. novedad y que ordene a su afectisimo y S. S. Q. S. M. B.

José A. Reyes

ROCHA, Eleutério Vieira da
CV-7888

CV-7888
Illmo. Ex. Sr.
Nº 21.

Participo a V. Exa. que no dia 26 do Corrente receby hum oficio do Capitão Comandante da Policia da **Capella de Viamão** para me reunir a elle com a Policia a meu mando que tinha tido Parte que vinha huma força Rebelde da **Aldeia** bater a policia; marchei no dia 27 a reunir me com elle no Lugar designado nesse mesmo dia as 11 horas da noite; nesse mesmo lugar receby hum oficio do mesmo Comandante de Policia de **Viamão** que ja não hera precizo que já tido Parte o Contraria e como fosse tarde e Alguns Cavallos não estivese bom fiquei essa noite nesse mesmo Lugar; no dia 28 marchei para a freguezia e mandei huma Partida de oito homes comandada por cabo Correr a margem do Rio; na minha Marcha sube que tinha avançado huma Partida rebelde ao mando de **Luis Daniel** apliquei a Marcha ja os não encontrei ja se tinhão retirado levando prezo hum Cabo e Tres Soldados que tinhão ficado de Guarda e mesmo por estarem doentes. Porem somentes os deszarmarão os Largarão e não fizerão dano a Algum na Freguezia e Levarão dezaseis cavallos que tinhão ficado entregues a mesma guarda i a Partida que tinha mandado para a margem do Rio emcontrouse com a dita rebelde de dezaseis homes os quais os Preciguirão athe entrada de hum serro ahonde hove hum piqueno Tiroteyo; os rebeldes se retirarão sem Perigar ninguem nessa mesma noite reunime com 20 Praças do 2º e 3º Regimento de Cavalaria de Linha e marchemos athe **Itapoam** não os emcontremos, a dita Partida de Linha retirouse para a Cidade e eu me acho no districto com [1v] Touda Vigilancia; na noite 29 do Corrente Escreveome o Comandante de Policia de **Viamão** que tinha tido Noticia delles e que marchava em seguimento delles, esta Partida rebelde paçou do outro lado do Rio no destricto de **Viamão** na **Ettapoam** e por lá se aviarão de Cavallos; julgo que pagarão o que fizerão já Escrevi ao Commandante da Policia de **Viamão** para fazermos junção para preciguirmos ao dito **Luis Daniel.**

Deos Guarde a V. Exa.

Quartel da Policia em **Belem** 30 de Agosto de 1841.

Illmo. Exmo. Sr. Brigadeiro.
Felippe Neri de Oliveira.
Comandante da 3ª Divizão.

[a] **Eleuterio Vieira da Rocha**
Tenente Comandante da Policia de **Belem**

ROCHA, Francisco Florêncio da
CV-7889

CV-7889[45]

Illmo. e Exmo. Sr. Presidente.

Certo da sinceridade, e efficacia das palavras de V. Exa. a mim dirigidas na nossa ultima entrevista ao despedirnos em Caza do Coronel **Soares** "Se se vir em algú incomodo, faça me duas regras, que a amizade ainda é a mesma" protesto respeitoso pelo desempenho daquella promessa.

Não tive ate o presente participação official, nem noticia expressa da emanação e plenitude de authoridade espiritual conferida ao Exmo. Reverendissimo Vigario Apostolico, para saber, se continha algúa alteração na Disciplina da **Igreja Catholica Romana** em practica, e se minha consciencia repugnasse, pedir demissão do emprego, que exerço, lembrado das palavras de **Jesus Christo** "Que aproveita ao homem lucrar o Universo, se soffrer detrimento de sua alma?"

Hoje me apresentou o Major **Filippe do Couto Brandão** huá Dispensa concedida pelo Reverendo Vigario da Vara de **Piratini** para Cazar com hua parenta, ao qual disse, que não podia em minha consciencia executa la, e que isto mesmo participava ao Exmo. e Reverendissimo Vigario Apostolico, e a V. Exa., podendo elle Cazar perante outro qualquer Sacerdote.

Exmo. Sr., se ainda lhe mereço o doce nome de amigo, pela amizade lhe peço, e por quanto ha sagrado, se persuada, que me acho em hú estado tal, que ameaça muito breve o fim de minha triste existencia, atacado das ourinas, que não posso fazer o menor excesso, opprimido de melancolia, parecendo-me, que [1v] a cada momento compareço no Tribunal Divino a ouvir minha Sentença de Salvação, ou condenação eterna: em húa palavra, não presto para nada, e até creio, que já tenho o juízo alterado. Por estes motivos, e por persuadirme que em hú Paiz classico da Liberdade, como o que habitamos, se deve respeitar a liberdade de consciencia, rogo instantemente a V. Exa., se digne anuir á minha demissão, que nesta occazião pelo ao Exmo. Reverendissimo Vigario Apostolico, assim como determinar de minha sorte, quero dizer, se me posso conservar na Republica na qualidade de simples Clerigo, porque me sujeitarei gostoso ao que for de seu agrado.

O Ceo prospere a existencia de V. Exa., e de toda a sua Familia, como cordealmente deseja, quem tem a honra de confessar-se

De V. Exa.

Amigo, venerador, e obrigadissimo Subdito

[a] **Francisco Florencio da Rocha**

Cidade de **Pelotas** 3 de Agosto de 1839.

[45] Ver anexo nº 13 – Correspondência do Vigário Encomendado **Francisco Florêncio da Rocha** para o Presidente da Província **José de Araújo Brusque**, em 26 de março de 1836, sobre sua prisão acusado de "adesão ao partido ilegal". [N. do E.]

ROCHA, Francisco José da
CV-7890 a CV-7898

CV-7890

Illmo. Sr.

Cumpreme participar a V. Sa. que me acho desde o dia 17 do Corrente rezidindo neste Departamento com minha Famillia e prompto a receber as ordens que V. Sa. determina-me.

Tenho mais a ponderar a V. Sa. que como Chefe do 2º Battalhão de Cassadores de 1ª Linha e como emigrado, tenho a meu favor o Decreto de 14 de Outubro de 1838 o qual manda fornecer de carne ás Famillias tanto de Cidadãos que andão nas fileiras, como dos emigrados e como me acho nestas circunstancias, motivo porque requezito a V. Sa. para me mandar fornecer de carne conforme dispõe o dito Decreto, pois a minha Famillia se compõe de minha Senhóra e três Filhos e um escravo e quanto a mim como Chefe de um Batalhão de 1ª Linha (como mostro a V. Sa. do Decreto de 25 de Junho de 1839 cuja copia incluza lhe remetto) e por me achar na fruição dos meus direitos (pois ate ao prezente não havido Decreto ou Ordem do dia pela qual se mostre eu ter sido dimittido do dito corpo) me toca segundo a tabella 19 libras de carne diarias: e V. Sa. pode estar certo, que se me não visse prezentemente no estado de carecer tal municio o não exigia do Estado.

Deos Guarde a V. Sa. **Capella de Cangussú** [1v] 23 de Outubro 1840.
Illmo. Senhor Tenente Coronel **Florentino de Souza Leite**.
Chefe Geral de Policia.

[a] **Francisco Jose da Rocha**
Tenente Coronel

[Anotado na margem inferior]
– 29 –
23 de Outubro de 1840.

CV-7891

Illmo. Sr.

Hoje me forão entregues os prezos escoltados, por V. Sa. remettidos, os quaes ficão em custodia, e os farei conduzir com segurança ao destino que V. Sa. me indica.

Agradeço a V. Sa. os parabens que me dás de me achar empossado da Authoridade de Chefe de Policia deste Departamento, o que muito lhe agradeço, e muito me esforçarei para dezempenhar com acerto o Emprego que o Governo dignou-se confiar-me: conte por tanto V. Sa. com meu prestimo, e consideração.

Deos Guarde a V. Sa. **Cangossú** 9 de Novembro de 1841.
Illmo. Senhor **Ignacio Joze de Oliveira Guimarães**.
Chefe de Policia do Departamento do **Boqueirão**.
[a] **Francisco Joze da Rocha**

[Anotado no verso]
Ao Cidadão **Ignacio Joze de Oliveira Guimarães**.
Chefe de Policia do Departamento do **Boqueirão**.
Do Chefe de Policia do Departamento de **Cangossú**.
[Anotado na margem superior]
Respondido a 11 de Novembro.
[Anotado na margem superior]
Officio do Cheffe de Policia de **Cangussu** de 9 de Novembro, recebido a 11 do mesmo, acuzando o recebimento dos prezos.

CV-7892

Illmo. e Exmo. Sr.

Segue o Guarda Nacional **Joaquim dos Santos Pascual**, a aprezentar a V. Exma. seu Irmão **Cipriano dos Santos Pascual** Filho da Viuva **Sinhorinha**, que fiz vir a V. Exa. que tem hum filho no **Estado Oriental**, o qual serve para o recrutamento de 1ª Linha.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel do Commando Geral em **Cangusú** 30 de Dezembro de 1841.
Illmo. e Exmo. Sr. General **Antônio Netto**.
[a] **Francisco Jose da Rocha**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Illmo. e Exmo. Sr. General **Antônio Netto**.
Cheffe do Estado Maior.
Piratinim.
Do Tenente Coronel Chefe de Pulicia de **Cangusu**.

CV-7893

Illmo. e Exmo. Sr. **Domingos Joze de Almeida**.

Pelo intrimedio de **Lobato** subi que V. Exa. existia em caza do meu amigo o Senhor Capitão **Balthazar**, e pelo mesmo **Lobato** recebi as recomendações que V. Exa. se dignou enviar-me, o que muito lhe agradeço; e aproveitando esta occazião passo a cumprimentallo, e saber de sua saude, e ao mesmo tempo convidallo para hum devertimento que tencionamos dar Domingo 26 do corrente, que muito me

honrará se o meu convite fôr aceito por V. Exa., a quem apeteço vigoroza saude, para mandar em seu serviço a quem se preza ser

De V. Exa.
Amigo affectuozo e Criado.
[a] **Francisco Jozé da Rocha**

Cangossú 24 de Junho de 1842.

[Anotado no verso]
Illmo. e Exmo. Sr. **Domingos Joze de Almeida**.
Em caza do Capitão **Balthazar**.

CV-7894

Cidadão Tenente Coronel.

O Cidadão Coronel **Joaquim Teixeira Nunes** me ha communicado por Officio de hontem, que segundo novas ordens que recebeu do Cidadão General Commandante em Cheffe do Exercito, eu me dirigisse a V. Sa., o que tenho a honra de fazer pello prezente, congratulando-me com V. Sa. por ter noticia de que foi nomeado Commandante desta Fronteira.

Deos Guarde a V. Sa. Quartel do Commando do Departamento de **Cangussú**, 13 de Abril 1843.

Ao Cidadão Tenente Coronel **Manoel Lucas de Oliveira**.

[a] **Francisco Jozé da Rocha**

CV-7895

Illmo. e Exmo. Sr.

Hoje pella manhã receby o Officio de V. Exa. com dacta de 16 do que luz, e certo de seu contheudo respondo: que quanto a reunião que V. Exa. me ordena já dei as devidas providencias a respeito; e quanto a sigunda parte do mesmo Officio de V. Exa. mandar estacionar a referida reunião no **pantanozo**, o que não posso fazer por falta de um abil Official; logo assim farei seguir as praças reunidas ao Cidadão Coronel **Jerônimo Joze de Castilhos**; tendo a participar a V. Exa. que eu pessualmente não vou para o Campo como me cumpria por me achar bastante duente de uma deflucção[46] que me priva de todos os muvimentos Corpuraes, principalmente da meia noite para o dia; mas contudo se o inimigo tentar sobre esse ponto pronto marxarei com o piqueno numero de Policia, a aprezentarme ao mesmo Coronel **Castilho**, para esse me indicar as ordens que de V. Exa. tenha

[46] Defluxo: Bronquite ou inflamação dos brônquios, catarro brônquiico ou pulmonar, defluxo do peito: “Graves moléstias do peito começam por um simples catarro pulmonar, ou defluxo, ou brônquios, de que se não faz caso; e quando se quer mais tarde remediar já é impossível”. (Prática da Homeopatia, livro 2, p. 594); “Inflamação da membrana mucosa que forra o canal respiratório”. (Chernowiz I, p. 365) . [N. do E.]

recebido. Hoje mesmo fasso sahir para a frente a partida de descubridores, e com isso participarei a V. Exa. mais minuciozamente os movimentos que hajão do inimigo para esta parte; apezar que alguns Cidadãos d'esta Freguezia se achem em **São Francisco**, e por elles pertendia obter algumas noticias; mas as suas demoras já me cauza [1v] disconfiança, e por isso mais me preçuado seja veridica a noticia do mesmo inimigo.

Nesta occazião remetto o Escravo **João** pertencente ao dissidente **Manuel Custodio**, assim como os 30 Riunos que fiquei de remeter a V. Exa., os quais vão em um estado muito infeliz por terem sido recrutados em uma epuca já invernoza; e quanto aos lumbilhos que a V. Exa. falei para coprar para o estado, fiz ver ao donno, e esse me respondeu que a não ser a vista nem huma Conta lhe podia fazer. O portador dos Escravos, e dos Cavallos, é o Guarda Policial **Saturnino Basques**.

Deos Guarde a V. Exa. como se faz mister a Cauza Publica. Quartel do Commando do Departamento em **Cangussú**, 18 de Julho de 1843.
Illmo. e Exmo. Sr. **Luis Joze Ribeiro Barreto**.
Ministro da Guerra e Fazenda.

[a] **Francisco Jozé da Rocha**

CV-7896

Illmo. e Exmo. Sr.

Presente tenho o Officio de V. Exa. com data de 28 preterito passado e tenho a dizer que todas as occazioes que se ofereça a obedecer a qualquer Cheffe, sempre me achará pronpto para tudo quanto seja para o bom andamento do Governo da Republica, como é de meu inteiro dever.

Em quanto a reunião que de prestes acabo de preceber, o Cidadão Coronel **Castilhos** informará a V. Exa. minuciozamente o que tem passado a respeito.

O Estado disgraçado em que me vejo respeito a Cavalhada, faz com que requezite a V. Exa. 6 Cavallos, ou maneiras pelas quaes os possa haver neste lugar, comprando-os, ou por outra qualquer maneira que me seja facil o remediarme.

Deos Guarde a V. Exa. como se faz mister a Cauza Publica. Quartel do Commando do Departamento de **Cangussú**, 3 de Agosto de 1843.
Illmo. Sr. **Luis Joze Ribeiro Barreto**.
Ministro da Guerra e Fazenda.

[a] **Francisco Jozé da Rocha**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Cidadão **Luis José Ribeiro Barreto**, Ministro da Guerra e Fazenda.
Piratiny.
Tenente Coronel Commandante do Departamento de **Cangussú**.

CV-7897

Amigo e Patriota Major **Bernardo Pires**.

Acampamento Volante no **Moreira** 21 de Março 1844.

Inexplicavel me foi o regozijo que concebi com a recepção de sua apreciavel Carta de 18 do corrente, e posto já scientificado dos pormenores da acção pela parte Official do Benemerito Amigo **Amaral**, todavia tive mais huma prova exhuberante de sua amizade, tendo por isso de lhe significar a convicção que me assiste a cerca do contheudo nella relatado.

As noticias que por ca há são favoraveis. D. **Fructo** tem feito certas combinações comnosco, e mandou ao **Caxias** algumas exigências a cerca do estado bellicozo em que nos axamos. Por Carta do Major **Leiria**, e parte do **Guedes** consta por pessoa fidedigna que assevera ter sido testemunha, que o Batalhão destacado na **Cruz Alta** se sublevara com grande mortandade escapando-se apenas 3 Officiaes, e saqueando algumas cazas, se debandarão, foi para alli o **Mello Brabo** e dizem que ja seguira sobre elles o **Portinho**, outros que tambem **João Antônio**. **Bento Manoel** muito doente no **Alegrete** a pontos de ninguem agüentar a fedentina quanto ourina. **Demetrio** [1v] com parte de doente, **Vicente Ciprianno**, **Severino Ribeiro** e outros o mesmo, tendo dezertado muitos Soldados do Corpo que provizoriamente comandava **Demetrio**, e hoje o **Cerqueira** que passou a Tenente Coronel. A intriga assóla aquele Municipio. **Demetrio** e os que estão doentes dizem não servem mais. O Batalhão 5º no **Alegrete** sublevou-se tendo avizo para marchar, com a clausula de so o fazerem depois de pagos seos vencimentos em bastante atrazo, sendo presumivel que tal o não consigão pela contingencia em que estão de pecunia.

O **Echague** e **Santa-fesinos** negárão obediencia a **Rosas**. Hum Sargento do **Alegrete** passado confirma aquelas noticias, e que o **Caxias** pedira por carta a **Loureiro** para vir commandar a Divisão de **Bento Manoel**, e suppunha-se não se realizar. Eis em suma o que há de mais interesse, com o que me congratulo convosco e bons Patriotas. Fica as suas ordens como

Amigo afectuozo [trecho rasgado]

[a] **Francisco Jozé da Rocha**

Recomendações ao Amigo Sr. **Pires** e sua Familia.

[Anotado no verso]

Ao Cidadão Major **Bernardo Pires**.

Onde se axar.

Do seu amigo **Francisco Jozé da Rocha**.

CV-7898

Meu Prezado amigo e antigo Camarada.

Côrte, 1º de Novembro de 1860.

Com o prazer de costume recebi a vossa carta de 29 de Setembro passado, e com ella a 2ª via, do pedido que faz á minha já fraca e cansada reminiscencia,

á qual já lhe respondi e supponho que a muito tempo deverá ter chegado as vossas mãos; e como até agora, por mais tratos que tenha dado á minha velha imaginação, não me tenha sido possível recolher couza alguma da conversação por vós lembrada, continuo também a reiterar o que já disse na minha anterior; pois o meu amigo sabe que naquellas occazioes os momentos érão poucos para se pensar nos planos que nos deverião levar a um futuro mais que brilhante. Sou comnvosco nos mesmos sentimentos que nutre a respeito do nosso intelligente, briozo e patriota Sr. **Mello Moraes**, que apar de tanta grandeza de espirito, possue o coração muito amigo e dedicado que se pode imaginar. O nosso grande **Garibaldi** alem do vallor e desinteresse que tem mostrado pelo que merece a nossa admiração é também amigo de nossa pátria e como tal digno da nossa mais intima amizade. Estimarei que conclua a sua obra, dando com isso um desmentido [1v] formal a esses parazitas que tudo alterão e envenenão, e espero que me fará lembrado com a posse de um vollume. Ultimamente muito se tem dito nos jornaes opposicionistas a respeito dos nossos da Oligarchia; e ultimamente tambem foi escripto um interessante panphleto pelo energico e brioso **Theophilo Ottoni**; as coizas promettem grandes coizas para o nosso mundo politico! Sem mais por agora reitero-vos os meus sinceros cumprimentos e de minha família.

Sou com a maior estima

Vosso fiel amigo e velho Camarada

[a] **Francisco Jozé da Rocha**

[Anotado no verso]
Illmo. Sr. **Domingos Jose de Almeida**.
Pelotas.
[Anotado na margem superior]
Rio de Janeiro 1º de Novembro de 1860.
Do Sr. Tenente Coronel **Francisco Joze da Rocha**.
Recebida a 10 – || –
Sem resposta.

ROCHA, Joaquim José da Silva
CV-7899

CV-7899

Illmo. Sr.

Hontem em virtude da Ordem de V. Sa. sahi desta Escuna as Cete horas da noite e dirigindo-me a **Ilha do velho Matheus** chiguei a ella as Onze e meia horas e saltando em terra dirigindo-me a Caza velha do sobre dito **Matheus** encontrei nella **Alexandre Cardozo da Silva** que diz he hum Guarda da Cavalhada nas

Ilhas, e **Antônio Pedro da Silva** pelo que diz aquele ter mandado buscar esse paçado, que agora remeto, e de quem falei a V. Sa. segundo a denuncia que me derão, de todas e mais vizinhos subi estar o paçado naquele lugar a três semanas pouco mais ou menos, e que tem vivido por ali no exercicio de Cortar madeiras e lenha, como os acima ditos.

E endagando se haveria por ali mais alguma peçoa estranha nos diferentes ranchos que ha naquela Ilha subi que em hum deles parava hum preto forro ali desconhecido em virtude do que e para bem do serviço me rezolvi a paçar huma revista em todos, o que feito encontrei esse que tão bem remeto e conheço ser da Cavalaria do **Faxinal**, e como me não mostrace Portaria de S. Exa. pela qual me mostrace (digo) lhe concedece [1v] o estar ali, entendi estar dezertado, e por tal o fiz conduzir. Emquanto ao Lanchão do **Rio do Sino** e **Cahy** foi comprida a Ordem de V. Sa. he o quanto tenho a participar a V. Sa. arrespeito.

Deos Guarde a V. Sa.

Bordo da Canhoneira N.º 11, surta em frente ao **Caminho Novo** aos 9 de Outubro de 1839.

Illmo. Sr. **Manoel de Oliveira Paes**, 1º Tenente e Commandante do B. B. **7 de Septembro**.

[a] **Joaquim Joze da Silva Rocha**
2º Tenente de Comissão Commandante

ROCHA, Manoel Coutinho da[47]
CV-7900 e CV-7901

CV-7900

Illmo. e Exmo. Sr.

N.º 2.

Diz **Manoel Coutinho da Rocha**, que se lhe faz precizo por Certidão os theores dos Despachos exarados em requerimento das Viuvas **Francisca do Livramento** e **Felicia Antonia de Jesus** contra **Felix Alves Lisbôa**, encarregado da Policia do 2º Destricto de **Cangussú**, e proferidos em 13 do corrente mez: para o que

Pede a V. Exa. se digne defferir-lhe
Espera Receber Mercê

Piratiny, 16 de Fevereiro 1841
[a] **Manoel Coutinho da Rocha**.

[47] Ver anexo nº 6 – Requerimento do soldado **Manoel Coitinho da Rocha**, da Legião de Cavalaria Ligeira de **Rio Grande**, pedindo baixa por motivos de saúde. [N. do E.]

[Anotado na margem superior]
Passe-se – Secretaria dos Negocios da Guerra em **Piratiny** 16 de Fevereiro de 1841. [a] **Serafim Joaquim de Alencastre**.
[Anotado no verso]
Em virtude do despacho retro do Exmo. Sr. Ministro dos Negocios da Guerra, certifico que os despachos que em data de 13 do Corrente mez forão proferidos nos requerimentos das viuvas **Francisca do Livramento** e **Felicia Antonia de Jezus** mencionadas na Petição retra são os do theôr seguinte. =

— No requerimento da 1ª —

A vista da judiciosa informação que se exigio, e daquella do honrado Chefe Geral de Policia de **Cangussú** em que se bazeou o Exmo. Senhor General Cheffe do Estado Maior do Exercito mandará entregar a Supplicante o escravo que escandalosamente lhe foi arrancado, reprehendendo ao encarregado do Recrutamento delle pela falta de circunspeção e honradez com que se houve nesta diligencia. — Secretaria do Interior e Fazenda encarregada do expediente da Guerra em **Piratinim** 13 de Fevereiro de 1841. = **Almeida**.

— No requerimento da 2ª —

Na prezença da honroza informação que se exigio firmada na certeza da injustiça e violencia allegada, Sua Exa. o Senhor General Cheffe do Estado Maior do Exercito mandará entregar a Supplicante os escravos que tão escandalosamente lhe forão arrancados como a inimigos da Cauza e incursos nas disposiçoens do Decreto de 11 de Novembro de 1836; mandando [2] severamente reprehender ao Cidadão que esquecido dos deveres e da conducta marcada ao verdadeiro Republicano, atropella aos seus Concidadãos, guiado pelo ignobil prazer da vingança, prazer só digno de corações mal formados. — Secretaria do Interior e Fazenda encarregada do expediente da Guerra em **Piratinim** 13 de Fevereiro de 1841. = **Almeida**. – He quanto se continha nos referidos despachos a que me reporto. – **Piratinim**, 16 de Fevereiro de 1841. =

O Official Maior Interino
[a] **Vicente Ferrer de Almeida**.

CV-7901

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor

Diz **Manuel Coutinho da Rocha**, cazado e morador no 2º Destricto de **Cangussu**, que apezar de sua pobreza, e numeroza familia não se tem escuzado de prestar ao serviço da Patria, com os seos poucos bens, dando gratuitamente as Forças que por ali passão, as Rezes precisas para fornecimento, prestando-se igualmente com Cavallos que lhe são requisitados para deligencias a bem do Estado, sendo outro sim sua caza franca a hospedar todos os Republicanos, que ali chegão, o que tudo hé publicamente notorio: sucede porém que achando-se

hoje encarregado da Policia daquelle lugar **Felix Alves Lisbôa**, este esquecido dos deveres de verdadeiro Republicano, tem-se constituido inimigo do Supplicante atropellando-o o mais que pode, valendo-se para isso do poder que lhe hé confiado para empregar sua vingança contra o Supplicante; já lançando mão nos Cavallos do Supplicante, sem seo consentimento, como se fossem bens de inimigo do Estado, e já carneando em seo campo, como acaba de acontecer no dia 10 do corrente, que não longe da caza do Supplicante carneou uma vaca mança, desattendendo finalmente a Portaria junta em N.º 1, dizendo ao Supplicante, que esta de nada Valle, tudo isto proprio de sua maldade, sempre prompta a perceguir aos Cidadãos pacificos, como se evidencia do Documento N.º 2, o qual se torna bastante para provar seo máu procedimento: por isso requer [1v] o Supplicante a Vossa Excelencia se digne por bem ordenar que aquelle encarregado de Policia se abstenha em seos máus procederes, não contendendo mais com o Supplicante, para o que

Pede a Vossa Excelencia se digne por bem tomando em concideração todo o expendido defferir-lhe na forma requerida, pois o Supplicante está bem convencido de que não hé da intenção do Governo, consentir que seos delegados pratiquem actos violentos contra os Cidadãos pacificos; por isso espera

Receber Mercê

[Anotado na margem superior]
Na prezença das razões expendidas pelo Supplicante e dos documentos comprovatorios que aprezenta o Supplicante o Governo mui positivamente determina ao Senhor Commandante Geral de Policia do Departamento de **Cangussú**, que não mais consinta de comettão abusos de semelhante natureza, e que immediatamente fassa substituir por outro Cidadão o Commando parcial de Policia do 2º Destricto do Departamento de sua jurisdição, mas que esta nomeação recaia em hum Cidadão probo e capaz de melhor desempenhar as funções de seo emprego. Secretaria dos Negocios da Guerra em **Piratinim** 17 de Fevereiro de 1841 [a] **Alencastre**

RODRIGUES, Camilo de Lelis
CV-7902 e CV-7903

CV-7902

Exmo. Sr. **Domingos Joze de Almeida**.

Alegrete, 6 de Febrero de 1841.

Respeitado Patricio y Senhor; Me lizongeio en pegar na pena entereçando saber da boa saude de Vossa Excelencia, y ao mesmo tempo ofereçer a minha para o seu Cerviço.

Exmo. Senhor, Vossa Excelencia queira despensar o eu não ter feito a mas tempo; não ha sido por Falta de dezejos, os continuos dezaçucegos que temos tido por ca, tem Sido a Cauza de eu faltar com o meu dever; y hoje Seguro da amizade que Vossa Excelencia despença a este Seu Patriçio, lhe digo, que tive a honra de reçeber por o Coletor deste Saudades Suas, a qual me derigo agradesendo a Vossa Excelencia esta fineza, que novamente fica empremido em meu Coração; y dezejando dar-lhe provas do quanto he grato

Este Seu Sudito y Patrício
L. B. S. M.
[a] **Camilo de Lelis Rodrigues**

[Anotado no verso]
Ao Cidadão o Sr. **Domingos Joze de Almeida**.
Excelentissimo Ministro da Fazenda.
Guarde Deos Muitos Annos.
Do Cidadão **Camillo de Lellis Rodrigues**.

CV-7903

Exmo. Sr. **Domingos Joze de Almeida**.

Alegrete Abril 25 de 1841.

Estimado Patriçio, y Senhor, tive a honra de receber a sua mui Estimada data de 5 de Março, a qual me foi mui satisfatoria em saber da sua Saude, y da nova rezidencia de Vossa Excelencia, não me foi pocivel contestar-lhe, a qual faço agora por estar em uma cama com pocas esperanças de vida a qual hoje restabelecido o faço, ao mesmo tempo agradeçendo a Vossa Excelencia, honrarme con a Sua Verdadeira amizade a que costuma Simpatizarce com os Seus Patriçios que com verdade lhe estima, dezeiandolhe toda felicidade para hordenar

A este Seu Patriçio y Amigo muito obrigado
[a] **Camilo de Lelis Rodrigues**

[Anotado no verso]
Ao Cidadão **Domingos Joze de Almeida**.
Excelentissimo Ministro de Governo y Fazenda – Em **São Gabriel**.

RODRIGUES, José Caetano
CV-7904

CV-7904

N.º 4.

Relação das praças que estão doentes no Hospital que perçizão de Camizas e Calças.

Corpos	Cias.	Graduações	Nomes	Camizas	Calças	Obs
Artilharia	1ª	Sarg. Quartel Mestre	**Antônio Francisco da Silva**	1	1	
Artilharia	1ª	Cabo	**Joze da Costa**	1	1	
Artilharia	2ª	Soldado	**Gonçalo Manoel de Souza**	1	1	
Artilharia	3ª	Soldado	**Sebastião Pereira**	1	"	
Artilharia	3ª	Soldado	**Jozé Francisco**	1	1	
3º Bat.	4ª	Soldado	**Ignacio Ferreira**	1	1	
3º Bat.	4ª	Cabo	**Justino Joze Ribeiro**	1	1	
3º Bat.	1ª	Soldado	**Francisco Joze Pereira**	1	1	
3º Bat.	3ª	Soldado	**Jorge da Silva**	1	1	
3º Bat.	3ª	Soldado	**Manoel Antonio Gonçalves**	1	1	
3º Bat.	2ª	Soldado	**Raymundo Barcellos**	1	"	
3º Bat.	3ª	Soldado	**Ricardo Coelho**	1	1	
3º Bat.	6ª	Cabo	**Ciriaco Domingues**	1	1	
3º Bat.	6ª	Soldado	**Manoel Ignácio**	1	"	
3º Bat.	2ª	Soldado	**Marianno Vieira**	1	1	
3º Bat.	7ª	Soldado	**Chrispim dos Santos**	1	"	

São Gabriel 3 de Março de 1841

[a] **Jozé Caetano Rodrigues**.

Cirurgião Ajudante encarregado.

[Anotado na margem inferior]

O Sr. Coronel **Silvano Joze Monteiro** fará entregar o vestuario acima, do que ouver feito. Quartel General em **São Gabriel**, 4 de Março de 1841. [a] **Bento Gonçalves da Silva**.

[Anotado na margem inferior]

Recebi do Illustrissimo Senhor Coronel **Silvano Joze Monteiro** dezesseis camizas e doze pares de Calças. **São Gabriel**, 9 de Março de 1841. [a] **Joze Caetano Rodrigues**.

[Anotado na margem superior]

[a] **Carmo**

Coronel Commandante.

RODRIGUES, José Joaquim
CV-7905

CV-7905

Copia.

Lembrança para o dia 26 de Septembro de 1843.

O Cidadão Coronel Ordena que de hoje em diante que todos os Cidadãos Officiaes que entrem de Supperior do dia na Força, ordenem aos Cidadãos Officiaes, e inferiores que commandão pontos avançados: cubrindo o campo, a que não deixem

entrar individuo algum no campo, nem Senhoras, salvo se seguir de alguma caza dentro do campo a algum individuo da Força; isso mesmo deve vir acompanhado por hum soldado da Guarda, aonde estiver o Cidadão Official do Dia: este o fará hir a prezença do Cidadão Coronel: ordena que todo o individuo que queira entrar no campo a fallar com o Cidadão General, deverá parar no Piquete, e dirigir-se parte pelos canaes competentes ao Cidadão; sendo já examinado de onde vem, para que fim vem, disto tudo deve ser informado. O Coronel, ordena que aquelle Commandante de Piqtete que deixe de cumprir esta ordem restrictamente, será punido rigorozamente. Campo Volante 25 de Septembro de 1843. **Joze Joaquim Rodriguez** = Cappitão empregado no detalhe.

RODRIGUES, José Maria
CV-7906 a CV-7907

CV-7906

Senhor **Simplicio Ferreira Porto**.

Rio Grande 27 de Dezembro de 1836.

Pelo **José Crioulo** escrevi a Vossa Merce ultimamente, confirmando o que então disse, repito-lhe a minha necessidade e desejos de se não demorarem as tropas de gado, de que o tenho incumbido, na certeza de que quanto mais prompto isto se fizer, mais vantagem terei. Se Vossa Merce tiver proporções de ter bastante gado, pode dirigir hûa tropa para o **Pavão** a entregar a **Antônio da Silva Carvalho**, pois como tenho pressa dos effeitos, hé preciso fazer-se esta divisão. Eu espero que Vossa Merce não se poupará á isto, e empregando os dinheiros que tem em seu poder, deve contar com os mais, que tenho promptos, como lhe tenho dicto, e que hão de ir no Hiate.

Estimarei também que Vossa Merce ultime a entrega das mil rezes de criar nos termos, que indiquei, dizendo ao comprador que talvez eu lhe possa ceder mais quinhentas do outro lado d’aqui a algû tempo.

Será bom ir-se ahi arranjano mais sabão, manteiga, xarqui e outras cousas, a fim de virem na primeira occasião, e com isso ir-se-hão aqui poupando muitas despesas: não esqueção vellas.

Escuso repetir a Vossa Merce a muita necessidade de sua assistencia aos meus interesses, convencendo-se de que, fazendo eu sempre justiça á sua fiel amisade, hei de proporcionar-lhe comodidade á sua velhice.

Nós nos recomendamos a minha estimavel Prima, aos mais do costume e a Vossa Merce, de quem sou constantemente

Amigo muito affectuozo

[a] **José Maria Rodrigues**

[Anotado no Verso]
Senhor **Simplicio Ferreira Porto**, ausente Senhora dona **Joaquina Pereira de Campos**.
Chasqueiro.

CV-7907
Meu presado Primo e velho amigo.
Rio Grande 28 de Mayo de 1842.
Hontem pelas 4 da tarde tive o praser da sua comonicação de 24 d'este, e lisonjeado com a grata esperança de apertar-lhe hû abraço, tenciono d'aqui partir depois d'amanhãa, e do **Paraíso** hei de dirigir-lhe novas letras para indicar-lhe o ponto da nossa precisa entre-vista.
Reservo para então o que tenho a diser-lhe sobre o que nos convem, e folgando antecipadamente com o praser de derramar em seu seio as effusões de nossa antiga amisade, aproveito o motivo para enviar-lhe saudades de minha familia, e dos nossos amigos.
Adeus: continue a amar-me, e a saber que eu o amo.
Seu primo e cordial Amigo
[a] **José Maria Rodrigues**

[Anotado no verso]
Illustrissimo Senhor **Domingos José d'Almeida**.
Onde esteja.
[Anotado da margem superior]
Respondida a 22 de Junho

RODRIGUES, Manuel Jorge
CV-7908 a CV-7932

CV-7908
Copia.
Illmo. e Exmo. Sr. = Vou responder ao officio que sob o N.º 20 me dirigio V. Exa. cobrindo outros dos Commandantes da 2ª Brigada de Infantaria, e do 6º Batalhão de Caçadores informando o Requerimento de **Manoel Antonio**, Soldado d'este Batalhão, que pede dimissão por ter completado o tempo de serviço que a Ley marca. =
Com quanto porem a Ley tenha estabelecido prazo, findo o qual deve despedir-se do Serviço a Praça que o completar, he com tudo da maior evidencia que, tendo as Leys, e todas as instituiçoens por unico objecto a conservação, a

segurança, e o bem estar da Sociedade, sempre que a immediata execução d'alguma vá ferir hum d'estes princípios, he dever de toda a Authoridade espaçar seu cumprimento, muito principalmente quando se trata de hua força a frente do inimigo. – Ora na situação em que estamos, cercados do inimigo, se não superior, ao menos igual em forças, seria comprometter a Causa Nacional, dimittir em presença d'elle huma concideravel porção de Soldados veteranos. A Constituição do Império, Ley a que são subordinadas todas as mais, impoem a todo o Brasileiro a obrigação de pegar em Armas para deffender a Independencia, e a Integridade do Imperio dos seus inimigos externos, ou internos. – Ameaçada pois a mesma integridade nesta Provincia nem-hum Brasileiro está izento de servir activamente, e por todo o tempo quando durar o perigo.

Posto este principio inquestionavel segue-se que a Ley fixando hum prazo para o serviço, não teve, nem podia ter por fim destruir hum artigo da Constituição, reconhecido essencial por todos os Povos, ainda Selvagens, e sem affiançar em tempo ordinario hum periodo rasoavel de serviço que não fosse encommodo, e tanto mais se conhece ser este o espirito da Ley, que outra tem concedido a gratificação de meio soldo, para a'quelles, que tendo concluido o seu tempo de serviço, se engajarem por outros quatro annos. – He verdade que esta Ley estabelece este engajamento como Voluntario, o que he mais hûa prova de que ella só se reffere a [1v] tempos ordinarios, pois de outra forma seria aniquilar o artigo da Constituição a que acima me reffiro, tornando inutil a maior parte da população para a deffeza do Pais, e nesta Provincia então, bem poucos Cidadãos ficarião ao serviço, por que a completar estão quatro annos, que houve a sedicção de 20 de Septembro de 1835, e desde então voluntariamente pegárão em armas para deffender a Constituição e o Throno e a totalidade dos Cidadãos. Todas estas concideraçoens, e outras muitas que omitto, patenteão que não he possivel na actualidade dár dimissão ás Praças que findão o tempo de serviço designado na Ley, dispensando-se assim Brasileiros, quando se procura engajar extrangeiros; e firmemente persuadido que trahiria meus deveres para com a Nação e Governo se ordenasse taes dimissoens, diminuindo as Forças Legaes, que me forão confiádas para deffender as Leys, e firmar a Integridade do Imperio, ao tempo em que os rebeldes, que querem segregar esta Provincia, reunem sem excepção todos os homens que podem pegar em armas, ou prestar outros serviços; tenho a declarar a V. Exa., que se deverá abonar a gratificação de novo engajamento a toda as Praças dos Corpos de 1ª Linha, que de ora em diante forem completando os tempos de serviço designados na Ley, sem que por isto se deva concluir, que ellas ficão engajadas por outro igual prazo; por quanto logo que cessem as actuaes extraordinarias circunstancias, se darão baixa a aquellas que assim o dezejarem: tornando a repetir, que conforme a Constituição, na conjuntura em que nos achamos, todos são obrigados a servir sem limite de tempo. – O que V. Exa. fará constar aos Commandantes dos Corpos de Linha da Divizão do seu Commando para assim o executarem, isto he fazerem abonar a gratificação do novo

engajamento ás Praças que completarem os tempos de Serviço, visto que não he possivel despedil-as; e estou certo que esta medida, baseada n'aquelle artigo da Constituição merecerá geral approvação, pois nem hum Brasileiro [2] haverá tão destituido de Patriotismo, que possa desconhecer quanto he conforme, e conveniente ao bem geral; e tanto V. Exa., como ditos Commandantes, e todos os Officiaes me prestarão todo o apoyo, usando de sua influencia a bem de fazer sentir a necessidade que ha de que taes Praças sirvão por mais algum tempo. –

Desta minha deliberação passo a dar parte aos Exmos. Senhores Ministro da Guerra, e Prezidente da Provincia = Deos Guarde a V. Exa. = Quartel General no **Rio Grande** 3 de Agosto de 1839 = **Manoel Jorge Rodriguez** = Illmo. e Exmo. Sr. **Antonio Corrêa Seara**.

Está Conforme
[a] **Casimiro Jozé da Camara e Sá**
Major Empregado na Repartição do Ajudante General

CV-7909[48]

Rio Grande.

Quartel General no **Rio Grande** 14 de Agosto de 1832.

Ordem do Dia.

O General Commandante em Chefe, bem persuadido de que todo o Exercito partilhará o mesmo prazer, que elle sente, sabendo os feitos de seos camaradas que estão de guarnição em **Porto Alegre**, não demora um instante em lhos fazer constar pela prezente Ordem.

As 10 horas da noite de 23 de Julho proximo passado por ordem de S. Exa. o Sr. Prezidente, sahio da Cidade o Sr. Brigadeiro **Felipe Nery de Oliveira** commandando uma Columna composta dos batalhões de caçadores ns. 3, e 11, companhia de Voluntarios Alemães, e 60 cavalleiros dos esquadrões Ligeiro, e do 5º Corpo de Guardas Nacionaes, e cahindo sobre a força do anarchista **Carvalho**, aprizionou-lhe 3 homens, ficarão mortos no campo 10, e ignorando-se o numero de feridos, tomarão-se-lhe 72 cavallos, estando alguns arreados, sem que tivessemos a minima perda. O Sr. Brigadeiro faz os devidos elogios a esta Tropa, e particulariza, que tendo os Caçadores 10 horas de continuada marcha, um só não ficou atrazado.[49]

[48] No original o texto do documento CV-7909 está em duas colunas. Optamos pelo formato do texto contínuo para facilitar a publicação. Parte desta Ordem do Dia estava danificada, por isso usamos a cópia constante no códice Ordens do dia – Comando em Chefe do Exército em Operações na Província do Rio Grande do Sul – AHRS – Autoridades Militares, M-1. [N. do E.]

[49] Na margem deste documento consta um acréscimo: "*outro tanto faria eu em [trecho rasgado] retirada com medo do inimigo, apezar de ter 63 annos } do escrivão deste*". [N. do E.]

Em 3 do corrente mez de Agosto tendo sahido da cidade a Furragear[50] o referido Sr. Brigadeiro **Felippe Nery** com 40 praças do Esquadrão Ligeiro, commandado pelo seu commandante o Sr. Major **Joze Joaquim de Andrade Neves**, e 276 praças do batalhão de caçadores n. 11, commandado pelo sr. major **Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto**, foi atacada esta força por huma outra rebelde, que foi calculada de 1.300 a 1.500 homens das 3 armas com 2 peças de calibre 3, tentando cercar a nossa, que se achava além do **arroio da Azenha**; mas foi inutil sua tentativa, porque aquelle diminuto numero de tropa, não se atemorizando [1v] com a multidão do inimigo, conservou a união, firmeza, e o maior sangue frio digno de se imitar.

O Sr. Brigadeiro faz especial menção ao Sr. Capitão **Antonio Joaquim Bacellar**, do Batalhão 11, que com a sua companhia apoiando-se na caza do Consul Americano, obstou que os esquadrões inimigos, que querião senhorear-se da ponte, podessem conseguilo, fazendo-lhes sofrer terrivel mortandade, e ferimentos, retirando-se depois na melhor ordem com o apoio do Capitão **Resin**. Também particulariza a conducta do Sr. Major **Francisco Felix**, Commandante do batalhão 11 pelo seu valor, agilidade e firmeza com que conduzio o seu batalhão; e o Sr. Major **Joze Joaquim**, com a parte do seu esquadrão, portou-se como costuma[51] e tão bem menciona o Sr. Brigadeiro a bella conducta do seu Ajudante de Campo o Sr. Alferes de Guardas Nacionaes **João Luiz Gomez da Silva**, que levou as suas Ordens á differentes pontos debaixo do maior fogo.

O General deve tambem mencionar a promptidão com que a guarnição pegou nas armas, e com que sahirão em socorro o 2º batalhão de caçadores de linha, e 2º batalhão provizorio de guardas nacionaes, que carregando os rebeldes pela **varzea**, e potreiro do **Leão**, deo lugar a que as baterias da cidade tivessem tambem nesta acção fazendo bastante destroço ao inimigo.

No meio da embriaguez do regozijo que sente o General por esta Victoria obtida pelas armas da legalidade, e bella disciplina que mostrarão as tropas, não pode deixar de ter grande sentimento por haverem sido feridos gravemente o Sr. Brigadeiro **Felippe Nery de Oliveira**, (que apezar disso commandou a acção até o fim, e por se achar privado [2] dos seus serviços por alguns dias) e 1 soldado do batalhão 11, e levemente os Srs. alferes **Sezinando Antonio de Oliveira** e **Pordencio Maximo de Oliveira Carneiro** 10 soldados do mesmo batalhão e 1 do esquadrão ligeiro, e porque perdemos 3 Soldados mortos, e 2 aprizionados pelo inimigo, tambem estes do sobredito batalhão, que se recolheo á seu Quartel acolhido pelos vivas de uma grande população, que toda havia testemunhado o feito de tão bravos soldados.

---

[50] Forragear: "Cortar, ceifar forragens"; Forragem: "Toda a qualidade de erva e palha que serve para sustento do gado". GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume 11, 1960: 668/669. [N. do E.]

[51] Aqui também consta um acréscimo à margem: "Aqui falou a verdade *} do escrivão*". [N. do E.]

O General se congratula com os seus camaradas pela exemplar conducta com que se houverão nesta occazião, e o maior elogio que pode fazer-lhes, é patentear seus feitos, e pede ao Sr. Brigadeiro **Felippe Nery** receba os seus mais expressivos agradecimentos, e os transmita a todos os srs. Officiaes, Officiaes Inferiores, e soldados, que operarão sob suas ordens naquellas occaziões, e lhes assegure que já forão enviadas á prezença do Regente em nome do Imperador as partes de suas brilhantes acções.

Tão bem pede o General ao Sr. Marechal de Campo **Thomaz Jozé da Silva**, commandante da Guarnição da Capital manifeste a toda ella o muito que ficou satisfeito pela sua promptidão, e ambição de terem parte na gloria do dia.

Ao tempo que o General exprime seus agradecimentos por tão heroico feito, cumpre-lhe pela mesma occazião notar que tão assignalada vantagem hé devida a disciplina e instrucção Militar qualidades sem as quaes ainda que doptados fossem do valor mais indomavel não poderia tão diminuta força deixar de ser rôta e succumbir ao pezo de um inimigo tão superior em numero, como atrevido ao ponto de se expor ao fogo das baterias do Entrincheiramento. Devendo-se pois á disciplina a sustentação de ataque tão superior, e boa ordem com que gloriozamente se retirou a nossa pequena força, não pode o General [2v] deixar de chamar a attenção de todos os Militares do Exercito sobre este exemplo, e recomenda aos Srs. Commandantes e Senhores Officiaes de todas as Armas o mais continuo exercicio possivel combinando o serviço diario e a estação para adestrarem os soldados, segundo determinão os Regulamentos devendo a mais limitada guarnição fazer exercício ao quarto da guarda sendo prezenciado pelo repectivo Commandante, do Corpo ou Major.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**.

Agora seguesse huma grande analize ao Exmo. **Bento Manoel** que devia sofrer tudo e nunca deixar de servir a legalidade, e não o poupão, e embaixo copiado do officio em que se participa retirado do serviço da republica.

N.º 205. Sabbado 17 de Agosto de 1839.

O Mercantil do Rio Grande.

Unica folha que tenho podido merecer para ler a mais de 5 mezes que aqui estou, que tão rezervadas as tem elles, que antes as devião espalhar, para eu e outros entrarmos no conhecimento do que deviamos seguir, porém a muita mentira he que os priva deste obrar.

CV-7910

[Impresso]

O General Commandante em Chefe aos Riograndenses e ao Exercito!

ILLUDIDOS Rio Grandenses, que ainda vos achaes nas fileiras da desorganização, não tendes bem patente vossa illusão? Que disserão esses homens,

causadores das desgraças que soffre a Provincia, no celebre manifesto de 25 de Setembro de 1835? Que o pegar em arma snão teria outro objecto, e nem se propunhão outro fim, que restaurar o imperio da lei, sustentando o Throno do Nosso Jovem Monarcha. E he isso que tem praticado, proclamando logo a republica? Aonde estão esses bens que prometterão? Serão as victimas que tem immolado, o sangue que tem derramado, as lagrimas que tem feito verter ás viúvas, aos orphãos, e aos carinhosos pais? Será o reduzir famílias abastadas á mendicidade? Quereis augmentar os males da Patria? Sois homens ou féras? Ah! Não permaneçaes por mis tempo perjuros: lembrai-vos que há um DEOS, em cujo Nome promettestes defender a Constituição, e o Throno do Nosso Augusto Imperador. Correi, verdadeiramente arrependidos, a aproveitar-vos da amnistia ampla, que o Governo Imperial vos concede: não tardeis: Elle assim como he paternal para perdoar, tambem o he para castigar os que abusam de sua benignidade.

Rio Grandenses em geral, e em particular os que pareceis indifferentes a tantas desgraças, despertai do vosso culpavel lethargo, vinde formar uma massa compacta com vossos irmãos, e destroçaremos de uma vez os obstinados, que não reconhecem seos erros criminosos, e recusão aproveitar-se da indulgencia, que tão generosamente lhes faculta o Governo Imperial. Abandonai esses homens, que tem o coração de bronze, aonde os males da humanidadem e a razão emanada da Divindade jámais penetrão, e para quem os juramentos prestados, as leis, a vida, e os direitos sociaes não passão de chimeras; esses homens ingratos, a quem os predecessores do Nosso Monarcha elevarão ás dignidades, e derão consideração.

Rio Grandenses! Um só se não recuse a reunir-se ao Exercito da Legalidade, e serão confundidos os causadores de todos os nossos infortunios. Restituiremos a paz á Província, e com ella tornará a florecer o commercio; os estabelecimentos tomarão seo antigo andamento, e tornar-se-hão a cubrir os campos de gado. Sera precizo citar exemplos para vos animar a preencher deveres, que vos impõe vossos juramentos? Recorrerei á historia? Não he preciso; pois tendes diante dos olhos coetaneos exemplos. Imitai esses modelos de honra, de patriotismo, e de religião os fieis [rasgado] juramentos], os **Albanos**, os **Gomes**, os **Ferre**, os **Mazarredos**, e tantos outros que nesta lucta hão derramado [rasgado] sangue pela honra e gloria nacional: e a esses que há quatro annos pugnão pela Lei: aos que estando afastados dos conflitos e paizes estrangeiros correrão como bons irmãos a engrossar nossas fileiras para partilharem a gloria de tranqüilizar este bello territorio. Uni vos pressurozos ao Exercito da Legalidade, eu vo lo repito, e nelle acharei nossos irmãos de todas as Provincias do Imperio, que não duvidão expor suas vidas pela gloria nacional [1v] e bem da Patria, e um Cabo veterano, que confiando na nossa honra, e em que um dia vos recordaríeis que sois Rio Grandenses, e como taes membros da Grande Familia Brasileira, se encarregou de vos dirigir no caminho de vossos deveres do qual vos extraviastes. Eia: não se dilate mais tempo a restituição da

ordem. Saiba o **Brasil** e o mundo que ainda os Rio Grandenses são os mesmos, que tantas provas tem dado de valor, amor ao Monarcha, e á lei; e iremos descançar tranquillos e ufanos de haver desempenhado nossas obrigações.

Fies Camaradas! O vosso General [...] que não he precizo fazer-vos [...] e he só para cumprir seo dever que vos recommenda a mais exacta disciplina, a qual não consiste só no valor, na exactidão das manobras, e na firmeza, mas tambem, e essencialmente no cumprimento de todas as ordens. Respeitai as propriedades, sejão de quem forem.As espozas, os filhos, os velhos culpa não tem do que fazem os maridos, pais, ou inexperientes mancebos. Cumpri as leis que defendemos: não imitemos os malvados; a lei e o ferro os punirão, se não se aproveitarem do perdão, com que os agracia o Governo. Dos nossos compatriotas illudidos os que vierem a nós recebeio os como irmãos com cordialidade. Sejamos tão beneficentes, quão valorosos e fieis. Esquecei-vos de tudo logo que reverterem ao gremio Brasileiro. Imitai a conducta dos vossos superiores: elles não podem duvidar do bom acolhimento que todos fareis aos nossos irmãos, que se nos reunirem, á vista do que já se tem praticado com os muitos que já entre nós existem. O homem nunca he mais generosos, grande, e digno de consideração do que quando perdoa offenças, e esquece injurias recebidas.

Homens de côr, que estaes entre os rebeldes servindo de instrumento aos seos malvados projectos, O Governo Imperial de vós se não esqueceo, sabendo que fostes constrangidos por esses homens, que vos armarão....... Abandonai-vos; e vinde apresentar-vos ao Exercito da Legalidade, sereis perdoados e libertos: aproveitai-vos. Quartel General no **Rio Grande** dois de dezembro de 1839.

Manoel Jorge Rodrigues

Na **Typographia do Mercantil**, Praça de **São Pedro d'Alcantara**.

1839.

CV-7911

Illmo. e Exmo. Sr.

Interessa-me muito ser informado de todas as noticias, que dérem os Bombeiros.

Desconfia-se de que os Rebeldes collóquem alguma força sobre os **Morretes**, ou caza de **Serafim**; convém portanto, que as Canôas, ou Hiates, que venhão para este destino, venhão prevenidas, afim de terem toda a cautella, e não sofrerem algum prejuizo.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General na Margem direita do **Cahy** 7 de Março de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. **Thomaz Jose da Silva**.
Marechal de Campo, Commandante da Guarnição da Capital.

P. D. = V. Exa. fará a graça de mandár o incluzo officio para o Correio.
[Anotado no verso]
Respondido a 8 de Março.

CV-7912

Illmo. e Exmo. Sr.

Accuzo a recepção do officio de V. Exa. de 8 do corrente, que acompanha a relação das noticias, e Carta de S. Exa. o Sr. Prezidente; parece impossivel que não tenhão noticias de **Joaquim Pedro**, estando do lado direito do **Jacuhy**.

Tenho mandádo subir o Major **Simas**, e Companhia Alemáa para o **Faxinal**, a tomar o **Passo do Parecy**, que dá vão; e não sei como elles não tem dirigido-se para ali.

Derão-me huma noticia de que **Netto** se tinha movido com 300 homens antes de hontem; pode ser noticia correta, confundindo-a com o primeiro movimento; como aquelle passo não deve estar abandonádo, seja ou não certo, este novo movimento, estamos mais seguros; aquelle pásso he legoa e meia ácima do **Monte Negro**, pouco mais ou menos.

He certo que em 27 do passado **Joaquim Pedro Soares**, avizava a **Thomaz José Pereira**, que se colocásse em hum lugar vantajoso entre o **Cahy**, e o **Passo Fundo**, porque **Crescencio** avizáva, que a Divizão de **São Gonçallo** se preparáva a passar o Rio, e que dizia mais, que os Batalhões vinhão embarcados a desembarcár na **Barra de Camaquám**, e que entraria em nossos cálculos priválo de fazer juncção com as forças sitiantes; consta da Carta tomada ao **Thomáz**. Continûe V. Exa. a dizer o que souber; Admira ter parádo a deserção, penso será porque terão tomado [1v] mais precauções.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General a Margem direita do **Rio Cahy** 10 de Março de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. Marechal
Thomaz Jose da Silva.

CV-7913

Illmo. e Exmo. Sr.

Logo que ahi chegue o 1º Batalhão de Caçadores de Linha; V. Exa. entregará ao Tenente Coronel **Rosado**, commandante d'elle a Ordem junta que vai a sello volante para a V. Exa. inteirar-se, assim como a que he derigida ao Tenente Coronel **Nepomoceno**.

Como o dito Batalhão vai para **Taquary** a render a força do 5º que ali se acha, e o Vapôr talvez não poderá lá chegar, V. Exa. ordenará aquelle Tenente Coronel que avance ate onde poder chegar a Barca, e quando não possa esta passar

além das charqueadas por cauza do baixo que ali há; para seguir, faça passar a gente toda para os Hyates, e se encontrar alguns Lanchões de Guerra poderá requizita-los para levar alguma gente, devendo neste cazo despedi-los immediatamente que chegar, afim de que seja pouca a demora, e não se faça sensivel a falta que fizerem nas rondas em que estão empregados; e se esta medida for impracticavel deverá o Batalhão dezembarcar, e marchar por terra para o destino marcado, e para este fim lhe dará V. Exa. trez homens ao menos, vaqueanos do terreno para o guiar até aquelle ponto, sendo em todo o cazo preferivel a viagem por agoa por menos incomoda

Pelo officio que vai para o Tenente Coronel **Nepomoceno** conhecerá V. Exa. que os Hyates que conduzem o 1º Batalhão devem ir a **Taquary** para receberem a força do 5º que ali se acha, a qual nelles tem de transportar-se até este ponto; e nesta conformidade dará V. Exa. as suas Ordens afim de que assim se efectue, ainda quando o 1º Batalhão tenha de dezembarcar, e fazer parte da viagem por terra.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General na Estancia das **Palmas** na margem direita do **Rio Cahy** 23 de Março de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. **Thomas José da Silva**.

P. S.
O officio para o Tenente Coronel **Francisco Pedro** deve ser entregue ao Tenente Coronel **Rosado**.

CV-7914

Illmo. e Exmo. Sr.

Receby o officio de V. Exa. de datta de hontem, que acompanha as noticias que dão os Bombeiros; se podesse-mos adquirir entre os rebeldes hum amigo fiel, e com bastante intelligencia para nos informar da força dos Corpos com exactidão, e que estivésse ao facto de seus Planos, éra couza maravilhóza; mas penso impossivel de alcançár.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General na E**stancia das Palmas**, 31 de Março de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. **Thomas José da Silva**.
Marechal de Campo, Commandante da Guarnição da Capital.

CV-7915

Illmo. e Exmo. Sr.

Receby o seu officio de 25 do corrente, vindo já em marcha sobre os rebeldes. Vejo as noticias que V. Exa. me dá; combinão com o que geralmente dizem na parte de ficár **Coelho**; seja qual for o motivo, soppoem-se que foi para

milhor apparentar que esperávão para receber o ataque; elles espálhão agora, que ficou para transportar a Artilharia pelas **Pédras Brancas**, e já pelo **Cahy** fica. Penso que hoje não terá difficuldáde o Major **Ourives**, de armár a sua gente, e de combinação com o Major **Rodrigo** (ainda que este está longe) batterem essa força com protecção de alguma Infanteria dessa Guarnição; V. Exa. o communicará a S. Exa. o Sr. Presidente, que julgo approvár: Finalmente **Ourives** deve inquietál-os emquanto não pode fazer a combinação com **Rodrigo**. Suppoem-se que a gente que ficou de Cavallaria he da **Capella**, nen'huma resistencia fará.

V. Exa. chamará a gente de Infanteria, que se tem apprezentádo aos dittos dois Majores; afim de ser instruida, addida ao 2º Batalhão Provizorio de Guardas Nacionaes, e me remetterá relação nominál declarando os corpos a que pertencérão para lhes detterminár os corpos aonde devem servir, afim de serem fornecidos de Armamento, e Fardamento, podendo V. Exa. mandál-os Armár, e fardar, que depois [1v] se faz carga ao Corpo para onde forem.

Vão as inclusas para os Commandantes do **Rio Grande**, e **São José do Norte** sobre algumas providencias, a respeito daquellas Povoações.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General no **Passo Fundo** do **Arroio de Santa Cruz**, 28 de Abril de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. **Thomaz José da Silva**.
Marechal Commandante da Guarnição da Cidade de **Porto Alegre**.

CV-7916

Illmo. e Exmo. Sr.

Hontem recebi o officio de V. Exa. de 26 do passado, em cujo dia já me achava em marcha sobre os rebeldes. A respeito de **Coelho** em meu officio de 28 do passádo disse a V. Exa. que esperáva que fizésse o Major **Ourives**; tarde chegaria aquelle officio se V. Exa. antes de combinação com S. Exa. o Sr. Prezidente não tivesse tomádo aquelle arbítrio, e outros que seu zêlo lh'e inspirásse.

Ourives deixou a força confiada ao seu Commando sem licença de alguém, e segundo me diz **Cabeleira** estáva em inteiro abandono; elle **Cabelleira** tinha ja reunido 22 hómens dezertados dos rebeldes, e dos que estávão pelos montes; e que esperava **Ourives** para tomár o Commando, e retirar-se, mas parece-me que agora deve ser empregado junto a **Ourives**, se não ouver alguma couza particulár; porque aqui para tudo se encontra obstáculos: **Aránha** tambem se acha reunido a **Bento Gonçalves**.

Tive noticia que o General **Labatut** já tinha passado o **Rio das Antas**; já deve estar sobre a Serra.

Chegárão á **volta grande** o Alferes, e 18 Alemães que tinhão ficado no mato, pode ser não achem Embarcação para virem para cima, V. Exa. mandará ali

huma para os conduzir, e se [1v] elles tiverem perdido o Armamento, há milhor vão primeiro a **Porto Alegre**, e depois d'Armados recolhão.

Faça sciente de tudo a S. Exa. o Sr. Presidente, a quem escrevo sobre outros assumptos.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General no **Taquary** 2 de Maio de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. **Thomaz Jose da Silva**.
Marechal de Campo, Commandante da Guarnição da Cidade de **Porto Alegre**.

CV-7917

Illmo. e Exmo. Sr.

Recebiy o officio de V. Exa. de 6 de Maio corrente, em que me communica o haver **Coelho** marchado com 500 homens, Artilheria, Gado, etc. para o **Cahy**. Hum soldado do 1º Batalhão de Caçadores dos que ficárão prisioneiros diz, que logo os soltárão, e metterão no 4º Batalhão, que com outro, e 200 de Cavallaria foi ao **Cahy** buscár a Artilheria; que esta já tinha passádo no **Monte negro**, d'onde elle fugio vindo dár a **Ponta-raza**; e que a Artilheria vinha para diante, e a gente de **Coelho** voltava para tráz; pode ser para proteger as carretas, gado, etc., e que depois siga: V. Exa. instruindo-se de tudo me avizará, e mesmo da deserção, que por acaso possa ter tal gente. V. Exa. pedirá hum Mappa exacto da gente de **Ourives**, que me remetterá, o que deve ser todos os 15 dias; e outro do **Rodrigo**: e sobre os homens, que tem de Infanteria, já disse a V. Exa. o que deve fazer com elles; e hoje dévem ser logo remettidos ao Exercito, já armádos, e fardados; vindo huma relação da distribuição, para fazer carga aos corpos para ônde forem: V. Exa. passará revista á gente de **Ourives**, para ver se, em hum golpe de vista, combina com o Mappa; o mesmo fará a **Rodrigo**, para não se dár a entender, que se desconfia d'aquelle; e com a sua apprezentação se conhecerá se elle tinha a gente que dizia.

Não passando **Coelho** com a gente, cumpre batêl-o [1v] sendo possivel; tendo passádo **Ourives** e **Rodrigo** deve vir unir-se ao Exercito, vindo passár o **Jacuhy** em **Santo Amáro**, bater todas as partidas que haja no outro ládo do **Jacuhy**, e dipois unir-se.

De tudo que disponho, V. Exa. participará a S. Exa. o Sr. Presidente, e cumprirá o que se conhecer, em vista das circunstancias, hé melhor.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General na Margem direita do **Taquary** na **Fazenda de Monte Alegre** 10 de Maio de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. **Thomáz José da Silva**.
Marechal de Campo, Commandante da Guarnição da Capital.

CV-7918

Illmo. e Exmo. Sr.

O Alferes **João Francisco**, do Esquadrão Ligeiro, deve apprezentar a V. Exa. hum rebélde, que foi preso pelo mesmo Esquadrão, de nome **José**.

Não se esqueça V. Exa. de me remetter a relação nominál dos feridos que forão para essa Cidade, inclúzos os sette que morrerão na viagem, para combinár com as Partes dos Corpos; porque alguns passárão feridos a esta banda sém conhecimento dos Commandantes; os mais que tivérem morrido tambem virá nottado o dia do Obito; e outra relação dos nomes dos prisioneiros feridos, por que também os conduzirão sem se lhes tirár os nomes.

Hoje tornão a avizár, que **Netto**, e **Coelho** marchão na direcção do **Cahy**, dizendo vão tomár a Cidade; já se não contentão com a atacar; segundo penso; esta manobra tem por fim ver se nós nos movêmos, e lhes deixamos os bóns passos francos; ou verem se podem ao mesmo tempo tentar alguma couza sobre **Ourives**, do que previno a V. Exa., que instruirá a S. Exa. o Sr. Presidente, deste movimento.

Remetto o officio incluzo para S. Exa. o Sr. Presidente [1v] de **Santa Catharina**, que no cazo de não haver Embarcação já a partir para o **Rio Grande**, V. Exa. lh'o dirigirá por terra, por pessoa segura a quem pague.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General na **Fazenda de Monte Alegre** na margem direita do **rio Taquary** 14 de Maio de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. **Thomáz Jose da Silva**.
Marechal de Campo, Commandante da Guarnição da Capital.

CV-7919

Illmo. Exmo. Sr.

De meu dever, Participar a V. Exa. dos movimentos que ora ocorre neste Ponto; a pocos dias deçi de **Sima da Serra** ali Bati huma partida ficando 11 Prezioneiros Alguns mortos outros deixarão os Cavallos arreados; ali deixei huma força de Poliçia para manter o soçego e Façilitar, a correspondencia Com o General **Labat**, a quem Officiei daquelle mesmo Districto: no dia 4 deste Eu e **Ourives** marchamos sobre **Palmares** a Cortarmos os **Mostardeiros** o que teve efeito athe aqui não Paçarão e se acham reunidos 100 e tantos Com muita Cavalhada; a divizam Commandada pello o Coronel **Fernandes** soponho Está a dormir; he o quanto tenho a levar ao Conheçimento de V. Exa. a quem Deos Guarde 14 de Maio de 1840.

Na Freguezia da **Serra**.

Illmo. Exmo. Sr. Marexal Commandante da Guarnição.

CV-7920

Illmo. e Exmo. Sr.

Recebi o Officio hontem de V. Exa. de 12 do corrente com as noticias que derão os quatro passados: antes de hontem ainda **David Canavarro** estava por **Santa Cruz**, **Bento Gonçalves** tinha já partido para o **Cahy**, e dizia-se **Neto** tinha marchado com a Infantaria para a **Serra**, mas não dizião em que direcção, isto dizem os nossos Bombeiros: Hontem á noite me mandou dizer o Chefe que partia para o **Triumpho** por que tinha tido avizo de se incaminhar para alli Infantaria e Artilheria, o que não concorda; e o Tenente Coronel **Francisco Pedro** que estava presente diz que lhe parece impossivel. De tudo V. Exa. fará presente a S. Exa. o Sr. Presidente –

He natural que o apresentado d'Artilheria o tenho mandado para o seu Corpo, e os tres de Caçadores devem vir para o Exercito na primeira occasião, e já lhe destino o 5º Batalhão, que perdeu mais gente; devem vir com armamento, e fardados.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General da Fazenda de **Monte Alegre** na margem direita do **Rio Taquary** 19 de Mayo de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. Marechal de Campo **Thomaz José da Silva**.

CV-7921

Illmo. e Exmo. Sr.

Recebi o Officio de V. Exa. de 19 do corrente que traz o depoimento do passádo **João Antonio da Silveira**, que combina pouco mais ou menos com as mais noticias; o Corneta que esteve em Combáte ás ordens de **Marcelino** diz o mesmo; differe em dizer, que foi o terceiro Batalhão em que tinhão mais confiança: sobre a passagem das Forças para o outro lado do **Cahy**, concorda hum Sargento, que alli mandei, diz que o ultimo foi **Canavarro**.

Emquanto ao mais de que V. Exa. me informa, como digo em outro Officio desta mesma data, não supponho elles premeditem seriamente tal ataque; e mais depois de tão bôa lição, mas devesse estar prevenido, e observando elles que ha descuido, isto os pode induzir a fazelo. V. Exa. deve empregár no serviço da Artilheria o Corpo de Artilheria a Cavállo, afim de que todos os de Artilheria a pé defendão como Infantes o Parapeito. Todos os dias que estivérem bons devem ser aproveitados em exercicio das differentes Armas: na páz se exercitão os Corpos veterános, mais necessitão em nossas circumstancias, e com soldádos novos o exercicio. Fico sciente do mais que V. Exa. me diz, e emquanto [1v] aos juizos que forma, parecem-me muito a proposito.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General da Fazenda de **Monte Alegre** na margem direita do **Rio Taquary** 25 de Mayo de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. Marechal de Campo **Thomáz José da Silva**.

CV-7922

Illmo. e Exmo. Sr.

Hoje recebi o Officio de V. Exa. de 19 do corrente, sendo verdade o que V. Exa. diz de que os feridos forão para o Hospital sem nota alguma, e por esse mesmo motivo he que eu pedi a relação, porque sendo curádos huns de hum ládo, outros do outro do Rio, e alguns a bordo das Embarcações de Guerra, e partindo logo para a Cidade, os Commandantes dos Corpos não podião saber ao certo o numero de feridos, como sucedeu, darem extraviádos alguns que forão feridos para ahi: tambem pedi o nome dos 7 que morrerão na viágem, o que só se pode saber interrogando os outros feridos.

Achando-se formádo o Deposito recommendo que nelle haja toda a ordem e disciplina, que deve haver em hum Corpo, respeito ao asseio dos Soldados, e do Quartel, no rancho, tendo huma Guarda dos mesmos convalecentes; e como se falle que os rebeldes querem fazer huma tentativa sobre a Cidáde, athe segunda ordem V. Exa, hirá demorándo ahi os convalecentes, remettendo o Major todos os Domingos hum Mappa para o Quartel General, que mostre as praças que tem o Deposito, e os Corpos a que pertencem, devendo estar perfeitamente armadas, e municiádas de Cartuxos: Os Corpos que ahi tivérem depositos dévem ser elles armados [1v] tendo para os mais de requisitar ao Trem, fazendo carga aos Corpos para cujas praças se recebe, isto respeito aos que forão feridos, e estejão já promptos, por que em quanto aos mais devem estar armádos, mas deve-se ver, se suas armas estão boas, etc: aqui tem V. Exa. no cazo de ataque huma piquena reserva, sem que isto dispense o auxilio dos Cidadãos que em simelhantes cazos tanto se necessita, ainda que esteja pelas convérsas que ouvio o passado, de querérem sahir para o Campo, e por isso não possa daqui dispensár Força.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General da Fazenda de **Monte Alegre** na margem direita do **Rio Taquary** 25 de Mayo de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. Marechal de Campo **Thomaz José da Silva**.

[Anotado na margem inferior]

Respondido em 2 de Junho de 1840.

CV-7923

Illmo. e Exmo. Sr.

Accuso a recepção do Officio de V. Exa. de 2 do corrente mez com o depoimento dos apresentados e das providencias dadas para obstar a tentativa dos rebeldes sobre o embarque para este lado da Lagoa.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General na Fazenda de **Monte Alegre** na margem direita do **Rio Taquary** 9 de Junho de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. Marechal de Campo **Thomaz José da Silva**.

CV-7924

Illmo. e Exmo. Sr.

Hoje recebi o Officio de V. Exa. de 9 do corrente em que me communica a última direção que levou **Guaribal** com os lanchoens, o que indica seguirem para **Capivary**, por que segundo me informão não são barcos que tentem lançar no **Tramandahy** para sahirem ao már.

Apróvo o V. Exa. não deixar essa Guarnição sem Tropa para tentar qualquer empreza, ainda que muito util. Convem ao bem do serviço que V. Exa. faça, que o Sr. Chefe, seja entregue logo do Officio incluzo, para fazer seguir ao seu destino os que encerra; e ali vão as ordens para o 2º Batalhão vir logo para essa Guarnição, á proporção que for chegando, deixando 120 Inferiores, e Soldados em **São Jozé do Norte**; tão bem virá o Destacamento do Provizorio de Linha, que ali ficou. Estou que quando efectuem a marcha para o **Norte**, he para nôs enfraquecer, e talvez ver se podem passar no **Estreito da Barra**, onde passárão os Cavallos da Divizão de Voluntarios Reais, e por isso tenho mandado demorar a marcha do Coronel **Silva Tavares**. He bem natural que tentem sahir para a Campanha, e quando não possão conseguir dão-nos trabalho, e tornão-se mais importantes, e tão bem he inegavel que se tivessemos mais dous mil homens, tínhamos que lhe dár que fazer, já não digo seis mil como dice ao Sr. **Sebastião do Rego Barros**.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General na Fazenda do **Pereira** 12 de Junho de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. **Thomaz José da Silva**.

P. S. Segundo as ultimas noticias mando ficar toda a Divisão.

P. S. Vai a resposta ao Officio do General **Labatut**.

CV-7925

Illmo. e Exmo. Sr.

Recebi participação de Sua Exa. o Sr. Prezidente dactada de 25 do corrente, dos boatos que ahi corrião de **Canavarro** passar no **Triunfo** para com **Netto** attacar **Francisco Pedro**: estou persuadido que V. Exa. faria avizo ao ditto Tenente Coronel de taes boatos para se acautelar, assim como julgo custoza a empreza pelos Rios a passar, e pelas providencias de Sua Exa. o Sr. Chefe **Greenfell**, que quando ahi se não ache, cumpria tambem avizar, isto no cazo de Sua Exa. o Sr. Prezidente o não fazer, que tem muitos negocios a attender.

No cazo de continuarem os boatos, e de se observar movimento a este fim não tendo sido avisados, o ditto Sr. Chefe, e o Tenente Coronel, V. Exa. o fará.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General na Fazenda do **Pereira** 27 de Junho de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. **Thomaz Jozé da Silva**.

[Anotado no verso]
Respondido em 3 do mez de Julhoo do corrente anno.

CV-7926

Illmo. e Exmo. Sr.

Hontem pelas 7 horas da tarde recebi o Officio de V. Exa. de 27 de Junho precedente, em que me communica os movimentos dos rebeldes, e quaes se dizem são os motivos do mesmo movimento assim como havia tres dias que os rebeldes ainda tinhão gente sobre a Costa, com intento de passarem; a colocação do Tenente Coronel **Francisco Pedro**, e as cem Bayonetas que V. Exa. lhe mandou ao fim de apoialo: se fizer falta nessa Guarnição as referidas cem praças V. Exa. me avizará mandando logo hum Hyate a **Santo Amaro** para receber igual numero, officiando-me V. Exa. a esse fim, cujo officio o Commandante de **Santo Amaro** me remetterá para expedir-lhe a ordem devendo-me indicar o lugar onde devem desembarcar.

As noticias que tenho com bastante caracter de viridicas, he que **Demetrio**, e seu Irmão **Adriano** derão parte de doentes, e tomou o Commando da sua gente **Joaquim de Lima Prado**, que a gente he bastante inferior, e que os rebeldes reunindo [1v] toda a força da **Fronteira** tem 400 homens que fogem diante do Coronel **Loureiro**, que os correo athe ao **Passo do Rozario**, tendo já deixado as tres Carretas que levavão com papeis, e outros utencis no **Inhatim**, que foi tudo bem queimado verificando-se por conseguinte o que disse **David José Barcellos**, com a differença de que os rebeldes não levavão Artilheria, tinhão só hum obuz e huma Peça desmontada em **São Gabriel**, e sobre o ficarem os 200 homens apazentando[52] tambem não há certeza. O Governo Rebelde sahio de **São Gabriel** no dia 13 de Junho de tarde debaixo de huma tempestade, e no dia 14 entrou alli o Coronel **Loureiro**, o que tudo V. Exa. communicará a S. Exa. o Sr. Presidente, por não demorar mais o Portador. Dezejo saber com antecipação os dias da partida dos Comboios, o que interessa ao bem do serviço.

Deos [2] Guarde a V. Exa. Quartel General na Fazenda de **Monte Alegre** na margem direita do **Rio Taquary** 4 de Julho de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. Marechal de Campo
Thomaz José da Silva.

CV-7927

Illmo. e Exmo. Sr.

Nas noticias que dei hoje a V. Exa. houve engano; mais bém informádo pelo Tenente **Brandão**, os rebeldes levávão duas peças, e no dia 12 hé que sahirão

[52] Talvez Apascentar: "Levar ao pasto. Fazer pastar. Criar no pasto. [...] Entreter, deleitar, recrear [...]". GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume 2, 1960: 933. [N. do E.]

de **São Gabriel** de tarde; no dia 13 de manhã entrou o Coronel **Lourero**, e porque tivesse feito huma marcha forçada, e os Cavallos estivéssem máos, sahio sobre os rebeldes no dia 14. No mesmo dia 12 de manhã, he que tinha chegádo a **São Gabriel**, a gente de **Demetrio**.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General na Fazenda de **Monte Alegre** na margem direita do **Rio Taquary** 4 de Julho de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. **Thomáz José da Silva**.
Marechal de Campo Commandante da Guarnição de **Porto Alegre**.

[Anotado no verso]
Respondido em 8 de Julho.

CV-7928

Illmo. e Exmo. Sr.

Hoje as duas e tres quartos da tarde recebi os dous Officios de V. Exa. de 3, e 4 do corrente: tendo sido há dias expedidas as ordens ao Capitão **Cruz** para que logo que fosse real a aproximação da Força ao **Cahy** fizesse immediátamente avizo ao Tenente Coronel **Francisco Pedro**, para poder vir destruilos na passagem; a V. Exa., e a Embarcação de Guerra, que estivésse no **Jacuhy**, e ao Quartel General. Como V. Exa. me diz em seu Officio de 27 do passado, que o resto da Força, que se movêo para passar com **Neto**, ainda estava no mesmo citio, o que indicava tenções de passár, mandei deter pelo **Salgado** o dito Tenente Coronel **Francisco Pedro**. Porém se V. Exa. obsérva, que elle alli já não será precizo, mesmo por estar para alli quaze toda a Força Maritima, V. Exa. lhe poderá ordenár da minha parte, para que venha occupar a margem do **Jacuhy**, mesmo sendo possivel, ficando algum pequeno Piquete com a Infantaria. **Neto** passou na **Encruzilhada** com hum só hómem, onde está **Silveirinha** com 50 a 70 homens, que o Coronel **Medeiros** tinha mandado bater [1v] segundo o avizo de 3 do corrente.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General na Fazenda de **Monte Alegre** na margem direita do **Rio Taquary** 11 de Julho de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. e Marechal de Campo **Thomaz Jose da Silva**.

CV-7929

Illmo. e Exmo. Sr.

O procedimento do Major **Simas**, previ eu logo, que pedindo-me oito dias de licença para hir tomar huns remedios á Cidade, de que muito precizáva; e arranjár sua familia; passados dois dias desertárão 19 homens da sua gente, segundo o methodo do Major **Ourives**; que fez desertar perto de 100 do corpo, que estava

unido a Divizão de Cavalaria, de que fiz participante a S. Exa. o Sr. Prezidente; tendo assim respondido ao officio de V. Exa. de 9 do corrente.

Hontem recebi o officio de V. Exa. de 11 do corrente, em que me communica os movimentos dos rebeldes, e estou seguro de que V. Exa. está acauteládo; tambem sube pelo Tenente Coronel **Marques**, terem já chegádo a cem Baionetas, que estavão no **Salgado**, e já communiquei a V. Exa. as ordens que tinha dádo ao Capitão **Crúz**, que está do outro ládo.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General na Fazenda de **Monte Alegre** margem direita de **Taquary** 13 de Julho de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. **Thomaz Jose da Silva**.
Marechal de Campo Commandante da Guarnição de **Porto Alegre**.

CV-7930

Illmo. e Exmo. Sr.

Hontem receby dois officios de V. Exa., hum de 9 do corrente, que trata da impossibilidade do Tenente Coronel **Francisco Pedro**, receber os meus Officios: elle me dizia em datta de 3 do corrente, que se demoráva a batter humas Partidas, e dipois recolhia ao **Salgado**; por tanto supponho, que deverá ter chegádo, ou com brevidade chegará. O de 12 trata da chegada das cem baionetas, que estavão no **Salgado**, e d'apprezentação de **Serafim Gularte**, e que confirma as noticias anteriores dos rebeldes estarem em movimento. V. Exa. há de ter prevenido o Major **Ourives**, para que faça todos os avizos possiveis, dos movimentos, que fação para aquelles ládos; Assim como ao Major **Simas**, visto que por sua virtude se foi encantonár.

Passaárão o **Cahy Roberto Henriques Marques da Rocha**, e **Antonio Pedro** com vinte homens; e reunindo-se a **Antonio da Silveira**, com quarenta homens no dia 7 do corrente, passando o **Capivára**, attacarão em sua fazenda o Juiz de Páz de **Taquary**, **Francisco Mathias de Souza e Ávilla**, que com oito homens que tinha se Entrincheirou, e repelio os rebeldes; e foi ferido mortalmente **Juca Costa**, que depois morrêo, companheiro de **Nazário**; e se retirárão levando alguns feridos; não havendo de nossa parte feridos: Dias antes tinhão roubádo da Fazenda de **Augusto dos Reys** cessenta arrobas de Erva, e outros objéctos, que levárão para as forças do Centro, como elles lhe chámão; e que tudo me communica o ditto Juiz de Páz, em datta de oito.

Avizando o mesmo Juiz de Páz, o Major **Tamarindo**, e pedindo-lhe soccorro, e partindo os Alferes **Beack** e **Antonio Francisco**, passando com grande custo o **Taquary**; e podendo este vencer todos os obstáculos das grandes sangas inúndadas, chegou áquelle citio, tendo-se já retirado os rebeldes, deixando morto **Juca Costa**, e levando outros mortalmente feridos; e á 11 repassou ao Rio. Da passágem daquelles dois individuos [1v] com vinte homens o **Cahy**, corrêo aqui a

noticia, de que havião passado quatro centos: Do que, tudo V. Exa. fará participante a S. Exa. o Sr. Prezidente.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General na Fazenda de **Monte Alegre** margem direita do **Taquary** 16 de Julho de 1840.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. **Thomás José da Silva**.
Marechal de Campo Commandante da Guarnição de **Porto Alegre**.

CV-7931

Illmo. e Exmo. Sr.

Em cumprimento do Avizo da Repartição da Guerra de 20 do corrente mez, foi desligado do 1º Batalhão d'Artilheria a pé, a que pertencia o 2º Cadete **Domiciano Diocleciano Dias Cardozo**, a fim de marchar para essa Provincia, e ahi servir no Batalhão que V. Exa. designar, e por isso passo as mãos de V. Exa. a guia do mesmo Cadete, que parte n'esta occazião.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel General da Corte 22 de Dezembro de 1842.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. e Exmo. Sr. Marechal de Campo.
Barão de Caxias.

CV-7932

Illmo. Sr.

Fico entregue do officio de V. Sa. de 27 de Abril ultimo, a que accompanhou a guia do Cadete do 2º Batalhão de Fuzileiros **José Pereira Teixeira** que fez passagem para o 4º da mesma denominação; a qual guia opportunamente será dado o competente destino.

Deos Guarde a V. Sa. Quartel General da Côrte 30 de Maio de 1844.

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**

Illmo. Sr. Marechal de Campo.
Thomaz José da Silva.
Commandante da Guarnição de **Porto Alegre**.

RODRIGUES, Manuel José
CV-7933

CV-7933

Cidadão General.

Desde que o Tenente Coronel **Carvalho** retirou-se para lá não tem avido novidade por esta parte e só aprezentouse hum da artilharia montada e pedio-me

para servir commigo por isso não remetti logo e sobre o movimento do inimigo dizem que só esperão o **Caxias** para marchar e que esta na picada com **Francisco Pedro** e **Juca Ourives**. Eu tenho estado dias inteiros na frente dos Piquetes da esquerda e hum só homem não vem reconheçer remetto o Cavallo mouro não foi a mais tempo por que não estava aqui. He de muita necicidade mandar-me 12 Cavallos para remonte das praças que aqui se achão na frente e as praças que o Tenente Coronel **Carvalho** liçenciou daqui do Destricto já se achão aqui com migo no servisso. [1v]

Deos vos Guarde por muitos annos como He mister a patria. **Durasnal**, 6 de Fevereiro de 1843.

Ao Cidadão General
João Antônio da Silveira

[a] **Manoel Jorge Rodrigues**
Commandante de Frente

[Anotado na margem superior]
Tenente **Rodrigues**.
6 de Fevereiro **Durasnal**
1 passado d'artilheria. **Caxias** na Picada.
Quer 12 cavallos. As praças licenciadas estão com elle.

CV-6318[53]

Cidadão General.

Junto achareis por Copia o officio do oficial que se acha na frente, que neste momento (que são 8 horas da noite) me veio as mãos, e a vista della, ficareis sciente que, se o inimigo já ensentou suas operações: é por conseguinte necessario que ativeis as reuniões do Tenente-Coronel **Carvalho** e que ordeneis ao Tenente-Coronel **Portinho** que passe o **Ibicuhy** por esta parte, e venha acampar pelas pontas do **Cassequi** immediações do **Thomaz**, se já esta por **São Vicente**, e não estar então lhe dareis a direcção conveniente para a juncção geral no **Rosario**. Lembro-vos igualmente que devereis mandar levantar todas as cavalhadas que houver, não deixando nas fazendas se não um cavallo para carnearem. Se eu puder fazer juncção com o Coronel **Amaral** a tempo, me dirigirei ao passo de **São Jeronimo** a sahir no **posto queimado**, e a não ser possivel, então efectuarei minha juncção convosco por **São Gabriel**.

[53] Os documentos CV-6318 e CV-6319 já foram publicados no volume 13 dos Anais do AHRS (páginas 99 e 100), mas como os organizadores da Coleção Varela introduziram uma cópia xerográfica dos mesmos junto ao CV-7933, optamos por repeti-los integralmente aqui, para facilitar a pesquisa. [N. do E.]

Ao Tenente **Sezefredo** mandareis reunir quanto antes a força vossa, por já se tornar desnecessario no ponto em que occupa. Ao Coronel **Marcelino** devereis ordenar-lhe que esteja ja, em estado de mover-se com a divisão a seu mando no momento em que se determine. Deus vos guarde.

Quartel [1v.] General nas pontas do **Salso** junto a Fazenda do **Manuel Alves** 3 de março de 1843.
Ao Cidadão General **João Antônio de Oliveira**
Chefe do Estado Maior.

[a] **Antônio Neto**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão General **João Antonio da Silveira**.
Chefe do Estado Maior.
Onde se achar.
Do General Comandante em Chefe do Exército.
[Anotado no verso, na margem direita]
Do **Neto** respondido a 7 de março de 1843.

CV-6319[54]

Copia. Cidadão General. Participovos que no dia 28 marchou a vanguarda do inimigo commandada pello **Filipe Neri** e com elle **Moringue** e **José Joaquim** e dois Batalhoins os quais vierão tomar o passo de **Santa Bárbara**, e ontem marcharão ao passo de **São Sepé** em frente a casa do falecido **Martins** e athe a tarde ainda se conservavão acampados segundo a parte que me deram os bombeiros, e o Exercito marxou no dia 2 vinhão ao Passo Real de **Santa Barbara**. Dizem que **Jeronimo Jacinto** e **Mello** marcharão ao porto de **Santa Maria** para subirem por **São Martinho**. **Bento Manuel** vem com **Caxias** porem não commanda nada, **Moringue**, **Silva** e **Loureiro** ainda não converçarão com elle nem o xapeo lhe tirão, e quando o Exercito vai em marcha que elle passa por hum dos flancos he uma voz geral na tropa ahy vai o traidor ahy vai o traidor, elle com estas e outras constame que está bastante arrependido. Na **Caxoeira** não ficou ninguem, em **Rio Pardo** ficou o **Vitor** com sincoenta homens e hum Batalhão. Deus vos guarde. Campo em **São Rafael** 3 de março de 1843. Cidadão General **David Canabarro**. **Manuel Rodrigues**. Capitão comandante da frente.

[54] O documento CV-6319 está anexo ao CV-6318. [N. do E.]

RODRIGUES, Zeferino Vieira
CV-7934

CV-7934
Illmo. Sr. Coronel **Oliverio Jozé Ortis**.
Barra 16 de Junho de 1837.

Amigo e Senhor, a quem muito prezo. Tenho em vista a sua de 21 do passado com a remessa da tropa, com a qual fui bastante infeliz por que alem da perda de 120 e tantos bois, a despeza monta a 500$ reis. O Sr. **Lopo** foi para a **Bahia**, porem qualquer determinação que se sirva fazer será comprida, porque a tropa hé para embarcação do mesmo e sobre este assunto deve ficar seguro. A outra tropa que V. Sa. me ofereceu, para esta safra não há lugar, porem querendo preferir-me no mez de Novembro, ou antes hé favor, e deve V. Sa. avisar-me, se quer lá o dinheiro ou a quem devo entregar por sua/conta para eu contar com isso, e não dar mais voltas, e a V. Sa. me dirigir. Abri a Carta que vinha com direção a mim, e logo que se possa hir ao porto cuidarei no que nella me incumbe: **Antônio Luiz** talvez já hoje não izista, porque há tempos esta mal, e fora da Cidade porem acho que seo Irmão **Israel** dará providencias e se arranjará este negocio mas assim eu mais asado, e não será mao que V. Sa. a vista disto me mande dizer, se em ultimo caso quer a negra e crias, porque **Antonio Luis**, estou que hoje não ixiste, e elle morto tudo muda de figura. [1v]

Há quarenta, e tantos dias que de **Porto Alegre** nada se sabe por que dali cortarão a communicação para aqui, e outras partes; porém com certesa tomou conta da Prezidencia, **Felicianno Nunes Pires**, e consta mais que em **Porto Alegre** já não estão contentes com elle, porque (poderá enganar) elle hé boa pessoa: tão bem dizem que se tem comonicado com o **Neto**, o que aqui sabemos hé que depois que elle xegou não tem avido mais tiros, e que ate então erão frequentes, disse-me ontem hum moço que de lá veio isto hé de fora da Cidade que a Coluna de **Neto** estava a marxar para fora, porem que parou, e que tratão de convensoens, o que Deos premita: Hé meo amigo o que por aqui sabemos, e que tem aparências de verdade porque eu penso que este negocio não se deve arranjar a ferro e fogo, como querem os Legais de Sangue, mas sim esquecer huns e outros, ofensas e tratar-mos do bem da nossa Patria. **Araujo Ribeiro** queixou-se ao governo pela deportação que lhe fez **Antero**, e recusou voltar para a Provincia: eu acho que fez segunda vez mal, a 1ª foi entregar a Prezidencia a 2ª foi não voltar por que estou que milhor que outro organizaria isto milhor. Aqui fico como sempre as suas ordens como quem hé

De V. Sa.
Patrício e amigo muito obrigado e Criado
[a] **Zeferino Vieira Rodrigues**

[Anotado no verso]
Illmo. Sr. Coronel **Oliverio Jozé Ortiz**.
Sua Fazenda.
[Anotado na margem superior]
De **Zeferino Vieira** com data de 16 de Junho de 1837.
Respondida a 4 de Agosto do mesmo anno. No Copiador a Copia =

RODRIGUES FILHO, Baltazar José
CV-7935 a CV-7936

CV-7935
Illmo. Sr.

Dou parte a V. Sa. que apezar do fervor que me anima pelo serviço publico, e disvelo com que me emprego em promover o bem estar dos moradores pacificos e honrados desta Freguezia, já mais posso, nem poderei obstar a torrente de males que se aproximão na desenvoltura de malfeitores, que vendo marchar a força Nacional, começão a prodozir os tiranos efeitos da sua depravada conduta com atrevimento mofador[55], e o mais he não ter forma de os conter com meia duzia de velhos extropeados, e mais pretinhos que de nada servem, e quaze sempre insultados na mesma guarda, alem dos ataques, e arrombamentos com que principião a prejudicar, correr e aterrar as Familias o que não posso remediar mediante o que levo dito sem cometer huma conhecida temeridade, e maior perigo da minha pessoa.

Em cujos termos he do meu dever levar ao conhecimento de V. Sa. esta partecipação rogando-lhe de acordo com as Familias mais veziveis do lugar se digne tomar em concideração o exposto consedendo a guarnição deste Destacamento mais seis, ou oito Praças Commandadas por pessoa de conceito afim de restabelecer a sigurança publica.

Deos vos Guarde a V. Sa. por muitos annos. Freguesia do **Boqueirão**, 21 de Abril de 1836.
Illmo. Sr. **Domingos Jozé de Almeida**.
Coronel Commandante das Guardas Nacionais desta Comarca.

[a] **Balthazar Jorge Rodrigues Filho**
Encarregado da Poliçia desta Freguesia.

[55] Mofador: "Que mofa, que escarnece, que troça [...] zombaria". GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume 17, 1960: 505. [N. do E.]

[Anotado no verso]
Illmo. Sr. **Domingos Jozé de Almeida**.
Coronel de Legião das Guardas Nacionais desta Comarca.
São Francisco de Paula.
Do Encarregado da Policia da Freguezia do **Boqueirão**.

CV-7936

Illmo. Sr.

Em obecervancia da Ordem de V. Sa., e da orgente necicidade de reforsso a bem da defeza da nossa Cara Patria, tanto eu como o Tennente e Alferes egualmente emcaregado desta importante diligencia, sem perda de tempo passamo a Promover o milhor exito possivel, e na occazião da remessa darei parte do rezultado a V. Sa. que não ignora ser este Destrito pobre de jente, e alguas Pessoas que restão tem andado empregadas em abater a furia destruidora dos malditos Coilombeiros que agora com atrivimento Nunca visto parecem que imtento devorar tudo athe mesmo arrazar esta Povoação como já o tem amiassado e com facilidade o farão vendonos infelizmente assolados Sendo certo que tudo sabem e sem receio girão pela **Costa da Serra** atacando aos Moradores tanto de Noite, como de Dia, o que acabão de fazer a **Felipe Soares** não só roubado como dezatendido, a viuva do Falecido **Jose Duarte**, ao Fazendeiro **Julio Centena** onde matarão ao desgarssado **Vasco Soares** e immediatamente a imvestirão Fazenda do **Salso** tendo-a imvadido toda a Noite arrombando-lhe o Portam, e com descarga e gritarias continuadas quebrando-lhe as vidraças e janellas, e mesmo Thellado ficando Baliada hua Mulata da Casa, e tudo na maior consternação temendo inda mesmo a luz do dia / que dizão elles / esperavão para acabar tudo, e levar as Molheres, o que não socedeo pelo socorro do vizinho **João Pereira** que chegou inda antes do amanhecer, e desta forma estamos no cazo de ser victimas da imoralidade e fereza de tal malfeitores, que em números de mais de 40 entendem que não ha quem possa rezistirlhes, o que [1v] o que he muito Provavel. Se ficarmos sem esta Pequena defeza, procedimento que V. Sa. como os mais Senhores Supriores não levarião a bem nem eu me atrevo a praticalo a vista do clamor geral em que se achão as Familhas. Deos Guarde a V. Sa. muitos annos. Freguezia, 22 de Julho de 1836.
Illmo. Sr. **Domingos Joze de Almeida**.
Coronel Chefe de Ligião desta Comarca.

N. B.
Ficando V. Sa. na serteza de que no dia vinte quatro ou vinte cinco realizasse a reonião e marchará a esse ponto a obercervar a ordem de V. Sa.

[a] **Balthazar Joze Rodrigues Filho**
Ccommandante da Pollicia.

RODRIGUES FILHO, Bernardo José
CV-7937 a CV-7997

CV-7937

Recebi do Illmo. Sr. Comiçario **Bernardo Joze Rodrigues** por ordem do Exmo. Sr. General em Cheffe, o seguinte

Quatro Covados de gazimira	 4
Treis Varas de manaplam	 3
Seis varas de brim para [palavra ilegivel].	 6
Dez Covados de xita	 10
Huma meiada de linhas	 1
Duas Oitavas de retros	 2
Vinte e cuatro marcas de fumo	 24

Villa da **Crus alta** 29 de Janeiro de 1841.
[a] **Antônio Rodriguez Pontes**
Capitão adido ao 1º Corpo de Lanceiros

Reis 26$480 –

CV-7938

Receby de **Bernardo Joze Rodriguez** por ordem do Exmo. General em Cheffe, Cuatro Varas de Algodão e 9 Covados de Riscado para Camiza.

São Gabriel 7 de março de 1841.
[a] **Manoel Marques**

CV-7939

2º Corpo de Cavallaria de 1ª Linha
Percizase para as Praças do Sobredicto Corpo =
O seguinte

Facas de Cabo preto	“	Seis	. . . .” 6
Facas Framengas	“	Quarenta	. . . .” 40
Lombilhos	“	Vinte, e cinco	. . . .” 25
Caronas	“	Vinte, e cinco	. . . .” 25
Pares de Estrivos	“	Vinte, e cinco	. . . .” 25
Chergas	“	Vinte, e cinco	. . . .” 25
Argollas para Chincha	“	Cem	. . . .”100
Freios	“	Oitto	. . . .” 8

Acampamento junto á Villa de **São Gabriel** 22 de Março de 1841.
[a] **Fermiano Alves dos Santos**
Tenente Coronel Commandante do Sobredito Corpo

[Anotado na margem inferior]
Receby do Cidadão **Bernardo Joze Rodrigues**, Quartel Mestre General, trinta e duas Argollas de Chincha, e o mais que Constante do pedido acima, a excessão de Lombilhos, Caronas, e Chergas, e por haver Recebido passei o Prezente por mim assignado.
São Gabriel 26 de Março de 1841.

[a] **Fermiano Alves dos Santos**
Tenente Coronel Commandante do Sobredito Corpo

[Anotado na margem superior]
[a] **Bento Gonçalves da Silva**.

CV-7940

2º Corpo de Lanceiros de 1ª Linha

Preciza o Abaixo assignado para [trecho ilegível] em seus vencimentos = O seguinte:

6 Covados de panno para um Ponxe
7 Dittos de Baheta
2½ oitavas de Retroz Preto.
1 Chapeu.
3½ Covados de panno Azul para Calça e Farda e retroz para feitio das mesmas.
5 Varas de Olanda para Forro.
1 Abotuadura para Farda.
½ Covado de Panno Encarnado.
1 Outra Calça.
2 Camizas.
2 Serolas.

Acampamento junto a **São Gabriel** 27 de Março de 1841.

[a] **Bento Martim**
1º Tenente

[Anotado na margem inferior]
Receby o que consta do pedido, menos a calça. **São Gabriel** 28 de Março de 1841.

[a] **Bento Martim**
1º Tenente

Reis 66$090.

[Anotado na margem superior]
[a] **Bento Gonçalves da Silva**.

CV-7941

Percisa o abaixo para remir suas percizoens para ser descontado em seos vencimentos o seguinte:

Corte de ponxe com competente forro .... hum
Dito de farda, panno com ditto .... hum
Camizas .... quatro
Corte de Calças .... duas
Algodão para Seroulas .... cinco varas
Linhas e botoens competentes
Fumo para Vicio[56] .... quatro varas

São Gabriel 27 de Março de 1841.

[a] **Pedro Lorenzo Marques**
Capitão de 1º Linha

[Anotado na margem inferior]
Reis 41$600.
[Anotado na margem superior]
[a] **Bento Gonçalves da Silva**.

CV-7942

Exercito Republicano.

Percisa-se para quatro praças, de diferentes Corpos do Piquete do Coronel **Domingos Crecencio de Carvalho**. O seguinte:

Ponxes, ou Baetas para cobertas. Quatro – 4.
Dose covados de Baeta
Jaquetas Quatro – 8 covados – 4
Camisas Duas – 2
Pares de Ceroulas – 2
Linhas – 4 Novelos

Acampamento junto a **São Gabriel** 3 de Março de 1841.

[a] **Luiz Gomes de Araújo Quintella**
Tenente Empregado no Piquete

[Anotado na margem inferior]
O Sr. Deputado **Bernardo Jozé Rodrigues** satisfará o pedido acima, havendo os generos delle constantes no Deposito á seu cargo. Quartel General em **São Gabriel** 30 de Março de 1841.

[a] **Ulhôa Cintra**
1º Deputado do General Chefe do Estado Maior.

[Anotado na margem inferior]
Estou preenchido. [a] **Quintella**. Tenente.

[56] Vício: "Pop. Hábito que, sem ser propriamente vicioso ou depravado, é todavia supérfluo, desnecessário ou até dispendioso e nocivo para quem o contrai: 'Não admitia alusões ao vício tabagístico, que escondia com o maior cuidado", Alberto Rangel, Dom Pedro I, p. 289". GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume 35, 1960: 117. [N. do E.]

CV-7943

Perciza o abaixo assignado a conta de seus vencimentos.

O seguinte

Pano para farda e calças	- 21$600
5 Covados de Pano para ponxe	- 9$600
6 Ditos de Baeta para Forros	- 5$760
2 Cortes de Camizas	- 3$200
2 Ditos de Siroulas	- 0$960
2 Varas ½ de Brim	- 3$200
2 ½ Ditas dos ditos	- 3$200
Aviamento para tudo	- 3$200
	- 53$240

São Gabriel, 30 de Março de 1841.

[a] **Antônio Paes de Oliveira**

[Anotado na margem]
Recebi do Sr. Major **Bernardo** as fazendas acima.
[a] **Oliveira**.
[Anotado na margem superior]
[a] **Ulhoa Cintra**.
1º Deputado do General Chefe do Estado Maior.

CV-7944

Recebi do Sr. **Chavilier** por Ordem do Sr. **Bernardo Joze Rodrigues** Commissário Geral Vinte Covados de Chita para Camizas hum Carretel de linhas huma duzia de botões de madreperola tres Covados de Belbute duzia e meia de botões para Colete um Barbicacho meia oitava de retros.

São Gabriel, 30 de Março de 1841.

[a] **Antonio Pais de Oliveira**

[Anotado na margem superior]
Conferido.

[Anotado na margem inferior]

Chita	11$200
Linhas	$080
Botões de madrepérola	$160
Belbute	1$440
Botões para colete	$960
1 Barbicaxo	$800
Retrós	$120
	14$760

CV-7945

Illmo. e Exmo. Sr.

Diz **Luiz Antonio Pinto,** Guarda Nacional do Corpo de **Cima da Serra**, óra em serviço no 10 Corpo de Cavallaria de Guardas Nacionais por passage que obteu, que achando-se neste lugar com o pezo de sua Mulher e 2 Filhos de menor hidade no departamento de **Cima da Serra**, e vendo-se este e sua Mulher inteiramente nú sem ter forma pela qual possa remediar o clamor de sua Consorte vem em conseqencia disso submissamente representar a V. Exa., para que por um meio Philantropico o supra de alguns Artigos de Fazenda, afim possa por essa maneira saptisfazer parte d'estas necessidades e por cuja graça

Requer Justiça

São Gabriel, 1 de Abril de 1841.

[Anotado na margem inferior]
Illmo. Sr.
He verdade o que alega o Supplicante tendente a Nudes de sua Consorte.
São Gabriel, 1 de Abril de 1841.
[a] **Castilhos**
Commandante da 6ª Brigada.

[Anotado na margem superior]
O Sr. Deputado **Bernardo Joze Rodrigues** satisfaça ao Supplicante á conta de seus vencimentos a fazenda que for compativel com o estado da sua Repartição, para vestuario da Mulher, e filhos do Supplicante; passando elle o copatente recbo para ser descontado em seus vencimentos. Quartel General em **São Gabriel**, 1º de Abril de 1841.
[a] **Ulhoa Cintra**
1º Deputado do General Chefe do Estado Maior.

[Anotado no verso]
Receby do Sr. Tenente Coronel **Bernardo Joze Rodrigues** Comicario Geral do Exerçito huma peça de Algodãozinho de novelos de linhas e por ter recebido passei o prezente. **São Gabriel**, 2 de Abril de 1841.
[a] **Luiz Antonio Pinto**
Soldado do 10 Corpo de Guardas Nacionais

CV-7946

1º Corpo de Guardas Nacionais da 6ª Brigada

Preciza – – – O Seguinte.

Hum corte de calças de pano o que haver – – – – – 1
Meio covado de forro – e retrois – botoens – – – – – 1
Pano para hum Poncho Covados – – – – – 6
Baeta para o forro do dito. Duas oitavas de retrois

Dois cortes de Camizas – Dois novellos de linhas
Dois Cortes de Siroulas – Dois novellos de linha
Acampamento junto a **São Gabriel**, 1º de Abril de 1841.

[a] **Castilhos**
Comandante da 6ª Brigada
[a] **Candido Fellippe de Araujo**
2º Tenente

[a] **Antônio Jose Trajano**
Capitão Comandante Enterino

[Anotado na margem inferior]
O Sr. Deputado **Bernardo Jose Rodrigues** satisfará em panno encarnado grosso o forro para ponxo, visto não haver baeta. Quartel General em **São Gabriel** 1º de Abril de 1841.
[a] **Ulhôa Cintra**
1º Deputado do General.

[Anotado no verso]
Recebi do Illmo. Sr. **Bernardo Jose Rodrigues** Tenente Coronel Comissario Geral do Exercito os Generos Seguintes para ser descontados nos meus vencimentos seis covados de panno para hum ponxo Seis ditos de panno encarnado para forro, dois covados de panno ordinario para hua Calça, nove meia Varas de Algudão huma miada de linha preta, Quatro novelhos de linha e nove botões.
São Gabriel, 2 de Abril de 1841.
– 30$240

[a] **Cândido Felipe de Araujo**
2º Tenente

[Anotado na margem superior direita]
[a] **Ulhôa Cintra**
1º Deputado do General.

CV-7947

O Sr. Deputado **Bernardo Joze Rodrigues**, entregará ao Cidadão **Miguel Silveira Gonçalves Brabo**, Guarda Nacional addido á 6ª Brigada, fazendas para huma Camiza, uma calça, e uma Siroula. Quartel General em **São Gabriel** 3 de Abril de 1841.

[a] **Ulhôa Cintra**
1º Deputado

[Anotado na margem inferior]
Recebi as fazendas constantes deste pedido a saber dois Covados de pano azul ordinário, quatro e meia varas de Algodão e por ser verdade ter recebido faço a

prezente e assigno com crus por não saber escrever pedi [1v] ao Sr. Tenente **Luis Ignácio** que por mim assignace. **São Gabriel** 3 de Abril de 1841.

[a] **Miguel ┼ Silveira Gonçalves**

[Anotado no verso]
Recebi da mão do Sr. Tenente Coronel Comissario o pedido abaixo declarado por ser verdade passo o prezente que vai por mim assignado.
Hum Corte de Calça de panno Ordinario.
Huma Serola.

CV-7948

Recebi do Sr. **Bernardo Jose Rodrigues**, Comissario Geral, por Ordem do Sr. **Jose Pinheiro de Ulhoa Cintra**, 1º Deputado do General Chefe do Estado Maior hum lenço de seda preto para o pescoço por 1$000.

São Gabriel 4 de Abril de 1841.

[a] **Antonio Pais de Oliveira**

CV-7949

O Sr. Deputado **Bernardo Jose Rodrigues**, entregará ao portador desta **Francisco Alvez**, Cabo do 3º Batalhão de Caçadores seis covados de ganga azul para uma jaqueta, e duas varas, e meia de algodãozinho; servindo-se este documento para sua descarga, e para se fazer a carga no Batalhão, descontando-se no que tiver de receber. Quartel General em **São Gabriel** 3 de Abril de 1841.

[a] **Ulhôa Cintra**
1º Deputado do General Chefe do Estado Maior.

1 920
800
2 720

CV-7950

Sessenta e duas Camizas de Algodão
Recebi do Deputado o Sr. **Bernardo Jose Rodrigues** o seguinte:

Trintа Ponxes de Pano a 6 Covados em baeta – 30
Trezentas e 12 Varas e meia de Brim para Calça – 312
Oito Groza de Botoens de 4 furos

São Gabriel 6 de Abril de 1841.
[a] **Jerônimo Jose de Castilho**
Tenente Coronel

[Anotado na margem inferior]
Recebi meia arroba de Linhas, para as Camizas. **São Gabriel** 16 de Abril de 1841.

[a] **Felisberto Jose Lopes**
Tenente Coronel

[Anotado na margem superior]
[a] **Ulhoa Cintra**
1º Deputado do General

CV-7951

Precisa-se para cinco praças, 4 do 7º, e 1 do 10º Corpo de Guardas Nacionais – este ultimo seu Camarada – e todos seguem para a invernada.

Quatro ponxes	– 4
Dez Camizas	– 10
Dez Ciroulas	– 10
Dez Calças	– 10
Cinco Jaquetas	– 5

Campo no **Talaveira**, 9 de Abril de 1841
[a] **Thimotio da Silva Bueno**

[Anotado na margem inferior]
O Sr. 1º Deputado da Repartição do Quartel Mestre General satisfará o pedido do Tenente **Thimoteo da Silva Bueno**, e quando não hajão taes generos na Caza de Arrecadação ainda com sacraficio tomará as precizas providencias para compra dos negociantes da Freguesia de **São Gabriel**. Quartel General junto a **Jacinto Magro**. 9 Abril de 1841.

[a] **Ulhoa Cintra**

P. S. Deve contar com mais três praças com as mesmas peças a cada hum, sendo precizas dous ponxes para estes. *Era ut supra*.

[a] **Canabarro**

[Anotado na margem inferior]
Recebi do Sr. **Bernardo Jose Rodrigues** Major Commissario secenta e oito Covados de panno azul ordinario, meia libra de linhas cruas, vinte varas de brim, oitenta varas de algodão, trinta e dois novellos de linha, e duzentos e oito botões de quatro furos. **São Gabriel** 13 de Abril de 1841 —

[a] **Thimotio da Silva Bueno**

[Anotado na margem inferior]
Recebi mais hum panno para forro dos fardamentos.
[a] **Bueno**

CV-7952

Ao Sr. Commissario.

Veja se obtem alguâ baieta para dar forro para os Ponches de **Manoel Joaquim Raimundo** e **Jose Cezar Aureliano**, o 1º Sargento Ajudante do 3º Batalhão, e o 2º Sargento da 8ª Companhia do mesmo. Depois hirá a ordem, como para duas camizas huâ jaqueta e huâ calça a cada hum.

Seo amigo affectuoso.

[a] **Almeida**.

São Gabriel, 15 de Abril de 1841. 12$800.

[Anotado na margem inferior]

Recebemos da mão do Illmo. Sr. Tenente Coronel Comissario Geral, duas peças de Algodão Americano. Campo junto a **São Gabriel**, 15 de Abril de 1841 = [a] **Manoel Joaquim Raimundo** = Sargento Ajudante do 3º Batalhão **Jose Cezar Guerian** 2º Sargento do mesmo.

CV-7953

Nono Corpo de Guardas Nacionaes.

Perciza-se [trecho rasgado] aprezentados depois do [trecho rasgado] o seguinte –

14 – Pares de Calças – – – Quatorze
14 – Camizas – – – Idem

Campo 6 de Maio de 1841.

[a] **Carvalho**.
Coronel Comandante

[a] **Jeronimo Jose de Castilhos**
Tenente Coronel

[Anotado na margem inferior]

O Sr. Comissario **Bernardo Jose Rodrigues**, saptisfaça o pedido acima. Quartel General em **São Gabriel**, 6 de Maio de 1841. [a] **Bento Gonçalves da Silva**.

[Anotado na margem inferior]

Recebi Quatorze Covados de Panno ordinario, dezecete e meia varas de brim branco, quarenta [trecho rasgado] varas de Algodão, e treze novellos de linha. **São Gabriel**, 7 de Maio de 1841.

[a] **Felisberto Jose Lopes**
Tenente Coronel.

CV-7954

Illmo. Sr.

Sirva-ce V. Exma. de Orden do Sr. General Commandante em Cheffe do Exercito entregar ao portador vinte varas de linhagem, as quaes deverá lançar por

minha conta. Deos Guarde a V. Sa. Quartel General em **São Gabriel** 14 de Mayo de 1841 –
Importancia de 8$000.
Illmo. Sr. Major **Bernardo Jose Rodrigues**.
[a] **Seraphim Joaquim d'Alencastre**
1º Deputado do General Cheffe d'Estado Maior

[Anotado na margem inferior]
Recebi vinte varas de linho. **São Gabriel**, 14 de Maio de 1841.
[a] **Joaquim Maximo Lobato Filho**

[Anotado na margem inferior]
Bage 15 de Outubro de 1841.
3 Covados Pano verde fino.
26 Couros de Vaca.
2 Peças Algodão.
4 Covados Duraque[57] preto.
1 Peça Morim.

CV-7955

3º Batalhão de Caçadores.
Entreguei na **Estancia do Ribas** em 25 de Maio de 1841 para as praças do sobredito Batalhão o seguinte =

Cabo **José de Souza**.	
1 Calça	Þ
1 Camiza	Þ
Cabo **Antonio Barrozo**.	
1 Calça	Þ
1 Camiza	Þ
Cabo **Feliciano Jose Pereira**.	
1 Calça	Þ
1 Camiza	Þ
Cabo **Antonio Jose Pinheiro**.	
1 Calça	Þ
1 Camiza	Þ
Soldado **Lodogero de Mendonça**.	
1 Calça	Þ
1 Camiza	Þ

57 Duraque: "Tecido consistente e forte, que se usou principalmente em calçado feminino". GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume IX, 1960: 362. [N. do E.]

Soldado **Antonio Ramos**.	
1 Calça	Þ
1 Camiza	Þ
Soldado **Manoel Antonio**.	
1 Calça	Þ
1 Camiza	Þ
Soldado **Antonio de Brito**.	
1 Calça	Þ
1 Camiza	Þ

[a] **Bernardo Jose Rodrigues**.

CV-7956

Illmo. Sr.

V. Sa. dará ao Sr. Capitão **Joaquim Alves** um ponxe de pano, e uma farda e o mais para uma muda de roupa completa, e o mesmo a um camarada delle.

Deos Guarde a V. Sa. Quartel General junto a **São Lucas** 1 de Julho de 1841.

[a] **Bento Gonçalves da Silva**

Cidadão Major
Bernardo Jozé Rodrigues.

P. D.
O portador lhe dará as noticias que ha. [2v]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão Major **Bernardo Joze Rodrigues**.
Caverá.
Do General Prezidente e Commandante em Chefe do Exercito.

[Anotado no verso]
Recebi para meu suprimento cinco covados e meio de pano, seis e meio ditos de baeta, seis oitavas de retrós, duzia e meia de botoens amarelos, dois covados de pano azul fino, quatro covados e meio de olanda, quatro ditos de duraque, duas varas e meia de brim, quatro ditas de algudão, duas camizas feitas; e para meu camarada hum ponxe de pano forrado de baeta, sete covados de belbute quatro ditos de riscado pelo do diabo, cinco ditos de riscadinho, e quatro novelos de linhas, e quatro varas e meia de algudão. Quartel no **Coito**, 10 de Julho de 1841.

[a] **Joaquim Alves Junior**.

Panno	33$000
Baeta	5$280
Retrós	1$440
Botoes	1$920

Panno	12$000
Olanda	1$440
Duraque	6$400
Brim	4$000
Algodão	1$500
Camizas	4$480
	71$540

CV-7957

O Sr. Major Comissario **Bernardo Jozé Rodrigues** entregará ao portador desta dois cortes de ponxes, que um é para o Sr. Major **Domingos Corrêa**, e outro para o irmão deste; assim como duas mudas de roupa para 2 Camaradas destes. Quartel General junto ao **Passo de São Lucas**, 2 de Julho de 1841.

[a] **Bento Gonçalves da Silva**

[2v]
Serviço da Republica.
Ao Sr. Major **Bernardo Joze Rodrigues**.
Caverá.
Do General em Chefe.
[Anotado na margem inferior]
Recebi seis covados de pano azul fino, oito ditos de baeta, hum ponxe de pano forrado de baeta, quatorze covados de belbute, oito ditos pele do diabo, nove varas de algudão, dez covados de algudão, digo de riscadinho, quatro novelos de linha e quatro oitavas de retroz. Quartel no **Coito**, 10 de Julho de 1841.

Por **Domingos Corrêa**.
[a] **Joaquim Alves Junior**.

1 Ponxe de pano fino para o Major **Corrêa**. – 10$960.[58]

CV-7958

Recebeu o Capitão **Silverio Pedrozo de Moraes** nesta data não vindo o diabo o qual fica nesta repartição por se axar incluido com o recebimento de praças de Pret.

6 covados 1/3 de panno azul fino	a 6.400	40$533
7 covados de baeta	a 960	6$720
18 botoens amarelos		1$920
4 Covados de Olanda	320	1$280

[58] O valor do ponche está riscado, podendo ser 10$960 ou 40$960. [N. do E.]

4 ditos de duraque	1.280	5$120
2½ varas de brim	1.220	3$200
3/8 de retroz	240	$720
24 botoens furados	Þ	$240
2 camizas feitas	2.240	4$480
		64$213

Caverá, 12 de Julho de 1841.

CV-7959

[a] **Almeida**

Pedido que fáz o Cirurgião Mor **Joaquim José da Silva Junior**.

Hum par de Botins
Hum ditto de Sapatos
Hum Chapéo fino. a 5$760 reis

Agosto 14 de 1841.
[a] **Joaquim José da Silva Junior**

CV-7960

2º Corpo de Cavallaria de 1ª Linha.

Perciza-se para as Praças do Sobre ditto Corpo.

O Seguinte.

Freios Quatro 4
Estrivos Pares Quatro 4

Acampamento junto a Freguezia de **Bage**.
31 de Agosto de 1841.

[a] **Fermiano Alves dos Santos**
Tenente Coronel Commandante do dito Corpo.

[Anotado na margem superior]
Sem embargo de não vir a rubrica do Sr. Coronel Commandante da Divizão, como cumpria, o Sr. 1º Deputado do Quartel Mestre General satisfaça o Pedido abaixo. Secretaria do Interior e Fazenda encarregada do expediente da Guerra em **Bagé**, 31 de Agosto de 1841.

[a] **Almeida**.

[Anotado na margem inferior]
Recibi do Sr. Comiçario o que consta na relação acima e por ser verdade paço a prezente por mim feito e açignado.

[a] **Jozé Policarpio de Araujo**
1º Sargento.

CV-7961

Perciza-se para as Praças do 1º Esquadrão da primeira Brigada de Cavalaria de Guardas Nacionais.

O Seguinte.

16 Ponxes ou Baeta	– – – – – – –	Dezaseis
16 Camizas	– – – – – – –	Dezaseis
16 Pares de Sirolas	– – – – – – –	Dezaseis

Bage 9 de Septembro de 1841.

[a] **Mariano Gloria de Campos**

[Anotado na margem inferior]

O Cidadão 1º Deputado do Quartel Mestre General passe a comprar e a entregar os objectos constantes deste Pedido, si não no todo ao menos em parte, ainda que com algum sacrificio visto sahirem para serviço as Praças para quem se requisita taes objectos. Secretaria do Interior e Fazenda encarregada do expediente da Guerra em **Bagé**, 9 de Setembro de 1841.

[a] **Almeida**

CV-7962

1º Corpo de Cavallaria de Guarda Nacionaes 1º Esquadrão.

Necessita-se para o Major do mesmo Fazenda para hum par de Calças, e duas Camizas, duas Sirolas, e hum Collete e huma resma de Papel.

Bagé, 9 de Setembro de 1841.

[a] **Mariano Gloria de Campos**.

[Anotado na margem superior]

[a] **Almeida**.

[Anotado no verso]

Receby do Comissario **Bernardo Jose Rodriguez** seçenta he sete Covados de Riscado, quinze Covados de chita cuarenta e oito de Baeta vinte varas de Algodão, trinta Carreteis de linha, vinte cadernos de Papel. **Bagé**, 10 de Setembro de 1841.

Recebi para Meo Gasto 2 Covados de pano fino, 24 Covado de Olanda, 14 Covado de Seda, Huma Oitava de Retroz.

[a] **Mariano Gloria de Campos**.

Panno	14$000
Olanda	1$000
Seda	2$880
Retroz	$240
Total	18$120

CV-7963

2º Corpo de Cavallaria de Carabineiros de Linha.

Percizace para as praças do sobre ditto Corpo os Artigos de Fardamento = Siguintes:

Covados de Baeta == Quarenta, e Oitto – – – 48
Camizas = = = = = = = Seis – – – – – – – – – – 6

Acampamento junto a **Bagé**, 25 de Setembro de 1841.

[a] **Jacinto Antunes Pinto**.
Major Commandante do mesmo Corpo.

[Anotado na margem inferior]
Recebi do Illmo. Sr. Major Comiçario **Bernardo Joze Rodriguez** Artigos acima menos as Camizas o qual declaro ter Recebido quarenta e oito Covados de Baeta encarnada e por ser verdade passei o prezente por mim asignado. **Bagé**, 27 de Setembro de 1841.

[a] **Jacinto Antunes Pinto**.

CV-7964

Illmo. Sr.

Sirva-se V. S. de ordem do Sr. General em Cheffe do Exercito, dar ao portador que he o Sargento **Joaquim Ferreira de Freitas** hum corte de ponche de panno, e baeta correspondente.

Deos Guarde a V. Sa. Quartel General em **Bage** 30 de Julho de 1841.
Illmo. Sr. Major **Bernardo Joze Rodrigues Filho**.

3½ Covados de panno entrefino largo	a 5$760	20$160
6 Covados de baeta	a $960	5$760
		25$920

[a] **Seraphim Joaquim d'Alencastre**.
1º Deputado do General Cheffe do Estado Maior do Exercito.

[Anotado no verso]
Serviço da República.
Ao Cidadão Major.
Bernardo Joze Rodrigues Filho.
1º Deputado encarregado da Repartição do Quartel Mestre General.
S. E.
do 1º Deputado do General Cheffe
do Estado Maior do Exercito.

[Anotado na margem esquerda]
Para serem Lançados.

CV-7965

Illmo. e Exmo. Sr. General em Chefe.

Dis **Joze Antonio Ferreira** Tenente do Corpo de Guardas Nacionais de **Cima da Serra** que achando-se neste lugar sem meios com que possa suprir suas necessidades e enteramente em estado de nudez, sem ter prezentemente como se possa vestir, poriço requer a V. Exa. se digne por bem atender ao seu estado de nudez, e mandar dar-lhe alguás fazendas propias para remir suas necissidades; pois V. Exa. bem ao facto está que o supplicante não tem poupado nem poupa seus sacrifiçios em benefiçio da Patria.

Pede a V. Exa. seja servido assim defferir-lhe.

Espera Receber Mercê.

[1v]

13 Covados de Belbute	400	––––––––––	5$200
4 Covados de Castor	400	––––––––––	1$600
15 Covados de chita fina	320	––––––––––	4$800
1 2/3 Covado de panno fino preto	a 6.000	––––––––––	10$000
7 Covados baeta	a 1.120	––––––––––	7$840
6 Covado pano azul ordinario	a 2.560	––––––––––	15$360
1 par Colchete para poncho		––––––––––	1$000
2 pares de Meias de Lâm	800	––––––––––	1$600
4 Varas algudãozinho	a 240	––––––––––	$960
4 Covado Olanda preta	a 280	––––––––––	1$120
1 Covado Cazemira amarella		––––––––––	2$180
1 Lenço branco		––––––––––	1$400
1 Punhal Cabo Marfim		––––––––––	2$000
1 Meada retroz azul		––––––––––	$960
½ Oitava retroz amarella		––––––––––	$240
3 Meadas Linha preta	a 40	––––––––––	$120
5 Varas trancelim[59]	a 640	––––––––––	3$200
4 Novellos de Linha branca	a 200	––––––––––	$800
1 Bonet de pello		––––––––––	1$600
1 Barbicacho		––––––––––	1$000
			62$680

Recebi do Illmo. Major **Bernardo Jose Rodrigues Filho**, por ordem do Exmo. Sr. General em Chefe as fazendas acima mencionadas; e por não saber escrever pedi a **Silvano Jose Monteiro de Araujo e Paula**, que este por mim passasse e assignasse. **Bage**, 8 de Outubro de 1841.

[a] **Silvano Jose Monteiro de Araujo e Paula**

por

Jose Antonio dos Santos Ferreira

[2]

Jozé Antonio dos Santos Ferreira

---

59 Trancelim: "Trancinha; trança estreita para guarnições e bordados". GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume 32, 1960: 458. [N. do E.]

CV-7966

6º Batalhão

O Sr. **Bernardo Joze Rodrigues**, 1º Deputado do Quartel General, entregue ao Sr. Tenente **Jozé Antonio Fernandes** huma Espada. Quartel General em **Bagé**, 27 de Ouctubro de 1841.

[a] **Bento Gonçalves da Silva**

[Anotado na margem esquerda]
8$000

CV-7967
N. 48

O Sr. 1º Deputado **Bernardo José Rodrigues Filho**, Encarregado da Repartição do Quartel Mestre General entregará ao Cidadão **Miguel da Roxa Freitas Travassos** uma pessa de amorim fino, uma ditta ordinaria, dez covados de riscado, 6 pares de meias, quatro lenços de seda, dois pares de sapatos, e hua gravata; o que cumprirá.

Quartel General em **Bagé** 5 de Novembro de 1841.

– Do Sr. **Joaquim de Souza** –

[Anotado na margem inferior]

27$280 Recebi duas pessas de paninho, a 5$000 dez covados de riscado a 400 – 5 lenços de seda a 1.920 – e 4 retros de linha a 120. **Bagé**, 5 de Novembro de 1841.

[a] **Miguel da Rocha Freitas Travassos**

Recebi mais quatro pares de meias de linho a 480 e duas riscado a 640.

[a] **Freitas Travassos**

[Anotado no verso]
Miguel de Freitas Travassos

CV-7968

Corpo de Guardas Nacionais, do Municipio de **Cruz Alta**.

Perciza-se para ser descontados em seu vencimentos o seguinte:

Panno, e Baeta para um ponxe _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
Panno para uma Farda _
Dois pares d'Calças _
Quatro Camizas _
Quatro Seroulas _
Dois Coletes _

Hum Lenço para Gravata _
Tres Dittos para Algubeira _
Hum Chapeu _
Hum par d'Botins _
Hum Freio _

Campo junto a **Bagé** 8 de Novembro de 1841.

[a] **Sarafim Joaquim dos Santos**
2º Tenente do Corpo d'Guardas Nacionais

[Anotado na margem inferior]
Recebi do Sr. Deputado **Bernardo Joze Rodrigues** por ordem do Exmo. Sr. General 1 2/3 Covados de panno fino azul, 5 Varas de Brim pardo de Linho, 20 Covados de Chita, 8 Varas de algodão, 1 Par de Botins de Bezerro, 1 Freio campeiro, 1 Chapeo de **Braga**, 20 Novelos de Linhas, 1 oitava de Retros, **Bagé** 30 de Novembro 1841.

[a] **Serafim Joaquim dos Santos**

Botas	$240
Panno	10$000
Brim	6$400
Algodão	2$560
Chita	6$400
Botins	7$680
Freio	1$600
1 Chapeo	3$840
Linhas	$400
	39$120

CV-7969

Recebeu o Tenente **Gervasio de Souza Netto** para a força ao mando do Exmo. General **Netto** em 15 de Novembro de 1841 como consta do recibo existente nesta repartição, o que não vai por se axar incluido nelle armamento.

20 Pessas de Baeta com	1:156$	Þ
10 Ditos de Morim		Þ

[a] **Bernardo Joze Rodrigues**

CV-7970

N. 57.

O abaixo assignado preciza á conta de seos vencimentos o seguinte –

Fazendas para dois pares de Calças	2
Ditta para 4 Camizas	4
Idem para Seroulas	4
2 lenços	Dois
2 pares de tirantes	Dois
4 pares de meias	Quatro

Bagé 16 de Novembro de 1841.

Por **Manoel Mauricio de Vargas**
Guarda Nacional da 6ª Brigada.
[a] **Miguel da Rocha Freitas Travassos**.

[Anotado na margem superior]
O Sr. Major **Bernardo Joze Rodrigues Filho** de ordem de S. Exa. o Sr. General em Cheffe do Exercito saptisfassa o prezente Pedido. Quartel General em **Bagé** 16 de Novembro de 1841.

[a] **Serafim Joaquim d'Alencastre**
1º Deputado do General Chefe do Estado Maior.

[Anotado na margem inferior]

19.400 Recebi do Cidadão **Joaquim de Souza** Negociante desta Praça o seguinte = 10 Covados de riscado a 400 – 4.000 = 10 dittos de Chitta a 320 – 3.200 = 2 ½ varas de algodão trançado a 400 – 1.000 = [trecho rasgado] Varas de Algudãozinho 280 – 2.040 = 2 Pares de tirantes a 800 – 1.600 = 2 lenços de seda a 1.920 – 3.840 = 3 pares de meias de lam a 640 – 1.920 = 1 Par de meia de linho 400 = 6 Covados de Belbute 400. **Bagé** 16 de Novembro de 1841. –
2.400

Por **Manoel Mauricio de Vargas**.
[a] **Miguel da Rocha Freitas Travassos**

CV-7971
Corpo de Guarda Nacional de **Vacaria de Cima da Serra**.
Perciza-se para vestuario de 2 Guardas do mesmo.
Luiz Antônio, e **Theodorio da Roza**, o seguintes.

12 Covados de Baeta	Doze
1 Chapeo de **Braga**	Hum
2 Fardas de panno	Duas
4 Pares de Calças de qualquer fazendas	Quatro
4 Pares de Serolas	Quatro
4 Camizas	Quatro

2 Chapeos	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	Dois
Linhas e aviamentos	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	
2 Ponxes de panno	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	Dois
12 Covados de Belbute	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	Doze
5 Varas de algodão	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	Cinco
Armamento		
2 Espadas	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	Duas
2 Clavinas	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	Duas

Quartel em **Bagé**, 24 de Novembro de 1841.

[a] **Joaquim Mariano Aranha**

[Anotado na margem inferior]

Recebi do Sr. **Bernardo Joze Rodrigues**, 1º Deputado Quartel Mestre General por ordem do Exmo. Sr. General, o constante do pedido acima.

Bage 14 de Dezembro de 1841.

[a] **Joaquim Mariano Aranha**

CV-7972

9º Corpo de Cavallaria da 6ª Brigada de Guardas Nacionaes.

O abaixo assignado perciza para lhe ser descontado em seos vencimentos o siguinte:

Cinco Covados de pano para Ponche	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	5
Sete ditos de Baheta	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	7
Quatro Covados de pano para calça e farda	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	4
Fazenda para duas Camizas	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	2
Fazenda para duas Calças	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	2
Quatorze varas de Algudãozinho	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	14
Hum Chapeo	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	1
Aviamentos percizos para as ditas obras	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	
Hum par de Botins	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	1
Hum lenço de seda preto	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	1
Hum par de Suspençorios	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _	1

Baje, 24 de Novembro de 1841.

[a] **Joze Antonio Pinto**
Capitão

[Anotado na margem esquerda]

Pano	10$000
Belbute	6$240
Chita	3$200

Brim	3$200
Algodão	4$480
Chapeu	3$510
Botins	7$680
Retros	$720
Linhas	$320
	39$350

[anotado na margem inferior]

Recebi do Sr. **Bernardo Jose Rodrigues** Major Comiçario do Exercito o seguinte: Hum covado e duas terças de pano Azul fino, treze covados de Belbute, deis covados de xita, Duas varas e meia de brim emtrançado pardo, quatorze varas de Algudão americano, hum Chapeo de Oliado, digo, de **Braga**, hum par de Botins de Bezerro, tres oitavas de retros azul ferrete, Linhas 16 e Novellos. **Baje** 30 de Novembro de 1841.

[a] **Joze Antonio Pinto**
Capitão

CV-7973

De ordem do Sr. General em Cheffe, o Sr. Major **Bernardo Joze Rodrigues**, dará ao Sr. Tenente **Irino Francisco de Lima** hum Chapéo á conta de seos vencimentos. Quartel General em **Bage** 1º de Dezembro de 1841.

5$760.

[a] **Seraphim Joaquim d'Alencastro**.
Tenente Coronel 1º Deputado do General Cheffe do Estado Maior.

[Anotado na margem inferior direita]
Recebi 1 chapeo a Conta dos vencimentos.
[a] **Irino Francisco de Lima**
Tenente da Guarda Nacional

CV-7974

Recebi do Sr. Major **Bernardo Joze Rodrigues Filho**, por ordem de S. Exa. o Sr. General Prezidente para o Furriel **Manoel Malaquias Dorneles**, e o soldado **Girando Monteiro**, ambos do 2º Corpo de Clavineiros.

Bagé 2 de Dezembro 1841.

2 Chapeos d'**Braga**.

[a] **José Narciso Antunes Filho**
Tenente as Ordens.

CV-7975

Recebi do Sr. **Bernardo Joze Rodrigues**, a quantia de 6.000 reis em fazendas em virtude do despacho em minha petição do Exmo. Sr. Ministro da Fazenda com data de 29 de Novembro e por ter Recebido passo prezente. **Bagé** 2 de Dezembro de 1841.

[a] **João Antonio da Luz**

CV-7976

Illmo. Sr.

Determina S. Exa. o Sr. General em Cheffe que V. S. dê das Fazendas á seo cargo ao Capitão **Constante de Souza Pereira** duas pessas de morim, duas dittas de chita, duas ditas de algodão, hua ditta de riscadinho, quinze varas de brim, doze covados de belbute, dez dittos de baeta, hum par de botins, e hum corte de calças e farda de panno azul, e seis varas de meia lôna, o que tudo receberá, e passará o competente recibo, o Cidadão **Miguel da Rocha Freitas Travassos**, o que V. S. cumprirá.

Deus Guarde a V. S. Quartel General em **Bage** 3 de Dezembro 1841.
Illmo. Sr. Major **Bernardo Joze Rodrigues Filho**.

[a] **Seraphim Joaquim d'Alencastre**.
Tenente Coronel 1º Deputado do General Cheffe do Estado Maior do Exercito.

94$560

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Cidadão Major **Bernardo Joze Rodrigues Filho**.
Deputado Encarregado da Repartição do Quartel Mestre General.
S. G.
Do 1º Deputado do General Cheffe do Estado Maior do Exercito.

[Anotado na margem inferior]
Recebi do Sr. **Bernardo Joze Rodrigues Filho** o constante da ordem supra. **Bage** 11 de Dezembro de 1841.

[a] **Miguel da Rocha Freitas Travassos**

CV-7977

Corpo de Guardas Nacionais do Moniçipio da Villa da **Cruz Alta**.
Perciza para ser descontados em seus vencimentos:

Pano e baeta para hum ponche _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
Pano para hua farda _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _

Dois pares de Calças	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
Quatro camizas	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
Quatro pares de Sirolas	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
Hum chapéu	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
Hum par de Botins	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
16 Novellos de Linha	_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _

Campos junto a **Baje** 3 de Dezembro de 1841.

[a] **Lisbão Machado de Souza**
Segundo Tenente do Corpo de Guardas Nacionais do
Moniçipio da **Cruz Alta**.

[Anotado na margem superior esquerda]
[a] **Bento Gonçalves da Silva**

[Anotado no verso]

Recebi do Sr. **Bernardo Joze Rodrigues Filho**, 1º Deputado Quartel Mestre General 1 2/3 Covados de panno azul fino, 1 par de botins de Bezerro, 5 Varas de Brim trançado pardo de Linho, 5 Varas de Morim, 10 Covados de Chita, hum Chapeo de **Braga**, 8 Varas de algodão, 16 Novelos de Linha, 2 oitavas de Retros. **Bagé** 5 de Dezembro 1841.

Recebi mais 3 Covados de Baeta. [a] **Lisbam Maxado de Souza**

Pano	10$000
Botins	7$680
Brim	6$400
Morim	1$600
Chita	3$200
1 Chapeo	3$510
Algodão	1$920
Linhas	$160
Retroz	$480
	34$950
Baeta	3$960
	38$310

CV-7978

1ª Brigada.

Recebi do Sr. **Bernardo Joze Rodrigues Filho**, 1º Deputado Quartel Mestre General 1 ½ Covado de pano azul fino; 10 Covados de Chita, 7 Varas de algodão, 3 Varas de Brim trançado, 7 Covados de Belbute, 5 Covados de Baeta, 8 Novelos de Linhas, 1 oitava de Retros. **Bage** 5 de Dezembro 1841.

[a] **Luis Silveira dos Santos**

[Anotado na margem esquerda]
Por ordem do Exmo. Sr. General em Cheffe. [a] **Aranha**.

Pano	9$500
Chita	3$200
Algodão	2$240
Brim	6$400
Belbute	3$360
Baeta	4$800
Linhas	$160
Retroz	$240
	29$900

CV-7979

Perciza-se para a praça do 5º Corpo de Guardas Nacionaes **Jose Victorino Vieira** o Seguinte =

Um Chapeo preto	. . . . 5.760 . . .	Um Chapeo
Seis Covados Baeta	. . . 5.760 . . .	Seis Covados
	. . . 11.520 . . .	

Bagé 7 de Dezembro de 1841.

[a] **Joze Garcia de Oliveira**
Tenente do 5º Corpo de Guardas Nacionais

[Anotado na margem superior esquerda]
[a] **Bento Gonçalves da Silva**

CV-7980

9º Corpo de Guardas Nacionais.
Abaxo assignado perciza a Conta de seos vencimentos.
O Seguinte.

1 = Farda	. . . Com seos pertences . . .	huma
1 = Jaqueta branca	. . . Idem . . .	Idem
2 = Coletes	. . . Idem . . .	Dous
4 = Pares de Calças	. . . Idem . . .	Quatro
6 = Camizas de Chita	. . . Idem . . .	Seis
4 = Serollas	. . . Idem . . .	Seis
1 = Pessa de Amorim		Hum
1 = Par de Botins		Idem
4½ Covados de Baeta		Quatro e meio

Bagé 7 de Dezembro de 1841.

[a] **Felisberto Jose Lopes**
Tenente Coronel

[Anotado na margem superior esquerda]
[a] **Bento Gonçalves da Silva**
[Anotado na margem inferior]

Recebi trez Covados e huma terça de Pano azul fino, = dez varas de Brim escuro de linho, = uma Pessa de Amorim com 24 jardas, huma ditta de Algudão Idem, = trinta e sete e meio Covados de Chita, = uma quarta de Linhas de Novello, = quatro Covados e meio de Baeta, – trez oitavos de Retros azul = trez duzias de Botoens madre perola = Hum par de Botins = trez e meia duzia de Botoens amarelos, trez duzias de marcas de quatro furos, oito Covados de Olanda = hum Covado de Panno fino cor de Rapé, e por a ver recebido passo a prezente. **Bage** 8 de Dezembro de 1841.

[a] **Felisberto Jose Lopes**.
Tenente Coronel.

CV-7981
2º Corpo de Cavallaria de 1ª Linha.
Perciza-se para as praças do sobredito Corpo
O Seguinte

41 = Chapeos pretos . . . Quarenta e hum

Acampamento junto a **Bagé** 11 de Dezembro de 1841.
[a] **Fermiano Alves dos Santos**
Tenente Coronel Commandante do sobredito Corpo

[Anotado na margem esquerda]
[a] **Marcelino Jose do Carmo**
Coronel Comandante
[Anotado na margem superior esquerda]
[a] **Bento Gonçalves da Silva**
[Anotado na margem superior esquerda]
O Sr. Major **Bernardo Joze Rodrigues Filho**, encarregado da Repartição do Quartel Mestre General de Ordem do Sr. General em Cheffe, saptisfassa o prezente Pedido. Quartel General em **Bage** 15 de Dezembro de 1841.
[a] **Seraphim Joaquim d'Alencastre**.
1º Deputado do General Cheffe e Estado Maior do Exercito.

[Anotado na margem inferior]
Recebi os Chapeus acima.
Bagé 15 de Dezembro de – 1841.

Chapeu – 41

[a] **Antoio Luis da Costa**.
Forriel

[Anotado no verso]
Examinados.

CV-7982
Illmo. Exmo. Sr.
Comprindo com o que V. Exa. me ordenou em seu Despacho exarado no requerimento do Tenente **Jeronimo Antonio Deniz**, passei a convidar os dois Cidadoens **José Pereira da Silva Cacorio**, e **Joaquim de Souza**, para avaliarem os objetos constantes de hûa Relação que acompanhou o mesmo requerimento a qual passo as mãos de V. Exa. acompanhado hûa a outra dos objetos avaliados, a qual emportou em 441$580 reis, hé o quanto se me ofrece a levar ao conhecimento de V. Exa. Quartel em **Bage** 14 de Dezembro de 1841.
Illmo. Exmo. Sr. **Domingos Joze de Almeida**.
Ministro da Fazenda.
[a] **Bernardo Joze Rodrigues Filho**
1º Deputado do Quartel Mestre General.

CV-7983[60]
Rellação da avaliação que se procedeo por Ordem do Exmo. Sr. Ministro **Almeida**, de que forão nomeados para a mesma Valuação os Cidadoens **Joaquim de Souza**, e **Jose Pereira da Silva Cacório**, ambos assistentes nesta Povoação. Cuja relação vem a ser – A Seguinte –

Hum	Folles Grande	50$000
Hum	Cavallete grande com dous quinhentos e quatro	60$000
Hum	Ditto pequeno com hum quintal	30$000
Hum	Forno grande de forja com 48 Libras, sendo Cada huma – – – 360 – – – – – – – – – – –	17$280
Cinco	Fornos de Alimár com Cento e dez Libras, Sendo – – – a 360 – – – – – – – – – – –	39$606
Dous	Fornos de Mão – – – a 1 280 – – – – – – –	2$560
Huma	Tarraxa de rosca de Madeira	1$000
Duas	Ditas de parafuzos de Armamento – a 2.000	4$000
Huma	Dita de pessa para reparos de Artilharia	16$000
Huma	Dita de parafusos finos	2$000
Duas	Limas de Fender a 320	$640
Oito	Tanazes de Forja a 1.280	10$240
Duas	Ditas Forjas a 1.600	3$200
Huma	Bigorna de Banca	4$000
Huma	Dita de pé grande de forja	2$000
Seis	Dúzias de Limas Surtidas a 3.840 a Duzia	23$040
	Soma	265$566 [1v]

[60] O documento CV-7983 está anexo ao CV-7982. [N. do E.]

	Transporte	265$566 [1v]
Dois	Tufos de fazer Maxado – a 640	1$280
Seis	Ponçoens Surtidos e calçado de asso a 160	$960
Quatro	Talhadeiras de forja calçada de asso a 480	1$920
Hum	Dezandador de Colatra de Arma	$800
Dous	Ditos pequenos – a 480	$960
Hua	Tarraxa de fazer Colatra	8$000
Hum	Rebolo grande dom veio fero	2$560
Hum	[Coxe] de madeira	1$000
Hua	Tizoura grande de cortar rapa de ferro.	4$800
Hua	Dita pequena.	2$400
Hum	Xanfrador.	$480
Hum	Estrumento completo de furar ferro.	10$000
Dous	Martellos de forja a 1.600	3$200
Seis	Malhos grandes a 1.600	9$600
Dous	Ditos pequenos a 1.000.	2$000
Hua	Marreta	2$000
Oito	Craveiras de fazer diferentes pregos a 640.	5$120
Hua	Dita de fazer pregos de Rodados.	1$000
Duas	Ditas de fazer parafuzos de [Alresussar] a 800.	1$600
Hua	Bomba grande.	2$240
Hua	Dita pequena.	1$600
Quatro	Brocas – a 160.	$640
Hua	Roscadeira.	1$920
Hum	Carretel.	1$100
Hum	Arco.	$200
	Somma – – – –	332$940 [2]
	Transporte – – – –	332$940
Hum	Balbequim.	2$560
Tres	Pessas de Alargar a 160.	$480
Huma	Ballança grande com pezo de Xumbo de hua arroba.	22$000
Quatro	Barras de ferro a 2.000.	8$000
Dezaseis	Vergalhoens a 1.000.	16$000
Doze	Ditos redondos pezando todos seis Quintaes e huma arroba a 2.000.	50$000
	Huma e meia arroba de osso a 200 réis a arroba.	9$600
	Soma geral – – – – – – – – –	441$580

Bagé, 12 de Dezembro de 1841.
[a] **Joze Pereira da Silva Cacorio**
[a] **Joaquim de Souza**

[Anotado na margem esquerda]

Verificada na quantia de quatrocentos quarenta e hum mil quinhentos e oitenta réis (441$580 réis).
[a] **Vianna**.

CV-7984
Corpo de Guardas Nacionais do Moniçipio de **Crus Alta**.
Perciza por conta de seus vençimentos:

Hum corte de Farda _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
Treis ditos de Calças _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
Quatro ditos de sirolas _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
Quatro ditos de Camizas _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
Hum par de botins _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
Catorze varas de algodão _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
Seis Covados de baeta _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _

Campo a vista de **Baje** 14 de Dezembro de 1841.
[a] Vito Jose de Oliveira
Cappitão Commandante da 6ª Companhia do Corpo da **Cruz Alta**.

[Anotado na margem superior]
[a] **Bento Gonçalves da Silva**

[Anotado no verso]
Recebi hum e duas terças de pano verde entrefino; hum corte de calça de belbute; duas e meia varas de Brim de Algodão, duas e meia ditos de riscado, vinte covados de chitta para Camizas, dez varas de Algodão, catorze dictos de Algodão, seis Covados de baeta, hum par de botis, dezoito botoens digo novellos de linha, tres oitavas de retros – duas varas de brim .

Baje 16 de dezembro 1841.
[a] **Vito José de Oliveira**
Cappitão

Pano	10$000
Calça	4$000
Brim	3$200
Riscado	2$000
Chita	6$400
Algodão	3$200
Dito	4$480
Baeta	5$760
Botins	7$680
Linhas	$360
Retros	$720
Brim	9$560
	50$360

CV-7985
Corpo de Guardas Nacionais do Moniçipio da **Crus Alta**.
Perciza em conta de seus vençimentos:

Hum Ponche
Hum covado de Pano para dois Coletes
11 Oitavas de Algudão para Baraca

Campo a vista de **Bajé** 15 de Dezembro 1841.
[a] **Serafim Joaquim dos Santos**
Tenente de Guardas Nacionais

[Anotado na margem inferior]
Comprece hum Ponche de pala, e dece a Baeta preciza. Quartel General em **Bagé** 16 de Dezembro de 1841. [a] **Bento Gonçalves da Silva**.
Ao Sr. Major **Bernardo Jose Rodrigues**.

[Anotado no verso]
Receby o que emçima declarão o seguinte:

11.520	Hum ponche pala
6.000	Hum covado de pano azul
240	Huma oitava de retros
4.480	11 Oitavas de algudão
4.160	4 Covados de Baeta
26.400	

CV-7986
Corpo de Guardas Nacionais Moniçipio da **Crus Alta**.
Perciza por conta de seus vençimentos:

Hum Corte de Farda _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
Seis ditas de Camizas _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
Seis ditas de Sirolas _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
Dois pares de Calças _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
Hum Chapeo _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
Huma Baeta _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _
14 Varas de Algudão para huma Baraca _ _ _ _ _ _ _ _

Campo junto a **Bage** 15 de Dezembro 1841.
[a] **Manoel Benidito de Lima**
Tenente de Guardas Nacionais

[Anotado na margem superior]
[a] **Bento Gonçalves da Silva**

[Anotado no verso]
Receby.
Hum Covado e treis Cortes de pano, 28 de retros, 30 Covados de chita, 12 Varas de Algudam, 14 ditas, 2 Varas de Brim para foro, 5 ditos, 16 Novelos de Linha, 31 Covados de Baeta.

[a] **Manoel Benidito de Lima**

Panno	10$500
Retros	$480
Chita	9$600
Brim	1$280
Dito	6$400
Linhas	$320
Baeta	3$360
	31$940

CV-7987

O abaixo assignado preciza para lhe ser descontado dos seus vencimentos, os Artigos abaixo declarados.

Hum Corte de Ponxe de Panno	1
Hum dito de Farda	1
Quatro Pares de Calças	4
Hum Bonet	1
Dois Lenços de Seda	2
Seis Pares de Carpins	6
Duas jaquetas de Brim	2
Fazenda para Camizas	
Ditta para Seroulas	
Dois Cortes de Colletes	

Bage 16 de Dezembro de 1848.

[a] **Joaquim Correia da Silva**
Cappitão

[Anotado na margem superir]
[a] **Bento Gonçalves da Silva**.

[Anotado na margem inferior]
Receby Dois Covados de Panno azul, hum Dito de Dito verde fino, hua pessa de Morim, vinte e quatro Covados de Chita, dezeseis varas de Algodão, hua

quarta de Linha, Oito Covados de Olanda, Sete Varas e meia de Setineta[61] riscada, Sete varas e meia de Brim de Linho.

[a] **Joaquim Correia da Silva**

N. B. levei seis varas de Morim para forro.
[a] **Correia**

Panno	12$000
Ditto	6$000
Morim	5$800
Chita	7$680
Algodão	5$120
Linhas	$320
Olanda	2$560
Setineta	6$000
Brim	9$600
Morim	1$920
	56$900

CV-7988

2º Corpo de Lanceiros de 1ª Linha.

Receby do sr. Major **Bernardo José Rodrigues**, por ordem de sua Exa. o Sr. General Prezidente, para quatro Praças do mesmo o seguinte:

24 Covados de Belbut para calças	_ _ _ _ _ _	Vinte e quatro
10 Varas de Brim para	_ _ _ _ _ _	Dez
8 Camizas feitas	_ _ _ _ _ _	Oito
8 Siroulas Dittas	_ _ _ _ _ _	Oito
16 Novellos de linha	_ _ _ _ _ _	Dezesseis
Hum Par de Botins	_ _ _ _ _ _	Hum
4 Terceirolas	_ _ _ _ _ _	Quatro
4 Espadas	_ _ _ _ _ _	Quatro
40 Cartuxos	_ _ _ _ _ _	Quarenta
2 Pedras		

Bage 16 de Dezembro de 1841.

[a] **Caetano Gonçalves**
1º Tenente do mesmo

[61] Cetineta: "*Espécie de cetim de algodão, ou de algodão e seda*". GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume VI, 1960: 549. [N. do E.]

CV-7989

Illmo. Sr.

Sirva-ce V. S. de Ordem do Sr. General em Cheffe incluir na conta que o Cidadão **Joaquim de Souza** tem com o Estado, a quantia de trinta e seis mil e duzentos e oitenta reis de varios generos que foi da Caza de negocio do mesmo me forão suprido, assim mais quarenta e quatro duzentos e quarenta reis ao 2º Tenente do 4º Batalhão **Bernardino Gonçalves da Silva**, e vinte mil setecentos e cessenta ao 2º dito do mesmo Batalhão **Florindo Alves d'Oliveira**; também de generos que mandei suprir aos mesmos por Ordem do ditto Sr. General em Cheffe do Exercito; o que cumprirá.

Deus Guarde a V. Sa.

Quartel General em **Bage** 16 de Dezembro 1841.

Illmo. Sr. Major **Bernardo Jose Rodriguez Filho**.

[a] **Serafim Joaquim d'Alencastre**

1º Deputado do General Chefe do Estado Maior do Exercito

[Anotado no verso]

Serviço da Republica.

Ao Cidadão Major **Bernardo Jose Rodriguez Filho**.

1º Deputado Encarregado do Expediente do Quartel Mestre General.

Seu Quartel.

Do 1º Deputado do General Chefe do Estado Maior do Exercito.

CV-7990

Batalhão de Caçadores N.º 14.

Perciza-se para fardas de hum sargento Ajudante, 1 Vago Mestre[62] e dois Cornetas o seguinte:

8 Covados de pano verde

2 Terças de pano encarnado

16 Covados de Olanda

6 Oitavas de retrós

6 duzias de botoens

Acampamento junto a **Bage** 17 de Dezembro de 1841.

[a] **Belchior Francisco de Bem**

Major Commandante Interino

[Anotado na margem superior]

[a] **Bento Gonçalves da Silva**.

[62] Vagomestre: "O suboficial, do exército francês, encarregado da distribuição da correspondência e do dinheiro enviado aos soldados. [...] Oficial a cujo cargo estava o comando das equipagens de um exército e que assegurava o policiamento e direção do serviço daquelas. Oficial inferior encarregado do mesmo serviço nas pequenas unidades, do serviço postal e outros". GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume 33, 1960: 686. [N. do E.]

CV-7991

Amigo Sr. **Bernardo**.

S. C. Dezembro 19 d'1841.

Deixou-me meu Pai ordenado que dicesse ao Sr. que entregue ao Sr. Capitão **Ferrão** o seguinte – uma farda de pano, gênero para quatro camizas, idem para quatro seroulas, uma calça de pano, outra de brim, um corte de colete de pano verde, e os todos os preparos precizos para a fatura destas obras.

Por estar incommodado não vai pessoalmente falar-lhe

Seu Patricio e Amigo

[a] **Joaquim Gonçalves da Silva**

[Anotado no verso]

Recebi do Sr. Comissario Geral por Ordem do Exmo. General como consta a ordem supra Hum Vara e treis quarta de pano pra Calças, Hum dito dito para Farda, Vinte Varas de Chita para quatro Camizas, Oito Varas de Algodão para quatro Seroulas, duas e meia Vara de Brim para Colete, meia Vara de pano para Jaleco, quatro Varas de Olanda, duas e meia Varas de Brim lizo para Forro do Fardamento, Retros, Linhas, duzia e meia de Botoens para farda, dois Lenços de seda, duas duzias de Botoens de Oro. **Bage** 19 de Dezembro 1841.

[a] **Francisco Manoel Ferrão**

Capitão

Panno	21$000		39$840
Chita	6$400	Linhas	$160
Algodão	2$560	Botões	1$920
Brim	3$200	Lenços	3$840
Pano para Colete	3$000	Botoens	$160
Olanda	1$280		45$920
Brim	1$600		
Retrós	$800		
	39$840		

CV-7992

1º Corpo de Cavallaria de Guardas Nacionais.

O abaixo assignado perciza a conta de seos vencimentos, o seguinte:

Panno para uma Farda

Fazenda para dois pares de Calças

Dita para uma Jaqueta

Dita para quatro Camizas

Algudão para quatro Serollas

4 Covados de Baeta

Forro, retros, Linhas e botoens

Para hum Guarda Nacional do mesmo Corpo
2 Pares de Calças
2 Camizas
2 Serollas
4 Covados de Baeta
1 Chapeo
Aviamentos necessários

Bagé 23 de Dezembro de 1841.
[a] **Francisco José Lopes**
1º Tenente

[Anotado na margem superior]
Satisfaça-se.
Secretaria do Expediente do Governo em **Bagé**.
24 de Dezembro de 1841.
[a] **Mattos**.

[Anotado na margem inferior]

Recebi do Sr. Major Comissario **Bernardo José Rodriguez** trez e meio Covados de Pano fino – Cinco varas de Brim = Vinte Covados de Chita = Oito varas de Algudão = Quatro Covados de Baeta = trez oitavas de retros = seis novelhos de linhas = dezoito botoens amarelos = e trez duzias de marcas furadas. Recebi mais para uma Praça de Pret sete Covados de Belbute, duas e meia varas de Brim = deis Covados de Chita = quatro varas de Algudão = quatro Covados de Baeta = hum Chapeo oliado, e dois novelhos de Linhas. **Bage** 25 de Dezembro de 1841.

[a] **Francisco Joze Lopes**
Tenente[63]

[Anotado na margem esquerda]

Panno	21$000
Brim	6$400
Chita	6$400
Algodão	2$560
Baeta	3$840
Retros	$720
Linhas	$120
Botões	1$920
Marcas	$240
	43$200[63]

[63] Segundo nossos cálculos, o resultado correto seria 42$120. [N. do E.]

CV-7993

Ao Guarda Nacional **Antônio Jose Estevão**, operario do Trem de Guerra, entregará o Sr. Major Comissario as fazendas e mais pertences percisos, para uma calça, uma camisa, uma ciroula, e huma jaqueta. Sceretaria do Expediente do Governo em **Bage** 24 de Dezembro 1841.

[a] **Mattos**

CV-7994

Perciza-se para a praça de Cavallaria do 1º Corpo d'Clavineiros de 1ª Linha **Francisco Alvez**, que se acha de meu Camarada, e nada tem recebido pelo o Corpo por se achar a oito mezes em Commissão.

Fardamento O Seguinte:

Belbutina, e mais preparos para uma jaqueta.
Perparos para hum ponxe.
Belbutina, e mais perparos para hum pár de calça.
Fazenda para duas Camizas.
Duas Ceroulas.

Bagé 24 de Dezembro de 1841.
[a] **João Gonçalves Rodrigues**
Cappitão adido ao mesmo Corpo

[Anotado na margem superior]
Satisfaça. Secretaria do Expediente do Governo em **Bagé**. 24 de Dezembro 1841.
[a] **Mattos**.

[Anotado no verso]
Recebi do Sr. Major Comissario **Bernardo José Rodriguez** Comissario do Exercito, as fazendas do pedido Constante; O Seguinte.

Cinco Covados de Baetão, cinco e meio dito de Baeta, e retrós suficiente para hum ponxe.
Dez Covados de Xita para camizas, e linha suficiente para as mesmas.
Quatorze Covados de Belbutina, duas varas e meia de Algudãozinho, e retróz competente para huma jaqueta, e Calça.
Duas Ceroulas pronptas.

E por ter recebido passo o prezente que vai por mim feito e Assignado.
Bage 24 de Dezembro de 1841.

[a] **João Gnçalves Rodrigues**
Cappitão

CV-7995

O Sr. Major Comissario Geral entregará ao Sr. Tenente Coronel 1º Deputado do Chefe d'Estado maior, **Serafim Joaquim de Alencastre**, trez covados e meio de pano encarnado por conta de seus vencimentos. Secretaria do Expediente do Governo em **Bagé** 27 de Dezembro de 1841.

22$400.

[a] **Mattos**

CV-7996

Illmo. Exmo. Sr.

Passo ás mãos de V. Exa. a conta do Negociante **João Silveira**, dos generos por mim comprados para suprimento do Hospital, e outros, para Suprimentos do Exercito na importancia de cento e quarenta e dous mil cento e quarenta reis (142$140). Este Negociante exige seu embolço pelo Tesouro Nacional, ou que se lhe leve em conta esta quantia em transaçoens que tem com o Estado. Hé quanto se me offerece a levar ao conhecimento de V. Exa.

Deus Guarde a V. Exa. Quartel em **Bagé** 14 de Março de 1842.

Illmo. Exmo. Sr. Major **Antonio Vicente da Fontoura**.

Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda.

[a] **Bernardo Jose Rodrigues**

CV-7997[64]

O Sr. Sargento Mor **Bernardo Joze Rodrigues**

a **João Silveira** **Deve**

20	@ de Erva Mate	$240	4$800
1.000	Taxas	$	1$600
1	Fexadura	$	1$600
65	Fivelas	$060	3$900
25	Pregos de pares	$	$160
1	Par de Dobradiças	$	$480
1	Xerga Pampa	$	8$000
1	Par de Estrinos de meia Picaria	$	6$400
14	Pares de Ditos pequenos	$640	8$960
1	Sinaão [?]	$	3$840
1	Canivete de Aparar penas	$	1$120
1	Barrica de Asucar com 8 @	5$120	40$960
1	Dita de Arros com 7 @	5$120	35$840
2	Pares de Oclos	$960	1$920

[64] O documento CV-7997 está anexo ao CV-7996. [N. do E.]

1	Canivete de Aparar penas	$	1$120
1	@ de Farinha de Trigo	$	5$120
2	Chapeos de Pelo	1$920	3$840
1	Caixa de Obreias[65]	$	$320
1	Litro de Agoardente para o Ospital	$	$320
1	Dito de Vinho para o Dito	$	$240
2	Ditos de Dito	$240	$480
1	Medida de Agoardente	$	1$280
1/2	Dita de **Espanha**	$	1$280
4	@ de Asucar	$160	$640
2	Ditas de Ditas	$160	$320
1	Litro de Vinho	$	$240
1	Dito de Agoardente	$	$320
2	Ditos de dito	$320	$640
2	Ditos de dito	$320	$640
1	Dito de vinho	$	$240
1	Ditos de dito	$	$240
1	Alqueires de Sal	$	3$840
2	Litros de Vinho	$240	$480
2	@ de Arros	$160	$320
1	Litro de vinho	$	$240
1	Dito de Dito, digo, Vinagre	$	$240
4	Ditas de Vinho	$	$960
	[a] **João Silveira**	**Soma**	142$940

ROHAN, Henrique de Beaurepaire
CV-7998 a CV-7801

CV-7998

Illmo. e Exmo. Sr.

Emquanto não me permitte a minha saúde que eu continue no levantamnto da Planta dos Entricheiramentos d'esta Cidade, proporei a V. Exa., na forma das suas respeitaveis ordens, aquellas melhorias, que mais urgente me parecem, até que hum exame mais circunstanciado me ponha em estado de conhecer todos os repatros, de que precisão aquellas obras militares.

[65] Obreia: "Espécie de folha de massa muito fina de que se faz a hóstia que se consagra na missa. [...] Forma farmacêutica constituída por discos planos de pão ázimo, que postos sobre uma colher e devidamente humidecidos servem de receptáculo para medicamentos de mau sabor, quando dobradas a modo de embrulho." GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume 19, 1960: 120. [N. do E.]

O entrincheiramento de que se trata não pertencem a nenhum dos systemas que são reputados capazes de offerecer hûa resistência decidida a hûa força inimiga: constão de hûa continuação irregular de cortinas com treze baterias de canhões de differentes calibres, muitas das quaes deixão de ser efficazes, para hum inimigo que sabe escolher as suas pozições. Destinados a defender hûa cidade, para o que já tem trez annos de duração, convém que tenhão certo gráo de firmeza, firmeza que nunca se dá aquellas obras, que, feitas em campanha, [1v] e por pouco tempo, devem se poder demolir, com a mesma facilidade com que são levantadas.

Os fossos não são varridos pelos fogos das baterias, de maneira que o inimigo, que ahy se collocasse, estaria inteiramente a coberto de todos os tiros, e poderia, a seu salvo, principiar os trabalhos de assalto, com todos os recursos da arte.

Sou pois de parecer, não somente para oppôr novos obstaculos aos sitiantes, como para dar mais força moral á nossa guarnição, que se fação as seguintes obras: flexas externas e barreiras internas com cavallos de friza, para guarnecer os portões; tres linhas de bocas de lobo nos logares mais fracos dos entrincheiramentos, quaes os que ficão na extremidade meridional da cidade; hûa frente abaluartada, ou hûa tenalha[66] ligada a todo o systema, por hûa linha de cremalheiras[67], defronte do forte denominado de **Caçapava**; finalmente, baterias cavalleiras em todos os pontos em que for isso possivel, [2] guarnecidas de artilheria, que, como arma de grande alcance, he a unica capaz de ser empregada, com efficacia, na primeira epoca do ataque em que são nullos os fogos de mosqueteria.

Tal he meu parecer a respeito de nossos Entrincheiramentos. Submetto-o á sabedoria de V. Exa. que determinará o que for servido.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel da minha residencia em **Porto Alegre** 3 de Julho de 1839.

Illmo. e Exmo. Sr. Tenente General **Manoel Jorge Rodrigues**.
Commandante em Chefe do Exercito do Sul.

[a] **Henrique Beaurepaire Rohan**
Cappitão do Imperial Corpo d'Engenheiros

CV-7999

Illmo. e Exmo. Sr.

Tendo examinado, por ordem e em presença de V. Exa., as Prisões militares d'esta Cidade, cumpre-me apresentar-lhe o meu parecer a respeito.

---

[66] Tenalha: "*Pequena obra de fortificação, com duas faces e um ângulo penetrante para o lado do campo*". GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume 31, 1960: 231. [N. do E.]

[67] Cremalheira: "*Militar. Peça do sistema de percussão da culatra, nas peças de 7,5 cm., tiro rápido. Traçado em cremalheira: Traçado em que as linhas de fortificação formam entre si ângulos quase retos, com os lados alternadamente compridos e curtos, sendo estes destinados ao flanqueamento dos primeiros*". GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume VIII, 1960: 15. [N. do E.]

O Edifício, em que ellas se achão, he, pela sua situação, no declive de hum oiteiro, humido e pouco arejado. Na impossibilidade pois de se destruirem taes defeitos, de hûa maneira que nada deixasse a desejar, a unica melhoria architectica que proponho he que, assoalhado o pavimento, para evitar a humidade do ladrilho, e cayadas as paredes, se rasguem, até hûa altura conveniente, as frestas que alli existem, afim de dar entrada ao ar, tão necessário para destruir o efeito dos gazes nocivos á existencia.

Posto que as prisões do lado direito do Edifício tenhão todos os defeitos que aponto, e que tornão ainda mais triste a posição dos infelizes, que n'ellas habitão, sobretudo quando hûa sentença ainda os não tem privado d'aquellas honras ligadas a certos gráos na jerarchia social, todavia, ainda assim, não me parecerão tão más, como a que fica do lado esquerdo. Ella he tal, que a julgo incapaz de qualquer melhoria, e portanto incapaz tambem de receber homens, que, tendo contra si os proprios remorsos, e o rigôr das leis, nem por isso tem perdido todo o direito á compaixão, que a mais bem entendida caridade, a politica, e a civilização recomendão.

Deos Guarde a V. Exa. **Porto Alegre** 15 de Julho de 1839.
Illmo. e Exmo. Sr. **Thomaz José da Silva**.

[a] **Henrique Beaurepaire Rohan**
Cappitão do Imperial Corpo d'Engenheiros

CV-7800

Illmo. e Exmo. Sr.

Tenho levantado, pela Agulha magnetica, a Planta da parte do Entrincheiramento comprehendida entre os Fortes nº 1 e 5, suspendendo ahy os meus trabalhos, no dia 16 do corrente, em consequencia do acontecimento de que dei parte a V. Exa. em Officio d'aquella data.

Em virtude das Ordens de V. Exa., examinei a extremidade do Parapeito, que termina, do lado do Ryo, o Forte nº 1. Acho mui conveniente o estabelecimento de hûa Bateria n'aquelle logar, que não he mui seguro. Logo que V. Exa. o determinar, darei o plano dessa obra.

Reprovo inteiramente a falta de canhoneiras nos pontos guarnecidos de artilheria, sobretudo n'aquelles em que o terreno natural da parte da **Campanha** fica quasi ao nivel dos relevos do entrincheiramento. Os merlões, pondo os defensores ao abrigo da metralha inimiga, contribuem por isso mesmo para que o soldado, considerando-se seguro, adquira aquella força moral tão necessaria, quer no ataque, quer na defensa.

A Plataforma do Forte nº 4 não tem profundidade bastante para o recuo das Peças. Acho mui justa a requisição que a semelhante respeito me faz o seu commandante, assim como sobre a falta de hum bom aquartelamento para a sua

guarnição, e a pessima posição em que se acha a pequena barraca ally construida para aquelle fim.

Convem que o Official que foi pelo Sr. [1v] General encarregado das obras militares para promptos reparos em varias partes do Parapeito, mormente no que fica comprehendido entre os Fortes 4º e 5º, entendendo-se igualmente com seus respectivos Commandante sobre outras providencias, que são não menos urgentes.

A proporção que fôr examinando os mais pontos, indicarei as melhorias de que precisão.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel da minha residencia em **Porto Alegre** 18 de Julho de 1839.
Illmo. e Exmo. Sr. **Thomaz José da Silva**,
Marechal de Campo, Commandante da Guarnição.

[a] **Henrique Beaurepaire Rohan**
Cappitão do Imperial Corpo d'Engenheiros

CV-7801

Illmo. e Exmo. Sr.

Tenho a honra de apresentar a V. Exa. o relatorio do estado das Commissoes a meu cargo.

Chegado a **Porto-Alegre**, em 22 de Junho do anno preterito passado, ordenou-me em 25 do mesmo mez, o Exmo ex-Commandante em Chefe do Exercito de levantar a Planta do Entrincheiramento desta cidade, o que cumpri, remettendo a S. Exa. o resultado dos meus trabalhos a respeito. Nomeado, tambem, pelo Exmo. Ex-Presidente **Saturnino de Souza e Oliveira**, em 15 de agosto d'aquelle anno, Inspector das Obras Militares, estou desde então, encarregado das fortificações e aquartelamentos, segundo as instrucções que accompanhárão a minha nomeação. [1v] Nesta qualidade, cumpre-me expôr a V. Exa. o estado da Repartição a meu cargo.

Em relação a guerra actual, a cidade de **Porto Alegre** he mui susceptivel de ser convenientemente fortificada. Situada em hum rincão á margem esqueda do **Guahiba**, e defendida naturalmente pelas agoas deste rio, em sua maior extensão, desde o **Caminho Novo** até o de **Bellas**, basta, para torná-la hûa posição verdadeiramente militar, guarnecê-la pelo lado oriental, o que brange hûa linha de cêrca de mil braças de desenvolvimento.

Foi justamente debaixo deste ponto de vista que se levantou, [2] há mais de quatro annos, o entrincheiramento, que ainda hoje se conserva, com pequenas modificações; e posto que não se tivesse então sujeito o seu delineamento a hûa forma regular, todavia, se attendermos a que, tal qual existe, elle tem constantemente resistido aos attaques dos rebeldes em força superior á nossa, he mister confessar que, por esta parte, conseguirão perfeitamente seu fim aquelles, que assim procu-

rarão pôr ao abrigo da anarchia os habitantes desta cidade, depois da reacção nella operada, em 15 de Junho de 1836.

Alem da falta de flanqueamentos, por meio dos quaes as treze baterias do Entrincheiramento se protejão mutuamente [2v] he outro defeito notavel a pouca solidez na constricção, o que dá lugar a trabalhos diarios, e por conseguinte a despezas continuadas.

O terreno geralmente fragil, e em muitas partes arenozo, a excepção do que forma a parte supeiror do **Alto da Caridade**, teve muitas vezes de ceder ao pezo dos materiaes sobrepostos á margem dos fossos. Para obviar este inconveniente, tenho marchado, nos lugares em que a naturza do terreno o exige, construir as escarpas com pedra de alvenaria, e os parapeitos de leiva, com a sufficiente espessura de 12 a 15 palmos, taludando-os e dando-lhes as inclinações devidas, como se observa em todos os pontos novamente reparados, evitado sempre o emprego [3] de madeiras, de que se usou a principio, e que, alem de dispendiozo, não aprsenta senão hûa defeza duvidoza.

Hum dos pontos mais fracos éra a Bateria nº 1, que, situada na ala direita do Entrincheiramento, está separado d'elle, pelo **Riacho**, que por ali corre. Sem hum melhoramento prompto, não era possivel responder-se pela segurança da cidade; porque, se o inimigo, por hum rasgo de temeridade, conseguisse penetrar no interior desta Bateria, a sua guarnição nenhum soccorro receberia a tempo, e a noticia de tão infeliz evento causaria hûa impressão perigosa no espirito da população atemorizada. Tracei pois e mandei [3v] construir, por ordem dos Exmos ex-Presidente **Saturnino** e General Commandante da Guarnição, hûa obra cornea, combinada com o polygono, que ali se acha, apresenta hoje hum flanqueamento perfeito. Foi preciso dar a esta obra maior grão de solidez, e por isso assentei o parapeito sobre hum alicerce de alvenaria para resistir ás enchentes do rio.

Não tem sido possivel alterar-se as formas do entrincheiramento. Hum delineamento, segundo os preceitos da arte, seria impraticavel nesta occasião em que as diarias reparações absorvem todo o tempo que se poderia empregar de outra maneira.

Por ordem do Exmo. General Commandante [4] da Guarnição, construi na **Várzea** desta cidade hum espaldão para exercício d'alvo. Alguns tiros se fizerão ao principio, para instrucção dos officiais do corpo d'artilharia a cavallo; porém, desde então, nenhum serviço tem prestado, apezar das vantagens, que haveria, em obrigar a esta pratica aquelles, que, pertencendo a arma d'artilharia, se devem habilitar competentemente.

Tenho mandado fazer accommodações nos quarteis dos Batalhões nºs 3 e 11 de Caçadores, 5º de Artilheria a pé, corpo de Artilheria a cavallo, e 3º Regimento de Cavallaria Ligeira, onde se achão hoje os inválidos do Exercito. Por falta dos

precisos materiaes, não tenho dado execução ás ordens [4v] do Exmo. ex-Presidente **Andréa**[68], tendentes a augmentar as accomodações deste ultimo Quartel.

Fui igualmente encarregado de examinar as prisões militares. O edificio, em que ellas se achão, he, pela sua posição no declive de hum oiteiro, húmido e pouco arejado. A unica melhoria architectica, que então propuz, foi que, assoalhada e pavimentada, para evitar a humidade do ladrilho, e cayadas as paredes, se rasgassem até huma altura conveniente as frestas, que ali existem, afim de estabelecer a circulação do ar, tão necessaria, para destruir o effeito dos gazes nocivos á existencia. [5]

Posto que as prisões do lado esquerdo tenhão todos estes defeitos, o que torna ainda mais triste a posição dos infelizes que nestas habitão, todavia, nem assim me parecérão tão más, como a que fica á direita. Ella he tal que a julgo incapaz de qualquer melhoria, e por isso incapaz tambem de receber homens, que tendo contra si os proprios remorsos, e o rigor das leis, não tem contudo perdido todo o direito á compaixão, que a mais bem entendida caridade, a politica e a civilização recommendão.

Tal he o relatorio dos meus rabalhos, que submetto ao conhecimento de V. Exa. [5v]

Deos Guarde a V. Exa. **Porto Alegre** em 17 de Dezembro de 1840.
Illmo. e Exmo. Sr. **João Paulo dos Santos Barreto**,
General Commandante em Cheffe do Exercito.

[a] **Henrique Beaurepaire Rohan**
Cappitão do Imperial Corpo d'Engenheiros

ROLÃO, José Aureliano
CV-8002

CV-8002

Illmo. e Exmo. Sr. Ministro.

Representação.

Quase desde que estou nesta Cidade, com puquíssimas interrupçoens, tenho sido municiado com ervas, e fumos podres, cujos generos não tenho podido tragar por desagradaveis ao paladar, e ao olfato, e por conseguinte daninhos a saude, sem que tenha cido bastante para evitar aquela pratica, o avel-os devolvido ao comissariado sofrendo a falta de ditos gêneros; e admoestado ao Sargento

[68] Trata-se do Marechal-de-Campo **Francisco José de Souza Soares de Andréa**, depois Barão de Caçapava. Nomeado em 14.07.1840, assumindo o cargo em 27 de julho e dele saindo em 30.11.1840. FORTES, Amyr Borges. **Compêndio de História do Rio Grande do Sul**. 6ª edição, Porto Alegre, Sulina, 1981:157. [N. do E.]

encarregado d'aquella repartição, que sendo pagos pela Nação, devem ser de qualidade san para completa saptisfação dos municiandos, segundo a praxe marcada em taes repartiçoens: pela amostra das raçoens que proximamente recebi, verá V. Exa. minha queixa justificada, obstantes à continuação de semelhante pratica, que julgar comvenientes. Cidade de **Piratinim**, 19 de Julho de 1843.

[a] **Joze Aureliano Rolão**
Commando Geral do Estado Maior do Exercito.

ROQUE, José Ferreira Gomes
CV-8003 a CV-8016

CV-8003

Exmo. Sr. **Domingos Jozé de Almeida**.

Prezadissimo Amigo.

Muito me satisfez a leitura da que V. Exa. me endereçou em 11 do Corrente por me asseverar que tendo desprezado a calunia e os vis embustes, continuava a Sustentar o Governo, ouvindo por isso a vós da Patria, e deixando ao devido desprezo descontentes urdidores de intrigas que só servem para desmoronar esse Centro onde V. Exa., tão dignamente tem a todo o custo sustentado; por isso esperão os amigos do Governo e os de V. Exa. que por maneira alguma sera esse Posto deixado por V. Exa. para sem duvida não dar lugar aquelles Senhores a ocuparem, pois que huma ves por elles ocupado parece me já estar vendo tudo evaporado em hum só dia.

Muito agradeço a V. Exa. a parte que tem tomado sobre o arrendamento que pertendo, o qual eu perçoadome que o Coronel **Ribeiro** urdiria este negocio de maneira que não tenha volta; e quando assim seja V. Exa. tera então a bondade mandar que na ocaziam da entrega daquella fazenda se contramarquem os animais a ella pertencentes, por que tendo eu arrendado duas fazendas com vinte e tantos mil animais da mesma marca não he pocivel que deixe de haver conflitos e eu de sofrer prejoizos diariamente na fazenda ali emediata a aquella em questam – por isso para evitar todas estas couzas eu desejava arrendar semelhante Cria inda mesmo não otilizando nada. Dispencem V. Exa. o lhe ser tão incomodo, pois sei que sem a Proteção de V. Exa. nada conseguirei; apezar de ter Justiça. [1v]

Dezejo a V. Exa. mil venturas, e na posse dellas mandar com franqueza a quem se preza ser

De V. Exa.
Amigo Atenciozo Obrigadíssimo Criado
[a] **Jozé Ferreira Gomes Roque**

São Gabriel, 26 de julho de 1839.

[Anotado no verso]
Exmo. Sr. **Domingos Jozé de Almeida**.
Ministro da Fazenda
Caçapava.
[Anotado na margem superior esquerda]
Respondida a 4 de Agosto.

CV-8004

Exmo. Sr. **Domingos Joze de Almeida**.

Meu Prezadissimo Amigo. Percizo me [trecho rasurado] incomodar a V. Exa. no particolar seguinte: tenho huma manada na costa do **Quarahimn** do Lado **Oriental**, para onde pretendo passar dous mil ou mais bois de invernar, das fazendas que arrendei, porque tendo ellas muito gado não ingorda capasmente, e como este bois são para fazer pagamentos ao Estado quizera merecer de V. Exa. huma Ordem para este gado passar livre de direito, pois a este mesmo respeito falei aqui ao Exmo. Prezidente e me respondeu que eu me dirigice a V. Exa. que tendo o meu pedido todo lugar me podia V. Exa. dar esta providencia a meu beneficio, portanto espero que se dignara V. Exa. responder me, e a ter lugar mandar-me a ordem para dar começo a este trabalho, cujo obzequio unirei a imensos que de V. Exa. tenho recebido. O melhor bem de apreciavel saude he o que apetece a V. Exa. quem com toda a estima se assina.

São Gabriel 7 de Agosto de 1839.

De V. Exa.
Amigo Obrigadíssimo Criado
[a] **Jozé Ferreira Gomes Roque**

[Anotado no verso]
Illmo. Exmo. Sr. **Domingos Joze de Almeida**.
Ministro da Fazenda
Caçapava.
[Anotado na margem superior]
Respondida a 2 de Setembro.

CV-8005

Exmo. Sr. **Domingos Jozé de Almeida**.

Prezadissimo Amigo. Pello Capitão **Laurindo Joze da Silva** a V. Exa. escrevi e tudo comfirmo; agora porém segue a essa Capital o Major **Faustino Carvalho e Silva**, que sendo meu Procurador em a Villa de **São Borja** bem pode emformar a V. Exa. qual procedimento alli ouve na Comissão criada para os arrolamentos acerca de minha pretensão na Fazenda de cria de bestas de **Joze**

Moreira da Gama e apezar de dita Comição ter emformado a V. Exa. quanto a este respeito se passou, do mesmo **Faustino** o contrario V. Exa. saberá, e quando esteja valioza aquella arrematação, espero que V. Exa. me fará obzequio de mandar contramarcar os animais pertencentes a Cria para ivitar comflitos e não haver lezão, por que tenho debaixo da mesma marca mais de vinte mil animais. Dispenceme V. Exa. os amiudados emcomodos que lhe tenho dado que sem duvida eu o não fizera se não conhecece sua pura amizade e Genio bem fazejo. Detremine V. Exa. de quem dezejos tem de se empregar em seu serviço pois com pureza sou

São Gabriel, 22 de Novembro de 1839.

De V. Exa.
Amigo Obrigadissimo e Criado
[a] **Jozé Ferreira Gomes Roque**

[Anotado no verso]
Illmo. Exmo. Sr. **Domingos Joze de Almeida**.
Ministro da Fazenda
Caçapava.

[Anotado na margem superior]
Respondida a 17 de Fevereiro de 1840.

CV-8006

Illmo. Exmo. Sr. **Domingos Joze de Almeida**.

Prezadissimo Amigo. Bastante tempo há que a V. Exa me não dirigo, não por falta de amizade, mas sim por não lhe querer roubar o tempo que diariamente lhe falta para os muitos afazeres que a V. Exa. perceguem-no, porem agora permitame que o emcomode com o que vou expor: já a V. Exa. lhe roguei para mandar ordem ao Coletor para arrecadar o importe das assignaturas do Periodico; e apezar de V. Exa. me dizer em resposta que dava ordem naquella dacta, comtudo o Coletor dis que não tem ordem de V. Exa. para receber, por isso lembro a V. Exa. para se servir dar providencias a este respeito, do que me dispençará. Tenho huma Letra a vencer em Janeiro do anno que entra, cuja emportancia he proveniente dos arrendamentos que fis e como me parece que o Governo não podera mandar gados, vejome emtallado, por não ter outra couza que me sirva para pagamento, pois não tenho dinheiro, e tendo pedido aos meos devedores que me embolssem oferessem-me gados, e eis aqui a razão por que a V. Exa. tanto lhe emportuno dezejando que me diga a semelhante respeito o que deva fazer afim de eu não ficar mal nem meos Fiadores.

Tenho andado fora deste lugar e durante minha auzencia [1v] recebi o comvite de V. Exa. para assistir ao Foneral dos restos do General **Lima**, e muito sencivel me foi receber tal comvite em tempo que já se tinha passado o dia por

V. Exa. marcado, por isso espero merecer disculpa por não ser devida esta falta a minha vontade de assistir a hum Ato de tanta ponderação.

Para quanto for do serviço de V. Exa. com franqueza me pode mandar por ser com a maior estima.

De V. Exa.
Amigo Obrigadissimo Criado
[a] **Jozé Ferreira Gomes Roque**

[Anotado no verso]
Exmo. Sr. **Domingos Jozé de Almeida**.
Ministro da Fazenda
Caçapava.
[Anotado na margem superior]
Respondida a 17 de Fevereiro de 1840.

CV-8007

Illmo. e Exmo. Sr.

Tenho prezente o Oficio de V. Exa. com dacta de 23 de Dezembro do anno findo em que me Ordena V. Exa. que a conta dos arrendamentos que tenho a pagar ao Estado entregue mil e quinhentos novilhos a Dona **Marcial Dias** cujos novilhos deverão ser conduzidos the a Fronteira de **Bage** por conta do Estado; e apezar de eu já haver combinado com o mesmo **Marcial Diaz** que quando o gado estivesse em figura de se apartar lhe faria avizo, comtuto logo lhe fiz sciente que não me hera pocivel mandar condozir este gado aquelle ponto por falta de Dinheiro, e que participava a V. Exa. para detreminar provicenciar a tal respeito; mas, logo não o fiz por haver aqui xegado a noticia de ter V. Exa. seguido para **cima da serra**; agora sabendo que V. Exa. já se axáva na Capital, e que hia levar o expendido a V. Exa.; recebo ordem do Juiz de Pás para entregar o gado de corte ao Cidadão **Joze Marianno da Cunha** e a este não há emconveniente algum por que tem Gente e cavalhada e já se axa aqui porem sem ordem de V. Exa. eu não entrego gado algum, e espero que V. Exa. me detreminara o que devo fazer a semelhante respeito.

Deos guarde [1v] V. Exa. a Pesoa de V. Exa. como se faz mister a Patria.

São Gabriel, 24 de Janeiro de 1840.

Ilmo e Exmo. sr. **Domingos Joze de Almeida**.

[a] **Jozé Ferreira Gomes Roque**

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Illmo. e Exmo. Sr. **Domingos Jozé de Almeida**.
Ministro da Fazenda
Caçapava.
[Anotado na margem superior]
Respondida a 17 de Fevereiro de 1840.

CV-8008

Exmo. Amigo e Sr.

Proporciona-se na occasião de poder mandar invernar mil e quinhentos bois n'**Oriental**, conforme já a V. Exa. falei que erão pagamento ao Estado, e he por isso que rogo a V. Exa. enviar-me a Ordem para os poder passar, pois não he possível que aqui engordem os bois para eu acudir aos pagamentos.

Mil venturas dezejo a V. Exa.

Seu Patricio Amigo Obrigadissimo.

São Gabriel, 29 de Fevereiro de 1840.

[a] **Jozé Ferreira Gomes Roque**

[Anotado no verso]
Ao Cidadão **Domingos Jose d'Almeida**.
Caçapava.
[Anotado na margem superior]
Respondida a 7 de Março.

CV-8009

Exmo. Amigo e Sr. **Domingos Joze de Almeida**.

Junto remeto três onças de ouro, pello pedido de V. Exa., e dispençará V. Exa. não ser mais franco, por que estou com pouco dinheiro em caza, porem espero por estes dias, e poderei se V. Exa. inda percizar repartir daquelle dinheiro.

Dispence V. Exa. e creia me que tem vontade de o servir

Seu Verdadeiro Amigo e Obrigadissimo Criado.

São Gabriel, 16 de Maio de 1841.

[a] **Jozé Ferreira Gomes Roque**

[Anotado no verso]
Illmo. e Exmo. Sr. **Domingos Joze d'Almeida**.
Ministro da Fazenda.
Sua Caza.

CV-8010

Exmo. Amigo e Sr. **Domingos Joze d Almeida**.

São Gabriel 10 de Agosto de 1841.

Dezejo que V. Exa. tenha passado bem e que continuando assim tenha o prazer ver sua apreciavel familia em pás etc. etc. Tenho bem vontade saber o que corre respeito as nossas operaçoens assim como alguma couza que nos interessa, por isso dirijo-me a V. Exa. pedindo-me me queira transmitir sempre que tenha ocazião as noticias que sober e espero que V. Exa. roubando-se ao trabalho que sempre o percegue me fara este favor. Por aqui passa por certo que o **Moringue**

volvendo segunda ves a **Capella de Santa Maria** correu com o Tenente Coronel **Portinho** e mais quarenta Homens e que os botara no mato tomando-lhe quarenta cavallos emsilhados e matou hum Homem nosso, filho de **João Ferreira** / **torto** / e dizem que **Portinho** procurava o Major **Carvalho** para hir sobre o **Moringue**, porem a meu ver nada podem lhe fazer por que o **Moringue** sempre trás Imfantaria e aquelles lugares são proprios para esta arma. Esta noticia não he Oficial e sim por viandantes.

Tenho a agradecer a V. Exa. o obzequio feito a meu Cunhado **Guterres** que hunirei a tantos que a V. Exa. sou reconhecido. Minha familia muito recomenda a V. Exa. e eu particularmente, de quem sou

De V. Exa.
Amigo obrigadissimo Criado.
[a] **Jozé Ferreira Gomes Roque**

[Anotado no verso]
Illmo. e Exmo. Sr. **Domingos Jose d'Almeida**.
Ministro da Fazenda.
Onde se axar.

[Anotado na margem superior]
Respondida a 26.

CV-8011

Exmo. Amigo e Sr. **Domingos Joze d Almeida**.

São Gabriel 20 de Agosto de 1841.

Com dacta anterior me dirigi a V. Exa. e tudo confirmo. Recibi huma ordem de V. Exa. para dar 50.000 réis ao Cabo **João ganxo**, que logo entreguei. Tendo tencionado para o mes que vem passar para o **Oriental** tres ou quatro mil rezes de criar, percizo que V. Exa. me mande huma Ordem para se me passar a competente Guia nesta Colectoria, e espero que este obzequio juntarei a imenços por mim recebidos das mãons de V. Exa. e que terá a bondade remeterme pelo primeiro portador seguro. Depois da sahida de V. Exa. instalouce neste lugar hum **L.·. de M.·.** [69] e quem a dirige he o Dr. **Pereira**, para que fim ignoro, fui convidado para ser o primeiro Vig**.·.**[70], porém negueime e não me quis associar, por que pella maior parte dos que vejo lá são dos que tem operado as costas e dalli a meu ver não sai coiza boa tem havido muitos bailes e jantarolas, pella maior parte dados pelos Camellos inda hoje há huma dada por D. **Rozaura** e ignora-se a saude de que Santo: isto dezejo que não se saiba que por menos se tem enxugado muita gente boa, etc. etc.

---

[69] Provavelmente menção a uma Loja de Maçonaria. [N. do E.]

[70] Primeiro Vigilante. COLUSSI, Eliane. **A Maçonaria Gaúcha no Século XIX**. Passo Fundo, EDIUPF, 1998: 12. [N. do E.]

O **Moringue** tem feito suas imcurçoens por **Santa Maria** e sempre tem sahido muito bem e agora por aqui andão. Adivinhando a vinda delle a este lugar o que [1v] não dovido por que não há quem o embarace e mesmo há suas fazendas de que elles muito percizão, enfim sera uma fortuna se me não pilharem, e só o que peço ao Supremo Arquiteto he xuva, e mais xuva, para os rios e banhados emxerem e por essa cauza estar mais descançado. Rogo a V. Exa. me de algumas noticias das Operaçoens de **Rio Grande** e de **Rio Pardo** e mesmo de **Miçoens** que aqui nada se sabe. Minha Familia muito respeitosamente pede a V. Exa. que para ella fazer hum amistozo cortejo a Exma. Sra. D. **Bernardina** e seos pequenos, o memso faço e com especialidade aceitará huma viva saudade nossa por que sempre somos

De V. Exa.

[a] **Jozé Ferreira Gomes Roque**

P. D.
Muito lhe rogo queira recomendarme ao nosso Presidente, e Amigo.
[Anotado na margem superior]
Respondida a 26 – || –

CV-8012

Exmo. Amigo e Sr. **Domingos Joze d Almeida**.

São Gabriel 27 de Septembro de 1841.

Respondendo apreciavel de V. Exa. com dacta de 9 do corrente certifico que recebi com esta as cartas para o Major **Manoel Pires**, que logo a entreguei, e a de **Modesto** inda em meu poder fica por não ter tido portador seguro, e logo haja porpoçoens farei seguir. Tão bem me foi entregue a de V. Exa. com o feixo de 10 do Regente pella qual me pede o Óleo de linhaça[71], e indagando quem o teria para comprar soube que **Rafaiel Morim** o tinha e que há poucos dias o levara para esse lugar, o filho do mesmo com uns resto de negocio que tinha aqui, por isso V. Exa. ahi melhor do que eu fara esta compra, pois aqui já o não há, por ter **Farias** e **Aranha** vendido o que tinhão. Bem estimo que a nossa Tipografia de começo a

[71] Linhaça: "*Linum usitatissimum,* L. *Pentandria Pentagynia*, Fam. Lineæ. Planta original da Ásia, cultivada em todas as partes, principalmente na França, Alemanha e Rússia. Dá no Brasil com uma facilidade e abundancia espantosa, e é de lastimar não ser cultivada entre nós em maior escala, sendo uma das mais interessantes plantas, aproveitando-se o todo da semente como remédio, óleo e alimento para animaes, o talo para linha e o bagaço para estrume. Emprega-se na medicina as sementes, pequenos grãos oblongados, luzidios, comprimidos, de cor roxa exteriormente, amarelada no interior, sabor oleoso agradável, contendo quantidade grande de mucilagem e de óleo. Aplica-se como emoliente, internamente em cozimento (meia onça em uma libra de líquido), em emulsões (de óleo de linhaça fresco); externamente o cozimento em gargarejos, injeções, clisteres; o óleo em linimentos, ungüentos, emplastros e clisteres. Para cataplasmas emolientes misturam-se 3 onças de sementes de linhaça em pó em 9 onças de água fervendo". LANGAARD, Theodoro J. H. **Diccionario de Medicina Doméstica e Popular**. Volume II. 2ª edição, Rio de Janeiro, Laemmert, 1872: 687. [N. do E.]

aparecer os Atos do Governo / que tudo he devido aos exforços de V. Exa. / para alentar os expiritos de alguma gente que querem tudo feito em hum só dia. Etc. etc. etc.

Sempre tenho avaliado os bons serviços feitos por V. Exa. a prol da Cauza que sustentamos, e nunca consentirei que elle sejão exquecidos the onde alcanssem as debeis forças de hum homem do Povo assim como eu me considero, não só por ser verdadeiro amigo de V. Exa. mas sim por dezejar a Justiça e o Premio de quem tanto se tem consomido e sacrificado. Etc. etc. etc. O Inimigo segundo as participaçoins já em marxa segue para dentro e o portador desta o Capitão **Lisbão** que foi vitima delle poderá com verdade afirmar seu estado. O General **João Antônio** tem para dentro dado providencias afim de poder cortar lhe alguns recurços e por falta de cavalhada já elle não tem toda a força reonida, porém todos os dias a espera assim como ao General **Canabarro** a quem já forão avizos e inda que nada se faça considero huma grande Batalha ganha a nosso favor.

Pela parte do General **João Antônio** e o procedimento do Jois de Pás ficará V. Exa. ao fatto do que por aqui tem havido, porem este negocio teve começo segundo oiço dizer por se desaprovarem o festejo que principiarão a fazer no dia 6 para 7 do corrente os Imperiais, misturados com alguns Republicanos que pouco pençarão e por que aquele Festejo ficasse frustado por que houve hum sujeito que zellozo de nossa Cauza fora a algumas portas quebrar as luminarias na noite do mesmo dia [2] 6 e por que motivou-lhes bastante descontentamento e temor, deixarão por esse motivo de continuarm o seu regozijo no dia 7, e espalhavão que como não levarão a efeito aquelle festejo pelo mesmo conseguinte que nada farião no dia 20 e que tratarião de aprezentar forma que nada tivesse lugar, e servindo de testa de ferro o **Augusto** que hera dos entrados no festejo de 6 e 7, este de acordo com o Ven**.·.** do □ cahio na ratueira de **João Antônio** que surdo aos empenhos para ahi o faz marxar, afim do Governo o ponir e por este procedimento considere V. E. os dezaforos que por aqui tem havido. Etc. etc. etc. O cazo he que se **João Antônio** aqui não se axa nada se fazia um aplauzo ao dia 20, mas apezar de tantos obstaculos houve Hino, botei meos foguetes, e feixou o festejo com Baile e the hoje não tem aparecico afronta dos Caramorus que he noticias aterradoras de modo que foi santo o tal remedio.

Minha familia muito se recomeda a V. E. assim como a Exma. Sra. D. **Bernardina** e pequenos e eu com expecialidade por ser sempre com consideração [2] e estima.

De V. Exa.
Amigo obrigadissimo Criado
[a] **Jozé Ferreira Gomes Roque**

[Anotado na margem superior]
Respondida a 10 de Outubro.

CV-8013

Exmo. Amigo e Sr. **Domingos Joze d Almeida**.

São Gabriel 11 de Outubro de 1841.

Muito estimarei que V. Exa. e a Exma. Sra. D. **Bernardina** e picuruxos gozem saude mais livres dos emcomodos que sempre nos tem perceguido, etc. etc.

Dirigo-me a V. E. para me fazer huma Justiça, e obzequio, grande, que vem a ser: tenho na Fazenda do **Gama** que Arrendei, hum agregado de nome **Manoel Pacheco** que já o axei morando [trecho rasgado] no fundo desta fazenda e por que hera irmão do Capataz que ali estava e este me viesse pedir para o conservar assim o pratiquei, porem não tardou muito que conheci o erro, por que ambos não ouve maneiras que os convencesse para não serem ostis ao nosso Governo, e apezar de todos os exforços para isto conseguir sempre praticarão ao contrario, e na mesma **Olaria** conservarão grupos para nos fazerem danno e bem lembrado estava V. E. que quando estivemos em **Caverá** ali vierão varias partes contra estes sujeitos, o primeiro ocultouce e foi aprezentarce ao General **David**, e com Portaria deste se conserva, e o segundo que he **Zeferino Paxeco** veio com Portaria do Gerenal **João Antônio** e na qualidade de Capataz estou justando com [1v] as contas para o despedir, porem como o Irmão mora na **Olaria** he de se supor que para alli vá pois tem algum gado neste campo, e querendo eu ver Capataz, ninguem quer hir para aquella Fazenda por cauza destes Diabos, e está em abandono completamente por esta cauza, e por estas razoens espero que V. E. me fará a graça de mandallos despeijar para fora, e muito favor me faz em occultarme neste [trecho rasgado] por que receio que me deem a boa viagem, / de que são capazes /. O tal Capataz the veio com ordens do **Gama** para por a dispor de tudo quando alli ouvesse e espero que V. E. permitame outra vez que lhe rogue este obzequio. Tenho mais a pedir-lhe que os Sujeitos que podem ser Capatazes são Homens de Armas, assim como Piaims por isso V. E. dara o remedio para senão bolirem com estes Homens, por que sofro hum grande prejuizo, pella falta de costeio na Fazenda e agora me perçoado que o Governo já mais dezafrontado pode usar desta dispença visto o Inimigo se haver retirado: dispence V. E. o lhe ser tão importuno e fastidiozo.

Minha familia muito se recomenda [2] a Exma. Sra. D. **Bernardina** e a V. Exa. e eu com toda estima por ser com verdade.

De V. Exa.

Amigo obrigadissimo Criado

[a] **Jozé Ferreira Gomes Roque**

[Anotado na margem superior]

Respondida a 14 – || –

CV-8014

Exmo. Amigo e Sr. **Domingos Joze d Almeida**.

São Gabriel 26 de Outubro de 1841.

De posse das apreciaveis de V. E. com dacta de 10 e 14 fico inteligenciado de quanto me expõem V. E. pello que lhe sou sumamente grato; e mais agradecido estou pela Ordem de despejo dos Sujeitos da **Olaria**, que ja forão intimados para se porém ao fresco. Quanto ao Capataz e Pioens depois de se poder dispençar gente fileras emtão tatarei disto e seguirei o que V. E. me aconselhar. Junto remetto a V. E. o parecer dos Oficiais que em comição forão avaliar o gado comsomido por nossas Forças na fazenda do **Gama**, e animais levados na mesma occazião e depois. Espero que V. E. tera a bondade mandarme passar hum Documento e me fazer merce remeter.

Eu manham sigo the a Linha, e espero em poucos dias voltar segundo calculo, e V. E. me determinara suas Ordens para as imidiaçoins de **Santa Anna do Livramento** onde vou com direção aver se posso conseguir a compra de huns cavallos e hum Campo para invernada. Do Inimigo o General **João Antônio** portador desta informará melhor a V. Exa. seu desgrasado estado. Bem contente estou por me parecer que o Governo agora tem [1v] de firmar na Sede neste Lugar ou por aqui mais vizinho que terei o gosto dever a V. E. muitas vezes, e de mais perto incomodallo na forma do meu costume. Minha famillia Criada de V. E. emvião seos Respeitozos cortejos a Exma. Sra. D. **Bernardina** e picuruxos e a V. Exa. e eu com expecialidade e estima por que com veras sou

De V. Exa.

Amigo obrigadissimo Criado

[a] **Jozé Ferreira Gomes Roque**

[Anotado na margem superior]

Respondida a 31 – || –

CV-8015

Illmo. e Exmo. Sr. **Domingos Joze de Almeida**.

Meu Prezado e respeitozo Amigo. Xeguei a esta Freguesia depois de cinco dias de muito mau tempo, que inda me parece huma pela o estar aqui sem ter maior incomodo; da mesma maneira he o meu dezejo que V. Exa. e sua apreciavel Familia tenhão passado sem novidade. Depois que aqui xeguei temseme dito que ouve grande mudança no Governo, e como ignoro o que vai por esse Mundo novo, e desejava saber com verdade, por isso tomo a comfiança de pedir a V. Exa. que se puder em algum ora vaga que possa haver, me afirme o que á passado; e Deus queira que com semelhante mudança não sofra o Governo algum balanço que nos venha por em piores circonstancias; dispenceme V. Exa. o meu arrojo em avançar aquillo que pouco intendo, pois não he mais que o dezejo que tenho de ver marxar

o Governo sem mingua de sua Dignidade e livrarse de burrascas que dellas não se possa dezenvolver. Rogo a V. Exa. queira fazerme hum respeitozo cortejo a Exma. Sra. e a todos os seus picuruxos, e a V. Exa. emvio muitas saudades nascidas da sinceridade com que me prezo ser

De V. Exa.
Amigo obrigadissimo Criado
[a] **Jozé Ferreira Gomes Roque**

[Anotado na margem superior]
Respondida a 11 – || –
[Anotado no verso]
Illmo. Exmo. Sr. **Domingos Jozé de Almeida**.
Ministro da Fazenda.
Caçapava.

CV-8016

Illmo. e Exmo. Sr. **Domingos Joze de Almeida**.

Respeitozo e Prezado Amigo. Depois de ter-me derigido a V. Exa. recebi a muito apreciavel que V. Exa. se dignou enderesarme com o feixo de 27 do mes findo e a leitura da mesma imenço prazer me cauzou e a muitos amigos a quem comonequei, e que como eu tristes esperavamos que desprendessemse sobre nossa Patria Querida os malles que a ameaçavão, se V. Exa. emcistiu em se demitir do Ministerio, cujas Altas repartiçoins, com atenção lançando as vistas na crize nos axamos, não se emcontra quem as ocupe a não ser V. Exa. que com todo o denodo e afincadamente tem sabido elevar ao grau em que se axa organizado o Governo, e Oxalá que V. Exa. desprezando os seos inimigos e inimigos de sua Gloria, os faça rogir de raiva, e desprezando seus embustes, prossiga a levar a Cruz ao Calvario: dispenceme V. Exa. minhas expreçois que nellas não posso dizer em quanto aprecio os Distintos serviços praticados por V. Exa. a Sagrada cauza que defendemos.

Ontem pello Capitão **Laurindo Joze da Silva** que vindo de **Miçoens** aqui passou para essa Capital fui emformado que o Major **Matias**, já esta de posse da Fazenda do **Gama** em **Itaroquem** cuja Fazenda he a mesma que a V. Exa. requeri para hir a Praça e me parece que se tal acontece he isto obra feita pelo Coronel **Jose Ribeiro**, pois com Justiça me parece que dando eu igual quandia deva [1v] ter a preferencia, por que tenho arrendado duas fazendas com vinte e tantos mil animais da mesma marca e huma dellas vizinha a esta que pertendo e que os animais de huma pastão promiscuamente no campo da outra, e ficando ali outro Proprietario necessariamente vou ser prejudicado por ser a fazenda em questam muito menor o numaro de animais, por isso espero que V. Exa. com retidão me diga o que devo fazer para evitar este mal, e demais há muitos mezes que promovi a Praça desta fazenda como consta pello Requerimento que no Tribunal do Thezouro existe.

Espero que V. Exa. tera a bondade de responderme para me saber dirigir pello que muito obrigava a quem tantas finezas lhe he devedor.

Fis prezente as Recomendaçoins por V. Exa. dirigidas a todos os Amigos e estes se retribuem pella mesma maneira. Muito peço a V. Exa. queira recomendarme a Exma. Sra. e seos picuruxos com muitas saudades as quais aceitara de quem se preza ser

De V. Exa.
Amigo Atenciozo Venerador Criado
[a] **Jozé Ferreira Gomes Roque**

[Anotado na margem superior]
Respondida a 11 – || –
[Anotado no verso]
Illmo. Exmo. Sr. **Domingos Jozé de Almeida**.
Ministro da Fazenda.
Caçapava.
[carimbo] **São Gabriel**.

ROSA, João Alexandre da[72]
CV-8017 a CV-8020

CV-8017
Illmo. e Exmo. Sr. **Domingos Jozé de Almeida**.
Porongos 24 de Janeiro de 1841.

Meu Amigo e Senhor, não podendo hontem de tarde fallar com **Moura**, por ter já seguido para essa, por isso que passei a tratar com **Miguel Ignácio Zelajaran**, de 30 a 40 alqueires de cal, este quando V. Exa. queira pode avizarme para dar provicencias a couros para emsorroar e seguir; advertindo que tenho tratado posta ahi a 800 réis ao alqueire e tão bem me dira os alqueires que queira e qualquer coiza que queira pode mandar dizer pello proprio condutor desta que aqui expero pella sua Ordem.

Aproveito esta ocazião para segnificar-lhe portestos de amizade por cer

De V. Exa.
Amigo Servidor Obrigado Criado
[a] **João Alexandre da Roza**

N. B.
A cal fica pelo preço de 800 réis por cer para V. Exa.
[Anotado na margem superior]
Respondida a 26 – || –

[72] Ver anexo nº 7 – Requerimento de **João Alexandre da Rosa**, solicitando a concessão de uma data de terras na Serra dos Tapes. [N. do E.]

CV-8018

Illmo. e Exmo. Sr. **Domingos Jozé de Almeida**.

Costa do Arroio Velhaco 13 de Novembro de 1841.

Amigo e Senhor como me achace milhor, depois que disse a V. Exa. que não podia comprir o pedido em razão de me achar emcomodado; no dia 11 do corrente sahi e sempre pude vencer a entregar a **Vianna** vinte e hua galinha e por não ci poder demorar não leva mais, e hirão o numero que pedio quando lhe convenha por que o mesmo **Vianna** se oferece para as levar em hua carreta; tenho muitos dezejos de o hir vezitar mais todavia ainda não posso sofrer a marcha de hum dia comtudo o farei mais breve se V. Exa. ver que hé percizo para aquelle arranjo, e Estimarei que a Ilma. Sra. D. **Bernardina** tenha bom sucesso, dezejo-lhe o milhor bem da vida por cer

De V. Exa.
Amigo Atento Obrigado Criado
[a] **João Alexandre da Roza**

N. B.
As galinhas forão compradas a pataca.
[Anotado na margem superior]
Respondida a 16 – || –
[Anotado no verso]
Illmo. e Exmo. Sr. **Domingos Jose de Almeida**.
Ministro da Fazenda.
Bagé.

CV-8019

Illmo. Sr.

A V. Sa. encarregar-me da Administração da Fabrica de Salitre que por conta do Exercito se estabeleceo no **Arroio Velhaco**, **Ponta das Tunas** em Janeiro de 1839, me asseverou designar o Governo, de que então fazia parte, trezentos mil réis annuais em gratificação ao meu trabalho. Nesta intelligencia dirigi ao mesmo, Governo, pella repartição compitente o requerimento incluzo, que sendo-me devolvido com os despaxos nelle extampados, rogo a V. Sa. que para satisfazêllos me de os esclarecimentos a respeito.

Deos Guarde a V. Sa. **Porongos**, 28 de Junho de 1842.
Illmo. Sr. **Domingos Jozé de Almeida**.
[a] **João Alexandre da Roza**

[Anotado no verso]
Ao Illmo. Sr. **Domingos Jose de Almeida**.
Bagé.

CV-8020

Prezadissimo Amigo e Sr. **Domingos Jozé de Almeida**.

Fazenda dos **Porongos**.

17 de Fevereiro de 1843.

No dia 24 de Janeiro pretérito presente foime entregue a carta de V. S. dactada a 11 do mesmo, acompanhada da Percatoria e carta do amigo **Morais**, carta para **Albino** e **Pessanhas**, a vista da sua recomendação no dia 25 fiz hum proprio a **Piratinim** levando os recomendados, e determinei a expera da resposta, porem acontece que **Pessanhas**, fora para **Pelotas**, ficando tudo emtregue a D. **Carlota**, e no dia 12 do prezente, ainda não tinha chegado a **Piratinim**, e athe hoje não me tem vindo as maus os papeis de **Moraiz**, e logo que cheguem farei o que estiver ao meu alcance para o seguimento abreviado, a Carta para **Albino** não estando este na **Coxilha de São Sebastião**, O'no **Arroio Tigre** a mandei entregar pelo conducto de **José Ignácio**, sobrinho do mesmo; Abem delinhada e Respeitoza Proclamação da Semblea, veio emparte serenar os animos daquelles que bebião as doutrinas dos Senhores da Minoria não lhe posso explicar o sosurro que grassava por esta parte fazendo crer, a ditassão; acontesse que no dia 16 de Janeiro me veio as mãons copia feita no **Alegrete**, da mencionada Proclamassão tive logo de extrahir outras copias mandando de prompto hua para a 1ª Brigada acampada em **João Antônio Martinz**, e outras para varios pontos e por ter portador de passagem não me exapou **Capivari** e **Pelotas** não tendo para isso preguissa o Excrivão **Valerio**, e **Domingos Correia** que muito fizerão neste dia, tenho mais acomonicar-lhe que [1v] o Dr. **Coelho** obteve hua Ordem para 400$000 para ser paga dos Direitos do despaxo que emtão fazia **Marcial Rodrigues**, acontesse que quando dita Ordem me foi aprezentada já avia distribuido a importancia daquelles Direitos apezar de ter cido atropelado, não tenho pago nem o farei sem que me exclaressa o Inspector Geral do Thesouro a quem nesta mesma ocazião pesso o Exclarecimento percizo.

Julgo ser o portadir desta thé **Bagé** por ter alli que tratar com o Collector e Excrivão afim de ver se nos comoniquemos quando nos for percizo, sem aver tropesso nem demora e Informa de paradas pellos Fiscais da linha que todos se podem comonicar todos os dias quando seja percizo, e não se quererão anuir se anuirem temos daque thé **Bagé** a correspondencia de dia em dia quando perciza. Saude e paciencia lhe dezeja quem hé

De V. S.

Amigo obrigado Criado

[a] **João Alexandre da Roza**

ROSA, José Bernardes
CV-8021

CV-8021

Illmo. e Exmo. Sr. **Bento Gonçalves da Silva**.

Parente e Amigo. Ontem chegando eu ao **rodeio Colorado** chega o estrangeiro **Cefirino Uriarte** a valer-se de minha pessoa afim de que lhe recomendasse a Sua Exa. por que lhe acontesseo hum fracasso sobre a entrada de suas Carretas neste Estado dizendo-me elle que por duas vezes tinha mandado avizar ao fiscal daquelle ponto por onde o mesmo entrou; e que a espera do dito fiscal não se tinha dirigido a **Bagé** sem que elle tomasse relação dos volumes que trazia e marxando elle sempre por estradas reais se achava em caza de **Maria Fernandes** e dali não se moveria sem dar no manifesto sua introdução o que posso severar a V. Exa. e que he omem de Prubidade e os Generos que trazia herão para negociar com meu Genro e elle não se atreveria a vender nem meu genro a comprar sem que estivesse legalizado como he de custume assim espero em V. Exa. que todo o bem que lhe faça seja como a minha pessoa e sempre esperançado, sendo hum dos primeiros obzequios de que dezejo obter de V. Exa. e aqui me achara pronto em ocazião de seu serviço

De V. Exa.
Parente e Patricio Amigo
[a] **José Bernardis Roza**

[Anotado no verso]
Illmo. e Exmo. Sr. **Bento Gonçalves da Silva**.
General e Prezidente do Estado.
Cassapava.

ROSA, Manuel D'Avila da
CV-8022

CV-8022

Illmo. Sr. **Domingos Joze de Almeida**.

Chacara, 1º de Setembro de 1843.

Muito Respeitavel Senhor. Recebi a carta de V. Sa. e ao seu contiudo respondo; que V. Sa. pode mandar tapar o quintal pertencente a minha propriedade e servirce da sua produção; deixando livre a **João Mendes**, unicamente a serventia pelo portão.

Tem juntamente outro terreno mistico[73] ao mesmo quintal, que se acha inda com algûa tapage de únha de gato[74], que tão bem V. Sa. se pode servir delle; Aproveito a ocazião para cumprimentar a V. Sa., de quem sou

Muito Venerador e Criado.

[a] **Manuel d'Avila da Roza**

[Anotado no verso]
Illmo. Sr. **Domingos Joze d'Almeida**.
Piratinim.

ROSA, Manuel Pires da
CV-8023

CV-8023

Compadre e Amigo.

A vista das minhas Serconstancias o não poder hir a falarlhe por este lhe advirto que no cazo de se apontar a letra paçada pelo Sr. **Simião**, que na letra se declare a moeda de prata pois devemos nos lembrar que todas as declaração ção pocas para com o dito Senhor. Que eu o que mais me satisfaz he aver a fiança que há a pessoua o Sr. Ministro **Domingos Joze de Almeida**. Saude lhe dezeja Seu

Amigo e Compadre

[a] **Manuel Pirez da Roza**

ROSA, Timóteo Pereira da[75]
CV-8024

CV-8024

Uruguaiana, 29 de Janeiro de 62.

Foi hoje entregue a carta reservada com que V. Exa. dignou-se honrar-me pedindo-me que lhe informasse sobre 2 factos que nesta villa se derão, um no dia 31 do mez proximo passado e outro no dia 10 do corrente. Quanto ao 1º facto

---

[73] Místico: "Contíguo imediatamente. *Casas misticas*". SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da Língua Portuguesa**. Tomo 2, Lisboa, Tipografia Lacerdina, 1813: 305. [N. do E.]

[74] Unha de gato: "Nome vulgar no Brasil da *Acácia paniculata Wild*., leguminosa da subfamília das mimosóideas, tribo das acacíeas, espalhada da Guiana ao Paraná e Minas Gerais, a que são atribuídas virtudes medicinais". GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume 33, 1960: 379/380. [N. do E.]

[75] Ver Anexo nº 08 (Requerimento de **Timotheo Pereira da Rosa**, Juiz Municipal do Termo de **São Borja**, em 1863, pedindo dois meses de licença para tratar de sua saúde fora do termo) e Anexo nº 09 (Requerimento de **Timotheo Pereira da Rosa**, Juiz Comissário do Município de **São Borja**, em 1863, pedindo exoneração do cargo) – [N. do E.]

tenho a dizer á V. Exa. que já antes de receber a carta de que acima fallo, tinha eu sabido, e depois de recebel-a verifiquei o seguinte: No dia 31 de Dezembro do anno proximo findo, aportarão a esta Villa, vindos do povo em frente, um official e 4 soldados correntinos conduzindo á entregar ao Delegado de Policia deste Termo 2 presos com officios do Commandante da **Restauração** para a mesma autoridade. Desembarcada a escolta e tendo-se successivamente apresentado ás guardas do porto e da Alfandega, dizendo-lhes o official a que fim procurava o Delegado de Policia, chegou á casa deste que recebendo os presos e a communicação official, prometteu aos soldados, que deixadas no corredor de sua casa as armas de fogo (unicas que trazião) se fossem a passear pelo povo, emquanto elle hia responder ao officio que lhe enviara o Commandante da **Restauração**. No entanto os 2 presos havião logo ido conduzidos á Cadêa civil á ordem do mesmo Delegado. Sabendo o Commandante da Guarnição d'esta villa que havião desembarcado aquelles individuos, e constando-lhes que os presos que trazião, erão desertores brasileiros que provavelmente terião vindos dirigidos á elle e não ao Delegado de Policia, persuadio-se que esta autoridade, usurpava funcções [1v] que no entender d'elle Commandante, erão exclusivamente militares, e agastando-se por este procedimento, mandou vir á sua presença o official, que se havia conservado em casa do Delegado, e em tom desabrido lhe intimou que immediatamente se retirasse com a sua gente para a **Restauração**. O official prompto á obedecer a intimação, pedio licença para ir com os seus á casa do Delegado tomar as armas que lá havião deixado, mas fo-lhe denegada essa licença, e incontinente teve de marchar para o Porto escoltado, e ahi no momento de embarcar, um official nosso, apezar de velo dezarmado, arrancou da espada, e esteve em termos de o ferir com ella. Ahi tem V. Exa. narrado com sinceridade o facto que teve lugar no dia 31 de Dezembro, faltando o incidente de haver o Commandante da Guarnição mandado por em liberdade os 2 prezos que o Delegado havia feito conduzir á Cadêa e que logo (2 ou 3 dias depois da soltura) voltarão para **Corrientes**. Estou persuadido que se não existisse como me consta existir, indisposição reciproca entre o Commandante da Guarnição e o Delegado, o facto do desembarque do official e quatro soldados que nos vinhão a prestar um valioso serviço pelo qual deviamos ser gratos ao Commandante da **Restauração**, teria sido pelo nosso Commandante como o foi por toda a população, considerado muito diversamente do que foi; e todas as desagradaveis occurrencias que apparecerão, não terião tido lugar. Relativamente ao segundo facto que eu ignorava completamente até o momento de lêr a carta de V. Exa., o que eu soube hoje de pessoa insuspeita á quem recorri, é o seguinte. No edificio da Alfandega d'esta villa, há um saguão (ou antes um pequeno corredor) que sempre [2] servio de casa do corpo da guarda. Como os soldados não tivessem alli o menor commodo, mandou o Inspector logo depois de sua chegada á esta villa, ou pouco tempo depois contruir umas 2 ou 3 tarimbas á sua custa as quaes de conservarão até o dia 10 do Corrente e que as mandou d'alli tirar o Inspector, resentido pelo facto revoltante de terem

sido n'uma das noites anteriores suas portas e janellas emporcalhadas de materias fecaes, facto que o mesmo Inspector attribuio á soldados do destacamento mandado pelo Commandante da Guarnição. E ao fazer isto mandava também o Inspector trancar um portão que dá entrada para o pateo e quartos interiores da Alfandega, e intimou aos seus guardas que não consentissem que pessoa alguma que não fosse empregado na Alfandega, penetrasse no pateo e quartos interiores.

Direi francamente á V. Exa. que não louvo o acto do Inspector relativo as tarimbas em que descansavão os pobres soldados; – 1º porque não considero o Commandante de Guarnição capaz de haver lançado mão de um meio tão infame, como é aquelle que dizem ter-lhe attribuido o Inspector; – 2º por que quando mesmo isso tivesse acontecido, devia ter tido mais generosidade o Inspector, e tirar o seu desforço por outra forma. É bem verdade tambem que esta e semelhantes occurrencias de verão deixado de existir se entre o Commandante e o Inspector não reinasse a desarmonia que há.

Mande V. Exa. suas ordens á quem é

De V. Exa.

[Anotado no verso]
Illmo. e Exmo. Sr. Brigadeiro
David Canabarro.
São Gregório.[76]

ROSADO, Francisco José Damasceno
CV-8025 a CV-8026

CV-7071[77]
Copia.
Illmo. Sr.

Acuzando a recepção do officio que V. Sa. me dirigio com dacta de hoje sobre o que determina o Exmo. Sr. General Commandante das Forças.

Cumpre-me cientificar a V. Sa. que nenhuma duvida se offerece a que os Soldados do Batalhão sob meu Commando fação as faxinas das Trinxeiras desta Villa, porém não he actualmente possivel esta quadejuvação enquanto durar o pezo que ha de serviço nesta Guarnição pois que havendo actualmente 247 praças promptas, e dando diariamente 88 para o serviço não resta tempo para poder

[76] Anotado no verso, provavelmente pelos organizadores da Coleção Varela: "[de **Timoteo Pereira da Rosa**, conforme correspondência de **Canabarro]"**. [N. do E.]

[77] O documento CV-7071 já foi publicado no volume 16 dos Anais do AHRS. Uma cópia xerográfica do mesmo foi colocada neste ponto, provavelmente pelos organizadores da Coleção Varela. [N. do E.]

disciplinar o Batalhão que apenas tem 7 mezes de sua organização, e este tempo mesmo em marchas na fronteira da Provincia de **Santa Catharina**, contudo V. Sa. queira levar ao conhecimento de S. Exa. para decidir como lhe prover. Deos Guarde a V. Sa. Quartel na Villa de **São Joze do Norte**, em 9 de Julho de 1839.
Illmo. Sr. **Antonio Soares de Paiva**.
Coronel Commandante da Guarnição.

[a] **Francisco Jozé Damasceno Rozado**
Tenente Coronel Graduado Commandante
Está conforme.
[a] **Joaquim Candido Pinto de Castro**
Tenente Secretario da Guarnição.

CV-8025[78]
Cópia.

1º Batalhão de Caçadores de Linha
Rellação nominal das praças que tem dezertado d'esde a Creação do Batalhão até Janeiro de 1840.

Grad[1]	Nomes	Datas das Dezerções	Filiações					
			Filhos de quem	Nat[2]	Signaes			
					Cab[3]	Olhos	Pol.[4]	Cor
1ª Companhia								
2º Sar	**João Jacintho de Mello**	09.01.1839	F. de Outro	Port	Cas	Par		
Cab	**Antonio Pinto Netto**	26.12.1838	F. de Outro	Camp	Pre	Par		
Cab	**Antonio Jozé Ferreira de Lima**	09.01.1839	F. de Outro	Lis	Pre	Par		
Sol	**Sergio de Castro**	26.12.1838	F. de Pais incognitos	RJ	Car	Pre		
Sol	**Francisco Duarte**	09.01.1839	F. de **Manoel Duarte**	Port	Pre	Pre		
Sol	**Joam Marques**	14.01.1839	F. de outro	Mis	Car	Pre		
Sol	**Luiz de Quadro**	14.03.1839	F. de **Salvador de Quadro**	MG	Car	Pre		
Sol	**Pedro Bernardo da Silva**	14.07.1839	F. de outro	RJ	Car	Pre		
Sol	**Gregorio Francisco**	01.11.1839	F. de outro					
2ª Companhia								
Sol	**Pedro Gonçalves Caldeas**	10.11.1838	F. de **Julião Jozé Caldas**	RJ	Pre	Pre	60	Par
Sol	**Manoel Ignacio da Silva**	1º.11.1838	F. de **Antonio da Silva**	RJ	Pre	Pre	65	Par
Sol	**Jozé Claudio**	1º.11.1838	F. de **Antonio Claudio**	BA	Car	Pre	66	Par
Sol	**Joam Dias da Silva**	1º.11.1838	F. de **Manoel Dias da Silva**	BA	Car	Par	60	Par
Sol	**Felix de Alves de Mesquita**	13.12.1838	F. de **Alexandre Alz. de Mesquita**	PE	Cas	Cas	62½	Par
Sol	**Vicente José Leal**	26.12.1838	F. de **Antonio de Mello**	SC	Lou	Par	63	Bra
Sol	**Antonio Joaquim Frêdo**	26.12.1838	F. de **João Gonçalves Fredo**	SFN	Cas	Par	60	Bra
Sol	**Vicente Gonsalves**	15.01.1839	F. de **Jozé Gonçalves**	BA	Car	Pre	63½	Pre
Sol	**Bernardino de Andrade**	15.01.1839	F. de **Angelo de Andrade**	BA	Car	Pre	59½	Pre
Sol	**Filippe Barboza Bocage**	15.01.1839	F. de **Pedro Barboza**	BA	Car	Pre	59½	Pre
Sol	**Antonio Manoel da Costa Porto**	17.01.1839	F. de **Joze Alz. Braga**	RJ	Pre	Pre	57½	Bra
Sol	**Innocencio Jozé da Silva**	07.01.1840	F. de **Luiz Jozé**	PE	Car	Pre	62	Pre

[78] Para facilitar a transcrição e a edição desta tabela, optamos em alterar parcialmente sua estrutura original e abreviar algumas palavras colocando ao final as abreviaturas utilizadas. [N. do E.]

3ª Companhia								
Cab	**Manoel Gonçalves**	27.12.1838	F. de **Manoel Felippe Gonçalves**	Lis	Cas	Par	59	Bra
Sol	**João de Souza Linhares**	27.12.1838	F. de **Antonio Joze Linhares**	SC	Cas	Par	57½	Bra
Sol	**Florentino Jozé de Castro**	01.01.1839	F. de **Manoel Cardozo de Castro**	RJ	Pre	Par	58½	Par
Sol	**Marcellino Ignacio**	10.01.1839	F. de Pais incognitos	SC	Par	Par	60	Bra
Sol	**Sebastião José Antonio**	10.01.1839	F. de Pais incognitos	SC	Pre	Par	59	Bra
Sol	**Joam Francisco de Mello**	10.01.1839	F. de **Francisco Pereira de Mello**	SC	Cas	Par	58	Bra
Sol	**Manoel Mathias**	10.01.1839	F. de **José Mathias**	Lag	Cas	Azu	61½	Bra
Sol	**Jozé Antonio dos Santos**	06.01.1839	F. de				60	Bra
Sol	**Francisco Affonço de Castro**	13.01.1839	F. de **Manoel Antonio**	Lis	Par	Par	60	Bra
Sol	**Manoel Dias**	17.02.1839	F. de **Maximo Dias**	SC	Pre	Cas	58	Par
Sol	**Joam Manoel**	01.07.1839	F. de **Joam da Silva**	SC	Par	Par	55	Bra
Sol	**Daniel Dias Cavalcante**	02.11.1839	F. de **Antonio Dias Cavalcante**	BA	Pre	Pre	58	Par
4ª Companhia								
1º Sar	**Antonio Joaquim de Camargo**	21.03.1839	F. de **Francisco Ferráz de Carvalho**	SP	Pre	Par	61	Bra
Cab	**Manoel Antonio da Motta**	01.07.1839	F. de **Manoel Jozé da Motta**	Por	Pre	Pre	60	Bra
Sol	**Manoel Jorge Braúna**	15.11.1838	F. de **Manoel Alexandre Braúna**	BA	Pre	Par	60	Bra
Sol	**Caetano Ignacio**	01.12.1838	F. de **Narcizo Fillippe**	SC	Cas	Azur	58	Bra
Sol	**Joam Baptista Correia**	20.12.1838	F. de **Antonio Correia**	Por	Pre	Par	57	Bra
Sol	**Manoel Gonçalves**	24.12.1838	F. de **Bazilio Gonçalves**	PE	Lou	Par	58	Bra
Sol	**Manoel Jozé do Espirito-Santo**	24.12.1838	F. de **Antonio Jozé**	ES	Pre	Par	52	Par
Sol	**Antonio Francisco de Souza**	24.01.1839	F. de **Jozé Francisco da Silva**	SP	Car	Par	61½	Par
Sol	**Manoel dos Anjos**	14.03.1839	F. de **Jozé Alz. de Carvalho**	BA	Pre	Par	61½	Pre
Sol	**Manoel Dias de Jesus**	15.03.1839	F. de **Domingos de Jesuz**	Bacahi	Pre	Pre	62	Par
Sol	**Francisco Jozé Dias**	21.03.1839	F. de **Francisco Correia**	BA	Car	Pre	59½	Pre
Sol	**Braz Francisco Pereira**	12.06.1839	F. de **João Francisco Pereira**	BA	Par	Par	58½	Par
Sol	**Antonio Cardozo**	12.06.1839	F. de outro	MG	Pre	Par	61	Par
Sol	**Marcos José da Costa**	14.06.1839	F. de outro	PB	Pre	Par	59	Par
Sol	**Manoel do Bomfim**	14.06.1839	F. de **Jozé do Bomfim**	BA	Cas	Pre	57	Par
Sol	**Felicio Monteiro de Barros**	05.08.1839	F. de Outro	RJ	Cas	Par	59	Par
Sol	**Antonio Domingues**	20.12.1839	F. de **Antonio Felix**	BA	Pre	Par	55	Par
5ª Companhia								
Cab	**Francisco Jozé de Chagas**	02.01.1839	F. de **Jozé Constantino Lopes**	RJ	Pre	Azu	61½	Bra
Cab	**João Francisco Rebello**	25.08.1839	F. de **Francisco Rebello**	SC	Pre	Par	59½	Bra
Ans	**João de Azevedo**	14.07.1839	F. de **Jorge d'Azevedo**	Faial	Cas	Par	57	Bra
Sol	**Manoel Antonio de Souza**	14.01.1839	F. de **Bernardo de Quadro**	RG	Pre	Pre	60	Pre
Sol	**Domingos d'Abreu**	14.01.1839	F. de **Jozé Bernardo d'Abreu**	PE	Cre	Pre	63	Par
Sol	**Euzebio Lopes**	17.01.1839	F. de **Francisco Lopes**	BA	Cre	Pre	54	Pre
Sol	**Manoel do Nascimento**	13.02.1839	F. de **Domigos Martins**	Campos	Car	Pre	61	Par
Sol	**Joam Pinto**	14.04.1839	F. de **Wenceslão Pinto**	BA	Pre	Par	66	Par
6ª Companhia								
Cab	**João Manoel Fernandes**	16.01.1839	F. de outro	Por	Cas	Par	61	Bra
Ans	**Paulo Francisco**	14.03.1839	F. de **Francisco Antonio Bezêrra**	PE	Pre	Par	61	Pre
Sol	**Jozé Pedro Alexandrino**	29.12.1838	F. de pais incognitos	CE	Pre	Pre	62	
Sol	**Antonio Xavier Ferreira**	29.12.1838	F. de **Antonio Pizarro**	PA	Pre	Pre	60	Par
Sol	**Manoel Joaquim Ferreira**	29.12.1838	F. de **Nazario Antonio**	PA	Cas	Par	60	Par
Sol	**João Francisco**	29.12.1838	F. de **Manoel da Paxão**	PA	Pre	Pre	58	Par
Sol	**João Lourenço**	29.12.1838	F. de **Joam Bernardes**	PA	Pre	Pre	58	Par
Sol	**Firmino Antonio do Amaral**	29.12.1838	F. de **Jeronimo do Amaral**	PA	Pre	Pre	61	Par
Sol	**Antonio Martins**	29.12.1838	F. de pais incognitos	Lis	Cas	Pre	62	Bra
Sol	**Antonio Marcelino**	29.12.1838	F. de **Manoel José Francisco**	PA	Pre	Par	57	Par

Sol	**Raimundo Francisco de Castro**	29.12.1838	F. de **Estanisláo de Castro**	PA	Pre	Pre	69	Par
Sol	**Geraldo Antonio**	29.12.1838	F. de **Crispim Jozé dos Santos**	PA	Pre	Par	57½	Par
Sol	**Liberato Antonio da Cunha**	29.12.1838	F. de pais incognitos	RJ	Car	Pre	63	Par
Sol	**Izidoro Barboza d'Amorim**	10.01.1839	F. de **Bento d'Amorim**	CV	Pre	Par	62	Pre
Sol	**Joaquim Jozé de Sant'Anna**	10.01.1839	F. de **Joam Antonio**	SE	Cas	Par	60	Par
Sol	**Andre Baptista**	10.01.1839	F. de pais incognitos	CV	Pre	Par	60	Par
Sol	**Jozé Antonio da Silva**	07.02.1839	F. de pais incognitos	PA	Pre	Pre	58	Par
Sol	**Alexandre Pedro**	07.02.1839	F. de **Felippe José**	PA	Pre	Par	60	Par
Sol	**Agostinho Jozé Ferreira**	07.02.1839	F. de **Jozé Nunes da Silva**	PA	Pre	Pre	59	Par
7ª Companhia								
Cab	**Frederico Zanderes**	01.11.1839	F. de outro	Pru	Cas	Azu	60	Bra
Cor	**Manoel Daniel Betzil**	13.02.1839	F. de **Joam Betzel**	Wir	Cas	Azu	60	Bra
Sol	**Felippe Kansts**	11.01.1839	F. de **Chrisostomo Kants**	Dar	Lou	Azu	54	Bra
Sol	**Frotuozo Pereira da Silva**	01.12.1838	F. de **Antonio Pereira da Silva**	SC	Cas	Par	58	Bra
Sol	**Antonio Ribeiro d'Oliveira**	14.01.1839	F. de outro	MA	Pre	Pre	59	Par
Sol	**Antonio Emmerik**	31.03.1839	F. de **Adão Emmerik**	Pru	Lou	Par	60½	Bra
Sol	**Mathias Muller**	31.03.1839	F. de outro	Pru	Lou	Azu	66	Bra
Sol	**Simão Corrêa**	11.07.1839	F. de outro	PE	Pre	Pre	56	Par
Sol	**Joaquim Antonio de Souza**	14.08.1839						Par
Sol	**Nicoláo Giovanas**	07.09.1839	F. de **Manoel Giovanas**	ESP	Cas	Cas	60½	Bra
Sol	**Silverio Francisco Barboza**	08.09.1839		MG	Pre	Par	60	Bra
Sol	**Joam dos Santos**	08.09.1839						
Sol	**Henrique Werne**	15.10.1839	F. de **Eberardo Werne**	ALE	Par	Azu	64	Bra

Quartel do 1º Batalhão de Caçadores de Linha na Villa de **São Jozé do Norte** 16 de Janeiro de 1840 = (Assignado =) **Francisco Jozé Damaceno Roza** ao Tenente Coronel Commandante.

Está conforme.
[a] **João Antonio Mendes Tota**
Major da Praça

Abreviaturas

Ans	Anspeçada
Azu	Azuis
BA	Bahia
Bra	Branca
Cab	Cabos
Camp	Campos
Car	Carapinhos
Cas	Castanhos
CE	Ceará
Cor	Corneta
Cre	Crespos
CV	Cabo Verde
ES	Espírito Santo

ESP	Espanha
Lag	Laguna
Lis	Lisboa
Lou	Louros
MA	Maranhão
MG	Minas Gerais
Mis	Missões
Par	Pardos
PA	Pará
PE	Pernambuco
PB	Paraíba
Por	Portugal
Pre	Pretos

Pru	Prússia
RJ	Rio de Janeiro
Sar	Sargento
SC	Santa Catarina
SE	Sergipe
SFN	São Francisco do Norte
Sol	Soldados
SP	São Paulo
WI	Wiertemberg
Dar	Darmstadt
ALE	Alemanha

Notas

[1] Graduações; [2] Naturalidade; [3] Cabelos; [4] Polegadas de altura (uma polegada equivale a 25,4 mm. do sistema métrico decimal). Não foi possível listar os dados referentes a altura e a cor dos oito primeiros nomes desta tabela, pois o trecho correspondente do documento original está rasgado. [N. do E.]

CV-8026

Illmo. e Exmo. Sr.

Havendo pedido uma informação ao Major Commandante interino do 1º Batalhão de Caçadores, sobre o comportamento dos Officiais no attaque do dia 3 do Corrente Mez, e bem assim qual aquelle que passou para o lado oposto do Rio; ou que desamparando a linha do fogo se houvesse refugiado na retaguarda: tive em resposta o Officio que me honro levar a presença de V. Exa., cumprindo-me declarar que o que nelle se acha espendido, hé o que tambem pude observar na acção quando Commandava aquelle Batalham. Deos Guarde a V. Exa. Acampamento no **Pereira**, 13 de Maio de 1840.

Illmo. e Exmo. Sr. **Manoel Jorge Rodrigues**.

Tenente General Commandante em Cheffe do Exercito.

[a] **Francisco Jozé Damasceno Rozado**

Tenente Coronel Commandante interino

ROSADO, Francisco de Paula Damasceno
CV-8027 a CV-8028

CV-8027

Illmo. **Oliverio** e Amigo.

Tendo recebido hoje ao amanhecer tua carta dactada de 14 do Corrente fico ao facto de tudo.

He percizo mandares hum bom Expião ao **Passo de Toro**[79], porque acabo de receber avisos de **Bento Gonçalves** desde a Villa de **Mello** – que **Laballeja** se dirige a mesma Villa de **Serro Largo** e os de **Boenos Aires** estão passando em **Passo de Toro** – ainda se conserva Móvel o **Gonçalves** – e portanto não desprezar a noticia mandamos ja saber dahi para com a certeza moverce [1v] daqui o Ezercito que esta tudo pronto.

Adeus athe Cedo

Teu Amigo do Coração

[a] **Damasceno Rosado**

16 de Novembro de 1826

as dez horas.

---

[79] **Toropasso**: "Arroio que nasce na **Coxilha de São Pedro**, no município de **Cruz Alta** e desagua no **rio Uruguay" (SILVA, Domingos de Araujo e. Diccionario Historico e Geographico da Provincia de São Pedro ou Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro, Ed. Eduardo & Henrique Laemmert, 1865: 184). [N. do E.]

CV-8028

Oliverio Esthimavel Amigo.

11 de Agosto as
4 da tarde

Recebo o teo officio Condozido pello **Chavanello**, e tambem, o Alferes Prizioneiro, Parabens, e abraços sem Numero te derijo.

Na tua ordem do dia Agradesse a todos os Officiais e Inferiores, e Soldados, de tua Brigada. Emquanto eu não faço para ser publico ao Exzercito. Venha a tua parte Sirconstanciada com pressa para eu dar tambem ao Emperador: quero Recomendar quem se distinguio, etc. etc.

Manda os Prizioneiros para não fazer pezo á Brigada, e quanto maior for a vioria mais gloria tua e de tua tropa. Etc. etc.

A tropa que foi a **Uruguay** dirigiosse a **Toro Passo** [1v] aonde existe o Enemigo. Espero por momentos o Rezultado sem o que nada Posso fazer.

Bento Gonçalves que se aproxime a ti – ou se não mande Entretanto – Bombeiros pella Margem direita e pela Ezquerda do **Rio Negro** – Pagos a bom dinheiro porque Recebo outra Parte do **Visconde da Laguna** em que torna affirmar a força toda de **Laballeja** e **Martins Roque** se derige ahi pellas **Pedras Brancas**, **Bage**, athe **Pelotas** e que trazem Ordem de queimar Arrazar Robar, etc.

Toma todas as Cavalhadas sem dispensar nada que he da [2] ocazião de principiarem nossas fadigas.

Mandame Noticias de momento a Momento se chegou o **Sinch**.

De **São Joze** Afirma o nosso **Leal** que a Infantaria Esta a Marchar em direitura aos **Palmares**, paçar **Rio Negro**, a pé. Espero Confirmação.

Vigilancia Amigo **Oliverio** – E não destaques huma só Partida a mais de Legoa sem apoiares bem seus movimentos e nunca hum só homem Izolado.

Adeus athe outro dia.

Teo do Coração
[a] **F. de P. M. Rosado**

[Anotado no verso]
General **Rozado**

ROSAS, Juan Manuel
CV-8029

CV-8029
[Papel timbrado/documento datilografado]
Señor Brigadier D[n] **Juan Antonio Lavalleja**

Buenos Ayres á 27 del mes de nuestra Libertad de 1838.

Mi querido General

He tenido el gusto de recibir su apreciable carta, fecha 20 del corriente, y me es grato contraerme á su contestacion-

Al Señor **Soria**, que vino comisionado por el Señor Presidente Dn **Manuel Oribe** para recabar el auxilio de fuerza armada, le manifeste: que mis deseos no podían ser mejores: que yo no veia esos riesgos, ni esos conflictos, desde que, por lo que observaba, la verdadera opinion pública em la mayoria de la masa general de la **República Oriental**, no estaba por el cabecilla **Ribera**, ni por el bando de foragidos unitarios que le acompañan y segundan; y sobre todo, por la justicia de la causa – Pero que todo se entorpecía, y se empeoraba de dia en dia, por la falta de resolucion en el Señor Presidente **Oribe** para obrar energicamente contra sus enemigos, que lo son essencialmente toda esa gavilla de unitarios, que quando mas se ocupa de trabajar em contra de la misma causa del Señor **Oribe**, y de tender-les redes, es cuando mas se empeña este em hacerles cortesias y miramientos, procediendo em todos sus actos con tanta debilidad, que de ello le resulta desalentar á sus amigos, y alentar a sis enemigos- Que, por outra parte, las materias de que se componga el cuerpo político que há de alvar esa tierra, deben ser homogêneas; y como estoy tan persuadido de esto, le agregué, que la causa legal que Ustedes sostienen, no necesita mas para [2] triunfar, que consagrar y declarar el Gobierno el principio de que está absolutamente contra elle y contra la Patria, el que no está y no se pronuncia del todo com ardoroso entusiasmo por ella; y sobre esta base persgeuir á muerte á todo malvado- Le dije, pues, que para yo adherir, era necesario que viese medidas enérgicas, muy fuertes, segun eran reclamadas por las circunstancias: que com ellas sí, separando del Gobierno los elementos heterogêneos, se alentarían sus amigos, tendría dinero, y com este hombres, por que yo permitiráa en esta la recluta para auxiliar á V., á quien debían fortalecer con hombres, armas, &., y com dinero para que se hiciese de caballos comprándolos em **Entre Rios** y **Corrientes**; y que entre tanto la Ciudad debían sosternerla á toda costa, por que de ella había de salir esse dinero para proporcionar á V. los

elementos necesarios de triunfo em la guerra- El Señor **Soria** regresó persuadido de mi razon; pero el resultado fué que el Señor **Oribe** se manifestase cada dia mas débil, mandando una Comision á negociar un armisticio con el cabecilla, dando por razon para este paso miserable, el pronunciamiento de lãs Cámaras- Esto no salva su intensa responsabilidad ante los ojos de sus compatriotas-

En fin, con el Señor D^n^ **Xavier García** contesté lo mismo, y no sé hasta hoy em que piense el Señor **Oribe-**

Despues de esto, hágase V. cargo con qué ojos miraré un procedimiento semejante-

Por lo que á V. toca, debe morir mil veces antes de capitular com el crímen, y consentir en la ruína, deshonra, y baldon el mas ignominioso de su Patria-

La orden que V. há dado em lãs tropas de su mando, para que no se reciba ningun enviado ni comunicacion de **Ribera**, ni de los que le siguen, hace á V. el honor que corresponde- Así con esa valentia que inspira la justicia de una causa santa es como debe procederse para triunfar de los malvados enemigos desse país, de sus instituiciones, de sus leyes, de todo órden y sosiego público-

El Señor **Soria** há vuelto: mañana pienso hablar com él, é insistiré en que el Señor **Oribe** se deje de esa marcha débil, y que adoptando medidas enérgicas, ponga [3] em ejercicio los recursos que tieve para facilitar á V. los elementos enunciados de triunfo; pues que habiendo em este Gobierno, y em los demás de la Condeferacion, tan buena disposicion, en sus manos está salvar su Patria- Yo de todos modos he de auxiliar á V. con lo que pueda-

Mas em el dia para mover elementos es necesario dinero, por que no lo tiene este Gobierno, á consecuencia de la justa guerra que sostiene contra el tirano **Santa Cruz**[80], y el injusto bloqueo que sufre have meses- Dinero, que puede facilitarlo si quiere el Señor **Oribe**, por que esse mismo bloqueo há aumentado considerablemente las entradas al Tesoro de **Montevideo-**

Al dejar contestadas las preguntas de V. deseando su mejor salud y acierto, le reitero los sentimientos de benevolencia con que soy su af^mo^ atento amigo
Juan M de Rosas

ROSCA, Faustino Vieira
CV-8030

CV-8030

Tenho a honra de manifestar a V. Sa. que foi apossado de seu Officio no dia 28 do passado, em que V. Sa. me fez a honra de comvidar, ficando sempre

[80] Trata-se de **Andrés de Santa Cruz y Calaumana** (nascido em 05.12.1792 e falecido em 25.09.1865). Foi presidente do Peru (1827) e da Bolívia (1829/1839).

mil vezes obrigado por se lembrar de minha pessoa, o mesmo tempo tenho de manifestar a V. Sa. o grande desabor que tenho nesta ocazião por me achar bastentemente Doente, e não poder prestar os meus serviços a prol de tão justa cauza, como lhe poderá emformar o mesmo Companheiro o Tenente Coronel **Domingos Gonçalves Chaves**.

Deos Guarde a V. Sa. **Mostardas** 4 de Outubro de 1851.

Sr. **Domingos Jose de Almeida**.

[a] **Faustino Vieira Rosca**

ROSO, José
CV-8031

CV-8031

Sr. Cel. Dom **Domingos Almeida**.

Miguelete 11 Marzo de 37.

Mi apreciado Amigo.

En **San Francisco** me dio V. una onza de Oro sellada: di á V. una Libranza[81] contra Dom. **Jose Antônio**; si por las occurrencias no há sido Satisfecha; estoi en estado de Satisfazerla. Mandeme V. la Libranza y será cubierta en el momento.

En esto como en cualquier outra cosa que me crea util disponga V. del mas vivo reconocimiento de este su afecto y servidor que le desea salud felicidad.

[a] **Jose Roso**

[Anotado no verso]

Sr. Coronel Dom **Domingo Almeida**.

Serro Largo.

ROSSETTI, Luís
CV-8032 a CV-8050

CV-8032

Illmo. Sr. **Ignacio Jozé d'Oliveira Guimarães**.

O Illmo. Sr. Tenente Coronel **Antunes** me dando a carta junta, tinha-me enviado me aprezentar á V. S. afim de combinarmos maneira de resgatar ao Illmo. Sr. Coronel **Bento**, negocio em que V. S. toma trascendente interesse; mas como

[81] Livrança: "ordem por escrito para que se pague pelo Thesoureiro ou mordomo alguma quantia". MARQUES, Henrique. **Novo Diccionario Hespanhol-Portuguez**. Tomo II. Lisboa, Livraria de Antônio Maria Pereira, 1897:166. [N. do E.]

o Sr. **Candido Ferreira** á quem me dirigi para me fazer ensinar a caza de V. S. me fizesse ao contrario accompanhar n'aquela do Sr. **Ignacio Calzão**, e tendo que seguir immediatamente pata o sitio de **Porto Alegre**, me vejo constrangido a ter a comfiança de lhe dizer por escripto o que vocalmente lhe teria dictto á tal assumpto.

Conforme o que V. SS. assentarão preciza enviar huma embarcação para a **Ilha de Fernando**[82], mas preciza que o seu commandante seja homem nosso por principios e por determinação. Eu me responsabilizo de achal-o este homem, porem elle tem que levar comsigo huma força de outros homens que só se movem por dinheiro. De aqui a necessidade de hum sacrificio da parte da nação. Eu, como todos, estou persuadido que a nação não se negará a este sacrificio, pois ella sabe demais o quanto deve ao Coronel, ao homem que se aqui estivesse ja desde muito tempo lhe teria conquistada aquela liberdade que com tanta ansia dezeja; porem actualmente os seus cofres estão exauridos, e mal chega o pouco dinheiro que ha para remediar ás precizoens de maior necessidade. Não hai por conseguinte que hum meio. E he, o apuntado pelo Illmo. Conhado do Coronel. Se V. S. está disposto á afiançar com a sua assignatura os 20/m pataccoens que a nação gastaria grata por isso, V. S. tem que me auctorizar por escripto a tractar em **Montevideo** d'este assumpto com aquela pessoa que 'eu mais apta julgar, e obrigar V. S. como fiador.

Eu marcho para o Sitio de onde voltarei o mais brevemente que me for possível. Em todo o que Vossas Senhorias determinarem m'honrarei muito de os obedecer [1v] não tanto pelo muito que Vossas Senhorias me merecem, quanto pelo grande affecto que eu tenho ao Illmo. Sr. **Bento** e á causa da Humanidade que esse intentou deffender.

Na minha volta para **Piratinim** me procurarei a honra de conhecer pessoalmente á V. S.

De V. S. o muito venerador.

[a] **L. Rossetti**

Estancia do Sr. **João Gonçalves**.

23 Outubro 1837

Julgo não será necessario lhe recommendar o segredo mesmo com toda a parentela dos Senhores **Gonçalves**.

---

[82] **Bento Gonçalves da Silva** foi preso em 1836, após o combate da **ilha do Fanfa** e enviado para a prisão de **Santa Cruz** e mais tarde para a **fortaleza de Lage**, no **Rio de Janeiro**. Em março de 1837 **Bento Gonçalves** tentou fugir: "**Bento Gonçalves**, depois de desvencilhado dos grilhões, limou pacientemente um varão de ferro da grade existente na pequena janela do seu cárcere e aguardou, na escuridão, o rumor dos remos da canoa que o viria apanhar. Esta chegando, o general transpôs rápido a abertura, desceu pela escada de cordas e já se achava entre os salvadores, quando verificou, desapontado, que **Pedro Boticário**, por muito gordo, não podia escapar. Receoso do que viesse a padecer por sua causa, se sozinho fugisse, silenciosamente voltou ao recinto da fortaleza. No mesmo instante, as sentinelas, percebendo movimento estranho nas imediações, davam o alarma". Frustrada a fuga Bento Gonçalves foi transferido para o **Forte do Mar**, na **Bahia**, onde fugiu em 10.09.1837, auxiliado por seus *irmãos* da maçonaria. FAGUNDES, Morivalde Calvet. **História da Revolução Farroupilha**. 2ª ed., Caxias do Sul, Editora da UCS; Porto Alegre, Martins Livreiro, 1985: 179. [N. do E.]

[Anotado no verso]
Illmo. Sr. **Ignácio Jozé d'Oliveira Guimarães**.
Sua Estancia – **Camaquan**.

CV-8033

Illmo. Sr. e amigo.

Eu cheguei nesta o ultimo do anno e fui immediatamente entregar as suas cartas.

O seu Sr. Cunhado[83] não estava; Lhe enviei então a commendaticia[84] com a qual V. S. me tem obzequiado, na charqueada d'elle. O **Cortereal** não me havia provisto [sic] de quazi ninhum dinheiro, e me vi na precizão de lhe pedir o emprestimo de 60 patacoens que tenho feito por escripto e estou esperando a resposta.

O Tenente [**José Maria**][85] **Olave** me disse que para obter do Governo **Oriental** a deffinitiva entrega da Typographia seria bão que o Presidente pedisse isso a **Oribe** ou que V. S. fizesse procuração n'huma pessoa de sua confiaça para poder agenciar este negocio no cazo que, como eu lhe tenho asseverado, fosse particular a V. S. Eu assento que poderia talvez obter o todo com huma carta escripta por V. S. á **Oribe**. Elle não pode debaixo de qualquer sospeita e pelo simples motivo de sospeita embaraçar a industria, nem entorpecer o progresso das luzes e da imprensa. Seja talvez hum attaque á mesma constituição política de seu paiz.

Estará ao facto de todas as noticias do dia, não lhe as repito então. Todas nos são favoraveis – porem he necessario que o novo Governo, como não duvido, a saiba aproveitar. Aqui todos dizem, que o Governo **Oriental** não tarda a reconhecer a independencia da republica; e effectivamente me parece que ja deveria o ter feito

---

[83] Trata-se de **Joaquim Rodrigues Barcelos**. [N. do E.]

[84] Carta que "recomenda, que louva, que abona, que torna recomendável". GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume 7, 1960: 231. [N. do E.]

[85] Para auxiliar a compreenção deste documento acrescentamos aqui a correspondência de **José Maria Olave**, de **Montevidéu**, em 31 de março de 1838, para Domingos José de Almeida, já publicada no volume 14 dos ANAIS do AHRS (CV-6470): "Muito respeitado Senhor. Respondo a sua solicitação de 10 do mês passado, recebida pelo Sr. **Manoel Rodrigues Campos** e devo dizer a você que o Sr. **Jaime Leyris** é o homem mais difícil para poder fazer este negócio, e ele me disse que você deve estar satisfeito com a conta corrente que em cópia lhe remeti pelo seu cunhado o Sr. **Joaquim Rodrigues Barcelos**, e desejaria que você comissionasse alguma outra pessoa mais hábil do que eu para conseguir melhores vantagens de um malicioso [?]. Acompanho aos pormenores que têm ocorrido sobre a tipografia que em cópia lhe acompanhou assim como a ordem do Senhor Ministro **Corte Real** que vendeu este negócio, cada vez o põem em pior condição. Parece que alguns indivíduos que dessa tem chegado têm tido em vistas transtornar este negócio somente para gravar o Governo da **República Rio** [1v] **Grandense** pois em esta não se ocupam em nada mais que em intrigar a você e as outras pessoas do grupo. Os reveses que vão ocorrendo sobre a questão da tipografia, serão do meu cuidado em participá-lo. Ficando às suas ordens seu resoluto. (a) **José Maria Olave**." O documento, originalmente, foi escrito em espanhol. [N. do E.]

se quem tractava d’este assunto houvesse lembrado os topicos para o convencer. O **Brazil**, se queira ou não, está agora a 200 legoas ou mais distante da republica do **Uruguay**, pois o mar nunca foi limite. Esta incontrastavel verdade teria facilmente provado aos Orientaes que não querendo-se reconhecer o Governo de **Piratinim** como Governo de Direito, o interes, e a segurança individual da nação requeria que se reconhecesse como Governo de facto; e isso a nos valia talvez ~~o termo~~ acabar a querra ao menor – por terra – huma Escuadrilha de Corsários armados na bahia de **Montevideo** ponha o imperio na agonia da morte.

Se as nossas forças avançassem na fronteira, que faria **Oribe**? Lhe precizava mandar outra força para observar os nossos movimentos. Mas não [1v] a tem agora esta disponível força agora que toda lhe preciza para batter **Fructus**, o qual apezar dos choques havidos, sempre parece surgir de suas proprias cinzas? Sem perca de tempo então eu enviaria á **Oribe** huma pessoa revestida de caracter diplomatico e lhe faria offerecer alliança, certo de qu’elle a aceitaria tão mais promptamente que o inimigo he ouvertamente [sic] commun. Os Caramurus mostrão-se conniventes com **Fructus**; e este parece querer os obrigar a saccar a masquera chamando-os á seu soccorro. Senhor **Domingo** procure que o Governo não descuide as circomnstancias. O perigo faz os homens amigos,e o perigo do Governo **Oriental** nos será proveitozo se sabermos utiliza-lo. De **Fructus** nada se pode esperar. Na **Banda Oriental** ele he absolutamente o chefe do partido retrogrado, antinacional, Caramuru, inglez, tem por conseguinte a fraqueza inherente á falsidade de seus principios; e os riograndenses querendo ser fieis á douctrina republicana [treho rasgado] nacional que apregoarão tem a estricta obrigação de o desprezar mesmo no cazo que lhes aprezentasse alguma vantagem. Sua amizade não seria que falsa, ephemera e prejudicial.

O mesmo eu praticaria para com **Rosas**. O **Oribe**, a ser verdadeiras as noticias mais recentes, pactuou com **Santa Cruz**; o qual d’esta forma tem agora toda a sua força de terra e mar disponivel. Dizem que se dispunha a marchar sobre **Buenos Aires**. Em poucas jornadas pode ser na frente da Capital da federação e obter rezultado talvez de morte para o despota argentino. O despota argentino não ignora a sua precaria existencia, talvez estremeça debaixo do pezo de seu poder, e não se recuze á hum amigo que se lhe offrece n’huma circumstancia pelo menos ameaçadora. A nos não importa nem de **Rosas** nem de **Santa Cruz**; porém e á hum e á outro pode muito importar que não lhe sejamos inimigos, por conseguinte talvez não fosse mala medida enviar para ambos huma pessoa para tratar. Se **Santa Cruz** reconhecer a [2] republica riograndense a bandeira tricolor d’ella se desenrollava no **Pacifico** talvez com o mesmo prejuizo para o Imperio como se pela segunda vez se desenrolasse potente no **atlantico**.

He admiravel a confiança que me tomei acconselhando; mas o amor á cauza riograndense me constrangio.

Dezejara que o **Corte** m'enviásse o quanto antes o dinheiro que me preciza para effeituar a minha commissão ja estou cansado de correr as lindas ruas de una hermosa y divertida Capital.

Se me faz o obzequio de alguma sua, não me deixe ignorar nada.

De V. S. Ilma.

mui venerador.

[a] **L. Rossetti**

Montevideo 5 Janeiro 1838.

[No verso]
Illmo. Sr. **Jozé Domingo d'Almeida**.
Piratinim.

CV-8034

Senhor e amigo.

Ainda não tenho tido a fortuna de m'encontrar com o seu Senhor Cunhado a pezar de eu já saber que 'elle me deixou no escriptorio do senhor D. **Olavo** os 60 patacoens que lhe pedi. Elle está a sahir, e por conseguinte não poderei lhe restituir esta quantia se não quando eu voltar para **Piratinim**.

Acredite os meus sinceros agradecimentos.

De V. S.

mui venerador e amigo.

[a] **L. Rossetti**

Montevideo 9 Janeiro 1838.

P. S. Acabo d'escrever ao General **Lavalleja** respeito da Tipografia. Assim que eu receba alguma contestação lhe-a communicarei.

[No verso]
Illmo. Sr. Coronel **Domingo Jozé d'Almeida**.
Piratinim.

CV-8035

Illmo. Senhor.

Com precedentes minhas eu lhe participava ter recebido do Sr. [**Joaquim Rodrigues**] **Barcelos**, que portanto não tive a satisfação de conhecer, sesenta patacoens que foi constrangido de me fazer emprestar, desde que o Senhor **Cortereal** nada fez a respeito dos gastos que 'eu devia fazer me demorando algum tempo nesta. Eu seria prompto para voltar; pois já tenho quazi toda a gente mas como o senhor D. **Feliz Arraga** dezistisse do negocio do gado me faltão os meios pecuniarios para os fazer seguir. Dezejo que os patriottas riograndenses se persuadam que não he por minha falta se ainda não estamos na Lagoa hostilizando

ao [**John Pascoe**] **Greenfell**. Tivesse esta minha a fortuna de o complimentar outra vez no ministerio. Sou certo qu'então V. S. tomaria em mais consideração hum negocio que sem duvida, he, nas actuaes circomstancias, da maior importancia.

O Senhor **Miguel Cané**, o Senhor **Olave** devião me trazer cartas para V. S.. Lhe as enviarei com outra occasião.

Com esta mesma communico por intermedio do Senhor **Antunes** ao Exmo. Presidente hum meu plano a respeito do armamento maritimo; e deveria merecer a approvação do Governo e ser promptamente pôsto em execução. O considero muito proprio do fim da guerra, alem de que daria a republica toda aquella preponderancia que a iniciativa por ella tomada lhe mereceu desde muito tempo.

Examinando o mappa achamos nelle marcada a **Lagoa de Taramendi**[86]. Informações tomada, o fundo da barra he de 7½ a 8½ palmos d'agoa conforme a maior ou menor enchente. A terra he alta e por conseguinte inacessivel e mui facil a sua fortificação. Esta situada em 30º mais ou menos, perto por isso das **Torres**, e d'esta forma no meio das nossas forças. De aqui então com algumas escunas poderiamos hostilizar quazi invincibilmente o inimigo; porque seriamos com a maior segurança em cazo de cruzar na **barra de Riogrande**, e lhe tirar todo o recurso. Talvez que o Estado financeiro do Governo não forneça a quantia necessaria para effeituar [1v] a compra de taes escunas; mas eu acredito que não seria perdido hum appello que se fizesse á generosidade dos patriottas, os devão estar convrencidos que só asim se pode acabar de prompto a guerra abriria huma subscripção – e manderia immediatamente fortificar aquella barra. Uze da sua influencia, e sollicite a effeituação de quanto eu lhe deixo ditto.

Pernambuco e **Minas** proclamarão a sua independencia. Na **Alagoa** atirarão ao Presidente, não o ferirão – mas lhe matarão o seu ajudante de ordem. O governo de **Rio de Janeiro** ja confessa não poder conter os progressos do partido republicano – e mostra ser bastantemente dezacoroçoado. Dizem que a **Cidade da Bahia** falta de viveres; mas no entretanto sahem sempre a attacar os Legalistas, e estes pagarão o charque a 5$000 – réis. O filho do rei da **França** he em **riojaneiro** e regala-se com os obzequios que lhe são ministrados pelo Imperador e seu Governo; mas no entretanto que fazem os povos? preparão em silencio e mostrando participar a tão grande regozijo a propria vingança.

Hoje corre o boato que **Oribe** vai se arranjar com **Fructus**, tendo descoberto huma conspiração do partido **Lavalleja** em prejuizo de ambos. Receio

[86] Provavelmente Lagoa de **Tramandaí**: "Tramandahy (Rio). Rio formado pelas águas das lagoas da **Cidreira**, **Ignacinho**, **Cadeia**, **Itapeva**, **Malvas**, etc., sitas no municipio da **Conceição do Arroio**, e que, depois de um curso de 11 leguas, e de ter atravessado o districto das **Torres**, deságua no Oceano 11 leguas ao sul do rio **Mampituba**, e pouco mãos ou menos em cerca de 30º de latitude sul." SILVA, Domingos de Araújo e. **Diccionario Histórico e Geographico da Província de S. Pedro ou Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro, Eduardo & Henrique Laemmert, 1865: 184. [N. do E.]

que haja alguma intelligencia com o nosso Governo; e Deos não o queira! A melhor politica das republicas he a franqueza; aonde esta falte bem cedo estão collocadas nas filleiras dos agressores. **Veneza** foi grande, mas inventriz da diplomacia tornou-se tiranna. **Oribe** a não ser a pouca ou nenhuma franqueza que houve de nossa parte era nosso amigo. Elle era **farroupilha**; erão **Caramurus** os seus empregados e seu ministerio, os membros da Camera permanente. Precizava lhe somministrar razoens para nos poder proteger, ao contrario que se fiz? – Com quem deviase intender? Com [2] quem não podia responzabilizar-se de nada; com quem ao menos devia ter o bom senso de lhe contestar que se devia intender com o Governo da Republica. – O direi mais claramente: Se S. E. o Senhor General **Nêto**, e o Coronel **Canabarro** não tivessem nunca contestado ás suas cartas, e não entrassem o Governo nunca em tratados com **Lavalleja**, me posso ingannar, mas me atrevo a dizer que **Oribe** teria conhecido desde muito tempo a independencia do **Riogrande**.

Perdoe a secca, como dizem, mas he tão facil o criticar, que não posso á menos de dizer alguma couza eu tambem.

Dezejo receber suas ordens; e por isso muito estimarei que m'escreva.

Mande ao seu affeiçoado Venerador

[a] **L. Rossetti**

Montevideo 5 Fevereiro 1838.

P. S. O Senhor D. **Olave** me disse ter-lhe escripto que a respeito da Typographia devia V. Sa. fazer de maneira que o Senhor **Bento Gonçalves** a pedisse ao Presidente.

[No verso]

Illmo. Sr. Coronel **Domingo Jozé d'Almeida**.

Piratinim.

[No verso]

M[r]. **Rossetti**.

CV-8036

Exmo. Sr. Ministro.

Desazertado [sic] a tão feia censura he difficil qu'eu possa continuar na redação do jornal[87]. Porem hoje he necessario que V. E. tome alguma determinação.

[87] Segundo **Francisco Riopardense de Macedo**, a censura feita por **Domingos de Almeida** referia-se a uma frase de **Rosseti** em um artigo publicado nas páginas 3 e 4 do nº 47 do jornal **O Povo**, de 9 de março de 1839. Criticando a "guerra de extermínio" promovida pelo Império, o artigo em seus parágrafos finais alertava: "Aterrai-vos, homens perversos! Os povos não se vencem assim. As pontas destes punhaes por vos comprados, contra vos se-hão de retorcer. Hum individuo pode cahir vitima innocente de vossa barbarie! Mas o Povo não cahe de huma ferida. Elle he invencível; e hum dia, dia que não está longe, vos pedirá conta de vossos delictos". Rossetti desejava que a frase sublinhada fosse ainda mais contundente: "o povo é invencível, eterno e onipotente como Deus!". MACEDO, Francisco Riopardense. **Rossetti e a Impensa Farroupilha**. Porto Alegre, SEDAC/RS, 1990: 15/16. Ver o artigo completo no anexo n.º 11. [N. do E.]

Eu tirarei todo o qu'eu tenho escripto, e se V. E. me o permettir hirei me reunir ao **Garibaldi**.

Me deixei transportar – mas reflicta Excellencia que foi ouzadamente tractado de éretico, eu apostolo do Spiritualismo, affeiçoado a escola religiosissima de **Lammenais**[88]! E por quem ? – ! –

Me mande suas ordens:

De V. E.

[a] **L. Rossetti**

Caçapava 9 Março 1839.

[Anotado no verso]
Exmo.
Illmo. Sr. **Domingos Jozé de Almeida**.
Ministro etc.[89]

---

[88] Trata-se, provavelmente, de **Félicité Robert de Lamennais** "(Saint-Malo, França, 19 de Junho de 1782 – Paris, 27 de Fevereiro de 1854), foi um filósofo e escritor político francês. Nascido em uma família burguesa, foi um escritor brilhante, tornando-se uma figura influente e controversa na história da Igreja Católica francesa. Juntamente com seu irmão Jean, concebeu a idéia de reviver o Catolicismo Romano como uma chave para a regeneração social. Chegaram a esboçar um programa de reforma, sob o título "*Reflexão do estado da Igreja...*", no ano de 1808. Cinco anos mais tarde, no auge do conflito entre Napoleão Bonaparte e o Papado, os irmãos produziram uma defesa do Ultramontanismo (doutrina e política dos católicos franceses que buscavam inspiração na Cúria Romana, defendendo a autoridade absoluta do Papa em matéria de fé e disciplina). Esta obra valeu a Lemennais um conflito com o Imperador, forçando-o a uma precipitada fuga para a Inglaterra em 1815. Um ano depois, com 34 anos de idade, Lamennais retornou a Paris, onde foi ordenado padre. Escritor fluente, político e filósofo, esforçou-se para combinar a política liberal com o Catolicismo Romano, após a Revolução Francesa. Desse modo, já em 1817 publicou "*Ensaios sobre a indiferença em matéria de religião considerada em suas relações com a ordem política e civil*", além de uma tradução da "*Imitação de Jesus Cristo*". O ensaio lhe valeu fama imediata. Nele, Lamennais argumentava a respeito da necessidade da religião, baseando seus apelos na autoridade da tradição e a razão geral da Humanidade, em vez do individualismo do julgamento privado. Embora advogasse o Ultramontanismo na esfera religiosa, em suas crenças políticas era um liberal que advogava a separação do Estado da Igreja, a liberdade de consciência, educação e imprensa. Depois da revolução de Julho de 1830, Lamennais, junto com Henri Dominique e Charles de Montalembert, além de um grupo entusiástico de escritores do Catolicismo Romano Liberal, fundou o jornal L'Avenir. Neste periódico diário, defendia os princípios democráticos, a separação da Igreja do Estado, o que lhe criou embaraços tanto com a hierarquia eclesiástica francesa quanto com o governo do rei Luís Filipe de França. O Papa Gregório XVI desautorizou as opiniões de Lamennais na Enciclica "*Mirari vos*", em Agosto de 1831. Não houve uma citação específica a ele e nem a seu jornal, mas tão somente uma censura implícita a ambos. Inicialmente, Lamennais suspendeu a distribuição do jornal, submetendo-se; mais tarde deixou a Igreja e defendeu a própria posição na obra "*Paroles d'un croyant*" (Palavras de um crente), condenada explícitamente na Encíclica "*Singulari nos*", em Julho de 1834, sendo citados tanto o autor quanto a obra. Incansável, ele se devotou à causa do povo, colocando sua pena a serviço do Republicanismo e do Socialismo. Escreveu obras como "*O Livro do Povo*" (1838), "*Os afazeres de Roma*" e "*Esboço de uma Filosofia*". Chegou a ser condenado à prisão, mas já em 1848 foi eleito para a Assembléia Nacional, aposentando-se em 1851. Por ocasião de sua morte, não desejando se reconciliar com a Igreja, foi sepultado em uma cova de indigente. Na obra O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, encontram-se mensagens atribuídas tanto a Lamennais quanto a Lacordaire. *Wikipedia. Enciclopédia Livre*. Acessado em 28.12.2006. [N. do E.]

[89] Ver no anexo nº 10 – documento CV-4196. Correspondência de João José Damasceno, de 9 de março de 1839, para Domingos José de Almeida. [N. do E.]

CV-8037

Exmo. Senhor.

O senhor **Natalio Rusca** m'escreve de **Alegrette** a 3 – março e roga-me dizer a V. Exa., qu'elle estava a sahir para **Montevideo**, e que o Commandante d'aquellas immediações lhe prometéra enviar-lhe até a quantia de 3 á 4 mil rezes tendo já encaminhado para acolá um mil, mas que ápezar disso recommenda-se muito á bem conhecida actividade de V. Exa. afim de que queira sollicitar a effeituação de tão boas promessas.

Diz-me também avizar-lhe que forão-lhe promptamente pagas as ordens de que V. Exa. o tem munido sobre os Collectores, de **Allegrette** e **Sangabriel**, que muito agradece a V. Exa.

A pequena escuadrilha da Republica está-se aprompitando mas ápezar de quanto fazemos para sollicitar nossa sahida pareceme que não a poderemos effeituar antes de quinze dias.

Somos absolutamente sem noticas, porem sempre soubemos as vantagens obtida em **Missões** pelo Coronel **Ribeiro**, e em **Cruz Alta** pelo Coronel **Agostinho**, de que muito felicito [1v] o Governo e V. Exa.

Será verdadeira a derrota de **Santa Cruz**?[90] Os accontecimentos tão funestos a ~~**Rozas**~~ D. **Fructo** que parecem ter tido lugar em **Correntes** serão verdadeiros? – Eu sentiria a cahida de **Fructo** por respeito aos amigos meus qu'elle envolveria na sua ruína, mas conheço que merece sorte mais triste. Que o Governo no emtanto cuide nos seus interesses, e esteja nem alertta. Por agora pareceme qu'esta seja a politica que se deveria seguir. Não se ofendendo d'estes meus conselhos prova será que V. Exa. não me retirou a sua amizade.

No caso que chegassem cartas de **Montevideo** para mim V. Exa. muito me obrigará se procurerá [sic] as encaminhar por via segura para a Casa do Senhor **Pacheco**, ou **Manoel da Silva Pacheco**.

Hoje chegou á picada a outra peça juntamente a hum fardo contendo algodão trançado. Pareceme que as Cinco peças que V. Exa. mandou nos dar pelo Coronel **Damasceno** [2] não basterão, no caso por conseguinte recorreremos ao mesmo Juiz de Paz de **Piratini**.

Lisongeio-me que sua familia terá chegado com boa saude, e queira V. Exa. acceitar minhas felicitações.

Sou com estima e consideração seu fiel

Creado e Amigo

[a] **L. Rossetti**

Brejo 13 Março 1839.

---

[90] Na Batalha de Yungai (20.01.1839) a Confederação Peruano-Boliviana, presidida por Andrés de Santa Cruz, foi derrotada pelas tropas chilenas. [N. do E.]

P. S. Desde muito tempo deveria ter-lhe pedido o que **Castellini** devejava obter – para por-se em certo modo a coberto da persecução de **Fructo**, elle quereria obter do Governo huma patente de Official da Republica – mas ad honorem, e não com vencimento. Se V. Exa. intende lhe poder fazer este favor muito me obrigará!

[Anotado no verso]
Exmo. e Illmo. Senhor **Domingos Jozé de Almeida**.
Ministro e Secretario d'Estado dos Negócios da Fazenda, etc.
Caçapava.

CV-8038

Exmo. Senhor.

O portador. está só em espera desta, e por isso serei pouco incommodo.

O inimigo nos levou toda a roupa que tínhamos em casa de D. **Antonia**. Eu até fiquei sem ponches. Lhe rogo portanto que dando-me nosas provas de sua amizade providencie de modo que possamos vestirmonos: as Camizas que temos no corpo som emprestadas. Em 18 a 12 dias estamos promptos a sahir se não houver transtornos.

Terá conhecimento do accontecido no dia 17 e saberá como a fortuna juntamente ao valor dos poucos que conseguirão lançar-se atraz de **Garibaldi** no Quartel nos derão a Victoria. Eu não partilho esta gloria porque minha fatalidade quis que ficasse na porta da casa de observação com o oculo na mão. Corri o mais possivel para adiantar o nimigo ao punto de reunião, mas me achei inteiramente cortado, e cercado por elles apenas tive tempo de me despir, e atirar-me a agoa, onde me tirarão inutilmente um sem numero de ballas.

Desejoso de suas noticias, e rogando-lhe queira fazer agradecer minhas respeitosas saudações á toca a sua famillia [1v] tenho a honra de ser seu fiel

[a] **L. Rossetti**

Charqueada do Brejo 20 abril 1849.

P. S. Caso que o Coronel **Jozé Marianno de Mattos** tivesse trazido a minha maleta, me faça o obzequio de a mandar na Casa do Senhor **Pacheco** por pessoa segura.

Nossos chefes militares pensão que o inimigo queira reunir os dois corpos do exercito de **Moringe** e **Silva Tavares** n'hum só na nossa Campanha, e ingançãose – o objecto unico de todos os seus movimentos são os Lanchões. Persuada-se disso, e o faça conhecer ao Exmo. Presidente. Nos estamos convencidos que a não houver maior vigilancia seremos ataccados dentro a poucos dias.

[Anotado no verso]
Exmo. e Illmo. Senhor **Domingos Jozé de Almeida**.
Ministro e Secretario etc e etc.
Caçapava.

CV-8039

Exmo. Senhor.

Recebi hontem a apreciada sua de 15 Abril; ela veio mitigar a profunda dôr da nova ferida que o acc ontecido abrio no meu coração. Agradeço-lhe-a então, e asseguro-lhe com toda a verdade que sinto infinito que meu caracter he temente e forçozo levasse a dar-lhe motivo de sospeitar de minha amizade, ou douvidar do respeito que suas patrioticas virtudes me tem merecido – Lhe o repetirei: esqueça este momento desgraçado! n'unca mais queira lembrar hum acontecimento cujas consequencias só podem ser em meu prejuizo. Eu serei então satisfeito, e affrontarei com coragem a minha sorte qualquer haja de ser.

Parece-me que minha nenhuma facilidade d'explicar-me, o induzio a interpretar mal o qu'eu me tomei a confiança de lhe recommendar na carta a qual V. Exa. dignou-se de contestar – permitta-me então rectificar o que n'aquella intendia dizer.

Se V. Exa. tivesse o tempo de occupar-se esclusivamente do jornal, de certo qu'eu não teria nenhum motivo para duvidar da honra d'elle. Eu conheço a fondo os princípios de V. Exa., e seu que seu credo politico em nada deffere do meu. A sorte do jornal então seria qual eu a desejava ou melhor – sua douctrina santa, democratica, humanitaria [1v] – qual a requerem os tempos e as circomstancias – mas V. Exa. não he senhor de si; os negocios do estado o occupão demais, e apezar de sua incancabilidade no trabalho, sei que mesmo a conservação de sua saude exigindo de V. Exa. algum descanso, torna-lhe absolutamente necessario o confiar a redacção do jornal ao menos em parte a outra pessoa e aceitar muitas vezes a impressão de artigos que nem terá tido o tempo d'examinar. Receando então as consequencias todas em prejuizo dos principios democraticos do jornal, me atrevi a lhe recommendar sua honra, a procurar que não viesse posto pela segunda vez em contradição com sigo mesmo; exigir se assim me concede explicar-me, de seu patriottismo este novo sagrificio.

V. Exa. m'o deve perdoar; pois o confessarei con sinceridade. Hum jornal, a cuja creação tenho ao menos coadjuvado, requeria de mim que o recommendasse á pessoa poderosa que o tem protegido, ao unico homem que eu ao menos conheço capaz de sostental-o nos principios que havia se adoptado. Que teria acconteci do d'elle se V. Exa. o tivesse abandonado aos talentos aristocraticos dos homens mais illuminados do seu paiz? – Que figura faria o Governo para com [2] o **Brazil** e as nações que o observão se depois de ter-se annunciado inteiramente democratico, se tornasse hoje aristocratico? – Este pensamento, Senhor Ministro, me occupava o espirito quando confiado ainda na sua amizade, lhe recommendava a honra do Jornal – não o leve então por mal, e comprehenda que talvez foi o mesmo interesse qu'eu tomo a sua fama istorica que me conduzio a tanto atrevimento.

V. Exa. me annuncia que para servir-me, vae mudar o titulo e o epigrafe do jornal – a explicação que venho de lhe dar, espero que bastará para convencel-o

qu'eu sou a isso bem indiferente, logo que suas columnas não admittem escriptos em opposição com os princípios sobre os quaes o tinhamos baseado; comtudo se V. Exa, o tem feito, ou quererá fazel-o, me terá merecido huma obrigação demais. Hum dia o continuarei, desenvoverei sua doutrina, e talvez consiga então reassumir no seu coração o lugar que bem conheço já não occupo.

O Capitão **Roberto Bislley** escrevendo-me de **Montevideo** me diz d'offerecer ao Governo seus serviços pois parece que nada poude arranjar a respeito [2v] do corsario; porque no caso de ser aceito diz que o negocio de V. Exa. o confiaria a pessoa sobre a qual elle pode descansar. Se a marinha tomar augmento, como não há de duvidar, precisamente de Officiaes, e Bestas certamente merece a honra de pertencer-nos; vejo porem hum só embaraço a patente de **Bisley** he superior á do nosso Commandante – Precisaria por conseguinte qu'elle fizesse hum sacrificio de amor proprio. V. Exa. intende o qu'eu quero dizer, e no caso que lhe escreva, tome com elle aquelles arranjos que julgar mais conveniente aos interesses do Governo, e ao bem da causa que deffendemos.

Espero que V. Exa. perdoará minha curiosidade, e quererá ao contrário satisfazel-a = Qual foi o resultado deffinitivo da missão do Coronel **Jozé Marianno de Mattos**? – Ouvi dizer que trosse armamento. Seria verdade? – De hum governo falto de fé ao ponto de não cumprir hum trattado tão solemnemente celebrado, teríamos aceito pouca polvora e alguns fuzis? – Huma nação que se constitue deve mais que sua mesma existencia, porque [3] tanto lhe vale, estimar a propria dignidade – fazer qualquer sacrifício para que nenhum se atreva a offendel-a.

Bisley me dá a entender que os Franceses mostrão querer abandonar **Rivera**. Serião por acaso de acordo com o Gabinete de **Riojaneiro**? – Me ingannarei – mas hajão isso de vista, e procurem tirar de aqui aquellas vantagens que a meu ver podem-se successivamente offerecer.

Não tenho recebido nenhuma carta de meus amigos de **Montevideo**, apesar que sei existir minha – maletta na casa de **Manoel Dias** nas immediações de **Piratini** e assim nada sei de bem certo a respeito das cousas do Sud – mas se não me inganno a guerra que a **França** faz a **Rosas** vale talvez ao despota a conservação na dictatoria. Conta-se como certa a Victoria dos Chilenos sobre **Santa Cruz** – mas eu não a posso acreditar. Me parece impossivel que 'este ultimo em tão pouco tempo conseguisse alcançar o territorio de **Tucuman**; pois quando eu estava em **Montevideo** os jornaes o dizião a **Lima**. Ponhão-se em guardia, e vejão bem que [3v] não seja huma mentira produzida pelo partido **Lavalleja**.

Nos sahiremos para a **Itapoam** terça feira; mas como officiaremos em consequencia a S. Exa. o Ministro de Marinha, não me permittirei tomar-lhe mais dilatadamente o tempo. D'elle conhecerá qual he nossa força. Nossas esperanças são muitas, ápezar dos poucos elementos que temos a nossa disposição; e se Deos permittir que não sejão illudidas, os votos de nosso coração serão preenchidos, e teremos remdido hum serviço decisivo á sua Patria.

As cartas que me vierem de **Montevideo** no caso não haja occasião segura para **Itapoam**, muito lhe agradecerei se quererá envial-as para a casa do Senhor **Manoel da Silva Pacheco**.

Muito tambem lhe deverei se nos porá nas listas dos que, como empregados na Nação, recebem ~~copia~~ regularmente copia do Jornal do Governo.

Queira fazer seguir as cartas junta com primeira occasião ao seu destino. Deos guarde a V. Exa. e aceite as saudações do seu Venerador e Amigo Fiel

[a] **L. Rossetti**

Charqueada 5 Maio 1839.

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Exmo. Illmo. Senhor **Domingos Jozé de Almeida**.
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda, etc., etc., etc.
PIRATINIM [Carimbo]
Do 1º Tenente **Rossetti**.
Caçapava.

CV-8040

Exmo. Senhor.

Amanha sahimos para **Santa Catarina** – até acabar-se a guerra he muito provavel que não nos vemos mais. Sahio com a saudade de não ter merecido huma so carta que podesse m'algum modo servir de lenitivo á ferida que minha separação de V. Exa. tem aberto no meu coração. Mas não importa. Se triunfão os principios estou satisfeito.

Tem-se-me dito que se disponha a deixar o ministerio. Desejo que o não o faça, tão demais agora que os acontecimentos parecem por na mão da republica riograndense aquella inciativa revollucionaria que'eu lhe pronostticava. Escrevo a S. Exa. o Senhor Presidente a este respeito, e a V. Exa. espero qu'escreverá o Senhor **Serafim dos Anjos França** ao qual presentei minhas ideias. V. Exa. tome bem tudo em consideração e procure que sejão satisfeitos nossos votos, cumpridas nossas illusões.

Sei que **Castellini**, o qual também ~~não sei porque~~ guardou commigo o mais porfiado silencio, está ali. Quereria portanto [1v] que achasse em V. Exa. aquella boa amizade que hum dia eu mesmo lisongeava-me lhe ter merecido.

Sou certo que no caso chegue nessa Capital o Dr. **Miguel Cané** V. Exa. o honrará de seus obsequios. Seus talentos e suas excellentes qualidades o tornão merecedor da maior estimação.

Logo que chegarmos á **Laguna** fazer-m'hei hum dever de lhe-o participar noticiando-lhe todos os acontecimentos que tiverem tido lugar.

Aceite as saudações cordiaes, e respeitosas de **Garibaldi** e minhas.

Deos guarde a V. Exa.

[a] **L. Rossetti**

Setembrina 28 Junho 1839.

[Anotado no verso]
Exmo. Illmo. Senhor **Domingos Jozé de Almeida**.
Ministro e Secretario d'Estado, etc.
Caçapava.

CV-8041

Exmo. e Senhor.

Apezar do obstinado silencio com que me tem punido, me vejo hoje na circumstancia de dirigir-me a V. Exa. Desejo servir ao novo Paiz que as armas riograndenses libertarão do jugo imperial, e parece-me que na minha actual posição não o posso melhor fazer se não expondo a V. Exa. hum plano que tenho imaginado para remediar n'alguma forma a grande falta de dinheiro sentida desde o momento da sua instalação pelo governo da nova Republica.

O papel moeda do Imperio e o cobre carimbado aqui abundão extraordinariamente, porém não ha todavia aquelle espirito revolucionario que anima aos sacrificios, e por quanto me proponha de recorrer a hum emprestimo, sou desde ja convencido, que não alcançaremos nada, ou bem pouco.

Neste receio pretendo prevenir-me.

Parece-me que o Governo da Republica riograndense poderia imprestrar a titulo de mumificencia nacional ao Governo da Republica Catharinense irmãa a quantia, suponhamos, de [1v] Cem contos de Reis em cedulas ou papel moeda, qu'esta se obrigaria a restituir-lhe no espaço de tres annos mas em tres pagamentos iguaes emfim de cada anno com o premio de dez por cento; do que poderia lhe garantir não só com os bens nacionaes, mas tambem com os direitos que deverão pagar as fazendas que apresadas ao inimigo importarem os corsarios nos seus portos. Esta riscossão seria feita por hum empregado da nação riograndense pago pela **republica Catharinense**.

Teriamos tambem hum facil meio de pagamento, e este muito converia aos dois Estados se promulgando-se a Lei que mandará retirar o papel do Imperio, e substituilo pelos bilhetes ou cedulas desse Governo podessemos esperar que os Capitalistas ao contrario de nos o entregar não o levem nas Provincias ainda dominadas pelo Governo do **Rio**. – Comtudo acredito que desta operação sempre chegaremos a prover-nos de alguma cousa. Suposto este caso alias [2] mui provavel, a Republica Catharinense poderia ou dividir com esse governo o seu producto, ou soministrar-lhe porção dos generos qu'ella seria obrigada a comprar para expurgar os seus cofres de hum papel que em poucos mezes va a ser inteiramente desacreditado.

S'eu não explico tudo tão estensamente como converia o meu projecto V. Exa. suprirá com suas luzes financerias ao meu acanhamento, e lisongeio-me que ao menos reflectindo nelle me honrará sua resposta, e observações.

Não m'extendo a dar-lhe as noticias das operações porque do bolhetim, e parte do Tenente Coronel **Teixeira** V. Exa. será melhor de tudo informado.

A pessoa que me copiou o Decreto que declara este ancoradouro Porto franco omittio artigos inteiros e como ja enviasse aquella primeira copia receio que o Redactor do **Povo** a imprimisse tal e qual. Me faça então o obsequio de mandal-o reimprimir mediante [2v] huma declaração do mesmo que diga não erão officiaes as copias recebidas dos Decretos imprimidos no nº etc.

A falta de uma tipographia aqui nos causa hum transtorno que não lhe posso explicar. Não sei a quem recorrer para amanuenses das diferentes repartições; e eu não tenho o tempo de rever o que mando copiar. E tão demais que os meus borrões são quase inintelligiveis a mim mesmo.

Hontem mudamos o Ministro da Fazenda. Este preencherá melhor o seu emprego. Ao menos tem boa vontade, e não he tão amante do ócio como o outro. Todavia nada posso dizer a V. Exa. a respeito do Emviado que o Governo tem que mandar para essa. Não ha por ora hum que mereça a honra de represerntrar a nova republica, caso não queira hir o Capitão **Joaquim Joze da Costa** a quem temos chamado para isso.

O Coronel **Canabarro** aqui general sahio hontem [3] não sabendo ainda o acontecimento da fortaleza. Talvez que hoje passão-se na frente feitos decisivos. Cumpre me fazer-lhe notar qu'elle hia para voltar o dia 18 ou 19 – porque no dia 20 o Povo e a tropa hão de prestar o juramento de fidelidade, etc.

Garibaldi está se apromptando, e parece me que no fim da semana vindoura sahirá ao mar.

Procure, Senhor Ministro, de activar o armamento de corsarios em **Montevideo**. Escreva a **Cuneo** e a **Castellini**. Será hum dia feliz para mim o em que verei entrar barra dentro uma embarcação armada naquelle Porto. Eu sei quando esse golpe vae ser fatal ao Imperio e proveitoso as suas Republicas.

Na barra do **Riojaneiro**, ou para melhor dizer, nas alturas daquella costa foi encontrado por hum brigue de guerra inglêz huma escuna abandonada [3v] por toda a sua tripulação. Foi rebocada no **Rio**. Seria a de **Bisley**? Aqui tambem correo o boato que foi visto nas cadeias daquella corte juntamente a todos os seus companheiros. Sentiria muito semelhante desgraça.

Lhe disse que o Coronel **Canabarro** he aqui General; e não queiro deixar de submetter a V. Exa. o qu'eu penso a este respeito. O Coronel ainda não quiz aceitar a demonstração de reconhecimento que com isso quiz o Presidente e o Conselho governativo em nome do Povo Catharinense dar á essa republica, e emquando a mim não aprovo este procedimento, e sou certo que V. Exa., sciente que hum militar pode ser Coronel no seu paiz e general em outra nação, pela parte

que lhe toca se juntará comigo para que o Governo da **Laguna** não receba do de **Caçapava** huma negativa. Este era hum dos assumptos que devia ser [4] tractado pelo Emviado, mas como não posso prever quando S. Exa. poderá mandal-o me autorizo a sollicitar para com V. Exa. o comprimento dos desejos delle e de todo o pessoal da administração. As mesmas razões militão em fazer da nomeação hoje feita dos Coronéis **Joaquim Teixeira Nunes**, e **Jerônimo Jozé Castilho**. Não são postos de accessos ao Exercito Riograndense, são nomeações particulares, e pertencentes ao Exercito Catharinense o que he huma cousa bem diferente.

Estimarei que o Estado de sua saude seja melhorado, que toda a sua respeitavel familia esteja boa, e alguma vez se lembrem do que portanto nunca deixou de lhe ser sincero amigo.

Me resta congratular-me com Vossa Exa. pela criação da Biblioteca – aqui não tenho nem folinhas!

Pelo incremento do sistema [4v] democratico adoptado Deos guarde a V. Exa. por muitos annos. **Cidade Juliana da Laguna**, 14 Julho 1839.
Ao Exmo. Cidadão **Domingos Jozé de Almeida**.
Ministro e Secretario do Estado, etc., etc.

[a] **L. Rossetti**

[Anotado na margem superior esquerda]
Respondida a 3 de Outubro.

CV-8042

Illmo. e Exmo. Senhor.

Hontem escrevia a V. Exa. queixando-me do seu obstinado silencio – porem aquellas cartas hoje estão despedaçadas. **Castelhini** me assegura n'huma dellas que recebo neste momento da continuação da amizade de V. Exa. para comigo; e este dia he para mim de tanta alegria e consolação como o foi o de 22 de Julho.[91]

Ainda qu'eu nunca recebesse o panno que V. Exa. foi servido enviar-me; ainda que nunca recebesse huma carta sua, sou obrigado a muito lhe agradecer estas provas não equivocas de seu affecto, e estes novos obsequios.

Não sei nem posso intender como tudo isso andasse pendido. **Garibaldi** tambem nunca recebeu huma só linha do Governo; e he muito de admirar que desde hum officio por nos recebido no **camaquam** depois do dia 17 abril não recebêssemos nunca mais huma linha nem amistoza nem official e não lh'esconderei a este

[91] "No dia 22 de julho [de 1839] os farrapos, sob as ordens de **Canabarro**, ajudados pela flotilha de **Garibaldi**, entravam em **Laguna**, abandonada, reunindo um botim composto de 4 escunas da marinha, 14 pequenos veleiros, 15 canhões, 463 carabinas e 30.620 cartuchos, e no dia 29, na sua Câmara Municipal proclamavam solenemente a República Catarinense, segundo as normas indicadas, diz **Brasil Gerson**, pelo genovês e mazziniano **Luis Rossetti**". FAGUNDES, Morivalde Calvet. **História da Revolução Farroupilha**. 2ª edição, Caxias do Sul, Editora da UCS; Porto Alegre, Martins Livreiro, 1985: 259/260.

respeito, que nos estávamos bem decididos a não nos queixarmos, a esperar melhor justiça do tempo. O Portador desta he o Illmo. Tenente Coronel **José Prudêncio dos Reis** Enviado Extraordinario da nova republica para junto desse Gabinete; e como me pedisse qu'eu o recomendasse particularmente a V. Exa., ainda que bem conheça eu qu'elle não precise disso para ser de V. Exa. recebido como merece, annuo ao seu desejo. Elle he absolutamente novo na carreira diplomatica onde a revolução o lançou, e espero com isso ter em V. Exa. um Conselheiro. Verá as instrucções que [1v] de ordem do Governo lhe tenho dado. Não sei se teremos tudo previsto, ou se terei bem penetrado no espirito da revolução e das vistas da republica riograndense. Deos queira que as cousas se encaminhão como eu penso. – a parte mais delicada he a meu ver a politica externa, e certamente V. Exa. talvez pense como eu a este respeito. **Castellini** mesmo m'o diz.

Observará que para não [...rtar] de frente mostro nas instrucções inclinar-me em favor da alliança com **Rosas** – mas o Enviado leva huma nota particular sobre a qual deverá se intender previamente com V. Exa. – a tome bem em consideração, e procure Exmo. Senhor, que não seja commettido o erro qu'eu receio, e tentamos prevenir. Talvez qu'elle basteria para destruir n'hum instante o trabalho de quatro annos e as esperanças de cinco milhões de oprimidos.

Tenho visto a circular pelo **Teixeira** dirigidas aos Cidadãos mais distintos dest'Estado, e a proclamação a ordem de Brigada, e huma segunda proclamação do mesmo. Eu lhe agradeço as correcções que se dignou fazer em todos estes escriptos de fabrico meu. Forão accertadas, e rogo-lhe que nos mais que tem que prevenir as suas mãos continue a honral-os de suas emendas. Todos os Decretos que até agora promulgou [2] o governo são igualmente producção minha. Mas como estes ficão registrados nas diferentes Secretarias não sei se será prudente o corrigil-os. Comtudo faça como melhor lhe parecer.

Castellini quereria ser enviado para esta. Parece-me que se depois de ter efeituado a Commissão a que foi viesse, não seria mal. Huma vez que **Garibaldi** principie a trazer-nos alguma pesas, elle poderia muito servir-nos.

Lembre-se qu'eu estou aqui conduzindo os negocios publicos, fac totum do governo. Apreciarei então muito seus conselhos, e muito me honrarei em seguir a norma que V. Exa. quizer traçar-me.

Não lhe dou noticias nenhuma das operações estrategicas porque o mesmo portador o informará.

Incluso achará huma proclamação que o Presidente mandou publicar no dia 20 de Setembro. Rogo-lhe que a mande imprimir. – Estou ansiozo de saber se V. Exa. achou digna da imprensa a Carta a **Pardal**, e outra ao **Mafra**.

No caso que ali chegasse o meu amigo **Corridi** do qual **Castellini** me diz ter fallado a V. Exa. sou certo que alem de o tractar como customa com pessoas de merecimento, procurará que a Nação que vem servir aproveite seus talentos.

Pela maior prosperidade da Patria [2v] e o rapido progresso do sistema Democratico, Deos guarde a V. Exa. por muitos annos.

Cidade **Juliana da Laguna**, 1º Outubro 1839.

Ao Exmo. **Domingos José de Almeida**.
Ministro etc.

[a] **L. Rossetti**

CV-8043

Illmo. Senhor.

Ainda que não tenha muito que acrescentar ao que tenho tido a honra d'escrever a V. Exa. com a occasião do Enviado, pensaria de lhe dar motivo de reproches se deixasse de aproveitar da favoravel occasião.

Apezar de não termos tido nenhuma vantagem material, a cauza da Liberdade vae progressivamente melhor. Consta-nos que na Cidade só sospirão o dia em que avançarmos, e que **Andréa**[92] acha-se muito abarbado[93]. Até agora tinha sido muito moderado, porem sou poucos dias qu'elle mandára levantar a força, e dizem que se diverte a mandar enforcar em palha os qu'estão comnosco armados contra elle, menos mal. Com isso não vencerá. 115 soldados de 1ª linha desertarão-lhe entranhando-se no matto. Não sabemos que fim levarão. O **Teixeira** officia em data de hontem e diz que o seu bombeirão lhe conta que corria o boato que tinha chegado na Cidade hum esquadrão de Cavallerias vindo de **Rio Grande**. O **Neves** foi feito pelo novo Proconsul Coronel a condição porem de se conservar na sua casa. O Presidente tio delle, lh'escreve e estamos ansiosos de receber sua resposta. – Hum passado conta que na Cidade dizião que no **Rio de Janeiro** havião principiado as estocadas, e que tudo annunciava hum assaz proximo movimento contra os Portuguezes.

Tres embarcações de guerra riograndense esperão só o vento para dar a véla. **Garibaldi** vae commandal-as. Bordejão em vista [1v] da barra tres do inimigo. Aqui acreditão que o meu amigo ande attacal-as – mas elle não faz esta intenção. Se a occasião o exigir o fará – porem sem isso dirigir-se-ha na barra do **Rio de Janeiro** onde certamente fará muito maior estrago. Seria conveniente que sabessemos se nossas embarcações serião recebidas no Porto de **Montevideo**, porque neste caso poderiamos mandar alguma por amor de buscar os marinheiros que **Castellini** tiver engajado.

Me tomo outra vez a confiança de lhe confessar qu'estou com bastante cuidado pela politica exterior qu'esse Gabinete hia adoptar. Não era nada partidario

---

[92] Trata-se de **Francisco José de Sousa Soares de Andréa**. [N. do E.]

[93] Abarbado: "*Sobrecarregado: abarbado com trabalho. Afrontado: abarbado de dificuldades. Atrapalhado*". GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa; Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda, Volume 1, 1960: 41. [N. do E.]

de huma alliança com **Rosas**, e muito menos o sou agora que teriamos muito que recear da **França** se por acaso nos envolvessemos na sua questão com o Dictador.

Aproveitando de huma embarcação que sahe para **Riojaneiro** com bandeira Catharinense, alem de ter escripto ao Illmo. Cidadão **José Joaquim Machado de Oliveira** / o **Machadinho** / e **Antônio Francisco da Costa**, me dirigi tambem a nome do Presidente, ao Deputado pela Província **Jeronimo Francisco Coelho**. Como há motivo para duvidar da entrega da Carta, lhe mando a Copia d'ella, afim de que, no caso que V. Exa. o ache conveniente, dee providencias para que seja imprimida nesse jornal. Eu estou que seria muito util.

Afim de procurar-nos algum meio pecuniario recorremos a [2] hum dom patriotico. Rendeo por ora 400$000 mais ou menos que forão empregados para vestir os **Lageanos**. Sollicito então para com V. Exa. o emprestimo pedido. Sem este recurso não se de qual outro modo poderiamos suprir a tantas precisões.

Para mais facilmente acreditarmos o papel moeda que V. Exa. enviar, seria talvez muito acertado que contemporaneamente mandasse para este lugar algum gado, que conduzido por pessoas de sua inteira confiança, deveria ser vendido á papel mediante hum pequeno abatimento no seu valor nominal. V. Exa. intende logo o quanto se poderia esperar disso.

No caso que o Exmo. Presidente não tivesse ainda mandado abrir os sellos que lhe temos remettido, hoje consta-me que na **Setembrina** há um fulano **Clementino** mui habilidoso por isso. **Guasques**[94] antehontem me apresentou hum modelo que talvez seria mui explicativo do outro. S'elle o mostrar a V. Exa., determine como melhor lhe parecer. Os que enviei já estão aceitos e decretados, etc.

Cuneo me avisou o envio de alguns jornaes. Não os recebi, e penso então que terão ficado nas mãos de V. Exa. Depois de lidos se m'os quizer mandar juntamente a outros, será este hum favor que muito lhe agradecerei. Da Cidade ainda não recebemos nem hum só! Desejava também que V. Exa. me remetesse o **Fillangieri**[95] e **Leronimier** que **Castellini** me há de ter trazido juntamente a outras obras qu'eu havia comprado em **Montevideo**, mas que de bom grado ofertarei á biblioteca por V. Exa. estabelecida, se ali chegarão. Havião todas as obras de **Lamenais**[96], e o **Espirit des Lois** de **Montesquieu** com as annotações de **Thieres**[97], que ambas julgo interessantissimas.

---

[94] Trata-se de **José Guasques**. Ver correspondências do mesmo no volume 9 dos Anais do AHRS (CV-5124 a CV-5129). [N. do E.]

[95] Trata-se, provavelmente, de FILANGERI, GAETANO (**Nápoles** – 1762-1786). Colaborador do Rei de **Nápoles**, um dos Iluministas apoiadores dos déspotas da época. Admirador de **William Penn**, reflete as idéias de **Montesquieau** e de **Beccaria**. Publicista e jurisconsulto italiano, da escola dos fisiocratas. [N. do E.]

[96] Trata-se, provavelmente, de **Félicité Robert de Lamennais**. Ver nota de pé-de-página acrescentada ao CV-8036. [N. do E.]

[97] Trata-se de **Luís Adolfo Thiers**. [N. do E.]

Todavia não veio dar aqui a roupa que V. Exa. teve a bondade d'enviarme.

O Coronel **Guasques** váe de volta. Não me compete dizer nada a seu respeito. O General **Canabarro**, escreve não sei se ao Governo, ou ao General **Netto**. Lisongeio-me que sua maldicencia não poderá enxovalhar a conducta do meu amigo e irmão. – Consta-me tambem qu'elle ou escreveo, ou queria escrever ao Ministro **Jozé Marianno de Mattos** lastimando que **Garibaldi** fosse o Commandante da Esquadrilha, e eu o Secretario do Governo. O meu amigo sei que merece a honra que desde muito tempo o governo lhe havia feito – quanto a mim, certo que o emprego que occupo he muito superior aos meus diminutissimos talentos – porem precisava que o aceitasse em falta de quem me suprisse, e para fazer a vontade ao Presidente que tinha sido eleito.[98] Apenas qu'entrarmos na Cidade lhe juro que darei a minha demissão para reunirme ao **Teixeira**[99] [3] que amo quasi tanto como **Garibaldi**. Sei que sou estrangeiro, e sei a custa de muitos desgostos que por nenhum modo me convem defender os principios que professo em emprego onde só se faz peciso a penna. Os guerreiros estimão que o estrangeiro combata ao seu lado, mas os lettrados não gostão de ver hum estrangeiro sentado ao mesmo escriptorio. O bonito he que o nosso **Guasque** he estrangeiro como eu. Mas espanhol! – Este período ficou comprido demais.

Aceite minhas saudações cordiaes e respeitosas, e queira lembrar-me á sua familha.

Deos Guarde a V. Exa. com saude e por muitos annos como o deseja o seu

Criado e amigo sincero
[a] **L. Rossetti**

Cidade **Juliana da Laguna**
11 Outubro 1839.

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Illmo. e Exmo. Cidadão **Domingos José de Almeida**.
Ministro e Secretario de Estado etc etc
Cassapava.
De **L. Rossetti**.

---

98 "A 7 de agosto [de 1839] realizou-se a eleição para a chefia provisória do Estado Republicano Catarinense. Foi eleito presidente o tenente-coronel **Joaquim Xavier Neves** e vice-presidente o padre **Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro**. **Laguna** foi elevada à categoria de cidade e de capital do Estado. Recebeu a denominação de **Cidade Juliana da Laguna**". FRAGOSO, Augusto Tasso. **A Revolução Farroupilha (1835-1845). Narrativa Sintética das Operações Militares**. Rio de Janeiro, Almanak Laemmert Ltda., 1938. [N. do E.]

99 Trata-se de **Joaquim Teixeira Nunes**. [N. do E.]

CV-8044

Illmo. e Exmo. Senhor e Amigo.

Com indicivel satisfação á 30 do passado Outubro recebi a officiosa Carta que V. Exa. se dignou dirigir-me em 5 do mesmo mez; e desejo que a presente ainda o ache ao ministerio. Reciei sempre esta Crise, e sempre fiz para retardal-a. Não levará então por mal qu'eu mais huma vez lhe falle com a franqueza que a amizade authoriza.

Sempre soube avaliar o sacrificio de saude e d'interesses que V. Exa. continua a fazer á causa que defendemos, tão demais sciente como sou da opposição que encontra. Mas que por isso? – Mais cedo ou mais tarde será comprehendido, e serão apreciados como o merecem os seus serviços. Huns poucos de nescios não devem desaminal-o. Nada a opinião delles há de poder sobre o animo de aquelle que sostentou o credito de hum Povo que ainda hoje não he bem nação.

Eu sei por experiencia própria o quanto he receado imperdoavel o ser estrangeiro – porem V. Exa. não deve se considerar tal, se na revolução riograndense, vê como eu a revolução brasileira. E que pode alem disso importar a censura de quem não o intende com tanto que os seus principios triunfem? Eu não vejo senão a Humanidade, familha immensa da qual eu tambem sou membro; e desprezo portanto todos os que limitão seus esforço á felicidade do pequeno circulo de parentes e concidadãos no meio do qual se achão por huma eventualidade [1v] collocados. Não pretendo com isso dar-me por typo a V. S., mas desejo concital-o a ser superior a certos homens que nem lhe merecem o compadecimento, concital-o emfim a não desmainar, a não deixar de trilhar o caminho de gloria que com tanta satisfação dos bons tem até hoje percorrido. Precisa que se arme de huma stoica insensibilidade e que se mostre indiferente a tudo quanto pode a inveja e a ignorancia fazer para escurecer seus serviços e inutilizar seus projectos. Ninguem na epoca presente o poderia suprir no eminente posto que ocupa, e V. Exa. não pode abandonar á propria sorte o paiz que até agora tem salvado das muitas desgraças que alias o terião afligido. Eu conheço as circunstancias peculiares desse governo, e me atrevo a dizer que ninguem melhor do que eu he capaz de avaliar as consequencias da sua retirada do Gabinete; e portanto rogo lhe mais huma vez que se sacrifique, que cumpra a sentença que a revolução fulminou contra V. Exa. Esta missão he sua e não a pode renegar sem prejudicar á sua fama e aos interesses do **Brasil** inteiro.

Mattos não fará nada de tudo quanto V. Exa. lhe terá acconselhado – eu conheço os seus talentos, mas tambem conheço o seu caracter, docil, bom – mas talvez afferrado de [2] mais á própria opinião. Se a venda dos bens do inimigo, ou a ipoteca dos Proprios Nacionais não entrou-lhe na cabeça logo assim que V. Exa. lhe a insinuou, persuada-se que nem huma nem outra cousa terá effeito no caso que V. Exa. se retire do Ministerio.

Persista então ao seu posto até ao menos a tomada da **Ilha**. Eu hei de ter alguma influencia sobre os negocios admiistrativos desta, e lhe prometto que farei para que aqui se dee o salutar exemplo; pois a meu vêr não temos outro melhor recurso. Este governo, a minha instigação, nomeou huma Commissão para promover hum dom nacional – mas não chegamos a recolher nem hum conto de reis – hum emprestimo seria ainda mais difficil – Precisa portanto recorrer á emissão de papel moeda, garantido sobre os Proprios Nacionaes, e extinguido ou retirado da circulação com o produto da venda dos bens que os inimigos vão nos abandonando. – Eu aqui tenho feito hum decreto a respeito destes ao qual tendo-se dado escrupolosa esecução não deixou de dar algum bom resultado – ao menos vamos vestindo as tropas; e como o mesmo dispoe acabando o termo dos 60 dias e 40 mais que poderemos conceder-se de prorrogação, os bens moveis e immoveis serão irremesivelmente vendidos a quem mais dinheiro der. [2v]

O territorio vastissimo desta Republica he quase todo devoluto, e seríamos bem dignos de reprehensão se não procurássemos de aproveitar-nos della – tão de mais que he muito facil de demonstrar que as vendas do terreno melhor influem nos progressos da agricultura de que as doações condicionaes, sejão embora effeituadas ao preço mais baixo possivel.

A idea da ipoteca dos Proprios Nacionaes a indiquei nas instruções dadas ao Enviado; e n'huma missiva minha dizia-lhe que afim de acreditar-mos com maior facilidade o papel que haviamos pedido, á esse Governo bom seria que V. Exa. mandasse vender nesta alguma tropa de gado por pessoa de sua confiança que viesse munida de ordem segreda de aceitar em pagamento o papel.

Tenho feito e faço quanto posso para excitar o nacionalismo neste Povo – porem o não termos huma sufficiente força propria muito se oppoem a que não se desenvolva: neste instante acabamos de receber participação da frente que nos são muito desvantajosas em razão da desmoralização que introduz e huma retirada n'huma gente pouco accustomada á guerra. Esta madrugada o inimigo avançou de sorpresa no acampamento da **Encantada do Teixeira**[100] – não perdeu gente – porem lá ficou algum armamento, baus, etc. [3] Se não chegar a tempo o reforço que **Canabarro** pedio ao **Netto**, não sei como poderemos animar esta acobardada nação.

O Ministro de **Souza Medeiros** está decidido a promover hum emprestimo. Eu não me opponho porque acho que se nada produzir pouca perda tambem pode dar.

Estimo que V. Exa. aprovasse todas as medidas que aqui temos tomado, e sobretudo folgo que merecesse a sua aprovação o Decreto do Porto franco. Esta idea he toda minha, e se as armas da republica riograndense sostentarão esta afim

[100] Trata-se do **Morro da Encantada**, em **Garopaba/SC**. [N. do E.]

de que tenha o desejado effeito estou convencido que ambos os paizes aproveitarão muitissimo suas consequencias vantajosas.

Garibaldi ja fez quatro prezas – mas desfortunadamente – duas dellas forão separada da ~~Seival~~ **Cassapava** que as conduzia por hum temporal, e huma foi retomada pelo inimigo. Estão hoje descarregando a outra em **Imbituba**. Julgo qu'elle aproveitou do vento sul que sopra mui forte e deu outra vez á vela. Estimo que **Bisley** não esteja preso, e que V. Exa. se occupe seriamente do armamento Corsario.

Com outra occasião remetter-lhe-hei o 4º Bolhetim, e huma Proclamação do Presidente. [3v] Agradeço-lhe muito as correções feitas as peças que enviei, e desejo ver imprimida a Carta ao **Pardal**.

O General **Netto** escreve ao Presidente que nada havemos de temer a respeito da politica exterior com os vizinhos. V. Exa. porem conhece os meus principios a respeito, e rogo-lhe portanto que haja de vigiar sobre a escolha que o gabinete fizer nos que pretendem á sua amizade pois eu não concedo que possamos manter-se n'huma perfeita neutralidade. A neutralidade nunca proveitou. A historia o tem demonstrado em todos os tempos.

O Tenente Coronel **Rocha** nunca m'escreveu, nem nunca mandou-me a roupa com que V. Exa. quis brindarme.

Não escrevo a **Castelhini**, nem a ninguem, porque o portador he hum proprio que o General envia para sollicitar do **Netto** a vinda do 3º Batalhão, e está a montar a cavallo. Me faça lembrado á sua familha e aceita o coração do de V. Exa. que Deos guarde

Muito Venerador e Obrigado Amigo
[a] **L. Rossetti**

Juliana 3 Outubro 1839.

[Anotado na margem superior]
Respondida a 5 de Dezembro.

[Anotado no verso]
Serviço da Republica.
Ao Illmo. e Exmo. Cidadão **Domingos José de Almeida**.
Ministro etc.
Cassapava.

CV-8045

Exmo. Senhor e Amigo.

Estamos novamente de posse do Distrito de **Lages**, e espero que nunca mais tornará a pertencer ao Império.[101]

[101] Após derrotar o Brigadeiro **Xavier da Cunha**, em 13.12.1839, Teixeira Nunes dirigiu-se a **Lages**, "onde entrou a 18.12.1839, restaurando mais uma vez o regimen republicano". FRAGOSO, Op. cit.: p. 183. [N. do E.]

He necessario que o illustrado Governo procure que os seus chefes militares aproveitem a influencia do momento, e o tanto que naturalmente ha de ter desacorçoado o partido imperial a Victoria de 14 de Dezembro. Eu seria de opinião que o nosso Exercito tomasse a offensiva de todos os lados e principalmente da banda do **Rio Grande** de onde agora he facil queirão tirar força para com ella salvar a **Laguna** do acometimento de que se vê ameaçada por nos, e pelo **Canabarro**. Não descuide isso, e faça valer a sua influencia n'huma occasião tão aproveitavel para a decisão da guerra.

Da vez passada esqueci remetter a V. Exa. a proclamação que o Teixeira deu aos de **Vacaria** e **Cima da Serra**. Vão outras que V. Exa. me fará a honra de corrigir antes de mandalos á imprensa. Talvez não hajão muitos erros porem sempre he bom que emende a linguagem e a ortografia estropiada por mim e pelos meus copiadores.

Apanhamos huma porção de obras inglezas, que [1v] logo que houver occasião me farei hum dever de enviar-lhe para o augmento de sua Biblioteca.

Queira enviarmos alguns jornaes, e darnos as noticias que mais poderem interessar-nos.

Faça para que o **Fructo** intervenha ao Tractado de confederação, e não deixem de protestar perante todas as assembleas provinciaes contra todos os actos da assemblea geral. A mão do almirante francêz, protestaria contra o Imperio pela guerra de assassinios que tem adoptado, e pretende fazernos. He huma deshonra por todos os governos monarchicos e pela civilização do seculo.

Aceita minhas saudades, e me faça lembrado ao Exmo. Presidente, e familha de V. Exa.

Seu Servidor e amigo fiel
[a] **L. Rossetti**

Lages 19 de Dezembro de 1839.

[Anotado no verso]
Illmo. Exmo. Senhor. **Domingos José de Almeida**.
Ministro e Secretario do Estado dos Negocios da fazenda.
Cassapava.
De **L. Rossetti**.

CV-8046

Illmo. Exmo. Senhor e Amigo.

Não tenho tempo para ser extenso. Me recomendo a sua amizade. **Garibaldi** me foi restituido – arrancarão-me o Tenente **Azevedo**! – Senti muito a sua morte.

Vejo com immensa satisfação que a politica exterior do gabinete vae seguindo melhor caminho. Eu della fiz sempre deprender a decisão da grande

contrada [sic] e agora estou esperançado, que deste anno o Imperio haja de desistir de sua inutil teima. Esforce-se contudo para que seja celebrado o tractado de confederação com a **republica Catharinense**, e faça de modo que nelle intervenha o Presidente **Fructo**. Só assim poderiamos fixar os destinos futuros do **Brazil**, e cobrir de gloria a republica que V. Exa, governa.

Não intendo porque razão o general **Netto** e o mesmo **Bento Gonçalves** não tractão de general ao Cidadão **David Canabarro**, nem de Coronel ao **Teixeira** no entanto que esta honra não foi negada ao **Alencastro** no Decreto de sua nomeação de Ministro em que tractão de Tenente Coronel.[102] Com seco vagar me diga alguma cousa a este respeito. [1v]

Não vi impresso o Bolhetim que escrevi em occasião da perda de **Laguna**, nem até agora os successivos que por quanto me consta o senhor **Ulhoa Cintra** houve por bem de corrigir. Sabe V. Exa. o quanto mal me submetto a esta prerogativa que outrem sem me consultar quer attribuir-se, e por esta razão não mando agora o 3º bolhetim da Divisão. Será hum orgulho meu, huma minha presunção mas pode me ser perdoada porque cada hum tem os seus principios – e eu tenho os meus nos quaes sou muito afferrado.

Somos circundados de inimigos. Officiamos ao Tenente Coronel **Demetrio**; pareceme porem que acontecerá com elle o que ordinariamente acontece com os medicos, que por etiquetas deixão barbaramente perecer o doente. Temos comtudo alma forte, e somos republicanos. – Hum punhado de nos poderá sempre fazer frente a hum numero mesmo subido de escravos.

Ignoro qual seja o plano que formarão os [2] generaes – mas não tem nada mais a fazer senão carregar com muita força sobre este ponto. Se assim praticarão a guerra não pode ser mais duradoura. Nos nossos officios aos respectivos generaes temos insistito nisso – mas não sei se annuirão ou verão as cousas como nos as vêmos.

Se tiver alguma folha que dêem noticias da **Europa**, e sobretudo do meu Paiz me faça o obsequio de m'as remetter. Tenho lido a dedicatória aos revolucionarios riograndenses. Ella he digna de VVEE; e se não erro foi escripta por **Cuneo**.

[102] DECRETO de 13.12.1839. 5º da Independência e da República Rio-Grandense. "Sendo indispensavel organizar-se o Ministerio para não soffrer o expediente a cada huma das respectivas Repartiçoens correspondente, e concorrendo na pessoa do Tenente Coronel **Serafim Joaquim de Alencastre** os requisitos necessarios para bem desempenhar as funções inherentes a quaesquer das referidas Repartiçoense apezar da repugnancia que tem manifestado em acceitar tão laborioso encargo, o Vice-Presidente da Republica ha por bem nomealo interinamente Ministro e Secretario de Estado dos Negócios da Guerra e Marinha. **Domingos José de Almeida**, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, assim o tenha entendido e faça executar com os despachos necessarios. – **José Mariano de Mattos**. – **Domingos José de Almeida**. – Cumpra-se, registre-se, publique-se, imprima-se – Era ut supra. – **Almeida**. – Foi publicado nesta Secretaria de Estado, e Registado a Folha 70 do Livro de Decretos e Avizos. – No impedimento do Official Maior. 1º Escripturario, **Miguel da Rocha Freitas Travassos**." Jornal **O Povo**. **Caçapava**, quarta-feira, 18 de dezembro de 1839, nº 128. [N. do E.]

Não escrevo ao Exmo. Vice-Presidente. O farei com outra occasião – mas rogo-lhe o obsequio de me fazer lembrado ao mesmo.

Aceite o coração do seu fiel servidor e amigo

[a] **L. Rossetti**

Lages 22 de Janeiro de 1840.

Do **Rocha** não me derão muito boas informações portanto não conto com a minha roupa e bem precisava della. Nesta derrota ficamos eu e **Garibaldi** com a do corpo.

CV-8047

Illmo. e Exmo. Senhor.

Afim de cortar intrigas e para que ninguem faça ausencias de mim, que não haja merecido, lhe remeto por copia a Carta qu'eu escrevi ao Sr. Tenente Coronel **Lucas** juntamente a resposta com a qual elle me honrou.

Escrevendo ao Sr. **Lucas** me dirigi a hum amigo com quem mais vezes m'entretive a respeito da causa publica; e quis no mesmo tempo servir a V. Exa. no pensamento da Paz tão determinadamente emittido, assim como o servir com todos os meios ao meu alcance na guerra. Expus minha opinião porque debaixo do Governo de V. Exa. e da Republica não pode haver Lei que m'o prohiba, mas o hei assim feito com consideração.

Disse verdades talvez de dificil digestão ao paladar de muitos, mas as confiei a hum amigo, ainda que seja maxima minha que quando se tratar dos interesses de hum Povo se haja de dizer a verdade tal e qual he sentida. A mentira, a adulação, as bravatas e todo o seu cortejo de infames artimanhas são indignas do republicano, nem as sei usar. Agora se me mostrarem que minha opinião he falsa, ou mal fundada, que a Paz não he nem útil nem necessaria, que a reunião do Paiz ao Imperio não convem, que tudo quanto digo na carta anexa não rege; que há elementos republicanos e meios para pollos em acção [1v] Oh! muitto o estimarei. Quando me lisongeava disso sacrifiquei vida e interesses de huns patricios e amigos meus; talvez a mesma minha honra; me assujeitei por quatro annos a huma existencia penosa de privações e trabalhos, e nella estou promto a continuar se houver quem me mostre com solidas e boas razões que continuando-se a luta triumfaria por fim a Republica. Convencido porem do contrario pela esperiencia de cinco annos, sustada depois que V. Exa. mesmo admittindo o Sr. Marechal **Gaspar** e escrevendo ao Sr. **Antônio Carlos** tem-se declarado em favor da minha convicção deveria dizer a este Povo, para cuja felicidade estou prompto a dar a vida: que teme que continue a despedaçar-se? – Eu nada espero do Imperio, porque nada esperava da Republica, da qual tambem nada queria, mas he em nome della e do Povo, que confiou a V. Exa. os seus destinos que eu lhe peço a ... paz; porque essa só poderá hum dia lhe dar a Liberdade verdadera que anhelava; porque

he a sobra da Paz que espero ver ainda triumfar os principios que professo e a cujo espalhamento me tenho imolado. A guerra os submergia sem que [2] deixassem huma só pizada.

Se fallei em mim, a isto fui constrangido. Devia prevenir a maldicencia. Desprezo-a sempre; porém assentei que justificando-me podia render hum serviço ao Paiz.

Sou com a maior consideração

de V. Exa.
Atencioso Servidor
[a] **L. Rossetti**

Viamão Novembro 1840.

[Anotado no verso]
Joaquim Ignácio da Chaga.
Joaquim Jose da Motta.
[Anotado na margem superior esquerda, provavelmente por **Domingos José de Almeida**]
A **Bento Gonçalves**.

CV-8048

Illmo. e Exmo. Senhor **Alvares Maxado e Vasconcello**.

A carta com que vem de honrar-me me havia quasi desalentado, pois parecia-me que V. Exa. desesperasse ja de sua missão em consequencia de condições que se propozessem ao Império. Fui rogar ao Sr. **Ulhoa Cintra** me fizesse o obsequio de mostrar-me a correspondencias do General em Chefe com V. Exa., e o seu contheudo me tranquillizou. Continuo a ser de opinião que V. Exa. triumfará de todos os obstaculos, se, como não duvido, quizer fazer-nos o sacrificio de vir presidir aos destinos da Provincia.[103]

O Exercito dissidente quer a Pas, mas precisa fazer-lhe ao menos n'alguma cousa a vontade. O sacrificio não deixo de o conhecer, he grande, mas V. Exa. se deseja pôr termo a tantas calamidades, poupar novo sangue, e novas lagrimas, deve lhe o fazer. – Eu penso qu'estando V. Exa. na Presidencia este Povo docil ainda mais que valoroso, a tudo se assogeitava. Desejo ver acabada esta luta de irmãos, sem objeto agora, e espero que me perdoara se lhe sou importuno.

O Senhor **Jeronimo Castilho** aqui presente me ordena dirigir a V. Exa. de sua parte o mesmo pedido; e diz demais qu'elle lisongeia-se que V. Exa. não se negará aos desejos de todos os bons patriotas e leais subditos de S. M. I.

A doutrina da **Jovem Itália** não era a da Monarquia, ainda que fosse a da individualidade e da união. Nos queremos a republica até puramente democratica;

[103] Foi nomeado em 07.11.1840 para Presidente da Província do Rio Grande o Dr. **Francisco Álvares Machado**. Ele tomou posse em 30.11 e passou o cargo em 17.04.1841. [N. do E.]

porque alem destas formulas nos não vemos Liberdade verdadeira possivel – contudo pode ser, que desde o tempo que tudo quanto diz [1v] respeito a minha Patria, ignoro, nossos sabios iniciadores, hajão assentado em estabelecer por ora huma Monarquia Representativa, como para dar finalmente hum passo, reunir ao menos os membros despersados. Porém não acredito que na Monarquia geral e individual e mesmo representativa hajão de parar nossos trabalhos. Nos temos por fé que a Humanidade não será constituida e em marcha para o seu bem estar se não quando todos o Povos serão alliados n'huma federação republicana. Não a queremos só por ex. no **Brasil**, mas universal, e estamos convencidos que nossos esforços não serão baldados. A epoca em que se cumprir este plano majestozo nos não o veremos, ella he remota – mas há de vir, e nos a preparamos ainda que com a certeza de não desfructal-as. Teremos ao menos posto nos tambem uma pedrinha na elevação do grande edificio. Nosso apostolado he difficil e penoso; precisa ate fazer muitas vezes abnegação de nossos principios – mas não importa – a elle nos sacrifiquemos e nada nos abala. Os riograndenses commetterão hum erro que foi fatal ao **Brasil** e as doutrinas que nos apregoamos.

He em favor dellas, do Paiz e da Humanidade que o desejo ver corrigido com a Paz.

Lhe fallo na minha Patria, e o amor que lhe tenho e as saudades de muito annos me impellem a ser importuno para com V. Exa. A **Italia** produzio heroes quando governada [2] pela **Republica Romana**, que contentando-se d'engrossar suas falanges com os soldados dos outros Povos italianos, deixava-lhes o direito de dirigir como a elles melhor convinha, seus negocios interiores; a **Italia** produzio heroes no tempo ainda que agitado das republicas da meia idade; produzio escravos e vis quando governada pelos Imperadores, pelos reis, e pelos Papas. O mesmo não aconteceu, nem accontecera por ora ao **Brasil** porque os tempos lhe são mais favoraveis; porque a corrupção das Cortes europeas ainda o não infestou. Eu amo o **Brasil**, e lhe fallarei em franqueza faço ardentes votos a Deos porque tamanha desgraça o não alcance.

Isto accontecerá se lhe der príncipes tão virtuosos como o que hoje tem impunhado o sceptro. Mas se seus filhos o não imitarem? Do resto eu sou estrangeiro, e só me fica o direito para valer-me do meu pequeno prestimo em favor do Paiz que me hospeda. Nesta intenção entrei na revolução, e porque meus principios adquirião tambem hum auxiliar. He nesta mesma intenção, e para os não ver inteiramente perdidos na terra onde desejava deixar ao menos huma pizada, que agora m'hei de valer de minha pouca influencia, e fazer para que estes bravos brasileiros voltem ao gremio da propria familha. Eu conheço a necessidade em que elles estão de dar semelhante passo; e conheço o quanto convem [2] á prosperidade material da Província, qu'elles tornem a obedecer ao mui digno Soberano que felizmente domina sobre todo o **Brasil**. – e direi demais que desejava

podel-os convencer do quanto lucrarião em confiar antes do que no tractado na magnanimidade do Senhor **Dom Pedro II** – V. Exa. talvez o consiga voltando.

Tudo depende que V. Exa. possa proporcionar ao Sr. **Bento Gonçalves** o meio de intender-se com os mais chefes da revolução.

Lhe tomei o tempo, mas m'o perdoará. Só me resta suplicar-lhe de não abandonar a empreza começada. A paz depende de V. Exa. Eu não vejo obstaculos. Se os ha, os não conheço.

Seu atencioso Servidor
[a] **L. Rossetti**

Viamão
16 Novembro 1840.

CV-8049

Exmo. Senhor e amigo.

O Tenente Coronel **Moraes** vae buscar a Commissão que há de vir para tractar a Paz. Com o **Jeronimo Azambuja** escrevi a V. Exa. pedindo-lhe que fizesse para que fossem acceitas as proporziçoes de que o julgava portador; Lhe rogo agora que haja de valer-se de toda a sua influencia e authoridade para que não encontre a Paz mais obstaculos. Se nos queremos salvar ao menos o moral da republica, os principios que proclamára devemos unir nossos esforços e fazer para que a Provincia torne a encorporar-se ao Imperio. V. Exa. conhece meus sentimentos, e confio que não me fará o torto de pensar mal de mim. A guerra agora he ja inutil, porque já não tem objecto, he sem futuro. As ambições e o orgulho da espada abafarão a democracia que na realidade ou pouco ou nada foi apregoada. O caminho que percorriamos nos leváva ao precipicio; precisa então mudarmos de vereda, hir por meio diferente ao mesmo fim. O Imperio por [1v] mais que fação seus partidarios ha de sumir-se na Confederação – He melhor por isso marchar com todos os brasileiros a ella. O triumfo he mais lento, mas outrotanto seguro, alem de que pouparemos muitas desgracias e muitas lagrimas. A nação esta exaurida, seus recursos se acabarão, carece cuidar o quanto antes na sua prosperidade material, procurar que possa refazer-se. A mocidade que com o ruido das armas se accostuma a devassidão requer a paz para educar-se. Os Orfãos e as Viuvas a pedem para ter amparo. A religião e a Humanidade para rehabilitar-se. Sem a paz nos iriamos engolfar-nos n'hum mar magnum onde tudo se perde, e para sempre.

O ministerio actual he eminentemente brasileiro e a meu ver quer tirar-nos da posição equivoca aonde nos temos collocado com todo o nosso prestigio com toda a gloria dos cem combates que temos vencido. Exmo. Sr. não atraiçoamos o seu pensamento generoso e não transtornamos com hum procedimento indigno delles e de nos que as circumstancias não querem, o plano regenerador que eu julgo ter

elles adoptado como o único que pode hum dia dar socego real ao paiz, e Liberdade verdadeira a nação. – V. Exa. não ignora que a revolução de [2] 20 Setembro foi mais hum corolario da revolução da Independencia, de que o effeito de um amor sincero á republica; portanto o sacrificio não he tamanho que não se possa fazer – e alem disso se queremos hum dia dar vivas mais efficazes á Republica devemos fazer para qu'ella deixe recordações e saudades. Se nos continuarmos a guerra, como a republica **franceza**, a riograndense deixará somente [desm]erecimento, e ficarão para sempre perdidos ao **Brasil** os principios democraticos por cujo estabelecimento, nos homens de fé tantos trabalhos vamos aturando.

Queira recomendar-me ao Exmo. Sr. **Marianno Mattos**, **Cuneo**, Sr. **Serafim** e mais amigos.

Sou de V. Exa.

Atencioso e fiel servidor
[a] **L. Rossetti**

Setembrina 19 Novembro 1840.

[Anotado na margem superior]
Respondida no 1º de Dezembro.
[Anotado no verso]
Illmo. e Exmo. Sr. **Domingos José de Almeida**.
Aonde estiver.

CV-8050[104]

Exmo. Senhor Ministro.

Me dirigerei como V. Exa. me ordena a S. Exa. o Senhor Ministro da Guerra pelo que diz respeito á minha ida ao **Camacuan**.

Lhe agradeço a demissão que teve por bem concederme.

V. Exa. insiste no seu erro, e deste modo me aflige o mais possivel. Eu não quis offender em nada V. Exa. – Appellei a sua justiça dizendo que não queria ter nada que fazer com a ignorancia e o pedantismo – mas o pedantismo e a ignorancia do Cadete, ao qual certamente V. Exa. nunca deu faculdade de corrigir minhas ideas.

Eu havia já ditto ao Cadete qu'elle interpellava mal a minha frasologia simplesmente poetica, e politica usada por todos os escriptores do mundo, e em nada religiosa. Elle ápezar disso com a malignidade que o caracteriza esperou qu'eu sahisse para vir me apresentar erético aos olhos de V. Exa. aos olhos do meu amigo protector! – Exmo. Sr. = ainda agora este pensamento me despedaça o coração, e seja persuadido que [1v] sem o rispeito que sempre consagrei a V. Exa.

[104] Sem data, mas provavelmente de março de 1839. [N. do E.]

e a amizade verdadeira, indipendente, não servil qu'eu lhe professo, o Cadete bem prompto se arrependeria de sua baixa malvadeza.

Quanto ao artigo noticia – reflita V. Exa. que me foi remettido o officio do Coronel sem dizer-se-me nada a respeito – que visto não se dever imprimir tal e qual depois de ter extractado o que fazia seu principal assunto fiz humas reflexões que na minha maneira de ver escusavão nalguma parte o procedimento hum pouco barbaro dos soldados do Capitão **Amaral** – e me permitta que lhe avise que se Vossa Exa. não o manda imprimir tal e qual he necessario também mudar o final do artigo que precede. [105]

Sinto infinito ter-lhe causado incomodo – mas V. Exa. tenha a bondade de pôr-se ao meu lugar, e talvez me faça a justiça de crer qu'eu não podia esperar nem de sua amizade nem da opinião que V. Exa. mostrou ter de mim até aqui huma vicissitude tão penosa por quem tem hum'alma ardente e sensivel como a minha. [2]

Lhe rogo por ultimo queira esquecer tão desagradaveis momentos, e considerar-me sempre qual me honro em ser

De V. Exa.

Venerador e amigo
[a] **L. Rossetti**

[Anotado no verso]
Exmo. Illmo. Sr.
Domingos Jozé de Almeida.

ROUX, João Batista
CV-8051 a CV-8058

CV-8051

42

S. Exa. o Sr. Ministro **Almeida** á **João Baptista Roux**.

1838 – Octubro 18"	3 ½ Covados de Casimir á 1$920	. . . .	6$720
	5" dito Holanda à $320	. . . .	1$600
	2 ¼ dito de panno à 5$760	. . . .	12$960
	2 gorros á 1$280	. . . .	2$560
	1 ½ vara de Gazilla á $640	. . . .	1$280
	3 lenços de seda	. . . .	7$160
	6 pares de meia	. . . .	2$400
	1 1/3 vara de fita	. . . .	1$280

[105] Ver documento CV-8036 e anexo 11. [N. do E.]

	3 ½ dita trensilia	. . . .	2$080
	1/3 Casimira	. . . .	$640
	1/3 Dita	. . . .	$640
	2 ½ vara trensilia	. . . .	$960
	29 vara algodão sufestado [?]] à 640	. . . .	18$560
Novembro 19	65 patacoens em prata	. . . .	62$400
	Fazenda levada a Sr. **Januario Borges**	. . . .	58$080
	Idem a Sr. **Militão**	. . . .	80$210
		Somma	259$530
	Abato a importncia de conta de **J. B.**		58$080
			201$450

[Anotado no verso]
João Baptista Roux

CV-8052

Illmo. Exmo. Siñor.

Ministro da Fazenda **Domingos José de Almeida**.

Exmo. Siñor hoi me incamino Por El Sittio á verme com El Siñor general in Cheffe do exercito riograndense al respeitto do Ricrimento que lê tengo dirigido para amortizar a mia conta eu Exmo. Siñor para provar á V. Exa. que Não quero fazer Espéculation sobre este assunto ofresco a V. Exa. todos los beneficios que se pode fazer en dineiro o en fazenda immediatamente y como tambem comprar el mismo gado á V. Exa. sendo gado que pode entrar ao **porto alegre** Dios guarde a V. Exa. muittos años.

Rio Pardo, 10 de Agosto de 1839.

[a] **João Baptista Roux**.

[Anotado na margem superior]
Respondido a 4 de Setembro.

[Anotado no verso]
Illmo. Exmo. Siñor. 40 ~~20~~
Ministro da Fazenda
Domingos José de Almeida
Villa de **Caçapava**.
[Carimbo]
Cachoeira.

CV-8053

Rio Pardo 10 de Agosto de 1839.

Illmo. Exmo. Siñor. Ministro da Fazenda.

Como tengo que fazer esta viaje del Sittio já esto no podo mandar El mio Companeiro para intrigarle una arroba d'erva matte, uma ditta de fariña de

madioca porem tengo dado ordem al Siñor **Smith** para fazerles entrega também tres barricas de fariña de trigo que podes dispor de ella.

Estoi a su ordem por cual quera coiza que podo servir a V. Exa. – Seu Criado.

[a] **João Baptista Roux**.

[Anotado no verso]
Illmo. Exmo. Siñor. 40 ~~20~~
Ministro da Fazenda
Domingos José de Almeida
Villa de **Caçapava**.
[Carimbo]
Cachoeira.

CV-8054

Illmo. Exmo. Senhor.

Participo á V. Exa. que me fica á receber 300$000 en la Collectoria da Villa do **Rio Pardo** de la ordem das farinhas vendidas o estado que importam 440$320 Suplico á V. Exa. mandarme huma ordem para que se me encontra en la Collectoria da Villa do **Triunfo** la quantia de 184$000 réis direitos de huma taboada que mandei para **Porto Alegre**.

Deos guarde a V. Exa. para sempre.

Rio Pardo, Novembro 12 de 1839.

[a] **João Baptista Roux**.

[Anotado na margem superior]
Recebida e respondida a 14.

[Anotado no verso]
Illmo. Exmo. Siñor.
Domingos José d Almeida
Ministro da Fazenda e Justiça.
Caçapava.

CV-8055

Illmo. Exmo. Siñor Ministro **Domingos Jozé de Almeida**.

Exmo. Siñor. Desejo que tenha muitto Boa Saude.

Juntamente lhe mando un recrimento sobre unos direitos que tenho qui pagar en la Collectoria de la Villa do **Triumpho** espero que V. Exa. me despachara el próprio lo mas brevé possible para remeter la ditta ordem en la Collectoria do **Triumfo** para locacion do Senhor **Coq** um allemão que vá com carretas, le mando um terçio de herva que V. Exa. á de gostar por ser herva da **Palmera** lê remeto

tambem uno Carton que contem um Corte de vestido que a mia Senhora manda para Sua Senhora Esposa Dom Façame encargo de fazer lembrar à V. Exa. de seu assunto estoi à sua ordem por los que lê podo ser util.

Deus Guarde à V. Exa. para muittos annos.

Seu Criado

[a] **João Baptista Roux**.

Rio Pardo, 12 de Novembro de 1839.

[Anotado na margem superior]
Recebida e respondida a 14 – || –

[Anotado no verso]
Illmo. Exmo. Sr. Dom
Domingos José de Almeida.
Ministro da Fazenda e da Guerra.
Villa da **Caçapava**.

CV-8056

Illmo. Exmo. Siñor Ministro da Fazenda.

Respondendo a lo Officio que V. Exa. me dirigio dattado de 2 de febrero por los arranjos de lescola da naçon da Dona **Manuela Louise da Silva** professora de 1ª Lettra participo a V. Exa. que ja entreguei los reglons que en este município se en podido achar e pronta entregarei los demais que mandei procurar en **Santo amaro** à linstante lhe participarei e lhe remeterei huma clareza da ditta professora.

Deos guarde à V. Exa. muitos annos.

Rio Pardo, 15 de febrero 1840.

[a] **João Baptista Roux**.

[Anotado na margem superior]
Respondido a 24 – || –

[Anotado no verso]
Illmo. Exmo. Sr. **Domingos José de**
Almeida. Ministro da Fazenda.
[Carimbo] **CACHOEIRA**.
Caçapava.

CV-8057

Illmo. Exmo. Siñor Ministro da Fazenda.

Domingos Jozé de Almeida.

Exmo. Señor participo a V. Exia. que se aprezentou o señor **Jozé Antonio Jaques** com huma ordem de V. Exia. a onde V. Exia. me dizia que de las 184$960 que me mandou dar da Dona **Maria da Fontoura Corte real** 76$800 da ditta

Señora cento y oitenta mil cento secenta reis do señor Tenente Coronel **de Morais** me costa à participarlo que con la misma ordem do Señor **Jacques** me aprezentei à Dona **Maria Corte Real** pagou la quantia que V. Exia. pedio en sua ordem e el señor Tenente Coronel de **Morais** no quer pagarlo que lê corresponde por este determinei à entregar o Señor **José Antônio Jaques** la quantia que tenho recebida da Senhora Dona **Maria da Funtura Corte Real** como V. Exia. vera por lo recibo que juntamente le mando por primeira e segunda via conforme à sua ordem à respeito de 30 alqueires de farinha que V. Exia. me pedia no existe deste genero no **Rio Pardo** esta se vendendo a seis pataque o alqueire.

Deus guarde à V. Exa. muitos annos.

Rio Pardo, 10 d´abril 1840.

[a] **João Baptista Roux**.

[Anotado na margem superior]
Respondido a 21 – || –

[Anotado no verso]
S. D. R.
Illmo. Exmo. Señor **Domingos Jozé de Almeida**.
Ministro das Fazenda.
Caçapava.

[Anexo][106]
Sr. D. **João Batista Roux**.
Incluzo lhe remeto a carta do Sr. Ministro **Almeida**, da qual espero sua immediata resposta porque ao mesmo Sr. enho que responder sobre o assumpto relativo. No entanto sou de V. Mcê. atencioso servidor.
Caza, 9 de Abril de 1840.

[a] **José Antônio Jaques**

[Anotado no verso]
Sr. D. **João Batista Roux**. Sua Caza.

[Anotado na margem inferior]
Illmo. Sr. Acabo de falar com o Sr. Tenente-Coronel **Morais**. Não quer pagar a ordem que mando cobrar o Exmo. Sr. Ministro da Fazenda por isto me custa a dizer que não lhe podo entregar senão la quantia de 76$800 da D. **Maria Fontoura Corte Real**.

Rio Pardo, 10 de Abril 1840.

[a] **João Batista Roux**

[106] Este ofício de **José Antônio Jaques** e a resposta à margem de **João Batista Roux** já foi transcrito no volume número 9 dos Anais do AHRS (pág. 319), mas como os organizadores da Coleção Varela introduziram uma cópia xerográfica do mesmo junto ao CV-8057, optamos repeti-lo integralmente aqui para facilitar a leitura. [N. do E.]

CV-8058

Illmo. Exmo. Siñor Ministro das Fazenda.

Domingos Jozé de Almeida.

Exmo. Señor El portador d´esta o Siñor Don **Pedro Mendes** me pedio huma Carta de recomendacion para V. Exia. Como gosto de servir a todos me tomei la libertude de dirigirle esta para servirlos en caso de necessidades que V. Exia. salvar dos incomodo que lê podi dar.

Todo os meus desejos es que V. Exia. goze de bona saude a toda a sua respeitavel famillia.

Seu Criado e Servidor.

[a] **João Baptista Roux**.

[Anotado no verso]
Illmo. Exmo. Señor
Ministro das Fazenda
Domingos Jozé de Almeida.
Villa da **Caçapava**.

RUSCA, Natalio
CV-8059 a CV-8061

CV-8059

Excelentisimo Señor Ministro.

Salto Agosto 18/1840.

Tengo el honor de dirigirle de este punto das líneas advetindolo que entre 10 a 12 dias saldré de esta para **Alegrette** a donde tendre el gusto de reunillarme [sic] a V. Exa. y mientras tanto lo advierto que desearia areglarse a mi cuenta, como aquella de los 11. Quan V. Exa. [recho ilegivel] para despues poderdes proporcionar mercanzias para el vestuario de sus tropas – He alludo en esta mia una carta por el señor **Cuneo** que muitisimo me la encargo el Señor **Castellini**.

Mientras tanto reciba V. Exa. los sentimientos de perfecta stima y respecto que le manifiesta este su humilde Servidor

Dios guarde a V. Exa. muchos años.

[a] **Natalio Rusca**

[Anotado no verso]
Excelentisimo Señor Ministro de Hacienda el Illmo Señor Don **Domingos Jozé D'Almeida**.
Alegrette.

CV-8060

Excelentisimo Señor Ministro de Hacienda y Justicia de los Negocios Interiores y Exteriores de la Republica de la Provincia Rio Grandense.

Salto 12 Janero 1840.

Excelentisimo Señor vengo de recebir la apreciable suya data 31 del Agosto e immediatamente le contexto diciendole que a esta fecha ya houbiera tenido el honor de prostrarme a los pies de V. E. a tratar de nuestros asuntos sea particulares, como de la casa de quienes soy encargado, mas unas noticias no muy propicias que tubimos al **Cuaró** nos hicieron retroceder. Portanto en vista de la estimable suya ruego la bondad de V. E. de participarme la cantidad de ganado, la calidad, como tambien el destino adonde podre apartalo, para asi poder tratar los hombres por el mismo fin, advertiendo que en puento a las convenciones no tendremos muchas dificuldades, llevando yo el sistema conforme ya me parece haberles dado prueba del muchissimo deseo de servirlos, como tambien presentemente tengo una proposicion de hacerles en nombre de mis principales los SS. Don **Juan Rey Nuñes** [?] muy ventajosa por esse Exercito. En conformidad de lo espresado no dudo que V. E. se dará toda la presura para despacharme lo mas pronto posible, tanto por la obligacion, por el interes, por el amor patrio, como por l'onradez del partido principal sistema de adoptar para gigantescamente adelantarse. [1v]

En mi compaña iba un muy amigo mio com las muestras de unas 60 pezas de paño intencionado de hacer negocio com este Estado, los paños estan el el **Salto**, a mi ida llevare las muestras y problablemente efectuaremos el negocio.

Enclusa en la mia mande una carta bien voluminosa por el Señor **Cuneo**, quien despues habiendo pasado por esta, muchissimo me encargó para que hiciese diligencia y remeterciela para **Montevideo**. Por tal objeto si dodavia dicha carta esta en manos de V. Exa. desearia que tubiese la bundade de mandarmela con primera ocasion a este destino.

Agradessa V. E. los verdaderos sentimientos de perfecta stima y respecto que este su humilde servidor le manifiesta y disponga

Dios guarde a V. Exa. muchos años.

[a] **Natalio Rusca**

[Anotado no verso]
Excelentisimo Señor Ministro de Hacienda.
El Señor Don **Domingos Jozé D'Almeida**.
S. P. M.

CV-8061
Illmo. Señor Ministro de Fazenda el
Señor Don **Domingos Jozé D'Almeida**.
St. Gabriel

Bagé abril 15/841

Excelentisimo Señor Ministro. En virtud de haber hecho una contrata de sociedad con el Señor Don **Zeferino Dias da Silva Ferrera**, conforme el mismo mejor lo enformerá participo y ruego a V. E. que tubiendo efecto nuestra sociedad como espero, tenga a bien de despachar estas tropas en mi nombre, para inbolsarme de cuanto me debe el Gobierno de la Repubblica Rio Grandense, y de este modo cesarao los incomodos que causé a V. E. por las suplicas para efectuar-se mi pagamiento.

Escribi a V. E. pocos dias hace esperando poderme diriguir a esta para areglar nuestras cuentas, presentemiente pero por causa del enemigo hallarse por estes alrededores participo a V. E. que dentro de algunos dias, y despues de areglar algunas cuentas de **Bage** saldré por el **Cerro Largo**.

Por cartas que recebi de mis SS. Principales Don **Juan Rey Nuñes** [?] me ordenou para que aregle cuentas com V. E. por saber si la Cuenta que ellos tienen hecha por mi ex compañero Don **Juan Batista Lautan**[107] esta conforme, portanto ruebo a V. E. se le es posible de mandar sacar la cuenta coriente de mis principales, y la particolar mia, y remetirla por **Bagé** al Sr. **Giorgio Fayetta**, que el la manderá adonde yo me halle en las esperanzas que V. E. me favorecerá antecipo las debidas gracias asegurandolo en cualquier tiempo ser pronto para prestarle mis servicios y augurandole buen esito y felicidades participo a V. E. los sentimientos de perfecta stima y profondo respecto que le profesa este su umilde servidor.

Dios guarde a V. Exa. muchos años.
[a] **Natalio Rusca**

[Anotado no verso]
Al Dignissimo Y Excelentisimo Señor Ministro de Hacienda.
El Señor Don **Domingos Jozé D'Almeida.**
St. Gabriel.

[107] Ver documento CV-1663 publicado no Volume 3 dos ANAIS do AHRS, página 454. [N. do E.]

RUTHY, Gustavo Afonso de
CV-8062 a CV-8063

CV-8062

Proposiciones.

Que se hacen al Gobierno de la Republica Rio Grandense para el establecimiento de una Colonia Agrícola en sus territorios en la forma que se detallará á continuacion.

En las nuevas Republicas, en los paises infantiles, puede decirse sin temor de equivocarse, que la emigracion de Colonos de los distintos puentos Del viejo mundo es una fuente inesgotable de riqueza. La concurrencia de hombres honrados y laboriosos com el objeto de esplotar los productos de los territorios virgenes de este, ú aquel emïsferio es un bien inestimable que estrecha las relaciones de la gran familia nacional entre los habitantes de los climas mas remotos del Universo y facilita de un modo practico los adelantamientos de la industria y de las artes, contribuyendo poderosamente al fomento de todos los ramos que constituyen la suma dela fortuna general. Partiendo de estos principios, y de los que la experiencia há demostrado; es incuetionable que el aumento de brazos, en todo pais naciente produce la abundancia, y esta, la riqueza, fruto de la labranza y el procreo – Tales Ventajas no son siteviles [?] desde que proporcionan un porvenir lisongero, de que resulta tambien que una emigracion benefica contituye esa fuerza fisica y moral, que no deja de tener outra positiva para la seguridad del territorio.

Este principio está demostrado evidentemente com tender la vista sobre los que llegan á adquirir [1v] si no una fortuna, una mediana subsistência, y he aqui convertido al hombre en defensor del suelo que se la proporciona. Debillas [?] pues, los bienes reales que trae en pos de si un proyecto tan vasto, seria ofender la ilustración del Gobierno á quien se dirigen las proposiciones, y é aqui la razon principal para no estenderze en demonstraciones que su penetracion sabrá avalorar, pasando á establecer los artículos que deben servir de base al proyecto de formar una Colonia Agrícola bajo la proteccion del Gobierno de la Republica Rio Grandense.

Articulo 1º

El abajo firmado se compromete á introducir en el territorio correspondiente á la Republica del Rio Grande hasta el numero de cinco mil Vascos, en clase de Colonos, tanto inteligentes en los ramos de artes mecanicas, como en el de procreo y labranzas.

2º

La prímera remesa de Vascos Colonos, no bajará del numero de quinientos, acordando-se entram las partes contratantes el termino en que deba verificarse por remesas la introduccion de la totalidad que prefija el articulo anterior.

3º

Siendo la parte industrial y labosiosa, el objeto principal, en la formacion de esta Colonia; el abajo firmado solicita le sea adjudicada, por el Gobierno de la Republica del Rio-grande, una area de terreno que no baje de veinte leguas portuguesas cuadradas, o mas si hubiera disponible, sobre las orillas de un rio navegable, en la misma latitud [2] de **Santa Catalina**, bien sea en una sola, ó diferentes fracciones, á cortas distancias, y aún cuando algunas de dichas fracciones no esten situadas sobre rios, com tal qual á sus immediaciones tengan aguadas permanentes.

4º

Siendo los terrenos de que habla el articulo anterior la única y mejor garantia para asegurar en sus contratos á la imigración de Colonos, se otorgaran al que firma, los titulos de propriedad; debiendo antes avaluarse aproximativamente, á efecto de realizar su pago en la forma que unanimemente acordarem ambas partes contratantes; por cujo medio se evita que el **Gobierno Oriental** se apercíba de que en la remocion de este numero de Colonos exista ninguna mira politica ú hostil y deje libre el transito de su campana tanto en la primera remesa, como en las demas se fuese necesario en lo succesivo.

5º

Será de la obgligacion del Gobierno Rio-grandense proporcíonar los medios de transporte para los Colonos, tanto desde **Europa** como desde esta Capital hasta el punto de su residencia, así como lo necesario para su manutención durante el transito.

6º

Siendo incuestionable que en el primer año de trabajos, las cosechas, y procreos, no pueden producir lo bastante para la subsistencia de los Colonos, será tambien de la obligacion del Gobierno Rio-grandense facilitar a mas de los instrumentos necesarios [2] de labranza; carretas, bueyes, y simientes para las primeras labores, el suficiente ganado para la manutencion en el periodo indicado, de todo lo cual se llevará una prolija cuenta para ser satisfecho su importe, asegurandolo por media de documentos obligatorios que debirá otorgar cada uno de los Colonos, y con cuya responsbailidad cargará el que subscribe.

7º

El abajo firmado, como autor y realizador del proyecto de la Colonia Agricola, deberá ser el encargado del mando civil y militar de ella, con sugeción á las Leyes y Estatutos vigentes de la Republica, siendo de sus atribuciones el nombramiento de los empleados que deban servir á sus immediatas Ordenes.

8º

El que subscribe se obliga á poner en acción todos los medios conducentes para la mas pronta realización de este proyecto, tan luego como el Gobierno de

la Republica Rio-grandense, tome una resolución desiciva sobre los puntos que abraza esta propuesta.

9º

Al cumplimiento delo que establecen los ocho articulos anteriores, previas las reformas que las partes contratantes acordaren unanimemente, se acordarán tambien las garantias que deben aseguar el mutuo convenio, estendiendose los documentos que al efecto sean necesarios para darle toda la fuerza y valor que se requiere.

Resta solo al que [3] subscribe, manifestar al Gobierno de la Republica del **Rio Grande** que muy distante de llevar en la promoción de este proyecto una mira de interes personal, no tiene outro objeto que el de justificar los buenos sentimientos que le animan por el progreso de ella, desde que estan indentificados com los principios de liberalidad que lo caracterizan.

La guerra que hoy sostiene la Republica Rio-grandense contra el absolutismo, y en que estan empeñados todos los buenos continentales, hace renacer en todo hombre libre el espirito de lidiar en defensa de essa Libertad e Independencia que el mundo civilizado aprueba.

El que subscribe desea probar hasta la evidencia al Gobierno á quien se dirige, que perteneciendo al numero de aquelles, llegará la epoca de patentizarle, que no hay mejor manifestacion de príncipios que los que de hecho se demuestran, desde que por el caracter que invisten, ciñen [?] una espada para sostener la autoridad y las instituiciones dela Republica á quien consagra sus servicios, dando un ejemplo, á los que no habiendo pasado por el crisol de las pruebas necesarias, necesitan hacerlo de un modo solemne, alejando toda duda sobre la pureza de sus intenciones.

Quiera el Gobierno del **Rio Grande** aceptar esta franca exposicion de los mejores sentimientos de que se falla possuido el que firma, y com ellos los mas fevrientes votos por su [3v] completa felicidad, y el triunfo de la Republica sobre la causa que tan justa y dignamente sostiene.

[a] **Gustavo Afonso de Ruthy**

[Anotado na margem superior]
Respondido por officio do 1º do Novembro de 1841.

[Anotado no verso]
Proposta para estabelecimento de uma colonia e introdução de imigrantes. 1841.

ANEXOS

Anexo nº 01

CV-7703 (RIBEIRO, Bento Manoel)
Fundo: Correspondência dos Governantes, maço 14.
[Impresso]

Proclamação

Concidadãos !

A Divina Providencia permitio que fose descoberto o plano dos perversos Com o pretexto de sustentar a revolução de 20 de Setembro, elle stentão impor-vos o ferreo jugo da Dictadura. O General **Lavalleja** e o Dictador **Rozas** auxilião esta atroz perfidia: o desleal **Paulino Fontoura** foi o emissario encarregado de tramar com elles. Já seus agentes apparecem por **Entre Rios**, já o Major **Paredes**, foi prezo em **Sandú**, vindo com communicações para o Coronel **Bento Gonçalves**.

A'lerta Concidadãos! Não vos deixes illudir pelas enganadoras palavras dos perversos. Se elles nos fallarem em sustentar a gloriosa revolução de 20 de Setembro, dizei-lhes que – para ella ser glorioza – devia acabar, como com effeito acabou para nós, dês que chegou o Exmo. Sr. Presidente. Do dia 9 de Dezembro, em que a Assembléa Provincial, com desdoiro da revolução, e manifesta transgressão de seus poderes, negou a posse ao mesmo Exmo. Sr. desse dia em diante começou a anarchia, e não já a revolução, a qual justamente n'esse dia devia terminar. Elles vos fallão no respeito aos Direitos do homem e todavia com barbara crueza assassinão o desgraçado Coronel **Vicente**, filho, companheiros. Fallão no respeito devido á propriedade do Cidadão e todavia com o moir descaramento e arrogancia roubão e saqueão a casa do Brigadeiro **Gaspar** e de outros. Fallão em liberdade, e todavia decretão morte para quem não pensa como elles. Fallão em inteireza e honradez e todavia delapidão os dinheiros Publicos e comettem vergonhosamente extorçoes aos particulares. Emfim, sempre com as leis na boca, e a maldade no coração exercem as mais tiranicas perseguições, nos lugares onde dominão, com especialidade em **Porto Alegre**. Já vedes, pois, que suas obras são o contrario de suas insinuantes palavras e proclamações, e portanto, cerrando os ouvidos a seus palavreados e perfidas sugestões corramos as armas para sustentar as instituições juradas e a Constituição Reformada. Não concintamos Briozos Rio Grandenses, que, de sobre as ruinas da Monarchia Constitucional se alce o throno sanguinolento de um Dictador. Postergai caprichos ambiciosos, e correi invenciveis columnas de vossos Irmãos amantes da ordem e tranqüilidade da Provincia. O Experimentado Tenente Coronel **Medeiros** Commandando a Divizão da Direita entra por **Bagé**, o Bravo Coronel de Legião **Gabriel Gomes**, com a Divizão da Esquerda entra pela **Cachoeira**, **Rio Pardo**, e **Triunfo**. O vosso amigo e antigo Companheiro, hoje Commandante interino das Armas, entra pelo centro, em quanto o Major **Alano**, com

os fieis do Município de **Santo Antônio**, e a Infantaria / que de **Santa Catharina** entra pelas **Torres** / põe sitio a Cidade de **Porto Alegre**, alvo de todos nós porque é o foco dos ambiciozos, e o assento do Dictador.

Compatriotas! Abandonai o terror panico, imitai o procedimento generozo de vossos bravos e leaes Irmãos dos Municipios da **Cruz Alta**, **São Borja** e **Alegrete**, que deixando seus cuidados domesticos correm pressurozos a regar a Arvore da Liberdade, prezervar a Provincia do terror da Dictadura e conserval-a glorioza no Firmamento Brazileiro. Viva a Religião! Viva a Constituição Reformada! Viva S. M. Imperial e Constitucional D. **Pedro 2º**! Viva os valentes Defensores da Honra, Gloria, e Liberdade da Provincia! Campo em **São Rafael** 15 de Fevereiro de 1836.

Bento Manoel Ribeiro.

Anexo nº 02

Decreto publicado no jornal O Povo, Caçapava, Sábado, 29 de junho de 1839.

DECRETOS.

Cassapava, 25 de Junho de 1839. – Quarto da Independencia e da Republica Rio-Grandense.

Tomando em consideração os serviços prestados á Causa da Liberdade e Independencia deste estado pelo digno Patriota o Tenente Coronel de Caçadores de 1ª Linha **Francisco José da Rocha**, que por ella tão decidida e francamente mostrara suas generosas sympathias na **Bahia**, sua Pátria, á despeito da espionagem inquisitorial do Governo do **Rio de Janeiro**, concorrendo com quanto lhe era posivel em favor dos Rio-Grandenses, que ali se achavão detidos em idiondas masmorras, e cooperando para pó-los em plena liberdade: O Presidente annuindo ao seu oferecimento de prestar-se ao serviço deste Paiz, o admitte no mesmo Posto, e lhe confere o commando do 2º Batalhão de Caçadores de lª Linha, cujas funcções exerce desde 6 de Novembro proximo passado, epoca da qual contará seus vencimentos, e antiguidade.

José Mariano de Mattos, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Guerra, Marinha, e Exterior assim o tenha entendido e faça executar com os despachos necessarios. – **Bento Gonçalves da Silva**. – **José Mariano de Mattos**. – Cunpra se, registe-se, publique-se, e imprima-se. Era ut supra. – **Mattos** – Foi publicado nesta Secretaria da Guerra, e registado no Livro competente. – **Cassapava** era ut supra. – Está conforme. – No impedimento do Oficial Maior, o Capitão com exercicio na Secretaria, **Vicente Ferrer de Almeida**.

Anexo nº 03

CV-7703 (RIBEIRO, Bento Manoel)
Fundo: Requerimentos – Secretaria do Governo, maço 10.

Illmo. Exmo. Senhor.

Diz **Bento Manoel Ribeiro**, Alfferes do primeiro Regimento de Milicias, que antes da proxima passada Campanha contraio negocio com os Espanhois Vizinhos desta Fronteira, da que lhe ficarão devenco porção avoltada como consta das obrigações dos dito, e como prezentemente estes Espanhois se achão estabelecidos nas suas fazendas e o Supplicante empregad na Companhia do seu Destrito roga a V. Exa. conceda licença a seu irmão **Manoel Ribeiro** para por elle ir fazer as ditas cobranças, e emtroduzir hua porção de tres mil rezes no cazo não possa a ser a dinheiro por tanto entrando pela **Guarda do Jarão**[108]

Pede a V. Exa. seja servido mandar, que o Commandante da Guarda mais emediata por onde possa passar o mencionado gado, não ponha embaraço a ir o dito **Manoel Ribeiro**, e a entrada da tropa de cuja graça
Espera Receber Mercê

[Anotado na margem superior]
Concedo Licença ao Supplicante para introduzir nos Dominios Portuguezes duas mil rezes, que devem entrar pela **Guarda do Jaraú**, a cujo Commandante aprezentará Conhecimentos legalizados da compra das mesmas rezes; fiscalizando o ditto Commandante que não passe maior computo do que o concedido, e a cujo fim deverá notar no verso deste Requerimento o numero de rezes que effectivamente foi introduzindo athe preencher o mesmo computo, depois do que remeterá este mesmo Requerimento a Secretaria deste Governo. Palacio de **Porto Alegre**, 13 de Fevereiro de 1813.

[a] Dom **Diogo de Souza**

[Anotado na margem direita]
Entrudiza pela **Guarda de Jarão** segundo a parte que me da o Commandante da mesma numero de Mil rezes intruduzidas pelo Alfferes **Bento Manuel Ribeiro** a 20 de Junho de 1813.

[a] **Antônio Pinto Barreto**
Cappitão e Commandante.

[108] O trecho final desta frase – "entrando pela **Guarda do Jarão**" – foi acrescentado pelo autor posteriormente. [N. do E.]

[Anotado na margem direita]
Entrarão pela **Guarda de Jarão** segundo a parte que me da o Commandante da mesma o numero de trezentas rezes introduzidas pelo Alfferes **Bento Manuel Ribeiro** no dia 15 de Agosto de 1813.

[a] **Antônio Pinto Barreto**
Cappitão e Commandante.

[Anotado na margem inferior]
Entrudiza pela **Guarda de Jarão** segundo a parte que me da o Commandante da mesma o numero de Cento e Vinte e Cinco rezes intruduzidas pelo Alfferes **Bento Manuel Ribeiro** a 7 de Setembro de 1813.

[a] **Antônio Pinto Barreto**
Cappitão e Commandante.

[Anotado no verso]
Entrarão pela **Guarda de Jarão** segundo a parte que me da o Commandante da mesma o numero de quinhentas rezes introdozidas por **Manuel Ribeiro de Almeida** a 26 de Setembro de 1813.

[a] **Manoel Carvalho da Silva**
Cappitão e Commandante.

[Anotado no verso]
Entrarão pella **Guarda de Jarão** segundo a parte que me da o Commandante da mesma o número de Setenta e Cinco rezes entrodozidas pelo Alfferes **Bento Manuel Ribeiro** no dia 27 de Dezembro de 1813.

[a] **Manoel Carvalho da Silva**
Cappitão e Commandante.

[Anotado no verso]
Findou.
Maior, o Capitão com exercicio na Secretaria, **Vicente Ferrer de Almeida**.

Anexo nº 04

CV-7786 a CV-7808 (RIBEIRO, Demétrio)
Fundo: Requerimentos – Secretaria do Governo, maço 10.

Illmo. Exmo. Senhor.

Diz o Alferes **Demetrio Ribeiro**, do Regimento de Milicias de **Porto Alegre**, que servio na prezente campanha, que para poder de alguma forma recuperar os prejuízos que esperimentou, preciza entroduzir dos Dominios de **Espanha**, tres mil cabeças de gado, e como o não pode fazer sem licença

Pede a V. Exa. seja servido conceder-lha por merce para passar pela Guarda de **São Diogo** [ou] **Quaraim**.

[Anotado na margem]
Concedo Licença ao Supplicante para introduzir nos Dominios Portuguezes mil e quinhentas rezes, que devem entrar pela **Guarda de São Diogo**, ou **Quaraim**, a cujos Commandantes aprezentará Conhecimentos Legalizados da compra das Refferidas Rezes; fiscalizando os mesmos Commandantes que não entre maior numero do que o concedido a cujo fim notarão no verso deste Requerimento as Rezes que effectivamente forem entrando, até preenxer o computo consedido: depois do que remeterão este requerimento a esta Secretaria. Palacio de **Porto Alegre** 3 de Setembro de 1813.

[a] D. **Diogo de Souza**[109]

[Anotado na margem esquerda]
Entrarão pela Guarda de [palavra ilegível] segundo a parte que me dá o Commandante da mesma mil e quinhentas Rezes, introduzidas por **João dos Santos Abreu** no dia [rasgado] de Maio de 1814.

[a] **Manuel Jeronimo Cardoso**
Sargento Mor Commandante

Anexo nº 05

CV-7823 a CV-7828 (RIBEIRO, Marciano Pereira)
Fundo: Requerimentos – Terras, maço 42.

Illmo. e Exmo. Senhor.

Diz o Dr. **Marciano Pereira Ribeiro** que sabendo que V. Exa. concede terrenos para a edificação de predios na **Varzea** desta cidade, deseja ser contemplado no numero dos agraciados.

Pede por tanto a V. Exa. seja servido conceder ao Supplicante uma data na dita **Várzea** para o mencionado fim.

Espera Receber Mercê

[a] **Marciano Pereira Ribeiro**

[Anotado na margem superior esquerda]
Passe Titulo de aforamento perpetuo do terreno que requer o Supplicante na Quadra n.º 1º com sessenta palmos de frente para a **Rua de 7 de Abril**, e fundos a meia quadra dividindo pelo Sueste com terrenos concedidos a **João Affonso Vieira de Amorim**, e pelo Noroeste com a **Rua da Praça** sujeito a edificar conforme o Plano que for apresentado pelo Engenheiro encarregado do alinhamento. **Porto Alegre** 10 de Setembro de 1834.

---

[109] Trata-se do Capitão General Dom **Diogo de Souza**, 1º Conde de **Rio Pardo**. [N. do E.]

[Anotado na margem esquerda]
[a] **Braga**[110]

[Anotado no verso]
Passou-se Carta de Titulo de aforamento perpetuo em 11 de Setembro de 1834

Anexo nº 06

CV-7900 (ROCHA, Manoel Coutinho da)
Fundo: Requerimentos – Militares, maço 10.

Illmo. e Exmo. Sr.

Diz **Manoel Coitinho da Rocha** que elle sentou praça de Soldado na Legião da Cavalaria Ligeira do **Rio Grande** na 3ª Companhia a dez para onze meses, e estando á aprender o manejo em recruta, foi atacado de ar de estupor, ficando paralitico de uma perna; e sendo medicado no Hospital daquelle **Rio Grande** sem ter melhoramento algum, foi remetido para a dita Capital, onde se conserva no mesmo estado, e dezenganado de ser restituído a perfeito restabelecimento; e por tanto incapaz de continuar no Real Serviço; e como hé patente o referido impedimento, e impossibilidade para exercer a praça em que se acha alistado, recorre a V. exa. para que se digne mandar-lhe dar baixa.

Pede a V. Exa. seja servido conceder a Graça implorada.
Espera Receber Merce.

[Anotado na margem superior]
Informe o Tenente Coronel Commandante. Palacio em **Porto Alegre** 23 de Outubro de 1813.
[a] D. **Diogo de Souza**[111]

Anexo nº 07

CV-8017 (ROSA, João Alexandre da)
Fundo: Requerimentos – Militares, maço 23.

Illmo. e Exmo. Sr.

Diz. **João Alexandre da Roza** morador da Villa do **Rio Grande** que não tendo terras alguas em que possa plantar nem tendo obtido ainda Mercê algua dellas consta ao Supplicante com evidencia que as há devolutas na **Serra dos Tapes** do termo da mesma Villa Entre os Rios **Quilombo** e **Andrada**, que poderá ter seis centas braças de frente ao Sul com fundos de mil e quinhentas braças devedindo-se

---

[110] Trata-se do Presidente da Província **Antonio Rodrigues Fernandes Braga**. [N. do E.]
[111] Trata-se do Capitão General Dom **Diogo de Souza**, 1º Conde de **Rio Pardo**. [N. do E.]

pelo Leste com terras de **Fernando Jose da Rocha** e pello Oeste com a Sesmaria concedida a Dona **Clara de Oliveira Pinto Bandeira** e pello Norte com o Sertão e pello Sul com Dona **Francisca Hipolita Castilhos de Queiros**, as quais requer a V. Exa. lhas conceda por Carta de Data para o indicado fim portanto

Pede a V. Exa. seja servido conceder ao Supplicante a graça que Requer.

Espera Receber Merce

[Anotado na margem esquerda]
Informe o Commandante do Distrito ouvindo por escrito os Hereus confinantes declarando se o supplicante tem posses para cultivar o terreno que pede. Quartel General em **Porto Alegre** 1 de Dezembro de 1818.
[a] D. **Jose de Castelo Branco Corrêa e Cunha**, **Conde da Figueira**

[Documento anexo]
Illmo. Sr. Tenente Commandante.
Como Procurador Bastante de Dona **Francisca Hipolita Castilhos de Queiros**, respondo. Os Matos que o Supplicante pede estão devolutos, e ficão fora das divizas da Sesmaria de minha constituinte, pello lado do Norte, e da Serra emculta.
Hé o que posso responder, **Serra dos Tapes** 18 de dezembro de 1818.
[a] **Joze Fernandes Santos**

[Documento anexo]
Illmo. Sr. Commandante Tennete **Balthazar Gomes Vianna**.
As terras que o Supplicante **João Alexandre da Roza** Requer por Carta de Data na **Serra dos Tapes** me persoado estarem devolutas porque não consta que pessoa alguma tenha Titolos das ditas terras e como as quais confrontando com Dona **Clara de Oliveira Pinto Bandeira** e hoje pertencem a mim por compra que delas fiza dita Dona **Clara** nenhuma duvida se me ofrece em que se lhe concedão. Deos Guarde a Vmce. felismente por muitos annos como quem he
De Vmce. O mais Atencioso Venerador
Rio Grande de São Pedro
16 de Dezembro de 1818.
[a] **Francisco Antonio Pereira da Rocha**

[Anotado no verso]
Illmo. e Exmo. Sr.
A vista do que dizem os hereos confinantes o terreno que requer o Supplicante esta devoluto, e tem o supplicante posses com que possa povoar a datta de Mattos, que requer, a vista do que está nas circunstancias de que V; Exa. lhe conceda a graça implorada, e he o quanto posso informar a V. Exa. que mandará o que for servido. Distrito de **Pelotas** 22 de Dezembro de 1818.
[a] **Balthazar Gomes Vianna**
Commandante interino de **Pellotas**

[Anotado na margem superior]
Passe Titulo. Quartel General em **Porto Alegre** 8 de Janeiro de 1819.
[a] D. **Jose de Castelo Branco Corrêa e Cunha**, **Conde da Figueira**

[Anotado na margem esquerda]
Passado Titulo a 29 de Dezembro de 1819.[112]

Anexo nº 08

CV-8024 (ROSA, Timotheo Pereira da)
Fundo: Requerimentos (Terras), maço 106.

Ilmo. Exmo. Sr. Prezidente da Provincia.

Timotheo Pereira da Roza, Juiz Municipal do Termo de **São Borja**, pede a V. Exa. dous meses de licença para tratar de sua saude fóra do termo.

Pede a V. Exa. se digne conceder-çhe na fórma requerida
Espera Receber Mercê.
Porto Alegre, 25 de Maio de 1863
[a] **Timotheo Pereira da Rosa**

[Anotado na margem superior]
Concedida. Palácio do Governo em **Porto Alegre**. 26 de Maio de 1863.
[a] **Barros Pimentel**.[113]

[Anotado no verso]
N. 113 Réis 100
Pg. cem réis.
Porto Alegre 21 de Maio de 1863
[a] **Lobato**

Anexo nº 09

CV-8024 (ROSA, Timotheo Pereira da)
Fundo: Requerimentos (Terras), maço 106.

Ilmo. e Exmo. Sr.

O Bacharel **Timotheo Pereira da Roza**, Juiz Comissario do municipio de **São Borja**, reconhecendo que, sendo em não pequeno numero as posses que nesse mesmo municipio estão dependentes de legitimação, deve o Juiz das Medições de taes posses occupar-se exclusivamente nesse trabalho visto ser escasso o prazo

[112] Ver requerimento no mesmo maço nº 23 – Requerimento de **João Alexandre da Rosa**, morador na Povoação do **Norte**, solicitando para ser nomeado Piloto das Medições. [N. do E.]
[113] Trata-se do Dr. **Espiridião Elói de Barros Pimentel**. [N. do E.]

prefizo em que taes medições se hão de fazer; e que, portanto, não pode o Supplicante, que tambem exerce naquelle municipio o cargo de Juiz Municipal de Orfãos, continuar a funcionar como Juiz Comissario sem prejuizo do serviço publico e da justiça, vem requerer a V. Exa. se sirva exoneral-o deste ultimo cargo e

Pede a V. Exa. se digne assim deferir-lhe
Espera Receber Mercê.

Porto Alegre, 6 de Abril de 1863

[a] **Timotheo Pereira da Rosa**

[Anotado na margem superior]
Como requer. Palácio do Governo em **Porto Alegre**. 4 de Maio de 1863.
[a] **Barros Pimentel**.[114]

[Anotado no verso]
N. 36 B^{co} 100
Pg. cem réis.
Porto Alegre 30 de Março de 1863.

Anexo nº 10

CV-8036 (ROSSETTI, Luiz)
Fundo: Coleção Varela, maço 26, CV-4196 (publicado no Volume 8 dos ANAIS do AHRS).

Exmo. Amigo e Sr.

O nosso bom patriota **Rossetti** está inteiramente muito e muito sentido de V. Exa. tomar a si o acidente que acontece aos homens, o que foi com o cadete, e V. Exa. bem sabe que nós, quando temos já em vista alguma pessoa que assentamos ser intrigante ou adulante contra nós, já o trazemos de ponta como de caso pensado.

Enfim, o **Rosseti** não é capaz de desatender a V. Exa. ainda mesmo independente do seu respeitável emprego, porque ele não é desconhecido o quanto lhe é devedor, e V. Exa. por um acidrente de acaso não deve deixar de ser seu protetor apesar que V. Exa. tem razões por ser em sua presença, contudo esse seria talvez o motivo de não ter havido maiores desordens segundo me consta a inimizade do cadete com **Rossetti**.

Portanto, meu bom amigo, rogo-lhe o favor de dispensar esta falta ao nosso amigo e verdadeiro patriota que será mais um favor que lhe devo. Seu amigo e criado obrigado.

S. C., 9 de março de 1839.

[a] **João José Damasceno**

---

[114] Trata-se do Dr. **Espiridião Elói de Barros Pimentel**. [N. do E.]

[Anotado no verso]
Ao Exmo. Sr. Ministro da Fazenda.
Domingos José de Almeida.
Capital.

Anexo nº 11

CV-8036 (ROSSETTI, Luiz)
N. 47 Cassapava, Sábado 9 de Março de 1839.

N. 47. CASSAPAVA, SABADO 9 DE MARÇO DE 1839. V II.

O POVO.

JORNAL POLITICO, LITTERARIO; E MINISTERIAL DA REPUBLICA RIO GRANDENSE.

LIBERDADE. IGUALDADE. HUMANIDADE.

Jornal **O Povo**, Jornal Político, Literário, e Ministerial da República Riograndense.[115]

☞ Liberdade. Igualdade. Humanidade ☜

Este Periodico he propriedade da **Typographia Republicana**. Se publica na 4ª feira e Sabado de cada Semana. Vende-se em **Cassapava** na caza do Redactor, onde tãobem se recebem Assignaturas à 4$ réis em prata cada Semestre, pagos adiantados. Folhas avulsas 80 réis.	*O poder que dirige a revolução, tem que preparar os animos dos Cidadãos aos Sentimentos de fraternidade, de modestia, de igualdade e desinteressado e ardente amor da Patria.* **Jovem Itália**. *Vol. V.*

Cassapava, Typographia Republicana Rio-Grandense: Anno de 1839.

[Pág. 4]

A guerra de extermínio principiou. O sangue correo. São fielmente executadas as ordens do Regente em nome do 2º Pedro. A maioria da Camara Quatriennal tem visto cumprir-se os seus dezejos.

Graças lhe sejão dadas!

---

[115] Volume fac-símile da coleção completa de **O Povo**, impresso na Livraria do Globo, Porto Alegre, março de 1930, página 593. Publicação do **Museu e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul** (3º Departamento – História Nacional), gestão de **Eduardo Duarte** – Documentos Interessantes para o Estudo da Grande Revolução de 1835-1945, 1º Volume. [N. do E.]

Vasco Amaro, **João Antunes Pinto**, **Antonio Balhego**, o estrangeiro **José Zerboni**, e mais outros cujos cadaveres por mutilados não poderão ser reconhecidos, e que por conseguinte julgamos ser simplices passageiro, cahirão primeiras victimas do furioso delirio que renunciou a toda honra, que abdicou toda a ideia de moral.

"Custe o que custar, diz o Luzo Governo Imperial, lancemos na infamia a Nação Brasileira, evoquemos sobre ella as maldições da Humanidade, cubramos nós mesmos de delicto, não importa, contando que esse Povo rebelde, esses republicanos ouzados, ao menos pelo terror volvão outravez a resignar se debaixo da nossa bandeira oppressora".

Não malvados, lançai embora, mão de todos os [4] meios que **Satanas** pode na sua ira sugerir-vos, nos estaremos firmes no posto de nossa eleição. Nos continuaremos com a mesma perseverança na nobre carreira que com tantos sacrificios temos percorrido desde 20 de Setembro de 1835 athe hoje. A horda de vis que vos, persuadidos por cem combates que não podeis vencer-nos, tendes assalariado para assassinar-nos, não tem o poder de atemorizar-nos. Entemidar quem está acostumado a vêr humilhado a seos pés o inimigo todas as vezes que o encontra, he impossivel.

Vos derramastes vil e baixamente o sangue de honrados pais de familia; cobristes de lucto a Nação, porque a Nação amava os que mastastes; mas que conseguistes? Vós, vos denunciastes ao **Brasil**. He assim que agora este Povo que soubestes adormecer se despertará ao grito de vingança que clamaó de seu tumulo os infelizes que feristes. Elle finalmente poderá conhecer-nos, e melhor julgar se lhe convem hum Governo que alardeando Liberdade e segurança, estabelece praticamente o diabolico principio de querer tudo sacrificar para manter-se na suprema magistratura da Nação. Conhecerá agora o **Brasil** se pode nunca haver Liberdade e Segurança onde he mister fazer respeitar direitos monarchicos com facas, punhaes. O **Brasil** conhecera agora quanto he necessaria ao Imperio a politica feroz que **Machiavelli** punha em derisão para fazel-a desprezivel e odiosa. Finalmente conhecerá o **Brasil**, se forão justas nossas queixas, se he justo o odio eterno implacavel que sobre nossas espadas juramos a este enfermo Imperio, que tão debil que he, recorreo, para submetter-nos ao punhal do Sicario.

Aterrai-vos, homens perversos! Os povos não se vencem assim. As pontas destes punhaes por vos comprados, contra vos se-hão de retorcer. Hum individuo pode cahir vitima innocente de vossa barbarie! Mas o Povo não cahe de huma ferida. Elle he invencível; e hum dia, dia que não está longe, vos pedirá conta de vossos delictos.

Agora para que vos não nos denuncieis calumniadores escutai, e vede se somos bem informados de tudo quanto vossa perversidade maquina nas trevas e no silencio da noite.

Certamente de ordem vossa; no territorio da **Republica Oriental**, formou-se huma associação cuja meta he sostentar, pagar, e dirigir huma quadrilha de Salteadores encumbida de hostilizar-nos comettendo toda a especie de crimes.

As pessoas que figurão neste celebre associação, que nos chamamos comissão secreta, são:

O Major **Alencastro**, aquelle mesmo que nos aprisionando-o em **Rio Pardo** logo soltamos. O famigerado Capitão **Feijó**. Aquelle que processastes por falsificador de bilhetes o celebre **Carolina**. **João Antonio Martins**; seu genro **Silva**; **João Lauriano Aguiar**; hum irmão deste; hum **Antônio Rafael**; hum **Bargas**, e o Juiz de Paz de **Sam Servando Nicolas Penha**.

Cumpre fazer-vos notar que tambem sabemos que o irmão de **João Lauriano Aguiar** de **Serro Largo** vem continuamente a **Bagé** com comunicações; que o Sr. **Nicolas Penha** he o que de **Sam Servando** avisa aos Salteadores, cujo Capitão he o tal **Feijó**, de todos os movimentos de nossas partidas.

Que direi a isso ó Brasileiros: Vossos governantes interes-ão-se ou não na gloria de vossas armas? Esforcejão ou não para manter a integridade do Imperio? São bem merecidos os titulos ignominosos com os quaes continuamente os mimoseião os que ainda nutrem algum amor à Patria?

Ah! lembrai-vos do que ves temos ditto a respeito do Jury militar e feroz de **Bahia**; não desprezeis o que vos repetimos quando consentistes na promulgação da Lei que decretava pena de morte aos que desertassem das fileiras do Imperio; Meditai em fim o espirito das Leis que vossa barbarie vem de nos arrancar, e tremei.

Nos somos fortes. Seremos inesoraveis logo que o vosso Governo não queira arripiar da carreira de sangue que vae trilhando.

Anexo nº 12

CV-7820 (RIBEIRO, José de Araújo)

[Impresso][116]

1836. – N. 40.

O Regente, em Nome do Imperador o Senhor Dom **Pedro Segundo**, Faz saber aos Súbditos do Imperio que a Assembléa Geral Decretou, e Elle Sanccionou a Lei seguinte.

Artigo 1º. Ficão suspensos na Provincia de **São Pedro do Rio Grande do Sul**, por espaço de hum anno, contado da publicação da presente Lei na dita Provincia, os §§ 6º, 7º, 8º, 9º e 10 do Artigo 179 da Constituição, para que o Governo possa authorisar o Presidente da referida Provincia.

[116] AHRS – Códice de Legislação nº 63. [N. do E.]

§ 1º. Para mandar prender sem culpa formada, e poder conservar em prisão sem sujeitar á processo, durante o dito espaço de hum anno, os indiciados em qualquer dos crimes de resistencia, conspiração, sedição, rebellião, insurreição, e homicidio.

§ 2º. Para fazer sahir para fora da Província, e mesmo assignar lugar certo para residencia, áquelles dos indiciados nos referidos crimes, que a segurança publica exigir que senão conservem na dita Provincia.

§ 3º. Para mandar dar busca de dia ou de noite em qualquer casa, nos casos do Artigo 189 §§ 2º, 4º e 5º do Código de Processo Criminal.

Artigo 2º. São declaradas illicitas todas as Associações secretas na Província de **São Pedro do Rio Grande do Sul**, e as publicas, não sendo authorisadas pelo Presidente da Provincia; e sedição todo o ajuntamento armado em todo, ou em parte, que houver, de mais de cinco pessoas contra as Authoridades, seus Agentes, e execução de seus actos legaes; e qualquer Commandantes de força poderá dissolve-lo pelo uso das armas, se os seus fautores não se dispersarem á primeira intimação que elle lhes fizer.

Artigo 3º. Os Officiais do Exército de 1ª e 2ª Linha, e os da Armada, que sendo chamados pelo Presidente da Provincia não se reunirem ás forças da Legalidade, no prazo que ele lhes assignar, além de outras penas, em que possão incorrer, perderão as suas Patentes, e todo os vencimentos que, por qualquer titulo que seja, perceberem da Fazenda Publica.

Artigo 4º. Os Guardas Nacionaes, que na Provincia de **São Pedro do Rio Grande do Sul** forem chamados ao Serviço, e deixarem de comparecer no tempo que lhes for determinado, sem terem obtido escusa, ficarão sujeitos ao recrutamento para servirem como obrigados nos Corpos de 1ª Linha.

Artigo 5º. O Governo he autorisado a mandar, se julgar necessário, hum Corpo destacado de Guardas Nacionaes, que não exceda a seiscentas praças, para servir na referida Provincia do **Rio Grande** por espaço de hum anno, podendo para isso despender até a quantia de duzentos e cincoenta contos de réis.

Artigo 6º: Ficão amnistiados todos os que tiverão parte na Sedição de vinte de Setembro de mil oitocentos e trinta e cinco, e se submetterão depois á ordem legal, e cooperárão para que esta prevalecesse.

Artigo 7º. Ficão suspensas as Leis em contrario.

Manda por tanto a todas as Authoridades, a quem o conhecimento, e execução da referida Lei pertencer, que a cumprão, e facão cumprir, e guardar tão inteiramente, como sella se contém. O Secretario d'Estado dos Negócios da Justiça a faça imprimir, publicar, e correr. Dada no Palácio do **Rio de Janeiro** aos onze de Outubro de mil oitocentos e trinta e seis, decimo quinto da Independencia e do Imperio.

Diogo Antonio Feijó.

Gustavo Adolfo de Aguilar Pantoja.

Carta de lei, pela qual Vossa Magestade Imperial Manda executar o Decreto da Assembléa Geral, que Houve por bem Sanccionar, suspendendo na Província de **São Pedro do Rio Grande do Sul**, por espaço de hum anno, contado da publicação da presente Lei na dita Província, os §§ 6º, 7º, 8º, 9º e 10 do Artigo 179 da Constituição, como acima se declara.

Para Vossa Magestade Imperial Ver.

Francisco Ribeiro dos Guimarães Peixoto a fez.

Registada a folha 149 do Livro 1º de Leis. Secretaria d'Estado dos Negocios da Justiça em 12 de Outubro de 1836.

João Caetano d'Almeida França.

Gustavo Adolfo de Aguilar Pantoja.

Sellada na Chancelaria do Imperio aos 13 de Outubro de 1836.

João Carneiro de Campos.

Foi publicada a presente Lei nesta Secretaria d'Estado dos Negócios da Justiça aos 13 de Outubro de 1836.

João Carneiro de Campos.

Rio de Janeiro. Na **Typographia Nacional**. 1836.

[Anotado na margem inferior]
Publicada a 10 de Dezembro de 1836. [a] **Correia**.

Anexo nº 13

CV-7889 (ROCHA, Francisco Florêncio)
Fundo: Assuntos Religiosos, maço 24, Caixa 12.

Ilmo. Exmo. Sr.

Sendo esta manhã conduzido debaixo de prisão á presença do Coronel **Albano de Oliveira Bueno**, este me declarou, devia seguir para essa Cidade, e representando-lhe, que precisava providenciar a Paroquia, que não devia ficar abandonada, e que seguiria no dia, e hora, que me fosse marcada, decidio, que ficasse continuando no desempenho de meus deveres, a cujo respeito se entenderia com V. Exa.

A ordem de prisão, Exmo. Sr., não me envergonha, nem me assusta, por que sinto me alheio de culpa,, sim me surpreende, pois amestrado pela experiência, sei conterme nos limites de meus deveres puramente espirituais, sem delles exorbitar, respeitando, como devo, as Authoridades e amando a Ordem: e se não tenho a honra de ser como tal conhecido por V. Exa., dou em testemunho de minha asserção todo este Município, e por não parecer vaidoso, não digo, a maior parte da Provincia.

A minha persistência nesta Cidade foi interpretada adhesão ao partido illegal, eu ainda estou na persuasão de ter obrado o que devia, lembrando-me da

doutrina, e exemplo dos Padres da Igreja, que jamais abandonarão os rebanhos, que lhe forão confiados, ainda em tempos de calamidade, e com sacrificio de sua existencia.

Espero da sabedoria, e rectidão de V. Exa. que se dignará fazer-me justiça.

Deos Guarde a V. Exa. muitos annos. Cidade de **Pelotas** 26 de Março de 1836.

Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. **Jose de Araújo Ribeiro**.
Presidente da Provincia.

[a] **Francisco Florêncio da Rocha**
Vigario Encomendado.

ÍNDICE GERAL

Nome	Documento
Alemães	CV-7909, CV-7912, CV-7916
Alemanha	CV-8025
Alencastre, Serafim Joaquim de	CV-7877, CV-7900, CV-7964, CV-7970, CV-7973, CV-7976, CV-7981, CV-7995, CV-7989, CV-8046
Alencastro	CV-8046
Alencastro (Major)	Anexo nº 11
Alexandre (Capitão)	CV-7730
Alexandre Pedro	CV-8025
Alexandrino, José Pedro	CV-8025
Alfarrabista	CV-7809
Almada	CV-7877
Almeida	CV-7757, CV-7758, CV-7900, CV-7962
Almeida, Domingos José de	CV-7709, CV-7745, CV-7746, CV-7748, CV-7749, CV-7758 a CV-7760, CV-7766, CV-7767, CV-7769, CV-7770, CV-7789 / CV-7792, CV-7805 / CV-7808, CV-7810, CV-7827, CV-7829 CV-7843 / CV-7846, CV-7851, CV-7852, CV-7854, CV-7874, CV-7878, CV-7880 / CV-7882, CV-7893, CV-7898, CV-7902, CV-7903, CV-7907, CV-7935, CV-7936, CV-7952, CV-7959, CV-7960, CV-7961, CV-7982, CV-7983, CV-8003 / CV-8018, CV-8019, CV-8020, CV-8022, CV-8023, CV-8030, CV-8031, CV-8033 / CV-8046, CV-8049 / CV-8061, Anexo nº 10
Almeida, Inácio de (Estância de)	CV-7833
Almeida, Manuel Ribeiro de	Anexo nº 03
Almeida, Vicente Ferrer de	CV-7900, Anexos nº 2 e 3
Alves Junior, Joaquim	CV-7956, CV-7957
Alves, Alves Candido	CV –7859
Alves, Francisco	CV-7949, CV-7994
Alves, Hipólito Ferreira	CV-7799
Alves, José	CV –7859
Alves, Manoel	CV-7729
Alves, Ricardo	CV –7859
Amaral	CV-7897
Amaral (Capitão)	CV-8050
Amaral (Coronel)	CV-6318
Amaral, Firmino Antonio do	CV-8025
Amaral, Jeronimo do	CV-8025
Amaral, Manoel do	CV-7785
Amaro, Vasco	Anexo nº 11
Ambrósio	CV-7787
Amorim, Bento de	CV-8025
Amorim, Isidoro Barbosa de	CV-8025
Amorim, João Affonso Vieira de	Anexo nº 05
Andrada	CV-7877

Nome	Documento
Andrada (rio)	Anexo nº 07
Andrade (Tipografia de V. F. de)	CV-7828
Andrade, Ângelo de	CV-8025
Andrade, Bernardino de	CV-8025
André (Fazenda do Tenente)	CV-7726
Andréa, Francisco José de Sousa Soares de	CV-7801, CV-8043
Angélica	CV-7867
Anjos, Manoel dos	CV-8025
Antero	CV-7934
Antero (Brigadeiro)	CV-7747
Antero José (Brigadeiro)	CV-7713
Antonia (Dona)	CV-8038
Antonio	CV-7859
Antonio Bento	CV-7718, CV-7725
Antônio Carlos	CV-8047
Antônio Cláudio	CV-8025
Antônio Francisco (Alferes)	CV-7930
Antônio José	CV-8025
Antônio Luiz	CV-7934
Antônio Pedro	CV-7930
Antônio Rafael	Anexo nº 11
Antonio, Sebastião José	CV-8025
Antunes	CV-8035
Antunes (Capitão)	CV 7865
Antunes (Tenente Coronel)	CV-8032
Antunes Filho, José Narciso	CV-7974
Apolinário (Tenente)	CV-7788
Ar de estupor	Anexo nº 06
Araçá	CV-7784
Aranha	CV-7756, CV-7757, CV-7916, CV-7978, CV-8012
Aranha, Joaquim Mariano	CV-7971
Arapei	CV-7768, CV-7833
Araujo Ribeiro	CV-7934
Araújo, Cândido Felipe de	CV-7946
Araújo, Francisco das Chagas	CV-7826
Araújo, José de	CV-7827
Araújo, José Policarpio de	CV-7960
Argentina	CV-7748, CV-7809, CV-7881, CV-7887
Armada (Arroio Grande da)	CV-7852
Arouca, Domingos Corrêa	CV-7810
Arriaga, Felix	CV-8035
Arroio da Azenha	CV-7909
Arroio Grande	CV-7851, CV-7852, CV-7856, CV-7857, CV-7865, CV-7869

Nome	Documento
Barreto (Marechal)	CV-7783
Barreto, Antônio Pinto	Anexo nº 03
Barreto, João Paulo dos Santos	CV-7801
Barreto, Luis José Ribeiro Barreto	CV-7895, CV-7896
Barros, Felício Monteiro de	CV-8025
Barros, Sebastião do Rego	CV-7924
Barroso, Antonio	CV-7955
Basílio	CV-7833
Basques, Saturnino	CV-7895
Batista, Andre	CV-8025
Batista, Domingos	CV-7810
Beack (Alferes)	CV-7930
Beccaria	CV-8043
Belas	CV-7801
Belchior (Major)	CV-7871
Belém	CV-7887, CV-7888
Belo	CV-7794
Bem, Belchior Francisco de	CV-7990
Bento (Tenente)	CV-7772
Bento Manoel	CV-6319, CV-7897, CV-7909
Bernardes, João	CV-8025
Bernardina	CV-8011 / CV-8014, CV-8018
Betzel, João	CV-8025
Betzil, Manoel Daniel	CV-8025
Bezerra, Francisco Antonio	CV-8025
Bibiano	CV-7729, CV-7795
Biblioteca Nacional	CV-7876
Bislley, Roberto (Capitão)	CV-8039, CV-8041, CV-8044
Bitancurt, Vasco Madruga	CV-7816
Blanco	CV-7877
Boa Vista	CV-7752
Boaventura	CV-7704, CV-7720, CV-7727, CV-7832, CV-7837
Boaventura (Tenente Coronel)	CV-7725
Bocage, Filipe Barbosa	CV-8025
Bomfim, José do	CV-8025
Bomfim, Manoel do	CV-8025
Boqueirão	CV-7850 / CV-7856, CV-7858, CV-7860, CV-7861, CV-7865 / CV-7867, CV-7869, CV 7872, CV-7891
Boqueirão (Freguesia do)	CV-7935
Borba, Antonio Luis de	CV-7799
Borges, Januario	CV-8051
Boticário, Pedro	CV-8032
Botucarai	CV-7719, CV-7721, CV-7725, CV-7727, CV-7731, CV-7732

Nome	Documento
Brabo	CV-7704
Brabo, Miguel Silveira Gonçalves	CV-7947
Braga, Antonio Rodrigues Fernandes	CV-7703, CV-7704, CV-7823. Anexo nº 05
Braga, Joaquim	CV-7849
Braga, José Alves	CV-8025
Brandão (Tenente)	CV-7927
Brandão, Filipe do Couto	CV-7889
Brasil	CV-7709, CV-7710, CV-7747, CV-7809, CV-7816, CV-7825, CV-7910, CV-8033, CV-8039, CV-8044, CV-8046, CV-8048
Brasil (campo do)	CV-7765
Brasil Gerson	CV-8042
Braúna, Manoel Alexandre	CV-8025
Braúna, Manoel Jorge	CV-8025
Brejo (Charqueada do)	CV-8037, CV-8038
Brejo (fazenda do)	CV-7860
Brito	CV-7840
Brito (Capitão)	CV-7868
Brito, Antero José Ferreira de	CV-7820
Brito, Antonio de	CV-7955
Brito, Baltasar Manoel de Souza e	CV-7810
Brito, José Ferreira de	CV-7713
Brusque, José de Araújo	CV-7889
Bueno	CV-7951
Bueno, Albano de Oliveira	Anexo nº 13
Bueno, Timóteo da Silva	CV-7951
Buenos Aires	CV-7885, CV-8027, CV-8029, CV-8033
Cabaceira	CV-7810
Cabeleira	CV-7916
Cabo Verde	CV-8025
Caboate	CV-7798
Caçapava	CV-7717, CV-7719, CV-7720, CV-7723, CV-7725, CV-7731, CV-7732, CV-7742, CV-7743, CV-7748, CV-7752, CV-7758, CV-7759, CV-7763, CV-7783, CV-7794, CV-7825, CV-7854, CV-7861, CV-7998, CV-8003 / CV-8008, CV-8015, CV-8016, CV-8021, CV-8036, CV-8038 / CV-8041, CV-8043, CV-8044, CV-8045, CV-8046, CV-8052 / CV-8058, Anexos nº 2 e 11
Cacequi	CV-6318, CV-7705, CV-7801, CV-7804
Cachoeira	CV-6319, CV-7707, CV-7708, CV-7717, CV-7719, CV-7723, CV-7725, CV-7728 a CV-7732, CV-7742, CV-7743, CV-7745 a CV-7747, CV-7756, CV-7776, CV-7777, CV-7804, CV-8056, Anexo nº 01
Cacorio, José Pereira da Silva	CV-7982, CV-7983
Caetano Inácio	CV-8025

Nome	Documento
Cagancho	CV-7885
Cai	CV-7772, CV-7899, CV-7911, CV-7912, CV-7913, CV-7915, CV-7917, CV-7918, CV-7920, CV-7921, CV-7928, CV-7930
Caiboaté	CV-7796, CV-7797, CV-7803, CV-7804, CV-7833
Caldas, José Antonio de	CV-7710
Caldas, Julião José	CV-8025
Caldeas, Pedro Gonçalves	CV-8025
Caldeirão	CV-7833
Calderon	CV-7713
Calzão, Inacio	CV-8032
Camacho	CV-7877
Camaquã	CV-7818, CV-7857, CV-8032, CV-8042, CV-8050
Camaquã (barra de)	CV-7858, CV-7860, CV-7912
Camaquã, Santa Ana de	CV-7708
Câmara	CV-7748
Camargo, Antônio Joaquim de	CV-8025
Camelos	CV-8011
Caminho Novo	CV-7801, CV-7899
Campanha	CV-7760, CV-7762, CV-7800, CV-7924
Campo do Meio	CV-7717
Campos	CV-8025
Campos novos	CV-7757
Campos, Antônio Candido de	CV-7772, CV-7877
Campos, João Carneiro de	Anexo nº 12
Campos, José Inácio de	CV-7785
Campos, Manoel Rodrigues	CV-8033
Campos, Mariano Gloria de Campos	CV-7961
Canabarro, David	CV-6319, CV-7703, CV-7704, CV-7721, CV-7722, CV-7744, CV-7772, CV-7831, CV-7849, CV-7875, CV-7878, CV-7920, CV-7921, CV-7925, CV-7951, CV-8012, CV-8013, CV-8024, CV-8035, CV-8041, CV-8042, CV-8043, CV-8045, CV-8046
Candido	CV-7716, CV-7717
Cané, Miguel	CV-8035, CV-8040
Canguçu	CV-7849, CV-7890 / CV-7896, CV-7901
Canhoro, José	CV-7859
Canto (Capitão)	CV-7725
Canto, Onofre Pires da Silveira	CV-7823
Capa Verde, João Alves Pereira	CV-7784
Capela	CV-7867, CV-7915
Capivari	CV-7924, CV-8020, CV-7930
Caraguatá	CV-7877
Caramurus	CV-8012, CV-8033, CV-8035
Cardinas, João Vicente de	CV-7810

Nome	Documento
Cardoso	CV-7708, CV-7746
Cardoso Gordo	CV-7831
Cardoso, Antônio	CV-8025
Cardoso, Domiciano Diocleciano Dias	CV-7931
Cardoso, Manuel Jeronimo	Anexo nº 04
Caridade (Alto da)	CV-7801
Carlota	CV-8020
Carmo	CV-7904
Carmo, Marcelino José do	CV-7981
Carneiro, José Antonio	CV-7715
Carneiro, Prudêncio Maximo de Oliveira	CV-7909
Carolina	Anexo nº 11
Carvalhinho	CV 7866
Carvalho	CV-7909, CV-7953
Carvalho (Major)	CV-7834, CV-8010
Carvalho (Tenente Coronel)	CV-6318, CV-7933
Carvalho, Antônio da Silva	CV-7906
Carvalho, Domingos Crecencio de	CV-7942
Carvalho, Francisco Ferraz de	CV-8025
Carvalho, Hiriligildo de	CV-7717
Carvalho, José Aves de	CV-8025
Carvalho, Ricardo de Oliveira	CV-7799
Castelhini	CV-7873, CV-8037, CV-8040 / CV-8044, CV-8059
Castilho, Jeronimo	CV-8048
Castilho, Jerônimo José de	CV-7895, CV-7950, CV-7953, CV-8041
Castilhos	CV-7945, CV-7946
Castilhos (Coronel)	CV-7895, CV-7896
Castro, Estanisláo de	CV-8025
Castro, Florentim José de	CV-8025
Castro, Francisco Affonso de	CV-8025
Castro, Joaquim Candido Pinto de	CV-7071
Castro, Joaquim José de	CV-7710
Castro, Manoel Cardozo de	CV-8025
Castro, Raimundo Francisco de	CV-8025
Castro, Sergio de	CV-8025
Catalan (Rincão de)	CV-7714
Catavento	CV-7810
Cavalcante, Antônio	CV-8025
Cavalcante, Daniel Dias	CV-8025
Cavalheiro (Capitão)	CV-7796
Caverá	CV-7714, CV-7806, CV-7831, CV-7956, CV-7957, CV-7958, CV-8013
Caxias, Barão de	CV-6319, CV-7897, CV-7931, CV-7933
Cazuza	CV-7704

Nome	Documento
Ceará	CV-8025
Centena, Julio	CV-7936
Cerqueira	CV-7897
Cerro	CV-7849
Chagas, Francisco José de	CV-8025
Chagas, Joaquim Inácio das	CV-8047
Chananello	CV-8028
Charqueada	CV-7709, CV-7710
Chaves, Bruno Gonçalves	CV-7710
Chaves, Domingos Gonçalves	CV-8030
Chaves, Pedro	CV-7711
Chavilier	CV-7944
Chilavert, Martiniano	CV-7876, CV-7877
Chile	CV-8039
Cima da Serra	CV-7721, CV-7722, CV-7734, CV-7751, CV-7752, CV-7780, CV-7804, CV-7919, CV-7945, CV-7965, CV-8007, CV-8045
Cintra, José Pinheiro de Uchoa	CV-7942, CV-7943, CV-7945 / CV-7951, CV-8046, CV-8048
Cipriano	CV-7762
Cipriano, Vicente	CV-7897
Clementino	CV-8043
Coelho	CV-7915 / CV-7918, CV-8020
Coelho, Jeronimo Francisco	CV-8043
Coelho, Martins	CV-7822
Coelho, Ricardo	CV-7904
Coito	CV-7956, CV-7957
Coito (passo do)	CV-7708
Coito, José do	CV-7769
Colônia Agrícola	CV-8062
Comoatim	CV-7767
Conde da Figueira	Anexo nº 07
Conrado	CV-7747
Constantino (Major)	CV-7730
Contrato (Passo do)	CV-7772
Cordeiro, Vicente Ferreira dos Santos	CV-8043
Coronel, Dionísio	CV-7883
Corrêa, Domingos	CV-7957
Correa, Joaquim Faria	CV-7735
Correia	CV-7987, Anexo nº 12
Correia, Antonio	CV-8025
Correia, Domingos	CV-8020
Correia, Francisco	CV-8025
Correia, João Batista	CV-8025

Nome	**Documento**
Correia, Simão	CV-8025
Corridi	CV-8042
Corrientes	CV-7735, CV-7841, CV-7844, CV-7868, CV-7871, CV-7887, CV-8029, CV-8037, CV-8024
Corsários	CV-8039, CV-8041
Corte Real	CV-8033, CV-8035
Corte Real, Maria da Fontoura	CV-8057
Costa da Serra	CV-7866, CV-7936
Costa, Antônio Francisco da	CV-8043
Costa, Antonio Luis da	CV-7981
Costa, Joaquim José daa (Capitão)	CV-8041
Costa, José da	CV-7904
Costa, José Luiz Vicente da	CV-7812, CV-7814, CV-7824, CV-7825
Costa, Juca	CV-7930
Costa, Marcos José da	CV-8025
Costa, Pascoal	CV-7766
Couto, José Domingues do	CV-7819
Crescencio	CV-7912
Crescêncio (Coronel)	CV-7849, CV-7761, CV-7762
Crisóstomo, João	CV-7736
Cruz	CV-7810
Cruz (Capitão)	CV-7928, CV-7929
Cruz Alta	CV-7706, CV-7721, CV-7724, CV-7736, CV-7742, CV-7743, CV-7745, CV-7751, CV-7756, CV-7757, CV-7781, CV-7830, CV-7836, CV-7875, CV-7897, CV-7968, CV-7977, CV-7984, CV-7985, CV-7986, CV-8037, Anexo nº 01
Cuneo	CV-7873, CV-8041, CV-8046, CV-8049, CV-8059, CV-8060
Cunha	CV-7757
Cunha, Joaquim Vieira da	CV-7713
Cunha, Jose de Castelo Branco Corrêa e	Anexo nº 07
Cunha, José Mariano da	CV-8007
Cunha, Liberato Antônio da	CV-8025
Cunha, Plácido Pinheiro da	CV-7785
Cunha, Xavier da	CV-8045
Cunha-perú	CV-7764
Curitibanos	CV-7757
Curral de Arroios	CV-7849
Curral de Pedra	CV-7794
Curtumes	CV-7849
Custodio, Manuel	CV-7895
Damasceno (Coronel)	CV-8037
Damasceno, João José	CV-8036, Anexo nº 10
Daniel (Cirurgião)	CV-7767

Nome	Documento
Darmstadt	CV-8025
David	CV-7714, CV-7719
Defluxo	CV-7895
Demetrio	CV-7773, CV-7897, CV-7926, CV-7927
Demetrio (Major)	CV-7719
Demetrio (Tenente Coronel)	CV-7764, CV-8046
Dênis, Jeronimo Antonio	CV-7982
Despique (Navio)	CV-7810
Dias	CV-7877
Dias (Tenente Alcaide)	CV-7883
Dias, Francisco José	CV-8025
Dias, Manoel	CV-8025, CV-8039
Dias, Marcial	CV-8007
Dias, Maximo	CV-8025
Dom Pedro II	CV-8048
Domingos	CV-7832
Domingos, José	CV-7851
Domingues, Antônio	CV-8025
Domingues, Ciriaco	CV-7904
Domingues, Joaquim José	CV-7725
Domingues, Sebastião João	CV-7710
Don Estevan (Arroio de)	CV-7882
Dorneles, Manoel Malaquias	CV-7974
Duarte, Eduardo	Anexo nº 11
Duarte, Francisco	CV-8025
Duarte, José	CV-7936
Duarte, Manoel	CV-8025
Durasnal	CV-7933
Durazno	CV-7881, CV-7887
Echague (General)	CV-7749, CV-7843, CV-7882, CV-7887, CV-7897
Eliziário	CV-7717, CV-7726
Emmerich, Adão	CV-8025
Emmerich, Antônio	CV-8025
Encantada (Morro da)	CV-8044
Encruzilhada	CV-7928
Ensino Mútuo	CV-7825
Entre Rios	CV-7776, CV-7777, CV-7841, CV-7843, CV-7882, CV-7887, CV-8029, Anexo nº 01
Erval	CV-7816
Escola de primeiras letras	CV-8056
Escravo	CV-7729, CV-7736, CV-7740, CV-7757, CV-7807, CV 7872, CV-7899, CV-7890, CV-7895, CV-7900, CV-7906, CV-7934. CV-7935, CV-7936, CV-7937, CV-7940, CV-8046

Nome	Documento
Escravos/negros (manifesto aos Homens de Cor farroupilhas)	CV-7910
Espanha	CV-7997, CV-8025
Espanha (Domínios da)	Anexo nº 3 e 4
Espinilho (Passo)	CV-7715
Espírito Santo	CV-8025
Espirito Santo, Manoel José do	CV-8025
Espiritualismo	CV-8036
Estado Oriental	Vide Uruguai
Estevão, Antônio José	CV-7993
Estreito	CV-7784, CV-7785
Estreito da Barra	CV-7924
Europa	CV-7847, CV-7885, CV-8046, CV-8062
Evaristo (Tenente)	CV-7736
Fabiano	CV-7704
Fagundes, Morivalde Calvet	CV-8042
Faial	CV-8025
Fanfa (Ilha do)	CV-8032
Fanfa (Porto do)	CV-7709, CV-7710
Farias	CV-8012
Farias (Major)	CV-7734, CV-7735
Farias, Manoel José Ribeiro de	CV-7745
Farias, Tomé Ribeiro de	CV-7745
Farroupilha	CV-8035
Faustino (Major)	CV-7841
Faxinal	CV-7899, CV-7912
Fayeta, Giorgio	CV-8061
Feijó	CV-7829
Feijó (Capitão)	Anexo nº 11
Feijó, Diogo Antonio	Anexo nº 12
Felipe José	CV-8025
Felix	CV-7871
Felix, Antônio	CV-8025
Fermiano (Capitão)	CV-7756, CV-7773
Fernandes (Coronel)	CV-7919
Fernandes, João Manoel	CV-8025
Fernandes, José Antônio	CV-7966
Fernandes, Maria	CV-8021
Fernando (Ilha de)	CV-8032
Ferrão, Francisco Manoel	CV-7991
Ferre	CV-7910
Ferreira, Agostinho José	CV-8025
Ferreira, Antônio Xavier	CV-8025
Ferreira, Candido	CV-7849, CV-8032

Nome	Documento
Ferreira, Inácio	CV-7904
Ferreira, João	CV-8010
Ferreira, José Antônio	CV-7965
Ferreira, José Antônio dos Santos	CV-7965
Ferreira, Manoel Joaquim	CV-8025
Ferreira, Zeferino Dias da Silva	CV-8061
Ferrer	CV-7763
Figueira (Tenente)	CV-7796
Filangeri, Gaetano	CV-8043
Fileno (Capitão)	CV-7786
Florêncio (Major)	CV-7787
Florentino (Tenente Coronel)	CV-7849
Florianópolis	CV-8044
Fonseca, Dionísio Lemos Pinto da	CV-7810
Fonseca, Joaquim Antônio da	CV-7767
Fontoura (Major)	CV-7736
Fontoura, Antonio Vicente da	CV-7707, CV-7742, CV-7743, CV-7768, CV-7996
Fontoura, José Barreto do Amaral	CV-7780
Fontoura, Pablo	CV-7881
Fontoura, Paulino	CV-7776, CV-7777, Anexo nº 01
Fortaleza	CV-7867
Fortunato (Capitão)	CV-7833, CV-7841
Fragoso, Augusto Tasso	CV-8043
França	CV-8035, CV-8039, CV-8043, CV-8045, CV-8049
França, João Caetano d'Almeida	Anexo nº 12
França, Serafim dos Anjos	CV-8040
Francisco José (Estância de)	CV-7831
Francisco Pedro (Tenente Coronel)	CV-7913
Francisco, Manoel José	CV-8025
Frêdo, Antônio Joaquim	CV-8025
Fredo, João Gonçalves	CV-8025
Freitas, Joaquim Ferreira de	CV-7964
Freitas, Policarpio José de	CV -7859
Fronteira	CV-7926
Fructo	CV-7714, CV-8033, CV-8035, CV-8037, CV-8045, CV-8046
Frutuoso (Capitão)	CV-7725, CV-7728
Frutuoso (Major)	CV-7736
Gabito (Guarda Nacional)	CV-7786
Gama	CV-7714, CV-7729
Gama (Estâncias do Coronel)	CV-7745, CV-7787, CV-8013, CV-8016
Gama. José Moreira da	CV-8005
Garcia	CV-7877
Garcia, Xavier	CV-8029

Nome	Documento
Garibaldi	CV-7757, CV-7898, CV-7924, CV-8036, CV-8038, CV-8040, CV-8041, CV-8042, CV-8043, CV-8044, CV-8046
Garopaba	CV-7714, CV-7789, CV-7838, CV-8044
Gaspar (Brigadeiro)	CV-7777, Anexo nº 01
Gaspar (Marechal)	CV-8047
Gavião	CV-7736
Geraldo Antônio	CV-8025
Germano	CV-7799
Giovanas, Nicoláo	CV-8025
Gomes	CV-7910
Gomes, Eduardo	CV-7875
Gomes, Francisco	CV-7741
Gomes, Gabriel	CV-7713, CV-7714, CV-7726, CV-7776, CV-7777, Anexo nº 01
Gomes, João	CV -7859
Gomes, Joaquim	CV-7714, CV-7831
Gomes, José	CV-7859
Gomes, Manoel	CV-7859, CV-7860, CV-7861
Gonçalves, Bazilio	CV-8025
Gonçalves, Caetano	CV-7988
Gonçalves, João	CV-8032
Gonçalves, José	CV-7799, CV-8025
Gonçalves, Manoel	CV-8025
Gonçalves, Manoel Felipe	CV-8025
Gonçalves, Manuel Antonio	CV-7904
Gonçalves, Miguel Silveira	CV-7947
Gonçalves, Vicente	CV-8025
Goulart, Serafim	CV-7930
Gravataí	CV-7736, CV-7888
Greenfell, John Pascoe	CV-7849, CV-7857, CV-7860, CV-7925, CV-8035
Gregório	CV-7859
Gregório Francisco	CV-8025
Guach	CV-7770
Guaíba	CV-7801
Guarayara	CV-7879
Guarda da Lagoa	CV-7883
Guasques, José	CV-8043
Guedes	CV-7716, CV-7761, CV-7773, CV-7897
Guedes (Major)	CV-7719, CV-7838, CV-7841
Guedes (Tenente Coronel)	CV-7729, CV-7758, CV-7788, CV-7796
Guedes, Sebastião	CV-7736, CV-7739
Guerian, José	CV-7952
Guimarães, Inácio José de Oliveira	CV-7849, CV-7850, CV-7853, CV 7855 / CV -7858, CV-7860 / CV-7868 / CV 7872, CV-7891, CV-8032

Nome	**Documento**
Guixapit	CV-7875
Guterres	CV-8010
Hipólito	CV-7718
Hipólito (Capitão)	CV-7757
Hipólito (Tenente)	CV-7832, CV-7794
Hospital	CV-7723
Ibicui	CV-6318, CV-7704, CV-7752, CV-7765, CV-7773, CV-7832, CV-7834, CV-7835, CV-7848
Ibirapuitã	CV-7763, CV-7712
Ibirapuitã-chico	CV-7765
Iguiraocai (Rincão de)	CV-7773
Ilha de Fernando	CV-8032
Ilha do Fanfa	CV-8032
Ilha do velho Matheus	CV-7899
Ilha dos Lagartos	CV-7810
Imbituba	CV-8044
Inácio, Laurindo José	CV-7784
Inglês	CV-8041, CV-8045
Inhandui	CV-7765, CV-7788
Inhatim	CV-7926
Irapuá	CV-7719
Israel	CV-7934
Itália	CV-8048
Itapororo	CV-7878, CV-7879
Itapuã	CV-7745, CV-7888, CV-8039
Itaroquem	CV-8016
Itaum	CV-7764, CV-7765
Iungai (Batalha de)	CV-8037
Jacinto Inácio	CV-7859
Jacinto Magro	CV-7951
Jacui	CV-7725, CV-7731, CV-7732, CV-7912, CV-7917, CV-7928
Jacuizinho	CV-7717, CV-7745
Jacutiá	CV-7877
Jaguarai	CV-7837
Jaguarão	CV-7704, CV-7709, CV-7710, CV-7813, CV-7859, CV-7864
Jaguarão Chico	CV-7883
Jaques, José Antônio	CV-8057
Jarão (Guarda do)	Anexo nº 03
Jarau	CV-7746, CV-7750, CV-7751, CV-7766, CV-7768, CV-7838
Jeremias (Major)	CV-7861
Jeromita	CV-7849
Jesus Cristo	CV-7889

Nome	Documento
Jesus, Domingos de	CV-8025
Jesus, Felicia Antonia de	CV-7900
Jesus, Manoel Dias de	CV-8025
João (escravo)	CV-7895, CV-7897
João Antonio	CV-7716, CV-7773, CV-8013, CV-8025
João Antonio (Coronel)	CV-7747
João Antônio (General)	CV-8012, CV-8014
João Francisco	CV-7918, CV-8025
João Ganxo	CV-8011
João Lourenço	CV-8025
João Manoel	CV-7849, CV-8025
João Propicio	CV-7723
João Simplício	CV-7864
João VI	CV-7810
Joaquim Pedro	CV-7849, CV-7912
Jornal (O Mercantil, Rio Grande)	CV-7909
Jornal (Povo)	CV-7746, CV-7747, CV-8046
Jornal (Rio-Grandense)	CV-7825
Jornal (Sentinela)	CV-7711
Jornal (Tipografia de V. F. de Andrade)	CV-7828
Jornal (Tipografia do Mercantil)	CV-7713, CV-7910
José	CV-7918
José (Crioulo)	CV-7906
José (irmão de Bento Manuel Ribeiro)	CV-7720
José Antônio	CV-8031
José Canhoto	CV-7859
José Cláudio	CV-8025
José Francisco	CV-7784, CV-7904
José Inácio	CV-7795, CV-8020
José Jacinto (Tenente Coronel)	CV-7837
José Joaquim	CV-6319
José Laura	CV-7859
José Luiz (Tenente Coronel)	CV-7717
José Pedro	CV-7840
José Prudêncio	CV-7790
Jovem Itália	CV-8048, Anexo nº 11
Juan Antonio (Coronel)	CV-7878
Juca Cipriano	CV-7794
Juca Mulatinho	CV-7872
Junta de Historia Nacional	CV-7876
Juquiri	CV-7769, CV-7770
Kansts, Chrisostomo	CV-8025
Kansts, Felipe	CV-8025
Labatut (General)	CV-7916, CV-7919, CV-7924

Nome	Documento
Mangue velho	CV-7833
Manoel Antônio	CV-7908, CV-7955, CV-8025
Manoel Giovanas	CV-8025
Manoel Inácio	CV-7904
Mantilha	CV-7757
Manuel Alves (Fazenda do)	CV-6318
Maranhão	CV-8025
Marcelino	CV-7921
Marcelino (Coronel)	CV-6318, CV-7722
Marcelino Inácio	CV-8025
Marcelino, Antonio	CV-8025
Maria Amélia	CV-7849
Mariano (Capitão)	CV-7805
Mariano, Antonio Muniz	CV-7799
Marques (Tenente Coronel)	CV-7929
Marquês de Inhanbupe	CV-7772
Marques, João	CV-8025
Marques, Manoel	CV-7938
Marques, Pedro Lorenzo	CV-7941
Martim, Bento	CV-7940
Martinez, Henrique	CV-7887
Martins	CV-6319
Martins, Antonio	CV-8025
Martins, Atanagildo Pinto	CV-7724, CV-7781
Martins, Domigos	CV-8025
Martins, João Antonio	CV-7877, CV-8020, Anexo nº 11
Martins, Rodrigo Felix	CV-7745
Mateus (Ilha do velho)	CV-7899
Matias	CV-7878
Matias (Major)	CV-8016
Matias, José	CV-8025
Matias, Manoel	CV-8025
Mato castelhano	CV-7751
Mato Português	CV-7727
Matos	CV-7754, CV-7844, CV-7992 / CV-7995, CV-8044
Matos (Coronel)	CV-7722, CV-7723, CV-7882
Matos, José Mariano de	CV-7747, CV-7769, CV-8038, CV-8039, CV-8043, CV-8046, Anexo nº 02
Matos, Mariano	CV-8049
Mazarredos	CV-7910
Mbororé	CV-7836
Medeiros	CV-7713, CV-7726, CV-7731, CV-7732
Medeiros (Coronel)	CV-7928
Medeiros (Tenente Coronel)	CV-7776, CV-7777, Anexo nº 01

Nome	Documento
Medeiros, Antônio de	CV-7723
Medina (General)	CV-7877
Medina, Anacleto	CV-7887
Melchior (Major)	CV-7860
Melo (Vila de)	CV-8027
Melo Brabo	CV-7757, CV-7897
Melo Moraes	CV-7898
Melo, Antônio de	CV-8025
Melo, Antunes de	CV-7757
Melo, Francisco Pereira de	CV-8025
Melo, Jerônimo Jacinto e	CV-6319
Melo, João Francisco de	CV-8025
Melo, João Jacinto de	CV-8025
Melo, Procópio Gomes de	CV-7883
Mena, Gaspar Francisco	CV-7713
Mendes	CV-7877
Mendes, Francisco	CV-7883
Mendes, João	CV-8022
Mendes, Luis	CV-7883
Mendes, Pedro	CV-8058
Mendonça	CV-7877, CV-7878, CV-7879
Mendonça, Lodogero de	CV-7955
Menezes, Joaquim Antonio de Carvalho e	CV-7810
Menezes, José Inácio dos Santos	CV-7715
Mercantil (Rio Grande)	CV-7909
Mercantil (Tipografia do)	CV-7713, CV-7910
Mesquita, Alexandre Alz. de	CV-8025
Mesquita, Felix de Alves de	CV-8025
Miguelete	CV-8031
Militão	CV-8051
Minas	CV-8035
Minas Gerais	CV-8025
Minbiel	CV-7874
Mingote	CV-7758, CV-7762, CV-7763, CV-7833, CV-7838, CV-7840
Mingote, Bonifácio	CV-7875
Miranda, José Antonio de	CV-7810
Misericórdia (largo da)	CV-7810
Missões	CV-7715, CV-7782, CV-7783, CV-7832, CV-7835, CV-7885, CV-7886, CV-8011, CV-8016, CV-8025, CV-8037
Moçambique	CV-7810
Modesto	CV-8012
Monjardim	CV-7846

Nome	Documento
Monte Alegre (Fazenda de)	CV-7917, CV-7918, CV-7920 / CV-7923, CV-7926 / CV-7930
Monteiro, Girando	CV-7974
Monteiro, Silvano José	CV-7904
Montenegro	CV-7772, CV-7912, CV-7917
Montesquieau	CV-8043
Montevidéu	CV-7745, CV-7843, CV-7844, CV-7873, CV-7876, CV-7885, CV-8029, CV-8032, CV-8033, CV-8035, CV-8037, CV-8039, CV-8041, CV-8043, CV-8060
Moraes (Tenente Coronel)	CV-8049, CV-8057
Morais	CV-8020
Morais, Silvério Pedroso de	CV-7958
Moreira	CV-7897
Morim, Rafael	CV-8012
Moringue	CV-6319, CV-8010, CV-8011, CV-8038
Morretes	CV-7911
Mostardas	CV-7785, CV-8030
Mostardeiros	CV-7919
Mota, Joaquim José da	CV-8047
Mota, Manoel Antonio da	CV-8025
Mota, Manoel José da	CV-8025
Moura	CV-8017
Moura, Joaquim Francisco de	CV-7715
Muller, Mathias	CV-8025
Museu e AHRS	Anexo nº 11
Nápoles	CV-8043
Narciso Filipe	CV-8025
Nascimento, Manoel do	CV-8025
Navarro (Passo de)	CV-7877
Navegação (Brigue Barca Setembro)	CV-7812
Navegação (Canhoneira Sete de Setembro)	CV-7899
Navegação (Despique)	CV-7810
Nazário	CV-7930
Nazario Antônio	CV-8025
Negros	Vide Escravos
Nepomuceno (Tenente Coronel)	CV-7913
Neri, Filipe	CV-6319
Neto (Capitão)	CV-7704
Neto, Antônio	CV-6318, CV-7708, CV-7716, CV-7728, CV-7769, CV-7794, CV-7804, CV-7832, CV-7835, CV-7841, CV-7849, CV-7871, CV-7875, CV-7892, CV-7912, CV-7918, CV-7920, CV-7925, CV-7928, CV-7934, CV-7810, CV-8035, CV-8043, CV-8044, CV-8046
Neto, Antônio Pinto	CV-8025
Neto, Gervásio de Souza	CV-7969

Nome	Documento
Ouveiras	CV-7725
Pacheco	CV-8037, CV-8038
Pacheco, Manoel	CV-8013
Pacheco, Manoel da Silva	CV-8037, CV-8039
Pacheco, Zeferino	CV-8013
Padilha	CV-7757
Padre Eterno	CV-7747
Pago-Largo	CV-7887
Pais, Manoel de Oliveira	CV-7899
Paissandu	CV-7877
Paiva	CV-7849
Paiva, Antônio Soares de	CV-7071, CV-7784, CV-7785
Paiva, Manoel Soares de	CV-7822
Paixão, Manoel da	CV-8025
Palma	CV-7719, CV-7832
Palmares	CV-7919, CV-8028
Palmas	CV-7862
Palmas (Estancia das)	CV-7913, CV-7914
Palmeira	CV-8055
Palmeiro	CV-7840, CV-7841
Palmeiro, Luiz José da Fontoura	CV-7741
Pamarotim	CV-7794
Pantanoso	CV-7895
Pantoja, Gustavo Adolfo de Aguilar	Anexo nº 12
Pará	CV-8025
Paraguai	CV-7809
Paraíba	CV-8025
Paraíso	CV-7907
Paraná	CV-7843
Parauvé	CV-7763
Pardal	CV-8042, CV-8044
Paredes (major)	CV-7776, CV-7777, Anexo nº 01
Paripaço	CV-7714, CV-7716
Pascoal, Cipriano dos Santos	CV-7892
Pascoal, Joaquim dos Santos	CV-7892
Passagem (passo da)	CV-7872
Passo de Navarro	CV-7877
Passo do Pareci	CV-7912
Passo do Pinto	CV-7851
Passo do Rosário	CV-7779, CV-7802, CV-7827
Passo do Sarandi	CV-7864
Passo Fundo	CV-7716, CV-7717, CV-7725, CV-7727, CV-7912, CV-7915
Paula (Capitão)	CV-7857

Nome	**Documento**
Paula, Silvano José Monteiro de Araújo e	CV-7965
Paulo Francisco	CV-8025
Pavão	CV-7906
Pavão (Estância do)	CV-7755
Paz (General)	CV-7882, CV-7887
Paz, Apolinário	CV-7875
Paz, José Maria	CV-7887
Pederneiras	CV-7708, CV-7736
Pedra	CV-7730
Pedra, Curral de	CV-7794
Pedras Brancas	CV-7915
Pedro	CV-7837
Pedro 2º	CV-7713, CV-7768, CV-7774 / CV-7777, CV-7780, CV-7782, CV-7791, CV-7828, Anexos nº 1, 11 e 12
Pedroso	CV-7729
Peixoto, Francisco Ribeiro dos Guimarães	Anexo nº 12
Pelotas	CV-7709, CV-7710, CV-7774, CV-7778, CV-7811, CV-7813, CV-7817, CV-7818, CV-7820, CV-7826, CV-7829, CV-7849, CV-7860, CV-7870, CV-7889, CV-7898, CV-8020, CV-8028, Anexos nº 7 e 13
Pelotas (Estância de)	CV 7872
Penha, Nicolas	Anexo nº 11
Pequiri, Arroio	CV-7780
Pereira	CV-7706
Pereira (acampamento no)	CV-8026
Pereira (Dr.)	CV-8011
Pereira (Fazenda do)	CV-7924, CV-7925
Pereira, Bras Francisco	CV-8025
Pereira, Constante de Souza	CV-7976
Pereira, Feliciano José	CV-7955
Pereira, Francisco José	CV-7904
Pereira, Jacinto	CV-7877
Pereira, João	CV-7936
Pereira, João Francisco	CV-8025
Pereira, Sebastião	CV-7904
Pereira, Tomas José	CV-7912
Pernambuco	CV-8025, CV-8035
Peruano-Boliviana (Confederação)	CV-8037
Pessanhas	CV-8020
Pilar, Vidal José do	CV-7724
Pimenta, Luis	CV-7855, CV-7854
Pimentel, Espiridião Elói de Barros	Anexos nº 8 e 9
Pinheiro, Antonio José	CV-7955
Pinto (Passo do)	CV-7851
Pinto Bandeira, Clara de Oliveira	Anexo nº 07

Nome	Documento
Pinto, Francisco Felix da Fonseca Pereira	CV-7909
Pinto, Jacinto Antunes	CV-7963
Pinto, João	CV-8025
Pinto, João Antunes	Anexo nº 11
Pinto, José Antônio	CV-7972
Pinto, Luiz Antonio	CV-7945
Pinto, Wenceslão	CV-8025
Piraju (Estância de)	CV-7759
Piratini	CV-7708, CV-7735, CV-7822, CV-7827, CV-7849, CV-7854, CV-7889, CV-7892, CV-7896, CV-7900, CV-8002, CV-8020, CV-8022, CV-8032 / CV-8035, CV-8037, CV-8039
Piratini (Ponte de)	CV-7829
Pires, Antonio José	CV-7767
Pires, Bernardo	CV-7897
Pires, Feliciano Nunes	CV-7783, CV-7934
Pires, Manoel (Major)	CV-8012
Pires, Onofre	CV-7823
Pizarro, Antônio	CV-8025
Pombal	CV-7720
Ponta-rasa	CV-7917
Pontes, Antônio Rodrigues	CV-7937
Porongos	CV-8017, CV-8019, CV-8020
Porta, Antônio Manoel da Costa	CV-8025
Portinho	CV-7897
Portinho (General)	CV-7768, CV-7804
Portinho (Tenente Coronel)	CV-6318, CV-7765, CV-8010
Porto	CV-7810
Porto (Capitão)	CV-7725, CV-7726, CV-7728, CV-7730, CV-7736
Porto (Tenente Coronel)	CV-7751
Porto Alegre	CV-7706, CV-7707, CV-7711, CV-7717, CV-7720, CV-7721, CV-7734, CV-7736, CV-7737, CV-7739, CV-7769, CV-7775, CV-7776, CV-7777, CV-7809, CV-7813, CV-7820, CV-7821, CV-7823 / CV-7828, CV-7841, CV-7849, CV-7909, CV-7915, CV-7916, CV-7927, CV-7929, CV-7930, CV-7932, CV-7934, CV-7998, CV-7999, CV-7800, CV-7801, CV-8032, CV-8052, CV-8054, Anexos nº 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11
Porto, Aurélio	CV-7876
Porto, Simplicio Ferreira	CV-7906
Portugal	CV-7810, CV-8025
Posto Queimado	CV-6318
Povo (Jornal)	CV-7746, CV-7747, CV-8041, CV-8046, Anexos nº 2 e 11
Povo novo	CV 7872
Praça (Rua da)	Anexo nº 05

Nome	Documento
Ribeiro, Bento Manoel	CV-7788, CV-7804, CV-7819, CV-7827, CV-7831, CV-7836, CV-7840, CV-7843, CV-7703 a CV-7782, Anexos nº 01 e 03
Ribeiro, Carlos José da Costa	CV-7783
Ribeiro, Cipriano Gonçalves	CV-7784 a CV-7785
Ribeiro, Demetrio	CV-7715, CV-7725, CV-7786 a CV-7808, Anexo nº 04
Ribeiro, Duarte da Ponte	CV-7809
Ribeiro, Joaquim Antônio	CV-7810
Ribeiro, Joaquim José Pereira	CV-7811
Ribeiro, José	CV-7734, CV-7745, CV-7738, CV-7773
Ribeiro, José (Coronel)	CV-8016
Ribeiro, José de Araújo	CV-7711, CV-7774 a CV-7777, CV-7812 a CV-7821, CV-7824, CV-7826, CV-7828, Anexos nº 12 e 13
Ribeiro, José Xavier	CV-7822
Ribeiro, Julio	CV-7716
Ribeiro, Justino José	CV-7904
Ribeiro, Manoel	Anexo nº 03
Ribeiro, Marciano José Pereira	CV-7707
Ribeiro, Marciano Pereira	CV-7703, CV-7704, CV-7782, CV-7814, CV-7823 a CV-7828, Anexo nº 05
Ribeiro, Ricardo José	CV-7829
Ribeiro, Sebastião	CV-7712, CV-7747, CV-7764, CV-7830 a CV-7848
Ribeiro, Serafim da Silva	CV-7849
Ribeiro, Severino	CV-7897
Ribeiro, Teodoro José	CV-7850 a CV-7872
Ricardinho (Passo do)	CV-7766
Ricardo	CV-7751
Rincão (Lagoa do)	CV-7784
Rincão de Iguiraocai	CV-7773
Rincão do Inferno	CV-7789, CV-7790
Rincón	CV-7885
Rio Camaquã	CV-7856
Rio da Prata	CV-7883
Rio das Antas	CV-7916
Rio de Janeiro	CV-7710, CV-7745, CV-7813, CV-7820, CV-7876, CV-7898, CV-8025, CV-8032, CV-8035, CV-8039, CV-8041, CV-8043, Anexos nº 02 e 12
Rio dos Sinos	CV-7899
Rio Grande	CV-7713, CV-7747, CV-7758, CV-7774, CV-7782, CV-7784, CV-7812 / CV-7816, CV-7819, CV-7820, CV-7823, CV-7825, CV-7827, CV-7829, CV-7841, CV-7851, CV-7852, CV-7900, CV-7906 / CV-7910, CV-7915, CV-7918, CV-8011, CV-8035, CV-8043, CV-8045, CV-8062, Anexos nº 06 e 07

Nome	Documento
Rohan, Henrique de Beaurepaire	CV-7998 a CV-7801
Rolão, José Aureliano	CV-8002
Romana (República)	CV-8048
Roque, José Ferreira Gomes	CV-8003 a CV-8016
Roque, Martins	CV-8028
Rosa	CV-7708, CV-7722
Rosa, Francisco José Damasceno	CV-8025
Rosa, João Alexandre da	CV-8017 a CV-8020, Anexo nº 07
Rosa, José Bernardes	CV-8021
Rosa, Manuel D'Avila da	CV-8022
Rosa, Manuel Pires da	CV-8023
Rosa, Teodósio da	CV-7971
Rosa, Timóteo Pereira da	CV-8024, Anexos nº 08 e 09
Rosado (Tenente Coronel)	CV-7913
Rosado, Francisco de Paula Damasceno	CV-8027 a CV-8028
Rosado, Francisco José Damasceno	CV-8025 a CV-8026
Rosário	CV-6318, CV-7704, CV-7795
Rosário (passo do)	CV-7779, CV-7802, CV-7827, CV-7926
Rosas	CV-7711, CV-7776, CV-7777, CV-7843, CV-7883, CV-7885, CV-7897, CV-8033, CV-8037, CV-8039, CV-8042, CV-8043, Anexo nº 01
Rosas, Juan Manuel	CV-8029
Rosaura	CV-8011
Rosca, Faustino Vieira	CV-8030
Roso, José	CV-8031
Rossetti, Luiz	CV-8032 a CV-8050, anexos nº 10 e 11
Roux, João Batista	CV-8051 a CV-8058
Rusca, Natalio	CV-8037, CV-8059 a CV-8061
Ruthy, Gustavo Afonso de	CV-8062 a CV-8063
Sá	CV-7841
Sá Brito	CV-7716
Sá, Casimiro José da Camara e	CV-7908
Sá, Prudêncio José da Câmara e	CV-7825
Saicã	CV-7835
Saldanha	CV-7877
Saldanha (General)	CV-7711
Salgado	CV-7928, CV-7929, CV-7930
Salgado, José Thomé de Lima	CV-7845
Salso	CV-7853, CV-7867
Salso (pontas do)	CV-6318
Salto	CV-7769, CV-7770, CV-7789, CV-7790, CV-7843, CV-7887, CV-8059, CV-8060
Salto (Fazenda do)	CV-7936
Sanches, João da Costa de Brito	CV-7810
Sancho Pança	CV-7810

Nome	Documento
São Francisco	CV-7752, CV-7837, CV-7884, CV-7895, CV-8031 **São Borja** **São Felipe** **Setembrina** **Triunfo** **Ribeiro, Bento Manoel** **Portinho**
São Francisco de Paula	CV-7935, CV-7936, CV-7823, CV-7825
São Francisco do Norte	CV-8025
São Gabriel	CV-6318, CV-7704, CV-7705, CV-7725, CV-7728, CV-7731, CV-7732, CV-7754, CV-7762, CV-7774, CV-7796, CV-7805, CV-7825, CV-7874, CV-7878, CV-7903, CV-7904, CV-7926, CV-7927, CV-7938 / CV-7954, CV-8003, CV-8004, CV-8005, CV-8007 / CV-8014, CV-8016, CV-8037, CV-8061
São Gonçalo	CV-7871, CV 7872, CV-7912
São Gregório	CV-8024
São Jerônimo	CV-6318
São João	CV-7852, CV-7859, CV-7867
São José	CV-7843, CV-7849
São José do Norte	CV-7071, CV-7774, CV-7784, CV-7785, CV-7813, CV-7823, CV-7827, CV-7871, CV 7872, CV-7915, CV-7924, CV-8025
São Leopoldo	CV-7706, CV-7738, CV-7739, CV-7740, CV-7744
São Lourenço	CV-7723
São Lourenço (Estância do)	CV-7850
São Lucas	CV-7956
São Lucas (passo de)	CV-7752, CV-7957
São Luis	CV-7723, CV-7831
São Martinho	CV-6319, CV-7717, CV-7725, CV-7727, CV-7752, CV-7753, CV-7757
São Paulo	CV-7711, CV-8025
São Pedro	CV-7751, CV-7820
São Pedro d’Alcantara	CV-7910
São Rafael	CV-6319, CV-7706, CV-7776, CV-7777, Anexo nº 01
São Sebastião (Coxilha de)	CV-8020
São Sebastião (Fortaleza de)	CV-7810
São Sepé (passo de)	CV-6319
São Servando	Anexo nº 11
São Simão (Campo de)	CV-7831
São Tomé	CV-7769
São Vicente	CV-6318, CV-7751, CV-7752, CV-7837, CV-7838
São Vicente, Inácio de (Capitão)	CV-7796
São Xavier	CV-7753, CV-7754, CV-7837, CV-7838
Saraiva, Alexandre Rodrigues	CV-7784
Saraiva, João	CV-7829

Nome	Documento
Sarandi	CV-7703, CV-7885
Sarandi (Passo do)	CV-7864
Sarasin, Afonso	CV-7724, CV-7725, CV-7742, CV-7743
Satanas	Anexo nº 11
Saturnino	CV-7801
Sayon, Francisco	CV-7883
Seara, Antônio Corrêa	CV-7908
Sebirino	CV-7714
Seival	CV-8044
Seixas	CV-7825
Senhorinha (viúva)	CV-7892
Sentinela (Jornal)	CV-7711
Serafim	CV-7911, CV-8049
Sergipe	CV-8025
Serra (Freguesia da)	CV-7919
Serra dos Tapes	Anexo nº 07
Serrazem	CV-7807
Serrinha	CV-7718
Serrito	CV-7838, CV-7861, CV-7866, CV-7870, CV-7872
Serro Largo	CV-7730, CV-7873, CV-7874, CV-7883, CV-8027, CV-8031, CV-8061, Anexo nº 11
Serro partido	CV-7719
Sete de Abril (rua)	Anexo nº 05
Sete de Setembro (Brigue Barca, canhoneira)	CV-7812, CV-7899
Setembrina	CV-7745, CV-7804, CV-7842, CV-8040, CV-8043
Severino	CV 7848
Severino (Alferes)	CV-7875
Sezefredo (Tenente)	CV-6318
Silva	CV-6319, CV-7825, CV-7849, CV-7852, CV-7877, Anexo nº 11
Silva (Alferes)	CV-7837
Silva Junior, Joaquim José da	CV-7959
Silva Machado (Estância de)	CV-7717
Silva Porto, & Cia. (oficina)	CV-7810
Silva Tavares	CV-7713, CV-7849, CV-7852, CV-7871, CV-7924, CV-8038
Silva, Alexandre Cardoso da	CV-7899
Silva, Antônio da	CV-8025
Silva, Antonio Fernandes da	CV-7859
Silva, Antônio Francisco da	CV-7904
Silva, Antônio Pedro da	CV-7899
Silva, Antonio Pereira da	CV-8025
Silva, Belarmino Paes da	CV-7877

Nome	Documento
Silva, Bento Gonçalves da	CV-7768, CV-7703, CV-7704, CV-7707 a CV-7710, CV-7751, CV-7759, CV-7769, CV-7776, CV-7777, CV-7782, CV-7813, CV-7817, CV-7821, CV-7827, CV-7839, CV-7850, CV-7876, CV-7884, CV-7904, CV-7920, CV-7939, CV-7940, CV-7941, CV-7953, CV-7956, CV-7957, CV-7966, CV-7977, CV-7979, CV-7980, CV-7981, CV-7985, CV-7987, CV-7989, CV-7990, CV-7916, CV-8021, CV-8027, CV-8028, CV-8032, CV-8035, CV-8046, CV-8048, Anexos nº 01 e 02
Silva, Estevão Franco da	CV-7798 / CV-7803
Silva, Faustino Carvalho e	CV-8005
Silva, Fructuozo Pereira da	CV-8025
Silva, Inocencio José da	CV-8025
Silva, Jeremias Soares da	CV-7859
Silva, João da	CV-8025
Silva, João Dias da	CV-8025
Silva, João Luiz Gomes da	CV-7909
Silva, João Manoel da	CV-7810
Silva, João Manoel de Lima e	CV-7778, CV-7827
Silva, Joaquim Correia da	CV-7987
Silva, Joaquim Gonçalves da	CV-7991
Silva, Jorge da	CV-7904
Silva, José Antonio da	CV-8025
Silva, José Francisco da	CV-8025
Silva, José Maria da	CV-7822
Silva, José Nunes da	CV-8025
Silva, Laurindo José da	CV-8005, CV-8016
Silva, Manoel Carvalho da	Anexo nº 03
Silva, Manoel Dias da	CV-8025
Silva, Manoel Inácio da	CV-8025
Silva, Manoel Soares da	CV-7859
Silva, Manuela Louise da	CV-8056
Silva, Pedro Bernardo da	CV-8025
Silva, Simão José da	CV 7863
Silva, Tomas José da	CV-7909 CV-7911 / CV-7918, CV-7920 / CV-7927, CV-7929, CV-7930, CV-7932
Silva, Tomas José da	CV-7928, CV-7999
Silva, Zeferino Soares da	CV-7859
Silveira (Passo do finado)	CV-7773
Silveira Filho	CV-7710
Silveira Filho, João Antonio da	CV-7712
Silveira Filho, Leonidio Antero da	CV-7710
Silveira, Antônio da	CV-7930
Silveira, Domingos José da	CV-7879
Silveira, João	CV-7996, CV-7997

Nome	Documento
Silveira, João Antonio da	CV-7705, CV-7714, CV-7717 a CV-7736, CV-7738, CV-7739, CV-7751, CV-7752, CV-7754, CV-7755, CV-7756, CV-7761, CV-7762, CV-7763, CV-7764, CV-7765, CV-7786, CV-7787, CV-7793 / CV-7797, CV-7830, CV-7832 / CV-7836, CV-7838 / CV-7841, CV-7847, CV-7849, CV-7875, CV-7884, CV-7921, CV-7933
Silveira, Severino Antonio da	CV-7712
Silveirinha	CV-7928
Simão	CV-7849
Simão (Major)	CV-7759, CV-7843
Simas (Major)	CV-7912, CV-7929, CV-7930
Simch	CV-8028, CV-8053
Simião	CV-8023
Simões (Major)	CV-7770
Siqueira	CV-7725, CV-7727, CV-7729, CV-7731, CV-7732, CV-7758, CV-7762, CV-7838
Siqueira (Alferes)	CV-7833
Soares (Coronel)	CV-7889
Soares, Apolinário	CV-7859
Soares, Diogo da Costa	CV-7810
Soares, Eleutério	CV-7705
Soares, Felipe	CV-7936
Soares, Francisco de Paula	CV-7859
Soares, Joaquim Pedro	CV-7912
Soares, Melxór Rodrigues	CV-7859
Soares, Urbano	CV-7859, CV-7861
Soria	CV-8029
Soteiro	CV-7837
Sousa, Florentino José de	CV-7818
Souza Medeiros	CV-8044
Souza, Antônio Francisco de	CV-8025
Souza, Antonio Lourenço de	CV-7810
Souza, Diogo de	CV-7747, Anexos nº 03, 04 e 06
Souza, Gonçalo Manoel de	CV-7904
Souza, Joaquim Antonio de	CV-8025
Souza, Joaquim de	CV-7967, CV-7970, CV-7982, CV-7983, CV-7989
Souza, José de	CV-7955
Souza, Lisbão Machado de	CV-7977
Souza, Roberto Antonio de	CV-7783
Suviela	CV-7766
Tablada	CV-7887
Taim	CV-7849
Talaveira	CV-7951
Tamarindo (Major)	CV-7930

Nome	Documento
Tapeví	CV-7835
Taquarembó	CV-7758, CV-7763, CV-7843
Taquari	CV-7722, CV-7725, CV-7760, CV-7913, CV-7916, CV-7917, CV-7921 / CV-7923, CV-7926 / CV-7930
Taquari (passo de)	CV-7708
Taquari (rio)	CV-7918, CV-7920
Teixeira	CV-8042, CV-8043
Teixeira (Coronel)	CV-7756
Teixeira (Tenente Coronel)	CV-7757, CV-8041
Teixeira, José Pereira	CV-7932
Tejera	CV-7873
Teodoro	CV 7855
Teodoro (Tenente Coronel)	CV-7857
Tereza (Passo da Viúva)	CV-7852
Terras devolutas	CV-8044
Thieres, Luís Adolfo	CV-8043
Tia Ana	CV-7719
Tigre, Arroio	CV-8020
Timóteo (Tenente)	CV-7786
Tipografia	CV-8033, CV-8034, CV-8041
Tipografia (de V. F. de Andrade)	CV-7828
Tipografia do (Rio-Grandense)	CV-7825
Tipografia Nacional	Anexo nº 12
Tipografia Republicana	Anexo nº 11
Tomas	CV-6318
Toropasso	CV-8027, CV-8028
Toropi	CV-7752
Torres	CV-7825, CV-8035, Anexo nº 01
Tota, João Antônio Mendes	CV-8025
Trajano, Antônio José	CV-7946
Tramandaí	CV-7924, CV-8035
Travassos, Miguel da Rocha Freitas	CV-7967, CV-7970, CV-7976, CV-8046
Três capões	CV 7848
Triunfo	CV-7720, CV-7721, CV-7745, CV-7747, CV-7775, CV-7776, CV-7777, CV-7804, CV-7920, CV-7925, CV-8054, CV-8055, Anexo nº 01
Trueba, Francisco de	CV-7873
Tucuman	CV-8039
Tunas, Ponta das	CV-8019
Unha de gato	CV-8022
Urbano	CV-7856
Uriarte, Zefirino	CV-8021
Urina	CV-7889, CV-7897

Nome	**Documento**
Uruguai	CV-7769, CV-7711, CV-7796, CV-7833, CV-7843, CV-7864, CV-7887, CV-7892 CV-8004, CV-8011, CV-8028, CV-8029, CV-8033, CV-8062, Anexo nº 11
Uruguai (rio)	CV-7763
Uruguaiana	CV-8024
Vacaqua	CV-7800
Vacaria	CV-7716, CV-7717, CV-7721, CV-7751, CV-7757, CV-7780, CV-8045
Vacaria de Cima da Serra	CV-7971
Valdes	CV-7750
Vale	CV-7883
Vale (Tenente Coronel)	CV-7705
Vale, José Rodrigues do	CV-7799
Valença (Major)	CV-7717, CV-7718, CV-7725, CV-7728, CV-7731, CV-7732, CV-7836, CV-7838
Valença (Tenente Coronel)	CV-7736
Valença, José Alves	CV-7734, CV-7837
Valentim, Francisco	CV-7789
Valentin	CV-7716
Valerio (Escrivão)	CV-8020
Varela, Alfredo	CV-7809, CV-7876
Vargas	Anexo nº 11
Vargas (Tenente)	CV-7868
Vargas, Manoel Mauricio de	CV-7970
Varguinha	CV 7862, CV-7865, CV-7870
Várzea	CV-7801, CV-7823, CV-7909, Anexo nº 05
Vasco Soares	CV-7936
Vasconcelos, Álvares Machado e	CV-8048
Vascos	CV-8062
Vaz, Pedro Antônio	CV-7785
Veiga, Camilo	CV-7883
Velhaco, Arroio	CV-8018 CV-8019
Veneza	CV-8035
Verres	CV-7810
Viamão	CV-8047, CV-8048
Viamão (Capela de)	CV-7888
Viana	CV-7983, CV-8018
Viana, Baltazar Gomes	Anexo nº 07
Viana, Manoel Pereira	CV-7767
Vicente (Coronel)	CV-7776, CV-7777, Anexo nº 01
Vidal	CV-7714, CV-7725, CV-7875
Vieira, Felix	CV-7864
Vieira, José Victorino	CV-7979
Vieira, Mariano	CV-7904

Ao estudar a história da imprensa e dos impressos historiadores recentes têm se preocupado em utilizar um novo olhar sobre as fontes. Com um ponto de vista redimensionado, vêm superando visões anteriores que limitavam a imprensa enquanto portadora de “fatos” e de “verdades”. Através de perspectivas teóricas e metodológicas que combinam abordagens políticas e culturais, houve o desenvolvimento de trabalhos que buscaram estabelecer pontos de vistas distintos sobre temas anteriores, ou mesmo novos enfoques. Nesse contexto, os historiadores brasileiros que estudam o século XIX, têm privilegiado assuntos como a opinião pública, as redes de sociabilidades, a circulação das idéias na Corte e nas províncias, a recepção destas ideias, os mecanismos de ação política e a vinculação de diferentes projetos por meio da impressa[1].

A análise de jornais e panfletos é um campo vasto, que nos possibilita compreendermos, entre outras coisas, a linguagem política de uma época. Por meio dos discursos publicados nos impressos, podemos encontrar vestígios do passado que são importantes para entendermos o debate de ideias, a sua apropriação e circulação. Algumas questões podem levantas sobre a análise dos discursos, como em qual contexto foram produzidas e divulgadas, qual grupo/atores políticos que as produziram. Seguindo as indicações teórico-metodológicas de autores como de Pocock (2003) e Skinner (2002), podemos identificar as características do pensamento de um determinado autor, como este se inseria em seu tempo, influenciando e sendo influenciado pelas idéias de outros indivíduos e grupos, como suas proposições eram recebidas e repercutiam e qual era a sua intenção ao produzir um texto.

Partindo destas concepções, propomos no presente trabalho analisar os discursos produzidos na imprensa por Francisco de Salles Torres Homem. Estes diziam respeito às revoltas liberais ocorridas no início do Segundo Reinado, a Revolução Liberal de São Paulo e Minas em 1842, e a Revolução Praieira em 1848. O publicista viu-se envolvido nos dois conflitos, fosse de maneira atuante como no primeiro momento, ou através dos impressos como no segundo, já que jornais e panfletos se constituíam enquanto mecanismos de ação política da disputa político-partidária entre as facções distintas. Pretendo identificar quais as ideias e propostas políticas do publicista naquele momento,

---

[1] Entre outros estudos ver: BASILE (2000), NEVES (2003), MOREL (2005), NEVES; MOREL & FERREIRA (2006).

como foi a sua participação nas revoltas, a relação das suas ideias com as concepções políticas da facção que se identificava. Também é importante entendermos a linguagem que o autor utilizava nos seus escritos, associando-as a o momento específico em que foram produzidas.

O regresso e as reformas centralizadoras

Para entendermos os conflitos ocorridos nos primeiros anos do Segundo Reinado, teremos que analisar as discussões e reformas empreendidas durante o final do Período Regencial. Este período como sabemos foi marcado por revoltas como Cabanagem, Balaiada, Sabinada, Guerra dos Farrapos, entre outras manifestações. A eclosão destas fortalecia o clima de insegurança, fato que veio incentivar o ideal reformista e centralista nos seus últimos anos, guiado pelo regresso.

A política do regresso visava devolver ao governo central os poderes que perdera com a legislação descentralizadora da Regência, sobretudo com a reforma do Código do Processo Criminal em 1832, e com o Ato Adicional de 1834. O Código Processo Criminal, fixou normas para a aplicação do Código Criminal de 1830, sobretudo deu maiores poderes aos juízes de paz. O Ato Adicional à Constituição extinguiu o Conselho de Estado e criou assembléias legislativas nas províncias com maiores poderes para legislar sobre diversos assuntos. Era necessário rever estas reformas, aqueles que apoiavam o regresso viam no fato o restabelecimento da ordem e do poder centralizado a garantia da estabilidade do Império.

A revisão das reformas se tornou a bandeira central do projeto *regressista,* que foi realizado graças à ascensão da nova facção. O regresso saiu vitorioso das eleições nacionais para a legislatura que se iniciaria em 1838. Assumia o governo o recém-nomeado ministro do império Pedro de Araujo Lima, ex-caramuru convertido a bandeira do regresso, que foi nomeado regente. O gabinete se seguiu com Vasconcelos e José Joaquim Rodrigues Torres à frente, evidenciaria a nova direção política. Completariam o

governo o então deputado e presidente da província do Rio de Janeiro, Paulino Soares de Souza, e Eusébio de Queiroz [2], nomeado chefe de polícia da corte (BASILE, 2011: 90-91).

Durante a regência de Araujo Lima se iniciaram as reformas centralizadoras. A Lei de Interpretação do Ato Adicional, aprovada em 12 de maio de 1840, restringiu o poder provincial e fortaleceu o poder central do Império. Era claro o intuito de reduzir a descentralização, retirando parte significativa da autonomia provincial, havia o clima de desilusão com estas reformas liberais. O Código Processo Criminal, também foi alterado sua reforma estabelecia rígida hierarquia de cargos e funções, centralizando toda a estrutura judiciária e policial do império (BASILE, 2011: 87-89).

O final das Regências foi um período de redefinições políticas, as cisões entre os moderados e os novos agrupamentos e subdivisões políticas geraram dois grupos políticos distintos os regressistas e os progressistas, que no Segundo Reinado dominariam a cena política e sendo conhecidos respectivamente enquanto conservadores e liberais. Os progressistas surgiram em resposta e oposição ao regresso. Ao serem afastados do poder passaram a apoiar a maioridade de Pedro de Alcântara, era o caminho no sentido de conter as reformas centralizadoras e garantir o retorno às decisões do Estado perdido com o regresso.

O plano da maioridade teve como articulador principal o *Clube da Maioridade,* que foi uma sociedade organizada por alguns deputados e senadores, tendo como seu idealizador o senador José Martiniano de Alencar, com o intuito promover a maioridade do futuro imperador. A campanha a favor da maioridade ganhou debates na Câmara e no Senado, alcançando a opinião pública por meio dos jornais, principalmente de *O Despertador* (1838-1841) que apoiou e reforçou o projeto publicando artigos e os debates do senado e da câmara. A maioridade foi conquistada em 23 de julho de 1840, era o início do Segundo Reinado.

As discussões ocorridas no final do Período Regencial foram importantes para entendermos as origens das disputas pelo poder que se desenrolaram posteriormente, com

---

[2] Posteriormente Rodrigues Torres, futuro Visconde de Itaboraí, Paulino Soares de Souza futuro Visconde do Uruguai e Eusébio de Queiroz, representariam os *conservadores* fluminenses que ficariam conhecidos enquanto *saquaremas,* estes por sua vez, teriam a predominância política durante o Segundo Reinado. Os três juntos exerceriam a direção do partido, formando a "*trindade saquarema"* Ver Mattos (2011).

a oposição entre liberais e conservadores. Estas disputas teriam contornos mais nítidos nos primeiros anos do Segundo Reinado, nos conflitos políticos que gerariam as revoltas liberais. O Império só alcançaria certa estabilidade no período da conciliação.

Disputas pelo poder no início do Segundo Reinado, as Revoluções liberais de 1842 e 1848

D. Pedro II assumiu o trono escolhendo para o novo ministério nomes que apoiaram a sua maioridade. O primeiro gabinete escolhido por ele ficou então conhecido como *Gabinete Maiorista*. No entanto, este não durou mais que oito meses e a maior parte de seus aliados voltou, em 1842, a atacar o governo levando às últimas conseqüências. As eleições altamente fraudulentas realizadas para a legislatura que teria início em 1842 enfraqueceu ainda mais o ministério que veio a cair no começo de 1841. (HÖRNER, 2010:107)

Logo após a posse do gabinete de 23 de março de 1841, que era de maioria regressista, os liberais iniciaram a sua oposição. A imprensa teve grande destaque nesse período servindo enquanto porta voz dos debates políticos. Um jornal que se destacou pela oposição que fez a este ministério, divulgando as discussões da época foi o jornal político *O Maiorista,* publicado entre 1841 e 1842. Através dele podemos observar quais foram as principais questões que se desenrolaram no período, estas culminaram no conflito armado, conhecido como Revolução Liberal de 1842, ocorridas nas províncias de São Paulo e Minas Gerais.

O jornal tinha como redator Francisco de Salles Torres Homem, ex-moderado, progressista e liberal. Este também foi redator de *O Despertador*, jornal onde apoiou a maioridade do imperador, incentivando a opinião pública sobre o assunto. Em oposição ao *Despertador*, e posteriormente de oposição também ao *Maiorista*, os regressistas lançaram *O Brasil* tendo como redator principal Justiniano Jose da Rocha, importante jornalista do Império. As acusações eram constantes entre ambos os jornais, que expressavam as concepções político-partidárias de facções distintas.

O primeiro número de *O Maiorista* fez referência às facções políticas, de acordo com ele duas grandes divisões existiriam desde épocas remotas e dois grandes partidos se

reportavam naquele momento a população. Um deles seria o “partido nacional”, que seriam os liberais. O jornal garantiu que faria um discurso imparcial ao tratar dos assuntos, fato que não ocorreu. A imprensa não era forma alguma neutra, as discussões seguiam posicionamentos político-ideológicos. O ministério maiorista foi defendido ao longo do jornal, era evidente a sua adesão ao projeto político dos liberais. De acordo com o jornal, um dos grandes problemas enfrentados por esse ministério teria sido a pacificação do Rio Grande do Sul, fato que agravou a situação dos maioristas sendo substituídos.

Outro tema tratado no primeiro número de *O Maiorista* foi a respeito da demissão do presidente da província de São Paulo, o Sr. Rafael Tobias. Este foi substituído pelo Sr. José da Costa Carvalho, o Barão de Monte Alegre, homem de confiança do gabinete 23 de março. Naquele momento os paulistas eram vistos por alguns enquanto “anarquistas” e “separatistas”, o artigo publicado foi justamente para defendê-los destas acusações.

Para o jornal “desde os tempos da independência os homens mais importantes daquela província, os que sobressaíam por inteligência, moralidade, e riquezas, abraçaram com entusiasmo a opinião da monarquia representativa no Brasil.” Os paulistas não contestaram a sua separação, como insistiam os seus adversários políticos, e como o próprio jornal expõe, eles apenas desejavam garantir a sua participação no governo, perdida após o ministério conservador assumir o poder. Eles não se opunham a monarquia, da qual também aderiram.

A situação ficou cada vez mais acirrada principalmente com a criação do projeto de Conselho de Estado a ser votado no senado. A oposição feita ao projeto pelos liberais, foi publicada em *O Maiorista*, dizia respeito ao discurso do senador Francisco de Paula Sousa e Melo que era responsável pelas discussões contra o projeto no senado.

> *As horas das sessões em que tem sido ventiladas, pertencem incontestavelmente ao Sr. Paula e Souza, cada um dos discursos do sábio senador tem sido um triunfo para as ideias que defende, e alguns de seus oposicionistas, mesmo os mais pessoalmente interessados na organização singular e monstruosa do projeto, como o Sr. Vasconcelos, se acharam mais de uma vez na necessidade de recuar diante da dialética forte e irresistível(...)* (O MAIORISTA, 1841:66).

De acordo com o artigo a criação de um Conselho de Estado no padrão francês não era ruim, o problema residia no fato dos conselheiros serem vitalícios e principalmente por representarem os interesses das facções que representavam.

> *Devem ser vitalícios os conselheiros, e limitado o seu numero?(...)Como pois torná-lo vitalício? De que serviria tal conselho? Não seria o mesmo que sujeitar o tolerado de uma vez para sempre o jugo de conselheiros de uma opinião fixa, forçá-lo a encarar os negócios públicos por uma só face por aquela, que esse conselho representar? Sim, e nesta hipótese longe de ser um beneficio para o país e um auxilio para a coroa, esta instituição assim organizada, seria uma verdadeira calamidade nacional, o interesse e o pensamento da facção feliz, que nomeasse os conselheiros, eternamente preponderariam ou antes dominariam sem contrapeso nos conselhos da coroa(...)* (O MAIORISTA, 1841:66).

Apesar dos debates o projeto de Conselho de Estado foi aprovado em 1841, os conservadores conseguiram concluir as reformas que pretendiam.

Somado a todas as mudanças e reformas que gabinete de 23 de março estava realizando, outra questão acirrou os ânimos dos liberais naquele momento, a dissolução da futura Câmara eleita para as legislaturas de 1842, sob a acusação de fraude nas eleições. Essas eleições ficaram conhecidas como *Eleições do Cacete,* pois o pleito foi marcado por fraudes e uso de violência física, só assim os liberais puderam garantir a sua vitória eleitoral.

Ao dissolver a Câmara, o imperador fez uso do Poder Moderador. Este poder constitucional, baseado nas ideias de Benjamim Constant, em sua versão brasileira, dava ao governante a chefia do Estado e, via ministros, do governo. O imperador escolhia livremente os ministros e, quando solicitado, podia dissolver a Câmara (CARVALHO, 2011:98).

O artigo publicado em *O Maiorista*, sobre o assunto mostrava indignação com o fato, sendo considerado enquanto um "verdadeiro golpe de estado". Apesar disso, reconhecia que o poder moderador possuía a prerrogativa de dissolver a Câmara, mas refutava que tal ato deveria ser bem analisado. "Não é pois a dissolução da Câmara dos Deputados, uma medida ordinária que o poder moderador deva empregar , quando julgue

simplesmente útil, é preciso que assim o exija a salvação do estado" (O MAIORISTA, 1841: 69).

Devido às circunstâncias descritas, deposição do presidente da província de São Paulo, reformas conservadoras, dissolução da futura Câmara de maioria liberal, somado as particularidades das províncias, fez o clima de insatisfação crescer entre os liberais, principalmente aqueles das províncias de São Paulo e Minas Gerais [3], que pegaram em armas, no conflito que ficou conhecido como Revolução Liberal de 1842.

A intenção do redator de *O Maiorista*, Salles Torres Homem, era expor os acontecimentos da época sob a ótica da facção que representava se posicionando conforme os ideais e princípios liberais. Expressou a sua insatisfação com os rumos da política utilizando uma linguagem de protesto. Era um momento em que os ânimos estavam exaltados, um conflito armado poderia acontecer, e não era descartado.

Em quase um ano de publicação seguiu divulgando os principais acontecimentos das províncias, discutindo e criticando as reformas e o Ministério. O jornal acabou em março de 1842, possivelmente devido a prisão do seu redator que foi preso, depois do envolvimento nas revoltas daquele ano.

Os grupos políticos distintos se manifestavam através do jornalismo, visto que muitos jornalistas eram também políticos, o jornalismo era também uma forma de fazer política. Foi assim com Salles Torres Homem, redator e escritor de jornais logo se inseriu na política, sendo eleito para a legislatura de 1842, perdeu o seu mandato pela dissolução da Câmara, fato que deve ter gerado mais descontentamento. Desta forma, participou das revoltas liberais de 1842, como então secretário da *Sociedade dos Patriarcas Invisíveis,* sociedade secreta fundada por José Martiniano de Alencar, o mesmo fundador do *Clube da Maioridade* em 1840. Da associação faziam parte também Limpo de Abreu, Teófilo Ottoni, entre alguns outros liberais. A sociedade secreta possuía sua sede central na cidade do Rio de Janeiro, e outras unidades nas províncias, fornecendo apoio as revoltas liberais, por isso seus membros foram presos e exilados. Por conta de ter participado da *Sociedade dos Patriarcas Invisíveis* Salles Torres Homem, foi um dos presos, sendo deportado em 1842, junto com outros envolvidos, regressando ao Brasil em 1843.

---

[3] Ver: HÖRNER (2010).

As revoltas liberais de São Paulo e Minas Gerais não eram separatistas como a do Rio Grande do Sul, o que estava em jogo era a disputa pelo poder, os lideres das duas queriam garantir a sua participação no governo. Em 1844, os liberais, derrotados no campo de batalha em 1842, foram chamados ao governo e uma anistia lhes foi concedida. (CARVALHO, 2012:97). A partir dessa data até 1848 ocuparam o ministério.

Em 1848, outra revolta realizada pelos liberais atingiu o Império, desta vez na província de Pernambuco. Os liberais praieiros como era conhecido parte do grupo liberal que formava o Partido da Praia ou Partido Praieiro, resistiram em deixar seus cargos públicos e policiais, quando da inversão política determinada em 1848, agindo como estopim para a eclosão da resistência armada e da repressão movida pelas autoridades conservadoras recém empossadas (MARSON, 1980:2). O que estava jogo mais uma vez era a disputa pelo poder, o afastamento dos liberais do controle da província deflagrou o movimento. O embate pernambucano ocorreu entre novembro de 1848 e abril de 1849, terminando com a derrota dos praieiros.

Nesse período o liberal Salles Torres Homem, escreveu o panfleto político *O Libelo do Povo*, sob o pseudônimo de Timandro. Este foi lançado no Rio de Janeiro no mesmo dia em que chegou a notícia da derrota dos revoltosos pernambucanos em seu ataque ao Recife (VIANNA, 1960:261). Enquanto político e jornalista utilizou os jornais e panfletos como canal de discussão, através deles pode manifestar o seu descontentamento a cerca dos acontecimentos. No panfleto serviu-se de textos e fontes literárias, mostrando que conhecia o assunto, reconstituiu em forma de drama, a história da revolução no Brasil desde a independencia até o ano de 1849 (MARSON, 1998:78).

A Praieira foi o motivo pelo qual Salles Torres Homem escreveu o panfleto. Ele não participou ativamente desta revolta, mas guardava a lembrança da derrota dos liberais em 1842. O panfletário distinguiu a revolta liberal de 1842 das revoltas do período regencial, da primeira teriam participado “a flor da sociedade brasileira”, os liberais membros da chamada “boa sociedade” [4]; enquanto a segunda contou com a “a escória da população”, ou seja, a massa ignorante da população.

[4] Expressão utilizada por Ilmar R. Mattos (1991) & (2011). A boa sociedade era composta pelos homens dotados de liberdade, propriedade e educação, eles eram responsáveis pelo controle do Império.

Timandro procurou fundamentar a legitimidade da conduta dos praieiros. Relacionou-a como um partido liberal indistinto no tempo (1822-1849) e a um também genérico povo brasileiro. Identificou suas origens no passado, no confronto que vinha se desenrolando desde a independência entre a "soberania nacional e a prerrogativa real". A rebeldia armada era também uma tentativa de desmascaramento da Monarquia Constitucional praticada no Império. Ela se constituía ora numa "comédia de mais gosto", quando o poder moderador intervinha nos ministérios e no desempenho da Câmara; ora em "drama sanguinolento", quando os cidadãos, reagindo às interferências inconstitucionais dos Príncipes, recorriam às armas e eram violentamente reprimidos (MARSON, 1998:78).

O Libelo do Povo foi escrito em um momento político conturbado, mais uma vez o publicista perdia seu mandato parlamentar e mais uma vez a facção política que representava era afastada do poder. Resolveu escrever o panfleto demonstrando ao longo dos seis capítulos o compromisso político que mantinha com liberais. Com uma linguagem exaltada, refez o percurso dos liberais desde o início do Primeiro Reinado até 1849.

Destacou a participação dos liberais em momentos políticos importantes, dando ênfase ao que seria as fases "revolucionárias" da história do Império do Brasil, como a Independência em 1822, e principalmente Abdicação de D. Pedro I em 1831, a Revolução Liberal de 1842 e a Praieira em 1848. *O Libelo do Povo* passou a viver o mito da Revolução, até mesmo porque esta sempre aparecia traída ou incompleta em suas páginas (MATTOS, 2011:157). Esse processo revolucionário ainda não estaria completo.

> *"Quando raiará o dia da regeneração? Quando estiver completa a revolução, que há muito se opera nas ideias e sentimentos da nação... revolução que trará insensivelmente a renovação social e política sem convulsões e sem combate, da mesma maneira que a natureza prepara, de dia em dia, de hora em hora, a mudança das estações; revolução, finalmente, que será o triunfo definitivo do interesse brasileiro sobre o capricho dinástico, da realidade sobre a ficção, da liberdade sobre a tirania!* (SALLES TORRES HOMEM, 2009:121).

No panfleto percebemos o ressentimento do autor. Ele criticou o afastamento dos liberais do poder após a maioridade. "Oito meses não decorriam ainda depois da ascensão

do monarca e já o governo do partido, que a efetuara, achava-se derribado, proscrito, sem causa honesta e legítima(...)" (SALLES TORRES HOMEM, 2009:92). A liberdade defendida pelos liberais não teria sido bem acolhida pela instituição monárquica de acordo com Timandro. A Coroa preferiu escolher um novo ministério em que retornou ao poder figuras do absolutismo do tempo de D. Pedro I.

As reformas empreendidas durante o Regresso levariam a oposição o "partido da liberdade", causado as revoltas liberais de 1842, e após 1842 "foi restabelecida a confiança e plantada a ordem na totalidade do Império; (...) ordem sólida, que deu ao país cinco anos de repouso e bonança(...)" (SALLES TORRES HOMEM, 2009:97), ordem rompida em 1848, quando os liberais perdem mais uma vez o poder.

Timandro defende o princípio da soberania. O povo[5] escolheria os seus representantes através das eleições, e nas instituições legislativas como a Câmara dos Deputados, que esse princípio de soberania estaria representando garantido. O autor sustentava como premissa da Liberdade a prevalência do Corpo Legislativo ou Representação Nacional, pois somente assim estaria garantida a soberania nacional, permanentemente ameaçada, – quer pela presença ainda avassaladora do elemento português, visto como absolutista e recolonizador, e que emprestava força a restauração dos saquaremas, ao afirmar o "pacto de aliança dos inimigos da liberdade com os inimigos da nacionalidade", na denuncia de Timandro (MATTOS, 2011:153).

Os liberais, de acordo com Timandro, não eram contra o regime monárquico, ele fez críticas a monarquia, porque esta seguia as influências "inconstitucionais dos ministros", já que dissolveu a Câmara dos Deputados símbolo do corpo constitucional, agindo contra a soberania nacional. Desta forma, caminhando em suas contradições, os Liberais não conseguiram evitar que a Liberdade que defendiam fosse atrelada ao princípio da Ordem e à Monarquia, aos quais também aderiram (MATTOS, 2011:99).

Naquele momento o Imperador podia escolher o ministério que desejasse, escolher os presidentes das províncias, dissolver a câmara dos deputados, atos considerados por Timandro como anticonstitucionais. Ele termina o panfleto falando da restauração saquarema ao poder naquele período, da perseguição sofrida pelos liberais, e cita o

[5] Timandro destaca o povo enquanto os aptos a votar, ou seja, os eleitores dotados de liberdade e posse.

conflito em Pernambuco, esta província teria sido escolhida como alvo dos ataques naquele momento e os liberais se rebelavam mais uma vez.

O autor fala que foi necessário não só demitir o presidente da província de Pernambuco, mas perseguir e conquistar pelas armas as províncias uma a uma, e a de Pernambuco teria sido a escolhida para isso, ela possuía tantos títulos para esta preferência. O que houve foi a deposição do presidente da província e perseguições do governo que visava o privilégio de alguns. Timandro dizia que o poder do Imperador,

> *era emprestado, convencional, subordinado ao parecer e à vontade da nação, que é a origem de sua superioridade artificial e na qual exclusivamente reside a força real, a majestade verdadeira e o poder sem condições. Só ela é soberana; só ela é augusta; só ela é perpétua; é perante ela que os reis devem inclinar-se respeitosamente. A supremacia do nascimento e do direito divino é a teoria incompreensível e absurda do cortesão; a soberania do povo é a única confessada pela civilização, pela justiça, pela consciência do gênero humano* (SALLES TORRES HOMEM, 2009:107).

Esta era a afirmação do princípio democrático, em 1849, após o esmagamento da praieira (MATTOS, 2011:153). Tratava-se de garantir a Liberdade pela subordinação da Coroa ao Executivo ao poder que era a Representação Nacional. Dessa forma as liberdades estariam garantidas.

Como vimos Francisco de Salles Torres Homem enquanto jornalista e político participou de maneira distinta dos conflitos empreendido pelos liberais. O que estava em jogo nos dois momentos, era a disputa pelo poder, os liberais de São Paulo e Minas Gerais em 1842 e os de Pernambuco em 1848, pegaram em armas revoltados com o seu afastamento do controle das províncias.

A fim de livrar o Brasil da “oligarquia” que o dominava, o publicista apoiou as duas revoltas. Através da imprensa pode expressar a sua opinião e defender o projeto político dos liberais, que de maneira simplificada era baseado em uma maior autonomia provincial e a descentralização política e administrativa. No trecho abaixo Timandro fala sobre o assunto.

> *O futuro! Sim: ele nos revelará, se nossas províncias separadas por vastos desertos, e mares de longa navegação, podem obedecer à lei dessa centralização forçada, contrária à natureza e que tolhe sua prosperidade, distraindo as condições de seu desenvolvimento; ou se não se preferirá antes o regime federativo, que multiplique os focos de vitalidade e de movimento a esse imenso corpo entorpecido, onde a vida aparece aqui e ali, mas em cujo restante não penetra, nem pode circular a seiva animadora da civilização.* (SALLES TORRES HOMEM, 2009:89).

Tanto no jornal que publicou entre 1841-1842, quanto no panfleto de 1848, ele defendeu uma causa, tentou convencer a opinião pública, escrevendo ao mesmo tempo para os seus correligionários quanto para seus adversários. Além disso, enquanto Timandro tentou demonstrar através do *Libelo* que existia um "partido liberal" forte que lutou em momentos importantes pela liberdade, progresso e o desenvolvimento da nação. Para ele este partido estava ligado a história do império de maneira ativa participando dos marcos revolucionários (1822,1831,1842,1848) tendo a frente "flor da sociedade".

Desta forma, o panfleto estabeleceu uma identidade política liberal contínua no tempo, que perpassava diferentes fases do Império. Salles Torres Homem, versado nas letras e na política, fez críticas ao governo, e ao mesmo tempo, procurou fortalecer a imagem dos liberais abaladas com os conflitos.

Referências bibliográficas

Periódicos:
O MAIORISTA. Rio de Janeiro, 1841-1842.

Livros:
BASILE, Marcello Otávio Néri de Campos. *Laboratório da nação: a era regencial (1831-1840).* In Ricardo Salles & Keila Grinberg (orgs.). *O Brasil Imperial, volume II: 1831-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das sombras: a política imperial*. 6º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

________________________. (org.). A construção nacional: 1830-1889. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012.

HÖRNER, Erik. . *Em defesa da Constituição. A guerra entre rebeldes e governistas (1838-1844).* Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

MARSON, Izabel Andrade. Movimento praieiro: imprensa, ideologia e poder político. São Paulo: Ed. Moderna, 1980.

______________________. O Império da Revolução: Matrizes interpretativas dos conflitos da Sociedade Monárquica. In. FREITAS, Marcos Cezar (org). Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo, USF/Contexto, 1998, p.73-102.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2011.

_______________________. & GONÇALVES, Marcia de Almeida. *O Império da Boa Sociedade, a consolidação do Estado Imperial Brasileiro*. 10ª ed, São Paulo: Atual, 1991.

MOREL, Marco, *As transformações nos espaços públicos: Imprensa, Atores e Sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840).* São Paulo: ed. HUCITEC, 2005.

NEVES, Lúcia Maria Bastos das. *Corcundas, Constitucionais e pés-de-chumbo: a cultura política da Independência, 1820-1822*. Rio de Janeiro: Editora Revan/FAPERJ, 2003.

___________________________. MOREL, Marco & FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C. (orgs.), *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: ed. DP&A/FAPERJ, 2006.

POCOCK , J.G. A., *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: EDUSP, 2003.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1996.

SALLES TORRES HOMEM, Francisco de. *O Libelo do Povo*. In. Raimundo Magalhães Junior. *Três panfletários do segundo reinado: Francisco de Sales Torres Homem e o "Libelo do povo", Justiniano José da Rocha e "Ação; reação; transação", Antonio Ferreira Viana e "A conferência dos divinos"*. Academia Brasileira de Letras, 2009 (Coleção Afrânio Peixoto, 86)

SKINNER, Quentin. Visões da Política questões metodológicas. Portugal: Difel, 2002.

VIANNA, Hélio. *Francisco Sales de Torres Homem*. Revista Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, nº 246, 1960.

“E um eco de dor para o futuro”: a construção de uma Memória sobre a Balaiada

LILLIAN MICHELI SILVA[1]

Resumo: A relação entre a política e a escrita da História pode ocorrer de diferentes formas tendo como eixo de discussão e reflexão acontecimentos de diversas naturezas. Mas, sem dúvida, os momentos marcados por intensa conturbação social, como revoltas populares, produzem múltiplas interpretações por parte dos atores históricos envolvidos no conflito, que elaboram discursos e narrativas sobre o acontecimento que presenciaram e procuram legitimá-lo, analisá-lo ou criticá-lo. Pode-se considerar que um período fértil para a pesquisa destas questões é o período regencial e início do Segundo Reinado no Brasil Império, marcado pela efervescência de debates políticos, projetos nacionais e mobilizações sociais que perpassaram pelas disputas no processo de construção do Estado Nacional e desencadearam, em algumas províncias do Império, os conflitos armados. Este foi o caso da revolta da Balaiada, ocorrida principalmente na província do Maranhão, que se expandiu para as províncias vizinhas do Piauí e Ceará, entre os anos de 1838-1841, e contou com participação expressiva de homens livres e escravos. Considerando este contexto, a proposta do artigo é identificar aspectos que auxiliam na compreensão das disputas sobre o passado e sobre a construção da memória social da Balaiada tendo como ponto central de reflexão a produção e publicação de uma obra escrita durante o desenrolar dos acontecimentos da revolta. Trata-se da "Memória histórica e documentada da revolução da província do Maranhão desde 1839 até 1840", escrita por Domingos José Gonçalves de Magalhães, famoso literato fluminense, que na ocasião da revolta era secretário do governo da província, e teve acesso aos documentos oficiais produzidos durante a revolta. Pontua-se que para a análise da construção desta narrativa, é essencial considerar a formação e atuação de Gonçalves de Magalhães, identificando o lugar social/político ocupado por ele no cenário do Império brasileiro e as suas relações estabelecidas com diferentes agentes em espaços distintos.
Palavras-chaves: Balaiada; História; Política; Memória

Durante o período do início do Segundo Reinado chegaria ao fim uma das mais importantes revoltas populares do Brasil que contou com a expressiva participação de homens livres pobres e escravos. Essa revolta ocorreu entre os anos de 1838 - 1841 na província do Maranhão, e passou a ser conhecida por Balaiada, assim denominada por fazer referência ao ofício de um de seus principais líderes, Francisco Ferreira, que sobrevivia nas proximidades da comarca do Brejo com a produção e venda de balaios. Além desse conhecido líder, outros chefes da revolta eram provenientes das camadas populares da sociedade maranhense, como era o caso do vaqueiro Raymundo Gomes, Lívio, Ruivo e do negro Cosme. O último, inclusive, estava principalmente à frente dos escravos e colocava como um dos objetivos da revolta o fim da escravidão.

---

[1] Mestranda em História pela Universidade Federal de São Paulo – Campus Guarulhos. A pesquisa conta com o financiamento da CAPES.

A identificação da origem, dos principais atores sociais envolvidos no conflito, os acontecimentos ocorridos durante a revolta e o seu desfecho foram aspectos narrados detalhadamente por Domingos José Gonçalves de Magalhães, um jovem literato brasileiro, que na ocasião da escrita da *Memória* ocupava o cargo de secretário de governo do Maranhão, província esta governada política e militarmente por Luís Alves de Lima, o futuro Duque de Caxias.

Acreditamos que o texto escrito por Magalhães constituiu um elemento basilar para a interpretação elaborada nas primeiras décadas após a revolta, utilizada principalmente pelo grupo dos conservadores, para a identificação da Balaiada como uma revolta de sanguinários, bárbaros, e sem nenhuma legitimidade política. Portanto, propomos neste artigo, apresentar os principais aspectos desse processo de construção, buscando relacionar a temporalidade da escrita do texto logo após a revolta e o momento de sua publicação alguns anos mais tarde.

No entanto, antes de nos atermos às questões relacionadas à escrita, divulgação e circulação dessa narrativa, cabe nos apresentar os principais aspectos da trajetória de Magalhães que são anteriores a sua viagem para o Maranhão, pois este constituiu um período interessante para pensarmos sobre as preocupações apresentadas pelo jovem poeta diante da efervescência de projetos para o desenvolvimento nacional.

Assim, antes de ser nomeado secretário do governo para uma província do norte, Magalhães já era conhecido na corte do Império por suas produções literárias – em especial a obra *Suspiros Poéticos e Saudades*, a *Revista Nytheroi* e a peça teatral *Antonio José ou o Poeta e a Inquisição* - e também por participar dos debates políticos durante a década de 1830, envolvendo-se na elaboração de concepções sobre a abdicação de D. Pedro I em 1831 e realizando avaliações a respeito dos debates políticos no regresso conservador.

Com relação aos anos iniciais da década de 1830, Magalhães, um estudante de medicina e frequentador das aulas de filosofia do colégio São José, vivenciou a intensa movimentação política e social que ocorreu no contexto da abdicação de D. Pedro I e sem dúvida esses primeiros anos do período regencial marcaram fortemente a sua produção literária que se iniciaria com a publicação do livro *Poesias* em 1832.

Assim, após a abdicação, os contemporâneos ao acontecimento, acreditavam que novos caminhos deveriam ser trilhados pela jovem nação e a efervescência do debate político caracterizaram o “laboratório da nação” - expressão utilizada pelo historiador Marco Morel

para indicar a existência das disputas de diversos projetos nacionais e pelo aparecimento de novos atores políticos nesse momento (MOREL, 2003, p. 9). Além disso, as discussões políticas encontravam novos espaços e não ficariam restritas aos ambientes palacianos e institucionais, contando inclusive com ampla participação popular. Assim, de acordo com o historiador Marcello Basile, ocorreu neste momento uma "rápida politização das ruas", e a constituição de novas arenas "de lutas dos mais diversos grupos políticos e camadas sociais, marca[ram] a emergência de novas formas de ação política" (BASILE, 2009, p. 59).

Com a intensificação dos debates, Magalhães projetava na produção poética as expectativas do início do desenvolvimento nacional. A poesia exerceria, na visão de Magalhães, a função de direcionamento político, pois auxiliava na compreensão do passado nacional e, consequentemente, contribuiria na construção de novas perspectivas para o futuro. No Brasil, a falta de incentivo para a produção literária dificultava o conhecimento das glórias do passado, pois Magalhães acredita que a função da poesia era lembrar os "heróis famosos, que pela pátria afrontaram os perigos e a morte", transformando-os em exemplos pedagógicos para o povo (MAGALHÃES, 1832, p. I).

Depois dessa experiência e das discussões geradas no contexto da abdicação, esperançoso e animado com as possibilidades do novo momento, Magalhães seguiu para a Europa, entre os anos de 1833-1837, e na companhia de outros brasileiros, como Araújo Porto Alegre e Francisco Sales Torres Homem encontrou outros espaços para as discussões sobre o caráter nacional do Império Brasileiro que já haviam sido intensificadas com o 7 de abril. Conforme o estudo realizado por Antonio Candido, este grupo, que contava ainda com João Manuel Pereira da Silva e Cândido de Azevedo Coutinho, constituiu o primeiro esforço definido de busca por uma literatura própria e específica do Brasil, processo que passou a ser identificado como o início do Romantismo brasileiro. Foi após o encontro destes homens e das discussões de novas concepções que se formou o grupo da Niterói, em alusão ao nome da Revista elaborada por eles no ano de 1836, e se iniciou o "grande processo de tomada de consciência nacional" (CANDIDO, 2009, p. 329).

Ao retornar para o Brasil em 1837, o poeta ganharia maior destaque na corte do Império ao manter-se ativo nas discussões políticas através da escrita de artigos para um periódico da corte, chamado *Jornal dos Debates políticos e literários* e participar do intenso debate sobre a organização dos poderes. Através desses artigos, Magalhães constantemente

opinava sobre a política e sobre a cultura brasileira recorrendo-se às análises de processos históricos de outros países.

Assim, Magalhães ressaltava a importância do conhecimento histórico de qualquer nação para que fosse possível a compreensão da “marcha” do progresso que deveria ser seguida. A História, em sua concepção, constituía uma base fundamental para a construção das referências e modelos que auxiliariam na conformação do ideário nacional, especialmente para o Brasil, uma jovem nação, que vivenciava o contexto considerado de “crise” diante das revoltas provinciais e das disputas políticas do final do período regencial. Assim, a lição máxima do passado, segundo Magalhães, indicava que História sempre apresentava ensinamentos que auxiliavam na conformação do presente e direcionamento do futuro.

Assim, o literato era o que os contemporâneos denominavam de um “homem das letras”, e registrava, tanto em seus escritos poéticos quanto em seus artigos de jornal, a necessidade da compreensão do passado nacional e essa reflexão seria, segundo o próprio Magalhães, uma tarefa desempenhada pelos filósofos, responsáveis por transmitir a compreensão do processo histórico para o povo.

A *Memória da Balaiada*: processo de escrita e publicação

No final do ano de 1839, ao ser nomeado secretário do governo para o Maranhão, Magalhães teve a experiência de vivenciar mais de perto as fissuras e tensões do Império Brasileiro, e esse momento seria uma oportunidade para a realização na prática da missão dos “filósofos”, que possibilitaria a compreensão da marcha da História do Império brasileiro, e a partir disso, fosse possível extrair os principais ensinamentos da História que pudesse servir de lição para a posteridade, mas que também possibilitasse uma ação imediata no presente para a conformação do Estado e da nação brasileira.

O cargo de secretário do governo, com funções administrativas importantes, facilitou o acesso direto aos documentos e ofícios produzidos no Maranhão durante a revolta e foi principalmente a partir desse material que Magalhães organizou o que era necessário para escrever a narrativa dos acontecimentos da revolta, realizando esse trabalho nos meses finais da Balaiada, no ano de 1841.

No entanto, após o término da revolta, Magalhães voltaria para o Rio de Janeiro, ocupando-se de atividades literárias e das funções de professor do colégio Pedro II, e não

publicaria de imediato a sua narrativa da Balaiada. Em 1843, o poeta seria mais uma vez encarregado dos serviços de secretário de província acompanhando o governo do Barão de Caxias em outro ponto conflitoso do Império, a província do Rio Grande do Sul. Entretanto, apesar da campanha positiva para o governo central, a Farroupilha, diferentemente da Balaiada não foi historiada por Magalhães.

O público leitor só conheceria a História sobre a revolta dos balaios produzida por Magalhães depois de cessada a Revolta dos Farrapos, com a publicação do texto no segundo semestre de 1848, quando a *Revista do IHGB* imprimiu com destaque em suas páginas a *Memória da Balaiada*. A publicação ocorreu logo após o Instituto destacar a importância desse texto, indicando o sucesso de Magalhães de narrar os acontecimentos de forma imparcial e premiando o texto como uma obra exemplar de História. O parecer do IHGB em 1847 destacava que

> *"Raros são os trabalhos feitos sobre acontecimentos políticos por autores contemporâneos, que reúnam tantos requisitos de perfeita exatidão e imparcialidade como esse que ora nos ocupamos. O seu autor achou-se colocado na mais feliz condição para bem observar os sucessos que narra... Estranho aos partidos, que lutavam entre si nesse período calamitoso da História da província do Maranhão, ele pode apreciar o encadeamento de causas diversas, que trouxeram consigo aquela medonha explosão de guerra civil e de anarquia, e distinguir a natureza e diversidade dos elementos que o formavam" (Revista do IHGB*, v. 7, 1847).

Assim, com esse parecer o IHGB, dava o aval, exaltava a Memória, e publicava em sua revista um trabalho que tomava como objeto de análise um fato da história recente brasileira o que não era nada comum em suas publicações desse período. A historiadora Lucia Maria Paschoal Guimarães, por exemplo, ao analisar as publicações da *Revista do IHGB*, observa que os temas da história recente poderiam "trazer à tona uma série de contradições, dúvidas e até mesmo rivalidades pessoais, que em nada poderiam contribuir para o fortalecimento das debilitadas instituições monárquicas". (GUIMARÃES, 1994, p. 125-126).

Assim, é importante destacar também que a prática de produzir uma narrativa que tinha como finalidade a escrita histórica de um conflito recente não ocorria com frequência na primeira metade do século XIX, mesmo com o grande número de revoltas e tensões vivenciadas no Império. A Cabanagem, a Sabinada, a Revolução Farroupilha e as revoltas liberais de 1842 em São Paulo e em Minas Gerais não tiveram seus acontecimentos narrados e publicados imediatamente após o fim dos conflitos.

Além da *Memória* escrita por Magalhães teremos apenas outras duas narrativas sobre revoltas produzidas na década de 1840 por homens que estiveram presentes na Revolução Praieira, em Pernambuco: a primeira publicação seria da narrativa escrita por Urbano Sabino em 1849 que figurava ao lado dos liberais na revolta, e a segunda publicação foi escrita como resposta àquela pelo conservador Jerônimo Martiniano publicada logo em seguida, em 1850.

Podemos considerar que a *Memória da Balaiada* inaugurou o registro histórico das revoltas no cenário de publicações, e seria seguida pelas narrativas de Urbano Sabino e Jerônimo Martiniano. As três narrativas, publicadas em um intervalo de dois anos, têm em comum a característica de terem sido produzidas por homens que estiveram envolvidos nas revoltas, mas que apresentam motivações específicas para historiá-las. Apesar da bandeira da imparcialidade estar presente em todas as obras, apoiada principalmente na justificativa da exposição dos acontecimentos a partir dos documentos produzidos durante a revolta, é importante observar como as disputas políticas e os respectivos posicionamentos dos autores são essenciais para a compreensão do contexto de produção destas obras.

O ano de publicação da *Memória de Balaiada*, 1848, também é bastante significativo. O final da década de 1840 foi um período marcado pelas tensões políticas e sociais, quando os debates entre os conservadores e os liberais eram intensos. Foi também o ano da Praieira, momento em que os conservadores tentavam um redirecionamento desse apaixonado debate e a publicação da *Memória da Balaiada*, especialmente a caracterização da revolta produzida por Magalhães, constituiria mais um elemento para este debate.

Apesar do parecer da *Revista do IHGB* indicar que Magalhães esteve alheio às disputas entre os dois partidos existentes no Maranhão – os Cabanos e os Bem ti vis -, a apreciação que o poeta realiza sobre as motivações iniciais da revolta indica a ação desastrosa do último grupo para conseguir o poder, pois estes, segundo o autor buscaram influenciar a população a se rebelar contra o governo provincial. Na construção da narrativa, Magalhães destacou que a principal consequência das disputas partidárias entre a elite maranhense foi a eclosão da revolta, e nesse processo os liberais foram responsabilizados pela incitação perigosa do povo no envolvimento da luta política.

Conforme a historiografia sobre a Balaiada já destacou, a partir desta ótica, os rebeldes populares foram caracterizados durante muito tempo como homens sem nenhuma civilização, que viviam de rapina, matavam com naturalidade, e principalmente não teriam nenhuma

motivação política para se rebelar contra o governo. Na *Memória* registrada por Magalhães, os rebeldes obedeceram uma "mão oculta" para realizar de suas ações e aproveitaram essa situação para praticar maldades, exercendo os seus instintos primitivos.

Para justificar esta concepção, na exposição apresentada pelo autor sobre o início da revolta e sobre a motivação inicial dos principais líderes populares, percebemos que aspectos desses acontecimentos foram ignorados pelo autor.

Podemos citar como exemplo, a narrativa do acontecimento do assalto da cadeia da Vila de Manga pelo vaqueiro Raymundo Gomes, que invadiu a cadeia com o objetivo de libertar seu irmão, que havia sido recrutado, e também acabou por libertar os outros presos. A partir de então, iniciaram-se as reivindicações e pressões sob as autoridades locais da Comarca de Itapecuru-Mirim e esse fato é comumente associado como o início da revolta.

A questão familiar que compõe o cenário dessa ação de Raymundo Gomes não foi posta na narrativa escrita por Magalhães o que evidencia um aspecto que o autor não gostaria de apresentar sobre os rebeldes. Magalhães chega a acrescentar no manuscrito, que encontra-se disponibilizado no arquivo nacional, a informação de que o irmão de Raymundo Gomes estava preso, na ocasião do assalto.

Entretanto, para a publicação da *Memória*, esta informação foi extraída, o que nos indica que Magalhães preferiu não apresentar a problemática do recrutamento forçado, negligenciando esse elemento importante que motivou o assalto à cadeia, e também evidencia o cuidado do autor em não expor questões que pudessem causar empatia dos leitores para com os rebeldes, pois a compreensão de questões familiares poderia de certa forma legitimar o início da revolta e também "humanizar" os rebeldes, que são retratados como bárbaros irracionais.

Portanto, podemos destacar que o objetivo principal da obra era transmitir uma "lição histórica", pois ao narrar os acontecimentos da Balaiada, Magalhães destacava que o fim da revolta era o momento de nascimento do *espírito da ordem* que deveria prevalecer no futuro, e, que essa ordem estava associada à ação triunfante dos conservadores, marcada especialmente através da figura de Luís Alves de Lima para o cargo de presidente da província como um momento de ruptura na revolta da Balaiada.

Assim, ao publicar o texto na *Revista do IHGB*, percebemos que existe a tentativa de construir uma memória sobre o passado recente que serviria de base para as reflexões do presente, e influiria nas disputas políticas que ocorriam nos anos finais da década de 1840.

É importante destacar também que a interpretação contida na *Memória* escrita por Magalhães não seria aceita unanimemente pelos leitores assim que foi publicada, especialmente entre os leitores do Maranhão. Devido às críticas sobre os contemporâneos, a publicação da obra seria recebida na província do Maranhão com ressalvas, principalmente com relação à caracterização que Magalhães apresenta da relação entre o partido Bem ti vi (liberal) e os líderes populares.

A *Revista Universal Maranhense*, publicada do ano de 1850, expõe uma crítica à *Memória*. Apesar de ressaltar o esforço do poeta em narrar os acontecimentos baseando em um número considerável de fontes, a crítica indica que o autor equivocou-se na associação entre liberais e os líderes rebeldes, e alerta que o uso das fontes induz os leitores a apreciar como verdadeira essa associação, destacando que um partido tão grande e forte da capital, como era o dos liberais, não colocaria à sua frente um "miserável" como Raymundo Gomes.

Portanto, a disputa pela narrativa não seria encerrada com a publicação da *Memór*ia. O local de sua publicação era uma importante referência no campo cultural e político brasileiro, mas a construção da narrativa encontraria vozes opositoras. Entretanto, para a perspectiva dos rebeldes dos balaios não encontraremos muitas observações de suas particularidades. Isso aconteceria apenas com a renovação da Historiografia muitos anos mais tarde.

BIBLIOGRAFIA

BASILE, Marcello. "O laboratório da nação: a era regencial". In. GRINBERG. Keila e SALLES Ricardo (orgs.) *O Brasil Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2009. 12ª. edição.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. *"Debaixo da imediata proteção de sua majestade imperial": O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)*. Tese de doutorado, USP: 1994.

MAGALHÃES, D. J. G. *Poesias*. Rio de Janeiro: Tipografia Ogier. 1832.

_______ "Memória histórica e Documentada da Revolução da Província do Maranhão desde 1839 até 1840". In: ALENCASTRO, Luiz Felipe. "Memórias da Balaiada". *Novos Estudos do CEBRAP*, n.23, março, 1989.

MOREL, Marco. *O período das regências (1831-18340).* Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Revista do IHGB, v. 7, 1847.

Revista Universal Maranhense. In: Magalhães, Domingos José Gonçalves de. *A Revolução da Província do Maranhão. Desde 1839 até 1840: Memória Histórica e Documentada.* São Luís: Tip. do progresso, impresso por B. de Mattos, 1858.

A historiografia das rebeliões regenciais e as representações políticas rebeldes

Léa Maria Carrer Iamashita[1]

Resumo: O artigo propõe refletir sobre as representações políticas de grupos rebeldes populares, discutindo a tendência historiográfica de articular as rebeliões regenciais ao processo de independência do Brasil, atribuindo às rebeliões populares o significado político de frustração pela não obtenção das promessas e expectativas geradas nas lutas da independência.
Palavras-chaves: independência, rebeliões regenciais, historiografia.

Abstract: The article analyses the political representations of popular rebel groups, discussing the historiographic tendency to link the rebellions of Regency Period with Independence of Brazil, giving the popular rebellions the political significance of disappointments for not obtaining the promises and expectations generated in the struggles of Independence
Key words: Independence of Brazil, Rebellions of Regency Period, historiography

Isabel Marson afirma que "a Independência desencadeou a era dos tumultos" (MARSON: 1998:73) e Andréa Slemian e João Paulo Pimenta atribuem a este período o "nascimento político do Brasil". (SLEMIAN & PIMENTA: 2003:10-13)

As idéias contidas nas expressões utilizadas por esses autores são recorrentes na historiografia brasileira. Referem-se ao momento correspondente à complexa reconfiguração das redes de significados políticos e mentais que se desenvolveram na primeira metade do século XIX, em meio à crise do Antigo Regime e ao "turbilhão político" correspondente à expansão do movimento revolucionário iniciado em 1789.

A esse "turbilhão", ao qual também se articula o processo de construção da nação brasileira, nossa historiografia insere a Independência do Brasil, e, de formas díspares, as rebeliões regenciais. Ou seja, no estudo da construção da nação, evidencia-se a tendência historiográfica de articular as rebeliões regenciais ao complexo processo de Independência, atribuindo às rebeliões populares, o sentido de frustração com o processo de Independência.

Para Wilma Costa, o entendimento das rebeliões regenciais, inseridas ao longo processo de Independência revela-se ainda mais quando se analisa as distintas esferas de organização do poder, dos modos de ação política e das transformações das formas de sociabilidade nos planos local, provincial e geral, como também na identificação de distintas

[1] Doutoranda em História Social, bolsista CNPQ, Universidade de Brasília.

temporalidades da manifestação da “crise”, no plano das partes do Império. (COSTA: 2003: 114)

Pode-se argumentar que se trata apenas de uma questão de perspectiva, pois se entendermos a Independência apenas como “desligamento de Portugal” poder-se-ia situá-la de 1808, ao final das guerras da Independência; se articularmos o evento ao processo de construção da nação, posto que no Brasil os dois processos se deram juntos, poderíamos estendê-lo até o final da Revolução Praieira, em 1848. Claro que não são os marcos cronológicos pontos importantes, mas os entendimentos de rebelião e de Independência por trás desses posicionamentos.

A articulação entre rebeliões regenciais e a Independência já era feita pela historiografia do século XIX, de tal forma que as rebeliões eram tidas como decorrência das injustiças daquela. Portanto, a historiografia oitocentista já atribuía às rebeliões regenciais, inclusive aquelas que podemos denominar de “populares”, o significado de frustração pela não obtenção das promessas ou das expectativas geradas durante o processo de Independência.

Ocorre que, quando essa percepção de injustiça era defendida por grupos da elite rebelde, os autores oitocentistas atribuíam-lhes a postura heróica de luta pelos ideais, e quando era defendida pelos grupos populares, homens livres pobres e escravos, atribuíam-lhes uma postura própria de selvagens rebeldes e irracionais.

Vejamos, por exemplo, essa idéia de explosão das rebeliões regenciais decorrentes das frustrações pela Independência em Gonçalves de Magalhães, ao iniciar sua “Memória histórica da Balaiada”, no século XIX:

> *(...) Nada há que espantar nos deva nesta série de rebeliões que desde a época de nossa Independência até hoje têm arrebentado nas províncias do Império. Os povos livres, e os que procuram ser, se removem continuamente, ambiciosos do bem sonhado, e impacientes do que lhes escapa; mas ativa e vertiginosa é sua vida, e sujeita às alterações provenientes do exaltamento das idéias; além de que vivemos em época de transição.*(...) (MAGALHÃES: 1848: 14)

Francisco Sales Torres Homem, ao escrever, em 1849, sobre a história da “Revolução da Independência” e seus efeitos, refere-se aos movimentos de desordem do período regencial como “*desencadeamento das paixões e instintos grosseiros das escórias da população*”. Porém, divide esses movimentos de outros, por ele denominados de liberais, como a Confederação do Equador, a Revolta Liberal de 1842, e a Praieira. Compara estas às revoltas

européias que significaram a luta da liberdade contra a tirania, característica essencial do século XIX. (HOMEM: 1849: 164)

No século XX, ao referir-se ao período pós-Independência, Sérgio Buarque sugere que as revoltas populares no Pará foram decorrentes das insatisfações entre os populares com o processo de Independência:

> *(...) As populações nativas esperavam, com a Independência, "uma liberdade completa, liberdade constitucional mal entendida", dir-se-ia mais tarde. No entanto continuava o regime da escravidão, das violências..... os nativos já se viravam contra os brancos que pela cor da pele já lhe pareciam reinóis ou seus adeptos.*(...) (HOLANDA: 1967: 86)

A respeito da rebelião regencial da Cabanagem (Pa, 1835-40), Sérgio Buarque afirma:

> *(...) Mestiços ou índios trazidos ao convívio do mundo que se politizava, esses contingentes humanos tinham, como é muito natural, uma consciência primária das coisas, em particular daquelas que significavam poder político. Para eles a Independência deveria ter-lhes trazido a posse imediata e total do governo, o que não ocorrera.(...)* (HOLANDA: 1967: 115)

A respeito da Balaiada (Ma e Pi, 1838-41), destaca:

> *(...)Eram os trabalhadores humildes, boiadeiros, trabalhadores domésticos e de sítios, barqueiros dos rios da província: o Itapicuru, o Mearim, o Pindaré, o Parnaíba. Essa camada social, nos conflitos da Independência e nos episódios posteriores, compusera o quantitativo ponderável dos grupos em armas. E sem o brecar de um exemplo que lhe viesse da parte dos que governavam, não podiam deixar de expressar o seu descontentamento, a sua revolta, senão no primarismo de atos vandálicos. As guerras e as guerrilhas de que haviam participado serviram-lhes de grande escola para um ato de desespero ou para um ajuste de contas, "dos que não tinham contra os que tinham"(...)* (HOLANDA: 1967: 159)

Também Emília Viotti articula o processo de Independência às revoltas do período regencial:

> *(...) Aos olhos da população mestiça, a Independência significava sobretudo a possibilidade de eliminar as restrições que afastavam as pessoas de cor das posições superiores, dos cargos administrativos, do acesso à universidade de Coimbra e ao clero superior.As populações mestiças buscavam a igualdade e abundância Para estas, a Independência configurava-se como uma luta contra os brancos e seus privilégios.(...)* (COSTA 1977: 34)

Ainda José Honório Rodrigues vê continuidade entre as revoltas da Regência e emancipação política, pois esta, tendo sido frustrada, desencadeara as lutas contra as injustiças do colonialismo. Quando José Honório chama a Independência de "revolução inacabada",

esclarece que o faz porque ela foi "mal-acabada" ou, mal conduzida nos seus termos finais, na incapacidade de reformar o país, de libertá-lo totalmente dos entraves coloniais. Segundo o autor, reagindo à contra-revolução, dirigida por d. Pedro,[2] a guerra da Independência teve o poder de manter o espírito revolucionário e de afirmar o compromisso de enfrentar o *status quo*, declarando hostilidades às injustiças do colonialismo. (RODRIGUES: 1975: 321)

Historiadora da Balaiada no Piauí, Claudete Miranda Dias também articula a rebelião ao desenrolar do processo de Independência. Para a autora, "*a Balaiada está intimamente ligada ao processo de emancipação política e da formação do Estado brasileiro no século XIX*". E ainda: "a Independência política não se resume à proclamação, mas a um processo longo e violento com inúmeras manifestações políticas em vários pontos do país, iniciando-se em fins do século XVIII, indo até 1850, quando se consolida a Monarquia Constitucional". (DIAS: 2002:87)

Uma vez colocada essa tendência historiográfica, desejemos convidar à reflexão sobre esses significados políticos atribuídos às motivações das lutas regenciais, principalmente no que se refere ao envolvimento dos populares nas "nossas revoluções", termo utilizado no século XIX para designar as lutas do período.

Em relação à historiografia da Revolução Francesa, Pierre Rosanvallon destaca a prevalência da tradição jacobina e a reiterada tentativa de absolutização da soberania do povo. Ao privilegiar a tradição jacobina, a historiografia francesa promoveu uma separação entre uma história das representações e das lutas políticas e uma história das instituições. (ROSANVALLON:1994)

O autor propõe conhecer melhor a segunda, justamente o contrário do que ocorreu na historiografia brasileira da Regência e das rebeliões regenciais, que privilegiaram o estudo do Estado, das instituições. É de grande importância a pesquisa sobre essas representações políticas dos diferentes grupos sociais. Só recentemente despontam trabalhos preocupados com a participação popular na Independência ou nas lutas da Regência.

Em se tratando do estudo das representações políticas observamos que, ainda quando o objetivo é analisar a cultura política que "ganhava a praça pública", o enfoque é dado à atuação das elites. Tal como fizeram Lúcia Neves e Isabel Lustosa em seus estudos sobre o processo de Independência, as abordagens utilizadas revelam a cultura política que girava em torno das idéias e atitudes das elites: elite política, elite intelectual, elite coimbrã, elite

[2] O autor se refere às atitudes de retorno ao "absolutismo" por d. Pedro, tal como a dissolução da Constituinte.

brasiliense, como se apenas elas dessem o tom da cultura política brasileira. (NEVES: 2003, LUSTOSA: 2000)

Acreditamos que todos os segmentos sociais, inclusive os populares, partilharam e construíram a cultura política do Brasil em qualquer momento histórico; e que seus pensamentos e suas ações políticas, inclusive aquelas interpretadas como rebeldes, contribuíram para direcionar os rumos políticos do país e os projetos de construção do Estado. Achamos ainda que, pesquisar as experiências que construíram a instância da política na vivência coletiva dos homens seja um caminho para compreender melhor a formação de nossa sociedade.

Nas pesquisas empreendidas atualmente na elaboração da tese de doutoramento, portanto ainda inconclusas, temos encontrado fontes riquíssimas, expressões de ação política consciente, que mesmo sendo "tratados de gramática bizarra", na expressão crítica de um letrado oitocentista, não é menos rica em revelar a complexidade daquele mundo que se politizava, imerso nas representações de desigualdades, hierarquias, preconceitos de raça e de cor, de mestiçagem e, ao mesmo tempo, as recentes representações de liberdade, igualdade, cidadania e representação popular.

Como afirmamos anteriormente, o mais importante são os significados das representações e das ações políticas por trás das rebeliões regenciais. Analisando os significados dos próprios agentes das rebeliões, poderemos compreender se suas ações realmente representavam uma politização referente às questões articuladas ao movimento da Independência, ou às questões políticas da Regência, ou, mais importante que isto, entender a cultura política expressa no movimento rebelde.

Na análise das fontes historiográficas citadas no texto, observamos que, associadas ou não à frustração pelo não cumprimento das promessas da Independência, a ação rebelde das massas é atribuída ao seu despreparo, a simples saques e depredações, a *"primarismos de atos vandálicos"*, ou aos *"instintos grosseiros das escórias da população.*

Comparemos, por exemplo, os sentidos conferidos à ação política dos rebeldes balaios, por Gonçalves de Magalhães, integrante da elite letrada e primeiro historiador da Balaiada:

> *(...) os rebeldes não aspiravam à glória dos combates, e sim à vantagem na rapina, prontos se deslocavam em face de arriscadas empresas; e como nenhuma inteligência entre eles se movesse, nem plano político bem concebido tivessem, andavam devastando tudo como quadrilhas de bárbaros salteadores(...)* (MAGALHÃES:1848:29)

Percebemos que, para Gonçalves Magalhães, **ação política** é uma atitude planejada, consciente, fruto de mentes bem formadas, letradas, capazes de estratégias brilhantes. Estes homens compreenderiam uma elite pensante, capaz de ponderar sobre situações de justiça ou injustiça, de desequilíbrios, e, sobretudo de definir um caminho político e, assim, "dignamente" lutar por um ideal. Tal capacidade, na visão do autor, os sertanejos não possuíam. A política seria então uma ciência cujo domínio estaria restrito a poucos.

Entretanto, no ofício que o principal líder da Balaiada, Raimundo Gomes, envia ao líder Valério Braúna, chefe de outro batalhão rebelde, traça estratégias para vencer o partido legalista, aqui designado como "cabanos", e tenta reacender no companheiro os ideais de luta:

> *(...)Ilmo Senhor= Logo que este receber quera ter toda cautella no ponto do Olho d'Ágoa não deixe os Cabanos beber mas agoa de forma nenhuma não deixe os officiais nenhum sahir dos seos pontos em que estão.... Deve V Sª mandar hum espia a cavallo em the o buretizinho do Machado que não venha alguma força nos dar por a retaguarda e devemos apertar o inimigo com toda a violência para que não demos mais fuga a elles... E asem meo amigo devemos segurar o nosso carate e dezempenharmos e segurarmo o nosso Brazil e pormo o nosso imperador no tronno e segurarmo a Comtutuição e a religião Catholica. Devemos os atacar para contarmo logo vitória com estes malvados.(...)*[3]

Indicando, portanto, que essa "ciência política" não é privilégio das elites brancas, proprietárias ou intelectuais, que se organizavam sim tecendo suas estratégias, e que sua luta fundamentava-se numa causa.

Nossa pesquisa busca esclarecer e discutir valores e significados políticos, a partilha de símbolos e trocas de experiências entre grupos sociais, desnaturalizando construções estabelecidas pela historiografia de que as ações populares rebeldes foram simplesmente atos de desespero, atos estéreis por "falta de consciência ideológica", ou que os rebeldes foram apenas cooptados, seduzidos, conduzidos, utilizados por elites oposicionistas para atender aos propósitos políticos desta, incapazes portanto de ações próprias, de projetos próprios.

Acreditamos que esse direcionamento nas pesquisas contribuirá para aprofundar o conhecimento do processo desencadeado pela Independência e do Período Regencial, não só por valorizar a história dos rebeldes "desclassificados" pelo discurso historiográfico, mas por indicar a pujança dos interesses políticos presentes nos interstícios do tecido social.

---

[3] Ofício do Comandante em Chefe das forças Bemtevis, Raimundo Gomes, ao líder rebelde Valério Braúna, em 14/11/1839. Arquivo Público do Estado do Maranhão**. Documentos para a História da Balaiada,** Maria Raimunda de Araújo (org). São Luís: FUNCMA, 2001, p.191.

BIBLIOGRAFIA:

COSTA, Emília Viotti da, **Da monarquia a república: momentos decisivos.** São Paulo: Ciências humanas, 1999, 1° ed. 1977.

COSTA, Wilma Peres, Do domínio à nação: os impasses da fiscalidade no processo de Independência.In: JANCSÓ, István (org,), **Formação do Estado e da Nação**. São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 2003.

DIAS, Claudete Maria Miranda, **Balaios e Bem-te-vis: a guerrilha sertaneja**. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de, A Regência. In: **História Geral da Civilização Brasileira.** São Paulo: Difel, 1967, tomo II, v.2.

HOMEM, Francisco Sales Torres, "O libelo do povo", escrito em 1849. In: **Revista de Ciência Política –** 3, v. 24, dez/ 1981. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, pp. 149-184.

LUSTOSA, Isabel, **Insultos Impressos. A guerra dos jornalistas na Independência, 1821-1823**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MAGALHÃES, Domingos Gonçalves de, "Memória Histórica e Documentada da Revolução da Província do Maranhão, desde 1839 até 1840". In: **Novos Estudos Cebrap,** n. 23, p. 14-66, mar., 1989. Publicação original: 1848.

MARSON, Izabel Andrade, O Império da Revolução: Matrizes Interpretativas dos Conflitos da Sociedade Monárquica, in**,** FREITAS, Marcos Cézar de (org), **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

NEVES, Lúcia B.P. das, **Corcundas, constitucionais e pés-de-chumbo: a cultura política da independência (1820-1822)**. Rio de Janeiro: REVAN: FAPERJ, 2003.

OLIVEIRA Cecília Helena de Salles, PRADO, Maria Ligia Coelho, JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco (orgs.), **A história na política, a política na história**. São Paulo: Alameda, 2006.

RODRIGUES, José Honório, **A Independência: revolução e contra-revolução**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002, 1ª ed: 1975.

ROSAVANLLON, Pierre**. La monarchie impossible. Les Chartres de 1814 et de 1830**. Paris: Fayard, 1994.

SLEMIAN, Andréa e PIMENTA, João Paulo, **O "nascimento político" do Brasil: as origens do Estado e da nação (1808-1825)**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

AÇÃO LIBERAL X REAÇÃO CONSERVADORA E AS REVOLTAS POPULARES

META

Estudar a Regência como período de transição, marcado pela ocorrência de uma série de rebeliões provinciais e pela formação de blocos que deram origem aos primeiros partidos políticos do país.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
Analisar as mudanças na composição dos agrupamentos políticos e sua evolução para organizações partidárias.
Estabelecer relação entre as revoltas provinciais e a disputa pelo controle do poder.
Destacar a participação das camadas populares nas rebeliões.

Ação Liberal x Reação Conservadora e as Revoltas Populares
(Fonte: Costa e Mello, 2008, p.376)

INTRODUÇÃO

Caro aluno. Na aula de hoje vamos estudar o período entre 1831 e 1840, quando o poder foi exercido por Regentes eleitos pela Câmara dos Deputados, por isso chamado período regencial.

Herdeiro do trono desde os cinco anos, Pedro de Alcântara deveria, segundo a Constituição, esperar até os dezoito para começar a governar como imperador. Não foi o que aconteceu. Em 1840, quando ele estava com catorze, teve que assumir precocemente o poder. Diante das dificuldades encontradas pelos governos regenciais para debelar a crise que se instalara no país desde os primeiros tempos da independência, o chamado "golpe da maioridade" antecipou sua posse e deu início ao 2º Reinado.

As disputas entre as facções políticas e entre as elites regionais e o poder central, o aparecimento das classes subalternas nas lutas políticas, as dificuldades econômicas por que passava o país, foram alguns dos motivos para a série de revoltas provinciais que revelaram a necessidade de um poder central para conduzir o país ao progresso, mas sem o risco de ruptura da ordem estabelecida.

O BRASIL SOB A REGÊNCIA – 1831 / 1840

Na abertura do capítulo que trata do período regencial e que tem um título bastante sugestivo, As dificuldades da Regência, Luiz Roberto Lopez escreve: "A regência pôs em destaque os conflitos que o Brasil vivia e que a Independência, feita à base da conciliação de forças, não permitira que aflorassem no momento da ruptura com Portugal". (p. 48). Vejamos a que conflitos o autor se refere.

Vago o poder após a abdicação de dom Pedro I, e depois de um curto período de governo de uma Regência provisória, foram eleitos pela Assembléia Geral os membros da Regência Trina que governou o país de 1831 a 1835. Composto por um militar, um deputado representante das províncias do norte e outro representante das províncias do sul, o Conselho regencial entregou o Ministério da Justiça ao padre Diogo Antônio Feijó.

Embora o governo regencial tenha adotado medidas destinadas a por um fim na turbulência que motivou a abdicação, como a readmissão do ministério deposto por D. Pedro I; a anistia dos presos políticos e a suspensão temporária do poder moderador, o vazio do poder, combinado à situação sócio-econômica do país, não eram favoráveis à pacificação pretendida pelos dirigentes.

Politicamente o Brasil continuava organizado como Monarquia, mas não tinha um soberano à frente do governo – o Imperador voltara para Portugal e aqui ficou uma criança de apenas cinco anos, começando a ser preparada para assumir o poder quando completasse a maioridade. Por outro lado,

não havia, nessa fase do século XIX, um grupo econômico hegemônico: os grandes proprietários nordestinos ainda gozavam de poder político, mas as dificuldades enfrentadas pelo açúcar enfraqueciam sua liderança no plano nacional, o café era ainda uma promessa, os criadores e charqueadores ainda lutavam pelo controle do poder regional. Enfim, faltava o suporte econômico para assegurar a supremacia nacional de um grupo político.

Como responsável pela "ordem pública", e considerando o clima de sublevação que dominava o país, Feijó criou logo no início do seu mandato a Guarda Nacional, milícia armada dirigida pelas pessoas mais influentes de cada município, geralmente as mais ricas, que compravam a patente de coronel e assumiam o papel do Estado na garantia da ordem, dos poderes existentes. Usada pelo governo na repressão aos levantes populares, a Guarda Nacional transformou-se no principal instrumento de defesa dos interesses privados dos coronéis.

> A GUARDA NACIONAL
>
> Ainda em 1831, a Câmara aprovou uma proposta de Feijó, criando a Guarda Nacional. Formada por pessoas de posses (a Guarda Nacional era recrutada entre os cidadãos com renda anual superior a 200 mil réis, nas grandes cidades, e 100 mil réis nas demais regiões), transformou-se na principal força repressiva da aristocracia rural. O objetivo desse organismo era defender a Constituição, a liberdade, a independência e a integridade do Império, conservando a obediência às leis, a ordem e a tranqüilidade pública. Assim, reprimiu manifestações populares ou promovidas por exaltados e por restauradores, tendo sufocado rebeliões no Rio de Janeiro e em Pernambuco.
>
> O comando da Guarda Nacional coube ao então ministro da Justiça, padre Feijó, que se projetou como defensor da ordem pública. A criação da Guarda Nacional fortaleceu as elites locais, que a compunham ou auxiliavam em seu comando. (Costa e Mello, 2008, p. 377).

Outra medida adotada nessa primeira fase da regência com vistas à descentralização do poder foi o Código do Processo Criminal, adotado em 1832, e "que dava plena autoridade judiciária e policial, no nível municipal, aos juízes de paz, normalmente escolhidos entre os grandes proprietários de uma dada região." (Vicentino e Dorigo, 1998, p. 180). Aqui, chamamos a atenção para o sentido das medidas adotadas pela Regência: a criação da Guarda Nacional e a adoção do Código do Processo Criminal, que era garantir a autonomia dos poderes locais, na expectativa de que a descentralização do poder pudesse ajudar a acalmar os ânimos das elites regionais.

Na mesma direção, mas "visando conciliar as tendências políticas centralizadoras dos moderados e descentralizadoras dos exaltados", foram as

emendas à Constituição outorgada pelo imperador Pedro II em 1824 e que compuseram o Ato Adicional de 1834. Por ele foram criadas as Assembléias Legislativas provinciais, foi criado o Município Neutro do Rio de Janeiro, suspenso o exercício do poder moderador e do Conselho de Estado e substituída a Regência Trina pela Regência Una. Ou seja, ao mesmo tempo em que concedia poderes às províncias, através das Assembléias Legislativas, o governo regencial conservava o controle sobre o Rio de Janeiro, sede da administração central. E a Regência Una, ao concentrar "o poder político na pessoa de um regente", atendia ao interesse dos moderados, mas foi também uma medida voltada para os exaltados, na medida em que permitia que "a escolha do regente fosse aberta aos eleitores das províncias, ou seja, os grandes proprietários". (Vicentino e Dorigo, 1998, p. 183). Outra Iniciativa da regência que contou com agrado geral foi a suspensão do poder moderador e do Conselho de Estado, por serem fortemente associados ao autoritarismo do governo português.

> O Ato Adicional completou a série de reformas liberais realizadas pela Regência. Juntas, elas cumpriram um duplo papel: ajudaram, por um lado, a remover uma parcela significativa dos elementos autoritários do Estado imperial – identificados à forte centralização política e administrativa -, e, por outro, a reprimir a oposição exaltada e restauradora – associada à anarquia, Não só os movimentos que marcaram a primeira onda de revoltas regenciais foram todos derrotados, como também diversos periódicos representantes desses dois grupos viram-se forçados a sair de circulação em todo o país, e isto sem falar no grande número de exaltados e restauradores que foram presos ou mortos por conta de suas atividades rebeldes ou panfletárias. Para tanto, a Regência valeu-se, sobretudo, das milícias cívicas que organizou e dos juízes de paz cujos poderes ampliou. (Basile, 1990, p. 228).

Qual o significado das expressões moderados, exaltados e restauradores, usadas nos parágrafos acima? Designativas das facções que deram origem às primeiras agremiações políticas do país, suas composições e propósitos são assim descritos por Basile, mesmo autor citado no parágrafo acima:

> Os moderados – cuja base social essencialmente compunha-se, [...] do grupo de proprietários rurais e comerciantes do interior de Minas Gerais ligados ao abastecimento da Corte, associados à políticos oriundos da pequena burguesia urbana e do setor militar – pleiteavam a realização de reformas estritamente políticas, que limitassem o poder do Imperador, assegurando a participação de seus quadros políticos no Governo e garantissem a aplicação, dentro da esfera da ordem, das conquistas políticas liberais já firmadas pela Constituição. Já os exaltados – dotados de uma composição social

bem heterogênea, basicamente constituída por indivíduos oriundos das camadas médias urbanas (pequenos e médios comerciantes, artesãos, funcionários públicos, militares e profissionais liberais) – pretendiam reformas políticas, sociais e econômicas mais amplas, que, se efetuadas por completo, transformariam grande parte da estrutura social brasileira.
[...] Nem todos os exaltados, porém, defendiam todas essas propostas, já que sua identidade ideológica era menos demarcada que a dos moderados; havia aqueles, por exemplo, que se mantinham favoráveis à Monarquia constitucional, ao invés da República, assim como outros não se manifestaram a respeito da escravidão. Mas, por outro lado, havia moderados que simpatizavam com algumas dessas propostas menos radicais, como a extinção do Conselho de Estado, o fim do Poder Moderador ou mesmo a descentralização, desde que preservadas a Monarquia, a ordem social e as estruturas socioeconômicas. No entanto, pode-se dizer que, em linhas gerais, tais idéias constituíam um divisor de águas entre os projetos dos dois grupos políticos.
Além dessas duas, uma terceira facção política não tardou a surgir no início do período regencial: os restauradores ou caramurus. Fortalecendo-se este grupo a partir de 1832, o integravam antigos aristocratas, cortesãos e burocratas do Primeiro Reinado, bem como militares e comerciantes, portugueses de todo tipo. Combatiam duramente o 7 de abril e a Regência moderada, e defendiam uma monarquia fortemente centralizada, a inviolabilidade da Constituição (opondo-se às reformas liberais pleiteadas tanto pelos exaltados quanto pelos moderados) e, em alguns casos (mas não em todos, cumpre frisar), a restauração de dom Pedro I, além de insurgirem-se contra a discriminação racial em relação à negros e pardos e contra as rivalidades entre brasileiros e portugueses.
Todas as três facções valeram-se de associações políticas e da Imprensa como instâncias de ação no espaço público. [...] Mas apenas esses dois instrumentos de luta não eram suficientes para que exaltados e restauradores lograssem alcançar seus objetivos. Alijados do Executivo, em absoluta minoria na Assembléia Geral e cada vez mais combatidos pelos moderados no poder, restava a ambos os grupos de oposição lançar mão de um recurso mais extremado: a ação direta nas ruas. Instigadas, sobretudo, pela pregação revolucionária desenvolvida pelos jornais e pelo aliciamento cotidiano efetuado diretamente nas vias públicas, nos quartéis, teatros, tavernas, boticas e livrarias, uma série de revoltas populares e levantes militares eclodiram em diversos pontos do país, logo nos primeiros meses que se seguiram à instauração da Regência. (p. 222-224).

Com a expectativa dos que comandavam a política imperial de que a Regência Una pudesse alcançar a pacificação e o progresso do país, foram

eleitos regentes: o padre Diogo de Feijó, que governou de 1835 a 1837 e Araújo de Lima, que ocupou o cargo de 1837 a 1840, quando se deu o Golpe da maioridade de D. Pedro II.

A regência do padre Feijó coincide com o início de nova fase de intensa turbulência em várias partes do país. A liberdade alcançada pelas províncias com as medidas liberais recentemente aprovadas, as disputas políticas locais, o choque entre os interesses regionais e o governo central e as dificuldades econômicas da maioria da população, foram algumas das causas dos levantes que acabaram levando à união de representantes de segmentos da sociedade em torno do movimento conhecido como Regresso, cujo propósito era o restabelecimento da ordem. Seu surgimento provocou um racha no grupo moderado, que se dividiu em "*progressistas*, favoráveis à manutenção da autonomia provincial das assembléias e adeptos do governo Feijó, e *regressistas*, defensores de uma maior centralização para enfrentar e acabar com as rebeliões provinciais. Pouco a pouco, o grupo progressista acabou se convertendo no *Partido Liberal*, e os regressistas, [...] criaram o *Partido Conservador*". (Vicentino e Dorigo, 1998, p. 183/184).

Enquanto o Partido Liberal "aglutinou a classe média urbana, clérigos e alguns proprietários rurais das novas áreas agrícolas, especialmente de São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul", no Partido Conservador teve "papel de destaque um setor emergente de grandes fazendeiros do Vale do Paraíba fluminense ligado à produção do café, o qual, a partir de 1831-1835, passou a ser o principal produto brasileiro de exportação, superando o açúcar e o algodão. Aliados a este setor, na coalizão, estavam a maioria dos magistrados, burocratas da Corte e outros grandes fazendeiros, sobretudo da Bahia e de Pernambuco, até então vinculados ao grupo moderado e, inclusive, restaurador". (Basile, 1990, p. 237).

Entendendo que o restabelecimento da ordem passava pelo fortalecimento do poder, os regressistas pressionaram e conseguiram tirar o padre Feijó da Regência e eleger Araújo Lima, partidário e representante da tendência mais conservadora em atuação no Império. Outra grande vitória foi a aprovação da Lei de Interpretação do Ato Adicional, de maio de 1840. Segundo Basile, "esta lei, mais do que meramente interpretar certos artigos do Ato Adicional que davam margem a confusões, na realidade modificava o sentido dos mesmos, de modo a reduzir os efeitos da descentralização. Para tanto, retirava o poder das Assembléias provinciais de modificar a natureza e as atribuições dos empregos públicos provinciais e municipais [...]; tais assembléias também não mais podiam suspender ou demitir sumariamente os magistrados, exceto em virtude de crime de responsabilidade; proibiam-se as províncias de legislarem sobre assuntos de polícia judiciária; e abria-se margem para que leis provinciais consideradas opostas à lei de Interpretação fossem revogadas pela Assembléia Geral". (Basile, 1990, p. 237/238).

O domínio político dos conservadores através do Regresso fez com que os liberais também se organizassem no sentido de barrar a ação do movimento. Entendendo ser importante que o imperador detivesse o controle do poder, a oposição liberal não tardou a agir no sentido de obter a maioridade de dom Pedro, então com catorze anos. Depois da criação do Clube da Maioridade, a aprovação pelo Senado de projeto nesse sentido garantiu a posse do imperador em 23 de julho de 1840, data do início do Segundo Reinado.

Para os estudiosos da Regência, as revoltas acontecidas no período regencial podem ser divididas em dois grandes grupos: "o primeiro seguiu-se imediatamente à abdicação de Pedro I e perdurou até 1835, um ano depois da morte deste príncipe e da promulgação do Ato Adicional. O segundo foi posterior ao Ato Adicional e só terminou no Segundo Reinado. O ciclo só se fechou em 1848 com a revolta da Praia em Pernambuco". (Carvalho, 1988, p. 12).

Ceará, Pernambuco, Alagoas, Ouro Preto, Salvador, e a própria Corte (ver tabela),

> foram o palco de alguns movimentos que constituíram o primeiro ciclo de revoltas do período regencial. Em sua maior parte, estavam identificadas aos exaltados, mas alguns tiveram uma feição restauradora, contando com ampla participação popular, aliada às tropas de primeira linha. Urbanas em sua maioria, e heterogêneas quanto às suas motivações, expressavam o protesto desses segmentos não só contra o governo moderado, mas também contra a carestia, a alta do custo de vida, a desvalorização e escassez da moeda, a invasão de moedas de cobre falsificadas, a forte presença portuguesa no comércio e na política, e, no caso dos militares, contra os maus tratos, o recrutamento forçado, o baixo valor dos soldos e o atraso em seu pagamento, a redução do efetivo militar e a transferência de guarnições para outras localidades. Por trás das disputas políticas e da crise econômica havia, portanto, nesses movimentos, um claro teor nativista, expresso nas freqüentes manifestações de antilusitanismo dos revoltosos, como nas repetidas exigências de deportação e de destituição de portugueses que ocupavam cargos públicos, de proibição da imigração lusitana, bem como nos gritos de mata marinheiros, nas violências físicas cometidas contra portugueses e nos saques, depredações e incêndios contra estabelecimentos portugueses. (Basile, 1990, p. 224).

Tabela 1

PRINCIPAIS REVOLTAS, 1831 – 1835

1831 – 1835	Duração	Localização	Principais participantes
1. Seis rebeliões	1831-32	Corte	Tropa e povo
2. Setembrizada	1831	Recife	Tropa
3. Novembrada	1831	Recife	Tropa
4. Abrilada	1832	Pernambuco	Tropa
5. Pinto Madeira	1831–32	Ceará	Tropa
6. Cabanos	1832-35	Pernambuco/ Alagoas	Pequenos proprietários, camponeses, Índios, escravos
7. Crise Federalista	1832-33	Salvador	Tropa
8. Sedição de Ouro Preto	1834-35	Ouro Preto	Tropa
9. Carneirada	1834-35	Recife	Tropa
10.Revolta dos Malês	1835	Salvador	Escravos

(Carvalho, 1988, p. 13)

Cabanos

Designação dada, na Amazônia, aos segmentos miseráveis da população, compostos sobretudo por índios aldeados e tapuios (indígenas destribalizados), negros e mestiços – que residiam em cabanas situadas à beira dos rios e igarapés. (Vainfas, 2002, p. 105).

Dentre as revoltas acontecidas nesse primeiro ciclo, duas costumam ser destacadas, "em virtude de suas características peculiares", a revolta dos **Cabanos** e a Revolta dos Malês. Vejamos o que dizem sobre elas historiadores que tratam do período regencial, começando por Marcello Otávio Basile, autor de um dos textos que compõem a História Geral do Brasil, organizada por Maria Iedda Linhares.

A revolta dos Cabanos, na descrição de Basile, foi um

> movimento restaurador, ocorrido entre 1832 e 1835, nas regiões da Zona da Mata pernambucana e do norte de Alagoas. Foi a primeira rebelião de âmbito rural e a de maior impacto e duração até então. Dela participaram pequenos proprietários de terra, camponeses, índios, escravos e senhores de engenho, contando, ainda, com o apoio de comerciantes portugueses de Recife e de políticos restauradores da Corte. Liderados por Vicente Ferreira de Paula, os Guerrilheiros do Imperador, como os chamou Décio Freitas, lutavam pela restauração de dom Pedro I e pela defesa da religião católica, que eles acreditavam estar ameaçada pelos carbonários jacobinos. Empreenderam durante

> três anos uma guerrilha nas matas da região, sendo afinal derrotados (após a debandada dos senhores de engenho e de muitos cabanos serem convencidos pelo bispo de Olinda de que dom Pedro morrera e que seu filho era o legítimo imperador) pelas tropas a serviço de Paes de Andrade, que fora líder da Confederação do Equador e era agora presidente de província de Pernambuco. (p. 224)

Décio Freitas, citado no parágrafo acima, é autor de um livro sobre outra grande revolta do primeiro grupo de insurreições e que tem como título: A revolução dos malês: insurreições escravas. É dele o trecho que transcrevemos a seguir:

> Deposto D. Pedro I, reacenderam-se as lutas intestinas da classe dirigente, numa sucessão de confrontos armados, motins militares, tumultos e conspirações. Seguramente, nenhuma outra província esteve mais convulsionada que a Bahia. [...] (Foi ali que) nasceu, a insurreição de 1835, conhecida como "Revolução dos Malês". Porque essa designação singular para o movimento de 1835, em que, como nos imediatamente anteriores, o elemento primacial foram os nagôs?

Na resposta à questão Freitas demonstra que, embora a propagação do islamismo na Bahia tenha sido obra dos tapas e dos ussás, "mesmo assim, continuou-se a empregar o termo malê para designar os adeptos do islamismo". Diz mais:

> na Bahia, o termo não tinha significação étnica [...]. Para os brancos em geral, "malê" era todo negro muçulmano, empregando-se tanto mais este termo porque ele revestia um cunho pejorativo. Dado o importante papel desempenhado pelos negros muçulmanos na insurreição de 1835, convencionou-se chamá-la de "Revolução dos Malês.
>
> Que os negros muçulmanos tenham desempenhado um papel importante no movimento de 1835 parece fora de dúvida. Eram mais cultos que os outros – sabiam ler e escrever o árabe -, e possuíam a experiência das passadas lutas. O que não quer dizer que os participantes do movimento fossem exclusivamente, ou sequer predominantemente, muçulmanos [...]. O movimento contou com a participação de elementos de muitas outras "nações"[...]; a arregimentação dos insurretos se fez a nível político e não religioso [...]. Síntese das experiências adquiridas nas anteriores tentativas, a insurreição de 1835 revela quanto haviam amadurecido politicamente os escravos. Foi a primeira vez que conceberam um ataque frontal à estrutura do escravismo, visando à tomada do poder em Salvador e na Bahia. Nada teve de espontânea ou improvisada; pelo contrário, foi paciente e meticulosamente articulada por uma organização revolucionária fechada, operando segundo normas de rigorosa clandestinidade. [...].

Calcula-se em mil e quinhentos o número de membros desta organização revolucionária [...], os quais exerciam as mais diferentes profissões, porém havia um predomínio absoluto de carregadores de cadeirinhas. Isso se devia, talvez, a que seu trabalho era particularmente sacrificado e humilhante. Tinham, para a organização, a vantagem de se locomoverem muito através da cidade, o que lhes permitia servir como elementos de enlace e portadores de mensagens. È interessante enumerar as ocupações de outros membros da organização: acendedores de lampiões, alfaiates, cozinheiros, domésticos, marinheiros, remadores de saveiros, pedreiros, barbeiros, calafates, padeiros, pescadores, açougueiros, tanoeiros, ferreiros, carpinteiros, enroladores de tabaco, vendedores de tabaco, empregados de botequins, comerciantes, vendedores, ambulantes, vendedores de cal, vendedores de carvão e lenha, vendedores de comida e doces, peixeiros, lavadeiras.

A organização tinha núcleos em todas as freguesias urbanas [...], e as reuniões se realizavam de dia, a pretexto de comer e realizar "funções". Eram muçulmanos, mas, na justiça, negaram isso, alegando como prova que não sabiam ler nem escrever. [...] Os insurretos vinham, havia muito, aprovisionando-se de armas de armas de fogo. Com dinheiro de uma "caixa" para a qual todos contribuíam com parte dos seus ganhos, compravam bacamartes, garruchas, sabres e espadas. [...].

A Cabanagem. (Fonte: www.overmundo.com.br)

O plano militar consistia na divisão da cidade em cinco partes, de maneira que os insurretos se dividiriam também em cinco grupos. [...] O levantamento se daria ao romper da alvorada, hora em que os escravos costumavam sair das casas de seus senhores para buscar água nas fontes públicas. Dessa forma, poderiam reunir-se em grande número aos insurretos. [...] Nada há que indique o que pretendiam fazer os insurretos depois de tomada a cidade. A única coisa certa é que se propunham massacrar todos os "brancos e mulatos" e libertar os "negros". O ódio aos mulatos se devia a que estavam integrados no sistema, quer como senhores de engenho, quer como funcionários e militares, votando grande desprezo aos negros, às vezes maltratando-os mais que os próprios brancos. [...]

Foi escolhida para o levantamento a madrugada da noite de 24 para 25 de janeiro. [...] Na véspera, todas as providências haviam sido tomadas. Os diferentes grupos, armados e uniformizados, concentraram-se nos lugares preestabelecidos. (Freitas, 1985, p. 71-79).

A delação do movimento na noite de 24 desencadeou violenta reação das autoridades. Cerca de setenta escravos morreram durante o conflito, e

mais de quinhentos condenados a pena de morte (quatro foram executados), prisão, açoites e deportações.

Dissemos acima que as revoltas acontecidas no período regencial podem ser divididas em dois grandes grupos. Falamos sobre o primeiro, datado de 1831 a 1835, e que corresponde à fase da Regência Trina. Vamos prosseguir falando sobre os mais importantes movimentos acontecidos entre 1835 e 1848, período que engloba o governo da Regência Una e o início do Segundo Reinado. Comecemos observando uma tabela das revoltas do segundo grupo, copiada do livro Teatro de Sombras, de

Tabela 2

Principais Revoltas – 1835/1848

1835-1848	Duração	Localização	Principais participantes
1. Cabanagem	1835-40	Pará	Camponeses, índios, escravos
2. Farroupilha	18835-45	R. G. do Sul	Estancieiros e charqueadores
3. Sabinada	1837-38	Salvador	Tropa e povo
4. Balaiada	1838-41	Maranhão	Proprietários, camponeses, escravos
5. Revolução Liberal	1842	São Paulo/Rio de Janeiro	Proprietários
6. Revolução Liberal	1842	Minas Gerais	Proprietários
7. Praieira	1848-49	Pernambuco	Proprietários

(Carvalho, 1988, p. 13)

Segundo Carvalho,

> a segunda onda de revoltas teve caráter diverso da primeira. Descentralizado o poder através do Ato Adicional, o conflito também se descentralizou e se deslocou para o interior, para as áreas rurais e aí remexeu nas camadas profundas da fábrica social do país e revelou perigos muito mais graves tanto para a ordem pública como para a própria sobrevivência do país".

De Norte a Sul do país eclodiram revoltas de proporções, durabilidade e impacto político-social muito maior do que as da primeira onda. A Cabanagem, no Pará, a Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, a Sabinada, na Bahia, e a Balaiada, no Maranhão, marcaram este novo ciclo de revoltas.

Nesse grupo de revoltas rurais, marcadas por maior profundidade e violência que as do primeiro ciclo, a Cabanagem, ocorrida no Pará entre 1835 e 1840, representa o lado mais trágico, pelo elevado número de mortos. O fato de ter sido, no início, um conflito de classes, que depois se transformou em rebelião popular, aproxima-a da Balaiada, movimento que teve o Maranhão como palco, e que ocorreu no período de 1838 a 1841. Seus líderes foram:

> um vaqueiro, cafuzo, Raimundo Gomes, um fazedor de balaios (o Balaio) e um negro líder de escravos fugidos (Dom Cosme) [...]. De caráter mais urbano, semelhante às revoltas da primeira onda, foi a Sabinada na Bahia.
> Em algumas revoltas o conflito entre elites não transbordava para o povo. Tratava-se, em geral, de províncias em que era mais sólido o sistema da grande agricultura e da grande pecuária. Neste caso está a revolta Farroupilha, no Rio Grande do Sul, que durou de 1835 a 1845. Em 1836 foi proclamada a República do Piratini. Briga de estancieiros e charqueadores com complicações internacionais, a Farroupilha não corria o risco de tornar-se guerra de pobres, de tornar-se perigo para a paz social. Era briga de brancos. (Carvalho, 1988, p. 15).

No seu estudo sobre o panorama político do Império brasileiro, Basile analisa as grandes revoltas provinciais e compara os quatro maiores movimentos, destacando neles a questão de classe, especialmente no que diz respeito aos escravos. É dele as seguintes conclusões:

> A Cabanagem foi o mais notável movimento popular ocorrido durante o Império. Foi o único em que as camadas de baixa condição social (índios, caboclos e negros) conseguiram ocupar o governo em toda uma província durante um período de tempo relativamente extenso (nove meses). Todavia, os cabanos não possuíam qualquer programa de governo que definisse seus objetivos, e nem apresentaram um conjunto sistemático de exigências. Em suas proclamações transparece apenas o ódio a portugueses, estrangeiros e maçons, e a defesa da liberdade, da religião católica, do Pará e de Pedro II. Constituiu, assim, um movimento motivado pela insatisfação com as interferências do governo central, pela lusofobia exacerbada e pelo rancor contra os poderosos em geral, e impulsionado pela agitação sociopolítica da época e pelas liberdades que passaram a desfrutar as províncias (p. 232).
>
> Diferentemente da Cabanagem, a Farroupilha foi um típico movimento de elite. Embora tenha contado com ampla participação popular, estiveram sempre estas camadas a serviço de ricos estancieiros e charqueadores, integrando as forças rebeldes comandadas por estes.

Curiosamente, todavia, os farroupilhas preocuparam-se com a sorte dos cativos que participaram da revolta, o mesmo não acontecendo com os cabanos. Ao contrário também destes, os farroupilhas apresentaram, desde o início, um conjunto claro de exigências que, não sendo consideradas, motivaram a eclosão e o prolongamento da guerra. E, ainda distintamente, os farroupilhas lograram alcançar seus principais objetivos. (p. 233)

A Sabinada foi uma revolta em moldes semelhantes aos levantamentos urbanos do povo e tropa do início do período regencial, só que em escala maior, com uma base social mais ampla (contando com a participação de muitos comerciantes) e com certas demandas novas ou mais sedimentadas, como o federalismo. Os sabinos combatiam ardorosamente a Regência e a centralização que esta impunha às províncias, não acreditando que o Ato Adicional tivesse alterado esta situação; para eles o que imperava era o colonialismo da Corte. Opunham-se também aos que chamavam de aristocratas, associados aos senhores de engenho do Recôncavo, pretendendo uma reforma social que os expurgasse, sem, contudo, precisarem em que esta consistiria. Curiosamente, o antilusitanismo, tão presente nos movimentos anteriores e ainda mais exacerbado na Bahia, não constituiu um dos traços marcantes da Sabinada, talvez porque, desta vez, os portugueses tenham se retraído. Os escravos também foram pouco aproveitados na revolta (embora um batalhão de negros tenha sido formado), o que certamente se deve às lembranças funestas do levante malê. (p. 234).

Rebeliões no Período Regencial

Como a Cabanagem, a Balaiada foi uma revolta não só de ampla participação popular (vaqueiros, cesteiros, pequenos proprietários, agregados, libertos e escravos), mas também cujos principais líderes advinham desses mesmos estratos sociais. Apesar disto, os revoltosos maranhenses, assim como os paraenses, não chegaram a pregar transformações profundas na ordem econômica e social, limitando-se, aqueles primeiros, à assumirem reivindicações políticas já antes postuladas pela facção bem-te-vi, acrescidas do tradicional conteúdo antilusitano. Ao contrário dos cabanos do Pará, porém, os balaios não conseguiram conquistar o governo provincial, constituindo um movimento essencialmente rural, e praticamente isolado dos liberais urbanos que haviam fomentado o clima de revolta". (p. 236).

A Cabanagem (1835–1840)
A mais trágica (revolta) foi sem dúvida a Cabanagem no Pará entre 1835 e 1840. Iniciada como conflito entre facções da elite local, fugiu aos poucos ao controle e tornou-se uma rebelião popular. A capital, Belém, foi tomada em 1835 pelos rebeldes, compostos de índios e pretos, em luta de casa a casa. Em torno de 180 brancos foram mortos na luta, os restantes, cerca de nove mil, refugiaram-se, junto com o presidente da província, em navios de guerra portugueses e ingleses. Foi proclamada a independência do Pará. A luta, agora sob o comando de Eduardo Angelim, um cearense de 21 anos e talvez o mais extraordinário líder popular da época, espalhou-se pela província e pelo rio Amazonas acima até Manaus. Forçado a deixar Belém com seus 5 mil homens, devido ao bloqueio naval da cidade, Angelim transformou a luta em guerra de guerrilha, em que a ferocidade campeava dos dois lados. O novo presidente, general Andreia, prendeu em massa, mandou fuzilar na hora os que resistissem, militarizou a província, obrigou todos os não proprietários a se alistarem em corpos de trabalhadores. Governistas passeavam pela cidade com rosários de orelhas de cabanos ao pescoço. Os últimos rebeldes renderam-se após a anistia de 1840. Calculou-se em 30 mil o número de mortos, divididos entre governistas e rebeldes em proporções mais ou menos iguais. Tal número equivalia a 20% da população da província. Jamais na história brasileira se repetiria carnificina tão vasta" (Carvalho, 1988, p. 14/15).

A Guerra dos Farrapos (1835-1845)
Causas econômicas, políticas e ideológicas levaram os gaúchos a pegar em armas para tentar separar-se do Império, naquela que ficou conhecida como Guerra dos Farrapos por causa dos precários trajes dos rebeldes.
Pesados impostos oneravam os produtos gaúchos vendidos em outras províncias: charque, couro, muares (tropas de burros). Tais impostos diminuíam a capacidade de concorrência com mercadorias uruguaias,

argentinas e paraguaias. Além disso, às vezes, os impostos eram cobrados no lugar de venda, ou seja, beneficiavam outras províncias. O cenário político na província estava dividido entre os farroupilhas, que queriam mudanças e autonomia, e os chimangos, favoráveis à situação. Na região havia também forte influência das idéias republicanas, já que os gaúchos eram vizinhos das jovens repúblicas do Prata: Uruguai, Argentina e Paraguai.
A revolta começou quando um grupo liderado pelo farroupilha Bento Gonçalves exigiu a renúncia do presidente da província. A cidade de Porto Alegre foi ocupada e a Assembléia teve de nomear novo presidente. Em 1836, os revoltosos proclamaram a República Rio-Grandense, com sede em Piratini. Três anos depois, em 1839, conquistaram Laguna, em Santa Catarina, onde proclamaram a República Juliana (era mês de Julho).
Para a conquista de Santa Catarina, os gaúchos contaram com a decisiva colaboração do italiano Giuseppe Garibaldi, que se destacaria mais tarde na luta pela unificação da Itália [...].
Somente em 1845, Já no reinado de dom Pedro, a paz voltaria a reinar na região. O movimento foi sufocado por Luís Alves de Lima e Silva, futuro duque de Caxias, que já havia atuado em outros conflitos regionais. Lima e Silva foi nomeado presidente da província em 1842 e fez ofertas irrecusáveis aos farroupilhas: anistia para todos, incorporação dos oficiais revoltosos ao Exército imperial no mesmo posto, devolução de toda propriedade ocupada ou confiscada durante a guerra, libertação dos escravos que haviam lutado ao lado dos rebeldes. Com uma duração de dez anos, a Guerra dos Farrapos, ou Rebelião Farroupilha, foi a mais longa guerra civil da nossa história. (Arruda e Piletti, 1999, p. 285/286).

A Sabinada (1837-1838)
A Sabinada foi o momento culminante de vários movimentos rebeldes na Bahia contra a política imposta pelas regências. Um desses movimentos foi a revolta dos escravos malês em 1835. O principal líder da Sabinada foi o médico e jornalista Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira (daí o nome da revolta). A rebelião começou em novembro de 1837, com a sublevação das tropas e a fuga do governador.
Os rebeldes formaram seu próprio governo e divulgaram um programa em que defendiam a proclamação da República Baiense, a separação da província até a maioridade de dom Pedro e a convocação de uma Assembléia Constituinte.
Apesar desse programa moderado, a repressão das forças do governo central se abateu sobre os revoltosos com requintes de crueldade. Os soldados imperiais chagaram a incendiar as casas e a lançar prisioneiros vivos no fogo. Houve cerca de 600 mortos entre os legalistas e pouco mais de 1 000 entre os rebeldes. (Arruda e Piletti, 1999, p. 286).

A Balaiada (1838-1841)
"No início do século XIX, quase a metade dos 200 mil maranhenses eram escravos. Grande parte do restante compunha-se de sertanejos miseráveis. Proprietários rurais e comerciantes controlavam o poder. A insatisfação social era antiga. Aumentou ainda mais quando os políticos conservadores tentaram aumentar os poderes dos prefeitos, causando protestos entre os liberais. A insatisfação popular transformou-se então em revolta e a revolta em movimento capaz de mobilizar os setores marginalizados da população.
O movimento revoltoso passou a exigir a demissão dos portugueses incrustados no Exército e na administração. Recebeu o nome de Balaiada porque um de seus líderes se chamava Manuel Balaio. Vivia ele de fazer balaios, como milhares de artesãos que o seguiram.
A rebelião começou em 1838, quando um grupo liderado pelo vaqueiro Raimundo Gomes, o Cara Preta, tomou de assalto uma cadeia. A esse ataque seguiram-se outras ações armadas promovidas por Manuel Balaio e seus homens. Algumas fazendas foram atacadas. Escravos aproveitaram-se da confusão para fugir e formar quilombos. Um deles chegou a reunir cerca de 3 mil escravos comandados pelo preto Cosme.
Os rebeldes recebiam apoio político dos liberais, apelidados de bem-te-vis. Estes usavam o movimento popular para tentar a conquista do poder. Numa importante vitória, os balaios tomaram a vila de Caxias em 1839. No ano seguinte, o governo central nomeou presidente da província o coronel Luís Alves de Lima e Silva.
A anistia decretada em agosto de 1840 provocou a rendição imediata de cerca de 2 500 balaios. Quem resistiu foi derrotado a seguir. Raimundo Gomes, o Cara Preta, entregou-se. Enviado preso para São Paulo, morreu no caminho. Cosme, chefe de um quilombo, não se entregou. Caçado sem trégua, foi preso e enforcado. Rebelião das camadas pobres, a Balaiada foi expressão da resistência popular contra as desigualdades e injustiças da sociedade escravista". (Arruda e Piletti, 1999, p. 287).

O Brasil já vivia o II Reinado quando aconteceram duas revoluções liberais e a Praieira, assim apresentadas por José Murilo de Carvalho:

Brigas de brancos foram também as revoltas de 1842 em São Paulo e em Minas Gerais. Já reação às medidas centralizadoras do segundo Reinado, envolveram os mais ricos proprietários das duas províncias e também da província do Rio de Janeiro, o pólo da economia cafeeira que começava a dominar a pauta de exportação. Alguns dos principais líderes liberais também se envolveram nas duas revoltas. Na província do Rio de Janeiro, o principal chefe rebelde foi Joaquim José de Souza Breves, o maior cafeicultor do país, proprietário de uns 6 mil escravos, dono de umas 30 fazendas. Dele se dizia que produzia

> de 100 a 200 mil arrobas de café por ano, além de ser um renitente contrabandista de escravos. (Carvalho, 1988, p. 15/16).

A Revolução Praieira aconteceu em Pernambuco, província de forte tradição revolucionária. Ali,

> por volta de 1844, o descontentamento havia se generalizado entre as camadas média e baixa da população. O alvo dessa insatisfação era a dominação das famílias oligárquicas, que monopolizavam o poder e a propriedade das terras, e o controle do comércio, exercido pelos portugueses.
> Sediado na rua da Praia (daí o nome do movimento), no Recife, o jornal Diário Novo, de tendência liberal, era o foco desse descontentamento. Em torno dele organizaram-se as correntes de oposição à situação dominante. Os praieiros defendiam um programa avançado: voto livre e universal; liberdade de imprensa; extinção do poder Moderador; garantia de trabalho; nacionalização do comércio, que estava nas mãos dos portugueses; reformas econômicas e sociais.
> Em outubro de 1847, foi nomeado para a presidência da província um político conservador de Minas Gerais, com a missão de sufocar as manifestações de descontentamento. Indignados com a medida, os praieiros tomaram as armas em Olinda a 7 de novembro. Rapidamente, a rebelião se estendeu para o interior, mobilizando boiadeiros, pequenos arrendatários, negros e mulatos, sob a liderança de Pedro Ivo. Dois meses mais tarde, sem obter ajuda de outras províncias, Pedro Ivo depôs as armas e a rebelião chegou ao fim. Em 1851, o governo anistiou os líderes revolucionários presos". (Arruda e Piletti, 1999, p. 290).

Transcritos da História Documental do Brasil, o trecho de um artigo publicado no jornal A Voz do Brasil, em 29 de janeiro de 1848, e parte de um Manifesto ao Povo, datado de 07 de junho do mesmo ano, revelam o sentimento de revolta contra a majoritária presença de estrangeiros /portugueses na economia, motivo principal da revolução:

> Jornal A Voz do Brasil
> Não menos de seis mil casas de comércio a retalho se acham em Pernambuco, e todas elas de estrangeiros: assim – lojistas, quitandeiros, taberneiros, armazeneiros, trapicheiros, açucareiros, padeiros, casas de roupa feita, de calçado, funileiros, tanoeiros e tudo é estrangeiro. Cada uma dessas casas tem 3 e 4 caixeiros todos portugueses; calculemos porém a dois e teremos doze mil caixeiros todos portugueses que nos excluem do comércio. Os fundos com que eles comerciam são nominais, que eles todas as compras fazem aos negociantes de grosso trato a prazos. Se pois

esse direito fosse exclusivo dos brasileiros, direito que se guarda religiosamente nas outras nações, não estariam acomodados dezoito mil pernambucanos?
Manifesto ao Povo
Vinte e seis anos fazem que o Brasil é independente, e no entanto o povo tem continuado a ser esmagado pela influência estrangeira: tem-se sucedido diversos Ministérios e legislaturas, houve a reforma da Constituição, promulgaram-se centenas de leis, e o estrangeiro continuou e continua ainda em seu predomínio feroz, em sua conquista bárbara. Não satisfeito em haver transportado para a Europa todo o nosso ouro, ele invadiu o nosso comércio de uma maneira espantosa; e, como se isto não fosse bastante para saciar sua avareza, ele trata de apropriar-se de todos os ramos da indústria brasileira. Já não há artista nacional que possa viver de seu trabalho, porque o estrangeiro ambicioso lhe tem roubado todos os meios honestos de uma subsistência lícita; e, não satisfeito com tudo isto, ele tenta contra a vida dos filhos do Brasil, em seu mesmo país, como ontem acontecera nesta mesma cidade [...]
Um estado tão desonroso e aviltante como este não pode ser mais tolerado pelo povo, e portanto, ele se apresenta perante vós, encorajado pela consciência de seu direito, pedindo-vos que o salveis da dominação estrangeira, fazendo passar uma lei que garanta aos nacionais unicamente o comércio a retalho, bem como o direito de serem caixeiros, e o exercício dos diferentes ramos, e indústria brasileira dentro da província...
Se não for atendido, o povo protesta usar dos meios que a sua razão lhe sugerir." (Castro, 1968, p. 173-174)

CONCLUSÃO

O período de transição entre a abdicação de D. Pedro I (1831) e a maioridade de D. Pedro II, o chamado período regencial, foi marcado por intensa turbulência. O vazio de poder, as disputas regionais, o choque entre o governo central e os poderes locais, a entrada em cena de grupos de marginalizados, dentre outros, acabaram levando à eclosão de revoltas em diferentes províncias.

Mas foi nesse ambiente marcado pela instabilidade política, por disputas e divergências de diversas ordens, que os grupos ou facções começaram a ganhar o contorno dos primeiros partidos políticos que aturam no país.

RESUMO

Após a abdicação de dom Pedro I em 1831, e seu retorno para Portugal, o Brasil ficou com uma promessa de monarca, uma criança de apenas cinco anos, que só poderia assumir o poder ao completar os dezoito, conforme rezava a Constituição, e uma série de dificuldades que passavam pelas disputas regionais, pelas desigualdades sociais e pela inexistência de um grupo político com expressividade econômica para assumir a liderança nacional.

Governado primeiramente por uma Regência Trina, o Brasil começou a ser sacudido por diversos levantes, enquanto no plano político predominava a disputa entre os que defendiam a centralização do poder e os que advogavam a autonomia das províncias. A vitória inicial da tendência descentralizadora e a sequência de revoltas provinciais, algumas com grande participação de camadas populares, alertaram as lideranças políticas para o risco de rompimento da ordem social e da unidade nacional.

Sob intensa movimentação das lideranças políticas em torno das primeiras formas de organização partidária e com o poder controlado por maioria conservadora, avança a tendência centralizadora. Restou à oposição liberal agir no sentido de antecipar a maioridade de Dom Pedro, tornando-o imperador no ano de 1840, meses antes de completar os quinze anos de idade. Terminava, assim, o período de nove anos da história do Brasil, conhecido como período regencial.

ATIVIDADES

1. Comente as medidas adotadas pela regência com vistas à descentralização do poder.
2. Indique a composição dos grupos que, na Regência, começaram a atuar como partidos políticos.
3. Faça um sumário dos principais movimentos da segunda onda de revoltas.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a História: História Geral e do Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.

BASILE, Marcello Otávio N. de C. O Império brasileiro: panorama político. In: LINHARES, Maria Yedda de (org.). **História Geral do Brasil** – 9 ed. – Rio de Janeiro: Campus, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **Teatro de sombras: a política imperial**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; Rio de janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do rio de janeiro, 1988.

CASTRO, Paulo Pereira de. **A "experiência republicana", 1831 – 1840**. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Monárquico**. V. 2. São Paulo: DIFEL, 1978. Tomo II.

CASTRO, Therezinha de. **História Documental do Brasil**. Rio de janeiro: Record, 1968.

COSTA, César Amad ; MELLO, Leonel Itaussu A. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2008.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **História e teoria dos partidos políticos no Brasil**. – 2 ed. – São Paulo: Alfa-Ômega, 1974.

FREITAS, Décio. **A Revolução dos Malês: insurreições escravas**. Porto Alegre: Movimento, 1985.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Monárquico**. V. 2. São Paulo: DIFEL, 1978.

MONTEIRO, Hamilton de Mattos. Da Independência à vitória da ordem. In: LINHARES, Maria Yedda de (org.). **História Geral do Brasil** – 9 ed. – Rio de Janeiro: Campus, 1990.

VAINFAS, Ronaldo (org.). **Dicionário do Brasil Imperial (1822 – 1889)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

VICENTINO, Claúdio; DOTIGO, Gianpaolo. **História do Brasil**. São Paulo: Scipione, 1997.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO

Alex Lombello Amaral

Entre armas e impressos:
A revolta de 1842 em Minas Gerais

JUIZ DE FORA
2019

Alex Lombello Amaral

Entre armas e impressos:
A revolta de 1842 em Minas Gerais

Tese de doutoramento apresentada o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como pré-requisito para obtenção do grau de Doutor em História. Área de concentração: Narrativas, Imagens e Sociabilidades.

Orientador: Alexandre Mansur Barata

JUIZ DE FORA
2019

Alex Lombello Amaral

Entre armas e impressos: A Revolta de 1842 em Minas Gerais

TESE apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de DOUTOR EM HISTÓRIA.

Juiz de Fora, 10/12/2019

Banca Examinadora

____

Prof. Dr. Alexandre Mansur Barata - Orientador

____

Prof. Dr. Ângelo Alves Carrara (UFJF)

____

Profa. Dra. Silvana Mota Barbosa (UFJF)

____

Prof. Dr. Marcello Otávio Néri de Campos Basile (UFRRJ)

____

Prof. Dr. Wlamir José da Silva (UFSJ)

Agradecimentos

Ao povo brasileiro, que por meio da Capes financiou essa pesquisa.

Aos meus professores e colegas, não só de doutorado, mas de toda a minha trajetória acadêmica.

Ao meu orientador atual, Alexandre Mansur Barata, e aos anteriores, Silvana Mota Barbosa e Wlamir José da Silva. O trabalho do historiador é coletivo. O autor de uma tese é responsável por todos os seus defeitos, mas não é responsável por todos os seus sucessos.

À minha família, sem a qual todos os estudos que culminaram na redação dessa tese seriam impossíveis, e que me permitiu trabalhar em completa paz – um bem raro e valioso.

À minha namorada Débora Gomes, que tem me apoiado exatamente nesses meses de redação final.

Ao pessoal da UFJF, técnicos, bolsistas, terceirizados etc. que sempre ajudaram em tudo que pedi, com eficiência e gosto.

Aos irmãos Ragone, Rubens e Luiz Carlos, por terem me recebido em Juiz de Fora durante as primeiras semanas do doutorado, quando eu ainda não tinha onde ficar.

Aos demais amigos, que me toleram e ajudaram a refletir sobre a tese, cujos nomes não vou citar para não cometer injustiças, uma vez que são muitos.

De acordo com uma conhecida frase de Epiteto,
não são os fatos que abalam os homens,
mas sim o que se escreve sobre eles.

Reinhart Koselleck (2006a, p.97)

Resumo

Essa é uma história da Revolta de 1842 em Minas Gerais, e suas conexões com a imprensa e sua história. A imprensa foi aqui exaustivamente utilizada como fonte, assim como estudada enquanto objeto, e mesmo como protagonista histórica. Inclui-se portanto uma pequena história da imprensa mineira desde seu nascimento até alguns anos depois da revolta. As motivações da Revolta de 1842, um dos temas mais polêmicos da historiografia mineira, foram analisadas em seus detalhes. O papel da imprensa no desenrolar da revolta recebeu destaque e estudou-se a imprensa pós 1842. A partir dessa pesquisa é possível aquilatar a importância da Revolta de 1842 para a história política do Segundo Reinado.

Palavras-chave: Imprensa. Revolta de 1842. Segundo Reinado. Revoltas Regenciais.

Abstract

This is a history of the rebellion of 1842 in Minas Gerais, Brazil, and yours conections that rebellion with the newspapers and with the history of de press. The press was used here extensively as a source, as studied as an object, and even as a historical protagonist. In fact a short history of the Minas Gerais press is included fron its birth until somo years after the revolt. The motivations of the rebellion of 1842, one of the most controversial themes of Minas Gerais historiography, were analyzed in detail. The role of the press in the course of the revolt was highlighted and the press post 1842 was studied. From this research it is possible to measure the importance of the rebellion do 1842 for the political history of the Second Reign.

Keywords: Press. Rebellion of 1842. Secund Reign. Regentials rebellions.

Lista de Ilustrações

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

Imprensa, política, eleições e as forças que as disputavam eram indissociáveis no período aqui estudado, de forma que para estudar a Revolta de 1842 ou qualquer luta política da época, em Minas Gerais, é necessário estudar a história da imprensa, e vice versa. Qualquer acontecimento da história da imprensa tinha forte influencia na história política, de forma a tornar-se importante estudar qualquer aparente anomalia, como a que se segue. Em 1898 Xavier da Veiga publicou seu artigo *A Imprensa Mineira*, com uma lista com os nomes e datas de nascimento dos jornais mineiros (VEIGA, 1898). Teriam surgido 13 na década de 1820, 42 na década de 1830, 24 na de 1840, 17 na década de 1850, somente 14 nos anos 1860. Só voltaram a crescer nos anos 1870, com 47 novas folhas. Foi uma queda muito mais acentuada no interior que em Ouro Preto. Em Ouro Preto a década de 1840 não é de decadência do número de publicações periódicas, mas as de 1850 e principalmente 1860, sim. Já nas cidades do interior, com 30 folhas nascidas na década de 1830, só surgiram 7 em cada uma das décadas posteriores, voltando a 30 na década de 1870.

Ainda acompanhando Xavier da Veiga, a imprensa do interior quase desapareceu. São João Del Rei ainda teve *A Ordem* e *O Governista Mineiro* nos anos 1840. Nessa cidade ainda existiram umas poucas folhas nas décadas de 1850 e 1860, e a imprensa renasceu na década de 1870. Uma exceção foi Campanha, que teve folhas na década de 1850, *A Nova Província* e *O Sul de Minas*, animadas pela finalidade de separar o sul da Província. Diamantina teve o *Jequitinhonha* somente em 1860 e o *Voluntário* em 1865, depois sua imprensa renasceu como em todas as Minas na década de 1870. Mariana continuou dando à luz folhas religiosas esparsamente, até o renascimento da década de 1870. Pouso Alegre voltou a ter uma folha só em 1873, *O Mineiro*. Sabará, depois de 1842, teve duas folhas na década de 1850 e depois só na década de 1880. São José (Tiradentes), depois d'*O Popular* só voltou a ter uma folha em 1887. Barbacena, depois de 1842, só voltou a ter uma folha em 1880. Também o Serro, depois de 1842 só voltou a ter imprensa em 1890. Caeté e Itambé do Serro provavelmente só voltaram a ter imprensa no século XX. A data 1842 se repete como fatal para a imprensa interiorana mineira.

Reduziram-se até os locais de venda. Várias das folhas só podiam ser assinadas na própria tipografia, e isso era um sinal de certo isolamento quando outras podiam ser assinadas em diferentes cidades e lojas. Mas o número de folhas que só podiam ser assinadas ou compradas nas próprias tipografias cresceu abruptamente na década de 1840 (ver Apêndice A). As pessoas não queriam mais seus nomes vinculados a periódicos?

A decadência numérica da imprensa foi bem retratada em um gráfico sobre a imprensa de São João del Rei:

Gráfico 1 - Imprensa em São João del Rei (MG) entre 1827 e 1889

Gráfico 1

1 - A Constituição em Triunfo. 2 - Constitucional Mineiro. 3 - A Legalidade em Triunfo. 4 - O Papagaio. 5 - Oposição Constitucional. 6 - O Monarquista. 7 - O Despertador Mineiro. 8 - O Escolástico. 9 - Tribuna do Povo. 10 - Atirador. 11 - O Destino. 12 - O Domingo. 13 - S. João D'El-Rei. 14 - A Alvorada. 15 - Opinião Liberal. 16 - A Verdade Política. 17 - A Pátria Mineira.

Ilustração 1: Fonte: AMARAL, Alex Lombello. **Cascudos e Chimangos.** Dissertação de Mestrado. PPG História UFJF. 2008.

Em resumo, a imprensa sofreu transformações na década de 1840, quando se iniciou um período que para quase todo o interior das Minas Gerais foi de silêncio dos prelos. O que aconteceu? Para alguns a decadência numérica da imprensa mineira teria tido início "*depois da Revolta Liberal de 1842*" (SANTOS, 2011, p.20; REZENDE, 2009, p.8). Eis a questão a ser aqui investigada: As relações entre a Revolta de 1842 e a imprensa mineira. O que aconteceu com a imprensa e em que a Revolta de 1842 interferiu?

A Revolta de 1842 convulsionou as províncias de São Paulo e Minas Gerais, apesar de ter sido planejada pela Sociedade dos Patriarcas Invisíveis para acontecer também em outras províncias. Marcada para explodir nas respectivas capitais dia 10 de maio, teve início de fato no dia 16 de maio em Sorocaba (SP), e somente em 10 de junho em Barbacena (MG). O planejamento era que a revolta mineira fosse só um apoio à dos paulistas. A revolta seria forte mesmo em São Paulo, província próxima aos rebeldes farroupilhas, e a ação dos mineiros somente obrigaria o governo a dividir sua atenção e suas forças. Mas quando a

revolta explodiu em Minas Gerais já estava em decadência em São Paulo (A batalha de Venda Grande aconteceu dia 7 de junho e foi considerada decisiva contra a revolta). Nas Minas a revolta se espalhou rapidamente por diversos municípios, sobretudo no entorno de Barbacena e São João del Rei, mas também no extremo sul da província, no Triângulo e no Norte. As forças governistas, depois de certa paralisia, reagiram, e iniciou-se uma pequena guerra civil, que teve várias batalhas, mudanças de estratégia e diferenças regionais. O conflito armado encerrou-se com a derrota dos rebeldes na lendária batalha de Santa Luzia, dia 20 de agosto de 1842, pelas tropas imperiais sob o comando do então ainda general Barão de Caxias. Quais as motivações dos rebeldes? É uma das mais polêmicas questões sobre essa revolta, à qual foi dedicado todo um capítulo.

Essa tese foi feita com base em intensa pesquisa em fontes primárias, a exemplo de memórias, documentos oficiais e processos, mas destaca-se o uso da imprensa periódica, com a leitura cuidadosa de milhares de números publicados entre 1823 e 1849 (ver Apêndice A). O que foi estudado não são os fatos narrados pela imprensa. A imprensa foi usada não como fonte para assuntos que ela narrou. Os periódicos eram instrumentos da luta política, e é como tal que foram estudados. Para realizar uma campanha, para elevar ou derrubar um nome, para angariar votos, para realizar levantes ou para reprimi-los, ou seja, para executar a mínima ação tática ou uma grande estratégia, as folhas eram utilizadas. Portanto seus conteúdos são rastros das manobras das forças políticas que as produziram. O que interessa não é o que as forças políticas disseram em seus jornais, mas o que elas fizeram utilizando seus jornais.

Conhecer a história da imprensa periódica é prerrogativa para se entender uma crise dessa mesma imprensa periódica. Afinal como entender a queda numérica de algo que se conhece mal? Uma história da imprensa é ao mesmo tempo indispensável como crítica da imprensa enquanto fonte de pesquisa. Como, quando e onde surgiu a imprensa periódica em Minas Gerais? É possível distinguir diferentes momentos dessa imprensa entre seu surgimento e a Revolta de 1842? Dito de outra forma, que características e atuações se destacam em diferentes momentos? Qual era seu papel, e seus objetivos? Quem eram seus produtores? Qual era seu público? Como era financiada? É o que se faz sobretudo no primeiro capítulo.

Como foi dito, todo um capítulo foi dedicado às motivações da revolta de 1842. O que aconteceu nos meses que precederam a Revolta que pode ser contado ou como prelúdio ou como motivação? O que se divulgou para os leitores de oposição durante os meses que precederam à revolta? O que se dizia na imprensa oposicionista sobre a recriação do Conselho de Estado e sobre a Lei da Reforma do Código do Processo? Como essa imprensa interpretava essas duas leis para diferentes camadas da população? Desses e de outros assuntos se trata no

segundo capítulo.

E a revolta, como foi? Qual sua dimensão? Quem participou? Quem liderou? Quem financiou? O que aconteceu com a imprensa nesse famoso ano de 1842? Ela "participou" da revolta e da reação? Foi diretamente atingida? No terceiro capítulo é feito o trabalho de observar semana após semana a Revolta de 1842. A decisão de seguir uma ordem cronológica se deve à crença pessoal do autor de que a história deve ser contada, porque assim ela é assimilada com mais facilidade, e já é nítido que essa decisão se estende ao resto da tese.

Por fim, no quarto capítulo estuda-se o pós-1842. O que aconteceu com a imprensa depois da revolta? E o que aconteceu nos anos seguintes? E a memória da Revolta de 1842, como foi explorada? O que aconteceu com os Luzias? Com as eleições? Com a vida política? Quais a consequências da Revolta de 1842?

De volta ás folhas periódicas, o artigo já citado de Xavier da Veiga, *A Imprensa em Minas Gerais*, ainda é a referência dominante para os historiadores do jornalismo mineiro, dado ser fonte única para muitas informações. Em geral, depois de mais de cem anos de pesquisas, o artigo de Xavier da Veiga se revela com pouquíssimas falhas, embora com algumas lacunas. Entre 1823 e 1850 são somente quatorze folhas que ele desconhecia e uma que ele duplicou. Da lista de jornais do artigo de Xavier da Veiga, até 1850, só não constam, por terem sido descobertos posteriormente, os números *Extraordinários* do *Compilador Mineiro* (Ouro Preto, 1824)*;* O *Semanário Oficial da Província de Minas Gerais* (1826); o *Diário do Conselho Geral da Província* (Ouro Preto, 1830-1832); *O Soldado* (Ouro Preto, 1831); a *União Fraternal* (1832); o *Itambé do Serro* (1831), que é mesmo possível que não tenha existido; o *Revisor* (Ouro Preto, 1833), o *Reformista* (provavelmente Ouro Preto, 1835), o *Sabarense* se é que passou do anúncio, o *Correio da Assembleia* (Ouro Preto, 1836), *A Razão* (Sabará, 1836), *A Igualdade* (São José/Tiradentes, 1840), o *Setembrista* (Ouro Preto, 1841), e o *Governista Mineiro* (São João Del Rei, 1844). *O Constitucional* (Ouro Preto, 1846) foi duplicado por Xavier para 1832 (VEIGA, 1898, p.195-210).

Ao longo da tese foram utilizados dezenas de novos trabalhos em que a imprensa é objeto ou fonte, como se observa nas notas de rodapé. A revalorização da imprensa como fonte tem poucas décadas, e produziu muitos frutos, como se percebe destacadamente no primeiro e no quarto capítulos.

Já a historiografia sobre a Revolta de 1842 é relativamente pequena, e tem como principal referência uma obra do século XIX, publicada ainda em 1844, primeiro com o nome de *História do Movimento Político que no ano de 1842 teve lugar na Província de Minas Gerais*, nome pelo qual foi publicado na Coleção Brasiliana, mas logo chamado pelo próprio

autor de *História da Revolução de 1842*, nome com o qual foi publicado pelo Senado Federal, para citar somente as publicações mais recentes (MARINHO, 1978). O Cônego José Antônio Marinho, autor desse livro, foi uma das principais lideranças da Revolta, de forma que sua história precisa ser tomada não só como fonte secundária, mas também como primária, ou seja, tratada com duplo cuidado pelo historiador. [1]

Antes mesmo do livro do Cônego Marinho, foi publicado, ainda em 1843, o livro *História da Revolução de Minas Gerais em 1842, exposta em um Quadro Cronológico, organizado de peças oficiais das autoridades legítimas; dos Atos revolucionários da liga facciosa; de artigos publicados nas folhas periódicas, tanto da legalidade como do partido insurgente; e de documentos importantes e curiosos sobre a mesma revolução; com o retrato do General Barão de Caxias e a planta do Arraial de Santa Luzia*, atribuído a Bernardo Xavier Pinto de Souza (SOUZA, 1843). Mas trata-se de uma coletânea de documentos, não de uma narrativa. Foi muito utilizado ao longo dessa tese.

Em 1942 foi publicado *A Revolução de 1842*, de Martins de Andrade, que é completamente calcado na obra de Marinho (ANDRADE, 1942). Por sua vez o livro *A Revolução Liberal de 1842*, de Aluísio de Almeida, publicado em 1944, ao contrário de Marinho, que faz apologia rebelde, faz apologia legalista, mas nem por isso deixou de ser influenciado por Marinho, o que é impressionante (ALMEIDA, 1944). É que Marinho ainda é referência pelo mesmo motivo pelo qual foi escolhido pelos seus correligionários para escrever sua versão da revolta – a pena dele era poderosa, o que é perigoso para o historiador que o lê.

Recentemente surgiu uma obra sobre a Revolta de 1842 que não é dominada pela pena de Marinho, foi a de Erik Hörner, *Em defesa da Constituição: A guerra entre rebeldes e governistas (1838-1844)*, de 2010. Essa obra contribuiu muito para os estudos sobre a Revolta

---

1 José Antônio Marinho (1803-1853), foi redator ou colaborador no *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública*, no *Novo Argos*, no *Astro de Minas*, no *Oposição Constitucional*, no *Americano*, no *Despertador Mineiro*, no *Itacolomy*, no *Itamontano*, no *Monarquista* e no *Constitucional*, para contar só folhas mineiras. Nasceu em Brejo do Salgado, nas margens do São Francisco, negro e pobre. Teria se encaminhado para o sacerdócio por uma paixão não correspondida, e quando seminarista em Olinda participou da Confederação do Equador, sendo castigado com a expulsão. Terminou seus estudos no Caraça, onde também lecionou. Foi vereador, deputado provincial e geral, professor e diretor de diferentes colégios. Era filho de Antônio José Marinho, e neto do Capitão Francisco Alves Passos e de Romana Cardoso de Toledo. Afirmou que nasceu pobre por "*negócios falhados da parte de meu avô, e meu Pai nos reduziu a pobreza*", mas que "*a nossa casa, ou a de meu avô, se chamava por antonomásia – a casa grande*" (ASTRO DE MINAS, 29/10/1836). Em outras palavras, Marinho tinha capital cultural. Além de um dos principais envolvidos da Revolta de 1842, foi seu mais famoso memorialista, ou se isso existe, um historiador oficial dos rebeldes, tendo publicado sua versão já em 1844.

de 1842, levando-a além da simples descrição. Além de estudar os fatos ocorridos entre maio e agosto de 1842, Hörner estudou alguns antecedentes da revolta, debateu suas motivações, estudou o pós-1842, buscou compreender o significado da Revolta de 1842 na história política do Império. Hörner preferiu estudar a Revolta como um todo, em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, dando mais atenção à primeira província. É uma opção que já contem em si a certeza de que se tratou de um mesmo movimento, e de que as províncias envolvidas eram semelhantes ao ponto de poderem ser estudadas em conjunto. A presente tese fez opção oposta, considerando que as diferenças entre as províncias eram tais que é melhor estudar o movimento de 1842 em uma delas, ao pesquisar em fontes primárias, e utilizar fontes secundárias no que tange a outras províncias.

Nota-se que as pesquisas especificamente sobre a Revolta de 1842 são poucas. Vários outros autores se referiram a essa revolta em suas obras e são utilizados ao longo dessa tese. Historiadores que tratam do 2º Reinado, sobretudo de sua história política, muitas vezes esbarram com referências à Revolta de 1842, sem qual não seria possível explicar sequer o apelido "Luzias". Embora pouco espaço tenha sido dedicado ao debate historiográfico, os trabalhos de dezenas de historiadores foram extremamente úteis, como se lê nos rodapés. O historiador trabalha sozinho com seus livros e documentos, nos arquivos, ao escrever, ao buscar informações pelos mais inusitados caminhos, mas seu trabalho ainda assim é coletivo – é fruto dos esforços de gerações de pesquisadores, a maioria dos quais já tão mortos quanto seus objetos de estudos, e tão "vivos" quanto "reviveram" esses objetos de estudos ao escreverem sobre eles.

O objetivo dessa tese, portanto, não é encerrar o debate sobre a Revolta de 1842, nem sobre a história da imprensa. Pelo contrário, é animar o debate e estimular novas pesquisas.

2 UMA HISTÓRIA DA IMPRENSA EM MINAS GERAIS (1823-1842)

A imprensa foi uma das protagonistas da Revolta de 1842, tanto do lado rebelde quanto do legalista, a maior recrutadora, e a arma que mais criou lacunas nas hostes rebeldes. Mas não é só isso, porque a história da imprensa se confunde com a história das forças políticas que então se formavam, ou como eles se denominavam frequentemente, os "lados políticos". A imprensa estudada utilizava tanto os termos "lado político" como "partido", para se referir aos adversários e aos aliados. O termo "lado político" corresponde melhor à realidade, na qual não havia uma organização formal, nem direções oficiais, nem um programa aprovado por uma maioria, nem congressos etc. A imprensa era o que havia de mais concreto, a única fonte de direção política, a única organizadora coletiva desses "lados políticos".

Os lados políticos eram conhecidos pelos seus apelidos (ver Quadro 1). Seus objetivos, sua composição social, eram polêmicos desde a época e até hoje o são entre os historiadores. Mas todos podiam ler, preto no branco, o que pregava, por exemplo, *O Universal*, e não era difícil saber quais folhas eram aliadas e quais eram inimigas d'*O Universal*. Ou seja, o "lado do Universal" era algo de muito concreto. Estudar a imprensa dessa época é como se pudessemos estudar o sistema nervoso dos lados políticos. A direção política era feita pela imprensa, que apontava objetivos, inimigos, táticas e realizava estratégias. Quanto mais compreendermos a imprensa dessa época, mais compreenderemos sua história política, inclusive a Revolta de 1842.

2.1 A Tipografia Patriótica: matriz de periódicos – 1822-1825

Desde Xavier da Veiga (1898) acredita-se que a primeira tipografia da Província foi a Tipografia Nacional do Governo Provincial (VEIGA, 1898, p.183). Oficialmente Minas Gerais tinha uma Tipografia Nacional desde o início de 1822, sob a inspeção do secretário de governo, e tendo como diretor José Vicente Ferreira e tinha mais empregados, mas segundo o inspetor com ela "*não era possível obter a impressão regular de uma folha de papel*" (ABELHA DO ITACULUMY, 4/7/1825). O problema da Tipografia Nacional era "*falta de letras*" (O UNIVERSAL, 1/08/1825), ou seja, de tipos. Os pertences dessa Tipografia Nacional acabaram remetidos aos Armazéns Nacionais em 1828 (MOREIRA, 2011, p.170).

A primeira Tipografia de Minas Gerais foi de fato a:

> dita com razão Patriótica; porque todos os seus utensils foram aqui fabricados sem modelos, e nem outra direção, que o desenho achado em alguns Livros, e para maior glória dos mesmos grande porção de tipos se fundiu de chumbo extraído de nossas Minas (ABELHA DO ITACULUMY, 12/01/1824).

A Revolução Francesa multiplicou os manuais que versavam sobre tipografias, entre eles o *Dicionário de Ciências e Artes*, onde Manoel Barbosa observava os citados desenhos sonhando em criar "*o mais belo Estabelecimento da Cidade*" (O UNIVERSAL, 1/2/1828), a "*mais importante das descobertas do homem*" (ASTRO DE MINAS, 29/10/1836) (VEIGA, 1989, p.180; DARNTON, ROCHE, 1996, p.157). A fabricação de uma tipografia, que na província de Minas Gerais se repetiria em Tejuco (Diamantina), depois em Itambé, arraial de Vila do Príncipe (Serro) e em Campanha, revela a necessidade irrefreável de participar do debate político durante o processo de independência do Brasil e formação do Estado nacional (SILVA, W., 2009, p134).

O sentimento dos periodistas brasileiros pode ter sido semelhante ao de J.P Brissot,[2] que disse em suas memórias:

> Era necessário esclarecer incessantemente as mentes das pessoas, não através de obras volumosas ou bem fundamentadas, porque o povo não as lê, mas através de pequenas obras, (...) através de um jornal que espalhasse luz em todas as direções (DARNTON, ROCHE, 1996, p.132).

Pelo lado do público havia esperança semelhante de "*em poucas linhas saber o que vai pelo mundo*" (ASTRO DE MINAS, 12/1/1828).

Os construtores dessa primeira tipografia de Minas Gerais foram um português que se educou de forma autodidata no Brasil e um brasileiro educado em Lisboa, respectivamente Manoel José Barboza Pimenta e Sal[3] e Frei José Joaquim Viegas de Menezes[4] (ver notas de

---

2 Jacques Pierre Brissot foi uma figura polêmica. Editor, jornalista, contrabandista de livros, e antes da Revolução Francesa, espião da polícia, após passar três meses preso por escrever contra a rainha. Participou da Queda da Bastilha. Durante a Revolução foi um dos principais líderes girondinos. Em 1793, durante o Terror jacobino, Brissot foi guilhotinado.

3 Manoel José Barbosa Pimenta e Sal, chapeleiro e sirgueiro, nasceu em Portugal. Era autodidata, e teria falecido pobre, no hospital de Ouro Preto, cerca de vinte anos depois de montada a tipografia (VEIGA, 1898, p.181). Seu papel tem sido subestimado pela historiografia. É suspeito de ter sido redator do *Compilador Mineiro* e do *Universal*.

4 Frei José Joaquim Viegas de Menezes nasceu em Vila Rica, em 1778. Depois dos estudos possíveis em Minas Gerais seguiu para Portugal, onde os completou e recebeu ordens sacras. Desenhava desde criança, e dedicou-se à pintura a vida toda, tendo pintado quadros dos Bispos de Mariana e de São Paulo, do governador Manoel de Portugal e Castro, do Visconde de Caeté etc. Também "estudou" na Régia Oficina Tipográfica, calcográfica, tipoplástica e literária do

rodapé). O mesmo Frei José Joaquim Viegas de Menezes em 1808 tinha construído uma prensa onde imprimiu uma poesia[5] em homenagem ao governador e sua esposa, mas sem usar tipos móveis. Em 1820 a Tipografia Patrícia, que só recebeu autorização em 1822, já estava com suas portas abertas (SANTOS, 2011, p.48). Em comparação São Paulo só teria o seu primeiro prelo em 1827 (MOREIRA, 2011, p.137). "*Montada a oficina tipográfica*", o frei José Joaquim Viegas de Menezes "*deixou-a exclusivamente entregue à direção de Manoel José Barbosa, pouco depois associado a um terceiro*" (VEIGA, 1898, p.181). Em 1822 a Tipografia Patriótica imprimiu a *Fala* que D. Pedro I fez aos mineiros.

Em 1823 a Tipografia Patriótica imprimiu o primeiro periódico de Minas Gerais, o *Compilador Mineiro*, que durou um trimestre, mesmo porque "*se limitavam a trimestre as assinaturas para seu dito Periódico...*". Muitas folhas só recebiam assinaturas para o primeiro trimestre, depois terminavam. Não era um traço nacional do periodismo, também nos EUA "*Mais de metade dos 2120 jornais, por exemplo, fundados entre 1690 e 1820, morreu antes de completar dois anos de idade*" (EMERY, 1965, p.81). Sabe-se que no número 13, dos quais não existe cópia dos arquivos públicos, defendeu a criação de uma Universidade em Minas Gerais e que em sua primeira fase existiu até o número 39, de 9 de janeiro de 1824 (CARVALHO, BARBOSA, 1994, p.57). Apesar das "*frequentes arguições do Compilador Mineiro contra o ex Governo Provisório...*" os membros desse governo teriam assinado a folha por um ano. A *Abelha* publicou essa informação em resposta a acusações do redator do *Compilador*, que fazia "*...alegações de que a suspensão de seu Periódico tivera origem, não em adiantamento de um Estabelecimento digno de muito louvor, mas sim na falta de confiança nesse Governo...*" (ABELHA DO ITACULUMY, 5/03/1823, 9/08/1824).

Meio ano depois, a partir de 8 de julho de 1824, quando já existia *A Abelha do Itaculumy*, foi publicado o *Compilador Mineiro Extraordinário*, deu somente seis números e anunciou seu fim em 1 de novembro do mesmo ano. Tinha o mesmo redator, como se nota pelo debate em torno do fim do *Compilador* no início de 1824. Depois do fracasso do *Extraordinário*, esse redator "*ausentou-se*". Claramente foi uma segunda tentativa de

---

Arco do Cego, dirigida pelo também mineiro e frei José Mariano da Conceição Veloso, que também foi retratado pelo frei Menezes. Faleceu em Vila Rica, em 1841, quando era vice-diretor do Colégio Assunção (VEIGA, 1898, p.176, 181, 247). Por sua vez o Frei José Mariano da Conceição Velloso, 1742-1811, nascido na Comarca do Rio das Mortes, deixou ampla produção bibliográfica (BLAKE, 1899, p.64-70). É suspeito de ter sido redator do *Compilador Mineiro*.

5 A poesia era de Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, vereador em Vila Rica na época da Inconfidência, pai de Bernardo Pereira de Vasconcellos e Diogo de Vasconcellos, a frente citados.

existência de um mesmo periódico. A *Abelha do Itaculumy* mais uma vez sugeriu que o redator era Barboza, o dono da tipografia, que negou (ABELHA DO ITACULUMY, 9/07/1824, 1/11/1824).[6]

Na forma o *Compilador Mineiro* seguiu o modelo francês revolucionário, que "*diferentemente de seus contemporâneos londrinos, mantiveram-se à parte de inovações chocantes como manchetes e ilustrações, e sua diagramação em duas colunas se parecia com a de livros publicados antes de 1789, como a Encyclopédie*" (DARNTON, ROCHE, 1996, p.212). A numeração era sequencial de um número para outro, como se fosse para formar um livro, indicando uma pretensão de perenidade (MOREIRA, 2011, p.194). Foi produzido para o uso descrito pelo Deputado Provincial Pereira e Souza:

> ...desde a independência do Brasil, que por ventura sou assinante de todos os periódicos de todas as cores políticas, e conservo na minha casa grossos volumes de todos esses jornais: e disso tenho tirado grande utilidade (O COMPILADOR, 11/5/1844).

Esse formato livresco foi imitado por quase todos os periódicos aqui estudados, com exceção somente da numeração sequencial das páginas, que foi mais característico das folhas da Tipografia Patriótica.

A tiragem do *Compilador Mineiro* era muito pequena. Por exemplo, o *Compilador*, números 26 e 27, publicou a lei de 20 de outubro de 1823, sobre a administração das Províncias, mas foi necessário o *Abelha* republicar essa lei dada "*a raridade dos exemplares*" (ABELHA DO ITACULUMY, 8/04/1825).

É muito comum a afirmação de que os jornais da época "*Não encontrando a linguagem precisa, o caminho certo (...) derivavam para a vala comum da injúria, da difamação, do insulto repetido*" (SODRÉ, 1966, p.181). Mas o *Compilador Mineiro* não era assim, e a maioria das folhas aqui estudadas também não.

A *Abelha do Itaculumy* se apresentou ao público imediatamente após o encerramento do *Compilador Mineiro*, e uma das justificativas de sua existência era a sustentação da Tipografia. Sem uma folha periódica "*tão patriótico estabelecimento cairia*". A tiragem da *Abelha do Itaculumy* também era pequena, "*...raras vezes se imprimem desta Folha pouco mais de cem exemplares...*" (ABELHA DO ITACULUMY, 12/01/1823, 8/11/1824). Das Atas das Câmaras, para os deputados, senadores, e para o país todo, considerava-se suficientes 500 cópias, e dois meses depois, do Relatório do Ministro da Fazenda e do Parecer da Comissão

---

6 Ver Apêndice A – Fichário de todos os jornais encontrados no período.

que o examinou na Câmara dos Deputados se fez "*que o número dos exemplares subisse a mil para chegar ao conhecimento da Nação*". Quando o Conselho de Governo de Minas Gerais quis que uma de suas decisões fosse bem conhecida, fez 600 cópias (O UNIVERSAL, 24/7/1926, 18/9/1826, 5/3/1828).

A *Abelha* era defensora apaixonada de D. Pedro I. Seus redatores sempre se referiam a si mesmos assim, no plural, mas não são conhecidos. É possível que Manoel Soares do Couto[7] tenha sido um deles, pois em sua necrologia se diz que escreveu desde a época da independência, e ao lado do Imperador. Ele era filho de Nicolau Soares do Couto[8], em cuja loja também se distribuía a *Abelha* (ver notas de rodapé). O outro distribuidor da *Abelha*, João de Deus Magalhães Gomes[9], participou da Revolta de 1833 em Ouro Preto, da qual Manoel Soares do Couto foi o líder civil (Apud. SILVA, W., 2018, p.175).

Por um ano e meio a *Abelha* foi a única folha de Minas Gerais, com a curta interrupção de meia dúzia de exemplares do *Compilador Mineiro Extraordinário*, quando em 21 de Junho de 1825 surgiu *O Companheiro do Conselho*, que se propunha a circular durante os dois ou três meses de reunião do Conselho da Presidência (ABELHA DO ITACULUMY, 22/6/1825).

O surgimento d'*O Companheiro do Conselho* pode ter relações com o fim da *Abelha*, que oficialmente foi relacionada ao fracasso da Tipografia Nacional, que só existia

---

7 Manoel Soares do Couto foi redator do *Correio de Minas*, há pistas de que foi redator do *Abelha do Itaculumy*, e era suspeito de redigir o *Unitário*. Nasceu em 1801 e faleceu em 1841, em Ouro Preto, depois de dois meses de enfermidade. Filho de Nicolau Soares do Couto, um rico comerciante. Ambos venderam em suas casas comerciais várias folhas periódicas. O pai foi vendedor do *Abelha do Itaculumy*, e o filho era vendedor de diversas folhas Moderadas, como a *Opinião Campanhense* e o *Astro de Minas*, até a revolta do Ano da Fumaça, 1833, na qual Manoel Soares do Couto assumiu a vice-presidência de Minas Gerais, como líder civil máximo dos rebeldes. Foi redator desde a época da Independência, quando "*tomou o partido de seu defensor; escolhendo para desempenho disso a árdua tarefa de jornalista*" (CORREIO DE MINAS, 17/6/1841). Infelizmente a necrologia não fornece a lista das folhas das quais ele foi redator. Mas a folha pedrista que existiu na época da independência em Minas Gerais foi a *Abelha do Itaculumy*, a não ser que se trate do *Compilador Mineiro*. Foi conselheiro provincial, vereador, tenente coronel da Guarda Nacional de Ouro Preto, presidente da Mesa da Santa Casa de Misericórdia e deputado provincial (SILVA, 2009, p.292).

8 Nicolau Soares do Couto (1761-1840) era distribuidor e possivelmente colaborou com o *Abelha do Itaculumy*. Nasceu em 1761, em Portugal, e faleceu em 1840, em Ouro Preto. Pai de Manoel Soares do Couto, citado acima. Comerciante abastado. Foi administrador dos correios de Ouro Preto e Almotacé antes da independência do Brasil. Foi vereador em 1816 e em 1828.

9 João de Deus Magalhães Gomes foi distribuidor do *Abelha do Itaculumy*. Foi Sargento Mor e procurador da Câmara de Ouro Preto. Em 1822 participou de uma movimentação política contra o Ouvidor que não queria jurar a Constituição que viria a ser feita.

oficialmente. Eis o caso: Bernardo Pereira de Vasconcelos[10], em reunião do Conselho da Presidência, conseguiu aprovar que se pedisse ao Imperador "*mandar para esta Província uma Imprensa, como Mandou para a de S. Paulo*...". Na verdade nenhuma tipografia chegou a ser enviada para São Paulo, mas o pedido da Presidência de Minas ao Imperador motivou:

> Requerimento de Manoel José Barboza, no qual oferecia a sua Imprensa pelo preço mais razoável possível para o Serviço Nacional, não duvidando ser o Administrador e continuar a fundir as letras que se julgarem necessárias... (ABELHA DO ITACULUMY, 8/7/1825)

Fica parecendo que a Tipografia foi vendida, mas no *Diário do Conselho do Governo da Província de Minas Gerais*, número XIII descobre-se que o Conselho, na reunião de 28 de julho de 1825, negou-se à compra, alegando que o preço era elevado. Barboza deu o preço de um conto e cem mil reis (1:100$000), além de 400$ anuais para ele como administrador, e 200$ anuais para aprimorar a oficina[11].

Embora a tipografia não tenha sido vendida o requerimento de Manoel José Barboza oferecendo sua tipografia foi usado como argumento da *Abelha do Itaculumy* para encerrar suas atividades: "*Como o Sr. Impressor se deliberou a vender a sua Oficina, suspende-se a publicação desta Folha; porque não pode ter lugar a continuação do contrato arranjado com o mesmo*..." (ABELHA DO ITACULUMY, 11/7/1825).

---

10 Bernardo Pereira de Vasconcellos nasceu em Vila Rica, em 1795, e faleceu no Rio de Janeiro em 1850, de febre amarela. Formado em Coimbra, atuou como advogado em Lisboa, foi Juiz de Fora em Guaratinguetá, Desembargador em Ouro Preto, deputado geral e provincial, membro do Conselho de Governo e do Conselho Geral da Província, senador, ministro e conselheiro de estado. Quando surgiu o Curso Jurídico de São Paulo se ofereceu para Lente, embora já fosse Desembargador (O UNIVERSAL, 25/2/1828). Mas nenhuma lista de cargos dimensiona Bernardo Pereira de Vasconcelos. Foi um dos vultos do Império. Vasconcelos sempre negou redigir periódicos, e sempre foi considerado redator de vários periódicos. É bem possivelmente o criador d'*O Universal*, e escreveu para o *Oposição Constitucional*, suspeito de ter redigido o *Companheiro do Conselho*, e se não redigiu o *Parahybuna* teve essa folha a seu serviço.

11 Como disse Luciano Moreira, é difícil avaliar se o preço era realmente caro. Em 1832 *O Vigilante*, de Sabará, compraria a sua tipografia, no Rio de Janeiro, por 1:400$000 (O VIGILANTE, 19/1/1833), e não por 4:400$000 como já se afirmou. Em Dezembro de 1835 Dias de Carvalho ofereceria sua tipografia ao governo provincial por 6:400$000 (MOREIRA. 2011. P.176-177). De qualquer maneira, o preço das tipografias subiu mais que a inflação.

Retrato 1 - Bernardo Pereira de Vasconcelos

Fonte: SISSON. S.A. *Galeria dos Brasileiros Ilustres*.

Desmentindo porém a *Abelha do Itaculumy*, o *Companheiro do Conselho*, em seu número 12, teria "*se atribuído a glória de ter morto a Abelha*". No fim de 1825, ao se contar as glórias da Tipografia Patriótica, descobrimos que "*Oitenta e dois Ns. da melíflua Abelha do Itaculumy, encheram metade do ano, e continuariam até hoje, se o mesquinho Companheiro do Conselho (que se limitou a imprimir apenas 12 Ns.) a não tivesse desanimado*". Um correspondente conta que o *Companheiro do Conselho* teria chamado a *Abelha do Itaculumy* de "*mesureira e aduladora*" (O UNIVERSAL, 23/07/1825, 30/12/1825, 27/9/1826). Ou seja, já em 1825 Minas Gerais quase viveu seu primeiro embate de folhas.

Uma semana depois da *Abelha do Itaculumy* anunciar seu fim, apareceu o primeiro número d'*O Universal*, dia 18 de julho, 10 dias antes do Conselho de Governo negar-se a comprar a Tipografia. Nasceu explicando que "*Como o Companheiro do Conselho deve de acabar em breve*", pois as seções do Conselho logo iam terminar, "*e os Ilustres Redatores da Abelha não continuam por ora a publicar o seu Periódico, eu me vi na necessidade de escrever (...) para assim haver ao menos um Periódico, nesta a maior Província do Império*". Foi ainda nessa primeira fase que *O Universal* publicou a proposta de transferir a capital do Brasil para o interior (O UNIVERSAL, 18/7/1825, 31/8/1825). *O Universal* duraria até 1842,

a folha mais longeva de sua época.

O já citado *Diário do Conselho do Governo*, que Carvalho e Barbosa afirmam ter sido impresso na Tipografia Nacional, que acima se viu que era inativa, foi de fato impresso também na Tipografia Patriótica de Barboza (CARVALHO, BARBOSA, 1994, p.69). Em 1825 deu 23 números. Não traz data de publicação, mas passou a ser distribuído em agosto de 1825. Em outubro ainda estava em seu número 14, e com a impressão atrasada (O UNIVERSAL, 8/08/1825, 14/10/1825).

No dia 13 de setembro de 1825 surgiu o semanário *Patriota Mineiro*. Defendeu um Banco Mineral, que seria criado a partir dos diamantes do distrito diamantino, diferente de Bernardo Pereira de Vasconcelos, suspeito na época de ser redator, que defendia a arrematação das terras diamantinas e a liberação do comércio de diamantes. Três meses depois, ao relatar os trabalhos da Tipografia Patriótica em 1825, *O Universal* nos conta que o *Patriota Mineira* teve somente 13 números, e comemorou quando as assinaturas do mesmo passaram de 150 (O UNIVERSAL, 12/09/1825, 17/10/1825, 2/11/1825). Para Sacramento Blake e Claus Rodarte o redator foi José Pedro Dias de Carvalho[12], então com 20 anos (BLAKE, 1899, p.78; RODARTE, 2015, p.78).

Dias de Carvalho teria uma carreira de destaque e foi um dos principais protagonistas das primeiras décadas do jornalismo mineiro e da Revolta de 1842.

2.1.1 Imprensa mineira enfrenta a Coroa ainda em 1825

Na segunda metade de 1825 eram impressos em Minas Gerais, na Tipografia Patriótica de Barboza, o *Diário do Conselho de Governo*, oficial, o *Companheiro do Conselho*, temporário desde sua proposta inicial, *O Universal* e o *Patriota Mineiro*, que durou pouco. Essas quatro folhas fizeram coro contra um decreto de D. Pedro I que dava enormes privilégios para uma companhia inglesa do Vale do Rio Doce, companhia essa ligada à família Carneiro Leão. Os defensores da companhia entraram em conflito com a imprensa mineira

---

12 José Pedro Dias de Carvalho nasceu em Mariana, em 1805, e faleceu no Rio de Janeiro em 1881. Dono da tipografia do *Universal*, foi redator dessa folha por muitos anos. Publicou o *Diário do Conselho Geral da Província de Minas Gerais*. Suspeito de ter sido, ainda menor, redator do *Patriota Mineiro* e corresponsabilizado pelo que publicava o *Guarda Nacional Mineiro*. No Rio de Janeiro redigiu *O Parlamentar.* Sócio do IHGB. Foi deputado provincial e geral, senador, conselheiro de Estado e ministro (VEIGA, 1898, p.190). Foi Comendador da Ordem de Cristo, Presidente de Minas Gerais e do Banco do Brasil. Aos 15 anos, estudando latim, substituiu seu professor pelo espaço de 1 ano (BLAKE, 1899, p. 116-117). Dias de Carvalho foi Secretário de Governo dos rebeldes em 1842.

por meio do *Diário Fluminense*, insinuando que Minas Gerais estaria agitada. Os artigos em defesa da companhia inglesa eram assinados com o pseudônimo de "Paraopebano", mas há quem diga que era o próprio Bernardo Pereira de Vasconcelos quem os escrevia para gerar o debate. Contudo, é estranho que uma companhia de tal monta não tivesse defensores de verdade.

Retrato 2 - José Pedro Dias de Carvalho

Fonte: Arquivo Público Mineiro.

Além de tratar de assuntos econômicos a polêmica tomou dimensão política, pois, segundo um correspondente, as folhas mineiras mostravam "*com a maior moderação, que os Ministros do Estado são responsáveis, e que consequentemente os seus atos, estão sujeitos a censura...*". Ou em outras palavras, censuravam o gabinete do Imperador antes mesmo da abertura das Câmaras. A polêmica vendia jornais, pois "*...todos os dias de manhã se apinha gente à porta da Imprensa, como se fosse porta da Igreja.*" (O UNIVERSAL, 23/11/1825, 14/09/1825).

Em janeiro de 1826 *O Universal* comemorou vitória sobre a companhia de capital inglês, pois no final de novembro de 1825 D. Pedro I teria "*escusado*" o contrato proposto por José Alexandre Carneiro Leão (O UNIVERSAL, 9/1/1826).

Apesar dessa vitória, e talvez devido a ela, essa imprensa quase sumiu. Com menos de seis meses o *Patriota* deixou de circular e *O Universal* mudou de redator:

> Pretendendo o Ilustre Redator desta Folha suspender a publicação dela por se achar impedido por motivos particulares, que eu ignoro, e havendo-se despedido o Redator do *Patriota Mineiro* talvez por medo de que o Paraopebano lhe fizesse o que ele receava da parte dos Membros do extinto Provisório, como ele disse... (O UNIVERSAL, 9/12/1825)

Um correspondente afirmou que o redator do *Patriota* "*estaria talvez agora bem receoso de que o Paraopebano o chame aos Jurados...*" (O UNIVERSAL, 28/12/1825). Contudo o fim do *Patriota Mineiro* e a retirada do primeiro redator d'*O Universal* também podem ter sido motivados não por medo, mas pela certeza de terem vencido a única disputa pela qual tinham vindo a público. O *Patriota* parece ter sido um dos típicos jornais de trimestre, cujas assinaturas não eram renovadas ao final do primeiro trimestre, isso quando eram pagas as do primeiro:

> O Ex-Redator do *Patriota Mineiro* roga aos srs. Assinantes do seu Periódico, que se tem descuidado de contribuir com o importe de suas Assinaturas a graça de o fazerem com brevidade para poder liquidar suas contas com o Impressor (O UNIVERSAL, 1/2/1826).

Sob a segunda redação *O Universal* se tornou ainda mais "republicador" de artigos de outras folhas, assim como publicou extratos de obras de economistas e filósofos, quase sem textos próprios, e os próprios leitores reclamavam disso, ainda comentavam que "*o Sr. Redator tem jeito muito particular para escolher o que menos interessa*". Para compensar o laconismo do redator, *O Universal* passou a receber uma "*multidão de correspondências* (...) *das diferentes partes da Província*" (O UNIVERSAL, 9/8/1826, 27/2/1826). No fim de 1825, *O Universal* se dizia o "*único, que resta de tantos Escritores*" que publicavam na Província de Minas Gerais. Os motivos não eram repressivos. Esses redatores escreviam com enorme liberdade e buscavam polêmicas.

Em fevereiro de 1826 *O Universal* passou a denunciar que as seções do Conselho de Governo da Província não estavam sendo publicadas, e ofereceu insistentemente suas páginas. Tentou inocentar Bernardo Pereira de Vasconcelos, que estaria dispensado de assistir às seções por ter sido encarregado das estatísticas da Província (O UNIVERSAL, 15/2/1826, 6/3/1826). Viu-se que *O Universal* estava precisando de conteúdo, e obviamente as atas do Conselho de Governo atrairiam os leitores. Também era, porém, uma firme defesa da publicidade dos atos governativos, da conquista, em Minas, do que os ingleses conquistaram em 1771.[13] Deve-se compreender que imprimir atas era uma prática revolucionária, chocando-se com o segredo do Antigo Regime, "*Os primeiros jornais fundados nas semanas iniciais da Revolução, como o* Point du jour*, editado pelo futuro jacobino Bertrand Barère, eram*

13 Em 1771 a Câmara dos Comuns finalmente aceitou que a imprensa publicasse suas seções (ALBERT, TERROU, 1990, p.12-13).

dedicados quase exclusivamente à cobertura das sessões públicas dos Estado Gerais" (DARNTON, ROCHE, 1996, p.127, 214). Assim a imprensa conseguiu "*eliminar da política a centralidade do segredo de Estado, característica fundamental do regime absolutista*" (NUNES, 2010, p.17). Em Minas Gerais essa luta foi iniciada pel'*O Universal*.

Com esse tipo de prática *O Universal* conquistou adversários que: "*procuram retirar nossos assinantes para ver se* (ilegível) *sucumbimos, e suspendemos a publicação da folha*". Mas não conseguiram: "*vai aumentando consideravelmente a lista dos nossos subscritores*". Tentaram até deixar *O Universal* sem compositores.[14] A falta de compositores só fez falta mesmo alguns meses depois, coincidindo com a época em que 20 deputados mineiros, muitos de Ouro Preto, viajavam para a Corte. Então desaparecem os "ch", substituídos por "x", "marcha" por "marxa", "chácara" por "xacra" (O UNIVERSAL, 27/2/1826, 15/1/1827, 23/5/1827, 28/5/1827) etc. Sinal de que homens mais letrados que Barboza, interessados em que *O Universal* não morresse, ajudaram-no até como compositores. Quando se ausentaram, ele passou aperto. Os "h"s voltaram em pouco mais de um mês.

Logo surgiu um panfleto avulso contra *O Universal* denominado *Ao Público*, respondendo que as seções do Conselho não eram publicizadas porque o "*Impressor Barboza é excessivo nos ajustes dos trabalhos da imprensa, e que ainda assim se queixa de prejuízos*". Surgiriam mais avulsos (O UNIVERSAL, 13/3/1826, 19/6/1926), mas Barboza não recuou:

> Sábado d'Aleluia 25 do corrente mês se findarão as Sessões do Ex. Conselho de Governo, começadas em 26 de Fevereiro passado; até hoje ignora o Público em que empregaram os Srs. Conselheiros estes dois meses... (O UNIVERSAL, 29/3/1826)

Em 17 de abril de 1826 *O Universal* anunciou o surgimento do sétimo periódico da Província, o *Semanário Oficial da Província de Minas Gerais*, que já tinha dado quatro números, e ficou nisso. Seu redator, provavelmente o mesmo redator do *Diário do Conselho de Província*, o secretário de governo Luiz Maria da Silva Pinto (ver nota de rodapé), afirmou que deveriam ter sido 12 números, mas por atrasos da Tipografia saíram somente quatro (O UNIVERSAL, 12/3/1827).[15] Esse redator dessas duas folhas oficiais justificou também seu

---

14 "*Um compositor podia alinhar de 1000 a 1200 caracteres, ou quase uma página in-octavo, numa hora*." (DARNTON; ROCHE (Orgs.), 1996, p.163). Já o imprensor manual imprimia cerca de 2500 folhas em 12 horas de trabalho. (ASIMOV, Isaac. 1981. p.424.).

15 Major Luiz Maria da Silva Pinto nasceu em Ouro Preto em 1773, e faleceu em 1869. Para Eduardo Freiro ele era goiano (FREIRO, 1981, p.159). Provavelmente foi redator do *Diário do Conselho de Governo da Província de Minas Gerais*, do *Semanário Oficial da Província de Minas Gerais* e das *Atas das Seções do Conselho de Governo*, todas da década de 1820. Em

boicote à Tipografia Patriótica pelos "*queixumes*" de Barboza, seus preços, e porque ele divulgava as informações antes! Bem antes dessa gíria ser inventada, Barboza já praticava o "furo jornalístico". Barboza confessou:

> Esse Senhor de nome muito comprido, que deu a luz *Diário do Conselho*, 4 números do *Semanário Oficial*, e que daria 500 outros Periódicos em cada dia, se a sua Impressão não custasse dinheiro, assentou que os trabalhos do Governo lhe deviam pertencer, como propriedade seguramente adquirida, e que só a ele competia o publicá-los (O UNIVERSAL, 16/3/1827).

Sabemos que um dos panfletos que Luiz Maria da Silva Pinto publicou contra *O Universal* (O UNIVERSAL, 29/5/1926) não foi rodado na Tipografia Patriótica. Silva Pinto teria conseguido fazer funcionar a Tipografia Nacional para rodar quatro números do *Semanário Oficial* e esse panfleto?

Como panfletos e intrigas não resolveram, Luiz Maria da Silva Pinto processou *O Universal*. O motivo alegado foi não se referir a ele como "Senhor", e sim de "V.m.". O objetivo verdadeiro segundo o próprio Silva Pinto em panfleto posterior ao curto processo era "*reconhecer o Autor dos referidos artigos; mas para generosamente segregá-lo dentre tantas Pessoas, que o honram com sua benevolência, e amizade*". O impressor Barboza não aceitou entregar o redator (ou confessar que o era), e afirmou que ficaria responsável "*até o momento da decisão da sua causa em Juízo*" (O UNIVERSAL, 12/6/1926, 3/7/1926, 7/8/1826). O anonimato dos redatores foi praticamente uma regra dos periódicos aqui estudados.

Em 30 de outubro de 1826 *O Universal* anunciou que estavam sendo impressos os números do *Diário do Conselho de Governo* do ano de 1826, e que o segredo acabaria. Mas em 22 de dezembro *O Universal* republicou um artigo em que *A Astréa* recriminava o Conselho de Governo de Minas Gerais por não publicar suas atas. O *Diário do Conselho de Governo* de 1826 foi impresso, mas não foi distribuído. Em 15 de junho de 1827 *O Universal* noticiou que o *Diário Mercantil*, do Rio de Janeiro, estava vendendo exemplares do *Diário do Conselho*, de 1826, a 120 réis cada. O Conselho tinha respondido que Barboza não dependia de aprovação para publicar as atas do Conselho, mas teria que pagar pelas cópias das atas, de forma que o segredo e a briga continuaram (O UNIVERSAL, 26/1/1827). Em 1828 existiram

---

1847 foi editor d'*O Compilador*, folha da Assembleia Legislativa. Por muitos anos foi secretário da presidência de Minas Gerais, nomeado em 28 de novembro de 1823 (ABELHA DO ITACULUMY, 10/3/1824). . Foi Secretário do Governo por mais de 30 anos, e Procurador Fiscal da Província (BLAKE, 1899, p.435). É autor de um dos primeiros dicionários impressos no Brasil, em tipografia própria como se verá. Foi deputado provincial entre 1838 a 1847. Foi membro do Conselho de Governo de Minas Gerais. É patrono da cadeira 29 da Academia Goiana de Letras.

as *Atas das Seções do Conselho de Governo da Província* (VEIGA, 1898, p.195).

Luiz Maria da Silva Pinto acabaria conseguindo sua tipografia, na qual imprimiu sobretudo livros. *O Universal* anunciou a chegada dessa tipografia na cidade em fevereiro de 1828, e que imprimiria um periódico. Seriam as *Atas das Seções do Conselho de Governo da Província* que Xavier da Veiga diz serem de 1828? O ano de 1828 pode ter sido o das seções, que teriam sido publicadas somente em 1829, o que não seria nada incomum. Mas Silva Pinto parece ter priorizado a publicação de livros (O UNIVERSAL, 27/2/1828). Em 1829 a Tipografia de Silva já imprimia o *Dicionário da Língua Brasileira* e a *Coleção das Leis*, por assinaturas (ASTRO DE MINAS, 2/7/1829). Em 1847 essa tipografia ainda existia, com o mesmo nome, rodando *O Compilador*.

É comum que se atribua a Bernardo Pereira de Vasconcelos (ver nota de rodapé 10) a direção do *Universal* desde 1825 até meados dos anos 1830s (VEIGA, 1989, p.190; RESENDE, 2008, p.210). Contudo, *O Universal* teve uma história um pouco mais complexa. Vasconcelos, como se sabe, negava e tinha ao seu lado Manoel José Barboza, que dizia que "*O Sr. Desembargador Bernardo Pereira de Vasconcelos não é o Redator deste Periódico, nem nele tem parte alguma, como geralmente se (ilegível) – O Impressor MJB*" (O UNIVERSAL, 6/2/1826).

A primeira aparição de Vasconcelos na imprensa mineira, salvos os números perdidos do *Compilador Mineiro*, foi em 9 de Junho de 1824 no *Abelha do Itacumuly*. A imprensa mineira já tinha um ano! Ele então denunciou ao "*público*" que nas eleições "*houve suborno muito grande*", por parte do ouvidor Francisco Garcia Adjuto, que teria tentado excluí-lo da lista de eleitores de paróquia, sem sucesso. Em 1825, ainda no *Abelha do Itaculumy*, Vasconcelos apareceu como participante muito ativo do Conselho da Presidência, do qual era suplente. Sua atividade nesse Conselho o fez brilhar em quase todos os números do *Diário do Conselho do Governo da Província de Minas Gerais*.

Como Vasconcelos se destacava nas reuniões do Conselho combatendo o decreto que dava privilégios à companhia inglesa ligada aos Carneiro Leão, e o *Companheiro do Conselho* estivesse engajado na mesma campanha, surgiram suspeitas de ser ele o redator do *Companheiro*. Ele negava e exigiu do dono da Tipografia, o Barboza, outro documento atestando que ele não era o redator. Vasconcelos continuou sendo acusado de redator de diversas folhas, e até de ser dono da Tipografia Patrícia no lugar de Manoel José Barboza (O UNIVERSAL, 10/08/1825, 7/09/1825).

O que a historiografia curiosamente esquece, mas que a *Aurora* sabia e o *Astro* e o *Universal* republicaram é que na Corte acontecia o "*chamamento a Jurados de quase todas as*

folhas livres daquela capital" (PREGOEIRO CONSTITUCIONAL, 5/2/1831), a exemplo da *Astréa*, processada pelo menos onze vezes (NUNES, 2010, p.71), no Maranhão "*se persegue a única folha liberal, que ali aparecera*", e finalmente foi recrutado (literalmente) o redator do *Pharol Maranhense* (ASTRO DE MINAS, 25/9/1828, 9/12/1828). Mas em Minas Gerais:

> Nessa Província o Promotor do Júri deixa em paz os Escritores não havendo falsas interpretações, que lhes torturem os pensamentos; esse digno e honrado Promotor é o Sr. Bernardo Pereira de Vasconcelos... (ASTRO DE MINAS, 19/2/1828; O UNIVERSAL, 22/2/1828)

Ou seja, Vasconcelos era, entre os Desembargadores, o responsável por ser o Promotor do Júri em Minas Gerais, responsável, segundo a lei de 1823, por processar os crimes de abuso de imprensa. Não havia impedimento legal para que o Promotor fosse redator de periódicos, mas obviamente haveria uma incompatibilidade moral. Deve-se admirar o pouco que Vasconcelos se aproveitou desse seu posto, tendo aparecido tão pouco na imprensa mineira antes de meados de 1827. E mesmo se Vasconcelos não foi o criador d'*O Universal*, e é possível que tenha sido, como se vê abaixo, por ter deixado em paz os periódicos teve grande responsabilidade no fato d'*O Universal* ter sido, segundo o *Astro de Minas*, a "*primeira folha liberal do Brasil*" (ASTRO DE MINAS, 26/1/1828), uma vez que não a processou. [16] Isso por sua vez influiu para que Minas Gerais abrigasse um grande foco de oposição a D. Pedro I (REZENDE, 2009, p.90).

Claro que Vasconcelos não ocupou por muito tempo essa posição. No final de 1828 o *Astro de Minas* denunciou que "*muito se havia subornado para ser excluído da Promotoria dos Jurados o Sr. Vasconcelos; e ser substituído, por quem dependente do governo faça mil acusações aos Periódicos liberais*", e em 1829 o *Amigo da Verdade* já reclamava de outro Promotor do Júri, que também não estaria processando as folhas de oposição em Minas (O

16 Por Liberais as fontes se referem a um grupo político, seja o próprio ou adversário. Desde o final da década de 1820 até o final do Império, diferentes grupos políticos foram conhecidos como Liberais. Como disse Marciano "*...os liberais se designavam como tal e os regressistas aceitavam tal nomeação, tornando uma referência aos contemporâneos mineiros de que o partido chamado de liberal era, consensualmente, o partido Liberal*". Acontece que "*O partido Liberal reivindicou para si a continuidade histórica das lutas dos liberais, iniciada nos tempos da independência e atravessando a oposição ao primeiro imperador*" (MARCIANO, 2013, p.75, 77). Mas é claro que isso não significa que o Partido Liberal do início da Regência era de fato o mesmo que o do Primeiro Reinado, nem que os Progressistas eram o mesmo Partido Liberal do início da Regência, nem que os Luzias eram o mesmo Partido Progressista. Em nenhum momento essa tese trata do liberalismo como doutrina, ou mesmo como adjetivo, sempre é usada a palavra "Liberal" como nome próprio, de um lado político, embora não o mesmo durante todo o período estudado. O que os Liberais foram pode-se ler nas entrelinhas de seus periódicos.

AMIGO DA VERDADE, 2/12/1828, 4/8/1829).

Por fim, voltemos ao assunto da redação do *Universal* e observemos com cuidado uma das negativas de Vasconcelos sobre ser o redator d'*O Universal*:

> ...eu cedo o subsídio de Deputado, a quem mostrar um só artigo meu em qualquer destes dois periódicos [*Universal* e *Astréa*] desde o princípio do **ano de 1826**, exceto o em que mostrei, que os Senadores não tinham indenização pelas despesas de ida e volta... (O UNIVERSAL, 5/12/1827, grifo nosso).

Acontece que *O Universal* não nasceu só em 1826, mas em meados de 1825, e portanto Vasconcelos quase confessou ter sido o primeiro redator. A despeito dele ter sido o criador d'*O Universal* ou não, é sabido que ele alimentava a "*tática de ter sempre um jornal a serviço da sua ação política, sucedendo a O Universal, O Sete de Abril, O Caboclo, O Brasileiro, a Sentinella da Monarquia, o Correio da Tarde*", aos quais se deve acrescentar ao menos *O Parahybuna* (SOUSA, 1988a, p.29).

2.2 A venda da Tipografia Patriótica e a rede de periódicos Liberais

Em 13 de julho de 1827, sexta-feira, *O Universal* confessou "*que por ora o N. dos Srs. Subscritores é mui limitado*". Logo na Segunda-feira, 16 de julho de 1827, *O Universal* apareceu com novo cabeçalho e a epigrafe de Voltaire, "*Rien n'est beau que le vrai; le vrai seul est aimable*", um novo prospecto e até nova numeração. O novo prospecto explica que "*Até aqui trabalhamos às ordens do Impressor; porém agora tomamos a propriedade com condições onerosas*", ou seja, Barboza foi o segundo redator, auxiliado pelas pessoas que no final de semana entre 13 e 16 de julho lhe compraram *O Universal* e a Tipografia, a única que funcionava em Minas Gerais. Essa compra pode ter sido motivada por uma ação dos adversários, pois o *Astro* lembrou que "*meia dúzia de absolutistas se haviam coligado para comprar a imprensa do benemérito Cidadão Manoel José Barbosa, a fim de não continuar a publicação do Universal*" (ASTRO DE MINAS, 2/12/1828).

Werneck não estava errado ao dizer, em geral, que a imprensa dessa época "*não tinha sentido comercial; sua venda não se destinava ao sustento do redator*" (SODRÉ, 1966, p.190). Mas nesse caso específico nos parece que o objetivo era comercial. Manoel Barboza estava tentando tornar próspera sua tipografia. Por isso ele não a deixava sem um periódico, por isso ele não deixou *O Universal* morrer quando o primeiro redator se retirou e talvez tenha sido ele o redator do *Compilador Mineiro*. Entre o fim do *Compilador Mineiro* e o

nascimento do *Abelha do Itaculumy* passaram-se somente 3 dias, e entre o fim deste último e o nascimento d'*O Universal*, somente 7 dias. Seria para não ficar sem vender folhas? Nesse mesmo sentido tentou criar uma fábrica de papel de retalhos de pano (O UNIVERSAL, 17/5/1826), mas não funcionou, pois o *Constitucional Mineiro* afirmou anos depois que "*Temos tantos impressos periódicos, e não fabricamos uma folha de papel*!" (22/1/1833).[17] Os empreendimentos de Barbosa não estavam indo bem e ele vendeu a tipografia.

Em seu novo cabeçalho de 16 de julho de 1827 *O Universal* se apresentou na primeira pessoa do plural, "*tomamos a propriedade desta Folha*" dando a entender que foi um grupo e não só uma pessoa que comprou a Tipografia. Uma pista que temos sobre esse possível agrupamento está no novo cabeçalho, onde aparecem novos locais de venda e assinatura d'*O Universal*.[18] Um desses era Baptista Caetano d'Almeida, de São João Del Rei, criador da primeira biblioteca pública de Minas Gerais.[19] Eles podiam receber as correspondências, o que os colocava quase na redação. Os novos redatores, no Prospecto

---

17 Desde 132 a.C. já se sabia fabricar papel de pasta de madeira na China (MELLO, 1972, p.104). Mas segundo Asimov somente em 1854 surgiu no ocidente a primeira fábrica desse tipo de papel (ASIMOV, 1981, p.275). Porém fábricas de papel de pano, que em quase todo lugar antecedeu o papel de madeira, já existiram no Rio de Janeiro nos tempos joaninos (MOREIRA, 2011, Pág. 189).

18 As fichas do Apêndice A tem locais de assinatura dos periódicos.

19 Baptista Caetano d'Almeida nasceu em Camanducaia em 1797, e faleceu em São João Del Rei em 1839. Criou e sustentou o *Astro de Minas* até o ano de sua morte. Foi Vereador, Juiz de Paz, Deputado Provincial e Geral. Comerciante rico, só na rua da Intendência tinha duas casas comerciais (ASTRO DE MINAS, 9/10/1828). Mudou-se para São João Del-Rei com 12 ou 15 anos, para ser criado pelo tio Almeida Magalhães, também rico comerciante, e patriarca do clã Almeida Magalhães. Quando Baptista criou a Biblioteca de São João Del Rei, primeira de Minas Gerais, o Império passou a contar com quatro Bibliotecas, sendo três sustentadas por particulares (ASTRO DE MINAS, 11/9/1828). Em 1828 um panfleto o acusou de ser organizador de uma Sociedade dos Iluminados, que se reunia na Casa de Pedra, em São João del-Rei, mas o acusador (Pe. Francisco Antonio da Costa) depois se desmentiu. Disse ainda que escreveu a carta a instancias de Manoel José da Costa Machado de S. Thiago, Heitor José Alves de S. Thiago e de José Maximiano Baptista Machado, que um ano depois seria dono da Tipografia do *Amigo da Verdade*. (JORNAL DO COMMÉRCIO, 2/10/1828). Quase dez anos depois seria novamente acusado de pertencer a uma sociedade secreta que se chamaria A Gruta, e se reuniria no mesmo local. Para Albino José Barbosa de Oliveira ele seria "chefe da grei exaltada de São João del Rei"(Apud VELLASCO, 2004, 105) . Foi membro da Irmandade do Santíssimo Sacramento de São João del Rei. Em 1831 participou da histórica reunião em casa no Rio de Janeiro do sãojoanense Padre José Dias Custódio em que 23 deputados e um senador enviaram enérgica representação, um ultimato, a D.Pedro I. É patrono da cadeira 36 da Academia de Letras de São João del Rei. (CINTRA, 60). Não há dele um retrato, uma estátua. Só sob a República a Biblioteca Municipal de São João Del Rei, por ele criada, ganhou seu nome, e chegou a ser, temporariamente, nome de rua. Para ele vale a resposta de Catão, o Velho. Perguntado porque os romanos fizeram estátuas para outros menos importantes que ele para a salvação da Pátria, e para ele não, obtiveram a resposta: "*maior crédito meu é que perguntem os vindouros, por que me não puseram estátua, do que por que a puseram*" (O UNIVERSAL, 11/6/1841).

novo, elogiaram o *Compilador Mineiro*, confessaram que tinham "*pouca afeição*" pelas doutrinas do *Abelha* e que essa folha "*desmereceu da Opinião Pública*", elogiaram o primeiro redator d'*O Universal*, e avaliaram que sob a redação de Barboza a folha obteve "*poucos efeitos*" (O UNIVERSAL, 16/7/1827). Oficialmente o novo dono era José Pedro Dias de Carvalho (RODARTE, 2015, p.78). Mas para o *Telegrapho* ele seria apenas o testa de ferro, e os verdadeiros donos d'*O Universal* seriam Bernardo Pereira de Vasconcelos, Manoel Ignácio de Mello e Souza, um Sr. Nogueira e um Sr. Assis (O TELEGRAPHO, 25/12/1830). Além de dono, José Pedro Dias de Carvalho (ver nota de rodapé 12) era tido oficialmente como redator (ESTRELLA MARIANNENSE, 19/1/1832).[20]

Em 22 de outubro de 1827 *O Universal* anunciou que Baptista Caetano d'Almeida (ver nota de rodapé 19), em cuja casa se podia assinar o próprio *Universal*, "*comprou uma Imprensa, e trata de convidar colaboradores para a publicação de uma folha periódica em S. João Del Rei*". Para os adversários devia parecer uma verdadeira conspiração. Um integrante do grupo que comprou *O Universal*, agora comprou outra tipografia. Não qualquer um, mas um conhecido amante das luzes francesas (BARATA, 2005, p.6). Detecta-se outro membro deste "grupo", pois quem defendeu na Câmara dos Deputados as isenções de taxas para livros e periódicos que Baptista Caetano requisitou para a Biblioteca foi o deputado padre José Bento Ferreira de Mello (O UNIVERSAL, 12/11/1827). Adiante se vê que esse padre montou a primeira tipografia de Pouso Alegre.

O *Astro de Minas* começou a circular em 20 de novembro de 1827. Além de Baptista Caetano d'Almeida, é possível a contribuição de Aureliano Coutinho[21], então residente em São João Del Rei, posto que já escrevera os estatutos da Biblioteca criada por Baptista e nos primeiros números do *Astro* apareceu como autor dos estatutos da Sociedade Filopolitecnica que se pretendeu criar (ASTRO DE MINAS, 4/12/1827).[22] Como era comum, Baptista Caetano negava ser o redator do *Astro* (ASTRO DE MINAS, 25/12/1827), que teve redatores oficiais nos padres Francisco de Assis Braziel[23] e José Antônio Marinho (ver nota de rodapé

---

20 Em 1841 ele confirmou que fora redator até 1839, que em 1840 o redator fora outro, e em 1841 um terceiro (O UNIVERSAL, 24/11/1841).

21 Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, Visconde de Sepetiba (1800-1855), teve destacada atuação política durante a Regência, chamado por renomados historiadores de "superministro", e depois, novamente, já sob o segundo reinado, teria sido a eminência parda até o final dos anos 1840. Um rodapé não é suficiente para tratar de tal personagem.

22 Essa "aliança" foi conturbada, pois Aureliano Coutinho e Baptista Caetano se desentenderam (PREGOEIRO CONSTITUCIONAL, 19/1/1931). Em 1832 e 18333, o *Astro* tornou-se republicador das folhas do Club da Joana, mas rompeu novamente com Aureliano quando este passou a defender a anistia para os revoltosos de 1833.

23 Padre Francisco de Assis Braziel, redator do *Astro de Minas*, conhecido como padre Tatu, ou

número 1), além de Francisco José de Salles[24] como impressor oficial. Outro que foi considerado redator do *Astro* foi José Alcebíades Carneiro. [25] Mas como disse Blake, o *Astro de Minas* estava tão ligado a Batista Caetano que "*só persistiu enquanto ele viveu*" (BLAKE, 1883, p.378-379). Foi o primeiro periódico do interior de Minas Gerais. Para comparação, o primeiro periódico do interior de São Paulo só circularia em 1842 (MOREIRA, 2011, p.176). O *Astro* durou até 1839, sendo a segunda folha mineira de maior longevidade de sua época, superado apenas pelo *Universal*. Já no seu número 28 o *Astro de Minas* dizia ter 200 assinantes (ASTRO DE MINAS, 22/1/1828). Em 1829 o *Astro* diria ter 300 assinantes, e o *Amigo da Verdade* pedia para se dividir isso pela metade (O AMIGO DA VERDADE, 12/5/1829). Para comparação, o *Diário Fluminense* dizia ter 1500 assinantes, a *Astréia* 1400, o *Echo*, escrito em francês, 700 assinantes, a *Gazeta do Brasil* teria 380 e não se sabia dos assinantes do *Espelho*, do *Diário* "do vintém" e da *Folha Mercantil*. O *Astro* ainda dizia ter "*um exército de correspondentes nesta Província, que tudo sabe, nem que fosse o geral dos Jesuítas*" (ASTRO DE MINAS, 20/12/1827, 3/4/1828). Em 1836 o *Astro de Minas* afirmou ter 500 assinantes (11/8/1836).[26]

Há evidencias de atividades políticas na sede do *Astro de Minas*, como em 1832, quando em uma luta política pelo posto de Juiz de Paz, dela vários homens "*armados os quais*

Tutú, era filho do músico Lourenço J. Fernandes Braziel. Estudou Latinidade em São Paulo (ensino religioso) e em São João del Rei Filosofia e Literatura. Mudou-se para Lavras, onde foi secretário da Câmara e promotor público a partir de 1831. Lecionava latim, francês, geografia, desenho, aritmética e música em um dos cômodos da Matriz de Santana. Para o reverendo Walsh, que o conheceu ainda como bibliotecário em São João Del Rei, era um "*padre mulato, de aparência bastante curiosa - baixo, gordo, com um vasto chapéu colocado de banda e o rosto afundado no peito (...) se assemelhava, sob todos os aspectos, a um tatu. Era, contudo, um homem de talento (...) falava um pouco de francês*" (WALSH). Faleceu em 1834.

24 Francisco José de Salles, Alferes, tem muitos homônimos. O que foi editor o *Astro de Minas* tinha trabalhando antes em Ouro Preto. Um Francisco José de Salles participou da Confederação do Equador, como impressor, enviado ao Ceará por Paes de Andrade para cuidar da primeira tipografia dessa província, e em consequência foi preso (LIMA, 2012, p.3). Outro, ou o mesmo, participou da Cabanagem, no Pará. Ainda outro viveu em Pelotas, onde foi sócio de um teatro. Tem homônimos também em Portugal.

25 O professor José Alcebíades Carneiro, redator do primeiro número do *Amigo da Verdade*, do *Astro de Minas* e do *Mentor das Brasileiras*, nasceu em Baependi. Foi professor de latim, advogado, promotor, dirigente da seção da Sociedade Defensora em São João del-Rei, onde também foi vereador. Foi deputado provincial e geral. Era irmão do também deputado Olímpio Carneiro Viriato Catão. Suspeito de ter sido redator do *Amigo da Verdade* e do *Astro de Minas*. Foi o redator do *Mentor das Brasileiras*. É citado nas memórias de Ferreira de Rezende (REZENDE). Faleceu em 1840.

26 A maior tiragem conhecida para números ordinários até 1850 é a do *Compilador,* que era distribuído para os 720 assinantes do *Itacolomy,* e mais 80 eram distribuídos entre os deputados provinciais (O COMPILADOR, 28/7/1843).

saíram da tipografia do Astro” (Apud VELLASCO, 2004, p.91).

Baptista Caetano indicava os redatores do *Astro de Minas* (O UNIVERSAL, 5/4/1828), e sua política incluía escolher homens de cor, como Braziel (a quem também entregou a Biblioteca), Marinho, Alcebíades, e quando foi Juiz de Paz, segundo o *Amigo da Verdade* (8/9/1829) indicou homens de cor para os cargos de meirinho e escrivão. Para o *Amigo da Verdade* Batista Caetano fazia isso por “*necessidade de chamar a si a multidão*” (AMIGO DA VERDADE, 7/8/1829). Seja como for, em Minas foi ainda nos anos 1820 e não nos anos 1830 como disse Célia de Azevedo que “*uma primeira geração de brasileiros negros ilustrados dedicou-se a denunciar o ‘preconceito de cor’*” (2005, p.300). Merece destaque que no *Astro* essa denúncia tinha forte conotação política eleitoral, e que esse assunto perpassou a Revolta de 1842.

Retrato 3 - José Antônio Marinho

Fonte: Andrade, Martins de. *A Revolução de 1842*.

José Antonio Marinho nasceu em Brejo do Salgado, nas margens do São Francisco, negro e pobre. Teria se encaminhado para o sacerdócio por uma paixão não correspondida, e

quando seminarista em Olinda participou da Confederação do Equador, sendo castigado com a expulsão. Terminou seus estudos no Caraça, onde também lecionou. Foi vereador, deputado provincial e geral, professor e diretor de diferentes colégios. Liderança na Revolta de 1842, foi depois o seu principal cronista, como se viu na introdução.

O primeiro periódico de Minas Gerais, o *Compilador Mineiro* afirmou existirem então povoações em Minas Gerais com "*sete a oito mil almas, de que apenas a centésima parte sabe ler*" (O COMPILADOR, 19/11/1823). Era um período de multiplicação de escolas de primeiras letras, mas os resultados ainda eram pequenos. Denunciava-se que "*Mestres há, que dão seis meses de férias, alguns mal sabem assinar o seu nome*" (O UNIVERSAL, 27/7/1825). Ainda em 1844 o deputado Pereira e Souza, dando exemplo de crise da educação afirmava que "*o professor de 1ªs letras de Tamanduá foi riscado da lista de jurados por não saber ler nem escrever...*". Um mês depois o deputado Paula Santos reclamou que Ouro Preto estava há mais de um ano sem professor de 1ªs letras (O COMPILADOR, 13/4/1844, 3/5/1844). O semianalfabetismo atingia até os padres, de um dos quais, de Mariana, dizia-se que "*um menino de escola não lê tão mal, pois além de gaguejar muito, um só nome não disse com acerto...*" (ESTRELLA MARIANNENSE, 4/2/1832). A primeira pesquisa oficial, em 1872, indicou que somente 15,75% da população do Império era "*apta a ler*", abalando profundamente os ânimos dos escritores, que antes subestimavam o analfabetismo nacional (SANTOS, 2011, p.46; NUNES, 2010, p.79). O analfabetismo era maior nas pequenas localidades que nos centros urbanos. Na Corte, por exemplo, 36,18% eram alfabetizados. Nos registro criminais da Comarca do Rio das Mortes entre 1800 e 1890 17,5% declararam saber ler e escrever (VELLASCO, 2004, p.55).

Ou seja, eram pouquíssimos exemplares de jornais para uma população em sua grande maioria analfabeta. Por que então essas folhas geravam tanta disputa, tanta insatisfação aos que eram por elas recriminados, tanta preocupação dos governos? Como podiam ser influentes? Mas fato é que não há fonte que negue a força que tinham esses jornais entre a população, mesmo a mais simplória.

Nada como os adversários para medir qualidades. Atacando o *Astro de Minas*, *O Constitucional Mineiro* nos conta indignado que "*É lido esse papelucho, ou antes papelão. É apoiado, é ansiosamente esperado, e apetecido três dias em cada semana com uma inquietação tal, que parece dever vir nele a farinha, o feijão preto, a carne seca da roça...*" (16/11/1832)

O que explica a força dessas poucas folhas em uma população majoritariamente analfabeta é a oralidade, da qual sobram exemplos. O primeiro é anterior à própria publicação

de folhas em Minas Gerais. Trata-se da Junta do Desejo do Bem Comum, de 1822, em Sabará. Era presidida pelo Juiz de Fora, Ouvidor José Antonio da Silva Maia. Seu objetivo era comprar "publicações" para constituir um "arquivo", e fazer leituras públicas para todos os sócios no terceiro dia após a chegada do correio. É interessante que o artigo diz que a Junta estava sendo estabelecida "novamente", o que implica uma existência anterior (O ESPELHO, Rio de Janeiro, 8/4/1822).

Nas folhas mais antigas ainda aparecem notícias dos anúncios orais, que então se praticavam (ABELHA DO ITACULUMY, 14/01/1823). Os exemplos são inúmeros, um correspondente diz, "*chegou o Universal, leu-se...*", outro diz que "*ouvi publicar, li, e conservo ainda...*" (O UNIVERSAL, 27/07/1825, 22/1/1827). Francisco de Paula Ferreira de Rezende em suas memórias lembra que "*ouvia ler as discussões que a propósito da maioridade tiveram então lugar*" (REZENDE, 1944, p.105). Outro diz que "*...aconteceu chegar a sua Folha, e logo mudando todos de conversa, passamos a ver o que ela continha (...) dirigi-me a casa de um Amigo, onde se acabava de ler a Folha...*" e outro que "*...nas horas de serão ouvem ler oficiais, aprendizes, alguns vizinhos, e até a minha família...*", e mais um que se diz pai de família "*...depois da Doutrina Cristã, leio todas as noites à minha família...*" (O UNIVERSAL, 26/2/1827, 12/10/1827, 3/10/1827). Alguns desses casos podem ser propaganda de um comportamento desejado pelas folhas, mas o uso do verbo "ouvir" por Ferreira de Rezende é convincente.

Havia mesmo quem se dedicava a isso metodicamente, como "*O Observador imparcial da roça*", que tomou "*...a tarefa de ler os seus periódicos...*" (O UNIVERSAL, 10/4/1826). Em Diamantina "*certo padre Bernardino andara pelas Lojas, lendo os folhetos, a ver se indispunha a população*" (MOREIRA, 2011, p.157).

É interessante um correspondente que afirma "*...tenho o costume ou defeito de ler alto...*" (O UNIVERSAL, 15/10/1827). De fato, muitas pessoas sequer sabiam ler em silêncio.

Exatamente por ser uma sociedade de analfabetos havia uma cultura oral, e as folhas a princípio se encaixaram nessa cultura, e suas informações foram ampliadas oralmente. Ou seja, no mecanismo de circulação de ideias que já existia as folhas entraram como fonte de notícias. Segundo *O Universal* "*...ainda que nem todos leem os periódicos, muita gente há que gosta de saber o que eles dizem; e o que leem dois ou três, comunica-se a centenares de indivíduos, passando de boca em boca*" (O UNIVERSAL, 14/2/1840).

As lutas entre folhas portanto eram importantes. *O Universal*, ainda no número 4 de sua nova fase publicou um suplemento que era exclusivamente a republicação de um artigo do *Farol Paulistano* contra a *Gazeta do Brasil*, folha do Rio de Janeiro (O UNIVERSAL,

21/7/1827).[27] Era o início de uma guerra que duraria até depois de extinta a *Gazeta do Brasil*, em 9 de janeiro de 1828. A *Gazeta* seria a folha dos inimigos da Constituição, dos "*absolutistas*", dos "*corcundas*", dos "*servis*" etc. Um correspondente declara "*a guerra está aberta; a* Gazeta *pôs-se em campo...*" (O UNIVERSAL, 21/1/1828, 8/10/1827). A Constituição, segundo Saint Hilaire "*muito mais liberal em suas disposições do que se deveria esperar do caráter dos indivíduos que a compilaram*", tornara-se o escudo da oposição a D. Pedro I, que a outorgara (OLIVEIRA, 2009, 38). Ao lado situacionista haveria quem chamasse a Constituição de "trambolho" (O VIGILANTE, 30/11/1833). Era inspirada em uma obra de Benjamin Constant de 1814.[28]

Por sua vez, em seu primeiro número *O Astro* publicou um discurso de Bernardo Pereira de Vasconcelos e também atacou a *Gazeta do Brasil*, mostrando a que vinha. Foi na tipografia do *Astro* que Vasconcelos imprimiu sua *Circular* aos eleitores, pois a tipografia do *Universal* não a pode imprimir por ter perdido seus dois compositores mais experientes para o *Astro de Minas* (O UNIVERSAL, 7/1/1828, 13/2/1828). Como se sabe, atribui-se *O Universal* a Bernardo Pereira de Vasconcelos, mas *O Astro* foi muito mais "vasconcelista".

Em meados de 1829 surgiu no Tejuco (Diamantina) o *Echo do Serro* (UNIVERSAL, 10/6/1829; ASTRÉA, 11/6/1829). O ourives Manuel Sabino de Sampaio Lopes[29] e o também jovem João Nepomuceno Aguilar[30], que nunca tinham visto uma tipografia, repetiram o feito de frei Menezes e Manoel Barbosa, construíram uma tipografía, fazendo do Tejuco a terceira localidade de Minas a contar com uma tipografia (VEIGA, 1898, p.191). O *Echo do Serro*

27 A *Gazeta do Brasil* era redigida pelo português João Maria da Costa, e recebia recursos financeiros de Francisco Gomes da Silva, o Chalaça, íntimo de D. Pedro I. Em carta ao Chalaça João Maria escreveu: "*Por satisfazer os desejos de S.M., manifestados por V. Exa., vou indo, com os trabalhos da Gazeta.*" Chegou a receber por seu "trabalho" um conto e quinhentos mil réis (1:500$000) (SODRÉ, 1966, p.114). Extinta a *Gazeta do Brasil*, o *Analista* tomou seu lugar, e foi igualmente combatido pelo *Astro*, pelo *Universal* e outras folhas.

28 Quando D. Pedro I outorgou para Portugal uma Carta Constitucional similar à Constituição brasileira Constant apoiou entusiasticamente, e fez vários comentários que mostram que tinha incomum conhecimento da realidade brasileira (BARBOSA, 2004, p.10).

29 Manuel Sabino Sampaio Lopes, ourives, seria "liberal exaltado" (FILHO, 1908, p.197). Os fatos de ser ourives e nunca ter saído de sua terra, onde só se ensinava a ler, indicam que era autodidata. Foi Furriel das Milícias. É considerado o criador do *Echo do Serro*, primeira folha da região. Mas na sua tipografia "Patrícia Sabina" foram impressos várias outras folhas.

30 Capitão João Nepomuceno de Aguilar, colaborou no *Echo do Serro*, no *Diamantino* e no *Exorcista*. Era bacharel em Direito, foi juiz substituto e delegado de polícia (SILVA, 2018, p.75). Em 1879 ainda era presidente do Partido Liberal de Diamantina. Por esses dados se nota que dificilmente foi somente impressor dessas folhas. É um dos assinantes do livro de Marinho sobre a revolta de 1842.

teria sido redigido pelo padre Bento de Araújo Abreu,[31] e teve também a colaboração de Theófilo Ottoni[32] e lutou ao lado d'*O Universal* e do *Astro de Minas* (OTTONI, 1860, p.12). Rodrigo de Souza Reis[33] e Manuel Ciriaco de Abreu[34] já ajudariam na impressão (ver notas de rodapé). No início de 1830 Manuel Sabino foi "*vítima da arbitrariedade do sr. Coronel Duarte*" (ESTRELLA MARIANNENSE, 27/5/1830). Sabino era Furriel das milícias, e foi destacado pelo Coronel de milícias para um local distante, deu parte de doente, e foi preso. O motivo seriam impressos da sua tipografia contra o dito coronel.

Era o início, portanto, *"de uma importante e ativa rede de periódicos"* que começou a existir *"desde os anos 1820"* (RODRIGUES, 2015, p.20). A criação dessa rede "*foi deliberada por parte da elite liberal-moderada*", o que nos parece confirmado pelo *Universal* (22/2/1828) que queria folhas "*retumbando das 4 partes da Província*" (SILVA, W., 2009, p.134). Essas folhas estavam longe de serem comedidas. Por exemplo, *O Universal* e o *Astro de Minas* disputaram qual dos dois foi "*o primeiro periódico, que no Brasil propôs lista das pessoas, que deviam ser eleitas para os Cargos de Senador e Deputado*" (O UNIVERSAL, 13/2/1828), mostrando que estavam em campo para disputar o poder político. Em 1828 existiu ainda o *Precursor das Eleições*, que pelo nome já se sabe que teve existência datada (VEIGA, 1898, p.196). Os arquivos públicos não têm nenhum exemplar dessa folha.

Sobre as redes de jornais, é indispensável explicar que apesar de o *Amigo da Verdade*

---

31 Padre Bento de Araújo Abreu (1797-1841), de Diamantina, foi o redator oficial do *Echo do Serro*. Era irmão de Marcos Antônio Araújo Abreu, Visconde de Itajubá. Nas listas nominativas de 1832 sua casa tinha 46 escravos, o que é informação suficiente sobre sua situação econômica. Foi pároco de São Sebastião das Correntes (Sabinópolis) entre 1822 e 1824. Foi vereador tanto da Vila do Tejuco (Diamantina) para o mandato de 1832 a 1836, quanto do Serro. Foi deputado provincial, eleito nas famosas eleições de 1840. Foi provedor da primeira mesa da Irmandade de Santa Isabel, de Diamantina, destinada a manter uma Santa Casa.

32 Benedito Teófilo Ottoni tornou-se conhecido por ter sido redator do *Sentinela do Serro*. Também escreveu no *Universal*, no *Astro de Minas*, no *Echo do Serro*, no *Guarda Nacional Mineiro*, no *Despertador Mineiro*, no *Itacolomy*, no *Itamontano* e em várias outras folhas. Ainda menor de idade escrevia para a *Astréia*, para o *Astro de Minas* e para o *Echo do Serro* (OTTONI, 1860, p.10). Nasceu na Vila do Príncipe (Serro) em 1807, e faleceu no Rio de Janeiro em 1869. Estudou na Escola Naval. Foi deputado provincial, geral, e senador (VEIGA, 1898, p.193). Foi um dos principais envolvidos e tornou-se o mais famoso chefe da revolta de 1842.

33 Coronel Rodrigo de Souza Reis tinha escravos, lavras de diamantes (ainda em 1872), e era acusado de manter uma casa de má fama em Diamantina. Subscreveu, em Diamantina, para o livro do padre Marinho sobre a Revolta de 1842. Ainda em 1863 era um chefe político Liberal em sua região. Dificilmente foi somente impressor do *Echo do Serro*, do *Diamantino* e do *Exorcista*.

34 Manoel Ciríaco de Abreu, tabelião, oficialmente foi impressor do *Echo do Serro*, do *Diamantino* e do *Exorcista*, mas era um chefe político Liberal ainda em 1863. Foi nome de rua em Diamantina.

ter dito que o *Astro* e o *Universal* eram "*parelha em tudo igual*" (O AMIGO DA VERDADE, 19/6/1829), opinião que uma leitura desatenta pode estender ao *Novo Argos*, ao *Echo*, à *Estrella*, à *Sentinella* e ao *Pregoeiro*, fato é que longe de serem simples repetidoras umas das outras, essas folhas dialogavam, incluindo divergências. Nas eleições de um deputado, em que o governo precisava reeleger como deputado o Ministro Lucio Soares Teixeira de Gouveia, enquanto *O Universal* apoiava o governo (O UNIVERSAL, 28/12/1827), o *Astro* defendeu que se elegesse o então ainda muito pouco conhecido Rafael Thobias de Aguiar, que em 1842 seria o Presidente Rebelde de São Paulo. Em relação ao Ministério Calmon, *O Universal* apoiou entusiasticamente, enquanto o *Astro* se posicionou com desconfiança, na prática pediu votos contra e ainda repreendeu a'*O Universal* por "*gastar a mola dos elogios*". O *Astro* nasceu publicando artigos denunciando coisas feitas pelo governo nos anos 1824 e 1825, quando o país estava sem câmaras, e ataques à liberdade de expressão. Republicador da *Astréia*, denunciou a perseguição que sofria essa folha carioca, "*sendo pela oitava vez chamada a jurados*" (ASTRO DE MINAS, 1/1/1828, 22/1/1828, 15/3/1828). Acontecia até mesmo de correspondentes publicarem em uma dessas folhas contra outra (O UNIVERSAL, 31/3/1828, 5/4/1828). O mesmo se deve dizer da relação entre a *Aurora Fluminense* e as folhas aliadas ao *Astro* e ao *Universal*, que "*A influência da Aurora Fluminense não era de submissão, mas de identificação*" (SILVA, W., 2009, p.133). É melhor pensar essas redes de periódicos como coligações, em que as diferenças se mantêm apesar da aliança, e que o aliado de hoje pode ser o inimigo de amanhã.

A imprensa do Rio de Janeiro, pois "*...os impressos provinciais circulavam na cidade imperial, da mesma forma que os papéis impressos nela se espalhavam pelo País*", não foi suficiente para combater o *Astro*, *O Universal* e o *Echo*, e no início de 1829 começaram a surgir folhas mineiras com essa finalidade (MOREL, 2005, p.173). *O Amigo da Verdade* surgiu em 8 de maio de 1829. Não estava surgindo somente o segundo periódico, mas também a segunda tipografia de São João Del Rei, para a qual teriam contribuído "*uma boa parte dos cidadãos desta Vila*", sob a firma de J. Maximiano Baptista & Comp (ver nota de rodapé).[35]

---

35 José Maximiano Baptista Machado, dono da tipografia do *Amigo da Verdade*, era tão próximo a D. Pedro I que fez parte da comitiva desse Imperador a Minas Gerais em 1831. Antes de ser proprietário de uma tipografia mandou imprimir no Rio de Janeiro um panfleto atacando Baptista Caetano d'Almeida, chefe Liberal da mesma cidade. Foi Comendador da Ordem de Cristo, Cavalheiro da Ordem da Rosa, oficial de milícias e da Guarda de Honra de Pedro I (O CORREIO DE MINAS, 3/11/1841). Foi presidente da Câmara de São João del Rei, comandante da Guarda Nacional e tabelião. Em 1860 foi apresentou seu nome às eleições de deputado. Depois do 7 de Abril exilou-se na Europa. Porém, por ter apoiado a Maioridade de Pedro II em 1840, foi perseguido pelos seus antigos aliados, empurrado para as hostes Liberais, ao ponto de ter auxiliado os rebeldes de 1842 com um conto de réis (MARINHO,

Na epigrafe defendeu que é o choque de ideias que produz a verdade, e no Prospecto se voltou contra os abusos da liberdade de imprensa, e disse mesmo que escreve "*só, verdadeiramente só*" com a finalidade de combater esses abusos. Já em seu número 2, de 12 de maio de 1829, ficou claro que o alvo principal, de onde viriam esses abusos, eram o *Astro de Minas* e sua tipografia, que também estaria imprimindo "*avulsos, que atacam, e injuriam metade dos habitantes dessa Vila*":

> Era pois mister, que houvesse uma nova Tipografia, onde os atacados se pudessem justificar, e defender das invectivas, e impropérios, que a cada passo se achavam semeados naquela folha... (O AMIGO DA VERDADE, 12/5/1829)

O principal redator foi o Vigário Luis José Dias Custódio.[36] Outro redator foi o Padre Verruga. Perante juízo compareceu respondendo pelo *Amigo da Verdade* o editor, Antônio Maria Jourdan.[37] Outras pessoas estiveram envolvidas, como Manoel Corrêa Gomes, sócio da tipografia, e José Pedro Borges de Carvalho, que recebia as assinaturas (ver notas de rodapé).[38]

Apesar de oficialmente defender a liberdade de imprensa, na prática o *Amigo da Verdade* foi imprensa anti-imprensa.[39] Perguntava "*quais são os frutos que tem produzido a*

1844/1978, p.287,343). Também foi Moço da Imperial Câmara, posto do qual foi demitido por ter se envolvido na Revolta de 1842. Comprou dez livros de Marinho sobre a Revolta de 1842.

36 Vigário Luis José Dias Custódio (17??-1854) foi redator do *Amigo da Verdade* e colaborou n'*A Ordem*. Era natural de Penela, em Coimbra, Portugal. Também estudou em Coimbra. Exerceu funções eclesiásticas no Pará e em Mato Grosso, tendo exercido nessa última província o posto de secretário de governo. Era Cavaleiro da Ordem de Cristo. Extrapolando um pouco os costumes vigentes, a sua amante era pública. Deixou três herdeiros de sobrenome "Dias Braga". Ao morrer tinha 143 livros. Em 1829 já era Pároco de São João Del Rei há 19 anos, e estava no Brasil há quase 29. Aderiu à causa da Independência. Seus adversários o acusavam de não cumprir seus deveres sacerdotais, de cobrar dos fiéis taxas que não devia cobrar, de não aparecer na igreja nem ter hora certa para dar missa, e de bater em fiéis durante a missa, inclusive em mulheres. Em 1833, durante a Revolta do ano da Fumaça, foi afastado de sua paróquia pelo presidente da Província, e transferido para a Província de São Paulo (CINTRA, 1982, p.177). Foi Vigário Geral em dois Bispados, e Desembargador da Relação Metropolitana (AMIGO DA VERDADE, 25/8/1829). Foi preso pelos rebeldes em 1842 e depois foi um dos redatores d'*A Ordem*. (MACULAN, 2011, p.107; SILVA, 2015).

37 Antônio Maria Jourdan foi editor do *Amigo da Verdade*, e declarou-se responsável quando um artigo dessa folha gerou um processo. Foi absolvido. Era francês, e foi provisoriamente redator do *Diário do Rio de Janeiro*, ou *Diário da Manteiga*. Época em que sofreu ameaças, mas na qual o *Diário* se consolidou (MARENDINO, 2014).

38 José Pedro Borges de Carvalho esteve ligado ao *Amigo da Verdade*. Era comerciante e foi membro da Câmara em 1817.

39 Registre-se que quando um senador "*pretendeu atribuir a Liberdade de Imprensa os males da Sociedade*", e o Marquês de Queluz chegou a "*declarar no Senado haver redigido um*

Liberdade de Imprensa no Brasil?". Afirmava coisas como "*O Céu livrou-nos naquela época dos periódicos de oposição ao Governo...*". Um correspondente chegou a escrever sobre "*queimar na casa do correio os Diários...*". Para conter a imprensa a Justiça seria insuficiente pois "*quando a Lei os procura, aparecem testas de ferro tão baixos e tão desprezíveis, como os que deles se aproveitam*" (O AMIGO DA VERDADE, 22/5/1829, 25/9/1829, 26/5/1829). *O Amigo da Verdade* deixou de circular somente em 1832 (ESTRELLA MARIANNENSE, 9/6/1832).

O mesmo J. Maximiano que era dono da nova tipografia do *Amigo* aparece no cabeçalho d'*O Telegrapho*, de Ouro Preto, como casa na qual esse periódico poderia ser assinado em São João Del Rei, assim como o *Amigo da Verdade* podia ser assinado na tipografia do *Telegrapho*.

O Telegrapho era rodado na Tipografia de Côrtes e Cia., de José Gonçalves Côrtes[40], que era também o redator dessa folha conforme ele mesmo afirmou a'*O Parahybuna* (22/6/1838). Surgiu também em 1829, semanas depois d'*O Amigo da Verdade*. A *Aurora Fluminense* acusou o governo de ter fornecido a tipografia a Côrtes (A AURORA FLUMINENSE, 18/5/1829). Também teriam colaborado com a redação Francisco de Assis Lorena,[41] João José Lopes,[42] que foi Presidente de Minas Gerais e um Mello Franco (ver notas

---

Catecismo, em que se propõem mostrar, que o Governo Monárquico-Constitucional-Representativo não convém a Países, em que são custosas as comunicações", o *Amigo da Verdade* se colocou em defesa da imprensa, duvidando que "*a revolução da França fora produzida por um folheto*", e depois "*Não nos aterremos com a imprensa; não lhe concedamos esse poder mágico de pôr, e dispor dos impérios*" (O AMIGO DA VERDADE, 9/6/1829).

40 José Gonçalves Côrtes foi redator do *Telegrapho* e acusado de ser redator do *Grito do Povo*. Conseguiu a tipografia do *Telegrapho* em uma licitação do governo, por um preço bem abaixo do comum. Por sua atuação no Telegrapho foi processado em 1830, por injúria, por Luiz Ventura Fortuna. Tem homônimos, inclusive parentes, como o próprio pai. Pode ter nascido em Portugal, em Braga, como parece ser o caso, mas há quem diga que nasceu em Prados (pode ser uma homônimo). Da mesma forma a data de nascimento é 1782 para Prados e 1808 para Portugal, sendo a data da morte 1864. Ou ele ou homônimo tinha numerosa escravaria, lavras e terras. Em abril de 1822 assinou uma carta de cidadãos de Barbacena para o príncipe D. Pedro, em que o apoiavam e denunciavam a Junta Provisória instalada em Ouro Preto (GAZETA DO RIO, 11/4/1822). Teria sido ele o emissário que levou a carta ao príncipe. Enviou à Constituinte de 1823 um projeto de construir uma estrada entre Barbacena e o Rio de Janeiro. É possível que tenha sido administrador do Registro de Itaverava, e em 1854 foi administrador da agência dos Correios do Paraibuna. Foi aposentado pela recebedoria do Paraibuna.

41 Brigadeiro Francisco de Assis Lorena, foi redator d'*O Soldado* e colaborou com o *Telegrapho*. Era filho do Conde de Sarzedas, Bernardo José de Lorena, Vice-Rei das Índias, e Governador das capitanias de São Paulo e de Minas Gerais. O Brigadeiro foi comandante das armas de Minas Gerais (1827-1830). Dele sabemos que propôs "*a abolição dos Juízes de Paz, das Câmaras Municipais, e a iniciativa das Leis fora das Câmaras Legislativas, passando a*

de rodapé). [43]

O surgimento do *Amigo da Verdade* e do *Telegrapho* foram reações ao *Universal*, ao *Astro de Minas* e ao *Echo do Serro*. Nas palavras do *Novo Argos*, como "*o espírito tiranizador não achava apoio entre os Jurados*", mudou-se de plano para "*derramar pelas Províncias todas do Império Escritores, que tomassem a seu cargo combater os Jornais livres, e incensar todas as Autoridades...*" (18/12/1829). Tirando os juízos de valor, parece que foi mais ou menos o que aconteceu. Não podendo calar seus adversários com o uso da lei, criaram suas próprias tipografias e folhas. Mas "*o que eles tem feito é chamar a campo novos atletas: as folhas liberais tem ganhado imensos assinantes*", como seria o caso do próprio *Novo Argos*. O "Universal, *cuja morte era tão apetecida pela Ex. postiça, e por dois frades, e meio, tem ganho grande número de assinantes depois do aparecimento do* Telegrapho" (O NOVO ARGOS, 18/12/1829). É provável, porque a polêmica alimenta o periodismo.

O Farol Paulistano de 8 de julho de 1829 deu um panorama da imprensa mineira:

> A Província de Minas Gerais já conta cinco periódicos, três liberais, e dois Ministeriais. O *Astro* e o *Universal* já mui conhecido nesta Província, o *Amigo da Verdade*, publicado expressamente para combater o *Astro*, e o *Telegrapho* discípulo e imitador do *Analista*, e finalmente o *Echo do Serro*, que agora principia, e nos dizem que em sentido liberal (Apud. MOREIRA, 2011, p.226).

Em 10 de novembro de 1829 surgiu *O Novo Argos*, semanário, rodado na tipografia d'*O Universal*. O padre Antônio José Ribeiro Bhering[44] assinou o primeiro artigo assumindo-

---

competir exclusivamente ao Governo &,&" (NOVO ARGOS, 26/3/1831). Dizem as más línguas que sua carreira política foi beneficiada pela Marquesa de Santos, de quem (segundo o marido) teria sido amante antes de D. Pedro I, como se seus laços familiares não fossem suficientes. Faleceu em 1835.

42 João José Lopes Mendes Ribeiro (1774-1852) foi acusado de ser redator do *Telegrapho*. Era bacharel, possivelmente por Coimbra, dada a data de seu nascimento. Foi secretário de estado, Deputado Geral, secretário do Governo Provisório de Minas Gerais, e Presidente de Minas Gerais.

43 Mello Franco colaborou no *Telegrapho*, e é suspeito de ter sido o redator do *Semanário Mercantil*, do *Relâmpago*, do *Cidadão Livre* e de um falso *Athleta Sabarense*. Tem homônimos. Provavelmente trata-se do Coronel Francisco de Mello Franco, coimbrão, que fez um requerimento para criar uma sociedade em Sabará em 1833. Em 1822 fez parte da Junta do Desejo do Bem Comum, em Sabará, cujo objetivo era comprar periódicos e fazer sua leitura em uma seção pública. Em 1837 tornou-se escrivão de várias Capelas de Resíduos, em Minas Gerais e na Corte. Foi deputado geral em 1854. Não deve ser o Capitão de Paracatú que em 1842 aderiu à Revolta e assumiu o posto de juiz interino dessa localidade (ou teria mudado de lado?), nem o deputado Dr. Manoel de Mello Franco, que também aderiu à Revolta de 1842. Certamente também não é o famoso médico do século XVIII, falecido em 1823.

44 Antônio José Ribeiro Bhering redigiu o *Novo Argos*, o *Revisor,* o *Homem Social* e colaborou

se como redator. Em março de 1830 foi substituído por Herculano Ferreira Pena[45], que em 1833 foi substituído pelo padre José Antônio Marinho (LUZ, 2017, p.3). A epigrafe era confiante no progresso humano, "*Le genre humain est em marche, et rien ne le fera retrograder*", de de Pradt. Não só aceitava como pediu colaborações dos leitores. Sabia que estava ingressando em uma "*grande luta entre escritores*" que dividia entre "*absolutistas, e Constitucionais*". *O Novo Argos* lutaria até o início de 1834.

Em 1º de março de 1831 *O Novo Argos* adotou um novo cabeçalho, com o artigo 174 da Constituição. Era uma resposta ao *Repúblico*, da Corte, que propusera a Federação. *O Novo Argos* "*se enunciou muito terminantemente contra a Federação proposta pelo* Repúblico*, e não duvida confessar, que esta sua franqueza lhe custou a perda de muitos assinantes*" (NOVO ARGOS, 1/3/1831). O artigo 174 previa a reforma da Constituição, ou seja, a possibilidade de conseguir as reformas desejadas dentro da legalidade. *O Novo Argos* propunha dar mais poderes aos Conselhos Gerais das Províncias e limitar o poder do Imperador de escolha de Presidentes de Províncias, Bispos e Comandantes de Armas a listas tríplices.

---

com a *União Fraternal* e com *O Universal*. Manteve um gabinete de leitura em sua casa. Nasceu em Ouro Preto em 1803, de origem pobre. Ordenado em 1826, adotou o sobrenome Bhering. Nomeado professor no Seminário de Mariana em 1827, em 1828 foi exonerado desse cargo pelo Bispo Santíssima Trindade, pelas ideias que ensinava. Conseguiu retomar sua cátedra. Na hierarquia da Igreja chegou a Cônego. Foi vereador de Mariana por várias vezes. Foi membro do Conselho Geral da Província, deputado provincial e geral. Foi comendador da Ordem da Rosa. Faleceu em 1856 (OLIVEIRA, 2013, p. 3-8). Em 1849 mudou de lado político (LUZ, 2016, p.252). Não participou ativamente da Revolta de 1842. Se entregou para ser preso, mas ficou somente vigiado, em Mariana, aguardando um ataque rebelde. Segundo a provocação de um deputado legalista, "*a autoridade policial não o quis aceitar na Cadeia.*" (...) "*para não perverter os presos*" (O CORREIO DE MINAS, 15/11/1842). Nesse mesmo ano, como não pegou em armas, assumiu seu posto de deputado na Assembleia Legislativa, e concorreu às eleições, ao contrário da maioria de seus correligionários do país todo (O CORREIO DE MINAS, 4/1/1843). Foi advogado de vários rebeldes de 1842.

45 Herculano Ferreira Pena foi redator do *Novo Argos*, quando logrou ter grande influencia na política nacional. Nasceu em Diamantina, Minas Gerais, em 1800 ou 1811, e faleceu em 1867. Provavelmente autodidata. Foi professor, inclusive pioneiro do Ensino Mútuo até 1832 (O UNIVERSAL, 30/4/1841), deputado provincial e geral, senador pelo Amazonas, presidente de Minas Gerais e de mais sete províncias. Ninguém presidiu mais províncias (BLAKE, 1895, p.236). Era grande dignatário da Ordem da Rosa e cavaleiro da Casa Imperial. Chegou a Ouro Preto em 1830 e logo foi colocado à frente d'*O Novo Argos*. Era o típico político de centro, o "*mais luzia dos saquaremas, o mais saquarema dos luzias*". Como presidente defendia recursos para a educação e para os estudantes pobres. Um dos pioneiros na defesa do ensino obrigatório no Brasil (NOGUEIRA; PAULA, 2017). Em 1840, como continuou servindo de secretário ao Gabinete da Maioridade, teve votos também dos Liberais, embora já tivesse se afastado desse lado político (O UNIVERSAL, 14/12/1840). Em 1842, como vice-presidente legal da província de Minas Gerais, teve grande papel na direção dos negócios públicos, tendo apresentado relatório próprio à Assembleia Legislativa.

Retrato 4 - Herculano Ferreira Penna

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.

A lembrança d'*O Novo Argos*, de que a Constituição tinha a chave para sua própria reforma, desenvolvida nos números 67, 68 e 69, teve tanto sucesso que "*mil exemplares de cada número foram vendidos dentro de três dias, o que pela primeira vez acontece no Ouro Preto*" (NOVO ARGOS, 26/3/1831). E pensar que os arquivos públicos não têm nenhum exemplar do número 67!

Quando a notícia da Noite das Garrafadas chegou a Ouro Preto *O Novo Argos* acrescentou à epígrafe o Artigo 145 da Constituição (NOVO ARGOS, 2/4/1831). O *Astro de Minas* adotou o mesmo cabeçalho, com os mesmos dois artigos da Constituição, evidenciando que estava na mesma linha política. Esse artigo 145 da Constituição, sobre a obrigação dos cidadãos pegarem em armas, foi também adotado pel'*O Exaltado*, do Rio de Janeiro (RIBEIRO, 2010, p.97).

Imagem 1– Cabeçalhos d'*O Novo Argos* e do *Astro de Minas*

[ANNO DE 1831.] SABBADO 2 DE ABRIL. [NUMERO 72.]

O NOVO ARGOS.

Subscreve-se para esta Folha na Typografia do Universal a 800 réis por trimestre, e sahirá uma vez na semana. As correspondencias serão dirigidas, porte pago, á mesma Typografia.

Todos os Brasileiros são obrigados a pegar em armas para sustentar a Independencia, e integridade do Imperio, e defende-lo dos seus inimigos externos, ou internos. *Const. Art.* 145.

Se passados quatro annos, depois de jurada a Constituição do Brasil, se conhecer, que alguns dos seus artigos merece reforma, se fará a proposição por escripto, a qual deve ter origem na Camara dos Deputados, e ser apoiada pela terça parte d'elles. *Const. Art.* 174.

INDEPENDENCIA, OU MORTE!!!

Ouro-preto, 1831. *Na Typografia do Universal.*

N. 528. QUINTA FEIRA 14 DE ABRIL.

ASTRO DE MINAS.

Todos os Brasileiros são obrigados a pegar em armas para sustentar a Independencia, e integridade do Imperio, e defende-lo dos seos inimigos externos, ou internos. *Const. Art.* 145.

Se passados quatro annos, depois de jurada a Constituição do Brasil, se conhecer, que algum dos seos artigos merece reforma, se fará a proposição por escrito, a qual deve ter origem na Camara dos Deputados, e ser apoiada pela terça parte delles. *C. A.* 174.

INDEPENDENCIA OU MORTE.

S. João d'El-Rei na Typographia do Astro de Minas 1831. *Rua direita N.* 380.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Assim alguns chefes políticos revelaram que formavam algum tipo de aliança, que tinham um programa básico com dois itens principais – defender a independência do Brasil e reformar a Constituição dentro da lei. Negaram-se a aceitar uma federação muito descentralizada, e sobretudo que a mesma fosse conquistada a força. Era o nascimento dos Moderados, antes do 7 de Abril.[46]

46 Na história do Brasil existe esse vulto chamado pelos seus contemporâneos de partido Moderado. Os adversários de D. Pedro I tinham tomado a designação de Liberais. Ao se dividirem designaram-se como Exaltados e Moderados. Os Exaltados eram bem mais fracos e diferentes entre si, incluindo alguns republicanos, antilusitanos, alguns que aceitavam-se Exaltados, e até publicaram uma folha com esse nome, e outros que não etc. Os Moderados revelaram-se de longe a maioria dos Liberais. Eram monarquistas constitucionais, e nos primeiros anos da Regência, com as rédeas do governo, extinguiram politicamente seus adversários que discordavam do monarquismo, ou que discordavam dos poderes

Dia 30 de novembro de 1829 tinha começado a circular em São João Del Rei *O Mentor das Brasileiras*, voltado para as mulheres, impresso na tipografia do *Astro de Minas*. Tinha metade do tamanho então normal, mas o dobro de páginas, 8, de forma que custava os mesmos 80 rs, quatro vinténs, então já usuais. Foi o primeiro de Minas Gerais e segundo do país voltado abertamente para as mulheres, e não para falar de modas, de que também tratava, mas de política! José Alcebíades Carneiro (ver nota de rodapé número 25) é reconhecido como redator embora não se saiba se foi o único (BARATA, 2008, p.50). Recebia correspondências de mulheres, como A Brasileira Constitucional, do Rio de Janeiro. São João tinha uma aula pública para meninas, cuja professora era Policena Tertullianna de Oliveira. No final de 1829, 43 meninas estavam matriculadas e 34 fizerem exames públicos (MENTOR DAS BRASILEIRAS, 30/12/1829, 23/12/1829). O fim do *Mentor*, em julho de 1832, seria por motivos de saúde do redator (BARATA, 2008, p.54). *O Novo Argos* (18/6/1832) diz que foi "*por inconvenientes, que ocorreram*".

No ano de 1830 surgiram também folhas das quais os arquivos públicos não têm exemplares, como *O Semanário Mercantil*, o *Mentor dos Brasileiros*, em Ouro Preto e *A Constituição em Triumpho*, que surgiu em São João Del Rei dia 6 de janeiro de 1830 (VEIGA, 1898, p.202). O redator da *Constituição em Triumpho* foi Florêncio Antonio da Fonseca (ver nota de rodapé).[47] Apesar de rodado na tipografia do *Amigo da Verdade*, revelou-se adepto de posições Liberais, atacou o recrutamento, defendeu a Guarda Nacional, foi contra as arbitrariedades em geral. A tipografia não quis rodar seu número 7 e a *Constituição em Triumpho* parou de circular em fevereiro do mesmo ano (ASTRÉA, 11/3/1830).

No final de dezembro de 1830 José Pedro Dias de Carvalho anunciou que publicaria o *Diário do Conselho Geral da Província*, logicamente para durar somente os meses de reunião desse Conselho. Em 1832 ainda existia um *Diário do Conselho* (ESTRELLA MARIANNENSE, 18/12/1830, 15/8/1832). Os Conselhos Gerais das Províncias se reuniam

---

constitucionais dos parlamentos.

47 Florêncio Antônio da Fonseca foi redator do *Constituição em Triumpho*. Dentre os "subscritores" da biblioteca pública criada por Baptista Caetano d'Almeida era o que tinha mais livros em seu inventário, com 122 títulos, em 362 volumes, fora os estragados. Músico amador. Em 1840 começou a lecionar Filosofia Racional em São João Del Rei. Advogado, promotor, talvez seja a ele que Marinho se refere em seu livro sobre a revolta de 1842 como "promotor Florêncio", porque ainda era promotor no final dos anos 1840. Era convidado a participar de comissões pela Câmara de Vereadores. Um Florêncio Antônio da Fonseca Groston (1777-1860) é patrono da cadeira 28 da Academia Goiana de Letras, considerado um dos primeiros poetas desse estado. Um dos dois, se não é o mesmo, foi vereador em Juiz de Fora, eleito em 1857. Seu inventário é de 1859 (MORAIS, 2002, p.148-147; DIAS, 2010, p.157,159).

de dezembro a fevereiro, e esse *Diário* devia durar mais ou menos isso.

A *Estrella Marianense* surgiu em 6 de maio de 1830. Manoel Bernardo Acursio Nunan aparece como redator logo no primeiro número (ver nota de rodapé).[48] Era rodada na Tipografia do *Universal*, pois só teria uma tipografia própria em abril de 1832, a Tipografia Marianense, de forma que Mariana foi a quarta localidade mineira a ter um periódico, mas não foi a quarta a ter uma tipografia. Enfrentou dificuldades na impressão, como falta de operários e de tipos (ESTRELLA MARIANNENSE, 28/4/1832). A *Estrella* foi verdadeira porta-voz da Sociedade Patriótica Marianense, que entretanto depois criou sua própria folha.

A *Estrella Marianense* anunciou em um mesmo número o surgimento de duas importantes folhas mineiras, o *Pregoeiro Constitucional* e a *Sentinella do Serro* (ESTRELLA MARIANNENSE, 9/10/1830). Depois de São João Del Rei e do Tejuco, uma quarta localidade mineira, o arraial de Pouso Alegre, ganhou uma tipografia, e lançou o *Pregoeiro Constitucional*. A tipografia do *Pregoeiro*, de propriedade do padre José Bento Ferreira de Mello[49], ficaria famosa por imprimir, em 1832, o documento que ficou na história como a Constituição de Pouso Alegre. Os redatores do *Pregoeiro Constitucional* eram o padre José

---

48 Manuel Berardo Acúrsio Nunan aparece na Lista Nominativa de Mariana como redator da *Estrella Mariannense*, indicando que considerava sua atuação na imprensa como "*a mais significativa do ponto de vista do prestígio social*". Para Diogo de Vasconcelos era um eclesiástico. Vivia com duas costureiras e uma forra. Não parece ter sido um homem de posses (SILVA, 2009, p.121). Ele foi secretário da Câmara de Mariana, e despedido por ser redator da *Estrella* (O NOVO ARGOS, 11/4/1831). Também se sabe que nos dias posteriores à viagem de D. Pedro I a Minas Gerais Nunan "*sofreu insultos pelas ruas públicas, dizem que fora tudo preparado no palácio episcopal*" (PREGOEIRO CONSTITUCIONAL, 30/3/1831). Em 1841 era empregado da secretaria do governo de Minas Gerais (O CORREIO DE MINAS, 3/7/1841). Em 1842, durante a revolta, foi secretário do Comando das Armas legalistas (SOUSA, 1843, p.197).

49 Cônego José Bento Leite Ferreira de Mello foi redator do *Pregoeiro Constitucional* e do *Recompilador Mineiro*. Nasceu em Campanha em 1785, e morreu em Pouso Alegre, assassinado em uma emboscada, em fevereiro de 1844, em um complô envolvendo inimigos pessoais e políticos. Ordenado padre em 1809, mesmo ano de Feijó (LENHARO, 1979, p.101). José Bento conseguiu que Mandu fosse elevada a freguesia e ser nomeado vigário da mesma em 1811. Era proprietário da fazenda do Engenho. Mantinha em sua companhia uma filha publicamente reconhecida (SOUZA, 2010, p. 36-41). Foi vereador, membro da primeira Junta Provisória de Governo em 1821, membro do Conselho Geral da Província, deputado provincial e geral, senador, mas sobretudo, um dos maiores líderes políticos de seu tempo (PASCHOAL, 2007, p.214). Como deputado geral foi autor do projeto de Guarda Nacional aprovado em 1831. Criou a Sociedade Defensora em várias povoações do sul de Minas. Pe. Bento era tão influente que ao se tornar vigário de Mandu decidiu mudar a urbe de lugar, e criou Pouso Alegre, decidindo até o traçado das ruas, o que significa que Pauso Alegre pode ter sido a primeira cidade planejada do Brasil. Essa localidade cresceu de 41 imóveis urbanos em 1810, para 136 em 1817, 188 em 1821, 217 em 1826 e 281 em 1827. Foi um dos articuladores da Revolta de 1842, embora tenha permanecido no Rio de Janeiro durante sua eclosão.

Bento Leite Ferreira de Mello e o cônego João Dias de Quadros Aranha[50] (BLAKE, 1898, p.338; SISSON, 1999, p.424; VEIGA; 1898, p.192).

Deve-se saber que esses padres eram do tipo que escreviam que "*Ótima coisa se nos apresenta um rei Constitucional, um ser neutro. Doce é esta ilusão, mas ela é tão real como padres celibatários...*", e que "*...os bispos excetuados alguns, são os mais inimigos da perfeição social...*" (PREGOEIRO CONSTITUCIONAL, 25/5/1831, 1/12/1830).

Tendo nascido em um 7 de setembro de 1830, o *Pregoeiro* publicou um grande artigo sobre a independência conseguindo não citar D. Pedro I nenhuma vez. No número seguinte explicou que a independência fora feita pelo povo com a "*...coadjuvação do Grande Pedro, que por seu mérito pessoal foi por nós aclamado Imperador*" (PREGOEIRO CONSTITUCIONAL, 11/9/1830).

Em relação às mulheres eram muito avançados, sobretudo tratando-se de padres. Existem inúmeros exemplos, mas o que combate o tabu da perda da virgindade feminina é marcante:

> A donzela, que teve a desgraça de cegar-se com a sedução habilmente manejada pela astúcia, tem de sofrer irrevogavelmente a infâmia, a penúria, e todos os males Apêndices a sua eterna degradação; entretanto que uma sabia Legislação, e uma Opinião Pública mais esclarecida podiam remediar a sua desventura... (PREGOEIRO CONSTITUCIONAL, 13/10/1830)

Também suas opiniões sobre a escravidão são atípicas para os anos 1830, quanto mais para senhores de escravos, membros de famílias de senhores de escravos. Denuncia os "*brutais castigos, nudez, e falta de sustento*", o "*descuido de promover o matrimônio*", a "*falta de método em educar os recém nascidos*", isso dada a "*lembrança de que o serviço de três, ou quatro anos seria suficiente para indenizar o despendido...*", mas isso não era assim tão raro de se ler. Defende que "*...a natureza proclamou a igualdade entre os homens, e nem em tempo algum criou raças de homens para serem escravos...*" (Idem), no que também não estava sozinho na imprensa da época. Também era possível encontrar outros afirmando que a escravidão "*...fomenta a imoralidade, e atrasa a nossa população...*" (Idem). Para essa folha o

---

50 Cônego João Dias de Quadros Aranha (1784-1865) foi redator do *Pregoeiro Constitucional* e do *Recompilador Mineiro*. Nasceu em Itu, São Paulo. Tinha terras e se não tinha um homônimo foi negociante em Bom Jesus. Foi vigário de Pouso Alegre, vereador, deputado geral e provincial. Como vereador de Campanha aprovou a criação de uma Guarda Nacional às vésperas do 7 de Abril. Em 1832 foi ferido em um conflito político em Pouso Alegre. Não tinha o hábito de usar batina, mas sim a farda de Guarda Nacional (REZENDE, 1944). Seria "*probo e severo*" (ALMANACH SUL MINEIRO, 1874). É nome de praça em Cachoeira de Minas, onde rezou a primeira missa.

direito de propriedade dos escravos seria "*precário*", "*nominal*". Coragem enorme para uma folha encravada no então Arraial de Pouso Alegre. Ademais, a escravidão para ele seria "*um sorvedouro de nossos capitais*" (Idem). Defende, como exemplo dos EUA, escolas para libertos. Mas o que realmente o destaca mesmo das folhas que contava como aliadas é que ele não era contra simplesmente o tráfico, como era comum entre folhas de seu campo político na época, mas defendia mesmo a "*...emancipação dos escravos (embora lenta)...*" (PREGOEIRO CONSTITUCIONAL, 2/10/1830, 27/10/1830, 1/12/1830, 20/11/1830). O *Pregoeiro* não publicou nem um só anúncio de fuga de escravos, ao contrário do que faziam folhas das quais era aliado, como *O Universal* e *O Astro de Minas*.

Na escalada de ataques da imprensa mineira contra os governos de D. Pedro I, em 17 de novembro de 1830 o *Pregoeiro* usou pela primeira vez o termo "*S.M.I. e C.*", Sua Majestade Imperial **enquanto Constitucional**! Claramente uma ameaça, que se repetiu em vários artigos, e que seria usada novamente às vésperas da Revolta de 1842.

Se o *Pregoeiro* não é lembrado como a folha mais avançada de Minas Gerais em seu tempo, isso se deve ao *Sentinella do Serro*, que nasceu quase ao mesmo tempo que o *Pregoeiro Constitucional*, em Vila do Príncipe (Serro). Era também mais uma Tipografia que surgia, na quinta localidade, de propriedade de A.F. Carneiro. Teófilo Ottoni (ver nota de rodapé número 32), que se assumiu como redator, afirmou ter transportado essa tipografia desde o Rio de Janeiro (OTTONI, 1860, p.12). Sabe-se que os tipos foram enviados para Vila do Príncipe da tipografia d'*O Universal*, que tinha um aparelho de fundir tipos. O nome dessa folha parece inspirado nas *Sentinelas* de Cipriano Barata, de quem Ottoni fora correligionário no Clube dos Amigos Unidos. Para os adversários era a "*republicana Sentinela do Serro*" (O CORREIO DE MINAS, 30/10/1841). Para Luciano Moreira a *Sentinella do Serro* é "*considerada o principal periódico exaltado na Província de Minas Gerais"* (MOREIRA, 2011, pp.168,188,208). Segundo Ottoni, o próprio Ato Adicional teria sido resultado do número 43 da *Sentinella do Serro* (OTTONI, 1860, p.30). Infelizmente, os arquivos públicos não têm nem um número dessa folha. Já em 1902, Sacramento Blake disse, "*nunca vi esse periódico*" (BLAKE, 1902, p.267). Duraria até o número 80, de 17 de Março de 1832 (O NOVO ARGOS, 6/4/1832).

A *Sentinella do Serro* foi considerada Exaltada por seus contemporâneos, e o *Pregoeiro Constitucional* não foi. Eram as alas mais combativas e com ideias mais avançadas entre os Liberais mineiros, mas tinham também diferenças com os Exaltados do Rio de Janeiro.

No final de 1830 o *Pregoeiro Constitucional* afirmou "*podemos contar 6 periódicos*

liberais” em Minas Gerais, mas é porque a *Sentinella do Serro* ainda não tinha chegado a Pouso Alegre e o *Mentor das Brasileiras* não estava sendo considerado uma folha partidária, pois o *Echo do Serro*, o *Astro de Minas*, *O Universal*, *O Novo Argos*, a *Estrella Mariannense, o Sentinela do Serro* e o próprio *Pregoeiro* somam 7 folhas (sem o *Mentor das Brasileiras*) em oposição a D. Pedro I, em seis localidades diferentes, cinco dessas possuindo tipografia. A favor do governo existiam *O Telegrapho*, o *Amigo da Verdade* e o *Semanário Mercantil.* Não se sabe se *O Soldado* já existia. O quadro nacional não era muito diferente, existiriam onze “*defensores*” do governo, e “*perto de cinquenta Periódicos Livres*” (PREGOEIRO CONSTITUCIONAL, 6/10/1830, 22/1/1831). Ao mesmo tempo em que acontecia uma guerra de periódicos impressos em letra redonda, circulavam, ou eram colados pelas ruas, manuscritos, ainda mais incendiários (MOREIRA, 2011, p.153).

O assassinato de Líbero Badaró incendiou a imprensa, que promoveu funerais em diversas localidades, publicou poemas, elogios etc. No número de 5 de janeiro de 1831 o *Pregoeiro* orientou seus leitores a usarem o laço nacional, que “*caiu por algum tempo em desuso*” (...) “*por manobras do servilismo, sempre pronto a aniquilar os símbolos da nossa regeneração política e apagar toda a ideia do Liberalismo*”. O laço nacional voltaria a ser usado na Revolta de 1842.

Quando chegaram as notícias da Noite das Garrafadas a imprensa oposicionista chamou às armas, desde os mais combativos *Sentinella do Serro* e *Pregoeiro Constitucional*, até ao mais ordeiro *Novo Argos*, e em incontáveis localidades mineiras milhares de homens se levantaram.

Um mês antes, já em um clima explosivo, nasceu em Ouro Preto *O Soldado*, cujo redator teria sido Assis Lorena, e rodado na mesma tipografia do *Telegrapho* (O NOVO ARGOS, 26/1/1831, 10/3/1831, 15/3/1833). *O Telegrapho* deixou de circular quando D. Pedro I abdicou (PREGOEIRO CONSTITUCIONAL, 18/5/1831), mais precisamente quando chegou a notícia em Ouro Preto, dia 15 de abril de 1831, sem noticiar que acabaria (O NOVO ARGOS, 15/3/1833), e parece que *O Soldado* teve o mesmo fim:

> Esse *Telegrafo*, que prometia morrer aos pés do Trono, e que só dizia – a Vitória é nossa – já não existe; nem do seu Redator se tem notícia: um *Semanário*, que e altas vozes pediu a morte do Redator do *Argos* acabou com seu amigo: o estonteado *Soldado* do sr. Lorena, que já nasceu desgarrado, desertou das fileiras (...) todos, todos finalmente (...) emudeceram (NOVO ARGOS, 28/4/1831).

Mas parece que o *Semanário Mercantil* existiu até 1832.

A importância da imprensa para a queda de D. Pedro I pode ser imaginada pela dimensão que Francisco Gomes da Silva, o Chalaça, dava ao assunto. Diz ele que o número de jornalistas da oposição "*de repente cresceu*", como se viu em 1830, e:

> Com dificuldade pode o promotor de justiça ser convencido de que devia acusar os criminosos; fê-lo como se fosse um deles; e jurado composto de indivíduos do partido e opiniões dos réus, absolveu-os com escândalo da justiça e da razão. Desde esse momento só dois caminhos se ofereciam ao Imperador: ou sair do Brasil, ou violar a Constituição para salvá-la (SILVA, F, 1939, p.200).

Em outras palavras, governar sem calar a imprensa oposicionista seria impossível. Um decreto de junho de 1822 decidiu que os crimes de imprensa seriam levados a juri popular, inaugurando essa forma de julgamento no Brasil. O julgamento por jurados era "*uma garantia liberal de que os crimes políticos (ou de opinião) não seriam considerados por juízes de carreira, muito frequentemente funcionários fiéis ao governo*" (NUNES, 2010, pp.95, 163). Era também o uso internacional no período. Os EUA tiveram um caso icônico, quando os jurados absolveram Bradford, já em 1692 (EMERY, 1965, p.85-86). Para ser jurado era necessário ser cidadão, ter a renda de votante (100$000 até 1846, 200$000 daí em diante), e, a partir da reforma do Código do Processo de 1841, ser alfabetizado (NUNES, 2010, p.44).

As leis que se seguiram em 1823 e 1830 confirmaram esse ponto central da legislação a respeito da imprensa. O juri decidia se havia ou não crime, e o juiz dava a pena. A lei de 1823 definiu toda uma lista de proibições e penalidades, e a lei de 1830 tentou agravar as penas. Contudo, o Código do Processo Criminal do mesmo ano abrandou as penas.

O Universal republicou de seu adversário *O Unitário* que "*A lei que pune os abusos da imprensa é entre nós absolutamente nula, e sem vigor. Os promotores nem se dão ao trabalho de acusar porque sabem que tudo é baldado...*" (O UNIVERSAL, 5/6/1840). A rigor, não era só "*entre nós*", também na França a tendência do Júri era absolver os réus por crimes de abuso da liberdade de imprensa (NUNES, 2010, p.43). Não significa que o Júri nunca condenava ninguém. Havia exceções, a exemplo do Conselho de Jurados do Rio de Janeiro, que condenou um réu por caluniar o Intendente Geral da Polícia, e o juiz fixou a pena em 6 meses de cadeia e 400$ de multa (O UNIVERSAL, 10/8/1825).

Os pedristas tentaram reprimir a imprensa por métodos violentos, mas também não deu certo. A queda de D. Pedro I encerrou uma fase da vida política e da historia da imprensa mineira.

2.2.1 Multiplicação, divisões e repressões (1831-1833)

No ano de 1831 os leitores talvez tenham tido a ilusão, reforçada pelo sumiço das folhas pedristas, de que o 7 de Abril arrefeceria a guerra de folhas. Os vencedores tanto acreditavam nisso que o *Pregoeiro Constitucional* defendeu correio grátis para periódicos (PREGOEIRO CONSTITUCIONAL, 25/5/1831), o que realmente se deu pelo Decreto de 7 de Junho de 1831, que isentou as folhas nacionais da taxa dos correios (MOREIRA, 2011, p.233). As folhas estrangeiras seriam isentas de taxas quando fossem para bibliotecas, e em outros casos pagariam um oitavo do preço. Ou seja, os novos donos do poder não imaginavam que tal isenção pudesse beneficiar seus adversários. Lei semelhante já tinha sido aprovada em 1829 nas duas câmaras, aguardando a sanção imperial (O UNIVERSAL, 24/7/1829).

A Gazeta de Minas nasceu em maio de 1831, mas não parece ter entrado na luta política, porque ficou esquecida pelas folhas Liberais. *O Diamantino*, que tem sido datado de 1832, já sofria um processo em 1831, referente ao seu número 1, em que teria caluniado o Vigário (O NOVO ARGOS, 21/7/1832):

> Cessada a publicação do *Echo do Serro*, surgiram *O Diamantino* e *O Exorcista*, também folhas liberais, de propriedade de Venâncio Ribeiro Mourão,[51] e cujos impressores ou redatores foram João Nepomuceno Aguilar, Rodrigo de Sousa Reis, Manuel Ciriaco de Abreu, Clementino Rabelo de Campos[52] e Misael Felicíssimo Aguillar[53] (FILHO, Aires, 1980, p.197).

Para Luciano Moreira o redator seria João Nepomuceno Aguilar (ver nota de rodapé 30), que fora um dos redatores do *Echo do Serro* (MOREIRA, 2011, p.204). Em 1832 "*O Diamantino, cuja publicação se havia interrompido, novamente aparece em formato maior*"

51 Venâncio Ribeiro Mourão (1795-1880) teria sido um dos fundadores do *Echo do Serro*, oficialmente o proprietário. Também estaria envolvido com o *Exorcista* e o *Diamantino*. Foi aliado de Ottoni. Foi Coletor Provincial, em Diamantina, portanto de diamantes, por 24 anos. Em 1841 foi demitido, e voltou ao posto durante o Quinquênio Liberal. Foi Promotor do Tesouro Nacional. Viveu em Diamantina. Era minerador, e dono de escravos. Comprou dois livros de Bernardo Xavier Pinto de Souza sobre a revolta de 1842.

52 Clementino Rabelo Campos esteve ligado ao *Diamantino* e ao *Exorcista*. Era então muito jovem, porque em 1869 deu uma Carta de Liberdade a João Crioulo, e em 1882 foi membro da direção da Sociedade Abolicionista de Diamantina (MEIRA). Em 1886 ainda estava vivo e era chefe Liberal (17º DISTRITO, 10/1/1886).

53 Mizael Felicíssimo Aguillar esteve relacionado ao *Diamantino* e ao *Exorcista*. Era então muito jovem porque estava vivo em 1886 e ainda era chefe Liberal (17º DISTRITO, 10/1/1886).Era irmão de João Nepomuceno de Aguillar. Senhor de escravos. Em 1863 foi Imperador da festa do Divino.

(O NOVO ARGOS, 16/7/1832). Em 1833 ele ainda existia (ASTRO DE MINAS, 21/9/1833). *O Exorcista* surgiria somente em 1833.

A conjuntura política não se acalmou com a queda de D. Pedro I. Oito movimentos assustaram o Rio de Janeiro entre 1831 e 1833 (BARATA, 2014, p.81). Além disso, só entre 7 de abril e 30 de maio de 1831 foram presos também no Rio de Janeiro por desordem e pancadaria 108 homens livres e 50 escravos, registraram-se 27 ferimentos graves e 25 leves, 8 assassinatos e apareceram mais 5 cadáveres, e foram apreendidas armas as 102 pessoas (SODRÉ, 1966, p.179). Passado um ano a *Estrella Mariannense* disse que "*Há um século entre o dia 3 de Maio do último ano, e o que acaba de abrir a presente Seção*" pois "*o ódio dos partidos continua cada dia mais alentado, (...) não vimos assomar ainda entre eles aquela calma, e tolerância, que ordinariamente costuma suceder as extravagâncias dos homens...*" (ESTRELLA MARIANNENSE, 4/7/1832, 31/3/1832). Consequentemente, em Minas Gerais também aconteceu como disse Morel, "*vê-se que os anos 1831-1833 são marcados por nítido crescimento da imprensa periódica no Rio de Janeiro, então sede da Corte do Império do Brasil*" (MOREL, 2005, p.209). Exatamente como disse Basile, "*Esse desenvolvimento da imprensa vincula-se intimamente às disputas políticas, à emergência de diferentes projetos políticos e à mobilização da opinião pública*" (BASILE, 2009, p.65). Quando os deputados gerais e senadores reunidos em Assembleia Geral decidiram que haveria reforma da Constituição e quais itens seriam reformáveis, isso não acalmou os ânimos em nada (CONSTITUCIONAL MINEIRO, 23/10/1832).

Alarmada, a *Estrella* afirmou que "*a liberdade de imprensa tem a maior latitude, que jamais se viu em país algum do mundo.*" No Rio "*já não vemos impunes as* Matracas*, as* Nova Luz*, os* Exaltados *&.&.&.*". Essas folhas "*desapareceram*" sob a repressão do ministério Feijó (ESTRELLA MARIANNENSE, 17/3/1832). Feijó baixou uma portaria que determinava a eleição de um novo conselho de jurados para a Corte, e conseguiu um Júri muito mais afinado com o governo (NUNES, 2010, p.104).

Em Minas Gerais os novos donos do poder também começaram a usar as leis contra os opositores. O Conselho de Jurados de Ouro Preto foi convocado extraordinariamente devido a "*uma carta dirigida desta Cidade para fora, aonde se demonstravam as conveniências do governo absoluto*". O autor dessa carta "*andava a convidar assinantes para o Periódico, que nos parece, se destina a tratar da propagação do absolutismo*". O acusado, um Martins,[54] que não chegou a publicar a *Voz da Razão*, foi acusado e condenado pelo júri

54 Seria João Martins de Moura Duque Estrada (do qual se trata adiante) que um ano depois foi

(ESTRELLA MARIANNENSE, 8/1/1832, 11/1/1832).

Embora de linha política oposta ao Martins, o *Sentinella do Serro* foi também chamado a jurados pelo Promotor do Júri. Em 17 de Março de 1832, o número 80 da *Sentinella do Serro* publicou dois avisos, "*Interrompe-se por hora os trabalhos da Sociedade Promotora do Bem Público*", e "*Interrompem-se por ora a publicação da Sentinella do Serro*" (O NOVO ARGOS, 6/4/1832).

Mais de um mês antes, dia 4 de fevereiro, a Sociedade Promotora do Bem Público da Vila de Príncipe (Serro) lançou já no manifesto de sua criação, no número 74 da *Sentinella do Serro*, a proposta de que, se:

> até o dia da convocação da futura assembleia legislativa não tenha ainda passado ou tenha sido rejeitado no senado o projeto das reformas constitucionais, se esforcem de comum acordo para que nos respectivos círculos eleitorais se deem poderes constituintes aos futuros deputados para reformarem a constituição, na forma do projeto aprovado na câmara dos deputados, fazendo-se a reforma independente do senado (OTTONI, 1860, p.22-23).

A Sociedade Promotora da Instrução Pública, de Ouro Preto, e diversas outras sociedades de Minas Gerais e de outras Províncias, responderam negativamente à proposta da Sociedade de Vila do Príncipe, taxando-a de inconstitucional. Quando essas respostas começaram a chegar a Vila do Príncipe "*saíram a campo os Telegráficos*" dizendo "*que a Sociedade era composta de Republicanos*". Dada a má recepção geral a Sociedade Promotora do Bem Público encerrou sua recém iniciada atuação, e a *Sentinella do Serro* acabou junto, e foi chamada a jurados pelos excessos de seu último número. Embora o *Novo Argos* tenha dito que "*nunca nos pareceu Republicana a Sociedade Promotora do Bem Público*" (O NOVO ARGOS, 13/4/1832, 6/4/1832). Também disse que:

> nós a vimos censurar o Governo, a Assembleia Geral Legislativa, e o Partido Moderado; ao mesmo tempo que descarregava golpes sobre a Constituição do Estado, até que no seu N.80 negou a existência de um Imperador no Brasil, e sustentou a necessidade de se extinguir a Monarquia... (O NOVO ARGOS,13/4/1832)

Segundo o *Constitucional Mineiro*, o *Sentinella do Serro* teria publicado:

---

processado por redigir o *Tareco Militar*?

> Quem impera ou governa é a Regência, e não o Imperador, que não o é ainda de fato. Virá a ser, terminada a minoridade, se a Nação antes disso não reformar a Constituição, e extirpar dela o elemento Europeu, o que nos parece indispensável.... porque o Dia 7 de Abril derrubou no Brasil o monarquismo! (CONSTITUCIONAL MINEIRO, 20/11/1832, 8/2/1833).

E ainda que:

> Só juramos fidelidade ao Imperador enquanto Constitucional, o que a respeito de um menino, que não pode ter ainda opinião, significa enquanto a Constituição reconhecer Imperador... (CONSTITUCIONAL MINEIRO, 20/11/1832, 8/2/1833).

Em resumo, a *Sentinella do Serro* vinha ferindo a lei de imprensa (das acusações do *Novo Argos* só não eram crimes os ataques ao Partido Moderado, talvez únicos pelos quais a *Sentinella* pagou), e quando resolveu terminar suas publicações passou dos limites. Assinou no fim "*Redator Teófilo Benedito Ottoni*", com uma coragem de pagar pelos seus crimes que se repetiria ao final da Revolta de 1842. Por muito menos outros redatores arranjavam testas de ferro.

Retrato 5 - Theophilo Benedito Ottoni

Fonte: Arquivo Público Mineiro.

Se a *Sentinella do Serro* realmente foi processada pelo seu número 80, ela não terminou sua publicação porque foi chamada a jurados, ela foi chamada a jurados pela forma

como terminou sua publicação. Os jurados absolveram Ottoni (O NOVO ARGOS, 6/4/1832, 19/5/1832). Ele, próprio, em 1860, explicou que "*A Sentinella do Serro cedeu, menos prudentemente, às provocações das gazetas moderadas: foi processada, e viu-se na necessidade de suspender a sua publicação*" e "*ceder-lhes a tipografia e retirar-se completamente da cena*" dando a entender que o processo não foi pelo último número (OTTONI, 1860, p.24). Está claro que nesse momento os Liberais não estavam unidos em Minas, uma vez que Ottoni se refere às "*gazetas moderadas*" como adversárias.

O *Diamantino*, embora não tenha adquirido a fama da *Sentinela do Serro*, também defendeu fazer as reformas sem o Senado e também foi perseguido. São plausíveis as hipóteses de que o "Pregoeiro *tenha desaparecido para contornar o enquadramento que vitimara o* Diamantino *e o* Sentinela do Serro*, ou que a opção pelo golpe parlamentar* [de 1832] *exigisse mesmo menor publicidade*" (SILVA, W., 2018, p.180, 182).

Mas o norte de Minas não ficou sem folhas Liberais. Desde Xavier da Veiga o *Liberal do Serro* é datado em 1831, mas em 1832 o *Novo Argos* afirmou "*aparece agora o Liberal do Serro*". O *Liberal do Serro* estava então em seu número 5. Só pode ter nascido em 1831 se fosse mensal. Do arraial de Itambé (hoje Santo Antônio do Itambé), era redigido por Giraldo Pacheco de Melo[55] "*também ourives, sem ter noção alguma da arte tipográfica, tratava igualmente de montar uma tipografia e fundia tipos para esse fim*" (VEIGA, 1898, p.103). Assim como a *Sentinella do Serro,* defendeu a Sociedade Promotora do Bem Público e denunciou suborno eleitoral (O NOVO ARGOS, 19/5/1832). Para o *Novo Argos* o *Liberal do Serro* era Exaltado assim como a *Sentinella do Serro*.

Interessantes sobre o assunto são as declarações de que "*Os mesmos que recebiam, e repartiam os Jururubas, os Matracas, os Exaltados são os que agora recebem os Caramurus, e Carijós*", duas folhas acusadas de restauradoras e que também foram reprimidas por Feijó (ESTRELLA MARIANNENSE, 14/4/1832), e três anos depois "*os mesmos, que a pouco promoviam a restauração, são os que mais se inflamam hoje pela República.*" (O VIGILANTE, 4/2/1835). Não se pode dizer isso de Ottoni, dos padres de Pouso Alegre, nem de Giraldo Pacheco de Mello, ou de João Nepomuceno Aguiar.

Carvalho e Barbosa citam a existência de um *Itambé do Serro* em 1831 (1994, p.116). Pode ser uma confusão de nomes, trocando "O Liberal" por "Itambé", mas se Giraldo

55 Giraldo Pacheco de Melo foi o criador do *Liberal do Serro*. Por ser ourives e mecânico é fácil deduzir que era autodidata, mesmo porque ainda não tinha saído de seu arraial, onde não se ensinava mais do que ler. É nome de rua em Santo Antônio de Itambé. Na década de 1860 foi editor do *Jequitinhonha* (SALDANHA,2020, p.81). Teria sido editor o *Buletim da Legalidade no Serro* em 1842.

Pacheco de Mello construiu uma tipografia, bem pode ter impresso mais de uma folha.

Foi em 1832 que o *Jornal do Commércio* republicou do indignado *Carapuceiro*:

> O alfaiate, ao invés de estar em sua loja, cortando panos e fazendo roupa, traz a corda aos fregueses semanas, e semanas; por que vive talhando governos, gizando constituições, e alinhando rusgas: o sapateiro já não quer saber de couros e solas; só fala em gazetas. O barbeiro, dá para publicista! (Apud NUNES, 2010, p.152).

Imagine-se o sentimento de quem pensava como o *Carapuceiro* quando ao mesmo tempo:

> Três novos periódicos se publicam em nossa Província; o *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública* no Ouro Preto; o *Homem Social* na Cidade de Mariana; e o *Vigilante*, cujo Prospecto saiu a luz em Sabará do dia 7 de Abril sob os auspícios da Sociedade Pacificadora; anuncia-se igualmente a aparição de outro na Vila de Campanha (O NOVO ARGOS, 24/4/1832).

Quando surgiu, a Tipografia Marianense imprimiu outras folhas além da *Estrella*. Primeiro o *Homem Social*, que no número 7 atacou a Câmara de Mariana, e que sabemos que teve ao menos 30 números (ESTRELLA MARIANNENSE, 27/5/1832, 9/6/1832, 7/11/1832). O *Homem Social* teve algumas diferenças de baixa intensidade com *O Novo Argos* e *O Universal* (O NOVO ARGOS, 9/7/1832). O Padre Antônio José Ribeiro Bhering, primeiro redator d'*O Novo Argos*, teve participação na redação dessa folha (SILVA, W., 2009, p.118). Ainda em meados de 1832 a Sociedade Patriótica Marianense se tornou sócia da Tipografia e passou a imprimir seu próprio periódico, a *União Fraternal* (ESTRELLA MARIANNENSE, 2/6/1832, 9/6/1832).

O *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública*, de Ouro Preto, surgiu no início de 1832. Essa sociedade foi uma das que fez coro contra a proposta da *Sentinella do Serro*. O redator era o padre José Antônio Marinho, que seria um dos principais chefes da revolta de 1842 e seu principal memorialista. Foi escolhido pelo Colégio da Sociedade, que também escolhia substitutos quando necessário, como Manoel Joaquim d'Oliveira Cardozo[56]

---

56 Manoel Joaquim d'Oliveira Cardozo, redator temporário do *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública*. Era professor de filosofia e em 1834 foi Secretário da Sociedade Promotora da Instrução Pública. Trabalhou na Junta da Fazenda no final de 1831. Em 1835 elaborou um Compendio de Latinidade, que foi adotado pela província de Minas Gerais. Foi um dos elaboradores do estatuto da Caixa Econômica de Ouro Preto. Em 1841 era Escrivão da Mesa da Misericórdia de Ouro Preto (O CORREIO DE MINAS, 3/7/1841). Existiu um abade Manoel d'Oliveira Cardozo, mas não se sabe se era o mesmo.

entre 7 de Setembro e 15 de Dezembro de 1832 (ver nota de rodapé). É no período desse redator substituto que o *Jornal da Sociedade Promotora* publicou o Catecismo Federal, oriundo da Sociedade Federal de Pernambuco, ao qual dedicou um número inteiro (JORNAL, 7/9/1832, 21/9/1832). *O Novo Argos* e o *Astro de Minas* , que acusavam a *Sentinella* de Exaltada, também publicaram o Catecismo Federal (O NOVO ARGOS, 17/11/1832). Outro redator do Jornal da Sociedade foi o padre Justiniano da Cunha Pereira (ver nota de rodapé),[57] em 1834, quando o José Antônio Marinho mudou-se de Ouro Preto para São João Del Rei (ASTRO DE MINAS, 20/10/1836).

Artigos sobre agricultura, instruções sanitárias, planos educacionais, informações sobre as escolas mineiras, trabalhos da sociedade em prol da educação (como a biblioteca e a contratação de um professor), mas também política. Parece que a biblioteca era continuidade da biblioteca da extinta Sociedade Literária, que fora ligada ao *Abelha de Itaculumy* (JORNAL, 7/12/1832). Os membros da Sociedade recebiam a folha "gratuitamente". Os principais sócios da Sociedade Promotora "*foram ao mesmo tempo agentes do aparato estatal, tais como presidentes de província, conselheiros gerais da província, vereadores, juízes de paz e professores públicos*" (INÁCIO, SANTOS, 2009, pp.7, 10).

O *Jornal da Sociedade* foi um dos que a sedição de 22 de março de 1833 tirou de circulação, fazendo José Antônio Marinho sair de Ouro Preto. Voltou a circular, mas com irregularidades até o último número conhecido, de 20 de julho de 1834.

Também a Sociedade Pacificadora Sabarense comprou uma tipografia e em abril de 1832 passou a imprimir *O Vigilante*, jornal da mesma sociedade. A Sociedade elegia o redator, e em 25 de março de 1832 escolheu o Sr. Gomes Nogueira (O VIGILANTE, 2/1/1833, 2/2/1833), que deve ser o Coronel Pedro Gomes Nogueira (ver nota de rodapé).[58] Mas assim

---

57 Padre Justiniano da Cunha Pereira (1798-1838) foi redator do *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública* e da primeira fase do *Parahybuna* Era natural da Vila do Príncipe (Serro), onde foi exposto. Fez parte da Arquiconfraria de São Francisco da Vila do Príncipe, de homens pardos. Estudou no Seminário de Mariana, ordenado em 1824. Foi Eleitor de Piranga (ASTRO DE MINAS, 20/10/1836). Em Setembro de 1830 já apareceu nas páginas da *Estrella Marianense* (18/9/1830) com um sermão contra o despotismo e o absolutismo. Em 1832 publicou um artigo n'*O Universal*, elogiando a ação da Guarda Nacional de Piranga contra uma insurreição em Santa Rita do Turvo (27/1/1832). Autor da peça teatral *O Club dos Anarquistas*.

58 Coronel Pedro Gomes Nogueira foi um dos redatores do Vigilante, tido como criador do Athleta Sabarense, do *Estafeta* e seu possível redator em 1842, que foi rodado em sua tipografia. Ainda jovem teria atuado a favor da independência e sofrido perseguições. Em 1822 fez parte da Junta do Desejo do Bem Comum, em Sabará, cujo objetivo era comprar periódicos e fazer sua leitura em uma seção pública. Nesse mesmo ano deu decidido apoio ao príncipe D. Pedro, marchando com a tropa de cavalaria de milícias que comandava para São João del-Rei, para concentrar tropas contra a Junta Provisória que em Ouro Preto não queria

como toda a diretoria da Sociedade Pacificadora, o Editor, o Tesoureiro da Tipografia e o Redator (a partir de certo momento 1º Membro da Comissão de redação) podiam mudar de três em três meses (INÁCIO, SANTOS, 2009, p.11). *O Vigilante* de 26 de junho de 1833 informou que o novo 1º Membro da Comissão de Redação seria o padre e professor Mariano de Souza Silvino.[59] Luciano Moreira encontrou também Antônio Pereira da Fonseca[60] (ver notas de rodapé) e *O Vigilante* pode ter tido outros redatores (MOREIRA, 2011, p.205). Luciano Moreira notou que o local de assinatura d'*O Vigilante* mudou sete vezes de vendedor. Provavelmente porque a diretoria da Sociedade Pacificadora era substituída com facilidade. Quando o caixa da tipografia publicou uma nota no *Vigilante* (2/2/1833) fica claro que é o mesmo em cuja loja se podia assinar a folha. O mesmo acontece no número de 8 de maio de 1833, já com outro tesoureiro, e novamente em 6 de novembro de 1833.

No início de 1835 a Sociedade discutiu "*o contínuo déficit da Tipografia*", pensou em arrendá-la ou em encerrar *O Vigilante*. A decisão foi passar a dar um número só por semana, reduzir o ordenado do redator pela metade e o número de empregados da Tipografia. O último número disponível na Biblioteca Nacional, que noticiou a Revolta do Malês, é de 14 de março de 1835. A Sociedade teve uma reunião dia 8 de março de 1835 em que deveria tratar "*negócios de alta transcendência*" (O VIGILANTE, 7/2/1835, 7/3/1835). Pedro Gomes Nogueira em algum momento adquiriu a tipografia da Sociedade Pacificadora, que virou Tipografia de Nogueira, mudando-a da rua atrás do Rosário para sua residência na rua da Ponte Pequena (INÁCIO, SANTOS, 2009, p.13).

---

reconhecer o governo central. Em 1831 teve papel de peso no enfrentamento a D. Pedro I, que viajava com o ministro José Antonio da Silva Maia, candidato a deputado com apoio do Imperador. Sabará era o principal colégio eleitoral de Maia e esperava-se completo apoio ao governo. Frustrado esse apoio a viagem terminou abruptamente. Foi presidente da Câmara de Sabará, juiz de fora substituto, e era comendador das ordens do Cruzeiro e de Cristo (O VIGILANTE, 2/2/1833). Era negociante. Em 1840 comprou a Tipografia da Sociedade Pacificadora de Sabará. Teria fundado o *Athleta Sabarense*, e o *Estafêta*. Em 1831 fez decidida oposição a D. Pedro I (JINZENJI; SÁ, 2008, p.2-6). Durante a Revolta de 1842, quando Sabará foi tomada pelos rebeldes, assinou o manifesto de adesão à mesma, mas logo se retirou da cidade e escreveu uma carta na qual se disse coagido, aderiu à legalidade, e rompeu com a oposição.

59 Padre Mestre Mariano de Souza Silvino foi um dos redatores do Vigilante. Foi o primeiro presidente da Sociedade Pacificadora e da Misericórdia de Sabará, tendo dirigido essa última por 12 anos. Era uma das principais lideranças políticas de Sabará. Professor de Latim. Tinha escravos. Deixou 8 filhos, e de um deles não sabia o nome. Seu inventário é de 1844 (SANTOS, 2006, p.604).

60 Antônio Pereira da Fonseca tem inúmeros homônimos. Redator do *Diabo Coixo*, da *Miscelânea* e um dos redatores do *Vigilante*. Era major de primeira linha. Na Revolta de 1842 foi nomeado pelo presidente rebelde como Instrutor geral da Guarda Nacional de Sabará (SOUSA, 1843, p.299).

Nessa tipografia foram impressos vários outros periódicos de Sabará, como a *Miscelanea*, que em 6 de Janeiro de 1833 estava com a publicação atrasada, tendo falhado uma semana, de forma que nasceu em 1832.[61]

Também em 1832 existiu o *Athleta Sabarense*, cujo redator era o padre Francisco Andronico Ribeiro (ver nota de rodapé) (O NOVO ARGOS, 26/1/1833).[62] Essa folha teria sido criada pelo Coronel Pedro Gomes de Nogueira (JINZENJI, 2008, p.3). Mas em 6 de janeiro a tipografia da Sociedade Pacificadora rodava somente 2 folhas, *O Vigilante* e *Miscelanea*, portanto o *Athleta Sabarense*, se é que foi rodado nessa mesma tipografia, como se imagina, já tinham deixado de circular. Em 26 de janeiro de 1833 o padre Andronico publicou uma nota no *Vigilante*, o que nos parece confirmar que seu periódico acabou em 1832, tendo dado 16 números. Para Xavier da Veiga o *Athleta* foi o primeiro jornal de Sabará, mas para isso tem que ter dado seu primeiro número antes de abril de 1832 (VEIGA, 1898, p.194).

Antes de Sabará, Campanha tinha adquirido tipografias. Primeiro foi a do padre José de Sousa Lima, da qual não se sabe nada, de forma que não deve ter publicado nenhum periódico. Em 7 de abril de 1832 surgiu a *Opinião Campanhense*, com tipografia própria (VEIGA, 1898, p.194). Infelizmente os arquivos públicos só têm dois números. O primeiro tem um manifesto dos eleitores de Campanha em apoio a Evaristo da Veiga, irmão do redator Bernardo Jacinto da Veiga.[63] Evaristo, redator da *Aurora Fluminense*, sofrera um atentado a tiros no Rio de Janeiro. O segundo, de 1836, tem um artigo contra Bernardo Pereira de Vasconcelos, que estava defendendo a revogação da Lei de 1831, que proibiu o tráfico de escravos. Teria existido até agosto de 1837. É possível que tenha mudado de linha política em maio de 1836 (SILVA, 2018, p.185). Já em 1839 não seria fácil encontrar uma coleção do

---

61 Manoel de Freitas Pacheco esteve ligado ao *Miscelânea*. Foi vereador, Sargento Mor de Ordenanças, Juiz de Fora, e Cavaleiro da Ordem de Cristo. Para adversários seria um homem de cor.

62 Padre Francisco Andronico Ribeiro foi redator do *Athleta Sabarense*. Foi padre em Curral del Rei, e depois em Descalvado entre 1833 e 1835. Em 1831 foi elogiado pelo *Universal*. Parece ter falecido em 1835. Nos Anais da Biblioteca Nacional ele aparece como redator também do *Semanário Mercantil* e do *Cidadão Livre*, mas parece ter sido uma confusão por Francisco de Mello Franco, que seria o redator dessas duas folhas, ter "tomado" para si o nome *Athleta Sabarense*, e mantido a numeração, de forma a confundir os leitores.

63 Bernardo Jacinto da Veiga redigiu o *Opinião Campanhense*. Nasceu no Rio de Janeiro em 1802, e ali faleceu em 1845, mas viveu a maior parte da vida em Minas Gerais, para onde se mudou em 1818 para tratar da saúde. Foi deputado provincial e geral, e presidente de Minas Gerais por duas vezes (VEIGA, 1898, p.193). Bernardo Jacinto da Veiga "*estudou por si mesmo a língua latina e a francesa, geografia, história, filosofia, aritmética e álgebra*" (BLAKE, 1883, p.410). É possível que tenha rompido com os feijoístas já em 1836 (SILVA, 2018, p.185). Era o Presidente legal de Minas Gerais durante a Revolta de 1842.

Opinião Campanhense (ASTRO DE MINAS, 2/5/1839). Além de Bernardo da Veiga, Lourenço Xavier da Veiga[64] teria sido redator dessa folha (CARVALHO, BARBOSA, 1994, p.167).

Em meados de 1832 a oposição à Regência se reanimou. Em Ouro Preto "*Só lhes falta uma imprensa*", disse *O Novo Argos*, pois "*o expediente dos pasquins é muito moroso, e a mesma letra pode denunciar o intrigante, que os escreve*" (O NOVO ARGOS, 8/5/1832).

Em 28 de maio de 1832 *O Novo Argos* anunciou que *O Amigo da Verdade* deixara de circular, e já em 18 de setembro de 1832 nascia em São João Del Rei *O Constitucional Mineiro*. Três meses antes de saber o nome que essa folha teria *O Novo Argos* já preparava seus leitores: "*Conta-se que em uma reunião de consócios da União, e Lealdade se tratou da maneira porque se poderiam dar ânimo ao partido, que se acha um pouco esmorecido, e ai se resolveu que aparecesse o tal periódico...*" (O NOVO ARGOS, 18/6/1832).

Assim como aconteceu com *O Amigo da Verdade, O Constitucional Mineiro* já foi atacado pelo *Astro de Minas* antes de nascer, e nasceu para combater o *Astro de Minas* e "*seu bando*". Em outras palavras "*a célebre roda do Astro*" (CONSTITUCIONAL MINEIRO, 2/2/1833, 5/10/1832), com destaque desde o primeiro número para o dono de sua tipografia, Baptista Caetano d'Almeida, ao qual incluía na família Magalhães, que reputava como um poder político local.[65] Atacava também José Alcebíades Carneiro, então ex-redator do *Mentor das Brasileiras* e talvez do primeiro número do *Amigo da Verdade*, que viria a ser eleito deputado, e era suspeito de ser o redator do *Astro de Minas*. Outros alvos eram *O Universal* e a *Aurora Fluminense*. Como o *Novo Argos* entrou em defesa de Baptista Caetano, foi atacado também. *O Athleta Sabarense* seria subversivo, criminoso. Em novembro de 1832 republicou artigo do *Catão* contra a *Sentinela do Serro*, que já tinha terminado. Tentando separar o *Astro de Minas* das outras folhas do mesmo lado, republicou artigos d'*O Universal*, da *Verdade* (do Rio de Janeiro) e do *Opinião Campanhense*, mas foi rechaçado (CONSTITUCIONAL MINEIRO, 21/9/1832, 5/10/1832, 28/10/1832, 20/11/1832, 22/1/1833).

A acreditar no *Constitucional Mineiro*, o *Astro de Minas* e *O Universal* governavam Minas Gerais. Sua militância anti-imprensa é indisfarçável, apesar de estar em oposição.

---

64 Lourenço Xavier da Veiga (1806-1863) ajudou na redação do *Opinião Campanhense*. Irmão de Evaristo Ferreira da Veiga e de Bernardo Jacinto da Veiga. Autodidata como seus irmãos, mudou-se do Rio de Janeiro para Campanha, para onde também se mudou Bernardo Jacinto da Veiga. Tenente-Coronel da Guarda Nacional. Rompeu com os feijoístas antes de seu irmão, Bernardo da Veiga (SILVA, 2018, p.185). Subscreveu para Campanha 4 exemplares do livro de Bernardo Xavier Pinto de Sousa sobre a Revolta de 1842.

65 Viu-se que de fato o era, sendo sobrinho do fundador da poderosa família Almeida Magalhães, Francisco de Almeida, na casa do qual viveu desde os 12 anos de idade.

Tentou espalhar o medo de que um panfleto (portanto todos) poderia espalhar o *cólera morbus*. Um correspondente pediu repressão à imprensa e exigência de fiança anterior à publicação de folhas (CONSTITUCIONAL MINEIRO, 28/9/1832, 18/1/1833, 15/2/1833).

O Constitucional Mineiro era claramente ligado "*à gente da União e Lealdade*", uma associação política. Fazia apologia a D Pedro I, então Duque de Bragança, aproveitando-se de sua campanha militar revolucionária em Portugal, onde defendia a Constituição por ele outorgada e o trono de sua filha, D.Maria I. Era oposto às reformas propostas para a Constituição de 1824 e defendeu os irmãos Andrada. Admitiu ser "alugado" (CONSTITUCIONAL MINEIRO, 25/9/1832, 28/9/1832, 13/11/1832, 23/11/1832). O redator seria o frei Francisco Freire de Carvalho (ver nota de rodapé).[66] Xavier da Veiga cita a existência, também em 1832, de um *Constitucional* em Ouro Preto (1898, p.196). Mas trata-se d'*O Constitucional* de 1846, pois Veiga cita sua epígrafe, "*Il y beaucoup a faire pour le peuple, mais une volonté constante peut tout acomplir*" (Sismondi), que é a do periódico de 1846.

Já foram dados exemplos suficientes para se concluir que os periódicos eram tratados como sujeitos. Era o uso da época, as pessoas percebiam e queriam perceber os periódicos como entidades separadas de seus redatores:

> ...nem por decência quer declarar que não tem parte na redação desse indigno papel. Tenha ele a prudência de o fazer, e ver-se-á livre dos nossos ataques: não nutrimos rancores contra a pessoa do Sr. Freire de Carvalho; a nossa contenda é com o intitulado Constitucional Mineiro (O NOVO ARGOS, 20/1/1833).

---

66 Cônego Frei Francisco Freire de Carvalho Figueiredo (1779-1854) foi redator do *Constitucional Mineiro*. Nascido em Portugal, estudou em Coimbra onde foi professor de História e Antiguidades (CINTRA, 1982, p.131, 204) e superior do Colégio da Graça. Perseguido por D. Miguel e refugiado no Brasil, teria sido convencido por Baptista Caetano d'Almeida a mudar-se do Rio de Janeiro para São João Del Rei, onde uma sociedade seria responsável por pagar 800$ a Freire de Carvalho para ele ministrar aulas gratuitas de "*gramática brasileira*", retórica, poesia, história e geografia. Freire seria "*ex-Redator do Astro de Minas; ex-Liberal; ex Deputado Provincial; ex-partidista do progresso; ex-admirador da honradez, pratriotismo e desinteresse do nobre senador, o Sr. Feijó; ex inimigo acérrimo de tudo quanto fazia, dizia ou pensava o nobre senador, o Sr. Vasconcelos*..."(O POPULAR, 18/1/1840). Escreveu *Lições Elementares de Elouquencia Nacional*, que teve cinco edições até 1856. Também escreveu *Lições Elementares de Poética Nacional*, este quando já estava de volta a Lisboa. Esses manuais chegaram a ser usados no Colégio Pedro II, onde Frei Francisco foi professor (MELO). Também escreveu uma *História Literária de Portugal*. De volta a Portugal foi reitor do Liceu Nacional de Lisboa, Cônego da Sé Patriarcal de Lisboa, sócio da Academia Real de Ciências, escreveu para O Panorama e para a Revista Trimestral de História e Geografia.

Para entender a história política desse período é preciso compreender que os periódicos eram entidades, mas criticamente, pois não existem entidades da sociedade civil sem pessoas que as dirijam. A recorrência do anonimato na imprensa desse período reforça o uso dos periódicos como sujeitos até aos textos atuais.

Na mesma tipografia d'*O Constitucional Mineiro*, em São João Del Rei, surgiu *O Papagaio*, de dois vinténs, dia 21 de novembro de 1832 (CONSTITUCIONAL MINEIRO, 20/11/1832). Essa tipografia soltava *O Constitucional Mineiro* nas Terças e Sextas e *O Papagaio* na Quarta. Os redatores seriam Luiz Joaquim Nogueira da Gama[67] e Francisco Joaquim de Araújo Pereira da Silva[68], "*dois empregados públicos, cicatrizados com uma fitinha vermelha*" (ver notas de rodapé). Haveria um terceiro, doutor. Sobre o *Papagaio* sabemos que "*até então se inculcavam Haitianistas, copiando as anárquicas doutrinas do* Sentinella*, queriam sim adular, e fazer baixa Corte aos homens de cor*" (ASTRO DE MINAS, 7/3/1833, 5/3/1833). O "até então" é porque os dois redatores teriam se desmascarado ao não aceitarem dois homens de cor como escrutinadores nas eleições de 1833.

Quando a *Estrella Marianense* deixou de circular informou que era o momento em que "*os Caramurus, ou Restauradores mais trabalham para suplantar-nos*" e que encerrava a folha porque "*Circunstâncias imperiosas nos obrigam a ausentarmo-nos de nossa Pátria, e estabelecermo-nos na Vila da Pomba...*" (ESTRELLA MARIANNENSE, 14/11/1832).[69]

---

67 Luiz Joaquim Nogueira da Gama foi redator d'*O Papagaio*. Nascido em Portugal em 1793, faleceu em 1853 no Rio de Janeiro. Cavaleiro da Ordem de Cristo. Em 1822 assinou em São João del Rei um documento pedindo ao Príncipe Regente D. Pedro a instalação de Cortes Constituintes no Brasil. Em 1832 tomou parte em conflito com Caetano Alves de Magalhães pelo posto de Juiz de Paz. Casado com a mineira Mariana Peregrina de Miranda Ribeiro, irmã de José Cesário de Miranda Ribeiro, visconde de Uberaba. Em 1847 já residia no Rio de Janeiro, onde era oficial da Secretaria de Estado de Negócios da Marinha. Foi Juiz de Paz e vereador em São João Del Rei, onde também foi tesoureiro da Intendência durante o primeiro reinado. Foi um dos "subscritores" da Biblioteca pública criada por Baptista Caetano.

68 Comendador Francisco Joaquim de Araújo Pereira da Silva (1803-1863) foi redator d'*O Papagaio*. Pai do Barão de São João Del Rei. Nascido em São João Del Rei. Era um homem bastante rico, e senhor de escravos, dono de apólices do tesouro, terras. Em 1831 foi acusado de tentar matar Caetano Alves de Magalhães, primo turbulento de Baptista Caetano d'Almeida. Em 1833 foi proposta sua expulsão da seção local da Sociedade Defensora, pois seria "caramuru". Foi eleito vereador de São João del Rei, mas a maioria dos vereadores conseguiram depô-lo. Era advogado, e foi promotor público em 1863. Na Revolta de 1842 foi nomeado pelos rebeldes Major Ajudante de Ordens do Comandante Superior da GN dos Municípios de S. João Del Rei, S. José e Oliveira. Acinte? Ou ele tinha mudado de lado? Comprou um livro de Marinho sobre 1842.

69 Caramuru. Do nome da folha *Caramuru,* do Rio de Janeiro, foi apelidado um lado político, acusado por seus adversários de pretender restaurar o trono de D. Pedro I. Com a morte de Pedro I, e divisão dos Moderados, o apelido de Caramuru foi dado a um dos lados resultantes

Recapitulemos. Em 1832, desapareceram a *Estrella Mariannense*, o *Sentinella do Serro*, o *Mentor das Brasileiras* e o *Amigo da Verdade*, mas mesmo assim o ano de 1832 foi um ano de multiplicação de folhas em Minas Gerais, e também de tipografias, que surgiram em Itambé, Caeté, Sabará e Campanha, que nesse ano tiveram suas primeiras folhas, e em Mariana que até então imprimia suas folhas em Ouro Preto. Algumas folhas nasceram e morreram em 1832, como o *Athleta Sabarense*.

Ao lado do *Constitucional Mineiro* e do *Papagaio* surgiram no final de 1832 e início de 1833 as folhas de Caeté, décima localidade mineira a ter tipografia. Os arquivos públicos não têm nenhum número dessas folhas de Caeté. Primeiro surgiu *O Cidadão Livre*, "*Folha da Oposição*" (CONSTITUCIONAL MINEIRO, 15/1/1833).

O *Cidadão Livre* provavelmente é de dezembro de 1832, pois em 3 de janeiro Bernardo Pereira de Vasconcelos pediu esclarecimentos sobre o número 1 dessa folha, e o número 10 desse semanário já é citado em uma correspondência do final de fevereiro de 1833 (O VIGILANTE, 19/1/1833, 27/2/1833), o que é confirmado pelo historiador local João Vitoriano (1985, p.43). Seu redator deve ter sido o já citado Cel. Francisco de Mello Franco (ver nota de rodapé 43).

Não demorou a surgir, também em Caeté, o *Despertador Mineiro*, redigido pelo Doutor Jacinto Rodrigues Pereira Reis (ver nota de rodapé).[70] Importante não confundir o *Despertador Mineiro* de Caeté, de 1833, com o *Despertador Mineiro* de São João Del Rei,

---

da divisão dos Moderados - o que foi acusado de receber mais integrantes do antigo agrupamento Caramuru. Para entender a permanencia desse apelido é significativo entender que embora para Holanda, José Murilo, Needel etc. o primeiro partido tenha sido o Conservador, nossas fontes confirmam que "*...o problema da indefinição Regressista acompanhou a trajetória deste partido durante toda sua permanência no governo*" e por mais alguns anos (MARCIANO, 2013, p.72). Em outras palavras, um dos lados em que se dividiram os Moderados logo se assumiu como o Liberal, um dos nomes pelos quais os Moderados se autodenominavam, e assim foram reconhecidos. O outro lado dos antigos Moderados demorou bem mais para se decidir por um nome.

70 Dr. Jacinto Rodrigues Pereira Reis foi redator do *Despertador Mineiro*, o de 1833, e talvez d'O Relâmpago. Nasceu no século XVIII, talvez 1768, e faleceu no Rio de Janeiro em 1872. Era Cavaleiro da Ordem da Rosa, Comendador da Ordem de Cristo e Dignatário da Grã-Cruz. Já em 1822 escreveu "*O Amigo da Razão ou Carta aos Redatores do Reverbero*" (BLAKE, 1895, p.291). Em 1831 foi o primeiro redator de *O Homem e a América*, folha da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, no Rio de Janeiro. Jacinto Rodrigues Pereira Reis foi preso, acusado de cúmplice da sedição de Ouro Preto de 1833 e de tumultuar as eleições de 3 de março em Caeté, junto com outros líderes de seu lado político desse município, mas foi, como todos eles, absolvido pelo Júri (O VIGILANTE, 7/12/1833; VITORIANO, 1985, p. 44). Entre 1845 e 1846 foi vereador no Rio de Janeiro. Médico, foi cirurgião honorário da corte de D. Pedro I e de D. Pedro II. Foi um dos criadores da Sociedade Médica do Rio de Janeiro em 1829. Foi presidente da Academia Imperial de Medicina, membro da direção do Instituto Vacínico e da Junta Central de Higiene Pública.

que nasceria em 1841, que seria redigido por Marinho e Otoni. Desse Doutor Jacinto sabe-se que mudara de lado, ou segundo o *Novo Argos* (2/3/1833) "*...para fazer-se mais conhecido não duvidou hostilizar o partido moderado sob cujas bandeiras se alistara.*" Também se sabe do "*celebre Doutor, que carregado de tipos veio da Corte com o desígnio de despertar os Mineiros*" (O VIGILANTE, 1/5/1833). Assim como o *Papagaio*, Jacinto foi acusado de "haitianismo" (ASTRO DE MINAS, 16/4/1833).

O *Despertador* e as demais folhas de Caeté surgiram para lutar contra a reforma da Constituição, ou seja, para influírem nas eleições de 1833. Foram acusadas de apoiarem o movimento armado de 22 de março de 1833 em Ouro Preto. Em abril de 1833 o *Despertador Mineiro* ainda estaria funcionando, e teria defendido "*a legitimidade da governança sediciosa*", entre outros argumentos tentando "*provar a nulidade da Vice Presidência instalada em S. João Del Rei*". Antes mesmo de derrotada a Revolta de Ouro Preto, já em 15 de maio de 1833 um correspondente afirmou que o Doutor Jacinto já estaria "*no mato*" e não ter certeza se continuaria a publicação do *Despertador Mineiro*. Em 5 de junho o padre Maximiano Soares de Menezes repetiu que ele estaria "*Habitando no bosque entre serpentes*", e que o *Despertador Mineiro* estaria morto (O VIGILANTE, 1/5/1833, 5/6/1833).

Também em Caeté, certamente na mesma tipografia do *Cidadão Livre* e do *Despertador Mineiro*, surgiu *O Relâmpago* "*terceiro em número, que com os seus irmãos de pena, e com a mesma profissão de fé política compõe o ateneu Caetense*". Ainda estaria funcionando em abril de 1833, na mesma linha do *Despertador Mineiro* (O VIGILANTE, 2/2/1833, 1/5/1833).

O ano de 1833 começou no mesmo clima de crescimento das tensões. De Sabará a Sociedade Pacificadora reclamava que "*os órgãos da facção se multiplicam diariamente*", e de uma "*emissão extraordinária de periódicos anárquicos*", "*distribuídos grátis*" (O VIGILANTE, 12/1/1833, 16/1/1833, 15/2/1833). Em Ouro Preto pasquins, ou seja, manuscritos eram colados à noite (O NOVO ARGOS, 2/3/1833). Um dos motivos seriam as eleições para um parlamento que teria "*de ocupar-se do interessante objeto das reformas constitucionais, que tanta bulha tem concitado entre as facções.*" (O VIGILANTE, 27/1/1833)

Em Pouso Alegre, substituindo o *Pregoeiro Constitucional*, em fevereiro de 1833 surgiu *O Recompilador Mineiro*, na Tipografia do *Pregoeiro Constitucional*, do lado contrário ao das folhas de Caeté. Podia ser assinado na casa de Francisco de Paula Pereira, ao preço normal. Os redatores seriam os mesmos do *Pregoeiro Constitucional*, padres José Bento Leite

Ferreira e João Dias Quadros Aranha, mais o farmaceutico Modesto Antônio Mayer.[71]

Do mesmo lado das folhas de Caeté e do *Constitucional Mineiro* e do *Papagaio* de São João Del Rei, "*se fala também em aparição de novo* Telegrafo *na Capital*" (ESTRELLA MARIANNENSE, 6/10/1832). Finalmente apareceu uma nova tipografia em Ouro Preto "*que se diz encomendada pela Sociedade dos fiéis amigos do Trono, e do Altar*", em substituição à tipografia do *Telegrapho*, que tinha sido vendida. Era a tipografia do francês Leyraud. Em 1 de março de 1833 nasceu *O Grito do Povo*, cujo redator seria (ele negava) José Gonçalves Côrtes, ex-redator do *Telegrapho*. *O Grito do Povo* teria sido "*alma e vida do partido sedicioso*" de 1833 em Ouro Preto (O NOVO ARGOS, 9/2/1833, 2/3/1833, 15/12/1833; ASTRO DE MINAS, 30/4/1833).

Retrato 6 - Francisco Freire de Carvalho Figueiredo

Conego Francisco Freire de Carvalho Figueiredo
(1799-1854)
Oleo de Bernardino de Souza Pereira — Collecção do Museu Paulista

Fonte: Museu Paulista

---

71 Modesto Antônio Mayer teria sido redator do *Recompilador Mineiro*. Tem um homônimo do século XVIII, que foi Ouvidor e Intendente dos Diamantes. Mas o que nos interessa foi farmacêutico, nascido em Congonhas do Campo, que mudou-se para Pouso Alegre em 1825. Foi Vereador, Delegado, Capitão Cirurgião Mor do Comando Superior da Guarda Nacional. Foi um dos que romperam com os Liberais, tornando-se adversário do padre Bento. Os Liberais o acusaram de dar sumiço em livros correspondentes a 6 anos de seções da Câmara de Pouso Alegre. Em 1842 foi legalista, e teria prestado serviços relevantes. Recebeu o Hábito da Rosa. Quando faleceu em 1864, com 60 anos, alforriou seus escravos e os deixou como seus herdeiros. Comprou o livro de Xavier da Veiga sobre a Revolta de 1842.

2.2.2 A Revolta do Ano da Fumaça e o auge da imprensa

As eleições para eleitores aconteceram em 3 de março de 1833, e as eleições para deputados seriam 24 de março de 1833. Dia 18 de março chegou a São João Del-Rei um pedido de tropas por parte do Presidente da Província, as quais partiram às pressas dia 19 de março (CONSTITUCIONAL MINEIRO, 25/1/1833, 19/3/1833). Seja o que for que estivesse causando tensão em Ouro Preto, o pedido de reforços foi tarde demais, pois no dia 22 explodiu a revolta do Ano da Fumaça.[72] O *Minas Gerais*, em 1892, na seção *Excavações*, com base nos periódicos O *Constitucional Mineiro* e *Despertador Mineiro* contou o que deve ser a versão rebelde:

> concorriam os cidadãos quer militares, quer empregados, negociantes ou artistas, avançando para a praça desta cidade (...) à meia noite achavam-se reunidos oficiais e praças da cavalaria de 1ª linha, as Guardas Nacional e Permanente, assim como todos os cidadãos – menos os moderados (Apud. SILVA, W., 2009, p.301).

A notícia da Sedição chegou a São João Del Rei na madrugada do dia 27 de março, quarta-feira, e a Câmara se declarou logo em Seção Permanente. O *Astro* 831 deve ter saído na quinta-feira, como de costume, mas os arquivos públicos não têm esse número. A partir de sexta-feira o *Astro* começou a dar números Extraordinários (embora continuando a contagem da numeração) diários, quase todos com somente metade do tamanho normal. Foi, portanto, o primeiro diário de Minas Gerais, até 6 de abril de 1833, um dia depois que Bernardo Pereira de Vasconcellos transferiu para São João Del Rei o governo legal da Província.

O *Constitucional Mineiro* condenou a sedição, embora culpando o governo pela sua explosão (CONSTITUCIONAL MINEIRO, 2/4/1833). Essa atitude não isentaria o *Constitucional Mineiro* de ser acusado pelo *Astro de Minas*:

> O estabelecimento da Loja do Rosário, o reaparecimento do *Telegrapho* (*Grito do Povo*) a vinda da Tipografia para Caeté, colaborada pelo Jacinto, e Mello Franco, tão conhecidos por seus princípios inteiramente opostos à atual ordem de coisas; a publicação do *Constitucional Mineiro*, e *Papagaio* nesta Vila propalando doutrinas antipolíticas, e opostas ao Sistema atual, tudo isto é uma prova de existência de um partido, que pretendia suplantar o Governo para colocar outro... (ASTRO DE MINAS, 30/5/1833)

---

72 No final de 1833 Minas Gerais foi atingida por uma grande seca, que provavelmente foi origem de incêndios e da famosa fumaça. O ano de 1834, como resultado dessa seca, foi marcado por carestia e fome, destacadamente no norte da província.

O último número do *Constitucional Mineiro* disponível nos arquivos públicos é de 16 de abril de 1833. Sua tipografia foi usada para imprimir *A Legalidade em Triumpho*, folha do governo legal instalado em São João Del Rei. *A Legalidade em Triumpho* só era vendido avulso.

Mas antes que surgisse *A Legalidade em Triumpho* em São João Del Rei, *O Universal*, o *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública* e *O Novo Argos* foram obrigados a pararem de circular em Ouro Preto (O NOVO ARGOS, 2/7/1833) sob a alegação de que "*os Redatores Liberais pugnavam pela República*". Só o *Grito do Povo* (e talvez a *Gazeta de Minas*) continuou circulando em Ouro Preto. Em 18 de abril de 1833, o *Astro de Minas* anunciou que os redatores d'*O Universal*, José Pedro Dias de Carvalho, d'*O Novo Argos*, Herculano Ferreira Pena, e do *Jornal*, Padre José Antônio Marinho, ainda "*andavam ocultos*", assim como Francisco de Paula Santos, mas nesse mesmo dia eles chegaram a São João Del Rei e dois dias depois publicaram uma nota explicando a suspensão de suas folhas (ASTRO DE MINAS, 20/10/1836, 6/4/1833, 20/4/1833).

O número 173 do *Novo Argos* deve ter saído exatamente no dia 22 de março, mas os arquivos públicos não têm exemplares dele. O número seguinte, 174, é de 2 de julho de 1833, três meses e meio depois. Nesse mesmo número o então redator Herculano Ferreira Penna se despediu, e entregou a redação ao padre José Antônio Marinho, que até então era o redator do *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública*. Três destacadas figuras políticas redigiram *O Novo Argos*, Bhering, Herculano e Marinho. Herculano deixou a redação porque se mudaria para São João Del Rei (O NOVO ARGOS, 2/7/1833). Seria seguido por Marinho poucos meses depois.

Marinho afirmou que estreou no periodismo como redator *do Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública*, que foi interrompido quando a sedição "*expulsou-nos desta Cidade*". De volta, tentou criar o *Censor*, mas só teve recursos para lançar o prospecto convidando assinantes, e então assumiu *O Novo Argos*. Já em 23 de novembro de 1833 anunciou que deixava a redação. Em 11 de janeiro de 1834 o redator fez a curiosa afirmação de que tinha se mudado para Itabira, e que Marinho tinha transferido sua aula de filosofia para São João Del-Rei. Marinho tinha se indisposto com os ouro-pretanos, ao afirmar que Minas era industriosa, mas a capital era corrupta, "*recheada de homens sem ofício*", e que fora necessário os Guardas Nacionais mineiros "*virem fazer que os vadios entrem na linha de seus deveres*". *O Novo Argos* anunciou seu fim no número de 29 de janeiro de 1834, no qual também noticiou a queda do tutor José Bonifácio, e estando fechada a tipografia dos jornais adversários de Ouro Preto, afirmou que deixa "*o horizonte Político do Brasil*

desassombrado". Reclamou, contudo dos pagamentos dos assinantes "*cuja falta influiu muito para o desaparecimento desta folha*" (O NOVO ARGOS, 3/7/1833, 20/8/1833, 29/1/1834). O *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública* também parou de circular em 1834.

As folhas ligadas aos sediciosos ou simplesmente acusadas disso desapareceram junto com a revolta. Apesar de diferentes autores afirmarem que o *Grito do Povo* existiu até 1834, *O Novo Argos* afirmou ainda em 12 de outubro de 1833 que "*desapareceu o Grito*" e fala d'*O Mineiro*, surgido em julho, como seu fac-símile. Em 18 de outubro de 1833 *O Tareco Militar* afirmou que os jornais opositores só se preocupavam com *O Mineiro*, de forma que realmente os outros devem ter sido calados. Os números do *Astro de Minas* de 1833, posteriores à revolta, não citam mais *O Constitucional Mineiro* e o *Papagaio*. Antes mesmo da sedição o *Astro* acusava que os redatores do *Papagaio* "*provocam a movimentos sediciosos*". É provável que o *Papagaio* tenha sido processado, pois Figueredo Neves, um sócio da Sociedade Defensora de São João Del Rei, em julho de 1833 propôs expulsar Francisco Joaquim de Araújo Pereira da Silva, um dos apontados como redator dessa folha, "*que acaba de ser declarado Caramuru por uma Sentença*". O outro suposto redator, Luiz Joaquim Nogueira da Gama, anunciou em setembro de 1833 a venda de sua casa no Largo São Francisco e de sua chácara em Matosinhos, ou seja, sua provável saída da cidade (ASTRO DE MINAS, 9/3/1833, 19/9/1833, 26/9/1833).

A *Gazeta de Minas*, de 1831, parece ter sido mais uma folha dos revoltosos de 1833 (VEIGA, 1898, p.196). Sua epígrafe confirma essa suspeita, uma vez que defende o direito de derrubar governos (Apêndice A). Já em 1838 não era fácil obter cópias dessa folha e do *Grito do Povo*, dos quais os arquivos públicos não têm exemplares (GUARDA NACIONAL MINEIRO, 7/2/1838).

Em resumo, a sedição de 1833 teve impacto profundo sobre a imprensa mineira, fazendo cessar temporariamente a circulação de três folhas na capital, fazendo cessar permanentemente uma série de folhas da oposição em Ouro Preto, Caeté e São João Del Rei, e até criando novas folhas com a finalidade de combater a revolta. Caeté não voltaria a ter imprensa até o século XX. Mas a sedição não iniciou a baixa do periodismo em Minas Gerais. Pelo contrário, a tensão política cresceu em torno do debate sobre a anistia dos sediciosos, e surgiram diferentes folhas, a favor e contra a anistia. A rigor o auge do número de folhas em 1833 é a soma de dois momentos, antes e depois da revolta desse ano.

Gráfico 2 – Nascimentos de periódicos em Minas Gerais

Fontes: Ver Apêndice A.

Gráfico 3 – Periódicos em circulação em Minas Gerais

Fontes: Ver Apêndice A.

Os gráficos 2 e 3 são o resultado de todas as informações de nascimento e morte de periódicos publicados em Minas Gerais entre 1823 e 1850, com a necessária ressalva de que "*raros são os últimos fascículos, ficando praticamente impossível determinar a duração exata dos periódicos*" (SANTOS, 2001, p.55), de forma que o gráfico 3 baseia-se em conjecturas para determinar quando desapareceram alguns periódicos (ver Apêndice A).

Dia 27 de julho de 1833 surgiu em Ouro Preto *O Tareco Militar*, em defesa dos sediciosos presos. Não recebia assinaturas, só vendia avulsos, tinha metade do preço e metade do tamanho normais. Um dos redatores seria João Martins de Moura Duque Estrada. Luciano

Moreira diz que ele foi processado por abuso de imprensa em 1834 (2011, p.205, 215), mas já no final de 1833:

> Foi acusado perante o Júri um Periódico Caramuru intitulado – *Tareco Militar* – aonde se concitavam os homens de cor, por meio da cediça intriga do cativeiro dos pardos. (...) ...o seu autor acha-se preso, e deve sofrer a pena (O NOVO ARGOS, 21/12/1833).

Duque Estrada Recebeu uma pena de 2 anos e 2 meses (ASTRO DE MINAS, 4/3/1834). Outro redator foi o tenente Francisco Magalhães Gomes[73], preso no final de 1833 sob a acusação de divulgar o boato da reescravização dos pardos (SILVA, W., 2009, p.312). Esse boato era recorrente nas lutas políticas de então.

No mesmo mês que surgiu o *Tareco,* surgiu *O Mineiro*, em tamanho normal, também em defesa dos sediciosos presos. Longe de fazer *mea culpa* pelos sediciosos, era uma folha agressiva, que chegava a chamar à armas (O MINEIRO, 26/10/1833). A Tipografia de Leyraud que rodou *O Mineiro* e o *Tareco Militar* foi a mesma que rodou *O Grito do Povo* (O NOVO ARGOS, 12/10/1833) e foi fechada ainda em 1833 (MOREIRA, 2011, p.215).

Também do lado vitorioso surgiram novas folhas posteriores à sedição, como o *Permanente* e o *Revisor*. Os adversários chamavam o *Permanente*, de Ouro Preto, de "*incendiário*" (O MINEIRO, 26/10/1833), porque era contrário à moderação com os sediciosos (O NOVO ARGOS, 2/11/1833). O *Permanente* ainda existia no final de 1834. O *Revisor* era aliado do *Universal* (O MINEIRO, 26/10/1833) e seu redator seria um religioso (TARECO MILITAR, 18/10/1833). De fato, anos depois o *Guarda Nacional Mineiro* (5/7/1838) revelou que seu redator foi o padre Bhering, então ex-redator do *Novo Argos*. Igualmente do lado vitorioso *O Vigilante* anunciou que surgiria o *Sabarense* (O VIGILANTE, 19/6/1833). Também de 1833 foram o *Noticiador Serrano*, de Vila do Príncipe (Serro) (ASTRO DE MINAS, 22/8/1833), o *Tribuno do Serro* e *O Exorcista*, de Diamantina (VEIGA, 1898, p.203). Para Aires da Mata Machado Filho o nome da folha que existiu em Diamantina em 1833 não foi *O Tribuno do Serro*, mas *A Tribuna do Serro* (1980, p.198). Carvalho e Barbosa (1994, p.56) falam de uma outra folha de 1833 chamada *Coimbra*, que seria de uma localidade próxima a Viçosa, que nessa época ainda se chamava Santa Rita do Turvo,

---

73 Tenente Francisco de Magalhães Gomes foi redator do *Tareco Militar*. Era negociante, com três escravos. Sua loja foi local de distribuição de diversos periódicos. Em 1822 esteve envolvido em movimentação política contra o Ouvidor de Ouro Preto que não queria jurar a Constituição que seria feita. Seu irmão, João de Deus Magalhães Gomes, foi distribuidor do *Abelha do Itaculumy* e esteve envolvido na Revolta do Ano da Fumaça (SILVA, 2009, p.312). Era irmão de João de Deus Magalhães Gomes, que foram distribuidor do *Abelha do Itaculumy*.

enquanto Coimbra ainda se chamava São Sebastião dos Coimbras, de forma que deve ser um erro de digitação e essa folha não foi incluída no Apêndice A nem nos gráficos 2 e 3. O *Noticiador Serrano* teria sido redigido por Veríssimo Pereira dos Reis.[74]

Nota-se que o auge do número de publicações em 1833 aconteceu porque cada lado teve uma série de folhas fechadas durante a revolta de Ouro Preto, e depois criaram novas folhas em substituição. O clima político estava tempestuoso porque se elegeriam deputados que reformariam a Constituição, e depois continuou tempestuoso em torno da defesa ou da exigência de punição dos rebeldes, e isso fez nascerem periódicos.

2.2.3 Repressão da Regência Trina e repressão de Feijó (1833-1837)

No final de 1833 *O Vigilante* podia comemorar que "*Os caramurus por toda parte perdem terreno*". Quando do episódio em que a Sociedade Militar foi acusada de colocar um quadro de D. Pedro I em sua fachada as folhas Caramurus do Rio de Janeiro foram empasteladas (O VIGILANTE, 28/12/1833, 25/12/1833). A imprensa Caramuru de Minas Gerais já tinha sido calada. Foi assim em todo o Brasil:

> ...a imprensa caramuru sofre grande inflexão em fins de 1833, quando diversos jornais da facção interrompem a publicação, por conta de uma ofensiva desencadeada contra o grupo motivada provavelmente pela chegada da notícia de que Antônio Carlos havia viajado à Europa para se encontrar com D Pedro I e acertar, junto com ministros franceses e ingleses, a volta do ex-imperador (NUNES, 2010, p.103).

Em Minas Gerais existiram outros motivos, anteriores e mais palpáveis - a revolta de Ouro Preto - e é possível que essa "notícia" tenha feito parte da ofensiva contra os Caramurus, ao invés de ser o que a desencadeou.

A repressão não foi alarmante, mas foi prolongada. Em novembro de 1834, o governo expulsou dois portugueses, João Bonifácio Alves da Silva e Antônio José Pedrosa, e informou que "*está firmemente resolvido a mandar sair do território Brasileiro, todo o Estrangeiro, de qualquer Nação, que seja, que conspira contra a atual ordem de coisas*", no que se incluía redigir "*periódicos anárquicos, e incendiários*". Portugueses escreviam, no Rio de Janeiro, folhas cujos nomes eram *D Pedro I*, *Restaurador* e *Andradista* (O NOVO ARGOS, 15/12/1833). No mesmo número o *Novo Argos* comemorou mais medidas

---

74 Veríssimo Pereira dos Santos teria sido redator do *Noticiador Serrano*. Foi Major Ajudante do Comando Superior da GN do Serro em 1853. Era professor de 1ªs letras no Serro em 1864.

repressivas - "*Consta-nos que se nomeara novo Promotor, que nos dá esperanças de vermos em breve a repressão da escandalosa licença de Periódicos*" (O NOVO ARGOS, 15/12/1833). Em uma carta aprendida pela polícia, Borges da Fonseca denunciou que no Rio de Janeiro "*as duas Imprensas que imprimiam papeis da oposição, foram quebradas pelos Chimangos*" (ASTRO DE MINAS, 10/4/1834).[75]

A repressão derrubou a imprensa política em geral, pois não há necessidade de multiplicar as folhas situacionistas se a oposição está calada. *O Novo Argos* terminou no início de 1834. O *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública* também não passou desse ano. É provável que algumas das muitas folhas nascidas em 1833 tenham sobrevivido até 1834, ano de repressão e carestia. Nasceram dois, o *Guarda Nacional Mariannense* em 1834, e em Sabará o *Espelho da Verdade* (1834-1836 ou 38), dos quais os arquivos públicos não têm exemplares (VEIGA, 1898, pp.205, 208). Feliciano Ferraz da Costa teria tido algum papel na publicação do *Espelho da Verdade*.[76]

No final de 1834 chegou ao Brasil a notícia da morte de D. Pedro I, acabando com as esperanças e medos de sua restauração. Um importante combustível da luta política acabou, e a própria divisão partidária foi abalada, cindindo-se a força política dominante, os Moderados, que até então tinham em Minas Gerais uma grande rede de periódicos e de sociedades. Os Moderados já tinham perdido sua principal bandeira propositiva, quando consideraram reformada a Constituição, e com a morte de D. Pedro I perderam o inimigo em comum. Os dois artigos da Constituição que se viu acima que foram escolhidos pelo *Novo Argos* e pelo *Astro de Minas* como epígrafe em 1831 não diziam mais nada na conjuntura política de 1834.

A grande maioria dos periódicos aqui estudados ou foram Moderados ou inimigos deles, mas os inimigos, quase sempre, foram dissidentes. Quase todos os combatentes de 1842, dos dois lados, se tinham idade para isso, tinham militado no partido Moderado, lutando juntos contra o fantasma restaurador. A unidade dos Moderados era cimentada pela crença de que "*a restauração é provável muito provável*" (ASTRO DE MINAS, 3/10/1833), que "*o duque de Bragança trata, decididamente de recolonizar o Brasil, engajando para isso tropas, e generais de diferentes nações*" (O VIGILANTE, 26/6/1833). Na Câmara dos Deputados, o Deputado Paula Araújo disse que "*Não pode haver dúvida que se trama a restauração, e que ela não está longe*". Como a Restauração era "*recorrentemente negada pelos caramurus*" os

---

75 Chimango é uma ave de rapina, um pequeno gavião, que caça em bandos. Foi o apelido dado aos Moderados por seus adversários.

76 Feliciano Ferraz da Costa é suspeito de ter sido redator do *Espelho da Verdade*. Devia ser um negociante com recursos, pois adiantou as côngruas de 3 meses do padre Antônio Isidoro da Silva Diniz.

Moderados respondiam que "*os restauradores foram os primeiros, que nos anunciaram a vinda do Príncipe*" (...) "*e hoje querem capacitar, que isso é invento do partido Liberal!*" (ASTRO DE MINAS, 20/8/1833; CANO, 2014, p.104.). Era fácil acreditar que existiam interessados em restaurar D.Pedro I porque todos "*aqueles que devem a Pedro sua Patente, seu emprego, Brasões, e outras tais quimeras, foram feridos mortalmente pelo dia d'Abril, e no furor da sua dor, não cessam de praguejar*". Reforçando a crença no perigo restaurador, mesmo no arraial de Pouso Alegre, fortaleza Liberal, durante a posse do Pe. Aranha, redator do *Pregoeiro Constitucional*, como Tenente Coronel da Guarda Nacional, alguém vivou D. Pedro I em resposta aos vivas a D.Pedro II. Doze homens teriam se colocado ao lado acusado de restaurador, teria havido confusão, um morto, e o Pe. Aranha teria ficado ferido no braço (ASTRO DE MINAS, 20/8/1833, 13/3/1832). Com a morte de D. Pedro I sumiu o inimigo comum dos Moderados.

Para exemplificar a crise, no início de 1835 a *Aurora* e *O Universal* se desentenderam em torno da anistia dos revoltosos do Ano da Fumaça. Evaristo da Veiga não teria se animado a continuar contra a anistia depois que o perigo de restauração de D. Pedro I acabou (FILHO, Ageu, 2008, p.4). Acentuando a crise entre os Moderados, em 1835 aconteceram eleições para Regente Uno do Império.

Em 1835, em Sabará surgiu o *Diabo Coixo*, publicado aos Sábados, pequeno, na casa do redator Antônio Pereira da Fonseca. Prometia um "*sortimento de Carapuças*", e que seu principal objetivo seria "*a censura forte aos Empregados prevaricadores*". Ou seja, prometia ser de combate, como era comum nas folhas de dois vinténs (O VIGILANTE, 21/2/1835). Não existem exemplares dessa folha. Também em Sabará existiu em 1835 o *Estafeta*, que teria como redatores Antônio Gomes Baptista[77] e Padre Dr. José Marciano Gomes Baptista,[78]

---

77 Antônio Gomes Batista foi um dos redatores do *Estafeta*. Era escrivão da Intendência (SILVA, 2018, p.75). Chegou a estudar Direito em São Paulo, mas não se formou. Foi presidente da Misericórdia de Sabará, vereador e juiz de paz. Antônio Gomes Baptista tem muitos homônimos, como o descobridor do até então maior diamante do mundo no século XVIII. Então é difícil saber se ocupou alguns outros cargos, como Coronel, Capitão Mor, ou se foi o dono de uma tipografia, músico e letrista. Em 1822 fez parte da Junta do Desejo do Bem Comum, em Sabará, cujo objetivo era comprar periódicos e fazer sua leitura em uma seção pública. Assinou um manifesto em Sabará durante a Revolta de 1842, quando essa cidade caiu sob poder rebelde. Foi nomeado pelos rebeldes de 1842 como Juiz de Órfãos de Sabará, e derrotada a revolta disse que foi obrigado a aceitar. Posteriormente ele subscreveu para o livro do padre Marinho sobre a mesma Revolta. Pode ter sido redator do *Estafêta* de 1835, mas não do *Estafêta* de 1842, que foi legalista enquanto ele foi rebelde.

78 Cônego José Marciano Gomes Baptista foi um dos redatores do *Estafeta*. Vigário de Sabará. Advogado, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo na turma de 1834. Era calouro quando Badaró foi assassinado, e escreveu sobre ele um poema. Foi vereador de Sabará por várias vezes entre 1847 e 1876. Foi deputado provincial de 1846 a 1847 e de 1874 a 1875.

chefe político local (ver notas de rodapé). O *Estafêta* teve outra fase em 1842, que é única da qual existem números nos arquivos públicos (VEIGA, 1898, p.209).

Às vésperas das eleições para Regente Uno, um correspondente do *Pão d'Assucar*, do Rio de Janeiro, denunciou que "*Não havendo em Minas liberdade de imprensa, porque se prendeu e perseguiu os empregados de uma Tipografia de oposição que lá havia*" (PÃO D'ASSUCAR, 15/5/1835) ele teria que escrever para folhas do Rio.

Mas a liberdade de imprensa já começava a retornar, na medida em que rachava o partido Moderado. Em São João Del Rei existiu a *Oposição Constitucional,* também redigido pelo Padre José Antônio Marinho. Sobre essa folha sabe-se que Vasconcelos escreveu para os primeiros números, mas depois Marinho informou que "*em a* Oposição Constitucional *principiamos a desmascarar o Sr. Vasconcelos*". Ele não foi o único alvo da *Oposição Constitucional*, que tinha o hábito de "*denunciar nela ao público as versatilidades de uns, e imprestabilidade de outros*" (...) "*combatíamos pessoas acreditadas na opinião geral*" (ASTRO DE MINAS, 5/7/1836, 2/12/1836). Ainda existiram em Minas Gerais o *Reformista*, de Ouro Preto (O VIGILANTE, 14/3/1835) e provavelmente o *Coruja*, de Sabará. Foram todas folhas de curta duração, das quais os arquivos públicos não tem exemplares (VEIGA, 1898, p.208).

Em dezembro de 1835 foi anunciada a venda da Tipografia d'*O Universal*, e uma mudança na redação (O UNIVERSAL, 16/12/1835). No primeiro número de 1836 *O Universal* apareceu com novo cabeçalho e epigrafe, e o dono continuou sendo o conhecido José Pedro Dias de Carvalho (FILHO, Ageu, 2008, p.6). O que aconteceu? Teria Dias de Carvalho comprado parte da Tipografia de que ainda não dispunha? Teria trocado de associados? Essa venda seria da parte de Bernardo Pereira de Vasconcelos na empresa?

Em dezembro de 1835, ao mesmo tempo em que Vasconcelos estava deixando *O Universal*, Marinho assumiu a redação do *Astro de Minas* (dia 5), e não teria com o antigo aliado nenhuma contemplação, mesmo porque as ações de Vasconcelos tornavam-se mais ameaçadoras, e as eleições se aproximavam (AMARAL, 2003; SILVA, W., 2008, pp.5, 6,).

Sobre as relações das folhas desse período com folhas de outras províncias e destacadamente da Corte é importante salientar que não somente a *Aurora Fluminense*, de Evaristo da Veiga, influenciava os Moderados, mas também *A Verdade* e o *Correio Oficial*,

---

Típico da época, apesar de padre teve filhos (o que não é proibido pelo direito canônico, embora casar seja, e ter filhos fora do casamento seja condenado). Durante a Revolta de 1842 foi preso pelos legalistas, e processado, tendo sido absolvido pelo júri de Pitangui. Marinho diz que foi maltratado (MARINHO, 1844/1978, p.299). Pode ter sido redator do *Estafêta* de 1835, mas não do *Estafêta* de 1842, que foi uma folha legalista enquanto ele foi preso.

ligados a Aureliano Coutinho, Paulo Barbosa, cônego Januário e Saturnino, o Club da Joana, que chegaram até a serem mais republicados que a *Aurora* em folhas como o *Astro* e *O Vigilante*. Não se pode esquecer o *Sete de Abril*, mais uma das folhas atribuídas a Bernardo Pereira de Vasconcelos.

Com a vitória de Feijó para Regente Uno em 1835 mais uma vez o lado do *Astro de Minas* acreditou que a luta política estava terminada. D. Pedro I estava morto, a Constituição reformada, e o Regente era Feijó, um partidário de pulso firme. Quando assumiu a redação do *Astro de Minas* o padre José Antônio Marinho afirmou:

> ...convencido da não existência de partido algum avesso à Liberdade, cuidaremos d'ora em diante de desenvolver alguns artigos, que tratem do melhoramento do país, bem como de dar nossa opinião sobre aquelas leis, que reclamam pronta reforma... (ASTRO DE MINAS, 19/1/1836)

Estava confiante no futuro! Os votos de Minas Gerais foram decisivos para a eleição de Feijó, pois venceu com 2826 votos contra 2251 de Holanda Cavalcanti, mas em Minas Gerais teve 976 votos contra 95 de Holanda Cavalcanti (SOUZA, 1988b, p.217). Portanto, quando Bernardo de Vasconcelos afirmou: "*Eu direi ao nosso Governo – Filho da imprensa, e da imprensa só*" (ASTRO DE MINAS, 28/7/1836), estava fazendo grande elogio à força da imprensa mineira e à força da *Aurora Fluminense* em Minas Gerais. Contudo, "*hay uma ley de la ciencia política según la cual, cuando um partido mantiene la hegemonia y se maneja casi con unanimidad, la oposición nace dentro del proprio partido*" (LUNA, 2005, p.165) .

Feijó tomou posse 12 de outubro de 1835. Uma lei de 31 de outubro de 1835 aboliu isenção de taxas para periódicos, e taxou na quarta parte do porte das cartas (MOREIRA, 2011, p.234). O *Astro* republicou o *Indicador da Utilidade Pública*, folha feijoísta do Rio de Janeiro, que dizia sobre essa lei: "*um ato legislativo aparece (a imposição de pesados direitos sobre os jornais, e os outros impressos)*", ou seja, não seria culpa do Regente, mas do parlamento. A nova taxa foi duramente criticada: "*Por aquela medida legislativa está se pagando no Correio direitos tão pesados pelo porte dos impressos*" que "*raras serão mesmo as folhas das Províncias, que circulem pelo Império*" e "*alguns há, que tem mandado parar com as subscrições das folhas das Províncias*" (ASTRO DE MINAS, 30/8/1836).

Tenham os feijoísta conseguido ou não afastar de Feijó a culpa pela Lei de 31 de Outubro, logo em abril de 1837 Feijó ordenou ao Juiz de Paz de Sacramento que chamasse à responsabilidade o redator d'*O Sete de Abril* (NUNES, 2010, p.105-106).

Um mês antes tinha tentado regular por decreto de 18 de março de 1837 o processo

contra abusos de liberdade de imprensa (MOREIRA, 2011, p.245). Para o *Jornal dos Debates Políticos e Literários* Feijó teria criado em março de 1837 uma lei de censura à imprensa (FERRETTI, 2014, p.66). Trata-se das "*Instruções sobre o processo e sentenças nos crimes por abuso de liberdade de imprensa*":

> O regente Feijó utilizou um decreto para modificar as instruções aos juízes dos crimes de abuso de imprensa, tornando mais rígidas as condições para que a responsabilidade por um impresso (inicialmente, do tipógrafo) fosse passada adiante (para o editor ou autor), numa tentativa de conseguir mais condenações, e com isso dissuadir os opositores (NUNES, 2010, pp.104, 164).

Também permitia processar responsáveis pelos periódicos em qualquer lugar onde circulassem mais de 15 exemplares. Mas "*a crer nas fontes, não conseguiu*" conter a imprensa, apesar de seus adversários afirmarem que "*...nunca se viu perseguição mais atroz contra a imprensa periódica!*" (O PARAHYBUNA, 6/8/1839). Holanda Cavalcanti disse que "*maior prova da falta de liberdade da Imprensa são os abusos da mesma Imprensa*" (RECOPILADOR MINEIRO, 9/7/1836), confessando que Feijó não conseguiu calar a imprensa. Mesmo assim, depois da renúncia de Feijó o Ministério das Capacidades "*revogou o polêmico decreto que restringia a liberdade de imprensa*" (BASILE, 2009, p.94).

A repressão de Feijó à imprensa oposicionista fracassou, a imprensa cresceu, quando até meados de 1835 estivera morta. Em maio de 1836 surgiu o primeiro periódico de Barbacena e primeiro periódico Regressista de Minas Gerais, *O Parahybuna*, com tipografia própria (O UNIVERSAL, 14/5/1836; SILVA, W., 2009b, p.7).[79] Em sua segunda fase durou até 1840. A tipografia se localizava na casa de José Bento da Costa e Azedias,[80] que devia

---

79 Regressistas, um dos lados da divisão dos Moderados. O termo foi criado pelos adversários, que também se autodenominaram Progressitas e Liberais, mas acabou sendo aceito pelos chamados Regressistas. Deve-se saber que embora para Holanda, José Murilo, Needel etc. o primeiro partido tenha sido o Conservador, as fontes aqui estudadas confirmam que "*...o problema da indefinição Regressista acompanhou a trajetória deste partido durante toda sua permanência no governo*" e por mais alguns anos (MARCIANO, 2013, p.72). Em outras palavras, um dos lados em que se dividiram os Moderados logo se assumiu como o Liberal, um dos nomes pelos quais os Moderados se autodenominavam, e assim foram reconhecidos. O outro lado dos antigos Moderados demorou bem mais para se decidir por um nome.

80 José Bento da Costa e Azedias foi redator do *Parahybuna*, cuja tipografia era na sua casa, e colaborou n'*A Ordem*. Era um cidadão de elevado prestígio político e econômico em Barbacena, onde residia e tinha importante casa de comércio (RESENDE, 2008, p. 259, 47, 89). Em seu inventário, de 1884, encontram-se 653 devedores. Foi vereador, e tenente coronel da Guarda Nacional. Foi demitido de seu posto na GN, que em 1842 era de major, pelos rebeldes, e seus bens foram confiscados. Subscreveu um exemplar do livro de Bernardo Xavier Pinto de Souza sobre a Revolta de 1842, e era na sua loja que se subscrevia para essa

escrever na folha, porque anos depois colaboraria com *A Ordem*, de São João Del-Rei, portanto não é concebível que não colaborasse com uma folha impressa em sua própria casa. João Gualberto Teixeira de Carvalho[81] também colaborava, mas o redator era o já citado padre Justiniano da Cunha Pereira (ver nota de rodapé 57).

O *Parahybuna* levava como epigrafe um fragmento de um discurso de Bernardo Pereira de Vasconcelos, e seria "*um Periódico estabelecido por uma sociedade composta dos adoradores do Sr. Vasconcelos*" (ASTRO DE MINAS, 5/7/1836; RESENDE, 2008, p.261). Seus alvos principais eram o *Astro de Minas*, José Antônio Marinho, Baptista Caetano d'Almeida, Teófilo Ottoni, José Alcebíades Carneiro, Domiciano Leite Ribeiro[82] mas também *O Universal*, José Pedro Dias de Carvalho, Herculano Ferreira Pena, José Bento, Joaquim Antão Fernandes Leão, [83] a quem *O Parahybuna* atribuía a redação d'*O Universal* naquela

---

obra em Barbacena.

81 João Gualberto Teixeira de Carvalho foi redator do *Parahybuna*. Era comerciante de fazendas secas (RESENDE, 2008, p.47). Senhor de escravos. Foi tesoureiro da Sociedade Tipográfica que existiu em Barbacena. No final da década de 1830 fora Regressista, mudou de lado, provavelmente por defender a Maioridade. É um dos poucos (vide pés de página) que fizeram essa trajetória e não o oposto. Foi um dos líderes da Revolta de 1842, nomeado Tenente Coronel da GN de Barbacena, e presidente interino da Câmara. Foi preso junto com os chefes rebeldes em Santa Luzia. Personagem de destaque no livro de José Antônio Marinho. Foi lembrado na circular de Ottoni de 1860.

82 Domiciano Leite Ribeiro, Visconde de Araxá (1872), foi redator do *Americano* e do *Despertador Mineiro*. Nasceu em 1812, em São João Del Rei, filho de um padre, e faleceu em 1881, em Vassouras, Rio de Janeiro, de febre amarela. Formou-se em Direito em São Paulo no ano de 1833, voltou para São João Del Rei e libertou o escravo que fora seu pajem durante os estudos. Começou então sua carreira política, com 23 anos. Foi Vereador, Deputado Provincial e Geral, Ministro, Presidente de São Paulo e do Rio de Janeiro, membro do Conselho de Estado e do Conselho do Imperador (BLAKE, 1893, p.186-187). Escreveu no *Astro de Minas*, no *Americano,* no *Despertador Mineiro* e diversos outros jornais de diferentes províncias. Em 1855 escreveu o *Manifesto Vassourense*. Escreveu *Trovas de um Quindan* e um livro de memórias chamado *Reminiscências e Fantasias*. É patrono da Cadeira número 1 da Academia Mineira de Letras. Foi membro da Irmandade do Santíssimo Sacramento e da Sociedade Empresária do Teatro, ambas de São João del Rei. Seu neto disse que era "*um retraído, um modesto, um simples*" (CINTRA, 79). É nome de rua em São João del Rei (Visconde de Araxá, antiga Rua do Fogo) e em São Paulo (Domiciano Leite Ribeiro). Foi um dos vereadores suspensos e processados em 1842 por emitirem uma representação contra lei da reforma do Código do Processo e a lei que recriava o Conselho de Estado. Participou como um dos líderes da Revolta de 1842, tendo exercido o posto de Juiz de Direito interino de São João Del Rei por indicação do presidente rebelde. Foi ativo durante a revolta, a ponto de ir a Lavras buscar dinheiro, pólvora, chumbo e gente (NOGUEIRA (org), 1979, p.240, 245).

83 Joaquim Antão Fernandes Leão escreveu n'*O Universal*, no *Constitucional*, e na *Voz do Povo Oprimido*, e provavelmente no *Itacolomy* e no *Itamontano*. Nasceu em Queluz, em 1809, e faleceu em 1887. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Deputado, Senador, membro do Conselho do Imperador, comendador da Ordem da Rosa e cavaleiro da Ordem de Cristo. Foi também Ministro de diferentes pastas e Presidente de do Rio Grande do Sul e da Bahia (BLAKE, 1898, p.83). Não chegou a tomar parte na Revolta de 1842 porque se entregou preso logo no início, e foi advogado de vários rebeldes.

altura (O PARAHYBUNA, 17/4/1838), Limpo de Abreu e outros.[84] Fazia oposição a Feijó. De todas as folhas estudadas é a que mais dedicou espaço a ataques diretos contra adversários:

> Não sei porque causa o Deputado Vasconcelos tomou entre dentes os Srs. Gomes da Fonseca, Quadros Aranha, Alcebíades, Fernandes Torres e Baptista Caetano, e de forma tal que não há n. do seu Periódico *Parahybuna* em que estes Deputados não sejam mordidos (ASTRO DE MINAS, 20/9/1836).

Para atacar Marinho e outros adversários como José Alcebíades, o *Parahybuna* usou de preconceito contra pessoas negras (AMARAL, 2003). Herculano Ferreira Pinto, que tinha sido redator d'*O Novo Argos* até 1833, e Bernardo Jacinto da Veiga, que tinha sido redator do *Opinião Campanhense*, foram atacados até mudarem de lado político e se tornarem aliados, Herculano ainda em 1838, Bernardo em 1839. Ainda sob Feijó defendeu, apoiando a folha *Guayacurú*, a maioridade de D. Pedro II, então com onze anos (O PARAHYBUNA, 18/5/1838, 10/5/1837). Um dos prováveis redatores do *Parahybuna,* João Gualberto se somou aos Liberais quando estes levantaram a bandeira da Maioridade, e do lado deles ficou, tento participado da Revolta de 1842 até a Batalha de Santa Luzia, onde se entregou às tropas legalistas ao lado de Ottoni, Dias Carvalho etc. Foi a mesma trajetória de Maximiano Batista, do *Amigo da Verdade* – somou-se aos antigos adversário Liberais quando estes defenderam a maioridade, foi perseguido pelos aliados de véspera, aferrou-se ao novo lado político ao ponto de participar da Revolta de 1842.

Em sua segunda fase *O Parahybuna* lançou praticamente um novo Prospecto onde explicou que "*havia interrompido sua carreira pela prematura morte de seu Redator*" (O PARAHYBUNA, 9/7/1839). A Epigrafe de Vasconcelos continuou, assim como os ataques ao *Astro de Minas* etc., mas o estilo mudou, tornou-se menos agressivo, mais afeito a artigos longos. Em setembro de 1839 recebeu a notícia da queda do Gabinete das Capacidades. Continuou apoiando o regente Araújo Lima, mas em outubro fez críticas à presença de Alves

---

84 Antônio Paulino Limpo de Abreu, Visconde de Abaeté. Nascido em Portugal no ano de 1798, veio para o Brasil com a transmigração da família real e retornou para Portugal onde estudou direito na Universidade de Coimbra (1815 – 1820). De volta para o Brasil, foi nomeado Juiz de Fora e, depois, ouvidor interino da Vila de São João Del Rei entre 1821 até 1823. Nesse mesmo ano foi nomeado ouvidor na vila de Paracatu onde se casou com Luísa Carneiro de Mendonça, nascida na mesma vila e filha do português da Ilha da Madeira e tenente-coronel de Milícias João José Carneiro de Mendonça, fazendeiro e comerciante. Deputado Geral eleito já em 1824, foi Presidente do Senado, Presidente de Minas Gerais, Ministro várias vezes, inclusive presidente do Conselho de Ministros. Pela sua participação na Revolta de 1842 foi exilado por um ano em Portugal.

Branco no Gabinete. Ao fim dessa segunda fase Joaquim Manoel da Freiria[85] é quem se despede dos assinantes como responsável pelo *Parahybuna*, então "*não se achando apoiado pelo respectivo partido nem pela antiga Sociedade Tipográfica...*". O *Parahybuna* seria "*influído então pelos Srs. Feliciano e Badaró...*" (O POPULAR, 24/4/1840, 7/5/1840), que devem ser o major Feliciano Coelho Duarte (não confundir com José Feliciano Pinto Coelho da Cunha), e o deputado Badaró.[86]

Retrato 7 - Domiciano Ribeiro Leite – Visconde de Araxá

Fonte: Arquivos pessoais do autor

Em setembro de 1836 surgiu em Sabará *A Razão, Jornal Político e Literário*. Fazia oposição a Feijó e à maioria da Assembleia Legislativa Provincial. Era a favor de diminuir o número de escolas, e contra a abolição do quinto e do imposto sobre o sal. Não parece ter durado muito.

A imprensa oposicionista crescia, enquanto a situacionista sofria baixas. A *Aurora Fluminense* anunciou seu fim no número de 30 de dezembro de 1835 alegando que "*As tentativas de restauração frustraram-se com a morte de D. Pedro I, os sonhos da república esvaecem-se de todo; o homem da confiança da maioria da Nação está ocupando a cúpula do Edifício social*", e portanto a *Aurora* não precisaria mais existir. Contudo, em carta para Bernardo da Veiga, seu irmão Evaristo disse que "*Razões tive que nem ao papel fechado de uma carta convém declarar-se*" (ANDRADE, 2010, p.263). Circularia uma nova *Aurora Fluminense*, mas sem a mesma influencia de Evaristo.

Em Minas Gerais parou de circular a folha feijoísta *Recopilador Mineiro*, que quase só republicava artigos do Rio de Janeiro. Assim como o *Astro* e o *Universal* não fez uma

85 Joaquim Manoel de Freiria foi redator do *Parahybuna*. Advogado, em 1864 foi vereador em Barbacena. Em 1872 era capitão da reserva da Guarda Nacional.

86 Em 1842 provavelmente o mesmo Badaró foi o primeiro a acudir Ouro Preto com forças legalistas, tendo formado uma coluna (MARINHO, p.123). Deve ser Francisco Coelho Duarte, que passou a assinar-se Badaró em homenagem a Líbero Badaró.

defesa eficiente do Regente Feijó. O último número d'*O Recopilador Mineiro* tem somente resultados eleitorais de Camanducaia e Campanha, em que os governistas venceram (O RECOPILADOR MINEIRO, 29/10/1836). Mas na maioria da Província venceram os oposicionistas. Para Isaías Paschoal o *Recompilador* durou até 1837 (PASCHOAL, 2007, p.217).

Também em 1836 existiu o *Correio da Assembléia Legislativa de Minas Gerais*, da Assembleia Legislativa Provincial de Minas Gerais. *O Universal* tinha contratado imprimir as atas da Assembleia Legislativa, e para isso decidiu ser diário. Porém, como não conseguiu ser diário, a tipografia de Dias de Carvalho lançou o *Correio da Assembléia*, em dias incertos, durando somente até acabarem as seções da Assembleia Legislativa. (O UNIVERSAL, 22/2/1836, 6/7/1836; ASTRO DE MINAS, 14/7/1836)

2.2.4 A terceira multiplicação de folhas periódicas (1837-1842)

Inspirado, assim como Evaristo da Veiga, no presidencialismo dos EUA, Feijó não quis governar com o parlamento, que lhe negou meios de governar. Como se viu, tentou reforçar os mecanismos jurídicos contra a imprensa. Enfrentando a maioria do parlamento, uma conjuntura adversa com revoltas no sul e no norte do Império, e a imprensa, Feijó não resistiu e renunciou.

> Os partidos em Minas Gerais, surpreenderam-se com a renúncia de Feijó, e reorganizaram a sua imprensa que passou do número de três periódicos em 1837 para sete publicações em inícios de 1838. Em 1839 a província contava com sete publicações ao passo que em 1840, circularam dez publicações conhecidas após novo período de descontinuidade e reorganização dos títulos periódicos (MARCIANO, 2013, p.44).

Em setembro de 1837, logo que chegou a Ouro Preto a notícia da renúncia de Feijó, surgiu o *Guarda Nacional Mineiro*, que duraria até 1842, com uma interrupção entre 1841 e 1842. Folha de combate, odiada pelos adversários, teve forte atuação na campanha da Maioridade e na incitação da revolta de 1842. Embora o padre José Felicíssimo do Nascimento[87] tenha negado ter sido redator do *Guarda Nacional Mineiro* e d'*O Universal* (O

---

87 Monsenhor José Felicíssimo do Nascimento (1806-1884) foi redator do *Guarda Nacional Mineiro*, e provavelmente colaborou muito no *Universal*. Exposto, foi criado por uma escrava. Presidente da Câmara de Itabira. Teve destacado papel na construção da Igreja Catedral de Nossa Senhora do Rosário em Itabira. Foi provedor da Misericórdia, criador da Irmandade do Santíssimo Sacramento e da Irmandade de Nossa Senhora das Dores também em Itabira. Teve

UNIVERSAL, 16/2/1842), sua atuação na redação era conhecida (ver nota de rodapé). A maioria da Assembleia Legislativa Provincial em 1840 resolveu extinguir o emprego do qual era titular o padre. "*José Felicíssimo do Nascimento, a quem se atribui alguma parte na redação do* Guarda Nacional" (O AMERICANO, 20/2/1840). Disse *O Americano* (25/4/1840) que "*em Dezembro um Comissário do Governo foi se ter com o Sr. Padre José Felicíssimo, e lhe propôs, que se ele quisesse fazer calar o periódico* Guarda Nacional*, cuja redação se lhe atribui, ser-lhe-ia garantido o seu emprego*." Outro redator teria sido um Eleitor Fortunato (MOREIRA, 2011, p.65). Provavelmente Luiz Fortunato de Souza Carvalho.[88] Teófilo Ottoni também foi acusado pelo *Unitário* (5/1/1839) de ser o redator do *Guarda*.

Ao lado do Gabinete das Capacidades O *Correio de Minas* nasceu em 5 de janeiro de 1838. Tinha sido diário, mas depois do fim da Regência foi para a oposição, perdeu rendas, e teve que reduzir sua tiragem a duas vezes por semana. Em 1841, depois de passar alguns dias anormalmente sem sair, o *Correio de Minas* noticiou a morte de Manoel Soares do Couto, principal nome da sedição de 1833, e que era o provável redator (Ver nota de rodapé 7). Depois do número com a Necrologia o *Correio* ficou mais duas semanas sem sair, atestando a importância do antigo redator. Com a morte de Soares do Couto o *Correio de Minas* se tornou quase somente um publicador de atas e ofícios do governo, até porque em julho de 1841 ainda estava publicando as atas de fevereiro desse ano. O *Correio* chegou a voltar a ser diário, embora seu cabeçalho não o dissesse, mas era para publicar as atas da Assembleia Legislativa Provincial, que continuavam atrasadíssimas. Manoel Soares do Couto confessou que redigiu "alguns periódicos", entre os quais o já citado *Correio de Minas*, do qual teria deixado a redação em junho de 1840. Outro apontado como redator do *Correio* foi Honório P. de Azeredo Coutinho[89] (GUARDA NACIONAL MINEIRO, 10/3/1839). O deputado Antônio

uma fábrica de chapéus. Foi deputado geral em 1848 e em 1857. Foi agraciado com o título de Cavaleiro da Ordem de Cristo (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1/4/1845). Quando faleceu foi homenageado por um poema de Bernardo Guimarães e também aparece em um poema de Carlos Drummond de Andrade. É nome de praça em Itabira. Marinho denunciou que Felicíssimo foi perseguido após 1842, mesmo sem ter pego em armas, uma vez que os Liberais de Itabira não o fizeram.

88 Luiz Fortunato de Souza Carvalho foi redator do Guarda Nacional Mineiro. Foi professor dedicado de ensino mútuo em Ouro Preto até 1833. Em 1836 foi eleito para eleitor por Itabira. Foi eleito deputado provincial das famosas eleições de 1840, para o mandato de 1842 e 1843. Contador, em 1845 era chefe da primeira seção da Contadoria da Mesa de Rendas Provinciais. Em 1842 sua casa foi invadida pelos legalistas, e teria sido roubada em 6 contos de réis. Ele se entregou ao governo, acreditando na clemência prometida no edital de 19 de junho de 1842, mas foi preso, processado como cabeça de rebelião, e depois de dez meses de prisão absolvido pelo júri de Mariana (MARINHO, 1844/1978, p.304).

89 Honório Pereira de Azeredo Coutinho foi redator do *Correio de Minas* e do *Unitário*. Foi tenente coronel GN. Em 1841 era empregado da Secretaria de Governo de Minas Gerais. Foi

Gomes Cândido assinou a necrologia da Manoel Soares do Couto, e portanto deve ter colaborado na redação do *Correio de Minas* (17/6/1841).

Retrato 8 - Manoel Soares do Couto

Fonte: Arquivo Público Mineiro

Também em 1838, na tipografia do *Correio de Minas*, surgiu *O Unitário*, que existiria até 1840. Era o equivalente da tipografia governista ao que o *Guarda Nacional Mineiro* era para a tipografia d'*O Universal*, ou seja, uma folha mais agressiva. Para *O Universal* a mesma pessoa redigira *O Unitário*, *O Monarquista Leal* e o *Correio de Minas* (O UNIVERSAL, 8/10/1841).

Em maio de 1838 o governo contava em Minas com o *Parahybuna*, o *Correio de Minas* e *O Unitário* (O PARAHYBUNA, 8/5/1838). *A Razão* já não devia existir. Fica claro que:

> o Regresso não foi uma mera imposição de uma 'coalizão de burocratas' da Corte, como define José Murilo de Carvalho, ou um desdobramento do 'poder do café', delineado em síntese recente e bem informada, como tem soído ocorrer na historiografia. Foi necessária, além e como condição das forças repressivas, a construção de um consenso (SILVA, W., 2009b, p.3).

---

deputado provincial nos anos de 1844 e 1845, e presidente do Maranhão. É personagem no livro de Marinho, onde não figura muito bem – por exemplo, teria ido à cadeia provocar os rebeldes presos. Lutou ao lado legalista em Queluz, em 1842. Subscreveu a *História da Revolução de 1842* de Bernardo Xavier Pinto de Souza.

O Universal em 1837 tinha dito que "*logo que alguém quer formar um partido, faz espalhar suas ideias por muitos periódicos, e daí a pouco declara que é a vontade geral*" (SILVA, 2008, p.7). Ou seja, para *O Universal* a imprensa era instrumento privilegiado para a forção de um consenso.

Em São João Del Rei, dia 17 de janeiro de 1838, surgiu *O Monarchista*, que seria redigido por um estudante do Curso Jurídico de São Paulo ou por José Antônio Marinho. Teve ao menos 12 números (PARAHYBUNA, 27/4/1838, 26/6/1838, 29/5/1838). *O Monarchista* somou-se ao *Universal*, ao *Guarda* e ao *Astro de Minas* na oposição. Mas o *Astro de Minas*, nascido em 1827, terminou em 1839, menos de duas semanas antes do falecimento de Baptista Caetano d'Almeida, seu criador. O último *Astro* disponível na Biblioteca Nacional é o 1769, de 6 de junho de 1839, e o último que existiu foi o de 12 de junho de 1839 (O UNIVERSAL, 10/7/1839). Antes de desaparecer o *Astro de Minas* deixou sobre a relação entre imprensa e política a afirmação de que "*...uma única voz independente se não faz ouvir neste momento na imprensa em favor do Poder, fato raro na história dos nossos Ministérios, sintoma infalível da sua próxima ruína*" (ASTRO DE MINAS, 27/4/1839).

Também de oposição, em agosto de 1839 nasceu *O Popular*, primeira folha de São José Del Rei (atual Tiradentes), na Tipografia de Silva Lima & Veloso (O POPULAR, 23/1/1840). Foi a décima segunda localidade a ter uma tipografia em Minas Gerais, mas note-se que com o desaparecimento do *Astro* e aparentemente também do *Monarquista* a imprensa mineira estava reduzida a Ouro Preto, Barbacena e São José Del Rei. Esse Sr. Silva Lima[90] seria "*compadre*" de Limpo de Abreu, e comprou os tipos do *Amigo da Verdade*. Um correspondente de São José afirmou que "*Não há Correio, que não chegue aos influentes do* Popular *alguma remessa do Sr. Limpo; o que não acontecia antes da publicação desta folha*" (PARAHYBUNA, 6/8/1839, 1/10/1839). Silva Lima teria sofrido ameaças (O POPULAR, 16/4/1840). *O Popular* tornou-se um alvo frequente do *Parahybuna*. O primeiro redator teria se retirado ainda em 1839 (O PARAHYBUNA, 19/11/1839). Podia ser assinada em São João Del Rei tanto na casa de Martiniano Severo de Barros quanto na de José Maximiano Baptista, citados acima em lados opostos, quando o primeiro criou a tipografia do *Amigo da Verdade*

90 Lima e Silva foi dono d'*O Popular*. É de se supor que seja o escrivão tenente Cesário José Silva Lima, ou o procurador da Câmara de São José Simplício José Silva Lima. Cesário José Silva Lima, em 1842, foi um dos vereadores de São José Del Rei que assinaram o reconhecimento do governo rebelde (SOUSA, 1843, p.96). Em 1839 tinha 6 escravos e vários filhos. Em 1842 tinham 54 anos, foi nomeado pelos rebeldes Tenente Coronel da Guarda Nacional e lutou até Santa Luzia. Foi o oficial pagador das tropas rebeldes, motivo pelo qual é personagem do livro de Marinho.

para combater o *Astro de Minas*. *O Popular* ainda existia em maio de 1841. Na mesma tipografia surgiu *A Igualdade*, uma folha pequena, segunda de São José (O UNIVERSAL, 22/5/1841, 19/6/1840). E essa tipografia se propôs a publicar um livro, *História*, de Cleveland, em 8 tomos, que custariam 8$000 (oito mil réis).

Em 16 de janeiro de 1840 a imprensa ressurgiu em São João Del Rei com *O Americano*, na Tipografia de Pimentel, que tinha, como notou Marciano, o mesmo endereço da tipografia do recém extinto *Astro de Minas*, além do mesmo redator (MARCIANO, 2013, p.62). Seu objetivo seria coadjuvar o periódico *Liga Americana*,[91] do Rio de Janeiro, na defesa dos novos países da América contra as potências europeias. Essas duas folhas defenderam mesmo uma Liga dos Estados ao Sul da América. Na Câmara dos Deputados José Antônio Marinho afirmou que redigiu *O Americano* (O UNIVERSAL, 6/5/1840), e outro apontado como redator dessa folha é o já citado Domiciano Leite Ribeiro, futuro Visconde de Araxá (CARVALHO, BARBOSA, 1994, p.23). Ainda existia em novembro de 1840 (O UNIVERSAL, 20/11/1840).

Só em 24 de maio de 1840 *O Universal* iniciou a campanha da Maioridade, noticiando que a proposta foi feita no Senado. Depois disso, quase não há um número que não trate do assunto, até depois do dia 30 de julho de 1840 (saiu um dia antes do normal), quando *O Universal* deu a notícia da Maioridade, acontecida no Rio de Janeiro dia 22 de julho. Em Ouro Preto a guarda estava reforçada, fazendo rondas, temendo um movimento popular para aclamar D. Pedro II. Nas primeiras páginas desse número, que já estava sendo composto para sair no dia posterior, os redatores ainda não sabiam o que tinha acontecido dia 22, mas já tinham certeza da vitória da Maioridade, quando chegou um emissário "*às 4 para 5 horas da tarde*". Mesmo no dia 30 as notícias ainda chegaram incompletas, pois "*à hora da partida do emissário, que tão gostosa notícia nos trouxe, as tropas se reuniam no campo para a aclamação de S.M.*" (O UNIVERSAL, 3/8/1840), ou seja, os parlamentares ainda não tinham votado, e os Maioristas já comemoravam.

O jovem D.Pedro II aprendeu a arte tipográfica, e imprimiu exatamente o soneto "*A imprensa, dedicado a S. Majestade Imperial, o Senhor Dom Pedro Segundo*", dos quais um verso era "*Pedro a imprensa protege? É sua glória*" (O UNIVERSAL, 3/8/1840).

Vitoriosa a Maioridade, os novos opositores criaram o *Monarquista Leal* (O

---

91 Essa folha era ligada a Aureliano Coutinho, e também era redigida por Manoel Odorico Mendes (1799-1864), nascido no Maranhão, deputado por Minas Gerais, que foi redator d'*O Homem e a América* e presidente da Sociedade Defensora no Rio de Janeiro (BLAKE, 1900, p. 172-174).

UNIVERSAL, 31/8/1840), como folha de combate substituta do *Unitário*. Seus redatores seriam o já citado Manoel Soares do Couto e o deputado provincial Antônio Gomes Cândido (MOREIRA, 2011, p.204). Mas Manoel Soares do Couto negou ter sido redator do *Monarquista Leal*. O *Monarquista Leal* durou até o número 13. A partir de então o lado do *Monarquista Leal* passou a contar somente com o *Correio de Minas*. Em oposição ao Gabinete da Maioridade também existiu o *Setembrista*, enviado particularmente (O UNIVERSAL, 12/10/1840, 25/11/1840, 19/3/1841).[92] Os redatores seriam Antônio Gomes Candido[93] e o também deputado provincial Joaquim Dias Bicalho.[94] Teve curta duração (O UNIVERSAL, 2/4/1841; 19/7/1841).

Retrato 9 - Camilo Maria Ferreira Armond - Conde de Prados

Fonte: Galeria de Presidentes do Observatório Nacional.

O lado governista tinha o *Guarda Nacional Mineiro*, o velho *Universal*, o *Americano*, o *Popular* e dia 5 de setembro nasceu em Barbacena o semanário *Echo da Rasão* (O UNIVERSAL, 11/9/1840). Essa folha foi uma protagonista da Revolta de 1842. Foi

92 Setembrista era o nome dado ao lado político dos apoiadores do Gabinete das Capacidades, que se seguiu à renúncia de Feijó e iniciou o período conhecido como Regresso. Como de costume, acabou sendo adotado pelo lado assim apelidado. Os Setembristas também eram chamados de Caramurus e Restauradores.

93 Antônio Gomes Cândido (1802-1850) foi redator do *Correio de Minas,* do *Unitário* e do *Setembrista,* todos depois de ter abandonado os Liberais. Estudou no Seminário de Mariana, saiu e formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Era fazendeiro (SILVA, 2018, p.75). Foi Deputado Provincial entre 1842 e 1847, e Deputado Geral. Juiz de Direito de Tamanduá. Também foi Chefe de Polícia de Minas Gerais.

94 Joaquim Dias Bicalho foi redator do *Setembrista*. Deputado provincial entre 1838 e 1841, e novamente em 1844 e 1845. Autor da lei que elevou Barbacena a cidade. Foi inspetor da Tesouraria de Minas Gerais. Existe uma rua com seu nome em São Paulo. Subscreveu o livro do padre Marinho sobre a Revolta de 1842, por mofa ou por civilidade.

fundada e dirigida por Camilo Maria Ferreira Armond[95] (VEIGA, 1898, p.210; RESENDE, 2008, pp.15, 46, 392).

Mas logo no início de 1841, o mais aguerrido entre eles, o *Guarda Nacional Mineiro*, depois de três anos, disse que "*tendo conseguido o triunfo das ideias, que sempre defendeu, tendo atingido o fim principal de sua aparição, julgou oportuna a ocasião de retirar-se...*" em seu número 149 (O UNIVERSAL, 18/1/1841). A luta teria acabado, mais uma vez, mais uma ilusão. O Gabinete da Maioridade durou somente 8 meses, e o lado d'*O Universal* voltou à oposição.

Exatamente quando o *Guarda Nacional Mineiro* cessou sua publicação, *O Universal* ficou uma semana sem sair. Depois, em 10 de fevereiro de 1841 *O Universal* anunciou que mudou de redatores. O redator que saiu foi José Pedro Dias de Carvalho, o proprietário. *O Universal* estaria "alugado" para os novos redatores (O UNIVERSAL, 20/12/1841, 8/10/1841). A pausa de uma semana d'*O Universal* coincidiu com a mudança do padre José Felicíssimo do Nascimento para Itabira, onde seria o novo vigário. A pausa indica que esse padre tido como redator do *Guarda Nacional Mineiro*, provavelmente também escrevia grande parte d'*O Universal.*

Quando chegaram as notícias da crise do Gabinete da Maioridade os redatores d'*O Universal* foram cautelosos. O *Correio de Minas* anunciou a mudança de ministério em 30 de março de 1841, mas só no dia 5 de abril de 1841 *O Universal* confirmou para seus leitores qual era a composição do gabinete de 23 de março, e não passou logo à oposição. Disse que queria o fim da "*guerra interminável de partidos, que não admite a mais ligeira conciliação, que tudo crimina, tudo intriga...*". Disse que ia "*...esperar pelos fatos. Se nós virmos que o gabinete se apresenta reacionário; que não busca a conciliação dos partidos, que muda completamente a política...*" e perguntou: "*O que havemos nós colhido dessa guerra interminável, dessa oscilação contínua de todos os homens, e de todas as coisas?*" (O UNIVERSAL, 29/3/1841, 14/04/1841) Notem os termos "reacionário", e "oscilação contínua de todos os homens". Sabe-se que "reação" era o termo usado para demissões de funcionários

---

95 Camilo Maria Ferreira Armonde foi redator do *Echo da Rasão*. Nasceu em Barbacena, em 1815, e faleceu no Rio de Janeiro em 1882. Foi deputado e conselheiro de Estado. Era um médico distinto, naturalista e astrônomo. (VEIGA, 1898, p.210). Estudou no Caraça desde os 13 anos, e depois na Academia de Medicina de Paris. Retornou para Barbacena em 1838 (PARAHYBUNA, 11/5/1838). Barão (1861), Visconde (1871) e Conde de Prados (1881). Em seu inventário constam 720 contos de réis, mas nenhum escravo. Colaborou com as pesquisas botânicas de Von Martius e com as pesquisas astronômicas de Liais. Dá nome a uma das principais praças de Barbacena (RESENDE, 2008, p.14, 173). Foi um dos líderes da Revolta de 1842 e como tal foi preso.

do partido da oposição, portanto compreende-se que a conciliação que se buscava era evitar uma "reação".

Em maio um correspondente falou das "*liberdades públicas de novo ameaçadas...*" (O UNIVERSAL, 12/05/1841) e uma semana depois foram publicadas as primeiras críticas, leves, ao Ministério.

O Ministério estaria dividido entre dois lados, um:

> conhecido pelo nome de reator, que parece não querer deixar pedra sobre pedra; e cuja máxima é não perdoar, guerrear até a morte tudo que não for criatura sua. Outro, que se intitula estacionário, ou conservador, que quer ver se é possível com brandura e prudência desarmar os partidos... (O UNIVERSAL, 25/05/1841)

E "*...a questão da conservação , ou demissão do presidente de S. Paulo,"* Rafael Tobias de Aguiar, que seria um ano depois presidente rebelde de São Paulo, *"parece ser uma das de mor valor, e cuja decisão trará o aniquilamento de um dos lados do ministério*" (O UNIVERSAL, 22/05/1841). Ainda em 2 de junho de 1841 *O Universal* noticiou que o Senado debatia a reforma do Código do Processo sem fazer grandes críticas.

Em 21 de junho o Ministério já era acusado de ser de "*um partido, que só está disposto a admitir conciliações sob a condição expressa de governar e desfrutar o país exclusivamente*". Pouco depois que os presidentes de Minas Gerais e de São Paulo foram trocados começam acusações sérias. A demissão de Rafael Tobias de Aguiar da presidência de São Paulo foi vista como uma declaração de guerra partidária, e tornou mais aguerrida a imprensa oposicionista mineira. O deputado cônego Marinho fez um discurso denunciando que o Ministério "*tem tomado a peito perseguir todos aqueles que por qualquer sorte se pronunciaram a favor da declaração da maioridade do monarca*" (O UNIVERSAL, 21/06/1841, 7/07/1841). Para perseguir, ou seja, para desempregar, para usar as tropas, para mandar prender e soltar, para distribuir cargos estratégicos para as eleições, a peça fundamental era o Presidente da Província.

A queda do Gabinete da Maioridade colocou de volta os até então oposicionistas no governo, e os Maioristas na oposição, dando início à conjuntura política que levaria à Revolta de 1842. Preso em 1842 por ter aderido ao movimento armado no sul das Minas Gerais, Joaquim Ignácio Villas Boas da Gama alegou que o fez por "*ler o* Maiorista *e outros periódicos*" (NOGUEIRA, 1979, p.63). *O Maiorista* era uma folha do Rio de Janeiro, que não nasceu para defender a maioridade, como o nome sugere, mas para defender os Maioristas, que então se sentiam perseguidos. Foi muito republicada por várias folhas mineiras, e parece

ser a matriz do discurso rebelde. O “*Maiorista era mandado às carradas por todas as partes...*” (O COMPILADOR, 19/7/1843). Segundo o deputado provincial Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos[96] “*pela imprensa, nas sociedades dos invisíveis iludiram o povo com as máximas de liberdade, e o levaram ao degoladouro de Santa Luzia.*” (O CORREIO DE MINAS, 7/12/1842) A imprensa foi acusada de difundir as “*ideias que produziram a rebelião*” (A ORDEM, 8/10/1842).

Logo que surgiu *O Maiorista O Universal* se tornou seu republicador, e afinou com essa folha da Corte o seu discurso, passando a condenar a recriação do Conselho de Estado e a reforma do Código do Processo Criminal como se fossem causar, respectivamente, o domínio político de uma “oligarquia” e um quadro de “despotismo”.

Dia 9 de julho de 1841 *O Universal* anunciou que *O Guarda Nacional Mineiro*, que “*havia cessado de publicar desde dezembro do ano passado, observando a tortuosa marcha, que levam as coisas, reapareceu.*” O retorno do *Guarda* era necessário porque segundo *O Universal* “O Guarda Nacional *é mais lido que este periódico*” (O UNIVERSAL, 4/3/1842). *O Guarda* teria a função de ser mais agressivo que *O Universal*. Era comum as tipografias terem uma folha para bater e outra para assoprar, mas esse expediente era denunciado:

> Todos sabem, que é o Sr. Dias de Carvalho o proprietário da Tipografia, em que se imprime o *Universal* e o *Guarda*: todos sabem que este Sr. é o redator em chefe destes jornais; e que assim como sem a vontade de Deus não cai uma folha de um Carvalho, assim nada se escreve n’aquela tipografia, nada se publica sem o – placet – do Sr. José Pedro (O CORREIO DE MINAS, 20/11/1841).

Dia 1º de novembro de 1841, depois de pular uma sexta-feira, *O Universal* anunciou um novo redator. Dias de Carvalho tinha retornado a Ouro Preto. Que tinha retomado a redação é uma pista o afirmar que “*não frequentou os cursos jurídicos, nem ostenta o título respeitável de advogado...*” (O UNIVERSAL, 24/11/1841, 10/1/1842). Na oposição, os chefes Liberais estavam retomando postos de combate.

Em dezembro de 1841 surgiu em São João Del Rei *O Despertador Mineiro*, que não deve ser confundido com o *Despertador Mineiro* que existiu em Caeté em 1833. Os

---

96 Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos (1812-1863) escreveu no *Publicador Mineiro*, e acusado de colaborar no *Correio de Minas*. Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, irmão de Bernardo Pereira de Vasconcellos, também foi Deputado Provincial, Geral e Senador, e também é suspeito de ter redigido vários periódicos. Cavaleiro da Ordem de Cristo, foi presidente das províncias de São Paulo e de Minas Gerais. Antes e durante a Revolta de 1842, e em boa parte do período de repressão à mesma foi o Chefe de Polícia de Minas Gerais. Terminou sua vida como Liberal.

governistas contavam somente com o *Correio de Minas*, que nesse momento quase só publicava atas da Assembleia Legislativa e outros documentos oficiais, enquanto a oposição contava com o *Guarda Nacional Mineiro*, *O Universal*, o *Echo da Rasão* e *O Despertador Mineiro*, os dois primeiros em Ouro Preto, o penúltimo em Barbacena e o último em São João Del Rei. Portanto *O Popular*, de São José, devia ter desaparecido (O UNIVERSAL, 31/12/1841; O CORREIO DE MINAS, 8/1/1842) e a imprensa mineira estava reduzida a três localidades.

Mapa 1 – Surgimento da imprensa em Minas Gerais

Fonte: Elaborado pelo autor.

Às vésperas da revolta a oposição ainda tinha suas quatro folhas, e o governo só contava com uma. Isso é muito significativo, porque nota-se que quando se estuda as folhas periódicas, estuda-se os lados políticos que disputavam o poder. Um lado tinha uma só folha, na capital, que gastava grande parte de seu espaço publicando atas, e instrumentalizava o

Jornal do Commércio, da Corte. O outro lado tinha várias pequenas folhas, espalhadas por diferentes localidades, todas politicamente muito ativas, ou seja, que quase não gastavam um centímetro quadrado com outra coisa que não fosse política. Os Liberais também tinham uma folha de referência na Corte, que em 1842 era *O Maiorista*. Mas enquanto o próprio *Jornal do Commércio* era o meio utilizado por um dos lados, e ele próprio chegava aos leitores, a influencia do *Maiorista* chegava por meio da republicação de seus artigos nas folhas mineiras, embora seus números também chegassem à Província.

3 ANTECEDENTES E MOTIVAÇÕES DA REVOLTA DE 1842 EM MINAS GERAIS

> "*A vida humana parece de algum modo tríplice, quando refletimos que vivemos e sentimos em três tempos, no pretérito, no presente, e no futuro*" Máximas do Marquês de Maricá.[97] (O UNIVERSAL, 17/08/1840).

A Revolta de 1842 explodiu em Minas Gerais em 10 de junho e terminou em 20 de agosto do mesmo ano. Seu desenrolar foram dois meses de conflito armado entre governistas e oposicionistas, com inúmeras batalhas, conquistas de cidades, marchas, ataques guerrilheiros, propaganda de guerra etc., envolvendo dos dois lados mais de 10 mil homens. É talvez o episódio mais polêmico da história mineira, e suas motivações e seus antecedentes são boa parte dessa polêmica.

Talvez "antecedentes" seja um termo forte demais. Os antecedentes aqui tratados são quatro episódios que aconteceram pouco antes da revolta: as eleiçoes de 1840, ou do Cacete, a sedição de Araxá, os conflitos de Tamanduá também em 1840 e a guerra de coleta de assinaturas de 1842. As eleições de 1840 estiveram diretamente ligadas à Revolta de 1842, enquanto os movimentos em Araxá e Tamanduá servem para observar o clima político das vésperas da mesma. Outros autores incluem o Golpe da Maioridade entre esses antecedentes, mas os principais eventos dessa reviravolta política aconteceram no Rio de Janeiro, de forma que passaremos adiante, sabendo que os até então designados Liberais fizeram questão de passarem a se designar também como Maioristas. Os movimentos de Araxá e Tamanduá são os principais exemplos do "*crescente acirramento dos conflitos no início dos anos 1840 a envolver grupos políticos rivais e autoridades em diversas regiões e localidades da província de Minas Gerais*" (BARATA, 2011). Para o presidente de Minas Gerais Sebastião Barreto Pereira ambos "*tiveram sua origem bem manifesta nas intrigas locais, e nos ódios, que*

---

97 Marquês de Maricá, Mariano José Pereira da Fonseca. Nasceu no Rio de Janeiro em 1773 e faleceu em 1848, como Senador por sua Província e Conselheiro de Estado. Era Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro e Cavaleiro da Ordem de Cristo. Formado em Coimbra em Matemáticas e Filosofia. Foi preso por ser membro da academia científica fundada no Rio de Janeiro por Manoel Ignácio da Silva Alvarenga, ou seja, no processo conhecido como Inconfidência Carioca, que significa que era suspeito de ser um dos muitos fluminenses envolvidos com a Inconfidência Mineira e que nunca foram descobertos. Foi Ministro de D. Pedro I entre novembro de 1823 a novembro de 1825, período em que o Imperador governou sem Câmaras. A partir de certa idade até morrer lançou um livro de máximas por ano (BLAKE, 1900, 238.239).

desgraçadamente costuma gerar a diversidade de opiniões políticas" (O UNIVERSAL, 12/2/1841).

Por motivações entendemos os objetivos, o discurso adotado, o discurso motivador dos rebeldes, as justificativas etc. Esclarecer as motivações da Revolta de 1842 é indispensável para entender suas decorrências, e para colaborar com o debate historiográfico que perpassa a maioria das obras que tratam do assunto.

3.1 As eleições, os lados políticos e a Revolta de 1842

Antes de prosseguir se torna indispensável tratar das características das eleições e dos lados que se enfrentaram em 1842. Disse Nabuco de Araújo que "*O Poder Moderador pode chamar a quem quiser para organizar ministérios; esta pessoa faz a eleição, porque há de fazê-la; esta eleição faz a maioria. Eis ai está o sistema representativo do nosso país*" (Apud CARVALHO, 1990, p.25). Essa frase se impôs à historiografia, pela sua força, sua elegância, abafando os estudos sobre as eleições imperiais. Se o governo fazia as eleições e a maioria, o que estudar? E o pior é que tendo sido a frase dita já no Segundo Reinado, não devia impactar os estudos sobre as eleições de época anteriores, mas impacta.

Faz parecer mesmo que os homens do Império não se importavam com as eleições, mas não era assim. As eleições eram a "*época das grandes esperanças nacionais*" (ASTRO DE MINAS, 20/10/1836) e o "*tempo da intriga*" (JORNAL. 15/12/1832). Tudo seria para ou devido às eleições. No final de 1841, quando os vereadores da Câmara de São João Del Rei foram suspensos e processados por terem assinado uma Representação ao Trono contra o governo, um correspondente concluiu que o objetivo era "*...arredar do colégio eleitoral os eleitores que estiverem compreendidos na suspensão...*". Uma Representação de Minas Novas, alegou que "*...à derrota que o governo sofreu em Minas Novas, a despeito das solenes promessas de seus aliados que se deve toda a perseguição...*" (O UNIVERSAL, 16/02/1842, 8/04/1842). Quando, iniciando o Segundo Reinado, foi oferecida uma anistia aos Farrapos do Rio Grande do Sul, o Dep. Barbosa disse que o verdadeiro objetivo do governo era "*ganhar o tempo necessário para combater a Nação nas eleições*" (O CORREIO DE MINAS, 26/3/1841). Às vésperas da revolta de 10 de Junho de 1842, para explicar as ações do governo que em breve enfrentaria com as armas nas mãos, *O Universal* dizia "*...se trata de uma eleição em Minas...*" (9/03/1842). O *Brazil* acusou o deputado Franco de Sá de agir segundo a seguinte prioridade: "*parto já para a Paraíba, trate quem quiser da minha mulher e de meus filhos, que eu vou tratar das eleições*" (A ORDEM, 14/8/1844). Em resumo:

> ...hoje tudo no Brasil se dirige pelos cálculos eleitorais; desde o governo até o cidadão que vive afastado, mas não indiferente à política, tudo se regula pela influência que cada um se propõe a ter nas eleições desde as paroquiais até as gerais (O UNIVERSAL, 24/01/1840).

E "*...até os homens mais sisudos estão prontos a sacrificar tudo a necessidade do triunfo do seu partido*" (O UNIVERSAL, 23/06/1841). A imprensa dedicava-se o máximo possível à "*febre das eleições*" (O CORREIO DE MINAS, 2/3/1841), e algumas folhas existiram somente para isso, durando somente um trimestre que correspondia ao período eleitoral. Daí a provocação - o periódico "O Unitário *diz-nos que o* Americano*, e* Popular *desaparecerão logo depois das eleições...*" (O POPULAR, 15/2/1840).

As Instruções de 1824 regularam todas as eleições até 1842, pois governo após governo as invocou em cada decreto de convocação de eleições gerais, fazendo pequenas alterações. As eleições municipais tinham outro regulamento. As instruções a seguir eram para eleições gerais.

O Art. 2º das Instruções diz que em cada Freguesia devia ser feita uma Assembleia Eleitoral, presidida pelo Juiz de Fora, ou Ordinário, ou quem suas vezes fizesse, com assistência do Pároco (ABELHA DO ITACULUMY, 23/4/1824). Freguesias que não tinham juízes deviam ter suas Assembleias presididas por quem as Câmaras Municipais indicassem. Em 1830 os Juízes de Paz assumiram a presidência dessas Assembleias Eleitorais.

Os párocos deviam afixar nas portas das suas Igrejas editais com o número de fogos da freguesia, que elegia tantos Eleitores quanto 1% dos fogos. Os párocos também deveriam fazer listas de seus fregueses (ABELHA DO ITACULUMY, 23/4/1824). Note-se, porém, que nas eleições gerais a lista dos paroquianos não dava nem tirava de ninguém o direito de votar, não havia uma lista prévia de eleitores.

Eram excluídos de votar, assim como pela Constituição, as mulheres, os menores de 25 anos, com exceção dos casados e oficiais militares maiores de 21 anos; os que ainda vivessem com seus pais com exceção dos funcionários públicos; os criados de servir; os religiosos monacais; os que não tivessem renda anual de 100 mil réis, mas as Instruções não definiam os critérios para aferir essa renda. Nem a Constituição, nem as Instruções os citavam, mas os escravos também estavam excluídos. A Mesa decidia quem estava apto a votar ou não.

Os votantes deviam se reunir para uma missa, às 8 da manhã, e depois, na mesma Igreja, onde deviam estar desarmados e de portas abertas, procediam à eleição. Para formar a

mesa o presidente da Assembleia "*de acordo com o Pároco*", propunha à Assembleia dois Secretários e dois Escrutinadores, que podiam ser aprovados ou rejeitados por "*aclamação do Povo*" (ABELHA DO ITACULUMY, 26/4/1824).

A mesa era toda poderosa decidindo logo no início do processo eleitoral sobre denúncias de "*suborno ou conluio*". Resolvida essa etapa iniciava-se o recolhimento das cédulas, cada uma com tantos nomes quantos fossem os Eleitores de segundo grau da paróquia. Essas listas deviam ser assinadas. A votação era obrigatória, e quem não pudesse comparecer devia enviar sua lista por procurador, mas não havia multa para quem não votasse. Não podiam ser eleitos para Eleitores de segundo grau os libertos, os criminosos pronunciados, e quem não tivesse 200 mil réis de renda anual. No mesmo dia se apurava os votos e os Eleitores eleitos eram reunidos para uma nova missa (ABELHA DO ITACULUMY, 26/4/1824, 28/4/1824).

As reuniões dos Eleitores, para elegerem Deputados, Conselheiros e Senadores aconteciam nas cabeças dos distritos em que as Províncias foram divididas pelas Instruções, a princípio somente onze em toda a extensão de Minas Gerais, e duravam vários dias. No primeiro dia escolhiam comissões para reconhecerem seus diplomas, emitidos nas Assembleias Eleitorais das freguesias, e elegiam um presidente do Colégio Eleitoral. No segundo dia terminavam de avaliar os diplomas e acontecia uma missa. Nesse mesmo dia elegia-se as listas tríplices para Senadores. Cada Província tinha de Senadores metade do número de Deputados. Minas Gerais elegia vinte Deputados e dez Senadores, de forma que em 1824 teve que eleger trinta nomes, dos quais o Imperador devia escolher dez. Note-se que esse primeiro dia de eleição de Senadores foi exclusividade das eleições de 1824, porque a partir de então só aconteceriam em caso de morte de um dos dez Senadores por Minas. Como as pessoas reputadas com renda e idade para serem Senadores, 800$00 (oitocentos mil reis anuais) e 40 anos, eram em menor número que as disponíveis para serem deputados, matematicamente foi muito mais fácil entrar nessa lista de 30, que na lista de 20 Deputados. Já ser escolhido pelo Imperador era outra história. O poder de escolha de D. Pedro I foi enorme em 1824. Embora pareça matematicamente igual escolher 1 entre 3, e 10 entre 30, na prática primeiro se escolhe 1 entre 30, depois 1 entre 29, assim por diante, até quando teve que fazer sua escolha em pior situação, escolher 1 entre 21 nomes. Nas próximas eleições quase sempre teria que escolher 1 entre 3. No terceiro dia aconteceriam as eleições de Deputados, que deviam ter 400 mil réis de renda anual, e no quarto dia de Conselheiros. Depois os resultados de cada distrito eram enviados à capital da Província, para serem contabilizados pela Câmara Municipal (ABELHA DO ITACULUMY, 5/5/1824, 7/6/1824,

10/5/1824).

A imprensa denunciava constantemente o suborno e as listas nas eleições. O suborno era um crime eleitoral previsto em lei. A mesa devia perguntar à Assembleia antes de iniciados os trabalhos se havia denúncia de suborno. O suborno aparece repetidamente nos artigos de jornais, de todos os lados, sobre todas as eleições. O *Amigo da Verdade* afirmava "*se não são capazes de serem subornados para reelegeram o Sr. Vasconcelos, também não são capazes de serem subornados para reelegerem o Sr. Lúcio*" (O AMIGO DA VERDADE, 2/6/1829), confirmando que essas acusações eram feitas de lado a lado. A *Estrella Mariannense* dava os subornos por coisa sabida, "*oxalá não tivéssemos já visto entre nós os grandes subornos nas Eleições*" (ESTRELLA MARIANNENSE, 14/8/1830).

Podia ser de vários tipos, por parte de vários atores. Por exemplo, um Eleitor "*ousou sustentar o haver de ser sempre eleitor, porque possuísse trinta, ou quarenta patacas para comprar outros tantos votos*" (PREGOEIRO CONSTITUCIONAL, 29/12/1830). O *Guarda Nacional* "*disse que os negociantes do Rio coagiam os eleitores de Minas a votar nestes e naqueles...*", e o *Parahybuna* acusou um José Batista de ter feito o mesmo com dois credores a favor de Holanda Cavalcanti (O PARAHYBUNA, 29/5/1838).

Contudo, em eleições nas quais cada votante ou Eleitor votava em toda uma lista, as denúncias de suborno eram normalmente relacionadas a listas, que seriam até provas do suborno. O *Amigo da Verdade* perguntou, "*Custará por ventura acreditar, que aparecendo imensas listas escritas com a mesma letra, e com os mesmíssimos nomes acima apontados, fossem estas forjadas com suborno?*" (AMIGO DA VERDADE, 26/6/1829). Ou seja, as listas, por terem aparentemente a mesma origem, seriam evidências de que os eleitores foram comprados para as apresentarem, ou mais fácil, as assinarem e enviarem pelo próprio agente da compra, poupando-se a esse trabalho.

Essas listas seriam "*acompanhadas sempre de uma apologia aos seus Candidatos, e de uma virulenta execração aos melhores servidores da Nação*" (JORNAL, 15/12/1832). Obviamente essas listas eram "chapas"[98], e tinham prestígio partidário quando organizadas pelos Senadores. No final da década de 1830 os Senadores José Bento e Manoel Inácio eram acusados de organizarem a chapa de seu lado político para Minas Gerais (O PARAHYBUNA, 5/11/1839). Ou seja, eles conseguiam organizar um "*conluio, ou cabala*" (...) "*o acordo prévio nas eleições, para centralizar votos, que dispersos deixariam a vitória a outras combinações*" (ASTRO DE MINAS, 15/10/1836).

98 Um termo que nasceu para se referir ao fato das listas serem repetidas, iguais até na letra, como se fossem impressas, ou seja, como se fossem uma chapa e não um manuscrito.

Mas é claro que não circulavam somente duas listas, uma da situação e outra da oposição. Pelo contrário, eram muitas, algumas misturavam "*alguns indivíduos bem conceituados, vêm-se outros, cujos princípios políticos não são abonados por a opinião pública*" (O VIGILANTE, 16/2/1833), ou seja, dos dois lados políticos, talvez para confundir mesmo o eleitorado. As listas variavam até porque algumas vezes os copistas incluíam o próprio nome nas listas que copiavam, como no caso das que foram enviadas de Tamanduá em 1833, cujo autor teria sido reconhecido pela caligrafia (ASTRO DE MINAS, 2/2/1833).

Condenava-se as listas, "*baldados sejam os esforços dos fabricadores de listas*" (O VIGILANTE, 16/2/1833); "*Desprezai inteiramente essas listas infames, que por ai correm, manuscritas: elas partem de infernais clubs*" (ASTRO DE MINAS, 15/11/1828). Mas dado o sistema eleitoral, no qual um eleitor de paróquia votava em toda uma lista de Eleitores, e um Eleitor de distrito votava em toda uma lista de deputados para toda a Província, e principalmente depois que se generalizaram as listas, o que acontecia era que "*...voto que não é de chapa é voto perdido...*" e portanto pedia-se ao eleitorado para "*sacrificar ao interesse da pátria as afeições, ou zangas particulares; ao triunfo do partido o capricho dos indivíduos*" (O POVO, 29/7/1849). Ou seja, para votar na lista mesmo não gostando de algum nome. É mais ou menos o mesmo que o *Astro* pregara, que um Eleitor Liberal "*não é capaz de ceder de um voto*", de seus vinte, "*a não ser por* ***concordata*** *liberal, e em proveito comum*" (ASTRO DE MINAS, 16/7/1833, grifo do autor).

Em outras palavras, o candidato que não tivesse seu nome proposto em uma lista que circulasse toda a Província, ou grande parte dela, não tinha chances, e quem votasse nele "perderia" seu voto. A lista era composta somando líderes de diferentes regiões, de forma a somar as influências concentrando-as todas em uma lista. Nas eleições de 1824 os lados políticos ainda não combinaram listas, e lideranças despontaram de um só colégio eleitoral, destacadamente o padre Bento em Campanha. Também nas eleições de 1828 o padre Bento conseguiu que seu eleitorado seguisse uma lista inteira além do seu nome, e assim ele conseguiu uma influência eleitoral muito maior que outros líderes da Província, ou melhor, o colégio de Campanha teve mais influência que os outros colégios todos de Minas Gerais, por concentrar votos – Um Baptista Caetano não teria se destacado sem os votos que teve em Campanha. Já nas eleições de 1833 em todos os colégios todos os lados já aderiram à tática de votar em listas. É fácil notar quando todos começaram a votar em listas porque nos resultados surge um grande intervalo de votos, praticamente dividindo-os em duas listas, o que jamais poderia acontecer se os votos fossem aleatórios.

É indiscutível que o fato de grande parte do eleitorado ser analfabeto fortalecia os

"*fabricadores de listas*" e que estas eram usadas como instrumentos de conferir o "*suborno*". Nas eleições de 1849 o Deputado Antão defendeu que Juízes de Paz não aceitassem listas marcadas, e *O Povo*, governista, perguntou em que lei ele se baseava (O POVO, 15/7/1849). Contudo, votos marcados por serem comprados não existem somente em eleições em listas.

A votação em listas praticamente impossibilita a política sem agrupamentos, fortalecendo os lados políticos, e impondo uma prática política partidaria. A votação em listas era a lei eleitoral, a regra escrita do jogo, mas combinar listas, fabricá-las e distribuí-las foi uma tática desenvolvida pelos jogadores. Ao ter sucesso se generalizou, mudando a forma de jogar o jogo. Nota-se que a formação das listas eram momentos de articulações entre as lideranças políticas de diferentes regiões da Província. A formação de uma lista era a formação de uma chapa, de uma aliança, no caso mineiro entre 20 líderes políticos locais. É difícil aquilatar, mas fácil imaginar o grande papel da formação dessas chapas para o desenvolvimento histórico das forças, dos lados políticos, dos partidos.

Como nenhuma lei regulava a forma de aferir renda, e ao contrário das eleições municipais não havia, até 1842, lista de votantes, era prática que "*...as mesas paroquiais se atribuam o direito de admitir ou excluir os votantes, segundo as suas maiorias pensam desta ou daquela maneira desses mesmos votantes...*" (O UNIVERSAL, 25/06/1841) e era por isso que "*...os partidos políticos mostram um empenho tão decidido na formação das mesas*" (O UNIVERSAL, 23/06/1841). Eis o caso de Diamantina nas eleições de 1840:

> Ignora-se por ventura que no momento em que se consegue com o terror a aprovação da Mesa, se expediu um próprio ao Ouro Preto, e Rio de Janeiro, participando-se a vitória? Não sabemos acaso que estes agitadores tem erigido em princípio eleitoral – que feita a Mesa, está feita eleição? (O CORREIO DE MINAS, 13/02/1841)

Em um caso, em Ouro Preto, a mesa teria deixado votar até um espanhol (O NOVO ARGOS, 26/1/1831). E como se ganhava a mesa? Em Assembleia dos eleitores, que aclamavam (ou não) dois Secretários e dois Escrutinadores indicados pelo Juiz de Paz. As pessoas iam armadas a essas Assembleias? Parece claro que sim:

> se dois membros da Mesa viram a coisa mal parada, e julgaram dever ir armados para o que pudesse suceder, é mais que natural que os concorrentes pensassem da mesma maneira. (...) bem tolo seria eu, se indo lá não fosse preparado para dar, e tomar. (AMIGO DA VERDADE, 10/7/1829)

Nas eleições de 1824 e 1828 ainda não eram Juízes de Paz que presidiam as mesas.

Em 1824 os presidentes não tiveram nenhuma dificuldade em indicar os outros quatro membros das mesas. Em 1828 a mesa foi disputada em Ouro Preto, e em São João Del Rei a Assembleia chegou a ter debates, mas as mesas ainda foram as indicadas pelos presidentes. Mas de 1829 em diante as Assembleias Paroquiais, para eleger autoridades municipais ou Eleitores, tornaram-se mais disputadas, com maior número de pessoas.

As regras do jogo, nesse caso as eleições, não criaram a tática de ganhar a mesa, mas a propiciaram. A tática foi desenvolvida pelos jogadores, os lados políticos, e depois de provar sua eficiência se generalizou. Em outras palavras, as regras das eleições influenciaram os lados políticos, obrigando-os a buscar mais apoio para vencerem as Assembleias Paroquiais, e os lados políticos influenciaram as eleições, criando novas formas de vencê-las.

Assunto indissociável das Assembleias Paroquiais e do controle das Mesas era o desrespeito ao censo eleitoral, que era uma das principais formas como as Mesas manipulavam os resultados.

Praticamente era senso comum que "*O defeito capital de nossa lei de eleições é a falta de um censo das pessoas que podem votar nas assembleias paroquiais*" (O UNIVERSAL, 23/06/1841). Ou como diz Ferreira de Rezende, "*...havendo então de fato o sufrágio universal...*" porque não se avaliava a sério a renda mínima para se ser eleitor de paróquia (REZENDE, 1944, p.126). *A Ordem* denunciou que "*tem muitas vezes votado pessoas destituídas dessas habilitações, e até mesmo mendigos*" (A ORDEM, 23/11/1842). Também para Armitage "*no Brasil, a base do sistema eletivo é mais ampla [do que na Inglaterra e França] e a quase totalidade da população livre goza do privilégio de votar*" (Apud OLIVEIRA, 2009, p.39). De fato, entre 1832 e 1866 a participação eleitoral na Grã Bretanha era estimada em 3% da população, e em algumas paróquias brasileiras o índice se igualava ou aproximava do que então existia nos EUA (18%) e Portugal (18,5%) (MOTTA, 2013, p.115). Em outras palavras, até as eleições de 1840 o povo pobre tinha participação de peso nas eleições, pois era necessário para ganhar as Assembleias Paroquiais, base de todas as eleições. Para Ferreira de Rezende:

> ...a eleição era boa; porque ali não se via senão um único representante da autoridade, que era o juiz de paz; e o juiz de paz era um eleito do povo; de sorte que se havia violência; e muitas vezes havia; quem vencia era sempre a maioria; isto é, quem tinha mais gente e por consequência, mais força (REZENDE, 1944, p.124).

Confirma-se que não se avaliava a renda dos votantes porque em 1881, quando foram criados critérios rígidos para avaliação da renda anual o eleitorado foi drasticamente

reduzido (CARVALHO, 1990, pp.16-17). Mesmo assim, as folhas debatiam a renda anual de 100 mil réis. Para o *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública* "*Ora uma tal renda no nosso país possuem até os miseráveis, que mendigam pelas ruas*" (JORNAL. 21/1/1833).

Contudo, na prática, em Sabará, o Sr. Bento Rodrigues de Moura e Castro, distribuidor de folhas naquela vila (ver Apêndice A), onde era vereador e tinha sido Juiz de Fora, foi processado porque segundo seus acusadores ele não teria 100 mil réis de renda anual. Cem mil réis é a quantia que o presidente da Província, José de Araújo Ribeiro, enviou para Sabará para custear os presos e a condução dos mesmos por um ano inteiro (O VIGILANTE, 9/2/1833, 15/6/1833). Uma diária de 80 rs foi considerada insuficiente para voluntários do Exército, e elevada para 100 rs, 36$500 ao ano. Mas era possível viver com menos que isso. Organizou-se em Sabará uma subscrição para auxiliar mães, viúvas e esposas de soldados que estavam há muitos meses afastados de seus afazeres devido à Guerra de Independência. Foram "*habilitadas*" 48 mulheres, recebendo entre 600 rs e 1$500 ao mês, cinco vezes abaixo do censo eleitoral. Depois de um aumento concedido em 1825, um Sargento de Infantaria do Exército passou a receber 72$000 anuais (ABELHA DO ITACULUMY, 25/6/1824, 11/3/1825, 11/4/1825).

O censo serviria, segundo seus defensores, para "*tolher as maquinações de alguma facção audaciosa e empreendedora*" (JORNAL. 21/1/1833), que comprasse os votantes. E raros eram aqueles que desprezavam esse argumento, como o caso de uma tradução do texto *Abolição do Censo Eleitoral*, que defendeu que "*O censo eleitoral divide a nação em dois campos inimigos, eis ai tudo.*" (O UNIVERSAL, 6/4/1840). Contudo, como só a partir de 1881 a renda passou a ser avaliada com rigor, o que valeu para o Brasil foi semelhante ao que Patrice Gueneffey concluiu para a França, "*o verdadeiro caráter censitário das eleições não consistiu na distinção que apartou os cidadãos ativos dos passivos, mas naquela que separou os eleitores dos elegíveis*" (Apud MOTTA, 2013, p.127). Mas no caso brasileiro não pela renda de 200 mil réis exigida para ser elegível, e sim pelo alto custo da política.

Nota-se que eleições eram importantíssimas para os protagonistas dessa história, que não compartilhavam da crença na invalidade do sistema representativo de seu tempo. Faziam críticas, propunham reformas, acreditavam que poderiam alcançar a "verdade eleitoral", mas só em algumas ocasiões boicotaram os pleitos. A rotulação de todas as eleições sob o Brasil monárquico como ilegítimas, como não representativas, baseia-se na comparação com supostas eleições perfeitas, ou seja, na mesma "verdade eleitoral" que se buscava no início do século XIX.

As fontes tratam os lados, para usar um termo da época, que disputavam essas

eleições quase como naturais, e a Revolta de 1842 foi feita pelo lado que venceu as eleições de 1840 e viu essas eleições serem inutilizadas em 1842. Não existiram dois partidos dominando toda a história política do Império. Os autodenominados Liberais gostavam de reivindicar a herança dos Liberais do Primeiro Reinado, e até mesmo do Partido Brasileiro, mas não se deve acreditar nisso. Da mesma forma, seus adversários, que eles sempre tentavam ligar aos inimigos da independência do Brasil, ou no mínimo aos supostos restauradores, também não foram um só partido ao longo da história. Não é que as fontes estejam mentindo, era assim que eles construíam suas identidades políticas. Eles não eram os mesmos agrupamentos políticos da década de 1820 ou da de 1830, mas tinham que carregar a herança dos mesmos, de onde provinha sua formação política, seus heróis, as vitórias supostamente suas. Também se deve saber que eles acreditavam, ainda em 1842, que existiam "*dois grandes partidos em que hoje o mundo culto se reparte" (...) "uns, arvorando a bandeira da liberdade, da honra nacional, dos progressos; os outros a do fanatismo, da retrogradação, do aviltamento da pátria*" (ASTRO DE MINAS, 15/3/1834), e naturalmente contavam sua história política, e nessa narrativa se encaixavam, conforme suas crenças.

José Murilo de Carvalho falou de "*uma exacerbação da luta partidária terminada em revolta armada dos liberais do Sul (1842)*" (CARVALHO, 1990, p.30). É impossível entender a Revolta de 1842 sem compreender esse fenômeno. Eis o relato de um homem que tinha 10 anos em 1842 e que viveu a polarização política dos anos 1860 e 1870, falando do início dos anos 1840:

> Só quem viveu naquele tempo é que pode fazer uma verdadeira ideia dos ódios e da exaltação que dividia os partidos. Nem para mostrar é preciso mais do que o dizer – que um liberal, em regra, não comprava na loja de um conservador,[99] e vice-versa; que cada um dos partidos tinha o seu médico, a sua botica e tudo mais por esta forma; e que até na própria igreja era muito raro se confundissem (REZENDE, 1944, p.157).

Não faltam confirmações desse testemunho. *O Universal* disse que os deputados via de regra, quando recebiam um requerimento de qualquer origem, o enviavam a uma comissão para saber:

> ...que partido segue este povo, se é caramuru, ou chimango, largas delongas ocorrem, e por último se ele segue o partido oposto ao da Assembleia, lavra-

99 As *Recordações* de Ferreira de Rezende são do final do século XIX, e por isso usam "conservador", assim como a *Circular* de Ottoni de 1860, mas nas fontes aqui estudadas, até 1849, não se encontra o termo "partido conservador" ou mesmo "conservador". Ver Quadro 1.

> se o muito lacônico parecer – Não tem lugar a pretensão dos Suplicantes... (O UNIVERSAL, 19/03/1841).

É impagável que *O Universal* confesse, embora como se falando de terceiros, a forma como ele e toda a imprensa política tratavam as personalidades políticas:

> Se Pedro abraça a minha parcialidade, não há qualidade boa, que não tenha; mas se segue outra bandeira, prontamente lhe atribuo todos os vícios, e o julgo idôneo para perpetrar todos os crimes. (O UNIVERSAL, 15/07/1840)

Ainda escolheu Pedro, nome de quem o próprio *Universal* tinha tratado assim.

Os padres Marinho, Bhering, Felicíssimo, Roussin e José de Souza foram privados de empregos por seus adversários políticos (O UNIVERSAL, 10/02/1840, 24/03/1841, 29/03/1841, 18/05/1842). Os três primeiros foram redatores de periódicos, como se viu. Até o comando da Força Pública os deputados Setembristas[100] quiseram suprimir, por ser composta de Liberais (O UNIVERSAL, 10/03/1841).

Os casos são inúmeros. Em Ouro Preto alguns vereadores "*não se dignaram comparecer para dar posse aos*" Liberais (O UNIVERSAL, 8/01/1841). Um professor de Pouso Alto defendendo-se da perda de alunos alega que *"outros seus pais tiraram da escola por espírito de partido"*. Até verbas para reforma de igrejas *"ficava ao arbítrio do Governo, que os distribuía por aquelas Matrizes de sua afeição"* (O CORREIO DE MINAS, 26/05/1841, 12/02/1842). Para o Chalaça a "*guerra dos partidos*" seria constante ao ponto de que os "*Brasileiros se acham como que se fora o seu modo natural de existir*" (SILVA, F. 1939, p121).

Francisco Iglésias citou as representações que ambos os partidos pintavam de seus adversários, mas não foi bastante incisivo (1978, p.408). Os Liberais eram insistentemente chamados de republicanos. Já o outro lado seria o "*partido corcunda*", ou "*partido anti brasileiro*", ou "*partido da ladroeira, denominado setembrista*", ou "*facção Africo-Lusitana*" (O UNIVERSAL, 27/01/1841, 20/08/1841, 29/01/1841, 1/09/1841) ou "*...Caramuru, e que os desse nome só querem roubar, incendiar, e pregar o Despotismo...*" (O CORREIO DE MINAS, 5/02/1842). Para um correspondente do *Astro de Minas* o Diabo era Caramuru. Os Caramurus seriam a "*escória da espécie humana*" (ASTRO DE MINAS, 26/3/1833, 24/10/1833). A Sociedade Defensora do Rio de Janeiro fez até um "*juramento de ódio à restauração*" (CANO, 2014, p.100). Em carta para sua mãe, um rebelde de 1842 mandou

100 Foram assim chamados os que apoiaram o governo iniciado em 19 de Setembro de 1837, dito o Gabinete das Capacidades.

recado para seus irmãos pequenos "*que andem com muita cautela por mode* [sic] *os caramurus*" (NOGUEIRA, 1979, p.48).

Quadro 1 – Denominações partidárias

	Auto representação	Representação dos adversários
1823	*Compilador Mineiro:* Constitucional moderado; liberal.	*Compilador Mineiro:* Pés-de-chumbo; servis; liberais andradinos; chumbeiros; corcundas.
1824		*Abelha do Itaculumy:* Partido anti-independente; partido desorganizador; partidos.
1825		*O Universal:* Absolutismo; Demagogo; Corcundas;
1826	*O Universal:* Constitucional; liberal.	*O Universal:* Partidos.
1827	*Astro de Minas:* Liberal.	*O Universal:* Inimigos da Constituição e da imprensa; Governo Absoluto; jesuítas; gazetas revolucionárias anti-políticas, anti-constitucionais; Corcundas.
1828	*O Universal:* Constitucional. *Astro de Minas:* Órgão da opinião pública; Constitucional; Liberal.	*Astro de Minas:* Facção absolutista; Corcundas. *O Universal:* Absolutismo (7/1/1828)
1829	*Astro de Minas:* Amigo do trono; Liberais. *O Mentor das Brasileiras:* Constitucional; liberal. *O Universal:* Liberalão; Constitucional; Liberal. X *O Amigo da Verdade:* Constitucional. *O Telegrapho:* Constitucional.	*Astro de Minas:* Liberticidas; absolutistas. *O Novo Argos:* Ministeriais. *O Mentor das Brasileiras:* Déspotas; antigo regime. *O Universal:* Carcundas; Ministério recolonizador, absolutista; Mandões; Sociedade Japônica; Colunas; Súcia telegráfica. X *O Amigo da Verdade:* Revolucionários; chamados Liberais; partido Democrático; partido desorganizador; oposição; ultras; Jacobinos; anarquistas; demagogos; inimigos da ordem; partido de Baptista Caetano; republicanos; liberalões. *O Telegrapho:* Partido demagógico; Liberalões.
1830	*O Universal:* Liberal. *Astro de Minas:* Liberal.	*O Universal:* Telegráficos; partido recolonizador. *Astro de Minas:* Corcundas; colunas; partido absolutista.

<table>
<tr><td></td><td>Estrella Mariannense:
Liberal.

Pregoeiro Constitucional:
Liberal.

Echo do Serro:
Liberal; Constitucional.
X
O Telegrapho:
Moderado.</td><td>Estrella Mariannense:
Absolutistas; servis; telegráficos; despotismo; servis; partido absolutista; colunas japoneses.

Pregoeiro Constitucional:
Corcundas; áulicos, telegráficos; partido recolonizador; partido dos servis; partido servilista; partido retrógrado.
X
O Telegrapho:
Liberalões; Exaltados; liberais.

Amigo da Verdade:
Ultra-liberais.</td></tr>
<tr><td>1831</td><td>O Universal:
Liberal.

Astro de Minas:
Patriota Brasileiro; Partido Constitucional e Legal.

O Novo Argos:
Liberal.</td><td>O Universal:
Partido lusitano; telegráficos; Partido desorganizador; anarquia; partido de exaltados.

Astro de Minas:
Colunas; Rusguentos; Seita Petronista; absolutistas; anarquistas.

O Novo Argos:
Servis; absolutistas; corcundas; carcunda; partido Português; partido Lusitano .

Pregoeiro Constitucional:
Partido desorganizador; colunas.</td></tr>
<tr><td>1832</td><td>O Universal:
Verdadeiro patriota.

Astro de Minas:
Patriota; partido liberal.

O Novo Argos:
Constitucional.

Estrella Mariannense:
Liberal.

Sentinela do Serro:
Americano; liberal.
X
O Constitucional Mineiro:
Constitucional; Patriota; Caramuru.</td><td>O Universal:
Corcundas; anarquistas; intitulada oposição; rusguentos.

Astro de Minas:
Telegráficos; anarquistas, caramurus.

O Novo Argos:
Colunas; rusguentos; partido anárquico; partido Colunático.

Estrella Mariannense:
Partido anti nacional; partido anárquico; partido rusguento; povo farroupilha (sanscullote); Anarquistas; Retrogrados; carcundas; partido restaurador; partido caramuru; exaltados.

Jornal:
Caramurus; retrógrados; partido restaurador; partido retrogrado; partido anti-nacional.

Opinião Campanhense:
Caramurus.

Sentinela do Serro:
Despotismo do Senado; satélites do Tirano; turcos do Senado; partido absolutista.
X
O Constitucional Mineiro:
Liberais; partido, que composto de uma família privilegiada;</td></tr>
</table>

		ministeriais; partido desorganizador; partido exaltado; sans-culottes; anarquistas; Club dos Jacobinos. *O Despertador Mineiro:* Liberais, Federativos, ou Republicanos.
1833	*O Universal:* Liberal. *Astro de Minas:* Reformista; partido Nacional; Partido moderado; partido da ordem; liberal. *O Novo Argos:* Partido Nacional; partido moderado; partido Liberal. *Jornal:* Partido legal. *Opinião Campanhense:* Escritores da ordem. *A legalidade em Triumpho:* Partido liberal; partido moderado. *O Recopilador Mineiro:* Liberal. *O Vigilante:* Liberal; Constitucional; patriotas; moderado; partido da ordem; partido moderado; partido Constitucional. X *Tareco Militar:* Constitucional. *O Mineiro:* Vencido.	*O Universal:* Caramurus; retrógrados. *Astro de Minas:* Caramurus; coluna; absolutistas; partido restaurador; partido desorganizador; partido caramuru; partido sedicioso. *O Novo Argos:* Cativos; Caramurus; Telegráficos; facção anti-Brasileira; partido retrógrado; partido anti reformista; partido bourbonico; facção contra-revolucionária; partido restaurador; partido caramuru; partido sedicioso. *Jornal:* Partido caramuru; partidistas do antigo regime. *A legalidade em Triumpho:* Partido caramuru; sediciosos anarquistas. *O Recopilador Mineiro:* Partido caramuru; partido anti-nacional. *Noticiador Serrano:* Caramurus; restauradores. *Opinião Campanhense:* Oposição; partido restaurador. *O Vigilante:* Partidos extremos; partido caramuru; bando restaurador; Oposição; facção Européia; estacionários; anti-reformistas; pedristas; partido retrogrado; carangueijos; facção pedrista; progressistas fogosos; partido absolutista; partido desorganizador; jacobinos caramurus; facção restauradora. X *O Despertador Mineiro:* Jacobinos. *Tareco Militar:* Chimangos; Súcia Moderada-ladra; Moderados. *O Mineiro:* Anarquistas; Vencedor; Chimangos; moderados; Feijoísmo.
1834	*O Universal:* Chimango; partido da revolução de 7 de abril; liberais; constitucional.	*O Universal:* Caramurus, retrógrados; facção recolonizadora e iliberal; Partidos exaltados. *Astro de Minas:* Marcistas; Libórios.
1835	*O Universal:*	*O Universal:*

	Patriota; Liberais. *Astro de Minas:* Patriotas; Partido moderado, partido nacional.	Sediciosos de março; Partido restaurador; partido absolutista; rusguentos; telegráficos; caramurus. *Astro de Minas:* Partido retrógrado; terceiro partido; restauradores; Holandezes; facção caramuruana exaltada. *Oposição Constitucional:* Partido restaurador; marrecos; Bernardo Pereira de Vasconcenlos; horda restauradora.
1836	*O Universal:* Liberais; progressivo. *Astro de Minas:* Partido moderado; Liberal; partido do governo; partido dos progressos na ordem.	*O Universal:* Regresso; oposição; Proteu (Bernardo Pereira de Vasconcelos). *Astro de Minas:* Oposição; súcia de Antônio Dias;defecção moderada; regressistas; januaristas; terceiro partido; partido da maromba. *O Recopilador Mineiro:* Oposição. X *A Razão:* Chimangos; democratas. *O Parahybuna:* Partido republicano.
1837		*Astro de Minas:* Parahybuna; despotismo; oposição. *O Universal:* Partido anti-nacional; partido centralista.
1838	*O Universal:* Liberal; progressista. *Astro de Minas:* Progresso; oposição patriótica. *Guarda Nacional Mineiro:* Patriota. *X* *O Parahybuna:* Partido nacional, partido que só quer Constituição, Trono e Altar.	*O Universal:* Anarquistas; partido ministerial; sediciosos; regressistas. *Astro de Minas:* Ministério ominoso de 19 de Setembro; despotismo; administração setembrista; regresso. *Guarda Nacional Mineiro:* Jornalistas ministeriais; regresso; Sociedade do Altar e do Trono; março-decembristas; Bernardo Pereira de Vasconcelos; Sediciosos; governo devorista. *X* *O Parahybuna:* Progressista; Partido chamando liberal; partido anarquista; separatista; rebelde, revolucionário; Chimangos. *O Unitário:* Partido liberal; oposição; Astro de Minas; Pe. Marinho; Joaquim Antão Leão; Holandeses.
1839	*O Universal:* Oposição; monarquista. *Astro de Minas:* Oposição; Liberal.	*O Universal:* Partido do governo; rebeldes. *Astro de Minas:* Regressistas; setembristas; partido regressista; devoristas

	Guarda Nacional Mineiro: Partido Nacional. X *O Parahybuna:* Partido monárquico; partido sem nome; Constitucional. *O Unitário:* Periódico monarquista; sustentador da ordem.	garimpeiros. *O Popular:* Setembristas. *Guarda Nacional Mineiro:* Facção de 19 de Setembro; Setembristas; regresso; facção garimpeira. X *O Parahybuna:* Partido ou facção democrata; partido democrático; liberalão; moderados auroristas. *O Unitário:* O Universal; intitulada oposição; anarquistas; atrapalhação.
1840	*O Universal:* Partido moderado; partido nacional; chimango; partido liberal. *Echo da Rasão:* Maiorista; Partido Nacional. *O Americano:* Oposição; partido do povo. *O Popular:* Anti-regressista; Partido Constitucional. *Guarda Nacional Mineiro:* Oposicionista.	*O Universal:* Partido regressista; setembristas. *Echo da Rasão:* Setembristas; Apóstolos de reorganização e de futuro. *O Americano:* Partido triunfante; regresso; governo da transação; partido da Coroa. *O Popular:* Regresso; partido Democrata; Partido Absolutista; anarquistas; partido do regresso; gente da transação. *Guarda Nacional Mineiro:* Traficantes do Correio; Dep. e Tesoureiro Bicalho; Dep. Paula Santos; Partido do governo; corcundas; gente garimpeira. *X* *O Unitário:* Façanhoso Guarda Nacional Mineiro; Pe. Felicíssimo; O Americano; O Popular; republicano Ottoni.
1841	*O Universal:* Partido propugnador da maioridade. X *O Correio de Minas:* Situação; Caramuru.	*O Universal:* Partido corcunda. X *O Correio de Minas:* Camarilha; gente do cacete e punhal; oposição; partido anárquico; partido Miquilino; chimangos; andradistas; caceteiros.
1842	*Echo da Rasão:* Partido da maioridade; Maiorista. *O Despertador Mineiro:* Oposição; Liberal. X *O Correio de Minas:* Partido da ordem. *Estafeta:* Governista; monarquista;	*O Universal:* Partido caramuru. *Echo da Rasão:* Absolutistas; Oligarquia. *O Despertador Mineiro:* ditadura ministerial; Caramurus sebastianistas; partido na nobreza; absolutistas; cascudos; Camundongos. X *Buletim da Legalidade no Serro:* Sediciosos; rebeldes; Jacobinos.

	partido monárquico.	*O Despertador:* Rebeldes. *O Correio de Minas:* Partido desorganizador. *Estafeta:* Oposição; conspiradores; rebeldes; partido democrático.
1843	Deputados: Partido nacional; rebelde. X Partido da ordem.	Deputados: Cascudos. X Partido Liberal, anarquia.
1844	*A Ordem:* Partido da ordem. Deputado oposicionista: Partido da ordem.	*Governista Mineiro:* Aristocratas. X *A Ordem:* Partido de Santa Luzia; republico-governistas.
1845	*O Itacolomy:* Liberal.	*O Itacolomy:* Gente da oligarquia; súcia oligárquica; facção bacamartista; cascudos; oligarquia.
1846	*O Constitucional:* Partido nacional; Santa Luzia; partido constitucional. X *O Publicador Mineiro:* Oposição; saquarema.	*O Constitucional:* Seita saquarema; partido da reorganização e do futuro; facção reorganizadora; partido saquarema; oposição; oligarcas. X *O Publicador Mineiro:* Joanas; homens do 10 de Junho.
1848	*O Itamontano:* Partido que sustenta o governo; partido liberal.	*O Itamontano:* Saquarema.
1849	*O Povo:* Cascudo; partido saquarema; partido constitucional; partido do governo.	*O Povo:* Anarquistas; Fariseus; catucás; Luzias; liberalão; domínio Mandioca; partido liberal; partido chimango.

Fonte: Periódicos publicados em Minas Gerais entre 1823 e 1849 (Ver Apêndice A).[101]

Nota-se pelo quadro acima que a identificação pela autorepresentação não daria certo porque todos seriam "constitucionais", "moderados" etc. Um correspondente do *Astro de Minas* percebeu que era hábito de seus adversários contra o lado do *Astro* "*alcunhá-los de republicanos, e ateus perante o tribunal da credulidade, eis o sistema dos perversos, eis a bússola dos Caramurus...*" (ASTRO DE MINAS, 27/4/1833). Ou seja, para ele eram Caramurus aqueles que chamavam seus adversários de "republicanos" e "ateus". Do que se

101 No caso em que os periódicos não existem nos arquivos públicos ou os números são poucos as fontes foram *O Universal* (para o *Telegrapho),* o *Astro de Minas* (para o *Sentinella do Serro*, o *Echo do Serro*, o *Opinião Campanhense* e o *Noticiador Serrano*), *O Novo Argos* e o *Vigilante* (para o *Despertador Mineiro* que existiu em Caeté), *A Ordem* (para o *Governista Mineiro*) e o *Pão d'Assucar*, do Rio de Janeiro, (para o *Oposição Constitucional*). No caso dos deputados a fonte foi *O Compilador*.

alcunhava aos adversários definia a posição política não do alvo da alcunha, mas de seus emissores.

É frágil qualquer tentativa de explicar por um só motivo o fanatismo, os ódios, ou mesmo a simples posição política dos variados personagens históricos. Melhor a variedade que as fontes apresentam. Motivos os mais pessoais e pitorescos podem levar diferentes pessoas à política. Quando o deputado Antunes se manifestou contra a criação de Vilas, porque essas tinham eleições, e as eleições dividiam o povo, indicou, como disse Ottoni que "*algumas vezes o antagonismo está nas rivalidades locais*" (1860, p.120). Por exemplo, Araxá, que estaria "*muito envolvido em intrigas particulares, e partidos de famílias*" (ASTRO DE MINAS, 13/3/1834). No extremo oposto desses exemplos em que as divisões políticas eram locais, ou familiares, ou pessoais, existe o termo "*amigos políticos*" (O UNIVERSAL, 24/11/1841), muito comum. A necessidade do adjetivo "políticos" para o substantivo "amigos" merece atenção. É como dizer que não se é necessariamente amigo pessoal da pessoa designada, visto que muitas vezes nem se a conhecia. Viu-se acima o exemplo da Assembleia Legislativa, que para saber se um requerimento vinha de "amigos políticos" ou não, precisava reunir comissões e se informar longamente.

Constata-se a existência de "*ódios, que desgraçadamente costuma gerar a diversidade de opiniões políticas*" (O UNIVERSAL, 12/02/1841). A simples divergência de ideias já pode gerar rancores, quanto mais os costumeiros "*sarcasmos, as invectivas, os baldões, que quase sempre vem a disparar em tremendíssimas descomposturas, em ódios, e inimizades implacáveis*" (ASTRO DE MINAS, 28/6/1836).

A maioria dos documentos é de um partido como vítima, autor do documento, e outro como algoz, mas em alguns poucos casos encontra-se a confissão que *"os partidos, que por causa de **mútuas** injustiças pareciam intratáveis"* (O UNIVERSAL, 28/12/1840, grifo do autor), ou que o Ceará *"tem sofrido de seus presidentes" (...) "eles pertençam a esta, ou aquela opinião política..."* (O UNIVERSAL, 20/12/1841).

Um dos motivos para as "*mútuas injustiças*" eram as eleições, "*é sabido que as épocas das eleições são aquelas em que os partidos mais se agitam, as intrigas mais fervem...*" (O UNIVERSAL, 24/01/1840), e que por causa delas "*tem-se cometido crimes horrorosos*" (O CONSTITUCIONAL, 6/8/1846) a ponto de que um deputado da Assembleia Legislativa adotou postura contra a criação de Vilas, pois isso acarretaria eleições daí:

> ...arengas, e progresso da chicana, porá aqueles povos na confusão em que se acham hoje muitas povoações que viviam em tranquilidade antes de serem

> elevadas a categoria de vilas... (O CORREIO DE MINAS, 26/04/1841)

Portanto, as eleições seriam tão causadoras de desavenças que elevar Paróquias a Vilas, *"... em vez de se fazer um bem aos povos, se lhes leva um sem número de desavenças, se lhes atira um pomo da discórdia..."* (O CORREIO DE MINAS, 26/04/1841).

Para vencer eleições, ou como vingança por eleições passadas, o partido no poder perseguia a oposição, e daí os partidos "*se tornam mais frenéticos um contra o outro pela perseguição, e pela falta absoluta de apoio, e proteção que encontra aquele que está fora do poder*". E "*...raro é o ano em que uma província deixa de fazer eleições*" (O UNIVERSAL, 31/01/1842, 24/01/1840), destacadamente Minas Gerais com a maior bancada. Meses depois da Revolta de 1842 *A Ordem* opinaria que :

> O encarniçamento da luta eleitoral no país o empenho excessivo que transpõe as metas do justo e do honesto, com que as ambições individuais procuram alar-se ao alto cargo de deputado, todos os homens sensatos o reconhecem, tem sido a causa primária das rebeliões que entre nós tem sucedido com incrível rapidez (A ORDEM, 31/12/1842).

Em Minas Gerais as fontes alegam um motivo extra de ódios partidários, que teria sido a revolta de Ouro Preto em 1833:

> ...a parte vencida e derrotada, não fosse mui sincera em esquecer-se dos incômodos que por seus crimes, merecidamente havia sofrido; muito menos que os do partido vencedor, que fadigas não poupou para restabelecer o império da lei, não se quisesse sujeitar a sofrer as reações, a que nenhuma causa havia dado. Datam pois desses dias lutuosos de março de 1833, todos os ódios, intrigas, e mesquinhas desavenças entre nós (O UNIVERSAL, 9/06/1841).

Depois da sedição o debate a respeito de anistiar ou não anistiar os implicados manteve o clima tenso. O Tribunal da Relação do Rio de Janeiro expediu *Habeas Corpus* para os revoltosos de 1833, e diferentes autoridades de Minas Gerais se negaram a cumpri-los, sendo por isso processadas. O fato de legalistas serem processados por não soltarem revoltosos da cadeia alimentou os ódios, ou dito nas palavras da época, "*tem irritado sobremaneira os amigos da ordem*". O *Astro de Minas* defendeu que em caso de nova revolta "*ali mesmo se estabeleça o tribunal da Justiça; não haverá lugar mais para anistias, e a Habeas Corpus*" (ASTRO DE MINAS, 8/10/1833, 12/10/1833).

Antes mesmo da sedição já se formava uma opinião de que "*a indulgencia com os inimigos do Brasil quando batidos, e derrotados, tem sido a causa, e motivo da obstinação, e*

ousadia com que eles ora se apresentam" (ASTRO DE MINAS, 16/3/1833) e os "*sediciosos*" de 22 de Março serviram como instrumentos da "pedagogia política" dos Moderados mineiros que queriam exemplificar a forma como se pune e evita revoltas (SILVA, W., 2009a, p.134). Antes mesmo de terminada a revolta em Ouro Preto o *Astro* já pregava "*nada de esquecimento do passado" (...) "Justiça e mais justiça. Castiguem-se os culpados*" (ASTRO DE MINAS, 18/4/1833). A proposta de anistia e os *Habeas Corpus* frustraram os planos pedagógicos dos Moderados mineiros.

Além de serem fanáticos por seus "lados políticos" (O CORREIO DE MINAS, 3/04/1841), a cultura política que prevalecia era a de "*guerra de morte, guerra de extermínio*" (ASTRO DE MINAS, 26/10/1833).

Já no início do período regencial o *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública* propunha "*esmagar para sempre o partido restaurador*", e a direção dessa sociedade jurava "*guerra de extermínio a esse impotente, e nefando partido de escravos...*" (JORNAL, 13/10/1832, 5/4/1834). A *Estrella Mariannense* também propunha "*persegui-os como inimigos os mais cruéis*" (ESTRELLA MARIANNENSE, 7/11/1832). Não haveria lugar para a "*falsamente denominada oposição*", e antes mesmo da revolta de 1833 o *Astro* pedia "*um só partido*" (ASTRO DE MINAS, 26/3/1833, 14/3/1833), assim como o *Jornal da Sociedade Promotora*, que queria que "*o partido único seja o da Leï*" (JORNAL. 7/9/1832), afinal o "*Partido Moderado, que tanto insultais, e provocais, é ou não a verdadeira Nação Brasileira?*" Além dos discursos, no Conselho Geral da Província de Minas o deputado Bhering, primeiro redator do *Novo Argos*, propôs exilar os restauradores. Depois da revolta do Ano da Fumaça continua a certeza de que o inimigo "*tem de ser esmagado, e completamente aniquilado...*". Também o *Noticiador Serrano* falava de não empregar "*caramurus*" e "*dar cabo dos restauradores*" (ASTRO DE MINAS, 16/3/1833, 2/2/1833, 4/6/1833, 3/9/1833). O *Novo Argos* era mais moderado, "*Oxalá que nós os vejamos brevemente empregados nas obras públicas, ou povoando as Cadeias, que é o lugar próprio para gente tão indigna, e criminosa*" (O NOVO ARGOS, 20/11/1832). Quando o vento mudou e veio o Regresso, Wlamir Silva percebe que em 1838 "*a onda regressista inspirava nos progressistas-liberais o temor da exclusão da vida pública*"(SILVA, W., 2009b, p.6). Era o costume.

Às vésperas da revolta de 1842 os Liberais reclamavam que o governo *"...enche todos os dias a boca com o aniquilamento da oposição, o governo que jurou publicamente esse aniquilamento"*. Seria um governo que *"declara guerra de extermínio a todos os que não procuram a sua sombra"* (O UNIVERSAL, 1/04/1842, 24/12/1841).

Por sua vez, os opositores aos Maioristas acusavam Ottoni de ter dito que

"*...prestaria todo o apoio ao Governo de Julho, saltando ainda mesmo por cima das leis, contanto que este esmagasse, reduzisse a pó o último Caramuru, isto é o último Monarquista*" (O CORREIO DE MINAS, 21/05/1841).

Quando no governo, os inimigos dos Liberais se lembraram que durante o Gabinete Maiorista, o lado Liberal *"Quando governou com a menor oposição se irritava, fez guerra de extermínio aos que não eram de seu partido..."* (O CORREIO DE MINAS, 28/08/1841)

Em São Paulo os Liberais do "partido paulista" chegaram a tentar se emplacar como "*partido da ordem*" e depois isso chegou a ser feito em Minas Gerais, onde se fala de "*um governista, de um homem do partido da ordem*". São tentativas de aniquilar o lado adversário, que compreendia isso, como se nota quando *O Universal* ironiza "*se afirma que roubamos a bandeira simbólica da monarquia*" (O UNIVERSAL, 6/11/1840, 22/03/1841, 10/05/1841). O sub-título de um artigo do *Jornal do Comércio* de 1º de Fevereiro de 1842, "*Os partidos supõem fraqueza pública*", corresponde a um dos conceitos de partido que conviviam nas folhas dessa época. É a ideia de partido como facção, de partido como negativo, verdadeira reminiscência das ideias dominantes na década de 1820, supõe o aniquilamento partidário. Fazia parte da cultura política, "*Quem seu inimigo poupa nas suas mãos vem a morrer*" (ASTRO DE MINAS, 12/9/1833; O UNIVERSAL, 23/11/1840), e ai de quem caísse do governo, "*...neste andar que não lhes dou 3 meses, que não estejam em baixo, processados, em ferros, e muito feliz será quem escapar da forca...*" (O UNIVERSAL, 3/03/1841), dizia um Liberal para seus correligionários semanas antes de ficarem "por baixo".[102]

Às estratégias partidárias de aniquilamento somavam-se as ameaças físicas de aniquilamento. As eleições de 1840 no Serro geraram esse tipo de problema. Antes das eleições *"...pretendem acabar aqui com os chimangos, dizem eles."*. Depois repetiu-se que *"...bravateava-se que no primeiro de novembro se daria cabo na cidade do Serro de todos os chimangos..."* e que *"...em seus clubs chegaram a decretar o assassinato dos 4 juízes de paz da cidade, do deputado Ottoni, e de mais 3 ou 4 cidadãos..."*. Em Baependi o juiz de paz Afonso Gomes Nogueira denuncia, "*Não se disse que a minha casaca havia ser rasgada, o meu sangue havia de banhar a igreja, haviam se quebrar braços e cabeça?*" e acrescenta que "*Isto tudo se dizia publicamente nesta vila*". Também em Diamantina um Regressista teria dito que *"pretendia vir nesta ocasião com uma força de cerca de 80 homens para – peiar chimangos"* (O UNIVERSAL, 6/11/1840, 18/11/1840, 25/01/1841, 30/11/1840). O verbo

---

102 A frase "*quem seu inimigo poupa na mão lhe morre*" também pode ser lida em uma carta do Ministro Paulino José Soares de Souza para Firmino Rodrigues da Silva (MASCARENHAS, 1961, p.196).

“peiar” referia-se a capturar e escravizar, e é possível que tivesse um significado racial. Os Regressistas espalhavam os mesmo boatos, como em Minas Novas, onde estariam dizendo que “*um partido existe na cidade de Minas Novas o qual pretende obstar a publicação das reformas do código, por meio de assassinatos, e de outros crimes horrorosos*” (O UNIVERSAL, 8/04/1842).

Às vésperas da revolta, quando chegou o novo presidente, Bernardo Jacinto da Veiga, *O Universal* denunciou que “*seis dos cidadãos oposicionistas mais distintos já foram votados à morte em um club que imediatamente reuniu-se depois da chegada de S. Ex.*”(O UNIVERSAL, 18/05/1842).

O problema com a cultura de aniquilamento partidário é que *“Quando se trata de aniquilar, o direito da própria conservação é o mais poderoso, é o mais natural”* (O UNIVERSAL, 9/03/1842). Em outras palavras, gera um medo irracional de lado a lado. Para entender tanto amor e ódio é interessante saber que “*a política era a ocupação favorita dos chefes locais*”, uma espécie de jogo, um vício (CARVALHO, 1990, p.26). Com essas informações torna-se possível avançar na compreensão das motivações rebeldes.

3.1.1 Eleições do cacete?

Provavelmente a eleição mais famosa da história do Império é a eleição de 1840, indispensável para entender a Revolta de 1842, uma vez que esta esteve umbilicalmente ligada à dissolução da Câmara dos Deputados eleita nesse pleito. Reza a historiografia que ela “*ficou conhecida como a eleição do cacete, tal a violência empregada para vencê-la*” (CARVALHO, 1990, p.22).

Quando ainda estava na oposição, o lado que meses depois, no governo, seria acusado de empregar a violência, previa que o governo de seus adversários já estaria buscando “*os meios mais adequados que garantam ao partido dominante o triunfo infalível nas próximas eleições*”, o Presidente Veiga “*se jacta que há de fazer Deputados à Assembleia Geral aos que forem de seu agrado*”, e “*Digamos francamente; a guerra eleitoral está à porta; numerosas ambições demandam a ser satisfeitas; o partido triunfante, apoiado pelo atual governo, pretende a dominação exclusiva dos destinos públicos...*”. Dando um exemplo os Liberais acusaram seus adversários: “*de janeiro de 1838 a esta parte (por ocasião da reeleição do Sr. Vasconcellos) apareceu outro flagelo ainda maior, como seja a nenhuma confiança nos correios*” (O UNIVERSAL, 15/4/1840, 20/05/1840, 15/1/1841). Dois anos antes o *Astro de Minas* denunciou sobre eleições que então ocorriam:

> A licença da imprensa, a violação dos correios, a espionagem, o patronato, a sedução, o terror das demissões, todo esse aparelho de expedientes dos governos imorais que ainda não tínhamos tido ocasião de ver tanto a descoberto em nosso país... (ASTRO DE MINAS, 4/5/1839)

O *"tanto a descoberto"* é de fazer rir. *O Popular* denunciou que as eleições eram "*resultado duma cabala imoral; de violações de correios; de demissões injustas; de vexações iníquas; duma corrupção medonha*" (O POPULAR, 8/2/1840). E já em novembro de 1840 *O Universal* lembrou da Regência de Araújo Lima: "*foi nessa época, fatal que compravam votos, que em troca destes se davam empregos, e empregos se tiravam aos que não subordinavam sua vontade à suprema vontade do setembrismo*" (O UNIVERSAL, 9/11/1840). E mesmo o Deputado Penido confessou que a polícia "*só serve para manejar as* ***eleições a favor deste ou daquele partido****, e não para garantir a ordem pública*" (O CORREIO DE MINAS, 20/11/1841, grifo nosso). Também o Deputado Barbosa, na Assembleia Legislativa Provincial fala não só das eleições de 1840, mas em geral que as "*eleições, que tem causado mais males, que as pestes de Macacu, e Magé, que a mesma cólera morbus, quando assolou a Europa*" (O CORREIO DE MINAS, 17/2/1841).

Curioso é que ao falar dos abusos de uma autoridade durante as eleições se confessa um traço da cultura política de então:

> nos olhos ao menos da estupidez, e da ignorância era tudo isso desculpável, porque o Sr. Alves Araújo era chefe de Legião, e estando a facção Setembrista governando, era em parte o seu procedimento perdoável (O UNIVERSAL, 10/2/1841).

O lado Liberal foi acusado de ter dado o Golpe da Maioridade porque "*não podia esperar uma sorte favorável nas eleições, que então se aproximavam, se não tivesse nas mãos o poder, para com ele combatê-la*" (O CORREIO DE MINAS, 26/3/1841). Uma das primeiras medidas do Gabinete da Maioridade foi adiar as eleições de 1840 em alguns meses (O UNIVERSAL, 5/8/1842).

Por sorte existem muitos exemplares da folha oposicionista, porta-voz lado derrotado em 1840. As denúncias se concentram nas eleições primárias, ou mais precisamente, nas Assembleias Paroquiais. Observe-se o que o *Correio de Minas* tinha a apresentar.

No Serro, dizia o *Correio*, destacam-se os "*grupos de valentões*", "*dentro e fora da igreja homens de ponches, e armados*". O centro do conflito "*era o J. de Paz quem se mostrava mais tranqüilo, quando baionetas ofendiam os cidadãos*". Ele "*acoitou em sua casa*

a valentões, e homens reconhecidamente capazes para tudo, mandados vir de propósito de fora do município", utilizou "*quantias a comprar votos e recrutar valentões*". Foi "*ele que recusou fazer a separação, e por a votos a aprovação da Mesa*" e "*ameaçou por duas vezes mandar sair preso a um jovem cidadão, que se mostrava impávido, e que descobrindo o peito, e mostrando-se desarmado, invocava contra si as baionetas, e exortava aos do seu lado*". Essas ameaças repetidas, de prisão, foram a máxima violência registrada, porque os oposicionistas cederam e aceitaram a mesa proposta pelo Juiz de Paz com "*dois Caramurus, e dois Chimangos*" (O CORREIO DE MINAS, 13/2/1841, 3/4/1841). Essas eleições geraram versos:

> Eis o Juiz de Paz convulso e roxo
> C'o unhas e dentes listas rasga a centos
> (Só de Caramurus) e diz rasgando
> E's – Voto – e desempato.
> O CORREIO DE MINAS, 26/3/1841.

Com uma mesa composta por dois membros de cada lado, ele sempre tinha a decisão final. Voto de Minerva que os opositores consideravam ilegal, como na Representação que os deputados do lado derrotado produziram, no qual falam desse "*voto de qualidade, desconhecido na legislação*" (O CORREIO DE MINAS, 8/5/1841).

A imprensa oposicionista conta que em Diamantina os governistas "*foram comprando assinaturas de proletários por preços, que custa acreditar*". Teriam espalhado "*que todo GN, que não votasse em sua chapa seria metido em ferros, e recrutado*". Teriam sido apurados "*votos de Africanos, mendigos, meninos de escola, e até de mortos sepultados há 5, e 6 anos*". Também haveria homens armados a começar pelo "*Promotor na Diamantina com um bacamarte na mão direita, uma pistola na esquerda, e uma catana ferrugenta debaixo do braço*" (O CORREIO DE MINAS, 20/3/1841).

Em Baependi a imprensa de oposição conta que foi feita uma Representação de "*três membros da Mesa Paroquial da Vila de Baependi queixando-se de infrações da Constituição, e das Leis, cometidas na eleição de Eleitores, a que ali se procedeu*" (O CORREIO DE MINAS, 7/8/1841).

O caso de Mariana não tem nada de cacete, e muito de Juiz de Paz:

> certo Juiz de Paz, que, presidindo a uma Assembleia Paroquial, vendo que o lado dos que lhe pertenciam era metade do da oposição, desceu de sua alta cadeira, vem ao corpo da Igreja, e pega pelos peitos d'um, que lhe pareceu mais medroso, e diz-lhe – Você é inimigo do Imperador? O pobre responde-

> lhe, tremendo, - não, Senhor. – pois então passe para aquele lado (O CORREIO DO POVO, 21/11/1842).

Em Araxá o Dep. Provincial Paula Santos denunciou que "*intervindo nelas a força da autoridade pública, demitindo Empregados, e oficiais da Guarda Nacional, suspendendo Juízes, e ameaçando-se os votantes*", e "*os cidadãos industriosos do partido oposto foram pela maior parte privados de votar, opondo-se-lhes uma coluna de votantes*" (O CORREIO DE MINAS, 17/2/1841). Mais uma vez temos o Juiz de Paz atuando, colocando os opositores no final da fila, que é só o que pode significar "*opondo-se-lhes uma coluna de votantes*".

Deve-se prestar atenção às datas das denúncias. Só em 2 de abril de 1841 a Assembleia Legislativa Provincial de Minas Gerais aprovou um documento denunciando eleições de novembro de 1840 e pedindo a anulação e "*que a Lei eleitoral seja reformada*". Começa afirmando que "*A Província de Minas Gerais tinha até o presente escapado as cenas de escândalo, que em outras tem infelizmente aparecido em ocasiões semelhantes*", e descreve esses escândalos, como o "*aumento de quase trezentos eleitores*", que "*Em quase todas as Paróquias, em que algum dos quatro Juízes de Paz era afeiçoado ao partido ministerial* (...) *se lhe devolvia a jurisdição por ordem do Governo*", e "*nomearam Párocos, quando os da Freguesia os não queriam acompanhar*", o que teria acontecido em São Caetano (em Mariana), no Serro e em Baependi. Do ponto de vista do uso da força "*A Guarda Policial foi mandada para alguns pontos*" e a Guarda Nacional foi "*privada de mais de quarenta de seus Distintos Chefes*" (O CORREIO DE MINAS, 8/5/1841).

É similar ao que os deputados afirmavam individualmente. O Deputado Barbosa perguntou "*em que canto da Província não se empregou a força para oprimir o voto livre do cidadão onde é que o Poder não interveio com todos os seus meios para derrotar os seus adversários Políticos?*" E detalhou esse uso da força: Os governantes "*demitiram Juízes de Paz para que a eleição fosse presidida por pessoa que dando ao Partido conquistador uma Mesa sua, lhe desse também a vitória*". Então os "*Juízes de Paz nomearam Párocos (cresce a atenção) para substituir os legítimos, que tinham a cautela de por em coação para apartá-los das Mesas*". Acrescenta então uma denúncia de fraude, pois "*votaram Eleitores, que não votavam nos Colégios*" (...) "*foram votar em colégio de outro lugar, e para o 1º se chamaram suplentes duplicando-se assim o número de votantes de uma Paróquia*". O Deputado Penido disse que "*o votante não tinha conhecimento e vontade; as ameaças regeram as eleições, elas foram coactamente feitas*" (O CORREIO DE MINAS, 17/2/1841, 12/2/1841).

As denúncias mais interessantes são as de que os Liberais envolveram "*As classes*

ínfimas da sociedade". O Deputado Badaró denunciou "*listas furtadas; admitidas a votarem crianças,* ***e pessoas que não tinham a renda da lei***". O Deputado Roberto Sanches referiu-se a "*eles e seus* ***populares***", ao falar das eleições no Serro. Para o *Correio* seus adversários "*chamavam a tomar parte nas votações, e mesmo nas questões de alta política aos* ***proletários****,* ***vagabundos****, e até, quem tal o dissera, a* ***cativos***" e assim "*multiplicando os votantes a despeito das leis*" (O CORREIO DE MINAS, 19/2/1841, 13/2/1841, 2/3/1842, 14/8/1841, grifos nossos). Quem tinha mais gente vencia a escolha da Mesa nas Assembleias Paroquiais. Não interessava se eram muito pobres, ou mesmo escravos, porque a definição de quem era ou não apto a participar só acontecia posteriormente, pela Mesa eleita.

E o cacete? Em alguns lugares o governo é acusado de ter feito "*esforço em perturbar a eleição, a fim de que ela se não efetuasse, como se observou nas Cidades de Campanha, e Serro, Freguesia de Pouso Alto, e na Vila de Tamanduá, onde a ordem pública está ainda agora ameaçada*" (O CORREIO DE MINAS, 8/5/1841).

Ainda de violência existe a denúncia que "*os oficiais, e os soldados, que prevenidamente se dividiram por diversos lugares da Província para dar chapas de encomenda, para aterrar a parte sã*". Em Barra Longa "*o Vigário desta Paróquia foi ameaçado na Mesa Eleitoral, e por quem, até o ponto de obrigarem-no a deixá-la*". Por quem? Seria pelo presidente da Mesa, o Juiz de Paz? E o "*requerimento dos Povos da Ponte Nova, queixando-se da violência com que foram esbulhados de Direitos Políticos nas últimas eleições*" (O CORREIO DE MINAS, 28/2/1841, 6/10/1841, 22/4/1841).

É curioso que a imprensa Liberal, no governo, conta os mesmos fatos, até com mais detalhes, mas com julgamentos diferentes. Para o *Echo* as irregularidades foram todas da oposição:

> na Campanha o ex-presidente Veiga, no Tamanduá o ex deputado Antunes, e na Diamantina o Cônego Joaquim Gomes perturbaram as Assembleias Paroquiais, e conseguiram que se não elegessem os Eleitores (...) no Serro o ex-Comandante Superior Carneiro fez o últimos esforços para o mesmo fim (ECHO DA RASÃO, 12/12/1840).

Sobre as eleições de Campanha existem as interessantes *Recordações* de Ferreira de Rezende, filho de um Luzia:

> Bernardo Jacinto da Veiga tinha uma tal facilidade para contas, que segundo mais de uma vez eu ouvi dizer, ele lançava os olhos para uma extensa coluna de algarismos; e só com os olhos a somava com mais rapidez e exatidão do que qualquer outra pessoa com tinta e pena. Bernardo Jacinto, portanto,

> apreciando bem o estado em que as coisas se achavam, e vendo que a perda da eleição na Campanha seria para o partido conservador, não simplesmente uma vergonha depois de tantas vitórias, mas ainda de um péssimo efeito moral para o resto da província; enquanto se tratava de formar a mesa e que se discutia uma questão de ordem que de propósito ou por acaso se havia levantado, ele sobe disfarçadamente a um dos púlpitos, consegue contar os votantes de um e do outro lado; verifica que os liberais dispunham de maioria, embora não muito grande; desce imediatamente do púlpito e dirige-se a meu tio Domingos Ferreira Lopes que era o juiz de paz que presidia a eleição; diz-lhe ao ouvido rapidamente algumas palavras; e sem mais demora aquele meu tio declarando à assembleia paroquial que a questão de que se tratava sendo extremamente intrincada, ele ia a respeito consultar o presidente da província; e que, portanto, adiava a eleição (REZENDE, 1944, pp.127-128).

Mais uma vez o Juiz de Paz e não o cacete aparece como protagonista nessas eleições. A imprensa Liberal da época também conta que em Campanha o Juiz de Paz adiou os trabalhos por um dia, e no dia seguinte, ao chegarem à igreja, Liberais viram um edital cancelando as eleições. O manifesto dos Liberais contra esse cancelamento teria tido 366 assinaturas. Em seguida "*consultado o governo, determinou este que ela se fizesse em outro dia. Já se procedeu a dita eleição*" (O UNIVERSAL, 20/11/1840, 30/12/1840). Pela diferença de votos entre Liberais e oposição fica claro que a oposição quase não votou dessa vez.

Sobre demissões de adversários a imprensa Liberal confirma a do Tenente Coronel da GN de Diamantina, Francisco Roberto, e diz que "*A oposição, que se servia da influencia deste homem para coagir os guardas nacionais a votar na sua chapa para eleitores ficou danada*". Diante de manifestações dos oposicionistas, os Liberais pediram o envio de tropas para o Serro (O UNIVERSAL, 6/11/1840). O Juiz de Direito, Stokler, chamou tropas de Diamantina e fez se demorar no Serro mais alguns permanentes que passavam por lá. No dia das eleições os oposicionistas teriam atacado a igreja:

> os escravos de Joaquim Antonio de Araújo mais sôfregos que outros não esperaram pelo sinal, e avançaram para a igreja de bacamartes, e dando – morras – ao juiz de paz; a guarda policial avançou, conseguiu prender um dos negros (O UNIVERSAL, 18/11/1840).

Mantendo o domínio da Mesa, os Liberais negaram um maço inteiro de listas oposicionistas. Os representantes oposicionistas deixaram a mesa e foram substituídos por outros oposicionistas várias vezes. Finalmente, os oposicionistas se retiraram todos da igreja. A imprensa Liberal tenta justificar afirmando que entre as listas oposicionistas havia "*homens que haviam morrido a 2 e 3 anos, 7 assinadas por Manoel de Jesus, 5 por Manoel do Prado, 11 por Manoel Antonio Tardim, e umas poucas assinadas por Braz Satanaz, Papa Pio 5º etc.*"

(O UNIVERSAL, 18/11/1840).

A imprensa Liberal diz que no arraial de Santa Rita, no Presídio, "*na noite do 1º para 2 de novembro p.p.*" o "*partido infame*", como o Juiz de Paz desse arraial chamava seus adversários não-Liberais, "*quis se apoderar da urna das eleições desta freguesia para o fim que ninguém ignora*" (O UNIVERSAL, 9/12/1840).

Em Baependi os oposicionistas teriam tentado atrapalhar as eleições. Alguns oposicionistas teriam feito pontaria sobre os Liberais. O vigário e seu irmão teriam subido na mesa e o choque armado teria sido evitado pelos 12 permanentes enviados pelo governo. Sobre o vigário subir na mesa, o Juiz de Paz afirmou que "*eu também subi sobre a mesa, e clamei pela ordem na ocasião do tumulto*". O Juiz de Paz diz que não proferiu "*uma só palavra ofensiva, que não prendeu nem ao menos ameaçou*", mas usou o voto de Minerva. Os oposicionistas abandonaram a mesa, ou seja, as eleições (O UNIVERSAL, 20/1/1841, 25/1/1841, 15/11/1840).

Em Mariana, acusavam os Liberais, um oposicionista "*lançou mão dos últimos recursos a ver se conseguia por meio da anarquia atrapalhar a eleição*". Os oposicionistas se retiraram e nenhum foi eleito como Eleitor (O UNIVERSAL, 4/11/1840).

Em São João Del Rei não foi a oposição, mas a situação quem informou que Marinho, no posto de Juiz de Paz, só liberou 66 das 400 listas entregues por oposicionistas (O UNIVERSAL, 15/11/1840). Às vésperas das eleições ocorreu uma tentativa de tomar de Marinho o posto de Juiz de Paz (VELLASCO, 2004, p.128). Confirma o quanto a presidência da mesa era decisiva.

Também em Ouro Preto é a folha Liberal que confessa que cinco policiais receberam baixa por terem participado das eleições ao lado da oposição. Teriam participado de um tumulto no qual não só "*eles se enfureciam, saltavam sobre os bancos, recorriam aos vigorosos pulmões, gritavam como feras, perturbavam a ordem, ameaçavam, desobedeciam, davam empurrões...*". Depois os oposicionistas teriam abandonado "*inteiramente o campo*" por se saberem minoritários (O UNIVERSAL, 15/2/1841, 4/11/1840). É que decidida a mesa estava decidida a eleição.

Em Minas Gerais não há registro de nenhum assassinato ligado às eleições do cacete. Só no Rio de Janeiro registrou-se o assassinato, mesmo assim de um governista, o Padre Froes "*assassinado com um tiro de bacamarte, do qual se vira ameaçado desde o dia 25 de outubro, por motivo de eleições*" (O UNIVERSAL, 9/12/1840). Para quem se esforçava por pintar a eleição de 1840 como o "*império do cacete, o domínio do bacamarte*" (O CORREIO DE MINAS, 30/10/1841), o *Correio de Minas* tinha pouco mais que a imagem de valentões

ameaçadores:

> Com pistolas, punhais, e bacamartes,
> De ponche curto valentões cobertos
> Da igreja em torno, como de emboscada
> Postavam carrancudos
> (O CORREIO DE MINAS, 2/4/1841).

Sobre os resultados, o *Echo* comemorando que o Partido Nacional[103] "*excluiu das urnas eleitorais os nomes dos Setembristas*" publicou os resultados separados com os títulos "*governistas*" e "*oposicionistas*", o que era uma novidade nas folhas mineiras. Em 41 Colégios eleitorais o mais votado, Limpo de Abreu, teve 1091 votos, e o vigésimo, único oposicionista, Herculano Ferreira Pena, ex-redator do *Novo Argos*, estava com 599 votos. Quase todos os governistas tiveram de 700 votos para cima, e quase todos os oposicionistas ficaram com menos de 500 votos (ECHO DA RASÃO, 12/12/1840, 19/12/1840), evidenciando que os lados políticos conseguiram combinar chapas.

Que Herculano tenha sido o único oposicionista a ficar entre os 20 mais votados parece confirmar, salvo o exagero, as acusações do *Universal* de que "*ditava a Lei na Presidência o Sr. Herculano*" dada "*a fraqueza e nulidade do Presidente*", que teria agido "*contra os candidatos maioristas, empregando em favor da oposição todos os meios, todos os recursos, de que pode dispor um governo provincial, e protegendo esses abusos, e violências*" (O CORREIO DE MINAS, 8/9/1841). O *Correio de Minas* nega essas acusações, realmente difíceis de acreditar, sendo mais provável que Herculano, por sua defecção das fileiras Liberais ser recente, ainda tenha conseguido que alguns Eleitores Liberais incluíssem seu nome em suas listas.

Merece destaque que em Sabará e ao menos em partes de Queluz a oposição venceu, assim como em Pitangui, Oliveira e Conceição, Piumí, Itajubá, Três Pontas, Uberaba, São Domingos, São Romão, Barra do Rio das Velhas e Campo Belo. Em Queluz, para terem 9 de 37 eleitores, os oposicionistas teriam falsificado 300 listas (O UNIVERSAL, 23/11/1840, 2/12/1840, 9/12/1840, 14/12/1840, 18/12/1840, 4/1/1841, 15/11/1840).

As eleições de 1840 foram a decorrência lógica do desenvolvimento das táticas eleitorais, até sua quase aceitação. As exceções foram as eleições de 1836, porque os lados estavam se reorganizando. As denúncias referentes às eleições de 1840 foram semelhantes às de 1833, com mais repetição, embora e porque sem revolta, mas sobretudo porque havia um

103 O mesmo lado que se denominava Liberal gostava de designar seu lado como Partido Nacional, ou Grande Partido Nacional, assim como gostavam de se chamarem "patriotas".

objetivo em denunciar, sobretudo a partir de 1841 – O lado que entrou no governo, para continuar no governo, precisava se livrar da Câmara dos Deputados eleita em 1840, que tomaria posse em maio de 1842. A fama de violenta das eleições de 1840 foi criada para possibilitar a dissolução. Foram feitos "*constantes ataques por parte dos regressistas*", por mais de um ano (observe-se as datas da maioria das denúncias elencadas acima), "*Fato que levou a mesma a ficar conhecida como as 'Eleições do Cacete', abrindo espaço para que se fomentasse a ideia de que aquela câmara não assumisse*" (SILVA, SILVA, 2010, p.8). É por isso que "*O elemento suspeito na lenda negra dessas eleições é que a apuração final esteve longe de revelar a mesma unanimidade que caracterizou outras eleições menos celebradas*" (CASTRO, 1978, p.66).

A imprensa Liberal perguntou, "*E qual foi a casa violada no meio destes horrores? Qual a família menoscabada? Qual o cidadão maltratado? Quais os bens roubados? Qual a interrupção do comércio? Qual o homem assassinado?*" E concluiu, "*Para eles as eleições foram feitas com cacetes e punhais, e no entanto nem um só nos consta que saísse ferido, ou espancado*" (O UNIVERSAL, 9/12/1840, 17/2/1841).

As eleições do cacete em Minas Gerais não tiveram nenhum morto para municiar a imprensa oposicionista. O que aconteceu, dos dois lados, foi o abuso de poder por parte dos juízes de paz como presidentes das Mesas. Foram as eleições dos Juízes de Paz. Por que a imprensa situacionista (desde março de 1841) transformou eleições dos Juízes de Paz em eleições do cacete? Porque os situacionistas queriam anular as eleições de 1840 e penadas de Juízes de Paz eram assunto batido, argumento insuficiente para comover a opinião pública.

3.1.2 Sedição de Araxá

Em Araxá um movimento explodiu na noite de 12 de julho de 1840:

> Este movimento, que a princípio parecia particularmente dirigido contra o Juiz Municipal, que, por impedimento do Juiz de Direito da Comarca, presidia as Sessões do Júri, colocou em coação a Câmara Municipal, Juiz de Direito, Municipal e mais Funcionários públicos, que foram forçados a refugiar-se no Distrito do Desemboque, por não encontrarem apoio no Coronel Chefe de Legião, que não prestou o auxilio requisitado, ao mesmo tempo que o deu ao Juiz de Paz (O CORREIO DE MINAS, 16/4/1841).

Diz o Deputado Barbosa que:

> houve uma reunião de mais de 400 pessoas, entrando neste número indivíduos de diversos Distritos, e alguns criminosos, concitados pelo Tenente Coronel João José Carneiro de Mendonça, e seus filhos (O CORREIO DE MINAS, 11/3/1842).

Além do Juiz de Paz e do comandante da Guarda Nacional, o Pároco também fez parte do movimento, cujo objetivo seria depor o Juiz de Direito interino, Antonio da Costa Pinto Junior (O CORREIO DE MINAS, 11/3/1842).

No código penal de então tentar depor autoridades era considerado como sedição, mas para os Liberais não existiu sedição alguma. O Juiz de Paz, Manoel Gonçalves Pinheiro da Cunha, diz que no dia 13 de julho de 1840 saiu para fazer um ronda, acompanhado de jurados, para averiguar uma "*reunião de povo*". O Juíz de Direito Interino que também era o Juiz Municipal, Antonio da Costa Pinto Junior, o teria cercado com homens armados, rendido e insultado. Quando voltou para sua casa, o Juiz de Paz teria ouvido tropel de cavalos, e convocado "*pessoas para rondar*". No dia seguinte, continua o Juiz de Paz:

> apresentou-se em minha porta um numerosíssimo concurso de povo, trajado decentemente, e desarmado, e me foi entregue uma Petição em que o mesmo povo requeria para assinar termo de bem viver Antônio da Costa Pinto [o Juiz Municipal e Interino de Direito], ou sair para fora do município (O UNIVERSAL, 28/8/1840).

Esse Costa Pinto era acusado por seus opositores de uma série de crimes, perseguições, assassinatos etc. Sobre o povo, que seriam 600 a 700 pessoas, estar desarmado, diz que "*...constou que algumas pessoas entraram armadas de noite na vila, porém não é isto de admirar por ser costume inveterado nestes países andar-se armado ainda em pequenas viagens...*". Sobre a Câmara e o Juiz de Direito terem saído também da sede da vila, o Juiz de Paz diz que "*não dei crédito por ser um fato que jamais se deveria praticar*", e ainda diz que "*tudo isso tendo lugar depois que foi para a fazenda da serra o doutor juiz de direito*", insinuando portanto que esse juiz era o culpado (O UNIVERSAL, 28/8/1840).

Uma das últimas medidas do presidente Bernardo da Veiga em 1840, quando já esperava um substituto, foi mudar a oficialidade da Guarda Nacional de Araxá, e enviar forças contra o lado político ao qual era oposto (O UNIVERSAL, 17/8/1840). Apesar do governo ter mudado o comandante da GN e mandado Câmara e Juízes voltarem, eles ficaram em Desemboque e "*Tal era o estado das coisas (...) quando chegou ao Araxá a notícia da declaração da Maioridade de SMI*" (O CORREIO DE MINAS, 11/3/1842).

Com a Maioridade, o lado dos sediciosos se tornou governo. O novo presidente,

"*para proteger a seu cunhado, e parentes envolvidos em os movimentos de Araxá, removeu ao Sr. Dr. Teotônio Manoel Soares do lugar de juiz de direito de Paracatú, substituindo-o por seu cunhado Dr. João Carneiro*" e reempossou o comandante da GN demitido por Bernardo da Veiga. Em Setembro de 1840, os vereadores de Araxá ainda estavam em Desemboque (O CORREIO DE MINAS, 19/3/1842, 22/4/1841). Em 1841 os Liberais elegeram e empossaram uma nova Câmara (O UNIVERSAL, 12/2/1841).

Não era a primeira revolta de Araxá depois da independência. Foi citada uma "sedição" em Araxá em 1832, da qual pouco se sabe (O UNIVERSAL, 28/8/1840).

3.1.3 Conflitos de Tamanduá

Em Tamanduá (atual Itapecerica) a violência foi resultado da luta pelo posto de Juiz de Paz, presidente da mesa eleitoral. A versão Liberal é que as eleições municipais teriam ocorrido em paz. Antes das eleições de eleitores, a Câmara Municipal deliberou substituir o Juiz de Paz Francisco José Soares por seu imediato, sob alegação de que Francisco acumulava esse cargo com o de Tenente Coronel da Guarda Nacional. Mas o líder oposicionista, padre João Antunes[104], não aceitou a deliberação da Câmara e fez Francisco Soares se manter no posto contra a lei. Cada Juiz de Paz era apoiado por um lado político (O UNIVERSAL, 12/2/1841).

Dia 30 de outubro de 1840 ocorreria uma audiência, e os dois juízes foram, e o padre João Antunes também. Naturalmente, aconteceu um tumulto, e "*vários jovens aos empurrões o levaram* [ao padre] *até a rua, sem que viva alma tomasse a sua defesa*" (O UNIVERSAL), ou dito com outras palavras, "*a briosa mocidade, perdida a paciência, se arrojou contra ele, e o tocou da Sala para a rua a murros e pontapés*" (O UNIVERSAL, 16/11/1840, 21/12/1840).

Dito pelo Presidente da Província, o Juiz de Paz efetivo teria sido:

> acometido por um grupo, do qual faziam parte pessoas armadas, que depois de lhe haverem arrancado o distintivo de seu cargo, voltaram-se contra o Presidente da Câmara, que é também Pároco da Freguesia... (...) ...e dali o expeliram a força de ameaças e gritos anárquicos (O UNIVERSAL, 12/2/1841).

---

104 Padre João Antunes Correa. Em 1833 era Moderado, porque acusou outro padre local de ser Caramuru (ASTRO DE MINAS, 19/9/1833). Três anos depois ele era atacado pela mesma folha na qual acusara o outro padre, pois teria, como deputado da Assembleia Legislativa Provincial, chamado a Guarda Nacional de "*planta exótica*" (ASTRO DE MINAS, 14/7/1836). Ou seja, foi um dos muitos Moderados que se tornaram Regressistas.

Depois disso o padre pediu ajuda de seus partidários de Campo Belo, chefiados pelo coronel de legião Narciso Ferreira de Oliveira, que entraram armados na igreja no dia da eleição. A eleição foi presidida por um terceiro Juiz de Paz, indicado pela Câmara no dia 31 como forma de acordo entre as partes. Segundo os Liberais esse *tertius* também estaria ao lado do padre Antunes. Foi ele que dissolveu a Assembleia Paroquial.

Tamanduá ficou sem eleitores nas eleições de 1840, famosas "eleições do cacete", e nesse caso quem usou de violência no dia das eleições teriam sido os oposicionistas de Campo Belo. O que importa contudo é que a partir desses episódios essa localidade ficou praticamente em estado de guerra. Os vereadores Liberais foram acusados de sedição devido às pancadas dadas no padre e no Juiz de Paz que a Câmara tinha deposto, e processados por um Juiz Municipal substituto. O Juiz de Direito, quando se inteirou, primeiro mandou vereadores substitutos tomarem posse. Logo depois os vereadores foram presos, pediram *habeas corpus*, e o Juiz de Direito Manoel José Pinto de Vasconcelos "*soltou os membros da câmara municipal, que se achavam presos, e os declarou aptos para entrarem outra vez em exercício*". A oposição condenou a atitude do Juiz, e insinuou uma ameaça de sedição, inclusive por meio de seus deputados na Assembleia Legislativa Provincial. Então o presidente da Província suspendeu os vereadores (O UNIVERSAL, 26/3/1841, 5/4/1841, 28/4/1841).

Como resultado das tensões políticas, a população teria se retirado da Vila "*desde a fatal época das eleições primárias*" (O CORREIO DE MINAS, 5/6/1841, 1/7/1841). Para o Presidente "*Era então evidente o perigo de um próximo rompimento, porque a irritação dos espíritos cada vez mais subia de ponto, e os contendores tratavam de reunir gente de parte a parte para baterem-se talvez como inimigos*". A Guarda Nacional estava com a oposição (O UNIVERSAL, 12/2/1841, 21/12/1840). Então o Governo enviou um Destacamento de 14 Permanentes (O CORREIO DE MINAS, 5/6/1841) para manter a ordem, ou para proteger seus correligionários, diriam os opositores:

> Partiu desta cidade para a vila de Tamanduá no dia 19 do corrente uma força de permanentes comandada pelo Sr. Tibúrcio Fernandes de Mello, a fim de pacificar as desordens que grassam naquela vila desde o dia 1º de novembro (dia das eleições primárias) (O UNIVERSAL, 21/12/1840).

Viu-se que as "desordens" começaram antes. Acrescente-se que os vereadores queriam que o Presidente lhes desse posse de seu novo mandato adiantadamente, e como ele se negou, deram-se "*mutuamente posse*" (O CORREIO DE MINAS, 9/2/1841).

Quando o Gabinete Maiorista caiu, o novo Presidente enviou mais soldados, mas dessa vez contra os Liberais. Um Liberal de Tamanduá reclamou que ”*vem uma força de 20 ou 30 praças para ameaçar o partido maiorista*”. Em 1812 Tamanduá tinha 120 casas, e em 1840 os Liberais dessa Vila seriam 22 ou 23 famílias (O UNIVERSAL, 19/7/1841, 28/4/1841; CARRARA, 2001, p.150).

3.1.4 A Guerra de Assinaturas

Dois meses antes do conflito armado, as folhas de situação e de oposição travaram uma guerra de coleta de assinaturas. Eram assinaturas em documentos popularmente chamados Representações, oficialmente Petições. Fazia-se Representações por variados motivos, com variados destinos, por parte de variados autores. Em 1841 as Câmaras de Vereadores de diversos municípios mineiros enviaram Representações ao Trono e a outras instâncias governativas contra a aprovação da Reforma do Código do Processo e a recriação do Conselho de Estado, e três delas foram dissolvidas por isso, e os vereadores processados. Em 1842, a Assembleia Legislativa de São Paulo enviou uma delegação para entregar pessoalmente a D. Pedro II uma Representação com o mesmo conteúdo, mas a delegação não foi recebida. A Assembleia Legislativa de Minas Gerais “representaria”, quando foi adiada. Chegou a ser escrita, aprovada em maio de 1842, e para Diogo de Vasconcelos “*de certo muito contribuiu para que a rebelião aparecesse nesta Província (apoiados)*”, porque a Assembleia “*fez remessa às Câmaras, e aos Juízes de Paz da sua representação anárquica, e incendiária, dessa declaração de guerra que ela dirigiu ao Supremo Chefe da Nação*”. O autor teria sido o deputado Olímpio Catão, que em 1842 não foi cassado porque não chegou a pegar em armas (O CORREIO DE MINAS, 18/10/1842).

Representar era um direito previsto na Constituição, mas também um dever político de quem queria enfrentar o governo, como se nota nessa admoestação aos rebeldes de 1833:

> O $ 30 do Art. 179 da Constituição permite o direito de petição, e queixa ao Poder Legislativo, e Executivo; permite a exposição de qualquer infração da mesma Constituição, e o requerimento perante a competente autoridade da efetiva responsabilidade dos infratores, como pois se não lançou mão de semelhante direito estabelecido, quando fossem verídicas as acusações? (ASTRO DE MINAS, 24/10/1833).

Claro que era uma forma de se medir forças, como sete anos depois da revolta de 1842 *O Povo* explicou:

> o club central para comprometer os tolos manda assinar certos protestos, como em 1842 mandava assinar representações, não porque acreditassem nas ditas representações, como hoje não acreditam nos protestos, mas com o fim principal de verificar a força de que podem dispor para qualquer movimento (POVO, 1/7/1849).

Diria ainda que "*foi assim que principiaram em 1842*" (POVO, 1/7/1849).

Realmente, no início de 1842, sobretudo até maio, os oposicionistas fizeram Representações contra o Ministério e contra "as duas leis de sangue" (recriação do Conselho de Estado e reforma do Código do Processo), enquanto a situação fez suas Representações a favor do Ministério a das "leis salvadoras", e publicaram essas Representações pela imprensa. Estabeleceu-se uma disputa de demonstração de força, em que ambos os lados colheram assinaturas populares (JORNAL DO COMMÉRCIO, 23/1/1842, 1/2/1842, 20/2/1842, 27/2/1842, 1/3/1842, 2/3/1842, 4/3/1842, 6/3/1842, 7/3/1842, 11/3/1842, 12/3/1842, 13/3/1842, 14/3/1842, 20/3/1842, 24/3/1842, 25/3/1842, 26/3/1842, 30/3/1842, 31/3/1842, 2/4/1842, 3/4/1842, 4/4/1842, 8/4/1842, 10/4/1842, 12/4/1842, 13/4/1842, 14/4/1842, 27/4/1842, 2/5/1842, 19/5/1842, 21/5/1842, 22/5/1842, 26/5/1842, 29/5/1842, 8/6/1842; UNIVERSAL, 7/2/1842, 11/2/1842, 8/3/1842, 8/4/1842, 7/5/1842; MAIORISTA, 30/12/1841, 15/2/1842, 17/2/1842, 19/2/1842 1/3/1842).

A princípio os governistas tentaram somente desacreditar as Representações. O *Correio de Minas* perguntava "*De que valem essas representações?* (...) *Exprimem elas ao menos a opinião dos signatários?*" (19/1/1842). Mas precisaram entrar em campo e publicar suas próprias Representações.

É importante observar nessas Representações as localidades e assinaturas, sobretudo nas de todo o povo, pois nelas, quase sempre, o nome é seguido de informações como "lavrador", "guarda nacional", "Juiz de paz, fazendeiro e negociante" etc. Portanto elas permitem estudar as bases de influência de legalistas e oposicionistas às vésperas da revolta de 1842 como poucos outros documentos.

Interessam, primeiro, as localidades de origem delas. Existem muito mais listas governistas do que oposicionistas, porque o *Jornal do Comércio*, diário e de tamanho grande para a imprensa brasileira da época, só publicava Representações dos governistas. São um total de 19 municípios dos quais existem informações governistas: Barbacena, São João Del Rei, Aiuruoca, Campanha, Itabira, Sabará, Serro, Mariana, Caeté, Minas Novas, Baependi, Lavras, Presídio, Pouso Alegre, Piranga, Curvelo, Ponte Nova, Nossa Senhora das Mercês (distrito de Pomba) e de Uberaba uma só com eleitores mas na qual nos fornecem mais informações. Dos Liberais somente as Representações de Barbacena, São João Del Rei,

Aiuruoca, Campanha, Tamanduá, Itabira, Formiga e do arraial de Santo Antônio do Monte. As cinco primeiras publicadas no *Maiorista*, e as três últimas n'*O Universal*.

Mapa 2 – Localidades de onde partiram petições populares

Fontes: *Jornal do Commércio*, *O Universal* e *Maiorista*. Elaborado pelo autor.

Existiram outras, publicadas em números de jornais que se perderam, ou não publicadas. É o caso de Curvelo e de Pouso Alegre. A Representação governista de Curvelo se refere à representação dos Liberais do mesmo município, mas não foi publicada ou se perdeu (JORNAL DO COMMÉRCIO, 26/5/1842). Já a Representação de Pouso Alegre aparece no *Maiorista* (8/3/1842), mas sem nenhuma assinatura, que segundo essa folha do Rio de Janeiro seriam 1359 registradas em cartório dia 3 de fevereiro de 1842. O *Correio de Minas* (23/2/1842) diria dessa lista dos oposicionistas de Pouso Alegre ter somente "*umas 400*" assinaturas. Diz O *Universal* (13/4/ 1842) que os governistas tinham feito uma lista de

Tamanduá. O *Echo da Rasão* (18/2/1842) ao começar a publicar a Representação dos Liberais de Tamanduá, diz que publicaria as de Aiuruoca, que ainda existe, e a de Baependi, que se perdeu, e de muitos outros municípios. A Representação de Baependi foi publicada no *Universal* de 7 de maio de 1842, mas sem as assinaturas, que seriam 478. Existiu também uma Representação do arraial de Cabo Verde, oposicionista, enviada à Assembleia Legislativa Provincial, em abril de 1842 (O CORREIO DO POVO, 17/10/1842).

É fácil descrever essas listas de assinaturas. Quase sempre o primeiro a assinar era um padre, normalmente um vigário, seguido de outras pessoas com postos de mando e vários títulos. O número de títulos, postos, profissões etc. cai até aparecerem nomes sem informação nenhuma.

Ambas as parcialidades enviaram "agentes" para recolherem o máximo de assinaturas que fosse possível (JORNAL DO COMMÉRCIO, 8/5/1842)[105]. Acontecem portanto casos de pessoas que assinam as duas listas, e algumas que publicam pedidos para retirar sua assinatura de uma das listas, ou porque se sentiam enganadas, ou porque simplesmente mudaram de ideia. Algumas justificativas para se mudar de lista são interessantes. Um assinante diz que "*iludido, assinei, na capela da Mutuca, uma representação que não li e nem ouvi ler, dizendo-me que era para manter a Constituição e as leis...*", e outro diz que "*me disseram que as reformas do código eram para nos forçar ao antigo despotismo, e agora me consta que o mesmo papel é contra o governo...*". As acusações são diversas de lado a lado. Estaria em uso desde o medo do recrutamento até a simples alegação de ser "*para o fim de utilidade pública*" (JORNAL DO COMMÉRCIO, 22/3/1842, 8/5/1842, 19/5/1842), incluindo um vigário que estaria dizendo ter sido feito Bispo, e que o governo o teria pedido para recolher assinaturas (O UNIVERSAL, 7/5/1842). Em um desmentido um assinante se diz analfabeto (JORNAL DO COMMÉRCIO, 22/3/1842). Obviamente esses "desmentidos" eram peças de propaganda contra as Representações adversárias. Os Liberais também denunciaram, sobre a representação de Nazareth, que:

> muitos indivíduos, que estavam ausentes trabalhando na Paraíba, alguns mortos não poucos, muitos meninos, que ainda não estão no gozo de seus direitos, muitos assinados, que não sabem ler nem escrever, representando como oficiais da GN alguns velhos de mais de oitenta anos (DESPERTADOR MINEIRO, 9/4/1842).

---

105 Existem os nomes de 4 homens que recolheram assinaturas em Santana do Sapucaí, acusados de iludirem 14 assinantes (JORNAL DO COMMÉRCIO, 6 de Abril de 1842).

Em cinco municípios é possível comparar as assinaturas das Representações oposicionistas e governistas.

Os números totais de assinantes confirmam que são quatro localidades de maioria oposicionista, incluindo Barbacena, onde a revolta de 1842 explodiu, e São João Del Rei que foi a capital dos rebeldes. Só uma apresentou maioria situacionista, Campanha, que resistiu à revolta. Fica fácil entender porque escolheram iniciar a revolta em Barbacena, uma vez que certamente também tinham feito essas contas.

Tabela 1 – Categorias que indicam poder local

	Barbacena		Itabira		Campanha		Aiuruoca		SJDR	
	Gov.	Opos.	Gov.	Opos	Gov.	Opos.	Gov	Opos.	Gov.	Opos
Totais	284	1122	28	943	1143	767	247	858	389	746
Juízes de Paz	11	44	03	13	29	09	02	35	06	23
Religiosos	02	17	01	07	10	07	02	10	09	08

Fontes: Fontes: *Jornal do Commércio*, *O Universal* e *Maiorista*.

Os juízes de paz são um indicativo de poder político local, visto que eram eleitos por paróquia. Sua soma total nem faz sentido. Eles confirmam o domínio dos Liberais em 4 das municipalidades e dos governistas em Campanha. Nota-se na Tabela 1 que o lado que tinha mais juízes de paz tinha mais assinaturas, confirmando a representatividade dos juízes de paz.

A porcentagem de religiosos é praticamente a mesma, 1,14% entre os governistas e 1,10% entre os oposicionistas. As Pessoas Instruídas somam 3,1% nas listas governistas e 2,4% nas listas Liberais, ensinando mais sobre essa sociedade que sobre os lados políticos. Porém, pode-ser notar que nos municípios em que um lado conseguiu mais assinaturas também tinha mais juízes de paz, mais padres, e outras pessoas instruídas. É interessante porque coloca em cheque a teoria de que as eleições não seriam representativas – os lados que colheram mais assinaturas foram os que elegiam os juízes de paz. Eram também os que tinham mais influenciadores, ou seja, padres e pessoas instruídas.

A Guarda Nacional se destaca em quase todas as listas, mas na Tabela 2 nota-se a supremacia dos Liberais na tropa cidadã. Essa preponderância fica mais evidente quando observamos que mais de metade dos Guardas Nacionais governistas dessa tabela estavam concentrados em Campanha. Os Liberais tinham 140 oficiais da Guarda Nacional nesses cinco municípios, um para cada 12 praças, e os governistas tinham 87, um oficial para cada 8,5 praças. Uma das folhas envolvidas com a Revolta de 1842 que foi processada sob a acusação de insuflá-la chamava-se *Guarda Nacional Mineiro*.

Tabela 2 – Categorias que tiveram mais peso nas listas oposicionistas

	Barbacena		Itabira		Campanha		Aiuruoca		SJDR		Totais	
	G.	O.	G.	O.	G.	O.	G.	O.	G.	O.	G.	O.
Sem informações	42	415	0	242	160	300	30	24	165	50	397 = 19%	1031 = 23%
Guarda Nacional	135	492	6	302	422	186	136	513	115	301	814 = 39%	1794 = 40%

Obs: As porcentagens são em relação ao total de assinantes de cada lado, ou seja, as porcentagens governistas são sobre 2019 assinaturas e as oposicionistas sobre 4436. Fontes: Fontes: *Jornal do Commércio*, *O Universal* e *Maiorista*.

Em porcentagens os assinantes sem informações são em quantidade semelhante entre os dois lados, mas grande parte dos sem informações da lista governista são da lista de Nazareth, importante baluarte dos governistas de São João Del Rei, e que só trás informações políticas, como postos militares. Nazareth gerou, portanto, uma distorção para cima na porcentagem de sem informações nas listas governistas.

Em alguns poucos casos é possível pelo nome identificar que um sem informações é filho de outro que assinou acima. Há duas listas governistas, de áreas rurais, que vêm só com os nomes, com exceção dos padres, e algumas outras trazem somente informações "políticas", e não "econômicas", mas são minoria. O normal era as pessoas se designarem com o que pudessem, como o caso dos "ex", dos postos de corpos extintos como Ordenanças e Milícias, ou dos reformados (até um soldado), dos estudantes, e parece mesmo que essa era uma instrução dos chefes políticos, tanto que as listas começavam pelos que tinham mais a ostentar. Contudo, existiam exceções. No início de junho de 1842, como a revolta já tinha se iniciado em Sorocaba, os governistas fizeram uma subscrição para arrecadar dinheiro para as tropas do governo, que foi publicada no *Jornal do Comércio* de 17 de junho. Conseguiram 11 contos e 900 mil reis, de 25 pessoas, incluindo uma mulher, Mariana Candida de Jesus e Castro, citada por Marinho (1978, pp.90-91). Um desses doadores aparece na Representação sem designação nenhuma, um "sem informações", que doou 300 mil réis. Os dois Desembargadores da Representação também estão nessa lista, e doaram 200 mil réis cada, menos que o "sem informações", que era portanto um homem rico, o que se confirma aliás pelo nome de família.

Os artesãos, ou seja, trabalhadores urbanos com profissão declarada ou não, são muito raros. Isso contrasta com os dados de Saldanha sobre a GN de Mariana entre 1850 e 1873, onde estes eram quase 30% (SALDANHA, 2010, p.16). A ausência de agregados e o

número ínfimo de artesãos reforçam que essas listas trazem autorepresentações de seus assinantes, mais do que informações econômicas.

É nítido que os governistas tinham mais influência no campo que os Liberais, mas ainda assim é curiosa a baixa representação do campo em uma sociedade sabidamente rural.

Também não aparece um só capitão do mato, e sabe-se que existiam. Os feitores são raríssimos. Redatores de Periódicos também estavam com a reputação abalada, pois nenhum aparece, e alguns, como o cônego Marinho, estavam na lista e não se identificaram como redatores. Fora-se o tempo em que Nunan, redator da *Estrella Mariannense*, secretário da Câmara Municipal, apresentara-se na Lista Nominativa somente como "redator de periódico".

Deve-se notar que dos dois lados a maioria das assinaturas eram de trabalhadores rurais, guardas nacionais e sem informações.

Tabela 3 – Categorias que tiveram mais peso nas listas governistas que nas oposicionistas

	Barbacena		Itabira		Campanha		Aiuruoca		SJDR		Totais	
	G.	O.	G.	O.	G.	O.	G.	O.	G.	O.	G.	O.
Proprietários	133	60	17	120	401	30	147	305	46	127	744= 36%	642= 14%
Negociantes	20	10	5	57	67	29	23	39	42	53	157=8 %	188= 4%
Títulos de Nobreza	2	1	5	1	10	0	2	0	8	6	28	8
Militares reformados	5	3	3	4	10	21	7	24	20	12	45	64
Lavradores, agricultores, roceiros, fazendeiros.	77	49	8	196	452	187	0	92	1	218	538= 26%	742= 17%

Fontes: Fontes: *Jornal do Commércio*, *O Universal* e *Maiorista*.

Na Tabela 3 nota-se que os governistas, com somente metade de assinantes, tinham não só em porcentagem mas em números absolutos mais proprietários. É por pouco que os governistas não ultrapassaram os Liberais em números absolutos de negociantes. Também se destaca a grande diferença entre governistas e Liberais em relação aos títulos nobiliárquicos. Essa informação não desmente que "*Os líderes destas revoltas* [de 1842] *eram os mais ricos proprietários das duas províncias*" (CARVALHO, 1990, p.20). José Feliciano que foi o Presidente dos rebeldes era considerado por alguns como o homem mais rico de Minas Gerais. Ser o lado com mais autoproclamados proprietários não é a mesma coisa que ser o lado que tem os indivíduos mais ricos.

Sobre as Milícias e Ordenanças Nelson Werneck Sodré nos explica que antes de

serem extintas quando foi criada a Guarda Nacional em 1831, eram a segunda e a terceira linha das forças armadas, embora praticamente desativadas. As Ordenanças, terceira linha, com farda verde, diferenciada das azuis da segunda e primeira linhas, eram os corpos mais antigos, e até o início do século XVIII seus capitães eram indicados pelas Câmaras Municipais. Mesmo depois que passaram a ser indicados pelos comandantes militares de cada capitania, os oficiais de Ordenanças continuaram sendo membros das elites locais. As Milícias, segunda linha, a partir do século XVIII tornaram-se os principais corpos militares das Minas Gerais, com grandes efetivos e embora sendo oficialmente segunda linha, sempre em atividade. Os brasileiros reclamavam da discriminação em proveito dos reinóis no preenchimento dos postos militares mais elevados. As Ordenanças significavam mais status que as Milícias. Todos os homens em idade militar serviam na 1ª linha (Exército e Marinha), ou na 2ª linha (Milícias) ou na 3ª linha (Ordenanças), de forma que era melhor ser das Ordenanças, que quase nunca servia. As Ordenanças foram muito ativas nos século XVI e XVII, quando eram a 2ª linha, mas foram colocadas de lado com a criação das Milícias, mais centralizadas. As Milícias faziam o trabalho de policiamento, com destaque para objetivos fiscais. Ser oficial de qualquer linha era obviamente sinal de *status*, e os soldados em todos os casos eram recrutados entre os pobres. Para esses, ser das Ordenanças era uma forma de fugir do recrutamento para a 1ª ou para a 2ª linha, e ser das Milícias (2ª linha) era uma forma de tentar fugir do recrutamento para o Exército ou para a Marinha, ou seja, para a guerra longe de casa (SODRÉ, 2010, p. 61-66, 73, 78, 79, 107, 114, 115, 150, 151). É conhecida a relação entre a criação da Guarda Nacional e a redução dos efetivos do Exército, destacada por Sodré, mas ele se esquece que localmente a GN substituiu Ordenanças e Milícias, inclusive como refúgio contra o recrutamento. Os Liberais conseguiram 36 (0,8% do total de assinaturas desse lado) Ordenanças e os governistas tinham 24 (1,1%), e milicianos foram respectivamente 20 (0,4%) e 18 (0,8%). Estavam divididos entre os dois lados, indicando que as antigas elites da década de 1820 tinham se repartido entre eles.

Essas cinco localidades confirmaram durante a revolta a tendência expressa nas listas de assinaturas, com exceção de Itabira, que foi ocupada por uma companhia de Caçadores de Montanha antes que os Liberais pudessem se insurgir. Segundo Marinho os Liberais preponderavam na Vila mas decidiram não se mover (MARINHO, 1844/1978, p.107). Porém, teriam continuado com suas convicções, não teriam ajudado a legalidade, e alguns teriam se juntado às forças rebeldes de Santa Bárbara. Segundo o *Jornal do Comércio* existiriam mais 440 assinaturas não publicadas na lista legalista de Itabira. É provável que os governistas tivessem mais de 28 apoiadores em Itabira, mesmo porque tinham juízes de paz e eleitores,

mas é preciso informar que mesmo entre os 28 nomes alguns já não eram da cidade, mas do distrito do Tanque, de onde aliás eram os 3 juízes de paz legalistas. Ou seja, a questão regional, ou micro regional, consegue aparecer até em Representações nas quais as assinaturas não estão divididas por distritos.

Aiuruoca aderiu logo no início à revolta, depois de ocupada por tropas de um de seus distritos, Turvo (MARINHO, 1844/1978, p.87). Campanha ficou sob controle legalista durante a Revolta, esperando constantemente um ataque rebelde que nunca aconteceu. Em Campanha os legalistas publicaram 1143 assinaturas, mas somando as que o *Jornal do Commércio* diz que existiam, seriam 3085 assinantes. Foi em Barbacena que se iniciou a Revolta, e São João Del Rei foi sua capital. Ou seja, com a exceção de Itabira a revolta confirmou a força que cada lado político mostrou ao colher assinaturas.

Nas Representações todas da Província é possível encontrar 190 Eleitores governistas e 126 Liberais, que são só uma parcela do Eleitorado total eleito em Minas Gerais, mas permitiram montar o gráfico abaixo, comparando porcentagens e não números absolutos. As autodesignações se repetem, de forma que as somas ficam acima de 100%.

Gráfico 4 – Eleitores Liberais e Governistas de Campanha - MG em porcentagens

Juiz de Paz
Títulos nobiliárquicos
Religioso
Fazendeiro
Negociante
Proprietário
Sem informações
Governistas
Liberais
0 5 10 15 20 25

Obs: As porcentagens são com base em 190 Eleitores governistas e 126 Liberais.
Fontes: Fontes: *Jornal do Commércio*, *O Universal* e *Maiorista*.

A guerra de coleta de assinaturas foi interrompida pela guerra de verdade, com o levante de Sorocaba em 17 de maio de 1842, seguido pelo de Barbacena em 10 de junho. Os motivos alegados pelos rebeldes foram os mesmos dos documentos para os quais se colhia

assinaturas. É chegada a hora de compreender esses motivos.

3.2 Motivações da Revolta de 1842

> "*...julgamo-nos assas autorizados pelos precedentes desse ominoso partido, a supor de sua parte toda, e qualquer traição...*" (O UNIVERSAL, 16/08/1841).

Não é que as folhas sejam testemunhos fidedignos dos acontecimentos - o que interessa ao historiador é que elas foram protagonistas dos acontecimentos. Nelas não se procura informações do que então acontecia, mas sobretudo evidencias de como as próprias folhas tentavam motivar as pessoas pró e contra a revolta. Antes de serem fontes elas são objetos de estudos, e nos ajudam a compreender a Revolta de 1842 mais como objetos de estudos do que como fontes.

Em poucas palavras, a Revolta de 1842 aconteceu contra o Ministério que tomou posse em março de 1841, que estaria tentando implantar um "despotismo" e o governo de uma "oligarquia" no país ao reformar o Código do Processo e recriar o Conselho de Estado. Porém, várias interpretações históricas revelam certa descrença nesses motivos:

> envolveu um número elevado de cidadãos, muitos dos quais **alheios aos efeitos diretos das ditas leis** ou cuja aprovação **não seria um motivador suficientemente** forte para levá-los a uma ação tão extremada como abandonar suas lavouras, seus negócios, suas famílias e tomar em armas arriscando suas próprias vidas (HÖRNER, 2011, p.333, grifo nosso).

Esse autor considera ingênuo "*tentar mostrar os interesses de homens livres pobres representados nas bandeiras rebeldes*" (Idem). No mesmo parágrafo considera que a revolta "*foi capaz de congregar outras demandas e questões locais*" mas "*que não se evidenciaram na reação às ditas leis*" (Idem). Para Paulo Pereira Castro "*É principalmente a **pretexto** de resistir contra a aplicação da Reforma que São Paulo e Minas Gerais se levantarão em armas em 1842*" (CASTRO, 1978, pp.57-58). Outro autor, Aluísio de Almeida vai mais adiante (ALMEIDA, 1944, p.27, grifo nosso):

> As leis da reforma dos códigos e do Conselho de Estado, tachadas de anti-constitucionais, foram o **pretexto** – digamos – **jurídico** para a Revolução. Mas, voltando ao poder após a anistia, o partido liberal jamais quis nem pôde ab-rogá-las.

Diz na mesma página que o objetivo era levar D.Pedro II a derrubar o governo. Na página 150 ele complementa esse objetivo, "*não o fizesse, que os acontecimentos por si indicariam o rumo a seguir, a república federativa...*" (ALMEIDA, 1944, p.150). Assim chega-se à República, que não está em nenhum documento rebelde. A descrença com os motivos alegados é antiga, pois já em 1842 o deputado Diogo de Vasconcelos, irmão de Bernardo Pereira, e que atuou como Chefe de Polícia antes, durante e depois da Revolta, dizia na Assembleia Provincial mineira que os rebeldes atuaram "***Figurando** que o movimento era dirigido contra a lei das reformas, e a do Conselho de Estado...*" (O CORREIO DE MINAS, 29/10/1842, grifo nosso).

3.2.1 Separatismo, República, Oligarquia e Despotismo em 1842

Os legalistas acusaram os rebeldes de 1842 de separatistas e de republicanos. Embora sejam coisas diferentes, as duas acusações frequentemente eram feitas lado a lado, sobretudo para acusar os republicanos de separatistas. Poucos meses depois de derrotado o movimento armado, na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, o deputado Diogo de Vasconcelos afirmou que:

> V.Ex. sabe, Sr. Presidente, que os rebeldes no seu furor de tudo destruir, em harmonia com os princípios de descentralização, que lhe aconselharam o emprego das armas, incendiaram a grande ponte do Paraibuna (O CORREIO DE MINAS, 19/10/1842).

O mesmo jornal acusava os rebeldes de terem "*olhos fitos na separação da Província, principiaram eles por arrancar das classes menos pensantes as convicções monárquicas*" (O CORREIO DE MINAS, 29/10/1842). Como foi dito, são duas acusações que eram normalmente associadas.

Contudo, essas afirmações são posteriores à revolta, de forma que essas acusações acima são interpretações do movimento, feitas por interessados, quando ainda se debatia as penas dos envolvidos.

De pistas de separatismo e republicanismo anteriores à revolta só se encontra a acusação de que os líderes Liberais, "*...aos mais exaltados vão falando em uma federação do sul da província de Minas com a de S. Paulo, para proclamarem sua independência.*" (O CORREIO DE MINAS, 5/01/1842). Além de isolada, essa acusação ainda indica que só os mais exaltados, e só do Sul de Minas, pensavam em separatismo. Trata-se da região que na

época se comunicava mais rapidamente com São Paulo do que com o Rio de Janeiro, e o plano seria exatamente se unir com São Paulo. Para essa região, que podia contar com o porto de Santos, o separatismo seria mais palatável. Os documentos oficiais rebeldes, porém, mesmo do Sul de Minas, não indicam esse caminho.

O discurso das folhas mineiras é bem pouco regionalista mesmo em comparação com seus aliados paulistas. Existia um dito "*partido paulista*". O Barão de Monte Alegre, ex-redator do *Farol Paulistano*, foi chamado de "*baiano*" por esse "*partido paulista*". Feijó em sua conhecida declaração fala do "*caráter paulistano*" (O UNIVERSAL, 8/04/1840, 4/02/1842). A folha dos rebeldes de São Paulo chamava-se *O Paulista.*

Em comparação, mesmo quando se refere aos Inconfidentes, dizendo "*Vós sois os legítimos herdeiros desse legado precioso, que nos outorgaram os Gonzagas, e os Alvarengas, os Tirandentes, e os Cláudios*", *O Universal* conclui disso que "*...vós sois brasileiros...*" e não mineiros, como seria o comum na época. Em comparação com os paulistas que se indignavam com um presidente baiano, em Minas *O Universal* dizia que "*...não condenamos a nomeação de quaisquer outros brasileiros só por este motivo*" e que "*O cidadão brasileiro em qualquer província que seja nascido deve se considerar de todo o Brasil...*". O correto seria defender um "*...bem entendido provincialismo...*" (O UNIVERSAL, 6/10/1841, 20/12/1841, 26/01/1842, 6/10/1841).

Sobre a acusação quase correlata de republicanismo os governistas só tinham dois argumentos para isso em Minas Gerais. Primeiro o argumento puramente lógico reproduzido cem anos depois pelo historiador Aluísio de Almeida acima citado. Segundo, a reputação republicana de integrantes do movimento armado, dos Liberais como um todo, mas destacadamente de dois de seus chefes mais ativos, o padre Marinho, veterano da Confederação do Equador e acusado pelos adversários de ter relações com os farrapos do Rio Grande do Sul (O UNIVERSAL, 16/02/1842), e Theóphilo Ottoni, pois fora redator da *Sentinella do Serro*.

A folha que na Revolta de 1842 foi legalista dizia aos adversários "*...sua querida república...*", e à folha que Ottoni redigiu em 1831 referia-se como a "*...republicana Sentinela do Serro.*" (O CORREIO DE MINAS, 15/09/1841, 30/10/1841). Um "*Sr. Joaquim Manoel de Moraes e Castro é aí* [em correspondência no *Correio de Minas*] *violentamente deprimido, talvez só por que é amigo do Sr. Ottoni. Pinta-se o como um furioso republicano...*"(O UNIVERSAL, 5/03/1841). Outro correspondente do *Correio*, "*Um Baependiano*" refere-se aos Chimangos como "*...um partido anárquico, que por vezes tem tentado agitar as massas, encaminhá-las para o republicanismo.*" (O CORREIO DE MINAS, 6/05/1841) Por sua vez os

Liberais de Baependi acusavam os seus adversários locais de durante as eleições terem inventado:

> que se queria deitar a Religião abaixo, que o Sr. Olímpio se queria proclamar Rei da República, e derrubar a Matriz para fazer um Palácio para si que os bens iam ficar comuns, que se queriam roubar as donzelas aos seus Pais as mulheres a seus maridos, que o Sr. Vig. não confessava todo aquele que votasse nos chimangos, porque estavam excomungados. (O UNIVERSAL, 25/06/1841)

Seria até absurdo acreditar que não existiam republicanos em Minas Gerais. Seria igualmente absurdo imaginar que eles não tomaram parte na revolta. Mas fato é que, no muito, esperavam a vez do movimento republicano chegar, talvez compartilhando do raciocínio de seus adversários, acima descrito nas palavras de Aluísio de Almeida. Uma das folhas oficiais da Revolta, o *Despertador Mineiro*, chega a blasonar:

> Digam agora esses infames caluniadores, que acusavam a Oposição de querer a República, matar, roubar, onde se proclamou a República, a quem se ofendeu, a quem se matou, a quem se roubou? (O DESPERTADOR MINEIRO, 25/06/1842)

Ou seja, existiam republicanos no movimento, mas o movimento não foi republicano. Os milhares de homens que pegaram em armas não queriam uma República, e para mobilizá-los era mister dar vivas a D.Pedro II.

Os rebeldes de 1842 disseram que lutavam contra o “despotismo” de uma “oligarquia”, como se vê detalhadamente adiante, mas antes é importante saber que esses vocábulos eram moeda corrente no debate político. *O Correio de Minas* ironiza, “*Há muitos anos, que se anuncia a chegada do despotismo; vem ano, passa ano, e nunca chega o profetizado pelos Bandarras da oposição*” (O CORREIO DE MINAS, 6/11/1841). Mas poucos meses antes eram deputados de seu “*lado político*” (O UNIVERSAL, 6/10/1841), em discursos estampados em suas páginas, como Antunes, que diziam “*não sei mesmo se ainda temos Leis, ou se estão todas revogadas (o Sr. Dr. Barbosa – estão revogadas)*” (O CORREIO DE MINAS, 2/03/1841) Esse mesmo que apoiou o deputado Antunes completaria o raciocínio:

> ...um Partido, que não contava com a maioria da Nação, e da Assembleia subiu ao Poder (...) não tem em si a verdadeira força de um Governo Constitucional, torna-se um Governo de fato, e fica na posição do poder despótico, que não vive se não pelo despotismo... (O CORREIO DE

MINAS, 10/03/1841)

Quando chegou a notícia da queda do Gabinete da Maioridade o *Correio de Minas* comemorou "*estamos livres do despotismo demagógico*" (5/04/1841), confirmando pela última vez suas palavras de ano e meio depois, "*O pobre absolutismo tem sido a arma de todas as oposições*" (O CORREIO DE MINAS, 6/11/1842).

Também foram deputados legalistas de 1842 que afirmaram que "*o Governo da Província não é Governo, é uma Oligarquia, e o Presidente uma nulidade, e nem ele tem culpa de coisa alguma do que fazem as cabeças de Medusa.*" (O CORREIO DE MINAS, 26/01/1842) Trata-se de uma ata de 1841 publicada em 1842, portanto de quando o governo da Província era ainda Liberal. Ou seja, a "oligarquia" também era arma de todas as oposições. Nesse caso o presidente não governaria de fato, quem governava seria um pequeno grupo, uma oligarquia, portanto, que o estaria manipulando. É o mesmíssimo raciocínio empregado em relação ao Conselho de Estado e D. Pedro II pelos Rebeldes de 1842, como se verá à frente.

Meses depois da revolta, o deputado Pe. Bhering, que não tinha perdido o mandato por não tomar parte na revolta, embora suspeito de a apoiar, acusava "*o Poder executivo vai pouco a pouco invadindo o poder Legislativo.*" (O CORREIO DE MINAS, 7/11/1842) e portanto "*nosso Poder Executivo compreende o poder judiciário, e o legislativo – ou o Governo do Brasil é a Monarquia absoluta. Esta linguagem é mais franca – é mais leal*" (O CORREIO DE MINAS, 7/11/1842).

Poucos meses antes da revolta diz *O Universal* que seus adversários têm o "*desejo de voltar ao governo monárquico forte, ou como se diz em frase vulgar, ao absolutismo*". "Absolutismo" então seria uma metáfora, uma gíria, um termo vulgar. Na Máxima do Marquês de Maricá "*Aborrecemos o absolutismo nos outros por que o cobiçamos para nós mesmos*", absolutismo seria um comportamento pessoal. Um correspondente acusou uma Junta de ser despótica "*por ser suas seções secretas.*" (O UNIVERSAL, 7/02/1842, 24/06/1840, 18/12/1840).

O uso desses vocábulos, além comportar significados muito variados, tinha a finalidade de despertar a atenção, e o faz até hoje com os historiadores, que assim correm o risco de se deixarem convencer pelas fontes, feitas para isso. Mas deve-se saber que as mesmas folhas, com poucos meses de diferença, publicavam que o governo está implantando o "*absolutismo para melhor conservar a duração do mando*", publicavam também que "*nos parece impossível, o reestabelecimento desse governo, que os povos mesmo do Velho Mundo,*

vão derrocando e em breve reduzirão a zero", ou "*não tememos a proclamação do despotismo: porque sabemos, que esta é absolutamente impossível*" (O UNIVERSAL, 22/12/1841, 3/09/1841, 22/10/1841).

Consagraria-se outro uso do termo "oligarquia", não tão restrito aos adversários do momento como era usado pelo *Maiorista* e seus reprodutores. Trata-se do uso do termo por Ottoni em sua *Circular* de 1860. Logo após o Ato Adicional "*um grupo de ambiciosos formou desde então essa oligarquia famosa, que no ministério ou fora dele tem sido o primeiro poder no presente reinado*", seria uma "*oligarquia tenebrosa, que, apoiada no poder e no dinheiro dos traficantes da costa d'África, a cujas empresas se associara*", com a ressalva de que a "*oligarquia do sul nunca foi um partido político, mas sim um grupo de homens que associaram a sua influência e a sua inteligência, para explorar em próprio proveito o segundo reinado*" (OTTONI, 1860, pp.39, 58, 85). Esses oligarcas de Ottoni são o núcleo Saquarema, mas o conceito de oligarquia dos rebeldes de 1842 era um pouco diferente, como se verá.

Concluindo, não é útil ater-se a esses termos, mas entender, em cada caso, a que eles se referem. As fontes não estão mentindo sobre suas crenças, mas estão usando vocábulos que então eram tão vulgarizados que deixaram de ter significado sem posterior explicação.

3.2.2 As duas "leis de sangue"1

É um contrassenso, enquanto historiadores, fazer ouvidos mocos às fontes. Não se pode substituir as milhares de folhas escritas antes, durante e depois da revolta por motivações secretas, que ninguém escreveu, que ninguém se lembrou de colocar em memórias ou discursos posteriores, que são portanto imaginadas pelos historiadores e anacrônicas. As folhas, por sua vez, foram instrumentos de convencimento dos homens que pegaram em armas. E o que dizem repetidas vezes as folhas, discursos parlamentares etc.? Dizem que era necessário lutar contra duas leis e o governo que as aprovou. Essas duas "*leis de sangue*" eram a lei das reformas do Código do Processo e a lei que recriava o Conselho de Estado, que, segundo os vereadores de Itabira, eram "*...leis que encadeiam conjuntamente as liberdades do povo, e as prerrogativas da coroa imperial*" (O UNIVERSAL, 6/04/1842, 25/02/1842).

Contra as "*leis matricidas*" (O ECHO DA RASÃO, 18/02/1842), "*anárquicas*" (O UNIVERSAL, 30/03/1842) "*leis inconstitucionais*" etc. foram produzidas dezenas de "representações" (petições), de vereadores, de eleitores ou de pessoas em geral, já estudadas acima (OTTONI, 1860, p.104). Na "representação" dos vereadores de Pouso Alegre o

argumento está bem resumido:

> lei do conselho de estado, que veda a ação do monarca, estabelecendo a oligarquia no país, e contra a chamada lei das reformas judiciárias, que planta o despotismo com todos os horrores inerentes a ele quando disfarçado com as roupas da legalidade (O UNIVERSAL, 9/05/1842).

Os governistas também fizeram suas petições às dezenas, em que defenderam "*as Leis salvadoras da liberdade*", e tentaram desmentir a oposição que "*...na Tribuna, e na Imprensa descreve esses dois projetos como trazendo ao mesmo tempo a escravidão para o Povo, e ao Monarca...*" (O CORREIO DE MINAS, 23/02/1842, 20/11/1841). Mas o clima de "*...desconfiança que lavra na atualidade por entre todos os brasileiros em conseqüência da luta encarniçada de partidos...*" fazia a oposição denunciar cada movimento do governo como tentativa de aniquilar a oposição. Para dar crédito a suas denúncias, publica que *"...um ministro da coroa diz que a oposição será aniquilada por essas leis..."* (O UNIVERSAL, 2/02/1842, 9/03/1842). Seria o Ministro do Império, Cândido José de Araújo Viana, a quem se dirige:

> Vê s. exc. nas leis que são o seu ídolo o aniquilamento da oposição. Que elas foram feitas para esse fim não precisávamos nós de que s. exc. o revelasse com uma simplicidade bem pouco própria de um estadista... (O UNIVERSAL, 9/03/1842)

Outras ações do governo aguçaram as desconfianças. Por mais de uma vez "*...as câmaras serão prorrogadas até que se concluam as leis do conselho de estado, das reformas do código, das relações, e orçamento*." Extravagante, porém, é que o governo "*...para obter a estada dos seus servos da maioria* [deputados e senadores governistas], *mandou* ***suspender a partida dos paquetes de vapor****...*" (O UNIVERSAL, 25/08/1841, 20/10/1841, Grifo nosso). Haveria a necessidade de:

> ...obter a conclusão das Leis das Reformas do Código, do Conselho de Estado, e das Relações, porque entendeu o Governo, que com estes auxiliares poderia com certeza de triunfo, dissolver a Câmara dos Deputados... (O UNIVERSAL, 4/10/1841)

Ou seja, quanto mais o governo quis aprovar as duas leis, mais a oposição as temeu.

3.2.3 O Conselho de Estado e a Oligarquia

Quando em campanha pela maioridade *O Universal* pedia "*a MAIORIDADE E UM CONSELHO*". A proposta de maioridade quase aprovada no Senado em maio de 1840, assinada por alguns envolvidos na revolta de 1842, previa "*um conselho privado da coroa, composto por dez membros*" (O UNIVERSAL, 19/06/1840, 26/05/1840). Quando chegou às Minas Gerais a notícia da maioridade de D. Pedro II, *O Universal* também publicou essa notícia:

> Conselho de Estado
> Na mesma seção [24 de julho] o Sr. Marinho apresentou o Projeto de lei criando um conselho de Estado de 10 membros para aconselhar o Monarca nos casos em que ele julgue conveniente (O UNIVERSAL, 5/08/1840).

Claro que um projeto de Conselho de Estado pode ser muito diferente de outro, mas mesmo assim é magnífico ver Marinho, um dos líderes rebeldes de 1842, propondo uma lei que nominalmente era semelhante à que menos de dois anos depois ele combateria com armas nas mãos. Essa notícia contraria Ottoni, que atribuiu a Marinho o Club da Maioridade ter desistido de apresentar o projeto da Maioridade em uma mesma lei recriando o Conselho de Estado, pois "*Marinho era um aliado prestimoso, de quem o club não podia prescindir*" então "*o* club *deliberou destacar as duas ideias e apresentá-las em projetos separados*" (OTTONI, 1860, p.61). Como se vê, o próprio Marinho apresentou um projeto exclusivo para o Conselho de Estado, talvez tentando moldá-lo de acordo com interesses e princípios de seu lado político.

Ainda em novembro de 1841 uma correspondência inserta no *Universal* se referia "*...a necessidade que a coroa tem de um conselho de estado...*" (O UNIVERSAL, 22/11/1841), enquanto para os rebeldes de 1842 "*a criação de um conselho de estado, que nada menos implica do que o estabelecimento de uma verdadeira oligarquia*" (O ECHO DA RASÃO, 18/02/1842). Mais detalhadamente:

> ...se a um partido é dado cercar desde já o monarca de 24 criaturas suas, se ele pode dispor das suas atribuições sem o intermédio do ministério, então em breve tempo o nosso governo deixará de ser aquilo que a constituição quis que fosse, e se converterá em uma terrível e perigosa oligarquia. (O UNIVERSAL, 9/08/1841)

Trata-se de uma republicação do *Maiorista*, do Rio de Janeiro. Praticamente afirma

que o Imperador seria substituído pelo Conselho de Estado, pois este poderia "*dispor de suas atribuições*", então seria "*uma oligarquia que governe de fato em nome do monarca...*". Mas o mais importante é que se trata de "*...um conselho de estado, cujos membros serão todos desse partido que pretende perpetuar-se no mando*" (O UNIVERSAL, 9/03/1842, 3/01/1842). Está claro portanto, a "oligarquia" a que se referiam os Liberais quando fizeram a revolta eram os chefes adversários se encastelando em postos estratégicos, tomando os poderes do Imperador.

O termo "oligarquia" também foi usado para se referir aos mesmos homens que compunham o Ministério de 23 de Março, ricos cafeicultores fluminenses, os mesmos que *A Ordem* (17/7/1844) chamava de "*círculo de Saquarema*", e dizia que eram o núcleo do Partido da Ordem. É o momento de informar que o discurso dos rebeldes de 1842, defensivo, foi muito específico do período entre meados de 1841 e a derrota da Revolta em meados de 1842, embora, como aqui se debate, completamente mergulhado na cultura política regencial. O segundo reinado ainda tinha somente dois anos, e reforçando a dificuldade de compreender que já eram novos tempos, o Imperador era ainda muito jovem. A Revolta de 1842 e principalmente as suas consequências é que ensinariam aos mineiros as novas regras do jogo político, mesmo porque o aprendizado político exige prática.

Apesar de também afirmar que o Conselho de Estado "*fundava-se em proveito da oligarquia, e era o terrível reduto em que ela ia acastelar-se*", em 1860 Ottoni apresentou uma outra explicação, não encontrada nas folhas dos meses anteriores à revolta. O poder moderador não existiria sem o Conselho de Estado, "*Reabilitado por uma lei inconstitucional, a do conselho de estado, o poder moderador ressurgiu com pretensões que ninguém se atreveu emprestar-lhe no primeiro reinado*". Seria assim porque a "*audiência do conselho de estado, como aí* [na Constituição] *se vê, é obrigatória, salvo para a nomeação dos ministros*". A lei que o recriou teria tornado facultativa a sua audiência. Curioso é que não seria uma leitura somente dele (OTTONI, 1860, pp.89, 32, 34, 35, 37):

> Quem se der ao trabalho de ler as discussões do ato adicional reconhecerá que a câmara constituinte compreendia perfeitamente a intima ligação que se dava entre o poder moderador e o conselho de estado, que ficou suprimido pelo art. 32.

Todos os rebeldes, portanto, estariam a par deste assunto, que no entanto não levantaram em suas Representações, nem em suas folhas, nem em suas gritos de guerra. Por que? Seria por que não podiam reclamar naquele momento contra a ampliação dos poderes do

Imperador? Seria por que diziam que ele estava coacto? Seria por que acusavam, exatamente ao contrário, o Conselho de Estado de tomar as prerrogativas do Imperador? Era o clima político que não permitia? Fato é que não fizeram esse discurso de 1860 em 1842. O discurso dos rebeldes de 1842, como se vê, foi datado, não é o mesmo que as mesmas folhas faziam ainda em 1841, e nem o mesmo que os veteranos da revolta fariam depois. O que disseram em 1842 foi que seus adversários usariam o Conselho de Estado para se perpetuarem no poder, tornando-se assim uma oligarquia.

3.2.4 As Reformas do Código do Processo e o Despotismo

Em suas memórias Francisco de Paula Ferreira de Rezende, que em 1842 tinha 10 anos e visitou seu pai em um acampamento rebelde, diz que foi a "*a lei de 3 de dezembro a causa principal daquela revolução*" (REZENDE, 1944, p.138). Ferreira de Rezende foi deputado pelo Partido Liberal, tinha vários familiares além de seu pai que se envolveram na Revolta de 1842, e também do lado legalista, de forma que sua opinião não era uma especulação leviana, não correspondia às memórias de um menino, mas é sim uma conclusão resultante de muitos anos de conversas com envolvidos. É como dizer que muitos anos depois da revolta alguns envolvidos ainda sustentavam que essa tinha sido a causa principal. Também para Ivan Vellasco a reforma do Código "*constituiu-se no estopim da revolta liberal de 1842*" (VELLASCO, 2005, p.146).

A proposta de reformar o Código Criminal era antiga. Quatro anos depois de promulgado o *Atlante* dizia que "*há muito que se não ouvem senão clamores contra as nossas leis criminais, e sobretudo contra o Código do Processo, que se diz não dar garantia alguma à ordem pública*". Também o *Paquete do Rio* acusou o Código do Processo de ser "*origem, e causa da anarquia, em que vivemos*" (ASTRO DE MINAS, 9/7/1836, 20/9/1836).

A primeira denúncia contra a reforma do Código do Processo é ainda de 1836, quando os então feijoístas já sabiam que tinham perdido as eleições e que a futura Câmara dos Deputados seria composta quase somente por seus adversários:

> se pretende na futura Legislatura ensaiar o premeditado golpe sobre o Código do Processo, não só naquilo que ele realmente tem de reformável; mas ainda nas disposições mais garantidoras da Liberdade individual (ASTRO DE MINAS, 2/12/1836).

Nessa frase está resumida toda a confusão que as folhas Liberais fariam sobre o

assunto nos anos seguintes. Não negavam a necessidade de reformas, mas a forma como os adversários a fariam. Quando ainda imaginavam que teriam maioria na Câmara, estavam dispostos a fazê-la eles mesmos.

Por isso Mônica Dantas pergunta "*Se então, desde a Regência, percebia-se a necessidade de interpretar o Ato Adicional e também de reformar o Código do Processo Criminal, o que teria levado à eclosão da revolta Liberal em 1842?*" (2009a, pp.1, 3, 17) Porém o Ato Adicional pouco foi citado pelas folhas Liberais/Rebeldes mineiras em 1841 e 1842, e o problema com a reforma do Código do Processo era quem e como o faria.

Com o movimento da Maioridade os Liberais "*buscaram assumir o poder antes que a lei fosse aprovada, pois temiam, mais tarde, ser alijados do poder se os outros estivessem no poder com o 3 de dezembro nas mãos*" (NEEDELL, 2009a, p.61). Durante o Gabinete Maiorista as folhas Liberais quase se esqueceram, para não dizer que quase apoiaram a lei das reformas do Código, que tramitava lentamente. Quando esse gabinete foi substituído pelo gabinete de 23 de Março de 1841 vieram as críticas, reclamando da "*...clientela numerosíssima que elas vão dar ao governo...*", e que isso iria "*...custar à nação cerca de mil contos de réis*". Logo as denúncias cresceram de tom, pois além da clientela o governo teria um "*...poderoso meio de perseguição...*" (O UNIVERSAL, 21/06/1841, 25/08/1841), portanto "*as reformas do código, que destroem uma por uma todas as garantias do Cidadão livre*" (O ECHO DA RASÃO, 18/02/1842), seriam, para o senador padre José Bento um "*despotismo legal*". Não demoraram a aparecer artigos onde transborda a certeza de que "*...daqui a pouco cada um se contará feliz por não ir povoar as salas da cadeia...*", "*...apenas posto em execução o código de 1841 será preciso cavar novas masmorras...*" (O UNIVERSAL, 25/10/1841, 20/12/1841, 6/01/1842).

Deve-se observar os detalhes para começar a entender essas certezas apocalípticas. Segundo as folhas Liberais:

> Dá-se aos chefes de polícia um arbítrio excessivo sobre todos os cidadãos; franquea-se-lhes a casa do cidadão sem outra desculpa mais que a própria desconfiança, ou a informação de qualquer abjeto espião (O UNIVERSAL, 19/07/1840).

O governo passou a indicar "*quase todos os magistrados, desde desembargadores até juízes municipais e de órfãos*" (BASILE, 2009, p.89). Os Juízes de Direito passaram a poder processar, julgar e condenar funcionários públicos sem necessidade dos jurados, aumentando muito o poder do governo sobre os empregados (DANTAS, 2009a, p.20). Os Liberais

"*acusavam a Reforma do Código do Processo de destruir todas as garantias sociais e objetivar o aniquilamento da oposição e acabar com a liberdade de imprensa*" e o que acontecia na prática é que se "*você pertencesse a ala governista, estaria salvo e protegido, se pertencesse a ala oposicionista estaria em constante perigo...*" (SILVA, SILVA, 2010, p.11).

Mais uma vez a "*...triste divisão dos partidos fomentada pelas cabalas eleitorais*" (O UNIVERSAL, 8/04/1842) criou situações que reforçaram os medos Liberais, pois:

> ...os amigos do governo, os seus agentes, longe de inspirarem confiança à população, ameaçarem os cidadãos pacíficos com a execução do tal código, prometendo uns que se hão de vingar de seus inimigos, apregoando outros que serão logo processados, e metidos na cadeia fulanos e fulanos etc. (O UNIVERSAL, 13/12/1841)

Daí que "*...a execução do novo código derrama o susto por toda a parte...*" (O UNIVERSAL, 13/12/1841) entre outros motivos porque as folhas Liberais, como as acusou o *Correio*, falavam das reformas como "profetas" (O CORREIO DE MINAS, 12/01/1842).

Depois da Revolta, quando os Liberais voltaram ao governo em 1844, os Luzias afirmaram que os adversários "*já unem suas vozes às nossas para pedir a revogação dele* [a reforma do Código], *sim que hoje os fere a arma com que feriram os seus adversários*" (CONSTITUCIONAL, 18/6/1846). Mas o Código do Processo só seria novamente reformado em 1871.

3.2.5 Jurados, Juízes de Guerra e Vereadores

Para os Liberais "*três instituições. 1. Convocação anual da Assembleia Geral, 2. Liberdade de Imprensa, e 3. Jurados, eis arraigado entre nós o Sistema Constitucional, e manifesta impossibilidade de revertermos ao antigo despotismo*". Ou seja, os Jurados seriam tão importantes quando a liberdade de imprensa e o respeito à Constituição. Bentham, muito citado na época, dizia que "*onde existe Júri, o governo não pode empreender ataques à Liberdade pública*", ou seja, seria uma arma de resistência ao governo. É curioso que as críticas que então se avolumavam contra a prática dos Jurados no Brasil são idênticas a um elogio de Benthan à mesma prática, "*vê-se frequentemente, o Júri absolver acusados notoriamente culpáveis, antes do que entregá-los à severidade das Leis*" (ASTRO DE MINAS, 21/2/1828, 29/11/1828). Uma garantia, isso eram os Jurados para os Liberais.

Quando fizeram a Lei Nefanda, que buscava facilitar a pena de morte para escravos que matassem seus senhores, os Deputados tentaram substituir o julgamento por jurados por

uma junta de Juízes de Paz, proposta que não passou pelo Senado, mas indica a reputação que o júri já tinha (ANDRADE, 2017, p.277). Considera-se que "*em razão de práticas clientelistas e de suborno, havia ampla impunidade*" (BASILE, 2009, p.88). Deve-se acrescentar o partidarismo dominante, que certamente impediu muitas condenações.

Desde 1836 foram relacionadas "*as reformas do Código do Processo, ou antes da total aniquilação do Juízo por Jurados*" (ASTRO DE MINAS, 3/9/1836). Depois de aprovadas em dezembro de 1841 o *Libertador*, da Bahia, explicou que as reformas do Código aboliram:

> o primeiro conselho de jurados, deixando-se o segundo, que é na realidade um simulacro de júri. Porquanto: sendo os juízes de fato qualificados por o juiz de direito, e promotor público, que são criaturas do governo, e dele dependentes, necessariamente os juízes de fato, por eles escolhidos, são outros tantos comissários do governo (O UNIVERSAL, 21/03/1842).

Antes da reforma a lista de cidadãos aptos a serem jurados era feita por uma Junta composta pelo Juiz de Paz, o Pároco e o Presidente da Câmara Municipal (DANTAS, 2009a, pp.5, 4, 12). Ao primeiro Conselho de Jurados, ou Júri de Acusação, cabia decidir se havia ou não matéria de acusação. Era composto por 23 membros, escolhidos entre 60 que eram sorteados do total de cidadãos aptos a serem jurados. Foi abolido pela reforma de 1841 e os Juízes de Direito passaram a decidir sobre isso. Os jurados passaram a ter que saber ler e escrever, e a renda mínima para ser jurado dobrou, da de votante para a de Eleitor. As sentenças do Júri tornaram-se passíveis de apelação, se o Juiz de Direito assim considerasse necessário (BASILE, 2010, p.90).

É curioso notar que Benthan acertou quando disse que a instituição dos Jurados "*tende a criar este sentimento de segurança natural*" (ASTRO DE MINAS, 29/11/1828), pois quando o governo mudou as leis existentes a respeito criou um forte sentimento de insegurança.

A reforma também atacou diretamente o poder dos juízes de paz. Foi o *Universal*, no início do Gabinete Maiorista, quando eram os adversários que se refugiavam nos poderes locais, quem disse que alguns Juízes de Paz deviam ser chamados de "*...juízes de guerra, que só tratam de atropelar as leis...*" (O UNIVERSAL, 28/08/1840) Muitos Juízes de Paz pegaram em armas e convocaram tropas durante a Revolta de 1842, atribuição que tinham perdido com as reformas do Código do Processo. Folhas defensoras e opostas às reformas do código concordam em que:

> ...as justiças de paz vão ficar aniquiladas, nas atribuições, que mais importância lhes davam e mais lucros lhes facilitavam agenciar, as atribuições policiais e criminais, e pois escrivães de paz, juízes de paz, e até meirinhos estão dispostos a bradar... (O CORREIO DE MINAS, 5/01/1842)

Também nessa folha legalista em 1842 encontram-se acusações do abuso do poder por parte dos juízes de paz:

> Os juízes de paz, os potentados dos lugarejos, que atualmente gozam do direito de vida e de morte sobre os seus concidadãos, não podem querer perder o meio de proteger amigos, de perseguir inimigos, em que hoje assenta sua influência... (O CORREIO DE MINAS, 5/01/1842)

Uma petição dos legalistas de Pouso Alegre reclamava de "*...vexações a que ficaram seus habitantes entregues às autoridades locais...*" (O CORREIO DE MINAS, 23/02/1842). As acusações dos defensores das reformas contra os juízes de paz são semelhantes às acusações dos Liberais contra os então recém criados delegados. A diferença é a origem do poder de repressão - local ou indicado pelo governo central.

Na oposição *O Universal* detalha a perda de poderes dos Juízes de Paz, porque então era o seu "*lado político*" (O UNIVERSAL, 31/01/1840) que estava precisando se refugiar nos poderes locais, e eles estavam sendo podados:

> aos mesmos já não pode competir a formação de culpa, que passou aos delegados, e subdelegados da polícia com recurso para os juízes municipais; nem o julgamento das contravenções municipais, e dos crimes, a que estão impostas as penas marcadas no art. 12 & 7 do código do processo; e nem conceder fiança aos pronunciados (O UNIVERSAL, 29/12/1841).

Também foi suprimida a parte do código "*que dava aos juízes de paz a atribuição de separar os ajuntamentos ilícitos, e fazer vigiá-los; podendo requisitar a força armada para separá-los*." Aos juízes de paz não cabia mais "*...nem mesmo notificar as testemunhas, e apresentar os processos aos jurados*". Deixaram de nomear até inspetores de quarteirão, continuando a nomear somente aos oficiais de justiça (O UNIVERSAL, 29/12/1841, 31/12/1841).

Contudo, se muitos Juízes de Paz foram rebeldes, muitos outros foram legalistas. Da mesma forma, Paulo Pereira Castro diz que a "*magistratura estava interessada quase em peso na realização do programa do retrocesso...*", o que é até lógico dado que com as reformas do Código até Juízes Municipais, por exemplo, passaram a ser indicados pelo governo e precisar de diplomas (CASTRO, 1978, p.527). Mas, mesmo assim, vários juízes de carreira e

bachareis participaram da revolta.

Muitas Câmaras Municipais aderiram à revolta em Minas Gerais. Antes das reformas do código do processo, segundo a folha legalista:

> As câmaras municipais eram tudo em nossas vilas, nomeavam juízes comissários para um ou outro processo em que o juiz municipal se houvesse dado por suspeito, escolhiam a essa autoridade e tinham destarte os vereadores sempre em suas mãos a justiça civil... (O CORREIO DE MINAS, 5/01/1842)

Para o deputado provincial Gomes de Carvalho a maioria das Câmaras era constituída por "*fazendeiros, negociantes, proprietários, e poucas vezes de alguns homens de letras*" (O CORREIO DE MINAS, 7/11/1842).

Contudo, dos Vereadores é preciso dizer o mesmo que dos Juízes de Paz e de carreira, ou seja, pegaram em armas dos dois lados, apesar dos interesses diretamente ligados a suas funções.

O que deu errado com o juizado de paz? Para Flory os Juízes de Paz eram "*dependentes dos poderes locais*" (Apud BASILE, 2009, p.88). Mas o que parece é que eles eram os próprios poderes locais. Na Bélgica, Jean-Pierre Nandrim percebeu críticas à elegibilidade dos Juízes de Paz franceses, "*que não traduzia o desejo da nação, mas sim de partidos*" (Apud MOTTA, 2013, p.131). De forma semelhante o *Astro de Minas*, comentando as eleições para Juízes de Paz perguntava:

> quais as qualidades que se procuram para apoiar esta ou aquela candidatura? Foram as virtudes, o gênio conciliador, e bom conceito dos indivíduos? Não: foram suas **opiniões políticas**, e sua facilidade em **deixar-se convencer pelos pedidos** (ASTRO DE MINAS, 9/7/1836, grifo nosso).

Os juizados de paz, por sua importância política, eleitoral, judiciária e policial eram disputados pelos lados políticos violentamente. Partidarizados, não poderiam cumprir com eficiência certas funções que exigiriam algum distanciamento das lutas partidárias. Mas nunca se pode esquecer, como lembravam os defensores dos Juízes de Paz, que "*quando os Desembargadores ainda governavam, a impunidade era já escandalosa*" (ASTRO DE MINAS, 2/8/1836). Também é importante lembrar que a reforma de 1841 não lhes retirou uma série de poderes, eleitorais (presidência da mesa eleitoral) e na administração local.

3.2.6 Recrutamento de Guardas Nacionais

Os cidadãos que eram da Guarda Nacional estavam isentos do recrutamento, e nem mesmo podiam ser destacados para fora da Província a não ser em casos muito excepcionais. José Clemente Pereira, então lembrado pelos Liberais como "*ministro absolutista de 1828*" (O ECHO DA RASÃO, 18/02/1842) aproveitando a revolta farroupilha como um caso excepcional conseguiu "*destacar até 5 mil homens das guardas nacionais de todo o império, em quanto não for concluída a pacificação do Rio Grande do Sul, a fim de suprir a força de 1ª linha onde for precisa*" (O UNIVERSAL, 15/12/1841).

O Universal imediatamente notou que essa medida "*deposita nas mãos dos presidentes das províncias, e de seus agentes um poder ilimitado sobre os cidadãos guardas nacionais*" pois poderiam "*mandar os guardas nacionais de que não gostar, ou que pretender arredar de seus domicílios, e províncias*" (O UNIVERSAL, 2/02/1842, 15/12/1841) e explica o método - "*basta que o designe para formar um destacamento, que tenha de ir daqui por exemplo para o Pará, e se o guarda nacional recusar, assenta-se-lhe praça, e vai logo servir no Rio Grande*" (O UNIVERSAL, 15/12/1841).

Por que duvidaria disso "*...quem vê um juiz de direito removido da Minas Novas para o Grão Pará, e outro do Amazonas para Pouso Alegre...*"? Dentro da lógica d' "*a impunidade para os partidistas do governo, e a perseguição a mais tirânica contra seus adversários*" (O UNIVERSAL, 15/12/1841, 15/04/1842) os oposicionistas que dadas as suas rendas até então se sentiam seguros contra o recrutamento perderam essa confiança. Se algum leitor ainda duvidava, *O Universal* dava o exemplo do Ceará, onde antes mesmo dessa nova medida "*As levas de recrutas são numerosas, e entre eles se acham maridos que deixaram suas mulheres e seus filhos, velhos septuagenários, viúvos com filhos, e tantos outros cidadãos a quem a lei excetua deste pesado imposto*" (O UNIVERSAL, 31/12/1841).

Também existiam exemplos da Paraíba onde "*Na vila do Ingá foi preso para recruta o Sr. João Nepomuceno Rego, casado, com quatro filhos, procurador da câmara municipal, proprietário...*" e também o "*Sr. José Tavares, advogado provisionado, juiz municipal, e secretário da câmara, e seu destino é o recrutamento.*" Portanto, ninguém estava seguro. Na Corte mesmo o próprio ministro José Clemente Pereira teria ido pessoalmente recrutar um trabalhador do arsenal da marinha, e o mandar para o Rio Grande do Sul como soldado (O UNIVERSAL, 18/10/1841).

Deve-se saber que o Gabinete Maiorista também tentou destacar e recrutar Guardas Nacionais (O CORREIO DE MINAS, 10/3/1841).

3.2.7 Augusto Prisioneiro

Chama a atenção de todos que estudam a Revolta de 1842 que os rebeldes diziam que iriam libertar o Imperador da "*prisão da Boa Vista*" onde o "*augusto prisioneiro*" viveria "*...quase como um preso incomunicável, com sentinelas a vista noite e dia, vigiado em todos os seus movimentos, impossibilitado de ouvir os queixumes de seus súditos...*" (O UNIVERSAL, 10/09/1841)

Parece inacreditável que as folhas tenham repetido, por meses, que "*aprisionaram o Sr. D. Pedro II em seu próprio palácio*". O "*...carcereiro o Sr. Araújo Viana*", ministro, teria por objetivo "*...proibir expressamente a todos os que o cercam, que lhe falem sobre negócios políticos...*", e se dá veracidade a essa denúncia com um caso pitoresco no qual Araújo Viana "*...fizera sentir nos termos os mais desrespeitosos e grosseiros à uma das augustas Princesas, que não lhe era permitido falar sobre política*" (O UNIVERSAL, 10/09/1841, 13/10/1841).

Às vésperas da revolta *O Universal* afirmou que "*Uma força oligárquica esmaga o Brasil. O Monarca está coacto; libertemo-lO...*" (O UNIVERSAL, 5/05/1842). Cinco dias depois do início da revolta, *O Echo da Rasão*, de Barbacena publicou a seguinte proclamação:

> Illm, e Exm. Sr. – Havendo a Guarda Nacional, e povo deste Município se reunido hoje e proclamado a V. Ex. Presidente Interino desta Província, a fim de dirigir os esforços da mesma Província no empenho de livrar o Nosso Adorado Monarca da coação, em que o tem posto a Oligarquia hoje dominante... (O ECHO DA RASÃO, 15/06/1842)

Não há outro motivo nessa que é a primeira proclamação da Revolta. O assunto começa a ficar mais claro quando voltamos ao tempo do Gabinete da Maioridade e é um adversário dos Liberais, futuro legalista em 1842, deputado Paula Santos na Assembleia Legislativa Provincial de Minas Gerais que reclama do "*...sítio, que os atuais Srs. Ministros de Estado tem posto ao Paço Imperial.*" Tanto existiria "*...o sítio, que tem obstado a que o General Andrea obtenha uma Audiência particular de S.M.I.*". Outro deputado que defenderia o governo em armas, em Tamanduá, em 1842, o padre Ribeiro de Andrade, disse na seção de 20 de fevereiro de 1841, "*...o Imperador está sempre debaixo das chaves que andam pendentes da algibeira, e circulado ou do cordão, ou dos espias...*". Então, poucos meses depois da queda do Gabinete da Maioridade e da ascensão dos adversários, sua folha reclamou que "*...a oposição já começou a declarar como que em coação o augusto monarca...*" (O CORREIO DE MINAS, 17/02/1841, 28/07/1841, 15/09/1841). Os leitores atentos deviam perguntar, mudou de carcereiro vosso "*...coacto, porém constitucional*

Monarca" (O UNIVERSAL, 20/05/1842)? De nada adiantavam os desmentidos, como a notícia de que D. Pedro II e suas irmãs teriam visitado a Academia de Belas Artes (JORNAL DO COMMÉRCIO, 15/12/1841).

Mas então, do tempo de D. Pedro I, no *Pregoeiro Constitucional*, de Pouso Alegre, veio a resposta. Durante os últimos meses de reinado de D. Pedro I o *Pregoeiro* lhe fazia forte oposição, e ao final chamava os leitores às armas. Um desses chamados, de um Coronel de segunda linha de Pouso Alegre afirmou que "*O nosso adorado Monarca se acha coacto pelos infames que o cercam, é mister libertá-lo se a desordem continuar...*" (PREGOEIRO CONSTITUCIONAL, 9/4/1831).

Antes de ser considerado "coacto", foi D. Pedro I quem introduziu esse uso no Brasil, ao falar de seu irmão, D. Miguel:

> O Monarca, diz a Proclamação [de D. Pedro I sobre a situação em Portugal], não pode atentar contra o sistema Constitucional senão no estado de completa coação, e o Infante D. Miguel está coacto, quando falta aos seus mais sagrados deveres, procurando abolir a Constituição da Monarquia (ASTRO DE MINAS, 2/9/1828).

A folha Liberal fez questão de explicar que quando monarcas constitucionais, que por lei e pelos dogmas políticos a ela ligados não poderiam fazer mal, voltam-se contra a Constituição, "*é porque estão presos, estão coactos, termos, em que é lícita, é mesmo um dever a resistência*" (ASTRO DE MINAS, 2/9/1828).

Fica claro que se trata de uma fórmula monarquista para as revoltas. Ao ser necessário enfrentar o governo, e não se pretendendo levantar a bandeira republicana, afirmava-se que o monarca está coacto, mesmo que seja velho e barbado, mais fácil ainda se ele tiver 16 anos. Se restam dúvidas, então é só ler um trecho do *Maiorista*, republicado no *Universal* quase um ano antes da revolta, em que já se prevê o uso desse discurso:

> para por em liberdade o Monarca de que uma facção tão astuta e audaz como ávida **se teria** apoderado, e defender a si mesmos das tiranias incalculáveis de uma ditadura, **arvorariam** a bandeira da resistência no meio dos vivas à constituição violada e ao Imperador coacto (O UNIVERSAL, 25/08/1841, destaques do Autor).

O uso do futuro do pretérito é impagável. Uma facção "teria se apoderado", teria. É assombroso como o parágrafo é a previsão da forma adotada pela revolta tanto em São Paulo quanto em Minas Gerais. Ademais, o discurso do "monarca coacto" combina bem com o discurso de que o Conselho de Estado estaria tomando suas atribuições.

3.2.8 A reescravização dos "homens de cor"

Desde antes da revolta os governistas acusavam os Liberais de estarem afirmando que o governo queria escravizar os "homens de cor":

> estes novos Gracos foram à Cidade proclamar guerra aberta – já, e já – contra a Lei das Reformas do Código, contra o despotismo premeditado pelo atual Governo, e contra o Cativeiro dos Homens de cor, pois, segundo aquele Soldado, assim está decidido (O CORREIO DE MINAS, 5/02/1842).

Depois de sufocada a revolta, deputados legalistas reunidos na Assembleia Legislativa Provincial de Minas Gerais denunciaram que até um padre:

> da Cadeira da Verdade pregara a seu Povo, que S.M.I. estava preso, os homens pardos cativos, e que daqui a pouco teria ele o horror, quando fosse a Batizar o filho de algum pardo lançar no livro do assento – Batizei a F. filho de F. ontem livre, hoje cativo (O CORREIO DE MINAS, 14/10/1842).

Também para *A Ordem* "*se espalhou geralmente, e foi estupidamente acreditado, que uma vasta conspiração se tramava pelo governo, e seus amigos para se reduzir a escravidão todos os homens de cor*" (A ORDEM, 16/11/1842).

Um deputado Liberal presente, o padre Bhering, que não fora cassado porque não pegou em armas, tentou explicar os motivos que levavam o povo a acreditar nesse tipo de coisas. Seria primeiro porque "*A Constituição, é muito pouco respeitada, e daqui vem toda essa desconfiança, em que vive o povo, de que há um plano para escravizá-lo...*" e acrescenta que "*O Povo não pode acreditar que é livre, quando suas garantias são calcadas aos pés com tanta sem cerimônia: e até com tanta crueldade*", e ainda lembra o recrutamento, "*...carregam de ferros – Velhos – Pais de família – doentes a título de recrutas...*" (O CORREIO DE MINAS, 6/01/1843). Ou seja, inverteu as coisas e transformou a denúncia contra "*seu lado*" em denúncia contra o governo.

Trinta e cinco anos depois, o *Arauto de Minas*, de São João Del Rei, ainda acusaria os rebeldes de *"para armarem contra o governo as classes menos ilustradas da sociedade propalavam que ele queria escravizar os homens de cor..."*(ARAUTO DE MINAS, 6/1/1878).

A Revolta Liberal pode ter sido o último movimento em Minas Gerais a engrossar fileiras com esse rumor, mas não foi o primeiro (PANDOLFI, 2014, p.318). Desde a independência, passando pela Carta das Liberdades Brasileiras, pela revolta de Santa Rita do Turvo etc. esse boato fez história em Minas Gerais.

As folhas legalistas tentavam relativizar o discurso de diferença "de cor" entre os lados políticos, mas as folhas Liberais respondiam com a repetição. Por exemplo, no dia 22 de outubro de 1841, *O Universal* noticiou 4 recrutamentos ilegais na Paraíba, todos de homens pardos. Outro método era republicar artigos de outras folhas, mostrando que em outros pontos do Império se acreditava na mesma coisa. Era o caso do *Libertador*, da Bahia, segundo o qual "*...querem subjugar o povo mais pobre que eles, que o querem, como em outros tempos, escravizar*" (O UNIVERSAL, 21/03/1842). Ademais, se alguns Regressistas se esforçavam por desmentir as acusações dos Liberais, alguns as confirmavam, como denuncia *O Popular*, de São José, e foi republicado pelo *Universal,* que Carlos Carneiro de Campos[106], "*corifeu do regresso na província de S. Paulo*", teria dito que "*O povo brasileiro é aristocrático e conseguintemente é necessário afagar suas tendências vedando que os homens de baixa extração e de cores diversas possam aspirar aos empregos de estado*" (O UNIVERSAL, 6/07/1840).

Claro que se generaliza a intenção da fala: "*No seu partido é que existe o plano, revelado pelo Sr. Carneiro de Campos, de ceifar quanto antes a raça cruzada, a fim de não ocupar emprego algum no Estado*". Fica fácil concluir "*...por esta amostra se veja quais são a intenções dos atuais governantes, dos nossos homens do regresso*" (O UNIVERSAL, 14/08/1840, 6/07/1840). Note-se que é um uso pioneiro do termo "raça", que só mesmo nessa época tornou-se usual com seu sentido pseudo-científico e pseudo-biológico (AZEVEDO, 2005, p.298).

Alguns "homens do regresso" estariam diretamente envolvidos em tentativas de escravizar homens livres, a crer n'*O Universal* segundo o qual um Liberal estaria sendo perseguido por ter processado um chefe governista com o fim de "*...libertar um seu cunhado, que injustamente esteve no cativeiro do Sr. Damaso*". Dos processos submetidos aos conselhos de jurados no ano de 1839, três eram por "*Reduzir pessoas livres à escravidão*" (O UNIVERSAL, 19/04/1841, 28/02/1840). Há o caso de "*José Crioulo, homem livre, do qual se quer constituir Sr. – Vicente Cardoso Amado*". E "*O Amigo dos forros que querem se livrar*" contou o caso de Bernardino, que teria comprado sua própria liberdade em um leilão, por meio de um intermediário, que o traiu e "*ia amarrado, e para ser surrado e vendido novamente*". O leitor ou ouvinte de folhas conheceria ainda um caso de escravidão ilegal no

---

106 Carlos Carneiro Campos nasceu na Bahia em 1805, e faleceu em 1878 no Rio de Janeiro. Formado em Direito na França, foi nomeado Lente da Faculdade de Direito de São Paulo, Província pela qual foi eleito Deputado Provincial e Geral. Foi presidente de Minas Gerais por três vezes, inclusive entre 1841 e o início de 1842. Foi um dos redatores da *Revista*, da Sociedade Filomática, que existiu na Faculdade de São Paulo (BLAKE, 1893, p.58).

Pomba, onde Manoel Joaquim da Rosa teve que indenizar Francisco José Corrêa por cárcere privado e redução à escravidão (ASTRO DE MINAS, 28/2/1828, 23/9/1828, 20/3/1834). Já seria suficiente para exclamarmos, como o deputado Bhering, "*E queremos, que o povo se convença que é livre...*" (O CORREIO DE MINAS, 6/01/1843).

É nítido que aconteceu em Minas Gerais uma "politização da cor" (GRINBERG, 2009). Para uma folha de Portugal, a *Revolução de Setembro*, o Brasil seria "*...um país onde a diferença das raças excita animosidades invencíveis...*" (O UNIVERSAL, 20/08/1841). Lembremo-nos de que:

> Mais de três séculos de dominação portuguesa haviam concorrido para erigir uma estrutura social de racialização explícita na forma de regimentos militares de pretos, pardos e brancos, de irmandades religiosas segregadas, de cemitérios separados, de estatutos clericais de pureza de sangue e também das restrições ao acesso de cargos públicos imposta àqueles com "defeitos de cor" (AZEVEDO, 2005, p.301).

Durante o século XIX estava em desmonte essa estrutura, já descartada na Constituição do Império, mas ainda vigente, por exemplo, em Irmandades, ou seja, nos costumes. Dessa forma a "politização da cor" era uma tática com a qual se intervinha na construção do Estado, na medida em que desconstruía valores do Antigo Regime.

Somando a questão racial com a questão partidária toda a gravidade da questão aparece. Observe-se do ponto de vista de um negro livre que se informasse pelos jornais Liberais aqui usados como fontes. Com as reformas do código sendo aplicadas ele leria frases que diziam que todos "*...os brasileiros passam desde já à condição de escravos...*" e que "*Quer-se a todo custo escravizar o povo brasileiro...*". Veria os Juízes de Paz de seu "lado político" destituídos de seu poder, a polícia e a justiça sob controle dos adversários. A imprensa estaria sendo calada e homens conhecidos e instruídos da capital espancados. Mesmo que fosse membro da Guarda Nacional, não estaria mais livre do recrutamento ou ao menos de ser destacado ainda como GN para alguma lonjura, afinal isso acontecia até com Juízes de Direito de famílias poderosas. Até o Imperador estaria preso, escravizado. Por fim, sendo esse homem livre negro conhecido como Liberal, contando com o "*...cego espírito de partido...*" (O UNIVERSAL, 25/04/1842, 27/04/1842, 18/08/1841) já se imaginava, se não escravo, ao menos no Rio Grande do Sul, passando frio e fome.

Em seu famoso livro o padre Marinho negou que os Liberais tenham espalhado o rumor de reescravização dos homens de cor (1978, p.114). Mas esse rumor era, para usar um termo da época, cediço, usado já nas décadas de 1820 e 1830 com variadas intenções

políticas. Porém se é verdade que os Liberais contavam com mais negros em suas fileiras, então é de se esperar que fossem mais acreditados quando usassem desse rumor. É possível notar que o rumor sempre vinha acompanhado de explicações, como o fim do tráfico, as reformas da Constituição, ou a criação da Guarda Nacional. A verossimilhança que as explicações forneciam ao rumor certamente o fazia mais ou menos influente.

Portanto, por um lado, conforme acusou o governo, "*houve abuso da boa fé e da credulidade da população*" (HÖRNER, 2011, p.345). Mas por outro lado a escravização dos negros livres era um medo que já permeava a sociedade e se desenvolvia por qualquer motivo. Mas sobretudo, os motivos que levavam líderes oposicionistas a temerem as reformas do código eram os mesmos que levavam os negros a temerem essas reformas, que era o poder concentrado nas mãos de agentes do governo dos quais não se era aliado. Na medida em que um rumor pode prover o "*fornecimento de categorias e conceitos que lhes permitissem entender as disputas políticas*", a reescravização dos homens de cor era uma forma de "entender" a reforma do Código do Processo (PANDOLFI, 2014, p.314). Embora tenha sido uma reforma judiciária, ao atingir as autoridades locais, atingia interesses pessoais de pessoas simples, como os que temiam ser recrutados, os que estavam em disputa judicial por sua liberdade etc. De uma longa explicação desde a aprovação das leis no Rio de Janeiro até as possíveis consequências que poderiam resultar para um simples homem pobre, é natural que algumas pessoas só se lembrassem de uma simplificação exagerada e generalizada.

3.2.9 Dissolução da Câmara e as Instruções Eleitorais de 1842

Como se sabe, o estopim da revolta foi "*a dissolução prévia da Câmara, ocorrida em 1º de Maio*" de 1842 (CARVALHO, 1990, p.20; HÖRNER, 2011, p.336). Nos dizeres de Marinho os Liberais estavam resignados mas "*A notícia porém da dispersão violenta da Câmara dos Deputados, o adiamento da Assembleia Provincial, incandesceram os ânimos, e o aparecimento da nova e anticonstitucional lei eleitoral acabou de os irritar*" (MARINHO, 1844/1978, p.65).

Foi um conflito marcado com mais de um ano de antecedência. As folhas governistas começaram a pregar insistentemente a dissolução, criando para as eleições de 1840 o rótulo de "eleições do cacete", que perdura até hoje, e as folhas da oposição avisaram que isso "*...irritaria a tal ponto os ânimos dos partidos, que não duvidamos afirmar, que muito sangue correria; e talvez a guerra civil sacudisse os seus brandões em todas as províncias*". Disseram claramente que "*A dissolução, não cessaremos de repeti-lo, é a desordem, e a*

guerra civil", e instigaram seus leitores à revolta quando a dissolução se desse, "*...deve-se não a obediência, mas a resistência, em nome mesmo da ordem, do direito, e da constituição*" (O UNIVERSAL, 16/07/1841, 25/08/1841).

Mas os governistas, que tinham uma bancada mínima na Câmara eleita em 1840, insistiam, lembrando ao Ministério que não poderia sobreviver contra uma maioria de Liberais, "*...enquanto o ministério não dissolver, ninguém acreditará nele; todos o terão por um ministério efêmero, cuja duração não pode ir longe, cujos princípios mesmo não governarão o país por muito tempo...*". Às vésperas da dissolução essa folha não tinha dúvidas, "*...e ainda há quem pergunte – haverá ou não dissolução? O ministério não pode recuar agora...*" (O CORREIO DE MINAS, 15/09/1841, 27/04/1842).

Apesar de Ottoni ter relativizado seu discurso em sua *Circular*, o que as folhas publicaram em 1841, quase um ano antes da revolta, foi que ele dissera na Câmara dos Deputados que "*O primeiro efeito da dissolução prévia seria colocar o governo fora da órbita legal, revestido do caráter de uma facção revolucionária, e desligar conseguintemente o país da obediência, que antes lhe era devida...*" (O UNIVERSAL, 25/08/1841; OTTONI, 1860, p.95). Por assim dizer, era o limite, era a senha para o combate, até porque "*...constituindo em si mesma um golpe de estado, exigiria para ser levado a efeito muitos outros golpes de estado...*" (O UNIVERSAL, 25/08/1841), ou seja, mais repressão.

Ademais, Liberais e governistas tinham "se jurado", pela imprensa, na tribuna, e não duvidamos que nas ruas, e eram homens "de honra", de orgulho sensível. "*A violência interpessoal era um fato recorrente e se reproduzia de forma endêmica nas relações sociais, estreitamente associada a noções de honra e com forte conteúdo ritual*". A valentia era "*uma premissa da honra*" (VELLASCO, 2004, pp.232, 246). Estavam se medindo, e se encarando, como na Assembleia Legislativa de Minas Gerais em Março de 1841, "*O Sr. Doutor Barbosa, querem levar tudo à força. O Sr. Costa Pinto, são os Srs. que querem levar tudo à força*" (O CORREIO DE MINAS, 2/3/1842). De uma feita *O Universal* disse que "*...a dissolução importa o perigo eminente do estado, e* ***lança uma nódoa na reputação*** *dos deputados eleitos*" (O UNIVERSAL, 16/07/1841, grifo do autor). Diante dos preparativos militares do governo que visavam ou intimidar ou se preparar para a revolta, o que se imaginava em Barbacena era que "*quereis muito de propósito instigar os ânimos com os vossos burlescos aparatos bélicos*" (O ECHO DA RASÃO, 18/02/1842). Esse sentimento "de honra" era conhecido - "*...os homens que mais podiam prestar-lhe, por qualquer coisa, por uma grosseria, por um mal modo, que experimentem, se arrufem, e larguem barcas e redes.*" (O UNIVERSAL, 1/10/1841). Portanto, terem todo o esforço de vencerem as disputadíssimas

eleições de 1840, mesmo contra as leis, o que também exige esforço, e se verem esbulhados na hora de colherem os frutos não era qualquer coisa para essas pessoas. Um rebelde que nem era deputado, em carta para sua esposa, afirmou que estava em armas "*porque quem foi tão injuriado e tão perseguido assim o deve fazer*" (NOGUEIRA, 1979, p.61). Não nos esqueçamos que, como disse Francisco Iglésias, "*A causa já estava perdida para os paulistas, embora houvesse ainda ilusão a respeito, quando os mineiros entraram na luta, por* ***fidelidade à palavra***" (IGLÉSIAS, 1978, p.407).

Por fim, a dissolução implicava em novas eleições, e esse assunto era central para esses homens. Meses antes da dissolução *O Universal* já falava de "*...eleições que tem em vistas fazer a seu jeito, quando se der esse golpe fatal, e preconizado da dissolução da câmara de 42...*" (O UNIVERSAL, 22/12/1841). Nota-se que a dissolução foi muito mais que um "*pretexto imediato*" (IGLÉSIAS, 1978, p.396) para a revolta.

Ao mesmo tempo em que dissolveu a Câmara o governo criou "*novas instruções para as futuras eleições...*" que foram imediatamente marcadas decidindo a "*...mudança das autoridades encarregadas de presidir as mesas eleitorais...*"(O UNIVERSAL, 25/05/1842, 30/05/1842), ou seja, extinguindo o poder da Assembleia na escolha da Mesa. Foi uma revolução eleitoral, as maiores mudanças desde as já tratadas instruções eleitorais de 1824. Francisco Iglésias incluiu as novas instruções eleitorais entre as motivações para a Revolta de 1842. A Mesa seria formada pelo Juiz de Paz, pelo Pároco, dois Secretários e dois Escrutinadores. Os dois Secretários e dois Escrutinadores seriam escolhidos por uma comissão de 16 votantes escolhidos por sorteio dentre a lista dos que podiam ser Eleitores (JOBIM, PORTO, 1996, pp 29-93).

Além disso, não seria mais a mesa que decidiria quem era e quem não era votante:

> ....nenhum cidadão poderá votar, se não tiver sido incluído na lista dos votantes, nem ser votado, se não houver sido contemplado como elegível na mesma lista. Esta lista é formada por uma junta composta do juiz de paz, do pároco e do subdelegado da polícia. (O UNIVERSAL, 30/05/1842)

Decidiu-se também "*...que as listas dos votantes sejam entregues pessoalmente por cada um deles à proporção que se for lendo o seu nome...*" (O UNIVERSAL, 30/05/1842) acabando com o voto por procuração, na qual um eleitor levava as cédulas eleitorais de vários eleitores que nem apareciam na igreja.

Somadas às reformas do Código, essas Instruções tornaram as eleições de 1842 completamente dominadas pelo governo (IGLÉSIAS, 1978, p.407). Mais do que isso,

aniquilaram o poder das Assembleias Paroquiais, que não elegiam mais a Mesa. E a Mesa não decidia mais quem votava ou não votava. O objetivo era acabar com a tática de vencer as eleições usando o povo com renda abaixo da exigida por lei para ganhar a Mesa.

No país todo os Liberais boicotaram as eleições de 1842. Para *A Ordem* "*a rebelião de Sorocaba não teria aparecido se os homens de julho [maioristas] não contassem com a derrota iminente nas eleições*" (A ORDEM, 31/12/1842).

3.2.10 A Revolta de 1842 e a Interpretação do Ato Adicional

A Interpretação do Ato Adicional tem sido incluída entre as motivações da revolta:

> Conforme destacaram esses mesmos líderes, o movimento de 1842 foi consequência direta do processo regressista e, principalmente, da chamada Lei da Interpretação do Ato Adicional, de maio de 1840, que muito além do que seu nome sugere, significou completa transformação do que anteriormente se pretendera com a reforma descentralizadora de 1832-1834 (ARAÚJO, 2014, p.119).

Mas as folhas Liberais de Minas Gerais durante o ano e meio anterior à Revolta Liberal pouco trataram da Interpretação do Ato Adicional, aprovada em 12 de Maio de 1840. O Manifesto rebelde de Feliciano logo depois de se iniciar a Revolta cita a Interpretação do Ato Adicional, mas como um primeiro passo de seus adversários, e não como um motivo em si da revolta (MARINHO, 1844/1978, p.74). A Interpretação foi pauta até ser aprovada, e depois foi quase deixada de lado. Para falar da Interpretação depois que ela foi aprovada seria necessário denunciar casos que confirmassem os prognósticos feitos antes. Mas talvez o motivo dessa ausência seja que com a Maioridade os até então adversários do Ato Adicional entraram no governo dois meses depois de aprovada a Interpretação, e se beneficiaram com a mesma, de forma que não podiam denunciar seus próprios atos. Já o lado que aprovou o Ato Adicional também não o atacaria frontalmente.

Para Paulo Pereira de Castro aconteceu com a Interpretação "*uma verdadeira reforma da lei através da praxe*", pois "*A ação independente das bancadas demonstrou que a Lei de Interpretação do Ato Adicional não era basicamente contraditória com as autonomias provinciais, pois a guarda dessa autonomia podia transferir-se para as bancadas pronviciais na Câmara dos Deputados*" (CASTRO, 1978, p.527).

Trata-se de um caso em que não foi a Interpretação que motivou a revolta, mas a revolta que foi posteriormente utilizada para fazer propaganda da "*Bandeira das Franquezas*

Provinciais", que o Partido Liberal por "*largos anos conservou*" (OTTONI, 1860, p.43).

A guisa de conclusão sobre as motivações da revolta, a reforma do Código do Processo abrangia uma série de assuntos daquela sociedade, e compreendida dentro da cultura política regencial de medo partidário (os políticos de 1842 ainda não tinham se desfeito dos ódios, dos hábitos políticos etc. da década de 1830) era capaz, como foi, de mobilizar grande número de pessoas, de ricos a pobres. Atingiu os líderes políticos (e logo se verá que também a imprensa), as autoridades jurídicas e policiais locais, interferindo nas eleições, no recrutamento e na constante luta dos negros pela liberdade. Em resumo "*da justiça cidadã de 1832 não sobrara quase nada*" (DANTAS, 2009a, p.14). Atingiu sobretudo porque amedrontou, mas atingiu. Nas palavras de Benthan, um dos nomes mais respeitados de então:

> Entre a segurança real e o sentimento de segurança, há uma ligação natural e íntima, mas essas duas coisas podem existir separadamente.
> Considerando-se como distintas, o **sentimento de segurança é o mais importante**; porque o número das pessoas expostas a sofrer por um estado de opressão, pode estender-se à todas as classes das Sociedade (ASTRO DE MINAS, 29/11/1828, grifo do autor).

As duas leis, destacadamente a reforma do Código do Processo, derrubaram o sentimento de segurança. O problema da reforma não era ela em si, era o lado adversário. Não estavam mentido. As reformas não eram um "pretexto", eram a arma que temiam nas mãos dos adversários. A luta não foi exatamente contra a arma, mas para decidir quem a manejaria.

Pode parecer incoerente que Marinho, que tantas vezes discursou contra a Reforma do Código, tenha dito na Câmara dos Deputados em 1845 que:

> Não foi a lei de 3 de dezembro de 1841 que pôs as armas nas mãos das pacíficas e industriosas províncias de Minas e S.Paulo (...), porém outras muitas causas, anteriormente acumuladas, lançaram as duas províncias nos males da revolução (RODRIGUES, 2015, p.122).

Também na exposição de motivos da Anistia se explica que "*a revolta de São Paulo e Minas foi o resultado infalível e previsto de causas por muito tempo acumuladas de paixões por muito tempo exacerbadas*" (MARINHO, 1844/1978, p.383).

A lei de 3 de dezembro de 1841 em si, em outra sociedade, não teria o mesmo significado. Os pavores causados por essa lei eram todos relacionados com as "causas" e "paixões" por muito tempo acumuladas. Se as relações políticas não fossem tensas e altamente partidarizadas não haveria o temor da concentração de poderes em Delegados governistas; Se não acontecessem reescravizações de pessoas livres, os negros não temeriam a

reescravização etc. etc.

Em síntese, a propaganda rebelde, antes, durante e depois da revolta, era de que lutaram "*em apoio da liberdade pública*", o que se viu que era uma variedade de coisas (MARINHO, 1844/1978, p.134). Ou como dito por Dias de Carvalho, "*Os mineiros que como eu tomaram parte no movimento de 10 de junho,* **estavam persuadidos** *da existência de um partido, cujos esforços se encaminhavam para cercear a parte democrática da constituição*" (Apud ARAÚJO, 2014, p.122).

4 MINAS GERAIS EM ARMAS

Para entender o papel da Revolta de 1842 na história da imprensa mineira, e suas outras consequências, é necessário responder algumas perguntas. Durante a luta armada, o que fez a imprensa e o que aconteceu com ela? A Revolta, em si, explica alguma coisa do que veio a acontecer com a imprensa? Qual a envergadura do conflito? Quem combateu? Quais as estratégias e táticas? Por que foi tão marcante para as gerações das décadas seguintes? A opção por seguir a ordem cronológica se deve à grande quantidade de batalhas, levantes, marchas e contra-marchas que quando somadas a uma narrativa também complexa impedem a compreensão da revolta. Esse é o único capítulo em que a imprensa não é a fonte mais numerosa, e o leitor notará os motivos disso ao longo do mesmo.

4.1 Vésperas

Nos meses que precederam a revolta a oposição denunciou a repressão contra sua imprensa e diretamente contra as pessoas dos oposicionistas, e preparou o levante.

4.1.1 Perseguição à imprensa

Uma das acusações mais sérias que os rebeldes fizeram ao governo foi que com a reforma do Código "*...puseram debaixo da jurisdição dos seus esbirros, desses escravos obedientes, a maior parte dos crimes usuais que podem ser cometidos pela imprensa*", que assim teria sido calada. O Chefe de Polícia da capital "*pode daqui fulminar uma sentença condenatória contra os redatores, editores, compositores...*" (O UNIVERSAL, 15/04/1842).

É importante saber que meses antes, quando no governo, os Liberais, pelo *Despertador* do Rio de Janeiro, pediam em artigo republicado pelo *Universal*: "*...uma lei verdadeiramente repressiva dos abusos da imprensa, uma lei que faça efetiva a responsabilidade dos crimes, no abuso de exprimir os pensamentos por este meio...*" (9/09/1840)

Quando os Liberais caíram, foram seus adversários que, com as reformas do Código, tentaram obter esse poder. Já existiam leis de imprensa, prevendo dezenas de proibições, mas dificilmente uma denúncia contra um redator passava sequer pela primeira reunião de jurados, dificilmente o verdadeiro redator aparecia, e mesmo quando acontecia uma punição,

dificilmente era dura, embora a lei previsse até o exílio. Portanto, as reformas do Código apavoraram os redatores. Se não existisse uma constante tensão entre governos e imprensa, além de leis duras contra a imprensa, os redatores não temeriam um Código do Processo mais governista.

Disse o *Despertador Mineiro* que "*por toda a parte a Polícia desdobrou toda a sua satânica perseguição: logo fez calar a imprensa*" (O DESPERTADOR MINEIRO, 28/06/1842). A perseguição teria se iniciado no Rio de Janeiro ainda em 1841:

> ...o ministério, cada vez mais sombrio e suspeitoso, mandou fazer prisões. Várias pessoas tem sido presas esta manhã pela polícia, e entre elas o Sr. Ignácio Ferreira do Maranhão, moço honesto e pacífico, mas suspeito de ter parte na publicação do *Maiorista*... (O UNIVERSAL, 6/09/1841)

Teria acontecido o "*...espancamento do cidadão Inácio José Ferreira na corte do Rio de Janeiro...*" e o *Universal* concluiu "*...a liberdade de imprensa está acabada, porque a pessoa, e a vida dos escritores estão à mercê do cacete dos assassinos...*". Não interessa se realmente esse espancamento teve motivos políticos ou motivos pessoais como alegou o *Jornal do Commércio* de 11 de Janeiro de 1842. O que interessa é que se dizia em Minas Gerais que redatores eram espancados. Poucos dias depois seria outro redator, do *Maiorista*: "*...sendo agarrado o Sr. Torres Homem*[107] *pelo ordenança do Sr. Rangel, pôde este satisfazer nobremente a sua vingança, enquanto a vítima estava com os braços presos para trás...*" (O UNIVERSAL, 17/01/1842, 21/01/1842)

Poucos meses depois essa folha seria calada. O governo resolveu "*...fazer prender os proprietários da tipografia Mad. Ogier, e seu filho menor, os quais, segundo nos informam, já foram soltos depois de haverem prometido que não imprimirão mais jornal algum da oposição*" (O UNIVERSAL, 1/04/1842).

Passados alguns dias o *Universal* noticiou o fechamento do último jornal de oposição da Corte, o *Constitucional* (O UNIVERSAL, 13/04/1842). Logo chegaria a vez d'*O Universal*, e como José Pedro Dias de Carvalho estava na Corte, o chefe de polícia "*...manda intimar um simples operário da tipografia* (...) *Está pois a ser calcado na masmorra um*

---

107 Francisco de Salles Torres Homem nasceu no Rio de Janeiro em 1812 e faleceu em Paris em 1876. Médico pela Faculdade do Rio de Janeiro e formado também em Direito em Paris. Foi um dos redatores da folha da Sociedade Defensora, retomou a publicação da *Aurora Fluminense* depois da morte de Evaristo da Veiga, redigiu o *Despertador* e *O Maiorista*, todos periódicos muito influentes e republicados na Província de Minas Gerais. Em 1842 *O Maiorista* foi fechado e Torres Homem preso e exilado. Defendeu a Conciliação, e terminada esta, ligou-se ao Partido Conservador (BLAKE, 1895, p.114-118). Para quem estuda as motivações da Revolta de 1842 é notório o enorme papel de Torres Homem e d'*O Maiorista*.

inocente...". O último *Universal* justificou sua suspensão pela "*...perseguição sistemática, a que se deve a cessação absoluta dos periódicos da oposição na corte*", reclamou que o governo continuava processando trabalhadores da tipografia e que tinha sido multado por não declarar nas folhas o nome do impressor. Em meio à revolta o *Despertador Mineiro* se lembraria, "*O Despertador viu-se na necessidade de calar-se para não sofrer a sorte do* Maiorista, Universal*,* Guarda Nacional *etc.*" (O DESPERTADOR MINEIRO, 25/04/1842, 30/05/1842, 25/06/1842).

Retrato 10 - Francisco Salles Torres Homem

Fonte: Ministério da Fazenda.

O assunto foi polêmico na Assembleia Legislativa Provincial nos meses posteriores à Revolta, pois um deputado Luzia que não foi cassado porque não pegou em armas, Olímpio Catão, de Baependi, disse dirigindo-se ao deputado que era também chefe de polícia, Diogo de Vasconcelos, irmão de Bernardo Pereira "...o nobre deputado não ignora a perseguição que houve contra a imprensa do Rio de Janeiro (...) as tipografias da província já começavam a ser perseguidas, sabido é que foi imposta uma multa às tipografias desta Cidade..." (O CORREIO DE MINAS, 21/10/1842).

Na seção do dia seguinte Vasconcelos respondeu. Sobre a imprensa da Corte, confirmou a repressão e justificou "*...não podia imprensa ser mais descomedida do que foi ultimamente a da oposição na Corte: escritos incendiários, que só tinham por fim subverter a ordem pública deviam ser reprimidos (apoiados)...*" (O CORREIO DE MINAS, 24/10/1842).

Em Ouro Preto, disse que "*...se organizou senão um processo contra a imprensa...*", esquecendo-se do tipógrafo do *Universal* pois "*Um processo se formou contra o periódico* Guarda Nacional*: eu o determinei ao Juiz Municipal.*" O motivo seria que:

> ...o periódico *Guarda Nacional* publicou um artigo, concitando às armas esta Província, a de S. Paulo, Bahia, e outras (...) dizia mui claramente, que não devia ser obedecido o Decreto de S.M.I. (...) que a Província de Minas não pagasse impostos... (O CORREIO DE MINAS, 24/10/1842)

É ainda ele que nos informou que "*...continuaram nela* [Província de Minas Gerais] *ainda alguns órgãos da oposição na cidade de Barbacena, e S. João Del-Rei: calando-se em fins de Maio...*". Afirmou que "*...esses escritores propalaram boatos de prisão contra si ordenada*" (O CORREIO DE MINAS, 24/10/1842).

Retrato 11 - Diogo Pereira de Vasconcellos

Fonte: SISSON. Galeria dos Brasileiros Ilustres.

Diante do fato de que a imprensa de oposição tinha sido realmente calada, Diogo de Vasconcelos se exasperou e atacou abertamente a imprensa:

> Quer o nobre Deputado que continuem os gritos dessas imprensas desmoralizadas, que não respeitam a vida privada do cidadão, que não conhecem limites na sua depravação, que em fim não respeitam nem o sagrado, nem o profano, dessa imprensa da anarquia, que servia de eco de um partido desorganizador, e que **acabou por levantar o estandarte da rebelião ensanguentando vários pontos da Província até que foram sepultar-se em Santa Luzia**? (O CORREIO DE MINAS, 26/10/1842, grifo nosso).

A multa que a tipografia d'*O Universal* recebeu (a do *Correio de Minas* também recebeu) era prevista desde 1830, mas não era cumprida. Prender os tipógrafos foi a intenção das Instruções de Feijó, de 1837, e também não se cumpria. O que alarmou jornalistas e tipógrafos, fazendo calar a imprensa oposicionista, foram sinais de que a lei seria cumprida. A reforma do Código do Processo, de 3 de dezembro de 1841, multiplicou as forças do governo, permitindo que este fizesse valer as leis que restringiam a liberdade de imprensa.

Desde a lei de imprensa de 1830 a "*aposta não estava mais na legislação sobre a imprensa, já fartamente discutida e reformada*". Tratava-se agora de "*tornar eficientes, do ponto de vista governamental, as instancias judiciárias encarregadas de punir os infratores*" (NUNES, 2010, p.106). Os redatores perderam por algum tempo a confiança nos "*juízes de fato*", os jurados, que seriam a partir da reforma do Código "*qualificados por o juiz de direito, e promotor público, que são criaturas do governo, e dele dependentes...*" (O UNIVERSAL, 21/3/1842).

4.1.2 O início da aplicação do novo Código do Processo

Quando Ferreira de Rezende culpou as reformas do Código do Processo como instigadoras principais da Revolta de 1842, ele deu como exemplo a inabilidade do delegado de polícia nomeado para Campanha, que provocou os Liberais e acabou levando a que muitos deles abandonassem a vila e pegassem em armas, como aconteceu com o pai do memorialista (REZENDE, 1944, pp.145, 146).

Campanha não era caso isolado. Na vila vizinha, Pouso Alegre, os governistas começaram com "*...ameaça a muitos cidadãos distintos de Pouso Alegre de os perseguir, logo que se publiquem as tais reformas, e de levá-los à cadeia...*" (O UNIVERSAL, 22/12/1841) Com base na "*...suspeita de que a oposição quisesse tentar algum movimento mais sério...*":

> ...o juiz de direito teve a imprudência de reunir à sua porta o povo, e

> distribuir ele mesmo espingardas, facas, pistolas, azagaias & por entre os da multidão; e entregando essa gente armada a dois meirinhos os mandou percorrer as ruas da vila, e nesse giro andaram até a noite (O UNIVERSAL, 26/01/1842).

O município ficou sob armas, e o resultado teria sido o mesmo de Campanha, "*...achar-se a vila quase deserta; e terem se retirado dela, e das roças para mais de 800 pessoas...*" (O UNIVERSAL, 16/03/1842) Também afirmaram que "*Tamanduá ficou deserto com as perseguições, estando refugiados todos os cidadãos, que não foram presos.*" (O DESPERTADOR MINEIRO, 28/06/1842) Essa Vila estava conflagrada ao menos desde as eleições de 1840. Em 1841 "*...resignaram-se os Vereadores a prisão e dela requereram, e obtiveram soltura por* habeas corpus..." que conseguiram de um Juiz de Paz Liberal como eles, o que não seria mais possível depois das reformas do código, pois os juízes de paz perderam o poder de dar *habeas corpus*. Em 1842 um ferreiro teve que fugir para não ser preso, "*e outros, receosos da mesma sorte, vão se ocultando como foragidos.*" (O UNIVERSAL, 28/04/1841, 13/04/1842).

Uma representação de Baependi reclama da "*mais cruenta perseguição*" (O DESPERTADOR MINEIRO, 9/04/1842). Os vereadores de Itabira reclamaram da "*...perseguição geralmente voltada contra todos aqueles que promoveram, e aderiram à antecipada elevação de V.M.I...*". Uma Representação com mais de 800 assinantes de Aiuruoca denunciou a "*...perseguição mais escandalosa, e de que não oferece exemplo a história Brasileira*". Em Minas Novas aconteceram "*...tiros, pedradas, e outros insultos* (...) *ameaças às pessoas que seguem o partido da oposição*". Em Diamantina "*....trazem a cidade em contínuo alarma; espalham rondas numerosas por toda a parte; dão buscas acintosas em indivíduos da oposição...*" (O UNIVERSAL, 25/02/1842, 28/02/1842, 23/03/1842, 1/04/1842) e depois que um taberneiro foi espancado as autoridades indicadas pelo governo resolveram:

> fazer percorrer as ruas uma aparatosa ronda, cuja principal missão era desfeitear adrede todos aqueles, que se não curvam diante dos podres ídolos do dia (...) Não se pejando esses imprudentes, de para aumentar o número dos seus valentões, armarem escravos (O UNIVERSAL, 18/04/1842).

Com exceção de Tamanduá e da região do Triângulo, convulsionadas desde 1840, as primeiras municipalidades atingidas foram Barbacena, Presídio (atual Visconde do Rio Branco) e logo depois São João Del Rei: "*Por decretos de 10 de dezembro corrente foram suspensos do exercício de suas funções, e mandados responsabilizar os vereadores das câmaras municipais da cidade de Barbacena, e da vila de S. João Baptista do Presídio*" (O

UNIVERSAL, 24/12/1841).

Deve-se saber que essas suspensões não foram completa surpresa pois era o mesmo Ministério que "*repreendeu a câmara de Mariana por ter pedido o perdão de uma ré, estabelecendo o precedente de que era isso contra a lei do 1º de Outubro de 1828*" (O UNIVERSAL, 24/12/1841). Havia, portanto, o objetivo de fazer cessar a participação das Câmaras Municipais na política geral do Império. Vinte dias depois:

> Por decreto de 30 de dezembro último foram suspensos os vereadores da câmara municipal da cidade de S. João d'el Rei pelo gravíssimo atentado de representarem ao trono contra a política do gabinete atual (O UNIVERSAL, 24/01/1842).

A folha governista aprovou, acreditando que "...*atos de prudência e vigor provarão à oposição que não lhe é lícito agitar o país*..." (O CORREIO DE MINAS, 5/01/1842) Mas "...*as representações continuam subindo ao trono*...", e a tensão crescendo com boatos como o que se espalhou em Presídio de que chegariam "...*burros carregados de correntes, para processar e conduzir presos os vereadores*...", e não raro espalhados pelos governistas. Boatos que reforçavam o que as folhas oposicionistas tinham dito ao afirmarem que "*enchendo todo o país de seus agentes de policia, ele* [o governo] *vai impor a sua dominação*" e "*com a reforma judiciária ninguém se pode considerar seguro. A mais pequena desafeição dará lugar a um processo*" (O UNIVERSAL, 24/01/1842, 23/02/1842, 24/12/1841, 27/04/1842).

Além dos vereadores "*No Presídio foram processados muitos cidadãos só por terem dirigido representações à S.M.I*..." (O DESPERTADOR MINEIRO, 28/06/1842) e "*Espalham que esta vila está em armas, e outras quejandas calúnias, quando uma só espingarda talvez não exista preparada em todas as casas*". Mas apesar de afirmar que estava desarmada a Vila, aconselha que o Juiz de Direito indicado segundo o código reformado "*fizesse a sua entrada antes da força pública* (...) *para evitar quaisquer insultos*..." (O UNIVERSAL, 23/02/1842).

Em São João Del Rei, depois de suspensos os vereadores Liberais "*Preparou-se uma força de 60 guardas nacionais; a gente do corpo policial foi posta em armas; os suplentes convocados para irem tomar posse*..." (O UNIVERSAL, 16/02/1842). O indicado para Delegado também em São João seria "*inteiramente baldo de instrução*" (MARINHO, 1844/1978, p.91). Em maio, quando a Câmara dos Deputados foi dissolvida, a Assembleia Legislativa adiada, mas sobretudo quando São Paulo se levantou, "...*deram muitas buscas em diversas casas, vigiavam constantemente os membros da oposição*...":

> Não se podia falar, escrever, rir, nem passear, que já daí não tirassem uma conspiração, um rompimento... rondas e patrulhas de Pedestres circulavam a Cidade, todas as suas entradas ficaram tomadas; ninguém podia entrar ou sair sem Passaporte; as comunicações particulares e cartas eram interceptadas e violadas; o comércio ficou paralisado e os víveres subiram de preço (O DESPERTADOR MINEIRO, 25/06/1842).

O redator do *Despertador Mineiro*, dois anos depois, detalhou em seu livro sobre a Revolta de 1842 que em São João Del Rei:

> O segredo das cartas era violado com irritante zombaria, a ninguém era permitido sair da cidade sem prévia licença da Polícia, ou entrar sem ser revistado pelos destacamentos, que se achavam postados em diferentes lugares. Pessoas de qualidade foram conservadas em cárcere privado em casa do Delegado. (...) as casas que se diziam suspeitas foram varejadas brutalmente, em busca (dizia-se) de armamentos e munição (MARINHO, 1844/1978, p.91).

Por fim, em Barbacena, onde a revolta explodiria em 10 de junho de 1842, os Liberais reclamavam que os "*empregados foram quase todos demitidos, e substituídos pela gente menos grada do país, e que tem o ferrete da reprovação pública...*". Um mês antes da revolta, fortalecendo os temores Liberais, o governo ordenou um "*...novo processo contra os vereadores suspensos da câmara de Barbacena, na forma determinada pela lei, e regulamento que alteraram a forma do processo...*" (O UNIVERSAL, 5/05/1842, 9/05/1842). Usando dos restos de poderes locais que ainda não tinham sido suprimidos posto que as reformas estavam no início de sua execução, os vereadores processados tinham conseguido uma absolvição. Insatisfeitos, os governistas mandaram processá-los novamente, dessa vez por autoridades todas indicadas, como se tivessem dito "queremos mesmo reprimir e a reforma do código foi feita sim para isso."

Observe-se que as questões locais são partidárias e não bairristas. Por exemplo, Barbacena e Paracatu, a primeira e a última localidades a se levantarem, foram ambas elevadas a cidades por Bernardo Jacinto da Veiga, presidente contra o qual se levantaram em 1842 (O UNIVERSAL, 4/05/1840). Ou seja, não se encontra entre as motivações da Revolta de 1842 assuntos locais, como limites, status legal da localidade etc.

4.1.3 Os Patriarcas Invisíveis e a preparação final

Já no dia 23 de maio chegou a Ouro Preto a notícia do levante de Sorocaba, o que significa que o Barão de Monte Alegre, presidente legal de São Paulo, estava bem informado dos movimentos de seus adversários. Bernardo da Veiga, presidente legal de Minas Gerais, enviou a seus subordinados ordens para tomarem providências contra uma possível revolta em Minas Gerais (O CORREIO DE MINAS, 18/10/1842). Havia no ar a desconfiança de que se preparava a revolta.

Apesar de José Antonio Marinho, memorialista que contou a versão dos rebeldes, ter dito que a revolta de Minas Gerais não foi fruto de uma conspiração em comum com os paulistas, o que o estudo das fontes confirma são os argumentos de Paulino, então Ministro da Justiça, para a Assembleia Geral, sobre a revolta de 1842:

> a uniformidade da linguagem, e dos meios adotados pela rebelião nos diversos e tão distantes pontos onde rebentou, em S. Paulo e Minas, indica suficientemente que o plano da conspiração fora com muita antecedência e vastidão preparado...[108]

Também o primeiro cronista da revolta, Bernardo Xavier Pinto de Sousa, observou a "*vastidão do seu plano*". O presidente de Minas Gerais, Bernardo da Veiga, escreveu no dia 6 de julho de 1842 que "*a oposição traçou um plano de revolta, não para Barbacena, mas para todos os pontos da Província, onde conta com qualquer apoio*".[109] Para o Ministro da Guerra, José Clemente Pereira, a revolta foi "*filha de plano antigo, que a ordem dos conhecimentos felizmente fez precipitar*" (PEREIRA, 1843, p.22). O Dr. José Jorge da Silva[110], ex-deputado provincial, chefe rebelde lavrense, teria dito para uma testemunha do inquérito de Lavras que o "*movimento era geral, que vinha tramado do Rio de Janeiro*" (NOGUEIRA, 1979, p.263).

A revolta "*começou a ser discutida, em janeiro de 1842, e planejada no interior da sociedade secreta Patriarcas Invisíveis*" (BARATA, 2011, p.2). Os Invisíveis foram citados já em 1835 em uma negativa d'*O Universal* (23/1/1835) e em 1839 pela folha Regressista de

---

108 Extrato do Relatório da Repartição de Justiça apresentado à Assembléia Geral Legislativa pelo respectivo Ministro e Secretário de Estado Paulino José Soares de Souza, em data de 1 de janeiro de 1843 (SOUSA, 1843, p.320).

109 Estão no Proêmio e no Ofício do Presidente da Província de Minas dando parte dos combates de Queluz, Caeté e Mendanha etc. (SOUSA, 1843, p.129).

110 José Jorge da Silva estudou em Coimbra, depois terminou sua formação em São Paulo. Foi Juiz de Direito e Deputado Provincial e Geral. Irmão do Dr. Quintiliano José da Silva, que foi presidente de Minas Gerais. Foi sócio correspondente do IHGB.

Barbacena, *Parahybuna* (10/12/1839). Na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, o Deputado Gomes Cândido afirmou que "*pela imprensa, nas sociedades dos invisíveis iludiram o povo com as máximas de liberdade, e o levaram ao degoladouro de Santa Luzia*" (O CORREIO DE MINAS, 7/12/1842).

Nos inqueritos dos rebeldes do sul de Minas o bacharel Honório Rodrigues de Faria e Castro foi acusado de ser um dos chefes da Sociedade dos Invisíveis. Dois documentos foram encontrados com sua letra. Uma carta e o juramento que se fazia para entrar na sociedade. Eis a carta:

> A Sociedade a que vai pertencer acha-se estabelecida no Brasil e ramificada em todas as Províncias em número prodigioso, sendo a Corte do Rio de Janeiro o centro dela, seus fins são sustentar a Religião do Estado, o Trono do Sr. Dom Pedro Segundo e Constituição do Império e empenhar todos os seus esforços para não se estabelecer jamais no Brasil o Governo absoluto para o qual propende decididamente o Partido denominado Caramuru é mais outro fim desta Sociedade tomar a defesa de qualquer dos seus sócios que forem vexados, ou perseguidos em razão de seus princípios. Esse símbolo é idêntico de membro da Sociedade, pela combinação ou confrontação dos símbolos se conhecerão os sócios (NOGUEIRA, 1979, pp.95, 102).

Infelizmente não se publicou detalhes sobre "*esse símbolo*". Quando entrava na Sociedade o novo membro fazia um juramento:

> Eu te prometo perante Deus a todos os Patriarcas Invisíveis sustentar e defender debaixo deste novo laço social a independência do Brasil, a Constituição que ele tem jurado, e o Trono do Sr. D. Pedro Segundo cumprindo com as obrigações que para esse fim me são impostas, e que desde já livremente aceito. Outrossim prometo da mesma sorte guardar com inviolável segredo tanto existência dessa sociedade conquanto me for comunicado. Assim Deus me ajude (NOGUEIRA, 1979, p.101).

Juramentos e sinais de reconhecimento entre os membros são características de sociedades secretas, supostamente formas de proteger os segredos da organização. Mas "*os segredos não se guardam por muito tempo*" (BARATA, 1999, pp.46-47), e no processo de Lavras se lê que o Dr. José Jorge da Silva teria:

> entrado em um clube no Rio de Janeiro ou em caminho onde estiveram cinquenta e dois Deputados Chimangos e o amigo Joaquim Breve[s], onde tratavam fazer a Rebelião ou Sedição geral em que tocou a ele Jorge em partilha sublevar esta Vila [de Lavras], Tamanduá, Araxá e Uberaba (NOGUEIRA, 1979, p.251).

Também se sabe que para o norte de Minas teriam se responsabilizado pela revolta o Dr. Antônio Tomás de Godoy[111] no Jequitinhonha, Dr. João de Salomé Queiroga pelo Serro, Dr. Pedro de Alcantara Machado por Diamantina e o Vigário Antonio Gonçalves Chaves por Forminga (Montes Claros). Dr. Godoy foi preso ao passar por Sabará, e passou mais de um ano de cadeia em cadeia. Dr. Salomé nem pode organizar a revolta no Serro, nem sair desse município, vigiado que foi o tempo todo pelos legalistas, que não lhe deram passaporte para sair da sede do município (O COMPILADOR, 28/6/1843; FILHO, 1980, pp.136-137). Deviam fazer parte da mesma combinação de José Jorge. Todos saberiam que "*O senador José Bento não foi estranho à revolução. Em sua casa*" no Rio de Janeiro *"reunia-se o clube de deputados e senadores de S. Paulo e Minas, que concertava os planos do movimento*" (SISSON, 1999, p.426). Devia ser o local de reuniões desses rebeldes todos.

O próprio Marinho, no mesmo livro em que nega a preparação, confessa que tinham planejado que "*...se não fosse possível operar-se o rompimento no Ouro Preto, nos concentraríamos para Barbacena, onde se faria o movimento*".

Também é claro que uma revolta, mesmo organizada por uma sociedade secreta, não se faz sem publicidade. Os conspiradores precisam usar os espaços públicos, como a imprensa e a tribuna. Em fevereiro de 1842 um dos poucos *Echo da Rasão*, de Barbacena, existentes nos arquivos públicos, publicou um artigo com título "*Iminência da guerra civil*", no qual alegava os motivos já estudados no capítulo sobre as motivações dos rebeldes, e praticamente ameaçava com a guerra civil (O ECHO DA RASÃO, 18/2/1842). Sobre a imprensa o próprio Marinho confirma que "*o movimento de 10 de Junho fora reclamado pela opinião pública, e por ela fortemente sustentado*" (MARINHO, 1844/1978, p.119).

Em 11 de outubro de 1842 o deputado Penido afirmou na Assembleia Legislativa Provincial de Minas Gerais que:

> Foi nesta casa no começo da Seção em Maio que se principiou a fermentar o germen da discórdia, a preparar os povos para a revolta (...) eles mandaram a sua representação aos Juízes de Paz, às Câmaras Municipais para excitar o rancor, e propalar o gérmen da revolta (O CORREIO DE MINAS, 21/10/1842).

Também foi apreendida uma carta do presidente rebelde de São Paulo, Tobias de

---

111 Dr. Antônio Tomás de Godoy (1812-1858) foi Juiz de Direito, Deputado Provincial e Geral, Chefe de Polícia do Espírito Santo e da Corte (FILHO, 1980, p.142-143). Em 1842 era presidente da Assembleia Legislativa Provincial de Minas Gerais. Ficou preso até 10 de julho de 1843 (HÖRNER, 2010, p.296).

Aguiar, datada de 19 de maio de 1842, para um chefe político do sul de Minas, em que pedia "*caodjuvar-nos, fazendo romper igualmente em todos os lugares, onde a Constituição conta defensores, e auxiliando-nos conforme as ciscustâncias, e principalmente impedindo, que dessa Província se mandem forças sobre esta*" (NOGUEIRA, 1979, p.7).

No mesmo dia em que a revolta explodia em Barbacena, o presidente Bernardo da Veiga em carta para o Ministro da Justiça revelou que o governo estava relativamente bem informado do perigo de:

> um movimento sedicioso, que tenha princípio em Barbacena, onde me consta terem-se reunido alguns ex-Deputados da oposição com todos os indícios de que combinam um plano, cuja execução possa animar os agitadores daquela Província [de São Paulo], e distrair ao mesmo tempo as forças do Governo.[112]

Na iminência da revolta, em Ouro Preto, o presidente Bernardo da Veiga observou a "*retirada de uma meia dúzia de famílias de pessoas da oposição*".[113]

Seria falso que "*Em Minas, porém, nada se havia anteriormente disposto*"? Ou que os mineiros se levantaram pela "*consideração de que os paulistas se haviam comprometido, e uma maior demora da parte dos mineiros os poderia perder*"? Todos os argumentos de Marinho de que não havia preparo são de fato de que não havia preparo **militar** (1978, p.66-68):

> homens considerados de diversos pontos da Província haviam escrito e instado com alguns influentes, mostrando-lhes a necessidade de romperem quanto antes. Não havia porém armamento, nenhuma munição, nenhum oficial... (...) ...não havia dinheiro, enfim, faltava tudo.

Havia um plano, mas "*Não se queria porém a guerra civil*". Os rebeldes estavam convencidos de que "*quando muito, marchariam sobre Minas algumas Guardas Nacionais da Província do Rio de Janeiro*". Mesmo porque as tropas imperiais já não davam conta do Rio Grande do Sul, e São Paulo tinha se levantado. Tinham "*segurança na fortaleza da Província de S. Paulo, e a ideia fixa de que o Monarca faria cessar a luta pela demissão do Gabinete*". Seriam simples paradas militares, e o Ministério cairia: "*Julgava-se mesmo que uma manifestação de espírito público que aterrasse o Ministério, o obrigaria a pedir sua*

---

112 Trata-se de ofício do Presidente da Província de Minas Gerais participando o estado de agitação em que se achava a mesma Província (SOUSA, 1843, pp. 1-2).

113 Trata-se de ofício do Presidente da Província de Minas Gerais dando parte das notícias que corriam na Capital sobre a revolta de Barbacena (SOUSA, 1843, p. 18).

demissão, aconselhando a Coroa a formação de um Gabinete conciliador" (MARINHO, 1844/1978, pp.67, 103, 123, 139).

Também para o presidente Bernardo da Veiga, nem rebeldes, nem legalistas tinham armas ou oficiais habilidosos.[114] De fato, dois anos antes *O Americano* pediu ao governo que armasse a Guarda Nacional (AMERICANO, 6/2/1840). Marinho concorda que "*não tinham eles ideias algumas de tática militar*" (MARINHO, 1844/1978, p.107). Dos dois lados muito pouca gente tinha a mais mínima noção do assunto, como provam os vários ataques a cidades, as tentativas de cortar todas as rotas de fuga etc.

O então coronel José Joaquim de Lima e Silva Sobrinho, irmão de Caxias, referiu-se aos rebeldes como "*hordas indisciplinadas da rebeldia*", e algumas batalhas provam que o eram.[115] Mas claro que os rebeldes tentaram se organizar. Tinham uma "*Bandeira de baeta amarela*". Também existiu um "*hino da revolução mineira de 1842 – que nunca vi nem me consta que fosse impresso*" (BLAKE, 1902, p.230). Ao menos a coluna Junqueira usava um distintivo - "*todos os nossos companheiros trazem para a divisa ativa de baeta amarela, de meio palmo de largura, e outra para cima, verde, de dois dedos, laçada no lugar do braço direito*" (NOGUEIRA, 1979, pp. 62, 215, 239). Não era exatamente uma novidade, pois em 1833, durante a luta contra a Revolta do Ano da Fumaça, José Alcebíades Carneiro propôs que sócios da Defensora de São João Del Rei usassem o laço nacional, os homens no peito e as mulheres no pescoço (ASTRO DE MINAS, 5/4/1833).

Também os legalistas não eram exemplos de disciplina. Honório Hermeto Carneiro Leão, que em 1842 era presidente do Rio de Janeiro, afirmou que "*cada fazendeiro pretende que as operações se dirijam para a parte da sua fazenda, e que se lhe dê uma guarnição ou armamento. Em uma palavra, cada um dos Legalistas quer dirigir como general*" (Apud. MATTOS, 1987, p.252).

Os soldados rebeldes, conforme as leis sobre a Guarda Nacional, recebiam soldos. No norte de Minas Gerais "*marcou-se um soldo de 480 rs. por dia para todo o Guarda Nacional que o quisesse*". Havia um tesoureiro-pagador, Cesário José da Silva e Lima, que

---

114 Trata-se de ofício do Presidente da Província de Minas dando parte da reunião de forças na Capital, e outros pontos etc. (SOUSA, 1843, p. 37).

115 José Joaquim de Lima e Silva Sobrinho, Visconde de Tocantins. Depois que deu baixa, dedicou-se à lavoura e ao comércio, e à Guarda Nacional. Foi presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro e do Banco do Brasil. Foi deputado geral várias vezes, uma por Minas Gerais e as outras pelo Rio de Janeiro, como membro do partido que adotou oficialmente o nome de Conservador. Seu pai, o ex-regente Francisco de Lima e Silva, estava ao lado dos rebeldes em 1842 enquanto ele e seu irmão Caxias comandavam as forças legais (CASTRO, 1978, p. 67).

entregava o dinheiro aos comandantes de corpos e colunas (MARINHO, 1844/1978, pp.154, 193). Havia, porém, casos fora da lei, como os “Pedestres” (os legalistas chamaram de capangas) de Perdões que foram contratados por um rebelde de Lavras a mil réis por dia (NOGUEIRA, 1979, p.238). Todos os rebeldes conseguiram receber esses soldos? Marinho diz que sim, mas no caso dos Guardas Nacionais legalistas, ainda em 1844 muitos estavam sem receber por seus serviços de 1842 (O COMPILADOR, 20/4/1844). É necessário comentar que Marinho (1978, p.193) diz que no dia da batalha de Santa Luzia, como não havia notas miúdas, os soldados rasos gritaram “*não queremos dinheiro; dêem-nos cartuchame; cartuchame, cartuchame unicamente.*” Sobre gente que ainda estava em armas em Santa Luzia, é bem possível.

A revolta em Minas Gerais foi organizada em seus detalhes finais, “*Segundo consta, na célebre fazenda do Registro Velho – local de encontro dos antigos inconfidentes*”, em Barbacena (ARAÚJO, 2014, p.121). Era a residência do padre Manoel Rodrigues da Costa, antigo Inconfidente que ali morava desde que retornou do exílio (RESENDE, 2008, p.66).

Dia 4 de junho de 1842 já estavam em Barbacena Feliciano, Marinho e Dias de Carvalho (MARINHO, 1844/1978, p.67). Barbacena era um centro comercial, que ao lado de São João Del Rei concentrava a maior parte do comércio entre a Corte e as Minas Gerais. Barbacena controlava sobretudo o comércio de algodão para a Corte (LENHARO, 1979, p.89, 90). Trinta anos antes tinha 265 casas pagando impostos, mas a mudança da Corte para o Rio de Janeiro alterou muito Barbacena nessas décadas. Em 1818 João Emanuel Pohl disse que Barbacena tinha umas 300 casas e “*os habitantes da cidade vivem mais de comércio*; *quase todas as casas têm um armazém de secos e molhados*” (POHL, 1951, p.196-197). Além de entreposto comercial, em 1812 Barbacena, então com um grande território incluindo até a atual Juiz de Fora, tinha a terceira maior produção agrária de Minas Gerais. Para comparação, também em 1812 Ouro Preto tinha 1.651 casas (CARRARA, 2001, pp.149, 150). O Rio de Janeiro nessa mesma época tinha 7.548 imóveis urbanos, estando 7.047 em condições de uso (CAVALCANTI, 2004).

4.2 A Revolta de Barbacena e a primeira semana de revolta

Na manhã do dia 10 de junho os Liberais reuniram a Guarda Nacional na praça central de Barbacena, depuseram as autoridades resultantes da nova lei que reformára o Código do Processo, e proclamaram um Presidente Interino, José Feliciano Pinto Coelho da Cunha.[116] Quase 500 Guardas Nacionais de Barbacena tinham assinado a Representação oposicionista meses antes, contra 135 que assinaram a Representação situacionista. Dia 11 Veiga já sabia "*ter rompido, ou estar a romper em Barbacena um movimento revolucionário...*". No dia 13 ele já tinha certeza. Dias 14 e 15, o governo de Ouro Preto iniciou sua reação, ordenando a reunião da Guarda Nacional. Para Veiga, o objetivo dos rebeldes era impor um ministério ao Imperador. [117]

Marinho diz que os legalistas foram pegos de surpresa "*tomando-se desde o dia quatro em uma Chácara vizinha, todas as medidas para o rompimento, convocando-se Guardas Nacionais, mandando-se próprios, estavam eles de tudo na completa ignorância*" (1978, p.68). Diz ainda que "*alguns quiseram evadir-se, estavam porém cercados dentro da Cidade*". No mesmo dia o governo rebelde mandou cancelar a Reforma do Código:

> Sendo o objetivo principal do movimento político, que acaba de ser feito nesta Cidade sustentar a Constituição Política do Império, e o Trono do Senhor D. Pedro II, e defender estes sagrados objetos dos ataques, que lhes são feitos diretamente pela lei das reformas dos Códigos Criminal, e do Processo, que anulam a Constituição em suas bases essenciais; e convindo por isso que se reestabeleçam os ditos Códigos em seu inteiro vigor até que o Poder Legislativo Geral resolva a este respeito (...) nenhuma obediência se deve prestar às Autoridades criadas em virtude das mesmas reformas (DESPERTADOR MINEIRO, 2/7/1842).

Os redatores do *Echo*, que era de Barbacena mesmo, do *Universal*, de Ouro Preto, e do *Despertador Mineiro*, de São João Del Rei, estavam em Barbacena, de forma que falavam

---

116 José Feliciano Pinto Coelho da Cunha. Foi Deputado Provincial e Geral. Em julho de 1841 recebeu, como parte das honrarias distribuídas durante a coroação de Pedro II, o título de Veador Honorário de Pedro II (O CORREIO DE MINAS, 31/7/1841). Durante a revolta de 1842 esse título lhe foi cassado. Era sobrinho do Marquês de Itanhaém, tutor do Imperador, e que tinha demonstrado influencia sobre este no episódio da Maioridade (CASTRO, 1978, p. 519). Já em 1844 era o Barão de Cocais. Foi arrematador das malas de correio para Barbacena (O UNIVERSAL, 26/8/1840). Era considerado por alguns como o homem mais rico de Minas Gerais.

117 Trata-se de ofício do Presidente da Província de Minas Gerais dando parte das notícias que corriam na Capital sobre a revolta de Barbacena; 2ª Proclamação, do Governo Provincial, 15 de junho (SOUSA, 1843, p. 16, 18, 25).

deles mesmos quando escreveram no Manifesto rebelde que "*os escritores refugiaram-se*" (SOUSA, 1843, p.9). O padre Manoel Rodrigues da Costa, antigo Inconfidente, fez parte do movimento (ofereceu a própria casa, como se viu) e enviou uma carta a D. Pedro II (MARINHO, 1844/1978, p71). O portador das cartas do Pe. Manoel Rodrigues e do presidente interino José Feliciano para D. Pedro II, José Furtado Plariano Pizza, foi aprisionado pelas forças legais e os dois documentos não chegaram a seu destino (BARBOSA, 1979, p.579).

"*Nesse mesmo dia retirou-se a maioria da Guarda Nacional que de fora havia concorrido ao ato da aclamação. Foi esse o primeiro e inqualificável erro que cometeram os insurgentes.*", reclama Marinho, que queria que se marchasse logo sobre São João Del Rei. Mas foram criados destacamentos para dominar os caminhos para o Rio de Janeiro, na estrada do Paraibuna, na do Rio Preto e em Pomba (MARINHO, 1844/1978, p.83). É por isso que o coronel Souto Maior[118] disse que os rebeldes até o dia 12 de junho não teriam mais que 100 homens. [119]

Até marchar sobre São João, uma semana depois, o Presidente interino ficou em Barbacena expedindo ofícios, enviando nomeações e demissões. "*Estava pois o Presidente interino na intenção de não agredir alguma povoação*" porque "*entendiam eles que a manifestação das localidades, sem alguma espécie de coação, convenceria melhor ao Monarca de que o País repelia a desastrosa política de seus Ministros*" (MARINHO, 1844/1978, pp.83, 84). Ou seja, o plano até então era vencer no grito, sem dar um tiro.

No dia 13 o governo interino proibiu reuniões dos seus adversários políticos. Para o *Correio de Minas* "*Um dos primeiros atos do governo de José Feliciano foi ordenar a prisão de todo aquele que fosse desafeto ao movimento político operado em Barbacena, ou que murmurasse de seu governo*" (29/10/1842). O governo rebelde confiscou os bens de José

---

118 Coronel F.V. Souto Maior. Segundo seu testemunho foi enviado como comandante militar de Barbacena do dia 2 de junho de 1842, mas não chegou a esta cidade antes de estourar a revolta. Informado da mesma, tentou voltar ao Rio de Janeiro, mas foi aprisionado pelos rebeldes, ocasião na qual quase teria sido fuzilado. Ficou preso, com mais alguns companheiros de armas. Feliciano o prendeu na Câmara e seus colegas da cadeia. Quando ele protestou, foi também para a cadeia, onde esteve por 37 dias. Enviados para a cadeia de São João Del Rei, o Juiz de Direito, provavelmente Domiciano, não quis se responsabilizar por tal prisão, e os enviou ao exército rebelde. Antes de saírem de São João Del Rei receberam a visita de Severo Martiniano, que lhes ofereceu dinheiro para subornarem a escolta, que não aceitaram. (SOUSA, 1843). Marinho disse sobre ele que tinha "*maneiras agradáveis e polidas*", "*porte militar e cavalheiro*", e incutia temores nos insurgentes ordinários, seus carcereiros (MARINHO, 1979, 0.221).

119 Trata-se de ofício do Coronel F. V. Souto Maior narrando a sua prisão, e outros acontecimentos que tiveram lugar na Província de Minas (SOUSA, 1843, p.266).

Bento da Costa Azedias, que tinha se retirado da cidade (O CORREIO DE MINAS, 29/10/1842). A tipografia do *Parahybuna* talvez estivesse incluída nesses bens.

Proclamações, ofícios, ordens etc. enviadas pelo governo de Barbacena correram o mais rápido possível para a época, de forma que nesse mesmo dia 13 já tinham chegado a Baependi. [120]

Poucos inquéritos sobraram da Revolta de 1842, e somente os que se iniciaram em Campanha. Em Campanha, já no dia 11, o delegado registrava "*notório ajuntamento de pessoas armadas que tem aparecido em vários pontos desse Município*", e começou a fazer prisões por puras suspeitas. Os oposicionistas de Campanha estavam então concentrados nos arraiais de Lambari e Rio Verde, e no lugar chamado Galinhos, na casa do Juiz de Paz João Ribeiro, entre esse último arraial e Baependi. Também parece ter acontecido um rompimento no arraial do Carmo. É possível perceber por esses inquéritos referentes a Campanha que as casas dos oposicionistas estavam sendo vigiadas. Dia 12 uma testemunha já afirmava que seus parentes saíram da cidade em direção a Galinhos, passaram alguns dias, e voltaram. Outra testemunha, também testemunhando no mesmo dia do levante de Barbacena, diz que os rebeldes já tinham se deslocado de Galinhos para São Tomé das Letras, onde, como contou outro rebelde, soube-se da revolta de Barbacena. Os rebeldes da coluna Junqueira reconheceram a presidência de Feliciano portanto depois que estavam em armas há alguns dias, e no dia 20 de junho publicaram um manifesto. Possivelmente cumpriam um plano comum.

Em Galinhos os rebeldes montaram uma escola, sendo professores o suíço Boaventura Bardy[121], Amaro Gonçalves de Mendonça[122] e Antonio Joaquim Francisco. Em Campanha uma mulher apareceu nos inquéritos como líder rebelde local, em uma carta escrita para outro chefe rebelde, apreendida, e incluída no processo contra João Abreu de Mira. Trata-se de uma Quitéria, que escreve em nome de seu marido. Ela porém comete os atos falhos de escrever "*eu mandei*" e "*me trair*", indicando que mandava ela mesma (NOGUEIRA, 1979, pp.5, 6, 8, 12, 13, 22, 25, 28, 31, 35, 63). Em 1812 Campanha tinha 377 casas e não deve ter crescido muito até 1842, e era uma das mais importantes cidades da província (CARRARA,

---

120 Trata-se de uma Circular a algumas Câmaras Municipais para que se não consintam reuniões de pessoas suspeitas; Resposta do Sargento Mor Damaso Xavier de Castro a uma Portaria em que se lhe comunicava a sua demissão (SOUSA, 1843, pp. 21-22).

121 Joaquim Boaventura Bardy. Nascido na Suíça, tinha 42 anos durante a revolta. Era casado, taberneiro, professor de francês, geografia e história.

122 Amaro Gonçalves Mendonça Coelho, escrivão de órfãos, casado, tinha durante a revolta 38 anos.

2001, p.150).

Pomba parece ter sido a primeira cabeça de municipalidade a se somar a Barbacena, e logo ali se reuniram 500 rebeldes, mas não conseguiram reunir vereadores suficientes para reconhecer o Presidente Interino (DESPERTADOR MINEIRO, 25/6/1842; MARINHO, 1978, p.86). Dia 14, a Câmara Municipal de Queluz (atual Conselheiro Lafayete, tinha 114 casas em 1812) reconheceu o governo rebelde.[123] Para Marinho foi a segunda a aderir. Como foi comum, o lado político mais fraco, nesse caso o governista, já tinha se retirado da Vila. No mesmo dia, em Lavras, o povo tomou armas, e no dia 15 a Câmara reconheceu o governo rebelde. Essa Vila tinha 160 casas em 1812 (CARRARA, 2001, p.150). Essa Câmara correu a retomar seus poderes, nomeado juízes e depondo as autoridades criadas pela reforma de 1841. Em seu manifesto foi clara em afirmar que seu objetivo era derrubar o Ministério, e disse que estava "*a título de instruções perdido o direito de votar*". Os legalistas de Lavras refugiaram-se no distrito de Traíras. [124] Sobre a revolta de Lavras *A Ordem* nos diz que se testemunhou "*rebentar com terror, violência e medo, uma perfeita rebelião debaixo de vozerias, aleives e ameaças no sempre infausto dia 14 de Junho do corrente ano*" (A ORDEM, 23/11/1842). Segundo as testemunhas do inquérito sobre a revolta de Lavras, um dos poucos inquéritos já encontrados, cerca de duzentos e cinquenta homens estiveram em armas durante a revolta, sendo eles GNs, paisanos e alguns criminosos. Os rebeldes tramaram a revolta em reuniões fora da sede do município, apesar de terem nele um local de reuniões constantes, a casa de Tomaz de Aquino Alves de Azevedo, onde a polícia sabia que aconteciam reuniões inclusive "*de noite*". Um dos principais líderes foi o vigário Diniz.[125] Os rebeldes de Lavras teriam feito subscrições às quais algumas pessoas teriam sido coagidas a contribuir (NOGUEIRA, 1979, pp. 263, 267, 266, 23, 239, 242).

Dia 15, Santa Bárbara, terra do presidente rebelde, levantou-se "*em uma grande reunião de povo e Guarda Nacional*", e dia 16 a Câmara reconheceu Feliciano como presidente interino. Foi, "*dos que ficam ao norte da Província, o primeiro que se declarou*" (MARINHO, 1844/1978, p.107). Também Aiuruoca logo no início da revolta aderiu, depois de ocupada por tropas de um de seus distritos, Turvo (atual Andrelândia), dia 15, e sua

---

123 Vide ofício da Câmara Municipal de Queluz participando haver reconhecido o governo rebelde (SOUSA, 1843, p. 22).

124 Vide ofício da Câmara Municipal de Lavras declarando haver reconhecido o governo rebelde; e Proclamação da Câmara Municipal de Lavras (SOUSA, 1843, pp. 27-29).

125 Vigário Francisco de Paulo Diniz foi ativo, recrutou e fardou alguns soldados para revolta (NOGUEIRA, 1979, p.244).

Câmara reconheceria o governo rebelde no dia 28 de junho. [126] Santa Bárbara tinha 271 habitações em 1812, já Aiuruoca e seu distrito do Turvo tinham quase o mesmo tamanho, com respectivamente 44 e 43 imóveis urbanos (CARRARA, 2001, p150).

Um *Echo* com somente duas páginas publicado dia 15 de Junho parece ser o primeiro depois do levante, posto que publicou as primeiras peças oficiais dos rebeldes, nas quais o objetivo que aparece em destaque é a libertação do monarca. Já noticia a adesão de Pomba e Santa Rita do Turvo no dia 12, e de Queluz no dia 13. Também Carrancas, em São João Del Rei, já teria aderido. Líderes governistas estariam sendo presos (O ECHO DA RASÃO, 15/6/1842).

Nesse mesmo dia 15 a notícia do levante de Barbacena chegou à Corte. Segundo Paulino, Ministro da Justiça:

> O torpor que aquela notícia causou nesta Capital foi extraordinário, e aumentou consideravelmente nos dias seguintes (...) diretores, agentes, e cúmplices da rebelião se apresentavam nesta Corte, reunindo-se sem o menor rebuço, ameaçando, inventando e espalhando as notícias as mais aterradoras.
> O rompimento de Barbacena seguido logo depois pela Pomba e outros Municípios que cercam toda a Província do Rio de Janeiro até onde limita com a de S. Paulo (...) Acreditava-se (e o tempo demonstrou o quão fundados eram esses receios) que iguais movimentos teriam de aparecer em algumas Províncias do Norte, e especialmente Ceará e Pernambuco.[127]

O governo central "*Achava-se exausto de forças por haver enviado todas as que podia dispor para a Província de São Paulo*" então "*mandou vir forças do Rio Grande do Sul, e das Províncias do Norte*" e ainda deixou "*a Capital inteiramente desguarnecida*", enviando todas as forças possíveis para a ponte do Paraibuna. Essa força foi depois elevada a cerca de mil homens (PEREIRA, 1843, p.28). Em carta para Firmino Rodrigues da Silva, o Ministro da Justiça, Paulino Soares, contou que "*mandou-se buscar um batalhão de linha de 700 praças a Porto Alegre e 200 a São Paulo*". No Rio de Janeiro "*somente temos guarda nacional e 200 permanentes*" (MASCARENHAS, 1961, p.49).

---

126 Vide Ata da Seção em que a Câmara Municipal de Santa Bárbara reconheceu o governo intruso e Ofício da Câmara Municipal de Ayuruoca participando haver reconhecido o governo rebelde (SOUSA, 1843, pp. 31-32, 78-79).

127 Esse extrato é do Relatório da Repartição de Justiça apresentado à Assembléia Geral Legislativa pelo respectivo Ministro e Secretário de Estado Paulino José Soares de Souza, em data de 1 de janeiro de 1843 (SOUSA, 1843, p. 324).

Mapa 3 – Primeira Semana da Revolta de 1842

Fonte: SOUSA, Bernardo Xavier Pinto de. **História da Revolução de Minas Gerais em 1842**. Rio de Janeiro: Tipografia de J.J, Barroso e Comp. 1843. MARINHO, José Antônio. **História da Revolução de 1842**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1978. Elaborado pelo autor.

Havia, porém, um município na fronteira de Minas com o Rio de Janeiro onde as coisas não corriam tão bem para os rebeldes. Era Presídio (atual Visconde do Rio Branco), cuja Câmara, ocupada por suplentes desde que os vereadores eleitos foram suspensos, negou apoio ao governo rebelde no dia 15 de junho.[128] Durante todo o movimento, os legalistas de Presídio resistiram e enfrentaram os rebeldes. Logo Presídio: "*aquela vila tem sempre feito oposição aos princípios administrativos, que nos tem infelizmente dirigido de 19 de setembro de 1837 para cá*" (O UNIVERSAL, 5/8/1841).

Dia 16 de junho o governo legal em Ouro Preto reagiu à difusão da revolta por vários municípios ordenando aos funcionários públicos que não mais respeitassem as Câmaras que

128 Vide Ofício da Câmara Municipal de Presídio declarando que não reconhece o governo rebelde (SOUSA, 1843, p.26).

tinham declarado apoio aos rebeldes, e orientando os legalistas a juntarem suplentes e reunirem Câmaras paralelas às rebeldes em algum ponto do município que dominassem. Acima se viu que os legalistas de Lavras se refugiaram em Traíras. Os de São João Del Rei se refugiariam em Tamanduá. Os de Pomba, no Kagado (sic).[129] São três exemplos de um fenômeno comum em 1842, o lado mais fraco se retirava para outra localidade. A proposta de Bernardo da Veiga, portanto, foi realista.

Nesse mesmo dia 16 de junho rebeldes de Prados marcharam sobre São José Del Rei (atual Tiradentes), sede de seu município, cuja Câmara foi forçada a reconhecer o governo rebelde no dia 17 ou 18.[130] Em 1842 São José tinha 168 imóveis urbanos, e Prados, seu arraial, tinha 29 (CARRARA, 2001, p.150). Os vereadores legalistas de São José, depois de terminada a revolta, relatariam esse episódio, em reunião no dia 17 de Setembro de 1842, mas como se nota, a data por eles indicada é um pouco diferente:

> dia 18 de junho do corrente ano, pelas duas horas da tarde, pouco mais ou menos, entrou nesta Vila uma força armada dos rebeldes, comandada por Manuel Felipe Nery, que intitulava-se Major dos mesmos rebeldes, cujo numero era de sessenta e tantas praças, fora uma porção de guerrilheiros (VALE, 2000, p.163).

O presidente legalista da Câmara diz ter tentado resistir e foi levado à força.[131] É um dos muitos casos em que rebeldes e legalistas disputaram a sede política e mesmo a representação politica do município, característica da Revolta de 1842 em Minas Gerais.

4.2.2 Levante da Guarda Nacional de São João Del Rei

São João Del Rei era importante centro comercial de Minas Gerais, um porto seco de sal, sua principal mercadoria. Além do sal, recebia grande variedade de mercadorias do Rio de Janeiro para vender nas Minas, e os produtos mineiros para enviar à Corte. Sua posição privilegiada, servida por várias estradas, permitia que tivesse esse papel na economia mineira.

---

129 É o que se colige da Portaria declarando que se não deve prestar obediência às determinações das Câmaras Municipais que reconheceram o governo intruso, e da Carta dirigida ao Juiz de Paz do Distrito da Vila da Pomba por Antonio Pires do Carmo, queixando-se de o haverem iludido para que tomasse parte na revolução (SOUSA, 1843, pp. 30, 102).

130 Vide Ofício do Presidente da Província de Minas dando parte de alguns movimentos em favor dos rebeldes nos Municípios de Santa Bárbara, Bom Fim, e Mariana etc (SOUSA, 1843, p. 41).

131 Isso se encontra em uma nota de rodapé da página 96 do livro cuja organização é atribuída a Bernardo Xavier Pinto de Sousa (1843).

São João del Rei era também um centro financeiro e crediticio (FILHO, 2002, pp.39, 80). Em 1812 tinha 768 imóveis urbanos pagando imposto de décima, e em 1828 eram 832 imóveis. Se Ouro Preto (1.651), Sabará (785) e Diamantina (768) tinham mais imóveis que São João em 1812 não significa que eram maiores economias, pois com seus 768 imóveis São João Del Rei pagou quase tanto imposto predial quanto Ouro Preto, quase 900 mil réis, em uma média de 1$163 por imóvel, quando Ouro Preto pagou 1 conto e 100 mil réis, em uma média de 671 réis por imóvel (CARRARA, 2001, pp.147, 150). Em 1818, assim como de Barbacena, Pohl disse que "*vivem os habitantes da cidade, em geral, do comércio (pois quase cada casa, aqui, tem um armazém, uma venda) e da lavoura...*" (POHL, 1951, p.202).

Segundo Feliciano foi "*a parte dos mineiros sobre quem mais pesou o jugo da escravidão, que maiores vexames, e perseguições experimentou*".[132] Os governistas perseguiam e vigiavam porque os boatos de levante eram constantes. Os legalistas passaram a se concentrar na casa do delegado José Coelho de Moura, preparando-se para o pior (A ORDEM, 19/10/1842). Que aconteceu quando "*constou que a heróica Cidade de Barbacena havia proclamado Presidente interino da Província ao Exm. José Feliciano Pinto Coelho da Cunha*" (DESPERTADOR MINEIRO, 25/7/1842).

Dia 17 os governistas "*tocaram a rebate*" para convocar um Conselho, convocado pelo Juiz de Paz interino, Manoel Antonio Fernandes (A ORDEM, 19/10/1842):

> Neste Conselho o Juiz de Direito interino e mais alguns oficiais foram de opinião que se resistisse até a última gota de sangue, porque eles não eram os que se haviam de sacrificar; porém a maioria opôs-se, nada se decidiu e o Conselho se levantou tumultuariamente (DESPERTADOR MINEIRO, 25/7/1842).

A maioria da Guarda Nacional de São João del Rei tinha assinado o manifesto da oposição poucas semanas antes, e segundo a imprensa rebelde:

> Vendo que a grande maioria do povo e Guarda Nacional não lhes eram afetos, tiveram o descoco (sic) e impolítica de desarmá-la, e guardar as armas na casa do Delegado, pondo então toda a sua confiança nos Pedestres e até nos escravos, que imprudentemente armaram (DESPERTADOR MINEIRO, 25/7/1842).

Não foi suficiente para conter a GN:

---

132 Vide Proclamação aos Habitantes de São João del Rei (SOUSA, 1843, p. 33).

> À tarde tocam a novo rebate, e então porque um dos chefes de Pedestres declarou, que tinha ordens de resistir e fazer fogo, cai a Reserva sobre eles, e logo foi acompanhada da ativa, que todas juntas começaram a enxotar os Pedestres, e ao mesmo tempo a dar vivas ao novo Presidente (DESPERTADOR MINEIRO, 25/7/1842).

Para *A Ordem* isso teria sido feito com "*vozerias de – morras. – e gritos de – foras*" (A ORDEM, 19/10/1842). Os Guardas colocaram no comando o Sargento Mor Alvarenga,[133] que enorme papel teria na Revolta até depois da batalha de Santa Luzia (DESPERTADOR MINEIRO, 25/7/1842). Marinho fez outra descrição do levante:

> Atreveu-se então um Guarda Nacional a soltar um viva o Presidente interino, e tanto bastou para que os oligarcas, lançando ao chão as armas, se arremessassem uns aos pés, outros aos pescoços dos homens da oposição... (...) Cada um dos mais notáveis dentre estes conduziu à casa alguns dos oligarcas que mais se haviam comprometido com a população (MARINHO, 1844/1978, p.94).

Isso apesar da Guarda Nacional estar desarmada, e de existirem na cidade 200 pedestres bem armados. Depois do levante Feliciano entrou com 600 homens em São João Del Rei e a Câmara cassada pelo Ministério foi reempossada (DESPERTADOR MINEIRO, 25/7/1842). Uma "*banda de música percorria as ruas*" e:

> era imenso o concurso do povo reunido no largo chamado de São Francisco, arrebatadoras foram também as aclamações com que fora recebida a coluna insurgente; todas as casas estavam ainda abertas e a cidade com brilhantismo iluminada (MARINHO, 1844/1978, p.95).

O padre Dr. Luiz José Dias Custódio, reconhecido governista, antigo anti-Liberal, foi obrigado a dar missa. Um dos redatores do *Despertador Mineiro*, o Dr. Domiciano Leite Ribeiro, futuro Visconde de Araxá, foi nomeado Juiz de Direito substituto (MARINHO, 1844/1978, p.96).

Ao invés de ordenar marchar sobre qualquer outra localidade, Feliciano ordenou que a GN de Barbacena retornasse a essa cidade, onde 300 rebeldes ficaram então estacionados

---

133 Francisco José de Alvarenga foi considerado por Marinho como "*um dos melhores oficiais que tinham os insurgentes*". Era Alferes reformado. Em 1831 era membro da diretoria da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência do Brasil, de São João del-Rei. Foi vereador eleito em 1836. Em 1842 ele tinha esposa e filhos pequenos em São João Del Rei (MARINHO, pág.99, 146). Em 1859 foi um dos assinantes do livreto do também veterano rebelde de 1842, capitão (durante a revolta) José Antonio Rodrigues, dono de tipografia, redator de vários periódicos e autor de alguns livros, e que ao contrário de Alvarenga, foi processado pela revolta (RODRIGUES, 1859). O inventário de Alvarenga é de 1870.

até a retirada mais de um mês depois (MARINHO, 1844/1978, p.96).

A imprensa legalista depois da revolta denunciou que sob o poder dos rebeldes padres "*eram arrastados à cadeia por entre as vaias e chufas da populaça em delírio*" (A ORDEM, 8/10/1842). Porém, também é uma folha legalista que diz que em São João del Rei "*os insultos eram dirigidos não às pessoas da legalidade, porque não se achavam na Cidade, mas as suas propriedades*" (O CORREIO DE MINAS, 29/10/1842). Em uma carta apreendida pelos legalistas, um rebelde que assinou como "*Um Chimango forte*" confirmou que "*Vários cascudos de S. João existem em a casa de pouco pau, e procura-se pelo resto*" (A ORDEM, 14/12/1842). No original é "*pouco pau*", mas talvez significasse "*pouco pão*", de qualquer forma, era a cadeia. Falando da província como um todo, o deputado legalista Paula Santos afirmou que a revolta "*instaurou o mais cruel despotismo entre nós*" (O CORREIO DO POVO, 17/10/1842). Porém, nem todos os legalistas fugiram de São João Del Rei para Tamanduá, pois mesmo durante os dias da revolta "*bradava o seu venerável vigário, Sr. dr. Luiz José Dias Custódio,*" um dos prováveis redatores d'*A Ordem*, "*contra as atrocidades de que era testemunha*". Também "*O Sr. Coronel Martiniano, fez todo o possível para apressar a restauração da legalidade nesta Cidade, entretendo ativa correspondência com o governo da província...*" (A ORDEM, 8/10/1842, 9/11/1842).

Além da repressão aos legalistas, dia 13 de julho, quase um mês depois do levante da GN, Feliciano aumentaria o "*empréstimo*" dos capitalistas de São João Del Rei para o governo interino, de 40 para 100 contos de réis. Os "*encarregados*" da "*comissão de completar o referido empréstimo*" foram José Maximiano Baptista Machado (do *Amigo da Verdade*) e Antonio Fernandes Moreira. [134]

4.2.3 A ponte do Paraibuna

No mesmo dia do levante da GN de São João Del Rei, dia 17 de junho, no Rio de Janeiro um panfleto rebelde foi colado nas ruas. Dia 18 os direitos civis foram suspensos, quinze pessoas foram presas na Corte e cinco fugiram. Dia 19 de junho, o governo central emitiu uma primeira proclamação aos rebeldes, sem promessas ou ameaças. Dia 20 de Junho, o governo central colocou as províncias de Minas Gerais e São Paulo sob leis marciais. [135]

---

134 Vide Portaria declarando ter-se elevado a cem contos de reis o empréstimo para despesas da Província (SOUSA, 1843, p.158).

135 Vide Proclamação de S. M. o Imperador; Extrato do Relatório da Repartição de Justiça apresentado à Assembléia Geral Legislativa pelo respectivo Ministro e Secretário de Estado

Ottoni, que tinha então um filho nascido em Janeiro de 1842 (BLAKE, 1902, p.267), teria fugido do Rio de Janeiro poucos dias antes:

> na noite de 15 para 16 de junho de 1842, arrostando perigos, e com o fim de partilhar a sorte de meus amigos, parti do Rio para Minas, quando aqui já se festejava a derrota da Venda Grande, a retirada da Ponte dos Pinheiros, e consequentemente a queda da revolução de S. Paulo (MARINHO, 1844/1978, 189; OTTONI, 1860, p.104).

Diz que foi perseguido por uma patrulha até o rio Paraibuna. Ottoni provavelmente chegou a Barbacena de 19 para 20 de junho, pois *O Echo* publicou, datadas do dia 20, "*notícias*" que ele, como hoje se sabe, manipulou no sentido de estimular a revolta. Dizia que só 90 soldados estariam marchando contra Minas Gerais. Tropas mineiras estariam atacando o Rio de Janeiro (O ECHO DA RASÃO, 22/6/1842). Marinho diz que ele sabia das derrotas rebeldes em São Paulo desde que saiu do Rio de Janeiro, mas não contou nada para não desanimar os rebeldes. Assim Marinho o elevou a herói (MARINHO, 1844/1978, pp.158, 259).

Como se sabe, os legalistas acusaram Ottoni de ter mandado incendiar a ponte do Paraibuna, o que os rebeldes sempre negaram. Para Marinho a ponte foi queimada depois do dia 18, e Ottoni já estaria em Barbacena no dia 20, e portanto não seria o responsável (MARINHO, 1844/1978, p.219).

Segundo o ministro Paulino o assunto foi muito mais sério que essa fofoca sobre quem mandou por fogo em que, pois "*O primeiro cuidado dos rebeldes de Minas foi cortar toda a comunicação com a Corte e Província do Rio de Janeiro*". Um engano quanto a ser o "*primeiro cuidado*". Quando Feliciano foi nomeado Presidente interino "*não foi ordenado o imediato impedimento do trânsito de gado e tropa de muares*" (HÖRNER, 2010, p.242). Para Paulino, só teria escapado uma ponte entre as duas províncias, a de Sapucaia, guardada a tempo por forças legalistas.[136] Também segundo *A Ordem*, de São João Del Rei:

> contavam os rebeldes desta cidade, para conseguirem o triunfo de sua causa, era o obrigarem a corte a bater palmas, assim se exprimiam eles, por coagida pela fome – Basta que vocês não mandem por espaço de 15 dias, papagueava um pobre de espírito aos seus comparces, bois, toicinho e queijos para o Rio,

---

Paulino José Soares de Souza, em data de 1 de janeiro de 1843 (SOUSA, 1843, pp.39, 40, 326).

136 Ver Extrato do Relatório da Repartição de Justiça apresentado à Assembléia Geral Legislativa pelo respectivo Ministro e Secretário de Estado Paulino José Soares de Souza, em data de 1 de janeiro de 1843 (SOUSA, 1843, p.325).

> que tudo lá morre de fome (A ORDEM, 16/11/1842).

A cidade portuária morreria de fome por ser bloqueada pelas montanhas. Marinho nega que existisse essa intenção (1878, p.84):

> só depois que as forças da Legalidade ocuparam a Vila da Paraíba e o Arraial do Rio Preto, que os comandantes respectivos tomaram o acordo de impedirem a passagem de gados e tropas; isto quando os Legalistas retinham presos todos os Mineiros (...) [que] regressavam à sua Província.

De volta a Minas Gerais e ao dia 18, o presidente Bernardo da Veiga, ainda sem saber do levante de São João Del Rei, já encontrava dificuldades para enviar correspondência à Corte. Nesse mesmo dia a Câmara de Itabira, que se esperava que aderisse à revolta, optou pela legalidade.[137] Itabira estava ocupada por uma Companhia de Caçadores de Montanha. Os oposicionistas mais decididos dessa Vila retiraram-se para Santa Bárbara (MARINHO, 1844/1978, p.107). Itabira contribuiu com 6 contos de réis para legalidade (O CORREIO DE MINAS, 21/10/1842). Mas a revolta continuava crescendo. No dia 20 a Câmara de Bomfim reconheceu o presidente rebelde, depois de alguma movimentação armada. Nesse mesmo dia o presidente rebelde, em São João Del Rei, já sabia que os rebeldes do sul de Minas tinham se concentrado em São Tomé das Letras com cerca de 900 homens. [138]

Na fronteira com o Rio de Janeiro, Presídio, que já se viu que não aderiu à revolta, recebeu reforços legalistas do Rio de Janeiro no dia 20. Forças do Rio Preto e do arraial de Santo Antônio do Rio Bonito marcharam sobre Santa Rita da Jacutinga, de onde os rebeldes se retiraram sem lutar. A praça foi ocupada por 300 legalistas.[139] Foram as primeiras derrotas dos rebeldes.

No dia 22, 12 dias depois de iniciada a revolta em Minas Gerais, o Ministério enviou para Ouro Preto a notícia de que a rebelião estava quase derrotada em São Paulo. Segundo o

---

137 Convém saber que de seis vereadores que assinaram a adesão de Itabira à legalidade, três tinham assinado em dezembro de 1842 uma petição oposicionista da Câmara de Itabira ao governo, de forma que os outros três que assinam esse documento não eram vereadores no final de 1841 (O MAIORISTA, 26/02/1842). Talvez tenham sido suplentes. Protesto de Adesão à Causa da Legalidade da Câmara Municipal de Itabira; Ofício do Presidente da Província de Minas dando parte da reunião de forças na Capital, e outros pontos etc (SOUSA, 1843, pp.35, 37).

138 Ver Ofício da Câmara Municipal de Bom Fim participando haver reconhecido o governo rebelde e Resposta a uma felicitação de Gabriel Francisco Junqueira, e outros (SOUSA, 1843, p.45).

139 Ver Ofício do Comandante Superior da 8ª e da 13ª Legião da GN da Província do Rio de Janeiro participando as providências que dera para a reunião de Forças no Rio Preto etc. (SOUSA, 1843, p. 47).

próprio ministro da justiça, Paulino, o "*governo imperial esgotou todos os meios que tinha à sua disposição nesta Corte*" para sufocar a revolta de São Paulo, usando até os marinheiros como tropas terrestres.[140]

A revolta ainda crescia. No mesmo dia 22 a Câmara de Oliveira, depois de um movimento armado, reuniu-se composta por suplentes, e reconheceu o governo rebelde. Em 1812 Oliveira tinha 43 casas (CARRARA, 2001, p.150). Os rebeldes se surpreenderam porque nessa Vila "*se supunha preponderar o partido da oligarquia, que na eleição de 1840 conseguira colocar na Câmara Municipal uma maioria sua*". Em Cláudio, arraial de Oliveira, uma coluna de 550 rebeldes se reuniu e ficou estacionada até depois do fim da revolta (MARINHO, 1844/1978, p.103-104).

No norte de Minas, mais ao norte que Curvelo e Santa Bárbara (que Marinho chama de norte) dia 23 de junho aconteceu uma batalha na ponte do Medanha. O Dr. Pedro de Alcantara, encarregado de levantar Diamantina (779 casas em 1812), foi para um arraial chamado Medanha, onde recebeu, no dia 22, a notícia do rompimento de Barbacena. Os habitantes desse arraial, entusiasmados, levantaram-se em armas (FILHO, 1980, p.137). Forças legalistas do Serro, com cerca de 300 homens, teriam desalojado da ponte do Madenha as forças rebeldes, com algo mais que 100 homens. Os rebeldes emboscaram os legalistas, mas se retiraram depois de 15 minutos de combate.[141] Ao menos quatro legalistas de Diamantina foram feridos nesse combate (O COMPILADOR, 9/6/1843).

Marinho diz do mesmo combate que os rebeldes seriam menos de 70. Para ele os legalistas seriam cerca de 40 homens somente, mas bem armados. Confirma que o combate durou 15 minutos. Os rebeldes teriam feito retroceder a coluna legalista, mas teriam perdido um homem (teria ficado ferido e teria sido assassinado no dia seguinte), e depois se retirado do arraial. O recuo dos legalistas teria sido obra de um embuste, de um corneteiro rebelde, que tocou avançar, assustando os legalistas. Para Aires da Mata as forças legalistas, com mais de 300 armas, tinham muita munição, e receberam reforços de vários arraiais. Confirma o combate de 15 minutos. Seriam 20 rebeldes que se ofereceram para emboscar as forças legalistas, que chegaram a 135 durante o combate, e a 185 depois (FILHO, 1980, p.138).

---

140 Ver Aviso ao Presidente da Província de Minas remetendo-lhe a Proclamação de S. M. o Imperador e Extrato do Relatório da Repartição de Justiça apresentado à Assembléia Geral Legislativa pelo respectivo Ministro e Secretário de Estado Paulino José Soares de Souza, em data de 1 de janeiro de 1843 (SOUSA, 1843, pp.49, 322-323).

141 Ver Extrato do ofício do Coronel da Legião da Diamantina em que deu parte do encontro com os rebeldes no sítio do Medanha (SOUSA, 1843, pp. 61-62).

Mapa 4 – Segunda Semana da Revolta de 1842

Fonte: SOUSA, Bernardo Xavier Pinto de. **História da Revolução de Minas Gerais em 1842**. Rio de Janeiro: Tipografia de J.J, Barroso e Comp. 1843. MARINHO, José Antônio. **História da Revolução de 1842**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1978. Elaborado pelo autor.

Os rebeldes que se retiraram do Medanha desceram o Jequitinhonha em direção norte, juntaram-se a forças rebeldes dos arraiais de Vassouras e Rio Preto, depois foram para o local conhecido como Pé do Morro, onde chegaram a somar 300 homens (600 para Aires da Mata). No Pé do Morro publicaram uma Proclamação e assinaram um Manifesto dia 6 de julho. Desse local decidiram marchar sobre Formigas (atual Montes Claros, que em 1816 tinha 124 casas), mas antes que isso acontecesse chegaram notícias da derrota de S. Paulo, e das proclamações do Imperador, e nenhuma notícia favorável à revolta, e aos poucos os rebeldes desertaram quase todos. Finalmente, os remanescentes se retiraram para a fazenda de Felipe Alves, depois se refugiaram no sertão da Bahia, ou tentaram se juntar às forças de Curvelo e foram presos (MARINHO, 1844/1978, pp. 148-149, 154-155, 156; FILHO, 1980, pp.138-142).

Analisando as duas primeiras semanas confirma-se que "*as fileiras da legalidade em*

alguns pontos ou se acharam desertas, ou se foram reforçando com tibieza" (A ORDEM, 29/10/1842). Mas por sua vez, "*o sistema de evitar choques, e o derramamento de sangue, deixando tudo a cada uma das povoações, comprometia diariamente a causa dos insurgentes*". Já tinham se declarado a favor da revolta os municípios de Queluz, Bom Fim, Pomba, Barbacena, S. José, S. João Del Rei, Lavras, Aiuruoca e Oliveira (MARINHO, 1844/1978, pp.99, 104).

4.2.4 A guerra de informações

Dizia o príncipe Metternich, da Áustria, que "*para Napoleão as gazetas equivalem a um exército de 300 mil homens...*" (ALBERT, TERROU, 1990, p.26). No mesmo dia da batalha de Medanha o Ministério emitiu um aviso de que os bens dos rebeldes poderiam ser sequestrados para ressarcirem os cofres públicos dos prejuízos causados pela revolta. [142] Essa publicação foi uma das mais poderosas armas do conflito, pois abalou o ânimo de muitos rebeldes, valendo sozinha por muitas batalhas, gerando inúmeras deserções na medida em que se espalhou. Dizia literalmente: "*expeça ordens aos magistrados territoriais para que ponham em arrecadação e boa guarda todos os bens pertencentes a rebeldes que, empenhados na revolta, se tiverem ausentado de seus domicílios*" (MARINHO, 1844/1978, p.241).

Acrescente-se que "*A proclamação e o aviso acima referido, com o* Jornal do Commércio *que consignava a notícia da pacificação de São Paulo, foram conduzidos para Minas por emissários que cruzavam a província em todas as direções*" (MARINHO, 1844/1978, p.242). Também do *Brasil* o Ministro da Justiça mandou tirar mais de cem cópias para enviar para São Paulo e Minas Gerais (MASCARENHAS, 1961, p.51).

A guerra de informações também foi praticada pelos rebeldes. Em Barbacena, o *Echo da Rasão* contando as vitória da revolta incluiu como rebeldes municípios que não se rebelaram – Presídio, Itabira e Três Pontas. Também o *Despertador Mineiro*, de São João Del Rei, incluiu Três Pontas entre as localidades rebeldes. Espalhou boato de queda do Ministério. A revolta teria se espalhado por cinco municípios do Rio de Janeiro, por Pernambuco, Ceará e Maranhão (DESPERTADOR MINEIRO, 8/7/1842). Paracatu, que só aderiu à revolta no dia 20 de julho, já foi citada como rebelde pelo *Despertador Mineiro* de 2 de julho. Também o

142 Sem dúvidas uma das mais influentes publicações da história da Revolta de 1842 foi o *Aviso aos Presidentes das Províncias de Minas, S. Paulo, e Rio de Janeiro, ordenando-lhes que façam público por Editais o teor do artigo 27 do Código Criminal que obriga os bens dos rebeldes* (SOUSA, 1843, p.55).

Despertador Mineiro disse que o deputado Paula Santos, governista, aderiu à revolta (O CORREIO DO POVO, 17/10/1842). São Paulo teria se levantado em peso. Tamanduá estaria prestes a cair. As mentiras não eram só da imprensa mineira, mas da oposição como um todo, pois disse Paulino que "*Desta Corte se mandava dizer para os pontos rebelados de Minas, que vários Municípios da Província do Rio de Janeiro já se haviam revoltado*". A imprensa rebelde não dizia só mentiras. O *Despertador Mineiro* de 28 de junho disse que os legalistas de São João Del Rei tinham fugido para Tamanduá, e que Ouro Preto estava cercada, dois fatos. Fazia apologia da Revolução Francesa de 1789, da Independência em 1822 e do 7 de Abril de 1831. Naturalmente, como contrapartida da guerra de notícias "*os rebeldes*", na verdade os dois lados, "*interceptavam as cartas e impressos levados por próprios, ocultavam as notícias, e, quando transpiravam, faziam crer que eram embustes do Governo inventados para os aterrar*".[143]

O uso das folhas como munição de guerra não era uma novidade para os mineiros. Já em 1833 na luta contra a Sedição de Ouro Preto, José Alcebíades Carneiro propôs que a Sociedade Defensora de São João del Rei comprasse exemplares de todas as folhas impressas em São João del Rei e as enviasse para todas as sociedades com as quais ela se correspondesse (ASTRO DE MINAS, 5/4/1833).

Os rebeldes foram acusados de terem divulgado que as dívidas dos mineiros com a praça do Rio de Janeiro seriam canceladas, mas isso não foi bem uma mentira, ou foi uma mentira praticada, se é que isso existe, porque foram os próprios legalistas que em 1846 denunciaram que "*Ninguém ignora que a rebelião não consentiu, que se fizesse cobranças enquanto durou, e que por muitos meses depois ficaram elas paralisadas*" (O PUBLICADOR MINEIRO, 31/1/1846).

4.2.5 O recuo do presidente rebelde

Dia 24 de junho, enquanto na Corte se comemorava a derrota de São Paulo, a Câmara de Curvelo, reunida pelo seu vice-presidente, aderiu à revolta.[144] Os rebeldes tinham se levantado na Vila, segundo Marinho, "*pacificamente*", uma vez que os governistas seriam

---

143 Encontram-se em Bernardo de Sousa (1843, pp. 73, 80-85, 329, 332) Extratos do *Echo da Rasão*, do *Despertador Mineiro* e do *Relatório da Repartição de Justiça apresentado à Assembléia Geral Legislativa pelo respectivo Ministro e Secretário de Estado Paulino José Soares de Souza*, em data de 1 de janeiro de 1843.

144 Ver *Ata da Câmara Municipal de Curvelo* em que reconheceu o governo rebelde (SOUSA, 1843, pp.56, 60).

muito fracos. Teriam fugido, os governistas, para as fazendas de Buenos Aires e Laranjeiras, ou para Pitangui (400 casas em 1812), onde se reuniu uma coluna governista. Os rebeldes de Pitangui refugiaram-se sobretudo no arraial de Patafufo (MARINHO, 1844/1978, p.117, 119). Para os governistas que redigiram o *Buletim da Legalidade no Serro*, os rebeldes de Curvelo seriam apenas 200 a 250 rebeldes mal armados, e com armas de diversas qualidades, ou seja, nem todas de fogo. Sofriam muitas deserções, falta de dinheiro e alimentos. Ao se aproximarem forças legais do Serro, com cerca de 800 homens, os rebeldes retiraram-se (BULETIM. 31/7/1842). Marinho não confirma essa fuga. A coluna de Curvelo, composta dos "*homens do sertão*", teria marchado para se somar a outras forças, como se verá, e lutado até Lagoa Santa.

Dia 26 Bernardo da Veiga já sabia da movimentação de Feliciano e tropas rebeldes para Queluz. Essa movimentação seria uma preparação para atacar a capital, Ouro Preto. As tropas legalistas seriam 500 homens em Ouro Preto e 500 em Mariana (HÖRNER, 2010, p.249). Na década de 1830 a cidade de Mariana tinha a maior concentração de pessoas livres de Minas Gerais (37 mil), e a segunda maior de escravos, perdendo somente para São João Del Rei (SALDANHA, 2010,p.5). Veiga considerava que as tropas rebeldes de Santa Bárbara eram as mais temíveis. A adesão de São João Del Rei à revolta dificultou a comunicação com a Corte e com ampla região das Minas Gerais. O deputado provincial Gomes Cândido, que ficou em Ouro Preto durante a revolta, relatou que os rebeldes "*tendo feito sair desta cidade suas famílias, nos cercaram pelos altos destas montanhas*" (O COMPILADOR, 19/7/1843).

Mas dia 27 de junho, frustrando os planos da maioria dos rebeldes e os medos dos legalistas de Ouro Preto, Feliciano recuou, com tropas, de Queluz para São João Del Rei, com a justificativa, na *Proclamação às Forças de Queluz* (SOUSA, 1843, p.68), de adiar e reconvocar a Assembleia Legislativa Provincial. Para Marinho esse recuo "*foi um golpe mortal descarregado sobre o movimento; em todos os lugares a que chegava essa notícia produzia ela geral desânimo*", e de todos os erros cometidos pelos chefes rebeldes "*nenhum fora tão fatal ao movimento*", resultando em muitas deserções (MARINHO, 1844/1978, p.124). Para Hörner, metade da tropa rebelde estacionada em Queluz desertou (HÖRNER, 2010, p.250). Um exemplo de rebelde que desistiu da luta por esse motivo foi o deputado Antão Fernandes Leão, que se entregou em Ouro Preto e, ao contrário das promessas, foi recolhido à cadeia dia 2 de julho, onde passou 5 meses.[145] Diga-se de passagem, isso aconteceu com muitos dos que se entregaram – meses de cadeia.

---

145 Ver *Ofício do Presidente da Província de Minas* participando a marcha do Comandante das Armas sobre os rebeldes de Queluz etc (SOUSA, 1843, pp.99-100; HÖRNER, 2010, p.299).

Por toda a sua atuação como presidente rebelde parece claro que a disposição de Feliciano era semelhante à de outro rebelde, que em uma carta para um terceiro rebelde, publicada n'*A Ordem* como prova de sua rebeldia, afirmou: "*perca-se tempo, mas não vidas*" (A ORDEM, 9/11/1842). Essa predisposição combina com o comportamento adotado em todo canto pelos rebeldes que "*se contentavam com a manifestação de adesão prestada ao movimento, deixando-se ficar algumas vezes reunidos em fortes colunas de guarnição nos lugares que habitavam*". Pode-se confirmar que "*cada um julgava ter tudo feito, quando essa manifestação tinha lugar em seu respectivo Município*" (MARINHO, 1844/1978, p.114, 140). Porém:

> conservar grandes reuniões de forças estacionárias – dava lugar a que os legalistas, fingindo-se do partido dos insurgentes, se introduzissem no meio delas para espalharem a intriga e o desânimo, tendo o cuidado de fazer-lhes ver a pacificação de S. Paulo (MARINHO, 1844/1978, p.154).

Sendo o plano uma manifestação política armada, não se contando com uma guerra de verdade, era natural o "*desejo de não derramar sangue*" (MARINHO, 1844/1978, p.123). Em carta, um chefe local rebelde diz que "*seria uma barbaridade, se, pais, filhos, genros e irmãos se matassem uns aos outros por causa nenhuma*" e mais adiante que "*não quero sangue de ninguém*" (NOGUEIRA, 1979, p.256). Claro que se ele estava em armas não se deve levar ao pé da letra a expressão "*por causa nenhuma*", mas fica claro que o plano não era uma guerra civil. Era para ser só política. Tomar Ouro Preto custaria uma grande batalha.

É curioso que nenhum historiador tenha discutido esse plano de atacar Ouro Preto, pois do ponto de vista militar ele não fazia nenhum sentido. Era uma praça difícil de conquistar e cuja única importância era política. Os rebeldes debateram a respeito de dar grandes batalhas ou evitá-las, mas não a respeito de quais seriam os alvos, que foram quase todos de importância puramente política. Os líderes eram políticos de carreira, e as bases tinham uma experiência política sobretudo local.

4.3 Início do Conflito Armado: Primeiros combates

Dois dias antes de Feliciano recuar para São João del Rei, dia 25 de junho aconteceram dois pequenos combates em locais entre as vilas de Presídio e Pomba, respectivamente sob controle de legalistas e rebeldes, sendo um deles resultante de uma emboscada de rebeldes contra legalistas. No dia 27, os legalistas de Presídio atacaram e desalojaram rebeldes na fazenda de Geraldo Rodrigues de Aguiar. Os rebeldes foram para Campestre, de onde ameaçavam tanto Presídio como Ubá. No dia 1 de julho cerca de 100 rebeldes se retiram de Presídio para Pomba. Legalistas de Presídio teriam recebido reforços de Ponte Nova, Anta, Arripiados, Santa Rita do Turvo, Barra do Bacalhau, Conceição, Dores, Paraopeba, S. José do Barroso e Ubá.

Às 23 horas do dia 27 de junho as primeiras tropas imperiais invadiram o território mineiro, em um local não vigiado 3 quilômetros e meio ao norte dos restos da ponte do Paraibuna (HÖRNER, 2010, p.267). Marinho acusou os rebeldes responsáveis por "*plano ou descuido*" (MARINHO, 1844/1978, p.126). Os rebeldes, acampados em Rocinha da Negra, passaram a fazer ataques de guerrilhas. Dia 29 de junho aconteceu um combate de cinco horas na Rocinha da Negra. Os rebeldes eram 252, e tinham pouca munição. Dia 1º chegaram mais cerca de 50 homens de Chapéu d'Uvas, e o comandante contou com 320 praças, indisciplinados. O Alferes Zeferino e o ajudante Severino se destacaram nos combates pelo lado dos rebeldes. O comandante legalista, dia 30, registrou que há dias eram constantes os tiroteios com os rebeldes aquartelados na Rocinha da Negra. Os legalistas enviavam para os rebeldes as proclamações do Imperador e jornais noticiando a queda de São Paulo, usando para isso um "*preto velho*".[146] Os rebeldes também enviavam suas publicações para as tropas governistas, como nos conta o *Despertador Mineiro*:

> Dizem que o Coronel Andrade remetera aos Ministerialistas papéis e impressos, que davam exatas notícias do movimento político nesta

146 Todas essas ações militares foram documentadas em ofícios de comandantes rebeldes e legalistas a saber: Ofício do Capitão Francisco de Assis Ataíde dando parte de um tiroteio que houve com os rebeldes no Município de Presídio; Ofício do Tenente Coronel do 2º. Batalhão da GN do Presídio participando a fuga dos rebeldes daquele Município; Ofício ao governo rebelde de Geraldo Rodrigues de Aguiar participando a retirada que fez do Município do Presídio com a Força do seu Comando; Ofício do Comandante da 1ª Coluna participando haver desalojado os rebeldes postados na margem do Rio Paraibuna, e achar-se no território de Minas; Ofício do Comandante da 1ª. Coluna enviando outro que recebeu do Chefe das Forças rebeldes na Rocinha da Negra em que pedia suspensão de hostilidades...; Ofícios das forças rebeldes na Rocinha da Negra para o Comando Superior rebelde da GN de Barbacena (SOUSA, 1843, pp. 66, 75, 76, 87, 90, 92-94; HÖRNER, 2010, p.267).

> Província, o qual não se limitava, como eles supunham, somente a Barbacena, e que depois disto eles haviam esfriado alguma coisa, e cessado o fogo (DESPERTADOR MINEIRO, 4/7/1842).

Nesse mesmo dia 30 o comandante das forças rebeldes de Rocinha da Negra, Manoel Francisco Pereira de Andrade, pediu trégua às forças legalistas. [147] Findava a terceira semana da revolta, e as forças legalistas do Rio de Janeiro não conseguiam passar pelas forças rebeldes pois "*Fosse em consequência deste ofício*", em que o comandante rebelde pediu uma trégua, "*ou que outros motivos tivesse ele, o comandante da força Legalista não arriscou por alguns dias uma nova tentativa*" (MARINHO, 1844/1978, p.128).

Em 1 de julho Feliciano chegou de volta a São João Del Rei "*para tomar diversas providências tendentes a guarnecer a Província*". Convocou para São João Del Rei a Assembleia Legislativa Provincial, que deveria se reunir no dia 17 de julho (DESPERTADOR MINEIRO, 2/7/1842). Logo no dia seguinte ao levante de Barbacena, 11 de junho, Feliciano tinha convocado a Assembleia Legislativa para se reunir dia 1º de julho em Ouro Preto (HÖRNER, 2010, p.250). Como não quis atacar Ouro Preto, remarcou a Assembleia para São João Del Rei. A guerra tinha começado, mas Feliciano continuava pensando o movimento como político, buscando legitimidade por meio do apoio parlamentar.

Embora as forças legalistas tivessem começado a obter alguns resultados favoráveis, os legalistas ainda estavam alarmados. Firmino Rodrigues da Silva, indicado como Juiz de Direito da Comarca do Paraibuna, viajava para assumir seu posto em Barbacena quando se iniciou a Revolta e ele se somou às tropas legalistas. Escreveu em 2 de julho para o Ministro da Justiça, Paulino Soares, que "*A nossa posição do Rio Preto é insustentável se as coisas continuarem como vão*". A província do Rio de Janeiro estaria defendida somente por este posto, e "*os rebeldes entupiram os caminhos dos arredores, e conservam-se hoje, segundo as notícias que temos, com grande força na distância de sete léguas, comandados por um Alvarenga de São João e o Galvão de Ouro Preto*" (MASCARENHAS, 1961, p.48).

4.3.1 Acordo de Baependi

Em Baependi a legalidade tinha grande apoio, e dominava "*uma das mais frequentadas estradas que comunicam a de Minas com a Província do Rio de Janeiro e com a de S. Paulo*" (MARINHO, 1844/1978, p.99). Em 1812 tinha 130 imóveis urbanos, mas foi

---

147 Ver Ofício dos rebeldes estacionados em Rocinha da Negra para o comandante das forças governistas (SOUSA, 1843, pp.87-89).

uma das localidades que se beneficiaram com a transferência da Corte para o Rio de Janeiro (CARRARA, 2001, p.150). No dia 24 de junho mais de mil rebeldes da coluna Junqueira, que somou forças desde as concentrações de Galinhos e São Tomé das Letras, aproximaram-se de Baependi. Eram muitos, mas segundo Marinho a Coluna Junqueira estava "*mal armada, e não tinha um oficial*" (MARINHO, 1844/1978, p.101). Joaquim Boaventura Bardy, que no acampamento de Galinhos foi professor em algum tipo de escola improvisada, disse que nessa fazenda não eram mais de 40, que receberam reforços de Lambari e outras localidades, e em São Tomé das Letras eram já uns 400. No "*cerco de Baependi*" teriam se reunido exatamente 1217 homes, que tomaram as posições mais elevadas. No dia 25 de junho os rebeldes tocaram suas cornetas, demonstrando força, e enviaram nova proposta de acordo, que dessa vez foi aceita. Conforme o mesmo, dia 26 a Câmara de Baependi reconheceu o governo rebelde (DESPERTADOR MINEIRO, 8/7/1842).[148] Ainda em 28 de junho os rebeldes estariam, segundo um rebelde, com mil e quatrocentos homens em Baependi (NOGUEIRA, 1979, p.34). A Coluna Junqueira,[149] depois de tomar Baependi, pouco se moveu (MARINHO, 1844/1978, p.103). Segundo Bardy, ficou ali por sete ou oito dias (NOGUEIRA, 1979, p.80).

No dia 2 de julho foi assinado o Acordo de Baependi (DESPERTADOR MINEIRO, 2/7/1842). Posteriormente os legalistas renegaram esse acordo. Já em 17 de julho de 1842 um legalista, Aleixo Ferreira Tavares de Carvalho, chamou o acordo de "*capitulação*" dos legalistas diante dos rebeldes.[150]

Os governistas assinam como "*forças constitucionais*" e os rebeldes como "*movimento nacional*" (DESPERTADOR MINEIRO, 2/7/1842). Os governistas prometeram:

> nós os que temos feito resistência ao movimento revolucionário, querendo evitar derramamento de sangue, nos obrigamos a dispersar todo o povo, que se acha reunido em nossas fileiras, entregando o armamento nacional, e cartuxame, que houver, e protestamos reconhecer a autoridade do novo Presidente interino uma vez, que esteja apoiado na maioria da Província (...) não faremos oposição alguma à suspensão da Lei das reformas (DESPERTADOR MINEIRO, 2/7/1842).

---

148 Vide Ofício do Juiz de Direito de indicação rebelde da Comarca de Rio Verde declarando que a Cidade de Campanha seria tomada; Ofício da Câmara Municipal de Baependi reconhecendo o governo rebelde (SOUSA, 1843, pp..86, 67; MARINHO, 1978, p.103; NOGUEIRA, 1979, pp. 32-33, 61, 80; BARBOSA, 1979, p. 581).

149 É curioso que Gabriel Junqueira no dia 3 de julho de 1842 ainda estava em Aiuruoca, com cerca de 200 homens, para se reunir à coluna que recebeu seu nome (NOGUEIRA (org.), 1979, p.45-46). É sinal do prestígio de Junqueira, que deu nome a uma coluna à qual se somou só depois de formada. Gabriel Francisco Junqueira tornou-se Barão de Alfenas em 1848.

150 Vide Ofício do Juiz Municipal e de Órfãos do Termo da Vila de Baependi dando parte da capitulação, retirada dos rebeldes, e restauração da mesma Vila (SOUSA, 1843, p.169).

Mapa 5 – Terceira Semana da Revolta de 1842

Fonte: SOUSA, Bernardo Xavier Pinto de. **História da Revolução de Minas Gerais em 1842**. Rio de Janeiro: Tipografia de J.J, Barroso e Comp. 1843. MARINHO, José Antônio. **História da Revolução de 1842**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1978. Elaborado pelo autor.

Os rebeldes ficaram com o armamento sob a condição de "*se por ventura for requisitado para um outro ponto, nunca deixará de pertencer a este Município*" (DESPERTADOR MINEIRO, 2/7/1842). E ainda: "*entregando-se de parte a parte os presos por motivos políticos, não servindo de suspeita para hostilidades aquela força que o Juiz de Direito julgar conveniente a fim de dar expediente e execução a todas as suas ordens*" (DESPERTADOR MINEIRO, 2/7/1842).

Se os rebeldes ficaram 7 ou 8 dias em Baependi, e se chegaram dia 25, o acordo aconteceu quanto estavam se retirando. Nota-se que os rebeldes reconheceram, ainda que provisoriamente, o Juiz de Direito indicado pelo governo em função da reforma do Código do Processo.

De Baependi os rebeldes se dividiram, indo uns para o arraial de Lambari, e outros

para a fazenda de Antonio Faxardo[151]. Alguns foram para o arraial de Mutuca. Ao deixarem Baependi alguns grupos rebeldes tiveram contato com "*o* Jornal do Commércio*, de 19 de junho que trazia a Proclamação de Sua Majestade o Imperador*". O agrupamento em que estava Boaventura Bardy, na fazenda do Ribeirão, dispersou-se ao ter contato com esse jornal, e o próprio Bardy foi se entregar, e foi preso (NOGUEIRA, 1979, pp.42, 81).

Segundo um rebelde, João Ferreira Brito, que deu depoimento em Campanha um mês depois do acordo de Baependi, as forças rebeldes da coluna Junqueira já tinham dado "*fogo à legalidade, por cinco vezes, duas no Distrito da Conceição, outra no Ponto de Baependi, outra no Morro do Cavaco e outra na fazenda do Ribeirão*" (NOGUEIRA, 1979, p.50).

Para o deputado legalista, Pereira de Souza, o acordo de Baependi teria sido útil à legalidade, que ganhou tempo para se reorganizar (O COMPILADOR, 23/4/1844). No dia do Acordo de Baependi, 2 de julho, o presidente legal, Bernardo da Veiga, em Ouro Preto, estava isolado, não conseguia sequer receber notícias da Corte. [152]

4.3.2 Batalhas de Caeté e Queluz

Caeté em 1833 foi o único município mineiro a aderir à revolta de Ouro Preto. Em 1842 foi legalista. No dia 2 de julho, tropas de Santa Bárbara, que tinham se aproximado dia 1º, intimaram Caeté a se render. Caeté recusou a rendição. Teria acontecido uma "*conferencia que tiveram a frente das Forças contrárias*", mas os legalistas teriam atraiçoado os rebeldes, resultando no início da troca de tiros. [153] Marinho descreveu que:

> Fizeram os insurgentes avançar uma linha de atiradores que rompeu o fogo sobre as forças da legalidade. Este fogo não durou porém um quarto de hora; mas os governistas retirando-se, entricheiraram-se nas casas e na Matriz, e desses pontos dirigiram sobre os insurgentes um vivíssimo fogo que sustentaram por um espaço de tempo, e com uma coragem que os honra (MARINHO, 1844/1978, p.111).

O combate durou cinco dias. Apesar do reforço de legalistas de Conceição do Serro, Caeté caiu em poder dos rebeldes. A água foi cortada, e uma casa incendiada. A retirada dos

---

151 Antônio Faxardo da Costa, dono da fazenda denominada Galinho, e da fazenda da Bocaina. Tinha 39 anos.

152 Vide Ofício do Presidente da Província de Minas participando a marcha do Comandante das Armas sobre os rebeldes de Queluz etc (SOUSA, 1843, pp.99-100).

153 Intimação rebelde ao chefe das forças legalista de Caeté (SOUSA, 1843, pp.104, 151).

legalistas, dia 7, foi para Roças Novas. Tropas de linha, os Caçadores de Montanha, estacionados em Itabira, aproximavam-se, marchando a partir do dia 4, mas não chegaram a tempo de evitar a queda de Caeté, nem de encontrar as forças rebeldes. Essa Companhia depois participaria dos combates de Lagoa Santa, Sabará e Santa Luzia (O CORREIO DE MINAS, 24/10/1842). Após a tomada, os Liberais reuniram suplentes de vereadores e reconheceram o governo de Feliciano. Mas nem sobre esses suplentes tinham muita influencia, pois poucos dias depois alguns deles já escreviam ao governo legal afirmando terem sido forçados.[154] A Câmara legalista de Caeté:

> se transferiu para o distrito de Roças Novas naqueles dias de sangrentas batalhas, e os legalistas de Caeté, após recuarem, coadjuvaram com os irmãos Lemos na batalha de Sabará e seguiram para Lagoa Santa e Santa Luzia para engrossar as forças do Duque de Caxias naquela memorável e decisiva batalha (VITORIANO, 1985, p.43).

A folha rebelde de São João Del Rei noticiou sobre a batalha de Caeté que os rebeldes "*de S. Barbara entraram em Caeté, e sendo resistidos deram aos Cascudos um ataque furioso, no qual eles perderam 350 homens, e de nossa parte somente 15 e poucos mais feridos*" (DESPERTADOR MINEIRO, 12/7/1842). Mas em 1844 Marinho criticou a decisão dos rebeldes de Santa Bárbara como inútil, dizendo que essa coluna "*acreditou fazer melhor serviço, indo primeiro desbaratar a força de Caeté*". Depois os rebeldes voltaram para Santa Bárbara, onde ficaram parados por 21 dias (MARINHO, 1844/1978, pp.111-112). Para Hörner os rebeldes de Santa Bárbara precisaram atacar Caeté para impedir que os legalistas dessa localidade reforçassem Ouro Preto (HÖRNER, 2010, p.270). Em duração, com seus cinco dias, foi a maior batalha da Revolta de 1842.

A batalha de Caeté ainda estava na metade quando aconteceu a primeira batalha de Queluz (Conselheiro Lafayete), dia 4 de julho. Queluz, com suas cento e poucas casas, estava ocupada por cerca de 240 rebeldes, segundo fontes governamentais. Como de costume, só tinham "*espingardas caçadeiras*". Os governistas atacaram com duas colunas, uma de Ouro Preto, outra de Congonhas,[155] com a manhã já avançada. As forças de Ouro Preto tinham uma

---

154 Essas informações podem ser conferidas em: Ofício do Presidente da Província de Minas dando parte dos combates de Queluz, Caeté e Mendanha etc. Ofício do Coronel da Legião da GN de Caeté participando o combate que teve lugar naquela Vila por espaço de cinco dias; Ata da Seção em que a Câmara Municipal rebelde de Caeté reconheceu o governo rebelde; Nota de rodapé (SOUSA, 1843, p.129, 145-148, 150, 152).

155 Congonhas do Campo, então um arraial, se posicionou pela legalidade, e seus GNs lutaram nas duas batalhas de Queluz (O COMPILADOR, 25/4/1844).

peça de artilharia, mas apesar disso não tomaram a cidade, e se retiraram por volta das 17 horas. Foram feitos 4 prisioneiros de cada lado. Não teria morrido nenhum rebelde, e estes calculavam as perdas governistas em 6 a 7 mortos.[156] Os rebeldes acusaram as tropas legalistas por queimarem carros de milho e uma casa, matando um idoso (DESPERTADOR MINEIRO, 8/7/1842).

É importante observar os incomuns gritos de guerra que antecederam esse combate. Segundo Marinho (1978, p.125) o chefe legalista gritou:

> um viva ao Imperador, e os insurgentes o corresponderam com os chapéus nas mãos, outro à Constituição, igual resposta, um terceiro ao Ministério e à reforma judiciária, e este é correspondido com uma descarga cerrada que foi respondida pelos governistas. Repetidas mais duas descargas, principiou a atirar a artilharia que continuou até quase ao anoitecer, sem causar o menor dano nas fileiras insurgentes.

O legalistas teriam abandonado dois cadáveres, que teriam sido sepultados pelos rebeldes. Ao menos um legalista morto foi Joaquim da Silva Durães, Guarda Nacional legalista de Boa Vista, cuja viúva recebeu pensão pela Mesa das Rendas Provinciais (A ORDEM, 17/7/1844). Até esse momento os rebeldes estavam confiantes (MARINHO, 1844/1978, pp.112, 125).

4.3.3 As quedas de Rocinha da Negra e Pomba

Os rebeldes resistiam às forças imperiais do Rio de Janeiro desde o dia 28 de junho. As tropas legalistas não conseguiam avançar, mas os rebeldes o tempo todo precisavam poupar cartuchos. O comandante das forças em operações por parte dos rebeldes, no mesmo ofício que conta suas vitórias, preocupa-se em mencionar que "*de nossa parte gastamos mil e tantos cartuchos*", e confessa "*Tenho me esforçado para que não haja fogo inútil*" (DESPERTADOR MINEIRO, 4/7/1842).

No dia 2 de julho o comandante rebelde em Rocinha da Negra já se queixava de falta de munição, e informou que não podia enviar tropas para Rio Preto. Que os rebeldes careciam de tropas prova o fato de dia 3 terem emitido uma Portaria (SOUSA, 1843, p.116) com a decisão de recrutar uma Guarda Municipal em S. J. Del Rei. Quem não fazia parte da Guarda

---

156 Ver Ofício do Comandante das Armas dando parte do 1º. Combate que teve lugar na Vila de Queluz; Ofício do Comandante das Forças rebeldes em Queluz dando parte do 1º. Combate que ali teve lugar (SOUSA, 1843, pp. 116-117, 123-124).

Nacional, já mobilizada até a exaustão, eram os homens sem renda suficiente para serem eleitores.

Os rebeldes tinham ainda que temer a artilharia que só os governistas tinham - "*Não fiz nessa ocasião carregar sobre eles, para não expor a tropa ao fogo da artilharia, tanto da Ponte, como a colocada do outro lado*" (DESPERTADOR MINEIRO, 4/7/1842). Os rebeldes fabricaram pólvora, e tentaram fabricar uma peça de artilharia em Chapéu d'Úvas, sem sucesso.[157] Os governistas então "*trataram de postar convenientemente a sua artilharia para obrigarem os insurgentes a abandonarem o reduto em que se haviam fortificado*" (MARINHO, 1844/1978, pp.128-129).

Finalmente, no dia 6 de julho, Rocinha da Negra foi ocupada por tropas legalistas, sem resistência. Somente três rebeldes foram presos. Os rebeldes culparam o comandante, que teria sido conivente com as tropas imperiais.[158] Marinho explica que o comandante tinha proposto uma mudança de posicionamento das tropas, para protegê-las da artilharia, mas isso gerou "*uma geral desconfiança*". O comandante sob suspeita das tropas saiu para conferenciar com um governista, e estava demorando a voltar, quando aconteceu um ataque legalista. As tropas rebeldes teriam então se dispersado. Claramente não eram tropas profissionais, disciplinadas, preparadas para imprevistos. O comandante da coluna rebelde realmente a tinha traído, entregando-se às tropas legais, e ao contrário das promessas, foi preso e assim ficou por 16 meses (MARINHO, 1844/1978, pp.129, 279).

Os rebeldes logo recobraram ânimo, reagruparam-se, e iniciaram uma resistência ao avanço das forças governistas, claramente superestimado por Marinho (1978, pp.129-130):

> Bem que não fosse possível aos insurgentes embargar inteiramente o passo à coluna governista, todavia, não podia esta avançar senão muito vagarosamente, sempre incomodada pelas guerrilhas insurgentes, dirigidas por Severino e Zeferino (...) as retiveram [as forças do governo] por quanto tempo lhes aprouve demorá-las, e foi só depois que receberam ordem para que se concentrassem para Barbacena, que os bravos do Paraibuna cederam o passo às forças do Governo.

No mesmo dia 6 de julho, Pomba caiu sob poder dos legalistas. Cerca de 600 a 800 rebeldes, segundo ofício legalista, teriam fugido sem oferecer combate (SOUSA, 1843,

---

157 Isso pode ser conferido em um Ofício rebelde ao Comandante Superior rebelde da GN de Barbacena (SOUSA, 1843, pp.97-98).

158 Vide Ofício do Comandante da 1ª. Coluna participando haver desalojado os rebeldes do acampamento da Rocinha da Negra; Ofício de Antonio Francisco dos Reis Barros participando a derrota das forças rebeldes na Rocinha da Negra ao governo rebelde (SOUSA, 1843, pp.126, 152).

p.130). Segundo Marinho, a força legalista postada no arraial de Rio Novo, com menos de 200 homens, espalhava notícias da queda de São Paulo e do decreto de confisco dos bens dos rebeldes. Em alguns lugares os confiscos já estavam mesmo sendo executados. Bastou o boato de que a Vila seria atacada no dia 5 e os rebeldes se dispersaram. Pouco mais de cem rebeldes de Pomba continuaram em armas e recuaram para Barbacena. É ao falar da dispersão da coluna rebelde de Pomba que Marinho escreveu sua famosa frase: "*O* Jornal do Commércio, *que noticiava a perfeita pacificação de S. Paulo, a proclamação Imperial de 19 de Junho, e o Aviso de 23 do mesmo mês, valeu ao Governo por mais de 10 mil homens*." (1978, p.130).

Mapa 6 – Quarta Semana da Revolta de 1842

Fonte: SOUSA, Bernardo Xavier Pinto de. **História da Revolução de Minas Gerais em 1842**. Rio de Janeiro: Tipografia de J.J, Barroso e Comp. 1843. MARINHO, José Antônio. **História da Revolução de 1842**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1978. Elaborado pelo autor.

A queda de Pomba reabriu as comunicações entre o Governo Geral e o Provincial. A notícia da queda da Rocinha da Negra e de Pomba chegou a Barbacena em um mesmo dia, mas não chegou a notícia de que as forças rebeldes tinham se reagrupado e atrasavam a

marcha dos legalistas. Começou a se espalhar o pânico. Marinho atribui grande papel na manutenção do moral dos barbacenenses durante essa crise aos redatores do *Echo de Rasão*, João Gualberto e Dr. Camilo (futuro Conde de Prados), e ao líder que a Guarda Nacional de São João Del Rei escolhera no dia 17 de junho, Francisco José de Alvarenga. No final do dia, reanimando os rebeldes, chegaram a Barbacena os rebeldes de Pomba e Presídio que não tinham desertado (1878, pp.132-133).

4.3.4 Batalha de Bom Fim e primeira ocupação de Sabará

Dia 7 de Julho de 1842 aconteceu um combate em Bom Fim. Essa Vila tinha reconhecido o governo rebelde logo no início da revolta, mas os dois padres que dirigiam os rebeldes da Vila foram presos em uma armadilha, e os governistas retomaram o controle. Os rebeldes deixaram a Vila, e prepararam o contra ataque. "*No dia 23 de Junho partiu a coluna*" do arraial do Rio do Peixe "*para a Vila de Queluz por ordem do Exm. Presidente, e a pouca distância encontrou outro ofício do mesmo Sr. mandando que a coluna fosse tomar o ponto da Itabira do Campo, o que se observou imediatamente*".

Mandados espiões a "*Itabira a saber quais as forças, que haviam para nos coadjuvar, e como não tivéssemos resposta favorável*", uma Companhia de Caçadores, tropa de linha, tinha ocupado a Vila, "*deliberou-se que nos incorporássemos com as forças de Santa Quitéria*" (DESPERTADOR MINEIRO, 12/7/1842). Nesse vai e vem "*soubemos que os absolutistas tinham retomado a Vila do Bom Fim, e aí reuniram a Câmara com Suplentes*" e os rebeldes se decidiram a retomar Bom Fim. Note-se o desgoverno das tropas rebeldes, carentes de um plano de guerra.

Os governistas seriam "*trezentos e tantos da Piedade das Gerais, Santa Ana e S. Gonçalo da Ponte*", sob o comando de Fortunato Penido e estavam na Vila desde o dia 4 de julho (DESPERTADOR MINEIRO, 15/7/1842). "*A força inimiga tinha se apinhado no Adro, e tinha umas poucas trincheiras*", então os rebeldes contam que:

> fizemos alto, e pusemo-nos em movimento de cerco. Os entricheirados insultavam-nos com palavras, dançavam a Jaca, e chamavam-nos. Fez a nossa força fogo sobre as trincheiras, e poucos instantes depois deixaram-nos os covardes o ponto livre (DESPERTADOR MINEIRO, 12/7/1842).

No total foram presos 28 legalistas, incluindo o vigário de Piedade dos Gerais, o Cap.

José Ferreira Gomes, um Padre Ferreira, um Padre Nunan[159], e o Padre Francisco do Engenho (DESPERTADOR MINEIRO, 12/7/1842, 15/7/1842).

Ao findar a quarta semana de revolta, para o *Despertador Mineiro* teriam acontecido até então dois combates, um no Paraibuna, outro em Queluz. Com os rebeldes estariam "*3 Cidades de primeira ordem, e 15 Vilas importantes*" e "*em armas mais de 16 mil homens*" (DESPERTADOR MINEIRO, 8/7/1842). Os combates já eram em muito maior número, e as localidades rebeladas em pouco menor número. Se a imprensa rebelde não sabia das batalhas que tinham vencido, não sabia de quase nada. Estava às escuras, publicando o que calculava, desejava e precisava.

Ao invés de 18, os rebeldes controlaram, não ao mesmo tempo, pois algumas localidades só se levantaram quando outras já tinham caído, sedes de 15 municípios, dos 42 que a Província tinha (HÖRNER, 2010, p.244). Mas a região dominada pelos rebeldes era a mais populosa e era a rota de comunicação com o Rio de Janeiro.

Um dia depois da batalha de Bom Fim, os rebeldes ocuparam Sabará. Dos baluartes do lado governista, "*ao norte da Província, era o de Sabará em que o Governo contava acharia maior força*" (MARINHO, 1844/1978, p.113). Em 1812 tinha 785 imóveis urbanos, perdendo somente para Ouro Preto (CARRARA, 2001). No dia 19 de junho o arraial sabarense de Santa Quitéria (Esmeraldas) reconheceu o governo rebelde e marchou para Santa Luzia, arraial sabarense também rebelde, unido aos batalhões dos arraiais de Patafufo (Pará de Minas) e Santa Ana (Itaúna). Os governistas de Sabará não teriam conseguido reunir nem 200 homens, e teriam se retirado quando souberam que tropas de Santa Quitéria engrossaram as forças rebeldes de Santa Luzia (MARINHO, 1844/1978, p.113-114).

Tendo se retirado as forças legalistas de Sabará na noite entre 3 e 4 de julho, as forças rebeldes entraram dia 8, e os suplentes de vereadores reconheceram o governo interino. O documento reconhecendo o governo rebelde tem 170 assinaturas. A Câmara rebelde de Sabará disse em seu documento de adesão que os cidadãos estavam "*inteiramente privados de liberdade de imprensa, e da Tribuna Nacional.*" [160]

Pouco depois de conquistado o objetivo político os rebeldes se retiraram de Sabará. As forças de Santa Quitéria receberam ordens de Feliciano para se unirem às de Santa Bárbara, para cercarem a capital, mas essas forças unidas em Santa Bárbara acabaram ficando

---

159 Será o redator da *Estrella Mariannense*?

160 Ver Ata da Seção em que a Câmara Municipal de Sabará reconheceu o governo rebelde; Ofício da intrusa Câmara Municipal de Sabará pedindo que o Presidente da Província abandone este cargo (SOUSA, 1843, pp.131-137, 140).

estacionadas, apesar das ordens emitidas da capital rebelde (MARINHO, 1844/1978, p.115-116).

4.3.5 Batalha de Tamanduá

Dia 4 de julho, rebeldes de Oliveira e Lavras intimaram os legalistas de Tamanduá, onde tinham se refugiado vários legalistas de São João Del Rei. Enviaram junto um número do *Despertador Mineiro*. Mas só atacaram mesmo no dia 11, com 300 a 400 homens. *A Ordem* diria depois que eram 600 (A ORDEM, 31/12/1842). A batalha aconteceu no local chamado Cajú, e durou cerca de uma hora.[161] Os rebeldes foram derrotados, retiraram-se, então os legalistas de Tamanduá animaram-se a atacar Oliveira.

Sem saber da batalha do dia anterir, o *Despertador* publicou que Tamanduá tinha se rendido. Três dias depois teve que confessar que *"Pelo lado de Tamanduá houve um tiroteio por ocasião de uma surpresa que os Absolutistas fizeram à Coluna de Oliveira, que marchava para dar o assalto na Vila de Tamanduá*" (DESPERTADOR MINEIRO, 12/7/1842, 15/7/1842). Dos rebeldes que atacaram Tamanduá, cerca de 80 eram de Lavras, inclusive o que morreu, o jovem Francisco Campelo. Os feridos teriam sido de 10 a 11 (NOGUEIRA, 1979, pp. 240, 243).

Tamanduá se tornou para os legalistas um símbolo de resistência, e depois da revolta só foi ofuscada por Santa Luzia como batalha preferida pelos legalistas como símbolo de sua vitória, "*Tamanduá, a vila leal por excelência, a vila que não foi manchada pelo contato da rebelião*" (A ORDEM, 8/10/1842).

Curiosamente, só no dia 9 de julho, quase um mês depois do início da revolta, as garantias foram suspensas por Bernardo da Veiga. No mesmo dia chegou a Ouro Preto a notícia da derrota completa dos rebeldes de São Paulo. Derrotados os paulistas, dia 10 o então Barão de Caxias[162] foi oficialmente ordenado a comandar as tropas imperiais contra os

---

161 Ver Intimação dos rebeldes da Oliveira aos Legalistas de Tamanduá; Ofício do Presidente da Província de Minas participando a marcha dos rebeldes de Santa Bárbara sobre o Inficcionado etc.; Ofício do Coronel da Legião da GN de Tamanduá dando parte do combate, que teve lugar no sítio do Caju (SOUSA, 1843, pp.105, 204-205).

162 Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias. Quando combateu os rebeldes de Minas Gerais já tinha derrotado os rebeldes do Maranhão, ganhando o baronato, e os de São Paulo (BARRETO, 2008). Seu pai, ex-regente Francisco de Lima e Silva, estava ao lado dos rebeldes, espalhando na Corte boatos de derrotas de seus filhos em Minas (CASTRO, 1978, p. 67).

rebeldes de Minas Gerais.[163] Ele pedira esse comando dia 2 de julho, em carta ao Ministro da Guerra, e embora só tenha recebido a ordem no dia 16, já começou a tomar providências, ainda em São Paulo, para enfrentar os rebeldes de Minas (SOUZA, 2008, p.374). Chegaria ao Rio de Janeiro dia 22, onde só permaneceria por 2 dias, partindo logo para Minas Gerais, uma vez que já tinha colocado suas tropas em marcha (HÖRNER, 2010, p.176).

4.3.6 A intervenção do bispado de Mariana e o clero em 1842

Há vários anos Minas Gerais estava sem o Bispo de Mariana. Então o presidente Bernardo da Veiga pediu ao Vigário Capitular de Mariana, maior autoridade do bispado enquanto um Bispo não fosse indicado, que enviasse aos Párocos de Minas Gerais orientações para que divulgassem notícias governistas, desmentissem as propagandas rebeldes etc. Em 1842 existiam 173 paróquias em Minas Gerais (O CORREIO DE MINAS, 8/12/1842). O Vigário Capitular publicou uma Circular aos Párocos do Bispado (SOUSA, 1843, p.155) nesse sentido no dia 12 de julho. A notícia da derrota da revolta em São Paulo e a Proclamação do Imperador deveriam ser afixados nas portas das Igrejas.

As fontes e a historiografia registram grande número de padres rebeldes em 1842 (O CORREIO DE MINAS, 6/12/1842). Até um de seus principais líderes, e seu memorialista mais famoso, José Antonio Marinho, foi Cônego. Diz *A Ordem* que *"...no ataque de Santa Luzia se viram Sacerdotes de espingarda na mão fazendo fogo sobre as fileiras da legalidade*" e "*um se acharam nos matos vizinhos, morto das feridas recebidas, tendo ainda ao pé de si a arma fratricida*". Exclama, "*...que escândalos, meu Deus. Não deram tantos de nossos Padres na passada revolta.*" (A ORDEM, 26/10/1842). Ainda "*Consta que um chegou a dar (valha a verdade) o sino da igreja para fazer balas, e sua casa foi a Fábrica do cartuxame para a rebelião*". Talvez tenha contribuído para tal rebeldia o fato de que estavam há dois anos com pagamento de côngruas atrasados (O CORREIO DE MINAS, 14/10/1842, 8/12/1842, O COMPILADOR, 2/8/1843).

O fim da revolta não fez todos esses padres se arrependerem, consta que

> um desses padres capelão cura, para as partes de Santa Rita, exprobrara a seus fregueses a indiferença ou apatia que mostraram por ela, dizendo que se tivessem ajudado a José Feliciano na grande luta em que se achou

---

163 Edital declarando a suspenção de garantias na Província de Minas, por espaço de 5 meses; Decreto nomeando o Barão de Caxias Comandante em Chefe das Forças de operação da Província de Minas (SOUSA, 1843, pp.153-154).

> empenhado com o Governo Imperial, não teria morrido tanta gente (A ORDEM, 19/11/1842).

Os legalistas também denunciaram que "*a mor parte deles, sendo eclesiástivos, vivem pública e escandalosamente em mancebia*".[164] O que só deixaria de ser normal nas décadas que se seguiram.

Já para o padre Bhering, que era aliado dos rebeldes mas estava em Mariana durante a revolta e não pegou em armas, a raiz do problema era a falta de um Bispo, e em seus discursos a favor de que Dom Viçoso fosse elevado a tal posto perguntou "*Se o Clero Mineiro não estivesse há tantos anos privado da presença, e das exortações do Episcopado, teria chegado a este ponto de relaxação?*" (O CORREIO DE MINAS, 14/10/1842). Bhering atuou como advogado dos rebeldes, de forma que é necessário ler nas entrelinhas de seus discursos a defesa de seus aliados. Seriam inocentes, porque estavam sem pastor.

Registre-se que o lado legalista também contou com muitos padres. Como se vê nas Representações enviadas ao Trono nos meses que antecederam a revolta, 106 padres assinaram ao lado do governo (que teve muito mais Representações publicadas devido ao *Jornal do Commércio*), e 53 ao lado da oposição. Mas como disse Jonh B. Bogart em 1877 "*se um cachorro morde um homem, isso não é notícia, mas se um homem morde um cachorro, aí sim, isso é notícia*". Padres serem legalistas não chamou a atenção de ninguém, e *O Brasil* pôde afirmar inconteste que havia um "*divórcio (...) entre o clero e as doutrinas da ordem e paz*" (MATTOS, 1987, p.266).

A presença do clero dos dois lados na Revolta de 1842 se deve à sua presença na vida política, e essa se explica pelo mesmo motivo que foram fortes no cenário eleitoral, "*um natural desdobramento da sua longa tradição de inserção na vida pública e civil*" (SOUZA, 2010, pp.42-47).

4.3.7 Vitórias legalistas dia 12 de julho

No dia 12 de julho um *Despertador Mineiro* foi publicado, com a notícia favorável à revolta de que forças rebeldes entraram em Sabará, tradicional colégio adversário, notícia antiga para os dias que corriam (DESPERTADOR MINEIRO, 12/7/1842). Nesse mesmo dia Feliciano teve que responder ao comandante Francisco José de Alvarenga, que comandava as forças que resistiam às tropas imperiais que marchavam a partir do Rio de Janeiro, que

---

164 Vide *Viva o Imperador: Manifesto* (SOUSA, 1843, p.112).

tentaria conseguir, ou seja, que ainda não podia enviar o reforço pedido de cem homens e um oficial.[165]

Também dia 12 os rebeldes que pediam reforços recuaram em Cafezais, depois de um combate de 45 minutos. Os rebeldes seriam 140 e os legalistas, 50. Os mortos seriam três rebeldes e um cabo legalista.[166]

Mapa 7 – Quinta Semana da Revolta de 1842

Fonte: SOUSA, Bernardo Xavier Pinto de. **História da Revolução de Minas Gerais em 1842**. Rio de Janeiro: Tipografia de J.J, Barroso e Comp. 1843. MARINHO, José Antônio. **História da Revolução de 1842**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1978. Elaborado pelo autor.

Aconteceu em Baependi uma pequena batalha entre forças rebeldes que ocupavam a Vila e legalistas que se aproximaram. Os rebeldes, que tinham desmontado a ponte, abriram

165 Ver Portaria recomendando que se defenda por todos os meios a passagem das Forças que se dirigiam sobre Barbacena (SOUSA, 1843, p.156).

166 Ver Ofício do Comandante da 1ª. Coluna dando parte de um tiroteio que houve no sitio dos Cafezais (SOUSA, 1843, p.157).

fogo contra os legalistas quando estes se aproximaram da margem oposta. Os rebeldes seriam cerca de 30 homens. Para os legalistas, os rebeldes teriam se retirado, mas é fato que os legalistas não avançaram nesse dia. Uma típica batalha inconclusa.

Em Formigas, 12 de Julho de 1842, foi feita uma proclamação legalista pelo Coronel de Legião da Guarda Nacional (O CORREIO DE MINAS, 21/10/1842). Dias antes os legalistas de Campanha chegaram à fazenda de Antonio Fajardo da Costa, que tinha sido abandonada pelos rebeldes.[167]

Ao final da quinta semana de Revolta, a reação ganhava corpo. Um dia depois, em Barbacena, foi publicado o último exemplar da folha barbacenense *Echo da Rasão* existente nos arquivos públicos, de uma só página, só com propaganda de guerra.

4.4 Segunda fase do conflito armado: Queda de Serra Negra e nova estratégia rebelde

As decisões tomadas no dia 16 de julho de 1842 pelos chefes políticos rebeldes em São João Del Rei iniciaram uma nova fase do conflito armado. Na primeira fase aconteceram revoltas em diversos municípios por conta dos líderes Liberais locais. O governo rebelde pouco fez além de política e medidas defensivas. As forças legalistas se mobilizaram aos poucos, foram reforçadas não só por tropas, mas por notícias da Corte, destacadamente o *Jornal do Commércio*, e começaram a obter importantes vitórias, que levaram os rebeldes a mudar de estratégia.

No dia 15 de julho o último *Despertador Mineiro* existente nos arquivos, e possivelmente o último a ser impresso, pois seus redatores seriam enviados em missões militares no dia seguinte, ameaçou os adversários, "*vos calei, e recolhais a vosso canto quietos e sossegados*" (...) "*Não sabeis, que estamos em revolução, e que neste estado podemos exorbitar da lei, e tudo fazer para nossa conservação?*" Mostra que o clima não estava bom para os rebeldes, e que os legalistas estavam animados. Para falar do recuo das forças rebeldes da Rocinha Negra, diz que o "*Coronel Alvarenga acaba de atrair para o centro da mata do Paraibuna os Galés, que ousaram ameaçar-nos pela estrada da Estrela*". Para amedrontar a população de São João Del Rei contra as tropas legalistas afirmou que "*Em Catas Altas estão roubando às claras; em Tamanduá, segundo consta, saquearam a casa do Tenente Andrade*". Em outras palavras, "lutem por suas posses contra as tropas imperiais". O *Despertador* precisou desmentir que Baependi tivesse caído nas mãos dos legalistas. Disse

167 Ver Ofício do Juiz Municipal e de Órfãos do Termo da Vila de Baependi dando parte da capitulação, retirada dos rebeldes, e restauração da mesma Vila (SOUSA, 1843, p.171).

que sob o comando do "*venerando Junqueira*" 500 Liberais "*tornaram a entrar na Vila, e não acharam um Caramuru par remédio*" (DESPERTADOR MINEIRO, 15/7/1842). Mas nesse mesmo dia cerca de mil legalistas que tinham se aproximado de Baependi no dia 12 retomaram essa Vila. Foram disparados poucos tiros. Os rebeldes avistados foram cerca de 200, no dia 16, mas não deram combate.[168]

Forças legalistas, depois de tomarem Rio Preto, marcharam três dias para enfrentarem rebeldes que tinham se entrincheirado na Serra Negra. Grupos de reconhecimento dos rebeldes vigiaram a tropa legalista a partir do segundo dia de marcha. Na Serra Negra os rebeldes tinham se fortificado em uma garganta por onde a estrada passava. Diante do ataque legalista, os rebeldes pediram para dialogar, e no diálogo pediram 6 dias de trégua. O negociador legalista não concedeu a trégua, mas como já era noite, adiou o ataque para o dia 16, quando o acampamento rebelde foi encontrado vazio. Muitos rebeldes desertaram na noite de 15, e a retirada dos poucos que restaram foi às pressas.[169]

A revolta tinha parado de crescer, e os rebeldes queriam finalizá-la vitoriosamente. Com esse objetivo, no dia 16 de julho, antes mesmo de saber das derrotas que a revolta sofrera nesse mesmo dia em Baependi e Serra Negra, o comando rebelde deu ordens para suas tropas se aproximarem da capital. Os deputados provinciais que quiseram e conseguiram comparecer à Assembleia Legislativa Provincial marcada para dia 17 certamente já estavam em São João Del Rei, e participaram dessas decisões. Os rebeldes decidiram, no dia 16, unirem suas tropas em um só exército, sob o comando do coronel Antonio Nunes Galvão, não para impedirem o avanço dos adversários, mas para atacarem Ouro Preto.[170] Tropas de Sabará, depois de ocupada novamente essa localidade, deveriam marchar para Cachoeira do Campo, onde fariam contato com as tropas do centro, sob o comando do Coronel Antonio Nunes Galvão. Este marcharia com suas tropas sobre Ouro Preto. Os rebeldes de Mato Dentro deveriam se aproximar da capital pelo lado de Mariana. Não se sabe se os rebeldes realmente acreditavam nisso ou se só blasonavam, mas disseram que cercando a capital tinham forças em Santa Quitéria, Santa Bárbara, Mariana e Sabará (DESPERTADOR MINEIRO,

168 Vide Ofício do Juiz Municipal e de Órfãos do Termo da Vila de Baependi dando parte da capitulação, retirada dos rebeldes, e restauração da mesma Vila (SOUSA, 1843, p.172).

169 Ver Ofício de João Nepomuceno Nunes Bandeira participando a deserção e retirada das Forças rebeldes da Serra Negra ao Comando rebelde; Ofício do Comandante da 3ª Coluna participando a fuga dos rebeldes da Serra Negra (SOUSA, 1843, pp.168, 179-180).

170 Antonio Nunes Galvão foi um dos principais comandantes rebeldes, desde o início da revolta até a batalha de Santa Luzia. Era veterano da Guerra da Independência, e sob governos Liberais foi comandante da polícia em Ouro Preto. Perdeu um filho no segundo combate de Queluz. Esteve foragido junto com o cônego Marinho (MARINHO, 1979, p.203).

15/7/1842). Porém, nesse mesmo dia Feliciano precisou mandar recrutar os GNs que não obedecessem ao governo rebelde, revelando que tinha dificuldades para arregimentar mais tropas.[171]

4.4.1 A reunião da Assembleia Legislativa em S. J. Del Rei e recuos rebeldes

Como se viu, Feliciano, presidente rebelde, recuou de Queluz para São João Del Rei, onde no dia 1º convocou a Assembleia Legislativa Provincial para o dia 17 nessa mesma cidade, elevada a capital rebelde. Somente 13 dos deputados provinciais compareceram, sendo que vários já estavam presos, e uns poucos eram governistas. Nenhum dos que compareceu era da mesa eleita no início do ano.[172] O próprio presidente da Assembleia Legislativa, Antonio Tomás de Godoy, estava preso. Eles levaram ao presidente interino a mensagem de que "*não é possível a reunião da Assembleia Provincial, e assegurar-lhe a sua franca, leal e decidida cooperação e aprovação a todos os atos que tem praticado, e houver de praticar para salvar a Constituição e o Trono*". Para Marinho, "*era tempo de combater, não de deliberar*" (MARINHO, 1844/1978, pp.136, 137).

Muitos desses treze deputados que assinaram a mensagem ao presidente rebelde "*não tinham ainda assinado um papel, não tinham praticado um ato, que juridicamente os pudesse comprometer*". Era o caso de Ottoni, que demorou a assinar a mensagem porque "*dizia ele, não tinha ainda um ato que o comprometesse juridicamente*" (MARINHO, 1844/1978, p.130).

Se do ponto de vista de uma reunião da Assembleia Legislativa Provincial o plano fracassou, é certo que realizaram um conselho de guerra, dia 16, que mudou completamente a estratégia rebelde. Em seguimento ao novo plano de somar todas as colunas rebeldes em um só exército, Ottoni foi enviado para Barbacena, e Marinho para Baependi. Estava dissolvida a Assembleia Provincial.

Enquanto Feliciano reunia deputados em São João Del Rei, tropas legalistas ocuparam o acampamento de Rio do Peixe, abandonado pelos rebeldes. Dias antes, Marinho

---

171 Ver Portaria dando providencias para marcharem Forças sobre a Cidade de Ouro Preto; Portaria mandando recrutar para a 1ª. Linha os Guardas Nacionais do Município de S. José, que se não prestarem ao serviço do destacamento; Portaria ordenando a junção de todas as Forças rebeldes (SOUSA, 1843, pp.162, 168).

172 Ver Ata de uma Seção preparatória que teve lugar em S. João del Rei em virtude da convocação do Presidente rebelde (SOUSA, 1843, p.173).

fora animá-los, e levou uma proclamação impressa, da qual os legalistas colheram cópias. [173] Ele conta que já fora problemático estabelecer uma coluna nessa posição, que ficou aberta para forças governistas que resolvessem passar por ali até o dia 28 de junho. Reestabelecida ali uma coluna, com cerca de 700 praças, foi preso pelos legalistas um filho do comandante rebelde, que voltava do Rio de Janeiro. Os governistas tentaram obrigar o pai a dissolver a coluna rebelde ameaçando enviar seu filho recrutado para a guerra contra os Farrapos. Nada conseguiram. Então:

> ...teve por mais acertado o Desembargador Honório enviar o filho ao pai, recomendando-lhe a catequese deste, bem como de outros influentes. Munido de alguns exemplares da proclamação de 19 de Junho, do Aviso de 23 do mesmo mês, e do *Jornal do Commércio* em que se publicava a relação dos festejos celebrados na Corte em aplauso da pacificação de S. Paulo (MARINHO, 1844/1978, p.135).

Também chegou ao Rio do Peixe a notícia das derrotas em Pomba e na Rocinha Negra. Dispersaram-se quatro quintos da coluna. Os restantes tentaram resistir no alto de uma Serra, e ainda iludiram os governistas por alguns dias. Dia 16 a coluna rebelde de Rio do Peixe estava reduzida a três lideranças, duas das quais foram se juntar aos rebeldes de São João Del Rei. O comandante que recebeu seu filho junto com a propaganda legalista se entregou, e foi preso (MARINHO, 1844/1978, p.135-136, 279).

Dia 18, tropas imperiais ocuparam, sem encontrar rebeldes, Chapéu d'Úvas e a fazenda de Pedro Alves. Reinaria em Barbacena "*o terror, e grande desmoralização entre os rebeldes*". [174] Nesse mesmo 18 de julho, diante da aproximação das forças governistas, o comandante Alvarenga resolveu abandonar Barbacena na manhã do dia 20, e dirigir-se para Queluz, onde reuniria suas forças com as comandadas por Galvão, conforme a decisão rebelde de dias antes.[175] Mas os rebeldes ainda se mantiveram em Barbacena até dia 22.

Em São João Del Rei, sem saber que Alvarenga já se preparava para abandonar Barbacena, e contrariando mesmo as decisões do dia 16, Feliciano publicou uma proclamação encorajando os rebeldes a marcharem contra as tropas imperiais, para impedi-las de tomarem São João Del Rei. Trocou o comando das forças que defendiam o caminho do Paraibuna,

---

173 Vide Ofício do ex-Comandante da 3ª. Coluna participando haver entregado o comando dela ao Coronel Cid, e remetendo uma Proclamação dos rebeldes (SOUSA, 1843, pp.181-182).

174 Vide Ofício do Comandante da 1ª Colina participando a fuga dos rebeldes da povoação de Chapéu d'Uvas e fazenda de Pedro Alves (SOUSA, 1843, p.183).

175 Ver Ofício de Francisco José de Alvarenga participando a retirada que tencionava fazer na Cidade de Barbacena (SOUSA, 1843, p.182).

culpando o comandante pelas retiradas, e determinando que o novo comandante usasse a tática das guerrilhas.[176] Não havia mais quem cumprisse essas ordens. Os rebeldes de Barbacena e portanto do caminho do Paraibuna estavam se preparando para marchar para Queluz. No dia 19 de julho estavam abertas todas as estradas que ligavam Minas Gerais ao Rio de Janeiro (MARINHO, 1844/1978, p.136).

Nesse mesmo dia o governo prometeu, em nome do Imperador, anistia àqueles que se entregassem. Essa notícia chegaria em Ouro Preto já no dia 21.[177] Essa foi talvez a proclamação legalista que mais gerou deserções. Eis um exemplo - Convocado a apresentar-se em Santa Barbara, Joaquim Martins da Costa, "*no dia 29 de Junho apresentei-me levando em minha companhia algumas Praças do meu Batalhão, e ali demorei-me acompanhando o movimento revolucionário*". Diante da "*Paternal Proclamação do 19 de Julho*" (...) "*abandonei o campo da rebelião*", e se entregou ao Delegado de Itabira no dia 4 de agosto de 1842 (O CORREIO DE MINAS, 14/10/1842).

4.4.2 Levante no Arraial do Mutuca e outros casos

Nem o livro de Marinho, nem a coletânea de documentos de Bernardo de Sousa sequer citam o levante no arraial do Mutuca, de Campanha. Só pela publicação dos inquéritos se sabe que a revolta se estendeu a esse arraial.

Dia 18 de julho entre 50 a 80 homens armados se reuniram em uma fazenda das redondezas e marcharam sobre o arraial do Mutuca, onde dominaram por um ou dois dias, prendendo e ameaçando as autoridades legais. O chefe parece ter sido o Juiz de Paz Cyrino Hortêncio Goulart, que reuniu povo para ler a proclamação de Feliciano, "*com algumas penas a aqueles que não quisessem obedecer*". Aconteceu um tiroteio, às 17 horas do dia 18, na fazenda de um João Ignácio, ao que tudo indica (os testemunhos não são muito claros) antes da tomada do arraial, que foi sem resistência. No inquérito de Mutuca fica claro que os rebeldes se autodenominavam Chimangos e aos seus adversário de Caramurus. Também parece que as forças que tomaram Mutuca voltavam de Baependi, exemplificando a falta de coordenação militar entre os rebeldes (NOGUEIRA, 1979, pp.135-139, 141-142).

---

176 Ver Proclamação aos GN de S. João del Rei ao aproximarem-se as Forças Imperiais a esta Cidade. Portaria encarregando Joaquim Leonel de Azevedo e Paiva do comando da Força que abandonou o Rio Preto (SOUSA, 1843, p.185-186).

177 Ver Edital declarando que gozariam os efeitos da Imperial Clemência manifestada na Proclamação de S. M. o Imperador os que iludidos tivessem acompanhado os rebeldes, e se apresentassem com armamento (SOUSA, 1843, p.197).

Assim como em Mutuca, ocorreram diversos outros levantes em que os rebeldes não saíram de seus próprios arraiais, e têm sido esquecidos. Existiu uma coluna rebelde em Dores do Indaiá, organizada pelo Dr. Manuel Jacinto Rodrigues Véu e pelo Pe. Francisco de Souza Coelho, que parece não ter se movido (MARINHO, 1844/1978, p.280).[178] Também existiu revolta em "*Perdões e Cana Verde,*" que "*tem aderido e sustenta*[m] *a mesma causa*" (A ORDEM, 9/11/1842). A coluna de Cláudio só é conhecida porque Marinho comentou que ela só se dissolveu em Setembro.

Mapa 8 – Sexta Semana da Revolta de 1842

Fonte: SOUSA, Bernardo Xavier Pinto de. **História da Revolução de Minas Gerais em 1842**. Rio de Janeiro: Tipografia de J.J, Barroso e Comp. 1843. MARINHO, José Antônio. **História da Revolução de 1842**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1978. Elaborado pelo autor.

178 Foi o centro do movimento na região, e os chefes teriam sido presos de armas nas mãos (BARBOSA, 1979, p.580).

4.4.3 Retirada de São João Del Rei e revoltas em Paracatú e Curvelo

No dia 20 de julho, Feliciano deixou São João Del Rei acompanhado de 200 homens. Os Guardas Nacionais de São João achavam que iam resistir às tropas governistas que marchavam sobre São João Del Rei, mas foram enviados para Queluz. Diz Marinho que nenhum desertou por isso (MARINHO, 1844/1978, p.146). Era o dia marcado para as forças rebeldes abandonarem também Barbacena, o que só aconteceu no dia 22. A sexta semana da revolta, para os rebeldes, até então fora quase somente de derrotas. No dia 21, o presidente Veiga atribuiu os sucessos legalistas à "*Proclamação de S. M. o Imperador,*" que chegaram no mesmo dia em Ouro Preto, de forma que já se espalhara pelo caminho *"e às satisfatórias notícias que sucessivamente tem chegado da Corte, e da Província de São Paulo.*" [179]

Posteriormente o Ministro da Guerra acusou o "*Coronel José Leite Pacheco, que, entrando em Barbacena no dia 23 de Julho, ali se conservou inativo até o dia 30, contra ordens positivas de perseguir os rebeldes até onde pudesse...*" (PEREIRA, 1843, p.28). Se tivesse feito isso, teria encontrado São João Del Rei já deserta. Mas só no dia 1 de agosto as tropas legalistas chegaram a essa cidade abandonada pelos rebeldes no dia 20.

No mesmo dia em que os rebeldes abandonaram São João del Rei, aconteceu a batalha de Araxá. Dia 18 de julho os rebeldes de Araxá, reunidos nos distritos de Conceição, S. Pedro d'Alcantara e S. Francisco do Campo Grande, aproximaram-se da sede do município. No dia 20 de julho os rebeldes intimaram Araxá a reconhecer o governo rebelde. Os legalistas, que eram entre 400 e 500 homens, não se renderam. A batalha do dia 20 durou das 4 horas da tarde ao anoitecer, e os rebeldes se retiraram em duas colunas. Sobre baixas só se sabe que morreram, do lado legalista, o tenente GN Antonio do Amaral Tenreiro e um Guarda Nacional Provisório.[180] Os rebeldes teriam tido muitos mortos e feridos, segundo as fontes governistas (BARBOSA, 1979, p.584). Segundo Marinho, "*preparavam-se os insurgentes para voltarem à carga quando receberam um expresso, que lhes levou a notícia a pacificação de S. Paulo*" (MARINHO, 1844/1978, p.106).

No dia 20, da batalha de Araxá, da retirada dos rebeldes de São João Del Rei, e

179 Ofício do Presidente da Província de Minas participando que se tratava de atacar os rebeldes de Santa Bárbara; qual o estado de Sabará, Caeté; Ofício do Comandante da 1ª. Coluna participando a retirada dos rebeldes da Cidade de Barbacena; Ofício do Presidente da Província de Minas participando a marcha dos rebeldes de Santa Bárbara sobre o Inficcionado (SOUSA, 1843, pp.198-199, 202).

180 Intimação do Comando das Forças Rebeldes aos Legalistas de Araxá; Resposta à intimação; Ofício de três Autoridades do Araxá dando parte do ataque, que os rebeldes dirigiram àquela Vila (SOUSA, 1843, pp.190-192, 243).

enquanto ocorria a batalha de Rio Verde, rebeldes e legalistas começaram a se enfrentar dentro de Paracatú (758 imóveis urbanos em 1812), apesar de terem chegado aos chefes legalistas dessa localidade notícias das vitórias das forças legais (CARRARA, 2001). As tropas legalistas, Guardas Nacionais, desertaram, passaram-se para o lado rebelde, restando somente 26 homens do lado governista. Os chefes legalistas então se retiraram para a freguesia do Alegre. [181] Os chefes rebeldes só souberam da revolta em Paracatú quando já estavam em Santa Luzia às vésperas da batalha final. Era tarde demais, e Paracatú só era vista então como possível refúgio.

Também em Curvelo, depois de um movimento armado, no mesmo dia 20, a Câmara enviou ofício ao presidente Veiga, pedindo que ele renunciasse.[182] É provavel que só depois desse segundo movimento rebelde a Coluna de Curvelo tenha começado sua marcha em direção à capital.

4.4.4 Dissolução da Coluna Junqueira

Depois do acordo de Baependi foram licenciados dois terços das forças rebeldes que haviam promovido o cerco e tomada desse município. Já se viu que algumas dezenas desses licenciados tomaram seu próprio arraial, da Mutuca, o que também indica que eles se dividiram.

Enquanto os rebeldes refluíam, "*notícias de S. Paulo tiraram aos governistas de Pouso Alegre todo o receio de que a oposição ali se insurgisse, e uma forte coluna*" foi formada (MARINHO, 1844/1978, p.141). Antigo baluarte Liberal, Pouso Alegre estava dividida desde o início de 1842. Quando os Liberais começaram a fazer "*frequentes reuniões*" da GN "*a pretexto de revista*", e o Juiz de Direito mandou parar as reuniões. Antes de se iniciar a Revolta havia gente armada dos dois lados. O Juiz contaria com 400 homens em armas (O CORREIO DE MINAS, 20/1/1842). A tensão estendeu-se para Borda da Mata e Ouro Fino, arraiais considerados Liberais.

Os legalistas de Pouso Alegre marcharam para a Bocaina, para a fazenda do Fajardo, mas os rebeldes não estavam mais lá. Dia 12 de julho se aproximaram de Baependi, onde aconteceu troca de tiros já citada nas proximidades do arraial de Rio Verde, tendo os rebeldes,

---

181 Ofício do Coronel da Legião de GN de Paracatú participando os acontecimentos que naquela Ciade precederam ao reconhecimento do Governo intruso (SOUSA, 1843, pp. 194-196).

182 Ofício da Câmara Municipal do Curvelo pedindo que o Presidente da Província abandone este cargo (SOUSA, 1843, p.188).

que tinham destruído a ponte, atacado os legalistas a partir do outro lado do rio. Os rebeldes que eram de 30 a 40 fugiram quando mais de 100 legalistas conseguiram atravessar o rio pelo vigamento da ponte, mas teriam tido 4 mortos. No dia 15 cerca de mil legalistas entraram em Baependi, e os rebeldes se retiraram, como já foi dito. No dia 16 os legalistas residentes em Baependi puderam voltar do Picú, onde tinham se refugiado junto com os legalistas de Aiuruoca. Os rebeldes por sua vez foram para o arraial de Conceição do Rio Verde, cortando a comunicação com Campanha. Na noite de 16 para 17 aconteceu um combate de meia hora novamente em Conceição do Rio Verde, e os rebeldes se retiraram. No dia 18 um piquete legalista foi atacado no alto da serra de Campanha.[183] Os legalistas contaram esses dois combates como vitórias, porque os rebeldes não mantiveram suas posições.

Sobre o combate de Ribeirão a data é incerta, pois o comandante rebelde escreveu uma carta contando-o e a datou do dia 19, enquanto Marinho diz que foi dia 20 de julho. Os cerca de 400 rebeldes que continuaram em armas teriam se retirado de Baependi para a fazenda do Ribeirão, a uma légua de distância, por ser essa posição mais defensável:

> no fim de dez dias fomos agredidos audaciosamente por uma força de seiscentos a setecentos homens, e conquanto me achasse apoiado em quatrocentos homens todavia esta força foi mais que suficiente para repelir os escravos do Ministério absolutista: As horas do meio dia pouco mais ou menos apresentou-se o inimigo nas fronteiras do nosso aquartelamento e imediatamente travou-se um fogo vivo que aturou para mais de quatro horas (NOGUEIRA, 1979, p.99).

Para os legalistas seus efetivos seriam de 580 homens, e o combate teria durado somente três horas. Os rebeldes não teriam seguido os legalistas por falta de munição. Teriam feito um prisioneiro, e os legalistas teriam tido dois ou três mortos (NOGUEIRA, 1979, p.99). Legalistas e rebeldes cantaram vitória.

Os legalistas teriam sido rechaçados por um "*fogo vivo e aturado*", mas as notícias não podiam ser repelidas a bala. Além das promessas de perdão imperial, das notícias das derrotas em S. Paulo e mesmo em Minas Gerais, os rebeldes ainda recebiam notícias de que as propriedades deles estavam sendo saqueadas e destruídas, e os escravos roubados. Havia ainda o medo de uma insurreição de escravos, como a que em 1833 massacrou duas fazendas da família Junqueira. No dia 26 de julho Gabriel Junqueira e outros chefes influentes "depuseram" as armas e se retiraram. Quase toda a Coluna Junqueira então se dissolveu.

---

183 Ofício do Coronel da 1ª. Legião da GN de Pouso Alegre dando conta dos encontros que teve com os rebeldes, e da completa pacificação do Município do Baependi (SOUSA, 1843, pp.235-239).

Alguns poucos não quiseram depor armas, caso dos irmãos Brandão, que foram se reunir à Coluna de Cláudio, que só se dispersou em Setembro.

Marinho diz que foi depois da dissolução da Coluna Junqueira que Lavras também foi abandonada e seus chefes se refugiaram (MARINHO, 1844/1978, pp.142,144). Mas foi dias antes. Se os últimos rebeldes de Lavras só se desmobilizaram depois do fim da Coluna Junqueira, certamente antes disso muitos já tinham desertado. A Câmara de Lavras, por exemplo, rebelde, só se reuniu até o dia 9 de julho. Documentos rebeldes de Lavras do final de julho revelam que muitos GNs estavam desertando das fileiras rebeldes, e muitos outros nunca se apresentaram (NOGUEIRA, 1979, pp.220, 228).

O que desmobilizou Lavras também foram as notícias. A Proclamação do Imperador chegou a Lavras no início de julho. Mas foi no dia 22 de julho, provavelmente por confirmação de Marinho, que as notícias espalhadas pelos legalistas foram aceitas por todos. Logo que as notícias se confirmaram, os chefes tomaram a decisão de encerrar o movimento. Segundo uma carta inclusa no inquérito de Lavras, a decisão dos chefes de fugirem teria sido tomada no dia 22, quando já chegara a notícia de que São João Del Rei fora abandonada pelas forças rebeldes, e o batalhão de guardas nacionais de Lavras inteiro teria se apresentado às autoridades legais, que o dissolveram dia 24 (NOGUEIRA, 1979, pp. 252, 254, 259-260).

A Ordem diria que em Lavras começava a "*reação, que teve lugar no dia 22 de Julho*" comandada pelo major José Pereira da Silva Guimarães que promoveu uma subscrição e organizou as tropas (ORDEM, 22/10/1842), dando a entender que os legalistas reagiram aos rebeldes. Pelas datas, porém, fica claro que não.

4.4.5 Batalha de Inficionado e Segunda Batalha de Queluz

Segundo Bernardo da Veiga, dia 22 de julho, primeiro dia da sétima semana da Revolta, os rebeldes de Santa Bárbara tomaram Inficcionado (297 casas em 1811), perto de Ouro Preto, com cerca de 600 a 700 homens mal armados, ameaçando atacar a capital, mas se retiraram dia 23, antes de serem atacados por forças governistas. Segundo Marinho os rebeldes estacionados em Santa Bárbara desbarataram os governistas de Inficcionado em menos de 2 horas. Ele recrimina que a coluna rebelde mais uma vez voltou para Santa Bárbara. Mas Bernardo da Veiga explica que ao tomarem Inficcionado os rebeldes tiveram contato com as publicações legalistas, destacadamente a promessa de perdão emitida poucos

dias antes, "*o que motivou desde logo algumas deserções*". [184]

Em Queluz o comandante rebelde Galvão, avisado de que seria atacado novamente e por forças muito superiores, retirou-se para o arraial de Santo Amaro, e daí para Engenho de Cataguazes, de onde poderia socorrer tanto São João Del Rei quanto Barbacena, e ai ficou parado, e recebeu forças de Bomfim e de São João Del Rei. O governo legal então ocupou e fortificou Queluz em uma data incerta entre 12 e 15 de julho.[185]

Mas no dia 22 as forças rebeldes de várias localidades já estavam unidas em um exército, com o presidente rebelde, e sob o comando de Galvão, no Engenho de Cataguazes, perto de Queluz (MARINHO, 1844/1978, p.156).

Dia 25 de julho os rebeldes cercaram Queluz, tentando cortar a fuga das tropas legalistas, que é um absurdo do ponto de vista militar. Cerca de 700 homens defendiam a cidade, e cerca de 1300 (na versão rebelde 1200) a atacaram, porém com no máximo 500 boas espingardas. Na manhã de 26, os rebeldes atacaram com três colunas, iniciando a segunda batalha de Queluz, agora como atacantes. Os legalistas resistiram até ao anoitecer, em um combate de cerca de 12 horas, e se retiraram. O plano rebelde era empurrar os legalistas para dentro da Vila e depois cortar a água, mas uma das colunas rebeldes atacou com tanta impetuosidade que entrou Vila a dentro, e o combate acabou acontecendo dentro da Vila, com os legalistas cercados na praça da Matriz, e igualmente sem água. Diz o documento rebelde que contaram-se 50 mortos entre os legalistas, e mais de 200 prisioneiros. Mas os números são sempre diferentes entre documentos dos rebeldes e dos governistas, que dizem ter perdido 3 ou 4 homens. Marinho confirmou os números rebeldes em seu livro em 1844, e o coronel Souto Maior, prisioneiro dos rebeldes, também os repetiu perante um Conselho de Guerra (SOUSA, 1843, pp.159-160). O Comandante Galvão perdeu seu filho Fortunato Nunes Galvão nessa batalha, que teria sido o único morto rebelde.[186] Do lado legalista sabe-se que morreu Antonio Damaso, pedestre de Congonhas (A ORDEM, 17/7/1844).

Para o coronel Souto Maior a batalha de Queluz "*podia ter acabado com a revolução*

184 Ofício do Presidente da Província de Minas participando a marcha dos rebeldes de Santa Bárbara sobre o Inficcionado (SOUSA, 1843, p.202).

185 Ofício do Presidente da Província de Minas participando que se tratava de atacar os rebeldes de Santa Bárbara; qual o estado de Sabará, Caeté; Ofício do Comandante da 1ª. Coluna dando parte de um tiroteio que houve no sitio dos Cafezais (SOUSA, 1843, pp.157, 198).

186 Portaria descrevendo o 2º. Combate que teve lugar na Vila de Queluz; Ofício do Brigadeiro Manoel Alves de Toledo Ribas dando parte do 2º combate que teve lugar na Vila de Queluz; Ofício do Presidente da Província de Minas participando o combate que teve lugar em Queluz no dia 26 de julho, a aproximação dos rebeldes da Capital (SOUSA, 1843, pp.207-209, 211-213, 220; MARINHO, 1844/1978, p.161).

de Minas, e que pelo contrário (além de força moral) subministrou aos rebeldes para mais de 300 armas, uma peça de Artilharia e muitas munições que ali acharam".[187] O comandante legalista foi o Brigadeiro Manoel Alves de Toledo Ribas[188], um dos dois principais chefes da Revolta do Ano da Fumaça, em Ouro Preto, em 1833.

Mapa 9 – Sétima Semana da Revolta de 1842

Fonte: SOUSA, Bernardo Xavier Pinto de. **História da Revolução de Minas Gerais em 1842**. Rio de Janeiro: Tipografia de J.J, Barroso e Comp. 1843. MARINHO, José Antônio. **História da Revolução de 1842**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1978. Elaborado pelo autor.

Para Marinho, logo depois da segunda batalha de Queluz Feliciano já estava decidido

187 Ofício do Coronel F. V. Souto Maior narrando a sua prisão, e outros acontecimentos que tiveram lugar na Província de Minas (SOUSA, 1843, p.268).

188 Manoel Alves de Toledo Ribas. Membro de uma família rica, era minerador, e tinha 7 escravos em seu inventário. Comandante do Corpo de Cavalaria. Foi vereador, juiz de órfãos e eleitor em Ouro Preto. Tinha os títulos de comendador da Ordem de Cristo e Guarda Roupa do Imperador. Pedrista, no imediato pós 7 de Abril foi dispensado de seus postos de comando e enviado para o Rio de Janeiro (SILVA, 2009, p.294). De volta a Ouro Preto, foi o Comandante Militar da Revolta de 1833, e talvez seu principal mentor.

a colocar fim à revolta, e só esperava um momento apropriado. O deputado Mello Franco teria começado a procurar o coronel Souto Maior no dia mesmo da segunda vitória em Queluz. Já achava a causa perdida e procurava um caminho para se render, segundo Souto Maior dá a entender. Mello Franco e Feliciano teriam evitado o ataque a Ouro Preto já como um serviço ao governo. Feliciano já tinha tentado evitar o ataque a Queluz (MARINHO, 1844/1978, pp. 164, 158).

O exército rebelde ficou estacionado em Queluz até 28 de julho. Ao invés de marchar contra Ouro Preto, marchou para Bocaina, no caminho de Sabará. Isso desanimou muitos rebeldes. O Dr. Camilo, redator do *Echo*, futuro Conde de Prados, retirou-se nesse momento, dizendo que "*os panos quentes haviam de perder a revolução*" (MARINHO, 1844/1978, p.165).

Bernardo da Veiga, que tendo recebido dia 26 de julho 400 tropas legais que vinham do Presídio e de Pomba, e que seriam usadas para atacar Barbacena, se os rebeldes não tivessem se retirado, e já planejava atacar Santa Bárbara, conteve-se em Ouro Preto diante da notícia de que o exército rebelde estava novamente em Queluz às portas da capital. [189] Também Caxias mudou seus planos. Planejava ir com o grosso de suas tropas para São João del Rei, mas sabendo que o exército rebelde estava às portas de Ouro Preto marchou rapidamente para essa capital com uma das cinco colunas em que havia dividido seu exército (SOUZA, 2008, p.378).

4.4.6 Dissolução da Culuna de Curvelo

No dia 30 de julho Caxias publicou sua própria promessa de perdão, "*com exclusão dos Chefes*", a quem abandonasse as fileiras rebeldes, e também prometeu o recrutamento para os que resistissem.[190] Essa publicação certamente gerou mais baixas entre os rebeldes que várias batalhas.

No dia 1 de agosto as tropas do governo chegaram a São João Del Rei, abandonada pelos rebeldes. O então coronel José Joaquim de Lima e Silva, irmão de Caxias,em sua *Proclamação* (SOUSA, 1843, p.214) valorizou o fato de ter entrado na "*Capital*" dos rebeldes. A folha legalista o exaltaria ao pedir votos para ele dizendo que "*adiantando-se no*

---

189 Ofício do Coronel da Legião de GN de Tamanduá dando parte do combate que teve lugar no sítio do Cajú (SOUSA, 1843, pp.203-204).

190 Edital declarando que poderiam voltar a seus domicílios e continuar em sua vida doméstica os que, não sendo Chefes da revolta, se apresentassem com armamentos (SOUSA, 1843, pp.210).

meio de perigos com um troço da tropa pacificadora, veio no memorável dia 1º de Agosto passado levantar aqui o estandarte da legalidade" (A ORDEM, 14/12/1842).

Em Sabará, os legalistas fugidos se fortaleceram em Rio de Pedras e marcharam de volta sobre a sede do município. Os poucos rebeldes que restaram em Sabará retiraram-se então em direção à fortaleza rebelde do município, Santa Luzia. No caminho, no local chamado Capão, a coluna que se retirava de Sabará se encontrou e unificou com a coluna de Curvelo no dia 1 de agosto. No dia 2 as guardas avançadas dos rebeldes e dos legalistas que perseguiam os rebeldes desde Sabará trocaram tiros. Para Marinho esse tiroteio foi no Capão, e para o comandante legalista, Manoel Antonio Pacheco, futuro Barão de Sabará, foi em Corrego Sujo. Para Barbosa foram dois combates, nos quais os rebeldes foram recuando para Lagoa Santa (BARBOSA, 1979, p.584). Esse encontro em si teria sido insignificante, mas entre os rebeldes que ouviram os tiros muitos desertaram. Segundo Marinho, companhias inteiras (1844/1978, p.166). Para o comandante legalista, um rebelde teria morrido.[191] Os legalistas de Sabará não organizaram somente tropas. No dia 4 de agosto publicaram o primeiro número d'*O Estafêta*, folha legalista, que publicou uma oferta de perdão para aqueles que se entregassem (ESTAFÊTA, 4/8/1842).

Para compreender melhor os rebeldes é interessante notar que depois que as colunas de Sabará e Curvelo chegaram dia 3 em Lagoa Santa, um chefe, de Sabará, resolveu ir para Santa Bárbara, e marchou naquela direção, e outro, de Curvelo, resolveu ficar, e ficou. Não tinham um comando ou plano a seguir (MARINHO, 1844/1978, p.167).

Em Lagoa Santa a população apoiava ativamente os rebeldes. A coluna de Curvelo preparou uma emboscada para as tropas legalistas que se sabia que viriam. Cerca de 14 horas do dia 3 de agosto os legalistas caíram na emboscada rebelde, iniciando a batalha de Lagoa Santa. O chefe legalista, Coronel Pacheco, ficou seriamente ferido logo no início do combate, mas o ataque continuou.[192] Os rebeldes em menor número foram acossados dentro da casa de Adriano José de Moura, onde estava guardada a munição e alojados os comandantes. Mas: "*os homens do Sertão, entrincheirados como estavam, não davam um tiro debalde, e tão terrivelmente repeliam os contrários, que cada bala por eles despedida levava consigo uma morte ou uma ferida. O combate cessou com a noite*" (MARINHO, 1844/1978, pp.168-169).

---

191 Ofício do Coronel Comandante das Forças de Sabará dando parte do tiroteio que houve com os rebeldes no sítio do Córrego Sujo (SOUSA, 1843, p.217).

192 Manoel Antônio Pacheco (1783 ou 1779 a 1862), Barão de Sabará, título que recebeu em 1843. Teria sido comandante legalista e feito "*despesa enorme, com que sustentou a guerra*" (ESTAFÊTA, 20/8/ 1842). Depois da Revolta tornou-se defensor dos rebeldes (MARINHO, 1979, p.289). O padre Bhering também o elogiou (O COMPILADOR, 16/7/1843).

Retrato 12 - Manoel Antonio Pacheco, Barão de Sabará

Fonte: Museu Histórico Nacional.

Os legalistas se retiraram de Lagoa Santa, mas contando vitória em seus documentos.[193] Segundo as fontes legalistas a batalha de Lagoa Santa teria sido importante porque "*ali dispersou-se, além de mortos e feridos, grande número de rebeldes*" (ESTAFÊTA, 20/8/1842, 7/11/1842). Já para Marinho só no dia 6 de agosto o Coronel Luiz Eusébio dissolveu a coluna de Curvelo porque: "*faltavam ao chefe munições de boca e de guerra (...) havendo o chefe da coluna do Curvelo sacrificado quanto pôde mais do que permitiam seus haveres, com a sustentação e soldo de quatrocentos homens, desde o dia 24 de Junho*" (MARINHO, 1844/1978, pp.169-170).

Isso responde à questão - de onde vinha o dinheiro? Vinha sobretudo dos chefes. Como no exemplo de Lavras, onde chefes compraram todo armamento, pólvora e chumbo que existiam na Vila, distribuíram fardamento e dinheiro entre os soldados rasos. É o caso de João Pinto da Fonseca, de Lavras, com mais de 60 anos, lavrador, senhor de escravos, que foi um recrutador rebelde, ou melhor, juntou seus homens e foi fazer fogo a favor da revolta, ainda deixou uma "*forte guarda em casa*" (NOGUEIRA, 1979, pp.38, 239, 249). Os rebeldes algumas vezes fizeram compras com vales, e segundo Marinho "*nenhum desses vales tem deixado de ser resgatado por aqueles que os firmaram*" (MARINHO, 1844/1978, p.154). Também fizeram "*subscrições*", para as quais "*muitos concorreram constrangidos*"

193 Ofício do Coronel Comandante das Forças de Sabará dando parte do combate que teve lugar na Alagoa Santa (SOUSA, 1843, p.218).

(NOGUEIRA, 1979, p.249).

Mapa 10 – Oitava Semana da Revolta de 1842

Fonte: SOUSA, Bernardo Xavier Pinto de. **História da Revolução de Minas Gerais em 1842**. Rio de Janeiro: Tipografia de J.J, Barroso e Comp. 1843. MARINHO, José Antônio. **História da Revolução de 1842**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1978. Elaborado pelo autor.

Marinho parece também ter se retirado para o mato nessa ocasião, pois diz que "*estava no empenho de reunir uma porção dos bravos do Curvelo e com eles marchava no dia 21 de Agosto para Santa Luzia, quando tive notícia do ocorrido no dia 20*" (1844/1978, p.170).

4.5 Conclusão do conflito armado

Ao final da oitava semana desde o início da revolta, a capital rebelde já estava sob controle legalista, mas a capital legal estava sob ameaça direta das tropas rebeldes, que estavam à vista da mesma.[194] Caxias:

> entrando na Província de Minas no dia 30 de Julho, pôs a 3 de Agosto em movimento a Coluna do Coronel Leite estacionada em Barbacena, e fazendo-se seguir das quatro Companhias do 8º Batalhão de Caçadores, entrou com ela na Cidade do Ouro Preto a 6 de Agosto, devendo-se a tão apressada marcha a salvação da Capital da Província ameaçada de ser atacada por mais de dois mil rebeldes que se achavam acampados a meia légua de distância (PEREIRA, 1843, p.30).

Disse Caxias, Marinho nega, que logo que perceberam sua chegada à capital os rebeldes se retiraram em direção a Sabará. Com essa desistência os rebeldes sofreram várias deserções. Bernardo da Veiga chegou a pensar que não seria necessária nenhuma batalha para vencer os rebeldes, que já estariam se dispersando. [195]

Para Marinho (1844/1978, pp.179-180) a chegada de Caxias não teve influencia sobre a decisão dos rebeldes, que seria fruto da vacilação de Feliciano e outros chefes que já não queriam continuar em armas. Uma guarda avançada rebelde estaria em Bocaina, bem perto da capital, mas não teria sido incomodada. Teria se retirado somente para cumprir ordens de marchar.

Tanto faz. De qualquer forma a estratégia adotada pelos rebeldes dia 16 de julho, que era unir todas as forças possíveis e atacar Ouro Preto, foi abandonada.

Além da chegada de Caxias a Ouro Preto, dia 6 de agosto, a nona semana da Revolta não teve eventos de destaque, mas foram dias de intensa guerra de informações. Os legalistas sabiam que podiam desbaratar muito mais rebeldes espalhando as notícias de suas vitórias, e os editais com promessas e ameaças do Imperador e de Caxias, do que nos campos de batalha. Marinho acusa Caxias de ter tido tropas para perseguir os rebeldes desde o dia 6, mas não o ter feito. Mas Caxias movia uma guerra de informações e fazia o exército rebelde sangrar o máximo possível antes de uma grande batalha. Ele era "*afeito*" ao "*emprego de espias*", e a "*tática políciaľ*" que "*se tornava uma marca registrada do barão"* era "*evitar, inicialmente,*

194 Ofício do Presidente da Província de Minas participando o combate que teve lugar em Queluz no dia 26 de julho, a aproximação dos rebeldes à Capital (SOUSA, 1843, p.221).

195 Ofício do General Barão de Caxias participando a sua entrada na Cidade de Ouro Preto (SOUSA, 1843, pp.223, 226-228).

as lutas”, “*prometia-se anistia*”, “*então, era só esperar*” (SOUZA, 2008, p.383).

4.5.1 Batalha de Sabará

Depois da segunda vitória em Queluz, os chefes rebeldes mais obstinados insistiram em que se atacasse Ouro Preto, a capital, mas o presidente rebelde, Feliciano, e o chefe militar, Galvão, recusaram-se obstinadamente. Na opinião dos dois, tomar a capital seria “*uma vantagem momentânea, donde, aliás, poderiam resultar embaraços mais sérios e mais graves para os insurgentes*” (MARINHO, 1844/1978, p.174).

Dia 5, antes portanto de Caxias chegar a Ouro Preto, chegaram ao acampamento rebelde exemplares do *Jornal do Commércio*, e cartas particulares. Essas cartas diziam que o Barão de Caxias dissera em Barbacena que não atacaria os rebeldes antes de conferenciar com Feliciano, e que os rebeldes seriam anistiados já em outubro de 1842, quando acontecesse o casamento de D. Pedro II. Os rebeldes começaram a pensar em rendição. Já estavam até discutindo o procedimento que adotariam. O presidente rebelde emitiria uma proclamação informando a deposição das armas, posto que a derrota em São Paulo tornava inútil o movimento feito em Minas Gerais, que seria somente uma distração para auxiliar os rebeldes paulistas. Enviaria essa proclamação imediatamente ao Barão de Caxias, valorizando a vitória que tinham obtido em Queluz. O terceiro ponto, que era os chefes se entregarem ao Barão de Caxias, não obteve a aceitação de Feliciano, que de fato nunca se entregou (MARINHO, 1844/1978, pp.175-176).

Estariam mesmo a ponto de se renderem, quando chegou a coluna de Santa Bárbara, com 1.800 homens, reanimando os rebeldes, que então se mantiveram em armas.[196] Essa união de forças rebeldes era um dos receios de Bernardo da Veiga. A animação renasceu entre os rebeldes, mas outra vez os chefes principais, Feliciano à frente, negaram-se a atacar a capital (MARINHO, 1844/1978, p.177, 220).

Como o presidente rebelde vacilasse a olhos vistos, surgiu a ideia de elevar Ottoni a vice-presidente e licenciar Feliciano. Mas grande parte do exército rebelde, a coluna de Santa Bárbara, era diretamente ligada a Feliciano, e poderia se desgostar. Ottoni ainda alegou que outros chefes tinham precedência na sucessão. Só às vésperas da Batalha de Santa Luzia é que Ottoni finalmente disse que, depois da batalha, ou seja, só se vencessem, se Feliciano quisesse se retirar, aceitaria o posto de Vice-Presidente Interino (MARINHO, 1844/1978, pp.179, 195).

---

196 Ofício do Coronel F. V. Souto Maior narrando a sua prisão, e outros acontecimentos que tiveram lugar na Província de Minas (SOUSA, 1843, pp.268-269).

Mapa 11 – Nona Semana da Revolta de 1842

Fonte: SOUSA, Bernardo Xavier Pinto de. **História da Revolução de Minas Gerais em 1842**. Rio de Janeiro: Tipografia de J.J, Barroso e Comp. 1843. MARINHO, José Antônio. **História da Revolução de 1842**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1978. Elaborado pelo autor.

Os chefes rebeldes, políticos atuantes, apegavam-se ao poder dos símbolos, como tomar a capital e as sedes dos municípios. Assim também tinham a convicção de que era melhor se entregarem depois de uma grande vitória, mostrando-se fortes. Só por isso Feliciano foi convencido a não enviar um emissário ao Barão de Caxias – para não se mostrar fraco. Marinho ainda acreditava nisso em 1844, quando publicou que "*o meio mais seguro e razoável de obterem os insurgentes uma anistia da política dominante então, era hostentarem-se fortes*" (1844/1978, pp.178, 188).

Feliciano continuou no comando, o exército rebelde quase se dispersou diante da ordem de marchar sobre Sabará, mas continuou reunido e marchou, lentamente. Para chegar a Sabará os rebeldes demoraram seis dias, nos quais não foram incomodados por Caxias a não ser com papéis e boatos. O argumento que convenceu os rebeldes da necessidade de atacarem

Sabará foi militar. Se não tomassem Sabará e dispersassem os 1500 legalistas ali estacionados, ficariam cercados entre dois exércitos, o dos legalistas de Sabará e o de Caxias. Marinho diz que sem esse motivo os rebeldes não atacariam Sabará, e que "*Quanto se fazia, não era já pela revolução, mas sim, para se ganhar tempo*" (MARINHO, 1844/1978, pp.182, 187).

Entre a tarde do dia 11 e as duas da madrugada do dia 13 de agosto aconteceu a batalha de Sabará. A cidade foi atacada por três colunas. Tropas legalistas do Serro e de Caeté ajudaram na defesa. Os legalistas tentaram ocupar o morro Cabeça de Boi, mas foram repelidos, e os rebeldes conseguiram entrar na cidade no início do dia 12. Entre as tropas do Serro muitos eram oposicionistas, simpáticos aos rebeldes, e "*mordiam o cartuchame pelo lado da bala, deixavam-na cair e atiravam com pólvora seca*" (MARINHO, 1844/1978, p.199). Com a retirada das forças legalistas para Caeté, Sabará foi ocupada pela segunda vez pelos rebeldes (SOUSA, 1843, pp.229,231; MARINHO, 1844/1978, p.181; LIBÂNIO, 2009, p.24).

Na primeira tomada de Sabará "*os Sabarenses não sofreram maiores ultrajes em suas pessoas, e propriedades*", porque "*a Cidade estava desguarnecida e quase erma de suas mais distintas capacidades*" e não ofereceu resistência. No segundo ataque houve resistência, "*então os campeões da usurpação vendo-se senhores da povoação segunda vez inerme, e abandonada ao seu furor, correram ao saque, e à violência*", e prenderam os padres Antonio Alves Pacheco e João Alves Pacheco (ESTAFÊTA, 24/9/1842). Os vitoriosos não se demoraram:

> os rebeldes entraram, ou antes, passaram por esta Cidade, aonde apenas se demoraram algumas horas do infausto dia 13 do corrente; e depois da pilhagem, que de muitos é já sabida, se retiraram para Santa Luzia (ESTAFÊTA, 20/8/1842).

Já no dia 13 foram para Santa Luzia, onde aconteceria a batalha decisiva.[197] O Dep. Provincial Badaró não explicou os motivos, mas denunciou que em Sabará Feliciano condenou um legalista à morte, e em comutação dessa pena esse legalista teria sido açoitado e torturado (O COMPILADOR, 31/7/1843). Entre o dia 13 e o dia 20 de agosto "*Santa Luzia tornou-se território livre para 'todos os emissários e portadores de cartas'*" e o "*presidente José Feliciano não tomava qualquer providência*", ou seja, Os rebeldes sofreram uma semana de guerra de informações movida pelo Barão de Caxias (SOUZA, 2008, p.386).

---

197 Ofício do Coronel Comandante das Forças de Sabará participando o combate que teve lugar naquela Cidade (SOUSA, 1843, pp.234-235).

4.5.2 A deserção do presidente rebelde

Já há algum tempo Feliciano e Ottoni não se davam bem. Feliciano procurava se afastar de Ottoni, porque quando reclamava de falta de dinheiro Ottoni respondia "*faça-me V. Ex. Inspetor interino, e aparecerá dinheiro*". Ele queria confiscar bens dos legalistas em represaria aos confiscos dos bens dos rebeldes. Eles se afastaram e em Santa Luzia nem se hospedaram, como vinham fazendo antes, na mesma casa (MARINHO, 1844/1978, pp.188-189).

Nesse mesmo dia da segunda tomada de Sabará e marcha para Santa Luzia, então arraial de Sabará, o presidente rebelde, José Feliciano, secretamente (para com os rebeldes mais obstinados, como Ottoni, que só foi saber na cadeia) confabulou com o coronel Souto Maior para levar ao Imperador um pedido de anistia, mas estava disposto a esperar pela mesma em armas. Souto Maior foi então solto para cumprir essa missão, e escolheu como companheiro de viagem o deputado Dr. Manoel de Mello Franco, que já o chamara para fugir. [198] A decisão de não atacar Ouro Preto já teria sido tomada no sentido de terminar a guerra civil. Tanto essas confabulações aconteceram em segredo que dia 15 Feliciano ainda enviou cartas pedindo 30 contos de réis a apoiadores ricos.[199]

Souto Maior e seus acompanhantes não chegaram à Corte, tendo sido capturados em Cachoeira do Campo. Ao contrário das promessas de anistia, Manoel de Mello Franco foi preso, enviado para Ouro Preto, e Souto Maior chegou a Caxias no dia 18 de agosto. Souto Maior teve que responder a um Conselho de Guerra, sob a acusação de colaborar com os rebeldes, mas foi absolvido. [200]

Marinho acusa Caxias de ter preferido a batalha à proposta de Feliciano. Desejaria vencer sua primeira batalha de monta (MARINHO, 1844/1978, p.184). Mas deve-se entender

---

198 Diz Marinho que o Dr. Mello Franco prestou à "*revolução relevantes serviços, servindo-a com zelo infatigável, e sustentando-a com uma coragem a toda a prova*" (MARINHO, 1978 , Pág.175). Mascarenhas o acusa de ter matado na estrada de Queluz um homem de sua escolta pessoal (MASCARENHAS, 1961, p.108).

199 Ofício do Coronel F. V. Souto Maior narrando a sua prisão, e outros acontecimentos que tiveram lugar na Província de Minas; Ofício do Dr. Manoel de Mello Franco pedindo em nome do Presidente intruso uma anistia geral; Ofício do Dr. Mello Franco sobre a anistia; Ofício a diversas pessoas afim de que concorressem por empréstimos pecuniários para as despesas do exército rebelde; Portaria encarregando Joaquim Leonel de Azevedo e Paiva do comando da Força que abandonou o Rio Preto (SOUSA, 1843, pp.186, 232-233, 241, 270).

200 Ofício do Coronel F. V. Souto Maior narrando a sua prisão, e outros acontecimentos que tiveram lugar na Província de Minas; Nota de rodapé (SOUSA, 1843, pp.271-273).

que Marinho e Caxias eram de partidos adversários, e que o livro de Marinho também tinha a função de atrair votos para seu lado e tirar votos dos chefes adversários.

No dia 18, já preparando a deserção, Feliciano tinha dito a Joaquim Martins[201] que "*fizesse o que quisesse, porém que por sua causa não se comprometesse mais*". Finalmente, na noite de 19 de agosto, que antecedeu a batalha de Santa Luzia, ele fugiu do acampamento rebelde levando muitos de seus homens. Terá chegado alguma resposta de Caxias aos pedidos de Feliciano? Qual o papel de Caxias na deserção de José Feliciano? Não se sabe. Mas Caxias foi hábil em promover deserções. Além dos já exaustivamente citados *Jornal do Commércio* e outros periódicos, dos decretos prometendo perdão, confisco de bens, recrutamento, ele se valeu de cartas particulares das famílias para os rebeldes, gerando deserções diversas (MARINHO, 1844/1978, pp.190, 196, 199-200). O tempo entre a batalha de Sabará e a batalha de Santa Luzia foi uma "*longa semana de agonia, ação de emissários de Caxias e deserções*" (HÖRNER, 2010, p.255).

O presidente rebelde ter desertado na véspera mesmo de um grande combate certamente prejudicou muito o moral e a eficiência dos rebeldes. Marinho quase o desculpa, Feliciano "*nenhum outro pensamento tivera senão o de fazer uma manifestação armada em apoio do de Sorocaba*" (MARINHO, 1844/1978, p.165). Sobre o ato da deserção em si:

> ...pensando que devendo o combate engajar-se ao romper do dia, sua retirada só seria conhecida depois do resultado dele, e então nenhum mal pudera causar, julgou conveniente não revelar a ninguém o seu segredo. (...) era alta noite, quando mandou ele chamar do ponto da Lapa a Lemos, seu filho, sobrinhos, e as pessoas de sua intimidade e, fazendo ver a José Pedro que de coração desejava o triunfo dos insurgentes, mas não os podia mais acompanhar (...) retirou-se pelo lado da ponte grande (MARINHO, 1844/1978, p.197).

Porém o combate não começou pela madrugada, porque a coluna legalista da Lapa recusou combate, tentando esperar o dia marcado, e a guarnição rebelde que controlava a ponte grande pressentiu que Feliciano fugiu. Deu tempo para a notícia se espalhar entre os rebeldes. Ottoni e outros chefes que sabiam da deserção para alguns a ocultavam, para outros a explicavam de maneira satisfatória. Apesar dessa deserção que pode ter sido decisiva a favor da legalidade, Feliciano e Lemos, que com ele desertou, foram perseguidos afoitamente pelos legalistas nos meses seguintes (MARINHO, 1844/1978, pp.198, 291).

---

201 Joaquim Martins ficou famoso por ter sido um dos que desertou logo antes da batalha por instigação de Caxias. Caxias fez chegar a ele no acampamento rebelde cartas de seu irmão, com promessas para o caso de desertar (BARBOSA, 1979, p.591).

Não foi ao tratar sobre a deserção, mas Marinho, veterano da Confederação do Equador, desabafou do alto de sua experiência sobre outro recuo de Feliciano que:

> O que mais concorre para a queda das revoluções é, sem dúvida, a falta de dedicação e de sincera franqueza em muitos dos que as aprovam, mas que desde o princípio, como que contando com a derrota, sem que toquem ao grau de traidores, vão todavia ajuntando cabedais para uma futura defesa deles (MARINHO, 1844/1978, p.136).

4.5.3 Vinte de agosto de 1842: Batalha de Santa Luzia

Nos dias 18 e 19, Caxias esteve com suas tropas em Sabará, da qual Santa Luzia era um arraial,[202] o "*primeiro foco*" de revolta no município de Sabará (ESTAFÊTA, 4/8/1842). Com 217 imóveis urbanos em 1812, Santa Luzia era maior do que muitas sedes de municípios de Minas Gerais. A batalha de Santa Luzia quase coincidiu com o local da última batalha de 1833, José Correia, que em 1833 foi anexado ao arraial de Santa Luzia (VIGILANTE, 29/6/1833). Santa Luzia fora no dia 1 de agosto retomada por forças legalistas saídas de Sabará, incluindo tropas de Caeté (ESTAFÊTA, 4/8/1842). No dia 13 de agosto, depois de tomar Sabará, os rebeldes marcharam para Santa Luzia e a retomaram aos legalistas.

É curioso, mas os dois lados concordaram que em Santa Luzia se decidiu a sorte do Império. Apesar de todas as cidades e vilas perdidas pelos rebeldes e ocupadas por forças legalistas, apesar de todas as batalhas já vencidas ou perdidas, se o rebeldes vencessem em Santa Luzia, teriam derrotado o principal exército imperial, e seu melhor e mais famoso general. Nas palavras de Ottoni, chefe rebelde depois da deserção de Feliciano:

> Dentro de três dias, dizia eu aos meus amigos, estamos no palácio do Ouro Preto, dentro de quinze dias um ministério liberal terá suspendido a lei inconstitucional de 3 de dezembro e a do conselho de estado, e terá anulado o decreto inconstitucional que dispersou os representantes da nação (OTTONI, 1860, p.104).

Para Caxias seriam cerca de 3300 rebeldes, concentrados em Santa Luzia "*pela grande defesa que ele oferece*". As fortificações rebeldes não estavam prontas. Nos cálculos rebeldes, precisariam de dois dias a contar de 19 de agosto.[203] O objetivo de Caxias era atacar

---

202 Portaria louvando a conduta das Forças do Araxá no combate que ali teve lugar (SOUSA, 1843, p.244).

203 Ofício de F. Wiesner de Montenegro declarando que no lugar de Alcobaço, entre Santa Luzia e Sabará, se podem construir três Linhas de trincheiras inexpugnáveis (SOUSA, 1843, p.244).

no dia 21. Caxias dividiu suas tropas em três colunas, duas que partiram de Sabará, seguindo caminhos distintos para Santa Luzia, e uma que partiu de Caeté.[204] As tropas imperiais teriam tido um desertor, que teria, segundo Caxias, contado aos rebeldes quais eram as forças legalistas e suas posições. Para Marinho eram espiãs que informavam os rebeldes, e que dia 18 já sabiam dos números das forças legalistas, do dia e do plano de ataque.

O Estafêta, de Sabará, publicou seu número 2 no mesmo dia 20 de agosto da Batalha de Santa Luzia, e publicou as Ordens do Dia de Caxias, de forma que foi uma arma nessa batalha.

Os rebeldes, sabendo que Caxias só estaria pronto dia 21, e com pressa de começar o combate antes que a deserção de Feliciano se espalhasse pelas tropas, decidiram atacar as forças legalistas assim que elas aparecessem, antecipando o combate. Tentaram ainda pela madrugada, mas as forças comandadas pelo irmão de Caxias, coronel José Joaquim de Lima e Silva Sobrinho, futuro Visconde de Tocantins, não aceitaram o combate.

Diz Marinho que a batalha se iniciou por ordem de Galvão, o comandante de uma das três colunas em que estava dividido o exército rebelde, que perdera um filho na segunda batalha de Queluz, que soube da notícia da deserção de Feliciano e ficou abalado. Teria então falado sozinho, "*...pois essa gente confia em mim, acompanha-me ao campo de batalha para eu comandá-la, e ei de entregá-la toda amarrada ao inimigo? – continuou em voz mais alta – companhias da direita, fogo*" (MARINHO, 1844/1978, p.203).

Para Marinho Caxias poderia ter vencido a batalha antes das 10 horas da manha, quando fez a coluna de Galvão, que o atacara, recuar para dentro do arraial em debandada. Galvão tivera uma vertigem, e um desmaio, derrubando o moral de suas tropas, que pensaram que ele tinha morrido. Caxias poderia ter cortado o exército rebelde pelo meio, mas teria parado seu ataque inesperadamente. Vendo a debandada da coluna Galvão, batalhões inteiros teriam começado a desertar. O comandante do batalhão de Santa Bárbara chegou a dar ordem de retirada e suas tropas chegaram a atravessar a ponte grande. Galvão se recuperou, muitos de seus homens voltaram ao combate, mas ele não. Ele ficou na ponte grande, guardando-a até às 20 horas, bem depois do fim da batalha, posto que era a única rota de fuga para toda aquela gente que confiara nele (MARINHO, 1844/1978, pp.201-203, 210, 211). Contudo, no início da batalha os rebeldes tinham perdido o presidente interino, único comandante em chefe de todo o exército, e agora perdiam Galvão, o principal comandante, com mais prestígio, vencedor já de várias batalhas.

---

204 Caxias somou todas as tropas de que dispunha, mineiras, fluminenses e paulistas (BARBOSA, 1979, pp.589-590).

Fotografia 1 - Munição de artilharia usada na Batalha de Santa Luzia

Fonte: Museu Aurélio Dolabella, de Santa Luzia.

Caxias conta a batalha somente a partir de 10 horas de manhã. Os rebeldes atacaram primeiro a coluna que tinha vindo de Caeté, fazendo-a recuar. Marinho o confirma, mas diz que foram somente 40 rebeldes os que fizeram essa coluna recuar. É bem possível que as ordens dessa coluna legalista fossem mesmo para recuar, de forma a deixar aberta aos rebeldes uma rota de fuga, pois Caxias era um general experiente. Caxias diz que essa coluna tinha o objetivo de aparentar ser o ataque principal, mas de só se empenhar em combate depois que as outras duas colunas legalistas estivessem fazendo fogo, mas ela não voltou ao combate, e deixou a Ponte Grande sob controle rebelde. Voltando à narração de Caxias, depois de se livrarem da coluna que vinha de Caeté os rebeldes atacaram a coluna comandada pelo próprio Caxias, não sem antes a atacarem em sucessivas emboscadas. Depois de algum combate Caxias resolveu "*tomar posições, a fim de amanhã empenhar o combate formal*", ou seja, recuou. Marinho detalha que desde 13 horas os legalistas cediam terreno, e das 14 para as 15 horas, quando foram franqueados e começaram a ser atingidos pela artilharia rebelde, "*a retirada tornou-se geral e quase em debandada*". Tanto que os rebeldes "*...davam-se já os parabéns pela vitória alcançada, o êxito do combate já não era duvidoso, pois que o General da legalidade já se retirara há mais de uma hora, perdendo bagagens e artilharia*" (MARINHO, 1844/1978, pp.190, 196, 210).

Rebeldes avançavam sobre a coluna de Caxias quando chegou à batalha a terceira coluna legalista, comandada pelo coronel Lima e Silva, que pela madrugada não tinha aceitado o combate. Caxias então diz que atraiu os rebeldes "*para maior distância, a fim de os*

fazer descer das alturas, que ocupavam, facilitando assim a entrada da 3ª Coluna no Arraial". *A Ordem* reforçaria essa explicação para o recuo, dizendo que "*Para arrancá-los às suas posições, é que o general em chefe mandou tocar a retirada*" (A ORDEM, 16/11/1842). Recebendo o ataque da terceira coluna enquanto perseguia a segunda, os rebeldes teriam se desorganizado. A batalha então foi decidia, segundo Caxias, por uma "*carga de baioneta, que em pessoa dirigi*".[205] Marinho nega que tenha acontecido essa carga de baioneta, assim como discute vários detalhes do relato de Caxias sobre a batalha (1844/1978, pp.191-193, 217). Se cada soldado escrevesse seu relato de uma batalha, seriam todos diferentes.

Retrato 13 - Conde de Tocantins

Fonte: Álbum de Lino Paiva Torres.

Muitos rebeldes teriam queimado até o último cartucho antes de serem presos, ou mortos, ou fugirem. Finda a batalha, enquanto os chefes que quiseram ficaram em uma casa de Santa Luzia esperando que os fossem prender, Alvarenga juntou-se a Galvão na ponte grande, garantindo a retirada da grande maioria das tropas, "*à vontade*". Os chefes rebeldes que quiseram ser presos ficaram esperando desde o final da tarde até às 20 horas (MARINHO, 1844/1978, pp.212, 217, 259).

Ainda para Marinho (1844/1978, p.218):

> Os prisioneiros destinados ao recrutamento foram encarcerados na Igreja Matriz, e aí detidos, sem que se lhes desse comer e água, sem se poderem deitar até o dia 22. A perda dos insurgentes, pelo que respeita aos mortos, não passou de nove homens, entrando neste número os valentes Guerra e Agripa.

205 Ver Ordem do Dia contendo os pormenores do combate de Santa Luzia (SOUSA, 1843, pp.245-250).

Fotografia 2 - Casa que serviu de quartel general rebelde em Santa Luzia
Atual Museu Aurélio Dolabella

Fonte: Museu Aurélio Dolabella, de Santa Luzia.

Na *Ordem do Dia contendo os pormenores do Combate de Santa Luzia* (SOUSA, 1843, pp.245-250) Caxias fala do "*campo juncado de cadáveres*". Depois diz que os mortos foram 18 legalistas e 49 rebeldes, fora os gravemente feridos e outros que seriam encontrados posteriormente. Foram feitos cerca de 300 prisioneiros. Ainda fazendo um balanço Caxias avaliou que foi "*um renhido combate de mais de oito horas, no qual tivemos vinte soldados mortos, oito oficiais feridos, dois contusos, e setenta soldados igualmente feridos, dez dos quais gravemente*" (ESTAFÊTA, 19/9/1842). *A Ordem* falaria d"*esse vasto cemitério de Santa Luzia*" (A ORDEM, 19/10/1842). Em poucos meses os números de mortos e prisioneiros já tinham se multiplicado de boca em boca, de forma que segundo Wenceslau Alves Branco, Coronel de Legião da Guarda Nacional de Formiga em 1842, os rebeldes teriam tido em Santa Luzia "*mais de 300 mortos*" e "*400 prisioneiros*", contrariando completamente os números fornecidos por Caxias, muito mais confiáveis (O CORREIO DE MINAS, 21/10/1842). Ao menos uma viúva de um legalista morto em Santa Luzia recebeu pensão pela Mesa Provincial,

a de Carlos José do Valle, de Ouro Preto (A ORDEM, 17/7/1844).

Como a vitória legalista foi por pouco, a deserção de Feliciano pode ter sido o diferencial entre a vitória e a derrota, mesmo porque

> Os comandantes porém das três colunas, Galvão do centro, Alvarenga do Sul e Lemos do Norte, eram inteiramente independentes, e o Presidente interino era o único General em chefe, o único elo entre os três comandos; mas ele já não existia, e a retirada de Lemos deixou também independentes os comandantes dos batalhões de Santa Bárbara, Santa Quitéria e Santa Luzia (MARINHO, 1844/1978, pp.190, 196, 201).

E como Galvão ficou fora do combate desde a manhã, só uma das três colunas se manteve com um comando unificado, e já não havia coordenação de uma coluna com outra.

As dificuldades do governo eram tantas que até marujo foi recrutado para marchar sobre Minas Gerais e lutou do lado legalista em Santa Luzia (O CORREIO DE MINAS, 16/11/1842). Para Marinho "*Muitos desses soldados não sabiam pronunciar uma só palavra de nossa língua*", pois eram africanos recém chegados (MARINHO, 1844/1978, p.243). Daí teria acontecido o saque de Santa Luzia e, segundo Marinho, os assassinatos de civis inocentes. Os legalistas confessaram que "*Os soldados da legalidade desmandaram-se em Santa Luzia; desertaram alguns, que inquietaram, e roubaram*" (A ORDEM, 30/11/1842).

Segundo Ottoni, "*podíamos continuar a revolução com chances de sucesso, também é fora de dúvida que só o conseguiríamos assolando os belos campos de Minas e anarquizando a província*" (1860, p.105). Ou como disse Marinho, "*uma mais porfiada resistência poderia comprometer a província e degenerar em uma guerra igual à do Rio Grande do Sul*" (MARINHO, 1844/1978, p.256). Forças armadas para isso ainda existiam:

> Galvão e Alvarenga sustentaram-se na Ponte Grande até as 8 horas da noite, para que os insurgentes que se achavam no arraial se pudessem retirar; e depois puseram-se a essa hora em marcha e, sem que fossem incomodados, chegaram ao arraial da Lagoa Santa, ainda em número de mais de dois mil homens armados e suficientemente municiados (MARINHO, 1844/1978, p.255).

Só dia 21 Galvão e Alvarenga "se entregaram", no arraial de Matosinhos, ainda no comando de 700 homens. As aspas é porque não se entregaram de fato à prisão, nem as armas. Só assinaram um documento de que reconheciam as duas leis e o governo, e que "*nos dirigimos às nossas casas com mais de setecentos homens, depois de termos feito dispersar os mais que conosco se achavam unidos*" (MARINHO, 1844/1978, p.256). Eles foram de fato

ainda juntos no caminho da Santa Quitéria.[206]

Cerca de 300 rebeldes evadidos de Santa Luzia foram se entregar em Santa Bárbara, e seu chefe foi preso. No dia 26 de 900 a 1000 homens ainda na prática sob o comando de Alvarenga dormiram no Brumadinho. Sabendo disso, o coronel Lima e Silva enviou tropas para capturá-los, e ainda encontrou 316, com 216 espingardas, 11 pistolas, 6 espadas e de 7 a 8 mil cartuchos. Alvarenga não foi preso, já tinha se encaminhado para São João Del Rei. Vários batalhões rebeldes foram se apresentar aos comandantes designados pelo governo legal (MARINHO, 1844/1978, pp.257, 262-263).

Sobre a importância da batalha de Santa Luzia, diz *A Ordem* que:

> apesar das mais horrorosas privações, e nos últimos arrancos da rebelião, ninguém quase se apresentou ao general em chefe antes da derrota de Santa Luzia em menoscabo do seu providente Edital, e da Proclamação do Imperador, que o mesmo general teve o cuidado de fazer espalhar em grande cópia pelo meio das coortes rebeldes (A ORDEM, 29/10/1842).

Não é bem verdade que "*ninguém quase se apresentou*". O que não faltou foram desertores, como era de se esperar, mas realmente a batalha de Santa Luzia dispersou os vários milhares que ainda estavam em armas, acima citados. A notícia da derrota de Santa Luzia só não desarmou imediatamente as colunas de Cláudio e Paracatú (MARINHO, 1844/1978, p.257). *A Ordem* também disse que "*Geralmente se pensa que esse grande feito das armas imperiais contra as forças da rebelião, firmou nossas instituições, deu ao trono base sólida e perdurável*" (ORDEM, 8/10/1842). Ao trono, não, mas ao reinado de D. Pedro II, pode-se dizer que sim.

No dia 29 de agosto, o Ministro da Guerra elevou Caxias ao posto de Marechal, em decorrência de sua atuação contra as revoltas de Minas e São Paulo, e destacadamente pelos resultados da batalha de Santa Luzia. Em 1 de Setembro, aconteceu em Ouro Preto um baile em comemoração da vitória legalista e homenagem a Caxias, no Palácio do Governo, em frente à prisão onde estavam quase todos os chefes rebeldes.[207] Até um licor foi vendido no Rio de Janeiro com o busto de Caxias, o "*licor dos valorosos*". Ele tinha feito 39 anos no dia 25 de agosto, e firmou em Minas Gerais sua reputação, tornando-se o "*pacificador de três*

---

206 Ver Ofício do Subdelegado de Polícia do Distrito de Matosinhos, remetendo o Protesto dos Comandantes de Forças rebeldes, Galvão, e Alveranga, e o mesmo Protesto (SOUSA, 1843, pp.251-252).

207 Aviso mandando louvar aos Oficiais e Soldados que tomaram parte no combate de Santa Luzia, e comunicando a promoção do General Barão de Caxias ao Posto de Marechal de Campo; Extrato do *Correio de Minas* (SOUSA, 1843, pp.252-253, 273-274).

províncias” (SOUZA, 2008, pp.390-391). Embora Santa Luzia tenha sido chamada pelos próprios legalistas de “degoladouro”, os rebeldes não denunciaram essa prática. Apesar de não ter cumprido a palavra de deixar livres os rebeldes que se entregassem, Caxias também não permitiu que fossem massacrados. Depois da vitória Caxias teria negado salvo conduto somente para uma pessoa, um padre que pregou que homens de cor seriam reescravizados (O CORREIO DE MINAS, 14/10/1842).

4.5.4 O prolongamento da Revolta no Triângulo Mineiro

As notícias demoravam mais a chegar ao sertão da farinha podre, portanto a Revolta, e sua repressão, também demoraram mais a começar e a acabar. Já se viu que Paracatu só aderiu à revolta dia 20 de julho de 1842 (O CORREIO DE MINAS, 13/10/1842). Mas para José Carneiro de Mendonça Franco, vereador de Paracatú, a revolta se iniciou nessa localidade dia 6 de agosto, com cerca de 300 homens armados, que se dispersaram até o dia 17 de agosto. Existem dois documentos, com datas diferentes, em que a Câmara de Paracatu reconhece o governo rebelde, um do dia 2, e outro do dia 7 de agosto. Na primeira os autores chamam as notícias que chegavam contra a revolta de “*falsos boatos*”. Na segunda é dito que o povo em armas, cercando a Câmara, exigiu a aprovação de uma petição, que estava assinada por 320 cidadãos. Os rebeldes de Paracatú ainda enviaram propaganda rebelde para outros municípios. [208]

Nota-se que as informações são contraditórias, inclusive sobre o fim. Foi dito que “*a notícia do glorioso combate de 20 de Agosto foram bastantes para que os rebeldes fugissem*” (ESTAFÊTA, 31/10/1842; O CORREIO DE MINAS, 13/10/1842), supostamente em 17 de Setembro (HÖRNER, 2010, p.255). Em novembro Paracatú já estaria com a legalidade, mas corriam boatos de que grupos armados continuavam atuando (O CORREIO DE MINAS, 29/11/1842). No dia 2 de dezembro de 1842 tropas partiram de São João Del Rei para Lavras, com o objetivo de obstarem a possível expansão da revolta em Paracatu. Em uma carta de 4 de dezembro de 1842 ainda se dava notícia de que “*o Pimentel aqui se acha reunindo gente para ir sobre Paracatú a fim de conter os desordeiros*” (A ORDEM, 24/12/1842, 21/12/1842). Ou seja, a revolta no Triângulo não terminou de fato com a chegada da notícia da Batalha de

---

208 Nota de Rodapé da página 261; Ofício da Câmara Municipal do Paracatu participando haver reconhecido o Governo rebelde e pendido à Câmara de Patrocínio que também se levante; Ata da Seção da Câmara Municipal de Paracatu em que reconheceu o governo rebelde (SOUSA, 1843, pp.261, 215-216, 224).

Santa Luzia, porque "grupos armados" continuaram atuando.

Mapa 12 – Décima Semana da Revolta de 1842

Fonte: SOUSA, Bernardo Xavier Pinto de. **História da Revolução de Minas Gerais em 1842**. Rio de Janeiro: Tipografia de J.J, Barroso e Comp. 1843. MARINHO, José Antônio. **História da Revolução de 1842**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1978. Elaborado pelo autor.

Tratando da Revolta de 1842 no Triângulo, acrescente-se que segundo o deputado provincial vigário Antônio José da Silva "*assim como em outras partes da província, no Uberaba se deram passos a favor da rebelião, e houve um ajuntamento de 120 e tantas pessoas*". Como de costume em 1842, um padre era um dos chefes desse ajuntamento (O COMPILADOR, 7/7/1843). Ao lado da legalidade teriam sido 600 homens que se juntaram às tropas de Araxá e Patrocínio, sob o comando de Carlos José da Silva (O PUBLICADOR MINEIRO, 31/1/1846). No total as forças legalistas no triângulo teriam chegado a 1600 homens (O CORREIO DE MINAS, 13/10/1842; ESTAFÊTA, 31/10/1842).[209]

---

209 Fala do Presidente de Minas Gerais à Assembleia Legislativa Provincial (SOUSA, 1843,

Ainda sobre a Revolta no Triângulo Mineiro, os:

> Presidentes de São Paulo e Goiás apressaram-se a socorrer os Mineiros, aquele fazendo entrar no Araxá um reforço de quase 200 praças, bem municiadas, e armadas, e este dirigindo-se pessoalmente à frente de força para a extrema da Província próxima a cidade de Paracatú (O CORREIO DE MINAS, 13/10/1842).

4.5.5 Números

Os números de mortos e feridos são muito imprecisos, porque variam muito de fonte para fonte, como se viu no caso da Batalha de Santa Luzia. Para o Presidente Bernardo da Veiga na Revolta inteira foram somente 35 mortos e 50 feridos (RIBEIRO, 2011, p.10). Como se percebe, quase metade dos 67 que Caxias registrou só em Santa Luzia. Já o Ministro da Guerra informou em seu relatório que (1843, pp.30, 49, 51):

> o total enviado para ambas as Províncias de 3124 homens da 1ª linha. Tem regressado das mesmas Províncias apenas 1409 praças como mostra o Mapa Nº 17, existindo apenas nelas 200 praças, o que dá em resultado a perda de 1515 homens entre mortos, desertores e extraviados.

Especificamente para Minas Gerais marcharam 832 homens, e somente 507 retornaram à Corte. O deputado legalista Azeredo Coutinho diz que foram "*milhares de vidas*" sacrificadas. A Assembleia Legislativa Provincial decidiu criar uma pensão para viúvas dos legalistas mortos mas "*por hora só tem aparecido requerimentos de seis, ou oito viúvas*" (O COMPILADOR, 24/7/1843, 3/7/1843). Melhor é confessar, como uma voz, na Assembleia Legislativa Provincial, que "*não se sabe quantos GNs morreram*" (O CORREIO DE MINAS, 25/11/1842). Mas dos menores aos maiores números, as mortes foram em menor número que na Cabanagem e na Sabinada. Na primeira, só em 1839, morreram cerca de 2500 pessoas, e cerca de 1500 foram presas. Na Sabinada foram mortos 594 legalistas e 1091 rebeldes, e foram feitos 2989 prisioneiros (RIBEIRO, 2011, p.7).

O que explica as poucas baixas? Foi uma revolta de somente 2 meses, e se alguma de suas batalhas terminou em luta corpo a corpo, foi só Santa Luzia. A artilharia, sobretudo do lado rebelde, foi pouca. As armas de fogo ainda fariam poucas baixas na Guerra do Paraguai, 25 anos depois. O que mais matava nas guerras do século XIX eram as doenças, que não se desenvolveram em 2 meses. Como disse um rebelde em carta para sua mãe, na coluna que

---

pp.277-278).

tomou Baependi "*ainda não tivemos um enfermo, trazemos médicos*" (NOGUEIRA, 1979, p.34).

Ainda aconteceriam mortes no período de perseguição aos rebeldes. Em seu livro Marinho detalhou oito assassinatos, e dois casos em que não fica claro se as vítimas sobreviveram ou não. Marinho não incluiu o padre Bento, assassinado já depois da anistia (1844/1978, pp.322-325).

Todas as fontes, como o deputado Paula Santos, indicam que "*os rebeldes puderam reunir um número não pequeno de homens*" (O CORREIO DO POVO, 17/10/1842). A folha legalista *A Ordem*, confirmou:

> blasonavam publicamente de ter em armas para mais de 16 mil homens. Havia nisso sem duvida grande exageração; mas todos viram, que ainda em Santa Luzia na última desesperação da causa rebelde se achavam reunidos perto de 4 mil (A ORDEM, 29/10/1842).

O primeiro cronista da Revolta de 1842, Bernardo de Sousa, confirma "*o grande número dos comprometidos*" (1843). Para o Ministro José Clemente, "*pôde a revolução criar corpo espantoso em grande parte da Província de Minas*" (1843, p.29). Depois da revolta Marinho reduziu os dezesseis mil do *Despertador Mineiro* a "*doze a quatorze mil homens estiveram em armas por parte dos insurgentes*". Também disse que "*O movimento de 10 de junho tinha posto todos os mineiros em armas: eram irmãos contra irmãos*" (1844/1878, pp.245, 242). Mas é importante saber que também do lado legalista muita gente foi mobilizada. Para o então presidente, Bernardo da Veiga, ficaram do lado legalista em Minas Gerais "*a grande maioria dos seus filhos*". [210] Também o militar legalista José Thomaz Henriques falou de "*massas da legalidade*".[211] Diz o deputado Azeredo Coutinho,[212] que lutou ao lado legalista, que "*durante a rebelião quase todos os empregados saíram para o serviço militar, ficou inteiramente paralisado o experiente ordinário*" (O COMPILADOR, 9/6/1843). Para se ter uma base de comparação, em 1841 a força policial se reduzia a menos de 400 praças, mas Minas Gerais tinha 47 mil guardas nacionais, mal armados (O UNIVERSAL, 15/2/1841). Em toda a Província, na GN:

---

210 Fala do Presidente de Minas Gerais à Assembleia Legislativa Provincial (SOUSA, 1843, p.276).

211 Ofício do Comandante da 1ª. Coluna participando a fuga dos rebeldes da Povoação de Chapéu d'Uvas... (SOUSA, 1843, p.183).

212 Azeredo Coutinho lutou ao lado legalista em 1842. Como a maioria de seus colegas de partido, tinha sido do outro lado (O COMPILADOR, 10/7/1843).

> Em 1842 tudo quanto tinha relações com a oposição foi demitido, mas aparecendo o movimento de Barbacena, o governo achou-se completamente isolado apesar da imposição de oficiais antipatizados à guarda cívica, e somente onde as ideias então dominantes tinham partidistas, foi que a voz do governo foi atendida, a guarda nacional prestou serviços (CONSTITUCIONAL, 24/8/1846).

Existe uma confusão entre a Revolta de 1842 ter sido uma revolta das massas, de forma autônoma, ou seja, um movimento popular, e ter tido apelo de massas, ou seja, ter sido de massas mas dirigida pelas elites. Há quem, negando a primeira conclusão, negue as duas, dando a entender que foi um movimento de uma minoria. A Revolta de 1842 foi um movimento de massas, mas dirigido pelas elites políticas que já o eram.

Sobre as pessoas envolvidas nos diz *A Ordem* que:

> fez a hidra revolucionária aparecer milhares de cabeças, sendo de ver a competência, com que da classe ínfima da população (...) se corria para as fileiras da rebelião (...) grande parte constou sem duvida de vadios, de homens perdidos por seus vícios, e devassidões, que o recrutamento tem poupado (A ORDEM, 29/10/1842).

Do lado governista certamente também existiam muitos pobres pois tanto soldados governistas quanto rebeldes andavam mal vestidos, alguns sujos (O CORREIO DE MINAS, 26/11/1842). Existe o exemplo de um rebelde, Guarda Nacional, Florentino José Alves, que salvou a vida de um legalista e não pegou seu dinheiro, era "*homem de cor, pobre **e descalço***" (MARINHO, 1844/1978, p.161, grifo nosso). Outro rebelde afirmou: "*temos gente de toda qualidade*" (NOGUEIRA, 1979, p.34). Os rebeldes denunciaram que do lado legalista teriam combatido escravos. Estes teriam aprendido a usar a revolta para escapar da escravidão, e "*raro o dia em que não apareciam esses soldados, declarando às autoridades que se vinham oferecer ao serviço do rei, e que seus senhores eram rebeldes*" (MARINHO, 1844/1978, p.244).

Sabendo que a maior parte das tropas rebeldes e legalistas eram Guardas Nacionais, convém saber que entre 1850 e 1873, Saldanha encontrou 82,5% dos GNs de Mariana na faixa de renda mais baixa, que desde 1846 era de 200 a 400 mil réis. Francisco Pinto encontrou em idêntica faixa de renda 73,4% dos GNs de São João Del Rei (SALDANHA, 2010, pp.19-20). Para o deputado Penido os GNs eram gente que "*ganha em um dia o que tem de despender no seguinte, que vive para assim dizer, de sua cultura, dos seus ofícios, dos seus jornais, que não acumula*" (O COMPILADOR, 25/4/1844).

Por outro lado a mesma *Ordem* confessou que "*muitos dos chefes da rebelião eram pessoas conceituadas nos seus municípios*" (A ORDEM, 26/10/1842) e é um fato indiscutível "*se haverem envolvido na rebelião dois terços pelo menos*" dos deputados provinciais. Também deputados e suplentes governistas se envolveram, embora do lado governista (O CORREIO DE MINAS, 19/10/1842, 29/11/1842). Para Marinho os rebeldes seriam "*quase todos os homens de letras da Província, a maioria do clero, e os que têm servido todos os cargos públicos, compreendidos os deputados Provinciais e os representantes da Nação*" (1844/1978, p.85).

Pode-se dividir a Revolta em 4 regiões cujas tropas não chegaram a se encontrar, ou seja, que tiveram início e fim próprios, apesar de fazerem parte do mesmo movimento e se animarem mutuamente: A principal, de Barbacena e São João Del Rei, desde a fronteira com o Rio de Janeiro até Santa Luzia; A região Sul, da Coluna Junqueira, que tomou Baependi e lutou várias batalhas; No Norte as tropas de Santa Bárbara conseguiram se unir aos rebeldes que lutaram em Santa Luzia, mas mais ao norte, na região do Serro, os rebeldes não conseguiram nem se comunicar com os das outras regiões; O Triângulo, onde a revolta começou quando já estava em decadência no resto da Província. Além disso, o ministro Paulino disse que além dos municípios citados nas narrações existentes da Revolta, "*em quase todos os municípios se manifestou uma agitação mais ou menos violenta*".[213] A divisão não foi somente entre municípios controlados pelos legalistas e municípios controlados pelos rebeldes, mas também dentro de cada município.

A título de conclusão, apesar de sua pequena duração e correspondente número de baixas, a Revolta de 1842 em Minas Gerais gerou um conflito armado que envolveu grande parte da força armada existênte na Província. Em uma primeira fase os rebeldes esperavam uma vitória política, e ainda não era guerra. Em seguida as forças legalistas reagiram, e os dois lados começaram uma guerra sem planos, cujos objetivos militares eram as sedes políticas dos municípios. Ao sofrerem derrotas, os rebeldes elaboraram um plano militar geral, cujo objetivo militar era tomar a capital da província, Ouro Preto, depois de unificar todas as forças rebeldes em um só exército. Quando o ataque a Ouro Preto foi descartado os rebeldes passaram a lutar por tempo e por uma melhor posição para conquistar uma anistia. O governo já estava exaurido pela guerra dos Farrapos e pela Revolta de 1842 em São Paulo, mas ainda teve recursos, a acreditar nos seus ministros, os últimos, para enviar a Minas Gerais,

---

213 Extrato do Relatório da Repartição de Justiça apresentado à Assembléia Geral Legislativa pelo respectivo Ministro e Secretário de Estado Paulino José Soares de Souza, em data de 1 de janeiro de 1843 (SOUSA, 1843, p.328).

destacadamente depois da vitória sobre São Paulo. É impossível advinhar quais seriam as consequências de uma vitória rebelde em Santa Luzia, mas seriam gigantescas e nacionais.

Como se viu, antes de começar a guerra com primitivas armas de fogo, aconteceu uma guerra de assinaturas apoiando análises conjunturais nas folhas periódicas. Como as folhas de cada lado só publicavam as Representações com listas de assinaturas de seu lado, foi uma guerra entre os periódicos, a oposição com várias pequenas folhas, e o *Jornal do Commércio* quase sozinho pelo governo, e mesmo assim venceu em números de Representações publicadas. Pelo planejamento rebelde, apesar de estarem em armas, os periódicos e manifestos é que fariam o grosso do trabalho, pois o governo devia cair abalado pela simples notícia da revolta. Não deu certo, e as armas foram usadas, mas as publicações, periódicas e manifestos, além de recrutadoras, conquistaram mais cidades e fizeram mais baixas que os canhões. Os rebeldes tomaram várias cidades pelas armas, e os legalistas tomaram Santa Luzia, mas ambos os lados tomaram mais cidades por meio da propaganda. A vitória, mais uma vez, foi do *Jornal do Commércio*. A derrota das pequenas folhas das pequenas cidades de Minas Gerais para o grande jornal da Corte, duas vezes no mesmo ano, não foi a única causa do que veio a acontecer com a imprensa mineira, mas foi uma delas. Por vinte anos as pequenas folhas das pequenas cidades de Minas Gerais foram importantes protagonistas na política nacional, e em 1842 foram derrotadas dentro da própria Província.

Sobre o quanto a Revolta de 1842 foi significativa para diferentes protagonistas políticos nas décadas seguintes podem-se notar três “detalhes”. Primeiro, que o número de participantes, dos dois lados do conflito, foi muito grande. Segundo, que embora todos os objetivos, discursos, motivações etc. tenham abordado assuntos nacionais, o desenrolar do conflito foi regional e muitas vezes local, de forma que muitos municípios foram palcos do mesmo. Terceiro, que grande número de pessoas ilustradas participou do conflito, a exemplo dos padres.

5 PÓS 1842

Além dos assuntos diretamente relacionados à revolta, como os julgamentos e a anistia, os anos posteriores a 1842 colocaram a prova os discursos políticos de rebeldes e de legalistas, assim como as duas leis em torno das quais se lutou. É necessário comparar o que se viu em Minas Gerais antes de 1842 com o pós 1842, para aferir as consequências da revolta. Existem as consequências da revolta em si, as perseguições e os julgamentos por exemplo, e consequencias de maior envergadura, iniciando um novo período da vida política do Império.

5.1 Os primeiros meses

A Revolta de 1842 teve resultados imediatos, concernentes a uma repressão a rebeldes derrotados, que não devem ser confundidos com as consequências políticas maiores.

5.1.1 As consequencias imediatas sobre a imprensa

Um dos relatos mais marcantes da história da imprensa mineira e da história da Revolta de 1842 é a memória colhida por Xavier da Veiga (1898, p.190):

> Dos tipos d'*O Universal* mandou o seu proprietário fazer balas, que forneceu em quantidade para a rebelião. Deu-nos notícia disto um velho tipógrafo, em 1842 empregado na oficina d'*O Universal* e há pouco falecido com cerca de 77 anos de idade em Ouro Preto, tipo muito popular sob a alcunha decorativa de – Gutemberg.

Porém, isso só aconteceu se Dias de Carvalho levou os tipos consigo para Barbacena em maio de 1842, quando *O Universal* deixou de circular, antes da revolta, pois o Cônego Marinho nos conta que (1844/1978, p.304):

> tomou o chefe de polícia uma tipografia, propriedade do ex-deputado Dias de Carvalho, e a entregou a um especulador para dela usar em apoio da legalidade; fato este tanto mais escandaloso quando é certo que a tipografia sequestrada pelo chefe de polícia, havia sido depositada, depois de selada, em poder de Carlos de Assis Figueiredo, de quem a mandou tomar o chefe de polícia, para a converter em uso da legalidade.

Ou seja, se os tipos foram transformados em balas é mais fácil que tenham sido para

as tropas governistas que defendiam a capital.

Recapitulando, a imprensa Liberal fez forte propaganda contra o governo desde meados de 1841 até ser calada em maio de 1842. Durante a revolta o *Echo da Rasão* e o *Despertador Mineiro* ressurgiram e foram órgãos oficiais do governo insurgente. Foram calados logo que a revolta foi derrotada.

Mas a revolta também gerou uma série de folhas legalistas. Antes mesmo de chegar em Ouro Preto a notícia da revolta em Barbacena, pois somente um dia depois da explosão da mesma, que foi em 10 de Junho de 1842, surgiu *O Legalista*, redigido pelo Brigadeiro Jacques Augusto Cony,[214] e que ainda existia no final do ano de 1842 (A ORDEM, 26/10/1842; VEIGA, 1898, p.197; MOREIRA, 2011, p.205).

Além de periódicos a revolta provocou os legalistas a publicarem avulsos. Esses impressos não tinham periodicidade, nem preço, nem local de assinaturas, nem editorial. Dia 5 de julho de 1842, logo que chegou a notícia da revolta, publicou-se em Ouro Preto, do tamanho de um jornal, *Viva a Legalidade*. Seu autor teria sido o mesmo d'*O Legalista*, Jacques Augusto Cony. Também legalista, dia 18 de julho de 1842 a Tipografia Patriótica Sabarense publicou *O Despertador*, que embora venha numerado não tem o formato de um jornal, mas de um pequeno panfleto, convocando à defesa da legalidade e reivindicando, em disputa com os rebeldes, a memória dos legalistas de 1833. Não deve ter tido um número 2. Ambos foram propaganda de guerra, não tinham outro assunto.

Pode-se aceitar como periódico o *Buletim da Legalidade no Serro*, pois chegou ao menos ao número 3. Era impresso na Tipografia de Veríssimo P. dos R & Sócios, no arraial do Gambá, cidade do Serro. Fez propaganda de guerra contra os rebeldes de sua região. Francisco Assis Medina[215] e Bento Ferreira Carneiro[216] seriam redatores (ver notas de rodapé).

Em Sabará, como se viu, o *Estafêta* apareceu dia 4 de agosto de 1842, no final do conflito, rodado na Tipografia Patriótica Sabarense, combatendo os rebeldes. Mais propriamente, renasceu, pois existiu em 1835 e afirma que "*reaparece na cena pública*" e que "*é escrito com a mesma pena*". Contudo o *Estafeta* foi legalista, e os redatores de 1835, o Pe.

---

214 Brigadeiro Jacques Augusto Cony foi redator d'*O Legalista*, escreveu para o *Correio de Minas* e para o *Unitário*. Foi membro da Sociedade Militar no início dos anos 1830. No Exército serviu na Artilharia.

215 Francisco Assis Medina foi relacionado ao *Buletim da Legalidade no Serro*. Em 1844 foi eleito Eleitor pelo lado que fora legalista em 1842.

216 Bento Ferreira Carneiro foi relacionado ao *Buletim da Legalidade no Serro*. Em 1844 foi eleito Eleitor pelo lado que fora legalista em 1842. Foi suplente de Delegado. Foi um dos assinantes do livro de de Xavier da Veiga sobre a Revolta de 1842.

José Mariano Gomes Baptista, e seu irmão Antonio Gomes Batista, foram rebeldes. O padre foi inclusive preso. Resta como possível redator o dono da tipografia, Pedro Gomes de Nogueira, que foi Liberal até a revolta, quando rompeu e mudou de lado. Teria sido o criador da folha (JINZENJI, 2008, p.4).

O *Estafêta* passou pela segunda queda de Sabará durante a revolta de 1842, no dia 13 de agosto, e tem um número, o 2, do dia da mais famosa batalha da revolta, 20 de agosto, que aconteceu em um então arraial de Sabará, Santa Luzia. Esses dois números justificam o nome da folha, pois são de propaganda de guerra, incluindo ordens dos comandantes legalistas. Os números posteriores contam sobre o conflito, pedem a punição exemplar dos rebeldes e tratam de eleições. Pena que são poucos. O número 3 apareceu somente dia 19 de setembro. P. G. Nogueira, antigo redator d'*O Vigilante*, apareceu como dono da Tipografia e ao explicar um mês de ausência afirmou que "*agora tem imprensa própria*" e seria semanal, como já indicava o preço. Mas na verdade o número 4 saiu somente dia 24 de outubro, a partir de quando a periodicidade passou a funcionar. O último que os arquivos públicos têm é o 12, de 14 de dezembro de 1842, duas semanas depois dos primeiros resultados eleitorais. Dados os atrasos, estavam se completando os números equivalentes a um trimestre, o que é explicado no final da folha. É um típico caso em que ou a folha durou somente um trimestre, ou a coleção era de um assinante que só assinou o primeiro trimestre, dois casos bem comuns na imprensa da época.

Quase todas essas folhas surgidas em 1842, apesar de governistas, não sobreviveram à Revolta, e quando o conseguiram, dificilmente passaram das eleições do final de 1842. *O Correio de Minas* continuou circulando por alguns meses de 1843, publicando quase somente as atas da Assembleia Legislativa Provincial, ricas em informações, mas muito atrasadas.

5.1.2 O tempo da perseguição aos rebeldes

Afonso Arinos, no livro *Pelo Sertão*, ambientou um dos contos, *Joaquim Mironga (tipo do sertão)*, na "*era amaldiçoada*" do "*tempo das guerras bravas da era de quarenta e dois*". Mas ele trata mesmo é do tempo das perseguições, quando o "*Patrão velho andava amoitado. Amoitado é um modo de dizer, porque ele dormia, lá de vez enquando, num rancho de palmito no meio do mato*" e "*entraram lá na cidade as forças do defunto coronel Joaquim Pimentel para agarrarem os rebeldes, patrão velho teve aviso*" (1981, pp.85-86).

Os legalistas espalharam a promessa de que só seriam punidos José Feliciano, o chefe máximo, Dias de Carvalho, Ottoni e Marinho, três redatores e deputados. Porém:

> Mandaram, pois prender centenas de indivíduos, fizeram deportações, ordenaram degredos, mandaram dar buscas por toda a província (...) deram causa a que muitos cidadãos, que se conservavam mansos e pacíficos em suas casas, fossem barbaramente assassinados por patrulhas legais (...) A indisposição de algum delegado ou subdelegado (...) conduziu muitos indivíduos para as cadeias, e nunca deixavam de ir acorrentados (MARINHO, 1844/1978, pp.293, 247).

Oficialmente foram reestabelecidas as garantias constitucionais no dia 7 de setembro de 1842 (O CORREIO DE MINAS, 13/10/1842; ESTAFÊTA, 31/10/1842), mas a caça aos rebeldes continuou. Buscava-se os cabeças para serem presos, e os rebeldes de menor influencia para serem recrutados. É a folha legalista de São João Del Rei que diz que "*Os municípios de Sabará, e Pitangui, acabam de ser varridos em todos os pontos e direções atrás de alguns dos referidos cabeças*" (A ORDEM, 12/11/1842). E que:

> acabam de ser visitados em diferentes direções os municípios de Pitangui, Sabará e Santa Bárbara, onde se supunham estarem acoitados, José Feliciano, Lemos, Galvão, Pedro de Alcantara, e outros chefes da rebelião (...) foram presos vários cabeças de alguma importância (A ORDEM, 23/11/1842).

Também o *Estafêta* nos dá um exemplo:

> Chegando em Santa Quitéria a força legalista ao Comando Militar do Major Mariano Joaquim da Cerqueira, este foi a Fazenda do meu Compadre, e amigo Manoel Ferreira da Silva, dar uma busca com 200 e tantas praças: este ato fez grande estrondo no Arraial (ESTAFÊTA, 24/10/1842).

Os oposicionistas de Itabira, memos aqueles que não pegaram em armas, também foram perseguidos e tiveram que se refugiar, caso do conhecido redator vigário José Felicíssimo do Nascimento e de João Baptista Drumond (MARINHO, 1844/1978, p.111).

A folha legalista de São João Del Rei colaborava com a perseguição denunciando supostos rebeldes. Antônio José Ferreira Maciel foi acusado de ser um "*rebelde violentíssimo*". Luiz Fortunato seria "*conhecidíssimo*" como rebelde. Em Oliveira o Juiz de Direito José Jorge da Silva, chefe rebelde de Lavras, teria fornecido armas aos rebeldes. Manoel Fernandes Airão também seria chefe rebelde de Lavras. E "*Um Godoy, que conspirou no Serro, um Pedro de Alcantara, que subverteu Sabará, um Fernandes Torres, Costa Pinto...*" (A ORDEM, 17/8/1844, 28/8/1844, 22/10/1842). Ao mesmo tempo, dentro das

próprias oficinas d'*A Ordem*, trabalhava escondido um tipógrafo rebelde.[217]

Para se prender um homem em São João Del Rei alegou-se que "*Está preso porque esteve na cidade enquanto nela estiveram os insurgentes, e deixou-a quando aqueles a abandonaram*". Os oficiais e muitos praças do batalhão rebelde de São João Del Rei foram presos. Diz Marinho que teriam sido assassinados se o coronel Manoel Antônio da Silva não o impedisse. Teriam sido enviados para o Rio de Janeiro acorrentados. Nessa mesma cidade, segundo o deputado Catão, na quinta-feira santa de 1843, "*as ruas foram cercadas, e os cidadãos presos indistintamente, embora alguns fossem logo soltos, ninguém ignora o alarma produzido por tão insólito procedimento*" (O COMPILADOR, 7/7/1843). Também em São João foram processados quatorze Guardas Nacionais por apedrejarem algumas casas. A acusação foi "*tentativa de morte e roubo*". Enquanto isso toda uma lista de comprometidos abastados que não foram processados é citada por Marinho. Marinho denunciou que o promotor Florêncio, em São João Del Rei, "*vendia*" (...) "*o direito de apelar ou não apelar das sentenças de despronúncias*." (1844/1978, pp.280, 286-288, 327).

O comandante da coluna do Pé do Morro se entregou acreditando nas promessas de anistia, foi preso. O "*respeitável Junqueira foi preso, remetido para a corte, e duas vezes processado na província, bem que absolvido houvesse sido na primeira, por via de recurso*". Em Santa Quitéria "*os indivíduos que se haviam apresentado ao major Mariano, e dele obtido guias, foram em uma noite dada procurados, e muitos deles presos*" (MARINHO, 1844/1978, p.280).

Não por coincidência as repressões teriam sido maiores exatamente nos dois municípios que já estavam mais tensos antes da Revolta, que foram os de Tamanduá e Araxá: "*Em toda a parte as mesmas buscas, os mesmos atentados, mas na vila de Tamanduá subiram eles de ponto (...) Tudo, porém, era pouco em vista do que na vila do Araxá suportava uma senhora sexagenária*" (MARINHO, 1844/1978, p.249-250).

Justiniano José da Rocha, em carta para o também legalista Firmino Rodrigues Silva, escreveu "*Dizes-me que a reação que aí se desenvolve é extrema*" (…) "*tenho aqui na Corte*

---

[217] José Maria Ferreira Garcia, nascido em 1810, foi tipógrafo do *Amigo da Verdade*, onde aprendeu a arte com o francês Antônio Maria Jourdan. Depois foi tipógrafo do *Astro de Minas*, d'*A Ordem* (1842-1844), do *Cinco de Janeiro*, do *Escolástico*, do *Clarim*, d'*O Povo* (de São João del Rei na década de 1860), do *S.Joanense*, do *Situação*, do *Imparcial Semanário*, da *Tribuna do Povo*, do *Luzeiro*, do *S. João del Rei*, do *Opinião Liberal*, do *Gazeta Mineira*, todos de São João del Rei, e por um período do *Lavrense*, de Lavras. Em 1842 foi rebelde e lutou até Santa Luzia. Estava escondido da justiça na época que trabalhou n'*A Ordem*, que era a folha legalista que pregava a prisão e punição dos rebeldes, enquanto escondia um em suas oficinas (A ORDEM, Ouro Preto, 20/2/1892).

visto o grande número de presos que as autoridades nos remetem de todos os pontos dessa província, não poucas vezes sem o menor motivo...". Na condição de Juiz, apesar de legalista, Firmino teve problemas com um promotor, que foi afastado pelo Ministro da Justiça Paulino José Soares de Souza, que confessou ter o promotor "*muito abusado da força, do dinheiro e da confiança que a legalidade se viu na precisão de dar-lhe*" (MASCARENHAS, 1961, pp.55, 63).

O resultado foi a fuga da população para o campo. Disse o Deputado Bhering que "*As mesmas ruas desta capital estão desertas...*" (O COMPILADOR, 28/6/1843). Com isso a economia foi duramente afetada. O Deputado Salomé reclamou:

> Não é só por Baependi, que se observa a paralisação do comércio, e o desanimo espalhado entre a população industriosa, que larga espavorida a lavoura, refugia-se nas matas; o mesmo se vê em Paulo Moreira, St. Bárbara, Cocais, Presídio e outros lugares (O COMPILADOR, 14/6/1843).

A folha legalista de São João Del Rei confirmou que "*muitas de nossas cidades, e vilas se acham desertas*" (...) "*os comprometidos mais, ou menos no movimento rebelde acham-se refugiados*" (A ORDEM, 19/10/1842). Mais de 300 pessoas teriam deixado essa cidade (O COMPILADOR, 7/7/1843). Alguns saíram mesmo de Minas Gerais, como Domingo Gonçalves da Fonseca, rebelde, que se mudou com a família para o Rio de Janeiro em 1843 (BLAKE, 1883, p.369). O Dr. Francisco de Assis e Almeida, irmão de Baptista Caetano d'Almeida, advogado, vereador de São João Del Rei, que se envolveu na revolta, fugiu para Vassouras, onde acabou ficando.

Além das prisões e recrutamentos, Bernardo da Veiga teria intimado "*ao vigário capitular a ordem de perseguir, com as penas canônicas, àqueles eclesiásticos que aderiram ao movimento, mas cujos atos não eram tais que os pudesse qualificar cabeças de rebelião*" (MARINHO, 1844/1978, p.282).

O professor Modesto Antonio da Silva Bessa teria sido demitido por ter sido rebelde (O COMPILADOR, 4/8/1843). Até um Juiz de Direito, Tristão Antônio de Alvarenga, foi castigado com uma remoção por não se prestar a perseguir os rebeldes (MARINHO, 1844/1978, p.143). Observe-se que o Segundo Reinado foi marcado pelas "derrubadas" – as demissões em massa de funcionários públicos ligados ao lado político que perdia o poder.[218]

---

218 Já em 1841 *O Universal* reclamava da *"oscilação contínua de todos os homens, e de todas as coisas?*" (O UNIVERSAL, 14/04/1841). Em 1879 o Senador Ribeiro da Luz denunciou que na "derrubada" que então se dava estavam sendo demitidos até os porteiros das escolas (ARAUTO DE MINAS, 21/8/1879).

Como Juízes de Direito não podiam ser demitidos, eram removidos para algum lugar ermo, de forma a pedirem demissão. Uma derrubada era justificada pela derrubada anterior, ou seja, o novo partido no poder dizia precisar fazer uma derrubada para reconduzir aos seus empregos os funcionários demitidos (ou removidos) pelo partido que tinha ocupado o poder antes. As repressões à Revolta de 1842 foram um passo importante para a consolidação dessa prática.

Se não podiam ser punidos em suas pessoas, os rebeldes eram punidos em seus bens. Em Baependi "*todo o gado e mantimento, que se consumiu, parte foi dom gratuito de diversos cidadãos, e parte trazido das fazendas dos rebeldes*" (A ORDEM, 3/8/1844). A palavra "legalizar" teria se tornado sinônimo de "roubar". Como já foi dito em outra parte, a tipografia d'*O Universal*, que a lenda dizia ter sido fundida em balas, foi presa de uma dessas "legalizações": "*mui desembaraçadamente tomou o chefe de polícia uma tipografia, propriedade do ex-deputado Dias de Carvalho, e a entregou a um especulador para dela usar em apoio da legalidade*" (MARINHO, 1844/1978, pp.304-305).

Os deputados provinciais mineiros denunciaram como inexato o relatório sobre buscas e prisões em Ouro Preto e Mariana no período de suspensão das garantias constitucionais. Para essa lista do governo teriam sido somente 18 buscas e 14 prisões, 5 das quais de padres (O COMPILADOR, 19/6/1843; MARINHO, 1844/1978, p.253). Um dos deputados, o padre Roussim esteve preso, segundo ele mesmo, "*em um enxovia, entre escravos e assassinos, e sofrendo insultos*", mas não estava na lista de presos publicada pelo governo (O COMPILADOR, 19/6/1843). Diziam que:

> nós todos sabemos, por que muitos fomos testemunhas, que as prisões e buscas se fizeram nos dois termos em muito maior escala. (...) só ao xadrez da cadeia de Ouro Preto (não falando nas enxovias) estiveram por diversas vezes presos 129 indivíduos. (O COMPILADOR, 19/6/1843).

Os deputados provinciais publicaram sua própria lista dos presos, com 129 nomes só na cadeia de Ouro Preto, entre os quais se nota tanto os presos em Santa Luzia, quanto os presos "preventivamente". De Mariana a lista não é completa, tem 13 nomes, entre os quais "*A mãe do sobredito*", Ântonio Jorge Monteiro de Moraes. Segundo o deputado padre Bhering Mariana teria tido mais de cem presos políticos (O COMPILADOR, 21/6/1843, 28/6/1843). Também:

> as enxovias de Tamanduá estiveram cheias de pessoas de distinção, que ali sofreram tratos violentos, que estiveram carregados de ferros. Na Diamantina, no Araxá, e finalmente em quase todos os lugares dominados

> pela legalidade as prisões estiveram constantemente cheias (O COMPILADOR, 12/6/1843).

Em 31 de Maio de 1843 um deputado provincial reclamou, "*até hoje existem pessoas em prisão sem culpa formada*". Um deputado governista respondeu que tal era necessário porque o perigo ainda existiria, pois corriam boatos de que Marinho estava reunindo tropas, e já estaria com cerca de 80 homens. O próprio padre Bhering, advogado de alguns rebeldes, levantava a hipótese, "*se por ventura tiver lugar nesta província outro movimento, como o do ano passado*" (O COMPILADOR, 21/6/1843, 5/7/1843).

Um episódio que fez parte do período de repressão aos rebeldes foi a Sedição do Senhor dos Passos. Em São João Del Rei, diz Marinho que (1844/1978, p.286):

> inventou a polícia uma nova rebelião no dia do depósito do Senhor dos Passos, e foram pronunciados José Theodoro Moreira, Joaquim José de Almeida, José Antonio Rodrigues, Joaquim de Medeiros e até um francês de nome Morel.

A suposta Sedição da Procissão do Senhor dos Passos começou devido a um desentendimento entre o vigário Dr. Luiz Dias, redator e antigo inimigo de diversos chefes políticos e redatores de diversas folhas Liberais, e a Irmandade dos Passos a respeito de por qual rua a procissão passaria. A Irmandade conseguiu um despacho do Juiz Municipal, e o vigário conseguiu o apoio da tropa. Quando a procissão chegou ao local da dúvida, a tropa cercou a procissão, com baionetas armadas, e a obrigou a seguir o caminho desejado pelo vigário. O comandante teria gritado "*fora farrapos, isto não é governo de José Feliciano*", e integrantes da procissão teriam gritado coisas em resposta, como "*os farrapos não eram ladrões*".

Na versão legalista, do Dep. Azeredo Coutinho, se o comandante das tropas:

> não se tivesse portado com a energia e coragem que mostrou por essa ocasião, certamente teria havido algum acontecimento desagradável (...) a questão suscitada por causa do depósito do Sr. dos Passos não era mais que um pretexto para o rompimento (...) a voz de – armar baionetas (...) fê-los dispersar todos, e assim cessou o tumulto, e gritaria que era o prelúdio de cenas mais desagradáveis (O COMPILADOR, 10/7/1843).

Depois disso os legalistas acusaram 17 indivíduos como cabeças de sedição, reconhecidos oposicionistas, mas arraia miúda que não pudera ser acusada de cabeça pela Revolta de 1842, a exemplo de um caixeiro e um taberneiro. Alguns desses processados

tinham sido recrutados, e conseguiram voltar do Rio de Janeiro isentos, como Joaquim Luiz de Medeiros (o taberneiro) e Marciano Eugênio de Sousa. Já José Theodoro fora preso em 1842, solto por não ser cabeça, não foi recrutado, e foi processado pelo mesmo episódio (O COMPILADOR, 10/7/1843). Se não podiam ser cabeças da revolta, nem recrutados, podiam ser cabeças ao menos de uma sedição.

5.1.3 O recrutamento dos rebeldes de 1842

O padre e deputado Bhering, oposicionista, denunciou o recrutamento de rebeldes, na Assembleia Legislativa Provincial, dia 19 de novembro de 1842. Então o deputado Badaró, governista, confirmando os recrutamentos, disse que "*não pode haver melhores recrutas, do que aqueles que foram achados com as armas na mão fazendo fogo contra os defensores da Lei*". Bhering denunciou que também idosos e homens casados estavam sendo recrutados, o que Diogo de Vasconcellos, Chefe de Polícia, negou (O CORREIO DE MINAS, 4/1/1843, 5/1/1843). Também o deputado Azeredo Coutinho defendeu que deviam ser recrutadas, sim, as "*notabilidades turbulentas*":

> há certos homens sem influência política, sem fortuna, sem qualidade alguma recomendável, mas que por isso mesmo têm um certo jeito para a desordem, para ajeitar, seduzir, promover a insubordinação. Pela lei das reformas do código só são punidos os cabeças de qualquer movimento; enquanto os agentes secundários, os instrumentos do crime voltam para seus lugares, e continuam a agitar as massas, a pregar ideias perniciosas, faltando ao respeito, e insultando mesmo as autoridades (O COMPILADOR, 12/6/1843).

O deputado Badaró também defenderia esse método de pacificação social dizendo que "*quando presidiu a esta província o Sr. Costa Pinto dando conta do estado da pacificação da província disse, que era devida ao recrutamento*" (O COMPILADOR, 30/4/1844).

O Juiz de Direito Affonso Cordeiro de Negreiros Lobato fez publicar edital ameaçando de prisão e multa quem ocultasse indivíduos sujeitos ao recrutamento (A ORDEM, 17/12/1842). Isso significa que acoitar indivíduos sujeitos ao recrutamento tornara-se uma prática digna de nota. Marinho denunciou que acoitar possíveis recrutas nem sempre era uma prática desinteressada - "*Espantam com ele* [o recrutamento] *a população; ofereceram porém suas casas para nelas abrigarem os perseguidos, e os empregam no serviço de suas lavouras*" (MARINHO, 1844/1978, p.329). O deputado Ribeiro de Andrade,

defendendo o recrutamento, afirmou sobre Itaverava que antes havia ali muita gente vadia, nas tabernas, e que com o recrutamento "*estavam desertas as tavernas, mas não as fazendas; porque os vadios trataram de ajustar-se para o trabalho*" e depois confirmou que "*para os fazendeiros o recrutamento é um socorro, é uma alegria (risadas, e apoiados).*" (O COMPILADOR, 2/5/1844). Isso confirma o que disse Marinho, embora por uma perspectiva otimista.

O deputado e padre Bhering denunciou que:

> cercam-se povoações inteiras ora a pretexto de prender rebeldes, ora a pretexto de recrutamento, ora a pretexto de se arrecadar armamento... Foram cercadas a cidade de Sabará, a vila de Sta. Bárbara – Ouro Fino – Cocais – Paulo Moreira (O COMPILADOR, 12/6/1843).

Sabará, duas vezes ocupada pelos rebeldes, ainda sofreu um "cerco" do próprio governo.

Para o deputado provincial Pereira de Souza, em fevereiro de 1844, recrutados "*têm saído centenares ou milhares de pessoas e continuam a sair*". Como se sabe 200 rebeldes foram presos em Santa Luzia destinados ao recrutamento, e enviados presos a Ouro Preto, mas Diogo de Vasconcelos diria em 1844 que só 100 realmente foram recrutados, e que muitos já tinham desertado (O COMPILADOR, 16/3/1844, 14/5/1844). Todo o batalhão Guarda Nacional de São João Del Rei teria sido recrutado (MARINHO, 1844/1978, pp. 274, 326-327, 334). O Dep. Paula Santos, que foi legalista em 1842, confirmou "*um rigoroso recrutamento, que ainda dura, e que de envolta compreende os próprios legalistas; e um grande número de pessoas foi pronunciado como cabeças de rebelião*" (O COMPILADOR, 28/7/1843).

Por outro lado, o deputado Ribeiro de Andrade, favorável ao recrutamento, opinou que não foram recrutados "*nem quatrocentos, porque os nossos Mineiros são muito espertos para caírem em laços, e ainda depois que caem, desertam*" (O COMPILADOR, 2/5/1844). Pelo ponto de vista do governo central Minas Gerais quase não enviou recrutas, "*apenas algumas dezenas de mineiros formaram unidades contra os republicanos rio-grandenses*" (RIBEIRO, 2011, p.9). Segundo o relatório do Ministro da Guerra, entre Março de 1841 e Dezembro de 1842 foram recrutados em Minas Gerais somente 152 homens, nenhum deles voluntário. Nesse mesmo período, excluídos voluntários, foram recrutados no país todo 6.938 homens, sendo 1213 no Maranhão, 965 na Bahia, 718 em Pernambuco, 668 no Pìauí, 577 em Alagoas, e 521 no Rio de Janeiro e 500 no município da Corte. Em São Paulo foram

recrutados nesse período 355 homens, mais do dobro de Minas Gerais (PEREIRA, 1843, p.47). Só no ano de 1842 o Pará enviou 407 recrutas para a Corte, todos presos políticos. Pernambuco e Alagoas juntos enviaram 260 recrutas. Antes o Pará já enviara 157 presos políticos como recrutas. Na Bahia, depois da Sabinada, foram recrutados 1809 homens. O Maranhão, até 1840, tinha enviado cerca de 1500 recrutas, e enviaria nesse ano mais 150 (RIBEIRO, 2011, pp.6, 7, 9).

Como se explica isso? Duas coisas barravam recrutamentos – redes de clientela e poder das elites locais de controlarem a própria Província (RIBEIRO, 2011, p.7). Obviamente, são complementares. As redes de clientela só conseguiam evitar recrutamentos se tivessem influencia, via poder provincial, sobre os chefes dos responsáveis pelo recrutamento, mais especificamente – ou sobre o Presidente em Ouro Preto, ou sobre o Chefe de Polícia em Ouro Preto (depois da Reforma de 1841), ou mesmo sobre o Ministro da Guerra. As elites provinciais, por sua vez, tinham as redes clientelares como parte das bases de seu poder.

Examinando um caso específico da Revolta de 1842, nota-se outro motivo que livraria os réus do recrutamento. Dos presos em Campanha e no arraial de Mutuca, somando 41 homens, somente 4 eram solteiros, 1 viúvo e 4 sem informações a esse respeito (NOGUEIRA, 1979). Portanto, na hipótese em que todos fossem recrutados 32 deles poderiam pedir a dispensa pelo motivo de serem casados, que era só um dos quisitos de isenção. Também se podia pedir dispensa do recrutamento por idade, por ser o filho único e arrimo de família etc.

A Ordem protestou que Joaquim José d'Almeida e Joaquim Luiz de Medeiros (envolvido na sedição da procissão do Senhor dos Passos), que teriam exercido postos de confiança no exército rebelde, foram recrutados e remetidos para a Corte, de onde deviam ir para a guerra no Sul, mas "*por cartas que daqui foram, e que os puseram tão santos como os anjos, foram ai soltos, regressando a esta cidade, não como réus da alta gravidade; mas como heróis que se haviam coberto de glória em uma expedição arriscada e gloriosa*" (A ORDEM, 7/12/1842). *A Ordem* omitiu que eram ambos casados.

O deputado provincial Azeredo Coutinho reclamou que "*os soldados rebeldes apanhados com armas na mão, e que podiam ser utilmente empregados no Sul, apenas chegados ao Rio de Janeiro, são mandados em paz para as suas casas*". Já o deputado Paula Santos, que foi legalista em 1842, disse que já em Ouro Preto eram soltos "*homens velhos, casados, pais de família*", recrutados contra a lei (O COMPILADOR, 7/8/1843, 14/5/1844). Confirma-se que o recrutamento tinha enorme efeito sobre a população e a economia, mas pouco resultado em número de recrutas. Os homens eram perseguidos, presos, pois assim se

procedia ao recrutamento não só durante a repressão às revoltas, arrastados até o Rio de Janeiro ou no mínimo até Ouro Preto, e então soltos por alguma incompatibilidade ou por influência política. O estrago estava feito, mas o número final de recrutas era pequeno.

5.1.4 Os julgamentos dos rebeldes

Segundo Ottoni, depois da batalha de Santa Luzia "*Por toda a parte debandaram as forças rebeldes, e cada qual recolheu-se para os seus lares mansa e pacificamente. O conflito dos liberais com o governo ia entrar em nova fase perante os tribunais*", tanto que, continua Ottoni, em 1843, a Assembleia Legislativa Provincial composta de aliados dos rebeldes "*se absteve de representar ao poder moderador pedindo anistia para os presos e comprometidos*" (1860, pp.107-108).

Sabe-se que "*Houve apenas em Minas 16 processos de rebelião*" (A ORDEM, 10/7/1844), mas foram tumultuados sobretudo por confusões advindas de ter sido renovado recentemente o código do processo, e ainda existirem dúvidas sobre como se proceder. Ainda em novembro de 1842 *A Ordem* explicava que Ouro Preto não seria o "*distrito da culpa*" e por isso:

> não se tem processado o Ottoni por não residir em Ouro Preto, nem lá ter dominado a rebelião, e pelo mesmo motivo, não se tem processado José Feliciano, Galvão, Alvaregas, Marinhos, João Gualberto, Pedro Teixeira, e pela mesma razão foi solto o audaz Antonio Teixeira (A ORDEM, 23/11/1842).

Esses processos ainda devem ser melhor estudados no futuro, na medida em que forem encontrados os processos de outras regiões mineiras além daqueles que foram centralizados em Campanha. Nenhum dos presos a que se referem esses inquéritos de Campanha foi de lideranças provinciais, mas somente locais.

Em Campanha foram presas 23 pessoas. O critério adotado foi ouvir testemunhas e presos, e prender as pessoas que fossem sendo citadas como incentivando ou agindo ativamente pela Revolta. Isso explica porque um Inocêncio Ferreira de Souza, analfabeto, que servia de emissário entre sua patroa e os rebeldes, apesar de preso foi considerado somente como testemunha (NOGUEIRA, 1979, p.51). Entre os 23, somente 6 eram analfabetos, o que está muito abaixo da média brasileira de 30 anos depois, de mais de 70% de analfabetos. Também é interessante que a idade média dos presos era de 35,5 anos, quando se acreditava em uma expectativa de vida de 33 anos (O UNIVERSAL, 30/8/1841). No arraial de Mutuca

foram presas 18 pessoas, das quais 8 analfabetas. A média etária era de 35,3 anos. O mais velho de Campanha só sabia ter mais de 60 anos, e dois tinham 19 anos. Em Mutuca o mais velho tinha 69 anos, e o mais novo 18 anos. A grande maioria dos presos, nos dois casos, tinha entre 30 e 50 anos. A alfabetização acima da média e essa faixa etária podem indicar que os delegados realmente tentaram prender os cabeças locais. Essa faixa etária também indica pessoas que já acompanhavam a política há dez ou vinte anos, ou seja, desde o início da Regência ou mesmo desde a Independência (NOGUEIRA, 1979, p.51).

Diz Marinho que os líderes de Lavras "*foram perseguidos duma maneira atroz e, bem que uma vez absolvidos, foram com todo o despotismo segunda vez presos e processados*" (1844/1978, p.279). Porém, nos inquéritos publicados de Lavras nenhum dos procurados foi preso, de forma que não temos a idade e dados sobre alfabetização. Também não existe o final do processo, nem da primeira absolvição. Mas os últimos documentos são de maio de 1843, de forma que posteriormente pode ter acontecido o que disse Marinho. Porém, merece destaque que os nove homens indiciados como cabeças eram brancos, o que não corresponde ao padrão da população da época, muito menos aos Liberais (NOGUEIRA, 1979, pp.272-273). Nesses três casos, de Campanha, Mutuca e Lavras, fica claro que os presos e procurados eram lideranças, o que dependia de serem alfabetizados e não tão jovens.

Poucos resultados aparecem nesses três inquéritos publicados, mas sabemos que Francisco de Paula Beltrão Duarte, acusado de usar arma de fogo sem licença, foi absolvido porque obteve um empate do Júri. No caso de Mutuca o principal chefe, que seria Cirino Hortêncio Goulart Brum, não chegou a ser preso, e já em outubro de 1842 foi despronunciado, como quase todos os envolvidos desse arraial. Também em Mutuca Domiciano Pinto foi absolvido pelo júri, que apesar de todos os testemunhos negou que ele tenha cometido os atos apontados no libelo. No inquérito de Mutuca existe a prisão de Francisco de Assis Teixeira, porque "*costumava espalhar boatos aterradores*" (NOGUEIRA, 1979, pp. 128,135, 153, 161, 170). Existiam de fato leis contra espalhar boatos aterradores, nas Posturas Municipais de Mariana "*adotadas por todas as Câmaras, por recomendação do poder provincial*" (SILVA, 2009a, p.285). Ou seja, obra dos Moderados, de quem os Luzias pretendiam ser herdeiros.

Os processos foram assunto de folhas de situação e de oposição. Em Sabará, um dos distritos da culpa, existia uma folha, que informou que "*a inquirição de testemunhas marcha em uma lentidão aprofundada, como o caso pede, e a prudência recomenda*" nos "*processos contra os conspiradores que neste Município desgraçadamente trabalharam para fazer triunfar a revolta de Barbacena*" (ESTAFÊTA, 24/10/1842). Nessa cidade a princípio 25

pessoas foram processadas como cabeças (MARINHO, 1844/1978, p.282).

Em meio aos processos, foi indicado um novo Chefe de Polícia para Minas Gerais, Estevão Ribeiro de Rezende, que passou a tocar os processos dos principais chefes rebeldes pessoalmente, incluindo o que lhe entregou o Delegado de Sabará (ESTAFÊTA, 7/11/1842).[219] Ele se deslocou para esse município (O CORREIO DE MINAS, 16/11/1842). Posteriormente o Chefe de Polícia instaurou outro processo e fez reverter o antigo, feito pelo Delegado, no mesmo estado, para Sabará (ESTAFÊTA, 21/11/1842). Ele adiou a conclusão dos processos, de forma a ganhar votos dos Luzias nas eleições de 1842 (MARINHO, 1844/1978, p.238). Na época governo e réus mandaram imprimir os processos, os últimos na tipografia do *Diário*. Ainda em novembro de 1842 "*Acha-se ele enfim publicado*" (ESTAFÊTA, 21/11/1842).

Uma das polêmicas em relação aos processos era a respeito de quem era ou não era cabeça da revolta. Já em 15 de julho de 1842, prevendo a confusão, o Ministério da Justiça tentou definir os critérios para se considerar ou não alguém como cabeça de rebelião.[220] Só os cabeças eram processados, deixando indignada *A Ordem* para quem foram "*soltos rebeldes prisioneiros de guerra em Santa Luzia sem se lhes formar culpa sequer*" (A ORDEM, 29/10/1842).

Em seu número 3 o *Estafêta* tentava estender ao máximo a abrangência do termo "*cabeças*". Para essa folha a anistia prometida por Caxias seria somente para militares. Reclama que vários rebeldes "*ainda são conservados em liberdade*" (ESTAFÊTA, 19/9/1842, 24/9/1842). Também *A Ordem* disse que "*A rebelião fica impune em nossa terra, Porque é monstro com pés, mas sem cabeça*". Um correspondente dessa folha opinou que "*todos são culpados*". *A Ordem* perguntava "*qual a razão porque se não instauram processos contra o José Feliciano, Marinho, Lemos, Galvão, e outros cabeças da rebelião, que se acham ausentes?*" (A ORDEM, 26/10/1842, 29/10/1842).

Porém também existiam legalistas a favor de restringir o número de cabeças, "*estreitando, quanto for compativel com a justiça, e bem do Estado, o círculo dos comprometidos*" (...) "*removendo-se o perigo de uma anistia*". Ou seja, "*o número dos culpados obriga o Soberano à clemência. Despovoará este, acrescenta Vatel, uma Cidade, ou uma Província para punir a rebelião?*" (A ORDEM, 22/10/1842), portanto seria melhor

---

219 Extrato do Relatório da Repartição de Justiça apresentado à Assembléia Geral Legislativa pelo respectivo Ministro e Secretário de Estado Paulino José Soares de Souza, em data de 1 de janeiro de 1843 (SOUSA, 1843, p.335).

220 Aviso declarando os que devem ser considerados cabeças de rebelião e nota de rodapé (SOUSA, 1843, pp.163-164).

processar somente os principais.

As fontes comprovam o que disse o ministro Paulino José Soares de Souza, que "*Em alguns lugares não eram processados pelas Autoridades locais indivíduos que deviam ser considerados como cabeças*", enquanto foram processadas pessoas que "*não podiam de modo algum ser consideradas como cabeças*". A justiça atuava imbuída da "*decidida proteção, ou da vingança*". [221]

Um exemplo é Francisco José de Alvarenga, de São João Del Rei, aclamado comandante pelos Guardas Nacionais que em 17 de junho se levantaram em São João Del Rei, que comandou os combates que detiveram as tropas legalistas do Rio de Janeiro por semanas, que não só lutou em Santa Luzia, como não se rendeu no dia 20. Só no dia seguinte "se entregou" com seus homens, não tendo de fato se entregue como prisioneiro nem às armas, e nem mesmo dispersado a tropa toda, se não oficialmente, mas marchou ainda no comando da mesma para São João Del Rei. Em São João Del Rei, não foi processado. Para provar que ele era cabeça *A Ordem* publicou documentos em que ele dava ordens, como soltar recrutas da cadeia ou dando ordens a tropas rebeldes (A ORDEM, 26/10/1842, 26/11/1842, 3/12/1842).

As primeiras absolvições foram de dois redatores de periódicos, o Dr. Antão e Dias de Carvalho. Dr. Antão foi absolvido por onze votos contra um, em dezembro de 1842. Bernardo da Veiga, presidente da Província, teria então se esforçado para que Dias de Carvalho também não fosse absolvido, "*chamou a sua presença muitos dos jurados, ameaçou a uns, com outros despendeu promessas e até insultou grosseiramente muitos*" (MARINHO, 1844/1978, pp.296, 298).

Os juízes apelaram das absolvições. Já no início de 1843 a Relação do Rio de Janeiro mandou cumprir as absolvições do Dr. Antão e de Mariano José Bernardes[222]. O Dr. Antão tomou posse como deputado provincial no dia 10 de junho de 1843, comemorando um ano do início da revolta. Dias de Carvalho e Torres foram mandados para outro julgamento, e novamente absolvidos. O governo apelou outra vez, e eles ainda continuaram presos até a Relação mandar soltá-los (MARINHO, 1844/1978, pp.297, 299, 300).

O presidente Bernardo da Veiga teria então designado os locais onde os rebeldes

---

221 Extrato do Relatório da Repartição de Justiça apresentado à Assembléia Geral Legislativa pelo respectivo Ministro e Secretário de Estado Paulino José Soares de Souza, em data de 1 de janeiro de 1843 (SOUSA, 1843, pp.334-335).

222 Mariano José Bernardes foi "*um dos mais valentes oficiais, que tiveram as forças rebeldes em 1842... foi pronunciado como cabeça de rebelião por seus feitos notáveis dessa época*" (O POVO, 24/6/1849).

deviam ser julgados, assim escolhendo os juízes. Bernardo da Veiga planejou que grande número de cabeças fossem julgados em Caeté, que tinha sofrido cinco dias de combate sob cerco rebelde. Ottoni era um deles, assim como Cerqueira Leite.[223] Os comprometidos que não era possível relacionar à região de Caeté, Veiga teria tentado processar em São João Nepomuceno, que prestara serviços à legalidade. Marinho era um deles. Mas ao mesmo tempo desses processos em Ouro Preto, Caeté e São João Nepomuceno, aconteceram processos em outros municípios, como Mariana, Bom Fim, Lavras (em Campanha, onde também foi feito o do Mutuca), Araxá, Paracatú, Curvelo e Diamantina (MARINHO, 1844/1978, p.283-286). Em Tamanduá Antonio José Ferreira foi processado como cabeça de rebelião (A ORDEM, 12/10/1844).

Quando o general Andréa substituiu Bernardo da Veiga na presidência de Minas Gerais revogou o Júri de Caeté, criação do último. O segundo julgamento de Dias de Carvalho foi já sob presidência do General Andréa, que portou-se com neutralidade, segundo o Dep. Catão (O COMPILADOR, 12/7/1843, 26/7/1843). Andrea também "*ordenara houvessem de formar um processo em que fossem pronunciados de uma vez todos os que devessem ser*" (MARINHO, 1844/1978, p.287). Ou seja, marcou data para terminar a sangria.

A Revolta de 1842 tornou Teófilo Benedito Ottoni famoso, e seu julgamento era esperado por todos. Primeiro Ottoni foi designado para o Júri de Caeté, que acabou cancelado (O COMPILADOR, 10/7/1843). No fim das contas foi julgado em Mariana. Não só foi absolvido como recebeu solidariedade de jurados e público (MARINHO, 1844/1978, p.301).

Ottoni comemorou que "*Todos os chefes de alguma importância levados a júri obtiveram absolvição e em muitos casos apoteose*", ainda disse que "*os jurados que absolviam os rebeldes e com eles fraternizavam nos tribunais eram os legalistas da véspera*" (1860, p.110).

Até os jurados de Caeté, que sofreram um ataque rebelde de cinco dias, absolveram "*o mesmo indivíduo que, na Câmara Municipal, fizera a proposta para que fosse reconhecida a autoridade insurgente*". Os processados em Barbacena foram julgados por jurados de Piranga, que absolveu todo mundo por unanimidade, declarando mesmo "*que uma rebelião não tivera lugar na província*". Curiosamente também foram absolvidos na onda de absolvições da Revolta de 1842 os processados pelas rusgas de Tamanduá de 1840, acima

---

223 Pedro de Alcantara Cerqueira Leite, que em 1881 seria Barão de São João Nepomuceno. Natural de Simão Pereira. Foi sócio principal da Companhia de Ferro União Mineira. Cafeicultor, juiz, foi também presidente de Minas Gerais entre 1864 e 1865 (MEDINA, 2018, p.80).

estudadas (MARINHO, 1844/1978, pp.111, 300-301, 303).

Mas nem todos foram absolvidos. O vigário Tristão e o padre Paula Teixeira foram condenados. Teriam sido atraiçoados pelo advogado, segundo Marinho. Devem ser o Vigário de Bomfim e o outro religioso citados pelo deputado provincial Cunha de Mello, um condenado a 20 anos e o último a 10 anos (O COMPILADOR, 16/6/1843). Também foi condenado Vicente Francisco de Araújo, em Caeté (MARINHO, 1844/1978, p.296, 299). Ficaram presos até a anistia. Para Barbosa foram os únicos três condenados (BARBOSA, 1979, p.595).

É curioso que uma das alegações rebeldes para a revolta era a de que o júri teria sido dominado pelo governo, mas (OTTONI, 1860, p.112):

> O júri, mutilado pela lei de 3 de agosto, posto debaixo da tutela humilhante do juiz de direito, pela absurda faculdade de apelação que se lhe deixou, e pelo arbítrio no formular os quesitos (...) o júri mesmo assim estropiado não servia às exigências dos dominadores.

Há que se pensar no aspecto oposto da questão – os rebeldes foram desmentidos em uma de suas bandeiras pelas suas próprias absolvições. Além de desmentir os Luzias a respeito do Júri, seus julgamentos permitiram que o STJ e o Senado também se mostrassem benevolentes para com os rebeldes. O Supremo Tribunal de Justiça deu *habeas corpus* e revogou a pronúncia de Limpo de Abreu. O Senado decidiu não continuar o processo contra o padre Bento e outros senadores (MARINHO, 1844/1978, p.246).

Porém, nem rebeldes nem legalistas se atentaram a esse aspecto da questão. O que os legalistas queriam era punição, não vitória de suas opiniões, e reclamavam que "*os nossos Juízes do Júri os julgam inocentes, como se anjos foram?..*" (A ORDEM, 21/8/1844). Revoltado com as absolvições, o deputado Azeredo Coutinho, que lutou ao lado legalista em 1842, afirmou que "*a instituição dos jurados não está a par da civilização do Brasil*". Para ele a população seria também pequena para fornecer em número suficiente pessoas devidamente instruídas para serem jurados (O COMPILADOR, 24/7/1843). Acontece que os vencedores não estavam tão preocupados em vencer na questão do Júri quanto em liquidar os adversários - "*resta-nos agora ver punidos os criminosos para então se formar a nova categoria da Província, com Membros puramente amantes da Monarquia, estabilidade, e Integridade do Império*" (ESTAFÊTA, 24/9/1842).

Uma explicação legalista seria que "*o ouro aviltante dos rebeldes é a muralha que se ergue ante a ação salutar da justiça*". Um exemplo, segundo Aleixo Ferreira Tavares de

Carvalho, seria Francisco de Paula Pereira. Em Baependi, "*Este homem em 1842 depois da rebelião sufocada, agenciou dos rebeldes coisa de 12:000$000 de réis, ou mais pelas despronúncias, sendo delegado da Polícia*" (A ORDEM, 23/11/1842, 11/9/1844). Já se viu que o promotor de São João Del Rei foi acusado por Marinho de vender despronúncias.

Por outro lado o legalista Paulo Santos, deputado, pouco antes de chegar a Minas a anistia, opinou que "*essa gente tem de ser absolvida; não há mais força humana, que a isso obste*" (O COMPILADOR, 4/5/1844). Ou seja, seria a opinião pública à qual era impossível resistir.

Um dos artífices das vitórias rebeldes nos tribunais foi o deputado e padre Bhering, que foi advogado de alguns rebeldes. Como deputado voltou-se contra o direito de resistir às autoridades, e foi elogiado por isso pel'*A Ordem* (A ORDEM, 10/12/1842). Mas ele estava usando a tribuna para embasar sua argumentação como advogado, dizendo que "*o Código autoriza a qualquer Cidadão a examinar uma ordem, se é, ou não legal antes de cumpri-la*". A culpa, portanto, não seria dos rebeldes, mas do Código Criminal "*que autoriza a resistência às ordens ilegais, e pune aqueles que as cumprem. Por esta disposição qualquer cidadão é juiz competente da legalidade, ou ilegalidade das ordens superiores*" (O CORREIO DE MINAS, 10/12/1842, 1/11/1842). Os rebeldes, portanto, só estariam tentando cumprir a lei, na medida em que entendiam ilegais as decisões do Ministério.

5.1.5 Anistia

A Ordem era contra a anistia, mas também afirmava que os rebeldes deviam ser condenados para que o Imperador pudesse anistiá-los. Condenava "*As anistias de que tem sido tão pródigo o nosso governo (...) que o rebelde contava sempre, quando entrava em combates, levar na mochila o decreto de anistia*" (A ORDEM, 29/10/1842, 5/11/1842).

Havia toda uma cultura pró anistia. Ainda em 1823, Antônio Carlos de Andrada, durante a Constituinte, disse sobre os crimes políticos que "*Tais crimes são crimes dos tempos, filhos do fogo das nossas ideias e das nossas paixões*" (NUNES, 2010, p.62). O próprio Pinto Madeira só não foi anistiado pelo Senado por um voto (NOVO ARGOS, 20/11/1832). Os anistiados de 1844, os Luzias, diriam em defesa própria que:

> Todo o partido que em um estado qualquer toma as armas contra o governo constituído corre o risco de passar pelas penas legais (...) mas se ganha a face do quadro é inteiramente outra; os vencedores são heróis (...) Daqui nasce a diferença com que são tratados em toda a parte do mundo os comprometidos

> em movimentos revolucionários, e os autores de crimes individuais, daí vem que quase sempre acabam as punições por meio de uma anistia (CONSTITUCIONAL, 24/8/1846).

Pode-se considerar que o único exemplar que os arquivos públicos têm do *Athenêo Popular*, na medida em que publicou um texto sobre os Inconfidentes, vítimas da punição por uma revolta, estava lutando em defesa da anistia (ATHENÊO POPULAR, 18/11/1843).

É curioso que o lado derrotado em Santa Luzia fora até então contrário à vitaliciedade do Senado, que só não foi assunto da reforma constitucional de 1834 porque em 1832 a Assembleia Geral decidiu por maioria de 1 voto que a vitaliciedade do Senado não seria pauta da mesma reforma. Mas nas condições de 1843, em que a Câmara toda era governista, só a vitaliciedade do Senado é que permitiu que oposicionistas continuassem no parlamento, de onde defenderam a anistia, revelando-se, como disseram seus defensores, uma "*barreira ao formidável poder do Monarca*" (CONSTITUCIONAL MINEIRO, 16/10/1832, 15/1/1833). Também o Conselho de Estado votou a favor da Anistia, por 4 a 2, sendo que 4 conselheiros faltaram e os dois ministros não votaram. A "oligarquia" votou pela anistia? Assim como ao serem absolvidos, ao serem anistiados os Luzias foram desmentidos em suas acusações, e purgados de seus medos, mas nenhum dos dois lados se ocupou com isso. Os Luzias não tocariam mesmo no assunto, e seus opositores estavam indignados demais com a anistia para se sentirem vitoriosos. Os Luzias comemoraram, e os vitoriosos (no debate de ideias) sentiram-se traídos. O medo dos Luzias era a esperança de seus adversários, e ambos se desfizeram ao acender das luzes.

Segundo Ottoni, sobre o decreto de anistia, "*Para ganhá-lo o Sr, Alves Branco,"* um senador, *"que na ocasião não estava ligado a partido algum*" (...) "*impôs como condição para entrar no ministério a anistia aos rebeldes de S. Paulo e Minas*" (1860, p.116). Essa versão de Ottoni coincide em parte com a versão d'*A Ordem*:

> o ministério deu-se pressa de aprontar no partido de Santa Luzia o apoio que lhe parecia faltar no partido da ordem. Mas, convinha desafrontá-lo dos comprometimentos do crime. Convinha desatar-lhe as mãos para poder manejar as armas em defesa dele, e para isso o ministério forjou o seu arrasoado, e arranca ao Imperador a muito conveniente medida da anistia (A ORDEM, 17/8/1844).

Merece comentário que Alves Branco não lutou pela anistia somente nos bastidores, como fica parecendo por essas duas opiniões sobre a anistia, mas também na tribuna. Seu discurso a favor da anistia foi incluído já em 1844 na obra do Cônego Marinho sobre a

revolta, e "*era por quase todos os mineiros conhecido, e havia sido decorado por eles*" (MARINHO, 1844/1978, p.373). Alves Branco não foi chamado a chefiar um Ministério sem que um discurso desses fosse levado em conta.

Quando a anistia finalmente saiu *A Ordem* disse com indignação que "*Os cúmplices são fáceis e prontos em anistiar os culpados*" (A ORDEM, 4/9/1844), acusando obviamente o Ministério, e não D. Pedro II. Para o deputado Euzébio de Queiroz foi incorreto dar a anistia porque ela teria sido "*em altas vozes exigida*" (Apud RODRIGUES, 2015, p.49). Segundo os Liberais, os seus adversários ainda nos postos de poder provinciais "*proibiram, que o povo manifestasse a seu* (ilegível) *regozijo, pelo ato de clemência*" (ITACOLOMY, 5/7/1845).

É importante lembrar que Dom Pedro II, desde o Gabinete da Maioridade, oferecia uma anistia aos rebeldes farroupilhas do Rio Grande do Sul. Anistiar os rebeldes de Minas e São Paulo era um bom sinal para os gaúchos, até porque estes já tinham sido traídos, com diz Bento Gonçalves, "*Quando depus as armas na ilha da Fanfa, foi por meio de uma convenção que me prometeu um absoluto esquecimento do passado*", mas ele foi preso, apesar de ter recebido uma promessa de Feijó por escrito (O UNIVERSAL, 12/8/1842, 2/11/1840).

5.2 Quinquênio Liberal

Quinquênio Liberal é o nome dado pelos historiadores e adversários políticos ao período que se iniciou com o Gabinete de Alves Branco, que exigiu, para aceitar o posto, a anistia dos Luzias. Um debate sobre esse período é que "*De acordo com S. A. Sisson, os anos de 1844 a 1848 formaram um quinquênio, mas que não era liberal. Para o autor, este período foi marcado pela presença de um poder que estava acima dos liberais*" (RODRIGUES, 2015, p.86). Os Liberais governaram seus cinco anos com minoria no Senado, e sabendo que D. Pedro II firmou no arraial de Santa Luzia um poder de dissolver parlamentos maior que o de seu pai, embora de maneira alguma absoluto.

Sobre a origem do Quinquênio, para Ottoni foi uma aliança entre duas forças, "*Era insignificante o partido palaciano, e por isso mal estaria o ministério sem apoio liberal*" e por sua vez "*Esmagados sob a tirania ministerial, os liberais não podiam ser difíceis de chegar a acordo*" (1860, pp.115-116). O que Ottoni chama de "*partido palaciano*" era o grupo de Aureliano Coutinho, que entre 1841 e 1844 esteve aliado aos inimigos dos Liberais, no Gabinete contra o qual estes últimos pegaram em armas. O Gabinete de 23 de Março de 1841 e o de curta duração que o substituiu caíram por se dividirem as forças que o compunham. Um dos motivos da divisão era que uma das partes da aliança se recusava a anistiar os rebeldes, enquanto essa seria a vontade do Imperador (MASCARENHAS, 1961, pp.59, 111). Factualmente, o Imperador se negou a demitir da direção da Alfandega Saturnino Coutinho, irmão de Aureliano Coutinho, que tinha escrito um panfleto contra o governo. Diante da recusa o governo se demitiu. O "partido palaciano" teve então que buscar novos aliados, e os achou, como disse Ottoni, nos Liberais.

Pouco depois da revolta de 1842 um deputado disse que "*quase todos os Deputados da então Assembleia Geral, e Provincial, se acham comprometidos na rebelião, uns presos, e outros fugidos...*" (O CORREIO DE MINAS, 20/10/1842). A carreira política desses rebeldes, porém, não acabou, e a grande maioria voltou ao palco menos de dois anos depois, agora sob a alcunha de Luzias:

> as influencias santas-luzias reuniram-se, agora por último, e declararam-lhe [ao governo Liberal] que somente aceitariam oito candidatos seus, completando eles a lista, e que o governo, tratando com eles de potência a potência, aceitaria os seus 12 candidatos (A ORDEM, 10/7/1844).

Como se nota, *A Ordem* faz diferença entre Liberais no governo e Luzias. Os Luzias

seriam uma facção que pegou em armas. Já estavam livres e participando das eleições, ao lado do governo.

Entre os 20 deputados eleitos por Minas Gerais em 1844, estiveram, envolvidos na Revolta, Limpo de Abreu, Antônio Tomás Godoy, Francisco de Sales Torres Homem, Gabriel Getúlio Monteiro de Mendonça, Joaquim Antão Fernandes Leão, Marinho, José Jorge da Silva, Dias de Carvalho, Manoel de Melo Franco, Pedro de Alcântara Cerqueira Leite e até o Presidente interino, Feliciano, e um juiz que em 1842 não perseguiu os rebeldes e foi perseguido pelo governo, Tristão Antonio de Alvarenga (HÖRNER, 2010, p.330). O quinto e último Gabinete do Quinquênio teve dois rebeldes de 1842 como Ministros, José Pedro Dias de Carvalho e Joaquim Antão Fernandes Leão. Tentou reformar a Lei de 3 de dezembro de 1841. Entrou no assunto das incompatibilidades eleitorais, rachando a própria base aliada. Novamente elegeu Minas Gerais em 1848 uma bancada cheia de rebeldes de 1842 ou envolvidos de uma maneira ou de outra. Lá estavam os irmãos Ottoni, Marinho, Antão Fernandes Leão, Dias de Carvalho, os irmãos Cerqueira Leite, Godoy, Assis, Felicíssimo do Nascimento, José Jorge da Silva, Melo Franco, e novamente o presidente interino Feliciano e o juiz que absolveu vários deles, Tristão Antônio de Alvarenga (RODRIGUES, 2015, p.69, 136).

Em 29 de setembro de 1848 D. Pedro II convocou um Gabinete Saquarema, e em fevereiro de 1849 o Parlamento eleito pelos Liberais em 1848 foi dissolvido. Além da Coroa, os Luzias acusaram o Senado por não lhes permitir fazer as reformas que pretendiam, ou mais precisamente, não lhes permitir cancelar as reformas que tinham sido feitas (O POVO, 27/5/1849).

5.2.1 A vingança dos Luzias

Pouco depois da anistia os Liberais tornaram-se governo, e em Minas Gerais, no controle dos empregos públicos, passaram a demitir legalistas de 1842 e a empregar rebeldes.[224] De forma que para um Epaminondas, de Ouro Preto, "*Os homens, que em 1842 se sacrificaram pelo governo de SMI, sofrem hoje perseguição por ordem do governo de SMI*" (A ORDEM, 31/7/1844). Para outro legalista de 1842:

224 Trata-se de uma "derrubada", que provavelmente atingiu todo o país. Contudo para se ter certeza de que uma "derrubada" atingiu o país todo é necessário estudar Província por Província.

> Os rebeldes mais incorrigíveis tem sido nomeados para vingar-se de nós da grande ofensa de os haver vencido no campo da batalha (...) a maior parte de indivíduos novamente nomeados são aqueles mesmos, que com as armas na mão gritavam, e empregavam todos os seus esforços para derrubarem leis, cuja execução hoje lhes é confiada (A ORDEM, 17/8/1844).

Os novos senhores dos empregos não poupavam deboches, como dizer que "*deliberei em data de hoje aliviar a V. S. do Emprego de Inspetor*". Vários dos legalistas de 1842, vendo-se na oposição, demitidos ou prestes a serem demitidos, responderam com ironia, ou com vigor. Joaquim Gonçalves Ferreira, de Campanha, Subdelegado de Rio Verde disse que "*Com sumo prazer recebi a demissão, que V. Ex. se dignou dar-me, e com que muito me honro*". João Baptista da Fonseca disse que a demissão "*é a prova mais manifesta de minha adesão aos princípios de Ordem, e da monarquia constitucional*". Francisco Antonio de Carvalho e Mello disse que "*é uma manifesta prova, de que não militei nos campos de Santa Luzia às ordens de El Rei de Cocais*". José dos Reis Silva Rezende, segundo suplente de Subdelegado em Campanha pediu demissão (A ORDEM, 17/8/1844, 21/8/1844, 7/9/1844, 14/9/1844, 28/8/1844). O Delegado José Coelho de Moura, de São João Del Rei, demitido, respondeu que "*não era decente continuar eu no serviço público, quando vejo reabilitados e nele empregados todos esses contra quem há tão pouco tempo tive de lutar, a quem tive que punir por seus crimes políticos*" (A ORDEM, 14/8/1844). A regra seria, como em Oliveira, onde "*Foi demitido de delegado de polícia Ântonio José de Castro pelos esforços que fez contra a rebelião, e substituído por Francisco de Paula Justiniano da Gama em remuneração dos serviços prestados a rebelião*" (A ORDEM, 14/9/1844).

Sobre os demitidos em São João Del Rei *A Ordem* disse que "*Todos esses cidadãos são Fazendeiros, e proprietários e serviram até o presente seus empregos com honra, e probidade*" (A ORDEM, 17/8/1844). Em poucos anos esse aviso não seria mais necessário. Todos se acostumariam com as "derrubadas", e entenderiam que os demitidos não eram demitidos por terem faltado com suas obrigações, nem os empregados eram mantidos nos empregos por se comportarem "com honra, e probidade", mas por serem de tal ou tal lado político. Era o início de uma nova época.

Sabará continuou contrária aos Liberais durante o Quinquênio Liberal. A Guarda Nacional desse município elegeu oficiais que o governo Luzia não aceitou. Em mais duas eleições os mesmos nomes foram eleitos. A 1ª Cia. de Guardas Nacionais de Sabará foi então dissolvida (CONSTITUCIONAL, 21/1/1846).

A vingança dos Luzias não se reduziu a demitir adversários e substituí-los por ex-rebeldes. Em São João Del Rei deve-se acrescentar os "*grupos que por aí vagam dando*

bordoadas", as "*esperas noturnas que se nos fazem*" e "*ameaças de prisão e de morte, e de processos que andam pela boca do povo*". Em Lavras, quando o Delegado e Subdelegados Liberais foram empossados em 1844, teriam se vingado em dois legalistas, com "*boas facadas*" e "*rasgarem-lhes a farda e mais fato*". Depois "*continuam a falar em um recrutamento sem reserva*". Em Baependi, "*alarme, de noite andam batendo em portas de famílias e já arrombaram uma janela de minha casa e outra do negociante Antonio José Pacheco Penna*". O Coletor Joaquim Ignácio de Mello e Souza teve que abandonar a Coletoria de Baependi porque "*me não é possível voltar para aquela Vila, enquanto estiver ali como autoridade Francisco de Paula Pereira e Souza*". Também o ajudante de Escrivão teve que sair de Baependi (A ORDEM, 7/9/1844, 17/8/1844, 11/9/1844, 14/9/1844). Em Estrella, Carlos José da Silva em 1844 teve a casa cercada por 16 pedestres, por ordem do delegado, e fugiu para não morrer (PUBLICADOR MINEIRO. 31/1/1846). Em Ingaí, Francisco Eleutério de Souza, segundo ele mesmo:

> um dos que em 1842 mais me expus neste Distrito em defesa do governo legal (...) dois dias depois de minha demissão, passando pelo caminho de minha casa: de um lado do mato se dispararam 2 tiros sobre mim (A ORDEM, 7/9/1844).

5.2.2 A derrota política dos Luzias

Já em sua época o Quinquênio Liberal era considerado um fracasso, porque:

> Em 1842 acendendo o facho da revolta em Minas e S. Paulo a propósito da lei de 3 de Dezembro, talaram campos, perturbaram o sossego das famílias, paralisaram todas as fontes de produção e riqueza... chegados ao poder, serviram-se da mesma lei e nunca se lembraram de a revogar. (O ARAUTO DE MINAS, 12/3/1878)

A historiografia confirma - "*...depois que os conservadores saem do poder e os liberais, convocados, não tomam providências para a reforma das leis pelas quais diziam ter-se levantado em armas*" (IGLÉSIAS, 1978, p.441). Ou seja, elevadas as duas leis a objetivo principal do jogo, quem não marcou, perdeu. Mas não só o Quinquênio foi muito mais que isso, como mesmo a derrota dos Luzias foi bem mais.

Os Luzias aceitaram a obrigação de tentar reverter ao menos a reforma do Código do Processo, para provarem coerência, que não tinham pego em armas por coisa nenhuma. Ao aceitarem essa regra, aceitaram a derrota no caso, que se deu, de não o conseguirem. O

próprio Ottoni, mais de dez anos depois, referiria-se ao período como o "*lamentável quinquênio*" (1860, p.121).

Mas isso é porque para Ottoni interessavam reformas políticas estruturais, a forma do Estado, tanto que afirmou sobre o Quinquênio que a nova lei eleitoral, de 1846, foi "*o único padrão que a legislatura de 1845 a 1848 levantou às ideias liberais*" (1860, p.123). Porém, as fontes mostram um país cansado por 20 anos debatendo a sua estrutura política, e como notou Isaías Paschoal, a partir de meados dos anos 1840 as questões dos anos 20 e 30 pareciam superadas por novos problemas – questões platinas, fim do tráfico de escravos por pressão inglesa, necessidade de um código comercial e de uma lei de terras etc (PASCHOAL, 2008). Realmente já em 1843 *O Itacolomy*, folha ligada aos rebeldes presos, abordou o início das questões platinas (8/5/1843). Até Marinho, em 1844, disse que o partido Luzia estava satisfeito "*com as instituições existentes, nada mais espera que a fiel sustentação e consolidação das mesmas*" (1844/1979, p.134).

Como se operou essa transformação? *O Povo* denunciou que "*quanto mais se aproximam as eleições, menos as folhas da oposição tratam de desenvolver o seu programa de Constituinte, e de Federação*" (O POVO, 24/6/1849). Primeiro é interessante perceber que os Luzias estavam defendendo bandeiras que não eram as de 1842, quando pelo contrário, "*na defensiva, postulavam a defesa intransigente da Constituição, na forma do Ato Adicional*" (SILVA, 2018, p.188). Mas voltando à pergunta, essa afirmação d'*O Povo* significa influência das eleições sobre os partidos. Em busca de votos, os partidos tendem a se acomodarem às ideias que sentem estar mais em voga. Insistir em certas bandeiras colocaria em risco até a unidade dos Liberais, "*melhor conservá-lo unido para a questão dos empregos, e dos ordenados, do que fracioná-lo por amor da Federação*" (O POVO, 24/6/1849):

> ver as chapas de eleitores governistas por esta província, quantos nomes não encontram nelas, que ainda há pouco tempo figuravam nas listas dos vossos aliados? Vede as chapas de deputados, quantos nomes não encontrareis de pessoas notáveis, que militaram convosco, que **se horrorizaram das vossas federações**? (O POVO, 2/9/1849, destaque nosso).

Desde o final dos anos 1830 dominava um anseio por "*estabilidade do trono, e da constituição*" (O POVO, 19/8/1849), e os Liberais perderam força enquanto esse anseio durou, pois as ideias que alimentavam o lado Liberal eram ideias de transformação, não de estabilidade. O partido Liberal quase sempre foi o partido que propunha as reformas (que acabavam sendo realizadas pelos adversários). Consolidada uma forma de estado, os Liberais tiveram tempos ruins, como se não fossem muito úteis.

Para Ottoni os Liberais foram obrigados, nessa época, a recuar diante da "*influência inconstitucional da coroa, ou então a guerra civil, e desmoronamento do país*" (1860, p.129). Essa dramaticidade esconde que os Liberais se dividiam. Principalmente, surgia uma ala não reformista. Mas também se dividiram em outros assuntos. Por exemplo, a folha Luzia *O Constitucional* manifestou-se contra a lei aprovada pela Câmara de maioria Liberal que reformou a Guarda Nacional, tornando vitalícios seus postos (O CONSTITUCIONAL, 24/8/1846). Curiosamente, em 1848 foi a Assembleia Legislativa de Minas Gerais, composta de deputados não só do lado mas redatores d'*O Constitucional*, que aprovou a vitaliciedade dos postos da Guarda Nacional – Já se sentiam fracos, e já temiam sofrer seus adversários nos postos de comando da GN. As questões programáticas, de princípios, sediam terreno à autopreservação.

Outro exemplo de divisão era que entre os Deputados Liberais "*a maioria dos magistrados apesar de serem governistas, uniu-se à oposição para procastinar a discussão da lei que reforma a célebre lei de 2 de Dezembro de 1841*" (O CONSTITUCIONAL, 17/8/1846). O motivo é que haveria tentativa de aproveitar essa reforma para incompatibilizar a magistratura com o exercício dos cargos de Deputado e Senador. Eleito, o juiz teria que optar por não assumir, ou por se aposentar. Isso foi uma dupla derrota, porque os:

> membros da oposição condenando sem cessar o procedimento daqueles, que em 1842 empunharam as armas, exijam deles que, colocados nos bancos de legisladores, destruam todas as leis contra as quais se pronunciaram (O CONSTITUCIONAL, 31/8/1846).

Os Liberais, sobretudo os Luzias, caíram nessa armadilha, e colocaram como ponto de honra derrubar a reforma do Código, dado que tinham pego em armas contra a mesma. Não a derrubaram, e essa derrota marcou seus cinco anos de governo que, no entanto foram pródigos em outros assuntos.

A retirada de Teófilo Ottoni é sempre lembrada como um marco do início do ostracismo Luzia. Ele teria preferido os "botocudos" aos Saquaremas. Contudo o que ele mesmo diz é que (1860, p.139):

> em 1851, quando, com razão ou sem ela, pareceu-me que os chefes liberais, candidatos às pastas de ministros, se mostravam na imprensa e no parlamento dispostos a fazer ao governo pessoal mais concessões do que aquelas que eu julgava admissíveis, retirei-me da política.

Ou seja, é 1851 e não 1848, ano em que os Liberais foram derrubados do ministério.

Mas ainda mais importante é que não foi contra o poder dos adversários que ele se retirou, que ele já tolerava há dois anos, mas devido a divergências internas. De fato, já em 1847 os Ottonis estavam isolados entre os deputados Liberais de Minas Gerais, e fizeram oposição ao Ministério que tinha dois importantes chefes rebeldes de 1842 entre seus integrantes, José Pedro Dias de Carvalho e Joaquim Antão Fernandes Leão. Com esse ministério os Luzias tentaram liderar o parlamento, dividiram-se, fracassaram, e sofreram "*uma verdadeira debandada*" (CASTRO, 1978, p.68). Agora, sim, os Luzias estavam políticamente derrotados.

Sobre seus adversários dos anos 1850 Ottoni diz que "*O Sr. Carneiro Leão de 1853 era o panfletista para quem não há na constituição poder algum absoluto, nem mesmo o poder moderador quando nomeia os ministros*", e que "*pareceu desejar sinceramente a fusão dos dois grandes partidos políticos, para assim regenerar o sistema representativo*". Embora fora de nosso recorte temporal, é interessante notar que quando Ottoni retornou, em 1857, foi com um programa de reformas (1860, p.147).

Diz Francisco Iglesias que os Luzias ao chegaram ao governo "*...percebem que elas* [as reformas contra as quais pegaram em armas] *são essenciais para a defesa da ordem, cuidando de conservá-las*" (IGLÉSIAS, 1978, p.412). Porém antes, já durante a Revolta de 1842, alguns Luzias propuseram ao Presidente rebelde que adotasse a Lei da Reforma e nomeasse para Delegados e Juízes Municipais "*homens capazes de apoiar vigorosamente o movimento; houve quem tivesse essa lembrança; mas entendeu o Presidente interino que o ódio do público era demasiadamente manifesto*" (MARINHO, 1844/1978, p.82). Também é importante observar que o que realmente os governos defendiam com os poderes adquiridos com a reforma do Código era seu próprio lado político, nos quais eram fanáticos.

Recapitulando, não foi bem o fato de não cancelarem "as duas leis" que derrotou os Luzias, nem somente o fato de reconhecerem a derrota por não terem cumprido esse objetivo que sacralizaram, mas o fim de uma época, de 20 anos de agitações políticas, uma vez que no período de 1837 a 1842 se consolidou a forma de estado, não só encerrando-se as reformas da Constituição, mas também desenvolvendo-se um prática política que legitimava o desenho resultante. Mais que um projeto, o que foi derrotado foi um comportamento político, foi grande parte da cultura política que levou a 1842. Os debates formativos do Estado cederam terreno a diversos outros assuntos, a exemplo de questões de política externa e de economia. O retorno de Ottoni em 1857 marca o início da retomada do ânimo de alguns setores da sociedade para propostas transformadoras do Estado.

5.2.3 Outros aspectos do Quinquênio Liberal

Não parece correto afirmar, embora seja o que digam também as fontes primárias, que pouco pôde ser feito. O que não pôde ser feito eram as reformas políticas estruturais às quais os Luzias se aferraram até por questão de honra, uma vez que fizeram fogo por isso. Mas o Quinquênio foi muito mais que isso. O Quinquênio Liberal teve pontos que pela posteridade foram considerados positivos, mas não são normalmente relacionados ao Quinquênio. Os oposicionistas não fariam questão de lembrar deles, e os próprios Liberais não lhes deram importância, apegando-se ao que não tinham feito.

Por exemplo, foi criado o posto de Presidente do Conselho de Ministros. Antes já se sabia que entre os cinco Ministros sempre havia um líder, mas só a criação do sexto membro do ministério escudou o monarca, ao criar outro chefe de governo. Para Paulo Pereira de Castro a criação da presidência do Conselho de Ministros teria sido uma resposta ao panfleto *A Facção Áulica*, de Firmino Rodrigues da Silva (1978, p.531). Ottoni reclamou, já em 1860, que o Imperador não se afastou, que tinha "*política pessoal*". O resultado é chamado de "parlamentarismo invertido", com base na idealização do parlamentarismo inglês, onde supostamente o monarca não teria poderes para impor um Ministério sem maioria no parlamento. Mas a Grã-Bretanha era mais complexa que a idealização que dela era feita: "*em plena 'Fúria Revolucionária da França, Jorge III, da Inglaterra, fez questão de manter esta prerrogativa diante de Fox, 'Corifeu do Partido da oposição' que lhe requeria a demissão dos seus ministros*" (CANO, 2014, p.97).

Foi durante o Quinquênio, e certamente por influência da anistia dos rebeldes de 1842, que se conseguiu a pacificação do Rio Grande do Sul, depois de 10 anos de Farroupilha. A consequência é que "*o império pacificou-se todo: as rendas públicas tem tido crescimento*" (CONSTITUCIONAL, 18/6/1846).

Também a Tarifa Alves Branco e outras leis protecionistas podem ter contribuído para os bons resultados econômicos. Há praticamente consenso de que a Tarifa Alves Branco foi criada com funções mais tributárias que protecionistas. Mas deve-se saber que além da Tarifa Alves Branco, de agosto de 1844, que tributou em 30% grande parte dos artigos estrangeiros, os Liberais criaram outras leis protecionistas. Em agosto de 1846 o Decreto 386 concedeu vários privilégios à indústria nacional. Depois foram aprovadas novas taxas de ancoragem para navios estrangeiros, de forma a forçar esses países a reduzirem suas taxas para navios brasileiros, no que se obteve êxito. A Lei Orçamentária de 1848 aumentou os impostos de alguns itens (que concorriam com a produção nacional) em 80%. Outras medidas

protecionistas foram tomadas por esses Liberais (BARBOSA, 2014).

As medidas protecionistas adotadas no Quinquênio perduraram até a aprovação, em 1857, da Tarifa das Alfândegas do Império do Brasil (AZEVEDO, 2015, p.6). Ou seja, coincidiram com o período considerado o auge de prosperidade do Império (um surto de crescimento industrial), ainda mais se se levar em conta que os resultados de tais políticas são a médio prazo, ou seja, a reforma de 1844 só teve efeito quase nos anos 1850, e a reforma de 1857 só teve efeito nos anos 1860.

Novidade que salta aos olhos de quem se acostumou com as reclamações econômicas do Primeiro Reinado e da Regência, as notícias de economia do Quinquênio são boas, "*o império pacificou-se todo; as rendas públicas tem tido crescimento...*", e "*O Sr. ministro declarou à câmara que havia desaparecido o déficit, e que a receita do estado era suficiente para suas despesas*". Também em Minas Gerais "*a despeito da inesperada resolução do corpo legislativo de suprimir uma grande parte da renda da província*" (...) os "*empregados provinciais estão pagos quase em dia...*" (O CONSTITUCIONAL, 18/6/1846, 23/7/1846, 4/2/1847), quando ainda em 1840 as reclamações de atraso de pagamento eram generalizadas (O POPULAR, 14/3/1840). A conclusão é que o Brasil "*poderá embicar a carreira dos melhoramentos materiais de que tanto carece*" (O CONSTITUCIONAL, 23/7/1846). São notícias que se esperam do que seria o auge do Império, que normalmente se data da década seguinte.

Também lembrando características que se atribui à década de 1850, destaca-se a preocupação do governo com os melhoramentos materiais. A preocupação do presidente Quintiliano José da Silva[225] com a difusão do cultivo do chá, da apicultura e outros assuntos agrícolas, era a tônica das folhas governistas. *O Constitucional* louva "*o zelo com que s. exc. tem promovido os melhoramentos da indústria agrícola, já fazendo distribuir pelos fazendeiros memórias instrutivas sobre o cultivo do anil, cachonilha, baunilha, bicho de seda, e chá...*". O presidente Quintiliano propôs um banco de Minas Gerais e consultou capitalistas de diferentes lados políticos de vários municípios (O CONSTITUCIONAL, 24/12/1846, 7/12/1846). Destaque-se que a conciliação estava em pauta. Todos falavam da conciliação

---

225 Dr. Quintiliano José da Silva (1807-1889) é acusado de ter participado na redação d'*O Constitucional*. Era nessa época presidente de Minas Gerais. Estudou em Coimbra e terminou os estudos na Faculdade de São Paulo. Foi Juiz, Desembargador, Conselheiro de Estado. Eleito Deputado Provincial e Geral (1848). Irmão do rebelde de 1842, José Jorge da Silva. Foi um dos deputados provinciais que não compareceu à seção da Assembleia Legislativa Provincial rebelde em São João del-Rei. É nome de rua em Esmeraldas e bairro em Campo Belo. Foi nomeado em 1842 pelos rebeldes como Juiz Municipal de Sabará. Assinou o livro de Marinho sobre a revolta de 1842.

entre os partidos como necessária, e o debate é o que seria essa conciliação, quais seus termos. Fortalecendo os desejos de conciliação, assuntos internacionais dominaram os debates parlamentares, pois a Inglaterra aumentava suas pressões sobre o tráfico de escravos ao ponto de afetar as relações diplomáticas, e o Brasil se envolvia nas questões platinas.

O assunto que Honório Hermeto encontrou para acusar Quintiliano foi a aprovação de um tributo proibido pouco antes por uma lei geral. Quintiliano se defendia afirmando que aprovou antes de receber a notícia de que era ilegal (O CONSTITUCIONAL, 31/8/1846). Não eram mais acusações de republicanismo ou absolutismo. Note-se também que esses ataques ao presidente Quintiliano acontecem primeiro no *Jornal do Commércio*, e não no *Publicador Mineiro*, que era a folha de oposição que então existia em Minas Gerais.

N'*O Itamontano*, do qual mais da metade do número 42 do ano 1 era literatura, na primeira página foi publicada a Parte Oficial, ou seja, que o governo de Minas Gerais publicava para sustentar a imprensa situacionista e por lei. Predominam os assuntos econômicos: Era a época da entrada de bestas; O Luzia Marcelino José Ferreira Armonde[226] tinha consertado a estrada da Mantiqueira e outras coisas do tipo (O ITAMONTANO, 8/4/1848).

5.2.4 Tentativas de conciliação dos anos 1840 e reforma política de 1846

Por fim, tratemos do único assunto em que o Quinquênio foi elogiado por Ottoni e pelos oposicionistas, a reforma eleitoral de 1846. Segundo Ottoni "*era indispensável subtrair as eleições aos esbirros de polícia, sob cuja tutela haviam sido postas pelas instruções do 1º de maio de 1842*", e por isso foi feita a Reforma Eleitoral de 1846 (1860, p.123). Contudo essa reforma manteve as Mesas de Qualificação e não restituiu o poder das Assembleias Paroquiais de aclamarem a Mesa Paroquial. Os outros membros dessas duas Mesas (podiam ser os mesmos, mas podiam não ser) eram escolhidos entre os Eleitores (ou seja, entre os eleitos como Eleitores para votarem em deputados e senadores) de forma razoavelmente

226 Marcelino José Ferreira Armonde (1783-1850), homem riquíssimo, seria, depois da revolta, o primeiro Barão de Pitangui, pai de Camilo Maria Ferreira Armond (Conde de Prados), participou da revolta, e não quis abandonar Barbacena quando as tropas rebeldes se retiraram. Tanto Bernardo Pereira de Vasconcelos quanto Honório Hermeto Carneiro Leão, dos quais tinha se tornado adversário, intercederam por ele perante o Juiz de Direito da Comarca do Paraibuna, que então era Firmino Rodrigues da Silva. Marcelino Armonde foi inocentado, segundo Firmino, o juiz, por "*não existir prova legal*" contra ele. Ou seja, foi rebelde, chefe, mas não existia um papel, uma testemunha, que para Firmino servisse de prova (MASCARENHAS, 1961, p.57, 104).

aleatória, que em uma minoria de casos podia até dar a maioria de alguma dessas mesas à oposição. Não é a toa que a oposição votou a favor dessa lei sem quase nenhuma resistência (O CONSTITUCIONAL, 20/7/1846).

A Junta de Qualificação passou a ser composta pelo Juiz de Paz e dois Eleitores. A escolha desses Eleitores permitia alguma aleatoriedade em alguns Colégios Eleitorais. No dia marcado para se formar a Junta, reunidos os Eleitores, contados os presentes, eram divididos em duas listas iguais. Se seu número fosse impar o mais votado não era contado, para que as duas listas ficassem iguais. A primeira lista dos Eleitores mais votados, e a segunda dos menos votados. O último da primeira lista, e o primeiro da segunda lista eram os escolhidos para comporem a Junta de Qualificação com o Juiz de Paz. Eram os Eleitores do meio da lista. Se o Colégio desse 20 Eleitores e todos os 20 fossem à reunião, o 10º e o 11º mais votados comporiam a Junta. Portanto, a maior chance era que o lado vencedor de cada Colégio dominasse a Junta de Qualificação e perpetuasse seu domínio. Contudo, algum oposicionista sempre podia por acaso conseguir ficar no meio da lista, e mais que isso, os Eleitores certamente faltavam a essas reuniões, aumentando a aleatoriedade, apesar de existir uma multa para os faltosos. O Pároco participava como informante, sem votos, assim com outros juízes de paz. Todo ano a Junta de Qualificação se reunia novamente, para rever as qualificações. Existia um Conselho ao qual se fazia recursos, composto do Juiz Municipal, do presidente da Câmara Municipal e do Eleitor mais votado. Ainda se podia apelar ao Tribunal da Relação, que para Minas Gerais era o da Corte (O CONSTITUCIONAL, 21/9/1846). Merece destaque que os Párocos, incluídos nas Instruções de 4 de Maio de 1842, foram excluídos nessa Reforma, ficando somente como consultores das Juntas de Qualificação.

A Mesa das Eleições Paroquiais era composta da mesma maneira. O Juiz de Paz presidia, e um mês antes das eleições convocava os Eleitores para realizar o mesmo processo acima descrito. Portanto, se os Eleitores presentes fossem os mesmos, a Mesa de Qualificação e a Mesa da Assembleia Paroquial teriam a mesma composição (O CONSTITUCIONAL, 21/9/1846).

A lei eleitoral de 1846 duplicou todo o censo eleitoral que passou a ser contabilizado em prata, cujas moedas valiam 100% mais que o valor nominal (existia todo um câmbio entre moedas do próprio Império). Portanto para ser votante o mínimo passou a ser uma renda anual de duzentos mil réis (200$000), para ser eleitor 400$000, para ser deputado 800$000 e para ser senador 1:600$000, um conto e seiscentos mil réis (O CONSTITUCIONAL, 21/9/1846). José Murilo de Carvalho diz que os Deputados e Senadores dobraram a renda "*matreira e ilegalmente*". Talvez tenha sido ilegalmente, mas a duplicação foi feita muito publicamente, e

praticamente sem vozes contrárias. Porém, na prática somente em 1881, como Carvalho também notou, a renda passaria a ser avaliada de forma rígida (1990, pp.16-17). Existiram exceções, mas no geral os Liberais concordavam com a opinião então dominante de que para votar a pessoa devia ter completa independência econômica, e de que se os muito pobres votassem seus votos seriam comprados ou manipulados de outra maneira.

A forma de definir o número de Eleitores por Paróquia mudou provisoriamente. Segundo a lei os Eleitores eram 1% dos fogos, ou seja, para ter 20 Eleitores a Paróquia precisava ter entre 1950 e 2049 fogos. Mas enquanto não se realizasse um Censo, o que não aconteceu antes dessa lei ser substituída, cada Paróquia daria 1 Eleitor para cada 40 votantes, arredondando para cima. Ou seja, para ter 20 Eleitores uma Paróquia precisaria ter 800 votantes, ou mais precisamente 780, pois se arredondava para cima (O CONSTITUCIONAL, 21/9/1846). Claro que essa regra estimulou os lados políticos a buscarem maior presença de votantes nas Assembleias Paroquiais, inclusive para as disputas internas dos lados políticos.

Os votantes não foram mais obrigados a assinarem suas listas, mas os Eleitores, sim, e aconteceriam novas eleições de Eleitores quando se fossem eleger Senadores. Foram proibidos de votar os praças de Pret (O CONSTITUCIONAL, 21/9/1846).

José Murilo de Carvalho afirma que "*O primeiro ataque à influência do governo foi a introdução de inelegibilidades, ou de incompatibilidades eleitorais, na lei dos círculos*" de 1853 (1990, p.23). Primeiro, que toda a Reforma Eleitoral de 1846, em comparação com as Instruções de 1842, reduziu a influência do governo, tanto que teve os votos da oposição, "*os conservadores não puseram embaraço a esta lei, que ao contrário procuraram melhorar*" (OTTONI, 1860, p.123). Segundo, que durante os debates da lei de 1846 iniciou-se o debate sobre as incompatibilidades, ao ponto de rachar a base governista (RODRIGUES, 2015, p.137). Terceiro, as incompatibilidades não limitaram propriamente o governo, mas seus agentes. Não os impediu de atuarem em prol de candidatos governistas, mas de se elegerem eles mesmos.

A reforma de 1846 inaugurou uma série de reformas eleitorais que marcariam o Segundo Reinado (se não se contar as instruções de 1842). Para José Murilo de Carvalho as reformas teriam como objetivos principais "*a definição de cidadania, isto é, de quem pode votar e ser votado; a garantia da representação das minorias, isto é, a prevenção da ditadura de um partido ou facção; e a verdade eleitoral, isto é, a eliminação de influências espúrias, seja da parte do governo, seja da parte do poder privado*" (1990, p.15). Só em 1846 e em 1881 se debateu a restrição da cidadania ativa, em 1846 passando a calcular a renda anual em prata, e em 1881 fazendo avaliar a renda com critérios mais rígidos. As reformas de 1853,

1860 e 1875 não trataram do assunto. Nas demais reformas foi restrita a elegibilidade de algumas categorias que tinham funções públicas. Oficialmente, todas as reformas eleitorais eram feitas em busca da "verdade eleitoral", ou seja, de impedir o falseamento dos resultados por parte do poder do governo. Contudo, na prática, os governos tomaram constantes medidas para se fortalecerem. A reforma de 1846 é uma exceção, pois o governo tinha se atribuído tanto poder com as Instruções de 1842 que tinha afastado a oposição e deslegitimado as eleições.

José Murilo de Carvalho diz que "*A representação das minorias surgiu como preocupação, não por acaso, durante o período chamado da Conciliação*" (1990, p.19). Contudo, várias características na Conciliação, atribuídas aos anos 1850, já se encontram em Minas Gerais no pós-1842.

Paulo Pereira de Castro notou que "*Desde 1843, que se reclama por uma conciliação*", mas já o Gabinete da Maioridade falou explicitamente de conciliação em seu programa político (1978, pp.522-523).[227] Pela ironia do *Echo* parece que o Gabinete de 23 de Março também pretendeu ser "*o ministério conciliador*" (ECHO DA RASÃO, 18/2/1842). Para dissolver a Câmara em 1842 a justificativa foi conter "*o embate de facções*". [228] Durante o Quinquênio Liberal "*o gabinete de 2 de fevereiro foi sempre fiel aos princípios que proclamou de moderação e de* ***conciliação***" pretendia *O Constitucional* (15/6/1846, grifo nosso). Para Paulo Pereira de Castro e Erik Hörner o início do Quinquênio teria sido a primeira tentativa de conciliação (HÖRNER, 2010, p.179). Para Bruno Fernandes Estefanes D. Pedro II não pretendia uma mudança de situação política, quando se iniciou o Quinquênio Liberal, mas sim a conciliação. Procurava um político que aceitasse formar um Gabinete com o programa expresso de anistiar os rebeldes. Nomes ligados aos legalistas de 1842, como o Barão de Monte Alegre, não aceitaram, então ele chamou Alves Branco (RODRIGUES, 2015, p.42). Como lembra José Murilo "*O principal acusado pela fraqueza dos partidos era, como sempre, o Rei*", e "*A própria ideia de conciliação foi atribuída ao Imperador que deste modo buscaria desmoralizar os partidos e enfraquecê-los*" (1990, p.33). Nesse momento, se D. Pedro II realmente tinha por objetivo a conciliação partidária, e parece que sim, ele estava em consonância com a opinião pública. É natural, uma vez que ele lia jornais e era uma necessidade pública, depois de 20 anos de conflitos. Era um anseio geral, expresso pelo

---

227 A rigor, já em 1834 o *Astro de Minas* publicou um artigo falando da necessidade e também das dificuldades de uma "*conciliação dos partidos*" (ASTRO DE MINAS, 4/3/1834).

228 Relatório apresentado a S. M. o Imperador, pelo Ministério, pedindo a dissolução da Câmara dos Deputados (SOUSA, 1843, p.312).

Deputado Barbosa, "*Eu sempre entendi, que a época da Maioridade de SMI fosse assinalada pela conciliação dos Partidos*" (O CORREIO DE MINAS, 26/3/1841). Duas décadas de choque partidário geraram o desejo da conciliação. O que os lados discutiam não era mais se deveria haver conciliação ou não, mas como ela seria, "*Ocupa a atenção geral a polêmica sustentada pelos 2 jornais o* Mercantil *e o* Tempo *a cerca do modo por que deve ser encarada a política de conciliação*". Os oposicionistas desejariam "*aquela que chamasse indistintamente os homens de todos os partidos, de todas as crenças a tomarem parte no governo*" e os Liberais queriam uma conciliação que "*impõe o dever de respeitar todas as opiniões, sem constranger a nenhuma, de distribuir justiça a todos, de buscar o mérito e as virtudes onde elas estiverem*" mas, atenção, "*jamais exigir do governo que ele empregue nos lugares de confiança a homens adversários de sua política*" (O CONSTITUCIONAL, 30/7/1846, 18/6/1846).

Também nas propostas de reformas eleitorais os Liberais já adiantaram o que se faria no período conhecido como Conciliação. Durante os debates de 1846 os deputados Luzias fizeram a proposta de substituir o voto em listas pelo voto distrital, que seria o núcleo da reforma eleitoral de 1853, e ainda de acabar com o voto em duas etapas, que seria o núcleo da reforma de 1881. Propuseram realizar essas reformas eleitorais por meio de uma reforma constitucional, mas só tiveram apoio de um terço da Câmara de Deputados (O CONSTITUCIONAL, 20/7/1846). Também a reedição da Sociedade Defensora projetada pelo *Itamontano* e pela *Voz* em 1849 defendeu as eleições diretas e por círculos (distritos). Já existia a preocupação com a representação das minorias, mas sobretudo a lei dos círculos tinha por objetivo facilitar a conciliação pois "*O voto distrital daria mais força aos chefes locais em detrimento dos chefes nacionais dos partidos e em detrimento dos presidentes de província*" (CARVALHO, 1990, p.20). Já sei viu que o voto em listas praticamente forçava a existência de partidos, na medida que forçava a combinação de listas. Os círculos extinguiam essa dependência.

5.2.5 A luta pela memória da Revolta de 1842

Já se notou "*a preocupação tanto dos insurgentes quanto daqueles que lutaram em nome do governo imperial em dotar esse evento de uma carga simbólica a demarcar as identidades políticas em disputa*" (BARATA, 2011, p.6). As memórias históricas elaboradas pelos partidos mineiros até o final da monarquia se alicerçaram na Revolta de 1842. Até os republicanos escreveram suas versões, tentando tomá-la para a causa republicana.

A luta pela memória da Revolta de 1842 iniciou-se ainda nesse ano, não somente com a publicação da primeira história desse movimento, a coletânea de documentos de autoria incerta, atribuída a Bernardo Xavier Pinto de Sousa, mas também nas páginas d'*A Ordem*, de São João Del Rei, pois estavam "*receosos de que os cabeças da rebelião, esmagada em Santa Luzia readiquiram de novo* (sic) *a influencia perdida*" (A ORDEM, 26/10/1842).

O livro de Bernardo de Sousa foi impresso somente na quantidade de pessoas que subscreveram, conforme era comum na época, ao preço de 4$000, recolhidos por chefes governistas de toda a Província. Diziam as folhas legalistas:

> Acha-se concluída e entrará no prelo com brevidade, a – História da Revolução de Minas de 1842, ou coleção cronológica de peças oficiais, tanto das autoridades legítimas, como dos rebeldes, e outros artigos publicados nas folhas de ambos os partidos, com documentos importantes, e curiosos sobre a mesma revolução (A ORDEM, 10/12/1842; O CORREIO DE MINAS, 23/11/1842).

Sobre a obra publicada por Bernardo de Sousa diria Marinho, no ano seguinte no segundo livro sobre a revolta, que foi publicada sob os auspícios de Bernardo Jacinto da Veiga, mas também diz que ela "*apresenta com fidelidade todos os documentos do arquivo insurgente*", o que a posteridade deveria a Ottoni, "*que, nos Henriques, se opusera a que fosse queimado o arquivo insurgente*" (1844/1978, p.207).

Além de lembrarem das culpas óbvias, como as mortes, como *O Povo* que acusou um adversário político de ser "*aquele que matou o Angelino em Queluz*" (POVO, 13/5/1849), os governistas lembraram que "*A rebelião de 10 de junho apoiou-se principalmente na mentira*". Muitos "*combateram na rebelião intimamente convencidos de que José Feliciano era o presidente legíltimo*" (A ORDEM, 26/10/1842, 19/10/1842), porque rebeldes espalharam que Bernardo da Veiga fora demitido pelo Imperador e não queria entregar o cargo a José Feliciano (BULETIM, 31/7/1842). Os rebeldes "*principiaram por dar como falsas e mentirosas todas as participações oficiais*". Diziam que "*a rebelião lavrava por todas as províncias*". Outro exemplo, "*Todo aquele, dizia o discípulo do Otoni, fingindo que lia, que passando por um delegado não lhe tirar o chapéu, será enforcado – querem esta lei?*" (A ORDEM, 26/10/1842, 19/10/1842). E:

> ...propalaram que o imperador estava mais coacto no seu palácio da Boa Vista, que Napoleão no desterro de Santa Helena, que a lei das reformas, lei que nunca leram, restabelecia o absolutismo, que o conselho de estado tinha o mesmo fim, e classes inteiras da sociedade iam ser votadas a escravidão, e ao extermínio (A ORDEM, 26/10/1842).

Acima foram estudadas as motivações e as propagandas de guerra, e é possível concluir que as mentiras eram verossímeis. Pessoas eram mesmo reescravizadas, adversários políticos eram mesmo cruéis e autoritários, havia o que temer.

Pelo lado legalista deve-se lembrar que a reputação de Caxias foi em grande parte construída sobre a Revolta de 1842. Ele é idolatrado desde o número 1 d'*A Ordem* (A ORDEM, 28/9/1842).

Ainda no final do Império o Partido Conservador, pretenso herdeiro dos legalistas de 1842, contaria a sua versão da "*A história horrível do ano de 1842*", em uma citação um tanto quanto longa:

> nossos adversários (...) buscam na falta de desculpa plausível, relembrarem-nos as eleições de 1849, (...) A história imparcial com efeito ao registrar essa época lançará a nossa conta, alguns desvairamentos, mas na sua severa imparcialidade os assinará como filhos do desforço (sic.) vítimas do partido liberal, que, nesta Cidade, sete anos antes, tinha tido o mais censurável procedimento para com os seus adversários (...) Quando lhes são exprobradas as tropelias e os atentados de 1863, época em que a prepotência, com o cortejo de tudo quanto o mais revoltante arbítrio pode inventar, campeava ufana, espezinhado a lei e escarnecendo da opinião, usam do sempre repetido chavão: Foi a pena de talião exercida contra os fatos que praticastes em 1849. (...) Bem, e quem nos responderá pelos vossos crimes de 1842? (...) Enquanto para armarem contra o governo as classes menos ilustradas da sociedade propalavam que ele queria escravizar os homens de cor (...) Açulando os instintos ferozes da multidão deixavam-na correr a rédea solta pela estrada dos desatinos. Turba de cacetistas percorriam as ruas insultando com chufas as mais abjetas os cidadãos amigos da ordem. No meio de infernal alarido de gritos de morras, de pedidos de cabeças, quebravam as vidraças e caixilhos das casas dos seus contrários, davam tiros nas portas e janelas, levaram o terror e o susto no interior das famílias (...) Para excitar o ódio do pobre contra o rico, asseveraram em alto e bom som que o triunfo do revolta saldaria as contas com a praça do Rio, e de então em diante não se pagariam mais juros. (...) Mas não há mal de que não resulte um bem mais ou menos remoto. Os canibais fizeram a esta cidade durante o seu reinado de barbaria conhecer a diferença que vai de um governo legítimo e regular ao império da multidão. (...) Aqueles que mais bradaram contra a lei das reformas poo haver ampliado o direito das buscas, exerceram esse direito de uma maneira assombrosa. Recrutaram a laço os mesmos que vociferavam contra o recrutamento, e as correntes, as algemas, os anginhos (Um legalista de S. José sofreu este suplício, porque disseram aos canibais que ele andava seduzindo guardas.) foram armados em instrumentos do poder pelo partido que inscrevia nos seus estandartes – Constituição e Liberdade.
>
> E ainda isto não é tudo. A ferocidade dos Vândalos chegou a ponto de dar ordens de prisão recomendando o assassinio daqueles a quem elas se dirigiam, e dois ministros do altar não se envergonharam de mandar engatilhar as armas contra presos inermes, contra os infelizes oficiais que arrastados pelos miseráveis por essas estradas sorveram até a última gota o

> cálice de amargura. (...) No segundo ou terceiro dia do reinado da constituição de Cacaes, os facciosos desobedeciam as suas autoridades, já bradavam contra elas porque não mandaram decepar incontinente as cabeças dos mais distintos legalistas (...)
> Se acossada de longe pelas forças imperiais em razão da ocupação da Serra Negra e Rio do Peixe os rebeldes não se vissem obrigados a evacuar esta cidade, esses próprios que os facciosos tinham amotinado e chamado para as praças públicas teriam sido vitimas da sua desobediência às leis.
> Tal há sido constantemente a consequência inevitável das revoluções. (O ARAUTO DE MINAS, 6/1/1878)

Os Conservadores de 1878 ainda se apegavam à contradição entre as motivações rebeldes de 1842 e os governos Luzias do Quinquênio, lembrando que:

> Em 1842 os liberais pegaram em armas, fizeram correr o sangue brasileiro em diversas províncias do Império, por causa da lei de 3 de Dezembro de 1841, entretanto o partido conservador é que fez desaparecer essa lei desde que reconheceu não ser a mais favorável à liberdade... (O ARAUTO DE MINAS, 8/2/1880)

Mas os rebeldes também divulgavam a sua versão da Revolta. O livro de Marinho foi publicado em 1844, logo após a anistia, indicando que foi escrito em grande parte nos quatorze meses que o autor passou refugiado, ou como disse Erik Hörner, depois de sua absolvição, mas nos dois casos como peça de luta pela anistia.[229] Por que mesmo depois da Anistia ele foi publicado? Os Luzias estavam lutando pela memória da Revolta de 1842.

Antes mesmo do livro de Marinho ser publicado, ou mesmo de nascer o *Itacolomy*, embora os Luzias tenham dito que "*quaisquer que sejam as culpas, que tenhamos tido na revolução de 1842, aliás muito provocadas pelos saquaremas, nós estamos delas profundamente arrependidos*" (O ITAMONTANO, 20/12/1848), a verdade é que logo começaram a fazer apologia da revolta.

A Ordem, indignada já gritava que em Barbacena:

> o rebelde Antonio Teixeira passeia as ruas com o seu competente tope no chapéu. Os nossos leitores estarão lembrados que nas suas exagerações de ofendida nacionalidade o partido que foi batido em Santa Luzia, adotou esse sinal por distintivo (A ORDEM, 9/11/1842).

---

229 Atualmente existem publicações dessa obra com os dois nomes. O Senado Federal em conjunto com a editora da UNB publicou simplesmente com o nome de *História da Revolução de 1842*. Já na coleção Reconquista do Brasil, da Editora da USP e Itatiaia, o nome é o mais antigo, *Historia do Movimento Político que em Minas houve no ano de 1842*, e existem outras edições.

Tratava-se de fitas verde e amarelas, ou folhas dessas cores, o chamado laço nacional, muito usado nos anos da independência pelos partidários desta, em 1831 contra D.Pedro I, e em 1833 contra os rebeldes de Ouro Preto.

Dias antes *A Ordem* já tinha reclamado que "*segundo muita gente, não envergonha ser criminoso político*" e que "*geralmente se acredita, que ser criminoso político é sinônimo de herói. Hoje em dia no Brasil, a rebelião é um meio de adquirir celebridade*" (A ORDEM, 5/11/1842). De fato, fazia parte da cultura da época, segundo uma folha mais antiga, para "*abrilhantar sua carreira derramar o inocente sangue de seus irmãos d'armas*" (ABELHA DO ITACULUMY, 13/12/1824).

Ainda em 1842, o padre Bhering, na Assembleia Legislativa Provincial, dia 20 de outubro de 1842, quando um governista citou Santa Luzia para provocá-lo, exatos dois meses depois da lendária batalha, respondeu dando à causa rebelde conteúdo positivo:

> para que o povo, de quem somos procuradores, fique entendendo, que ainda mesmo depois do ataque de Santa Luzia, há quem tenha a coragem de defender a Constituição, e as Leis, dos ataques do Poder Executivo, não com armas na mão, mas com a palavra, não em Santa Luzia, mas na tribuna (O CORREIO DE MINAS, 7/11/1842).

Quando a história escrita por Marinho finalmente foi ao prelo *A Ordem* provocou - "*há poucos dias, que o Rev. Marinho anunciou no Rio de Janeiro, que está a entrar no prelo por instantes a sua história da Revolução de Minas (já não é movimento?...)...*" (A ORDEM, 13/7/1844, 17/7/1844). É, sem dúvidas, a principal referência sobre a revolta. Já em sua primeira edição, que foi, conforme o costume editorial brasileiro da época, impressa na quantidade certa para os assinantes, teve 3.078 exemplares, de todas as províncias, sendo 76% dos exemplares para Minas Gerais (HÖRNER, 2010, p.12). Xavier da Veiga, parente de Bernardo da Veiga que foi um dos alvos principais de Marinho, diz que essa obra descreve "*uma série só de heroísmos e de martírios de um partido, e como um acervo só de monstruosidades e de infâmias de outro partido*" (Apud RODRIGUES, 2015, p.25). De fato, Marinho chama os combatentes de Santa Luzia até de "*heróis*" (1844/1978, p.213). O livro de Marinho não é o único responsável por isso, mas nele Ottoni já aparece como o grande herói do movimento, e depois de seu retorno à política até sua morte em 1869 seria o principal chefe Liberal do país.

Anderson Luiz Venâncio observou que os Liberais defenderam o patrimônio político e simbólico do movimento armado com a proposta de elevação do arraial de Santa Luzia a vila, à qual os adversários resistiram. Eis como o deputado Salomé defendeu essa sua

proposta na Assembleia Legislativa Provincial em 1846:

> Sr Presidente, vou mandar a Mesa uma pequena emenda sobre o primeiro artigo do Projeto: e lê a seguinte, aonde se lê nesse artigo Vila de Santa Luzia diga-se Vila Eterna de Santa Luzia. (...)Esse nobre deputado de certo quer dar bom testemunho sobre ao movimento que teve lugar em Santa Luzia em o memorável dia de 20 de Agosto de 1842 (...). Srs, quando os antigos queriam eternizar algum acontecimento memorial, levantavam-lhe um monumento e nós que devemos eternizar o maior acontecimento ocorrido nessa Província para encomendar à lembrança dos vindouros, não podendo agora o fazer de outra maneira, consegui-mo-lo por força de acto desta Assembléia que atesta nossa gratidão para com os briosos Mineiros, que não duvidarão de expor sua vida, e fortuna, appoiando-se numa força armada aos inimigos da Constituição e do Imperador (apoiado) (...) Já se foi o tempo em que a palavra Santa Luzia era pronunciada com horror, medo e repugnância: Já se foi o tempo em que por ella se designava tudo quanto de pior no Mundo, que era sinônimo de infâmia e perversidade. Hoje porém felizmente já nos achamos bem longe desse tempo (...) Hoje o nome de Santa Luzia se dá ao homem reconhecido partidista da nacionalidade Brasileira (apoiado) (...) Eu abraço meu aparte, porque Srs eu desejo perpetuar a memória do generoso movimento de 42 (Apud VENÂNCIO, 2005, p.93).

Na mesma época os Liberais referiam-se à "*proteção de Santa Luzia*" (O CONSTITUCIONAL, 21/1/1846), como se ela fosse uma santa protetora dos Liberais.

O deputado Rezende reclamou que um rebelde tinha dito "*que tinha muita honra em ser rebelde, em haver militado entre os rebeldes até Santa Luzia*" (O COMPILADOR, 18/5/1844). Para conseguir favores do governo sob o Quinquênio Liberal Sebastião Pereira Garro teria se apresentado ao presidente Quintiliano como "*capitão da guarda nacional que militei na coluna patriótica de St. Luzia*" (O POVO, 22/7/1849).

Em 3 de julho de 1866 o *Diário de Minas*, de Ouro Preto, publicou:

> Este povo, desgraçado como o Polaco, enganado como o Húngaro, perseguido como o italiano, ainda tem vida e fogo; ainda não perdeu a flama da liberdade, do progresso e da civilização, prova me seja a revolução de quarenta e dois (Apud CLAUDINO, 2011).

O Barão de São João Nepomuceno, pedindo votos aos Liberais mineiros em 1881, lembrou que fez parte do parlamento ao lado de Domiciano (Barão de Araxá), Dias de Carvalho, Ottoni e Marinho, todos envolvidos em 1842 (TRIBUNA DO POVO, 18/11/1841).

Mesmo décadas depois, os Santa Luzias eram aclamados como heróis. Para um Carlos Sussekid de Mendonça, "*Os seus ídolos não eram os portadores de pastas do regime imperial – eram os mártires da Inconfidência, os revolucionários de Pernambuco de 1817, 24*

e 48, os fundadores da República de Piratini e os vencidos de Santa Luzia" (Apud SODRÉ, 1966, p.67).

A folha do Partido Conservador de São João Del Rei, ao denunciar que José Antonio Rodrigues, autor de alguns livros e vários periódicos, e dono de uma tipografia, ainda tinha "*o instinto atrabiliário do rebelde de 1842*" acrescentou que ser veterano de 1842 era "*muito o recomenda no pensar do Sr. Galdino* [Emiliano das Neves]", que era o chefe Liberal da cidade (O ARAUTO DE MINAS, 22/1/1881).

O periódico S. João D'El Rei, do Partido Liberal, em seu editorial fez questão de "*lembrar hoje em Minas o sangue do grande inconfidente de 1792, as torturas de seus companheiros, e bem assim a hombridade dos revolucionários de 1842.*"(S. JOÃO D'EL REI, 15/12/1885).

Os republicanos de São João Del Rei em 1889 tentariam tomar para seu partido a memória da "*briosa revolução de 1842*". A derrota da Revolta de 1842 para os "*soldados da coroa de Bragança*" teria submergido São João Del Rei "*dessa data em diante nas trevas mais profundas da abjeção monárquica* (A PÁTRIA MINEIRA, 16/5/1889). Comemorando adesões em Santa Bárbara, diria que "*Entre as assinaturas vêm os nomes de algumas representantes das famílias Bruzzi e Horta que sempre (se no)bilitaram pelos sentimentos (cív)icos e pela parte que to(maram) na revolução de 1842*" (A PÁTRIA MINEIRA, 14/4/1889).

Já na República, Rui Barbosa, ao buscar uma comparação para o que significara a campanha Civilista em Minas Gerais lembrou-se de 1842 (1910/1967, p.409-413):

> Tão profunda vibração política debalde se procurará em toda a história mineira. A este só se poderá comparar o movimento de 1842 (...). Minas como que resume o povo brasileiro, refletindo as mais altas aspirações da pátria na majestade de uma síntese gloriosa.

As autocríticas dos Luzias, em grande parte, como na correspondência de Ottoni aos eleitores em 1860, eram como os elogios que se fazem antes das críticas mais severas para amaciá-las, uma preparação, mas ao inverso, eram críticas que se faziam para amaciar os elogios que se faria de atitudes fora da lei.

A memória de 1842 foi evocada, por todo o segundo reinado, pelos mais diversos políticos, contra ou a favor, como um mito fundador. Vencedores e perdedores ostentavam louros de heróis, e se lembravam com orgulho de terem combatido em Santa Luzia.

5.3 A imprensa política pós 1842

Na própria imprensa se lê que um "*...longo período de decepções, de esperanças malogradas, de sacrifícios inúteis...*" (ASTRO DE MINAS, 11/5/1839) gerou "*um amortecimento dos ânimos e a busca de uma nova forma de educação política*", até porque "*a guerra dos partidos"* teria sido *"ateada por escritores algum tanto imprudentes*" (JORNAL, 12/4/1834). Já em 1834, segundo o *Astro de Minas*, estavam "*os indivíduos, os partidos, toda a nação cansados, e aborrecidos de política*" (Apud SILVA, 2018, p.185). Imagine-se depois da Revolta. Acusava-se a "*...imprensa com que destruíram os costumes, as tendências monárquicas, inspirando nas massas ideias, e convicções excêntricas, contrárias à unidade, e integridade do Império*" (O CORREIO DE MINAS, 29/10/1842). As repetidas decepções resultaram em que "*...artigos do jornalismo que, em verdade, bem pouca atenção já merecem...*" (ESTAFÊTA, 3/12/1842), o povo "*procura melhoramentos, e só encontra tributos e periódicos*" (ASTRO DE MINAS, 10/12/1836). O *Manual do Bom Tom*, publicado em 1845, aconselhava evitar a política, que em vez de trazer a paz, conduzia a atrocidades (SANTOS, 2011, pp.73, 125). Em 1849 *O Povo*, refletindo a alta das ideias religiosas explicou que:

> A imprensa aproveitada pelo Diabo para perdição do Povo, foi desviada do seu sublime destino como a 1ª mulher. O Povo iludido pela mágica força, e atrativo das lisonjas da imprensa tem sido perturbado, escravizado, roubado, fuzilado, desmoralizado pelo Diabo, que não cansa de tentar o Povo para que não sirva a Deus como deve (O POVO, 20/5/1849).

Nesse clima, dia 28 de setembro de 1842 surgiu em São João Del Rei *A Ordem*, que podia ser assinado na Tipografia própria, ou na casa de Martiniano Severo de Barros. Em Barbacena podia ser assinada na casa de Bento da Costa Azedias, que antes já tinha vendido assinaturas do *Parahybuna*. Os números de 1842 exigiam a punição dos rebeldes, e tentaram influenciar as eleições. Nos números de 1844 as assinaturas em São João Del Rei deixaram de ser feitas na casa de Severo de Barros e passam a ser feitas na casa de José Coelho de Moura. *A Ordem* era dirigida por Gabriel Mendes dos Santos.[230] Outro redator seria o Padre Luiz José

---

230 Gabriel Mendes dos Santos (1795-1873) escreveu para *A Ordem*. Natural de São João del Rei. Filólogo e jurisconsulto. Foi Juiz de Fora de Santos, Intendente dos Diamantes interino em 1830, Juiz de Direito, Desembargador, Ouvidor em São João del Rei de 1830 a 1832, Deputado Geral e Senador. Presidiu a Câmara dos Deputados quando foi aprovada a Lei Euzébio de Queiroz, na legislatura 1850-1852. Foi Provedor da Santa Casa de Misericórdia, e também foi da mesa da Ordem Terceira do Carmo, ambas de São João del Rei. Assinou dois

Dias Custódio, que fora um dos redatores do *Amigo da Verdade* (1829-1832) (MOREIRA, 2011, p.205). O principal redator era o já conhecido Firmino Rodrigues Silva (ver nota de rodapé),[231] posto que fora redator, ao lado de Justiniano José da Rocha, do *Brasil,* no Rio de Janeiro, e enviava seus artigos de Barbacena, onde então exercia o posto de Juíz de Direito (MASCARENHAS, 1961, p.60). Em 1892, outra folha chamada *A Ordem*, de Ouro Preto, afirmou que *A Ordem* que existiu 50 anos antes em São João del Rei teve também um redator chamado André (A ORDEM, Ouro Preto, 20/2/1892). Nas listas de jurados de 1844 só existe um André, de sobrenome Ferreira Martins, coimbrão, pista mais que suficiente para dar algum crédito à afirmação.[232]

Em 7 de setembro de 1844, *A Ordem* denunciou que as reuniões de oposicionistas estavam sendo proibidas. Tinha se iniciado o período conhecido como Quinquênio Liberal, e *A Ordem* agora era oposição. O último número que os arquivos públicos têm é de 13 de outubro de 1844, e nele um correspondente denuncia que o agente dos correios "*foi substituído por um heróico santa luzia*" e "*Há mais de um mês que não recebemos o* Publicador Mineiro*; a* Ordem *de S. João Del Rei recebemo-la com a maior irregularidade*" (A ORDEM, 12/10/1844).

Enquanto *A Ordem* enfrentava problemas com o governo, na mesma cidade de São João Del Rei "*Gemeram os prelos do Pimentel, e saiu a lume um novo campeão do Ministério Vatapá com o rótulo – Governista Mineiro.*" Seria da mesma linha do *Itacolomy* e do *Nacional*, do Rio. A Tipografia do Pimentel era onde foram impressos o *Despertador Mineiro* e o *Americano*. Para *A Ordem* o *Governista Mineiro* era um "*órgão republicano*" que teria atacado Martiniano Severo de Barros em seu primeiro número (A ORDEM, 11/9/1844, 12/10/1844).

---

exemplares dos *Apontamentos*, de José Antonio Rodrigues, em 1856 (VIEGAS, 1953, p.163).

231 Firmino Rodrigues da Silva (1816-1879) foi redator d'*A Ordem* e do *Publicador Mineiro*. Nascido em Niterói, de família pobre. Estudou direito em São Paulo entre 1833 e 1836. Juiz de Direito em Barbacena a partir de 1842, quando foi ativo legalista. Indicado em 10 de maio, a revolta explodiu antes que ele chegasse a Barbacena (BLAKE, 1893, p.362; MASCARENHAS, 1961, p.10, 45). Em Minas casou-se com a filha do deputado Francisco Coelho Duarte Badaró, já citado, D. Elisa Belarmina Coelho Duarte Badaró. Firmino também foi Juiz em várias outras comarcas de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, e se aposentou como Desembargador com honras de ministro do STJ. Foi deputado provincial e geral por Minas Gerais, e chefe de polícia dessa província por duas vezes. Redigiu em Minas Gerais, além d'*A Ordem*, o *Publicador Mineiro*, o *Conciliador* e o *Bom Senso*. Foi correspondente em Minas do *Jornal do Commércio*, sob anonimato exigido pela folha. Foi além disso autor do famoso panfleto *A Dissolução do Gabinete de 5 de Maio e a Facção Áulica*, de 1847 (MASCARENHAS, 1961, p.63, 107, 201, 208).

232 André Ferreira Martins (1786-1847) estudou em Coimbra. Membro da Ordem Terceira do Carmo. Homem rico. Sua residência oficial em 1842 era em Nazareth (Nazareno) então distrito de São João del Rei. Assinou o livro de Bernardo Xavier sobre a revolta de 1842.

Retrato 14 - Firmino Rodrigues da Silva

Fonte: antoniomiranda.com.br

Carvalho e Barbosa falam d'*O Século*, de São João Del Rei, como se fosse de 1844, mas é um erro de digitação pois essa folha existiu em 1894 (VIEGAS, 1953, p.64).

Os Luzias não precisaram voltar ao governo para ressuscitarem sua imprensa. Bem antes do *Governista Mineiro*:

> Os comprometidos que se achavam na cadeia do Ouro Preto haviam feito aparecer logo em o princípio do ano de 1843 um jornal, *O Itacolomy*, por meio do qual começaram a levar ao conhecimento do público os massacres, os roubos e os escândalos praticados pela legalidade durante a luta, e depois dela; tão importantes e tão valiosos foram os serviços prestados por esse jornal que não hesito em afirmar que a ele se deveu a pronta e espantosa reação do espírito público contra os vencedores em Santa Luzia (MARINHO, 1844/1978, p.346).

O que Ottoni um dos presos que redigiam o *Itacolomy* disse a seu respeito é ainda mais interessante (1860, p.108):

> ...era indispensável um centro e curadoria geral dos acusados, que sistematizasse a discussão, reunisse em um feixe os casos julgados que deviam compor a jurisprudência da questão, e que enfim, resumindo os debates, tornasse bem patente o julgamento definitivo do poder judiciário e da opinião pública acerca do movimento de junho.
>
> Tal foi a missão do *Itacolomy*, publicado logo que se levantou o sequestro da tipografia liberal do Ouro Preto.

Marinho diz ainda que "*o periódico publicado sob os auspícios dos presos não interrompeu sua carreira, nem mudou de linguagem*" (1844/1978, p.352). Infelizmente os arquivos públicos só têm um número de 1843, o 43 de 8 de maio. Tinha um tamanho grande, maior que o comum da época, mas o preço se mantinha a 80rs. Saía três vezes por semana e só podia ser assinado na própria Tipografia, que ficava na praça central de Ouro Preto. Quase todo o número traz o relato de Teófilo Ottoni sobre a prisão dos derrotados em Santa Luzia, o mesmo que um ano depois entraria para o livro de José Antônio Marinho. Seus adversários o chamavam de "*órgão dos Santas-Luzias em Minas*" (A ORDEM, 21/8/1844) e de "*o periódico da cadeia*" (O COMPILADOR, 31/7/1843). Os editores foram o padre Antônio de Souza Braga, Florentino Carlos Prudente[233] e João Nepomuceno Nunes Bandeira (ver notas da rodapé).[234] Seriam redatores os deputados Teófilo Otoni, Joaquim Antão Fernandes Leão e José Pedro Dias de Carvalho, todos já citados (RODRIGUES, 2015, p.22). *O Itacolomy* terminou em 15 de agosto de 1845 (O CONSTITUCIONAL, 20/7/1846).

Retrato 15 - Joaquim Antão Fernandes Leão

Fonte: ihgb.org.br.

Ao fim das contas, a reforma do Código do Processo não conseguiu calar a imprensa

233 Florentino Carlos Prudente foi editor do *Itacolomy* e do *Constitucional*. Provavelmente nasceu em 1799, e foi herdeiro universal do padre Manoel Moreira Prudente. Na Revolta de 1842 foi Alferes Secretário da Coluna do Centro das forças rebeldes (SOUZA, 1843, p.299).

234 João Nepomuceno Nunes Bandeira foi editor do *Itacolomy*. Era ajudante de contador na administração dos correios em 1846. Foi administrador do *Correio Official de Minas Gerais* até 1857. Na Revolta de 1842 foi Major Ajudante de Ordens do Comandante Superior da GN de Barbacena, ao lado rebelde.

de oposição para sempre. Ela mais assustou os redatores, e os obrigou a se adaptarem, cumprindo ao menos as leis mais explícitas, a exemplo de publicar o nome do Editor. Mas no fim foi como a experiência estrangeira, que revelava a impossibilidade de derrotar a imprensa:

> A Convenção declarou-se contra os Escritores, mas a Convenção acabou (...), e continuaram os Escritores; o Diretório fez deportar em um dia cento e vinte Escritores; o Diretório acabou; Bonaparte fez calar não só a França, mas a Europa inteira, Bonaparte foi para a Santa Elena, e continuaram os Escritores (ESTRELLA MARIANNENSE, 20/5/1830).

Experiência não exatamente nova que se iniciou em 1843 foi *O Compilador*, folha oficial da Assembleia Legislativa Provincial de Minas Gerais, que publicava somente as atas desse parlamento, e portanto não circulava o ano todo. Assembleias Legislativas não podiam ser dissolvidas, de forma que em 1843 se manteve a maioria eleita para o biênio 1842-1843, dos quais dois terços se envolveram na Revolta de 1842. Os suplentes tomaram posse e, apesar de estarem na oposição a nível nacional, mantiveram a maioria da Assembleia Legislativa Provincial de Minas Gerais. Portanto foi a Tipografia do *Itacolomy* que ficou responsável por imprimir *O Compilador* em 1843. Os rebeldes estavam presos em um canto da praça, seus correligionário eram maioria da Assembleia no outro extremo, e entre eles havia a Tipografia do *Itacolomy*, rodando também *O Compilador* e *O Athenêo*. Não aconteceu uma disputa entre as tipografias. Pelo contrário, tanto em 1843 quanto em 1844 só uma tipografia aceitou, das duas que existiam em Ouro Preto em 1843 e das três que existiam em 1844, que foram aquelas ligadas à maioria da Assembleia (O COMPILADOR, 31/7/1843, 2/3/1844). As tipografias sem essa garantia certamente temiam problemas, como falta de pagamento. Em 1844 tomaram posse os deputados eleitos em 1842, para o biênio 1844-1845, e *O Compilador* passou a ser impresso na Tipografia do *Correio de Minas*. Começou a sair em 17 de fevereiro e terminou em 8 de Julho. Em 1845 a Tipografia era a do *Publicador Mineiro*, do mesmo lado político do então extinto *Correio de Minas*. *O Compilador* não era uma novidade pois existiu um *Diário do Conselho de Governo*, quando os ânimos partidários ainda não estavam tão acirrados, em 1825, além do *Diário do Conselho Geral* no início dos anos 1830 e o *Correio da Assembleia* em 1836. Em 1850 a folha da Assembleia Legislativa da Província de Minas Gerais se chamaria *Diário da Assembleia Legislativa de Minas Gerais*. O *Bolletim Oficial* (1845), impresso na Tipografia Imparcial, e o *Expediente do Governo Provincial* (1845) são também publicações oficiais. Essas folhas são um indicativo de que o governo provincial se estruturava, como resultante de um processo de 20 anos de formação do estado brasileiro.

Existiu entre o fim do *Itacolomy* e o início d'*O Constitucional* o *Correspondente*, com três números (O CONSTITUCIONAL, 11/2/1847), dos quais os arquivos públicos não têm nenhum exemplar.

Já citamos *O Publicador Mineiro*, surgido em 1 de janeiro de 1844. Seu redator era o já citado Firmino Rodrigues da Silva (MASCARENHAS, 1961, pp.46-47). Diz Marinho que "*O chefe de polícia,*" provavelmente Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos, "*para reanimar os ânimos abatidos de seus amigos, comprou, sem dúvida com o dinheiro da polícia, uma tipografia, que consigo conduziu para a província, e publicou um periódico destinado a levantar as decaídas esperanças da facção*". Tinha tipografia própria, único lugar onde podia ser assinado, ao preço normal. É provável que quando Marinho disse que eram "*por um jornal designadas as vítimas que deviam cair debaixo do ferro dos assassinos*" se referisse a essa folha, que o nega (1844/1978, p.347; O PUBLICADOR MINEIRO, 31/1/1846). Para *O Itacolomy* outro redator teria sido Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos (RODRIGUES, 2015, pp.22, 47). O editor era Rufino Dias Pereira (O PUBLICADOR MINEIRO, 31/1/1846). Seu objetivo seria enfrentar o *Itacolomy* (MASCARENHAS, 1961, p.109).

Em 14 de outubro de 1846 o *Publicador* anunciou que interromperia temporariamente sua publicação, até que "*em janeiro reaparecerá o jornal escrito por outra pessoa, que ainda se ignora quem seja.*" (O CONSTITUCIONAL, 19/10/1846). O *Constitucional* tinha proposto ao *Publicador Mineiro* que se retirasse de cena e sinalizado com a "*esperança de ver combater ainda em nossas fileiras o principal redator do Publicador*", que afinal era o "*único jornal da oposição, que se imprimia nesta província...*". Mas quando ele terminou disse que lamentava muito, que o governo "*tolera, e protege mesmo os jornais da oposição*", e que o motivo do fim do *Publicador Mineiro* seria "*ter o Sr. dr. Firmino de retirar-se desta província para S. Catarina, onde deve ir ocupar o lugar de juiz de direito...*" (O CONSTITUCIONAL, 24/8/1846, 27/8/1846, 19/10/1846). Firmino, que já era juiz de direito, tinha sido removido para a comarca de Itapemirim, em Santa Catarina, que era como os governos puniam juízes opositores, e nesse caso um juiz jornalista. Note-se que a remoção é anterior à publicação, por Firmino, do panfleto *Facção Áulica*, de meados de 1847 e que abalou profundamente o governo (MASCARENHAS, 1961, p.113).

O Constitucional surgiu em janeiro de 1846, na Tipografia Imparcial. Se *O Itacolomy* fora chamado de "*periódico da cadeia*", o *Publicador Mineiro* chamava *O Constitucional* de "*periódico da polícia*", pois agora os Liberais estavam no governo (O PUBLICADOR MINEIRO, 31/1/1846). Era impresso em tamanho grande, como foi o *Itacolomy* e como seria o *Itamontano*. O editor era Florentino Carlos Prudente. O redator seria Joaquim Antão

Fernandes Leão e para o *Publicador* outro redator seria o padre José Antonio Marinho (RODRIGUES, 2015, p.22; O PUBLICADOR MINEIRO, 31/1/1846).

O Constitucional publicou as Posturas Municipais de Ouro Preto, de 1830, por números inteiros. Depois publicou as Posturas de Patrocínio. Era uma forma de ocupar espaço, mas também revelava uma preocupação com questões municipais. Publicou o balanço da tesouraria provincial; Números seguidos de notícias de uma revolta em Portugal; Regulamentos de escolas, um modelo de boletim escolar, modelo de lista de chamada; Publicou atas da Assembleia Legislativa Provincial apesar de existir então *O Compilador*, folha oficial dessa Assembleia só com essa função (O CONSTITUCIONAL, 1/10/1846, 15/10/1846, 17/12/1846, 9/11/1846, 4/2/1847); Por fim estava publicando anúncios repetidos. A imprensa estava sem assunto. O último exemplar que os arquivos públicos têm d'*O Constituicional* é de 11 de janeiro de 1847. Sacramento Blake (1898, p.83) diz que o último exemplar que existiu foi de 15 de janeiro de 1857, mas pode ser um erro de datilografia e a data ser 15 de janeiro de 1847.

O auge do Quinquênio Liberal, por falta de polêmicas, foi o pior período para a imprensa política na década de 1840, sendo possível que a província tenha ficado sem nenhuma folha política por alguns meses quando *O Constitucional* deixou de circular.

O porte dos correios para folhas, que foi zerado em 1831, e aumentado para metade do porte de uma carta comum em 1835, foi reduzido a 10 rs., mas isso não reanimou a imprensa política. Faltava paixão. As folhas que existiam já não polemizavam como antes. De um comentário da *Sentinela da Monarquia*, que deveria fazer oposição, o situacionista *Constitucional* disse que "*não há conselho mais acertado*" (O CONSTITUCIONAL, 29/10/1846, 11/11/1846). É de dar sono. Nessa época até na maçonaria "*um comportamento mais radical dos maçons brasileiros foi aos poucos cedendo espaço a uma atuação mais preocupada com a 'beneficência', distanciando-se dos grandes debates políticos*" (BARATA, 1999, p.67).

No intervalo entre *O Constitucional* e *O Itamontano*, existiu em Ouro Preto *O Echo de Minas*, em 1847 (VEIGA, 1898, pp.197, 198). No final desse ano surgiu *O Itamontano*, em tamanho grande. Publicado na Tipografia Social. Já no cabeçalho se diz "*político, industrial e literário*". Enquanto estava no governo e sem atas para publicar, metade do que se pode consultar no número 42, de 8 de abril de 1848, era folhetim francês, e na última página ainda eram publicados poemas. Que diferença da época em que o *Vigilante* se desculpava por não imprimir todas as poesias que lhe foram enviados de Congonhas por ocasião do aniversário de 7 anos de D. Pedro II "*por serem muitas, e não caberem no espaço da folha*" (O

VIGILANTE, 9/1/1833). Ainda em 1848 *O Itamontano* recebeu o contrato para publicar as atas da Assembleia Legislativa Provincial, e números inteiros não têm outra coisa. Quando acabou o Quinquênio Liberal *O Itamontano* ganhou assunto – as demissões de "*seus correligionários*" (O ITAMONTANO, 13/12/1848). Para os adversários *O Itamontano* seria "*órgão do partido que fez a rebelião de 1842*". O deputado Antão Leão seria seu mecenas e redator (O POVO, 20/5/1849, 1/7/1849). Mas o proprietário da Tipografia Social, onde ele foi rodado era Joaquim Carlos Figueiredo.[235] Outro acusado de ser o redator foi José Rodrigues Duarte,[236] que também seria redator da *Voz do Povo Oprimido* e para isso teria ganho uma pensão pública (O POVO, 13/5/1849). Para Werneck Sodré (1966, p.213) quem criou e redigiu *O Itamontano* (1848-1849) foi Domingos Soares Ferreira Pena[237], que posteriormente fundou *O Apóstolo* (ver notas de rodapé). Para Xavier da Veiga tanto José Rodrigues Duarte quanto Domingos Soares Ferreira Penna foram redatores d'*O Itamontano* (1898, p.197). Ottoni (1860, p.141) foi seu correspondente no Rio até sua retirada da política em meados de 1851. *O Itamontano* também teve a colaboração de José Antônio Rodrigues,[238] de São João Del Rei (BLAKE, 1898, p.307). Para a história da imprensa os acervos do *Itamontano* são evidência de que a política não estava oferecendo assunto.

Assim como *O Constitucional*, *O Itamontano* manteve viva a polêmica contra a lei de 1841, que reformou o Código do Processo. Lorn Rodrigues diz que os Luzias mantiveram seus posicionamentos de 1842 (2015, pp.135, 144). No caso do Código do Processo, sim, mas

---

235 Joaquim Carlos Figueiredo foi dono da Tipografia Social, onde foi impresso o *Itamontano*. Era um abastado capitalista. Irmão de outros dois grandes prestamistas de Ouro Preto, Carlos de Assis Figueiredo, que aparece no livro de Marinho como depositário da tipografia de José Pedro Dias de Carvalho, e de José Baptista Figueiredo.

236 José Rodrigues Duarte Foi redator do *Itamontano* e da *Voz do Povo Oprimido*. Trabalhou na Secretaria de Governo de Minas Gerais em 1835. Em 1838 era Delegado do Primeiro Círculo Literário de Minas Gerais. Tem tantos homônimos que é nome de rua em diferentes cidades do Brasil. Subscreveu, em Itabira, o livro do padre Marinho sobre a Revolta de 1842.

237 Domingos Soares Ferreira Martins Penna foi redator do *Itamontano* e do *Apóstolo*. Era natural de Mariana, foi secretário da Assembleia Legislativa de Minas Gerais até 1850. Membro do Instituto Histórico e Geográfico, foi professor na Escola Normal do Pará, onde faleceu em 1888. Sobre *O Apóstolo*, diz Blake que seria "*órgão do partido republicano*" (BLAKE, 1893, p.233, 234; VEIGA, 1898, p.198), mas é provável que nesse caso Blake tenha simplesmente reproduzindo a propaganda dos adversários dos Liberais, que os acusavam de republicanos.

238 José Antonio Rodrigues foi colaborador do *Itamontano*. Nascido em 1791, faleceu em 1887. Fora do recorte temporal dessa tese ele publicou em sua tipografia, em São João del Rei, *O Clarim* (BLAKE, 1898, p.307), *O Imparcial Semanário* (1854-1855), o *Paquete Mineiro* (1855-1856), *O Povo* (1861-1865), *O São-Joanense* (1876-1878), *O Escolástico* (1878), *O Cinco de Janeiro* (1878-1879), e *O Situação* (1879-1880). Escreveu os livros *O Casamento do Padre Pontes* e *Apontamentos*. Foi Vereador e Promotor. Era Capitão da Guarda Nacional em 1842 e aderiu à Revolta. Foi processado pela suposta Sedição da Procissão do Senhor dos Passos.

o Conselho de Estado eles aceitaram, e o tema só voltou cerca de 20 anos depois.

No *Itacolomy* e sobretudo no *Itamontano* vemos nascer a "*conjugação entre imprensa e literatura, que se firma então e vai dominar até quase o nosso tempo*" (SODRÉ, 1966, p.210). Essa conjugação foi de suma importância para literatura brasileira, para a qual os periódicos "*foram não só o espaço de divulgação, mas muitas vezes o único local possível para isso*" (SANTOS, 2011, p.64).

Entre 1849 e 1850 existiu *A Voz do Povo Opprimido*. *O Povo* (13/5/1849, 20/5/1849) afirmou que José Rodrigues Duarte estaria sendo pago para redigi-lo e ao *Itamontano*. O deputado Antão Leão seria mecenas da folha, e outro dono seria o sr. Mello. *O Itamontano* seria federalista (O POVO, 19/8/1849) e estaria propondo uma Constituinte, como Ottoni.

Para enfrentar *O Itamontano* e a *Voz do Povo* surgiu *O Povo* em Maio de 1849, na Tipografia Imparcial. Custava a metade do preço normal. Semelhante ao *Parahybuna* (1836-1840), *O Povo* vinculava seu lado político ao catolicismo, e o oposto ao ateísmo. A princípio tinha outra semelhança com a folha de Barbacena, que era o preconceito de cor contra alguns adversários, mas posteriormente passou a se defender dessa acusação, e dizer que seu lado também tinha "*homens de cor*" e a dar exemplos de que os adversários também tinham preconceito contra negros. Ainda existiam seus adversários *O Itamontano* e a *Voz do Povo*. Os editores foram Silvério Ribeiro de Carvalho[239] e depois Francisco de Paula Alves de Azevedo[240] (SANTOS, 2011, p.102). *A Voz* teria acusado de serem redatores d'*O Povo* os senhores Barboza, Paula e Teixeira. Possivelmente são os deputados gerais Luiz Antônio Barboza,[241] Francisco de Paula Santos[242] e Manoel Teixeira de Souza (ver notas de rodapé).[243]

---

239 Capitão Silvério Ribeiro de Carvalho foi editor d'*O Povo*. Foi Eleitor em 1872 em Ouro Preto, indicado para suplente de Delegado e aposentado como oficial do Corpo Policial (MARTINS, 1872). Não confundir com o padre e famoso trovador de mesmo nome, nascido em 1767 e falecido em 1843, que combateu com seus versos a primeira Junta Provisória em 1822. Como o parentesco entre os dois é provável, pois além de terem o mesmo nome residiam na mesma cidade é importante informar que o padre era minerador e fazendeiro com mais de 80 escravos.

240 Francisco de Paula Alves de Azevedo foi editor d'*O Povo*. Foi membro da Câmara Municipal de Lavras em 1832, 1849 etc. e novamente em 1859, e coletor das redás provinciais no mesmo município em 1873. Foi da mesa da Santa Casa. Outro, em 1873, era porteiro da Seção de Estatísticas, da Secretaria de Governo de Minas Gerais. Em 1842 foi processado como uma das lideranças rebeldes em Lavras (Autos, p. 238, 241).

241 Luiz Antônio Barbosa (1815-1866) foi um dos possíveis redatores d'*O Povo*. Tem homônimos. Formado em Coimbra. Magistrado, Deputado Provincial e Geral (1843-1844, 1857-1860). Membro do Conselho do Imperador. Presidente de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Homem de posses.

242 Comendador Francisco de Paula Santos (?-1881) foi um dos possíveis redatores d'*O Povo*. Negociante de grosso trato, um dos maiores de Ouro Preto. Coronel da Guarda Nacional. Diretor do Banco do Brasil. Deputado Provincial e Deputado Geral entre 1850 e 1869. Em

Em 1849 existiu em Ouro Preto o *Conciliador*, do qual os arquivos públicos só têm exemplares de 1851, mas já foi citado pel'*O Povo* quanto atacou Antão Fernandes Leão (SANTOS, 2011, p.101; O POVO, 8/7/1849). Tinha tamanho grande, e existia para enfrentar o *Itamontano*. E em 1850 surgiu *O Apostolo*, que duraria até 1852. Seria redigido por Domingo Soares Ferreira Pena, a quem se atribuía a redação do *Itamontano* e da *Voz* (VEIGA, 1898, p.198). É dito que *O Apóstolo* era republicano, mas isso não é visível no número a que se tem acesso.

Ou seja, quando terminou o Quinquênio Liberal a imprensa da capital chegou a ter, não por muito tempo, mais de uma folha por lado político. Existia o *Itamontano* quando surgiu *A Voz do Povo Oprimido* em 1849. Estariam se diferenciando, pois *O Itamontano*, sob influencia de Ottoni, estaria defendendo o federalismo e propondo uma Constituinte (O POVO, 19/8/1849). Do outro lado também existiram duas folhas, que também expressam uma diferenciação. *O Povo* foi uma folha de combate, eleitoral, que fustigava os Luzias em cada um dos números. A outra se chamava *O Conciliador*, e também batia, mas expressava em seu nome um programa. Além dessas quatro folhas existiu *O Noticiador*, que esteve dos dois lados, e das duas vezes ao lado do governo, ou seja, deixou os Luzias em 1848 quando estes caíram do governo (RODRIGUES, 2015, p.23). Iniciavam-se outros tempos na imprensa e na política. Esse limitado renascimento da imprensa esteve relacionado às incertezas e disputas de poder que se deram entre o Quinquênio Liberal e a primeira Conciliação. Comprova-se que a imprensa política florescia nos períodos conflitivos.

É um exemplo de que a imprensa mineira não morreu. Em 1865, ano incluso nos trinta anos de baixa do periodismo (meados dos 1840 a meados dos 1870), Richard Burton ainda podia dizer que:

> Como os livros e revistas ainda são raros e caros, o jornal é o mais importante alimento literário em toda Minas. Em qualquer loja ou armazém, desde o nascer do dia, seu dono ou seus caixeiros podem ser vistos perdendo tempo – como dizem os estrangeiros – com a leitura de periódicos (Apud SANTOS, 2011, p.93).

Embora fora de nosso recorte cronológico, é importante mostrar um exemplo de folha da década de 1850, o *Imparcial Semanário*, de São João Del Rei, da qual a Biblioteca

---

1842 foi comandante da polícia de Ouro Preto, e da Guarda Nacional (ANDRADE, 2015).

243 Manoel Teixeira de Souza (1811-1878) foi um dos possíveis redatores d'*O Povo*. Barão de Camargos, natural de Ouro Preto. Foi Deputado Provincial, Geral e Senador. Presidiu Minas Gerais como Vice-Presidente.

Municipal dessa cidade, a mesma que foi fundada por Baptista Caetano, tem o número 27, de 11 de janeiro de 1855. A tipografia era na mesma rua do Tejuco onde fora a do *Astro* e depois a do Pimentel, mas a partir de 1854 tornou-se de José Antônio Rodrigues, que seria dono dessa tipografia até o início da década de 1880, e nela imprimiu diversos periódicos e livros. Mas da década de 1850 só sobrou esse exemplar. O assunto principal é São João Del Rei. Não se trata de política, não se ataca nenhum chefe político:

> A primeira página é um edital do Juiz Francisco Soares Bernardes de Gouvêa, informando que Marcolino de Azevedo Coutinho devia comparecer diante da justiça posto que fora condenado. A segunda página traz um artigo de Antônio Simões de Souza sobre higiene, "*As águas potáveis de S. João del-Rei*", que **não** é um ataque à Câmara Municipal, embora o assunto se prestasse a essa função, mas tão somente uma doutrinação higiênica, ou assim precisou se apresentar. O artigo propôs que a Câmara construísse mais chafarizes e vendesse anéis de água. Também "*Um carreiro de botas brancas*" escreveu um artigo, sobre São João del-Rei, mesmo assunto do "*Amigo da Verdade*" e do "*Galo da Torre do Carmo*" (AMARAL, 2008, p.13).

A epígrafe do *Imparcial Semanário*, além de seu nome, explica essa linha editorial:

> Esforcemo-nos pois em obter o concurso de todos para o bem de todos, preferindo à discussão de princípios abstratos de política a dos remédios para as primeiras e imediatas necessidades do nosso país... Ext. da Fala com que S. M. I. O SENHOR D. PEDRO 2 º abriu a Seção do Corpo Legislativo em 1851.

Trata-se de um extrato da Fala do Trono de um ministério do qual fazia parte a Trindade Saquarema. Um veterano de 1842 imprimia uma folha com uma Fala do Trono de pessoas contra as quais pegou em armas nessa revolta. A luta partidária estava adormecida, e isso desanimava a imprensa política. Não havia necessidade de nenhuma outra folha para combater o *Imparcial Semanário*. Parece que o *Imparcial* mesmo não durou muito, pois já em 1856 a Tipografia de José Antônio Rodrigues imprimia o *Paquete Mineiro*, sob sua própria responsabilidade, que dá outro exemplo da baixa vivida pela imprensa visto que sequer era periódico, saia em "*dias indeterminados*" (CINTRA, 1982, p.109).

5.3.1 Crescimento da imprensa não partidária

Nas décadas de 1820 e 1830 a política dominou a imprensa, tomando espaço à literatura - "*Com a lição destas folhas políticas pouco a pouco se vai desterrando de entre nós o gosto de insulsas Novelas, ou de grosseiras obscenidades e se derrama o amor da leitura...*" (O UNIVERSAL, 19/3/1828). Na década de 1830 algumas folhas tratavam "só em Política" porque:

> A necessidade a tanto obriga aos segundos, sob pena de não serem lidos. Tão acostumados estamos com a chicana periódica, que apenas aparece um Jornal, ocupando-se de artigos concernentes a instrução, é tido por muita gente, que aliás deve ter senso comum, como insonso, e desagradável (JORNAL, 28/2/1833).

Na década de 1840, pelo contrário, surge toda uma imprensa que tenta fugir à definição partidária, com a ressalva de que mesmo a imprensa literária, religiosa etc. "*Tornou-se cultural, sem, contudo, perder suas raízes políticas*". Até as folhas partidárias dessa época renderam-se ao folhetim. O folhetim a princípio era "*espaço destinado a piadas, charadas, receitas, novidades, historietas e cartas*", depois "*modificou-se até o ponto em que passou a ser o local de publicação de pedaços progressivos de uma narração*" (SANTOS, 2011, pp.37, 62). Desde antes da Revolta de 1842 a tendência literária se mostrava forte:

> Está tão generalizado o (ilegível) romântico, que os Periódicos deram também em romancistas; e depois que a Política tornou-se um objeto indiferente para muita gente; à chegada dos Correios já se não pergunta, que novas, trazem os jornais; mas antes se trazem algum romance, ou novela bem sentimental.. (O AMERICANO, 23/1/1840)

A baixa das lutas políticas ampliou o espaço dos folhetins:

> Os chefes (da oposição) em ambas as câmaras prestam seu voto ao ministério, fazendo-lhe elogios, e o órgão principal (da oposição) na imprensa disse em um de seus últimos ns. que passava a ocupar-se de folhetins por ter passado a lei de eleições... (O CONSTITUCIONAL, 24/8/1846)

Após a aprovação dessa lei *O Constitucional* também ficou sem assunto. A imprensa política decaia porque "*o clima político – que fora o seu grande estímulo – declinava*" (SODRÉ, 1966, p.206):

> Nesta quadra de letargia produzida pelo amortecimento das paixões, e dos interesses políticos, vivamente debatidos no parlamento, a imprensa dos partidos encontra muitos embaraços em alimentar a voracidade de suas folhas periódicas. (O CONSTITUCIONAL, 1/10/1846)

Logo em 1843 aconteceu uma primeira tentativa conhecida de folha literária em Minas Gerais. Na Tipografia do *Itacolomy* foi impresso *O Athenêu Popular*, do qual a Biblioteca Nacional tem o número 3, de 18 de novembro de 1843. Diferente de quase todas as folhas de então, tinha 8 páginas. Propunha-se a ser um "*periódico literário*" e seu conteúdo lembra o de um Ateneu, ou seja, uma escola, com filosofia, história e literatura. Talvez seja a primeira folha mineira em que aparece o nome de Victor Hugo. Seria o primeiro jornal literário de Minas Gerais (SANTOS, 2011, p.21). Teria existido até 1844, quando teria anunciado que passaria a ter 32 páginas e a ser mensal, igual seria o *Recreador Mineiro*, que o sucedeu (BN, 1973, p.68). A existência dessa folha pode ter a mesma motivação da escola criada no acampamento rebelde de Galinhos durante a Revolta de 1842, no sul de Minas. Ambas as experiências indicam a constatação da necessidade de instrução básica, realidade constatada e enfrentada de diferentes maneiras desde a década de 1820. É também um sintoma de que se constatava os limites da imprensa política como se praticava até então.

Foi um dos primeiros sinais de que a imprensa mineira se transformava, finalmente saindo do binarismo aguerrido de 20 anos. Apesar de impresso na tipografia dos Luzias, era muito diferente de uma folha política, era mesmo a tentativa de um outro tipo de imprensa. Outras províncias já tinham imprensa literária. *Variedade ou Ensaios de Literatura* teve dois números na Bahia em 1812. *O Patriota* durou dois anos no Rio de Janeiro a partir de 1813. A *Revista da Sociedade Filomática* da Faculdade de São Paulo surgiu em 1833 e em 1836 vieram à luz os dois famosos números da *Nitheroy*, em Paris. De qualquer forma, os criadores do *Atheneu* estavam entre os pioneiros pois "*os periódicos literários multiplicaram-se somente após 1860*" (SANTOS, 2011, pp.60, 62, 64). Para Xavier da Veiga (1898, p.197) e Luciano Moreira (2011, p.204) o redator seria o editor Padre Antônio de Souza Braga,[244] mas para Fernando Santos (2011, p.65) seria Bernardo Xavier Pinto de Sousa.[245]

---

244 O padre Antônio de Souza Braga foi editor do *Itacolomy* e do *Atheneu Popular*. Em 1841 era empregado da Secretaria de Governo de Minas Gerais. Em 1864 era vigário de Lamim. Subscreveu, em Ouro Preto, para o livro do padre Marinho sobre a Revolta de 1842.

245 Bernardo Xavier Pinto de Sousa é considerado redator do *Atheneu Popular* e do *Recreador Mineiro*. Era português, de Coimbra, nascido em 1814, veio para o Brasil em 1835 e naturalizou-se em 1839, ano em que mudou-se para Ouro Preto, Minas Gerais, para ocupar o cargo de primeiro oficial da Secretaria do Governo Provincial. Foi também gerente dos

Dia 1 de janeiro de 1845 começou a circular *O Recreador Mineiro*, que era como se dizia um "*periódico literário*", mais de acordo com o que chamaríamos de revista literária. De quinze em quinze dias era publicado com 16 páginas, mas seguindo um programa pré-estabelecido, enviado Apêndice ao primeiro número, com o índice dos 12 números que compunham um semestre. *O Recreador* "*listou 723 assinantes, de várias localidades, no ano de 1846*". Era impresso na Tipografia Imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, possivelmente mesmo redator d'*O Atheneu Popular*. Para Santos o *Recreador* teria somente um redator, apesar de sempre assinar "*redatores*". Para se engajar nessas duas experiências Pinto de Sousa "*deve ter considerado que a formação da população era insuficiente ou ineficaz*" (SANTOS, 2011, pp.15, 20, 23, 66, 85).

Sua Tipografia Imparcial, situada na rua do Jiló, hoje rua Paraná, imprimiu diversas folhas, dos dois lados políticos: os últimos anos do *Itacolomy*, provavelmente o *Correspondente*, *O Constitucional*, *O Povo* etc. Era mesmo uma tipografia imparcial entre os lados políticos, o que não deixava de ser mais um sinal dos tempos.

Outra experiência de imprensa não partidária foi a *Selecta Cathólica*, impressa na Tipografia Episcopal, outra tipografia de Mariana, entre 1846 e 1847 (MOREIRA, 2011, p.270). A *Selecta Cathólica* era uma revista quinzenal de 32 páginas, sob a direção do Bispo Antônio Ferreira Viçoso.[246] O mesmo Bispo, ao lado do padre Luiz Antônio dos Santos,[247]

Correios em Minas Gerais. Casou-se com Maria Rita Pinto de Toledo Ribas, filha de quem talvez tenha sido o principal chefe da sedição militar de 1833, o já citado Manoel Alves de Toledo Ribas. Em 1846 tornou-se bibliotecário voluntário de Ouro Preto, guardando os livros em sua casa, que antes estavam abandonados. Eram os livros da biblioteca criada em 1831 pela Sociedade Promotora da Instrução Pública. Em 1 de Janeiro de 1845 já era dono da Tipografia Imparcial. Em 1847 começou a anunciar os livros de sua livraria, que eram produzidos em sua maioria na sua tipografia, que portanto era uma editora. Ele já contava então com dezenas de títulos (O CONSTITUCIONAL, 21/1/1847, 25/1/1847, 28/1/1847). Bernardo de Sousa emprestava livros de sua editora como se fossem da biblioteca. Em 1850 foi para o Rio de Janeiro, e continuou seu trabalho com os livros. É possível que sua mudança para o Rio de Janeiro tenha motivado o fim do gabinete de leituras em Ouro Preto (SANTOS, 2011, p. 98-102). Merece destaque que ele foi o autor da primeira história da Revolta de 1842, *História da Revolução em Minas*, publicado ainda em janeiro de 1843, no Rio de Janeiro.

246 D. Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana, criou a *Selecta Calólica*. Nasceu em Peniche, Portugal, em 1787, e faleceu em Mariana em 1875. Autor de *O Romano*. Ensinou Filosofia no Seminário de Évora, Portugal. Foi diretor dos Colégios do Caraça e de Jacuecanga. Ávido pregador, chegava a subir no púlpito três vezes ao dia (BLAKE, 1883, p. 166-168). Era considerado Ultramontano e reformou o Seminário de Mariana para seguir as decisões do Concílio de Trento. Recebeu a comenda da Ordem de Cristo, era oficial da Ordem da Rosa e o título de Conde da Conceição. Em 1842 estava à frente do Colégio do Caraça, e por medo de que a Revolta de alguma forma atingisse alunos e professores, transferiu alunos, professores, livros etc. para Campo Belo e para Congonhas do Campo. A viagem para Campo Belo, a cerca de 700 quilômetros, durou uns 40 dias.

247 Luiz Antonio dos Santos (1817-1891) era natural de Angra dos Reis, foi reitor do Seminário de

redigiu a revista *O Romano*, em 1851, fora de nosso recorte temporal (VEIGA, 1898, p.205).

Em resumo, a década de 1840, tida como de decadência da imprensa, foi realmente de decadência da imprensa partidária e da imprensa das urbes interioranas, mas também foi a década do nascimento da imprensa não partidária em Minas Gerais. Em números aconteceu uma queda, que não foi compensada pelo surgimento da imprensa não partidária, ainda no berço e concentrada na capital e no bispado.

5.3.2 Os redatores

As informações sobre redatores, editores, colaboradores etc., são lacunares, e em vários casos incompletas ou até conflituosas. Há casos em que os redatores são somente supostos, outros em que há muitos homônimos. Com informações que se espera serem muito complementadas e retificadas em trabalhos futuros foi feita a Tabela 4. Não tem valor estatístico, de algumas folhas não existe um só nome e de outras existem vários. A própria existência de dados, mesmo o conhecimento do nome dos redatores, é influenciada pela carreira e pelas propriedades. Ou seja, de políticos de influencia nacional existem biografias, foram preservadas memórias etc, e portanto sabe-se de suas contribuições jornalísticas enquanto outros redatores desapareceram. Mas a Tabela 4 permite reflexões.

Foram encontrados 95 nomes de redatores, colaboradores, editores e até de tipógrafos das folhas estudadas. De três não existe informação alguma com exceção da posição política da folha à qual foram relacionados. Dois do *Amigo da Verdade*, contados portanto como apoiadores de D.Pedro I, e um do *Tareco Militar*, considerado Caramuru.[248]

Dos tipógrafos na maioria das vezes só se sabe o nome. Só três receberam notas de rodapé e entraram na Tabela 4 – Antonio Maria Jourdan, seu aprendiz José Maria Ferreira Garcia, e Francisco José Salles. Jourdan não era só tipógrafo, parece ter sido da parcialidade da folha que editou, tanto que se responsabilizou por ela em juízo. Garcia teve uma longa carreira de tipógrafo e lutou ao lado rebelde em 1842. Francisco José de Salles tanto era politicamente ativo que usava a sede do *Astro de Minas* para reuniões políticas (OLIVEIRA, VELLASCO, 2007). Foram incluídos porque tiveram atuação política.

Os então chamados editores foram todos incluídos. Primeiro, porque eles respondiam

---

Mariana, cargo de indicação do Bispo, e posteriormente foi ele mesmo Bispo do Ceará e Arcebispo da Bahia.

[248] Manoel Corrêa Gomes foi sócio na tipografia do *Amigo da Verdade*. O padre Verruga foi redator nessa mesma folha. João Martins de Moura Duque Estrado foi redator do *Tareco Militar*.

em juízo pelo que era publicado, de forma que tinham um envolvimento político. Segundo porque existem casos em que se sabe de sua influência, como Francisco de Assis Costa, que foi editor do *Conciliador*, do *Noticiador* e do *Bom Senso* e seria o responsável pela veia literária de folhas que editou (SILAMI, DRUMMOND, 2008, p.61). Ou o caso dos "impressores" das folhas Liberais e Moderadas de Diamantina, dos quais se sabe que continuaram líderes políticos Liberais por décadas a fio.

A posição política dos redatores conta uma história só de ser descrita. Muitas vezes a única fonte para sabermos as posições políticas que tiveram são as próprias folhas em que escreveram. Claro que essas informações são lacunares. Outra imprecisão é que, também por falta de informações suficientes, não foram diferenciados os centristas, como Herculano Ferreira Penna e Francisco de Paula Santos. Mas mesmo assim os dados contam uma história.

Antes de 1831 os que apoiavam D. Pedro I foram 16, e os oposicionistas, denominadas desde a época como Liberais, foram 26.[249] Entre os 16 "pedristas", ao menos 8 continuaram atuando após 1831, quando ficaram conhecidas como Caramurus.[250] Porém, desses oito, dois, os pai e filho Soares do Couto, estiveram com os Moderados até 1833. Dos 26 nomes Liberais, todos se tornaram Moderados, todos, mesmo os que por algum tempo foram considerados Exaltados, caso de Ottoni. Portanto a divisão dos Liberais após 7 de Abril de 1831 não se aplicou se não temporária e minoritariamente aos redatores de Minas Gerais. O núcleo considerado pelos demais Liberais mineiros como Exaltado se limitou à região do Serro.

No total foram encontrados 45 nomes relacionados às folhas Moderadas, contra 14 Caramurus. Ou seja, os escritores Liberais, agora todos Moderados, quase dobraram numericamente, e os seus adversários ficaram na mesma. Dos 45 Moderados sabe-se que quando se dividiram 23 foram Progressistas, ditos e tidos por Liberais, e 14 foram Regressistas.[251] Dos 14 Caramurus 5 foram Regressistas, e dois tornaram-se Liberais, mas não se sabe se antes esses dois foram Regressistas. Por um lado está retratada a divisão dos Moderados, com mais de um terço de seus membros criando o agrupamento que seria

---

249 José Alcebíades Carneiro e José Maria Ferreira Garcia estiveram a princípio ligados à folha Amigo da Verdade, pedrista, e depois passaram-se para o lado Liberal, e foram contados entre ambos.

250 Nicolau Soares do Couto, Manoel Soares do Couto, Frei José Joaquim Viegas de Menezes, José Maximiano Baptista Machado, Vigário Luis José Dias Custódio, José Gonçalves Côrtes, Brigadeiro Francisco de Assis Lorena, Mello Franco.

251 Pedro Gomes Nogueira e Herculano Ferreira Penna primeiro foram Liberais, depois Regressistas. Já Manoel e Nicolau Soares do Couto antes de serem Regressistas foram contados entre os Caramurus.

apelidado de Regressista. Por outro, muitos dos que foram Caramurus desapareceram da vida política após 1835 ou 1833. A contribuição dos Caramurus para o Regresso em escritores parece ter sido menos de metade da Moderada.

Entre 1836 e 1850 foram encontrados 38 Liberais e 33 Regressistas, ou como então mais se designavam, do Partido da Ordem.[252] Estabeleceu-se um equilíbrio pela primeira vez.

Três redatores, embora se conheça um pouco de suas vidas políticas, não se enquadram, do ponto de vista de suas publicações, nesses lados políticos. O Bispo Dom Viçoso produziu periódicos religiosos, os primeiros de Minas. Em 1842 retirou-se com os alunos do Caraça, onde era ainda Reitor, para longe do conflito. Luiz Maria da Silva Pinto produziu periódicos somente com atas, e de lavra própria Dicionários, sendo um dos primeiros dicionaristas do Brasil. Esteve 30 anos na secretaria de governo, sob os mais diversos governos. Manoel José Barbosa Pimenta e Sal praticamente franqueou sua tipografia para quem a mantivesse viva, e defendeu a liberdade e as prerrogativas da imprensa.

Foi possível encontrar 41 desses escritores diretamente envolvidos com a Revolta de 1842, 24 do lado rebelde e 17 do lado legalista. Dentre os 95 estudados sabe-se que 10 já tinham falecido e um retornara para Portugal antes da Revolta de 1842.[253] Alguns outros devem ter se envolvido, sem deixar pistas.

Ainda no terreno da política, 26 foram eleitos para postos nacionais, 7 chegaram a postos eletivos provinciais, e 21 foram eleitos para postos municipais, somando 54 eleitos. O fato de somente 7 terem atingido cargos provinciais enquanto mais de vinte atingiram ou somente postos municipais, ou postos nacionais, deve-se a que um político que tinha poder para se eleger a nível provincial também o tinha para cargos nacionais, pois ambas as eleições tinham o mesmo universo de eleitores - a Província. A diferença de votos era pequena, e a lei permitia o acumulo das deputações provinciais e geral.

Transitando entre questões políticas e sócio-econômicas, foram encontrados também 51 escritores que tiveram cargos públicos não eletivos, que então eram praticamente todos por indicação política. São 35 de baixo escalão e 16 de alto escalão, dos quais respectivamente, 16 e 3, somando 19, não tiveram nenhum cargo eletivo que tenha sido encontrado. Deve-se notar que 54 eleitos, mesmo os que não tiveram nenhum cargo por indicação política, como Ottoni, somados aos 19 que nunca tiveram posto eletivo mas cargos públicos não eletivos são 73, entre 95. É impressionante, ainda mais quando já foi dito que sobre alguns não há informação

---

[252] Mais uma vez, Pedro Gomes Nogueira e Herculano Ferreira Pena foram contados dos dois lados.

[253] Francisco Freire de Carvalho lançou um dos seus livros em 1840, já em Lisboa.

absolutamente alguma.

Também é significativo que 58 ou nasceram ou se tornaram homens de posses. De alguns se sabe que foram ricos. Os detentores de títulos de nobreza, a começar por cavaleiros, foram 19, sem incluir Lorena, que não recebeu nenhum título mas era filho do Conde de Sarzedas, que foi Vice-Rei da Índia. Embora isso não lhe conferisse nobreza segundo a Constituição de 1824, por certo a conferia aos olhos de muitos de seus contemporâneos.

Sobre a formação escolar, 21 estudaram em alguma Faculdade ou Universidade, sendo 10 em Coimbra, 8 em São Paulo (incluindo nos dois casos um que começou seus estudos em Coimbra), um em Paris, um em Farmácia não se sabe onde, e dois bacharéis também não se sabe onde. Ao menos 20 tiveram ensino religioso. Os de formação militar foram quatro, incluindo Ottoni, que estudou direito mas quando já era um jornalista experiente. Sobram 50 sem dados, dos quais vários foram autodidatas. Quantos não terão estudado no Caraça, em Mariana sem se ordenarem etc.? É digno de nota que ao contrário do que se observa para lideranças políticas e intelectuais de alcance nacional, esses redatores escolhidos por um recorte regional tinham formação diversificada, na qual os coimbrões representavam somente 10%.

A trajetória escolar, na medida em que estudos têm custos, é um indicativo sócio-econômico. A diferença entre 21 que fizeram cursos superiores e 58 que se sabe terem tido posses retrata algo que se percebe lendo as notas de rodapé sobre os redatores – que muitos se fizeram sozinhos, ou seja, tornaram-se ricos durante a vida. Como intelectuais, muitas portas se abriam para esses homens, no serviço público ou na vida política.

É fácil prever e desejável que pesquisas posteriores enriqueçam os dados dessa tabela.

Quadro 2 – Redatores, Editores, Tipógrafos e Donos de Tipografias

	Trajetória partidária	**Cargos públicos Eletivos e Indicados**	**Formação**	**Informações econômicas**
José Antonio Marinho (1803-1853) *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública,* *Novo Argos,* *Astro de Minas,* *Oposição Constitucional,* *Americano,* *Despertador Mineiro (1842),* *Itacolomy,*	Liberal no Primeiro Reinado, depois Moderado, depois Liberal. **Rebelde em 1842**.	**Eleito Vereador, Juiz de Paz, Deputado Provincial e Geral.** Professor público.	Religiosa. Chegou a Cônego.	Nasceu pobre, faleceu dono de colégio (posses).

Itamontano, Monarquista, Constitucional.				
Manoel José Barbosa Pimenta e Sal (? - +-1842) *Compilador Mineiro (?)*[254] *O Universal*	Brasileiro.		Autodidata.	Artesão e imigrante português.
José Joaquim Viegas de Menezes (1778-1841) (?)[255] *Compilador Mineiro*	Parece ter apoiado D.Pedro I (Pedrista), e esteve com os Caramurus em 1833.	Capelão militar.	Religiosa, em Portugal. Era Frei.	
Manoel Soares do Couto (1801-1841) *Abelha do Itaculumy (?)* *Correio de Minas,* *Unitário (?).*	Pedrista, depois Moderado, depois Caramuru, depois Regressista.	**Eleito Vereador e Deputado Provincial.**		Homem rico desde o nascimento. Comerciante.
Nicolau Soares do Couto (1761-1840) *Abelha do Itaculumy (?)*	Pedrista, depois Moderado, depois Caramuru, depois Regressista.	**Eleito Vereador.** Administrador do Correios, Almotacé.		Homem rico. Comerciante.
João de Deus Magalhães Gomes *Abelha do Itaculumy (?)*	Pedrista.	Procurador da Câmara de Ouro Preto.		Homem de posses. Comerciante.
Bernardo Pereira de Vasconcelos (1795-1850) *O Universal,* *Companheiro do Conselho,* *Oposição Constitucional,* *Sete d'Abril (RJ)* *Parahybuna.*	Liberal, depois Moderado, depois Regressista.	**Eleito Deputado Provincial, Geral e Senador.** Juiz de Fora, Desembargador, Conselheiro de Estado, Ministro.	Coimbra.	Sabe-se que enriqueceu durante a vida.
José Pedro Dias de Carvalho (1805-1881) **Comendador** *O Universal.* *Diário do Conselho Geral da Província de Minas.* *Guarda Nacional Mineiro.* *O Parlamentar (RJ).*	Liberal, depois Moderado, depois Liberal. **Rebelde em 1842.**	**Eleito Deputado Provincial, Geral e Senador.** Conselheiro de Estado, Ministro, Presidente do Banco do Brasil e de Minas Gerais.	Autodidata.	Foi um homem de posses.
Luiz Maria da Silva Pinto (1773-1869) *Diário do Conselho de Governo da Província de Minas Gerais,* *Semanário Oficial da Província de Minas Gerais,* *Atas das Seções do*	Fez parte de vários governos.	**Eleito Conselheiro de Governo e Deputado Provincial.** Secretário da Presidência de Minas Gerais por mais de 30 anos.	Militar. Foi Major.	Homem de posses. Foi dono de uma tipografia.

[254] A interrogação em frente a um periódico significa dúvida de que o redator escreveu nesse periódico.

[255] A interrogação em frente ao nome do redator significa dúvida de que ele tenha mesmo sido redator. Ao longo do texto e nas notas de rodapé foram explicados os motivos.

Conselho de Governo.				
Baptista Caetano d'Almeida (1797-1839) *Astro de Minas.*	Liberal, depois Moderado, depois Liberal.	**Eleito Vereador, Juiz de Paz, Deputado Provincial e Geral.**	Autodidata.	Homem rico.
Francisco de Assis Braziel (? – 1834) *Astro de Minas.*	Liberal, depois Moderado.	Secretário da Câmara de Lavras e Promotor na mesma Vila.	Religiosa. Era Padre.	Aparentemente vivia do seu trabalho. Bibliotecário.
Francisco José de Salles *Astro de Minas.*	Liberal, depois Moderado.		Autodidata.	Além de Editor, Tipógrafo. Vivia do seu trabalho.
José Alcebíades Carneiro (? – 1840) *Amigo da Verdade,* *Astro de Minas,* *Mentor das Brasileiras.*	Escreveu o primeiro número de uma folha Pedrista, depois Liberal, depois Moderado, depois Liberal.	**Eleito Vereador, Deputado Provincial e Geral (1834-1839).** Professor, Promotor.		
Manuel Sabino Sampaio Lopes *Echo do Serro*	Liberal, depois Exaltado, depois Moderado.		Autodidata.	Ourives. Dono de Tipografia.
João Nepomuceno Aguilar. *Echo do Serro,* *Diamantino,* *Exorcista.*	Liberal, depois Exaltado, depois Moderado, depois Liberal.	Juiz substituto e Delegado de polícia.	Bacharel.	Homem de posses.
Bento de Araújo Abreu (1797-1841) *Echo do Serro.*	Liberal, depois Moderado, depois Liberal.	**Eleito Vereador tanto de Diamantina quanto do Serro e Deputado Provincial.**	Religiosa. Era Padre.	Homem rico desde o nascimento.
Benedito Teófilo Ottoni (1807-1869) *Sentinella do Serro,* *Echo do Serro,* *Diamantino,* *Universal,* *Astro de Minas,* *Guarda Nacional Mineiro,* *Despertador Mineiro (1842),* *Itacolomy,* *Itamontano.*	Liberal, depois Exaltado, depois Moderado, depois Liberal. **Rebelde em 1842**.	**Eleito Deputado Provincial, Geral e Senador.**	Militar. Estou na Escola Naval. Já adulto estudou na Faculdade de Direito de São Paulo.	Tornou-se rico durante a vida.
Rodrigo de Souza Reis *Echo do Serro,* *Diamantino,* *Exorcista.*	Liberal, depois Exaltado, depois Moderado, depois Liberal.			Homem rico.
Manoel Ciríaco de Abreu	Liberal, depois	Tabelião.		Tabelião.

Echo do Serro, *Diamantino,* *Exorcista.*	Exaltado, depois Moderado, depois Liberal.			
José Maximiliano Baptista Machado - **Comendador e Cavaleiro.** *Amigo da Verdade.*	Pedrista, depois Caramuru, depois Liberal, talvez depois de ter sido Regressista. **Rebelde em 1842.**	**Eleito Vereador**. Tabelião.		Homem rico.
Luiz José Dias Custódio (17??-1854) **Cavaleiro** *Amigo da Verdade,* *Constitucional Mineiro (?)* *A Ordem.*	Pedrista, depois Caramuru, depois Regressista. **Legalista ativo em 1842.**	Secretário de Governo em Mato Grosso.	Coimbra. Religioso.	
"Verruga" *Amigo da Verdade.*	Pedrista.		Religiosa. Foi padre.	
José Pedro Borges de Carvalho *Amigo da Verdade.*	Pedrista	Eleito Camarista.		Homem de posses. Comerciante.
Manoel Corrêa Gomes *Amigo da Verdade.*	Pedrista			Homem de posses. Sócio da tipografia.
Antônio Maria Jourdan *Amigo da Verdade,* *Diário do Rio de Janeiro.*	Pedrista			Vivia de seu trabalho.
José Maria Ferreira Garcia (1810-pós 1892) *Amigo da Verdade,* *Astro de Minas,* *A Ordem* *etc.*	Pedrista (folha à qual esteve ligado), depois Liberal, Moderado e Liberal. **Rebelde em 1842.**		Autodidata.	Tipógrafo. Vivia de seu trabalho.
José Gonçalves Côrtes *Telegrapho,* *Grito do Povo (?).*	Pedrista, depois Caramuru, depois Regressista.	Aposentado pela Recebedoria do Paraibuna. Administrador dos Correios.		Homem rico.
João José Lopes Mendes Ribeiro (1774-1852) *O Telegrafo* (?)	Pedrista, posteriormente Regressista.	**Eleito membro do Governo Provisório de Minas Gerais e Deputado Geral.** Conselheiro. Ministro e Presidente de Minas Gerais.	Coimbra (?)	Homem de posses.
Francisco de Assis Lorena (? – 1835) *O Telegrafo,* *O Soldado.*	Pedrista, depois Caramuru	Comandante das Armas de Minas Gerais.	Militar. Chegou a Brigadeiro.	Homem de posses.
Francisco (?) de Mello Franco *O Telegrapho,* *Semanário Mercantil,*	Pedrista, depois Caramuru.	**Eleito Deputado Geral (1854-1856).** Escrivão de várias	Coimbra.	Homem de posses.

Relâmpago (?), *Cidadão Livre (?)* falso *Athleta Sabarense (?)*		Capelas de Resíduos.		
Antônio José Ribeiro Bhering (1803-1856) **Comendador.** *O Novo Argos,* *Homem Social,* *Revisor.*	Liberal, depois Moderado, depois Liberal, depois Conciliador ou Conservador. **Advogado dos rebeldes de 1842.**	**Eleito Vereador, membro do Conselho Geral da Província, Deputado Provincial e Geral.**	Religiosa. Chegou a Cônego.	Origem pobre.
Herculano Ferreira Penna (1811-1867) **Cavaleiro e Dignatário da Rosa** *O Novo Argos.*	Moderado, depois Liberal, depois Regressista. **Foi legalista ativo em 1842.**	**Eleito Deputado Provincial, Geral, e Senador.** Secretário da Província. Foi Presidente de 8 Províncias e Conselheiro do Imperador.		Origem pobre (controversa).
Florêncio Antônio da Fonseca (? - +- 1857) *Constituição em Triumpho.*	Considerado Liberal pelos Caramurus, mas não parece ter se aliado aos Liberais. Foi Regressista. **Foi Promotor em 1842.**	**Eleito Vereador.** Promotor.	Direito em São Paulo (?)	
Manuel Berardo Acúrsio Nunam *Estrella Marianense.*	Liberal, depois Moderado, depois Regressista. **Foi legalista ativo em 1842.**	Secretário da Câmara de Mariana. Empregado da Secretaria do Governo de Minas Gerais.	Religiosa (?)	Origem pobre.
José Bento Leite Ferreira de Mello (1785-1844) *Pregoeiro Constitucional.* *Recompilador Mineiro.*	Liberal, depois Moderado, depois Liberal. **Conspirador da Revolta de 1842.**	**Eleito membro da primeira Junta Provisória de Governo, do Conselho Geral da Província, Deputado Provincial, Deputado Geral e Senador.**	Religiosa. Chegou a Cônego.	Homem rico desde o nascimento.
João Dias de Quadros Aranha (1784-1865) *Pregoeiro Constitucional,* *Recompilador Mineiro.*	Liberal, depois Moderado, depois Liberal. **Conspirador da Revolta de 1842.**	**Eleito Vereador, Juiz de Paz, Deputado Provincial e Geral.**	Religiosa. Chegou a Cônego.	Homem de posses.
Modesto Antônio Mayer (1804-1864) **Hábito da Rosa** *Recompilador Mineiro.*	Moderado, depois Regressista. **Legalista atuante em 1842.**	**Eleito Vereador.** Delegado.	Farmacêutico.	Nasceu pobre e tornou-se um homem de

				posses.
Venâncio Ribeiro Mourão (1795-1880) *Echo do Serro.* *Exorcista.* *Diamantino.*	Liberal, depois Exaltado, depois Moderado, depois Liberal, possivelmente negociando com o Regresso.	Coletor dos Diamantes por 24 anos, até 1841. Então demitido, e readmitido poucos anos depois.		Homem rico.
Clementino Rabelo Campos *Diamantino.* *Exorcista.*	Exaltado, depois Moderado, depois Liberal.			Homem de posses.
Mizael Felicíssimo Aguillar *Diamantino.* *Exorcista.*	Exaltado, depois Moderado, depois Liberal.			
Giraldo Pacheco de Melo *Liberal do Serro.* *Buletim da Legalidade no Serro (?)*	Liberal, depois Exaltado, depois Moderado, talvez depois editor Regressista. **Legalista em 1842 (?)**		Autodidata.	Ourives e mecânico. Dono de tipografia.
Manoel Joaquim d'Oliveira Cardozo *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública*	Moderado.	Funcionário da Junta da Fazenda.		
Justiniano da Cunha Pereira (1798-1838) *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública.* *Parahybuna.*	Liberal, depois Moderado, depois Regressista.	**Eleito Eleitor.**	Religiosa. Era padre, formado em Mariana.	Provavelmente vivia de seu trabalho.
Pedro Gomes Nogueira – **Comendador** *Vigilante.* *Athleta Sabarense (?).* *Estafeta (?)*	Liberal, depois Moderado, depois Liberal, depois Regressista. **Foi atuante e teria mudado de lado na Revolta de 1842.**			Homem rico.
Mariano de Souza Silvino *Vigilante.*	Liberal, depois Moderado.		Religiosa. Era padre, chamado de "doutor".	Homem de posses.
Antonio Pereira da Fonseca *Vigilante.* *Diabo Coixo.* *Miscelânea.*	Moderado, depois Liberal. **Rebelde em 1842.**		Militar. Chegou a Major do Exército.	
Manoel de Freitas Pacheco - **Cavaleiro** *Miscelânea.*	Moderado.	**Eleito Vereador.** Juiz de Fora.		Homem de posses.

Francisco Andronico Ribeiro (? – 1835) *Athleta Sabarense.* *Semanário Mercantil (?)* *Cidadão Livre (?)*	Moderado.		Religiosa. Foi padre.	
Bernardo Jacinto da Veiga (1806-1863) *Opinião Campanhense.*	Liberal, depois Moderado, depois Regressista. **Presidente legal de Minas Gerais durante a Revolta de 1842.**	**Eleito Deputado Provincial e Geral.** Presidente de Minas Gerais.	Autodidata.	Filho de um pequeno comerciante. Tornou-se homem de posses.
Lourenço Xavier da Veiga (1806-1863) *Opinião Campanhense.*	Liberal, depois Moderado, depois Regressista. **Legalista atuante em 1842.**	**Eleito Vereador.**	Autodidata.	Filho de um pequeno comerciante. Tornou-se homem de posses.
Francisco Freire de Carvalho Figueiredo (1779-1852) *Constitucional Mineiro.*	Caramuru.	Professor do Colégio Pedro II e Reitor de Colégios em Portugal.	Coimbra. Religiosa. Chegou a Cônego.	
Luiz Joaquim Nogueira da Gama (1793-1853) **Cavaleiro** *O Papagaio.*	Caramuru.	**Eleito Vereador e Juiz de Paz.** Tesoureiro da Intendência. Oficial da Secretaria de Estado da Marinha.		Homem de posses.
Francisco Joaquim de Araújo Pereira da Silva (1803-1863) **Comendador** *O Papagaio.*	Caramuru, depois talvez Liberal (?). **Talvez rebelde em 1842.**	**Eleito Vereador.** Promotor.		Homem Rico.
Jacinto Rodrigues Pereira Reis (1768?-1872) **Cavaleiro, Comendador e Dignatário** *Despertador Mineiro (1833).*	Moderado, depois Caramuru.	**Eleito Vereador no Rio de Janeiro.**	Coimbra. Era Médico famoso.	Homens de posses.
João Martins de Moura Duque Estrada *Tareco Militar.*	Caramuru.			
Francisco de Magalhães Gomes. *Tareco Militar.*	Caramuru.			Homem de posses.
Antônio Gomes Batista *Estafeta (1835)*	Moderado, depois Liberal. **Aceitou posto rebelde em 1842.**	**Eleito Vereador e Juiz de Paz.** Escrivão da Intendência.	Estudou na Faculdade de Direito de São Paulo, mas	Homem de posses.

			não completou o curso.	
José Marciano Gomes Baptista *Estafeta (1835)*	Moderado, depois Liberal. **Preso e processado em 1842.**	**Eleito Vereador, Juiz de Paz e Deputado Provincial.**	Faculdade de Direito de São Paulo. E Religiosa. Chegou a Cônego.	Homem de posses.
Feliciano Ferraz da Costa *Espelho da Verdade (?)*	Moderado.			Homem de posses.
Veríssimo Pereira dos Santos *Noticiador Serrano.*	Moderado.	Professor de Primeiras letras.		
José Bento da Costa e Azedias *Parahybuna.* *A Ordem.*	Regressista.	**Eleito Vereador.**		Homem rico.
João Gualberto Teixeira de Carvalho *Parahybuna.*	Regressista, depois Liberal. **Rebelde em 1842.**	**Vereador.**		Homem de posses.
Domiciano Leite Ribeiro (1812-1881) **Visconde de Araxá** *Astro de Minas,* *Americano,* *Despertador Mineiro (1842)*	Moderado, depois Liberal. **Rebelde em 1842.**	**Eleito Deputado Provincial e Geral.** Foi Conselheiro de Estado e do Imperador, Ministro, Presidente de São Paulo e do Rio de Janeiro.	Faculdade de Direito de São Paulo.	Homem rico.
Joaquim Antão Fernandes Leão (1809-1887) **Comendador e Cavaleiro** *O Universal,* *Constitucional,* *Voz do Povo Oprimido,* *Itacolomy,* *Itamontano.*	Moderado, depois Liberal. **Advogado dos rebeldes em 1842.**	**Eleito Deputado Provincial, Geral e Senador.** Conselheiro do Imperador. Presidente do Rio Grande do Sul e da Bahia. Ministro.		Homem de posses.
Joaquim Manoel de Freiria *Parahybuna*	Regressista.	**Eleito Vereador.**		Advogado.
Luiz Fortunato de Souza Carvalho *Guarda Nacional Mineiro.*	Liberal. **Rebelde em 1842.**	**Eleito Deputado Provincial.** Funcionário da Contadoria Provincial.		Homem de posses.
Honório Pereira de Azeredo Coutinho *Correio de Minas,* *Unitário.*	Regressista. **Legalista ativo em 1842.**	**Eleito Deputado Provincial.** Funcionário da Secretaria do Governo de Minas Gerais.		

		Presidente do Maranhão.		
Cesário José Lima e Silva (?) *O Popular*	Liberal **Rebelde em 1842.**	**Eleito Vereador.** Escrivão.		Homem de posses.
Antônio Gomes Cândido (1802-1850) *Correio de Minas.* *Unitário.* *Setembrista.*	Moderado, depois Regressista. **Legalista atuante em 1842.**	**Eleito Deputado Provincial e Geral.** Juiz de Direito, Chefe de Polícia de Minas Gerais.	Faculdade de Direito de São Paulo. Antes estudou no Seminário de Mariana, mas não tomou ordens.	Fazendeiro.
Joaquim Dias Bicalho *Setembrista.*	Regressista.	**Eleito Deputado Provincial.** Inspetor da Tesouraria de Minas Gerais.		
Camilo Maria Ferreira Armonde (1815-1882) **Conde de Prados.** *Echo da Rasão.*	Liberal. **Rebelde em 1842.**	**Eleito Deputado Geral.** Conselheiro de Estado.	Caraça e depois Academia de Medicina de Paris.	Homem rico.
José Felicíssimo do Nascimento (1806-1884) **Cavaleiro**. *Guarda Nacional Mineiro.* *O Universal.*	Liberal. **Perseguido como se tivesse sido rebelde em 1842**	**Eleito Deputado Geral.** Secretário da Assembleia Legislativa Provincial.	Religiosa. Chegou a Monsenhor.	Nasceu pobre e tornou-se um homem de posses.
Francisco de Assis Medina. *Buletim da Legalidade no Serro.*	Regressista/Partido da Ordem. **Legalista ativo em 1842.**	**Eleito Eleitor.**		
Bento Ferreira Carneio *Buletim da Legalidade no Serro.*	Regressista/Partido da Ordem. **Legalista ativo em 1842.**	**Eleito Eleitor.** Suplente de Delegado.		
Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos (1812-1863) **Cavaleiro.** *Publicador Mineiro.* *Correio de Minas.*	Liberal, depois Moderado, depois Regressista/Partido da Ordem, depois Liberal fora do recorte temporal desse trabalho. **Legalista Chefe de Polícia de Minas Gerais durante a Revolta de 1842.**	**Eleito Deputado Provincial, Geral e Senador.** Presidente de São Paulo e de Minas Gerais.	Faculdade de Direito e São Paulo.	Enriqueceu durante a vida.
Jacques Augusto Cony *O Legalista,*	Regressista/Partido da Ordem.		Militar. Chegou a	

Correio de Minas, *Unitário.*	**Legalista atuante em 1842.**		Brigadeiro. Era da Artilharia.	
Firmino Rodrigues da Silva (1816-1879) *A Ordem,* *Publicador Mineiro,* *Consiliador,* *O Bom Senso.*	Regressista/Partido da Ordem. **Legalista atuante em 1842.**	**Foi Deputado Provincial e Geral.** Juiz de Direito, Desembargador, Chefe de Polícia de Minas Gerais.	Faculdade de Direito de São Paulo.	Nasceu pobre e tornou-se um homem de posses.
Gabriel Mendes dos Santos (1795-1873) *A Ordem.*	Regressista/Partido da Ordem	**Eleito Deputado Geral e Senador.** Juiz de Fora, Intendente dos Diamantes , Juiz de Direito, Desembargador, Ouvidor.	Coimbra (?) Filólogo e jurisconsult o.	Homem de posses.
André Ferreira Martins (1786-1847) (?). *A Ordem.*	Regressista/Partido da Ordem.		Coimbra.	Homem Rico.
Florentino Carlos Prudente. *Itacolomy.* *Constitucional.*	Liberal. **Rebelde em 1842.**			Homem de posses.
João Nepomuceno Nunes Bandeira *Itacolomy.*	Liberal. **Rebelde em 1842.**	Administrador do Correio Official de Minas Gerais.		
José Rodrigues Duarte *Itamontano,* *Voz do Povo Oprimido.*	Liberal.	Funcionário da Secretaria de Governo de Minas Gerais.		
Domingos Soares Ferreira Martins *Itamontano.* *Apóstolo.*	Liberal.	Funcionário da Secretaria de Governo de Minas Gerais.		
José Antônio Rodrigues (1791-1887) *Itamontano,* *Imparcial Semanário,* *Paquete Mineiro,* *O Povo,* *São-Joanense,* *Escolástico,* *Cinco de Janeiro,* *Situação.*	Liberal. **Rebelde em 1842.**	**Eleito Vereador.** Promotor.		Homem de posses. Dono de tipografia.
Joaquim Carlos Figueiredo *Itamontano*	Liberal.			Homem rico. Dono de tipografia.
Quintiliano José da Silva (1807-1889) *O Constitucional (?)*	Liberal. **Há polêmica sobre 1842.**	**Deputado Provincial e Geral.** Juiz, Desembargador,	Coimbra. Terminou em São Paulo.	Homem Rico.

		Conselheiro de Estado, Presidente de Minas Gerais.		
Silvério Ribeiro de Carvalho *O Povo*	Regressista/Partido da Ordem.	**Eleito Eleitor.** Suplente de Delegado e oficial da Força Pública ou Corpo Policial.		Homem de posses.
Francisco de Paula Alves de Azevedo *O Povo*	Liberal, depois partido da Ordem. **Rebelde em 1842.**	**Eleito Vereador.** Coletor de Rendas Provinciais.		
Luiz Antônio Barbosa (1815-1866) (?) *O Povo*	Regressista/Partido da Ordem.	**Eleito Deputado Provincial e Geral (1843-1844, 1857-1860).** Conselheiro do Imperador. Ministro da Justiça. Presidente de Minas Gerais e do Rio de Janeiro.	Coimbra.	Homem de posses.
Francisco de Paula Santos (?-1881) (?) – **Comendador.** *O Povo*	Moderado, depois Regressista/Partido da Ordem. **Legalista atuante em 1842.**	**Eleito Deputado Provincial e Geral.** Diretor do Banco do Brasil.		Homem rico.
Manoel Teixeira de Souza (1811-1878) (?) – **Barão de Camargos.** *O Povo.*	Regressista/Partido da Ordem.	**Eleito Deputado Provincial, Geral e Senador.** Funcionário Público.		Homem de posses.
Francisco de Assis Costa *Conciliador,* *Noticiador,* *Bom Senso.*	Regressista/Partido da Ordem.			
Antônio de Souza Braga *Itacolomy,* *Atheneu Popular,* *Recreador Mineiro.*	Liberal	Funcionário da Secretaria de Governo de Minas Gerais.	Religiosa. Era Padre.	
Bernardo Xavier Pinto de Sousa (1814-?) *Atheneu Popular (?)* *Recreador Mineiro.*	Regressista/Partido da Ordem	Funcionário da Secretaria do Governo de Minas Gerais. Gerente dos Correios.		Dono de Tipografia.
Antônio Ferreira Viçoso (1787-1875) - **Conde da Conceição.**		Bispo.	Religiosa. Chegou a Bispo.	

6 CONCLUSÕES

As motivações dos rebeldes de 1842 foram defensivas, uma vez que julgavam em perigo as suas próprias liberdades políticas. Derrotados no campo de batalha, nem por isso aconteceu o que temiam. Pelo contrário, de dentro da cadeia de Ouro Preto escreveram um jornal que era impresso em uma tipografia que ficava na mesma praça, o *Itacolomy.* A grande maioria dos rebeldes foi absolvida pelos tribunais, e os poucos condenados foram anistiados em 1844, voltando muitos a ocupar cargos públicos quase imediatamente. Só então começaram a ser politicamente derrotados, em cinco desgastantes anos.

A participação popular na Revolta de 1842 em Minas Gerais foi por convencimento político, e o próprio boato de reescravização dos negros libertos e livres prova isso. Revela ainda que os mais pobres soldados rebeldes acreditavam lutar pela própria liberdade. A imagem dos capangas ou agregados lutando por fidelidade a seus patrões, alienadamente, não se revelou na documentação dos anos 1820, 1830 e 1840. Só em Lavras aparecem “capangas” na documentação, mas não eram a massa dos soldados rebeldes, e sim a elite da tropa, um punhado, recebendo o dobro do soldo por já terem batismo de fogo. Pelo contrário, por mais rico, prestigiado e cheio de terras que fosse um chefe político, para toda revolta que se viu nessas décadas foi necessário convencer os pobres de que lutavam por uma causa justa, como a liberdade.

Muita coisa se definiu sobre o futuro do Segundo Reinado no período entre a Revolta de 1842 e o fim do Quinquênio Liberal. A Revolta de 1842 pode ser entendida como o momento no qual os Liberais do Sul, a partir de então Luzias, mediram forças com o imperador D. Pedro II. Eles o tinham empossado. Quem era o verdadeiro poder? Isso se decidiu em Santa Luzia. Observe-se a suposição de Ottoni, já citada acima e repetida aqui (1860, p.104, grifo nosso):

> Dentro de três dias, dizia eu aos meus amigos, estamos no palácio do Ouro Preto, dentro de quinze dias um ministério liberal terá suspendido a lei inconstitucional de 3 de dezembro e a do conselho de estado, e terá **anulado o decreto inconstitucional que dispersou os representantes da nação**.

Ou seja, a relação entre parlamento e Imperador teria se estabelecido de outra maneira. Os rebeldes exigiam a anulação da dissolução da Câmara dos Deputados. Isso dificultaria futuras dissoluções de Câmaras de Deputados, pois seria um precedente bem oposto do que se deu. Como se sabe, embora somente cerca de metade das dissoluções de

Câmaras do Segundo Reinado tenham tido relação direta com alternâncias partidárias, essas alternâncias seriam quase impossíveis sem esse recurso. Portanto, mais uma característica do Segundo Reinado, a alternância partidária no governo, relaciona-se diretamente com a Revolta de 1842, embora nenhum de seus protagonistas pudesse então sequer imaginar tal coisa, visto que tal previdência teria tornado a revolta desnecessária. Deve-se fazer a ressalva de que a Coroa se impôs aos Liberais do Sul, os Luzias, mas ainda teria que reafirmar em 1848 essas prerrogativas sobre os Liberais do Norte, os Praieiros.

Caxias surgiu como grande nome da legalidade. Foi enviado pouco depois ao Rio Grande do Sul, para conseguir a paz com os Farrapos, no que muito ajudaria a sua reputação reforçada em Minas Gerais, e o exemplo da anistia dos Luzias. Do lado oposto, Ottoni ficou famoso como líder Liberal no país inteiro. É o herói do livro de Marinho. Esses talvez tenham sido os principais nomes de seus respectivos lados políticos durante o Segundo Reinado, e se fizeram, sobretudo Ottoni, na Revolta de 1842.

Com a Anistia em 1844 o imperador D. Pedro II ganhou reputação de não ser sanguinário, não ser déspota, o que o ajudaria na pacificação do Rio Grande do Sul. Em 1889 os republicanos mineiros se lembrariam de que os Liberais tinham se esquivado de combater a monarquia durante o Segundo Reinado alegando que "*o príncipe não é déspota, e nem sanguinário*" (A PÁTRIA MINEIRA, 27/6/1889). A primeira vez em que D.Pedro II pôde demonstrar essa imagem foi em relação aos rebeldes de 1842.

O estudo da imprensa mineira até o final da monarquia indica que a disputa pela memória da revolta de 1842 foi contínua. Não era um debate gratuito. Por exemplo, a disputa pela classificação da Revolta de 1842, se fora rebelião ou simples perturbação da ordem pública, tinha importância na fixação dos limites do direito de resistência (BARATA, 2013, p.95). A Revolta de 1842 tornou-se um mito fundador para diversas forças políticas mineiras até o final do Segundo Reinado.

As forças políticas que lutaram em 1842 eram as oriundas da Regência. Essas forças ainda pensavam o jogo político, ainda lutavam seguindo os mesmos procedimentos, seguindo as mesmas regras políticas não escritas da Regência, e apesar de D. Pedro II já ter sido coroado, sabiam que ele ainda tinha 16 anos. Em fins de 1840 o Barão de Daiser escreveu que "*essa maioridade não era no fundo senão uma ficção*" (...) "*o Imperador não saíra duma tutela senão para cair em outra*" (Apud CASTRO, 1978, p.510). Por isso a Revolta de 1842, embora posterior à Regência, enquadra-se em características de algumas revoltas regenciais, tais como: não ser separatista; nem republicana; ser condicionada; e ter caráter provisório (BASILE, 2009, pp.71-72). Só os 2 anos posteriores à revolta ensinaram aos mineiros que

tinha se iniciado um novo período político, que não era nem o que temiam os rebeldes, nem o que planejaram os governistas. O início do Segundo Reinado não era um prolongamento da Regência, ou seja, a Maioridade não fora um simples ato burocrático dissimulando o governo de adultos que manipulavam o Imperador. Desmentindo a propaganda rebelde, o jovem reinava e, quando queria, governava. Em 1860 Ottoni o disse (p.133):

> O imperador não é nem foi dominado pela facção áulica ou por favoritos e validos, que nunca teve, e que parece fazer estudo de ostentar que não tem.
> O Sr. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho foi sacrificado em 1843 e 1848 às exigências dos conservadores (...) mas Sua Majestade o Imperador tem política pessoal, e a política dos monarcas constitucionais outra não deve ser se não a do parlamento.

Nos julgamentos entre 1842 e 1844, na medida em que os rebeldes foram em sua maioria inocentados, consolidou-se a reforma do código, contra a qual os rebeldes tinham empunhado armas. Que despotismo é esse, que inocenta rebeldes que se levantaram contra ele? Que júri controlado pelo governo é esse que inocenta rebeldes?

Na propaganda pela anistia caiu a bandeira histórica dos Liberais de fim da vitaliciedade do Senado, que só seria novamente levantada décadas depois. Ficou claro que como os governos às vezes, como no final de 1842 quando os Liberais boicotaram o pleito, conseguiam eleger parlamentos quase sem oposicionista nenhum, a vitaliciedade do Senado era uma garantia para a oposição, contra a situação e contra o Poder Moderador. Também o Conselho de Estado, durante a luta pela Anistia, não se mostrou instrumento de uma oligarquia. Pelo contrário, somente 2 conselheiros votaram contra a anistia, 2 eram Ministros e não votaram, 4 se ausentaram e 4 votaram a favor (HÖRNER, 2010, p326).

Durante o Quinquênio Liberal os Liberais não cancelaram as duas leis contra as quais pegaram em armas, mesmo porque não teriam a maioria do Senado, nem apoio do Imperador. Os Luzias (a parte sulista dos Liberais, então influenciada por Ottoni) até tentaram revogar a reforma do Código, mas os deputados Liberais se dividiram. Para os Liberais do Norte não era um assunto tão importante, tanto que não se levantaram em 1842. E mesmo entre os Liberais do Sul aconteceram divisões a esse respeito. Mais do que não revogar, os Liberais usaram os poderes conferidos ao governo pela reforma de forma impiedosa contra os adversários, e ainda diziam jocosamente que era para mostrar que o código não era bom. O Código só foi novamente reformado na década de 1870. O próprio Vasconcellos, seu autor, antes de morrer propôs reformá-lo.

É consenso nos documentos da época que a Revolta "*reduziu muita gente à miséria,*

principalmente na última Província [Minas Gerais]*, e nas classes menos abastadas, cujas plantações e criação em grande parte foram perdidas*".[256] Mas não se conclua daí que a economia sofreu por muitos anos. Sofreu enquanto os Luzias estiveram escondidos nos matos, a acreditar nas fontes, mas logo se mostrou próspera, como se observa pela imprensa do Quinquênio Liberal. Ademais, a Revolta aconteceu na entressafra, quando os agricultores mineiros tradicionalmente deixam os campos em pousio. O rebanho, sim, há acusações de lado a aldo que indicam que foi afetado, mas nesse caso não se tratava dos mais pobres. Em São João del Rei, um importante centro econômico da época, não se constata perda de poder econômico nem mesmo por parte das famílias rebeldes (FILHO, 2002, p.40). Mas são necessárias mais pesquisas de história econômica de Minas Gerais para se obter um quadro geral sobre os impactos econômicos da revolta de 1842.

Em quase todas as revoltas regenciais as lideranças:

> perceberam o perigo da falta de uma autoridade central para garantir a manutenção da sua condição de elite e abandonaram seus liderados. A exceção do quadro ocorreu entre os farroupilhas que não perderam a liderança do movimento e subordinaram os não proprietários (RIBEIRO, 2011, p.2).

Em Minas Gerais também, os Luzias não perderam a liderança sobre os não proprietários. Talvez por isso é possível dizer de Minas Gerais o mesmo que já se disse do Rio Grande do Sul e de Pernambuco: "*apesar de vitorioso, o Estado imperial teve de manter certa autonomia das elites rio-grandenses. Algo semelhante ao acontecido em Pernambuco depois da Guerra dos Cabanos*" (RIBEIRO, 2011, p.12). Contudo a Revolta durou somente dois meses e dez dias. Quando o presidente interino desertou seu substituto seria, em caso de vitória em Santa Luzia, Teófilo Ottoni, que talvez fosse então considerado uma liderança popular, e certamente ainda não era um proprietário.

E os escravos? Minas Gerais tinha então a maior parte dos escravos do Brasil. Chegou a acontecer "*uma iminente insurreição de pretos*" no arraial de Santo Antônio do Machado, então parte de Campanha, que parece não ter passado de "*reuniões ilícitas de homens suspeitos*" (HÖRNER, 2010, p.261). E como já se viu, os escravos aprenderam a usar o movimento armado para se alistarem e fugirem à escravidão.

Ainda é necessário lembrar que:

---

256 Extrato do Relatório da Repartição de Justiça apresentado à Assembléia Geral Legislativa pelo respectivo Ministro e Secretário de Estado Paulino José Soares de Souza, em data de 1 de janeiro de 1843 (SOUSA, 1843, p.333).

> o grande marco simbólico da derrocada político eleitoral do clero no Império foi a frustrada Revolução liberal de 1842 feita em reação ao regresso conservador. Embora esta tenha contado somente com uma pequena parcela dos padres parlamentares, estes últimos corresponderam aos mais participativos, influentes e destacados religiosos do Império. Foi o suficiente para "manchar" o nome de toda uma classe (SOUZA, 2010, p.70).

Por uma percepção militar um pouco exagerada:

> A vitória do governo imperial nas Revoltas Liberais representou a consolidação do Império e, com exceção da Revolta Praieira, ocorrida em Pernambuco (...) o Brasil experimentou um longo período de estabilidade política e calmaria interna (DARÓZ, 2014, p.10).

A rigor essa "estabilidade política" se resume ao fim das lutas em torno do formato do Estado, porque os Ministérios caiam em poucos meses, e as eleições se tornaram ainda mais violentas. Quando se diz que a partir da década de 1840 o sistema político imperial, incluindo as eleições e os partidos, consolidou-se não se deve entender no sentido de que teria se tornado estático. Não haveria estabilidade entre 1824 e 1842, quando as regras eleitorais duraram duas décadas, e haveria depois, quando mudaram drasticamente em 1842, 1846, 1853, 1860 para só então durarem um período razoável de 15 anos, depois mudarem drasticamente outra vez em 1875 e 1881? Pelo contrário, parte da estabilidade do Segundo Reinado parece se basear na flexibilidade do sistema eleitoral, tamanha que mudava as regras do jogo partidário. A história dos partidos depois de 1840 não confirma uma consolidação partidária. Não existia em Minas Gerais um Partido Conservador com esse nome nos anos 1840 (ver Quadro 1). Ambos os "lados" desapareceram na década de 1850 nas seguidas Conciliações. No final dos anos 1860 surgiram outros partidos Liberal, Conservador e Republicano, apegados à memória pró e contra a Revolta de 1842, mas não eram os mesmos que a tinham lutado.

O sistema partidário renasceu após 1842. Quase todos os combatentes de 1842, dos dois lados, se já tinham idade para isso, estavam juntos no início dos anos 1830, como Moderados. A história da imprensa mineira se confunde com a história do desenvolvimento dessa força política. O baluarte dessa força política durante seu auge foi a província de Minas Gerais, com seus 20 deputados, 10 senadores e várias tipografias. Pode-se relativizar a primazia de Minas como *locus* da formação do domínio nacional Moderado lembrando que Minas Gerais e Rio de Janeiro (e São Paulo) foram quase um só conjunto político, e que Evaristo, grande chefe Moderado, dirigiu essa força política a partir do Rio de Janeiro, onde

estava a Corte e o maior porto da América Latina. Mas deve-se lembrar também que o partido Moderado no Rio de Janeiro nunca foi tão forte como em Minas Gerais e São Paulo. Também é importante lembrar que Minas Gerais tinha 20% dos dois parlamentos. São Paulo e Rio de Janeiro juntos tinham somente 17 deputados. Que o quadro político mineiro tivesse grande influência sobre o resto do país era, portanto, natural. Não é a toa que para explicar a maneira como as denominações dos partidos do Segundo Reinado surgiram e se impuseram Ilmar Rohloff de Mattos tenha considerado indispensável estudar a Revolta de 1842, posto que o nome Luzia ultrapassou as fronteiras mineiras (MATTOS, 1987, pp.104-105). Diz Wlamir Silva ainda sobre o período dos Moderados que em Minas Gerais "*Fez-se, portanto, o consenso em nível regional, na contramão do conjunto das províncias*" (2009a, p.231). Foi o primeiro, foi "*protótipo de governo central*", ponto de onde os Moderados construíram seu domínio nacional.

Já que foi citado *O Tempo Saquarema*, o que a imprensa mineira revela é que se existiu uma hegemonia foi a criada pelos Moderados, e que por isso os Moderados se esfacelaram. Sem adversários, suas diferenças sobre aspectos parciais vieram à tona. É um fruto amargo da hegemonia. Depois de 1834, todos os grupos que surgiram até 1870 respeitaram certas fronteiras, estavam dentro de um mesmo universo político, falavam uma mesma língua política. Saquaremas e Luzias eram dois grupos que lutavam dentro desse universo político "criado" pelos Moderados.

A crise dos Moderados deu sinais de existência desde 1831, com particularidade em 1832 quando os deputados Moderados racharam na tentativa de golpe parlamentar para impor a Constituição de Pouso Alegre. O agrupamento se esfacelou de vez entre 1834 e 1836, com o desaparecimento de seu inimigo em comum, D.Pedro I. A partir daí dois lados políticos começaram a se forjar, ambos filhos dos Moderados, embora um entusiasta dessa origem e outro que em partes a renegava. Em Minas Gerais, em 1842, esses dois lados renasceram, deixaram para traz seus casulos confusos e reapareceram mais coerentes. Desde a revolta de Ouro Preto em 1833 as folhas Liberais brindavam os envolvidos na revolta com o título de "sediciosos". Como os nomes mais proeminentes da revolta de 1833 se ligaram ao novo agrupamento anti-Liberais (uma parte dos Moderados se autodenominou Liberal e assim foi aceita pelos adversários), todo ele passou a ser relacionado à "sedição", e chamado de rebelde. Até 1842 temos então em Minas Gerais, na imprensa, os Liberais como legalistas, e inimigos das reformas em pauta, e sem propostas de reformas alternativas. Já o lado que se diz que era desde fins dos anos 1830 o Partido Conservador (chamado pelos Liberais de então de Regressista) era em Minas Gerais o dos "sediciosos" e tinha um programa de reformas. A

Maioridade remexeu mais um pouquinho os lados, pois alguns Regressistas entraram de cabeça na campanha da Maioridade e desses alguns acabaram ficando nas fileiras Liberais, até por serem hostilizados por seus antigos aliados. Contudo, a Maioridade não resolveu a inversão, só a intensificou, pois a partir de 1840 os Liberais se pretenderam mais monarquistas que seus adversários. Nas palavras do *Correio de Minas*, a Maioridade conseguiu "*tornar Monarquistas todos aqueles, de cujo amor a este princípio do nosso sistema muito se suspeitava*" (O CORREIO DE MINAS, 9/3/1841). Simbolicamente, porque o mundo real é mais complexo, a Revolta de 1842 colocou as coisas nos seus lugares. Só a partir dela o autodenominado Partido da Ordem pôde fazer jus a esse nome, recuperando o direito de se dizer legalista, e o autodenominado Partido Liberal se beneficiou da fama de ter sido rebelde em 1842.

A derrota militar não destruiu os a partir de então chamados Luzias, "*o Partido Liberal resistiu e recuperou sua força"* (NEEDELL, 2009a, p.55). Depois de descobrir que os partidos não morrem nos campos de batalha, *A Ordem* concluiu que "*Os partidos morrem pela morte das ideias que os produziram*" (A ORDEM, 8/10/1842). A batalha de Santa Luzia teve as imensas consequências vistas acima, mas não arranhou as ideias Luzias. Foram os julgamentos em que venceram, a anistia que receberam, os cinco anos em que governaram, o esgotamento público por décadas de incertezas políticas e a resolução da questão do estado que derrotaram os Luzias.

Não é possível concordar completamente que "*A delimitação da identidade dos partidos Conservador e Liberal tornou a luta política mais intensa*" (CARVALHO, 1990, p.22). Pelo contrário, até 1842 a luta política foi mais intensa, desembocando em várias revoltas, inclusive na de 1842. Depois as forças políticas, em Minas Gerais, conformaram-se com o jogo político com as regras que existiam, e a violência política se limitou às eleições. Embora o ódio partidário não tenha diminuído, tinha desaparecido a crença na possibilidade de aniquilar completa e fisicamente os inimigos, substituída pelo objetivo mais prático de lhes esbulhar eleições. Antes de 1842 a violência política era em torno do desenho do Estado, e lutava-se nas eleições como parte dessa luta maior. A partir de 1842 a luta política, inclusive a violência, por cerca de 40 anos, foi para vencer as eleições.

Note-se que as eleições não entraram em baixa junto com a imprensa e nem mesmo com a "pacificação" dos lados políticos. O momento de redução na participação eleitoral em Minas Gerais foi 1836, quando a luta política ainda vivia seu auge. Deve-se considerar que, por mais interferências que as eleições sofressem, o fato de não registrarem queda na participação indica a legitimidade atingida pelo sistema político. O caso de São João

Nepomuceno em 1849 é exemplar da violência eleitoral pós-1842. O delegado entrou na igreja com 200 homens armados e "substituiu" a Mesa, mas para o periódico *O Povo* tudo bem, porque o Juiz de Paz e os outros dois membros da Mesa foram expulsos "*ilesos*". A violência passou a fazer parte do jogo eleitoral, que tornou-se arena de quase toda a violência política.

Mônica Dantas (2009b, p.44) pergunta "*se a reforma do Código do Processo não viria justamente para avalizar as fraudes sem a necessidade de recorrer à violência empregada pelo primeiro gabinete da maioridade?*" Se foi esse o objetivo, não foram obtidos os resultados esperados. Needell afirmou algo que contraria os fatos, que "*A nova lei facilitou a fraude eleitoral, evitando os escandalosos níveis de violência que eram tão anormais, que o novo Conselho de Estado pressionaria o imperador a anular os resultados*" (2009a, p.61). As fontes de Minas Gerais não indicam mais violência nas eleições de 1840 que nas de 1833, e muito menos que nas eleições posteriores. O maior poder do governo gerou mais violência. Depois da Revolta de 1842 os dois lados perderam as esperanças de aniquilarem o lado adversário, mas por outro lado naturalizaram a violência eleitoral.

Mas sim, a reforma do Código aumentou o poder do governo, inclusive a nível local, para reprimir a oposição e vencer eleições, "*colocando doravante nas mãos dos futuros gabinetes um poder, até então inexistente, de patronato, autoritarismo e controle, que partia da Corte e chegava ao nível mais local nas províncias...*" (DANTAS, 2009b, p.44). Esse poder não era antes de 1841 inexistente, só era menor. Governo após governo, desde o Primeiro Reinado, vinha se esforçando por aumentar seu próprio poder de intervir nas eleições. Portanto o que existe não é uma "*relação entre o 3 de dezembro e a 'eleição do cacete*" (NEEDELL, 2009a, p.61). Era muito mais que isso, era uma relação entre o 3 de dezembro de 1841, dia da lei da reforma do Código do Processo, e as eleições em geral.

É necessário ficar claro que quando se diz que o "governo" intervia, fraudava etc., de fato devia-se dizer o "partido", ou mais precisamente o "lado político" com poder de governo. É a soma dessas duas forças, lado político e governo, e não somente uma ou outra, pois um lado político só podia governar mobilizando seus integrantes, desde os deputados e senadores até os fiscais de quarteirão. Isso nos remete à ideia de que em 1842 o lado centralista venceu o lado que defendia autonomia provincial, o que não se encontra na documentação estudada. Existe uma falsa polêmica entre:

> a principal vertente historiográfica, representada por nomes como Sérgio Buarque de Holanda e José Murilo de Carvalho, é aquela que confere ao

> governo central maior interferência no momento de escolha dos representantes nacionais. Ao passo que, a outra corrente, defendida por Richard Graham, considera os poderes locais como os responsáveis pela deturpação dos pleitos (RODRIGUES, 2015, p.76).

Essa falsa polêmica se estende aos outros assuntos políticos. O governo central e os poderes locais eram complementares, o que se dava sobretudo no processo eleitoral. O governo central simplesmente não podia vencer sem o concurso de lideranças locais espalhadas por todo o país, e as lideranças locais precisavam das benesses do governo para garantirem sua base eleitoral. Em Minas Gerais, durante os processos eleitorais (e quase sempre) não existia a polarização entre governo central e poderes locais, mas entre oposição e situação. A maioria dos atritos entre poderes locais e poder central aconteceram quando os poderes locais eram controlados pela oposição, e por esse motivo. Diga-se de passagem, o regime político, na letra da Constituição de 1824, foi sim centralizado. Teriam os legisladores pensado em compensar a descentralização, existente por motivos históricos e geográficos, atribuindo poderes ao governo central? Pela própria geografia, mas principalmente pela formação histórica, cada Província já tinha vida política própria, o que a Constituição só consagrou. As tentativas de concentrar poder na Corte não puderam transpor essas fronteiras.

Os principais agentes do poder central nas províncias eram os Presidentes de Província e os Chefes de Polícia. O governo podia indicar políticos locais ou de outras províncias. No primeiro caso, estavam as elites políticas provinciais no poder provincial por meio de um companheiro de política, e no segundo caso o “alienígena” precisava do apoio dos situacionistas, de suas informações, de sua militância para governar. Por exemplo, para indicar cada Subdelegado, o Chefe de Polícia precisava que seus correligionários o informassem quem eram seus aliados na região. Ou seja, os mais poderosos instrumentos do poder central nas províncias só garantiam mesmo o poder do lado político então governista na mesma província. Há exceções, mas os presidentes duravam pouco. Chegando as eleições, que eram muitas, o governo central logo enviava um presidente para vencê-las, ou seja, para fortalecer seus correligionários daquela província contra os opositores, e estava outra vez o poder nas mãos de um dos lados das elites políticas provinciais.

Observando do futuro é fácil perceber que o 7 de Abril de 1831, embora tenha sido o marco final do processo de independência, iniciado em 1808, foi somente o auge do processo revolucionário iniciado pela Revolução do Porto de 1820, que se espalhou pelo Brasil em 1821. Também para Flory o período efetivamente revolucionário da independência brasileira se dá entre os anos 1827 e 1837, quando se desmontam as estruturas coloniais para dar lugar a

novas (Apud NUNES, 2010, p.70). Em Minas Gerais foi a Revolta de 1842 o último episódio desse período. É por isso que a historiografia em geral percebe que 1842 foi uma "*espécie de divisor de águas, que põe fim ao acirrado debate ideológico dos anos anteriores*" (ARAÚJO, 2014, p.112). Não que em algum momento ninguém discuta o Estado, mas a demanda a partir dos anos 1840 era sobretudo por progressos materiais, porque nos 20 anos de Revolução (1821-1842) o legado para São João Del Rei teria sido "*Nem cadeia, nem pontes, nem calçadas, nem cais, nem praças de mercado, nem rendas, nem... mas uma afilhadagem numerosa, bailes e passatempos*" (A ORDEM, 19/11/1842).

Sobre a questão que deu origem a toda essa pesquisa, se existem e quais são as relações entre a decadência da imprensa no final dos anos 1840s e a Revolta de 1842, parece claro que as relações existem. Porém, menos que de causa e efeito são relações de causas em comum.

Dizer que a imprensa refluiu porque aconteceu uma mudança na forma de fazer política é só recolocar a questão com outros termos. A imprensa refluir, em si, já é uma mudança desse tipo. Ou seja, não se responde à questão, embora seja verdade.

Necessário é explicar o que mudou de forma a modificar a prática política. Completou-se, com a Revolta de 1842, o processo iniciado com o Regresso. As elites políticas e sociais conseguiram um grau de unidade que lhes permitiu soluções negociadas para suas questões (destacadamente quando ficou claro que haveria uma rotatividade dos partidos nos ministérios). A luta em torno do formato do Estado não terminou, mas limitou-se aos fóruns legais. As atenções voltaram-se para questões econômicas e locais, nas quais muitas vezes os diferentes lados políticos não divergiam.

Embora as fontes indiquem, como se viu, que a imprensa política refluiu principalmente devido à calmaria política, é possível atribuir um pouco dessa decadência, ou ao menos um maior autocontrole por parte dos redatores, à Lei da Reforma do Código do Processo. No interior os principais chefes políticos do lado governista eram indicados como Delegados, e concentravam poderes judiciais além dos policiais. Só em 1871 uma reforma separou a polícia da justiça, reformando o Código reformado em 1841 (DANTAS, 2009b, p.18). A baixa da imprensa acabou exatamente na década de 1870. Mais uma vez, se é esse o caso, temos uma causa em comum, porque na maioria das opiniões, de rebeldes, legalistas, historiadores etc. essa reforma foi a causa principal da Revolta de 1842.

Em menor medida a imprensa mineira sofreu algumas consequências diretas da Revolta. Só o desaparecimento d'*O Universal*, folha mais antiga da Província, foi uma consequência e tanto. A derrota da Revolta foi uma vitória também do *Jornal do Commércio*

sobre a pequena imprensa local que até então dominara o cenário político. A pequena imprensa rebelde ficou ainda desmoralizada pelo desmascaramento de suas mentiras.

Sobre a questão oposta – o papel da imprensa na Revolta de 1842, ficou claro que foi preponderante, desde sua fomentação por meses a fio de propaganda n'*O Universal*, no *Echo da Rasão*, no *Despertador Mineiro* e no *Guarda Nacional Mineiro*. Durante os dois meses de conflito armado a imprensa, e não a artilharia, é que foi a rainha das batalhas. O *Jornal do Commércio* foi a mais eficiente arma da Corte contra os rebeldes.

Finalizemos com as conclusões sobre a questão geral a que toda a historiografia política sobre as primeiras décadas do Império se debruça – A formação do Estado Nacional brasileiro. A importância histórica da imprensa nesse assunto foi muito além de construir uma cultura política, o que em si não era pouco. A opinião pública "*contrariava frontalmente as prerrogativas que o sustentavam [o Antigo Regime], como a da legitimidade do governo oriunda da origem divina do monarca e o segredo de Estado*". Acontece que:

> o reconhecimento da necessidade de dirigir-se ao público e responder às suas intervenções, por parte do poder absolutista, indica que as mudanças por que passava o sistema político não poderiam ser ignoradas, nem o Antigo Regime restaurado em sua plenitude (NUNES, 2010, pp.13-14).

Dito de forma mais clara, "*se o imperador persistisse em antagonizar a opinião pública caracterizar-se-ia caso claro de despotismo e o sistema entraria rapidamente em crise*" (CARVALHO, 1990, p.26). É por isso que para Du Prat a imprensa era "*órgão da revolução*" (ASTRO DE MINAS, 6/10/1828), e para a *Estrella Mariannense* era "*o verdadeiro sustentáculo da liberdade civil, e política.*" (20/5/1830).

Apesar de todos os conflitos acontecidos e do eminente papel da imprensa para fomentá-los, Basile e Santos merecem apoio em que "*os periódicos contribuíram mais para reforçar que para minar os laços nacionais*" (SANTOS, 2011, p.42). Mais que unificar as elites, os periódicos permitiram um diálogo de norte a sul do Brasil, forjando a nação. As tipografias não eram só emissoras de folhas, mas também receptoras, e nos mais ermos arraiais as pessoas ouviam que em terras distantes outras pessoas que falavam a mesma língua, professavam a mesma religião, juravam pelo mesmo Imperador, tinham as vezes problemas semelhantes, ou anseios semelhantes. A imprensa, em sua multiplicidade, é para uma sociedade a auto consciência, ou como disse M. Alletz, na obra *Democracia nova, ou Governo das Classes médias,* "*A imprensa não é mais que a municipalidade pensante*" (ASTRO DE MINAS, 14/5/1839), e a nação pensante, acrescente-se. A transição de lealdade

ao Rei, à família, à cidade, para lealdade a uma nação só pôde ser forjada pela imprensa. Vários historiadores, como Morel, Mariana Monteiro de Barros e Wlamir Silva (2018, p.189) têm defendido que "*imprensa e nação brasileira são praticamente simultâneas*". O são no tempo e completamente entrelaçadas.

Mas nada deixa a questão tão nítida quanto essa comparação da *Estrella Mariannense* - "*Se em nenhum dos governos da antiguidade houve representação nacional, se nem sequer sabiam o que ela fosse, é porque ignoravam a arte da Tipografia*" (2/10/1830). De fato, a imprensa permite que pessoas espalhadas por todo um país "dialoguem", daí percebam semelhanças de ideias, e confiem a pessoas de ideias supostamente semelhantes o papel de seus representantes. Por exemplo, nas vésperas das eleições de 1828 um correspondente argumentou, "*qual será o meio de se obterem bons Deputados para a seguinte Legislatura? Não vejo outro se não o debate por meio dos Periódicos*" (ASTRO DE MINAS, 23/8/1828).

O tipo de Estado Nação que se formou, não só no Brasil, no rescaldo das Revoluções da França e dos EUA não seria praticável sem imprensa. A imprensa, essa pequena imprensa opinativa, foi a própria Revolução. Por isso quando os tempos revolucionários passaram, a imprensa também entrou em uma nova fase de sua própria história. Ao surgirem em Minas Gerais periódicos culturais, literários, religiosos etc. é como se os assuntos relacionados à constituição histórica da nação estivessem avançados a ponto de que já era possível dedicar atenção a outros assuntos, ou mais exatamente, atenção a características na nação até então deixadas de lado. É razoavel afirmar que embora a imprensa mineira na década de 1840 tenha decaído em números, cresceu em variedade.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Pierre; TERROU, Fernand. **História da Imprensa**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ALMEIDA, Aloísio de. **A Revolução Liberal de 1842**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1944.

AMARAL, Alex Lombello. **O Astro de Minas contra a correnteza**. 2003. Monografia de Especialização em História de Minas Gerais, UFSJ, São João Del Rei, 2003.

AMARAL, Alex Lombello. **Cascudos e Chimangos: Imprensa e Política em São João Del Rei (1876-1884)**. 2014. Dissertação de Mestrado em História, UFJF, Juiz de Fora, 2008.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexiones sobre el origem y la difusión del nacionalismo.** México: Fundo Cultura Econômica, 1993.

ANDRADE, Leandro Braga. Um representante da "classe dos homens práticos": negócios e política na trajetória do comendador Francisco de Paula Santos durante o Império. In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 2015, Vitória. **XI Congresso Brasileiro de História Econômica,** Vitória, UFES, 2015.

ANDRADE, Marcos Ferreira. Família e Política nas Regências: Possibilidades interpretativas das cartas pessoais de Evaristo da Veiga (1836-1837). In: RIBEIRO, Gladys Sabina; FERREIRA, Tãnia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira (Orgs). **Linguagens e práticas da cidadania no século XIX.** São Paulo: Alameda, 2010.

ANDRADE, Marcos Ferreira de. A pena de morte e a revolta dos escravos de Carrancas: a origem da "lei nefanda" (10 de junho de 1835). In: **Revista Tempo**, Vol.23, N.2, Mai/Ago, 2017.

ARAÚJO, Maria Marta. Movimento político de 1842 em Minas Gerais: contestação ou resistência? In: BARATA, Alexandre Mansur; MARTINS, Maria Fernanda Vieira; BARBOSA, Silvana Mota (Orgs.) **Dos Poderes do Império: Culturas políticas, redes sociais e relações de poder no Brasil do século XIX.** Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2014.

ARINOS. Afonso. **Pelo Sertão**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

AZEVEDO, Celia Maria de. A recusa da "raça": Anti-racismo e cidadania no Brasil dos anos 1830. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, Ano 11, N. 24, Jul/dez. 2005.

AZEVEDO, Djalma Alves de. **A imprensa do Brasil nasceu em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2000.

AZEVEDO, Jussara França de. Considerações iniciais sobre as Tarifas das Alfândegas do Império no Segundo Reinado – O caso da Revisão de 1844. In: XXXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2015, Florianópolis. **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História,** Florianópolis, 2015.

BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras: A ação da maçonaria brasileira (1870-1910).** Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

BARATA, Alexandre Mansur. *Cultura Política e Sociabilidades: Minas Gerais (1822-1831).* In: XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2005, Londrina. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História,** Londrina, 2005.

BARATA, Alexandre Mansur. Política provincial e a construção do estado nacional brasileiro: Minas Gerais (1834-1844). In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo,** São Paulo, 2011.

BARATA, Alexandre Mansur. "A Revolta do Ano da Fumaça". In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte, v.50, 2014.

BARATA, Alexandre Mansur; GOMES, Gisele Ambrósio. Imprensa, política e gênero. In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Vol.44, N.1, 2008.

BARATA, Alexandre Mansur. A revolta armada de 1842 em Minas Gerais. In: RESENDE, Maria Efigência Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (Orgs). **História de Minas Gerais: A Província de Minas. 2.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, Companhia do Tempo, 2013.

BARATA, Alexandre Mansur. FERNANDES, Bruno Henrique. Um Liberal de batina: A trajetória do Monsenhor Felicíssimo e a questão religiosa. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS DO OITOCENTOS, 2018, Natal. **Anais do III Seminário Internacional da Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos**, Natal, 2018.

BARBOSA, Pedro Henrique Batista. As Tarifas Alves Branco: entre o protecionismo e a preocupação fiscal. In: **Em Tempo de Histórias**, Brasília, Jan-Jun. 2014.

BARBOSA, Rui. **Obras Completas**. 1910, Vol. XXXVII, Tomo I. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1967.

BARBOSA, Silvana Mota. Autoridade e Poder Real: Benjamin Constant e a Carta Constitucional Portuguesa de 1826. In: **Lócus**, V.10, N.8, Juiz de Fora, 2004.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. **História de Minas**. Volume 3. Belo Horizonte: Editora Comunicação, 1979.

BASILE, Marcello. O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840). In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. **O Brasil Imperial**. Vol.II. 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BASILE, Marcello Otávio Neri de Campos. Regência e imprensa: percursos historiográficos. In: **Almanck**, Guarulhos, n.20, Dez. 2018.

BETTENCOURT, Luis M.A.; LOBO, José; HELBING, Dirk; KÜHNERT, Christian; WEST, Geoffrey B. *Growth, innovation, scaling, and the pace of life in cities*. In: **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America.** Vol.104, N.17, Abril. 2007.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionário Bibliographico Brazileiro**. *Vol. I*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionário Bibliographico Brazileiro**. *Vol. II*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1893.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionário Bibliographico Brazileiro**. *Vol. III*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionário Bibliographico Brazileiro**. *Vol. IV*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionário Bibliographico Brazileiro**. *Vol. V*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionário Bibliographico Brazileiro**. *Vol. VI*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionário Bibliographico Brazileiro**. *Vol. VII*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902.

CANO, Jefferson. A revolução entre a razão e a fúria: linguagens políticas e identidades partidárias no Rio de Janeiro regencial. In: BARATA, Alexandre Mansur; MARTINS, Maria Fernanda Vieira; BARBOSA, Silvana Mota (Orgs.) **Dos Poderes do Império: Culturas políticas, redes sociais e relações de poder no Brasil do século XIX.** Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2014.

CARRARA, Angelo Alves. Espaços urbanos de uma sociedade rural. Minas Gerais, 1808-1835. In: ***Vária História***, Belo Horizonte, n. 25, jun/01, p.144-164, 2001.

CARVALHO, André; BARBOSA, Waldemar. **Dicionário Biográfico: Imprensa Mineira**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 1994.

CARVALHO, José Murilo. Sistemas eleitorais e partidos do Império. In: BASTOS, Aurélio Wander; DINIZ, Eli; CARVALHO, José Murilo (orgs) **O Balanço do Poder**. Rio de Janeiro: Iuperj, 1990.

CASTRO, Paulo Pereira. A "Experiência Republicna", 1831-1840. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. CAMPOS, Pedro Moacyr. **História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II. O Brasil Monárquico. 2º Volume. Dispersão e Unidade**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. **Efemérides de São João Del Rei.** Volume I. 2a edição. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982.

CHALOUB, Sidney. Os conservadores no Brasil Império. In: **Afro-Ásia**, N.35, 2007.

DANTAS, Monica Duarte. O Código do Processo Criminal e a Reforma de 1841: dois modelos de organização do Estado (e suas instâncias de negociação). In: IV CONGRESSO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO DIREITO, 2009, São Paulo. **Anais do**

IV Congresso do Instituto Brasileiro de História do Direito – Autonomia do direito: configurações do jurídico entre a política e a sociedade, São Paulo, Faculdade de Direito, USP, 2009.

DANTAS, Monica Duarte. Partido, liberalismo e poder pessoal: a política no Império do Brasil. Um comentário ao artigo de Jeffrey Needell, Formação dos partidos políticos no Brasil da Regência à Conciliação, 1831-1857. In: **Almanack Braziliense**. São Paulo, N.10, Nov. 2009.

DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs). **Revolução Impressa: A Imprensa na França (1775-1800).** São Paulo: EdUSP, 1996.

DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. As Revoltas Liberais de 1842: o Império consolidado. In: **Revista Militar**. N.2549/2550, pp. 565-575, Jun-Jul. 2014.

DIAS, José Carlos. **As ideias políticas de Diamantina do Século XIX**. Disponível em: http://padbetch.blogspot.com.br.

EMERY, Edwin. **História da Imprensa nos Estados Unidos**. Tradução: Alkimin da Cunha. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

FERRETTI, Danilo José Zioni. *O Cônego, a escravidão e o futuro da nação: Os usos da profecia por Januário da Cunha Barbosa (1816-31)*. In: 6º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA, 2012, Ouro Preto. **Caderno de resumos & Anais do 6º Seminário Brasileiro de História da Historiografia**, Ouro Preto, EdUFOP, 2012.

FERRETTI, Danilo José Zioni. Projeto intelectual e inserção política dos primeiros românticos brasileiros: o Jornal dos Debates Políticos e Literários (1837-1838). In: BARATA, Alexandre Mansur; MARTINS, Maria Fernanda Vieira; BARBOSA, Silvana Mota (Orgs.) **Dos Poderes do Império: Culturas políticas, redes sociais e relações de poder no Brasil do século XIX.** Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2014.

FILHO, Afonso de Alencastro Graça. **A Princesa do Oeste e o Mito da Decadência de Minas Gerais: São João del Rei (1831-1888)**. São Paulo: Annablume, 2002.

FILHO, Ageu Quintino Mazilão. **A memória marcista e a cisão moderada no Universal de Ouro Preto (1835-1836).** In: XVI ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 2008, Belo Horizonte. **Anais Eletrônicos do XVI Encontro Regional de História da Anpuh**, Belo Horizonte, 2008.

FILHO, Aires da Mata Machado. **Arraial do Tijuco Cidade Diamantina**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1980.

FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. Contribuição para o estudo da imprensa federalista e republicana no Império do Brasil: Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia (1820-1840). In: RIBEIRO, Gladys Sabina; FERREIRA, Tãnia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira (Orgs). **Linguagens e práticas da cidadania no século XIX**. São Paulo: Alameda, 2010.

GHERARDI, Fernanda Chaves. A Maioridade e o Movimento Armado de 1842: dois pontos de vista. In: XXVIII SEMANA DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ

DE FORA, 2011, Juiz de Fora. **Anais da XXVIII Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora,** Juiz de Fora, 2011.

GONÇALVES, Andréa Lisly. A "fidalguia escravista" e a constituição do Estado Nacional Brasileiro (1831-1837). In: CONGRESSO INTERNACIONAL ATLÂNTICO DE ANTIGO REGIME, 2008, Lisboa. **Actas do Congresso Internacional Atlântico de Antigo Regime: poderes e sociedades**, Lisboa, 2008.

GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. **O Império das Províncias: Rio de Janeiro (1822-1889).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

GRINBERG, Keila. "A sabinada e a polítização da cor na década de 1830". In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). **O Brasil Imperial**. Vol. II: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

HOBSBAWN, Eric J. **A Era das Revoluções (1789-1848).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HÖRNER, Erik. **Em defesa da Constituição: A guerra entre rebeldes e governistas (1838-1844).** Tese de Dissertação de Doutorado, São Paulo, USP, 2010.

HÖRNER, Erik. Cidadania e insatisfação armada: a "Revolução Liberal" de 1842 em São Paulo e Minas Gerais. In: DANTAS, Monica Duarte. **Revoltas Motins Revoluções: Homens livres pobres e libertos no Brasil do século XIX.** São Paulo: Alameda, 2011.

IGLÉSIAS, Francisco. Minas Gerais. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. CAMPOS, Pedro Moacyr. **História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II. O Brasil Monárquico. 2º Volume. Dispersão e Unidade**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.

INÁCIO, Marcilaine Soares; SANTOS, Marileide Lopes dos. *Spirito patriótico e sentimento philantrópico: as associações mineiras e seus estatutos na década de 1830.* In: V CONGRESSO DE ENSINO E PESQUISA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS, Montes Claros, 2009. **V Congresso de Ensino e Pesquisa de História da Educação em Minas Gerais,** Montes Claros, Unimontes, 2009.

JINZENJI, Mônica Yumi. SÁ, Carolina Mafra de. *O teatro, a sociedade política e filantrópica, a imprensa, a Santa Casa, e a Guarda Nacional: Instituições em conexão pelo ordenamento de Sabará, Minas Gerais (1830-1850).* In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2008, Aracaju. **Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação. Aracaju - SE: Sociedade Brasileira de História da Educação**, Aracaju, 2008.

JOBIM, Nelson; PORTO; Walter Costa. **Legislação Eleitoral no Brasil: do século XVI a nossos dias.** Brasília: Senado Federal, 1996.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 3, n. 10, 1992.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006a.

KOSELLECK, Reinhart. Uma resposta aos comentários sobre a Geschichtliche

Grundbegriffe. In: JASMIN, Marcelo Gantus; JÚNIOR, João Feres (Orgs.). **História dos Conceitos: Debates e Perspectivas.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola: IUPERJ, 2006b.

LAZZARINI, Júlia Lopes Viana. **O clero para além do sagrado: atuação política dos padres em Minas Gerais (1833-1837)**. Dissertação de Mestrado em História, UFSJ, São João del Rei, 2020.

LENHARO, Alcir. **As tropa da moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil, 1808-1842.** São Paulo: Símbolo, 1979.

LIBÂNIO, Clarice de Assis (Org). **Sabará: Aspectos Históricos, Geográficos e Socioeconômicos.** Sabará: Prefeitura de Sabará, 2009.

LIMA, Rafaela Gomes. Impressão de livros na Fortaleza oitocentista: Os frutos da produção literária local. In: VI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, Teresina, 2012. **Anais do VI Simpósio Nacional de História Cultural**, Teresina, 2012.

LUZ, Estevão de Melo Marcondes. **Incendiárias Folhas: ação política e periodismo na trajetória do padre Antonio José Ribeiro Bhering (1829-1849).** Dissertação de Mestrado, FCHS, Franca, 2016.

LUZ, Estevão de Melo Marcondes. O Novo Argos se apresenta em campo: Embates políticos e conceituais nas páginas de um defensor da Pátria e da Constituição. In: **Historia e Cultura.** V.6, N.3, Franca, Dez-mar. 2017.

MACULAN, Carlos Eduardo. *"Revolução de 1829": o processo eleitoral e a disputa pelo poder na vila oitocentista de São João Del Rei.* In: XXVIII SEMANA DE HISTÓRIA DA UFJF, Juiz de Fora, 2011. **Anais da XXVIII Semana de História da UFJF**, Juiz de Fora, 2011.

MARCIANO, Alexandre. **O Regresso em Minas Gerais: "Despotas e Republicanos" na imprensa mineira (1837-1840).** Dissertação de Mestrado em História, UFSJ, São João del-Rei, 2013.

MARENDINO, Laiz Perrut. **O Diário do Rio de Janeiro e a Imprensa brasileira do início do oitocentos (1808-1837).** Juiz de Fora, Dissertação de Mestrado em História, UFJF, 2016.

MARENDINO, Laiz Perrut. As transformações do Diário do Rio de Janeiro no contexto político e social do Império. In: XIX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, Juiz de Fora, 2014. **Anais da XIX Encontro Regional de História,** Juiz de Fora, UFJF, 2014.

MARINHO, José Antônio. **História da Revolução de 1842.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1978.

MARTINS, Antônio de Assis. **Almanak Administrativo, Civil e Industrial da Província de Minas Gerais do ano de 1872**. [S.I.. s.n. 1872?].

MARTINS, Maria Fernanda Vieira. Tradições coloniais, aspirações imperiais: redes de poder, estratégias e ascensão política de elites no Rio de Janeiro (1750-1820). In: BARATA, Alexandre Mansur; MARTINS, Maria Fernanda Vieira; BARBOSA, Silvana Mota (Orgs.)

Dos Poderes do Império: Culturas políticas, redes sociais e relações de poder no Brasil do século XIX. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2014.

MATTOS, Ilmar Rohloff. **O Tempo Saquarema**. São Paulo: Hucitec, 1987.

MASCARENHAS, Nelson Lage. **Um jornalista do Império (Firmino Rodrigues da Silva).** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

MEDINA, Paulo Roberto de Gouvêa. **A Política em Minas**. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2018.

MEIRA, Erick Johan. **Teatro Santa Isabel – Arraial do Tejuco – Diamantina – MG**. Disponível em: https://contosdediamantina.webnode.pt/news/teatro-santa-isabel-arraial-do-tijuco-diamantina-mg/. Acesso dia 11/12/2020.

MELLO, José Barboza. **Síntese Histórica do Livro.** Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1972.

MELO, Carlos Augusto. O ensino de literatura brasileira no Império. In: **Travessias,** V.3, N.3, Unioeste, Cascavel, 2009.

MOREIRA, Luciano da Silva. **Imprensa e Opinião Pública no Brasil Império: Minas Gerais e São Paulo (1826-1842).** Tese de Doutorado em História, Belo Horizonte, UFMG, 2011.

MOREL, Marco. **As transformações dos espaços públicos. Imprensa, atores políticos e sociabilidade na cidade imperial (1820-1840).** São Paulo: HUCITEC, 2005.

MOTTA, Kátia Sausen da. O Juiz de Paz sob perspectiva: O início da participação político eleitoral no Brasil e na França do Oitocentos. In: **Confluências**. Vol.13, N.1, Niterói, PPGSD-UFF, 2012.

MOTTA, Kátia Sausen. **Juiz de Paz e Cultura Política no início dos Oitocentos (Província do Espírito Santo, 1827-1842).** Vitória, Dissertação de Mestrado, UFES, 2013.

NABUCO, Joaquim. **Um Estadista do Império**. Vol. 1. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.

NEEDELL, Jeffrey D. Formação dos Partidos Brasileiros: questões de ideologia, rótulos partidários, lideranças e prática política*, 1831-1888.* In: **Almanack Braziliense**, São Paulo, N.10, P. 54-63, Nov. 2009.

NEEDELL, Jeffrey D. Formação dos partidos no Brasil da Regência à Conciliação, 1831-1857. In: **Almanack Braziliense**. São Paulo, N.10, p.5-22, Nov. 2009.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. **Corcundas e constitucionais: a cultura política da Independência (1820-1822)**. Rio de Janeiro: Revan; Faperj, 2003.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Independência: contextos e conceitos. In: **História.** Porto Alegre, Unisinos, Vol 14, Ano 1, 2010.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Folhinhas e Almanaques: História e Política no Império do Brasil (1820-1836). In: RIBEIRO, Gladys Sabina; FERREIRA, Tãnia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira (Orgs). **Linguagens e práticas da cidadania no século XIX.** São Paulo: Alameda, 2010.

NOGUEIRA, Octaviano (org.). **Autos dos Inquéritos da Revolução de 1842 em Minas Gerais.** Brasília: Senado Federal; UNB, 1979.

NOGUEIRA, Vera Lúcia. PAULA, Dalvit Greiner de. De professor público a presidente de província: anotações sobre a trajetória política de Herculano Ferreira Penna (1811-1867). In: **Anais da Sociedade de Estudos do Oitocentos, V.2**, 2017.

NUNES, Tassia Toffoli. **Liberdade de imprensa no Império brasileiro: Os debates parlamentares (1820-1840).** São Paulo, Dissertação de Mestrado em História, USP, 2010.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. Repercussões da Revolução: Delineamento do Império do Brasil. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. **O Brasil Imperial**. Vol.1. 1808-1831. Civilização Brasileira, 2009.

OLIVEIRA, Kelly Eleuterio Machado. *Em busca de Ordens portuguesas num Brasil independente: o caso de Antônio José Ribeiro Bhering*. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Natal, 2013. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História,** Natal, 2013.

OTTONI, Theophilo Benedicto. **Circular dedicada aos Srs. Eleitores**. Rio de Janeiro: Tip. do Correio Mercantil, 1860.

PANDOLFI, Fernanda Cláudia. Rumores e política no Rio de Janeiro e em Minas Gerais no final do Primeiro Reinado. In: **História**, São Paulo, V.33, N.2, Jul/dez. 2014.

PASCHOAL, Isaías. José Bento Leite Ferreira de Melo, padre e político: o Liberalismo moderado no extremo sul de Minas Gerais. In: **Vária História**, Vol.23, N.37, Jun-jan. 2007.

PASCHOAL, Isaías. Fundamentos econômicos da participação política do sul de Minas na construção do Estado brasileiro nos anos 1822-1840. In: **Economia e Sociedade**, V.17, n.2, Campinhas, Agosto. 2008.

PASCHOAL, Isaías. Construção do referencial político: A prática salvacionista-nacionalista como elemento de coesão social e política no sul de Minas (1831-1840). In: **Fênix, revista de história e estudos culturais**. Vol.8, Ano 8. n.2, Maio-Agosto. 2011.

PEREIRA, José Clemente. **Relatório da Repartição dos Negócios da Guerra, apresentado à Assembleia Geral Legislativa.** Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1843.

PILAR, Gonzales Bernardo de Quiróz. **Civilidad y política em lós orígenes de La Nacíon Argentina: las sociabilidades em Buenos Aires, 1829-1862**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2008.

PINSK, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005

POHL, João Emanuel. **Viagem ao interior do Brasil: Empreendida nos anos de 1817 a 1821.** Volume 1. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1951.

POMBENI, Paolo. **Introduzione alla storia dei partiti politici**. Bologna: Il Mulino, 1985.

RESENDE, Edna Maria. **Ecos do Liberalismo: ideários e vivências das elites regionais no processo de construção do Estado imperial. Barbacena (1831-1840).** Belo Horizonte, Tese de Doutorado em História, UFMG, 2008.

REZENDE, Francisco da Paula Ferreira de. **Minhas Recordações**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1944.

REZENDE, Irene Nogueira. *O Universal: Um jornal mineiro no tempo da Regência (1825-1842).* In: XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Fortaleza, 2009. **Anais do XXV Simpósio Nacional de História**, Fortaleza, 2009.

REZENDE, Irene Nogueira. Um estudo de caso: a história do Barão do Pontal: Mineiros da Zona da Mata na construção do Estado Nacional (1821-1841). In: ***Lócus***, V.15, n.2, Juiz de Fora, 2009b.

RIBEIRO, José Iran. O fortalecimento do Estado Imperial através do recrutamento militar no contexto da guerra dos farrapos. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, São Paulo, 2011. ***Anais do XXVI Simpósio Nacional de História.*** **ANPUH**. São Paulo. 2011.

RIBEIRO, Gladys Sabina. A radicalidade dos Exaltados em questão: Jornais e panfletos no período de 1831 a 1832. In: RIBEIRO, Gladys Sabina; FERREIRA, Tãnia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira (Orgs). ***Linguagens e práticas da cidadania no século XIX***. São Paulo: Alameda, 2010.

RODARTE, Claus. Os liberais de Minas e o 'regresso'. In: ***Dossie: O Parlamente Mineiro e a construção do Estado Nacional. Revista do Arquivo Público Mineiro***. Belo Horizonte, 2015.

RODRIGUES. Lorn dos Anjos. ***Do estigma da revolução ao fazer "o que estava em nós": Os liberais mineiros em seu Quinquenio (1844-1848).*** São João Del Rei, Mestrado em História, UFSJ, 2015.

SA, Carolina Mafra; JINZENJI, Mônica Yumi. O teatro, a sociedade política e filantrópica, a imprensa, a Santa Casa e a Guarda Nacional: Instituições em conexão pelo ordenamento de Sabará, Minas Gerais (1830-1850). In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, Aracajú, UFS/UNIT, 2008. **Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação**, Aracajú, UFS/UNIT, 2008.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo.** *1822*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1974.

SALDANHA, Flávio Henrique Dias. Manter e Defender a Ordem: O perfil socioeconômico da Guarda Nacional de Mariana/MG, 1850-1873. In: XIV CONGRESSO SOBRE A ECONOMIA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte, UFMG, 2010. **ANAIS do XIV Congresso sobre a economia mineira,** Belo Horizonte, UFMG, 2010.

SALDANHA, Michel Diogo. **A ordem na barriga do progresso: o Partido Conservador e as relações de poder em Minas Gerais (1860-1868).** São João del-Rei, Dissertação de Mestrado em História, UFSJ, 2020.

SALLES, Ricardo. ***E o Vale era o escravo: Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império.*** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SANTOS. Fernando Marcelo Seabra de Oliveira. ***Lições de Civilidade: A didática de bem viver e regras de sociabilidade em um periódico de Ouro Preto (1845-1848).*** São João Del Rei, Mestrado em História, UFSJ, 2011.

SANTOS, Marileide Lopes dos. *"Serviço a humanidade desvalida" em Sabará na primeira metade dos oitocentos: Regulamentação e ordenamento do atendimento a criança abandonada.* In: VI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, Uberlândia, Colubhe, 2006. **VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação,** Uberlândia, Colubhe, 2006.

SARAIVA, Luiz Fernando. ***O Império nas Minas Gerais: Café e Poder na Zona da Mata Mineira (1853-1893).*** Tese de Doutorado, Niterói, UFF, 2008.

SILAMI, Maria Francisca; DRUMMOND, Ibrahim. Primeiras luzes nas letras. In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Ano XLIV, N.1, Belo Horizonte, Jan. 2008.

SILVA, Ana Rosa Cloclet da. Identidade em construção. O processo de politização das identidades coletivas em Minas Gerais, de 1792 a 1831. In: ***Almanack Braziliense***, N.1, Guarulhos, Maio. 2005.

SILVA, Ana Rosa Cloclet da. De Comunidades a Nação. Regionalismo do poder, localismos e construções identitárias em Minas Gerais (1821-1831). In: ***Almanack Braziliense*****,** Guarulhos, Nov. 2005.

SILVA, Francisco Gomes da. **Memórias do Conselheiro Francisco Gomes da Silva (O Chalaça).** Rio de Janeiro: Zélio Valverde e Irmãos Pongetti Editores, 1939.

SILVA, Lucas Eduardo Pereira. ***De "Sacra Camarilha" a "Joana Triunfante": A atuação política da Facção Áulica em periódicos da Corte (1832-1845).*** Dissertação de Mestrado, São João Del Rei, UFSJ, 2015.

SILVA, Marizélia Gontijo, SILVA, Wlamir. O Regresso, a Maioridade e a Revolta Liberal de 1842 no Universal de Ouro Preto. In: IX CONGRESSO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA UFSJ, São João Del Rei, 2010. **Anais do IX Congresso de Produção Científica da UFSJ,** São João Del Rei, 2010.

SILVA, Rodrigo Fialho. O tom e o traço: Apontamentos historiográficos sobre a imprensa no Brasil e em Minas Gerais na primeira metade do século XIX. In: **Escritas**, V.7, N.1, 2015.

SILVA, Rodrigo Fialho. Nos arquivos e pelas fontes: A trajetória incompleta de Luiz Dias Custódio. In: **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, CES-JF, 2017.

SILVA, Wlamir. *A imprensa e a pedagogia liberal na província de Minas Gerais (1825-1842)*. In: NEVES, Lúcia Maria B.P. MOREL, Marco & FERREIRA, Tânia Maria B. da C. **História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: DP&A; FAPERJ, 2006.

SILVA, Wlamir. *Ser ou não ser liberal, eis a questão: a cisão da moderação mineira no contexto do Regresso (1834-1837)*. In: XIV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, Belo Horizonte, 2008. **Anais Eletrônicos XIV Encontro Regional de História**. Belo Horizonte, 2008.

SILVA, Wlamir. ***"Liberais e Povo": a construção da hegemonia liberal-moderada na Província de Minas Gerais (1830-1834).*** São Paulo: HUCITEC, 2009.

SILVA, Wlamir. *O Regresso na Província de Minas Gerais*. In: XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Fortaleza, 2009. **Anais do XXV Simpósio Nacional de História,** Fortaleza, 2009.

SILVA, Wlamir. O protótipo dos toucinheiros: a experiência da moderação mineira. In: RESENDE, Maria Efigência Lage de. VILLALTA, Luiz Carlos. **A Província de Minas.** Volume 2. São Paulo: Companhia do Tempo; Autêntica, 2013.

SILVA, Wlamir José. Luz e nevoeiros: a imprensa periódica mineira no período regencial (1831-1840). In: **Almanack Braziliense,** N.20, Guarulhos, Dez. 2018.

SISSON, S. **A. Galeria dos Brasileiros Ilustres**. Vol. I. Brasília: Senado Federal, 1999.

SISSON, S. **A. Galeria dos Brasileiros Ilustres**. Vol. II. Brasília: Senado Federal, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História Militar do Brasil**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2010.

SOUSA, Bernardo Xavier Pinto de. **História da Revolução em Minas Gerais em 1842**. Rio de Janeiro: Tipografia de J.J. Barroso e Comp., 1843.

SOUSA, Octávio Tarquinio de. **Bernardo Pereira de Vasconcelos**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1988a.

SOUSA, Octávio Tarquinio de**. Diogo Antônio Feijó**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1988b.

SOUSA, Octávio Tarquinio de. **Evaristo da Veiga**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1988c.

SOUZA, Adriana Barreto. **Duque de Caxias: O Homem por trás do monumento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. **Do Altar à Tribuna: Os Padres Políticos na formação**

do Estado Nacional Brasileiro (1823-1841). Tese de Doutorado em História. Rio de Janeiro, UERJ, 2010.

VALE, Dario Cardoso. **Memória Histórica de Prados**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2000.

VEIGA, José Pedro Xavier da. A imprensa em Minas Gerais. **Revista do Arquivo Público Mineiro,** Ouro Preto, ano III, 1898.

VELLASCO, Ivan de Andrade. **As seduções da ordem: violência, criminalidade e administração da justiça: Minas Gerais – século 19.** São Paulo. ANPOCS; EDUSC, 2004.

VELLASCO, Ivan de Andrade. *A cultura da violência: os crimes na Comarca do Rio das Mortes – Minas Gerais Século XIX.* In: **Tempo**. Vol .9, N. 18, Niterói, Jan/jun. 2005.

VELLASCO, Ivan de Andrade. OLIVEIRA, Gabriel Nicolau. Clientelismo e Patronagem: redes de influencia medindo forças através da justiça. In: VI CONGRESSO DE PRODUÇAO CIENTÍFICA DA UFSJ, São João Del Rei, 2007. **Anais do VI Congresso de Produção Científica da UFSJ**, São João Del Rei, 2007.

VENÂNCIO. *Anderson Luiz.* **A força do centro: Influencia Conservadora na Província de Minas Gerais (1844-1853).** Dissertação de Mestrado em História, Franca, Universidade Estadual Paulista, 2005.

VIEGAS, Augusto. **Notícia de São João Del Rei**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Impressa Oficial de Minas Gerais, 1953.

VITORIANO. João Nicodemos. **Compilação da História de Caeté através dos Autores**. Contagem: Multipress Indústria Gráfica, 1985.

WALSH, Robert. **Notices of Brazil in 1828 and 1829**. Vol. II. London: Frederick Westley and A.H. Davis, 1830.

APÊNDICE A - Fichário dos periódicos impressos em Minas Gerais (1823-1849)

*1*____*1823_1824*

Compilador Mineiro[257] 2 números por semana

Tip. Patriótica de Barboza e Cia. Ouro Preto

Preço: Sem informações, mas os Extraordinários custavam 5$000 a.a.

Anúncios: Nenhum anúncio nos 4 números da Biblioteca Nacional.

Locais de distribuição: Só na tipografia.

Redatores supostos:

Manoel José Barboza – era dono da tipografia. O redator teria encerrado a publicação "*por incômodos de saúde, como por ocupado no louvável, e patriótico empenho de um Estabelecimento de primeira necessidade no País*". Se esse Estabelecimento era a Tipografia, então o redator seria o próprio dono da mesma, Manoel José Barboza, e parece que sim, pois a *Abelha*, falando do encerramento do *Compilador Mineiro*, lembra de "*quanta fadiga, quanto dispêndio tem custado a seus Autores a Tipografia Patrícia*" (ABELHA DO ITACULUMY, 12/01/1824).

Frei José Joaquim Viegas de Menezes – ajudou a construir a tipografia. Djalma Azevedo sugeriu que ele foi o redator, pois o *Compilador* teria cessado quando ele, como capelão militar, precisou viajar para o Rio de Janeiro (AZEVEDO, 2000, p.214).

Epígrafe: Não tinha.

*2*____*1824_1825*

Abelha do Itaculumy 3 números por semana

Tip. Patriótica de Barboza e Cia. Ouro Preto

Duração: 1824 a meados de 1825.

Preço: 10$000 a.a.

Anúncios: Publicações Oficiais da Câmara de Ouro; Escravos e outros.

Locais de distribuição: Tipografia e casas de Nicolau Soares do Couto e João de Deus Magalhães Gomes.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem uma coleção quase completa, digitalizada.

Redatores supostos:

Manoel Soares do Couto – líder civil da revolta de 1833 em Ouro Preto, filho de Nicolau Soares do Couto, vereador e distribuidor da folha. Na necrologia de Manoel Soares do Couto

257 Não foi feita uma ficha em separado para o *Compilador Mineiro Extraordinário*.

se lê que foi redator desde os tempos da independência, e ao lado de D.Pedro I, situação na qual só a *Abelha do Itaculumy* se enquadra.

Pistas – A Abelha sempre se referia a seus redatores no plural. Para um correspondente os redatores seriam "*afetos à Grande Hierarquia, para o que tem fundados motivos*..." (ABELHA DO ITACULUMY, 24/03/1823). Existe a possibilidade de que os redatores da *Abelha*, ou um deles, fossem membros do primeiro Conselho de Governo, pois em 1826, em luta contra esse Conselho, *O Universal* (segundo redator) atacou a *Abelha* gratuitamente, debochando de seus redatores, que seriam "*alguns dos sete sábios da Grécia*", mas não teriam obtido o mesmo sucesso do redator sem estudos e pobre d'*O Universal* (O UNIVERSAL, 13/3/1826). "*Um dos Redatores*" confessa que tinha um emprego público, e diz que não o procurou, mas foi procurado para ele (ABELHA DO ITACULUMY, 15/3/1824). Também sabemos que esse emprego o isentava de pagar impostos (ABELHA DO ITACULUMY, 9/7/1824).

Epigrafe:

Vence o trabalho tudo; o que cansou Seu espírito, e seus olhos algu'hora Mostrará parte alguma do que achou. Fer. à Bern.

3____1825_1825

*O Companheiro do Conselho**[258] *

Tip. Patriótica de Barboza e Cia. Ouro Preto

Preço: 40 rs. o exemplar.

Locais de distribuição: Só na tipografia.

Redatores supostos:

Bernardo Pereira de Vasconcelos – era acusado disso mas negava.

Pistas - Um correspondente d'*O Universal* insinuou que o redator do *Companheiro* teria ocupado o cargo de tesoureiro de ausentes (O UNIVERSAL, 23/07/1825).

258 Os asteriscos marcam periódicos das quais os arquivos públicos não têm exemplares.

4____1825_1842

O Universal 3 números por semana[259]

Tip. Patriótica de Barboza e Cia., que foi comprada em 1827 e em 1832 mudou de nome para Tip. Patriótica do Universal. Ouro Preto

Preço: 70 réis o exemplar, ou 8$400 ao ano (a.a.) até compra da tipografia, e depois 80 rs o exemplar, 10$000 a.a.

Anúncios: Publicações Oficiais; Escravos e outros.

Distribuição: Só na tipografia até compra da tipografia. Depois, na nova fase, além da tipografia (Ouro Preto), nas casas de Baptista Caetano d'Almeida (São João Del Rei), Custódio Amâncio de Magalhães (Sabará), José Ferreira Carneiro[260] (Vila do Príncipe).

Acervos: A Biblioteca Nacional tem a coleção quase completa. No final dos anos 1830, só na loja de Carvalho e Figueiredo.

Redatores:

José Pedro Dias de Carvalho – foi oficialmente o redator desde 1827 até 1842.

José Manoel Barboza – foi o quase confesso redator da segunda fase, entre 1826 e 1827. Acrescente-se que ele se diz "*falto de luzes, e de conhecimentos*..." (O UNIVERSAL, 9/12/1825), e também seria pobre (O UNIVERSAL, 21/12/1825), teria nascido em "*um lugar populoso*" (O UNIVERSAL, 23/6/1926). Barboza era autodidata, não era rico, e nasceu em Lisboa.

Bernardo Pereira da Vasconcelos – foi amplamente reconhecido como o verdadeiro principal redator até meados dos anos 1830, e talvez tenha sido o redator da primeira fase, em 1825.

Joaquim Antão Fernandes Leão - chegou a ser sócio da tipografia.

Benedito Theophilo Ottoni, Pe. José Felicíssimo do Nascimento – colaboraram ativamente em diferentes períodos.

Francisco Chagas Pinheiro – esteve à frente da Tipografia (20/4/1835).

Epígrafes:

Até de Outubro de 1828:

Rien n'est beau que le vrai; le vrai seul est aimable. Voltaire.

---

259 Em 1836 chegou a ser diário para publicar as atas da Assembleia Legislativa, mas não conseguiu e voltou a circular 3 dias por semana.

260 Em 1842 foi legalista, eleito deputado quando os Luzias estavam presos ou foragidos.

29 de outubro de 1828 até julho de 1831:
Todos podem comunicar os seus pensamentos por palavras, escritos, e publicá-los pela imprensa, sem dependência de censura; com tanto que hajam de responder pelos abusos, que cometerem do exercício deste Direito, nos casos e pela forma que a Lei determinar.
(Art. 179. Parágrafo 4 da Constituição)

1 de Julho de 1831 a janeiro de 1836:
Le people seul a le droit incontestable, inahenable et imprescriptible d'instituer le governement, et aussi de le reformer, le corriger, ou le changer totulement, quand sa protection, sa sureté, sa propriété et son bonheur l'exigent. Bonnin. Doctrine Sociale.

1 de Janeiro de 1836 a janeiro de 1841:
A Ordem é banida dos lugares onde habita a tirania; a Liberdade se desterra dos países onde a desordem reina: estes dois bens deixam de existir, quando se separam. Droz.

1 de Janeiro de 1841:
In medio positas est virtu.

*5*____*1825_1825*

Diário do Conselho de Governo da Província de Minas Gerais Dias incertos
Tip. Patriótica de Barboza e Cia. Ouro Preto
Preço: 60 rs para assinantes, 80 rs avulso (O UNIVERSAL, 8/8/1825).
Anúncios: Sem anúncios nos números disponíveis.
Locais de distribuição: Nas lojas de Ten. Cel. Anacleto Antônio do Carmo, e Cap. João Teixeira Soares (O UNIVERSAL, 8/8/1825).
Acervos: A Biblioteca Nacional tem a coleção completa de 1825.
Redatores: Só se publicava as atas das reuniões da Assembleia Legislativa Provincial.
Epígrafe: Não tinha.

*6*____*1825_1825*

*O Patriota Mineiro** Semanal
Tip. Patriótica de Barboza e Cia. Ouro Preto
Preço: 80 rs o exemplar. 840 rs por trimestre.
Locais de distribuição: Tipografia e loja de Luiz Ventura Fortuna (O UNIVERSAL,

19/09/1825).

Redator suposto:

José Pedro Dias de Carvalho.

*7*____*1826_1826*

*Semanário Oficial da Província de Minas Gerais** Incerto

Ouro Preto

Redator provável:

Luiz Maria da Silva Pinto – secretário do Conselho da Presidência. Provavelmente só publicava atas.

*8*____*1827_1839*

Astro de Minas 3 números por semana[261]

Tip. do Astro de Minas. São João Del Rei

Preço: 80 rs o exemplar. 10$000 a.a.

Anúncios: Publicações Oficiais da Câmara de São João Del Rei, autoridades judiciais etc.; Escravos e outros.

Locais de distribuição: Tipografia, Evaristo Ferreira da Veiga (Rio de Janeiro); Nicolau Soares do Couto (Ouro Preto); Bento Rodrigues de Moura (Sabará). Já em 1831 esses locais deixaram de ser citados no cabeçalho do *Astro*.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem uma coleção razoável, quase completa até 1835, bastante lacunar nos três anos finais.

Redatores:

Pe. Francisco de Assis Braziel – redator semi-oficial.

Pe. José Antônio Marinho – redator oficial a partir de 1836.

Baptista Caetano d'Almeida – dono da tipografia, seria redator de fato.

Francisco José de Salles – Editor, e respondeu em juízo pelo *Astro de Minas*.

José Alcebíades Carneiro – publicamente reconhecido como redator por um período.

Teóphilo Ottoni – confessou que colaborou.

Epígrafes:

Plus... l'instruction deviendra commune a tous lês hommes, plus aussi les delicts serom rares

261 Em 1833 o *Astro de Minas* chegou a circular diariamente por alguns dias.

dans la scieté. Bonnin

A partir de 31 de Janeiro de 1829:
Todos podem comunicar os seus pensamentos por palavras, escritos, e publicá-los pela imprensa, sem dependência de censura; com tanto que hajam de responder pelos abusos, que cometerem do exercício deste Direito, nos casos e pela forma que a Lei determinar.
(Art. 179. Parágrafo 4 da Constituição)

9 de Abril de 1831:
Povos livres lembrai-vos desta máxima – a liberdade pode-se adquirir mas depois de perdida, não se pode recobrar. Rousseau.

14 de Abril de 1831:
Cabeçalho igual do *Novo Argos*.

3 de Janeiro de 1832: *Independência ou Morte* é substituído por *Independência Lei ou Morte.*

25 de Novembro de 1834 o Art 174 da Constituição é substituído por:
A verdade, odiada pelos tiranos, é a única salvaguarda dos Governos livres.

9____1828_18289?
*Atas das Seções do Conselho de Governo** *
Ouro Preto

10____1829_1832
*Echo do Serro** *
Tipografia do Echo do Serro Tejuco (Diamantina)
Redatores:
Manoel Sabino de Sampaio Lopes – construtor da tipografia.
Pe. Bento de Araújo Abreu – redator oficial.
João Nepomuceno de Aguillar.
Teophilo Ottoni – colaborou.
Rodrigo de Souza Reis
Manuel Ciriaco de Abreu

Epígrafe:

Falai em tudo a verdade

A quem em tudo a deveis.

(Sá de Miranda)

(VEIGA, 1898, p.203)

*11*____*1828_1828*

*Precursor das Eleições** *

Tipografia Patriótica do Barboza. Ouro Preto

*12*____*1829_1832*

O Amigo da Verdade 2 números por semana

Tip. de Maximiano Baptista e Comp. São João Del Rei

Preço: 8$000 a.a.

Anúncios: Publicações Oficiais de autoridade judiciárias (poucos). Escravos e outros.

Locais de distribuição: Tipografia; casa do redator (só primeiro número); Tipografia do *Telegrapho*.

Acervos: O Arquivo Público Mineiro tem números de 1829, digitalizados.

Redatores:

José Alcebíades Carneiro – teria sido redator somente no primeiro número, quando deu seu endereço na cabeçalho.

Pe. Luiz José Dias Custódio – foi o redator reconhecido por todos.

Pe. Verruga – Deste nada se sabe.

José Pedro Borges – Recebia as assinaturas em casa.

Antônio Maria Jourdan – Francês, tipógrafo, respondeu em juízo pelo *Amigo da Verdade*. Polemizou com o *Astro de Minas*.

Manoel Corrêa Gomes – teve parte a tipografia, que ofereceu à venda em 1831.

José Maximiano Baptista Machado – proprietário da tipografia.

Epígrafe:

C'est le choc des idées qui produit la verité; comme le choc des corps durs produit la lumiérie. Philosophie de la nature. Tom. 7 pag. 88.

*13*____*1829_1831*

O Telegrapho 2 números por semana

Tip. de Côrtes e Cia. Ouro Preto

Preço: 80 rs o exemplar. 8$000 a.a.

Anúncios: Publicações oficiais (ASTRO DE MINAS, 26/12/1829).

Locais de distribuição: Tipografia, casa de Maximiano Baptista (São João Del Rei, tipografia do Amigo da Verdade). Cel. Inácio Gonçalves Lopes (Pouso Alegre) por pouco tempo.

Acervos: O Arquivo Público Mineiro tem os números 169 e 171, de 1830.

Redatores:

José Gonçalves Côrtes – dono da tipografia. Confessou ter sido o redator.

Francisco de Assis Lorena – foi Governador das Armas. Também confesso.

João José Lopes – era ao mesmo tempo Presidente de Minas Gerais.

Cel. Francisco de Mello Franco.

Epígrafe:

Neque quisquam hominem libidin simul, et usui paruit.

*14*____*1829_1834*

O Novo Argos Semanal

Tip. do Universal. Ouro Preto

Preço: 80 rs o exemplar.

Anúncios: Publicações oficiais do governo provincial (poucas); Escravos e outros.

Locais de distribuição: Tipografias do *Universal*, do *Astro de Minas* e do *Echo do Serro*, casa do redator e casa de Patrício Pereira Campos.

Acervos: A Bibioteca Nacional tem um acervo razoável, digitalizado.

Redatores oficiais:

Pe. Antônio José Ribeiro Bhering.

Herculano Ferreira Pena.

Pe. José Antônio Marinho.

Epígrafes:

Le genre humain est en marche; Et rien ne le fera retrograder. (De Pradt.)

A partir de 1 de Março de 1831 mudou para:

Se passados quatro anos, depois de jurada a Constituição do Brasil, se conhecer, que algum de seus artigos merece reforma, se fará a proposição por escrito, a qual deve ter origem na Câmara dos Deputados, e ser apoiada pela terça parte deles. Const. Art. 174.

A partir de 2 de Abril de 1831 acrescentou-se:
Todos os Brasileiros são obrigados a pegar em armas para sustentar a Independência, e integridade do Império, e defendê-lo dos seus inimigos externos, ou internos. Const. Art. 145.

Independência ou Morte.

*15*____*1829_1832*
Mentor das Brasileiras Semanal
Tip. do Astro de Minas. São João Del Rei
Preço: 80 rs. o exemplar. 800 rs. o trimestre.
Anúncios: Não tinha.
Locais de distribuição: Evaristo da Veiga (Rio de Janeiro), Tipografia do *Universal*, Inácio Gomes Midões (Campanha), Bento Rodrigues de Moura e Castro (Sabará).
Acervos: A Biblioteca Nacional tem a coleção, digitalizada.
Redator oficial:
José Alcebíades Carneiro.

Epígrafe:
Rendez-vous estimables par votre sagesse, et vous moeurs. Sist.Soc.

16____1830_1832
*Semanário Mercantil** Semanal
Tipografia do Telegrapho Ouro Preto
Redator provável:
Cel. Francisco de Mello Franco – Sobre esse redator existe um caso curioso:

> O Sr. Padre Andronico, Redator do *Athleta Sabarense* em uma Correspondência dirigida ao *Vigilante* declara que o N. 17. daquele periódico, que trouxe a – *Revista em Ordem de marcha*, não fora obra sua, mas sim do ex-Redator do *Semanário Mercantil* de Ouro Preto, hoje metamorfoseado em *Cidadão Livre*; que para fazer aquele disparate aproveitou-se de uns dias, em

que o mesmo Sr. Andronico esteve enfermo (O NOVO ARGOS, 26/1/1833).

*17*____*1830*

*A Constituição em Triumpho** *

Tipografia do *Amigo da Verdade* São João Del Rei

Redator:

Florêncio Antonio da Fonseca.

*18*____*1831?*

*O Mentor dos Brasileiros** *

Ouro Preto

*19*____*1830-1832?*

*Diário do Conselho Geral da Província ** *

Tipografia d'*O Universal.* Ouro Preto

Redator:

José Pedro Dias de Carvalho (provavelmente só atas).

*20*____*1830_1832*

Estrella Mariannense Semanário

Tip. do Universal e em 1832 Tip. própria. Mariana/Ouro Preto

Preço: 80 rs o exemplar.

Anúncios: Publicações oficiais da Câmara de Mariana; Escravos e outros.

Locais de distribuição: Tipografias do *Universal*, do *Astro de Minas* e do *Echo do Serro*, na casa do redator (Mariana), e na botica de Patrício Pereira Campos (Ouro Preto).

Acervos: A Biblioteca Nacional tem um acervo quase completo, digitalizado.

Redator oficial:

Manoel Bernardo Acursio Nunan.

Epígrafe:

Desce dos altos Ceus verdade augusta

Aos Reis não seja tua voz estranha

O que devem saber, mostrar tu deves

Henri Cant. I.

*21*____*1830_1832*

Pregoeiro Constitucional 2 números por semana

Tip. do Pregoeiro Constitucional. Pouso Alegre

Preço: 8$000 a.a.

Anúncios: Publicações oficiais da Câmara de Campanha e dos Correios.

Locais de distribuição: Na tipografia, João Pedro da Veiga (Rio de Janeiro), Manoel Soares do Couto (Ouro Preto), Martiniano Severo de Barros (São João Del Rei), Bernardo Jacinto da Veiga (Campanha), Joaquim Antônio Alves Alvim (São Paulo), Antônio Clemente dos Santos (Guaratinguetá).

Acervos: A Biblioteca Nacional tem um acervo razoável dos anos 1830 e 1831.

Redatores conhecidos:

Pe. José Bento Leite Ferreira de Mello.

Pe. João Dias de Quadros Aranha.

Epígrafe:

Outrager est d'un fou, flatter est d'un esclave, Il faut bannir l'audace, et non la liberté, La balança a la main, peser la verité. Bernis sur l'independance.

*22*____*1830_1832*

*Sentinella do Serro** Semanal

Tip. de A. F. Carneiro. Serro Frio

Preço: 4$000 a.a.

Anúncios: Existe uma única foto de uma primeira página, e ela tem uma ata da Câmara da Vila do Príncipe.

Locais de distribuição: Tipografia; casa de Joaquim Borges de Oliveira.

Redator oficial:

Benedito Theophilo Ottoni.

Epígrafe:

O fim de toda associação prática é a conservação dos direitos naturais e imprescindíveis do homem. Estes direitos são: a liberdade, a segurança, a propriedade e a resistência à opressão. (VEIGA, 1898, p.205)

*23*____*1831_1831*

*O Soldado** *

Tip. do Telegrapho. Ouro Preto

Redator:

Francisco de Assis Lorena.

*24*____*1831_1833*

*O Diamantino** *

Tip. do Venâncio Ribeiro Mourão. Diamantina

Redatores prováveis:

Venâncio Ribeiro Mourão.

João Nepomuceno de Aguillar.

Rodrigo de Sousa Reis.

Manoel Ciriaco de Abreu.

Clementino Rabelo Campos.

Misael Felisíssimo Aguillar.

*25*____*1832_1832?*

*Itambé do Serro**[262] *

Itambé do Serro (Santo Antônio do Itambé)

*26*____*1832_1832?*

*O Liberal do Serro** *

Tipografia própria Itambé do Serro (Santo Antônio do Itambé)

Redator:

Giraldo Pacheco de Melo – construiu a tipografia.

*27*____*1832_1832?*

*Homem Social** *

Tip. da Sociedade Patriótica Mariana

Redator provável:

Pe. Antonio José Ribeiro Bhering.

---

262 É possível que essa folha não tenha existido, ou que seja o *Liberal do Serro* com o nome trocado.

*28*____*1832_1832?*

*União Fraternal** *

Tip. da Sociedade Patriótica Mariana

Redator:

Sociedade Patriótica indicava.

*29*____*1832_1834*

Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública Irregular[263]

Tip. do Universal. Ouro Preto

Preço: 4$000 a.a.

Anúncios: Só um anúncio do próprio redator, portanto, sem anúncios nos números existentes.

Locais de distribuição: Só na tipografia.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem um acervo bastante lacunar, digitalizado.

Redatores indicados pela Sociedade:

Pe. José Antonio Marinho;

Manoel Joaquim d'Oliveira Cardozo;

Pe. Justiniano da Cunha Pereira.

Epígrafe:

Igualdade, Liberdade, Justiça; eis d'ora em diante o nosso Código, e o nosso estandarte. Volney.

*30*____*1832_1835*

O Vigilante 2 números por semana[264]

Tip. da Sociedade Pacificadora. Sabará

Preço: 80 rs o exemplar. 8$000 a.a.

Anúncios: Publicações oficiais da Câmara de Sabará; Escravos e outros.

Locais de distribuição: Francisco Xavier Barbosa, Valeriano Manso dos Reis Costa, José Rodrigues Mariano etc. sempre quem fosse o tesoureiro da Sociedade Pacificadora.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem números de 1833 a 1835, digitalizados.

---

263 Oficialmente era semanal, mas não o conseguiu.

264 Em momentos de crise reduziu a periodicidade para semanal.

Redatores indicados pela Sociedade:

Pedro Gomes Nogueira – dissolvida a sociedade, comprou a tipografia.

Pe. Mariano de Souza Silvino.

Antônio Pereira da Fonseca.

Epígrafe:

Unis en faisceau vous serez invinsibles, pris separément vous serez brises comme des roseaux. Volney.

4 de Maio de 1833:

Voilá les effets d'el union: Unis en faisceau vous serez invinsibles, pris separément vous serez brises comme des roseaux. Volney.

*31*____*1832_1833?*

*Miscelanea** *

Tip. da Sociedade Pacificadora. Sabará

Redatores possíveis:

Sr. Fonseca (Antônio Pereira da Fonseca) – foi quem reclamou, em reunião da Sociedade Pacificadora pelo atraso na publicação dessa folha.

Manoel de Freitas Pacheco – vereador, publicou na folha contra outros vereadores, que lhe pediram que permitisse direito de resposta.

Pistas - O redator teria pouco tempo de residência em Sabará (O VIGILANTE, 19/1/1833), e ficou ao lado legalista durante a sedição de 1833.

*32*____*1832_1832*

*Athleta Sabarense** *

Tip. da Sociedade Pacificadora. Sabará

Redator:

Pe. Francisco Andrônico Ribeiro.

Cel. Pedro Gomes de Nogueira – teria sido o criador.

Epígrafe:

Melhor nos é morrer na dura guerra

Do que ver nossa pátria escravizada.

(VEIGA, 1898, p.194).

*33*____*1832_1837*

Opinião Campanhense 2 números por semana

Tip. da Opinião Campanhense. Campanha

Preço: 1$600 por trimestre.

Anúncios: Publicação Oficial da Fazenda Pública e outros, nos 2 exemplares disponíveis na Biblioteca Nacional.

Locais de distribuição: João Pedro da Veiga (Rio de Janeiro), Manoel Soares do Couto (Ouro Preto), Martiniano Severo de Barros (São João Del Rei), Bernardo Jacinto da Veiga (Campanha), Francisco de Paula Pereira e Mello (Pouso Alegre) Joaquim Antônio Alves Alvim (São Paulo), Antônio Clemente dos Santos (Guaratinguetá).

No número de 1836 Manoel Soares do Couto foi substituído por José Pedro Dias de Carvalho e o distribuidor de São Paulo sumiu.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem somente os números 39 e 366, de 1832 e 1836, digitalizados.

Redatores:

Bernardo Jacinto da Veiga;

Lourenço da Veiga.

Epígrafe:

Um povo não pode conservar uma forma de governo Livre, e a felicidade que resulta da Liberdade, se não por uma adesão firme, e constante, à regras da justiça; e da moderação. Aforismos de Bonnin.

*34*____*1832_1833*

O Constitucional Mineiro[265] 2 números por semana

Tip. do Constitucional Mineiro. São João Del Rei

Preço: 8$000 a.a.

Anúncios: Escravos e outros.

---

265 Xavier da Veiga fala de outro Constitucional de 1832, em Ouro Preto, mas como a epígrafe que ele cita é a do Constitucional de 1846, é provável que um erro de data gerou uma duplicação.

Locais de distribuição: Só na tipografia.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem números de 1832 e 1833.

Redator provável:

Frei Francisco Freire de Carvalho.

Epígrafe:

Mens, et animus, et consilium, et sententia. Civilitatis posita est in Legibus... Legum ideo omnes servi sumus, ut liberi esse possimus.

Cícero pro Cluentio.

Vereis amor da Pátria, não movido

De Prêmio vil; mas alto, e quase eterno.

Cam. Cant. I. Est. 10.

*35*____*1832_1833?*

*O Papagaio** Semanal

Tip. do Constitucional Mineiro. São João Del Rei

Preço: 60 rs. o exemplar. 640 rs. o trimestre.

Locais de distribuição: Na tipografia.

Redatores conhecidos:

Luiz Joaquim Nogueira da Gama;

Francisco Joaquim de Araújo Pereira da Silva.

*36*____*1832_1833*

*O Cidadão Livre** Semanal

Tipografia do Cidadão Livre Caeté

Preço: 800 rs. o trimestre.

Locais de distribuição: Em São João del Rei, na tipografia do *Constitucional Mineiro*.

Redator provável:

Cel. Francisco de Mello Franco.

37____1833_1833

*Despertador Mineiro** 2 números por semana

Tipografia do Cidadão Livre Caeté

Redator conhecido:

Dr. Jacinto Rodrigues Pereira Reis.

Epígrafe:

Eu só, eu próprio, no geral desmaio

Do relâmpago, irei sem mais socorro;

E quando ele depare o falso raio

Ou descubro a impostura ou forte morro.

(VEIGA, 1898, p.194)

38____1833_1833

*O Relâmpago** *

Tipografia do Cidadão Livre Caeté

Redatores prováveis:

Os mesmos do *Despertador Mineiro* e do *Cidadão Livre*.

Nos Anais da BN seria **Aristóteles Alves Pinto**.

39____1833_1837?

O Recopilador Mineiro 2 números por semana

Tip. do Pregoeiro Constitucional. Pouso Alegre

Preço: 80 rs o exemplar. 6$400 a.a.

Anúncios: Publicações oficiais da Câmara de Pouso Alegre; Escravos e outros.

Locais de distribuição: Tipografia e Francisco de Paula Pereira de Mello.

Acervo: A Biblioteca Nacional tem uma coleção de 1833 a 1836, digitalizada.

Redatores conhecidos:

Pe. José Bento Leite Ferreira de Mello.

Pe. João Dias de Quadros Aranha.

Epígrafe:

Consentir que a perfídia a traição, e o despotismo ofendam a Liberdade, é um crime. Rev. Sem.

*40*____*1833_1833*

*O Grito do Povo** *

Tip. de Leyraud. Ouro Preto

Acervos: Em 1838 já era difícil encontrar uma coleção.

Redator possível:

José Gonçalves Côrtes – foi acusado disso, mas negou.

*41*____*1833_1833*

A Legalidade em Triumpho Incerta

Tip. do Constitucional Mineiro. São João Del Rei

Preço: Não tem preço. Não se sabe nem se era vendido.

Anúncios: Sem anúncios no único número disponível.

Locais de distribuição: Tipografia do *Astro de Minas* e casa de Martiniano Severo de Barros.

Acervos: Biblioteca Nacional tem digitalizado o número 4, de 16 de maio de 1833.

Redatores:

Todos os redatores Liberais de Ouro Preto tinham se refugiado em São João Del Rei.

Epígrafe:

Todos os brasileiros são obrigados a pegar em armas, para sustentar a Independência, e Integridade do Império, e defendê-lo dos seus inimigos externos, e internos. Const. do Imp. Art. 145.

42____1831_1833?

*Gazeta de Minas** *

Ouro Preto

Locais de distribuição: As assinaturas podiam ser feitas na Biblioteca Pública (O UNIVERSAL, 30/5/1831).

Acervos: Em 1838 já era difícil encontrar uma coleção.

Epígrafe:

Le institutions ne sont pas feites pour les gouvernans; elles sont faites pour les gouvernés. On peut done deplacer les hommes qui gouvernent et em mettre d'autres à leur place, sans rien changer aus institutions, ou á la forme du gouvernement, et c'est ce que doit faire tout people qui vent se fixer à quelque chose et ne pas marcher de revolution en revolution.

(VEIGA, 1898, p.196).

*43*____*1833_1833*

*O Exorcista** *

Tip. de Venâncio Ribeiro Mourão Diamantina

Redatores prováveis:

Venâncio Ribeiro Mourão.

João Nepomuceno de Aguillar.

Rodrigo de Sousa Reis.

Manoel Ciriaco de Abreu.

Clementino Rabelo Campos.

Misael Felisíssimo Aguillar.

*44*____*1833_1833*

Tareco Militar Avulso

Tip. de Leyraud. Ouro Preto

Preço: 40 rs. o exemplar. Só avulsos.

Anúncios: Sem anúncios nos 2 exemplares disponíveis na Biblioteca Nacional.

Locais de distribuição: Tipografia e casa de Francisco Magalhães Gomes.

Acervo: A Biblioteca Nacional tem os números 1 e 10, de julho e outubro de 1833.

Redator condenado:

João Martins de Moura Duque Estrada.

Francisco de Magalhães Gomes

Epígrafe:

Vinde Chimangos, vinde Nazários, Que o Tareco alerta está.

*45*____*1833_1833*

O Mineiro

Tip. de Leyraud. (Ouro Preto)

Preço: 80 rs. o exemplar. 1$600 o trimestre. 2 por semana.

Anúncios: Nenhum anúncio nos 4 números disponíveis.

Locais de distribuição: Srs. Buzilin e Laborne e casa de Francisco Magalhães Gomes.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem os números 27, 28, 29 e 31, de outubro de 1833.

Redator:

Pistas - O redator tinha a profissão de barbeiro, e era “sedicioso”, ou seja, participara do movimento armado de 22 de março de 1833 (O NOVO ARGOS, 28/7/1833).

Epígrafe:

Citoyen, aimes-tu la liberté? Oui, si c’est une garantie donnee a chacun contre l’oppression; non, si c’est un mot don’t se servent les persecuteurs pour sanctionner leurs crimes…

*46*____*1833_1834*

*Permanente** *

Tipografia: Provavelmente do Universal Ouro Preto

*47*____*1833_?*

*Revisor** *

Tipografia: Provavelmente do Universal Ouro Preto

Redator:

Pe. Antonio José Ribeiro Bhering.

*48*____*1833_?*

*Sabarense** Semanal

Tip. da Sociedade Pacificadora. Sabará

49____1833_1835?

*Noticiador Serrano** Semanal

Tipografia de Veríssimo e Sócios Vila do Príncipe (Serro Frio)

Redator:

Veríssimo Pereira dos Reis

Epigrafe:

Prefiro os tumultos da Liberdade ao socego da escravidão.

50____1833_?

*Tribuno do Serro** *

Diamantina

51____1834_?

*Guarda Nacional Marianense** *

Mariana

52____1834_1836 ou 38

*Espelho da Verdade** Semanal

Sabará

Possível redator:

Feliciano Ferraz da Costa.

53____1835

*Diabo Coixo** Semanal

Tip. da Sociedade Pacificadora. Sabará

Preço: 40 rs o exemplar.

Locais de distribuição: Na casa do redator.

Redator:

Antônio Pereira da Fonseca.

54____1835_?

*Estafêta**[266] *

Tipografia: provavelmente a do Cel. Pedro Gomes Nogueira. Sabará

Redatores:

Antonio Gomes Baptista

Pe. Dr. José Mariano Gomes Baptista.

55____1835_?

*Oposição Constitucional** *

Tipografia: Provavelmente a do Astro. São João Del Rei

Redatores conhecidos:

---

266 Várias folhas tiveram mais de uma fase, como *O Parahybuna* e *O Universal*, mas somente no caso do *Estafeta* foi necessário considerar como dois periódicos diferentes, dado o lapso de tempo, com enormes mudanças conjunturais, entre 1835 e 1842. Só existem números da segunda fase.

Pe. José Antônio Marinho;

Bernardo Pereira de Vasconcelos – Marinho confessou ser redator e entregou que Vasconcellos também o fora nos primeiros números, e depois fez dele um dos principais alvos da folha.

*56*____*1835_?*

*Reformista** *

Tipografia: Provavelmente do Universal Ouro Preto

*57*____*183?_?*

*Coruja** *

Tipografia: provavelmente a do Cel. Pedro Gomes Nogueira. Sabará

*58*____*1836_1840*

O Parahybuna[267] 2 por semana

Tip. do Parahybuna. Barbacena

Preço: 80 rs o exemplar. 8$000 a.a..

Anúncios: Publicações Oficiais da Câmara de Barbacena; Escravos e outros.

Locais de distribuição: Na 1ª fase: João Gualberto Teixeira de Carvalho e José Bento da Costa e Azedias (Tipografia). Na 2ª fase: Tipografia, João Gualberto Teixeira de Carvalho e Roberto Francisco dos Reis.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem uma coleção razoável de números entre 1837 e 1839.

Redatores:

Justiniano da Cunha Pereira – redator oficial da primeira fase.

Joaquim Manoel da Freiria – assinou como responsável ao final da segunda fase.

Bernardo Pereira de Vasconcelos – todos o responsabilizavam pelo Parahybuna.

José Bento da Costa Azedias – supõem-se.

João Gualberto Teixeira de Carvalho – supõem-se.

Epígrafe:

Os homens passam, passam as circunstâncias; mas os princípios subsistem, Deus louvado, à despeito das intrigas, à despeito das paixões, em todas as lutas saem triunfantes, e sabem vingar-se dos ultrajes que lhes irrogam a má fé, a ambição, ou a ignorância. Discurso do

267 O Parahybuna teve duas fases, com redatores diferentes, separadas por alguns meses, mas manteve epígrafe, preço, linha política etc.

Deputado Vaconcelos.

*59*____*1836_?*

A Razão Semanal

Tip. Sabarense. Sabará

Preço: 4$000 a.a.

Anúncios: Sem anúncios no único número da Biblioteca Nacional.

Locais de distribuição: Tipografia e Nicolau Soares do Couto (Ouro Preto).

Acervos: A Biblioteca Nacional tem apenas o número 3, de 21/9/1836.

Epígrafe:

Rationem, quo ea me cumque ducet, sequar. Cícero in Tuscul.

*60*____*1836_1836*

*Correio da Assembleia Provincial de Minas Gerais** Dias incertos

Tipografia do Universal Ouro Preto

Preço: 6$000 por seção = número.

Locais de distribuição: Tipografia.

*61*____*1837_1842*

O Guarda Nacional Mineiro Semanal

Tip. do Universal. Ouro Preto

Preço: 80 rs o exemplar. 4$000 a.a.

Anúncios: Escravos, editais da presidência da Província e de juízes de paz e outros (poucos).

Locais de distribuição: Só na tipografia.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem um acervo razoável da primeira fase, até 1840. Mas nada da fase de 1841 a 1842.

Redatores:

Pe. José Felicíssimo do Nascimento – reconhecido como redator da primeira fase;

Luis Fortunato de Souza Carvalho;

Teophilo Ottoni – foi acusado disso.

Epígrafe:

Roma não tinha Leis, quando Tarquinio

De Cidadãos Romanos fez escravos?

19 de Janeiro de 1839:
Poucos somos, mas livres, mas ousados.

Começou 1840 sem epígrafe.

12 de Agosto de 1840:
Só Pedro e Constituição
Ao Brasil podem salvar,
Quem aos dezoito governa
Pode aos quinze governar.

*62*____*1838_1843*

O Correio de Minas 2 números por semana[268]

Tip. do Correio de Minas. Ouro Preto

Preço: 8$000 a.a.

Anúncios: Publicações Oficiais da Assembleia Legislativa (da qual recebia 800$ a.a.), da Tesouraria etc. preenchem quase todo a jornal; Escravos e outros.

Locais de distribuição: Tipografia e loja de Francisco Magalhães Gomes (só nos números de 1841).

Acervos: A Biblioteca Nacional tem uma coleção que se inicia em 1841 e termina em 1842. O Arquivo Público Mineiro tem números do final de 1842, até o início de 1843. Ambas as coleções têm grandes lacunas.

Redatores:

Manoel Soares do Couto – oficial.

Antonio Gomes Candido.

Honório P. de Azeredo Coutinho.

Editor:

Jacques Augusto Cony.

Epígrafe: Não tinha.

---

268 *O Correio de Minas* chegou a ser diário, em períodos em que estava no governo e a política, ou as encomendas de publicação de muitas atas, assim o exigiam.

*63*____*1838_1840*

O Unitário Semanal

Tip. do Correio de Minas. Ouro Preto

Preço: 60 rs o exemplar. 3$200 a.a.

Anúncios: Quantidade de anúncios insignificante, nenhum de escravo.

Locais de distribuição: Loja de Francisco Magalhães Gomes.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem um acervo razoável.

Redatores: Seriam os mesmos do *Correio de Minas*.

Epígrafe: Não tem.

*64*____*1838_?*

*O Monarquista** *

Tipografia: Provavelmente a do Astro. São João Del Rei

Redatores possíveis:

Pe. José Antonio Marinho;

Pistas - Um estudante da Faculdade de Direito de São Paulo seria o redator.

Epígrafe:

Não é como bárbara, nem religiosa, nem imparcial, que a realeza moderna, a resultante de todas, exerce seu império; mas como depositária e protetora da ordem pública, da justiça geral, do interesse comum, como uma grande magistratura, centro e laço da sociedade. Ela apenas possui o poder limitado, incompleto, acidental, o poder (para nos servirmos da expressão mais exata) de grande juiz de paz da Nação. Guizot – Cours d'histoire.

(VEIGA, 1898, p.202).

*65*____*1839_1841*

O Popular Semanal

Tip. de Lima Silva & Veloso. São José Del Rei/ Tiradentes

Preço: 80 rs o exemplar. 4$000 a.a.

Anúncios: Escravos e outros.

Locais de distribuição: Tipografia, Martiniano Severo de Barros (São João Del Rei), Maximiano Baptista (São João Del Rei), José Felicíssimo Nascimento (Ouro Preto), José

Gonçalves Gomes e Sousa (Barbacena).

Acervos: A Biblioteca Nacional tem números digitalizados de 1840.

Redatores:

Pistas – Seria o dono da tipografia.

Epígrafe:

A Liberdade não consiste no poder de fazer o que se quer, mas sim o que as Leis permitem. Montesquieu.1

66____1840_?

*A Igualdade** *

Tip. de Lima Silva & Veloso. São José Del Rei/ Tiradentes

Preço: 40 rs o exemplar.

67____1840_1840

O Americano Semanal

Tip. de Pimentel. São João Del Rei

Preço: 4$000 a.a..

Anúncios: Escravos, atas da Assembleia Legislativa, editais do presidente de Minas Gerais e outros.

Locais de distribuição: Só na tipografia.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem uma coleção incompleta digitalizada.

Redatores:

Pe. José Antônio Marinho – o declarou na Câmara de Deputados.

Domiciano Leite Ribeiro – supõe-se.

Epígrafe:

O dia não está longe, em que possamos exigir que um meridiano convencional divida o Oceano, que separa os dois hemisférios; de maneira que nenhum canhão Europeu se faça ouvir a quem, e nenhum Canhão Americano além desta linha. Jefferson Carta a William Sport.

68____1840_1840

*O Monarquista Leal** *

Ouro Preto

Epígrafe:

Não creio em utopias, não creio em entusiasmo: o entusiasmo passa, as utopias não se realizarão, e a nossa moléstia continuará. (B.P.V.)

(VEIGA, 1898, p.197).

69____1841_1841

*Setembrista** Avulsos[269]

Ouro Preto

Redatores conhecidos:

Antonio Gomes Cândido;

Joaquim Dias Bicalho.

70____1840_1842

Echo da Rasão Semanal

Tip. da Sociedade Tipográfica. Barbacena

Preço: 4$000 a.a.

Anúncios: Publicação Oficial dos Correios de Formiga e Escravos, nos 4 exemplares disponíveis na Biblioteca Nacional.

Locais de distribuição: Só na tipografia.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem somente os números 15 e 16 de 1840, e os números 66, 79, 80 e 82 de 1842.

Redator conhecido:

Camilo Maria Ferreira Armond.

Epígrafe:

Omne regnum, divisum contra se, dessolabitur.

Todo o reino dividido contra si, será dessolado.

---

269 Além de avulsos, sem periodicidade certa, eram enviados particularmente, ou seja, não eram vendidos publicamente.

71____1841_1842

O Despertador Mineiro Semanal

Tip. de Pimentel. São João Del Rei

Preço: 4$000 a.a.

Anúncios: Escravos, publicações da Câmara e do presidente rebeldes e outros.

Locais de distribuição: Só na tipografia.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem alguns números de 1842.

Redatores prováveis:

Pe. José Antonio Marinho;

Benedito Theophilo Ottoni;

Domiciano Leite Ribeiro.

Epígrafe: Não tinha.

72____1842_1842

*O Legalista** 2 números por semana

Tipografia do *Correio de Minas* Ouro Preto

Editor:

Jacques Augusto Cony.

Epígrafe:

Com esforços anárquicos nada se funda, e é para fundar que os esforços da Liberdade devem ser destinados. (Sismonde de Sismondi).

(VEIGA, 1898, p.197).

73____1842_1842

Bulletim da Legalidade no Serro Números avulsos

Tip. de Veríssimo P. dos R. Arraial do Gambá/Serro Frio

Preço: 60 rs.

Anúncios: Sem anúncios no único número da Biblioteca Nacional.

Locais de distribuição: Loja de Francisco Assis Medina (arraial do Gambá) e casa de Bento Ferreira Carneiro (arraial da Cavalhada).

Editor: Giraldo Pacheco de Melo.

Epígrafe: Não tinha.

*74*____*1842_1842*

Estafêta[270] Incerta[271]

Tip. Patriótica Sabarense, depois Tip. de P.G.Nogueira, que seria “própria”. Sabará

Preço: 80 rs o exemplar. 4$000 a.a.

Anúncios: Escravos, publicações oficiais de Caxias do governo provincial, e outros, mas não se sabe se pagas.

Locais de distribuição: Casa de José Candido da Costa e Tipografia de P.G. Nogueira.

Acervos: A biblioteca Nacional tem a coleção completa de 12 números dessa fase de 1842.

Epígrafe:

A associação com os maus é o primeiro castigo do crime.

7 de Novembro de 1842 muda para:

L'amitie est de tous les sentiments celui que l'on connait le moins par experience, et celui dont on parle le mieux. E. Jony.

*75*____*1842_1844*

A Ordem 2 números por semana

Tip. da Ordem. São João Del Rei

Preço: 80 rs o exemplar. 8$000 a.a.

Em 1844 sobe para 9$000 fora da cidade.

Anúncios: Publicações Oficiais da Câmara de São João Del Rei; Escravos e outros.

Locais de distribuição: Tipografia, José Bento da Costa Azedias (Barbacena), Martiniano Severo de Barros (São João Del Rei em 1842), José Coelho de Moura (São João Del Rei em 1844).

Acervos: A Biblioteca Nacional tem números de 1842 e de 1844.

Redatores:

---

270 Como já se disse, existiu um Estafeta em 1835, na mesma cidade, provavelmente redigido pelas mesmas penas, mas distância no tempo e a mudança conjuntural não permitem considera-los o mesmo periódico.

271 Oficialmente, em sua fase de 1842, o *Estafeta* deveria ser semanal. Mas não o conseguiu. Deu os 12 números referentes a um trimestre, mas demorou quase um semestre para isso. Os arquivos públicos não têm números da primeira fase.

Pe. Luiz José Dias Custódio;

Gabriel Mendes dos Santos;

Firmino Rodrigues da Silva.

Epígrafe:

Viva o Imperador

Avec des efforts anarchiques on reverse, et on ne onde rien; Or, c'est fonder que des efforts vraiment liberaux deivent etre destinês. Sysmonde di Sysmondi Estud. sobr. as Const. dos Pov. Livr.

Com esforços anárquicos tudo se derroca, e nada se edifica; Ora em edificar é que se devem empregar todos os esforços verdadeiramente liberais.

*76*____*1843_1845*

O Itacolomy

Tip. do Itacolomy, depois Tip. Imparcial. Ouro Preto

Preço: De 80 rs a 100 rs o exemplar. De 8$000 para 10$000 a.a.

Anúncios: Publicação Oficial da Diocese; Outros. Só 3 números na Biblioteca Nacional e 3 no Arquivo Público Mineiro.

Locais de distribuição: Só na tipografia.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem 3 números digitalizados, e o Arquivo Público Mineiro tem outros 3 números digitalizados.

Redatores:

Benedito Theophilo Ottoni;

Joaquim Antão Fernandes Leão;

José Pedro Dias de Carvalho.

Editores:

Pe. Antonio de Souza Braga;

Florentino Carlos Prudente;

João Nepomuceno Bandeira.

Epígrafe:

A Constituição reconhece, e garante o direito de intervir todo o Cidadão nos negócios de sua Província, e que são imediatamente relativos a seus interesses peculiares. Constituição Política do Império, art. 71.

*77*____*1844_?*

*O Governista Mineiro.** *

Tip. de Pimentel. São João Del Rei

Redatores:

Pistas - Tinha redatores, no plural, e um editor, que antes teriam sido protegidos de Martiniano Severo de Barros, que tinha mudado de lado político (A ORDEM, 12/10/1844).

*78*____*1845_1845*

*Correspondente.** *

Ouro Preto

*79*____*1844_1846*

O Publicador Mineiro 2 números por semana

Tip. do Publicador Mineiro. Ouro Preto

Preço: 80 rs o exemplar. 8$000 a.a, mais 8$960 com correios.

Locais de distribuição: Só na tipografia.

Acervos: O Arquivo Público Mineiro tem o número 178, de 31/1/1846.

Redatores:

Firmino Rodrigues da Silva;

Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos.

Editor:

Rufino Dias Pereira.

Júlio José Maria Justino.

Epígrafe:

A escola da autoridade é a única legítima por que é a única realizável um governo filho da revolta não pode marchar um só dia, em virtude de seu princípio, e espira se o não combate. – Capefigue.

*80*____*1846_1847*

O Constitucional 2 números por semana

Tip. Imparcial. Ouro Preto

Preço: 120 rs o exemplar. Depois 160 rs o exemplar (tamanho dobrou). 10$ a.a.

Anúncios: Publicações oficiais provinciais diversas, da presidência e da tesouraria. Escravos e outros.

Locais de distribuição: Só na tipografia.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem o número 1, e o Arquivo Público Mineiro tem uma série incompleta.

Redatores:

Joaquim Antão Fernandes Leão;

Pe. José Antonio Marinho.

Editor:

Florentino Carlos Prudente.

Epígrafe:

Il y a beaucoup a faire pour le peuple, mais une volunté constante peut tout accomplir. (Sismondi)

*81*____*1847_1847*

*Echo de Minas** *

Ouro Preto

*82*____*1847_1849?*

O Itamontano 2 números por semana

Tip. Social de Joaquim Carlos de Figueiredo. Ouro Preto

Preço: 9$000 a.a. para Ouro Preto, 10$000 a.a. para os outros.

Anúncios: Publicações Oficiais da Assembleia Legislativa; Escravos e outros.

Locais de distribuição: Tipografia e negociante Joaquim Carlos de Figueiredo.

Acervos: O Arquivo Público Mineiro tem um exemplar digitalizado.

Redatores:

Joaquim Antão Fernandes Leão – seria o sustentador financeiro.

José Rodrigues Duarte – acusado de ser pena de aluguel.

Domingos Soares Ferreira Pena

José Antônio Rodrigues – correspondente de São João Del Rei.

*83*____*1848_?*

O Noticiador 6 vezes ao mês em dias indeterminados

Tip. do Noticiador. Ouro Preto

Preço: 2$000 ao trimestre.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem 13 números de 1848.

Impressor: Francisco de Assis Costa.

*84*____*1849_1850*

*A Voz do Povo Oprimido** Semanal em dias indeterminados

Tip. de M. M. Franco e Cia. Ouro Preto

Preço: 4$000 ao ano.

Anúncios: Publicações Oficiais da Assembleia Legislativa (O POVO)

Redatores:

José Rodrigues Duarte – acusado de ser pena de aluguel.

Joaquim Antão Fernandes Leão.

Epígrafe:

Seja a doutrina dos Livres,

Não provocar, convencer;

Mas levado ao apuro,

Ou triunfar ou morrer.

*85*____*1849_1849*[272]

O Povo Semanal

Tip. Imparcial. Ouro Preto

Preço: 40 rs o exemplar. 2$000 a.a.

Anúncios: Sem anúncios.

Locais de distribuição: Só na tipografia.

Acervo: A Biblioteca Nacional tem uma coleção quase completa.

---

272 *O Povo* teve uma segunda fase já em 1851 (MASCARENHAS, 1961, p.193).

Redatores supostos:

Luiz Antônio Barboza;

Francisco de Paula Santos;

Manoel Teixeira de Souza (Barão de Camargos).

Editores:

Silvério Ribeiro de Carvalho;

Francisco de Paula Alves de Azevedo.

Epígrafe:

Venha do povo o rubido ferrete,

Que assinale de hipocrisia a fronte,

Lançados por misérrimo ludíbrio

Às pragas, aos baldões tão merecidos (Philinto Elisio).

Redatores:

*86*____*1849_1851*

*O Conciliador** 2 números por semana

Tip. Social. Ouro Preto

Preço: 120 rs o exemplar. 8$000 a.a.

Anúncios: Publicações oficiais da Assembleia Legislativa e da Presidência da Província; Escravos e outros.

Locais de distribuição: Só na tipografia.

Editor:

Francisco de Assis Costa.

*87*____*1850_1852*

O Apóstolo Semanal

Tipografia de Duarte e Gama Ouro Preto

Redator:

Domingo Soares Ferreira Pena.

*88*____*1843_1844*

O Atheneu Popular *S*emanal[273]

Tip. do Itacolomy. Ouro Preto

Preço: Sem informações.

Anúncios: Nenhum anúncio no único número disponível.

Locais de distribuição: Sem informações.

Redatores:

Pe. Antonio de Souza Braga – editor.

Bernardo Xavier Pinto de Souza.

Epígrafe:

Cura an aliqua nostri, nescio; nos certe meremus ut sit aliqua, nun dico ingenio, id enim superbum, sed studi, sed labore, sed reverentia posterum. (Plinius Junior).

*89*____*1845_1848*

Recreador Mineiro 2 números por mês

Tip. Imparcial. Ouro Preto

Preço: 400 rs o exemplar com 16 páginas. 1$200 com estampa. 6$000 a.a. para Ouro Preto, 7$000 para outros locais.

Anúncios: Só da própria tipografia/editora, portanto não tinha.

Locais de distribuição: Tipografia e agências do Correio de Minas Gerais.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem uma coleção completa.

Redator provável:

Bernardo Xavier Pinto de Souza – como era praticamente uma revista literária, seria um organizador.

Epígrafe: Não tinha.

*90*____*1846_1847*

Selecta Católica 2 números por mês

Tip. Episcopal. Mariana

Preço: 320 rs o exemplar (32 páginas). 6$000 a.a..

---

273 Anunciou em 1844 que passaria a mensal e com mais páginas, o que significa que pode ter "virado" o *Recreador Mineiro*.

Anúncios: Só da própria tipografia, portanto não tinha.

Locais de distribuição: Sem informações.

Acervos: A Biblioteca Nacional tem uma coleção razoável, digitalizada.

Redator:

Bispo Antônio Ferreira Viçoso.

Epígrafe: Não tinha.

*91*____*1843_1847*

O Compilador Variou[274]

Tipografia do Itacolomy em 1843, do Correio de Minas no início de 1844, do Publicador Mineiro em 1844 e 1845, na Tipografia Imparcial em 1846, Tipografia de Silva em 1847 Ouro Preto

Acervos: A Biblioteca Nacional tem uma coleção completa, digitalizada.

Redatores:

Eram publicadas somente as atas da Assembleia Legislativa Provincial.

Epígrafe: Não tinha.

*92*____*1850*

Diario da Assembleia Legislativa de Minas Gerais 2 números por semana

Tipografia Social Ouro Preto

Acervos: A Biblioteca Nacional tem uma coleção completa digitalizada.

Redatores:

Eram publicadas somente as atas da Assembleia Legislativa Provincial.

*93*____*1845_?*

*Buletim Official** *

Tip. Imparcial. Ouro Preto

*94*____*1845_?*

*Expediente do Governo Provincial** *

Ouro Preto

274 Só circulava por alguns meses, pois a Assembleia Legislativa só se reunia por alguns meses. Em cada ano teve uma periodicidade diferente.

Matas Temoratas: resistência e medo na Guerra dos Cabanos (Alagoas – Pernambuco/ 18321-1850)

Janaina Cardoso de Mello[1]

> "Panelas por cujo interior se derramavão os desgraçados rebeldes, hé hum território de inaccessíveis montanhas, e coberto de gigante arvoredo; poucos homens praticos d'aquelles lugares, grimpando pelos outeiros, fazem repentinamente fogo estragador sobre os nossos caçadores e fogem por pequenos e quaze intranzitaveis trilhos".
>
> (Ofício do Governo de Pernambuco ao Ministro do Império Nicolau Pereira de Campos Vergueiro em 1º /11/1832)[2]

Entre 1832 e 1835, as matas ao sul de Pernambuco e ao norte de Alagoas abrigaram o movimento rural denominado cabanada. Segundo a análise lingüística de Dirceu Lindoso: "cabanos eram os que habitavam cabanas da mata, que era um espaço de exclusão social do sistema sesmeiro escravista imperial".[3]

Isto posto que a economia exportadora dos grandes engenhos canavieiros baseada na exploração da mão-de-obra de negros escravos, lavradores moradores caboclos e índios implicava na caracterização dos fazendeiros como "senhores e possuidores de terras", expressão utilizada por Márcia Motta ao compreender que:

> "para os fazendeiros, a questão não se colocava em termos do acesso à terra, mas sim na dimensão do poder que eles viriam a exercer sobre quem não a detinha. A existência de matas virgens significava a possibilidade de extensão deste poder: o fazendeiro ou uma ampla camada de lavradores poderiam vir a ocupa-las, permitindo a consolidação de pequenos posseiros também ansiosos por assegurar e legitimar de algum modo a posse de suas terras. Para o fazendeiro, portanto, disputar uma nesga, uma desprezível fatia de terra significava resguardar seu poder, impedir que terceiros viessem a reivindicar direitos sobre coisas e pessoas que deviam permanecer, de fato ou potencialmente, sob seu domínio".[4]

Nas matas incultas que se estendiam da costa do mar norte das Alagoas ao tortuoso vale do Una encontrando o rio de águas pretas que corria pelo sertão pernambucano achava-se peixes, sururus, enquanto do mangue provinham mariscos e caranguejos, além de pombos selvagens e um solo fértil para o preparo de roçados de mandioca, milharais e arrozais que sustentavam os pobres do mundo cabano. Estas mesmas matas no século XVIII eram tidas como de fundamental importância para a Coroa portuguesa, uma vez que de suas árvores utilizavam a rica madeira em construções navais.

De acordo com Dirceu Lindoso: “as matas das Alagoas abasteciam com as preciosas madeiras tortas os estaleiros baianos, os maiores da época. Eram fornecedoras quase exclusivas das madeiras que iam compor o corpo dos navios do reino”[5].

Em 1832 a revolta cabana envolvendo múltiplas categorias sociais e étnicas (senhores de engenho absolutistas, pequenos proprietários, índios aldeados de Jacuípe, brancos pobres sem terras e negros mucambeiros chamados regionalmente de papa-méis) tornou-se a arena onde homens e mulheres combateram uma dominação econômica e política sistêmica. Mesmo a partir de 1834, quando a cabanada radicaliza sua feição popular sob a liderança do mulato Vicente Ferreira de Paula e ainda utiliza o discurso restauracionista do grupo político caramuru[6], cabanos e sesmeiros explicitam uma situação conflitante, uma vez que “a guerra do homem pobre” enseja demandas sociais como: o fim do cativeiro, a posse da terra, a pluralidade religiosa e o fim da servidão dos trabalhadores “livres”. Era uma perigosa transgressão de forças sociais submetidas às fronteiras do poder latifundiário-escravista.

Por isso a mata torna-se um reduto “quase inexpugnável”, espaço de resistência e propagador de um “imaginário de medo” que se corporifica à priori nos discursos sobre o sertão desde o período colonial. O sertão era representado como um lugar de índios bravios que precisavam ser aprisionados e civilizados de acordo com as normas da religião católica e da administração portuguesa. Para o geógrafo Antonio Carlos Robert de Moraes:

> “No período imperial, os sertões brasileiros foram definidos como um lócus da barbárie, sendo sua apropriação legitimada como uma obra de civilização. Conhecer, conectar, integrar, povoar, ocupar, são metas que contrapõem a modernidade ao sertão, qualificando-o como espaço-alvo de projetos modernizantes”.[7]

Se associa ao sertão a imagem da “roça”, do atraso, de um mundo que provoca estranhamento à cidade e às atividades urbanas. Apresenta-se o sertão como “terra hostil”, o esconderijo do “bugre”, do caboclo, do caipira, do quilombola que não estão submetidos por completo a uma ordem estatal que não se faz muito presente ou consolidada. Nesta territorialidade “selvagem” as lavouras de subsistência e atividades de extrativismo animal e

vegetal são obstáculos ao avanço da racionalidade agrícola marcada pela expansão dos engenhos ou fábricas de açúcar. Primeiro por sua atividade buscar formas alternativas de funcionamento exterior ao mundo da *plantation* e em segundo devido ao cultivo feito, sobretudo por escravos fugidos que ameaçam a lógica de trabalho da "açucarocracia".

Na Corte a primeira metade do período das Regências (1831-1836) impulsionou o "liberalismo moderado" na retórica política brasileira buscando através de seus grupos organizados como a *Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional do Rio de Janeiro* (1831-1835), estudada pela historiadora Lucia Guimarães: "legitimar e conferir uma dimensão histórica ao episódio do 7 de abril, sustentando a premissa de que a Abdicação fora um rompimento apenas de nível político, que não desfigurou o 'edifício social e administrativo da monarquia' "[8].

Nesse sentido parece extremamente interessante rever as idéias de François Guizot, para quem era preciso retomar experiência da Revolução Francesa em seu aspecto de fundação e não de destruição, pois o evento em si já cumprira seu papel. Deveria ser agora um elemento da história, do passado, para que o presente pudesse encaminhar novas bases de representação jurídica igualitária, organizando a imprensa e a instrução pública. Crítico do jacobinismo radical propagador da democracia plena e do movimento "ultrarealista" que postulava o retorno do Antigo Regime, Guizot defende a monarquia constitucional e a utilização do princípio da razão como critério de representação.[9] Sua leitura mais tarde influenciaria a criação do Ministério das Capacidades no Brasil do Segundo Reinado.

De uma forma muito similar à experiência francesa, os "homens públicos com direitos políticos" da década de 30 no oitocentos brasileiro tentavam reordenar a condução do país em meio ao vazio de poder que propiciara brechas para a manifestação, por vezes violentas, do sentimento de insatisfação de segmentos menos favorecidos da sociedade denominados "populacho" pelos setores abastados.

Á partir das análises de trabalhos de José Murilo de Carvalho sobre as particularidades do desenvolvimento da cidadania no Brasil, Marcelo Basile aponta "a

herança colonial do analfabetismo, da escravidão, do latifúndio, do mandonismo local, do comprometimento do Estado com interesses privados e da falta de tradição de movimentos cívicos de massa"[10] como potenciais limitadores ao exercício pleno dos direitos políticos. Na ausência de uma cidadania "estado-cêntrica" abriam-se canais para a construção de uma cidadania "de baixo para cima"[11], escapando às instituições representativas tradicionais e invadindo a cena pública através da imprensa e manifestações coletivas de protesto[12].

A politização das ruas, mesmo numa cultura marcada pela oralidade de camadas iletradas, apreende nos panfletos e manifestos incendiários da imprensa doutrinária de caramurus e exaltados os pretextos para seus levantes citadinos[13].

Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará, Bahia, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba e Alagoas são cenários de sedições militares, revoltas escravas e levantes rurais[14]. É a massa que invade um território não consentido. Para George Rudé:

> "a multidão pode amotinar-se porque está com fome, ou teme vir a ficar, porque sofre profunda injustiça social, porque busca uma reforma imediata ou o milênio, ou porque quer destruir um inimigo ou aclamar um 'herói'. Raramente, porém, é apenas por uma dessas razões"[15].

Rudé ao estudar os movimentos populares na França e Inglaterra entre 1730 e 1848, percebe que os participantes das agitações compõem com freqüência uma população mista identificada como "classes inferiores" (Inglaterra) ou *menu peuple* (França)[16].

No Brasil da primeira metade do século XIX, a distinção entre "povo" e "plebe" será intensamente apropriada, significada e re-significada por grupos políticos moderados e exaltados. Vinculada ao periódico moderado "Aurora Fluminense", redigido por Evaristo da Veiga, está a concepção de "povo" como "boa sociedade", ou seja, o conjunto de homens bons organizados nos limites da ordem e detentores de liberdade, propriedade e educação, enquanto "plebe" caracterizaria a massa pobre desorganizada, predisposta à desordem, vivendo na pobreza, ignorância e em condição de dependência[17].

Assumindo uma postura contrária o periódico exaltado "Nova Luz Brasileira" entendia a "plebe" como "os aristocratas, os ricos ociosos, que viviam à custa da exploração do trabalho alheio" (incluso os grandes senhores de escravos e de terras). Os demais

indivíduos livres, independentemente de quaisquer critérios de renda, instrução, sexo ou cor, constituíam o "povo" e seriam, portanto, cidadãos, com plenos e iguais direitos civis e políticos. Porém, a massa de escravos permanecia excluída da categoria povo em seu "dicionário cívico"[18].

E é justamente o protesto das camadas mais subalternas da sociedade imperial que se na cidade tornavam os "ânimos temoratos"[19], no campo faziam das matas ambientes de temor para os detentores dos domínios senhoriais sobre uma determinada região e sua população. Principalmente quando até mesmo as táticas de confronto entre os "povos das matas" e as forças militares refletiam a derrota dos segundos devido ao profundo desconhecimento da área em questão. Fatos estes presentes nas correspondências oficiais: "(...) os facciosos resistem como desesperados dentro das matas, fortificando-se nos lugares de mais difícil acesso, de hum dos quais fizerão no dia 13 do corrente tão obstinada resistência que motivou a morte de 12 homens, e o ferimento de 65 outros"[20].

Nessa mesma documentação além de referências ao "fogo estragador" feito pelos cabanos sobre as forças da legalidade, sua fuga por caminhos quase inacessíveis, seu avanço sobre os engenhos para obter gado e víveres através de saques e incêndios infundindo "terror e pânico" sobre soldados das tropas de linha que desertam e "repugnam marchar", também se relata a existência de lavouras cultivadas nas matas:

> "Quando em meos primeiros officios disse que os inimigos acossados pelas nossas tropas, e encerrados nas matas se renderião pela fome, confesso que redondamente me enganei: o off º do Cel. Aleixo mostra a todas as luzes quanta he a abundancia de lavouras que elles tem dentro das matas, e quão herrado tem sido o plano do Come. Armas, de destruir as lavouras dos habitantes pacíficos, que habitão nas vizinhanças das mesmas matas, sub pretexto de não poderem servir aos inimigos"[21].

E embora não se tenha encontrado até o momento documentação oficial que comprove a existência de uma disputa jurídica pela posse das terras do polígono cabano, é certo que o contingente aguerrido personificava uma situação de "verdadeiro ocupante" daquele território devido uma cultura efetiva e morada habitual que configuravam atos possessórios[22].

A guerra cabana ao proclamar o retorno de D. Pedro I e a santidade da religião católica não postulava uma contradição entre a teoria e a prática insurrecional desejosa de terra e liberdade, mas sobretudo resistia em nome de um costume tradicional de habitar as matas que protegiam e ofereciam sustento alimentar para homens e mulheres marcados pela escassez como resultado de seu trabalho nos engenhos senhoriais[23].

No momento de eclosão do movimento cabano as lutas políticas entre liberais moderados e exaltados não trouxeram melhorias às vidas dos homens e mulheres pobres do campo. Suas idéias eram vistas com desconfiança, enquanto a imagem do príncipe, "deposto arbitrariamente" em sua concepção, se fortalecia na tradição do "pai protetor". Dessa forma as propostas das lideranças caramurus aliavam tradição às brechas possíveis para conquistas sociais mais amplas. Sob esse aspecto afirma Edward P. Thompson que : "(...) quando procura legitimar seus protestos, o povo retorna freqüentemente às regras paternalistas de uma sociedade mais autoritária, selecionando as que melhor defendam seus interesses atuais"[24].

Após a finalização do conflito em 1835, com os sucessos anteriores dos "batedores das matas" sob a condução estratégica do presidente da Província de Pernambuco Manuel de Carvalho Pais de Andrade – com forças militares destruindo ranchos encontrados, tomando cavalos, farinha e roças para privar os cabanos de alimentação e transporte – uma parcela de pobres das matas atingida não somente pela fome, mas pela "terrível peste de bexiga", aliada à notícia da morte de D. Pedro I, terminou por aceitar a anistia oferecida pelo governo. Porém a "pacificação" da área conflagrada não se realizou sob a forma de uma derrota completa para aqueles que se renderam, pois estes receberam algum dinheiro, roupas, instrumentos e sementes para trabalhar a terra, além de cuidados médicos[25]. O governo agia dessa forma movido pelo temor de uma guerra eterna nas matas, sabendo ser necessária uma negociação com vantagens atrativas aos rebeldes para sua capitulação.

Contudo, internamente havia dissidências entre os cabanos, devido à sua heterogeneidade étnica e social, uma vez que experiências de servidão, escravidão e

aldeamentos ao mesmo tempo em que forneciam elos de cumplicidade, devido a suas especificidades também promoviam divergências. Assim, os índios de Jacuípe retornariam às suas aldeias, bem como os pobres livres seriam reintegrados à condição de moradores e lavradores do sistema sesmeiro, porém aos escravos só restaria a re-escravização, uma vez que constituíam “propriedade” dos senhores de engenho. Por isso a “Guarda Negra”, que se consolida entre 1834 e 1836, ameaça e efetua o assassinato dos desertores que representavam o enfraquecimento do combate.

Finalizada a guerra cabana, formou-se uma sociedade escondida no Riacho do Mato sob o formato de aldeias mocambeiras que realizavam ataques aos engenhos para libertar os escravos dos plantéis. Esse estado ofensivo duraria até 1850, ano da prisão de Vicente Ferreira de Paula e da promulgação da Lei de Terras que legalizou o avanço dos engenhos de açúcar sobre as terras devolutas que ainda se encontravam nas mãos de pequenos posseiros.

As “matas temoratas” enfim seriam domesticadas…

---

[1] Doutoranda em História Social (Linha: Sociedade e Política) pela UFRJ sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Luiz Bretas e co-orientação do Prof. Dr. Marco Morel (UERJ); Professora Assistente de História do Brasil da FUNESA/ESPI.

[2] A citação faz parte das transcrições que compõem o acervo documental do pesquisador Manuel Correia de Andrade compreendendo sua pesquisa na seção de manuscritos da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. O referido material, gentilmente cedido pelo autor, encontra-se sob minha guarda pessoal.

[3] Dirceu Lindoso. *A utopia armada. Rebeliões de pobres nas matas do Tombo Real (1832-1850)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p.p.229-230

[4] Márcia Maria Menendes Motta. *Nas fronteiras do Poder. Conflito e direito à terra no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura/ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998. p.39

[5] Dirceu Lindoso. *Op. Cit*. P.106

[6] Cf, Idéias e ações restauracionistas no artigo de Marco Morel. Caramurus, restauradores sem restauração. In: István Jancsó (Org.) *Brasil: formação do Estado e da Nação*. São Paulo/Ijuí: Hucitec/ Unijuí/ Fapesp, 2003.

[7] Antonio Carlos Robert Moraes. O sertão: um “outro” geográfico. In: *Terra Brasilis. Revista de História do Pensamento Geográfico no Brasil*. Rio de Janeiro: Anos III – IV, n º 45-46 (território), 2002-2003, p. 19.

[8] Lucia Maria Paschoal Guimarães. Liberalismo moderado: postulados ideológicos e práticas políticas no período regencial (1831-1837) In: ________________; Maria Emília Prado (Orgs) et al. *O liberalismo no Brasil Imperial: origens, conceitos e prática*. Rio de Janeiro: Revan/UERJ, 2001. p.111

[9] Guizot foi um político e acadêmico francês. Foi professor em Sorbone e Ministro da Instrução Pública. Cf. suas idéias no texto de sua autoria: Histoire de la civilisation em Europe (1828). In: Marcel Gauchet (Org.) *Philosophie dês sciences historiques. Le moment romantique*. Paris: Seuil, 2002. (p.p. 163-182)

[10] Marcello Otávio Néri Basile. *O Império em construção: projetos de Brasil e ação política na Corte Regencial.* Rio de Janeiro: Tese de Doutorado PPGHIS – UFRJ, 2004. p.13

[11] Bryan Turner ao trabalhar uma tipologia dos processos de cidadania significa a perspectiva "de baixo para cima" quando a conquista dos direitos provém das lutas sociais, revolucionárias ou pacíficas (cidadania ativa). Cf. Bryan Turner; Peter Hamilton (Orgs). *Citizenship: critical concepts*. V. I. Londres/New York: Routledge, 1994.
[12] Marcello Otávio Néri Basile. *Op. cit*. p.13
[13] Sobre a exasperação dos comportamentos Marco Morel ressalta que: "(...) torna-se freqüente nas cidades – inclusive na capital do Império, Rio de Janeiro – o aparecimento destes papéis chamados de incendiários. Manuscritos e impressos. E também proliferavam manifestações mais difíceis de captar em registros, porque não escritas, como vozes, gritos e gestos que povoavam as ruas (a Vox Populi) e compunham aquilo que a historiadora Arlette Farge chamou com precisão de 'opinião pública' no século XVIII, as tramas do disse-que-disse que estendiam-se pela vida urbana". In: ___________. Papéis incendiários, gritos e gestos: a cena pública e a construção nacional nos anos 1820-1830. In: *Revista TOPOI*: PPGHIS – UFRJ, 1995, vol.4, Rio de Janeiro: 7Letras, 2002, p.40; sobre o aspecto doutrinário da imprensa José Murilo de Carvalho afirma que: "Muitos eram jornalistas por serem políticos, o jornalismo não passando de um meio de fazer política. Portanto, não estavam apenas debatendo abstratamente questões que envolviam valores e princípios. Debatiam sua própria ação política e a ação política dos adversários" In: *Revista TOPOI*: PPGHIS – UFRJ, 1995, vol.1, Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, p.p.140-141
[14] Sobre motins no Rio de Janeiro conferir Marcelo Basile. *Op. Cit* (revoltas exaltadas e do Brão de Bulow) e Gladys Sabina Ribeiro. "Pés-de-chumbo" e "Garrafeiros": conflitos e tensões nas ruas do Rio de Janeiro no Primeiro Reinado (1822-1831). *Revista Brasileira de História*. São paulo:12 (23-24): 141-165, set.9/ago/1992; para Minas Gerais e Bahia ver síntese de Marco Morel. *O período das Regências (1831-1840)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 (Carrancas -1833; Malês – 1835) ou mais específicamente João José Reis. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês (1835)*; sobre o Ceará (Revolta de Pinto Madeira) ver João Alfredo de Sousa Montenegro. *Ideologia e conflito no nordeste rural (Pinto Madeira e a revolução de 1832 no Ceará)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976 e Manuel Correia de Andrade. *Pernambuco e a Revolta de Pinto Madeira*. Recife: Nordeste, 1953; ainda sobre Pernambuco à respeito das sedições militares conferir Manuel Correia de Andrade. *Movimentos nativistas em Pernambuco. Setembrizada e novembrada*. Recife: UFPE, 1998 e ainda organizado pelo mesmo autor ver a coletânea de textos*: Movimentos populares no nordeste no Período Regencial*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Massangana, 1989 (compreendendo Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte).
[15] George Rudé. *A multidão na história. Estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra (1730-1848)*. Rio de Janeiro: Campus, 1991. p.234
[16] Idem, p.3
[17] Marcello Otávio Néri Basile. Luzes a quem está nas trevas: a linguagem política radical nos primórdios do Império. In: *Revista TOPOI*: PPGHIS – UFRJ, 1995, vol.3, Rio de Janeiro: 7Letras, 2001, p.104
[18] Idem.
[19] Referência ao trabalho que aborda o temor gerado pelos boatos citadinos In: Márcia de Almeida Gonçalves. *Ânimos Temoratos: uma leitura dos medos sociais na corte no tempo das regências*. Niterói: Dissertação de Mestrado em História Social - UFF, 1995.
[20] Ofício do governo de Pernambuco de Manuel Zeferino dos Santos ao Ministro do Império Nicolau Pereira de Campos Vergueiro sobre a luta contra os cabanos e a falta de armas em 24-11-1832 oriundo do acervo documental Manuel Correia de Andrade citado na nota 2.
[21] Ofício do governo de Pernambuco de Manuel Zeferino dos Santos ao Ministro da Guerra Antero José Ferreira de Brito sobre o comportamento irregular e arbitrário do Come. Armas na luta com os cabanos em 12-06-1833 oriundo do acervo documental Manuel Correia de Andrade citado na nota 2.
[22] Márcia Maria Menendes Mota. Op. Cit. , nota 21, p.55
[23] Situação que nos remete à reflexão de Thompson de que "(...) a cultura popular é rebelde, mas o é em defesa dos costumes" In: E. P. Thompson. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p.19
[24] Idem.
[25] Cf. Ofício do vice-presidente da Província de Pernambuco Vicente de Camargo publicado no Diário da Administração Pública, de 30 de abril de 1835.

A Revolta dos Malês em 1853

João José Reis

A REVOLTA DOS MALÊS EM 1835

João José Reis
Universidade Federal da Bahia

Na madrugada de 25 de janeiro de 1835, um domingo, aconteceu em Salvador ma revolta de escravos africanos. O movimento de 1835 é conhecido como Revolta dos Malês, por serem assim chamados os negros muçulmanos que o organizaram. A expressão malê vem de imalê, que na língua iorubá significa muçulmano. Portanto os malês eram especificamente os muçulmanos de língua iorubá, conhecidos como nagôs na Bahia. Outros grupos, até mais islamizados como os haussás, também participaram, porém contribuindo com muito menor número de rebeldes.

A revolta envolveu cerca de 600 homens, o que parece pouco, mas esse número equivale a 24 mil pessoas nos dias de hoje. Os rebeldes tinham planejado o levante para acontecer nas primeiras horas da manhã do dia 25, mas foram denunciados. Uma patrulha chegou a uma casa na ladeira da Praça onde estava reunido um grupo de rebeldes. Ao tentar forçar a porta para entrarem, os soldados foram surpreendidos com a repentina saída de cerca de sessenta guerreiros africanos. Uma pequena batalha aconteceu na ladeira da Praça, e em seguida os rebeldes se dirigiram à Câmara Municipal, que funcionava no mesmo local onde funciona ainda hoje.

A Câmara foi atacada porque em seu subsolo existia uma prisão onde se encontrava preso um dos líderes malês mais estimados, o idoso Pacifico Licutan, cujo nome muçulmano era Bilal. Este escravo não estava preso por rebeldia, mas porque seu senhor tinha dívidas vencidas e seus bens, inclusive Licutan, foram confiscados para irem a leilão em benefício dos credores.

O ataque à prisão não foi bem sucedido. O grupo foi surpreendido no fogo cruzado entre os carcereiros e a guarda do palácio do governo, localizado na mesma praça.

Daí este primeiro grupo de rebeldes saiu pelas ruas da cidade aos gritos, tentando acordar os escravos da cidade para se unirem a eles. Dirigiram-se à Vitória onde havia um outro grupo numeroso de malês que eram escravos dos negociantes estrangeiros ali residentes. Após se unirem nas imediações do Campo Grande, os rebeldes atravessaram em frente ao Forte de São Pedro sob fogo cerrado dos soldados, indo dar nas Mercês, de onde retornaram para o centro da cidade. Aqui atacaram um posto policial ao lado do Mosteiro de São Bento, outro na atual Rua Joana Angélica (imediações do Colégio Central), lutaram também no Terreiro de Jesus e outras partes da cidade. Em seguida desceram o Pelourinho, seguiram pela Ladeira do Taboão e foram dar na Cidade Baixa. Daqui tentaram seguir na direção do Cabrito, onde tinham marcado encontro com escravos de engenho. Mas foram barrados no guartel da cavalaria em Água de Meninos. Neste local se deu a última batalha do levante, sendo os malês massacrados. Alguns que tentaram fugir a nado terminaram se afogando.

A revolta deixou a cidade em polvorosa durante algumas horas, tendo sido vencida com a morte de mais de 70 rebeldes e uns dez oponentes. Mas o medo de que um novo levante pudesse acontecer se instalou durante muitos anos entre os seus habitantes

livres. Um medo que, aliás, se difundiu pelas demais províncias do Império do Brasil. Em quase todas elas, principalmente na capital do país, o Rio de Janeiro, os jornais publicaram notícias sobre o acontecido na Bahia e as autoridades submeteram a população africana a uma vigilância cuidadosa e muitas vezes a uma repressão abusiva.

Salvador tinha na época da revolta em torno de 65.500 habitantes, dos quais cerca de 40 por cento eram escravos. Entre a população não-escrava a maioria era também formada por africanos e seus descentes, chamados na época de crioulos quando eram negros nascidos no Brasil, além dos mestiços de branco e negro, chamados de pardos, mulatos e cabras. Juntando os negros e mestiços escravos e livres, os afro-descendentes representavam 78 por cento da população. Os brancos não passavam de 22 por cento. Entre os escravos, a grande maioria (63 por cento) era nascida na África, chegando a 80 por cento na região dos engenhos de açúcar, o Recôncavo.

Esses escravos eram trazidos de diversos portos da costa africana. Um grande número vinha de Luanda, Benguela, Cabinda, mas na época da revolta de 1835 a grande maioria era embarcada nos portos do golfo do Benim (portos de Ajudá, Porto Novo, Badagri, Lagos). Foram alguns desses últimos grupos os mais diretamente ligados à revolta. Eles podiam ser de diversas origens, segundo a língua que falavam: iorubá, haussá, fon, mahi, nupes, bornus etc. Na Bahia a maioria desses escravos era conhecida por nomes diferentes daqueles que tinham na África: os de língua iorubá chamavam-se nagôs, os fon e mahi eram conhecidos como jejes, os nupes como tapas.

Em 1835 a grande maioria dos escravos da Bahia nascidos na África era realmente de língua iorubá, cerca de 30 por cento. Eram como nagôs. Muitos deles professavam a religião muçulmana, embora a maioria dos nagôs fosse de fato adepta do candomblé dos orixás.

A cidade de Salvador tinha uma economia baseada na escravidão, que girava em torno da cana-de-açúcar produzida na região denominada de Recôncavo, terras que circundam a Baía de Todos os Santos. Ali também se plantava o fumo, que era exportado para a Europa e para a África. Na África o fumo era utilizado na compra de escravos.

No Recôncavo, os escravos eram empregados em todo tipo de atividade rural, não apenas no setor açucareiro e fumageiro. Eles também labutavam na criação de gado e no cultivo da mandioca. A farinha de mandioca já era naquela época um item fundamental da dieta de ricos e pobres, senhores e escravos. Como o fumo, a farinha estava também ligada ao tráfico, pois constituía um dos principais alimentos a bordo dos navios negreiros.

Da mesma forma, os escravos eram utilizados nas vilas e cidades, sobretudo na capital, onde se ocupavam no trabalho doméstico, nos diversos ofícios (pedreiro, sapateiro, ferreiro), nas atividades do mar (marinheiro, remador, canoeiro, pescador). Eles lavravam a terra em pequenas plantações existentes na periferia da cidade, trabalhavam em variados tipos de construção pública e privada, vendiam uma grande variedade de pequenas mercadorias, principalmente comida pronta, verduras, peixe, carne. E eram empregados no transporte de volumes grandes e pequenos, como caixas de açúcar, barris de cachaça, mercadorias importadas, água de gasto e potável, dejetos humanos, balaios de compras e até cartas eram levadas ao correio por escravos. Eles também transportavam pessoas nas cadeiras de arruar, talvez a mais típica atividade dos escravos nas ruas de Salvador.

Uma cadeira de arruar do século XIX. Museu de Arte da Bahia.

As ocupações dos presos por suspeita de participação na revolta de 1835 refletem a variedade de atividades desempenhadas pelos escravos urbanos. Havia entre eles lavradores, remadores, domésticos, pedreiros, sapateiros, alfaiates, ferreiros, armeiros, barbeiros, vendedores ambulantes, carregadores de cadeira, entre outras atividades. A grande maioria dos rebeldes se empregava em ocupações tipicamente urbanas. Foram pouquíssimos os ocupados na lavoura, por exemplo. Um ou outro tinha vindo do Recôncavo para participar do levante em Salvador.

Na escravidão urbana os cativos gozavam de maior independência do que na escravidão rural, e isso facilitou muito a organização do movimento de 1835. Em geral, os escravos percorriam por toda a cidade trabalhando para seus próprios senhores ou, principalmente, contratados por terceiros para serviços eventuais. Muitos escravos sequer moravam na casa senhorial. Chamados *negros* ou *negras de ganho*, e também de *ganhadores* ou *ganhadeiras*, esses homens e mulheres escravizados contratavam com seus senhores entregar certa quantia diária ou semanal de dinheiro, e tudo que ultrapassasse esta quantia podiam embolsar. O escravo que trabalhasse muito e poupasse muito podia após cerca de nove longos anos comprar sua liberdade, e muitos assim o fizeram. Alguns chegavam se tornar prósperos homens de negócio, que era a ocupação mais comum dos que prosperavam. Muitos africanos, depois de libertos da escravidão, tornavam-se eles próprios senhores de escravos. Calcula-se em cerca de 7 por cento a proporção dos africanos libertos na população de Salvador na época da revolta dos malês. Eles representariam em torno de 25 por cento da população africana na cidade.

Africanos escravos e libertos com freqüência trabalhavam e viviam juntos, desempenhando as mesmas tarefas, morando nas mesmas casas. No trabalho de rua organizavam-

se em associações chamadas *cantos de trabalho*, nos quais se reuniam principalmente os da mesma etnia chefiados por um “capitão” encarregado de acertar os serviços desempenhados pelo grupo. Assim associados enfrentavam o trabalho diário e desenvolviam laços de amizade e solidariedade que constantemente se desdobravam em ações políticas. Esses grupos de trabalho foram essenciais na mobilização dos africanos para a revolta em 1835 e em outras ocasiões. Enquanto esperavam por serviço nas esquinas onde se reuniam, os africanos iam formulando e aperfeiçoando suas idéias de liberdade e de ataque à escravidão na Bahia.

Infelizmente não sabemos detalhes do que planejavam fazer os rebeldes depois de vitoriosos. Há indícios de que não tinham planos amigáveis para as pessoas nascidas no Brasil, fossem estas brancas, negras ou mestiças. Umas seriam mortas, outras escravizadas pelos vitoriosos malês. Isso refletia as tensões existentes no seio da população escrava entre aqueles nascidos na África e aqueles nascidos no Brasil. Que fique bem claro: os negros nascidos no Brasil, e por isso chamados *crioulos*, não participaram da revolta, que foi feita exclusivamente por africanos.

Por isso, se o levante tivesse sido um sucesso, a Bahia malê seria uma nação controlada pelos africanos, tendo à frente os muçulmanos. Talvez a Bahia se transformasse num país islâmico ortodoxo, talvez num país onde as outras religiões predominantes entre os africanos e crioulos (o candomblé e o catolicismo) fossem toleradas. De toda maneira a revolta não foi um levante sem direção, um simples ato de desespero, mas sim um movimento político, no sentido de que tomar o governo constituía um dos principais objetivos dos rebeldes.

Apesar de apoiados por africanos não-muçulmanos, que também entraram na luta, os malês foram os responsáveis por planejar e mobilizar os rebeldes. Suas reuniões — feitas nas casas de libertos, nas senzalas urbanas, nos cantos de trabalho — misturavam conspiração, rezas e aulas em que se exercitavam a recitação, a memorização e a escrita de passagens do Corão, o livro sagrado do islamismo. O próprio levante foi marcado para acontecer no final do mês sagrado do Ramadã, o mês do jejum dos muçulmanos. Os malês foram para as ruas guerrear usando um abadá branco, espécie de camisolão tipicamente muçulmano, além de também carregar em volta do pescoço e nos bolsos amuletos protetores, que eram cópias em papel de rezas e passagens do Corão dobradas e enfiadas em bolsinhas de couro ou pano. Esses amuletos eram confeccionados por mestres muçulmanos, muitos deles líderes da revolta, que teriam dado a seus seguidores suas bênçãos e a certeza da vitória.

Cientes de que constituíam minoria na comunidade africana da Bahia, composta de escravos e libertos de diferentes grupos étnicos e religiosos, os malês não hesitaram em convidar escravos não-muçulmanos para o levante. Neste sentido, a identidade e a solidariedade étnicas constituíram um outro fator de mobilização a entrar em jogo.

De fato identidade étnica e religiosa foi muito importante para deslanchar o movimento. A maioria dos muçulmanos que viviam na Bahia em 1835 era nagô. Apesar de na África, e mesmo no Brasil, outros grupos, como os haussás, serem mais islamizados do que os nagôs, coube a estes o predomínio no movimento de 1835. Os nagôs islamizados não só constituíram a maioria dos combatentes, como a maioria dos líderes. Mais de 80 por cento dos réus escravos em 1835 eram nagôs, sendo eles apenas 30 por cento dos africanos de

Salvador; dos sete líderes identificados, pelo menos cinco eram nagôs. Eram nagôs os seguintes líderes: os escravos Ahuna, Pacifico Licutan, Sule ou Nicobé, Dassalu ou Damalu e Gustard. Também nagô era o liberto Manoel Calafate. Os outros eram o escravo tapa Luís Sanim e o liberto haussá Elesbão do Carmo ou Dandará, que negociava com fumo.

Vistos enquanto grupo étnico os nagôs eram na sua maioria não-muçulmanos, e sim devotos dos orixás, embora fizessem incursões no campo muçulmano. Por exemplo usavam os famosos amuletos malês, considerados de grande poder protetor, e provavelmente recorriam a adivinhos malês, entre outras práticas. Ou seja, naquela fronteira em que as duas religiões se encontrava, os nagôs como um todo, malês e filhos de orixá, também se encontravam. E se encontravam como entidade étnica, como pessoas que falavam a mesma língua, tinham histórias comuns, em muitos casos haviam obedecido aos mesmos reis africanos. Essas convergências facilitaram a mobilização em 1835 para além das colunas muçulmanas.

Africano Nagô, que pode ser identificado pelas marcas étnicas no rosto.

Os nagôs vinham de uma parte específica da África, qual seja a região sudeste da atual Nigéria e a parte leste da atual República do Benin. Eram de diversos reinos espalhados por esse território, como Oió, Queto, Egba, Yagba, Ijexá, Ijebu, Ifé entre outros. Esses reinos durante muito tempo viveram sob a égide do reino de Oió, embora numa espécie de federação imperial. Na época do levante de 1835 essa federação dominada por Oió estava em franca desintegração em função de lutas intestinas generalizadas. Os malês especificamente tiveram sua origem principalmente em Ilorin, que era uma dependência do reino de Oió que se rebelou sob a liderança de Afonjá. Este homem se aliou aos muçulmanos haussás, fulanis e iorubás contra o alafin, que era o título do rei de Oió. Essas guerras foram responsáveis pela transformação de milhares dos habitantes locais em prisioneiros, que eram vendidos como escravos aos traficantes do litoral, e daí exportados para a Bahia.

Embora a grande maioria dos interrogados em 1835 respondesse que era apenas “nagô”, alguns fizeram questão de ser mais precisos, indicando também o local específico de onde vinham. O carregador de cadeira Joaquim de Mattos, por exemplo, respondeu ser de “nação Nagô Gexá”, quer dizer de origem Ijexá, um grupo étnico do leste do território iorubá. Joaquim havia se alforriado há pelo menos sete anos e portanto deveria estar na Bahia há cerca de nove anos no mínimo. A liberta Edum disse ser de “nação nagô-bá” e um outro africano interrogado disse ser ela apenas “Bá”, significando ser oriunda de Egba ou Yagba. O liberto Lobão Machado foi bem claro: era de nação “Nagô-Ebá”, ou seja de Egba. Francisco, cerca de 25 anos de idade, escravo doméstico e comprador, que vivia em Salvador há cerca de 6 anos, era Yaba, ou, segundo suas próprias palavras, “Nagô-Abá”. E o escravo José se disse “nagô jabu”, provavelmente natural de Ijebu. A expressão nagô remetia à África descoberta no Brasil, pois só aqui eles se tornariam conhecidos por aquela expressão, enquanto Ijebu, Egba, Yagba, Oyo, Ijexá (ou Ilesha) representavam a África deixada do lado de lá do Atlântico. O escravo nagô Antônio, doméstico e carregador de cadeira, resumiu bem a questão quando afirmou: “ainda que todos são Nagôs, cada um tem sua terra”.

Ao deporem sobre o grau de envolvimento com o islamismo, muitos interrogados se reportaram a suas experiências africanas. Alguns disseram abertamente que haviam recebido instrução islâmica na África, possivelmente em escolas corânicas ou madrasas. O nagô Pedro, ao ser perguntado sobre um livro e vários manuscritos em árabe encontrados em seu poder, respondeu: “o livro continha rezas de sua terra e os papéis várias doutrinas cuja linguagem e sua ciência ele sabia antes de vir de sua terra”. Pompeo da Silva, nagô forro, com cerca de 30 anos de idade, “perguntado se ele sabia ou entendia das letras arábicas que usavam os Nagôs, disse, que tendo aprendido em sua terra pequenino que agora quase nada se lembrava”. Antônio, escravo Haussá, pescador, disse que sabia escrever em árabe, mas só escrevia “orações segundo o cisma de sua terra”. Ou seja, não escrevia coisas subversivas, políticas, só orações. Acrescentou que “quando pequeno em sua terra andava na escola”.

Amuleto malê

O escravo nagô Gaspar, preso com grande quantidade de escritos árabes, amuletos, um tessubá (o rosário malê) etc, disse ter sido ele autor dos escritos, e que aprendera o

árabe em sua terra. Ele leu trechos do que havia escrito, embora alegasse não saber traduzir para o português.

Observamos em todas essas declarações as lembranças de uma educação muçulmana na África, às vezes lembranças de quando estes escravos eram ainda crianças. Isso acontecia mesmo no caso dos nagôs, que vinham de um lugar onde o islamismo era adotado por uma minoria, ao contrário do país haussá, onde a religião estava arraigada há tempos.

Outras tradições islâmicas também atravessaram o Atlântico, como o já mencionado uso do amuleto. O liberto Lobão Machado acima mencionado, quando preso, levava diversos amuletos protetores em volta do pescoço. Perguntado para que usava aquilo, disse ser para proteger contra o vento. Provavelmente referia-se ao jim ou anjonu, espécie de espíritos malês. Outros interrogados responderam como ele que os amuletos eram para proteger do vento. Pela quantidade de amuletos apreendidos pela polícia em 1835, muita gente se protegia desta forma contra espíritos malignos. O escravo haussá Antônio acima mencionado usava a educação muçulmana recebida em sua terra para escrever amuletos, que vendia por bom preço — equivalente ao jornal de um escravo de aluguel — a africanos que também desejavam se proteger dessas forças espirituais que haviam acompanhado os africanos ao Novo Mundo.

Tais informações têm o valor de explicitar, através da fala dos interrogados, tradições aprendidas na África e mantidas na Bahia. Estes depoimentos mostram com muita nitidez uma projeção da história africana na história brasileira.

É preciso esclarecer que nem todos os africanos muçulmanos existentes na Bahia em 1835 participaram da revolta. As autoridades, porém, usaram a posse de papéis malês como prova de rebeldia e por isso muitos inocentes foram presos e condenados.

Os malês receberam diversos tipos de sentença. Foram elas: prisão simples, prisão com trabalho, açoite, morte e deportação para a África. Esta última pena foi atribuída a muitos libertos presos como suspeitos mas contra os quais nenhuma prova definitiva foi encontrada. Mesmo assim, apesar de absolvidos, foram expulsos do país. A pena de açoites variava de 300 até 1.200 chicotadas, que foram distribuídas ao longo de vários dias. O idoso Pacifico Licutan foi sentenciado a 1.200 chibatadas. Sabe-se de pelo menos um condenado que morreu em decorrência desta pena de tortura, o escravo nagô Narciso.

A pena de morte, foi imposta, inicialmente a 16 acusados, mas posteriormente 12 deles conseguiram sua comutação. Quatro foram no final executados. Eram eles o liberto Jorge da Cruz Barbosa, cujo nome iorubá era Ajahi, carregador de cal; Pedro, nagô, carregador de cadeira, escravo de um negociante inglês; Gonçalo e Joaquim, ambos escravos nagôs. Todos quatro foram executados por um pelotão de fuzilamento no Campo da Pólvora, no dia 14 de maio de 1835. E assim se findava um dos episódios mais empolgantes da resistência escrava no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

Sobre a África dos malês, ler Robin Law, *The Oyo Empire, c. 1600-c. 1836: A West African Imperialism in the Era of the Atlantic Slave Trade*, Oxford: Claredon, 1977; Paul Lovejoy, *A escravidão na África*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003, capítulo 9; Pierre Verger, *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benim e a Bahia de Todos os Santos*, Salvador, Corrupio, 1987; e Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002, pp. 451-562.

Sobre trabalho escravo urbano, alforria e africanos libertos na Bahia, leia Maria Inês C. de Oliveira, *O liberto: seu mundo e os outros*, Salvador, Corrupio, 1988; João José Reis, "A greve negra de 1857 na Bahia", *Revista USP*, nº 18 (1993), pp. 6-29; Stuart B. Schwartz, "A Manumissão dos escravos no Brasil Colonial – Bahia 1684-1745, *Anais de Historia*, nº 6 (1974), pp. 71-114; Kátia M. de Queirós Mattoso, "A propósito de cartas de alforria", *Anais de História*, nº 4 (1972), pp. 23-52.

Sobre a Revolta dos Malês especificamente, ler Joâo José Reis, *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003; Décio Freitas, *Insurreições escravas*, Porto Alegre, Movimento, 1976; e o livro de Pierre Verger, *Fluxo e refluxo*, capítulo IX.

Os depoimentos dos malês presos em 1835 se encontram nos inquéritos policiais e processos judiciais depositados no Arquivo Público do Estado da Bahia. Esses documentos já foram publicados em diversos números dos *Anais do Arquivo do Estado da Bahia*. Também estão sob a guarda do Arquivo o que sobrou dos documentos escritos em árabe.

Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840*

Magda Ricci**

A Cabanagem foi uma revolução social que dizimou a população amazônica e abarcou um território muito amplo. Contrastando com este cenário amplo e internacional, foi, e ainda é, analisada como mais um movimento regional, típico do período regencial do Império do Brasil. No entanto, os "patriotas" cabanos, ao longo do movimento, criaram um sentimento comum de identidade entre povos de etnias e culturas diferentes, que extrapolava estes ditames. Todo o processo é o objeto central deste artigo.
Palavras-chave: Cabanagem – Cidadania – Brasil Império

Cabanagem, citizenship and revolutionary identity: the problem of the patriotism in the Amazonia between 1835 and 1840
Cabanagem was a social revolution that decimated the Amazonia´s population in a wide territory. In contrast to this wide and international scenery, Cabanagem was, and it still is, analyzed as regional movement, typical of the regency period. However, the "patriot" cabanos created, throughout the movement, a feeling of common identity

---

* Artigo recebido em outubro de 2006 e aprovado para publicação em dezembro de 2006.

** Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará. E-mail: magdaricci@uol.com.br.

shared by people of the different etnias cultures which it extrapolated these initial caracteristics. This whole process is the central object of this article.
Keywords: Cabanagem – Citizenship – Empire of Brazil

La *Cabanagem*, citoyenneté et identité révolutionnaire : le problème du patriotisme en Amazonie entre 1835 et 1840

La *Cabanagem* fut une révolution sociale qui a anéanti la population amazonienne et atteint un large territoire. Malgré cette ampleur internationale, la *Cabanagem* fut analysée (et continue à l'être) comme étant un mouvement plutôt régional, caractéristique de la Régence. Cependant, les «patriotes» *cabanos* ont créé une sensation d'identité commune entre les gens d'ethnies et cultures différentes, ayant extrapolé ces limites. Ce processus est l'objet central de cet article.
Mots-clés: Cabanagem – Citoyenneté – Régence

A revolução social dos cabanos[1] que explodiu em Belém do Pará, em 1835, deixou mais de 30 mil mortos e uma população local que só voltou a crescer significativamente em 1860.[2] Este movimento matou mestiços, índios e africanos pobres ou escravos, mas também dizimou boa parte da elite da Amazônia. O principal alvo dos cabanos era os brancos, especialmente os portugueses mais abastados. A grandiosidade desta revolução extrapola o número e a diversidade das pessoas envolvidas. Ela também abarcou um território muito amplo. Nascida em Belém do Pará, a revolução cabana avançou pelos rios amazônicos e pelo mar Atlântico, atingindo os quatro cantos de uma ampla região. Chegou até as fronteiras do Brasil central e ainda se aproximou do litoral norte e nordeste. Gerou distúrbios internacionais na América caribenha, intensificando um importante tráfico de idéias e de pessoas.

Contrastando com este cenário amplo, a Cabanagem normalmente foi, e ainda é, analisada como mais um movimento regional, típico do período regencial do Império do Brasil. No entanto, os cabanos e suas lideranças vislumbravam outras perspectivas políticas e sociais. Eles se autodenominavam "patriotas", mas ser patriota não era necessariamente sinônimo de ser brasi-

---

[1] Cabanos era o termo utilizado como alcunha dos homens que viviam em casas simples, cobertas de palha. O mesmo nome cabano também significa um tipo de chapéu de palha comum entre o povo mais humilde na Amazônia.

[2] Dados retirados de Domingos Antonio Raiol, *Motins políticos ou história dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*, 2ª edição, Belém, Universidade Federal do Pará, 1970, vol. 3, p. 1000 (1ª edição 1865-1891).

leiro.[3] Este sentimento fazia surgir no interior da Amazônia uma identidade comum entre povos de etnias e culturas diferentes. Indígenas, negros de origem africana e mestiços perceberam lutas e problemas em comum.[4] Esta identidade se assentava no ódio ao mandonismo branco e português e na luta por direitos e liberdades.[5] Todo o processo é o objeto central deste artigo. Ele começa esclarecendo alguns antigos olhares da historiografia da Cabanagem sobre suas lideranças e as motivações cabanas para a luta. A segunda e a terceira parte analisam o papel das lideranças cabanas e a formação de identidades locais dentro do movimento de 1835.

Uma revolução, muitas histórias

Toda a chacina populacional da Cabanagem, entre 1835 e 1840, deixou um trauma local e um vazio de explicações. Só depois de 1865 este movimento

---

[3] Sobre a distância entre o conceito de patriotismo e a formação da identidade nacional já existe uma ampla bibliografia no Brasil. É preciso citar o clássico estudo de Maria Odila da Silva Dias, "A interiorização da metrópole", Carlos G. Mota (org.), *1822: Dimensões*, São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 160-184. O texto de Dias revolucionou o tema, ao separar as lutas de independência da formação da nação brasileira. Outros estudos mais recentes ampliaram a perspectiva de análise, compreendendo as disputas e as revoluções sociais da Regência dentro de um clima de extrema incerteza, quanto aos rumos e à integridade territorial e política do Brasil. É o caso de István Jancsó e João Paulo G. Pimenta "Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira)", Carlos Guilherme Mota (org.), *Viagem incompleta*: *a experiência brasileira, 1500-2000.* Formação: histórias, São Paulo, SENAC, 2000, p. 127-175. Autores como Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves analisam a cultura política da Independência mais como fruto da ilustração portuguesa no Brasil do que como inspirações liberais libertárias, atribuindo a unidade nacional mais aos "corcundas" centralizadores. Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, *Corcundas, constitucionais e pés-de-chumbo: a cultura política da Independência (1820-1822),* Rio de Janeiro, Revan/FAPERJ, 2003. Na mesma linha da continuidade entre o Império luso e o brasileiro, está o livro de Maria de Lourdes Viana Lyra, *A utopia do poderoso império.* Portugal e Brasil: bastidores da política, 1798-1822, Rio de Janeiro, Sette Letras, 1994.

[4] Esta identidade de negros e mestiços durante o processo de Independência não ocorreu apenas no Pará. Ver, para o caso da Bahia, Hendrik Kraay, *Race, state, and armed forces in independence-era Brazil: Bahia, 1790s-1840s*, Stanford, Stanford University Press, 2002, e João José Reis, "O jogo duro do Dois de Julho: o partido negro na Independência da Bahia", Eduardo Silva e João José Reis (orgs.), *Negociação e conflito: resistência negra no Brasil escravista,* São Paulo, Companhia das Letras, 1989. Para o Piauí, Joaquim Chaves, *O Piauí nas lutas de independência do Brasil*, Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993. Para o Rio Grande do Sul, ver João Paulo Pimenta, *Estado e nação no fim dos impérios ibéricos no Prata,1808-1828*, São Paulo, Hucitec, 2002.

[5] Este ódio tinha muitas origens e contextos. Na Corte carioca, gerou conflitos constantes desde os anos iniciais de 1820. Sobre a instabilidade entre portugueses e brasileiros na Corte, ver Gladys Sabina Ribeiro, *A liberdade em construção*; identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

começou a ser estudado de forma mais sistemática. Para seu primeiro autor, Domingos Antonio Raiol, ou o Barão de Guajará, este movimento era sinônimo de motim político. Eram levantes sucessivos que, nascidos nas fileiras "sediciosas" do governo carioca e Imperial pós-1831, migraram rapidamente para as capitais das novas províncias, ateando fogo no que este autor sugestivamente chamou da "relva ressequida" da Amazônia. De fato, o longo e exaustivo estudo de Raiol procurava justificar a Cabanagem numa mistura entre a omissão inicial das autoridades Imperiais na Amazônia e seu pulso firme na repressão ao movimento de 1835. O resultado foi uma interpretação que tornava a Cabanagem um levante de caráter regional, que devia ser compreendido dentro dos ditames da formação da justiça e da organização social e política Imperial.[6]

Ao longo dos anos de 1920 e 1930, delinearam-se outras histórias e o movimento cabano foi ganhando outros sentidos.[7] Houve quem o percebesse como uma guerra de Independência tardia, ou mesmo como um movimento nacionalista. Neste contexto, os cabanos deixaram de ser tratados como "malvados" e "sediciosos", para se tornarem "patriotas", conceito entendido como cidadãos adeptos da "causa brasileira". Nascia uma linha positiva e de continuidade nacionalista entre o processo de emancipação política no Pará e o movimento cabano.[8] Em pleno momento de comemoração do centenário da Independência brasileira, os intelectuais na Amazônia e no Brasil reinventaram esta história pátria. Para eles, os cabanos apoiavam-se em um justo ódio racial aos brancos, ódio que aumentava com uma má administração portuguesa de cunho colonialista. Estes cabanos, vindos do povo mais simples da Amazônia,

---

[6] Sobre o Barão de Guajará, ver Magda Ricci, "O Império lê a Colônia: um barão e a história da civilização na Amazônia", José Maia Bezerra Neto & Décio de Alencar Gúzman (orgs.), *Terra matura: historiografia e história social da Amazônia*, Belém, 2002, p. 29-37, e Magda Ricci, "História amotinada: memórias da Cabanagem", *Caderno do Centro de Filosofia e Ciências Humanas UFPA*, vol. 12, nº 1/2, Belém, 1993, p. 13-28.

[7] Para uma análise mais apurada destas mudanças historiográficas, ver Magda Ricci, "Do sentido aos significados da Cabanagem: percursos historiográficos", *Anais do Arquivo Público do Pará*, vol. 4, tomo I, Belém, 2001, p. 241-274. Ver também Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, *Visões da Cabanagem: uma revolta popular e suas representações na historiografia*, Manaus, Valer, 2001.

[8] Para estas versões da linha de continuidade positiva, ver João Palma Muniz, "Greenfell na história do Pará 1823-1824", *Annaes da Bibliotheca do Archivo Público*, Vol. 10, Belém, 1926, p. 8-422; *Idem*, "Adesão do Grão-Pará à Independência", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*, Vol. 6, tomo 4, Belém, 1922, p. 1-406; Henrique Jorge Hurley, *A Cabanagem*, Belém, Livraria Clássica, 1936; *Idem*, *Traços cabanos*, Belém, Oficina Gráfica Instituto Lauro Sodré, 1936; Dilke Barbosa Rodrigues, *A vida singular de Angelim*, Rio de Janeiro, Pongetti, 1936; Ernesto Cruz, *Nos bastidores da Cabanagem*, Belém, Oficina Gráfica da Revista de Veterinária, 1942.

efetivaram, contudo, uma luta insana, pois sua causa, em seu limite, levava a uma guerra separatista, o que contrariava o espírito pátrio, que prevalecia nas comemorações do centenário da Independência brasileira.[9]

Ainda nos anos 1930, nascia uma outra versão para a ação cabana, agora marcada por um posicionamento político-marxista. Caio Prado Júnior, de maneira precursora, atribuía aos cabanos da Amazônia do século XIX a prerrogativa de terem sido os únicos revolucionários populares e partidários de ideais libertários que conseguiram tomar o poder.[10] Com este autor, os olhos da historiografia marxista no Brasil se voltaram definitivamente para o movimento de 1835. Os cabanos tornaram-se exemplos de rebeldes primitivos. Muitos dos principais autores que escreveram nos anos 1970 e 1980, tempos dos 150 anos da Cabanagem, seguiram alguns dos principais passos traçados por Prado Júnior.

Ricardo Guimarães, militante do PCB, escreveu seu estudo *A Cabanagem – a revolução no Brasil* no ano de 1977, em plena ditadura militar.[11] Em uma versão mais atual, o livro de Guimarães sugestivamente reuniu o que seriam as duas maiores tentativas revolucionárias da esquerda do Brasil dos séculos XIX e XX: a Cabanagem e a Guerrilha do Araguaia. Dois movimentos – temporalmente tão distantes – agregavam-se na militância da esquerda e na luta antiimperialista no Brasil.[12] Para Guimarães, a Cabanagem explicava-se pela

---

[9] Jorge Hurley, com suas duas obras fundamentais, *A Cabanagem* e *Traços cabanos*, é o autor, por excelência, desta visão. Em 1935, foi eleito Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e desembargador geral do Estado do Pará após 1930. Jorge Hurley, *op. cit.* Há ainda outros, como Ernesto Cruz, *op. cit.* E, mais recentemente, Robin L. Anderson, "A Cabanagem: uma interpretação da luta de raças na Amazônia, 1835-1836", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro (307), p. 22-227, 1975.

[10] Apesar de não se dedicar exaustivamente ao tema da Cabanagem, Caio Prado Jr. foi o grande divulgador deste movimento entre as fileiras da esquerda no Brasil do século XX. Em seu livro *Evolução política*, assinala que o movimento era uma revolução que, "apesar de sua desorientação, apesar da falta de continuidade que o caracteriza", possuía "a glória de ter sido a primeira insurreição popular que passou de simples agitação para a tomada efetiva do poder". Ver Caio Prado Júnior, *Evolução política*, 10ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1978, p. 69 (1ª edição 1933).

[11] O estudo de Guimarães foi escrito dentro de um projeto cinematográfico que acabou não sendo concluído. Em 1978, foi publicado, em uma primeira edição, na revista *Temas de Ciências Humanas*, para, somente em 2000, ganhar uma nova edição em um livro que juntava uma análise sobre a Cabanagem com a atuação do PCB na Guerrilha do Araguaia. Ver Ricardo Guimarães, *Dois estudos para a mão esquerda. Cabanagem. Guerrilha ou luta de massas,* Rio de Janeiro, Revan, 2000.

[12] *Ibidem*, p. 9.

luta de classe, e seus líderes, paulatinamente, tornaram-se mais populares e revolucionários.[13]

Nesta mesma linha crítica, alguns autores modernos discordavam da idéia de uma Cabanagem essencialmente identificada como luta de classes, mas concordavam que o movimento de 1835 se configurava como uma revolta popular armada ou uma guerrilha contra o Estado e seus sectários no Pará. Todo o passado no Grão-Pará transformava-se em exemplo crescente de opressão colonial, de uma infame conquista territorial, econômica e cultural, que teria alijado as camadas populares do poder. O movimento de 1835 ressurgia 150 anos depois como uma luta legítima contra esta hegemonia imperialista. Em plena época da reabertura política ou de guerra aberta contra o regime militar imposto em 1964, estes pesquisadores buscavam no passado cabano um símbolo inicial de afirmação e de luta por cidadania. Em 1835, era o imperialismo português e britânico, em 1985, o norte-americano e liberal.[14]

O argumento imperialista ressaltado por estes últimos autores ainda permanece justo, pois as formas da colonização no Pará e no Brasil legaram à região e ao país inúmeras heranças enodoadas e dívidas sociais e políticas sem tamanho. Contudo, é preciso manter ressalvas a algumas generalizações de espaço e tempo. Se estes estudos entendiam as lideranças cabanas como sinônimos de chefias máximas, estas acabavam lutando, de forma consciente ou não, contra forças estruturais abstratas. Os líderes cabanos não tinham "plena consciência" de seus atos e motivações. Nascia a idéia de uma consciência "possível" e outra "ideal" para os cabanos. A "possível" atrelava-se a uma luta secular que estes empreenderam contra a exploração colonial, alicerçando-se no "patriotismo" e no "anticolonialismo". Estas duas bandeiras abreviavam-se nos argumentos de algumas lideranças máximas, que conduziam as massas revolucionárias. Por este raciocínio, a consciência política "ideal" para os cabanos devia ser localizada em seus projetos políticos. Contudo, os revolucionários

[13] O estudo de Guimarães ainda deve ser lembrado, porque salientou a pouca importância que a historiografia cabana atribuiu às outras lideranças de fora do eixo principal de Belém. O autor valorizou o papel das lideranças de ascendência negra e indígena, que foram fundamentais em toda a calha dos rios da Amazônia, percorrida e levantada pelos cabanos.

[14] Ver Carlos Rocque, *Cabanagem: epopéia de um povo*, Belém, Imprensa Oficial, 1984, 2 v.; José Júlio Chiavenato, *Cabanagem: o povo no poder*, São Paulo, Brasiliense, 1984; Pasquale Di Paolo, *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia*, Belém, Conselho de Cultura, 1985. Vale notar que este último estudo ganhou o Prêmio Nacional de Monografias, instituído em Belém, em 1985, momento em que o movimento cabano completava seus 150 anos. No mesmo momento, Carlos Rocque publicava uma versão inicial de sua obra em fascículos no maior periódico de grande circulação em Belém, o jornal *O Liberal*. Para maiores detalhes, ver Magda Ricci, "Do sentido aos significados...", *op. cit.*, p. 259-262.

paraenses não teriam sido capazes, ou não tiveram tempo, de formular bem estes escritos. Os estudos mais próximos destes projetos eram as chamadas proclamações e alguns escritos jornalísticos dos quatro presidentes cabanos e de algumas outras lideranças.[15] Suas falas foram tomadas como de "vanguarda". Elas, todavia, nem sempre foram bem-sucedidas em seus planos iniciais para o governo na Amazônia. Como conseqüência, o grosso da população revolucionária, como os negros, os índios e os mestiços, possuía limites ainda maiores de consciência política, estando confinados aos ditames da sociedade liberal brasileira, do capitalismo, ou mesmo do escravismo.

Nos últimos anos, foram difundidas outras facetas da chamada "colonização" no Pará e na Amazônia cabana. O "tráfico das idéias", notadamente o internacional, vindo pelas Guianas e pelos Andes, é um caminho que vem rendendo bons estudos, como os de Décio Freitas e Vicente Salles.[16] Para estes autores, a Amazônia brasileira estava permeada por idéias liberais, capitalistas e escravistas, mas também recebeu muito mais rapidamente influências socialistas, com a presença constante de ex-revolucionários, geralmente degredados da Europa para a América francesa, inglesa ou hispânica. Sem penetrar no mérito da divulgação destes ideais "socialistas", minha proposta neste artigo é a de verificar mais densamente um certo "tráfico" interno de idéias e de condutas locais. Analiso as ações e os pensamentos próprios do universo cultural e social das lideranças cabanas. Caminhando por meandros mais sutis, mas nem por isto menos relevantes, procurarei entender o significado político das ações das primeiras lideranças cabanas em Belém, lideranças construídas ao calor da hora revolucionária. É daí que parto para compreender as dimensões políticas e simbólicas destes revolucionários e sua relação com a massa cabana.

[15] São eles: Félix Clemente Malcher, Francisco Vinagre, Antonio Vinagre e Eduardo Nogueira Angelim. Além destes, havia um padre precursor do movimento, o cônego João Gonçalves Batista Campos, que morreu antes da eclosão cabana. O mais interessante deste argumento é que a maioria das fontes utilizadas para analisar as falas dos líderes e do precursor dos cabanos, nos escritos de autores como Pasquale Di Paolo e Julio Chiavenato, foi retirada dos livros de Domingos Antonio Raiol, notadamente um anticabano.

[16] Ainda na linha marxista estão os estudos de Vicente Salles, especialmente o *Memorial da Cabanagem* e *O Marxismo, socialismo e os militantes excluídos*. Estes dois livros dão um salto no debate sobre o papel das lideranças cabanas, pois, ao contrário dos demais, entendem que o fundamental na análise sobre estas lideranças seria perceber empiricamente os quadros do "pensamento liberal" e do "socialista", transpostos da Europa para o Brasil. É uma análise sobre o "tráfico de idéias", sustentado por fontes e casos de estudo muito concretos. Também o estudo de Décio Freitas se insere nesta linha. Décio Freitas, *A miserável revolução das classes infames*, Rio de Janeiro, Record, 2005; Vicente Salles, *Marxismo, socialismo e militantes excluídos*, Belém, Paka-tatu, 2001, p. 23. Sobre as idéias socialistas na Cabanagem, ver ainda Vicente Salles, *Memorial da Cabanagem*, Belém, SEJUP, 1992.

As belezas e as mazelas de uma revolução infinita

No início do seu derradeiro volume sobre a Cabanagem, Domingos Antonio Raiol afirmou que toda a trama revolucionária cabana nasceu nos anos anteriores a 1835. Era fruto da influência direta das "classes superiores", sendo estas "classes" seus "protagonistas primitivos". A elite local ateou fogo na chamada "relva ressequida" da Amazônia. Seu ato insensato gerou uma revolução que parecia infinita e que foi queimando tudo e todos, desde a "relva" mais "baixa" até os mais sólidos "troncos".[17] O autor fazia referência explícita aos acontecimentos do dia da explosão cabana, o 7 de janeiro de 1835, e ao curto governo de Félix Clemente Antonio Malcher. Este primeiro presidente cabano foi empossado pelo povo e, um mês e meio depois, assassinado por seus próprios partidários.

Malcher preparou, em conjunto com algumas outras autoridades da administração local, um levante social, incitando o povo de Belém e da rica região limítrofe do Acará a depor e matar o Presidente da Província e seus sectários. Os documentos apresentados por Raiol dão conta desta trama das elites locais para tomar a Província. O mais interessante deles é uma proclamação, datada de 12 de janeiro de 1835. Depois de ter sido empossado e de ter jurado perante a Câmara servir à causa brasileira, Malcher pedia paz aos paraenses.[18]

Neste documento, o líder forjava um ponto essencial na sua relação com a massa cabana. Fixando-se nas idéias de "bravura", "patriotismo" e "constitucionalismo", Malcher visualizava o clímax da luta cabana nos episódios do 7 de janeiro de 1835. Nesta data, em nome de Pedro II, Malcher foi aclamado pelo povo para governar o Grão-Pará durante a menoridade do Imperador. Era a lei da "bravura" e do "patriotismo" contra o despotismo regencial carioca, considerado similar ao antigo jugo português. Como o poder que elegeu Malcher emanava do povo, sua vontade seria a mesma da coletividade que o aclamou. O que sucedia a este movimento era a memória dos "louros imortais", cabendo aos antigos beligerantes a volta aos lares e o tomar agora em mãos os seus costumeiros "instrumentos agrícolas". Contudo, se para Malcher a luta se havia encerrado no dia 7 de janeiro de 1835, para a maioria cabana isto não era consenso.

---

[17] Domingos Antonio Raiol, *op. cit.*, vol. 3, p. 804.
[18] *Ibidem*, vol. 2, p. 556.

A bandeira de luta dos levantados de janeiro resumia-se na morte aos portugueses e aos maçons.[19] Neste primeiro momento, as mortes e as perseguições a estes dois grupos foram pontuais, culminando no assassinato das duas autoridades máximas da Província.[20] Assim, quando Malcher pregava o retorno ao campo e ao trabalho, a massa cabana percebia que esta volta significava uma continuidade em sua condição social. Somente em agosto de 1835, durante o segundo assalto cabano a Belém, e meses após a morte de Malcher, foi que se expandiu a chacina aos inimigos cabanos na capital do Grão-Pará. Meu argumento aqui é o de que houve um aprendizado de luta entre um momento e outro. Minha hipótese é a de que uma parte significativa da experiência de classe entre os cabanos teria surgido em sua relação com os seus líderes, dentro do processo revolucionário.

Ressaltei que Félix Clemente Malcher buscou frear o ímpeto revolucionário em janeiro de 1835, conclamando os cabanos a largarem suas armas, trocando-as por suas ferramentas agrícolas. Várias razões levaram o primeiro líder cabano a tomar esta atitude contra-revolucionária. Malcher havia ajudado a redigir um documento, no qual ele e seus compatriotas afirmavam que a morte do antigo Presidente Bernardo Lobo de Sousa estava ligada a uma exaustão generalizada e a um governo marcado "por sua prepotência e arbitrariedades". Malcher e os cabanos, assinantes do documento, pediam à Regência que não nomeasse mais ninguém para o lugar de Lobo de Sousa até que D. Pedro II alcançasse a maioridade, pois que eles, cabanos, não receberiam "qualquer presidente que a Regência lhes mandasse". Lembravam ainda que a prosperidade do Pará estava associada à administração de um "benemérito e patriota cidadão" a quem tinham aclamado. Concluíam sua ata demarcando que este presidente governava com o intuito de cuidar do "bem público" e não de seus interesses pessoais.

---

[19] O primeiro grupo simbolizava todo um passado de exploração e subjugação social, e o segundo estava associado aos homens que contrariaram as leis de Deus e sua justiça terrena, impedindo que a justiça de Deus e dos homens, como Pedro II, chegassem até os mais explorados homens da Amazônia.

[20] No primeiro assalto a Belém foram mortas as principais autoridades que simbolizavam esta luta antiportuguesa e antimaçônica, especialmente o Presidente da Província, Bernardo Lobo de Souza, e seu Comandante das Armas, Joaquim José da Silva Santiago. Além destes, morreu ainda um último estrangeiro: o Comandante do Porto e da esquadra da Marinha Imperial, James Inglis. No segundo momento, a caça foi mais miúda. Muitas casas foram ocupadas tanto para perseguir alvos antigos, como para se procurarem os chamados ocultadores de portugueses. Nesta caça, os cabanos não apenas mataram como também puniram fisicamente (com açoites e palmatórias) várias pessoas, em sua maioria mulheres ou parentes de seus algozes.

A última sentença ressoava nos ouvidos cabanos: Malcher prometera agir de forma diferente dos antigos governantes, cuidando do chamado "bem público". Em proclamação de 8 de janeiro, o mesmo Malcher reafirmava este compromisso, pedindo aos seus compatriotas que confiassem em sua "solicitude pelo bem público e nacionalidade brasileira".[21] Em seguida à sua nomeação, contudo, o novo presidente empreendeu uma confusão entre o "bem público" e seus interesses pessoais. De pronto, efetivou a demissão em massa dos antigos funcionários, nomeando novos nomes de "sua confiança". Neste mesmo momento, havia uma grande polêmica sobre o assunto no Rio de Janeiro.[22] O argumento do Regente Feijó de que estas nomeações eram justas saiu vencedor, mas a indagação sobre o assunto permanecia na Amazônia inquieta.[23]

A esta polêmica se somaram outras. Inicialmente, uma medida explosiva de aumento de salário de alguns dos funcionários recém-nomeados. Isto era ilegal no Império brasileiro, no qual todos os funcionários deveriam receber o mesmo salário por cargos congêneres. Em seguida, Malcher ordenou o recolhimento de todo o armamento que se encontrava no porto e nas embarcações da Marinha Imperial, lembrando que assumira o comando do local depois da morte do comandante Imperial Inglis. Mais uma ordem anticonstitucional, pois este armamento pertencia legalmente à Marinha e a seu Comandante, nomeado pelo Rio de Janeiro. Contudo, o armamento não foi entregue aos cabanos revoltosos, pelo contrário; como pude lembrar anteriormente, apesar de todo o empenho do grupo que levou Malcher ao poder, este acreditava que, depois de empossado, as massas revolucionárias deveriam ser desarmadas.

Além destas duas atitudes suspeitas, Malcher ainda assumiu uma proclamação, solicitando aos comerciantes portugueses que abrissem as portas de seus estabelecimentos, à exceção dos lugares em que se vendiam "bebidas

[21] Domingos Antonio Raiol, *op. cit.*, vol. 2, p. 553.

[22] Sobre esta questão de o poder dos presidentes de província nomearem e demitirem funcionários, houve um ardoroso debate no Rio de Janeiro, em maio de 1834, que vinha sendo veiculado em Belém. Neste período, o Senado votava as atribuições dos presidentes de província, e senadores como Carneiro de Campos impugnavam com veemência um parágrafo da nova lei que concedia aos presidentes das províncias as atribuições de suspenderem os empregados provinciais, incluindo os magistrados. De outro lado, Diogo Antonio Feijó era favorável a esta medida e argumentava que se um "chefe de governo sendo perpétuo" a possuía, não devia haver receio em concedê-la a "um presidente que era temporário". Sobre o assunto, ver *O clero no parlamento*, Tomo 1, Brasília, Rio de Janeiro, MEC, 1982, p. 234.

[23] É importante lembrar que a tradição normativa portuguesa rezava o contrário, como argumentava o interlocutor de Feijó, o senador Carneiro de Campos. Parecia diferente ser demitido pelo Regente ou pelo Monarca, do que o ser pelo Presidente da Província.

espirituosas". Malcher garantia a estes comerciantes que seriam "respeitadas escrupulosamente as suas propriedades e direitos, tendo já sido dadas as providências necessárias para conter o povo que se acham em armas nesta capital".[24] Esta última medida acarretou um duplo desastre político. De um lado, os portugueses não a viram com bons olhos, isto porque, paralelamente a esta proclamação, Malcher ordenava ao inspetor da tesouraria do Pará que proibisse estes comerciantes de vender suas propriedades, apurando seu capital e levando-o para o estrangeiro.[25] De outro, a massa cabana não teve motivos de alegria com um presidente que pedia aos seus inimigos portugueses que permanecessem no Pará, dando garantia aos seus bens.

No meio de toda esta confusão, os soldados milicianos estavam em pé de guerra, pois continuavam sem receber soldos. Para satisfazê-los, Malcher utilizou um recurso engenhoso. O presidente mandou reutilizar antigas moedas de cobre, chamadas de "Cuiabá", as quais o governo Imperial ordenara que fossem retiradas de circulação e remetidas imediatamente para a Corte. Contrariamente a esta ordem, Malcher revalidou a moeda problemática. Para o reconhecimento dela, solicitou que seu valor nominal fosse reduzido à sua quarta parte e que cada moeda fosse marcada com um carimbo que designasse o valor com o qual voltava a circular. Semelhante medida suscitou muitas dúvidas e suspeitas, tanto por parte dos comerciantes portugueses, quanto dos soldados e dos funcionários. Ninguém sabia ao certo os valores legais desta moeda, que estava fora de circulação no resto do Império e que renascia do Grão-Pará já inflacionada e fraca.[26]

Por último, o governo de Malcher tornou-se insustentável, quando, com o objetivo de prender antigos partidários de Lobo de Sousa, o presidente aclamado resolveu tomar algumas medidas muito impopulares. Primeiro, ordenou que as tropas de linha se deslocassem de Belém para a vila de Vigia, para várias vilas na ilha do Marajó e para outras localidades no médio Amazonas. Sua

[24] Domingos Antonio Raiol, *op. cit.*, vol. 2, p. 553.
[25] *Ibidem*, "Ofício de 10 de janeiro de 1835".
[26] Desde então, a moeda forte no Pará passou a ser quase que exclusivamente o ouro e a prata. Isto levou a um agravamento da situação social, já que, seja por troca/venda ou por roubo, os moradores de Belém começaram a se desfazer de suas jóias e talheres para financiar sua vida na cidade ou sua fuga para locais mais seguros. Há alguns sugestivos casos de processos após o movimento cabano que envolvem roubos de jóias e relógios. Quase sempre há escravos ou mulheres no rol dos réus. Provavelmente, os homens livres estavam fugidos ou mortos, restando às mulheres a defesa dos interesses familiares. Sobre este assunto, ver Isabel Teresa Creão Augusto, "Depois do silêncio: mulheres e famílias na Belém do século XIX", Monografia de Graduação, DEHIS/UFPA, 2002.

argumentação era a necessidade de sedimentar o novo regime nestes outros pontos. Contudo, era certo que intencionava desarmar ou afastar as milícias de Belém. Além disto, o policiamento da capital saía das mãos das tropas de linha, ficando a cargo dos empregados públicos, que à noite faziam rondas na cidade e de dia trabalhavam em expediente próprio em suas repartições. A idéia de Malcher era fazer reviver na Amazônia o que havia sido feito na Corte, no ano de 1831, e que deu origem à Guarda Nacional e conteve a população escrava e mestiça que se revoltava na Corte carioca.[27] Todavia, mal remunerada e propensa ao motim, uma parte dos funcionários e, mormente, os soldados das tropas de linha se rebelaram, pedindo ajuda ao Comandante das Armas, Francisco Vinagre, que iniciou uma perigosa luta branca contra Félix Clemente Malcher. O presidente aclamado mandava ordens para o policiamento de Belém e a movimentação de tropas para fora da cidade, atos que cabiam ao Comandante das Armas. Já Francisco Vinagre escondia homens recrutados ou patrocinava-lhes a fuga de Belém, em um claro desrespeito à política do presidente cabano Félix Malcher.

No meio desta confusão, houve ainda uma invasão à residência do cônsul francês no Pará, o senhor Diniz Crouan. Malcher esperava encontrar ali refugiados do antigo regime, mas não localizou nenhum de seus principais suspeitos. Por seu turno, conseguiu, isto sim, um grave incidente com o governo francês, já que o cônsul protestou oficialmente a seu país, passando a fixar-se em um navio de sua nacionalidade, ancorado em frente a Belém. Este incidente foi o início de uma longa pendência diplomática, já que a França reagiu a partir de sua colônia nas Guianas, invadindo o atual território do Amapá e mandando navios para a frente da baía do Guajará, em Belém.[28]

Este amplo cenário no Grão-Pará começa a esclarecer o grande nó do governo de Malcher e um dos problemas centrais da revolução cabana. Esta

[27] Sobre este processo no Rio de Janeiro, ver Thomas H. Holloway, "Crise, 1831-32", *Polícia no Rio de Janeiro. Repressão e resistência numa cidade do século XIX*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 73-107; Carlos Eugênio Líbano Soares, "Da presiganga ao dique: os capoeiras no Arsenal da Marinha", *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*, Campinas, UNICAMP, 2001, p. 247-322; e Gladys Sabina Ribeiro, *op. cit.*, p. 243-358

[28] É preciso lembrar que não eram apenas os franceses que estavam ancorados em frente a Belém. Ali também estavam tropas inglesas e portuguesas, que, com a desculpa de defender seus súditos em território paraense, aguardavam o desenrolar dos acontecimentos para uma possível aliança com os cabanos e anexação da Amazônia ao seu território. Para maiores detalhes sobre o assunto, ver Arthur Cezar Ferreira Reis, *A Amazônia e a conquista internacional*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1970; e David Cleary, *Cabanagem – documentos ingleses*, Belém, Arquivo Público do Pará/ SECULT, 2002.

revolução se sustentava pela aclamação popular e tinha como bandeira a morte aos portugueses e aos maçons. Ao mesmo tempo, os cabanos sofriam pressões internacionais e mantinham vínculos com o regime constitucional carioca, especialmente com o Imperador menino, Pedro II. Contrastando com tudo isto, mantinham práticas que, muitas vezes, beiravam o velho absolutismo reinol. Contudo, este nó revolucionário tem mais uma amarra. Ela se concentra nos traços biográficos de Félix Malcher e de seu grupo de atuação no Pará. É no emaranhado de vidas e famílias locais que se percebe mais claramente como se passou das belezas para as mazelas revolucionárias. Em pouco mais de um ano no poder em Belém, há um sentido mais amplo nas aclamações e nas quedas de Félix Malcher, Francisco Vinagre, Antonio Vinagre e Eduardo Angelim.

Das biografias dos líderes ao "pacto secreto" entre os cabanos

Félix Clemente Malcher não havia nascido em Belém, mas em Monte Alegre, no médio Amazonas. Contudo, ainda jovem, adotou como centro de ação política a rica região do Acará, próxima a Belém, que, simultaneamente, era uma região onde se concentrava a maior parte dos engenhos de cana-de-açúcar e de escravos africanos no Pará.[29] Por ocasião de sua união matrimonial, tornou-se um membro da família Henriques. Sua esposa, D. Rosa Maria Henriques de Lima, era filha de um dos mais abastados fazendeiros na região do Acará, herdeiro de sesmarias e descendente de conquistadores portugueses do rio Amazonas. Durante os anos de 1820, por ocasião dos distúrbios da emancipação política no Brasil e no Pará, Malcher revelou-se um arguto líder liberal, galgando posições nas milícias e na política local. Entre setembro de 1823 e dezembro de 1824, saiu do posto simples de Porta-bandeira das Milícias para se tornar Tenente-Coronel da mesma corporação. Partindo do Acará, tornou-se vereador em Belém, mostrando-se aliado do cônego Batista Campos, líder liberal conhecido e redator do popular periódico local, *O Paraense*.[30] É quase certo que

[29] Sobre a região do Acará como centro nascedouro da revolução cabana, ver Ana Renata do Rosário de Lima, *Revoltas camponesas no vale do Acará 1822-1840,* Belém, Prefeitura Municipal de Belém, 2004.

[30] Esta aliança o associou a uma figura central no movimento cabano. João Batista Gonçalves Campos foi um liberal histórico, panfletário incendiário cassado e posto à beira do canhão por portugueses, nos anos 1820, tendo sido mandado ao exílio, voltado, feito nova rebelião nos anos 1830, quando foi novamente inocentado nos tempos de Feijó, na Corte. Sobre o padre Batista Campos, ver Domingos Antonio Raiol, *op. cit.*, v. 2, p. 532, e v. 1, p. 101-102; Cônego Andrade Pinheiro, "Ação do Cônego Batista Gonçalves Campos na Adesão do Pará à Independência proclamada em sete de setembro de 1822", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*, Vol. 8, número 8, Belém, 1934, p. 165-174; Avertano Rocha, "João Batista Gonçalves Campos, Prudêncio José das Mercês Tavares, Bento Martel", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*, Vol. 10, número 10, Belém, 1936, p. 347-364. Para detalhes sobre sua participação no processo de Independência, ver Geraldo Mártires Coelho, "Imprensa *versus* poder no Grão-Pará", *Anarquistas, demagogos e dissidentes*: a imprensa liberal no Pará de 1822, Belém, Cejup, 1993, p. 149-295; João Nei Oliveira Silva, "Batista Campos e a Cabanagem: biografia e memória", Monografia de graduação/DEHIS/UFPA,1999.

Campos deveria ter sido aclamado líder da revolução de 1835, mas morreu um pouco antes no Acará, mais precisamente nas terras dos Henriques e de Malcher. Sua morte foi o estopim para a eclosão cabana.

Em 1834, Malcher também foi perseguido e preso em sua fazenda no Acará, um pouco antes de 7 de janeiro de 1835. Foi nesta fazenda que conheceu outro importante clã cabano e dele foi patrão. Eduardo Francisco Nogueira, ou Eduardo Angelim, era agregado da família de Malcher.[31] Também os irmãos Vinagre vinham da mesma região e eram pequenos proprietários no local. Todo este passado, somado à prisão a que fora submetido pelo Presidente da Província, Bernardo Lobo de Sousa, credenciava Malcher à liderança do movimento cabano. Durante a primeira tomada de Belém, em 7 de janeiro, os atos revolucionários concentraram-se em libertar Malcher da prisão, matar e perseguir os inimigos do tronco liberal a que Malcher pertencia, especialmente Lobo de Sousa e seu Comandante das Armas, Joaquim Santiago. Contudo, à medida que os meses de fevereiro e março corriam, os inimigos de Malcher se tornavam mais pessoais, e os da massa cabana, mais genéricos.

Vários pontos da disputa entre o Comandante das Armas, Francisco Vinagre, e seu Presidente, Félix Clemente Malcher, fizeram aumentar a confiança da massa cabana no clã dos Vinagre. Um destes momentos centrais deu-se em 9 de fevereiro de 1835, quando Malcher resolveu demitir Francisco Vinagre e acabou gerando um conflito de rua, no qual os partidários de ambos os lados se indispuseram e quase iniciaram uma luta armada. O que estava em jogo na disputa pela liderança local era algo central ao debate sobre a representatividade da liderança cabana. Francisco e Antonio Vinagre lembravam a Malcher que ele era presidente por aclamação popular. Se Lobo de Sousa vinha investido pela Regência em nome do Imperador, Malcher não tinha a mesma unção. Sua liderança vinha da aclamação[32] e só se sustentava enquanto ele estivesse sob este movimento.[33] Para os Vinagre e muitos de seus partidá-

---

[31] Angelim, migrante cearense, começou sua vida no campo arrendando terras de Malcher no Acará. Sobre Eduardo Angelim, ver Dilke Barbosa Rodrigues, *op. cit.*

[32] Neste sentido, o verbo "aclamar" é muito representativo. Originalmente, significa aplaudir, mas, a partir da Revolução Francesa, ganhou outro sentido, ao qual os Vinagre se estavam referindo. Aplaudir significava também reconhecer solenemente ou proclamar alguém como seu chefe ou superior.

[33] Era a revolução de 7 de janeiro que justificava o poder presidencial de Malcher. Certamente, para a maioria dos cabanos, este poder de Malcher advinha de uma vontade divina. Se Deus quisesse, poderia ter dado a vitória a Lobo de Sousa. Este não foi o caso e o "memorável" 7 de janeiro investira de poder a Malcher. Era a aclamação dos santos e santas que fazia ricos senhores carregarem sob o sol em suas costas pesados andores com imagens divinas nas diversas procissões que saíam por Belém e muitas outras cidades do Brasil. Era o mesmo povo que, com este mesmo princípio, levantava em efígie os retratos do velho rei D. João VI e de seu filho Pedro I, comemorando, em 1817, a aclamação do primeiro e, em 1822, a do segundo. Neste caso, a tradição e o novo se fundiam em um ideal que relacionava o poder de Malcher com a vontade do povo.

rios, Malcher estava traindo sua aclamação e sua investidura popular "divina". Malcher, entretanto, respondeu aos irmãos Vinagre, explicando que não admitia "o juízo da tropa e nem do povo" e que era impossível conservar Vinagre no cargo de Comandante das Armas por estar convencido de sua "inimizade". Na seqüência, Malcher teria desembainhado sua espada em direção a Francisco Vinagre, sendo novamente contido por Antonio Vinagre, que lhe susteve o braço. Ainda neste mesmo cenário, um dos homens de Francisco Vinagre teria tentado desfechar um tiro contra Malcher, mas Eduardo Angelim salvou-o, batendo em tempo na arma que mirava o presidente aclamado.[34]

Quando Malcher tomou da sua própria espada para tentar matar Vinagre, estava buscando rever a tradição da defesa da honra e dos princípios de uma proteção pessoal, corroborando seu argumento de que as tropas e o povo estariam fora da briga pessoal contra Francisco Vinagre. O fracasso de Malcher não poderia ser maior. Ele não apenas não conseguiu matar Francisco Vinagre, como também foi salvo da morte honrada por Eduardo Angelim. Neste caso, Félix Clemente Malcher havia vivido para ver sua "desaclamação". Pouco a pouco seus partidários o foram deixando. O ponto máximo deste processo de perda de popularidade foi a prisão de Eduardo Angelim, outro líder popular e carismático e amigo pessoal de Francisco Vinagre. Depois disto, estabeleceu-se em Belém uma luta armada entre os dois blocos cabanos. Malcher foi recuando até ter que se retirar de terra firme e fixar-se na esquadra da marinha Imperial, que se encontrava em frente de Belém, recém-chegada do Maranhão. Seu comandante, Pedro da Cunha, tentou convencer Vinagre a desistir da disputa de poder com Malcher, mas este, em 20 de fevereiro, ordenou que seu navio partisse para o Maranhão, lembrando que sua presença no Pará não vinha da parte de Pedro II, mas apenas do desejo maranhense de possuir o Pará.[35]

O cenário político era muito conturbado e começava a acenar para aquele "fogo em relva ressequida" que Raiol declarava em seus livros. As disputas entre as lideranças cabanas geravam um clima de pavor entre os conservadores e ânimo entre os justiceiros presentes na massa cabana. Neste contexto,

---

[34] A arma de fogo e a espada eram mais do que instrumentos de luta. Eram também símbolos de poder e religião. A idéia da espada estava associada, desde a Idade Média, ao universo cavalheiresco e nobre. A espada era o símbolo da defesa pessoal, a arma da nobreza em defesa de seu bem maior: a honra. No mundo moderno, desde *D. Quixote de la Mancha*, seu uso foi sendo ridicularizado, em prol da arma de fogo. Contudo, no mundo luso-brasileiro, os uniformes milicianos, sobretudo os da cavalaria, mantinham a espada como parte intrínseca e essencial.

[35] Em Domingos Antonio Raiol, *op. cit.*, p. 638-639, Ofício de 20 de abril de 1835.

uma peça importante foi o retorno de Eduardo Angelim à terra firme. Depois de ter sido preso e remetido para um navio imperial atracado em Belém, Angelim foi libertado por Malcher e voltou à terra firme para tentar um acordo de paz com Vinagre, no dia 21 de janeiro. A idéia era entregar a presidência ao membro mais votado do conselho do governo, ou a quem o povo reunido designasse. Neste ponto, a narrativa de Domingos Antonio Raiol é dúbia. No afã de proteger seu amigo Eduardo Angelim e manter sua versão liberal para a narrativa, Raiol enfatiza que o portador da paz foi o próprio Angelim. Raiol exagera no heroísmo de nosso personagem. Lembra que, assim que Angelim conseguiu chegar ao Arsenal de Guerra, falou com Francisco Vinagre e este último mandou logo cessar fogo. Em seguida, mandou fazer reunir o Conselho de Estado Provincial e este órgão, de pronto, teria aclamado Vinagre como novo presidente, com uma famosa ata que revogava a de 7 de janeiro de 1835, comunicando à Regência que o recém-empossado permaneceria no poder até que ela fizesse nova nomeação. A questão dúbia é que, em 20 de janeiro, Francisco Vinagre havia tentado sua aclamação perante a Câmara de Vereadores. Na ocasião, os vereadores haviam desaparecido e seu presidente se acusava doente.[36] Mesmo assim, ao que parece, Vinagre já se considerava aclamado, quando do ato de 21 de janeiro. Um ponto desta famosa ata é de se notar. Ao revogar a ata de 7 de janeiro, este novo documento reatava laços mais estreitos com a Regência imperial, na medida em que dava ao Regente poderes para nomear o próximo Presidente da Província do Pará.

Paralelamente, alguns outros documentos e a própria morte de Malcher comprovam meu argumento de que, neste momento revolucionário, a massa cabana começava a eleger novos líderes e ampliar ainda mais seu foco de luta. Depois do acordo de Angelim, quando Francisco Vinagre fez içar no palácio de governo uma bandeira branca, nem todos se aquietaram. Nem mesmo Raiol conseguiu descobrir, ou não pôde revelar, quem, ou qual dos dois lados recomeçou o conflito que levou a muitas mortes e ao assassinato de Malcher. O que Raiol e outras fontes revelam é que, após o armistício, os homens dos dois lados saíram dos seus postos e foram banhar-se nas praias, ou dormir nas ruas da cidade, ou ainda foram para as tavernas beber. Neste contexto, ouviram-se os primeiros tiros que voltaram a pôr a cidade de Belém em polvorosa. Raiol lembrava que, no dia 21 de fevereiro, a cidade de Belém estava sob o domínio do terror. Nestas circunstâncias, pela primeira vez, nem Malcher e nem

[36] *Ibidem*, vol. 2, p. 577.

Vinagre poderiam ser explicitamente os líderes do movimento de massa. Pelo que se pôde apurar, a rota dos revolucionários caminhou para a eliminação dos inimigos de Vinagre. Se parece ser verdade que este último deu ordens para se recolher, preso, Clemente Malcher na fortaleza da Barra, também parece ser verdade que ninguém conseguiu evitar que o antigo presidente fosse morto no caminho. De certa forma, era claro para quase todos os populares cabanos que o destino de Malcher deveria ser o mesmo de Lobo de Sousa.[37] Parece ser impossível saber se o corpo de Malcher foi ou não imolado pela multidão. O que sabemos é que isto já havia sido tentado em 7 de janeiro contra o ex-presidente Lobo de Sousa e seu Comandante de Armas Joaquim Santiago e que esta prática quase sempre terminava em grandes festas simbólicas, regadas a bebedeiras.[38] A aprendizagem neste caso foi que, com Malcher, o morto não era um emissário do governo Imperial, ou um português ou estrangeiro maçom: era um ex-presidente, aclamado pelo povo cabano.

A morte de Malcher foi um marco na Cabanagem. Depois dela, Vinagre reconheceu o poder da Regência, em nome do Imperador. Neste processo, os líderes cabanos evocavam uma antiga hierarquia de dominação que começava em Deus, passando pelo seu reino de santas e santos e aportava na terra com o Imperador e sua corte. Era preciso lidar com uma questão muito delicada, pois havia emissários do Imperador menino que se mostravam despóticos, como Lobo de Sousa, mas era praticamente impossível pensar-se, sobretudo entre as lideranças cabanas maiores, em uma quebra total com esta hierarquia. A autoridade entre os vários grupos que se formaram na revolução, em Belém e no interior, dependia de uma certa visão distante e caridosa do Imperador menino, que se associava com seus súditos-cidadãos no Rio de Janeiro e no Pará. Este reconhecimento atribuía poderes importantes a lideranças locais, sobretudo para aquelas que não tinham grandes lastros familiares, como o clã dos Vinagre. O reconhecimento do poder regencial também demonstrava que líderes como Francisco Vinagre e depois Eduardo Angelim estavam

---

[37] *Ibidem*, vol. 2, p. 583.

[38] No Pará e no Brasil, desde o ano de 1808, mas sobretudo nos anos da Independência, houve uma série de cerimônias que homologaram o ideal popular de adoração e juramento supremo ao Imperador. Se havia desconfianças de um Pedro I, que era de origem portuguesa, este não era o caso do menino Pedro II, nascido no Brasil. A fidelidade ao Imperador menino era quase tão popular quanto a alguns santos e santas católicos. Sobre ela, nem mesmo a proclamação de Malcher, de 7 de janeiro, se colocou. Sobre o assunto, ver: Magda Ricci, "O fim do grão-Pará e o nascimento do Brasil: movimentos sociais, levantes e deserções no alvorecer do novo Império (1808-1840)"; Mary del Priore & Flávio Gomes (orgs.), *Os senhores dos rios. Amazônia, margens e história*, Rio de Janeiro, 2003, p. 165-193.

bastante temerosos de sua relação com as massas e suas sucessivas vontades e aclamações.[39]

No mesmo dia da morte de Malcher, Angelim e vários outros chefes cabanos viraram a noite espalhando-se pelas ruas de Belém, aconselhando, dispersando e desarmando revolucionários mais exaltados. Durante toda a noite, o alarido das massas se fez ouvir. O mais interessante é que esta foi apenas a primeira vez que a massa mostrou claramente sua voz e a elevou acima de seus líderes cabanos. Sua aprendizagem revolucionária foi rápida e se espalhou vertiginosamente pela Amazônia.

De fevereiro até agosto de 1835, Francisco Pedro Vinagre governaria Belém, sempre lembrando que estava à espera de leis e ordens do Império e de Pedro II. Depois de muitas idas e voltas, na metade do ano, Vinagre resolveu deixar o governo diante do emissário carioca, o Marechal Manoel Jorge Rodrigues. Nesta conjuntura, foi feita uma eleição e todos esperavam que o candidato mais votado para a Assembléia provincial fosse provisoriamente empossado como presidente, como rezava a constituição Imperial. Para o clã dos Vinagre o nome para a liderança era o padre Jerônimo Pimentel. No entanto, por poucos votos, Ângelo Custódio elegeu-se, ao ser o mais votado. Criava-se um impasse, pois Custódio tinha como sede eleitoral a cidade de Cametá, baluarte da resistência anticabana. Apesar da tensão e dos protestos da massa cabana em Belém, Francisco Vinagre manteve sua palavra e a cidade de Belém foi evacuada. O conflito parecia ter terminado; todavia, em agosto de 1835, Belém foi novamente tomada pelos cabanos. O motivo para esta nova investida estava numa ordem de prisão que o Marechal Rodrigues deu contra Francisco Vinagre. Com a prisão de Francisco, seu irmão Antonio reuniu tropa para voltar a Belém, numa mortandade e luta sem precedentes. Nesta segunda tomada da capital, Antonio Vinagre foi morto em combate e Eduardo Angelim assumiu seu lugar em plena luta. No meio deste trágico cenário de mortes, Eduardo Angelim deu ao seu discurso de "posse" um tom religioso e, mais do que nunca, pautado na hierarquia e na ordem constitucional, que foi sempre a sua marca:

---

[39] Lembro aqui Eric Hobsbawm, que argumenta que, nas formas tradicionais de luta antes do século XVIII e da Revolução Francesa, praticamente todo o campesinato acreditava estar o despotismo na nobreza próxima e opressora, mas não no rei. Este, distante e quase sempre venerado, tinha para o povo um lugar supremo de adoração e fidelidade. Eric Hobsbawm, "A história de baixo para cima", *Idem*, *Sobre a história*: ensaios. São Paulo, Cia. das Letras, 1998, p. 217.

> Eu acabo de ser aclamado por nossos companheiros d´armas chefe de todas as forças. Juro por Deus vencer ou morrer! Vinguemos a morte do bravo guerreiro que foi nosso digno chefe, e a de muitos de nossos valentes companheiros que já dormem o sono da eternidade! É no campo de batalha, ao troar do canhão, ao estampido da fuzilaria, entre mortes e gemidos, no meio da confusão de alaridos e gritos de vingança, que eu a pressa escrevo estas linhas para fazer ciente a todas as colunas que estou a sua frente de espada em punho! Os covardes que tremam do nosso valor! Meus caros patrícios: por amor à liberdade, por amor às nossas esposas e filhos, vinguemos o ultraje feito à nossa adorada pátria, e pelo sangue inocente que se está derramando, sejam eles, déspotas e traidores, os responsáveis perante a divindade.[40]

A vitória dos cabanos corroborou a aclamação de Angelim. Contudo, tanto Vinagre como, mais ainda, Angelim viram seus homens cada vez menos subordinados e desejando mais mandar e não ser mandados. Tomada a capital pela segunda vez, todos queriam cargos. Raiol descreve a situação como "burlesca". Lembrava ainda que a situação piorava no interior da Amazônia. Cada local tomado pelos cabanos tinha a seguir "embaixadores e ajudantes de embaixadores". Estes eram os enviados por Angelim para o interior, para "avisar e aliciar gente pelos sítios e povoados". Segundo Raiol, eram quase todos analfabetos ou semi-alfabetizados. São transcritas cópias de ofícios destes novos líderes. Um deles assinava "Antónho Fostino. Manjor de Artilharia". Ele havia tido a honra de conseguir o cargo na Ponta da Barra, ponto estratégico para a manutenção da capital. Tal como todos os cabanos, Fostino reclamava a Angelim da carestia e da falta de armamentos:

> (...) açim dispurvido como estú não poço respunder pellos soçegos qe agão e estarei pouçibilitado de ezecutar qalqer prugetu. Com esseção de farinha não á mas vivres neste pontu. Vai este purtador buscá carni ó peche.[41]

Decorridos meses sem que a situação dos cargos e da carestia fosse solucionada, Angelim pediu ajuda ao Bispo, que proclamou aos cabanos uma Pastoral. Para levá-la a todos os pontos possíveis no entorno de Belém, D. Romualdo Coelho, então doente e com mais de 70 anos, falava pela voz de seus oradores-mores da Catedral da Sé, os padres Francisco de Pinho de Castilho, Raimundo Antonio Fernandes e Jerônimo Pimentel. Ditava a pastoral:

---

[40] Em Raiol, *op. cit.*, vol. 3, p. 844, "Eduardo Angelim". Pará, 14 de agosto de 1835.
[41] *Ibidem*, vol. 3, p. 929, Antónho Fostino. Manjor de Artilharia. Pontu da Barra 3 de otobro de 1835.

> Bem quisera, amados filhos em Jesus Cristo, ir pessoalmente como bom pastor visitar os pontos em que vos achais, e falar-vos do doloroso estado de opressão em que gememos; mas não permitindo a terrível moléstia que me oprime cada vez mais, e próximo a comparecer no Tribunal Divino, tenho ao menos a consolação de cumprir este importante dever de pai pelos ministérios de vossos vigários gerais e um pároco, que são de minha inteira confiança. Eles vos dirão que já é tempo de moderar o entusiasmo guerreiro e de restabelecer a ordem indispensável para o sossego público e continuação do Culto Divino: já não tendes inimigos que combater; são famílias pacíficas que começam a viver debaixo de vossa proteção.

A partir deste ponto, o antigo sacerdote começava a sua arte bíblica de convencimento dos cabanos. Argumentava que seria honroso evacuar a cidade e aceitar a proposta de um armistício.

> Ah! Contentai-vos com a sua fugida precipitada que, sendo para eles [as tropas legalistas e o general Andréa] é decorosa, realça e dá novo esplendor à vossa intrépida coragem e valentia. Compadecei-vos enfim do lamentável estado em que se acha o vosso pastor, e que agora vos pede pelas entranhas de Jesus Cristo, que todo o vosso valor se empregue em promover e sustentar a felicidade da nossa capital, porque Deus assim o manda e eu o espero.[42]

Naquela altura, muitos moradores já haviam abandonado Belém. A fuga em massa de cabanos que, roubando os armazéns e as lojas dos antigos moradores, saíam com canoas cheias pelos rios tornava a vida na cidade muito difícil. No meio deste caos, chegou a varíola, que matou muitos cabanos, inclusive o Comandante das Armas de Angelim. A situação tornou-se insustentável quando alguns cabanos mais exaltados souberam que era o próprio bispo e seus vigários, sob os olhos de Angelim, que estavam promovendo as fugas de vários comerciantes e antigos moradores legalistas. Um oficial, chamado Albino, foi ter com o bispo, depois foi atrás do vigário Jerônimo Pimentel, e somente Eduardo Angelim conseguiu impedir que este clã radical e seu líder pegassem o padre para linchamento público. Esta situação-limite de crise da autoridade o próprio Angelim lembrou em um artigo de jornal em 1865:

> Foi fuzilado em frente ao palácio do governo o célebre Joaquim Antonio, oficial da milícia rebelde, que tinha o comando de uma força de mais de 500 homens e proclamava uma liberdade a seu jeito, incluída a de escravos em geral. (...) foi fuzilado em frente do palácio do governo um preto, chefe de insurreição no rio Guamá logo que chegou à capital. Foi morto a surra em frente ao palácio

[42] *Ibidem*, vol. 3, p. 930-931, Pastoral do Bispo.

> do governo um mulato, escravo do português Nogueira, dono da fábrica de urucu em Igarapé-Mirim, por ter traído a seu senhor e lavado as mãos em sangue inocente (...).[43]

O artigo é longo e continua descrevendo muitos outros casos em que Angelim teria mandado matar, surrar ou prender escravos e homens livres pobres e tapuios que teriam "lavado mãos em sangue inocente". Ao que parece, foi esta situação que fez com que Angelim resolvesse fugir. Sua saída também foi marcada por uma cena muito importante. Ele esperou o horário da chuva cotidiana em Belém e, em meio a uma torrencial tempestade, atravessou a baía do Guajará, na foz do Amazonas, passando sorrateiramente pelo meio das tropas imperiais e das embarcações estrangeiras que por ali estavam sediadas. Esta ambígua fuga já foi lida como um momento de "armistício" velado, quando as tropas imperiais teriam fechado os olhos para que Angelim desocupasse a cidade de Belém sem se derramar muito sangue. No entanto, ela ficou na memória de muitos cabanos, que a interpretaram simbolicamente de outra forma.

Em junho de 1836, um mês depois da fuga, um cabano da vila de Almerim, na ilha de Marajó, respondia a um "legalista" que tentava convencê-lo a se render diante das tropas chefiadas pelo General Soares de Andréa.[44] Martinho Braz afirmava que estaria a postos até o "ultimo pingo de sangue pela religião católica e não pela fama da legalidade". Fazia uma referência clara a Israel e provavelmente à fuga do Egito, na qual Moisés levou o povo de Deus a atravessar o Mar Vermelho, lembrando que seu grupo era de "filhos de Israel que experimentaram rigores dos hereges". Isto já havia sido sugerido na Pastoral de Romualdo Coelho. Este segundo documento ainda associava a saída de Angelim a uma interpretação da fome, da carestia e da peste que assolavam Belém. À morte da sua "gente" somava-se a "terra lhe tremer" e "os bichos do chão a comer do Ente Supremo". Estes elementos reforçam a comparação entre a fuga de Angelim e a de Moisés. Lembremos que, no Egito, também houve peste e fome. Além disto, o narrador se recusava a ser nomeado de "anarquiano", enfatizando que acreditava em autoridades, mas não reconhecia a "legalista". Terminava desdenhando Andréa, lembrando que – pelo que ele, Martinho, sabia – este presidente estava à mercê dos

---

[43] *Ibidem*, p. 934, Eduardo Nogueira Angelim, "Pará em 1835". Na Ordem, 26 de setembro de 1865.

[44] Em Jorge Hurley, *op. cit.*, p. 72, Ofício de Martinho Braz, chefe dos cabanos de Almerim, 7 de junho de 1836.

"embaixadores estrangeiros" e que não cumpria a palavra dada a Angelim de um armistício de três meses. Da mesma vila de Almerim veio um outro ofício com um teor semelhante. Nele, Alexandre Pinheiro, juiz de Paz da localidade sob as ordens cabanas, era quem iria responder aos legalistas. Começava por uma evocação religiosa ao "nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo, três pessoas distintas e um só Deus verdadeiro. Pelo mistério da graça sou filho de Deus e vou responder a Vossa Senhoria". Depois deste sugestivo preâmbulo, o autor continuava argumentando que estava falando por ordem que teria vindo de Angelim:

> (...) o Sr. Presidente [Angelim] como homem de coragem e muito principalmente por uma Pastoral de Vossa Excelência Reverendíssima [o bispo D. Romualdo] recomenda para que não se desamparem a Religião e a nossa Província dando a alma e a vida bem como os Mártires de Jerusalém, pois o nosso Bispo presentemente é o nosso Profeta, e esse Andréa o Presidente de Vossa Senhoria tendo a cidade por homenagem e mercê que se lhe fiz, a rogo do Profeta nosso Bispo, cujo Andréa entrou com 200 homens, os cujo 100 homens reuniu-se ao nosso Eduardo, e ficou o dito Andréa só com 100 e com o protesto de não se fazer fogo de parte a parte até o prazo de três meses.

Aqui novamente uma referência explícita à idéia dos cabanos como "mártires de Jerusalém". E, mais adiante, o autor continuava insistindo em que ele não podia ser enganado:

> (...) nós semos cristãos verdadeiro e não semos da legalidade, a legalidade não é senão robar e destruidores da Província e da nossa miséria, também se chama Trincheira de Massam e eles comendo e bebendo em suas casas Vossa Senhoria e nós cá que paguemos até o final e o que restalos até o último ponto final.[45]

Há aqui um rico imaginário que relê a fuga de Angelim e sua situação atual. Existia uma fronteira (de Massão? Massau?) entre o mundo cabano e o da "legalidade". Era percebida como uma luta contra aqueles que ficavam "comendo e bebendo em suas casas" e os que pagavam até o final. A cada passo dado pelos cabanos, seus líderes se voltavam mais para as coisas sagradas, numa atitude dosada para aumentar o poder de sua autoridade. Ao mesmo tempo, a interpretação religiosa era relida pela massa cabana, que não deixava de ser material e concreta, pois, se o sentido da guerra era moral e religioso, esta mesma idéia só se compreendia quando relacionada com a vivência revolucionária concreta da massa cabana.

[45] *Ibidem*, p. 73, Ofício de Alexandre Pinheiro, juiz de Paz de Almerim, 7 de junho de 1836.

Para concluir, lembro um ofício do General Andréa para o Rio de Janeiro. Tratando da política de recrutamento para a pacificação do Pará, escrevia que convinha à Província do Pará não ter "soldados filhos dela". E concluía, enfatizando que o melhor "partido" para a política imperial na Amazônia era trocar seus filhos por outros da "Província do Sul":

> Todos os homens de cor nascidos aqui estão ligados em "pacto secreto", a "darem cabo de tudo quanto for branco". Não é uma história, é fato verdadeiro, e a experiência o tem mostrado. É, pois indispensável por as armas nas mãos de outros; e é indispensável proteger, por todos os modos a multiplicação dos brancos. Se o governo concordar com esta medida, enviarei sempre aonde, quantas recrutas possa dessa Província, a troco de igual número de outras.[46]

E Andréa enviou centenas de recrutas, mas também trocou líderes cabanos sobreviventes por outros, vindos especialmente da Bahia e de Pernambuco. O maior trabalho hoje é compreender este "pacto secreto" cabano e este processo de permuta de revolucionários pelo Brasil Imperial. É necessário encontrar estes líderes e soldados, procurando-os na Farroupilha, para onde foi enviado Francisco Vinagre, que por ali fez muito alarde; ou caminhar para o Rio de Janeiro, para onde navegou Eduardo Angelim, que passou pouco tempo na Corte, onde se aliou aos liberais e acabou novamente expatriado para Pernambuco e, ainda em 1865, estava em Recife, quando, finalmente, foi anistiado, recebendo permissão para retornar a Belém.

Conclusão

A Cabanagem é uma revolução que exportou líderes revolucionários e seus ideais. Antes disto, contudo, o mesmo movimento ensinou a liderança a muitos interioranos da Amazônia, transmitindo-lhes um significado próprio para palavras como "constituição" e "patriotismo". Ao invés de lerem estas máximas sobre as ordens decididas na Corte ou por seus líderes máximos em Belém, muitos cabanos acreditavam poder trilhar seu percurso, fazendo sua leitura e interpretação para aquilo que consideravam justo e pio. Reliam as palavras do Bispo, de Angelim ou mesmo do Imperador.

Para adquirir toda esta confiança e controle de si, foi necessária muita experiência de luta e esta não se encerrou com a retomada de Belém pelos "legalistas". Depois disto, os cabanos ainda viveram uma saga pelos rios e

[46] Ofício do Marechal Andréa, de 18 de dezembro de 1837. Arquivo Público do Pará, Correspondência do Governo com a Corte, Ofício número 32, p. 29 v.

igarapés da imensa calha do Amazonas, do Madeira e do Tocantins, em um movimento de fuga e de interiorização da luta armada. Estes revolucionários fugitivos abriram outras frentes de luta, ampliaram suas bandeiras e alteraram as formas de guerrear. Aprenderam a usar a natureza a seu favor, envenenando rios, queimando a mata, espantando os animais e dizimando plantações de alimentos básicos para a subsistência das tropas inimigas, como a mandioca e o milho. Seus avanços fizeram muito alarde no médio, no alto Amazonas e nos rios Negro e Trombetas, entre os anos de 1836 e 1837. Revolucionaram cidades como Santarém, Manaus e toda a região até a fronteira com o atual estado do Amapá. Também rumaram para a calha dos rios Tocantins e Madeira, indo em direção ao Maranhão e ao Piauí. Deixaram atrás de si uma Amazônia cabocla que exaltava o poder das novas lideranças.

Em cada vila ou aldeia nasciam outros chefes cabanos. Populações inteiras de índios e quilombolas foram chamadas à luta armada em um movimento tão vasto e complexo que só pode ser entendido dentro de uma perspectiva internacional. Nas fronteiras com os mundos inglês, holandês, hispânico e francês, o antigo Grão-Pará sempre foi alvo de disputas políticas e territoriais. A revolução cabana foi o estopim para contatos e trocas mais intensas de mercadorias (armas e alimentos), mas também de idéias e práticas revolucionárias. É neste rico mundo que os cabanos criaram seus próprios mecanismos construtores de sua cidadania. É esta cidadania que o maior repressor dos cabanos, o General Soares Andréa, vislumbrava no povo da Amazônia e seu "pacto secreto".

Depois de cinco anos de luta, os cabanos criaram ódio aos brancos e às autoridades impostas, aprendendo a amar a aclamação popular e a revolução infinita. Cultuavam a beleza revolucionária, mas viveram outras mazelas: a fome, as doenças, as mortes e a instabilidade da guerra. Em um processo de fuga da escravidão, tal qual Moisés no Egito bíblico, os cabanos foram perseguidos e mortos, mas seus ideais não desapareceram completamente. Em busca de sua "terra prometida", muitos revolucionários se embrenharam nos rios e nas matas da Amazônia, ampliando quilombos ou criando comunidades mistas de negros, índios e mestiços, exemplos ímpares no Brasil.

Em contraste com este universo das fugas, os cabanos que se voltaram para as grandes cidades e zonas produtoras de açúcar ou de gado tiveram outro destino. O pós-Cabanagem para eles significou mudanças na estrutura agrária, estimulando-se a criação de latifúndios ainda hoje tão presentes na Amazônia.

Os presos cabanos e muitos outros suspeitos de "cabanagem" foram recrutados forçosamente e engrossaram os chamados "corpos de trabalhadores". Eram recrutas que foram os responsáveis pela reconstrução produtiva do campo e das cidades no pós-cabanagem, abrindo caminho para a tão comentada época da borracha na Amazônia. O certo é que à mortandade cabana se seguiu a dos corpos de trabalhadores. Ao lado disto, desde os anos de 1870, vieram outros migrantes nordestinos para a Amazônia. Durante os anos áureos da borracha, a Amazônia tornou-se internacional, recebendo todo tipo de pessoas, misturando culturas e criando novas identidades. Tudo parecia abafar as antigas lutas cabanas. Mas a cada nova crise política ou econômica, a memória cabana era acionada.

A matriz desta luta nunca foi totalmente esquecida, sendo revista em livros, nos debates da imprensa e na política. Nos anos do Estado Novo, o interventor do Pará tornou-se o maior financiador do *Instituto Histórico e Geográfico do Pará*. Bancando as pesquisas sobre o movimento cabano, Magalhães Barata financiava estudos que interligavam a Revolução de 1930, no Pará, com a revolução cabana, exaltando no passado e no presente o fim das oligarquias e as vantagens de um governo populista. Nos anos de 1980, o movimento cabano renasceu e ganhou *status* popular nas ruas e nas praças. O então governador eleito depois da ditadura militar, Jader Barbalho, se percebia como um novo líder cabano. Seu governo criou o Memorial da Cabanagem, financiou pesquisas, promoveu um concurso de monografias sobre o tema, durante os 150 anos do movimento cabano. Já na década de 1990, a prefeitura de Belém, governada pelo Partido dos Trabalhadores, fez reviver mais uma vez a Cabanagem. O prefeito Edmilson Rodrigues afirmava que seu governo era mais uma tomada cabana de Belém. Nascia uma terceira tomada e ele seria o sucessor legítimo do governo de Eduardo Angelim. O sambódromo local transformou-se em Aldeia cabana, nasceu um bairro, com ruas e avenidas que homenageavam o movimento e seus heróis populares.[47]

Hoje a Cabanagem na Amazônia é símbolo de ação popular de massa, de mudanças e de movimentos sociais. Os sindicalistas e os políticos mais radicais são "cabanos" e militantes do MST, cultuando a memória da Cabanagem. Em contraste com esta simbologia, durante os dois últimos séculos, o povo da Amazônia se tornou quase invisível fora da região Norte. Em meio a um

[47] Sobre este debate da Cabanagem no tempo presente, ver o estudo de Mário Médice Costa Barbosa, "O povo cabano no poder: memória, cultura e imprensa em Belém - PA (1982-2004)". Dissertação de mestrado. PUC-SP, 2004.

processo estatístico de medição da densidade populacional e de comparações do desenvolvimento regional, a Amazônia transformou-se em uma terra sem homens. Um território a ser "integrado", ocupado e desenvolvido de fora para dentro, por projetos grandiosos de colonização, mineração, agricultura ou de exploração madeireira. Ao largo disto, a história local e seus agentes quase foram esquecidos. É preciso mudar este quadro, enfatizando a presença constante de um povo local.

Há um povo das florestas, que vive da extração de produtos da mata e dos rios e em guerra por sua conservação e sustentação. Há um povo indígena multifacetado, mas uníssono na guerra com os brancos e a usurpação que estes continuam fazendo de suas terras e riquezas. Existe ainda um povo afro-brasileiro que cotidianamente reivindica a propriedade de seu território, obtido pela luta quilombola e escrava. Todos estes povos se deparam constantemente com problemas como a devastação ecológica, a questão fundiária, a miséria e, sobretudo, a falta de acesso à plena cidadania. Sua luta presente também rememora a dos tempos cabanos. Trata-se de povos amazônicos e de uma luta secular que merece ser conhecida e amparada.

O Brasil Império: o surgimento de uma nação

Fascículo 2
Unidade 4

Fundação CECIERJ
Consórcio cederj

O Brasil Império: o surgimento de uma nação

Para início de conversa...

Leia atentamente a notícia a seguir:

Jamais pode uma soberania firmar-se em detrimento de outra soberania. Jamais pode o direito à segurança dos cidadãos de um país ser garantido mediante a violação de direitos humanos e civis fundamentais dos cidadãos de outro país. (...)

Como tantos outros latino-americanos, lutei contra o arbítrio e a censura e não posso deixar de defender de modo intransigente o direito à privacidade dos indivíduos e a soberania de meu país. Sem ele – direito à privacidade - não há verdadeira liberdade de expressão e opinião e, portanto, não há efetiva democracia. Sem respeito à soberania, não há base para o relacionamento entre as nações. (...)

O aproveitamento do pleno potencial da internet passa, assim, por uma regulação responsável, que garanta ao mesmo tempo liberdade de expressão, segurança e respeito aos direitos humanos.

(http://www2.planalto.gov.br/imprensa/discursos/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-do-debate-geral-da-68a-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-nova-iorque-eua)

No segundo semestre de 2013, diversos veículos de comunicação no Brasil e no mundo destacaram as ações de espionagem do governo dos Estados Unidos contra políticos, empresas e países. Em reação a essas ações, a presidenta Dilma Rousseff fez um duro discurso na ONU, condenando tais atos, que qualificou como uma violação da soberania nacional.

Você sabe o que isso quer dizer? O que significa violar a soberania de um país?

Você já deve ter escutado um dito popular bastante conhecido: "na minha casa quem manda sou eu". Talvez você já tenha passado pela constrangedora experiência de ver alguém entrar na sua casa sem pedir licença, trocar os canais da TV sem avisar, olhar os armários, abrir a geladeira e mexer no que tem dentro... Não é desagradável? Assim, a soberania pode ser entendida mais ou menos dessa forma: no território brasileiro quem define o que pode e o que não pode ser feito é a sociedade que nele vive. Desse modo, a soberania pode ser resumida como a capacidade de fazer ou desfazer leis e a intromissão de outros países é considerada uma afronta à soberania nacional, tal como verificamos no caso da espionagem norte-americana. Mas será que todos que vivem no Brasil, participam da mesma forma das discussões e da definição das leis, do que pode e do que não pode ser feito dentro do país?

Para pensarmos essa e outras questões, um bom exercício seria o de olhar para o momento de nascimento da soberania brasileira: a independência do país em 1822. Até a independência, as leis obedecidas no Brasil eram aquelas vindas de Portugal. Com a emancipação, o país passou a ter soberania, precisando definir o que podia ou não ser feito, como iria funcionar, como se organizaria. Mas como foi que a sociedade brasileira exerceu sua soberania? Em que medida os diferentes grupos sociais que a integravam participaram das discussões e das definições sobre os destinos do recém-criado país?

São essas questões que examinaremos nesta unidade: as ações de variados setores da sociedade no sentido de tentar determinar em que tipo de país viveriam. Trata-se de entender os esforços de organização do Estado Brasileiro, estabelecendo as regras que deveriam ser aceitas por todos. Mas ao contrário do que normalmente se considera, esse não foi um processo pacífico, harmônico ou consensual. Ou de outra forma: não foi imposto por uma elite sem nenhum tipo de resistência ou manifestação de descontentamento. Pelo contrário: divergências, conflitos, tensões e até violência foram constantes. Durante quase duas décadas, de 1822 a 1840, diferentes propostas se confrontaram, mas por fim saíram vitoriosas as ideias que garantiram a unidade territorial, a monarquia e a escravidão.

O fato de características terem prevalecido não significa que outras propostas não tenham sido tentadas e sonhadas. E até aquelas propostas momentaneamente derrotadas − como a de criação de uma república ou a de um país sem escravos − foram importantes para que, no futuro, outras lutas e reivindicações as recuperassem e as conquistassem. A escravidão terminou em 1888, mas a luta para sua abolição não começou naquele mesmo ano. Assim, algumas conquistas podem demorar anos para serem atingidas. Por isso mesmo, as pessoas não devem deixar de lutar e se posicionar por aquilo que consideram como certo ou justo.

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer o conceito de soberania;
- Reconhecer que o processo de organização do Estado Brasileiro se deu em meio a disputas e enfrentamentos;
- Entender o papel da escravidão africana para o mundo do trabalho no século XIX;
- Identificar a unidade territorial, a monarquia centralizada e a escravidão como as principais características da sociedade brasileira pós-independência;
- Identificar as diferentes propostas políticas apresentadas no Brasil no Primeiro Reinado e no Período Regencial;
- Reconhecer o significado das revoltas provinciais e os limites ao exercício da cidadania no Primeiro Reinado e no Período Regencial.

Seção 1
A formação do Império do Brasil: a organização do novo país

Logo após a independência, a noção de que o Brasil deveria ter sua autonomia respeitada por Portugal levou a um esforço para escrever o principal conjunto de leis do novo país: uma constituição. Para isso, foi convocada, em 1823, uma **Assembleia Constituinte**. Dela, participaram apenas os homens com a propriedade dos dois bens mais preciosos existentes no país: terras e escravos. Mulheres, homens pobres, escravos e índios não puderam participar dessa discussão, apesar de serem segmentos numerosos e formarem a maioria da população.

Assembleia Constituinte

A Assembleia Constituinte reúne pessoas escolhidas para redigir ou reformar uma Constituição, lei maior de um país e que rege todas as outras leis vigentes.

Um dos principais debates na Assembleia Constituinte foi o da definição das atribuições do Imperador Pedro I: enquanto um grupo queria limitar os poderes imperiais, fortalecendo a capacidade dos poderes locais fazerem suas próprias leis, outro grupo optava por fortalecer a autoridade do Imperador, impondo as decisões do Rio de Janeiro − Corte e capital do Império − às demais regiões. Com isso, a possibilidade de elaborar leis locais seria reduzida, prevalecendo a centralização em oposição à descentralização.

O grupo defensor da descentralização acabou saindo vitorioso. Conseguiu aprovar um projeto de constituição que ficaria conhecido como "Constituição da Mandioca". Mas o que o vegetal tem a ver com a constituição? Esse apelido se deve a um fato curioso: o critério escolhido para definir quem poderia ou não votar e, com isso, participar da vida política, era a conversão da renda, recebida durante um ano, em pés de mandioca. O produto era cultivado de norte a sul do Brasil e fazia parte da alimentação da população e dos escravos. Assim, no lugar de um valor fixo na moeda da época – o mil réis – a renda deveria ser convertida a um determinado equivalente em pés do produto. Isso colocava o poder do voto nas mãos dos latifundiários.

Figura 1: D. Pedro I.

Apesar do apelido, o mais importante nessa constituição era a questão do poder do imperador, que se via fortemente limitado. Por esse motivo, tanto D. Pedro I quanto o grupo favorável a uma maior centralização rejeitaram o projeto da Constituição da Mandioca. Em um gesto de força e violência, o imperador mandaria as tropas fecharem a Assembleia Constituinte, no episódio conhecido como Noite da Agonia, ainda em 1823.

A Constituição de 1824

Figura 2: A Constituição de 25 de março de 1824.

Após a Noite da Agonia, muitos ainda defendiam a necessidade de o país ter uma Constituição que definisse suas leis e sua soberania. Dessa forma, em 25 de março de 1824, uma nova Carta foi outorgada. Ela mantinha a unidade territorial, a monarquia e a escravidão, mas trazia uma diferença fundamental: era resultado de um Conselho de Estado escolhido pelo Imperador e não por representantes escolhidos pelos cidadãos. Além disso, os defensores da centralização que haviam sido derrotados na Constituinte anterior também gostaram do projeto que foi imposto ao país, em 1824. Nascia assim a primeira Constituição Brasileira, a que mais tempo vigorou na história do país, de 1822 a 1889.

Quais as características dessa constituição? Como seria organizada a sociedade brasileira a partir de então?

- **Constituição outorgada:** Em primeiro lugar, essa constituição foi imposta, isto é, outorgada, sem o apoio dos representantes que tinham sido escolhidos para escrevê-la, já que a Assembleia Constituinte foi fechada após a Noite da Agonia e o Projeto da Constituição da Mandioca abandonado.

- **Monarquia Constitucional Hereditária:** O Brasil passava a ser uma monarquia, isto é um poder (*arquia*) de um só (*mono*). Como monarquia, o país tem a figura de um monarca que tanto pode ser um rei, que comanda um reino, quanto um imperador, que comanda um império. A diferença é que a palavra Império, no começo do século XIX, estava na moda: transmitia um ideal de extensão, força, poder e grandiosidade. Dá até para imaginar o impacto exercido na vida do jovem príncipe Pedro I que, com 9 anos de idade, foi obrigado a sair de Lisboa e cruzar o Oceano Atlântico em direção à América porque o "Império" Francês havia invadido o "Reino" de Portugal. Admirador de Napoleão Bonaparte, imperador dos franceses e invasor de Portugal, talvez isso tenha sido

importante para que D. Pedro rejeitasse o título de "Rei do Brasil" e optasse pelo de Imperador. Mas a monarquia brasileira possuía uma constituição que, apesar de ampliar os poderes do Imperador, estabelecia outros poderes e, igualmente, deveres. Por fim, a monarquia constitucional brasileira era hereditária, ou seja, transmitida de pai para filho(a) a partir dos descendentes do casamento de D. Leopoldina da Áustria (da família Habsburgo) com D. Pedro (da família Bragança). É curioso que, a exemplo da monarquia portuguesa, a monarquia brasileira não tinha nenhuma restrição quanto a uma mulher assumir a coroa. Basta lembrar o reinado da avó de D. Pedro, D. Maria I, que governou Portugal a partir da morte do pai em 1777.

- **Unitarismo:** O grupo defensor da centralização conseguiu que o Império seguisse um modelo centralizado, a partir do Rio de Janeiro. As demais regiões, hoje conhecidas como "estados" eram chamadas "províncias", palavra que tem sua origem no latim. Quer dizer "*pro vencere*", isto é, a região vencida. Pelo nome, já era possível perceber que as decisões locais teriam menor importância.

- **Quatro Poderes:** Essa constituição trouxe uma inovação: além dos três poderes teorizados pelo pensador iluminista Montesquieu no livro "O espírito das leis" (1748), a saber, Executivo, Legislativo e Judiciário, a constituição trazia um quarto poder que só existiu no Brasil: o Poder Moderador. Ideia do pensador francês Benjamin Constant (não confundir com o Benjamim Constant brasileiro, que viveu anos depois e ajudou a proclamar a república), o poder Moderador era de uso exclusivo do Imperador. Graças a esse poder, o monarca poderia intervir nos outros três poderes, nas províncias, e em toda a estrutura política do Império. Para muitos críticos, funcionava como um "absolutismo disfarçado".

- **Estado e Igreja:** A Constituição de 1824 estabelecia o "Padroado", isto é, determinava que todos os membros do clero brasileiro seriam oficialmente funcionários do Estado. Dessa forma, quaisquer ações dos clérigos necessitavam do "beneplácito" do Imperador, ou seja, de sua permissão.

- **Cidadania e Direitos Políticos:** Aconteciam eleições no Império? Ao contrário do que se costuma pensar, as eleições acontecem no Brasil desde o período colonial para as Câmaras Municipais, criadas já no século XVI. No Império, além das eleições para as Câmaras, também se votava para Deputado Geral e Senador. Embora o Senador fosse um cargo vitalício, seu nome era escolhido pelo Imperador após a apresentação de uma lista com os três nomes mais votados em cada província. Não necessariamente o Imperador escolheria o mais votado. Não aconteciam eleições para Presidentes de província, o que seria o equivalente hoje aocargo de governador de estado. Os Presidentes eram nomeados pelo Imperador.

Se as eleições aconteciam, quem poderia votar no Império do Brasil? Todos que podiam votar poderiam ser votados?

As eleições no Império foram indiretas até 1881. Não se votava diretamente no candidato que exerceria o cargo, mas sim em um grupo que iria escolhê-lo entre seus membros. Isso criava duas categorias para a participação política:

os votantes e os eleitores. Os votantes eram aqueles que votavam, isto é, escolhiam um grupo que, efetivamente, iria eleger os detentores dos cargos. Para ser votante, exigia-se uma renda de 100$000 (cem mil réis) ao ano. Para ser eleitor, a renda era maior: 200$000 (duzentos mil réis ao ano). Em 1846, esses valores dobrariam. Só em 1881, com a Lei Saraiva, a distinção entre votantes e eleitores acabou e as eleições no Império passaram a ser diretas, com o voto diretamente naquele que ocuparia o cargo.

A Constituição de 1824 estabelecia que os homens livres, nascidos no Brasil ou naturalizados, assim como os libertos (ex-escravos) nascidos aqui teriam o direito de voto. No entanto, aos libertos era negado o direito de serem eleitores e eleitos, só participando do primeiro turno das eleições. Portanto, segundo a Carta de 1824, os libertos eram cidadãos passivos, isto é, não tinham acesso a todos os direitos civis e políticos estabelecidos na Constituição. E a exclusão era ainda maior. Metade da população não poderia votar, por ser mulher. Além disso, os não livres, isto é, os escravos, também estavam excluídos. Em seguida, foi adotado um critério etário: somente os maiores de 25 anos teriam direito a participar da vida política. Havia, contudo, a exceção para os casados e os bacharéis, os formados no Ensino Superior. Curiosamente não se exigia, até 1881, a alfabetização. Porém, a contrapartida era a exigência de renda com o voto censitário, o direito de voto que só é exercido pelos que atendem a um critério econômico.

Importante

Mil réis: a moeda brasileira por mais de cem anos!

Da independência até o período Vargas (1930-1945), a moeda brasileira foi o Mil Réis.

Você sabe como se leem esses valores? Por exemplo: 12.245$386. É bem simples. Veja:

Doze contos, duzentos e quarenta e cinco mil, trezentos e oitenta e seis réis.

Assim, o cifrão ($) é a referência: depois dele estão as três casas dos réis, antes as três casas dos mil. Se forem mais de quatro casas, há o ponto. Tudo que estiver antes do ponto é chamado conto.

Atividade 1

Observe um trecho do Hino da Independência do Brasil:

Letra: Evaristo da Veiga

Música: D. Pedro I

Atividade 1

Já podeis, da Pátria filhos,
Ver contente a mãe gentil;
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil.

Brava gente brasileira!
Longe vá...temor servil:
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil.

Brava gente brasileira!
Longe vá... temor servil:
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil.

(...)

Os **grilhões** que nos forjava
Da **perfídia** astuto **ardil**...
Houve mão mais poderosa:
Zombou deles o Brasil.

grilhões

Corrente de metal

perfídia

Deslealdade, traição, infidelidade.

ardil

Estratagema que tem o propósito de enganar; emboscada ou cilada.

a. Retire, do Hino da Independência, um trecho que faça referência à emancipação de Portugal.

b. Retire, do Hino da Independência, estrofe e/ou trecho que expressa a defesa da soberania do Brasil

Saiba Mais

Os descontentes: a Confederação do Equador de 1824

Figura 3: Exército Imperial do Brasil ataca as forças confederadas no Recife, 1824.

Saiba Mais

Apesar da imposição, a constituição de 1824 não foi aceita passivamente. Uma das maiores manifestações de insatisfação com os rumos que o país tomava foi organizada a partir das províncias de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Em uma reação ao que consideravam o autoritarismo do Imperador com a Noite da Agonia, a constituição outorgada e o Poder Moderador, essas quatro províncias iniciaram um movimento separatista chamado Confederação do Equador, por conta da proximidade geográfica com a linha do Equador. A proposta era a de separação do Império e formação de um novo país que seria organizado como uma república, no lugar de uma monarquia. Contra a centralização do Império, se defendia um modelo descentralizado – a confederação – com maior autonomia para as províncias. A constituição da Grã-Colômbia, que reuniu os atuais países da Venezuela, Colômbia, Panamá e Equador, foi tomada como modelo.

O movimento separatista foi violentamente reprimido. Para o Imperador, a unidade territorial deveria ser mantida a qualquer preço, impedindo que o sucesso do movimento pudesse ser copiado pelas demais províncias. D. Pedro contratou mercenários estrangeiros, soldados que lutavam em troca de dinheiro, comandados por oficiais também estrangeiros. Com isso, a Confederação foi derrotada, suas lideranças foram presas e Frei Caneca, religioso que apoiou o movimento, foi executado.

Figura 4: Frei Caneca

Seção 2
O trabalho na constituição de 1824

Um dos temas mais importantes na Constituição de 1824 foi o da divisão dos brasileiros em dois grupos: homens livres e escravos. Os primeiros teriam direitos e seriam considerados cidadãos do Império, enquanto o segundo grupo sofria com a exclusão e a ausência de direitos fundamentais.

O trabalho escravo foi mantido após a independência, mesmo com ações que o questionavam. Até 2 de julho de 1823, escravos e ex-escravos pegaram em armas contra as tropas que permaneceram leais a Portugal na Bahia, durante as lutas pela independência. Essa data ainda hoje é comemorada naquele estado, como o feriado do dia da independência na Bahia. Os negros que lutaram acreditavam que o rompimento com Portugal, poderia vir acompanhado do fim da escravidão. Nos debates sobre a organização do país, algumas vozes se opuseram à escravidão, como José Bonifácio. Porém, tanto os que lutaram na Bahia quanto os que questionaram a escravidão esbarraram na oposição de muitos homens que tinham renda e participavam da vida política, cujo poder provinha exatamente da exploração da mão de obra escrava.

Importante

José Bonifácio nasceu em Santos em 13 de junho de 1763. Formado em Direito, Filosofia e Matemática pela Universidade de Coimbra, destacou-se durante o processo de independência do Brasil, tendo papel decisivo junto a D. Pedro I. Por sua atuação nesse período foi intitulado o "Patriarca da Independência" pelos manuais didáticos. Em sua atuação como deputado da Assembleia Constituinte de 1823, propôs dois projeto de lei: um sobre a civilização dos índios e outro sobre a abolição da escravatura.

A seguir, um *fragmento da Representação à Assembleia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a escravatura*, proposta de Bonifácio para cessar a escravidão no país, mas que acabou não sendo apresentada na Constituinte em razão de seu fechamento pelo Imperador, no ano de 1823:

> (...) Foram os portugueses os primeiros que, desde o tempo do Infante D. Henrique, fizeram um ramo de comércio legal de prear homens livres, e vendê-los como escravos nos mercados europeus e americanos. Ainda hoje perto de quarenta mil criaturas humanas são anualmente arrancadas da África, privadas de seus lares, de seus pais, filhos e irmãos, transportadas ás nossas regiões, sem a menor esperança de respirarem outra vez os pátrios ares, e destinadas a trabalhar toda vida debaixo do açoite cruel de seus senhores, elas, seus filhos, e os filhos de seus filhos para todo o sempre!
>
> Se os negros são homens como nós, e não formam uma espécie de brutos animais; se sentem e pensam como nós, que quadro de dor e de miséria não apresentam eles à imaginação de qualquer homem sensível e cristão? Se os gemidos de um bruto nos condoem,é impossível que deixemos de sentir também certa dor simpática com as desgraças e misérias dos escravos; mas tal é o efeito do costume, e a voz da cobiça,que vêm homens correr lagrimas de outros homens, sem que estas lhes espremam dos olhos uma só gota de compaixão e de ternura.
>
> (SILVA, José Bonifácio de Andrada e. "Representação à Assembleia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a escravatura." In: DOLHNIKOFF, Miriam (org.). *Projetos para o Brasil/José Bonifácio de Andrada e Silva*. São Paulo: Companhia das Letras; Publifolha, 2000, p.25.).

Apesar das impressões de Bonifácio acerca da barbárie da escravização do ser humano, a elite política brasileira não se comoveu com suas palavras. O ranço da escravidão só seria desfeito no Brasil em 13 de maio de 1888, com a promulgação da Lei Áurea. Portanto, apenas no final da segunda metade do século XIX é que os governantes brasileiros deram fim a uma dependência de mais de 300 anos pela mão de obra escrava, contadas a partir da introdução do negro africano em território brasileiro, ocorrido ainda no período colonial.

A justificativa para a continuidade da escravidão não era a da inferioridade racial dos negros ou africanos. Tal argumento só seria usado em fins do século XIX. Na constituição brasileira e nas leis do país, a escravidão continuava em função do reconhecimento do direito à propriedade privada. Era com base no **Direito Natural** à propriedade do senhor, já que o escravo era considerado uma mercadoria, que se fundamentava legalmente essa cruel forma de exploração. Será que alguém pode ter o direito de ser proprietário de outra pessoa? Será que uma pessoa pode ser equiparada a uma mercadoria? Hoje, felizmente, não temos dúvida que seres humanos não são objetos. Mas no começo do século XIX, essa certeza não era compartilhada por todos, principalmente, por aqueles que tinham interesses econômicos e sociais nessa forma de exploração do trabalho.

Direito Natural

O Direito Natural não é escrito, não é criado pela sociedade, nem é formulado pelo Estado, é um direito espontâneo, que se origina da própria natureza social do homem e que não é elaborado pelos homens, mas sim, procede de uma vontade superior porque pertence à própria natureza humana: "o direito de reproduzir", "o direito de constituir família" "direito à vida e à liberdade" e "o direito à propriedade" são alguns dos exemplos que caracterizam o Direito Natural.

A escravidão era para os proprietários de escravos um forte símbolo de *status*. Ter escravos era uma forma de se mostrar que se era diferente, no sentido de ser superior às outras pessoas. Isso revelava uma mentalidade **arcaica**, que via na repetição do modelo herdado da colonização portuguesa o caminho para o futuro do novo país: a manutenção da grande propriedade rural, voltada para a exportação, com o uso da mão de obra escrava africana. Os lucros obtidos com as atividades agrícolas baseadas na escravidão eram reinvestidos para a aquisição de mais terras e mais escravos. Essa era uma forma de se demonstrar riqueza e obter prestígio.

Arcaica

Antiquado, desusado.

Essa mentalidade arcaica se diferenciava daquela em ascensão em países capitalistas como a Inglaterra ou partes dos Estados Unidos. Nesses países, o objetivo da produção não era o de ostentar terras e escravos, mas sim lucrar na indústria e reinvestir o lucro para se obter mais lucro. Assim, a burguesia inglesa, nas suas indústrias, pensava de maneira bastante diferente dos muitos plantadores escravocratas nas fazendas brasileiras.

Outro aspecto que contribuiu muito para a continuação da escravidão no Brasil, após a independência, foi a ação de comerciantes, os tratantes. Eles traziam africanos à força para o país. O lucro desse "comércio de almas", "comércio de homens" ou "comércio negreiro" era muito elevado. Verdadeiras fortunas se formaram. Nas primeiras décadas do século XIX, esses "comerciantes negreiros" tiveram muito prestígio. Isso só mudaria, em parte, por uma intensa campanha da Inglaterra contra o desembarque de africanos escravos na América. Desde 1810, a principal

potência econômica do século XIX empenhou sua força militar e prestígio político contra o que chamava de tráfico, conseguindo mesmo, com muito custo, tornar essa atividade ilegal no Brasil, a partir da assinatura do Tratado anglo-brasileiro de 1826 que, além de reconhecer a independência do Brasil e renovar os acordos comerciais com os britânicos até o ano de 1842, determinava, para o ano de 1830, o fim do comércio brasileiro de "carne humana".

Importante

Por que a Inglaterra foi contra o tráfico?

A reprodução natural na população escrava não era capaz de fornecer a quantidade de trabalhadores exigida pelo ritmo de expansão das atividades econômicas no Brasil. Com isso, sobretudo durante a expansão do cultivo do café, o mecanismo para obtenção de novos escravos era o tráfico negreiro via Oceano Atlântico. Acabar com o tráfico negreiro era uma forma de enfraquecer e posteriormente acabar com a própria escravidão.

Durante muito tempo, os historiadores consideraram que a Inglaterra era contra o tráfico de africanos por que queria transformar os escravos em consumidores dos seus produtos industrializados. Hoje se sabe que a capacidade de consumo de um escravo era muito reduzida no século XIX. Se até os operários só seriam incorporados com mais importância ao mercado consumidor no começo do século XX, o que pensar de escravos um século antes? Assim, tem-se reconhecido a importância que noções, como o direito natural, tiveram na luta contra o tráfico.

A ideia de que todos os homens nascem iguais e possuem certos direitos, como a vida e a liberdade, foram poderosos instrumentos na crítica à escravidão e não podem ser negligenciadas para entender a pressão exercida pela Inglaterra.

Figura 5: Provável única foto de um navio negreiro.
Foto de Marc Ferrez, em 1882.

No entanto, mesmo com a existência de um acordo internacional que previa o fim do comércio brasileiro de escravos, o Parlamento Imperial promulgou uma lei, em 1831, que proibia o comércio negreiro. A lei de 7 de

novembro de 1831 foi chamada Lei Feijó, em uma referência ao Ministro da Justiça, padre Diogo Antônio Feijó. Mas essa lei ficaria mesmo conhecida na história do país com outro nome: *lei para inglês ver*.

Saiba Mais

Uma lei para inglês ver

Você, provavelmente, já ouviu alguém se utilizar desta expressão, não ouviu? Você sabe o que ela significa? E a origem desta expressão?

A expressão tem origem no cenário de abdicação de D. Pedro I. Logo após a renúncia do Imperador ao trono brasileiro, surgiu no Senado Imperial um projeto de lei que propunha o encerramento do comércio brasileiro de escravos.

Em razão da nulidade da lei, já que na prática o tráfico foi mantido, a expressão – *lei para inglês ver* – é até hoje usada para tratar das leis no Brasil que não são cumpridas, que "não pegam", como se costuma dizer. Essa expressão revela ainda a pressão inglesa contra o tráfico e a interferência daquele país em um assunto brasileiro, ou seja, na sua soberania. Por muito tempo, a historiografia, isto é, os estudos de História, interpretaram a referida norma como instrumento político para afastar a pressão britânica sobre o Brasil na questão do tráfico de escravos, mas que, na verdade, o governo brasileiro não tinha o menor interesse em encerrar a atividade negreira no país. Hoje, novas pesquisas têm demonstrado que a *"lei para inglês ver"* não foi pensada para ser "letra morta" e que se tornou importante instrumento político na luta dos escravos por suas liberdades, na segunda metade do século XIX, durante o movimento abolicionista.

Mas, então, por que essa lei não pegou? A partir de 1830, a expansão do cultivo de café atraiu os plantadores brasileiros. Para se plantar mais café era necessário incorporar mais terras e ao mesmo tempo conseguir mais braços africanos para o pesado trabalho na lavoura, mantendo assim o modelo de exploração do trabalho herdado da colonização. Além disso, a partir da entrada dos Regressistas no poder, durante os últimos anos do Período Regencial, houve uma clara proteção estatal em defesa da manutenção ilegal do tráfico negreiro, resultado de uma indiscriminada relação entre homens de Estado e traficantes de escravos.

Figura 6: Felisberto Caldeira Brant Pontes de Oliveira e Horta, marquês de Barbacena. O marquês foi o autor da primeira lei contra o tráfico de escravos no Brasil; passada para a história como lei para inglês ver.

Apesar de proibido em 1831, o tráfico de africanos continuaria até 1850. Cinco anos antes novamente a Inglaterra empenharia sua força para tentar obrigar o fim do tráfico de escravos para o Brasil. O parlamento inglês aprovou uma lei chamada Bill Aberdeen, que permitia à Marinha Britânica capturar ou afundar qualquer navio negreiro que se encontrasse navegando no Atlântico Sul. A tripulação seria julgada em tribunais ingleses, com base nas leis daquele país.

No lugar de reduzir, o Bill Aberdeen aumentou a quantidade de africanos traficados. Os traficantes se apressaram para trazer o máximo de escravos que pudessem, pois não se sabia por quanto tempo as autoridades brasileiras seriam coniventes com os desembarques. Assim, em 1850, o Ministro da Justiça do Império, o conservador Euzébio de Queiroz, conseguiu convencer os parlamentares brasileiros a colocarem fim ao tráfico para o Brasil. O que foi feito para isso, já que os parlamentares só podiam ser homens com renda, muitos, inclusive, proprietários de escravos? Os argumentos utilizados pelo ministro para convencer o parlamento foram basicamente dois:

1. O medo de um grande levante de escravos no país, por conta das muitas revoltas que aconteciam. Isso comprova que os próprios escravos tiveram participação no fim do tráfico por meio variadas formas que encontraram para resistir à escravidão, espalhando um sentimento de insegurança entre os proprietários.

2. A soberania. Euzébio de Queiroz insistiu que pegava muito mal acabar com o tráfico para o Brasil apenas por pressão estrangeira. Se era para pôr fim ao tráfico, os brasileiros (e não os ingleses) é que deveriam fazer isso. A organização do novo país era entendida como uma questão que, apesar da pressão estrangeira (e não era uma pressão qualquer), deveria ser definida internamente.

Figura 7: Marcas da escravidão. O castigo escravo no pelourinho. Jean Baptiste Debret.

DIFFÉRENTES NATIONS NÈGRES.

Figura 8: As diferentes nações de negros africanos transportadas pelo comércio negreiro. Jean Baptiste Debret.

Atividade 2

Observe os trechos de discursos de dois deputados brasileiros em debate ocorrido em 3 de julho de 1827, na Câmara Imperial, acerca da escravidão e do tráfico de escravos.

> "Diz-se que a escravidão é oposta aos preceitos da religião católica! Que a escravidão seja coisa má, não duvido eu; mas que ela é oposta aos preceitos da religião católica, é coisa que nunca li. Oposta aos princípios do maometismo é com efeito, porque Maomé ordenou que todo o escravo que abraçasse a doutrina do Corão fosse logo libertado. Eis um preceito que não foi transmitido pelo nosso Divino Mestre, nem pelos apóstolos, concílios ou doutores da Igreja! O mais que eles fazem é aconselhar-nos a tratar bem os nossos escravos, e nisto param as recomendações! Maldito seja Canaã: ele seja escravo dos escravos a respeito de seus irmãos: Canaã seja escravo de Jafet! Tais são as palavras da bíblia. Nemrod foi um robusto caçador diante do Senhor. Abraão teve escravos, Isaac teve escravos, Jacob teve escravos, os pontífices, os arcebispos, os bispos, os prelados de todas as ordens tem escravos, e eu não tenho observado que os libertem, que deixem de se servir com semelhante gente e de se conformarem neste ponto com os princípios da religião católica."
>
> **Raimundo José da Cunha Mattos, deputado por Goiás.**

"(...) já se tem invocado sacrilegamente o sagrado nome da religião com o pretexto de converter os africanos, como se uma religião celestial e divina, uma religião que proclama os primitivos direitos do homem, que o restituiu a sua dignidade, mostrando estampada no seu ser a formosa imagem da divindade, uma religião enfim, que reprova a violência e a força (...) Sabe-se além disso qual é o zelo evangélico de tais mercadores, e quanto o seu bárbaro procedimento tem contribuído para alienar e dispor os africanos contra o cristianismo, de cujas máximas eles não podem julgar senão pelo exemplo dos que o professam; sabe-se também qual é o zelo e cuidado da maior parte dos senhores na instrução religiosa desses miseráveis que eles tratam como bestas de carga, olhando unicamente para o produto de seu trabalho."

D. Romualdo Antônio de Seixas, deputado pela Bahia.

(Anais da Câmara dos Deputados de 1827)

Atividade 2

a. Qual elemento é evocado por ambos os deputados para atacar ou defender a escravidão?

b. Destaque a diferença entre os argumentos apresentados pelos deputados imperiais com relação à instituição da escravidão.

Seção 3
As Regências e as revoltas provinciais

Até o ano de 1826, as relações entre o Imperador e seus súditos eram relativamente boas. Porém, depois daquele ano, o reinado de D. Pedro I passaria por uma grave crise que teria seu ápice com a abdicação, isto é, a renúncia do Imperador, em 1831, e seu retorno para a Europa.

Em 1826, o parlamento foi convocado e passou a funcionar, o que gerou atritos entre o Imperador e a elite política brasileira. No mesmo ano, houve a morte do pai de D. Pedro I, D. João VI em Portugal. Como filho mais velho, o Imperador brasileiro era herdeiro da Coroa Portuguesa. Se a assumisse, os dois reinos poderiam ser unificados, o que colocaria a independência brasileira sob ameaça. Para muitos, no Brasil, essa possibilidade era tratada como um risco de recolonização, com a perda da autonomia e principalmente, da soberania obtida em 1822.

A situação econômica não era das melhores. O Império tinha poucas fontes de arrecadação e ainda por cima possuía despesas elevadas. As guerras frequentes desde 1822 eram um desses problemas: a contratação de mercenários estrangeiros para as guerras de independência como na Bahia até 1823, a repressão à Confederação

do Equador em 1824 e logo depois mais um conflito, a **Guerra da Cisplatina**, ajudavam a gastar os poucos recursos disponíveis. O aumento dos preços de vários produtos de consumo na cidade do Rio de Janeiro fez com que a população responsabilizasse os comerciantes portugueses pelo encarecimento do custo de vida, gerando um sentimento antilusitano. Não dá para esquecer que o Imperador era português!

Saiba Mais

A Guerra da Cisplatina (1825-1828)

Figura 9: Lavalleja e o Juramento dos Treinta y Tres Orientales. Juan Manuel Blanes, 1877.

A Guerra da Cisplatina foi um conflito armado entre Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata, ocorrida entre 1825 e 1828. A região da Cisplatina era motivo de disputas entre Portugal e Espanha desde o final do século XVII. A área era considerada estratégica, em razão do grande domínio fluvial, com acesso aos rios Paraguai e Paraná, sendo também uma importante via de transporte da prata andina.

O povoamento da área surgiu a partir da fundação de Montevidéu, em 1724, como resposta do governo espanhol à ousadia da Coroa Portuguesa pela fundação da Colônia do Sacramento (1680) na região. No entanto, até 1816 a área foi considerada território espanhol. Porém, naquele mesmo ano, ela foi invadida pelas tropas do general Carlos Frederico Lecor e anexada aos territórios de Portugal. Cinco anos mais tarde, D. João VI anexou a região ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, dando a ela o nome de Província Cisplatina.

A população local nunca aceitou o domínio português, isto porque apesar da fundação da Colônia do Sacramento na região; a área sempre foi colonizada e ocupada por espanhóis, provocando a formação de costumes, língua e cultura diferentes por parte da população nativa. Os conflitos aumentaram com a Independência do Brasil frente a Portugal e a incorporação da região da Cisplatina como território do novo Império nascente.

Saiba Mais

Nesse contexto, alguns patriotas, liderados por Juan Antônio Lavalleja, começaram a fomentar o início da rebelião. A ação teve o apoio das Províncias Unidas do Rio da Prata (atual Argentina) que pretendiam anexar a região aos seus domínios. Em 10 de dezembro de 1825, após o anúncio da incorporação da Cisplatina às Províncias do Rio da Prata, o governo imperial de D. Pedro I declarou guerra a Buenos Aires.

Os confrontos foram catastróficos para o Império do Brasil, sendo um dos importantes fatores que provocaram a abdicação do monarca brasileiro em 1831. A guerra durou três anos e causou enormes gastos aos cofres do Império brasileiro. Mesmo em maior número, o governo imperial encontrou enorme dificuldade para formar um exército capaz de derrotar as tropas inimigas.

Em razão das desavenças e da dificuldade entre as duas nações para encontrar uma solução pacífica, o governo de Sua Majestade Britânica resolveu intermediar as negociações para que o conflito armado cessasse. No entanto, aos ingleses não era interessante que a região da Cisplatina fosse incorporada pelo governo de Buenos Aires, o que poderia acarretar maior poder daquele governo na área e prejudicar os negócios britânicos na região. O retorno da área ao Império do Brasil era uma solução impensada já que a resistência da população local ao domínio brasileiro era evidente, e a própria Inglaterra não pretendia fortalecer o Brasil na região.

Dessa forma, a solução adotada para resolver os conflitos na região foi a Convenção Preliminar de Paz, assinada em dezembro de 1828, no Rio de Janeiro, em que foi criado um novo país, a República Oriental do Uruguai.

A oposição ao Imperador aumentou, junto com as críticas ao seu autoritarismo. Chegando a ser acusado de ser responsável pelo assassinato do jornalista de oposição Libero Badaró, o Imperador viu sua popularidade se reduzir ainda mais, ao ponto de provocar uma violenta briga no Centro da Cidade do Rio de Janeiro entre seus partidários e seus críticos, conhecida como Noite das Garrafadas.

A gota d´água vem quando D. Pedro demite todo um gabinete ministerial que tinha acabado de ser admitido. Insatisfeitas, cerca de 8 mil pessoas fizeram uma manifestação em frente ao Parlamento Brasileiro, que ficava no Campo de Santana, no Centro da Cidade do Rio de Janeiro. Se D. Pedro readmitisse o ministério, como queriam os que protestavam, daria um sinal de fraqueza. Se mandasse as tropas reprimir os manifestantes, avaliou que até corria o risco de não ser obedecido. Pressionado, o Imperador adotou a estratégia típica dos monarcas que se viam enfraquecidos: em nome da continuidade da monarquia e principalmente da sua dinastia, abdicou, isto é, abriu mão da Coroa Brasileira. Até o final do século XIX, esse movimento que culminou na abdicação do Imperador ficaria conhecido como a Revolução do Sete de Abril.

Saiba Mais

Abdicação *x* Revolução

Ao considerar a saída de D. Pedro I do trono brasileiro como uma abdicação, se atribui o gesto a uma vontade pessoal. Ao mesmo tempo, a noção de abdicação esvazia a participação de vários grupos insatisfeitos com o Imperador nesse processo. Aqueles que viveram esses acontecimentos, em um primeiro momento, preferiram o termo "revolução" para designá-lo, destacando assim a participação e a pressão social contra o Imperador.

D. Pedro seguiria para a Europa, onde precisou lutar para recuperar a Coroa Portuguesa, para logo depois entregá-la à filha mais velha, D. Maria da Glória, que governaria com o título de D. Maria II. Porém, deixou a Coroa Brasileira ao seu filho mais velho, D. Pedro II, que, por ocasião da abdicação, tinha apenas 5 anos de idade.

Como uma criança poderia governar o país? Como isso não era possível, a solução foi seguir a Constituição e iniciar as regências. Enquanto o jovem imperador não pudesse governar, os regentes governariam em seu lugar.

As regências (1831-1840)

O período regencial inaugurado com a abdicação de D. Pedro I em 7 de abril de 1831 é um momento importantíssimo da história brasileira no século XIX. Sacudido de norte a sul por revoltas, foram experimentados em menos de uma década diferentes formas de organizar o país. Por isso, talvez uma das melhores definições do período é a de que ele foi um "grande laboratório": monarquia, república, eleições diretas, centralização, descentralização, unidade, fragmentação, fim da escravidão. Tudo isso foi debatido naqueles anos.

Importante

As regências e os regentes

Regência Trina Provisória (07 de abril a 7 de junho de 1831): Senador Campos Vergueiro; Senador Carneiro de Campos e Brigadeiro Francisco de Lima e Silva.

Regência Trina Permanente (1831-1835): Brigadeiro Francisco de Lima e Silva; Deputado João Braúlio Muniz (representante das províncias do Norte) e Deputado José da Costa Silva (representante províncias do Sul).

Regência Una do Padre Diego Antônio Feijó (1835-1837).

Regência Una de Pedro de Araújo Lima (1837-1840) – Regresso Conservador.

Três marcos são importantes para entendermos esse período tão rico:

1. Como começou? A **Abdicação** ou Revolução do Sete de Abril de 1831 é o período que inicia as Regências. Mais do que o Sete de Setembro de 1822, o Sete de Abril é considerado como uma verdadeira independência, pois afastou o risco de uma recolonização.

2. Como terminou? O período foi concluído com o episódio conhecido como **Golpe da Maioridade**, em 1840, quando se antecipou a maioridade do Imperador Pedro II. O parlamento aprovou uma lei que considerava D. Pedro II com a maturidade necessária para governar, com 14 para 15 anos de idade. O parlamento não fez isso espontaneamente: foi pressionado por uma pequena multidão que se reuniu no mesmo lugar onde, 9 anos antes, D. Pedro I se viu acuado. Para os que protestavam, só D. Pedro II poderia preservar a unidade do país, ameaçada pelo separatismo; conservar a monarquia, criticada por movimentos republicanos; e para parte da elite política imperial, manter a ordem escravista que estava sendo questionada.

3. O divisor de águas: Em 1834, o parlamento aprovou o **Ato Adicional**. Esta medida poderia ser entendida hoje como uma emenda constitucional, isto é, uma alteração à Constituição de 1824. O aspecto mais importante do ato foi alterar a organização do Império. Se a Constituição de 1824 promovia a centralização, isto é, o fortalecimento do poder da Capital imperial limitando a capacidade das províncias produzirem suas leis, o Ato realizava o contrário, isto é, promovia a descentralização, permitindo uma maior autonomia para as províncias.

Saiba Mais

Principais medidas do Ato Adicional:

- Transformação das Assembleias Provinciais em Assembleias Legislativas Provinciais: maior autonomia;
- Criação do Município neutro do Rio de Janeiro;
- Suspensão do Poder Moderador e do Conselho de Estado durante a Regência;
- Substituição da Regência Trina pela Regência Una, com o regente escolhido pelas Assembleias provinciais com mandato de 4 anos.

Antes do Ato Adicional, três grupos apresentavam diferentes projetos para o Império:

- **Liberais moderados** – Conhecidos como "Chimangos", queriam uma monarquia descentralizada, com autonomia para as províncias. Foi o principal grupo que atuou na aprovação do Ato Adicional, com destaque para o Padre Feijó.

- **Liberais Exaltados** – Conhecidos como "Farroupilhas" ou "Jurujubas", defendiam a adoção de uma república e uma grande autonomia para as províncias.

- **Restauradores** – Apelidados de "Caramurus", consideravam que o melhor para o país era a adoção de uma monarquia centralizada, com a volta de D. Pedro I.

O grupo político que assumiu a Regência em seus primeiros anos foram os Liberais Moderados, por estarem melhor constituídos − os Moderados estavam organizados desde 1826 − e já se encontravam instalados na estrutura política estatal do Império brasileiro, diferentemente dos Exaltados que estavam fora da estrutura política imperial. Os Restauradores eram o grande grupo de oposição aos Moderados, pois defendiam a manutenção das organizações políticas construídas por D. Pedro I. Os Liberais ficaram no poder até o ano de 1837. Portanto, de 1831 a 1837 este período ficou conhecido como "momento liberal". Foi neste período que medidas que visavam a uma maior descentralização política foram implementadas. Além do **Ato Adicional de 1834**, relatado acima, os liberais implementaram o **Código do Processo Criminal de 1832** e estabeleceram a criação da **Guarda Nacional.**

Saiba Mais

Guarda Nacional

A Guarda Nacional foi criada no período regencial, em 1831, pelo ministro da Justiça, Padre Feijó. Oficialmente extinta em 1922, a Guarda procurava esvaziar o exército brasileiro que desde a independência era composto por mercenários estrangeiros. Como muitos desses mercenários não recebiam a remuneração que havia sido combinada, o Exército era um foco constante de tensões, com o risco de revoltas entre as tropas. O Exército brasileiro só voltaria a ser reorganizado e fortalecido durante a Guerra do Paraguai (1864-1870).

A Guarda seria organizada a partir dos municípios do país. Normalmente, um proprietário rural recebia a patente de "Coronel" e tinha a responsabilidade de organizar a instituição na região. Assim, os proprietários rurais que já detinham o poder econômico passaram a ter também o poder militar, com jagunços armados leais sob seu comando. Daí, para intervir na política foi um passo: valendo-se da sua condição, os coronéis indicavam candidatos ou se candidatavam diretamente, utilizando-se da troca de favores, da intimidação ou de fraudes para vencer as eleições.

Com o tempo, a expressão coronel deixou de ser exclusiva dos detentores da patente da Guarda Nacional e passou a designar os detentores do poder local, grandes proprietários rurais, em todo país. Mais ainda, criaria um sistema de dominação desses proprietários conhecido como "coronelismo".

A figura do coronel povoa o imaginário nacional. Na literatura, na televisão ou em filmes, esse é um personagem conhecido. Você se lembra de algum? Consegue reconhecer as características descritas no personagem?

A partir do ano de 1835, as forças políticas do período Regencial se reorganizam, sendo o Ato Adicional de 1834 o grande responsável por esta reorganização. A seguir, os três grupos políticos:

- **Progressistas** – Queriam a continuidade do Ato Adicional, isto é, defendiam a descentralização.
- **Regressistas** – Queriam o retorno à centralização, prevista pela Constituição de 1824.
- **Revoltosos** – Insatisfeitos com o governo regencial, com a monarquia, a escravidão e querendo maior autonomia, partiram para as revoltas nas províncias.

As revoltas regências que passaram a eclodir em todo o território nacional deram força para que o grupo político dos Regressistas ganhasse força e tomasse o Estado. Em 1837, tem início o período conhecido como "Regresso Conservador" que provocará a retomada da centralização política no Estado Imperial. Foram os Conservadores responsáveis pela "consolidação monárquica", isto é, fortaleceram as estruturas estatais, projetaram e construíram os elementos que deram forma à identidade nacional e garantiram a vitória do projeto político centralista, iniciado no Primeiro Reinado por D. Pedro I.

Saiba Mais

Os Regressistas e a formação nacional

Foram os Regressistas os principais articuladores do projeto de formação de uma identidade. A partir das manobras políticas, comandadas pelo Regente Uno, Pedro de Araújo nacional Lima, que percebia a restauração da ordem como elemento político primordial para o exercício da liberdade, pensada enquanto autoridade, os conservadores se apressaram em preparar o novo Estado e com ele os órgãos de assessoria, pois prenunciavam o fim da Regência.

Iniciou-se o estabelecimento destas instituições com a criação do Arquivo Nacional, em 2 de janeiro de 1838, depois com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), e com a fundação do Colégio Pedro II, em 2 de dezembro (aniversário de D. Pedro II) do ano anterior – o último, fundado por Bernardo Pereira de Vasconcellos, um dos mais atuantes políticos da ala Conservadora. Todos com a incumbência de formar a inteligência nacional para os tempos vindouros.

Em um momento político em que a grande questão girava em torno da construção do Brasil como nação independente, o Instituto Histórico, o Arquivo Nacional e o Colégio Pedro II foram sendo direcionados para se constituíssem como referências autenticadoras da nação. Cada órgão tinha um papel definido neste projeto.

Ao Arquivo Nacional, cabia a guarda da documentação oficial do Império do Brasil; ao IHGB, o espaço de referência da oficialidade, detentora dos anseios civilizacionais brasileiros e lugar de legitimação das narrativas históricas que autenticavam a nação; ao Colégio Pedro II, a formação "dos capacitados do Brasil", isto é, a educação básica para a formação da elite política imperial.

Saiba Mais

Figura 10: Bernardo Pereira de Vasconcellos, fundador do Colégio Pedro II.

Atividade 3

(Unicamp) "Dois partidos lutam hoje em nossa pátria: o Restaurador e o Moderado. O primeiro foi leal ao monarca que abdicou e defende os inquestionáveis direitos do Sr. Pedro II. O segundo é partidário do sistema republicano e quer reduzir o Brasil a inúmeras Repúblicas 'fracas' e 'pequenas', e, assim, seus membros poderiam tornar-se seus futuros ditadores."

(Adaptado do jornal O CARAMURU de 12 de abril de 1832, citado por Arnaldo Contier, Imprensa e Ideologia em São Paulo, 1979)

A partir do texto, responda:

a. Em que período da história política do Brasil o texto foi escrito?

b. Qual o regime político defendido pelos partidos citados no texto?

c. Quais são as críticas que o jornal O CARAMURU faz ao Partido Moderado?

As Revoltas Regenciais

Figura 11: Os movimentos sociais no período Regencial.

Basicamente, as revoltas podem ser divididas em dois grupos a partir da sua composição social: as elitistas e as populares. De um modo geral, enquanto as primeiras defendiam o separatismo do império e a adoção do modelo republicano, o caráter social das demais se manifestava, por exemplo, na crítica à escravidão.

Foi na crítica às revoltas que se consolidou o entendimento de que elas ameaçam três pilares que deveriam ser preservados: a unidade territorial, a monarquia e a escravidão. Dessa forma, a partir da Capital – o Rio de Janeiro – e sob o comando dos regressistas, as revoltas foram fortemente combatidas.

Separatismo	X	Unidade Territorial
República	X	Monarquia
Fim da Escravidão	X	Escravidão

Vamos conhecer essas revoltas um pouco melhor.

Farroupilha (1835-1845) – Rio Grande do Sul e Santa Catarina

Figura 12: Carga de cavalaria Farroupilha, Guilherme Litran.

A Farroupilha foi a mais longa das revoltas do período regencial, e o Rio Grande do Sul chegou a se declarar uma república independente. O nome não tem relação com o uso de farrapos nas roupas, mas sim à radicalização política desse grupo naquele período.

A província gaúcha tinha sua economia baseada na produção do charque, tipo de carne semelhante à carne seca. Dentre suas causas, se encontravam as dificuldades econômicas dos produtores rurais, em especial, os estancieiros, pecuaristas, donos das grandes propriedades dedicadas à produção de charque – as estâncias. Os estancieiros sofriam a concorrência de produtores do Uruguai e da Argentina e dos estancieiros da fronteira Brasil-Uruguai, que queriam eliminar ou reduzir as taxas sobre o gado, propiciando livre circulação dos rebanhos.

Os objetivos dos estancieiros era a obtenção de maior liberdade administrativa para a província, garantindo o lucro das estâncias. O governo Imperial impôs uma derrota militar seguida de acordo de paz, assegurando que os fazendeiros gaúchos não seriam punidos e receberiam anistia do imperador; os soldados farroupilhas seriam incorporados ao exército imperial, e os escravos fugitivos que lutaram ao lado dos farroupilhas teriam direito à liberdade.

Sabinada (1837) – Bahia

Figura 13: Militares e Funcionários portugueses, Jean Baptiste Debret.

A Sabinada foi um movimento de oposição ao governo regencial. Foi realizada por homens letrados e de posses da cidade de Salvador que pretendiam criar uma república na província, enquanto D. Pedro II fosse menor de idade. Os revoltosos chegaram a tomar o poder, mas os fazendeiros que os apoiavam, temerosos com as declarações de que o governo provisório da província concederia liberdade aos escravos que lutassem ao lado dos rebeldes, abandonaram o movimento e passaram a ajudar as forças imperiais enviadas para combater a revolta; a repressão foi muito violenta, mas os líderes do movimento não foram mortos.

Revolta dos Malês (1835) – Bahia

A revolta foi uma luta contra a escravidão em Salvador realizada por escravos africanos conhecidos como malês, muitos dos quais eram muçulmanos vindos do norte da África. Essa região africana passou por dois processos: o de arabização, a expansão da cultura árabe, e o de islamização, a expansão da religião islâmica. Os praticantes do islamismo são obrigados em muitos países a ler o livro sagrado da religião, o Alcorão, pelo menos uma vez na vida. Com isso, muitos sabiam ler e escrever em árabe, uma escrita incompreensível para proprietários de escravos e autoridades. Assim, organizaram uma luta contra os donos de escravos para conseguir a liberdade.

O movimento foi traído, o que permitiu que o efeito surpresa fosse perdido. No entanto, os malês não desistiram e mesmo assim se rebelaram. Houve a derrota e prisão dos revoltosos; alguns foram condenados a açoite em público e fuzilamento. Apesar da derrota, o movimento malê provocou alarme na classe senhorial: o medo da *haitinização*, isto é, que o país fosse tomado pelos escravos africanos. Como medida de segurança, as autoridades imperiais proibiram a circulação à noite de escravos africanos pelas ruas da capital baiana, bem como a prática de suas cerimônias religiosas.

Figura 14: Trecho de documento dos Malês. Arquivo Histórico da Bahia.

Saiba Mais

O termo *haitinização* faz referência ao movimento de independência do Haiti em 1791. Naquele ano, a ilha, que era colônia da França, teve um levante de escravos africanos liderados por Toussaint Louverture que acabou por desencadear na emancipação política. Influenciados pelos ideais da Revolução Francesa de liberdade, igualdade e fraternidade, os negros tomaram a ilha e mataram todos os homens brancos da ilha. A independência haitiana deteve uma enorme repercussão em todo continente americano. Aos senhores de escravos de toda a América, o Haiti deixou um sinal: não era possível dominar o africano escravizado por completo, era preciso também negociar com ele condições que amenizassem o sofrimento da escravidão; ou então, o risco da *haitinização* poderia bater à sua porta.

Cabanagem (1835-1840) – Grão-Pará, atual Pará

A Cabanagem foi uma revolta popular ocorrida no Pará contra a situação de miséria da população e contra os responsáveis por sua exploração. Os Cabanos eram homens e mulheres pobres, negros, índios e mestiços que trabalhavam na extração de produtos da floresta e viviam em casas semelhantes a cabanas. Inicialmente foram apoiados por alguns fazendeiros, descontentes com a política centralizadora do governo imperial, que se afastaram devido ao interesse dos cabanos em acabar com a escravidão e dividir terras. Dentre os objetivos da revolta, se encontrava tomar o poder na província e tentar pôr fim às injustiças sociais. Os cabanos conseguiram tomar o poder, mas tiveram grande dificuldade em governar. Desorganização, divergências entre os líderes e traição facilitaram a repressão violenta. Mais de 30 mil revoltosos foram mortos.

Figura 15: Paisagem frequentada pelos rebeldes cabanos durante o movimento. Johann Bachta.

Balaiada (1838-1841) – Maranhão

Figura 16: A Balaiada.

A economia agrária da província atravessou uma grave crise causada pela queda do preço do seu principal produto, o algodão. Isso aconteceu pela perda de compradores no exterior, devido à concorrência do algodão produzido no sul dos Estados Unidos. Assim, a miséria atingiu grande parte da população, como vaqueiros, sertanejos e libertos. A estes se juntaram profissionais urbanos, o chamado "grupo dos bem-te-vis". A Balaiada foi uma luta contra a miséria, a fome, a escravidão e os maus-tratos a que essas pessoas eram submetidas. O governo central enviou tropas para combater os rebeldes, que conquistaram a cidade de Caxias; os bem-te-vis, temendo os setores populares, já haviam abandonado os sertanejos e apoiavam as tropas governamentais. Após combates violentos, os revoltosos foram derrotados. As estimativas indicam que morreram cerca de 12 mil sertanejos e escravos.

Multimídia

Figura 17

O site do Museu Imperial detém inúmeras fontes, imagens e vídeos sobre o período monárquico brasileiro. Vale a pena conferir! Acesse: http://www.museuimperial.gov.br/

Visite também o site "Detetives do Passado" organizado por Keila Grinberg e Anita Correia. Lá você poderá conhecer um pouco mais sobre a escravidão através de jogos e trabalhos com fontes. Acesse:

Resumo

- A soberania é a capacidade de fazer e desfazer leis que é exercida por um Estado.
- A organização do estado Brasileiro se deu em meio a disputas e enfrentamentos, não raro violentos, entre diferentes projetos e grupos sociais.
- Ao término das disputas, prevaleceu um modelo baseado na unidade territorial, na monarquia centralizada e na permanência da escravidão africana.
- O período regencial pode ser entendido como um grande laboratório, no qual diferentes experiências de organização política foram tentadas.
- As Revoltas Provinciais podem ser divididas em dois grupos: as revoltas elitistas e as populares.
- Em seu conjunto, as Revoltas Provinciais ameaçaram a unidade territorial, a monarquia e a escravidão.

Veja ainda

Filmes

Independência ou Morte. *Direção de Carlos Coimbra*. Brasil, 1972. Drama, 108 min. Elenco: Tarcísio Meira, Glória Meneses, Emiliano Queiroz e Monique Lafound.

O filme retrata o processo de Independência do Brasil, bem como o governo de D. Pedro I como Imperador do Brasil.

Memórias do Cativeiro. *Direção e montagem de Guilherme Fernandes e Isabel Castro*. Direção acadêmica de Hebe Mattos e Martha Abreu, 2005. Documentário, 40 min.

O documentário é um produto cultural sem fins lucrativos do LABHOI-UFF desenvolvido com base nos depoimentos orais de camponeses negros nascidos nas antigas áreas cafeeiras do sudeste brasileiro nas primeiras décadas do século XX, descendentes de antigos escravos chegados da África na região durante a primeira metade do século XIX, gravados por diferentes pesquisadores em fita K7 entre 1988 e 1998 e depositados no arquivo oral do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI/UFF).

Livros

- CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- LUSTOSA, Isabel. *D. Pedro I: um herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- MATTOS, Hebe. *Escravidão e Cidadania no Brasil Monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- MOREL, Marco. *O período das Regências (1831-1840)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. "Vida Política". In: SILVA, Alberto da Costa e. (org.). *História do Brasil Nação: 1808-2010*. Vol.1: Crise colonial e Independência, 1808-1830. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- REIS, João José e SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito*. A resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- RIOS, Ana Maria Lugão e MATTOS, Hebe. *Memórias do Cativeiro: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- SOUZA, Iara Lis C. *A Independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- RIBEIRO, Gladys Sabina e PEREIRA, Vantuil. "O Primeiro Reinado em Revisão" In: GRINBERG, Keila & SALLES, Ricardo. *O Brasil Imperial, Volume I – 1808-1831*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp.137-173

Imagens

Figura 1: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f3/Pedro_I_por_ Henrique_Jos%C3%A9_da_Silva.jpg

Figura 2: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=25693

Figura 3: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Confederacao_equador_1824_exercito_imperial.jpg

Figura 4: http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo02/repressao_equador.html

Figura 5: http://postmania.org/a-escravidao-em-imagens/

Figura 6: http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/011391-053/011391_IMAGEM_053.jpg

Figura 7: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=26665

Figura 8: http://maracatu.org.br/o-maracatu/historia/

Figura 9: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d0/Juan_Manuel_Blanes_-_El_Juramento _de_los_Treinta_y_Tres_Orientales.jpg

Figura 10: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/af/Bernardo_Pereira_de_Vasconcelos.jpg

Figura 11: http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo02/rev_norte.html

Figura 12: http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_dos_Farrapos

Figura 13: http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo02/imagens/f5047_amp.html

Figura 14: http://www.islamnatal.org/islamnobrasil.html fora do lugar

Figura 15: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cabanagem

Figura 16: http://www.geledes.org.br/images/stories/afrobrasileiros/balaiada/balaiada05.jpg

Figura 17: http://www.historiaunirio.com.br/numem/detetivesdopassado/

Respostas das Atividades

Atividade 1

a. Os grilhões que nos forjava/Da perfídia astuto ardil.../Houve mão mais poderosa/ Zombou deles o Brasil.

b. Brava gente brasileira!
Longe vá...temor servil
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil.

Atividade 2

a. A religião católica

b. Enquanto o deputado Cunha Mattos utiliza a religião para justificar a permanência da escravidão, dizendo que a Bíblia nunca condenou a escravização dos africanos, pelo contrário, apresentava provas de que o negro era merecedor da escravidão por ser descendente de Caim; o deputado D. Romualdo de Seixas, que era bispo, se opõe à interpretação de Cunha Mattos, afirmando que a religião cristã jamais poderia compactuar com tal barbaridade, demonstrando que o bispo já partilhava dos novos preceitos de humanidade e benevolência do século XIX, oriundos do movimento iluminista.

Atividade 3

a. O Período Regencial.

b. O Partido Restaurador defende o regime monárquico, enquanto o Partido Moderado defende o regime republicano.

c. Segundo o jornal O Caramuru, que defendia a regresso de D. Pedro I, o Partido Moderado era defensor do sistema republicano e que, caso este sistema fosse implantado no Brasil, a nação seria reduzida a "inúmeras Repúblicas 'fracas' e 'pequenas', e assim seus membros poderiam tornar-se seus futuros ditadores."

O que perguntam por aí?

Questão 1 – (ENEM 2011)

Art. 92. São excluídos de votar nas Assembleias Paroquiais.

I. Os menores de vinte e cinco anos, nos quais não se compreendam os casados, e Oficiais Militares, que forem maiores de vinte e um anos, os Bacharéis Formados e Clérigos de Ordens Sacras.

IV. Os Religiosos, e quaisquer que vivam em Comunidade claustral.

V. Os que não tiverem de renda líquida anual cem mil réis por bens de raiz, indústria, comércio ou empregos.

(Constituição Política do Império do Brasil (1824) Disponível em: http://legislacao.planalto.gov.br. Acesso em: 27 abr. 2010 (adaptado))

A legislação espelha os conflitos políticos e sociais do contexto histórico de sua formulação. A Constituição de 1824 regulamentou o direito de voto dos "cidadãos brasileiros" com o objetivo de garantir:

a. O fim da inspiração liberal sobre a estrutura política brasileira.

b. A ampliação do direito de voto para maioria dos brasileiros nascidos livres.

c. A concentração de poderes na região produtora de café, o Sudeste brasileiro.

d. O controle do poder político nas mãos dos grandes proprietários e comerciantes.

e. A diminuição da interferência da Igreja Católica nas decisões político-administrativas.

Gabarito: **D**

Questão 2 - (Uece)

"O período regencial foi um dos mais agitados da história política do país e também um dos mais importantes. Naqueles anos, esteve em jogo a unidade territorial do Brasil, e o centro do debate político foi dominado pelos temas da centralização ou descentralização do poder, do grau de autonomia das províncias e da organização das Forças Armadas." (FAUSTO, Boris. *HISTÓRIA DO BRASIL*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1995. p. 161.)

Sobre as várias revoltas nas províncias durante o período da Regência, podemos afirmar corretamente que:

a. eram levantes republicanos em sua maioria, que conseguiam sempre empolgar a população pobre e os escravos;

b. a principal delas foi a Revolução Farroupilha, acontecida nas províncias do nordeste, que pretendia o retorno do Imperador D. Pedro I;

c. podem ser vistas como respostas à política centralizadora do Império, que restringia a autonomia financeira e administrativa das províncias;

d. em sua maioria, eram revoltas lideradas pelos grandes proprietários de terras e exigiam uma posição mais forte e centralizadora do governo imperial.

Gabarito: **C**

Até breve!

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

VINÍCIUS MASCARENHAS DE OLIVEIRA

FEDERALISTAS NA BAHIA: TRAJETÓRIAS, IDÉIAS, SOCIEDADES E MOVIMENTOS (1831-1838)

Salvador - BA
2012

VINÍCIUS MASCARENHAS DE OLIVEIRA

FEDERALISTAS NA BAHIA: TRAJETÓRIAS, IDÉIAS, SOCIEDADES E MOVIMENTOS (1831-1838)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, sob a orientação do Prof. Dr. Dilton Oliveira de Araújo.

Salvador-BA
2012

Oliveira, Vinícius Mascarenhas de
O48 Federalistas na Bahia: trajetórias, idéias, sociedades e movimentos (1831-1838) / Vinícius Mascarenhas de Oliveira. – Salvador, 2012.
149f.

Orientador: Profº Drº Dilton Oliveira de Araújo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.

1. Federalismo - Bahia. 2. Imprensa. 3. Sociedades. 4. Revoltas. I. Araújo, Dilton Oliveira de. II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD – 981.42

FEDERALISTAS NA BAHIA: TRAJETÓRIAS, IDÉIAS, SOCIEDADES E MOVIMENTOS (1831-1838)

Vinícius Mascarenhas de Oliveira

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Dilton Oliveira de Araújo (orientador) – UFBA

Profª. Drª. Lina Maria Brandão de Aras – UFBA

Profª. Drª. Suzana Cavani Rosas - UFPE

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de uma bolsa de 24 meses.

Ao Prof. Dr. Dilton Oliveira de Araújo, orientador que, desde a graduação, me incentivou a cultivar interesse pelo tema de pesquisa.

Aos professores da Universidade Federal da Bahia, especialmente à professora Lina Aras pelas indicações de importantes fontes bibliográficas.

Ao professor Olavo de Carvalho, obstinado defensor da cultura.

Aos funcionários do Arquivo Público do Estado da Bahia.

Aos meus pais e familiares, pelo estímulo e valorização.

À minha esposa, Silvana, que ao lado dos amigos Marcelo e D. Petrini, me ajudaram a tomar a decisão de pleitear o mestrado.

Aos amigos de Comunhão e Libertação, em especial aos cariocas, Carlitos e Dot, que me acolheram com muito carinho em suas casas, no período das pesquisas no Rio.

A Cândido, Urano e Djalma, verdadeiros amigos de arquivos e festejos. E aos colegas da turma de 2010, em especial, Elisa, Siquara, Cristian e Luizão.

Por fim, agradeço a Deus pela existência, a Cristo pela redenção, e à Virgem Maria, aos Santos e à Santa Madre Igreja por me ensinarem o que devo fazer delas.

As forças que movem a História são as mesmas
que movem o coração do homem
Luigi Giussani

SUMÁRIO

RESUMO

O objetivo deste trabalho é a investigação sobre o desenvolvimento de atividades, tais como as revoltas, a criação de associações, de jornais e panfletos, bem como a ação política nos órgãos institucionais, que tiveram como finalidade facilitar, propagandear, impor ou concretizar a proposta federal na Província da Bahia das regências, entre os anos de 1831 e 1838. Buscou-se superar as limitações de uma perspectiva que privilegiou as revoltas armadas em detrimento de outras maneiras de sustentar a bandeira federalista, demonstrando a presença desta em diversas conjunturas: preparação para as revoltas, debates por reformas constitucionais, impactos do Ato Adicional. Embora a federação estivesse ancorada na ação política de letrados de classe média *exaltados*, alguns de seus elementos alcançaram influência no pensamento de representantes *moderados*, sobretudo no que diz respeito à divisão das rendas do governo central e das províncias.

PALAVRAS-CHAVE: FEDERALISMO, IMPRENSA, SOCIEDADES, REVOLTAS.

ABSTRACT

The objective of this work is the research on the development of activities, such as revolts, creating associations, newspapers and pamphlets, as well as political action in institutional bodies, which were intended to facilitate, propagandize, impose or implement the proposal federal in the Province of Bahia of regencies, between the years 1831 and 1838. The goal was to overcome a limited perspective that favored armed revolts over other ways of sustaining the banner of federalism, demonstrating the presence of this in various situations: preparation for revolts, debates on constitutional reforms, impacts of the Additional Act. Although the federation was anchored in political action of people literate of *exalted* middle-class, some of its elements reached influence the thinking of *moderate* representatives, particularly with regard to the division of revenues from the government central and of provinces.

KEY-WORDS: FEDERALISM, PRESS, SOCIETIES, REVOLTA

INTRODUÇÃO

Partindo da idéia de que os conceitos têm história, cabe aqui desenvolver em linhas gerais qual significado o termo federalismo assumiu para os homens que o propuseram no contexto espaço-temporal visado pela pesquisa. À época das regências, os termos federal e confederal, utilizados como sinônimos, estiveram muito em voga. Os propugnadores do federalismo na Bahia desejavam maior autonomia provincial, que se concretizaria com a limitação da ingerência do poder central sobre os assuntos provinciais e com a aplicação das rendas das províncias no seu melhoramento próprio.

Ao longo da década de 1830, várias propostas foram apresentadas sob terminologias diversas: federação, confederação, santa federação imperial, república federativa etc. É fundamental pontuar, antes de tudo, a existência de propostas federalistas em períodos anteriores. Projetos de federação já haviam surgido no âmbito do Império Português com D. Rodrigo de Souza Coutinho. O membro da burocracia imperial imaginou que a federação se adequaria à situação portuguesa, uma vez que sua idéia consistiria em conceder autonomia ao Brasil, a mais próspera colônia portuguesa, de modo a impedir possíveis rupturas. Assim, Portugal se tornaria o centro da federação, e o Brasil teria condições institucionais para desenvolver seu potencial econômico. Cabe assinalar que o projeto de D. Rodrigo se prestou a uma interpretação diferente do conteúdo do termo federação, que, até então, significava o estabelecimento de um pacto de unidade entre Estados independentes.[1]

Voltando a ganhar destaque durante os debates em torno da Constituição de 1821, a federação foi considerada por representantes das províncias do Brasil como um meio de garantir um ordenamento do Império português, com a possibilidade de se levar em conta as especificidades de suas pátrias.[2] A posterior ruptura – com a Independência – e as reuniões da

---

[1] COSER, Ivo. A história conceitual do Brasil no mundo ibero-americano. In: João Feres Júnior. (Org.). *Léxico da história dos conceitos políticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 91-118.

[2] Entendida aqui como "lugar de origem". Cf. JANCSÓ, I.; PIMENTA, J. P. G. Peças de um mosaico (apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: MOTA, C. G. (Org.) *Viagem*

Assembléia Constituinte em 1823, colocaram a federação como um dos temas mais debatidos, nos quais alguns parlamentares propuseram a aprovação da carta constitucional pelas províncias. Estes anseios, abafados com a outorga da Constituição de 1824, ganharam nova força quando o reinado de D. Pedro I entrou em crise, conduzindo-o à abdicação.[3]

Baianos atuantes no contexto dos debates constitucionais estiveram presentes no período das regências, nas prisões, na imprensa e no parlamento, a exemplo de Cipriano Barata e Antonio Ferreira França. Esses homens pensavam que o sistema de centralização não obtivera êxito. Ademais, a oportunidade estava colocada com a abdicação do Imperador. Havia tempo, portanto, para fazer reformas no sentido federal. Não seria possível recomeçar o país, apagar a História, mas era possível reformar o arranjo institucional, assim como o funcionamento da justiça.

No bojo das mudanças de contexto político brasileiro, ocorreu a difusão de um conceito de federalismo oriundo da experiência estadunidense, corporificada na Constituição de 1787. Por conta disso, a sinonímia existente entre federação e confederação foi se desfazendo ao longo do século XIX. Com a criação dos Estados Unidos da América, o termo federalismo assume um significado diferente:

> La solución de compromiso del presidencialismo norteamericano, algo no previsto em doctrina alguna, com su yuxtaposición de una soberania nacional y de las soberanias estatales (...), no correspondia a lo que la doctrina política entendia entonces por federalismo, en cuanto forma de Estado de opuesta a la de unidad.[4]

A partir de então, a terminologia passa a se identificar a uma forma de governo jamais experimentada. A "Constituição proposta não é estritamente nacional ou federal, mas uma composição de ambos os princípios".[5] A diferença repousaria no fato de que

---

incompleta – a experiência brasileira 1500-2000. Formação – histórias. São Paulo: Senac, 2000. p.127-76, p. 130.

[3] Ibidem.

[4] CHIARAMONTE, José Carlos. El federalismo argentino em la primera mitad del siglo XIX. In.: CARMAGNANI, Marcello de (Coord.). *Federalismos latinoamericanos*: México/ Brasil/ Argentina. México: Fondo de cultura econômica, 2003, p. 86.

[5] LIMONGI, Fernando Papaterra. O Federalista: remédios republicanos para males republicanos. In: WEFFORT, Francisco C. (org.) Os Clássicos da Política. São Paulo: Ática, 2004, vol. 1. , p. 244-287, p. 248.

> enquanto em uma confederação o governo central só se relaciona com Estados, cuja soberania interna permanece intacta, em uma Federação esta ação se estende aos indivíduos, fazendo com que convivam dois entes estatais de estatura diversa, com a órbita de ação dos Estados definida pela Constituição da União.[6]

Após a Constituição dos Estados Unidos, o conteúdo da terminologia adquiriu o significado de forma de governo na qual se combinam duas esferas de poder, ambas atingindo os cidadãos, mas cada qual com uma esfera de competências, mais ou menos, definidas. Anteriormente, a união federal era pensada como um corpo político surgido pela aliança de Estados independentes, sem a prerrogativa de interferir na vida dos cidadãos de tais Estados, ou seja, tinha o mesmo significado que confederação.

O que prevalece é a noção de que o termo federalismo é polissêmico. Isso fica patente com uso que dele fizeram D. Rodrigo, os representantes das províncias da América portuguesa nas Cortes de Lisboa e os deputados da Assembléia Constituinte de 1823. Em cada um desses contextos a federação seria aplicável para atender necessidades distintas. Nas regências, o termo assumiria contornos diferentes, uma vez que os federalistas se encontravam em outra conjuntura. Apesar da influência estadunidense, que pode ser facilmente comprovada com a leitura deste trabalho, os contornos terminológicos foram sempre movediços. A existência de um governo centralista ao longo do reinado de D. Pedro I impediu que o processo ocorresse tal qual nos Estados Unidos. Mas, por sua vez, nenhum dos federalistas propôs que deveria acontecer da mesma maneira.

Este tópico tem como objetivo esclarecer que o federalismo ao qual se refere este trabalho é o que encerra as propostas e anseios dos federalistas da Província da Bahia no contexto das regências (1831-1838). Estes que, desejosos por maior autonomia provincial, lutaram por reformas ou nutriram sonhos por mudanças mais profundas. Isso não quer dizer, entretanto, que a polissemia tenha desaparecido, nem que a federação fosse proposta em estado puro, ou seja, sem a combinação com diferentes tipos de exercício do poder federal, a exemplo da monarquia e da república.

Não há intenções de definir conceitos da ciência política. Este exercício requer um profundo trabalho de observador que, procurando apreender a realidade política através do

---

[6] Ibidem.

estabelecimento de conceitos críticos, acaba por se confrontar com as concepções de ordem que prevalecem na sociedade.[7] Acrescente-se apenas que essa decisão tornou-se necessária a partir das considerações de Eric Voegelin, para o qual a sociedade realiza uma autointerpretação da realidade, estabelecendo símbolos da linguagem que a ajudam a realizá-la. Desse modo, distinguem-se os símbolos da linguagem que são integrantes do mundo social, dos símbolos da linguagem da ciência política. Os últimos são frutos de um processo de *esclarecimento crítico* deveras trabalhoso.[8] Daí que termos como centralismo, unitarismo, liberalismo, federalismo, confederalismo, "pacto federativo", não representariam mais que símbolos de linguagem utilizados pela sociedade em busca de compreender a realidade política. Ao historiador, portanto, importa saber o que tais símbolos representaram para a sociedade – ou parte dela – em um determinado contexto espaço-temporal.

PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA DO FEDERALISMO NO IMPÉRIO DO BRASIL

Tradicionalmente, a historiografia brasileira caracterizou o arranjo institucional do Império do Brasil como centralista ou unitário. Fato que pode ser atestado mediante uma análise das obras mais comentadas da historiografia da política imperial.[9] O federalismo, no entanto, figurando entre as propostas políticas estampadas em periódicos, defendidas por sociedades e, inclusive, ganhando importância em alguns períodos específicos, através de representantes políticos em órgãos institucionais, não foi excluído da análise dos historiadores, muito embora os estudos em torno do tema sejam escassos.

José Murilo de Carvalho endossa a tese segundo a qual prevaleceu um modelo de governo centralizado no Império, mas concebeu um breve capítulo tratando do federalismo no

---

[7] VOEGELIN, Eric. "O que é realidade política". In.: VOEGELIN, Eric. *Anamnese*: da teoria da história e da política. São Paulo: É Realizações, 2009, p. 425-513.

[8] Idem. *A Nova Ciência da Política*. Brasília: Editora da UnB, 1982, p. 34. O termo *esclarecimento crítico* é uma tradução de *critical clarification*. Terminologia presente na obra original. Cf. VOEGELIN, Eric. *The New Science of Politics*. Chicago: University of Chicago, 1952.

[9] CARVALHO, José Murilo de. A Construção da Ordem/Teatro de Sombras. 2. ed. Rio de Janeiro: RELUME DUMARA, 1996. v. 1 e MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema*, São Paulo: Hucitec, 2004.

Brasil.[10] A análise, apesar de superficial, tem perspectiva ampla. Partindo da época colonial, o autor comenta a escassa presença do poder metropolitano, em contradição com o surgimento de um regime monárquico política e administrativamente centralizado. Vislumbra a possibilidade do federalismo monárquico para a manutenção do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, durante os debates ocorridos na época das Cortes de Lisboa.

A Independência do Brasil teria dado início ao Estado centralizado, simbolizado pela Constituição de 1824. Porém, com a abdicação de D. Pedro I, em 1831, as regências atuariam em nome do trono e intensificaram-se os debates acerca das reformas constitucionais. Para Carvalho, os resultados dos debates levaram a "la Reforma Constitucional de 1834 que adoptó algunos elementos federales como las assembleas provinciales, la división de los ingresos fiscales y la eliminación del Consejo de Estado".[11] Assim, configurou-se um "semi-federalismo" que logo se encerrou com a Interpretação do Ato Adicional e a centralização da Justiça, mediante mudanças legais realizadas entre os anos 1840 e 1841, no contexto do movimento denominado "regresso conservador".

O autor prossegue apresentando o contexto de embate entre centralização e descentralização, simbolizado respectivamente pelo Visconde do Uruguai e Tavares Bastos. No final do Segundo Reinado, o federalismo seria ainda considerado a tábua de salvação da monarquia, através dos discursos de Joaquim Nabuco e Rui Barbosa. A centralização administrativa e a liberdade teriam se tornado parâmetros que situariam o posicionamento dos representantes nesse período em relação ao federalismo. O Império do Brasil teria, portanto, vivido um brevíssimo "semi-federalismo", além de, em variados momentos, ter presenciado debates em torno de propostas federalistas. A abordagem apresentada por Carvalho é baseada na análise da administração imperial, assim como da atuação de nomes importantes no âmbito da política do Império, não levando em consideração, por exemplo, as sociedades federais formadas com intuitos políticos.

Miriam Dolhnikoff aponta também em direção ao estudo do arranjo institucional, mas sua análise está ancorada nas atividades desenvolvidas pelas Assembléias Legislativas Provinciais, melhor dizendo, na ação das elites regionais – especificamente de São Paulo, Rio

---

[10] Idem, Federalismo y centralización en el Império Brasileño: historia y argumento. In.: CARMAGNANI, Marcello de (Coord.). *Federalismos latinoamericanos: México/ Brasil/ Argentina. México*: Fondo de cultura econômica, 2003, p. 51-81.

[11] Ibidem, p. 60.

Grande do Sul e Pernambuco. As conclusões de suas pesquisas apresentam uma discordância em relação às interpretações reinantes, pois a autora advoga o advento de um "pacto federativo", que teria sido gestado pela reforma de 1834, pacto este que se estenderia até o fim do período imperial.

Como principal argumento em favor da vigência do aludido pacto, Dolhnikoff apresenta a exclusividade da Assembléia Legislativa Provincial na elaboração do orçamento provincial, o que permitiria às províncias o desenvolvimento de uma política econômica objetivando seu crescimento material, a exemplo da realização de obras públicas, sobretudo no setor dos transportes.

Ao poder provincial se estendia a competência de criar, extinguir, modificar empregos provinciais e municipais. A autonomia tributária não se limitaria às atribuições elencadas acima, pois as províncias também tinham a prerrogativa de possuir uma força policial cujos principais objetivos eram a manutenção da ordem e a garantia de cobrança dos tributos.

Para Dolhnikoff, a revisão conservadora dos *regressistas* não atacou o núcleo do "pacto federativo", pois resultou de uma disputa política por pontos específicos, e não um confronto pela implantação de um arranjo institucional diferente daquele constituído em 1834. A Interpretação do Ato Adicional, em 1840, e a reforma do Código de Processo Criminal, em 1841, geraram a "capacidade de intervenção do centro no controle da constitucionalidade das leis promulgadas pelos poderes provinciais".[12] As revisões não modificaram o arranjo institucional criado pelo Ato Adicional. Em última instância, a existência do "pacto federativo" seria justificada pela "coexistência de dois níveis autônomos de governo (regional e central), definidos constitucionalmente".[13]

A tese é bastante controversa. Analisando a obra da autora se encontram vestígios de uma mudança terminológica, não acompanhada de ressalvas argumentativas. Em um capítulo denominado "Elites regionais e a construção do Estado nacional", Dolhnikoff afirmou que "O ato adicional concretizava (...) o arranjo federalista, de tal sorte que estes grupos [das elites] encontravam, no âmago do Estado, nichos de acomodação confortáveis o suficiente para

[12] DOLHNIKOFF, Miriam. *O Pacto Imperial*: origens do federalismo no Brasil**.** São Paulo: Globo, 2005, p. 141.
[13] Ibidem, p. 288.

dispersar os vôos separatistas".[14]

Na sua obra *O pacto imperial*: origens do federalismo no Brasil, publicada dois anos depois, ao mencionar o impacto do regresso conservador, o termo "arranjo federalista" é substituído por "pacto federativo": "(...) a revisão conservadora não atacava o cerne do pacto federativo".[15] Um indicativo do quão contestável é a conclusão apresentada por Dolhnikoff. A mudança de termos não é explicada, talvez porque a autora tenha considerado "arranjo federalista" mais impactante e, consequentemente, mais problemático, excluindo-o do seu texto. A estrutura argumentativa da autora nos dois textos é basicamente a mesma, sendo obviamente mais esmiuçada na sua obra recente que consagra o termo "pacto federativo". Esta observação, entretanto, não tem por objetivo desconsiderar os estudos de Dolhnikoff sobre a participação das elites regionais na esfera da política imperial, uma vez que há contribuições importantíssimas, alicerçadas por vasta pesquisa.

A perspectiva contemplada, até então, se baseia em análises colhidas nos dispositivos legais, nos procedimentos administrativos e na ação política de alguns expoentes, atribuindo, consequentemente, mais centralidade ao arranjo institucional do corpo político do que às atividades das sociedades políticas, periódicos e de atores com importância mais localizada. Tais dimensões da ação política de caráter federalista na história do Império do Brasil não foram totalmente negligenciadas, assim como o estudo do federalismo presente em revoltas armadas.

Muito importante nesse sentido é a obra de Evaldo Cabral de Mello *A outra independência*: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824. No decurso desse período se desenvolveram na Província de Pernambuco revoltas e ações políticas baseadas em uma concepção de autogoverno calcada na história pernambucana da restauração à época da expulsão dos holandeses. Através da revolta com caráter republicano, no período do Reino Unido, buscou-se concretizar a necessidade de instituir uma entidade confederal cujas despesas e a administração caberiam a cada província.[16] À época da Independência, a influência federalista continuou viva em Pernambuco, com o pensamento de que havia "o

---

[14] Idem, Elites regionais e a construção do Estado nacional. In: István Jancsó. (Org.). Brasil: a formação do Estado e da nação (c.1770-1850). São Paulo: Hucitec, 2003. , p. 431- 468, p. 467.
[15] Idem, O Pacto Imperial..., op. cit., p. 131.
[16] MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência*: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824. São Paulo: Editora 34, 2004, p. 39-45.

direito de separação das províncias como detentoras últimas da soberania".[17] Pensamento que também se manifestou nas juntas governativas eleitas no período das Cortes de Lisboa e na época do rompimento do Príncipe Regente com Portugal.

A *Confederação do Equador*, em 1824, exprime de maneira contundente o pensamento de várias vertentes federalistas, diga-se, desenvolvidas, sobretudo, por Cipriano Barata e Frei Caneca. Evidenciou-se que a principal demanda era por soberania provincial, não importando a forma de governo, desde que a fonte do poder emanasse do povo. Com o fechamento da Constituinte de 1823 e a outorga de uma Constituição pelo próprio Imperador, o pacto que ensaiou iniciar-se em torno dele, na capital, ficou comprometido. A "estridência federal" da imprensa, que não fora abafada em 1822, toma corpo com as atitudes autoritárias do Imperador e, sob a liderança de Manuel Carvalho Paes de Andrade, manifesta-se em uma proposição de confederação das províncias entre Ceará e Pernambuco, com o intuito de se estender à Bahia e outras províncias do Norte. Desejavam a formação dos Estados Unidos do Brasil, visto que se esperava o alinhamento do Sul ao movimento, que foi combatido e vencido por forças imperiais sob o comando do brigadeiro Lima e Silva.[18]

Na década seguinte, o período das regências (1831-1840) se destaca pela ocorrência de revoltas escravas e rebeliões de grandes proporções, a exemplo da Cabanagem (1835-1836), Balaiada (1838-1841), Revolução Farroupilha (1835-1845) e da Sabinada (1837-1838). As duas últimas citadas contaram com um sensível teor federalista. No entanto, tal período assume importância também por permitir um singular desenvolvimento de sociedades, assim como uma proliferação de periódicos de diversos matizes. Essa experiência, diversa e efêmera, foi denominada "experiência republicana" por Paulo Pereira de Castro, que menciona a existência de um presidencialismo depois da aprovação da Regência Una, na qual a habilidade de negociação com os políticos da Assembléia Geral torna-se um elemento indispensável para a governabilidade. O advento da efêmera república traria consigo a anulação das autonomias locais pelas Assembléias Legislativas Provinciais e pela ação da Guarda Nacional – que inicialmente teria forte ligação com os interesses do governo central. A "experiência

[17] Ibidem, p. 99.
[18] Ibidem, p. 218.

republicana" manteria, na visão de Castro, o caráter centralista do governo imperial.[19]

Para Marco Morel, o período das regências pode ser considerado "um grande laboratório de formulações e de práticas políticas e sociais".[20] Em meio a toda efervescência, debateu-se na Assembléia Geral, publicou-se nos diversos jornais e estiveram em pauta nas discussões das associações variados temas referentes à monarquia constitucional, ao absolutismo, passando pelo republicanismo, separatismo, federalismo, formas de organização do Estado até a xenofobia e a afirmação da nacionalidade. O autor realça, portanto, que o espaço de participação política sofreu um incremento, desenvolvendo-se através da imprensa, das associações, do parlamento – reaberto em 1826 – e das mobilizações do povo.

A análise de Morel segue a perspectiva segundo a qual o Império se caracterizou por forte centralização, relativizando, inclusive, medidas consideradas descentralizadoras, inseridas antes do Ato Adicional: "a centralização dos recursos permaneceu nas mãos do governo imperial graças à Lei de Responsabilidade Fiscal, de 1832, que classificava as rendas em provinciais e gerais, cabendo à administração central a partilha dos recursos".[21] Insistindo sobre o caráter centralizador após as leis interpretativas do Ato Adicional enfatizou que "a mão-de-ferro do Estado centralizador e autoritário vai retendo o controle da situação abalada, o poder político dos grandes proprietários de terras e escravos se acentua".[22]

O núcleo da sua contribuição para o estudo do federalismo concentra-se, sobretudo ao evidenciar as atividades incrementadas quando do período das regências, a exemplo das sociedades. Tal interesse possibilitou a exploração de realidades associativas, a exemplo das lojas maçônicas e das sociedades que tinham como objetivo o exercício de pressão direta ou intervenção na cena política. Tais estudos são bastante localizados, no caso em questão, na cidade do Rio de Janeiro, centralizado no papel das associações de uma maneira geral:

> as associações secretas (mesmo as não-maçônicas) assumiam, assim, um caráter de embrião de soberania que poderia influenciar e até substituir a soberania monárquica. Tais associações em geral ligavam-se à idéia de soberania popular.[23]

---

[19] CASTRO, Paulo Pereira de. "A experiência republicana. 1831-1840". In: HOLANDA, S. B. de (org.). *História Geral da civilização brasileira*, São Paulo, Difel, 1985, t. II, v. 2, p. 9-67.
[20] MOREL, M. *O período das Regências (1831 - 1840)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. v. 1., p. 9.
[21] Ibidem, p. 30.
[22] Ibidem, p. 31.
[23] Ibidem, p. 14.

Menciona também a relação de lojas maçônicas, a exemplo da Grande Loja Brasileira de 1831, com os federalistas. Nesse contexto, assume importância o jornalista Ezequiel Correa dos Santos, que fazia parte da *Sociedade Federal Fluminense* e expunha suas tendências maçônicas na gazeta *Nova Luz Brasileira*.

Um dos pioneiros na pesquisa das associações desse tipo foi Moreira de Azevedo, que, ainda no século XIX, fez uma importante catalogação das associações fundadas desde os tempos coloniais até o início do reinado de D. Pedro II.[24] Seus escritos são imprescindíveis na busca de informações a respeito da data de surgimento das associações, bem como dos nomes de figuras importantes nesse âmbito, não se restringindo a associações de tipo federal. É possível encontrar dados sobre associações das principais províncias do período, a exemplo do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia.

Ainda no campo das atividades associativas, destaca-se a obra de Augustin Wernet. Embora o recorte espacial e cronológico seja restrito a São Paulo nos dois primeiros anos das regências, o autor apresenta vasta pesquisa documental das realidades associativas que se desenvolveram no interior e na capital de São Paulo. Teve como objeto principal a *Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional*, mas não descuidou da *Sociedade Federal Paulista*, nem dos conflitos e alianças que ambas teceram, ganhando destaque os partidários da família Andrada.[25]

As sociedades federais assumem maior centralidade em artigos mais recentes, a exemplo de "Movimento associativo e política regencial: A Sociedade Federal Fluminense", de Marcello Basile; e "Federação e República na Sociedade Federal de Pernambuco (1831-1834)", de Silvia Fonseca. Pelo caráter disperso dos estudos, não há uma história das associações federais em todo o Império do Brasil, nem sequer limitada à época das regências, período ao qual se dedica a maior parte da produção historiográfica sobre assunto.

Marcello Basile apresenta o papel desempenhado pela *Sociedade Federal Fluminense*, enquanto representante dos interesses políticos dos *liberais exaltados*. No contexto das

---

[24] AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de, "Sociedades fundadas no Brazil desde os tempos coloniaes até o começo do actual Reinado", *in Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, Tomo XLVIII - parte 2, 1885, p. 294-321.

[25] WERNET, Augustin. *Sociedades políticas (1831-1832)*. São Paulo: Cultrix/Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1978.

acirradas disputadas e debates sobre as reformas constitucionais, a entidade pleiteava a adoção do sistema federativo. O principal destaque fica por conta do boticário e jornalista Ezequiel Correia dos Santos.[26] Escritor talentoso da *Nova Luz Brasileira*, Ezequiel foi uma importante liderança da associação que, entre os anos de 1831 e 1834, aliou-se aos *moderados* com o objetivo de combater os *caramurus*. Não obstante a influência que exerceu em prol de mudanças inicialmente repelidas pelos *moderados*, a *Federal Fluminense* teria perdido sua razão de ser à época da aprovação do Ato Adicional, pelo qual seus anseios não foram totalmente atendidos.[27]

Silvia Fonseca empreende uma análise da criação da *Sociedade Federal de Pernambuco* objetivando traçar um perfil social e político dos sócios – em sua maioria militares, incluindo milicianos da Guarda Nacional, contando também com comerciantes, poucos agricultores e bacharéis em Direito, que assumiam variadas funções na sociedade. Ressalta, também, a importância de sócios que estiveram comprometidos com a Confederação do Equador (1824) e com a Revolta de Santo Antão (1829).[28] Explorando as páginas dos periódicos: *Diário de Pernambuco*, *O Federal* e *Bússola da Liberdade*, a autora apresenta o contexto da criação da sociedade, sua finalidade, seus estatutos e organização, além de comentar a respeito do impacto do seu surgimento, expresso de maneira negativa pela Câmara Municipal de Recife. As atas da associação eram publicadas e encontravam-se discussões girando em torno de festividades – a exemplo da comemoração do dia 7 de abril –, das ações indicadas no combate à revolta em defesa da restauração, assim como propostas de organização dos "Estados".[29]

Para os anos de 1831 e 1834, Silvia Fonseca identificou dois momentos que influenciaram no contorno ideológico da *Sociedade Federal de Pernambuco*. Primeiramente, quando da sua criação, identificava-se a possibilidade de reformas federalistas baseadas no

---

[26] BASILE, Marcello Otávio. Ezequiel Corrêa dos Santos: um jacobino na Corte imperial, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

[27] BASILE, M. Movimento Associativo e política regencial: a sociedade federal fluminense. *Revista Universidade Rural*: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n 1, p. 96-109, jan-jul, 2007.

[28] FONSECA, Silvia C. P. Brito. Federação e República na Sociedade Federal de Pernambuco (1831-1834). *Saeculum (UFPB)*, v. 14, p. 57-73, 2006. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum14_dos04_fonseca.pdf. Acesso: agosto de 2010.

[29] Ibidem, p. 66: "Parece significativo que o jornal avalie a impropriedade que julga ter a nomenclatura administrativa no Brasil, sugerindo à Assembléia que mude o nome odioso de Província, substituindo-lhe o de Cantões ou Estados".

autogoverno, melhor dizendo, no controle local das forças militares e na administração provincial das rendas. A idéia de federação: "relacionava-se, inicialmente, à neutralização das forças políticas que dominavam a província antes do 7 de abril, e secundariamente ao "aprendizado" necessário à instituição de um governo republicano".[30] Em um segundo momento, permeado por mudanças de contexto, dentre as quais a autora destaca a ascensão dos *caramurus* e de sua capacidade de organização – supostamente tencionando o restabelecimento de D. Pedro I – e a rejeição da reforma federalista pelo Senado, tal qual redigiu Miranda Ribeiro, teriam levado a *Sociedade Federal de Pernambuco* ao posicionamento defensivo. Não possuindo indicativos da dissolução da mesma, a autora acredita que os federalistas e republicanos pernambucanos teriam se desmobilizado quando da edição do Ato Adicional em 1834.[31] Para Silvia Fonseca, a importância do federalismo ou, mais precisamente, da república federativa está relacionada aos seus estudos sobre o ideário republicano:

> parece possível afirmar que as reflexões e reivindicações relativas à república federativa fundamentaram o ideário republicano, em vista da precedência conferida à geografia, ou seja, à localização do Brasil na América, particularizada pela especificidade do continente americano, concepção esta legatária da polêmica sobre o Novo Mundo.[32]

A relação entre república e federação é a perspectiva da qual parte a autora, guiando seus objetos de pesquisa. Ganha destaque, sob esse prisma, a análise do periódico baiano *O Democrata* entre os anos de 1833 e 1836. Muito importante para a composição dos estudos sobre a imprensa federalista, uma vez que seu redator, Domingos Guedes Cabral, teve participação marcante nas revoltas federalistas da década de 1830, incluindo a Sabinada. A autora tece algumas considerações biográficas sobre o professor e jornalista, a exemplo de sua origem gaúcha e sua dedicação aos estudos sobre política.[33]

---

[30] Ibidem, p. 72.
[31] Ibidem, p. 73.
[32] Idem, O conceito de República nos primeiros anos do Império: a semântica histórica como um campo de investigação das idéias políticas. *Anos 90 (UFRGS)*, v. 13, p. 323-350, 2006. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6405. Acesso: agosto de 2010, p. 347.
[33] Idem, O Democrata: um jornal republicano no Império (1833-1836). *Comunicação: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (2006)*. Disponível em: http://sbph.org/reuniao/26/trabalhos/Silvia_Carla_Pereira_Brito_Fonseca/ Acesso: agosto de 2010.

Alcançando importante relevância para história do Império do Brasil se encontram as disputas da região do Rio da Prata, alvos da imprensa da época das regências, sobretudo em virtude da Revolução Farroupilha. A historiografia recente também desenvolve pesquisas a respeito da influência do federalismo nos processos históricos nesse contexto. Destaca-se *Federalismo Gaúcho*, de Maria Medianeira Padoin, no qual a autora tenciona compreender a Revolução Farroupilha no que pensa serem suas características fundamentais: o Direito das Gentes, o liberalismo e o federalismo. Empreende uma importante contextualização do espaço fronteiriço platino salientando a importância das disputas entre os caudilhos e os expoentes políticos da região, a exemplo de Artigas, muito importante na formulação das concepções políticas surgidas na região à época. Além disso, é traçado o perfil da elite farroupilha constituída por estancieiros militares, charqueadores, comerciantes e sacerdotes influenciados pela difusão de idéias e informações que favoreceram a formação de várias lojas maçônicas, onde se tratava dos mais relevantes temas da política.

O principal objetivo de Padoin é aprofundar-se no estudo dos: "significado(s) atribuído(s) ao ideário federalista no projeto farroupilha".[34] O federalismo teria assumido o papel de fundamento para organizar o "novo" Estado cujo entendimento, assim como a noção de soberania, determinaria a sua expressão no discurso dos revolucionários. O federalismo estaria vinculado aos conceitos de independência, soberania ou autonomia. Seria compreendido pela elite farroupilha "como uma forma de Estado, em que as soberanias interna e externa eram garantidas por uma Carta Magna e pelo Direito das Gentes"; não se confundiria, portanto, com um Estado unitário descentralizado, nem mesmo com um estado-membro federado.[35]

Entretanto, havia uma divisão na elite farroupilha, na qual uma minoria, representada por Antônio Vicente Fontoura e David Canabarro, opôs-se ao grupo da maioria, de Bento Gonçalves e Domingos José e Almeida, por possuírem concepções diferentes do federalismo. O princípio federalista seria, todavia, o elemento capaz de unir a elite em uma única frente por determinado período: "acreditamos que foi a idéia em torno do federalismo que garantiu a unidade da elite farroupilha".[36] A minoria, segundo a autora, não pensava o federalismo como

[34] PADOIN, Maria M. *O federalismo gaúcho*. São Paulo: Nacional, 2001, p. 67.
[35] Ibidem, p. 108.
[36] Ibidem, p. 112.

princípio para formação do Estado, tal quando da proclamação da república do Rio Grande. Para eles, o federalismo se apresentava como um discurso contra o centralismo do Império na defesa da autonomia do poder local.[37]

A importância das concepções federalistas se apresenta em diversas regiões do Império. Na Província da Bahia, tais ideais não tiveram importância menor, destarte tal realidade será aprofundada em um resgate da historiografia dedicada aos estudos da política de modo geral, e, não especificamente, do federalismo, com poucas exceções.

UM OLHAR SOBRE A BAHIA

Na Bahia, a primeira aparição pública do federalismo foi situada no começo da década de 1830, associada ao movimento revoltoso ocorrido a 28 de outubro de 1831. Pouco tempo depois, dois outros movimentos de mesma natureza foram registrados, sendo, aparentemente, mais organizados ao ponto de divulgarem programas políticos muito significativos. Após a entrada em vigor do Ato Adicional, em 1834, ocorreu ainda a revolta de 7 de novembro – a Sabinada (1837-1838).

A referência historiográfica mais antiga à primeira manifestação de 28 de outubro de 1831 se deve a Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva, que foi contemporâneo dos acontecimentos. O seu livro *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia* traz dados relevantes sobre o federalismo baiano, fazendo referência às principais revoltas da década de 1830. Há muitos documentos transcritos: correspondências entre as autoridades provinciais e o governo central, deliberações da ação dos rebeldes de Cachoeira – Arraial de São Félix, em 1832 – e os programas federalistas da revolta de Cachoeira e da revolta do Forte do Mar de 1833.[38] O autor salienta o antilusitanismo presente em todas as revoltas federalistas

---

[37] Ibidem, p. 125: "reafirmamos a crença de que a diferença intra-elite é detectada já na concepção de federalismo. Enquanto Bento Gonçalves, Domingos de Almeida e o grupo da maioria, era a defesa de um Estado independente, soberano e federal sob o governo republicano (...), para a minoria representada por Antônio Vicente da Fontoura e David Canabarro significava um regime político descentralizado monárquico ou não, no qual a autonomia provincial deveria ser mantida e garantida pelo poder central do Estado (...)".
[38] ACCIOLI (de Cerqueira Silva) Ignácio. *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1933, vol. IV.

da primeira metade da década. No caso da revolta de Cachoeira, Accioli faz alusão a um partido federalista de Feira de Santana que estaria pronto para aderir ao movimento.

Na primeira metade do século XX, adquirem relevo as obras de Braz Hermenegildo do Amaral sobre a política do Império. O autor foi comentador das *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia* e suas considerações foram publicadas em conjunto com a obra de Ignácio Accioli. No contexto da Primeira República, a defesa do sistema federativo na fase imperial lhe soou muito adequada. Braz do Amaral enfatizava a importância das revoluções federalistas, por serem consideradas frutos de ideais democráticos, que empolgariam porções mais "adiantadas" da classe política. O federalismo baiano teria caráter popular e intuitos liberais.[39]

O autor ressaltou ainda que a Bahia teria sido pioneira em comparação ao Rio Grande do Sul no que tange às "revoluções federalistas". Apesar disso, Braz do Amaral lamentou a maneira como a proposta federativa tomou corpo na Bahia, a revolta de povo e tropa de 1831, valorizando mais a atividade do periódico *O Federal sob a Constituição*, responsável por propagandear as vantagens da federação. Considerou também a existência de discussões na Assembléia Geral, nas quais "havia sido proposta a federação das províncias, como meio mais próprio de evitar os inconvenientes que se apontavam na ordem de coisas então vigente".[40]

Em *História da Bahia:* do Império à República, Braz do Amaral voltou ao tema do federalismo nas regências, ao lado de outros assuntos significativos, tais como o antilusitanismo, a cemiterada, a criação de vilas na Província da Bahia, a moeda de cobre falsa, a carestia dos alimentos, a febre amarela e a revolta dos malês. Diante de informações apresentadas de maneira desconexa, o tema da federação surge como o objeto ao qual mais se dedicou, um demonstrativo de como o lugar temporal do qual escrevia o influenciava.

Nos primórdios dos Estados Unidos do Brasil, a precoce defesa do sistema federativo era motivo de honra e orgulho, uma confirmação de que o tempo presente era uma culminância, cujos primeiros sinais haviam se manifestado através de reações dos "espíritos liberais" à ordem vigente. O autor afirmou que a Constituição de 1824 organizou um corpo político "fortemente centralizado", prejudicando o livre desenvolvimento da nação, pois "as

[39] Ibidem, p. 372.
[40] Ibidem, p. 352.

províncias gravitavam, apenas, em torno do centro (...)".[41] Diante disso, o Ato Adicional teria servido como um dispositivo que conteve o advento da federação, "um produto das ameaças dos movimentos revolucionários baianos".[42] Uma medida, entretanto, que não obteria êxito: "por não haver sido completa a reforma, começaram a aparecer idéias de separação das províncias".[43]

Braz do Amaral credita muita importância a Bahia no Império. Teria sido a principal motivadora para a aprovação do Ato Adicional? De qualquer modo, as idéias de separação das províncias realmente surgiram na Bahia, a exemplo da Sabinada. O autor, que escreveu artigos para a *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, dedicou um capítulo ao tema no ano do seu centenário, 1938, trazendo algumas considerações sobre os acontecimentos assim como sobre os personagens envolvidos.[44]

O centenário da Sabinada foi também acompanhado da publicação de *A Sabinada* de Luiz Vianna Filho. Suas considerações centrais tratam da revolta como uma fase de superação das revoltas federalistas da primeira metade da década. A Sabinada possuiria caráter republicano. Apesar de formular a interpretação diferente, Luiz Vianna reitera a carência de autonomia provincial como um dos motores da revolta. Na prática, nem mesmo a reforma de 1834, que dizia respeito às atribuições provinciais teria sido acatada. Indica, desse modo, que a idéia de um pacto federativo instaurado pelo Ato Adicional, não teria eliminado as reivindicações de cunho autonomista ou federalista na Bahia.

Publicações de menor importância para o tema em questão foram feitas por Pedro Calmon em sua *História da Bahia:* resumo didático. O autor não traz muitas transcrições documentais e busca realizar um trabalho de síntese, sem deixar de fazer alusão às revoltas federalistas estudadas pelos autores citados acima. Pedro Calmon tece considerações interessantes sobre a Sabinada que é vista por ele como "um movimento de caráter democrático e apoiado na massa popular".[45]

Góes Calmon, preocupado, sobretudo, com a vida econômica da Bahia, realizou estudos que, embora não estivessem centrados nos fatos e processos da política, mencionam as

---

[41] AMARAL, Braz H. do. *História da Bahia*: do Império à República. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1923, p. 74.
[42] Ibidem, p. 88.
[43] Ibidem, p. 125.
[44] Idem, A revolução de 1937. Primeiro Centenário da Sabinada. Salvador: *IGHB*, v. 64, 1938, p. 154-174.
[45] CALMON, Pedro. *História da Bahia* - resumo didático. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1927. p. 179.

revoltas federalistas e salientam a influência que o clima de insurreição gerou na economia baiana.[46] O autor utiliza como fontes os autores revisados até então, repetindo o que já havia sido produzido e, de certa forma, demonstrando a relevância de nomes como Ignácio Accioli e Braz do Amaral para os estudos sobre História da Bahia.

Na segunda metade do século XX, surgem novos estudos e publicações, a exemplo da *História da Bahia* de Luís Henrique Dias Tavares. O autor não avançou muito no estudo do federalismo baiano, dado o caráter generalizante de sua obra – concentrando as suas principais análises no período da Independência. ndossando a tese apresentada pelos estudiosos citados anteriormente, Dias Tavares apresenta o movimento federalista como fruto da crítica ao regime monárquico constitucional, entendendo-o como busca pela autonomia. No que se refere à Sabinada o autor não concorda com Luiz Vianna e a considera uma revolta federalista por excelência.[47]

Katia Mattoso realizou estudos fundamentais para a compreensão da Bahia durante século XIX. Sua abordagem é temática e no que tange à vida política, lança mais luz à segunda metade do século. Menciona as revoltas sem tecer considerações acerca do seu caráter. Realiza uma discussão acerca de alguns aspectos da ação política no âmbito provincial e central e da relação entre eles, ressaltando o importante papel que alguns homens da vida pública baiana assumiram na política imperial. Há, contudo, pouca referência à imprensa e a relação desta com as sociedades – federais ou não. Como contribuição aos estudos sobre federalismo se apresenta a trajetória do político e jurista Francisco Gomes Brandão (1794-1870), mais conhecido como Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, que, durante a década de 1820, escrevia no jornal *O Diário Constitucional* e, na década seguinte, se empenhou na produção de panfletos "em defesa do federalismo" e contra a "liberdade dos republicanos".[48] O que converge no mesmo sentido de alguns estudos que afirmam a existência de correntes federalistas de caráter monarquista.

O estudo mais recente e completo sobre os movimentos federalistas ocorridos entre

---

[46] CALMON, Francisco Marques de Góes. *Vida econômico-financeira da Bahia*; elementos para a história de 1808 a 1889. Reimpressão. Salvador: Fundação de Pesquisas/CPE, 1978, p.70 e seguintes. O autor data a primeira revolta federalista a 28 de novembro de 1831, apresentando dissonância com a maioria dos estudiosos que a datam de 28 de outubro do mesmo ano.
[47] TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo: Ática, 1987, 8 ed. p.141-148.
[48] MATTOSO, Katia M. de Queirós. *Bahia século XIX ---- uma província no império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p. 273-74.

1831 e 1833 foi realizado por Lina Maria Brandão de Aras em tese de doutorado denominada *A Santa Federação Imperial:* Bahia 1831-1833. A autora esboçou o contexto social e econômico do Recôncavo baiano e lançou luz à situação política depois da Independência. O trabalho possui tópicos específicos que tratam de cada uma das três revoltas mencionadas.[49] A empresa também leva em consideração as conseqüências da repressão aos movimentos na vida dos rebeldes, assim como apresenta a origem social destes.

O ideário rebelde é alvo das preocupações da autora, que procura captar as inspirações e os canais pelos quais tais movimentos vieram à tona. A autora fez considerações importantes com o intuito de tornar mais compreensíveis os movimentos federalistas do início da década de 1830, a exemplo da diferença entre os federalistas baianos e os que levaram a cabo a *Confederação do Equador* em 1824. Os primeiros desejariam a manutenção do governo imperial, enquanto os últimos partiram para a criação de uma república como meio de oposição ao autoritarismo do Imperador. Os federalistas baianos não criticariam o sistema monárquico, apenas pensavam que o federalismo seria a "salvação para o Estado brasileiro".[50]

O ideário rebelde, ainda segundo a autora, baseava-se em uma insatisfação com a administração da província e não representava descontentamento em relação ao governo central. Nesse ponto, mantêm uma discordância com Luís Henrique Dias Tavares, pois este considera as revoltas federalistas como críticas diretas ao "regime monárquico constitucional e unitário".[51] Não houve até então um diálogo historiográfico que debatesse tal questão. Dessa forma, a pesquisa sobre o federalismo na Província da Bahia, merece maior atenção, sobretudo no que diz respeito às maneiras de manifestação do ideário, que não ficam claras somente com o estudo das revoltas armadas. Tudo o que foi escrito, precisa ser cotejado com pesquisas que se dediquem à análise dos periódicos, das sociedades federais, da ação política por vias institucionais e da relação entre tais fatores.

Os estudos empreendidos por Aras, embora sejam fundamentais para compreensão do federalismo na Bahia, restringem-se às revoltas entre 1831 e 1833. A autora admite a

---

[49] Segundo Marcello Basile, o período entre 1832-1833 foi marcado pela ocorrência de seis revoltas federalistas na Bahia, excluindo a acontecida em 28 de outubro de 1831. Cf. BASILE, Marcello. O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840). In.: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). *Coleção O Brasil Imperial (1831-1840)*. Vol. II Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
[50] ARAS, Lina Maria Brandão de. A Santa Federação Imperial: Bahia 1831-1833. 1995. 227 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 195.
[51] TAVARES, Luís H. D. História da Bahia, op. cit., p.145.

dificuldade de encontrar documentação proveniente dos clubes organizados e das sociedades secretas, o que representou um obstáculo para o trabalho de pesquisa e, sendo mais incisiva, trata disso quando se refere à localização de jornais, periódicos e panfletos: "a dificuldade de localização dessas fontes impossibilitou a sua consulta, sendo utilizada basicamente a pesquisa bibliográfica para construção dessa parte da análise".[52]

A Sabinada também foi alvo de estudos mais recentes, com destaque para a publicação de Paulo César Souza. Sua pesquisa teve importante suporte dos periódicos, sobretudo do *Novo Diário da Bahia*, que junto com *O Sete de Novembro* e *O Novo Sete de Novembro* formavam a "imprensa rebelde". As conclusões do autor se chocam com a interpretação realizada por Luiz Vianna Filho. Para Souza, a Sabinada teve caráter separatista e federalista, representando uma revolta contra a ação "recolonizadora" da Corte instalada no Rio de Janeiro. Embora o autor realize um aprofundamento nos estudos sobre a revolta, alicerçado principalmente na imprensa, pode-se afirmar que suas conclusões convergem no mesmo sentido das breves considerações feitas por Dias Tavares: "Basicamente federalista, [a Sabinada] queria revisão mais ampla e profunda para Constituição de 1824".[53]

O Ato Adicional, segundo o autor, teve papel catalisador sobre a política baiana, deixando em evidência que as reformas implantadas não atenderiam às reivindicações de boa parte daqueles envolvidos com os processos políticos. O anseio por reformas, que caracterizou os movimentos federalistas antes de 1834, teria sido ignorado, a ponto de lançar setores de posições moderadas à radicalização e à Sabinada. Ilustrativo dessa realidade seriam as trajetórias políticas de homens como João Carneiro da Silva Rego e Francisco Sabino, que passaram da acomodação à revolta separatista em 1837.[54]

Para além da Sabinada, os estudos e pesquisas desenvolvidos por Dilton de Araújo, atestam que após a conturbada década de 1830 continuou a existir uma tensão no panorama político baiano que se expressava de variadas formas, principalmente por meio da imprensa. O autor considera que o federalismo assumiu um papel importantíssimo nos movimentos ocorridos após a abdicação do Imperador, pois estes "encontraram o seu ponto mais elevado

[52] ARAS, Lina M. B. de. A Santa Federação..., op. cit., p. 178.
[53] TAVARES, Luís H. D. História da Bahia, op. cit., p. 146.
[54] SOUZA, Paulo C. *A Sabinada*: a revolta separatista da Bahia (1837). São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.178 e 204.

de politização na bandeira federalista".[55]

O cerne de sua tese se encontra nos elementos que testemunham a continuidade do desejo de ampliação da autonomia provincial por camadas políticas significativas em plena década de 1840. Para Araújo, a rebeldia teria dado lugar a novas formas de disputa política, dando destaque ao periódico de Guedes Cabral, *O Guaycuru*. Suas atividades são fatores que contribuíram para a demonstração da existência de uma tensão política na Província da Bahia após 1838, e não de uma paz, como a historiografia tem difundido desde o século XIX.

Parte da produção historiográfica brasileira teria criado uma história coerente, na qual a unidade política e territorial fizesse parte da ordem natural das coisas, esta é a principal explicação do autor para que as tensões ocorridas após a Sabinada, no caso da Bahia, fossem quase que desconsideradas enquanto fatores demonstrativos de que a paz era um horizonte político almejado pelos homens que exerciam o poder, e não uma realidade histórica. Esta observação procedente, no entanto, traz consigo a perspectiva de que a busca pela unidade nacional e a construção de imagens de união teriam sido exclusividade dos que sustentavam o projeto centralista vencedor. Perde-se de vista a possibilidade de tal ideal se configurar como um dos objetivos dos federalistas – ao menos de parte deles –, ainda que se considere apenas o âmbito do discurso retórico.

ESTRUTURA DO TRABALHO

A dissertação é composta de três capítulos, além desta parte introdutória e das considerações finais. As pesquisas documentais foram realizadas na Bahia e no Rio de Janeiro, alicerçando as análises e interpretações apresentadas, estas que tiveram a pesquisa bibliográfica como importante suporte que permitiu contextualizar os achados extraídos do contato com os documentos.[56]

[55] ARAÚJO, Dilton O de. *O tutu da Bahia*: transição conservadora e formação da nação, 1838-1850. EDUFBA, 2009, p. 32.

[56] A pesquisa foi realizada no APEB (Arquivo Público do Estado da Bahia), CEDIG-UFBA (Centro de Digitalização), IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), Arquivo Nacional e Biblioteca Nacional e Biblioteca Nacional.

O primeiro capítulo tem o foco voltado para a realidade das sociedades federais, especialmente na Bahia. A atividade associativa apresentou-se muito intensa até pelo menos 1834, com a aprovação do Ato Adicional. Nesse contexto, são apresentadas as propostas federalistas dos deputados baianos, inseridas nos debates iniciados em 1831 em torno da reforma constitucional. Para tanto, as principais fontes utilizadas foram os periódicos que publicaram atas de reuniões de sociedades federais, correspondências entre as sociedades da Corte e da Bahia, além dos *Anais da Câmara*.

O segundo capítulo tem como objetivo esclarecer os acontecimentos ligados à revolta federalista de 28 de outubro de 1831, apresentando a expressão do ideário federalista pelos discípulos de Cipriano Barata, através da *Nova Sentinella da Liberdade na Guarita do Quartel de São Pedro*. A perseguição ao líder político baiano gerou uma série manifestações de descontentamento, a exemplo das denúncias e intrigas criadas entre o redator da *Nova Sentinella* e os participantes do *Clube do Gravatá*, com destaque para Francisco Sabino.

Todas as trinta e sete edições da *Nova Sentinella* foram lidas, assim como edições da *Sentinella da Liberdade* de Barata e edições importantes do *Investigador Brasileiro* e da *Gazeta da Bahia*. Ademais, entre os documentos oficiais, encontra-se o importante sumário do processo movido contra Bernardo José Barata, fundamental para lançar luz aos acontecimentos da primeira revolta federalista da Bahia.

O terceiro capítulo detém-se sobre a difusão do ideal federalista, ainda que de maneira mitigada, no pensamento político da época. Procura-se ilustrar a presença das idéias federalistas na época da edição do Ato Adicional (1834), seja através de atitudes que expressem decepção ou contentamento. Fundamental é estabelecer os pontos mais agudos da presença do ideário federalista, para compreender o seu papel na Sabinada. Importante nesse sentido é a divulgação de propostas de reforma federal após sua aprovação por parte dos periódicos *O Democrata*, *O Defensor do Povo* e *O Censor*. Também se apresenta a idéia de unidade nacional como fator constitutivo do discurso dos federalistas ao longo da década de 1830. Tais análises tornaram-se possíveis mediante leitura dos periódicos supracitados. Além disso, há importantes documentos, a exemplo de uma representação da Assembléia Legislativa Provincial da Bahia e de correspondências do Presidente da Província.

CAPÍTULO I
SOCIEDADES FEDERAIS NA BAHIA

As idéias federalistas na Bahia tiveram forte presença no período das regências, em meio ao vigoroso desenvolvimento dos espaços de sociabilidade política e da emergência de espaços públicos então verificada. A imprensa, as manifestações cívicas e as revoltas destacaram-se ao tempo em que se desenvolveram as sociedades, sejam políticas, filantrópicas ou fomentadoras do desenvolvimento econômico. Segundo Moreira de Azevedo, criaram-se mais de cem sociedades no Império do Brasil somente no ano de 1831.[57] Com a abdicação de Dom Pedro I, os debates políticos da época tornaram-se, cada vez mais, acessíveis através de panfletos e periódicos, desenvolvendo-se sociedades cujas atividades eram divulgadas ao público, em detrimento das sociedades secretas como as lojas maçônicas.

O desenvolvimento das sociedades reivindicatórias não inibiu, porém, o surgimento de manifestações contestatórias com as quais se buscou alcançar objetivos políticos através do protesto ou da ação armada. A ocorrência das revoltas federalistas que tiveram lugar em Salvador e Recôncavo nos anos de 1831, 1832 e 1833 é prova disso. A oposição às interferências do governo central, aliada ao antilusitanismo, foi ingrediente comum em manifestações diversas desde a década anterior, e fez-se sentir nas manifestações federalistas ocorridas no início do período das regências.

A primeira revolta federalista que ocorreu na Província da Bahia é bastante desconhecida. Para a historiografia tradicional, ela consistiu em uma manifestação surgida no seio de alguns militares, também incorporando civis, tendo lugar na Praça do Palácio no dia 28 de outubro de 1831. Após os gritos de vivas à federação, a manifestação teria terminado em um conflito armado no campo do Forte de São Pedro.[58] No ano seguinte, o palco da revolta

---

[57] AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de, "Sociedades fundadas no Brazil desde os tempos coloniaes até o começo do actual Reinado", *in Revista trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, Tomo XLVIII - parte 2, 1885, p. 294-321.

[58] ACCIOLI (de Cerqueira Silva) Ignácio. *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia,* vol. IV. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1933, p.353; AMARAL, Braz Hermenegildo do. *História da Bahia do*

federalista seria o Arraial de São Félix, na Vila de Cachoeira. No comando das atividades esteve o juiz de paz, vereador e capitão Bernardo Guanaes Mineiro que, presidindo uma sessão da Câmara Municipal, proclamou a federação na Província da Bahia. A autoria do manifesto dos rebeldes, lido em sessão da Câmara, é atribuída ao jornalista Domingos Guedes Cabral.[59] A repressão à revolta durou alguns meses, espalhando-se por boa parte do Recôncavo. Um ano depois, os desdobramentos da revolta chegariam à capital da Província.[60]

Os rebeldes de Cachoeira foram encarcerados no Forte do Mar, local de onde iniciaram uma revolta federalista baseada em um manifesto um pouco mais complexo, mas muito semelhante àquele proposto em Cachoeira.[61] A eles juntaram-se os militares Alexandre Ferreira do Carmo Sucupira e Daniel Gomes de Freitas, que também estavam presos. Os rebeldes renderam-se após cerca de três dias de conflito, com ocorrência de bombardeios que influenciaram o cotidiano da cidade, alterado, inclusive, pela não abertura de alguns estabelecimentos comercias e de repartições públicas.[62]

As reivindicações contidas nos manifestos de 1832 e 1833 podem ser resumidas nos seguintes termos: mudança do governo da Província da Bahia de centralista para federalista, com a criação de uma assembléia provincial e de tribunais, além das mudanças no tratamento das leis penais e, entre outras coisas, a deportação de portugueses, sobretudo daqueles considerados uma ameaça à federação.[63]

Por outro lado, as sociedades políticas, incluindo as federais, buscavam se inserir como elementos legítimos de participação política, não tendo expressamente a realização de revoltas como meio de ação, muito embora não se possa isentar seus membros de possíveis participações nos levantes armados. Como expressa a própria imprensa divulgadora das atividades associativas:

Império à República. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1923, p.78 e 111-113; ARAS, Lina Maria Brandão de. ***A Santa Federação Imperial: Bahia 1831-1833*.** 1995. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 108-110.

[59] ARAS, Lina M. B. de. *A Santa Federação*..., op. cit., p. 110.

[60] ACCIOLI, I. *Memórias Históricas*..., op. cit., p. 353-360; AMARAL, B. *História da Bahia*..., op. cit., p. 80 e 11-13; ARAS, Lina M. B. de. *A Santa Federação*..., op. cit., p. 110-122; MILTON, Aristides A. A República e a Federação no Brasil. Salvador: *IGHB*, v. 13, 1897, p. 361-390.

[61] ACCIOLI, I. *Memórias Históricas*..., op. cit., p. 364-368; AMARAL, B. *História da Bahia*..., op. cit., p. 89; ARAS, Lina M. B. de. *A Santa Federação*..., op. cit., p. 122-140.

[62] ARAS, Lina M. B. de. *A Santa Federação*..., op. cit., p. 131.

[63] Arquivo Nacional, IJ^707; ACCIOLI, I. *Memórias Históricas*..., op. cit., p. 354-355.

> (...) a nós outros simples cidadãos não é lícito se não requerer ao Poder Legislativo, que tome em consideração esta ou aquela reforma, que a razão nos indica e formar associações para popularizar toda a sorte de doutrinas (...).[64]

Entre as suas principais funções, as sociedades buscavam atuar como "grupos de pressão" ao parlamento, divulgando suas atividades e idéias. As sociedades de caráter federal começaram a ganhar vida ao tempo em que o Legislativo pôs-se a discutir a possibilidade de realizar reformas constitucionais – em um período marcado por característica instabilidade –, o que, para os *caramurus*, era fonte de riscos para a unidade do país; para os liberais, *exaltados* e parte dos *moderados*, era condição indispensável para a manutenção da mesma. Os primeiros por convicção, enquanto que os últimos por tentativa de amenizar perturbações que tinham origem nos anseios por mais autonomia provincial. Em face de tal realidade, deputados baianos lançaram propostas de reforma referentes ao arranjo institucional do Império.

No mês de maio 1831, logo após a abdicação, o deputado Antonio Ferreira França discursou em favor da federação: "É preciso federar as províncias, este é o tempo: aproveitemos a ocasião que a fortuna nos deu".[65] No mês seguinte, o deputado propôs que após o governo vitalício de D. Pedro II, o poder deveria ser exercido temporariamente e as províncias deveriam ser confederadas. Acreditava que esta mudança era indispensável para o bom governo, considerando as dimensões do país.[66] Antonio Ferreira França havia participado da Assembléia Constituinte em 1823 e foi eleito nas três legislaturas seguintes – entre 1826 e 1837 –, advogando mudanças em sentido federal ainda na década anterior ao período das regências.[67]

Em julho de 1831, foi apresentado um projeto da comissão especial que cuidava da reforma constitucional. Após passar pela discussão na Câmara de Deputados, o projeto foi

---

[64] *O Precussor Federal*, 14 de abril de 1832. A primeira sociedade de caráter federal da Bahia teria sido fundada em novembro de 1831, segundo AZEVEDO, Manuel D. M. de, "Sociedades fundadas no Brazil"..., op. cit., p. 301.

[65] *Anais da Câmara*, Sessão de 5 de maio de 1831.

[66] *Anais da Câmara*, Sessão de 16 de junho de 1831. Braz do Amaral confunde-se e atribui a proposta a um dos filhos de Antonio Ferreira França, chamado Eduardo, que ocupou a Assembléia Provincial da Bahia. AMARAL, B. *História da Bahia*..., op. cit., p. 125.

[67] SLEMIAN, Andréa. *Sob o império das leis: Constituição e unidade nacional na formação do Brasil (1822-1834)*. 2006. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

substituído pela proposta do deputado Cesário de Miranda Ribeiro. Nos debates, alguns deputados baianos apresentaram emendas, a exemplo de Ernesto Ferreira França – filho de Antonio – e Manuel Alves Branco, que propuseram, ao lado de Fernandes da Silveira, a nomeação, por cada província, de uma assembléia para fazer sua constituição particular. Ernesto fez novamente a mesma proposição na sessão do dia seguinte, e esta, mais uma vez, não recebeu apoio.[68]

Merece destaque também a emenda feita por Manoel Maria do Amaral. O deputado da Bahia propôs que o primeiro artigo do projeto Miranda Ribeiro fosse "reformado no sentido de monarquia federativa" e, assim, deveriam ser "reformados os mais artigos que lhe dizem respeito".[69] Uma de suas principais preocupações era a questão das rendas do governo central e as das províncias, ponto que se revelava como um dos mais sensíveis nos debates da época, gerando uma atmosfera na qual o federalismo surgia como um importante fator, em maior ou menor grau, considerado por deputados de diversas tendências, não se restringindo aos setores *exaltados*.

Depois de ser mandado ao Senado e sofrer alterações, o projeto voltou à Câmara, sendo, após algumas discussões, reunindo os deputados e os senadores, aprovado como projeto de lei em 12 de outubro de 1832. A apreciação do projeto de lei seria feita na legislatura seguinte (1834-1837), dado que aos deputados a serem eleitos se conferiria especial faculdade, no ato mesmo da eleição, para votarem as reformas constitucionais.

Em junho de 1834, uma nova comissão realizou, nos termos da carta de lei de 12 de outubro de 1832, algumas mudanças e adições. Enfim, sucederam-se as três discussões do projeto de reformas apenas na Câmara de Deputados, encerrando-se a participação do Senado, pois se decidiu que não cabia à casa vitalícia a função de atuar como constituinte, visto que os senadores não foram eleitos pelo mesmo processo que os deputados e, conseqüentemente, não gozavam da faculdade especial recebida pelos últimos nas eleições.[70]

---

[68] *Anais da Câmara*, Sessão de 11 de outubro de 1831.
[69] *Anais da Câmara*, Sessão de 7 de outubro de 1831.
[70] A lei de 1832 concluiu os debates iniciados no ano anterior, ocorridos na Câmara de Deputados e no Senado. A partir dela, se decidiu que as mudanças na Constituição, a exemplo da criação das Assembléias Legislativas Provinciais e da instituição da Regência Una, seriam votadas pelos deputados da legislatura que se iniciaria em 1834, cuja eleição, conferiria aos deputados a faculdade não apenas para legislar, mas também para reformar alguns artigos constitucionais.

O Ato Adicional foi aprovado em 12 de agosto de 1834, após um intenso debate, estabelecendo mudanças no arranjo institucional do país, a exemplo da substituição da Regência Trina pela Regência Una, da extinção do Conselho de Estado e da criação das Assembléias Legislativas Provinciais, cujas atribuições seriam cuidar dos impostos provinciais, fixar e fiscalizar as rendas e despesas provinciais e municipais. A elas caberiam também, nomeações de funcionários públicos da sua esfera competente, além de tratar de segurança, instrução e obras públicas. Possibilitando maior exercício de autonomia por parte das províncias, a reforma submeteu a esfera local, os municípios, à concentração administrativa das novas assembléias.

Antonio Ferreira França e seus filhos Ernesto e Cornélio – este último que possuía posições próximas às do pai, iniciando sua participação na vida legislativa em 1834 – votaram contra o Ato Adicional, revelando a decepção com a timidez que a reforma assumiu, desde que havia passado pelas mãos do Senado em 1832. O trio Ferreira França, ao lado de outros representantes, propôs uma confederação entre o Brasil e os Estados Unidos da América. Os dois países deveriam federar-se "para mutuamente se defenderem contra as pretensões externas, e se auxiliarem no desenvolvimento da propriedade interna de ambas as nações". Anualmente se estabeleceria a contribuição pecuniária para os gastos das forças de defesa. Cada uma das nações "teria representantes na assembléia nacional da outra", e os cidadãos de uma nação gozariam na outra dos mesmos benefícios que os naturais desta. As causas judiciais entre súditos dos dois países seriam resolvidas por conciliação, por árbitros ou, ainda, por jurados nomeados pelas partes. As duas nações estariam obrigadas ao auxílio mútuo "na conservação, e perfeição, da forma nacional de governo, em todas as calamidades que se oponham a seu melhoramento físico ou moral". Além disso, haveria entre ambas livre circulação de mercadorias, isentas de qualquer imposto.[71]

Presente nas propostas de reforma discutidas no Parlamento, o federalismo foi hasteado como bandeira principal, ao menos, em três revoltas em Salvador e Recôncavo. Ademais, foi razão de ser das sociedades federais existentes nas principais províncias do país, incluindo-se a

---

[71] *Anais da Câmara*, Sessão de 18 de agosto de 1834. Os representantes que acompanharam a família Ferreira França na proposta foram José Maria Veiga Pessoa, Antonio Fernandes da Silveira, João Ribeiro Pessoa, Joaquim Peixoto de Albuquerque e Barboza Cordeiro.

Bahia. No contexto de discussões parlamentares, as sociedades federais surgiram como um meio de pressionar os deputados para a aprovação das reformas federativas.

As sociedades federais publicaram periódicos responsáveis pela divulgação das atas de suas reuniões e das suas opiniões em defesa da realização de reformas federativas em colunas políticas, correspondências e notícias. Havia nexos entre as atividades dos parlamentares, dos rebeldes, da imprensa e das sociedades. Exemplo disso é a existência de uma folha avulsa chamada *Choradeira dos Banzelistas* que, segundo Alfredo de Carvalho, tratava da derrota dos federalistas em São Félix. *O Mensageiro da Bahia* ressaltou o papel dos espaços nos quais se geraria a consciência de se reformar a Constituição:

> As discussões, das nossas Câmaras e Conselhos Provinciais, e das Sociedades Patrióticas, que tanto tem [se] multiplicado em diversas Províncias, terão acostumado, e inspirarão em todos os espíritos uma útil propensão a abraçar as reformas convenientes.[72]

Nesse sentido, destaca-se *O Açoute dos Despotas*, que assumiu posição crítica em relação ao governo regencial. Em um de seus números, o jornal transcreveu um discurso do deputado Francisco Gê Acayaba de Montezuma sobre a anistia.[73] O parlamentar a considerava um "ato de perdão e esquecimento", um grande exemplo "que pode dar o Estado aos seus súditos da sublime virtude da tolerância, e da magnanimidade".[74] Dias depois, o periódico voltou ao tema de maneira mais específica e, após acusar o governo de ser tão déspota quanto o antigo Imperador, questionou: "Que se pretende da conservação dos presos por opiniões políticas, sepultados nos antros das presigangas, e calabouços?".[75]

Sob o escudo da ordem, o periódico declarava: "bradamos a favor da nossa Pátria, não queremos outro Governo senão o Constitucional", porém defendia as "suspiradas reformas", mostrando-se favorável à anistia para os presos por opiniões políticas. Afirmava que a lei era

---

[72] *O Mensageiro da Bahia*, 20 março de 1832.

[73] O deputado Gê Acayaba de Montezuma acreditava que a reforma proposta por Miranda Ribeiro, mesmo após sofrer alterações no Senado, permitiria um arranjo institucional de caráter federativo, sendo, segundo sua opinião, desnecessária a existência da emenda que tornaria o Brasil uma monarquia federativa. Cf. *Anais da Câmara*, Sessão de 31 de agosto de 1832. Segundo Kátia Mattoso, Montezuma esteve envolvido, durante a década de 1820, na edição do jornal *O Diário Constitucional* e, na década seguinte, se empenhou na produção de panfletos "em defesa do federalismo" e contra a "liberdade dos republicanos". Cf. MATTOSO, Katia M. de Queirós. *Bahia século XIX* - uma província no império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p. 273-74.

[74] *Açoute dos Despotas*, 24 de setembro de 1832.

[75] *Açoute dos Despotas*, 8 de outubro de 1832.

sempre em favor dos ricos e rogava aos parlamentares alguma solução: "socorrei-nos, Augustos Srs. Representantes, enquanto o povo vendo-se tão maltratado, não usa da resistência legal".[76] Revelava que a ação dos presos de algum modo era justificada, se não o dizia com todas as letras, era evidente que havia um apoio aos tais presos por opiniões políticas, mas quem seriam os presos? Ao final da edição, há uma interessante e esclarecedora passagem:

> as Sociedades Federais condoídas da triste sorte de seus Patrícios entregues ao furor dos becas, pediram a Anistia para os presos de opiniões políticas, seus clamores penetraram o Augusto recinto da Câmara dos Senhores Deputados; eles a sustentaram, como indispensável às circunstâncias do Brasil, e brevemente teremos a satisfação de abraçar aos nossos Patrícios e Amigos.[77]

Encontravam-se detidos, à época, os envolvidos na revolta de Cachoeira, a exemplo de Bernardo Guanaes Mineiro e Guedes Cabral. O jornal provavelmente fazia referência aos presos envolvidos nas revoltas federalistas. Aliás, não eram apenas presos por opiniões políticas pelos quais, em nome da dignidade humana ou mesmo da liberdade de expressão, defendia-se como a quem se defenderia a qualquer um; eram "Patrícios e Amigos", muito esperados. Não obstante o tom generalizante das publicações é provável que os federalistas baianos fossem os principais motivadores dos apelos do periódico. *O Açoute dos Despotas* mencionou a atividade das sociedades federais – de maneira genérica, é fato – como um "grupo de pressão" aos parlamentares não apenas em prol das reformas, mas também na intercessão pelos presos por opiniões políticas que tencionaram modificar a forma de governo por meio da revolta. Eram "filhos do engano ou de um demasiado amor ao País".[78]

Na Bahia, as atividades associativas de caráter federal foram divulgadas através dos periódicos *O Precussor Federal*, *O Federal sob a Constituição* e *O Genio Federal*.[79] Eles faziam a defesa do sistema federativo, contudo demonstraram diferenças importantes no tocante às propostas e idéias, além de se desenvolverem em contextos diversos. Antes, no

---

[76] Ibidem.
[77] Ibidem.
[78] Ibidem.
[79] Há também o registro do periódico federalista *O Pirilampo* de 1834, que é mencionado por Carvalho e Sodré. Contudo, nenhum exemplar foi por mim encontrado. TORRES, João Nepomuceno e CARVALHO, Alfredo de. *Annaes da Imprensa na Bahia.* 1º. Centenário, 1811 a 1911, p. 46; e SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 133.

entanto, é preciso dizer que *O Federal sob a Constituição*, semanário político que circulou na capital da província entre os anos de 1832 e 1833, não foi por mim encontrado nos centros de documentação; não sendo, portanto, alvo das análises. Sobre o periódico sabe-se que surgiu de uma dissidência da *Sociedade Federal*, sendo publicado após o término das atividades do *Precussor Federal*.[80] Segundo Braz do Amaral, o periódico "fazia propaganda das vantagens do sistema político da federação, convindo notar que nessa época se discutia na Câmara uma reforma constitucional em que havia sido proposta a federação das províncias".[81] Seu redator, Luiz Gonzaga Pao Brasil, era membro da *Sociedade Federal* e havia assumido a redação do jornal *O Precussor Federal* que, embora seja objeto de análise deste trabalho, é conhecido apenas através de três edições.[82] O periódico é a principal fonte de dados sobre a *Sociedade Federal* em 1832, ao que se agregam uma correspondência trocada entre esta e a sua congênere da Corte e algumas breves referências feitas por jornais de outras províncias do Império.

1832: SOCIEDADE FEDERAL "MODERADA"

Em 1832, somente uma ata de sessão da *Sociedade Federal* foi localizada. A reunião ocorreu em 1º de abril de 1832, não contando com todos os trinta e um sócios que a sociedade afirmava ter. Sua presidência era ocupada por João José de Moura Magalhães, presença notável que, dois anos depois, iniciaria sua vida parlamentar e exerceria duplo mandato legislativo entre 1834 e 1841.[83] Moura Magalhães também havia sido presidente da *Sociedade Federal de Pernambuco* em outubro de 1831.[84] Assumiu uma cadeira no Curso Jurídico de Olinda, depois de formar-se em Coimbra. Teria vindo para a Bahia em decorrência da censura

---

[80] TORRES, João Nepomuceno e CARVALHO, Alfredo de, op. cit., p. 43.

[81] ACCIOLI, I. *Memórias Históricas*..., op. cit., p.352.

[82] O jornal *O Precussor Federal* teve 82 edições, sendo a última datada de 31 de outubro de 1832. Em novembro do mesmo passaria a ser publicado *O Federal sob a Constituição*. Cf. TORRES, João Nepomuceno e CARVALHO, Alfredo de, op. cit., p.40-41.

[83] Na época, era possível exercer simultaneamente o cargo de deputado da Assembléia Geral e da Assembléia Legislativa Provincial.

[84] FONSECA, Silvia C. P. Brito. Federação e República na Sociedade Federal de Pernambuco (1831-1834). *Saeculum (UFPB)*, v. 14, p. 57-73, 2006, p. 57.

que sofrera pelos seus pares por não ter concluído o projeto de estatutos da Faculdade de Direito.[85]

As discussões que constam da ata referem-se às reformas no regimento interno e à eleição de um novo presidente, pois Moura Magalhães preparava sua saída. Mencionava a formação de comissões que tratariam de assuntos específicos, a exemplo da forma de arrecadação interna da contribuição dada pelos associados. Havia ainda a discussão do *Plano da Caixa de Descontos*, assunto de tamanha importância pela qual se propunha a necessidade de reuniões diárias para tratá-lo.

A *Caixa de Descontos* atuava na realização de empréstimos ao governo provincial.[86] Sabe-se que, ainda em 1831, foram anunciados na imprensa os valores das novas notas emitidas pela *Caixa de Descontos*, resultado do seu processo de liquidação.[87] As informações, contudo, são escassas, pois, não obstante a relevância do assunto, um dos associados, o senhor Duarte, defendeu que os debates deveriam ocorrer com a participação dos membros da "*Sociedade Conservadora, e Negociantes*". O assunto seria deixado para outra ocasião, uma vez que os membros da *Sociedade Conservadora* não se faziam presentes. Apesar disso, a proposta do senhor Duarte sugere a existência de proximidades entre a *Sociedade Federal* e a *Sociedade Conservadora*. Esta última que, favorável ao governo regencial e identificada aos *moderados*, era composta de membros que se opunham a Cipriano Barata.

A *Sociedade Federal* possuía dois secretários, sendo um deles Salustiano José Pedroza, que, de acordo com a imprensa da época, figurou entre os signatários de uma representação, datada de 28 de abril de 1831, que exigia que alguns homens acusados de "sedução dos escravos e da tropa" fossem "imediatamente capturados antes mesmo que as respectivas culpas se lhes forme". Os criadores da representação acreditariam que algumas pessoas punham em risco a ordem estabelecida, por terem como objetivo "a ruína do atual Sistema, que nos rege para substituir-lhe o Império do sangue, e dos horrores".[88] A representação tinha como alvo o líder político Cipriano Barata, que de fato foi preso, sendo, em seguida, mandado

---

[85] WILDBERGER, Arnold. *Os Presidentes da Província da Bahia*. Tipografia Beneditina, 1949, p. 300.

[86] TRETTIN, Alexander. *O derrame de moedas falsas de cobre na Bahia (1823-1829)*. 2008 94f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, p.69-70.

[87] *Nova Sentinella da Liberdade na guarita de S. Pedro na Bahia de Todos os Santos*, 8 de setembro de 1831.

[88] *Nova Sentinella*, 19 de junho de 1831.

ao Rio de Janeiro. Além dele, foram encarcerados o Barão de Itaparica, João Primo, José Dias e José Porfírio de Lima, sob as mesmas acusações.

Os formuladores de tal representação são identificados, pelos *exaltados* de Barata, como portadores de tendências políticas de alinhamento ao governo regencial. Destacam-se, dentre eles, alguns membros da *Sociedade Conservadora*, a exemplo de Francisco Sabino e Francisco Gonçalves Martins. Em seu periódico *O Investigador Brasileiro*, a entidade sustentou que era preciso dar um voto de confiança ao governo regencial, negando-se a apoiar uma política de oposição e conflito. À época, os defensores de Cipriano Barata, através da *Nova Sentinella da Liberdade na guarita de S. Pedro na Bahia de Todos os Santos*, travaram veementes polêmicas com Francisco Sabino, que redigia *O Investigador*.[89] Além de ocupar-se com a redação, Sabino também era secretário da *Sociedade Conservadora* e fizera parte do núcleo atuante que originou a sociedade, o *Clube do Gravatá*. Este que era considerado o principal responsável por criar a representação exigindo a prisão dos supostos ameaçadores da ordem.[90]

Outro ponto importante presente na ata, refere-se a uma comissão formada com o objetivo de encontrar um meio "de prestar algum socorro" a alguns "patrícios aflitos", como requisitado por meio de correspondência.[91] A comissão que trataria do assunto ficaria sob a responsabilidade dos "Srs. Rebouças, Pao Brasil, e Dendê Bus, entrando depois o Sr. Accioli que foi lembrado como quem entretinha relações com diversas pessoas no Pará (...)".[92] Informação que não nos permite supor que os desconhecidos "patrícios aflitos" sejam membros da *Sociedade Federal do Pará*, ao se levar em conta, segundo Moreira de Azevedo, que a criação desta ocorreria apenas em março de 1833.[93]

O auxílio em questão provavelmente seria destinado a algum núcleo de pessoas comprometidas com o ideal federalista, que não havia se constituído em associação.[94]

---

[89] A *Nova Sentinella* é equivocadamente atribuída a Cipriano Barata por Alfredo de Carvalho e por Nelson Werneck Sodré. Cf. TORRES, João Nepomuceno e CARVALHO, Alfredo de., op. cit., p.38; e SODRÉ, Nelson Werneck., op. cit., p. 121.
[90] A questão será debatida no Capítulo 2.
[91] *O Precussor Federal*, 5 de maio de 1832.
[92] Ibidem.
[93] AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de, "Sociedades fundadas no Brazil"... op. cit., p. 310.
[94] FONSECA, Silvia C. P. Brito. Federação e República..., op. cit., p.62: "Tal preocupação também se revela em relação à família de frei Caneca, desamparada após sua execução. Na sessão de 21 de março de 1832, na qual teriam prestigiado 48 sócios, o padre João Barboza Cordeiro recomenda que a Sociedade 'tomasse em

Existiram, entre os associados baianos, discussões sobre outras medidas de caráter filantrópico, a exemplo de uma proposta que se reclamava ter sido deixada de lado pela associação, que tratava da "defesa de certo [número] de presos indigentes".[95] Talvez se quisesse prestar socorro aos rebeldes federalistas detidos, camuflados sob a denominação de indigentes, no entanto, isso é especulativo demais. De qualquer modo, o caráter filantrópico é presente também na *Sociedade Federal de Pernambuco*, na qual o padre Venâncio Henriques de Resende sugeria que, à época dos festejos do dia 7 de abril, "o dinheiro que se tirasse fosse destinado aos presos da cadeia".[96]

Entre alguns membros da *Sociedade Federal*, tem-se informação de que o padre Dendê Bus comandara um grupo de voluntários durante a guerra de Independência. O sócio mantinha alguma relação com Cipriano Barata, visto que teria sido testemunha do seu casamento em 27 de agosto de 1832, quando Barata encontrava-se preso no Forte do Mar.[97] Indicativo de que a relação existente entre a *Sociedade Federal* e a *Sociedade Conservadora* não determinava uma postura de total oposição a Barata. Pao Brazil, que como fora dito redigia *O Precussor Federal*, anos mais tarde, também participou da redação do *Novo Diario da Bahia*, importante veículo de divulgação do pensamento político dos rebeldes da Sabinada. Além dele, o médico João Antunes de Azevedo Chaves, um dos dois secretários da *Sociedade Federal*, também esteve implicado nos eventos da revolta de 7 de novembro. Antunes, em 1837 ocupava uma cadeira na Câmara Municipal, e participou do momento de assinatura da ata revolucionária. Todavia, alegou que o texto da ata já viera preparado, tendo dado sua assinatura apenas por temer pela própria vida.[98]

Dado muito sugestivo é a presença do "Sr. Accioli" entre os responsáveis da comissão formada para assistência aos "patrícios aflitos". Os nomes dos participantes da sessão estão incompletos, de modo que não se pode ter certeza, em alguns casos, de quem se trata. É o caso

consideração e mandasse imprimir, por meio de uma subscrição tirada entre os Sócios, o itinerário das tropas desta Província e da Paraíba em 1824 ao interior dos Sertões do Norte, obra do Patriota Frei Caneca, aplicando seus lucros da impressão aos seus parentes mais chegados'".

[95] *O Precussor Federal*, 5 de maio de 1832.

[96] FONSECA, Silvia C. P. Brito. Federação e República..., op. cit., p. 62

[97] MOREL, Marco. *Cipriano Barata na Sentinela da Liberdade*. 1. ed. Salvador: Academia de Letras da Bahia / Assembléia Legislativa do Estado, 2001. v. 1. p. 278.

[98] LOPES, Juliana Serzedello Crespim, *Identidades Políticas e Raciais na Sabinada (Bahia, 1837-1838)*, 2008. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 82.

do "Sr. Accioli que foi lembrado como quem entretinha relações com diversas pessoas no Pará". O que nos remete ao contemporâneo Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva, que participara da guerra de Independência no Pará, tendo redigido inclusive uma *Corografia paraense ou descrição física, histórica e política da província do Grão Pará* publicada em 1835.[99]

Quando ocorreu a Sabinada, Ignácio Accioli assumiu o comando de uma das colunas responsáveis pela repressão aos rebeldes, o que por si só não depõe em contrário à possibilidade de o cronista ter sido sócio da *Sociedade Federal*, ainda mais quando se sabe que Accioli foi um dos primeiros a assinar a ata de 7 de novembro de 1837, retirando-se da capital apenas uma semana depois.[100] Paulo César Souza sugere que "ele flertou com a revolução".[101]

O Precussor Federal, se comparado a outros periódicos da época, pode ser considerado comedido e menos contestatório. As mudanças que pregava deveriam concretizar-se somente por meio da lei, não havendo sequer insinuação de que seria legítimo o recurso às armas ou à revolução em qualquer circunstância. A tônica do seu discurso era a manutenção da ordem, com reiterados trechos sobre a importância de se respeitar as leis estabelecidas:

> A primeira de todas as necessidades do nosso caro país é tranquilidade publica: sem ela não podemos dar um passo na carreira [trecho mutilado] da civilização, da liberdade civil e política e da prosperidade. Todos os esforços pois dos amigos d'este país devem caminhar a este fim (...). A ordem publica é a primeira necessidade em toda sociedade, é a condição indispensável à existência de toda a sorte de sistemas.[102]

A sua crítica mais característica referia-se ao que julgava ser uma centralização excessiva, que não permitia às províncias uma digna representação. *O Precussor Federal* considerava que "os Estados federados são os que (...) podem [se] dizer por excelência

---

[99] Lina M. B. de. *A Santa Federação*..., op. cit., p. 96.
[100] AMARAL, B. *História da Bahia*..., op. cit., p. 138.
[101] SOUZA, op. cit., p. 80. Há que se levar em consideração o fato de Ignacio Accioli ter sido membro de diversas sociedades, tais como a *Sociedade de Agricultura, Comércio e Indústria da Província da Bahia, a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional*, a *Sociedade Philomático-Chimica* e a *Sociedade Real de Antiquários do Norte*; fato, aliás, que não é incomum entre os homens da época que se dedicavam à vida pública ou às letras. Cf. Lina M. B. de. *A Santa Federação*..., op. cit., p. 96. Na *Sociedade de Agricultura, Comércio e Indústria*, Accioli assumiu o cargo de primeiro secretário, sendo a presidência exercida, à época, pelo vice presidente Miguel Calmon du Pin e Almeida. *Jornal da Sociedade de Agricultura, Commercio e Industria da Província da Bahia*, 14 de agosto de 1835.
[102] *O Precussor Federal*, 14 de abril de 1832.

representativos", uma vez que a representação dos interesses provinciais seria fundamental para existência de "uma verdadeira representação nacional". A federação, por consequência, seria indispensável para a existência de representação.[103]

Para combater o contágio do "maldito sistema de centralização", seria necessário limitar o âmbito da administração ao nível provincial, gerando mais facilmente uma dedicação dos particulares pela tranquilidade e segurança locais, pois com

> as Assembléias locais ou Provinciais, torna-se cada Província, por assim dizermos, um Estado limitado, e então conhecendo-se os particulares entre si, nem as manobras obscuras do vício, nem a modéstia da virtude poderão escapar às vistas e juízo do Público: a administração se facilitará (...) cada um se esforçará pela tranquilidade pública, e segurança das pessoas, porque é da natureza dos governos assim como de todas as outras coisas humanas, que somente se trabalha para a conservação, quando se os ama.[104]

Em um contexto de perseguição aos jornais e redatores cuja expressão se mostrava mais contundente, o periódico tencionou escapar à pecha de revolucionário e detrator da ordem, assim como também tentaram Cipriano Barata e o jornalista Ezequiel Corrêa dos Santos, figura influente da *Sociedade Federal Fluminense*.[105] A composição da *Sociedade Federal*, porém, não contava com nenhum dos líderes das revoltas federalistas da primeira metade da década, que se encontravam presos por conta da revolta de Cachoeira. Os seus argumentos não apresentavam qualquer tendência de teor revolucionário, de apelo às armas ou sequer uma linguagem mais agressiva ou ácida. A presença de tais tendências verificou-se na *Sociedade Federal da Bahia*, cujo registro é do ano de 1834. Por meio do semanário *O Genio Federal*, esta entidade divulgou suas idéias e atividades, contando com as presenças de Cipriano Barata e Guedes Cabral.

O comparativo entre *O Precussor Federal* e *O Genio Federal* evidencia que se havia apenas uma associação de tipo federativo na Bahia entre 1832 e 1834, esta contou, no decurso desses anos, com composições, finalidades, propostas e linguagens muitíssimo diferentes. Por isso as referências à associação encontrada em 1832, que se utilizava do *Precussor Federal*, é

[103] *O Precussor Federal*, 21 de abril de 1832.
[104] Ibidem.
[105] BASILE, Marcello Otávio. *Ezequiel Corrêa dos Santos*: um jacobino na Corte imperial, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2001.

aqui feita simplesmente por *Sociedade Federal*, assim como na ata de sua reunião. Já a associação encontrada em 1834 é identificada como *Sociedade Federal da Bahia*, uma vez que a ata de sua reunião, a ser analisada em seguida, trazia tal denominação. A distinção, embora possa ser arbitrária, se baseia no registro documental e visa tão somente facilitar a compreensão do leitor.

A visão sobre a *Sociedade Federal* de 1832 fora da Bahia era a de que se guiava pela legalidade, dado sugestivo de que o seu discurso era levado em consideração tal como era publicado. O periódico *O Paulista*, por exemplo, ao criticar o procedimento das sociedades federais instigadoras do povo e da tropa, através do engodo de que se tramava a restauração, afirmou que cada associação de caráter federal propunha uma forma ou um tipo de federação como meio de garantia do sossego público do país:

> Só a federação já, como querem os de Pernambuco, a federação pelos meios legais, como dizem os da Bahia, a federação pelos meios que ignoramos como tentam os da Sociedade Federal da Corte, e, a federação pelos meios da razão e da justiça como aprouver aos desta cidade, Pode-se crer nisso?[106]

Não obstante a dúvida levantada ao final, em se tratando de um periódico de oposição à *Sociedade Federal Paulista*, nota-se que a observação de que os associados baianos lutavam por reformas legais encontra-se em sintonia com a propaganda federalista publicada no *Precussor Federal*. De fato, seu discurso pode ser considerado mais comedido, sobretudo em comparação com outras sociedades federais existentes no mesmo período. A *Federal Fluminense* contava, entre os seus membros, com participantes de movimentos de rua, de povo e tropa.[107] No caso da *Federal de Pernambuco*, existia a "afinidade doutrinária de grande parte de seus associados ao ideário republicano, a despeito das diferentes trajetórias políticas que seguiriam após a dissolução da Sociedade".[108] Ademais, *O Precussor* apresentava discrepâncias entre as suas propostas e alguns itens apresentados nos manifestos das revoltas federalistas de 1832 e 1833, a exemplo do antilusitanismo que, tão intenso entre os rebeldes,

---

[106] *O Paulistano*, 6 de fevereiro de 1832 apud. WERNET, Augustin. *Sociedades políticas (1831-1832)*. São Paulo: Cultrix/Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1978, p. 124.
[107] BASILE, M. Movimento Associativo e política regencial: a sociedade federal fluminense. *Revista Universidade Rural*: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n 1, p. 96-109, jan-jul, 2007, p. 102.
[108] FONSECA, Silvia C. P. Brito. Federação e República..., op. cit., p. 72.

não encontrou eco entre os membros mais representativos da *Sociedade Federal*, como se verificará mais adiante.

As posições da *Federal Fluminense* e da *Sociedade Federal* de 1832 sobre a Constituição do Império também são aspectos importantes a serem explorados. Em correspondência trocada entre ambas, a *Federal Fluminense* afirmou a importância das sociedades federais para a realização das reformas constitucionais, justamente no momento em que os *caramurus* tentavam demonstrar que não havia necessidade de reforma alguma, tencionando convencer os mais pobres que apenas a inalterabilidade da Constituição e a conservação do sistema unitário seriam capazes de salvar o país.

Diante disso, os fluminenses teceram críticas contundentes à carta constitucional, que seria "toda cheia das fórmulas monárquicas da velha e carunchosa Europa", tendo sido "ofertada pela força das circunstâncias, e a favor da qual se extorquiram votos entre o terror das armas e das comissões militares".[109] Os federalistas fluminenses expressavam-se de maneira a contestar com veemência a legitimidade da Constituição de 1824, apontando para a inescapável necessidade de reformá-la.

Para os baianos, a Constituição precisava ser reformada em sentido federativo, contudo o Império do Brasil tinha "a vantagem imensa de gozar d'uma Lei fundamental, que encerra em si mesma o gérmen ou todas as perfeições, só por loucura ou fanatismo político se deixará d'ora em diante arrastar ao furor revolucionário".[110] Embora lutasse pelas alterações no sentido de tornar o Brasil uma monarquia federativa, a *Sociedade Federal* destacou pontos positivos da Constituição de 1824.

A diferença no modo de considerar a ameaça restauracionista por parte dos *caramurus* entre as duas entidades é também um ponto emblemático. Ainda na correspondência entre as sociedades, a *Federal Fluminense* alertou sobre o surgimento de um partido restaurador**,** que proclamaria "(...) um príncipe imoral, déspota, perjuro e ingrato, que baqueou para sempre no singular e memorável Dia 7 de Abril, depois de haver ocupado indignamente por espaço de dez anos um Trono Americano (...)".[111] A recomendação dos federalistas fluminenses perante a ameaça baseava-se no argumento de que deveria prevalecer a unidade, "com a conciliação

[109] SOCIEDADE FEDERAL, *Correspondencia entre as Sociedades Federaes das Cidades da Bahia e Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia Brazileira, 1832, p.2. Apud. BASILE, Marcello Otávio. op. cit.
[110] *O Precussor Federal*, 14 de abril de 1832.
[111] SOCIEDADE FEDERAL, op. cit., p. 2

dos partidos, a mais decidida constância na empresa começada, e a mais sincera e fraternal união entre todos os Brasileiros".[112]

O Precussor Federal colocava em dúvida a própria existência do partido restaurador. Questionando sobre quem seriam os componentes do partido, o periódico eliminava as possibilidades uma a uma:

> (...) quais seriam os homens partidários da restauração de D. Pedro I? Seriam os federalistas exaltados? É certo ninguém o dirá. Seriam os federalistas moderados? Estes também o não poderiam ser, por isso que muitos d'estes tem abraçado o partido da federação legalmente feita [trecho mutilado] conhecem, qual é o espírito público dos Brasileiros, e porque vêem, que não está na natureza das coisas, que uma revolução produza um efeito retrógrado; estes são sem dúvida os mais apreciadores do estado das coisas.[113]

Até mesmo os unitaristas foram isentados da responsabilidade de formação do partido restaurador. Dividindo-os em duas categorias, o periódico os classificava: "Destes uns são partidários zelosos do presente Governo"; outros eram inimigos "não de D. Pedro 2, porém do Ministério, e dos Regentes".[114] Por fim, a afirmação contundente e flagrantemente oposta, em comparação com a crença dos associados da *Federal Fluminense*: "a existência de um partido restaurador no Rio de Janeiro, é uma falsidade das mais palpáveis".[115]

O argumento do *Precussor* revelava outros aspectos importantes, pois os "federalistas moderados" se identificavam com o discurso da *Sociedade Federal*, na medida em que a mesma também defendeu que a federação fosse implantada através das leis, sendo contrária aos expedientes revolucionários. A associação apresentou contornos que permitem aproximá-la dos *liberais moderados*, mantendo, inclusive, boas relações com a *Sociedade Conservadora*, que também se considerava uma entidade *moderada*. Já em relação aos *liberais exaltados*, que podem ser bem representados por Barata e seus seguidores, a entidade não apresentou muitos pontos de contato, além de uma genérica defesa do federalismo.

---

[112] Ibidem.
[113] *O Precussor Federal*, 21 de abril de 1832.
[114] Ibidem.
[115] Ibidem.

O combate que Cipriano Barata travou na imprensa em relação aos *caramurus* é bastante ilustrativo a respeito. Transferido para prisão do Forte do Mar em 1832, Barata opinou sobre o assunto:

> Devemos preparar-nos, pois as Províncias do Norte andam a braços com os servis *restauradores*. E no Rio de Janeiro fala-se publicamente que o ex-Tirano pretende voltar, como fazem todos os monstros que têm abdicado. E na Bahia e Recôncavo corre a fama que existem muitos *Caramurus restauradores*. Enfim, o tempo é de revoluções. Pede a prudência que nos preparemos, armando o nosso valente povo patriota que bateu o Madeira e se acha pronto a defender a Pátria.[116]

Após sustentar a crença na existência de intenções restauradoras na Bahia, o líder político observou que as circunstâncias exigiam um povo armado, a exemplo da época das guerras de Independência.

Assim como Cipriano Barata, os federalistas fluminenses deixaram transparecer alguma inclinação para a atividade revolucionária, mesmo que aparentemente apregoassem uma atmosfera de respeito às leis. O descompasso existente entre as entidades federais da Bahia e da Corte é notório. Em março de 1832, o periódico *A Malagueta* isentou a *Federal Fluminense* de participação em atos revolucionários: "a Sociedade Federal jamais tomará parte como corporação em qualquer ato revolucionário (...)". A ressalva, logo em seguida, era acompanhada de um chamado de atenção para a liberdade de ação de seus integrantes, já que, enquanto cidadãos, eles poderiam tomar parte, individualmente, em tais atos, "desde que a SOBERANIA DO POVO entenda que só por meio de uma revolução é que se pode salvar a Independência, e Liberdade da Pátria".[117]

O Precussor, entretanto, sustentou posição de franca oposição às revoluções, que eram consideradas "uma loteria, em que infinitamente mais probabilidades há de perda, que de ganho dos interesses públicos", sendo preferível "darmos, se necessário for o nosso sangue pela manutenção das Leis do nosso país e opor-nos às revoluções, pois que delas não nos podem vir senão desgraças públicas d'ora em diante (...)".[118] Após a revolução de 7 de Abril,

[116] BARATA, Cipriano. *A sentinela da liberdade e outros escritos (1821-1835)*. Organização e edição: Marco Morel. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 851.
[117] *A Malagueta*, 24 de março de 1832. Apud.
[118] *O Precussor Federal*, 14 de abril de 1832.

ou seja, com os movimentos que levaram a abdicação do Imperador, a postura a ser tomada era de oposição às práticas revolucionárias, por serem consideradas muito arriscadas. Nas "revoluções tanto se armam os homens santos, como os furiosos, e tanto os bons como os malvados (...)".[119] A revolução deveria ser completada e encerrada, tal qual pensavam os *moderados*. As correspondências entre os associados da Corte e os da Bahia representavam, de ambas as partes, as tentativas de união de forças em prol das reformas federativas, o que não quer dizer que existisse compatibilidade na maioria das posições políticas assumidas.[120]

Em 1832, o Senado discutiu as propostas elaboradas na Câmara de Deputados sobre as reformas da Constituição. Os deputados propuseram a alteração da vitaliciedade dos senadores, com o objetivo de tornar o Senado uma casa temporária, onde se renovaria um terço dos seus membros a cada dois anos. Ao tempo que os senadores tratavam da matéria, *O Precussor* fez considerações sobre o papel do Senado, defendendo a sua existência. O Senado não seria apenas uma casa aristocrática com a finalidade de sustentar a monarquia, mas um expediente necessário e útil para a limitação do poder, para que este se adequasse às exigências de liberdade, pois "o poder entregue a si, aos seus caprichos, não sendo contido pela sabedoria das instituições sociais, é levado ao arbitrário pela mesma natureza das coisas (...)".[121]

A atividade senatorial seria importante para impedir ou, ao menos, limitar a concentração de poder. Ademais, seus "elementos Aristocráticos" teriam como finalidade "servir de antemural ao trono e [ao] povo". Partindo do princípio de que o povo teria mais força e "mais calor que o trono", a Câmara dos Pares "para compensar esta desigualdade, [é] organizada de tal sorte que vêm a ter uma inclinação natural para o trono".[122] A importância dos seus elementos aristocráticos, capazes de repreender as paixões humanas, converge na mesma direção do insistente uso de argumentos sustentados pela *Sociedade Federal*, pela manutenção da ordem e pelo sossego público. Entretanto, a defesa do Senado é feita sob a justificativa de que entre os estadunidenses a instituição assumiria papel relevante na promoção da liberdade. Para *O Precussor*, a idéia unicameral, que inicialmente se estabeleceu entre os estadunidendes, foi abandonada porque essa forma de organização do legislativo:

[119] Ibidem.
[120] MOREL, Marco. *Cipriano Barata*..., op. cit., p. 245.
[121] *O Precussor Federal*, 5 de maio de 1832.
[122] Ibidem.

> (...) não preenche o fim da representação Nacional nos Estados cujo território é bastante extenso; porque nestes Estados há uma luta de interesses de tal transcendência, que a maior parte dos Deputados não estão sempre ao alcance deles para bem compreendê-los.[123]

Ao contrário dos Deputados, que seriam originários "das classes, cujo contato é mais imediato com a massa geral", os senadores "são escolhidos da classe dos homens cuja posição os tem posto na aquisição dos conhecimentos da estatística geral, dos interesses que ligam as grandes divisões territoriais". A preocupação também estaria ligada à possibilidade de se prejudicar o interesse nacional por motivações locais, sendo as últimas, características dos deputados, pois estes, por estarem "mui concentrados nos círculos de suas decisões, mais ou menos limitadas, podem bem extremar os interesses locais aos interesses Nacionais".

A *Sociedade Federal* procurou demonstrar que o Senado atuaria sobre os interesses das grandes divisões territoriais, a exemplo dos Estados Unidos da América, onde os senadores atuariam como representantes dos estados federados, não sendo eleitos de acordo com a proporção de habitantes de cada unidade federativa.[124] O argumento do equilíbrio dos poderes e da preservação da liberdade é considerado o mais importante, justificando a divisão do corpo legislativo, pois dela "resulta o equilíbrio dos poderes, inexpugnável parapeito da Liberdade (...)".[125]

A casa vitalícia funcionaria como uma barreira para impedir as tentativas de ação contrárias ao interesse geral, pois, segundo *O Precussor*, a "Câmara dos Deputados pela mesma natureza de sua organização [teria inclinação] para o demagogismo, assim como o poder Executivo para o absolutismo (...)".[126] Através do paralelo entre os Estados Unidos e o Império, confirma-se não apenas a influência da federação estadunidense entre os propositores do sistema federativo na Bahia, como se demonstra que a defesa do Senado era feita não apenas por servir de escudo da monarquia:

> Nem se diga que o Senado é uma instituição Aristocrática, cujo fim é somente servir de apoio a Monarquia; porque nos Estados Unidos, onde a

[123] Ibidem.
[124] Ibidem.
[125] Ibidem.
[126] Ibidem.

> realeza não existe; onde o poder Executivo quase nenhuma ingerência tem no Corpo Legislativo: julgou-se necessária a Liberdade a existência do Senado.[127]

Um mês após a publicação do *Precussor* em defesa do Senado, o Marquês de Caravelas se expressou em termos semelhantes na sua defesa pela vitaliciedade:

> O Senado é posto, portanto, na Constituição como uma garantia da Nação, e é como tal, o que eu o defendo, não temo ser argüido por isso. Por outra parte, o Senado defende também os direitos da Coroa, não em benefício do Monarca, porque as regalias, que se lhe concedem, não são para o seu cômodo, mas para o bem da Nação (...) [é] dado ao Senado zelar, tanto os interesses da Nação, como os da Coroa, se o Monarca pretender exorbitar das suas atribuições, em prejuízo dos interesses nacionais. O Senado, pela posição em que está colocado impede o progresso deste abuso, restabelecendo o equilíbrio dos Poderes; se, porém se apresentar uma torrente popular contra os interesses da Coroa, o Senado opõe uma barreira forte, e embaraça a que esta torrente progrida.(...) Se ele fosse eleito simplesmente como o é a Câmara de Deputados e temporário como ela, haveria diferença entre uma e outra Câmara? Nenhuma, certamente, não tínhamos verdadeiramente mais que uma só Câmara, isto é, o absolutismo popular, porque nada havia que embaraçasse os efeitos de uma facção, que nessa Câmara única se introduzisse, e que teria uma força enorme apoiada pela grande massa; nada havia que fizesse face à demagogia, e a autoridade do Monarca desapareceria.[128]

O Marquês de Caravelas e *O Precussor Federal* comungavam a perspectiva de que o Senado servia como importante salvaguarda do trono, diante do perigo representado pelo "calor" do povo, pela "força" da "torrente popular". A unicameralidade é também vista de maneira negativa por ambos, pois levaria à vigência de uma demagogia e, consequentemente, à falta de reciprocidade entre os poderes. Ao falar sobre o Senado, a *Sociedade Federal* não escreveu uma palavra sequer em defesa da aprovação da lei que visava torná-lo uma casa temporária. Ao contrário, apresentou pontos de contato com o principal responsável pela redação da Carta Magna de 1824. Um hábil defensor da vitaliciedade do Senado, atuante na supressão e alteração de alguns artigos do projeto de reforma federativa, quando este foi submetido à análise dos senadores.

---

[127] Ibidem.
[128] *Anais do Senado*. Sessão de 18 de junho de 1832.

A exposição justificando a existência do Senado, instituição que, embora muito criticada, era vista pelos federalistas como um órgão importante para a representação das províncias, ocorreu poucos meses depois da sugestão feita às municipalidades e sociedades, pela *Sociedade Promotora do Bem Publico* de Vila do Príncipe em Minas Gerais. Esta associação, dirigida por Teophilo Ottoni, redigiu uma representação que visava excluir o Senado da votação da reforma constitucional.[129] Ainda que a maioria dos deputados, inclusive os *moderados*, defendesse que, apenas à Câmara de Deputados caberia atuar como constituinte na aprovação das reformas constitucionais, o Senado não fora excluído por completo do processo, uma vez que discutiu e alterou artigos propostos pelos deputados.

A experiência da *Sociedade Federal*, captada, sobretudo, através das páginas do *Precussor Federal*, apresenta uma defesa da federação bastante comprometida com a manutenção da ordem e do sossego público, contrária aos expedientes revolucionários. Na verdade, nem os periódicos mais radicais do período defendiam atos de rebeldia de maneira aberta. No entanto, a linguagem da *Sociedade Federal* é menos enfática em comparação com a da *Federal Fluminense*, de Ezequiel Corrêa. Também não foram encontrados sinais de afinidade com a proposta de governo republicano, o que se verificou no caso do periódico *O Federalista*, que divulgava as atividades da *Federal de Pernambuco*.[130]

Ao tempo que se publicou *O Precussor*, ocorreu intensa atividade rebelde na Bahia. Depois da revolta federalista de 1831, Guanaes Mineiro liderou a proclamação de uma federação na província em fevereiro de 1832. Ao que tudo indica, a *Sociedade Federal* manteve sua linha de ação baseada principalmente no debate pela reforma constitucional, não expondo vínculos com a ação rebelde nem apresentando afinidades com certas concepções políticas. Há possibilidade, não comprovada, de que a associação tenha intercedido pelos

---

[129] O periódico *Astro de Minas*, de 18 de março de 1832, publicou a Representação feita pela *Sociedade Promotora do Bem Público*: "À vista disto julga a Sociedade Promotora do Bem Público, que os Brasileiros devem prevenir o caso, de que o Senado não anua ao projeto de reformas aprovado na Câmara dos Deputados; parecendo-lhe mais, que neste caso seria contradição admitir os votos dos atuais Senadores para as reformas, que se houverem de fazer; e firmada nestas razões deliberou convidar a todas as municipalidades, e Sociedades patrióticas não só desta como das outras Províncias, para que no caso de que até o dia da convocação da futura Assembléia Legislativa não tenha ainda passado, ou tenha sido rejeitado no Senado o projeto das reformas Constitucionais se esforcem em comum acordo para que nos respectivos círculos eleitorais se dêem poderes constituintes aos futuros Deputados para reformarem a Constituição..., fazendo a reforma independente do Senado; (...)". apud. SILVA, Wlamyr. Esmagando a Hydra da discórdia: o enquadramento do pensamento exaltado pela moderação mineira. *História,* São Paulo, v. 25, n. 2 p. 214-227, 2006, p. 216.

[130] FONSECA, Silvia C. P. Brito. Federação e República..., op. cit., p. 65.

rebeldes detidos como fez *O Açoute dos Déspotas*. A opinião da *Sociedade Federal* em relação aos portugueses, contudo, é muito significativa para demonstrar suas incompatibilidades em relação aos manifestos das revoltas federalistas.

O antilusitanismo encontrou eco em boa parcela da população do Império desde a década de 1820, exercendo influência significativa entre os militares. Em 1831, a Bahia viveu um dos períodos mais agudos de antilusitanismo, fortalecido pelos movimentos políticos em prol da abdicação de D. Pedro I. Diversos episódios dessa natureza ocorreram naquele ano, abrangendo a capital da Província e o Recôncavo, "tirando a tranquilidade dos governantes e gerando reações dos grandes proprietários", que lamentavam a expulsão dos lusitanos utilizando o argumento de que as finanças locais ficariam debilitadas, uma vez que a maior parte dos grandes comerciantes era de origem portuguesa.[131]

Na imprensa, A *Nova Sentinella* incentivava a expulsão de portugueses, opondo-se frontalmente aos que agiam em sentido contrário e defendiam a permanência dos *marotos* no país. Em uma de suas edições, a gazeta, que reunia os seguidores de Cipriano Barata, citou o *Diario de Pernambuco*, que afirmava a respeito dos portugueses: "a maioria é boa e até é perseguida pelos portugueses seus Patrícios", classificando-os da seguinte maneira:

> (...) entre os que cá estavam, ou estiveram, uns importam-se só com a sua vida, ninguém lhes quer mal; outros ajudam-nos a defender a liberdade, e todos os estimam: outros finalmente perseguem-nos, aborrecem-nos gratuitamente; esses devem contar com o ódio dos Brasileiros (...).[132]

Para o redator da *Nova Sentinella*, no caso da Bahia, não se verificava a mesma classificação, pois que

> (...) destes últimos [os que perseguem os brasileiros] conhecemos na Bahia inumeráveis, quando dos primeiros, e segundos muito poucos conhecemos, e temos aliás, a provável razão de inferirmos do modo de obrar d'esses muitos, que são maus, a opinativa ilação genérica moral de que a maior parte são naturalmente nossos inimigos".[133]

---

[131] ARAÚJO, Dilton Oliveira de. *Antilusitanismo: a que (será que) se destinava na Bahia do Século XIX*. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_II/dilton_oliveira_de_araujo.pdf, acesso em: março de 2011.
[132] *Diario de Pernambuco* apud. *Nova Sentinella*, 16 de junho de 1831.
[133] Ibidem.

Do texto, pode-se estabelecer uma inferência talvez não muito relevante. O *Diario de Pernambuco* foi o periódico responsável pelo anúncio e convocação do povo para instalar a *Sociedade Federal de Pernambuco* em outubro de 1831.[134] O seu primeiro presidente foi o já mencionado, Moura Magalhães, que assumiria, no ano seguinte, a presidência da *Sociedade Federal* existente em Salvador. A postura moderada diante da presença portuguesa no país, tanto na *Sociedade Federal* quanto no *Diário de Pernambuco* pode ser, em alguma medida, fruto da influência de Moura Magalhães.

O mais relevante, porém, é notar que os rebeldes de Cachoeira, ao apresentarem o motivo pelo qual decidiram recorrer às armas e proclamar a federação, escreveram: "os habitantes da nossa capital, em outros lugares se acham oprimidos pelo presente Governo da Província pelos Portugueses seus sequazes, e pelo partido ruinoso do Governo do Rio de Janeiro".[135] Vários artigos do manifesto referiam-se aos portugueses. Em um deles, os rebeldes exigiam a deportação de portugueses que fossem considerados inimigos do Brasil: "O Povo quer que também sejam deportados aqueles portugueses que, ainda sendo casados, foram reconhecidos inimigos do Brasil, desde a sua independência".[136] Enquanto isso, *O Precussor* defendia os lusitanos, afirmando que estes não tinham razões para agir de maneira ameaçadora ao país:

> (...) quem não vê, que os Portugueses são do partido das garantias, isto é, do seu próprio comando, da sua segurança e tranquilidade? Que eles não desejam mais do que, que os deixe viver em paz, cuidando do seu comércio, e educando os seus filhos para estes virem a ser o que eles não poderão fazer-se, isto é, para se instruírem, e representarem na cena política? Os Portugueses só poderiam ser restauradores, se o Governo também fosse, porque é da ordem pública, que eles podem esperar o bem, que desejam. É revoluções que eles temem, porque delas se lhes pode vir a perda de seu comércio. Assim, bem longe de desejarem desordens publicas, eles só aspiram a viver em sossego. Pouco lhes importa que seja esta, ou outra forma de Governo; que seja federativa ou unitária; eles só suspiram pelo Governo das Leis, só querem, que estas tenham vigor, para conter o furor revolucionário. Isto é uma verdade de toda evidência. Os Portugueses não querem mais, do que o bom andamento do seu negócio; querem somente; que se esqueçam d'eles, e desejariam que o Brasil fosse tão feliz, que pudesse

[134] FONSECA, Silvia C. P. Brito. Federação e República..., op. cit., 57.
[135] Arquivo Nacional, IJ^707. ACCIOLI, I. *Memórias Históricas*..., op. cit., p. 354-356.
[136] Ibidem.

> ajudar o infeliz Portugal à derrubar o monstro que tem degradado e vilipendiado a Nação Portuguesa".[137]

Apesar das limitações documentais, é possível afirmar que a *Sociedade Federal*, em um contexto de discussões parlamentares sobre as reformas, preconizou a aceitação do convívio com os portugueses, diferentemente do redator da *Nova Sentinella* – líder da revolta federalista de 28 de outubro de 1831 – e dos rebeldes de Cachoeira.

As posições políticas exercidas não eram unânimes, o que pode ter provocado a dissidência da associação, com o fim do *Precussor Federal* e o advento do *Federal pela Constituição* – que, por não ter sido encontrado, não foi objeto de análise, impedindo a realização de considerações sobre a tendência política prevalecente. Informação que deve ser levada em conta é a data do último exemplar do *Precussor Federal*, que é de 31 de outubro de 1832, poucos dias depois da lei de 12 de outubro do mesmo ano. A aprovação da lei foi um passo no sentido de concretizar as reformas constitucionais. No entanto, para os que desejavam mudanças mais profundas, foi motivo de frustração das expectativas, sobretudo para os que teriam suportado temporariamente uma postura mais branda, acreditando que as modificações legais atenderiam suas aspirações. Talvez isso tenha sido um incentivo à dissidência da *Sociedade Federal*. De qualquer modo, não há indícios de que a dissidência tenha criado um núcleo de sócios mais dispostos à prática revolucionária ou mais críticos.

1834: SOCIEADE FEDERAL "EXALTADA"

Aos que aspiravam por mudanças mais radicais, houve um contexto mais adequado, o da *Sociedade Federal da Bahia*, registrada em 1834, cuja composição contou com figuras como Cipriano Barata e Guedes Cabral. O semanário *O Genio Federal* era o órgão difusor da entidade. Seu primeiro número é de junho de 1834, trazendo a publicação de uma ata de sessão extraordinária, datada de 22 de maio do mesmo ano. Dentre os seus sócios não se encontrou ao menos um que estivesse presente na reunião da *Sociedade Federal* de 1º de abril

[137] *O Precussor Federal*, 21 de abril de 1832. O monstro ao qual se referiu o jornal era D. Miguel, irmão de D. Pedro I, que disputava o trono português.

de 1832. É um indicativo de que tais associações são diferentes em matéria de composição o que também pode ser atestado pela diferença nas posições políticas divulgadas por ambas.

A *Sociedade Federal da Bahia* defendia a "República Federativa", distanciando-se das comedidas concepções do *Precussor*. Na ata da reunião extraordinária, discutiram-se assuntos internos, a exemplo da reforma dos estatutos e de mudanças de membros na comissão que tratava da publicação do periódico. A reunião contou com dezenove sócios, dentre os quais o jornalista Guedes Cabral que, além de ter participado das revoltas federalistas da primeira metade da década, foi um atuante redator de jornais no período das regências, com *O Democrata*, assim como nos anos seguintes, com *O Guaycuru*, cujos registros se encontram durante a década de 1840.[138]

O presidente da *Sociedade Federal da Bahia*, Jerônimo Ribeiro Neves, foi Conselheiro das Ordens Imperial do Cruzeiro e de Cristo, ocupando o cargo de escrivão na Casa da Moeda da Bahia.[139] Era irmão do deputado Manoel Maria do Amaral, responsável pela elaboração da emenda, descartada nas discussões, que tornaria o Brasil uma monarquia federativa. Ao que tudo indica, sua família exercera expressivo papel no comércio colonial.[140] Era sobrinho de Jerônimo Ribeiro Neves e filho de Francisco Ribeiro Neves, ambos comerciantes portugueses envolvidos no comércio colonial de grosso trato. Não se tem muitas informações sobre o motivo que o levou à presidência da *Sociedade Federal da Bahia*, pois, aparentemente, não teve vida política expressiva e buscava algum tipo de prestígio social que compensasse sua relativa decadência econômica.[141]

O que há de mais importante na ata é a publicação de uma carta de despedida escrita por Cipriano Barata. Os sócios decidiram que escreveriam uma carta de resposta e que também seria nomeada uma comissão para se despedir de Barata, que teria como destino a Província de Pernambuco. Para a comissão, foram nomeados "os Srs. Mondim, Guedes Cabral, Esteves, Santos e Firmino". O motivo para a "expatriação" de Barata seria a perseguição sofrida por parte de seus inimigos, principalmente aqueles do "clube conservador do Gravatá". Barata dizia-se associado, esperando de Pernambuco "as ordens da Sociedade".

[138] ARAÚJO, Dilton O. *O Tutu da Bahia*: Transição conservadora e formação da nação (1838-1850). Salvador: EDUFBA, 2009, p. 168.
[139] Arquivo Público do Estado da Bahia/Seção Judiciária. Inventários. Classificação: 04/1905/2376.
[140] CARREIRA, Ernestina. "O Comércio Português no Gujarat na segunda metade do século XVIII: as Famílias Loureiro e Ribeiro", Lisboa, *Mare Liberum*, nº 9, 1995, p. 83-94.
[141] Arquivo Público do Estado da Bahia/Seção Judiciária. Inventários. Classificação: 04/1905/2376.

Além disso, se comprometia com os pagamentos devidos: "logo que chegue, e puder, mandarei pagar as pensões que devo, e houver de dever, pois sempre continuarei a ser membro de tão digna Corporação, a qual Deus Guarde eternamente". Antes de sua assinatura, Barata declarava: "sou da Ilustre Sociedade Sócio obrigado e firme".[142]

A comissão foi enviada e, discursando antes da partida do "Herói Baiano", agradeceu aos serviços prestados por ele na vida pública, considerando-o "um dos primeiros Campeões das Públicas Liberdades", ao que respondeu Cipriano Barata: "retribuo pela mesma maneira com quem me achará pronto para perceber as suas ordens, d'onde serei fiel em satisfazê-la".[143] *O Genio Federal* prossegue historiando a perseguição que Barata teria sofrido desde 1831, quando fora preso por ser injustamente acusado de tramar uma república de negros. Depois foi feito um elogio ao "Patriarca da Liberdade Americana", colocando-o no mesmo rol de importantes figuras da política no continente: "seus ignóbeis e envilecidos adversários verão um dia a Pátria agradecida colocar o nome de Barata ao lado dos Franklins, Washingtons e Bolivares, nomes respeitáveis, que fazem a honra das suas idades (...)".[144]

Publicada pela *Typographia Patriótica-Federal*, no dia de quinta feira, a primeira e única edição encontrada do semanário anunciou expressamente o seu pretendido papel:

> O Genio Federal, como órgão da Sociedade Federal da Bahia" fará o possível para "difundir por todas as classes idéias claras e exatas da Reforma Federativa, e sua utilidade, os princípios da moral pública, e a prática das virtudes individuais e sociais (...).[145]

O semanário mencionava também "o amor a Liberdade e da honra, a obediência às leis justas, o respeito às autoridades legítimas, e o imprescritível direito de resistir à opressão e à tirania". Não seriam obedientes a qualquer lei ou a qualquer autoridade, mas àquelas que fossem justas e legítimas, segundo os seus próprios critérios.[146] Além de publicar os trabalhos escritos pela sociedade, o semanário, autoproclamava-se jornal da oposição, e estaria disposto a pugnar "sempre pelos direitos do Povo contra os excessos do Poder".[147] Note-se que não se

---

[142] *O Genio Federal*, 5 de junho de 1834.
[143] Ibidem.
[144] Ibidem.
[145] Ibidem.
[146] Ibidem.
[147] Ibidem.

colocou entre os objetivos da associação o exercício de algum tipo de pressão sobre o Poder Legislativo para a garantia da reforma federativa que se encontrava em votação.

Em janeiro de 1834, Cipriano Barata replicou aos que defendiam a federação apenas por meio legal e debaixo "do plano do costume e direção dos interessados nas atuais desordens e direitos da Constituição (...)".[148] Questionando se seria preciso esperar "o último passo da nossa perdição" para aplicar o remédio, ou seja, a federação, Barata levantava a possibilidade de os *caramurus* agirem antes da aprovação da reforma federativa: "E quem sabe o que farão os Caramurus restauradores daqui até lá?".[149] Na ocasião, o líder político defendeu, abertamente, que o direito à resistência armada estaria acima da Constituição:

> Quando uma nação se vê perdida por culpa de egoístas e pouca lealdade dos que governam, é dever dos bons Cidadãos tirá-la do perigo, pois a segurança do Povo ou bem público, sobrepuja ou exceda a Constituição, esta em tal caso não pode ter efeito total. Por isso que as molas do Governo se acham destruídas pela mesma potência que as devia reforçar. É então que o *povo soberano verdadeiro* pode obrar em seu próprio benefício.[150]

Ao concluir o único artigo do exemplar, o autor pontuou mudanças necessárias, sem as quais a federação seria um engodo:

> Será tirania insuportável querer enganar-nos com federação *sem anular vários tributos e diminuir outros*, etc.
> Será tirania revoltante não dar às Províncias a autoridade de nomear o povo os seus Presidentes, Comandantes Militares, Bispos, Magistrados e outros empregados, e todos os responsáveis em suas respectivas Províncias perante os Jurados, etc.
> Será tirania não embaraçar o saque de letras extraordinárias, pois é tolice de escravos trabalhar para o Rio de Janeiro absorver e dissipar, etc.[151]

As mudanças apontadas como necessárias não estiveram previstas nos debates em torno do Ato Adicional, de modo que sua aprovação em agosto de 1834 não as introduziria. Com efeito, Barata se pronunciava de maneira crítica à reforma que se avistava e por isso defendia o direito à resistência. Além disso, o líder político sinalizou para uma série de circunstâncias que estariam se desenvolvendo no país que impediriam o advento de uma

---

[148] BARATA, Cipriano. *A sentinela da liberdade e outros escritos*..., op. cit., p. 857.
[149] Ibidem.
[150] Ibidem.
[151] Ibidem, p. 862.

verdadeira federação. Circunstâncias que longe de serem matérias constitucionais, passavam mais pela vontade daqueles que ocupavam os cargos políticos:

> Será tirania deixar Marotos armados, pois valem o mesmo que tropas estrangeiras para nos dominarem.
> Será tirania admitir enxurrada de Marotos novatos para nos absorverem o comércio e a sopearem.
> Será tirania deixar que os Ingleses com a política da Europa nos dominem e negociem em retalho.
> Será tirania ter morgados estrangeiros em nossa terra.
> Será tirania nos deixarem estar armados para sermos respeitados de todos e ficarmos desassombrados à restauração, etc. etc.[152]

Assim como Barata, os sócios da *Sociedade Federal da Bahia*, considerando-se "votários da Liberdade Republicana", eram defensores da realização de mudanças radicais. Defendiam a necessidade de "uma reforma, (...) pronta e completa, no sentido Federativo, modelada pelas Instituições, que fazem a ventura dos Americanos do Norte, do México e Guatemala".[153] Para eles, não se tratava simplesmente de se contrapor ao regime unitário, pois os doze anos de experiência demonstraram a necessidade da "Federação". O "sistema monárquico unitário, (...) destruidor de toda espécie de direitos e Liberdades públicas", teria como composição "elementos de desordem", entre eles se enumera "uma centralização odiosa e infame, que entorpecendo as molas do Corpo político, reduz as Províncias todas as outras tantas colônias escravas do Rio de Janeiro".[154]

Outros fatores também foram colocados sob a responsabilidade do sistema unitário, a exemplo da corrupção dos magistrados, dos tratados firmados por D. Pedro I, "que nos vão entregando a sórdida avareza d'Inglaterra e de todos os Gabinetes d'Europa", dos tributos "enormes e tirânicos" e dos portugueses nacionalizados, "sempre em posição ameaçadora".[155] Em síntese, todos os problemas eram frutos do sistema de centralização e, em um só golpe, a reforma do arranjo institucional em sentido federativo seria o principal a se fazer pelo bem da causa pública, mas não as reformas que se avizinhavam em agosto de 1834. O Senado não

---

[152] Ibidem, p.863.
[153] *O Genio Federal*, 5 de junho de 1834.
[154] Ibidem.
[155] Ibidem.

ficou imune às críticas, sendo os senadores vitalícios considerados “todos aristocratas e soberbões, todos divorciados da nação, por espírito de classe, e por seu privado interesse”.[156]

O Genio Federal também divulgou uma obra que advogava os benefícios da república federativa, chamada *Cartas de um Americano, sobre as vantagens dos Governos Republicanos Federativos*. A *Sociedade Federal da Bahia* desejava imprimi-la, no entanto, por não ser possível e “a fim de que a população desta Província não fique absolutamente privada da leitura de um tão interessante escrito”, o semanário pretendia publicá-lo proporcionalmente nas edições seguintes.[157] A obra se constitui de nove cartas, escritas entre dezembro de 1825 e o início de 1826, que expunham as vantagens da república federativa em relação às repúblicas unitárias existentes no continente americano, em um constante diálogo com as posições do jurista chileno-peruano Juan Egaña Risco, participante do processo de independência do Chile e redator da Constituição de 1823, após a queda de Bernardo O´Higgins.[158]

Egaña Risco era um crítico da república federativa, que, segundo o autor de *Cartas de um Americano*, teria alcançado sua máxima representação nos Estados Unidos da América, assim como no México e na Guatemala, que adotaram os princípios apresentados em *The Federalist*. Daí a proposta de reforma divulgada no semanário ter como inspiração esses países. Ao que tudo indica, tal obra exercera considerável influência no pensamento dos sócios.

O discurso da *Sociedade Federal da Bahia* tem caráter bastante agressivo, diferente da posição apresentada no *Precussor*, que não se manifestava incisivamente nas críticas e, muito menos, se compatibilizava com os princípios republicanos. É certo que a conjuntura no tocante aos debates pela reforma constitucional também havia mudado. Enquanto a *Sociedade Federal* de 1832 almejava exercer influência nos debates parlamentares; a *Sociedade Federal da Bahia* parecia apostar, àquela altura, em uma apologética da república federativa que o Ato Adicional não instauraria.

O descontentamento, contudo, não surgiu apenas com o Ato Adicional em 1834. O processo de debates já revelava que as mudanças não iriam tão longe como desejavam alguns.

---

[156] Ibidem.
[157] Ibidem.
[158] É possível que a obra também tenha sido divulgada por Guedes Cabral no jornal *O Guaycuru*: “A partir de julho de 1845, o *Guaycuru* passou a publicar um conjunto de 12 longas cartas que explicavam o funcionamento do sistema republicano de governo”. ARAÚJO, Dilton O., op. cit., p. 221. No entanto, a quantidade de cartas é diferente da edição de 1826, que possui apenas nove cartas.

A partir de 12 de outubro de 1832, a lei estava basicamente definida – sofrendo algumas alterações quando da sua futura votação –, já sepultando as aspirações dos mais radicais de verem suas demandas contempladas legalmente. Um panfleto, provavelmente de dezembro de 1832, convocando o povo às armas, para que se proclamasse o quanto antes a "Santa Federação", expressou o descontentamento com o processo de reformas:

> As armas, as armas Brasileiros!!! Não tardeis um momento a proclamardes a Santa Federação. A nossa Liberdade está perdida! Os traidores e caramurus, unidos com a marotada estão prestes a devorar-nos. Saí a campo, e não temais que se vos não unam os Patriotas!! Não consintais que os malvados moderadores apoio dos marotos proclamem, como intentam, uma federação aristocrata para nos escravizarem com um Ditador.... É tempo de acabar os traidores, basta de sofrimento! Baianos, com a vossa reconhecida coragem mostrai que sois dignos da Liberdade!!! As armas: levemos a ferro, e fogo os tiranos, os traidores e os marotos; e no meio da carnagem gritai. Viva a Federação Liberal; Viva a Pátria; Vivam os bons Brasileiros; e morram os traidores.[159]

A "federação aristocrata" citada no panfleto é uma referência à lei de 12 de outubro de 1832, resultado dos debates em torno da proposta de Miranda Ribeiro, de outubro de 1831, que seria discutida e aprovada definitivamente apenas na legislatura seguinte (1834-1837). Na opinião dos panfletários, a reforma caminhava em uma direção não desejada, conduzida pelos deputados *moderados*.

Em agosto de 1832, o Senado remeteu à Câmara o projeto de lei, com diversas alterações: o artigo que tornaria o Império uma monarquia federativa foi rejeitado; a vitaliciedade do Senado, o Poder Moderador e o Conselho de Estado foram mantidos. Há o surgimento de um impasse cuja solução se encontrou na reunião das duas casas legislativas para a apreciação da matéria, tendo como resultado a lei de outubro de 1832. Com esse acordo, algumas mudanças impostas pelo Senado, apontadas acima, foram aceitas. A Câmara de Deputados, porém, não abriu mão de todos os pontos.

A mudança de composição do executivo – em caso de vacância do trono – de uma Regência Trina para a Regência Una, constava da lei, e parece ter sido um dos alvos do panfleto. O regente uno seria o "ditador" que escravizaria os brasileiros através da "federação aristocrata"; ainda mais que a modificação originária criaria um procedimento eleitoral para os

[159] Arquivo Nacional IJ ^707.

regentes que se basearia nas assembléias provinciais. Estas seriam as responsáveis pela escolha do regente. Somente na redação final decidiu-se que a eleição do regente uno se daria através dos eleitores de todo o Império. Portanto, para aqueles que escreveram o panfleto, a eleição do regente por assembléias provinciais, como fora definida em 1832, consagraria restrição ainda maior da esfera de decisão política.

A insatisfação com as reformas é facilmente constatável por tais manifestações, assim como pela ação da *Sociedade Federal da Bahia*, que se prolongou até, no mínimo, novembro de 1834, um mês depois da promulgação do Ato Adicional. O último registro da associação deve-se ao periódico *O Democrata*, que circulou entre 1833 e 1836, também redigido por Guedes Cabral. Suas páginas permitem compreender de que maneira os ideais republicanos se relacionavam ao federalismo. O redator faz menção à *Sociedade Federal da Bahia* em uma edição – na qual afirmava ser um membro diplomado –, ao responder a um ataque feito por Lopes Gama, redator do periódico pernambucano *O Carapuceiro*.[160]

Segundo Guedes Cabral, a entidade contaria com seiscentos membros – número expressivo, porém, pode ter sido exagerado, ou ter-se considerado como membros os associados da *Federal de Pernambuco* ou, ainda, de outras associações federais do Império.[161] As idéias e opiniões da *Sociedade Federal da Bahia* são reveladas por poucas fontes. É através das atividades de Guedes Cabral que se pode ter maior contato com as suas propostas, cuja principal característica é o descontentamento com as reformas que se anunciavam em 1834. Assim atestam as críticas ao centralismo e os reclames por uma "verdadeira reforma".

Muito presente também na *Sociedade Federal de Pernambuco*, a pregação da república federativa é objeto de estudo de Silvia Fonseca, que analisou o periódico *O Democrata*. A autora ressalta o tema da república em articulação com vários assuntos abordados no periódico, a exemplo do fim do tráfico de escravos, dos desdobramentos da Revolução Francesa, assim como a Cabanagem, a Revolução Farroupilha e os conflitos na região do Rio da Prata. Ademais, a autora explica que o conceito de república se relaciona ao continente

---

[160] No início da década, entre 1831 e 1833, Lopes Gama fora colaborador da *Sociedade Federal de Pernambuco*, redigindo alguns números do periódico *O Federalista*. No entanto, seu posicionamento em relação ao federalismo mudou bastante diante das diferentes conjunturas. FELDMAN, Ariel. *O império das Carapuças*. Espaço público e periodismo político no tempo das regências. 2006. 159 f. Tese (Mestrado em História) – Faculdade Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
[161] *O Democrata*, 15 de novembro de 1834.

americano: “a república seria inevitável no Brasil em razão de seu pertencimento à América”.[162]

Para uma parte dos federalistas, a instituição monárquica, circundada por uma miríade de repúblicas, era considerada uma anomalia. A república federativa surge como o sistema ideal de governo para o continente americano.[163] Contudo, a concepção na qual a forma de governo republicana estava intimamente relacionada com o continente americano, a ponto de ser considerada uma instituição própria da América, não é uma unanimidade entre os federalistas do Império. Para a *Sociedade Federal Paulista*, por exemplo, a república era essencial no nível provincial ou estadual. Os estados teriam plena soberania nas questões internas, cabendo ao poder central somente a política externa, não sendo um ponto fundamental se o centro continuaria a ser monárquico ou não.[164]

Na Bahia, segundo Lina Aras, as revoltas federalistas do início da década de 1830 também não tinham entre os seus objetivos a mudança do governo monárquico para o republicano.[165] É provável que o republicanismo presente na *Sociedade Federal da Bahia* não tenha sido consensual entre os rebeldes que atuaram antes de 1834, sendo o princípio federalista o fator de unidade entre indivíduos que, mesmo com tendências políticas diversas uniram-se no momento das ações rebeldes. É improvável, entretanto, que entre eles não existissem os que preferissem o sistema republicano ao monárquico, sobretudo quando se sabe que o discurso da associação pautava-se abertamente na república federativa.

Diante da escassez das fontes, é preciso informar que não se encontrou, divulgada no *Genio Federal*, a concepção na qual se estabelece a relação entre o sistema republicano e o continente americano. Essa perspectiva é encontrada apenas naqueles escritos de Guedes Cabral que foram publicados em *O Democrata*, mas não no semanário *O Genio Federal*. Não se encontram mais notícias sobre a *Sociedade Federal da Bahia* após 1834 no *Democrata*, ainda que o periódico tenha circulado até pelo menos 1836.

De fato, a desmobilização das sociedades federais após o Ato Adicional é confirmada em outras províncias, sendo uma tendência que também atinge sociedades políticas de outras

---

[162] FONCESA, Silvia C. P. Brito. O Democrata: um jornal republicano no Império (1833-1836). http://sbph.org/2006/historia-poder-e-sociedade/silvia-carla-pereira-de-brito-fonseca

[163] Ibidem.

[164] WERNET, Augustin, op. cit., p. 129.

[165] ARAS, Lina M. B. de. *A Santa Federação*..., op. cit., p. 195.

linhas de pensamento. A *Sociedade Federal de Pernambuco* teria se desmobilizado na mesma época,[166] assim como a *Sociedade Federal Fluminense.*[167] O último registro da *Sociedade Federal Paulista* é anterior a 1833.[168] Apesar do desaparecimento das sociedades federais, a imprensa federalista e republicana continuará em plena atividade. As explicações para o fenômeno, sempre ligadas à promulgação do Ato Adicional, deixam a desejar, sobretudo se considerando que as reformas não atenderam às exigências de boa parte dos federalistas.

SINGULARIDADE BAIANA

As atas das reuniões, apresentando composições distintas, são um forte argumento em favor da interpretação de que as associações possuem origens diversas. A *Sociedade Federal* do *Precussor* exortava a manutenção da ordem, o sossego público e a obediência às leis, afirmando que após a revolução de 7 de Abril não havia justificativa para qualquer ato revolucionário. Ademais, defendia a importância do Senado e não se colocava favorável ao surgimento dos mandatos temporários. Levantava dúvidas sobre a existência dos restauradores e pregava que os portugueses não representavam uma ameaça, sendo os principais interessados na tranquilidade pública.

A partir das correspondências trocadas entre os filiados da Bahia e os da Corte, não parece haver consonância de idéias entre ambos, além da defesa pelas reformas federativas que, a certa altura, eram admitidas por setores *moderados*, não sendo apenas uma bandeira dos *exaltados*. Na Bahia, tal realidade era evidente, pois a *Sociedade Federal* nada apresenta de *exaltada*. Ela não contava com lideranças envolvidas nas revoltas – que se encontravam presas – não apresentava o típico antilusitanismo da *Nova Sentinella* e dos rebeldes e não propagandeava o republicanismo da *Sociedade Federal da Bahia*.

Alguns nomes da *Sociedade Federal* do *Precussor* participaram da Sabinada anos depois. No tempo das regências, contudo, é muito comum encontrar oscilações na posição

[166] FONSECA, Silvia C. P. Brito. Federação e República..., op. cit., p. 73.
[167] BASILE, Marcello. Movimento Associativo..., p. 106.
[168] WERNET, Augustin, op. cit., p. 129.

política dos indivíduos. A abdicação do Imperador multiplicou de maneira vertiginosa a possibilidade de mudanças em um país que acabara de obter sua Independência. Compor os quadros da revolta de 7 de novembro, a princípio, não diz tanta coisa. Afinal, seu principal nome, Francisco Sabino, militara durante muito tempo em prol da regência e contrariamente às tendências que aspiravam por mudanças mais profundas. A Sabinada abarcou variadas tendências. Compor suas fileiras seria possível para muitos dos homens de letras da Bahia, visto que o descontentamento com as reformas permaneceu vivo em algum nível. Paulo César Souza acredita que "a idéia de separação não seria estranha a razoáveis segmentos da elite".[169]

A *Sociedade Federal da Bahia*, por seu turno, divulgava obras em defesa da república federativa, exaltava personalidades e nações republicanas da América, insistia na necessidade de uma reforma completa às vésperas da promulgação do Ato Adicional. Dentre os seus filiados encontravam-se Barata e Guedes Cabral. Barata, com um extenso histórico de participação em movimentos contestatórios, já escrevia, desde 1831, em favor da federação na *Sentinella da Liberdade hoje na Guarita do Quartel General de Piraja, na Bahia de Todos os Santos*. O líder político, após ter sido preso e levado ao Rio de Janeiro, retornou à Bahia e foi aprisionado no Forte do Mar. Quando da revolta de 1833, esteve presente, mas alegou não ter tomado parte no levante.[170] Guedes Cabral mostrou-se influente na elaboração de discursos, mas também atuante em revoltas, tendo participado de todos os movimentos federalistas do período até então registrados. Defendia o federalismo e queria a república; atuava na imprensa, mas não fugia da ação armada.

Atribuindo toda sorte de problemas ao centralismo do sistema unitário, a *Sociedade Federal da Bahia* almejava difundir os ideais da república federativa, mais do que influenciar no avançado processo de reformas. O objetivo seria portar-se como oposição, contra os excessos do poder, explicitando sobre a necessidade da federação para a prosperidade do país. Um ano depois da revolta do Forte do Mar, a implantação de um sistema federativo foi defendida sob a forma republicana, não mais se mencionando a federação imperial. Em face das demandas não atendidas, a reação é a radicalização do discurso. Mudança que pode ter origem na manifestação de antigos objetivos, encobertos sob o manto do respeito ao Imperador; ou mesmo em um rearranjo tático por conta da inflexão das reformas.

---

[169] SOUZA, op. cit., p. 186.
[170] ARAS, Lina M. B. de. *A Santa Federação*..., op. cit., p. 132-140; MOREL, Marco. *Cipriano Barata*..., p. 283.

Embora o caso da *Sociedade Federal* na Bahia seja uma singularidade, se comparado ao que ocorre nas províncias cujas atividades das sociedades federais se fizeram sentir, não se pode encontrar-se tão surpreso, tanto por conta da escassez das pesquisas, que nos inclina a sempre esperar alguma novidade ao se tratar do assunto, quanto pelo que as poucas pesquisas, sobretudo quando cotejadas, já trouxeram como contribuição ao conhecimento do campo. Neste sentido, é possível acolher algumas lições.

Enquanto a *Sociedade Federal Fluminense* empreendeu um combate contra a ameaça *caramuru*, tentando aproximar-se dos *moderados*,[171] entre os sócios da *Sociedade Federal Paulista*, embora existisse uma tentativa de estabelecer algo semelhante, o que prevaleceu foi o afastamento em relação aos *moderados* e, mais que isso, a aproximação dos sócios aos partidários dos Andradas.[172] Não existe, portanto, um padrão ao se falar em sociedades federais no período das regências.

Pertencer a alguma sociedade federal não significava adotar inclinação política uniforme, onde se estariam bem delimitadas as fronteiras e as alianças que deveriam ser feitas. A peculiaridade baiana é uma demonstração disso, verificando-se não apenas a diversidade de alianças possíveis entre as sociedades federais e outras tendências políticas, mas sim a diversidade de tendências existentes entre os que defendiam a federação. As pesquisas com os periódicos evidenciam a existência de duas tendências associativas, ou melhor, duas associações, alicerçadas em concepções diferentes sobre o federalismo proposto e sobre os problemas políticos que afetavam o país. Apesar de surgirem em diferentes contextos políticos, se constituíram, na prática, duas sociedades federais completamente diferentes, embora não se possa comprovar isso do ponto de vista formal.

[171] BASILE, Marcello. Movimento Associativo..., op. cit., p. 100.
[172] WERNET, Augustin, op. cit., p. 127.

CAPÍTULO II
FEDERALISMO, IMPRENSA E REVOLTA EM 1831

No final de 1831, um correspondente anônimo da *Gazeta da Bahia* descrevia um quadro político marcado pela dissimulação de conflitos na província baiana. O sistema liberal constitucional brasileiro seria vítima dos *banzelistas* – termo que designava os defensores da federação – que difundiriam na sociedade os falsos perigos, fomentando rumores de que imperava a divisão entre o povo da Bahia: "Os Paisanos estão conspirando contra os Militares; os caiados tramam contra as cores; O partido Lusitano trata de subjugar o Brasil".[173]

A tensão social decorreria, segundo ele, da ação de aspirantes "aos primeiros cargos da Nação". Eram os "Mártires da Pátria" e "Campeões da Liberdade", responsáveis pela invenção de uma "divisão diabólica" e pela disseminação de várias ameaças falsas, a exemplo de "Fantásticos receios da Restauração do ex-Imperador Pedro I; sonhadas recolonizações; supostas traições do Governo hoje puramente Brasileiro; conspirações de Partidos Lusitanos (...)". A imprensa seria utilizada para difundir tais falsidades e maquinações, além de representar uma ameaça maior, na medida em que alguns dos seus órgãos buscavam "arrogar a si um partido" dentro do Parlamento no âmbito dos acalorados debates.[174]

É um fato que a descrição feita por adversários políticos deve ser analisada com bastante cuidado, assim como não é adequado considerar somente o que os partidários de um projeto político falam sobre si mesmos. O correspondente da *Gazeta da Bahia* é adversário dos federalistas, atribuindo-lhes um federalismo separatista, ainda que não perdesse de vista que o federalismo significasse a "união daquilo que anteriormente existia em partes, ou uma mais estreita liga daquilo que unido estava (...)".[175]

Para o correspondente, os agitadores eram comparáveis aos líderes da fase mais radical da Revolução Francesa – nomeadamente Robespierre, Danton e Saint Just. Eles tencionavam inocular na sociedade um significado pervertido de federação cuja finalidade era de

---

[173] *Gazeta da Bahia,* 2 de dezembro de 1831.
[174] Ibidem.
[175] Ibidem.

“separação das províncias”, com a criação de “Governos Feitos ao bel prazer de cada uma; novas Bandeiras; [e] Expulsão dos Filhos de outras Províncias (...)”. Para realizar tal objetivo, os revolucionários buscavam “dividir o partido que quer Constituição e mais Constituição, e as Reformas que ela permitir e os nossos Representantes julgarem próprias ao nosso estado”.[176]

O autor da carta menciona ainda a “Federação de bens”, fenômeno que teria ocorrido nas manifestações de 15 de setembro em Pernambuco – Setembrizada – onde a “desenfreada soldadesca e ínfima canalha (...) faziam federação aos bens alheios”. Os “liberais por excelência”, os “Federalistas já e já” tencionariam, assim, revolucionar o povo, sendo identificados às atitudes mais condenáveis, a exemplo dos saques da Setembrizada. Ainda que reconhecesse que a federação não implicasse a prática de tais atos, o correspondente da *Gazeta da Bahia* acusou os federalistas de atuar como elementos de desordem que almejavam dividir os parlamentares dispostos a preservar a Constituição, e de pregar a separação das províncias, chegando até atitudes extremas como realizar a “federação dos bens alheios”.[177]

O fato intrigante é que a correspondência não dá destaque algum para a revolta federalista ocorrida em Salvador naquele ano. Apesar de mencionar diversas insurreições de tropas na Bahia, não há sequer uma alusão a respeito do caráter federalista de alguma delas. O exemplar da *Gazeta da Bahia* é do dia 2 de dezembro de 1831, pouco mais de um mês depois da revolta ocorrida a 28 de outubro. É possível que a correspondência, embora publicada em dezembro, tenha sido redigida antes do dia 28 de outubro, não contemplando os acontecimentos da primeira revolta federalista da Província da Bahia. Por que o correspondente da *Gazeta da Bahia* citaria a ocorrência das manifestações de 15 de setembro em Pernambuco, salientando a “federação dos bens alheios”, e deixaria de lado a manifestação federalista de 28 de outubro de 1831 na Bahia? Por que se perderia uma oportunidade de exemplificar o federalismo dos “anarquistas” em sua própria província?

É mais razoável supor que a carta tenha sido escrita antes da revolta, não levando em consideração esse dado, sobretudo, quando se toma conhecimento do inegável caráter federalista da revolta, exposto mediante um manifesto dos rebeldes. Ademais, um sumário procedido pelo juiz de paz da freguesia do Paço evidencia a importantíssima participação de civis, entre os quais se inclui um nome atuante na imprensa daquele conturbado ano. As

---

[176] Ibidem.
[177] Ibidem.

próprias correspondências oficiais afiançam que a revolta não foi somente uma insurreição militar, pois pleiteava a mudança de governo e contava com a participação de civis.[178]

Ainda assim, segundo as autoridades provinciais, os militares teriam sido os protagonistas do movimento. Em correspondência do Presidente da Província, Honorato José de Barros Paim, ao ministro José Lino Coutinho mencionou-se que alguns soldados do Batalhão nº 10 encabeçaram um levante na Praça do Palácio, e esperavam juntar-se a "um corpo de revoltosos armados" que marchava da freguesia de Santo Antonio Além do Carmo. Os rebeldes foram barrados pelos guardas municipais e, por conta disso, os soldados sediciosos recuaram até o Forte de São Pedro, de onde começou um conflito armado.[179]

Dentre os revoltosos da freguesia de Santo Antonio, esteve o tenente Alvaro Correa de Moraes, o único preso aludido na correspondência enviada ao ministro. No entanto, ele não foi o único a ser detido, uma vez que a própria carta declara que "os juízes de paz procederão a sumário cada um em seu distrito, em consequência do que se fizeram algumas prisões e o ouvidor geral do crime está cuidando na respectiva devassa".[180] Um dos sumários teve como principal alvo o sobrinho de Cipriano Barata, Bernardo José Barata de Almeida. O documento é fundamental para a compreensão da revolta federalista de 1831, endossando a importância da participação de civis no movimento.

No sumário, além do tenente e do sobrinho de Cipriano, foram incluídos os nomes de Firmino Joaquim Machado, Antonio Alvares Timbó, João Pantaleão, Theodozio Dias, Ignacio Gomes Tamarindo, José Moura de Barros, Joaquim de Almeida Rego, Manoel Gomes Adorno – que era cirurgião –, um fulano apelidado de Canabraba e o ex-alferes pertencente ao batalhão dos Periquitos, combatente da guerra contra a Argentina, de nome Rocha.

Firmino Joaquim Machado e Antonio Alvares Timbó também foram acusados, cerca de um ano e meio depois, de tomar parte na revolta do Forte do Mar de 1833. Timbó também havia sido acusado de vender folhas de um jornal liberal em sua loja.[181] Quando do lançamento do *Desengano ao Público*, redigido por Cipriano Barata, a *Nova Sentinella da Liberdade na guarita de S. Pedro na Bahia de Todos os Santos* anunciou os locais nos quais

[178] ARAS, Lina M. B. de. *A Santa Federação*..., op. cit., p. 108-09.
[179] Ibidem.
[180] AMARAL, B. *História da Bahia*..., op. cit., p. 102.
[181] ARAS, Lina M. B. de. *A Santa Federação*..., op. cit., p. 151 e 153.

seria vendida a publicação pelo valor de cento e sessenta réis, entre esses se listou a loja do senhor Timbó ao Taboão.[182]

A presença do "Fulano Guedes natural do Rio Grande", o Domingos Guedes Cabral, é confirmada no sumário. Aqueles acontecimentos, porém, não o alçariam a condição de liderança. Uma das testemunhas do sumário afirmou ter ouvido dizer que "à frente dessa gente armada ia o Doutor Felix Redator da Nova Sentinela, e também o Tenente Alexandre do Batalhão noventa e três de Segunda Linha".[183]

Alexandre Ferreira do Carmo Sucupira é figura conhecida dos movimentos rebeldes da década de 1830. Embora tivesse sido mencionado pela testemunha como um dos participantes da revolta de 1831, não foi listado entre os sumariados. Preso no Forte do Mar, o tenente foi considerado um dos primeiros a rebelar-se em abril de 1833.[184] O motivo de sua prisão àquela época, deveu-se, provavelmente, à participação em uma reunião sediciosa.[185] Em março de 1833, um grupo de cerca de sessenta homens armados tentaram invadir o Quartel de Companhia e Cavalaria dos Municipais e Permanentes, com o objetivo de "alterar a tranquilidade". Depois do conflito com os guardas municipais, os sediciosos partiram em fuga. O tenente Alexandre do Carmo Sucupira foi um dos capturados, identificado como o chefe da sedição, um "homem corajoso, e já pronunciado pela Revolta de S. Felix".[186]

Com efeito, o nome que recebe maior destaque no sumário é o do redator Felix. Outra testemunha o citou, afirmando que perante o juiz de paz da freguesia de Santo Antonio, o redator da *Nova Sentinella* vociferou que "o Presidente [da província] era um traidor de acordo com a Assembléia Legislativa e [que] como Governo eles altamente declararam que por serem todas as Autoridades traidoras proclamavam a Federação".[187] Segundo as testemunhas, Felix portou-se como a principal liderança daqueles rebeldes que iam ao encontro do Batalhão nº 10. Diante disso, cabe perguntar: Por que o principal alvo do sumário foi Bernardo José Barata, e

---

[182] *Nova Sentinella*, 28 de agosto de 1831.
[183] Biblioteca Nacional, II, 34, 2, 36. Traslado do sumário a que mandou proceder o juiz de Paz da Freguesia da rua do Paço dos réus Bernardo José Barata de Almeida e outros. Bahia, outubro de 1831.
[184] ARAS, Lina M. B. de. *A Santa Federação*..., op. cit., p. 144.
[185] AMARAL, B. *História da Bahia*..., op. cit., p. 86.
[186] Arquivo Nacional, Correspondência do Palácio do Governo da Bahia a Honorio Hermeto Carneiro Leão, de 15 de março de 1833.
[187] Biblioteca Nacional, II, 34, 2, 36. Traslado do sumário a que mandou proceder o juiz de Paz da Freguesia da rua do Paço dos réus Bernardo José Barata de Almeida e outros. Bahia, outubro de 1831.

não Felix? E, afinal de contas, o que Felix e a sua *Nova Sentinella* representaram no contexto político da Província da Bahia?

Existem alguns fatos não esclarecidos suficientemente sobre o assunto. Segundo Joaquim Marques Lisboa, o futuro Marquês de Tamandaré, houve, em outubro de 1831, um bombardeio do Forte do Mar contra o Arsenal da Marinha. O então primeiro tenente, que se encontrava de cama nas dependências do Arsenal, estava retornando ao Rio de Janeiro, comandando a escuna *Rio da Prata*, após combater os soldados da revolta de 15 de setembro em Pernambuco. Marques Lisboa atribuiu os ataques, vindos do forte, aos “sicários do famoso Barata”, capturados e presos depois do bombardeio.[188] Marco Morel, que também cita a narrativa, acrescenta que na “ocasião seria preso um sobrinho de Cipriano, Bernardo José Barata de Almeida, um dos integrantes do motim federalista”.[189] Portanto, teriam existido, além dos focos estabelecidos na Praça do Palácio e na freguesia de Santo Antonio, alguns rebeldes responsáveis por tomar o Forte do Mar e desferir ataques ao Arsenal da Marinha da Bahia. Até então, não foi possível estabelecer um vínculo entre os eventos que aconteceram na cidade e os bombardeios no mar.

Apesar disso, na transcrição do interrogatório que compõe o sumário, Bernardo José Barata respondeu ser guarda aspirante da Alfândega e que, durante o dia da revolta, “estava aportado de sentinela”, por ordem de seu comandante de esquadra, em razão das “armas que ali estavam”, tendo “durante o dia rondado com o delegado José Agostinho”.[190] O sumário não traz informações de sua possível participação no bombardeio feito do Forte do Mar. Ainda que seja plausível a especulação de que, como um aspirante à guarda de alfândega, Bernardo José Barata tivesse alguma experiência no manejo das armas e na navegação, o mistério permanece. O registro do bombardeio, feito por José Marques de Lisboa, não foi encontrado em nenhuma documentação referente ao evento federalista de outubro 1831.[191]

---

[188] BARROSO, Gustavo. *Tamandaré, o Nelson brasileiro*. Guanabara: Editora Fon-Fon e Seleta, 1956, p. 259.
[189] MOREL, Marco. *Cipriano Barata*..., op. cit., p. 273.
[190] Biblioteca Nacional, II, 34, 2, 36. Traslado do sumário a que mandou proceder o juiz de Paz da Freguesia da rua do Paço dos réus Bernardo José Barata de Almeida e outros. Bahia, outubro de 1831.
[191] Bernardo José ficou preso até 1833. Em 1835, depois de assassinar a sua mãe, Bernardo foi mortalmente atingido por um guarda. Kraay tratou do assunto: “Bernardo José, aparentemente enlouquecido, apunhalou e matou sua mãe, feriu seu pai e atacou os guardas que responderam aos gritos emanados da casa, localizada nos subúrbios de Salvador, Bahia. Um dos guardas traspassou Bernardo José com uma baioneta e o artesão surdo com 29 anos expirou gritando: ‘Viva a Bahia! Viva a liberdade! Morram os tiranos!’ Segundo um outro relato, suas últimas palavras foram um pouco diferentes: ‘Viva a Pátria e morram os tiranos!’”. Cf. KRAAY, Hendrik.

Também não há uma resposta definitiva sobre o fato de Bernardo José Barata ser o principal sumariado. Evidentemente, o fato de ser sobrinho de Cipriano Barata deve ter sido um dos principais fatores que contribuíram para isso, ainda que o redator da *Nova Sentinella*, Felix, considerado um dos participantes mais atuantes da revolta federalista, tenha sido um dos seguidores e defensores de Cipriano Barata. Isso demonstra o quanto o líder político influenciou na elaboração do discurso dos rebeldes. Entretanto, Felix não aparentava ter laços de sangue e nem devia portar o mesmo sobrenome de Barata, fato que não daria ao sumário uma identificação imediata à figura de Cipriano, tal qual aconteceu no caso de Bernardo José Barata.

Todavia, não restam somente as dúvidas, uma vez que o sumário atesta o caráter federalista da revolta, através da exposição de um manifesto transcrito, que foi atribuído aos rebeldes detidos na freguesia de Santo Antonio Além do Carmo. O manifesto conclamava os cidadãos às armas, propondo a federação como a única maneira de salvar o país da guerra civil:

> Brasileiros: as ameaças que a cada momento temos [ilegível] lancemos mão das armas para segurarmos a única tábua que nos resta a salvarmos. Sim Brasileiros, é a Federação quem nos pode livrar dos horrores da Anarquia e da guerra civil. É a Federação essa Arca da Aliança que se poderá acabar com as rivalidades de Irmãos contra Irmãos Brasileiros (...).[192]

A federação seria capaz de pôr fim aos conflitos que se desenrolavam no país. O ideal não era a separação das províncias, mas, ao contrário, estabelecer a ordem e a unidade, que seriam conquistadas ao mesmo tempo em que se acabariam as rivalidades entre os "Irmãos Brasileiros", contrapondo-se à "caprichosa desconfiança que a mão sutil da intriga tem procurado dividir os verdadeiros filhos da Pátria".[193]

Definindo nação e Estado: rituais cívicos na Bahia pós-Independência (1823-1850). *Topoi*: revista de História, Rio de Janeiro, nº 3, setembro de 2001, p.63. O assunto também é analisado em MOREL, Marco. *Cipriano Barata*..., op. cit., p. 300-316. A imprensa da época repercutiu os acontecimentos que motivaram os debates entre os jornais *O Diário da Bahia* de 14 de novembro de 1835 e *O Defensor dos Povos* de 18 de novembro de 1835. Cf. Capítulo 2, p. 11.

[192] Biblioteca Nacional, II, 34, 2, 36. Traslado do sumário a que mandou proceder o juiz de Paz da Freguesia da rua do Paço dos réus Bernardo José Barata de Almeida e outros. Bahia, outubro de 1831.

[193] Ibidem.

Mediante o recurso às armas, os rebeldes pretendiam promover a liberdade e a felicidade do país, atribuindo a chefia da federação ao Imperador:

> Não Brasileiros tudo hoje ficará sepultado no esquecimento e só a felicidade e liberdade da Pátria, e nos filhos será lembrada e precisada com moderação e prudência. Às Armas Brasileiros Corramos ao Campo da honra onde se [ilegível] ouvirá os Vivas a Federação Baiana do Vosso Imperador Dom Pedro Segundo Chefe da Federação, aos denodados Baianos, e aos Brasileiros luzes em geral.[194]

O manifesto que consta do sumário afiança a proposta federalista da revolta, em meio às várias perturbações ocorridas em Salvador em 1831, a exemplo das ocupações do Forte de São Pedro e do Forte do Barbalho no dia 4 de abril, seguidas pelos conflitos entre brasileiros e portugueses e pelos distúrbios que antecederam as prisões de Cipriano Barata, Barão de Itaparica, João Primo, José Dias e José Porfírio de Lima. Sem mencionar a ocupação do Forte de São Pedro e dos quartéis da Palma e da Mouraria, nos dias 13 e 14 de maio e mais uma ocupação do Forte de São Pedro ocorrida no dia 31 de agosto.

O contexto marcado por tantos distúrbios guarda relações com a revolta federalista, pois a revolta de 28 de outubro ocorreu em moldes semelhantes às manifestações de povo e tropa que, embora não sustentassem explicitamente a bandeira federalista, exigiam mudanças na condução política da Bahia. A revolta de 4 de abril terminou com as deposições do comandante das armas, João Crisóstomo Callado, e do Presidente da Província, Araújo Basto. Os movimentos de maio igualmente exigiram deposições, sendo os principais alvos, o Visconde de Pirajá, comandante das armas naquele momento, e o Vice-presidente João Gonçalves Cezimbra.

Apesar de tais ocorrências, a historiografia tradicional e as pesquisas mais recentes sustentam que o teor federalista explícito é presente apenas na revolta de 28 de outubro de 1831 e nas revoltas de Cachoeira (1832) e do Forte do Mar (1833).[195] Os anos iniciais das regências seriam marcados pela ocorrência de três revoltas federalistas, informação que

---

[194] Ibidem.
[195] ACCIOLI, I. *Memórias Históricas*..., op. cit., p. 364-368; AMARAL, B. *História da Bahia*..., op. cit., p. 89; ARAS, Lina M. B. de. *A Santa Federação*..., op. cit., p. 122-140.

contradiz a catalogação das revoltas regenciais realizada por Marcello Basile, segundo a qual teriam ocorrido seis levantes federalistas em Salvador entre 1831 e 1833.[196]

Era esse contexto de efervescência que Felix tinha em seu horizonte, dando destaque em sua *Nova Sentinella* às prisões arbitrárias, sobretudo a de Cipriano Barata, um dos principais fatores que justificavam a publicação da folha. Também defendeu a execução da ata que exigiu a expulsão de portugueses cuja presença no país era vista de maneira negativa. Além disso, Felix insistiu sobre a necessidade de aprovação de uma reforma federativa no país que, segundo pensava, teria tudo para concretizar-se por via legal ainda no ano de 1831. Entretanto, a divulgação de idéias federalistas na Bahia já tinha lugar, desde os primeiros meses daquele ano, antes mesmo da abdicação de D. Pedro I, nas páginas da *Sentinella da Liberdade hoje na Guarita do Quartel General de Pirajá na Bahia de Todos os Santos*. Ainda que Cipriano Barata afirmasse que, caso indagado a respeito do assunto, responderia: "não entro em questões sobre a preferência de certas verdades políticas nem dou voto em tais matérias porque o despotismo tem a mira em mim".[197]

Em resposta a um correspondente, denominado Alavanca, que reclamava da sujeira das ruas do centro da cidade, Barata afirmou que a Câmara Municipal logo resolveria o problema, pois que "para isso não é preciso ir de joelhos ao Rio de Janeiro, província pequena, pobre, e despovoada, pedir licença". Com ironia característica, Barata prosseguiu afirmando que tal licença era necessária para a construção de estradas, pontes, fontes, chafarizes, assim como para o estabelecimento de escolas de primeiras letras. Daquele modo, dizia o redator, "logo será preciso pedir faculdade ou vênia para se poder urinar" e até "as velhas curandeiras andam tremendo com o receio de que as obriguem a pedir licença ao Rio de Janeiro, para poderem benzer de quebranto (...)". O líder político atribuía tal realidade ao fato de o país viver "em [um] novo sistema colonial (...)".[198]

Ao final de sua resposta, Barata propunha maior liberdade para as províncias, contrariando o excesso de centralização do governo unitário que vigorava. O autor, no entanto,

---

[196] BASILE, Marcello. O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840). In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org.). *O Brasil imperial*, v. 2 (1831-1870). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, v. 2, p. 53-119; p.57 e 69.
[197] *Sentinella da Liberdade hoje na Guarita do Quartel General de Pirajá na Bahia de Todos os Santos*, 16 de fevereiro de 1831.
[198] Ibidem.

demonstrava receio, alegando que as suas afirmações baseavam-se naquilo que diziam as gazetas da Corte e não propriamente nas suas idéias:

> (...) segundo dizem as gazetas da Corte e alguns patriotas que passam por bons sabedores (sem aprovar o que eles pensam) seria melhor que cada província [ilegível] ao menos dois terços dos restos ou sobras de seus dinheiros públicos; e não se visse atropelada pelas demoras e consultas, e licenças, vindas do Rio de Janeiro, que ignora as precisões das outras províncias, e que só deseja ao seu bem, maquinando maquiavelicamente fazer de todas suas colônias, (valha a verdade) coisas que segundo a fama excitam a cólera e murmuração contra o atual sistema de governo unitário, ou de todo central, e por isso já correu novas, (valha a verdade) que muita gente diz como as gazetas da Corte que o Brasil só pode escapar dos perigos que cercam, e perdição eminente, adotando o governo federativo Imperial, e que isto se pode concluir em sossego e paz, e a contento de brasileiros, portugueses, e gentes morenas: sem brigas, nem confusão, e espanto.[199]

A prisão de Cipriano Barata não demorou a acontecer e um mês depois foi publicado, em sua defesa, o primeiro número da *Nova Sentinella*, a 29 de maio de 1831. A folha tratou do silêncio que tomou a imprensa após a abdicação de D. Pedro I, afirmando que na época do ex-Imperador, os jornais eram atuantes, apesar dos perigos e das perseguições sofridas pelos responsáveis pela divulgação do federalismo: "No meio de todos estes terrorismos nunca deixaram de clamar os periódicos pela Constitucional federação, pelo sistema Liberal, pelos direitos e garantias dos Cidadãos Brasileiros".[200]

Depois do dia 7 de Abril, no tempo em que "entra o governo pacífico de uma Regência toda constitucional com um Imperador Pedro 2º nosso patrício nato, e em quem todos confiamos, sem recear calamidades", o redator demonstrou-se surpreso com um fenômeno que se abateu sobre a imprensa baiana: "Bahianos, Nacionais, Vedêtas, Brasileiros, e até Escudos ficaram quedos, mudos. Grande Deus!". Referia-se aos periódicos que circulavam, principalmente em Salvador, sendo a *Sentinella da Liberdade*, de Barata, a única folha que teria rompido o silêncio da imprensa: "No meio deste geral silêncio só se deixa de quando em quando ouvir o grito – alerta – da destemida Sentinella da Liberdade".[201]

---

[199] Ibidem.
[200] *Nova Sentinella*, 29 de maio de 1831.
[201] Ibidem.

As principais razões que motivariam a mudez da imprensa teriam sido as negociações ocultas feitas com os lusitanos, interessados em impedir a execução da ata do mês de abril, que exigia a expulsão de portugueses. Segundo Felix, a atitude dos periódicos era guiada pelo envolvimento de pessoas da imprensa nos acordos selados com os portugueses, que passaram a planejar a desobediência da ata, ao tempo em que eram feitas representações exigindo o seu cumprimento. As negociações contariam com a presença de importantes autoridades da província:

> (...) os marotos deram para arranjar com certo sujeitinho a propugnar pela sua ficada e manutenção, que por via desse liberalão em cuja casa se fazia uma segunda classe de Gabinete secreto, à que assistiam, dizem, o Presidente, alguns Juízes de fato, Redatores, Conselheiros e mais gente de gravata lavada (...).[202]

Felix apresentou-se ainda mais indignado com o planejamento da prisão de Cipriano Barata, pois os mesmos negociadores que teriam tratado da não execução da ata pela expulsão dos portugueses, teriam tramado a representação cujo objetivo era levar a prisão de algumas pessoas, dentre as quais se encontrava o líder político:

> (...) decretou-se a prisão do Barata, e de mais outros, decididos Patriotas, que mais instavam pelo cumprimento d'ata de expulsão dos Europeus; e para esse fim assentaram de espalhar eles mesmos pelo povo a atentadora idéia de que o Barata, e seus amigos queriam fazer uma revolta de República com os negros da Costa da Mina, e Cativos (...).[203]

O *Clube do Gravatá*, denominação do grupo que teria encabeçado as reuniões, seria o responsável pela defesa dos portugueses e agruparia os mentores da representação exigindo a prisão de Barata, antes mesmo que a culpa fosse-lhe formada, sob a acusação de planejar uma revolta para implantar uma república de negros.[204]

A *Nova Sentinella* inseriu-se em um contexto de manifestações públicas, nas quais se evidenciaram a forte oposição ao governo provincial e o acirramento dos conflitos entre

[202] Ibidem. A citação faz referência ao "gabinete secreto", um grupo que teria exercido considerável influência na política de D. Pedro I, tendo à frente o conselheiro Francisco Gomes da Silva, o Chalaça.
[203] Ibidem.
[204] A representação, acompanhada das assinaturas, foi reproduzida no sétimo número da *Nova Sentinella* no dia 19 de junho de 1831.

brasileiros e portugueses corporificado pela ata que exigiu a expulsão de alguns dos últimos e a deposição de empregados europeus. O não cumprimento da mesma gerou uma insatisfação que estimulou a ocorrência de mais manifestações, dentre as quais se inclui a própria produção da *Nova Sentinella* e a elaboração do seu discurso.

O redator da *Nova Sentinella* apresentou a proposta da folha, afirmando que estaria disposto a bradar contra os excessos dos empregados públicos e contra os "anticonstitucionais de todas as classes", repelindo "de nossas trincheiras Patriotas os Servis, e infames protetores da canalha marotal, e inimigos da nossa Independência, e Liberdade (...)". Felix assumiu o seu desejo de "imitar, (...) [o] eco, que da Guarita de Pirajá fazia retumbar esse meu corajoso camarada, que os perversos Gravatistas à bem pouco tempo tiraram atalaia em que postado estava (...)".[205] Referiu-se a Cipriano Barata e à sua detenção, demonstrando que possuía a perspectiva de zelar pelo seu inspirador e pelo seu patrimônio imaterial, confirmando uma convicção que o próprio Barata expôs em um número de sua *Sentinella da Liberdade*: "estou certo que se dormitar um instante, ou se for acometido, não faltarão patriotas corajosos que me acordem, e defendam (...)".[206]

O CLUBE DO GRAVATÁ – SOCIEDADE CONSERVADORA

As intrigas entre Cipriano Barata e o *Clube do Gravatá* aparecem em várias publicações da época. A *Nova Sentinella* criticou duramente os "infames Gravatistas" que "com ridículos pasquins, e falsas denúncias conseguiram (...) introduzir no amedrontado Povo um extraordinário horror a Cidadãos aliás mui beneméritos (...)".[207] Em seu *Desengano ao Público*, Barata denunciou a formação de clubes que desejavam a sua morte e que teriam planejado a sua prisão e acusou o ex-tenente Manoel Rocha Galvão e o médico Antonio Policarpo Cabral de emprestarem suas casas para as suas reuniões. Galvão agiria dessa maneira por sentir-se prejudicado por Barata, uma vez que o líder político teria denunciado

[205] *Nova Sentinella*, 29 de maio de 1831.
[206] *Sentinella da Liberdade*, 12 de janeiro de 1831.
[207] *Nova Sentienlla*, 5 de junho de 1831.

seus planos de apoiar os portugueses e, também, punha em risco a Tipografia do Baiano, que já contaria com parcas rendas. O interesse de Antonio Policarpo Cabral seria tornar-se deputado.[208]

Galvão e Cabral assinaram a representação que culminou nas prisões arbitrárias, assim também o fizeram Francisco Sabino e Salustiano José Pedroza [209], que alimentariam o mesmo desejo de Cabral de conseguir uma cadeira no Parlamento: "E afirma o povo que eles pretendem essa prebenda de seis mil cruzados por serem (valha a verdade) testas-de-ferro dos que escrevem gazetas".[210] Sabino era redator do *Investigador Brasileiro*, enquanto Pedroza cuidava da redação do periódico *O Nacional*.

Outros nomes pertencentes ao *Clube do Gravatá* são citados por Barata como responsáveis diretos pelas prisões, pois teriam testemunhado contra ele e contra todos os que foram encarcerados. O capitão do batalhão nº 5, Antonio João Fernandes Pizarro Gabizo, foi acusado de arranjar duas testemunhas falsas no corpo de delito, além de também ter testemunhado na devassa. O advogado Luiz Tavares de Macedo foi acusado de ter instruído as falsas testemunhas do capitão Gabizo e o artesão relojoeiro José Marcelino dos Santos foi considerado por Barata o "mestre das manobras", sendo o responsável por criar uma encenação, na qual se utilizava de uma cabeleira de palha de tucum [211], fingindo-se ser Cipriano Barata pregando a revolução dos negros.[212]

O nome do capitão Gabizo é muito presente na *Nova Sentinella*. A folha demonstrou desconfiança em relação ao comandante do batalhão nº 5: "este Sr. nos é hoje inteiramente suspeito para Comandar um Batalhão, e manter n'ele a Ordem (...)".[213] Após um desentendimento entre os militares, ocorrido na Piedade, a folha argumentou que Gabizo

> (...) como sedutor de testemunhas de inventada república há de provavelmente forcejar por justificar-se à custa de alguém, e talvez à custa do nosso digno Colega Redator do Soldado Constitucional, que tão clara, e verdadeiramente manifestou as suas negras falsidades.[214]

---

[208] BARATA, Cipriano. *A sentinela da liberdade e outros escritos*..., op. cit., p. 719.
[209] Salustiano José Pedroza assumiria a função de secretário da *Sociedade Federal* em 1832.
[210] BARATA, Cipriano. *A sentinela da liberdade e outros escritos*..., op. cit., p. 730.
[211] Tucum, também encontrada sob as formas tecum ou ticum, é uma palmeira espinhosa típica da mata-atlântica.
[212] Ibidem, p. 745-759.
[213] *Nova Sentinella*, 12 de junho de 1831.
[214] Ibidem.

Aludindo ao possível envolvimento do comandante na invenção da república de negros, o redator afirmou que Gabizo tentaria lançar a culpa pelos desentendimentos ocorridos entre os militares no redator do *Soldado Constitucional*, José Porfírio de Lima, um dos que também foram presos sob a acusação de ter planejado a revolução ao lado de Barata.

Um dos correspondentes da *Nova Sentinella*, denominado *São Pedrista*, também criticou bastante o *Clube do Gravatá*, chegando a chamar os seus membros de "meia dúzia de servos Unitários absolutos", que precisaria conformar-se com o fato de "que todo o Brasil quer liberdade por meio de uma Constituição Federal". O correspondente evocava a reunião no Forte de São Pedro – no dia 4 de abril – e os festejos do dia Dois de Julho como provas de que o povo baiano ansiava por segurança, tranquilidade e pela vigência da lei, não permitindo mais a ocorrência de "traições armadas para a salvação dos marotos". Também responsabilizou os gravatistas por tentarem manter a inquietude das autoridades provinciais, uma vez que teriam decidido em seus encontros que "todas aquelas traições que eles quisessem praticar, deveriam imputar aos liberais (...)". Para isso, os gravatistas forjariam a existência de reuniões semelhantes às suas entre os liberais: "quando eles querem reunir-se em clubes, por exemplo, na Piedade, dizem que os liberais se reúnem, por exemplo, no Taboão (...)".[215]

No entanto, segundo as próprias correspondências do *São Pedrista* é possível perceber que as desconfianças não se limitaram ao âmbito provincial, visto que, comentando uma edição da *Gazeta da Bahia*, o correspondente mencionou uma portaria do Ministro da Justiça, de 20 de julho de 1831, na qual se ordenou que o Presidente da Província pesquisasse "os perturbadores do sossego público, que possam existir nesta Província". A portaria trazia a suspeita da existência de "uma sociedade secreta, que tem por fim proclamar o Sistema Republicano (...)", exigindo que o Presidente impedisse a instalação da mesma ou a aniquilasse, no caso de já encontrar-se instalada.[216] O *São Pedrista* demonstrou-se indignado com o fato de suspeitas como essa serem levadas a sério, em detrimento das arbitrariedades ocorridas meses antes na Província:

---

[215] *Nova Sentinella,* 7 de julho de 1831.
[216] *Nova Sentinella*, 21 de agosto de 1831.

> Ah! Sr. Redator, denuncia-se de Clubes de República, que, me parece, não existem; e nem uma palavra se deu sobre o que armou a traição ao Barata, e a outros, que nunca foram servos do Poder?[217]

O redator da *Nova Sentinella*, entretanto, não se apresentou sempre inflexível aos membros do *Clube do Gravatá*, que eram convocados a unirem-se aos liberais: "Senhores Clubistas, deixem-se de cizânias; arrependam-se de seus errados passos; votem-se conosco inteiramente à geral causa da nossa Independência, e Liberdade (...)". A única exigência feita foi com relação à postura tomada diante dos portugueses: "não queiram dilacerar os seus Brasileiros Patrícios somente pela indigna causa de *proteger a marotagem*, que é o único ponto de divergência entre nós, e o seu clube diretor".[218]

Para além da trama que resultou na prisão de Barata e da defesa aos lusitanos, não haveria nenhuma divergência significativa. A reforma federativa foi apresentada como ponto pacífico:

> Em tudo o mais parece-me estarmos concordes, pois que todos desejamos uma Constituição Liberal o mais possível, com as reformas de Federação (...) propostas, e decretadas pela nossa augusta Assembléia, em cujo Patriotismo muito, e muito confiamos.[219]

Quanto à maneira de aprovação das reformas, se seria realizada na legislatura vigente ou apenas depois das eleições seguintes – respeitando-se a forma legal que previa mudanças constitucionais –, não seria uma questão preocupante, "não deve entrar em matéria de ódios e inimizades".[220]

O *Clube do Gravatá* deu origem à *Sociedade Conservadora*. Talvez porque não tenha assumido a importância que teve a *Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional* da Corte ou pela carência de pesquisas que lancem luz ao cotidiano dos embates políticos na Bahia no início das regências, não é possível encontrar na produção historiográfica os vínculos entre o clube e a associação. A *Sociedade Conservadora* é pouco mencionada, enquanto que o *Clube do Gravatá*, embora seja mais referido, ainda é uma

[217] Ibidem.
[218] *Nova Sentinella*, 30 de junho de 1831.
[219] Ibidem.
[220] Ibidem.

realidade um tanto obscura. Ao definir o *Clube do Gravatá*, Morel citou Cipriano Barata, mais precisamente a *Sentinella da Liberdade* do dia 21 de novembro de 1832, na qual foi mencionada a existência de uma sociedade secreta em Plataforma, que reunia alguns militares, paisanos e vários senhores de engenho que planejavam, inclusive financeiramente, restabelecer o "Governo Absoluto", com o retorno de D. Pedro I e a destruição da carta constitucional.[221]

Entretanto, Barata referiu-se a outra sociedade e não ao *Clube do Gravatá*. A identificação estabeleceu-se pela confusão feita em torno das designações "gravata lavada" e Gravatá. A descrição da sociedade secreta de Plataforma foi feita por Barata para explicar a seguinte estrofe de uma poesia reproduzida em seu jornal:

> Certos – Gravatas lavadas –
> Uma alhada andam tecendo,
> De sorte que a pátria nossa,
> Se bem penso estão vendendo.
> Será certo?[222]

O termo gravata lavada não designa participantes do *Clube do Gravatá*, que eram chamados por gravatistas. Gravata lavada, na linguagem de Barata e da *Nova Sentinella*, parecia referir-se às pessoas que tinham posses e às pessoas da classe média que compartilhassem espaços e opiniões com essas.[223]

Há passagens na *Nova Sentinella* que indicam a origem do nome do clube que originou a *Sociedade Conservadora*. Quando descreveu o silêncio da imprensa baiana decorrente dos acordos selados para o não cumprimento da ata de expulsão dos portugueses e para a criação de uma representação que resultou nas prisões arbitrárias, Felix afirmou que,

> (...) só bebendo-se d'água da fonte do Gravatá, que é licor prodigioso contra todas as feitiçarias, se podia saber qual a origem d'esse encantamento. Com efeito fui beber do milagroso Gravatá, e toda a explicação do mistério me foi logo revelada.[224]

---

[221] BARATA, Cipriano. *A sentinela da liberdade e outros escritos*..., op. cit., p. 745.
[222] Ibidem, p. 846.
[223] Importante mencionar que o termo "gravata lavada" é utilizado por Teófilo Ottoni para designar a democracia da classe média.
[224] *Nova Sentinella,* 29 de maio de 1831.

No número seguinte, o redator fez mais uma vez alusão à "bebida da misteriosa água do *gravatá*".[225] O nome dado ao clube, provavelmente pelos seus adversários políticos, está vinculado à fonte do Gravatá e à rua homônima que ligava a fonte à igreja matriz, na freguesia de Santana. Os periódicos *O Órgão da Lei e Social* e *O Investigador Brasileiro*, ambos redigidos por membros da *Sociedade Conservadora*, eram confeccionados na Tipografia do Órgão da Lei, do endereço da mesma se diz: "no Gravatá nº 30".

É muito provável que a criação da *Sociedade Conservadora* tenha sido um assunto muito presente na imprensa do ano, porém, a maioria dos periódicos de 1831 não se encontra em centros de documentação para testemunhar o fato. A *Nova Sentinella* é um dos periódicos que mais tem edições acessíveis à pesquisa, pois se encontram à disposição os seus trinta e sete números, que se estendem de maio até outubro de 1831.[226] Em um deles, a *Sociedade Conservadora* é citada, mais precisamente em uma correspondência enviada por um missivista que assinava como *O bumba n'eles*. Ele narrou um diálogo ocorrido entre duas pessoas, cujos nomes foram alterados para Francisco e Paulo. Escondendo-se para ouvir a conversa, o correspondente contou que Francisco perguntou a Paulo se ele já havia se alistado "na sociedade, que de próximo se organizou nesta Cidade, debaixo da denominação de – *Sociedade Conservadora*?". Paulo respondeu negativamente, afirmando ter aconselhado aos que o ouvissem para agirem do mesmo modo. Então Francisco indagou se os fins da sociedade não eram bons e se as pessoas que a compunham não eram circunspectas. Paulo disse: "é verdade que os fins para que se diz ser ela estabelecida, são ótimos; que a ela se incorporaram algumas pessoas, que me merecem atenção; mas duvido, que progrida".[227]

Os nomes dos associados não foram citados, nem as finalidades e propostas da sociedade foram as especificadas, havendo apenas uma explicação da razão do pessimismo que o interlocutor tinha em relação à mesma. Paulo deu um exemplo que tinha ocorrido com alguns "patriotas" que se juntaram para comprar uma tipografia, com o objetivo de continuar publicando o periódico *O Bahiano*, cuja publicação na Tipografia Nacional havia sido vedada pelo Presidente José Egídio Gordilho de Barbuda. A nova tipografia, entretanto, não teria conseguido nem pagar suas próprias despesas, indo à falência. Diante disso, Paulo indagava ao

---

[225] *Nova Sentinella*, 2 de junho de 1831.
[226] BARATA, Cipriano. *A sentinela da liberdade e outros escritos*..., op. cit., p. 845. Morel afirma que a *Nova Sentinella* possui apenas vinte e nove números.
[227] *Nova Sentinella*, 15 de setembro de 1831.

seu interlocutor: “E quem meu Francisco, vê destas, ainda acredita em coisas da Bahia, não obstante ter a tal Sociedade, que tu dizes Conservadora alguns membros dignos? Não de certo”.[228]

Todavia existe uma fonte importante sobre a composição da *Sociedade Conservadora*. O periódico *O Investigador Brasileiro* traz registros de uma reunião da sociedade realizada em novembro de 1831, na qual se reuniram o bacharel Francisco Ramiro Assis Coelho, que exercia a presidência, o relojoeiro José Marcelino dos Santos, um membro da família Carneiro Campos, não identificado, o também bacharel Francisco Gonçalves Martins, o doutor Francisco Sabino, que assumiu a função de secretário da sociedade, e outros sete nomes de pessoas não identificadas.[229] Além de Francisco Sabino, a sociedade contou com as presenças do gravatista Marcelino dos Santos, que teria se passado por Cipriano Barata para forjar sua prisão, e de Gonçalves Martins, que se destacou na imprensa com *O Conservador Social* e *O Órgão da Lei*, periódicos comentados e criticados pela *Nova Sentinella* e pelos seus correspondentes.[230]

Para Moreira de Azevedo, a *Sociedade Conservadora* tinha natureza idêntica à *Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional* do Rio de Janeiro. De fato, o *Clube do Gravatá* foi identificado ao grupo dos *moderados*. De acordo com a *Nova Sentinella*, em um dos jantares realizados pelos gravatistas, deram-se vários vivas: ao Vice-presidente Gonçalves Cezimbra, ao comandante das armas, Visconde de Pirajá, a “quem está livre do inimigo Barata”, incluindo-se um grito de saudação aos “Brasileiros moderados, e amigos da Lei”.[231]

No que diz respeito à posição política do *Investigador Brasileiro* é possível constatar a atitude de apoio ao governo regencial no anúncio da chegada de Miguel Calmon du Pin e Almeida a Salvador, acompanhada da acusação de que o mesmo teria lançado o país no caos com a sua administração financeira. Ademais, o periódico consolava-se com o fato de que o ex- ministro seria um “forte Campeão da esquerda” – uma vez que se ligaria “aos Almeida

---

[228] Ibidem.
[229] *O Investigador Brasileiro*, 7 de dezembro de 1831. Os nomes das pessoas não identificadas são: Sr. Ataliba, Baraúna, Sr. Coutinho Castro, Sr. Mendes, Sr. Alvares do Amaral, Baptista dos Anjos, Sr. Sá Freire.
[230] A redação do *Diario da Bahia* também foi atribuída a Gonçalves Martins.
[231] *Nova Sentinella*, 12 de junho de 1831.

Torres, Ledos etc. sempre liberais, ou da oposição, como ele mesmo" – ou seja, não iria compor cargos do governo regencial.[232]

Em edição publicada em 1832, *O Investigador Brasileiro* reforçou a idéia de que a *Sociedade Conservadora* estaria alinhada aos *moderados*. Justificando sua posição no contexto político da época, o periódico defendeu que a oposição a D. Pedro I era mais do que aceitável, uma vez que o ex-Imperador tendia sempre "para uma liga, mais ou menos apertada, com Portugal"; por outro lado, opor-se à Regência Trina Permanente não era justo, pois ainda não se sabia o que ela seria: "mas este Governo, esta Administração ainda não se sabe o que ela será, nem o que poderá de si produzir, já se declara guerra".[233] No mesmo número publicou-se um artigo intitulado *Da Oposição atual na Câmara dos Deputados*, no qual a oposição era definida da seguinte maneira:

> É a expressão da vontade de uns ambiciosos, e outros fofos aristocratas, que, ou ambicionando os primeiros cargos da administração, para que se julgam descidos do Céu, ou tramando a restauração do, em outro tempo, seu amo, e agraciador, ou respeitando a vingança pela sua queda, procuram anarquizar o Brasil, impugnando um governo todo Nacional, mas que já não dá Baconias, Viscondados, Condados, Marquesados, Grãos-Cruzes, Comendas, hábitos, e mais distinções ao crime e ao vício, em lugar de os conferir à virtude, e aos serviços a Pátria e a Liberdade (...).[234]

A crítica direcionava-se aos *exaltados* – os "ambiciosos" –, sendo os "fofos aristocratas" os *caramurus*. O final do artigo trouxe mais críticas direcionadas aos deputados Hollanda Cavalcanti, a Antonio Pereira Rebouças, além dos Andradas.

O que se diz sobre a oposição nas páginas do *Investigador Brasileiro* permite concluir que a posição política do periódico foi mal compreendida por Gonzaga Duque. Em seu livro *Revoluções Brasileiras*, o autor elabora um resumo sobre a Sabinada, no qual apresenta uma breve trajetória de Francisco Sabino. Inicia tratando justamente do *Investigador* cujos artigos, segundo Gonzaga Duque: "levantara uma vigorosa oposição à política da regência e ao governo provincial, defendendo em calorosos períodos a utilidade do regime republicano".[235]

---

[232] *O Investigador Brasileiro*, 26 de novembro de 1831.
[233] *O Investigador Brasileiro*, 8 de junho de 1832.
[234] Ibidem.
[235] DUQUE, Gonzaga. *Revoluções brasileiras*: resumos históricos. Organização: HARDMAN, Francisco Foot; LINS, Vera. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, Giordano, 1998, p. 135.

Ademais, o autor explicou os desentendimentos entre Sabino e o jornalista Vicente Moreira Ribeiro como uma tentativa do último de colocar-se contrariamente às críticas do *Investigador*, tornando-se um paladino do governo provincial. Moreira Ribeiro estaria em busca de favorecimento junto ao governo atacado por Sabino e, por conta disso, o teria caluniado em seu *Jornal do Commercio*.[236] O desfecho da intriga ocorreu quando Sabino assassinou o alferes José Joaquim Moreira Ribeiro, irmão de Vicente, em plena Praça do Palácio.[237]

As disputas entre Sabino e Moreira Ribeiro não estão devidamente estudadas, não há registros dos jornais com as discussões entre as partes. O que se pode afirmar é que *O Investigador Brasileiro* não foi uma iniciativa de Sabino com o intuito de defender o regime republicano, uma vez que o doutor encontrava-se ligado ao *Clube do Gravatá*, era odiado por Barata, assumiu o cargo de secretário da *Sociedade Conservadora*, que se identificou aos *moderados*. Assim como o contexto político da época das regências sofreu transformações significativas, a postura adotada por Francisco Sabino passou por mudanças de 1831 até a Sabinada.

É bastante intrigante, assim como ilustrativo no que concerne a possibilidade de oscilação do pensamento político dos atores da época, o episódio envolvendo dois cirurgiões da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, que implicou importantes figuras da política da Bahia. Joaquim José da Silva acusou a Joaquim Candido Soares Meirelles de chefiar uma sociedade secreta que tinha por finalidade o assassinato dos brancos e o cruzamento de raças. Isso segundo as palavras do próprio Meirelles, que diante das dimensões que os rumores passaram a assumir, enviou uma carta ao seu acusador, em 3 de junho de 1831, procurando esclarecimentos ao fazer-lhe quatro perguntas, que depois foram publicadas por Meirelles junto com as respostas de Joaquim José Silva.[238]

Justamente por conta das respostas de Silva que o episódio assumiu importância para o contexto baiano. Uma das perguntas de Meirelles era sobre qual assunto seria tratado na

---

[236] Entre os sócios da *Sociedade Federal* há o nome Vicente Ribeiro, cujos indícios não são suficientes para confirmar ou descartar se se refere ou não a Vicente Ribeiro Moreira. Segundo Alfredo de Carvalho, o *Jornal do Commercio* tinha tendência *caramuru*, destinando-se a defender "a Constituição e o Sr. D. Pedro II". Cf. TORRES, João Nepomuceno e CARVALHO, Alfredo de., op. cit., p. 44.
[237] *Gazeta Commercial da Bahia*, 8 de novembro de 1833.
[238] MOREL, Marco. O abade Grégoire, o Haiti e o Brasil: repercussões no raiar do século XIX, in: *Almanack Braziliense*. n. 2, novembro de 2005, p. 76-90.

reunião da sociedade secreta, quem a tinha convocado e para qual finalidade. Silva respondeu o seguinte: "não me dizendo quem a convocou aqui disse-me (...) que Barata e Sabino a tinham ido estabelecer na Bahia, e que brevemente o Bahiano mudaria de linguagem acerca do objeto".[239] Meirelles enviou cartas aos acusados, chamando atenção para o fato de que havia divergências entre ambos. Somente Cipriano Barata – detido justamente pela acusação de motivar uma revolução de negros – respondeu à carta a tempo de ser publicada. O líder político afirmou estar pasmado, não tendo conhecimento de qualquer tipo de sociedade secreta nem ter contato algum com Meirelles.[240]

A resposta de Silva conseguiu unir em uma suposta sociedade secreta baseada no haitianismo dois inimigos viscerais. Barata acusou Sabino de tramar a sua prisão junto ao *Clube do Gravatá*. Sabino foi um dos signatários da representação em favor das prisões arbitrárias pela ordem. Além disso, considerando-se que Silva fez referência ao periódico *O Bahiano*, a coligação torna-se ainda mais curiosa, uma vez que Antonio Pereira Rebouças, que esteve à frente desse periódico, foi, de um lado, atacado por Barata por ter envolvimento com a sua prisão; e por outro, recebeu críticas do *Investigador*. Na visão de Silva, os esforços em torno da sociedade secreta teriam conseguido reunir representantes das três diferentes tendências políticas: *exaltados, moderados* e *caramurus*. Durante o período das regências, parecia que qualquer aliança política poderia assumir um ar de verossimilhança.

A NOVA SENTINELLA EM DEFESA DA FEDERAÇÃO

Voltando à *Nova Sentinella*, é fundamental analisar o discurso da folha no que diz respeito às exigências por mudanças constitucionais em sentido federativo, através das notícias, da reprodução de colunas políticas e correspondências. Mudanças, aliás, que eram exigidas nas páginas de vários jornais do Império.[241] Desde o início de 1831, a imprensa baiana havia introduzido a pregação federalista por meio da *Sentinella da Liberdade* de

---

[239] Ibidem., p. 89.
[240] Ibidem.
[241] *Sentinella da Liberdade*, *Nova Luz Brasileira*, *Bussola da Liberdade*.

Cipriano Barata. Felix, como seu seguidor, continuou disseminando as reivindicações apresentadas por aquele que se tornou uma das mais importantes referências políticas do Império.

É significante e estranhável que, segundo Braz do Amaral, o aparecimento das idéias federalistas na Bahia seja explicável pela fundação do jornal *O Federal sob a Constituição*, cujas atividades estavam ligadas a uma sociedade federativa.[242] A *Sentinella da Liberdade* de Cipriano Barata não é considerada uma propagadora das idéias federalistas na Bahia, ainda que tenha surgindo antes da *Sociedade Federal*.

Quando da sua prisão, Cipriano Barata explicou que havia uma luta perpétua entre federalistas e unitários na Corte. No *Desengano ao Público*, Barata contava tudo conforme tinha ouvido dizer, "segundo diz a fama", querendo esquivar-se de qualquer acusação e evitar retaliações ainda maiores. Em todo caso, afirmou que os federalistas desejavam "as províncias unidas, com mais desabafo e prosperidade, imitando indiretamente os Estados Unidos do Norte". Cada província iria dirigir-se a si mesma "na maior parte dos negócios", não sendo o povo oprimido pelos fidalgos e pelos altos tributos.

Já os unitários desejavam "o Brasil unido em um só corpo maciço", onde seria possível carregar o povo de tributos para maior ganho da aristocracia. O governo ficaria restrito a "certa gentinha escolhida pela capital, onde devem existir todos os recursos, e dimanar todas as leis, determinações e ordens até para as coisas mais pequenas (...)".[243] Os unitários também seriam os responsáveis por fomentar a "infame manobra de levantamento de escravos com liberdade, a fim de horrorizar as províncias e conservá-las abraçando o status quo das coisas para os velhacos desfrutarem e dominarem tudo".

Os patriotas federalistas seriam aniquilados por receberem a culpa pelas manobras dos seus adversários, uma vez que estes, ao lado dos "fingidos Moderados", teriam facilitado a aprovação do Código Criminal com pena de morte para os implicados em levantes de escravos, ainda no tempo de D. Pedro I. Barata afirmou que "se estas coisas fossem

---

[242] É importante lembrar que, de acordo com Alfredo de Carvalho, o periódico *O Precussor Federal* teria sido o jornal da *Sociedade Federal*, surgindo *O Federal sob a Constituição* apenas depois de uma dissidência na entidade.
[243] BARATA, Cipriano. *A sentinela da liberdade e outros escritos*..., p. 730-31.

verdadeiras, eu desde já poderia queixar-me que sou perseguido pelos pérfidos unitários, que me parecem podem estar confundidos com hipócritas Moderados".[244]

No mesmo período, a *Nova Sentinella* continuou a realizar a divulgação das idéias federalistas após a prisão de Barata, ainda antes do surgimento da *Sociedade Federal*. O núcleo no qual se aglutinaram os rebeldes da revolta de 1831 está fundado na referência política assumida por Cipriano Barata. A partir dos comentários de Braz do Amaral aos escritos de Ignacio Accioli, pode-se inferir uma perspectiva que despreza o papel da revolta de 28 de outubro 1831, não utilizada como uma referência para explicar o surgimento das idéias federalistas na Província da Bahia. Em vez disso, o autor prefere realçar o papel do periódico da *Sociedade Federal*, ainda que apresentasse poucas informações a respeito.

A leitura da *Nova Sentinella*, que demonstrou ser um importante testemunho da luta pelo federalismo, permite a percepção de conexões entre a imprensa, a influência de Cipriano Barata e o surgimento da vida associativa na Bahia, por meio do *Clube do Gravatá*. A gazeta noticiou as propostas federalistas surgidas no âmbito parlamentar, ao tempo que auxiliou na formulação do discurso dos rebeldes, apresentado nos manifestos de 1831, 1832 e 1833. O conteúdo divulgado por Cipriano Barata, na *Sentinella da Liberdade*, também difundido por Felix na *Nova Sentinella* serviu como referência para a elaboração das propostas sustentadas pelos movimentos rebeldes do início da década.

O antilusitanismo é um exemplo importante a esse respeito. Presente nas diversas manifestações do ano de 1831 – não apenas na revolta federalista –, a retórica contra os lusitanos tornou-se um dos principais temas da *Nova Sentinella*, que realizou vários pedidos ao governo para que se fossem levadas em consideração as "representações, que se lhe tem feito", para que "quanto antes mande evacuar a Província desses Portugueses solteiros, que nenhuma ligação tem de família para merecer-nos comiseração (...)".[245] Exigência que pode ser encontrada nos manifestos de 1832 e 1833.[246] A aspiração de que os portugueses fossem expulsos, no entanto, não se limitou aos propugnadores do governo federativo, sendo bastante disseminada entre vastos setores da população. Por outro lado, nem todo federalista defendia a expulsão de portugueses, a exemplo dos que compunham o núcleo principal da *Sociedade*

---

[244] Ibidem.
[245] *Nova Sentinella*, 12 de junho de 1831.
[246] Cf. Capítulo 1, p. 20 e 21.

Federal. Estes difundiram que os lusitanos desejavam apenas a manutenção da ordem e não constituíam qualquer tipo de ameaça. O antilusitanismo, embora muito presente, não dominava o pensamento de todos.[247]

Segundo a *Nova Sentinella*, os defensores dos lusitanos que argumentavam contra a execução da ata pela expulsão, apresentavam duas razões: a "1ª com o dizerem, que fica agora a terra sem muitos contos de réis que já alguns comerciantes têm consigo levado [a] 2ª que só a Bahia é que tem empreendido esta deportação dos marotos (...)". A folha retrucou afirmando que os comerciantes listados não estavam entre os que tinham representatividade no comércio, pois a maioria dos que figuravam na ata eram solteiros; os casados constituíam pouco mais de vinte nomes, tendo sido indicados pelo apoio dado aos portugueses nas guerras de Independência. Ademais, os portugueses levavam para o seu país o dinheiro em ouro e prata, que, segundo o redator, não mais circulavam no Brasil. Ao segundo argumento, a folha afirmou que a expulsão de portugueses era uma exigência em diversas províncias, exemplificando com a reprodução de uma carta da Província de Alagoas, na qual se exigia a deposição de europeus de cargos públicos e a expulsão de portugueses.[248]

A atitude xenofóbica em relação aos lusitanos não era a única postura comum apresentada pela *Nova Sentinella* e pelos manifestos federalistas. A punição a ser aplicada ao ex-Imperador frente à possibilidade de seu retorno ao Brasil também é um importante dado a ser considerado. Cipriano Barata criticou bastante um projeto de autoria de Bernardo Pereira de Vasconcelos, pelo qual o ex-Imperador deveria ser considerado inimigo do Brasil e como tal, caso voltasse ao país, poderia ser preso por qualquer cidadão, sob a acusação de banimento. Os seus bens em território brasileiro seriam vendidos e aplicados no pagamento de suas dívidas.[249] Barata considerou o projeto defeituoso por "não falar nos horríveis crimes que [D. Pedro I] cometeu, fazendo-se Réu de alta traição à nossa pátria, e fugindo para escapar ao castigo". Sustentou que um projeto de tal natureza deveria ordenar que, caso o ex-Imperador "pusesse pés em nossa terra, fosse imediatamente espingardeado sem mais formalidade nem demora".[250]

[247] Cf. Capítulo 1, p. 21.
[248] *Nova Sentinella*, 12 de junho de 1831.
[249] BARATA, Cipriano. *A sentinela da liberdade e outros escritos*..., op. cit., p. 769.
[250] Ibidem., p. 769.

A opinião de Barata coincidia com o que expunham alguns periódicos *exaltados*. Em junho de 1831, a *Nova Sentinella* reproduziu uma versão de um projeto, proposto em um jornal da Corte à Assembléia Geral, que estabelecia os seguintes artigos:

> Art. 1º O Ex-Imperador do Brasil D. Pedro de Alcantara Bragança e Bourbons é declarado inimigo da Nação Brasileira pelos crimes cometidos durante seu reinado, e apontados geralmente pela voz Pública.
> Art. 2º Nunca mais em tempo algum poderá aparecer no Brasil.
> Art. 3º Todo o Cidadão Brasileiro ou Estrangeiro que o encontrar no território do Brasil fica autorizado para o matar, sem que por isso seja responsável perante autoridade alguma.
> Art. 4º Morto ele será queimado o cadáver, suas cinzas serão lançadas ao mar duas milhas distante do lugar onde houver sido morto.
> Ficam revogadas todas as Leis e determinações em contrario.[251]

Em vez de prisão, os *exaltados* desejavam que o ex-Imperador fosse condenado a uma espécie de proscrição, podendo ser morto por quem quer que fosse. Nos manifestos federalistas apresentados pelos rebeldes da Bahia havia uma determinação que substancialmente era a mesma. Os rebeldes do Forte do Mar determinaram que:

> Todo cidadão Brasileiro fica autorizado a matar ao tirano ex-imperador D. Pedro 1º, como o maior inimigo do Povo Brasileiro, no caso que apareça em qualquer parte do território desta Província: a respeito porém de todos aqueles que lhe prestarem socorro de qualquer natureza que seja, ou seguirem o seu atraiçoado partido, depois de convencidos do seu crime em o Tribunal competente, lhe será infringida a pena de prisão perpétua com trabalho.[252]

No caso em questão, havia ainda a previsão de pena de prisão perpétua para qualquer pessoa que prestasse socorro ao ex-Imperador.[253] Embora Felix da *Nova Sentinella* não tenha elaborado a proposta de lei, endossou a pena de morte para o ex-Imperador, como fariam os rebeldes federalistas e o próprio Cipriano Barata.

Além disso, a presença de Guedes Cabral na revolta de 1831, provavelmente exerceu papel importante para a formulação do manifesto da revolta de Cachoeira. É possível que

---

[251] *Nova Sentinella*, 24 de junho de 1831.
[252] Arquivo Nacional, Manifesto Federalista de 1833, IJ^707.
[253] O manifesto da Cachoeira de 1832 trazia um artigo que tratava do assunto: "O ex-Imperador tirano do Brasil será fuzilado em qualquer parte desta Província, se acaso aparecer, e a mesma pena terão os que o pretenderem admitir e defender". Arquivo Nacional, Manifesto Federalista de 1832, IJ^707. ACCIOLI, I. *Memórias Históricas*..., op. cit., p. 354-355.

Guedes Cabral participasse da elaboração da *Nova Sentinella* ou fosse um dos correspondentes da gazeta. Certamente, o professor gaúcho era ao menos um leitor. As afinidades políticas e a antecedência que a folha teve em relação às revoltas permitem supor que a *Nova Sentinella* tenha sido um pólo aglutinador, que além de ter gerado uma liderança para os rebeldes federalistas de 1831, na pessoa do seu redator Felix, também auxiliou na elaboração do discurso rebelde das revoltas seguintes.

A *Nova Sentinella* não se acomodou, assim como os rebeldes, com a idéia de esperar para que a legislatura de 1834 decidisse sobre as reformas, estas deveriam ser submetidas à votação sem demora. No mesmo número que noticiou a existência de uma proposta parlamentar – de autoria de Ernesto Ferreira França, Manoel Alves Branco e Fernandes da Silveira – para que o governo se tornasse federal, a folha apresentou longo artigo em prol das reformas federativas, cuja aprovação deveria ser feita o quanto antes, pois em sua perspectiva a federação era considerada fundamental para a prosperidade do país.[254]

O artigo consiste em um diálogo com a opinião exposta pelo jornal pernambucano *O Republico*, que acreditava que a única salvação para o país era propor a reforma federativa em maio de 1831, para que somente três anos depois, conforme a lei, o país tivesse uma "Constituição Monárquica Representativa Federal". A *Nova Sentinella* discordava da adoção do procedimento legal, pois o melhor seria

> (...) propor-se a federação, e neste mesmo ano deliberar sobre isto a nossa Augusta Assembléia, a fim de que quanto antes tenhamos uma Constituição Monárquica Representativa Federal, que desde já nos ponha a salvo de tantos incômodos.[255]

Antes de tratar do assunto, Felix argumentou que não era errado que qualquer cidadão emitisse suas opiniões sobre artigos constitucionais "uma vez que se não provoque a rebelião, mas sim unicamente se transmitam, como análises razoáveis".[256] Além de procurar afastar a possibilidade de alguma acusação de instigar rebeliões, o redator nutria a esperança de que a aprovação de uma reforma federativa fosse possível ainda em 1831.

---

[254] A proposta dos três deputados previa que cada província tivesse uma constituição particular.
[255] *Nova Sentinella*, 23 de junho de 1831.
[256] Ibidem.

Alegando que a importância da reforma era admitida pela maior parte da população, a folha indagava:

> (...) não parece assaz justo que quanto antes os nossos Sábios, e Beneméritos Representantes na Assembléia Geral, tratem logo, e logo de reformar essa Constituição nos artigos que mais urgem as extremas necessidades do nosso vastíssimo Império?.[257]

Em seguida, a gazeta apresentava as necessidades das províncias, que deveriam federar-se:

> Não há quem não reconheça a urgentíssima precisão, que temos, de que comecem desde já cada uma das Províncias gozar da prerrogativa de eleger Presidentes de sua confiança, que possam sancionar as Leis peculiares de seu interno regime, que a bem de cada uma das mesmas Províncias forem suas respectivas Assembléias Provinciais estabelecendo, e assim dando-se logo princípio à interina execução de tais leis, subirem então à Assembléia Geral, onde merecendo plena aprovação, obtenham a sanção do Governo Supremo, segundo convierem, ou não aos interesses gerais do Império.[258]

Assim, as províncias do Império contariam com leis adaptadas às suas circunstâncias, livrando-se das perturbações, muitas vezes provocadas pela falta de decisões políticas efetivas, assim como pela oposição a certos presidentes de províncias nomeados pelo governo central. A concepção apresentada pela folha tem uma peculiaridade, pois previa que as leis provinciais fossem submetidas à aprovação da Assembléia Geral – obtendo a sanção do "Governo Supremo" – e, somente após a fase de execução interina, caso convindo aos interesses gerais da nação, as leis alcançariam a validade plena. Desse modo, postulou-se uma hierarquização entre as esferas central e provincial, na qual o poder das instâncias provinciais, ainda que se tornasse maior que o desfrutado até então, estaria submetido a uma aprovação posterior por parte do Império.

A visão hierárquica que o redator da *Nova Sentinella* tinha sobre a federação é distinta da dinâmica de elaboração da constituição dos Estados Unidos da América (1787). Embora a constituição estadunidense tenha criado órgãos da União que assumiram determinadas competências – arrecadação de impostos, direitos, tributos e taxas, além de prover a defesa de

[257] Ibidem.
[258] Ibidem.

todos os Estados –, suas leis estaduais não ocupavam uma posição inferior, como se estivessem dispostas hierarquicamente.

A Constituição dos Estados Unidos tinha como base as cartas de lei dos estados, servindo mais como um instrumento legal do que como uma carta de direitos, pois não fazia menção aos direitos dos cidadãos à vida, à propriedade, além de não explicitar que a autoridade emanava do povo, elementos que se podia encontrar, por exemplo, na Constituição da Virgínia (1776).[259]

A federação adaptada, divulgada por Felix, previa que a Assembléia Geral realizaria uma avaliação das leis provinciais, podendo elevá-las à categoria de leis gerais. A idéia era, portanto, tornar as províncias mais autônomas, de modo que as mesmas pudessem criar um aparato legal mais apropriado, além de contar com uma presidência não delegada pelo poder central. De certo modo, a adaptação era um reflexo das circunstâncias brasileiras, uma vez que, ao contrário dos Estados Unidos, o Império do Brasil constituiu-se como um corpo político centralizado, sendo as exigências federalistas identificadas com o desejo de criar províncias com mais poder de decisão, não visando à criação de um instrumento que unisse os estados, tal como se estabeleceu com constituição americana.

O redator da *Nova Sentinella* insistiu sobre a urgência no julgamento das reformas, explicando que a determinação de que os deputados fossem eleitos *ad hoc*, ou seja, com a finalidade de realizar as reformas constitucionais, era uma mera formalidade. Diante das necessidades do país, cumprir tal lei seria um simples cerimonial. O ideal seria não esperar pela legislatura seguinte e, por isso, a folha questionou a necessidade do interstício: deveria "a Nação ficar sofrendo por tanto tempo a falta dessa boa instituição, que conhece lhe ser tão necessária, como o pão para a boca?".[260] A própria gazeta responde à questão apresentada, reforçando a prioridade de aprovar as reformas urgentemente, ainda que em contrariedade à forma estabelecida para a realização das reformas dos artigos constitucionais:

> Não de certo: uma Lei qual esta se mostra ser, de mera formalidade, nunca deve preferir a primeira imprescritível lei do *salus Populi*. É portanto (nos parece) do dever dos Senhores Ilustres Deputados, acorrerem quanto antes a tal necessidade urgente, que a Nação padece; e deixando essa formalidade de

[259] PADOVER, Saul K. A Constituição viva dos Estados Unidos. São Paulo: IBRASA, 1987, 2 ed.
[260] *Nova Sentinella*, 23 de junho de 1831.

> interstícios, proporem, e decretarem este mesmo ano a Federação das Províncias.[261]

A imediata reforma constitucional em sentido federativo era fundada no princípio do "*salus populi suprema Lex"*, segundo o qual, de acordo com o redator da *Nova Sentinella*, a necessidade teria prioridade em relação à formalidade, uma vez que a sentença latina postula que o bem-estar do povo deve ser a lei suprema.

Comparando o "Corpo Social" ao corpo humano, o redator fez um grave diagnóstico. O país se encontraria como um enfermo "em perigo evidente de vida", situação na qual o médico "deve então sem mais consulta, aplicar logo o remédio, que julgar conveniente". Na realização das reformas federativas, os deputados deveriam agir como os médicos, aplicando o remédio mais conveniente. Do "Corpo da Nação" deveria se "mutilar o membro infecto, sem admitir delongas para não perecer de todo". A solução da enfermidade estaria na federação, então reconhecida "como o único remédio aplicável ao bem ser da Monarquia Constitucional do nosso Império (...)".[262]

A utilização do termo remédio para designar a reforma federativa também foi feita por Cipriano Barata em seus escritos. Ainda que não possa ter acesso aos exemplares da *Sentinella da Liberdade* publicados na Bahia em 1831 de maneira direta, valiosas informações podem ser obtidas por meio do *Desengano ao Público*, no qual Barata fez um breve resumo das vinte e duas edições da *Sentinella da Liberdade* publicadas em Salvador, compreendidas no período entre a sua saída da prisão, em 1830, e o seu novo encarceramento em abril de 1831.

Em pelo menos quatro edições – de números 10, 11, 18 e 19 –, a federação é designada como remédio. Em um dos exemplares, mais precisamente o de número 11, a federação é considerada o "remédio único para sarar nossos males políticos".[263] Exemplo que ilustra, uma vez mais, a influência exercida por Cipriano Barata no uso que os federalistas faziam de determinados termos, na formulação do discurso na imprensa, nas revoltas e também na *Sociedade Federal*.

A *Nova Sentinella* voltou ao assunto da reforma federativa tratando novamente da urgência de sua aprovação, sugerindo uma alternativa ao procedimento estabelecido por lei:

---

[261] Ibidem.
[262] Ibidem.
[263] BARATA, Cipriano. *A sentinela da liberdade e outros escritos*..., op. cit., p. 720.

> (...) mande a Regência oficiar a todas as Províncias, dizendo que se consulta sobre isto logo aos Colégios Eleitorais, e Paroquiais, que vejam se lhes convém, ou não, que se faça nesta mesma Legislatura a Federação (...).[264]

Em vez de esperar pela legislatura seguinte, na qual os deputados eleitos teriam a especial faculdade de reformar a constituição, propunha-se que os eleitores fossem previamente consultados, através dos colégios eleitorais e paroquiais, sobre a concessão da mesma. Não obstante a insistência, a *Nova Sentinella* demonstrou a confiança de que o governo e a Assembléia Legislativa trabalhariam para a realização da reforma constitucional: "(...) é pois de crer que sejamos atendidos, é de crer que as reformas federativas já propostas na nossa Assembléia, tenham e produzam o efeito desejado (...)".[265]

Além de propagar a idéia de que uma constituição federal era objeto de desejo da maioria da população, a gazeta mencionou a existência de uma lei já aprovada, em 14 de junho de 1831, considerada um instrumento responsável pela dilatação do poder provincial, porque conferia "aos Presidentes nas Províncias maiores atribuições (...)".[266] Diante disso, a postura mais adequada seria a de respeito às autoridades e à lei: "observemos a Lei, respeitemos às Autoridades legítimas, e em paz, e harmonia receberemos o merecido fruto de nossos esforços, e Patriotismo, e assim seremos felizes".[267]

A federação continuou constando das páginas da folha, ainda que fosse pela reprodução de jornais como *O Eco d'Olinda*, cuja primeira edição apresentou uma breve trajetória da luta pela federação no país sob a ótica da experiência pernambucana. O jornal olindense afirmou que Antonio Ferreira França – o "libérrimo França" – já havia projetado a

---

[264] *Nova Sentinella*, 4 de agosto de 1831.
[265] Ibidem.
[266] A Lei de 14 de junho de 1831 previa no artigo 17: A atribuição de suspender os Magistrados será exercida pela Regência cumulativamente com os Presidentes das respectivas Províncias, em Conselhos, ouvindo o Magistrado, e precedendo na forma do art. 154 da Constituição. Por sua vez, o artigo 18 previa: "A atribuição de nomear Bispos, Magistrados, Comandantes da Força de Terra e Mar, Presidentes das Províncias, Embaixadores e mais Agentes Diplomáticos e Comerciais, e membros da Administração da Fazenda Nacional na Corte, e nas Províncias os membros das Juntas de Fazenda, ou as autoridades, que por Lei, as houverem de substituir, será exercida pela Regência. A atribuição, porém de prover os mais empregos civis, ou eclesiásticos (exceto os acima especificados, e aqueles cujo provimento definitivo competir por Lei a outra autoridade) será exercida na Corte pela Regência, e nas Províncias pelos Presidentes em Conselho, precedendo as propostas, exames, e concursos determinados por Lei". Desse modo, os presidentes das províncias tinham poderes sobre os magistrados, além de prover os empregos civis ou eclesiásticos que não fossem providos pela Regência.
[267] *Nova Sentinella*, 4 de setembro de 1831.

federação na época da Assembléia Constituinte, que vista como uma inovação perigosa, não obteve aprovação. Os pernambucanos, entretanto, não demoraram a concluir que o país continuava dominado, o que levaria Pernambuco a ser "a primeira [província] em alçar o grito da Federação". Apesar disso, D. Pedro I foi vitorioso diante dos "patriotas pernambucanos", e a federação pareceu ter sido extinta diante da "vitória da tirania".

O quadro se modificaria, por conta das experiências traumáticas com o seu governo: a "justa causa dos Pernambucanos, a Idéia de Federação foi renovada (...)" e, desta vez, "na mesma sede dos cortesões (...)".[268] De acordo com *O Eco d'Olinda*, o jornal *O Republico* foi o responsável pela restauração da causa, que foi abraçada pelo sul do Brasil, "rebelde outrora em seguir as lições da livre pátria dos Canecas". Os periódicos de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais passaram a propagandear o sistema federativo e "(...) a Federação começou a ser ídolo dos Brasileiros em geral (...)". No entanto, "separado d'entre nós o principal móvel da nossa desgraça pelos esforços do patriotismo (...)", ou seja, após a abdicação do ex-Imperador, "espíritos superficiais afrouxaram de algum modo na empresa de que se subcarregaram". *O Eco d'Olinda* expressou o incômodo com o que acreditava ser um enfraquecimento da luta pelas reformas federativas em decorrência da abdicação de D. Pedro I: "Não podemos sofrer que se abandone esse projeto, tão indispensável ao Brasil, só porque a tirania baqueou".[269]

Apesar de benéfica, a abdicação não traria a solução de todos os problemas. Os interesses provinciais continuariam existindo e somente o sistema federativo teria a capacidade de pôr fim aos males provenientes do governo unitário, males estes que acometiam de modo especial às províncias do Norte. O periódico apresentou o modo como deveria organizar-se a federação:

> A experiência nos tem mostrado que cada província deve obrar independentemente sobre os seus interesses particulares e locais, e deve ornar seu governo peculiar; entretanto que a segurança e bem estar de cada uma delas exigem um centro, que obre naquilo que interessa à totalidade, que mantenha a liga, e mútua correspondência entre as Províncias Unidas, que vele sobre a segurança externa, que entretenha relações de amizade para com as nações estrangeiras, e trato com elas sobretudo que disser respeito ao todo federativo.[270]

[268] Ibidem.
[269] Ibidem.
[270] Ibidem.

A inspiração para a estruturação do governo, nesse caso, também vinha dos Estados Unidos, onde cada "província" estabeleceu o seu "governo peculiar" e, só depois, o "todo federativo".

DA IMPRENSA ÀS ARMAS

No que diz respeito ao federalismo, o discurso da *Nova Sentinella* foi comedido enquanto acreditou-se que as reformas eram realidades palpáveis. Alguns sinais de acirramento político, no entanto, foram surgindo na folha, à medida que se aproximava o fim do ano legislativo de 1831, sem que a apresentação da proposta de implantação do sistema federativo sofresse alteração ou que estratégias políticas alternativas fossem explicitadas. De qualquer maneira, as expectativas iam se frustrando, o que colaborou para a tentativa armada de mudança de governo em 28 de outubro de 1831.

Em setembro, a gazeta mandou um recado a um oficial de cavalaria, afirmando ainda manter a confiança na instauração de um governo federativo no país:

> Avisa-se a certo Sr. Oficial de Cavalaria que não prenda mas a indivíduos do seu Corpo, por dizerem que a Federação é bom Governo, visto que esta no Brasil há de fazer, quer o Sr. Oficial queira quer não queira.[271]

No mesmo número, teve lugar a publicação de um soneto, enviado pelo *São Pedrista*, expressando insatisfação com os representantes não suficientemente comprometidos com as reformas:

> Vinde cá Políticos cataventos
> Uma hora liberais, outra servis;
> Formados só em patranhas, e ardis,
> Para lucros tirar de seus inventos.
>
> Sois mais vários do que os vários ventos
> Monstros perversos, impostores vis

[271] *Nova Sentinella*, 15 de setembro de 1831.

Adestrados em armar laços [ilegível],
Colorados por nefandos juramentos.

Infames d'esta forma procedendo
Dizei-me esperais de vossos planos
Que vá a Liberdade amortecendo?

Não ingratos, terríveis inumanos,
De dia em dia irão aparecendo
Intrépidos Liberais Republicanos.[272]

O último exemplar da *Nova Sentinella* mencionou por duas vezes o termo "liberais federalistas republicanos". Menções como essas não tinham sido feitas anteriormente no periódico, revelando que a linguagem da gazeta havia se tornado mais explícita.

A partir da edição extraordinária de 7 de outubro de 1831, há um intenso debate em torno da repercussão que algumas revoltas, sobretudo a ocorrida em 15 de setembro em Pernambuco, tiveram na imprensa baiana. O redator da *Nova Sentinella* pedia que os julgamentos sobre o que havia se passado naquela província fossem suspensos temporariamente, até que se tivesse acesso a informações confiáveis. Segundo ele, os periódicos da Bahia, a exemplo do "*Escudo, Investigador, Gazeta da Bahia, e Recupilador*", teriam divulgado "coisas, que nos pereceram exageradas", querendo inculcar a idéia de que "tal desordem teria por seu funesto princípio algum concertado plano dos *Liberais*, a que por aqui costumam apelidar com o odioso epíteto de *Anarquistas*".[273] A correspondência da *Gazeta da Bahia*, analisada no início deste capítulo, responsabilizava os federalistas pelas desordens em Pernambuco, cuja expressão mais radical teria sido a "Federação de bens alheios".

De acordo com interpretação da *Nova Sentinella*, baseada na *Bússola da Liberdade* e no *Diario de Pernambuco*, os distúrbios ocorridos na Setembrizada não tinham ligação com os federalistas, eram somente manifestações de insubordinação das tropas. Não houve sequer tentativa de apoio aos militares rebeldes: "Lastimamos, queridos Compatriotas, a triste sorte de nossos Irmãos Pernambucanos, que foram infelizes vítimas da rebelião de uma soldadesca perversa, inumana, e debochada". A insubordinação "fora feita unicamente pela Tropa" que não aceitou os "merecidos castigos" aplicados a alguns militares no dia anterior à revolta.

[272] Ibidem.
[273] *Nova Sentinella*, 7 de outubro de 1831.

Apenas depois do primeiro passo, dado pelos militares, foi que se juntaram a eles "alguns moleques" que cometeram roubos e assassinatos.[274] Enfim, em Pernambuco teria acontecido o mesmo que teria ocorrido na Bahia, na noite de 31 de agosto: apenas uma insubordinação da tropa, sem a presença de paisanos.[275]

Depois da edição extraordinária, a folha demorou mais de dez dias para distribuir o seu penúltimo exemplar a 20 de outubro de 1831. Algo incomum, pois, quase sempre havia novos números nas quintas e nos domingos, sem contar as edições extraordinárias. Outra peculiaridade era o local de impressão desse exemplar que, diferente de todos os outros – incluindo-se a última edição – foi realizada em Cachoeira e não em Salvador. Talvez não tenha sido mera coincidência que o Presidente Honorato José de Barros Paim tenha enviado uma carta ao juiz de paz daquela vila, Francisco Antonio Ferraz Pereira, fazendo recomendações sobre a manutenção da tranquilidade do município. Advertindo-o sobre a atuação dos guardas municipais, Paim afirmou que não o havia agradado o fato

> (...) de haver as Guardas Municipais dessa Vila estado em armas na madrugada do dia 22 [de outubro], em razão de meras desconfianças, que apareceram, mas que nada produziram, porquanto um movimento desses causa terror, e susto além de incômodo aos Guardas, o que se deve evitar, sempre, que não houve um motivo para tanto.[276]

A atmosfera de desconfiança pairou sobre Cachoeira, levando os guardas municipais às ruas. A mobilização dos guardas aconteceu apenas dois dias depois da publicação da *Nova Sentinella* na vila.

O conteúdo da edição de Cachoeira não pode ser considerado de menor importância, constituindo-se uma das mais extensas edições da gazeta, composta em grande parte por denúncias de planos obscuros, a exemplo de "traições, e tratados ocultos com a França, e

---

[274] Ibidem.

[275] De acordo com Hendrik Kraay, a preocupação das autoridades provinciais com o retorno de tropas baianas que se encontravam no Rio de Janeiro em 1831, e que haviam se envolvido com o Levante dos Periquitos (1824), levou a medidas restritivas, nas quais os militares tinham o contato com a população civil bastante limitado, o que comprometeu a convivência destes com amigos e familiares. Por conta disso, "em 31 de agosto de 1831, eles se rebelaram, declarando que não mais aceitariam dormir nos quartéis, comer nos refeitórios, nem trajar suas fardas com gravatas de couro e, ainda, que esperavam se ver livres de quaisquer acusações". KRAAY, Hendrik. Daniel Gomes de Freitas: um oficial rebelde do Exército Imperial Brasileiro. *Politéia: História e Sociedade*. Vitória da Conquista, v.4, 2004, p. 147.

[276] Biblioteca Nacional, 6, 2, 1. Correspondência do Presidente da Província da Bahia ao Juiz de Paz da Vila de Cachoeira, 27 de outubro de 1831.

Inglaterra, e outras muitas manobras debatidas na Sessão d'Assembléia". As informações foram extraídas de cartas vindas do Rio de Janeiro que trataram da ocorrência de conflitos entre brasileiros e portugueses. Foram formuladas hipóteses sobre as ações de sociedades que tinham o objetivo de dividir o país para estabelecer seus domínios:

> Dizem uns que existem sociedades onde se tem decretado a divisão das Províncias em pequenos Reinos para serem repartidas pelos nossos aristocratas mandões, outros que se pretende formar um só Reino do Rio de Janeiro, Minas, S. Paulo, Santa Catarina, e Espírito Santo, confinando ao norte com a Bahia, e Goiás; ao Oeste com o Paraguai, Goiás, e Mato Grosso, e ao Sul com S Pedro para um grande figurão com distinção à direita de Caim e que tudo o mais ao Norte, ao Oeste, e ao Sul se governem como quiserem. Em conclusão dizem que os Estrangeiros e Brasileiros adotivos estão fazendo planos divisórios d'este País de Repúblicas, e dispondo como quem dispõe de suas fazendas e mercadorias.[277]

As denúncias eram graves, sendo acompanhadas dos chamados, feitos aos "Brasileiros", para fazer oposição à tirania dos "patrícios aristocratas vendidos" e para não permitir-se o retorno à época do governo de D. Pedro I:

> Ligai-vos bons Brasileiros, ligai-vos, e vede que só assim podereis salvar a Pátria de muito e muito perto ameaçada pelos inimigos internos de mãos dadas a tratados externos, e atendei que LIBERDADE, Liberdade só será a nossa Salvação.[278]

Cipriano Barata citou as tentativas de retalhamento do Brasil publicadas na folha, ao lado de denúncias do mesmo teor divulgadas em outros periódicos. Acrescentou ainda um fato importante sobre implicações judiciais que pesaram sobre o redator da *Nova Sentinella* em decorrência de suas publicações: "Essa Gazeta foi chamada por Júri por gentes indiscretas, ou talvez por insinuação de pessoas parciais nessas maquinações tenebrosas. O Gazeteiro foi sabiamente absolvido pelo honrado e patriótico Júri".[279]

Após a veiculação das denúncias, Felix lançaria, três dias depois, o último número da *Nova Sentinella*, não havendo informação segura que possa explicar a sua retirada: se por determinação da justiça, por uma decisão tática, que abdicaria da atividade jornalística

[277] *Nova Sentinella*, 20 de outubro de 1831.
[278] Ibidem.
[279] BARATA, Cipriano. *A sentinela da liberdade e outros escritos*..., op. cit., p. 845.

passando à ação armada ou, ainda, por dificuldades financeiras, uma vez que a gazeta era de distribuição gratuita.

A gratuidade da *Nova Sentinella* gerou críticas por parte da imprensa ligada ao *Clube do Gravatá* que repercutiram um embate entre *O Conservador Social* e o correspondente denominado *Observador dos Conservadores*. Segundo este, o periódico de Gonçalves Martins teria afirmado "que as classes mais indigentes são em geral as que menos entendem, e menos podem apreciar o que lêem". Afirmação que levou o *Observador dos Conservadores* à postura de oposição ao periódico, pois acreditava que "a classe indigente, entre a qual muitas vezes se encontraram Patriotas verdadeiramente virtuosos, e capazes de se sacrificarem pela Pátria, são nada, segundo o que nos dá a entender o Conservador".[280]

O embate assinala as diferentes maneiras de perceber a importância dos mais pobres no cultivo do patriotismo e testemunha um fato importantíssimo, ainda não suficientemente elucidado: a distribuição gratuita da folha. É bastante crível que, embora assumisse uma postura de reivindicação mais incisiva, identificando-se com as lutas sociais nas quais se empenhou Cipriano Barata, algumas pessoas de posses estivessem implicadas na ajuda com as despesas, não pequenas, da produção e distribuição da *Nova Sentinella*.

Na última edição da gazeta, Felix redigiu um artigo de despedida, no qual criticou enfaticamente a Francisco Sabino que "*pela maneira mais positiva, e afrontosa, derramou* (...) *sua biles em geral contra os* liberais federalistas, e republicanos do Brasil, *a quem quis atribuir as ladroeiras de uma tropa desenfreada em Pernambuco* (...)".[281] Sabino seria mais um a tentar ligar a imagem dos federalistas à desordem ocasionada pelos distúrbios da Setembrizada, assim como teria estendido suas críticas aos deputados e escritores que

> (...) *com dignidade, boa fé, e saber tem na Augusta Assembléia proposto, e sustentando a necessidade, e justiça de um tal Governo no Brasil: e já não falamos em quase todos os Escritores públicos do Brasil, que tem francamente advogado a Causa da* Federação (...).[282] (grifo original)

[280] *Nova Sentinella,* 12 de junho de 1831.
[281] *Nova Sentinella*, 23 de outubro de 1831.
[282] Ibidem.

O apelo de Sabino teria se voltado às autoridades provinciais, afim de que folhas como a *Nova Sentinella* – "*que tem aparecido em diversos pontos do Brasil!"* – fossem punidas.

Ao finalizar o artigo, Felix insinuou que por questão de conveniência Sabino estaria comprometido com outros interesses, não condizentes com os de um patriota, por conta de seu empenho na defesa dos marotos: "*Quem não vê que* quem dá a Pátria o que a Pátria deve *quer ficar de contas justas para servir à outra, que talvez lhe dê mais conveniência??!*". O redator ironizava a epígrafe do *Investigador Brasileiro* que era "A Pátria dou o que à Pátria devo".[283] Em seguida, Felix despediu-se da redação da gazeta:

> *Continue pois o Senhor* Sabino a dar assim à Pátria o que à Pátria deve, *que nós muito estimaremos saber um dia que o braço forte de um novo* Hercules, *de um* Sansão, *ou de um* David *pôde completamente aniquilar os* liberais-federalistas republicanos do Brasil; *e bom será que nos dispensa desta* Santa Cruzada; *visto que por agora deixamos*.[284]

Anunciando a sua dispensa dos embates jornalísticos, Felix partiu para a ação armada, liderando um grupo de pessoas que se reuniu em Santo Antonio caminhando em direção à Praça do Palácio. Nos dias anteriores à revolta, a situação era aparentemente bastante tensa. Segundo a *Nova Sentinella*, a repressão aos defensores da federação exaltava os ânimos. Repressão que não se sabia se era real ou fruto de boatos, a exemplo de um possível chamado à justiça que se pretenderia fazer ao redator do *Eco da Liberdade*, Domingos Mondim Pestana, por ter "(...) i*nserido em sua Folha um Hino sobre a nossa futura,* e santa Federação (...)".[285]

Mondim Pestana também redigira o *Cidadão Soldado* e o *Despertador das Brasileiras*. Em agosto, através de uma carta publicada na *Nova Sentinella*, justificou a suspensão temporária do *Eco da Liberdade*, tendo em vista sua condição de militar e pai de família, além do degredo que sofria no Rio de Contas por denunciar as arbitrariedades das autoridades provinciais. Além do caso de Mondim Pestana, o redator citou que houve ordem para que um corpo de delito fosse procedido por se ter escrito a palavra federação na parede. Felix concluiu o último número da sua *Nova Sentinella* com algumas desconfianças, mas com uma certeza, proveniente da circunstância observada: "(...) *tudo isto podem ser boatos; mas se são*

---

[283] Ibidem.
[284] Ibidem.
[285] Ibidem.

realidades, nós nos abalançamos a dizer, que [com] *procedimentos odiosos não* [se] *conseguirá jamais acalmar os ânimos, que nós observamos em muita fermentação*."[286]

A perspectiva diante do contexto era de uma efervescência que abriria a possibilidade de concretizar a reforma federal, postergada no âmbito parlamentar, embora fosse desejada por muitas pessoas. Assim atestavam os periódicos que defendiam a federação em várias províncias. Imerso no patrimônio político centrado na figura de Cipriano Barata, Felix e os rebeldes demonstraram a intenção de implantar a federação com base nas armas. Acusando as autoridades provinciais de serem traidoras, os rebeldes não se contrapuseram ao sistema monárquico, ainda que algum deles pudesse acreditar que a república fosse uma forma de governo superior.

A *Sociedade Conservadora* de Sabino não silenciou diante dos fatos, oferecendo seu apoio ao Presidente da Província, ao que este enviou correspondência para o vice-presidente da sociedade, Francisco Gonçalves Martins, demonstrando sua gratidão:

> Em resposta ao ofício que Vmce. me enviou em nome dos Membros da Sociedade Conservadora relativamente aos acontecimentos que tiveram lugar nesta cidade no dia 28 do corrente, tenho não só de agradecer as expressões que por tal motivo me dirige, como de louvar os patrióticos sentimentos de que são possuídos os cidadãos que compõem a mesma Sociedade, os quais com todos os mais que correram às armas no referido dia para sustentarem a Constituição, são credores da estima pública.[287]

A punição dos rebeldes, se é que houve, não teve como característica o rigor, uma vez que em fevereiro de 1832, Guedes Cabral estava em liberdade e participando da revolta de Cachoeira. Felix, por seu turno, abandonou a Bahia. De acordo com *O Investigador Brasileiro*, o gazeteiro "muito sábio, e digno de governar povos" teria se aproximado do Presidente de Alagoas, considerado "fraco, ignorante e conivente nas desordens". O periódico afirmou que tal fato era uma "vergonha para o Brasil", além de representar "bem fundadas esperanças para D. Pedro I!!!".[288]

---

[286] Ibidem.
[287] Biblioteca Nacional, I, 6, 2, 1. Correspondência do Presidente da Província ao vice-presidente da Sociedade Conservadora, 31 de outubro de 1831.
[288] *O Investigador Brasileiro*, 8 de junho de 1832.

A bandeira federalista foi hasteada na Bahia ao longo do ano de 1831. Na imprensa, Barata difundiu o federalismo que os gazeteiros da Corte defendiam. Após sua prisão, a *Nova Sentinella* passou a ser a principal referência na luta pela federação, abrindo espaço para que os liberais federalistas se expressassem e aglutinando pessoas dispostas a lançar-se na ação armada diante das suas expectativas frustradas.

CAPÍTULO III
MUDANÇA DE CONTEXTO POLÍTICO - ATO ADICIONAL

> (...) um sistema de governo, que tem por princípio a ruína geral para o bem de uma pequena exceção; um sistema que se funda na opressão cruel de 17 províncias em favor de uma só, não pode fazer senão a desgraça e escravidão do povo, que o tiver adotado.[289]

A aprovação do Ato Adicional foi seguida pela eleição de Diogo Feijó para Regente Uno. Na Câmara de Deputados, Feijó enfrentou forte oposição, sobretudo pela sua incapacidade de lidar com a onda de revoltas iniciada em 1835, a exemplo da Cabanagem, no Pará, e da Farroupilha, no Rio Grande do Sul. As reformas liberais do Código Criminal e de Processo criaram o júri e modificaram a dinâmica de exercício da função dos juízes de paz – eleitos e com maiores atribuições. Mudanças que não favoreciam maior controle do exercício da justiça por parte do poder central.

As províncias também passaram a contar com mais autonomia com a descentralização do Ato Adicional, o que resultou no florescimento de tensões entre as elites provinciais. Nesse contexto, multiplicaram-se as manifestações e controvérsias em torno da questão das rendas do governo central e das províncias, que pareciam contribuir para a intensificação do clima de instabilidade, que ameaçava à integridade nacional.

A partir de então, a configuração política do parlamento começou a se modificar, com o surgimento de uma tendência que tinha como objetivo reformar a legislação aprovada pela legislatura anterior. Os *caramurus*, *moderados* e *exaltados* estavam se diluindo por conta do surgimento do movimento *regressista*. Os *regressistas* almejavam reformar o Ato Adicional, reunindo representantes dos *caramurus* e parte dos *moderados*. Apenas depois da consolidação do movimento do *regresso*, foi que as tendências contrárias se uniram para contrapor-se, aglutinando grupos políticos diversos que passavam por um processo de

[289] O Censor, 3 de Novembro de 1837.

reformulação. Assim, originaram-se os *conservadores* e *liberais* que disputariam as legislaturas e os gabinetes ministeriais do reinado de D. Pedro II.

A pregação federalista permaneceu viva na Bahia, sobretudo pelo descontentamento dos que se identificavam como *exaltados*. Para eles, uma reforma federativa verdadeira estaria por se fazer. Por outro lado, havia insatisfação com a maneira confusa de divisão das rendas do governo central e das províncias, afetando representantes *moderados* e *caramurus*. A questão das rendas colocou-se como uma das principais motivações para a aprovação do Ato Adicional. Existia a convicção de que as despesas do Império precisavam ser arcadas pelas províncias de maneira proporcional e de que as rendas provinciais fossem aplicadas no melhoramento das próprias províncias.

Testemunhos disso podem ser encontrados ainda no início da década de 1830. Mais precisamente à época do processo de debates que resultou na aprovação da lei de 12 de outubro de 1832. O jornal *O Órgão da Lei e Social*, redigido por Gonçalves Martins, publicou uma proposta do deputado Antonio Ferreira França para que fosse estabelecida a seguinte norma: "as Províncias contribuirão para as despesas do Estado na razão de seus haveres".[290] Os haveres provinciais seriam determinados através de um censo que somaria os bens dos indivíduos residentes em cada uma delas. Após a exposição da proposta, o jornal de Gonçalves Martins teceu contundentes elogios ao deputado:

> Este Projeto sobre a distribuição dos impostos contém em si um fundo de Justiça, talvez maior do que à primeira vista se nos apresenta. O Ilustre Autor de tais idéias merece que se tribute uma maior atenção a suas opiniões, do que aquela que atrai sobre elas: seu pensar é sempre justo e baseado na razão, e na natureza, porém requeira, para poder ser realizado uma maior soma de perfeição, e de virtudes, como estes não existem, a multidão o reputa existente no Mundo ideal. Não sei se erraram muitas vezes os nossos Políticos Pensadores![291]

Quando o assunto era encontrar um meio de distribuir as despesas do governo central de maneira proporcional, de modo que as províncias "escolham os objetos suscetíveis de algum encargo para fazer face a essas despesas aplicando algumas sobras em seu benefício particular", os antagonismos entre *exaltados* e *moderados* assumiam contornos mais

[290] *O Órgão da Lei e Social*, 9 de agosto de 1832.
[291] Ibidem.

fugidios.[292] A ausência de líderes baianos de tendência *moderada* na segunda legislatura (1830-1833), provavelmente, contribuiu para que Gonçalves Martins encontrasse representatividade na voz de um *exaltado*. Tal tendência possuía importantes lideranças baianas, a exemplo do próprio Antonio Ferreira França e de José Lino Coutinho; por seu turno, os *caramurus* da Bahia contavam com os nomes de Miguel Calmon, Francisco Montezuma e Antonio Pereira Rebouças. Já os líderes *moderados* daquela legislatura representavam, principalmente, a Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. É interessante notar o desenvolvimento da atividade associativa na Bahia em direção contrária ao que ocorria no parlamento. Afinal, a *Sociedade Conservadora* identificava-se com os *moderados*, e a *Sociedade Federal*, guardando proximidade com essa, sustentou um discurso *moderado*, na medida em que se opunha cabalmente à revolução e ao discurso de Barata e seus seguidores.

No entanto, a questão das rendas não era o único fator capaz de fazer com que um deputado *exaltado* fosse elogiado por um membro da *Sociedade Conservadora*. A idéia de unidade nacional também foi defendida por representantes dos *exaltados*, *moderados* e *caramurus*, cada qual a sua maneira. Os primeiros advogavam a necessidade do federalismo para o bom governo do país; os últimos defenderam um governo forte, baseado nos princípios constitucionais estabelecidos. Para os *moderados*, a integridade da nação dependia da ação de um sistema monárquico constitucional capaz de combinar centralização e descentralização.[293]

Na imprensa baiana, é possível encontrar embates entre *moderados* e *exaltados* em torno da manutenção da unidade nacional. Um dos argumentos centrais da crítica do correspondente da *Gazeta da Bahia* feita aos federalistas se baseou na acusação de que os estes planejariam o separatismo. O final da carta trazia a seguinte saudação de despedida: "Seja a nossa Divisa vigilância, Ordem, e União, em oposição a dos Anarquistas, Divide et Impera".[294] Por outro lado, a imprensa federalista apresentou várias passagens que fundamentam o ideal de preservação da unidade.

Justamente por denunciar planos de divisão do país para criar domínios governados por aristocratas foi que, segundo Barata, o redator da *Nova Sentinella*, Felix, teria sido chamado à

[292] Ibidem.
[293] BASILE, Marcello. Projetos de Brasil e construção nacional na imprensa fluminense (1831-1835). In: FERREIRA, Tania Maria B. da C.; MOREL, Marco; NEVES, Lúcia Maria B. P. (Orgs.). *História e Imprensa*: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A, Faperj 2006, p. 60-93.
[294] *Gazeta da Bahia,* 2 de dezembro de 1831.

justiça.[295] As correspondências da folha também retratavam o assunto com alguma frequência. Em uma delas, apelava-se para a afirmação da nacionalidade brasileira, em detrimento de outros tipos de identidades políticas ligadas à província, ao município e à região:

> *Que como Brasileiros livres, que temos a ventura de ser, se não denomine, em despeito: este é Baiano, Cachoeirano, Sant'amarista, Nazareno, Tabaréu, etc. Aquele é Pernambucano, Paraibano, Alagoense, Cearense, Piauiense, Maranhense, Paraense, Matuto, etc. Est'outro é Carioca, Paulista, Mineiro, Roceiro; em fim Nortista, ou Sulista.*[296] (grifo original)

Em outra correspondência se pontuou a necessidade de "circunspecção, união, e paz" para a apreciação das reformas federativas.[297]

Para os *exaltados*, a identidade nacional era afirmada com base no discurso xenofóbico e antilusitano. A perseguição aos portugueses, assim como a desconfiança em relação aos países estrangeiros, sobretudo a Inglaterra e a França, era um traço marcante do discurso em prol da unidade. Os indivíduos identificados com o apoio aos lusitanos – "os apadrinha marotos" – foram acusados de disseminar ao público "idéias tão ridículas de Provincialismo entre Brasileiros", estes que "se amam até aqui mutuamente pela razão de Patrícios, que todos somos; e dotados dos mesmos Patrióticos sentimentos, quaisquer que sejam as Províncias, que nos tenham dado o nascimento".[298] Demonstrando a existência de alguma incerteza a respeito do tão afiançado amor mútuo dos brasileiros, a *Nova Sentinella* conclamou todos à união, devendo esquecer "ódios, e desavenças particulares, e reunirem-se de mãos dadas para fazer com que esses estranhos inimigos [os portugueses], deixando o nosso Brasileiro Solo cessem de para o futuro nos pretenderem perturbar".[299]

A existência de pontos em comum entre *moderados* e *exaltados* possibilitou a criação da lei de 12 de outubro de 1832 e, na legislatura seguinte, a aprovação do Ato Adicional. A questão das rendas e a idéia de unidade nacional entre as diversas tendências, ainda que, cada qual com propostas fundamentadas em pressupostos diferentes, estiveram presentes e permitiram a realização das mudanças constitucionais, mesmo com a oposição da maior parte do Senado, onde predominavam os *caramurus*.

---

[295] Cf. Capítulo 2, p. 30.
[296] *Nova Sentinella*, 28 de agosto de 1831.
[297] *Nova Sentinella*, 17 de julho de 1831.
[298] *Nova Sentinella*, 30 de junho de 1831.
[299] *Nova Sentinella*, 6 de junho de 1831.

Na apresentação do Ato Adicional, feita pelo Parlamento à Regência, a reforma é considerada "penhor da união das províncias", trazendo os "objetos provinciais (...) cautelosamente descritos e extremados para se evitarem destarte os conflitos e as lutas intermináveis que tão fatais podem ser aos interesses dos povos".[300] As reformas constitucionais dariam autonomia provincial, sem perder de vista a preservação da unidade. Evidentemente, que a aprovação das reformas não agradou a todos da ala *exaltada*, uma vez que tanto parlamentares, quanto membros de sociedades federais, assim como da imprensa demonstraram-se insatisfeitos.

As críticas ao Ato Adicional não demoraram a vir dos *moderados* e *caramurus* e, com elas, o desejo por uma interpretação da reforma. Em 1836, o *Correio Mercantil* teceu breves comentários sobre o que considerava ser um perigo: o fato de "que um mesmo Cidadão seja ao mesmo tempo membro d'Assembléia Geral, e da Provincial".[301] Embora afirmasse a "utilidade transcendente" da Assembléia Provincial no exercício de uma representação legítima – o que seria um ponto positivo do Ato Adicional –, satisfazendo "plenamente aos desejos das Províncias", a gazeta demonstrou preocupação com a possibilidade de exorbitância dos poderes provinciais:

> Oxalá um funesto exemplo de exorbitância não tivesse já sido demonstrado em várias Províncias, as quais transpondo as balizas que o Ato Adicional lhes marcou, têem atropelado tudo, promulgando Leis incompetentes quanto ao poder de as ditar! Felizmente uma força coercitiva parece tolher esse terrível exemplo, que a não ser sanado de princípio, iria paulatinamente estabelecendo de fato a total independência das Províncias sendo ao depois difícil chamá-las ao centro comum da união, cuja dependência traz o perfeito e desejado equilíbrio ao nosso maquinismo Social, impondo simultaneamente respeitoso silêncio a ambições, cujo terrível desenvolvimento seria tanto mais nocivo aos interesses de cada Província, quanto maior fosse o círculo em que lhes fosse concedido operar.[302]

O risco de um desequilíbrio decorrente da exorbitância dos poderes das províncias era o principal motivo para impedir a duplicidade de mandatos que vigorava na prática, ainda que essa não fosse prevista legalmente:

---

[300] *Apresentação do Ato Adicional à Regência pela Câmara dos Deputados para sua promulgação*, 9 de agosto de 1834 apud. *Revista de Informação Legislativa*. Brasília: 1986, p. 301-02.
[301] *Correio Mercantil*, 6 de setembro de 1836.
[302] Ibidem.

> Se pois está marcado que os atos exorbitantes do Poder Legislativo Provincial, isto é aqueles, que ofenderem à Constituição, os impostos gerais, os direitos de outras Províncias, ou os Tratados, casos *únicos* em que o Poder Legislativo Geral os poderá revogar (art. 20 do A. Ad.) clara fica a utilidade de se não nomear a um mesmo Cidadão para membro do Poder Legislativo Geral, e Provincial.[303]

Se a Assembléia Geral tinha o poder de revogar determinados dispositivos, aprovados por qualquer uma das Assembléias Provinciais, que fossem ofensivos à Constituição, não faria sentido que os ocupantes das casas legislativas fossem as mesmas pessoas, assim expressou-se o *Correio Mercantil*.

Os deputados provinciais baianos, por sua vez, não abriram mão de demonstrar o descontentamento com a situação da administração e fiscalização das rendas, sobretudo no que diz respeito à confusão estabelecida e à falta de recursos para a aplicação no melhoramento da Província da Bahia. Em uma representação destinada à Assembléia Geral, redigida em nome da Assembléia Provincial da Bahia, buscou-se explicitar "a conveniência de serem deixadas para a Receita desta Província todas as rendas, que não fossem as da Alfândega de importação (...)".[304] Tal conveniência era o cerne da questão, porém outros problemas correlatos foram apontados no texto. Um deles referia-se "a conveniência, senão necessidade que há, de separar-se de um modo claro, e positivo a Renda do Império da Renda Provincial". Para os deputados provinciais, o Ato Adicional não tinha contemplado a exigência básica, na qual cada "Província tenha em particular uma Renda própria, que possa ser aumentada, ou reduzida, melhorada, e cabalmente fiscalizada pela respectiva Assembléia Legislativa", ou seja, na visão dos deputados, a autonomia provincial no tocante à administração financeira estaria aquém do desejado.[305]

Além disso, dois inconvenientes foram enumerados, o primeiro deles – "suficiente para frustrar todo o bem real que a reforma prometera à administração interior das Províncias" – tratava-se do impedimento de aplicar qualquer quantia para atender as necessidades da Província sem ter que "recorrer a uma nova, e tão odiosa, quanto desnecessária imposição"; o segundo, originava-se da ausência de controle por parte da Assembléia Provincial sobre os

---

[303] Ibidem.
[304] Arquivo Público do Estado da Bahia, Livro 863. Representação da Assembléia Legislativa Provincial, 22 de abril de 1835.
[305] Ibidem.

"meios de arrecadar a Dívida ativa da Província". A dívida provinha de rendimentos provinciais não arrecadados, mas passava a ser constituinte da receita geral, "para indenizá-la do suprimento feito à Provincial, e ficara desde logo sujeita às disposições da Assembléia Geral".[306] Desse modo, a representação da Assembléia Provincial da Bahia alimentou expectativas de ter à sua disposição todas as rendas arrecadadas na Bahia, com exceção dos "avultados" rendimentos alfandegários, que deveriam continuar a ter como destino a receita geral.

A insatisfação dos deputados provinciais, bem como a crítica realizada pelo *Correio Mercantil*, ilustra o descontentamento com as reformas, ainda que a perspectiva seja diferente. Assim como o processo que desencadeou as reformas partiu de um desejo por maior autonomia provincial, a Lei de Interpretação do Ato Adicional também ganhou espaço em face aos descontentamentos disseminados entre os *moderados*, que predominavam na Assembléia Geral, os *exaltados*, insatisfeitos com a timidez das mudanças, e os *caramurus*, infensos às mesmas.

Ainda que o Ato Adicional fosse considerado perigoso, insuficiente e confuso – a depender de onde emergia o foco de insatisfação –, os parlamentares provinciais da Bahia manifestaram sua lealdade ao trono e de afirmação da importância da integridade do Império. A Cabanagem no Pará havia se iniciado em janeiro de 1835 e não seria prudente tecer determinadas críticas, abrindo espaço para interpretações ambíguas. Os representantes da província foram enfáticos ao explicitar a idéia sobre o papel da província no Império:

> (...) a Bahia, longe de querer negar-se aos encargos gerais da Associação Brasileira, dará sempre, como a Primogênita das Províncias, o exemplo de Lealdade ao Trono Constitucional do Brasil, de adesão à integridade do Império, e de perseverança na desejada e necessária união da grande Família, que habita entre o Yapock, e o Jaguarão.[307]

Depreende-se, portanto, que a atmosfera política após o Ato Adicional se caracterizou pela oposição a certos aspectos da reforma, além de evidenciar sobremaneira a preocupação com a integridade do Império diante do surgimento de uma onda rebelde que colocou o risco de

[306] Ibidem.
[307] Ibidem.

separatismo na ordem do dia. No caso da Bahia, continuou firme a retórica em prol da federação, sem significar o descuido em relação ao projeto de construção nacional.

A IMPRENSA FEDERALISTA APÓS O ATO ADICIONAL

A publicação de periódicos de caráter federalista, após as reformas constitucionais de 1834, é emblemática. De fato, as sociedades federais do Brasil se desmobilizaram após o Ato Adicional, e não estouraram mais revoltas federalistas na Bahia até a Sabinada, estabelecendo um contraste com os três primeiros anos das regências. As mudanças advindas da reforma não atenderam aos anseios dos que lutaram pela federação, não representando a emergência de um pacto federativo na visão dos *exaltados*. A ocorrência da Sabinada, que através de sua imprensa rebelde teceu contundentes críticas ao governo do Rio de Janeiro e ao Ato Adicional, fornece elementos que testemunham essa realidade. Todavia, cabe explorar a ação da imprensa federalista entre o Ato Adicional e a Sabinada, pois o discurso em prol da federação não desapareceu do cenário à época da reforma para surgir apenas durante a revolta e seus preparativos.[308]

Parte da imprensa do período permaneceu firme na proposição do sistema federativo, julgando que as mudanças não haviam atendido suas expectativas. Havia nas páginas da imprensa pós-1834, não apenas um intenso combate pelo federalismo, como forte influência republicana. É o caso do periódico *O Democrata*. Outro destaque foi o jornal *O Defensor do Povo*, cujas páginas eram fortemente marcadas pela mordaz crítica social, em defesa da classe média e dos homens de cor.

O redator do *Democrata*, Domingos Guedes Cabral, é um símbolo do papel desempenhado pela difusão da imprensa no período das regências, cujo significado representou mais que uma expansão quantitativa dos leitores, pois setores letrados da sociedade, não pertencentes aos estratos economicamente mais elevados, assumiram o

[308] A imprensa rebelde ligada à revolta liderada por Francisco Sabino se compunha de três periódicos: *O Sete de Novembro*, *O Novo Sete de Novembro* e *O Novo Diário da Bahia*. Cf. SOUZA, Paulo C. *A Sabinada*: a revolta separatista da Bahia (1837). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

protagonismo na produção de periódicos e panfletos na época. O gaúcho Guedes Cabral trabalhou como guarda-
livros, sendo nomeado professor de primeiras letras em 1836.[309] Lutou pela federação ao participar de todas as revoltas federalistas do início da década. A ele se atribui a redação do manifesto federalista da revolta de São Félix em 1832. Como jornalista, redigiu ao menos dois periódicos no período: *O Genio Federal*, em 1834, e *O Democrata*, do qual se encontraram edições de 1834, 1835 e 1836. Em 1834, *O Democrata* deixou a capital para ser editado em Cachoeira, retornando a Salvador em 1836.

Às vésperas do Ato Adicional, *O Democrata*, tal qual *O Genio Federal*, expunha um conteúdo abertamente republicano, ainda que existisse uma proibição tanto no Código Criminal de 1830 quanto no Código de Processo Criminal de 1832, de assumir a defesa da república como forma de governo.[310] Dizia-se no jornal que, ao contrário do que teria acontecido em 1817 e 1824, o povo não seria enganado em 1834, pois que as palavras, patriota e republicano, não poderiam ser mais usadas como sinônimos de ateu ou assassino. A postura em relação à república teria sofrido mudanças: "o Brasil por toda parte ergue altares aos mártires do Republicanismo".[311] A "Federação" e a "República" surgem como inseparáveis e o continente americano representa o solo próprio para a germinação do sistema republicano de governo: "O Brasil pertence a América e caminha para a República".[312]

Em março de 1834, o periódico noticiou uma manifestação na qual foram fixados pasquins "em várias quinas da cidade, convidando o povo para fazer a Federação".[313] Todas as classes de cidadãos teriam sido conclamadas. As manifestações federalistas continuaram acontecendo, ainda que a proposta não contasse com a força das armas. Guedes Cabral fez

[309] ARAÚJO, Dilton Oliveira de. *O Tutu da Bahia*..., op. cit., p. 325. A função do guarda-livros é cuidar da contabilidade de algum estabelecimento.
[310] FONSECA, Silvia. Apontamentos para o estudo da linguagem republicana: conformação de identidades políticas na imprensa regencial fluminense. In.: FERREIRA, Tania Maria B. da C.; MOREL, Marco; NEVES, Lúcia Maria B. P. (Orgs.). *História e Imprensa*: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A, Faperj 2006, p. 94-112, p. 101. Cf. Id, O conceito de República nos primeiros anos do Império: a semântica histórica como um campo de investigação das idéias políticas. *Anos 90 (UFRGS).* v. 13, p.323-350, 2006.
[311] *O Democrata*, 4 de outubro de 1834.
[312] Ibidem.
[313] *O Democrata*, 8 de março de 1834.

também um chamado de atenção: "apressai as Reformas Federativas, sem as quais a República dilacerada por facções perecerá: os tiranos e os ladrões triunfarão (...)".[314]

Uma semana antes, o autor noticiara o retorno de Guanaes Mineiro a Cachoeira, ocorrido a 15 de fevereiro de 1834.[315] Aparentemente, o líder rebelde não permaneceu tão atuante, jamais voltando a assumir posição de destaque em alguma revolta. Isso não significa reclusão total, uma vez que sua loja, em São Félix, era local de venda do *Democrata*[316] e do *Defensor do Povo*.[317] Ademais, em 1837, o juiz de direito de Cachoeira, Manoel Vieira Tosta, enviou correspondência ao Presidente da Província por ter recebido denúncias de que

> (...) alguns indivíduos dos que em 1832 pretenderam a desmembração desta Província da união do Império intentam de novo tendo por Chefe Bernardo Miguel Guanais Mineiro pôr em execução planos semelhantes (...).[318]

Para isso, os conspiradores, que a cada dia se reuniam em lugares diferentes, contariam com o apoio da Guarda Nacional de Cachoeira e de São Félix. Teriam designado o dia 25 de junho daquele ano para realizar seu projeto, "aproveitando o entusiasmo da população", motivado, talvez, por conta das festas juninas ou pela independência, que era comemorada pelos cachoeiranos no dia 25 de junho.

Nos anos seguintes à aprovação do Ato Adicional, *O Democrata* continuou exigindo a "Federação", além de fazer apologia da "República". Dando destaque ao projeto de reforma constitucional do deputado Antonio Ferreira França, o periódico afirmou peremptoriamente: "a Nação deve já demitir o Imperador e instalar a República".[319] Em seguida o próprio projeto de reforma foi transcrito:

> A Assembléia Geral Legislativa decreta:
> 1º O governo do Brasil deixará de ser patrimônio de uma família.
> 2º O atual imperador e suas irmãs cederão de seu privilegio e receberão por sua vez um subsidio para completar sua educação e principiarem seu estabelecimento.
> 3º A nação será governada por um chefe eleito de 2 em 2

[314] Ibidem.
[315] *O Democrata*, 1º de março de 1834.
[316] *O Democrata*, 29 de fevereiro de 1836.
[317] *O Defensor do Povo*, 16 de dezembro de 1836.
[318] Arquivo Nacional, IJ ^ 708, Correspondência do Juiz de Direito de Cachoeira ao Presidente da Província da Bahia, 22 de junho de 1837.
[319] *O Democrata*, 1º de dezembro de 1835.

> anos no dia 7 de Setembro à maioria de votos dos eleitores do Brasil.
> Paço da Câmara 16 de Maio de 1835. Antonio F. França.[320]

A proposição foi rejeitada preliminarmente, tendo 44 votos contrários e 33 a favor, não sendo apresentada para votação na Câmara. A ação do deputado baiano também é um exemplo de inconformismo e radicalização das propostas, que passaram a apresentar caráter republicano.

Durante a Revolução Farroupilha, Ferreira França redigiu um projeto no qual a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul deveria ser emancipada, se uma assembléia provincial extraordinária declarasse não querer mais fazer parte do Brasil. Caso o Rio Grande desejasse permanecer unido às demais províncias, algumas medidas seriam implantadas, como o aumento da quantidade de deputados provinciais de vinte e oito para trinta e seis, a escolha do Presidente da Província de uma lista tríplice de eleitos pela própria província, assim como a escolha do comandante das armas pelo Presidente. Antonio Ferreira França não desistiu de pleitear a realização de propostas de teor federalista na Assembléia Geral.[321]

No início de 1836, Guedes Cabral criticou os *moderados* e afirmou que a Cabanagem no Pará seria fruto da resistência à política centralista: "com que se quer sujeitar dezessete Províncias ricas, cheias de recursos, à aviltante tutela de uma corte orgulhosa e dissipadora, como se [fossem] suas colônias ou escravas".[322] A solução para a crise, impossível de ser aplacada por meio das "ilusórias" reformas ocorridas em 1834, seria "a verdadeira federação", o "meio único de suspender a torrente revolucionária, fortalecer e estreitar os laços da União".[323] O redator gaúcho defendeu a unidade das províncias, considerando que o Brasil precisava "de união, para resistir aos seus encarniçados inimigos, cujo principal fim é dividi-lo e enfraquecê-lo para o dominarem".[324] A figura da família também foi evocada para simbolizar a unidade:

> As províncias do Sul e do Norte são membros inseparáveis da família Brasileira: elas conhecerão seus interesses legítimos e proscrevendo a tirania tornará a estreitar-se pelos laços de uma Constituição Federativa

---

[320] Ibidem.
[321] *Anais da Câmara dos Deputados*, Sessão de 13 de maio de 1837.
[322] *O Democrata*, 30 de janeiro de 1836.
[323] Ibidem.
[324] *O Democrata*, 29 de fevereiro de 1836.

digna de nós (...).[325]

Sustentar propostas federalistas não significava defender o separatismo. O periódico mencionou a "torrente revolucionária" como algo a ser eliminado por ser prejudicial à manutenção da ordem e da unidade.

As proposições dos *exaltados*, inclusive dos comprometidos com atos rebeldes, a exemplo de Guedes Cabral, continham um ideal comum com o projeto dos adversários políticos: a preservação da unidade nacional. Os discursos veiculados pela maior parte dos periódicos convergiam no sentido de defesa da unidade. Uma idéia praticamente hegemônica também entre a maioria dos parlamentares, forjando o principal sustentáculo para a aprovação do Ato Adicional, que plasmou os anseios de preservação da tranquilidade da ordem e da integridade do Império, ao tempo em que buscou amenizar o descontentamento das províncias em relação ao governo central.

Guedes Cabral nutriu esperanças de viver na "República dos Estados Unidos Brasileiros", sonhando com uma constituição inspirada na Constituição dos Estados Unidos da América.[326] Para ele, os Estados Unidos eram o principal modelo a seguir. Até mesmo entre os periódicos que apresentavam posições opostas ao *Democrata*, é possível encontrar elogios aos Estados Unidos, em contraste com as críticas feitas às "vacilantes Repúblicas" da América de colonização espanhola.

O *Diario da Bahia* transcreveu do *Jornal do Commercio*, uma notícia sobre uma tentativa de derrubada do governo do General Gamarra, Presidente do Peru, na qual se afirmou que os vulcões dos Andes eram menos temíveis que os focos revolucionários e os transtornos políticos que afetavam Buenos Aires, Uruguai, Chile, Bolívia, Peru, Equador, Venezuela, Guatemala e México. Por outro lado, a "União Americana do Norte é a única que se pode gabar de sólida", assistindo, "indiferente e segura", do patamar em que foram colocadas suas sábias instituições, a desordem que grassava aos seus pés.[327]

A redação do *Democrata* passou para a responsabilidade de outra pessoa da amizade de Guedes Cabral em março de 1836. A tônica do seu discurso, porém, não foi modificada. A concretização da unidade nacional deveria ser garantida pela república federativa. Sobre a

[325] Ibidem.
[326] Ibidem.
[327] *Diario da Bahia*, 11 de janeiro de 1834.

visão de mundo de Guedes Cabral, é interessante notar as compatibilidades, não raras na época, com o pensamento da escola jusnaturalista, surgida a partir do século XVII. Ao preconizar a inevitabilidade de o Brasil tornar-se republicano por fazer parte da América, o redator citou as "imutáveis leis da natureza".[328] Segundo o jusnaturalismo moderno, a razão passou a ser considerada imutável, "sempre igual em todos os séculos e em todos os Povos, (...) o caminho e a norma única e absoluta da verdade".[329]

Nesse contexto, as propostas políticas defendidas tinham como fundamento o estabelecimento de "normas precisas, invioláveis, válidas para todos, prescindindo de qualquer consideração histórica de qualquer respeito por hábitos e tradições bem enraizadas".[330] Essas características podem ser encontradas no discurso do *Democrata*, quando defende que "uma Constituição Federativa, tal como aquela que deu nome a liberdade aos Norte Americanos, faria a emulação de todos os Povos do mundo", ou seja, o sistema federativo seria bom para o mundo inteiro, segundo o princípio, uma boa lei é válida para todos.[331]

O universalismo se manifestou de alguma maneira no plano de governo dos revoltosos do Forte do Mar, através da criação do Tribunal de Júri Universal.[332] Também pode ser encontrado entre os rebeldes de 1837, como bem o demonstra o *Novo Diário da Bahia*, ao afirmar que "A Liberdade não é de algum clima, ela é o direito inalienável de todos os países", e, mais adiante: "fica evidente, que o gênero humano somente obterá a sua felicidade, com a aceitação do Governo Democrático".[333]

A voz de Guedes Cabral não ecoou solitária na imprensa baiana *exaltada*. O periódico *O Defensor do Povo* colocou-se ao lado do *Democrata*, propondo a república federativa e, além disso, realizando mordaz crítica racial, social e política. *O Defensor do Povo* lutava contra a discriminação dos homens de cor livres, tal como jornais que surgiram na Corte, a

---

[328] *O Democrata*, 4 de outubro de 1836.
[329] MARTINA, Giacomo. *A História da Igreja de Lutero aos nossos dias*: A era do absolutismo. São Paulo: Loyola, 2003, 2 ed. p. 263.
[330] Ibidem, p. 263.
[331] *O Democrata*, 29 de fevereiro de 1836.
[332] AMARAL, Braz do. *História da Bahia do Império à República*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1923, pp. 106 a 111.
[333] *Novo Diário da Bahia*, 30 de novembro de 1837.

exemplo dos *exaltados O Cabrito*, *O Mulato*, *O Homem de Cor* e a *Nova Luz Brasileira*, além das folhas *caramurus O Brasileiro Pardo* e *O Crioulinho*.[334]

A defesa da plena igualdade de direitos fundamentava-se em exemplos concretos, nos quais os pardos, vítimas de discriminação racial, eram vetados para determinados cargos e funções em desagravo à Constituição de 1824, citada várias vezes como garantia da igualdade entre brancos, pardos, ricos e pobres, desde que fossem livres. Com esse mote, *O Defensor do Povo* denunciou o Presidente Souza Martins de tentar convencer a Assembléia Legislativa Provincial a pôr fim à eleição popular, para que assim fossem colocados delegados submetidos ao seu poder, tanto entre os juízes de paz quanto entre os oficiais da Guarda Nacional. O jornal o acusou de trair a confiança das pessoas pobres e da classe média, ao desejar que a Guarda Nacional tivesse um oficialato vitalício e composto apenas de ricos. Tudo isso para gerar dependência de todos os cargos da administração provincial em relação à presidência, e quem sabe, especulou o jornal, para "pôr em prática as perseguições aos Liberais perseguindo-os por intermédio dos Promotores, Juízes de Paz e mais empregados da sua dependência (...)".[335]

O risco das perseguições era bastante citado no periódico, o que ficou exemplificado em uma coluna dedicada a curtas biografias dos parlamentares baianos. Um dos biografados, não nomeado, ocupante de cadeiras na Corte e na Província, quando esteve "na Presidência desta Província quis engolir vivos todos os Liberais, e deu cabo de muitos na presiganga". Referiu-se a Honorato José de Barros Paim, que ocupou a presidência quando da revolta de 28 de outubro de 1831 e da revolta de Cachoeira em fevereiro do ano seguinte.[336]

As intrigas com o jornal *Diario da Bahia* eram constantes, sendo a mais importante delas a que ocorreu em torno do caso de Bernardo José Barata, o sobrinho de Cipriano Barata – o mesmo que havia sido preso por participar da revolta de 28 de outubro. Após assassinar a própria mãe, Bernardo José pereceu nas mãos de um soldado. O *Diario da Bahia* publicou uma correspondência que atribuiu o matricídio à educação perversa recebida pelo sobrinho de Cipriano. *O Defensor do Povo* explicou que o desequilíbrio de Bernardo José Barata ocorreu

---

[334] BASILE, Marcello. Projetos de Brasil..., op. cit. A pregação em favor do tratamento igualitário para os homens pardos em jornais da Corte é registrada desde o final da década de 1820. Todos os jornais citados surgiram antes de 1834, ano em que começou a circular *O Defensor do Povo*.
[335] *O Defensor do Povo*, 16 de maio de 1835.
[336] Ibidem.

> (...) porque antes do dia 8 do corrente [novembro] os marotos e os amarotados inimigos da glória dos Brasileiros: sabendo que os amigos da Pátria, reunidos no Campo de Pirajá, pretendiam celebrar o aniversário de glória deste DIA ganhada pelas armas Brasileiras no referido campo: propagaram boatos de uma nova rusga, outros aproveitaram-se da mesma ocasião, para fazerem crer que os mulatos, e negros cabras, e crioulos deveriam ser deportados para uma Ilha do Brasil: a fim de não haver quem fizesse oposição a introdução de mais marotos no Brasil, a títulos de Colonos; para que, acabando-se com a raça dos mulatos,e negros apurassem a dos brancos o que provocou loucura em Bernardo (...).[337]

Os boatos dos marotos e o medo da restauração portuguesa no Brasil teriam amedrontado o sobrinho de Cipriano, este que, segundo *O Defensor*, seria o alvo dos "diaristas achimangados". Seus esforços teriam como objetivo afastar os votos que Cipriano receberia para ocupar uma vaga no Senado. Cerca de um ano depois, o periódico *exaltado* criticou a oscilação das posições políticas do *Diario*, deixando clara a firmeza da própria postura:

> (...) não podemos ser aristocratas hipócritas: porque amamos extremamente a Democracia, como todos sabem e nem somos como o Diario, que descaradamente tem pertencido a todos os partidos.[338]

Identificado aos *moderados*, o *Diario da Bahia* – cuja redação é atribuída a Gonçalves Martins –, também demonstrou oposição à imprensa *exaltada*. O jornal reproduziu uma resposta do *Diario de Pernambuco* à *Bussola da Liberdade*, na qual este foi atacado por levantar falsas suspeitas de que os *chimangos* tramariam a derrubada do Presidente de Pernambuco, Manoel de Carvalho Paes de Andrade, que seria, pelo contrário, desejada por *caramurus* e por *exaltados*. Concordando com a visão do *Diario de Pernambuco*, o jornal baiano lançou sua ira sobre os *exaltados* da Bahia:

> Perguntaremos nós agora ao *Democrata* e *Defensor do Povo* quem procura desacreditar do Sr. Carvalho são os Moderados ou os restaurados *exaltados* e *caramurus*? Desgraçados!! Vós, a *Bússola*, a *Sentinella*, e *Republicos*, sois os mais safados inovadores.[339]

Um dos fatores de aglutinação entre os periódicos federalistas da época foi a influência de Cipriano Barata. *O Defensor do Povo* defendeu a imagem do líder político e evidenciou o respeito que o mesmo granjeava entre os baianos: "E vós Barata! Não vos desconsoles de ser

---

[337] *O Defensor do Povo*, 18 de novembro de 1835. Cf. Capítulo 2, p. 5, nota 19.
[338] O Defensor do Povo, 16 de dezembro de 1836.
[339] *O Diario da Bahia*, 30 de setembro de 1834.

Baiano. Os Baianos verdadeiros amigos da Pátria são vossos amigos, eles vos respeitam, como Atleta da Liberdade, vós sois a Bússola que os guia (...)".[340] Os "verdadeiros patriotas" adorariam as suas "virtudes Patrióticas" e a Bahia não seria a mesma de 1831, 1832, 1833 e 1834. Com esse argumento, o periódico fez um apelo para que Barata retornasse:

> Ela [a Bahia] vos chama, e vos receberá, como aquela que com agrado vos recebeu em 1830. E vós não deveis recusar ao chamamento de uma Mãe, que vos criou e a quem tanto amas, que, por amor d'ela tanto tem sofrido, e continuas a sofrer. Ela vos espera com os braços abertos, e os vossos amigos vos saúdam.[341]

Assim como os que se inspiraram em Cipriano Barata, *O Defensor do Povo* sustentou posição política em prol da república federativa, ainda que propagandeasse a federação com menos frequência que outros periódicos. A reprodução de um artigo do jornal pernambucano, o *Republicano Federativo*, é muito significativa nesse sentido. De modo muito objetivo, o periódico lançou as perguntas: "O que acontecerá ao Brasil em 1840? A sua forma de Governo será legalmente Republicana Federativa, única capaz de fazer a felicidade do maior número, ou as Províncias serão governadas por infames Ditadores?".[342]

O redator assinalava a importância de instituições como as assembléias, geral e das províncias, a liberdade de imprensa, os jurados, os juízes de paz, a Guarda Nacional e, ademais desejava que os tributos não sobrecarregassem o povo. O artigo contrapunha os desejos de um futuro calcado na consolidação das instituições liberais e na república federativa aos problemas vividos pelo país em meados da década de 1830.

A moeda falsa estaria prejudicando os trabalhadores e a condição do país era gravíssima: "(...) o Brasil hoje vive acéfalo, o Povo desarmado; os ladrões políticos roubando impunemente; os assassinos protegidos pelos Governantes; * (* como na Bahia foi o Sabino) (...)".[343] Quase três anos havia se passado do assassinato cometido por Francisco Sabino na Praça do Palácio, mas o caso era ainda mencionado nos periódicos *exaltados*.

Não faltaram críticas às leis e aos projetos de lei "aristocráticos" que visavam sustentar "novos ditadores". As reformas federativas "reclamadas pela maioria da Nação foram feitas

---

[340] *O Defensor do Povo*, 20 de janeiro de 1836.
[341] Ibidem.
[342] Ibidem.
[343] Ibidem.

sorrateiramente para criar os Presidentes das Províncias Delegados dos Sultões com excessivos ordenados, dependentes do Governo, a fim de tornar o Império absoluto (...)".[344] O governo, além de desguarnecer as fortalezas do país, alimentaria "o malvado espírito de Provincialismo", provocando o extermínio de "Brasileiros natos a títulos de seus inimigos", uma referência aos conflitos que explodiram na época da regência de Feijó. Na prática, os presidentes das províncias, ao cumprir ordens do governo central, estariam roubando o povo e perseguindo os federalistas, prendendo-os nas presigangas.[345]

O periódico também trazia uma crítica ao tratamento diferenciado conferido às províncias do norte e do sul: "os Relatórios dos Ministros só se lembram de engrandecer as Províncias do Sul", enquanto as do norte eram "reduzidas a colônias da Metrópole".[346] Recorrendo ao socorro do "Ente Supremo", o redator tinha a esperança de que os escritores pudessem guiar o povo "à fraternal união, paz, e prosperidade Nacional", para que se realizasse "a Federação Geral Americana, essa única tábua da salvação da América contra os infames planos da Santa Aliança".[347] Expressava o desejo de união para toda a América, com uma abordagem que transcendia os limites nacionais.

Apesar de pregar a república e o federalismo, o aspecto mais saliente das páginas do *Defensor do Povo* encontra-se na defesa aos homens de cor e da classe média, através das denúncias contra a discriminação e do chamado de atenção para que fosse respeitada a igualdade dos cidadãos perante a lei. O periódico evidenciava a discriminação que os pardos sofriam no país: "o número de homens de cor, sendo muito superior ao dos brancos, tanto na sua população, como em pobreza: contudo são os que menos prezados são à Nação".[348] Para reforçar seu pensamento, exemplos eram citados: "Vejam de quatrocentas e tantas pensões concedidas pela Assembléia Geral, se alguma destas pertence a um só homem de cor. Corram-se as casas de caridade, e verão nelas duplicado número de brancos (...)".[349]

A igualdade entre os cidadãos, entretanto, estava garantida pela constituição "que no § 14 do artigo 179 chama a todos os cidadãos iguais, e aptos para todos os empregos, sem outra

[344] Ibidem.
[345] Ibidem.
[346] Ibidem.
[347] Ibidem.
[348] *O Defensor do Povo,* 13 de fevereiro de 1836.
[349] Ibidem.

diferença mais do que a de suas virtudes e talento (...)".[350] As distinções de cores seriam utilizadas para promover a desunião. O periódico conclamava a reunião de "todos os naturais do Brasil (sem distinções de cores)" para a defesa da liberdade e Independência da pátria. Apenas a união dos brasileiros seria capaz de derrubar a tirania e sustentar "a santa LIBERDADE".[351]

As demandas sociais apresentadas pelo periódico se alicerçavam em fundamento constitucional, no fruto da ação política de um legado da constituição outorgada por D. Pedro I. *O Defensor do Povo* recorre à carta constitucional, ainda que representasse o resultado de um projeto discricionário do ex-Imperador e que fosse o sustentáculo de um governo que não expressava a maioria de suas aspirações e reivindicações sociais. Permaneceria, portanto, a idéia de que o carro da revolução não ficasse estacionado no frustrante Ato Adicional, e de que, para seguir adiante, seria necessário incentivar o cumprimento das disposições constitucionais que serviam como ponto de partida.

Na luta contra a discriminação aos homens de cor, seria preciso enfrentar os rumores de haitianismo, que já haviam figurado em várias polêmicas na imprensa e que teriam servido de principal peça de acusação para o encarceramento de Cipriano Barata em 1831. Era muito recente a ocorrência da revolta dos Malês e o medo de que ocorressem novas revoltas. A suposta existência de uma sociedade "composta (...) de homens de cor Parda, sendo o seu fim acabar com a raça dos brancos", parecia estar mais viva do que nunca, sendo envolvidos, inclusive, "os nomes de alguns cidadãos de cor ricos, e de sabedoria, como membros de mais influência na referida Sociedade".[352]

Para *O Defensor do Povo*, a existência de uma sociedade gregoriana – cujo nome foi inspirado no revolucionário e abade francês Henri Grégoire, defensor da abolição da escravidão no Haiti – era falsa, baseada nos boatos de "traidores inimigos dos seus patrícios, e amigos da canalha marotal, e de estrangeiros desavergonhados (...)", gente malvada que tinha por fim "intimidar os homens de cor de espírito fraco, e baixo, para que nas eleições populares, não votem em cidadãos de cor: embora tenham estes virtudes, e talentos (...)".[353] Na verdade, seriam os acusadores que se reuniam em segredo, trabalhando "sorrateiramente nos

[350] Ibidem.
[351] Ibidem.
[352] Ibidem.
[353] Ibidem.

seus diabólicos clubes para que os homens de cor nada possam ser no Brasil (...)", retirando-os dos cargos eletivos que os mesmos conquistaram para tomar-lhes o lugar. Não desejavam o cumprimento das leis e, portanto, não queriam ver os homens de cor como deputados, juízes de paz, vereadores e oficiais da Guarda Nacional.[354]

O Defensor do Povo inverteu as acusações e ridicularizou os boatos sobre a formação de uma sociedade gregoriana. Os pardos não tinham necessidade de agir secretamente, afirmou a folha, uma vez que se constituíam na maioria da população e no principal elemento de constituição das forças militares. As eleições poderiam ser decididas pelos homens de cor, bastava que existisse consciência disso:

> Não sabem eles (clubes) que, por intermédio das eleições populares, ninguém (...) no Brasil (se houvesse tal intento) levaria a palma aos homens de cor, e que na Bahia jamais um homem de cor branca seria capaz de ocupar o mais pequeno lugar de eleição popular.[355]

No entanto, as atitudes discriminatórias os atingiam ao ponto de serem relatadas e combatidas. O periódico exigiu que essas atitudes não fossem dispensadas aos pardos que se tornassem candidatos a cargos eletivos:

> depois da aparição do presente número, jamais será capaz de aparecer em qualquer dos Colégios Eleitorais pessoas, que dando sinais de outros censurem descaradamente por aparecer como candidato às eleições homens de cor.[356]

O argumento de que os homens de cor tinham força nas eleições fundamentava-se no resultado do pleito dos oficiais da Guarda Nacional, comemorado pelo redator do periódico, pois na segunda companhia do 1º batalhão, foram eleitos cidadãos de cor parda para todos os cargos, a exceção do furiel, "sendo votado por maioria absoluta de votos para capitão da dita companhia o cidadão Joaquim de Souza Vinhático (...)".[357]

Reiterando a condição de cidadania dos pardos, *O Defensor* afirmou que alguns guardas disseram que mudariam de companhia "para não serem comandados por oficiais de cor parda (...)". Guardas que foram ironizados pelo redator que, chamando-os de coitadinhos,

---

[354] Ibidem.
[355] *O Defensor do Povo*, 13 de fevereiro de 1836.
[356] *O Defensor do Povo*, 16 de dezembro de 1836.
[357] *O Defensor do Povo*, 13 de fevereiro de 1836.

afirmou que os mesmos deveriam ter paciência e irem se "acostumando [pois] que assim determina nossa Constituição nos seus § § 13 e 14 do art. 179 dizendo que a lei é igual para todos (...)".[358] A presença de homens de cor na Guarda Nacional de Salvador provavelmente aumentou, a exemplo do que ocorreu com a freguesia de Brotas. Nesta havia entre os guardas 80% de brancos, 16% de pardos e 4% de cabras em 1835. Dois anos depois, os brancos representavam 53%, os pardos 42%, os cabras 3% e os pretos 2%.[359]

Em uma sociedade fortemente marcada pelo caráter escravista, *O Defensor do Povo* defendia os "Cidadãos Brasileiros", entrando em uma questão social e racial, sem aprofundar-se em um discurso abolicionista. Defendia a igualdade da Constituição de 1824 e exaltava os homens de cor por seus feitos à "Pátria":

> Não sabem eles que os peitos dos homens de cor são os que perecem, como muralhas da Independência e Liberdade do Brasil? Quem foi que em 1822 e 23 no Recôncavo desta mesma Província pereceram debaixo das trincheiras do infame Madeira? Não foram os homens de cor? (...) Quem foi que no Glorioso dia 4 de Abril de 1831, reunido no campo do Barbalho, fez oposição às tiranias dos Bastos, e Calados? Não foram os homens de cor? Quem foi que perecera no infausto, e, sempre para nós, lustosos dias 19, e 20 de Fevereiro de 1821, por querer sustentar o Comando das armas desta Província ao Patriota S. Brigadeiro Manoel Pedro, obstando a posse do boçal Madeira? Não foram os homens de cor? E por ventura eles deixarão de conhecer a cor branca do referido Brigadeiro? E para que expuseram as suas vidas por ele? A classe mais laboriosa, que existe entre nós, de quem é composta? Não é dos homens de cor? Quais os Artistas de mais habilidade? Não são os homens de cor? De quem são compostos os corpos de primeira linha do Exército, e dos Guardas Policiais, e mesmo dos Nacionais? Não são os homens de cor?[360]

Munido da arma constitucional e dos benefícios legados à nação, o discurso do periódico, marcado por uma crítica mordaz, centrou-se em questões sociais mais do que a maioria dos jornais *exaltados* que circulavam na Bahia à época, pois acentuava de maneira mais clara a diferença entre os ricos e pobres, passando pelas dificuldades que os "homens de cor" enfrentavam na sociedade. Interessante notar que o objetivo do periódico não se encontrava apenas no campo racial, uma vez que além de se concentrar nos homens de cor e

---

[358] *O Defensor do Povo,* 13 de fevereiro de 1836. As eleições ao oficialato da Guarda Nacional em Salvador logo foram substituídas por nomeações oficiais.
[359] PONTES, Kátia Vinhático. *Mulatos: políticos e rebeldes baianos*. Salvador: UFBa, dissertação de mestrado, 2000, p. 100 e 101.
[360] *O Defensor do Povo*, 13 de fevereiro de 1836.

nos pobres, alcançava quaisquer pessoas que, de alguma maneira, fossem excluídas da sociedade. Tal fato se evidencia através da publicação do projeto do deputado Cornélio Ferreira França:

> A Assembleia Geral Legislativa resolve:
> Art. 1 Haverá nas Capitais de cada Província um Professor de Primeiras letras para surdos, mudos, e cegos.
> Art. 2 O Professor da Capital do Império terá o ordenado que as Assembleias Legislativas respectivas demarcarem.
> Art. 3 Ficam revogadas as disposições em contrário.
> Paço da Câmara dos Deputados, 29 de Agosto de 1835 – Cornelio Ferreira França.[361]

Os problemas envolvendo os homens de cor, entretanto, assumem importância capital nas páginas do periódico, inclusive o aspecto de crítica aos Estados Unidos, considerado, nos escritos federalistas, o maior modelo de organização política. Enquanto *O Democrata* se inspirou na federação estadunidense, *O Defensor* fez várias observações negativas a respeito do modo de tratamento dispensado aos homens de cor nos estados daquele país, comparando à realidade do Brasil: “Estaremos porventura em New York, e em outros Estados da América do Norte, onde ainda desgraçadamente os homens são separados dos outros com desprezo por não ter a cor da pele branca?”.[362]

A indagação do redator foi feita após apresentação da longa lista, na qual se enumeraram as realizações dos homens de cor na Bahia e no Brasil. Em seguida, a culpa da discriminação sofrida pelos homens de cor era atribuída aos brancos que “desejavam ver os homens de cor com menos garantias que os brancos, expondo-se à sorte dos homens de cor na America do Norte!”.[363] Meses depois, o periódico acusou-os de fazerem “uma injusta guerra aos Cidadãos pardos, e pretos excluindo-se de todas as garantias, como nos Estados Unidos d’America do Norte!!!”.[364] As sentenças contundentes não deixam dúvida sobre a referência negativa que os Estados Unidos representaram nesse quesito, ainda que fosse um modelo a ser seguido no tocante ao arranjo institucional federativo.

---

[361] *O Defensor do Povo*, 18 de novembro de 1835.
[362] *O Defensor do Povo*, 13 de fevereiro de 1836.
[363] Ibidem.
[364] *O Defensor do Povo*, 16 de dezembro de 1836.

O ideário federalista foi manisfestado após a reforma de 1834. Foi um tema que se demonstrou repleto de vivacidade, sobretudo na imprensa. Ademais, é possível encontrar certos elementos atuantes capazes de irem além do debate sobre o arranjo institucional, a exemplo das questões: brancos e pardos, ricos e pobres. Permanecia uma luta pelo que se poderia obter concretamente e pelo que já se apresentava oficialmente na carta constitucional. O Ato Adicional não interrompeu a proposta pela federação e pela república, uma vez que a imprensa continuou sendo um canal de expressão para proposições com esses conteúdos.

Os homens letrados que, além de lançarem suas propostas, denunciavam ações contra os cidadãos mais necessitados, estavam baseados também em referências sobre a organização institucional surgidas no seio das elites políticas. Uma parte dos envolvidos em sociedades políticas pode ter sido satisfeita com o Ato Adicional, porém, outros federalistas permaneceram em uma atividade crítica cada vez mais virulenta em relação ao governo central e, às vezes, ao sistema monárquico. A imprensa federalista pós-1834 na Bahia demonstrou incompatibilidades com a monarquia, enquanto exibiu simpatia ao sistema republicano.

O que se pode afirmar sem maiores receios é que existiu em comum entre as tendências da imprensa federalista, antes e depois do Ato Adicional, a proposta por reformas, desde os espaços institucionais, como meio de mudar a administração considerada excessivamente centralizada. Assim como a fundamentação do discurso no alicerce da manutenção da ordem e da unidade nacional. Ideais que se tornaram espécies de talismãs apropriados pelos diferentes setores em disputa em um período que se mostrou fértil e, para muitos, adequado à realização de mudanças políticas.

A SABINADA

Em 7 novembro de 1837, a Bahia registrou mais uma revolta na qual as idéias federalistas estiveram presentes. Além delas, nomes como os de Alexandre Ferreira do Carmo Sucupira, Daniel Gomes de Freitas, Domingos Mondim Pestana e Domingos Guedes Cabral, também apareceram, portando as experiências adquiridas na luta pela federação, através de levantes armados, da imprensa ou de ambos. Tais fatos, entretanto, não permitem afirmar de

modo categórico que a Sabinada tenha sido exclusivamente federalista. A participação de Francisco Sabino como figura mais importante, e as linhas por ele publicadas no periódico *Novo Diario da Bahia* sugerem que o seu projeto abandonara a idéia de "comunhão imperial", pautando-se no advento de uma república não necessariamente federativa.[365]

À época, os reclames da imprensa tinham características bem próximas das assumidas pelo periódico *O Democrata*, apresentando o mesmo descontentamento com as mudanças inseridas em 1834. O mensário *O Censor* é um dos mais completos testemunhos nesse sentido. Seus exemplares propunham-se a ter no mínimo sessenta e quatro páginas, e a sua terceira edição apresentou longas críticas e argumentos a respeito dos pesados tributos, assim como sobre a inutilidade do Ato Adicional.

Às vésperas da Sabinada, os redatores do *Censor* estavam preocupados com a preservação da unidade do país, seguindo uma linha semelhante a dos periódicos analisados até então.[366] Uma das principais queixas era dirigida contra os impostos criados pela legislação provincial, que se juntavam às pesadas "imposições gerais", formando uma "duplicata iníqua". Nesse ponto, a situação anterior a 1834 seria preferível, uma vez que os conselhos provinciais não possuíam "o terrível direito de impor tributos, não tinham nas mãos esse poder ferino e exterminador (...)".

No Brasil, ao contrário do que ocorria em outros países, a federação estaria sendo utilizada como um instrumento de opressão, servindo apenas "para multiplicar os atritos, tornar mais cara a administração, e oprimir o povo". Apesar das circunstâncias, os redatores do periódico não deixaram de fazer profissão de fé ao sistema de governo federativo, afirmando ter a convicção de que quanto mais "o governo do Brasil caminhasse a modelar o seu organismo político pelo governo representativo federal da União Americana do Norte (...)", mais se "aproximaria do grau de maior perfectibilidade de que são susceptíveis as humanas instituições (...)".[367]

O Ato Adicional não teria atendido, portanto, as aspirações dos redatores, que colocaram em xeque sua serventia, ressaltando a impropriedade de o mesmo ser denominado

[365] LEITE, Douglas G. *Sabinos e diversos*: emergências políticas e projetos de poder na revolta baiana de 1837. 2006 75f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 101-111.
[366] No prospecto da primeira edição anunciou-se que *O Censor* teria um grupo de redatores.
[367] O Censor, 3 de novembro de 1837.

comumente de “reforma federativa”. Contestavam ainda a tese de que as assembléias provinciais contavam “com grandes poderes para promover a felicidade de seus representados (...)”, pois os seus poderes se reduziriam a “algumas disposições ilusórias, que mal podem enganar parvos, ou crianças (...)”. Seus poderes eram localizados e mais prejudiciais do que benéficos: “largos poderes tiveram ela, sem duvida, mais foi só e unicamente para fazer o mal, impor tributos, conceder profusamente excessivos privilégios, arruinadores da indústria, fazer leis absurdas, iníquas, e ferozes e esmagar a população (...)”.[368]

Por seu turno, o poder executivo acumulou enormes atribuições e poderes “tais como os que antigamente tinham os capitães generais portugueses (...)”. As províncias teriam continuado em uma situação de “abatimento” e dependência em relação ao opressivo poder da capital, ou seja, “na mesma condição de colônias ou escravas”, com o agravante de contar com a divisão das rendas que ia se tornando cada vez mais “injusta e insuportável”.[369] A sede insaciável do Rio de Janeiro, que prejudicava as províncias por mais que produzissem, traria prejuízos ao país, e o problema não ficaria confinado à economia, pois haveria “consequências mui desagradáveis e contrárias à integridade do Império (...)”.[370]

Ao comentar a substituição de um funcionário da casa da Fazenda da Bahia por ordem do então ministro Miguel Calmon, *O Censor* expôs a manifestação do poder central sobre os negócios provinciais. Seria uma consequência da reforma de 1834, através da qual as províncias se deixaram “atar ao cepo da servil dependência da Corte”. Além de nomear os presidentes, o poder central movia certas peças da administração da Bahia. Diante disso, lançaram-se as perguntas: “é mister que um simples oficial de Fazenda, um inspetor da Tesouraria seja nomeado pelo ministério? Esta opressão sistematizada, este cativeiro afrontoso, foi denominado modificação federativa?”.[371] Os redatores concluíram que a “confederação” era somente nominal.[372]

---

[368] Ibidem.
[369] Ibidem.
[370] Ibidem.
[371] Ibidem.
[372] Os termos federação e confederação foram tratados como sinônimos em alguns jornais da época. Na mesma edição d’*O Censor*, havia uma consideração semelhante àquela exposta acima na qual se utilizava a palavra federal em vez de confederal: “O sistema, que atualmente nos rege, a monarquia nominalmente modificada em sentido federal (...)”.

Vê-se que as preocupações e críticas apresentadas no *Censor* são muito parecidas com aquelas expostas no *Democrata*. A diferença principal é que não foi encontrada propaganda republicana no primeiro. Pode-se afirmar que o essencial do discurso dos federalistas estava também naquelas páginas publicadas no *Censor* quatro dias antes do 7 de novembro. O desejo expresso era de que o Brasil tivesse uma constituição "propriamente federativa", que levaria as províncias a formarem uma "uma só família", através de "um equilíbrio justo e igual entre todos os Estados da Comunhão brasileira".[373] Com o domínio do poder central, ganhavam os "zangões", as "sanguessugas e harpias da Corte", mas para o país não haveria vantagens e nem possibilidade de "manter a integridade da União Brasileira".[374]

O discurso federalista, sem apelo separatista, continuou sendo divulgado às vésperas da Sabinada. É um importante aspecto a ser analisado, considerando-se os debates historiográficos travados entorno das ideologias presentes entre os participantes mais ativos da revolta, sobretudo da figura de Francisco Sabino, a que mais destaque obteve. Para Luiz Vianna Filho, a revolução tem caráter republicano e representa a superação das revoltas federalistas ocorridas no início da década de 1830. Já Luiz Henrique Dias Tavares a considera uma revolta federalista.[375] Paulo César Souza, aprofundando essa tese, afirma que a "Sabinada pertence a uma linha de revoltas federalistas baianas que propunham o fim da integridade do Império, por uma comunhão imperial das províncias. À união deveria suceder a comunhão".[376] Mais recentemente, Douglas G. Leite reavaliou os discursos produzidos pelos envolvidos na revolta, bem como as interpretações da historiografia sobre aqueles. Partiu do prisma de que existiram duas tendências: "ao lado da proposta federalista, unionista, nacional e imperialista (...), temos o "projeto republicanista, separatista e antimonarquista de Sabino".[377]

De fato, não é difícil perceber que existiram na Sabinada elementos da retórica que os federalistas utilizaram ao longo da década de 1830. O próprio César Souza já havia notado que enquanto o *Novo Diario da Bahia* de Sabino referia-se muitas vezes à república, o jornal *O Sete de Novembro* não disse nem uma linha sobre o assunto, pois sustentava um discurso

---

[373] *O Censor*, 3 de novembro de 1837.
[374] Ibidem.
[375] Cf. Introdução p. e p.
[376] SOUZA, op. cit., p. 175.
[377] LEITE, op. cit., p. 94.

basicamente federalista.[378] No entanto, como visto, o autor afirma que a revolta não rompeu com a idéia de comunhão imperial. É sobre esse ponto que Leite defende algo diferente. Para ele, a república de Sabino seria legítima e a comunhão imperial seria coisa do passado. Sabino acreditaria que república e federação eram excludentes no Brasil, ao contrário do acontecia nos Estados Unidos.[379]

O *Novo Diario da Bahia* nasceu em julho de 1837. De datas anteriores ao rompimento da revolta, foram encontradas apenas duas edições do início de agosto. A demasiada centralização foi um dos pontos que mais mereceu a sua crítica, tendo como consequência "o entorpecimento da nossa prosperidade, mormente no que diz respeito à parte financial ou uso das rendas da nação".[380] É, sem dúvida, um argumento comum da retórica dos federalistas. Todavia, Sabino demonstrou-se menos preocupado com a manutenção da unidade e da integridade do Império, contrariamente ao que fizeram os federalistas, que, mesmo quando defendiam a república, preocupavam-se com a unidade nacional. Sabino fez pouco caso da integridade:

> Haverá ou haveria separação da Província ou desintegridade do Império se nossas precisões fossem satisfeitas se víssemos utilmente empregado em bem geral a soma em ouro dos dinheiros das províncias e com especialidade da Bahia, saem em saques e em saldos para o Rio de Janeiro, a Corte Central.[381]

Não há um discurso federalista no *Novo Diario da Bahia*, mas uma insatisfação que tinha a mesma fonte que motivou revoltas, protestos e combates na imprensa da época.

Convém analisar o discurso relativo à existência de uma república condicionada, ou seja, uma república temporária que perduraria até a maioridade do Imperador. Documentado pela ata de 11 de novembro, tal aspecto é bastante controverso e visceralmente ligado às intenções daqueles que estiveram à frente da revolta. Vianna Filho considera que a ata foi uma espécie de manobra usada pelos revolucionários para atenuar o "crime da revolução", no instante em que perceberam que a mesma havia ficado "estrangulada dentro da capital". Recuando um pouco, devido às circunstâncias, o governo republicano continuaria, apesar

---

[378] SOUZA, op. cit., p. 173.
[379] LEITE, op. cit., p. 109.
[380] *Novo Diario da Bahia*, 9 de agosto de 1837.
[381] Ibidem.

disso, com o poder em suas mãos.[382] César Souza, por outro lado, sustenta que a ata não serviu simplesmente como um mero recurso tático, uma vez que vários documentos produzidos pelos dirigentes da Sabinada apresentavam profissões de vassalagem ao Imperador: "Deparamos com o imperador em todo tipo de manifestação dos sabinos: documentos oficiais, artigos de imprensa, poemas, comunicações pessoais".[383]

As considerações a respeito do real papel da ata de 11 de novembro ligam-se intimamente ao caráter da Sabinada. Não que seja possível, partindo apenas dessa análise, responder se os sabinos lutavam por uma república separada de uma vez por todas ou por uma verdadeira comunhão, utilizando-se da república como instrumento de luta. As interpretações historiográficas, porém, buscaram alicerce também nesse acontecimento para responder à questão.

Correspondências trocadas entre o Visconde de Pirajá e o Presidente de Província, Souza Paraíso, levam a crer que a idéia de separação condicionada até a maioridade do Imperador já existia cerca de um ano antes da ocorrência da revolta. Mais do que isso, elas atestam que a revolta baseada nessa idéia já estava sendo cogitada há um bom tempo. No dia 3 de novembro de 1836, o Visconde enviou uma carta ao Presidente comunicando-lhe que havia "um Plano, para separar-se esta Província da Corte do Rio de Janeiro, com a evasiva de ser, durante a Menoridade de Sua Majestade Imperial, Meu Augusto Amo, (...) bem como, que daquela Corte vieram descontentes encarregados de tão abjeta missão".[384]

Dias depois, o Visconde fez um chamado aos "Criados de Sua Majestade meu Augusto Amo, para uma reunião no Consistório de S. Domingos, afim de, com nossas forças, coadjuvarmos a V. Exa. para manutenção da Ordem Pública, Integridade do Império (...)".[385] A reunião aconteceu no dia 13 de novembro de 1836. O Visconde de Pirajá enviou mais uma carta a Souza Paraíso, reafirmando o seu desejo de cooperar para a manutenção da ordem e da

---

[382] VIANNA, Luiz. op. cit., 106.
[383] SOUZA, op. cit., p. 179. Ver hinos e sonetos nas páginas 254-258.
[384] Arquivo Nacional, IJ ^ 708. Correspondência entre Visconde de Pirajá e o Presidente da Província da Bahia, 3 de novembro de 1836. Interessante citar que, para Sacramento Blake: "A Revolução de 7 de novembro foi iniciada, resolvida e planejada no Rio de Janeiro por homens de alta representação no país". Cf. BLAKE, A. V. A. Sacramento. "A revolução da Bahia de 7 de novembro de 1837 e o dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira" *in Revista trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, Tomo XLVIII - parte 2, 1885, p. 256.
[385] Arquivo Nacional, IJ ^ 708. Correspondência entre Visconde de Pirajá e o Presidente da Província da Bahia, 13 de novembro de 1836.

integridade do Império. Anexou à carta uma cópia impressa contendo a exposição do seu discurso, no qual conclamou os presentes a tomarem "medidas de comum acordo com a primeira Autoridade da Província, a fim de malograr um plano, que sorrateiro existe entre nós para separar esta Província, da Capital do Rio de Janeiro".[386] Dessa vez, Pirajá não mencionou que o plano previa uma separação limitada ao período de menoridade do Imperador.

O Visconde de Pirajá argumentou em favor de sua preocupação principal que era o trono imperial: "Esta separação pouco importaria, Senhores, se não conduzisse simultaneamente a divisão do Império, e destruição do Trono de Sua Majestade Imperial, o Senhor D. PEDRO 2º, este Paládio da Ordem, e da tranquilidade Publica".[387] Afirmação que, provavelmente, buscava tirar o foco da questão das rendas que a Bahia remetia ao Rio de Janeiro e que, certamente, desagradava a muitos dos seus interlocutores. Assim, colocou-se como ponto central a tranquilidade pública, que deveria ser praticamente uma unanimidade. Em seguida, o expositor afirmou ter, de maneira oficiosa, posto fim a um projeto semelhante há três anos, o que não foi suficiente para acabar com o "partido ameaçador" e sua "ousada pretensão", talvez insuflada por "um Opúsculo, escrito em Paris pelo Coronel Blach, que a semelhança d'um burlote pretendia dilacerar nossas famílias, mediante as disputas infindas que se suscitariam acerca daquele a quem devesse tocar o Principado Federal".[388]

O Visconde fez, ainda, um alerta, dizendo que "a paciência do Povo tem limites":

> Leis iníquas tem-se de propósito, e com a pior fé do Mundo, feito para o desgosto geral; os cargos da Nação tem sido mal distribuídos; enquanto o Pai de família sofre com esta a miséria, e a fome; o celibatário pode frequentar as Assembléias, e prodigalizar grandes somas ao jogo; a moeda, esse cancro roedor das estranhas públicas, e o que mais é para o exaspero do pobre; as injustiças, e os patronatos decidem de tudo; a virtude existe foragida, os costumes pervertidos, a moral estragada, e a Religião em fim dos nossos Avoengos insultada.[389]

Por conta disso, os legisladores deveriam estar atentos, não se aventurando na criação de leis que contrariassem os costumes e o Presidente não deveria sancioná-las com presteza. Enfim, cada um dos ouvintes foi chamado a "empregar todos os possíveis esforços para que se

---

[386] Arquivo Nacional, IJ ^ 708. Exposição.
[387] Ibidem.
[388] Ibidem. Não encontrei informações sobre o Coronel Blach e o seu opúsculo.
[389] Ibidem.

mantenham ilesas a Religião, e o Trono Augusto de S. M. I. o Sr. D. PEDRO 2º".[390] Souza Paraíso respondeu ao Visconde que não acreditava na existência de tal plano e que, caso o mesmo existisse, seria sufocado. O Presidente recomendou que o Visconde não desse a "tal respeito mais passo algum, entregando este negócio ao cuidado do mesmo Governo Provincial".[391]

A tese de que a ata de 11 de novembro representa um recuo tático no calor dos acontecimentos não se sustenta. A idéia de uma república temporária já havia circulado pela cidade e, muito provavelmente, a revolta já estava sendo planejada com esse molde. Isso não significa que Sabino pretendesse preservar uma comunhão imperial. Tudo indica que a sua posição preponderante contrastou com a existência de outras maneiras de conceber a revolução, nas quais esta era considerada uma possibilidade de estabelecer um sistema federativo, cuja idéia de manutenção da unidade não era em nada estranha. Por isso, a afirmação de César Souza, para o qual a revolução de 1837 seria mais uma na linha das revoltas federalistas, que em lugar da integridade e da união previam a comunhão imperial, pode ser relativizada. Entre os participantes da Sabinada existiram os que sustentaram tal concepção, todavia, Sabino e, possivelmente, alguns que o seguiram pensavam de outra maneira. Não consideravam mais a possibilidade de manter algum tipo de unidade, nem união, nem comunhão.

A dicotomia apresentada por Leite estabelece as linhas gerais, mas não diz a palavra final. Entre os que ficaram com Sabino e os que seguiram a tendência de estabelecer uma comunhão imperial, havia os que defendiam a federação e a república, sem se opor à unidade. O discurso do *Democrata* de Guedes Cabral se encaixa perfeitamente no último caso. As lacunas, entretanto permanecem.

Durante a revolta, o *Eco da Religião e da Pátria*, defensor da causa legalista, expôs sua incompreensão sobre o fato de Sabino ter recebido apoio, não obstante ter cometido um assassinato publicamente: "são os próprios injuriados, é parte da Classe ofendida que aplaude, unida a esse monstro, o projetado assassínio da Província, no mesmo dia que assassinara o

---

[390] Ibidem.
[391] Arquivo Nacional, IJ ^ 708. Correspondência entre Visconde de Pirajá e o Presidente da Província da Bahia, 10 de dezembro de 1836.

Cidadão inerme? Terrível aniversário!".[392] Segundo o jornal, pessoas ofendidas por Sabino estariam ao seu lado na revolta. E, sem dúvida, oponentes políticos estiveram unidos naquele momento. O que explica a união de pessoas que pensavam de maneira diferente, embora tivessem queixas em comum? E, mais do que isso, o que foi capaz de juntar forças que antes eram inimigas?

Um dos exemplos mais interessantes é, mais uma vez, o de Guedes Cabral. Um eminente seguidor de Cipriano Barata – compondo o grupo liderado por Felix na revolta de 1831. Muitos dos federalistas também o eram. Excetuando *O Precussor Federal*, todas as publicações em defesa do governo federativo reconheciam o patrimônio imaterial do qual Barata era dono e, de certa maneira, eram a este filiado. Mas não se inclua aí a Francisco Sabino, que assinou uma ata pedindo a prisão de Barata, sendo acusado por este de ter participado de um plano para arranjar falsas testemunhas contra ele. Defendeu o governo regencial no *Investigador Brasileiro* e, mesmo em seus artigos do *Novo Diario da Bahia*, não trabalhou pela difusão do federalismo. Em suma, nunca defendeu a federação, era inimigo de Barata e era citado como um mau exemplo na imprensa *exaltada* pelo assassinato que cometera. Não obstante tudo isso, Guedes Cabral participou da Sabinada, chegando a escrever os últimos números do *Novo Diario da Bahia*. Nas correspondências que enviou a Sabino chamava-o de amigo.[393] Afinal, o que unia esses homens?

As aspirações e motivações dos rebeldes, bem como a posição que ocupavam na sociedade, são fundamentais para entender o fenômeno de aglutinação ocorrido durante a Sabinada. As categorias econômico-ocupacionais que apoiaram a revolta compunham-se "de oficiais militares, profissionais liberais, empregados públicos, pequenos comerciantes e artesãos (...)".[394] Formavam uma espécie de classe média que contava com pessoas letradas. Apesar disso, muitas delas "não conseguiram obter acesso às instâncias de poder provincial criadas pelas reformas das primeiras regências".[395]

Eis a condição na qual se encontravam Sabino e Guedes Cabral: classe média letrada sem acesso às instâncias de poder. Um importante fator que os unia. Sabino não foi nomeado

---

[392] *Eco da Religião e da Pátria*, 18 de novembro de 1837. O romper da revolta aconteceu no dia 7 de novembro, mesma data em que Sabino havia assassinado, quatro anos antes, o alferes na Praça do Palácio.
[393] SOUZA, op. cit., p. 251-252.
[394] Ibidem, p. 140.
[395] LOPES, op. cit., p. 53.

cirurgião-mor do Hospital Militar da Bahia como desejava, também nunca conseguiu uma cadeira parlamentar, como já tinham conseguido Antonio Policarpo Cabral e Gonçalves Martins, que, com ele, compuseram a *Sociedade Conservadora*. As aspirações pessoais de Guedes Cabral são menos conhecidas. Durante as regências, esteve insatisfeito com as reformas políticas. Não conseguiu uma cadeira na Assembléia Legislativa Provincial, embora o seu nome figurasse em listas de votos, assim como os de Daniel Gomes de Freitas e Guanaes Mineiro.[396] De professor de primeiras letras passou a Administrador da Biblioteca Pública, durante a Sabinada.

As lideranças da revolta se enquadram no que Olavo de Carvalho chamou de "burocracia virtual". Categoria social surgida com a formação da burocracia estatal, na época das monarquias absolutistas européias. Nesse tempo, a expansão do ensino foi necessária com objetivo de formar funcionários bem preparados. Assim, pessoas de origens sociais inferiores, como as da pequena burguesia e do campesinato, tiveram a possibilidade de ascensão social mediante o acesso ao funcionalismo público. A questão é que o número de candidatos supera muito a capacidade de absorção da burocracia, formando um conjunto de pessoas instruídas que não possuíam um cargo público ou que não conseguiam alcançar o patamar desejado.

Desse modo, formou-se a "burocracia virtual", com pessoas que não alcançaram os postos burocráticos, ainda que possuíssem critérios para assumir funções públicas. Tornaram-se uma fonte de insatisfação e instabilidade social.[397] Guardadas as devidas proporções, pode-se fazer também um paralelo com os subliteratos franceses do *Ancien Régime*. Estes se formaram pela incapacidade de absorção do *le monde* – lugar da aristocracia, dos ricos e do *philosophes*. Assim, muitos literatos, advogados, sepereducados que almejavam riquezas e prestígio social, através das pensões e sinecuras que se podiam conseguir com o sucesso na carreira das letras, não obtinham êxito. O ódio desses derrotados, subempregados teria dado o "verdadeiro timbre" ao extremismo revolucionário jacobino.[398]

A possibilidade de ascensão social através da tomada de poder era algo tão falado com relação aos participantes da Sabinada que o tabelião Francisco Ribeiro Neves, ao defender-se

---

[396] Arquivo Público do Estado da Bahia, Livro 1232. Atas das eleições de 1834.

[397] MARXISMO, Direito e Sociedade. Debate entre Olavo de Carvalho e Alaor Caffé Alves. Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 19 de novembro de 2003. Disponível em: http://www.olavodecarvalho.org/textos/debate_usp_3.htm.

[398] DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução*: o submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

em um processo que lhe foi movido, sob acusação de ter tomado parte na revolta, escreveu sobre si mesmo que era “despido de ambições, e avareza; contente no seu estado; nada quer, deseja ou pretende, a não ser o que se lhe pode dar cá neste mundo, alguns anos de vida sobre os que tem (...)”. E, mais adiante, afirmou que: “nunca dependeu da Nação, e foi antes produtor do que consumidor”.[399] Era fundamental demonstrar que não havia interesse nos benefícios pessoais que a revolta poderia trazer para se livrar das acusações. É o caso de Francisco Ribeiro Neves – irmão do deputado Manoel Maria do Amaral e de Jeronimo Ribeiro Neves, presidente da *Sociedade Federal* em 1834 –, que havia feito um discurso na Câmara Municipal no dia 7 de novembro de 1837.

Cabe, entretanto, apresentar mais um possível motivo sobre a união que se estabeleceu entre Sabino e seus antigos inimigos. Aqueles que estiveram empenhados na luta pela federação encontraram em Cipriano Barata uma importante referência. Contudo, por volta de 1837, Barata esteve distante da Bahia e parecia não querer envolver-se nas questões públicas como fizera ao longo de sua vida, pelo menos não na mesma intensidade. Com efeito, os participantes das revoltas federalistas e os jornalistas que pediam seu retorno experimentaram uma espécie de orfandade gerada pela existência de uma lacuna, não preenchida pela ausência de candidatos a altura de Cipriano Barata. Esse fator pode ter sido uma razão para que os inimigos de Sabino tivessem aderido à sua liderança. Sabino e Barata – bem como seus seguidores – estabeleceram uma pública relação de confronto. Porém, com a continuidade do problema das rendas e com o surgimento do *regresso*, tencionando rever as reformas liberais, os órfãos de Barata encontraram em Sabino uma voz representativa, uma figura conhecida na cidade que tinha talento e contundência como redator.

Esses fatores inseridos em uma atmosfera repleta de insatisfação foram suficientes para que uma revolta fosse deflagrada, contando, inicialmente, com apoio de boa parte dos baianos. É certo que, logo nos primeiros dias, pessoas favoráveis à revolta migraram para o Recôncavo, o que dificulta a captura de informações sobre as mesmas. Porém, a muito disseminada concepção de que a Bahia estaria perdendo suas riquezas para a Corte deve ter contribuído para que indivíduos de condição social mais elevada tenham nutrido o desejo por mudanças

---

[399] NEVES, Francisco Ribeiro. *Justificação da minha vida política, nos quatro meses da revolução de 7 de novembro de 1837*. Arquivo Público do Estado da Bahia, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2836, s/d. Agradeço a Diego Kopke pela indicação do documento.

que viabilizassem o melhoramento da Província. Francisco Ribeiro Neves, que esteve presente na Câmara Municipal no dia em que a revolta foi iniciada, afirmou ter visto

> fardas, barretões, dragonas, espadas, caras, casacas, vestidos talares, jaquetas, e homens muitos dos quais foram tarde, ou cedo desertando para o Recôncavo, e desampararam a causa, que haviam, ou pareciam ter esposado.[400]

As vestimentas e acessórios indicam que entre os rebeldes de primeira hora estiveram homens ricos e militares de alta patente. Ademais, a possibilidade de uma revolta aparentou estar muito presente na capital da Bahia. O Visconde de Pirajá havia feito uma exposição sobre o assunto como visto acima e, mais uma vez, Ribeiro Neves, em sua defesa disse que sabia que uma revolução estava sendo tramada "tanto quanto [sabiam] o Presidente, as autoridades, o povo todo, inclusive mulheres e meninos, e as Folhas Públicas diziam".[401]

O separatismo não era uma idéia completamente rejeitada entre os membros da elite do Recôncavo. Há a conhecida frase do proprietário Antonio da Rocha Pita e Argolo que, no momento mesmo em que dava sua contribuição às forças legalistas, disse tê-la feito "não porque não adote a revolução que acho boa, mas porque não quero ser governado pelo dr. Sabino."[402] O Visconde de Pirajá afirmou que a separação pouco importaria senão pela ameaça que trazia ao trono imperial. Possíveis planos de divisão do país foram denunciados por Cipriano Barata e por Felix na *Nova Sentinella* em 1831. Não é absurdo considerar que alguns dos rebeldes tolerassem a separação da Bahia como maneira de fugir do que pensavam ser uma escravização imposta pela Corte.

A separação não seria a meta, e sim um meio inescapável de garantir a autonomia da Província. Enquanto que a federação era vista quase que como um sinônimo de felicidade, sem a qual o país continuaria afundando-se nos mais variados tipos de problemas. O reforço constante do discurso pela unidade, que pode ser encontrado nas declarações, correspondências oficiais, representações e na imprensa, de matizes diferentes, não exclui as

---

[400] Ibidem.
[401] Ibidem.
[402] SOUZA, A Sabinada... apud. BLAKE, Sacramento. Ainda a revolução da Bahia de 7 de novembro de 1837". *PAEBa*, vol. 1, p. 65. Leite atribuiu a frase a Argolo Ferrão, enquanto, originalmente afirma-se ter vindo de Antonio da Rocha Pita e Argolo.

possibilidades de separação das províncias.[403] Pelo contrário, atestam que estas estiveram presentes, assumindo, em determinados momentos e lugares, forte intensidade. Afinal, no contexto das regências, as oscilações das posturas políticas dos agentes não eram nada incomuns.

Em 1833, o regente Francisco de Lima e Silva fez uma sondagem de opiniões sobre a proposta de uma federação do Norte, tendo Pernambuco como centro. Até mesmo Feijó, que combateu uma onda de revoltas que assumiram caráter separatista, afirmou em suas *Declarações Para Aceitar a Regência*, que "no caso de separação das províncias do Norte", deveria "segurar as do Sul".[404] O destino do país que acabara de se formar enquanto corpo político e, que estava por consolidar sua nacionalidade, era deveras incerto e, talvez até obscuro, naquelas circunstâncias.

Importa considerar com mais justeza o papel que o discurso federalista desempenhou para o surgimento e manutenção da Sabinada. Em primeiro lugar, colaborou na fixação de um conjunto de críticas contra a excessiva centralização. Também ajudou a consolidar a concepção de que as rendas provinciais deveriam ser aplicadas ao melhoramento das províncias, mesmo entre os que não se professavam federalistas. Boa parte dos principais quadros da Sabinada saiu das hostes federalistas. Ao fazer aliança com Sabino, os federalistas fugiram de alguns aspectos da retórica usada até então.

De fato, a defesa da república – conjugada com a federação – já vinha sendo feita por Guedes Cabral e pela *Sociedade Federal* em 1834. Mas a separação da Bahia não havia sido proposta, tal qual colocaram os rebeldes de 1837. Perante as condições, talvez alguns tenham pensado a proposta como necessária, enquanto outros tenham realmente modificado a forma de pensar. Sem falar nos federalistas que não se envolveram na revolta ou até mesmo afastaram-se do ideal da federação. Ilustrativa a esse respeito é a fala do então deputado João José de Moura Magalhães.

Quando dos debates em torno da interpretação do Ato Adicional, já após o desfecho da revolta, o parlamentar fez longa intervenção em favor da necessidade de se interpretar o Ato Adicional e dentre outras coisas afirmou: "Não quero (...) república de Piratinim, nem

---

[403] É importante lembrar que Alfredo de Carvalho aponta a existência de um jornal denominado *O Separatista*, em 1837. Cf. TORRES, João Nepomuceno e CARVALHO, Alfredo de, op. cit., p. 49.
[404] CASTRO, Paulo P. "A experiência republicana"..., op. cit., p. 52.

Raimundo Gomes do Maranhão, nem rebeldes e incendiários da Bahia (...), quero o sistema monárquico constitucional".[405] O parlamentar havia sido presidente da *Sociedade Federal de Pernambuco*, em 1831, e da Bahia, no ano seguinte. Depois da explosão de várias revoltas regenciais, pessoas como Moura de Magalhães tornaram-se favoráveis ao *regresso* ou não tinham mais tantos argumentos em favor das reformas liberais.

[405] *Anais da Câmara dos Deputados*, sessão de 11 de junho de 1839.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Bahia das regências, o federalismo foi o conteúdo político mais propagandeado pelos contestadores do arranjo institucional brasileiro estabelecido constitucionalmente. Sua presença também é facilmente constatável nas Cortes de Lisboa e nos debates ocorridos na Assembléia Constituinte em 1823. O autoritarismo de D. Pedro I e a decadência do seu reinado renovaram os discursos em prol da federação, sobretudo na imprensa.

Ainda antes da abdicação do Imperador, Cipriano Barata era, na Bahia, o principal nome da luta contra o centralismo e em prol da federação. Os seguidores de Barata, que foi lançado mais uma vez no cárcere, permaneceram firmes no propósito de divulgar as vantagens de uma constituição federativa, ainda que fosse monárquica. A *Nova Sentinella*, de Felix, encarregou-se dessa tarefa, defendendo a imagem do líder político, por meio de debates travados com os membros da *Sociedade Conservadora*, a exemplo de Francisco Sabino e Gonçalves Martins.

Frustradas as possibilidades de reforma para o ano de 1831, Felix, Guedes Cabral, Bernardo José Barata, Alexandre Ferreira do Carmo Sucupira, Álvaro Corrêa e outros tantos tencionaram juntar-se ao batalhão nº 10, no centro de Salvador, para proclamar a federação na Província da Bahia. Era mais uma rebelião de povo e tropa, porém, naquele momento, a propaganda federalista da imprensa alcançaria o *status* de revolta armada.

No final de 1831, a federação ganharia lugar de importância através das atividades associativas, que incentivaram a difusão de mais propaganda na imprensa. A *Sociedade Federal*, surgida na naquele ano, pretendia publicamente influenciar no processo de reforma que estava em curso no Parlamento, enquanto os rebeldes federalistas que recorreram às armas em Cachoeira desejavam a federação com urgência, apresentando um enraizado discurso xenofóbico e antilusitano. O federalismo na Bahia esteve presente em diversos âmbitos, não se restringindo às revoltas tão citadas pela historiografia baiana.

A singularidade do federalismo baiano foi o de apresentar-se por duas vertentes: uma *moderada*, simbolizada pela *Sociedade Federal* de 1832; outra *exaltada*, bem caracterizada

por Barata, seus seguidores – alguns dos quais participantes de revoltas em 1831, 1832 e 1833 –, assim como pela *Sociedade Federal da Bahia* de 1834. Constatação que se impõe, ainda que se tenha contado com apenas três edições do *Precussor Federal*, que editou mais de oitenta números, e somente com a primeira edição do *Genio Federal*.

Elementos do pensamento federalista estiveram presentes entre quase todos os setores da política imperial, influenciando, provavelmente, membros da elite econômica da Bahia. Manifestou-se entre vários setores da população, percorrendo a sociedade de alto a baixo, compondo, sobretudo, as aspirações de certas camadas médias letradas da sociedade da capital e do Recôncavo baiano. A questão da divisão das rendas e das províncias, que pode ter surgido de um elementar desejo por autonomia, plasmou-se com o discurso federalista, amplamente divulgado pela imprensa e por deputados ocupados com a reforma constitucional. Assim, proposta federalista influenciou a todos que desejavam o estabelecimento de critérios para a divisão das rendas e, como consequência, possibilitasse a aplicação de recursos para o melhoramento das províncias.

O discurso de unidade nacional, por sua vez, atribuído mais comumente aos monarquistas unitários, também figurou entre as principais preocupações dos federalistas, inclusive dos *exaltados*, que defendiam a reforma federal como meio de evitar o separatismo e preservar a unidade de um país de dimensões continentais.

É evidente que o significado de federalismo tendeu, de modo geral, para a concepção estadunidense. O federalismo não era pensado pelos indivíduos em questão como a formação de uma união federal de Estados independentes. A idéia era criar a justaposição de duas esferas de poder, a central e a provincial, ainda que o processo fosse feito do centro para as partes, diferentemente do que ocorrera com a Constituição dos Estados Unidos da América.

Os federalistas baianos não se demonstraram tão preocupados com o fato de a federação ser monárquica ou republicana. A proposta de arranjo institucional federalista assumiu maior grau de importância que qualquer outra questão política na fase das regências, não superando apenas as questões em torno da unidade nacional, que para muitos era sinônimo de integridade do Império.

A desmobilização das sociedades federais no Império, após o Ato Adicional, não abateu a luta pela federação. A imprensa baiana permaneceu firme, ainda que Barata estivesse distante. Guedes Cabral assumiu o lugar principal na imprensa federalista e republicana entre

os anos de 1834, 1835 e 1836. Enquanto isso, os membros da família Ferreira França estiveram quase sempre propondo projetos federalistas – e alguns republicanos também – na Câmara de Deputados. A radicalização foi um caminho para os que se decepcionaram com as mudanças inseridas em 1834. Para os que colaboraram com a aprovação destas, querendo mais autonomia provincial, o mais importante era questão das rendas. Não havia o desejo de uma mudança institucional profunda, sobretudo quando a onda de rebeliões começou a tomar enormes proporções em 1835.

Com efeito, a insatisfação permaneceu viva. Possibilitou a ocorrência da Sabinada e abriu espaço para a liderança de Sabino, que passara de uma postura de acomodação à revolta, sem jamais ter perdido a característica contundente de sua personalidade. Liderando um conjunto de letrados insatisfeitos com as remessas de dinheiro feitas ao Rio de Janeiro e com a própria condição pessoal, Sabino apresentou-se como o novo pólo aglutinador. Por mais que fosse temporário, Sabino preencheu o espaço deixado por Barata.

Ainda que a Sabinada não seja uma revolta federalista *tout court*, o foco das suas insatisfações repousa na frustração das expectativas dos federalistas e no fato de que continuasse vigorando uma centralização das rendas na Corte. Centralização esta que desagradava parte da elite política baiana, sendo colocada desde o início da pregação federalista como o principal problema a ser resolvido por uma reforma federal.

Entre os anos de 1831 e 1838, Salvador e Recôncavo foram palcos de intensa propaganda em prol da federação. Além das revoltas do início da década, os panfletos espalhados, as atividades associativas e, principalmente as publicações da imprensa, se encarregaram de tornar o federalismo uma temática política exaustivamente debatida no âmbito institucional e na sociedade. Certamente, essa realidade, que também se desenvolveu em outras províncias, influenciou no surgimento das mudanças constitucionais, a exemplo da criação das Assembléias Legislativas Provinciais.

As Assembléias Legislativas Provinciais permitiram maior espaço para inserção de mais indivíduos na esfera de decisão que lhes competia. Entretanto, as decisões políticas mais importantes continuaram emanando do poder central do Império. Discutir sobre o surgimento de um pacto federativo com o Ato Adicional, sobretudo com o uso da base conceitual de que a federação significa a existência de duas esferas de ação de poder – central e provincial – pode

levar a um campo estéril. Penso que o debate entre unitarismo e pacto federativo não apresenta horizontes animadores. Esses termos são apenas terminologias da realidade política.

Diante das limitações da historiografia, o que mais importa é a realização de estudos que possam revelar cada vez mais o surgimento e funcionamento das instituições, suas composições, a eficiência ou não de suas decisões. Se as províncias contaram com mais poder de atuação, cabe ao historiador demonstrar quais foram os motivadores e as consequências do processo e nada mais.

O arranjo institucional do Império do Brasil pós-1834 pode ser definido como "semifederal" ou como "pacto federativo". Mas nada impede que se possa considerá-lo como um "pacto unitarista", e que se defina esta terminologia como um acordo no qual as províncias sejam governadas desde o centro, ao tempo em que desfrutam de determinadas atribuições. Em síntese, o que importa saber é como se desenvolveram as ações dos órgãos institucionais, quais as consequências, como a sociedade reagiu a elas, qual nível de resistência e quais propostas alternativas foram feitas etc.

Isso não quer dizer que o federalismo não tenha história. Todas as terminologias políticas têm uma história, mas a importância da pesquisa é determinada pelo objeto. Se existem federalistas na Bahia, com suas propostas, demandas e credos políticos, *voi lá*, o objeto está aí. O importante é que o federalismo seja o mesmo federalismo que os indivíduos propuseram. Que esteja encerrado nas margens que eles definiram historicamente, e não em uma justaposição dos conceitos à realidade histórica.

Portanto, é preciso escrever ainda uma história do federalismo no Império do Brasil. As tentativas de perspectiva ampla sobre o tema são raras e o perigo de superficialidade é patente. Possivelmente, o fato esteja relacionado à escassez de pesquisas e publicações monográficas sobre o tema. Ademais, também é recorrente a possibilidade de concentração das pesquisas no campo dos órgãos institucionais e das revoltas mais estudadas, perdendo de vista o âmbito das sociedades federais, das revoltas de menor porte, dos jornais e panfletos. Enfim, dos aspectos do cotidiano da vida política.

Há muito a ser pesquisado no campo da imprensa e da conexão entre as associações e a produção de periódicos – os estudos sobre a maçonaria, que deixam a desejar, podem contribuir muito. O estudo das sociedades federais encontradas na Bahia é indispensável. É forçosa a investigação da realidade associativa na Bahia, que não se restringe ao ideário

federalista, e manifesta-se a partir de outras demandas políticas. Uma pesquisa mais ampla no sentido de investigar possíveis relações entre as sociedades federais na Bahia e os representantes do legislativo também merece ser realizada. Apesar da compatibilidade apresentada entre ideais defendidos na imprensa e nas revoltas e algumas propostas colocadas por certos deputados baianos – com especial destaque para os membros da família Ferreira França –, não foram encontrados vínculos entre as sociedades federais e os deputados federalistas. A participação deles nas reuniões, ou mesmo a existência de alguma orientação para a formação das associações, não foram até então comprovadas.

Com todas as limitações, a exemplo da restrição ao Recôncavo baiano no período das regências, espero ter contribuído com uma página da história política da Bahia. Tal período termina sempre chamando a atenção dos pesquisadores, por conta da ocorrência de várias revoltas. Contudo, todos os espaços de sociabilidade política devem ser investigados e esta concepção norteou a elaboração deste trabalho. Imagino que a História do Império se enriquece quando certas conjunturas, aparentemente de menor importância, são esclarecidas e inseridas em um contexto geral da história política do país.

FONTES:

Anais da Câmara:

http://imagem.camara.gov.br/pesquisa_diario_basica.asp

Arquivo Público do Estado da Bahia/Seção Colonial:

Maço 2835- NEVES, Francisco Ribeiro. *Justificação da minha vida política, nos quatro meses da revolução de 7 de novembro de 1837.*

Arquivo Público do Estado da Bahia/Seção Legislativa:

Livro 863 - Representação da Assembléia Legislativa Provincial, 22 de abril de 1835.

Livro 1232 - Atas das eleições de 1834.

Arquivo Público do Estado da Bahia/Seção Judiciária:

Inventários. Classificação: 04/1905/2376

Arquivo Nacional:

IJ1 707. Correspondência do Palácio do Governo da Bahia a Honorio Hermeto Carneiro Leão, de 15 de março de 1833.

IJ1 707. Manifesto federalista de 1832.

IJ1 707. Manifesto Federalista de 1833.

IJ1 708. Correspondência do Juiz de Direito de Cachoeira ao Presidente da Província da Bahia, 22 de junho de 1837.

IJ1 708. Correspondência entre Visconde de Pirajá e o Presidente da Província da Bahia, 3 de novembro de 1836.

IJ1 708. Correspondência entre Visconde de Pirajá e o Presidente da Província da Bahia, 13 de novembro de 1836.

IJ1 708. Exposição.

IJ1 708. Correspondência entre Visconde de Pirajá e o Presidente da Província da Bahia, 10 de dezembro de 1836.

Biblioteca Nacional:

II, 34, 2, 36. Traslado do sumário a que mandou proceder o juiz de Paz da Freguesia da rua do Paço dos réus Bernardo José Barata de Almeida e outros. Bahia, outubro de 1831.

I, 6, 2, 1. Correspondência do Presidente da Província da Bahia ao Juiz de Paz da Vila de Cachoeira, 27 de outubro de 1831.

I, 6, 2, 1. Correspondência do Presidente da Província ao vice-presidente da Sociedade Conservadora, 31 de outubro de 1831.

JORNAIS:

Centro de Digitalização (CEDIG-UFBa)/ APEB – Setor de Microfilmes:

Sentinella da Liberdade hoje na Guarita do Quartel General de Pirajá na Bahia de Todos os Santos (1831)

Nova Sentinella da Liberdade na Guarita do Quartel de São Pedro (1831)

O Investigador Brasileiro (1831-1832)

O Açoute dos Déspotas (1832)

O Órgão da Lei (1832)

O Precursor Federal (1832)

O Descobridor de Verdades (1832)

O Mensageiro da Bahia (1832)

Gazeta da Bahia (1830-1836)

Gazeta Commercial da Bahia (1833)

Diário da Bahia (1833-1838)

O Gênio Federal (1834)

O Defensor dos Povos (1835 – 1836)

O Democrata (1833-1836)

A Luz Bahiana (1837)

O Sete de Setembro (1837)

Novo Diário da Bahia (1837-1838)

O Novo Sete de Setembro (1837-1838)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Edith Mendes Gama. *Ambiente social da Bahia da Independência a Sabinada*. Salvador: IGHB, v. 64, 1938, p. 175-194.

ACCIOLI (de Cerqueira Silva) Ignácio. *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia*, vol. IV. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1933.

AMARAL, Braz Hermenegildo do. *História da Bahia do Império à República*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1923.

_________, Braz Hermenegildo do. *A revolução de 1937. Primeiro Centenário da Sabinada*. Salvador: IGHB, v. 64, 1938, p. 154-174.

ARAÚJO, Dilton O. *O tutu da Bahia*: transição conservadora e formação da nação, 1838-1850. Salvador: EDUFBA, 2009.

ARAS, Lina Brandão de. *A Santa Federação Imperial*: Bahia 1831-1833. 1995. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de, "Sociedades fundadas no Brazil desde os tempos coloniaes até o começo do actual Reinado", *in Revista trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, Tomo XLVIII - parte 2, 1885, p. 294-321.

ATO ADICIONAL (1834). "Apresentação do Ato Adicional à Regência pela Cãmara dos Deputados para sua promulgação", 09 de agosto de 1834.

BASILE, Marcello Otávio. *Ezequiel Corrêa dos Santos*: um jacobino na Corte imperial, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2001.

_______, Marcello. Projetos de Brasil e construção nacional na imprensa fluminense (1831-1835). In: FERREIRA, Tania Maria B. da C.; MOREL, Marco; NEVES, Lúcia Maria B. P. (Orgs.). *História e Imprensa*: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A, Faperj 2006, p. 60-93.

_______, Marcello. Movimento Associativo e política regencial: a sociedade federal fluminense. *Revista Universidade Rural*: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n 1, p. 96-109, jan-jul, 2007.

_______, Marcelo. O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840). In.: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). *Coleção O Brasil Imperial (1831-1840).* Vol. II Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 53-119.

BARATA, Cipriano. *A sentinela da liberdade e outros escritos (1821-1835)*. Organização e edição: Marco Morel. São Paulo: EDUSP, 2009.

BONAVIDES, Paulo. *Ciência Política*. Rio de Janeiro: Forense, 1978.

CALMON, Pedro. *História da Bahia* - resumo didático. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1927.

CALMON, Francisco Marques de Góes. *Vida econômico-financeira da Bahia;* elementos para a história de 1808 a 1889. Reimpressão. Salvador: Fundação de Pesquisas/CPE, 1978.

CARREIRA, Ernestina. "O Comércio Português no Gujarat na segunda metade do século XVIII: as Famílias Loureiro e Ribeiro", Lisboa, *Mare Liberum*, nº 9, 1995, p. 83-94.

CARVALHO, José Murilo de. Federalismo y centralización en el Império Brasileño: historia y argumento. In.: CARMAGNANI, Marcello de (Coord.). *Federalismos latinoamericanos*: México/ Brasil/ Argentina. México: Fondo de cultura econômica, 2003. pp. 51-77.

CASTRO, Paulo Pereira de. "A experiência republicana". 1831-1840", in HOLANDA, S. B. de (org.). *História geral da civilização brasileira*, São Paulo, Difel, 1985, t. II, v. 2, p. 9-67.

CASTRO, Renato Berbet de. *História do conselho geral da Província da Bahia*. Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 1984.

_________, *Os vice-presidentes da Província da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1976.

CHIARAMONTE, José Carlos. Modificaciones del pacto imperial. In.: ANNINO, A.; GUERRA, François-Xavier de (Coord.) *Inventando la nación: Iberoamérica siglo XIX*. México: Fondo de cultura econômica, 2003. p. 85-113.

______________, José Carlos. El federalismo argentino em la primera mitad del siglo XIX. In.: CARMAGNANI, Marcello de (Coord.). *Federalismos latinoamericanos*: México/ Brasil/ Argentina. *México*, D. F.: Fondo de cultura econômica, 2003, p. 81- 132.

______________, José Carlos. Metamorfoses do conceito de nação durante os séculos XVII e XVIII. In.: JANCSÓ, István. (Org.). *Brasil*: formação do Estado e da Nação. São Paulo: FAPESP, Hucitec; Ijuí: Unijuí, 2003.

COSER, Ivo. A história conceitual do Brasil no mundo ibero-americano. In: João Feres Júnior. (Org.). *Léxico da história dos conceitos políticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 91-118.

DOLHNIKOFF, Miriam. *O Pacto Imperial: origens do federalismo no Brasil***.** São Paulo: Globo, 2005.

_____________, Miriam. Entre o centro e a província: as elites e o poder legislativo no Brasil oitocentista. *Almanack brasiliense*. São Paulo, n. 1, maio, 2005.

_____________, Miriam. Império e governo representativo: uma releitura. In.: ARAÚJO, Cícero; LAVALLE, Adrian Garcia de (Orgs.) Dossiê: Representação Política no Brasil. Salvador: *Caderno CRH*, p. 13-23.

FELDMAN, Ariel. *O império das Carapuças*. Espaço público e periodismo político no tempo das regências. 2006. Faculdade Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. (Dissertação de Mestrado)

FERRERO, Roberto A. *Historia, nación y cultura*. Córdoba/República Argentina: Alción, 2004.

FIGUERÊDO, Sara R. Da abdicação à Lei de Interpretação. *Revista de Informação Legislativa*. Brasília: Senado Federal, ano 23, n 91, jul-set, 1986, p. 217-316.

FLORY, Thomaz. *El juez de paz y El jurado en el Brasil Imperial*. México: Fondo de Cultura Economica, 1986.

FONSECA, Silvia C. P. Brito. O conceito de República nos primeiros anos do Império: a semântica histórica como um campo de investigação das idéias políticas. *Anos 90 (UFRGS)*, v.13, p. 323-350, 2006

_________, Silvia C. P. de Brito**.** O Democrata: um jornal republicano no Império (1833-1836). *Comunicação: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (2006).*

_________, Silvia C. P. Brito. Federação e República na Sociedade Federal de Pernambuco (1831-1834). *Saeculum (UFPB)*, v. 14, p. 57-73, 2006.

_________, Silvia C. P. Brito. Apontamentos para o estudo da linguagem republicana na conformação de identidades políticas na imprensa regencial fluminense. In: FERREIRA, Tania Maria B. da C.; MOREL, Marco; NEVES, Lúcia Maria B. P. (Orgs.). *História e Imprensa*: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A, Faperj 2006, p. 94-112.

GRINBERG, Keila. *O fiador dos brasileiros: cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

JANCSÓ, I.; PIMENTA, J. P. G. Peças de um mosaico (apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: MOTA, C. G. (Org.) *Viagem incompleta – a experiência brasileira 1500-2000*. Formação – histórias. São Paulo: Senac, 2000. p.127-76.

KRAAY, Hendrik. Definindo nação e Estado: rituais cívicos na Bahia pós-Independência (1823-1850). *Topoi*: Revista de História, Rio de Janeiro, nº 3, setembro de 2001.

________, Hendrik. Daniel Gomes de Freitas: um oficial rebelde do Exército Imperial Brasileiro. *Politéia*: História e Sociedade. Vitória da Conquista, v.4, 2004.

LEITE, Douglas G. *Sabinos e diversos*: emergências políticas e projetos de poder na revolta baiana de 1837. Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2006. (Dissertação Mestrado)

LIMONGI, Fernando Papaterra. O Federalista: remédios republicanos para males republicanos. In: WEFFORT, Francisco C. (Org.) *Os Clássicos da Política*. São Paulo: Ática, 2004, vol. 1. , p. 244-287.

LOPES, Juliana Serzedello Crespim, *Identidades Políticas e Raciais na Sabinada (Bahia, 1837-1838)*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008. (Dissertação Mestrado)

MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: o Federalismo Pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

MILTON, Aristides A. *A República e a Federação no Brasil*. Salvador: IGHB, v. 13, 1897, p. 361-390.

________, Aristides A. *Ephemerides Cachoeiranas*. Salvador: IGHB, v. 16, 1898, p. 227-272.

MOREL, Marco. *Cipriano Barata na Sentinela da Liberdade*. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2001.

_______, Marco. *O período das Regências (1831 - 1840)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_______, Marco. Sociabilidades entre Luzes e sombras: apontamentos para o estudo histórico das maçonarias da primeira metade do século XIX. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, Rio de Janeiro, v. 28, p. 03-22, 2001.

_______, Marco. O abade Grégoire, o Haiti e o Brasil: repercussões no raiar do século XIX, in: *Almanack Braziliense*. n. 2, novembro de 2005, p. 76-90.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia século XIX* - uma província no império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

PADOIN, Maria M. *O federalismo gaúcho*. São Paulo: Nacional, 2001.

PADOVER, Saul K. *A Constituição viva dos Estados Unidos*. São Paulo: IBRASA, 1987, 2 ed.

PONTES, Kátia Vinhático. *Mulatos*: políticos e rebeldes baianos. Salvador: UFBa, dissertação de mestrado, 2000.

SANTANA, Rosane Soares. *Centralização, descentralização e unidade nacional, 1835-1841*: o papel da elite política baiana. Salvador: UFBA, 2002. (Dissertação de mestrado)

SILVA, Wlamyr. Esmagando a Hydra da discórdia: o enquadramento do pensamento exaltado pela moderação mineira. *História,* São Paulo, v. 25, n. 2, p. 214-227, 2006.

SLEMIAN, Andréa. *Sob o império das leis*: Constituição e unidade nacional na formação do Brasil (1822-1834). 2006. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Francisco Belisário S. de. *O Sistema eleitoral no império*. Brasília: Senado Federal, 1979.

SOUZA, Paulo César. *A Sabinada*: a revolta separatista da Bahia (1837). São Paulo: Brasiliense, 1987.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo: Ática, 1987.

TORRES, João Nepomuceno e CARVALHO, Alfredo de. *Annaes da Imprensa na Bahia. 1º. Centenário, 1811 a 1911*. Bahia: Typografia Bahiana, de Cincinnato Melchíades, 1911.

VIANNA FILHO, Luiz. *A Sabinada*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

VOEGELIN, Eric. *A Nova Ciência da Política*. Brasília: UnB, 1982.

__________, Eric. *Anamnese* – da teoria da história e da política. São Paulo: É Realizações, 2009.

WERNET, Augustin. *Sociedades políticas (1831-1832)*. São Paulo: Cultrix/Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1978.

WILDBERGER, Arnold. *Os Presidentes da Província da Bahia*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1949.

SABINOS E DIVERSOS:

emergências políticas e projetos de poder na revolta baiana de 1837

Douglas Guimarães Leite

Salvador

Janeiro de 2006

SABINOS E DIVERSOS:

emergências políticas e projetos de poder na revolta baiana de 1837

DOUGLAS GUIMARÃES LEITE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. João José Reis

Salvador

Janeiro de 2006

SABINOS E DIVERSOS:

emergências políticas e projetos de poder na revolta baiana de 1837

Douglas Guimarães Leite

Orientador: Prof. Dr. João José Reis

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia – UFBa, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em História.

Aprovada por:

____

Presidente, Prof. Dr. João José Reis

____

Prof. Dr. Antonio Luigi Negro

____

Prof. Dr.

Salvador

Janeiro de 2006

RESUMO

Essa dissertação tem o objetivo de estudar a diversidade política dos discursos revoltosos na Sabinada em 1837, na Bahia, demonstrando a existência de grupos políticos específicos que fazem da revolução um espaço para o diálogo de suas diferenças. Para isso, pretende identificar esses pensamentos a partir de sua trajetória própria de formação e do uso de mecanismos expressivos correspondentes, demarcando suas duas principais tendências políticas: o federalismo monárquico e o republicanismo. Pretende ainda fornecer um quadro do debate público no período que cobre as lutas da Independência e se estende até a Regência, situando os sabinos no conjunto das formulações revolucionárias de seu tempo.

PALAVRAS-CHAVE: POLÍTICA – REVOLUÇÃO – DISCURSO.

ABSTRACT

This thesis aims to study the diversity of rebels political speeches in Sabinada revolt in Bahia, 1837, by demonstrating the existence of different groups who uses the revolution as a public arena for debating your ideas. The work intents to distinguish those thoughts in their own social experience and means of expression, pointing your main tendencies on monarchist federalism and republicanism. It pretends to provide still a portrait of the public debate in the period between the struggles for the Independence and the Regency, putting the sabinos altogether with the revolutionary scene of their time.

KEY-WORDS: POLITICS – REVOLUTION – SPEECH.

AGRADECIMENTOS

Esse leve e docemente apertado espaço do meu trabalho é oferecido àqueles que durante esse bom tempo agiram comigo em seu favor.

Ao Professor João José Reis, minhas palavras de reconhecimento por seu trabalho de orientação segura, zelosa da autonomia, pela confiança e pelo apoio dispensados nos momentos justos. Para mim, aprender a escrever história se deve, em boa medida, aos diálogos com seus textos. Sobretudo aos mais silenciosos e mais amistosos possíveis.

À Professora Jeanine Nicolazzi Philippi, por ter me ajudado a escolher fazer mais.

À memória do Centro de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina, e em especial a seus professores Antônio Carlos Wolkmer e Cecília Caballero Lois. Aos amigos de Florianópolis, que são muitos, mas que lembro nas figuras dos “queridos” Camila Prando, Lia Cavalcante, Márcia Bernardes e Fernando Pereira. Estiveram todos perto quando tudo esteve por um fio.

Aos sajuanos, porque há muita história e muito coração aí, sem nunca esgotá-los: Luciana Khoury, Isaac Reis, Marilson Santana, Edson Macedo, Adriana Lima, Gustavo Melo, Maurício Azevedo, Luciana Garcia, Vladimir Luz.

A Isabela Fadul, pela sua presença, em qualquer hora e em qualquer lugar, sem querer quase nada em troca.

A Uirá Azevedo, companheiro de longa data, por ter segurado muitas barras.

A Fátima Noleto, porque, pensando no meu futuro, nunca admitiu que eu não “defendesse logo”.

A Tonho e a Sarinha, considerações diárias que se estendem à pequena Clara.

A Tarcísio Oliveira, parceiro e amigo queridíssimo, consultor de todas as horas.

A Rogério Dultra, querido irmão e interlocutor, sobre quem o sabor das lidas antigas não nos permitiu sofrer os malvados efeitos da distância.

A Juliana Brainer, por seu carinho atento, sempre que precisado. E pela ajuda nos anexos, na bibliografia, nos mapas, na capa, sumário, resumo, nas notas, e em todas as mais miúdas coisas cheias de enorme valor. Muito, muitíssimo obrigado. Só assim foi possível.

Ao companheiro de batalhas imperiais, Daniel Affonso, pelo suporte valiosíssimo do material de trabalho, pela estima gratuita, e por ter, generoso anfitrião, deixado que eu checasse meus e-mails na sala do Temático.

À minha orientadora, livreira, ouvinte, bruxa, amiga, sabina e diversa como eu, Juliana Serzedello. Às vezes penso que essa dissertação é nossa. A você, tão longe e tão perto.

Aos meus colegas de mestrado e aos meus alunos bons, como Maíra Caffé.

Ao meu irmão, Carlos, que quando dei por mim era história o que ele fazia, e que hoje reencontro por outra história, que não é só minha.

À minha irmã Cláudia, pelo entusiasmo e pela alegria com que sempre quis me ver mover pra frente. Merecemos muitas festas.

À Karla, minha irmã, que vive junto comigo cada gota derramada no esforço de eu me fazer. E que se faz junto comigo, como se fôssemos um.

Aos meus sobrinhos, Hugo, Camila, Amanda e Helena, com quem lerei muitas vezes essas e outras estórias. Jane e Felipe também estão convidados para a roda.

A Marcela, pelo amor que vigora.

Aos meus pais, Romilda e Carlos, a quem acontece de eu não saber o que dizer. No silêncio que antecede a mais forte das emoções, eles bem sabem o que isso significa. A eles dois dedico essa tradução da minha vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

No dia 07 de novembro de 1837, a cidade de Salvador foi acordada pelos sinos da Câmara Municipal. Dobrados de ordinário em dias de festa e de júbilo público, nesse dia suas badaladas se deveram a um fato extraordinário. Reuniam-se no Salão Principal da Casa dos vereadores todos aqueles que, por diversos motivos, viam na sessão que ali se abriria a pouco uma ocasião coletiva: estava declarada livre a Província da Bahia. Era a Sabinada.

Conhecida hoje pelo nome daquele que foi tido por um de seus principais líderes, a Sabinada seguiu a sorte de algumas outras províncias do Império brasileiro que durante o mesmo período – a Regência (1831-1840) – declararam sua independência plena ou provisória frente ao governo central da Corte, sediado no Rio de Janeiro.

Extraordinário fato estava não na revolução propriamente dita. Elas aconteciam ano a ano, em todos os lugares do disputadíssimo "território nacional". O que a distinguiria das demais, entre outras coisas, era o inusitado de, na Bahia, vingar mais do que dois ou três dias, e também a circunstância de traduzir a síntese dos movimentos regenciais seus contemporâneos, proclamando na mesma revolução a separação e a independência provisória da Bahia. Aí sim temos um bom mote.

Durante pouco mais de quatro meses (novembro de 1837 a março de 1838), o movimento dos sabinos ocupou a cidade, estabeleceu seu governo e, sobretudo, obrigou os "legalistas" a acamparem no Recôncavo, num veraneio pouco parecido com o de um passeio na ilha de Itaparica. Ao longo de todo o seu desenvolvimento, a Sabinada deu o que falar. Proclamações, ofícios, manifestos e jornais. Além das bombas e tiros, é claro,

que, apesar de não deporem em favor da qualidade dos exércitos de parte a parte, produziram bom estrago na cidade à beira mar.

A Sabinada se abriu e se fechou com o verão. Como na fábula, porém, não pôde vingar sozinha. Reforçados pela máquina de todo o Império, os "homens bons" da "velha Bahia" tornaram as coisas para o "seu devido lugar". Em 15 de março de 1838, entraram na cidade e, do incêndio que se alastrava pelo campo de batalha, ainda conseguiram salvar alguns de seus bens, sua maior estimação.

As páginas seguintes se ocupam de contar a história do que os sabinos disseram, do que pensaram e do que projetaram para a Bahia que um dia pensaram poder tomar. Vamos a eles.

Raposas e Perus: liberdade ou morte nas trincheiras da cidade

Em decreto datado de 20 de janeiro de 1838, os rebeldes que haviam posto a correr as autoridades constituídas da Bahia há então pouco mais de dois meses, baixam importante medida à frente do novo governo instalado na cidade, nomeando-a: "Determinação". Seu enérgico e breve teor parecia estar ciente da eloqüência das poucas mas bem escolhidas palavras:

> Convindo distinguir os verdadeiros amigos e defensores da causa da Independência d´este Estado, para que não reste dúvida entre os que a adotam e aqueles que infelizmente ou são seus inimigos ou se não decidem por parte alguma, hei de bem ordenar que todos os brasileiros que de coração adotem a sobredita causa da independência d´este Estado, da qual independência lhe vem a liberdade, tragam no braço esquerdo um ângulo de metal amarelo com a legenda – **Liberdade ou morte.**[1]

Assinado por João Carneiro da Silva Rego, vice-presidente do "Estado Livre e Independente da Bahia", e por seu secretário e Ministro do Interior, Francisco Sabino

[1] Determinação, 20.01.1838, Publicações do Arquivo do Estado da Bahia (PAEBa), 1938, vol. II, p. 85.

Álvares da Rocha Vieira, dois dos mais importantes líderes do movimento, o decreto representa um último acerto de contas entre os revoltosos e seus oponentes radicados na cidade. Esses seriam tidos como inimigos do "sistema jurado no sempre memorável dia 7 de Novembro", e assim reconhecidos .[2]

Não é preciso exagerar a importância desse documento, simbólico por vários motivos. Trata-se de uma peça pela qual as questões mais decisivas da revolta podem ser reconstituídas e pensadas em retrospectiva. Com ele, sobretudo, os discursos em torno da revolução podem ser entendidos pela linguagem da guerra. Também podem ser articuladas as técnicas de campo ao sentido dos projetos políticos que ambos os lados proclamam para seduzir em seu favor a população da Província. O ultimato em que se manifesta o ato de governo é a sinalização de uma crise que reclama endurecimento, ao mesmo tempo em que o acusa nas condições de vida da cidade sitiada e já bastante desfalcada dos bens mais ordinários para se manter.

Situada num tempo avançado da guerra, a "Determinação" difere bastante dos outros documentos pelos quais os "raposas" habitualmente se dirigiam aos seus "Irmãos da Província".[3] Seu tom adquire um caráter dramático especialmente distinto daquele mais brando e persuasivo das Proclamações em que procuravam dispor de razões e princípios com o propósito de ir ganhando adeptos à sua causa. A escolha de um outro método de discurso não implica que as Proclamações tenham sido abandonadas, mas certamente sugere que entre os revolucionários um certo estado de coisas se constatava:

---

[2] Determinação, 20.01.1838, PAEBa.
[3] "Raposas" e "Perus" foram os nomes atribuídos pelo povo da Bahia aos rebeldes e legalistas, respectivamente, e que eles mesmos usaram para se referir mutuamente. A informação é fornecida por muitos historiadores, embora não seus motivos. Dentre outros, Braz do Amaral, "A Sabinada", PAEBa, II, p. 3; A. J. de Souza Carneiro, "A Sabinada em Nazaré", PAEBa, 1945, vol. IV, 1945, p.77.

para o bem do novo regime seria preciso reconhecer sem engano as fronteiras que os separavam do inimigo.[4]

Recompondo os lugares da batalha, e impelindo para o Recôncavo aqueles que não estivessem "de coração" associados à revolução, a Sabinada exigiu do povo aquilo que até então ele não tinha conseguido perceber nos seus discursos e práticas: uma mais clara e distinta identidade política. Possivelmente por esse motivo, não se podia desprezar a expressiva "massa dos indiferentes". Nem aqueles materialmente presos a ela, impedidos de sair, ou outros provavelmente pouco afetados pela coloração política do movimento revoltoso, tal como conduzido até ali.[5]

Um dos melhores exemplos dessa indefinição o fornece o próprio decreto. A ata do "sempre memorável dia 7 de novembro", documento fundamental da revolução, havia sido substancialmente alterada pouco depois de sua aclamação, circunstância que não teria sido capaz de evitar êxodos de toda ordem.[6] Esses êxodos haviam certamente contribuído para a situação sobre a qual a "Determinação" se debruçara. E se antes os rebeldes não os haviam impedido, agora entendiam ter o dever de induzi-los, taticamente.

Pretendendo, portanto, que os habitantes da Bahia ostensivamente manifestassem sua filiação política, os revoltosos lançaram luz sobre a sua própria e sobre aquela dos "perus" que os cercavam do Recôncavo. Permitiram assim colocar a questão fundamental do processo de formação de ambos os lados contendores: seus correligionários, suas forças armadas, seus motivos políticos, seus dispositivos de poder. Atualizando-se na guerra, a análise detida desse processo permitirá entender

---

[4] Algumas das mais importantes proclamações da guerra se encontram no Apêndice à obra de Amaral, "A Sabinada", pp. 56-133.

[5] Interrogatório de Nicolau Soares Tolentino, PAEBa, 1939, III, 14.11.1838, pp. 33-4. Tolentino expressa as razões pelas quais ficou na cidade, alegando dificuldade de "finanças". Outros depoimentos nessa direção seriam relativamente comuns. Como depoentes, a veracidade dos seus motivos pode ser posta em xeque, por outro lado, a sua repetição induz a crer que se esperava que eles pudessem ter algum tipo de credibilidade.

[6] Sacramento Blake, "Ainda a Revolução da Bahia de 7 de Novembro de 1837", PAEBa, I, p. 69.

porque àquela altura pareceu fundamental aos revolucionários contar as peças de cada lado. Voltando contra si a força ou a fraqueza de seu projeto político, numa verdadeira prova de fogo, os revoltosos apostaram em definir, para melhor explorá-las, ideológica e materialmente, as trincheiras da cidade.

Rebeldes e Legalistas: a guerra e suas formações sócio-políticas.

A história da Sabinada pode ser contada pela história de sua guerra. Ou antes, pela história do aparato construído de ambos os lados para transformá-la, em última instância, num conflito armado. Afinal uma "guerra estática" prevaleceu ao longo dos quatro meses de ocupação da cidade, os desenhos e manobras militares tomando o lugar da guerra real.[7] Nesse período, um número máximo de cinco ou seis importantes combates resumiu o fogo trocado, o que se pode atribuir não apenas a uma estratégia militar de ambas as partes, mas também à debilidade dos seus corpos, dado o momento de transição e de franca construção política em que a Sabinada encontrou as forças da Província e do Império brasileiro.[8]

A guerra estática não faz perder de vista, porém, sua intensa militarização.[9] E ela se deve não apenas à maciça presença de militares no comando e nas fileiras dos rebeldes, mas também ao fato de que, durante o seu curso, o movimento não se desvencilhou da urgência do tempo de guerra, restando incapaz de, ao lado da "batalha fria", estabelecer um tempo político próprio, necessário ao desenvolvimento das bases revolucionárias anunciadas em seus textos. Os sabinos não puderam superar os limites

[7] "Guerra estática" é um termo utilizado por F. W. O. Morton para designar o estado das batalhas na Sabinada, e para também compará-lo com a situação da guerra de Independência entre o Exército Restaurador e os portugueses na Bahia em 1822-23. F. W. O. Morton, "The Conservative Revolution of Independence", Tese de Doutorado, Universidade de Oxford, 1974, p. 353.
[8] Morton, "The Conservative Revolution", pp. 352-8.
[9] Hendrik Kraay, *Race, State and Armed Forces in Independence- Era Brazil*, Stanford, Stanford University Press, 2001, pp. 231-39; também dele, ver "'As Terrifying as Unexpected': The Bahian Sabinada, 1837-1838", *Hispanic American Historical Review*, 72:4. Durham: Duke University Press, 1992, pp. 508-515.

de suas condições de sustentação material, e a constante ameaça de conflito armado não logrou ser razoavelmente substituída pela consistência de um plano de governo. Talvez por isso, como anotou Paulo César Souza, continuassem a falar muito.[10]

Nessa guerra, o choque entre os dois lados foi também o confronto entre dois acúmulos políticos, até então não resolvido. Do lado dos rebeldes, numa série de acontecimentos que remontam à campanha da Independência, jogam importante papel a intensificação dos "*clubs*" revolucionários e a viva produção da imprensa militante, ambos responsáveis por uma sociabilidade política que muito aproveitou às ações desestabilizadoras do período em questão.[11] Dessa imprensa saiu o *Novo Diário da Bahia*, periódico editado por Sabino que consistiu em verdadeira crônica teórica da revolta, em tempo real. Também resultaram desse contexto as tramas e conspirações que deram fruto na tradição de levantes, motins militares e lusófobos, e ainda em toda sorte de manifestações das camadas médias contra o modelo político estabelecido na Bahia desde o seu governo provisório, já independente. Entre esses movimentos pós-independência destacam-se os de base militar e as revoltas federalistas de Cachoeira e São Félix (1832) e do Forte do Mar (1833), pela identificação ideológica com que marcariam o episódio de 1837.[12]

Toda essa agitação social encontrava, no entanto, limites importantes no caráter profundamente escravista e no padrão de relações clientelistas típicos da sociedade brasileira da época. Esses "canais abertos pela Independência", diz F. W. O. Morton, permitiam o fluxo de uma nova atividade intelectual e criavam nessas pessoas novas

---

[10] Paulo César Souza, *A Sabinada*, São Paulo, Círculo do Livro, 1987, p. 13.
[11] João José Reis, *Rebelião Escrava no Brasil*, São Paulo: Cia. das Letras, 2003, p.58; Luiz Viana Filho, *A Sabinada (A República Bahiana de 1837)*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1938, pp 08-10.
[12] Reis, *Rebelião Escrava*, pp. 44-67; Morton, "The Conservative Revolution", pp. 309-13; Ignácio Accioli, *Memórias Históricas e Políticas da Bahia*, vol. IV, edição anotada por Braz do Amaral, Salvador, Imprensa Oficial, 1933, pp. 354-78.

"bases de esperança", alcançando diferentemente os diversos grupos sociais.[13] No caso da Sabinada, o horizonte político não se estendeu muito além daquele que poderia advir de um movimento concebido por elementos da classe média letrada. A entrada de livres pobres, libertos e escravos complicou o jogo dos projetos e lançou a revolta diante de dilemas práticos que lhe seriam fatais.

Esses "acúmulos de experiência política", na expressão de Istvan Jancsó, representavam processos sócio-políticos não lineares que teriam colhido aos movimentos anticoloniais sua energia de mudança, "reativadas suas tensões", mas costurando outras estratégias, contemporâneas a um quadro econômico – de crise – incomparável àquele do florescimento pré-Independência.[14] Esses processos fizeram frente também a uma outra crise, de recrutamento de uma nova elite burocrática, que tendia a aprofundar o processo de centralização do poder e assim cooptar elementos das elites locais num novo acordo político com a classe dos aparelhos do Estado Nacional. Decerto esse novo acordo não contemplava radicalismo de nenhuma espécie, e explorava o veio pragmático de um liberalismo tão amplo quanto apenas necessário para suportar os localismos sem pôr em risco a integração do Império.[15]

Assim, em contraponto às formações rebeldes, é possível pensar também a articulação sócio-política dos legalistas dentro da guerra. Em favor do aparato repressivo erguido das bases econômicas dos senhores de engenho e altos comerciantes

---

[13] Morton, "The Conservative Revolution", pp. 336-7. István Jancsó, "A sedução da liberdade: cotidiano e contestação política no final do século XVIII" *in* Laura de Mello e Souza (org.), *História da Vida Privada no Brasil: Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa*, vol. 1 (São Paulo, Companhia das Letras, 1997).

[14] João José Reis, "O jogo duro do Dois de Julho: O 'Partido Negro' na Independência da Bahia", *in* Eduardo Silva, João José Reis, *Negociação e Conflito*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 88; Kátia Mattoso, *Bahia: A Cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*, São Paulo: Hucitec, 1978, pp. 151-69; Morton, "The Conservative Revolution", pp. 324-39; Jancsó, "A sedução da liberdade", p. 435.

[15] Sobre o assunto, consultar Thomas Flory, *El Juez de Paz y el Jurado en el Brasil Imperial, 1808-1871: Control Social y estabilidad política en el nuevoEstado*, México, Fondo de Cultura Económica, 1986; Istvan Jancsó (org.), Brasil: *Formação do Estado e da Nação*, São Paulo, Hucitec/ Ijuí, Unijuí, 2003, pp. 15-28; Marcus Carvalho, "Hegemony and Rebellion in Pernambuco (Brazil), 1821-1835", PhD Thesis, University of Illinois, 1989. Ilmar Rohloff de Mattos, *O Tempo Saquarema*, 5. ed, São Paulo, Hucitec, 2004.

do Recôncavo e da Bahia atuaram as virtualidades de uma história de poder e de autoridade locais, que estavam impressas nos dispositivos materiais prontamente acionados por esses coronéis da milícia "regressista". Mas com essas virtualidades operaram as dificuldades de uma outra empresa, surgidas exatamente do propósito de unir, no ato repressivo mesmo, ao velho o novo, representado pelas novas instituições que a construção do Estado Nacional demandava. O propósito não era outro senão o de cunhar definitivamente a força regular e a identidade de um Estado centralizado. A Sabinada lhes expôs a dimensão do empreendimento, indicando as fraturas ideológicas que teriam de contornar, bem assim o vazio institucional – e de sentido – que haveriam de ocupar. Serviu ao final, vencida, à exploração sob medida da imagem da integridade e ao reforço do simbolismo de uma identidade em construção.[16]

Mobilizada pelo conflito, a cidade e suas divisões sociais também podem ser alcançadas pela inteligência da guerra. Nomeadamente o perfil de seus atores e as formas como suas escolhas políticas induzem seus lugares na hierarquia sócio-econômica, além de suas possibilidades de ascensão social, fora ou dentro de uma ordem revolucionada. As propostas formuladas pelos rebeldes sensibilizam uma estrutura dada que se dá a conhecer pelo modo como se move em direção à mudança que a revolução quer representar.

Esse é o motivo fundamental do trabalho: pensar a partir da consistência dos projetos políticos elaborados pelos sabinos a sociedade que eles interpelam, cruzando as compreensões sociais que se embatem de cada lado – e também fora, apesar de em relação a eles – indagando como essas compreensões nos permitem conhecer melhor as pretensões, as interpretações e os horizontes políticos dos sujeitos contemporâneos. E também a própria sorte da revolução.

---

[16] Kraay, "As Terrifying as Unexpected", pp. 523-27.

A historiografia moderna parece ainda não ter desenvolvido as conseqüências de uma interpretação propriamente política da Sabinada. As obras até aqui produzidas a estudaram ora como um assunto incidental de outro mais amplo, ora – com o intuito de cobrir o silêncio sobre sua história – ao largo de um tratamento mais detido da questão estratégica e tática dos discursos de poder e da diversidade política que o material a seu respeito oferece. Outras vezes, até, como é o caso especial de Luiz Viana Filho, sugerem boas interpretações, mas sem uma fundamentação documental mais ampla que lhe corresponda.

É possível distinguir três fases da produção literária sobre a Sabinada. A primeira delas é representada pelas memórias escritas pelos seus contemporâneos, muitos dos quais figuras ativas da revolução. Elas se encontram nas publicações reunidas pelo Arquivo Público do Estado da Bahia por ocasião do centenário da revolta.[17] A segunda consiste, de um modo geral, na re-interpretação feita sobre o movimento de 1837 entre o final do século XIX e o início do século XX, a cargo sobretudo do IGHB: as obras de Braz do Amaral, Luiz Viana Filho e Francisco Vicente Vianna estão entre as mais destacadas. A última dessas fases é aquela em que a história social, a partir do último quarto do século XX, preocupou-se em submeter a Sabinada a uma revisão interpretativa, descobrindo novos documentos e analisando os demais sob a ótica de leituras teóricas como as de classe e de raça, bastante alentadas desde então. F. W. O. Morton, Paulo César Souza e Hendrik Kraay escreveram obras importantes direta ou indiretamente ligadas à revolta baiana de 1837.

Nessa última geração de autores, porém, a caracterização da Sabinada como um evento liberal-radical não basta para explicar a convivência de grupos de origem social tão diversa como aqueles que ao final foram reunidos por ela. Há vozes inexploradas e,

---

[17] Publicações do Arquivo do Estado da Bahia (PAEBa), 5 v., 1937-1948.

é verdade, há outras que sequer puderam ser ouvidas. Diante desse quadro – que em última análise diz respeito ao tratamento das fontes disponíveis – uma interpretação cujo propósito é contribuir com o aprofundamento de sua leitura política deve especialmente considerar uma questão que parece central, trazida para o âmago desse trabalho: as supostas ambigüidades e vacilações reveladas pelos discursos e por algumas das medidas práticas dos revoltosos, antes de representarem incerteza ou contradição programática, indicam a co-existência de apreensões distintas da sociedade e do poder político. Elas são traduzidas em estratégias e apostas de que os avanços e recuos no tempo negociado e articulado da revolução podem equacioná-las. Trata-se de uma luta contra o poder estabelecido, mas também de uma disputa interna, se não apenas pela hegemonia revolucionária, também para que sejam garantidos espaços correspondentes às diferentes visões de mudança integradas no complexo "liberal-radical".

Na Sabinada, essa interpretação ajudaria a matizar o campo político dos "radicais" na medida que, procurando distinguir suas respectivas identidades, acenaria não só para os líderes da revolução, mas também para os demais sabinos que, por sobre a diferença das condições políticas e materiais que os separavam, também se empenharam na revolta.

Por sua vez, no plano de um recurso heurístico adotado na presente análise, a imagem de uma "guerra permanente" – estática ou fria, no sentido de presente embora não atual – serve como chave importante do estudo das narrativas produzidas durante a guerra como textos densamente explicativos das formações sócio-políticas de legalistas e rebeldes, iluminando-se assim as raízes do conflito.

Tomando de empréstimo a Michel Foucault a inversão do aforismo de Clausewitz, segundo o qual a guerra é a continuação da política por outros meios, é possível analisar de que forma os discursos da Sabinada investem na política imperial a

idéia de que ela continua a guerra por outros meios, reproduzindo juridicamente nas instituições políticas as desigualdades que a noção de Estado de Direito visa em tese superar. Nesse sentido, a fundamentação revolucionária, propondo uma leitura histórica da dominação desse Estado, retira sua legitimidade da idéia de que, mesmo com a emancipação política, a guerra não havia acabado. Ela justifica assim a Sabinada como a segunda – e verdadeira – revolução da Independência.[18]

Nessa dissertação, no primeiro capítulo estudaremos a formação sócio-política dos rebeldes dentro da cidade agitada pela guerra. Um roteiro de abordagem da revolução se estabelece desde logo, articulando dois processos decisivos para seu entendimento: sua expansão para o Recôncavo e sua propaganda na cidade. Aclamada a revolta, essas duas tarefas concentrarão a energia dos revoltosos e permitirão conhecer sua preparação para a tomada da cidade, a construção de sua conspiração na teia de suas sociabilidades, e os principais obstáculos colocados para a ampliação de suas forças. Esse capítulo se concentra na primeira dessas tarefas.

No outro campo da expansão da revolta, o segundo capítulo ilumina as discussões políticas abertas na capital pelo episódio central da mudança do teor da sua ata de fundação. Delineiam-se aqui as propostas políticas do movimento através da análise de textos revoltosos que ajudam a entender os sentidos das forças representadas em ambas as atas. O capítulo ainda fornece um quadro das principais idéias políticas debatidas entre as lutas da independência e o período da revolta, aproximando o debate das idéias manifestadas na Sabinada.

---

[18] Michel Foucault, *Em Defesa da Sociedade*, São Paulo, Martins Fontes, 1999. O conceito de guerra permanente é desenvolvido na aula de 21 de janeiro de 1976. Sobre a noção de "revolução permanente" para Sabino, ver Novo Diário da Bahia, edição de 04.12.1837. Os exemplares dos jornais baianos citados nesse trabalho encontram-se disponíveis na Seção de Microfilmes da Biblioteca Nacional, e nos Centros de Documentação em História da USP e da UFBa, exceto quando indicado.

A questão de uma identidade da Sabinada será discutida na terceira parte da dissertação. Com as dificuldades provocadas pela exígua documentação processual disponível, o eixo fundamental dessa análise será constituído pelos jornais publicados pelos revoltosos, especialmente por *O Sete de Novembro* e pelo *Novo Diário da Bahia*, editado por Sabino. Serão exploradas as duas principais correntes políticas da revolta, seguindo-se a análise de algumas de suas principais referências teóricas. Pretende-se demonstrar a existência de dois grupos políticos bem definidos, lutando pela hegemonia interna da revolução e apresentando suas diferentes idéias de uma sociedade dos sabinos.

Agora voltemos aos sinos do “sempre memorável dia 7 de novembro”.

Capítulo 1

BRAVOS EXPERIMENTADOS NO TEATRO DAS OPERAÇÕES

1.1. “O sempre memorável dia 7 de novembro”.

A queda do regente Diogo Feijó do governo imperial em setembro de 1837 pareceu ao “Plano e Fim Revolucionário” um fato incontornável. O documento, encontrado entre os pertences de Francisco Sabino na busca que sucedeu a sua prisão, abria com a seguinte avaliação:

> É certo que no Rio uma facção dos nossos pequenos ambiciosos e aristocratas, sem títulos, derrubaram o único simulacro que tem o Brasil de um Governo livre, isto é, a Regência de um só homem, verificado no Padre Feijó; e porque assim tem acontecido, esta Província deve se pôr a salvo dos golpes do partido e da facção aristocrática-portuguesa.[19]

Ruim com Feijó, pior sem ele. Estava dado o sinal que faltava para a revolução, prestes a estourar a qualquer momento. O *Novo Diário da Bahia*, folha de Sabino, voltaria ao assunto, dessa vez em edição publicada no curso da revolta, justificando o ato extremo:

> Nenhum povo do mundo poderia conter-se tanto tempo nos limites da paciência e moderação quanto o povo da Bahia; fazendo-se sempre renascer nossas esperanças pela salvação da Pátria, nós as víamos em breve tempo desfazerem-se como num sonho.[20]

Os preparativos da revolta levaram à ocupação do Forte de São Pedro na noite de 6 de novembro. Dias antes, o chefe de polícia Francisco Gonçalves Martins, moço na idade mas já experiente na repressão aos levantes urbanos, montara tocaia na casa de um dos

---

[19] Interrogatório de Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira, 07.11.1838, PAEBa, IV, pp. 219-20; Souza, *A Sabinada*, p. 158; Plano e Fim Revolucionário *apud* Francisco Vicente Vianna, “A Sabinada, História da Revolta da Cidade da Bahia em 1837”, PAEBa, 1937, vol. I, pp.125-6.
[20] *Novo Diário da Bahia*, 25.12.1837.

rebeldes. Tinha sido avisado de que ali se reunia um dos *clubs* políticos da cidade, que tramava para data próxima a derrubada do governo.

Apesar dos seus esforços – que não teriam sido poucos, segundo os detalhes narrados na memória que legou sobre sua participação no combate à Sabinada – Martins não foi capaz de evitar o levante, logo deflagrado. E fugiu, deixando atrás de si a cidade, cruzando a baía em direção ao Recôncavo. Fugiu antes de raiar o dia seguinte, e não viu a Praça do Palácio tomada pelo "imenso povo", entre curiosos e adeptos da revolução, todos amparados na força do corpo militar, que velava o "sempre memorável 7 de novembro".[21]

Nesse dia foi aclamada na Câmara Municipal de Salvador a ata extraordinária que marca a fundação do governo rebelde. Não se sabe ao certo a medida de força e de persuasão que usaram os revolucionários para ratificar na Câmara suas conquistas militares. Vereadores presentes à sessão declararam em juízo que o documento tinha sido aprontado no Forte de São Pedro, no qual se aquartelara o 3.º Batalhão de Caçadores consumando a revolta, e que reuniu os líderes da revolução na noite anterior. O então presidente da Casa encontrara as cadeiras dos vereadores ocupadas pelos entusiastas do movimento, para quem o conteúdo da ata foi lido e submetido à aprovação dos presentes.[22]

Desse conteúdo importa, por ora, salientar dois pontos centrais: o primeiro diz respeito ao sentido de legitimidade que os revoltosos pretenderam emprestar ao seu ato, firmando na Câmara Municipal a declaração fundamental da revolução, consagrada

---

[21] Francisco Gonçalves Martins, "Nova edição da simples e breve exposição do Senhor Dr. Francisco Gonçalves Martins", PAEBa, II, pp. 225-62. Martins já era chefe de polícia quando da rebelião dos Malês em 1835, e esteve à frente também da repressão à revolta do Campo Santo, no ano seguinte, ambas na capital da Bahia. Antônio Rebouças, nas anotações à sua Exposição, fez questão de lhe lembrar desses fatos; João da Veiga Muricy, "Um Padre de Réquiem" *apud* Vicente Vianna, "A Sabinada", pp. 152-5.
[22] "Processo dos Vereadores", Depoimentos de José Pedreira França, Luiz de Souza Gomes, Luiz Antônio Barbosa de Almeida, Antonio Gomes Villaça *apud* Vicente Vianna, "A Sabinada", pp. 127-34. Claro, há outras versões para o ocorrido no Salão da Câmara e arredores, a exemplo da expendida na "Narrativa dos sucessos da Sabinada, desde a fuga de Bento Gonçalves, escrita por um rebelde ou simpático àquela revolução", PAEBa, I, pp. 335-43.

pelas "pessoas mais gradas da Província, autoridades militares e civis, e grande número, ou concurso de povo de todas as classes". Esse gesto distinguia a Sabinada como uma revolta da cidade. O segundo ponto toca o cerne mesmo dessa declaração: "A província da Bahia fica inteira e perfeitamente desligada do governo denominado central do Rio de Janeiro, e considerada Estado livre e independente pela maneira por que for confeccionado o pacto fundamental (...)".[23]A Sabinada era perfeitamente separatista.

Daí se pode concluir que o propósito bem ambicioso dos rebeldes não era outro senão o de separar a Província a partir da cidade. Naturalmente, essa não era uma tarefa simples. O desafio que eles se impunham era o de ampliar o arco da revolução para além da capital, conquistando ou confirmando os diversos focos revoltosos possivelmente espalhados na Província, de modo a impedir que o cerco histórico formado pelo Recôncavo nas guerras travadas na Bahia frustrasse, de saída, seu movimento.[24] Paralelamente a isso, o projeto político separatista desenhado com evidente clareza no documento da Câmara deveria parecer suficientemente convergente a todas as vontades revolucionárias que eventualmente pudessem contemplar na revolução um horizonte legítimo de mudança. Esse efeito político interessava estender tanto aos de fora quanto aos de dentro da cidade, alertados os sabinos de que o êxodo dos habitantes consistiria numa forma de sangria equivalente ao cerco externo.

Abria-se assim o tempo da campanha ao lado do tempo da propaganda. Era preciso, afinal, "ampliar a fundação". E para isso era essencial articular esses dois processos na condição de táticas de ampliação do movimento. Fazendo-os dialogar, a sorte da revolução estaria na dependência não só do desempenho militar dos revoltosos na projeção do movimento até o Recôncavo. Estaria antes, sobretudo, na capacidade de

---

[23] Ata da Sessão Extraordinária de 7 de novembro de 1837, PAEBa, 1948, vol. V, pp. 113-5.

[24] Luís Henrique Dias Tavares conta a história do famoso cerco das tropas portuguesas pelo Exército Pacificador das forças brasileiras em 1822-23 em *A Independência do Brasil na Bahia*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/ Brasília, INL, 1977, pp. 100-1.

controlar publicamente os sentidos políticos com os quais acenava, a ponto de alimentar sua expansão territorial ao tempo em que garantia a ordem revolucionária na cidade.

Para isso dois flancos foram abertos: a expansão da cidade para o interior e a mudança da ata. O presente capítulo e o seguinte analisam cada um desses processos, suas conexões e suas conseqüências.

1.2. Sabinada: a revolta da cidade.

Moreira de Azevedo, cerca de 50 anos depois da Sabinada, em memória lida no Instituto Histórico Brasileiro, escreveu: “Se triunfou a revolução na primeira cidade da província, ali ficou circunscrita, não avançou nem mais um passo, porque a maioria da província reagiu (...)”. A série de ofícios dirigidos por Antônio Barreto Pedroso aos juízes das cidades e vilas da região do Recôncavo e de outras regiões da província revela, de fato, que uma minoria existiu, e que teve de ser batida para que o “pendão da revolta e da anarquia” não se espalhasse com ela.[25] Pedroso havia chegado em Cachoeira pouco mais de uma semana após a tomada de Salvador. Vindo da Corte, onde exercia mandato de deputado pelo Rio de Janeiro, havia sido designado Presidente da Bahia antes mesmo do estouro da revolução. Na cidade que sediava o “governo legal” – como há quinze anos no cerco da Independência – foi recebido sem festa, pesando-lhe sobre os ombros a responsabilidade de devolver ao Império sua “bela província”.[26]

---

[25] Moreira Azevedo, “A Sabinada da Bahia em 1837”, PAEBa, I, pp. 18-38, esp. 20; Ofícios de Barreto Pedroso aos juízes de paz e de direito de: Cachoeira, 04.01.1838, PAEBa, V, p. 155, na repressão à Feira de Santana; Jacobina, 09.01.1838, PAEBA, V, pp. 165-6; Valença, 13.01.1838, PAEBa, V, pp. 171 e 15.01.1838, PAEBa, V, p. 176; Caravelas, 20.02.1838, PAEBa, V, pp. 205-6 e 07.03.1838, pp. 219-20; Nazaré, 09.03.1838, PAEBa, V, pp. 222; sobre a vila da Barra, ofício de Barreto Pedroso ao Ministro da Guerra, 06.02.1838, PAEBa, IV, p. 447; em Itaparica, ofício do Presidente Pedroso ao Ministro do Império, 23.11.1837 *apud* Vicente Vianna, “A Sabinada”, p. 149 e notícia do *Constitucional Cachoeirano*, 23.11.1837, PAEBa, IV, pp. 413-4; sobre a Sabinada no Recôncavo e particularmente em Nazaré: A. J. Souza Carneiro, “A Sabinada em Nazaré”, PAEBa, IV, pp. 77-96.

[26] Souza, *A Sabinada*, p. 59; Souza Carneiro, “A Sabinada”, pp. 81-2; Ofício do Presidente Barreto Pedroso ao Ministro da Guerra, 17.03.1838, PAEBa, II, 94.

Em Itaparica, na vila de Feira de Santana, em Jequiriçá, ou Nazaré; em Barra, Caravelas, na Vila Nova da Rainha (Senhor do Bonfim) ou em Porto Seguro: as notícias da disseminação do espírito revoltoso atingiram como balas os legalistas estabelecidos em Cachoeira. Eles sabiam da importância do aniquilamento pronto desses focos rebeldes, e conheciam seus principais agitadores. Eram, como eles, "bravos experimentados" em outras campanhas desde as guerras da independência baiana. Sua experiência seguiu sendo testada ao longo daqueles anos: uns engrossando a fileira dos movimentos sediciosos, outros se acostumando a combatê-los.[27]

Entre os primeiros se destacam Manoel Joaquim Tupinambá, juiz de paz da vila de Itaparica, e Hygino Pires Gomes, dono de engenho e traficante de escravos, cujos motivos para engajamento na revolução estavam longe de ser óbvios. Tupinambá liderou um pequeno grupo que, quatro dias depois da capital, declarou na Câmara de Itaparica a mesma independência declarada na sua congênere de Salvador; apenas para no dia 15 desse mesmo mês reintegrar-se a vila, com os novos emigrados da cidade firmando naquela Câmara contra-declaração que a restituía ao governo de Pedroso. Insistente, o juiz rebelde fez nova carga, dessa vez reforçado de homens do exército que, ainda embarcados, receberam fogo a que logo adiante em terra não puderam resistir.[28]

---

[27] Homens de frente da Sabinada tinham feito a sua estréia em campo nos combates contra os portugueses na Bahia e nos levantes que se seguiram à Independência. Anos mais tarde, integraram as rebeliões federalistas de 31-33; alguns deles foram enviados com a tropa para reprimir as revoluções em províncias do Império. Esse grupo incluía Francisco Sabino, Daniel Gomes de Freitas, Sérgio Velloso, José Nunes Bahiense, José Joaquim Leite, Alexandre Sucupira, Antônio Tibiriçá Bahiense, Ignácio Pitombo e Inocêncio Eustáquio Ferreira de Araújo. Souza Carneiro, "A Sabinada", p. 76; Souza, *A Sabinada*, p. 165; Tavares, *A Independência*, pp. 46-9; Defesa do acusado sargento mor Inocêncio Eustáquio Ferreira de Araújo, 23. 06.1838, PAEBa, V, pp. 91-8, esp. 92.

[28] Pierre Verger divulga lista de suspeitos do tráfico de escravos na cidade de Salvador, enviada pelo cônsul inglês ao Foreign Office. Lá está "Aigines Pires Gomes": *Fluxo e Refluxo do Tráfico de Escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos dos séculos XVII a XIX*, Salvador, Corrupio, 2002, p. 505. Morton, "The Conservative Revolution", pp. 366-7. Vicente Vianna, "A Sabinada", pp. 143-9.

O caso de Pires Gomes é mais curioso. Talvez se possa dizer que seu destemor fosse proporcional ao desinteresse propriamente político que ele tinha pelo movimento. Para Morton, ele participou da revolta porque ela lhe abria possibilidades como homem de empreendimentos, o que ajuda a compor um tipo certamente heterodoxo de revolucionário.[29] Se a paixão pelos ideais não o distinguia, sua destreza em burlar as vigilâncias, em driblar os bloqueios navais e em persistir até o fim da revolta como um "fantasma" pelo Recôncavo afora, tornou-o temido entre os adversários. A bordo do brigue Trovão, forneceu gado aos rebeldes, amenizando seu estado de necessidade; correu a barra do Jaguaripe e do Jequiriçá, buscando o providencial contato com Feira; e foi visto "a um só tempo em Santo Amaro, Maragogipe, Nazaré, Cachoeira, São Gonçalo, na capital, aliciando gente, embora no seu encalço andassem os que se diziam legalistas". A. J. Souza Carneiro salientou o impacto quase-heróico que essa figura produziu entre os habitantes de Nazaré, avaliando que

> o que interessava mais à população era conhecer onde achava-se na verdade Hygino Pires Gomes, se no Pedrão, Jaguaripe, Nazaré, Valença, Inhambupe, São Félix, Curralinho, São Francisco, na capital ou onde, pois dizia-se que em todos esses lugares conseguiria reforços, munições de guerra e de boca, além de muito dinheiro e adesões (...)[30]

O imaginário popular decerto era livre para produzir seus vôos. Mas até ali, malgrado todo o empenho duro e por certo arriscado desses missionários sabinos, o fato era que os ideais revoltosos não tinham podido "achar guarida em nenhum ponto fora da capital".[31] Ou em quase nenhum. A vila de Barra e a Vila Nova da Rainha foram exemplos dos poucos e distantes lugares em que o ânimo da revolta encontrou alguma sobrevida fora da capital; lugares remotos que, como lembrou Morton, encontravam-se em zonas não-açucareiras, caracterizadas por um tipo de produção social especialmente

---

[29] Morton, "The Conservative Revolution", p. 367.
[30] Souza Carneiro, "A Sabinada", pp. 87-92.
[31] Ofício de Barreto Pedroso ao Juiz de Paz da Estiva, 03.01.1838, PAEBa, V, p. 154.

diferente daquele das vilas do Recôncavo, essas integradas a um sistema sócio-econômico típico de regiões densamente escravistas.[32] Tais circunstâncias, se ainda não fornecem uma explicação dessa desarticulação entre as cidades simpáticas à Sabinada, ao menos podem indicar questões relevantes para que, nesse passo da narrativa, melhor se compreenda o desacerto da expansão da capital.

1.2.1. De Salvador para o Recôncavo: sociabilidades políticas da Sabinada.

Em abril de 1836, o juiz de direito de Nazaré oficiou ao Presidente da Província: pretendia lhe avisar do apuro por que passava aquela vila por conta da existência "de uma Sociedade Cardeal, com cerca de 90 membros de todas as cores e profissões, que se encontram abertamente há mais ou menos um mês". Sua proposta oficial era de ajuda mútua entre os seus membros, mas o juiz estava avisado de que um de seus integrantes era agente de um "*club*" revolucionário em Salvador, com passagem reconhecida na revolta de 1833, no Forte do Mar.[33]

Esse tipo de associação não era novo. Na Bahia temos notícia dele desde a Conspiração dos Alfaiates em 1798. Essa "sociabilidade" que despontava em fins do período colonial teve importância decisiva na circulação de idéias sediciosas e de "desafeição ao trono", marcando nesse processo a sua distinção em relação a toda sorte de motins e levantes que até então não haviam formulado um discurso que pusesse decididamente em questão os fundamentos do poder estabelecido. A composição social da conspiração baiana era particular, se considerarmos a maior homogeneidade social de outro grupo contemporâneo de "associados políticos": os mineiros de 1789. Naquela, assim como na "Sociedade" de Nazaré", reuniram-se pessoas de "todas as cores e

[32] Relatório sobre a situação da Vila de Barra, 22.02.1838, PAEBa, IV, pp. 383-8.
[33] Citado por Morton, "The Conservative Revolution", p. 341.

profissões", embora só os alfaiates se tenham desgraçadamente celebrizado, dada a típica seletividade repressiva dos mecanismos de justiça oficial.[34]

Clubs como o de Nazaré naturalmente também eram ativos na capital. No período da revolta, sua relevância tinha certamente crescido e, embora o tipo de agremiação não fosse inédito, havia novidade no fato de que, na Regência, os *clubs* adensaram os novos temas políticos sugeridos pelo debate aceso e franco a respeito do estatuto de poder válido para o Brasil no pós-Independência. Articularam também ao lado dos temas novos métodos. O principal dentre eles se aproveitou de outra novidade dessas associações políticas regenciais: seu caráter cada vez mais explícito e a ousadia cada vez mais ostensiva de sua linguagem redundante pela revolução.[35] Sobretudo depois da Abdicação, em 1831, na avaliação de Luiz Viana Filho, "todas as idéias cabiam nesse ambiente inquieto. Por mais absurda, cada uma tinha os seus prosélitos, os seus defensores, o seu *club* e o seu jornal, todos a acreditarem e a repetirem que na revolução estava o remédio necessário". Nesse clima, ele concluiu, até o governo conspirava.[36]

A importância dessas sociedades para a construção da Sabinada é amplamente reconhecida. Seus próprios opositores as tinham como redutos anárquicos. Das associações empenhadas na conspiração para a revolta de 37 não se pode, porém, supor que tenham representado tão diversamente os extremos da sociedade da província como aquelas do movimento dos Búzios. Os mais altos cargos do "Estado Livre e Independente" estiveram ocupados por oficiais do exército e da antiga milícia, comerciantes e médios proprietários, funcionários públicos de alto e médio escalão,

---

[34] Jancsó, "A sedução da liberdade", pp. 387-472, esp. 388-92, 399-416, 424-32.

[35] Marco Morel, *As Transformações dos Espaços Públicos: Imprensa, Atores Políticos e Sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)*, São Paulo, Hucitec, 2005, pp. 99-117, 261-276; Renato Lopes Leite, *Republicanos e Libertários: Pensadores Radicais no Rio de Janeiro (1822)*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000, pp. 227-233.

[36] Luiz Viana Filho, *A Sabinada (A República baiana de 1837)*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1938, p. 8.

bacharéis, quadros que muito provavelmente traduziam a composição dessas sociedades já não tão secretas, firmando sua liderança à frente dos negócios da revolução. F. W. O. Morton dirá que de nenhuma forma a liderança sabina poder-se-á considerar "proletária", fornecendo notícias biográficas de alguns de seus membros.[37] E se é possível reconhecer, a essa época, uma efervescência de heterogêneas vontades revolucionárias, é razoável, por outro lado, concluir que esse caráter dos clubs que tramaram a Sabinada não podia dar conta de organizá-las todas desde o princípio, vale dizer, no ato de sua concepção.

Há as sempre lembradas palavras de Argolo Ferrão, da linha de abastada família do Recôncavo, que teria escolhido o lado da legalidade "não porque não adote a revolução que acho boa mas porque não quero ser governado pelo Dr. Sabino". João da Veiga Muricy, ilustre professor baiano e figura de proa da Sabinada, disse algo semelhante de seus adversários: eles, vociferando contra o "aurisedento governo central do Rio de Janeiro", "se não se animavam a promover a revolução, era por temerem a oposição da tropa, ou a licença da gente, que eles apelidavam – canalha". Mas, pontuou: "à exceção dos mais cevados de ordenados". E logo na primeira edição em que o Jornal do Comércio publicou notícia da Sabinada, a Corte foi informada de que os capitalistas da Bahia haviam depositado seus bens de valor no vaso de guerra inglês *Samarang*.[38]

Esses depoimentos demarcam a relação importante que há entre posições políticas e elementos de classe e de prestígio social. Mas isso não era tudo. A complexidade da sociedade baiana obrigava os sabinos a considerarem outras questões

---

[37] "Narrativa dos sucessos", pp. 336-7; Walter Spalding menciona a ajuda de membros de lojas maçônicas baianas à fuga de Bento Gonçalves do cárcere no Forte do Mar, em seu "A Sabinada e a Revolução Farroupilha", PAEBa, IV, pp. 98-103; Relação dos rebeldes que eram autoridades e que se achavam presos, PAEBa, II, pp. 103-4; Morton, "The Conservative Revolution", pp. 363 e 365-8.
[38] Blake, "Ainda a Revolução", p. 65; João da Veiga Muricy, "Um Padre de Réquiem" *apud* Vicente Vianna, p. 154. Paulo César Souza supõe uma "tendência separatista mais generalizada" que, inclusive, "explicaria em parte a relutância inicial de certas autoridades em reprimir o movimento – as reações desencontradas de Souza Paraizo e Luís da França, por exemplo". Souza, *A Sabinada*, p.172; "A 'Sabinada' no noticiário do 'Jornal do Comércio' do Rio de Janeiro", PAEBa, IV, p. 166.

fundamentais do cotidiano daqueles entre os quais pretendiam abrir espaço e conquistar adesão. Nessa linha, seu projeto de sociedade deveria flertar com as pretensões políticas das camadas livres e pobres da cidade, sobre as quais a incidência das questões de classe, imbricada com problemas de cunho racial, manifestava-se de maneira distinta daquela como se dava, por exemplo, entre os mulatos de classe média letrada, caso de Francisco Sabino. Ou seja, a condição de classe dos libertos e de muitos desses mulatos quase brancos – não-letrados e não proprietários – que a Sabinada houve ao final de incorporar, aproximava-os das temidas "classes perigosas", camadas para as quais a primeira ata parecia tímida, se não corporativa. Afinal, seis dos seus sete artigos liquidavam uma dívida histórica do poder público com a caserna, recompensando largamente os militares pelas perdas salariais e demissões em massa promovidas pelo governo da Regência.[39]

Atentos ao fato de que a revolução era uma palavra de ordem, era uma "salsaparrilha política" extensiva a todas as camadas sociais; atentos a isso, portanto, os sabinos haviam de ser mais precisos e contundentes se queriam dar credibilidade e conseqüência à consolidação da sua revolução dentro da capital e à sua expansão fora dela.[40]

Marco Morel, falando dos "liberais exaltados" da Corte, afirma que sua composição social não era muito diferente daquela dos "moderados" e dos "caramurus" – como eram conhecidos os monarquistas de pretensões restauradoras. Campo político amplo dentro do qual os sabinos poderiam ser incluídos, Morel chama a atenção para o "esquematismo" que há em associá-lo necessariamente às camadas pobres da sociedade.

---

[39] João Reis acentua a importância transversal do escravismo para a regulação da mobilidade social à essa época, e diz que "podiam-se encontrar advogados mulatos, mas não negros", *Rebelião Escrava*, pp. 27-33, esp. 29; Marco Morel nota a presença crescente de mulatos nas agremiações políticas da década de 20 na Corte. Eles eram, não raro, associados às "classes perigosas": Morel, *A Transformação*, pp. 291-2; Ata da Sessão Extraordinária de 07 de novembro de 1837, PAEBa.
[40] Viana Filho, *A Sabinada*, p. 16.

E não deixa de considerar que: "mesmo se aceitamos a concepção que eles tinham do popular, eles não seriam exatamente 'Povo', embora se apresentassem como representantes dessa 'soberania do povo'".[41]

Dessa questão, da concepção da sociedade insinuada pela revolução, para aquela de suas "condições operativas" há apenas um passo. Parece claro que as condições do movimento de 1837 não podem ser comparadas com aquelas que a conspiração de 1798 desenhava, conspiração que disso mesmo não passou. Ainda assim, nesse último caso, os processos contra os envolvidos demonstram a relutância dos "homens bons" em admitir sua convivência com os outros debaixo dos princípios que seus panfletos divulgavam. Essas circunstâncias sugerem que a sociedade que eventualmente surgisse dali não seria "dos alfaiates" como foi a tão-só conspiração.[42]

Os sabinos, por sua vez, tinham o apoio de boa parte da tropa, em si mesma reveladora da complexidade social do movimento. Sabe-se que durante algum tempo circularam muitos boatos entre os quartéis de que uma revolução seria tramada para dar cabo do elo entre a província e o Império. As circunstâncias de grave descontentamento em que se encontravam os militares frente ao governo regencial – muitos dos seus batalhões sendo extintos e dissolvida grande parte da tropa – podem ter feito os boatos soarem como música a alguns desses ouvidos.[43]

A par de tudo isso, a vulgarização da imprensa militante desempenhou um papel importante na divulgação dessas idéias, firmando no imaginário político um horizonte de agitação que passou a se reconhecer no espaço de discussão pública. Renato Lopes Leite trouxe à tona a valiosa figura de João Soares Lisboa, editor do "Correio do Rio de Janeiro", diário publicado à época da Independência e que pelas idéias que defendia

---

[41] Morel, *As Transformações*, p. 109.
[42] Jancsó, "A Sedução da Liberdade", pp. 429-32.
[43] Sobre os boatos: Depoimento de Ignácio José Jambeiro *apud* Vicente Vianna, "A Sabinada", pp. 127-8; Acórdão em processo militar, PAEBa, V, pp. 374-84.

ficou conhecido por seus detratores como "supremo tribunal revolucionário". A oficina tipográfica que o editava funcionou também como um *club* revoltoso, "com o nome de loja maçônica para disfarçar a intimidade que ligava a tantos". Lisboa, no Rio de Janeiro, foi com o seu jornal um dos principais divulgadores críticos dos ocorridos às Cortes Constitucionais portuguesas em 1822.[44]

Na Bahia, Viana Filho calculou em 60 o número de jornais publicados entre os anos de 1831 e 1837. Neste contexto se fundou "O Novo Diário da Bahia", a nova folha de Francisco Sabino. Ele, principal ideólogo da revolta que lhe tomaria emprestado o nome, após um ano preso e outros dedicados à carreira de médico, voltara ao debate na melhor forma de agitador revolucionário. Em 1831, publicara "O Investigador Brasileiro", conhecido por posições políticas conciliadoras. Já em 1837, em coro com outros "amigos das novidades", "no jornal a sua ação tocava as raias do temerário. Aconselhava, aos olhos do governo, a revolução". Chegou a ser levado a julgamento junto com suas palavras, mas o espírito da década liberal o absolveu. Na Corte, Morel localizou em 1832 o primeiro texto maçônico publicado sem o recurso cauteloso do anonimato. As perseguições políticas seriam de esperar. Ali, em 1831, o padre Marcelino Pinto Ribeiro, redator do "Exaltado", suspendeu sua publicação depois das ameaças de morte que recebera, o mesmo acontecendo com o responsável pelo "Jurujuba dos Farroupilhas", também um dos redatores da "Nova Luz Brasileira", João Batista de Queirós. A consolidação progressiva de um espaço público de circulação de idéias no Império Brasileiro havia relaxado os controles políticos centralizados, mas seus operadores ainda estavam à espreita.[45]

E apesar de que essa rede sediciosa estivesse em plena formação, há de se considerar as dificuldades de consolidação das conexões entre os clubs e da circulação

---

[44] Leite, *Republicanos*, pp. 227-9.
[45] Viana Filho, *A Sabinada*, pp. 9, 87-90; Souza, *A Sabinada*, p.174; Morel, *As Transformações*, pp. 23-4, 114-7, 287.

das folhas políticas entre as cidades da província. Pesava aqui o caráter ainda predominantemente local da política, agravado pelas precárias condições de comunicação entre essas localidades. A correspondência das Sociedades Federalistas baiana e fluminense não faz supor que essa fosse a regras no que toca às pequenas cidades.[46]

Por isso, a tarefa divulgadora de Higino Gomes, que seguiu pelo Recôncavo de posse do manifesto revolucionário, não pôde encontrar em Nazaré mais do que uns poucos clubs desarticulados, sem grande efeito para sua propagação. As proclamações dos revoltosos, encontradas nos cadáveres que a guerra ia deixando pelo caminho, morriam com seus soldados.[47]

Tratava-se, pois, como se vê, de um teste das fronteiras políticas de uma dada sociabilidade, transformada então num núcleo revolucionário em ato. Se queriam crescer os sabinos com a sua revolução, era preciso aprender a compor com os seu limites. Aprendê-lo no curso mesmo da revolução. E se para isso eles tinham a contextura dos clubs, dos jornais e o rastilho dos rumores nos quartéis – antecipando e amadurecendo a proposta revolucionária – não foi senão sobre o controle desses meios que a prevenção das autoridades “aos boatos desorganizadores” se levantou. Eles estavam abertos a quem quisesse ver. Falou-se até em escritos e proclamações sediciosas, “aparecidos nos lugares mais públicos da cidade”, no mês de outubro de 1837, um mês antes da ação rebelde. Dependente dessas articulações, a expansão da revolta para o Recôncavo pode ter sido dificultada em boa medida pela possível precipitação forçada do movimento, provocada pela vigilância das autoridades sobre os

---

[46] Morel, *As Transformações*, p. 275. A notícia da restauração da cidade chega à Corte com atraso de duas semanas, e de navio, O *Wizard*, que também levara a notícia de sua queda em favor dos rebeldes, “A Sabinada no noticiário”, p. 178.
[47] Souza Carneiro, “A Sabinada”, pp. 87-8; Ofício de Pedroso ao Ministro da Guerra, PAEBa, IV, p. 454.

meios usados para sua preparação. Se elas não foram competentes para evitá-lo, ao menos o podem ter sido para abreviar seu período necessário de maturação.[48]

1.2.2. Conspiração e Vigilância: o entreato da repressão.

Não foi outro o motivo da carta enviada pelo então presidente da província, Francisco de Souza Paraíso, ao Ministro da Justiça na Corte, seu conterrâneo Francisco Montezuma, três meses antes do episódio no Forte de São Pedro:

> Por dever do cargo que ocupo de Presidente desta Província, vou comunicar a V. Exa. para que não ignore o Governo Geral qualquer circunstância nela ocorrida, que nesta capital tem, há dias, aparecido boatos desorganizadores os quais, posto que diferentes, contudo parecem estar de acordo quanto à separação da Província, mas não tendo ainda dados para avaliar como filhos de uma mesma combinação entre pessoas que possam influir nos destinos da mesma Província, inclino-me a crer que não passam por ora de desejos dos amigos das novidades que se nutrem com espalhar tais idéias, para o que talvez lhes tenha fornecido matéria a linguagem da folha há pouco aparecida na mesma capital com o título de *"Novo Diário da Bahia"* (...)[49]

Anexos ao ofício estavam dois exemplares do "Novo Diário" em que, sem meias palavras, Sabino perguntava: "É possível dispensar a revolução?". Sua indagação continuava, sugerindo a todos que "os negócios do Brasil vão assim em tão grande desmantelação pela falta de ingerência do povo nas cousas públicas". Sem querer levar a culpa sozinho, trazia Rousseau para expiá-la consigo: "Temos, pois, sido e continuaremos a ser felizes com o sistema atual sem que se lhe dê algumas modificações, tomadas imediatamente pelo poder soberano inalienável?". Não satisfeito, arrematava seu livre pensamento em tom de decreto: "Senhora Corte central, cuide no seu centro que nós só podemos ser felizes cuidando cá na nossa periferia.

---

[48] Azevedo, "A Sabinada", p. 18.
[49] Ofício de Francisco de Souza Paraíso a Francisco Gê Acayaba de Montezuma, 12.08.1837, PAEBa, IV, pp. 395-6.

Ganhe por lá se quiser gastar tanto que nós não estamos mais para sustentar semelhante madrasta”.[50]

Paraíso era hábil, não se pode negar: percebera o nascimento de um dos principais jornais de oposição ao regime. Mas apesar da veemência insofismável do seu editor, continuou tranqüilo. Contava com a disciplina da tropa e com o caráter ordeiro da população da província. No dia 17 de novembro, recebia ofício do Ministro do Império, que se dizia já devidamente informado da revolução que ele, Paraíso, há tanto receava.[51]

Outro que parece só ter se movido quando não mais era útil foi Gonçalves Martins, chefe de polícia. Da leitura de sua “exposição”, sabe-se que não ocultava “os receios que há muito tinha de tal revolução e que os fiz patentes a algumas pessoas notáveis do Rio e mesmo do ministério, dizendo-lhes que muito convinha retirar por enquanto o resto da tropa para o Rio Grande”. Suas desconfianças da tropa foram participadas ao presidente Paraíso e também ao comandante das armas Luiz da França. Acabaram, no entanto, contribuindo mais para um conflito à parte entre polícia e exército do que para a prisão dos acusados. O batalhão destacado para lutar na frente gaúcha – e que não foi – aquartelou-se no dia 6.[52]

Uma ligação da Sabinada com o Rio de Janeiro foi alegada por muitos daqueles historiadores da geração do Instituto Histórico, dentre eles Braz do Amaral e Sacramento Blake. Supunham, por diferentes motivos, que a revolta havia sido tramada na Corte, e ultimada mesmo com a queda de Feijó, cabeça do movimento. Ou seja, era o governo conspirando pelo golpe contra os conservadores, com o apoio dos

[50] “Novo Diário da Bahia”, 11 de agosto de 1837, PAEBa, IV, pp. 396-403 (anexos 8 e 9).
[51] Ofício de Francisco de Souza Paraíso a Francisco Gê Acayaba de Montezuma, 12.08.1837, PAEBa; Ofício do Ministro do Império a Francisco de Souza Paraíso, 17.12.1837, PAEBa, V, pp. 321-2.
[52] Gonçalves Martins, “Nova edição”, p. 226; Em depoimento na condição de testemunha, D. Baltazar, ajudante de ordens do Comandante das Armas que fora preso pelos rebeldes logo quando do estouro da revolta, disse ter ouvido de Velloso a afirmação de que ela aproveitara a ocasião, “pois que o governo já sabia da revolução, o que Bahiense [José Nunes] e Daniel [Gomes de Freitas] confirmaram na presença d´ele, testemunha”, *apud* Vicente Vianna, p. 130.

revolucionários nas províncias. O próprio Amaral admite a falta de evidências da hipótese, que se enfraquece ainda mais diante do texto do “Plano Revolucionário” que abre esse capítulo, segundo o qual a presença de Feijó no governo era a última esperança institucional dos futuros rebeldes, e que, portanto, não era ele o mentor da revolução, mas antes quem a podia evitar. Saído ele, isso sim, não havia outra escolha.[53] Mais sentido ainda tem essa interpretação quando outra ligação com o Rio, mais verossímil, une as palavras do “Plano e Fim Revolucionário” às de um outro “exaltado”, Borges da Fonseca, redator de “O Repúblico”, revelando a mesma frustração com o governo da Regência:

> São passados 6 anos ao depois d´essa promessa terrível, e que é do desempenho a ela? O que se fez para aproveitar a revolução? Míseros macacos somos nós que só vivemos para imitar os outros, para copiarmos a Europa, como se a Europa nos aproveitasse. Assim mesmo os doutrinários de Luís Felipe aproveitaram os três dias de julho para reformar a Carta; para condenar os ministros traidores (...).[54]

Se o Rio forneceu motivos à revolução na Bahia, eles foram ideológicos e não logísticos. A rebelião era nativa e se precipitou com o aperto promovido por Martins ao tomar conhecimento de que no club da Piedade estava Sabino e que ali havia se pronunciado a palavra “revolução”. Isso era mais do que uma prova, ainda que tardia.[55]

A responsabilidade completa que os baianos tinham, portanto, por sua revolução, tornava-os senhores de sua expansão. Mas eles não aproveitaram o tempo que tinham. Tempo que corria a seu favor, haja vista o quase completo desaparelhamento dos legalistas no momento imediatamente seguinte ao da tomada da cidade. E era deles, legalistas, a culpa por esse cenário. A dispensa progressiva dos batalhões do exército e

---

[53] Braz do Amaral, “A Sabinada”, PAEBa, II, pp. 3-51 e esp. 4-5; Blake, “Ainda a Revolução”, p. 58. Morton confirma não ver sequer leves evidências dessa trama na Corte, “The Conservative Revolution”, p. 347.

[54] O Republico, 19.01.1837 *apud* Morel, *As Transformações*, p. 112.

[55] Gonçalves Martins, “Nova edição”, pp. 227-30; Morton diz que a extensão que tomou a trama do movimento tornou impossível que ele não se tornasse conhecido pelas autoridades, “The Conservative Revolution”, pp. 347-8.

sua substituição por uma milícia civil que se submetesse mais facilmente ao controle centralizado do Estado em formação custaram caro aos governos central e das províncias, ponta onde rebentavam todos os contratempos.[56]

Na cidade, no entanto, "perdeu-se tempo em proclamações, em ditirambos à vitória". Os rebeldes não viram – mas podiam tê-la imaginado – a comunicação feita por Barreto Pedroso ao Ministro Bernardo de Vasconcelos, na qual, a par de lhe requerer ajuda, acusava todas as carências materiais dos seus homens de guerra: "Há nesta brigada 1175 praças, porém armadas só 792, por isso que continuara a experimentar a mesma falta de armamento ainda que com suma dificuldade algumas armas tenham sido obtidas". As armas enviadas pela Corte, ainda em novembro, voltaram para lá, inteiras, com o navio que as conduzia, quebrado. "Foi no dia 21 de dezembro que recebi 260 espingardas de Sergipe e no dia 22 à noite que aqui chegaram na Barca de vapor Paquete do Norte 300 do Rio de Janeiro", péssimas muitas delas, escreveu Barroso ao Presidente da Província de Pernambuco, Francisco de Rego Barros.[57]

Esvaziado pela tropa e inerme, o exército legalista havia de se formar – além da polícia – com os elementos da recém-criada Guarda Nacional, ainda em fase de experimentação e pouquíssimo profissionalizada. Até aquele momento, as guardas não haviam sido postas em ação regular sequer em cidades importantes como o Rio de Janeiro e Salvador. Funcionavam apenas em momentos de crise. Portanto, foi por causa dela que, a 13 de janeiro, o presidente Pedroso instou todas as vilas e comarcas a organizarem sua guarda e colocá-las à disposição do combate, recordando-lhes de

---

[56] Viana Filho, "A Sabinada", pp. 100-2; Kraay, *Race*, pp. 226-31.
[57] Viana Filho, "A Sabinada", p. 101; Ofício do Presidente Barreto Pedroso ao Ministro Bernardo Pereira de Vasconcelos, 29.11.1837, PAEBa, IV, pp. 435-6; "A Sabinada no noticiário", p. 168; Ofício de Barreto Pedroso ao Presidente da Província de Pernambuco, 03.01.1838, PAEBa, IV, pp. 439-40.

cumprir a lei que existia.[58] Mas ainda antes disso, autorizado pelo governo central a recrutá-la, o efetivo que arregimentara "nenhuma disciplina tinha, nenhuma obediência reconhecia aos superiores", por isso "não me animo a pô-lo já em execução, porquanto receio que apareça o maior desalinho, quando não completo abandono das forças reunidas". Assim ele só teve algum descanso quando chegou a tropa de Pernambuco, desembarcada a caminho do Rio Grande do Sul. Não era bastante, mas conferia às suas fileiras um ar de organização militar pouco mais apresentável. Os pernambucanos ganhariam a companhia dos alagoanos, sergipanos e da tropa da Corte. Havia mais isso: o exército que existia tinha de viajar de norte a sul, literalmente, com escala na Bahia. As forças da Corte e das províncias combinadas lutavam nas frentes do Pará, conflagrado pela Cabanagem, e, outro extremo, na longa Guerra dos Farrapos, que sobreviveu mais sete anos à dos sabinos. Eis o belo pacto federativo que se lhes deparava.[59]

Sobre os dilemas da expansão, ninguém entre os contemporâneos e ativos da revolta fez melhor análise do que Manoel Tupinambá, a respeito de como impunha se comportar diante desses flancos que a tomada pronta da cidade tinha aberto à sua frente. Lotado em Itaparica, de onde proclamou e oficiou ao vice-presidente do governo rebelde, o juiz de paz deu mostras da lucidez que parece ter faltado aos seus colegas da capital que, ilhados em pleno continente, não conseguiram convertê-la em prática.

No ofício que escreveu ao comando rebelde, um dia depois de ocupar a Câmara de Itaparica, considerou as precárias condições de defesa do município, grifando ser "urgentíssimo apartar-nos das influências do prazer, e aplicar-nos a uma séria defesa desta vila, que sendo um ponto circulado de mar pode ser invadido por muitas partes".

---

[58] Kraay, *Race*, p. 229; Souza Carneiro, "A Sabinada", p. 90.
[59] Ofício do Presidente Barreto Pedroso ao Ministro Bernardo Pereira de Vasconcelos, 29.11.1837, PAEBa; Ofício do Presidente Pedroso ao Ministro da Guerra, 12.01.1838, PAEBa, II, p. 88; Ofício do Ministro da Guerra ao Presidente Pedroso, 17.11.1837, PAEBa, V, p. 327.

No mesmo texto, afirmou “que toda e qualquer defesa que se aplique deve ser pronta e forte, a fim de que todos se convençam da disposição do Governo de V. Exa., o que formando confiança produz imediatamente força moral a favor do governo”.[60]

Antecipando sobre si mesmo a aplicação das lições que dava aos baianos, e por conta de “desarmada absolutamente” a vila, juntou suas vinte armas desconcertadas e “tomei o expediente de as mandar consertar aqui, pressuposto o devido pagamento pelo Governo; e isto V. Exa. resolverá”. Isso ele o fez com toda a eficiência de um recém-empossado estadista, “bem que não seja da competência de um juiz tratar dos empenhos e circunstâncias de uma defesa bélica”. E como, apesar de lúcido, não era dois, terminou o ofício com solicitações ao centro da revolução, “asseverando a V. Exa. que um aparato aqui de força, e duas canhoneiras, muito influiria nos ânimos, e resolveria vontades indecisas; enfim V. Exa. resolverá”.[61]

Essas vontades, seguindo indecisas, muito provavelmente importaram para que até janeiro “nada tivesse avançado”. Ainda que, como reconhecera o próprio presidente legalista, houvessem os rebeldes “elevado sua força de 2500 a 3000 homens”, e “encontrado bastante armamento nos arsenais e quartéis”. No Recôncavo, onde a guerra da propaganda promovida de cada lado confundia os interessados, a falta de clareza acerca dos horizontes da revolução e do avanço de sua guerra teria contribuído para que houvesse poucas manifestações ofensivas de apoio à causa. No dia 2 de janeiro, um dia antes de aportarem no Recôncavo os pernambucanos, decretava-se oficialmente o bloqueio da capital pelas forças do Império. Carneiro nem precisara responder as comunicações de Tupinambá porque, como se demonstrou, onde sobrava energia faltava braço armado, e Itaparica logo caiu. Depois dela caiu também a maioria das outras vilas que experimentaram a fantasia da revolução, e até o Trovão que conduzia Higino Pires

---

[60] Ofício Tupinambá ao Vice-Presidente do Estado, 12.11.1837, PAEBa, II, pp. 71-2.
[61] Ofício Tupinambá ao Vice-Presidente do Estado, 12.11.1837, PAEBa.

Gomes baía afora debandou para o lado legalista com o seu comandante, desguarnecendo outra importante figura impetuosa dessa expansão. Completando o ciclo, à Marinha que os sabinos tinham criado faltavam marinheiros e o mar que os banhava estava fechado.[62]

Talvez naquilo que pudesse representar uma qualificada – e última – esperança de ampliação do movimento, o contato com os estrangeiros foi estabelecido pelos rebeldes na condição de membros de um novo Estado. O professor Muricy publicou no seu *Philopatro* incisiva posição em defesa da obrigação jurídica das nações estrangeiras em reconhecer a independência dos novos Estados criados pela via revolucionária. A eles tocaria prezar pela continuidade das relações de comércio, abstendo-se de interferir em suas questões políticas internas, ou de discutir sua legitimidade. Assim diziam as instituições de direito público.[63]

O sentido prático dessa argumentação é evidente. O assédio militar feito à cidade de Salvador havia reduzido drasticamente as suas provisões de alimentos, e em janeiro já se contavam mortes por inanição, sobretudo de escravos, sem mencionar o incentivo nada ideológico que essa situação representava para o êxodo crescente da cidade. Para Morton, nessa fase dos acontecimentos a economia havia superado a política como centro das preocupações revolucionárias.[64]

Ocorre que, donos do mar de todos os santos, os "imperialistas" não descuidaram de cercar também os estrangeiros. Ao ofício de João Carneiro que assegurava para o cônsul inglês a amizade do governo revolucionário, requerendo-lhes recíproca atitude, correspondeu a ação prática dos legalistas que, estabelecendo em

---

[62] Amaral, "A Sabinada", p. 28; Ofício de Barreto Pedroso ao Presidente da Província de Pernambuco, 03.01.1838, PAEBa; Souza Carneiro, "A Sabinada", pp. 86-89; Ofício de Manoel da Sa. Baraúna ao Juiz Municipal da Vila Nova da Rainha, 26.01.1838; Daniel Gomes de Freitas, "Narrativa dos sucessos da Sabinada", PAEBa, I, p. 270.
[63] João da Veiga Muricy, "Philopatro"*apud* Vicente Vianna, "A Sabinada", pp. 180-4.

[64] Declaração do capitão da barca inglesa *Lord Goderick*, "A Sabinada no noticiário", pp. 168-9; Morton, "The Conservative Revolution", p. 372.

Itaparica os negócios da Alfândega, alertaram os traficantes do reino de Sua Majestade que os impostos pagos fora dela não seriam reconhecidos. Houve algumas poucas tentativas bem sucedidas feitas por barcos de nacionalidade inglesa e dinamarquesa de furar o bloqueio e comerciar com os rebeldes. Mas, sabendo disso, logo o governo de Cachoeira expressou sua contrariedade ameaçadora em ofícios de linguagem ríspida como o dirigido por Pedroso ao representante diplomático dos Estados Unidos. Nesse documento, o cônsul estadunidense não era mais alvo de um pedido, mas de uma intimação.[65]

Até fevereiro, os ofícios de parte a parte acusam a presença de vasos ingleses ancorados na proximidade das praias baianas. Imóveis e suspeitos de colaboração com a legalidade, porém, eles nada ajudaram. E pouco adiantou a liberação do comércio de cabotagem por estrangeiros decretada por Carneiro Rego nos últimos dias do ano: não tinham o que conduzir. As Fragatas Imperiais formavam já a linha indefectível que fechava a entrada da baía, apenas além das quais fundeavam os navios vindos de fora do país.[66]

Tal era o conforto da situação dos "imperialistas" que, em meados de janeiro na comunicação feita ao juiz de Valença, Pedroso lhe recomendou tranqüilidade e que não tivesse receio de "que os rebeldes para aí se dirijam, ou tenham na Comarca de sua jurisdição algum desembarque, porquanto, além do cerco de tropas que por terra os contém na Capital (...) temos hoje por mar uma respeitável linha de embarcações que lhes embarga a saída para o recôncavo". Sequer os barcos que saíam do sul da província podiam fazê-lo sem pagar fiança ou sem exibir no retorno de seus destinos comerciais o

[65] Ofício de João Carneiro da Silva Rego ao Cônsul Inglês, 08.11.1837, PAEBa, V, p. 389; Ofício do Secretário Antônio Joaquim da Silva Gomes ao Cônsul Inglês, 28.11.1837, PAEBa, V, pp. 391-2; "A Sabinada no noticiário", pp. 173-4; Ofício do Presidente Pedroso ao Cônsul dos Estados Unidos, 04.01.1838, PAEBa, V, p. 156.

[66] Ofício do Presidente Pedroso ao Cônsul Inglês, 09.02.1838, PAEBa, V, p. 401; Ofício de Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira ao Cônsul Inglês, 13.02.1838, PAEBa, V, p. 401; Ofício de João Carneiro da Silva Rego ao Cônsul Inglês, 15.12.1837, PAEBa, V, p. 395; Resolução, 23.11.1838, PAEBa, V, p. 397.

carimbo das autoridades do Império, sob pena de serem presos seus tripulantes pelo crime de colaboração sediciosa. Muitos deles carregavam farinha, alimento básico de grande parte da população da província, sobretudo sua extensa parte pobre. Na cidade, durante a guerra, vendia-se a 50$ a barrica, informa uma "carta particular" dirigida ao Jornal do Comércio no mês de janeiro. A mesma barrica um mês depois não saía por menos de 150$, segundo notícia do mesmo periódico fluminense.[67]

Diante desse estado de coisas, com o cerco militar grassou o inevitável aperto da fome, impávido general. A farinha que ainda restava era de trigo e se comia "desmanchada em duras bolachas". Ainda mais dura, porém, devia ser a casca da jaca, que um anônimo disse servir de alimento ao "povo decidido", "pois o exército sempre teve recursos".[68]

A máxima do professor Muricy, um dos cérebros do movimento, segundo a qual "a lei da revolução é tudo aquilo que tende a fazê-la prevalecer" se tornara letra morta. A fome e a falta de ousadia bélica a haviam matado. No meio tempo entre a deflagração revolucionária e a montagem do aparato repressivo, a ausência de uma estratégia militar mais inteligente tornou os sabinos dependentes de variáveis que dali em diante não mais controlariam. Pelo mar, do lado do oceano e para dentro da baía; por terra, na Estrada das Boiadas, em Pirajá e, na outra ponta, na estrada de Itapuã, a cidade estava definitivamente cercada e não trabalhava senão para dentro, talvez contando o tempo com amargo sabor de *dejá vú*. Sua propaganda, seus decretos e proclamações assumiam já uns ares de delírio, do que dá boa prova a incorporação por decreto das terras de

---

[67] Ofício do Presidente Pedroso ao Juiz de Direito de Valença, 13.01.1838, PAEBa, V, p. 171; Ofício do Presidente Pedroso para o Juiz de Direito da Comarca de Ilhéus, PAEBa, pp. 183-4; Bert Jude Barickman, *Um Contraponto Baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003, pp. 89-92; "A Sabinada no noticiário", pp. 172-3.

[68] Ofício do Presidente Pedroso ao Presidente da Província de Sergipe, PAEBa, 07.01.1838, IV, p. 441; "Narrativa dos sucessos", p. 341; Souza, *A Sabinada*, pp. 89-90, 132. A hipótese de que havia distribuição privilegiada de alimentos na capital é fortalecida pela declaração de Barreto Pedroso, já como deputado à Assembléia Geral, segundo a qual "no dia 16, em que as armas da legalidade triunfaram completamente, havia na cidade bastante carne e farinha", cf. No Parlamento Nacional, Sessão de 12 de maio de 1838, PAEBa, II, p. 120.

Itaparica ao território do “Estado Livre e Independente”, em 27 de janeiro, quinze dias depois de o governo de Cachoeira organizar os “Defensores do Império”, batalhão sediado naquela mesma ilha. Afinal, eles tinham a força.[69]

1.2.3. Salvador: cidade “vazia”.

Esse estado de revolta presa e radicada na cidade é, em todos os sentidos, perfeitamente representado pela Câmara Municipal de Salvador. Simbólica de muitas maneiras, a Casa dos Vereadores aclamaria a revolução, daria posse às suas lideranças e funcionaria até o seu último suspiro. Nota importante é que, para funcionar, teria de recrutar incessantemente novos eleitos para suprir a falta daqueles que iam renunciando aos seus mandatos, em especial pelo medo da derrota e da repressão vindouras. O tom curioso fica por conta das justificativas apresentadas às autoridades: elas contêm queixas de toda a sorte de moléstias porque a revolução parece ter espalhado pela cidade um “ar danado de doença” que só o clima do Recôncavo seria capaz de curar.[70]

No dia 24 de novembro, ainda nos albores da revolução, em ofício dirigido ao único vereador remanescente – Vicente José Teixeira – o vice-presidente rebelde expressou suas preocupações com o fato de não ter a Câmara se reunido fora das duas sessões extraordinárias que abriram a rebelião, e lhe solicitou fossem recrutados novos colegas para pôr em marcha os negócios daquela Casa. De fato, seis dos nove vereadores haviam assinado a ata do dia 7 de novembro; um deles, por “doente”, não compareceu à reunião do dia 11. Daí em diante, até o dia 20 desse mês, outros quatro haviam emigrado e Teixeira se viu na missão de recompor, sozinho, os oito lugares

---

[69] *Apud* Vicente Vianna, A Sabinada, p. 156; Souza, *A Sabinada*, pp. 100-2; Proclamação de Sérgio Velloso sobre a expedição de Hygino Pires Gomes, 10.03.1838, PAEBA, II, p. 87; Souza Carneiro, “A Sabinada”, p. 91; Souza, *A Sabinada*, Confisco das Terras de Itaparica, 27.01.1838, p. 249; Proclamação de Barreto Pedroso, 14.01.1838, PAEBa, V, p. 174.

[70] Processo dos vereadores *apud* Vicente Vianna, pp. 130-5; Ata da Sessão Extraordinária da Câmara Municipal, 13.12.1837, PAEBa, V, p. 120.

restantes, na forma da Lei de Organização das Câmaras Municipais, promulgada em 1.º de outubro de 1828.[71]

Dos ofícios que dirigiu aos cidadãos mais votados, Teixeira obteve como resposta alguns atestados médicos. Mas outro fato igualmente precioso para visualizar a falta de pessoal revolucionário resultou desse recrutamento da Câmara. Entre os mais votados estavam Daniel Gomes de Freitas e Manoel Pedro de Freitas Guimarães, ambos militares. O primeiro, na resposta que deu a Teixeira, confirmou "o interesse que tenho em ver progredir a causa pública", prometendo aparecer mesmo em plena função de guerra. E apareceu. Nomeado ministro daí a dois meses, porém, abriu nova vaga entre os colegas. O mesmo aconteceu com Guimarães, que a 13 de janeiro era dispensado da vereança "por se achar encarregado de várias comissões pelo Governo do Estado". Não satisfeito o Estado, houve por bem ainda nomeá-lo Ministro da Marinha. Em 15 dias, no entanto, Carneiro Rego lhe dava baixa de todas as funções "por suas moléstias". A este, antigo experimentado nas lutas pela independência, a revolução parece ter, verdadeiramente, esgotado.[72]

O que se pode notar desses casos exemplares é que o esvaziamento da cidade e de sua primeira casa faria par com o de seu aparato administrativo. Em alguns livros da secretaria de Governo "não se encontra um só documento daquela época como se ela

---

[71] Ofício de João Carneiro da Silva Rego a Vicente José Teixeira, 24.11.1837, PAEBa, V, p. 127; Processo dos vereadores, *apud* Vicente Vianna, "A Sabinada", 130-5; Lei de Organização das Câmaras Municipais, 1.º de outubro de 1828 *apud* Paulo Bonavides e Roberto Amaral, *Textos Políticos da História do Brasil*, Brasília, Senado Federal, 2005, vol. I, pp. 848-860; O então brigadeiro reformado Manoel Pedro de Freitas Guimarães foi uma das principais figuras da resistência baiana ao brigadeiro português Madeira de Mello, enviado ao Brasil para assumir em seu lugar o Comando das Armas da Província, por decisão das Cortes Portuguesas no início do ano de 1822. Guimarães seria preso e enviado para Lisboa, num processo que se concluiria com a expulsão de Madeira e suas tropas da Bahia. Cf. Tavares, *A Independência*, pp. 23-50, 55-6; Berbel, *A nação como Artefato: deputados do Brasil nas cortes portuguesas (1821-1822)*, São Paulo: Hucitec, Fapesp, 1999, p. 58.

[72] Ofício de Manoel Domingues Lopes ao Presidente da Câmara Municipal, 27.11.1837, PAEBa, V, p.127; Ofício de Theodoro Praxedes Fróes ao Presidente da Câmara Municipal, 27.11.1837, PAEBa, V, p. 128; Ofício de Daniel Gomes de Freitas ao Presidente da Câmara Municipal, 28 de novembro de 1837, PAEBa, V, p. 128; Decreto do Governo Rebelde: Criação de um Ministério, 19.01.1838, PAEBa, II, p. 68; Ata da Sessão Ordinária de 13 de Janeiro de 1838, PAEBa, V, p. 121; Decreto, 08.03.1838, PAEBa, II, pp. 69-70.

tivesse sido um parêntese na vida pública e na administração da Bahia", comenta Braz do Amaral, não sem algum exagero. Na ata da sessão que retoma os trabalhos da Câmara, em 4 de dezembro, seu presidente arrola o considerável número de cargos vagos cujo provimento demandava pronta atenção das autoridades. Um de seus colegas "observou que a falta de um juiz de direito era sensível tanto que não havia quem abrisse testamentos, e praticasse outros atos de absoluta necessidade". Dos juízes em seguida nomeados, Antônio José de Sá Freire cumularia a magistratura com a chefia de polícia, funções cuja flagrante incompatibilidade deve tê-lo forçado a escolher. O mesmo desconcerto se deu com os juízes de paz, cuja nomeação exigiu manobras constantes da parte do governo. E às sobreposições na Câmara se sucederam muitas outras, além de outras tantas vagas abertas pelo deslocamento de antigos empregados, que passavam a acumular novos cargos, haja vista as lacunas que se verificavam com o abandono dos postos. Francisco Sabino, pontífice da revolta, foi, além de Secretário do Governo, Ministro do Interior efetivo, Ministro de Estrangeiros interino e físico-mor do Exército. Sem parar de escrever seu "novo diário".[73]

Não se pode dizer, portanto, que a revolução estava tecnicamente parada. Por outro lado, é notório que o Estado gastou muito do seu tempo com as incertezas a respeito "de que quadros poderia dispor", conforme o texto daquela mesma ata. Não restavam muitos dentre aqueles que a revolução acreditava poder recrutar para a máquina pública, o que naturalmente lança nova luz sobre os já discutidos limites de sua sociabilidade e de seu horizonte políticos. Na composição de sua burocracia, como em outras situações, algumas certezas haveriam de ser revisitadas, e, diante das circunstâncias graves do êxodo, era preciso decidir para onde estender a revolução, mantendo ainda o controle sobre suas ações. Afinal não era só a quantidade de

---

[73] Amaral, "A Sabinada", p. 18; Ata da Sessão Extraordinária em 04 de Dezembro de 1837, PAEBa, V, pp. 116-7; Decreto: Organização das Repartições, 23.01.1838, PAEBa, II, pp. 61-4, esp. 63; Ofício de João Carneiro da Silva Rego à Câmara Municipal, 30.01.1838, PAEBa, V, p. 137.

emigrantes que importava, mas sobretudo a "qualidade" dos que ficavam. A cidade, esvaziada por um ângulo, encheu-se daqueles a quem os sabinos não tinham dado uma sinalização política firme e positiva de que eram bem-vindos à revolução, mas que possivelmente arriscaram ficar, feito o cálculo dos riscos e das dependências. A "luta de ricos contra pobres e de brancos contra pretos", que Morton identifica na Sabinada, torna-se mais evidente, segundo ele, com a definição do caráter de sua liderança no tempo. Essa suposta definição do seu caráter, no entanto, não se traduziu numa atitude decidida de sua parte, atitude que se voltasse a organizar a força de seus elementos ideológicos em função de uma pronta resposta ao crítico estado de coisas.[74]

Nesse sentido, o decreto datado de 3 de janeiro que cria, com escravos nascidos no Brasil, o Batalhão Libertos da Pátria" soa como uma tentativa de romper essa indefinição e de elaborar uma resposta. E o modo como ela se formula é sintomático e revelador da inflexibilidade do projeto revolucionário num momento de crise. Amplia-se o estado revolucionário pelo recrutamento de novas fileiras, destacadas das original e genuinamente sabinas. A divisão dos crioulos num batalhão específico obedece ao mesmo tipo de padrão racial organizador do Exército vigente até as reformas liberais na Regência. E não há nenhum indício razoável de que os protestos de humanidade que abrem o decreto se sustentavam numa mais ampla proposta abolicionista do movimento. Como se verá adiante, ela não seria consistente com o pensamento e com a vida cotidiana dos revolucionários, sem falar que seus documentos políticos omitem qualquer referência a esse respeito. As reações de alguns sabinos a esse expediente demonstrarão ainda que muitos deles não julgavam que os escravos se incluíssem no grupo daqueles que se podiam convocar, mas antes em outro do qual deveriam se defender. Gomes de Freitas repugna, em sua memória, não só o Batalhão de crioulos em

---

[74] Ata da Sessão Extraordinária em 04 de Dezembro de 1837, PAEBa; Morton, "The Conservative Revolution", pp. 362-3; Kraay, "As Terrifying", pp. 516 e ss.

si, mas a convivência tolerada por alguns comandantes de pretos e livres na mesma companhia, como foi o caso dos “Bravos da Pátria”. A inconsistência dessa nova tentativa de expansão ia lhes custar ainda mais caro: a convocação de escravos renderia aos líderes da revolta a acusação de insurreição – quer dizer, de organização de levante escravo – o que acrescentaria mais uma morte no rol de suas penas.[75]

A cidade definiu o verdadeiro limite das estratégias bem ou mal sucedidas dos sabinos. A centralidade e a persistência da Câmara Municipal como um símbolo da Sabinada marcaram, ainda naquele momento histórico, a localidade como o espaço privilegiado da política e a Câmara como sua instância pública representativa. É nela, no seu contraponto cachoeirense, que também toma posse Barreto Pedroso ao chegar da Corte para assumir a Província da Bahia. Por causa dela, também, não se investem em seus postos os deputados da Assembléia Provincial, pois era sua a responsabilidade, de acordo com a legislação em vigor, de expedir os diplomas necessários à sua posse. Além disso, a convocação da Assembléia afastaria do trabalho de vigilância e de repressão muitos juízes de direito que tinham mandatos provinciais. Sua tarefa como magistrados servia mais ao restabelecimento da capital, assim o justificou Pedroso ao Ministro do Império.[76]

No lugar da Câmara, ao longo dos anos que viriam, a então tímida Assembléia Provincial iria se estabelecer. Instalada desde 1835 na Bahia e surgida da reforma que o Ato Adicional instituiu um ano antes, a Assembléia resultou de um projeto de poder que o novo acordo entre as elites local e burocrática firmava para consolidar o Estado

[75] Criação do Batalhão Libertos da Pátria, 03.01.1838, PAEBa, II, pp. 83-4; Kraay, *Race*, pp. 21-30; Freitas, “Narrativa”, pp. 267-8; Souza, *A Sabinada*, pp. 147-8; Morton, “The Conservative Revolution”, p. 356. O Julgamento dos Rebeldes, 02 de junho de 1838, PAEBa, II, pp. 112-4; Razões de Recurso de João Carneiro da Silva Rego, 28.02.1839, PAEBa, III, pp. 131-3.

[76] Amaral, “A Sabinada”, p. 30; Lei de Organização das Câmaras Municipais, 1.º de outubro de 1828, art. 53, *apud* Bonavides, *Textos Políticos*, p. 854 ; Portaria determinando o dia da instalação d´Assembléia Legislativa Provincial, 24.01.1838, PAEBa, V, p. 186; Ofício do Presidente Barreto Pedroso ao Ministro Bernardo Pereira de Vasconcelos, 29.11.1837, PAEBa, IV, pp. 437-8.

centralizado e garantir sua convivência com as virtualidades econômicas das paróquias. A disciplina e a restrição das funções legais dos municípios têm mesmo antes disso um importante exemplo na citada lei de 1828, que organiza as cidades com a atenção de uma regulamentação detalhada. Esse processo será visto com mais detalhe à frente. Aqui basta dizer que a Sabinada o atravessou e o fez reavaliar-se.[77]

E os periodistas da legalidade, em meio ao quadro de necessidades que já despontava na cidade à entrada de janeiro, convenciam-se dos rebeldes “que seu reinado efêmero está expirando”. Um mais virulento editor do Constitucional Cachoeirano, antes mesmo de virar o ano, vaticinava “que a sua república se há de limitar ao forte de São Pedro”. Ao menos durante um tempo, a Salvador dos rebeldes foi mais que o Forte de São Pedro. Mas até onde ia a cidade do Salvador? Aproveitemos o motivo e investiguemos até onde se estende a cidade da Bahia; vejamos como um incidente natural recorta essa narrativa e se impõe, levando-nos a examinar com mais clareza as múltiplas relações entre Salvador e o Recôncavo, de modo a perceber melhor o que significavam a cidade, sua hinterlândia, o cerco, a revolução e suas mudanças de rumo.[78]

1.3. Salvador da Bahia: a política de sua integração ao Recôncavo.

Considerada de um modo geral pela historiografia como um exemplo típico da chamada economia de “*plantation*”, a Bahia foi estudada principalmente por esse viés no que toca ao seu regime de produção. Aquela Bahia que mais fornecera elementos para esses estudos é uma região composta por uma interconexão de cidades e vilas que se estende de Salvador – à época também conhecida como cidade da Bahia ou simplesmente Bahia – até os limites do seu Recôncavo, área situada no fundo da Baía

---

[77] Portaria determinando o dia da instalação d´Assembléia Legislativa Provincial, 24.01.1838, PAEBa.
[78] Carta de uma pessoa fidedigna *apud* “A Sabinada no noticiário”, p. 166; Constitucional Cachoeirano, 23.11.1837, PAEBa, IV, pp. 413-4.

de Todos os Santos, grande mar interno que junto com uma importante confluência de rios une e distingue suas povoações. Nessa área da capitania, depois província, desenvolveu-se um tipo de produção largamente caracterizada como monocultura exportadora de gêneros alimentícios, explorada pela força escrava de trabalho no universo de grandes propriedades rurais.

A ênfase dada a esse modelo como elemento definidor do sistema de reprodução da economia nacional no período encontra-se em não poucos autores clássicos. Um dos mais notáveis dentre eles é Caio Prado Jr., enfático em dizer que “a nossa economia se subordina inteiramente a este fim, isto é, se organizará e funcionará para produzir e exportar aqueles gêneros. Tudo mais que nela existe, e que é aliás de pouca monta, será subsidiário e destinado unicamente a amparar e a tornar possível a realização daquele fim”. Escrevendo sobre a passagem dos setecentos para os oitocentos, ele afirmará ainda que esse sistema não é típico do regime colonial, e sobrevive após a emancipação política brasileira, refazendo suas dependências e caracterizando-se como uma economia de crescimento e crise, incapaz de constituir “a infra-estrutura própria de uma população que nela se apóia, e destinada a mantê-la”.[79]

Raymundo Faoro, tratando dessa mesma transição, acentuará o caráter de “sistema fechado” com que a grave crise econômica do início do século XIX marca as grandes lavouras saídas do último apogeu colonial. Retraído aos próprios recursos, e inibida a circulação de capital comercial, o grande proprietário se transmudaria no senhor de rendas, comandante de uma autarquia produtora. Esse engenho transformado em fazenda alargaria sua base agrícola para além da antiga centralidade monocultora, principalmente em virtude da incapacidade de aproveitamento ágil da capacidade instalada nos tempos áureos do açúcar. Nesse sentido, o mercado interno e a agricultura

---

[79] Caio Prado Jr., *Formação do Brasil Contemporâneo*, São Paulo, Brasiliense, Publifolha, 2000, pp. 117, 125-6.

de subsistência assumiriam uma importância literalmente vital no processo econômico decorrente da decadência do ciclo produtivo. Mas o fariam tutelados pela grande propriedade. Desempenhariam assim em larga medida o papel de substituição das importações, sobretudo de gêneros de primeira necessidade.[80]

O sentido mais amplo da fórmula explicativa que se induz dessa interpretação de ambos os autores confirma uma leitura da estrutura econômica brasileira na qual a predominância da empresa exportadora relegaria a um lugar periférico a atividade de produção e de abastecimento internos. Com efeito, não se pode pretender que o florescimento desse comércio tenha podido sobre-determinar a produção monocultora. Não se trata disso. Antes, o fato é que essa visão a que se chamou "plantacionista" teria impedido que os historiadores atentassem para uma "diversidade possível" das relações sócio-econômicas num cenário em que o mercado interno desempenha funções que podem ser tão especializadas quanto aquelas da empresa agro-exportadora. Portanto, funções que seriam relevantes não só na crise do sistema, como também seriam úteis para a sua expansão. Essa especialização de ambos os mercados representava uma tendência "muitas vezes contrabalançada pela gama mais ampla de atividades produtivas desenvolvidas em engenhos específicos. Ainda assim, como sugerem as compras de farinha, era uma tendência forte".[81]

Estudos mais recentes têm possibilitado pôr em xeque aquele tipo de noção estrutural do sistema produtivo exportador, colocando em questão a idéia geral segundo a qual o mercado interno figuraria na condição de uma variável absolutamente dependente das flutuações da economia de exportação. Principalmente a articulação desse mercado com as condições locais de produção e de força de trabalho garantiu a sua permanência, mesmo nas fases de refluxo da atividade exportadora, dependente do

[80] Raymundo Faoro, *Os Donos do Poder*, São Paulo, Globo, Publifolha, 2000, pp. 275-81.
[81] Barickman, *Contraponto*, pp. 305-8, 123.

mercado internacional. O "contraponto baiano" descoberto por Barickman na produção da farinha de mandioca no Recôncavo, do período que cobre os anos de 1780 a 1860, permite estudar diretamente a rede de relações erguidas dentro do próprio universo exportador onde despontam o açúcar e o fumo, dinamizando com ele um regime equilibrado de abastecimento interno e de produção para o exterior.[82]

Barickman pretende demonstrar como se constrói uma teia mais complexa de fatores que permitem distinguir com mais clareza a natureza da interação sócio-produtiva estabelecida entre a cidade do Salvador e o Recôncavo. Nessa linha, ele aponta também para a importância da utilização da força escrava de trabalho em padrões de posse que caracterizam a especificidade das roças de subsistência nas vilas ao sul do Recôncavo baiano, comparadas aos distritos açucareiros do norte. Esse estudo da escravidão interessa também para rever a opinião difusa de que o trabalho escravo contribuíra para inibir a formação de um mercado interno, na medida em que prova que o engenho era um dos principais consumidores dos seus produtos. Ele permite ainda concluir que, não obstante seu menor nível de concentração nas lavouras de subsistência, a utilização do trabalho escravo generalizou-se também nesse tipo de atividade. Ao lado de pequenos proprietários ou de chefes de família arrendatários, despidos do glamour de um senhor de engenho freyriano, os escravos foram elementos fundamentais nessa empresa. Dados expressivos da estrutura de posses de escravos no Recôncavo indicam que um número não desprezível deles era propriedade de "pretos, pardos e cabras livres – entre eles, alguns forros", que na vila de São Gonçalo dos Campos detinham 29,8% dos fogos com escravos, subindo essa cifra para 46,55 em Santiago do Iguape.[83]

---

[82] Barickman, *Contraponto*, 28-33, 122-4.
[83] Barickman, *Contraponto*, pp. 237-52, 124-7, 213-26.

Nessa crítica substancial à noção consagrada de “plantation”, novos elementos se juntam àqueles já salientados pela historiografia contemporânea, num esforço de revisão interpretativa dos modos de reprodução sócio-econômica da sociedade baiana entre o fim do período colonial e o início do Império.

Estudando a vila de Iguape como uma área exemplar dessa complexa teia de relações que Barickman aprofunda em seu “contraponto”, Kátia Mattoso assinalara sua importância para a produção de milho e de mandioca voltada para o mercado local. De tal modo que “as quantidades produzidas ultrapassavam as necessidades do consumo local indo então os excedentes para o mercado consumidor de centros maiores como Cachoeira ou mesmo Salvador”. A relativa independência que essa produção conquistara ao mercado da capital e aos seus momentos de crise lhe permitiu tecer com ele “laços estreitos e bastante diferentes daqueles tradicionalmente descritos quando o Recôncavo aparece como zona de monocultura latifundiária de cana-de-açúcar”. Alimento indispensável no prato dos baianos, a farinha tinha um mercado de demanda quase inelástica em Salvador.[84]

Mattoso anotou ainda outro importante traço da diversificação que o século XIX imprimiu ao cenário da região. “Entre 1800 e 1835 o número de engenhos no Recôncavo dobrou: passou-se de 400 a 811. Mas o processo dessa evolução é ignorado, como também são ignorados os tamanhos e as produtividades dos novos engenhos”. Na verdade, Morton produziu com os dados disponíveis algumas especulações a respeito desse parcelamento da propriedade rural na região. Ele sugere que o aprimoramento do maquinário e das técnicas de fabricação permitiu aos proprietários produzir em engenhos menores, e também atribui um peso importante ao fato de que, desde 1827, deixara de ser necessária a licença junto ao governo provincial para a construção de um

[84] Kátia Mattoso, *Bahia: a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*, São Paulo, Hucitec, 1978, pp.54-6; Barickman, *Contraponto*, 96-103.

novo engenho. Esses dois fatores associados talvez possam ter desencorajado a construção de grandes unidades de produção.[85]

Ocorre que esse crescimento já se verificava desde antes da independência, e se conservou debaixo da expectativa de que o açúcar continuava a ser um produto rentável. O período compreendido entre 1818 e 1828 assistiu ao surgimento de 110 engenhos. Essa taxa aumentou com a ligeira recuperação do preço do açúcar entre 1833 e 1834, mas o processo de divisão das propriedades seguiu adiante nas fases de preço baixo e de crise do produto. Entre 1829 e 1839, 220 engenhos foram criados, dobrando a cifra da década anterior e igualando o número de engenhos construídos em toda a Bahia até 1790.[86]

A já sensível decadência do açúcar e das condições naturais de sua reprodução também tem um quê de responsabilidade nessa história. Isso talvez indique o motivo da expansão dos engenhos em direção a zonas não tradicionais e situadas fora das áreas do massapê. Em 1833, relatórios oficiais acusam os efeitos da seca sobre a produção de cana. Mas também nos distritos do açúcar, como demonstrou Morton, essa tendência de multiplicação de pequenas e médias unidades produtivas parecia incontestável, paisagem que levou Mattoso a se perguntar: “onde encontram-se os ‘latifundia’ de várias dezenas de milhares de ha. dos quais nos fala a historiografia tradicional?”[87]

Essa supremacia do açúcar que a *plantation* evidenciou não impediu também que outras culturas de exportação se desenvolvessem, marcando outros traços da diversificação desse regime sócio-econômico. Nomeadamente, a produção de fumo teve maior sorte entre as demais implementadas na experimental atividade exploradora da colônia. Stuart Schwartzman menciona “uma organização social e econômica distinta

---

[85] Mattoso, *Bahia: a cidade*, nota à p.50; Morton, “The Conservative Revolution”, pp. 329-34.
[86] Morton, “The Conservative Revolution”, pp. 329-31.
[87] Morton, “The Conservative Revolution”, pp. 332-3; Mattoso, *Bahia: a cidade*, pp. 40-1.

no Recôncavo", promovida pela produção de fumo nas regiões não aproveitadas pelo açúcar – especialmente as dos solos de areias nas regiões vizinhas de Cachoeira e Maragogipe. O espaço sócio-produtivo criado pela lavoura familiar, de menor envergadura e de menores custos, não era, porém, suficiente para dispensar o trabalho escravo nesses empreendimentos. A separação geográfica e social das duas principais culturas de exportação da Bahia "alicerçava-se fortemente no braço escravo". Sua concentração nessa região era ao menos "bastante para afastar qualquer idéia de uma cultura de pequenos proprietários a lavrar sozinhos sua própria terra".[88]

Tudo isso nos demonstra que a dependência havida entre Salvador e o Recôncavo, ainda que plantada em outras raízes, era inegável. E não obstante se possa considerar a dependência de ambos, como uma região, frente ao sertão fornecedor de gado – ampliando- se o foco dessas conexões econômicas – ali está o cerne geográfico da nossa revolução.[89] Do ponto de vista daquilo que mais de perto nos interessa – as conseqüências sócio-políticas desse quadro – a descoberta da natureza dessa mútua dependência importa para perceber que a expansão da revolução para o Recôncavo tinha o caráter de um imperativo: se a cidade não poderia sobreviver militarmente sem o Recôncavo era porque ela não poderia sobreviver materialmente sem ele. Talvez apenas "por uns três anos", arriscou Souza Carneiro, comparando a pretensão política dos sabinos com aquela dos "baianos pacificadores" de 1822-33, que para se fazer "gloriosa apenas mas sem a vitória, necessária foi a adesão do Imperador Pedro I à causa dos que repeliram Madeira com suas tropas, naus, ordens e arbítrios".[90]

Carneiro comparava, do ponto de vista do apelo político, a precariedade dos valores defendidos pelos revolucionários da capital frente à consistência do acordo

---

[88] Stuart Schwartz, *Segredos Internos*, São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 84-5.
[89] Stuart Schwartz, *Segredos Internos*, pp. 88-9.
[90] Souza Carneiro, "A Sabinada", p. 81.

multifacetado que permitira a união de baianos de todas as cores e classes contra os portugueses anos antes. Mas além dessa comparação, outra pode ser feita. Como os legalistas, os baianos do "Exército Pacificador" se estabeleceram no Recôncavo e de lá moveram a "guerra estática" do cerco, baseada no princípio da dependência verdadeiramente alimentar em que se encontrava a capital diante da sua hinterlândia. Em 1837, porém, esse acordo já estava implodido. E seus protagonistas ocupavam lados opostos. Desviada a rota das embarcações estrangeiras para o Recôncavo, pior para os sabinos que comandavam um porto sem navio e um centro de abastecimento sem comida. Suprema ironia, eram os portugueses da vez.

Braz do Amaral, usando a mesma comparação, bradara bem ao seu estilo que "a agricultura abastada é o mais seguro alicerce da força das nações". Ele recordou que "foi o Recôncavo quem matou a rebeldia na capital como havia sido o Recôncavo a alma da guerra da Independência". Kátia Mattoso, em outro tom, dirá que "mais do que qualquer outra cidade, Salvador acha-se ligada à sua hinterlândia imediata da qual ela é o mercado e o ponto de ligação com o mundo externo, e sobretudo a sua respiração, o seu eco sensível".[91]

A oferta da farinha com que os da capital enganavam a fome é exemplar. Afinal, o preço do "pão da terra" sofrera variação de 200% em um mês no mercado da cidade sitiada. Consideradas as advertências dos estudiosos sobre a importância da mandioca na dieta dos baianos, essa flutuação espantosa de preço pode ser considerada bom indício da gravidade da situação dos revoltosos, e do tipo de sentimento à espreita das mais firmes convicções revolucionárias. Barickman afirmou que "quando o preço da farinha subia, a maior parte da população de Salvador não tinha escolha, tinha de pagar.

---

[91] Amaral, *A Sabinada*, p. 20; Mattoso, *Bahia: a cidade*, pp. 26-7; Schwartz, *Segredos Internos*, p. 79.

Comprava-se menos carne; pedia-se dinheiro emprestado; mas só se comprava menos farinha em último caso, pois significaria fome".[92]

Contando com algumas freguesias de caráter nitidamente rural, Salvador e seu termo não constituíam, ainda assim, uma cidade auto-suficiente. Suas freguesias periféricas produziam em alguma medida itens de subsistência própria, articulada essa produção por vezes às muitas chácaras, aos sítios e mesmo pequenos engenhos situados na freguesia de Brotas ou na Vitória. Portanto, a falta de circulação regular de mantimentos, especialmente entre uma população que comprava comida todos os dias, criava por si mesma um clima de guerra.[93]

Assim, a impossibilidade de se compreender a cidade de Salvador e seus fenômenos sem compreender o que lhes corresponde para além da baía se retrata, por fim, nas considerações de Mattoso, para quem "não há uma família da cidade que não esteja ligada a uma família do campo, não há uma trovoada na baía que não encha as águas dos rios, não há uma má colheita ali que não trague (sic) a fome".[94]

Isso se mostrou de uma verdade que revolução nenhuma pôde contestar. No dia 20 de janeiro, a "Determinação" do governo sabino exigiu as credenciais políticas do povo da capital, supondo talvez assim acelerar de uma vez o seu passo. Mas a lei da revolução, pregada pelo professor Muricy, parecia ter ganhado uma nova emenda de interpretação: expandir a qualquer custo ou morrer de fome. É ver quanto custou.

---

[92] *Apud* "A Sabinada no noticiário", pp. 172-3; Barickman, *Contraponto*, pp. 101-2.
[93] Mattoso, *Bahia: a cidade*, pp. 117-8; Barickman, *Contraponto*, p. 97; Morton, "The Conservative Revolution", p. 327.
[94] Mattoso, *Bahia: a cidade*, p. 77. PAEBa, I, 156; Determinação, 20.01.1838, PAEBa.

Capítulo 2

SEPARAÇÃO OU MAIORIDADE: A REVOLUÇÃO E O ARCO DA PROMESSA

As forças militares sabinas dividiriam os custos da expansão revolucionária com a propaganda política na capital. Em Salvador, sua conta seria cobrada na Câmara Municipal. A Casa dos Vereadores ainda protagonizaria um episódio fundamental para o destino da Sabinada, apenas quatro dias depois de aclamada a ata do dia 7.

Antes, no dia que se seguiu à ocupação da cidade, o clima entre os rebeldes era de euforia. E nada daquele quadro de angustiosa necessidade que o passar dos meses traria poderia talvez ser divisado pelo mais pessimista dos revoltosos. Havia os prudentes, é verdade, representados na ilha de Itaparica pelo juiz Tupinambá, que exortou os baianos a se afastarem "urgentíssimo das influências do prazer".[95] Mas o cordão dos otimistas era puxado pelo governo, que no dia seguinte, no "bando" que fez publicar pela cidade em "demonstração do júbilo que deve caracterizar tão fausto acontecimento", concedia "perdão a todos os Militares que por quaisquer motivos tenham deixado seus corpos, logo que a estes espontaneamente se apresentem". Aos militares da capital fixava prazo de 15 dias; aos das vilas próximas, 30; aos das remotas, três meses. Gesto de pai generoso que viraria ordem autoritária na "Determinação" desse mesmo governo, refeitos os cálculos e minguada a fantasia do poder em fins de janeiro.[96]

Ato contínuo à aclamação da ata, o vice-presidente Carneiro Rego soltou "Proclamação" aos baianos, confirmando daquele novo regime a sua natureza de

---

[95] Ofício Tupinambá ao Vice-Presidente do Estado, 12.11.1837, PAEBa.
[96] Bando, 08.11.1837 *apud* Amaral, "A Sabinada", p. 17; Determinação, 20.01.1838, PAEBa.

"Estado Livre e Independente, sem a menor oposição e com a maior glória que se pode imaginar". Concluía sua comunicação, garantindo aos seus compatriotas o respeito decidido aos seus direitos sagrados, e que entrassem sem receio em seus misteres. Tranqüilos. E foi com o mesmo qualificativo que o redator anônimo de uma "Narrativa" definiu o momento em que a Bahia esteve sem governo, em conhecida passagem dos leitores sabinos.[97]

Os impactos de uma defesa tão segura da separação da Província foram imediatamente sentidos. Fugiram logo, "desde o dia 7 pela manhã, negociantes, especialmente portugueses, e pessoas ricas, que sabiam ter inimigos entre os vencedores". Segundo carta publicada pelo Jornal do Comércio, "todos os empregados públicos, todos os desembargadores desampararam os lugares e foram para Cachoeira; e na cidade não há senão os rebeldes (entre os quais não se conta uma só pessoa limpa) e os estrangeiros que se conservam totalmente neutros". Exagero.[98]

Do êxodo importante de funcionários já tivéramos notícia com os inconvenientes do esvaziamento da burocracia na cidade. Mas entre os signatários da ata contam-se alguns deles, ao lado de outros "grados da província". Oficiais militares, médios comerciantes, professores ilustres. Mesmo entre os capitalistas, dirá Sacramento Blake, poder-se-ia encontrar quem apoiava o movimento. De um deles, Francisco Vicente Vianna – que Blake diz ser um dos sabinos de primeira hora que não chegou a assinar o documento – sabe-se que foi um dos proprietários a quem se solicitou gado para os acampamentos legalistas, sinal de que não durou muito a sua fé. Assim como não durou

---

[97] "A cidade esteve por mais de 24 horas sem governo pela indecisão do Vice-Presidente eleito e nunca a Bahia esteve mais tranqüila que nessas horas que esteve sem governo", "Narrativa dos sucessos", p. 339. Souza, *A Sabinada*, p. 38; Morton, "The Conservative Revolution", pp. 350-1.

[98] Amaral, "A Sabinada", p. 18; "A Sabinada no noticiário", p. 165. Sabino foi preso depois de encontrado num armário "neutro" da casa do cônsul francês, v. Ofício do chefe de polícia Martins sobre a prisão dos rebeldes, 23.03.1838, PAEBa, II, pp. 102-3. Souza Carneiro abre seu texto dizendo que "a revolução de 7 de janeiro (sic) de 1837 deu lugar a que muitas famílias possuídas de verdadeiro terror procurassem refúgios nas vilas e cidades do recôncavo", cf. dele "A Sabinada", p. 77.

a de Ignácio Accioli, tenente da guarda nacional que, pouco tempo depois de registrar seu nome, fugiu com o corpo da polícia no dia 13 do mesmo mês. Casos exemplares. Segundo o "simpático rebelde" da "Narrativa", arriscando um dos motivos importantes para essas fugas, "muitos dos conjurados recusaram entrar na revolta por ver nela figurar Francisco Sabino da Rocha Vieira".[99]

Hendrik Kraay enxerga muito bem o caráter pouco representativo da ata para indicar os adeptos pobres e iletrados da revolta. O apoio progressivamente crescente da massa de trabalhadores livres e libertos ia se destacando nos claros abertos por Viannas e Acciolis, esses atraídos pelo chamado de sabor antigo, porém claramente mais seguro, das seduções proclamadas pelo governo legalista, e dos prazos assinados logo do seu estabelecimento no Recôncavo. Se consultarmos a "relação dos rebeldes que eram autoridades e que se achavam presos", elaborada pelo reintegrado governo legalista, veremos que nenhum deles foi recrutado dentro daquele que seria, ao final da revolta, um numeroso grupo. Ou uma "incontrolável turba", no dizer de muitos. Disso se pode saber porque as listas de presos e deportados nos põem a par desses que, embora não autoridades, também se diziam ou foram processados como sabinos.[100]

A tomada revolucionária da cidade não derramou sangue, nem conheceu a imagem das romanescas batalhas animadas pela participação do povo. Mas a sua ulterior presença seria registrada. Revoluções, insurreições e levantes eram corriqueiros o suficiente para que as pessoas pudessem lhes opor simplesmente a sua ignorância. E eram comuns não só entre os letrados da classe média, mas também entre as fileiras e os

---

[99] Ata da Sessão Extraordinária de 7 de novembro de 1837, PAEBa; Blake, "Ainda a Revolução", p. 68; Kraay, "As Terrifying", p. 516; Muricy, "Um Padre de Requiém" *apud* Vicente Vianna, "A Sabinada", p. 153; Ofício de Barreto Pedroso ao Comendador Manoel João dos Reis, 08.01.1838, PAEBa, V, p. 164; "Narrativa dos sucessos", p. 337.

[100] Kraay, "As Terrifying", pp. 501, pp. 516-7; Proclamação aos Soldados, 20.11.1837, PAEBa, II, pp. 74-7; Relação dos rebeldes que eram autoridades e que se achavam presos, 24.03.1838, PAEBa, II, pp. 103-4.

oficiais militares, junto aos pobres livres, aos libertos e, até pouco antes daquela época, largamente entre os escravos.[101]

Sobre essa possível participação do povo nos momentos iniciais da revolta, duas leituras se sucedem na avaliação de Francisco Gonçalves Martins, figura decisiva na repressão à Sabinada depois do seu estouro, e nem tanto antes dele. Em sua alentada memória, Martins diria saber "que a notícia do triunfo dos revoltosos animaria a população, sempre pronta a cantar o triunfo de qualquer partido; e que em tal caso adula o sol nascente com insultos ao que se esconde, que são as autoridades decaídas". Decaído, Martins temeu por sua vida ao deixar o Palácio em direção ao porto. Armou-se de duas pistolas, e o "imenso povo" com que deparou, justiça se lhe fizesse, "este não tinha tomado parte na revolução; a populaça mesmo indiferente, e os indivíduos dela nenhum sinal até deram de falta de respeito durante minha retirada".[102]

Que a "populaça" não tenha concebido a revolta, isso não significa, porém, que lhe tenha permanecido indiferente. Esse era um dos trunfos e, ao mesmo tempo, um dos medos das autoridades sabinas era um dos problemas cuja extensão o comando revoltoso haveria de regular. Provavelmente por temerem esse "descontrole", os líderes revolucionários se ergueram da euforia e começaram a trabalhar desde o momento em que as conseqüências de sua declaração separatista fizeram supor que o recurso à "populaça" precisaria ser maior do que o eventualmente planejado.

A expansão que os rebeldes sabiam ter de conduzir ao Recôncavo dependia de que, na cidade, o êxodo não levasse quem por ela pudesse responder à frente dos cargos, velando os "mais sagrados direitos" dos baianos. Era necessário então que os sabinos

---

[101]Ofício do Vice-Presidente João Carneiro ao Presidente de Sergipe, convidando-o a aderir ao movimento, 14.11.1837, PAEBa, II, p. 66; Reis, *Rebelião Escrava*, pp. 44-67, 68-121.
[102] Gonçalves Martins, "Nova edição", p. 244.

acenassem para eles, que fizessem valer o timbre de sua sociabilidade, assegurando no horizonte a visão de sociedade inscrita nos objetivos políticos dessa gente.

Assim, no dia 11 de novembro, um fato capital sucedeu e se precipitou na forma de uma petição lançada ao colo do presidente da Câmara. Vinha diretamente da vice-presidência rebelde, e requeria urgente medida. Durante os quatro dias que mediaram até ali, a cidade vivera os sobressaltos da agitação pós-revolucionária, e o núcleo revoltoso decerto perdera o sono. O êxodo seguia "sob os olhos complacentes do governo rebelde" Mas eles ainda julgavam ter na manga cartas políticas.[103]

2.1. Dia 11 de novembro – a unanimidade na diversidade.

O ofício que o governo rebelde encaminha à Câmara de Vereadores no dia 11 de novembro de 1837, não mais que quatro dias após o festim revolucionário do dia 7, pela sua importância merece inteira atenção:

> Recebendo este Governo a inclusa representação, assinada por mais da maioria dos cidadãos que assistiram ao ato da aclamação da Independência d´este Estado, na qual mostram ter havido omissão na ata, que ante essa Câmara foi lavrada em o memorável dia 7 do corrente mês, em que teve lugar a dita aclamação, quanto a não ter expressamente declarado que a separação da Província em Estado independente era até a maioridade de S. M. o Imperador, o Sr. D. Pedro 2.º, como diz o Art. 121 da Constituição do Império do Brasil, transmito a Vmces. a mencionada representação para que, mandando lavrar uma ata da declaração requerida, façam isso mesmo publicar por Editais, convidando ao mesmo tempo *os* cidadãos que quiserem assinar a referida declaração. Deus guarde a Vmces.[104]

---

[103] Ofício de João Carneiro da Silva Rego ao Presidente da Câmara Municipal, 11.11.1837 *apud* Vicente Vianna, "A Sabinada", p. 118; Depoimento do vereador Barbosa Almeida, pp. 132-3; Souza, *A Sabinada*, p. 44.

[104] *Apud* Vicente Vianna, "A Sabinada", p. 118.

Não é menos relevante o texto da representação a que remete o ofício acima transcrito. Ele é dirigido ao vice-presidente Carneiro Rego, datado de 9 de novembro:

> Os cidadãos abaixo assinados, desejosos de que a tranqüilidade pública por nenhuma maneira sofra a mais leve alteração, por isso que se há conhecido que o lapso de pena da ata que teve lugar em o memorável dia 7 do corrente ante a Câmara Municipal, quanto a não se ter expressamente declarado que a separação d´este Estado será até a maioridade de dezoito anos de S. M. o Imperador, o Sr. D. Pedro 2.º, como diz o Art. 121 da Constituição para o Império do Brasil, há introduzido receios e desconfianças n´esta Capital, em conseqüência de se ter assentado n´esta medida, quando se tratou do glorioso feito provido n´aquele dia, e por aquela ata, vem representar o expendido a V. Exa. para que se digne, com a brevidade possível, convocar a Câmara Municipal, e as classes gerais d´este Estado, a fim de que, reunidas, se proceda em ata a mencionada declaração, pois que estão convencidos de que esta medida é tanto de suma vantagem quanto a única capaz de fazer conseguir todos os ânimos a abraçarem a causa proclamada, livrando o Estado do flagelo que ordinariamente se experimenta, quando as mudanças políticas do governo não são unanimemente abraçadas.[105]

A ata do dia 7 de novembro, lembremos, punha a Bahia "inteira e perfeitamente desligada do governo denominado central do Rio de Janeiro". Perfeito lapso, dirão os missivistas do dia 9. Mas a "Proclamação" publicada por Carneiro no mesmo dia 7 incorria na mesma falta e frisava a natureza "livre e independente, *sem a menor oposição*" do novo Estado da Bahia.[106] Duplo lapso?

Parece-me que para entender os sentidos dessas declarações, a atenção deve ser dirigida para além desses textos, considerando que seu riquíssimo valor documental consiste precisamente em indicar os numerosos roteiros que permitem concluir pelo caráter nada episódico desses lapsos, omissões ou esquecimentos. Parece lícito supor que tudo se tratava de um diálogo interno entre as forças já constituídas da revolução. Diálogo forçado, haja vista as imperiosas circunstâncias.

---

[105] Representação, 09.11.1837 a*pud* Vicente Vianna, "A Sabinada", pp. 117-8.
[106] Proclamação *apud* Amaral, "A Sabinada", p. 17-8 (os grifos são meus).

Não há como negar que os sabinos responderam rápido às mudanças da cidade, e logo se debruçaram a falar – diferentemente do que aconteceu com a sua leniente estratégia militar. Precipitadas as graves conseqüências do êxodo, as circunstâncias levam a crer que, imediatamente após essa constatação, os líderes revoltosos se puseram à procura de uma nova justificativa pública para a revolução, na esperança de reverter os efeitos dos "receios e desconfianças" produzidos na "tranqüilidade pública" dos "grados" da capital. E para isso eles não precisaram inventar nada. A justificativa já estava ali, à mão, pronta para uso. Assim, a fuga da cidade acionou na revolução já em marcha a primeira prova de um acontecimento propriamente político: a diversidade virou "unanimidade" em nome do seu próprio e suposto bem.

Por isso, se as atas não são um retrato fiel da composição social da Sabinada, elas são do ponto de vista das idéias políticas exatamente aquele retrato que os revoltosos pretendiam emoldurar. Editado, modulado e angulado, o horizonte desse enquadramento político deveria servir ao gosto daqueles cujo apoio era fundamental para a conservação da revolta como um movimento coletivo. É claro que não se tratou de uma mudança ideológica arbitrária. Os elementos dessa equalização conviveram durante toda a revolução, como já conviviam desde o seu princípio. Nesse particular, as atas interessam sumamente ao descortino dessa diversidade quando lidas a partir dos demais escritos revoltosos que lhes sustentam.

Vejam-se os textos do "Plano e Fim Revolucionário" e do "Plano de Revolução" que o introduz, documentos encontrados entre os papéis dos sabinos e que, como sugerem seus títulos, esboçavam antes da instalação do regime as condições do novo governo e da nova sociedade. Trata-se a rigor de um único texto com duas partes. Ambas se comprometem com a independência provisória, manifestada com o intervalo da menoridade do Imperador. A primeira parte, apesar disso, não deixa de declarar que

"o Povo Baiano reassume a sua soberania, em toda a extensão da palavra"; a segunda parte, por outro lado, é clara em afirmar que devem "largar o cambão da corte enquanto menor o imperador para chegarmos ao que devemos ser". Aquilo que eles devem ser, como se depreenderá do seguimento do "Plano de Revolução", é republicanos. Haveria um sentido natural no caminho do Brasil em direção à República, ora obstado pelos que usurparam a "vara do tirano para se subdividi-la infinitamente por déspotas pequenos, ambiciosos, turbulentos". Nesse processo, "o Brasil, em semelhante marcha, não tardará a reduzir-se aos principados da Itália e da Alemanha", fragmentando-se num "governo feudal". Portanto, a separação se impõe. Por enquanto.[107]

Temos, por outro lado, o "Manifesto" de João Carneiro da Silva Rego, vice-presidente do Estado, lançado junto com a "Proclamação" que acima referimos. Nesta peça, que é uma verdadeira reconstituição sintética da história política brasileira desde as lutas do pré-independência nas Cortes de Lisboa em 1822, Carneiro fundamenta a revolução sem falar palavra a respeito de um termo final que se lhe assine. Reconhece que "a menoridade do Imperador é o alvo de todas as pretensões", mas diz ser preciso, "neste apuro de circunstâncias", "quebrar as cadeias que roxeiam os pulsos, fechar para sempre os cofres da província aos luxos da Corte". Para sempre. E nos vivas que encerram a proclamação, não se encontra menção ao Imperador menino.[108]

A autoria desses textos certamente ajudaria a entender sua articulação, definindo melhor seus perfis ideológicos e esclarecendo o que parece se tratar de uma luta por hegemonia dentro da revolução. Porque até então, dia 11, apenas as declarações "perfeitamente separatistas" tinham vindo a público, marcando oficialmente o caráter

---

[107] Plano de Revolução e Plano e Fim Revolucionário *apud* Vicente Vianna, pp. 122-6. Seus textos completos se encontram no anexo 6 a este trabalho; Interrogatório de Francisco Sabino, pp. 219-20; Souza, *A Sabinada*, p. 158.
[108] Manifesto, 07.11.1838 *apud* Vicente Vianna, pp. 120-2. Consulte-se por inteiro o Manifesto no anexo 5; Proclamação *apud* Amaral, "A Sabinada", pp. 17-8.

irrestrito da independência do Estado. O êxodo parece ter sido a melhor oportunidade para que os adeptos do "intervalo separatista" reivindicassem a apresentação dos seus objetivos para a revolução. Afinal de contas, era um argumento plausível e disponível para, mexendo com a identidade pública do movimento dentro de um arco político possivelmente já existente, tentar arregimentar em maior escala.

Mas, diferentemente dos escritos do dia 7, assinados por Carneiro Rego, o "Plano de Revolução" é anônimo, o que nos conduz a procurar elementos indiretos para lhe precisar a autoria. Paulo César Souza atribui a Francisco Sabino a concepção desse "Plano e Fim Revolucionário", pois acredita que sua primeira parte "harmoniza em tema e estilo com os editoriais do *Novo Diário da Bahia*", também anônimos, mas amplamente reconhecidos como de sua responsabilidade. Acontece que Souza tem um motivo mais forte para essa associação: ele quer provar que Sabino, com a dupla menção feita no texto em questão, prestava "a mesma profissão de vassalagem ao imperador [que] reaparece em manifestações diversas dos revoltosos".[109]

Creio que há motivos muito bons para se duvidar dessa interpretação.

Comecemos pelo próprio *Novo Diário da Bahia*, material que firma a escolha de Souza quanto à autoria do "Plano". Em nenhum outro escrito baiano da época talvez se possa encontrar crítica tão acesa ao regime monárquico como naqueles que surgem da pena de Sabino. Edição de agosto de 1837 do *NDB* abre seu texto com uma citação de Rousseau em defesa da reciprocidade e da igualdade fundamental de todos os sujeitos, salientando o escritor suíço o efeito necessário que decorre dessa condição política para o caráter da soberania popular. Lembrando Diderot, Sabino dirá que "todos os homens nascidos com os mesmos órgãos e naturalmente conformados são aptos para o mesmo grau de inteligência e para a recepção das mesmas idéias, tendo todos a mesma

[109] Souza, *A Sabinada*, pp. 158-60.

educação (...)”. E no seguimento a Rousseau, Sabino terá dito: “Tal é a base fundamental de toda a associação humana; ninguém aliena a sua liberdade natural, ninguém reconhece a outro homem, seu igual, com o direito de governar, com a regalia de prescrever-lhe regras e preceitos para a sua conduta (...) senão porque espera (...) os benefícios que lhe resultam do contrato social”. De fato, Rousseau o confirmaria ao assegurar que um homem livre não se aliena a um rei, pois, do contrário, seria escravo, haja vista que “longe de prover à subsistência dos seus súditos, o rei apenas tira a sua deles, e, segundo Rabelais, um rei não vive com pouco”.[110]

Mas Sabino não ficará apenas nos fundamentos. Ele será mais claro. Depondo em favor da sua larga admiração pelos “Americanos do Norte”, seguramente embebida na fresca leitura de “A Democracia na América”, de Alexis de Tocqueville, a inveja de Sabino quanto ao seu “governo livre” o fará dizer que “eles saborearam sempre as doçuras da liberdade e igualdade civil; eles, finalmente, nunca foram escravos de nenhum *Rei*; nem quando porventura se desligaram dos ferros coloniais modificaram suas instituições pelo tipo da *mãe pátria*”. Falando sobre a soberania estadunidense, Tocqueville grifa a sua marca profunda na história das ex-colônias inglesas, aduzindo as razões pelas quais conformaram verdadeira cultura política em favor do governo democrático.[111]

E Sabino sequer esquecerá dos seus “vizinhos ex-espanhóis” porque frisará que suas discussões “versam sobre meras modificações do sistema sempre livre, mas nenhum representante da nação pediu ali um rei ou um imperador de doze anos para governar um vasto império como o Brasil”. E antes de se cogitar que a restrição de Sabino se dirigia apenas ao imperador menor, ele se apressará em dizer mais

---

[110] Novo Diário da Bahia, edições de agosto *apud* PAEBa, IV, pp. 396-403 (anexos 8 e 9); Jean-Jacques Rousseau, *O Contrato Social*, 3. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1996, p. 14.
[111] Novo Diário da Bahia *apud* PAEBa, pp. 396-403; Alexis de Tocqueville, *A Democracia na América*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, pp. 65-8.

amplamente, na linha seguinte: "Não. A tanto ainda não se degradou o povo ex-espanhol que suponha um homem já nascido com as qualidades para governar". Se todos os homens são livres e iguais quando submetidos às mesmas oportunidades de educação, aquilo contra o que Sabino se levantava era a legitimação da desigualdade entre os sujeitos por um tipo de comando político que consagrasse a figura do Rei ou do Imperador. Afinal, recordemos: "não cessaremos de repetir: os negócios do Brasil vão assim em tão grande desmantelação pela falta de ingerência do povo nas cousas públicas".[112]

E não adiantaria Rei debaixo de Constituição porque "com o governo constitucional monárquico nada temos feito, antes cada vez mais retrogradado". Note-se que esse é um trecho do próprio "Plano", que faz eco com a edição de 04 de dezembro de 1837, do NDB, na qual Sabino defende a necessidade da revolução para o cumprimento do destino progressivo dos baianos em direção à república, da qual não poderiam retroceder, "assim como não retrocede a marcha da Natureza". Nada justifica assim que a "reforma mais social" defendida por Sabino implicasse a re-incorporação futura do Estado da Bahia ao governo de qualquer rei – e não apenas ao de um pequeno príncipe – cuja legitimidade ele definitivamente não reconhecia.[113]

Era, portanto, o regime monárquico que Sabino punha na mira de sua crítica ferina, não um ou outro imperador; era o governo Imperial, essa "semente muito venenosa e que deixa sempre infestada o campo por onde é semeada", e que os americanos do norte não haviam importado dos "carcomidos princípios da acanhada Europa", era ele que Sabino rejeitava com toda a força de suas palavras.[114]

---

[112] Novo Diário da Bahia *apud* PAEBa, p. 399.
[113] Plano *apud* Vicente Vianna, "A Sabinada", pp. 122-6; Novo Diário da Bahia *apud* PAEBa, pp. 396-403; v. também Novo Diário da Bahia, edição de 06.12.1837.
[114] Novo Diário da Bahia *apud* PAEBa, p. 402.

Ele ainda reservaria outras menções ao sistema do monarca nas edições do *Novo Diário da Bahia* publicadas ao longo da revolta, demonstrando a sua rejeição e por vezes mesmo a sua irritação com as fórmulas do seu governo.[115] Seu apelo final se deu pela recuperação imediata do "poder soberano inalienável" da parte dos baianos, a fim de que, à maneira dos estadunidenses, fizessem varrer de sua vida política qualquer pálida lembrança régia. É em Tocqueville que se encontra com grande ênfase a idéia de que os estadunidenses só com a Revolução puderam espalhar pela nação o princípio da soberania, que se antes já existia, sofria a ação constrangedora de obstáculos que "retardavam sua marcha invasora". Nesse particular os EUA eram seu modelo e Tocqueville, seu professor.[116]

Poder-se-iam multiplicar as citações a esse respeito e elas não fariam falta ao estudo do perfil ideológico de Sabino que mais adiante será desenvolvido. A exuberância dessa prova nos leva a crer que a identificação que Souza produz de Sabino com a monarquia não é no *Novo Diário da Bahia* que pode encontrar abrigo. Ter se contentado com essa pista, porém, levou-o a não considerar que Sabino pode não ter sido o único autor do "Plano". Essa circunstância, de fato, pode mudar decisivamente toda a interpretação que Souza construiu sobre a identidade ideológica da revolta, e que tem sua pedra fundamental fincada no consentimento ideológico de Sabino com o regime monárquico. Vejamos.

Pelo menos, um outro importante ideólogo da Sabinada apresentava credenciais para redigir, junto com o republicanista Francisco Sabino, as peças políticas da revolta. Afinal, ele já o fazia nas edições pré-revolucionárias do *Novo Diário da Bahia*. João da Veiga Muricy, companheiro de jornal e parente de Sabino, não deixou dúvidas quanto

---

[115] Consultem-se em especial as edições de 30.11.1837, e as de 6 e 25.12.1837 do Novo Diário.
[116] Novo Diario da Bahia *apud* PAEBa, IV, p. 403; Tocqueville, *A Democracia*, p. 66.

ao seu interesse na separação provisória.[117] Ele também demonstrou não render muitos votos ao "elemento democrático" tão encarecido por Sabino em seus escritos. Num dos manifestos de *O Philopatro*, sob cujo título Muricy publicara por vezes no NDB e cuja autoria não é contestada pelos seus intérpretes, ele nos dá elementos importantes para alimentar essa hipótese. Comentando a saída da cidade dos batalhões de polícia e de alguns de seus chefes a 13 de novembro, Muricy em importante passagem diz:

> Não lhes pode servir de salvaguarda à sua servil dissensão e torpe arrependimento o não ter aparecido a 1.ª ata fora de toda a ambigüidade acerca do monarca, porque sendo de princípio sua pessoa reconhecida supremamente na revolução, logo que se viu ambigüidade na redação da ata, tratou-se de dar todo o expresso e terminante esclarecimento.[118]

Esse trecho se completa com outro:

> E parece até que depois de ter assim praticado é que Sande e os mais começaram a pôr-se em fuga, oferecendo-nos de seu caráter duas ilações: ou que são homens destituídos de honra civil ou que apoiavam a ambigüidade da ata, e então eles é que queriam alguma democracia a fim de serem mais fortes os grandes da sociedade.[119]

Esses valiosos excertos nos permitem arriscar um pouco. A "pessoa do Imperador" havia sido "supremamente reconhecida" desde o princípio da revolução, afirma Muricy. Ora, o princípio da revolução é tudo aquilo que se acredita estar expresso nos textos que a projetam: os resultados de suas reuniões nos *clubs*, a sua trama conspiratória, a concepção do movimento. De fato, o Imperador está lá nas duas partes do "Plano". Mas nelas também estão a recusa à monarquia e a defesa da república como um regime naturalmente necessário. Na Sabinada, o desenvolvimento da noção de governo republicano ficou a cargo de Sabino e de seu jornal. Quanto a Sabino parece

[117] Souza, *A Sabinada*, p. 158; Vicente Vianna, "A Sabinada", p. 155.
[118] *Apud* Vicente Vianna, 153.
[119] *Apud* Vicente Vianna, 153.

não haver mais dúvidas de seu antimonarquismo. Então, parece que temos um problema.

O mesmo "Plano de Revolução" que reconhece sem ambigüidade a "supremacia do Imperador" nos diz que com o "governo constitucional monárquico antes só temos retrogradado". E vai além, para dizer que "nós somos os Americanos como uma bola rolando com um movimento acelerado sobre um plano inclinado; e que não pode parar senão em seu fim". Leia-se: república. Que o reconhecimento do Imperador não importava república ou democracia é o que se pode estimar das expectativas que tem Muricy de um governo democrático, ou demagógico, na tradição aristotélica.[120] Por que então não podemos pensar que Imperador e república conviviam em um regulado conflito, como imagens de dois tipos de governo pouco conciliáveis, mas dentro de um consentido quadro de possibilidades cujo uso político a própria sorte da revolução definiria? Assim, por que não supor que os textos revolucionários podem ter sido escritos debaixo dessa orientação que, para ampliar o apoio político à revolta e garantir a sua efetivação, conferiu-lhe alternativas políticas que poderiam ir sendo aproveitadas no diálogo com os acontecimentos futuros e imprevistos?

Um último motivo se acrescenta à complexidade dos anteriores e nos obriga a adiar uma possível resposta a esse "enigma". Se acreditarmos na argumentação constante da representação enviada ao governo rebelde no dia 9 de novembro, a omissão em que haviam incorrido os redatores da ata do dia 7 nada mais seria do que um acidente: um verdadeiro "lapso de pena". Mas não precisamos acreditar nela. Não há ambigüidade nenhuma na ata do dia 7, como quer fazer crer – se já nos é permitido falar assim – o grupo monarquista integrado por Muricy. Muito ao contrário, ela é bem clara e o advérbio ("perfeitamente") que acompanha o núcleo de sua declaração não parece

[120] Plano de Revolução *apud* Vicente Vianna, "A Sabinada", p. 125; Aristóteles, *A Política*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, pp. 113-7, 119-126, 161-86.

resultar de qualquer “esquecimento”, mas antes indicar a mensagem dirigida por um grupo – o republicano – ao seu adversário monarquista na luta pela hegemonia revolucionária. Nessa mensagem, a separação perfeita promovida em relação ao governo da Corte se sobrepõe por inteiro e publicamente à “vassalagem imperial”, e é por aquela que a revolução será de início tomada. Não à toa a natureza dessa separação incontrastável será confirmada nos textos de Carneiro, no mesmo dia, e não há amnésia possível que o possa também explicar. Tática ou golpe, o sentido desse gesto não se pode precisar, mas o jogo dos diversos já apresentava seus frutos. O que os revolucionários fizeram com isso depois é mais um capítulo do seu acordo de sobrevivência, porque a diversidade que havia eles não queriam alardear.

Então, a pensar que há qualquer contradição nessa estranha “tentativa conciliadora”; a supor, como Souza, que os sabinos autores dos planos e das atas estavam a criar uma “república monarquista sui generis” – de fato algo inovador no quadro das opções políticas em voga na discussão brasileira do período, como veremos à frente; a pensar isso prefiro, pelas razões expostas, encontrar a teia de uma composição. Composição política do caráter das estratégias, dos acordos, das apostas na indefinição atual de rumo que se espera corrigir no curso da luta revolucionária. Enxergaremos dessa maneira mais os políticos treinados – e treinando-se – para a revolução do que a imagem de confusos mentores de uma via político-institucional ambivalente e inconseqüente. Talvez assim os salvemos postumamente do riso e do escárnio que essa interpretação provocou entre alguns de seus contemporâneos.[121]

O episódio da ata do dia 11 de novembro foi então a entrada triunfal do grupo monarquista na revolução. Eles queriam entrar pela frente ao mesmo tempo em que

---

[121] Souza menciona a opinião do redator de O Carapuceiro, periódico ultra-conservador publicado em Pernambuco, para quem era “eminentemente ridícula” a idéia de uma “república interina”, como a que ele supunha equivocadamente sair da proposta dos sabinos. Ver Souza, *A Sabinada*, pp. 156-7, 162.

lutavam para afastar do caminho de sua imagem pública qualquer vestígio de indecisão ou imprecisão programática. Por isso, três dias depois de lavrada a ata corretora, no convite que formula ao Presidente de Sergipe para que "coadjuve a pátria onde V. Exa. nasceu", Carneiro já inclui Pedro II entre os agraciados da nova ordem, dando claro efeito de propaganda política à restrição por ele assimilada depois do dia 11: a independência se dará "somente durante a menoridade de S. M. o Imperador, ou até que ele toque a idade marcada no art. 121 da Constituição", diz o texto da comunicação. Carneiro provavelmente aprendera rápido que parecer fiel às vezes dispensa sê-lo.[122] Mas não bastava parecer fiel aos seus, e tanta astúcia não foi suficiente para conter o fluxo da cidade, segundo palavras de Blake. Os que fugiram no dia 13 – e entre eles havia comerciante, médico, advogado, professor e tenente da Guarda Nacional – escolheram ser realistas ao lado do rei, e migraram para a sede do governo imperialista no Recôncavo.[123]

Vê-se que nem todos os ânimos "abraçaram a causa proclamada" em sua nova versão, como pretendiam os revoltosos. Mas a pressa dos que se amigaram desse seu novo rumo se revelou também no procedimento utilizado "por mais da maioria dos cidadãos" que enviaram ao vice-presidente Carneiro a representação que se transformaria em ata.

Mais uma vez, a Câmara não funcionou como uma casa deliberativa, mas antes como extensão da vontade revolucionária que ali ia encontrar sua sanção. Como no episódio do dia 7, se considerarmos o depoimento de D. Baltazar Silveira e de alguns vereadores, o documento já chegara pronto e, encaminhado pelo chefe do Executivo, seguira com ordem de que na Câmara fosse lavrada a ata que ali ficasse à espera dos

---

[122] Ofício do Vice-Presidente João Carneiro ao Presidente de Sergipe, convidando-o a aderir ao movimento, 14.11.1837, PAEBa.
[123] Blake, "Ainda a Revolução", p. 69; Kraay, *Race*, p. 516.

"cidadãos que quiserem assinar a referida declaração". 29 pessoas se deram o trabalho de assiná-la, diz Kraay. Muito menos do que a maioria dos presentes ao ato de aclamação de Independência no dia 7 de novembro.[124]

A representatividade mais ampla desse ato parece tão retórica quanto o apelo à unanimidade que conclui o texto da ata. Esse apelo sela retoricamente o acordo político da liderança, demonstrando publicamente aos interessados o perfil dentro do qual seus atores decidiriam a sorte da revolução. Ou seja, a "correção de rumo" da revolução foi provavelmente tão concertada quanto a redação de seus textos. Ela fixou uma nova posição pública, cobrando compromisso da que antes se exibira. Apesar disso – ou por causa disso – a tensão entre os dois grupos se prolongaria revolução afora. Esse perfil composto do discurso revolucionário não ficaria sem conseqüências. Duas delas merecem destaque e nos levam às próximas questões de trabalho.

Em primeiro lugar, os projetos de poder inscritos na revolta, liberados de seu suposto caráter contraditório, devem ser estudados de per si. O diálogo que produzem é o debate atual de duas posições que se elaboram com seus similares no vocabulário político de uma época que ligou os discursos pró-independência – organizados de maneira trans-classista nos anos de 1822-23 – às pesadas críticas ao seu processo de consolidação. Como em 1822-23, elas vieram de grupos politicamente muito diferentes entre si. Críticas que atravessaram a Abdicação de Pedro I em 1831 e escoaram, sempre se reformulando, na Regência que se lhe sucedeu. Heuristicamente, a oposição desses dois campos dentro de um evento revolucionário nos remete ao par conceitual sugerido por István Jancsó para analisar os discursos de contestação em fins do período colonial:

---

[124] Depoimento de D. José Balthazar da Silveira *apud* Vicente Vianna, "A Sabinada", pp. 128-30; Representação, 09.11.1837, PAEBa; Kraay, "As Terrifying", p. 506.

o dístico “motim x sedição” pode nos ajudar a seguir de perto as linhas de cada um desses planos identificados e atribuídos ao núcleo intelectual da revolta.[125]

Em seguida, importa notar quais foram as conseqüências da diversidade política do programa revolucionário sobre a prática do governo rebelde. Trata-se de saber se foi possível que a construção de um novo perfil de Estado, pressuposta na promessa revolucionária, colhesse da variedade de referências presentes no seu horizonte ideológico. E ainda saber como se comportou a direção do novo governo diante da tarefa de administrar a diferença em pleno tempo de guerra.

Em seu estudo sobre a Sabinada em Nazaré, Souza Carneiro expôs sua opinião sobre a percepção de parte dos habitantes dessa vila e de outras do Recôncavo a respeito da reorientação política expressa na mudança da ata. Fiado em que o interesse dos sabinos não era outro senão o de declarar a independência irrestrita da Bahia, Souza Carneiro dirá que“o espírito público só poderia manter-se receoso ou suspenso das boas intenções dos chefes do movimento, que não souberam manter ou justificar a idéia de estado livre e independente nem apresentam melhor escusa do que essa de um *lapso de pena* para conseguirem adeptos”. Para ele, as conseqüências dessa avaliação não seriam benéficas aos revoltosos, e “foi seguramente esta razão porque em Nazaré, como em quase todo o recôncavo, a Sabinada foi uma revolução que encontrou poucos adeptos e muitos que se faziam indiferentes à marcha de seus sucessos, justamente para *aderirem depois dos resultados*”.[126]

Sem dúvida, é sedutora a idéia dos grupos formando-se ou transformando-se ao longo da revolta. Na Sabinada, para esse diálogo eles tiveram pelo menos dois eixos bem marcados. O tópico seguinte ampliará o foco da narrativa para o universo mais

[125] Sobre debates políticos na Regência, ver, por exemplo, Miriam Dolhnikoff, “Entre o centro e a província: as elites e o poder legislativo no Brasil oitocentista” *in.Almanack Brasiliense*, Revista Eletrônica, São Paulo, n.º 1, maio de 2005, pp. 80-92; Jancsó, “A Sedução da Liberdade”, pp. 389-394.
[126] Souza Carneiro, “A Sabinada”, p. 79. Os grifos são originais.

amplo do seu cenário político e o de seus interlocutores espalhados por outros cantos dessa comunidade de idéias. Ao lado deles poderemos, por fim, ter a noção mais geral dos grupos que, na revolta, disputaram com as suas idéias a dianteira do processo de poder.

2.2. As inflexões do vocabulário político no "tempo das divergências".

Na defesa que fez de seu filho, Inocêncio Eustáquio Ferreira de Araújo, ante o Conselho de Guerra em 23 de junho de 1838, Manoel Ferreira de Araújo Guimarães, brigadeiro reformado, fez largo uso da consagrada retórica jurídica do sacrifício. Em outras palavras, muito pelejou para transformar em vítima o réu outrora rebelde. Para tanto, forjou suas alegações no argumento de que viviam então no "tempo das divergências", procurando dele colher seus resultados abonadores.[127]

A exploração do caráter desse "tempo" muito interessava à sua defesa, visto que Inocêncio Araújo, como muitos da sua classe e da sua profissão, era um "severo observador das Leis Sociais, bom filho, bom esposo, bom amigo, no centro d´uma família". Como militar, "com pouco mais de 6 anos de praça, se apresentava no posto de Capitão, sem patronato, e só por efeito de sua boa conduta". Estivera sempre longe "de sentimentos contra a legalidade, pugnando constantemente a favor do Império, a que sacrificou vigílias, fadigas, e até a própria vida". Tanta dedicação o fez "repelir os inimigos da Integridade do Império que a discórdia suscitou na Província de Pernambuco no ano de 1824, como provam os documentos".[128]

Inocêncio se engajara na revolta como General de Divisão, comandante do mesmo corpo que a legalidade logo extinguira, mas que na capital atuava como uma

---

[127] Defesa do acusado sargento mor Inocêncio Eustáquio Ferreira de Araújo, 23. 06.1838, PAEBa.
[128] Defesa do acusado sargento mor Inocêncio Eustáquio Ferreira de Araújo, 23. 06.1838, PAEBa.

espécie de símbolo da resistência: o 3.º Batalhão de Caçadores, lotado no Forte de São Pedro, que ali iniciou a revolta. A sua participação atribui-a seu defensor a "este exemplo lamentável da nossa fragilidade", seguro, porém, de que se ele não desertou foi porque, "algemado nos seus projetos de evasão", esteve sempre ali para prevenir o pior.[129]

As divergências desse tempo foram bastante exploradas pelos contemporâneos para a justificativa de seus atos políticos. O largo espectro de argumentos oferecidos ao debate público nesse período se deve especialmente ao caráter vivamente disputado das interpretações sobre a natureza do estatuto político a ser implementado na transição nada linear do fim do regime colonial para a formação do Império do Brasil. O estudo dessa diversidade nos servirá aqui para pontilhar pequenas amostras de um pensamento político agitado e extremamente fluido em suas manifestações expressivas, com o qual será indispensável dialogar para adiante bem colocar o debate das opções políticas ensaiadas na Sabinada.

Pode-se dizer que as mais profundas motivações dessa discussão política remontam ao tempo um pouco mais recuado das tensões que antecedem os movimentos de independência no Brasil. Recuado, mas ainda muito vivo. E se é verdade que essas tensões "ativaram muitas energias" em distintos grupos na sociedade brasileira, não se pode perder de vista que até meados de 1822 em muitas províncias ao sul do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves a "questão nacional" ainda não estava resolvida. Quer dizer, a idéia de que os movimentos políticos que se sucedem no final do período colonial continham em si os germens de um discurso emancipatório, tal como ao final

---

[129] Souza Carneiro, "A Sabinada", p. 88; Acórdão em processo militar, PAEBa; Defesa do acusado sargento mor Inocêncio Eustáquio Ferreira de Araújo, 23. 06.1838, PAEBa.

prevalecente nos anos de 1822-23, não explica o processo histórico dos diferentes acordos regionais para a montagem do Império do Brasil.[130]

A "associação liberal-constitucionalista entre brasileiros e portugueses", resultante dos efeitos ultramar da Revolução Liberal do Porto em 1820, prolongou-se com a convocação das Cortes Gerais da Nação Portuguesa, chamadas com o propósito de elaborar as bases de uma Constituição para o Reino que até aquela altura incluía o Brasil.[131]

A transição que se abriu com o movimento liberal em Portugal na década de 20 – chamado "Vintismo" pelos nativos desse país – determinou alterações importantes na organização político-burocrática das agora províncias do Brasil. Essas mudanças vinham a reboque do processo político que institucionalizava a passagem do modelo da soberania real para aquele da soberania nacional no Estado Português. As "Cortes Gerais, Extraordinárias e Constituintes da Nação Portuguesa" passariam a representá-lo. Instaladas em Lisboa, em janeiro de 1821, somente em setembro se realizaram na Bahia as eleições dos deputados que a ela também concorreriam como portugueses desse hemisfério.[132]

A participação desses deputados baianos – dentre os quais certamente se destaca a figura do experimentado revolucionário Cipriano Barata – ficou marcada por sua decidida intenção de formular um modelo constitucional que, "'conservando-se o

---

[130] Reis, "O jogo duro", p. 88; Jancsó, "A Sedução da Liberdade", pp. 389-92. Também de Jancsó, sobre a "questão nacional", a introdução à obra coletiva já mencionada, Jancsó (org.) "Formação do Estado e da Nação", pp. 15-20. Ver também István Jancsó e João Paulo G. Pimenta, "Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade brasileira)" *in* Carlos Guilherme Mota (org.), *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000): Formação: histórias*, São Paulo: SENAC, pp. 135-8; Fernando A. Novais, "As Dimensões da Independência" *in* Carlos Guilherme Mota (org.), *1822: Dimensões*, São Paulo, Perspectiva, 1972, pp. 15-26; Berbel, *A nação*, pp. 57-81.
[131] Tavares, *A Independência*, pp. 17-8; Berbel, *A nação*, pp. 43-56.
[132] Berbel, *A nação*, pp, 19, 50-8. A idéia da Nação Portuguesa como inclusiva dos brasileiros era desenvolvida tanto por naturais de Portugal quanto do Brasil. Sobre a nação portuguesa veja-se Jancsó, "Peças de um Mosaico". Também sobre esse assunto, as falas de deputados brasileiros nas Cortes estudadas por Leite, *Republicanos*, pp. 161-227.

príncipe como centro do poder executivo', governe todas as províncias 'como um todo indivisível'".[133] Por isso, numa das sessões das Cortes que decidia o futuro dos negócios políticos do Brasil, em julho de 22, Barata censurou o gesto "impolítico" de paulistas e fluminenses que, no início desse mesmo ano, haviam dirigido ao Regente uma petição na qual solicitavam a sua permanência para, no Brasil, organizar um Poder Executivo próprio, embora sujeito à Constituição Portuguesa.[134]

O episódio celebrizado como "O Fico", naturalmente em virtude da aceitação do príncipe, era apenas uma das respostas que seriam dadas ao decreto de 29 de setembro de 1821, da lavra dos constituintes portugueses em consórcio com o governo do Reino. Esse documento, sinalizando o uso de uma nova prerrogativa soberana, ordenava o retorno imediato do sucessor "del Rei" à Europa, e sujeitava o Comando das Armas de cada província diretamente às Cortes de Lisboa, desobrigando-o da obediência às determinações da Junta de Governo instaladas no Brasil.[135]

As resistências diferentemente orquestradas no Brasil ao endurecimento da atitude européia precipitaram força ainda maior dos portugueses. Assim, a chegada de tropas na Bahia para garantir a posse do brigadeiro português Madeira de Mello, nomeado por execução do famigerado Decreto, foi o golpe que faltava à já combalida associação política entre os dois lados do Atlântico, nas palavras de Luís Henrique Dias Tavares.[136]

A Bahia era uma das províncias sobre as quais Lisboa ainda possuía controle militar. Pernambuco era outra delas. Formou-se então uma polarização entre as Províncias Coligadas – puxadas pelo Rio de Janeiro, por São Paulo e Minas – e as

---

[133] Discurso do deputado Cipriano Barata, sessão de 1.º de julho de 1822 *apud* Leite, p. 186.
[134] Discurso do deputado Cipriano Barata, sessão de 1.º de julho de 1822 *apud* Leite, pp. 184-5; Berbel, *A nação*, pp. 77-9.
[135] Tavares, *A Independência*, pp. 23-4; Leite, *Republicanos*, pp. 170-78.
[136] Tavares, *A Independência*, p. 17.

províncias do Norte e do Nordeste, resistentes à aclamação do Regente, mas progressivamente transformadas em bases militares de Portugal.[137] Os episódios de intolerância repressiva que Madeira de Mello não cessava de patrocinar na cidade, na pretensão de se impor militarmente aos descontentes, empurram e vão forçando a organização dos baianos no Recôncavo. Tavares vê que "começavam por aí as definições que uniriam as tendências dos mais diversos grupos na aclamação ao Príncipe D. Pedro".[138]

Na capital, fica a campanha pela união debaixo dos princípios liberais-constitucionais sustentada pela pena de *O Constitucional*, editado pelo vereador e futuro ministro do Império, Francisco Gê de Acaiaba Montezuma. Era o resíduo de alguma confiança dos baianos na solução em favor da nação portuguesa. Advertidos das indóceis intenções dos portugueses, os baianos também não descuidaram das adivinhadas intenções absolutistas da união sob o Regente.[139]

Enquanto isso em Portugal, sete deputados brasileiros abandonaram os trabalhos parlamentares, em outubro de 1822, portanto um mês depois da declaração de Independência na Corte por obra de D. Pedro I. Seus motivos, Cipriano Barata, um dos deputados a fugir, não poderia pintar melhor: "tudo quanto eles (os deputados) acabavam de decidir para o Brasil eram bulas do papa para o imperador da China, pois que nem o príncipe era tolo em obedecer a tais coisas nem o povo do Brasil em tal consentiria". De fato, a essa altura, portugueses e brasileiros falavam línguas diferentes.[140]

---

[137] Berbel. *A nação*, p. 79; Leite, *Republicanos*, pp. 214-6.
[138] Tavares, *A Independência*, pp. 63-4.
[139] Tavares, *A Independência*, pp. 76-8, 80.
[140] Jancsó, "Peças de um mosaico", p. 129. As palavras de Barata estão em Leite, *Republicanos*, pp. 218-9.

Aos ataques das Cortes em bases que pouco honravam as idéias liberais pregadas pelo vintismo, sucederam-se contra-golpes que permitem a um só tempo distinguir os diferentes traços do pensamento político nativo no período e firmar a convicção de que, se a Independência acabaria acontecendo em breve, nem por isso era possível entrever algo que se pudesse nomear seu "partido".[141]

José Bonifácio de Andrada e Silva, em duas oportunidades no mês de agosto de 1822, publicou Manifestos assinados pelo Regente D. Pedro em que blaterava contra os "furores da democracia", identificados nas "facções republicanas" que o absolutismo das Cortes teria ajudado a se espalhar. Apontando a necessidade de um "governo forte" que garantisse a união dos dois lados do Reino, sob os auspícios do herdeiro da Coroa, Bonifácio mirou de uma só vez dois alvos: as pretensões de reconquista dos constituintes portugueses e os elementos republicanos que via perigosamente disseminados.[142]

No mesmo Rio de Janeiro, por outro lado, forjara-se uma importante resistência à permanência de D. Pedro no Brasil. Mas não se pense que era um grito de independência. Os membros do "club" sediado à Tipografia Silva Porto – talvez a mais importante "facção republicana" visada por Bonifácio – redigiram a chamada "Representação do Rio de Janeiro", assinada por mais de seis mil pessoas, para propor, dentre outras coisas, a convocação de uma Assembléia Constituinte no Brasil pelo voto direto. Sua estratégia incluía a saída do Regente para Portugal e a instauração de um regime político que preservasse a "união do Reino Português em justas condições. Um dos seus redatores era o presidente do Senado da Câmara do Rio de Janeiro, José

---

[141] Tavares, *A Independência*, pp. 26-7.
[142] Leite, *Republicanos*, pp. 164-70.

Clemente Pereira; outro era João Soares Lisboa, editor do periódico *Correio Fluminense*, conhecido por suas "libertárias" e "carbonárias" idéias.[143]

O contraponto dessas duas diferentes reações ao processo político conduzido pelas Cortes Portuguesas nos oferece desde já um quadro dentro do qual as orientações políticas brasileiras no tempo da Independência iriam se mover. Posições situadas nos pólos do debate, que definem muitas vezes a linha entre o institucional e o clandestino, abrindo o campo das formulações alternativas entre os extremos que bem representam.

Renato Lopes Leite dirá que "o significado do federalismo como desmembração separatista talvez seja, para a historiografia da Independência, a definição mais forte do conceito de república entre 1822 e 1824".[144] Mas, como ele mesmo demonstrará, os mais eminentes partidários das idéias republicanas a essa época não fugiam ao compromisso com o Rei. Assim como Barata, Frei Caneca prestou seu apoio ao governo monárquico representativo antes e logo depois de concluído o processo de independência nos quatro cantos do Brasil. Algumas notas a esse respeito se fazem, porém, necessárias.

Caneca colocou toda a sua ênfase no elemento constitucional representativo desse sistema de governo, e sua "tolerância" ao monarca se devia basicamente ao fato de que o rei ou o imperador aparecia como figura capaz de garantir o processo de reformas, mantendo a integridade do Estado. Por outro lado, como deixa clara a passagem do texto de Leite, havia em algumas situações um uso equivalente das expressões federalismo e república, aquela por vezes querendo significar os elementos desta. Isso se explicaria por um certo "silêncio em torno da palavra república", entendido como uma "reação à vulgarização que aquela concepção política sofreu por

[143] Leite, *Republicanos*, pp. 17-27, 78-87.
[144] Leite, *Republicanos*, p. 167.

meio de sucessivos ataques dos periódicos absolutistas".[145] Em palavras do próprio Barata, dirigidas contra a tarefa espiã do grupo de Bonifácio nos idos de 1823: "Andam perseguindo a gente honrada e os cidadãos liberais debaixo do nome de Republicanos ou Carbonários. Que triste sorte do Brasil! É neste sistema que o cidadão honesto anda mudo e solitário como em terra estranha, e não acha asilo seguro nem em sua própria casa".[146]

O que Leite quer então sugerir é a existência de um compromisso político dos ideólogos republicanos com uma forma de governo que lhes parecia a única capaz de, naquele momento e pela via institucional, equilibrar as garantias de integridade territorial com os elementos de um "governo o mais livre possível". Porque, assim, dizia Caneca, "esperamos ser felizes em um Império Constitucional". Portanto, não estavam sonegadas as suas convicções de legítimo republicano: a separação de poderes, a representatividade democrática, o direito à desobediência, a liberdade como não-dominação.[147] Como também não estavam as de seu parceiro e correligionário Cipriano Barata, notadamente conhecido pela sua formulação da soberania popular. Em 1823, seu apelo em favor da "federação imperial" traduziu a reserva possível contra a mão pesada de um Imperador pronto para deitar por terra os últimos traços de uma liberdade instituída. Diante da iminente dissolução da Constituinte, temos prova dessa escolha

---

[145] Leite, *Republicanos*, pp. 32-42, 47-54, 168; Marco Morel nos fala do livreiro francês Pierre Plancher, chegado ao Brasil numa fase em que a imprensa começava a se libertar da censura. Apesar de que seu liberalismo fosse moderado, Plancher não pôde resistir às perseguições e regressou à Europa. Morel, *As Transformações*, pp. 23-60. O Código Criminal de 1830 incriminava a defesa pública do regime de governo republicano, e Sílvia Carla Pereira Brito Fonseca chamará a atenção para o fato de que, por esse motivo, as idéias republicanas "se confundiam" com outras formas mais amenas de apresentação. Ver Sílvia Carla Pereira de Brito Fonseca, "A Idéia de República no Império do Brasil: Rio de Janeiro e Pernambuco (1824-1834)", Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004, pp. 89-93.

[146] *Apud* Marco Morel, *Cipriano Barata na Sentinela da Liberdade*, Salvador: Academia de Letras da Bahia; Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2001, p. 181.

[147] Leite, *Republicanos*, pp. 34-5; Philip Petit, *Republicanismo: una teoría sobre la libertad y el gobierno*, Barcelona: Paidós, 1999, pp. 95-99.

articulada, dessa estratégia que mais adiante também seria necessária a radicais como Sabino.[148]

Na história desses compromissos, o rei ainda seria fiel de algumas balanças revolucionárias. Sob o título da união monárquico-federativa, rebentariam as revoluções de 1832 e 1833 na Bahia, e seria publicada, durante a Sabinada, a folha revoltosa *O Sete de Novembro*, em defesa da separação provisória do Estado da Bahia. Seus redatores, no entanto, rejeitariam a "pecha" de republicanos. No dia 07 de dezembro de 1838, já no curso da revolta, um enfurecido editor do jornal baiano desafiou seu colega do *Eco da Religião e da Pátria*, impresso em Santo Amaro: "Somos invectivados de havermos proclamado uma República, e de havermos derribado o trono do Sr. D. Pedro II. Onde a prática desses atos? Apresente-se". República para eles era anarquia. Falando assim eram tão conservadores quanto os "dissidentes do Recôncavo".[149]

Ao longo das experiências de poder do Primeiro Reinado, e em seguida da Regência, uma melhor definição dos campos políticos monarquista-federalista e republicano, na militância da imprensa e por vezes na própria lida revolucionária, contribuiria para escandir seus projetos e conteúdos programáticos. Sílvia Carla Pereira de Brito Fonseca, em estudo sobre a idéia de república na Corte e em Pernambuco entre os anos de 1824 e 1834, defenderá que "em estreita relação com a percepção de ruptura, o discurso republicano revela a esperança de um 'novo' tempo impulsionado pelo desligamento político com Portugal a partir de 1822, pela reação pernambucana à dissolução da Constituinte em 1823, mas sobretudo pela abdicação do imperador em 1831". A idéia de nação portuguesa será minada, diz ela, porquanto o trânsito semântico

---

[148] Morel, *Cipriano Barata*, pp. 245 e ss; Leite, *Republicanos*, pp. 43-7.
[149] O Sete de Novembro, 07.11.1838; Morton, "The Conservative Revolution", p. 322.

da expressão "português" a conduzirá de uma opção de integração nacional ao assombro de um fantasma absolutista.[150]

Na chamada "década liberal", que prepara a deposição de Pedro I e se fecha após o ciclo de revoltas duramente reprimidas pelo Estado em obras, podemos falar que a ascese republicana consolidara seu completo antimonarquismo. Fonseca, citando a *Bússola da Liberdade*, já em 1832, registra: "Não temos sustentado a Monarquia já Absoluta, já temperada? E que bens nos têm dela resultado? (...) Em um ano de Governo de Regências, que temos ganhado? (...) Um bem único (...) o conhecimento da incompatibilidade da Monarquia com a felicidade dos Povos da América".[151]

E os mesmos "pais fundadores" que antes haviam tolerado o monarca, afastaram-se de sua insustentável sombra, então refeitos do seu erro. "Em 1824 João Soares Lisboa será categoricamente um republicano". E se em 1822 ele também fechara com um "tipo de monarquia", "dois anos depois, no Recife, quando já se havia proclamado a república federalista de 1824, ele diz que naquela época estava enganado".[152] Junto com Caneca, decidira rumar para mais perto do Equador.

Para o *Novo Diário da Bahia*, publicado junto com *O Sete de Novembro* na revolta baiana de 1837, também havia chegado ao fim o tempo das ilusões. A Sabinada conclui o processo de 14 anos dentro do qual "virtualmente todos os grupos desprivilegiados se rebelaram contra o novo imperador". Em 1837, estudioso do americanismo, descrente do federalismo no Brasil, farto do "monopólio da Corte", e seguro de que o povo brasileiro "só não paga tributo para andar mais ou menos

[150] Fonseca, "A Idéia de República", p. 43.
[151] Sobre os principais traços do pensamento político brasileiro na "década liberal", v. Flory, *El Juez*, pp. 17-35; Bússola da Liberdade, 13.05.1832 a*pud* Fonseca, "A Idéia de República", p. 106.
[152] Leite, *Republicanos*, p. 42.

apressado", Sabino não quer mais ouvir falar do Imperador. A não ser que seja para aviar uma revolução.[153]

Portanto, se o rei conferiu por um tempo a garantia que adiou a ruptura institucional entre Brasil e Portugal, inclusive entre os republicanos, esse também foi o sentido que permitiu à figura do Imperador permanecer no horizonte político de grupos conciliadores e menos radicais, como era o caso dos federalistas na Sabinada. Porém, os episódios políticos da Regência sepultarão por completo o concubinato espúrio entre monarquia e república na Bahia. Ali, onde se lê república, leia-se separação com elemento democrático.

A esse propósito, Sabino tinha algo a confessar.

---

[153] Morton, "The Conservative Revolution", p. 286; Novo Diário da Bahia, 25.12.1837 e

Capítulo 3

PAPÉIS REVOLUCIONÁRIOS: OS DOCUMENTOS DA DIFERENÇA

3.1. Dos acordos e das estratégias em matéria de revolução no Império.

Ligando as pontas da ação do "tempo das divergências" na Bahia, Luís Henrique Dias Tavares afirmou que "a luta armada contra as forças militares portuguesas construiu argumentos para as manifestações de autonomia e federalismo identificáveis de 1822 a 1837, inclusive com a repetição de personalidades".[154]

Os argumentos e as personalidades levaram mesmo todo esse tempo mutuamente se recompondo, não pararam. Rebentando no final dos anos 30, a Sabinada pintou um quadro dramático das mudanças políticas, e propiciou o ápice da carreira revolucionária de muitos que, debelado em definitivo o foco das agitações, serviriam ao Estado como se houvessem nascido no berço da ordem.[155]

Nesse sentido, o acúmulo político representado pelas forças sabinas é o contraponto da reorganização da estrutura do Estado Nacional, representada pelo novo acordo das elites, postadas entre a tradição dos tempos coloniais e o desafio de reinvenção das peças que pudessem equilibrar os interesses das velhas nobrezas locais e das novas nobrezas letradas da cidade. Em meio a isso, a imperiosa necessidade de conter os arroubos dos livres pobres, dos "partidos republicanos" e dos escravos aspirantes a haitianos.

---

[154] Tavares, *A Independência*, pp. 18-9.

[155] Henrique Praguer fornece uma cronologia dos principais movimentos políticos brasileiros desde a queda de Pedro I, em 1831, até a Sabinada. Dentre os mais importantes, figuram a Cabanagem, no Pará (1835-40), a Balaiada, no Maranhão (1838-41) e a Farroupilha, no Rio Grande do Sul (1835-45). Henrique Praguer, "A Sabinada: História da revolta da cidade da Bahia em 1837". Marcus Carvalho conta a história dos Cabanos em Pernambuco no seu "Hegemony and Rebellion", pp. 236-83. Essas revoltas estiveram, de um modo geral, ligadas ao prolongamento das guerras de independência, em alguns casos adicionando a seus perfis importantes elementos de caráter étnico – como no Maranhão e no Pará – e movendo seus horizontes ideológicos em torno da idéia de república e de separação com protestos de fidelidade ao Imperador menor; Sobre a Sabinada e a Farroupilha, Walter Spalding.

Nesse processo, os lugares nunca estiveram dados, e os atores trocaram de papéis com a mesma velocidade com que pululou a rebeldia. O acordo socialmente diversificado que "superou tendências conflitantes" em direção ao completo desligamento do Estado Português cobrou seus pesados custos na passagem histórica de um processo que a repressão à Sabinada representa muito bem.[156] Nele, o Estado Nacional se reforçou no estágio que cumpriu, equipando as suas novas forças militares e nacionalizando seus esforços no curso da guerra.

Do ponto de vista das idéias políticas figuradas no debate, pode-se dizer que a revolta de 37 atualizou de maneira dramática a diferença desse tempo porque abrigou dentro dela mesma os elementos de sua mudança. Nação versus pátria, Rei versus república, união versus separação, o equilíbrio tenso que a revolução manteve se pautou num diálogo de forças que se demandavam de um ponto de vista pragmático: a revolução tinha de sair.

Na Sabinada, Paulo César Souza se refere a muitos que logo "renegaram o movimento: Ignácio Accioli, Almeida Sande e outros menos ilustres". O primeiro deles legou suas memórias acerca dos movimentos políticos da época, hoje uma peça importante para perceber as conexões entre eles. Souza ainda aponta a presença de um ex-presidente da Província da Bahia na "comissão de comerciantes encarregada por Sabino e João Carneiro Rego de abrir os armazéns fechados". Era João Gonçalves Cezimbra.[157]

Mesmo seu elemento mais radical, Francisco Sabino, conheceu uma trajetória que não era atípica nessa época de posições fluidas. Em 1832, um ano após a Abdicação

---

[156] Tavares, *A Independência*, p. 18.
[157] Souza, *A Sabinada*, pp. 172-3; Na Corte, Morel fala dos ex-exaltados, Nicolau Vergueiro e Francisco Sales Torres Homem, que depois de cumprirem carreira à frente de panfletos radicais foram, respectivamente, nomeados Senador Vitalício e Ministro das Finanças, no final da década de 20 desse século XIX. Morel, *As Transformações*, p. 113. Os exemplos não são poucos. Veja-se também Morton, "The Conservative Revolution", p. 286.

do“Tirano”, Sabino era editor de *O Investigador Brasileiro* e nele protestava em favor da confiança nos novos regentes da política imperial. Souza notou a sua ausência nos movimentos federalistas que assolam a cidade de 1831 a 1833, mas sua folha dá provas de perfeita compatibilidade com a visão reformista que os manifestos daquelas revoltas trariam à luz. Respondendo às acusações de um outro periodista, a quem ele parecia “tão amigo da ordem”, Sabino diz não haver lógica em ser inimigo de todos os governos. E pede a seu detrator que relembre os motivos pelos quais ele fizera oposição à gestão de Pedro I:

> era porque, e era verdade, a conduta daquele ingrato não era franca, e leal; seus atos administrativos tendiam sempre para uma liga, mais ou menos apertada, com Portugal. Seu amor e predileção para os *seus* era a toda prova; seu amor ao Brasil, e sua Constitucionalidade, era a todas as luzes forçado; donde, e de outros muitos princípios irrefragáveis se retirava, ajustadamente, a ilação de que ele não podia completar a felicidade do Brasil, e da Nação que o elegeu para seu chefe.[158]

Sabino se sentia traído como brasileiro. Queria reformar o governo e pôr brasileiros à testa das coisas públicas. Seu discurso era nacional. Era um reformista como muitos. E estava quieto. Porque “este Governo, esta Administração ainda não tem encetado seus trabalhos; ainda não se sabe o que ela será, nem o que poderá de si produzir”.[159]

A queda do Imperador parecia mesmo ter operado no cenário político efeito similar àquele dos acordos interclassistas da Independência. A esse respeito, falando de Barata, outro incontestável ícone do pensamento libertário, Marco Morel escreveu que “para Cipriano e os que comungavam das mesmas idéias e práticas o tempo era de festa.

---

[158] O Investigador Brasileiro, 08.06.1832.
[159] O Investigador Brasileiro, 08.06.1832.

A oposição ao Imperador começava a forjar uma aliança ampla de grupos políticos, num processo equivalente ao de 1822".[160]

Mas o Sabino de tipo conciliador não demoraria em pé. Talvez tenha dado a ler com mais atenção os livros de sua biblioteca. Voltaire, Rousseau, Sieyès. E em 1835, já podia completá-la com uma nova aquisição: "A Democracia na América" seria lançada naquele ano. Mas não se pense que Sabino era um visionário. Lia os relatórios escritos à Assembléia Provincial e às suas mãos chegavam os ofícios trocados entre as autoridades. Era uma espécie de cronista teórico. E o seu novo jornal, *O Novo Diário da Bahia*, fundado em julho de 1837, assumiria o papel de uma consciência crítica e militante da política do dia, lida a partir de "doutrinas gerais e filosóficas do Direito Político".[161] Passou a clamar abertamente pela revolução, pois a Regência, em quem antes confiara, não cessava de lhe dar motivos. Justificando-se em tom quase confessional, ele diria:

> Nenhum povo do mundo poderia conter-se tanto tempo nos limites da paciência e moderação, quanto o povo da Bahia; fazendo sempre renascer nossas esperanças pela salvação da Pátria, nós as víamos em breve tempo desfazerem-se como um sonho; fomos por certo até a nossa Revolução o ludíbrio e o escárnio de um poder arbitrário, que surdo aos nossos clamores, indiferente para com as nossas desgraças, contemplava-nos sem dó a desempenharmo-nos no precipício dos mais acerbos males.[162]

Nesse discurso revolucionário de Sabino, importa notar o uso dado a um conjunto de conceitos expressivos da teoria política, que sugerem não só a sua leitura dos clássicos e de seus contemporâneos, como também a sua capacidade de consagrá-los na interpretação dos fatos da narrativa diária do poder. As inflexões conceituais

---

[160] Morel, *Cipriano Barata*, p. 242.
[161] Inventário de Francisco Sabino, PAEBa, IV, pp. 203-9; Novo Diário da Bahia, edição de ( ), PAEBa, IV, pp. 397-8; Novo Diário da Bahia, edição de 30.12.1837.
[162] Novo Diário da Bahia, edição de 25.12.1837.

construídas para a formulação histórica da revolução indicam ainda que a troca de idéias com outros periodistas libertários era bastante provável.

Sílvia Fonseca examinou os argumentos de jornais da Corte simpáticos ao republicanismo, e é possível notar com clareza que muitos dos argumentos apresentados por Sabino para a sua defesa, e para a crítica ao sistema de poder da Regência, estavam presentes, por exemplo, em *O Repúblico*, no *Nova Luz Brasileira*, e no *Tribuno do Povo*.[163]

Aproximações com o pensamento de *O Republico* já tivéramos, páginas atrás, na demonstração da intolerância de Borges da Fonseca, seu redator, com a "promessa regencial". Mas os *topoi* republicanos não eram poucos.

A evidente inspiração da "comunidade republicanista" brasileira buscada na fórmula estadunidense era proporcional à rejeição do modelo dos americanos do sul. Sabino teve a oportunidade de desenvolver esse tema no *Novo Diário*, respondendo a recorrente questão dos conservadores, para quem os exemplos de "desordem e anarquia" das repúblicas do sul não recomendavam a forma republicana de governo. Sabino diria: "Não balbuciamos, nem este argumento nos confunde". Porque "dito deixamos pouco acima que os antigos usos, hábitos e costumes, formando uma segunda natureza, concorrem muito para obstáculo a outros usos e costumes que porventura se queira adotar".[164] Os "ex-espanhóis" não tinham o seu Tocqueville.

Na argumentação para sua defesa contra o júri que examinava o caráter "incendiário" de suas idéias, Ezequiel Corrêa dos Santos, do *Nova Luz Brasileira*, retoricamente indagou: por "pensar que o Governo dos Estados Unidos, esse governo

---

[163] Fonseca, *A idéia*, pp. 94-104.
[164] Novo Diário da Bahia *apud* PAEBa, IV, p. 402.

que formulação histórica da revolução indicam ainda que a troca de idéias com outros periodistas libertários era bastante provável.

Sílvia Fonseca examinou os argumentos de jornais da Corte simpáticos ao republicanismo, e é possível notar com clareza que muitos dos argumentos apresentados por Sabino para a sua defesa, e para a crítica ao sistema de poder da Regência, estavam presentes, por exemplo, em *O Repúblico*, no *Nova Luz Brasileira*, e no *Tribuno do Povo*.[165]

Mostra das aproximações com o pensamento de *O Republico* já tivéramos, páginas atrás, na intolerância de Borges da Fonseca, seu redator, com a "promessa regencial". Mas os *topoi* republicanos não eram poucos.

A evidente inspiração da "comunidade republicanista" brasileira buscada na fórmula estadunidense era proporcional à rejeição do modelo dos americanos do sul. Sabino teve a oportunidade de desenvolver esse tema no *Novo Diário*, respondendo a recorrente questão dos conservadores, para quem os exemplos de "desordem e anarquia" das repúblicas do sul não recomendavam a forma republicana de governo. Sabino diria: "Não balbuciamos, nem este argumento nos confunde". Porque "dito deixamos pouco acima que os antigos usos, hábitos e costumes, formando uma segunda natureza, concorrem muito para obstáculo a outros usos e costumes que porventura se queira adotar".[166] Os "ex-espanhóis" não tinham o seu Tocqueville.

Na argumentação para sua defesa contra o júri que examinava o caráter "incendiário" de suas idéias, Ezequiel Corrêa dos Santos, do *Nova Luz Brasileira*, retoricamente indagou: por "pensar que o Governo dos Estados Unidos, esse governo

---

[165] Fonseca, *A idéia*, pp. 94-104.
[166] Novo Diário da Bahia *apud* PAEBa, IV, p. 402.

que tem feito a delícia e a ventura dos conterrâneos de Washington; deverei (...) ser declarado criminoso? Não de certo".[167]

Borges da Fonseca, seu colega do *Republico*, completou o pensamento:

> Os inimigos da forma de governo americano quebram-nos a cabeça todos os dias com os horrores da ex-América espanhola (...). A causa das desordens da ex-América espanhola não depende da forma de governo, mas sim da matéria que não estava disposta para receber a forma. Os Americanos, já educados em um governo constitucional, com luzes e civilização necessárias, não lhe (sic) foi preciso dar o salto mortal que deu a América do Sul, da escravidão a mais abjeta (...) para um governo democrático onde deve reinar a virtude e o saber.

Por sua vez, fala Sílvia Fonseca, o redator do *Tribuno do Povo* considerava "um 'pretexto' a declaração de que o povo brasileiro não possui as virtudes necessárias à República". Para ele: "isto não nos priva de clamar que o Governo Republicano é o único que nos pode fazer felizes; e que por isso convém irem se dispondo para abraçá-los. Então não se diga decididamente: a República é má; é danosa aos Povos'".[168]

É idêntica a preocupação de Sabino, que na edição do dia 30 de novembro de 1837, elabora o seguinte:

> *As fórmulas republicanas não quadram com o Brasil, sendo tão nascente, e acanhada a ilustração do seu povo*. Lógica estranha!! Se vós reconheceis a fraqueza da educação política, franqueai-lhe os meios mais prontos de melhorar sua miserável condição; se o Governo republicano é o supra-sumo da organização mais apropriada para nivelar os Cidadãos, para derramar as luzes, e produzir emulação com a estima das capacidades em todo o gênero, por que não sancionais o Governo Republicano?[169]

---

[167] Nova Luz Brasileira, 3.09.1831 *apud* Fonseca, *A idéia de República*, p. 94.
[168] O Tribuno do Povo, 14.02.1832 *apud* Fonseca, *A idéia de República*, p. 94.
[169] Novo Diário da Bahia, 30.12.1837.

Mas naquilo que mais de perto interessa à hipótese desse trabalho, um outro diálogo de Sabino é mais eloqüente. Silvia Fonseca notou que *O Tribuno do Povo* "distingue aqueles que defendem a federação e a autonomia provincial, no contexto da reforma constitucional, e os republicanos". Seu redator justifica a distinção na base de uma "contradição indesculpável" entre o apoio à monarquia federativa e o sistema republicano, ciente da necessidade dos "contrapesos" ao poder do Imperador, que nem o sistema, nem a cultura brasileira apresentavam. Ora, é exatamente isso o que Sabino vive na revolta. E se ele se mantém na mesma luta com aqueles que pensam de outra forma é porque bem devia saber das dificuldades de reunir bom número de adeptos à sua causa.

Faça-se a observação de que esses periódicos da Corte escrevem para o período da intensa discussão em torno da abdicação de D. Pedro, cinco ou seis anos antes, portanto, de que Sabino expressasse publicamente seus dotes de pensador republicano. Registre-se, no entanto, que Sabino foi obrigado a se retirar da vida pública por conta de sucessivos problemas pessoais. Esteve preso até 1834, dedicou-se a pesquisas na área de medicina, sua profissão, nos anos seguintes, e só voltaria a escrever em 1837, fundando precisamente o *Novo Diário*.[170] Nada impede que, junto com o pensamento, revisasse as folhas antigas.

Proceder, portanto, a esse levantamento mais geral dos traços do pensamento político manifestado na revolta tem o grande interesse de colocar a questão relativa à identidade da Sabinada, e nos aconselhar a não tomar a parte pelo todo. Falo aqui, especialmente, de uma tendência da historiografia contemporânea em tratar a Sabinada como uma revolta de cunho federalista *tout court*. E também dos insondáveis motivos para a ausência de Francisco Sabino e de sua literatura republicana dos textos de autores

[170] Viana Filho, *A Sabinada*, pp. 87-90.

que se dedicam ao assunto no Brasil. Talvez por conseqüência da primeira atitude. Afinal, não se pode deixar de ver uma certa lógica nisso: república é uma coisa, federação é outra. Mas em 1837, elas convivem. Tensas, é verdade; mas convivem. Mas por que se chamou a revolta Sabinada? Sabino era apenas um federalista mais ousado? O fato é que, prolongando a imprecisão dos antigos, que viam na Sabinada uma confusa "mancha republicana" – e que tinham nisso um sinônimo da anarquia e em Sabino o maior dos anárquicos – os historiadores de hoje não puderam identificar ou desenvolver seu legítimo veio republicano, distinto da sua contraparte federalista. Assim como também distinto da anarquia de antanho.[171]

Por isso, ao lado da proposta federalista, unionista, nacional e imperialista do grupo da ata do dia 11 de novembro, temos o "projeto" republicanista, separatista e antimonarquista de Sabino. Se ele tinha um séqüito é algo que talvez possamos apenas supor, e sem deixar de considerar ainda que o aspecto moral de sua liderança possivelmente supria as adesões orgânicas às idéias que professava. Até porque seu currículo era vistoso e suas idéias estavam em trânsito acelerado.

Luiz Viana Filho reconhece nele "o mais notável dos revolucionários". E também o mais culto deles, "o que conhecia das últimas tendências d´além-mar, sabendo a última palavra sobre o regime republicano". Por isso, "não era preciso nem dizer nem proclamar – todos sentiam que ele era o chefe". Sobretudo pelos serviços prestados à causa da revolução, fosse na independência, onde lutou em Itaparica, sendo preso por insubordinação, fosse logo depois na tentativa de corrigir seus rumos ao lado dos Periquitos, em 1824, na cidade de Salvador. Nesse quesito, era um experimentado.

[171] Tavares chama Sabino de "líder federalista de 1837", *A Independência*, p. 27; João Reis inclui a Sabinada no campo das "revoltas pelo federalismo", analisando as rebeliões promovidas por livres e libertos "não-alinhados" na Bahia do período, cf. Reis, *Rebelião Escrava*, pp. 57-67, esp. 64. Sobre a confusão entre federação, república e democracia, v. Accioli, *Memórias*, pp. 159, 353. Falando da "ampliação da esfera pública" e da responsabilidade das idéias republicanas nesse processo, Renato Lopes Leite vai até as revoltas escravas da década de 30, menciona "insurreições de pardos" em Salvador, mas Sabino talvez não lhe tenha saltado aos olhos, cf. Leite, *Republicanos*, pp. 306-7.

No campo ideológico, era versátil, "nele as idéias produziam o efeito dum incêndio: enquanto ardia era deslumbrante; passadas as chamas, tudo era cinza, mesmo a idéia por que se inflamara". Sua única firmeza era o "espírito liberal, que, embora tomando tonalidades diversas, nunca o deixou". Viana Filho lhe empresta uma sonora voz.[172]

E para pensar as diferentes vozes do núcleo revoltoso da Sabinada, uma boa imagem é fornecida por Marco Morel, no seu estudo sobre os atores políticos da Corte entre as décadas de 20 e 40 do século XIX. Segundo as suas tendências políticas e a sua posição relativa frente ao espectro da Revolução Francesa, os grupos poderiam ser divididos em três: aqueles que combatiam o advento da revolução; os que, uma vez nela, queriam detê-la; e os últimos, que a queriam ver ampliada.[173]

Na Sabinada, essa imagem nos aproxima de uma forma diferente da questão do Estado legalista, que se erguendo da nuvem revolucionária para combatê-la, e também do problema dos que pretendiam controlar a revolução ao lado de outros que investiam na sua permanência. A revolta baiana traduz essa tensão entre reforma e revolução, ou, num par mais moderno e elegante, entre motim e sedição, no confronto de suas forças que divergem sobre os rumos a serem tomados e sobre os limites a serem impostos às mudanças promovidas.[174]

O federalismo manifestou-se na Sabinada por um discurso em que as críticas à má administração e ao mau governo sobrepuseram o desenvolvimento de um projeto de sociedade ou uma formulação mais atenta aos fundamentos do regime político. Esse "viva o rei, morra o mau governo", segundo Jancsó, "não subverte os fundamentos da ordem, antes busca restaurá-los": é o motim.[175] Tanto é que, assim como nas revoltas

---

[172] Viana Filho, *A Sabinada*, pp. 76-92; Souza Carneiro, "A Sabinada", p. 77.
[173] Morel, *As Transformações*, p. 40.
[174] Morton, "The Conservative Revolution", pp. 321-3; Souza chama a atenção para a "sua dupla natureza de rebelião contra a Corte do Rio de Janeiro e revolta popular contra os poderosos", cf. *A Sabinada*, p. 13.
[175] Jancsó, "A Sedução da Liberdade", p. 389.

federalistas que a antecederam e nas quais esse federalismo sabino tem reconhecida inspiração, não há dúvidas do seu interesse de atender ao chamado do Imperador, tão logo ele tocasse a idade legal. São palavras de *O Sete de Novembro,* periódico revoltoso afinado com essas idéias:

> Dizem, por exemplo, que temos proclamado uma república, uma república que os malvados dizem ser o reinado dos crimes – mas a Bahia, o Recôncavo, o Brasil todo, o mundo inteiro, vê e conhece que o que temos feito é separarmo-nos da união recolonizadora do Rio de Janeiro, subtraindo-nos à obediência dos tiranos do interregno, dos déspotas da Corte central, até que o Sr. D. Pedro II chame à sua emancipação, nos 18 anos de sua idade, tempo em que a constituição do Império o reconhece habilitado para tomar as rédeas do governo.[176]

Isso não é sedição. Porque ela vai até os "alicerces", diz o *Novo Diário da Bahia*:

> a Revolução não envolvia destacadamente a separação da Província. A nossa desmembração da Corte do Rio de Janeiro, o rompimento da Integridade do Brasil, foi um meio, foi um passo indispensável, sem o que nós não poderíamos realizar o pensamento de nossa insurreição. A Revolução de 7 de Novembro, como mais filosófica, como mais social, propôs-se a reconstituir o mecanismo na nossa organização política: se para obter este último resultado, promoveu-se a desligação da província, foi pela mesma razão porque se não pode erigir um novo edifício para substituir outro, sem que procedamos pela sua demolição até os alicerces. Como estabelecer a ordem democrática, por sua natureza independente, e soberana, sem desunir-nos do laço comum, da integridade; como sustentarmos a supremacia do poder atribuída, segundo a índole do Sistema antigo, à Corte do Rio de Janeiro, e ao mesmo tempo criarmos uma Administração toda revestida de faculdades, a fim de desenvolver uma atividade própria, sem influência de uma força estranha, de um poder superior? Seria tal contradição uma anomalia não conhecida em Política, um monstro incapaz de mais leve aparência de realidade.[177]

Era "só" por isso que Sabino entendia necessário se separar.

---

[176] O Sete de Novembro, edição de 23.11.1837.
[177] Novo Diário da Bahia, edição de 06.12.1837.

Portanto, não se trata de tentar conciliar as duas posições. Nem essas são "linhas a explicar em termos similares a separação". "Deixar" que essas duas correntes convivam contrárias, ou até contrariadas, é então o mesmo que admitir que fazer política implica fazer alianças e compor entre contrários ou diversos, para que se possa chegar a um resultado comum. E à questão colocada por Paulo César Souza a esse respeito: "como conciliar lealdade a um monarca com fé republicana?", responda-se: os sabinos não tinham intenção de conciliá-las. O que estava em jogo era cerrar fileiras em prol do acontecimento revolucionário. Assim, não parece acertada a sua avaliação, segundo a qual a Sabinada

> foi um movimento caótico nas ações e contraditório nas intenções. A incoerência não estava tanto na afirmação simultânea de república e federação. Afinal, não eram excludentes. O modelo que mais invocaram, os EUA, era uma república federativa. (...) No caso, o compromisso, a contradição foi a nunca negada submissão a D. Pedro.[178]

De fato, república e federação não eram excludentes nos EUA. Mas aqui, para Sabino, sim. A comparação com os Estados Unidos, que Sabino certamente gostaria que fosse positiva, frustrava-se com o fato de que, ao contrário dos estadunidenses, nós, dizia Sabino em agosto de 1837, "temos constituição bem liberal, cujos princípios vão todos por terra, por falta do espírito democrático". Ele continuava: "É esse espírito democrático que tem feito a felicidade dos Estados Unidos. É esse espírito democrático que conserva a igualdade e liberdade na Inglaterra, cuja constituição é bem pouco liberal".[179]

Por isso, o caráter de "reforma mais filosófica, mais social" da proposta do *Novo Diário* aponta para um sentido de república como o governo das virtudes, interessado sobremaneira nas "luzes" da educação política que pudesse abrir "a porta à difusão geral

---

[178] Souza, *A Sabinada*, pp. 157, 166, 170.
[179] Novo Diário da Bahia, edição de 11 de agosto de 1837, PAEBa, IV, p. 399.

destes conhecimentos ou cultura, que caracteriza o bom senso de um Cidadão, que forma o precioso catecismo das virtudes nacionais". Foi assim que Sabino contestou a fórmula conforme a qual "República não é para o Brasil".[180]

Nessa linha, o "Sistema antigo" dava lugar a uma "Administração toda revestida de faculdades", o que, conceitualmente, não se pode tomar por federação. Ao programa federativo, como lembrou o próprio Souza no exame dos manifestos federalistas de 32/33, interessava saber "qual seria a fronteira entre ´negócios internos' e 'gerais". A separação animada por Sabino conduziria a uma fase ainda mais à frente daquelas que o corpo político já atravessara, superando os "males da integridade" e temperando "a gravidade dos inconvenientes causados pela Monarquia".[181] A Monarquia de qualquer Pedro.

Então, não há "contradição", como pensa Souza. Há diferença. E isso faz uma grande diferença. Porque passaríamos a reconhecer nessa trama um acordo vazado, uma polissemia de intenções políticas que se pode alcançar pela idéia de estratégia, vale dizer, pela compreensão de que a revolução é possível pelo acerto mais ou menos precário de grupos socialmente politicamente diversos, que não representam por si sós uma suposta identidade do movimento, mas que nele se engajam pela aposta de controlar o seu curso, ou, na pior das hipóteses, aproveitar as brechas e melhorar o seu nível de dependência.[182] Vejam-se o quadro das ocupações e o perfil social dos sabinos, e essas considerações farão sentido. As assinaturas da primeira ata já indicam o caráter de uma revolta de classe média, que teria o apoio de pobres livres distintamente ocupados. Os documentos da repressão e a impressão dos contemporâneos nos

---

[180] Novo Diário da Bahia, edição de 30.11.1837.
[181] Novo Diário da Bahia, edição de 06.12.1837; Souza, *A Sabinada*, p. 163.
[182] Schwartz, *Segredos Internos*, pp. 380-5; Reis, "O jogo duro", pp. 88-96.

certificam de que a proporção desse último grupo ao final da revolta foi bem maior do que aquela expressa na ata.[183]. Que poderiam querer eles?

A leitura da sociedade brasileira do período, informada dos traços fundamentais do escravismo que a conformavam, ajuda a entender melhor esse processo das alianças possíveis e precárias. Ou o processo das impossíveis. João Reis dirá que ninguém entre os livres pretendia se aliar com escravos, e mesmo os libertos tinham interesse em conservar a ordem que os definia, atuando nos intervalos, haja vista a enorme dificuldade imposta à construção de um consenso político, fosse pelo diálogo, fosse pela força.[184]

Note-se, a esse propósito, que as revoltas de escravos não estiveram abertas à participação de elementos de outros grupos sociais, e mesmo as comunhões interétnicas não eram óbvias na política das armas entre os negros. Falo, sobretudo, dos africanos, tendo em vista que os crioulos, escravos nascidos no Brasil, deram poucos exemplos de rebeliões. Era outro o seu "jeito" de negociar a mudança.[185]

Na Sabinada, criou-se o Batalhão Libertos da Pátria, com escravos crioulos.[186] Mas pouco se pode dizer a seu respeito. A documentação é quase silenciosa sobre a sua atuação, e os processos nos quais a menção ao seu comportamento poderia ser identificada, deles resta muito pouco à disposição. Não podemos, portanto, considerar o que pensavam os escravos, quais eram os seus projetos políticos, se é que existiu nesse caso o embrião de um "partido crioulo". A sua presença, assim como a de muitos do povo pobre, livre e liberto, não nos pode induzir sequer à conclusão de que a sua

---

[183] Kraay, "As Terrifying", pp. 516-7.
[184] Reis, *Rebelião Escrava*, pp. 65-6; Reis, "O jogo duro", pp. 88-96.
[185] João Reis, "O Levante dos Malês: uma interpretação política" *in* Eduardo Silva, João José Reis, *Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista*, Companhia das Letras, 1989, pp. 99-122, esp. 100-11; Reis, *Rebelião Escrava*, pp. 94-121, esp. 119-21; Schwartz, *Segredos Internos*: pp. 383-4.
[186] Criação do Batalhão Libertos da Pátria, 03.01.1838, PAEBa.

participação foi decisiva de algum modo na sorte propriamente política da revolução. Esse temperamento obviamente não nega o caráter de sua emergência social e política – note-se que os crioulos foram "convocados" pelos líderes revoltosos – mas indica que, na falta de dados específicos a seu respeito, a sua participação no movimento deve se informar das linhas mais gerais de seu comportamento em situações de conflito dessa ordem.

O que a literatura sobre os movimentos políticos do período sugere, porém, é que as revoltas da classe média não puderam vencer as hierarquias estabelecidas pela sociedade escravocrata, e que a convivência revolucionária entre figuras de classe e de condição legal especialmente distintas não se deu em favor da igualdade. "A sociedade escravista colonial criara um conjunto de divisões de raça e *status* que interditava efetivamente a cooperação", dirá Stuart Schwartz.[187] São conhecidas as declarações de líderes revoltosos acerca da rejeição de combatentes libertos em "se ombrear" com escravos. Que era também deles de comandá-los.[188]

Nisso a Sabinada não destoou, por exemplo, da sua antecessora "Revolta dos Alfaiates", de 1789. Estudando a conspiração baiana, István Jancsó marcará que "a base das esperanças que convergiam para a sedição era, em cada caso particular, a condição social de seu portador". Uns queriam ascender a mais altos títulos, outros suprimir a escravidão. Duas "filosofias práticas da liberdade", ainda nas palavras de Jancsó, cuja sintonia esbarrava nos sólidos obstáculos da tradição, dos restritos espaços da ordem escravocrata e da ética "competitiva" do clientelismo.[189]

Não é possível, portanto, pôr muita fé na análise em que Sabino, tratando da felicidade que lhes teria sobrevindo à derrubada de uma monarquia abusiva e

---

[187] Schwartz, *Segredos Internos*, p. 381.
[188] Gomes de Freitas, "Narrativa", pp. 267-280.
[189] Jancsó, "A Sedução da Liberdade", pp. 427-8; Dele também *Na Bahia Contra o Império*, São Paulo, Hucitec/ Salvador: EdUFBa, 1996, pp. 203-6.

oligárquica, dizia "bem que entre nós não haja verdadeiramente separação de classes". Ou é de se supor que ele estava à procura de apoio dos moderados quando declarou que "depois da maneira porque já as fórmulas Monárquicas, se acha, vão entre nós, tão moderadas e modificadas pelo elemento Democrático, supomos que a nossa Revolução foi um passo bem pouco agigantado da Política anteriormente abraçada". Afinal de contas, as críticas à falta de uma "cultura democrática" entre os brasileiros marcavam sua opção pela república.

E ainda que os passos de Sabino e de seu grupo de letrados da classe média fosse assim tão "pouco agigantado", o mesmo não se poderia dizer das esperanças de liberdade dos demais sabinos. Não era esse o seu "liberalismo".[190] Falar deles e de seus projetos de poder é, porém, uma outra história. Por ora, fiquemos com os projetos da liderança, que por si já são um assunto bastante. Porque a sorte estava lançada e ela nunca estivera tão ao lado dos rebelados baianos.

3.2. 1837: Monarquia Federativa versus República – versão da Sabinada.

A falta de uma interpretação política contemporânea sobre o movimento dos sabinos se acusa especialmente pela riqueza das alternativas abertas ainda hoje pelo uso da documentação Com efeito, afora Paulo César Souza, nenhum outro autor da chamada história social se ocupou de rastrear os indícios da complexidade dos interesses revoltosos para além de documentos políticos mais ostensivos, como as atas da aclamação revolucionária. Esse exercício permitiria não só ampliar o repertório de questões sugeridas para o debate, como também enriquecer a leitura dos documentos já conhecidos, propondo-lhes abordagens novas, ou talvez assegurando a pertinência de outras, antes já sugeridas.

---

[190] Reis, "O jogo duro", p. 93. Carvalho, *Hegemony*, pp. 8-10.

Esse motivo nos leva a revisitar a obra de Luiz Viana Filho, escrita por ocasião dos cem anos da Sabinada, e que é a única dentre todas a desenvolver com mais atenção o aspecto da transação e das estratégias que se impuseram à existência de, pelo menos, dois grupos políticos na revolta. Para ele, as revoluções "uma vez lançadas na vida real (...) são obrigadas a adaptar-se, transigir, mutilar-se, ganhando em vigor, em força, o que perdem em pureza doutrinária, em limpidez ideológica".[191]

Naturalmente, ele estava se referindo ao episódio das atas. Ardoroso defensor do caráter sobremaneira republicano da revolta sabina, Viana Filho entende que a "corrente republicana" fora obrigada a recuar, pois "para a consecução dos seus objetivos, mais convinha, no momento, a solução conciliatória". Mantendo a autonomia dos grupos, Viana Filho acredita que, do ponto de vista tático, "aos idealistas da 'Sabinada' não repugnasse a sugestão de se retificar a ata de 7 de Novembro", haja vista que as revoltas do Pará e do Rio Grande do Sul tinham adotado condição semelhante.[192]

Por conseguinte, para ele o Trono era tido como um anacronismo, e sua elevação ao lugar de fiança revolucionária não "faria desaparecer a corrente republicana, que havia deflagrado o movimento, e que, se não pudera conter dentro dos seus limites ideológicos, continuava na direção da rebelião". Subterfúgio para uma "república definitiva", a natureza estratégica da mudança da ata não precisou, para Viana Filho, comprometer a distinção de suas tendências políticas.[193] Estavam seguros diante do incerto.

A estrutura da análise de Viana Filho, tal como apresentada, parece-me irreparável. Pretendo no seguimento do trabalho, continuando as suas hipóteses, oferecer outros elementos, e outros aportes documentais que fixem a interpretação na

---

[191] Viana Filho, *A Sabinada*, p. 110.
[192] Viana Filho, *A Sabinada*, pp. 108, 117.
[193] Viana Filho, *A Sabinada*, pp. 116-8.

linha da identificação dos monarquistas-federalistas ao lado dos republicanistas, lutando pela revolução e também dentro dela. E as notícias das traições, dos golpes e das tentativas de contra-revolução que as memórias sobre a revolução suscitaram seriam apenas mais uma forma de luta.[194]Aqui ficaremos com as que preferem o verbo.

Então voltemos às atas, nossos curtos documentos densos. Dentre as questões que soam ainda inexploradas no teor de suas declarações, uma se destaca: a arquitetura jurídica da argumentação da ata do dia 11 de novembro e suas conseqüências para o caráter da revolta.

A separação "perfeita" prometida na ata do dia 7 de novembro era coerente com a convocação de uma Assembléia Constituinte que "confeccionasse o Pacto Fundamental", cujo objetivo era precisamente fixar as condições da independência do Estado, ou, em outras palavras, criar a sua Constituição. Ocorre que o texto da ata de emenda se antecipa à instalação de uma Assembléia – que de resto nunca ocorreu – e fixa desde então os limites dessa independência. Nela, a menção ao artigo 121 da Constituição do Império, para justificar a separação provisória, nada mais é, juridicamente, do que a sonegação ao movimento do seu caráter propriamente revolucionário, haja vista que apoiar o regime jurídico de uma província separatista na Carta do Estado de que ela acaba de se desligar ou é a demonstração de uma bizarra teoria do "direito constitucional à revolução" ou é mais um elemento de prova da diversidade de referências, dessa vez jurídicas também, dos atores revolucionários. Que nesse caso não se empenharam em ser muito verossímeis.[195]

Por essa via, é possível chegar a uma fundamentação jurídica semelhante dos movimentos que inauguram o federalismo armado na década de 30 na Bahia, e que

---

[194] Souza, *A Sabinada*, p. 93, "Narrativa", p. 341; Kraay, "As Terrifying", p. 519.
[195] Ata da Sessão Extraordinária de 7 de novembro de 1837, PAEBa; Representação, 09.11.1837.

figuram como antepassados próximos desse que, no final da década, divide as responsabilidades com o grupo de Sabino. Muitos dos que estiveram em 32, na revolta de Cachoeira e São Félix, e em 33, na rebelião que tomou o Forte do Mar, marcaram presença na Sabinada, contribuindo certamente para a ligação entre a história e os princípios partilhados nesses movimentos.[196]

Os revoltosos do Recôncavo em 1832, no preâmbulo do manifesto que escrevem e promulgam na Câmara de Cachoeira, alegam exercitar “aquele mesmo direito que tiveram os Fluminenses de expelir o Tirano D. Pedro Primeiro”. Falam de província para província porque acreditam estar no uso do mesmo título que cabe às demais, que inclusive convidam para compor a “Federação e pede se reúnam para a solidez do Governo Geral e força da Nação Brasileira para o que haverá Assembléia Geral do Império”.[197]

Debelados no seu intuito meio-revolucionário, os rebeldes presos na Fortaleza do Mar, anos depois, reproduzem o mesmo documento, salvo algumas alterações, no levante que fazem irromper em tiros de canhão contra a capital. No manifesto do movimento, sobressaem as palavras do artigo 10, que é a sua síntese: “O Povo quer reformas na Administração Pública”. E no comunicado que os líderes do movimento encaminham ao Conselho da Província, fazem questão de salientar que a bandeira que haviam içado para manifestar o júbilo que os assaltara pela proclamação da federação somente “significa paz e alegria e este ato não prova mudança do Pavilhão Nacional, nem na forma atual de governo e sim reforma, porque nas Províncias Federadas das Nações Estrangeiras conserva-se e faz Nação uma só Bandeira”.[198] Instados a levantar a

---

[196] Daniel Gomes de Freitas, Sérgio Velloso, José Joaquim Leite, Alexandre Sucupira são alguns deles. Viana Filho, *A Sabinada*, p. 65.
[197] Accioli, *Memórias*, pp. 354-6.
[198] Accioli, *Memórias*, pp. 368-9.

bandeira imperial, com as balas que receberam em troca do comunicado, logo perceberam que nem só de alegria se faz uma revolução.

Os do Mar estavam convencidos, como os de um ano atrás, que o motim desaguava nas águas harmonizadoras do Imperador, a quem reconheciam como Chefe Geral da Nação. A rigor, pelo teor de suas declarações e pela natureza jurídica de suas propostas, as duas revoltas mais se assemelham a um direito de petição com o reforço das armas do que propriamente à construção de um aparato político que tomasse para si, não só o direito, mas também o ônus de fazer as reformas e definir as mudanças em questão. Sintomático disso é o último artigo do manifesto de 32, que declara que o povo da Província da Bahia "protesta não largar as armas sem que primeiramente veja cumpridos os artigos acima referidos". Ora, cumpridos por quem, se "o povo da Província da Bahia" é quem decidiu ir às armas?[199]

É bem verdade que na Sabinada uma questão correspondente a essa que acaba de se anotar para os movimentos de 32 e 33 é a natureza do engenho prometido para quando, alçado o Imperador à maioridade, a Província da Bahia decidisse regressar à condição de "filha obediente" da comunhão. Se era por isso que os federalistas protestavam, por que haveriam de pensar que a auto-entrega seria aceita ao cabo do tempo sem mais? E se era uma comunhão no Império, por que esperariam o decurso do tempo, com armas em punho, ao invés de constitui-la à sua maneira? Provavelmente, o horizonte de suas estratégias era a proliferação do movimento federalista no entorno regional, o que lhes poderia conferir força material e política suficientes para renegociar as condições da federação imperial. Mas não se viu, quer nos textos políticos, quer na capacidade de ampliação da revolução, qualquer traço decidido nesse sentido. Sergipe

---

[199] Accioli, *Memórias*, p. 356.

logo negou o convite, e Pernambuco até mandou tropas que resolveram o combate em favor dos imperialistas da lei.

Já no “Plano de Revolução”, a menção temerosa feita à direção que o Brasil perigosamente tomava no sentido dos governos feudais da Itália e da Alemanha é um claro apelo à integridade nacional, e o equivalente de um alerta às províncias co-irmãs para que tomassem as rédeas de seus destinos políticos e se pusessem a evitar a “sul-americanização” do Brasil, imitando os baianos, paraenses, maranhenses, rio-grandenses.[200]

Por isso, com razão, Souza vê motivos para incluir a Sabinada na tradição dessas revoltas federalistas baianas. Mas apenas em parte.[201] Nessa parte em que a razão lhe assiste, vemos João da Veiga Muricy, professor e ideólogo da Sabinada, e Manoel Joaquim Tupinambá, o juiz de paz de Itaparica, como alguns dos que publicamente declararam sua adesão à separação provisória, confirmando essa semelhança com os precursores.

Muricy formulou uma comparação: “Qual a diferença entre o governo do recôncavo e o governo da capital da Bahia? O governo do recôncavo obedece ao imperador constitucional do Brasil, o governo da capital também”. No interregno que supunha a Regência, Muricy declarou que, em nome da mesma majestade imperial, o governo da capital decidira dirigi-lo da Bahia. A fórmula é a mesma que adota Tupinambá, que em sua proclamação ao povo itaparicano, consagra a separação provisória como “uma forma tão regular, e segura, que nos ponha ao abrigo do arbítrio de alguém”.[202]

---

[200] Plano de Revolução *apud* Vicente Vianna, “A Sabinada”, pp. 122-26.
[201] Souza, *A Sabinada*, p. 162.
[202] Proclamação de Tupinambá, 11.11.1837, PAEBa, II, p. 71; “Um Padre de Réquiem” *apud* Vicente Vianna, “A Sabinada”, p. 152.

Possivelmente com o temor de arbítrio semelhante e pouco afeito ao "elemento democrático puro", o federalismo sabino encontrou n´*O Sete de Novembro* um porta-voz dessa tendência que se ocupava em demarcar claramente as suas intenções não-republicanas, ao lado da fidelidade ao Imperador. Se considerarmos que a formulação republicanista está historicamente associada à noção de igualdade, a edição do dia 19 de dezembro de 1837 dessa folha unionista foi longe em sua vontade de esclarecimento.

Filosofando sobre a "igualdade social", estabeleceu que: "Deve-se, pois, consagrar esta verdade, que todos os membros do corpo político são iguais aos olhos da lei, e não estabelecer, como um princípio fundamental, que todos os homens nascem iguais em direitos". Isso porque "este princípio, que apenas seria aplicável a uma sociedade nascente, é uma inconseqüência em um Estado a séculos civilizado". Prender a sociedade já desenvolvida à obediência dessa lei de "igualdade indefinida" era destruir a "emulação, e sem emulação não há prosperidade". Os fatores dessa "emulação", os setenovembristas apontam nas posses, nos títulos, nas dignidades que separam os sujeitos. O reforço desses signos de prosperidade numa sociedade escravista de estrutura social profundamente hierarquizada não parecia ter nada de revolucionário.[203]

No fogo cruzado da guerra, a sentinela do *Sete de Novembro* era a mais fiel defensora dos direitos estabelecidos na cidade. "Zelosos da liberdade, e independência nacional, nós não amamos menos a ordem, e a paz; nós temos empregados todos os meios de a manter, e temos tido a glória de o conseguir até hoje". E para prová-lo, rematam com uma lição moral:

> Diz-se um Povo moralizado e civilizado sempre que a maior parte dele, principalmente a plebe, respeita os direitos inalienáveis, e imprescritíveis, que a Natureza outorga ao homem. Ora, já se não duvida que os Baianos sabem respeitar esses direitos, pois nenhuma ocasião

---

[203] O Sete de Novembro, edição de 19.12.1837.

> melhor haveria para se poder evidenciar do que a presente época. Logo, não falta à Bahia a necessária moral e civilização.[204]

Se essas eram as entranhas mais lógicas e profundas da comunhão imperial, o desenvolvimento dos traços de um projeto republicano no *Novo Diário da Bahia* não permite supor que a "moral e a civilização" pudessem se atingir pelos mesmos métodos; que então houvesse compatibilidade entre as visões de igualdade, de regime social e de projeto de poder de seu editor e as daqueles outros que acenavam do lado imperial da fronteira sabina.

Souza, no entanto, procurou também fazer com que o grupo republicano estivesse na esteira dessa tradição, ou ao menos que confirmasse a sua vocação para a mesma "comunhão imperial". Ele reconheceu, creditando-o à análise de Viana Filho, o "republicanismo dos sabinos, embora sem partilhar algumas razões queridas por ele. E sem deixar de reconhecer como *sui generis* a república que pretendiam. Não podemos negar a fidelidade a Pedro II: impossível afirmar que 'o Trono era visto como um anacronismo'". Nessa direção, sua conclusão é a de que "a Sabinada pertence a uma linha de revoltas federalistas baianas que propunham o fim da integridade do Império, por uma comunidade imperial das províncias. À união deveria suceder a comunhão". E, na pista de uma hipótese que se inicia desde a atribuição da autoria do "Plano e Fim Revolucionário" a Sabino, Souza encontra uma prova no sentido do "complicado" republicanismo do *Novo Diário* em sua edição natalícia de 1837: "a nossa organização política não deve autorizar-nos a iludir obrigações a que estamos (sic) religiosamente sujeitos como membros da comunhão imperial".[205]

---

[204] O Sete de Novembro, edição de 05.12.1837.

[205] Souza, *A Sabinada*, pp. 162-3.

Na edição do dia 25.12, Sabino se pusera a arrazoar sobre a necessidade econômica da separação da província, já consumada, portanto num típico raciocínio *a posteriori*. O trecho mais amplo em que a citação acima está contida diz:

> Eis aqui uma inapreciável vantagem, que compramos com a separação da nossa província, eis aqui o grande benefício, que colhemos, impedindo o enraizamento de um cancro, que ia a devorar todas as fontes de riqueza pública, e reduzir-nos a penúria e condição miserável de um povo, que, sobrecarregado com um débito oneroso, vinha a não possuir coisa alguma, que pudesse chamar verdadeiramente sua. Forçoso é confessar que não nos libertamos no todo de um inconveniente tão gravoso, que consumia os nossos recursos, porquanto a nossa organização política não deve autorizar-nos a iludir obrigações a que ***estávamos*** religiosamente sujeitos como membros da comunhão Imperial.[206]

Ou seja, para Sabino, a comunhão imperial já era. Era coisa do passado. E num lapso tempo-verbal, Souza acreditou encontrar uma prova que, na verdade, depunha em contrário da idéia que acabou por defender. A república de Sabino era legítima.

E porque o projeto de Sabino não era o de uma comunhão, ele queria ser quitado de suas obrigações com ela. Porque não mais suportaria os “males da integridade”, era preciso demonstrar como a Bahia, sua pátria, “pode sem a menor dúvida manter-se sobranceira a qualquer gênero de necessidades”. A Bahia se bastava para ser Nação, e aí se ouve um eco como a dizer que “o Terceiro Estado é uma Nação Completa”, e que, até aquele momento não tendo ele sido nada, imperioso demonstrar “que os privilegiados, longe de serem úteis à nação, só podem enfraquecê-la e prejudicá-la.” Os “fofos aristocratas”, os “zangões da sociedade”, os “parasitas políticos”, Sabino ia reunindo motivos e imagens para justificar a vida sem eles.[207]

---

[206] Novo Diário da Bahia, 25.12.1837. Os grifos são meus.
[207] Emmanuel Joseph Sieyès, *A Constituinte Burguesa: Que´est-ce que le Tiers État?*, 4. ed., Rio de Janeiro, Lumen Juris, 2001, pp. 1-12, esp. 4; Novo Diário da Bahia, 07.12.1837.

Portanto, na medida em que a sociedade escravista o permitiu, sociedade cujas bases produtivas mais profundas Sabino não questionou, sua adesão aos ideais de igualdade pareciam sinceros e compatíveis com a moldura do elemento democrático que ele pensava projetar para o futuro. Futuro certamente pensado a partir de um lugar de classe, mas, extensivo, de alguma maneira ousada, ao diálogo com a mudança.

A estratégia de Sabino, muito diferente daquela de seus colegas federalistas, não incluía devolução. Por isso seus principais métodos táticos passaram pela fundamentação da "separação perfeita" da província, animada pela idéia, nitidamente tomada à Ilustração, de "revolução permanente". À catequese do seu jornal incumbia acelerar a revolução, pois "não há para os povos senão um meio de prevenir grandes revoluções, que é colocar-se em um Estado de revolução permanente, e sabiamente regulada".[208] Sabe-se lá onde ele ia parar.

A nós apenas restou saber que a revolução parece ter parado antes de Sabino e de sua vontade de expansão. Os problemas da ampliação da revolução para o Recôncavo, aliados a uma administração pífia da capacidade de converter a diferença política em ação, esses problemas não foram resolvidos e a revolta sucumbiu à urgência do tempo da guerra. Francisco Vicente Vianna pontuará que

> eram decorridos já 85 dias depois que na capital se proclamou o governo de João Carneiro, e em todo esse tempo quase nada tinha ele feito para sua garantia. Seus tinham-se tornado os arsenais, força militar e os dinheiros da Província, ocasiões as mais propícias para conquistar a Província, mormente durante o longo tempo em que ela esteve inerme, não lhe faltavam. E por que, pois, tal resultado depois de 85 dias?[209]

Na verdade, Carneiro Rego nunca deixou de ser vice. Aclamado presidente, mas exilado político, Inocêncio Rocha Galvão virou uma espécie de Godot sabino. Ante essa

---

[208] Novo Diário da Bahia, edição de 04.12.1837.
[209] Vicente Vianna, "A Sabinada", p. 204.

imagem bastante simbólica da falta de uma ação decidida, o governo rebelde virou uma espécie de "controlador de êxodos", regulando a entrada e saída de gente na cidade: complacente ao início da revolta; proibitivo no seu curso, e autoritário, ao final.[210] Mas os rebeldes não conseguiram determinar a identificação das pessoas com o seu regime. E as vozes políticas emudeceram sob o estampido da guerra.

[210] Souza, *A Sabinada*, pp. 35, 44; Decreto regulando a entrada e saída de pessoas na cidade, PAEBa, II, p. 73; Determinação, 20.01.1838, PAEBa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Forte de São Pedro, dia 15 de março de 1838, cai a tarde e uma bandeira branca se levanta à vista do Marechal João Chrisóstomo Callado. É Sérgio José Velloso, General e Comandante em Chefe das forças rebeldes, que lhe dirige os termos da sua proposta de rendição: "A força militar sob o comando do abaixo assinado, desejando evitar de uma vez o derramamento de sangue brasileiro, propõe: 1.º Que se depõem desde já as armas sob a condição de liberdade de todos, que jamais devem ser tidos como criminosos pelo simples fato de dissentimento de opiniões políticas".[211]

Ele sabia perfeitamente que nada havia de simples em discordar tão violenta e organizadamente dos fundamentos da ordem que, a custo, as elites em processo de recomposição procuravam firmar, aqui e ali, no vasto Império que resultara das forças fragmentárias de independência.[212] E divisava quanto sangue ainda lhes custaria derramar até o fim desse empreendimento. Afinal, diante de si e de sua guarnição, tinha a prova desses acordos temerários que se faziam para salvar a pele: o Marechal Callado, a quem o Império conferira a decisiva incumbência de resgatar a Bahia da sedição, era ele mesmo um militar português outrora "corrido d´esta cidade em 1831 pelos mais veementes indícios ou mesmo por evidentes demonstrações de querer aqui reparar o governo absoluto, por comissão de Pedro I".[213]

Na coerência das alianças políticas de então, antes um absolutista calado do que um libertário em plena obra palavrosa de salvação da pátria. Aliás, essa pátria, cujos sentidos se disputavam, para Velloso era a Bahia, que ele queria livre. Para os empregadores de Callado, a idéia de pátria se forjava cada vez mais próxima da idéia de

---

[211] Amaral, "A Sabinada", p. 44.
[212] Carlos Guilherme Mota (org.), *1822: Dimensões*, São Paulo: Perspectiva, 1972.
[213] Proclamação de Sérgio Velloso, 8.03.1838, p. 86.

nação – que era o Brasil – cuja imagem vinha demandando o reforço das batalhas ganhas, nos mais longínquos lugares, debaixo da combinação mais diversa das forças de regiões que se reconheciam literalmente na luta contra seus patrícios.[214] Fosse qual fosse o seu método. Afinal, no Império, guerras vencidas sempre rendem novos escravos; escravos que o Império, quando é vivo e generosa a sua mão, sabe bem perdoar. E nesse múnus repressivo-construtivo os burocratas imperialistas já tinham aberto as inscrições dos convertidos. E esses nem precisavam ter muita fé: logo apareceram os novos cristãos saídos da fogueira da Sabinada.[215]

E em se tratando de auto de fé, ninguém melhor que o padre “Carapuceiro”, talvez um dos mais cáusticos interlocutores da Sabinada, para expressar as energias conservadoras que a sua debelação provocou nos adoradores da ordem, como ele. Foi dos que mais lutou para transformar “dissentimentos de opinião política” em crimes de lesa-pátria. Não havia um mês que Salvador tinha sido retomada, e ele considerou: “Ainda não posso crer: todavia desmanchou-se a mais gostosa das Repúblicas, república de encher o olho, e as tísicas bolsas dos seus seguidores, boa laia de Patriotas”.[216]

O padre tocara fundo a questão. Porque se a bolsa dos sabinos era “tísica”, não o era absolutamente a dos regressistas. A base de sua segurança, a verdadeira força de suas vontades, os imperialistas as retiravam, claro, do próprio Estado. Nesse sentido, a Sabinada pode ser interpretada como a guerra das Proclamações, a guerra da sedução política em forma de avisos, convites, ameaças informadas por análises políticas, menções à lei e ao erário, que, de parte a parte, das trincheiras da revolta, revolucionários e legalistas faziam chegar àqueles que queriam ver ao seu lado: irmãos

---

[214] Jancsó, *Brasil: Formação do Estado e da Nação*, pp. 15-28; Jancsó, *Peças*, pp. 134-40.
[215] Documento sobre a anistia concedida por D. Pedro II em 1840, PAEBa, I, pp. 347-9; Ofício do Visconde de Abaeté ao Presidente da Bahia sobre a anistia condicional aos rebeldes de 1837 e sobre a deportação de Sabino e outros, 14.09.1840, PAEBa, I, pp. 383; Defesa do acusado sargento mor Inocêncio Eustáquio Ferreira de Araújo, pp. 91-8; Sobre o incêndio que recebe os legalistas na capital, v. Vicente Vianna, “A Sabinada”, pp. 228-9.
[216] O Carapuceiro, edição de 4 de abril de 1838.

da capital ou irmãos do Recôncavo. Afinal, os sabinos também tiveram por um tempo um Estado a que velar e explorar.

Do lado de lá, a formação do exército da reação foi a sensibilização progressiva dos elementos dispostos à proteção de seu patrimônio, eles se utilizando dos dispositivos historicamente construídos sob o seu poder de mando, intercalando propriedade e força pública, levantadas solidamente como um só símbolo de dominação. É o périplo de Gonçalves Martins pelo Recôncavo, para onde ele se dirigiu a "excitar o contra-movimento", lembrando aos senhores de terras as suas responsabilidades pelo restabelecimento da cidade, convocando-os ao "sacrifício" em nome da conservação do estado das suas coisas.[217]

Essas máquinas estavam prontas para todo e qualquer uso. Esses dispositivos formaram a condição retórica do sentido dos seus discursos, suas condições materiais de credibilidade; foram o âmago concreto do seu liberalismo: tudo o que se podia usar e de que se podia abusar na sedução aos "ambiciosos despossuídos".[218]

Na transição que a Sabinada representou, o novo – a polícia e a Guarda da cidade – e o velho – os coronéis das antigas milícias, proprietários rurais, e seus homens – sentariam praça juntos na feitura atual de um novo modelo de poder.[219] A revolta de 1837 constituiu, junto com outras revoltas provinciais, a oportunidade de testar esse novo aparato. Seu teste foi mesmo a sua primeira montagem. Foi sua verdadeira prova de fogo.

Dirigindo-se aos soldados, em proclamação do dia 19 de novembro de 1837, o Presidente Barreto Pedroso, recém empossado, indagou: "Soldados que restais na

---

[217] Gonçalves Martins, "Nova edição", pp. 247-52, Morton, "The Conservative Revolution", p. 351. Amaral, "A Sabinada", p 16.
[218] Carvalho, "Hegemony", p. 2.
[219] Kraay, "As Terrifying", p. 515.

capital da província! Que é que vos aí detém?".[220] Respondendo anos depois a questão, o promotor público que ofereceu denúncia contra réus da Sabinada apontou alternativas: "sedução, magia, desleixo ou falta de disciplina militar". Não devia ser o mais esperto dentre os seus pares.[221]

Porque nesse documento em particular, Barreto Pedroso mobiliza diante dos militares o *topoi* da lealdade, advertindo-os da traição em que incorriam ao obedecerem a superiores retirados da autoridade da Constituição Imperial. Tratava-se da lógica do serviço e da remuneração, dirá Kraay, que conformava a relação entre Estado e militares debaixo da regra da lealdade em troca de favores.[222] Com a palavra, o Presidente:

> O interesse do soldo que os rebeldes vos têm prometido? É a maior desonra em que poderiam cair os soldados brasileiros, a de perjurar, sacrificando a pátria à troca de um certo número de dinheiro; é o mais infame dos crimes em que os perversos vos procuram envolver, pois que esse dinheiro que vos prometem é roubado dos cofres públicos, dos órfãos e dos depósitos particulares, que eles não podiam abrir, e muito menos arrombar.

Mas ele não se furtou a lembrar ao Ministro Bernardo Pereira de Vasconcelos que a tropa legal queria aumento de soldo – como o tinha recebido a sua co-irmã rebelde – e "se acha muito animada e que nela confio, pois está comandada por bons oficiais, mas é absolutamente preciso não descontentá-la, nem lhe faltar às promessas feitas, posto que muitas tenham sido importantes".[223]

Na história dessa política particular, ninguém mais do que Callado, o general absoluto, representou a figura do pai admoestador, na "benevolência e brandura" do seu procedimento. Falando aos "Baianos iludidos", Callado os alertou para o crime "em que vos achais submergidos". Mas lhes assegurou que "vossos erros serão perdoados pelo Governo uma vez reconhecido o vosso arrependimento". Por isso, "meus braços estão

---

[220] Proclamação aos Soldados, 20.11.1837, PAEBa, II, pp. 74-6.
[221] Denúncia oferecida pelo Promotor Público ao Juiz de Paz contra os réus da Sabinada, PAEBa, I, 111.
[222] Kraay, *Race*, pp. 37-9; Proclamação aos Soldados, 20.11.1837, pp. 74-6.
[223] Ofício do Presidente Pedroso ao Ministro Bernardo Pereira de Vasconcelos, 29.11.1837, PAEBa, IV, pp. 437-8.

abertos para receber-vos, minhas ordens estão dadas a toda a tropa do meu comando para acolher-vos com fraternidade".[224]

Por sua vez, Francisco Paraíso, sem meias palavras, encerrou a tríade, dizendo "singelamente que nunca pensou pudesse um grupo de homens, que não tinham grandes posses, nem antecedentes de moralidade; que homens que tinham no passado crimes e dívidas pudessem embair e impor a sua vontade e os seus interesses a toda a população de uma grande cidade, capital de uma grande província".[225]

O que se entrevê daí é uma linha de força muito marcada do tipo de compreensão das relações políticas que animavam as autoridades legais. Evidenciam-se na sua idéia os pressupostos de que as convicções e as identidades políticas de seus interlocutores não resistiam ao peso dos favores. Portanto, esses favores estariam prontos a ser oferecidos pela causa. Não quero com isso, por outro lado, exagerar o papel da ideologia para a caracterização da autonomia política desses sujeitos, mas antes sinalizar sua importância relativa nessa sociedade frente a outros fatores não propriamente ideológicos de convencimento**.**

Numa sociedade de tipo escravista, sobretudo, para os pobres livres, as proclamações dos legalistas não podiam representar, em última instância, mais do que um chamado à boa submissão. Ocorre que no amplo jogo político dos favores e das dependências, essa boa submissão ao lado do "medo da morte" pode ter decidido muitas das vontades daqueles que, como a maioria dos sabinos, estavam entre o terceiro e o quarto andares da pirâmide social.

Nas relações políticas de trato patrimonial, Richard Graham dirá que "os agregados provavelmente tinham outras idéias, mas, com raras exceções, guardavam-nas para si mesmos". E depois de dizê-las, costumavam defender-se alegando coação.

---

[224] Proclamação aos Baianos iludidos, 26.02.1838, PAEBa, IV, 334-5.
[225] Amaral, "A Sabinada", p. 46.

"Por esse motivo, continua ele, cada homem buscava um patrão para protegê-lo, e cada um se esforçava para arrebanhar seu próprio grupo de seguidores".[226]

Portanto, não era admissível que Sabino, homem de tino, desconsiderasse essas importantes balizas da sociedade em que vivia. No entanto, ele nos confunde, ao se perguntar:

> Como é que se sacrificam sem fruto tantas vítimas, que fazendo a guerra a seus irmãos da Capital, não podem certamente nutrir o menor vislumbre de esperanças para o melhoramento da posição miserável em que se acham colocados? Tão forte é o poder das ilusões! Tão feroz é o ânimo dos malvados, que as alimentam![227]

Ora, mas por que brigariam os "irmãos do Recôncavo" ao lado dos da capital se contra os favores daqueles os sabinos lhe acenavam apenas com brechas?

Assim, no outro lado da identificação com os sabinos, parece-me que os elementos não propriamente ideológicos, mas igualmente políticos, responderiam em larga medida pela desigualdade da batalha, desequilibrada pelo peso das relações patrimoniais e clientelistas. Seria preciso desenvolver isso, mas essa já é uma outra história.

Nesse trabalho, investigando a diversidade das idéias entre os sabinos, pretendeu-se chamar a atenção para a riqueza de seus horizontes políticos e também para o nível de circulação de seu pensamento, em contato com a "comunidade libertária" espalhada pelo Brasil. Mas não se perderam de vista seus problemas, seus limites, seus tabus.

Falando bem como falavam os sabinos, se nos fosse dado imaginar a Bahia mais longamente governada por eles, talvez no fundo não chegássemos a resultado muito diferente. Sem pretender abstrair as próprias diferenças dos projetos entre os grupos

---

[226] Richard Graham, *Clientelismo e Política no Brasil do século XIX*, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997, pp. 38, 40. A coação irresistível é um dos principais motivos alegados, em seus depoimentos, pelos réus militares para justificar suas ações. Cf. Acórdão em processo militar, PAEBa, V, pp. 374-84.
[227] Novo Diário da Bahia, edição de 07.12.1837.

revoltosos, com isso quero apontar não só para os “limites operativos” dos meios de sua sociabilidade política, mas também para o que eles – os sabinos e também a historiografia sobre a Sabinada – não puseram em discussão: a luta de classes na ordem clientelista e escravocrata e as suas conseqüências para qualquer debate político que reunisse elementos de diferentes origens sociais em nome comum. Especialmente quando associados a escravos.[228]

Parece residir aí, sobretudo, a fraqueza material do seu projeto político e os problemas de sua longevidade. Parece estar aí grande parte das razões pelas quais a Sabinada não foi capaz de organizar as energias revolucionárias a partir das suas propostas ou do “arco de sua promessa”.

A falta que faz esse estudo para a Sabinada se alia a outra importante ausência, que é a de um adensamento político das relações políticas na Bahia durante o período da Regência, o que subsidiaria em larga medida a análise da imprensa militante da época e ajudaria a rastrear, com as idéias em confronto no espaço público, as linhas ainda que um pouco gerais dessas instâncias de associação e de sua inscrição na vida como cultura. Mas isso fica mais pra frente. A Sabinada não acabou, e os documentos a seu respeito ainda pedem novas explorações. A sua diversidade é o seu grande interesse.

---

[228] Marcus Carvalho procura demonstrar como, na construção de um sistema hegemônico de poder numa sociedade escravista, a luta de classes, ainda que incipiente, manifestou-se na rede de relações clientelistas. Ver seu “Hegemony”, pp. 8-9; Edward Thompson, "La sociedad inglesa del Siglo XVIII: ¿Lucha de clases sin clases?" *in* Tradición, Revuelta y Conciencia de Clase, Barcelona, Crítica, 1979, pp. 39-42.

ANEXO 1

ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DE 7 DE NOVEMBRO DE 1837

Aos sete dias do mês de Novembro de mil oitocentos e trinta e sete, presente o Sr. Presidente Souza Gomes, e vereadores Antunes, Villaça, Lucio, Teixeira e Barboza d'Almeida, servindo de secretário por grave impedimento de saúde do atual, José de Barros Reis, concorreram aos paços da câmara municipal d'esta cidade as pessoas mais gradas da província, autoridades militares e civis, e grande número, ou concurso de todas as classes, e fizeram declarar, que a opinião geral da província continha-se nos seguintes artigos, que foram altamente lidos pelo advogado José Duarte da Silva.

Declaração: - A tropa, povo baiano, guardas nacionais e policiais reunidos no forte de São Pedro, em vista das necessidades públicas, as bem conhecidas más intenções do governo central, que a todas as luzes procura enfraquecer as províncias do Brasil, e tratá-las como colônia com menoscabo notável de sua dignidade e categoria, tem liberado adotar os seguintes artigos:

Artigo 1º - A província da Bahia fica inteira e perfeitamente desligada do governo denominado central do Rio de Janeiro, e considerada Estado livre e independente pela maneira por que for confeccionado o pacto fundamental, que organizar a assembléia constituinte, que deverá desde já ser convocada, procedida à eleição de eleitores na capital, e ao mesmo tempo proceder-se por toda a província a eleição de eleitores, que elegerão nova assembléia para desenvolver as bases apresentadas pela primeira. O número dos deputados de trinta e seis, conforme a declaração feita.

Artigo 2º - O Senhor Innocencio Rocha Galvão é o nomeado para presidir o Estado, e na sua ausência aquele que for de presente diretamente eleito.

Do comando das armas, porém fica encarregado o Senhor Major do 3º Corpo de Artilharia Sergio José Velloso, elevado a coronel efetivo, e brigadeiro graduado, em atenção aos relevantes serviços por ele prestados.

Artigo 3º - Os demais oficiais militares gozarão de dois postos de acessos atentos aos seus serviços e preterições que têm sofrido.

Artigo 4º - O comando do brioso Corpo de Artilharia é confiado ao Sr. Major Innocencio Eustaquio Ferreira de Araujo, no posto de tenentes coronel efetivo e coronel graduado.

Artigo 5º - O governo executivo proverá na segurança da província com aquela tropa que for necessária, nomeando oficiais de sua confiança, e tendo sempre em vista aqueles das extintas milícias, que tem prestado importantes serviços à Pátria.

Artigo 6º - Fica elevado ao posto de tenente-coronel o Senhor 1º tenente Daniel Gomes de Freitas, e a Major o Senhor 2º tenente José Nunes Bahiense, atentos seus serviços.

Artigo 7º - O soldo da tropa de linha fica igualado do Corpo de Polícia.

Depois desta leitura, que foi aprovada por aclamação das pessoas que se achavam presentes, houve o Senhor presidente em vista do art. 2º, lembrar que se devia nomear desde já quem houvesse inteiramente de tomar conta da presidência do Estado visto que a província se achava acéfala; razão porque a câmara se havia reunido, e sendo por um dos concorrentes apontado o Sr. João Carneiro da Silva Rego, foi unanimemente eleito, e a câmara o convidou para tomar conta das rédeas do governo, depois de prestar o respectivo e necessário juramento de bem desempenhar o lugar para que interinamente tinha sido eleito e aceitado. Feito o que, e depois de dois discursos recitados pelo mesmo senhor eleito, e pelo Sr. Francisco Ribeiro Neves, retirou-se o povo, e o Sr. presidente da câmara houve a sessão por levantada.

Bahia, 7 de Novembro de 1837. E eu Luiz Antonio Barbosa de Almeida, vereador servindo de secretário, o escrevi e o assino.

ANEXO 2

Representação. – Ilm. e Exm. Sr. – Os cidadãos abaixo assinados desejosos de que a tranqüilidade publica por nenhuma maneira sofra as mais leves alterações, por isso que se há conhecido o lapso de pena da ata que teve lugar em o memorável dia 7 do corrente ante a Câmara Municipal, quanto a não se ter expressamente declarado que a separação d’este Estado será até a maioridade de dezoito anos de S.M. o Imperador o Sr. D. Pedro 2.º como diz o Art. 121 da Constituição para o Império do Brasil, há introduzido receios, e desconfianças n’esta Capital, em conseqüência de se ter assentado n’esta medida, quando se tratou do glorioso feito provido n’aquele dia, e por aquela ata, vem representar o expendido a V. Exa. para que se digne, com a brevidade possível, convocar a Câmara Municipal, e as classes gerais d’este Estado, a fim de que, reunidas, se proceda em ata a mencionada declaração, pois que estão convencidos de que esta medida é tanto de suma vantagem, quanto a única capaz de fazer conseguir todos os ânimos a abraçarem a causa proclamada, livrando o Estado do flagelo que ordinariamente se experimenta, quanto as mudanças políticas do Governo não são unanimemente abraçadas. Bahia, 9 de Novembro de 1837. (seguião-se as assinaturas).

ANEXO 3

Ofício – Recebendo este a inclusa representação, assinada por mais da maioria dos cidadãos que assistirão ao ato da aclamação da Independência d'este Estado, na qual mostrarão ter havido omissão na ata, que ante essa Câmara foi lavrada em o memorável dia 7 do corrente mês, em que teve lugar a dita aclamação, quanto a não se ter expressamente declarado que a separação da Província em Estado independente era até a maioridade de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro 2.º, como diz o Art. 121 da Constituição para o Império do Brasil, transmito a Vmces. a mencionada representação para que, mandando lavrar uma ata da declaração requerida, façam isso mesmo publicar por Editais, convidando ao mesmo tempo os cidadãos que quiserem assinar a referida declaração. Deus guarde a Vmces. Palácio do Governo da Bahia, 11 Novembro de 1837. – *João Carneiro da Silva Rego.* – Srs. Presidente e membros da Câmara Municipal desta Cidade.

ANEXO 4

ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DE 11 DE NOVEMBRO DE 1837

Presente os Srs. Luiz Antônio Barbosa d'Almeida, Lucio Pereira d'Azevedo, Dr. João Antunes de Azevedo Chaves, Vicente José Teixeira e Antonio Gomes Villaça, faltando com parte de doente o Sr. Souza Gomes, e sem ela os Srs. Abreu, Angelo da Costa, e Ponce Leão, tomou o lugar de Presidente da Câmara o Sr. Luiz Antonio Barboza d'Almeida, e declarou, que o objecto da sessão de hoje era uma Portaria do Vice-Presidente do Estado, que mandava convocar a Câmara a fim de que a vista da representação que remetia, assinada pela maioria dos Cidadãos que assistirão ao ato da aclamação da independência d'esta Província, pedindo declaração da ata de 7 corrente,

acerca de considerar-se a Independência somente até a maioridade do Imperador o Sr. D. Pedro 2.º, em conformidade do Art. 121 da Constituição do Império, fizesse a Câmara a referida declaração; depois do que o Sr. Presidente mandou ler os preditos ofícios e representação.

E resolveu-se que se mandasse publicar por Editais, não só a declaração feita, senão, também o convite aos cidadãos para que comparecessem no Paço d'esta Câmara a fim de assinarem a presente ata, que se mandou imprimir.

Feito o que, passou-se à nomeação interina de Juiz Municipal para a Cidade, em conseqüência do impedimento de moléstia do atual e foi eleito o bacharel formado Antonio José Pereira de Albuquerque, a quem se mandou fazer o competente aviso para vir prestar o juramento do estilo. Fechou-se a sessão.

ANEXO 5

MANIFESTO

« Tendendo o Brasil para o Governo livre, e conhecida a necessidade de transigir com o espírito público, publicou-se a 10 de Fevereiro de 1821 a constituição, que, porque fosse toda portuguesa, acarretou consigo um sem número de inconvenientes, já deixando em oscilação grande parte da província da Bahia, que almejava sua inteira independência do governo português, já dando armas ao governo para destruí-la, e privar-nos assim de um pequeno passo para liberdade.

O governo provisório, levado deste último intuito, sem dúvida, e temendo sobremaneira o primeiro, em despeito da confiança dos baianos prendeu a vários patriotas brasileiros, e deportou-os violentamente para Lisboa, entregando-os d'est'arte

ao furor daqueles que desejavam aniquilado o primeiro intróito para independência das províncias brasileiras.

Este passo, assaz traidor, indiscreto, demasiado impolítico, deu azo a um perfeito choque entre a tropa portuguesa e brasileira do qual foram testemunhas os deploráveis dias 19, 20 e 21.

Desesperados os ânimos, e entrevista a mão que dirigiu o governo provisório, os habitantes da Bahia não recearam perda de seus bens, de sua vida, e gritando às armas, correram para o interior, só tendo nas ações valor e no peito independência.

Mas um recurso havia ainda a Portugal para n'um dia frustrar tantas fadigas a bem da pátria.

Este recurso apareceu na declaração do príncipe D. Pedro 1º em aderir à causa do Brasil, e se aclamar sua independência, que felizmente se fez.

Porém, como as intenções do príncipe, que más eram, deixavam ver-se sob o encapotado de suas expressões, tudo nos antolhou como um feito em balde.

Convocava-se a constituinte para lisonjear os olhos brasileiros, que postos estavam na conduta do Monarca, e esta constituinte é dissolvida pelo espetáculo das bocas de fogo, que rodeavam a casa das sessões.

Aparecem novas deportações, e a marcha do gabinete secreto apresenta uma tendência progressiva para o absolutismo.

Tenta-se proclama-lo de mãos com os portugueses, e rebenta o glorioso 7 de Abril, que soado na Corte, reflete como o movimento da eletricidade em todas as províncias do Brasil, e o trono fica vazio de um príncipe que não simpatizava com as fórmulas constitucionais.

Aclama-se seu filho o Snr. D. Pedro 2.º, e a ambição rompe os diques que lhe impunha o bem estar do Brasil e a menoridade do Imperador é o alvo de todas as pretensões.

Recolhem-se as impressões simbólicas da vontade geral, um brasileiro liberal reúne os apanágios do império e sobe à cúpula.

O descontentamento, filho primogênito da ambição, não dorme, inventa, pretexta, cria sistema que, apelidando-se de regresso, tende a fazer descer da primeira magistratura aquele mesmo que tinha sido a ela elevado pelo voto público.

Efetua-se em verdade, a 19 de Setembro, e com ele a aspirada abertura dos cofres nacionais, onde são depositados os rendimentos da Bahia, que só para sustentar o luxo espantoso da Corte, mal se serve e esgota os cofres provinciais, diminuindo na grandeza que lhe cabe, e privando-se dos melhores esclarecimentos que porventura se poderiam construir.

Criam-se novos tributos, e o povo geme debaixo do peso de tanta opressão.

O Rio-Grande se declara independente, mas o governo dos Calmons e Vasconcellos tudo intriga, tira a tropa das províncias, prepara e arma os portugueses para suplantar os rio-grandenses.

A Bahia conhece a marcha errada da administração, as más intenções daqueles que a governam, treme, trem a vista dos continuados saques sobre as rendas das províncias para o aspecto da fome, censura o governo, reconhece no presidente Paraiso, míope no ramo administrativo, a cega obediência as ordens traiçoeiras do centro e o menosprezo aos clamores públicos.

Pronuncia-se a opinião contra ele, contra seus atos, tudo a pior!

Fala-se de planos de revoluções; muita gente é indigitada; arma-se a marinheirada; os portugueses têm ordem de fazer oposição aos baianos; um trem de guerra prepara-se e tudo anuncia nossa escravidão, há tanto projetada!

Neste apuro de circunstancias o que cumpre fazer? Quebrar as cadeiras que nos roxeam os pulsos, fechar para sempre os cofres da província ao luxo da Corte, declarar nossa independência e esperar tudo de nossa prudência, de nossa adesão a causa da liberdade, de nosso amor a ordem e de nossos desejos pela paz pública. Tudo está em nós mesmos; força, constância, reflexão e liberdade no comércio, e não tenhamos nada do Rio de Janeiro, que escravos não podem dar luz, que fortes empunham a peitos livres.

Bahia, 7 de Novembro de 1837. – *João Carneiro da Silva Rego,* vice-presidente. Tipografia do Diário. Impressor – F.T. de Aquino. »

ANEXO 6

- Plano de revolução:

« Que o Brasil se acha numa crise, a qual devia por as províncias em um verdadeiro e seguro estado de liberdade o que se não pode nem livremente duvidar, e os fatos das províncias do Pará e Rio Grande do Sul etc., confirmam esta verdade.

Entre o estado atual do Brasil e aquilo que ele deve ou promete ser há uma diferença que se não compraz com a menor idéia de grandeza, prosperidade, segurança e liberdade.

Temos corrido, por assim dizer, após constituições imaginárias; nada tem sido real entre nós, tudo é engano, tudo é ilusão, e sempre se diz: não é mais tempo de enganar os homens quando tudo que se há até aqui feito, tem tido por fim somente enganar; o regime atual é em verdade pior que quantos tem aqui tido infeliz brasileiro; é

mister que cesse este estado de oscilação, de dúvida, de monopólio político que vai acabando com o brio e caráter brasileiros.

Todo o mistério da riqueza e felicidade dos povos consiste em serem bem governados; o interesse geral deve ser o único fim de quem governa; as leis devem ser feitas para o interesse de todos; a igualdade perante ela uma estável garantia do sistema livre; e é isto que se tem obrado no Brasil?

Té aqui o governo executivo aspirava usurpar todas as regalias de um poder quase absoluto.

Pedro 1.º aspirou a tirania, as opiniões se reuniram, o fogo do patriotismo consumiu seu trono para erigir um novo a seu augusto filho. Uma menoridade que vem desenganar de quem é um povo pequeno e ainda pouco cheio de notabilidades científicas, as ambições chegam a tomar o domínio entre as massas e as dirigem como rebanhos brutos. Tirou-se a vara do tirano para se subdividi-la infinitamente por déspotas pequenos, ambiciosos, turbulentos e sem o menor vislumbre de igualdade e do bem de seus semelhantes que, cuidando só de seus pequenos interesses, nada pensam, nada empreendem que não seja para sua elevação, e de seus parentes, de seus amigos e de seus apaniguados.

Neste sentido eles têm procurado à custa de baixezas e ignomínias, sentar-se nos bancos parlamentares, e daí não tardarão que não reduzam o miserando Brasil a um governo feudal, ou de pedaços de terra e distritos pertencentes a juizes de direito por ora e logo donos ou senhores desses mesmos terrenos.

Enfim, o Brasil em semelhante marcha não tardará reduzir-se aos principados da Itália ou da Alemanha.

Muitos patriotas de boa fé julgaram que, passando o Brasil do estado de monarquia absoluta sob os governos dos ferozes reis portugueses, de João VI para o

governo Constitucional com um monarca também constitucional, se fosse possível acha-lo poderia ir por gradações sucessivas até o estado republicano que era possível então aparecer o combate das armas sem o tiro do canhão, sem o jugo da espada, e só pelo progresso e poder irresistível da razão e da inteligência (não da pra ver se são dois pontos ou ponto e vírgula); mas os cálculos falharam como falha a maior parte dos cálculos humanos.

O sempre sábio Achiles Murat admira-se do fato notável que « observa na história, o estado de barbaridade mais ou menos completo em que alguns povo têm jazido, enquanto outros têm levado a civilização a seus últimos limites »; e nós devemos ainda mais admirar de que, estando o Brasil implantado na América, tenha ido cada vez mais em atraso quanto as fontes e princípios de sua tão gabada riqueza e origem de prosperidade.

O mesmo republicano Murat, talvez aprendendo de Thomaz Penn, crê e afirma que a Europa será republicana n'estes cinqüenta anos.

De certo, com a marcha que teve o Brasil, esse gigante, que para assim dizer podia ser a cabeça da América, nem n'estes outros trezentos e trinta e sete anos pode lá chegar.

Não é de certo pelos defeitos das raças, como alguns escritores pretendem, porque a raça brasileira é das mais vivas e talentosas, mas somente pela boa fé e falta de experiência com que se deixam amordaçar por estes fraxinotes ambiciosos. É que um governo repetimos, nem deve nem pode obrar senão no sentido e só no sentido do interesse dos governados, e entre nós cada um tem subido ao mando e aos lugares para si, e seus amigos e suas famílias. O que nos pode enganar é ver que qualidade de gente, que jamais foi coisa na Bahia, se acha hoje dando as leis! Entretanto eles aí estão deputados, com votos para senadores, e uns ou foram desde a guerra da Independência,

ou têm visto tudo por detrás do armário, e saem só para comerem os doces, que nele se hão guardado.

O verdadeiro governo é o governo das minorias ou opinião pública; as massas não devem estar à disposição de meia dúzia de espertos; o governo absoluto não presta; com o governo constitucional monárquico nada temos feito, antes cada vez mais retrogradamos; as reformas das constituições foram quimeras; a tropa ficou na mesma; o monopólio da corte de se conserva; tudo para lá vai; tudo só lá se pode ver; as promoções militares são somente para a corte; alferes e tenente de 12, 16 e 20 anos enganados estavam e enganados ficaram com tais reformas, dinheiro só circula na corte; a pobreza e miséria das províncias vai em espantoso aumento.

Vede a Bahia, a 2º. capital do império, a que se acha reduzida! Que é do seu comércio? Onde sua lavoura? Impostos e mais imposto para saciar os ladrões é o que nos há de enriquecer? Que resta, pois? Está bem claro e nem é plano de ambição que devemos cuidar em nossos interesses, largarmos o cambão da corte enquanto menor o imperador para chegarmos ao que devemos ser.

Não só nos diz o citado republicano Achiles Murat – nós somos os americanos como uma bola rolando com um movimento acelerado sobre um plano inclinado; e que não pode parar senão em seu fim.

PLANO E FIM REVOLUCIONÁRIO

É certo que no Rio uma facção dos nossos pequenos ambiciosos e aristocratas sem títulos, derribarão o único simulacro que tem o Brasil, de um governo livre, isto é, a regência de um só homem, verificado no padre Feijó; e porque assim tem acontecido, esta Província deve se por a salvo dos golpes do partido e facção aristocrática-portuguesa.

Declara pelo povo e tropa em movimento:

Primeiro. – A Bahia, fica, desde já, separada e independente da Corte do Rio de Janeiro, e do Governo Central, a quem desde já desconhece, e protesta não obedecer nem outra qualquer autoridade ou ordens dali emanadas, enquanto durar, somente, a menoridade de D. Pedro 2º.

Segundo. – O povo baiano reassume sua soberania, em toda a extensão da palavra, anulando assim, e desde já, todos os poderes que há até aqui delegado a todos os Srs. Representantes, mandatários e Autoridades eletivas de qualquer categoria e natureza que possam ser.

Terceiro. – O povo baiano desconhece e protesta não obedecer a quaisquer atos, não só dessas Autoridades e Empregados emanados do seu poder, como de outro qualquer ramo dos poderes até aqui constituídos.

Quarto. – Uma Assembléia Constituinte será convocada composta de Deputados pela Capital, seis por uma das Vilas mais populosas e quatro pelas mais pequenas.

Quinto. - Um presidente será já eleito interinamente, por aclamação entre o Povo, e Tropa reunida na Capital, enquanto a Assembléia Constituinte organiza a Lei do Estado.

Sexto. – Um comandante das armas, também interinamente será feito a escolha, e confiança do Presidente, e submetido à aprovação da assembléia constituinte.

Sétimo. – Enquanto a Assembléia Constituinte não se organizar as bases da Constituição do Estado da Bahia de Todos os Santos – o Presidente nas ocasiões em que correr perigo a Pátria, e segurança do Estado, assumirá o comando em chefe das forças.

Oitavo. – O Presidente durante a atual crise, e enquanto não passar a outro o poder executivo, de que fica interinamente investido, é estritamente responsável pela tranqüilidade da atual ordem das coisas.

Nono. – O Presidente é investido pelo Povo e Tropa de todos os poderes necessários para por em prática todos os meios concernentes ao fim acima declarado.

Dez. – Ao Presidente compete a nomeação do Secretário ou mais Secretários, e mais agentes e delegados que julgar convenientes ao serviço e segurança do Estado da Bahia.

Onze. – O Presidente desde já declarará um Exército permanente e próprio do Estado da Bahia de todos os Santos, procedendo à organização, numerações e postos respectivos.

Doze. – O Estado da Bahia garante somente a dívida pública externa do império, constituída antes do presente ato, amortizando-as com as quotas até aqui estipuladas.

Treze. – Todos os rendimentos de qualquer espécie, ou natureza que sejão não poderão sair do Estado a qualquer título ou requisição que sejão, porque todos ficam desde já destinados a suas despesas e economias.

Quatorze. – O Presidente afinal é chefe supremo do Estado, todas as mais autoridades de qualquer classe, condição ou hierarquia lhe serão subordinadas e obedecerão prontamente às suas ordens, donde claro fica não são aqui excetuadas as Autoridades Eclesiásticas, etc., etc. »

ANEXO 7

NOVO DIÁRIO DA BAHIA – JORNAL POLÍTICO E COMERCIAL

Tip. – Rua da Ajuda 34. Imp. José Bezerra

Quinta – 9 de Agosto de 1837.

Mais propriedade crescente do Brasil

BENEFÍCIOS DA CENTRALIZAÇÃO

Bem amargo é o prazer que pode ter o escritor público quando tem ocasião de provar com fatos suas opiniões emitidas sobre os males da Pátria e quando esses fatos se apresentam em abono de suas asserções.

O amor próprio natural de que a verdade é só a verdade dirige a sua pena, como que lisonjeia, é certo, o seu natural e bem entendido orgulho.

Mas, quanto melhor fora, quando se trata de negócios do mais aro objeto social, não falasse assim.

Quanto melhor fora os fatos viessem desmentir os escritos dos jornalistas que censura a administração: que assevera o nenhum benefício que o povo há colhido do atual estado de coisas; e que finalmente propõe uma modificação, seja qual for, na máquina social.

Lembrados estarão nossos leitores quem em nosso golpe de vista sobre a Bahia atual fazemos pesar sobre o corpo Legislativo com especialidade o peso dos males que atualmente sobrepesam sobre o povo brasileiro.

Tem-se dito que o *"Novo Diário"*, bem amestrado pela experiência e só levado dos fatos na análise histórica do Brasil, 1831 para cá, atribui ainda a demasia da centralização o entorpecimento da nossa prosperidade, mormente no que diz respeito à parte financial ou uso das rendas da nação.

Já bastante temos clamado para tão poucos números, contra os saldos idos no 7 e Abril, e firmados no Rio de Janeiro sem daí nos vir benefício algum.

Ainda pouco dissemos que um dos usos que se dava a receita geral ou ao dinheiro que o vento leva para a Corte Central, é para a organização da esquadra ou para marinha.

E quer o leitor recordar-se, porque já deve saber se o *“Novo Diário”* é anarquista, é brulote?

Passe de novo a vista no seguinte ofício do ministro da tal marinha que já foi publicado em outras folhas.

> “Tendo chegado ao conhecimento do Regente em nome do imperador, por carta que uns negociantes dessa praça dirigiram aviso à Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha haverem os rebeldes de Piratinim dado muitas cartas de marcas para inquietar e hostilizar o nosso comércio e não existindo atualmente neste porto uma só embarcação de guerra de que se possa lançar mão para sair e cruzar ao encontro dos piratas, determina o mesmo Regente que o paque brigue *Constança* seja quanto antes armado em guerra para o mencionado fim, devendo em seu lugar sair com as mais no dia designado por editais a barca de vapor *Uranio* que proximamente viera do Rio Grande do Sul e passe a ser comandado pelo 2º tenente Augusto Cesar de Castro Menezes, o que participo a V. Exa. para seu devido conhecimento e governo.

Deus guarde V. Exa. Paço, em 19 de Junho de 1837.

Tristão Pio dos Santos.

Ilmo. Sr. Manoel Alves Branco”

E então, meus patrícios Baianos, não é isto escarnecer impudentemente de nosso patriotismo, de nossa paciência?

Que glória adquirir podeis com tanta indiferença pelas coisas públicas?

Nem acrediteis brasileiros de todas as províncias, no que se vos conta todos os dias, isto é, que as nações civilizadas da Europa respeitam o Brasil por sua união e integridade.

As nações da Europa respeitam o Brasil pelo interesse material que dele tiram. A Inglaterra, por exemplo, que caso faz do Brasil senão porque é sua feitoria? Nós temos também os escritos da Europa e nos envergonhamos em nosso pequeno gabinete e no silêncio da noite do menosprezo, do escárnio com que lá se escreve sobre o estado mísero do Brasil.

Todos os escritores que se esforçam por arredar, ou ao menos minorar a tempestade que todos prognosticam ultimamente sobre o Brasil, não parece se não apresentar como remédio a este aguaceiro que há de ser infalível à manutenção da ordem, a integridade do Império, e, sobretudo o crescimento da civilização.

Sobre este último curativo já deixamos dito, tomado este termo como a reunião dos poderes, incumbe dar a mão para chegarmos ao necessário ponto dessa civilização por si mesmo, e quando ele alienou sua liberdade natural quando ele consentiu que homens como ele lhe ditassem leis e o governassem não foi senão para se encarregarem do cuidado dessa civilização, donde, em verdade, provém todos os benefícios sociais.

São idéias bem corriqueiras e supérfluo é nelas insistir.

Quanto à manutenção da ordem.

Quer-se mais ordem do que a que se tem observado, mormente em nossa Bahia?

E quem faz a desordem?

Não será a Câmara dos Deputados Gerais que a mais de três meses trabalha esse ano e o único benéfico que disso tirar pretendemos é o gasto de 7000 ou 8000 e tantos mil cruzados.

E é isto ordem?

É ordem descomposturas, hostilidades de parte a parte, sandices e chocarrice, indolente e pela maior parte das vezes ignorante?

Não provirá da extraordinária condescendência do atual presidente que admite ao pé de si aduladores? Que não promove um exemplo nos comissariados do *Chaxá*, que não olha para o mal estado do corpo policial onde há um comandante geral, que a despeito do que dele se diz e se sabe está ali *ad vitam eternam*.

Não provirá enfim do atual Presidente cujos relatórios a Assembléia Provincial falam mais alto do que nós e prol de suas vistas curtas e nenhum jeito administrativo?

Bahia minha amada pátria que procura te levantar da miséria a que estás humilhada.

Quando terás um Presidente que além de não deixar ir por diante os segredos de tesouraria, manda prontamente saldos sabidos e não sabidos da Corte?

Presidente que estando os cofres gerais regurgitando de dinheiro, não convoca Assembléias extraordinárias para darem medidas à falta de dinheiro na Caixa Provincial?

Quando, Oh, Bahia! Sairás do aviltramento que te achas abatida?

Quando? Quando?

Integridade do Império

Bastava somente o ofício ou rescrito do ministro da marinha em que assevera que nem uma só embarcação de guerra há para se armar contra os corsários com carta de marca da Piratinim para nos certificarmos que o nosso dinheiro, o sangue do povo brasileiro, não tem o destino que se inculca ao povo brasileiro que como tão expressivamente diz um nosso hábil colega – só não paga atributo para andar mais ou menos apressado –

Haverá ou haveria separação da Província ou desintegridade do Império se nossas precisões fossem satisfeitas se víssemos ultimamente empregados em bem geral a soma em ouro dos dinheiros das províncias e com especialidade da Bahia, saem em saques e em saldos para o Rio de Janeiro, a Corte Central.

Não cessaremos de repetir. Os negócios do Brasil vão assim em tão grande desmantelação pela falta de ingerência do povo nas coisas públicas.

É esse espírito democrático que tem feito à felicidade dos Estados Unidos. É esse espírito democrático que conserva a igualdade e liberdade na Inglaterra, cuja constituição é bem pouco liberal.

Nós, ao contrário, temos constituição bem liberal, cujos princípios vão todos por terra, por falta de espírito democrático.

O espírito é o interesse do povo, porque vai no seu país, essa conta mestra que tem cada cidadão, o direito de tomarem aqueles a quem denegarem a parte respectiva de sua soberania e isso fará que os representantes da nação não abusem dos poderes que sabe Deus lhes foram conferidos.

Quiséramos saber que remédio se poderá dar a esses terríveis abusos como, por exemplo, o de se propor cinqüenta contos de reis (cento e vinte cinco mil cruzados) para a duquesa de Bragança lá em Portugal, cem contos (duzentos e cinqüenta mil cruzados) para a mobília do palácio do menino.

Como isto se remediará senão dizendo cada província “Integridade assim não teremos” isto é contrato de Caim.

Senhora Corte Central, cuide no seu centro que nós só podemos ser felizes cuidando cá na nossa periferia.

Ganhe por lá se quiser gastar tanto que nós não estamos mais para sustentar semelhante madrasta.

Sexta, 11 de agosto de 1837.

ANEXO 8

"NOVO DIÁRIO DA BAHIA" – JORNAL POLÍTICO E COMERCIAL

Typ. Rua da Ajuda 34. Impr. José Bezerra.

Poder-se-há dispensar a revolução no Brasil?

As obrigações que nos ligam ao corpo social não são obrigatórias senão porque são recíprocas; e sua natureza é tal que em seu cumprimento não lhe possível trabalhar em favor de outrem, sem que se tenha em vista a compensação "– cada um em favor de si mesmo – Rousseau" Contrato Social Capítulo 4, pág. 53. –".

Tal é a base fundamental de toda a associação humana; ninguém aliena a sua liberdade natural, ninguém reconhece a outro homem, seu igual, com o direito de o governar, com a regalia de prescrever-lhe regras e preceitos para sua conduta, ninguém, em suma, se submete à obediência às leis senão porque espera, sem falência, os benefícios que lhe resultam do contrato social, senão porque espera melhorar a sua sorte ligado ao cumprimento das especulações que constituem o código da sua felicidade – o melhoramento da espécie humana.

A segurança de sua pessoa e de seus bens, ou os fins únicos e essencialíssimos a que tendem, ou a que se devem dirigir as instituições sociais "– o bem comum, diz o insigne Diderot, deve ser a regra suprema da conduta dos governos". Em outro lugar, diz o mesmo iluminado escritor, e filósofo "– ninguém nasce superior a outro, nem governa a outro".

Se um governa outro não governa por direito que para isso tenha nem é benefício seu, mas unicamente para bem dos governantes; nem é para sua própria satisfação e para sua grandeza particular, mas unicamente para felicidade dos que lhes são submetidos "–".

Na ordem da natureza nem um é mais homem do que o outro. A natureza cria uma alma ou uma inteligência superior?

E quando assim fosse tem, porventura, nenhum homem mais desejos, mais necessidades de viver mais satisfeito e mais feliz do que outro?

Posto estes princípios sagrados que constituem contratos formal ou tácito, em todos os homens reunidos em sociedades, passemos de novo uma vista rápida sobre o Brasil e digamos com sinceridade se há preenchido os fins do nosso contrato especial, depois dos esforços que temos feito para mudar de condição política e depois de tanto sacrifício para melhorar nossa sorte entre as mais nações?

Não há dúvida que nada ou quase nada temos adiantado na carreira da prosperidade.

E onde estará o estorvo a esta marcha?

Estará no homem? Isto é, não serão ainda os brasileiros aptos para serem regidos pelas formas livres?

O contrário já fizemos ver, ou outra opinião já sustentamos em diversos números do novo *Diário*.

E de mais, é um princípio geral sustentado pelo mesmo Diderot e pelo imortal Helvécio que "– todos os homens nascidos com os mesmos órgãos e naturalmente conformados são aptos para o mesmo grau de inteligência e para a recepção das mesmas idéias, tendo todos a mesma educação, ou os meios de desenvolvimento de suas faculdades".

Estará ainda o defeito nas nossas instituições ou no desenvolvimento da nossa constituição?

E para que mais nos inclinamos, não deixando contudo de reconhecer que também concorrem para o nosso atraso muitos hábitos e costumes que a *iluminada mãe pátria nos legou*.

Sim. Os maus hábitos, os vícios, a estupidez, o espírito de escravidão dos portugueses são ainda um estorvo à glória, à magnitude e respeito de que é suscetível o Brasil, esse colosso da América Meridional, hábitos, costumes e inclinações que já deviam ou podiam, todavia, estar quase dissipados, se a ambição desusada e a falta de sinceridade não se tivesse sempre posto adiante da extensibilidade de nossos meios de grandeza, quer naturais, quer intelectuais.

Os Americanos do Norte gozaram sempre, mais ou menos, das formas de um governo livre. Eles saborearam sempre as doçuras da liberdade e igualdade civil; eles, finalmente, nunca foram escravos de nenhum *Rei*; nem quando porventura se desligaram dos ferros coloniais modificaram suas instituições pelo tipo da *mãe pátria*.

Não podiam eles, visto que estavam já habituados à forma monárquico-representativa, porem seu rei constitucional e ainda melhor se fosse da dinastia da *mãe pátria*.

Instituíram eles. Mas Oh!

Povo venturoso, modelo de felicidade, mereceis o respeito, a consideração que tendes sabido granjear das nações mais poderosas e mais adiantadas da terra na carreira de civilização.

Invejas tu hoje esse máximo de civilização.

E o que serias se tivesse adorado em tua santa revolução esse simulacro da *mãe pátria*, esses carcomidos, acanhados princípios da acanhada Europa?

Por quantas crises não terias passado?

Quantas vezes a intriga não teria já renegado de sangue de irmãos o vosso solo, o trono da liberdade?

Olhai para o Brasil e enchei-vos do mais nobre orgulho.

Mas um grito me fere já o ouvido.

E a América do Sul não tem adotado as formas republicanas e a desordem e a anarquia não lavra em seus campos, o sangue de irmãos de compatriota não tem tantas vezes ensopado a terra destes federalistas?

Não balbuciamos, nem este argumento nos confunde.

Dito deixamos pouco acima que os antigos usos, hábitos e costumes formando uma segunda natureza concorrem muito para obstáculo a outros usos e costumes que porventura se queira adotar.

Eis, portanto, a vista um dos motivos das calamidades dos nossos vizinhos ex-espanhóis e eis o motivo por que eles tiveram também a infeliz lembrança e descoco de fazerem seu *Iturbide seu imperador*.

E não terá sido a realização dessa idéia de governo Imperial o ponto de partida dos males que a intriga tem feito desabrochar sobre o terreno da América do Sul?

Não terá essa nomeação deixado uma lembrança sempre risonha aos ambiciosos e falsa ao sossego e tranqüilidade dos nossos irmãos?

Oh! Que sem dúvida!

É esta uma semente muito venenosa e que deixa sempre infestado o campo por onde há semeado.

A isto, pois, ajuntando-se que o Povo Americano ex-espanhol, educado com *inquisições*, frades, *reis terríveis*, por sua barbaridade, ignorância infernal, despotismo e outros mortais venenos da dignidade do homem e do crescimento da razão (o que não

tiveram norte-americanos), está ainda com a intriga e com todas as armas manejadas pela ambição, mas quanto ao adiantamento interno ou doméstico ainda assim muito mais adiantados que nós eles se acham.

Ali as indústrias, os estabelecimentos literários florescem, as universidades trabalham.

Não são feitoria dos ingleses.

Há um tipo, há um caráter nacional.

Há finalmente independência. Há um corpo de nação de fato representado externamente e onde não entrou ainda nenhum Roussin de morrões acesos para metralhar nenhuma das suas capitais.

Note-se mais que as discussões dos americanos do Sul versam sobre meras modificações do sistema sempre livre mas nenhum representante da nação pediu ali um rei ou um imperador de doze anos para governar um vasto império como o Brasil.

Não.

A tanto ainda não se degradou o povo ex-espanhol, que suponha um homem já nascido com as qualidades para governar.

Não se ouviu ainda que em uma assembléia nacional dos países do Sul pedisse a consignação de somas enormes para uma mulher estrangeira.

Ainda não se ouviu pretender que estrangeiros viessem dar leis ao país, tendo assento no alcançar das leis.

Ali todos os reditos não são para fazer a abastança de uma só cidade, com o título de Corte Central.

Ali, finalmente, o povo tem espírito democrático, isto é, tem interesse pelos negócios de seu país e não vive, como o nosso, sujeito unicamente aos deveres e sem que o governo se lembre de seus direitos.

Ali brigam uns com os outros, mas um para o outro diz – eu sou um cidadão como tu, eu sou igual a ti –.

E o povo brasileiro goza dessa igualdade civil dessa irmã gêmea da liberdade.

Temos, pois, sido e continuaremos a ser felizes com o sistema atual sem que se lhe dê algumas modificações, tomadas imediatamente pelo poder soberano inalienável?

É o que faremos por mostrar em outro número.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRIMÁRIAS IMPRESSAS

Publicações do Arquivo do Estado da Bahia. *A Revolução de 7 de Novembro de 1837*, 5 vols., 1937-1948. Reúnem documentos e textos historiográficos sobre a revolta, além de memórias produzidas por seus contemporâneos.

ACCIOLI, Ignacio. *Memórias Históricas e Políticas da Bahia*, vol. IV, edição anotada por Braz do Amaral, Salvador, Imprensa Oficial, 1933.

AMARAL, Braz do. "A Sabinada", PAEBa, II.

AZEVEDO, Moreira. "A Sabinada da Bahia em 1837." PAEBa.

BLAKE, Sacramento. "Ainda a Revolução da Bahia de 7 de Novembro de 1837." PAEBa, I.

CARNEIRO, A. J. Souza. "A Sabinada em Nazaré". PAEBa, IV.

FREITAS, Daniel Gomes de. "Narrativa dos sucessos da Sabinada". PAEBa, I.

MARTINS, Francisco Gonçalves. "Nova edição da simples e breve exposição do Senhor Dr. Francisco Gonçalves Martins". PAEBa, II.

PRAGUER, Henrique. “A Sabinada: História da revolta da cidade da Bahia em 1837”. PAEBa.

SPALDING, Walter. “A Sabinada e a Revolução Farroupilha”. PAEBa, IV.

VIANNA, Francisco Vicente. “A Sabinada, História da Revolta da Cidade da Bahia em 1837”. PAEBa, 1937, vol. I.

JORNAIS

O Carapuceiro

Novo Diário da Bahia

O Sete de Novembro

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria José de Souza. *A mão de obra escrava em Salvador, 1881/1860.* São Paulo: Corrupio, 1988.

ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BONAVIDES, Paulo e AMARAL, Roberto. *Textos Políticos da História do Brasil.* Brasília, Senado Federal, 2005, vol. I.

BARICKMAN, Bert Jude. *Um Contraponto Baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BERBEL, Márcia Regina. *A nação como artefato: deputados do Brasil nas cortes portuguesas (1821-1822).* São Paulo: Hucitec: Fapesp, 1999.

CARVALHO, Marcus. *Hegemony and Rebellion in Pernambuco (Brazil), 1821-1835*. PhD Thesis, University of Illinois, 1989.

FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder*. São Paulo: Globo, Publifolha, 2000.

FLORY, Thomas. *El juez de paz y el jurado en el Brasl imperial, 1808-1871: Control social y estabilidad política en el nuevo Estado.* México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

FONSECA Sílvia Carla Pereira de Brito. *A Idéia de República no Império do Brasil: Rio de Janeiro e Pernambuco (1824-1834).* Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GRAHAM, Richard. *Clientelismo e Política no Brasil do século XIX.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

JANCSÓ, István. “A sedução da liberdade: cotidiano e contestação política no final do século XVIII” *in* Laura de Mello e Souza (org.), *História da Vida Privada no Brasil:*

Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, vol. 1.

______________. *Brasil: Formação do Estado e da Nação.* São Paulo: Hucitec/ Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

______________. *Na Bahia contra o Império.* São Paulo: Hucitec/ Salvador: EDUFBa, 1996.

______________ e PIMENTA, João Paulo G. "Peças de um mosaico (ou apontamento para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira)" *in* Carlos Guilherme Mota (org.) *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000).* São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

KRAAY, Hendrik. "As Terrifying as Unexpected: The Bahian Sabinada", 1837-1838, *in*: *Hispanic American Historical Review*, 72:4. Durham: Duke University Press, 1992.

____________. *Race, State and Armed Forces in Independence - Era Brazil*. Stanford: Stanford University Press, 2001.

LEITE Renato Lopes. *Republicanos e Libertários: Pensadores Radicais no Rio de Janeiro (1822).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MATTOS, Ilmar Rohloff. *O tempo Saquarema.* São Paulo: Hucitec, 2004.

MATTOSO, Kátia. *Bahia: A Cidade do Salvador e seu mercado no século XIX.* São Paulo: Hucitec, 1978.

MOREL, Marco. *As Transformações dos Espaços Públicos: Imprensa, Atores Políticos e Sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.

MOREL, Marco. *Cipriano Barata na Sentinela da Liberdade.* Salvador: Academia de Letras da Bahia; Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2001.

MORTON, F. W. O. *The Conservative Revolution of Independence*. Tese de Doutorado, Universidade de Oxford, 1974.

MOTA, Carlos Guilherme. *1822: Dimensões.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

PETTIT, Philip. *Republicanismo: una teoría sobre la libertad y el gobierno.* Barcelona: Piadós, 1997.

PRADO Jr., Caio, *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000.

REIS, João José. “O jogo duro do Dois de Julho: O ‘Partido Negro’ na Independência da Bahia”, *in* Eduardo Silva, João José Reis. *Negociação e Conflito*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

______________. *Rebelião Escrava no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O Contrato Social*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SCHWARTZ Stuart. *Segredos Internos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIEYÈS, Emmanuel Joseph. *A Constituinte Burguesa: Que´est-ce que le Tiers État?*. 4. ed., Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2001.

SOUZA, Paulo César. *A Sabinada.* São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *A Independência do Brasil na Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ Brasília, INL, 1977.

THOMPSON, Edward P. *Tradición, revuelta y consciencia de clase: Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial.* Barcelona: Grupo editorial Grijalbo, 1976.

TOCQUEVILLE, Alexis. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VERGER, Pierre. *Fluxo e Refluxo do Tráfico de Escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos dos séculos XVII a XIX*. Salvador: Corrupio, 2002.

VIANA FILHO, Luiz. *A Sabinada (A República Bahiana de 1837)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

IVAN SOARES DOS SANTOS JÚNIOR

ENTRE A HARMONIZAÇÃO E A FEDERAÇÃO: sociedades públicas em Pernambuco (1831 - 1834)

Recife
2020

IVAN SOARES DOS SANTOS JÚNIOR

ENTRE A HARMONIZAÇÃO E A FEDERAÇÃO: sociedades públicas em Pernambuco (1831 - 1834)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Suzana Cavani Rosas

Recife

2020

Catalogação na fonte
Bibliotecária : Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

S237e Santos Júnior, Ivan Soares dos.
Entre a harmonização e a federação : sociedades públicas em Pernambuco (1831-1834) / Ivan Soares dos Santos Júnior. – 2020.
207 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Profª. Drª. Suzana Cavani Rosas.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2020.
Inclui referências.

1. História. 2. Período regencial. 3. Partidos políticos. 4. Facções políticas. 5. Imprensa. I. Rosas, Suzana Cavani (Orientadora). II. Título.

981 CDD (22. ed.) UFPE (BCFCH2020-046)

IVAN SOARES DOS SANTOS JÚNIOR

ENTRE A HARMONIZAÇÃO E A FEDERAÇÃO: Sociedades Públicas em Pernambuco (1831-1834)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: 18/02/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dr.ª Suzana Cavani Rosas (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.º Dr.º Cristiano Luis Christillino (Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.º Dr.º Bruno Augusto Dornelas Câmara (Examinador externo)
Universidade de Pernambuco

Prof.º Dr.º Wellington Barbosa da Silva (Examinador externo)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

A todos os familiares e amigos que sempre me apoiaram e compartilharam comigo o entusiasmo pelo passado.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Perdoem-me a sinceridade, mas não pude imaginar que o momento mais difícil deste trabalho seria a sessão de agradecimentos. Não pensem que estou sendo arrogante, egoísta ou falso modesto. Pelo contrário. O que me atormenta é o medo. Medo de parecer ingrato, de ser injusto. Há dias tenho anotado num papel o nome das pessoas que, diretamente ou indiretamente, tiveram um importante papel nessa jornada acadêmica em que me meti. A todas elas devo agradecimentos. Bem... por onde começar?

A Ewellen Lima sou grato pelo amor, carinho e dedicação. Desde 2011 namoramos. Se tem alguém que tem firmemente aguentado ouvir minhas “curiosidades históricas aleatórias”, é ela. Imagino que deva ser difícil suportar essa ladainha, mas ela diz gostar (eu fico me achando o máximo!). Mas o que sei de certeza é que sem o seu apoio esse trabalho não teria acontecido. Não teria sequer saído do caderno. Até mesmo porque, quando nada parecia dar certo na minha vida profissional, foi ela mesma quem me convenceu várias e várias vezes a continuar tentando realizar este trabalho.

A minha mãe, Izabel Batista, agradeço todo o esforço, apoio e incondicional amor. “Tá pensando que criar filho é brincadeira, é?”. Essa certamente é uma das frases que mais a ouço falar. Quando decidi me mudar para Recife, a fim de realizar esta pesquisa, essa frase pulsava incessantemente em minha mente. “Tá pensando que criar filho é brincadeira, é?”. Fico imaginando o aperto em seu coração ao ver o caçula da família tentar uma aventura na cidade grande, sem o abrigo familiar. Não pensem que sou mimado (imaginem meu sorriso amarelo enquanto escrevo isso), sou apenas um *matuto* do interior. É, mãe, não deve ser nem um pouco fácil criar um filho por tantos anos e depois vê-lo ir embora “pro mundo”. A ti faço o mais profundo agradecimento. Não poderia deixar de agradecer também a minhas irmãs: Jamile, Isaneli e Izaniele. Mais três vítimas das fatídicas “curiosidades históricas aleatórias”.

Tenho uma imensurável dívida com Seu Elias e Dona Suneide. Não falo de dinheiro não. É uma dívida afetiva, de gratidão. Não no sentido chulo e quase obsceno que essa palavra pareceu ter tomado nos últimos tempos. Falo da gratidão como um sentimento puro e genuíno. Seu Elias e Dona Suneide me mostraram o que há de mais humano nessa vida: o acolhimento. Pode parecer obra de ficção, mas o que vou contar é a mais pura verdade: o referido casal, sem ao menos me conhecer, abriu as portas de sua própria casa, para que eu ficasse hospedado nas dezenas de vezes quando viajei ao Recife para assistir aulas, pesquisar e fazer provas e trabalhos. Sou eternamente grato por tê-los conhecido nessa caminhada. Agradeço também à

filha do casal, Dinha, que me apresentou a cidade e me deu importantes dicas e alertas de como sobreviver ao aceleradíssimo cotidiano recifense.

Aos caríssimos amigos da Avenida Santa Terezinha: Alisson Rodrigo, André Silva, Luan Farias e Matheus da Hora — este último é um “agregado”, por assim dizer, pois não é “nativo” da ST; mas verdade é que tem tão alta estima entre nós que foi incluído no termo assim mesmo. Éramos nós cinco o terror das Senhorinhas da Santa Terezinha. A barulheira que faziam aqueles pirralhos brincando na rua era inacreditável. Quando começaram com um tal de *Heavy Metal* então... Até hoje me sinto obrigado a pedir desculpas a estas mesmas Senhoras. Enfim, agradeço a eles toda a camaradagem e os momentos de lazer.

Aos amigos Renato Costa, com quem compartilho minhas desilusões musicais, e Paulo Montini, que já ouviu (e deu gargalhadas!) todos os contos e causos que presenciei no *campus* Recife da UFPE.

Em 2012, logo no primeiro período da graduação, a querida Professora Maria Giseuda uma vez disse algo mais ou menos assim: “aproveitem o tempo que passarem aqui; e façam amigos! Amigos que levarão pro resto da vida”. Pela centésima vez sou obrigado a afirmar: Giseuda estava certa. Da graduação trouxe inestimáveis amigos: o jovem ancião Antônio Araújo, o humorista Pablo Amaral, o “argumentador” Halison Barbosa — quem o conhece pessoalmente sabe que o sujeito tem uma opinião e um “argumento” pra tudo! —, o meu parceiro de corridas Daniel Correia, o *nerd* Ravi Teixeira. Sou grato a todos eles. Um agradecimento especial a Luís Gustavo. Trabalhamos em conjunto durante dois anos de P*Ibid*, época em que Luís se dispôs repetidas vezes a revisar meu projeto de mestrado. Do P*Ibid* também devo agradecer a Gabriella Chalegre, amiga que reencontrei na UFPE e que me deu boas dicas de leituras e de disciplinas para cursar. Agradeço também a Stéphane Martins, com quem sempre compartilhei as angústias de exercer essa profissão numa época em que professores de História e historiadores têm sofrido uma verdadeira inquisição política, e a Eduardo Silva, que sempre ria dos meus caóticos relatos sobre como eu fazia para ir para o Arquivo Público. Isso! Quase esqueço! O Arquivo!

Do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE) devo agradecimentos a Hildo e Emerson, ambos funcionários de lá. Hildo dedicou um bom tempo à me apresentar e explicar todo o acervo de que dispõem. Emerson é incansável! Dezenas de vezes preenchi a ficha de solicitação, pedindo volumes e mais volumes papel. Às vezes o trabalho era em vão, pois nem sempre a gente encontra o que quer nestes manuscritos; por outras vezes aqueles calhamaços mofados e encardidos tinham informações que valiam ouro. Por isso sou grato aos dois. No Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP), devo

um agradecimento especial a Seu Cabral. Figura emblemática como é, Seu Cabral conta prosas e causos de fazer inveja. Foi no IAHGP que li os primeiros manuscritos, época em que mais sofri; a presença de Seu Cabral tirava parte do peso dessa tarefa. Devo um agradecimento também àqueles cujos nomes me falham a memória, mas que são fundamentais para o funcionamento dessas instituições: as pessoas da limpeza, da segurança e dos setores administrativos.

Um agradecimento especialíssimo a Suzana Cavani Rosas, minha orientadora. Sem a sua ajuda este trabalho teria sido apenas um reboco grosseiro e mal-acabado. Suzana leu, releu, apontou erros, aconselhou correções. Me alertou para a seriedade do nosso ofício: "cuidado! Aqui você está falando como um *exaltado*... reveja isso". Me ajudou a redefinir todo o projeto de pesquisa. Me indicou acervos completos, documentos "fora do radar" e me emprestou livros fundamentais. Alguns destes livros me deu de presente mesmo! Suzana me ajudou e incentivou em todas as etapas deste trabalho. À ela sou eternamente grato.

O mesmo eu posso dizer de Bruno Câmara. Ora, foi justamente em uma das reuniões do grupo de estudos coordenado por ele na UPE *campus* Garanhuns que surgiu a ideia inicial do projeto que resultou nesta dissertação. "Ivan, pra tu que quer estudar essas coisas aí da maçonaria no Império, eu trouxe esse artigo de Marcello Basile (se referindo a *O Laboratório da Nação*, artigo citado dezenas de vezes nesta dissertação). No Período Regencial parte da maçonaria está 'dando as caras' nos espaços públicos... Depois dá uma olhada". Bruno também foi responsável por me indicar locais e acervos de pesquisa, me dando, inclusive, dicas preciosas que facilitaram o processo de aprendizagem de leitura dos documentos manuscritos. Também se dispôs a ler — de uma maneira informal mesmo, na camaradagem — trechos deste trabalho. Por isso mesmo, ele não poderia estar ausente na Banca Avaliadora da defesa desta dissertação. Agradeço a ele o todo empenho e confiança que me creditou.

Fizeram parte dessa caminhada também outros professores da Pós-Graduação em História da UFPE. O professor Carlos Miranda é o primeiro deles, pois foi dele a primeira aula que assisti no mestrado. Miranda tem um dom particular: sabe lidar com calouros. Depois daquela primeira aula eu já me sentia "em casa". Das aulas da professora Christine Rufino Dabat, guardo a emblemática assertiva: "vamos descolonizar a História!". Nas aulas do Professor Rômulo Nascimento pude corrigir uma deficiência da minha formação na graduação que por tempos me causou constrangimento: conhecer com dignidade a historiografia sobre o "Brasil Holandês". E, por fim, mas nem um pouco menos importante, o Professor Cristiano Luis Christillino, cuja disciplina certamente me rendeu as melhores leituras. Inclusive, parte significativa da bibliografia desta dissertação teve origem justamente

na disciplina ministrada por ele. A estes devo o meu mais sincero obrigado. Há também um time completo de professores no PPGH-UFPE que, se não participaram diretamente deste trabalho, merecem o agradecimento por contribuírem no bom funcionamento do programa. Dentre eles Antônio Jorge Siqueira, Antônio Paulo Rezende, Antônio Montenegro, Durval Muniz, Regina Beatriz Neto, Marcus Carvalho, George Cabral, José Bento, Marília de Azambuja, Socorro de Abreu e Lima e Socorro Ferraz. Muito provavelmente esqueci de algum, mas certamente terei o seu perdão. Meu muito obrigado a todos!

Em hipótese alguma eu deixaria de agradecer à Sandra Regina e à Maria Carolina, funcionárias da Secretaria do PPGH-UFPE, pois seria de uma ingratidão e crueldade imensuráveis. Ambas estão sempre de prontidão para resolver toda a burocracia necessária para o bom funcionamento do programa. Labutam naquela ofício que poucos notam, mas que é extremamente fundamental. Sou muito grato a elas.

Essa tarefa toda só foi possibilitada graças ao incentivo financeiro da CNPq, à qual sou verdadeiramente grato. Sem o auxílio desta importante instituição, este trabalho sequer teria sido iniciado.

Receio estar esquecendo de alguém... Ah, lembrei! Agradeço a ti, leitor, que dedicas teu precioso tempo a ler esta prosa. Certamente não está perfeita (convenhamos, seria isso possível num trabalho acadêmico?), mas saiba que ela é resultado de sério esforço. Fiz o melhor que pude. Fico realmente grato.

RESUMO

É comum afirmar que o Período Regencial é um dos momentos mais complexos da formação da nação brasileira e também um dos menos conhecidos. Por muito tempo esteve engessado em abordagens que dificultaram ainda mais o seu entendimento. Como pontua a historiografia, a década da Regência é de grande efervescência no que diz respeito aos discursos políticos e à atuação de seus agentes. O povo e a elite da Província de Pernambuco não ficaram de fora dos movimentos que prenunciavam novas experiências para a recém fundada nação. A atividade de imprensa, em todo país, esteve atrelada a um notável surto associativo. Em 1831 mais de cem associações políticas foram criadas em todo o Império e muitas delas exerceram considerável influência na Regência. Após a abdicação de Pedro I, as perspectivas se mostravam difíceis. A elite, que havia cindido em querelas políticas, achava necessário advogar em nome da ordem e da tranquilidade pública. Os jornais tinham uma função não só formativa, mas representavam uma tomada de consciência em relação aos caminhos políticos que o Império adotaria. Nesse contexto, a presente dissertação procurou investigar a atuação de duas sociedades públicas presentes em Pernambuco, a Sociedade Patriótica Harmonizadora e a Sociedade Federal, entre os anos de 1831 e 1834, no início de um processo histórico que foi batizado pela historiografia clássica como “Nacionalização da Independência”. Essas sociedades públicas, que faziam parte das novas formas de associativismo político, marcaram uma época de transformações dos espaços públicos. Buscou-se compreender, através de diversas fontes documentais, como estas sociedades públicas se formaram e como estabeleceram relações com uma imprensa partidária. Além disso, também foram analisadas as redes políticas que estas estabeleceram com sociedades de outras províncias, bem como o agrupamento das elites provinciais em facções e associações políticas. Para isso, foram analisados os debates na impressa partidária que tomava corpo em Pernambuco, verificando principalmente os jornais que eram porta-vozes das sociedades, tornando públicas as ideias das facções políticas. Para notar a diversidade de espaços que o associativismo político alcançou foi necessário analisar uma vasta documentação de múltiplas origens. A fim de compreender a construção e o sentido das informações que permeiam as fontes, foi adotado como método de análise o “cruzamento de fontes”, originalmente utilizado por Robert Slenes (1999) e por Walter Fraga (2006).
Palavras-chave: Sociedades públicas. Período regencial. Facções políticas. Imprensa.

ABSTRACT

It is common to say that the Regency Period is one of the most complex moments in the formation of the Brazilian nation and also one of the least known. For a long time, he it stuck in approaches that made his its understanding even more difficult. As historiography points out, the Regency decade is of great effervescence regarding the political discourses and the performance of its agents. The people and the elite of Pernambuco's Province were not left out of movements that foreshadowed new experiences for the newly founded nation. Press activity across the country was linked to a notable associative outbreak. In 1831 more than one hundred political associations were created throughout the Empire and many of them exercised considerable influence in the Regency. After the Abdication of Pedro I, the prospects proved difficult. The elite, which had split into political quarrels, felt it necessary to advocate in the name of order and public tranquility. The newspapers had not only a formative function, but also represented an awareness of the political paths that the Empire would take. In this context, this dissertation sought to investigate the performance of two public societies present in Pernambuco's Province, the Sociedade Patriótica Harmonizadora and the Sociedade Federal, between the years 1831 and 1834, at the beginning of a historical process that was baptized by classical historiography as "Nationalization of Independence". These public societies, which were part of the new forms of political associations, marked an era of transformations of public spaces. We sought to understand, through various documentary sources, how these public societies were formed and how they established relations with the partisan press. In addition, the political networks they established with societies in other provinces were also analyzed, as well as the grouping of provincial elites into political factions and associations. For this, the debates in the partisan press that were formed in the Pernambuco's Province were analyzed, mainly checking the newspapers that were spokespersons for the societies, making the ideas of the political factions public. In order to note the diversity of spaces that political associations have reached, it was necessary to analyze a vast documentation from multiple sources. In order to understand the construction and the meaning of the information that permeates the sources, the "crossing of sources", originally used by Robert Slenes (1999) and Walter Fraga (2006), was adopted as the method of analysis.
Keywords: Public societies. Regency period. Political factions. Press.

LISTA DE SIGLAS

APEJE	ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERECIANO
HMBN	HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL
CEPE	COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO
IAHGP	INSTITUTO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO.
LAPEH-UFPE	LABORATÓRIO DE PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA – UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

“Não me querem para governar porque sou português! Meu filho tem uma vantagem sobre mim: é brasileiro”, dissera Pedro I a Eduardo Pontois momentos antes de confirmar sua Abdicação no dia 7 de Abril de 1831[1]. Depois daquele acontecimento operariam no Brasil grandes transformações. Mas o que fizeram os vitoriosos políticos quando tomaram posse do Governo agradou somente a facção moderada, à qual pertenciam. Como bem apontou Otávio Tarquínio de Sousa, a opinião liberal que forçara a saída do Imperador — que fora de herói da Independência a completo desafeto em vários setores da sociedade imperial — não avançaria até a federação e posterior república, como queriam os liberais exaltados[2]. Aconteceria justamente o contrário, pois na composição da Regência provisória foram escolhidos somente os líderes moderados dispostos a garantir a permanência da monarquia. Indica José Murilo de Carvalho que o fato de ter sido uma criança de cinco anos de idade aclamada imperador em praça pública é um forte indicador da predominância da tendência monárquica no Brasil[3]. Decorridos apenas alguns meses da Abdicação, os liberais mais radicais, chamados de exaltados pela imprensa da época, responsáveis pelas mobilizações que levaram ao 7 de abril, logo se sentiram traídos em sua revolução. Os moderados, “seus aliados da véspera”[4], tomaram posse do Governo e das posições de mando, excluindo aos ‘puristas’ o direito de decisão nos planos políticos futuros. Assim se iniciava uma longa disputa entre as facções pelo mando político do Império.

Passava-se quase um mês da Abdicação quando a sua notícia finalmente chegara a Pernambuco. Aquela novidade encontraria a velha província inteiramente dividida. Convém destacar que os ânimos políticos dos pernambucanos ainda estavam azedos desde os dias da Confederação do Equador, em 1824. Assim, aqueles relatos dos levantes que aconteceram na Corte do Rio de Janeiro e que levaram à saída do Imperador pelas portas dos fundos pareceram ter sido somente combustível para as já acirradas disputas políticas dos pernambucanos. Entre os *vivas* e as bandas de música

---

[1] Carta de Pedro I a Eduardo Pontois, um diplomata encarregado de negócios na França. Documento citado por Otávio Tarquínio de Sousa. Ver: SOUSA, Octávio Tarquínio de. Bernardo Pereira de Vasconcelos (História dos fundadores do Império do Brasil, vol. V). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p. 102-3.

[2] Ibid., p. 104.

[3] CARVALHO, José Murilo de. Pontos e bordados: escritos de história política. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005, p. 164.

[4] Id.. A construção da ordem: a elite política imperial – Teatro das sombras: a política imperial. 4a ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007, p. 190.

que saíram pelas ruas, Pernambuco assistiria a uma de suas mais agitadas épocas, pois, a partir daquele dia, muitas pessoas na província desejariam mudanças nas relações entre o Governo Provincial e a Regência. Convém notar que a efervescente atmosfera política e a série de mobilizações e motins fez surgir na Província de Pernambuco duas sociedades públicas. Eram a Sociedade Patriótica Harmonizadora e a Sociedade Federal duas associações com estreitas relações com as facções políticas: a Harmonizadora ligada à ala moderada e a Federal à ala exaltada. Essas duas sociedades públicas disputaram, palmo à palmo, a influência nas decisões do Governo Provincial. Assim, naqueles primeiros anos do Período Regencial, a vida política da Província de Pernambuco viveria entre a harmonização e a federação.

Era uma agitada manhã de sexta-feira, 18 de novembro de 1831, quando uma comissão de cinco membros da Sociedade Federal chegou às portas do Palácio do Governo trazendo termos e exigências de um grupo de militares rebeldes que se fortificara na Fortaleza das Cinco Pontas, Bairro de São José. "Apesar de reconhecer a ilegalidade de tais requisições", diziam os federalistas, "[...] a salvação desta província depende destas medidas"[5]. Naquela época, ofícios com exigências e negociações — a *Representação*, como chamavam — compunham quase um ritual de toda manifestação. Mas o que nos chama mais atenção não são os termos e exigências do Partido das Cinco Pontas, como ficou denominado nas fontes oficiais, mas sim a atuação da Sociedade Federal. Do dia 15 ao dia 18 de Novembro, a capital pernambucana esteve tomada pelo pavor. Deveras, há pouco mais de oito semanas as ruas do Recife tinham testemunhado uma desordeira deserção em massa de militares, que, insatisfeitos com o baixo soldo, quase sempre pago em moedas de cobre falsificadas, e com uma alimentação precária[6], abriram as celas das cadeias, juntaram-se a negros escravizados e à toda "gente ínfima da plebe"[7], saquearam lojas e tabernas, embriagaram-se e praticaram tamanha arruaça que "só se ouvia o fogo de mosquetaria por toda a cidade"[8]. O Governo encontrava-se tão fragilizado de forças militares para mobilizar a repressão que foi necessário formar batalhões de paisanos, a maioria compostos de estudantes do curso jurídico, para combater as forças rebeldes[9]. Desde aqueles dias da Setembrizada — nome dado à

[5] Ofício da comissão da Sociedade Federal ao Presidente da Província sobre as exigências do Partido das Cinco Pontas, cópia do Secretário do Governo Vicente Thomás Pires de Figueiredo Camargo, 18/11/1831. Disponível no Acervo Digital da Biblioteca Nacional: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=26542
[6] Diario de Pernambuco nº 169 de 08 de agosto de 1831.
[7] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), 20/09/1831.
[8] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), 20/09/1831.
[9] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), 20/09/1831.

rebelião pela imprensa da época —, as guardas municipais e os batalhões do exército estavam ocupados por paisanos. Assim, quando um grupo de militares, com armas em punho, se rebelou e tomou posse da Fortaleza das Cinco Pontas na Novembrada, sabendo que o Governo não possuía forças suficientes para agir com rapidez na repressão, nos causa surpresa a tamanha facilidade com que os amotinados se renderam à legalidade.

Segundo o *Olindense*, a Sociedade Federal "foi recebida com alegria e entusiasmo" pelos rebeldes da Novembrada[10]. Mediando entre os rebeldes e o Conselho do Governo, a Sociedade Federal foi capaz de apaziguar os ânimos das tropas amotinadas e legalistas, evitando um novo massacre na capital pernambucana. Assevera isso que, das seis exigências que constavam na primeira Representação que a Federal trouxera do Partido das Cinco Pontas, os rebeldes aceitariam largar as armas "se o Governo assentisse aos dois únicos artigos, [...] isto é, que os portugueses armados deponham as armas e que os não adotivos sejam deportados"[11].

Não foram localizados indícios que apontem um possível envolvimento da Sociedade Federal na formação e atuação daquele corpo de rebeldes da Novembrada. Pelo contrário, a documentação analisada indica que sem a mediação da Federal, certamente sangrentas batalhas teriam sido travadas entre rebeldes e legalistas. Contudo, a associação rival da Federal, a Sociedade Patriótica Harmonizadora, espalhava entre a população e os gabinetes do Governo que a Federal planejava "reformar a Constituição por meio da espada"[12], tanto que Antônio Joaquim de Melo — então Presidente da Câmara Municipal e membro da Harmonizadora, pelo que consta na ata de sessão da referida sociedade publicada pelo *Olindense*[13] — escreveu um ofício ao Governo da província solicitando o fechamento da Sociedade Federal e a perseguição de seus membros, acusando-os de anarquistas e revolucionários que queriam, por meios ilegais, modificar a Constituição do Império[14].

À vista disso, é possível notar que essas sociedades exerciam uma importante influência nas decisões do Governo provincial, além de ter um notável interesse no agrupamento de populares em apoio às suas próprias pretensões. Quando se olha o ofício

---

[10] Olindense nº 60 de 01 de dezembro de 1831.

[11] Ofício do Presidente da Província Francisco de Carvalho Paes de Andrade em resposta às exigências das Cinco Pontas trazidas pela comissão da Federal, cópia do Secretário do Governo Vicente Thomás Pires de Figueiredo Camargo, 18/11/1831. Disponível no Acervo Digital da Biblioteca Nacional: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=26542

[12] Olindense nº 50 de 22 de outubro de 1831.

[13] Olindense nº 64 (suplemento) de 13 de dezembro 1831.

[14] Diario de Pernambuco nº 223 de 19 de outubro de 1831.

que o Conselho do Governo enviou à Regência, dando a notícia de que “uma sociedade pública se acaba de instalar nesta cidade”, cuja finalidade era “discutir e mostrar as vantagens da Federação” para toda a população recifense[15], logo nota-se que aquele era um tempo de renovação das práticas políticas brasileiras. Como bem expressou o editor da *Nova Luz Brasileira*, acabara “o tempo das Sociedades Secretas, para começar uma nova Era”, a das de Sociedades Públicas[16].

O início dessa “nova Era” foi o marco de um movimento eminente na vida política regencial, ao qual Marcello Basile se referiu como “surto associativista”[17], e que certamente teve na atividade de imprensa um dos seus principais apoios. Para José Murilo de Carvalho, o acelerado surgimento das sociedades públicas era resultado de uma desordem social que marcou o início da década de 1830[18]. Este “círculo” de associações, aponta Marco Morel, por sua grande influência na vida política regencial, pode ser visto como uma espécie de “governo paralelo”[19]. Apesar disso, a grosso modo, estudos precisos sobre sociedades públicas ainda são pouco evidentes na historiografia sobre os oitocentos. Convém notar, no entanto, que alguns historiadores têm ganhado destaque por dedicar um olhar cada vez mais minucioso para essas associações.

Entre estes, Marco Morel é certamente um dos mais lembrados, pois sua tese, defendida em 1995, foi publicada como livro em 2005, quando rapidamente tornou-se referência para estudos sobre imprensa e sociabilidades no Primeiro Reinado e no Período Regencial[20]. Nela, o referido autor trata de três trajetórias coletivas nas transformações dos “espaços públicos”: as *palavras*, os atores políticos e as sociabilidades. Sobre as formas de sociabilidades durante as Regências, Marco Morel destaca que — apesar de inaugurarem uma “nova Era”, como elucidou a *Nova Luz Brasileira* —, as sociedades públicas deram continuidade aos modelos de instituição definidos pelas maçonarias, pois construíam, além do “embrião do reino da crítica”, um “espaço público moderno”, isto é, “um espaço onde se tratavam discussões políticas diante do poder constituído e fora do controle hegemônico das monarquias

---

[15] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Império nº 2, 24/10/1831.
[16] Nova Luz Brazileira nº 168 de 08 de setembro de 1831.
[17] BASILE, Marcello. O Laboratório da nação: a era regencial (1831-1840). *In*: GRINBERG, K.; SALLES, R. O Brasil imperial – vol. II – 1831-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 66.
[18] CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2007, p. 51.
[19] MOREL, Marco. As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840). São Paulo: Hucitec, 2005, p. 277.
[20]Ibid., 2005.

absolutistas"[21]. Além da tese, Marco Morel também publicou diversos trabalhos em que trata sobre as formas de sociabilidades nos oitocentos, dentre os quais cito, por mais destaque, *O Período Das Regências*[22], *O Poder da Maçonaria*[23] e *O Brasil separado em reinos? A Confederação Caramuru no início dos anos 1830*[24].

Mas, antes da tese de Marco Morel um pequeno livro de Augustin Wernet se estabeleceu como referência obrigatória para o estudo de sociabilidades. *Sociedades Políticas (1831-1832)*, lançado em 1978, trata especificamente das disputas políticas entre as sociedades públicas que surgiram na Província de São Paulo nos primeiros momentos após a Abdicação. Para isso, Augustin Wernet parte de uma afirmação feita por José Inácio de Abreu e Lima no *Compêndio de História do Brasil*, de que a Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional era, "em realidade, outro Estado no Estado"[25]. A partir dessa afirmação, Wernet demonstra como os moderados, através das sociedades, puderam exercer um verdadeiro controle "por todos os ângulos do Império", pois era a "Sociedade Defensora com as suas filiais o espírito santo do Governo"[26].

A tese de Marcello Basile, defendida em 2004, é um daqueles trabalhos que redefiniram direções para a historiografia do Período Regencial. Se no livro de Augustin Wernet nós vimos, além da acertada análise das disputas entre as sociedades públicas, o apontamento de que o surgimento dessas associações acontecera *somente* em conta da desordem social daquela época — o que já fora anotado por Otávio Tarquínio de Sousa na Biografia de Evaristo da Veiga[27] —, a tese de Basile oferece uma interpretação que vai além: os arranjos da política parlamentar na disputa pela execução de diferentes projetos de nação determinaram a necessidade de se criar 'instrumentos auxiliadores', isto é, as sociedades públicas propriamente ditas. Marcello Basile indica, ainda, que o que possivelmente orientou as práticas de cidadania nos espaços públicos foi o temor de

---

[21] Ibid., p. 243.; O autor destaca que *maçonarias*, no plural, refere um sentido preciso: "não havia um centro possante, homogêneo e unificado, mas sobretudo uma concepção de organização que se espalhou por diversos países" (Ibid, p. 241).

[22] MOREL, Marco. O período das regências (1831-1840). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

[23] MOREL, M.; SOUZA, F. J. O. O Poder da Maçonaria: a História de uma Sociedade Secreta no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

[24] MOREL, Marco. O Brasil separado em reinos? A Confederação Caramuru no início dos anos 1830. In: CARVALHO, J. M.; CAMPOS, A. P. Perspectivas da cidadania no Brasil Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

[25] WERNET, Augustin. Sociedades políticas: 1831-1832. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 9.; Para a citação original de Abreu e Lima e todo o seu argumento ver: ABREU E LIMA, José Inácio de. Compêndio da História do Brasil. Tomo II. Rio de Janeiro, 1843, p. 87-90.

[26] WERNET, Augustin. Op cit., 1978, p. 9.

[27] SOUSA, Otávio Tarquínio de. História dos fundadores do Império do Brasil. Vol 4. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2015.

revoltas e rebeliões populares, trazendo às elites a consciência da necessidade de coesão política para a melhor execução dos projetos definidos[28]. Por isso, com este trabalho podemos estabelecer, ainda, um interessante diálogo com o clássico de José Murilo de Carvalho, *A Construção da Ordem/O Teatro das Sombras*, sobretudo com o capítulo cinco, *A Unificação da Elite: a caminho do clube*, pois, indica este autor, os principais 'canais' pelos quais circulavam os membros das elites políticas reforçavam a sua coesão do ponto de vista do seu treinamento profissional[29].

É fácil perceber que nessa época a vida política transcorria numa emergente esfera pública. À vista disso, é de suma importância se analisar a participação da pressão popular no estabelecimento de certos arranjos políticos. Projetos de identidade nacional e participação popular em movimentos ocorridos na Província de Pernambuco, bem como sua relação com a Corte, são objetos analisados por Marcus Carvalho em *Movimentos sociais: Pernambuco (1831-1848)*[30]; Carvalho propõe que os acontecimentos e as tramas políticas que mobilizaram os grupos e radicalizaram as oposições são parte de um processo histórico de longa data, envolvendo questões sociais e de cultura política engendradas no enfrentamento de interesses das facções. Além disso, articula os planos políticos institucionais da Corte – em relação à tomada de poder nas províncias – aos planos dos grupos locais, bem como as representações populares em relação às liberdades pós-abdicação. Ponto importante deste trabalho de Marcus Carvalho é a abordagem dada à participação popular e aos espaços públicos, que não são vistos como simples marionetes das elites. Embora não houvesse uma organização com objetivos bem claros e delineados, esses grupos possuíam uma lógica de ação notável, que partia sempre em defesa dos interesses populares. Desta forma, a política cotidiana da gente miúda é analisada sem negligenciar seus laços com o *modus operandi* da política institucional.

Os primeiros apontamos do surgimento das sociedades Patriótica Harmonizadora e Federal na Província de Pernambuco foram feitos por Pereira da Costa[31] e,

---

[28] BASILE, Marcello. O Império em construção: projetos de Brasil e ação política na Corte Regencial. Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.; Ver também: Id.. O Laboratório da nação: a era regencial (1831-1840). *In*: GRINBERG, K.; SALLES, R. O Brasil imperial – vol. II – 1831-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 53-119.
[29] CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2007.
[30] CARVALHO, Marcus J. M. de. Movimentos sociais: Pernambuco (1831-1848). In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org.). O Brasil imperial, v. 2 (1831-1870). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, v. 2; p. 121-183.
[31] PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. Anais Pernambucanos 1824-1833. Vol. IX. Recife-PE, Arquivo Público Estadual, 1965.

posteriormente, por Manuel Correia de Andrade[32]. Entretanto, o trabalho de Pereira da Costa não estabeleceu uma precisa relação entre os acontecimentos políticos da província e o surgimento das referidas sociedades. Especialmente em relação à Sociedade Federal, não anotou, por exemplo, sua relação com o federalismo da Confederação do Equador, pois, como o leitor poderá notar no terceiro capítulo do presente trabalho, a Federal reunia em seu bojo importantes figuras do movimento de 1824.

Por conta disso, estabelecemos neste trabalho, para possibilitar uma melhor abordagem das fontes, diálogos com autores que notaram o contexto das décadas de 1820 e 1830 no estabelecimento de uma cultura política. Entre estes, ganham destaque os trabalhos de Socorro Ferraz[33], Lúcia Neves[34] e Sílvia Fonseca[35]. Socorro Ferraz é responsável por analisar os pensamentos liberais no século XIX em Pernambuco, abordando a conjuntura política no início da década de 1820 e evidenciando um ambiente propício ao surgimento de ideias republicanas, que foram potencializadas ao *status* de projetos políticos, graças ao surgimento das facções políticas. Lúcia Neves, em sua aclamada tese, dedica um longo fôlego ao estudo da influência da imprensa na formação da opinião pública e nas disputas pelo mando político. Segundo sua análise, a imprensa foi responsável por formar um *vocabulário político* que esteve pulverizado por toda a população, compondo uma mentalidade política rica em conceitos e termos, sobretudo acerca do republicanismo, profundamente enraizadas nas Luzes Portuguesas. A tese de Sílvia Fonseca investiga de modo detalhado os espaços ocupados pelos ideais republicanos entre os anos de 1824 e 1834, nas províncias do Rio de Janeiro e Pernambuco. Para explicar a polissemia do termo *República*, a autora recorre à discussão de conceitos como federalismo e separatismo na imprensa e nos espaços de sociabilidade.

Além disso, para notar as relações da Sociedade Federal com o ideário da Confederação do Equador, também buscou-se o apoio de autores como Barbosa Lima

---

[32] ANDRADE, Manuel Correia de. Movimentos Nativistas em Pernambuco: Setembrizada e Novembrada. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1971.; Id.. A Guerra dos Cabanos. Rio de Janeiro: Conquista, 1965.
[33] FERRAZ, Socorro. Liberais & Liberais: Guerras civis em Pernambuco no século XIX. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.
[34] NEVES, Lúcia Maria Basto Pereira das. Corcundas e constitucionais: cultura e política (1820-1822). Rio de Janeiro: Revan: FAPERJ, 2003.
[35] FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. A ideia de república no Império do Brasil: Rio de Janeiro e Pernambuco (1824-1834). SP: Jundiaí, Paco Editorial, 2016.

Sobrinho[36] e Jeffrey C. Mosher[37]. Barbosa Lima Sobrinho apontou que a Confederação do Equador derivou da confluência das águas de três vertentes: a liberal, a nacionalista e, sobretudo, a federalista[38]. Essa análise foi corroborada décadas depois por Silvia Fonseca, que apontou que no âmago do movimento de 1824 estava a defesa do federalismo, sobretudo com base no modelo norte-americano[39]. A essência federalista da Confederação do Equador era o resultado de uma campanha federalista iniciada por Cipriano Barata na *Sentinela da Liberdade*[40]. Essa assertiva da historiografia brasileira foi reforçada também pelo brasilianista Jeffrey C. Mosher, que apontou que a aversão ao projeto centralista de Pedro I, que lembrava muito o absolutismo português, fez surgir em Pernambuco e nas províncias vizinhas, em meados de 1824, um movimento em busca da federalização[41]. Assim, quando vemos em outubro de 1831 o ofício de José Lino Coutinho alertando a Regência sobre a instalação da Sociedade Federal em Pernambuco, "cujo fim [...] é discutir e mostrar as vantagens da Federação"[42], podemos perceber que reacendera na província a chama daqueles dias de 1824.

Ainda sobre os apontamentos feitos por Pereira da Costa e Manuel Correia de Andrade, convém notar a importância dos motins militares ocorridos na capital da Província de Pernambuco no agitado ano de 1831 e que tiveram uma importante influência para o surgimento das sociedades públicas. Os citados autores reproduziram uma certa visão 'senhorial' daqueles motins, sobretudo a Setembrizada. Ora, não é difícil perceber a causa dessa visão, pois, como o leitor poderá notar no segundo capítulo deste trabalho, os relatórios oficiais do Governo e também algumas matérias dos jornais da época demonstraram a ausência de sentido político naquelas manifestações. Essa visão foi coroada pelo artigo de Mário Márcio Santos, que apontou que a Setembrizada teria sido "um movimento acéfalo, de curta duração e ínfimo alcance"[43].

---

[36] BARBOSA LIMA SOBRINHO, Alexandre José. Pernambuco: da Independência à Confederação do Equador. Recife: Conselho Estadual de Cultura, 1979.
[37] MOSHER, Jeffrey C. Political Struggle, ideology and state building: Pernambuco and the construiction of Brazil (1817-1850). University of Nebraska, 2008.
[38] BARBOSA LIMA SOBRINHO, Alexandre José. Op cit., 1979, p. 206-10.
[39] FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. Op cit., 2016, p. 189-90.
[40] BARBOSA LIMA SOBRINHO, Alexandre José. Op cit., 1979, p. 207.
[41] MOSHER, Jeffrey C. Op cit., 2008, p. 43.
[42] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Império nº 2, 24/10/1831.
[43] SANTOS, Mário Márcio de Almeida. A Setembrizada. In: Clio – Revista do Curso de Mestrado em História da História da Universidade Federal de Pernambuco, vol. 05, 1982, p. 186.

Teria sido mesmo a Setembrizada uma mobilização de "rebeldes primitivos"[44] como a análise de Márcio Márcio Santos faz pensar? Bem, algumas perspectivas teóricas de correntes historiográficas têm colocado em xeque percepções que notem semelhante gênero "pré-lítico" e/ou inconsciente nos movimentos[45]. Isso tem sido apontado, principalmente, pelo grupo de acadêmicos dos estudos subalternos[46]. Essa corrente de estudos, que tem se desdobrado em outras áreas acadêmicas além da História, surgiu e se desenvolveu como uma prática teórica e metodológica em um mundo contemporâneo onde a globalização produzira novos padrões de dominação e exploração. Resistindo à pressão da academia e dos poderes instituídos em países ditos de 'terceiro mundo', produziram formas de compreender as classes trabalhadoras e os grupos marginalizados. Os focos de abordagem são as tensões resultantes entre grupos estabelecidos e periféricos. Antes disso, os marxistas ingleses procuraram escrever uma história "vista de baixo"[47], na intenção de fugir das abordagens engessadas da História Política tradicional. No entanto, sua perspectiva partia sempre de uma visão de desenvolvimento do capitalismo na Europa e que seria aplicável às outras regiões do globo. Em contrapartida, os estudos subalternos propuseram não somente uma história que dá voz aos excluídos, mas uma reestruturação das práticas metodológicas e epistemológicas da própria disciplina histórica.

Ranajit Guha argumenta que, mesmo com a presença colonial na Índia, existiam formas autônomas de atuação política da população que apontavam uma direção contrária ao que era institucionalizado pelos órgãos e aparelhos do Estado e os grupos da

---

[44] HOBSBAWM, Eric J. Rebeldes Primitivos: estudio sobre las formas arcaicas de los movimientos sociales en los siglos XIX y XX. Barcelona: Editorial Ariel S. A., 1983.

[45] Hobsbawm, em Rebeldes Primitivos, fez análises de movimentos sociais periféricos apontando-os como arcaicos e pré-políticos. Apesar de dar uma importante contribuição aos estudos de formas ritualísticas e códigos culturais das manifestações populares — o que também é notado nos clássicos ensaios de Edward P. Thompson *A economia moral da multidão inglesa no século XVIII* e *A economia moral revisitada* — a análise de Hobsbawm foi muito criticada por seu evolucionismo, ou, mais rasteiramente, etapismo. Além disso, as críticas a este trabalho também se fundamentam nos discursos europeizados, onde os ocidentais se apropriam de conceitos como civilização e modernidade, subjugando culturas que não passaram pelo mesmo processo de desenvolvimento do capital como nos países da Europa Ocidental. Ver: HOBSBAWM, Eric J. Op cit., 1983. Sobre os ensaios de Thompson ver: THOMPSON, E. P. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 150-267.

[46] CHAKRABARTY, Dipesh. Provincializing Europe: Postcolonial thought and historical Difference. Princeton, Princeton University Press, 2000.; GUHA, Ranajit. Las voces de la historia y otros estudios subalternos. Barcelona: Critica, 2002.; GUHA, Ranajit; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Selected Subaltern Studies. New York. Oxford University Press, 1988.; SPIVAK, Gayatri C. Can the subaltern speak? *In*: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (eds.). Marxism and the interpretation of culture. Chicago: Chicago Press, 1988. p. 271-313.

[47] HOBSBAWM, Eric J. A história de baixo para cima. *In*: HOBSBAWM, Eric J. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 280-301.

elite política[48]. Na política colonial e nacionalista, a estrutura das relações obedeciam uma hierarquia clara e bem definida, um *modus operandi* 'verticalizado'. É interessante pontuar que essa estrutura política era uma forma de adaptação do modelo britânico. Em contrapartida, na "política subalterna", a arregimentação para a intervenção política dependia de afiliações horizontais como "a organização tradicional de parentesco e territorialidade ou a consciência de classe, dependendo do nível de consciência das pessoas envolvidas"[49]. O *modus operandi* da política subalterna tinha uma estrutura 'horizontal', às vezes com objetivos claros e bem definidos, outras vezes nem tanto, mas caracterizava uma política cotidiana que funcionava independentemente das estruturas elitistas, apesar de algumas tradições historiográficas indicarem o contrário.

Essa diferenciação de formas políticas entre elites e grupos subalternos representa a mudança de paradigma proposto pelos estudos subalternos, implicando reformulações nas teorias historiográficas e sociais que sempre estiveram sob patente da Europa Ocidental. A tendência da tradição historiográfica marxista era de classificar as formas de organização política horizontal das camadas populares, seja na política cotidiana ou em momentos mais excepcionais como revoltas e levantes, como movimentos instintivos ou de uma consciência política primitiva[50]. Essa visão de consciência pré-política esteve atrelada às próprias formulações de conceitos históricos europeus, uma vez que essa consciência parece estar atrasada em relação à lógica do capitalismo ou da modernidade, sob o julgo de que capitalismo ou modernidade são requisitos de sociedade avançada ou desenvolvida. Afirma Hobsbawm que os subalternos "são pessoas pré-políticas que ainda não encontraram uma linguagem específica que pudessem expressar suas aspirações sobre o mundo"[51].

Sob o olhar de Guha, o subalterno é descrito como um sujeito que não teve a mente confundida pela política, instituições e economia modernas e que de fato foi capaz de ler seu mundo contemporâneo corretamente, compreendendo a lógica e os liames da estrutura em que estava inserido. Guha atenta para dezenas de revoltas e levantes camponeses que ocorreram entre o século XVIII e início do século XX,

---

[48] GUHA, Ranajit. Subaltern Studies III: Writings on Indian History and Society. Delhi: Oxford University Press, 1984, p. VII.

[49] Tradução minha. Original: "the traditional organization of kinship and territoriality or on class consciousness depending on the level of the consciousness of the people involved" (GUHA *apud* CHAKRABARTY, 2005, p. 472). CHAKRABARTY, Dipesh. A Small History of Subaltern Studies. *In*: SCHWARZ, Henry.; RAY, Sangeeta. A Companion to Postcolonial Studies. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 467-86.

[50] HOBSBAWM, Eric J. Op cit., 1983.

[51] Tradução minha. Original: "Además, se trata de gentes prepolíticas que todavía no han dado, o acaban de dar, con un lenguaje específico en el que expresar sus aspiraciones tocantes al mundo". Ibid, p. 11.

apontando que essas manifestações possuíam uma forma de ação bem organizada e definida, que envolvia frequentemente a dissolução dos códigos de comportamento estabelecidos, desde maneiras de falar até mesmo formas de se vestir, na clara intenção de inverter símbolos de poder e autoridade que eram utilizados pelas elites como forma de manter as consolidadas disposições sociais[52].

Em conta disso, a Setembrizada não pode ser notada como uma revolta "pré-política" e espontânea. Houve sim um planejamento para aquela revolta. O artigo publicado por Marcus Carvalho em 1998 foi fundamental para notarmos a complexidade dos arranjos políticos que circundavam aquele motim militar, pois, demonstra este autor que a Setembrizada tinha causas que eram sentidas antes de setembro de 1831, mas que foram canalizadas nos meses que se seguiram após o 7 de abril[53].

Desde o alvorecer do século XIX inúmeras associações políticas surgiram em diversas províncias. Contudo, nas décadas que antecederam o Período Regencial esse tipo de associação esteve restrito ao ambiente das sociedades secretas, como as maçonarias e o Areópago de Itambé. Mas a vacância do trono causou tamanha instabilidade no Estado imperial que a centralização do poder político parecia prestes a ruir. Nessa instabilidade as facções políticas viram a oportunidade de tomar as rédeas dos rumos políticos da recém fundada nação. Assim, além do apoio de uma imprensa tomada pelo espírito partidário, as sociedades públicas tiveram uma robusta relação com as facções políticas, a tal ponto de serem indissociáveis nos primeiros anos das regências.

É fácil perceber que algumas lideranças dessas sociedades públicas ocupavam também cargos formais no Estado. Por conta disso, as sociedades públicas podiam exercer forte pressão nas deliberações do Parlamento, além de também ocupar as arenas informais da política cotidiana. Todavia, é possível notar que as sociedades públicas ligadas às facções exaltadas, por ocuparem um número de vagas no Parlamento muito menor que suas alas rivais, a moderada e a caramuru, atuavam com mais empenho nas arenas informais da política. Contudo, no Período Regencial, época em que a política "transcorria numa emergente esfera pública"[54], parte do clamor das ruas era sempre levado ao Parlamento. Frequentemente as sessões da Câmara tinham as galerias lotadas

---

[52] CHAKRABARTY, Dipesh. Op cit., 2005, p. 474.

[53] CARVALHO, Marcus J. M. de. O encontro da "soldadesca desenfreada" com os "cidadãos de cor mais levianos" no Recife em 1831. In: Clio – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, v. 01, n.º 18, p. 109-137. Recife, Editora Universitária da UFPE, 1998.

[54] BASILE, Marcello O. N. de C. Projetos de Brasil e construção nacional na imprensa fluminense (1831-1835). *In*: NEVES, Lúcia M. B. P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania M. B. da C. (orgs.). História e imprensa: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

de expectadores, que reagiam com afinco aos discursos dos deputados[55]. Por conta disso, as sociedades públicas ligadas aos exaltados, ao ocuparem as arenas informais da política, puderam exercer significativa influência nas deliberações do Parlamento naqueles anos. Assim, essas associações teriam sido, como bem apontou Otávio Tarquínio de Sousa, "o ensaio de um partido organicamente constituído"[56]. Corrobora isso o que Abreu e Lima descreveu sobre a Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional. Como apontou o General, a ação política da Defensora era mais forte que a do próprio Governo[57].

Mas o que era *partido* na década de 1830? Bem, antes de tudo, convém destacar dois alertas sobre os partidos políticos naquela época: o primeiro deles é que entre as décadas de 1820 e 1840 não existiam partidos políticos no sentido do conceito que se tornou comum após o fim do século XIX; o segundo é que na década de 1830 o termo *partido* estava carregado de um sentido negativo, pois, segundo o que Marco Morel assinala em sua tese, um dos políticos moderados de maior destaque da época, Evaristo da Veiga, frequentemente alertava que era necessário "preservar a sociedade do choque violento dos partidos"[58]. Sérgio Buarque de Holanda apontou que no Brasil Imperial havia uma clara "animosidade contra a existência atuante dos partidos políticos"[59], que eram como "paixões tumultuárias que dividiam o país"[60]. Todavia, apesar da manifesta vergonha em assumir as identidades partidárias, havia nessa época uma manifesta organização e agrupamento em torno de certos interesses políticos. Essa manifestação estava presente sobretudo nas folhas dos jornais, nas associações políticas e, claro, nas tribunas do Parlamento e nos gabinetes dos Governos. Em *Formação dos partidos políticos no Brasil da Regência à Conciliação, 1831-1857*, Jeffrey Needell destacou que as sociedades públicas e seus respectivos periódicos estiveram inteiramente envolvidos na formação dos partidos naquela década. No julgo deste autor, a própria maçonaria esteve também envolvida, apesar de aparecer como um 'espectro' secundário das tramas

---

[55] Certa vez, durante a sessão de 19 de junho de 1832, um dos expectadores cuspiu na cabeça do Deputado Caetano de Almeida, de Minas Gerais, enquanto este discursava. Ver: Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo I. Brasília, 1982, p. 115.
[56] SOUSA, Otávio Tarquínio de. Op cit., 2015, p. 107.
[57] ABREU E LIMA, José Inácio de. Op cit., 1843, p. 87-90. Todavia, é necessário atentar para o fato de que Abreu e Lima por vezes entrou em conflito com diversos moderados no Rio de Janeiro, principalmente com Evaristo da Veiga, um dos mais ilustres membros da Defensora. Para notar as disputas entre Abreu e Lima e Evaristo da Veiga, ver o jornal *A Torre de Babel* nº 5 de 25 de janeiro de 1833 e nº 6 de 2 de março de 1833.
[58] MOREL, Marco. Op cit., 2005, p. 64.
[59] HOLANDA, Sérgio Buarque de. Capítulos de História do Império. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 40.
[60] Ibid., p. 49.

partidárias[61]. À visto disso, tomamos como definição de partido para a época estudada o que Marco Morel indicou em sua tese:

> um partido político, na primeira metade do século XIX, era mais do que tomar um *partido* e constituía-se em formas de agrupamento em torno de um líder, por meio de palavras de ordem e da imprensa, em determinados espaços associativos ou de sociabilidades e a partir de interesses ou motivações específicas, além de se delimitarem por lealdades ou afinidades (intelectuais, econômicas, culturais, etc.) entre seus participantes. Tais agrupamentos eram identificados por rótulos ou nomeações, pejorativos ou não.[62]

As facções políticas utilizavam as sociedades públicas como uma ferramenta de influência e mando político, o que possibilitava uma atuação mais estruturada nas decisões políticas do início da década de 1830. Antes disso, as disputas entre facções políticas rivais pareciam travar o funcionamento do Estado, e foi somente quando os membros das facções moderadas se uniram em um único partido — sob a identidade da Defensora — e fizeram barganhas com o Governo que a instabilidade social da época pareceu ter cessado. “O Governo pôde marchar sem o tropeço das facções”[63], mas não tão livremente. A influencia que essas associações exerceram sobre o Parlamento e os gabinetes dos Governos foi tamanha que elas pareciam verdadeiramente governar o Brasil durante os primeiros anos das regências. Eram, como descreveu Abreu e Lima, “outro Estado no Estado”[64]. Assim, ao contrário do que pensavam os conselhos dos Governos provinciais, no início daquela década, as facções políticas não estavam extintas, apenas se estruturaram de forma mais sofisticada quando formaram as sociedades públicas, durante aquele “surto associativista”[65].

Essas novas associações traziam à baila da vida pública parte de uma agenda política que por tempos esteve ocultada nos gabinetes das sociedades secretas. A abdicação de Pedro I é causa direta dessa publicidade. Ora, em 1823, por um decreto imperial, Pedro I proibira o funcionamento de toda e qualquer sociedade secreta em todo o território do Império[66]. Na ausência do poder centralizado na figura do monarca, antigos membros das sociedades secretas viram a oportunidade de pôr em prática suas agendas políticas. Assim, novos tipos de associações surgiram, tendo como base as características das sociedades secretas, porém sem a necessidade de reuniões fechadas. Um dos nomes que mais simbolizava essa mudança era Nicolau Campos Vergueiro, que,

---

[61] NEEDELL, Jeffrey D. Formação dos partidos políticos no Brasil da Regência à Conciliação, 1831-1857. In: Almanack Braziliense. São Paulo, nº 10, nov. 2009, p. 7.
[62] MOREL, Marco. Op cit., 2005, p. 67.
[63] ABREU E LIMA, José Inácio de. Op cit., 1843, p. 88.
[64]Ibid, p. 88.
[65] BASILE, Marcello. Op cit., 2009, p. 66.
[66] Colleção das Leis do Imperio do Brazil (1823). Parte 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1887, p. 5-7.

como destacou Marco Morel, abandonou as reuniões secretas para fazer parte da vida política dos espaços públicos[67].

Alguns leitores poderão questionar se o surgimento das sociedades públicas, em 1831, teria sido mesmo o marco de um movimento político, de um surto associativista, de numa nova forma de vivência dos espaços públicos, ou se teria sido apenas uma adequação por parte das sociedades secretas aos termos da lei estabelecida pelo decreto imperial de 1823. Bem, sobre isso, convém notar que o ofício historiográfico jamais permitirá que se responda a questões como esta com um simples *sim* ou *não*. Mas que se esclareça: de fato, as sociedades que surgiram a partir de 1831, em sua maioria, seguiram o que foi determinado pela lei. Inclusive, pode-se notar, como um exemplo, que a própria Sociedade Federal de Pernambuco, quando passou a ser alvo de acusações e perseguições da Sociedade Patriótica Harmonizadora, argumentava com frequência a lei só proibia "as sociedades cujos fins são ilegais"[68]. Mas isso não exclui a caracterização de uma época singular na história das formas de sociabilidades no Brasil oitocentista. Ora, o que se percebe naquele período é que em pouco menos de um ano após a Abdicação de Pedro I mais de cem sociedades públicas foram criadas em diferentes províncias[69]. E quanto a isso não se pode negar a influência da Abdicação e da consequente efervescência social em disputa pelo mando político em todo o Império.

À vista disso, compreender como as sociedades públicas atuavam, com quais interesses e projetos, é uma investigação que pode contribuir de forma significativa para um melhor entendimento desse período de ânimos políticos acirrados. Por conta disso, essa dissertação é fruto de uma pesquisa que buscou investigar a atuação de duas sociedades públicas da Província de Pernambuco, que fizeram parte daquele "surto associativista" apontado por Marcello Basile, visando compreender como se formaram e como estabeleceram relações com a imprensa partidária e com grupos políticos de outras províncias nos primeiros anos do Período Regencial. A rivalidade e a disputa pela influência no Governo provincial entre a Sociedade Patriótica Harmonizadora e a Sociedade Federal demonstra os principais liames dos embates mais recorrentes daquela época. Por esse motivo, procurou-se compreender seus principais vetores de atuação e a importância de ambas as sociedades para a vida política da Província de Pernambuco.

---

[67] MOREL, Marco. Op cit., 2003, p. 19.
[68] Bússola da Liberdade nº 36 de 30 de outubro de 1831.
[69] BASILE, Marcello. Op cit., 2009, p. 66.

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos, sendo a atual "*Introdução*" o primeiro deles. O segundo capítulo, intitulado "*Decerto a felicidade de nenhum povo depende de reis*", teve como propósito analisar o contexto e as causas do surgimento das sociedades públicas de Pernambuco. Para isso, foi necessário analisar os acontecimentos do agitado ano de 1831 na velha província, tendo como ponto de partida a chegada das notícias da Abdicação de Pedro I. Aquela notícia encontrou a província inteiramente dividida, pois a rivalidade política entre os que apoiavam a permanência da monarquia e os que desejavam a independência e a autogestão provincial, que remontava aos dias da Confederação do Equador, estava completamente azeda. Assim, aquela novidade pareceu ter sido somente combustível para as já acirradas disputas políticas dos pernambucanos. Entre festejos e protestos que se seguiram após o Presidente da Província comunicar oficialmente os acontecimentos da Abdicação para a população do Recife, grupos de militares e estudantes de Direito fizeram uma *Representação*, exigindo do Governo a demissão de dezenas de empregados públicos, mal vistos por supostas relações com absolutistas da extinta sociedade secreta Coluna do Trono e do Altar. A partir daquele dia, todas as pessoas da província sabiam da debilidade que acometia o Governo Provincial.

Por conta disso, 1831 foi um ano marcado por quadrilhas de saqueadores, pelo 'derramamento' de incontáveis moedas de cobre falsificadas e por motins que causaram grande crise na economia pernambucana. Foi por conta de tamanha desordem social que homens de posses da província decidiram criar a Sociedade Patriótica Harmonizadora, visando auxiliar a administração da Província — evidentemente em favor de seus próprios interesses — e opor-se tanto a exaltados quanto a caramurus. A Harmonizadora unia em si a elite agrária, os grandes comerciantes e militares de alta patente da província. Segundo o que o próprio fundador da sociedade declarava, a Harmonizadora aceitaria a "revolução" que levara à Abdicação, mas lutaria para que não se prosseguisse em "suspensões, deposições e perseguições de empregados [públicos] e outras pessoas por suas posições políticas anteriores"[70]. Tratava-se, assim, do agrupamento de importantes líderes políticos que outrora foram adversários, a fim de definir o 'programa' do processo de renovação política, garantido, contudo, a manutenção de posições e privilégios. Por isso mesmo se verifica no corpo de sócios da Harmonizadora a presença de sujeitos com uma imponente biografia liberal, como o próprio Antônio Joaquim de

---

[70] MELLO, Antônio Joaquim de. Biografia de Gervásio Pires Ferreira. Recife: Typ. De Manoel Figueroa de Faria & Filhos, 1895, p. 152 e 167. Disponível em: https://archive.org/details/biographiadeger00mellgoog/page/n2

Melo e Gervásio Pires Ferreira, ao lado de dois dos principais nomes da "facção dos Cavalcanti"[71], Francisco de Paula e Maciel Monteiro. Mas a ala dos liberais exaltados logo tratou de se agrupar sob um único 'partido', fundando a Sociedade Federal em outubro de 1831. Neste capítulo foram utilizados como fonte principalmente os documentos oficiais do Governo Provincial — correspondências à Corte, ofícios do Presidente da Província, atas de reunião do Conselho do Governo, etc. —, jornais e periódicos — em sua maioria os da Província de Pernambuco, apesar de aparecerem também alguns folhetos do Rio de Janeiro e São Paulo — e, em alguns momentos específicos, os volumes da *Colleção de Leis do Império do Brazil*.

O segundo capítulo fala sobre o contexto de criação das sociedades, apegado mais a uma abordagem institucional destas, expondo pouco sobre *quem* esteve envolvido naquelas associações. Em conta disso, no terceiro capítulo, intitulado "*Composição profissional, estatutos e atuação política das sociedades Federal e Patriótica Harmonizadora*", busquei apontar as pessoas que formaram e se inscreveram nas sociedades públicas de Pernambuco. Além disso, procurei também anotar por quais segmentos profissionais eram formadas as duas sociedades. Nesse ponto convém advertir o leitor sobre duas questões: a primeira diz respeito aos 'cortes' de segmentos, pois as informações profissionais dos sócios às vezes apareciam de maneiras diferentes em documentos diferentes; a segunda questão diz respeito à considerável falta de registros documentais sobre a Sociedade Patriótica Harmonizadora, pois, se da Federal foi possível elaborar uma lista com informações profissionais de mais de 100 sócios, da Harmonizadora a lista foi muito menor — apesar de mais trabalhosa —, tendo em vista a fragmentação das informações encontradas. Todavia, essa disparidade de informações sobre os sócios pode ser entendida pelo apelo à legalidade feito pela Sociedade Federal, pois havia por trás disso uma maior necessidade de atuar no âmbito da legalidade e de desprender-se daquelas acusações de anarquia que sofrera da Harmonizadora e da Câmara Municipal do Recife. Além disso, neste capítulo foram analisados os estatutos das sociedades, o que faz perceber quais estruturas de organização das sociedades secretas inspiraram a composição das sociedades públicas do Período Regencial. Neste capítulo, utilizei como fonte os jornais e periódicos recifenses da época, sendo necessário, no entanto, buscar apoio nos volumes do *Diccionario Bibliográfico*

[71] A família dos Cavalcanti de Albuquerque caracterizaram uma facção política 'particular' na Província de Pernambuco nas décadas de 1830 e 1840. Ver: CAVALCANTI JUNIOR, M. N. "O egoísmo, a degradante vingança e o espírito de partido": a história do predomínio liberal ao movimento regressista (Pernambuco, 1834-1837). Recife: O autor, 2015.

Brazileiro, de Augusto Blake, e no *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres*, de Pereira da Costa.

Por não dispor de um elevado número de adeptos que ocupassem cargos oficiais no Estado imperial, os liberais exaltados buscaram, através da Sociedade Federal, uma atuação mais robusta nas arenas informais da política cotidiana. À vista disso, o quarto capítulo, cujo título é "*Que esquisita maneira de harmonisar*", busca analisar os projetos políticos encabeçados pelas sociedades e suas respectivas 'alas' políticas, demonstrando como os federalistas conseguiram formar uma malha política interprovincial, instalando filiais da Sociedade Federal em várias províncias. Neste mesmo capítulo buscou-se, ainda, expor as iniciativas tomadas pelas sociedades das facções moderadas, que buscavam combater a 'proliferação' do federalismo no Império. Também procurei expor neste capítulo a formação de alianças entre as sociedades públicas e a imprensa, demonstrando que a formação de uma cultura política e o 'treinamento ideológico' dos leitores — mesmo que, por vezes, muito rasteiro — fazia parte dos projetos desses grupos. Por fim, evidenciamos a atuação de grupos restauradores, apontando indícios de que a sociedade secreta Coluna do Trono e do Altar, apesar dos esforços dos Governos em decretar seu fechamento, ainda atuava em várias províncias, buscando apoio para trazer o ex-Imperador de volta ao trono. Neste capítulo foram novamente utilizado como fontes os documentos oficiais do Governo, os jornais e periódicos e os volumes da *Colleção de Leis do Império do Brazil*.

Entretanto, a partir da segunda metade de 1832 os documentos passaram a revelar cada vez menos a atuação das duas sociedades. A que se deveu isso? Bem, a hipótese mais consistente que pude levantar diz respeito às transações entre os políticos moderados da Câmara e os caramurus do Senado para estabelecer um limite para as reformas constitucionais, o que causou uma notável desmobilização das sociedades públicas, não só na Província de Pernambuco. Por isso, no quinto capítulo, intitulado "*Da ascensão à queda: conspirações, reformas e o fim das sociedades públicas*", voltamos os nossos olhos para a Província do Rio de Janeiro, a fim de notar como a transação e o 'desforço' entre a Câmara dos Deputados e o Senado determinaram o *programa* das reformas que seriam coroadas pelo Ato Adicional em 1834. Diferentes projetos de reformas constitucionais circularam em várias províncias logo no primeiro ano da Abdicação. Esses projetos não só encontraram nas sociedades públicas canais de circulação, como as próprias sociedades buscaram compor suas próprias propostas de reformas. E por conta dessa pluralidade de propostas aconteceram tentativas de golpes

de Estado. Indícios apontam que uma dessas propostas, que tinha como ato final um golpe de Estado, caso não pudesse ser efetuada pela legalidade, chegou à Sociedade Federal de Pernambuco. Apesar de ter sido rapidamente sufocada pela atuação dos moderados, essa proposta daria origem a uma nova tentativa golpe, dessa vez por iniciativa dos próprios moderados. A chamada "revolução dos três padres"[72] pode ser entendida como a própria origem do Ato Adicional, que viria a concluir os planos políticos das facções, pondo fim às sociedades públicas. Por fim, neste capítulo buscou-se fazer um breve apontamento dos rumos que os sócios da Harmonizadora e da Federal tomaram após o fim das referidas sociedades públicas. Foram utilizados como fontes principalmente as atas das sessões da Câmara dos Deputados nos *Annaes do Parlamento Brazileiro*, os volumes da *Colleção de Leis do Império do Brazil*, as Atas do Conselho de Estado e os jornais e periódicos da época.

***

A investigação sobre as tramas e diferentes agenciamentos desse contexto político remeteram a uma necessária análise de fontes e documentos impressos e manuscritos, cujas informações coletadas puderam ser comparadas com as hipóteses e análises da historiografia sobre o século XIX que foram citadas anteriormente. Como documentação base, selecionamos a coleção de folhetos raros, jornais e periódicos de Pernambuco — além de alguns de outras províncias, como Rio de Janeiro e São Paulo —, em sua maioria de 1831 a 1834, do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE) e támbémdo acervo digital da Biblioteca Nacional e da Companhia Editora de Pernambuco (CEPE). Para esta tarefa foram fundamentais os apontamentos feitos por Luiz do Nascimento na *História da Imprensa de Pernambuco*, sobretudo nos volumes I, II, IV e XIII, que foram disponibilizados em formato digital pelo APEJE.

Analisamos também o acervo de manuscritos do APEJE, principalmente as seguintes coleções: Correspondências Para a Corte, volumes 32, 33 e 34; Assuntos Militares, volumes 4 (Milícias) e 8 (Tesouraria e Pagadoria); Documentos do Conselho do Governo (no catálogo faz parte do código Diversos I), volume 21; Ofícios do Governo da Província, volumes 29, 33, 34 e 35, (ressaltando que poucos documentos foram analisados deste acervo, por restarem apenas cópias microfilmadas com qualidade muito precária); Ordens Régias, volume 43; Polícia Militar, volume 1; e o Registro de

[72] SOUZA, Octavio Tarquínio de. História dos fundadores do Império do Brasil, vol. 8 — Três golpes de Estado. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960, p. 97-129.

Ofícios, volume 4. Foram analisados também ofícios manuscritos no acervo digital da Biblioteca Nacional, cujos links foram disponibilizados sempre nas notas de rodapé durante o texto. No acervo digital da Biblioteca da Câmara dos Deputados, encontramos edições dos anos de 1823 a 1835 da *Colleção de Leis do Império do Brazil*; além todos os volumes do *Diccionario Bibliographico Brazileiro*, de Augusto Blake.

No Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco (IAHGP) analisamos a edição número 38 da Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, além de alguns processos do acervo do Tribunal da Relação, com a seguinte catalogação: Ano 1832, Caixa 1, Processo 10; Ano 1834, Caixa 2, Processo 2; e Ano 1834, Caixa 2, Processo 6. No Laboratório de Pesquisa e Ensino de História (LAPEH) da UFPE, coletamos algumas compilações de documentos, como os *Annaes do Parlamento Brazileiro - Câmara dos Deputados*, sessões de 1832 (Tomos I e II) e 1834 (Tomos I e II); as *Atas do Conselho do Governo de Pernambuco*, volume II; e *Textos Políticos da História do Brasil*, volume I; além do clássico trabalho de Francisco Augusto Pereira da Costa, *Anais Pernambucanos*, volumes IX e X.

2 “DECERTO A FELICIDADE DE NENHUM POVO DEPENDE DE REIS” [73]

Os importantes acontecimentos ocorridos na Província de Pernambuco na década de 30 do século XIX exerceram importante papel na formação social, econômica e política do país. Estão anotados aqui episódios que marcaram uma época de intensas transformações sociais, que constituíram, conforme aponta a tradição historiográfica pernambucana, o centro da própria história dos fatos políticos normativos da organização do Brasil como país independente.

***

2.1 CONJUNTURAS DO IMPÉRIO: O PERÍODO REGENCIAL

No dia 15 de outubro de 1831, o *Diario de Pernambuco* estampava um anúncio da Sociedade Federal convocando seus leitores para reuniões. Como frisa o texto, todo trabalho da dita sociedade seria divulgado “sempre pela imprensa”[74]. Era uma das primeiras vezes que uma associação de fins políticos divulgava as suas ações ao público pernambucano. Numa época de intensa politização das ruas esse tipo de imprensa partidária começava a tomar conta das mentes e corações dos seus leitores. A gente miúda — formada por pequenos comerciantes, frequentadores de tabernas, militares de baixa patente e negros escravizados que transitavam pelas ruas da capital — e a elite — proprietários de terras, negociantes e senhores de escravos, grandes comerciantes portugueses e a elite burocrática que ocupava cargos formais no Governo — da Província de Pernambuco não ficariam fora dos movimentos que prenunciavam novas experiências para a recém fundada nação. A imprensa pernambucana teria papel atuante na formação de uma nova mentalidade política daquele que seria um dos anos mais agitados da nossa história.

O acelerado surgimento de associações políticas na Regência não se restringiu à Província de Pernambuco. Aponta Marcello Basile[75] que a atividade da imprensa, em todo país, esteve atrelada a um notável surto associativo: em 1831 mais de cem associações políticas foram criadas em todo o Império. Segundo José Murilo de Carvalho[76], houve momentos em que surgiram sociedades políticas que exerceram uma considerável influência na Regência. Para este autor, o surgimento dessas sociedades

---

[73]Diario de Pernambuco nº 178 de 20 de agosto de 1831.
[74]Diario de Pernambuco nº 220 de 15 de outubro de 1831.
[75] BASILE, Marcello. Op cit., 2009, p. 66.
[76] CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2007, p. 51.

esteve atrelado a um momento de conturbação política no início da década de 1830. O curto período de funcionamento dessas associações reforça essa hipótese de "frouxidão da disciplina social"[77]. Fenômeno que também se fez notável em alguns gabinetes secretos no Primeiro e Segundo Reinado.

É evidente que grande parte dos que estavam na dianteira dessas associações ocupavam também posições formais no Estado Imperial. Contudo, as associações políticas formavam uma espécie de dispositivo de pressão sobre as Câmaras Municipais e dos Deputados que vinha de fato de fora da Câmara e criava um apoio político para o Governo. A pressão exercida nas Câmaras Municipais por sociedades ligadas aos partidos moderados contra os grupos exaltados após a Abdicação em 7 de abril de 1831 foi uma importante contribuição para o processo de centralização do poder e da repressão. Essa centralização fazia parte de um projeto político bem delineado para fortalecer o poder executivo. Na análise de Maria Odila da Silva Dias, era uma das artimanhas do Império para se livrar dos resquícios ainda vigentes da herança colonial e estava na vanguarda de projetos de grandes estadistas do Império[78]. Essas associações teriam sido, nas palavras de Otávio Tarquínio de Sousa, "o ensaio de um partido organicamente constituído"[79].

A grosso modo, estudos pontuais sobre sociedades políticas ainda estão pouco evidentes na historiografia oitocentista. Todavia, alguns historiadores têm se destacado por um olhar cada vez mais minucioso para essas associações, como Silvia Fonseca[80], Marcello Basile[81], Augustin Wernet[82], Marco Morel[83], Marcus Carvalho[84] e Manuel Correia de Andrade[85].

A história do Brasil é farta em episódios conturbados: motins, levantes, rebeliões e movimentos populares foram uma constante no século XIX. Em 1831, principalmente após a Abdicação, as perspectivas se mostravam difíceis. A elite pernambucana, tendo

---

[77] SOUSA, Otávio Tarquínio de. *Apud*. WERNET, Augustin. Op cit., 1978, p. 9.
[78] DIAS, Maria Odila Leite da Silva. A interiorização da Metrópole (1808-1853). *In*: MOTA, Carlos Guilherme (org.). 1822: dimensões. São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 170.
[79] SOUSA, Otávio Tarquínio de. Op cit., 2015, p. 107.
[80] FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. Op cit., 2016.; Id.. A linguagem republicana em Pernambuco (1824-1835). *In*: Varia História, Belo Horizonte, vol. 27, nº 45, 2011, p. 47-73.; Id.. Federação e República na Sociedade Federal de Pernambuco (1831-1834). In: Saeculum - Revista de História, João Pessoa, 2006, p. 57-73.
[81] BASILE, Marcello. Op cit., 2004.; Id.. Op cit., 2009. p. 53-119.; Id.. Deputados da Regência: perfil socioprofissional, trajetórias e tendências políticas. *In*: CARVALHO, J. M.; CAMPOS, A. P. Perspectivas da cidadania no Brasil Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 87-121.
[82] WERNET, Augustin. Op cit., 1978.
[83] MOREL, Marco. Op cit., 2003.; Id.. Op cit., 2011.
[84] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op cit., 2009, v. 2; p. 121-183.; Id.. Op cit., 1998.
[85] ANDRADE, Manuel Correia de. Op cit., 1971.

cindido em querelas políticas, agora achava necessário advogar em nome da ordem e da tranquilidade pública. Conforme interpreta Marcello Basile[86], o Período Regencial é a fase mais conturbada na história do Brasil. Parte significativa da historiografia que estuda este período indica que a Regência era o berço da desordem, demasiada liberdade, fraqueza do governo e das leis, um ambiente que privilegiava o radicalismo das facções e levantes da população.

A formação da mentalidade política nacional esteve atrelada ao processo de Independência, conforme exposto por Socorro Ferraz[87]. Esta mesma autora propõe que o contexto de 1822 criou um ambiente favorável à emergência de pensamentos republicanos e liberais no Brasil, manifestos em escritos como os de Silvestre Pinheiro Ferreira, José Bonifácio e Frei Caneca[88]. Esses pensamentos ganharam força, tornando-se inspiração para os projetos políticos radicais encabeçados pelas facções que disputavam a primazia do poder. Muitos embates ocorreram entre as facções Exaltada, Moderada e Caramuru, tendo a imprensa como principal veículo de ideias republicanas e antirrepublicanas. Desde então, ações políticas já estavam em curso, ganhando as ruas e jornais.

Em Pernambuco, destacou-se a atuação de duas associações políticas, a Sociedade Patriótica Harmonizadora e a Sociedade Federal, cujo antagonismo faz perceber os principais liames dos embates mais recorrentes da época. Esta primeira foi criada para manter a ordem e os interesses de homens de haveres da província. Segundo Manuel Correia de Andrade[89], nota-se que da Harmonizadora faziam parte homens de grande riqueza, que temiam que as agitações políticas e as rusgas dos exaltados trouxessem prejuízos aos seus negócios e posições na Província. Aponta Marcus Carvalho[90] que há fortes indícios de que especializados traficantes de escravos e proprietários aliaram-se à facção conservadora mais centralista, os ditos Corcundas[91].

Apesar disso, todos viam com bons olhos a partida de Pedro I para Portugal. Deveras, de uma perspectiva regionalista, a maneira como foi conduzida a administração do Primeiro Reinado fora consideravelmente desastrosa. Após a Independência, para

---

[86] BASILE, Marcello. Op cit., 2009. p. 55.
[87] FERRAZ, Socorro. Op cit., 1996.
[88]Ibid.
[89] ANDRADE, Manuel Correia de. Op cit., 1971, p. 64.
[90] CARVALHO, Marcus J. M. de. Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo. Recife, 1822-1850. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2001, p. 161.
[91] Sobre isso é importante esclarecer que esse tipo de aliança política não se devia necessariamente a alguma suposta ideologia conservadora, mas simplesmente por razões econômicas. Caso ocorresse a federalização ou fragmentação da nação, muito provavelmente os escravistas perderiam suas consolidadas malhas de tráfico.

fugir de uma iminente crise monetária, o Imperador recorreu à emissão de uma volumosa quantidade de moedas de cobre[92]. Em decorrência disso surgiram as primeiras quadrilhas de falsários de moedas. Não bastasse, o país tinha se afundado em dívidas por conta de uma equívoca aventura na Cisplatina. Muito se falava na época sobre partidos do Norte e do Sul, uma clara indignação das elites agrárias pernambucanas sobre o fato do "timão do comando político da nação"[93] ter passado, definitivamente, para províncias do eixo Sudeste do país. Dessa forma, parece plausível que até quem se alinhara à Corte diante da repressão à Confederação do Equador sentisse certo entusiasmo com a queda do Imperador.

Figura 1 – Pedro I em meados de 1826

fonte: http://200.159.250.2:10358/handle/acervo/168

Figura 2 – Pedro I em meados de 1833

fonte: http://dpedroiv.pt/d-pedro-duque-de-braganca-1833#iconografia

Como indica Manuel Correia de Andrade, dia a dia os ideais liberais ganhavam terreno em Pernambuco. Para notar tal avanço basta comparar os deputados eleitos em 1826 com os eleitos em 1829[94]. Segundo as informações oferecidas por este mesmo autor, extraídas da obra de Afonso Taunay *A Câmara dos Deputados sob o Império,* devido ao envolvimento nos movimentos de 1817 e 1824 importantes figuras da província pernambucana não concorreram às eleições em 1826. Por conta do exílio dos

---

[92] CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. O "retalho" do comércio: a política partidária, a comunidade portuguesa e a nacionalização do comércio a retalho, Pernambuco 1831-1870. Recife: O autor, 2012, p. 303.
[93] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op cit., 1998, p. 110.
[94] ANDRADE. Op cit., p. 50.

liberais da província, as primeiras eleições para a Assembleia Geral e para o Senado em 1826 tiveram as vagas ocupadas majoritariamente por políticos da ala 'conservadora'. A repressão à Confederação do Equador tornara forte o partido absolutista em Pernambuco. Naquele ano foram eleitos deputados: Pedro de Araújo Lima — que futuramente se tornaria Marquês de Olinda —, Tomás Xavier Garcia de Almeida, Luís Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, Antônio Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, Francisco de Paula de Almeida e Albuquerque, Domingos Malaquias de Aguiar Pires Ferreira, Manuel Caetano de Almeida e Albuquerque, Bernardo José de Serpa Brandão, Caetano Maria Lopes Gama, Padre Miguel José Reinau, Pedro Inácio Pinto de Almeida e Castro, Tomás Antônio Maciel Monteiro e Francisco José de Faria Barbosa. Mas, em 1829 apenas quatro destes seriam reeleitos: Pedro de Araújo Lima, Antônio Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, Luís Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque e Francisco de Paula Almeida e Albuquerque. Os demais foram substituídos. Ocuparam as novas vagas Ernesto Ferreira França, Francisco de Carvalho Paes de Andrade — irmão de Manoel de Carvalho Paes de Andrade, Presidente da Província na Confederação do Equador —, Gervásio Pires Ferreira — que em 1826 já tivera boa votação para ocupar uma vaga no Senado, não fosse o "fatídico lápis"[95] do Imperador vetando sua posse —, Sebastião do Rego Barros, Padre Venâncio Henriques de Resende, Francisco do Rego Barros, Francisco Xavier Pereira de Brito e Manuel Zeferino dos Santos. Assim, em 1829 Pernambuco já contava com uma renovada atmosfera liberal, a tal ponto de serem eleitos como deputados figuras que tiveram envolvimento no movimento de 1824 e que tinham ideias abertamente republicanas. Era o caso de Francisco de Carvalho e de Venâncio Henriques de Resende[96].

Diante de tal situação chegou, em maio de 1831, a notícia da Abdicação do Imperador, causando enorme agitação política na velha província.

2.2 A ABDICAÇÃO E OS MOTINS DE MAIO DE 1831 NO RECIFE

No dia 4 de maio de 1831, chegou em Pernambuco boatos sobre a Abdicação. O Governo então resolveu proclamar ao povo que permanecesse sossegado, suspendendo até que se recebessem notícias oficiais qualquer juízo a este respeito. A proclamação foi imediatamente lavrada, impressa e vulgarizada. Dizia que notícias extraordinárias chegaram ao Recife trazidas da Bahia por uma embarcação inglesa, cuja tripulação

[95] Ibid, p. 46.
[96] Ibid, p. 44-6.

afirmava ter-se espalhado por aquela cidade que o imperador havia abdicado a coroa do Império para seu augusto filho e "que já se elegera uma regência provisória, até que a Assembleia Geral haja de nomear a permanente"[97]. Dizia ainda o boato que o imperador abdicante partira para a Inglaterra. Estas notícias não eram oficiais, mas o presidente do Conselho do Governo precisou advertir a população, já que "por sua magnitude podem agitar modo de pensar de cada um"[98].

Na manhã seguinte chegou ao Presidente da Província a notícia oficial, confirmando os boatos. Pedro I sofrera grande pressão por manifestações populares, com as quais as tropas compactuaram, e resolveu abdicar em favor de seu filho. O Brigadeiro Francisco de Paula Vasconcelos, que seria nomeado Comandante das Armas da Província de Pernambuco em 30 de Junho[99], exerceu uma notável liderança nesses movimentos. A imprensa local deu grande divulgação do acontecido e a notícia se espalhou entre a população, encontrando diferentes opiniões. Em um manifesto publicado no *Diario de Pernambuco*, o Padre Manoel de Freitas Magalhães incitava a população a manifestar seus sentimentos de liberdade ou ficar "encoberto de opróbrio, [...] chorando para sempre na mais negra e bárbara escravidão"[100]. De certa maneira, até alguns aliados de Pedro I na província pernambucana viam com pouca satisfação a maneira desastrosa como o Império era conduzido e manifestaram uma opinião positiva sobre a Abdicação.

A província estava inteiramente dividida, produto de rivalidades políticas que caracterizavam um cenário partidário. As facções políticas tinham fortes alianças em Pernambuco e eram resultado de um desdobramento do processo político que vinha desde a Independência, principalmente após a Assembleia Constituinte em 1823[101], onde eram polarizadas em dois grupos que lutavam pelo poder. O primeiro grupo era formado pelos partidários de Pedro I, enquanto o segundo era o grupo dos federalistas, interessados em manter a autonomia provincial conquistada com a Revolução do Porto em 1821[102]. O fracasso da Confederação do Equador, em 1824, selou a consolidação do projeto centralizador. O Morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto, que futuramente seria Marquês do Recife, e seus aliados, principalmente os Cavalcanti, "ficaram com os

---

[97] Ata da sessão extraordinária do Conselho do Governo de 4 de maio de 1831, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834).
[98] PEREIRA DA COSTA, F. A. Op cit., p. 391.
[99] Diario de Pernambuco nº 140 de 4 de Julho de 1831.
[100] Diario de Pernambuco nº 98 de 9 de Maio de 1831.
[101] NEEDELL, Jeffrey D. Op cit., 2009, p. 5-22.
[102] CARVALHO, Marcus J. M. de. Cavalcantis e cavalgados: a formação das alianças políticas em Pernambuco, 1817-1824. Rev. bras. Hist., São Paulo, v. 18, n. 36, 1998. p. 331-66.

louros da vitória"[103] e receberam enormes recompensas do imperador. Eram homens de atividades comerciais, quase todos portugueses, que se infiltraram nos cargos públicos e militares e tinham enorme prestígio entre as autoridades absolutistas. É evidente que aos perdedores reservou-se a perseguição. Contudo, ainda seriam sujeitos de grande estima entre os populares. Talvez os pernambucanos de poucas posses fossem menos temerosos de reformas políticas.

Por ocasião da chegada do Paquete Imperial Pedro, o então Presidente da Província, Joaquim José Pinheiros de Vasconcelos, convocou o Conselho na manhã do dia 6 para lhes comunicar que por ofício do Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império chegara a notícia de uma "gloriosa revolução", que ocorrera no Rio de Janeiro e que elevara ao Trono Pedro II[104]. Dizia ainda, como reza a ata desta sessão, que este acontecimento faria transbordar a alegria dos amantes da Constituição e que todos os habitantes dessem "demonstrações de contentamento". Sendo assim, a Câmara Municipal do Recife deveria transmitir ao povo a notícia e tentar evitar excessos que perturbassem a ordem pública. Tendo aparecido na galeria do Palácio com seus Conselheiros, o Presidente deu vivas à Pedro II, acompanhados com entusiasmo pelo povo que ali se encontrava, e ordenou que bandas de música circulassem pelas ruas da cidade com alegres canções[105]. Naquela noite, toda a cidade se iluminou e grandes foram os festejos. Mas também os excessos.

Foi quase imediata a reação militar ao 7 de abril em Pernambuco, como indica Marcus Carvalho[106]. Entre os vários ofícios comunicando os acontecimentos da Abdicação, recebidos entre os dias 4 e 6 de maio, estava a notícia da anistia dos rebeldes da Confederação do Equador[107]. Os que sofreram as adversidades impostas pela Coroa e pelo Presidente da Província nomeado em 1828, que foi Juiz dos processos contra os rebeldes de 1824, agora retomavam o fôlego.

Quando a multidão à frente do palácio se dispersou, o Presidente e o Conselho se reuniram a fim de tomar providências para evitar excessos de "entusiasmo"[108]. Veio à sessão, então, o Tenente Coronel Comandante do Batalhão 18 comunicar que recebera a

---

[103] CAVALCANTI JUNIOR, M. N. Op cit., 2015, p. 18.
[104] Ata da sessão extraordinária do Conselho do Governo de 6 de maio de 1831, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834).
[105] Ata da sessão extraordinária do Conselho do Governo de 6 de maio de 1831, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834).
[106] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op cit., 1998, p. 112.
[107] APEJE, Ordens Régias, vol. 43 (1829-1835), 22/04/1831.
[108] Ata da sessão extraordinária do Conselho do Governo de 6 de maio de 1831, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834).

notícia de que cerca de 50 soldados haviam tomado posse de armas e munições e se retirado do Quartel em direção ao campo de Santo Amaro. À frente deste corpo estava o Capitão Francisco Inácio Ribeiro Roma, filho do Padre Roma, arcabuzado em 1817. Com essa notícia, o Presidente ordenou que o Conselheiro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque fosse em busca desse Corpo e tentasse o persuadir a voltar ao Quartel. Por volta das 19h, o Conselheiro voltou com a notícia de que o Corpo havia se deixado persuadir e se colocara em marcha de volta ao Quartel. Entretanto, na metade do caminho, havia se deparado com alguns paisanos armados que se opuseram à marcha e fizeram uma "Representação" ao Governo[109]. Na primeira metade do Século XIX, em vários locais da América Latina, manifestos com exigências eram quase um protocolo ritualístico das ações de tropas. Era o "pronunciamento, propriamente dito"[110].

Em 1831, muitas pessoas da capital tinham conhecimento da fraqueza que acometia o Governo. Após as boas novas trazidas pelo Paquete Imperial Pedro, essa gente julgava que chegara a hora de tomar o timão político e ditar novos rumos para a província. As imposições feitas ao governo naquela Representação apontam este sentido. Naquela carta o "povo de Recife, Olinda e Estudantes do curso Jurídico" solicitavam o afastamento de empregados públicos famosos por suas "condutas antinacionais e opiniões abertamente absolutistas". Afirmavam que eram justos os receios e irritação do povo e que o único meio de evitar "funestos resultados entre a multidão era a imediata demissão de empregados mal vistos", substituindo-os por brasileiros natos "dignos da confiança pública". Afinal, como seria sensato que continuassem a administrar os rumos de grande parcela dos negócios da província homens que até então estavam comprometidos com o Governo que acabara de cair? Por fim, a carta passava a responsabilidade para o Governo que, "conhecendo os votos do Povo, não deixarão de pôr em execução estas únicas medidas, que sós podem restaurar a paz e a tranquilidade alteradas"[111].

O Presidente ordenou que os Conselheiros Gervásio Pires Ferreira e Manoel Zeferino dos Santos partissem na manhã seguinte para tentar novos meios para persuadir

---

[109] Ata da sessão extraordinária do Conselho do Governo de 6 de maio de 1831, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834).
[110] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op cit., 1998, p. 112.
[111] Representação do povo enviada ao Presidente do Conselho do Governo, exigindo a demissão de empregados públicos, em 06 de maio de 1831. Presente no Acervo Digital da Biblioteca Nacional: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=27868

a concórdia. Porém, no resto da noite desertou toda a Tropa de Linha e grande parte da Polícia[112].

Pelo que se dizia na época, Gervásio Pires era um liberal federalista constitucionalista. Um sujeito abastado, importante comerciante em Lisboa, que chegara a Pernambuco em 1808. Participou da revolta de 1817, financiando a compra de armas nos Estados Unidos e fornecendo uma embarcação para transportá-las, na missão do Emissário da Revolução, o Cruz Cabugá. Em 1823 foi representante de Pernambuco na segunda legislatura geral[113]. Apesar de suas posições moderadas no período em que ocupou uma vaga na Câmara, a queda de Pedro I era aprazível ao seu grupo político. Com a ordem do Presidente da Província, Gervásio Pires se juntaria aos amotinados para negociar uma saída pacífica, livre de agruras. Mas não faltaram acusações dos seus adversários de estar, às escondidas, tramando um golpe com os amotinados para tomar a presidência da província. Marcus Carvalho sugere que, apesar de não ter ficado bem esclarecido, é possível que "no fundo, no fundo, Gervásio estivesse mesmo tentando um golpe"[114]. Todavia, segundo Antônio Joaquim de Melo, "não sabemos porque, nem como começaram, encorpavam-se rumores de que Gervásio havia promovido [...] aquela reunião de povo e tropa em Olinda, e que aspirava a presidência da Província"[115].

Em tais circunstâncias, o Conselho resolveu ceder às exigências feitas, suspendendo o Comandante das Armas, vários Militares e o Desembargador Gustavo Adolfo de Aguilar[116]. De acordo com um ofício assinado pelo Presidente, também foi suspenso do exercício o Major do Batalhão 19 de 1ª linha José Thomas Rodrigues, "apesar de não vir designado naquela Representação". Justificou o Conselho que "da sua continuação poderia aparecer insubordinação no dito Corpo". Mas amenizava a decisão, já que este Major deveria ser empregado pelo Comandante de Armas "onde mais conveniente for"[117].

---

[112] Ata da sessão extraordinária do Conselho do Governo de 6 de maio de 1831, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834).
[113] BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Diccionario bibliographico brazileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v. III, 1900, p. 181.
[114] CARVALHO, Marcus J. M. De. Op cit., 1998, p. 113-4.
[115] MELLO, Antônio Joaquim de. Op cit., 1895, p. 269. Disponível em: https://archive.org/details/biographiadeger00mellgoog/page/n2
[116] Ata da sessão extraordinária do Conselho do Governo de 6 de maio de 1831, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834). Em um ofício à Regência o Presidente da Província comunicava que o Desembargador Gustavo Adolfo de Aguilar se afastara do cargo um dia antes. Este ofício será abordado mais adiante.
[117] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 32 (1829-1831), Fazenda nº 33, 13/05/1831.

Escreveu o Presidente da Província ao Visconde de Goiana: "as exigências [...] presentes na Relação [...] tiveram de ser acatadas, sendo a muito custo possível manter em seus cargos apenas o Conselheiro Chanceler e o Desembargador"[118]. Além disso, relata também que, apesar de todos os esforços, não foi possível fazer voltar aqueles Militares que se retiraram para Olinda e nem impedir as deserções de outros Corpos e Guardas que se uniram a estes. Por temer que essa reunião de povo e tropas rompesse em excessos que destruíssem os liames da ordem pública, o Conselho decidiu por unanimidade ceder às exigências da Representação, nomeando interinamente aos cargos aqueles que tinham melhor opinião pública.

A queda do Imperador causou a quebra da hierarquia das forças armadas. Os oficiais de baixa patente tinham agora a oportunidade de tomar posse em cargos mais graduados, que até então eram ocupados por indicação do antigo Imperador. De certa forma, o 7 de abril foi um prólogo do que marcaria a cultura política do Segundo Reinado: a 'gangorra' política. Quando Pedro I subiu ao poder, o grupo político que o seguia subiu junto e tomou o leme da administração. Exemplos dessa 'gangorra' são os casos do Tenente Coronel Francisco José Martins e do Desembargador Gustavo Adolfo de Aguilar. Durante o Primeiro Reinado, Francisco José Martins conquistara importantes posições na Província, gozando de enorme prestígio nas forças armadas. Martins tinha sabida afinidade com o ex-Imperador, ao ponto de *O Harmonizador* publicar em uma de suas matérias que o referido Tenente Coronel tinha audiências particulares com Sua Magestade na Inglaterra após a Abdicação[119]. Semelhante à ascensão de Martins, o Desembargador Gustavo Adolfo de Aguilar também ocupou cargos importantes por nomeação de Pedro I. Em 1828, Aguilar foi nomeado presidente do tribunal da Relação, onde se destacou por aplicar punições aos rebeldes que ainda estavam presos por conta do envolvimento no movimento de 1824. Mas agora Pedro caíra, levando-os consigo.

As nomeações que se fizeram não foram certamente as mais regulares. Entretanto, foram as mais acomodadas diante dos iminentes "excessos de entusiasmo"[120]. A nomeação do Coronel de Cavalaria Miliciana Francisco Jacinto Pereira para Comandante das Armas interino foi notadamente a mais acertada na ocasião. O dito Coronel muito trabalhara para manter a subordinação das Tropas e para pôr em atividade

---

[118] Ofício do Presidente Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos ao Visconde de Goiana tratando das agitações causadas pela notícia da Abdicação e das nomeações de cargos públicos interinos, 13 de maio de 1831. Presente no Acervo Digital da Biblioteca Nacional: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=27868
[119] O Harmonizador nº 10 de 17 de maio de 1832.
[120] Ata da sessão extraordinária do Conselho do Governo de 6 de maio de 1831, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834).

a Polícia, que "pela maior parte tem sido feita por milicianos e paisanos, [...] e rondam constantemente todas as noites"[121].

O ex-Comandante das Armas, o Coronel Bento José Lamenha Lins, que no julgo do Presidente era um homem "obediente à Lei" e que nunca faltara a requisições do Governo, se mostrou bastante resignado ao receber a intimação da suspensão. O mesmo comportamento foi notório nos demais oficiais suspensos: "nenhum sofreu o menor insulto"[122].

Em verdade, pelos indícios que constam nestes ofícios, o ódio público só era geralmente pronunciado contra o Comandante da Polícia, o Tenente Coronel Francisco José Martins, e contra o Desembargador Gustavo Adolfo de Aguilar. Martins tivera participação na brutal repressão ao governo liberal constitucional proposto em 1824. O Desembargador Aguilar, que era presidente do tribunal da Relação por nomeação de Pedro I, talvez fosse um *Coluna*[123] bastante conhecido pelos pernambucanos antes mesmo da queda do Imperador. Pela falta de documentos que comprovem sua real participação naquela clandestina sociedade, não se pode afirmar com convicção, mas parecia claro ao editor do *Diario de Pernambuco* que Aguilar era um dos membros mais ilustres do "conventículo Coluna do Trono"[124], além de ter relações estreitas com o periódico *O Cruzeiro*, que era um conhecido órgão de imprensa vinculado a absolutistas. Isso já seria bastante para pôr o público em cólera naquele tempo de agitações partidárias tão intensas.

Reforçando essa interpretação sobre manifestações de 'repulsa popular', é possível ver o Presidente da Província noticiar à Corte que estes homens tinham tido a prudência de deixarem seus cargos um dia antes da chegada do Paquete Imperial Pedro com a notícia oficial da Abdicação[125]. Talvez os boatos vindos da Bahia no dia quatro de maio tenham lhes causado certo receio. Cornélio Ferreira França foi nomeado para ocupar o cargo em vacância de Desembargador. Ganhou certo prestígio do Presidente por seus esforços em manter a tranquilidade pública, tendo apreendido naqueles "poucos dias grande número de fábricas de cunhar moeda". Contudo, julgou de "absoluta

[121] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 32 (1829-1831), Fazenda nº 33, 13/05/1831.
[122] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 32 (1829-1831), Fazenda nº 33, 13/05/1831.
[123]Coluna: alcunha dada pelos liberais pernambucanos aos indivíduos suspeitos de apoiar o ex-Imperador Pedro I, em referência à Coluna do Trono e do Altar, uma sociedade secreta fundada em meados de 1829 para auxiliar o reinado de Pedro I e livrá-lo do "Trambolho" — termo que os absolutistas usavam para a Constituição. Ver: MELLO, Antônio Joaquim de. Op cit., 1985, p. 266-7. Disponível em: https://archive.org/details/biographiadeger00mellgoog/page/n6
[124]*Diario de Pernambuco* nº 306 de 04/02/1830.
[125] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 32 (1829-1831), Fazenda nº 33, 13/05/1831.

necessidade a presença de um novo Comandante de Armas" — cargo ocupado interinamente pelo Coronel Francisco Jacinto Pereira —, que deveria ser nomeado pela Corte, "para conter a Tropa cuja subordinação me parece momentânea"[126].

Com instruções dadas pelo Presidente da Província partiram os Conselheiros Gervásio Pires Ferreira e Manoel Zeferino dos Santos, acompanhados do novo Comandante de Armas nomeado pelo Conselho e de outros Militares recém empregados, para o ajuntamento em Olinda. Lá tudo ocorreu com tranquilidade, onde o povo e as Tropas aceitaram as decisões do Conselho e se colocaram em marcha para a cidade do Recife, onde foram recebidos na praça pelo Presidente, que deu "vivas patrióticos", reverberados pela multidão. Sendo assim, por volta das onze horas, deu-se por fim a sessão do Conselho[127].

Mas a paz esteve longe de prevalecer na província. Além do azedume entre os restauradores e os exaltados, havia também, devido aos sérios problemas econômicos, grupos de salteadores que agiam por todos os lugares[128]. Em uma portaria ao Juiz de Paz da Povoação dos Afogados, o Presidente relata que, dentre muitas, se fazia notável "pelos continuados roubos e assassinatos, uma (quadrilha de salteadores) composta de mais de 30 indivíduos"[129].

A presença dos falsários de moedas de cobre era ainda mais grave. Uma verdadeira praga. O Governo falhou tão miseravelmente em combater esta prática que ela se estendeu por longos anos[130], agravando ainda mais a economia pernambucana, já que impossibilitava as pessoas de fazerem transações à base de tais moedas, com receio de prejuízos.

Na realidade, a falsificação de moedas de cobre já era percebida na velha província antes de 1831. Em 1829 o Presidente da Província de Pernambuco escreveu ao Desembargador Ouvidor Geral do Crime sobre remeter algumas moedas de cobre "que têm sido recusadas" por comerciantes, a fim de proceder na diligência de verificar a falsidade de tais moedas[131]. Em 1830 o Juiz de Paz de Itamaracá comunicava que

[126] Ofício do Presidente Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos ao Visconde de Goiana tratando das agitações causadas pela notícia da Abdicação e das nomeações de cargos públicos interinos, 13 de maio de 1831. Presente no Acervo Digital da Biblioteca Nacional: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=27868

[127] Ata da sessão extraordinária do Conselho do Governo de 6 de maio de 1831, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834).

[128] Diario de Pernambuco nº 160 de 28 de julho de 1831

[129] Diario de Pernambuco nº 174 de 16 de Agosto de 1831.

[130] Este tema é abordado de maneira mais robusta no capítulo 4 da Tese de Bruno Câmara. Ver: CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. Op cit., 2012.

[131] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 31 (1829), 22/09/1829. Ofícios semelhantes a este também foram enviados a Juízes de Paz de várias freguesias em 10/09/1829.

mantinha sob custódia dois balseiros que tinham aportado com uma grande quantidade de cobre que parecia ser "falsa ou contrabando"[132]. Em um ofício remetido ao Desembargador Aguilar, o Intendente da Marinha afirmava ter encontrado no vazante da maré aparas de cobre e ferro, "vestígios de moedas falsas"[133]. Um vasto volume de ofícios mostram as evidências dessa prática antes de 1831. Mas aqui não será necessário abordar exaustivamente essa documentação, apenas demonstrar alguns relatos sobre esses casos. Contudo, no seio da desordem social causada pela Abdicação do Imperador, a circulação dessas moedas tomou proporções muito maiores. O governo e as autoridades "viram-se às voltas"[134] em tentativas de acabar com as quadrilhas de falsários, enquanto os pequenos comerciantes e o povo sofreram as agruras de uma grave crise econômica causada por essa prática.

Uma das tentativas de acabar com esta calamidade foi burocratizar toda a comercialização de placas de cobre. Em um Edital publicado no *Diario de Pernambuco*, o Presidente da Província, percebendo que se despachava e vendia uma quantidade de cobre muito maior "do que a Província costuma consumir em obras lícitas", determinava que se fizessem relações de todo o cobre que aportasse na alfândega, declarando os nomes dos negociantes, nacionais ou estrangeiros, bem como os nomes dos compradores, seus empregos e moradias, a quantidade, qualidade e preço do cobre e porquê o compravam[135].

Não custou muito para se perceber que estes esforços não trouxeram os resultados esperados. Constava ao Governo que ainda grandes porções de folhas de cobre eram comercializadas "subindo consideravelmente de preço" após o edital de 22 de março. O elevado preço fazia suspeitar de comercializações clandestinas e contrabando, que burlavam as normas do edital. Por tais circunstâncias, o Governo provincial se viu obrigado a proibir que se "despachasse semelhante gênero"[136]. Mas os furtos aconteciam a torto e a direito, além de comercializações ilegais. Em um relato da polícia militar ao Presidente da Província, o superior do dia afirmava ter visto "uma cama que passava" pela ponte do Recife madrugada adentro. Dois pretos a carregavam nos ombros a muito custo. Em verdade, a cama estava assaz pesada. Havia nela "uma porção de cobre em folhas" que devia exceder a quatro mil réis. Um tesouro embaixo do colchão. O cobre

[132] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 33 (1830-1831), 29/07/1830.
[133] APEJE, Ofícios do Governo, vol 33 (1830-1831), 03/08/1830.
[134] CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. Op cit., 2012, p. 303.
[135]Diario de Pernambuco nº 67 de 28 de março de 1831.
[136] Diario de Pernambuco nº 160 de 28 de julho de 1831.

foi apreendido e levado para o Arco da Conceição, onde permaneceu guardado por uma patrulha de seis homens. Os dois sujeitos que a carregavam foram presos[137].

O Comandante Interino da Polícia, Luís de Moura Accioli, em ofício dirigido ao Presidente da Província, comunicava que em uma única ronda matutina chegou a apreender duas fábricas de cunhar moedas na Ilha do Nogueira, nas proximidades dos Afogados[138]. O material apreendido era tão volumoso que duas carroças não foram suficientes para o transporte. A quantidade exata dessas fábricas talvez nunca chegue ao conhecimento da historiografia. Mas se sabe que era um crime de prática tão assídua que até muitos estrangeiros eram detidos nas rondas, como relatou o Presidente da Província ao Juiz de Paz da Freguesia da Boa Vista, quando uma quadrilha de ingleses foi presa pelo fabrico de moedas falsas[139]. Como indica Manuel Correia de Andrade, se somente em uma Ilha do perímetro suburbano da cidade foram apreendidas duas fábricas de uma só vez, daí pode-se calcular a quantidade espalhada por toda a Província[140].

Por anos o Tribunal da Relação registrou processos de furtos de placas de cobre[141] e até mesmo acusações de autoridades policiais que contrariavam as determinações do governo sobre a circulação de tais moedas[142]. Contudo, esse tipo de crime era praticado tão frequentemente que muitos fabricadores do xenxém eram sequer presos. Em um relatório ao Conselho do Governo, o Juiz de Paz suplente da Freguesia de Santo Antônio afirmava ter posto em liberdade um homem que por oito dias esteve preso em calabouços "sem culpa formada" enquanto estavam em liberdade "escandalosamente [...] infames fabricadores de moedas falsas"[143].

2.3 A REAÇÃO DAS ELITES: SOCIEDADE PATRIÓTICA HARMONIZADORA

Após as manifestações de militares e civis, nos dias 6 e 7 de maio de 1831, a situação da província continuaria difícil. Verdade seja dita: ficaria ainda mais complicada, pois a predominância dos que ocupavam o poder desde os fins de 1824

---

[137] APEJE, Política Militar, vol. 1 (1825-1832), 15/03/1832.
[138] Diario de Pernambuco nº 192 de 07 de setembro de 1831.
[139] APEJE, Ofícios do Governo da Província, vol. 34 (1831), 05/09/1831.
[140] ANDRADE, Manuel Correia de. Op cit., 1971, p. 63
[141] Comerciantes ingleses, da Diogo Cockchott & Cia, acusavam o desaparecimento de duas caixas com folhas de cobre que estavam armazenadas na alfândega. Os próprios comerciantes alertavam que os furtos aconteceram para que se produzissem de moedas falsas. IAHGP, acervo do tribunal da Relação, ano 1832, caixa 2, processo 2, apelação civil (1833-1835).
[142] O Juiz de Direito chefe da polícia da Comarca do Recife fora acusado pelo próprio Presidente da Província de descumprir ordens referentes a rejeição das moedas de cobre no Recife. IAHGP, acervo do tribunal da Relação, ano 1832, caixa 3, processo 6, denúncia (1834).
[143] APEJE, Juízes de Paz, vol. 5 (1832), 05/07/1832.

continuaria espalhada por toda a província. Na capital a presença de absolutistas era comum entre portugueses, a maioria comerciantes e militares de alta patente. Por outro lado, no interior esta doutrina era vulgarizada por importantes chefes locais, por vezes proprietários de terra e senhores de escravos, por outras Padres, Juízes de Paz, ou até mesmo meros escrivães[144]. O que importava era o discurso ecoar entre os populares, enfraquecendo suas ações. Na Vila de Santo Antão, um tal Padre Jacinto de Maringabas prometia que Pedro I voltaria com tropas para passar os liberais pelo fio da espada, "até as crianças, seus filhos"[145].

Quem quer que passasse pela estrada do arraial Monteiro certamente ouviria a frase dita por outros transeuntes: "não vais hoje à casa do Coló?"[146]. O tal Senhor Coló era um absolutista conhecido, que em alto e bom som discursava "columnaticamente" quando reunia "nos domingos e dias santos toda a malta columnatica em sua casa". Em uma correspondência publicada no *Diario de Pernambuco*, o *Sentinela Pernambucana* denunciava que lá se conspirava, com apoio do jornal *O Cruzeiro*, para "renovar a Coluna" e fazer o "Pedro Ladrão decepar as cabeças" dos liberais. Na frustração desses planos, transformariam Pedro II no "2º Pedro"[147].

Os cargos ocupados pelos partidários de Pedro I eram a pura expressão da manutenção do poder. O Coronel Lamenha Lins, que "em 1824 tomara parte saliente na luta contra os republicanos da Confederação do Equador"[148], assegurava interesses do seu partido nomeando para posições chaves na província figuras abertamente absolutistas, ao passo que preteria liberais.

Entre os comunicados sobre o 7 de abril vindos da Corte, estava a ordem régia da anistia dos rebeldes de 1824, que decretava o perdão a todos os brasileiros que "por motivos políticos se achem condenados [...] e todos os réus militares por crimes de deserção"[149]. Mas, ao que parece, permaneciam isoladas na Ilha de Fernando de Noronha pessoas que ainda não gozavam do perdão que se seguira ao "triunfo da nossa liberdade"[150]. Em verdade, depois de tantos acontecimentos, nenhuma embarcação aportara na Ilha, com exceção daquelas que conduziam os destacamentos e que, por isso, ignoravam todos os que lá se achavam. Estes homens ainda não usufruíam da liberdade

---

[144] ANDRADE, Manuel Correira de. Op cit., 1971, p. 55.
[145] Diario de Pernambuco nº 174 de 16 de agosto de 1831.
[146] Diario de Pernambuco nº 152 de 18 de julho de 1831.
[147] Sentinella Pernambucana In: Diario de Pernambuco nº 152 de 18 de julho de 1831.
[148] ANDRADE, Manuel Correia de. Op cit., 1971, p. 55.
[149] APEJE, Ordens Régias, vol. 43 (1829-1835), 22/04/1831.
[150] Diario de Pernambuco nº 194 de 10 de setembro de 1831.

política que seus partidários, de várias províncias, já desfrutavam desde abril e estavam naquele destacamento cumprindo ordens do ex-Comandante das Armas Coronel Lamenha Lins "só por serem inimigos dos Colunas"[151].

Em tais circunstâncias de efervescência popular, homens de muitas posses da província concluíram que havia a necessidade de defender seus próprios interesses. Compreendendo que a ordem seria melhor mantida se fizessem apaziguar os ânimos acirrados entre restauradores e federalistas, fundaram a Sociedade Patriótica Harmonizadora. Na seção de avisos, o *Diario de Pernambuco* comunicava a instalação da Harmonizadora, no dia 2 de junho, "na casa defronte da Igreja de S. Pedro"[152]. A proprietária da casa, Ana Francisca de Paula, emprestara uma de suas salas para ser a provisória da sociedade[153]. Diz ainda no texto que a publicidade dos seus trabalhos e a opinião liberal de cada um dos seus sócios "afiançam à pátria os salutares frutos que deixa ver o seu título". No final do trecho promete um espetáculo que "será sem dúvida brilhante e respeitável"[154]. Deve ter sido realmente um evento pomposo, considerando os membros que dela faziam parte. Verdade é que, pela novidade de semelhante instituição, "produziu tão grande concorrência que se encheu o vasto salão"[155]. Certamente foi um evento lotado, talvez enchendo até mais que o "vasto salão" apontado por Pereira da Costa, pois da Harmonizadora faziam parte, ao menos, "duzentos membros efetivos", número que poderia ser aumentado, conforme determinado pelo seu Estatuto, "quando assim parecer conveniente à Sociedade"[156].

O estatuto desta foi publicado no periódico recifense *O Constitucional* e tinha por fim "sustentar a liberdade legal, promover a ordem pública e a harmonia dos cidadãos"[157]. Empregaria para esta finalidade, segundo o artigo 3º do estatuto, os meios

---

[151] Diario de Pernambuco nº 194 de 10 de setembro de 1831.
[152] Diario de Pernambuco nº 116 de 01 de junho de 1831.
[153] Infelizmente, não foi possível localizar na documentação pesquisada nenhuma outra informação sobre a senhora Ana Francisca de Paula. O artigo 32º do estatuto da Harmonizadora determinava que a sociedade teria "uma casa na capital da província, com os seus competentes arranjos para nela exercer seus trabalhos". Não pude localizar nenhuma informação a respeito dessa casa, se continuaria sendo a mesma casa da senhora Ana Francisca de Paula, ou a casa de algum outro membro. Contudo, essa informação é importante por um motivo: a referida sociedade tinha posse de uma residência própria para reuniões e, sobretudo, para o acolhimento de membros de outras cidades, freguesias e até mesmo de outras províncias, já que o artigo 8º do Estatuto assinala que eram considerados membros efetivos "residentes na província, correspondentes e residentes fora dela". Ver: O Constitucional nº 46 de 09 de Junho de 1831.
[154] Diario de Pernambuco nº 116 de 01 de junho de 1831.
[155] PEREIRA DA COSTA, F. A. Op cit., 1965, p. 399.
[156] O Constitucional nº 46 de 09 de Junho de 1831. Sobre a quantidade de membros efetivos é importante destacar a determinação do artigo 6º do referido estatuto: "nenhum estrangeiro poderá ser membro da Sociedade".
[157] O Constitucional nº 46 de 09 de Junho de 1831.

que julgasse mais convenientes e proveitosos, sem, contudo, exceder os limites legais[158]. Representava o partido moderado em uma época de muito azedume entre as facções políticas. Ponto importante sobre as sociedades que surgiram no período regencial era a sua publicidade. Para compreendermos o valor da abertura pública a essas novas instituições devemos recuar um pouco em nossa história.

2.3.1 Sobre sociedades públicas

Em 20 de outubro de 1823, o Imperador Pedro I decretava a proibição de qualquer sociedade que se fizesse em gabinetes secretos a partir daquela data. A lei tinha profundas consequências para grupos que até então estiveram tão próximos dos planos políticos para a formação do novo Império. Conforme o texto original da Lei[159], apesar de revogar e suspender todos os processos pendentes do Alvará de 30 de março de 1818, assinado por Dom João VI, que instaurava uma forte repressão contra membros de sociedades secretas[160] — o próprio Pedro I fora membro de alto grau da maçonaria, sendo iniciado por José Bonifácio antes da Independência[161] —, estavam proibidas todas as associações de semelhante gênero. Eram consideradas secretas as sociedades que não comunicassem ao Governo a sua existência, seus fins, os lugares e tempos das reuniões e os nomes de todos os indivíduos. Além disso, as sociedades passariam pelo crivo das autoridades civis, policiais e eclesiásticas, onde as que apresentassem "princípios e fins subversivos da ordem social" seriam consideradas "conventículos sediciosos". Os membros "cabeças" que seguissem doutrinas subversivas seriam punidos com "a pena de morte natural", os que apresentassem vagamente atos subversivos seriam "degradados por toda a vida" e os que tivessem princípios tão somente opostos a moral cristã seriam "degradados por dez anos"[162].

Por anos, as sociedades funcionaram às escondidas. Mas alguns membros estavam em gabinetes do Governo, às vistas do Imperador, como Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. Nascido em 1778 em Bragança, Portugal, Vergueiro veio para o Brasil em 1805, onde se estabeleceu como advogado. Foi representante da Província de

---

[158] O Constitucional nº 46 de 09 de Junho de 1831.
[159] Colleção das Leis do Imperio do Brazil (1823). Parte 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1887, p. 5-7.
[160] Alvará em que o rei D. João VI declara por Criminosas e Prohibidas todas e quaisquer Sociedades Secretas, de qualquer Denominação que ellas sejão. Rio de Janeiro: Na Impressão Regia, 18 de abril 1818. Presente no acervo digital da Biblioteca Nacional:
http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or1511070/or1511070.html#page/1/mode/1up
[161] BARATA, Alexandre Mansur. Maçonaria no Brasil (século XIX): história e sociabilidade. In: REHMLAC, 2013. p. 147.
[162] Colleção das Leis do Imperio do Brazil (1823). Parte 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1887, p. 5-7.

São Paulo nas Cortes Portuguesas em 1822 e na Assembleia Constituinte em 1823. Teve uma importante carreira política, sendo eleito Senador por Minas Gerais em 1828, membro do conselho do Imperador e, posteriormente, membro da Regência Provisória após a Abdicação[163]. Era um homem muito estimado por sua Magestade. Mas, pelo que se sabe, era também um dos membros mais ilustres da maçonaria. Destaca Marco Morel que Nicolau Vergueiro, sendo um dirigente maçom, foi um dos que abandonou as reuniões secretas e ganhou as ruas da cidade imperial[164] quando, com a saída pelas portas dos fundos do Imperador, várias sociedades surgiram por todo o território nacional.

Outrora, este tipo de associações de fins políticos esteve confinado ao ambiente de sociedades secretas. Todavia, com a ausência do poder centralizado do monarca, as sociedades assumiram caráter público. No artigo 4º do estatuto da Sociedade Patriótica Harmonizadora, indica que as "sessões da Sociedade serão públicas, ela nunca se constituirá em sessão secreta"[165]. Como órgão de propaganda da sociedade foi criado o periódico *O Harmonizador*, que começou a circular em 12 de novembro de 1831 e terminou sua circulação em 20 de setembro de 1832. Antônio Joaquim de Mello, presidente da Câmara Municipal do Recife e um dos membros mais ilustres dessa agremiação, foi o responsável pela redação do periódico. Luiz do Nascimento aponta que, apesar de ser declaradamente redigido por Antônio Joaquim de Mello, era bem provável que alguns artigos do *Harmonizador* fossem escritos por Miguel do Sacramento Lopes Gama, o Padre Carapuceiro, "dada a semelhança da linguagem"[166]. A atividade de imprensa esteve estreitamente ligada ao surto associativo daqueles primeiros anos das Regências, assunto que abordaremos melhor no quarto capítulo.

Em uma época em que o espírito de partido estivera tão manifesto, as numerosas sociedades que surgiram em 1831 poderiam ser o ensaio de partidos organicamente constituídos[167]. Jeffrey Needell indica que as sociedades públicas e seus respectivos periódicos estiveram inteiramente envolvidos na formação dos partidos naquela década. No julgo deste autor, a maçonaria também esteve envolvida, mas aparecia como um

---

[163] BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Diccionario bibliographico brazileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. V, 1900, p. 313.
[164] MOREL, Marco. Op cit., 2003, p. 19.
[165] O Constitucional nº 46 de 09 de Junho de 1831.
[166] NASCIMENTO, Luiz do. História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954). Vol. IV: Periódicos do Recife - 1821-1954. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1969, p. 89.
[167] SOUSA, Otávio Tarquínio de. Op cit., 2015, p. 107.

espectro secundário das tramas políticas[168]. Em termos de cultura política e burocracia do Estado, a administração de Pedro I não correspondia às expectativas criadas após 1822. Otávio Tarquínio de Sousa é enfático ao apontar que o surgimento desse tipo de associação política era uma das formas que as elites políticas encontraram de esconder as fraquezas do Estado. Era a imposição de um "outro instrumento de ordem, de preservação social, de orientação política". Para as elites regionais, era indispensável que, após a queda de Pedro I, se formassem órgãos que suprissem as deficiências do Estado e estendesse "sua ação até onde a do governo não alcançava"[169].

Certamente, nessas agremiações se traçavam planos para a atuação política. Mas o ponto mais importante era o treinamento dos adeptos, que traria coesão e homogeneidade partidária. Em muitas reuniões, "procurava-se criar a disciplina e a harmonia entre os seus aderentes, visando uma ação homogênea no governo e nos debates da Câmara"[170]. Esse tipo de associação política traria às elites regionais uma coesão até então particular às elites burocráticas[171].

A elite política do Império teve origem na política colonial portuguesa. Se caracterizava, sobretudo, pela homogeneidade ideológica e de treinamento, traços notórios da elite política lusa, "criatura e criadora do Estado absolutista"[172]. Um dos projetos mais importantes da política colonial era criar na colônia uma elite política que fosse a imagem e semelhança daquela de Portugal. Talvez até mais importante que a própria transposição da Corte, "um fenômeno único na América", nas palavras de José Murilo de Carvalho[173].

Pode-se perceber também a existência de uma homogeneidade social, tendo em conta que parte substancial dessa elite era recrutada de estratos sociais dominantes. Mas o que diferia a elite política brasileira de outras elites de países vizinhos, era justamente a coesão ideológica e de treinamento. Essa coesão era responsável por reduzir conflitos intra-elite e implementar determinados modelos de dominação política.

O predomínio do Estado suscitava disputas pelo poder entre setores das elites locais e refletia a fraqueza de órgãos de representação política. Na tentativa de resolver esse jogo pelo mando político, a fusão entre altos escalões do governo e elites

---

[168] NEEDELL, Jeffrey D. Op cit., 2009. p. 7.
[169] SOUSA, Otávio Tarquínio de. Op cit., 2015, p. 105.
[170] SOUSA, Otávio Tarquínio de. *Apud*: WERNET, Augustin. Op cit., 1978, p. 10.
[171] CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2007, p. 25-47.
[172] Ibid, p. 37.
[173] Ibid, p. 37.

burocráticas foi uma constante na cultura política do Primeiro Reinado. Resultava dessa fusão uma maior unidade dessa elite, mas também um peso redobrado do Estado.

2.4 30 DE JUNHO DE 1831: APORTA NO RECIFE O BRIGADEIRO FRANCISCO DE PAULA E VASCONCELOS

Após o 7 de abril, os valores políticos que estiveram em alta no primeiro reinado foram postos em cheque. O primeiro ano das Regências marcou, até certo ponto, o avanço dos liberais e do partido descentralizador. Augustin Wernet, citando Heinrich Handelmann, apontou que "o fio vermelho que percorre todos os acontecimentos desse período é a luta entre os dois partidos: o da centralização e o da descentralização"[174].

Mesmo após a instalação da Sociedade Patriótica Harmonizadora, em Pernambuco a ideia federalista continuava conquistando grande número de adeptos, principalmente após a chegada do Brigadeiro Francisco de Paula e Vasconcelos para o Comando das Armas. Figura importante nos acontecimentos de 7 de abril, o Brigadeiro era um homem "que se recomendava por suas ideias federalistas"[175]. Era irmão do Major Miguel de Frias e Vasconcelos, conhecido por ser redator da *Voz da Liberdade*, um periódico exaltado do Rio de Janeiro, um sujeito "distinto que simbolizava para as classes menos felizes da sociedade o amparo constante e a defesa enérgica dos seus direitos"[176]. O Brigadeiro Paula assentou praça no 1º Regimento de Cavalaria logo aos 16 anos. Pouco tempo depois ocupou o posto de Tenente de Artilharia e Fortificações em Angola[177]. Já era oficial superior antes da Independência, quando fora nomeado por Dom João VI ao posto de Sargento Mor, em 9 de Junho de 1818. Sob o reinado de Pedro I teve uma notável ascensão em cargos, sendo nomeado primeiramente Oficial General, seguidamente Tenente Coronel, Coronel e Brigadeiro[178].

Quando o antigo Comandante das Armas foi afastado do cargo pela pressão que o Governo sofrera daquelas movimentações do 5 de maio, a hierarquia militar ruiu de cima para baixo e a "vida de caserna arrastou-se com um comando meio difuso"[179] até a chegada do Brigadeiro Paula. O novo Comandante era atraente aos grupos liberais da

---

[174] HANDELMANN, Heinrich Gottfried. *Apud*. WERNET, Augustin. Op cit., 1978, p. 14.
[175] ANDRADE, Manuel Correira de. Op cit., 1971, p. 65.
[176] BRITO, Francisco de Paula. Monumento em memória do Brigadeiro Miguel de Frias e Vasconcellos e de seu irmão Francisco de Paula Vasconcellos offerecido a seu sobrinho o Exm. Snr. Manoel de Frias Vasconcellos. Rio de Janeiro: Typographia de Francisco de Paula Brito, 1859, p. 2. Disponível no acervo digital da Biblioteca Luso-Brasileira: http://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/267594
[177] FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. Op cit., 2006, p. 57.
[178] Correio Mercantil, nº 164 de 16 de junho de 1859.
[179] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op cit., 1998, p. 116.

velha província pernambucana, pois fora comandante de um dos batalhões que estiveram na vanguarda dos movimentos que pressionaram a Abdicação.

Muitos militares foram depostos de seus cargos após o 7 de abril, mas o comando máximo do exército continuou sob Lima e Silva, Ministro da Guerra. Há fortes evidências de que o afastamento do Brigadeiro Paula da Corte fora uma forma que Lima e Silva encontrara para se livrar da ameaça que o Brigadeiro representava, pois, além de separá-lo do Corpo de artilharia que liderara nas movimentações, ficaria longe de Miguel de Frias, o federalista de quem era irmão.

Evidentemente o novo Comandante das Armas da província pernambucana causou desconforto aos partidários do imperador[180]. Porém, o Brigadeiro Paula agiu com máxima moderação enquanto ficou no cargo. Para tal conclusão, basta que se olhem os inúmeros ofícios direcionados ao Presidente da Província[181] e várias edições do *Diario de Pernambuco* entre os meses de junho e outubro.

O Brigadeiro teve muitos problemas a resolver quando assumiu aquele cargo, pois os batalhões pernambucanos estavam em verdadeira desordem. Apesar do alto comando do exército ter permanecido o mesmo na Corte, em Pernambuco a disciplina fora perdida quando a linha de comando rachou com a demissão de vários militares. Vale lembrar que o Brigadeiro relatava, vez ou outra, temer traição nos batalhões[182]. O pagamento dos soldos aos oficiais era um dos problemas mais constrangedores que o Comandante tinha de resolver. O Brigadeiro frequentemente cobrava ao Governo o pagamento do soldo a que estes oficiais “tem o direito de receber”[183]. Uma rápida folheada nos ofícios da Tesouraria, Pagadoria e Comessariado de Víveres[184] revela que os oficiais não recebiam nem o valor mínimo para se fardarem.

Ainda sobre questões financeiras, o Comandante teve de lidar com pagamentos irregulares e desvios de dinheiro. Marcus Carvalho atesta que tinha gente ganhando dinheiro “até na engorda dos cavalos, que voltavam tão magros quanto tinham ido”[185]. Fato é que havia oficiais que recebiam gratificações sem ocuparem cargos. Em 8 de julho, o Comandante remeteu à Secretaria do Comando das Armas uma relação com o nome de todos os Oficiais, Majores e Ajudantes “que, não estando atualmente em tais

[180] SANTOS, Mário Márcio de Almeida. Op cit., 1982, p. 177.
[181] Acervo de manuscritos do APEJE: Assuntos Militares (volumes 4 e 8).
[182] Diario de Pernambuco nº 202 de 23 de setembro de 1831.
[183] Diario de Pernambuco nº 166 de 04 de agosto de 1831. É possível ver mais cobranças do Brigadeiro ao Presidente da Província nas edições do Diario de Pernambuco números 149 (14 de julho) e 156 (22 de julho).
[184] APEJE, Assuntos Militares, vol. 8 (1829-1833).
[185] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op cit., 1998, p. 119.

exercícios, ainda recebem as competentes gratificações e forragens”[186]. Uma irregularidade grave, já que foi notado um *déficit* financeiro altíssimo no 4º Corpo de Artilharia de Posição. Quando examinado o cofre do Conselho de Administração daquele Corpo encontrou-se o rombo de “1:439$095 rs de créditos e letras de negociantes já falidos dessa Praça”[187].

Após o comunicado regencial da anistia dos rebeldes de 1824[188], aconteceu uma verdadeira subversão nas relações militares em Pernambuco. Não só aqueles que foram condenados como rebeldes voltariam a integrar as tropas da província, como os que foram condecorados e honrados como heróis com a medalha da Campanha de Pernambuco na repressão da confederação agora perderiam todo o prestígio. Passaram a ser conhecidos como homens da “medalha de mata-parentes”. Aquela medalha, vulgarizada como “mata irmãos”, era uma mancha que estes sujeitos carregariam. Uma mancha de fratricídio por terem sangrado seus “compatriotas” de 1824 e que deveria ser lavada com “lágrimas”[189].

Uma névoa de incertezas pairava sobre a província pernambucana. O clima de vingança se instalara nos quartéis[190]. A debilidade financeira era sentida nas ruas de comércio do Recife. Era em parte causa das quadrilhas de saqueadores. Mas a causa mais grave para os pequenos comerciantes era mesmo a circulação dos xenxéns. Assim se encontrava a província, quando, em uma noite de setembro, rompeu a tranquilidade uma sedição militar de enormes prejuízos.

2.5 VISÕES DA HISTORIOGRAFIA SOBRE A SETEMBRIZADA

A Setembrizada rebentou sem que o Governo esperasse, mas seus sintomas eram sentidos nos quartéis e nas ruas muito antes. Sobre esse motim militar existem três teses consagradas pela tradição historiográfica pernambucana. A primeira é a de Manuel Correia de Andrade[191]. Sendo um dos primeiros a coletar uma importante documentação sobre esses acontecimentos, inteirando o já clássico trabalho de Pereira da Costa[192], Andrade não viu um sentido político mais profundo naquele motim. Não havia a presença de lideranças e nem pautas ou reivindicações. Ao longo de três dias a capital

[186] Diario de Pernambuco nº 157 de 23 de julho de 1831.
[187] Diario de Pernambuco nº 163 de 01 de agosto de 1831.
[188] APEJE, Ordens Régias, vol. 43 (18329-1835), 22/04/1831.
[189] Diario de Pernambuco nº 120 de 06 de junho de 1831.
[190] Diario de Pernambuco nº 157 de 23 de julho de 1831.
[191] ANDRADE, Manuel Correira de. Op cit., 1971.
[192] PEREIRA DA COSTA, F. A. Op cit., 1965.

foi posta na mais barulhenta revolta, causada pelos tiros de mosquetaria, pelos arrombamentos de lojas e tavernas e gritos de morra. Davam-se esses gritos de ordem contra o Comandante das Armas, que era aclamado por federalistas, ao mesmo tempo que também eram dados contra os Colunas. No julgo deste autor, os sediciosos estavam confusos. Talvez fosse a voz ébria do álcool, já que a revolta terminou sem grandes batalhas, quando a maioria dos amotinados encontrava-se embriagada com os espólios dos saques.

Conclui este autor que a Setembrizada teria sido uma reação espontânea às medidas disciplinadoras impostas pelo novo Comandante das Armas. Diz Andrade que "foram tantas as medidas moralizadoras tomadas pelo Brigadeiro Paula, que até parecia que a Província vinha sem Comandante das Armas há vários anos"[193]. Entre elas estava o fechamento dos portões dos quartéis às 20h. Esta medida era quase humilhante para muitos militares, já que os equiparava a escravos que, há poucos dias, tinham sido proibidos de transitar nas ruas da capital após o mesmo horário. De fato, senhores de escravos cujos cativos fossem encontrados andando pelas ruas e becos dos bairros da cidade após aquela hora seriam multados "pela primeira vez [...] em dois mil réis", podendo ser o dobro "pela reincidência"[194].

Mais grave eram os castigos corporais. À época, passou-se a ser praticado com maior frequência o castigo pela espada, quando se davam bordoadas com a lateral da lâmina nos militares que não seguissem à risca as medida disciplinadoras impostas pelo novo Comandante. Apesar de acertada a análise de Manuel Correia de Andrade sobre a importância dos castigos na causa da ebulição da Setembrizada, isso não é o bastante para explicar o levante, já que os castigos aconteciam muitos anos antes da chegada do Brigadeiro Paula para o comando das armas[195] e seriam ainda mais brutais após o seu afastamento do cargo.

Havia, inclusive, muita boataria sobre esses castigos. Até mesmo quem dissesse o contrário sobre tais medidas. Numa daquelas cartas abertas que se publicavam nos jornais naquele tempo, um ex-Cadete do 1º Corpo de Artilharia de Posição acusava o Tabelião Manoel Antônio Coelho de "perante algumas pessoas" dizer que o Comandante das Armas "me mandara chibatar quando eu era Cadete" e que quando protestara

---

[193] ANDRADE, Manuel Correia de. Op cit., 1971, p. 70.
[194] Diario de Pernambuco nº 168 de 6 de agosto de 1831.
[195] SILVA, Clécia Maria da. Setembrizada: um olhar sobre a disciplinarização e a resistência militar no Recife oitocentista. *In*: Anais do VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar. Uberlândia: GT Nacional de História Cultural, 2012. v. 1. p. 01-11.

dizendo que era "de Pernambuco, ele mandara por isso mesmo dar-me mais 50 (chibatadas)". O autor da carta desafiava "esse homem a declarar por esta folha" fatos que asseverassem o acontecimento. Por fim, dizia que desde o dia em que assentara praça no referido Corpo "fui sempre tratado por Sua Excelência (o Brigadeiro Paula) com a dignidade conveniente a minha praça"[196].

Acompanha esta tese Mário Márcio de Almeida Santos[197]. Na visão deste autor, não se pode explicar a Setembrizada atribuindo-lhe um sentido mais profundo senão uma revolta espontânea e rápida daqueles batalhões e Corpos militares. Ora, como seria possível que homens com treinamento militar, em posse de armas e cartuchame, senhores dos três bairros principais da cidade, fossem dominados por milícias civis e grupos de estudantes quase desarmados?

Na explicação oferecida por este autor, a causa de tamanha revolta estaria em uma espécie de 'subconsciente social', sintoma que se percebia também em situações análogas. Em sociedades onde não existem, institucionalmente, formas "para o estabelecimento de compensações justas, a violência assume um caráter latente". Era uma violência epidêmica, que frequentemente despontava em revoltas "nem sempre bem definidas". Era também o resultado de dois lados de uma mesma moeda, o preço da desordem do Estado: sob uma face estava a cólera causada pela injustiça social, "um arrebatamento cego, verdadeiro 'sonambulismo das massas'"; e, na outra face, a apatia, a anestesia da desilusão, "quando o povo abandona-se a um desespero mudo". Assim explica Márcio Márcio a derrota que sofreram os amotinados: "o desespero julga e deseja tudo e nada ao mesmo tempo"[198]. No seu julgamento, a Setembrizada, "apesar de ter sido um movimento acéfalo, de curta duração e ínfimo alcance", causou muito pavor e receio nas províncias circunvizinhas[199].

Contudo, novas perspectivas historiográficas têm apontado as limitações e problemas de análises que apontam semelhante gênero "pré-político"[200] e/ou inconsciente em movimentos populares. Como expõe Gayatri Spivak, a condição de

---

[196] Diario de Pernambuco nº 174 de 16 de agosto de 1831.
[197] SANTOS, Mário Márcio de Almeida. Op cit., 1982.
[198]Ibid., p. 170.
[199]Ibid., p. 186.
[200] Hobsbawm, em Rebeldes Primitivos, fez análises de movimentos sociais periféricos apontando-os como arcaicos e pré-políticos. Apesar de dar uma importante contribuição aos estudos de formas ritualísticas e códigos culturais das manifestações populares a análise de Hobsbawm foi muito criticada por seu etapismo. Ver: HOBSBAWM, Eric J. Op cit., 1983.

subalternidade é a condição de silêncio[201]. Isso expressa a máxima da análise da referida autora e do grupo de estudos subalternos[202]. Num contexto onde os processos políticos têm uma notada estrutura vertical, "poderia o subalterno falar?"[203]. Isso nos leva a uma importante indagação sobre o ofício historiográfico: como seria possível, ao escrever história, dar voz aos que estão silenciados pelas estruturas de poder? No nosso caso, como dar voz aos rebeldes da Setembrizada quando, no grande volume de documentos e relatos daqueles dias, eles aparecem como uma massa amorfa e irracional dominada pela vingança?

As possibilidades documentais que deem voz à gente miúda não são certamente muitas. Os indivíduos que formam as elites políticas, ou até aquelas elites não burocráticas, se apresentam ao historiador através de um grande leque de fontes: aparecem na documentação dos órgãos de governo, conselho de Estado, figuram cargos públicos formais, são deputados, governantes, juízes, ou grandes proprietários de terras; dominam as notícias de jornais. Mas onde se encontra a gente comum nos documentos? Ao pobre e ao excluído, na maioria das vezes, só é dada voz documental quando ele comete um crime, ou pelo menos quando é acusado de um. Parece bastante irônico que os documentos dos aparelhos de repressão se apresentem como os mais "democráticos"[204], já que neles os historiadores encontram muitas vezes as vozes de todos os estratos sociais, sobretudo dos indivíduos menos abastados.

A historiografia conhece os trabalhadores urbanos ou as vítimas do tráfico atlântico de escravos através de números. São silenciosos registros que indicam nascimentos, mortes e ocupações. Às vezes menos ainda, como nos inventários *post-morten* de senhores de escravos. Neles os escravizados são apenas uma propriedade, herança de homens de muitas posses. No entanto, quando essas massas emudecidas se reúnem em levantes ou motins, elas são percebidas através de gestos transgressores, que rompem as normas de comportamento instituídas pelas estruturas do Estado.

É nesta direção que aponta Marcus Carvalho[205]. Em seu ensaio, Carvalho rejeita aquelas teses de que a Setembrizada tenha sido uma *journée des dupes* pernambucana. Para ele, o motim de setembro não foi espontâneo. Havia sim um sentido mais profundo,

---

[201] SPIVAK, Gayatri C. Pode o subalterno falar? Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
[202] CHAKRABARTY, Dipesh. Op cit., 2000.; GUHA, Ranajit. Op cit., 2002.; GUHA, Ranajit; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Op cit., 1988.; SPIVAK, Op cit., 1988. p. 271-313.
[203] SPIVAK, Gayatri C. Op cit., 2010.
[204] BARROS, José D'Assunção. O Campo da História: especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 121.
[205] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op cit., 1998.

até mesmo um sentimento político de partido dentro dos quartéis. Mas esse tipo de coisa não fica registrada com clareza nos documentos, principalmente quando uma revolta como tal é silenciada com o sangue de centenas de amotinados. Por isso, Marcus Carvalho procura, em um contexto muito mais amplo, a atmosfera que levou à revolta os batalhões do Recife. Nas suas palavras, "ver os amotinados como homens completamente ignorantes, brutalizados, incapazes de interpretarem o mundo que os cercava é exatamente a visão senhorial da Setembrizada"[206], é exatamente a visão de "consciência atrasada [*counsciousness back*]" dos *Rebeldes Primitivos*[207]. Por sua inovadora análise sobre a Setembrizada, o ensaio de Marcus Carvalho é um marco na historiografia sobre as revoltas regenciais.

Assíduo garimpeiro dos arquivos, Carvalho demonstra que a Setembrizada tinha causas que eram sentidas antes de setembro, mas que foram canalizadas nos meses que se seguiram após o 7 de abril. Muitos daqueles soldados tinham servido na missão da Cisplatina. Viram muitas cidades, passaram por muitos portos, ouviram muitas conversas à boca miúda. Pela cultura política da época, até as conversas de taberna fomentavam uma certa consciência política e partidária. Em 18 de agosto de 1831 "a Regência, em nome do Imperador o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembleia Geral decretou e sancionou" a lei da criação da Guarda Nacional[208]. Por conta disso, esses soldados, que tinham passado pelo agressivo sistema de recrutamento, seriam dispensados de seus serviços com os bolsos vazios. Se ser recrutado nessa época era uma violência, ser dispensado em tais condições era mais ainda[209]. Muitos sequer eram pernambucanos, alguns estavam realmente longe do seu lar. Esses homens sairiam de seus serviços "com uma mão na frente e outra atrás"[210]. Mas, como se diz nos ditados, as guerras mudam as pessoas. Aqueles soldados não aceitariam a pobreza e o abandono com a mesma passividade com que foram recrutados. Não se submeteriam sequer ao toque de recolher. Não aceitariam mais, em seus últimos dias, continuar recebendo o soldo em moedas falsas, nem aceitariam castigos degradantes por protestar contra isso.

---

[206]Ibid, p. 128.
[207] HOBSBAWM, Eric J. Op cit., 1983.
[208] Colleção das Leis do Imperio do Brazil de 1831. Primeira parte. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1875, p. 49.
[209] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op cit., 1998, p. 124.
[210]Ibid, p. 129.

2.5.1 14 de setembro de 1831: rompe o motim

Para compreendermos os sentimentos dessas tropas amotinadas, vamos revisitar estes acontecimentos. No dia 20 de setembro, o Presidente da Província escreveu um ofício aos Ministros da Guerra e do Império relatando, com detalhes, os acontecimentos que tiveram lugar nas ruas do Recife do dia 14 ao 16. Afirmava que até as 21 horas a cidade encontrava-se em perfeita tranquilidade, quando, de repente, "tomaram as armas os soldados de todos os batalhões de primeira linha"[211]. Este manuscrito aponta que a sedição tomou as ruas de maneira frenética e desordenada. Os soldados ficaram senhores de toda a munição e montaram peças de artilharia por toda a cidade. Um rastro de destruição ficou marcado pelas chamas e pelos "gritos de morra o Comandante das Armas e os colunas".

O Comandante das Armas, o Brigadeiro Paula, afirmou pessoalmente ao Presidente que tomaria providências para pôr em ordem a situação, apesar de ver-se sem forças militares à sua disposição[212]. Acrescenta-se ainda o fato do mesmo não confiar nas tropas[213], que viam a desorganização social da província e que eram recrutados entre a população mais pobre, vivendo em péssima situação com diárias de 126 réis que, quando eram pagas, eram sempre em moedas que suspeitavam serem falsas pelo leve peso do cobre[214]. Esses soldados sobreviviam ainda com uma péssima alimentação, tanto que o Brigadeiro Paula chegou a ordenar que o Comandante do 4º Corpo de Artilharia recusasse gêneros alimentícios de má qualidade que lhe chegassem nos batalhões e cobrou abertamente ao Presidente da Província um rancho melhor aos soldados[215]. Naturalmente, isso inquietava as tropas e fomentava a indisciplina.

Ainda assim, seguiu para a Fortaleza das Cinco Pontas, onde pôde reunir cerca de vinte soldados da Polícia e alguns paisanos, para pôr-se em marcha até o destacamento de Afogados em busca de maior apoio para marchar contra os amotinados[216]. Muitos estudantes do curso jurídico formaram o corpo dessas tropas contra os rebeldes, como aponta ofício do coronel Antônio Borges Leal, de Olinda, à Lourenço José Ribeiro, diretor do curso jurídico, em que aponta que os serviços importantes prestados pelos

[211] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), 20/09/1831.
[212] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), 20/09/1831.
[213] Diario de Pernambuco nº 202 de 23 de setembro de 1831.
[214] Somente para por às claras o quão chulo este pagamento era, por ocasião da Abrilada — uma revolta militar de caráter restaurador que aconteceu no Recife em abril de 1832, que será devidamente abordada no quarto capítulo —, quando o Governo não dispunha de tropas na capital, o Conselho do Governo decidiu organizar batalhões de paisanos que recebiam 500 réis diários, quase o quádruplo do valor que recebiam os soldados que se rebelaram na Setembrizada. APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Guerra, 29/05/1832.
[215]Diario de Pernambuco nº 169 de 08 de agosto de 1831.
[216] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), 20/09/1831.

estudantes "nos dois dias de desgraças e de dor" foram "[…] atos de valor em prol da ordem e segurança pública"; continua: "foi com estes Mancebos acostumados ao estudo, e versados somente em livros, que guarneci fortalezas e desarmei destacamentos de soldados de linha suspeitos"[217].

Ao que parece, o Presidente foi pego em calças curtas por essa sedição. Isso fica evidente quando, no relatório apresentado à Regência[218], afirma que por temer as demonstrações de "patriotismo" do povo, se manteve dentro do Palácio e enviou dois Oficiais, um da Marinha e um de Tropa, à Fortaleza do Brum para que tomassem posse de armas e munições e as conservasse em mar, a fim de fornecê-las a cidadãos em qualquer ponto que se reunissem. Entretanto, essa providência foi infrutífera, pois a guarnição da Fortaleza fingiu "não conhecer-me a letra" e impediu que saíssem as munições, além de manter presos os dois Oficiais.

Por volta das 23 horas, os amotinados saquearam a golpes de machado um Trem (arsenal) e distribuíram por toda a "populaça […] e por todos os presos que já tinham soltado de várias prisões" as armas tomadas neste saque, de tal maneira que "só se ouvia o fogo de mosquetaria por toda a cidade"[219]. É bem provável que tenham se unido a estes soldados também os presos que tinham fugido do Hospital Militar há menos de cinco dias[220]. Foi quando, então, começou a onda de saques nos bairros do Recife, Santo Antônio e Boa Vista, onde, entre estrondos de tiros e machados nas portas, era possível ouvir gritos de *morra*. Segundo o relato do Presidente era possível ver chamas na Pracinha do Livramento que ameaçavam reduzir a cidade a cinzas[221]. Entretanto, o Palácio, que sempre se manteve aberto, pelo que consta nesse ofício aos Ministros, não foi invadido. Isso nos leva a crer que os sediciosos tinham mais sede de ouro que de sangue, já que raramente assassinavam. Ao alvorecer do dia seguinte se ouvia com menor frequência os tiros de mosquetaria e o cansaço e a embriaguez fez os amotinados suspender o furor de roubar. Todavia, um outro relato questiona as reais dimensões desse incêndio. Em documentação originalmente citada por Bruno Câmara[222], um comerciante português chamado Bento José da Silva Magalhães fora o único a relatar prejuízos por incêndio. Bento José sofrera uma enorme perda quando a "cidade ficou exposta a uma soldadesca desenfreada", pois sua casa, onde também funcionava seu

[217] PEREIRA DA COSTA, F. A. Op cit., 1965, p. 429-30.
[218] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), 20/09/1831.
[219] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), 20/09/1831.
[220] APEJE, Ofícios do Governo da Província, vol. 34 (1831), 10/09/1831.
[221] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), 20/09/1831.
[222] CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. Op cit., 2012, p. 284-96.

estabelecimento, fora "completamente saqueada e incendiada nos aziagos dias de Setembro de 1831"[223], de onde conseguira escapar "apenas com a camisa do corpo"[224]. Entre todos os comerciantes portugueses que informaram às autoridades terem sido vítimas dos saques, Bento José fora o único a relatar incêndio. Assim, os indícios apontam que "o incêndio não foi generalizado", como destacou Bruno Câmara, "consumindo apenas aquela casa que justamente era a loja de tecidos de Bento José"[225].

Talvez a única pessoa que esses soldados desejavam mesmo assassinar fosse o Comandante das Armas. O Brigadeiro Paula, que já tivera grande estima entre os federalistas constitucionalistas da província, era agora figura central do ódio dos amontinados. Foi ele mesmo também o alvo de acusações dos moderados de ser o principal responsável por essa sedição e que "os habitantes deste meu bairro", dizia o Juiz de Paz suplente de Santo Antonio, "pretendem e desejam a expulsão do Comandante das Armas"[226]. Mas abordaremos isso em outro momento. Vamos retomar os acontecimentos de acordo com o próprio relato do Comandante, enviado ao Presidente da Província no dia 20.

O relatório é, como ele mesmo alega, "o mais aproximado o possível dos desastres e acontecimentos que tiveram lugar nesta Capital na infausta noite do dia 14" e foi transcrito em duas edições do *Diario de Pernambuco*[227] — o que está relatado nas páginas seguintes foi inteiramente consultado nestas duas edições do *Diario de Pernambuco*; ver nota de rodapé 221.

Relata o Brigadeiro que já era noite quando chegou em sua residência o Capitão do Batalhão 14 para comunicar que parte do referido Corpo tinha se rebelado por recusar a revista que se fazia no fechamento dos portões às 20 horas e se retirado para o Campo do Erário, onde se apossou das peças de artilharia daquele Quartel. Foi então, com o Capitão do 14 e alguns ajudantes, que somavam menos de meia dúzia, à presença do dito batalhão perguntar quais eram seus anseios e teve "em resposta uma descarga de fuzilaria". Partiu então para o Batalhão 14, onde se encontrava o resto daquela Tropa, e lhes fez o mesmo discurso, dos quais não obteve resposta alguma.

O Brigadeiro ordenou que o Capitão do 14 permanecesse em seu batalhão e os persuadisse a cumprir seus deveres, enquanto mandou os ajudantes que vieram consigo

---

[223] Ibid., p. 285.
[224] Ibid., p. 292.
[225] Ibid., p. 286.
[226]Diario de Pernambuco nº 203 de 24 de setembro de 1831.
[227]Diario de Pernambuco nº 202 de 23 de setembro de 1831 e nº 203 de 24 de setembro de 1831.

para o Quartel do Batalhão 13, na Boa Vista, para ordenar que o referido Comandante trouxesse em auxílio o Corpo daquele batalhão, para obrigar os insubordinados a entrarem em seu devido exercício. No momento em que o Brigadeiro partira para o Palácio do Governo para reportar tudo ao Presidente da Província, foi abordado, quando chegara, por um dos ajudantes que enviou e que havia voltado para informar que "já tinha encontrado grupos do dito Batalhão pelas ruas dando tiros e fazendo desordens".

Diz o Comandante das Armas que "neste estado das coisas", decidiu ir para a Fortaleza das Cinco Pontas, "único ponto que restava desembaraçado". Mandou que se tocassem os sinos e enviassem cidadãos para aquela fortaleza, para lhe auxiliar contra os transgressores. Mas logo se deu conta que o corpo que conseguira formar, composto de alguns praças da polícia e cidadãos sem treinamento militar, era muito pequeno e mal armado. À vista disso decidiu partir para a freguesia dos Afogados, acompanhado dos que reunira. Lá convocou "o povo daquela povoação a que se armassem" e redigiu ofícios a todos os comandantes de Batalhões de Milícias para que fizessem marchar todas as praças "com a maior brevidade que pudessem". O Brigadeiro tentara todas as providências possíveis para controlar a situação, mas o caos dominara e o encontrara sem forças ao alcance, a tal ponto do mesmo escrever a Juízes de Paz sugerindo que se "cortasse a ponte", a fim de isolar aqueles amontinados do resto da cidade.

Foi quando, naquele momento, chegaram alguns soldados vindos do Recife que diziam ter fugido dos rebeldes. Mas o Brigadeiro não era um homem ingênuo. Já liderara muitas Tropas, inclusive algumas daquelas que se rebelaram no Rio de Janeiro nos movimentos antes do 7 de abril. "A experiência me fez conhecer que iam me atraiçoar...". Mas o que poderia fazer o Brigadeiro Paula? Rejeitar soldados em posse de armas e munição quando sua tropa era formada de milicianos e cidadãos sem o menor treinamento e necessitados de armamento? É evidente que não. Juntando toda essa gente, o corpo tinha em torno de 200 pessoas "e apenas armados e mal municiados talvez 120".

Foi com esse batalhão híbrido que o Comandante das Armas marchou sobre os rebeldes na manhã do dia 15. No momento em que chegou ao largo das Cinco Pontas veio ao seu encontro um grupo de rebeldes "em número seguramente de 400", com muitas peças de artilharia, dando tiros ao alto e vivas, "como que pediam paz". Foram aproximando-se e "abraçaram-se com seus camaradas que eu levara", diz o Brigadeiro. Percebeu então que seu temor se tornara realidade, pois fora traído por parte daquela tropa e, sob gritos de "fora e morra colunas", foram obrigados a bater em retirada para os Afagados sob fogo dos rebeldes que "corriam atrás dos oficiais e cidadãos".

Nessa fuga, o Comandante conseguiu enviar um de seus homens ao Palácio do Governo, para participar ao Presidente e ao Conselho sobre todos os episódios que se passavam naquelas ruas. A perseguição que sofrera dos rebeldes chegara até as proximidades dos Afogados. Lá, foi recebido por João Barbosa Cordeiro, redator da *Bússola da Liberdade*, e pelo Capitão Francisco Inácio Ribeiro Roma, aquele mesmo que estivera na liderança do Corpo que desertara no dia 5 de maio. Estes homens asseveraram ao Comandante que ali não havia forças para fortificar o resto do Corpo que fugira dos rebeldes. Sabidamente, Boa Viagem era a melhor localização para se fortificar uma tropa naquelas circunstâncias. Era próximo da cidade e de fácil acesso para se receber reforços por terra ou por mar. Foi para lá que o Comandante se dirigiu e onde montou sua fortificação, de onde novamente enviou ofícios aos Comandantes de Milícias, para que fossem em seu auxílio.

De Boa Viagem, o Brigadeiro enviou balseiros em busca de pólvora, chumbo e materiais de socorro na Fortaleza do Gaibú. Também escreveu para que os Juízes de Paz atentassem para as jangadas que viessem do Recife, para ver se não levavam espólios dos saques, já que ele mesmo apreendera "3 ou 4 jangadas que conduziam muitas coisas roubadas e soldados fugidos". O Brigadeiro esperou por reforços até o dia 16, mas não conseguiu reunir mais do que 100 homens de cavalaria, "muitos até sem armas, que me foi preciso tomar as espadas de alguns soldados de artilharia". Pôs-se em marcha para o Recife, e não para os Afogados, onde se sabia que tinha "uma porção de mais de 100 homens dos rebeldes do Batalhão 14" que tinham ido à procura do Brigadeiro, para passá-lo pelo fio de suas espadas, mas que foram dominados por um grupo liderado pelo Alferes João Gonçalves de Carvalho. O Brigadeiro montou uma estratagema com o mencionado Alferes, ordenando que avançassem os batalhões em duas guardas "distante bem uma da outra". Assim conseguiu cercar e desarmar os rebeldes, que conduziu sob prisão na retaguarda.

Mas, é necessário fazer uma importante observação: talvez este relato não fosse o "mais aproximado o possível dos desastres e acontecimentos", como afirmara o próprio autor; é provável que o Brigadeiro Francisco de Paula estivesse, em verdade, se *justificando*, tentando se isentar de qualquer culpa que tivesse motivado aquele motim. É possível notar que o mesmo estava ciente da desconfiança que rondava sua imagem: "naquelas infaustas 36 horas, se não vi mais depressa restabelecida a ordem, [...] resta-me ao menos a glória de que trabalhei o quanto esteve em minhas débeis forças para tão justo quanto necessário fim". Deveras, à boca miúda corria que o Brigadeiro fora

responsável por aquele levante e que fugira covardemente para Boa Viagem e de lá só saíra quando a situação já estava em vias de fim. Mas suas justificativas, seu grande 'trabalho' para por fim àquela revolta, não foram o bastante para resguardá-lo do fatídico lápis da Regência: o Brigadeiro seria afastado do Comando das Armas por ordem do Ministro da Guerra, Lima e Silva[228].

2.5.2 "O silêncio dos túmulos"[229]: problemas para a historiografia?

Verdade é que era impossível tratar com os rebeldes que, senhores das armas, nada exigiam e por ninguém eram liderados. Até à manhã do dia 16, grupos ainda praticavam saques, mas, cansados e ébrios, eram menos numerosos e menos temíveis[230]. No decorrer do dia, rebeldes dispersos começaram a serem presos e remetidos às embarcações, enquanto os maiores grupos, que se instalaram numa campina próxima ao bairro do Recife com murrões acesos, já se encontravam sitiados por tropas de paisanos do Coronel Francisco Jacinto Pereira e do Brigadeiro Paula. Foi então na investida dessas tropas que os últimos sediciosos foram presos e a cidade se viu livre da desordem. A escuna Rio da Prata fazia a guarda das embarcações com rebeldes presos. Entre soldados, criminosos e "gente ínfima da plebe"[231], somavam-se mais de mil pessoas detidas. O número de mortos não pôde ser calculado, porque logo se fazia sepultura aos cadáveres. Contudo, o Presidente da Província afirmou receber a notícia da morte de cerca de cem sediciosos e trinta cidadãos, devido aos furtos e "batidas" com os rebeldes.

O campo onde se diz que os últimos rebeldes foram sepultados é hoje em dia uma praça, conhecida como Chora Menino, localizada na área urbana central do Recife, no Bairro da Boa Vista, próximo à Praça do Derby, ao Colégio Salestiano e às Ruas do Progresso e das Ninfas. Em 1831 era consideravelmente afastado do perímetro urbano da capital. Existem hoje muitas lendas populares sobre a denominação deste local. Falam sobre bruxas e rituais em que se matavam crianças recém-nascidas. Mas o mais provável é que seja mesmo pelas inúmeras execuções que lá tiveram lugar em 1831, apesar de não haver provas documentais sobre a origem dessa denominação[232]. É justamente pela distância entre este local e onde os rebeldes estabeleceram fortificação que se tem uma das evidências de que as centenas de mortes dos rebeldes não

---

[228] Diario de Pernambuco nº 135 de 04 de novembro de 1831.
[229] Diario de Pernambuco nº 207 de 30 de setembro de 1831.
[230] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), 20/09/1831.
[231] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), 20/09/1831.
[232] CARVALHO, Alfredo de. Annaes da Imprensa Periódica Pernambucana de 1821-1908. Recife: Typographia Ofício, 1909, p. 182. Disponível: https://archive.org/details/annalesdaimpren00carvgoog/page/n13

aconteceram por combates. Poucos se direcionaram para aquele bairro, tanto que entre os setenta saques registrados, somente três aconteceram na Boa Vista. É bem provável, inclusive, que muitos rebeldes tenham largado as armas e se entregado sem luta. E isso é bastante plausível, sendo que se mais de 800 soldados armados e com treinamento militar tivessem entrado em combate com tropas de estudantes de direito as coisas teriam sido bem diferentes[233]. Verdade é que eles foram executados mesmo. E de tantos cadáveres que lá se amontoaram surgiram lendas de que era possível ouvir o lamento de crianças que choravam por seus pais.

O *Diario de Pernambuco* publicou em suas páginas um comunicado sobre esta rebelião, apontando que "surdo às vozes das autoridades, dos seus concidadãos e da Pátria, esse bando de bárbaros em todos os pontos derramam o estrago e a devastação" e que o governo perdera todo o poder de reação, da lei e da força, fazendo com que uma "terribilíssima anarquia" ameaçasse a dissolução da sociedade. Saciados do roubo, ébrios e fatigados, alguns desses grupos, segundo aponta este comunicado do *Diário*, se dirigiram aos seus quartéis onde dividiram seus despojos; "cessaram o bulício, as ruas ficam desertas, uma completa taciturnidade sucede à violenta agitação… É o silêncio dos túmulos"[234].

No bairro da Boa Vista, por sua relativa distância dos quartéis em ebulição, foram arrombadas e saqueadas apenas três tavernas. Mas a situação tinha sido outra nos bairros do perímetro central da capital. No bairro do Recife foram nove lojas e quatro tavernas e no de Santo Antônio foram trinta e três lojas e vinte e uma tavernas[235]. As perdas foram de tão grande número que o Governo se viu sem condições de recuperar os produtos saqueados, a tal ponto de o Ouvidor do Crime propor a nomeação de uma comissão dos roubados, para fazer um dividendo que lhes fossem mais justo.

Bruno Câmara aponta que os gritos e insultos contra os colunas e os 'marinheiros' "tinham um endereço certo: os lusitanos estabelecidos no comércio da cidade"[236]. Conforme expõe este autor, os portugueses foram as grandes vítimas dos saques, ao ponto de o vice-cônsul português enviar ao Governo provincial um pedido de ressarcimento com uma exorbitante cifra que ultrapassava os oitenta e dois contos de réis (82:756$896). É possível que o prejuízo fosse ainda maior, pois o pedido enviado pelo vice-cônsul contava com as assinaturas de apenas nove portugueses vítimas dos

---

[233] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op cit., 1998, p. 127.
[234] Diario de Pernambuco nº 207 de 30 de setembro de 1831.
[235] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), 20/09/1831.
[236] CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. Op cit., p. 287.

amotinados, sendo que o número de estabelecimentos saqueados fora muito maior. Talvez isso se devesse à falta de matrículas no Consulado Português de Pernambuco[237]. Entre os que assinaram o pedido estava José Maria da Costa Carvalho, um proprietário que tinha dois estabelecimentos na Praça da União.

José Maria não era um lojista qualquer, pois, além de possuir dois estabelecimentos, ele mesmo recorreu ao Tribunal da Relação em busca de ressarcimento. "Na noite do dia quatorze para o dia quinze [de setembro de 1831]", dizia José Maria no processo de agravo ordinário, "[...] foram as ditas lojas saqueadas pelos soldados da guarnição desta cidade"[238]. O referido proprietário solicitava que fossem feitas vistorias nas lojas, a fim de confirmar perante as autoridades o valor do estoque saqueado. Naquela época, a Setembrizada causara tão grande prejuízo aos comerciantes que o Governo teve de nomear uma comissão dos roubados para fazer uma divisão para o pagamento de idenizações. Além disso, José Maria afirmava que algumas companhias de comerciantes estrangeiros lhe deviam algum dinheiro, o que agrava ainda mais sua situação financeira após aqueles saques. A quantia mais alta era a de uma companhia inglesa chamada Russel Mellors & Cia, que lhe devia uma quantia que ultrapassava os cinco contos de réis (5:699$133)[239].

O Consul francês em Pernambuco chegou a mandar uma carta ao Presidente da Província onde pressionava o Governo a tomar medidas indenizatórias aos lojistas que tiveram prejuízo naqueles saques. Isso talvez possa ser mais uma evidência do quão frouxa estava a administração da província. Um diplomata estrangeiro publicar na primeira página do mais importante jornal da província uma carta exigindo competências do Governo — que em verdade, apesar de toda a bajulação e termos cordiais, o que se fez mesmo naquela carta foi exigir — era talvez um tanto quanto indelicado. "O Governo sem dúvida há de propor uma lei para a indenização"[240]. Em vista disso, o Presidente se viu obrigado a responder na mesma folha de circulação que "o Governo não pode tomar em consideração tal protesto, [...] visto que nenhuma responsabilidade pode resultar de casos fortuitos fora do alcance da prudência humana e nunca da falta de providência do Governo da Província"[241].

---

[237] Ibid., p. 288.
[238] IAHGP, acervo do tribunal da Relação, ano 1832, caixa 1, processo 10, agravo ordinário (1832-1834).
[239] IAHGP, acervo do tribunal da Relação, ano 1832, caixa 1, processo 10, agravo ordinário (1832-1834).
[240] Diario de Pernambuco nº 207 de 30 de setembro de 1831.
[241] Diario de Pernambuco nº 207 de 30 de setembro de 1831.

2.5.3 Afinal, houve trama?

O Presidente nada diz no seu relatório aos Ministros sobre a origem, causa ou motivo da sedição, e afirma não ter encontrado nenhum caráter político nestes acontecimentos. Nas folhas do *Diario de Pernambuco* de 19 de setembro se afirma que “sem premeditação, sem combinações, e só por princípios de infame vingança [...] se suscitou a desordem” no Batalhão 14, que já era conhecido por atos de insubordinação[242]. Será mesmo que não houve sequer algumas poucas maquinações para fazer uma revolta tão grande e ordenada?

Em um ofício ao Juiz de Paz de Goiana há apenas alguns dias da Setembrizada, o Presidente da Província comunicava que marchava “uma escolta de cavalaria para conduzir soldados presos”[243]. Este ofício está atualmente interditado no acervo do APEJE, por conta de sua delicada situação de conservação. Mas existem cópias microfilmadas, embora a maioria em qualidade muito precária. Portanto, muitas informações que poderiam ser relevantes estão ilegíveis. Mas há o bastante para se questionar que tipo de coisa teriam feito tantos soldados para ser necessário uma numerosa escolta de cavalaria para conduzi-los em uma freguesia tão distante do perímetro urbano da capital. No mesmo dia, em outro ofício, desta vez ao Juiz de Paz da Freguesia de Santo Antônio, o Presidente solicitava que fossem “remetidas às partes (autoridades) quando houver algum acontecimento”[244]. Estes documentos podem parecer ofícios corriqueiros, coisa comum no cotidiano do comando dos quartéis. De fato, talvez *o ofício* ao Juiz de Paz de Goiana[245] fosse realmente corriqueiro. Contudo, *o temor* das autoridades não era. É possível notar que boatos que circulavam no Recife e notícias de motins militares em outras províncias circunvizinhas de fato colocaram as autoridades em alerta. Vejamos.

Se corre o risco do anacronismo, mas o sentido dessas cartas indica que o governo talvez tivesse algum receio do que pudesse acontecer naqueles dias. Inclusive, havia, “quem profetizasse uma revolução no próprio dia 7”, durante as comemorações da Independência[246]. É bem possível que houvesse esse temor mesmo, tendo em conta que em Pernambuco já se tinha a notícia de que há menos de 15 dias a Bahia passara por um motim militar. No artigo de ofício que foi publicado no *Diario de Pernambuco*, o relatório do Comandante de Armas da Bahia salta aos olhos pela semelhança dos

---

[242] Diario de Pernambuco nº 199 de 19 de setembro de 1831.
[243] APEJE, Ofícios do Governo da Província, vol. 34 (1831), 09/09/1831.
[244] APEJE, Ofícios do Governo da Província, vol. 34 (1831), 09/09/1831.
[245] APEJE, Ofícios do Governo da Província, vol. 34 (1831), 09/09/1831.
[246] Diario de Pernambuco, nº 206 de 28 de setembro de 1831.

episódios que se passaram na Setembrizada. Diz ele que o 3º Corpo de Artilharia com alguns outros que vieram da Corte amotinaram-se na noite de 31 de agosto. Pegaram as armas, arrombaram um arsenal e "dando tiros pelas imediações do Quartel puderam roubar algumas casas". Os soldados se rebelaram por recusarem o toque de recolher e por não quererem dormir nos quartéis. Na manhã do dia seguinte todos entregaram as armas e mais de 300 foram demitidos "por incorrigíveis e insubordinados"[247].

Nesta mesma edição do *Diario de Pernambuco*, há também um comunicado do Comandante das Armas Interino da Paraíba do Norte. Segundo o que relata este Oficial, em 1º de setembro parte do 5º Corpo de Artilharia se insubordinara por não aceitar receber o soldo com descontos. Esse grupo "de alguns soldados mal arranjados" era de Pernambuco e teria parte do seu pagamento descontado por ser necessário "os apronta r [...] para o embarque". Opondo-se de uma maneira bastante insubordinada, "a ponto faltarem inteiramente o respeito ao Comandante", os soldados arrombaram a casa de arrecadação, municiaram-se de pólvora e balas e saíram em tumulto pelas ruas, surdos às ordens dos seus superiores. Foi só quando o Comandante das Armas Interino os encontrou nas ruas que foi possível "os acomodar", prometendo-lhes não castigar e até mandar o comandante do referido batalhão "restituir-lhes o que lhes havia descontado". "Não podendo eu pela maneira exposta castigá-los conforme mereciam, levo tudo ao conhecimento de V. Exc.ª (o Comandante das Armas de Pernambuco) para que haja de fazer a esse respeito aquilo que julgar de razão"[248].

Este mesmo jornal publicou uma longa carta do Capitão Comandante do 4º corpo de artilharia ao Comandante das Armas, divididas em duas edições da folha, apontando que os soldados amotinados tomados pela vingança, faziam fogo avulso e davam gritos de "fora colunas, fora o castigo de espada, fora o Brigadeiro!", e diziam não aceitar o fechamento dos portões do quartel depois da revista das 20h[249]. É por conta disso que Manuel Correia de Andrade concluiu que a sedição aconteceu de forma desorientada, em combate ao mesmo tempo a federalistas e restauradores, pois davam-se gritos contra o Brigadeiro Paula, conhecido por ideias federalistas e importante figura no 7 de abril, e contra os colunas, que encarnavam a volta de Pedro I[250].

[247] Diario de Pernambuco, nº 199 de 19 de setembro de 1831.
[248] Diario de Pernambuco, nº 199 de 19 de setembro de 1831.
[249] Diario de Pernambuco nº 208 de 01 de outubro de 1831 e Diario de Pernambuco nº 209 de 03 de outubro de 1831.
[250] ANDRADE, Manuel Correira de. Op cit., 1971, p. 90.

Mas uma outra matéria do *Diario de Pernambuco* indica que o levante foi nada espontâneo[251]. O editor diz que quando aquela folha tinha se referido aos acontecimentos daquele motim, “dissemos que sem premeditação e sem combinações e só por princípios de vingança havia aparecido a revolta entre os soldados”. Era a opinião que se tinha naqueles dias de tão recente revolta. Mas “hoje, porém, o nosso juízo se acha indeciso”. O editor diz que muitos cidadãos frequentemente insistiam que os soldados “foram movidos por alguém”. Fica nas entrelinhas que tinha havido conspirações de facções políticas restauradoras neste movimento, que buscavam instaurar o caos na província até que todos os cidadãos se dessem conta de que sem Pedro I tudo que teriam era desordem. Em outra edição o *Diário* publicava uma correspondência de um tal senhor Chanchan[252]. Dizia ele que foi em virtude de “um plano concertado entre o ex-Imperador do Brasil e restos da nefanda Coluna” que as tropas insubordinaram-se na noite do dia 14[253]. No mesmo sentido o redator da *Bússola da Liberdade* — aquele mesmo que recebeu o Comandante das Armas nos Afogados depois da fuga das Cinco Pontas — diz que “desapareceu a tropa criminosa, mas não desapareceu a intriga criminante [sic]”[254]. Mas quanto há isso não se pode traçar uma linha que constate tal acontecimento. Pelo contrário, a quem se dirigiriam os gritos de “fora colunas” e os saques que causavam tantos prejuízos a comerciantes portugueses senão aos restauradores? Como pontua Mário Márcio, “admitir a existência de um ‘complô’ é aceitar o pressuposto de que os regressistas tinham o poder fantástico de calar os revoltosos depois de presos”[255]. E eram mais de 820 militares presos[256]. Emudecer tanta gente parece realmente improvável.

No entanto, este é um relato valioso sobre os detalhes dos episódios daquela noite. No que se segue o texto, uma nova narrativa é apresentada e demonstra que houve sim combinações prévias para aquele levante. Insubordinação nas tropas era algo comum, principalmente em quartéis tão precários, mas aquela insubordinação teria em consequência uma revolta, e “para esta houve trama”[257]. Momentos antes de romper a sedição muitos alegavam ter ouvido uma girândola de fogos ao ar, mas “não havia naquele dia festa alguma”. Após a queima dos fogos os batalhões desertaram em sequência. Além disso, corria à boca miúda, antes das comemorações da Independência,

---

[251] Diario de Pernambuco nº 206 de 28 de setembro de 1831.
[252] Provavelmente um codinome irônico e sarcástico a respeito das moedas de cobre falsificadas.
[253] Diario de Pernambuco nº 221 de 17 de outubro de 1831.
[254] Bússola da Liberdade nº 31 de 12 de outubro de 1831.
[255] SANTOS, Mário Márcio de Almeida. Op cit., 1982, p. 180.
[256] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op cit., 1998, p. 126.
[257] Diario de Pernambuco nº 206 de 28 de setembro de 1831.

que uma revolta estava estava marcada para acontecer nas celebrações do dia 7 de setembro, no entanto, por alguma razão, teve de ser adiada, "mas que não deixaria de suceder em setembro"[258]. Marcus Carvalho assegura que o cônsul americano em Pernambuco dizia que "todo mundo no Recife sabia que a rebelião havia sido planejada com antecipação, mesmo que não tivessem ficado claros os seus propósitos"[259].

A Setembrizada foi uma barulhenta insubordinação que deixou um grande rastro, marcado pelos saques e quebra-quebras de uma "soldadesca desenfreada" acompanhada por negros que julgavam ter chegado sua hora de lutar por liberdade[260]. Além do fato de ter sido a própria população encarregada de limpar "as ruas que correspondem às suas casas"[261], a Setembrizada foi silenciada com a morte de umas 300 pessoas e a prisão de outras 800. "A bem da verdade, [...] mais do que um levante, o que aconteceu em setembro de 1831 foi uma deserção em massa"[262]. Se não foi isso não existem meios de se explicar como mil soldados e algumas dezenas de escravizados armados, com sede de liberdade, seriam dominados por tropas de cidadãos comuns. Mas, por mais desorientada que ela possa ter parecido — levando-se em conta que a documentação que registrou aqueles episódios representam o discurso formal do Governo, os 'vencedores' —, com gritos que se contradiziam em seus anseios políticos, ela foi planejada. Sejamos francos, uma deserção naquelas proporções não aconteceria pelo acaso. Os boatos de que ela já estava marcada para o dia 7 e a queima de fogos marcando o rompimento da sedição asseguram isso.

Mas, além do caótico rastro que deixou, a Setembrizada intensificou o clima partidário em Pernambuco, tanto que após os episódios que aqui foram expostos a Sociedade Patriótica Harmonizadora teria uma atuação muito mais intensa na atividade de imprensa e na pressão ao Governo. Sem contar que ainda surgiria, alguns dias após, a Sociedade Federal, que representava a ala mais exaltada dos liberais e que seria figura rival da Harmonizadora. Dali em diante as duas sociedades lutariam dia a dia por maior influência no Governo provincial. O que de fato se asseverou.

Nesta atmosfera de insegurança, as conspirações políticas se tornaram mais intensas. A Sociedade Patriótica Harmonizadora, que temia muito a fama federalista do Comandante das Armas, não lhe poupou críticas e o acusou de ser o responsável pela

---

[258] Diario de Pernambuco nº 206 de 28 de setembro de 1831.
[259] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op cit., 1998, p. 128.
[260] Diario de Pernambuco nº 206 de 28 de setembro de 1831.
[261] Diario de Pernambuco nº 202 de 23 de setembro de 1831.
[262] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op cit., 1998, p. 127.

Setembrizada[263]. Em 22 de setembro, a dita Sociedade dirigiu um ofício ao Presidente da Província sobre a insurreição da tropa dizendo que "faltaria ao nobre fim de sua instituição se não viesse [...] à presença de V. Exc. não só manifestar a sua pungente dor por tão desgraçados sucessos", como asseguraria ao presidente que "para acautelar a sua repetição" ela desde já estaria a disposição do Governo. Adiante, a Sociedade dizia confiar no juízo do Presidente e que não deveria lhe lembrar coisa alguma relativa a administração, mas rogava que "V. Exc. queira fazer arredar, quanto antes, de nossas praias esse bando de vândalos", a fim de evitar que o "ódio a tão horroroso crime se converta com a demora em compaixão". Seguia-se a assinatura 79 associados na sessão extraordinária, que, infelizmente, não foram transcritas na publicação do *Diario de Pernambuco*[264]. A este ofício consta a resposta do presidente da província em 25 de setembro: "certo o Governo dos nobres sentimentos que animam a tão digna sociedade [...] conta com a sua cooperação para a tranquilidade e harmonia dos cidadãos", e que sendo um fiel observador das leis "não cabe em minhas atribuições fazer já retirar da província os desgraçados que merecem o seu justo ressentimento"[265].

Em 10 de outubro o Presidente recebeu a resposta do Ministro da Guerra sobre aquele seu ofício enviado em 20 de setembro. No que foi transcrito no *Diario de Pernambuco*, o Ministro diz que diante de tão "escandalosa e criminosa revolta militar" não se pode deixar de "cobrir de descrédito o oficial a quem se achava confiado o comando" da força armada. Assim, em nome da Regência, aplicava punições ao Brigadeiro Paula, determinando que "seja dispensado do comando das armas", mas que fosse mantido na província até nova ordem regencial[266]. O Ministro Lima e Silva, que já tinha afastado o Brigadeiro Paula do comando de tropas na Corte, agora o sentenciava de vez com esta ordem. Daquele dia em diante o Brigadeiro Paula seria subordinado a um oficial de patente inferior a sua. Uma humilhação se tratando de hierarquia militar. Naquela época os desafetos e atos de vingança eram muito evidentes mesmo.

Mas esta resolução acarretou uma tensa intriga entre os pernambucanos, que foi expressa em várias edições do *Diario de Pernambuco*. Inclusive, na mesma edição em que se publicou a portaria do Ministério da Guerra, aquela folha questionava de onde o Ministro tirara aquelas conclusões de que "o Snr. Brigadeiro Paula se cobriu de descrédito". A afirmação do Ministro era desprezível. Deveras, já que na própria Corte

---

[263] Bússola da Liberdade nº 31 de 12 de outubro de 1831.
[264] Diario de Pernambuco nº 211 de 05 de outubro de 1831.
[265] Diario de Pernambuco nº 211 de 05 de outubro de 1831.
[266] Diario de Pernambuco nº 135 de 04 de novembro de 1831.

batalhões tinham se insubordinado causando várias desgraças e nenhum dos comandantes tinha por isso sido afastado do seu cargo. "É mais crível [...] que algum correspondente desta cidade, desafeto do Snr. Paula, dissesse a S. Exc. que devia ser deposto. [...] O Governo quer aniquilar os agentes da gloriosa revolução de 7 de abril"[267].

2.6 "NOTURNA SOMBRA TROUXE À MANHÃ SERENA MADRUGADA"[268]: A SOCIEDADE FEDERAL

Em 24 de outubro de 1831, o Conselho do Governo escreveu um ofício à Regência, com a assinatura de José Lino Coutinho, avisando que "uma sociedade pública se acaba de instalar nesta cidade (Recife)". A Sociedade em questão era a Federal, cujo fim, segundo o que escreve, era "discutir e mostrar as vantagens da Federação"[269]. Dias antes, o *Diario de Pernambuco* convidava o povo do Recife para a reunião de instalação da mesma, na manhã do dia 16 de outubro, no Consistório da Igreja dos Militares[270]. A Federal tinha a proposta de redigir um periódico para disseminar a doutrina federalista por todas as classes. O *Bússola da Liberdade* dizia que, por se tratar de federação nesta sociedade, "dedicaremos nosso periódico à publicação dos seus trabalhos, principiando dos respectivos estatutos até as últimas resoluções tendentes ao mesmo objeto"[271]. Era um tempo de renovação das práticas políticas. Na *Nova Luz Brasileira*, um importante jornal do Rio de Janeiro, se falava que acabara "o tempo das Sociedades Secretas, para começar uma nova era", a das de Sociedades Públicas[272].

Naquele período, as Sociedades e os jornais constituíram uma consistente rede de relações. Dez anos antes disso, em 1821, D. João VI estabelecia um decreto que regulava a atividade de imprensa no Brasil[273]. Apesar de flexibilizar as leis sobre a censura prévia de documentos, aquele decreto impunha alguns empecilhos para a redação e divulgação de impressos e manuscritos: estavam obrigados todos os impressos a informarem local, ano, nome do redator e do impressor. "A omissão ou falsificação de tais informações seria punida com multa"[274]. Nesta trama entre Sociedades e jornais,

---

[267] Diario de Pernambuco nº 135 de 04 de novembro de 1831.
[268] Diario de Pernambuco nº 224 de 20 de outubro de 1831.
[269] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Império nº 2, 24/10/1831.
[270] Diario de Pernambuco nº 220 de 15 de outubro de 1831.
[271] Bússola da Liberdade nº 32 de 16 de outubro de 1831.
[272] Nova Luz Brazileira nº 168 de 08 de setembro de 1831.
[273] Decreto de 02 de março de 1821. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dim/DIM-2-3-1821.htm
[274] FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. Op cit., 2016, p. 56.

estes últimos assumiram o papel de influenciar a opinião pública, já que divulgavam opiniões dos redatores, doutrinas, ideias, notícias e, principalmente, críticas ao Governo e figuras públicas. Com as leis que regulamentavam a atividade de imprensa é bem provável que as Sociedades, por exercerem uma pressão externa no Governo, servissem como uma espécie de proteção aos jornais, principalmente os pequenos periódicos que não eram as folhas oficiais das Sociedades, como era o caso do *Bússola da Liberdade* para a Federal e o *Olindense* para a Harmonizadora. Mas trataremos sobre isso no quarto capítulo deste trabalho.

Diz o *Bússola da Liberdade* que na reunião de instalação da Federal se viu "um numeroso concurso de cidadãos de todas as classes"[275]. De fato, na leitura da ata da sessão de abertura desta sociedade vê-se pessoas de distintas atividades: padres, juízes, estudantes e lentes do curso jurídico, empregados públicos, militares de alta e baixa patente e alguns comerciantes[276]. A popularidade da Federal era tanta que, como aponta Manuel Correia de Andrade, "parecia que os federalistas dominavam a política pernambucana"[277]. Faziam parte da administração da Federal João José de Moura Magalhães, Lente do Curso Jurídico de Olinda, como presidente; o Brigadeiro Francisco de Paula e Vasconcelos, ex-Comandante das Armas da Província, como vice-presidente; além de José Tavares Gomes da Fonseca, Promotor Público, e José Lúcio Correia, sem ocupação declarada, como secretários e José Elesbão Ferreira, também sem ocupação declarada, como tesoureiro[278].

O Brigadeiro Paula, pelo tempo em que esteve no comando das armas, foi um sujeito de ações moderadas. Militar disciplinado como era, não deixou transparecer suas aspirações políticas naquele cargo. Mas agora não o exercia mais e, subordinado a um militar de patente inferior a sua, o Coronel Francisco Jacinto Pereira, seria uma das figuras principais do federalismo pernambucano.

O ofício de José Lino Coutinho destacava ainda que só pela sua denominação a sociedade já "tem assustado alguns cidadãos", apesar de julgar um medo desnecessário, pois via entre os associados "pessoas de nenhuma suspeita". Todavia, permaneceria "vigilante e alerta para proceder legalmente contra qualquer partido"[279].

---

[275] Bússola da Liberdade nº 33 de 19 de outubro de 1831.
[276]Diario de Pernambuco nº 222 de 18 de outubro de 1831.
[277] ANDRADE, Manuel Correia de. Op cit., 1971, p. 108.
[278] Diario de Pernambuco nº 222 de 18 de outubro de 1831.
[279] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Império nº 2, 24/10/1831.

Como apontou Barbosa Lima Sobrinho, a Confederação do Equador derivou da confluência das águas de três vertentes: a liberal, a nacionalista e, sobretudo, a federalista[280]. Corrobora essa análise o que Silvia Fonseca apontou em sua tese: no âmago do movimento de 1824 estava a defesa do federalismo, sobretudo com base no modelo norte-americano[281]. Sobre o modelo norte-americano Manuel Correia de Andrade apontou o contrário. No julgo deste autor, "as ideias republicanas francesas estavam bem difundidas entre os grupos do Norte do Brasil"[282]. Todavia, é consenso na historiografia o âmago federalista da Confederação do Equador. Era o resultado de uma campanha federalista iniciada por Cipriano Barata na *Sentinela da Liberdade*[283]. Essa assertiva da historiografia brasileira é reforçada também pelo brasilianista Jeffrey C. Mosher, que em *Political Struggle, Ideology and State Building* apontou que a aversão ao projeto centralista de Pedro I, que lembrava muito o absolutismo português, fez surgir em Pernambuco e nas províncias vizinhas um movimento republicano em busca da federalização[284]. Aponta Silvia Fonseca que os embates políticos entre a Província de Pernambuco e o governo monárquico em 1824 evidenciam projetos distintos de independência[285]. Mas a proclamação da nascente república em 1824 ferveu os nervos do Imperador, que reagiu com rapidez e sem piedade. A derrota era iminente, pois "as forças da Confederação eram poucas e fracas"[286]. Pedro I foi impiedoso com aqueles que desafiaram a soberania do seu reinado. Vários líderes daquele movimento foram executados. Entre eles, o Frei Caneca. Frei Caneca feria a onipotência do absolutismo pedrista. Pior que a execução, Caneca sofreu a degradação eclesiástica, pois o crime de lesa-majestade era um sacrilégio. Era uma punição pessoal do Imperador. Um sentimento de vingança. "Vai ser executada a sentença de morte natural na forca, proferida contra o réu Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca"[287]. Mas o que não esperavam seus juízes, é que o carrasco recusasse seu próprio ofício. "Ordens e ameaças de nada serviram para o tirar de sua obstinação"[288]. Nem mesmo os presos da cadeia, sob a promessa de liberdade, aceitaram executar à forca o Frei Caneca. A solução que

---

[280] BARBOSA LIMA SOBRINHO, Alexandre José. Op cit., 1979, p. 206-10.
[281] FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. Op cit., 2016, p. 189-90.
[282] ANDRADE, Manuel Correia de. As raízes do separatismo no Brasil. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1997, p. 79.
[283] BARBOSA LIMA SOBRINHO, Alexandre José. Op cit., 1979, p. 207.
[284] MOSHER, Jeffrey C. Op cit., 2008, p. 43.
[285] FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. A ideia de república no Império do Brasil: Rio de Janeiro e Pernambuco (1824-1834). SP: Jundiaí, Paco Editorial, 2016, p. 189-90.
[286] ANDRADE, Manuel Correia de. Op cit., p. 42.
[287] MELO NETO, João Cabral de. Auto do Frade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 17.
[288] BARBOSA LIMA SOBRINHO, Alexandre José. Op cit., 1979, p. 209.

encontraram seus algozes foi transformar em fuzilamento a sentença, a ser executada por militares. Em 13 de janeiro de 1825, Frei Caneca, amarrado a um poste à sombra do Forte das Cinco pontas, era arcabuzado. Assim terminava o sonho republicano em Pernambuco. "D. Pedro lavou-o em sangue"[289]. Assim, em 1831, quando a Sociedade Federal reacendera a chama do federalismo em Pernambuco, parte das elites regionais, alinhadas à política pedrista, retomavam o medo dos dias de 1824.

A preocupação relatada por José Lino Coutinho naquele ofício do Conselho do Governo[290] foi estampado também em uma correspondência — sem identificação — publicada no *Diario de Pernambuco*, onde dizia que "noturna sombra trouxe à manhã serena madrugada, quando o povo está assustado pelos boatos de rusgas, pegam nas armas uns, nos santos outros, [...] combatendo esses monstros, essas pestes da sociedade"[291]. Não é preciso muito para se perceber que por trás desse temor havia o conluio de membros da Harmonizadora e de alguns restauradores. O *Bússola da Liberdade* apontava que a Harmonizadora tramava uma "inquisição política", quando, em suas reuniões, se declamava tão avidamente contra os federalistas que nada "se devera concluir de seus discursos" senão a necessidade "da nossa prisão"[292]. Afirmava o editor do *Diario de Pernambuco* que não restavam dúvidas de que "haviam-se espalhado de propósito rumores aterradores a respeito desta Sociedade" e que, apesar de ter confundido muitas pessoas dominadas pelos temores dos desastres que há tão pouco assolara aquela cidade, "por certo se desassombraram à vista dos trabalhos da Sociedade"[293].

Apenas algumas horas após a abertura da Sociedade surgiram boatos de que a Câmara Municipal do Recife levaria ao Governo um pedido para fechar a Sociedade Federal. O *Diario de Pernambuco* dizia não acreditar que a Câmara tentasse tal ação[294], mas não eram apenas um rumores. De fato o Presidente da Câmara, Antônio Joaquim de Melo — que era membro da Harmonizadora[295] —, mandou um ofício ao governo e às outras Câmaras Municipais solicitando o fechamento da Sociedade Federal e a perseguição de seus membros, acusando-os de anarquistas e revolucionários que

---

[289] ANDRADE, Manuel Correira de. Op cit., 1971, p. 44.
[290] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Império nº 2, 24/10/1831.
[291] Diario de Pernambuco nº 224 de 20 de outubro de 1831.
[292] Bússola da Liberdade nº 33 de 19 de outubro de 1831.
[293] Diario de Pernambuco nº 222 de 18 de outubro de 1831.
[294] Diario de Pernambuco nº 222 de 18 de outubro de 1831.
[295] Olindense nº 64 (suplemento) de 13 de dezembro 1831.

queriam, por meios ilegais, modificar a Constituição do Império[296]. O *Diario de Pernambuco* afirmava que "não pode restar dúvida sobre a existência de uma trama contra aquela Sociedade [Federal]. [...] Todos sabem, que o Sr. Antônio Joaquim de Melo é um dos membros do 4º voto daquela Sociedade [Harmonizadora]"[297]. Nas páginas do *Olindense* se afirmou que o editor do *Diario de Pernambuco* entrou "numa série de raciocínios para provar que essa trama é urdida pela Sociedade Patriótica" e que estava enganado, uma vez que "nunca na Sociedade Patriótica se falou em Sociedade Federal" e que nunca se declamou contra federalistas, mas que "se mostrou não aprovar as pretensões dos federalistas, que antes querem reformar a Constituição por meio da espada do que por intervenção legal"[298]. Estavam expostas as peças do xadrez político que se desenvolveria na Província pernambucana a partir daqueles dias. Os jornais seriam uma das arenas deste jogo.

A Sociedade Federal, que poucos dias após a fundação em Pernambuco se expandiria à Bahia e ao Rio de Janeiro[299], foi uma das alas mais importantes da divulgação dos ideais federalistas no século XIX, mesmo tendo funcionando por um curto período, de 1831 a 1834. Seu órgão de publicidade em Pernambuco, o periódico *O Federalista*, circulou por igual período e, apesar de restarem poucos exemplares hoje, figura como uma das mais importantes fontes de pesquisa sobre as ideias de estruturas federalistas disseminadas em todo o território nacional. A primeira edição deste periódico aponta um interesse evidente na arregimentação popular para a causa da Sociedade, tendo escrito que "o nosso periódico será tão somente doutrinal e por isso a nossa linguagem será simples e os nossos princípios os mais claros que nos for possível"[300]. Um dos mais importantes atos da sociedade foi oferecer um prêmio de um conto de réis e uma medalha de ouro a quem produzisse uma obra que com maior exatidão representasse um projeto de governo federativo adotável à realidade brasileira — este assunto será abordado com a devida atenção no quinto capítulo[301].

Apesar de prestar serviços contra as agitações da Novembrada, sedição ocorrida no Forte das Cinco Pontas entre 15 e 18 de Novembro de 1831, devido ao sabido azedume das exaltações políticas daquele tempo, a Federal sofreu grande oposição,

---

[296] Diario de Pernambuco nº 223 de 19 de outubro de 1831.
[297] Diario de Pernambuco nº 223 de 19 de outubro de 1831.
[298] Olindense nº 50 de 22 de outubro de 1831.
[299] FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. Op cit., 2016, p. 54.
[300] O Federalista nº 1 de 30 de dezembro de 1831.
[301] Bússola da Liberdade nº 125 de 16 de setembro de 1832. Este concurso também foi publicado no Topinambá nº 7 de 22 de outubro de 1832.

principalmente da Sociedade Patriótica Harmonizadora. Não é demais lembrar que a Harmonizadora, tendo como um dos seus principais membros o Presidente da Câmara Municipal do Recife, chegou a pedir ao Governo provincial a dissolução da Sociedade Federal e a perseguição de seus membros[302]. Ainda assim, chegou a contar com um volumoso número de adeptos e exerceu uma considerável influência no governo provincial, e até na Corte, nos primeiros anos das Regências.

2.7 A NOVEMBRADA

A sedição instalada na fortaleza das Cinco Pontas teve um diferencial importante em relação à ocorrida em setembro: uma estrutura organizada — apesar de assustadoramente passiva —, lideranças identificadas e reivindicações claras. Era o contrário da Setembrizada, por não ter apoio de escravizados e da "populaça" das ruas, além de só ter oficiais que se consideravam gente branca[303]. Inclusive, na dianteira dessa mobilização estava o Capitão Antônio Afonso Viana, que era português e estivera na guerra da Cisplatina a serviço da república de Buenos Aires[304]. A boa organização da mobilização fica evidente pelo fato de que, apesar do Conselho do Governo e das outras forças do Estado iniciarem a repressão efetiva somente no dia 18, o movimento começou no dia 15 de novembro.

Revisitando as narrativas documentais sobre a Novembrada, encontramos a ordem do dia do Coronel Francisco Jacinto, que descreve como "por volta das onze horas da noite entra na fortaleza das Cinco Pontas um grupo de sediciosos", composto por uns 60 indivíduos liderados por um segundo-tenente, João Machado Magalhães, e um capitão, Antônio Afonso Viana[305]. A partir da noite daquele dia 15, esse grupo adotaria uma postura que buscava maior arregimentação popular para engrossar o movimento, colocando alguns de seus membros nas ruas para convidar a população às suas causas.

Mas isso se revelou uma medida pouco efetiva, pois a população temia que dessa quartelada surgissem perturbações semelhantes àquelas de setembro. Durante quatro dias a cidade do Recife esteve parada pelo temor. O giro dos mercados suspendido, as correspondências interrompidas e o repouso das famílias em perigo "fazia realmente crer

---

[302]Diario de Pernambuco nº 223 de 19 de outubro de 1831.
[303] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op cit., 1998, p. 129.
[304] FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. Op cit., 2016, p. 315.
[305] Diario de Pernambuco nº 249 de 23 de novembro de 1831.

que nos avizinhamos do desastroso instante de uma total dissolução social"[306]. Apesar disso, apontam Manuel Correia de Andrade e Pereira da Costa que o *Olindense* indicava que a cada dia o Partido das Cinco Pontas ia engrossando "porque os interessados na rusga andavam pelas portas a convidar gente"[307].

Disse o Presidente da Província à Regência que "seriam onze horas quando fui informado que na Fortaleza das Cinco Pontas se fazia uma reunião de gente armada"[308]. Conforme está registrado na ata de sessão extraordinária do Conselho do Governo, quando recebeu a notícia do que se passava o Presidente expediu uma portaria ao juiz de paz de Santo Antônio para que fosse à fortaleza e tentasse dispersar o grupo. Tal atitude foi infrutífera, pois os sediciosos "responderam que pretendiam dirigir uma representação ao Governo"[309]. Revelador dos planos desse movimento é que a gente das Cinco Pontas evocava o "direito de petição concedido pela Constituição"[310]. Com a resposta dos sediciosos trazida pelo referido Juiz de Paz, o Presidente reuniu o Conselho e enviou por escrito uma intimação para que "desposassem as armas e se recolhessem às suas casas, sob pena de se proceder contra eles na conformidade da lei". O Governo, naquela altura das coisas, não tinha forças para dispersar aquele ajuntamento, o próprio Presidente informou isso no relatório à Corte. E os que estavam no movimento das Cinco Pontas sabiam bem disso, tanto que na resposta que enviaram à intimação do Conselho estava nas entrelinhas um certo tom de desprezo, dizendo que "o mesmo requerimento está redigindo-se"[311]. O Governo se viu obrigado a esperar o tempo dos amotinados. "Esperamos todo esse dia e só no seguinte (17) nos foi mandada"[312].

O referido Juiz de Paz alertou o Conselho do Governo sobre a passividade com que lidavam com aquela reunião de gente armada. Foi na manhã daquele mesmo dia 16 que ele escreveu ao Conselho, na transcrição de Pereira da Costa, que "teria sido possível dissolver aquele ajuntamento ilícito [...] antes que a consternação se apoderasse

---

[306] Diario de Pernambuco nº 246 de 21 de novembro de 1831.

[307] ANDRADE, Manuel Correia de. Op cit., 1971, p. 117; PEREIRA DA COSTA, Op cit., 1965, p. 452. Infelizmente, talvez por algum erro na tiragem das edições destas obras, não indicam o número da edição deste periódico. Nas buscas pelos arquivos e hemerotecas não foi possível localizar alguma edição que indicasse esse acontecimento. Suponho que essa informação esteja na edição nº 58, de data desconhecida e que não restam cópias no acervo do APEJE e da Biblioteca Nacional, tendo em vista que nas edições em torno dos dias da Novembrada que foram localizadas — são elas a nº 57 (15 de novembro) e nº 59 (29 de novembro) — nada se fala sobre isso.

[308] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Império nº 1, 20/11/1831.

[309] Ata da sessão extraordinária do Conselho do Governo de 16 de novembro de 1831, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834). Ofício manuscrito que foi enviado ao Juiz de Paz suplente de Santo Antônio está disponível no acervo: APEJE, Ofícios do Governo, vol. 34 (1831), 16/11/1831.

[310] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Império nº 1, 20/11/1831.

[311] APEJE, Oficiais do Exército, vol. 7 (1830-1834), 16 de novembro de 1831.

[312] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Império nº 1, 20/11/1831.

da cidade, mas não se fez assim, deu-se tempo a aliciações e preparativos"[313]. O Presidente chegou até a dar ordens ao Comandante das Armas Jacinto Pereira para colocar nas ruas próximas ao forte das Cinco Pontas "patrulhas rondantes", a fim de impedir a afluência de gente para aquela localidade[314]. Mas, conforme foi indicado pelo relato do Juiz de Paz de Santo Antônio, sem ordens do governo para empregar a força contra o movimento, a tentativa de evitar a afluência de mais gente nas Cinco Pontas foi fracassada, já que "os piquetes com que se pretendia conter as passagens eram os primeiros a ser seduzidos e o partido ia engrossando"[315]. Ao amanhecer daquele dia, o Partido das Cinco Pontas, como foi denominado nas fontes oficiais, se achava duas ou três vezes mais forte.

Ainda segundo o comunicado oficial deste juiz de paz, o governo mandou que formassem batalhões de milícias, juntando mais de 800 homens. Foi esta tropa de milicianos que enviou aos sediciosos aquela intimação do Conselho. Além do fracasso da intimação e da resposta de que estavam redigindo uma petição, a carta vinda daquele ajuntamento tinha em certa medida um tom ameaçador. O comunicado que os sediciosos emitiram diante das milícias dizia não existir homens armados na fortaleza, "mas sim cidadãos pacíficos reunidos a fim de dirigirem a V. Exc. um requerimento". Contudo, uma pequena passagem do escrito, que foi assinado pelo segundo-tenente João Machado Magalhães, fica evidente o tom hostil: "a gente que se acha armada são os destacamentos de artilharia de segunda linha, os quais estão debaixo do nosso comando"[316]. Assim, o Partido das Cinco Pontas sugeria ao Governo que, se fosse necessário, agiriam por meio das armas contra qualquer agressão vinda dos milicianos. Mas é claro que se isso acontecesse, a represália que sofreriam seria muito forte. O que pode se perceber é que a liderança daquela mobilização mandava o recado de que eles não seriam massacrados sem luta como foram os sediciosos da Setembrizada.

Percebendo a reunião popular em torno do Partido das Cinco Pontas, o Governo fez circular uma proclamação impressa do Presidente da Província, que, em tons dramáticos e visando, talvez, espalhar o medo de tal sedição entre a população, diz que aqueles que não se unirem mutuamente às autoridades legais terão "a dor de contemplar o aflitivo espetáculo de uma cidade [...] entregue a uma completa aniquilação". Finaliza

---

[313] PEREIRA DA COSTA. Op cit., 1965, p. 452.
[314] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 34 (1831), 16/11/1831.
[315] PEREIRA DA COSTA. Op cit., 1965, p. 453.
[316] APEJE, Oficiais do Exército, vol. 7 (1830-1834), 16/11/1831.

afirmando que o “Governo confia no vosso patriotismo: correspondei à sua espectação”[317].

Mas, apesar de estar ciente das evidentes limitações do poder de repressão, o Governo expediu ordens para que as tropas do Juiz de Paz e do Comandante das Armas, Francisco Jacinto Pereira, atacassem a Fortaleza. Antes disso o Presidente expedira alguns ofícios para tentar formar uma retaguarda para o caso da situação se complicar. Ao Intendente da Marinha, foi solicitado que se preparassem tropas da Marinha e as conservasse no Arsenal, atentas a chamados de reforços[318]. O mesmo foi solicitado ao Juiz de Paz de Beberibe[319]. Além disso, era preciso também um maior poder de fogo, que foi solicitado ao Juiz de Paz do Poço da Panela, “25 armas de fogo com o competente cartuxame”[320], e ao Juiz de Paz do Bairro do Recife, ao qual ordenava que o “Inspetor do Trem entregue à sua ordem cento e cinquenta armas e o cartuxame que requisitar”[321].

Como se vê, as forças do Governo foram armadas tanto quanto era possível naquelas circunstâncias. Mas o que não se esperava é que as suas tropas recusassem as ordens. Foi somente quando ordenou que os amontinados fossem atacados que o Juiz de Paz de Santo Antônio “descobriu repugnância naqueles mesmo cidadãos” que formavam os batalhões de milícias e que “mostraram maior desejo de coadjuvar o Governo e manter a Constituição”. Segundo o Juiz de Paz, os milicianos afirmavam que os que estavam dentro dos muros da fortaleza eram brasileiros e que não tendo aparecido “agressão de sua parte [...] não fariam fogo aos seus patrícios”[322]. Como relata em ofício ao Presidente da Província, o Comandante das Armas recebeu notícias de vários Juízes de Paz dizendo que as tropas se recusavam a fazer fogo às Cinco Pontas, pois “se tinham dissolvido por iguais seduções”[323]. Assim, o Governo mandou que se desmanchassem as trincheiras e ficou à espera da representação, que só chegou no dia 17. Contudo, quando noticiado de que as tropas se recusavam a atacar a fortaleza e enquanto esperava a representação, o Presidente tentou com urgência trazer à capital novas tropas. Requisitou aos membros da Câmara Municipal de Limoeiro que ordenassem aos Juízes de Paz do

---

[317] PEREIRA DA COSTA. Op cit., 1965, p. 455-6.
[318] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 34 (1831), 16/11/1831.
[319] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 34 (1831), 16/11/1831.
[320] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 34 (1831), 16/11/1831.
[321] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 34 (1831), 16/11/1831.
[322] PEREIRA DA COSTA. Op cit., 1965, p. 453.
[323] Ofício do Comandante das Armas interino Francisco Jacinto Pereira, cópia do Secretário do Governo Vicente Thomás Pires de Figueiredo Camargo, sobre a recusa das tropas em atacar o forte das Cinco Pontas, 16 de novembro de 1831. Presente no Acervo Digital da Biblioteca Nacional: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=26542

referido termo que as forças das guardas municipais marchassem sem perda de tempo para a capital[324].

Na Representação rebelde, os que estavam reunidos nas Cinco Pontas afirmavam ter o direito legal de petição e que "com o mais profundo respeito e ao mesmo tempo com dignidade e firmeza" exigiam a demissão de empregados públicos "que vão mencionados na relação junta" e a sua expulsão da província pernambucana. Nessa lista estavam sujeitos que na opinião pública eram abertamente absolutistas e que tiveram uma eminente atuação na repressão à Confederação do Equador: o Coronel Lamenha Lins e Francisco Paes Barreto. Clamava o cumprimento da "lei que manda extinguir as sociedades estrangeiras, como sejam, as confrarias dos Terésios e Barbonos". Esta Representação ainda demonstra a repulsa que aqueles amotinados tinham dos leais defensores do ex-Imperador: "não é estranho que uma sociedade denominada Coluna [...] queira aclamar o absolutismo"; além de se referir a Pedro I como um déspota que "compra embarcações de guerra e se prepara para hostilizar o Brasil". Neste mesmo trecho também fica claro que eles acusavam os colunas como responsáveis pelos acontecimentos da Setembrizada: "não é estranho que seus membros existem em Pernambuco tramando e enfraquecendo-nos (digam os horrorosos acontecimentos de setembro)?"[325].

Em um ofício ao Comandante das Armas, no dia 18, o Presidente ordenou que, tendo esgotado todos os meios de pacificação e tendo os sediciosos "segundo se me afirma, arrombado algumas casas", as forças dos batalhões fossem atacar as Cinco Pontas "com toda a força que tiver à sua disposição", porém ainda com um último aviso "lembrando-lhes o quanto é doloroso e lamentável que corra o sangue brasileiro"[326]. Sobre o que se passou nesse dia, o *Olindense* informa que a Sociedade Federal reuniu-se para empregar meios de estabelecimento da ordem e, quando chegou à fortaleza, "foi recebida com alegria e entusiasmo", mas, apesar disso, não conseguiu persuadir os amotinados. Contudo, após esta reunião, a Federal enviou ao Presidente uma comissão de cinco membros para tentar persuadi-lo a acatar algumas exigências do Partido das

---

[324] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 34 (1831), 17/11/1831.
[325] Diario de Pernambuco nº 251 de 25 de novembro de 1831. Uma observação sobre o número dessa edição: houve um erro na tiragem e o cabeçalho da edição apresenta o número 252. Mas pelo que consta da data, o número correto da edição é 251 (25/11/1831), já que a edição número 252 é do dia seguinte (26/11/1831). Há também uma cópia manuscrita do Secretário do Governo Vicente Thomás Pires de Figueiredo Camargo, em 17 de novembro de 1831, disponível no Acervo Digital da Biblioteca Nacional:
http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=26542
[326] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 34 (1831), 18/11/1831.

Cinco Pontas[327]. A comissão da Sociedade Federal, "apesar de conhecer a ilegalidade de tais requisições", como declara a transcrição do Secretário do Governo, "medindo as consequências que resultam de uma guerra civil, tem a ponderar ao Exc. Snr. Presidente que a salvação desta província depende desta medida"[328].

Amaro Quintas aponta que a tentativa de mediação da Sociedade Federal "não surtiu efeito"[329]. Mas não concordo com o apontamento deste autor, pois o fato é que a Sociedade Federal conseguiu barganhar com aqueles que estavam reunidos na fortaleza. Confirma isso que, das seis exigências que foram mandadas ao Governo na representação do dia 17, a comissão da Federal trazia a informação de que "aqueles cidadãos" — se observa que em nenhum momento a Sociedade se referia aos que estavam reunidos nas Cinco Pontas como sediciosos, amotinados ou rebeldes — largariam as armas "se o Governo assentisse aos dois únicos artigos, [...] isto é, que os portugueses armados deponham as armas e que os não adotivos sejam deportados". Com isso, o Governo assentiu aos pedidos e ordenou que os portugueses depusessem as armas quando "toda a gente reunida na fortaleza deponham igualmente as armas ao mesmo tempo". Também seriam deportados os mesmos portugueses não adotivos, "isto é, que não sejam casados, artistas, fabris, capitalistas de dois contos de réis para cima e que não tenham influência no comércio"[330].

Não se pode afirmar se ocorreu um envolvimento da dita Sociedade na formação e organização deste movimento. A documentação analisada oferece um cabedal que nos leva a concluir justamente o contrário: a Sociedade Federal prestou enormes favores ao Governo da Província apaziguando os ânimos e mediando as negociações — tendo em vista que após a primeira reunião no forte, a sociedade chegou a mandar nova comissão aos sediciosos em busca de novos termos[331], que foram as que Governo acatou. Entretanto, os documentos analisados apontam indícios de um sentimento de Federação dentro do partido, mesmo que este não tenha apresentado nenhum projeto federativo propriamente dito. E a Sociedade Federal parecia respeitar isso, tanto que sempre se

[327] Olindense nº 60 de 01 de dezembro de 1831.
[328] Ofício da comissão da Sociedade Federal ao Presidente da Província sobre as exigências do Partido das Cinco Pontas, cópia do Secretário do Governo Vicente Thomás Pires de Figueiredo Camargo, 18/11/1831. Disponível no Acervo Digital da Biblioteca Nacional: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=26542
[329] QUINTAS, Amaro. O Nordeste, 1825-1850. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. História Geral da Civilização Brasileira, Tomo II, 2º volume: Dispersão e Unidade. São Paulo: DIFEL, 1978, p. 201.
[330] Ofício do Presidente da Província Francisco de Carvalho Paes de Andrade em resposta às exigências das Cinco Pontas trazidas pela comissão da Federal, cópia do Secretário do Governo Vicente Thomás Pires de Figueiredo Camargo, 18/11/1831. Disponível no Acervo Digital da Biblioteca Nacional: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=26542
[331] Olindense nº 60 de 01 de dezembro de 1831.

referiu aos integrantes daquela movimentação como cidadãos, não como militares insubordinados ou rebeldes. Além de ter ajudado efetivamente a evitar sangrentos acontecimentos, pois, em seu julgo, a federação teria de ser feita nos termos da Constituição[332].

Mas a falta de agressividade dos que se reuniram nas Cinco Pontas e o medo de abandonar os muros da fortaleza diante de um Governo que não dispunha de forças para a repressão determinou o fracasso do movimento. Passado o momento de indecisão, nos dois primeiros dias, as autoridades reuniram forças para tomar a ofensiva e acabar com a sedição. Aponta Manuel Correia de Andrade que a opinião pública e o povo que deu forças ao Governo poderia ter apoiado a rebelião se os sediciosos abandonassem os muros das Cinco Pontas e tomassem as ruas, explorando o ódio existente aos portugueses e ao Governo[333]. Não é possível contabilizar a quantidade de mortos e feridos na Novembrada, estas informações que poderiam ser importantes para revelar com mais detalhes os acontecimentos daqueles dias não estão registradas nos documentos. Mas há um breve consenso na historiografia que que ela tenha terminado sem nenhum morto e com apenas 4 feridos, todos rebeldes. No entanto, menção se faça a Sílvia Fonseca, que cita um relato — um pouco impreciso, é verdade, mas ainda assim importante — de um correspondente anônimo no *Diario de Pernambuco*, que narrava choques entre cidadãos e o povo armado no Bairro do Recife, que resultaram em algumas mortes[334].

2.8 1831

1831 foi um ano marcado por anseios políticos que tomaram enormes proporções. A Abdicação de Pedro I foi vista como um aceno: chegara o tempo das rédeas da política nacional mudarem de mãos. Muitos julgaram ser a hora de tomar o poder. Outros, que há muito viviam as agruras da escravidão, viram a oportunidade de tomar a liberdade por suas próprias mãos e pegaram em armas por isso. Existiam ainda aqueles que buscaram diferentes maneiras de se manter como a elite política provincial: a adaptação política, como um camaleão, era a maneira mais comum, mas ainda existiam os que declaravam apoio ao ex-Imperador.

---

[332] Bússola da Liberdade nº 33 de 19 de outubro de 1831; Diario de Pernambuco nº 222 de 18 de outubro de 1831; O Federalista nº 1 de 30 de dezembro de 1831.
[333] ANDRADE, Manuel Correia de. Op cit., 1971.
[334] FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. Op cit., 2016, p. 318.

A Setembrizada foi uma deserção em massa que surgiu em consequência da difícil situação política e econômica que passava a província pernambucana. Não foi preparada por nenhuma facção política, apenas pelos próprios insubordinados. Mesmo com grande proporção, foi facilmente vencida por sua dispersão e pela falta de lideranças identificadas. Mas colocar, como Mário Márcio aponta, como um "movimento acéfalo"[335], é um relativo desdém por aqueles episódios que tomaram tamanha proporção na província e que geraram medo em tantas outras províncias próximas. A Novembrada foi uma quartelada sem apoio dos federalistas da província, apesar de contar com algumas pessoas mais exaltadas. Fracassou devido a enorme dispersão e apatia dos que a encabeçaram. Quando se olha para a vasta documentação, composta por inúmeros manuscritos e dezenas de matérias de jornais e periódicos, se tem a certeza que 1831 foi um ano dos mais agitados da história de Pernambuco.

Nas folhas do *Diario de Pernambuco* daqueles dias da Novembrada se dizia que "a ordem é a base da felicidade social"[336]. O que se viu em 1831, com todas as experiências tidas naquele ano, foi um importante agravamento da economia. A desordem provocada pelos motins de maio à novembro atingiram o escoamento da produção agrícola, o fluxo dos mercados foi afetado e os planos de investimentos do Governo desfaleceram — já que grande parte da verba foi direcionada para a reconstrução de alguns pontos da cidade, principalmente devido a Setembrizada. "A ordem é a base da felicidade social; sem ela a agricultura desfalece, o comércio se estagna, a industria se paralisa, os capitais fogem, a riqueza desaparece, a miséria e a penúria afetam todas as clases"[337]. Isso se assevera na fala do Presidente da Província na abertura do Conselho de Província, em dezembro de 1831: "vós, senhores", que tinham testemunhado os acontecimentos desde aquele 5 de maio, "deveis facilmente conjecturar quais as funestas consequências de tão desastrosos sucessos, sendo sem dúvida, a mais ponderosa e notável a diminuição das rendas públicas"[338].

1831 marcou a melhor hora dos liberais em Pernambuco. O surgimento da Sociedade Federal trouxe uma composição mais ideológica à política cotidiana da província e sua atuação de fato influenciou as atitudes do Governo. Mas a Patriótica Harmonizadora, composta de tantos homens de posses e que por muito tempo estiveram próximos da administração política provincial, estabeleceria um completo cenário

---

[335] SANTOS, Mário Márcio de Almeida. Op cit., 1982, p. 186.
[336]Diario de Pernambuco nº 246 de 21 de novembro de 1831.
[337] Diario de Pernambuco nº 246 de 21 de novembro de 1831.
[338] Diario de Pernambuco nº 258 de 5 de dezembro de 1831.

partidário nas folhas dos jornais. Muito em breve a paz pública da Província de Pernambuco seria novamente arrastada por uma movimentação, desta vez de cunho restaurador. A Abrilada chegaria em 1832 em meio a um cenário de batalha das duas sociedades e diante de uma crise econômica que afundaria o Governo provincial. Se interiorizou e se estendeu por longo tempo, fortalecendo os indícios de que ela tenha sido a origem da Cabanada. Trataremos sobre isso no quarto capítulo.

***

3 COMPOSIÇÃO PROFISSIONAL, ESTATUTOS E ATUAÇÃO POLÍTICA DAS SOCIEDADES FEDERAL E PATRIÓTICA HARMONIZADORA

Vimos no capítulo anterior que o perturbado contexto político por qual passava a Província de Pernambuco em 1831 foi propício para o surgimento das sociedades públicas. A Patriótica Harmonizadora, representante do partido moderado, buscava resguardar todo o lucro obtido com a Abdicação de Pedro I, ao passo que os liberais exaltados da província formaram a Sociedade Federal buscando ativa participação nas decisões políticas que o Governo Provincial adotaria nos anos seguintes. Muito se falou sobre o contexto político e a criação das sociedades, mais num sentido institucional, porém, pouco foi exposto sobre *quem* esteve envolvido naquelas associações. À vista disso, este capítulo busca apontar as pessoas que formaram e se inscreveram nas sociedades públicas de Pernambuco, procurando anotar por quais segmentos profissionais eram formadas, além de analisar seus estatutos, o que faz perceber quais estruturas de organização das sociedades secretas inspiraram a composição das sociedades públicas do Período Regencial.

***

3.1 UM AVISO AO LEITOR: SOBRE OS 'CORTES' DE SEGMENTO

"A burocracia imperial eram várias"[339]. Essa assertiva de José Murilo de Carvalho define a complexidade de se traçar um perfil profissional entre os setores políticos do Estado imperial brasileiro. Parte da tese deste autor é dedicada à caracterização e classificação dos segmentos formadores das elites políticas. José Murilo de Carvalho notou na burocracia imperial uma divisão de setores, que se categorizavam verticalmente e horizontalmente, isto é, classificavam-se tanto por estratificação salarial e hierárquica, quanto por funções[340]. Essas divisões nos segmentos tinham ainda sub-divisões, por assim dizer, que se distinguiam pela maior ou menor profissionalização, pelo recrutamento e treinamento de seus membros, ou até mesmo pela natureza política de seus ofícios. No julgo deste autor, as "burocracias profissionalizadas", como a militar, a eclesiástica e a judiciária, tinham fronteiras — funções, competências administrativas, homogeneidade e coesão ideológica — mais bem definidas do que, por exemplo, os setores menos profissionalizados, como os recrutados das classes de proprietários e

---

[339] CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2007, p. 146.
[340]Ibid, p. 146.

comerciantes. Por conta disso, os setores civis da burocracia eram mais heterogêneos e, em consequência, mais difíceis de classificar, pois não havia um corpo profissionalizado, no sentido de atribuições profissionais e coesão no exercício das funções, e nem mesmo uma homogeneidade ideológica e de treinamento[341].

À vista disso, aqui vai um alerta ao leitor: é necessário destacar a dificuldade em estabelecer os perfis profissionais dos membros das sociedades públicas de Pernambuco. Alguns sócios apareciam com profissões diferentes em documentos diferentes. Alguns exemplos: João Barbosa Cordeiro, além de padre, era redator e fundador do periódico *Bússola da Liberdade*, além de ter sido Deputado pela Província de Pernambuco na legislatura de 1834-1837[342]; Antônio Moreira de Carvalho, que era um importante proprietário da cidade do Recife, tinha também o título de Alferes das Guardas Nacionais[343]; Manoel Antônio Viegas, que dizia viver de "negócio", era ajudante dos Batalhões das Guardas Nacionais[344]; Laurentino Antônio Moreira de Carvalho, Padre formado na Congregação do Oratório de São Felipe Nery, ocupou tantas funções nesta instituição que não é possível definir seu segmento profissional, todavia, parece ter tido destaque como professor da disciplina de geometria desta mesma instituição[345]. Por conta disso, não há como apontar com rígida precisão as ocupações profissionais das pessoas que se associaram a estas sociedades públicas. Contudo, mesmo tendo isso em consideração, apontar a possível diversidade de segmentos profissionais que compunham as sociedades públicas tem grande importância, que é, para além das instituições, notar as pessoas que estavam na construção de projetos políticos para a formação da nação.

3.2 A FEDERAL

O *Diario de Pernambuco* publicou um trecho da ata da sessão inaugural da Federal em que expôs os fins da Sociedade, "que são a discussão da necessidade de Federação e dos meios de a conseguir quanto antes sem ilegalidades e perturbações"[346]. Em sequência, como relata a matéria do *Diario*, o Presidente procedeu à leitura dos

---

[341]Ibid, p. 143-69.
[342] Ver: PEREIRA DA COSTA, Fernando Augusto. Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1982, p. 453.
[343] O Federalista nº 37 de 29 de agosto de 1833.
[344] O Federalista nº 37 de 29 de agosto de 1833.
[345] PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. Op cit., 1982, p. 604-5.
[346] Diario de Pernambuco nº 222 de 18 de outubro de 1831.

estatutos. Todavia, esta edição do *Diario* não publicou os artigos dos estatutos[347], somente o artigo que determinava que as reuniões ordinárias aconteceriam sempre às "quintas-feiras à tarde e domingos de manhã"[348]. Ainda assim, essa matéria publicada oferece uma importante lista dos membros inscritos na Federal naquela data, apesar de alguns estarem ausentes naquela sessão de abertura — os ausentes estão marcados com um asterisco na tabela abaixo. Todavia, apenas alguns membros têm ocupação profissional declarada.

Quadro 1 – Membros da Sociedade Federal na sessão de abertura em outubro de 1831

Dr. João José de Moura Magalhães	Lente do Curso Jurídico
Praxedes da Fonseca Coutinho	—
José Elesbão Ferreira	—
Antônio Joaquim de Melo Pacheco	Empregado público
João Barbosa Cordeiro	Padre[349]
José Machado Freire Pereira da Silva	—
Ângelo Munis da Silva Ferreira	Estudante do Curso Jurídico
Manoel Joaquim de Oliveira	Capitão Comandante do Batalhão 14
Rodolfo João Barata de Almeida	Fiscal do Bairro de Santo Antônio
José Maria Idelfonso	Capitão Comandante da Artilharia
José Joaquim da Fonseca Capibaribe	Secretário do Comando das Armas
Dr. Manoel José da Silva Porto	Lente do Curso Jurídico
Francisco de Paula e Vasconcelos	Comandante das Armas
João Arcenio Barbosa	Juiz de Paz
João Francisco de Melo	Capitão de Polícia
João Francisco Bastos Junior	Empregado público
Antônio Bernardino dos Reis	Ajudante do Batalhão 13
Joaquim Pinto de Melo	—
Pedro Alexandrino de Barros Cavalcanti	Tenente do Batalhão 14
Luiz Gonzaga Pau Brasil *	Estudante do Curso Jurídico
João Lins Vieira Cansansão *	Estudante do Curso Jurídico

[347] Os artigos dos estatutos foram publicados pelo Bússola da Liberdade nº 47 de 11 de dezembro de 1831 e serão tratados com a devida atenção mais à frente.
[348] Diario de Pernambuco nº 222 de 18 de outubro de 1831.
[349] Fundador e redator do *Bússola da Liberdade*. Na legislatura de 1834-1837 tomou assento como Deputado geral pela Província de Pernambuco. Ver: PEREIRA DA COSTA, Fernando Augusto. Op cit., 1982, p. 453.

Francisco Antônio Pereira dos Santos *	Comandante Geral das Guardas Municipais Montadas
João de Carvalho Paes de Andrade	—
José de Barros Falcão	—
Francisco de Barros Falcão Cavalcanti de Albuquerque	—
Francisco José Correia *	—
Antônio José de Miranda Falcão	Tipógrafo[350]
José Tavares Gomes da Fonseca	—
José Francisco Vaz de Pinho Carapeba	—
José Lúcio Correia	—
Francisco Marques de Araújo Goes	Estudante do Curso Jurídico
Casemiro de Sena Madureira	Estudante do Curso Jurídico
João Luiz Ferreira da Silva	—
Antônio Carneiro Machado Rios	—
Francisco Carneiro Machado Rios	—
João Carneiro Machado Rios *	—
Joaquim Carneiro Machado Rios[351]	—
Francisco Ludgero de Paz	Contador aposentado
Vicente Antônio do Espírito Santo	—
Antônio Lopes Guimarães	—
Francisco José da Silva *	—
Leandro Cezar Paes Barreto	—
Joaquim Nunes Machado *	Estudante do Curso Jurídico
Francisco Olegário Rodrigues Vaz *	Estudante do Curso Jurídico

[350] Fundou o *Diario de Pernambuco* em 1825. Em 1834 foi nomeado Oficial da Secretaria do Governo. Em 1852 foi enviado aos EUA como cônsul geral do Império. Ver: PEREIRA DA COSTA, Fernando Augusto. Op cit., 1982, p. 34.

[351] Antônio, Francisco, João e Joaquim, os irmãos Carneiros, futuramente liderariam um movimento de cunho anti-restaurador, que ficou conhecido como Carneiradas. Os carneiros eram, nas palavras de Amaro Quintas, "tipos acabados de aventureiros políticos", ora integrados à ala exaltada, ora à restauradora. Ver: QUINTAS, Amaro. Op cit., 1978, p. 205.

Tendo este quadro em conta, é possível construir um gráfico que destaca a composição profissional dos sócios da Federal conforme declara a ata de 1831. De um total de 44 sócios (100%):

Gráfico 1 – distribuição percentual das ocupações profissionais dos sócios da Sociedade Federal em 1831

2% 2% 2% 2%
5%
5%
47%
16%
19%

Sem ocupação declarada
Militares
Estudantes
Professores
Empregados públicos
Padre
Juiz
Redator
Contador

O *Bússola da Liberdade* publicou os artigos dos estatutos da Sociedade Federal na edição nº 47. Pelo que aponta esta edição, ela dava continuidade à publicação iniciada na edição nº 34, que continha o Título I dos estatutos, referentes os artigos 1º e 2º. Contudo, não pude localizar cópias desta edição. Ainda assim, os artigos seguintes são de grande valor para se notar a quais projetos políticos se dedicava a referida sociedade[352]. No Título II, "da organização da Sociedade", o artigo 3º determinava que a sociedade seria composta somente por brasileiros que fossem "conhecidos por amantes da Liberdade", não havendo limite de sócios, como reza o artigo 4º. Indica o artigo 5º que novos membros deveriam ser 'iniciados' por sócios já inscritos, "tendo em vista o art. 3.", isto é, levando em consideração sua afinidade com os princípios políticos da Federal. Essa determinação, de que membros novos deveriam ser introduzidos somente pela sugestão de um membro ativo, além de passar pelo crivo de um Conselho que poderia ou não aprovar sua admissão, era uma característica bastante notada nas

[352] Todos os artigos citados do referido estatuto foram extraídos do Bússola da Liberdade nº 47 de 11 de dezembro de 1831.

sociedades secretas, o que há muito já foi indicado pela historiografia[353]. O Conselho, que deveria aprovar ou não a admissão dos novos membros, deveria ser formado por 12 sócios, segundo o artigo 6º, que deveriam apresentar o resultado da votação na sessão seguinte à da indicação, sendo aprovados aqueles obtivessem dois terços dos votos do Conselho, pelo que determinava o artigo 7º. Porém, os estatutos não esclarecem quais seriam os critérios para eleição deste Conselho. O artigo 12º declarava uma importante função ao Secretário da sociedade, que era a elaboração de um livro de matrículas, "em que serão escritos os nomes de todos os sócios, empregos e residências, assim como se fará declaração do dia, mês e ano da sua admissão e demissão, quando houver de desligar-se da sociedade". Não pude localizar o citado livro. Receio, inclusive, que este já não exista. Todavia, isso revela que a Sociedade Federal tinha um profundo interesse em anotar o cadastro de seus sócios.

O artigo 10º revela um ponto importante: a Federal tinha um notável interesse em criar diversas alianças políticas, dentro e fora da Província de Pernambuco. Determinava este artigo que a sociedade teria "sócios correspondentes em toda esta Província e naqueles lugares que julgar conveniente".

O Título IV, "da ordem dos trabalhos", descreve as atribuições de cada cargo eleito na sociedade. É mais um ponto de contato entre as sociedades públicas do Período Regencial e as sociedades secretas, pois ambas as formas de instituição partilhavam uma estrutura hierárquica de acentuada semelhança. Este título especifica o que já fora determinado no artigo 15º do Título II, no qual deveria haver "um Presidente, um Vice-Presidente, um 1º e um 2º Secretários, dois Secretários substitutos e um tesoureiro, nomeados pela Sociedade em eleições distintas". Das atribuições ao Presidente, no artigo 17º, competia "abrir e encerrar as sessões, dirigir os trabalhos, manter a ordem, [...] assinar as atas, resoluções e correspondências, designar a ordem do dia, convocar sessões extraordinárias [...] e decidir as questões no caso de empate". Ao Vice-Presidente, no artigo 18º, "compete exercer as funções do Presidente na falta deste". Aos Secretários, no artigo 19º, estava a tarefa de redigir as atas e correspondências, além de "ter a seu cargo toda a escrituração da Sociedade". Ao Tesoureiro, artigo 20º, "compete arrecadar e guardar os fundos da Sociedade [...] e fazer escriturações concernentes à caixa e prestar-se aos exames". Nenhum sócio poderia falar sem obter do Presidente a

[353] Ver: AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Maçonaria: História e Historiografia. In: REVISTA USP, SÃO PAULO, n. 32, 1997, p. 178-189.; BARATA, Alexandre Mansur. Op cit., 2013. p. 140-52.; BARATA, Alexandre Mansur. Maçonaria, sociabilidade ilustrada e Independência do Brasil (1790-1822). São Paulo, Juiz de Fora: Annablume-Ed. UFJF, 2006.; MOREL, M.; SOUZA, F. J. O. Op cit., 2008.

palavra, segundo o artigo 23º. E, por fim, no artigo 24º, "os que contravierem os fins e preceitos da Sociedade, perturbando a ordem ou anarquizando, poderão ser expelidos da Sociedade".

Como complemento às atribuições do Tesoureiro, o Título V definia os "fundos da Sociedade". Os artigos 25º e 26º determinavam que cada sócio deveria entrar com uma cota referente ao seu ingresso na Sociedade, determinada no valor de uma parcela de quatro mil réis, que seriam somados trimestralmente com mil réis — uma cifra que talvez pudesse afastar os interessados mais modestos.

Como foi mencionado no capítulo anterior, o surgimento da Sociedade Federal retomava o espírito federalista iniciado em 1824. Para reforçar essa análise, pode-se notar que em uma carta da Federal publicada pelo *Bússola da Liberdade*, ao lançar vista sobre a Sociedade, "vós vereis aí homens que em todas as épocas se mostraram dignos de vossa gratidão, homens que em 1817 não duvidaram em alçar o grito da Liberdade, que em 21 arrostaram as falanges lusitanas, que em 24 assombraram o trono de Bourbon com o grito de Federação"[354]. Ambas as sociedades públicas de Pernambuco pareciam disputar o 'legado do passado', pois, como poderá notar o leitor mais à frente, a Harmonizadora chegou a fazer até mesmo uma grande arrecadação de dinheiro que seria utilizada para o auxílio das famílias vítimas da brutal repressão de 1817 e 1824. Mas a carta da Federal publicada no *Bússola da Liberdade* não mentia, pois, como se poderá ver no quadro da página seguinte, na lista de sócios divulgada pelo *Federalista* em 1833 pode-se observar figuras com o nome marcado nos movimentos de 1817 e/ou 1824: Manuel Carvalho Paes de Andrade, Padre João Barbosa Cordeiro, Francisco Antônio Pereira dos Santos, o Capitão José Francisco Vaz de Pinho Carapeba, Félix José Tavares de Lira e Luís José de Albuquerque Cavalcanti Lins[355].

Uma coisa curiosa foi apresentada na última edição do *Federalista* localizada: de uma lista com de mais de 100 sócios presentes na sessão de 4 de agosto de 1833, apenas 7 não informaram suas respectivas ocupações profissionais[356] — caso totalmente contrário daquela primeira lista publicada pelo *Diario de Pernambuco*[357]. Segundo a análise de Silvia Fonseca, a declaração com mais detalhes das ocupações profissionais dos seus sócios sugere que a Sociedade Federal passou a ter um maior interesse em atuar

[354] Bússola da Liberdade nº 36 de 30 de outubro de 1831.
[355] O Federalista nº 37 de 29 de agosto de 1833.
[356] O Federalista nº 37 de 29 de agosto de 1833. OBS: Esta é a única edição deste periódico presente nos acervos do APEJE, as demais edições foram consultadas no Acervo Digital da Biblioteca Nacional.
[357] Diario de Pernambuco nº 222 de 18 de outubro de 1831.

no âmbito da legalidade e de desprender-se daquelas acusações de anarquia que sofrera da Harmonizadora e da Câmara Municipal do Recife[358]. O apelo à legalidade era uma estratégia de sobrevivência adotada pelos federalistas. Eis a lista publicada pelo *Federalista*[359]:

Quadro 2 – membros da Sociedade Federal inscritos em 1833.

Firmino Herculano de Morais Âncora	Tenente Coronel do Imperial Corpo de Engenheiros — Vice-Presidente
José Bernardo Fernandes Gama	Alferes de 1ª linha — 1º Secretário
José Joaquim da Fonseca Capibaribe	Comerciante — 2º Secretário
Praxedes da Fonseca Coutinho	Proprietário e Capitão das Guardas Nacionais — Tesoureiro
José Xavier Faustino Ramos	Oficial da Secretaria de Governo
Frederico de Almeida e Albuquerque	Estudante do Curso Jurídico
Pedro Gaudino de Rates Silva	Proprietário e Estudante do Curso Jurídico
Lourenço José Romão	Alferes de 1ª linha
José Alvares da Silva Freire	Advogado dos Auditores da Vila de Sirinhaém
José Claudino Leite	Agricultor e Capitão das Guardas Nacionais
Antônio Peregrino Maciel Monteiro[360]	Dr. em Medicina
Francisco Marques da Silva	Alferes de Caçadores de 1ª linha
José Tavares Gomes da Fonseca	Promotor público
José Gonçalves de Faria	Tenente das Guardas Nacionais
João de Carvalho Paes de Andrade	Major das Guardas Nacionais
Manoel Bezerra Cavalcante de Albuquerque	Agricultor
Antônio de Barros Falcão de Albuquerque	Tenente das Guardas Nacionais
Antônio Joaquim de Melo Pacheco	Oficial da Secretaria de Governo
João Arcenio Barbosa	Juiz de Paz

[358] FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. Op cit., 2016, p. 310.
[359] O Federalista nº 37 de 29 de agosto de 1833.
[360] Em 1831 o médico Antônio Peregrino Maciel Monteiro esteve inscrito também na Sociedade Patriótica Harmonizadora. Não sabemos se o referido médico foi membro ao mesmo tempo das duas associações ou se migrou de uma para a outra. Ver Quadro 3, na pagina 104.

Manoel Alexandrino da Silva Guimarães	Artista
José Felix de Souza	Juiz de Paz suplente
José Gabriel da Silva Loureiro	Escrivão do Juízo de Paz
Henrique Felis de Dacia	Advogado
Antônio Moreira de Carvalho	Proprietário e Alferes das Guardas Nacionais
Antônio Feliciano da Costa Monteiro	Proprietário
Antônio José Bandeira de Melo	Lojista
Rodolfo João Barata de Almeida	Fiscal do Bairro de Santo Antônio e Tenente das Guardas Nacionais
Antônio José Fernandes Nobre	Proprietário
João Rodrigues de Moura	Vive de negócio
Joaquim dos Santos	Com loja de Alfaiate
Antônio José Pereira da Silva	Vive de negócio
Joaquim Francisco de Melo Cavalcante	Proprietário
José Joaquim de Oliveira	Proprietário
José Maria Idelfonso Jacome da Veiga Pessoa	Capitão e Comandante interino da Fortaleza do Brum
José Joaquim Bezerra Cavalcanti	Proprietário
João Carneiro Machado Rios	Proprietário
Antônio José de Albuquerque	Agricultor
Francisco Carneiro Machado Rios	Proprietário e Tenente Coronel das Guardas Nacionais de Santo Antonio
Francisco do Rego Barros Falcão	Vive de negócio
João Ribeiro Pessoa de Lacerda	1º Tenente de Artilharia de 1ª linha
Manoel Antônio Viegas	Negociante e ajudante do Batalhão das Guardas Nacionais
Antônio de Araújo Ferreira Jacobina	—
João Luiz Ferreira da Silva	Tesoureiro Pagador das Tropas
Luiz de Moura Acciole	Coronel reformado de 2ª linha
João Nepomuceno Paes e Mendonça	—
Felix Joseph Tavares de Lira	Conselheiro do Governo
Luiz José de Albuquerque Cavalcanti Lins	Cônego Vigário de Santo Antônio do

	Recife e Conselheiro do Governo Presidencial
Joaquim Pires de Almeida Freitas	Interino Juiz de Direito Chefe de Polícia
Miguel Felício da Silva	Cirurgião
Luiz José de Sampaio	Juiz Interino da Alfândega
Caetano José da Silva S. Tiago	Juiz de Órfãos e Ausentes
Francisco Ludgero da Paz	Contador aposentado
Leandro Cezar Paes Barreto	Negociante
João Francisco Bastos	Medidor da Alfândega
Urbano Sabino Pessoa de Melo	Estudante do Curso Jurídico e Substituto do Colégio das Artes
Félix Peixoto Brito de Melo	Alferes de 1ª linha
José Bandeira de Mello	Estudante do Curso Jurídico
Frei Galdino de Santa Ignez e Araújo	Monge beneditino
Jesuino Augusto dos Santos Afonso	Acadêmico
João José de Moura Magalhães	Lente Proprietário do Curso Jurídico de Olinda
José Tavares Gomes da Silva	Almoxarife da extinta Intendência
Dr. Pedro Autran da Mata e Albuquerque	Lente Proprietário do Curso Jurídico
Francisco Joaquim das Chagas	Substituto interino do Curso Jurídico de Olinda
Frei Miguel Sacramento Lopes Gama	Professor de retórica e poética do Colégio das Artes do Curso Jurídico
Francisco Antônio Cavalcanti	Substituto de Gramática Latina do Colégio das Artes
João Valentino Dantas Pinangé	Estudante do Curso Jurídico
Padre Gonçalo José de Oliveira Uchoa	—
Joaquim José Pinto	Boticário
Antônio Carlos de Pinho Borges	Capitão das Guardas Nacionais
Antônio da Silva de S. Tiago	Capitão das Guardas Nacionais
José Machado Freire Pereira da Silva	Capitão das Guardas Nacionais e Membro da Câmara Municipal
João Alvares Progana	Alferes de 1ª linha

Antônio José Correira de Lira e Mello	Vive de negócio
Nuno Guedes Alcanforado	Negociante
Inocêncio Gomes Pinto	Vive de negócio
Manoel José Galvão	Empregado público
Bento José Fernandes Barros	1º Comandante do Corpo de Municipais Permanentes
Francisco de Paula Queiroz Fonseca	Tenente das Guardas Nacionais e negociante
Francisco Ignacion de Atahide	Alferes das Guardas Nacionais
Antônio Cardoso de Queiroz Fonseca Junior	Alferes das Guardas Nacionais e negociante
João Francisco de Melo	Capitão de 1ª linha
João Manoel Mendes da Cunha Azevedo	Juiz de Paz suplente da Boa Vista
Sabino Ribeiro Guimarães	Com loja de ourives
Francisco de Borges Geraldes	Alferes das Guardas Nacionais e lojista
Manoel Izidro de Miranda	2º Oficial da Secretaria do Governo
Manoel José da Costa	Proprietário e Major das Guardas Nacionais
Pedro Alexandrino de Barros	Tenente de 1ª linha
Jacinto Moreira Severiano da Cunha	Advogado da relação
João Francisco Suares Brandão	Agricultor
Bento Bandeira de Mello	Vive de negócio
José Antônio Esteves	Advogado da relação
Norberto Alves Cavalcanti	Tenente Ajudante de 1ª linha
Manoel da Conceição Vieira	Vive de ourives
Virginio Rodrigues Campelo	Vigário da Campina Grande
Luiz Francisco da Silva	—
Manoel Francisco da Silva	Cirurgião
Antônio Gomes Pessoa	Lojista
Francisco José da Silva	Cirurgião
Tiburcio Valeriano da Silva Tavares	Desembargador da Relação
José Elesbão Ferreira	Vive de negócio
Francisco José da Costa	Proprietário e Major de Legião

José Felício de Meira Lima	Padre
Antônio de Souza Rangel	—
Francisco Joaquim Pereira de Carvalho	Escrivão de Órfãos
Luiz Francisco de Arrochellos Galvão	Vive de negócio
Joaquim da Fonseca Suares de Figueiredo	Intérprete da Alfândega
José de Barros Falcão	Coronel do Estado Maior
José Bento da Cunha Figueiredo	Estudante do 5º ano do Curso Jurídico
Firmino Pereira Monteiro	Juiz Municipal do Termo do Recife
Vicente Ferreira Maria	Capitão de Artilharia de Posição da 1ª linha
José Rabello Pereira Torres	Cônego Vigário Geral do Bispado
Francisco Antônio de Oliveira Rozelles	Cônego da Catedral de Olinda
Estevão Mendes da Cunha Azevedo	Tenente de 1ª linha
Vicente Antônio do Espírito Santo	Capitão das Guardas Nacionais
Manoel Joaquim d'Oliveira	Capitão de 1ª linha e ajudante de ordens do Comandante da Praça
Antônio Carneiro Machado Rios	Tenente Coronel das Guardas Nacionais da Boa Vista
Lourenço José da Silva S. Tiago	Estudante do Curso Jurídico
Francisco do Rego Faria e Sá	Professor público de Primeiras Letras
Manoel Machado da Silva S. Tiago	Major Graduado de 1ª linha do Exército
Nicolau Tolentino Pereira da Silva	Escrivão da Provedoria
Manoel Figueiroa da Faria	—
Silviano Theotônio Jorge Pessoa	—
Manoel de Carvalho Paes de Andrade	Proprietário e Coronel Chefe de Legião

Com base nessa lista, é possível ilustrar em um gráfico a composição profissional da Sociedade Federal em 1833. De 125 membros (100%):

Gráfico 2 – distribuição percentual das ocupações profissionais dos sócios da Sociedade Federal em 1833

Aponta José Murilo de Carvalho que os padres estiveram envolvidos em praticamente todos os movimentos de rebelião desde 1789 até 1842[361]. Segundo sua análise, a tônica geral da participação dos padres nos combates ao absolutismo tinha origem no ideário da Revolução Francesa. Era comum, entre os fins do século XVIII e início do século XIX, a participação dos padres nas sociedades secretas: todos iniciados nos "segredos dos mistérios democráticos"[362]. Vê-se, por exemplo, o envolvimento dos religiosos nos movimentos de 1817 e 1824 em Pernambuco, movimentos que tiveram importante influência das maçonarias, o que já foi devidamente apontado pela historiografia[363]. A rebelião de 1817 tivera a liderança do Padre Muniz Tavares, que,

---

[361] CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2007, p. 183.
[362] Ibid, p. 184.
[363] BERNARDES, D. A. M. As "abomináeis idéas francesas" em Pernambuco. In: Revolução Francesa: 200 anos. Recife: FCCR, v.1, 1989.; FERNANDES, Aníbal. Ideias francesas em Pernambuco na primeira metade do século

além de "capitão da guerrilha", se destacou por escrever sua história[364]. Pelo que demonstra José Murilo de Carvalho, o Padre Muniz Tavares relatou que, de uma lista de 310 acusados pelo Governo de participar daquele movimento, ao menos 45 eram padres, em maioria apontados como mentores da revolta[365].

Todavia, se os padres estiveram envolvidos em sociedades secretas e na formação de movimentos em combate ao absolutismo — ainda que estivessem, vez ou outra, envolvidos também na manutenção desse mesmo absolutismo — no alvorecer do século XIX, em 1831, no surgimento das sociedades públicas, isso parece ter sido um tanto quanto diferente. Na Sociedade Federal, agremiação política que tinha em seu bojo importantes personagens de 1817 e 1824, o segmento profissional de maior número era o militar. No gráfico 3 pudemos ver que, ao menos, 18% dos sócios da Federal eram militares. Isso leva a interessantes perguntas: por quais motivos a Sociedade Federal tivera tamanha adesão dos militares? O que acontecera nas tropas, naqueles primeiros anos do Período Regencial, para provocar tamanha mobilização em defesa dos princípios federalistas?

Bem, em primeiro lugar, durante séculos, os exércitos dos regimes absolutistas europeus tiveram seus principais oficiais recrutados entre membros da nobreza, enquanto os praças e soldados de baixa patente eram recrutados das classes camponesas. Segundo José Murilo de Carvalho, esse arranjo favorecia a lealdade dos oficiais de alta patente às elites dirigentes, além de reforçar as hierarquias da estrutura militar, limitando a "solidariedade" entre os oficiais de alta patente e as tropas recrutadas das massas populares[366].

Aponta este mesmo autor que essa característica de recrutamento era também notável nos exércitos brasileiros. À época da Independência, a maioria dos oficiais tivera formação em instituições que exigiam certa "qualidade de nobreza" para o ingresso, como o Colégio dos Nobres e a Academia de Marinha[367]. Assim, até meados da década de 1830, os cargos de oficiais do exército tinham um certo caráter 'privado', 'particular', destinados aos filhos de uma 'nobreza civil'. Em contrapartida, os praças eram sempre

XIX. Recife: Cepe, 2009.; MATOS, Potiguar. O tempo francês de Pernambuco, algumas notas. In: Revista do Arquivo Público, nº 41, Recife, p. 33-40, 1989.; MELO, Clóvis. A Revolução Francesa e a Insurreição Pernambucana de 1817. In: Revista do Arquivo Público, nº 41, Recife, p. 41-9, 1989.

[364] CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2007, p. 184-5.

[365]Ibid, p. 185.

[366]Ibid, p. 187.

[367]Ibid, p. 188.

recrutados entre as populações pobres das cidades e do campo. Os desprotegidos, os ditos 'desocupados', os criminosos, todos quase sempre recrutados à força.

Por conta disso, o exército teve uma fervente atuação política durante o Primeiro Reinado e o Período Regencial. Em 1817, por exemplo, ao lado daqueles 45 padres mencionados há pouco, ao menos 86 militares estiveram envolvidos na revolta pernambucana. Eram, na grande maioria, soldados brasileiros lutando por reivindicações contra o oficialato português, numa época em que "a soldadesca e a populaça vez por outra ficavam do mesmo lado"[368].

Em segundo lugar, após o 7 de abril de 1831, eliminada a presença de Pedro I, os liberais moderados logo se voltaram contra as tropas, por serem notada ameaça à centralização do Estado imperial. O principal argumento dos moderados residia justamente no resultado do recrutamento dos soldados: "'dos elementos mesmo que ela é composta', a tropa tendia a ser antes fator de anarquia do que de ordem, pois tendia a unir-se à população"[369]. Reforça essa análise uma matéria do *Sentinela da Liberdade* citada por José Murilo de Carvalho, onde o redator dizia que os mulatos, "predominando entre os militares que participaram do 7 de abril", logo depois foram "perseguidos pelos líderes liberais, seus aliados da véspera"[370]. Se referia, em verdade, aos liberais moderados, que obtiveram todo o lucro final do 7 de abril.

Por fim, em terceiro lugar, o que já foi apontado no capítulo anterior como uma das causas que levaram à eclosão da Setembrizada: por conta da Abdicação de Pedro I, a linha de comando do exército rachou de cima para baixo. A hierarquia fora perdida e a precariedade em que viviam os soldados recrutados das classes mais pobres puseram as tropas em fervente mobilização política.

Assim, em reivindicações contra o oficialato português, em mobilização para a sobrevivência política contra a perseguição dos moderados e por conta da quebra da hierarquia do exército, os militares engrossaram os registros de sócios da Sociedade Federal em Pernambuco.

Outra coisa que chama a atenção é a grande presença de oficiais das Guardas Nacionais na Sociedade Federal, ocupando 15% do número total de sócios indicado no gráfico 2. Criada pela lei sancionada pela Assembleia Geral em 18 de agosto de 1831[371],

[368] CARVALHO, Marcus J. M. de. Op cit., 1998, p. 130.
[369] CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2007, p. 190.
[370]Ibid., p. 190.
[371] Colleção das Leis do Imperio do Brazil de 1831. Primeira parte. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1875, p. 49.

as Guardas Nacionais eram como uma 'alternativa' ao exército, já que este apresentava frequente insubordinação. Para "parar o carro da revolução" — fazendo uso da famosa expressão consagrada por Bernardo Pereira de Vasconcelos em uma sessão da Câmara[372] — e sustentar a estrutura do Estado Imperial, era preciso controlar e coagir as tropas insubordinadas. Para isso, era necessário ter poder sobre todo o aparato militar. A Guarda Nacional era peça fundamental para esse fim. Era um importante instrumento de controle social e indispensável no jogo político daqueles primeiros anos do Período Regencial, pois "atingia a todos os que tivessem uma renda mínima equivalente ao de votante"[373]. Por ser um "típico instrumento patrimonialista"[374], não dava apenas *status* aos que ocupassem seus cargos, mas também uma considerável autoridade e influência sobre um grande número de subordinados civis e militares. Mas o recrutamento poderia acontecer por razões diferentes: de um lado estava justamente essa questão de firmar a autoridade de homens com destacadas posses em seus referidos municípios — para perceber isso, basta que se olhe justamente o que foi exposto no quadro 2, onde a maioria dos indivíduos que afirmaram ser oficiais das Guardas Nacionais eram também importantes proprietários ou comerciantes do Recife —; mas do outro lado estava uma outra razão, voltada mais à questão da punição e da coerção, pois, como se pode observar na tese de Bruno Câmara, entre a classe dos caixeiros ou até mesmo de alguns comerciantes menos abastados, o recrutamento era um verdadeiro sinônimo de prejuízo: "os gastos de um caixeiro brasileiro com a Guarda Nacional não cessavam com a vestimenta", que chegava próximo da cifra de quarenta mil réis (40$000)[375].

Outra importante observação deve ser feita em relação à classe dos proprietários. Estes cortam transversalmente as ocupações declaradas na lista publicada pelo *Federalista*. Muitos afirmaram ser também oficiais das Guardas Nacionais, outros eram comerciantes abastados, alguns até mesmo estudantes do curso jurídico — como era o caso de Pedro Gaudino de Rates Silva. Um proprietário era aquele sujeito que tinha *posse de bens*, que vivia das rendas dessas posses, que iam de 'meios de produção' a estabelecimentos, terras, escravos, etc.. Era um *capitalista* do século XIX.

---

[372] LYNCH, Christian Edward Cyril. Modulando o tempo histórico: Bernardo Pereira de Vasconcelos o conceito de "regresso" no debate parlamentar brasileiro (1838-1840). In: Almanack. Guarulhos, n. 10, 2015, p. 314-34.
[373] CAVALCANTI JUNIOR, M. N. Op cit., 2015., p. 25.
[374] Ibid., p. 25-6.
[375] CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. Op cit., p. 67.

3.3 A PATRIÓTICA HARMONIZADORA

A historiografia por vezes consultou a *Biografia de Gervásio Pires Ferreira*[376] em busca de anotar sua destacada carreira política. Certamente, Gervásio Pires Ferreira é um sujeito que desperta a curiosidade dos historiadores. Mais do que notar sua carreira política, a citada obra oferece um lado mais íntimo da vida de Gervásio. Nas páginas escritas por Antônio Joaquim de Melo, descobrimos, por exemplo, que Gervásio sofria de sérios problemas oculares: "no fim do primeiro ano de Universidade (Gervásio) foi atacado de uma forte ophthalmia", que o deixara míope e por qual "ficou toda a vida sofrendo"[377]. Quando a notícia da Abdicação chegou a Pernambuco e causou aquele motim em maio de 1831, do qual tratamos no segundo capítulo, fora Gervásio Pires o encarregado de convencer as tropas a retornarem aos quartéis[378]. Mas não sem sofrer com boatos que afirmavam que ele mesmo fora o responsável por arquitetar aquele motim, tramando um golpe para tomar a presidência da Província. O autor de sua biografia saiu em sua defesa, pois "era incapaz a probidade severa que fazia o fundo do seu caráter"[379] tramar tamanha traição contra o Conselho que o enviara.

Todavia, a historiografia, ao citar a *Biografia de Gervásio Pires Ferreira*, pouco deu atenção ao *autor* desta obra. Antônio Joaquim de Melo foi membro da Sociedade Patriótica Harmonizadora. Possivelmente sendo até mesmo o fundador principal da sociedade, pois, segundo o que descreve em sua obra, "o insignificante rabiscador destas biografias propôs por vezes aos seus amigos [...] a fundação de uma Sociedade Patriótica Harmonizadora"[380]. A ideia fora aceita e a Sociedade "efetuou-se e prosperou brilhante"[381].

Antônio Joaquim de Melo nasceu na vila do Recife em 2 de fevereiro de 1794. Logo cedo envolveu-se nos movimentos políticos de sua província. Em 1817, quando era tabelião do Judicial e Notas, por conta do seu envolvimento no movimento, foi obrigado a abandonar seu emprego e buscar abrigo na Vila de Garanhuns, onde casou-se e residiu até meados de 1822. Após proclamada a Independência, Antônio foi nomeado

---

[376] MELLO, Antônio Joaquim de. Op cit., 1895. Disponível em: https://archive.org/details/biographiadeger00mellgoog/page/n2
[377] MELLO, Antônio Joaquim de. Op cit., 1895, p. 12. Disponível em: https://archive.org/details/biographiadeger00mellgoog/page/n2
[378] Ata da sessão extraordinária do Conselho do Governo de 6 de maio de 1831, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834).
[379] MELLO, Antônio Joaquim de. Op cit., 1895, p. 269. Disponível em: https://archive.org/details/biographiadeger00mellgoog/page/n2
[380]Ibid, p. 271. Disponível em: https://archive.org/details/biographiadeger00mellgoog/page/n2
[381]Ibid, p. 271. Disponível em: https://archive.org/details/biographiadeger00mellgoog/page/n2

procurador fiscal da Tesouraria de Fazenda de Pernambuco. Contudo, novamente esteve envolvido em movimentos políticos em prol da separação da Província de Pernambuco do Império. Em 1824 foi novamente obrigado a abandonar seu cargo e buscar asilo no interior, até o dia em que o decreto da anistia determinou seu perdão, permitindo-o voltar a ocupar seu antigo cargo. Aponta Augusto Blake que de fato Antônio Joaquim de Melo fundou e presidiu a Sociedade Patriótica Harmonizadora, informação esta reforçada por Pereira da Costa no *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres*. A Harmonizadora ofereceu ao Governo seus serviços, pessoas e até mesmo dinheiro, buscando estabelecer a ordem na Província após as revoltas iniciadas em 1831[382].

Um dos atos de maior destaque da Harmonizadora foi a mobilização financeira em amparo às famílias dos mártires dos movimentos de 1817 e 1824. Essa resolução buscava auxiliar a educação e o sustento daquelas famílias vitimadas pelas forças legalistas do Império. Na lista desta resolução publicada pelo *Olindense* aparecem os nomes e as quantias oferecidas por centenas de pessoas[383]. Entretanto, ao contrário do que foi exposto anteriormente sobre a composição da Sociedade Federal, não foi possível localizar alguma lista que revelasse com clareza quem eram os sócios da Harmonizadora, tampouco suas ocupações profissionais. Apesar disso, em algumas matérias publicadas pelo *Olindense*, pode-se ver a assinatura de alguns nomes declarados como membros dirigentes da Sociedade, entre eles: Luiz Gomes Ferreira, Francisco Antônio de Oliveira, Bento José Alves, Vicente Thomás Pires de Figueiredo Camargo, Feliciano Joaquim dos Santos, Antônio Joaquim de Mello, Thomas José da Silva Gusmão e Laurentino Antônio Moreira de Carvalho[384].

A ata da resolução publicada pelo *Olindense* permite perceber ao menos até onde alcançava a influência da Harmonizadora entre a população do Recife. A referida Sociedade fez circular nos três bairros da cidade uma lista para doações: no Bairro do Recife, 145 pessoas doaram uma importância de 5:389$360 réis[385]; no bairro de Santo Antônio, 222 pessoas doaram 5:138$240 réis[386]; enquanto na Boa Vista, a quantia de 860$800 réis foi arrecada com a assinatura de 52 pessoas[387]. Dentre as centenas de

---

[382] BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Diccionario bibliographico brazileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. I, 1883, p. 200.; Ver também: PEREIRA DA COSTA, Fernando Augusto. Op cit., 1982, p. 103-21.
[383] Inclusive até mesmo de alguns membros da Sociedade Federal, como o Brigadeiro Francisco de Paula e Vasconcelos. Ver: Olindense nº 64 de 13 de dezembro de 1831.
[384] Olindense nº 64 de 13 de dezembro de 1831 e nº 65 de 16 de dezembro de 1831.
[385] Olindense nº 64 de 13 de dezembro de 1831.
[386] Olindense nº 64 de 13 de dezembro de 1831.
[387] Olindense nº 65 de 16 de dezembro de 1831.

nomes listados como doadores, foi possível apontar como sócios da Harmonizadora apenas 21 nomes. É provável que vários outros presentes na lista também pertencessem à mesma Sociedade, mas seria arriscado — e leviano — demais incluí-los no quadro a seguir[388]. Faziam parte da Harmonizadora importantes figuras da província:

Quadro 3 – membros da Sociedade Patriótica Harmonizadora em 1831

Antônio Joaquim de Melo	Presidente da Câmara Municipal do Recife
Antônio Pedro de Carvalho	Capitão Tenente da Marinha
Bento José Alves	—
Bento José da Costa Júnior	Proprietário
Dr. Antônio Peregrino Maciel Monteiro[389]	Médico
Dr. Simplício Antônio Mavignier	Médico do Hospital Militar
Feliciano Joaquim dos Santos	—
Francisco Antônio de Oliveira	Negociante (futuramente se tornaria Barão do Beberibe)
Gervásio Pires Ferreira	Membro do Conselho do Governo
João Francisco Cavalcanti de Albuquerque	Senhor de Engenho
José Alexandre Ferreira	Negociante
José Francisco de Melo Cavalcati	Senhor de Engenho
Laurentino Antônio Moreira de Carvalho	Padre Teólogo e Professor de Geometria
Lourenço José Ribeiro	—
Luiz Gomes Ferreira[390]	Negociante
Marcos Antônio de Araújo Abreu	Professor de Direito
Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque	Professor de Direito (em 1832 eleito Deputado na Assembleia Geral Legislativa, em 1869 foi eleito Senador do Império)
Thomás José da Silva Gusmão	Proprietário

[388] Esta tabela foi elaborada a partir do cruzamento de informações coletadas nas edições do *Olindense* (nº 64 de 13 de dezembro de 1831 e nº 65 de 16 de dezembro de 1831), do *Constitucional* (nº 46 de 9 de junho de 1831) e uma pequena lista indicada por Manuel Correia de Andrade (Ver: ANDRADE, Manuel Correia. Op cit., 1971, p. 64). As informações profissionais foram consultadas no *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres*, ver: PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. Op cit., 1982.
[389] Em 1833 esteve inscrito na Sociedade Federal. Ver Quadro 2 na página 84.
[390] Luiz Gomes Ferreira era um *brasileiro adotivo*, famoso por ser amigo próximo do General Luiz do Rego Barreto e por ter se "unido aos Lusitanos contra a Independência". Diario de Pernambuco nº 279 de 05 de janeiro de 1832. Documento originalmente citado por Bruno Câmara. Ver: CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. Op cit., 2012, p. 177-8.

Vicente Thomás Pires de Figueiredo Camargo	Secretário do Governo e do Conselho do Governo[391]
Virgínio Rodrigues Campelo	Padre Vigário
Thomaz Antônio Maciel Monteiro	Desembargador

Com base neste quadro, é possível ilustrar em um gráfico a composição profissional da Sociedade Patriótica Harmonizadora em 1831. É importante salientar, no entanto, a impossibilidade de indicar o número exato de sócios, tendo em conta apenas a localização de 21 nomes. De 21 membros (que correspondem 100% dos localizados):

Gráfico 3 – distribuição percentual das ocupações profissionais dos sócios da Sociedade Patriótica Harmonizadora em 1831

A Harmonizadora, pelo que declarou o próprio Antônio Joaquim de Melo, aceitava a "revolução" que levara ao trono Pedro II. Contudo, lutaria para que não se prosseguisse em "suspensões, deposições e perseguições de empregados e outras pessoas

[391] Vicente Thomás redigia as atas das sessões do Conselho do Governo em 1831. Ver por exemplo: Ata da sessão extraordinária do Conselho do Governo de 5 de maio de 1831, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834).

por suas posições políticas anteriores"[392]. Tratava-se, assim, do agrupamento de importantes líderes políticos que outrora foram adversários, a fim de definir o 'programa' do processo de renovação política, garantido, assim, a manutenção de posições e privilégios. Por isso mesmo se verifica no corpo de sócios da Harmonizadora a presença de sujeitos com uma imponente biografia liberal, como o próprio Antônio Joaquim de Melo e Gervásio Pires Ferreira, ao lado de dois dos principais nomes da "facção dos Cavalcanti"[393], Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque e Thomaz Antônio Maciel Monteiro.

Da publicação dos seus estatutos no periódico *O Constitucional*, a Harmonizadora, como reza o artigo 2º, teria por fim "sustentar a liberdade legal, promover a ordem pública e a harmonia dos cidadãos"[394]. Segundo o artigo 3º, a Sociedade empregaria "para atingir os fins a que se propõem os meios que mais convenientes e proveitosos". No capítulo 2, "da composição da Sociedade", o artigo 5º determinava que a sociedade seria composta de 200 membros. Eventualmente, "se parecer conveniente à Sociedade", este número poderia ser aumentado. Este é um ponto que evidencia os limites no interesse de arregimentação popular entre as duas sociedades pernambucanas, pois a Federal em nenhum momento determinou um limite de sócios. Todavia, em outros artigos, as duas sociedades determinam coisas iguais, pois elas tinham como base um mesmo modelo de organização, isto é, as maçonarias: "ninguém poderá fazer parte da Sociedade sem ser previamente proposto por um ou mais membros dela"[395]. Os indicados passariam por votações que poderiam ou não aprovar seu ingresso, sendo que ninguém poderia ser membro da Sociedade "sem obter pelo menos dois terços (dos votos) dos membros presentes"[396]. Da organização da Sociedade, do artigo 17º ao 25º, o estatuto determinava que a cúpula da Sociedade seria formada por um Presidente, um Více-Presidente, um 1º e um 2º Secretário e um Tesoureiro.

3.4 SOCIEDADES QUASE SECRETAS

Que tipo de organização teriam constituído as maçonarias no Brasil na primeira metade dos oitocentos? Bem, aponta Marco Morel que as maçonarias constituíram "o

---

[392] MELLO, Antônio Joaquim de. Biografia de Gervásio Pires Ferreira. Recife: Typ. De Manoel Figueroa de Faria & Filhos, 1895, p. 152 e 167. Disponível em: https://archive.org/details/biographiadeger00mellgoog/page/n2

[393] A família dos Cavalcanti de Albuquerque caracterizaram uma nova facção política na Província de Pernambuco nas décadas de 1830 e 1840. Ver: CAVALCANTI JUNIOR, M. N. Op cit., 2015.

[394] O Constitucional nº 47 de 09 de junho de 1831.

[395] Artigo 7º. O Constitucional nº 47 de 09 de junho de 1831.

[396] Artigos 9º, 10º e 11º. O Constitucional nº 47 de 09 de junho de 1831.

embrião do ‘reino da crítica’ e de um espaço público moderno, [...] de um espaço onde se tratavam discussões políticas diante do poder constituído e fora do controle hegemônico das monarquias absolutistas”[397]. Esse ponto é fundamental para se entender o sentido do *segredo* nessas instituições, pois, para realizar suas próprias aspirações, era necessário “subtrair-se à influência do Leviatã”[398]. Por conta deste *segredo*, puderam as maçonarias figurar como um dos principais espaços onde planos políticos eram traçados sem interferências do Estado. Assim, entendemos que as sociedades públicas, ao constituírem um espaço para a discussão e elaboração de determinados projetos de nação sem interferências diretas dos longos dedos do Estado imperial, teriam adotado o modelo maçônico de organização. Todavia sem a necessidade do segredo, pois, após a Abdicação, a publicidade da política tornara-se tão importante para a execução dos projetos que nada deveria mais ser escondido, pois sua legitimidade viria justamente de sua transparência. “A mistificação era necessária nos tempos das trevas, quando as *Luzes* atraíam a ira do despotismo absolutista. Agora que os novos tempos tinham chegado era preciso que o livre julgamento dos indivíduos ocupasse de maneira mais direta a cena pública”[399]. Desta forma, podemos-se perceber que a forma de organização das maçonarias foi fundamental para o estabelecimento não só das sociedades públicas na década de 1830, mas de todo um espaço público moderno.

Mas se as sociedades públicas puderam elaborar projetos atendendo aos seus próprios interesses, excluindo dessa tarefa a necessidade de interferência do Estado imperial, por qual razão surgiriam, por exemplo, sociedades como a Patriótica Harmonizadora, que buscavam a defesa do símbolo máximo desse mesmo Estado, isto é, do trono imperial? Bem, a relação entre essas sociedades e a monarquia não era linear. Ora, para escapar da coerção da Coroa, as sociedades nem sempre adotavam medidas conspiratórias, reformistas ou revolucionárias. Muitas tentavam conseguir justamente a adesão dos monarcas e de outros agentes do Estado. Isso pode ser notado, por exemplo, quando, no início da década de 1820, Pedro I fora iniciado na maçonaria por José Bonifácio[400]. Convém notar, ainda, que as sociedades públicas do Período Regencial constituíam mais uma forma de organização do que uma unidade política. Além disso, também tem o fato de que sociedades como a Harmonizadora buscavam justamente

---

[397] MOREL, Marco. Op cit., 2005, p. 243.
[398] Ibid, 243.
[399] Ibid, p. 253.
[400] BARATA, Alexandre Mansur. Op cit., 2013. p. 147.

manter suas posições e privilégios que foram conseguidos durante o Primeiro Reinado, ao passo que definiam o programa de reformas políticas a ser seguido.

Era justamente em conta dessa forma de organização que essas sociedades tiveram a adesão de tantas pessoas. Ao se observar a diversidade social e profissional das pessoas que se inscreveram nas sociedades públicas da Província de Pernambuco, é possível perceber que o que unia estas pessoas nessas associações não eram suas posições econômicas ou sociais — apesar destas posições serem sim importantes, pois, como vimos nas páginas anteriores, eram os próprios sócios os encarregados de construir e manter os fundos financeiros destas associações —, mas sim o próprio *modelo* da associação. Caso semelhante era notado também na maçonaria, pois, como expôs Marco Morel, a afiliação à semelhante instituição era possibilitada por "um sentimento de pertencimento a uma *elite*, não mais aristocrática, mas fundada sobre a noção de iniciação às *Luzes*"[401]. Mas que se faça uma nota: enquanto, por longos anos, as maçonarias se dedicaram mais à tentativa de mudança social através das *Luzes*, da 'razão', do 'treinamento', e só em momentos mais específicos elas buscaram uma ação política mais direta — tanto que o próprio Marco Morel alertou que "é prudente evitar a conexão simplista entre maçonarias e revoluções"[402] — eram as sociedades públicas associações explicitamente políticas que buscavam concretizar a execução dos seus próprios projetos de poder, e justamente por isso buscaram com tanto afinco influenciar os Governos Provinciais e a elaboração de leis.

Assim, com a Abdicação, quando o poder monárquico parecia enfraquecer, as formas de sociabilidades — públicas e secretas (!), pois, como o leitor poderá notar no próximo capítulo, ressurgiria em Pernambuco, em meados de 1832, uma conhecida sociedade secreta que tentaria de todas as maneiras restaurar o reinado de Pedro I — começaram a se ampliar em todo o Império. Não só em quantidade, mas também em pluralidade, isto é, com posturas e projetos políticos diversos. Enquanto uns manifestavam apoio à 'nova' monarquia, outros manifestavam a mais pura ojeriza.

***

---

[401] MOREL, Marco. Op cit., 2005, p. 247.
[402] Ibid, p. 245.

4 “QUE ESQUISITA MANEIRA DE HARMONIZAR”[403]

1831 foi um ano de rupturas políticas em todo território nacional. Em Pernambuco, ficou marcado pelos motins, pelas quadrilhas de criminosos e pelo surgimento das sociedades públicas. Mas seria em 1832, após se escancarar a fraqueza do Governo para todos os habitantes, que as sociedades melhor representariam as facções políticas e lutariam pela influência na administração provincial. Indícios apontam que as sociedades públicas pernambucanas tinham notáveis articulações com sociedades de outras províncias, o que demonstra a robusta coesão desses grupos. Aquele também seria o ano em que os absolutistas da Coluna do Trono e do Altar, que supostamente encerrara suas atividades em 1829, tramariam uma revolta em busca da restauração do reinado de Pedro I, ou, como diziam, transformariam o Pedro II no segundo Pedro. A Abrilada contou com o apoio até mesmo de alguns poucos exaltados, que viam nela a oportunidade de manifestar sua mais pura repulsa aos moderados, que encarnavam a centralização do poder na Corte. Assim, 1832 marcava uma época em que, entre a federação e a harmonização, os restos da nefanda Coluna conspiravam em favor do ex-Imperador.

***

4.1 CONJUNTURAS DO IMPÉRIO: AS SOCIEDADES PÚBLICAS ENTRE A CENTRALIZAÇÃO E A DESCENTRALIZAÇÃO

Importantes obras da tradição historiográfica brasileira têm apontado o Período Regencial como um jogo entre projetos de centralização e federalização. Maria Odila Leite da Silva Dias explica o cenário do Período Regencial, das suas arenas de projetos antagônicos de centralização e descentralização, do avanço liberal contra o regresso conservador, partindo de ordenamentos formados no processo de transformação da Colônia em metrópole. Como ela aponta no ensaio que se tornou um verdadeiro clássico da historiografia brasileira, *A Interiorização da Metrópole*, a emancipação política brasileira não partiu de uma identificação com o liberalismo europeu ou de uma consciência nacional, que teria surgido somente após a vinda da Corte em 1808 e que transmite uma ideia de ruptura entre Colônia e Império. No seu julgo, essa emancipação parte de uma continuidade, entre Colônia e Império, formando uma transição que englobou diversas instâncias do poder administrativo, desde instituições políticas até

[403]Bússola da Liberdade nº 33 de 19 de outubro de 1831.

setores e estruturas econômicas. A vinda da Corte em 1808 transformou a Colônia em metrópole, criando a necessidade de um governo forte e centralizado, capaz de evitar conflitos políticos que ameaçassem a unidade do território[404]. A importação de uma elite política nos moldes da elite política portuguesa, como foi mencionado no primeiro capítulo, corrobora essa análise[405].

A disputa entre estes projetos de centralização e federação somente cessou em meados de 1853, conforme indica a análise desta mesma autora, quando proporcionou, em certa medida, estabilidade e consolidação do novo Estado[406]. Durante o Período Regencial, as sociedades públicas foram importantes veículos que auxiliariam esses projetos. Como já foi mencionado outrora, estas associações funcionavam como verdadeiros partidos orgânicos, no sentido de exercer uma importante influência nas Câmaras enquanto estavam fora das estruturas formais do Governo. Mas, além disso, serviam como intermediários dos discursos políticos entre o Parlamento e a população. Formavam uma espécie de tribuna política para uma população que, a cada dia, tinha uma presença mais assídua nos rumos da política regencial e espalhavam diversas doutrinas políticas através das folhas de imprensa e nas próprias reuniões.

Nesta mesma direção aponta Macello Basile: a efervescente mobilização popular foi uma das principais características que marcaram esta época[407]. A atividade de imprensa teve um dos seus atos políticos mais eminentes, ao passo que o surto do associativismo político e a grande frequência de movimentos populares encontravam ressonância nos espaços oficiais de representação política. Embora nestes espaços o ambiente fosse mais contido e formal que as ruas e imprensa, não escapavam da pressão popular. O clamor público era manifesto tanto na "imposição de temas à agenda política como na própria presença popular em massa nas sessões legislativas"[408]. Assim as ruas eram levadas até o Parlamento.

Para se notar a efervescência da participação popular na política regencial basta apenas consultar as atas das sessões nas Câmaras dos Deputados durante a segunda e terceira Legislatura. Conforme se verifica nos anais do Parlamento brasileiro, é possível notar que, além do alto número, os expectadores nas galerias exerciam uma pressão tão forte que alguns parlamentares tinham receio até mesmo de fazer discursos na tribuna.

---

[404]DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Op cit., 1973, p. 160-71.
[405]CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2007, p. 51-62.
[406] Todavia, atesta José Murilo de Carvalho que este tema ainda deverá suscitar importantes debates na historiografia oiticentista. Ver: CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2005. p. 155-88.
[407]BASILE, Marcello O. N. de C. Op cit., 2004.
[408] Id.. Op cit., 2011, p. 89.

Houve até um caso, durante a sessão de 19 de junho de 1832, que o Deputado por Minas Gerais, Caetano de Almeida, relatou que os expectadores nas galerias lhe cuspiram na cabeça. Nesta ocasião, o referido Deputado solicitou que o Presidente da Câmara desse "para ordem do dia um parecer da comissão de polícia sobre as galerias". Durante sua solicitação ainda emitiu palavras que colocaram os ouvintes em cólera: "se eu estivesse em minha Província não havia de sofrer destes insultos, porque o povo mineiro é respeitador. Peço a V. Ex. que dê o indicado parecer para ordem do dia a fim de que não soframos insultos de atrevidos e malcriados"[409].

Apenas alguns dias após esse acontecimento, ouvintes nas galerias atiraram moedas de cobre falsas em deputados que votavam à favor do afastamento de José Bonifácio da tutela de Pedro II, gritando que os referidos deputados eram "vendidos"[410]. Nesta ocasião, que ocorreu durante a Sessão de 10 de julho de 1832, a Câmara decidiu por tornar público um edital que impunha algumas regras aos expectadores. Conforme determinava o texto, todos os cidadãos que quisessem assistir às sessões deveriam "estar com toda atenção e silêncio, sem dar sinal de aprovação ou desaprovação, e o que a isto faltar será mandado sair". Ainda dizia que era necessário apresentar-se desarmado, sem chapéu de sol — provavelmente para não dificultar a identificação — e sem bengala. É interessante notar que talvez houvesse até um certo interesse da Câmara em manter afastada das galerias a gente menos abastada da população, já que neste edital também se exigia que os ouvintes se apresentassem "decentemente vestidos de casaca e sobrecasaca"[411].

Na legislatura de 1830-1833 quase metade do Parlamento era composto por políticos da ala moderada. Na defesa de um liberalismo mitigado os moderados rejeitavam quaisquer preceitos sociais igualitários e políticos universais. O liberalismo moderado seria responsável por formar um pacto social, que seria embrionário de uma nação mais estruturada e encorpada. Mas a força e robustez dessa nação necessitaria da 'qualidade', por assim dizer, dos "contratantes"[412], isto é, o povo. A gente miúda, aquela parcela mais rasteira dos estratos sociais, seria excluído desse pacto. Conforme se verifica na *Aurora Fluminense*, um dos jornais mais influentes da ala moderada no Rio

---

[409] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo I. Brasília, 1982, p. 115.
[410] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 2.
[411] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 44.
[412] BASILE, Marcello O. N. de C. Op cit., 2006, p. 61.

de Janeiro, redigido por Evaristo da Veiga, o povo que faria parte daquele pacto social não era daquela "massa ignorante ou destituída de interesse na ordem social, que os demagogos adulam; [...] mas sim dos homens pensantes, honestos, e que nada têm a ganhar na anarquia"[413]. Em face disso, considerando o encorpado número de moderados no Parlamento, é possível notar que a presença da gente miúda nas galerias da Câmara incomodasse alguns parlamentares. Era uma concepção que, conforme aponta Ilmar Mattos, distinguia a "boa sociedade" da gente comum, que tinha predileção pela desordem e pela anarquia: "o povo e a plebe eram pessoas, distinguindo-se dos escravos por serem livres. Todavia, povo e plebe não eram iguais, nem entre si, nem no interior de cada um dos seus mundos"[414].

Mas as medidas tomadas naquele edital de 10 de julho de 1832 não foram capazes de oferecer ao Parlamento o gozo de se resguardar do incômodo popular. Pelo contrário, era justamente em meio ao clima de agitação e pressão pública que se realizavam os principais debates e deliberações do Parlamento nessa época[415]. É importante estabelecer aqui um parêntese: segundo os relatos do viajante inglês Robert Walsh, que estivera no Brasil nos fins do Primeiro Reinado, enquanto as galerias da Câmara estavam lotadas, as do Senado "permaneciam sempre vazias"[416].

4.2 POSIÇÕES PARTIDÁRIAS: SOBRE A COMPOSIÇÃO DO PARLAMENTO

Outro ponto importante que não poderíamos deixar de mencionar é a composição partidária da Câmara. Marcello Basile foi responsável por fazer um mapeamento das posições partidárias dos parlamentares nas legislaturas de 1830-1833 e 1834-1837[417]. O referido autor relata algumas dificuldades durante este levantamento. A primeira delas é a baixa presença dos parlamentares nas sessões, além de que, dentre os presentes, poucos iam até a tribuna fazer discursos e expor abertamente suas tendências partidárias. A segunda dificuldade diz respeito aos próprios anais do Parlamento: possuem inúmeras falhas e lacunas, com frequência os discursos não eram registrados em sua totalidade. A fala do deputado Holanda Cavalcanti, de Pernambuco, comprova o que Marcello Basile assinala. Holanda Cavalcanti, durante a sessão de 4 de junho de 1834, fez reclamações afirmando que ocorriam "grandes alterações e até falsidades" nas transcrições dos

---

[413] Aurora Fluminense nº 553 de 07 de novembro de 1831.
[414] MATTOS, Ilmar Rohloff de. O tempo Saquarema. São Paulo: Hucitec, 1987, p. 125.
[415] BASILE, Marcello O. N. de C. Op cit., 2011, p. 90.
[416] WALSH, Robert. Notícias do Brasil (1828-1829). *Apud* BASILE, Marcello O. N. de C. Op cit., 2011, p. 116.
[417]BASILE, Marcello O. N. de C. Op cit., 2011, p. 105-10.

Anais[418]. É importante destacar que as atas das sessões nessa época eram publicadas em jornais da Câmara, como o *Echo da Camara dos Deputados* e o *Jornal da Camara dos Deputados*, além dos jornais que tinham claras e estreitas relações com facções políticas, como o *Jornal do Commercio*, o *Diário Fluminense* e a *Aurora Fluminense*. As primeiras compilações dos anais só foram feitas cerca de 50 anos depois, por Antônio Pereira Pinto.

A frequente mudança de posições também é um ponto importante a ser considerado. Como foi mencionado no capítulo anterior, as rotineiras mudanças de posições e opiniões políticas faziam parte da cultura política Imperial, "os políticos mudavam muito em pouco tempo"[419]. No Período Regencial, quando as deliberações mudavam bastante de acordo com o calor da pressão popular, isso era ainda mais constante. Ainda assim, foi possível a este autor identificar com relativa segurança as posições partidárias de 89 deputados da legislatura de 1830-1833.

Quadro 4 – tendências políticas dos deputados na Segunda Legislatura (1830-1833)[420]

Facção	**Número**	**%**
Liberal moderada	47	52,81
Caramuru ou restauradora	35	39,33
Liberal exaltada	7	7,86
Total	89	72,36
Não identificada	34	27,64
Total geral	123	100

É possível notar que a representatividade dos exaltados na Câmara era muito inferior às outras duas alas partidárias. A grande quantidade de moderados no Parlamento atesta os discursos políticos da época: os moderados eram senhores da Regência. Em Pernambuco se falava ainda mais: os moderados, que auto se proclamavam liberais — às vezes até com projetos federalistas, em um oportunismo escancarado, que será abordado mais adiante —, encarnavam, em verdade, a centralização do poder, principalmente após a queda de Pedro I — não à toa, durante a

---

[418] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Primeiro anno da Terceira Legislatura. Sessão de 1834, Tomo I. Brasília, 1982, p. 48.
[419]ANDRADE, Manuel Correira de. Op cit., 1971, p. 132.
[420] Esta tabela foi elaborada por Marcello Basile e extraída de: BASILE, Marcello O. N. de C. Op cit., 2011, p. 110.

Abrilada, a Cabanada e as Carneiradas, exaltados e restauradores se uniram sob uma mesma bandeira contra a 'centralização moderada'. Abordaremos melhor este caso em momento mais oportuno.

Entretanto, esse baixo número de liberais exaltados na Câmara, se analisado friamente, revela muito pouco. Pode até ser enganador. Se no Parlamento eles pareciam ter pouca representatividade, pelo menos em âmbito nacional, nas arenas informais do espaço público sua atuação era fortíssima. Como já foi atestado anteriormente, em Pernambuco os liberais desta ala pareciam dominar a política provincial. Exerciam importante influência no Governo e publicavam frequentemente na maior folha jornalística da Província, o *Diario de Pernambuco*, além de tantos outros folhetos menores. Foram indispensáveis apaziguadores dos ânimos durante a Novembrada, quando o Governo provincial não dispunha de forças para controlar a situação. Nesta ocasião, quando o fantasma dos dias de setembro de 1831 paralisou a cidade, encarnado no Partido das Cinco Pontas, foram os liberais da Sociedade Federal os responsáveis por evitar o derramamento de sangue. Não é demais relembrar a popularidade da Sociedade Federal em Pernambuco: "um numeroso concurso de cidadãos de todas as classes"[421].

4.3 ÀS MARGENS DA POLÍTICA INSTITUCIONAL: A MALHA POLÍTICA INTERPROVINCIAL DA SOCIEDADE FEDERAL

Ainda mais que essa estruturada atuação na província pernambucana, os liberais exaltados tiveram sim relevância no cenário nacional. Para comprovar essa afirmação basta observar o surgimento de sociedades, sob o nome de Federal e com o mesmo propósito, na Bahia e no Rio de Janeiro, há apenas alguns dias do surgimento da Federal pernambucana[422]. Um pouco mais tarde, em dezembro de 1831, surgiu também na Província de São Paulo. Por ocasião da instalação na Província de São Paulo, o Padre José Antônio dos Reis, eleito presidente da sociedade, escreveu um ofício ao Presidente daquela Província, no qual dizia que cidadãos guiados "pelos sentimentos de ordem e justiça", em conhecimento da crise iminente em que se achava o Brasil, estando "ameaçado por dois partidos desorganizadores, que tendem a destruir o sistema social, reuniu-se [sic] ontem, em sociedade, a qual tem por fim destruir todos os planos desses

---

[421] Bússola da Liberdade nº 33 de 19 de outubro de 1831.
[422] FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. Op cit., 2016, p. 54.

dois partidos, o retrógrado e o anarquista"[423]. Aos retrógrados referia-se tanto aos absolutistas quanto aos moderados, que continuavam a política centralizadora que se estabelecera no Primeiro Reinado. Aos anarquistas, referia-se àqueles que buscavam fazer a federação pela espada e não pela Constituição. Provavelmente o Padre Reis não queria receber a mesma fama de anarquista que a Sociedade Federal recebera em Pernambuco.

As tramas desse tipo de associações, a malha política, a 'unificação' dos federalistas de todo o Império, que buscavam apoio maior do que o que conseguiam regionalmente, não é o tipo de coisa que fica registrado nos documentos. Mas são tão patentes que não é inseguro de se afirmar. É possível averiguar essa trama quando se analisa o estatuto da Sociedade Federal de São Paulo em comparação aos texto publicados pela Federal de Pernambuco na sua folha oficial, *O Federalista*. São várias as semelhanças entre as duas sociedades, ambas tinham o mesmo propósito político: disseminar por toda a população a doutrina do liberalismo federalista. Em Pernambuco, na primeira página da primeira edição do *Federalista*, dizia que "o nosso periódico será tão somente doutrinal e por isso nossa linguagem será simples, os nossos princípios os mais claros que nos for possível"[424]. A Federal de São Paulo tinha como propósito a "consolidação do sistema federal", promovendo "a instrução e moralização do povo por todos os meios ao seu alcance, propagando ideias claras e exatas a respeito da federação"[425]. A disseminação do federalismo era uma pauta tão importante que em pouco tempo a Sociedade Federal de São Paulo instalou unidades em cinco vilas da Província[426].

Por essas razões, apesar de um número muito inferior aos seus 'rivais' dentro do Parlamento, os liberais exaltados tinham um enorme prestígio entre a população. Esse apoio aponta o indício de um projeto de unificação política destes grupos exaltados em grande parte do território nacional. Quando se consulta os anais do Parlamento, durante sessões da Câmara, a menor menção a palavras como *federação*, *Constituição* ou *democracia*, era responsável por incendiar o ânimo dos ouvintes nas galerias. Batidas de botas no chão, gritos de ordem, vaias ou aplausos eram frequentemente orquestrados por representantes exaltados na Câmara. Marcello Basile indica que o negociante inglês

[423] Ofício de José Antônio dos Reis ao Presidente da Província de São Paulo em 7 de dezembro de 1831. Disponível na sessão de Ofícios Diversos do acervo digital do Arquivo Público do Estado de São Paulo: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/oficios_diversos/ODSP0086703040_001.jpg
[424] O Federalista nº 1 de 30 de dezembro de 1831.
[425] O Novo Farol Paulistano nº 39 de 17 de dezembro de 1831.
[426] O Paulista nº 39 de 06 de fevereiro de 1832.

John Armitage mencionava que os espectadores geralmente faziam coro contra os moderados e alguns restauradores, enquanto davam "vivas aos deputados liberais"[427].

Borges da Fonseca, redator do jornal *O Repúblico* e, até então, um sujeito com estreitos relacionamentos com o liberalismo exaltado fluminense, anotou o mesmo episódio ao qual John Armitage se referia. Dizia que o povo estava disposto a "reduzir a pó" quem quer que quisesse manchar a Constituição, que, até então, era um símbolo da 'liberdade conquistada'. Em uma narrativa muito mais rica em detalhes, é fácil notar que o povo se referia a alguns Deputados e Senadores como "livres" quando estes atendiam ao "triunfo da opinião pública": "lançando-lhes flores deram vivas à Constituição, à Assembleia Geral [...] e aos Deputados e Senadores Livres"[428]. A opinião pública, até aquele momento, parecia clamar por mais 'liberdade', por 'democratização'. Liberdade não só nos âmbitos da política institucional. A gente miúda, apesar de mais presente nas sessões do Parlamento, ainda estava massivamente distante da politicagem formal. No *modus operandi* da política cotidiana, liberdade poderia significar o fim do monopólio português no comércio e nos cargos públicos de maior prestígio. Significava que a gente comum teria mais oportunidade de assumir posições importantes nos comércios locais. Significava também a redução de impostos e fim dos abusos da Coroa. Para negros escravizados que circulavam nos centros urbanos, ou para aqueles que ouviam a furto as conversas de senhores e grandes proprietários, significava ainda mais: o fim do sistema escravista. Esse era o âmago anarquista da ideia federalista, alvo de frequentes críticas de políticos e membros da facção moderada. Mas, futuramente, o clamor popular mudaria. A desordem da administração regencial e a fraqueza dos Governos provinciais causaram "frouxidão da disciplina social"[429], aproximando os anseios públicos dos projetos restauradores. É necessário notar também a influência do sistema paternalista. Naquela época política e religião eram coisas indissociáveis, a liderança de um monarca era o ordenamento natural da vida em sociedade, era o legado divino. Abordaremos isso futuramente, quando for mais oportuno falar sobre a Revolta de Pinto Madeira e a Abrilada.

Nota-se, assim, a complexa e robusta atuação dos liberais exaltados nos espaços informais da política imperial. Além da malha política interprovincial encarnada na Sociedade Federal, é possível verificar que as sociedades públicas de Pernambuco,

---

[427] BASILE, Marcello O. N. de C. Op cit., 2011, p. 90.
[428] O Repúblico nº 16 de 24 de novembro de 1830.
[429] SOUSA, Otávio Tarquínio de. Op cit., 2015, p. 105.

tendo estreitas relações com as facções políticas, estiveram envolvidas nas disputas dos projetos políticos de centralização e federação, os quais já foram alvo de estudo de Maria Odila. Contudo, não era apenas na esfera das reformas políticas e disputas por cargos públicos que exaltados e moderados estavam divididos. A imprensa em si era talvez a mais importante arena desta rivalidade. Nela apresentavam-se questões que causavam alvoroço entre a população e preocupações nos gabinetes do Governo.

4.4 A IMPRENSA, OS FINANCIADORES E OS PROJETOS DE PODER

Os jornais liberais exaltados, por exemplo, diversas vezes apresentaram projetos, ideias e recomendações políticas. Entre conceitos e termos como *federação* e *patriotismo* era possível encontrar proclamações de repúblicas federativas, democracia e reformas sociais e econômicas. Em alguns jornais, como o *Bússola da Liberdade*, era possível até mesmo ver manifestos contra acusações de absolutistas de que negros e brancos haviam se aliado pela anarquia, em uma luta desmedida pela liberdade, pelo fim da "escravidão"[430]. Naturalmente, a luta contra a 'escravidão' tinha significações diferentes de acordo com a cor da pele. Para a maior parte dos brancos e pardos livres, escravidão significava o domínio português no comércio e nos cargos públicos de destaque, nomeados por Pedro I. "Os portugueses Pedristas [...] esperavam dele (Pedro I) a nossa escravidão"[431]. Para os negros, o fim da escravidão significava literalmente o fim do sistema escravista. Ao contrário do que indicam aquelas visões historiográficas que coisificam os escravizados, que apontam que a natureza brutal do escravismo havia lhes tirado toda a capacidade de leitura da realidade[432], eles entendiam sim o contexto político da época e se articularam bem. Tanto que, no *Bússola da Liberdade*, um negro letrado soube muito bem defender as lutas dos cidadãos de cor sem espalhar o temor entre os leitores, angariando mais apoio para a causa: "os interesses dos homens de cor, no feliz governo que nos rege, não são diversos dos da generalidade dos demais seus concidadãos"[433]. Dizia também que alguns absolutistas espalhavam mentiras de que homens de cor conspiravam contra brancos. Ao dizer que a luta dos negros era a mesma

---

[430] Bússola da Liberdade nº 30 de 09 de outubro de 1831.
[431] Bússola da Liberdade nº 03 de 03 de julho de 1831.
[432] O "paradigma da ausência", na análise de Sidney Chalhoub e Fernando Teixeira da Silva, por anos reproduziu a visão do escravo como "um ser coisificado, incapaz de pensamentos e ações próprias: a escravidão teria aniquilado as pessoas e sua cultura, restando a fragmentação e o vazio produzidos por uma dominação inexorável" (p. 16). Ver: CHALHOUB, Sidney; SILVA, Fernando Teixeira da. Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980. Cadernos AEL, v. 14, n. 26, 2009, p.13-45.
[433] Bússola da Liberdade nº 30 de 09 de outubro de 1831.

dos seus concidadãos brancos, eles demonstravam que aquele movimento não estava tomado pelo espírito de vingança e que os homens de cor seriam "os primeiros a arrostar a morte [nas lutas contra os portugueses], não só em sua própria defesa, como na da população branca, por isso que seus interesses são os mesmos"[434].

É fácil notar que nessa época os artigos de imprensa tinham um maior interesse em influenciar a opinião pública: adotaram uma linguagem mais leve e acessível — ainda que permanecesse encorpada de filosofias importadas da Europa, o que já era notável desde o início da década de 1820[435] — e tornaram-se até mais 'democráticos', quando passaram a publicar correspondências de leitores em quase todas as edições. Apesar disso, os redatores desses jornais sabiam bem que a luta pelo poder político estava ligada à ordem sócio-econômica das províncias e compreendiam bem o jogo político entre as oligarquias locais — os "agentes não públicos", na visão de Ilmar Mattos[436] — e a elite burocrática — conforme a tese de José Murilo de Carvalho: os senadores, magistrados, Ministros, conselheiros de Estado e bispos[437]. Essa disputa entre as elites regionais e o alto escalão da burocracia imperial já foi bastante discutida pela historiografia oitocentista. Segundo a análise de Ilmar Mattos, a busca pela unificação de interesses e projetos entre esses dois grupos, que deveria ser garantida pela "adesão aos princípios da ordem e civilização"[438], seria o mecanismo responsável por evitar conflitos intra-elites. Todavia, na visão de Murilo de Carvalho — para quem as cisões intra-elite, e não apenas a sua coesão, explicar-se-iam pelos diferentes processos de socialização[439] — não seria somente uma simples 'adesão a princípios' que evitaria os conflitos intra-elites, mas sim a formação de uma robusta aliança entre os diferentes setores. E foi justamente a construção do partido conservador — 'materialização' das alianças entre a alta burocracia imperial, os magistrados e os grandes proprietários e comerciantes das Províncias do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco — que tornou possível a consolidação do Estado imperial[440].

---

[434] Bússola da Liberdade nº 30 de 09 de outubro de 1831.

[435] Conforme aponta Lúcia Neves, após 1820 o mundo luso-brasileiro assistiu a um intenso debate entre ideias liberais, proporcionado pela circulação avulsa de diversos impressos, que foram influência direta das Luzes portuguesas. Ver: NEVES, Lúcia Maria Basto Pereira das. Op cit., 2003, p. 15-55.

[436] MATTOS, Ilmar Rohloff de. Op cit., 1987, p. 3-4.

[437] CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2007, p. 169-98.

[438] MATTOS, Ilmar Rohloff de. Op cit., 1987, p. 3-4.

[439] CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2007, p. 175. Para uma análise mais aprofundada sobre isso, ver todo o sétimo capítulo: "Juízes, padres e soldados: os matizes da ordem". *In*: Ibid., p. 169-198.

[440] Ver o capítulo oito: "Os partidos políticos imperiais: composição e ideologia". *In*: Ibid., p. 199-229.

Apesar de alguns membros das sociedades públicas ocuparem cargos formais no Estado, como, por exemplo, Evaristo Ferreira da Veiga[441], Nicolau Campos Vergueiro[442], José Bonifácio[443] e Antônio Joaquim de Mello[444], a maior parte dos membros dessas sociedades não ocupavam cargos no Governo. Mas, o fato de não possuir muitos representantes nos cargos formais do Estado não significa que os membros de sociedades não exercessem importantes papeis políticos no Império. Muitos que compunham o corpo de associados dessas agremiações eram importantes comerciantes e, pelo poder financeiro e pela influência no fluxo dos mercados, eram evidentemente importantes influenciadores da política monetária do Império. Corrobora isso o que José Murilo de Carvalho indica em *A Construção da Ordem*, quando pontua que a Sociedade dos Assinantes da Praça do Rio de Janeiro, que em 1867 passou a adotar o nome de Associação Comercial, apesar de só ter eleito um senador e um deputado geral em todo o seu período de funcionamento, de 1834 a 1889, foi responsável pelo levantamento de 24 companhias de seguro e 8 bancos particulares. Ainda mais, segundo este mesmo autor, o Banco do Brasil, que era o principal órgão de execução da política financeira naquela época, teve em cargos de direção 11 membros que também eram ou foram diretores dos bancos privados desta associação, além de 10 das companhias de seguro[445].

Também é importante mencionar que a influência dos grandes comerciantes e das oliguarquias agrárias nos planos de Governo do Império é notável em diversos casos. Ao longo de todo o século XIX a Coroa buscou apoio financeiro dessas elites: D. João VI, Pedro I e Pedro II frequentemente buscavam capitalistas para empréstimos pessoais e públicos[446]. Talvez o caso que tenha despertado maior atenção da historiografia tenha sido o de Pedro II e Mauá, no Segundo Reinado. Para se ter em conta as dimensões da influência da elite financeira no Governo imperial, vamos anotar brevemente este caso. Irineu Evangelista de Sousa, o Mauá, que por muitos anos teve estreitas relações com o Estado imperial — nem sempre amistosas — é uma figura que expressa bem a

---

[441] Evaristo da Veiga foi um dos sócio-fundadores da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional e da Sociedade de Instrução Elementar, que se dedicava mais ao desenvolvimento intelectual e ao conhecimento das teorias liberais do que à influência nas decisões do Governo. Foi também um dos primeiros membros da Sociedade Amante da Instrução e da Sociedade Filomática do Rio de Janeiro.

[442] Vergueiro, como aponta Marco Morel, era um dirigente maçom que abandonou as reuniões das sociedades secretas em detrimento das sessões das sociedades públicas. Ver: MOREL, Marco. Op cit., 2003, p. 19.

[443] Bonifácio era um dos sócios presentes na ata da sessão de instalação da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, conforme indicado n'O Repúblico nº 67 de 19 de maio de 1831.

[444] Antônio Joaquim de Melo era presidente da Câmara Municipal do Recife e membro da Sociedade Patriótica Harmonizadora, de acordo com o Diario de Pernambuco nº 223 de 19 de outubro de 1831.

[445] CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2007, p. 57.

[446]Ibid, p. 54.

influência dos interesses privados nas decisões da Coroa. Mauá era homem de muitas posses, O empresário do Império, nas palavras de Jorge Caldeira[447]. De sua mesa saíam ordens para diretores de mais de 15 empresas, grupos de milionários ingleses, franceses e norte-americanos. Foi ele mesmo gestor de bancos no Brasil, Uruguai, Argentina, Inglaterra, Estados Unidos e França. Era dono de fábricas, estradas de ferro e inúmeras terras. A riqueza de Mauá chegava em torno de exorbitantes 115 mil contos de réis. Havia apenas um número no país comparável a este: em 1867 o orçamento do Império chegava a 97 mil contos de réis[448]. É notável que, assim como Mauá, tantos outros homens de fortunas, o "grupo de comerciantes e financistas" que não partipavam "formalmente das posições de poder", como expôs José Murilo de Carvalho[449], ditassem alguns rumos da política imperial, nos dois Reinados e também nas Regências[450].

Mas nem sempre esta influência era exercida diretamente por estes membros da elite financeira, há fortes indícios que apontam a existência de intermediários. O próprio José Murilo de Carvalho indica que não restam dúvidas de que essa influência era exercida por "intermediários políticos"[451]. Parece bastante evidente que muitos políticos tivessem laços sociais e/ou de parentesco com homens de negócios. Indica Augustin Wernet que "a origem do indivíduo quase predeterminava as posições"[452]. Grandes proprietários de terras e importantes comerciantes, por todo o território nacional, foram representantes do poder político antes, durante e depois da Independência. No Período Regencial, embora tenham acontecido algumas mudanças no timão da política — ou pelo menos havia um sentimento de mudança que estava pulverizado entre a população da época —, não foi muito diferente: a influência de homens de riquezas assegurava as estruturas de dominação política e social. Para se ter tal noção, basta notar a manutenção do sistema de clientelas e a manipulação do poder local, com influência nas eleições de cargos públicos[453]. Na província pernambucana, a influência de grupos oligarcas na política regional era tão destacada que, diferentemente da Corte, que tinha a presença de

---

[447] JORGE, Caldeira. Mauá: empresário do império. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
[448]Ibid, p. 17.
[449] CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2007, p. 54.
[450] À época da publicação da tese de Murilo da Carvalho, a historiografia não dava a devida atenção a essa trama de interesses privados nas decisões políticas. Todavia, alguns trabalhos mais recentes têm buscado dimensionar a real influência desses grupos nas decisões políticas. Ver: CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2005. p. 155-88.; DOLHNIKOFF, Miriam. O pacto imperial: origens do federalismo no Brasil do século XIX. São Paulo: Globo, 2005.
[451] CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2007, p. 54.
[452]WERNET, Augustin. Op cit, 1978, p. 19.
[453] Ver: DOLHNIKOFF, Miriam.Op cit., 2005, p. 223-285.

três grupos políticos — exaltados, moderados e caramurus —, a oligarquia dos Cavalcanti de Albuquerque representava até mesmo uma quarta facção política[454].

Os irmãos Cavalcanti foram os principais herdeiros políticos de Francisco Paes Barreto, o Morgado do Cabo. Logo formaram em torno de si um imponente grupo de grandes famílias proprietárias. Os filhos do antigo Coronel Suassuna estiveram envolvidos em planos políticos para província desde a aurora do século XIX, quando conspiraram pela independência de Pernambuco com membros de sociedades secretas[455]. Mas foi principalmente depois de derrotada a Confederação do Equador que se tornaram importantes influenciadores na política provincial e, em certas instâncias, até mesmo nacional. Para por às claras as habilidades e manobras políticas dos irmãos Cavalcanti, é importante citar que três deles, Antônio Francisco de Paula Holanda Cavalcanti de Albuquerque, Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque e Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, foram Senadores por Pernambuco. Sendo que o Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, Visconde de Suassuna, foi vice presidente da Província desde o início de 1820 e, entre 1826 e 1844, assumiu a presidência sete vezes. Em 1831 Francisco foi um dos fundadores da Sociedade Patriótica Harmonizadora, onde ocupou o cargo de vice-presidente[456]. A Harmonizadora cumpria, assim, aquele papel de "intermediário político" das elites políticas e financeiras regionais que foi proposto por José Murilo de Carvalho.

A imprensa da época compreendia bem a dinâmica das articulações políticas entre os grupos de elite e os burocratas do Estado. A manutenção do poder e da influência nos rumos da política provincial estava necessariamente no jogo dessas articulações. Não é raro encontrar manifestos contra ou à favor de algumas famílias que representavam as aristocracias locais. A trama entre essas famílias e as facções políticas, sobretudo as moderadas — que conseguiram entrar de maneira mais robusta nos gabinetes do Governo —, era tão patente que o *Diario de Pernambuco* uma certa vez escreveu que "oligarquia e facção" eram quase sinônimos: "em primeiro lugar, toda oligarquia é uma facção e, além disso, as oligarquias se dividem promptamente em facções opostas"[457]. Numa crítica aos arranjos políticos na Província de Pernambuco após a Abdicação, um texto anônimo no *Diario de Pernambuco* dizia que os aristocratas locais, "depois de

---

[454] CAVALCANTI JUNIOR, Manoel Nunes. Cultura política no Brasil Império: os liberais exaltados pernambucanos (1831-1840). *In*: VIII Encontro Estadual de História, ANPUH-BA, 2016, sp.
[455] Ver: CADENA, Paulo Henrique F. Ou há de ser Cavalcanti, ou há de ser cavalgado: trajetórias políticas dos Cavalcanti de Albuquerque (Pernambuco, 1801-1844). Recife: o autor, 2011.
[456] PEREIRA DA COSTA, F. A. Op cit., 1965, p. 399.
[457] Diario de Pernambuco nº 226 de 19 de novembro de 1835.

iludirem o povo", teriam se tornado verdadeiros tiranos: "não é somente no reinado da tirania que [...] alguns aspiram ao mando", mas também "quando o povo recupera sua liberdade"[458]. Em um trecho mais adiante o redator ainda alfinetou a Sociedade Patriótica Harmonizadora — que tinha sido fundada há pouco mais de trinta dias da data de publicação desta edição do *Diario de Pernambuco* — dizendo que os sujeitos que tinham sede pela tirania estavam "disfarçados com o nome de Patriotas", mas que deveriam ser mais temíveis que os tiranos coroados[459].

4.4.1 Na imprensa, um 'vocabulário' político

A imprensa também era responsável por influenciar a opinião pública nas disputas pelo mando político. O interesse das sociedades públicas em acolher populares para suas causas era tão evidente que certa vez, na primeira edição do *Federalista*, a Sociedade Federal determinava que aquele periódico deveria ser "impresso em formato grande, sair uma vez por semana e ser distribuído gratuitamente por entre a classe mais necessitada de ilustração sobre a matéria"[460]. Aponta Lúcia Neves que, "profundamente enraizados nas Luzes portuguesas"[461], os jornais foram responsáveis pela formação de uma cultura política que se caracterizava pelo jogo de opiniões e interesses. Era uma constante luta de ideias e projetos, que "ora amorteciam, ora espicaçavam"[462], marcando uma época em que as deliberações políticas aconteciam justamente no calor das agitações populares. Talvez fosse esse o aspecto mais notável da influência da imprensa na formação de uma cultura política durante o Período Regencial. Mas não o único. Os impressos foram responsáveis por formar um *vocabulário político*, que estava pulverizado por toda a população. Apresentando manifestos, proclamações e representações, de origem governamental ou não, os jornais, periódicos e folhetos avulsos formaram uma mentalidade política, robusta de conceitos e termos, que influenciava as percepções populares acerca da política institucional e cotidiana. Além disso, a imprensa era também um dos principais formadores do "espaço público moderno", como definido por Marco Morel[463].

O simbolismo que envolvia a figura do monarca era um dos pilares que mantinha a unidade do Império. Em face da vacância do Trono, mesmo que a Assembleia Geral

---

[458] Diario de Pernambuco nº 144 de 08 de julho de 1831.
[459] Diario de Pernambuco nº 144 de 08 de julho de 1831.
[460] O Federalista nº 1 de 30 de dezembro de 1831.
[461] NEVES, Lúcia Maria Basto Pereira das. Op cit., 2003, p. 16.
[462]Ibid, p. 16-7.
[463] MOREL, Marco. Op cit., 2005, p. 200-18.

tenha agido com rapidez para não perder o leme dos rumos políticos, o Estado imperial passaria por um momento ímpar até então. Em 1820, como aponta Lúcia Neves em seu estudo sobre cultura política e imprensa no início daquela década, o processo da Independência teve nada de revolução[464]. Pelo contrário, foi produto de uma *mise-en-scène* que envolvia apenas um público reduzido, formado pelas elites e alguns poucos homens de uma cultura letrada, que tinham acesso àqueles jornais das *Luzes* portuguesas, formando um liberalismo mitigado[465]. Mas no processo que levou à Abdicação, a política "transcorria numa emergente esfera pública"[466]. Em virtude disso, "trazendo à baila projetos distintos"[467], exaltados, moderados e caramurus buscaram conquistar a opinião pública, que até então era embrionária, porém bastante ativa. Assim, a imprensa tornou-se a arena de disputa desses projetos, que digladiavam-se em busca da arregimentação popular.

Sobre a atividade de imprensa no Período Regencial é importante ressaltar o cunho dos discursos políticos nos jornais e periódicos. As folhas da época serviam como uma tribuna política que estava livre do julgo das oposições partidárias nas Câmaras. Indícios apontam que, frequentemente, muitos políticos escreviam em jornais, utilizando codinomes ou até mesmo o total anonimato. Isso figura como um dos indícios que apontam que as sociedades públicas serviram como uma espécie de blindagem para a imprensa, em face do decreto imperial de 1821, que fixava regras bastante rígidas sobre a produção e veiculação de impressos de qualquer natureza, especialmente em relação à identificação obrigatória dos redatores[468].

Essa "aliança" entre jornais e associações políticas é notável também em alguns momentos do Segundo Reinado. Suzana Cavani Rosas destaca que, até o final de 1849, a oposição política em Pernambuco à reação conservadora estava consideravelmente desestruturada. Ressalta ainda que até aquele ano os liberais do Recife contavam apenas com duas folhas de oposição: o *Diário Novo* e o *Macabeo*[469]. Mas, em 1850, em meio às tentativas dos praieiros de reorganizar o partido[470], o número de folhas com importante destaque no cenário oposicionista triplicou: *A Imprensa*, *O Argos Pernambucano*, *O*

---

[464] NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Op cit., 2003, p. 22.
[465]Ibid, p. 55-119.
[466] BASILE, Marcello O. N. de C. Op cit., 2006, p. 60.
[467]Ibid, p. 60.
[468] Decreto de 02 de março de 1821. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dim/DIM-2-3-1821.htm
[469] ROSAS, Suzana Cavani. Ação, reação e transação: a Sociedade Liberal Pernambucana (1851-1861). *In*: Clio, Série História do Nordeste. Recife: UFPE, vol. 1, n. 17, 1999, p. 159-70.
[470] ROSAS, Suzana Cavani. A ponte de ouro: praieiros, guabirus e a conciliação imperial (1849-1857). Recife: ed. UFPE, 2016, p. 165.

Echo Pernambucano e *A Revolução de Novembro* foram os jornais de destaque que surgiram naquele ano[471]. Apesar de a Sociedade Liberal Pernambucana ter sido criada somente em 1851, suas origens remontam a 1850, quando os praieiros articulavam formar uma frente oposicionista na província. Assim, quando surgiu, a "Sociedade Liberal Pernambucana [...] coroou os esforços de toda a imprensa oposicionista interessada na luta pela constituinte"[472]. Embora não pudesse responder por uma atividade de imprensa que, em partes, a antecedeu, a Liberal Pernambucana exerceu um importante papel na proliferação de ideias que apoiavam a constituinte; tanto que o seu estatuto destacava a necessidade de "propagandear e discutir as ideias liberais na imprensa"[473]. Semelhante à atividade da imprensa regencial, esses jornais oposicionistas que surgiram no início da década de 1850 tiveram pouca longevidade: todos, com exceção do *Echo Pernambuco*, que funcionou por seis anos, findaram suas atividades em 1852. Evidentemente, as relações sociais e políticas da sociedade imperial passaram por mudanças ao longo de quase duas décadas. Não se trata de uma comparação avulsa sobre as sociedades públicas e seus respectivos jornais do Período Regencial com as do Segundo Reinado. Mas sim a necessidade de notar a possibilidade de esse tipo de aliança, entre agremiações políticas e jornais, não ter sido um caso extraordinário do Período Regencial. Não era algo que esteve exclusivamente apegado àquela "frouxidão da disciplina social" apontada por Otávio Tarquínio de Sousa[474]. O que Suzana Cavani Rosas descreve reforça isso.

Também atesta essa aliança a analise de José Murilo de Carvalho: políticos "escreviam em jornais nos quais o anonimato lhes possibilitava dizer o que não ousariam da tribuna da Câmara ou do Senado"[475]. Assim, a imprensa era, em verdade, um "fórum alternativo para a tribuna"[476], de altíssima importância principalmente para os grupos políticos com pouca representação no Parlamento, como os exaltados.

Os impressos do Período Regencial são reveladores dos interesses e projetos políticos das facções e das sociedades públicas. Os jornais moderados apresentavam um discurso por vezes ambíguo, quando incluíam algumas exigências em parte 'exaltadas' em seu próprio programa político. Talvez mais por oportunismo do que por convicção. A folha oficial da Sociedade Patriótica Harmonizadora, publicou, uma certa vez, se

[471] ROSAS, Suzana Cavani. Op cit., 1999, p. 159-70.
[472] ROSAS, Suzana Cavani. Op cit., 2016, p. 150.
[473] Ibid, p. 151.
[474] SOUSA, Otávio Tarquínio de. Op cit., 2015, p. 105.
[475] CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2007, p. 54.
[476] Ibid, p. 54.

referindo aos dias da Novembrada, que alguns exaltados julgavam-se “com direito de colocar-se à frente dos nossos negócios” proclamando “ideias exageradas” e fantasiando reformas violentas e ilegais, mas que poderiam ser justificadas “pela eminência [sic] de um perigo real […] admitindo alguma boa fé […] de abraçar todos os melhoramentos políticos”[477]. Não é demais lembrar que quando o *Olindense* noticiou que a Sociedade Federal se reunira com o Partido das Cinco Pontas durante a Novembrada[478], brevemente se espalhou por toda a cidade a ideia de que membros desta sociedade fizeram parte do corpo daquele movimento, disseminando intrigas entre a população. Mas logo correu à boca miúda que fora a Federal a responsável por apaziguar aquele movimento, evitando funestos resultados. A Harmonizadora e os jornais moderados logicamente não queriam aparecer como atiçadores do ódio público. Assim, vez ou outra faziam publicações com este cunho ‘exaltado’. Vale lembrar, ainda, que o próprio *Olindense* já havia publicado matérias contra os liberais exaltados, chamando-os de anarquistas que queriam “reformar a Constituição por meio da espada”[479]. A luta contra a ‘anarquia’ era sempre a justificativa principal da agenda política moderada. Ainda que a anarquia fosse, muitas vezes, apenas projetos distintos dos seus.

4.5 O OPORTUNISMO DOS MODERADOS

Levando isso em consideração, podemos analisar com mais precisão a agenda política dos moderados. Seguramente, a principal característica moderada era a organização do Estado sob os moldes da Constituição. A Constituição assegurava a manutenção dos ordenamentos sociais. O sistema monárquico, até então, parecia garantir com mais segurança a riqueza e prosperidade de determinados grupos provinciais, ao passo que reforçava cada vez mais as estruturadas relações de poder entre as elites regionais e a população. Foi somente a partir de 1831 que os moderados passaram a exigir algumas reformas no Estado Imperial, mas sempre em defesa da Constituição, tanto que os moderados da Harmonizadora, que desejavam tomar as rédeas da política pernambucana, diziam que a “revolução de 7 de abril” somente acontecera pela prosperidade da Lei: “Operaria, acaso, o Brasil uma revolução tão gloriosa com o intuito de quebrantar as suas Leis, de violar a Constituição Política, que havia

---

477 O Harmonizador nº 17, __ de novembro de 1831. Observação: a cópia consultada desta edição está relativamente deteriorada, com manchas e algumas partes rasgadas. Por conta disso não foi possível verificar a data da publicação.
478 Olindense nº 60 de 01 de dezembro de 1831.
479 Olindense nº 50 de 22 de outubro de 1831.

solenizado com o selo do seu juramento, e entregar-se às convulsões tumultuárias dos partidos?”[480]. Para este grupo político, conforme indica Augustin Wernet, se a Constituição fosse executada corretamente, seria ela “suficiente e mais que suficiente para fazer a felicidade do Brasil por muitos anos”[481]. As reformas moderadas aconteceriam nos trâmites da Lei, pelo caminho das normas reguladoras. A Constituição era “tal, que até as paixões mais egoístas, se forem contidas em seus limites próprios, tem uma tendência a promover o bem público”[482]. As reformas pelo caminho da Constituição, mesmo que modificassem as relações políticas entre a Corte Imperial e as províncias, em nada mudariam os ordenamentos sociais. Pelo contrário, reforçariam as manifestações de poder das oligarquias e elites políticas.

Nesta época os liberais exaltados já assumiam abertamente o federalismo como sua agenda política e ideológica. Em verdade, o federalismo, por vezes até ideias de republicanismo, já era pauta política das alas mais exaltadas do liberalismo desde a década de 1820[483]. Mas em 1831, após o surgimento da Sociedade Federal em várias províncias, passou a ser abertamente uma alternativa política a ser apresentada à população. O oportunismo e a adaptação ideológica e partidária, traços da cultura política brasileira no século XIX, foi um fenômeno patente nos ‘debates’ públicos sobre o federalismo na década de 1830. A princípio os moderados aceitaram de bom grado o federalismo. Era um projeto conveniente às elites locais, que estabeleceria um contrapoder ao governo centralizado. Aponta Augustin Wernet que, de uma maneira geral, o federalismo significava, por um certo tempo, para os políticos ligados às facções moderadas, federalismo republicano, nos moldes da federalização que acontecera nos Estados Unidos da América. E era por esse sentido ‘democrático’ que o projeto federalista seria o contrapoder à centralização. Mas no imo do projeto federalista estava a “anarquia”, como acusavam os jornais da época[484], e sobre isso os moderados fizeram oposição.

É notável que o federalismo moderado, mesmo com esse interesse ‘republicano’, era, na verdade, um projeto de monarquia federativa que atendia a pretensões e necessidades da aristocracia rural. Em verdade, considerando as estruturas sociais da época, principalmente em Pernambuco, onde as grandes propriedades de lavoura

---

[480] O Harmonizador nº 01 de 12 de novembro de 1831.
[481] WERNET, Augustin. Op cit., 1978, p. 70.
[482] Olindense nº 05 de 17 de maio de 1832.
[483] Ver: FERRAZ, Socorro. Op cit., 1996.; FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. Op cit., 2016.
[484] O Olindense nº 50 de 22 de outubro de 1831.

comercial eram responsáveis por grande parcela da riqueza das oligarquias, o federalismo moderado tornaria a autarquia dos grandes proprietários ainda mais forte. Sob a forma de um Estado Liberal os moderados retornariam aos tempos de Colônia, com um federalismo “interno e doméstico”[485]. Não era um ‘progresso’, mas sim “um retrocesso a um tipo de ‘feudalismo’”[486], fonte da liberdade privada e do poder particular.

Reforça esta tese uma matéria publicada no *Diario de Pernambuco*, onde dizia o editor que “o Brasil não está isento desta parte de ambiciosos disfarçados [...] que hoje são os primeiros a clamar pela federação, mas que não têm outro fim senão o desejo de dominar, apoiados na influência das suas riquezas e famílias”[487]. O *Diario de Pernambuco* era um dos braços fortes da Sociedade Federal em Pernambuco. Nele, apesar de publicar com menor frequência aqueles textos de caráter mais doutrinal sobre o federalismo — se compararmos com a *Bússola da Liberdade* ou *O Federalista* —, a Federal tinha mais êxito em alcançar todos os estratos sociais e influenciar a opinião pública. Continuando o texto o redator ainda afirmava que o *Diário* apoiava as ideias de federação, mas julgava que um dos obstáculos à prática federativa era “a oligarquia de algumas famílias influentes na Província. Por isso convém, desde já, ir abatendo semelhante espírito aristocrático”[488].

O oportunismo dos moderados, quando assumiam pautas exaltadas, era resultado de uma união em favor da “ordem e progresso”[489]. Conforme descreve Augustin Wernet, no Rio de Janeiro os liberais moderados aliaram-se ao grupo dos Andrada, a alguns poucos liberais exaltados e a grupos de militares sob a identidade da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional. Criada há apenas alguns dias da Abdicação, a Defensora tinha como pauta um “congraçamento político”[490], que seria necessário para evitar a iminente ruína do Império. Antônio Borges da Fonseca, um dos membros de maior destaque desta sociedade, ao lado de Evaristo da Veiga, foi o “fundador principal”[491]. Na Defensora as articulações oportunistas eram muito evidentes, servindo a este trabalho como um referencial comparativo. Além disso, há indícios de

---

[485] WERNET, Augustin. Op cit., 1978, p. 70.
[486]Ibid, p. 70.
[487] Diario de Pernambuco nº 144 de 08 de julho de 1831.
[488] Diario de Pernambuco nº 144 de 08 de julho de 1831.
[489] WERNET, Augustin. Op cit., 1978, p. 75.
[490]Ibid, 1978, p. 75.
[491] Atas da fundação e das primeiras sessões, relação dos membros fundadores e estatutos provisórios da Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional, iniciada no Rio de Janeiro, aos 10 de maio de 1831. Presente no acervo da Biblioteca Digital Luso-Brasileira, disponível em: https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/426917

uma influência da Defensora na Sociedade Patriótica Harmonizadora de Pernambuco, caso que será abordado mais adiante.

Faziam parte da Defensora alguns líderes Caramurus, como os Andradas e José Bonifácio, ao passo que também alguns membros que futuramente fundariam a Sociedade Federal do Rio de Janeiro, como Juvêncio Pereira Ferreira. Quando a Sociedade Federal surgiu, alguns membros da Defensora parecem ter simplesmente migrado de uma associação para a outra. Na lista de membros da Defensora publicada no *Repúblico*[492], na época da votação dos cargos de direção, cinco membros passaram a fazer parte da Sociedade Federal: Cândido Gonçalves Gomide, Antônio da Silva Prado, José Gomes de Almeida, Manuel Costa de Almeida e Manuel Joaquim Leite Penteado.

Sobre isso Antônio Borges da Fonseca fez duras críticas aos liberais da Sociedade Federal. No mais ácido tom de desprezo, em uma das edições do seu jornal chegou a dividir a Sociedade Federal em três grupos: o "daqueles cujo caráter duro e sanguinário é patente; o daqueles que nada são pela sua ignorância e alguns até pela estupidez; e o dos pensadores, que é uma pequena parte"[493]. Não é demais lembrar que o próprio Borges da Fonseca fora membro da Defensora, que reunia em seu corpo membros cujo antagonismo partidário era evidente. Tanto que Paulo Pereira de Castro apontou a existência de duas tendências políticas entre os liberais da Defensora, uma mais moderada, "de inspiração jeffersoniana, como Borges da Fonseca", e outra mais exaltada, que tocava nos "ressentimentos de classe e de raça", que agitava a "populaça" com "promessas de uma nova ordem social"[494], como Cipriano Barata e Ezequiel Correia dos Santos.

4.6 HARMONIZADORES E DEFENSORES

Otávio Tarquínio de Sousa pontua que a Defensora foi um instrumento de ação política dos moderados com tamanha flexibilidade que foi capaz de se espalhar por todas as províncias do Império[495]. Por conta dessa ductilidade a Defensora conseguia exercer influência em governos regionais sem necessariamente precisar instalar uma sucursal nas respectivas províncias, caso aparentemente contrário da Sociedade Federal.

---

[492] O Repúblico nº 67 de 19 de maio de 1831.

[493] O Repúblico s/n de maio de 1832. Observação: números e datas de várias das edições de maio e junho de 1832 no acervo da Biblioteca Nacional estão apagados e/ou ilegíveis.

[494] CASTRO, Paulo Pereira de. A "experiência repúblicana", 1831-1840. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de. História Geral da Civilização Brasileira, Tomo II, 2º volume: Dispersão e Unidade. São Paulo: DIFEL, 1978, p. 10.

[495] SOUSA, Otávio Tarquínio de. Op cit., 2015, p. 106.

Provas documentais para atestar com clareza a influência da Defensora na Sociedade Patriótica Harmonizadora são poucas, mas não insignificantes. Reduzidas a poucas edições publicadas pelo *Olindense*, apenas três delas falam, num mesmo texto, simultaneamente sobre ambas as Sociedades[496]. Uma dessas edições contém uma transcrição pouco detalhada da ata de uma das sessões da Harmonizadora em que um dos membros fez a leitura de uma carta enviada pela Defensora à cúpula da Harmonizadora[497]. Nessa transcrição nada se fala sobre a natureza desta carta. Mas, em outra edição, o *Olindense* fez uma transcrição completa de um ofício enviado pela Defensora à Harmonizadora, que dizia que "a Sociedade Defensora do Rio de Janeiro espera da vossa parte uma igual retribuição e que ajudeis com vossos conselhos para o bom desempenho da obra que empreendemos"[498].

A "obra" que empreendiam era enfraquecer os grupos liberais exaltados, cuja ação política era "sustentada por vagabundos e assassinos"[499]. Era a criação de uma aliança para destruir aquela malha interprovincial da Sociedade Federal. A Defensora agiria na Corte, ao passo que a Harmonizadora agiria em Pernambuco. Assim seria possível evitar a "nova revolução" que buscava "fracionar o Brasil em pequenos Estados, [...] como as miseráveis repúblicas do Rio da Prata"[500]. Em face disso, sem correr riscos de anacronismo, é possível apontar a existência de uma malha política bem estruturada dos moderados nas arenas informais da política. Pode parecer que sejam indícios frágeis, mas, quando se consulta os estatutos de ambas as associações é possível notar enormes semelhanças[501]. Como determinavam os artigos 2º e 3º do estatuto da Harmonizadora, a sociedade tinha a finalidade de "sustentar a liberdade legal e promover a ordem pública e a harmonia dos cidadãos", empregando "os meios que julgar mais convenientes e proveitosos", todavia, respeitando os limites das Leis[502]. Estes artigos têm uma relevante semelhança com os artigos dos estatutos da Defensora: o 10º, no estatuto da sede da cidade do Rio de Janeiro, apontava que "a Sociedade auxiliará a ação das autoridades

---

[496] Olindense nº 85 de 28 de fevereiro de 1832; nº 110 de 01 de junho de 1832; nº 112 de 08 de junho de 1832.
[497] Olindense nº 85 de 28 de fevereiro de 1832.
[498] Olindense nº 110 de 01 de junho de 1832.
[499] Olindense nº 110 de 01 de junho de 1832.
[500] Olindense nº 110 de 01 de junho de 1832.
[501] O estatuto da Harmonizadora foi publicado no periódico recifense O Constitucional nº 46 de 09 de Junho de 1831. As atas da fundação e das primeiras sessões, relação dos membros fundadores e estatutos provisórios da Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional, iniciada no Rio de Janeiro, aos 10 de maio de 1831, está presente no acervo da Biblioteca Digital Luso-Brasileira, disponível em: https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/426917 . O estatuto da Defensora da Vila de Mangaratiba foi publicado em documento próprio e pode ser consultado no acervo digital da Biblioteca do Senado Federal, disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242458
[502] O Constitucional nº 46 de 09 de Junho de 1831.

públicas todas as vezes que se faça preciso a bem da ordem e da tranquilidade" e quando julgassem a necessidade de medidas maiores "a Sociedade as reclamará somente pelos meios legais"[503]; o 2º, no estatuto da sede da Vila de Mangaratiba, indicava que a principal finalidade da sociedade seria "sustentar por todos os meios legais a liberdade e a independência nacional, [...] a bem da manutenção da ordem e da tranquilidade"[504].

Para mais, em outros trechos é possível identificar mais indícios que corroboram a hipótese de que os moderados construíram uma malha política bem estruturada nas arenas informais da política: o artigo 11º do estatuto da Defensora determinava que "a Sociedade procurará corresponder-se com outras sociedades da mesma natureza, que se estabelecerem em qualquer ponto da Província ou fora dela"[505]. Não é demais lembrar que o estatuto da Harmonizadora apontava que a referida sociedade seria composta de, ao menos, duzentos membros efetivos "residentes na província [...] e fora dela"[506]. Além disso, tomo como mais um indício revelador da existência de uma malha política interprovincial construída pela Sociedade Patriótica Harmonizadora e outras sociedades moderadas o artigo 32º do estatuto da Harmonizadora, que determinava que a sociedade teria "uma casa na capital da província, com os seus competentes arranjos, para nela exercer seus trabalhos" e para acolher membros e correspondentes[507]. Todavia, não pude localizar nenhuma informação a respeito desta casa, se continuaria sendo àquela mesma casa da senhora Ana Francisca de Paula, ou a de algum outro membro. Contudo, são vestígios que corroboram aquela análise de Otávio Tarquínio de Sousa sobre a flexibilidade e influência da Defensora, como foi exposto nas páginas anteriores.

Além disso, segundo o General Abreu e Lima, a ação política da Defensora era mais forte que a do próprio Governo[508]. Usando as sociedades públicas como instrumentos de influência, as facções puderam atuar de maneira mais estruturada no início da década de 1830. Antes disso as facções pareciam travar o funcionamento do

[503] Atas da fundação e das primeiras sessões, relação dos membros fundadores e estatutos provisórios da Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional, iniciada no Rio de Janeiro, aos 10 de maio de 1831. Presente no acervo da Biblioteca Digital Luso-Brasileira, disponível em: https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/426917

[504] Estatutos da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional. Presente no acervo digital da Biblioteca do Senado Federal, disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242458

[505] Atas da fundação e das primeiras sessões, relação dos membros fundadores e estatutos provisórios da Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional, iniciada no Rio de Janeiro, aos 10 de maio de 1831. Presente no acervo da Biblioteca Digital Luso-Brasileira, disponível em: https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/426917 . Ou também o artigo 3º dos Estatutos da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional. Presente no acervo digital da Biblioteca do Senado Federal, disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242458

[506] O Constitucional nº 46 de 09 de Junho de 1831.

[507] O Constitucional nº 46 de 09 de Junho de 1831.

[508] ABREU E LIMA, José Inácio de. Op cit., 1843, p. 87-90.

Estado, que, por outro lado, acusava-as como responsáveis pela instabilidade social e econômica do Império. Quando as facções moderadas se uniram em um único ‘partido’, sob a identidade da sociedade Defensora, e fizeram barganhas com o Governo, essas disputas pareceram finalmente ter cessado. Atuando com mais influência na estrutura formal do Estado, as facções moderadas, por um momento, pareciam ter sufocado a atuação das suas rivais. Mas por pouco tempo. Logo os exaltados e os restauradores também se articulariam em sociedades públicas. Sob um único ‘partido’ os moderados puderam colocar em prática aquele “congraçamento político”[509]. Mas não sem receber críticas dos membros do próprio partido, como Borges da Fonseca[510].

“O Governo pôde marchar sem o tropeço das facções”[511], mas não tão livremente. As sociedades públicas exerceram diversas mudanças no Estado. A influencia dessas associações foi tamanha no Parlamento e nos gabinetes dos Governos provinciais que elas pareciam verdadeiramente governar o Brasil durante os primeiros anos das Regências. Eram, em verdade, “outro Estado no Estado”[512]. Assim, ao contrário do que pensavam os conselhos dos Governos provinciais no início daquela década, as facções não estavam extintas, apenas se estruturaram de forma mais sofisticada quando formaram as sociedades públicas, durante aquele “surto associativista”[513].

Símbolo da expansão da influência e flexibilidade da Defensora era Evaristo Ferreira da Veiga. Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1799, Evaristo foi caixeiro da loja de livros do seu pai e, após alguns anos, fundou uma loja do mesmo ramo. Versado em vários idiomas, formou-se no Seminário de São José, onde se dedicou a estudos de economia, política e jornalismo. Redator da *Aurora Fluminense*, alcançou enorme influência e prestígio entre a população, o que lhe rendeu três eleições ao cargo de Deputado, duas por Minas Gerais e uma pelo Rio de Janeiro, entre 1830 e 1837. Representante da ala moderada, redigiu a Representação de 17 de março de 1831, que foi assinada por vinte e três Deputados e um Senador, logo tornando-se um marco das críticas a Pedro I e influência direta da Abdicação[514]. Por conta de sua postura moderada — e também do fervente clima partidário da época — foi alvo de um atentado de inimigos políticos em novembro de 1832, quando recebeu tiros de pistola dentro da sua

---

[509] WERNET, Augustin. Op cit., 1978, p. 75.
[510] O República s/n de maio de 1832. Observação: números e datas de várias das edições de maio e junho de 1832 no acervo da Biblioteca Nacional estão apagados e/ou ilegíveis.
[511] ABREU E LIMA, José Inácio de. Op cit., 1843, p. 88.
[512]Ibid, p. 88.
[513] BASILE, Marcello. Op cit., 2009, p. 66.
[514] BONAVIDES, Paulo; AMARAL, Roberto. Textos Políticos da História do Brasil. 3ª ed. Brasília: Senado Federal, 2002, p. 880-2.

própria livraria. Foi um dos fundadores e membros mais importantes da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional[515].

Mas a influência de Evaristo da Veiga nos rumos da política regencial não acontecia somente por intermédio da Defensora. Como já foi destacado anteriormente, após o 7 de abril várias agremiações políticas surgiram em todo o Império e a várias Evaristo se vinculou[516]. Otávio Tarquínio de Sousa, que era notadamente um profundo admirador de Evaristo, indicou que ele era um dos mais racionais moderados da época, que não se deixava "pender para um dos extremos"[517], mesmo que fosse mais cômodo. Durante o início da Regência, quando a atividade de imprensa se multiplicou de maneira espantosa pelas províncias, os jornais que já existiam antes do 7 de abril passaram a adotar uma postura mais agressiva, por vezes até injuriosa — lembremos a maneira como a reputação do Brigadeiro Paula, que tanto trabalhara para por em ordem os quartéis pernambucanos, foi reduzida a pó após a Setembrizada. A 'nova' imprensa regencial adotava uma postura mais partidária, sem o menor receio em espalhar confusão e discórdia entre a população. Mas Evaristo da Veiga, não abandonando a redação do seu jornal após ser eleito Deputado, remava contra essa maré: "não lhe bastava o texto legal consagrando [...] o liberalismo; queria preparar os espíritos, elevar o nível moral e intelectual do país para que as leis sábias não fossem apenas letra morta"[518].

Em face disso, pude ter uma melhor interpretação sobre as articulações políticas das facções nos primeiros anos do Período Regencial. A princípio, o que se notava na documentação consultada era que apenas as sociedades públicas das facções exaltadas construiam redes políticas interprovinciais. Parecia ser a única estratégia viável, tendo em vista que, por ficarem espremidos entre os rivais no Parlamento, os exaltados buscaram formar um corpo robusto nos espaços informais da política. Mas foi um breve equívoco. Naquela azeda atmosfera da vida política regencial, mesmo dominando o Parlamento e sendo símbolo da centralização do poder, os moderados perceberam que era fundamental atuar também nas arenas informais da política cotidiana. Assim, foi possível notar que não foi só a Sociedade Federal que formou alianças em outras

---

[515] BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Diccionario bibliographico brazileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. II, 1893, p. 311.
[516] Foi um dos fundadores da Sociedade de Instrução Elementar, que se dedicava mais ao desenvolvimento intelectual e ao conhecimento das teorias liberais do que à influência nas decisões do Governo. Foi também um dos primeiros membros da Sociedade Amante da Instrução e da Sociedade Filomática do Rio de Janeiro.
[517] SOUSA, Otávio Tarquínio de. Op cit., 2015, p. 108.
[518]Ibid, p. 108.

províncias, a Sociedade Patriótica Harmonizadora, apesar de não abrir outras sedes, também atuou de forma semelhante, e sua aliança com a Defensora evidencia isso. Mas, enquanto moderados e exaltados disputavam entre si propostas para a consolidação ou reforma do Estado imperial, os absolutistas conspiravam pela restauração do reinado absoluto de Pedro I. Ressuscitando a sociedade secreta Coluna do Trono e do Altar, os adeptos do ex-Imperador lideraram revoltas que por muito tempo atormentaram a vida política das províncias do Nordeste.

4.7 ENTRE A HARMONIZAÇÃO E A FEDERAÇÃO, OS RESTOS DA NEFANDA COLUNA.

A Novembrada tinha reunido todo o espírito antilusitano mais exaltado da época em um único grupo, o Partido das Cinco Pontas, ao passo que era também uma ameaça à manutenção do mando político. A ala moderada, formada pela aristocracia pernambucana, procurou apoio para manter-se na condução dos rumos políticos da província. Assim, a Novembrada foi o marco de uma breve união entre absolutistas, muitos dos quais portugueses, e moderados. Aponta Manuel Correia de Andrade que a elite pernambucana esquecera “as velhas ofensas” e aceitara como aliados os mais ferrenhos adeptos do ex-Imperador[519]. Mas isso não significava que os moderados assumiriam as pautas restauradoras como projeto político. Pelo contrário, o projeto moderado atendia somente às próprias pretensões. Uma revolta de caráter restaurador, em abril de 1832, marcou o rompimento desse pacto. Os restauradores buscaram novas alianças dentro e fora da Província. Até mesmo com os maiores rivais políticos da época, a parcela mais extremista dos liberais exaltados.

Sobre as alianças entre restauradores e exaltados é importante estabelecer um breve parênteses, a fim de evitar problemas historiográficos. Ora, após a ala moderada obter todo o lucro final do 7 de abril, Pernambuco foi palco de uma série de movimentos que representaram a mais pura rebeldia das duas alas derrotadas, a exaltada e a absolutista. À vista disso, é possível notar que membros das duas alas, vez ou outra, apareciam em movimentos de tendências políticas contrárias. Os irmãos Carneiros eram, talvez, os maiores exemplos disso. Eram notáveis modelos da constante mudança de posicionamento político da época, ora integrados à ala exaltada, ora à reacionária. Eram “tipos acabados de aventureiros políticos”, como indicou Amaro Quintas[520]. Mas não são

[519] ANDRADE, Manuel Correia de. Op cit., 1965, p. 28.
[520] QUINTAS, Amaro. Op cit., 1978, p. 205.

os únicos exemplos. O General Abreu e Lima também foi um desses que se integrou a movimentos de diferentes tendências políticas, que eram “o sinal de um movimento geral”, segundo suas próprias palavras em correspondência pessoal a seu irmão — que de alguma maneira chegou às mãos do editor do *Diario de Pernambuco*[521].

Até aquele momento, as disputas políticas em Pernambuco estavam bem delineadas: “tornaram-se as duas sociedades — a Harmonizadora e a Federal — dois verdadeiros partidos”[522]. Mas, enquanto moderados e federalistas disputavam o timão da política provincial, os restauradores conspiravam. Em maio de 1831 a carta que a gente reunida em Olinda mandou ao Conselho do Governo pedia a demissão de vários empregados públicos[523], sob a acusação de comungarem com a Coluna do Trono e do Altar, uma sociedade secreta absolutista fundada em meados de 1829 — não há consenso sobre o ano de fundação da referida sociedade secreta. Pelo que apontou Antônio Joaquim de Melo, a Coluna foi criada pelo próprio Pedro I em 1828, em busca de apoio para livrar-se da Constituição, “o Trambolho”, como chamavam os absolutistas[524]. Em uma matéria publicada no *Diario de Pernambuco* Pereira da Costa afirmou que ela foi criada em novembro de 1828[525]. Apesar disso, no seu *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres* ele mesmo apontou que ela fora criada em 1831 — um pequeno equívoco, já que em 1830 a Coluna já era citada em diversas matérias da imprensa pernambucana. Alfredo de Carvalho indica que sua criação data de 1829[526]. Posto isso, o que sabemos com exatidão é que a Coluna do Trono e do Altar causou enorme rebuliço na vida política pernambucana. Não pretendo ser redundante, mas não é demais relembrar que qualquer pessoa que fosse minimamente suspeita ou acusada de defender a restauração do reinado de Pedro I era sempre chamada de “Coluna”.

Entre os citados daquela carta de maio de 1831 estava o Tenente Coronel Francisco José Martins[527]. Tendo ganhado destaque após a participação na repressão da Confederação do Equador, Martins passou a ser símbolo do ódio público dos

---

[521] Diario de Pernambuco nº 292 de 12 de janeiro de 1834.

[522] ANDRADE, Manuel Correia de. Op cit., 1965, p. 27.

[523] Representação do povo enviada ao Presidente do Conselho do Governo, exigindo a demissão de empregados públicos, em 06 de maio de 1831. Presente no Acervo Digital da Biblioteca Nacional: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=27868

[524] MELLO, Antônio Joaquim de. Op cit., 1985, p. 266-7. Disponível em: https://archive.org/details/biographiadeger00mellgoog/page/n6

[525] *Diario de Pernambuco* nº 136 de 18 de junho de 1902

[526] CARVALHO, Alfredo de. Op cit., 1908. Disponível em: https://archive.org/details/annalesdaimpren00carvgoog/page/n9

[527] Representação do povo enviada ao Presidente do Conselho do Governo, exigindo a demissão de empregados públicos, em 06 de maio de 1831. Presente no Acervo Digital da Biblioteca Nacional: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=27868

pernambucanos. Mas, após seu afastamento do cargo de Tenente Coronel, Martins ainda voltaria a ser figura de destaque nos acontecimentos da velha Província. Em 14 de abril de 1832 rebentou na cidade do Recife uma revolta em defesa da restauração do reinado absoluto de Pedro I. Sob a direção de Martins, milícias de paisanos e batalhões de soldados portugueses adotivos tomaram as armas e logo ficaram senhores do Bairro do Recife[528].

4.7.1 A Abrilada

Até a época em que Maximiano Lopes Machado publicou seu clássico ensaio sobre a Abrilada[529], parecia que os historiadores pouco notavam a complexa trama que envolvia esta revolta, apontando-a como simples exemplo do "espírito pernambucano, feroz e sanguinário, afeito a cenas de carnificina e horror, como por tantas vezes enlutaram a Província"[530]. Mas a Abrilada tomou enormes proporções, conseguindo adesão em vilas do interior da Província. Indícios apontam até mesmo a existência de planos para buscar o apoio de Joaquim Pinto Madeira, que naquele momento liderava uma revolta que se tornou verdadeira guerra civil no Cariri Cearense. A revolta rompeu em vários focos, Vitória de Santo Antão, Bonito, Bezerros e Caruaru, o que revela uma complexa trama dos restauradores. Apesar disso, no Recife ela teve que acontecer às pressas, o que relativamente facilitou a ação repressiva do Governo. Maximiano Lopes afirmou que "impaciência" apressou a Abrilada[531]. Mas, em verdade, ela foi antecipada por conta das medidas preventivas que o Presidente da Província tomou por sentir o clima de insegurança que pairava nos batalhões de milicianos, que ocupavam os quartéis desde a Setembrizada. O Conselho do Governo sabia bem que aquelas Tropas eram formadas, em grande parte, por portugueses e 'colunas', tanto que o Presidente da Província ordenou que todas as casa de portugueses fossem revistadas e todo o armamento encontrado fosse apreendido[532]. Na interiorização, onde encontrou a forte liderança do Capitão-Mor Domingos Lourenço Torres Galindo — que há meses já era convocado pelo Conselho do Governo para prestar esclarecimentos sobre as acusações de ser "partidário do faccioso Joaquim Pinto Madeira", para quem fornecia

[528] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Império nº 19, 18/04/1832.
[529] MACHADO, Maximiano Lopes. O 14 de abril de 1832 em Pernambuco. *In*: Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, nº 38, 1890, p. 37-66.
[530]Ibid, p. 37.
[531] MACHADO, Maximiano Lopes. Op cit., 1890, p. 38
[532] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 35 (1832), 15/04/1832.

armamento[533] —, a Abrilada se estabeleceu por longo tempo, firmando os indícios de que ela tenha sido o início da Cabanada.

Mas, deixando de lado apenas por um momento as disputas das elites políticas, como podemos explicar as mudanças do clamor público, que passou a apoiar os projetos absolutistas dos restauradores? Para compreendermos isso precisamos recuar um pouco em nossa narrativa, indo para os últimos momentos de 1831, no Cariri, 'oásis' do Sertão, quando Tropas lideradas por Joaquim Pinto Madeira e o Padre Antônio Manuel de Sousa invadiram a Vila do Crato, sede da Comarca do Cariri Cearense. Armados com cacetes e punhais e "sedentos de vingança"[534], esses homens espalharam o horror entre a população e seus crimes tiveram fama por todas as Províncias circunvizinhas[535]. Segundo Ana Cortez Irffi as notícias da época diziam que essas tropas — chamadas nas fontes oficiais de Cabras[536] — eram formadas por "homens de Jardim, inconformados com a Abdicação de Pedro I, [...] que teria sido obrigado a deixar o cargo e voltar para Portugal"[537]. Essa invasão marcou o início de uma guerra civil, que ficou conhecida na historiografia como Revolta de Pinto Madeira, que durou até meados de outubro 1832.

4.7.2 No Ceará: a Revolta de Pinto Madeira pode ajudar a entender a Abrilada?

Por volta de 1814 o povoado de Barra do Jardim pertencia aos domínios administrativos da Vila do Crato. Além das notáveis rivalidades de ideologia política — Barra de Jardim era lar de inúmeros absolutistas, tanto que lá foi fundada uma sucursal da Coluna do Trono e do Altar[538], ao passo que na Vila do Crato os liberais gozavam de grande estima entre a população — as elites rurais cearenses frequentemente disputavam cargos de influência na administração pública. Numa disputa pelo cargo de Capitão-Mor do Cariri, cargo este que gozava de enorme prestígio e capital político, José Alexandre

[533] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 35 (1832), 09/04/1832.
[534] Diario de Pernambuco nº 307 de 09 de fevereiro de 1832.
[535] Diario de Pernambuco nº 249 de 23 de novembro de 1831.
[536] Denominação que estava carregada de um racismo velado e que definia a hierarquia social da província cearense. Indica Ana Cortez Irffi que "a percepção das marcas da mestiçagem, com o tempo, não se restringiu à tonalidade de pele da população, mas às implicações de uma malfadada herança que podia impedir o progresso do povo" (2017, p. 201). Assim, desenhou-se a categoria denominada Cabra, que unia sob uma única palavra todas as marcas dessa herança e representava toda a mazela social do Cariri Cearense. Ver: CORTEZ IRFFI, Ana Sara R. P. Pinto Madeira e seu 'exército de Cabras': conflitos políticos e sociais no Cariri cearense pós-Independência. In: CLIO: Revista de Pesquisa Histórica. Recife: UFPE, ISSN: 2525-5649, n. 35, 2017, p. 200-224.
[537]Ibid, p. 201.
[538] Diario de Pernambuco nº 281 de 04 de janeiro de 1830.

Correa Arnaud, jardinense, envolveu-se em diversos conflitos com cratenses[539]. Após essas acirradas disputas, Arnaud enviou à Corte uma solicitação para o desmembramento da Povoação de Barra do Jardim da administração cratense. Em 1814, pelo Alvará Régio de 30 de agosto, o Príncipe Regente elevou em Vila a dita Povoação, "que se ficará denominando Vila de Santo Antônio do Jardim"[540], e passaria a dominar um vasto território que antes pertencia à Vila do Crato.

Após as determinações do Alvará Régio, a Vila do Crato passaria por um abalo econômico e político de grandes proporções. As tensões entre as duas vilas aumentaram, aguardando apenas a menor das motivações para se manifestar. O cenário partidário que se espalhara por todo o Império após a Assembleia Constituinte de 1823, como apontou Jeffrey Needell[541], e principalmente após a Abdicação de Pedro I colocaram os liberais cratenses e os absolutistas jardinenses numa sanguinolenta e encarniçada disputa[542].

A revolta de 1832 teve a liderança de Joaquim Pinto Madeira, um sujeito já bastante conhecido pelos liberais do Crato. Madeira era homem de muitas posses, um dos mais notáveis proprietários rurais da Província do Ceará. Militar de destaque, por anos teve o mando político da região Sul do Sertão cearense, principalmente após liderar a repressão aos rebeldes de 1817 e 1824. Era um dos absolutistas mais famosos — e extremistas — das províncias do Norte e Nordeste, sendo um dos fundadores da sede da Coluna do Trono e do Altar na Vila de Jardim, segundo o *Diario de Pernambuco*[543]. Foi responsável por conduzir os liberais das revoltas de 1817 e 1824 à prisão, em Fortaleza, capital da província. Pelo que aponta a historiografia, durante a viagem Pinto Madeira cometeu graves atos de tortura e humilhação contra os prisioneiros[544]. Delitos nunca perdoados pelos cratenses, que buscaram sua vingança quando tomaram Jardim, colocando os prisioneiros absolutistas "dentro de um quadrado, espancando-os à [sic] cacete até expirarem, arrastando-os pelas pernas e atirando-os dentro da matriz, para serem sepultados"[545]. Em verdade, brutalidades foram cometidas deliberadamente por

---

[539] LEITE, Maria Jorge dos Santos. A influência das revoltas liberais no Cariri Cearense e a "sedição de Pinto Madeira". *In*: XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social. Natal - RN: Anpuh, 2013, p. 5.
[540] Colleção das Leis do Brazil de 1814. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1890, p. 17. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao1.html
[541] NEEDELL, Jeffrey D. Op cit., 2009, p. 5-22.
[542] LEITE, Maria Jorge dos Santos. Op cit., 2013, p. 1-14.
[543] Diario de Pernambuco nº 281 de 04 de janeiro de 1830.
[544] PINHEIRO, Irineu. *Apud* LEITE, Maria Jorge dos Santos. Op cit., 2013, p. 5.
[545] ARARIPE, J. C. Alencar. Jardim, evocações históricas e suaves relembranças. *In*: Revista do Instituto do Ceará, anno CV, 1991, p. 127. Disponível em: https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAnoHTML/1991Indice.html

ambas as partes durante a Revolta de Pinto Madeira. Os absolutistas, por exemplo, quando ocuparam o Crato, saquearam até as igrejas e assassinaram um Padre que rezava uma missa, castrando seu cadáver no meio da rua, “aos insultos de uma cabraiada bêbada”[546].

Foi mencionado no segundo capítulo que uma das mais notáveis características da cultura política do século XIX era a gangorra política. O prestígio que Pinto Madeira desfrutava no Cariri era sustentado pelo Imperador. Quando Pedro I abdicou, Pinto Madeira passou a ser alvo de várias acusações. Em Pernambuco era frequentemente chamado de criminoso e faccioso[547]. Não havia quem defendesse Pinto Madeira, com exceção daqueles dominados pelo fanatismo religioso e pela “cegueira no século 19”, como dizia o redator do *Bússola da Liberdade*[548]. Como dissemos anteriormente, naquela época política e religião eram coisas indissociáveis. Talvez seja justamente a religião um dos mais importantes elementos que possam explicar a reviravolta da opinião pública em 1832. Ora, como explicar a mudança dos anseios populares, que há tanto tempo clamavam por ‘democratização’, que há tanto glorificavam revoltas liberais como a de 1817 e 1824 e que agora passavam a lutar pela restauração de um reinado absolutista? Atribuir essa mudança a um simples “sonambulismo das massas”, fazendo uso da expressão de Mário Márcio[549], é fugir da complexidade da vida política da gente miúda no Período Regencial. Logicamente, o apelo à crença religiosa não explica o *modus operandi* dessa vida política em sua totalidade. Para as elites absolutistas, como o próprio Joaquim Pinto Madeira, ou para aqueles importantes comerciantes e militares portugueses, o poder político da religião era apenas uma ferramenta do mando político. Mas, para o povo a religião tinha importantes representações políticas. Era ela mesma a matriz inconsciente das atitudes e comportamentos das pessoas. E o comportamento político não era uma exceção.

Como bem apontou João Alfredo Montenegro, fazendo referência ao clássico estudo *Sociologie des Révolutions*, de André Decouflé, “em contextos miseráveis aflora, muitas vezes, a capacidade de se engendrarem mitos, cuja florescência e destino podem esclarecer a ‘pré-história’ de inúmeros fenômenos revolucionários”[550]. Indica ainda este

---

[546]Ibid, p. 127.
[547] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 35 (1832), 09/04/1832.
[548] Bússola da Liberdade nº 55 de 25 de janeiro de 1832.
[549] SANTOS, Mário Márcio de Almeida. Op cit., 1982, p. 170.
[550] MONTENEGRO, João Alfredo de S. A Revolta de Pinto Madeira no Ceará: participação dos segmentos sociais marginalizados. *In*: ANDRADE, Manuel Correia de. (org.). Movimentos populares no Nordeste no periódo regencial. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1889, p. 32.

mesmo autor que o governo provincial do Ceará, naquele momento muito integrado aos interesses liberais da Vila do Crato, não "titubeou em exibir manifesta ojeriza" aos absolutistas de Jardim, principalmente aos Cabras, os sujeitos marginalizados que os acompanhavam[551]. Assim, aquela 'cabraiada', tão referida como criminosa, ficava excluída da política formal, o Estado negava-lhes a participação como negociadores políticos. Por conta disso — e em face da estrutura paternalista do período, que se consolidara ainda nos tempos de Colônia — o povo prestou apoio ao Padre Antônio Manuel de Sousa, conhecido como Benze Cacetes, mentor da Revolta de Pinto Madeira.

O dito Padre recorreu fortemente ao imaginário religioso da população, associando toda a mazela da época à quebra das estruturas políticas sagradas. O Benze Cacetes frequentemente associava "Altar e Trono, Deus e Rei, atribuindo à providência divina a ação protetora"[552] do bem estar do Império. Um texto atribuído ao Padre Antônio Manuel de Sousa dizia que os liberais "têm feito viva guerra à religião e ao trono do melhor dos soberanos... O Senhor D. Pedro I"[553]. Soma-se a isso, ainda, a identificação daquelas pessoas com o Padre Antônio . O Benze Cacetes, ao fazer parte daquela revolta, afastava-se das atribuições políticas e jurídicas que a ordem imperial conferia ao clero. Assim, à vista dos despossuídos, o Padre Antônio colocava-se ao mesmo nível de vida sociocultural de toda aquela gente comum — um fenômeno notável também em outras épocas, como em 1817 e 1824. Por conta disso, em 1832, quando a política parecia ser uma continuação da vida religiosa, a contestação aos poderes régios passou a representar um verdadeiro sacrilégio. A conturbação social do Período Regencial seria, no imaginário dos populares que fizeram parte daquela revolta, resultado direto dessa profanação — além, obviamente, das já citadas rivalidades entre as alas políticas.

4.7.3 A aliança restauradora e as medidas preventivas do Governo

Indícios apontam que os restauradores pernambucanos buscaram o apoio de Pinto Madeira e seus Cabras para a Abrilada. É o que se verifica em um ofício do Presidente da Província da Paraíba ao Presidente da Província de Pernambuco, que deveria ser distribuído a todos os Juízes de Paz, alertando sobre a possibilidade das forças de Pinto Madeira se espalharem pelas províncias circunvizinhas. Semelhante ofício foi mandado

---

[551]Ibid, p. 33.
[552]Ibid, p. 34.
[553] SANTANA, Nelcia Turbano. *Apud* LEITE, Maria Jorge dos Santos. Op cit., 2013, p. 8.

a outras províncias próximas. O Presidente paraibano sugeria que os Juízes de Paz deveriam examinar "cuidadosamente se nesses distritos há perturbadores ou emissários [de Pinto de Madeira]". Dizia ainda que, sendo encontrado qualquer indício de trama dos absolutistas, "os Comandantes Geral [sic] e de Esquadras conservem sempre prontos os Guardas Municipais para o exato desempenho das ordens do Governo". Essas tropas deveriam prender imediatamente Joaquim Pinto Madeira, "esse monstro detestável, caso passe ele por o Distrito que lhe pertence"[554].

Era mais que um simples temor, o Conselho do Governo de Pernambuco sabia bem das tramas dos restauradores. Sabia até mesmo dos planos de Torres Galindo. Assevera isso a ata da sessão do Conselho do Governo de 10 de abril de 1832, quando o Presidente da Província apresentou aos conselheiros uma carta que recebera do Juiz de Paz de Bonito em que dizia que Torres Galindo já estava "seduzindo os povos a se unirem ao faccioso Pinto Madeira"[555]. No dia anterior o Presidente já havia escrito um ofício ao próprio Torres Galindo, ordenando que se apresentasse "sem demora perante o Governo", entregando todo o armamento que dispunha ao Comandante das Ordenanças[556]. Nessa ocasião o Presidente da Província temia que Torres Galindo estivesse 'apenas' fornecendo armamento aos Cabras de Pinto Madeira. Mas a situação era ainda mais grave. No ofício do Juiz de Paz de Bonito, o Conselho do Governo recebeu a notícia de que o próprio Madeira enviava tropas de Cabras de Jardim para ajudar nos planos dos restauradores pernambucanos.

Apesar de não ficar explícito nos documentos do Governo que foram analisados, é necessário destacar a possibilidade de haver trocas, no sentido de barganha mesmo, entre os restauradores de Pernambuco e do Ceará. Os vestígios sugerem isso. A maior parte do exército de Cabras de Pinto Madeira era armada com cacetes e punhais, que, apesar de benzidos pelo Padre Antônio, eram insuficientes para resistir à repressão do Governo, que à essa altura já começava a fechar o cerco. Na brutal guerra civil em que se tornara a Revolta de Pinto Madeira, dispor de armamento e cartuchame para não perecer diante das forças liberais da Vila do Crato era extremamente importante. Em contrapartida, Torres Galindo buscava apoio popular para derrubar o 'novo' Governo. Nos planos dos restauradores pernambucanos a revolta deveria acontecer simultaneamente em vários focos. Martins lideraria no Recife, ao passo que Torres

---

[554] Diario de Pernambuco nº 249 de 23 de novembro de 1831.
[555] Ata da sessão extraordinária do Conselho do Governo de 10 de abril de 1832, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834).
[556] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 35 (1832), 09/04/1832.

Galindo lideraria no interior. O apoio das massas populares era de extrema importância para o sucesso dessa empreitada. Não é demais lembrar que estes homens eram militares experientes e que há tão pouco tempo tinham assistido ao massacre de uma sedição militar que fora mal planejada — a Setembrizada. Por isso buscaram o apoio de Joaquim Pinto Madeira e do Padre Benze Cacetes, responsáveis por seduzir uma enorme massa de despossuídos sob a bandeira do absolutismo.

Com base nisso podemos apontar ainda que, apesar da ordem do Ministro Visconde de Alcântara em 12 de dezembro de 1829, que determinava o fechamento da Coluna do Trono e do Altar e que se "prosseguisse contra os criminosos" que dela faziam parte[557], a referida sociedade ainda atuava de maneira bem estruturada. Deveras, considerando que dela faziam parte homens de posições importantes na Província pernambucana — militares graduados, padres, magistrados e grandes comerciantes, segundo Manuel Correia de Andrade[558] —, sua campanha contra o liberalismo continuaria, apesar de maneira ainda mais secreta. Por tanto se esquivar das vistas do Governo provincial, restam poucos vestígios da atuação da Coluna em Pernambuco durante o Período Regencial. Nos ofícios do Governo após 1829 ela só volta a ser citada quando a sedição liderada por Martins tomou a Fortaleza do Brum em abril de 1832[559]. Nesta ocasião o Presidente da Província enviou ofícios aos Juizes de Paz da Várzea, Beberibe, Poço da Panela, Muribeca, Sirinhaém, Pau do Alho, Goiana, Igaraçu e Afogados, todos no mesmo dia, para alertar que uma facção que se auto intitulava Coluna havia levantado o estandarte da revolta[560].

Por outro lado, nas matérias dos jornais, a Coluna, a "raça de apóstolos de satanás"[561], vez ou outra, ainda era citada. Apesar da linguagem incendiária que transparecia, sem o menor pudor, as rixas políticas, a imprensa exaltada de Pernambuco frequentemente acusava — sem provas, é verdade, mas não se pode ignorar — que "membros dispersos da Sociedade Coluna"[562] ainda se reuniam e ameaçavam a liberdade. É importante lembrar, ainda, do tal Senhor Coló, que reunia "nos domingos e dias santos toda a malta columnatica em sua casa"[563]. Assim, podemos notar que, entre a federação e

---

[557] PEREIRA DA COSTA. Reminiscências histórico-pernambucanas XXIX: Sociedades Secretas. *In*: Diario de Pernambuco nº 136 de 18 de junho de 1902.
[558] ANDRADE, Manuel Correira de. Op cit., 1971, p. 49.
[559] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 35 (1832), 15/04/1832.
[560] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 35 (1832), 15/04/1832.
[561] O Federalista nº 13 de 30 de maio de 1832.
[562] Bússola da Liberdade nº 80 de 22 de abril de 1832.
[563] Sentinella Pernambucana In: Diario de Pernambuco nº 152 de 18 de julho de 1831.

a harmonização, "os restos da nefanda Coluna"[564] conspiravam para trazer de volta ao trono Pedro I, ou transformar Pedro II no "segundo Pedro"[565].

No entanto, o Governo pernambucano sentia o espectro conspiratório que pairava os quartéis e, por conta disso, tomou diversas providências para evitar que cenas de desordem novamente assombrassem a província. Desde que as primeiras notícias da sedição de Pinto Madeira chegaram ao Recife, o Presidente da velha província tomou providências para evitar que aquele movimento conquistasse adeptos em Pernambuco. Ainda em novembro de 1831, mesmo com toda a fraqueza que acometia o Governo e diante da iminente ameaça do Partido das Cinco Pontas, o Presidente da província pernambucana já enviava ofícios ao Governo do Ceará, relatando que estava tomando medidas para descobrir e prender facciosos de Pinto Madeira[566]. Aponta Manuel Correia de Andrade que o Presidente da Província chegou a dissolver o Batalhão 17, que chegara há pouco tempo da Província do Rio Grande do Sul, por desconfiar que o Coronel José Joaquim Coelho, um português que tivera destacada liderança na repressão da Confederação do Equador, pudesse influenciar os soldados a participar da conspiração restauradora[567]. Soma-se a isso ainda as suspeitas de que no Sul de Pernambuco e Norte das Alagoas um tal João Batista de Barra Grande era partidário de Pinto Madeira e planejava pôr em prática táticas de guerrilha e estabelecer o domínio da região. Por conta disso o Presidente alertou o Juiz de Paz da Freguesia do Una a tomar providências para evitar que as desordens do tal João Batista abalassem a ordem pública[568].

Em face disso, o Presidente da Província enviou ofícios às Câmaras Municipais para recrutar "cidadãos que forem de boa conduta e que anseiam em alistar-se no Corpo das Guardas Municipais Voluntárias"[569]. Buscava, assim, criar uma 'reserva' de forças militares, que fosse capaz de conter qualquer eventual perturbação vinda das tropas de portugueses e colunas que ocupavam os quartéis desde a Setembrizada. O Corpo dessas Guardas Municipais deveria ser formado por, pelo menos, 500 praças a pé e a cavalo[570].

Mas esta medida teve, à primeira vista, um infeliz resultado. Todavia, não era inesperado. Durante a sessão do Conselho do Governo de 11 de janeiro de 1832 o Conselheiro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque manifestou oposição à

[564]Diario de Pernambuco nº 221 de 17 de outubro de 1831.
[565] Sentinella Pernambucana In: Diario de Pernambuco nº 152 de 18 de julho de 1831.
[566] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 34 (1831), 07/11/1831.
[567] ANDRADE, Manuel Correia de. Op cit., 1965, p. 32.
[568] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 35 (1832), 13/01/1832.
[569] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 35 (1832), 20/01/1832.
[570] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 35 (1832), 20/01/1832.

decisão do Conselho de criar uma tropa de voluntários. Pelo que consta na ata da sessão, Francisco de Paula aconselhava que seria mais sensato que o corpo dessas guardas fosse composto de "oficiais de 1ª Linha que merecessem a confiança do Conselho", somente na falta destes é que deveriam recorrer aos de 2ª Linha ou paisanos voluntários[571]. Mas o Conselheiro Cavalcanti foi o único a votar contra a decisão do Presidente. Assim, na sessão seguinte, talvez como punição pela manifesta oposição, o Conselho nomeou para o Comando Geral das Guardas Municipais Voluntárias justamente o Conselheiro Cavalcanti. Em decorrência disso, Francisco de Paula afirmou estar com tão débil saúde que não seria capaz de executar as obrigações do Comando Geral, o que não fez o Conselho abandonar a decisão[572]. Assim, apesar de tanto aconselhar contra a criação das guardas voluntárias, o Conselheiro Cavalcanti ficou responsável pelo Comando Geral daquelas tropas. Apenas alguns dias após, Francisco de Paula, que passou a contar com o apoio de Maciel Monteiro — ambos eram sócios da Harmonizadora, como se pode notar no Quadro 3, na página 103 —, voltou a alertar o Conselho sobre os perigos desta medida, que poderiam produzir "maus resultados nos ânimos dos oficiais de 1ª Linha"[573]. Os Conselheiros Melo e Deão disseram que "nenhuma razão ou motivo plausível viam para o Conselho, de um dia para o outro, mudar de opinião"[574]. Após "larga discussão ficou o negócio vencido" e o Conselho manteve sua decisão[575]. Instantaneamente Francisco de Paula tornou a pedir dispensa do Comando Geral, alegando motivos de saúde, pedido que, desta vez, o Conselho atendeu, nomeando como Comandante Geral o Tenente-Coronel Manoel Cavalcante de Albuquerque[576].

Essas decisões do Conselho do Governo tiveram um efeito desastroso por toda a província. Se a pressa não tivesse tomado os restauradores do Recife, certamente essa história teria um desfecho ainda mais trágico. Num golpe de sorte, essas medidas — que foram tomadas para *evitar* uma revolta — fizeram os conspiradores pernambucanos antecipá-la, facilitando a ação repressora do Governo. Como apontamos anteriormente, a

---

[571] Ata da sessão extraordinária do Conselho do Governo de 11 de janeiro de 1832, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834).
[572] Ata da sessão extraordinária do Conselho do Governo de 14 de janeiro de 1832, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834).
[573] Ata da Sessão extraordinária do Conselho do Governo de 18 de janeiro de 1832, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834).
[574] Ata da Sessão extraordinária do Conselho do Governo de 18 de janeiro de 1832, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834).
[575] Ata da Sessão extraordinária do Conselho do Governo de 19 de janeiro de 1832, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834).
[576] Ata da Sessão extraordinária do Conselho do Governo de 19 de janeiro de 1832, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (1821-1834).

Revolta de Pinto Madeira não foi mera influência para a Abrilada, ambas faziam parte de um mesmo plano. Mas, por receio de que as medidas do Governo impossibilitassem a revolta, os restauradores de Pernambuco rebentaram precocemente aquele movimento, quando ainda não dispunham de todo o apoio das vilas e freguesias do interior. Os rebeldes tomaram o Bairro do Recife e ocuparam a Fortaleza do Brum, onde hastearam a bandeira da revolta, declarando ao Governo que, apesar de todos os esforços, a Coluna não fora extinta[577].

4.7.4 14 de abril de 1832: o início da revolta

Em um ofício enviado ao Ministério da Justiça em 18 de abril o Presidente da Província relatava que a Fortaleza do Brum fora tomada sem luta. O Batalhão 53, composto pela maior parte de brasileiros adotivos, "devotos do antigo Governo e denominados Colunas", liderados pelo Coronel Francisco José Martins, tivera entrada "franqueada pelo Comandante José Bernardo Salgueiro". Isso evidencia que aquele movimento tinha sido minuciosamente planejado. Os colunas, mesmo atuando com tanto sigilo, conseguiram o apoio de militares de todos os escalões. A tomada da Fortaleza do Brum corrobora isso. Aquele Forte era, talvez, o mais bem guarnecido do Recife — rememoramos que os membros do Governo procuraram abrigo nele durante a Novembrada — além de dispor de "quase toda [sic] as munições de guerra", como afirmava o relatório do Presidente[578]. Por isso, parece claro que os Comandantes daquele forte tomaram partido com os restauradores.

Após tomado o Forte do Brum os rebeldes logo trataram de isolar o Bairro do Recife. Em posse de machados retiraram todo o madeirame da ponte do bairro de Santo Antônio, cortando assim toda a comunicação com o interior da cidade, e utilizaram sacas de lã como trincheiras para bloquear a estreita faixa de terra que ligava o Bairro do Recife ao Sul de Olinda[579]. Relatou o Presidente da Província que, "à vista do caráter e das crenças políticas das pessoas que figuraram na revolta", por nenhum momento teve dúvidas do que se tratava[580]. Apesar de não ficar precisamente exposto nestas correspondências, o sentido geral que circunda os documentos oficiais dessa época aponta que o Presidente e o Conselho estavam seguros de que aquela revolta era mesmo

[577] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 35 (1832), 15/04/1832.
[578] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Justiça nº 15, 18/04/1832.
[579] MACHADO, Maximiano Lopes. Op cit., 1890, p. 55.
[580] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Justiça nº 15, 18/04/1832.

motivada por uma aliança com Pinto Madeira, tendo em vista as medidas adotadas pelo Governo para evitar a 'importação' do movimento cearense.

Por conta da fortificação dos rebeldes no Bairro do Recife, o Presidente mandou "tocar rebalde", naquela mesma noite, convocando todas as pessoas a unirem-se às forças do Governo. Ao amanhecer do dia 15 a fortificação dos rebeldes encontrava-se completamente cercada de estandartes do Curso Jurídico de Olinda[581]. Mais uma vez aqueles estudantes eram trazidos à baila das armas para conter um motim militar. Além dos estudantes do Curso Jurídico de Olinda, que se fortificaram no Forte do Buraco, o Governo contava também com as Guardas Municipais Permanentes e com o Batalhão 54 de 2ª Linha, responsáveis por guarnecer as praias e entradas do Bairro do Recife, a fim de evitar fugas dos rebeldes, bem como de voluntários da Boa Vista, que observavam de Santo Amaro toda a movimentação nas posições tomadas pelos rebeldes.

As correspondências oficiais do Governo à Regência criam um pequeno problema para a historiografia: nenhum dos relatórios descreveu com clareza como os estudantes do Curso Jurídico conquistaram o Forte do Buraco. Situado na estreita faixa de terra que liga o Bairro do Recife ao Sul de Olinda, os rebeldes logo trataram de montar trincheiras para evitar a tomada desta fortaleza. Mas, pela ausência de relatos sobre o avanço dos estudantes do curso jurídico, podemos apenas especular que, talvez por contar com poucos homens para formar as linhas defensivas, os rebeldes não tiveram força suficiente para lutar em duas frentes e por isso retiraram-se para o Forte do Brum, abandonando as defesas do Norte do Bairro do Recife. Além disso, os relatórios do Presidente nas correspondências para a Corte se contradizem em relação ao avanço das forças legalistas pelo istmo de Olinda. Num primeiro momento, o Presidente afirma que ao amanhecer do dia 15 os rebeldes já avistavam os estandartes do Curso Jurídico de Olinda no Forte do Buraco, sendo que, na mesma correspondência, ele depois afirma que as batalhas só cessaram na manhã do dia 16, quando finalmente as forças do Governo avançaram pelo istmo de Olinda, adotando posição de fogo justamente naquele Forte. Contudo, apesar do choque de informações, sabemos que foi após perder a posição estratégica do Norte que os rebeldes foram derrotados, pois o Forte do Buraco estava posicionado em um terreno mais elevado, causando bastante dano ao Brum[582].

Figura 3 – vista da extremidade norte do Forte do Brum

Figura 4 – Aspecto do interior do Forte do Brum

[581] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Justiça nº 15, 18/04/1832.
[582] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Justiça nº 15, 18/04/1832 e Império nº 19, 18/04/1832.

Fonte: FERREZ, Gilberto. Velhas fotografias pernambucanas, 1851-1890. Rio de Janeiro: Campo Visual, 1988.

Fonte: FERREZ, Gilberto. Velhas fotografias pernambucanas, 1851-1890. Rio de Janeiro: Campo Visual, 1988.

O Governo também tratou de movimentar a escuna Rio da Prata, que foi colocada em posição chave, no flanco das forças inimigas, "ereta sobre o Trapiche da Alfândega e Arco da Conceição", e o brigue Barca Pirajá, que ocupava posição em frente ao Arsenal[583]. Além disso, o Presidente enviou vários ofícios convocando forças do interior a "marcharem com todas as armas que tiverem"[584], além de solicitar ao cônsul inglês toda a pólvora que portasse em terra ou a bordo dos navios britânicos[585].

Diante das forças do Governo os rebeldes não manifestaram pronunciamento. Não se tratava de uma quartelada como fora a do Partido das Cinco Pontas. Não reinvidicaram qualquer coisa, não enviaram cartas, nem sequer fizeram coro dos muros da Fortaleza. Estes homens não queriam negociar com o Governo, mas sim derrubá-lo. E por isso adotaram uma postura hostil, uma manifesta ojeriza às tropas repressoras. Até que, por volta das 13 horas do dia 15, "romperam fogo", que foram correspondidos "com energia e vigor" pelas forças do Governo[586]. Em outro ofício, que foi enviado ao Ministério do Império, o Presidente da Província relatava que, sob a sinfonia dos tiros de mosquetaria e canhoneiras, as tropas do Governo sofreram importantes baixas. A escuna do Rio da Prata teve que abandonar às pressas o posto estratégico que ocupava, ou seria rapidamente destroçada[587]. Maximiano Lopes relata que o Coronel Joaquim José Coelho tentou chegar ao Bairro do Recife com uma numerosa tropa, atravessando a ponte que ligava ao bairro de Santo Antônio , mas, "depois de uma forte descarga" da

[583] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Justiça nº 15, 18/04/1832.
[584] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 35 (1832), 15/04/1832.
[585] APEJE, Ofícios do Governo, vol. 35 (1832), 15/04/1832.
[586] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Justiça nº 15, 18/04/1832.
[587] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Império nº 19, 18/04/1832.

artilharia inimiga, teve que recuar do meio da ponte, “quando reconheceu que ela estava cortada”[588].

O Governo tinha tomado tantas providências de estratégia militar por dois motivos: o primeiro era o temor de que aquela revolta já contasse com o apoio das forças movidas por Torres Galindo e Pinto Madeira no interior — apesar de logo notarem que, por sorte, a revolta tinha acontecida apenas por iniciativa do Batalhão 53 —; o segundo é que, apesar de estarem em menor número e terem o domínio apenas de uma pequena região, os rebeldes tinham no Bairro do Recife uma considerável vantagem. Além da Fortaleza do Brum, que armada e municiada como estava não seria conquistada senão à muito custo, o Bairro do Recife era posição ideal para a estratégia de defesa adotada pelos rebeldes. Como apontou Manuel Correia de Andrade, aquele Bairro estava situado em uma península, ligada ao continente apenas pelo istmo de Olinda[589]. Era posição ideal para se defender tanto de ataques que partissem de Olinda, quanto dos outros bairros do Recife. Foi justamente por conta dessa vantagem defensiva que os rebeldes retiraram o madeirame das pontes que ligavam o Bairro do Recife ao de Santo Antônio e montaram trincheiras no istmo de Olinda[590].

A Batalha, “que preconizava a aproximação de todos os horrores da guerra civil e anarquia”, durou todo o restante do dia, somente cessando quando tropas conseguiram ter acesso ao Bairro do Recife pelo istmo de Olinda, após a conquista do Forte do Buraco[591]. Assim, o início precoce daquela revolta foi determinante para o seu fracasso. Apesar da bem montada estratégia de defesa e de possuir armamento, o número de rebeldes era insuficiente para combater as forças do Governo, que avançaram em duas frentes. Em consequência disso os rebeldes foram obrigados a abandonar os postos de defesa e fugiram desordenadamente em busca de embarcações. O Coronel Francisco José Martins, “perverso autor de tantas desgraças”, também conseguiu fugir[592].

A respeito de Martins resta uma questão, que talvez a historiografia nunca alcance a devida resposta. Ora, o Governo estava ciente de planos de uma revolta restauradora desde as primeiras notícias da Revolta de Pinto Madeira. Sabia que Torres Galindo recrutava populares para a causa absolutista e sabia que João Batista de Barra Grande movimentava forças no Sul de Pernambuco e Norte das Alagoas. Não bastasse, essas

---

[588] MACHADO, Maximiano Lopes. Op cit., 1890, p. 57.
[589] ANDRADE, Manuel Correia de. Op cit., 1965, p. 35.
[590] MACHADO, Maximiano Lopes. Op cit., 1890, p. 55.
[591] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Justiça nº 15, 18/04/1832.
[592] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Justiça nº 15, 18/04/1832.

desconfianças não tardaram a correr à boca miúda pelo Recife, principalmente após *O Harmonizador* dizer, "com todo o fundamento", que um plano

> essencialmente columnista existe por todas as Províncias do Brasil. A coincidência do rompimento na Corte e aqui, a antecipada revolta do faccinoroso Pinto Madeira, [...] a quixotada do estúpido Galindo em Santo Antão, os preparativos hostis de João Batista da Barra Grande, tudo nos leva a crer que os malvados colunas pretendiam volver-nos ao vergonhoso julgo do tresloucado D. Pedro[593].

O Governo chegou até mesmo a dissolver um batalhão que recentemente chegara do Rio Grande do Sul, somente por suspeitar que o seu Comandante, o Coronel José Joaquim Coelho, poderia, supostamente, aliar-se aos restauradores[594] — o que se mostrou um enorme erro de julgamento, tendo em vista que aquele batalhão poderia ter sido um importante reforço às forças legalistas, já que o seu líder, um homem de notada obediência às leis, veio em auxílio ao Governo nos dias da Abrilada[595].

Considerando todas as medidas adotadas pelo Governo para tentar evitar o surgimento da revolta, por que nenhuma delas dava conta do Coronel Francisco José Martins? Martins, mais que todos os outros absolutistas de Pernambuco, tinha os maiores motivos para querer a restauração do reinado absoluto de Pedro I. Era, pelo que indicava *O Harmonizador*, tão próximo a Pedro I que, supostamente, conseguira até uma audiência particular de muitas horas com o ex-Imperador na Inglaterra[596]. Durante o Primeiro Reinado Martins conquistara importantes posições na Província, gozando de enorme prestígio nas forças armadas. Após aquela carta em maio de 1831, Martins perdera tudo que conquistara sob a tutela de Pedro I. Talvez tenha faltado perícia ao Governo. Ou talvez tenha faltado peito mesmo, temendo que novas medidas contra um oficial de alto escalão, que já tinha sido afastado do importante cargo que ocupara, pudesse colocar em cólera os batalhões de portugueses e colunas que ocupavam os quartéis.

Fato é que Martins conseguiu fugir do Forte do Brum após a ofensiva do Governo. Quase todos os rebeldes largaram as armas e fugiram em desespero. Alguns destes, que não encontraram embarcações abandonadas nas praias — tendo em vista que uma das medidas do Governo foi justamente guarnecer as praias para evitar a evasão dos rebeldes —, buscaram fuga por terra, escondendo-se até mesmo em igrejas e conventos. O Presidente da Província relata que a quantidade de mortos na batalha fora mínima. Do

---

[593] O Harmonizador nº 10 de 17 de maio de 1832.
[594] ANDRADE, Manuel Correia de. Op cit., 1965, p. 32-3.
[595] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Justiça nº 15, 18/04/1832.
[596] O Harmonizador nº 10 de 17 de maio de 1832.

lado das forças do Governo, contabilizava apenas três mortos e dezoito feridos, "alguns dos quais gravemente". Do lado rebelde, apontava apenas treze mortos, "notando-se entre eles o Tenente-Coronel José da Costa Cordeiro, brasileiro adotivo, que comandava uma peça"[597]. Aos bandos os rebeldes fugiam por todos os lados, às vezes dando de cara com tropas de voluntários, que cometiam "alguns excessos e assassínios [...] contra os portugueses, mas não tanto quanto era de recear"[598], às vezes atirando-se ao mar, em busca de asilo e proteção nas ancoradas embarcações inglesas, mas logo "sumiam-se aos tiros das carabinas no abismo das águas"[599]. O relatado número de vítimas desta batalha nos documentos é pouco preciso. É, inclusive, pouco provável que tamanha disputa tenha vitimado somente dezesseis pessoas. A historiografia aponta um número bem mais alto, apesar de não apresentar com clareza as evidências. Maximiano Lopes conta que, ao menos, "sessenta cadáveres foram conduzidos à vala do cemitério do convento"[600]. Félix Portela não apontou números, mas afirmou que as forças do Governo realizaram um verdadeiro massacre aos rebeldes[601]. Verdade é que os líderes da revolta conseguiram fugir, buscando abrigo na vila de Santo Antão, onde Torres Galindo, à espera de notícias do Recife, já liderava ofensivas contra tropas enviadas pelo Governo[602].

No Ceará, a revolta de Pinto Madeira continuaria assombrando a ordem pública. Em maio de 1832 a Federal declarava apoio ao Governo da província cearense em combate aos restauradores. Mas "o mal já estava feito, o partido de Pinto Madeira vai assolando o desgraçado Ceará"[603]. No seu folheto oficial, *O Federalista*, a Sociedade Federal aconselhava os "briozos cearenses" a correrem às armas, imitando "vossos irmãos pernambucanos, que não consentiram [com] a rebelião absolutista do perverso Martins nem por 24 horas"[604].

Assim, podemos observar que as medidas que o Governo tomou, apesar de anteciparem a revolta propriamente dita, foram tardias. Os absolutistas já estavam muito bem articulados. A Abrilada, que fora abafada com certa facilidade por ter acontecido precocemente, não era em si a revolução que os restauradores tinham planejado. Era apenas o prólogo de uma verdadeira guerra civil que se instalaria no interior de

---

[597] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Justiça nº 15, 18/04/1832.
[598] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Justiça nº 15, 18/04/1832.
[599] MACHADO, Maximiano Lopes. Op cit., 1890, p. 58.
[600]Ibid, p. 58.
[601] PORTE, Felix Fernandes. *Apud*. ANDRADE, Manuel Correia de. Op cit., 1965, p. 37.
[602] APEJE, Correspondências para a Corte, vol. 33 (1831-1833), Império nº 23, 09/05/1832.
[603] O Federalista nº 13 de 30 de maio de 1832.
[604] O Federalista nº 13 de 30 de maio de 1832.

Pernambuco, cujos ecos seriam ouvidos em todas as províncias do Império e o temor afloraria na Corte.

4.8 1832: A CONTRA-MARÉ

A partir daqueles dias, o Parlamento ponderaria sobre reformas que evitassem motins e revoltas em qualquer província, a fim de preservar a estrutura do Império. O Ato Adicional, criado em 1834 para dar mais robustez ao Estado imperial e evitar ameaças revolucionárias, fossem elas restauradoras ou federalistas, teve raízes ainda em 1832, quando, em fins de julho e início de agosto, membros da facção moderada na Câmara ensaiaram um golpe de Estado. Três padres, que ocupavam vaga no Parlamento, estiveram à frente deste plano. Diogo Antônio Feijó, que na época era Ministro da Justiça, José Bento Ferreira de Melo e José Custódio Dias conduziram o que Otávio Tarquínio de Sousa chamou ironicamente de "revolução dos três padres"[605]. Daremos a devida atenção a estes acontecimentos no capítulo seguinte.

Enquanto isso, em Pernambuco, a Sociedade Patriótica Harmonizadora e a Sociedade Federal continuavam disputando o apoio popular e a influência nos gabinetes do Governo provincial. Os liberais exaltados, diante daqueles tenebrosos dias que se passavam, mudaram até de opinião, pois não esperavam mais pela "federação como reforma proveniente do Poder Legislativo em 1834, mas sim que a proclamemos já!". Seria ela "a única tábua de salvação", que poderia oferecer ao Governo necessária força e autonomia para sair da degradante crise política[606]. Uma indelicada afronta ao projeto moderado. Mas, enquanto na capital pernambucana federalistas e harmonizadores disputavam a primazia do poder na política provincial, no interior a ressurreta Coluna era uma declarada ameaça às pretensões de ambas.

Percebemos ao longo destas páginas que as sociedades públicas foram importantes ferramentas políticas utilizadas pelas facções, que buscavam pôr em prática projetos que ditariam os rumos da política institucional. Apesar da documentação analisada revelar com mais precisão a atuação dos moderados e dos exaltados, encarnados em Pernambuco pelas sociedades Harmonizadora e Federal, os absolutistas ainda atuavam com bastante vigor. Os indícios apontam que, às escondidas, os restos da Coluna do Trono e do Altar construíram uma robusta malha política interprovincial. Apontava *O Harmonizador* que quando rompeu aquela revolta liderada por Martins em

---

[605] SOUZA, Octavio Tarquínio de. Op cit., 1957, pp. 97-129.
[606] Bússola da Liberdade nº 31 de 12 de outubro de 1831.

abril de 1832, e em face da cabraiada movida por Pinto Madeira no Cariri, ou até mesmo dos “seus sócios Luso-absolutistas [...] na Corte do Império”, havia “uma conjuração [...] essencialmente colunistica por todas, ou quase todas as Províncias do Brasil”[607].

Assim, se em 1831 o avanço liberal marcou o início da conturbada vida política do Período Regencial, a primeira metade de 1832 simbolizou a sua contramaré. O avanço absolutista, que por tanto tempo foi negligenciado pela historiografia, devastava ainda mais a administração do Governo pernambucano. Aquelas cenas de guerra nos bairros do Recife e Santo Antônio durante a Abrilada representavam o espetáculo da vida política regencial. Enquanto os tiros “detonavam em abafados ecos, melancólicos e fúnebres”[608], as facções disputavam o mando político da região.

***

[607] O Harmonizador nº 10 de 17 de maio de 1832.
[608] MACHADO, Maximiano Lopes. Op cit., 1890, p. 59.

5 DA ASCENSÃO À QUEDA: CONSPIRAÇÕES, REFORMAS E O FIM DAS SOCIEDADES PÚBLICAS

1832 foi um ano agitado na Província de Pernambuco. Os levantes ocorridos na velha província tiveram eco até mesmo nas ruas da Corte do Rio de Janeiro, onde foram vistos como uma séria ameaça à Regência. Não havia mais como evitar que reformas constitucionais acontecessem. Havia, entretanto, como conduzi-las. Em conta disso voltamos nossos olhos agora para a Capital do Império, onde políticos da facção moderada, temendo perder o timão da nau do Estado, ensaiaram um golpe de Estado em julho daquele mesmo ano. Mas, por uma série de fatores abaixo expostos, ele fracassou. O insucesso daquele golpe, no entanto, legaria o Ato Adicional. Por outro lado, o arranjo político firmado entre a Câmara e o Senado para aprovar as emendas seria a sentença final para as sociedades públicas. Após aquela transação, por desesperança ou por conformismo, as sociedades públicas em várias províncias se desmobilizariam, marcando o fim de uma Era.

***

5.1 COMEÇA A FERVER A “FEIJOADA” [609]

Decorridos apenas alguns meses da Abdicação, os exaltados, liberais mais radicais, responsáveis pelas mobilizações que levaram ao 7 de abril, logo se sentiram traídos em sua revolução. Os moderados, “seus aliados da véspera”[610], tomaram posse do Governo e das posições de mando, excluindo aos ‘puristas’ o direito de decisão nos planos políticos futuros. Em Pernambuco, no Rio de Janeiro e em várias outras províncias a inquietação foi generalizada, pois “o triunfo revolucionário não trouxera a paz, a estabilidade”[611]. As divisões partidárias afloraram, velhas rivalidades reacenderam e o elemento militar tornara-se (ainda mais) insubordinado. Tudo isso causou grande desordem por todo o Império. De norte a sul, agitadores e aproveitadores, com o apoio das tropas militares que viam na criação da Guarda Nacional uma declarada ameaça, uma traição do Governo, planejaram movimentos com alinhamentos políticos diversos. No Rio de Janeiro, logo a 12 de julho de 1831, os exaltados, com ajuda dos quartéis, tentaram tomar posse do Governo. Essas cenas se repetiram por todo o Brasil, ora

[609] “Feijoada” foi o termo utilizado pelo Padre João Barbosa Cordeiro para se referir à conspiração liderada por Antônio Diogo Feijó em julho de 1832. Ver: Bússola da Liberdade nº 125 de 16 de setembro de 1832.
[610] CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2007, p. 190.
[611] SOUZA, Octavio Tarquínio de. Op cit., 1957, p. 99.

vinculadas às alas liberais, ora às restauradoras. Em Pernambuco, a Setembrizada, a Novembrada, a Abrilada e seu desdobramento no interior da província, a Cabanada, são claras expressões disso.

O Padre Diogo Antônio Feijó, então Ministro da Justiça, tentava de todas as maneiras abafar a torrente de rebeliões no início das Regências. Nascido na cidade de São Paulo em 17 de agosto de 1784, fora abandonado por seus pais logo após seu nascimento. Sua mãe adotiva entregou-o a um mosteiro em 1807, onde se dedicou ao estudo de latim e filosofia e passou a lecionar as mesmas disciplinas alguns anos depois. Fora eleito Deputado do Império na primeira legislatura. Em 1831 foi indicado ao cargo de Ministro da Justiça, exercendo-o não por muito tempo. Em 1835 ocupou o cargo de primeiro regente do Império, até sua renúncia em outubro de 1837. Uma biografia memorável. "Abandonado ao ver a luz, por seu distinto mérito subiu à altura à que nenhum brasileiro havia chegado, qual a de reger o Império da menoridade de D. Pedro II!"[612]. Feijó era amigo próximo de Evaristo da Veiga. Segundo Paulo Pereira de Castro, era até bem possível que a própria nomeação de Feijó para o Ministério tenha sido sugerida por Evaristo[613]. Ambos eram símbolos máximos da centralização moderada após o 7 de abril. Não foram poucos os movimentos, 'à esquerda e à direita', por assim dizer, que tentaram expurgá-los do mando político. A "liga das matérias repugnantes"[614], no início de 1832, marcava a disforme aliança entre exaltados e restauradores contra o Governo moderado. Contraditória e inconsistente como a liga entre a água e o óleo, essa aliança, que colocava "um rusguento defronte de um caramuru"[615] e que era "o sinal de um movimento geral"[616], pôde ser discretamente notada na Abrilada, quando rebeldes liderados por Francisco José Martins tomaram o Bairro do Recife e manifestaram sua ojeriza ao atual Governo, conseguindo a adesão até mesmo de alguns liberais exaltados.

Contra essa série de rebeliões regenciais Feijó tentou de todas as maneiras — todas mesmo, inclusive as ilegais — realizar reformas constitucionais, a fim de estabelecer a ordem e garantir a centralização e o prestígio do seu mando político. Em uma das sessões da Câmara, em maio de 1832, após notícias sobre a Abrilada e a deflagrada Guerra dos Cabanos, Feijó discursou na tribuna dizendo que estava "firmemente resolvido a abandonar" o Ministério da Justiça caso os parlamentares

---

612 BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Diccionario bibliographico brazileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. II, 1893, p. 173.

613 CASTRO, Paulo Pereira de. Op cit., 1978, p. 16.

614 Aurora Fluminense nº 622 de 30 de abril de 1832.

615 Aurora Fluminense nº 622 de 30 de abril de 1832.

616 Diario de Pernambuco nº 292 de 12 de janeiro de 1834.

negassem ou demorassem em aprovar “as medidas que peço”[617]. Mas antes de falarmos sobre as medidas exigidas por Feijó e seus companheiros e sobre as maneiras ilegais que adotaram para aprová-las, devemos primeiro atentar para uma outra tentativa de golpe, logo na aurora de 1832, que tentava aprovar sem o visto do Senado um projeto de uma possível monarquia federativa.

5.2 A ENCÍCLICA PROMOTORA E A MONARQUIA FEDERATIVA: APROVADA NA CÂMARA, REJEITADA NO SENADO

Em 13 de outubro de 1831 a Câmara dos Deputados aprovou um projeto de reforma da Constituição, que já fora analisado e aprovado por uma comissão formada em maio daquele mesmo ano. O projeto consagrava princípios, à época, ultra liberais: a instauração de uma monarquia federativa, onde o Poder Moderador e o Conselho de Estado seriam extintos, acompanhada de reformas no poder legislativo. A Câmara dos Deputados teria eleições bienais, ao passo que o Senado, sofrendo as reformais mais radicais, deveria ser eletivo e temporário. Além disso, o projeto determinava a criação de Assembleias Legislativas Provinciais com duas Câmaras e a instituição de Intendentes nos municípios, que teriam poderes administrativos semelhantes aos dos Presidentes das Províncias[618]. Seria assegurada a autonomia financeira das províncias, mediante a divisão dos poderes tributários entre o Parlamento Nacional e as Assembleias Legislativas Provinciais. Teófilo Otoni, autor do projeto ao lado de Miranda Ribeiro, pôs às claras que o fim da vitaliciedade do Senado era uma exigência imediata e indispensável[619]. Mas o Senado decidiu adiar a discussão do projeto para 1832, afirmando haver a necessidade de passar pela análise de uma comissão especializada. Parece claro que por trás do argumento dado pelos Senadores, o que havia mesmo era o temor de perder os privilégios senatoriais.

Mas a desconfiança pairava no ar. Teófilo Otoni sabia que a comissão especializada do Senado não aprovaria aquele projeto tão ousado, pois, ao declarar que “o Governo do Império do Brasil será uma Monarquia Federativa”, confrontava não só os privilégios do Senado, mas também os interesses de certas elites aristocratas, que não aceitariam uma nova Constituição — apesar de se interessarem pela autonomia administrativa das províncias. A aprovação daquele projeto de reforma da Constituição

[617] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo I. Brasília, 1982, p. 18.
[618] WERNET, Augustin. O Período Regencial: 1831-1840. São Paulo: Global, 5ª ed., 1982, p. 39.
[619] CASTRO, Paulo Pereira de. Op cit., 1978, p. 29.

não seria conseguida por uma simples transação com o Senado. Era necessário um "desforço", nas palavras de Paulo Pereira de Castro[620], e para esta finalidade foi criada a Sociedade Promotora do Bem Público.

Estabelecida na Vila do Príncipe, a Sociedade Promotora do Bem Público tinha o propósito de buscar apoio para um golpe de Estado 'eleitoral'. Para isso, fez circular em várias outras Sociedades de diversas províncias uma carta em que demonstrava sua finalidade. Assinada por Joaquim Pereira de Queiroz, Bento José Afonso, João Inocêncio de Azeredo Coutinho, Joaquim José de Araújo Fonseca e o próprio Teófilo Otoni em 2 de fevereiro de 1832, a carta transcrita no *Astro de Minas* dizia que "os brasileiros devem prevenir o caso de que o Senado não anua ao projeto de reformas aprovado na Câmara dos Deputados". Apelando fortemente aos interesses provinciais, sobretudo dos liberais, a Sociedade alertava que "admitir os votos dos atuais Senadores" era decretar o fim de um projeto federativo para a Constituição. Firmada nestas razões, a Promotora convidava "a todas as municipalidades e Sociedades patrióticas não só desta como das outras províncias" para que, no caso de chegado o dia de convocar futura Assembleia Legislativa o projeto "tenha sido rejeitado no Senado, [...] se esforcem em comum acordo para que nos respectivos círculos eleitorais se deem poderes constituintes aos futuros Deputados para reformarem a Constituição, independente do Senado"[621]. Esta mesma edição do *Astro de Minas* publicava ainda um artigo do *Sentinela do Serro*, que era o jornal redigido por Teófilo Otoni, que ia além: "depois de tantas fadigas e sacrifícios para deitarmos por terra o chefe [referindo-se a Pedro I], continuaremos a suportar os despotismos dos seus criados e caudatários? [...] Se o Senado não desce, deve cair"[622].

---

[620] CASTRO, Paulo Pereira de. Op cit., 1978, p. 29.
[621] Astro de Minas nº 669 de 8 de março de 1832.
[622] Astro de Minas nº 669 de 8 de março de 1832.

Figura 5 – Teófilo Benedito Otoni

Fonte: http://mhn.acervos.museus.gov.br/reserva-tecnica/retrato-pintura-38/

Embora não seja possível afirmar com certeza, pois não foram encontrados documentos que falem abertamente a respeito disso, é provável que esta circular, a qual Evaristo da Veiga chamava de "encíclica promotora"[623], tenha chegado às sociedades pernambucanas, sobretudo à Federal[624]. A Sociedade Federal, apesar de não ter se pronunciado abertamente sobre esta carta da Sociedade Promotora que explicitava os planos de Teófilo Otoni, demonstrava interesse em reformas similares. Não é arriscado dizer que o projeto de Otoni e Miranda era, de certa forma, palatável aos federalistas de Pernambuco. A espinha dorsal daquele projeto esteve presente no concurso que a Federal lançou há apenas alguns meses após a encíclica promotora e ao posterior Golpe

[623] CASTRO, Paulo Pereira de. Op cit., 1978, p. 29.

[624] Apesar da ausência de menções claras à iniciativa da Promotora, foi possível notar nas poucas e curtas atas das sessões da Federal que seus sócios se dedicaram à discussão de um projeto que desse forma a uma nação federativa. Deve-se atentar, ainda, ao fato de que as transcrições das sessões não revelam em totalidade o que estava em pauta nas reuniões e ainda menos o que teria sido dito pelos sócios. Talvez por omissão, ou talvez pela simples dificuldade dos Secretários em anotar todas as falas. Enfim, nunca saberemos em totalidade o que se passava em sessões desse tipo. Ainda menos se poderá esperar sobre encontrar documentos que associem essa iniciativa à Patriótica Harmonizadora. Ora, o plano deveria parecer tão absurdo aos legalistas moderados dessa sociedade que ela nem deve ter se dado ao trabalho de discuti-lo.

arquitetado por Feijó em 30 de julho[625]. Mas, apesar disso, a Federal optou pela licitude, não pelo golpe, pois o apelo à legalidade era sua maior estratégia de defesa contra os ataques políticos promovidos pela Patriótica Harmonizadora, uma vez que a lei só proibia "as sociedades cujos fins são ilegais"[626]. Mas isso não aconteceu sem alguma discussão, pois, como afirmara o Padre Barbosa Cordeiro no *Bússola da Liberdade*, já não esperavam que a federação acontecesse nos trâmites legais, como uma "reforma proveniente do Poder Legislativo em 1834", mas sim "[...] que a proclamemos já!"[627].

Na sessão de 7 de março de 1832, na presença de 26 sócios, Thomas Nabuco de Araújo Junior levantou uma inquietação — cuja autoria era do próprio Barbosa Cordeiro: "propondo-se a Sociedade a propalar claras ideias a cerca da Federação" ainda não haviam "entrado na indagação da sua forma". Aquele questionamento causou alvoroço na sessão, pois, após a fala do Nabuco, alguns sócios mais 'legalistas' — como Correia Filho Vilela Tavares e um tal Senhor Antônio, segundo a transcrição do Secretário —, afirmaram que, devido aos "muitos males em razão da sua organização", eram, naquele momento, contra a elaboração de um 'projeto' que desse forma a uma federação. Mas o Padre Barbosa Cordeiro não era um homem fácil de se dobrar. Ele insistiu tanto na discussão que o Presidente da Sessão, o Senhor Doutor Jacobina, decidiu por encerrá-la e adiar o debate, "levantando-se a sessão às 9 horas"[628].

A discussão na sessão do dia 7 de março parece ainda ter incentivado uma maior presença dos sócios na sessão seguinte. No dia 14, contava a sessão com a presença de 45 sócios, que retomaram a questão discutida anteriormente. Um tal Senhor Nobre insistiu que a "Sociedade representasse a necessidade que havia de ser promulgada o quanto antes o projeto das reformas"[629]. Desta vez, a questão de autoria do Padre Barbosa Cordeiro seria mais aclamada, a ponto de, pela maioria dos votos, a sociedade nomear uma Comissão avaliadora. "Depois de alguma discussão", a Comissão fora formada. Faziam parte dela "Vilela Tavares, Fortuna e o Sr. B. Cordeiro, o qual empatou em votos com Manoel de Carvalho, que por meio de sortes foi escolhido"[630].

Mas um ponto importante deve ser levantado: a proposta de monarquia federativa certamente parecia aprazível aos liberais exaltados de várias províncias, todavia, aquele

---

[625] O Federalista nº 25 de 6 de outubro 1832 e O Topinambá nº 7 de 22 de outubro de 1832. A edição do Federalista foi apontada por Sílvia Fonseca. Ver: FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. Op cit., 2016, p. 296.
[626] Bússola da Liberdade nº 36 de 30 de outubro de 1831.
[627] Bússola da Liberdade nº 31 de 12 de outubro de 1831.
[628] O Federalista nº 13 de 30 de maio de 1832.
[629] O Federalista nº 13 de 30 de maio de 1832.
[630] O Federalista nº 13 de 30 de maio de 1832.

projeto reforçaria ainda mais a centralização do mando político dos moderados, pois dava todo poder à Câmara, que era majoritariamente composta por políticos da ala moderada, como já foi exposto no capítulo anterior[631]. Não à toa os moderados partidários de Feijó praticamente repetiriam a sua fórmula no fracassado golpe de 30 de julho, o que Teófilo Otoni julgava como uma "transigência com o liberalismo avançado"[632].

Contudo, o projeto da Sociedade Promotora do Bem Público não foi muito longe. Ou melhor, não foi longe sob a liderança de Teófilo Otoni. A iniciativa da encíclica promotora não foi bem acolhida pelos líderes do governo. Feijó e seu grupo decretaram a interdição da Sociedade Promotora e ainda proibiram a circulação do jornal de Teófilo Otoni, *A Sentinela do Serro*[633]. Todavia, o projeto criado por Otoni e Miranda serviu de inspiração para a Constituição de Pouso Alegre, proposta de reforma constitucional apresentada na Câmara na tentativa de golpe levada a cabo pelos partidário de Feijó na sessão de 30 de julho de 1832.

5.3.1 O Golpe de Estado de 30 de julho de 1832: a justificava.

Tudo começou quando, em uma reunião secreta na loja maçônica do Vale do Passeio Público, a "liga das matérias repugnantes" conspirou uma revolução, marcada para acontecer na noite de 2 para 3 de abril de 1832. A reunião fora motivada pela insatisfação dos militares com a criação da Guarda Nacional, que há pouco tempo fora apresentada ao público em uma desfile que contava com, ao menos, dois mil homens a pé e quatrocentos a cavalo, todos fardados e armados. Feijó, nesse desfile, anunciava que a guarnição militar da Corte fora extinta e que, a partir daquele momento, todos os serviços de segurança seriam desempenhados pela nova Guarda, tocando nas feridas de uma tropa que já se sentira traída em sua 'revolução' do 7 de abril. A insatisfação dos militares foi acolhida pelas sociedades públicas daquela província. Mesmo sendo a mais pura expressão do antagonismo dos extremos políticos da época, a sede da Sociedade Federal do Rio de Janeiro e a Sociedade Conservadora da Constituição Brasileira planejaram uma revolta que assassinaria os regentes e os Ministros[634].

---

[631] Ver Quadro 4, no tópico 4.2.
[632] SILVA, Walmir. Esmagando a Hydra da discórdia: o enquadramento do pensamento exaltado pela moderação mineira. In: HISTÓRIA, São Paulo, v. 25, n. 2, 2006, p. 227.
[633] CASTRO, Paulo Pereira de. Op cit., 1978, p. 30.
[634] Ibid, p. 20-1.

Chegada a noite de 2 de abril, proclamações do exército correram às ruas, apontando que a Regência tramava restituir ao trono Pedro I. A proclamação exigia que Antônio Carlos, Pedro Maynard e Paes de Andrade fossem nomeados regentes. Iniciava-se assim a revolta. Mas na primeira luz do dia 3 o que se viu foi um fracasso: somente o Major Frias movimentara tropas naquela manhã. Seus aliados restauradores tinham se atrasado. As tropas do Major Frias eram tão diminutas que foram dispersas por uma ação de 20 homens da cavalaria da Guarda Nacional. A ação, obra do 'lado federalista da liga', por assim dizer, fora um completo fracasso[635].

O atrasado 'lado restaurador da liga' começou a revolta somente no dia 17 de abril. Um grupo de cerca de 250 pessoas, entre soldados do Engenho Velho e alguns estrangeiros, sob a liderança de um sujeito que se auto-intitulava Barão de Bülow, tomou posse de dois canhões — talvez réplicas, brinquedos que outrora pertenceram aos pequenos filhos de D. João VI — e saíram dando vivas a Pedro I. Uma questão que poderia ajudar a definir a real gravidade desse movimento diz respeito justamente ao armamento utilizado pelos rebeldes. É notável que os moderados do grupo de Diogo Feijó trataram de aumentar um tanto esse causo, apontando uma gravidade que talvez não tivesse existido, tendo em vista que a acusação que fizeram sobre um possível envolvimento de Bonifácio nesse movimento era uma clara medida de natureza política. Em contrapartida, o defensor de Bonifácio, que foi justamente quem afirmou que os canhões eram brinquedos "dos infantes D. Miguel e D. Pedro"[636] e dizendo que Feijó e seus partidários estavam criando um causo que não existiu, era o próprio irmão de José Bonifácio, Martim Francisco e Rebouças. Mas o certo, o que se sabe com clareza, é que esse grupo de rebeldes foi disperso com facilidade pelas tropas lideradas por Lima e Silva[637].

Mas estes levantes, que causam riso por tão limitado 'poder revolucionário', foram transformados em catástrofe pelos moderados do Governo. Foi principalmente em conta deles que Feijó fez aquele discurso ameaçando abandonar o Ministério da Justiça em maio de 1832[638]. Claro, o Ministro também levava em conta as sérias rebeliões nas províncias do norte, sobretudo a Cabanada em Pernambuco e a Revolta de Pinto Madeira no Ceará, que já duravam meses. Mas era às revoltas mais próximas que Feijó se referia.

---

[635] Ibid, p. 21.
[636] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo I. Brasília, 1982, p. 31.
[637] CASTRO, Paulo Pereira de. Op cit., 1978, p. 22.
[638] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo I. Brasília, 1982, p. 18.

O Ministro acusava abertamente a participação de José Bonifácio no motim restaurador de 17 de abril, afirmando que Bonifácio era mentor do tal Bülow, pois, dizia Feijó, Bonifácio ou era conivente com o movimento, ou fingia não saber sobre ele para "não prevenir o mal"[639]. No julgo de Feijó, para Bonifácio nada mais importava do que "a destronização do seu augusto pupilo"[640]. À vista disso, o Ministro Feijó exigia do Poder Legislativo a destituição de José Bonifácio do cargo de tutor do Imperador Pedro II: "senhores, esses fatos incontestáveis nos devem convencer do grande perigo em que está a pessoa e os interesses do novo monarca debaixo da tutela daquele a quem confiastes"[641].

Como bem apontou Otávio Tarquínio de Sousa, "o grande espantalho do momento político era a possibilidade da volta de D. Pedro I"[642]. Isso se assevera na fala do Deputado Honório Hermeto Carneiro Leão, que na sessão de 30 de junho disse que "se Pedro I tornar a governar o Brasil é de crer que erija cadafalsos e que trate de livrar-se de todos os que fizeram oposição à administração passada"[643]. Tendo isso em conta, o temor movimentou a ação da Câmara. Imediatamente após o discurso de Feijó na tribuna, os Deputados começaram a examinar a proposta, que foi rapidamente enviada às comissões de Justiça Criminal e Constituição, que deram parecer favorável ao afastamento de José Bonifácio da tutela de Pedro II. Contudo, no Senado a votação foi favorável a Bonifácio, que venceu pela diferença de um voto[644]. Otávio Tarquínio de Sousa afirmou que, sem dúvida, tratava-se de uma medida de natureza política, motivada por conveniências partidárias[645].

Diante dessa derrota no Senado, segundo Augustin Wernet, Feijó, "sentindo-se moralmente incapaz de solucionar a situação", pediu demissão do Ministério da Justiça, "seguido por cinco colegas"[646]. Todavia, não se tratava de um simples sentimento de incapacidade. Era na verdade um plano bem arquitetado. Feijó era um homem de punho firme, que dava altíssimo valor ao seu poder político. Ora, parece bem provável que

---

[639] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo I. Brasília, 1982, p. 18.
[640] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo I. Brasília, 1982, p. 18.
[641] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo I. Brasília, 1982, p. 19.
[642] SOUZA, Octavio Tarquínio de. Op cit., 1957, p. 103.
[643] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo I. Brasília, 1982, p. 48.
[644] WERNET, Augustin. Op cit., 1982, p. 40.
[645] SOUZA, Octavio Tarquínio de. Op cit., 1957, p. 103.
[646] WERNET, Augustin. Op cit., 1982, p. 40.

tendo a biografia que teve, Feijó não abriria mão tão facilmente do mando político. Com o Senado impondo resistência às reformas constitucionais, o poder político na mão de Feijó era como uma "arma de fogo em que falhasse o tiro a cada instante"[647]. Todavia, se o Senado impunha barreiras, "que se saltasse esse obstáculo, embora com sacrifício da legalidade"[648]. Estava tomada a decisão pelo Golpe.

5.3.2 A conspiração

Logo no início de julho de 1832, reuniam-se na Chácara da Floresta vários políticos da ala moderada. Casa do Padre José Custódio Dias, Deputado pela Província de Minas Gerais, nessa residência funcionava um clube secreto que há pelo menos pouco mais de um ano fazia reuniões onde traçavam importantes planos políticos. Apontou Otávio Tarquínio de Sousa, citando John Armitage, que foi na Chácara da Floresta que se redigiu o "*ultimatum* a D. Pedro I depois 'das garrafadas'"[649]. Ao lado de Evaristo da Veiga — que, conforme foi apontado no capítulo anterior, esteve envolvido em várias sociedades públicas da época — e dos três Padres — Diogo Antônio Feijó, José Custódio Dias e José Bento Leite Ferreira de Melo — estavam vários Deputados moderados, dentre os mais notáveis Honório Hermeto Carneiro Leão. Nessas reuniões da Chácara da Floresta em julho de 1832 foram traçados os planos para o Golpe, que deveria acontecer na sessão da Câmara de 30 de julho. O Deputado Carneiro Leão teve uma participação contraditória nessa conspiração. Carneiro Leão era notadamente um adversário político de José Bonifácio. Para concluir isso basta olhar seu discurso em apoio ao projeto de Feijó para destituir Bonifácio do cargo de tutor de Pedro II na sessão de 30 de junho[650]. Por outro lado, tinha também estreitos laços com os aristocratas do Império, contrários a uma nova Constituição[651]. Assim, Carneiro Leão ficou na indecisão pelo Golpe até o ápice da ação.

---

[647] SOUZA, Octavio Tarquínio de. Op cit., 1957, p. 104.
[648] Ibid, p. 105.
[649] ARMITAGE, John. *Apud* SOUZA, Octávio Tarquínio de. Op cit., 1957, p. 105.
[650] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo I. Brasília, 1982, p. 48.
[651] WERNET, Augustin. Op cit., 1982, p. 41.

Figura 6 – Honório Hermeto Carneiro Leão em meados de 1832

Fonte:
http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=31270

Pouco se sabe sobre os detalhes dessas reuniões. Apenas que nela foi firmada a decisão pela renúncia coletiva dos Ministérios e da Regência, informação que foi oferecida por Otávio Tarquínio de Sousa e posteriormente reforçada por Paulo Pereira de Castro e, mais recentemente, Marcello Basile[652]. Em 26 de Julho, demonstrando apoio à posição de Feijó em relação à decisão do Senado em favor de José Bonifácio, os Ministérios pediram demissão. Diante disso a Regência se viu em grandes dificuldades para organizar outro Gabinete. Ou ao menos tentava convencer o Conselho de Estado de que não havia maneiras de formar um novo Ministério. É o que leva a crer a ata da sessão do Conselho de Estado de 29 de julho de 1832.

Reunidos, os Conselheiros ouviram do "Excelentíssimo Senhor Presidente da Regência que, havendo todos os Ministros pedido demissão e sendo inúteis os esforços

[652] SOUZA, Octavio Tarquínio de. Op cit., 1957, p. 106-108.; CASTRO, Paulo Pereira de. Op cit., 1978, p. 23-24.; BASILE, Marcello O. N. de C. Op cit., 2011, p. 106-9.

da Regência para conservar os mesmos Ministros ou achar outros, vê-se a Regência no maior embaraço". Pelo que afirma a transcrição do comunicado da Regência aos Conselheiros, os regentes não poderiam "desempenhar suas obrigações sem Ministros responsáveis"[653]. Um dos Conselheiros, o Marquês de Barbacena — o autor da transcrição —, disse que apoiava a remoção do tutor José Bonifácio e que a Regência deveria "continuar em suas diligências para formar um novo Ministério", mas que, não havendo êxito, deveria recorrer "ao Corpo Legislativo"[654]. O Conselheiro Barbacena advertia ainda que, optando a Regência por escolher um novo Ministério, deveria, contudo, optar por "pessoas que tivessem ou pudessem conseguir a maioria das Câmaras em seu favor".

A tônica dos conselhos era que a Regência deveria tentar manter os Ministérios ou tentar formar um novo Gabinete. Caso falhasse em suas diligências é que deveria então recorrer à Câmara. Acompanhavam o conselho do Marquês de Barbacena, os Marqueses de Maricá — para quem a Regência "deveria recorrer às Câmaras apresentando-lhes os motivos da recusação" das pessoas indicadas —, o de Caravelas — para quem a Regência deveria de todas as formas tentar conservar o mesmo Ministério — e o de Baependi — para quem, não sendo possível conservar todo o Ministério, a Regência deveria ao menos optar pela permanência de "alguns deles". O Marquês de Inhambupe, por outro lado, aconselhava "denegar a demissão dos Ministros", ponderando-lhes o perigo que corria o Estado imperial e tornando-os "responsáveis pelas consequências da sua demissão", opinião que foi acompanhada pelo Marquês de Paranaguá. O Marquês de São João da Palma aconselhava um caminho contrário: a Regência deveria recorrer logo às Câmaras "em Sessão secreta [...] para que as mesmas resolvam o que bem lhes parecer"[655]. Esse pareceu ser o conselho mais aprazível aos regentes. Reforça essa interpretação a posição de um dos regentes presentes, João

---

[653] SENADO FEDERAL, Atas do Conselho de Estado. Vol. II. Segundo Conselho de Estado, 1823-1834. Brasília-DF: Centro Gráfico do Senado Federal, 1973. Sessão 90ª, p. 220-1. Disponível no acervo do LAPEH-UFPE.
[654] SENADO FEDERAL, Atas do Conselho de Estado. Vol. II. Segundo Conselho de Estado, 1823-1834. Brasília-DF: Centro Gráfico do Senado Federal, 1973. Sessão 90ª, p. 220-1. Disponível no acervo do LAPEH-UFPE.
[655] SENADO FEDERAL, Atas do Conselho de Estado. Vol. II. Segundo Conselho de Estado, 1823-1834. Brasília-DF: Centro Gráfico do Senado Federal, 1973. Sessão 90ª, p. 220-1. Disponível no acervo do LAPEH-UFPE.

Bráulio Muniz, que se mostrou resistente aos conselhos de tentar formar um novo Gabinete, "admitindo o fato de ser impossível achar Ministros"[656].

Mas essa reunião do Conselho de Estado parece ter sido mera formalidade, pois a Regência estava mesmo inclinada ao Golpe. O Regente João Bráulio Muniz esperava do Conselho apenas um aval, um compromisso, "uma opinião explícita"[657] de apoio. A ata da sessão ainda revela a possibilidade de que alguns Conselheiros estivessem no melindroso projeto. O Marquês de Barbacena, logo na abertura da sessão, dizia que já "havia bem previsto este resultado [a demissão coletiva dos Ministros]". Ainda mais, mesmo diante das afirmações da Regência sobre não encontrar pessoas 'qualificadas' para os cargos, Barbacena aconselhava que se escolhesse pessoas que tivessem a maioria na Câmara, certamente se referindo a Diogo Antônio Feijó. O apoio mais explicito vinha mesmo do Marquês de São João de Palma, com seu voto de dar total poder à Câmara.

5.3.3 A execução

Em 30 de julho, às dez horas, sob a presidência de Limpo de Abreu, iniciava-se a sessão que deveria consumar o Golpe dos conspiradores da Chácara da Floresta. Estavam presentes 82 Deputados e a sessão parecia correr como qualquer outra. O Secretário da sessão lia um requerimento do Senhor Lobo de Souza, que solicitava o envio de duas edições do periódico *Raio da Verdade* ao Governo, dando notícias sobre a situação da Província da Paraíba, "a fim de que o mesmo Governo dê as providências que julgar convenientes", quando foi interrompido repentinamente pelo Deputado Pinto Peixoto. Este trazia à mesa do Presidente da sessão uma carta de Feijó, que dizia que uma crescente agitação pública tomava a cidade, pois "as guardas nacionais estão se reunindo em diferentes pontos da cidade". Nesta carta, Feijó solicitava que o Presidente da sessão se retirasse da Câmara e fosse ao encontro das guardas, onde poderia exercer "sua bem merecida influência para com as guardas" e restaurar a tranquilidade da capital. Aconselhava Feijó que o Deputado Limpo de Abreu deveria procurar saber a causa daquela movimentação das guardas, buscando "socegar-lhes os ânimos e assegurar-lhes que o Governo [...] manterá a todo custo a segurança e tranquilidade da capital, uma vez

---

[656] SENADO FEDERAL, Atas do Conselho de Estado. Vol. II. Segundo Conselho de Estado, 1823-1834. Brasília-DF: Centro Gráfico do Senado Federal, 1973. Sessão 90ª, p. 220-1. Disponível no acervo do LAPEH-UFPE.

[657] SENADO FEDERAL, Atas do Conselho de Estado. Vol. II. Segundo Conselho de Estado, 1823-1834. Brasília-DF: Centro Gráfico do Senado Federal, 1973. Sessão 90ª, p. 220-1. Disponível no acervo do LAPEH-UFPE.

que se conservem, como até agora, obedientes às autoridades civis"[658]. A Câmara decidira que o Deputado Limpo de Abreu atendesse à convocação de Feijó, não fosse o requerimento de um Deputado não identificado solicitando que o ofício do ex-Ministro fosse remetido a uma Comissão[659].

A referida carta foi assinada por Feijó em 29 de julho de 1832, três dias após sua auto-demissão do cargo. Isso leva a conclusão de que Feijó — e certamente os Ministros que o acompanharam em sua demissão — ainda continuava no exercício de seu cargo em 30 de julho. Talvez tivessem até mesmo uma permissão extraoficial da Regência para isso. Isso caracteriza o tamanho da ilegalidade daquela ação. Sendo ex-Ministro da Justiça, Feijó ainda comandava os batalhões das Guardas Nacionais do Rio de Janeiro, que lhe serviam como verdadeiras milícias, atendendo aos seus maiores caprichos e desejos políticos.

A sessão continuou normalmente, discutindo pautas relacionadas a sessões anteriores, quando foi novamente interrompida por outro ofício, desta vez dos regentes. Esse ofício confirmava a decisão que a Regência tomara na sessão do Conselho de Estado da véspera[660]: delegariam à Câmara todo o poder político da nação. Os membros da Regência permanente, diante das circunstâncias "em que o estado se acha, depois da demissão de um ministério da sua mais alta confiança", diziam que não eram mais úteis nos cargos de regentes e foram "perante a augusta Câmara dos Srs. Deputados, dar, como lhes cumpre, a sua demissão, a fim de que os representantes do Brasil ocorram com uma nova eleição"[661]. Continuavam, ainda, afirmando que estavam "persuadidos que outros amigos da pátria [...] podem desempenhar mais plenamente as atribuições que lhes forem dadas pela Constituição". Em um determinado trecho, fica explícito que os regentes cooperaram com o Golpe, pois, "tornando à vida privada", os regentes não se julgavam desonerados "da obrigação de coadjuvarem com seus tênues esforços à grande causa da pátria"[662]. O golpe chegava a vias de fato.

---

[658] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 121.
[659] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 122.
[660] SENADO FEDERAL, Atas do Conselho de Estado. Vol. II. Segundo Conselho de Estado, 1823-1834. Brasília-DF: Centro Gráfico do Senado Federal, 1973. Sessão 90ª, p. 220-1. Disponível no acervo do LAPEH-UFPE.
[661] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 122.
[662] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 122-3.

O Deputado Ribeiro de Andrada solicitou que o ofício regencial fosse remetido à Comissão de Constituição e que os deputados não abandonassem os assentos sem que a questão estivesse resolvida na Comissão[663]. O Deputado Paula Araújo foi à tribuna discursar, dando mais dramaticidade à situação, afirmando que os planos restauradores estavam em curso e tentando conseguir mais apoio para a decisão do grupo de Feijó, dizendo que "está chegada a crise que há muito tempo se preparava [...], mas que desenganem-se os inimigos do Brasil, [...] enquanto houver um coração brasileiro, o déspota que por tanto tempo manchou o trono do Brasil não há mais de presidir os destinos da pátria". A fala de Paula Araújo foi aclamada pelos outros parlamentares, sobretudo quando falou que o trono de Pedro II não seria usurpado e que "a marcha da liberdade e da constituição não há de retrogradar entre nós"[664].

O Deputado Francisco de Paula Araújo parecia ainda seguir a indicação de Ribeiro de Andrada sobre enviar o ofício para uma comissão avaliadora. Entretanto, Paula Araújo, que certamente fazia parte da conspiração da Chácara da Floresta, parecia temer que a Comissão de Constituição — que era uma comissão *fixa*, por assim dizer — de alguma forma travasse o desenvolvimento do planejado golpe. À vista disso, solicitou ao Presidente da sessão que, "por serem as circunstâncias críticas", dizia o Deputado, "se nomeie uma comissão especial mais numerosa, de 5 membros ou de 7, para nos propor as medidas que se devem tomar nestas circunstâncias"[665]. O referido Deputado queria naquela comissão sujeitos que tivessem firmado compromisso com o golpe. Todavia, essa requisição encontrou resistência do Deputado Castro Alves, que não achava necessário se nomear uma comissão *ad hoc*, "por ser o negócio pertencente à [comissão] de Constituição, a qual devia dar seu parecer sobre o projeto"[666].

Depois de alguma discussão foi decidido que se nomearia uma comissão especial para avaliar a situação. A maioria da Câmara estava, àquela altura, bem inclinada ao golpe. Pode-se notar isso que, durante a fala de Paula Araújo, a ata da sessão registra ao menos três vezes "inumeráveis aplausos", ao passo que as falas de Ribeiro de Andrada e Castro Alves tiveram eco praticamente irrelevante entre os outros parlamentares. Tomada a decisão de formar uma comissão *ad hoc*, o Deputado Montezuma sugeriu que

---

[663] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 123.
[664] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 123.
[665] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 123.
[666] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 123.

o Presidente da sessão nomeasse os membros da Comissão. Foram escolhidos por Limpo de Abreu: Gabriel Mendes dos Santos, Odorico Mendes, Gervásio Pires Ferreira, Cândido Batista de Oliveira e, por último, o próprio Francisco de Paula Araújo, que solicitou que a Câmara declarasse sessão permanente "até a decisão desta importante questão"[667].

Quando a Comissão se retirou para avaliação, a sessão continuou normalmente, discutindo-se o orçamento do Ministério da Fazenda. No julgo de Otávio Tarquínio de Sousa, "tudo isso era calma fingida", um esforço "para não trair a comoção em que se debatiam os deputados da maioria"[668].

Mas a impaciência tomava conta dos golpistas. A Comissão já demorava bastante tempo e a sessão, que fora firmada como permanente pelo pedido do Deputado Francisco de Paula Araújo, foi interrompida às 14h. A sessão ficou interrompida por mais de duas horas e ainda assim a comissão *ad hoc* não dava o parecer sobre a demissão da Regência. Por volta das 16:20h, quando a sessão foi retomada, chegaram mais ofícios à mesa do Presidente. Assinado por Juízes de Paz das freguesias de São José, Santa Ana, Sacramento, Candelária e Santa Rita, o ofício tinha a mesma tonalidade do que fora enviado pelas Guardas Nacionais, declarando apoio a quaisquer medidas enérgicas que a Câmara pusesse em execução. Os Juízes de Paz, em virtude da "situação dolorosa em que se acha a capital e a pátria", pediam que os "representantes da nação" tomassem o quanto antes "as mais enérgicas providências para o bem da paz, cuja liberdade existe ameaçada pela feroz facção restauradora e pelos furores da implacável anarquia". Esperavam da Câmara o "heroico e prompto remédio aos males impendentes a este povo", e que os Deputados haviam sido eleitos para conduzirem "com mão segura o leme da nau do Estado, principalmente em situações arriscadas"[669].

Ao término da leitura do ofício dos Juízes de Paz, finalmente veio o parecer da Comissão *ad hoc*. Francisco de Paula Araújo foi o encarregado da leitura: "a comissão especial encarregada de dar o seu parecer a respeito da mensagem da Regência do Império, em que dá a sua demissão [...], passa a expor a sua opinião acerca deste objeto". Francisco de Paula Araújo, um homem eloquente, que falava com ardor, dizia que "ninguém de boa fé pode duvidar que [...] a nação se acha à borda de um abismo, [...]

---

[667] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 123.
[668] SOUZA, Octavio Tarquínio de. Op cit., 1957, p. 113.
[669] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 127.

principalmente pela existência de um partido retrogrado, que prega abertamente a restauração do detestado Pedro I [...] ao ponto de empunhar armas contra as autoridades". A fala de Paulo Araújo ainda explicitava todo o pretexto do golpe, que era a oposição do Senado às medidas de Diogo Antônio Feijó: "o Governo não pode lutar com vantagem contra tal partido com os meios que tem à sua disposição, principalmente quando a maioria do Senado [...] tem mostrado protegê-lo abertamente"[670]. O plano fora bem arquitetado. Além de acusar o Senado de proteger membros do partido restaurador — se referiam aos votos favoráveis à permanência de José Bonifácio na tutoria —, os Deputados do grupo de Feijó ainda justificavam que as ações do Senado levaram à demissão do Ministério, "que merecia a confiança da Regência e da nação", e impossibilitaram Regência de compor outro Gabinete[671].

Não havia mais motivos para esconder o planejado golpe. Tudo parecia justificar tais medidas: "a iminente guerra civil e a anarquia", o "horror das revoluções parciais e desregradas que hão de aparecer nas províncias", a "ruína do Império"[672]. Tudo em conta da oposição do Senado e a acusação de que José Bonifácio era partidário dos restauradores. Em verdade, José Bonifácio, um "caramuru bem intencionado"[673], e moderados da marca de Feijó e Evaristo da Veiga, no fundo, pareciam querer a mesma coisa: ordem, autoridade, influência correlata ao cargo que ocupavam, centralização do mando político. Mas Feijó e Bonifácio eram rivais. Tinham em conta velhas disputas desde o tempo do Ministério dos Andradas, ou até mesmo inimizades, pois Feijó fora espionado pela polícia naquela época. De uma forma ou de outra, Feijó e Bonifácio não poderiam se entender. E assim Paula Araújo deu a cartada final dos golpistas: "só as mais enérgicas medidas podem salvar a nação e o trono constitucional do Sr. D. Pedro II. [...] É de parecer que esta augusta Câmara se converta em Assembleia Nacional, para então tomar as resoluções que requer a crise atual"[674].

---

[670] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 127.
[671] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 127.
[672] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 128.
[673] SOUZA, Octavio Tarquínio de. Op cit., 1957, p. 101.
[674] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 128.

5.3.4 O fracasso

O parecer teve alguma discussão, onde alguns falavam votar à favor e outros contra. Era apenas uma formalidade, pois a maioria moderada já firmara o pacto. Todavia, ainda assim o golpe fracassaria. Por quê? Bem, não é uma resposta tão simples, e em conta disso a historiografia tem apresentado diferentes justificativas[675].

Em primeiro lugar, pode-se creditar o início da reviravolta ao novo ofício que chegara das Guardas Nacionais logo após a leitura do parecer da Comissão especial. O 1º Secretário leu a carta que, pelo seu teor, parece ter assustado até mesmo os que tinham participado das reuniões na Chácara da Floresta, pois a carta tinha um certo tom ameaçador. Apesar de dirigida à Câmara como um todo, a carta era, em verdade, uma mensagem de Feijó aos moderados com quem tinha firmado pacto, uma cobrança: "em vós, e só em vós, que haveis sustentado o Governo [referindo-se claramente aos Deputados da maioria, os moderados, seus partidários] temos depositado nossa confiança"[676]. Havia nada de espontâneo naquelas mobilizações das Guardas Nacionais. Verdade é que aquela carta era uma "tomada de contas dos cidadãos armados"[677] com a Câmara. As duas cartas enviadas pelas Guardas Nacionais revelavam nas entrelinhas o que as guardas realmente eram: milícias armadas à serviço de Diogo Antônio Feijó. E os Deputados logo notaram isso, percebendo os riscos que esse plano envolvia, pois o golpe implicava a passagem de uma situação de direito para uma situação cujo o arbítrio caberia somente a Feijó, que tinha sob seu comando poderosos batalhões armados[678]. A carta das Guardas Nacionais caracterizava um verdadeiro expurgo político: dava à Câmara cobertura para anular a oposição do Senado, que era "conivente com a facção restauradora"[679].

Essa é a visão de Paulo Pereira de Castro para o malogro do golpe: o espanto pelo extraordinário caráter faccioso das Guardas Nacionais causou uma tomada de consciência pela maioria dos Deputados conspiradores, fazendo-os optar por medidas mais moderadas, pela discussão das reformas, pela legalidade. Aponta este mesmo autor que optar pelo golpe teria sido "encerrar-se no interior do cordão sanitário que a Guarda

---

[675] Discussão que será apresentada mais à frente.
[676] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 128.
[677] CASTRO, Paulo Pereira de. Op cit., 1978, p. 24.
[678] Ibid, p. 23.
[679] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 128.

parecia querer estabelecer entre ela e o resto da Câmara e o Senado"[680]. A demonstração de força dada por Feijó, que inicialmente lhe rendera apoio por caracterizar seu compromisso com a ala moderada, agora surtia justamente o efeito contrário. O resultado disso foi uma contramaré 'conservadora' que arrastou toda a Câmara.

Em segundo lugar, a própria demora para o desfecho do golpe causou seu fracasso. A fala do Deputado Costa Ferreira em revolta pela justificativa dos Deputados que desistiram do 'trabalho' por estarem "cansados!!" expressa bem isso. A sessão, mesmo sendo declarada permanente, fora interrompida por longas horas. Dizia Costa Ferreira que "estivemos aqui ociosos todo o dia, estivemos até as duas horas da tarde, depois foram os Srs. Deputados para suas casa, comeram e até dormiram" e só voltaram aos trabalhos chegada a hora das "Ave-Marias". O referido Deputado estava indignado com o 'cansaço' dos outros parlamentares: "já nos achamos cansados? É tão pesada esta tarefa? [...] Cansados!!! É isto possível?"[681].

Na análise de Otávio Tarquínio de Sousa "tal retardamento seria um fator psicológico de maior importância no malogro do golpe"[682], pois a demora teria conspirado contra os conspiradores, fazendo esfriar o ardor, entorpecer o ímpeto, afrouxar o compromisso e surgir a dúvida. Quando finalmente chegara o pronunciamento da Comissão *ad hoc*, dando "a palavra mágica" para o golpe, o *xeque*, já não era possível reanimar as vontades hesitantes e restaurar o compromisso inicial[683]. A partir desse momento os deputados inclinaram-se para uma discussão pública, para um debate que buscasse reformas mais brandas. E isso se verifica na discussão que se seguiu naquela sessão.

O primeiro a subir à tribuna foi o Deputado Honório Hermeto Carneiro Leão. Carneiro Leão, que tivera participação contraditória na conspiração da Chácara da Floresta, finalmente saíra da indecisão. No ápice da ação optou pela moderação que tanto lhe rendera fama e prestígio. A "cabeça fria" do referido Deputado emitia uma "opinião com liberdade e franqueza" para tirar dos seus colegas parlamentares "a venda dos olhos" e indicar-lhes "o caminho da legalidade". Usando "toda a energia e força da alma para poder resistir à torrente de sua opinião", Carneiro Leão se separava dos seus colegas que, "cujas boas intenções e sincero amor a pátria", optavam pelo caminho da

---

[680] CASTRO, Paulo Pereira de. Op cit., 1978, p. 24.
[681] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo II. Brasília, 1982, p. 131.
[682] SOUZA, Octavio Tarquínio de. Op cit., 1957, p. 114.
[683] Ibid, p. 115.

ilegalidade. No seu julgo, o "voto à favor das reformas [...] e as leis justas que forem necessárias para conter os partidos" deveriam acontecer pelos "meios seguros e legais" que dispunham na Constituição, e que no Senado passariam "em 3ª discussão algumas emendas ao projeto de reformas"[684].

Em seguida tomaram a tribuna Evaristo da Veiga e José Bento Ferreira de Melo. Mas de nada serviu o ímpeto de seus discursos em defesa de uma "medida salvadora e justa, seja qual for", pois Carneiro Leão voltaria à tribuna para dizer que só via entre seus colegas da Câmara "cabeças escaldadas e [...] espíritos vulcanizados" que pouco tinham a ver com a moderação que tanto prezava pela legalidade[685]. Ainda no mesmo discurso, Carneiro Leão afirmava que não cabia à Câmara fazer tais reformas, não daquela maneira, e que, permanecendo a insistência, a Regência deveria dissolver a Câmara, "para que se convoque uma nova Câmara, para que seus membros venham legalmente autorizados afim [sic] de fazerem as reformas: para cuja decretação definitiva não temos autorização". Por fim, dava amostras do seu espírito legalista: "eu não tenho missão para estabelecer estas reformas, tenho missão para fazer leis conforme a Constituição; esta missão hei de executar, e não outra"[686]. A posição de Carneiro Leão era como uma onda devastadora. Devido seu discurso, vários deputados mudaram de opinião, o que ficou bem expressado na fala de Paula Araújo. O referido Deputado, que tanto defendera os planos do Golpe, que fizera parte da Comissão *ad hoc* e que assinara o parecer, agora mudava de opinião: "apesar de ter assinado o parecer da comissão, não sou teimoso, sou capaz de ceder a razões"[687].

Após a fala de Paula Araújo, estava definida a derrota dos conspiradores da Chácara da Floresta. Assim define Otávio Tarquínio de Sousa o fracasso daquele plano: "a demora na elaboração do parecer da Comissão, a saída dos Deputados para jantar e a ação emoliente de Honório Hermeto [Carneiro Leão] tinham feito malograr-se o golpe dos moderados"[688]. Era culpa de um "fenômeno de psicologia coletiva ligado à lentidão com que se arrastou a sessão parlamentar de 30 de julho"[689].

---

[684] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo I. Brasília, 1982, p. 128.
[685] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo I. Brasília, 1982, p. 129.
[686] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo I. Brasília, 1982, p. 130.
[687] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo I. Brasília, 1982, p. 130.
[688] SOUZA, Octavio Tarquínio de. Op cit., 1957, p. 118.
[689] Ibid, p. 114.

Mas essa é uma explicação insatisfatória, uma explicação que não dá conta da complexidade das posições políticas na Câmara. Um momento específico da fala do Deputado Odorico Mendes chama atenção: "um novo movimento é que nos pode ligar: moderados e exaltados, todos querem a liberdade" — essa foi uma declaração muito ovacionada, os anais registraram diversas vezes nesse discurso os "inumeráveis aplausos" e "muitos apoiados" —; continuava: "os restauradores é que não a querem: contra eles seja a união de todos os brasileiros"[690]. O discurso de Odorico Mendes era uma tentativa de ressuscitar o ímpeto, é verdade, mas, se a justificativa para o golpe era justamente baseada na existência de uma aliança entre exaltados e restauradores, por que, de repente, os moderados se voltariam em busca do apoio dos exaltados? Por um motivo: as posições na Câmara mudavam com elevada frequência, não havia uma posição definida por 'ideologias partidárias', havia sim uma posição definida por interesses entre certos 'segmentos'; havia 'partidos' dentro dos partidos. Essa é a interpretação de Marcello Basile que, em apoio às interpretações de Paulo Pereira de Castro e de Otávio Tarquínio de Sousa, é a explicação mais consistente para o malogro do golpe[691].

Já mencionamos anteriormente que a vida política regencial se destacava por sua complexidade de práticas e discursos, pois, naquela época, a política transcorria numa emergente esfera pública. Em virtude disso, "trazendo à baila projetos distintos"[692], exaltados, moderados e caramurus buscavam conquistar a opinião pública. Assim, o ambiente da Câmara refletia o conturbado clima de incertezas e práticas que foi característico do período. Por isso, nota-se que os políticos da época eram propensos a indefinições e frequentes mudanças de posição, o que causava uma composição partidária bastante instável. Além da clássica trifurcação do espectro partidário — moderados, exaltados e restauradores (ou caramurus) —, é preciso levar em conta que, "diante da complexidade das questões envolvidas, das dúvidas daí decorrentes e dos interesses em jogo"[693], todas as facções políticas apresentavam divergências internas.

Havia na Câmara, portanto, contingentes flutuantes, posições partidárias mal definidas, suscetíveis, ao mesmo tempo, tanto ao agrupamento quanto à dispersão de ideias. E isso pode ser notado com clareza na tentativa de Golpe em julho de 1832. Não custa lembrar que, na Comissão *ad hoc* que fora formada para dar o parecer sobre o

---

[690] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo I. Brasília, 1982, p. 132.
[691] BASILE, Marcello O. N. de C. Op cit., 2011, p. 89-121.
[692] BASILE, Marcello O. N. de C. Op cit., 2006, p. 60.
[693] BASILE, Marcello O. N. de C. Op cit., 2011, p. 106.

ofício demissionário dos regentes, estava o outrora republicano Gervásio Pires Ferreira, mas que naquele momento era um moderado de destaque. Movida ao sabor dos acontecimentos e das circunstâncias, a bancada moderada ficou dividida na execução do seu próprio plano. Inicialmente, o pretexto estava fundamentado na posição do Senado em rejeitar a destituição de José Bonifácio da tutoria de Pedro II e de travar as reformas constitucionais; em seguida entrou em pauta a obtenção de maiores poderes para o Governo — cujo apoio principal era a própria bancada moderada —, a fim de suprimir a atuação política dos exaltados e restauradores; depois buscou-se o apoio dos exaltados, antes apontados como cúmplices de toda a desordem que se instalara nas províncias, para a criação de uma aliança contra a ameaça restauradora; e, por fim, o retorno à égide da legalidade, a opção pelas "meias medidas, soluções mansas, medidas conciliatórias", e que, curiosamente, foi marcada por uma concordância entre moderados e caramurus[694].

Foi justamente esse 'retorno à legalidade' que marcou a cena final do insucesso da trama, pois os restauradores 'inverteram' o argumento inicial dos moderados: os discursos de Holanda Cavalcanti, Miguel Calmon, Martim Francisco e Antônio Rebouças clamavam a permanência da Regência e a nomeação de um ministério "de confiança pública", pois seria essa a melhor maneira de evitar a anarquia e a dissolução do Estado imperial[695]. Assim, o apelo à legalidade curiosamente marcou, em último caso, o coro entre os moderados que abandonaram a trama e os caramurus, que antes foram apontados como os principais responsáveis pela desordem que era apresentada como a principal justificativa para o golpe. Com base nisso, é possível perceber que, durante o Período Regencial, a identificação de um político com uma determinada facção política não eliminava a possibilidade de eventuais alianças com outros grupos rivais. As motivações para isso são as mais variadas: divergências de princípios políticos, clivagens regionais, afinidade no uso prático da ação política e, obviamente, os interesses pessoais. E assim se pode explicar o insucesso do golpe: a instabilidade do ambiente partidário da Câmara e as incertezas nutridas por um contingente de Deputados cujas posições oscilavam de acordo com as vicissitudes políticas foi responsável por uma reviravolta no plano arquitetado na Chácara da Floresta[696]. Assim se encerrava a "Revolução dos Três Padres", como chamou Otávio Tarquínio de Sousa[697].

---

[694] SOUZA, Octavio Tarquínio de. Op cit., 1957, p. 118.
[695] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Terceiro anno da Segunda Legislatura. Sessão de 1832, Tomo I. Brasília, 1982, p. 133-6;
[696] BASILE, Marcello O. N. de C. Op cit., 2011, p. 109-10.
[697] SOUZA, Octavio Tarquínio de. Op cit., 1957, p. 97-129.

Mas da derrota da conspiração dos três padres se pode tirar uma conclusão: "as revoluções malogradas acabam vencendo sempre mais tarde pela realização da parte orgânica de seus planos, pela adoção de tudo quanto trazia a força de um imperativo histórico"[698]. E sobre isso se pode observar que, se a Constituição de Pauso Alegre, que foi o texto com as propostas de reformas constitucionais apresentado pelos golpistas na sessão de 30 de julho de 1832, se baseava claramente no que fora proposto por Teófilo Otoni na encíclica promotora, o texto do Ato Adicional, que viria ser aprovado em agosto de 1834, por sua vez, baseava-se justamente na Constituição de Pouso Alegre. O quase sucesso do golpe serviu como um alerta para os políticos da época: as reformas eram necessárias e, cedo ou tarde, aconteceriam, pois não havia como impedi-las. Havia, contudo, como conduzi-las. Através da barganha, da transação, o Ato Adicional, em agosto de 1834, iria, até certo ponto, mais longe que a própria Constituição de Pouso Alegre. Mas antes disso, diante dos insucessos em reformar a Constituição, haveria até mesmo quem oferecesse um prêmio em dinheiro para a pessoa que conseguisse elaborar um projeto de reformas constitucionais que caracterizasse uma monarquia federativa.

5.4 "UM CONTO DE RÉIS EM MOEDA CORRENTE E MAIS UMA MEDALHA D'OURO"[699]: O CONCURSO DA SOCIEDADE FEDERAL.

Em setembro de 1832 a Sociedade Federal anunciava um importante concurso para a elaboração de uma obra que desse forma a um governo federativo. A historiografia assevera que o anúncio foi publicado no periódico oficial da sociedade, *O Federalista*, mas não pude localizar a edição precisa que continha este anúncio, além do fato de a mesma historiografia ter apresentado informações contraditórias sobre esta fonte — segundo Pereira da Costa o concurso foi anunciado no *Federalista* de 5 de setembro de 1832[700], enquanto Silvia Fonseca aponta que em 5 de setembro foi a reunião da Federal em que se discutiu a proposta do concurso, não a sua publicação, sendo o anúncio publicado na edição número 25 de 6 de outubro de 1832[701]; de uma forma ou de outra, não pude localizar cópias desta edição. Todavia, uma versão talvez reduzida deste anúncio foi publicada no periódico recifense *O Topinambá*[702], redigido por Antônio Pereira Barroso de Morais e impresso por José Victorino de Abreu na tipografia do

---

[698] Ibid, p. 129.
[699] O Topinambá nº 7 de 22 de outubro de 1832.
[700] PEREIRA DA COSTA. F. A. Op cit., 1965, p. 444.
[701] FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. Op cit., 2016, p. 296.
[702] O Topinambá nº 7 de 22 de outubro de 1832.

Diario de Pernambuco. Esse periódico frequentemente publicava textos em defesa do federalismo e críticas a deputados e senadores moderados e caramurus. O concurso também foi publicado no *Bússola da Liberdade*[703], também impresso na tipografia do *Diário*.

Há apenas poucos dias chegara a Pernambuco notícias sobre a tentativa de Golpe na Câmara: "isto é novidade na Corte: chega [...] a suspirada notícia de haver-se evaporado toda a *Feijoada*"[704]. É possível notar que esta notícia causou certa dissonância entre os federalistas da velha província, pois os dois periódicos mais 'extremados' na defesa do federalismo daquele momento, o *Bússola da Liberdade* e o recém-criado *O Topinambá* — ambos impressos e distribuídos por José Victorino de Abreu —, manifestaram posições diferentes sobre aquela tentativa de golpe. Na edição que anunciava o concurso da Federal, *O Topinambá* 'defendia', de certa forma, as reformas que tinham sido propostas na Constituição de Pouso Alegre[705], apesar de temer o "casamento" entre moderados e caramurus[706]. Mas aquelas propostas, que eram baseadas no projeto de monarquia federativa esboçado por Teófilo Otoni meses antes, apesar de darem um certo sabor de autonomia administrativa para as províncias, garantiam ainda mais a centralização do poder político nas mãos dos moderados. Verdade é que, sendo a Câmara majoritariamente dominada por políticos da ala moderada, dar poderes extraordinários àquela Casa era mesmo dar todo o mando político àquela facção. Em suma, o apoio a tais reformas que pareciam dar um largo passo em direção à federação — aqui me refiro ao sentido atribuído pelos exaltados a este termo —, era, em verdade, uma garantia ainda mais firme da consolidação moderada. Convém atentar que a vitória dos moderados não significava uma centralização do Estado como viria a acontecer após o Regresso conservador na década de 1840, mas sim uma proposta *não radical* de 'descentralização'. Enfim, como dizia a tônica dos discursos desta ala: que tudo fosse conduzido sob a égide dos princípios da moderação.

Entretanto, os liberais exaltados do *Topinambá* não eram ingênuos, não estavam sendo *enganados* por aquelas propostas, pois, como diziam, não estavam "infectados por esta raça de mandões"[707]. Pelo contrário, estavam cientes do peso centralizador daquelas

---

[703] Bússola da Liberdade nº 125 de 16 de setembro de 1832.
[704] A linguagem incendiária e o humor ácido eram a marca maior do folheto redigido pelo Padre Barbosa Cordeiro; "Feijoada" era o termo que o mencionado Padre utilizava para se referir à conspiração liderada por Antônio Diogo Feijó. Ver: Bússola da Liberdade nº 125 de 16 de setembro de 1832.
[705] O Topinambá nº 7 de 22 de outubro de 1832.
[706] O Topinambá nº 3 de 22 de setembro de 1832.
[707] O Topinambá nº 7 de 22 de outubro de 1832.

medidas, mas, ainda assim, dentro de certos limites, decidiram apoia-las, o que é possível de observar na matéria publicada acima do anúncio do concurso da Federal: "se o Brasil reclama uma Federação segundo os limites atuais [referindo-se aos limites dos princípios da maioria moderada], é porque, tendo falta de materiais próprios para um novo edifício social, não pode absolutamente demolir certas pessoas exóticas"[708].

Por outro lado, liberais da estirpe do Padre Barbosa Cordeiro não adotaram semelhante opinião; pelo contrário, dezenas de alfinetadas foram distribuídas no *Bússola da Liberdade*: "não faz muito tempo que principiaram por estabelecer que quem falava do Governo era anarquista, agora falam do Governo e continuam a chamar-se moderados!". O Padre ainda continuava na linguagem incendiária que era característica do seu folheto: "disseram que só o canalha, que não tem o que perder, é que desejava revoluções; agora assinalam sem fundamento que as pessoas que tem as rédeas do Governo são traidoras"[709] — em "revoluções" referia-se às medidas drásticas justificadas pelos conspiradores, pois, por anunciar rupturas tão repentinas, foram referenciadas como 'revolução', o que se observa até mesmo no título dado por Otávio Tarquínio de Sousa ao golpe ensaiado, revolução dos três padres.

Mesmo após a notícia do insucesso do golpe o redator do *Bússola da Liberdade* argumentaria que, ainda assim, os moderados do grupo de Feijó comandariam o Governo do Império: "a Feijoada evaporou-se, sim, da Corte, mas reunir-se foi à São Paulo", para onde teriam fugido "o mesmíssimo Padre Feijó, com a pasta da in-justiça; Gervásio Pires Ferreira, com a da Fazenda; *Evaristo Aurora* [Evaristo da Veiga, redator da *Aurora Fluminense*], com a do Império; Paula Arajúo, Carneiro da Cunha" e vários outros partidários de Feijó, que seriam "arranjados até a chegada da Regência, a qual manifestará sua fugitiva mudança, proclamando essa nova Sede do Governo". E, em conta disso, finalmente dava seu posicionamento final: "não damos crédito a esse plano"[710].

[708] O Topinambá nº 7 de 22 de outubro de 1832.
[709] Bússola da Liberdade nº 125 de 16 de setembro de 1832.
[710] Bússola da Liberdade nº 125 de 16 de setembro de 1832.

Figura 7 – Caricatura de Diogo Antônio Feijó retirando-se carrancudo para a Província de São Paulo

Fonte: MOREL, Marco. Op cit., 2003, p. 40.

Assim, diante das discordâncias manifestadas na imprensa exaltada de Pernambuco a respeito das reformas propostas na Constituição de Pouso Alegre, os membros da Sociedade Federal de Pernambuco decidiram compor sua própria proposta de reforma constitucional e, em conta disso, lançaram o seguinte concurso: "a Sociedade Federal de Pernambuco [...] oferece o prêmio de um conto de réis em moeda corrente e mais uma medalha de ouro [...]" a quem, até o fim do ano de 1833, apresentasse à mesma Sociedade uma obra "em que melhor e com mais exatidão trate da natureza, definição, espécies e excelência do Governo Federativo sobre os Governos Constitucionais Unitários"[711]. A medalha seria confeccionada em ouro, contendo ao redor de uma das faces a seguinte legenda: "A Sociedade Federal de Pernambuco". No centro da mesma face seria talhado o emblema da Sociedade. Na outra face seria talhado, ao redor, o nome da pessoa premiada e no centro o ano em que se decretasse a Federação.

O concurso não exigia apenas um texto que definisse "a natureza" de um Governo federativo, mas sim que desse "igualmente um plano justificado" para a sua execução, que fosse "adaptável às circunstâncias do Império do Brasil". Tinha a Federal, em conta disso, uma meta bem justificada: o prêmio deveria recair sobre aquela das obras que, "sendo levada à Assembleia Geral Legislativa do Império", fornecesse à mesma "a maior soma de ideias na composição do novo Código Federal". Mas o prêmio só seria

---

[711] O Topinambá nº 7 de 22 de outubro de 1832 e Bússola da Liberdade nº 125 de 16 de setembro de 1832.

dado ao compositor das ideias caso o “Novo Código Federal Brasileiro” fosse aprovado na Assembleia Geral Legislativa, e, para isso, a Sociedade Federal escolheria um Júri de doze membros, que deveriam se responsabilizar por todos os trâmites do pagamento, principalmente a confecção da medalha. E claro, estava também em jogo todo um ‘prestígio público’ que envolveria a figura do candidato vencedor. E a Sociedade Federal soube utilizar-se disso, apelando à elevação do ego de “todos os sábios patriotas, brasileiros e estrangeiros, à que se deem a um trabalho”, pois, caso se decretasse tal forma de Governo “lhes resultará, além do prêmio anunciado, as bençãos de uma nação generosa e livre”[712]. O anúncio do concurso terminava com as assinaturas do Brigadeiro Francisco de Paula e Vasconcelos, então Presidente da Sociedade, que por conta disso conduzira a sessão em que se decretara o lançamento do ‘edital’, e de Francisco Inácio de Ataíde, 1º Secretário e redator da ata da sessão, na “casa das sessões da Sociedade Federal de Pernambuco em sessão de 5 de setembro de 1832”[713].

Esse documento serve ainda para se notar um ponto importante: em menos de um ano de sua existência a Sociedade Federal já se encontrava financeiramente bem estabilizada, pois, além de oferecer um prêmio de considerável valor, já tinha posse de uma casa de sessões própria[714]. Vale lembrar que a aquisição de uma residência própria foi uma pauta de grande importância nas sessões da Federal por volta de maio de 1832, causando até certa discussão dos membros, uma vez que a casa cotada para ser a oficial da Sociedade localizava-se no Bairro da Boa Vista, que custava o preço de duzentos mil réis (200$000), parecia ferir a grandiosidade da imagem que a sociedade deveria impor, pois o referido endereço era muito distante do perímetro central da capital e, portanto, pouco visível aos transeuntes dos centros urbanos[715].

A respeito do prêmio ofertado, destaca-se a importância de um conto de réis (1:000$000). Mas qual era o valor dessa importância? Pelo que se pode observar na tese de Bruno Câmara, em meados de 1834, se contratado por um estabelecimento com bom movimento no centro do Recife, um caixeiro com experiência de venda e “boa conduta” poderia ganhar até duzentos mil réis (200$000) anuais, “algo que deveria ser muito”, como assinala o referido autor, “pois raramente se publicava o valor salarial nos anúncios de jornais”[716]. Os caixeiros mais bem pagos, a “elite da profissão”, chegavam a

[712] O Topinambá nº 7 de 22 de outubro de 1832 e Bússola da Liberdade nº 125 de 16 de setembro de 1832.
[713] O Topinambá nº 7 de 22 de outubro de 1832 e Bússola da Liberdade nº 125 de 16 de setembro de 1832.
[714] O Topinambá nº 7 de 22 de outubro de 1832 e Bússola da Liberdade nº 125 de 16 de setembro de 1832.
[715] O Federalista nº 13 de 30 de maio de 1832.
[716] CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. Op cit., 2012, p. 39-40.

ganhar até seiscentos mil réis (600$000) anuais, quantia equivalente ao salário anual de um professor do Liceu. Segundo uma matéria do *Diario de Pernambuco* citada por este mesmo autor, nesta época, com quinhentos mil réis (500$000), poder-se-ia comprar uma boa escrava de 20 anos de idade, "costureira e engomadeira", ou um jovem escravo de 18 anos "capaz de fazer qualquer obra"[717]. Ou seja, o prêmio oferecido pela Sociedade Federal seria mais ou menos suficiente para comprar dois bons jovens escravos, ou ainda cinco residências nos arrredores da Boa Vista, se tomarmos por base o valor da casa de sessões ofertada na sessão da Federal em maio de 1832[718].

Na leitura de vários jornais da época pode-se perceber que havia uma destacada admiração pelo modelo norte-americano de federalismo. Augustin Wernet afirmou não ter encontrado nos jornais "ideias claras e exatas sobre um sistema federal para o Brasil", apesar de notar com frequência "quem voltasse os olhos para a federação dos Estados Unidos Americanos"[719]. Apesar da análise do referido autor ser dedicada mais aos jornais da Província de São Paulo, sobretudo *O Observador Constitucional* — cujas publicações elevavam o exemplo norte-americano e davam destaque ao avançado "republicanismo democrático"[720] do sistema federalista daquele país —, podemos observar em Pernambuco semelhante acontecimento. No *Diario de Pernambuco* frequentemente se falava que "a América do Norte [...] tem sido feliz com um Governo puramente democrático"[721]. Quando em algum jornal publicava-se alguma correspondência declarando as deficiências do sistema federativo norte-americano, os redatores dos jornais exaltados logo manifestavam-se em defesa daquele modelo. Pode-se observar isso no *Topinambá*, quando, em resposta a um comunicado anônimo publicado no *Diario de Pernambuco* — que dizia que "para podermos gozar da liberdade [com *liberdade* referia-se à 'democracia' norte-americana] é necessário que primeiramente nos tornemos dignos dela" e que a liberdade era também "a fonte de muitos males para aqueles que, sem o merecimento que ela exige, a querem abraçar em toda sua extensão"[722] —, o redator escreveu: "longe vá o seu agouro!"; e cobrou melhores explicações do anônimo autor do comunicado, "para o refutarmos completamente", pois, "se não nos esclarecer, passará por charlatão"[723].

---

[717] Ibid, p. 40.
[718] O Federalista nº 13 de 30 de maio de 1832.
[719] WERNET, Augustin. Op cit., 1978, p. 57-8.
[720] O Observador Constitucional nº 158 de 27 de junho de 1831. *APUD* WERNET, Augustin. Op cit., p. 59-61.
[721] Diario de Pernambuco nº 473 de 15 de setembro de 1832.
[722] Diario de Pernambuco nº 473 de 15 de setembro de 1832.
[723] O Topinambá nº 3 de 22 de setembro de 1832.

Entretanto, é necessário fazer um complemento à afirmação de Augustin Wernet: ao menos nos jornais de Pernambuco, por vezes os argumentos em prol da federação não se dedicavam precisamente à definição de um *conceito* político ou filosófico do federalismo, mas sim à construção de uma ideia que era baseada na própria observação da peculiar e imponente natureza do continente americano. Ora, a gigantesca extensão territorial, por vezes cortada por grandes rios, por outras por intransponíveis desertos, definia por si só a necessidade da federação. Observa-se no *Federalista*: "cada uma das províncias, ainda das mais pequenas, tem maior extensão do que reinos inteiros da Europa. A natureza as dividiu por montanhas, lagos, rios e serranias, de sorte que algumas subsistem sem relação alguma com as outras"[724]. Ou seja, o frequente apelo ao modelo norte-americano de federação não lastreava-se na tradição ou na história de como este se desenvolvera nos Estados Unidos, mas sim na observação natural do continente, que faria notar a inadequação e a insuficiência do modelo das monarquias europeias no 'Novo Mundo'. Além disso, assim como ocorrera nos Estados Unidos, a república aconteceria em consequência da federalização, pois, como se argumentava no *Federalista*, a "marcha republicana" era irreversível: "o homem que reflete seriamente sobre o vastíssimo Brasil, que considera [...] sua capacidade territorial e suas províncias tão distantes umas das outras, [...] não pode desconhecer que o Brasil há de vir a ser republicano". Dizia ainda que era preciso "ser cego para não ver que o nosso Brasil não pode conservar uma monarquia encravada no meio de repúblicas". Em todos os Estados do continente americano desejavam-se ver, o quanto antes, as monarquias aniquiladas, pois, "enquanto esses Estados virem por cá uma testa coroada, terão sempre justas desconfianças de que o sistema Europeu prepondere no Novo Mundo"[725].

À vista disso, podemos notar que, além dos interesses políticos almejados em uma reforma do sistema de Governo do Brasil, o concurso lançado pela Sociedade Federal poderia ter, talvez, até mesmo um interesse de superar essa constante referência ao modelo norte-americano, elaborando sua própria concepção de federação, notando que a natureza, ou melhor, a conceituação de federação deveria ser particular à realidade brasileira. Todavia, devido ao enfraquecimento da Sociedade Federal após a transação entre a Câmara e o Senado, que resultou na elaboração da Lei de 12 de outubro de 1832, não restaram registros documentais que revelassem o resultado do concurso promovido por esta sociedade.

---

[724] O Federalista nº 2 de 13 de janeiro de 1832.
[725] O Federalista nº 3 de 17 de janeiro de 1832.

5.5 O ATO ADICIONAL

Apesar de se discutir, às vezes, algumas ideias e tendências republicanas em algumas províncias específicas do Império, esta corrente política não ocupava o centro do debate naquela primeira metade da década de 1830. Como aponta José Murilo de Carvalho, o fato de ter sido uma criança de cinco anos de idade aclamada imperador em praça pública, é um forte indicador da predominância da tendência monárquica no Brasil[726]. A grande discussão da época recaía, em verdade, na possibilidade de se excluir os aspectos absolutistas da Constituição e reforçar, dentro de certos limites, alguns pontos 'federalistas'. Todavia, não se tratava de estabelecer uma monarquia federativa, uma forma de Governo com autonomia política para todas as Províncias. Ao contrário, o que se pode notar nas reformas de 1834 é a manutenção de um poder político central. O que estava nos planos daquelas reformas, era, entretanto, uma maior autonomia de gestão financeira e legislativa das Províncias. Era, em grande parte, um atendimento aos apelos das elites regionais. Com o Ato Adicional, algumas medidas pareciam atender os anseios federalistas, como a criação das Assembleias Legislativas Provinciais, a divisão de rendas e a eliminação do Conselho de Estado. Em contrapartida, mantiveram-se os baluartes do governo do Primeiro Reinado na Constituição: a vitaliciedade do Senado e o Poder Moderador, além de travar a criação dos executivos municipais.

O anti-absolutismo e a crescente onda liberal que dominou as províncias logo após a Abdicação era a promessa de uma nova atmosfera política para o Brasil. Mas levaram-se quase quatro anos para que finalmente acontecessem alterações na Constituição e, quando aconteceram, ficaram muito aquém do que esperavam os fervorosos apoiadores das reformas. Apesar da esperança de alguns liberais exaltados, a decisão pelas 'meias medidas' não devem ter sido surpresa alguma, pois, como se pode observar no *Bússola da Liberdade*, já não esperavam pela "federação como uma reforma proveniente do Poder Legislativo em 1834"[727]. Ainda em 1832, registrada no livro 5º das Leis, Alvarás e Cartas por Honório Hermeto Carneiro Leão, era estabelecida a Lei de 12 de outubro, que impunha sérios limites às emendas e reformas que deveriam ser feitas na legislatura de 1834. Um verdadeiro teto para os anseios federalistas. Assim, se era inevitável reformar a Constituição, que ela fosse conduzida dentro dos limites da moderação.

---

[726] CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2005, p. 164.
[727] Bússola da Liberdade nº 31 de 12 de outubro de 1831.

Tendo falhado o Golpe de Feijó na Câmara, o Senado, talvez por receio dos perigos iminentes caso continuasse a retardar a solução das reformas que foram enviadas pela Câmara em 1831 — o projeto de Teófilo Otoni e Miranda Ribeiro —, ou talvez porque julgasse favorável a oportunidade de retirar do projeto certas disposições a quais se opunha — tais como a abolição do Poder Moderador, a monarquia federativa e, sobretudo, a temporariedade do Senado —, decidiu enviar à Câmara dos Deputados em 1º de agosto de 1832 sua própria versão de reforma constitucional. Rejeitadas umas emendas e aprovadas outras, tiveram lugar nas reuniões da Assembleia Geral dos dias 17 à 28 de setembro as discussões que fixaram a Lei de 12 de outubro de 1832[728].

A referida lei, além de dar excepcionais poderes aos Deputados para reformarem a Constituição, dava também todo o 'programa' a ser seguido, isto é, determinava quais artigos poderiam ser modificados. Para ser mais preciso, a lei abria espaço para a reformulação dos seguintes artigos: 49, "a fim de poder o Senado reunir-se independentemente da Câmara dos Deputados"; 72, "que excetua de ter Conselho Geral à província onde estiver a Capital do Império"; 73, 74, 76, 77, 80, 83 (somente o parágrafo terceiro), 84, 85, 86, 87, 88 e 89, "para o fim de serem os Conselhos Gerais convertidos em Assembleias Legislativas Provinciais"; 101 (somente o parágrafo quarto), "sobre a aprovação das resoluções dos Conselhos Provinciais pelo Poder Moderador" — foi principalmente a isso que Cipriano Barata se referiu como "a grande manqueira do projeto"[729], o que será tratado com a devida atenção mais à frente —; 123, "para o fim de que a Regência Permanente seja de um só membro e quanto à forma de sua eleição"; 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, "para o fim de ser suprimido o Conselho de Estado"; 170 e 171, "em relação à reforma que se fizer no artigo 83 parágrafo terceiro"[730]. Estabelecia-se, assim, um verdadeiro teto a fim de evitar que tomasse forma no Brasil uma monarquia federativa.

Nesse meio tempo de esperas por reformas, de 1831 a 1834, não só as tendências liberais ganharam corpo por todo o Império, mas também as restauradoras, que se articularam em várias províncias e criaram sérias ameaças à centralização do Estado Imperial. Entre os diversos momentos de crise política, optou-se, mais uma vez, pelas meias medidas. Se, por um lado, o Poder Moderador não caiu e a Federação não foi

[728] Annaes do Parlamento Brazileiro Câmara dos Srs. Deputados. Primeiro Anno da Terceira Legislatura, Sessão de 1834. Tomo I. Rio de Janeiro, 1879, p. 7.
[729] Sentinel da Liberdade na Sua Primeira Guarita, a de Pernambuco, Onde Hoje Brada Alerta! de 23 de julho de 1834. In: BARATA, Cipriano. Sentinela da Liberdade e outros escritos (1821-1835). Organização e edição: Marco Morel. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 880.
[730] Colleção das Leis do Imperio do Brazil (1832). Parte 1. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1874, p. 106-7.

proclamada, por outro, marcou-se o fim do Conselho de Estado e instituíram-se as Assembleias Legislativas Provinciais, com uma relativa autonomia.

Quando aprovado em 12 de agosto de 1834 as reformas constitucionais do Ato Adicional, além de extinguirem o Conselho de Estado, substituíam também a Regência Trina pela Regência Una. A cada quatro anos um Regente deveria ser eleito através do voto direto e secreto[731]. Esse é o ponto principal que levou Paulo Pereira de Castro a se referir ao Período Regencial como uma "experiência republicana"[732]. Como foi mencionado há apenas algumas páginas, a derrota dos conspiradores da Chácara da Floresta na tentativa de golpe de julho de 1832 leva à conclusão de que mesmo as 'revoluções' malogradas, no fim, acabam vencendo, pois, como disse Otávio Tarquínio de Sousa, terminariam sendo realizadas pela "parte orgânica de seus planos"[733]. O texto apresentado em julho de 1832 na Câmara, que trazia no seu âmago boa parte do que fora arquitetado por Teófilo Otoni e Miranda Ribeiro em fins de 1831 e início de 1832, reaparecia nas emendas do Ato Adicional. As reformas da Constituição aconteceriam, de uma maneira ou de outra, e nem mesmo os carrancudos "velhos do Senado"[734] iriam impedi-las.

Longas discussões aconteceram na Câmara dos Deputados até que se aprovasse redação final do texto. A primeira e mais longa delas aconteceu nas sessões dos dias 14, 16, 17 e 18 de junho de 1834, onde o texto foi aprovado pela maioria[735]; na sessão de 23 de junho ocorreu a segunda discussão, novamente aprovado pela maioria[736]; na de 26 de junho aconteceu a terceira discussão[737] e na de 6 de agosto a última, que finalmente fez a redação final do texto, que viria a ser aprovado no dia 12 do mesmo mês[738]. As numerosas emendas foram aprovadas sem a participação do Senado. Mesmo que se questionasse a legalidade da condução das emendas — podendo-se notar o requerimento do Senador José Saturnino da Costa Pereira, para "declarar-se ilegal a forma da

---

[731] Annaes do Parlamento Brazileiro Câmara dos Srs. Deputados. Primeiro Anno da Terceira Legislatura, Sessão de 1834. Tomo I. Rio de Janeiro, 1879, p. 13-22.
[732] CASTRO, Paulo Pereira de. Op cit., 1978, p. 09-67.
[733] SOUZA, Octavio Tarquínio de. Op cit., 1957, p. 129.
[734]Ibid, p. 128.
[735] Annaes do Parlamento Brazileiro Câmara dos Srs. Deputados. Primeiro Anno da Terceira Legislatura, Sessão de 1834. Tomo I. Rio de Janeiro, 1879, p. 129-54.
[736] Annaes do Parlamento Brazileiro Câmara dos Srs. Deputados. Primeiro Anno da Terceira Legislatura, Sessão de 1834. Tomo I. Rio de Janeiro, 1879, p. 165-72.
[737] Annaes do Parlamento Brazileiro Câmara dos Srs. Deputados. Primeiro Anno da Terceira Legislatura, Sessão de 1834. Tomo I. Rio de Janeiro, 1879, p. 179-88.
[738] Annaes do Parlamento Brazileiro Câmara dos Srs. Deputados. Primeiro Anno da Terceira Legislatura, Sessão de 1834. Tomo II. Rio de Janeiro, 1879, p. 200-6.

Constituição feita pela Câmara”[739] —, o Senado decidiu aprovar o texto, pois via-se sem forças para travar tais propostas. À vista disso, é possível notar que a aceitação do Senado acontecera por pura necessidade política e não por motivos de legalidade, pois, como se observa num abaixo assinado do Senado em 5 de agosto, “sem entrar no exame da legalidade, encarando somente a questão pelo lado político, declara que adere às reformas, logo que elas sejam oficialmente comunicadas”[740]. Paulo Pereira Castro assevera que o comunicado oficial da Câmara sobre a promulgação do Ato Adicional foi enviada ao Senado somente em 20 de agosto[741]. Todavia, como bem expôs Paulo Bonavides, mesmo após a reforma a Constituição ainda dava espaços para a Câmara alta revisar o referido texto[742].

Às Assembleias Legislativas Provinciais, que seriam formadas por legislaturas bienais, competia legislar sobre os mais variados assuntos, dentre os quais: divisão civil, judiciária e eclesiástica local; mudanças da Capital da província; instrução pública e estabelecimentos destinados a promovê-la — com exceção das faculdades de Direito e Medicina —; desapropriação por utilidade pública municipal, mediante propostas prévias das Câmaras; fixação das despesas provinciais e dos impostos — desde que não prejudicassem as imposições gerais do Estado Imperial e pudessem as Câmaras propor as despesas dos seus referidos municípios —; fiscalização das rendas provinciais e municipais e contas da receita e da despesa; criação e supressão de empregos municipais e estabelecimentos de seus ordenados — com exceção dos que fossem de exclusiva responsabilidade do Poder Central —; obras públicas — principalmente a criação e manutenção de estradas —; sistema penitenciário; hospitais públicos e demais instituições políticas ou religiosas destinadas à saúde pública; nomeação e demissão, pelo Presidente da Província, de empregados provinciais[743].

Mas um dos pontos mais importantes das competências das Assembleias Legislativas dizia respeito à administração das finanças provinciais. Com autoridade para regular a administração dos bens da província, fiscalizar as rendas e despesas municipais e provinciais e para fixar as diretrizes para o recolhimento e aplicação dos

---

[739] Annaes do Parlamento Brazileiro Câmara dos Srs. Deputados. Primeiro Anno da Terceira Legislatura, Sessão de 1834. Tomo I. Rio de Janeiro, 1879, p. 11.
[740] Annaes do Parlamento Brazileiro Câmara dos Srs. Deputados. Primeiro Anno da Terceira Legislatura, Sessão de 1834. Tomo I. Rio de Janeiro, 1879, p. 11.
[741] CASTRO, Paulo Pereira de. Op cit., 1978, p. 38.
[742] ANDRADE, Paulo Bonavides Paes de. História Constitucional do Brasil. Brasília, 1990, p. 115.
[743] Annaes do Parlamento Brazileiro Câmara dos Srs. Deputados. Primeiro Anno da Terceira Legislatura, Sessão de 1834. Tomo I. Rio de Janeiro, 1879, p. 23-9.; Ver também: Colleção das Leis do Imperio do Brazil (1834). Parte 1. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1873, p. 16-23.

impostos, julgava-se dar largo passo em direção à autonomia. Mas que autonomia era essa? Ora, a distribuição fiscal ainda sofria grande intervenção do Governo central, pois a lei de 24 de outubro de 1832, ao determinar, logo no artigo primeiro, que as despesas públicas, que até então estavam à cargo do Tesouro Nacional, fossem divididas em “Despesa Geral” e “Despesa Provincial”, explicitava os limites dessa ‘autonomia’[744]. De acordo com o texto da referida lei, ficava à cargo da Despesa Geral os impostos alfandegários, que eram a principal fonte fiscal, e as “rendas internas”, isto é, dízimos sobre açúcar, algodão, tabaco, café, gado, couro, aguardente e especialmente o ouro. À Despesa Provincial foram destinados impostos de tão baixa rentabilidade que, quando se compara os rendimentos da Geral e da Provincial, nota-se a gritante disparidade: enquanto os rendimentos da Despesa Geral foram orçados em torno de onze mil contos de réis (11.000:000$000), os da Despesa Provincial totalizavam pouco mais de dois mil contos de réis (2.386:000$000), que seriam divididos por todas as províncias — Pernambuco, por exemplo, sendo uma das principais províncias no Império naquela época, tinha o diminuto rendimento de duzentos e setenta contos de réis (270:617$000)[745]. Marcello Basile ainda aponta que o controle dos rendimentos exercido pelo Governo Central ficava ainda mais nítido com a criação de um ‘dispositivo de auxílio financeiro’, que seria destinado às províncias cujas rendas não suprissem suas despesas e cujos subsídios seriam retirados da própria receita geral das respectivas províncias[746].

A autonomia provincial ainda sofria de outra séria deficiência: a intervenção dos Presidentes de Províncias. Ora, o cargo continuava a ser apontado pelo Governo Central e gozava de enormes poderes para vetar ou impor decisões às Assembleias Legislativas Provinciais. Assim, o Ato Adicional definia precisamente a participação constitucional do Presidente da Província no exercício da tarefa legislativa. Era a sobreposição, em primeiro lugar, do executivo ao legislativo, e em segundo lugar — ainda mais importante —, do Poder Central à tão esperada autonomia provincial. Enfim, o Presidente da Província concentrava a atribuição de expedir ordens, instruções e regulamentos à execução das leis provinciais[747].

---

[744] Colleção das Leis do Império do Brazil (1832). Parte I. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1874, p. 131-74.
[745] Colleção das Leis do Império do Brazil (1832). Parte I. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1874, p. 131-74.
[746] BASILE, Marcello O. N. de C. Op cit., 2009. p. 110.
[747] Annaes do Parlamento Brazileiro Câmara dos Srs. Deputados. Primeiro Anno da Terceira Legislatura, Sessão de 1834. Tomo I. Rio de Janeiro, 1879, p. 23-9.

E justamente em conta disso surgia a principal crítica dos liberais exaltados ao Ato Adicional, pois a eleição dos Presidentes de Províncias por indicação do Governo Central era a maior "manqueira do projeto", como apontava Cipriano Barata[748]. Barata, que frequentemente demonstrava as contradições do Ato Adicional em relação à descentralização política, dava conta de que aquele 'pacto federativo' — como chamou Miriam Dolnikoff[749] — não dava real autonomia às Assembleias Legislativas, pois sofria frequentes intervenções do Governo Central, por intermédio do Presidente da Província e dos Ministérios do Império[750]. Como expressou na *Sentinela da Liberdade na Sua Primeira Guarita, a de Pernambuco, Onde Hoje Brada Alerta!*, as assembleias legislativas deveriam ter a autonomia de eleger Presidentes de Províncias e Comandantes das Armas, pois "ninguém deixa [de] crer que devem ser eleitos nas respectivas províncias", pelos representantes do povo, os Deputados[751].

Resta pontuar, ainda, a atuação dos Parlamentares na votação do texto do Ato Adicional. Em primeiro lugar, nota-se, mais uma vez, a divisão dos moderados. Sobre essas posições pesa muito o que Paulo Pereira de Castro apontou como "as três fases do partido moderado", pois, se no primeiro momento após a Abdicação os moderados apresentaram-se como uma parte única de "cidadãos ordeiros", logo em seguida apresentaram-se como o "partido do meio", em combate tanto a exaltados — que queriam a continuidade da revolução do 7 de abril, isto é, uma reforma do sistema político do Império — quanto a caramurus — que buscavam a restauração do reinado de Pedro I —; por fim, a terceira fase, no julgo deste autor, é a que consagrou o Ato Adicional, à qual se referiu como uma "abertura à esquerda"[752]. E nessa última fase estava implicado, naturalmente, um acolhimento, dentro de certos limites, de algumas reivindicações dos liberais mais exaltados. Entre os moderados que se opuseram ao projeto, destaca-se a importante participação de Carneiro Leão, Batista de Oliveira, Araújo Viana e Rodrigues Torres, que afirmavam temer que as "liberdades provinciais" levassem à anarquia e por isso tentaram limitar os poderes do legislativo provincial[753]. Por outro lado, a maioria dos moderados apoiou o projeto, dentre os de maior destaque

[748] Sentinel da Liberdade na Sua Primeira Guarita, a de Pernambuco, Onde Hoje Brada Alerta! de 23 de julho de 1834. In: BARATA, Cipriano. Sentinela da Liberdade e outros escritos (1821-1835). Organização e edição: Marco Morel. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 880.
[749] DOLHNIKOFF, Miriam. Op cit., 2005.
[750] BARATA, Cipriano. Op cit., 2009, p. 879.
[751] Sentinel da Liberdade na Sua Primeira Guarita, a de Pernambuco, Onde Hoje Brada Alerta! de 23 de julho de 1834. In: BARATA, Cipriano. Op cit., 2009, p. 880.
[752] CASTRO, Paulo Pereira de. Op cit., 1978, p. 25.
[753] Ver: Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Primeiro anno da Terceira Legislatura. Sessão de 1834, Tomo I. Rio de Janeiro, 1879, p. 104-6, 152-3 e 166.

Evaristo da Veiga, José Custódio Dias, Bernardo Pereira de Vasconcelos e Limpo de Abreu.

Entre os exaltados, que supostamente seriam os maiores apoiadores das reformas, aconteceu um caso curioso: somente o Padre Barbosa Cordeiro, membro da Sociedade Federal de Pernambuco, votou à favor. Os outros exaltados, Antônio Ferreira França, Ernesto Ferreira França e Cornélio Ferreira França votaram contra, ao passo que Henriques de Rezende e Lino Coutinho abstiveram-se de votar. Mas a que se deve isso? Bem, pelo que Marcello Basile aponta, não era contradição alguma. Ora, havia por parte dos deputados exaltados uma profunda decepção com a redução dos alcances das reformas que tinham sido postuladas na Lei de 12 de outubro de 1832. Justamente por conta disso o Padre Barbosa Cordeiro foi o único a apoiar as reformas do Ato Adicional, pois na época da transação com o Senado para a elaboração da Lei de 12 de outubro ainda não era Deputado e, por isso, não partilhava o sentimento de 'traição'. "Uma vez consumado o rumo mais acanhado das reformas, passaram [os exaltados] a manifestar descontentamento, indicando emendas e se opondo às medidas propostas"[754]. E foi justamente em conta disso que Ernesto Ferreira França subiu à tribuna para declarar que "rejeitava como anticonstitucional, como anti-reformista e como anti-brasileira toda a ideia de restringir as atribuições dos conselhos gerais, ora convertidos em assembleias legislativas"[755].

De uma forma ou de outra, o Ato Adicional foi o marco de uma série de reformas liberais naqueles primeiros anos do Período Regencial. Por um tempo, parecia que os abusos absolutistas do Estado Imperial tinham sido reduzidos e o mando político finalmente havia se descentralizado. Apesar de alguns desejarem mudanças mais radicais na organização política, clamando uma república "para não mais se aturar Governos ladrões"[756], as reformas pareciam ter saciado as aspirações de alguns federalista, pois davam um certo sabor de autonomia administrativa às províncias. Mas, na observância dos limites que foram impostos na edição das emendas, se pode notar que o Ato Adicional garantia, em verdade, a manutenção de um Estado que era essencialmente centralizador. Na época, inclusive, alguns políticos já demonstravam que aquela seria apenas uma época de *transição*, pois, como citou Paulo Pereira de Castro, o próprio Feijó dizia com frequência que o prazo de oito ou nove anos de uma experiência

---

[754] BASILE, Marcello O. N. de C. Op cit., 2009. p. 82.

[755] Annaes do Parlamento Brazileiro, Câmara dos Srs. Deputados, Primeiro ano da Terceira Legislatura. Sessão de 1834, Tomo II. Rio de Janeiro, 1879, p. 17.

[756] Nova Luz Brasileira nº 174 de 24 de setembro de 1831.

'republicana' bastaria para convencer os brasileiros "da necessidade da monarquia"[757]. Assim, após 1834, no meio tempo de aspirações saciadas, o propósito de existência das sociedades públicas chegaram ao fim.

5.6 O FIM DA ERA DAS SOCIEDADES PÚBLICAS

As maçonarias representaram uma das mais expressivas formas de organização política nos fins do século XVIII e inícios do século XIX. Aponta Marco Morel que essas associações tiveram um eminente desempenho nos momentos históricos correspondentes aos primeiros esboços de uma "modernidade política", tanto nos casos das independências nacionais no continente americano, quanto nas crises dos absolutismos europeus[758]. Mas não foram as únicas. Quando, em 1831, a *Nova Luz Brazileira* publicou uma matéria afirmando que "acabara o tempo das sociedades secretas, para começar uma nova Era"[759], as das sociedades públicas, logo se notou que aquela seria uma época agitada na política Imperial. Mas, ainda assim, mesmo sendo marco de uma *Nova Era*, as sociedades públicas dariam continuidade ao modelo de instituição das maçonarias, pois construíam, além do "embrião do reino da crítica", um "espaço público moderno", isto é, "um espaço onde se tratavam discussões políticas diante do poder constituído e fora do controle hegemônico das monarquias absolutistas"[760].

O surgimento das sociedades públicas foram marco de um movimento de destaque na vida política regencial. Tiveram na atividade de imprensa um dos principais apoios. No julgo da historiografia o surgimento dessas associações era o resultado de uma série de desordens sociais que foram a marca maior do início da década de 1830. Com a Abdicação de Pedro I o Estado Imperial passava por uma séria instabilidade na centralização do mando político. As facções políticas viram nisso uma grande oportunidade de tomar as rédeas dos rumos do Império. Para isso criaram as sociedades públicas como uma *ferramenta política*, que proporcionaram às facções uma estruturada atuação, tanto nas arenas formais da política institucional, quanto nos ambientes populares, na política cotidiana da gente miúda.

A própria constituição da Sociedade Federal em Pernambuco, por exemplo, marcada pela defesa da legalidade e da ordem pública, é uma grande evidência da

---

[757] CASTRO, Paulo Pereira de. Op cit., 1978, p. 39.
[758] MOREL, Marco. Op cit., 2005. p. 241.
[759] Nova Luz Brazileira nº 168 de 08 de setembro de 1831.
[760] MOREL, Marco. Op cit., 2005. p. 243.

disputa política entre exaltados e moderados no estabelecimento do Governo provincial e nas relações deste com o Governo Central, bem como os de outras províncias. Segundo Sílvia Fonseca, isso remetia necessariamente a reformas constitucionais[761]. Convém notar que a Sociedade Federal acenava com a possibilidade de se instituir reformas federalistas. Mas não iguais às que foram aprovadas pela lei de 12 de outubro de 1832, e muito menos às sentenciadas no Ato Adicional. Pelo contrário, no projeto da Federal estava incluso propriamente o autogoverno, o controle local das forças militares e, por fim, o controle das rendas provinciais. Assim, "nessa medida, a ideia de federação relacionava-se [...] à neutralização das forças políticas que dominavam a província antes do 7 de abril"[762], por isso a rivalidade com a Sociedade Patriótica Harmonizadora.

O fato mais notável daquele tempo era que os moderados eram senhores das Regências, pois tinham uma robusta predominância na Câmara dos Deputados e nos gabinetes do Governo. Maria Odila aponta que, sem o auxílio dos moderados, certamente a estrutura do Império sofreria imponentes derrotas[763]. Ainda assim, durante toda aquela década surgiram movimentos federalistas em diversas províncias. Esses grupos tinham uma coesão notável, proporcionada pelos espaços ocupados pela Sociedade Federal: todos lutavam pela descentralização política, principalmente em relação à autonomia financeira e administrativa das províncias. A criação das assembleias legislativas provinciais, por meio do Ato Adicional de 1834, pareceu atender a essas demandas, ainda que momentaneamente. Mas, em verdade, as reformas aprovadas naquele ano garantiam a manutenção da centralização do poder político, pois tinha o Governo Central, através do Poder Moderador, absoluta autoridade para interferir nas decisões das Assembleias Legislativas Provinciais, por intermédio dos Presidentes de Províncias.

É fácil perceber o alcance das sociedades públicas na política regencial: várias de suas lideranças ocuparam cargos formais no Estado — sobretudo os membros ligados às sociedades das facções moderadas —, redigiram jornais de destaque nas províncias e chegaram até mesmo a propor a redação de uma nova Constituição.

Entretanto, as reformas do Ato Adicional em 1834 pareceram ter esvaziado a razão de existência das sociedades públicas. Ora, a decisão pelas medidas mais brandas, aquela "abertura à esquerda", atendia, de um lado, à parte dos liberais exaltados, já

---

[761] FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. Op cit., 2016, p. 319.
[762]Ibid, 2016, p. 320.
[763] DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Op cit., 1973, p. 170.

conformados com o não estabelecimento de uma federação propriamente dita, e, do outro lado, à ‘centralização moderada’. Nessa época, as duas sociedades públicas de Pernambuco, a Federal e a Harmonizadora, encerraram suas atividades. Mas isso não aconteceu de uma maneira repentina. Convém notar que alguns elementos influenciaram o enfraquecimento das duas sociedades antes do Ato Adicional. Em primeiro lugar, a ascensão dos restauradores e o ressurgimento da Coluna do Trono e do Altar — se é que um dia tenha mesmo deixado de existir — trazia o temor da volta de Pedro I e de uma avassaladora retaliação. Em segundo lugar, o ponto mais importante, a proposta de reforma constitucional redigida pelo Senado em 1832, cuja edição da Câmara estabeleceu a Lei de 12 de outubro. Com essa lei, por um lado, os moderados deixaram de temer a perda da condução das reformas, por outro lado, cessou-se o ímpeto dos federalistas mais ferrenhos, já desacreditados do estabelecimento da federação. Essa é a hipótese mais consistente para se explicar o *ponto cego* das sociedades na documentação pesquisada, pois, a partir da segunda metade de 1832, elas somem quase que completamente nos documentos, sendo 1833 e 1834 o ponto máximo dessa ausência. Por isso, não foram encontrados registros precisos da dissolução formal de ambas as sociedades. Mas, ao que parece, foi mesmo em conta do arranjo político entre os moderados da Câmara e o Senado para firmar um compromisso que orientaria a edição do Ato Adicional, que ocorreu a desmobilização dessas sociedades públicas, o que não aconteceu somente em Pernambuco. Esse é o principal indício apontado como causa do fim das sociedades em 1834.

Mas como seria a vida política dos que estiveram envolvidos nessas associações após suas dissoluções? Bem, essa é uma pergunta que certamente pode render uma nova e longa pesquisa. Mas pode-se fazer alguns breves apontamentos. Para isso, defino como limite os rumos das figuras que tiveram maior destaque nessas associações, considerando as listas de membros das sociedades que foram elaboradas no terceiro capítulo.

A respeito da Sociedade Federal, pode-se destacar o rumo de alguns membros. O Padre João Barbosa Cordeiro, em outubro de 1833, instalou em Goiana uma nova associação. De cunho liberal exaltado, a Sociedade Anti-Restauradora prometia opor-se à ressurreta Coluna do Trono e do Altar, a fim de evitar o regresso do Ex-Imperador. Ao que parece, a Anti-Restauradora surgiu das ‘sobras’ de uma iniciativa da Sociedade Federal. Em 25 de julho de 1833, a Federal convocara uma sessão extraordinária em que declarava “urgentíssima necessidade”, para qual compareceram somente 30 sócios.

Ainda assim, a Federal aprovou nessa reunião a criação de uma comissão destinada a elaborar um parecer "sobre as medidas [...] a que convém tomar para evitar o progresso do monstro da restauração que se premedita em favor do tirano Bragantino"[764]. Mas, ao que parece, o parecer não teve o efeito esperado, pois na sessão seguinte não fora sequer mencionado[765]. O surgimento da Anti-Restauradora pode ser, também, um indicativo da desmobilização que acometera à Sociedade Federal após as barganhas entre a Câmara e o Senado para fixar os limites das reformas constitucionais, pois, uma das suas principais finalidades era "sustentar [...] as reformas constitucionais que fossem legalmente feitas e decretadas pela Assembleia Geral Legislativa"[766]. Pelo que aponta Augusto Blake, além do Padre Barbosa Cordeiro, que era o fundador e presidente dessa sociedade, provavelmente alguns outros membros da Sociedade Federal foram 'recrutados' pela Sociedade Anti-Restauradora[767]. Em 1834 o Padre João Barbosa Cordeiro ocupou vaga como Deputado na Assembleia Geral Legislativa, representando sua província natal, Pernambuco. Quando mudou-se para o Rio de Janeiro, começou a publicar naquela capital edições do *Bússola da Liberdade*, cuja circulação na Província de Pernambuco tinha se encerrado em setembro de 1832. Retornaria para Pernambuco em 1835, onde retomaria as publicações originais do *Bússola*. Algum tempo depois — não se sabe precisamente quando —, tornou-se vigário da freguesia da Granja, na Província do Ceará, onde permaneceu até 1848, quando permutou para a freguesia de Nossa Senhora dos Prazeres, em Maceió, Província das Alagoas, onde permaneceu até seu falecimento em 1864[768].

O Brigadeiro Francisco de Paula e Vasconcelos, destituído do Comando das Armas após a Setembrizada, ficou certo tempo subordinado a um oficial cuja patente era menor que a sua. Nesse meio tempo, ainda esteve ativo na Sociedade Federal, como se pode observar naquela lista de 1833[769]. Não se sabe precisamente quando, mas em meados de 1835 a Regência o fez Marechal de Campo[770], época em que foi Provedor da Irmandade da Santa Cruz dos Militares[771]. Ainda naquele mesmo ano, foi nomeado vogal

---

[764] Sessão de 25 de julho de 1833. Ver: O Federalista nº 37 de 29 de agosto de 1833.
[765] Sessão de 28 de julho de 1833. Ver: O Federalista nº 37 de 29 de agosto de 1833.
[766] PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. Op cit., 1965, p. 446.
[767] BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Diccionario bibliographico brazileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. III, 1900, p. 357.
[768] PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. Op cit., 1982, p. 453-7.
[769] O Federalista nº 37 de 29 de agosto de 1833.
[770] BRITO, Francisco de Paula. Op cit., 1859, p. 81. Disponível no acervo digital da Biblioteca Luso-Brasileira: http://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/267594
[771] Relação de Provedores da Irmandade da Santa Cruz dos Militares a partir de 1831. Disponível: http://www.iscm.org.br/sobre/provedoria/relacao-de-provedores/

do Supremo Conselho Militar. Em fevereiro de 1852, com quase meio século de serviços militares, foi reformado Marechal do Exército, patente que assumiu até seu falecimento em julho de 1859, aos 72 anos de idade[772]. Em Pernambuco, Francisco de Paula e Vasconcelos gozava de tamanho prestígio entre os populares que na imprensa não se duvidava "em declarar que se ele fosse pernambucano, seria eleito deputado"[773].

Antônio José de Miranda Falcão, fundador do *Diario de Pernambuco* em 1825, foi editor e presidente do mesmo jornal até 1837. Além da direção da tipografia do *Diário*, Antônio José de Miranda Falcão desempenhou diversas funções. Em 1834 foi nomeado para o cargo de oficial da Secretaria do Governo, onde permaneceu por pouco tempo. Contudo, em abril 1842 foi nomeado novamente para o mesmo cargo. Nesse mesmo ano, em novembro, foi nomeado arquivista. Nessa época também exerceu o cargo de Secretário da Presidência na Província de Sergipe, onde permaneceu até 1846, quando foi para o Rio de Janeiro ocupar o cargo de administrador da tipografia da *Gazeta Oficial*, nomeado pelo Visconde de Albuquerque. Em 1849 foi nomeado por Eusébio de Queiroz diretor da Casa de Correção da Corte do Império, onde permaneceu até 1852, quando pariu para os Estados Unidos da América para ser cônsul geral do Império. Nos Estados Unidos ficou encarregado de estudar o sistema penitenciário daquele país, a fim de aplicar o mesmo sistema na Casa de Correção da Corte do Império, para onde regressou em 1853 e permaneceu até 1861. Em 1866 foi contratado como tradutor de correspondências do *Diário Oficial*, no Rio de Janeiro. Mas em 1878, já aos oitenta anos, foi demitido. Entregue à penúria, Miranda Falcão faleceu em dezembro de 1878[774].

Antônio, Francisco, João e Joaquim Carneiro Machado Rios, os irmãos Carneiros, importantes lideranças entre os exaltados da Província de Pernambuco, liderariam em 1834 e 1835 uma série de movimentos cuja linhagem política é difícil de precisar. As Carneiradas foram um dos ápices das lutas entre moderados e exaltados em Pernambuco. Historicamente, desde 1817, Pernambuco foi marcado pelas disputas entre centralistas e federalistas. Mas "o problema", como indica Manoel Cavalcanti Junior, é que após 1831

---

[772] BRITO, Francisco de Paula. Op cit., 1859, p. 81. Disponível no acervo digital da Biblioteca Luso-Brasileira: http://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/267594

[773] Ibid, 1859, p. 94. Disponível no acervo digital da Biblioteca Luso-Brasileira: http://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/267594

[774] PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. Op cit., 1982, p. 34-7.; BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Diccionario bibliographico brazileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. I, 1883, p. 436-7.

os ‘federalistas’ dividiram-se entre moderados e exaltados[775]. É fácil notar que os moderados foram os que obtiveram todo o lucro da Abdicação. Assim, os irmãos Carneiros consideravam-se herdeiros *puros* de 1817 e 1824. Quando Manoel de Carvalho Paes de Andrade, que até meados de 1832 fora um de seus companheiros na Sociedade Federal, foi eleito Presidente da Província em janeiro de 1834, os irmãos Carneiros promoveram um levante para derrubá-lo da presidência. Assim, os federalistas ‘puros’ declararam guerra a um dos maiores ícones da Confederação do Equador. Para isso aproveitaram-se dos movimentos restauradores que surgiram após a Abrilada. Por isso a dificuldade de precisar à qual linhagem política as Carneiradas pertenciam. De qualquer forma, os irmãos Carneiros ainda permaneceram ativos nos movimentos políticos de Pernambuco após o fim da Sociedade Federal.

Da Sociedade Patriótica Harmonizadora, após seu fim, também tiveram destaque alguns membros. Antônio Joaquim de Melo, membro fundador da referida sociedade e redator do *Harmonizador*, certa vez, em 1828, foi preso sob a acusação de redigir pasquins difamando a imagem de Pedro I; permaneceu preso na Fortaleza do Brum por treze meses, quando foi inocentado pelo tribunal da Relação. Mas, apesar de solto, não se viu livre desse processo, pois em 1838 foi novamente convocado à julgamento, quando acabou sendo definitivamente absolvido[776]. Com a Abdicação de Pedro I surgiram em várias províncias ideias de reformas constitucionais no sentido federativo. Entre as que apresentavam maiores dificuldades ao Governo Central estava a Província da Paraíba do Norte. Para lá, sob ordens da Regência, Antonio Joaquim de Melo foi enviado em dezembro de 1832, mesma época em que pararam as publicações do *Harmonizador*[777]. Em março de 1833 assumiu as rédeas da administração da província. Mas conservou-se pouco tempo neste cargo, pois, em janeiro de 1834 dirigiu-se para o Rio de Janeiro, onde representou Pernambuco como Deputado da Assembleia Geral Legislativa[778]. Isso mostra o quão grande era a influência de Antônio Joaquim de Melo em Pernambuco, pois fora eleito por essa província sem ao menos estar presente nela. De 1837 a 1850, foi cinco vezes votado para representar Pernambuco no Senado, mas em nenhuma delas tomou posse do cargo. Aponta Pereira da Costa que em todas as vezes lhe foi excluída a posse, pois, destaca este autor, isso era sintoma do “clássico costume

[775] CAVALCANTI JUNIOR, Manoel Nunes. Revisitando as Carneiradas: is irmãos Machado Rios e as disputas políticas em Pernambuco (1834-1835). In: Clio – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, v. 33, n.º 1, 2015, p. 46-7.
[776] PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. Op cit., 1982, p. 107-8.
[777] O Harmonizador nº 14 de 20 de setembro de 1832.
[778] PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. Op cit., 1982, p. 109.

das falsificações de atas"[779]. Em 1859 o próprio Imperador Pedro II o indicou para coligir na Tesouraria da Fazenda os documentos mais importantes da história de Pernambuco. Foi mesmo nessa época que se dedicou à redigir inúmeros escritos biográficos. Antônio Joaquim de Melo faleceu no Recife em dezembro de 1873[780].

Simplício Antônio Mavignier, médico do Hospital Militar e cirurgião-mor do Corpo de Guardas Municipais Voluntários do Recife, ocupou uma cadeira logo na primeira legislatura da Assembleia Provincial, em 1835. Foi reeleito para o mesmo cargo seguidas vezes até 1848. Como Deputado, foi responsável por resoluções que autorizaram o abastecimento de água na cidade do Recife. Faleceu no Recife em agosto de 1856, aos 56 anos de idade[781].

Gervásio Pires Ferreira nessa época já tinha longa carreira política, já tendo ocupado por longos anos o cargo de Conselheiro do Governo da Província. Foi eleito Deputado na Primeira Legislatura Geral, sendo reeleito seguidas vezes. Permaneceu como Deputado até 1836, quando faleceu aos 71 anos[782].

Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, professor de Direito, membro da poderosa família dos Cavalcanti de Albuquerque, foi eleito Deputado por Pernambuco em diversas ocasiões. Na Assembleia Geral Legislativa tomou acento a primeira vez em 1832. Por vezes foi eleito também para as Assembleias Legislativas Provinciais, se destacando por presidi-las. Em 1855 recebeu do Governo Império o título de Barão de Camaragibe, até que em 1860 foi elevado à Visconde. Pedro Francisco foi um dos principais líderes do partido conservador de Pernambuco na década de 1850. Em 1869 largou o cargo de Deputado da Assembleia Geral para assumir uma vaga no Senado. Faleceu em 2 de dezembro de 1875[783].

***

O Período Regencial foi uma fase conturbada em todo o Império. O contraste entre os esperançosos exaltados — alguns até republicanos — e os que defendiam a ordem dos princípios da moderação foi visto em várias Províncias. Muitos saíram das sombras, do *segredo*, e dominaram as ruas da vida pública, pois nada mais deveria ser escondido. Mas uma possível "experiência republicana" — fazendo uso da expressão de

---

[779] Ibid, p. 111.
[780] Ibid, p. 120.
[781] Ibid, p. 779.
[782] BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Op cit., 1895, p. 180-1.
[783] PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. Op cit., 1982, p. 746-9.

Paulo Pereira de Castro — não agradava a todos. “O governo das Regências”, dissera certa vez o Marquês de Paranaguá, “apenas tem feito à nação um único benefício, que é o de firmar nos corações brasileiros o amor da monarquia”[784].

[784]Anais do Senado do Império do Brasil. Sessão de 1840. Tomo II. Rio de Janeiro, 1876-1959; Brasília, 1960, p. 285.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, à vista dos acontecimentos aqui relatados, uma célebre frase de Otávio Tarquínio de Sousa poderia ser vista como o mais curto e completo resumo da década de 1830: "em política quase nunca há vitórias completas"[785]. Como vimos nessas páginas, a efervescente vida política e as "transformações dos espaços públicos"[786] naquela década abrem espaço para se enxergar o Período Regencial como um verdadeiro "laboratório da Nação"[787]. Por isso, as discussões sobre esse momento histórico estão longe de acabar. A dicotomia dos projetos políticos de centralização e descentralização ainda é uma questão que poderá render acalorados debates na historiografia. Teses inteiras têm se dedicado a isso. Miriam Dolhnikoff, por exemplo, defende a posição de que após a Abdicação de Pedro I a descentralização predominou sobre a centralização. Apesar de sua análise ter sido bastante criticada por outros historiadores — para notar isso basta que se leiam as inúmeras resenhas e artigos em revistas acadêmicas e/ou anais de eventos que tratem sobre a política oitocentista —, ela foi reafirmada por Joffrey Mosher, que anotou que "o local do poder do Estado mudou decisivamente para as províncias, onde as Assembleias Provinciais exerceram ampla autoridade"[788]. Nessa linha de ideias, os poderes localistas teriam saído 'vitoriosos', por assim dizer, com a Abdicação do Imperador. Todavia, ainda que Miriam Dolhnikoff e Jeffrey Mosher defendam essa posição — até mesmo após o Regresso Conservador da década de 1840 —, outros autores têm indicado o caminho contrário. As clássicas teses de José Murilo de Carvalho e Ilmar Rohloff de Mattos são referências máximas e indicam que a centralização política predominou naquele tempo[789]. Em Pernambuco, uma Lei Provincial que seria aprovada em abril de 1836 alteraria pontos fundamentais das reformas que aconteceram entre 1832 e 1834. Essa nova legislação, aponta Manoel Cavalcanti Junior, implementaria em Pernambuco o que só seria implementado no Império em 1840, após o Regresso. A centralização propriamente dita aconteceria em Pernambuco antes mesmo da chegada do Segundo Reinado[790].

---

[785] SOUZA, Octavio Tarquínio de. Op cit., 1957, p. 98.
[786] MOREL, Marco. Op cit., 2005.
[787] BASILE, Marcello O. N. de C. Op cit., 2009. p. 53-119.
[788] Tradução minha. Original: "the locus of state power shifted decisively toward the provinces, where provincial assemblies exercised broad authority". Ver: MOSHER, Jeffrey C. Op cit., 2008, p. 95.
[789] CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2007.; CARVALHO, José Murilo de. Op cit., 2005.; MATTOS, Ilmar Rohloff de. Op cit., 1987.
[790] CAVALCANTI JUNIOR, M. N. Op cit., 2015.

A cisão dos liberais entre moderados e exaltados era o reflexo de uma atmosfera partidária que tomava corpo no início da década de 1830. As tensões que resultaram dessa ruptura encontraram na precariedade dos quartéis um ambiente propício para a sublevação das tropas e início de revoltas. Mas aquela série de mobilizações não aconteceram somente por conta de militares insubordinados, as ruas também fizeram parte dos movimentos que prenunciavam novas experiências para a recém fundada nação. A participação popular nas revoltas regenciais refletia dois sérios problemas herdados do Primeiro Reinado: em primeiro lugar estava a preocupação com uma crise econômica que tomava proporções cada vez maiores, pois o país ainda não se recuperara das dívidas da equivocada aventura na Cisplatina; em segundo, o caráter *incompleto* da Independência, que não chegara até a gente comum, privada de direitos. Em Pernambuco, havia, ainda, uma terceira questão: a indignação das elites agrárias com o fato de o timão do mando político da nação ter passado, definitivamente, para províncias do eixo Sudeste.

As mobilizações e motins em Pernambuco foram um dos agravantes da crise econômica, o que ficou bem expressado na fala do Presidente da Província na abertura do Conselho Geral da Província, em dezembro de 1831: "vós, senhores, [...] deveis facilmente conjecturar quais as funestas consequências de tão desastrosos sucessos, sendo sem dúvida a mais ponderosa e notável a diminuição das rendas públicas"[791]. Na Província de Pernambuco, 1831 foi um ano marcado por quadrilhas de criminosos, moedas falsas e motins. Foi por conta desses sérios problemas que homens de posses decidiram criar a Sociedade Patriótica Harmonizadora, para, além de influenciar as decisões do Governo provincial, assegurar suas consolidadas posições no processo de renovação das práticas políticas, opondo-se tanto a exaltados quanto a caramurus. Mas os liberais exaltados da província não foram sujeitos passivos naquele processo e, em conta disso, também organizaram-se sob um único 'partido', a Sociedade Federal. Quando se consulta os estatutos de ambas as sociedades, é possível perceber que estas tinham as maçonarias como modelos de instituição, sobretudo no que diz respeito às estruturas de hierarquia e à construção de um novo *espaço público*.

"A fatalidade das revoluções é que sem os exaltados não é possível fazê-las e com eles é impossível governar"[792]. A famosa assertiva de Joaquim Nabuco, em *O*

---

[791] Diario de Pernambuco nº 258 de 5 de dezembro de 1831.
[792] NABUCO, Joaquim. Um Estadista do Império: Nabuco de Araújo, sua vida, suas opinões, sua época. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936, p. 21.

Estadista do Império, é um importante demonstrativo do projeto encabeçado pelos políticos da ala moderada após a Abdicação de Pedro I. Os exaltados tinham servido para promover as pressões de rua que levaram à queda do ex-Imperador, mas não serviam para compor o 'novo' Governo, de onde foram sumariamente afastados. Eram um útil 'instrumento' de agitação, mas não de governo. O programa das reformas políticas deveria ser conduzido sob a égide da moderação. Mas isso não significou a neutralização da atuação política dos liberais radicais, que puderam, através da Sociedade Federal, formar uma malha política interprovincial e atuar de maneira intensa na política cotidiana das massas populares. Entretanto, a política naqueles primeiros anos do Período Regencial era um jogo bastante dinâmico, e, por isso, as sociedades da ala moderada também buscaram formar alianças em outras províncias, numa "obra" que buscava enfraquecer os exaltados da Sociedade Federal e evitar uma "nova revolução" que ameaçava "fracionar o Brasil em pequenos Estados"[793].

Em 1834 o Governo regencial parecia correr sério perigo, pois o descontentamento dos liberais exaltados e também dos caramurus grassava pelo Brasil. Os moderados do Governo sofriam ataques das duas alas 'derrotadas'. Tudo parecia ser uma incessável fonte de tensão, desde as crises nos cofres públicos até o sentimento antilusitano, que em Pernambuco tinha grandes proporções. O Governo tinha dificuldades em agir como uma força centralizadora capaz de garantir a unidade do Império. Por conta disso, propostas de reformas constitucionais correram em várias províncias, encontrando nas sociedades públicas importantes canais de circulação. Algumas destas propostas culminaram em tentativas de Golpes de Estado. A "encíclica promotora", como chamou Evaristo da Veiga, foi uma proposta de reforma que surgiu em uma sociedade pública, da qual Teófilo Otoni fazia parte, e que tinha como proposta um Golpe que instalaria uma "monarquia federativa".

As reformas constitucionais não tinham como ser evitadas, mas poderiam ser *conduzidas*. Em conta disso, os moderados resolveram fazer um acordo, com certas concessões políticas, a fim de amenizar o radicalismo das reformas propostas pelos exaltados, mantendo, assim, o controle geral sobre a situação nacional. Mas não é difícil notar os limites dessas concessões: o regente uno seria eleito, mas dentro dos limites de um sistema eleitoral altamente elitista; o Conselho de Estado seria extinto, mas a vitaliciedade do Senado seria mantida; a autonomia provincial seria parcial, híbrida e eivada de duplicidade, pois as províncias ganharam o direito de fazer suas próprias leis,

[793] Olindense nº 110 de 01 de junho de 1832.

mas que poderiam ser vetadas pelo Presidente de Província, que continuava a ser nomeado pela Regência. Ainda assim, essas concessões pareceram atender aos anseios dos exaltados, ainda que momentaneamente, pois a opção pelas medidas mais brandas atendia, de um lado, à parte dos liberais exaltados, já conformados com o não estabelecimento de uma federação propriamente dita, e, do outro lado, à 'centralização moderada'. Foi essa a época em que as sociedades públicas da Província de Pernambuco encerraram suas atividades.

Mas, o certo é que o fim das sociedades públicas não significou o fim das disputas políticas naquela década. Dezenas de revoltas ainda aconteceriam até que se chegasse o Golpe da Maioridade, em 1840, pois as reformas do Ato Adicional não encerraram o ímpeto das facções políticas. "Arcabuzes, canhões, bombardas e bombas, [...] nas mãos dos heróis sacrificados no Ceará, na Bahia e em Pernambuco, aos céus bradam vingança, ainda irritados"[794].

Mas, assim como o fim das sociedades públicas não marcou o fim das disputas entre projetos políticos, o encerramento deste trabalho não marca o esvaziamento deste tema. Nem tão pouco dos próprios documentos utilizados nesta pesquisa. Várias possibilidades de abordagens, com diferentes aparatos teóricos e metodológicos, poderão renovar o estudo sobre as sociedades públicas de Pernambuco. Aqui vão alguns exemplos: como a Sociedade Patriótica Harmonizadora lidava com conceitos e termos como *república* e *federação*, já que o seu corpo de sócios contava com sujeitos de posições políticas historicamente contrastantes?[795]; ou ainda sobre as *ideias* políticas nas duas sociedades pernambucanas — não no sentido das *disputas*, como esteve presente nesta dissertação, mas sim no de análise de discursos; também é um campo fértil para estudos as formas como estas sociedades lidavam com a "intricada engenharia institucional"[796] da escravidão, pois 1831, além de marcar o surgimento das sociedades públicas, fora também o ano da lei de proibição do tráfico atlântico de escravos, a famigerada "lei para inglês ver". Aos que têm fôlego — e interesse —, algumas figuras dessas sociedades, como Antônio Joaquim de Melo (Harmonizadora) e o Padre João Barbosa Cordeiro (Federal), podem render belos trabalhos biográficos. Como último e mais desafiador exemplo: A Coluna do Trono e do Altar. Em páginas anteriores foram

[794] Bússola da Liberdade nº 33 de 19 de outubro de 1831.
[795] A abordagem sobre termos e conceitos é encontrada em algumas obras da historiografia sobre a política oitocentista, mas estão frequentemente mais voltadas a análises da imprensa e das sociabilidades ligadas à facção exaltada — como é o caso, por exemplo, da tese de Silvia Fonseca —, não à moderada.
[796] CHALHOUB, Sidney. A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

apontados indícios de que o “fatal ajoujo *colunista*”[797] não encerrara suas atividades no final da década de 1820. Por isso, uma pesquisa que dê conta da atuação política e das alianças interprovinciais da Coluna pode preencher uma grande e persistente lacuna na historiografia sobre o Império do Brasil.

***

> “Tremei, Tiranos, que oprimes com dura escravidão os povos.
> Não se erga em vosso quente sangue, tinta da Liberdade, a palma!”[798].

[797] Trecho de “A Coluneida”, um poema herói-cômico composto pelo Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, o Padre Carapuceiro, em meados de 1832. Originalmente citado por Amaro Quintas. Ver: QUINTAS, Amaro. Op cit., 1978, p. 196.
[798] Bússola da Liberdade nº 01 de 31 de março de 1835.

REFERÊNCIAS

ABREU E LIMA, José Inácio de. **Compêndio da História do Brasil**. Tomo II. Rio de Janeiro, 1843.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Guerra dos Cabanos**. Rio de Janeiro: Conquista, 1965.

___________________. **As raízes do separatismo no Brasil**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1997.

___________________. **Movimentos Nativistas em Pernambuco**: Setembrizada e Novembrada. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1971.

ANDRADE, Paulo Bonavides Paes de. **História Constitucional do Brasil**. Brasília, 1990.

ARARIPE, J. C. Alencar. **Jardim, evocações históricas e suaves relembranças**. *In*: Revista do Instituto do Ceará, anno CV, 1991, p. 127. Disponível em:https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAnoHTML/1991Indice.html

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Maçonaria**: História e Historiografia. In: REVISTA USP, SÃO PAULO, n.32, 1997, p. 178-189.

BARATA, Alexandre Mansur. **Maçonaria no Brasil (século XIX)**: história e sociabilidade. In: REHMLAC, 2013. p. 140-52.

___________________.**Maçonaria, sociabilidade ilustrada e Independência do Brasil (1790-1822)**. São Paulo, Juiz de Fora: Annablume-Ed. UFJF, 2006.

BARBOSA LIMA SOBRINHO, Alexandre José. **Pernambuco**: da Independência à Confederação do Equador. Recife: Conselho Estadual de Cultura, 1979.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História**: especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BASILE, Marcello O. N. de C. **A planta venenosa que o acaso fez nascer no Brasil... Republicanismo e antirrepublicanismo na imprensa fluminense dos anos 1830**. In: CURY, C. E.; GALVES, M. C.; FARIA, R. H. M. O Império do Brasil: educação, impressos e confrontos sociopolíticos. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015. p. 209-39.

___________________. **Deputados da Regência**: perfil socioprofissional, trajetórias e tendências políticas. In: CARVALHO, José Murilo de; CAMPOS, Adriana Pereira (org.). Perspectivas da cidadania no Brasil Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 89-121.

___________________.**O Império em construção**: projetos de Brasil e ação política na Corte regencial. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PPGHIS-UFRJ, 2004.

___________________. **O Laboratório da nação**: a era regencial (1831-1840). In: GRINBERG, K.; SALLES, R. O Brasil imperial – vol. II – 1831-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 53-119.

___________________.**Projetos de Brasil e construção nacional na imprensa fluminense (1831-1835)**. In: NEVES, Lúcia M. B. P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania M. B. da C. (orgs.). História e imprensa: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006, p. 61.

BERNARDES, D. A. M. **As "abomináeis idéas francesas" em Pernambuco**. In: Revolução Francesa: 200 anos. Recife: FCCR, v.1, 1989.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliographico brazileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. I, 1883.

___________________. **Diccionario bibliographico brazileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. II, 1893.

___________________. **Diccionario bibliographico brazileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. III, 1900.

___________________. **Diccionario bibliographico brazileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. V, 1900.

BONAVIDES, Paulo; AMARAL, Roberto. **Textos Políticos da História do Brasil**. 3ª ed. Brasília: Senado Federal, 2002.

BRITO, Francisco de Paula. **Monumento em memória do Brigadeiro Miguel de Frias e Vasconcellos e de seu irmão Francisco de Paula Vasconcellos offerecido a seu sobrinho o Exm. Snr. Manoel de Frias Vasconcellos**. Rio de Janeiro: Typographia de Francisco de Paula Brito, 1859, p. 2. Disponível no acervo digital da Biblioteca Luso-Brasileira: http://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/267594

CADENA, Paulo Henrique F. **Ou há de ser Cavalcanti, ou há de ser cavalgado**: trajetórias políticas dos Cavalcanti de Albuquerque (Pernambuco, 1801-1844). Recife: o autor, 2011.

CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. **O "retalho" do comércio**: a política partidária, a comunidade portuguesa e a nacionalização do comércio a retalho, Pernambuco 1831-1870. Tese de doutorado. Recife: O autor, 2012.

CARVALHO, Alfredo de. **Annaes da Imprensa Periódica Pernambucana de 1821-1908**. Recife: Typographia Ofício, 1909. Disponível: https://archive.org/details/annalesdaimpren00carvgoog/page/

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial – **Teatro das sombras**: a política imperial. 4a ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

___________________. **Pontos e bordados**: escritos de história política. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

CARVALHO, Marcus J. M. de. **Aí vem o Capitão-Mord**: as eleições de 1828-30 e a questão de poder local no Brasil imperial. In: Tempo - Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, vol. 7, n. 13, 2002, p. 157-87.

___________________. **Cavalcantis e cavalgados**: a formação das alianças políticas em Pernambuco, 1817-1824. Rev. bras. Hist., São Paulo, v. 18, n. 36, 1998. p. 331-66.

___________________. **Liberdade**: rotinas e rupturas do escravismo. Recife, 1822-1850. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2001.

___________________. **Movimentos sociais**: Pernambuco (1831-1848). In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org.). O Brasil imperial, v. 2 (1831-1870). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, v. 2; p. 121-183.

___________________.**O encontro da "soldadesca desenfreada" com os "cidadãos de cor mais levianos" no Recife em 1831**. *In*: Clio – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, v. 01, n.º 18, p. 109-137. Recife, Editora Universitária da UFPE, 1998.

CASTRO, Paulo Pereira de. **A "experiência repúblicana", 1831-1840**. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de. História Geral da Civilização Brasileira, Tomo II, 2º volume: Dispersão e Unidade. São Paulo: DIFEL, 1978, p. 9-67.

CAVALCANTI JUNIOR, M. N. **"O egoísmo, a degradante vingança e o espírito de partido"**: a história do predomínio liberal ao movimento regressista (Pernambuco, 1834-1837). Recife: O autor, 2015.

___________________. **Cultura política no Brasil Império**: os liberais exaltados pernambucanos (1831-1840). In: VIII Encontro Estadual de História, ANPUH-BA, 2016, sp.

___________________.**Revisitando as Carneiradas**: is irmãos Machado Rios e as disputas políticas em Pernambuco (1834-1835). In: *In*: Clio – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, v. 33, n.º 1, 2015, p. 45-65.

CHAKRABARTY, Dipesh. **A Small History of Subaltern Studies**. In: SCHWARZ, Henry.; RAY, Sangeeta. A Companion to Postcolonial Studies. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 467-86.

___________________.**Provincializing Europe**: Postcolonial thought and historical Difference. Princeton, Princeton University Press, 2000.

CHALHOUB, Sidney. **A força da escravidão**: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CHALHOUB, Sidney; SILVA, Fernando Teixeira da. **Sujeitos no imaginário acadêmico**: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980. Cadernos AEL, v. 14, n. 26, 2009, p.13-45.

CORTEZ IRFFI, Ana Sara R. P. **Pinto Madeira e seu 'exército de Cabras'**: conflitos políticos e sociais no Cariri cearense pós-Independência. In: CLIO: Revista de Pesquisa Histórica. Recife: UFPE, ISSN: 2525-5649, n. 35, 2017, p. 200- 224.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **A interiorização da Metrópole (1808-1853)**. *In*: MOTA, Carlos Guilherme (org.). 1822: dimensões. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DOLHNIKOFF, Miriam. **O pacto imperial**: origens do federalismo no Brasil do século XIX. São Paulo: Globo, 2005.

FERNANDES, Aníbal. **Ideias francesas em Pernambuco na primeira metade do século XIX**. Recife: Cepe, 2009.

FERRAZ, Socorro. **Liberais & Liberais**: Guerras civis em Pernambuco no século XIX. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.

FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. **A ideia de república no Império do Brasil**: Rio de Janeiro e Pernambuco (1824-1834). SP: Jundiaí, Paco Editorial, 2016.

___________________. **A linguagem republicana em Pernambuco (1824-1835)**. In: Varia História, Belo Horizonte, vol. 27, nº 45, 2011, p. 47-73.

___________________. **Federação e República na Sociedade Federal de Pernambuco (1831-1834)**. *In*: SAECULUM - Revista de História, nº 14, João Pessoa, 2006, 56-73.

GUHA, Ranajit. **Las voces de la historia y otros estudios subalternos**. Barcelona: Critica, 2002.

___________________.**Subaltern Studies III**: Writings on Indian History and Society. Delhi: Oxford University Press, 1984.

GUHA, Ranajit; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Selected Subaltern Studies**. New York. Oxford University Press, 1988.

HOBSBAWM, Eric J. **Rebeldes Primitivos**: estudio sobre las formas arcaicas de los movimientos sociales en los siglos XIX y XX. Barcelona: Editorial Ariel S. A., 1983.

____________________. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Capítulos de História do Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JORGE, Caldeira. **Mauá**: empresário do império. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEITE, Maria Jorge dos Santos. **A influência das revoltas liberais no Cariri Cearense e a "sedição de Pinto Madeira"**. *In*: XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social. Natal - RN: Anpuh, 2013, p. 1-14.

LYNCH, Christian Edward Cyril. **Modulando o tempo histórico: Bernardo Pereira de Vasconcelos o conceito de "regresso" no debate parlamentar brasileiro (1838-1840)**. In: Almanack. Guarulhos, n. 10, 2015, p. 314-34.

MACHADO, Maximiano Lopes. **O 14 de abril de 1832 em Pernambuco**. *In*: Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, nº 38, 1890, p. 37-66.

MATOS, Potiguar. **O tempo francês de Pernambuco, algumas notas**. In: Revista do Arquivo Público, nº 41, Recife, 1989, p. 33-40.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo Saquarema**. São Paulo: Hucitec, 1987.

MELLO, Antônio Joaquim de. **Biografia de Gervásio Pires**. Recife, 1985. Disponível em:https://archive.org/details/biographiadeger00mellgoog/page/

MELO NETO, João Cabral de. **Auto do Frade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

MELO, Clóvis. **A Revolução Francesa e a Insurreição Pernambucana de 1817**. In: Revista do Arquivo Público, nº 41, Recife, 1989, p. 41-9.

MONTENEGRO, João Alfredo de S. **A Revolta de Pinto Madeira no Ceará**: participação dos segmentos sociais marginalizados. *In*: ANDRADE, Manuel Correia de. (org.). Movimentos populares no Nordeste no periódo regencial. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1889, p. 27-59.

MOREL, M.; SOUZA, F. J. O. **O Poder da Maçonaria**: a História de uma Sociedade Secreta no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MOREL, Marco. **As transformações dos espaços públicos**: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840). São Paulo: Hucitec, 2005.

____________________. **O Brasil separado em reinos? A Confederação Caramuru no início dos anos 1830**. In: CARVALHO, J. M.; CAMPOS, A. P. Perspectivas da cidadania no Brasil Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

____________________. **O período das regências (1831-1840)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

MOSHER, Jeffrey C. **Political Struggle, ideology and state building**: Pernambuco and the construiction of Brazil (1817-1850). University of Nebraska, 2008.

NABUCO, Joaquim. **Um Estadista do Império**: Nabuco de Araújo, sua vida, suas opinões, sua época. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)**. Vol. IV: Periódicos do Recife - 1821-1954. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

NEEDELL, Jeffrey D. **Formação dos partidos políticos no Brasil da Regência à Conciliação, 1831-1857**. In: Almanack Braziliense. São Paulo, nº 10, nov. 2009, p. 5-22.

NEVES, Lúcia Maria Basto Pereira das. **Corcundas e constitucionais**: cultura e política (1820-1822). Rio de Janeiro: Revan: FAPERJ, 2003.

PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. **Anais Pernambucanos 1824-1833**. Vol. IX. Recife-PE, Arquivo Público Estadual, 1965.

___________________. **Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1982.

QUINTAS, Amaro. **O Nordeste**, 1825-1850. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de. História Geral da Civilização Brasileira, Tomo II, 2º volume: Dispersão e Unidade. São Paulo: DIFEL, 1978, p. 193-241.

ROSAS, Suzana Cavani. **A ponte de ouro**: praieiros, guabirus e a conciliação imperial (1849-1857). Recife: ed. UFPE, 2016.

___________________. **Ação, reação e transação**: a Sociedade Liberal Pernambucana (1851-1861). In: Clio, Série História do Nordeste. Recife: UFPE, vol. 1, n. 17, 1999, p. 159-70.

SANTOS, Mário Márcio de Almeida. **A Setembrizada**. In: Clio – Revista do Curso de Mestrado em História da História da Universidade Federal de Pernambuco, vol. 05, 1982, p. 169-191.

SILVA, Clécia Maria da. **Setembrizada**: um olhar sobre a disciplinarização e a resistência militar no Recife oitocentista. In: Anais do VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar. Uberlândia: GT Nacional de História Cultural, 2012. v. 1. p. 01-11.

SILVA, Walmir. **Esmagando a Hydra da discórdia**: o enquadramento do pensamento exaltado pela moderação mineira. In: HISTÓRIA, São Paulo, v. 25, n. 2, 2006, p. 214-227.

SOUSA, Octávio Tarquínio de. **Bernardo Pereira de Vasconcelos (História dos fundadores do Império do Brasil, vol. V)**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

___________________. **História dos fundadores do Império do Brasil, vol. 8 — Três golpes de Estado**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

___________________.**História dos fundadores do Império do Brasil. Vol 4**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2015.

SPIVAK, Gayatri C. **Can the subaltern speak?** *In*: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (eds.). Marxism and the interpretation of culture. Chicago: Chicago Press, 1988. p. 271-313.

___________________.**Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WERNET, Augustin. **O Período Regencial**: 1831-1840. São Paulo: Global, 5ª ed., 1982.

___________________. **Sociedades Políticas (1831-1832)**. São Paulo: Cutrix, 1978.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

WILVERSON RODRIGO SILVA DE MELO

TEMPOS DE REVOLTAS NO BRASIL OITOCENTISTA: RESSIGNIFICAÇÃO DA CABANAGEM NO BAIXO TAPAJÓS (1831-1840)

Recife

2015

WILVERSON RODRIGO SILVA DE MELO

TEMPOS DE REVOLTAS NO BRASIL OITOCENTISTA: RESSIGNIFICAÇÃO DA CABANAGEM NO BAIXO TAPAJÓS (1831-1840)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof.º Dr. Flávio Weinstein Teixeira.

Recife

2015

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Wilverson Rodrigo Silva de Melo

"TEMPOS DE REVOLTAS NO BRASIL OITOCENTISTA: RESSIGNIFICAÇÃO DA CABANAGEM NO BAIXO TAPAJÓS (1831-1840)"

Dissertação apresentada ao **Programa de Pós-Graduação em História** da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre** em **História**.

Aprovada em: **31/08/2015**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Flávio Weinstein Teixeira
Orientador (Departamento de História/UFPE)

Prof.ª Dr.ª Isabel Cristina Martins Guillen
Membro Titular Interno (Departamento de História/UFPE)

Prof. Dr. Bruno Augusto Dornelas Câmara
Membro Titular Externo (Departamento de História/UPE)

ESTE DOCUMENTO NÃO SUBSTITUI A ATA DE DEFESA, NÃO TENDO VALIDADE PARA FINS DE COMPROVAÇÃO DE TITULAÇÃO.

A meu alicerce emocional;

A minha avó materna, Dinair (in memorian), pelas inúmeras conversas e histórias sobre a Amazônia que tivemos durante a infância e tempo de convivência, as quais despertaram, o meu interesse sobre a Cabanagem no Baixo Amazonas, Tapajós e Arapiuns.

A Eunice, minha avó paterna, pelas inúmeras orações e intercessão, creio que durante este longo processo de alguma maneira me ajudaram a enfrentar e vencer desafios.

José Ruimar, meu pai, pela compreensão nos momentos de ausência ao longo deste trabalho.

A minha mãe, Valdenira, pelo incentivo, companheirismo, cumplicidade e contribuições neste.

Aos meus irmãos Guilherme e Ricardo que colaboraram neste, com seus abraços e carinho.

Aos estudantes e Pesquisadores que militam no Projeto Memórias da Cabanagem.

Por vocês, parte do que sou, dedico-lhes este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho de pesquisa desta dimensão demanda tempo, engajamento, horas de leituras, e em meu caso, também me custaram alguns fios de cabelos (risos). No entanto, ainda que os homens sejam dotados de atributos para sobreviverem sozinhos, é de nossa natureza constituir relações, instituir caminhos de interdependência. Um velho sábio um dia me disse: “Quem constrói paredes, constrói isolamento, quem constrói pontes, constrói relacionamentos”.

Embora atualmente a visibilidade material seja este trabalho, ele não nasceu pronto, muitos foram os amigos e colaboradores que, nos bastidores, contribuíram de forma ímpar para a reflexão de muitos pontos desta dissertação.

Mas, a simpatia e aproximação com o tema da Cabanagem começou antes mesmo da graduação. Ainda cursando o Ensino Médio, já me deleitava a ler obras e artigos sobre o tema, porém foi no cerne da Universidade que a visão acerca do tema foi ampliada.

Quero registrar aqui as reflexões, orientações e pontuações da Prof.ª Dra. Francisca Canindé na graduação em História no Centro Universitário Luterano de Santarém (CEULS/ULBRA). Professora, sua competência, gentileza e simplicidade marcaram o meu caminhar acadêmico. Muito obrigado pela bibliografia sugerida e, outras vezes, até mesmo concedida, para a construção de trabalhos acadêmicos e do Projeto de Mestrado lá em 2011.

Entre os amigos do tempo de graduação, faço questão de lembrar-me de Everaldo de Sousa Pereira, ou como eu chamava “Seu Everaldo”, amigo engajado e animador de minhas pesquisas. Você foi uma fonte de inspiração. Sendo o aluno mais velho da classe, depois de anos sem voltar à escola, você galgou pelo término do Ensino Médio e o acesso à Universidade. Não foram poucas às vezes em que depois das aulas à noite, íamos para sua casa (também lanchonete) e ficávamos fazendo trabalhos, leituras e reflexões de meus trabalhos durante horas. Muito obrigado a você, Everaldo, à sua esposa Valdirene, e ao seu filho Junior por terem me aturado (risos).

Faço uma pausa especial para agradecer a amizade e contribuição do amigo Prof.º Dr. Florêncio Almeida Vaz, frade franciscano, antropólogo e ativista indígena,

professor na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), em Santarém. Florêncio, sem dúvida, você foi um dos grandes responsáveis por este trabalho, por ter me possibilitado adentrar nos meandros da Cabanagem. Lembro-me de tê-lo conhecido em um "Seminário de Arqueologia" em Santarém realizado em maio de 2009 na Universidade Federal do Pará (UFPA), na ocasião eu era apenas um estudante de graduação no 1º semestre do Curso de História na ULBRA, e Florêncio estava em fase de conclusão e defesa de Tese na UFBA. Durante o evento surgiu a proposta de criar uma comissão para trabalhar em parceria com o IPHAN e Florêncio gentilmente sem me conhecer, apenas de ter ouvido algumas falas minha no evento, apontou-me para presidir a comissão na categoria discente (talvez ele nem lembre disso, risos). O importante, quero destacar, é que depois deste encontro, só encontrei meu amigo antropólogo por um acaso, em Abril de 2010, quase um ano depois, na saída de uma xerox próximo à Igreja de Fátima na avenida São Sebastião. Foi este encontro que me inseriu de vez nas discussões sobre a Cabanagem. Perguntei a Florêncio sobre sua Tese e, em meio a um rápido diálogo, ele comentou sobre uma excursão que iria ocorrer no final dos meses de maio e junho – a Caravana da Memória Cabana -, a partir daquele encontro me agreguei a ele na organização desta Caravana, e a trilha pelos caminhos da historiografia da Cabanagem ocorreriam de forma natural, ou como ele mesmo diz, de forma "meteórica" (risos).

Quero agradecer imensamente a todos os membros que compuseram a Caravana da Memória Cabana, por terem permitido inserir-me nesta expedição que documentou muitas entrevistas sobre a memória coletiva da Cabanagem em Maio de 2010. Quero registrar meus agradecimentos à Deborah Goldemberg (antropóloga), Florêncio Almeida Vaz (antropólogo), Leandro Mahalem de Lima (antropólogo), Nicolau Kietzmann (jornalista), Cristiano Burlan (cineasta), Clodoaldo Corrêa (cinegrafista), Karime Rubez (fotógrafa), Juan Jerez (Músico clássico e engenheiro), Aline Binns (artista plástica), os acadêmicos de Direito da UFPA e UFOPA (Edivan Arapiun, Renan Maurício, José Renato e Daniele Barroso), Seu Miranda (chefe de cozinha da expedição) e Deusdete (guia comunitário).

Em particular, agradeço às contribuições epistêmicas do antropólogo, Dr. Leandro Mahalem de Lima da USP. Em 2010, os diálogos e trocas de saberes

ampliaram minha visão sobre as fontes documentais e a historiografia ligada ao tema da Cabanagem.

Mas a conclusão do Mestrado só seria possível mediante o ingresso no programa do PPGH/UFPE, por isso agradeço a Valéria, Luizinho, Ramon e Seu Joaquim, que me hospedaram em Belém em novembro de 2012, ainda durante o processo de seleção do Mestrado em História da UFPE. Sem dúvidas, eu não teria conseguido a aprovação, sem a gentileza e cordialidade de vocês durante o mês todo em que me viram chegando e saindo de casa. Lembro-me que lá ia eu, saindo de ônibus de Belém para Recife, mas retornando com muitas histórias de aventuras para contar (risos), mas faz parte, os maus bocados também nos amadurecem. A vocês meu muito obrigado.

Sou grato à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) por ter me acolhido e propiciado toda a estrutura necessária para minha formação de pesquisador. Igualmente agradeço à agência de fomento CAPES, que tem se empenhado para ampliar os avanços na pesquisa e educação no Brasil, fazendo isto pelo estímulo e investimento na formação de mestres e doutores, enfatizo que sem a bolsa da CAPES este trabalho não teria sido possível de realizá-lo.

Quero registrar meus agradecimentos às secretárias do PPGH, Sandra Regina e Patrícia Regina, muito obrigado pelo tratamento cordial e profissional, agradeço demais pelos muitos “galhos quebrados”, pela compreensão de minhas adversidades compartilhadas com vocês. Recordo-me de tomar o tempo de Sandra logo no início do Curso, para me informar como exatamente funcionavam todos os tramites da Pós-Graduação em História da UFPE. Novamente muito obrigado, porque na reta final da Defesa de Dissertação, vocês tiveram muita paciência ao ouvirem minha voz praticamente todos os dias (risos), quando eu ligava de Santarém para a secretaria do PPGH vocês até já conheciam minha voz (risos). Grato também sou pela agilidade e cordialidade de vocês no processo de pós-banca e colação de grau extra, sem dúvidas, só foi possível graças a vocês.

Agradeço aos professores do PPGH/UFPE, em especial a Regina Beatriz, Isabel Guillen, Antonio Torres Montenegro, Durval Muniz de Albuquerque, Marcus Carvalho, e a Prof.ª Lady Selma do PPGA/UFPE. As discussões em sala de aula, as conversas em gabinete, as conversas no elevador (Marcus Carvalho), as sugestões

de bibliografias e tratos metodológicos foram fundamentais na elaboração desta Dissertação. A você Prof.º Dr. Antonio Torres Montenegro, faço um agradecimento especial, pois minha escolha pelo PPGH/UFPE se mesclou com o objetivo de estudar e aprender sobre os conceitos e metodologias da história oral; o senhor é uma das maiores autoridades do tema na América Latina. Recordo-me que no primeiro contato em meados de 2012 sua cordialidade e gentileza se estenderam a ação de se propor a ler e corrigir o projeto de Mestrado. Muito obrigado professor, pois sua leitura ímpar naquele momento lapidou a coluna vertebral do "Frank Stein", e hoje a criatura [dissertação] está finalmente acabada.

Agradeço aos amigos/colegas do Curso de Mestrado, pelas discussões teóricas em sala de aula e pelas sugestões de fontes e arquivos em Recife, em especial agradeço a Dirceu Marroquim, Anderson Bruno, Paulo Souto, Tasso Araújo, Jônatas Cruz (todos do PPGH/UFPE), Kalhil Gilbran (UFRPE), Grasiela Morais (Mestre em História pela UFRPE e aluna ouvinte no PPGH). Obrigado por acolherem este santareno/paraense na terra do frevo e dos maracatus-nação.

Agradeço imensamente a meu orientador, Prof.º Dr. Flávio Weinstein Teixeira, (PPGH/UFPE) pela amizade, cordialidade, profissionalismo e humanidade estabelecidos durante a orientação desta Dissertação. Obrigado imensamente pela adoção professor. Lembro-me que nos conhecemos na Banca de Entrevista e análise de projeto durante a seleção discente do PPGH. Na ocasião, mesmo depois de eu ter vindo de ônibus de Belém para Recife, ter abortado a viagem a Teresina/PI (por conta de que o ônibus chegaria depois do horário marcado para minha entrevista), de lá ter pegado um voo para Brasília para então chegar ao Recife para a entrevista; ainda assim consegui me manter firme para a defesa do projeto e mesmo sem nos conhecermos pude ver o seu vislumbre com o tema. Mesmo o tema da Cabanagem não fazendo parte de suas linhas de pesquisa e atuação, o senhor adotou e acreditou no meu projeto, muito obrigado porque suas interferências metodológicas, conceituais e historiográficas foram fundamentais para a tessitura deste trabalho. Sua cordialidade, entusiasmo e sapiência chegavam a me constranger até mesmo nas horas de cobrança de prazos, os quais se davam de forma firme, porém, serena. Suas leituras minuciosas dos artigos, resumos e até mesmo dos capítulos da dissertação, foram lapidando este trabalho e minha percepção acerca do Oitocentos. Enfim, registro imensamente meus

agradecimentos a sua orientação no PPGH, peço desculpas pelas minhas falhas, momentos de ausência e descumprimento de prazos por questões de saúde. Quero aqui mensurar sua participação e contribuição na elaboração deste trabalho, destacando que os acertos e êxitos são dedicados ao senhor, esta dissertação também é sua e, quaisquer falhas ou erros encontrados neste trabalho são de minha inteira responsabilidade.

Agradeço a Prof.ª Pós-Dra. Isabel Cristina Martins Guillen (PPGH/UFPE) e a Prof.ª Pós-Dra. Hebe Mattos (PPGH/UFF) pelas relevantes contribuições e apontamentos teóricos e historiográficos durante a Banca de Qualificação deste trabalho.

À Prof.ª Isabel Guillen agradeço as nossas discussões em sala de aula sobre Pesquisa Histórica, sua sapiência contribuiu demasiadamente para meu despertar de novas formas de se ver a História, assim como o despertar para o uso das redes sociais (risos). Prof.ª Isabel muito obrigado por conduzir sua disciplina com profissionalismo trazendo a tona os debates mais recentes e empolgantes da História e Historiografia, obrigado também por permitir que minhas pesquisas se agregassem ao Grupo de Pesquisa “Memória e Imagem” da UFPE, creio que ainda que seja pouco, poderei somar e contribuir com as pesquisas nesta temática. Também agradeço por suas significativas ponderações e reflexões na Banca de Defesa final do Mestrado, seu profissionalismo e cordialidade destamparam minha percepção sobre as reflexões metodológicas.

A Prof.ª Hebe Mattos, não tenho como mensurar os agradecimentos, mas posso tentar (risos). Agradeço muitíssimo a Hebe Mattos, primeiramente, pela gentileza, cordialidade e facilidade no acesso a sua pessoa, recordo-me de nos conhecermos na aula de encerramento de sua disciplina de “Diáspora Negra no Mundo Atlântico” no PPG/UFPE em 2013; na ocasião, fui assistir sua aula e palestra e ao final conversamos um pouco sobre o tema da Cabanagem. A Prof.ª Hebe se mostrou interessada no tema e de lá para cá dialogamos muito e a mesma de forma generosa passou a ler e acompanhar os meus textos. Prof.ª Hebe sou inteiramente grato por você ter lido meus primeiros textos/artigos sobre a Cabanagem em 2013, sou grato por você ter aceitado o convite de participação em minha Banca de Qualificação e, sou muitíssimo grato porque mesmo diante dos contratempos que impossibilitaram sua vinda para a Banca de Defesa final, a senhora fez questão de

ler a dissertação e enviar seu parecer. Prof.ª Hebe Mattos, sua simplicidade, cordialidade, profissionalismo me constrangem, talvez estas poucas palavras nem sequer deem conta de expressar minha gratidão, mesmo assim deixarei aqui registradas.

Agradeço ao Prof.º Dr. Bruno Augusto Dornelas Câmara, por ter sido solicito e aceitado o convite para ser examinador externo na Banca final de Mestrado. Obrigado professor, pelas suas leituras minuciosas, ponderações, sugestões e elogios no texto. Sua vasta experiência em estudos e pesquisas a respeito da Abrilada, Cabanada, Revolta Praieira e demais revoltas imbuídas no chamado Ciclo de Insurreições Pernambucanas no século XIX ajudaram nos diálogos de revoltas no nível de Brasil Oitocentista. Sou muito grato por sua grande contribuição e reflexão.

Quero agradecer muitíssimo ao amigo e Prof.º Dr. Mark Harris, do Departamento de Antropologia Social da Universidade de Saint Andrews no Reino Unido/Inglaterra. Sua gentileza e profissionalismo ultrapassaram as barreiras geográficas, não é à toa que o Prof.º Mark se dispunha a ler os meus textos e apontar feedebacks. Sou muito grato pelo livro que me enviou diretamente de Saint Andrews para o Recife, sem dúvidas que seu livro sobre “Rebellion in the Amazon”, fruto de sua tese de Doutorado, muito ampliou minha visão sobre a Cabanagem no Baixo Tapajós.

Quanto à pesquisa documental no Arquivo Público do Estado do Pará sediado em Belém, destaco que esta não teria possível sem a generosidade, gentileza e disponibilidade de seus funcionários, que tornaram as análises de Códices amarelados e de difícil leitura muito mais agradável. Registro meus agradecimentos ao Diretor do Arquivo, o Prof.º Dr. Agenor Sarraf Pacheco, ao diretor interino Prof.º Dr. Jerônimo Silva e Silva, e as funcionárias Sandra Lúcia Amaral, Cilene das Mercês Barreto, Rosa Maria de Lima e Rosana Pinheiro da Silva, pela maestria e profissionalismo com as quais atenderam a minha solicitação urgente de análise de documentos.

Não poderia deixar de agradecer a família Abreu, muito obrigado Mercedes, Ângela, Safira, que me hospedaram durante o tempo necessário de consulta e pesquisa no APEP. É bem verdade, que eu passava a maior parte do tempo no Arquivo e só chegava a noite para dormir, mesmo assim o carinho, o aconchego do

seu lar, fizeram-me sentir-me em meu próprio domicílio. Registro meu obrigado ao amigo Assis que era quem me conduzia e me trasladava pelo centro de Belém, inclusive na busca do novo endereço do APEP, que atualmente está provisoriamente nas proximidades da ALEPA.

Agradeço imensamente aos colaboradores e depoentes da pesquisa, quero deixar registrados aqueles que contribuíram de forma direta: Seu Manoel Godinho (Santarém), José Maria Branches, Claúdio José (Cuipiranga do Tapajós), Ivonete Brechó (Icuipiranga do Amazonas), Enoque Arapiun, Dona Benvinda da Silva (Vila Franca), Oneide Cardoso (Vila de Pinhel), Maria Zenaide, (Quilombo Pérola do Maicá); e àqueles que contribuíram de forma indireta na tessitura deste texto: Dona Áurea e Seu Roxo (de Vila Amazonas), Cazemira Farias (Alter-do-Chão), Maria Raimunda Lages (Quilombo Pérola do Maicá), Dona Maria Branches (Cuipiranga do Tapajós), Seu Martinho de Oliveira (Vila de Santo Amaro), Dona Josefa da Silva (Vila de Muratuba).

Faço menção honrosa de agradecimentos a Dona Inês, que me hospedou em Cuipuiranga do Tapajós durante minhas estadias na comunidade, a Seu Cláudio José que me guiava em caminhadas pela geografia de Cuipiranga, a Dona Áurea e Seu Roxo pelo carinho e atenção recebido em Vila Amazonas durante minhas andanças pela região de Cuipiranga e, finalmente, a Dona Ivonete Brechó que me recebeu muito bem em sua propriedade em Icuipiranga do Amazonas e teve a gentileza de me mostrar os “possiveis” barrancos que serviram como trincheiras na época da Cabanagem.

Saúdo a Cidade do Recife, sobretudo as belezas naturais e arquitetônicas da capital e sua área metropolitana, não é à toa, que nos momentos de estresse eu corria para as belíssimas praias (Pina, Boa Viagem, Ilha de Itamaracá, Porto de Galinhas), para o Instituto Ricardo Brennand, para as ladeiras de Olinda, para o Marco Zero no Recife Antigo etc. Mas além das belezas naturais, arquitetônicas e culturais do Recife, a maior beleza e simpatia que o Recife tem é o povo pernambucano, por isso agradeço às novas amizades que fiz no Recife, sem elas não seria possível eu me inserir no mundo social da “Veneza Brasileira”. Entre as amizades registro: Suely, Fernanda, Cristina, Anecy, Mário, Vilma, Verônica, Veruska, Neide, Glauce, Antonio (Bem), Adrienny, Adrielly, Michele, Bete, Ramires, Eduardo (in memorian), a paulista Elaine Pauro e Edivania Santos – esta última,

sem dúvidas razão de eu não endoidecer na solidão, foram muitas as conversas (risos), a você registro também o meu muito obrigado pelo apoio após minha cirurgia realizada no Recife no final de 2013.

Agradeço às amigas Márcia Santana (Doutoranda em História na UFPE) e Rosângela Assunção (Doutoranda em História na UFF) professoras no departamento de História da UESPI, pelos momentos de descontração, conversas que tivemos no Recife e me tiravam do tédio da solidão. Valeu! Muito obrigado.

Faço uma pausa especial para agradecer às famílias de amigos que me acolheram e me abrigaram em suas casas durante os congressos científicos da vida. A publicação e participação em eventos científicos de História só foram possíveis graças à cordialidade, carinho e hospitalidade de Edvaldo, Cleide, Cintya e Camila em Brasília, e de Tania Joaquina, Orivaldo e Benjamim em Goiânia. Com vocês compartilho a culminância deste trabalho.

Agradeço a amiga Luciana de Sousa Marcião (estudante de Engenharia Florestal na UFOPA) pelos bons momentos juntos e pelas leituras iniciais deste trabalho, suas correções embora apenas metodológica e ortográfica no início da tessitura deste trabalho, muito contribuíram para o desenvolvimento dos demais capítulos. A você serei sempre muito grato.

Agradeço a amiga Suelen Cristina Ferreira dos Santos (estudante de Zootecnia na UFOPA) pelas conversas de motivação, de formação continuada (risos), você quase sempre me questionava se o trabalho já estava pronto e de vez enquando fazia aquela pressão básica para que eu concluísse o trabalho logo (risos). Muito obrigado, as cobranças também são estímulos.

Agradeço a amiga Sâmea Cibele Freitas da Silva (doutoranda em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento na UFOPA) pelos estímulos e palavras de incentivo, compartilhando suas experiências do mestrado e todo tempo lançando palavras de positividade. Sâmea, suas palavras, em meio ao emaranhado de dados e fontes que eu tinha de ler e analisar, trouxeram alívio e calma, você é 10! (risos).

Agradeço aos amigos Junior, Nedson, Edinete, Dalze por terem aliviado as tensões e ter tornado meus dias mais proveitosos, com vocês por vezes fugi, distanciando-me dos arquivos (igualmente Arlete Farge), pois lembrava da minha

condição humana e sabia que se continuasse isolado, eu iria enlouquecer (risos). Muito obrigado! Vocês são amigos mais chegados que irmãos.

Agradeço à amiga Jessica Sabrina Mendes Costa (estudante de Engenharia Ambiental na UFOPA), que, mesmo sendo uma amizade recente, operou significativamente na conclusão deste trabalho, sendo responsável pelas palavras de motivação na reta final desta dissertação. Jessica, as barreiras, as distâncias são quebradas pelo carinho e amizade, muito obrigado por se fazer presente na conclusão deste trabalho, você apareceu justamente quando se intensificaram minhas insônias (risos) provenientes dos dias, noites e madrugadas que tive que destinar para a conclusão da dissertação. A você registro meus sinceros agradecimentos.

Quero registrar meus agradecimentos a Prof.ª Riziomar Pinheiro (estatutária da SEDUC-Pa, prof.ª do Colégio Batista e Prof.ª formadora do PAFOR/UFOPA), pela correção ortográfica deste trabalho. Sou grato por sua disponibilidade e bom ânimo em corrigir esta dissertação dentro de um prazo apertado, obrigado pela maestria e profissionalismo com as quais você corrigiu este trabalho.

Agradeço ao amigo, líder e mentor espiritual Marcos André Costa por ter compreendido meus momentos de ausência (que foram muitos) e ter permitido meus voos altos. Você se fez presente mesmo na ausência. Também registro meus agradecimentos aos amigos e liderados Felipe Alves Coutinho e Aldair Lira Silva, obrigado por entenderem minhas viagens e tempo de ausência, vocês são minha motivação para não desfalecer em meio às adversidades. A todos vocês compartilho esta vitória.

Por fim registro meus sinceros agradecimentos a meu pai José Ruimar, a minha mãe Valdenira Melo e aos meus irmãos Rui Guilherme e Vitor Ricardo, sem vocês esta nova etapa da vida não faria sentido algum.

Obrigado, pai, por ter apoiado minha escolha em me deslocar e morar tão longe de vocês, obrigado por ter ajudado-me a manter-me no Recife, não foram poucos os momentos em que a saudade “bateu à porta”. Muito obrigado por ter compreendido os meus momentos de ausência e ter me poupado nos momentos em que me fiz presente, foram incontáveis as vezes que tive que ficar lendo ou escrevendo e deixando você partir solitário para chácara; na maioria das vezes você

me deixava estudando na sala pela tarde e quando chegava da chácara pela manhã me encontrava no mesmo lugar. Perdão pelos momentos de pai e filho que foram suplantados, porém muito obrigado por sua compreensão. Essa vitória também é sua, cada página escrita também tem créditos seus. Obrigado.

Registro agradecimentos aos meus irmãos Rui Guilherme e Vitor Ricardo, obrigado por compreenderem meu tempo de clausura e por terem conseguido se divertir sem mim. A você, Guilherme, obrigado pelas poucas palavras de saudades expressadas de forma disfarçada por entre sua cerviz dura. A você, Ricardo, não sei medir palavras, você tão novo, tão pequeno, mas ainda assim muito maduro. Recordo-me quando regressei de Recife que você abraçou-me fortemente e passou a dormir comigo no meu quarto por pelo menos dois meses (risos), isso é emocionante. Por ser um irmão com cara de filho compartilho esta vitória com você também, talvez agora não faça sentido para você, mas um dia estas palavras te trarão lembranças que só o presente nos impulsiona a ver e sentir. Obrigado meus irmãos.

Rendo graças pela vida da minha mãe, nem sei o que dizer, porque a voz embarga (emocionado). Será que somos somente mãe e filho ou também amigos? Nossos papeis sociais se misturam e disso resulta uma maravilhosa relação fundamentada na seriedade, respeito e muitas gargalhadas. A você mãe, agradeço, por ter me apoiado desde meados do processo seletivo, desde quando lhe fiz aprender a comprar uma passagem de avião para que eu viajasse de Teresina para Recife para que eu realizasse a entrevista com a Banca de professores (risos), "são muitas emoções" (risos). Muito obrigado por se fazer presente em todos os momentos, por compartilhar suas experiências de vida e acontecimentos cotidianos. Obrigado pelo investimento financeiro nos quatro primeiros meses em que permaneci sem bolsa CAPES, e também nas viagens para eventos científicos e nas de retorno para compromissos no Recife. Muitíssimo obrigado pelas leituras e correções para construção de texto, posso dizer que você é minha "cobaia" de leitura, tudo o que escrevo você lê sugere, corrigi e aponta melhoramentos na escrita. Essa vitória é nossa, porque não foram poucas as noites que ficamos juntos, lendo e corrigindo as partes desta dissertação, "o diamante estava bruto, mas juntos demos conta de lapidá-lo e torná-lo uma joia".

É possível que eu tenha esquecido de mencionar algum nome, o processo é muito longo e vários são os agentes sociais que, de alguma forma, contribuem na construção ainda que mental do texto, mas quero estender os meus agradecimentos a todos aqueles que possivelmente eu tenha esquecido.

A todos vocês citados acima, sem nenhuma exceção, meu muito obrigado, de certa forma vocês entraram na “caverna” comigo. Na caverna, em meio ao silêncio, isolamento, as relações sociais tendem a se desfiar e a sabedoria e sapiência é alcançada por meio da reflexão e experienciação. No entanto, mesmo eu estando na caverna, vocês todos encontraram um jeito de estarem comigo na caverna, ainda que por poucos minutos em forma de revezamento. Sou muito grato a todos vocês, minha alegria e vitória também são suas.

E por último e não menos importante, lembro-me do ditado que diz que “os últimos serão os primeiros”, e por isso agradeço a Deus, o autor e consumador da minha fé; Aquele que se faz presente em todos os momento de minha vida, sem você nada subsistiria, nada faria sentido, essa vitória é muito mais sua que minha. Muito obrigado por sua graça e infinita sapiência, pois a cada dia me proponho a mergulhar e a adquirir a sabedoria (Tiago 1:5) concedida pelo Senhor.

O Historiador sucateiro (Lumpensammler ou Chiffonnier) não tem por alvo recolher os grandes feitos. Deve muito mais apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não sabe o que fazer.

O Historiador atual se vê confrontado com uma tarefa também essencial, mas sem glória: ele precisa transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem-nomes, ser fiel aos mortos que não puderam ser enterrados. Sua "narrativa afirma que o inesquecível existe" mesmo se nós não podemos descrevê-lo. Tarefa altamente política: lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente).

Tarefa igualmente ética e, num sentido amplo, especificamente psíquico: as palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos do passado e a cavar um túmulo para aqueles que dele foram privados.

JEANNE MARIE GAGNEBIN

RESUMO

Este trabalho se propõe a dissertar sobre a Cabanagem, concebida como um tema de relevância social para o Brasil e, principalmente para a Amazônia brasileira. Visto que a Amazônia e, assim também, o Grão-Pará não encontravam-se dissociados do cenário político-econômico brasileiro, nem tampouco da conjuntura internacional, estabelecemos que as influências nacionais e internacionais que a província paraense sofreu durante os séculos XVIII e XIX, resultaram diretamente na eclosão do movimento. Afirmamos que não foi somente o processo de Adesão à Independência do Brasil e nem a contestação ao acesso e uso da terra que motivaram esses sujeitos marginais paraenses, classificados como cabanos, a se insurgirem e tomarem o poder do Pará de forma efetiva. Inferimos que, a partir do fim do século XVIII, com a influência das Revoluções Francesa, da Americana, da Confederação do Equador e a Crise do sistema colonial espanhol, o trânsito frequente de índios, negros e soldados desertores entre as fronteiras do Grão-Pará, da Guiana Francesa e da Amazônia Espanhola, tomou proporções muito maiores, passando a circularem ideias liberais e independentistas entre esses grupos. Esse emaranhado de variáveis, atreladas à disputa social/racial envolvendo índios, negros, a Igreja e o Estado, produziram as "rusgas" e insurreições recorrentes de "hidras", as quais, no contexto de Tempos de Revoltas no Brasil Oitocentista Regencial, desencadearam a eclosão da Revolta/Revolução da Cabanagem. Em suma, fundamentados na tímida pretensão de rediscutir, os acontecimentos mais incisivos deste movimento contestatório do período oitocentista, propomos-nos a partir das pesquisas bibliográfica, documental (relatórios de província, correspondências, opúsculos, dentre outros) e análise da pós-memória, neste caso, a memória coletiva, historiografar e ressignificar os acontecimentos da "Revolução Cabana", na região do Baixo Tapajós, compreendido, como o maior reduto de resistência Cabana de todo o Grão-Pará.

Palavras-Chave: Cabanagem. Revoltas. Insurreições. Brasil Oitocentista. Baixo-Tapajós.

ABSTRACT

This work is proposed to discourse on the Cabanagem, conceived as a topic of social relevance to Brazil and especially for the Brazilian Amazon. Whereas, the Amazon and so the Grão-Pará, not found itself dissociated from the Brazilian political or economic scenario, neither of the international situation, we established that influences national and international that the suffered Pará province during the eighteenth and nineteenth centuries, directly influenced in the outbreak of movement. We affirm that it was not only the process of accession to independence of Brazil and or challenge to the access and use of land, which motivated these marginal subjects of Pará classified as cabanos, to rise up and take the power of Pará effectively. We infer that from the late eighteenth century, with the influence of French Revolutions, the American, the Confederation of Ecuador and the crisis of the Spanish colonial system, the frequent traffic of Indians, blacks and renegade soldiers from the Grand Para borders, French Guiana and the Spanish Amazon, took much larger proportions, starting to circulate liberal and separatist ideas among these groups. This tangle of variables, linked to social / racial dispute involving Indians, blacks, the Church and the State, produced the "raids" and recurrent uprisings "hydra", which, in times riots context in nineteenth-century Brazil Regencial, unleashed the outbreak of the revolt / revolution of Cabanagem. In short, based on the shy claim to (re)discuss the most incisive events this contestatory movement of nineteenth-century period, we propose us since the bibliographic research, documentary (province reports, correspondence, pamphlets, among others) and analysis of post-memory, in this case, the collective memory, historiografar and reframe the events of "Cabana Revolution," in the Lower Tapajós region, understood as the largest Cabana resistance stronghold around the Grão Pará.

Keywords: Cabanagem. Revolts. Insurrections. Nineteenth-century Brazil. Low-Tapajós.

LISTA DE TABELA E ILUSTRAÇÕES

LISTA DE ABREVIATURAS

ALEPA – Assembleia Legislativa do Estado do Pará

ANRJ – Arquivo Nacional do Rio de Janeiro

APEJE – Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Recife)

APEP – Arquivo Público do Estado do Pará

BNRJ – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

CAPES – Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Brasília)

CEULS/ULBRA – Centro Universitário Luterano de Santarém/Universidade Luterana do Brasil (Santarém)

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro)

PPGA – Programa de Pós-Graduação em Antropologia (Recife)

PPGH – Programa de Pós-Graduação em História (Recife)

RIHGB – Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro)

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFOPA – Universidade Federal do Oeste do Pará

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

UPE – Universidade de Pernambuco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Ao dissertar sobre este tema de relevância social para a Amazônia brasileira, ressaltamos que o principal objetivo deste trabalho será trilhar pelos labirintos da historiografia amazônica, com intuito de estender e tecer os fios e rastros indiciários concernentes à Guerra da Cabanagem, ou seja, escovar a história a contrapelo (Benjamim 1996).

Partindo desta premissa, propomos-nos historiografar os acontecimentos da "Revolução Cabana", fundamentados na tímida pretensão de rediscutir os acontecimentos mais incisivos deste movimento contestatório do período oitocentista, para tal finalidade importa traçar uma releitura e breve reflexão dos acontecimentos sócio-políticos ocorridos nesta Província desde meados do século XVIII.

No contexto de expansão territorial, e como forma de consolidar o domínio português a Oeste do Tratado de Tordesilhas, a Província do Grão-Pará foi erguida pela Coroa Portuguesa para ocupar espaços vazios, demarcar o território, estreitar relações com os indígenas e assim catequizá-los e promover a política de fundação de Vilas.

Diferentemente deste Grão-Pará colonial, esta província a partir do início do século XIX, passou a protagonizar diferentes acontecimentos políticos e sociais que modificaram o cenário de relações entre sujeitos e destes com a natureza.

Nas três primeiras décadas do período oitocentista, a Província do Grão-Pará passou por muitos conflitos políticos, os quais geraram momentos de tensão e instabilidade, semelhante a "uma panela de pressão", aquecendo e aumentando seus agouros até a eclosão da mesma na década de 30 do mesmo século.

É sabido que as heranças coloniais do Pará e as formas administrativas pelas quais foi governado, impôs maneiras singulares de organização social conforme a questão racial. As chamadas raças puras (brancos, índios e negros) estavam imbuídas num sistema onde negros se enquadravam num estado de escravidão e a minoria branca se autodenominava de civilizada e representante do poder político (o que na prática reduzia ambos a condição de servos e senhores). Já os indígenas, que eram a maioria, protagonizavam uma dubiedade de tratamento, embora

gozassem de mais direitos que os negros e fossem comparados a brancos no quesito liberdade, no entanto, também eram subservientes aos interesses brancos.

Esse cenário de raças, propiciou uma grande disparidade social resultando na concentração de terras e bens de consumo nas mãos da minoria branca, restando a índios e negros o conformismo com seu estado marginal e ostracismo econômico.

As motivações para produção de um cenário conturbado no Pará do início do século XIX, assenta-se no contexto da Revolução Francesa e na política imperialista napoleônica, pois a partir do Bloqueio Continental (1806) de Bonaparte, D. João VI se viu pressionado a negociar com a Inglaterra sua fuga e de toda a família real para a Colônia Brasileira.

Doravante, o mesmo D. João, em resposta a invasão de Napoleão à Portugal, ordena que tropas luso-brasileiras invadam a Guiana Francesa como forma de represália às políticas expansionistas e imperialistas de Bonaparte.

Tal medida política Joanina envia soldados paraenses à Caiena, os quais, além de combater na Guiana, irão se nutrir dos ideais revolucionários iluministas que circulavam pela capital, onde muitos passaram a se inspirar na Revolução Haitiana e adotar como bandeiras de luta, a queda da escravidão e opressão (acontecimentos que serão mais aprofundados e esmiuçados no primeiro capítulo deste trabalho).

Outras fortes agitações pelas quais a Província passou foram os reflexos do Vintismo (1820), sobretudo a atuação da imprensa crítica de Felipe Patroni[1] no Jornal “O Paraense” e o desgastante e enfadonho processo de Adesão do Pará à Independência do Brasil em Agosto de 1823. Em ambos os episódios, a população mais pobre passou a observar quão poder e domínio tinham a elite política lusa no Pará. Desde a medida de Abertura dos Portos as Nações Amigas em 1808, decretada por D. João VI, o Pará passou a adentrar num declive econômico, em que sua produção agropecuarista e extrativista não dava conta de acompanhar as altas demandas de consumo, devido ao aumento das exportações e ao alto custo da

---

[1] Nasceu na cidade de Belém (Pará), no ano de 1798, e faleceu em Lisboa a 15 de julho de 1866. Era filho do Alferes Manuel Joaquim da Silva Martins e afilhado do Capitão-de-fragata Filipe Alberto Patroni, de quem tomou o nome. Foi advogado (formado em Direito pela Universidade de Coimbra), jornalista e político brasileiro. Participante das discussões políticas em Portugal assistiu à proclamação da Constituição e a partir daí resolveu enveredar no campo da imprensa a fim de fomentar a transmissão dessas ideias em sua pátria – o Grão-Pará (**BLAKE** [1893] 1970, p. 347; **VARNHAGEN** 1957, p. 346).

produção que se elevou mediante um crescente aumento de impostos, com início a partir da chegada da Família Real Portuguesa no Brasil (Ver SANTOS 1980; CARDOSO 1984; HARRIS 2010).

No início da década de 30 do século XIX, o Pará passava por uma crise de abastecimento alimentícia, agravava-se a forte concentração de terras nas mãos de muitos aristocratas – o que dificultava o acesso da terra a muitos pobres trabalhadores, impossibilitando o cultivo de culturas agrícolas, gerando assim fome e miséria entre as camadas menos abastadas da população, representadas por cerca de 75% no período -, além de existirem registros de falsificação de moedas.

No que tange as notícias de falsificação de moedas nas extensões territoriais da Província, as autoridades do período tentavam desarticular esses bandos, que estavam prejudicando a economia na região e provocando desavenças entre comerciantes e consumidores, como assevera D'Oliveira (1833, p.3) [2]:

> Ainda o flagelo da moeda de cobre continua com os seus perniciosos estragos sobre o comércio desta Província; não tento podido obstar a sua furtiva introdução por maiores esforços que nisso tenha empregado; e estando ultimamente convencido que ella se fabrica dentro da Província, aonde os falçários podem exatamente calcular e estabelecer tão infame tráfico, por que contam com a impunidade, e com a conivência de algumas autoridades legaes **[sic]**.

O trecho possibilita afirmar que havia um empenho governamental para combater a falsificação e tráfico de moedas no Pará, no entanto as dificuldades eram demasiadamente grandes por contarem com a impunidade, o apadrinhamento, a formação de sócios e conivência de autoridades fiéis a Monarquia Brasileira, mas primeiramente fiéis a seus interesses econômicos e pessoais.

Ressaltamos que estes acontecimentos vão também influenciar o aumento de insatisfações da classe mercantil e populares os quais passam a iniciar motins e insurreições, pois havia uma desconfiança em relação ao peso real das moedas, sendo o comprador de classes menos favoráveis o maior prejudicado; em números absolutos, os representantes da classe mais marginal e pobre tinham um soldo

[2] Discurso pronunciado para o Relatório da Província do Grão-Pará pelo então Presidente Machado D'Oliveira em 3 de Dezembro de 1833.

inferior ao que aparentavam ter, já que existia uma enorme discrepância entre o peso real de uma moeda de cobre e seu valor simbólico.

Muito além da questão de falsários, passou a existir na Província do Grão-Pará uma tensão no cenário político, pois a chegada em 1831 do Presidente nomeado para a Província do Grão-Pará, Bernardo Lobo de Souza, causa a divisão na elite política a qual pertencia o Cônego Batista Campos[3] – uns continuaram a seguir o antigo chefe e outros passaram a seguir Lobo de Souza.

Nesse cenário sócio-político, começaram a acalorar atritos e organização partidarista entorno de Lobo de Souza e Batista Campos, pois entre 1831-1832 estavam a se digladiar no Pará os movimentos políticos “Caramuru e Filantrópico”.

> O partido político Caramuru era assim chamado pelos adversários, que ainda lhe davam outros nomes: Lusitano, Absolutista, Chumbeiro, enquanto a si próprio se rotulava Constitucional e Moderado. O segundo era o que se dizia Filantrópico, Patriota, Liberal, enquanto os contrários o apodavam de anarquistas, exaltado, etc. Caramuru era a facção dos portugueses e seus afeiçoados. Filantrópico era o partido dos brasileiros nacionalistas, sob a chefia de Batista Campos. O fato era que entre os primeiros havia numerosos brasileiros, e, entre os segundos, grande número de portugueses que lealmente lutavam pela consolidação do Brasil como nação livre e completamente independente do domínio luso (SANTOS 1999, p. 175-176).

O trecho de Paulo Rodrigues dos Santos, extraído do livro Tupaiulândia, apresenta algumas complexidades na sua afirmativa sobre como ocorriam a organização política e defesa de ideias destes “partidos”.

Indo além das leituras de Paulo Rodrigues dos Santos, primeiramente afirmamos que, nas décadas de 30 e 40 do século XIX, as ações pensadas pelos grupos políticos atuantes na Província do Grão-Pará não eram vinculadas à estrutura ideológica partidária, ou seja, não eram partidos políticos, antes eram movimentos políticos, facções, em alguns casos grupo políticos dados às inconstâncias ideológicas de seus membros que oscilavam de lados políticos conforme seus interesses pessoais e econômicos.

---

[3] João Batista Gonçalves Campos nasceu em 1782 na Vila de Barcarena no Grão-Pará, foi Cônego, jornalista e advogado. Em 1805, aos 23 anos, é ordenado e passa a se destacar como religioso. Torna-se cônego subdiácono em 5 de fevereiro de 1815, aos 33 anos (SALLES 2005, p.286).

Em segundo lugar, outra questão presente nos escritos de Santos, que precisa de maior discussão e esclarecimentos, é o paradoxo presente na nacionalidade e posição política dos caramurus e filantrópicos. Como um grupo político brasileiro defende como bandeira política a submissão e restauração da monarquia conservadora de origem lusa? E como um grupo político português defende o rompimento com a monarquia brasileira de origem lusa e o estabelecimento de um Estado "autônomo e democrático"?

Essas defesas e posicionamentos políticos, difíceis de perceber num primeiro olhar, podem ser explicados e percebidos através do universo do poder e da ascensão política na Província, na medida em que, apesar da origem lusa de D. Pedro I, seus esforços governamentais se direcionavam em privilegiar a aristocracia brasileira, retirando legítimos portugueses de cargos e de ofícios públicos importantes e indicando brasileiros natos e/ou adotivos (a partir de 1824).

Medidas que explicam a contraposição dos Filantrópicos em se rebelar contra a ordem vigente no Império e tentar estabelecer um Estado democrático emancipado dos Estados Unidos do Brasil[4], pois esse seria o caminho mais fácil de conseguirem retomar o poder local, político e econômico na Província do Grão-Pará, que lhes foi tirado durante o processo de resistência à Adesão da Independência do Brasil em 1823.

Vale salientar que o Período Regencial do Império Brasileiro foi um dos mais conturbados do século XIX, foram inúmeras as revoltas e agitações populares (Balaiada, Sabinada, Cabanada, Revolta dos Malês, Farroupilha e a própria Cabanagem) devido à menoridade do herdeiro da Coroa dos Bragança Pedro de Alcântara, a quem na mente das lideranças revoltosas detinha de fato o direito ao Governo e Poder político no Brasil.

Apesar de estarem desacreditadas, as Regências Trina Provisória, Trina Permanente, Regências Una de Diogo Feijó e de Araújo Lima foram implacáveis quanto a reprimir e silenciar tais revoltas no Brasil naquele período, em alguns

---

[4] Havia quatro grandes possibilidades geoestratégicas em debate no Grão-Pará na época, conforme defendido por André Machado (2005): [1] A proclamação da independência do Grão-Pará (jamais seriamente documentada). [2] A formação de blocos regionais (por exemplo, a Confederação do Equador, liderada por Pernambuco ou uma aliança direta e específica com Maranhão e Mato Grosso). [3] A manutenção dos laços com Portugal. [4] Ou, por fim, a adesão à Nação dos Brasileiros, com sede na Corte do Império, no Rio de Janeiro. Estas duas últimas eram as possibilidades mais seriamente debatidas entre as décadas de 1820 e 1830.

casos, passaram a contar com o auxílio de tropas e tecnologias estrangeiras, em especial a inglesa.

Dentre as seis grandes revoltas no Brasil Império no período da Regência, Caio Prado Jr. defendeu a tese de que a Cabanagem pode ser considerada como:

> Um dos mais, senão o mais notável movimento popular do Brasil. É o único em que as camadas mais inferiores da população conseguem ocupar o poder de toda uma província com certa estabilidade. [...] a primeira insurreição popular que passou da simples agitação para uma tomada efetiva de poder [5].

No entanto, mesmo com seu caráter altamente popular, podemos observar dissensões entre lideranças do movimento, acontecimentos que levam muitos historiadores a afirmarem na literatura historiográfica do século passado que os cabanos do Pará não tinham um projeto político definido, vindo a definhar mediante as repressões das tropas da Coroa.

Diante disso, é importante questionar e assim historicizar sobre quais eram os planos e anseios dos líderes cabanos e refletir se eles de fato representavam os ideais de toda a população paraense, em especial as classes subalternas.

Entre os próprios presidentes cabanos houve dissensões e guerra, numa resistência de cinco anos à Coroa Brasileira, sendo muito frágil e meticulosa a estabilidade governamental do movimento, chegando a ter Clemente Malcher, Francisco Vinagre e Eduardo Nogueira como presidentes, os quais na maioria das vezes tentavam negociar com a Coroa e garantir o apaziguamento das insurreições e revoltas da população paraense.

Entre os trabalhos que compõem a literatura historiográfica da Cabanagem, há uma evolução no processo de negativação a positivação dos sujeitos cabanos e seus ideais.

Domingos Antonio Raiol (1970) [6], contemporâneo da Guerra da Cabanagem, descreveu os cabanos como infames, horda de anarquistas e sediciosos, raias

---

[5] **PRADO JÚNIOR**, Caio. **Evolução Política do Brasil: ensaio de interpretação materialista da história brasileira.** Empresa gráfica 'Revista dos Tribunais', São Paulo. 1933, p. 137-138.

[6] Ressaltamos que a primeira edição de Motins Políticos de Raiol foi publicada em 5 tomos em datas e tipografias diferentes, a saber: a) Vol. I. Rio de Janeiro: Typ. do Imperial Instituto Artistico, 1865; b)

miúdas, indivíduos da maior perversidade, que vinham para acabar com tudo e instaurar a desordem no Grão-Pará. Raiol positivava as ações tomadas pelas forças anticabanas a serviço do Império e condenava veemente as ações truculentas, praticadas pelos cabanos. Dentre as muitas páginas da obra de Raiol (1970), é possível se realizar uma construção imagética das hipérboles empregadas pelo autor no que tange à descrição dos cabanos e seus ideais. Atitude que talvez esteja influenciada pelo fato do genitor de Raiol ter sido morto pelos cabanos no tempo da Guerra.

É Raiol [7] quem primeiro descreve que passados os tempos de combates e repressões em Belém e no Acará, os revoltosos migram para o interior da Província e firmam suas forças em "Ecuipiranga", onde destaca que aquele lugar era o Berço da Anarquia no Baixo Amazonas, era o lugar onde os cabanos tinham suas últimas esperanças de reorganização político-militar.

O amazonense Arthur Reis [8], trilhando os passos e a mesma perspectiva de Raiol, escreve suas obras sobre o Baixo Amazonas com um tom não muito agradável em relação aos cabanos. Inspirado nos escritos de Raiol e no conto de Inglês de Souza (2008), Reis (1979) classifica os cabanos como horda maldita, que deveria ser destruída, e enumera que os cabanos apregoavam o terror desde Belém até o interior da Província. O autor ainda responsabiliza os cabanos pelas inúmeras mortes e atrocidades e por seus atos violentos nas invasões as vilas do Baixo Amazonas – promovendo a queda do governo da ordem para a implantação de um governo bastardo e infame.

Vol. II. São Luís: Typ. B. de Mattos, 1868; c) Vol. III. Rio de Janeiro: Typ. Hamburguesa do Lobão, 1883; d) Vol. IV. Typ. Hamburguesa do Lobão, 1884; e) Vol. V. Belém: Imprensa de Tavares Cardoso & C.ª, 1890. Por isso afirmamos que a visão de negativação para a positivação decorre de uma ascendência cronológica.

[7] A obra de Raiol traça um panorama da história e principais acontecimentos políticos no Grão-Pará de meados de 1840, dentre os quais o autor destaca a Cabanagem de forma pejorativa, e seus agentes cabanos como rebeldes. A documentação utilizada pelo autor é baseada nas correspondências das autoridades provincianas do Pará com a Corte do Rio de Janeiro, com Cônsules britânicos e franceses, com capitães designados para reprimir a Cabanagem. O autor também utiliza como referência a obra de Antonio Baena.

[8] Este autor de formação conservadora, historiador clássico da cabanagem e membro do IHGB, escreve de forma pejorativa sobre os cabanos e a cabanagem, trilhando as discussões de Raiol. As fontes utilizadas por Reis compreende obras como de Raiol, Baena, documentações do APEP e documentos da embaixada inglesa.

É Reis (1979) quem descreve que, para combater o “Ecuipiranga” narrado por Raiol (1970) em meados do século XIX, surge no cenário contrarrevolucionário o Padre Antonio Sanchez de Brito, conhecedor incomum da geografia e hidrografia peculiar do Baixo Amazonas. Segundo Reis (1979), o Padre Sanchez de Brito além de ter mantido fortes relações políticas com seu correligionário eclesiástico Cônego Batista Campos, foi o responsável pela derrocada da organização cabana no interior do Grão-Pará.

O escritor Duque [9] (1898), na pretensão de construir uma obra que resumisse a História das Revoluções Brasileiras, dá uma ênfase negativa à Cabanagem do Grão-Pará e traça aspectos semelhantes e singulares com a Cabanada das matas de Pernambuco e Alagoas. Além de suas teses de negativação do cabano, são dele os primeiros postulados de conceituação do termo cabano, que vão muito além do significado tradicional de atribuir o termo cabano às moradias singelas e pobres dos revoltosos (esta discussão pertinente ao termo cabano será rediscutida no segundo capítulo deste trabalho).

A mudança do cenário político paraense em tempos cabanal e a reformulação dos sentidos de “Adesão” à Independência do Brasil foram traçados por Muniz (1922) e Hurley (1936) [10], na medida em que seus trabalhos se esforçam no âmbito de recontar o processo de Adesão do Pará à Independência do Brasil não como um fato heroico, mas como uma imposição, ressignificando a imagem do Grenfell de herói para um mero mercenário.

Ambos os autores retratam que, no teor de revolução, os revoltosos que até então eram vistos como “servos” passam a se figurarem como “povo” na busca de sua nacionalidade. Em virtude do centenário das comemorações da Cabanagem, Hurley (1936) lança a tese, até hoje muito trabalhada e difundida entre historiadores, de que “o processo de adesão do Pará e as inúmeras manifestações contrárias à

---

[9] O pesquisador Gonzaga Duque ao tentar fazer uma História Geral das Revoluções ocorridas no Brasil, acaba reproduzindo o tom pejorativo da historiografia tradicional sobre a Cabanagem. Mesmo transcrevendo os discursos políticos de superioridade sobre a Cabanagem, o autor consegue fazer contribuições a respeito da introdução e usos do termo cabano. As fontes documentais utilizadas por Duque compreendem desde artigos da Revista do IHGB, os estudos de Baena, Raiol, Documentações presentes nos Arquivos da Corte do Rio de Janeiro.

[10] Tanto Palma Muniz quanto Jorge Hurley, são historiadores tradicionais membros do IHGB. Embora suas fontes de pesquisa perpassem pela obra de Raiol e de Baena, Muniz e Hurley analisam documentações oriundas do APEP e lançam uma grande contribuição a historiografia ao relacionar o processo de Adesão do Pará à Independência do Brasil com o desencadeamento da Cabanagem.

unificação com o Estado do Brasil corroboraram significativamente para a eclosão da Guerra da Cabanagem". Segundo Figueiredo (2009), as pesquisas de Hurley se direcionavam a provar que "os traços cabanos resultavam da indignação e revolta que se espalharam por todo interior do Pará, gestada no íntimo dos índios e tapuios paraenses".

Dado estes ensaios de releitura dos fatos históricos do oitocentismo, o processo de positivação da cabanagem e dos cabanos, inicia-se de fato com os trabalhos de Chiavenato (1984), Di Paolo (1986) e Sales (2005) [11], que em pesquisas distintas convergiram na tese de positivação dos cabanos e passaram a reescrever a figura cabana, introduzindo conceitos de que o cabano era cidadão paraense que lutou contra as arbitrariedades governamentais e fez ecoar pela Amazônia seu grito de insatisfação.

Chiavenato (1984) procurou dissertar sobre os conceitos em torno do que foi a Cabanagem, se uma guerra, uma revolta ou uma revolução. O autor passa a positivar as ações cabanas e a marginalizar e a negativar as estratégias e os feitos das tropas "legais".

É Di Paolo (1986) quem irá narrar, com certa precisão, os bastidores de Belém às vésperas da invasão cabana e de que forma ocorreu a queda da capital. O autor contribui de forma significativa para um entendimento maior de como as ações pensadas por Batista Campos foram apropriadas e colocadas em prática pelo povo.

Seguindo os mesmos passos de Chiavenato e Di Paolo, Salles (2005), no final da década de 1980, passa não só a positivar as ações e traços cabanos, como também passa a frizar e destacar as contribuições diferenciadas entre os muitos grupos que lutaram na Guerra na condição de cabanos.

Inspirado na noção de Michelet [12], Sales (2005) escreve sobre a Cabanagem negra, como ocorreu a tomada de poder pelos negros e quais eram suas aspirações e seus ideais não compartilhados pelos cabanos brancos. Dessa forma, afirmamos

---

[11] Os historiadores Chiavenato, Di Paolo e Vicente Sales, são historiadores da historiografia moderna recente, eles escrevem a partir de uma visão marxista da Cabanagem enquanto fruto da luta de classes. Suas fontes são muitos ofícios manuscritos do APEP, obra de Raiol e de Baena, e passam a dialogar com teóricos marxistas e historicistas que abordem tendências de Revolução e transformações gestadas no centro da História Social.

[12] A história daqueles que sofreram, trabalharam, definharam e morreram sem ter a possibilidade de descrever seus sofrimentos apud (BURKE 1997, p.19).

que Vicente Sales inaugura os estudos individualizados sobre as classes e categorias sociais contidas e agrupadas pelos “legais” no termo classificatório de “cabano”.

Na perspectiva de visualizar como a historiografia moderna mais recente se apropria dos termos e aspectos ligados à Cabanagem, pontuamos que a partir da década de 1990, autores como Aldrin Figueiredo (2006, 2009), Magda Ricci (1993, 2001, 2007), Balkar Pinheiro (1998), Mahalem de Lima (2008), Eliana Ferreira (1999, 2010), Letícia Barriga (2007), Mark Harris (2010), Lima Pantoja (2004, 2010) [13] passam a construir novas interpretações sobre a Cabanagem, sobretudo no aspecto da heterogeneidade do movimento.

Tanto Figueiredo (2006, 2009) quanto Ricci (1993, 2001, 2007) constroem novos entendimentos sobre o termo “adesão” e dissertam sobre os significados e percalços historiográficos da Cabanagem na perspectiva de construção do patriotismo na Amazônia.

Trilhando outra ótica historiográfica, Pinheiro (1998) realiza um trabalho de levantamento das “visões sobre a cabanagem” procurando discorrer sobre as inúmeras histórias e conceitos desse movimento, presente na historiografia amazônica. É este mesmo autor quem lança a tese de que o termo cabano foi uma estratégia das tropas legais em homogeneizar aqueles a quem os mesmos combatiam.

Concernentemente a Balkar Pinheiro, Lima [14] realiza um estudo etnográfico sobre a cabanagem, destacando a organização indígena durante a Guerra e ao mesmo tempo enfatizando a visão de que estes sujeitos cabanos tinham de si mesmos numa perspectiva antropológica. Lima (2008), ao seguir as teses de Pinheiro, melhora o conceito de cabano e introduz a tese de que “a unidade dos

[13] Estes historiadores e antropólogos, são pertencentes a tendência da historiografia contemporânea da Cabanagem. A partir de um olhar da Micro história, da antropologia jurídica e da antropologia histórica, estes pesquisadores operam deslocamentos analíticos sobre a Cabanagem que tendem a positivar as ações cabanas e o movimento cabano. Esforcam-se em levantar questões como patriotismo, mentalidade, grupos políticos, revoltas e insurreições pré-cabanagem, agentes sociais, questões conceituais, etc. Seus trabalhos se mostram relevantes na medida em que passam a dialogar variados tipos de fontes, desde bibliográficas (de obras como de Raio, Reis, Baena, de teóricos da História Social como E. Thompson, de Karl Marx, Georges Duby, Eric Hobsbawn, etc), cartoriais, judiciárias, manuscritas (presentes em acervos como o APEP, BNRJ, ANRJ, Arquivo Ultramarino, etc), dentre outras.

[14] LIMA, 2008, passim.

cabanos é uma unidade de contrários, e não de sujeitos auto identificados como tais".

No universo destas contribuições, Ferreira (1999, 2010) traz um diferencial para os estudos da historiografia amazônica. Suas pesquisas canalizam para a busca do papel e visibilidade da mulher nos tempos de cabanagem e no pós-cabanagem. Trabalhando sob a égide da antropologia jurídica, a autora busca dar ênfase a importância da mulher no cenário cabanístico e na reconstrução familiar e da sociedade após os tempos de conflitos.

Entre as pesquisas mais recentes sobre a temática da Cabanagem, temos as de Harris (2010), Pantoja (2004, 2010), Lima (2008) e Barriga (2007), os autores procuram deslocar seus horizontes de pesquisas para o interior da Província do Grão-Pará, para regiões do Baixo Tocantis (Acará) e para o Baixo Amazonas. A interiorização da cabanagem é alvo de suas pesquisas e escritos, onde os mesmos destacam as formas de organização dos cabanos em tempos de guerra, os agentes contrários a este movimento nestas regiões e a "tese da cabanagem como luta camponesa" (PANTOJA 2004, 2010).

Certamente as pesquisas e livro do antropólogo escocês Mark Harris (2010) são no campo da literatura historiográfica uma das mais claras e profundas análises sobre a Cabanagem no Baixo Amazonas, principalmente em Cuipiranga. É este autor que, trabalhando na linha da antropologia histórica, discorre sobre os acontecimentos do cotidiano cabano, a demografia das vilas e as relações de poder construídas em tempos de guerra entre cabanos e anticabanos.

Seguindo essa linha tênue dos estudos sobre a Cabanagem no interior do Grão-Pará (HARRIS 2010; PANTOJA 2004, 2010; BARRIGA 2007; LIMA 2008), afirmamos que o período de maior combate foi nos anos finais da guerra (1837-40) já na região do Baixo Amazonas.

Passado um ano de resistência em Belém, as tropas da Coroa, auxiliadas por contingentes de soldados e/ou ajuda financeira de outras províncias como Ceará, Pernambuco e Rio de Janeiro, chegam à Capital Paraense e iniciam o processo de repressão dos revoltosos.

Diante da impossibilidade de permanência na Capital, de vitórias e derrotas nas batalhas entre tropas cabanas e anticabanas, os correligionários paraenses decidem migrar para o interior da Província, especificamente para o Baixo Amazonas.

Os cabanos migram para o Vale Amazônico devido à sua condição geográfica estratégica e a quantidade de pessoas insatisfeitas (dispostas a apoiar o movimento) com o governo dos caramurus. O movimento tinha como principal finalidade reorganizar as tropas para tomarem novamente o poder na Capital e instaurar um governo cabano autônomo - o que nunca ocorreu.

Ao chegarem à região do Baixo Amazonas, os cabanos encontram dificuldades em tomar algumas Vilas e freguesias, pois, ainda em 1836, Santarém e Óbidos fundam a Liga de Defesa do Baixo Amazonas na pretensão de defender a região dos possíveis ataques de tropas cabanas.

No entanto, devido às frequentes incursões e estratégias guerrilheiras, as vilas, freguesias e cidades do Baixo Amazonas passam a ser tomadas pelos cabanos que se organizaram rapidamente no controle das respectivas localidades. E numa infiltração desagregadora, começaram a atingir as vilas cobiçadas, não em operações militares imediatas, mas pela circulação de notícias tendenciosas, boatos alarmantes, que começavam a quebrar, se não a harmonia das populações, mas o espírito de reação. Os receios de que não pudessem vencer, e talvez fosse melhor abrir as portas da casa aos cabanos que propriamente resistir-lhes sem perspectivas de êxito, entrou a frutificar [15].

Dentro do estudo da Cabanagem na Mesorregião do Baixo Amazonas, há de se destacar o nível de resistência que os cabanos tiveram na microrregião do Baixo Tapajós [16]. A partir da queda de Santarém, os cabanos operacionalizaram as tomadas de Vilas e Freguesias pelos Rios Tapajós, Arapiuns e seus afluentes, criando “Pontos Cabanos” que serviam como interpostos de abastecimentos e outros mais importantes serviam de Forte e/ou depósito de armamentos bélicos, é o caso de Pinhel, Franca, Arimum, Ponta do Macaco etc.

---

[15] **REIS**, Arthur Cezar Ferreira. Cabanos e Legais Disputam o Domínio do Baixo Amazonas, In: **Santarém: seu desenvolvimento histórico**. 2ª ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL. Belém: Governo do Estado do Pará, 1979, p. 114.

[16] Ver figura 1. Legenda: Mapa do Estado do Grão- Pará (1830) com destaque para a microrregião do Baixo Tapajós.

Mapa da Província do Grão-Pará em 1830
Autores: L. Mahalem de Lima & M.A.P. Sampaio
Ano: 2007
Destaque: Região do Baixo Tapajós
Adaptação: Wilverson Rodrigo Silva de Melo
Ano: 2014

Após a retomada do Controle da Vila de Santarém pelas tropas anticabanas por volta de setembro de 1836, os cabanos passaram a organizar-se e centralizar suas ações num Ponto denominado Cuipiranga, nas proximidades de Santarém, distante cerca de três horas por via fluvial. Esta pequena ilha, chegou a concentrar cerca de 3.000 pessoas (HARRIS 2010) entre homens, mulheres e crianças e tornou-se um modelo de resistência para os demais Pontos cabanos no Baixo

Tapajós, sendo por um longo período o grande pesadelo para as tropas anticabanas.

Cuipiranga protagonizou as formas mais criativas de resistência, desde simulação de canhões de guerra com troncos de palmeiras, escavações de trincheiras às rotas alternativas de fugas por furos e riachos, devido sua condição privilegiada de localização geográfica entre os Rios Amazonas, Tapajós e Arapiuns, constituindo-se assim num delta terrestre.

O fim da Revolta da Cabanagem está intimamente ligado à derrocada de Cuipiranga. A chegada das tropas do Almirante Soares D'Andréa (um especialista em guerra nas matas) transladadas de Pernambuco – onde reprimiram os revoltosos de Vicente de Paula na Revolta das Panelas ou Cabanada – foram responsáveis pelo definhar paulatino da revolta.

Durante o Governo de D'Andréa, os direitos constitucionais no Pará foram suspensos, e o mesmo criou o chamado crime geral de cabano ou crime cabanal, passando a prender inescrupulosamente todos os que moravam as margens direita e esquerda do Rio Amazonas que apresentassem acusações ou atitudes de rebeldia à Coroa Brasileira, ou até mesmo alguma forma de envolvimento ou simpatia a causa cabana.

No entanto, há de se destacar que muitos cabanos eram fiéis a figura do menino imperador, e aguardavam o mesmo alcançar a maioridade para assim estabelecer um governo justo e isonômico. Partindo desse pressuposto, o mais prudente seria estabelecer como nomenclaturas tropas cabanas e tropas anticabanas, diferentemente do que a literatura historiográfica classifica como legalistas e revoltosos, pois do ponto de vista político, os cabanos colocavam-se na posição de submissão ao Imperador, portanto na condição de uma obediência legal (este tema será retomado e debatido de forma mais minuciosa no segundo capítulo desta dissertação).

Retomando a figura do Almirante D'Andréa, ressaltamos que, além do mesmo alcunhar os revoltosos de "cabano" e assim nomear o movimento, foi o grande responsável pelas incursões no Baixo Tapajós. No entanto, teve uma grande ajuda de um profundo conhecedor da região, o Pe. Antônio Sanchez de Brito. O Padre obidense que no início da década de 30, chegou a apoiar o movimento encabeçado

por Batista Campos, a partir da morte do Cônego e devido o viés revolucionário que o movimento tomou, decidiu rejeitar a revolta e, de igual modo, passou a combatê-la e perseguir os cabanos.

Devemos salientar que a historiografia amazônica, até então, não realizou uma releitura sobre a organização da cabanagem no Baixo Tapajós; não discutiu sobre a relação dos líderes cabanos do Vale Amazônico com os presidentes cabanos; não deu atenção à influência religiosa utilizada pelos cabanos para persuadir mais adeptos ao movimento; não se deteve a dissertar sobre o nível de importância das Vilas do Baixo Tapajós na articulação do movimento no Baixo Amazonas sob o comando dos presidentes cabanos; nem tampouco historicizou o termo classificatório de “cabano” contextualizando-o ao cenário de insurreições no período Regencial.

Partindo de tais pressupostos, esta dissertação irá trabalhar no 1º capítulo os principais acontecimentos que fizeram parte dos bastidores da cabanagem até 1834: as políticas de governo; o acesso do pobre paraense à terra e aos bens de consumo; as relações do enfrentamento político entre Batista Campos e Bernardo Lobo de Souza, e seus desdobramentos com a eclosão do movimento revolucionário; os bastidores em Belém durante a eclosão do movimento cabano armado em 7 de janeiro de 1835; os três governos cabanos e os repressores legais destacados para a Província do Grão-Pará; como também uma análise das ações do bando de “piratas” de Jacó Patacho.

Essas temas são de suma importância para a compreensão da cotidianidade do período, do cenário sócio-político-econômico em que se encontrava a maioria da população e de que forma os acontecimentos oriundos na Europa (Revolução Francesa, Política do Império Napoleônico, Revolução Liberal do Porto), na América Espanhola (processo de independência liderado por San Martin e Simon Bolívar) e na própria América Portuguesa (Invasão de Caiena, Revolução Pernambucana, Adesão do Pará a Independência, Confederação do Equador, Revolta das Panelas) afetaram direta e/ou indiretamente a Cabanagem na Província do Grão-Pará.

Neste primeiro capítulo também se esmiuçará as relações do movimento arquitetado por Batista Campos com a tomada de armas de Malcher e os festejos de São Tomé no que concerne ao 7 de janeiro de 1835. Posteriormente irá se debruçar

sobre a organização e medidas adotas pelos dois primeiros presidentes cabanos (Clemente Malcher e Francisco Vinagre) e por seus repressores legais o Presidente legal Manoel Jorge Rodrigues e o comandante das armas Marechal Taylor.

As discussões seguirão com a relação tensa entre o governo cabano de Eduardo Angelim e o governo legal de Soares D'Andréa (o qual cria o "crime geral cabanal"). As discussões do capítulo se encerrarão com a pequena reflexão sobre os movimentos neutros – tais como as investiduras de Jacó Patacho – em meio à dicotomia cabana e anticabana e sua difícil classificação entre mercenários, cabanos ou piratas.

O 2º capítulo dará uma atenção especial à análise das categorias classificatórias do uso de termos pejorativos por parte das tropas anticabanas aos cabanos. As alcunhas e os usos de categorias classificatórias abarcam também um teor de historicidade, e estão ligadas às relações de poder imbricadas por diagramas de poder capilar, que serão analisados mediante o auxílio de alguns teóricos que pesquisaram sobre a temática.

De igual modo, faz-se necessário o entendimento da Cabanada (PE/AL) e a aproximação de características dessa com a Cabanagem (PA). Quanto à questão religiosa como ordem, há de se analisar a influência que esta teve tanto do lado de tropas anticabanas (contemplando também as medidas adotadas em prol da restauração de igrejas, seminários), quanto de líderes cabanos que a utilizaram como forma de persuasão e motivação a permanência na luta.

Além disso, também se contemplará um estudo analítico sobre "quem eram os cabanos"; as relações dos presidentes cabanos com os líderes cabanos no Baixo Tapajós e a forma particular de apropriação de patentes militares das tropas anticabanas pelos líderes cabanos, como formas simbólico-representativas de poder.

No 3º e último capítulo, o intuito será historicizar a relação do movimento cabano eclodido em janeiro de 1835 e seus vínculos e desdobramentos com a região do Baixo Amazonas, sobretudo a região do Baixo Tapajós. Este capítulo irá historiografar a importância de Vilas como Óbidos, Santarém, Pinhel, Vila Franca e de Pontos Cabanos como **Cuipiranga** (o maior palco de resistência cabana em todo o Grão-Pará), além de citar a grande quantidade de pontos cabanos ao longo do

Baixo Tapajós, tais como: Arimum, Ponta do Macaco, Surucuá, entre outros; assim como a relação que esta região teve direta ou indiretamente com os presidentes cabanos.

Além de observar e discutir sobre os sujeitos envolvidos, dar-se-á importância também para a relação da História e Ambiente nesta região. Destacaremos a perspicácia com que estes sujeitos sociais escolheram e utilizaram-se das benesses e recursos naturais desta região (seja pelos campos, matas ou rios) para lutarem e defenderem seus ideais e se organizarem sem quase nenhum tipo de recurso tecnológico da época a não ser o armamento bélico proveniente de roubos dos fortes das Vilas – e ainda assim conseguirem resistir por um longo período às incursões e expedições de tropas anticabanas em meados do século XIX em plena Amazônia brasileira.

O corpus documental deste trabalho será composto de: Ofícios e Correspondências de "Diversos" com o Governo do Pará, com Ministérios e com a Corte 1781-1840 provenientes do Arquivo Público do Estado do Pará (APEP); Ofícios de Governo do Arquivo Público do Estado de Pernambuco Jordão Emerenciano (APEJE); Relatórios da Província do Estado do Pará (1833; 1838) do Center for Research Libraries e Jornais impressos (O Tapajós; Gazeta de Santarém). Além das fontes manuscritas e jornais, serão utilizados para auxílio artigos, livros, monografias, dissertações e teses que ajudarão no entendimento e produção da narrativa historiográfica.

De um modo geral, para auxiliar na tessitura e nos aportes metodológicos de construção desta dissertação se contará com o auxílio de Michel de Certeau (1975, 1999) e Marc Bloch (2001). Para questões voltadas a historicizar, os usos e empregos de conceitos e análise de relações de poder, utilizar-se-ão contribuições de autores como Foucault (2001, 2003) e Koselleck (2001, 2013).

E em alguns momentos da presente dissertação se evocará as falas de alguns comunitários e possíveis descendentes de cabanos que contribuirão com depoimentos orais referentes aquilo que ainda permanece como memória de sua comunidade e vila, convencionando, portanto como pós-memória imbuída na memória coletiva e em alguns casos uma apropriação política de memória, para tal

feito utilizar-se-á como auxílio noções de Paul Ricoeur (2007), Le Goff (2013) e Maurice Halbwachs (2006) e Beatriz Sarlo (2007).

Neste ínterim é que o título deste trabalho – "**Tempos de Revoltas no Brasil Oitocentista: Ressignificação da Cabanagem no Baixo Tapajós (1831-1840)"** – sugere uma análise da História social da Amazônia em meados do século XIX, no contexto de revoltas brasileiras durante o Período Regencial do Império.

Dessa forma, esta dissertação se norteará na perspectiva de ressignificar a revolta cabana no interior da Província do Grão-Pará - em especial no Baixo Tapajós, analisando suas peculiaridades, estratégias dos sujeitos sociais desta microrregião e suas relações com os presidentes e correligionários na capital -, na ânsia de tecer uma nova (re) visão historiográfica sobre a mesma.

CAPÍTULO I - O Alvorecer de uma "Revolução": dos momentos de tensão colonialista à tomada de poder em tempos cabanísticos

1.1. A relação do Diretório Pombalino com o antilusitanismo indígena

Desde a política do "Diretório" [17], proposta pelo Marquês de Pombal à Província do Grão-Pará e Maranhão (1750-1777), ocorreu uma ruptura com o pensamento social da época, passando-se a valorizar os índios e tentando civilizá-los e catequizá-los, de sorte que estes pudessem tornar-se representantes e questionadores de seus direitos nos senados da Câmara.

Tal proposta de lei, implantada como experiência e protótipo nas fímbrias do Estado do Norte, resultou numa mudança de concepção política que até aquele momento viam os "índios" como parte animal da natureza amazônica. De igual modo, meros servos e mão de obra barata, capazes de serem domados e convencidos a um estado de servidão, na qual na maioria das vezes apenas eram tutoreados e cuidados pelos seus senhores e/ou a Igreja.

A política do Diretório põe em xeque as leis da conduta escrava entre particulares e a Igreja Católica. Na medida em que ambos estabeleciam as bandeiras de aprisionamento e as chamadas "guerras justas", como justificativas ideológicas para a captura e escravização de indígenas destinados ao trabalho escravo.

A nova política pombalina por um lado ameaçava os interesses econômicos de senhores de escravos, fazendeiros e produtores rurais da região, ao passo que ao mesmo tempo, além de ameaçar o poder econômico da Igreja (que era beneficiada pelos "trabalhos voluntários" dos índios), também ameaçava o poder de persuasão ideológica desta sobre seus servos.

Isto implica dizer que a política do Diretório traria uma nova postura de comportamento indígena, que poderia vir a questionar e a fugir das formas de

---

[17] Cf. **ALMEIDA**, 1997.

enquadramento servil e escravo. Formas introduzidas pelas ordens religiosas que atuavam na Amazônia Ocidental, através do doutrinamento cristão.

No entanto, há de se refletir que, se por um lado à política do Diretório Pombalino, colocada em vigor por Francisco Xavier de Mendonça Furtado (então Governador da Província) a partir de 1750, chocou-se diretamente com os interesses dos jesuítas - devido à tentativa de proporcionar maior autonomia desses indígenas em relação às ordens religiosas. Por outro lado, não devemos deixar escapar de nossa análise que tal medida política implantada no governo do Rei D. José I era uma tentativa de civilizar e impor os moldes de comportamento social português aos indígenas, através de uma estruturação política de submissão missionária e posteriormente e/ou ao mesmo tempo submissão indígena.

Dito de outra forma, segundo Harris (2010, p. 106-107) "as estratégias geopolíticas do Império Português, acima de tudo, o Diretório, foram projetadas para reestruturar a economia, para atender às necessidades do Estado, para converter os índios missioneiros em vassalos da Coroa" [18], ou seja, a política do Diretório configurava-se como uma tentativa de reestruturação econômica, sob a égide da emergência em transformar os índios servos das ordens religiosas em vassalos do Estado Português.

Documentações e escritos historiográficos mostram que o contexto sócio-político na Amazônia no período enfatizava uma combinação de aspectos de um poder absoluto da administração portuguesa e o estado miserável de vida da população indígena, os quais diante de seu cotidiano escravocrata tendiam a se rebelar e travar conflitos contra os portugueses.

Barbara Sommer (2000, p.315) nos apresenta essa dicotomia das ações indígenas, ao afirmar que "habitantes indígenas a reboque do Diretório não eram simplesmente vítimas da opressão portuguesa, mas contendores nos eventos, conflitos e mudanças durante o período colonial" [19].

[18] Citação no original: "the geopolitical strategies of the Portuguese empire, above all, the Directorate was designed to restructure the economy to meet the needs of the State to convert the missionary Indians into proper vassals of the Crown".

[19] Citação no original: "indigenous inhabitants of the Directorate tows were not simply victims of Portuguese oppression, but contenders in the events, conflicts, and changes during the colonial period".

Concomitantemente a isto, podemos citar as práticas do Diretório Pombalino, em tentar civilizar os indígenas de maneira uniforme e homogeneizante através de práticas como: mudanças de vilas, privilégios especiais para alguns grupos indígenas, o acesso de gentios a vilas localizadas em áreas remotas nas florestas etc.

Estas mudanças para tentar criar vilarejos de indígenas não homogêneos compostos por diferentes membros de famílias indígenas, de diferentes status sociais e múltiplas etnicidades, causou um conflito competitivo dentro dos grupos no que tange ao processo de identidade étnica.

Em outras palavras, o processo de homogeneização e alienação cultural, que já vinha em curso através das atividades catequizadoras das ordens religiosas, fortaleceram-se com a continuidade desta política pelo Diretório. Política que tentava agrupar diferentes etnias, em diferentes hierarquias sociais, com o intuito de instituir costumes e cotidiano de vida comum, a uma cultura indigenista tutoreada pelo estilo de vida e cultura portuguesa.

Há de se convir que isto significou uma forte intensificação de rivalidades entre os diferentes grupos indígenas, forçados a conviverem no mesmo espaço. Esta política do Diretório, ao estabelecer fronteiras geográficas entre as vilas e agrupar as múltiplas etnias, não levou em consideração e nem tampouco preocupou-se com os conflitos tribais. Sendo responsáveis por mascarar rivalidades entre muitas tribos indígenas e ainda aumentar sentimentos de revanchismo de umas em relação a outrem.

Tal observância pode não ser encarada como o principal motivo, mas sim um dos motivos pelos quais muitos grupos indígenas, irão se aliar ao governo português (e posteriormente as tropas anticabanas), para combaterem outras tribos indígenas vinculadas às tropas cabanas. Há de se convir que o fator da rivalidade étnica e tribal entre os diferentes grupos indígenas desencadeou muitos conflitos e guerras entre estes, desde o início do Brasil colonial, quando na maioria das vezes, aliavam-se a tropas europeias de diferentes nacionalidades para assim tentarem destruir suas tribos inimigas.

No fim do século XVIII, o então governador da Província Francisco de Souza Coutinho propõe a revisão da política pombalina para os índios do Pará. Em virtude

da má administração do Diretório [20] que apresentou falhas, corrupção, abusos de poder pelos lusos, [Coutinho] decidiu por abolir o Diretório e iniciar uma política de emancipação dos índios.

No entanto, tal medida serviu para agravar ainda mais o quadro sócio-político na Província do Grão-Pará, como mostra os descritos no artigo da Revista do IHGB:

> Um de seus objetivos era unir as pessoas, sem preconceito - que os índios seriam tratados sem diferença para [rainha] os outros vassalos. No entanto, na prática dividiu ainda mais os diferentes e diversos interesses em jogo na região. Nas aldeias indígenas, a emancipação e civilização dos índios ocasionou uma ruptura importante, cujos efeitos acabariam por levar à rebelião da cabanagem [21].

As reformas de Coutinho se chocaram com os muitos interesses político-econômicos da aristocracia luso paraense, que cada vez mais tendiam a substituir a mão de obra indígena - dos quais retiraram seu protetorado - e passava a investir no comércio interprovincial de cativos de origem africana. De igual modo, a medida de Coutinho estremeceu ainda mais o limiar de tribos indígenas com esses "fazendeiros", já que na prática dava autonomia e liberdade aos indígenas para trabalharem onde quisessem como também negociarem o soldo pelo trabalho, no entanto, não dava condições para realizar tal feito e ainda impunha que se este indígena não conseguisse possuir suas próprias fazendas e propriedades e não fosse casado devia se inscrever em corpos do real serviço e se registrar em corpos de milícias. Tal tese é ratificada pelos escritos de Harris (2010, p. 109-110):

> A reforma chave da legislação de 1799 foi remover a coroa de envolvimento na organização do trabalho indígena. Índios estavam agora livres para trabalhar para si próprios, desde que eles estabelecessem suas próprias propriedades rurais e fazendas. Se não o fizessem, e se não fossem casados, eles iriam ser recrutados para um corpo de trabalho real (Corpos do real serviço) que permanentemente empenhava trabalhadores em vários projetos. Todos os índios, bem como mestiços e aqueles sem propriedade e escravos deviam ser registados em unidades de milícia (Corpos de milícias) administradas por distrito [22].

---

[20] Cf. **DOMINGUES**, 2000.

[21] ANÔNIMO. Carta Régia. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil**, 1857, p. 433-434.

[22] Citação no original: "The Key reform of the 1799 legislation was to remove the Crown from involvement in the organization of Indian labor. Indians were now free to work for themselves so long

Partindo de tais pressupostos, e em conformidade com os as pesquisas de Domingues (2000), podemos inferir que, ao término da política do Diretório, as medidas insalubres de desassistência político-econômica ao indígena – falta de representação política, negação de direitos políticos, falta de acesso à terra, consequentemente à negação de cultivo de bens primários para a subsistência etc - durante o governo de Coutinho passaram a alimentar novas versões de sentimento antilusitanista, o qual seria apropriado por diferentes indivíduos de maneiras diferentes e que corroboraria para a eclosão dos movimentos contestatórios e de insurreição ao longo dos primeiros 30 anos do século XIX.

Sentimento que se apresentou de forma muito complexa e conflituosa a partir de 1830 no cenário dos movimentos políticos paraenses, pois ocorreu de brasileiros defenderem a fidelidade e restauração monárquica à Coroa luso-brasileira, ao passo que portugueses passaram a defender o rompimento com o absolutismo e a ideia de emancipação política (teses já vistas anteriormente neste trabalho). Mesmo neste ditame complexo entre incertezas e inquietudes quanto ao sentimento antilusitanismo por parte de índios em relação a Caramurus, podemos afirmar que esta característica peculiar contribuiu sobremaneira para a efervescência das insurreições e agitações populares pelas quais passou a Província do Grão-Pará nas quatro primeiras décadas do século XIX.

1.2. E a “pólvora europeia” chega ao Grão-Pará...

A partir dos ideais da Revolução Francesa Napoleão Bonaparte inicia sua política imperialista de desarticular as monarquias absolutistas europeias, na ânsia de reconfigurar a geografia do Velho Mundo em Estados nações democrático. No entanto, sua ambição vai além disto, e Bonaparte estabelece como meta levar a França a se tornar a grande potência mundial do século XIX, mas para que isto viesse a se efetivar era necessário conseguir neutralizar o crescimento da sua grande rival econômica – a Inglaterra.

---

as they established their own homesteads and farms. if they did not, or were unmarried, they would be recruited for a royal labor corps (corpos do real servício) that permanently engaged workers on various projects. All indians as well as mestiços and those without property and slaves were to be registered in militia units (corpos de milicias) administered by district.”

Dada as dificuldades em superar a Inglaterra e a resistência dos parceiros econômicos da mesma em continuarem suas trocas comerciais com ela, Napoleão Bonaparte decreta em 1806 o Bloqueio Continental estabelecendo que toda e qualquer Nação que continuasse a manter relações econômicas e diplomáticas com a Inglaterra seria passível de invasão pelas tropas francesas.

Durante certo tempo, D. João consegue negociar com a Inglaterra e com a França ao mesmo tempo, estabelecendo uma política de neutralidade sigilosa, deturpando e difamando uma nação para a outra, mas de forma real negociando com ambas. Todavia, aos meses finais de 1807, Bonaparte autoriza a invasão de Portugal, porém, este não sabia que a monarquia lusa estava negociando com a Inglaterra uma fuga com escolta para o Brasil em caso de invasão a Portugal.

A chegada da Corte Lusa ao Brasil inaugura um processo de modernização e uma abertura econômica que culminaria com a emancipação política da América Portuguesa. No entanto, os custos para manter a Coroa no Rio de Janeiro e todo o seu aparato administrativo tornaram-se onerosos demais para a estrutura da colônia, levando a uma cadeia desenfreada de aumento de impostos as Províncias do Estado do Brasil e as do Estado do Norte.

Ao chegar ao Brasil, uma das primeiras medidas de D. João VI, em resposta à invasão de Napoleão à Portugal, é ordenar que tropas luso-brasileiras invadam a Guiana Francesa como forma de represália às políticas expansionistas e imperialistas de Bonaparte e forma de salvaguardar a possibilidade de Napoleão desembarcar tropas francesas na Guiana para assim invadir o Brasil.

Segundo Harris (2010, p.127-128):

> A invasão da Guiana foi precipitada pela partida da Corte Real Portuguesa para o Brasil no final de 1807. O medo de que as tropas de Napoleão desembarcariam na Guiana e entrariam no Brasil por meio de sua fronteira norte forçou o Conselho Ultramarino a entrar em ação. Assim que D. João VI chegou ao Rio de Janeiro, em março 1808, ele declarou guerra à França, abrindo o caminho para uma invasão da Guiana. A declaração do rei observou que "a ruína total de Caiena [a capital da Guiana] seria muito estimada pelos interesses reais. Dessa conquista, a sua Alteza Real pede unicamente a Vossa Excelência [o governador do Pará, José Narciso de Magalhães e Menezes] que conserve e plante no Pará as moscadeiras, que existem na Guiana e Sua Alteza Real nunca foi capaz de obter". Tais foram os despojos de guerra. Por dezembro de 1808 uma força de seiscentos soldados composta por índios, mestiços e escravos libertos tinha sido montada com seus uniformes de coletes preto e shorts, conforme exigido no

> plano de Coutinho. As tropas avançaram até a costa pelo mar, acompanhados por uma corveta de guerra britânico (Confiance), sob o comando de James Lucas Yeo. A maioria dos soldados desembarcou no Oiapoque e foram por terra a Caiena, enquanto a Marinha continuou e organizou um bloqueio da capital. O governador local se rendeu após pouca resistência em janeiro 1809. [23]

A invasão ou "tomada" de Caiena em Março de 1808, ação pensada por Francisco de Souza Coutinho e executada com a vinda da Família Real para o Rio de Janeiro, deslocou "600 voluntários" do chamado "corpo de Vanguarda", os quais, com os regimentos de infantaria e artilharia, somaram 991 homens que partiram em março de 1808 em direção à Caiena, que se rendeu em janeiro de 1809. Novos deslocamentos de tropas ocorreram e a insatisfação nas fileiras do exército foi o estopim de revoltas para forçar a volta dos soldados do Pará (NOGUEIRA 2009, p. 174-251).

Muito além de serem apenas insatisfações, muitos desses soldados destacados das tropas do Grão-Pará tiveram contato com as ideias liberais e iluministas que circulavam na Guiana Francesa, advindas do movimento de Revolução em que ainda se respirava na Metrópole. Fato a se discutir também é a condição de "voluntários" em que mais de 600 homens partiram à Guiana, na maioria dos casos, eram homens brancos, pobres e livres, forros e escravos, ou seja, grande parte do contingente das tropas encontravam-se numa condição de subalternidade e latentes desigualdades socioeconômicas em relação à elite lusa e as demais autoridades paraenses que, ao entrarem em contato com os ideais da Revolução Francesa, que circulavam por Caiena, aglutinando-as com suas insatisfações políticas locais no Grão-Pará, passaram a se questionar sobre sua

---

[23] Citação no original: "The invasion of Guyana was precipitated by the departure of the Portuguese royal court to Brazil at the end of 1807. The fear that Napoleon's troops would land in Guyana and enter Brazil through its northern frontier forced the Overseas Council (Conselho Ultramarino) into action. As soon as Dom Joao VI arrived in Rio de Janeiro in March 1808, he declared war on France, paving the way to an invasion of Guyana. The King's statement observed that "the total ruin of Cayenne [the capital of Guyana] would be greatly esteemed by Royal interests. Of this conquest your Royal Highness only asks your Excellency [the governor of Pará, José Narciso de Magalhães e Menezes] he conserves and plants for Pará the nutmeg tree, which exists in Guyana and his Royal Highness has never been able to procure". Such were the spoils of war. By December 1808 a force of six hundred soldiers composed of Indians, mestiços, and freed slaves had been assembled in their uniforms of black vests and shorts, as required in Coutinho's plan. The troops advanced up the coast by sea, accompanied by a British sloop of war, Confiance, under the command of James Lucas Yeo. Most soldiers landed at Oyapock and went by land to Cayenne while the navy went on and organized a blockade of the capital. The local governor gave up after little defense in January 1809".

realidade social, sua condição humana e o tratamento dispensado a eles por aqueles que detinham o poder político-econômico na província paraense.

Este medo de associação de ideias liberais e revolucionárias já era temido pelo Presidente da Província Francisco Coutinho, pois muito antes das tropas brasileiras invadirem Caiena, existem registros de circulação de negros do Pará na Guiana Francesa [24] os quais passaram a respirar os ideais iluministas que circulavam pela colônia francesa, como afirma Reis (2003 p. 315-340):

> [...] outro aspecto do "plano" de Coutinho em 1797 era sua preocupação com uma rota de fuga por terra para a Guiana Francesa usada por índios e escravos. As pessoas precisam ser tratadas com mais justiça, a fim de impedi-los de prosseguir estas medidas desesperadas, pensou, escravos não foram em nenhum outro lugar mencionado. A fronteira com a Guiana Francesa no extremo nordeste com a América Portuguesa, e na região do Cabo do Norte tinha sido por muito tempo conhecido como um refúgio para os índios e a localização dos mocambos (também conhecido como quilombos, comunidades de quilombos). Coutinho tinha, de fato, estado preocupado com a possibilidade de uma invasão da Guiana Francesa e da propagação da revolução francesa, além da necessidade de pôr fim ao comércio clandestino ocorrendo ao longo da costa atlântica entre mascates estrangeiros. No entanto, ele nunca foi capaz de perceber esta proposta específica, qual foi deixada para um governador mais tarde.

Diante destas premissas, podemos inferir que grande parte desses soldados ao retornarem ao Pará tornaram-se multiplicadores dos ideais iluministas e passaram a disseminar princípios de liberdade, autonomia econômica, revolução, modificando assim o cenário dos principais acontecimentos que viriam a ocorrer entre as décadas de 20 e 30 do século XIX.

Entretanto, devemos levar em consideração a constituição subjetiva dos indivíduos bem como sua mentalidade para além da coletividade, pois cada indivíduo se apropria de princípios e ideais dos mais diversos e os aplica de acordo com sua realidade e vivências. Há de se refletir que a forma com que os soldados brancos pobres e livres tenham se apropriado dos ideais iluministas foi diferente da forma como se apropriaram os soldados brancos da infantaria e cavalaria, e muito

---

[24] Segundo Acevedo (1998, p. 68) Uma pesquisa histórica realizada na Guiana Francesa aborda esse problema levantando hipóteses sobre fatos políticos que explicariam a aceleração da fuga nas direções Pará/Caiena ou Caiena/Pará. Para Acevedo Marin, o autor Loncan aponta o ocultamento de fugitivos, por razões políticas, admitido inclusive nos documentos de devolução de escravos assinados pelos governantes de turno.

mais diferente da forma como os soldados negros se apropriaram e internalizaram esses ideais.

O negro na formação da sociedade paraense, sobretudo nas questões socioeconômicas, apresentou-se fortemente no século XIX, muito além das ideias francesas, espelhavam-se nas notícias e ideais da Revolução Haitiana que chegavam a Província paraense, no teor de desenvolver suas resistências e insurreições, para desestabilizar a dicotomia social e a ordem política vigente; promoveram fortemente a política de aquilombamento e passaram a interagir com índios, brancos livres, brancos desertores, dentre outros, tendo como característica comum o “anti-lusitanismo”. (ACEVEDO; CASTRO 1998. ALVES FILHO; SOUZA JUNIOR; BEZERRA NETO 2001. SALLES 2005).

Tal tese de inspiração nos ideais de independência do Haiti, defendido nesta dissertação, encontra auxílio nos estudos de Harris (2010, p. 128):

> Na época da invasão, a Guiana estava servindo como uma colônia penal, bem como uma das colônias de escravista de produção de açúcar da França. Tendo em vista a moderação que se seguiu ao reinado de terror em Paris, "indesejáveis" foram enviados para a Guiana. Alguns desses homens eram sacerdotes que favoreceram o movimento dos "sans culottes". A escravidão tinha sido restabelecida, mas a revolução bem sucedida dos escravos no Haiti permaneceu como um exemplo para todos os que queriam derrubar seus mestres tirânicos. A presença de uma força expedicionária portuguesa trouxe soldados paraenses em contato direto com esse mundo revolucionário [25].

Isto implica dizer que os sacerdotes religiosos e os negros, que estavam presos nos cárceres de Caiena [26] e que advinham da França, levantavam as

---

[25] Citação no original: “At the time of the invasion, Guyana was serving as a penal colony as well as one of France's sugar-production slave colonies. Following the moderate backlash to the reign of terror in Paris, "undesirables" were shipped off to Guyana. Some of these men were priests who favored the "sans culottes" movement. Slavery had been reinstated but the successful revolution of slaves in Haiti stood as an example to all who wanted to overthrow their tyrannical masters. The presence of a Portugueses expeditionary force brought Paraense soldiers into direct contact with this revolutionary world”.

[26] Os contatos dos fugitivos com os franceses não eram uma promessa ou simples ameaça. Constituía-se num fato, o que certamente atemorizava e muito as autoridades coloniais do Grão-Pará. Investigações trouxeram à tona, com detalhes, estes contatos na fronteira. Através de um interrogatório realizado em Macapá, em 1791, revelou-se como os pretos dos dois lados da fronteira se comunicavam. Por já haver temores e desconfianças, informações com detalhes deixavam atônitas autoridades do Pará. A questão, naquele momento, não era apenas conter constantes fugas, vigiar espiões franceses e ouvir seus desaforos e reclamações de proprietários. Mocambos formados bem próximos à fronteira mantinham relações de comércio com colonos franceses. Tinham

bandeiras de revolução, responsáveis pelo exercício de poder dos "sans culottes", pois compartilhavam dos mesmos princípios libertários. De igual modo, o modelo de Independência Haitiana (1804), que encerrava a opressão tirânica e despótica de seus senhores sobre os negros do Haiti, alimentava ainda mais a possibilidade de adequar tal feito à realidade paraense escravista e marginal.

Um novo período de tensão política pela qual a Província paraense passou foi o reflexo do Vintismo [27] (1820), que por um lado reconfigurou a administração dos Bragança na América Portuguesa sob o governo de D. Pedro IV, por outro, passou a provocar um arrocho político-econômico da Província do Grão-Pará e Maranhão, já que esta província estava submissa diretamente à jurisdição de Lisboa.

As medidas adotadas pela Revolução Liberal do Porto (1820) interviram diretamente na estrutura de Governo da Coroa Portuguesa no Brasil, levando a um desgaste político que culminou com o episódio simbólico do "Grito do Ipiranga" (1822) por D. Pedro IV, que em dezembro do mesmo ano foi coroado D. Pedro I. A partir daí, D. Pedro inicia um processo de unificação das Províncias do Estado do Brasil e posteriormente das Províncias do Estado do Norte (Grão-Pará e Maranhão), para isso contrata mercenários europeus, principalmente ingleses, para garantir a adesão das províncias à Independência do Brasil (Conferir RAIOL 1970. ROCQUE 2001. DEL PRIORE; GOMES 2003).

---

igualmente sua base econômica, fazendo « salgas », tingindo roupas, plantando roças, pastoreando gado e fabricando tijolos para a construção de fortalezas francesas. Isto sem falar na informação de que um padre jesuíta tinha sido enviado pelos franceses e era quem governava os fugitivos. Com várias estratégias e rotas, os escravos fugidos procuravam autonomia e proteção nas áreas de fronteiras de ocupações coloniais. Viviam do lado dos portugueses, porém comerciavam, trabalhavam e mantinham relações diversas com os franceses do outro lado. A garantia de sucesso desta estratégia era diariamente atravessar a fronteira, tarefa que parecia não ser fácil. Cortavam rios e matas, levando, inclusive, mantimentos para longas jornadas. Estes fugitivos estavam mesmo na fronteira da liberdade e sabiam disso. As autoridades ficaram alarmadas [Cf. **APEP**, Códice 609. **QUEIROZ**; **GOMES** 2002, p.31].

[27] A Revolução Liberal do Porto também conhecida como Vintismo foi a versão portuguesa do Liberalismo. Foi considerado por muitos como uma "regeneração perdida", uma tentativa liberal de recuperar as liberdades perdidas através do rompimento com o Antigo Regime e a inauguração do debate público e político sobre os rumos de Portugal. O Vintismo despontou como uma energia política renovadora da sociedade portuguesa, mergulhada num caos político, com uma Corte afastada da Metrópole e exaurindo o erário nacional, com o país mergulhado numa crise profunda e sem uma orientação política clara. Por outro lado, as medidas protoeconômicas liberais da Revolução do Porto demostravam ser recolonizadoras em relação ao Brasil e muito mais controladora e conservadora em relação ao Estado do Norte, adotando medidas de arrocho político-econômico e exigindo o retorno de D. João VI e D. Pedro IV a Portugal para reconduzir o Brasil a sua antiga condição de mera colônia subserviente a Metrópole [Cf. **SILVA** 1979; **DIAS** 1980; **VARGUES** 1981; **NEVES** 2003].

Concomitantemente ao movimento vintista e a tentativa de unificação da América Portuguesa através de ordem de D. Pedro I para repressão de províncias rebeldes, o cenário sócio-político no Pará é alarmante a partir de 1820. A década de 20 do século XIX é marcada pela intensificação de agitações populares, aumento de circulação de negros escravos e libertos pela região de Belém e Santarém, e uma forte ligação rodofluvial desses indivíduos com a região do Mato Grosso e Minas Gerais, o que possibilita ampliar uma rede de relações revolucionárias com sujeitos livres e escravos das províncias da região leste do Estado do Brasil. Para Hebe Mattos (2004, p.28):

> De fato ao longo de todo o Primeiro Reinado e do período regencial, as novas elites políticas não conseguiriam evitar "os debates políticos e as discussões constitucionais". Não conseguiriam evitar, também, que esses debates chegassem de um jeito ou de outro, ao conjunto dos cidadãos brasileiros das cidades e do campo, que a chamada "boa sociedade" gostaria de ver fora do jogo político. Especialmente, tornar-se-iam explosivas as tentativas de manutenção das hierarquias proto-raciais herdadas do Império Português. Apesar disso, esses debates limitadamente incendiariam as senzalas.

Tal tese encontra auxílio em Acevedo Marin (1998, p.62), a qual afirma que, nos anos de 1820, a fuga de escravos inaugura formas coletivas do rompimento individualizado com o senhor de escravo, inscrevendo-se num contexto político emancipacionista. Por volta de 1823, as regiões de Belém e Santarém passam a constituir-se como grandes centros populacionais organizados no Grão-Pará, sendo que na primeira se concentrava 75% da população mais a sede administrativa e na segunda encontrava-se um percentual de 20% de toda a população paraense.

Antonio Baena, em meados da década de 1840, publicou uma estatística populacional incompleta sobre a região de Santarém, onde apresentou que às vésperas do Pará aderir à Independência do Brasil, essa região possuía 4.313 escravos distribuídos principalmente pelas Vilas de Santarém, Óbidos, Monte Alegre e Alenquer, o que na prática representava um percentual de 18% da população paraense oriental (Ver tabelas).

Localidade	População Número Absoluto	Total %
Região de Belém		
-Paróquias urbanas	12.467	9,8
- Paróquias rurais	20.890	16,3
- Lugares índios (Conde/Beja)	1.286	1,0
Ilha do Marajó	12.729	9,9
Costa Oriental	12.932	10,1
De São Miguel do Guamá ao Gurupi	9.950	7,8
De Cametá a Melgaço	23.540	18,4
Costa Setentrional	4.803	3,7
Xingu	5.685	4,4
Região de Santarém	23.845	18,6
Total	128.127	100,0

Fonte: BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará In: Compêndio das Eras da Província do Pará. Belém: UFPA, (1969) 1839, p. 282-371.

TABELA 1: QUADRO RESUMIDO DA POPULAÇÃO DA PROVÍNCIA DO PARÁ – PARTE ORIENTAL (EM TORNO DE 1823)					
Localidades	Brancos	Escravos	% população escrava	Índios	Total
Região de Santarém					
Outeiro	280	40	11,0	42	362
Monte Alegre	1520	290	14,0	260	2.070
Alenquer	1100	440	26,7	108	1.648
Óbidos	2100	1294	30,2	887	4.281
Faro	1830	93	4,5	159	2.082
Santarém	2560	1270	24,2	1425	5.255
Subtotal	9.390	3.427	22,0	2881	15698
Alter do Chão	357	10	1,2	461	828
Aveiro	164	40	12,8	109	313
Franca	1578	752	26,0	558	2.888
Pinhel	291	16	1,8	574	881
Santa Cruz	14	14	2,5	526	554
Boim	77	23	2,9	680	780
Curi	14	14	1,4	986	1.014
Itaituba	22	8	2,0	368	398
Uxituba	19	9	1,8	463	491
Subtotal	2.536	886	11,0	4.725	8.147
Total	11.926	4.313	18,0	7.606	23.845

Fonte: BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará In: Compêndio das Eras da Província do Pará. Belém: UFPA, (1969) 1839, p. 282-371.

Como pode se observar nos dados de Baena, a região do Baixo Amazonas era, depois da região belenense, a mais populosa e a que mais concentrava escravos utilizados principalmente na cultura do cacau.

No entanto, a economia do Baixo Amazonas e consequentemente a do Baixo Tapajós não girava em torno somente dessas culturas. Segundo Baena (1839, p. 333-334) além do cacau, café, algodão, e do anil “na região desenvolvia-se a criação

de gado de corte, cultivo de mandioca, salsaparrilha, milho, feijão, cravo do Maranhão, tabaco, algodão, borracha e o comércio do peixe seco, farinha e madeira". Fato que constituía Santarém (capital do vale amazônico) como o empório do comércio do Rio Negro e de Mato Grosso, como afirma Pena *apud* Acevedo; Castro (1998, p.55):

> [...] era ainda um mercado local tímido de pequenas dimensões, mas que demonstrava certezas de aberturas para novos espaços regionais. De uma dúzia de anos, a contar de 1812, datam as comunicações com Mato Grosso e Minas Gerais. Era a conquista de rotas, uma das iniciativas mais perseguidas pelas autoridades coloniais e pessoas influentes, como demonstra a insistência das expedições de Mato Grosso ao Pará, desde 1747, e para alcançar Cuiabá e Minas Gerais.

Dada tamanha importância político-econômica do Baixo Amazonas, em especial a sub-região do Baixo Tapajós (compreendida pela influência e liderança de Santarém), muitos negros e índios iniciaram uma série de fugas e a fundação de quilombos e cacoais às margens do Amazonas e Tapajós na ânsia de buscar uma viverem em paz e refazerem projetos de vida. No entanto, dado as movimentações de guerra que passaram a assolar o Grão-Pará, estes negros e índios passaram a organizar e promover inúmeras insurreições e agitações armadas ao longo dos mocambos no Amazonas e Tapajós. O período posterior ao episódio da Adesão do Pará à Independência (1823) revela significativas perturbações da ordem política, no qual entraram em jogo confrontos partidários entre lusos-brasileiros e nativos, assumindo a forma de uma luta anticolonialista donde emergia, aparentemente de forma coadjuvante, o conflito entre escravos e senhores.

Assim, podemos inferir que as fortes convulsões políticas experimentadas ao longo da década de 1820, no Baixo Amazonas, fizeram com que os escravos aprimorassem a arte da fuga e aumentassem as possibilidades de alianças coletivas com índios e brancos desertores, garantindo maior sucesso diante dos seus senhores lusos. Uma vez que em tese, unir-se-iam a valentia e perspicácia do negro, os conhecimentos de orientação geográfica e medicinal do índio e a astúcia do branco em desmobilizar as armadilhas lusas, assim como promover uma maior resistência a doenças infectocontagiosas para índios e negros, gerando maior

resistência imunológica a estes últimos por meio do contato e convivência prolongados.

Por isso, para combater os quilombos e tentar desarticular as ações destes contra os aristocratas luso-brasileiros, como também evitar a fuga de mais negros, o governo provincial destacava uma série de obrigações que deveriam ser cumpridas pelos oficiais assim como as demais autoridades das Vilas, a saber:

> [...] impedir que houvesse, no seu distrito, desertores, negros fugidos, vadios e pessoas suspeitas ou indivíduos que pudessem ser nocivos a sociedade... Impedir que se continuasse a pratica de tirar esmolas pelos sítios, com santinhos e coroas do Divino Espírito Santo visto que a sombra do mister cristão, se praticavam amoralidades e desconcertos pasmosos. Ficando assim estabelecido, que todo aquele que for apanhado em conversas tendentes as cinscusntâncias actuaes, ou atinentes a rivalidades, será prezo, Eas autoridades omandarão castigar com rigor [28] **[sic]**.

Tamanho era o medo e pavor dos senhores de engenho e fazendeiros escravocratas em que a “senzala se levantasse e dominasse a Casa Grande”. Muitos senhores em meio as suas aflições pela possibilidade de revoltas e levantes dos escravos passaram a cobrar soluções imediatas e preventivas da guarda militar em resguardar a segurança da classe proprietária.

No entanto, o contingente destacado para realizar a segurança e defesa de cada Vila do Baixo Amazonas mostrava-se insuficiente e pouco eficaz, diante da possibilidade de uma invasão em massa, que poderia ter como elemento surpresa muitos revoltosos de várias comunidades e povoado ribeirinhos ao longo dos Rios Tapajós e Amazonas. Daí a tamanha preocupação constante em pedir ao governo provincial o envio de reforços para as Vilas, como fica evidente na correspondência de Aniceto Francisco Malcher, tenente-coronel, comandante de Santarém, em 1824:

> [...] mandar maior reforço visto que os escravos estavam a mira para se levantarem contra seus senhores, e conta terem dito em a villa de Santarém que logo que estivessem mortos ou prezos. Os Europeus saltaram contra a Tropa Imperial, eos mais brasileiros moradores na mesma Vila enviaram todos os escravos das Villas vizinha para matarem todos os Brasileiros, por este modo ficarem livres todos os senhores... [29] **[sic]**.

---

[28] **APEP**. 1824, Códice 783.

[29] **APEP**. Op. cit.

Seguindo no viés da análise do discurso do comandante, podemos observar que antes mesmo da "eclosão da Cabanagem" em 1835, os levantes de facciosos e a ameaça de uma limpeza "brasileira" por parte de negros, aquilombados com índios, já era muito grande, e intimidava as forças imperiais a tal ponto de gerar paz temporária entre algumas Vilas e o estabelecimento de acordos mútuos de defesa. Comprometendo-se cada Vila de "depreçara combater e socorrer a Vila ameaçada ou invadida por revoltosos, quando esta última não conseguir meios suficientes para realizar o feito sozinha" [30].

No entanto, a seu favor os escravos contavam com os descontentamentos, as deserções entre as tropas e a origem social e étnica de seus efetivos, como escreveu o comandante militar de Santarém ao presidente da Província:

> Faz-se muito necessário formalizar em huma ilha que se acha ao pé desta Caxoeira hum Destacamento Composto de hum offecial, e algumas Praças Melitares para servir de Registro, e evitar a fuga de Soldados e athé mesmo Escravatura principalmente desta Villa, e de todas as mais... [31] **[sic]**.

Não muito diferente de outras revoltas ocorridas no Brasil no mesmo período oitocentista, torna-se até comum observar nas documentações, registros de deserção de militares entre as tropas que combatiam os revoltosos. Na maioria dos casos parte das tropas imperiais se identificavam socialmente com os facciosos, devido pertencerem a baixas patentes e a mesma classe social, além de receberem baixos soldos. Por esses motivos, viam na deserção, uma possibilidade de reforçar os movimentos contestatórios na busca pela autonomia econômica e ruptura com a opressão colonial, na perspectiva de melhoria, de qualidade de vida e promoção de sua dignidade humana.

Há de se historicizar também os tratos conceituais construídos nas documentações a respeito de deserções de soldados. Em alguns casos, o descumprimento de alguma ordem imperial, em fazer valer o aprisionamento e/ou fuzilamento direto de "revoltosos" (que poderiam vir a ser parentes dos soldados),

---

[30] Ibidem, Termo de Paz de 9/6/1824.

[31] **APEP**, 1824, Códice 783.

eram encarados como rebeldia, que poderia vir a dar um fim na carreira militar de tal soldado de classe baixa, manchando sua reputação como “desertor”.

Vale ressaltar que nas documentações da época, em geral nos Relatórios Provinciais, é sempre o “outro” que narra e descreve os acontecimentos, ou seja, muito difícil é encontrar depoimentos de soldados desertores relatando sua versão do ocorrido, em geral são relatos de seus superiores destacando as motivações que colocaram os soldados na ilegalidade.

Este tipo de atividade foi muito presente no tempo da Cabanagem. Ao não encontrar na lei formas de prender e julgar cabanos e/ou suspeitos de serem cabanos, inventou-se um discurso e uma construção imagética de um algoz feroz, para justificar as ações truculentas das tropas imperiais em prender, condenar e na maioria dos casos fuzilar pessoas aparentemente inocentes, que apenas estavam sendo colocadas na posição de “suspeitos”.

Devido a essas motivações, as lutas pela descolonização, na década de 1820 no Baixo Amazonas, passam a criar um clima favorável à insurreição de escravos contra os seus senhores. Isto dá início a uma intensificação do movimento de aquilombamento em associação a grupos indígenas (primeiramente com os muras e posteriormente os mundurucus), no intuito de aumentar de forma significativa as fugas, como forma de contestar o regime escravista e desencadear um processo de libertação coletiva dos oprimidos, pela elite aristocrática luso-brasileira.

1.3. O Papel mobilizador da Imprensa de Patroni e a ascensão de Batista Campos no cenário político

No teor das manifestações políticas, mudanças monárquicas e difusão de ideais iluministas pela Europa, destacam-se no Grão-Pará a multiplicação e circulação de tais ideias de anticolonialismo e reformulação de governo feito pelo jovem mobilizador Felipe Patroni.

Felipe Patroni, paraense, estudante de Direito na Faculdade de Coimbra desde 1816, respirou os ares de reformulação e reorganização da Nação portuguesa no período Pós-Napoleão que culminaria com a Revolução Liberal do Porto (1820). Ao

ser proclamada a nova constituição portuguesa no âmbito da Revolução do Porto, o jovem de grande atuação política regressa ao Grão-Pará, onde foi o responsável por noticiar, com grande alarde pelas ruas de Belém, as mudanças político-econômicas ocorridas na Metrópole Lusa.

Concomitante a esse novo estatutário idealista progressista, em Belém, a junta provisória, montada em janeiro de 1821 e presidida pelo bispo D. Romualdo de Sousa Coelho, continuava a reunir os mesmos grupos de outrora; mantinham-se persistentes na defesa do antigo regime, à espera de novas notícias de Lisboa. Por outro lado, Patroni, em seus discursos, fazia eloquente críticas ao despotismo. Segundo Lima (2008, p. 85) "suas mobilizações se estendiam tanto à capital da Metrópole, quanto à da colônia; era um defensor da "mãe-pátria" e da união de Portugal, Brasil e Algarves, baseada nas ideias do regime livre dos povos". Assim, ele discursava tanto entre cidadãos paraenses em Belém, como também entre os portugueses de Lisboa:

> [...] no memorável dia 1º de janeiro se lançara por terra o trono do despotismo na capital de sua província, arvorando-se o troféu da liberdade nos muros, que banha o Guajará. [...] Nos tempos passados, em que a virtude triunfava, os amantes da pátria eram honrados, enriquecidos e imortalizados; entretanto, hoje em que dominavam a ambição, a impostura e o fanatismo, eles eram estrangulados nos cadafalsos, seus corpos eram reduzidos a cinzas e suas cinzas lançadas ao mar. Os paraenses no curto espaço de seis horas despedaçaram as algemas, que os manietavam, acalmando no meio da paz e de vivos transportes o soberano congresso, o rei constitucional, a augusta religião de seus maiores, perdoando ao mesmo tempo aos seus inimigos e confraternizando com eles (apud RAIOL 1970, p. 18).

Na contramão de seus críticos, Felipe Patroni e seus aliados realizaram um grande investimento para a difusão de suas ideias, compraram e enviaram de Lisboa a Belém uma tipografia, a primeira do Estado, e, assim, começaram a lançar o Jornal "O Patriota" (depois O Paraense), no qual ele e diversos panfletários faziam severas críticas ao despotismo e eloquentes defesas do "regime livre dos povos".

> O estabelecimento da imprensa no Grão-Pará será o produto organizado da forma pela qual Felipe Patroni assimilou as estruturas ideológicas do

> Vintismo, e como buscou materializar essas estruturas através da síntese da sua própria processualidade [32].

Os discursos de Patroni, porém, não foram bem recebidos pelos parlamentares portugueses, fazendo com que Felipe se desiludisse com a possibilidade de receber apoio para efetivar uma nova constituição no Estado do Norte da América Portuguesa. É quando então Patroni tenta se articular e persuadir a população paraense a seguir os moldes da Revolta de Pernambuco (1817) e reconfigurar a vida política na província, buscando sua emancipação política, entretanto, continuando a manutenção dos laços fraternos e econômicos com a Metrópole.

As ideias revolucionárias, semeadas e difundidas por Felipe Patroni, representavam fortes riscos para aqueles que no Pará defendiam a conservação do antigo regime monárquico. Os pensamentos e correntes ideológicas, que começaram a sacudir a Europa a partir de meados do século XVIII, ameaçavam estourar a ordem vigente na Província do Norte. Muito mais preocupante era a possibilidade de uma reconfiguração administrativa do poder social na região, ou seja, o temor de uma revolta popular nos moldes da revolução jacobina assombrava a elite Luso-brasileira em Belém.

Tamanha era a preocupação com a possibilidade de uma revolução do tipo jacobina que José Ribeiro Guimarães *apud* (Raiol 1970, p.20) afirmava que as palavras de Patroni estariam causando "grande choque nos escravos". Segundo Guimarães, ao ouvirem expressões como: "somos livres", "acabou a escravidão", "quebraram-se os ferros"; ecoadas por Patroni, seria possível que a população escrava negra mentalizasse que estariam incluídos nessa mudança social e poderiam cultuar Patroni como seu grande idealizador abolicionista.

José Ribeiro Guimarães destacava, também, que as "bandeiras de lutas da Revolução Americana (1776) e o ideário revolucionário de Pernambuco (1817)" deveriam ser paralisados em sua origem, no princípio da difusão das ideias: "sufoque-se a hidra em seu nascimento; conheçam-se os propagadores da infernal doutrina" (RAIOL, 1970, p. 20).

---

[32] **COELHO**, Geraldo Mártires. **Anarquistas, Demagogos e Dissidentes: a imprensa liberal no Pará de 1822**. Belém: CEJUP, 1993, p. 150.

É preciso ressaltar que na Província não existia de fato uma disputa política partidarista, mas como afirmou Baena, em seu Compêndio das Eras da Província do Pará (1839), era uma "disputa restrita aos cidadãos portugueses da América e da Europa". O que justificava que apoiadores e financiadores da tipografia de Patroni fossem pertencentes tanto ao grupo dos defensores do antigo regime, quanto defensores das reformas constitucionais. Entretanto, eram costumeiros as ameaças por parte dos defensores do antigo regime em realizar cortes de financiamento e retiradas de apoio a tipografia se ela insistisse em continuar apregoando ideias reformistas constitucionais.

Felipe Patroni, em agosto de 1822, deixa a direção do jornal "O Patriota" (depois O Paraense), por causa de um discurso que proferiu quando ainda estava em Portugal, em abril do ano anterior, pois na presença de D. João VI evocou os interesses do Pará e censurou energicamente a administração ultramarina, denunciando a incompetência e o corporativismo dos Ministros de Estado e acenou com a possibilidade da independência brasileira face aos rumos seguidos pela política administrativa de Portugal para o Brasil.

Tal contexto foi promovendo o desgaste da imagem de Patroni que viu sua influência definhar aos poucos como assevera Lima (2008, p. 87):

> Por não atender as exigências dos defensores do antigo regime, Patroni fora preso e enviado a Lisboa, acusado por sua fala de abril de 1821 no Congresso Português. O bispo Romualdo Antônio de Seixas (presidente da junta provisória até então) e seus aliados conseguiram, com isso, retirar Patroni das disputas. Um cônego de nome Batista Campos, nascido em Barcarena, assumiu, então, a direção do jornal que passou a se chamar: "O Paraense".

A queda e o ofuscamento de Patroni no cenário político do Pará estão intimamente relacionados ao aparecimento e ascensão da figura ilustre que foi o Cônego Batista Campos – principal articulador para a eclosão da Cabanagem em 1835.

Aos poucos, a difusão das ideias liberais de Batista Campos no jornal "O Paraense" aliados a seu carisma e sua arte de eloquência e retórica aumentavam a popularidade do Cônego entre as diversas camadas sociais da sociedade paraense. Estes viam no ideal do liberalismo republicano uma forte motivação para recriar

espaços sociais, que levassem como bandeira a autonomia político-econômica da Província, gerando, assim, uma sensação de bem estar social, mas também despertava na elite luso-paraense o medo e ódio a tais pensamentos do Cônego, o que os estimulava a tentarem desarticular Batista Campos e manter a consolidação do regime antigo, como demonstrava Lima (2008, p.88):

> A junta, como se observa, se mantinha em defesa das “leis do antigo regime”. A prisão de Patroni e a tentativa de destruição da gráfica trouxe ainda mais tensão ao impasse. A junta passou a promover a ampliação das forças militares, através de “alistamentos voluntários”, tanto na cidade, quanto no interior. O coronel Vilaça tentou unificar, sob seu comando, um novo corpo de homens. O comandante das armas, José Maria de Moura, se negou a fortalecê-lo. Havia grande pressão entre os membros da junta, sobretudo daqueles liderados por Vilaça, para que houvessem providências contra os defensores das ideias liberais. Com Batista Campos, porém, as disputas ganharam mais complexidade. Se antes a junta e seus opositores liderados por Patroni debatiam projetos constitucionais, sem questionar a legitimidade da união entre Grão-Pará e Portugal; com o cônego Batista Campos na liderança da gráfica, a oposição passou a questionar a tanto as “leis do antigo regime”, quanto a “união com Portugal”.

Diante disso, inicia-se uma mobilização acerca do termo “paraense”; a população do Grão-Pará passa a alimentar ideais revolucionários em torno da construção de uma regionalidade que se sobrepunha à ideia de nacionalidade. Isto no cenário de confusão de naturalização (portugueses, lusos, luso-brasileiros, luso-paraenses) reafirma a categoria dos comuns como paraenses passando a cultuar a figura de Batista Campos como o líder, o responsável em conduzir o processo de ruptura com o antigo regime e iniciar um governo fundamentado no princípio de liberdade dos povos, conforme assevera Raiol (1970, p. 24-25):

> A junta não hesitou em contra atacar a disseminação das notícias e das mobilizações. A “hidra” deveria ser “sufocada” em seu nascimento. Em setembro de 1822, Batista Campos e diversos de seus aliados foram presos, denunciados como “principais chefes da revolução, que se tramava a favor da independência”. Foi após ser libertado por falta de criminalidade, em outubro de 1822, que Batista Campos publicou n’O Paraense, o manifesto em que D. Pedro I pedia aos brasileiros união em defesa da independência. A atitude, porém, fez com que ele fosse novamente preso na fortaleza, sendo que no momento de sua soltura foi aclamado por uma multidão que com ele caminhou até sua casa. O jornal continuou sendo publicado. Aos poucos crescia a ascendência do Cônego Batista Campos sobre os cidadãos paraenses.

Entretanto, os acontecimentos ocorridos no ano de 1823, mesmo ano que ocorreu a Adesão do Pará a Independência do Brasil, adiaram o desejo e sonho da nação paraense em ter Batista Campos como presidente da Província. No início de 1823, espalhava-se a notícia de que todas as províncias que, até então se mantinham fiéis ao governo português, aderiram ao novo governo constituído no Rio de Janeiro, fato ocorrido principalmente sob as repressões das tropas de Lord Cochrane, marechal britânico responsável pelo comando das tropas de repressão a serviço de D. Pedro I.

A ascensão e aparecimento político do Cônego Batista Campos se misturam ao processo de Adesão do Pará à Independência do Brasil. Na eminência de entender a sua trajetória de vida e as suas formas de articulação política que vão culminar com o início da Cabanagem é que novamente vamos retomar o acontecimento de 1823, destacando, sobretudo, as histórias e notícias envolvendo Batista Campos. Vale ressaltar que a proposta aqui não é tornar esta leitura repetitiva, enfadonha e até mesmo intragável, mas sim dissertar sobre o processo de Adesão do Pará à Independência do Brasil, relacionando com o aparecimento e crescimento da figura do Cônego João Batista Gonçalves Campos no cenário sócio-político da Província paraense.

Partindo de tais premissas, infere-se que em Março de 1823, os "cidadãos" eleitos para compor a junta de governo da Província são surpreendidos por um golpe político, arquitetado pelos partidários do antigo regime luso, provocando "a prisão de 16 membros de altos cargos da junta deposta e sua deportação para vários locais do interior do Pará: Arroios, Macapá, Monte Alegre, Araguaia, e outros" [33], como também a fuga de Batista Campos.

Em Agosto do mesmo ano, chega ao Pará o capitão tenente John Pascoe Greenfell, subalterno de Cochrane, o qual afirmava ter recebido ordens do almirante (encarregado pelo Imperador do Brasil) para apoiar o partido na província que optasse por aderir à independência. Greenfell se utilizou de perspicácia e astúcia para garantir as ordens do Imperador. Sobre ameaças de invasão e bombardeio de Belém – o que não passou de um blefe, pois o capitão só tinha uma nau –

---

[33] **RAIOL**, Domingos Antônio. **Motins Políticos – ou história dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835**. 3 vols. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970, p.28.

[Greenfell] conseguiu convencer a Junta Governativa do Pará a aderir a Independência e unificação da América Portuguesa. Os membros da Junta Governativa paraense "decidiram por aderir ao regime de D. Pedro I, como meio mais eficaz para salvar [a Província] dos horrores da anarquia" [34].

John Pascoe Greenfell ordenou a prisão dos coronéis Vilaça e Moura (adeptos da permanência de subordinação política a Lisboa), e convocou novas eleições na Câmara Municipal para a composição de uma nova Junta Governativa. O coronel Geraldo José de Abreu foi eleito presidente e entre os outros cinco membros escolhidos, encontram-se o fazendeiro da região do Acará Felix Antônio Clemente Malcher (que em 7 de janeiro de 1835 foi aclamado como 1º Presidente cabano) e o Cônego Batista Campos que se encontrava foragido no interior do Acará.

No entanto, a população mais pobre saiu às ruas de Belém em agosto de 1823 como forma de protesto e, iniciou motins e insurreições, pediam a demissão do coronel Geraldo José de Abreu, assim como de funcionários favoráveis à emancipação política do Brasil. Além disso, pediam ao Cônego Batista Campos que tomasse a presidência (Ele, porém se empenhava para que a multidão se dispersasse para evitar mais derramamento de sangue).

Os revoltosos questionavam a decisão tomada por seus governantes, pois grosso modo, isto representaria apenas uma mudança de controle político na Província, saía a elite lusa e chegava ao poder a elite dos nascidos na colônia, os "brasileiros" – a exemplo do que ocorreu com os "crioullos" na América Espanhola. Como represália, Greenfell envia uma guarnição de marinheiros portugueses para percorrer as ruas e casas de Belém e prender aqueles que julgassem suspeitos de terem participado da anarquia em frente à Sede do Governo. Na manhã seguinte (dia 16 de Agosto), ordenou que os revoltosos fossem levados para frente do Palácio e solicitou que lhe disponibilizassem uma peça de artilharia e ordenou a escolha de 5 homens para serem espingardeados.

Batista Campos, que havia sido preso, foi levado para frente das tropas desarmadas controladas pelos marinheiros. Greenfell o colocou preso à boca da peça de artilharia acessa e pediu que ele se confessasse culpado pela "anarquia". As tropas teriam se desesperado, o coronel Geraldo José de Abreu e os outros

[34] Idem, p.40-41.

membros da junta protestaram, afirmando que o cônego João Batista Gonçalves Campos não teria incitado às tropas; uma vez que era defensor da manutenção da ordem, justificativas que fizeram o subalterno de Lord Cochrane poupar sua vida.

Deve-se analisar que esta insurreição nas ruas da Capital foi duramente reprimida pelo Capitão tenente Greenfell, que protagonizou um dos episódios mais cruéis e desumanos na Província daquele período. Na falta de cárceres que comportassem todos os que foram indistintamente detidos, o Capitão ordenou que mandassem prender nos porões de sua fragata "Brigue Palhaço" todas as 256 pessoas (praças e pessoas comuns).

Insatisfeitos, os presos começaram a debruçar-se nos porões e a incitar gritos de protestos, o que irritou o Capitão que ordenou o lançamento de cal no porão, levando quase todos os detidos a óbito por asfixia. Também houve suspeitas de que a água oferecida aos presos estaria envenenada, com substâncias preparadas por um boticário [35]. Com tal medida, Greenfell conseguiu acalmar os ânimos dos paraenses que tomaram o episódio como exemplo do que a Coroa estaria disposta para garantir a unidade do Brasil.

A grande análise que podemos fazer deste episódio é que a novidade no cenário político paraense não era o fato de ocorrer um morticínio no porão do Brigue Diligente (Palhaço), mas sim o fato de que cidadãos brancos dissidentes passaram a sofrer medidas de repressão até então adotadas somente para homens de cor (negros).

A forma de punição igualitária e severa tanto para brancos quanto para negros de certa forma promove na mentalidade da população da época que a monarquia não considerava o devido respeito à raça branca em detrimento da negra, e que a contra ofensiva para tais medidas monárquicas seria a luta pela autonomia política contra a coroa. Para tal finalidade, importava que os interesses dos dissidentes brancos se associassem ao dos negros na medida em que utilizariam a força física, e a própria massa negra para chegar ao topo de seus ideais, prometendo a

[35] Tais referências utilizadas para se dissertar sobre este episódio podem ser encontradas de formas fragmentadas nos relatos da obra de Raiol (1970) através do depoimento do único sobrevivente e na obra de Baena (1839).

liberdade e o fim da escravidão para aqueles que decidissem integrar os ideais dos brancos.

Após o massacre do Brigue Palhaço em 1823, Greenfell consegue se manter no poder até meados de março de 1824. Em abril do mesmo ano, chega a Belém a Escuna Camarão, enviada de Recife por Manuel de Carvalho Paes de Andrade. A Escuna trazia os sobreviventes da Andorinha do Tejo (embarcação que levava os presos acusados pelos acontecimentos da “Abrilada” de 1823 em Pernambuco), que segundo Raiol (1970), após serem libertados em Portugal, foram para os Estados Unidos da América, e dali seguiram para o Rio de Janeiro, de onde partiram para o Recife, e onde se articularam com líderes da Confederação do Equador (1824).

Ao chegarem ao Pará, distribuíram exemplares da Constituição de Columbia; ordenaram a prisão do coronel Geraldo José de Abreu, presidente da Junta, e do bispo Romualdo Antônio de Seixas, entre outros; proclamaram, com o apoio de Malcher, membro da Junta Governativa, a adesão do Grão-Pará à Confederação do Equador. O projeto não teria tido grande receptividade entre os belenenses; durou pouco, porque no mesmo mês chegava ao Pará o coronel Rozo e o brigadeiro Borges, para assumirem como os primeiros presidente e comandante das armas da província do Grão-Pará, nomeados por D. Pedro I.

Isto nos permite refletir à luz dos escritos de Machado (2006) que no contexto político da década de 1820, a situação política do Grão-Pará poderia ter tido outro desfecho em virtude de muitas possibilidades que se apresentavam. Havia a possibilidade de o Pará manter a união com o Império Português; a de aderir ao Brasil (Corte do Rio de Janeiro); a de formar articulações regionais (tais como a Confederação do Equador, ou uma Confederação com Maranhão e Mato Grosso); ou a de declarar a Independência do Grão-Pará como Estado autônomo. Fato é que, a partir da chegada das primeiras autoridades nomeadas pelo Rio de Janeiro, esta abertura para diversas possibilidades de redefinição político-estadista passa a perder a força - ficando presentes apenas nas reflexões contemporâneas recentes do “poderia ser”.

A partir do ano de 1823, a pólvora começa a se multiplicar pelo Grão-Pará, e inicia um encadeamento de insurreições e revoltas por todas as regiões da Província, algumas de certa forma interligadas e outras não, o que mostra que havia

uma rede de insatisfação muito forte tanto da parte de dissidentes brancos, como da parte de homens de cor.

Entre as principais revoltas estão: A Revolta de Muaná (Ilha de Marajó) em maio de 1823; a Confederação de Cametá (que além de Cametá incluía Baião, Oeiras, Portel, Melgaço, Anapu, Igarapé-Mirim, Moju, Conde, Beja e Marajó), no rio Tocantins no mesmo ano; a Confederação de Monte Alegre em 1824 (que incluía além de Monte Alegre, as Vilas de Gurupá, Almeirim e Alenquer); A Revolta de Salgado em Agosto de 1824, (que além de Salgado, compreendia as Vilas de Turiaçu, Bragança, Ourém, Cintra, Salinas e Colares); Revolta na região do Baixo Tapajós em meados do mesmo ano, compreendendo as Vilas de Alter-do-Chão, Aveiro e Franca [36].

Tinha-se, portanto um cenário dicotômico em relação à ordem social. A capital, de certa forma isolada, tentava combater a maioria das Vilas sediciosas, ou seja, cidade e campo protagonizavam embates políticos, sendo que, na maioria dos casos, dissidentes e rebeldes fugidos de Belém partiam para o interior, onde se apresentavam nos centros de insurreição reforçando o poder local.

A Contra-ofensiva do governo Provincial foi articulada como redes de repressão por todo Pará, liderada pela Junta Governativa de Belém.

> Em suas imediações ao Norte, contava com a Vila de Vigia; e no baixo Amazonas, com as Vilas de Santarém e Óbidos. Todas elas reuniam grandes contingentes de portugueses e seus descendentes, dispostos a se oporem a todos que lhes pudesse hostilizar (SANTOS 1974, p.139).
>
> Em Vigia, tropas de repressão promoviam ataques as localidades a noroeste do Marajó. Em São Caetano de Odivelas a repressão liderada pelo Capitão Badalejo reuniu homens armados com facões. Na costa do Salgado, em meados de 1824, a junta enviou, por duas vezes, embarcações artilharias, para que se unissem às tropas e homens fiéis da região, para atacar as Vilas de Bragança e Turiaçu, e seus arredores. Em meados de outubro de 1823, enviou-se expedições armadas navais que iniciaram ataques a Cametá culminando com sua rendição (RAIOL 1970, p. 57).
>
> No Baixo Amazonas, uma junta militar, centrada em Santarém, e articulada com as câmaras de Faro e Óbidos, liderou os ataques contra as localidades rebeladas que se estendiam de março de 1824, até Alenquer, passando por Monte Alegre, onde a maior parte dos rebeldes passou a se reunir... Uma primeira expedição enviada por Santarém foi derrotada. A segunda comandada por José Coelho de Miranda Leão (futuramente um dos líderes de cabanos no Alto e Baixo Amazonas) conseguiu render Monte Alegre... E

[36] Cf. **RAIOL**, 1970, p.56-78; **REIS**, 1979, p.85.

> em agosto do mesmo ano foi assinado um acordo entre as vilas, com promessas de não-agressões futuras (REIS 1979, p. 87-89).

Em fins de 1824, os acordos de paz firmados entre a Junta militar de Santarém e os rebeldes de Monte Alegre e a Junta Militar de Belém e os rebeldes de Cametá, além do sucesso das inúmeras expedições repressoras pelas demais regiões da Província, levaram as autoridades governistas provinciais a acreditarem que o interior estava pacificado e hibernado.

No entanto, podemos afirmar que as repressões não destruíram as formas de sociabilidades do poder local, embora existisse de direito a hierarquia do poder administrativo provincial, verticalizado a partir da Capital Belém, não existia integralmente de fato, pois nas Vilas e freguesias o poder das elites locais e suas formas de articulação continuavam com as mesmas estruturas, e no pós 1824 tenderam a se intensificar.

As formas de repressão impostas pela capital foram dirigidas tanto para dissidentes brancos como para os negros e índios (é o caso de revoltas ocorridas, onde a presença indígena era superior à branca, Alter-do-Chão, por exemplo), o que gerou certa proximidade e similitudes em destronar o antigo regime – proximidade que se fortalecerá ainda mais durante os anos da Cabanagem.

No entanto, que relação teriam estas revoltas com o Cônego Batista Campos? Qual papel o mesmo desempenhou? Mobilizador ou repressor dos movimentos Contestatórios?

Segundo Lima (2008, p. 100) “os patriotas liderados por Batista Campos haviam espalhados notícias e pedidos de Adesão ao Brasil pelo interior da província”. Segundo o autor, em cada região e localidade todos haveriam de se posicionar, pois o que estava em questão era a permanência ou não dos portugueses na administração da província do Grão-Pará.

Seguindo essa linha, convencionamos dizer que Batista Campos emergiu no cenário de 1823-24 como o plantador de ideais, o lançador de faíscas em meio à pólvora, pois é ele quem estabelece redes de comunicações e articulações sócio-políticas que tendem a uniformizar e de certa forma interligar as diversas revoltas ocorridas na província oitocentista.

Muito mais profundo do que ser o “senhor dos negros ou o suserano dos índios” é ser um exímio orador persuasivo, pois ao se ter domínio sobre a retórica, a eloquência e a verbalização culta das palavras num contexto de persuasão, isto por si só lhe fará ser senhor sobre negros e índios e de igual modo construir uma rede de sujeitos correligionários submissos a seus ideais, como o fez o Cônego.

Apropriando-se de Foucault (apud DELEUZE 1998, p. 45-70) devemos procurar deter-nos nas relações-oscilações conjunturais, nas quais essas redes de associabilidades e influências cercadas de poder se materializam e se externam, e estabelecer que toda e qualquer sociedade e/ou relação tenha implicitamente um ***diagrama*** de relações de poder.

É, pois um diagrama de relações de poder que podemos observar na conjuntura política da década de 20 do século XIX. Fatores como a disseminação pela imprensa paraense (O Patriota e depois O Paraense) das ideias advindas do cenário de revoluções-burguesa na Europa, o contato com ideais da Revolução Haitiana na Guiana Francesa, as arbitrárias represálias impostas pela Coroa Brasileira, a oportunidade emancipacionista da Confederação do Equador e a mobilização libertária de Batista Campos ajudam a construir redes de relações sócio-políticas imbricadas de poder entre as mais variadas partes da Província, envolvendo brancos e negros. Relações que irão aos poucos construir o cenário propício para a eclosão da Cabanagem, seu prolongamento pelo interior e certa estabilidade de resistência desta Revolta.

Neste ínterim, podemos afirmar que durante a década de 1820 os passos revolucionários de Batista Campos nada mais foram do que ensaios para figurar-se como protagonista do movimento Pré-cabanagem. Suas redes de sociabilidades e suas relações de poder com base na persuasão que outrora foram construídas, serviram como elementos propagandizadores de seu nome e reputação.

Tal personagem, cada vez mais tornava-se o representante da classe aristocrática paraense-brasileira e, de igual modo, teve sua figura construída pelas camadas mais inferiores como o religioso que se preocupava com o bem estar do povo paraense. Esta construção imagética serviu para conciliar os interesses tanto da elite quanto das classes ínfimas, desviando o olhar do invólucro monopolizador que estava sobre Campos.

No início da década de 30 do século XIX, Batista Campos volta a ser protagonistas das situações políticas no Pará e desta vez suas ações políticas arquitetam num único rumo – sua chegada à Presidência da Província.

Em julho de 1831, chegava ao Pará vinda de Belém a fragata Campista. Estavam a bordo o novo presidente e o novo comandante das armas do Pará – o desembargador Bernardo José da Gama, o Visconde de Goiana e o Coronel José Maria da Silva Bittencourt respectivamente – nomeados pela Regência Provisória, logo após a abdicação de D. Pedro I. Ao chegarem a Belém, tomaram posse no palácio do Governo e foram recepcionados pelos mais nobres e aristocráticos rurais da Província, os quais pretendiam conquistar o apreço do novo presidente em favor de seus interesses.

Não obstante, no dia seguinte a posse, no dia 20 de julho de 1831, membros da "Sociedade Patriótica, Instrutiva e Filantrópica" [37] foram cumprimentar as novas autoridades provinciais. Aceitação e legitimação da Sociedade pelo Visconde e a soltura de presos políticos encarcerados, a mando dos opositores de Campos trouxeram mais ódio e desconfiança entre os opositores dos Filantrópicos.

Porém, a decisão política do recém-chegado presidente, que mais inflamou a revolta dessa elite Lusa, contrária aos Filantrópicos, foi a tentativa de efetivar a extinção dos governos militares e das fábricas nacionais e roças comuns distribuídas pela Província Paraense, que já estava prevista em decreto, desde 28 de junho de 1830 (RAIOL 1970, p. 202). Tais medidas precoces do Visconde de Goiana, sobretudo a tentativa em extirpar os mecanismos dos modos de trabalho responsáveis pela sua riqueza dos contrários ao cônego, levaram os opositores a Batista Campos e Goiana a intentarem depor o então presidente da província.

Mas, o que viriam ser e como eram caracterizadas as "fábricas nacionais e roças comuns" administradas pelos governos militares?

> Continuavam ainda nesse tempo as Fábricas Nacionais e as Roças Comuns. Eram estabelecimentos criados sob a inspiração de alguns

[37] Sociedade secreta criada poucos dias antes da posse do Visconde de Goiana, aberta por meio de uma autorização sua. A Sociedade era presidida por Batista Campos e tinha como intuito "instrução patriótica, constitucional e filantrópica das verdades políticas e sociais, defendendo as liberdades públicas e particulares, e debelando o monstro do despotismo. Consideravam que sua missão era manter a ordem social e não se opor a ela". (RAIOL 1970, p. 198).

> especuladores a fim de melhor se locupletarem com o trabalho dos pobres índios, tendo-os a seu serviço mediante a retribuição de oitenta e até de quarenta réis diários, e estes mesmos pagos a longos prazos de mora, não havendo nunca o mínimo saldo a favor desses infelizes que, figuram sempre como devedores de seus supostos patronos, se tornavam para sempre servos da gleba, sem poderem, contudo gozar de sua liberdade, nem retirar-se desses estabelecimentos, ameaçados como eram com o recrutamento, e sabendo da proteção legal que se dava a semelhantes especuladores (RAIOL 1970, p. 202).

No contexto de tensões políticas, e com o começo de atentados ao Visconde de Goiana, os opositores de Batista Campos tentavam desarticular a Sociedade patriótica e, de igual modo, deslegitimar o governo do Visconde de Goiana, que se aproximara dos Patrióticos, passando a compartilhar conceitos, ideias e a demonstrar similitudes de nacionalismo libertário. Logo, reuniram-se os opositores dos Patrióticos - dos quais destacam-se Marcelino José Cardoso, Francisco Marques d'Elvas Portugal, João Henrique de Matos - em 6 de Agosto de 1831 na incumbência de articular um plano para depor o Visconde de Goiana e prender o Cônego Batista Campos.

Segundo um opúsculo anônimo (1832, p. 26-27), Marcelino José Cardoso, ao depor o Visconde de Goiana, teria tomado três medidas, que pretendiam salvar a província de um incêndio geral: 1) a deportação de Batista Campos para a prisão do Crato no Rio Madeira à bordo do Brigue Três de Maio; 2) a deportação de outros membros da Sociedade para a prisão de Marabitanas, no Rio Negro, 3) a volta do Visconde de Goiana à corte, na fragata Campista, por ter perdido a força moral.

O objetivo maior dos Caramurus ou da Facção Lusitana, como eram chamados pelos Patrióticos, era controlar o governo provincial, pois na ausência do Visconde de Goiana (presidente) assumiria seu vice-presidente, neste caso Batista Campos (que havia sido o deputado mais votado). No entanto, como a oposição de Caramurus, havia enviado o cônego para a prisão do Crato, isto deu margem para que mesmo a partir de um golpe, se encontrasse legalidade para a posse de Marcelino José Cardoso à Presidência do Grão-Pará.

Entretanto, em meio à certeza de pacificação da Província mediante as ideias de Batista Campos e sua sociedade, ocorre a fuga do Cônego e seus correligionários. Estes por sua vez, rapidamente se dirigem para o interior abrigando-se no Baixo Amazonas, primeiramente na freguesia de Faro, depois em Pauxis (hoje Óbidos) - no sítio do Padre Antônio Manoel Sanches de Brito -, e

posteriormente Juruti. Todavia, uma a uma as Vilas e Freguesias do Baixo Amazonas foram visitadas pelo Cônego no intuito de conseguir o apoio político.

> O padre caminhava de lugar em lugar com um séquito similhante ao dos antigos roilets da idade média, composto d'immundos negros e de sinceros índios enganados, a quem se falava d'um atentado contra a sua liberdade, que eles com razão queriam disputar. Nem uma só pessoa de consideração ou que tivesse que perder ornava esta cruzada de bárbaros nômades **[sic]** (OPÚSCULO 1832, p.44).

Mesmo com argumentos desqualificatórios sobre as andanças e intuitos do documento, podemos observar que ele vem afirmar como era o cotidiano da retórica de Campos. A cada dia, o cônego mobilizava uma grande massa popular a aderir a seus ideais, como estratégia para reconduzi-lo à Presidência do Grão-Pará - cargo que lhe foi negado após o Golpe contra o Visconde de Goiana.

Sua tentativa de afirmação e consolidação como legítimo Presidente da Província paraense ocorreu devido ao apoio do Padre Antônio Manoel e de seu irmão, o reverendo Raimundo Sanches de Brito.

> Pauxis para onde ele (Cônego Batista Campos) se transferiu e onde contava com grandes dedicações, a 4 de fevereiro de 1832 deu-lhe a solidariedade do Município, numa reunião extraordinária da edilidade que desaprovou o movimento belemita de 7 de agosto e proclamou sua vontade de defender a atitude que assumia juntamente com Faro, Alter do Chão, Santarém, Vila Franca. [...] o Conselho fizera realizar com solenidade, a proclamação de Pedro II como Imperador Constitucional. Os reinóis locais receosos de qualquer desacato proveniente da exaltação do momento tinham-se retirado o que parecera uma demonstração de hostilidade à causa nacional (REIS 1979, p. 65-66).

A partir dos registros de Arthur Cezar Ferreira Reis, notamos que aos poucos Batista Campos passa a se envolver nas causas políticas do Baixo Amazonas. Sua intenção era conseguir o apoio constitucional destas Vilas, para de certa forma retornar ao governo Belenense legitimado politicamente. Cabe ressaltar, que estas Vilas, apoiavam as causas de mudança no cenário político regional, entretanto, mantinham-se fiéis à monarquia na figura do Imperador menino Pedro de Alcântara (sucessor de D. Pedro I que abdicou do trono em 7 de Abril de 1831).

Como podemos vislumbrar, Batista Campos saía pelas Vilas e Freguesias para pedir o apoio político das Juntas Governativas e seu reconhecimento como legítimo Presidente do Grão-Pará. Entre todas as Vilas e Freguesias pelas quais passou - Óbidos, Juruti, Monte Alegre, Alenquer, Faro, Alter do Chão, Franca, Pinhel, Aveiro, Boim, Prainha, Porto de Moz, Santarém entre outras -, o Cônego conseguiu ser aclamado presidente de direito da Província paraense em quase todas, exceto na antiga Vila dos Tapajó [38] (Santarém) – que por abrigar uma significativa parcela de políticos luso-paraenses, fieis à relação com a Junta Governativa de Belém, negaram qualquer forma de reconhecimento ao Governo de Campos.

No teor destes dissabores políticos, assume o governo da Província o Brigadeiro Machado de Oliveira, que lança convite a Batista Campos para retornar à Capital, o cônego retorna a Belém e isto também marca seu retorno a uma posição de governo.

No entanto, pouco depois do retorno de Batista Campos à Belém, Machado de Oliveira é destituído e assume seu lugar Bernardo Lobo de Souza. A partir da posse de Souza, a sorte do cônego volta a mudar e o mesmo passa a ser perseguido novamente.

A ação do cônego, em viver fugindo pelas Vilas e regiões da Província, tece uma rede de apoio a seu governo e, de igual modo, contribui para a construção de sua imagem popular enquanto libertador das causas infames, que assolavam a população paraense menos abastada. Neste contexto, Batista Campos forma alianças, inclusive com antigos adversários como Felix Antonio Clemente Malcher – com o qual o movimento contestatório passará a ter um caráter de luta armada.

Porque o Cônego Batista Campos não consegue assumir a Presidência da Província, aumenta o seu desgaste com Lobo de Souza e, por conta disto, envolve muitos de seus partidários como algozes do então Presidente da Província. ”Lobo de Souza era despótico, autoritário, grosseiro, homem ligado às paixões amorosas e pouco discreto em seus gozos - devasso por excelência” (DUQUE 1898).

---

[38] Optamos em trabalhar com a nomenclatura “Tapajó” ao invés de Tapajós, porque na língua Nheengatu, não se pronuncia o plural com o “s”. Cabe ressaltar, que estamos empregando o termo em relação a aldeia indígena que dá o significante de plural de indivíduos, fora desta situação, ao empregar o uso da palavra para identificar o rio, a região ou qualquer outra forma conceitual emprega-se portanto “Tapajós”.

Devido às sátiras do jornalista Vicente Ferreira Papagaio - no jornaleco “A Sentinella” -, sobre a impotência do presidente da província diante da organização política de seu opositor Batista Campos, Lobo de Souza manda prender o jornalista, o qual procura abrigo nas fazendas de Felix Antonio Clemente Malcher.

Furioso com a fuga, o presidente provinciano ordena a busca ao jornalista, promovendo incêndio às plantações de Malcher, pondo em vigor a lei marcial para perseguir os adversários, prendendo e transferindo Malcher para bordo da corveta Bertioga e, posteriormente, mandando-o para o Forte do Brum em Pernambuco.

Durante o governo de Lobo de Sousa (1831-35), Batista Campos e seus partidários foram colocados na clandestinidade e caçados pela guarda do governador. Sua vida política neste período foi marcada por inúmeras fugas e asilos políticos entre partidários e tapuios [39]. Entretanto, afirmamos que suas fugas e caminhadas pelas veredas da região de Belém, serviram para “costurar com uma linha invisível uma colcha de retalhos de relações sociais” entre diferentes indivíduos de classes e segmentos distintos.

Sendo assim, podemos inferir que o processo paulatino de persuasão das massas e conquista de apoio numa possível guerra foram construindo aos poucos uma “Guarda Batista”, disposta a realizar qualquer atividade em favor dos ideais de Campos.

Cabe ressaltar que Batista Campos, vindo de uma formação religiosa, era essencialmente um homem político [40], mobilizador de causas próprias e de causas da aristocracia paraense brasileira – diga-se de passagem, um aproveitador do poder de mobilização e legitimação das massas populares e poderes locais das Vilas -, tinha como principal, se não único anseio, chegar a Presidência da Província do Grão-Pará.

O próprio Cônego fazia parte da chamada “elite paraense brasileira”, sendo possuidor de fazendas e escravos. Como político (destituído de poder e cassado),

[39] Segundo Lima (1992, p. 68-70), quando Pombal instaurou o Diretório (1757-1799), substituindo os missionários por leigos no governo dos indígenas aldeados, a população indígena sofreu novamente e a mão-de-obra disponível nas vilas do Solimões tornou-se ainda mais escassa: dada a dureza no trato por parte de seus novos mestres, os Diretores, restavam aos indígenas a rebelião e a fuga. Esses movimentos contribuíram para a produção de pessoas misturadas, classificadas regionalmente e pelo Estado como tapuios, mestiços ou caboclos.

[40] **SALLES,** Vicente. Batista Campos In: **O Negro no Pará sob o regime da escravidão**. 3ª edição; IAP, Programa Raízes, Belém, 2005, p.291.

engajou-se num processo de sua recondução à presidência do Pará, interpretado por muitos como um projeto político inovador, que jurava fidelidade à Coroa. Projeto que modificaria as bases da administração regional - estendendo benfeitorias a "todos" - e imprimiria ao seu governo marcas progressistas. No entanto, Batista Campos perdeu o controle deste movimento, o qual teve um desfecho totalmente oposto às suas concepções religiosas e políticas.

Com a morte de Batista Campos em fins de 1834, por meio de um corte no pescoço, o qual gangrenou [41], o movimento revolucionário tomou novos rumos, passando a incorporar ideais radicais, voltados para reformas sociais, com a participação efetiva das camadas populares livres e escrava. Nesse cenário revolucionário, importantes aliados do Cônego Batista Campos se viram perdidos em meio aos rumos que o movimento iria tomar, e foram levados a romper com o ideal de Campos e em alguns casos mudar de lado político e passar a combater os revoltosos, como o Padre Antônio Manoel Sanches de Brito. Tal contexto, também, encontra auxílio nas ideias de Salles (2005, p. 291).

> As aparências de luta religiosa e as de restauração naufragaram completamente. Os fatores de ordem social emergiram no mesmo contexto onde havia uma estrutura econômica desorganizada e decadente, uma ordem social injusta e retrógrada, um governo despótico e cruel. [...] Os valores políticos mudam rapidamente de posição.

Podemos assim inferir que a chegada de Batista Campos no Baixo Amazonas galvaniza e incita esperanças à consciência política revolucionária, presente na região, que tinha como principal objetivo reformular a administração política na Província paraense, afastando do poder os estrangeiros portugueses, para que os "brasileiros" de fato assumissem os cargos administrativos em sua própria terra.

Muito, além disso os discursos do Cônego não fincaram apenas bases políticas nas Juntas Governativas das Vilas do Baixo Amazonas. Tais discursos

[41] Existem duas teses correntes da possível morte de Batista Campos. A 1ª afirma que enquanto o cônego retirava a barba com uma navalha o mesmo acabou se cortando e este ferimento veio a gangrenar e como consequência teve seu óbito. A 2ª afirma que durante combates armados contra as tropas de Lobo de Souza, o Cônego foi ferido por uma bala de raspão no pescoço ocasionando posteriormente uma infecção que teve como consequência seu falecimento. Certo é, que o mesmo morreu a partir de um golpe no pescoço que veio a infeccionar e diante das condições climáticas, higiênicas e ínfimas de assistência médica na região no período, o mesmo não obteve uma forma de conseguir se recuperar da lesão, vindo a falecer as vésperas da eclosão da Cabanagem.

revolucionários de mudança foram também apropriados pelos "homens de cor", tapuios e brancos dissidentes e pobres, que rapidamente passaram a assimilar os ideais de Batista Campos em causa própria, passando a existir uma rede de comunicações e sociabilidades.

Isto implica dizer que as andanças de Batista Campos pelo interior do Pará geraram uma tessitura nas relações políticas no Baixo Amazonas e um sentimento regionalista de causa política, na medida em que as classes infames e bastardas passaram a se unificar em prol de um mesmo ideal: o acesso a direitos políticos, o acesso à terra e o acesso à liberdade (no caso dos negros). Essa rede de comunicações, gerada a partir da apropriação política dos discursos de Campos, dará uniformidade à organização da revolta pelo interior e de igual modo prolongar a resistência dos Pontos Cabanos a partir de 1835.

1.4. "Estouram os barris de pólvora": a Eclosão da Cabanagem no Grão-Pará (1835) - Um "Sairé de São Tomé" diferente: articulações e teias de relações para tomada do governo provincial

Como já mencionado, as pretensões de uma "revolução branca" propostas pelo Cônego Batista Campos, longe do radicalismo das massas populares, definharam com o acontecimento de seu óbito no final de 1834. O falecimento do principal mobilizador e arquiteto do movimento de tomada do poder Belenense e reestruturação da política paraense em benefício de poucos levou tal movimento a tomar novos rumos.

Seu falecimento na virada de ano-novo representou para seus correligionários e herdeiros políticos como Clemente Malcher o selo simbólico de que deveria ser inaugurado um novo alvorecer na província do Grão-Pará. Acreditamos que uma das formas de Batista Campos persuadir e mobilizar tapuios, índios e negros para o movimento seria através das suas pregações religiosas.

Possivelmente, um dos seus principais estímulos eram centrados no esboço da "semente de trigo", uma forma de convencer seus correligionários a irem para combate e se despreocuparem com a possível fatalidade da perda de suas vidas. Acreditamos que, para atender seus anseios, "Batista Campos" se utilizava muito da

seguinte passagem - *"Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer; produz muito fruto"* [42]. Estas possíveis palavras deixadas pelo cônego teriam alimentado o ideário revolucionário e a disposição dos patriotas paraenses em tomar o poder em Belém.

Tal afirmativa, tomada como hipótese neste trabalho, fundamenta-se nos registros da memória coletiva presentes nas cantigas caboclas do Lago Grande cantadas pelos mais antigos *"a semente, falada por Batista Campos da luta contra o crime e a opressão, acabou se tornando ele mesmo, viva Batista! semente da libertação"* [43].

Dito de outra maneira, a tese principal de Campos seria afirmar que "se faz necessário que a semente morra sobre a terra, para que nasça a planta, cresça e produza frutos". A partir da interpretação da frase, podemos inferir que para os correligionários do período, Batista Campos seria "a semente" que foi lançada a "sete palmos" abaixo da terra. A partir dela (semente) deveria germinar uma revolução, em que seus brotos e frutos ocasionassem mudanças significativas no contexto sócio-político paraense.

No entanto, há de se convir que para que a planta (revolução) produzisse frutos, fazia-se necessário existir uma teia de relações sociais e, ao mesmo tempo, existirem indivíduos que desempenhassem papeis fundamentais em prol de um bem coletivo.

A raiz da revolução seriam as mudanças políticas e movimentos contestatórios pelos quais passou o Pará, desde 1750 - Diretório, Invasão do Brasil à Caiena, Adesão do Pará à Independência do Brasil, Repressões de Greenfell, Movimentos Confederados de Cametá e Monte Alegre, Cooperação com a Confederação do Equador, acirramentos políticos entre os "caramurus" e o grupo de Batista Campos -; o tronco principal seriam os ideais de Batista Campos e sua capacidade de articulação e persuasão políticas, garantindo a condução da seiva (ideário progressista e discurso de qualidade de vida) a seus galhos; estes por sua vez seriam os diferentes grupos sociais da sociedade paraense, divididos sobre

---

[42] Ver Evangelho de João (Cap. 12, vers.24). In: **BÍBLIA**. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. rev. atual. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

[43] Versão relatada pela depoente D. Maria Zenaide, a qual afirmava que ouvia dizer que "pras bandas do Lago Grande cantavam essa cantiga".

categorias de raça e classe, pois assim como nenhum galho é idêntico ao outro, quando muito é semelhante, assim eram os diferentes grupos sociais no Pará de 1835 envolvidos no processo revolucionário.

Estes grupos apropriavam-se dos ideais do movimento conforme seus interesses particulares e realidade, produzindo assim diversos frutos. Tais frutos diferentes entre si, podem ser entendidos como projetos de revolução e manutenção do poder. Alguns segmentos sociais (brancos dissidentes, elite brasileira) tinham seu projeto de renovação governamental e outros segmentos (índios, negros) apenas aspiravam, produzirem transformações sócio-políticas na Província. Ambos os segmentos partiam da premissa de ressignificar o teor de revolução e mudança de cotidiano (Conferir SALLES 2005; RICCI 2006; MELO 2013b).

E foram justamente, estes diferentes frutos, provenientes de diversos grupos societários, que prolongaram a manutenção do poder cabano no Grão-Pará. Sendo que, para a instalação do governo patriótico cabano, precisaram unir seus interesses para dar início a um movimento único totalmente premeditado. Em contrapartida, a mesma motivação foi a causa do desfacelamento do governo cabano, já que, após a tomada de poder, não mantiveram a mesma unidade, havendo discordâncias cabais entre os múltiplos interesses políticos.

Dito isto, retomamos a informação de que às vésperas de 1835, Batista Campos organizava com seus militantes a tomada do governo da Província na Capital. Todavia, sua morte por infecção impediu tal feito como havia planejado. No entanto, alguns de seus compatriotas decidiram continuar com o plano e aclamaram-se herdeiros políticos de Campos (Irmãos Malcher e Francisco Vinagre).

Partindo de tais pressupostos, vamos tentar compreender o contexto social da capital paraense nos primeiros dias de Janeiro daquele ano de 1835. É sabido que a Província paraense, desde os anos iniciais da colonização portuguesa e da catequização jesuítica, sempre manteve-se fortemente fiel aos ritos e ao credo católico. Todas as ações de graças e cultos litúrgicos à divindade e aos santos eram marcas singulares da população paraense no período (como em qualquer outra Província do Brasil). Partindo de tais premissas, importa-nos tentar visualizar o cenário da cidade de Belém nos primeiros dias de janeiro de 1835.

Era costume todos os anos pessoas comuns e parentes dos cidadãos belenenses se dirigirem a Belém para passarem o Natal, as festividades de ano novo, o dia de Reis (6 de janeiro) com a queimação das palinhas do presépio e também para celebrarem o dia de São Tomé (todo dia 7 de janeiro, último dia de encerramento de comemorações religiosas) – festa criada pelos jesuítas para reunião de índios e tapuios. O dia 7 era também o dia designado pela constituição do Império para que os novos vereadores eleitos se apresentassem aos senados da câmara.

No fim do ano, reuniam-se em Belém pessoas vindas da ilha de Marajó, do Baixo Tocantins, do arquipélago da Costa do Salgado e do Baixo e Alto Amazonas. Era comum também reunirem-se no porto de Belém embarcações de outras províncias do império e também de outras nacionalidades como ingleses e franceses.

No dia 7 de janeiro, durante os festejos de São Tomé, as ruas ganhavam ares de carnaval, ocorriam diversão, desentendimentos, arruaças, prisões por desordem e até mesmo assassinatos. No entanto no mesmo dia, além da diversão dos índios, tapuios e negros, também era o dia da representação simbólica de instalação da autoridade provincial. Do lado de dentro do senado da câmara, estavam sendo diplomados e legitimados como vereadores pessoas brancas do cenário político luso-paraense e brasileiro-paraense, ao passo que do lado de fora pelas ruas da capital, estavam aqueles que passavam o ano todo aguardando tal data para expressar sua liberdade sem nenhum tipo de ressalvas ou reclusas.

Sendo assim, podemos dizer que o dia 7 de janeiro apresentava um universo dicotômico, de um lado aqueles que no senado da câmara se auto afirmavam senhores (ressalva-se que neste lado também encontravam-se os brancos pertencentes à elite colonial paraense que se recolhiam em suas casas e apenas observavam as movimentações dos festejos de São Tomé com o olhar de reprovação) e de outro lado, aqueles índios e tapuios que pelo menos naquele único dia se faziam também senhores de seu universo cultural, assim tinha-se o português como idioma nas câmaras e casarões e pelas ruas o nheengatu e outros dialetos ameríndios e africanos.

Este cenário da Festa de São Tomé (que ainda continuou a ser praticado anos mais tarde) é narrado nas palavras do naturalista britânico Henry Bates em 1848:

> [...] Eles têm o seu santo padroeiro, que é São Tomé, e celebram o seu dia na forma convencional, pois gostam de seguir á risca o protocolo. Não obstante, acham que os festins tem tanta importância quanto as cerimônias na igreja. As máscaras tem uma parte importante em alguns dos festejos, e nessas ocasiões os índios se sobressaem realmente. Fazem esplêndidas imitações de animais selvagens e do caipora e outras criaturas naturais da selva, representando os seus papéis até o fim cm grande habilidade. Quando se realiza a festa de São Tomé, os índios todos se embriagam, e seus patrões já sabem disso. Geralmente tímidos demais para pedir a cachaça abertamente, eles se tornam então muito ousados, pedem logo um garrafão de uma vez, dizendo, quando interpelados, que vão tomar uma bebedeira em honra de São Tomé (BATES 1979, p. 44).

Segundo Bates, os índios faziam questão de seguir o protocolo dos rituais. Isto leva-nos a deduzir que todos os anos a festa era realizada no mesmo dia, no dia do padroeiro com início de missas e procissões. A imagem de São Tomé e uma bandeira branca iam à frente da procissão carregadas por pessoas escolhidas criteriosamente, na sequência iam os padres e sacristãos, trajando bordados e abrigados sob parassóis. Na festa tinha-se a presença de danças ritualizadas, com máscaras e adornos [44]. A procissão, num outro modo de ver, era um “sairé” [45] conforme Bates [46].

Por reunir elementos aglutinadores de pessoas, por manter as pessoas das elites despreocupadas em suas casas e por manter as autoridades políticas da Capital distantes das ruas em seu universo cosmológico de poder, os dias de festejos de santos eram amplamente escolhidos para se estourar uma rebelião, uma

---

[44] **BATES**, Henry Walter. **Um Naturalista no Rio Amazonas**. Ed. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo. 1979, p. 44.

[45] O Sairé é uma festa religiosa inventada pelos jesuítas para facilitar o processo de catequização indígena. Grosso modo podemos dizer que tal festejo reúne tradições da cultura popular com a cultura erudita, uma espécie de mistura entre o santo e o profano. De certa forma se utiliza elementos da realidade e cotidiano indígena e se atribui significância cristã católica a eles como forma de realizar o processo de catequização indígena por assimilação. O Registro do Festejo de São Tomé enquanto “Sairé” em Belém era algo até então desconhecido por mim, quando me deparei com os escritos de Bates, haja vista que o Sairé hoje é bem conhecido na Cidade de Santarém no Baixo Amazonas - uma herança da missão jesuítica na antiga aldeia dos “Boraris” em Alter do Chão (Distrito de Santarém). Nesta região, o Sairé é conceituado como uma festa Sacro-profana de herança eclesiástica em que era comum missas e procissões pronunciadas em latim vulgar, as chamadas ladainhas ou litanias de todos os santos, como assevera Buarque (2012).

[46] **BATES**, op. cit., p. 123.

revolta, fazer soar gritos de contestação a ordem social vigente e as mazelas sociais vivenciadas pela maioria da população paraense.

Não obstante, a geografia e hidrografia paraense dificultam a rapidez nas comunicações ocasionando uma lentidão nas articulações políticas para tentativa de golpes ou invasões. Dificuldade que pode perdurar por meses para que se consiga estabelecer redes de comunicações e relações sociais por entre as matas, rios, furos e igarapés.

Partindo de tais pressupostos, estas evidências nos levam a crer que a tomada de Belém no dia 7 de Janeiro foi meticulosamente planejada durante meses. Batista Campos em meio às suas fugas e andanças teria idealizado e estabelecido essa rede de comunicações, e escolhido o dia de São Tomé justamente por conta dos acontecimentos dicotômicos que nele ocorriam e pela aglomeração e chegada de muitas pessoas de diferentes regiões do Pará - o que levantaria fortes suspeitas se isto ocorresse em outra data, se não aquela que já era costumeira que assim acontecesse.

Em sua narrativa, Raiol [47] afirma que “todos os rebeldes já estavam atentos desde quando, na noite anterior, as “principais autoridades e famílias” haviam se reunido no teatro para assistirem a uma peça, como parte da comemoração do dia de reis”, ou seja, o estado de alarme e vigilância premeditada era constante. Naquele ano a festa de São Tomé não levou simplesmente uma bandeira branca à frente da procissão, o ano de 1835 marcou naquela bandeira simbolicamente o sangue da revolução.

Na madrugada de 7 de janeiro de 1835, “quatro colunas adentravam e invadiam a cidade de Belém, vindas por todos os lados desde Campinas, Nazaré, entre outros” (Di Paolo 1982). A forma como ocorreu a invasão pode ser observada nos escritos de Lima (2008, p. 75-76):

> Os irmãos Aranha, João Miguel e Germano eram os comandantes do plano combinado. Em sua casa em Cacoalinho, nas imediações de Belém, reuniram um “grupo de guardas nacionais do Acará e Guamá”, capitaneados pelos irmãos Vinagre, Antônio e Francisco. Na região de Nazaré, na casa de outro da família Aranha Tenreiro, havia um “crioulo liberto”, que se auto afirmava o “Patriota”, que reunia gente ao seu redor. No

[47] **RAIOL**, op. cit., 549-554.

> Bacuri (Pedreira), onde era o início dos festejos de São Tomé, onde a maior parte da gente estava reunida, os irmãos Nogueira, Eduardo e Geraldo se destacavam como capitães. Por volta das três da madrugada teria cercado o quartel, onde os próprios soldados já estavam a postos à espera do sinal para se insurgirem contra os comandantes. De imediato, outras colunas cercaram os pontos estratégicos da cidade: o forte, o palácio e o arsenal. Na cadeia, presos comuns e aqueles que haviam sido capturados pelas expedições foram soltos, alguns foram armados. Outros, ainda, passaram a perseguir determinadas pessoas em suas casas.

O cenário era de conquista de Belém, os correligionários de Batista Campos queriam de fato colocar o plano em prática, tomar o poder e declarar morte aos portugueses. A dimensão do movimento soltou dissidentes políticos que haviam sido presos por Lobo de Sousa, mas também dá liberdade a desertores, assassinos e ladrões que tratam de fazer do movimento causa próprias e logo iniciam os saques e matança pelas casas do mais ricos de Belém. Assim com as tropas iniciando o combate tem início a fase do terror, haja vista que os terríveis combates não trazem comodidade nem alívio.

Sendo assim, importa dizer que, na madrugada de 7 de janeiro de 1835, os correligionários de Batista Campos avançaram sobre as ruas de Belém e tomaram o governo da capital sem muito esforço e instauraram a revolta, assassinando o comandante das armas Silva Santiago, o capitão-tenente Inglis e o presidente Bernardo Lobo de Souza arrastando seu cadáver pelas ruas de Belém.

Em meio a esta revolta, Clemente Malcher foi solto da Corveta Bertioga e aclamado presidente, passando a nomear como seu secretário o empregado de comércio Leal Aranha e como comandante das armas, o famoso cabalista eleitoral e seringueiro o tenente de guardas nacionais Francisco Pedro Vinagre. Malcher proclamou discurso aos paraenses, declarando que, enquanto o Sr. D. Pedro II não fosse maior de idade, a província não aceitaria presidentes. O então presidente cabano também decretou medidas para que o terror não impedisse a liberdade de comércio, excluído a de vender bebidas alcóolicas [48].

Para a elite branca paraense o acontecimento de 7 de janeiro foi encarado como um levante das classes infames e bastardas sobre a Casa Grande. Ocorreu uma afronta ao bem estar social e convívio da aristocracia luso-paraense, pois

---

[48] **DUQUE**, Gonzaga. “Os Cabanos do Pará” In: **Revoluções Brazileiras (Resumos Históricos).** Typ. Do ‘Jornal do Commercio’ de Rodrigues e Companhia, Rio de Janeiro. 1898. p. 157.

tamanho era o pavor e o medo dos revoltosos, que tal movimento chegava a ser comparado com o jacobinismo francês. Henry Bates descreve assim o terror:

> [...] os tumultos começaram com o assassinato do presidente e dos principais membros do governo, a luta foi sangrenta, e o partido nacional, em hora de má inspiração, resolveu chamar em seu auxílio os elementos fanáticos e ignorantes que compunham à parte mestiça e indígena da população. O grito de "Morte aos Portugueses" logo se transformou em "Morte aos maçons", na época uma poderosa e bem organizada sociedade, que incluía a maioria dos brancos da província. O vitorioso partido local conseguiu estabelecer um governo próprio... (Bates 1979, p.24).

A partir dos levantes, tem início um governo cabano autônomo que se julgava fiel a Cora Brasileira na pessoa do futuro D. Pedro II (com ressalva de que somente isto ocorreria a partir de sua maioridade e posse oficial) e não reconhecia a autoridade do Governo Regente. A justificativa de fidelidade a D. Pedro II, apenas a partir de sua oficialização como imperador, dava margem para legitimar o novo Grão-Pará sobre domínio dos exércitos de Malcher, Vinagre e Angelim.

O Governo de Felix Antonio Clemente Malcher foi muito efêmero, visto que partidários de Francisco Vinagre entraram em batalha contra os partidários de Malcher. Tal disputa interna pelo poder, deve-se ao fato de que Malcher - um representante da classe média elitista, proprietário de fazendas e plantações no Acará - como primeiras medidas de seu governo, tentou suplantar os movimentos radicais e negociar com as forças de repressão da regência. Garantiu assim, a estabilidade e ordem na província, em troca do reconhecimento e legitimação de seu governo provincial pelas autoridades da Regência Trina Permanente.

Foi este posicionamento que levou a dissensões internas e acusação de traição do movimento, desencadeando o levante de armas entre o até então Presidente e o Comandante das armas do Grão-Pará, culminando com o assassinato de Malcher a 26 de fevereiro de 1835 [49], fazendo com que Francisco Vinagre unificasse os poderes civil e militar.

No governo de Francisco Vinagre, o mesmo galgou estreitar relações com as forças anticabanas e tentou mostrar que era fiel à ordem política do menino

[49] **Blake** [1893] 1970, p. 331.

imperador. Como prova disso, permitiu que as forças de repressão comandadas por Manuel Jorge Rodrigues, desembarcassem em Belém a 25 de junho de 1835, com o apoio e consentimento de seus aliados que, desde o início daquele ano, comandavam a cidade. Pareciam prenunciar, de ambas as partes, tanto de Vinagre quanto de Manuel um esforço de negociação pacífica.

Segundo Lima [50], "quando se prenunciava um confronto, Taylor [51] relata que Francisco Vinagre acompanhado por pessoas de sua confiança, teria se deslocado até às embarcações da esquadra para mostrar a sua boa fé [...]".

> Por volta das 11 horas da manhã, o desembarque teria sido realizado. Ao descerem em terra contavam com tropas e marinhagem das embarcações divididos em duas divisões que totalizavam 460 homens, incluindo os 160 homens, em 17 escaleres, enviados pelo presidente do Maranhão. Ao desembarcarem em terra, estavam todos prontos para qualquer confronto, porém nenhum ataque de parte a parte se observou. Após o desembarque a primeira providência foi enviar reforços ao interior. (LIMA 2008, p. 134-135).

Os revoltosos, que irão ser denominados de "cabanos" [52], pediam na pessoa de Vinagre, o reconhecimento de seu governo e anistia a seus compatriotas - pedido negado pelo Comandante Manuel Rodrigues.

A tensão aumenta e com ela se diminui a possibilidade de uma negociação pacífica. Os conflitos armados liderados por Vinagre passaram a ser definidos pelas forças legalistas como uma guerra fundada no ódio racial dos homens de cor contra os brancos. Tal definição causava o alarde de que não existiriam mais possibilidades de negociação ou anistia entre os partidários do novo governo paraense.

Há de se analisar que ainda que, o desembarque da esquadra de Manuel Rodrigues tenha sido realizado pacificamente por meio de negociações com Francisco Vinagre – governador considerado por eles como usurpador do poder legal -, não havia entre os objetivos de Taylor e Rodrigues qualquer intenção de

[50] **LIMA**, op. cit., p. 134.

[51] Almirante britânico contratado pelo Império que comandava a pequena esquadra de Manuel Jorge Rodrigues.

[52] Termo que será historicizado mais a frente.

realizar um acordo, uma vez que não se concedia anistia geral aos "perturbadores da ordem social".

O convite de Francisco Vinagre aos comandantes da esquadra repressora, para desembarcarem de forma pacífica no porto de Belém, a fim de dialogar com o presidente cabano, foi aceito pelas tropas repressoras. O convite foi aceito, mais como uma estratégia de guerra que uma cordialidade. Isto porque as esquadras traziam um número reduzido de soldados.

As estratégias dos comandantes da esquadra em conhecer as firmas administrativas e territoriais do inimigo eram uma tentativa de proximidade com Vinagre. Uma medida protetiva para evitar qualquer tipo de ação contrária pelas tropas vinagristas, até que chegassem reforços advindos da ordem regencial.

Fracassada a tentativa de pacificação, as forças repressoras legalistas enviam escunas para a região de Cametá e Marajó, na perspectiva de conter os avanços dos tapuios revoltosos, que ameaçavam a legalidade das Vilas e freguesias daquela região. No entanto, a falta de reforços militares e guarnições para combater os cabanos levava o Marechal Rodrigues a enviar diversos ofícios ao governo regencial no Rio de Janeiro e a outras províncias do Norte, para que lhes enviassem o apoio que haviam prometido desde sua saída do Rio de Janeiro.

As esperanças de Rodrigues se depositavam na promessa de ajuda vinda do governo de Pernambuco - que estava em vias de concluir a repressão aos cabanos no interior do nordeste, na região de Jacuípe e Panelas, ocorrida desde 1832 -, reforços militares que tardam a chegar, levando o poder militar das forças de repressão a enfraquecerem e serem imobilizadas diante das tropas vinagristas.

Neste contexto, Rodrigues é levado a enviar ofícios às embarcações inglesas [53], presentes na Baía de Guajará, pedindo ajuda para combater as classes infames.

---

[53] As repetidas denúncias que o governo tem tido acerca dos planos tenebrosos que os malvados perturbadores da ordem pública que vem reproduzir nesta desditosa Província o tem tornado vigilante e cautelosa; porém tendo nestes últimos dias recebido algumas participações de toda a veracidade que bem inculcam os fins sinistros com que os desordeiros projetaram aniquilar todos os elementos da associação paraense, mui principalmente dos brancos em geral, me vejo forçado a comunicar a V. Exa., que se pretende envolver nos movimentos anárquicos todos os pretos, com o especioso pretexto de que finda a luta serão livres, e já em alguns pontos tem obrigado a uns; e seduzido a outros para semelhante fim, e nesta capital onde existe o foco de seus agentes premeditam, brevemente levar a morte, e o roubo até a mais pequena choupana, em vista das quais do expendido o Governo se vê obrigado a declarar com a maior franqueza a Va. As. Que não tem forças suficientes para repelir a facção. Sem meios para garantir a vida e propriedades dos Habitantes quer Nacionais como estrangeiros, recorre a Va. As. Como representante de uma Nação das mais aliadas do Brasil.

De igual modo, ordena a Taylor que na primeira oportunidade prenda os irmãos Vinagre, Eduardo Nogueira e Aranha e os demais chefes que estivessem subsidiados na capital. Taylor consegue efetuar a captura e prisão de Francisco Vinagre, e em resposta logo recebem uma carta de seu irmão Antonio Vinagre relatando a possibilidade de negociação pela soltura do presidente da província de direito em prol da permanência da paz na capital. Vejamos os escritos de Antonio Vinagre *apud* Raiol (1970, p. 826):

> Ilmo. Exmo. Snr.
> Tenho a honra de levar à respeitável presença de V. Exa. Que à minha notícia chega de achar-se preso o meu irmão, o Major José Bernardino, Meninéia e outros patrícios, mais que até parece impossível pela honra da palavra de V. Exa. Que segurou toda fidelidade que não vinha satisfazer paixões, tais procedimentos. Tenho ignorado a franqueza com que V. Exa. Tem-se posto a campo nada mais tenho a expor senão que logo o receber deste no mesmo momento haja logo e logo mandar soltar o meu irmão e todos os demais patrícios, e quando V. Exa. Assim o não faça terei o arrojo com as minhas forças soltá-los obrigando-se V. Exa. Responsável pelos prejuízos, percas e danos da Província, torno a dizer que acho-me com um exército de quatro mil homens quando V. Exa. Assim o não atenda, e mandar-me a resposta das solturas pelo mesmo embaixador logo, que se eu chegar a entrar não ficará pedra sobre pedra.
> Deus Guarde a V. Exa. Acará, 2 de agosto de 1835.
> Ilmo. Snr. Presidente Manuel Jorge Rodrigues.
> Antonio Pedro Vinagre.
> Tenente-Coronel Comandante.

Para combater as forças Vinagristas e manter Francisco Vinagre preso, o Marechal Rodrigues envia cartas às embarcações inglesas – visto na íntegra em citação acima de Cleary -. No conteúdo da carta, o comandante de esquadras narrava sofismas e inventava objetivos torpes dos revoltosos. Oficiava a informação falsa de que os revolucionários haviam decretado morte a todos os brancos da província quer sejam eles brasileiros natos ou adotivos, lusos ou estrangeiros.

Diante destas correspondências, as embarcações inglesas colocam-se à disposição de Rodrigues, dando início a um forte combate pela capital Belém. Como consequência dos combates, Francisco Vinagre consegue fugir auxiliado pelas tropas lideradas por seu irmão.

Em nome de Sua Majestade Imperial o Senhor Dom Pedro Segundo; haja de lhe prestar as forças, aqui existentes, de sua Nação, para que unidades as deste Governo, se salve esta malfadada Província dos horrores as carnificina, e nenhum duvida me resta que, nas circunstâncias aflitivas em que me acho; pela longitude em que existe o Governo Central, encontrarei aquela proteção e apoio que essa crise arriscada reclama a salvação comum (apud CLEARY, 2002, p. 177).

Em contrapartida, as autoridades legais de Rodrigues teriam retomado o controle da Capital. No entanto, ao ficarem cercados pelos patriotas nos arredores peninsulares e insulares de Belém, procuraram retomar a ordem, enviando parte do dos armamentos do Palácio do Governo para Vigia, com o intuito de combater os revoltosos que estavam nas cercanias da Capital.

Um testemunho ocular sobre esta fuga dos cabanos em julho de 1835 nos é relatado pelo Vice-cônsul britânico Hersketh *apud* Cleary (2002, p.184-185):

> [...] no dia 25 de julho, ocorreu um massacre geral dos habitantes brancos no vilarejo da Vigia, o primeiro povoado de alguma importância ao entrar no rio do Pará.
> No dia 27, recebi uma carta do Presidente da Província, [...], em que solicita a ajuda das forças britânicas lotadas aqui para repelir as tentativas da população de cor. [...].
> No dia 28 de julho, o Presidente mandou que o ex-Presidente Francisco Pedro Vinagre, juntamente com outros de seu grupo, fossem apreendidos por suspeita de conspiração contra o Governo. Como consequência desse procedimento, o irmão do acima citado Vinagre escreveu para o Presidente Manuel Jorge Rodrigues exigindo a soltura dos prisioneiros, senão, ele atacaria com uma força de 4 mil homens.
> Após vários boatos, os rebeldes invadiram a cidade ao meio dia do dia 14 de Agosto e, tomando de posse aos poucos a maioria das casas e matando barbaramente os brancos do Presidente que dominava dois pontos, justamente o Arsenal Militar e o Palácio do Governo, ajudadas pelos canhões do Racehorse, a corveta portuguesa Eliza e a esquadra brasileira.
> Os residentes britânicos embarcaram no dia 14 de agosto ao receberem as primeiras informações sobre o avanço dos rebeldes.
> No dia 23 de agosto, o Presidente, já tendo embarcado na noite anterior, juntamente com todas as suas tropas, a bordo da esquadra brasileira, todos os navios no porto levantaram ancora e desceram o rio fora do alcance de fogo, abandonando assim a cidade dos rebeldes.

O texto presente nos escritos de Cleary ressalta todo o processo dos combates, mas dá pouco destaque à tomada de Belém em 28 de Julho pelas tropas de Rodrigues e posteriormente o envio de armamentos à Vigia e Acará para combater os revoltosos. Fato é que, depois de deixarem Belém e se refugiarem no Acará de onde ameaçaram a invasão a Belém novamente, os vinagristas retomam a cidade de Belém um mês depois. Nesta volta, Francisco Vinagre é morto em combate, à esquadra brasileira se evade de Belém, abandonando a Capital e assume o governo no lugar de Vinagre o terceiro e último presidente cabano, Eduardo Angelim, em 23 de agosto de 1835.

1.5. O Governo de Angelim e as primeiras medidas de D'Andréa.

Ao assumir o governo Cabano, uma das primeiras medidas de Eduardo Nogueira, que recebia a alcunha de Angelim, foi tentar negociar com a Regência Permanente a legitimidade do governo revolucionário e o processo de anistia dos seus revoltosos. Entre as ações de Angelim, figuravam os esforços para se mostrar amigável aos súditos britânicos e aos demais estrangeiros, realizando uma espécie de protetorado das propriedades dos comerciantes britânicos, a exemplo de como já acontecia com os comerciantes portugueses de Belém.

Outra forte medida de Eduardo Angelim foi tentar reestabelecer as relações com a elite branca - pertencente à classe média proprietária de fazendas e terras de cacaus - principalmente no Acará, visto que o teor revolucionário de luta armada incluindo negros e índios, distanciou boa parte destes proprietários de terras. Por serem senhores de escravos, não pretendiam legitimar um movimento que fosse capaz de proclamar a libertação destes "homens de cor", sua principal mão de obra trabalhista.

Para aproximar a classe branca do movimento novamente e restabelecer diálogo com os representantes legais do governo regencial, Eduardo Angelim suspende qualquer possibilidade de liberdade aos negros, descumprindo, assim, a promessa de anistia aos "homens de cor", pronunciada ao longo dos primeiros meses de 1835.

Essas medidas de tentativas de negociação com o governo do Rio de Janeiro reascendeu o movimento de luta popular e se caracterizou como um período de formação de muitas facções compostas por escravos negros e libertos[54], contrários aos posicionamentos de Angelim.

As medidas de Angelim prolongam o seu governo revolucionário na Província fazendo com que a Junta Trina Permanente mantenha a inércia repressora no Pará. Conforme assevera Raiol (1970, p. 805):

---

[54] **NETO**, José Maia Bezerra; "A Cabanagem (1835-1840)" In: ALVES FILHO, Aramando; SOUZA JÚNIOR, José Alves; NETO, José Maia Bezerra. **Pontos de História da Amazônia**. 3ª ed. Ver. Ampl. Belém: Paka-Tatu, 2001, p.96.

> Nem o governo intruso de Malcher, nem o de Francisco Vinagre, tinham podido conter os facciosos. A anarquia reinava desde o princípio do ano, e o movimento já tinha descido à última escala social. Dominavam os turbulentos, os analfabetos, os homens sem conceito, para quem era indiferente a perturbação da ordem pública. Sem nada terem que perder, esses indivíduos estavam dispostos a entrar em qualquer aventura que se lhes deparasse. Os motins eram-lhes jogos de azar, nos quais poderia ser-lhes favorável a sorte.

Raiol só menciona o berço anárquico no governo dos dois primeiros presidentes por ele alcunhados de "intrusos", por terem levantado a desordem e anarquia a partir de atitudes e estratégias de tomada de poder malfadadas. O autor não se refere ao governo de Angelim como anárquico, pois entre fins de agosto de 1835 e início de maio de 1836, Eduardo era reconhecido como "senhor da capital" e presidente legal, por praticamente todas as câmaras das Vilas do interior da província do Grão-Pará.

No entanto, há de registrar que as negociações, ocorridas entre as autoridades legais brasileiras e o "senhor da capital" - ações que prolongaram seu governo em comparação a Malcher e Vinagre - eram na verdade meras cordialidades e estratégia do governo legal. A Regência tinha por objetivo arquitetar uma expedição repressora chefiada pelo Marechal Francisco José de Souza Soares D'Andréa - o qual ainda nos anos finais de 1835 encontrava-se na Província de Pernambuco, reprimindo aos cabanos da Cabanada e tentando restabelecer a ordem sob a égide da autoridade Regencial.

Uma riquíssima descrição sobre a trajetória política de Soares D'Andréa foi tecida por Manuel Barata. Segundo Barata *apud* Lima (2008, p. 167):

> O Marechal Francisco José de Souza Soares d'Andréa, posteriormente barão de Caçapava, foi o militar nomeado pela regência do Império para colocar em prática o projeto de pacificação do Grão-Pará, idealizado pelo marechal português Manuel Jorge Rodrigues, pelo inglês John Taylor e pelas famílias refugiadas em Tatuóca. D'Andréa, lisboeta, migrou para o Brasil juntamente com a corte em 1808. Era militar, engenheiro de formação e atuou ativamente em diversas regiões, ocupando diversos postos de destaque até meados de 1858. Entre 1817-1822 ocupou diversos cargos na Província de Pernambuco. Em 1822, foi nomeado encarregado da defesa da província de Santa Catarina. Entre 1830 e 1831, foi enviado pela corte pela primeira vez ao Grão-Pará, onde ocupou o cargo de comandante das armas da província. Seu retorno a Província se deu em abril de 1836, onde ocupou a presidência e o comando das armas e atuou com plenos poderes até meados de 1839, quando foi nomeado presidente de Santa Catarina.

> Em 1840, foi nomeado presidente da Província do Rio Grande. Em 1841, retornou a província de Santa Catarina, onde foi nomeado comandante das forças de restauração da ordem imperial. Em 1843, d'Andréa foi nomeado presidente da província de Minas Gerais. Em 1844, foi transferido para a Bahia, para ocupar também o cargo de presidente da província. Em 1848, foi novamente nomeado presidente do Rio Grande, e em 1856, retornou à corte no Rio de Janeiro, onde foi nomeado conselheiro de Estado, para, no ano seguinte conduzir as demarcações dos limites entre o Brasil e o Uruguai.

A trajetória política de D'Andréa leva-nos a inferir que este era um dos principais homens políticos do Império, monarquista ferrenho e especialista em suplantar revoltas e restaurar a ordem imperial.

O fato de D'Andréa ter passado pelo Pará em 1831, ter sido inimigo assumido de Batista Campos e conhecer os grupos e aspirações políticas daquela província, assim como compreender a geografia e hidrografia paraense, foi fator determinante para o Regente Diogo Feijó, designá-lo para assumir a província do Grão-Pará, reprimir os revoltosos e restabelecer a autoridade regencial naquela província. Assim como Manuel Rodrigues foi auxiliado por Taylor, Soares D'Andréa passou a ter como principal aliado o mercenário inglês Frederico Mariath, nomeado comandante das armas no Pará.

Uma das primeiras estratégias de D'Andréa e Mariath, segundo Raiol (1970), foi interceptar as comunicações entre o forte do Castelo e o lugar da Pedreira, no rio Guajará - local através do qual seriam realizadas as comunicações entre cidade e os rios Guamá, Capim e Moju.

D'Andréa afirmava que o bloqueio seria completo se outras embarcações pudessem fechar "a saída para a cidade pelos furos ou igarapés que atravessam a ilha das Onças". Além disso, outras forças de mar e terra deveriam estacionar, ainda, em Magoré junto à ponta do Pinheiro, por onde seriam realizadas as comunicações com a Ilha de Marajó (estratégia para o fornecimento de mantimentos). Soares d'Andréa solicitava à corte mais homens (cerca de duzentos marinheiros e oficiais da marinha) e embarcações, que seriam necessárias "porque os troços do Corpo dessa Hidra tomarão vida própria e será indispensável esmagar cada um por si".

Aos poucos a capital era isolada do interior da província. Eduardo Nogueira Angelim e os seus aliados, "senhores da cidade" no momento, cada vez mais se

viam impossibilitados de garantir mantimentos, bem como de manter comunicações com as diversas localidades do interior, que lhes ofereciam apoio. A conquista e a entrada das tropas de Soares D'Andréa em Belém ocorreriam dias depois. Houve da parte dos líderes patriotas tentativas de negociação de anistia; porém, Andréa se recusou a empreender qualquer acordo.

No cenário de cerco a Belém, o bispo D. Romualdo de Souza aconselha a Eduardo Angelim que evitasse qualquer atitude de hostilidade, e fizesse uma proposta de anistia geral a D'Andréa. Por intermédio do Bispo em 26 de abril de 1836, Angelim envia um documento ao presidente legal contendo uma proposta de negociação.

No documento [55], Angelim e seus aliados propunham uma anistia geral, pondo em liberdade todos os patriotas aprisionados. Angelim requeria lançar um véu sobre os males passados, e solicitar garantias de não agressão a nenhum daqueles que participaram da revolta.

Segundo a carta, os revoltosos afirmavam que esta abertura a negociação se deu pela humanização destes patriotas em saberem admirar a sua pátria. No entanto, Angelim oficiava que, caso D'Andréa se recusasse a negociar, seria ele o responsável pelos horrores que estariam por vir - uma vez que tinham o apoio de todo o baixo e alto Amazonas.

Todavia, em resposta enviada a Angelim, D'Andréa se recusou a negociar (apud RAIOL, 1970, p. 950) explicitando como motivos: 1 - que não estava autorizado a publicar qualquer anistia, uma vez que a Assembleia Geral não o havia autorizado para tal finalidade; 2 – que a sua palavra era a melhor garantia; 3 – pelo mesmo motivo de não poder publicar a anistia não poderia soltar os presos políticos; 4 – que era "amante do rico Império brasileiro", ao qual servia desde seus primeiros anos, e que não poderia ser responsabilizado por nada.

Diante da resposta negativa, Angelim novamente enviou uma proposta ao presidente legal no dia 30 do mesmo mês. Na carta dirigida a D'Andréa (apud RAIOL, 1970, p. 952), Angelim afirmava que, para ele, seria uma glória se a entrada das forças de D'Andréa na cidade fosse realizada "sem um tiro de parte a parte".

---

[55] Apud Raiol, 1970, p. 949 et seq.

O “senhor da capital” enfatizava que os “patriotas paraenses” estavam obedientes a ele [Soares D’Andréa] e todos prestavam submissão a Sua Majestade Imperial. Angelim relatava também ao presidente legal que ele [Angelim] e os patrióticos defendiam um Governo livre e filantrópico, rodeado de amor.

Seu governo patriótico teria realizado todos os esforços para a “manutenção da ordem e o desterro da anarquia”, inclusive, negado propostas de vantagens de nações estrangeiras, interessadas na proclamação da Independência do Grão-Pará.

Em resposta no dia 31 (apud RAIOL, 1970, p. 953), D’Andréa afirmava que sua tarefa na Província era “cumprir ordens e não realizar reflexões sobre elas” e, que foi enviado ao Grão-Pará para “restituir a ordem e a paz à província”. Sendo assim, acreditava ser impossível “conceder a suspensão das hostilidades”, uma vez que ainda havia anarquia e rebeldia.

O Marechal também exigia que, se os dissidentes quisessem obter a anistia da Assembleia Geral, deveriam mostrar um desejo claro de retornar a ordem abandonando a Capital e esperando a decisão da Assembleia num ponto qualquer (nas cercanias de Belém).

Eduardo reenvia uma resposta a Soares em 3 de maio (apud RAIOL, 1970, p. 954-955), reiterando seus esforços em conter a anarquia e afirmou que se retiraria da cidade com seus subordinados, uma vez que não queria “ver mais sangue derramado” por amor à Pátria e à humanidade.

Eduardo Nogueira solicitou vinte dias para se retirar de Belém e destacou que sua intenção era partir para o Amazonas (Rio Negro), onde pretendia aguardar a decisão da Assembleia Geral. Propunha que enquanto se retirassem de Belém os pontos da legalidade não os hostilizassem, pois não era sua intenção realizar a reciprocidade, além disso, como prova de suas “boas intenções”, Angelim enviou a presidente legal todas as cédulas vindas da província.

No mesmo dia, D’Andréa enviou uma resposta áspera a Eduardo (apud RAIOL, 1970, p. 955). O presidente legal da Província do Grão-Pará afirmava que não autorizava sua retirada para o Amazonas, pois a região poderia lhe servir de base para novas tentativas de anarquia. O marechal reiterava que não pretendia tratar de qualquer partilha da Província e estabelecia que sua principal proposta era que

Angelim e os correligionários se quisessem serem perdoados se retirassem para a fazenda que ele (Eduardo Nogueira) tinha na região do carnapijó.

O Marechal exigia que lhe enviassem uma relação de todas as pessoas que acompanhá-lo-iam, sem passarem para além do rio Barcarena. Caso aceitassem, todos os presentes na lista seriam deixados em paz até uma decisão da corte, sendo que para isso vintes dias era desnecessário e abusivo. Como forma de selar o acordo, Andréa devolve as cédulas a Angelim, afirmando que o mesmo só deveria entregar a ele [D'Andréa], caso aceitasse as cláusulas do acordo.

Em resposta a D'Andréa, no dia seguinte, 4 de maio, Eduardo Nogueira Angelim recusou as propostas de Soares d'Andréa e reiterou que as condições propostas pelo marechal eram pesadas e duras para um povo que se considera triunfante. Afirmava que ainda havia tempo para evitar males sangrentos se fosse permitida sua passagem pelo Amazonas de forma pacífica, ou, caso contrário, o seria por meio da disputa belicosa.

Para Angelim, D'Andréa buscava "abusar do Povo Paraense", pois sua fazenda não tinha recursos suficientes para abrigar mais do que cinco homens além de ser muito próximo a Capital (desconfiança de uma armadilha para capturá-los). Por isto Eduardo mantinha-se firme em suas posições e pleiteava que D'Andréa mudasse as suas. Prontamente lhe sobreveio a resposta de Soares D'Andréa (apud RAIOL, 1970, p. 956) assegurando que não poderia aceitar os termos propostos pelo "Chefe da Capital" e que, sendo assim, seria melhor deixar as coisas como estavam, ou seja, num estado de inércia e posições de contrários sem qualquer tipo de acordo, garantias ou negociação.

Com os insucessos de negociação da anistia por meio do diálogo, Angelim decide evadir-se de Belém. Antes, entretanto entrega ao Bispo D. Romualdo os 1.831 réis que havia anteriormente enviado ao Marechal Soares D'Andréa, para que pudessem ser anexados às receitas da Assembleia Provincial. Pouco antes de deixar Belém (13 de maio), no dia 10 de maio, Eduardo Angelim ainda envia um novo documento a D'Andréa (apud RAIOL, 1970, p. 959-960) no qual afirmava que se retirara para o Guamá, onde, segundo ele, pretendia manter as promessas de boa ordem até uma resposta da Assembleia Geral. Além disso, afirmava que

manteria na cidade uma tropa armada para conter “pessoas mal intencionadas”, até que Andréa e suas tropas desembarcassem.

O Chefe da Capital também solicitava que, se o Marechal quisesse poupar sangue brasileiro, abrisse caminho e afastasse as suas embarcações para que ele [Angelim] e seus filantrópicos pudessem partir sem confrontos armados. Para Eduardo isto pareceria justo, já que o mesmo havia dado significativas demonstrações e suficientes provas de “obediência às leis e amor à Pátria”.

O Marechal Francisco José de Souza Soares D’Andréa foi enfático em sua resposta enviada a Angelim no dia seguinte (apud RAIOL, 1970, p. 960), mantendo os termos de sua proposta para que Eduardo Nogueira se retirasse com seus aliados para sua fazendo no Carnapijó. Toda e qualquer outra atitude e proposta não seriam aceitas ou discutidas, sendo passível de retaliações, além disso, recusava-se a retirar qualquer embarcação das posições legais por ele defendidas.

Como podemos observar as tentativas de negociações foram diárias, no entanto, não obtiveram êxito. A proposta de anistia feita por Eduardo Angelim se deparava com a justificativa do Marechal Soares D’Andréa de que esta lei de perdão geral só poderia ser concedida pela Assembleia Geral, e enquanto esta não promulgasse tal pedido, o mesmo se via impossibilitado de realizar a soltura de presos.

No entanto, como podemos observar nas documentações, é vontade do próprio D’Andréa que os patrióticos sofram severos castigos e formas horrendas de repressão, distantes da possibilidade de perdão por suas atrocidades e desordem anárquica.

Aliás, convém ressaltar que com a chegada de D’Andréa e suas tropas, advindas de Pernambuco, passa-se a denominar o movimento revolucionário paraense de “Cabanagem” [56]. As mesmas tropas, transladas de Pernambuco, lá combateram os “cabanos” da Cabanada ou Revolta das Panelas e ao chegarem ao Pará atribuíram aos revoltosos a mesma nomenclatura, visto que naquele período toda e qualquer revolta que ocorresse no Brasil, seus revoltosos eram alcunhados

[56] Esta discussão pertinente à nomenclatura do movimento e dos sujeitos envolvidos será rediscutida a partir de vários olhares de autores diversos no segundo capítulo deste trabalho.

de cabanos[57], termo pejorativo, sinônimo de sedioso, ocioso, anarquista, filho do demônio, etc.

Retomando o contexto da partida de Angelim, convém iniciarmos a discussão sobre as estratégias repressoras de aprisionamento de Soares D'Andréa por meio da suspensão das formalidades constitucionais. No entanto convém lembrar que a partir de agosto de 1835 em Belém, o Marechal Manuel Jorge Rodrigues, seu principal aliado, John Taylor, o almirante inglês contratado pelo Império, e as famílias luso-brasileiras passaram a defender a ideia de que seria efetivamente necessário abolir, em toda a Província do Grão-Pará, toda e qualquer garantia constitucional, uma vez que a região estaria totalmente ameaçada, a ponto de o Império poder se fragmentar. Como afirma Lima (2008, p. 132):

> Tal estratégia de abolição da Carta de 1824 na Amazônia brasileira se sedimentou aos poucos e apenas se concluiu com a nomeação de Soares d'Andrea à presidência e comando das armas da província do Grão-Pará, que, aos poucos, passou a receber da corte plenos poderes, atuando na província efetivamente como um déspota declarado. No período declarado de exceção, as autoridades legalistas foram autorizadas a exterminar ou prender qualquer um que considerasse suspeito, sob a alegação de crime geral de rebelião, que aos poucos, passou a se caracterizar como o crime geral de cabano.

Cabe assim então afirmar que, se o regime militar de suspensão das formalidades constitucionais foi pensado e arquitetado por Manuel Jorge Rodrigues, por John Taylor e as famílias de bem, apenas no governo de D'Andréa, a partir de 1836 ela foi colocada efetivamente em prática.

No entanto fica o questionamento, em que condições esta suspensão dos direitos políticos e civis poderia vir a ser aplicada?

Segundo a Constituição Política do Império do Brasil, promulgada na Corte do Rio de Janeiro em 25 de março de 1824, nos itens XXXIV e XXXV, do artigo 179 que dispunha sobre a "inviolabilidade dos Direitos Civis e Políticos dos cidadãos brasileiros, tendo por base a liberdade, a segurança individual, e a propriedade", os mesmos estabelecem que:

---

[57] **DUQUE**, Gonzaga. "Os Cabanos do Pará" In: **Revoluções Brazileiras (Resumos Históricos).** Typ. Do 'Jornal do Commercio' de Rodrigues e Companhia, Rio de Janeiro. 1898.

> **XXXIV.** Os Poderes Constitucionaes não podem suspender a Constituição, no que diz respeito aos direitos individuaes, salvo nos casos, e circumstancias especificadas no paragrapho seguinte.
> **XXXV.** Nos casos de rebellião, ou invasão de inimigos, pedindo a segurança do Estado, que se dispensem por tempo determinado algumas das formalidades, que garantem a liberdede individual, poder-se-ha fazer por acto especial do Poder Legislativo. Não se achando porém a esse tempo reunida a Assembléa, e correndo a Patria perigo imminente, poderá o Governo exercer esta mesma providencia, como medida provisoria, e indispensavel, suspendendo-a immediatamente que cesse a necessidade urgente, que a motivou; devendo num, e outro caso remetter à Assembléa, logo que reunida fôr, uma relação motivada das prisões, e d'outras medidas de prevenção tomadas; e quaesquer Autoridades, que tiverem mandado proceder a ellas, serão responsaveis pelos abusos, que tiverem praticado a esse respeito [58].

Notemos que a primeira situação que a Constituição estabelece para se suspender os direitos civis e políticos dos cidadãos é por meio de uma declaração formalizada pela própria Assembleia no Rio de Janeiro - algo muito complexo e remoto de acontecer.

No entanto, a elaboração desta declaração somente ocorreria se o legislativo evidenciasse que levantes e revoltas numa certa região do Brasil carecessem de suspensão de direitos por determinado tempo - algo pouco improvável, já que na prática como estratégia, deixava-se que os governos provincianos o fizessem isto.

Entretanto, imperava uma dicotomia na segunda forma de suspensão da Constituição de 1824. Mediante levantes e revoltas nas Províncias, os presidentes poderiam suspender as formalidades constitucionais e, logo que possível, informar à Assembleia Geral.

Cabia à Assembleia a legitimação da legalidade ou desqualificação como arbítrio da suspensão da Constituição, que, caso comprovado, poderia gerar processos de anistia, ou seja, a ambiguidade da aplicação ou não da suspensão da Constituição em tempos insurretos, poderiam ser julgados pela Assembleia como legalidade ou arbítrio.

Como já mencionado, é no governo de Soares D'Andréa que se efetiva a suspensão das formalidades civis na Província do Grão-Pará. Dentre suas primeiras

---

[58] **BRASIL**. Constituição (1824) **Constituição Política do Império do Brazil**. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao24.htm>. Acesso em 5 jul.2014.

ações, em 17 de abril de 1836, D'Andréa [59] oficiou ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça, Antônio Paulino Limpo de Abreu o envio à corte de cinquenta e nove presos, supostamente envolvidos nas "desordens".

Segundo o presidente legal, tais homens teriam sido recolhidos sem ter clareza de sua culpa e poucos entre tais homens seriam inocentes. No entanto, todos foram presos e acusados do "crime geral de serem do partido dos rebeldes" ou "crime de rebelião", sendo que alguns deles, no momento da prisão, estavam portando armas de fogo nas mãos.

Para D'Andréa, tais homens não poderiam ser devidamente processados, não por serem inocentes, "mas unicamente pela sua insignificância, pelo relativo desconhecimento e fragilidade diante de uma alta classe social". Tais homens, considerados perigosos por D'Andréa, mereciam, segundo ele, serem utilizados em trabalhos forçados em qualquer parte da corte.

De posse da Capital Belenense, D'Andréa [60] volta a oficiar ao Ministro da Justiça. Segundo Soares D'Andréa, "todos os chefes dos rebeldes, e os mais encarniçados bebedores de sangue que se tem distinguido nesta época, são huma e a mesmíssima coiza, só tem as formas exteriores diversas" **[sic]**. Para o Marechal, todos os revoltosos e aqueles que se associavam a eles eram indistintamente semelhantes, eram monstros criminosos, anárquicos, hidras que como pragas tendiam a se multiplicar e se espalhar, por isso que esse sentimento de repulsa, de náuseas, de ódio, pelo qual sentia D'Andréa, leva-o a pronunciar que:

> Ou esses Códigos Criminal e do Processo hão de illiminar-se e ser substituídos por Leis úteis, e em que todo vejamos garantidas as nossas honras, nossas vidas, e nossos bens; ou esta Província há de pertencer a Tapuios, e o resto do Brazil a negros [61].

Novamente, D'Andréa[62] passa a oficiar ao Ministro da Justiça em 4 de junho, que haviam sido presos vinte homens e transladados para o Rio de Janeiro no Brigue Trez de Maio; sendo sete capturados na Cidade do Pará, três em Cametá,

---

[59] **APEP**, Códice 1039, Documento 01.

[60] Ibidem, Documento O4.

[61] **APEP**, loc. cit.

[62] **APEP**, Códice 1039, Documento 08.

um em Parijós, quatro em Vila Nova Rainha, um em Igarapé-mirim, um em Cintra, dois aprisionados na baía de Guajará e um oriundo da Província Bahia.

Semelhantemente à lista de 17 de abril, apenas estavam sendo informados os nomes, os locais de captura e as culpas de cada um, sendo que todos tinham a mesma acusação – o crime geral de rebeldia; simplesmente por terem sido apanhados em locais suspeitos, por terem relações com pessoas consideradas suspeitas, ou por estarem em companhia de suspeitos. No entanto, os inquéritos muito se assemelham para não dizer idênticos, já que na prática se acusava a todos pelo mesmo crime, o crime geral de rebelião, justamente por não encontrar na lei outra forma ou brecha jurídica de acusar os patrióticos.

Por estar enfadado em esperar reforços de soldados e oficiais para ajudarem no movimento de repressão dos cabanos, D'Andréa[63] ao oficiar ao ministro da Justiça no dia 17 de junho de 1836 murmura em virtude da Corte não ter enviado mais homens ou vasos de guerra, "nem das outras Províncias, nem da Europa, nem da América do Norte".

Para o presidente legal, a falta de apoio externo dificultava a pacificação, pois teria que manter as tropas na conservação da Capital, o que impedia o envio de reforços às Vilas e freguesias do interior, principalmente às localizadas no Baixo e Alto Amazonas. Diante disso, passa Soares D'Andréa a publicar a lei da Suspensão das Garantias individuais, pois seria de total importância para o restabelecimento da ordem na Província, segundo o qual a prisão e a execução fariam parte do cotidiano paraense, mas também dava margem para o ostracismo político, expulsando alguns dissidentes da região para assim nunca mais regressarem.

Os ideais e pensamentos de Soares D'Andréa sempre se conservaram durante todo o seu período de estadia na Província Paraense. Tal era o seu ódio pelos facínoras cabanos e ao mesmo tempo obediência cega e amor à monarquia, que suas pretensões e formas de trucidar o movimento cabano se mantiveram numa constância. Isto se evidencia em seus discursos nos ofícios destinados as autoridades do Brasil em 1836 e na Abertura da 1ª Sessão da Assembleia provincial em 1838.

---

[63] **APEP**, op. cit., Documento 09.

Em seu discurso, D'Andréa aborda vários temas, no que tange a Segurança Pública do Grão-Pará. O Presidente legal torna a reiterar suas principais ideias arquitetadas e executadas em 1831 quando Comandava as armas do Pará, e a partir de 1836 quando assume a Presidência da província. Vejamos o que afirma D'Andréa:

> O estado de guerra tem authorisado até agora atacar o inimigo por todos os modos, até lhe aniquilar a força, e para isto ter efeito foi preciso prescindir das formalidades com que a Ley escuda os criminosos. Todo homem que tem sido accuzado de algum crime tem a certeza de ser procurado e prezo sem se lhe dar tempo a evadir-se. Todas as desordens tem sido corregidas com prizoens, que pela maior parte das vezes recaem em Militares; porque os seus autores podem quazi sempre ser considerados taes [64] **[sic]**.

A partir das palavras de D'Andréa, concebemos a tese de que a suspensão das formalidades civis foram uma grande arma para que ocorressem as prisões dos cabanos e até mesmo daqueles que nada tinham haver com o movimento, sendo apenas suspeitos abordados por fatalidade de hora, local e companhias "erradas". No entanto, o que chama atenção é o fato do Marechal afirmar que boa parte dos autores de revoltas e roubos e consequentemente presos são militares.

Como argumentamos nesta dissertação ao longo do capítulo I, especificamente no subitem 1.2, vários são os fatores para deserção militar e sua adesão às tropas e ideais cabanos. Entre eles, os mais comuns eram: a condição social dos praças e novos oficias (que não muito se diferenciava da dos revoltosos); os baixos salários; a presença de parentes entre os revoltosos presos arbitrariamente (o que levava os soldados a desobedecerem ordens de fuzilamento, por exemplo); a apropriação e a disseminação dos ideais da revolução francesa na independência haitiana (oriundos dos soldados que invadiram Caiena e trouxeram o ideal para o Pará) etc.

No entanto, o próprio Soares D'Andréa registra outros importantes fatores para a deserção militar e aproximação com os cabanos, segundo ele, no que tange à abordagem sobre a Força Armada:

---

[64] **SOARES D'ANDRÉA**. Discurso com que o Presidente da Província do Pará, Francisco Joze d Souza Soares d'Andréa, fez a Abertura da 1ª Sessão da Assemblea Provincial no dia 02 de março de 1838. Impresso na Typographia Restaurada de Santos, e Santos menor, Pará, 1838, p. 16-17.

> Em outro tempo esta força era composta dos corpos de primeira Linha, **naõ tendo ainda ad'quirido a desgraçada mania de se entrometterem em negócios políticos, obedeciaõ ao Governo, e eraõ uteis porque o sustentavaõ, e suatentavaõ a Ordem nas coizas estabelecidas.** A segunda Linha constituída debaixo dos mesmos princípios fazia os mesmo efeitos, sem outra paga que izempçoens e privilégios, poupando assim muitas despesas ao Estado.
> **Os Corpos da primeira Linha entregues á filosofia do tempo, tornando-se em salteadores, fizeram-se odiosos e temíveis, e dezapareceraõ**. A segunda Linha foi substituída pela Guarda Nacional, fundada em princípios de huma humildade e rezignaçaõ taõ puras, que naõ cabem na raça prezente: Custa muito ser hoje Cheffe de Legião e amanhã Soldado, sem ao menos lhes ficar hum Ex, que indique o que já foi, como acontece nas Ordens Franciscanas que são as mais humildes. A Esquadra tem-se mantido em melhor Ordem, e mais acuberto destas vicissitudes destruidoras.
> Na falta de bons Soldados recorreo o Governo ao expediente de **homens armados com pouca disciplina e muita despeza, mas como para estes Corpos se procuraõ voluntários, naõ tem sido possível em parte alguma eleva-los á força precisa**; e mesmo julgo que na Corte do Império tem sido esta instituição d'algum proveito, bem que a despeito dos bons custumes da mocidade, **porque he huma porta franca aos mancebos mal inclinados, que abandonaõ a caza de seus Pais, e achaõ ali seguro azilo**.
> **Applicando agora o que tenho dito em geral, aos factos desta Província, todos Vos sabeis que os Corpos de primeira Linha adqueriraõ aqui o uso de fazerem huma ou duas revoltas por anno; e que foi das suas fileiras que sahiraõ os assassinos de seus próprios Officiaes, e os que ajudaraõ ao assassínio das primeiras autoridades em Janeiro de 1835**: O Corpo dos Permanentes, aonde os princípios da moda tinhaõ arreigado a indisciplina, principiou no dia 6 do mesmo mez os seus bons serviços por hirem, alguns, atacar a caza do seu Commandante, darem-lhe huma descarga, e retirarem-se julgando que o tinhaõ morto. A Guarda Nacional, pela boa qualidade de seus Officiaes de nomeação popular, foi taõ prejudicial em quazi todos os lugares desta Província, que á Assemblea Geral do Imperio autorizou o Governo a extingui-la por tempo de trez anos: que he hum reconhecimento tácito da inconveniência da sua instituição **[sic]**. (SOARES D'ANDRÉA 1838, p. 19-20, grifo nosso).

O discurso de D'Andréa apontou motivos para que ocorresse tamanha frequência de deserção militar. Segundo ele, os principais motivos foram: a "filosofia deste tempo" que seduziu os militares de primeira Linha; o custo da manutenção das tropas (principalmente os Oficiais e a primeira Linha); o despreparo dos Corpos voluntários.

"A filosofia do tempo de D'Andréa" seria o ideal iluminista de libertação, progresso, liberdade e o antimonarquismo, os quais teriam levado os militares de primeira Linha a promoverem constantes motins e até mesmo assassinato de seus superiores (como nos descreve o presidente legal), motivados pelos baixos soldos e tratamento desrespeitoso e autoritário que recebiam. Estes praças viam no

movimento cabano a oportunidade de efetivar os ideais iluministas, oportunizando uma melhor qualidade de vida e dignidade humana para si e sua posteridade.

Quando D'Andréa cita a perda de cargos repentina que os Oficiais se depararam - que não lhes sobrou nem sequer o tratamento de "Ex-Oficial" –, o Marechal justifica que tal decreto de extinção das tropas de Oficiais e de Primeira Linha se deve ao custo de manutenção destas e a crise econômica da Província devido à Guerra cabana.

Segundo D'Andréa, com a guerra, a economia da Província foi afetada drasticamente, pois os tapuios, negros e índios que trabalhavam nas lavouras e fazendas acabam tendo uma rotina de fugas e abandonam seus ofícios escravistas. Concomitantemente, muitas plantações sofrem atentados, e muitas fazendas são saqueadas, comprometendo diretamente a economia paraense.

O Marechal também reitera que desde o início da década de 1830, a Província já vinha passando uma crise de desvalorização da moeda, visto que moedas estavam sendo falsificadas [65] no Grão-Pará, desencadeando crise no comércio.

A outra motivação para a deserção militar citada por D'Andréa seria "o despreparo dos soldados integrantes dos Corpos Voluntários". Segundo os quais, para Soares D'Andréa, o seu despreparo latente para suprimir guerras e revoltas longas e seus costumes da mocidade (a frequentação de teatros e praças, relacionamentos amorosos, festejos etc) torna-os dispensáveis para o Grão-Pará, porém úteis na Corte do Rio de Janeiro, devido à estabilidade política e a paz social que a mesma oferecia no mesmo período concomitante à Cabanagem.

São estes fatores e motivações da deserção militar, que atrelados à falta de reforços militares do governo regencial, e somados à subjetividade de Soares D'Andréa [66], levam-no a suspender as Garantias e Formalidades Constitucionais na Província do Grão-Pará. De posse de tal medida constitucional, D'Andréa estabelece o crime geral de cabano ou crime cabanal, como a principal prerrogativa para se

[65] In: Relatório de 03 de dezembro do Presidente da Província do Grão-Pará José Joaquim Machado d'Oliveira, apresentado na Salla de Sessões do Conselho Geral da Província. Publicado na Typographia do Correio, Pará, 1833, p.4.

[66] Subjetividade marcada pela obediência e amor a Pátria monárquica, bem como seu senso de justiça em restabelecer a ordem vigente, por meio das punições legais amparadas na Constituição de 1824.

aprisionar os cabanos e aqueles que deles se aproximavam, tendo como finalidade a suplantação e o extermínio de tal revolta anárquica.

Segundo Lima (2008, p.132) a permissão irrestrita "para prender e exterminar qualquer um pelo crime geral de cabano, perdurou enfaticamente até 4 de novembro de 1839, com um decreto de anistia restrita e se prolongou até 22 de agosto de 1840, com o decreto imperial de anistia geral".

1.6. Piratas? Mercenários? Cabanos? As movimentações da Quadrilha de Jacó Patacho.

No início da década de 1830 por todas as mediações de Belém, se temia o nome de Jacó Patacho, o qual seria um desertor das tropas legais que aterrorizava os rios da Baía de Guajará ao lado de seu fiel escudeiro o Tapuia Saraiva.

Por onde passava, o Magote de Patacho persuadia e mobilizava tribos de índios, tapuios, negros e brancos dissidentes, para juntos combaterem os brasileiros adotivos e os portugueses.

Em suma, por não simpatizarem com os caramurus e nem tampouco com os filantrópicos, a quadrilha de Jacó Patacho combatia aqueles que estavam no poder. E semelhantemente à massa cabana, também acreditavam que o processo de Adesão do Pará à Independência e a Constituição de 1824 foram mecanismos utilizados pela elite brasileira-paraense e a brasileira adotiva, para "desarticular" a elite administrativa portuguesa e assim chegarem ao poder.

Em 23 de agosto de 1832, João Maximiano Furtado [67], comandante do batalhão do distrito de Cametá, oficiou ao então presidente nomeado do Grão-Pará José Joaquim Machado de Oliveira. Segundo ele, na madrugada do mesmo dia, tal Vila situada no Tocantins teria sido atacada por "hum punhado de Desertores e pessoas de fora deste districto chefiados pelo animalesco Jacob Patacho".

O magote teria entrado de surpresa na Vila. Seu primeiro ato teria sido espancar os dois guardas nacionais, que estavam diante das portas da cadeia.

[67] **APEP**, Códice 903, Documento 48.

Segundo o ofício de Furtado, a intenção de Jacó Patacho era procurar algum adotivo, no entanto, seu insucesso ocorreu na medida em que o povo da Vila rapidamente se organizou e tratou de expulsá-lo. No meio do combate um homem do magote teria sido morto e outros sete teriam sido presos. Do Povo da Vila, o delegado Damião Fernandes Valente teria sido morto.

Passado-se 4 dias, aos dias 27 de agosto, o presidente da Província, Machado de Oliveira, oficiou a Diego Feijó, então ministro e secretário de Estado dos negócios da justiça do Império, o medo e pavor em relação ao bando de Patacho:

> Quando o repouso publico ia se restabelecendo nesta Capital, aonde sentio-se alguma agitação por efeito de procedimento criminaes havidos por parte dos ofendidos pela sedição de 7 de agosto do ano passado, e contra os factores da mesma sedição, apareceu hum motivo de consternação publica que tem magoado a Capital, e despertado os receios, e temores, que se ião extinguindo. Hum magote de desertores, e facinerosos rompendo da que embarcado, dirigio-se ao encontro de varias embarcaçoens, que do interior conduzem gêneros de exportação, e cuja navegação he mais frequentada neste período, e em a noite de 20 do corrente começou a afasta-las, e a rouba-las, assassinando terrivelmente e alguns Brazileiros adoptivos, e Portugueses que vinhão nas embarcaçoens, e cometendo outros actos horrorosos, em vindicta, e desafronta, desião os malvados, da sedição de agosto, e por que para esse fim erão mandadas por este Governo [68] **[sic]**.

A 20 de outubro de 1832, Ricardo Vieira de Castro, que comandava uma diligência contra o magote enviada pelo comando militar de Breves, na ilha do Marajó, oficiou ao presidente Machado de Oliveira:

> Minha expedição estaria a procura-los no “Rio Japichana”. Porém, no curso deste rio, recebi informações de “alguns moradores” de que **o magote já teria deixado tal rio.** Destaco três nomes entre os membros do magote: “o cabeça Jacob Borges, desertor do Com. Inf., Murico [...], **Saraiva, desertor do Batalhão de 1ª linha**, e o intitulado Hispanhól, ou Cuiabano”. Afirmo que os moradores me certificarão de que o magote se apresentava “em título de Negociantes, vendendo fazendas, e comprando várias couzas”. **Segundo moradores seis índios, que lhes serviam de remadores, teriam fugido do grupo** ... [69] **[sic]** (grifo nosso).

---

[68] **APEP**, Códice 903, Documento 50.

[69] Ibidem, Documento 71.

Já no dia 31 de outubro de 1832, o presidente oficiou novamente ao ministro da justiça do Império as ações do magote de Jacó Patacho:

> Teria recebido informações de que o magote teria se dirigido para o Baixo Amazonas, onde teria se engrossado com os immensos dezertores, escravos foragidos, e malvados de que estão cheios os destrictos. As informações de que dispunha teriam sido remetidas por autoridades da Vila de Santarém. Jacó Patacho teria colocado em extrema consternação aquelle território, assolando-o com roubo e incêndio, e cruelmente assassinando a todos os Brazileiros adotivos e Portugueses que encontra, ou vai procurar em seus domicílios. Jacó Patacho teria se tornado hum carniceiro pirata e humma sequela de monstro. **Segundo as notícias de seus informantes, o magote, a este momento, estaria dominando as águas do Amazonas, com humma fortilha de Canoas bem armadas e equipadas.** Ao que parece, o magote evitava o confronto e se evadia sempre que as expedições se aproximavam: desaparecem ao momento que temem algum encontro das forças destinadas para as bater, pondo-se ao abrigo do imenso numero de ilhas que há em toda parte deste grande rio, ou escapando-se pelos furos, e igarapés que penetrão o interior [70] **[sic]** (grifo nosso).

Como podemos ver, boa parte das informações sobre as ações de Jacó Patacho e seus aliados estão presentes nos ofícios legais. Estes documentos nos mostram a possibilidade de uma estratégia de guerra em disseminar a presença de Patacho em várias regiões da província paraense, ou seja, introduzir boatos da presença de Patacho ou até mesmo pseudos Patacho em vários locais do Grão-Pará. Por outro lado, na possibilidade de ação de um único Patacho, os documentos também mostram uma cronologia um tanto complicada para uma viagem pelos rios da Bacia hidrográfica amazônica, ainda mais sobre magotes e canoas a remo - algo a se pensar, pois na época uma viagem dessas de Belém a Santarém, poderia demorar até 3 meses, por exemplo.

Diante disto, cremos que as ações oficiadas pelas autoridades eram arquitetadas por um único Jacó Patacho, o que não desqualifica a hipótese da estratégia de guerra em anunciar vários pseudos Patachos em diferentes regiões paraenses na perspectiva de confundir e amedrontar as autoridades provincianas e a população de um modo geral. Sendo assim, inferimos que o magote de Jacó Patacho não tinha poucos índios remadores, haja vista que em ofício citado acima as autoridades afirmam que 6 deles haviam escapado. Podemos então visualizar

[70] **APEP**, op; cit., Documento 76.

num campo imagético uma grande canoa capitaneada por Patacho, liderando cerca de 20 índios remadores mais seus aliados de revoltas.

Se, anteriormente, mencionamos que as viagens entre Santarém a Belém a bordo de pequenas canoas e magotes, com tripulação máxima de 3 pessoas, durava em média de 2 a 3 meses, devemos tentar analisar por meio dos ofícios, quanto tempo durava uma viagem do Marajó para Santarém.

Observando a diferença de datas dos ofícios de Ricardo Vieira de Castro endereçados ao Presidente Machado de Oliveira, propomos-nos a tentar compreender a distância entre Santarém a Marajó e o tamanho da embarcação de Jacó Patacho.

No dia 20 de Outubro de 1832, o comandante Ricardo Vieira oficiava a Machado de Oliveira as ações de Jacó Patacho na Ilha de Marajó. Pouco tempo depois, em 31 de Outubro do mesmo ano, o comandante Ricardo Vieira voltava a oficiar ao Presidente da Província, relatando as ações de Jacó Patacho, que desta vez estava aterrorizando no Baixo Amazonas, especificamente nas mediações de Santarém.

Partindo da análise destes ofícios, observamos que o espaço de tempo entre as ações de Jaco Patacho oficiadas é de apenas 11 dias. Levando em consideração que as correspondências entre os comandantes e o presidente da Província, levavam em média cerca de dois dias a serem entregues, é nos dado supor com exatidão do deslocamento do magote de Patacho do Marajó até o Baixo Amazonas levou entorno de 9 a 11 dias.

A partir de tais informações subentendidas e repassadas pelos moradores do Marajó, presentes no ofício [71] de Ricardo Vieira em 20 de Outubro de 1832, afirmamos que os índios remadores de Patacho eram superiores a 6 indivíduos. E dado a rapidez com que o magote chega a Santarém, vindo do Marajó (cerca de 9-11 dias) inferimos a tese de que os índios remadores de Patacho superavam o número de 15.

No entanto nosso objetivo em inserir esta minúscula discussão sobre Patacho é de um todo proposital para demonstrar que no cenário político paraense de 1830

[71] "[...] segundo moradores seis índios, que lhes serviam de remadores, teriam fugido do grupo." In: **APEP**. Códice 903. Documento 71.

não se tinha apenas dois grupos antagônicos (partidários de Campos e Partidários de Lobo de Souza).

O contexto paraense não unificará a todos os indistintos povoados, não se consolidará uma visão de tropas cabanas e tropas anticabanas. No meio a este cenário dúbio, surgem aqueles que preferem não pertencer a nenhum grupo e de certa forma ser contra ambos (tanto portugueses quanto brasileiros adotivos e também todos aqueles que fossem contra suas posições).

As decisões isoladas de Patacho e seus aliados distantes da dubiedade política da Província levaram as autoridades provinciais a acusá-los de “piratas”, pois teriam efetuados roubos de canoas de brasileiros adotivos e portugueses. Nas localidades, onde percorria, além de buscar adesões, Patacho também realizava comércio e sedição de mulheres.

Como oficiado a Feijó em 31 de outubro, as ações de Patacho no Baixo Amazonas foram duradouras e aterrorizantes graças à geografia peculiar daquela região. Uma floresta densa, cortada por rios, largos igarapés e furos estreitos e rasos, principais caminhos de fuga do magote. As inúmeras ilhas e comunidades ao longo dos Rios Tapajós e Amazonas facilitavam as sedições de Patacho que ao dia realizava comércio e ao cair da noite realizava as atrocidades.

Na Obra de Inglês de Sousa [72], “Os Contos Amazônicos”, o autor Obidense dá ênfase em um de seus contos as ações de Patacho na região. O tema do Conto é justamente “A quadrilha de Jacó Patacho”. No enredo do Conto, embora literário, ele externa ares de facticidades reais, pois segundo o autor seria uma história escrita a partir de narrações de quem foi testemunha dos fatos.

Inglês de Sousa narra o pequeno conto, estabelecendo a priori como protagonistas, uma família pecuarista, possuidora de gado bovino, que depois de se reunir durante o jantar e em meio à formação de tempestades, ouve ao longe

[72] Foi escritor, jurista e político, introduziu a escola literária naturalista no Brasil mediante uma obra voltada para a natureza e a vida amazônica. Herculano Marcos Inglês de Sousa nasceu em Óbidos, PA, em 28 de dezembro de 1853. Oriundo de família tradicional do Pará foi enviado para o Maranhão aos 11 anos, como aluno interno, e concluiu seus estudos na cidade do Rio de Janeiro. Em 1872 ingressou na faculdade de Direito do Recife e graduou-se em 1876, em São Paulo, SP, onde passou a residir. Ainda estudante, revelou vocação literária e dedicou ao jornalismo, primeiramente como secretário de redação do jornal liberal A Tribuna, de São Paulo. Fundou o Diário de Santos e a Tribuna Liberal, ambos em Santos, SP, após ingressar no Partido Liberal. Foi presidente das províncias de Sergipe e Espírito Santo.

barulho de embarcação se aproximando. Os membros da família ficam apreensivos, sobretudo a mãe (a Senhora Maria dos Prazeres) que a princípio imagina ser os capachos de Patacho. D. Maria logo é tranquilizada pelo marido (Félix Salvaterra) a quem acalmou a todos dizendo ser apenas viajantes, que na certa haviam parado em seu porto para se abrigarem da tempestade e depois tomarem seu rumo.

Na história que se segue aparecem dois tapuios de aparências nada convidativas, um alto e outro baixo, ambos jantam na casa da família, sendo que posteriormente o mais alto volta para dormir na sua canoa e o mais baixo e de aparência mais animalesca fica para dormir na sala da casa a convite de Félix Salvaterra. O curioso é que desde os primeiros momentos a filha do casal Anica passou a se sentir incomodada com os olhares torpes do tapuio e ficou com a sensação de já conhecê-lo.

A noite se segue todos vão dormir e Anica fica a imaginar de onde o conhecera, até que se lembrara de que aquele tapuio ela viu a três anos atrás em Santarém, quando na ocasião foram assistir o "Sairé". Ao lembrar-se do tapuio, Anica também lembra que ele era empregado de Joaquim Pinto (patrício e protetor de Félix Salvaterra), que seu nome é Manoel Saraiva e que este era de Cametá.

Logo, o medo e o sinal de impotência afligem Anica que decide por avisar seus pais, mais ao pensar nos caminhos para isso estagna e fica a pensar. Anica imagina que, se fosse pela frente teria que passar pela sala onde estava o tapuio e fora que o barulho de sua porta poderia acordá-lo, pensou em pular a janela, mas ao longe viu a casa rodeada de tapuios a espreita para iniciar o ataque.

Diante disto, ela é tomada de coragem e decide por gritar a seu pai e sua mãe, mas no exato momento o tapuio sorrateiramente sem que ela percebesse a agarrou a força e a beijou com aquela sua boca desdentada e mal cuidada. Neste momento, grande nojo se abateu sobre Anica, mas não a falta de força, pois logo cravou as unhas no pescoço do tapuio levando este a ficar com falta de ar. Aí que ela reúne forças para gritar e avisar, que tapuios de Patacho estavam ao redor da casa.

Ao acordar do pai e seus irmãos os mesmos pegam nas armas e socorrem Anica. Vendo Saraiva que o combate já havia começado, efetua um leve assobio para chamar as tropas de desertores ao combate. Diante disto, saraiva foi o primeiro a ser alvejado com um tiro a queima roupa, o combate se sucedeu e acabando a

munição de Salvaterra e seus filhos, os mesmos caíram banhados de sangue sobre as balas do bando de Patacho.

Apesar de ser um conto literário, ele também narra acontecimentos históricos, se não todos fictícios e nem todos reais, alguns fragmentos dão conta de transparecer algumas das ações cruéis de Patacho e seu bando. Segundo os ofícios e histórias dos ribeirinhos, a quadrilha de Jacó Patacho além de ser conhecida como piratas, mercenários, desertores, assassinos frios, também eram “deflagradores de virgens” algo encarado como tamanha desgraça e agouro em pleno início do século XIX.

Estima-se que muitos foram os que morreram sobre o comando de Patacho. Ele implantou o medo e o terror por onde passou, no entanto também edificou as bases prematuras dos combates hostilizantes e sangrentos que viriam a ocorrer a partir de 1835. As últimas notícias de Patacho dão conta de que ele foi preso e levado para uma prisão em Mar em 1833 e em 1836 durante os combates de repressão aos cabanos em Oeiras. Segundo D'Andrea, o terrível Jacó Patacho teria sido ferido em frente ao Arsenal da Vila, vindo a falecer no hospital [73].

Mas uma última reflexão além do ódio a brasileiros adotivos e portugueses deve ser feita. Como sustenta Mark Harris (2010), cada unidade de coletivos que se organizava para o combate, reconhecia apenas a legitimidade de seu próprio capitão ou tuxaua, e não às ordens de qualquer comando central, seja ela Belém ou Cuipiranga, por exemplo.

Os magotes se mobilizavam e se organizavam por si sós, adentrando em áreas de difícil acesso aos legalistas, e a grande maioria não mantinha uma teia de relação com os governos cabanos ou autoridades centrais. Semelhantemente como no Magote de Patacho, eram eles senhores de seus próprios destinos, se muito lhes interessassem realizavam alianças, se não continuavam como andarilhos solitários pelo interior da Amazônia.

Os seguidores pertencentes ao bando de Jacó Patacho nos levam a vislumbrar outro percurso historiográfico da Cabanagem, protagonizados por sujeitos marginais que não simpatizavam com os grupos majoritários paraenses. Esta tessitura

---

[73] **LIMA,** Leandro Mahalem de. **Rios Vermelhos: perspectivas e posições de sujeito em torno da noção de cabano na Amazônia em meados de 1835**, 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia). FFLCH-USP, São Paulo, 2008, p. 121.

historiográfica descristaliza qualquer visão hegemônica, seja ela dualista ou maniqueísta a respeito dos agentes envolvidos neste movimento revolucionário. O que em suma, atesta tão somente que o campo dos estudos sobre a Cabanagem, são movediços e escorregadios e carecem de mais pesquisas e estudos com olhares diferentes dos que até aqui foram empregados por outrem.

CAPÍTULO II. A Invenção do “Cabano”: discursos e práticas entre legalistas e contrários

2.1. O translado de um conceito e a construção de uma classe infame

O tratamento dispensado aos revoltosos do Grão-Pará é proveniente de uma grande carga ideológica e pejorativa. O historiador Domingos Raiol alcunhava-os de “classe ínfima, anarquistas”; o Padre. Sanches de Brito intitulava-os de “demônios”. Todavia, o nome marcante e que perpetuou-se fora “cabano”. Neste limiar, os estudos voltados à pesquisa sobre a Cabanagem tem se mostrado uma tarefa escorregadia e movediça, na medida em que torna-se árdua o consenso entre historiadores que debruçam-se sobre as discussões acerca da Revolução-revolta, do sujeito e do uso do termo “cabano”.

Diante desta complexidade historiográfica, este trabalho visa discutir e esclarecer as alcunhas e nomenclaturas (critérios classificatórios, portanto) adotadas “para” e “pelos” cabanos, as quais encontram-se amalgamadas nas tessituras historiográficas da História Social da Amazônia por meio de um discurso ideológico e aristocrático, quase numa penumbra, sob uma cortina de silêncio.

No âmbito dessa análise, sobre o uso e imposição do termo “cabano” a esses sujeitos marginais que se revoltaram durante a Cabanagem, cabe realizar os seguintes questionamentos: O uso do termo cabano surgiu durante o movimento ou anterior a 1835? De onde advém a herança de seu uso? Teria o termo “cabano” - e sua derivação “cabanagem” que deu nome ao movimento - alguma relação ou proximidade com a “Guerra da Cabanada ou Revolta de Panelas” ocorrida nas matas de Pernambuco e Alagoas entre 1831-36?

Para esclarecer esses questionamentos se faz necessário historicizar a Guerra da Cabanada.

A Cabanada ou Revolta de Panelas (1831-36) foi a princípio uma rebelião que congregou índios, escravos fugidos, posseiros, proprietários rurais e seus dependentes, lutando pela volta de D. Pedro I ao trono do Império do Brasil. No entanto, cabe analisar que, para se entender a Cabanada, faz-se necessário observar que a movimentação de tropas contrárias ao governo provincial nos limites entre Alagoas e Pernambuco começaram por meio de um movimento elitista bem

arquitetado que visava destituir do comando de Pernambuco o presidente da Província e consequentemente o comandante das armas – a Abrilada de 1832.

Na realidade, convém inferir que o processo de levante e constituição da Cabanada terá início a partir das medidas reformistas e demissões de oficiais de primeira linha e de ordenanças perpetradas pelas autoridades provinciais após a queda de D. Pedro I no dia 7 de Abril de 1831.

Os primeiros meses em Pernambuco, após o decreto de 1831 foram revolucionários e radicais, em virtude da memória e herança insurgente ainda da Revolta Pernambucana (1817) e da Confederação do Equador (1824). Nos meses que se seguiam, as tropas deixaram os quartéis acompanhados por vários membros da elite local e elaboraram uma petição exigindo a demissão de vários oficiais e magistrados, pois seriam estes os responsáveis pelo decreto de demissão e dissolução das ordenanças e comandos de primeira linha.

Todavia, a queda de D. Pedro I, de certa forma e quase que imediata, significou no prisma político pernambucano a anistia dos mentores remanescentes da Confederação do Equador. Regressavam assim Gervásio Pires, Manoel de Carvalho Paes de Andrade (presidente da Confederação) e com eles as discussões em torno dos princípios liberais constitucionalistas e federalistas.

Por outro lado, a queda de D. Pedro I na conjuntura política da Província Pernambucana significou uma diminuição na influência e no poder político de Araújo Lima e dos Cavalcanti. Os Cavalcanti que foram instrumentos centrais na derrota da Confederação do Equador, no pós confederação se sentiram injustiçados por não terem sido designados para o Senado, e embora continuassem com prestígio sócio-político tanto na província como na Corte, já não detinham o monopólio das nomeações para cargos e distribuição de favores e benesses em Pernambuco.

Concomitantemente ao cenário envolvendo os Cavalcanti e Araújo Lima, ocorreram a dissolução e exoneração das tropas de primeira linha e ordenanças. Os militares passaram então a ver o 7 de abril como expressão máxima do nativismo e consolidação da independência.

Estes militares pernambucanos transladaram essas percepções dos quartéis para a população, desencadeando ações de rebelião nas ruas de Recife, quebrando a ordem militar, saqueando o comércio da cidade e derrubando o brigadeiro Paula e Vasconcelos do comando das armas.

Esses acontecimentos que ficaram conhecidos como a Setembrizada de 1831, tiveram reações imediatas do governo provinciano o qual desmobilizou as tropas de primeira linha e ordenanças e entregou o policiamento da Província à Guarda Municipal.

A Abrilada em 1832 segundo Carvalho (2011, p.175-176):

> Foi o resultado dessas tensões, que só cresceram depois do dia 7 de abril de 1831. Foi uma reação articulada entre oficiais de primeira linha e milícias, junto a proprietários rurais buscando depor o presidente da província e o comandante das armas. Essa articulação envolveu inclusive os Cavalcanti, interessados em atingir um antigo adversário, que então ocupava a presidência da província, Francisco de Carvalho Paes de Andrade, irmão do presidente da Confederação do Equador, de cuja derrota os Cavalcanti talvez tenham sido os maiores beneficiários. Os militares envolvidos pretendiam evitar suas dispensas, perseguição e suspensão de soldos. Para os proprietários rurais, o objetivo do levante era evitar que seus adversários locais, que eles haviam perseguido em 1824 ou mesmo em 1817, pudessem ir à forra.

Este é o micro mundo social da Abrilada em Pernambuco. Após as repressões dos federalistas confederados aos revoltosos militares e pertencentes da elite local, estes cada vez mais se viam acuados e estabelecendo estratagemas reacionários. Se por um lado os Cavalcanti e demais membros da elite local vendo-se perseguidos em Recife e impossibilitados de organizar sistematicamente tropas de resistência, retiraram-se para seus engenhos no interior até que passassem os momentos de tensão [74], por outro lado, os militares com os produtores rurais passaram a se articularem nas mediações e proximidades das matas fronteiriças entre Alagoas e Pernambuco.

Nesta geografia da Zona da Mata Sul, essas tropas de resistência aos federalistas recifenses ganharam novos adeptos, pessoas muito simples e comuns que habitavam em cabanas rústicas e modestas nas matas a ilharga dos canaviais nas proximidades do porto, onde a esquadra imperial havia desembarcado, tanto em 1817 quanto em 1824. Eram alcunhados de "cabanos".

Cabe ressaltar, que talvez em nenhum outro lugar da província houvesse tanto apoio à Coroa brasileira como na fronteira com Alagoas. Foi em Barra Grande que desembarcou a esquadra enviada do Rio de Janeiro, que tanto em 1817 como em

---

[74] Cf. **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Lata 219, docs. 45, número 1-4, 24/04/1832.

1824 fincou seu quartel-general, mudando a economia e a política local, distribuindo recompensas aos colaboradores e emancipando a comarca das Alagoas. Sendo que, nos arredores de Barra Grande, nas imediações da povoação de Panelas de Miranda, havia fartura de alimentos para os cabanos, o que estrategicamente elevava aquele distrito como um dos principais pontos de apoio do exército cabano [75].

Dessa forma, convém estabelecer que o processo de revolta, iniciado com a Abrilada de 1832, transforma-se na base do movimento insurgente ou de certa forma dá continuidade a essas ações contestatórias que mais tarde seriam alcunhadas como Guerra da Cabanada ou Revolta do Distrito de Panelas de Miranda ou simplesmente Revolta de Panelas.

Essa revolta congregou índios, escravos fugidos, posseiros, proprietários rurais e seus dependentes, além de famílias aristocráticas pertencentes à elite local. Todos esses agentes sociais lutavam pela restauração monárquica através do regresso de D. Pedro I e sua dinastia, como também, defendiam a santa religião católica e a posse e usufruto das terras férteis do litoral sul de Pernambuco, além de serem contrários à Regência.

Os principais líderes da Cabanada nas matas de Pernambuco e Alagoas foram Antonio Timóteo (ou Thimóteo) e seu irmão João Timóteo, os quais chegaram a liderar um contingente de 1000 cabanos "themotistas". Posteriormente, passou a se protagonizar como principal líder do movimento nas matas do litoral sul pernambucano Vicente de Paula, que chegou a liderar um batalhão de cerca de 600 ex-escravos alcunhados de "papa-méis" - que compunham o que poderíamos mensurar como seus soldados de primeira linha -, e mais 800 arcos – índios do Jacuípe, que poderíamos classificar como soldados de segunda linha.

Entre os locais de atuação dos correligionários de Vicente de Paula, destacamos que os Pontos Cabanos de maior influência e importância na zona da mata sul foram o arraial de Jacuípe, as povoações de Panelas, Barra Grande e Porto Calvo. Estes últimos foram tomados pelos cabanos por serem vistos pelos mesmos como importantes Portos Naturais para a chegada de D. Pedro I – o que

---

[75] Cf. **APEJE**, Ofícios do Governo vol. 34, 27/02/1832, 29/02/1832, 09/04/1832; **APEJE**, Ofício dos Presidentes de Província, vol. 8, 13/08/1832; **ANDRADE**, Manoel Correia. **A Guerra dos Cabanos**. 2ª ed., Recife: Ed. UFPE, 2005, cap. 3 e p. 61.

não ocorreu dado à conjuntura política de rechaço a monarquia e, posteriormente, sua morte precoce por tuberculose em Portugal em 24 de Setembro de 1834.

Estabelecido o clima de tensão e Revolta na Província, cada vez mais aumentava o número daqueles que se juntavam às tropas de Vicente de Paula. Fato que levou muitos oficiais de tropas e líderes políticos provincianos a criar e massificar outras alcunhas pejorativas e, portanto, classificações sociais para os cabanos pernambucanos. Muitos cabanos eram chamados de "salteadores, gente das matas, papa-méis, quilombo de escravos, assassinos e ladrões" [76]. Possuíam uniformes. Trajavam "camisa e ceroula tinta" [77], usavam roupas tingidas para reconhecer seus pares em meio a combate.

Nesse contexto de termos classificatórios, muitas autoridades passaram a também nomeá-los como "desertores" em virtude do alarmante número de soldados outrora recrutados forçadamente, que ao sinal de uma possibilidade segura empreendiam fuga ou deserção. O aumento de deserção ocorria com os soldados militares devido terem seus soldos comprometidos e sofrerem com a falta de abastecimento alimentício durante combates. Já com os soldados civis recrutados, a deserção ocorria justamente por terem sido obrigados a se juntarem as tropas e combater os cabanos.

Em sua maioria, o recrutamento de jovens para as tropas provincianas se dava em meio às ações truculentas e violentas contra as Vilas e povoações da Zona da Mata Sul. "Na maioria das vezes as tropas provincianas governamentais invadiam casas, requisitavam o que precisavam, recrutavam, castigavam e até matavam" [78]. Segundo o major Santiago, a tropa do juiz de paz de Barreiros era formada por gente "valente na guerra", entretanto logo após reprimirem com sucesso os revoltosos, sobrevinha-lhes um "espírito de roubo", que nem medidas corretivas e castigos resolviam [79].

Além destas acusações truculentas, pesavam também sobre as tropas governamentais a destruição e queima sistemática de todas as lavouras, cabanas, roças e casas de farinhas encontradas, além da execução da política de terra

---

[76] **APEJE**. O Equinoxial (Recife), 14/09/1832.

[77] Cf. **ANRJ,** Ministério da Justiça, IJ-1 694 20/02/1833; **BNRJ**, Seção de Manuscritos, I-32, 11, 2, 28/12/1833.

[78] **APEJE**. O Mentor Pernambucano (Recife), 06/07/1831.

[79] Idem. Comando das Armas, v. 1, 01/02/1833.

arrasada. São a partir dessas ações nas povoações e Vilas que ocorre o recrutamento forçado de jovens, os quais passam a desenvolver um revanchismo em relação aos federalistas, arquitetando e esperando a primeira oportunidade para fugir e desertar, levando consigo os armamentos e munições. Esses acontecimentos culminavam com a insubordinação e esvaziamento das guardas nacionais e ordenanças, e em contrapartida o aumento de adeptos ao movimento cabano – grande parte destes desertores militares [80].

Os anos finais da Cabanada serão por meio de um processo paulatino a partir de maio de 1835, quando as chuvas e doenças tropicais impõem baixas nas tropas cabanas; passam a existir fome e escassez de alimentos em virtude da destruição de lavouras e roças dos "salteadores cabanos"; ocorre o sufocamento das tropas governamentais lideradas por Soares D'Andréa nas matas de Pernambuco e Alagoas; é oferecida a anistia aos revoltosos e também ocorre "a interferência da Igreja Católica por meio do bispo de Pernambuco, conclamando pela paz e deposição das armas dos cabanos, assegurando-lhes uma indenização que chegava a alguns casos até quatro mil réis" [81].

No entanto, a anistia não foi estendida a Vicente de Paula e seu exército de papa-méis. Nos anos subsequentes, o líder da Cabanada viu seu poder se esfacelar e seu exército ser reduzido a ínfimos 60 papa-méis. Posteriormente, passou a perambular solitário, vindo a ser preso quinze anos depois do movimento, por volta de 1850, graças a ação sagaz do marquês do Paraná, Honório Hermeto Carneiro Leão, então presidente da província de Pernambuco. Depois disto, Vicente ainda comandou uma rebelião de presos em Fernando de Noronha em 1853, e em 1861, aos 70 anos de idade foi solto da prisão (ANDRADE, 2005, p. 228).

Mas é preciso explicitar que entre os principais motivos de bandeira de lutas dos cabanos estava a restauração monárquica na pessoa de D. Pedro I. No entanto, faz-se necessário historicizar quais os reais interesses dos grupos sociais envolvidos na revolta, haja vista que apresentava significados distintos para cada um deles ao defenderem o regresso do jovem imperador.

Os Cavalcanti, Araújo Lima e demais famílias pertencentes à elite política urbana do Recife e da Província de Pernambuco foram favoráveis à restauração

---

[80] **APEJE**, v.8, 19/09/1832.

[81] **ANJR**, Ministério da Guerra, IG-1 94, 24/041835.

monárquica para defender seus interesses político-econômicos, já que a mudança de sistema e comando político significava um rearranjo na concessão de cargos de confiança e distribuição de favores por meio da influência governamental.

Para os militares, após o 7 de abril, suas lutas passaram a ser pelas suas carreiras, pela garantia de aposentadoria, pelo não rebaixamento ou dispensa militar sem nenhum pagamento indenizatório.

Cabe ressaltar que tais decisões contra as ordenanças militares eram tomadas de forma subjetiva pelos governadores das Províncias, não sendo universal, pois cada caso era julgado de forma diferente conforme os interesses políticos da autoridade governamental.

A queda de D. Pedro I colocava em xeque uma disputa pelo poder, e consequentemente, significava o abalo da renda familiar dos militares, por meio do decreto de fim das ordenanças e guarda de primeira linha.

Já os proprietários rurais viram ali na zona de conflito da mata sul de Pernambuco uma ótima oportunidade para expandir a fronteira de suas posses e sua influência político-eleitoral, anexar e se apossarem de terras devolutas (muito férteis por sinal) e aumentar o estado de subserviência da população pobre e livre.

Os cabanos (índios, posseiros, vaqueiros, escravos foragidos, desertores militares) ou gentes das matas sul de Pernambuco lutavam pela garantia à posse e usufruto da terra e contra as arbitrariedades do governo provincial. Lembremos que as povoações de Barra Grande e Porto Calvo eram destinados ao desembarque da Marinha Imperial na região e, de certa forma, a Coroa garantia uma proteção ou intimidação contra os avanços de proprietários rurais federalistas que ansiavam em expandir seus canaviais. A ausência de D. Pedro I, no trono, significava para essas gentes das matas o fim dessa relativa “proteção” e a perda de suas terras.

Mas ainda permanece uma grande querela nos liames dos processos históricos da Cabanada e da Cabanagem. Qual a proximidade e ligação entre ambas as Revoltas do Período Regencial do Império Brasileiro?

Ambas as revoltas ocorrem no Governo do Regente Padre Diogo Feijó e é este quem designa as tropas repressoras tanto para a Província do Grão-Pará quanto a de Pernambuco. Os dois movimentos apresentaram algumas características semelhantes como: revoltosos pobres livres, escravos e índios habitantes nas matas; moradias simples conhecidas como cabanas; bandeiras de lutas pelo acesso

e usufruto da terra; como também pela modificação no arranjo político das governanças e reverência a Santa Fé Católica.

Por tais similitudes ocorreu a invenção do termo "cabano" pelas tropas repressoras governamentais para alcunhar os revoltosos das matas de Pernambuco e Alagoas e posteriormente foi utilizado também para designar os correligionários do Cônego Batista Campos do Grão-Pará.

O jornalista e historicista Gonzaga Duque no final do século XIX (1898) produziu e publicou um trabalho sobre uma visão generalista e por assim dizer panorâmica sobre as *Revoluções Brazileiras (Resumos Históricos).* Entre tantas revoluções, o autor descreve ao longo de doze páginas sobre os bastidores e acontecimentos da Cabanagem, e é dele uma das primeiras, se não a primeira, reflexão sobre o processo de invenção e construção do termo "cabano". O autor faz uma conexão da Cabanada de Alagoas e Pernambuco e a "Cabanada" do Pará:

> Esta denominação provém dos bandos de índios, moradores em palhoças e cabanas, rebelados em Pernambuco e Alagoas, por espaço de três anos. Também chamaram a essa rebeldia – guerra de Panelas – por ter sido o lugar onde o maior número de índios se ajuntou à gente de Vicente Ferreira de Paula, o principal chefe dos cabanos. A repressão desses bandoleiros, que batiam as matas e serras, invadiam e saqueavam propriedades, custou à província muito dinheiro e não pequeno sacrifício de vidas preciosas...
> [...]
> Todas as vezes que rebentava uma revolta dava-se-lhe o nome de cabanada, acontecendo que, de parte a parte, se nomeavam por esta alcunha.
> A que vamos historiografar não deixa de ter motivos para assim ser designada, pois que grande parte de seus exércitos foi composta de caboclos, índios, mestiços e negros do interior da província (DUQUE, 1898, p. 155-156).

O termo "cabano", segundo Gonzaga Duque (1898), seria uma expressão corriqueira entre a elite imperial brasileira em meados de 1830: as diversas revoltas de homens de cor em diversas regiões do Brasil eram classificadas como "cabanadas", de modo pejorativo, devido à formação de seus exércitos serem compostos de caboclos, índios, mestiços e negros do interior das províncias, tais como a Cabanagem e a Cabanada ou Revolta de Panelas; exceto a Balaiada, onde os revoltosos – bemtevis – é quem alcunhavam os legalistas de "cabanos".

> A luta política do Maranhão era representada por dois partidos – o bemtevi e o cabano. O bemtevi que mais tarde formou as fileiras militantes do partido liberal teve sua origem no nome de um jornal fundado pelo ex-deputado Estevão Raphael de Carvalho e contava entre seus entusiastas o notável João Francisco Lisboa.
> A denominação do outro lado partidário proveio do sarcasmo de seus adversários que assim o tratavam para confundi-lo com o bando fanático e ignóbil que em Pernambuco e no Pará assolavam suas matas.

Como podemos observar nos comentários de Duque, os revoltosos do Maranhão (patriotas, índios, negros, mestiços), em virtude de saberem sobre o uso de classificador “cabano” para os revoltosos das matas de Pernambuco e Alagoas e também no Pará, passaram a inverter o uso desse termo para designar os legalistas do Maranhão.

Esta estratégia dos “bemtevis” foi empregada para conseguirem ganhar mais adeptos à revolta do Maranhão. A intenção era confundir os novos adeptos com a legitimidade da legalidade das partes envolvidas.

Inferimos que essa era uma tática sagaz para levar grande parte da população a acreditar na legalidade dos revoltosos. E em contrapartida, passarem a ver as forças legais como desertoras e rebeldes ao juramento de obediência à monarquia e a Constituição do Brasil.

Segundo o escritor Basílio de Magalhães (1940, p. 207), “o epíteto menosprezante de ‘cabanos’ partiu dos soldados da legalidade, que os combatiam, e proveio, certamente, de serem os rebeldes daquela região, pobres, roceiros, moradores em cabanas ou ranchos de sapé”. Assim, o autor afirma está convencido de que o uso da expressão teria chegado aos revoltosos do Grão-Pará através de tropas legalistas que foram transladadas de Pernambuco para o Grão-Pará.

Como assevera Lima (2008, p. 180), o termo “cabano” foi introduzido pelo Marechal Francisco José de Souza Soares D’Andréa, que, por não encontrar na lei formas de condenar os rebeldes, criou primeiramente o “crime geral de rebelião”.

Posteriormente à Suspensão das Garantias Constitucionais no Pará, Soares D’Andréa criou o chamado “*crime geral de cabano”,* acusando os revoltosos de serem “cabanos”, “coniventes com cabanos”, “cabanos turbulentos”, “turbulentos e ladrões”.

Assim, D’Andréa passou a unificar todos que indistintamente eram rebeldes, turbulentos, ladrões, uma vez que, para as tropas anti-cabanas, desta forma

tornava-se possível manter como um único e mesmo inimigo, todos os diferenciados sujeitos a quem confrontavam.

No entanto, esta tese de Lima (2008) pode ser questionada por meio de uma releitura cronológica do uso do termo cabano anterior a chegada de D'Andréa no Pará (1836), presente na obra de Jorge Hurley e nas documentações do APEP de 1834.

Em correspondência datado de 8 de novembro de 1834 ao presidente da província Bernardo Lobo de Souza, o comandante do batalhão em Cametá já alcunhava os revoltosos de "cabanos": "Corre o boato que Muaná está em armas para sustentar **a criminosa pretensão dos Cabanos do Acará**..." (HURLEY, 1936, p.276. grifo nosso).

O termo "cabano" volta a ser noticiado em ofício no dia 23 de novembro de 1834, quando o Tenente-Coronel Manuel Ferreira do Nascimento informa ao Presidente da Província, Bernardo Lobo de Sousa, que haviam sido enviados à Vila de Oeiras emissários dos cabanos vindos da Vila de Muaná, mas que os juízes de paz já haviam tomado as providências necessárias contra os mesmos:

> Ex.mº Senhor
> Partecipo a V. Exª. q o destricto da Villa d' Oeiras se acha em pleno sussego como sempre; suponho que pela **noticia da perpetraçao dos crimes que praticarao os cabanos do Rio Acará**, passarao a este alguns emissários com cartas vendas da Villa de Muaná dirigidas aos juízes de Paz a fim de sublevar o povo; por isso os juízes prestarao-se como era de se esperar. Deus Guarde a V. Exª. como nos he mister.
> Açurana, 23 de novembro de 1834.
> Illmo e Ex.mº Senhor Bernardo Lobo de Souza
> Presidente da Província do Grão Pará
> Manoel Ferreira do Nascimento
> Tenente e Coronel do 7º Batalhão das Guardas Nacionais [82] **[sic]**.

Alguns dias depois, o mesmo Tenente-Coronel, Manoel Ferreira, volta a enviar ofício a Bernardo Lobo de Sousa, desta vez agradecendo-lhe os serviços que prestou à Província combatendo os cabanos do Acará e outros distritos, e novamente aparece na correspondência entre os mesmos o termo "cabano", (APEP, Cód. 903, D. 96, grifo nosso):

---

[82] **APEP**, Códice 903, Documento 95, grifo nosso.

> Ex.mº Senhor
> Nunca foi equivoco aos bons paraenses o amor, zello e deztressa com que V. Ex.ª respeitou as Leis Constitucionaes do Império do Brasil; mas hoje fás ser isso o silêncio! A Officialidade do 7º Batalhão de Guardas Nacionais desta Província e do meu Comando muito agradessem a V. Ex.ª a densidade do esforço, e valentia com que V. Ex.ª se houve **a rebater esta orda de cabanos que de muito tempo estava preparada para nos adicionar em huma guerra civil**, e nos entregar desgraçadamente nas mãos dos restauradores, e que infelizmente aparecerao no Rio Acará.
> [...]
> General do Comando do Batalhão de Açurana
> 12 de Dezembro de 1834.
> Illmo e Ex.mº Senhor Bernardo Lobo de Sousa.
> Presidente da Província do Pará.
> Manoel Ferreira do Nascimento. **[sic]**.

Como podemos observar, nos registros de Hurley e nas correspondências dos Códices, o uso do termo "cabano" ocorre anterior à chegada de D'Andréa na Província do Grão-Pará. Este fato, leva-nos a questionar a tese de Lima (2008) sobre o início do uso do termo cabano a partir da chegada do Marechal Soares D'Andréa ao Pará em 1836.

Nas documentações, observadas até 1833, é comum entre as autoridades provincianas o uso de termos pejorativos aos revoltosos, tais como "desertores", "restauradores", "anarquistas", "miseráveis", "desordeiros", "infames", "rebeldes", mas em nenhum momento aparece o termo cabano. Este termo passa a ser citado nas "Correspondências de Diversos com o Governo", a partir de meados de 1834.

No entanto, se não vinculamos o início do uso do termo cabano à chegada de D'Andréa, como defende Lima (2008), nem tampouco ao traslado de tropas militares de Pernambuco como defende Magalhães (1940), como teria chegado esta alcunha aos revoltosos?

Trilhando a tese de Gonzaga Duque (1898), estamos quase convencidos de que por se tratar de um termo pejorativo, empregado para revoltosos em partes diferentes do Brasil, os quais se assemelhavam no estilo de vida rústica e pobre e por habitarem em casas simples no estilo de palhoças e cabanas, o termo "cabano" teria sido introduzido no Pará em meados de 1834, devido à circularidade das notícias e informações a respeito da Cabanada que ocorria nas matas de Pernambuco e Alagoas.

Munidos das informações sobre a rebelião que acontecia na zona da mata sul de Pernambuco, as autoridades militares e políticas provincianas do Pará passaram a também designar os revoltosos e correligionários de Batista Campos de "cabanos".

De igual modo, afirmamos que, embora o uso do termo cabano não tenha sido introduzido pelo Marechal Soares D'Andréa, a partir de 1836 com sua chegada ao Pará e o translado das tropas repressoras, que combatiam em Pernambuco, foi em seu governo que houve a intensa massificação do uso do termo cabano, por meio da arregimentação jurídica ao criar o crime geral de cabano. A partir daí, esta alcunha passou a ter circularidade, não só nas falas e correspondências entre autoridades provincianas, mas ganhou notoriedade e difusão também entre as demais camadas sociais da população paraense.

No entanto, sob a luz da História, faz-se necessário questionar o uso deste termo cabano pelos próprios revoltosos. Será se tão somente a construção do termo foi uma imposição das tropas repressoras que os viam como desertores ou os revoltosos tomaram para si o termo?

A priori não há indícios de que entre os revoltosos do Pará existisse o uso da alcunha "cabano", até porque esta expressão passou a ter para o período um caráter depreciativo, uma carga negativa. O próprio Magalhães (1940) afirma que a expressão "cabano" estaria vinculada a ações desprezíveis, e que os dicionários já definiam cabano como selvagem, atroz, aquele que está fora da ilegalidade.

A título de contribuição, o historiador Ernesto Cruz em sua obra "Nos Bastidores da Cabanagem" (1942) reuniu documentos escritos pelos presidentes cabanos (Clemente Malcher, Francisco Vinagre e Eduardo Angelim) durante suas disputas pelo poder da província, e destacou que em nenhum ofício ou carta escrita pelos presidentes cabanos encontra-se o termo "cabano", como forma de designar a si próprios e seus correligionários. Em boa parte das documentações aparecem tão somente termos como "patriotas paraenses", "brazileiros natos", "patrícios" (APEP, Cód. 888; RAIOL, 1970, p. 934).

A construção do termo cabano e a alcunha aos revoltosos e, posteriormente a designação do movimento, dá-se a princípio pelo discurso das autoridades provincianas que veem os rebeldes como algozes, como subversivos que se encontram na ilegalidade.

No entanto, os próprios revoltosos passaram a adotar o termo de "cabano" a partir do momento em que o movimento migrou para o interior da província no Baixo Amazonas, ali os militantes do movimento insurreto passaram a assimilar a alcunha como resposta à condição de subserviência e subalternidade imposta pelas

autoridades que se auto afirmavam “legais” – obedientes à legalidade da ordem vigente.

Entretanto ao longo do processo da Cabanagem (1835-40), os revoltosos adotaram o termo negativo daqueles que os combatiam como algoz na guerra, no entanto, fizeram isto mediante um processo de *r*essignificação do termo, valorizando qualidades como bravura, coragem e resistência observadas e compartilhadas no cotidiano dos mesmos, externando assim uma noção de identidade, significados e adoção de simbolismos como discutem Canclini (2006, p. 190), Hall (2006, p.65) e Elíade (1998).

Esse processo de ressignificação e apropriação do uso do termo “cabano” por aqueles que contestavam a ordem social no Grão-Pará, em meados do período oitocentista, encontra auxílio na percepção de Laferté (2008, p.5), o qual afirma que “é somente na escala das práticas [discursivas] que se pode compreender como os identificados ou representados se apropriam, recusam ou aceitam as identificações e as imagens”. Para Laferté, “a lógica de pertencimento segue sendo, em um dado espaço social ou territorial, a sociabilidade, os modos de inserção das pessoas nos diferentes grupos” (MELO 2013a, p. 12).

É a partir deste processo de ressignificação do termo cabano, que os próprios revoltosos do Pará passam a questionar a auto afirmação das autoridades militares e políticas enquanto “legais”, pois eles (cabanos) também se colocam na posição da legalidade.

Os Cabanos do Pará eram contrários ao arranjo político elitista na província, defendiam o acesso a terra, à fé católica e o fim das desigualdades sociais. Mostravam-se contrários à maçonaria[83] e não reconheciam a autoridade do governo regencial, todavia, diziam-se fiéis a Coroa brasileira na pessoa do verdadeiro herdeiro monárquico, o pequeno Príncipe Pedro de Alcântara.

Partindo desta ótica, tanto os cabanos do Pará quanto as autoridades militares provincianas se auto afirmavam obedientes à Coroa e, portanto, inseridos na legalidade. Por isso muitos cabanos hostilizavam a condição de legais que os militares reivindicavam para si, e apenas designavam as autoridades provincianas como tropas inimigas.

---

[83] **BATES**, op. cit., p.24.

Essa hostilidade sobre a condição da legalidade entre tropas repressoras e tropas contestatórias pode ser observada no longo discurso de repúdio ao envio do novo presidente do Pará, Manuel Jorge Rodrigues e, seus aliados nomeados pela Regência. Esta proclamação foi assinada pelos principais líderes do governo patriótico em 14 de agosto de 1835, horas antes da invasão de reconquista de Belém e tentativa de expulsão de Jorge Rodrigues. O discurso de proclamação assim foi lido por Antônio Vinagre *apud* Raiol (1970, p. 832-834):

> Paraenses! Irmãos e companheiros d'armas! **Valentes e denodados defensores das liberdades pátrias!** Aproximam-se os momentos e as horas em que temos de medir as nossas forças **com os vândalos, que se intitulam legais, quando eles não são mais do que vis escravos do poder a quem servem!**
> Dois estrangeiros, a saber, um que é presidente e comandante das armas da província, e outro chefe de esquadra, gozam das honras de brasileiros adotivos! O primeiro, que é marechal, chama-se Manuel Jorge Rodrigues, e deixou o embigo nas terras de Portugal; o segundo, João Taylor, nascido em Inglaterra e desertor da marinha daquela nação, alcançou no país de Santa Cruz o posto de chefe de esquadra!
> Infeliz País! Desditosa Nação! Esses perversos de mãos dadas um com o outro, em menos de três dias, prenderam duzentos e oitenta e tantos patrícios nossos, que se acham a bordo dos navios de guerra, carregados de pesadas cadeias**!... Cidadãos beneméritos por seu patriotismo e virtudes, deputados provinciais, juízes de órfãos, juízes de paz, oficiais de primeira e segunda linha, da guarda nacional, agricultores, empregados públicos, negociantes, padres, artistas, em uma palavra, cidadãos de todas as classes neste momento gemem ao peso de grossas algemas, nos porões de navios de guerra sem processo e sem sentença!** Que ultraje às leis do Estado! Que afronta aos sagrados direitos dos cidadãos brasileiros! **Que provocação aos verdadeiros patriotas paraenses!** Mais de trezentas famílias estão inundadas em lágrimas, por se verem privadas de seus dignos chefes e naturais protetores!
> As esposas chorando por seus maridos, os filhos por seus pais, venerando pobre e velhos, curvados ao peso dos anos e das enfermidades, carpindo a falta daqueles que lhes eram arrimo na velhice! A consternação quase que é geral na capital! Famílias distintas e respeitáveis, insultadas e desrespeitadas em suas honras! Finalmente as famílias dos verdadeiros patriotas paraenses estão cobertas de luto! Se nos está figurando uma nova palhaçada! Aqui a pena nos cai das mãos, mas forçoso é acabar. Os perversos e traidores que temam de nossa justa vingança! Ai dos cobardes que se interpuserem em nossa marcha!
> **Dignos filhos do gigante Amazonas, valentes e denodados defensores das liberdades dos cidadãos brasileiros, a nós cumpre castigas e vingar a afronta feita a esta briosa Província, que hoje geme sob o mais vil despotismo.** Que cada um de vós seja um novo Guilherme Tell na defesa da pátria e da liberdade. Seja a nossa divisa – Vencer ou Morrer. Os vossos chefes estão na vossa frente, e onde maior for o perigo, aí será o seu posto de honra! Somos paisanos, desconhecemos a arte da guerra, mas nos havemos de bater como os mais briosos e aguerridos soldados. Aquele que em frente ao inimigo recuar um passo à retaguarda, e mostrar-se cobarde (o que não é de esperar de homens livres) seja morto no mesmo momento. **Se os vossos chefes caírem aos golpes de nossos**

> **miseráveis perseguidores e cruéis verdugos, pisai por cima de seus cadáveres e vingai a sua morte.**
> Se algum de vossos chefes no ato de carregar sobre o inimigo de mostrar vacilante ou cobarde, que seja no mesmo instante morto como um traidor e indigno de capitanear a homens livres. Os régulos que nos oprimem dispõem de numerosa artilharia, de excelente armamento e munições de guerra em abundância, e são coadjuvados pelos navios de guerra da marinha portuguesa e inglesa! Que miserável presidente que lança mão de baionetas estrangeiras para derramar o inocente sangue brasileiro! E tudo isto contra as leis do país!
> Os vossos chefes não sabem iludir, por isso é preciso usar de franqueza e dizer-vos a verdade. **Temos pouco armamento e falta de pólvora; mas essa falta será suprida pela santidade da causa que defendemos**, e pelo desejo da mais nobre vingança. Mil vezes a morte no campo de batalha do que ter os pulsos algemados, e arrastar pesadas e infames cadeias. Só devemos reconhecer por inimigos os que se apresentarem em campo.
> Recomendar-vos sagrado respeito às famílias e proteção aos desvalidos é necessário. Compaixão para com os vencidos. O homem livre e verdadeiro patriota é generoso. Queremos prisioneiros e não cadáveres. **Caros Patrícios e Irmãos d'armas, dignos filhos do Grão-Pará, o Deus da América está convosco e o nosso triunfo não pode ser duvidoso.** O Brasil inteiro tem os olhos sobre nós... **Sejamos dignos do nome de brasileiro. Cumpra cada um o seu dever e a pátria será salva. Viva a Religião Católica Apostólica Romana" Viva a Nação Brasileira! Vivam os defensores da Pátria e da Liberdade! Guerra aos déspotas e tiranos! Viva o rico e majestoso Pará!.**
> Acampamento no engenho Murutucu, 14 de agosto de 1835.
> Antônio Pedro Vinagre
> Eduardo Francisco Nogueira Gavião
> Manuel Antônio Nogueira
> Manuel José da Silva Paraense
> André Pinto de Araújo Amazonas
> Geraldo de Oliveira Vinagre. **[sic]**. (grifo nosso)

Como podemos evidenciar, os comandantes das forças contestatórias da ordem vigente, liderados por Francisco Vinagre, auto declaravam-se **"patrióticos"**, os **"verdadeiros brasileiros"**, "**valentes e denodados defensores das liberdades pátrias"**, "**dignos filhos do gigante Amazonas"**, "**valentes e denodados defensores das liberdades dos cidadãos brasileiros".** Em nenhum momento se auto intitulavam de **"cabanos"**, "**ilegais"**, "**revoltosos"**, ou qualquer outra alcunha introduzida pelas tropas repressoras provincianas.

Pelo contrário, os "patrióticos paraenses", como assim se intitulavam os liderados vinagristas, alcunhavam as tropas e governantes militares de serem "**vândalos", "ilegais", "vis escravos do poder a quem servem"**. Os patrióticos paraenses (doravante alcunhados de cabanos) por serem católicos defendiam a tese de que **o Deus da América estaria com eles**, e O mesmo os faria triunfar sobre os ilegais, devido a santidade da causa que defendiam [patrióticos paraenses].

Os cabanos do Pará (patrióticos paraense) se colocavam na condição da legalidade, porém, não obedeciam às ordens da Regência de Diogo Feijó e posteriormente a de Araújo Lima, por entenderem que tais governos legitimavam as benesses e o exercício de influência e poder das famílias aristocráticas nas províncias dos Estados Unidos do Brasil. Os cabanos (pelo menos os presidentes) em seus discursos, mantinham-se fiéis à fé católica e ao menino Pedro de Alcântara, e aguardavam apenas o mesmo chegar a maioridade, para assim governarem em conformidade as diretrizes do futuro monarca.

Logo, esse discurso da "legalidade", que construiu uma negativação dos cabanos enquanto ilegais e que foi tecido por muitos historiadores desde Raiol [84] ([1865-90] 1970), passou a ganhar positivação paulatinamente a partir da obra de Caio Prado Jr (1933), seguido pelas obras de Hurley (1936) até os dias atuais.

Seguindo essa evolução da discussão da legalidade dos cabanos ao longo das últimas décadas, inferimos que a análise de tal conflito, baseado nas relações de poder entre cabanos e as autoridades político-militares provincianas, foi evitado e até mesmo suplantado em detrimento da construção de um discurso hegemônico que inventou o termo cabano para os sujeitos marginais que se insurgiram e questionaram a ordem vigente no Grão-Pará.

A construção do termo cabano foi uma estratégia sagaz das autoridades repressoras em classificá-los como subversivos, anarquistas, revoltosos, ilegais, criminosos, rebeldes, desordeiros, contraventores, enfim, unificar uma alta carga pejorativa em um único termo - "cabano".

No arcabouço desta diversidade de sujeitos envolvidos na cabanagem, a multiplicidade de reivindicações destes diferentes segmentos sociais inseridos nesta revolução no Grão-Pará oitocentista, foram reunidos, homogeneizados e tratados como um único inimigo a quem o Estado deveria combater. Como nos auxilia Pinheiro (1998, p. 156-157):

> A Cabanagem foi um canal por onde segmentos diversos buscaram conduzir seus protestos e reivindicações que, por sua vez, derivam de situações conflituosas, igualmente diferenciadas. Seu entendimento como um movimento único, indistinto em procedimentos e reivindicações, derivou diretamente da ação repressiva, para quem não importava a existência ou não de distinções internas entre os rebeldes. Visto por este ângulo, o termo "Cabano" – enquanto sujeito genérico que materializava a partir de seus

[84] Ver nota de rodapé 6 nas páginas 26-27 desta dissertação.

> atos comum contra ordem – acaba antes como uma construção do poder instituído, que o utiliza indistintamente para identificar e desqualificar os grupos que se lhe apresentavam como adversários, pouco se importando se o recurso as armas entre os rebeldes era feito a partir de suportes diferenciados ou não.

Para o autor, a construção do termo cabano como forma genérica teria sido uma estratégia de poderio militar para identificar e desqualificar de forma indistinta todos os adversários da "legalidade" do Império.

Partindo desta tese, afirmamos que as medidas instituídas por D'Andréa a partir de 1836 no Grão-Pará foram propositais e estratégicas, haja vista que anteriormente à sua chegada já se utilizava o termo cabano para os revoltosos. No entanto, além dos sujeitos cabanos, para as autoridades, existiam diversificados grupos de revoltosos classificados de forma pejorativa mediante marcadores de raça e classe[85], dentre os quais podemos citar negros fujões, desertores militares, brancos fugitivos, camponeses rebeldes etc.

Compreendemos então que a ação de invisibilizar a multiplicidade dos agentes envolvidos no processo revolucionário da cabanagem, nada mais foi do que uma estratégia ideológica de homogeneizar os diferentes sujeitos a quem o governo reprimia no Grão-Pará em uma única alcunha social – a de cabano.

Todavia, inferimos que estas discussões historiográficas da história sócio-política da Amazônia, sobre a forma como se deu o translado do termo "cabano" (para a Cabanada do Pará) e a invenção de uma classe infame marginal [86], de certa forma foi suplantada pela construção de uma historiografia tradicional conservadora.

Isto ocorreu devido a dois aspectos: **1.** Esta discussão profunda da construção pejorativa do termo cabano ter sido ocultada pelas autoridades provincianas que consideraram-se "vitoriosas", as quais estabeleceram nas documentações outros significados para o termo "cabano", relacionando sua significância ao fato de habitarem em casas muito pobres e de materiais muito frágeis, alcunhadas de

---

[85] Cf. **MELO**, 2013a. p. 1-15.

[86] Ao adotar termos como "classe infame marginal", "sujeitos marginais", queremos ressaltar a falta de acesso a representatividade política de boa parte da população pobre paraense que passaram a compor o movimento cabano. Esses sujeitos sociais paraenses embora fossem considerados "cidadãos" na perspectiva demográfica, de fato não gozavam de direitos políticos de ascender a cargos públicos e nem tampouco de representatividade e elegibilidade, de fato eram colocados a margem da sociedade elitizada, ao ostracismo político-social. Para melhor entendimento, Ver: **MELO**, Wilverson Rodrigo Silva de. **Sujeitos Marginais em Tempo Cabanal (1835-1837): A Supressão e Violação dos Direitos Fundamentais do Homem no Grão-Pará Regencial.** 2015. 57 f. Monografia (Especialização em Direitos Humanos), Cajazeiras, Universidade Federal de Campina Grande, 2015.

"cabanas"; **2.** A reprodução demasiada da expressão "cabano" pelos historiadores ao longo do último século, utilizando o termo como agente homogêneo classificador dos sujeitos envolvidos – o que em tese durante algum tempo, atendeu aos reais interesses governamentais em construir uma historiografia que estabelecesse como arquétipo pejorativo a figura do cabano.

Em suma, para determinar quem eram os "cabanos", quem eram esses sujeitos envolvidos (negros, índios, brancos pobres, agropecuaristas de classe média etc.) na revolução da Cabanagem, se faz necessário descristalizar o termo "cabano". É partindo da premissa da multiplicidade dos agentes envolvidos, que se conseguirá traçar um estereótipo sobre quais eram as suas ações e noções ao longo do movimento.

Crendo que a multiplicidade de agentes traz na bagagem uma diversidade de ideais sócio-políticos peculiar a cada categoria de sujeitos, isto nos leva a afirmar que no Grão-Pará oitocentista seriam projetos políticos de "cabanagens" dentro de uma Cabanagem – que se aproximaram por questionarem o arranjo político vigente e comungarem do sentimento antilusitanista –, assim como os "agentes cabanos" cristalizados em um único termo unificador de "cabano".

2.2. Ser "cauda ou ser cabeça": o uso do discurso religioso como forma de persuasão revolucionária.

Desde os tempos coloniais do Brasil, foi frequente o uso do discurso religioso e sua liturgia como forma de persuasão, catequização e destribalização indígena. Ao passo que também doutrinou os muitos escravos africanos, amenizando a princípio as revoltas e rebeliões negras.

A política adotada pela Igreja Católica nos três primeiros séculos de colonização do Brasil arregimentou uma dependência social de índios e negros aos membros da sociedade clerical. Tal política de catequização e conversão de índios e africanos ao catolicismo, renderam benesses ao governo papal, dentre os quais podemos mencionar: o aumento dos fiéis católicos e o aumento das rendas e propriedades da Igreja.

Se por um lado a Igreja Católica trabalhava para alcançar seus interesses na colônia brasileira, por outro lado, a Coroa portuguesa se beneficiava do discurso

ideológico propagandeado pela Igreja, como forma de submeter índios e negros aos interesses da monarquia lusa.

Por comungarem de interesses políticos semelhantes e verem no Brasil uma estratégia de crescimento econômico, a Igreja Católica e a Coroa Portuguesa firmam e estabelecessem o sistema de padroado. Como esclarece Azzi (1987, p.21):

> O direito de padroado só pode ser plenamente entendido dentro de um contexto de história medieval. Não se trata de usurpação de atribuições religiosas próprias da Igreja por parte da Coroa lusitana, mas de forma típica de compromisso entre a Santa Sé e o governo português. Consistia especificamente no direito de administração dos negócios eclesiásticos, concedido pelos papas aos soberanos portugueses.

Segundo a política de padroado, para a Coroa ficariam as despesas com encargos e estruturas eclesiais, e à Igreja ficaria a missão ideológica de reproduzir discursos persuasivos, e doutrinar os colonos e escravos a condição de subserviência à monarquia lusa.

O sistema de padroado foi o principal mecanismo pelo qual o clero secular e as companhias religiosas[87] massificaram as doutrinas e dogmas cristãos-católicos no Brasil ao longo de quatro séculos. Assim os colonos e escravos no Brasil passavam a ter “duas senhoras”, a Metrópole portuguesa e a Igreja Católica.

Se por um lado a Metrópole portuguesa, com sua estrutura organo-burocrática, apresentava-se de forma tímida no cotidiano sócio-político, por outro lado; a Igreja se apresentava de forma íntima no convívio de colonos, índios e negros, passando a controlar desde tributos a documentações pessoais (certidão de casamento, batistério) – levando muitos devotos a reconheceram como primeira senhora a Igreja em detrimento da Coroa.

Dada à presença e proximidade da Igreja nas Vilas, freguesias, comarcas e termos, a mesma logo passou a ganhar respeito e reverência. Muito além dos sermões utilizados como forma de dominação ideológica, a Igreja ultrapassa seus muros e passa a exercer influência direta no convívio social de seus membros, na medida em que começa a administrar setores primordiais da sociedade – saúde e educação.

---

[87] Para ver noções que afirmam do exercício do poder de padroado sobre o clero secular e as ordens religiosas, Cf. **HOORNAERT**, 1994; **LIMA**, 1995; **KUHNEN**, 2005.

A Igreja Católica, por meio de sua estrutura eclesiástica, estabelece uma rede de controle social por meio da oferta de serviços seculares e espirituais. Com a prerrogativa de engajamento social e espiritual, a Igreja passa a atender a população através dos hospitais (santas casas de misericórdia), das escolas (maior parte internatos), dos orfanatos, dos asilos, das paróquias e das faculdades, externando um domínio patriarcal sobre esses colonos, índios e negros.

O domínio dessas esferas sociais, principalmente dos campos da saúde e do saber, implicam na materialidade de uma estrutura de poder que se impõem sobre o "outro", pois a formação educacional de um sacerdote difere da formação do "povo".

Nesses primeiros séculos de colonização e exploração dos recursos da colônia brasileira, foi quase inexistente uma formação educacional para o povo voltado para as artes e filosofia, na maioria das vezes era direcionada para uma aprendizagem de ofícios domésticos.

No entanto, para se obter uma formação sacerdotal, desde muito cedo os jovens seminaristas eram (e ainda são) ensinados acerca da filosofia, artes e teologia, dominando assim o mundo da escrita e da leitura [88] e impondo uma dominação cultural sobre leigos e analfabetos – que por sinal eram a maioria da população brasileira.

Logo, afirmamos que a base educacional do clero católico se sobressaía no Brasil - considerando a quase totalidade de iletrados que formavam a sociedade da época -, pois os membros do clero desenvolviam, ao longo dos anos de estudo, a retórica, a hermenêutica, a homilética e eloquência para lidar com as massas de fiéis, ou seja, conforme seus interesses no cenário social, os membros do clero tinham a capacidade de serem persuasivos e manipuladores se assim o quisessem.

No Pará, desde o início das fortificações na Amazônia, a Coroa portuguesa preocupou-se em estabelecer paroquias e respectivamente sacerdotes ao longo de todo seu território, especificando a quantidade de padres e missões que deveriam existir nas três comarcas – Grão-Pará, Baixo Amazonas e Alto Amazonas [89]. Tal

---

[88] Estes campos da ciência eram empregados tanto na formação de futuros sacerdotes nos seminários, como também nos cursos de Direito e Teologia das faculdades brasileiras. Convém tão somente estabelecer que o acesso a escola privada e faculdade se dava a poucas pessoas, em sua maioria a jovens pertencentes a classe média, que escolhiam seguir vocação eclesiástica ou estudar em faculdades brasileiras e/ou portuguesas custeadas por sua família. Notemos que esta não era a realidade da maioria dos brasileiros, os quais cada vez mais mergulhavam num estado de ignorância.

[89] **SOARES D'ANDRÉA**. Op.cit., 1838.

medida foi adotada como estratégia norteadora para destribalizar e catequizar índios, subalternar cultural e religiosamente o negro e persuadir a população paraense para servir aos exímios interesses da Coroa.

No que tange mensurar sobre os bastidores da Cabanagem, alguns personagens leigos e clericais foram de suma importância para a eclosão do movimento, dentre os quais podemos citar: Bispo Romualdo de Souza Coelho, Cônego Batista Campos, Pe. Antonio Sanches de Brito e Apolinário Maparajuba.

Convém, então, analisar sobre a relação das ações e discursos religiosos destes agentes sociais com o desenvolvimento revolucionário da Cabanagem.

Na obra "O anno biográfico brazileiro" (1876) de Joaquim Manoel de Macedo, o autor relata de forma sucinta alguns acontecimentos que marcaram o bispado de Romualdo de Souza [90] no Grão-Pará desde 1819 a 1841:

> Romualdo de Souza dedicou-se ao sacerdócio, e recebeu ordens de presbytero em 1785, sendo já notável por sua instrucção e austeridade de costumes: no anno seguinte era vigário interino de S. José do rio Araxá, em 1789 lonto de latim do Seminário, em 1794 secretario do novo bispo D. Manoel de Almeida de Carvalho, seu thezoureiro dos Pontificaes e vice-reitor do seminário: examinador synodal, lente de theologia; e além de mais, Arcipreste da cathedral em 1805.
> E tudo isso elle foi sem aspirar, nem pedir: seu único empenho na vida tinha sido ser padre; o mais lhe viera; porque sabia ser padre.
> Na capital do Pará elle único ignorava que era modelo de virtudes, o já fonte riquíssima de sciencia. O bispo D. Manoel de Almeida muitas vezes o chamava á conferências scientificas.
> Em 1817 o mesmo bispo mandou Romualdo de Souza Coelho ao Rio de Janeiro para comprimentar D. João VI que suecedêra no throno á rainha D. Maria I, e saudal-o em seu nome, no do cabido, do clero, e dos diocesanos do Pará: ao despedil-o, disse-lhe: «vá; quero que o conheçam ; porque ha de ser o meu suecessor no bispado. »
> A prophecia realisou-se quasi logo: D. Manoel de Almeida falleceu á 30 de Junho de 1818: D. Romualdo de Souza Coelho era bispo do Pará em 1819.
> Foi bispo, como tinha sido simples padre, humilde, zeloso, beneficente, exemplar de virtudes e sábio. Ninguém teve mais numerosa família; todos os pobres erão seus filhos: ninguém se lembrava menos de si, e ninguém era tão abençoado como elle.
> O seminário e instituições pias erão seus doces amores na terra.
> Foi eleito deputado pelo Grão Pará ás cortes de Lisboa e em 1823 de volta á cidade de Belém o nomearão presidente da Junta-Provisoria-Governativa: o bispo aceitou o cargo para empenhar-se com ardor em manter a ordem, impedir conflictos, e aconselhar conciliação até que a província escapou á influencia e oppressão da tropa luzitana, e acclamou a independência, e D. Pedro I Imperador do Brazil.

[90] Romualdo de Souza Coelho foi filho do lavrador Alberto de Souza Coelho e de D. Maria de Gusmão, ambos paraenses, nasceu à 7 de Fevereiro de 1762 na vida hoje cidade de Cametá, na província do Grão Pará, e ali mesmo recebeu a instrução primaria, e completou o estudo do latim. (**MACEDO**, 1876, p. 165.)

> Velho já e cançado pela vida de estudos, que illumina a intelligencia, mas abate o corpo desprezado, D. Romualdo de Souza Coelho visitou em longas e incommodas viagens grande numero de parochias e de capellas do seu bispado, fazendo ouvir por toda parte sua palavra apostólica.
> Adoeceu fatalmente pouco antes da revolta de 1835 no Pará: a anarchia, o furor das facções, o horror do sangue, o arrancarão quasi já cadáver de seu leito de moribundo: levado nos braços de dous padres D. Romualdo de Souza foi duas vezes expôr-se aos desatinos dos revoltosos que tinhão já chegado á ousar os maiores atentados e fadou-lhes em nome de Deus e da pátria, aconselhando ordem e obediência, e promettendo exorar amnistia.
> O velho bispo nada conseguio, e recolheu-se para padecer em leito de agonisante de todos os dias, cinco anos de martyrisada vida até que expirou á 15 de Fevereiro de 1841.
> Sua sepultura recebeu apenas um corpo de pelle e ossos.
> São numerosas as obras impressas do D. Romualdo de Souza Coelho : duas explicão os acontecimentos do 1823, em que elle tomara parte: as outras são Cathecismos, Dissertações, Discursos, Orações e Pastoraes do abonado merecimento.
> D. Romualdo de Souza Coelho foi príncipe da igreja, que sahio como os apóstolos de Jesus Christo, do seio pobre e humilde do povo. **[sic]**. (MACEDO, 1876, p. 165-168.).

Como podemos observar nos relatos de Macedo, o bispo D. Romualdo de Souza, além de desempenhar atribuições de líder religioso, foi um homem atuante na política brasileira.

Na mesma forma como ocorreu sua ascensão na vida religiosa, também aconteceu sua evolução no campo político. Atributos e conhecimentos vindouros de sua formação eclesiástica (latim, oratória, cargos de confiança) ajudaram o mesmo, a se posicionar na conjectura política brasileira das duas primeiras décadas do século XIX, exatamente no momento de tensão entre o governo Joanino e o liberalismo português (vintismo).

Desde 1817 quando representando D. Manoel de Almeida (então bispo do Paraense) se apresentou e saudou D. João VI no Rio de Janeiro em nome do povo do Pará, já demonstrava sua preferência pelo monarquismo, todavia, tinha como primordial objetivo a manutenção da paz na província do Luso-paraense e a concessão de vida digna aos paraenses.

Devido sua autoridade religiosa e amizade com a monarquia logo foi eleito deputado para representar o Pará na Assembleia Constituinte na Corte. Regressando de lá, foi indicado para presidir a Junta Governativa Provisória do Pará

em 1823. Cabe aqui retomar os liames do processo de Adesão do Pará a Independência do Brasil [91].

A historiografia aponta que, em Março de 1823, os "cidadãos", eleitos para comporem a Junta de Governo da Província, são surpreendidos por um golpe político arquitetado pelos partidários do antigo regime luso. Dissolvida esta 1ª Junta Governativa, é indicada uma 2ª Junta Governativa, a qual passou a ser presidida pelo bispo D. Romualdo de Souza.

Ocorre, porém, que em agosto do mesmo ano, chegava ao Pará o capitão tenente John Pascoe Greenfell com a missão de fazer com que o Grão-Pará aderisse à Independência do Brasil. Por meio de ameaças de invasão e bombardeio a Belém – o que não passou de um blefe, pois o capitão só tinha uma nau – [Greenfell] conseguiu convencer a Junta Governativa do Pará a aderir a Independência e unificação da América Portuguesa enquanto Brasil.

Mesmo sendo um político conservador e simpatizante do governo português, D. Romualdo de Souza exerceu influência sobre a Junta Governativa, para que esta deliberasse pelo rompimento dos laços fraternos com o regime monárquico português. Em virtude de compreender que tal decisão seria a mais eficaz para salvar [a Província] dos horrores da anarquia e da violenta repressão que poderiam vir a sofrer pelas tropas de D. Pedro I.

Mesmo sendo uma atitude cautelosa, D. Romualdo influencia a Junta Governativa a aceitar a Adesão do Pará como prerrogativa para a manutenção da paz na província. A decisão da Junta Governativa não foi de toda inocente e descabida, pois embora a Adesão ao Império do Brasil significasse no plano internacional, um passo importante para o rompimento das relações econômicas e políticas com Portugal, D. Romualdo de Souza entendia que esta teoria não se efetivaria na prática.

Visto que o herdeiro da Coroa portuguesa, pertencente à dinastia dos Bragança iria administrar o Brasil. O rompimento diplomático com Portugal seria mais uma medida para agradar as famílias elitistas brasileiras, pois o domínio político e ideológico continuaria sob a administração da Dinastia Lusa.

---

[91] Ver a página 44 desta dissertação.

Posterior à assinatura do termo de adesão, John Pascoe Greenfell ordenou a prisão dos coronéis Vilaça e Moura (adeptos da permanência de subordinação política a Lisboa), dissolveu a Junta Governativa Provisória e convocou novas eleições na Câmara Municipal para a composição de uma nova Junta Governativa Permanente.

O coronel Geraldo José de Abreu foi eleito presidente e entre os outros cinco membros escolhidos estava o fazendeiro da região do Acará, Felix Antônio Clemente Malcher (que em 7 de janeiro de 1835 foi aclamado como 1º Presidente cabano) e o Cônego Batista Campos que se encontrava foragido no interior do Acará.

A saída de D. Romualdo da presidência da Junta Governativa somada ao entendimento da população de que a adesão do Pará ao Império do Brasil não modificaria a estrutura social da Província, antes, significaria no plano regional um translado de poder político das famílias aristocráticas lusas para as famílias aristocráticas brasileiras, provocando um cataclismo de rebeliões nas ruas de Belém.

A população mais pobre saiu às ruas como forma de protesto e iniciou motins e insurreições, pediam a demissão do coronel Geraldo José de Abreu, assim como de funcionários favoráveis à emancipação política do Brasil. Os amotinados de Belém reivindicavam a presidência da Junta Governativa em favor do Cônego Batista Campos.

Embora militasse pela paz e sossego na Província, tamanha era a influência de D. Romualdo a ponto da população se insurgir contra as autoridades reais e reivindicar posição política de destaque para um de seus discípulos.

Ao longo de dez anos subsequentes a 1823, D. Romualdo de Souza passou a ganhar maior notoriedade e carisma, em virtude de suas ações populares e apascentadoras. Como afirma Macedo [92], o bispo “visitou em longas e incômodas viagens grande número de paróquias e de capelas do seu bispado, fazendo ouvir por toda parte sua palavra apostólica”.

[92] **MACEDO**, op. cit., p. 167.

Isto nos leva a crer que o bispo se destacou de forma diferenciada dos antigos bispos do Pará, na medida em que se fez mais próximo “as ovelhas de seu rebanho”. No entanto, podemos interpretar que suas andanças e viagens pelas vilas e freguesias do Grão-Pará estabeleceram uma rede de relações de subserviência, na qual as “ovelhas paraenses” passaram a admirar, reverenciar e reconhecer a “voz de seu pastor”.

Esta condição de figura magna tanto política quanto religiosa acabou exercendo uma posição de neutralidade nos tempos de cabanagem, sendo respeitado e ouvido tanto por tropas cabanas quanto por tropas anticabanas. Desempenhou papel de conciliador e diplomata em tempos de guerra.

Dado os tempos de revolta, o furor das facções e o horror do sangue, passaram a serem frequentes, no cotidiano paraense durante as Revoltas de Muaná, Acará e a Confederação de Cametá em 1834, bem como a intensificação desses conflitos a partir do 7 de janeiro de 1835; Com a eclosão da Cabanagem D. Romualdo de Souza interveio e “expor-se repetidas vezes entre os dois lados da guerra falando em nome de Deus e da pátria, aconselhando ordem e obediência, mas não obteve sucesso” [93].

Ao longo de 1834, D. Romualdo de Souza passou a enviar correspondências ao presidente da província Bernardo Lobo de Sousa, cobrando medidas para se chegar à paz e ao sossego no Grão-Pará em virtude das constantes revoltas nas regiões do Marajó e Acará [94].

Ressaltamos, porém, que um dos principais líderes dos levantes insurgentes foi um de seus discípulos (Batista Campos). O que nos é dado a supor que o bispo do Pará fizesse acepção de movimentos contestatórios, ou seja, quando os movimentos insurgentes fossem de cunho mais popular e radical, o bispo noticiava e cobrava medidas do presidente da província [95]. Entretanto, quando os levantes insurretos fossem de cunho de disputa política pela liderança partidária e/ou provincial (onde geralmente estava situado Batista Campos) o bispo D. Romualdo silencia-se.

---

[93] **MACEDO**, loc. cit.

[94] Cf. **APEP**. 1827-1838. Códice 854. Correspondências de Diversos com o Governo.

[95] Ver **APEP**. 1827-1838. Códice 854. Documento 100.

Tal tendência de posicionamento político do bispo do Pará só reforçava que a preocupação do mesmo não era contra as disputas políticas armadas, (já que o bispo também era um homem político), e sim contra os movimentos insurgentes de cunho radical e forte apelo popular de nuance jacobina.

Entretanto, é essa característica dúbia de D. Romualdo de Souza Coelho que lhe outorgava autoridade e respeito para se situar no cerne das ações de conciliação entre os grupos políticos e insurretos do Pará.

Com a chegada do Marechal Soares D'Andréa para reprimir os revoltosos do Pará governados por Eduardo Angelim, o bispo Romualdo de Souza temeu um desenfreado derramamento de sangue e morticínio dos paraenses nas ruas de Belém. Sugeriu, pois ele a Angelim que evitasse quaisquer combates contra as tropas de D'Andréa e negociasse a concessão de anistia geral.

Segundo Raiol (1970, p. 949), atendendo aos conselhos de D. Romualdo, em 26 de Abril, Angelim enviou a D'Andréa, por intermédio do bispo, um documento assinado por ele e por todos os seus comandantes, estipulando um acordo de anistia geral em troca da liberdade dos presos a bordo das embarcações comandadas por Angelim.

No documento, o presidente cabano pedia que, por meio da concessão de anistia, todos os revoltosos saíssem ilesos. No entanto, se o Marechal D'Andréa se recusasse a negociar, deveria ele ser culpabilizado pelos horrores e males que poderiam vir ocorrer na Província, já que Angelim contava com o apoio não só da comarca do Grão-Pará, mas também de todo o Baixo e Alto Amazonas.

Com a intenção de findar a revolta na capital, o bispo D. Romualdo de Souza Coelho além de levar o documento redigido por Eduardo Angelim, também escreveu um ofício dirigido a Francisco José de Souza Soares D'Andréa em 29 de abril de 1836.

No documento [96], o bispo pediu ao presidente da província paraense que as medidas a serem tomados para obter o sossego e a estabilidade do Grão-Pará, seguissem o modelo de repressão empregado pela Província de Pernambuco,

[96] **APEP**, Códice 854, Documento 100.

contra os cabanos das matas da zona sul. A concessão de anistia evitaria o derramamento de sangue, conforme consta no:

> Illm.º e Exm.º
> Assim mesmo no estado de moribundo, em que me acho há dous anos, ainda me alenta hum resto de espírito vital para dizer a V. Ex.ª com o coração na mão que como Pay, não terei sabor de vêr, sem pasmos tantos extragos entre Filhos, que eu amo com ternura em Jezus Christo.
> Parece-me Exm.º, que huma boa e generosa Amnistia não será desagradável a Sua Magestade Imperial com a vantagem de fazer mais firme e socego e a estabilidade nesta importante Província sem efusão de sangue, que tanto horroriza a humanidade, e que de certo se verificará se V. Ex.ª atender a proposta, que lhe fez o chefe da Força armada.
> Constando-me pois que Pernambuco teve seu socego a huma igual medida, eu conto já Exm.º com o feliz êxito do zelo Paternal, que anima meu sagrado coração.
> Deus guarde a V. Ex.ª. Pará, 29 de Abril de 1836.
> Illm.º e Exm.º Prezidente.
> Romualdo, Bispo do Pará. **[sic]**.

Como resposta, D'Andréa recusa-se a negociar com os revoltosos, apresentando os seguintes motivos:

> Não estava autorizado a publicar qualquer anistia, uma vez que a assembleia geral não o havia autorizado; a sua palavra era a melhor garantia; que pelo mesmo motivo de não publicar a anistia não poderia soltar os presos; que era amante do rico Império, ao qual servia desde seus primeiros anos, e que não poderia ser responsabilizado por nada. (RAIOL, 1970, p. 950) [97].

Diante da negativa de acordo, as batalhas na capital seguiram no decorrer de 1836, até Angelim e seus correligionários migrarem para o Baixo Amazonas [98].

Passados cinco meses, novamente o bispo D. Romualdo de Souza volta a oficiar a Soares D'Andréa em 5 de Setembro de 1836 [99], felicitando o governador da

---

[97] Esta passagem e discussão também encontra-se nas páginas 72-73 desta dissertação. Elas foram citadas novamente, apenas a título de melhor compreensão do leitor sobre o desenrolar da proposta de anistia defendida por Romualdo de Souza.

[98] Esta discussão não será retomada em virtude do processo de repressão e pacificação da capital ter sido amplamente discutida ao longo do primeiro capítulo desta dissertação.

[99] **APEP**, Códice 854, Documento 110.

província pela pacífica restauração da Capital (Belém) e pede-lhe, até mesmo, permissão para render-lhe graças com um "Te-Deum [100]":

> Illmº. Exm.º Presidente.
> Recebi com prazer o Officio de V. Exª. em data de hoje, indicando-me o dia em que devemos render a Deos Nosso Senhor a divina Acção de graças pela pacífica restauração desta Capital, mediante as enérgicas providencias, com que V. Exª tem desempenhado a sua importante comissão, com a applasivel vantagem, e feliz reunião do dia em que verificou a nossa gloriosa Independência, e total Emancipação. Só me fica, Exmº. Presidente, o vivo sentimento de não ter toda a parte, como desejava, em tao justo regozijo, oficiando eu mesmo a Acção do Te-Deum pelo extraordinário abatimento, a que me tem reduzido a calorosa indisposição, que padeço; verei com tudo se posso ao menos assistir.
> Deus Guarde a V. Ex.ª. Muitos anos. Pará, 5 de Setembro de 1836.
> Illm.º e Exm.º Presidente Francisco José de Sousa Soares D'Ándrea.
> Romualdo, Bispo do Pará. **[sic]**.

Como podemos analisar, é com a estima de ver novamente a capital do Império em paz e sossego mediante as ações de D'Andréa, que o bispo D. Romualdo se oferece para entoar um Te-Deum e glorificar publicamente o governador, por aquilo que o bispo convencionou nomear como "restauração pacífica". Ora, cabe registrar que as ações de repressão formuladas por D'Andrea na capital não foram amenas, antes podemos assim classificá-las como truculentas.

Entretanto, podemos analisar que as declarações de Romualdo de Souza, nos ofícios a D'Andréa e conversas com Angelim ao longo do ano de 1836, são destituídas de astúcia. De certo, são marcadas por um elevado nível de utopia, no que tange a mensurar o processo pacífico de restauração monárquica no Grão-Pará. Isto porque as enfermidades e processo de envelhecimento do bispo distanciaram-no do acompanhamento minucioso das principais movimentações de tropas cabanas e anticabanas.

O bispo D. Romualdo "adoeceu fatalmente pouco antes da revolta de 1835 no Pará: a anarquia, o furor das facções, o horror do sangue, arrancaram-no quase

[100] É uma expressão latina que significa "A Ti, ó Deus, Louvamos". Geralmente é atribuída a Santo Ambrósio, ou a este e a Santo Agostinho, que, segundo a tradição, num rapto de fervor religioso, o improvisaram na Catedral de Milão, entoando alternadamente os seus versículos. O Te Deum vem a ser: a) um brado de fé e piedade cristã, não ultrapassado na literatura da Igreja Cristã, como definição de doutrina e manual de experiência cristã; b) Cerimônia que acompanha essa ação de graças; c) Solenidade religiosa em ação de graças, geralmente pública. Para mais detalhes sobre o "Te Deum" ver (SCHAFF, 1964).

cadáver de seu leito de moribundo por duas vezes" [101], para expor-se a conciliar o conflito, no intuito de levar a Mafalda província a tempos de paz [102].

D. Romualdo não obteve êxito na condução da pacificação do movimento de repressão, antes, "padeceu em leito agonizante durante cinco anos de martirizada vida, até que veio a falecer a 15 de Fevereiro de 1841" [103].

Em suma, o bispo D. Romualdo de Souza Coelho foi um personagem que por apresentar características de conciliador, mostrou-se em algumas vezes dicotômico. Visto que ora relacionava-se com as autoridades provincianas cobrando medidas para manter a ordem e sossego no Grão-Pará, ora aconselhava os revoltosos e intercedia pela anistia dos mesmos, a fim de evitar o derramamento de sangue desenfreado na província.

No mesmo contexto de atuação religiosa e política de D. Romualdo de Souza, emerge no cenário político paraense o Cônego João Gonçalves Batista Campos. "Ordenado como padre em 1805 e cônego subdiácono em 1815" (SALLES 2005, p.286), Batista Campos teve como início de sua caminhada política o ano de 1822, quando a partir da queda de Felipe Patroni, no Pará, e seu regresso a Portugal, o Cônego passou a dirigir o antigo jornal "O Patriota", que durante sua direção foi denominado "O Paraense".

O contato de Batista Campos com as ideias liberais, que circulavam pela corte portuguesa, suas características intelectuais, adquiridas em sua formação acadêmica (eloquência, retórica, hermenêutica e homilética) e seu carisma passaram a construir entre as camadas populares e a burguesia paraense uma imagem política liberalista progressista do Cônego.

Aos poucos Batista Campos passa a difundir suas ideias liberais em seus sermões pelas paróquias por onde visitava, como também por meio do jornal "O Paraense". Essas formas de circularidade de seus ideais só aumentavam ainda mais a popularidade do Cônego entre as diversas camadas sociais da sociedade paraense.

---

[101] **MACEDO**, Joaquim Manoel. **Anno Biographico Brazileiro**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artístico. 1876, p. 167.

[102] Cf. **APEP**. 1827-1838. Códice 854, Documento 100.

[103] **MACEDO**, op. Cit., p. 167.

Se por um lado, Batista Campos passou a incitar e multiplicar a crença dos brasileiros natos, em uma república paraense ou emancipação política da administração de lusos na Província, diferentemente, também despertou na elite luso-paraense o medo e ódio a tais pensamentos liberais, o que estimulava esses brasileiros adotivos a tentarem desarticular Batista Campos e manter a consolidação do antigo regime, como demonstrava Lima (2008 p.88):

> A junta, como se observa, se mantinha em defesa das "leis do antigo regime". A prisão de Patroni e a tentativa de destruição da gráfica trouxe ainda mais tensão ao impasse. A junta passou a promover a ampliação das forças militares, através de "alistamentos voluntários", tanto na cidade, quanto no interior. O coronel Vilaça tentou unificar, sob seu comando, um novo corpo de homens. O comandante das armas, José Maria de Moura, se negou a fortalecê-lo. Havia grande pressão entre os membros da junta, sobretudo daqueles liderados por Vilaça, para que houvessem providências contra os defensores das ideias liberais. Com Batista Campos, porém, as disputas ganharam mais complexidade. Se antes a junta e seus opositores liderados por Patroni debatiam projetos constitucionais, sem questionar a legitimidade da união entre Grão-Pará e Portugal; com o cônego Batista Campos na liderança da gráfica, a oposição passou a questionar tanto as "leis do antigo regime", quanto a "união com Portugal".

Por meio das pregações eclesiásticas durante as missas, e visitações pelas Vilas do Grão-Pará e paróquias do bispado de Belém, o Cônego Batista Campos passa a disseminar suas ideias e se coloca como o bom pastor sobre as ovelhas do Pará.

O carisma do cônego, suas habilidades retóricas, e seus sermões inspirados, davam conta de persuadir uma gama de seguidores. A atuação liberal e o discurso religioso de propor tempos de paz, austeridade econômica, liberdades constitucionais levavam o povo a construir uma imagem redentora de Batista Campos.

Essa construção ideológica imagética do cônego, como o sacerdote libertador da opressão sobre a vida da população, serve para arregimentar e efetivar o populismo de Batista Campos, reunindo adeptos que se colocavam à sua inteira disposição, em uma espécie de "Guarda Batista".

Embora essa construção da representação do libertador do Pará revelasse características e posicionamentos de Batista Campos, na prática não se efetivava. Além de religioso e político, o Cônego também pertencia a uma família importante

de classe média e o mesmo era possuidor de escravos. Logo, não contemplava entre seus ideais a abolição da escravidão – uma das principais reivindicações dos revoltosos paraenses a partir de meados de 1835.

Batista Campos fazia questão de incitar seus ouvintes a promoção da luta pela terra, pela progressão hierárquica, pelo fim da opressão política lusa, etc. A estratégia do Cônego era fazer com que todos a seu redor, familiarizassem-se com as propostas de revolução "branda" e destituição das autoridades militares.

Esse cenário de multiplicidade de apropriação dos discursos de Batista Campos levava a uma convergência de interesses de índios, homens de cor e líderes políticos (brasileiros natos). Sendo que a unidade de coletivos "índios" (erroneamente confundidos, relacionados e alcunhados de forma genérica aos "tapuios") recusava-se a realizar trabalhos compulsórios que beiravam a escravidão, por assimilarem a partir dos discursos políticos (não exclusivamente os de Batista Campos) que eram considerados cidadãos desde o Diretório Pombalino e tais atribuições de trabalho deveriam ser exercidas pelos "tapuios" – de quem os índios alimentavam certa aversão.

> Assim, é plenamente possível que o cônego Batista Campos, eleito vice-presidente e deportado ao interior pelos caramurus, estivesse efetivamente mobilizando os homens de cor do interior da província a se insurgirem contra o sistema de comandantes militares, fábricas nacionais e roças comuns que forçadamente capturava índios, tapuios e mestiços para que trabalhassem no que fossem úteis. Assim, nos primeiros anos da década de 1830, havia nos mais diversos distritos da Amazônia brasileira mobilizações que articulavam lideres políticos e homens de cor. Os índios, cada vez mais, se recusavam a realizar trabalhos que, através das mobilizações, sabiam não ser obrigados. (LIMA, 2008, p. 114).

Longe de ser um religioso preocupado com o bem-estar da população paraense, Batista Campos tornou-se um manipulador das classes menos abastadas. Embora levemos em consideração a subjetividade da população e suas aspirações individuais, a liderança do Cónego sobre tais pessoas por meio da persuasão e carisma, direcionavam esses múltiplos agentes sociais a acreditarem e compartilharem do ideal de Batista Campos. Assim vemos nas ações meticulosas e astutas do Cônego, o uso do povo um trampolim para chegar à presidência da Província – já que por duas vezes foi impedido de assumir o cargo.

A vida do Cônego é marcada pela grande quantidade de fugas, assim como de viagens pelos distritos e vilas mais longínquas existentes no Pará. Batista Campos passa a ser conhecido por boa parte da população do Pará, em virtude de acompanhar o bispo D. Romualdo em suas viagens pela Província. Aos poucos a vida, o exemplo de Batista Campos vai se misturando à figura do bispo, passando o cônego a ser cogitado como herdeiro espiritual de D. Romualdo De Souza.

Há de se registrar que em cada região, Vila e localidade por onde andava, o Cônego discursava que todos haveriam de se posicionar politicamente, optarem em serem "cabeças ou caldas" [104], pois o que estava em questão era a permanência ou não dos portugueses na administração da província do Grão-Pará. A destituição destes passa a ser a principal finalidade nos discursos de Campos, pois seria a causa dos males do povo paraense.

Seguindo essa linha, convencionamos dizer que Batista Campos emergiu no cenário da década de 20 como o mentor de ideais, o tecelã das linhas de pensamento político das diferentes classes sociais, o lançador de faíscas em meio à pólvora - pois é o Cônego quem estabelece redes de comunicações e articulações sócio-políticas, convergem às insatisfações de grupos societários diferentes e de certa forma interliga as diversas revoltas ocorridas na província paraense no período oitocentista.

Devido seu pensamento revolucionário e sua legitimidade religiosa para discursar pela Província, Batista Campos passa a ser temido e vigiado pelas autoridades provincianas. Cada vez mais os Caramurus construíam uma visão perversa e pejorativa do Cônego como consta em Opúsculo Anônimo (1832, p. 8-9):

> [...] o 1º é o da ordem constitucional, composto por proprietários, comerciantes, grandes agricultores, e da fina flor da mocidade. Com tantos chefes e tem tantos membros, quantos são os homens de bem,

---

[104] Expressão comumente usada em sermões temáticos, a título de instigar as pessoas a se posicionarem diante de alguma coisa ou ação. Remete a possibilidade de mérito (ser o primeiro, aquele que goza benesses) e o demérito (ser último, provar das migalhas e sobras de outros). Acreditamos que seu uso nas pregações de Batista Campos estava intimamente ligado ao princípio da "obediência as autoridades", pois a própria passagem afirma que a atitude de posicionar-se enquanto "cabeça ou calda" diante de uma situação, está ligada a condicionante de obediência aos mandamentos de Javé (o único Deus da civilização judaico-cristã), o que implica na obediência as autoridades constituídas por Javé, dentre aos quais destacamos os sacerdotes religiosos e profetas. Ver Deuteronômio (Cap. 28, vers. 13); Romanos (Cap. 13, vers. 1-2) In: **BÍBLIA**. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. rev. atual. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

> interessados pela sua prosperidade e segurança. O 2º é o da força bruta: tem por ocasião o famoso Cônego João Baptista Gonçalves Campos, capadócio muito covarde porém muito atrevido, como são todos os poltrões.

Possivelmente este opúsculo foi escrito pelo professor e poeta português José Soares de Azevedo, grande partidário dos Caramurus, e defensor da administração Lusa no Pará. A visão de Batista Campos apresentada por Azevedo é recorrente entre aqueles que viam o cônego como algoz, como a hidra que deveria ser queimada. O fim de Batista Campos e seus discursos altamente persuasivos representaria para os Caramurus a única forma de alcançar a paz e o sossego na Província.

Com a figura de Batista Campos aparece um novo personagem, no que tange a analisar a influência do discurso religioso em tempos de Revolução. Em viagem pelo Amazonas tendo como destino final a prisão do Crato no Rio Madeira, Batista Campos em setembro de 1831 consegue fugir e se refugiar na Vila de Óbidos e posteriormente também na Vila de Juruti.

Quando estava em Óbidos se abrigou na casa do Pe. Antonio Sanchez de Brito, possivelmente um de seus compatriotas e ex-colega de seminário. Durante os primeiros anos que seguem 1831, o Pe. Sanchez de Brito - também era juiz de Paz de Óbidos - passou a comungar dos mesmos ideais liberais de Batista Campos.

Era o Padre quem agenciava e apresentava o Cônego as principais autoridades das Vilas do Baixo Amazonas, fazia isso por acreditar que uma nova forma de governo para o Pará traria mudanças profundas na administração das Vilas.

Também somos levados a supor que com a mudança da configuração e arranjo político do Pará, junto com Batista Campos emergiria o Pe. Sanchez de Brito. O primeiro ocuparia a presidência da província e o padre seria nomeado como o responsável político por toda a Comarca do Baixo Amazonas.

Por também ter uma carreira política e jurídica – ter sido juiz de vintena em Juruti e ser Juiz de Paz em Óbidos -, ser profundo conhecedor da linguagem e costumes indígenas, bem como da geografia do Baixo Amazonas, era o Pe. Sanchez de Brito quem viajava com Batista Campos. O padre planejava cada ação minuciosa, para a busca do reconhecimento político do Cônego como presidente da

Província. Não por acaso que o Cônego foi aclamado presidente do Pará primeiramente na Vila de Óbidos e posteriormente também na Vila de Juruti.

Se o discurso político-religioso do Pe. Sanchez de Brito andava em consonância com a atuação liberal-filantrópica de Batista Campos entre os anos de 1831-34, o mesmo não ocorre a partir de 1835 com a morte de Batista Campos.

Muito mais do que o falecimento de uma amigo, ou político, ou religioso, a morte de Batista Campos significou para o Pe. Sanchez de Brito o fim das últimas esperanças de mudanças liberais no Pará.

Ocorre que com o cunho revolucionário que tomou a Cabanagem, diferentemente do que arquitetava com Batista Campos, o Pe. Sanchez de Brito é levado a mudar de posição política. Se durante os primeiros anos de 1830, comungava ao lado de Batista Campos de uma mudança liberal republicana para o Pará, a partir de 1835 passa a cultuar uma posição política mais conservadora de apoio a monarquia constitucional.

O Padre que almejava o poder político na Comarca do Baixo Amazonas através de suas ações pensadas juntas com Batista Campos, passa a sentir-se ameaçado com as práticas revoltosas e subversivas adotadas pelos revoltosos em Belém e posteriormente Baixo Amazonas.

Com a notícia de refúgio e articulação dos pontos cabanos no Baixo Amazonas mantidos por Cuipiranga, e, de igual modo, sabendo do destacamento do Marechal Soares D'Andréa para a presidência da Província, o Padre Sanchez de Brito adota medidas conservadoras contrarrevolucionárias em relação aos cabanos do Vale amazônico.

É Reis (1979) quem descreve que para combater o "Ecuipiranga" narrado por Raiol (1970) em meados do século XIX, surge no cenário contrarrevolucionário o Padre Antonio Sanchez de Brito.

Segundo Reis (1979), o Padre Sanchez de Brito, além de ter mantido fortes relações políticas com seu correligionário eclesiástico Cônego Batista Campos, foi o responsável pela derrocada da organização cabana no interior do Grão-Pará.

Por ser profundo conhecedor incomum da geografia e hidrografia peculiar do Baixo Amazonas, adotou como medidas de combate aos cabanos do Baixo

Amazonas: o recrutamento forçado, o uso de embarcações pequenas, camuflagem com produtos naturais da floresta e persuasão de indígenas nas remediações do Alto Amazonas.

O discurso religioso, que outrora pedia apoio político a Batista Campos na região oeste paraense, em 1835 passa a persuadir tapuios e indígenas para combater os revoltosos do Pará. Mesmo que de forma invertida aos propósitos de Romualdo de Souza (seu mentor espiritual) e de Batista Campos (amigo e correligionário), o Padre Sanchez de Brito utiliza-se de seu discurso religioso, para organizar uma contra ofensiva revolucionária a Cuipiranga.

Sua atuação religiosa se confunde com sua atuação política no Baixo Amazonas, passando o Padre a disputar com o Comandante do Alto Amazonas Ambrósio Pedro Ayres o comando das forças repressoras ao anárquico Cuipiranga.

As ações pensadas e arquitetadas pelo Padre Sanchez de Brito por meio de seu discurso religioso, quanto ao recrutamento militar e estratégias de guerra no combate ao Cuipiranga foram tão expressivas. Quando as forças militares de D'Andréa chegam ao Baixo Amazonas para reprimirem o Cuipiranga, praticamente esta Vila já encontrava-se derrotada.

Inserida nesse contexto, funcionava a Igreja de Santarém, dirigida pelo vigário cônego Raimundo Antônio Fernandes, que também dirigia como vigário do Baixo Amazonas. O cônego tinha uma grande atividade política, chegando a ser eleito deputado para a primeira Assembleia Provincial do Pará em outubro de 1834, no entanto, não chegou a tomar posse, porque explodiu a Cabanagem. Era proprietários de terras e escravos e, por seus conhecimentos, exercia liderança intelectual na classe dirigente (VEIGA DOS SANTOS 1986, p.12).

Por ser assumidamente reinol, era simpatizante das relações com a metrópole Lusa e aceitava assim a tutela portuguesa, como fica evidente em seu discurso na sessão especial do Senado da Câmara em Santarém dando graças a Revolução Liberal do Porto (1820) em Lisboa:

> Nessa sessão extraordinária, o então vigário da paróquia, o padre português Manuel Fernandes Leal, fez um retumbante discurso "louvando os liberais de sua pátria, numa evidenciação positiva de que não admitia outro caminho que não fosse aquele da obediência a Lisboa..." (apud REIS 1979, p. 74).

O cônego Raimundo Fernandes por ser assumidamente reinol e fiel a coroa, e por também não ter assumido a Assembleia Provincial em decorrência da Cabanagem, passou a militar contra os movimentos cabanos na Vila do Tapajós, utilizava seus sermões e discurso político religioso para persuadir a classe dominante de Santarém a combater os revoltosos. Em contrapartida, incitava castigos aos revoltosos pregando-lhes sobre desobediência e rebelião.

Acontecido à invasão da Vila de Santarém pelos cabanos, o cônego Raimundo Antônio Fernandes, por estar integrado ao sistema dominante, participou da fuga da Vila, acompanhando seus parceiros de poder, com medo de ser aprisionado e condenado pelos cabanos, pois fazia parte, com destaque, do aparelho opressor.

Em contrapartida, seu irmão, o também padre João Antônio Fernandes era um sacerdote de vida simples, pobre, que não possuía bens e morava bem próximo da Aldeia, local dos marginalizados. Era um homem bondoso, humilde e compreensível.

Quando os cabanos se apoderavam da Vila, padre João permaneceu na mesma, exercendo seu sacerdócio, sem nada temer porque nada devia. Como padre autêntico, procurou contornar as dificuldades e manter o diálogo de maneira a evitar violências geradas pelo ódio. Seus sermões e discursos religiosos eram dirigidos para a manutenção da ordem e da paz, não se indispondo com nenhum dos lados no combate, era um exímio articulador e conciliador, por isso talvez os cabanos o respeitavam e aceitavam suas ponderações [105].

Distante deste universo intelectual religioso, mas presente no arcabouço da análise do discurso religioso em tempo de Cabanagem, uma outra figura que emerge, tão importante quanto os três clericais já mencionados, é o líder cabano no Baixo Amazonas, Apolinário Maparajuba.

Miguel Apolinário Maparajuba, que posteriormente alcunhou a seu nome o adjetivo “Firmeza”, para dar uma identificação vigorosa a sua posição firme no movimento. Foi o principal líder e Comandante das forças cabanas no Baixo Amazonas.

---

[105] VEIGA DOS SANTOS, 1986, passim.

O aliciamento, o comando e a persuasão de tapuios, índios, negros e soldados desertores no Baixo Amazonas se deve a oratória e discurso religioso que propagava Maparajuba.

O líder cabano do Vale Amazônico unificava em si próprio o cargo de Comandante das armas e Ministro da Religião. Entre seus discursos e sermões, defendia a Santa Fé Católica, a Monarquia e os Patriotas paraenses. Em contrapartida, condenava os vícios, a irreligião, os maçons e a "rebeldia".

Por ser um homem dotado de natural vivacidade e coragem, sendo forjado na luta e muito acatado pelos cabanos, intitulava-se o "General cabano no Tapajós". Segundo Veiga dos Santos (1986, p. 20), "Maparajuba era religioso, um líder que utilizava citações bíblicas para compelir seus comandados à obediência".

A base de seus discursos persuasivos religiosos e políticos fundamentava-se em passagens e histórias bíblicas, dentre as quais Veiga destaca (1986, p. 20) "a desobediência lançou Lúcifer no inferno e pela desobediência de Adão entrou o pecado no mundo. Porém, por serem obedientes, Isaac foi livre do sacrifício e ficou glorioso, e Noé entrou na arca e ficou salvo"

Utilizava-se de persuasão e discurso religioso como forma de convencimento e submissão, Maparajuba pregava aos revoltosos do Baixo Amazonas, incentivando-os a acatarem as suas ordens.

É nesse contexto de sublevação e revoltas no Pará Regencial Oitocentista que o discurso religioso emerge como difusor e alimentador das ideias revolucionárias e contrarrevolucionárias.

Tanto o discurso dos mais revolucionários, quanto o discurso dos mais conservadores exercem um domínio ideológico sobre o outro. Domínio que mostra uma hierarquia de comando e subalternidade dentro do cenário de revoltas da Cabanagem.

O discurso religioso alienador ou persuasivo é tão importante e levado a sério pelas autoridades repressoras anticabanas, que passado os tempos de revoltas e iniciado o processo de reconstrução de vários pontos da Província, uma das principais preocupações da presidência do Grão-Pará foi a reconstrução de igrejas e investimento financeiro na formação dos jovens em seminários eclesiásticos, por meio do custeio de seus estudos pela governo da Província.

Em discurso à Abertura da 1ª Sessão da Assembleia Provincial do Pará em 1838, um dos principais pontos de preocupação, apresentados por D'Andréa é o "Culto Divino e estabelecimentos eclesiásticos":

> [...] **Precizao por consequência todas as Sociedades huma crensa e de huma Religião**. He pois da obrigação de todo o Governo conservar huma Religião; proteger seus Sacerdotes; e pagar todas as despesas de Culto.
> O desprezo com que hoje se tratao todos, ou quazi todos os princípios da Religiao de nossos Pais, he quem me obriga a fazer-vos este pequeno exordio, para que o Publico entenda que deve concorrer para as despesas necessárias a Decencia do Culto, e que os Emppregados Ecclesiasticos fazem huma parte constituinte da Nação.
> Passarei agora a dar-vos conta do estado em que se achao as diversas Classes da Corporação Ecclesiastica no Pará.
> A Cathedral acha-se destituída de Ministros por falecimento de trez Dignidades, quatro Conegos e quatro Beneficiados; achando-se impossibilitados de servir pela idade e moléstias chronicas, o Arcediago, cinco Conegos, trez Beneficiados; e sendo o estado completo da Cathedral de 4 Dignidades, 14 Conegos e 8 Beneficiados, apenas estão em estado de serviço cinco Conegos e hum Beneficiado.
> [...]
> Há nesta Província trez Commarcas, a saber: a da Capital, e as do Alto e Baixo Amazonas.
> A Commarca da Capital contem trinta e sete Parochias; trinta estão providas de Parochos, dos quaes dez são colados, vinte interinos, e sete estão vagas, além das duas que devem criar-se.
> A Commarca do Baixo Amazonas contem vinte e quatro Parochias e huma Missão em Curi ou Santa Cruz do Rio preto; quinzes estão providas de Parochos, sendo estes Collados somente quatro, e o resto interinos; onze estão vagas.
> A Commarca do Rio Negro ou Alto Amazonas contem vinte e nove Parochias e huma Missao em Canuman, e sendo providas de Parochos somente dez, hum dos quaes he colado, estão vagas dezanove.[106] **[sic]** (grifo nosso).

A preocupação de D'Andréa com o Culto ao Divino e estabelecimento dos locais eclesiásticos pertencentes às três Comarcas, é justamente com a dimensão que sua presença poderia influir na manutenção do sossego e paz na Província.

Ao afirmar que todo cidadão e homem devem cultuar o Divino e terem uma religião, D'Andrea deixa subentendido que as ações de conduta e vivência, norteadas pelo discurso religioso persuasivo influem diretamente nas ações humanas, pois na maioria das vezes as ações religiosas e exemplos bíblicos

---

[106] **SOARES D'ANDRÉA**. Discurso com que o Presidente da Província do Pará, Francisco Joze d Souza Soares d'Andréa, fez a Abertura da 1ª Sessão da Assemblea Provincial no dia 02 de março de 1838. Impresso na Typographia Restaurada de Santos, e Santos menor, Pará, 1838, p. 6-8.

funcionam como diretrizes e modelos a serem seguidos por seus fiéis, dentre os quais podemos citar: obediência às autoridades.

> Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas. De modo que aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos condenação (BÍBLIA. Rom. 13: 1-2).

Não por acaso que D'Andréa recomenda a reconstrução de várias Igrejas e o pleno funcionamento de Seminários como centros de educação:

> [...] As Igrejas todas precizao concertos mais ou menos consideráveis; assim como precizao de paramentos, e alfaias destruídas pelo tempo, e **destruídas pelo estrago que em algumas partes lhes fez a ferocidade dos revoltosos.**
> [...]
> Será hum acto de justiça desta Assembleia authorizar a despeza de mais alguns Seminaristas, **para acudir a muitos jovens a quem os últimos sucessos da Provincia tem reduzido ao estado de perfeita pobreza, ou indigência. [...] será instruído e educado com regularidade, e tractado com disvello; e assim deixao de ser precisas as Aulas maiores em cada Villa**, ou lugar da Província; porque nem a todos os hoens tocão os estudos maiores, e aquelles a quem estes possao ser precisos, pertencerm de ordinário a famílias que podem sustenta-los nos Collegios ou Seminarios.[107] **[sic]**.

Tamanha era a preocupação de D'Andrea em reconstruir igrejas destruídas pelos combates com cabanos, como, também, investir na formação educacional religiosa de jovens, de preferência nos seminários, para assim, deixar no campo da ignorância os jovens das Vilas que outrora foram insurgentes.

O Marechal fez isso como precaução a possíveis novos levantes de revoltosos pelo interior da Província, visto que, para ele, esse levante de amotinados ocorreu devido "a luta dos colonos com a metrópole, ou antes, com as autoridades que a representavam, por causa dos índios que queriam para escravos [...], como também pela desmoralização do princípio de autoridade clerical" (RAIOL, 1970, p. 97).

D'Andréa atribuía essa desmoralização do princípio de autoridade clerical ao mau exemplo dos sacerdotes religiosos (tal como Batista Campos), os quais se envolveram no processo revolucionário, e ao contrário do que se esperava de

---

[107] **SOARES D'ANDRÉA**, op. cit., p. 9-10.

ministros do evangelho, incitaram a subversão e rebelião dos cidadãos paraenses às autoridades constituídas pelo Divino (políticos tais como o Presidente da Província). Para o Marechal, ao fazer isto, ao expor as “ovelhas do rebanho do Altíssimo” ao estado de matança desenfreada, o cônego Batista Campos como tantos outros clérigos assumiam a postura de maus pastores [108] na condução do povo a Deus.

A partir da documentação e da análise do cenário social do Pará, em tempo da Cabanagem, é possível afirmar que o discurso religioso, visto na época com tamanha importância e poder de persuasão, precisava ser desenvolvido e dominado por alguém. Seguindo a tese de Padre Vieira “quem for senhor dos índios o será do Estado”, afirmamos que no período da Cabanagem, “quem era senhor da retórica e persuasão presentes no discurso religioso, também era senhor de exércitos”.

2.3. Quem eram os “cabanos”? A apropriação das patentes militares legais e a relação dos líderes revolucionários do Tapajós com os presidentes cabanos

Dado a multiplicidade dos sujeitos sociais envolvidos no universo belicoso do cenário da Revolução da Cabanagem no Grão-Pará, em meados do Oitocentos, torna-se uma tarefa altamente árdua afirmar e apontar quem eram os “cabanos”. Dito isto, tentaremos realizar a descristalização dos atributos e ofícios dos agentes envolvidos no processo revolucionário da cabanagem, deslocando apontamentos analíticos sobre classe e atividades dessas unidades de coletivos. Operaremos com a noção singular dos sujeitos envolvidos, sem nos deter nas oscilações conjunturais específicas de cada categoria desses agentes.

Nas extremidades do cenário social conturbado do período da Cabanagem, as expressões políticas dos que eram supostamente mantidos alheios aos debates sobre a ordem na província foram múltiplas nos gabinetes e nos impressos. Em certa medida, desorientaram [as expressões políticas] os rumos decididos pelos dirigentes políticos e pelos redatores dos jornais, que teimavam em apreender as “opiniões mudas” das camadas pobres e ignorantes em sua superficialidade.

---

[108] Ver Jeremias Cap. 23, Vers.1-2. In: **BÍBLIA**. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. rev. atual. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

Apesar de ignoradas ou tão somente silenciadas em detrimento das visões do letrado sobre estes “outros”, as percepções e visões políticas dos pobres subalternizados no Grão-Pará foram aprendidas e assimiladas por meio dos vasos capilares da informação. Esses sujeitos ignorados pelos governantes provincianos, “foram apreendendo de várias maneiras o momento político difícil em que estavam inseridos, construindo expectativas de futuro que, em incontáveis situações, escaparam às interpretações das autoridades” (BRITO 2008, p. 111). Notadamente o micro mundo social do Pará passava a ser composto por duas macro classes: a elite político-econômica letrada e uma “sociedade política marginal” – que abarcava a maioria dos sujeitos sociais paraenses.

A partir desse limiar entre a dita compreensão popular sobre as variáveis do “por que” da revolta e a tentativa de interpretação do pensamento desses sujeitos marginais pela classe da elite letrada, será construída a noção de quem seriam os “cabanos”. No entanto, é preciso que se determine uma análise metodológica: do ponto de vista político, as documentações produzidas na época acerca de tal dicotomia, não só indicam como o poder se manifesta, mas, sobretudo, que a mesma documentação é constituída por esse mesmo poder em sua prática social discursiva [109].

As fabricações dos registros históricos, imbuídos nas documentações oficiais da história dos vencedores, aconteciam por meio das práticas políticas, sociais e raciais daqueles que ocupavam o cume da pirâmide social na perspectiva da política estatal, ou seja, são as atitudes de subalternidade impostas pelos “de cima” para os “de baixo”, que determinavam, a partir da estratificação hierárquica do poder instituído, as posições que os sujeitos paraenses iletrados deveriam ocupar na sociedade.

São estes mesmos agentes que escreveram e caracterizaram “o outro”, que construíram uma visão imagética pejorativa sobre quem seriam os revoltosos, sobre o que e quem eram os cabanos. Observemos que não é o revoltoso, o contestador

[109] Essa relação entre a produção dos documentos, os discursos veiculados e o poder são elementos fundamentais nas questões que foram levantadas por Michel Foucalt. Os apontamentos de Foucault no texto sobre “os homens infames” servem, como referência para pensarmos a constituição do documento como produção de um discurso hegemônico do poder institucional que visa subalternar todos aqueles que incomodam aos membros da elite. **FOUCAULT**, Michel. “A vida dos homens infames”. In: **Ditos e escritos: estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203-266.

da ordem, que determina a visão acerca de si mesmo. Os sujeitos marginais paraenses não constroem e nem tampouco descrevem-se como cabanos, algoz, desertores ou algo do tipo, pelo contrário, auto afirmam-se patrióticos, valentes da legalidade.

No entanto, mesmo quando se encontram documentos com relatos diretos dos "acusados", devemos atentar que aquele que narra não é o mesmo que escreve. Nestes casos, a percepção estética, ideológica e circunstancial fica sob o registro dos escrivães, que tendiam a registrar os discursos fidedignamente e/ou, na maioria dos casos, construíam uma nova versão discursiva sobre os "desertores" a bel-prazer ou motivados simplesmente pelo ímpeto de receber ordens de seus superiores para fazer isto.

Isso implica dizer que a leitura dessas fontes, no que diz respeitos às possíveis lógicas, que orientavam as visões acerca dos que eram considerados inferiores na escala social, e consequentemente classificados como cabanos, teria que levar em conta "o lugar de fabricação do documento, a autoria de quem produziu o documento, e em que condição sócio-política o autor escreveu" [110], para peneirar a partir daí, de forma residual, o entendimento sobre quem eram os múltiplos agentes doravante designados cabanos.

Embora, no começo dos primeiros movimentos de contestação da ordem, a elite dominante (compreendida pelos médios e grandes fazendeiros) tenha participado nas fímbrias dos exércitos dos revoltosos, grande parte dos insurgentes – praticamente índios, escravos, tapuios - compunham a categoria de classe popular

[110] Para Foucault, a função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo dos discursos: ela não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; ela não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar. Partindo desta premissa foucaultiana, afirmamos que as análises dos discursos historicamente imbuídos nas documentações devem ser feitas não mais apenas em seu valor expressivo ou suas transformações formais, mas nas modalidades de sua existência: os modos de circulação, de valorização, de atribuição e de apropriação dos discursos nas relações sociais, mais direto no jogo da função autor, em suas modificações e nos temas ou nos conceitos que eles operam In: **FOUCAULT**, Michel. 1926-1984. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. (Org.) **MOTA**, Manoel Barros da; tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 279-280.

ou num ponto de vista hegemonicamente “popular”, sem desconsiderar as interferências do universo político, social e linguístico do mundo erudito [111].

No contexto dos agentes sociais, mensuramos que índios e tapuios foram algumas das categorias que passaram a ser vistos como cabanos. Como vimos no tópico 2.1 deste capítulo 2, a significância de ser cabano está ligada as ações de rebelião e contestação da ordem vigente. Sendo assim, discutimos que as ações desagregadoras indígenas, dos primeiros movimentos de rebelião ocorrem porque muitos índios recusavam-se a trabalhar nos órgãos estatais, como a real fábrica de pólvora:

> Pois que estes [índios] indevidos não possuem mais que uma pequena cabana de palha, e que vivem em uma vida ociosa e sem sujeição alguma a Superiores Gentes, que por direito deveriam entrar no detalhe as ditas Ordenanças; e mandando-os avisar, eles se opuseram, **dizendo que não eram índios, e que eram Cidadãos**, e que se alguns Oficiais inferiores tornassem lá, que eles tinham muita Pólvora, e Chumbo por outras circunstâncias, (...) que eu receava se por eles atacados em minha casa, e tirar-me a vida [112]. **[sic]**. (grifo nosso).

As ações de recusa ao trabalho compulsório ocorrem justamente porque os índios passam a assimilar que sob a luz da Constituição e da Política do Diretório Pombalino eles eram tidos como cidadãos e portanto gozavam de liberdades comuns aos demais brasileiros natos.

Essas considerações se fazem importantes por conta da grande homogeneização com que a historiografia brasileira passou a interpretar a participação desses nativos da terra, intitulando-os genericamente como “tapuios” e ao mesmo tempo se apropriando acriticamente das categorias utilizadas pelos próprios agentes do poder da época para defini-los - os quais consideravam os

---

[111] Por isso que as atitudes “populares” diante do real precisam ser percebidas dentro de dinâmicas variadas de troca e apropriação política e cultural com os ambientes institucionalizados das relações políticas. Cf. **CHARTIER**, Roger. “Por uma sociologia histórica das práticas culturais”. In: **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa/Rio de Janeiro : Difel/Bertrand Brasil, 1990, p. 16-7.; **GINZBURG**, Carlo. “Prefácio à edição italiana”. In: **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 15-34; **THOMPSON**, Edward P. “Introdução: Costume e Cultura”. In: **Costumes em Comum: estudos sobre cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 13-24.

[112] Cf. Ofício do Capitão Comandante da Vila de Oeiras, Jacinto José Monteiro, para o Governo Geral da Província do Pará, datado em 17/11/1823. In: **APEP**. 1814-1823. Códice 671. Correspondências de Diversos com o Governo.

projetos de futuro desses indivíduos a partir da rejeição ao mundo do trabalho compulsório e ao regime português.

O Relatório de 1835 do ministro britânico no Rio de Janeiro, Henry Stephen Fox ao governo de Londres nos dá uma dimensão de como a elite lusa e estrangeira viam os movimentos contestatórios das tropas de Batista e Malcher:

> A facção vitoriosa, ou seja, **a tropa de selvagens que agora domina o Pará, consiste principalmente de índios (deles existe uma numerosa população entre as províncias do Pará e Maranhão) e de várias raças mestiças entre índios e negros, classificadas com a denominação geral de Cafuzos, estando, creio eu, entre as variedades mais sem valor da espécie humana.** Se derem liberdade aos negros africanos e os receberem como seus pares e camaradas, ou eles os retiverem de fato como escravos em seu próprio serviço, não temos como sabê-lo, **mas uma união entre as duas raças de cor, com a finalidade de cometer violências contra os seus donos em comum, parece ser o resultado mais provável.** Os índios acima descritos, nunca foram legalmente mantidos em escravidão, mas talvez tenham sido os mais cruelmente oprimidos e estão num estado de grande degradação moral, dotados ao mesmo tempo de uma coragem e força pessoal que, com sua enorme superioridade numérica, torna agora o contraste de força física aterrorizador para a raça branca considerar. (apud Doc. Ing. Cleary, 2002, p. 187, grifo nosso).

A partir da visão britânica, fica explicito no documento, que as “tropas de selvagens” eram compostas por índios, negros, mestiços (principalmente cafuzos), e que a “escravidão” e a “opressão cruel” sofrida pelos “índios”, legalmente livres, era o centro da guerra contra os brancos. Estas seriam, em seu argumento, as hostilidades prévias, que originaram “tamanha revolução”, que, caso não fosse “dominada” rapidamente, faria com que “a grande e fértil província do Pará” pudesse ser considerada “totalmente perdida para o mundo civilizado”.

Inferimos que aqueles a quem a ordem repressora alcunhou como “cabanos” são, portanto, os índios, negros, mestiços, militares de baixa patente, brancos desertores.

No entanto, dado a multiplicidade dos agentes envolvidos, é comum nas documentações e lampejos da memória coletiva uma mistura de elementos desagregadores que impossibilitam definir de forma objetiva quem eram os cabanos.

Para alguns grupos, “os cabanos” seriam tropas de índios e mestiços insurgentes que se negavam a trabalhar e ao mesmo tempo declaravam morte aos

portugueses. Para os tapuios - devido suas rivalidades étnicas com os índios -, "os cabanos" seriam os índios e homens de cor que estavam a desarticular a ordem e o sossego da província. Para os negros (homens de cor), "os cabanos" seriam os portugueses que de forma animalesca teriam atacado a diversos grupos étnicos na província. Para as tropas militares, "os cabanos" seriam os múltiplos participantes (mestiços, negros, índios, cafuzos, soldados desertores, camponeses) das revoltas ocorridas na província.

Nesta perspectivas de múltiplas interpretações sobre quem eram os "cabanos", inferimos que de parte a parte o termo era empregado por um grupo societário para menosprezar e desqualificar a outros grupos. Semelhantemente ao ocorrido com os Bemtevis, na Balaiada no Maranhão, os revoltosos do Pará se auto intitulavam de "patrióticos" e alcunhavam de "cabanos" aos militares das tropas repressoras, aos quais os patrióticos identificavam como cachorros, vis que lambiam as mãos de autoridades estrangeiras.

Sendo assim, convencionamos dizer que "cabanos" eram todos aqueles que estavam envolvidos no processo revolucionário. Ocorre, porém, que a classificação destes grupos sempre partia de terceiros, em sua maioria de desafetos ou rivais.

Outra variável que deve ser levada em consideração é a tênue linha de migração partidária, onde a todo o momento havia migração de desertores para o lado dos repressores, e ao mesmo tempo migração de repressores para o lado dos desertores. Esse revezamento tornava muito mais imbricado o processo de reconhecimento de quem eram os "cabanos", visto que ao existir migração de sujeitos de um lado para o outro, não era só o indivíduo quem migrava, mas também seus conhecimentos acerca de seus ex-correligionários e suas táticas de ação.

A todo o momento, os dois lados tentavam desqualificar o outro, e para isso muitas vezes praticavam crimes e arbitrariedades e atribuíam a culpa ao grupo inimigo, faziam isso na perspectiva de conseguir mais adeptos e forças militares a seu grupo alegando que estavam na legalidade constituída pelo Santo Império do Brasil.

Na conjuntura sócio-política da época, havia então uma miscelânea de entendimentos de quem seriam os cabanos. "Cabano", para alguns, eram os índios e tapuios das margens dos rios; "cabano" para outros, eram os negros livres e

escravos refugiados nas matas; “cabano” para um terceiro grupo, eram os brancos dissidentes políticos; e no entendimento de todos estes que eram alcunhados de cabanos, os portugueses e brasileiros adotivos é quem eram “cabanos”.

Vale ressaltar que, no cerne dessas classificações, existiam aqueles que eram “cabanos” e ora migravam para o lado das tropas provincianas. Em contrapartida, também havia aqueles que pertenciam às tropas anticabanas, e posteriormente desertavam para o lado dos cabanos – o que aumentava ainda mais a complexidade do entendimento da população paraense na época, que ouvia falar desses “cabanos” como algoz e como aqueles que “acabavam com tudo”.

Essa complexidade de classificação de “cabano atrelado à dicotomia do processo revolucionário, se dava em virtude da ascensão econômica e da disputa pelo poder político entre brasileiros adotivos e portugueses contra os brasileiros natos (quer sejam os patriotas de classe média, quer sejam as classes menos abastardas das matas e rios):

> As disputas armadas entre facções de cidadãos e casas de câmara em um Estado de contornos incertos trouxeram transformações irreversíveis. Tudo estava amplamente fragmentado e em aberto; **todos estavam cheios de “rusgas”, rancores e ódios, conforme expressões amplamente utilizadas à época**, que aos poucos se potencializariam. **Muitos passaram a aderir aos chamados às armas feitos por diversos capitães para alianças** (LIMA, 2008, p. 105. grifo nosso).

Mas o que viriam a serem essas “rusgas”? Seriam elas o combustível do processo revolucionário de disputas do poder político entre provincianos e patrióticos no Grão-Pará?

Segundo o entendimento de Gonzaga Duque (1898, p.145), “a sucessão de levantes de passageiras mais sanguinárias revoltas, ao estímulo das facções políticas, tirou da prática filosofia do povo a irônica designação de Rusgas. Era por esta palavra que ele [povo] se referia aos movimentos”.

As Rusgas segundo Duque seriam todos os acontecimentos belicosos, políticos e econômicos que atingiram o Brasil desde 1823 até 1831 com a abrilada em Pernambuco e a sedição de agosto no Pará, a saber:

> A crise econômica do Brazil resurgira mais intensa, a moeda falsa paralysava o comercio, a depreciação da moeda de cobre era assustadora;

> **os cabanos de Panellas e Jacuype, compostos de milhares de fanáticos e assassinos a que os caramurus tinham apoiado com recursos pecuniários e armamento, infestaram os sertões de Pernambuco e Alagôas, mas prejudicando a grave situação financeira**; **na Villa de Tapajoz do Pará, o nativismo rancoroso, dos que tantos martyrios tinham a vingar, levantava outra revolução**, o sangue corria a jorros em Cuyabá, a segurança publica estava ameaçada em Minas Geraes e na Bahia, o Rio Grande do Sul revolucionava-se e, sobre todos esses males, o paiz enchia-se criminosamente de escravos, zombando da lei contra o tráfico promulgada em 7 de novembro de 1831 **[sic]** (DUQUE, 1898, p. 152. grifo nosso).

É esse cenário de "Rusgas" entre as décadas de 20 e 30 do século XIX, que produzirá o contexto de insatisfações e insurreições dos tempos de Revolta do período regencial do Império.

Na citação de Duque, vemos que o autor menciona os primeiros movimentos da Cabanada em Pernambuco, ao passo que também cita a revolta na Villa dos Tapajó [Santarém] – esta última, como uma das movimentações que iriam desencadear a Cabanagem no Pará.

É este sentimento de nativismo, patriotismo, (e em alguns casos como na Cabanagem, também o antilusitanismo) que corroboraram para a eclosão de revoltas e movimentos contestatórios no Brasil Regencial. Como assevera Duque (1898, p. 153) "as rusgas tinham passado, desfizeram-se como sombras batidas por uma rajada percuciente, mas na extensão das linhas levantinas crescia a claridade vermelha das revoluções".

E é neste contexto de revoluções, especificamente no que diz respeito à Cabanagem no Pará, que levantamos os seguintes questionamentos. Teriam sido os presidentes cabanos as únicas autoridades revolucionárias no período? Existiram líderes cabanos no Baixo Amazonas, em especial na microrregião do Baixo Tapajós? Existiam correspondências e ligação entre os presidentes cabanos e esses líderes populares no Baixo Tapajós?

Segundo algumas documentações reunidas do APEP, os presidentes cabanos (Malcher, Vinagre e Angelim) não foram os únicos líderes cabanos em toda a província paraense. Existiram outros líderes nas regiões do Marajó, do Acará, Cametá e Baixo Amazonas.

No que tange, historiografar sobre os líderes do Baixo Amazonas, em especial no Baixo Tapajós, afirmamos a partir das documentações do APEP, que a maioria

dos líderes nesta região advinha na região de Cametá. A partir da Confederação de Cametá em meados da década de 20 do século XIX, alguns revoltosos migraram para o Baixo Tapajós e iniciaram a Confederação de Monte Alegre.

São esses líderes que vieram da região de Cametá para o Baixo Tapajós, que mantinham fortes relações e correspondências com Eduardo Angelim. Relações essas tão fortes que nos meses finais da repressão a Belém em 1836, convenceu Angelim a migrar com seus correligionários para o Baixo Amazonas, em especial o Baixo Tapajós – para nesta região reorganizar as forças revolucionárias para tomar a capital belenense novamente a posteriori.

Os líderes patriotas paraenses (cabanos) podem ser visibilizados, nos relatos de ofícios e correspondências, que foram apreendidas pelas tropas de Santarém e atualmente se fazem presentes e organizadas nos arquivos do APEP.

A partir das documentações, afirmamos que praticamente a mesma ação ocorrida no Acará, Marajó e Cametá parece ter acontecido no Baixo Tapajós na Vila de Alenquer. A chegada dos revolucionários nesta Vila se deu sob a chefia do índio desertor Antonio Crispiano Teixeira que, em companhia de outros indígenas (que trouxe de Monte Alegre e do Paracari), além de "todos os vaqueiros e alguns escravos (dizendo a estes que estavam libertos)", torturaram e mataram a facadas o juiz ordinário da Vila e o escrivão da câmara "dando Vivas à Sua Majestade Imperial" [113].

Ao que tudo indica, o líder desertor Antonio Cispriano Teixeira foi um ex-combatente e um dos líderes da Confederação de Monte Alegre, que no início de 1836 passou a ser o líder cabano na região de Alenquer.

Concomitantemente, a ação dos revoltosos em Monte Alegre era chefiada pelo tenente Manoel Antonio Bentes, o qual espalhava ideias de liberdade através da

---

[113] Ofício da Câmara Municipal de Alenquer para o Governo Geral da Província, datado em 15/08/1824. In: **APEP**. Códice 789. Correspondências de Diversos com o Governo.

circulação de cartas pelo espaço público de Santarém [114] e por entre a população "de cor" da Vila, tendo sido preso em uma das ações da Junta Defensiva [115].

Depois de ter fugido da prisão de Santarém, o tenente de ligeiros, Manoel Antonio Bentes comandando uma parte dos sediciosos de Monte Alegre, deslocou-se para a Vila de Alter-do-Chão, bem próximo a Santarém, onde montaram barreiras sobre o rio Tapajós, e lá passaram a "revistar as canoas que iam para baixo e bem para cima [rio abaixo e rio acima] procurando pólvora, armas e brancos" [116].

Diversas cartas trocadas entre os participantes da revolta, e apreendidas posteriormente pelas Tropas de Santarém, elucidaram a participação ativa do juiz ordinário de Alter do Chão, Antônio dos Passos, como um dos articuladores do "partido brasileiro" ao longo do rio Tapajós, sendo a causa principal de suas atitudes a seguinte:

> Mano João Ferreira da Cruz. **Nós já estamos prontos a defender a nossa Pátria** e justa causa só poderes desertar dessa vil Canalha, vem com os mais Camaradas Brasileiros pois já irão muito bem, que não puderam com Monte Alegre por ser contra a Ordem de Nosso Augusto Imperador, pois **nós já estamos reunidos com os de Boim, Pinhel e Aveiro e os Mundurucus**; isso mesmo dirás a teu sogro, que eu mando a cópia do exemplar do Nosso Imperador ao vereador Manoel Frutuosos da Costa dessa câmara, pois desejo que se unam a nós e não com os europeus. Teu Mano Antonio dos Passos. Juiz Ordinário [117] (grifo nosso).

Os documentos citados [118] dão conta de explicar que existiam uma rede de sedição e revolta articuladas por entre as Vilas do Baixo Tapajós (Alenquer, Monte Alegre, Boim, Pinhel, Alter-do-Chão, Aveiro, Santarém), onde contavam com ajuda de índios, em especial os da etnia dos mundurucus.

---

[114] Ofício da Junta Provisória Defensiva de Santarém para o Capitão Antonio Marcelino Marinho Gamboa, datado em 30/03/1824. In: **APEP**. Códice 783. Correspondências de Diversos com o Governo.

[115] Ofícios da Câmara Municipal da Vila de Óbidos para a Junta Provisória Defensiva de Santarém, datados em 27/04/1824. In: **APEP**. Códice 783. Correspondências de Diversos com o Governo; REIS, op. cit., p. 85.

[116] Ofício do Capitão Comandante da Vila de Aveiro Manoel Fillipe de Andrade Figueira para a Junta Provisória e Defensiva da Vila de Santarém, datado em 01/06/1824 In: **APEP**. Códice 783. Correspondências de Diversos com o Governo.

[117] Carta do Juiz Ordinário de Alter do Chão Antonio dos Passos para João Ferreira da Cruz In: **APEP**. Códice 783. Correspondências de Diversos com o Governo.

[118] **APEP**. Códíces 783, 789.

Essas alianças de membros das Confederações de Cametá e Monte Alegre, no entanto, não podem ser consideradas de forma absoluta, como as únicas motivadoras das atitudes políticas das camadas empobrecidas. Existiram, pelo menos, algumas importantes figuras (líderes menos abastados) que, segundo os próprios mandatários locais, foram de fundamental importância para que se selassem solidariedades entre os variados grupos étnicos da região, no sentido de fortalecer o cerco a Santarém.

O primeiro parece ter sido um baiano chamado Clemente, identificado como o grande articulador dos índios do rio Tapajós, chamando-os para comporem a reunião de forças em torno da vila de Alter do Chão, principalmente com a nação dos Mundurucus [119]. Clemente também teria falado ao vigário de Santarém que "se devia expulsar do Brasil todos os Europeus", e que lamentava "não saber falar a língua Tapuia para seduzir os Mundurucus a fim de matarem ao Coruja", sendo este último, provavelmente, um dos integrantes da Junta Defensiva de Santarém [120].

Clemente baiano parece ter sido muito ajudado pelo pernambucano Damião, considerado pelas autoridades como "a causa da sublevação que houve naquela Vila [de Alter do Chão], e que continuadamente estava desencaminhando aquele Povo", organizando as barreiras de saques às embarcações dos negociantes [121].

Outra importante referência popular nas sedições do Baixo Amazonas foi Manoel Antônio Barboza, figura recorrente na documentação e um dos revolucionários mais caçados pelas tropas de várias Vilas, por causa de sua grande capacidade de movimentação e liderança por um grande espaço da província. A primeira aparição desse sujeito se deu em abril de 1824, quando reuniu praças "ligeiros" em seu sítio, localizado próximo ao registro de Arroios na fronteira com Goiás, para formarem escoltas para irem lutar em Cametá [122].

---

[119] Ofício registrado pelo oficial do cartório de Santarém em nome de José Joaquim Pereira do Lago Porto Carreiro, datado em 26/03/1824. In: **APEP**. Códice 783: Correspondências de Diversos com o Governo.

[120] Ofício do Vigário de Santarém Thomas Caetano pedroso para a Junta defensiva de Santarém, datado em 27/03/1824. In: **APEP**. Códice 783: Correspondências de Diversos com o Governo.

[121] Ofício de Santarém para o Presidente da Província, datado em 03/10/1824. In: **APEP**. Códice 783: Correspondências de Diversos com o Governo.

[122] Cf. Ofício do Tenente Comandante do Registro de Arroios José Nunes da Silveira para a Junta Provisória de Governo, datado em 09/04/1824. In: **APEP**. Códice 786: Correspondências de Diversos com o Governo.

Deve ter participado ativamente dos levantes indígenas no baixo Tocantins, sendo um dos que partiram para Monte Alegre, em maio, para iniciar a sublevação indígena, pois Barboza aparece novamente com um dos líderes da revolta nessa vila, tentando descarregar armamentos oficiais se fazendo passar por legalista e enviando correspondência para a fortaleza de Gurupá com uma proposta de rendição dessa vila [123].

A atuação de Manoel Barboza no Baixo Tapajós parece ter sido destacada, associado a um desertor de nome Cândido Luiz Freire e a um surpreendente sujeito de nacionalidade francesa, Miguel Coandis [124]. Barboza era um dos grandes protetores de desertores indígenas na Vila, além de inseri-los nas tropas cabanas e, possivelmente, utilizá-los como espiões para colher informações sobre as movimentações militares das tropas vindas de Santarém.

O francês Miguel Coandis servia como conselheiro particular de Barboza, inclusive influenciando-o a não aceitar a proposta de paz da Junta Defensiva, além de agir "persuadindo aos Escravos dos moradores desta Vila (...) ao que estavam forros logo que se unissem aos ditos facciosos". A presença desse francês em meio aos escravos e índios livres implica na relação que as práticas da revolução popular possuíam com o ideário liberal francês, principalmente sobre os conceitos de "liberdade" que agitavam o espaço público da região do Baixo Amazonas.

Existiram outros líderes tapuios no Baixo Tapajós [125], dentre os quais destacamos que os principais foram: Bernardo Jenipapo, Antônio Maciel Branches (personagem dúbio) e Apolinário Maparajuba.

Bernardo Pereira de Melo Jenipapo foi um dos líderes cabanos de Cuipiranga, desempenhou o posto de Comandante das forças dos Brasileiros Reunidos, subordinado a Apolinário Maparajuba, agia com eficiência e táticas de guerrilhas

---

[123] Ofícios do Juiz da Fortaleza de Gurupá José Ferreira da Silva para o Tenente Comandante Aniceto Francisco Malcher, datado em 30/05/1824 e 25/07/1824. In: **APEP**. Códice 785: Correspondências de Diversos com o Governo.

[124] Possivelmente teria chegado ao Pará no cenário de imigração de alguns franceses vindos da Guiana Francesa na primeira década de 1800 em virtude da instabilidade política vivida em Caiena. Cf. **BARATA**, Manoel. Op. cit., p.97.

[125] Arcenio Caetano Marcelino (preso na Vila de Santarém), Quintiliano Manoel de Souza, José Agostinho, João Pedro Caetano, José Francisco (presos na freguesia de Alenquer), Antônio Luiz (preso em Pauxis, depois Óbidos), Joaquim Manoel e João Batista (escravos e sentinelas cabanos, presos no Ponto cabano de Arapirana) in: **APEP**. Códice 1052. Documento 142.

rápidas. As poucas informações deste líder revolucionário estão presentes em carta que o mesmo remeteu de Cuipiranga para Antonio Maciel Branches, vejamos um fragmento:

> Illmº. Sr.
> Acuso ter recebido a Embaixada de V. Sr.ª datada de 27 do corrente mês, e nella vejo o q' me diz q', muito estimei e todos desta reunião, e muito principalmente o Comandante deste Ponto, Illm.º Sr. Bernardo Pereira de Melo Jenipapo.
> Tenho a honra responder a V. Sr.ª, e fazer e ver que a tempo tivemos uma leve notícia q' vinha uma Força em proteção da Lei, q' tão esmagada, redondamente e pesadamente se acha pelo poder absolutista, que tanto nos tem massacrado, e logo com essas notícias reuniu-se uma Junta de Governo, e para com acerto podemos responder ao q' V. Sr.ª nos faz ver, é necessário fazer recolher as mesmas autoridades que existem para o rio até as campinas [...]
> [...]
> Deus guarde a V.Sr.ª muitos anos. Quartel de Ecuipiranga, 28 de Junho de 1837.
> Illm.º Sr. Commandante Antonio Maciel Branches
> Commandante Bernardo Pereira de Melo Jenipapo [126] **[sic]**.

A partir do documento podemos inferir que Bernardo Jenipapo era patriota e contrário ao regime absolutista, portanto, contrário aos arranjos políticos da administração vigente dos brasileiros adotivos.

Concomitantemente, Antonio Maciel Branches (este personagem será historicizado mais a frente) era um homem de cor, pequeno sitiante, plantador de cacau, sem possuir escravos e terras, considerado por Paulo Rodrigues dos Santos como "cabeça da mazorca na Vila" [127], foi visto por Veiga dos Santos (1986, p. 17-18) como "mais um homem que sentia em sua própria carne as consequências da opressão e da exploração dos donos do poder, e por isso entrou na luta, com muita disposição, para transformar aquela situação de injustiça gritante".

Maciel Branches agia cooptando índios e tapuios ao longo do Rio Tapajós, costumeiramente fazia incursões a Vilas do Baixo Tapajós em Igarité, muito semelhante às viagens de Patacho e seu Magote, foi responsável por liderar

[126] Cf. **APEP.** 1829-1838. Códice 888. Correspondências de Diversos com o Governo. Documento 200 (cópia).

[127] **SANTOS**, Paulo Rodrigues dos. **Tupaiulândia.** Santarém: ICBS/ACN, Gráfica e Editora Tiagão, 1999, p. 147. (Edição Especial Ilustrada Comemorativa aos 500 anos do Descobrimento do Brasil).

invasões a Vila de Santarém e Vila Franca, além de chefiar juntamente com Maparajuba o Ponto de Cuipiranga.

Por outro lado, Miguel Apolinário Maparajuba Firmeza foi um líder revolucionário que cooptava seus correligionários por meio de discursos religiosos, se auto intitulava o “General Cabano no Tapajós” [128].

Maparajuba não era fazendeiro, aristocrático ou gente pertencente à elite politica. O mesmo era um tapuio, morador das matas do Rio Arapiuns, que com o advento da Cabanagem, passou a exercer forte influência e comando militar na região.

O escritor João Veiga dos Santos narra entre as poucas páginas de seu livreto a figura e as ações de Maparajuba:

> A figura de Maparajuba projeta-se no cenário cabano da Vila como homem esclarecido, preocupado com o bem-estar de todos, destruindo aquela imagem negativa do cabano como facínora. A estratégia de Maparajuba Firmeza incluía viagens noturnas a Santarém, onde os cabanos aliciavam mestiços, negros e índios para a sua causa, inclusive para roubarem armas e munição do quartel da força legalista [129].

Segundo Dutra (2009, p.6), há dados que comprovam que os cabanos conseguiram aliciar, um número impreciso de soldados de forças imperiais do quartel de Santarém, obviamente militares de patente inferior, pertencentes às classes oprimidas pelos lusos.

Além de Maciel Branches, Bernardo Jenipapo e Maparajuba Firmeza, que chefiavam o “formidável” Cuipiranga, também se encontram registros de outros elementos de destaque na Cabanagem na Vila de Santarém como assevera Veiga dos Santos (1986, p. 18):

---

[128] **MELO,** Wilverson Rodrigo Silva de. Tempos de Revoltas no Brasil Oitocentista: a Revolução Cabana em Santarém na Região do Baixo Amazonas Paraense (1834-1838). In: **VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURAS E IDENTIDADES**, 2013, Goiânia. **Arquivos e Ditaduras**. Goiânia: Editora da UFG, 2013b. v. 6. p. 7.

[129] **VEIGA DOS SANTOS**, João. **Cabanagem em Santarém**. Santarém: Livraria Ática/Gráfica Bolinha, 1986, passim; Cf. **SANTOS**, Paulo Rodrigues dos. **Tupaiulândia.** Santarém: ICBS/ACN, Gráfica e Editora Tiagão, 1999. (Edição Especial Ilustrada Comemorativa aos 500 anos do Descobrimento do Brasil).

> Outros elementos de destaque na Cabanagem na Vila foram: Braz Antônio Corrêa, Bonifácio Nunes de Arruda, Hermegildo Fernando Valente, Pedro Antônio Corrêa Viana, Raimundo Elias de Carvalho, Bernardo Antônio de Aragão, João Paes Pedroso, Domingos da Conceição Ferreira, Julião Corrêa Jutaí, Lourenço Raimundo Martinho, Martinho Braz e João Ferreira Leal, pessoas destituídas de poder, portanto, também oprimidos.
> O movimento contava com o apoio de outros elementos com certo destaque na Vila, como de Antônio Corrêa Picanço, de tradicional Família, sendo neto de Manuel Picanço, o mais poderoso senhor da localidade no século XVIII, Manoel de Oliveira da Paz, burocrata com destaque na Vila. Ambos, pessoas com bens, mas incorporado no movimento cabano pelo seu aspecto nacionalista, e seu conteúdo de libertação do jugo dos portugueses.

Todavia, ao contrário do que narrou Veiga dos Santos (1986), nem todos esses líderes cabanos, descritos acima, emergiram das camadas populares, alguns são pertencentes à classe média santarena. Dado o processo de invasão dos cabanos a Santarém e a imposição as autoridades da Vila dos Tapajó, para aderir ao governo cabano e proclamarem legítimo o governo de Eduardo Angelim, foi criado o Conselho do Tapajós.

> A aceitação no conselho de Santarém de Angelim como presidente parecia ser um resultado de um acordo feito com os comandantes militares no Ecuipiranga. Se os membros do conselho foram ameaçados ou não, isto não é claro, mas as relações pacíficas foram negociadas no início de março de 1836.
> [...]
> O Conselho decidiu que era hora de negociar e nomeou uma comissão para organizar as relações pacíficas com os brasileiros unidos em Ecuipiranga. Os membros do Conselho e os Oficiais militares **Manuel Raimundo Ferreira, João de Deus Ferreira Canumam, e Antônio Maciel Branches** foram nomeados como intermediários. (RAIOL 1970, p. 1032, grifo nosso).

A função do Conselho era mediar conflitos e propagar a paz na região do Baixo Tapajós, aqueles que Veiga dos Santos afirmou serem líderes cabanos, não são se não líderes do Conselho do Tapajós, instituição da média aristocracia santarena que temendo pelos rumos da anarquia, fazia tudo para negociar a paz com os comandantes de Cuipiranga. Os líderes cabanos, afirmados por Veiga (1986, p.18) os quais grifamos, são na verdade os líderes do Conselho do Tapajós, não são e nem tampouco se parecem com os “patriotas paraenses”, doravante cabanos.

De igual forma, também se encontram registros de mulheres cabanas que contribuíam no processo revolucionário do Baixo Tapajós de variadas formas, desde a produção de alimentos as tropas até a liderança de guarnições pelas Vilas.

Existem relatos que em 1838, uma ano após o massacre do Cuipiranga, nas redondezas da Vila de Santarém, nas localidades de Aritapera e Cabeça d'Onça, foram presos 9 cabanos, juntamente com 30 mulheres e crianças, além de 20 armas de fogo e uma grande porção de Farinha [130].

Outros relatos oficiados pelo Tenente Comandante do Quartel Militar de Monte Alegre Domingos José da Costa, dão conta da prisão de algumas mulheres nas extremidades do Rio Curuá no Baixo Amazonas:

> Illmº e Exm.º Sr.º
> No numero das mulheres aprezionadas pela ultima partida q' d' esta Villa foi ao Rio Curuá veio Maria Lira Mulata, e desconfiando eu pelos indícios d'ella ser captiva a mandei conservar em depozito até verificar-se com efeito era, ou não: agora sei pela boca própria ser Escrava de Fernando de tal por autonomia = Bolóta = morador em Macapá [...]. Assim, relato que foram presas além de Maria Lira Mulata, Margarida de Jesus, presa por me parecer mais ferina que seu marido e filho, Maria Rita, parteira de 40 anos de idade e Bárbara Prestes, viúva do 1º tenente da Armada, Alexandre Riyde...
> Deos guarde a V. Exª. Quartel do Commando Militar de Monte Alegre.
> 14 de Setembro de 1839.
> Tenente e Commandante Militar de Monte Alegre, Domingos José da Costa. **[sic]**.

Ao que tudo indica, essas mulheres cabanas tornaram-se grandes líderes ao lado de seus maridos e filhos, e na ausência e mortes destes, passaram a desemprenhar o papel de líder mater nas vilas e remediações por onde atuavam, chefiando tanto milícias de mulheres, como também de homens.

Todavia, entre esses líderes cabanos (homens e mulheres) no Baixo Tapajós[131] é comum, nas documentações, aparecerem junto aos seus nomes títulos militares, como: Comandante das armas, Tenente de ligeiros, General do Baixo Amazonas, Capitã mor do Tapajós etc. A apropriação destas patentes militares, antes de ser um rechaço as patentes militares usadas pelas tropas provincianas, era mais uma forma de persuasão de novos adeptos ao movimento, ao passo que

---

[130] **APEP**. 1829-1838. Códice 888. Correspondências de Diversos.

[131] Antonio Crispiano Teixeira, Manoel Antonio Bentes, Antônio dos Passos, Clemente baiano, Damião pernambucano, Manoel Antônio Barboza, Cândido Luiz Freire, Miguel Coandis, Bernardo Jenipapo, Miguel Apolinário Maparajuba Firmeza, Maria Lira Mulata, Margarida de Jesus, Maria Rita e Bárbara Prestes. In: **APEP**, Códices 783, 785, 786, 789, 888. Vale ressaltar, que devido a flexibilidade da história, é quase certeza terem existidos outros líderes cabanos, no entanto, registramos aqui, somente os líderes que a luz das documentações analisadas nos trouxeram.

também era visto como uma estratégia de legitimação das ações da revolta e uma forma administrativa de organização militar.

Ao organizarem uma estrutura hierárquica com patentes militares, os líderes patrióticos do Baixo Tapajós acreditavam dar legitimidade as suas bandeiras de luta, já que a seu ver encontravam-se dentro da legalidade. As forças contestatórias paramilitares do Baixo Tapajós e Baixo Amazonas estavam subordinadas ao presidente Eduardo Angelim. No entanto, é bem certo que toda a circularidade da rede de informação, fosse primeiramente noticiada aos comandantes cabanos em Monte Alegre (Antonio Crispiano Teixeira, Manoel Antonio Bentes, Manoel Antônio Barboza), e os mesmos faziam esta ponte com Angelim – devido manterem fortes laços de amizade e sociabilidade desde a Revolta do Acará e Confederação de Cametá.

De um lado existiam cidadãos do Império com títulos militares - Marechal, Major, Tenente-Coronel, praças e soldados -, os quais acreditavam estar defendendo a causa de legalidade ao servir as forças do Império e sendo fiel a monarquia e a santa fé católica.

Por outro lado, existiam cidadãos comuns, brasileiros natos, que passaram a apropriar-se de patentes militares - como General, Comandante, Major, Capitão, soldados da indumentária força patriótica, praças valentes do Tapajós, Força dos Brasileiros Reunidos -, e a defenderem a tese de serem patriotas e nativistas, e que também se viam fiéis à monarquia e à santa fé católica, pois acreditavam que estavam lutando contra estrangeiros (brasileiros adotivos e portugueses) que não tinham outros interesses, a não ser prejudicar os filhos valentes do Pará, colocando-os numa condição de subserviência sócio-política e econômica.

Apesar da atuação destacada desses líderes como articuladores das ações contra a representação do poder local, encarnado na Junta Defensiva de Santarém e personificado nas forças repressoras da Liga Defensiva do Baixo Amazonas, não podemos inscrever todas as atitudes dos indígenas, negros fugidos e desertores à simples cooptação, pois estaríamos excluindo qualquer possibilidade de terem realizado apropriações originais do processo político em curso.

Isto implica dizer que, mesmo tendo alguns homens se destacado no papel de lideranças militares no Baixo Amazonas e Baixo tapajós, não nos é dado supor que

todos os revoltosos desta região rendiam obediência cega a estes líderes, antes podemos afirmar que dado o momento de tensão, que viviam a população desta região, muitos se submetiam apenas em tempos de combates, os quais finalizados, voltavam a sua rotina cotidiana exaurindo laços momentâneos com os “generais cabanos do Tapajós”.

Dada a distância entre as Vilas, acreditamos que os patriotas tapuios, índios e negros soubessem e ouvissem sobre estes líderes no Tapajós. No entanto, defendemos a tese de que prestavam fidelidade primeiramente a seus líderes locais que estavam mais próximos, e assim como ocorriam nos magotes de Patacho, eram mais fiéis aos lideres locais do que propriamente aos líderes do Tapajós, dado a proximidade de relações.

Isto nos leva a afirmar que, mesmo aqueles que se encontravam despossuídos de lideranças, agiam por meio de revoltas e planos de invasão as Vilas da região, o que denota características da subjetividade humana - que em hipótese alguma necessita obrigatoriamente de lideranças para guiar e ordenar atos de contestação.

CAPÍTULO III. Baixo Tapajós: o berço revolucionário das "hidras cabanas".

3.1. A Queda da Capital do Vale Amazônico e a formação dos Pontos Cabanos

A região do Baixo Amazonas, principalmente as vilas de Santarém e Óbidos, se constituíam em área fértil para a propagação da revolução iniciada em Cametá, por causa do significativo número de proprietários rurais e negociantes europeus (cerca de 3.985 moradores brancos somente em Santarém) que possuíam o controle de boa parte das terras e sobre todo o comércio de grosso trato realizado com as províncias do Mato Grosso e do Rio Negro [132].

A presença portuguesa em Santarém era tão marcante que chamou a atenção do viajante Hércules Florence, o qual sentiu estranheza ao constatar que no núcleo urbano e, principalmente, no interior se falava um sotaque português idêntico ao do Velho Mundo, sem sofrer interferências da língua geral brasileira [133].

Tradicionalmente ligadas aos interesses de Lisboa, para onde exportavam produtos tropicais, essas duas vilas [Santarém e Óbidos] concentravam grande parcela de moradores contrários à independência, o que tornou mais nítida a divisão social e racial na região [134]. A recusa em reconhecer a emancipação política se traduzia em uma paródia do hino da independência, cantando à larga na região pelos europeus, como demostram os seguintes versos:

> Já podeis filhos da puta
> Ver contente a mãe gentia
> Já reinou a ladroeira

[132] **BAENA**, Antônio Ladislau Monteiro. **Ensaio corográfico sobre a Província do Pará**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004, p. 253.

[133] O próprio Hércules Florence atribuiu essa permanência do sotaque europeu entre a população branca de Santarém e distritos próximos ao fato de "os portugueses são ali numerosos, e a pronúncia europeia pôde-se conservar em sua integridade sem sofre a modificação brasileira". Florence passou pela região do rio Tapajós em 1828, como integrante de uma expedição científica organizada pelo cônsul geral da Rússia, o Barão George Henrich Von Langsdorff. Vinda de uma longa viagem iniciada no Rio de Janeiro em setembro de 1825, passando por São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso, a expedição atingiu o Alto Amazonas e o Grão-Pará em 1828. **FLORENCE**, Hércules. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas, 1825-1829**. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1977, p. 295.

[134] **MUNIZ**, João de Palma. "A Independência nos municípios do interior", In: **Adesão do Grão-Pará à Independência e outros ensaios**. Belém, Conselho Estadual de Cultura, 1973, p. 449; **REIS**, Arthur Cezar Ferreira. **Santarém: Seu Desenvolvimento Histórico**. 2ª edição, Belém: Governo do estado do Pará, 1979a, p. 76-77.

No horizonte do Brasil
Longe vá temor servil
Ou ficar a pátria limpa
Ou morrer todo o Brasil.
Cabra gente brasileira
Descendente da Guiné
Que trocaram as cinco chagas
Por um ramo de café [135].

Dada tamanha importância político-econômica do Baixo Amazonas, em especial a sub-região do Baixo Tapajós (compreendida pela influência e liderança de Santarém) muitos negros e índios iniciaram uma série de fugas e a fundação de quilombos e cacoais as margens do Amazonas e Tapajós na ânsia de organizar e promover inúmeras insurreições e agitações armadas. O período posterior ao episódio da Adesão do Pará à Independência (1823) revela significativas perturbações da ordem política, no qual entraram em jogo confrontos partidários entre lusos-brasileiros e nativos, assumindo a forma de uma luta anticolonialista donde emergia, aparentemente de forma coadjuvante, o conflito entre escravos e senhores.

Assim, podemos inferir que as fortes convulsões políticas experimentadas ao longo da década de 1820 a 1830, no Baixo Amazonas, fizeram com que os escravos aprimorassem a arte da fuga e aumentassem as possibilidades de alianças coletivas com índios e brancos desertores garantindo maior sucesso diante dos seus senhores lusos. Uma vez que, em tese, se uniria a valentia e perspicácia do negro, os conhecimentos de orientação geográfica e medicinal do índio e a astúcia do branco em desmobilizar as armadilhas lusas, assim como promover uma maior resistência a doenças infectocontagiosas para índios e negros gerando maior resistência imunológica a estes últimos por meio do contato e convivência prolongados.

Nesse sentido, o estabelecimento da Junta Provisória Defensiva de Santarém, núcleo militar constituído para fazer frente ao avanço dos revolucionários indígenas, mestiços e negros de Monte Alegre, pode ser entendida como uma tentativa real de unificar forças políticas de diversas localidades do Baixo Amazonas, para que pudessem ter maior poderio de barganha diante dos grupos dirigentes de Belém.

---

[135] In: **REIS**, Arthur Cézar Ferreira. **História de Óbidos**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979b, p.49.

Entretanto, a Junta Provisória Defensiva não demorou a enfrentar os primeiros combates. As primeiras agitações revolucionárias na área do Baixo Amazonas parecem ter acontecido no mesmo período de criação da Junta Defensiva, quando "os facciosos da Vila de Cametá invadiram a Vila de Monte Alegre, e pretendiam invadir a de Santarém" [136]. Em meados de abril, já corriam notícias de que a revolução nessa área tinha tido sucesso, pois os mesmos agentes de Cametá invadiram a vila de Gurupá e mataram o comandante Francisco José Gomes, demonstrando ações simultâneas também na região do Alto Amazonas e no Xingu.

Contudo, o nível de violência que caracterizou a ação dos revolucionários foi muito mais impactante, como bem pode se ver na ação de alguns índios e vaqueiros de Monte Alegre que assassinaram o juiz ordinário e o escrivão da câmara nos campos do Paracari aos gritos de "viva o Imperador" [137].

Praticamente todas as ações militares e políticas em relação ao conflito em Monte Alegre, por exemplo, foi decidido primeiramente pelos integrantes da Junta Defensiva, como bem mostra os mais diversos ofícios enviados para o comandante da repressão[138], o capitão Bibiano Luís do Carmo, em que fica evidenciado mais uma vez a instabilidade e a fragilidade do projeto unificador, que se tentava imprimir ao Grão-Pará desde agosto de 1823.

Novamente, essas rupturas no interior da composição do poder na região do Baixo Amazonas seriam um dos mais poderosos combustíveis para a ação organizada dos grupos sediciosos indígenas e negros. Nesse sentido, é preciso reforçar que a revolução "de baixo" não poderia se dar sem o consenso de figuras políticas influentes na região, que pudessem espalhar suas ideias por uma área

---

[136] Ofício da Câmara Municipal de Alenquer para o Governo Geral da Província, datado em 15/08/1824. In: **APEP**. Códice 789: Correspondências de Diversos com o Governo.

[137] Idem, Códice 789.

[138] Santarém reunia apoio de, pelo menos, três vilas, a de Alenquer, Faro, Óbidos, que enviarem efetivos militares para auxiliar as escoltas que iam destacadas para Monte Alegre. Fora isso, ainda conseguiu ajuda da província do Rio Negro, que enviou embarcações armadas para realizar as patrulhas em Santarém e adjacências, evitando qualquer ataque-surpresa. Contudo, a Junta defensiva é que estava a frente das ações de guerra e dos planos de defesa das meias vilas, inclusive a de Monte Alegre.

Ver Ofício da Junta Defensiva de Santarém para o Capitão Comandante Bibiano Luís do Carmo, datado em 22/06/1824. In: **APEP**. Códice 789. Correspondências de Diversos com o Governo; Ofício da Junta Defensiva de Santarém para o Capitão Comandante da Força Armada Pedro Vieira Rangel, datado em 21/06/1824. In: **APEP**. Códice 789. Correspondências de Diversos com o Governo; Ofício da Câmara Municipal de Santarém para o Presidente da Província José de Araújo Rozo, datado em 10/07/1824. In: **APEP**. Códice 789: Correspondências de Diversos com o Governo.

extensa e sedimentar, nas expectativas coletivas, o desejo de transformação que parecia estar se concretizando pouco a pouco em toda a província.

Porém, parte das estratégias construídas pelos extratos marginais visavam mesmo o cerco à Vila de Santarém, com o intuito de tomar aquela localidade e saquear os ricos estabelecimentos dos portugueses que lá residiam, pois "queriam por Santarém em Sítio sem Mantimento para depois a atacarem". Para isso, uma parte dos sediciosos de Monte Alegre se deslocaram para a Vila de Alter-do-Chão, a estratégia dos revoltosos parecia ser ousada, posto que as escoltas flutuantes tinham por função "não passar com Farinha para essa Vila".

Parte da liderança dessas ações parece ter sido dos escravos de José Henriques, que eram os que estavam mais atentos á questão racial, porque quando encontravam com as igarités lotadas de gente de Boim que vinha se unir a causa da independência em Alter do Chão, logo perguntavam "se traziam algum branco" [139].

Contudo, o sentido maior dessas agitações no rio Tapajós estava centrado na luta contra os portugueses europeus. Vários eram os interesses dos que se identificavam como "brasileiros" - sendo desde os membros dos grupos proprietários que não tinham participação efetiva nas redes de poder até os despossuídos índios, mestiços e negros -, os quais fabricavam expectativas de modificações profundas nas práticas políticas e sociais da província, reformando as suas principais instituições.

Correspondências [140] do Juiz Ordinário da Vila de Alter do Chão, Antônio dos Passos, revelam a tentativa do mesmo em querer construir uma rede de sedição em Santarém e Aveiro [141], que pudesse dar maior fôlego ao movimento, posto que, em abril, Monte Alegre já era um reduto praticamente dominado [142].

---

[139] Ofício do Capitão Comandante da Vila de Aveiro Manoel Fillipe de Andrade Figueira para a Junta Provisória e Defensiva da Vila de Santarém, datado em 01/06/1824. In: **APEP**. Códice 783: Correspondências de Diversos com o Governo.

[140] Carta do Juiz Ordinário de Alter do Chão Antonio dos Passos para o Furriel Manoel Ignácio de Souza, 24/05/1824. In: **APEP.** Códice 783: Correspondências de Diversos com o Governo; Carta do Juiz Ordinário de Alter do Chão Antonio dos Passos para Manoel dos Santos Prata, 24/05/1824. In: **APEP.** Códice 783: Correspondências de Diversos com o Governo; Carta do Juiz Ordinário de Alter do Chão Antonio dos Passos para o Vereador da Câmara Municipal de Santarém Manoel Frutuoso da Costa, 24/05/1824. In: **APEP.** Códice 783: Correspondências de Diversos com o Governo.

[141] Ofício do Juiz de Aveiro Sebastião José Pena para o Presidente da Província José de Araújo Rozo, datdo em 23/09/1824. In: **APEP.** Códice 783: Correspondências de Diversos com o Governo.

[142] **REIS**, 1979, p. 87.

Contudo, persiste nesses escritos a visão de que as transformações eram possíveis e que estavam acontecendo, menos por iniciativa da Província do que pelas sedições que mexiam com as esperanças dos homens livres, libertos e escravos em conseguir sua "liberdade", através da afirmação de uma outra independência, diferente daquela jurada e festejada com grande pompa em outubro de 1823 na região [143], cujo sentido de obediência à pátria estava francamente pulverizado [144].

Desse modo, a revolução se ramificou por entre os caminhos sinuosos dos rios, igarapés e furos que afluíam do Amazonas, levantando grande parte das pessoas, que logo passaram a integrar as fileiras de luta dos "brasileiros" contra os "europeus", no intuito de erradicar estes últimos do controle político e econômico de Santarém, Óbidos, Alenquer.

Sendo assim, o Baixo Amazonas pode ser considerado como um barril de pólvora e local altamente estratégico para combates armados. É nesta região que foram protagonizadas as mais duradouras e célebres formas de resistência no período da Cabanagem. Segundo Reis (1979, p. 85), na região do Tapajós, em meados de 1834, o proselitismo dos rebeldes já era observável em Alter do Chão, Aveiro e Franca.

Não obstante, Santarém, nesse sentido, servia como um dinâmico empório comercial por onde embarcações carregadas de gêneros da floresta tinham que fundear para negociar seus produtos, vindas tanto do rio Amazonas acima, como do rio Tapajós abaixo, posto que sua localização geográfica situava a vila exatamente na confluência desses dois grandes rios.

A situação estratégica em que se encontrava Santarém, como praça de comércio também das vilas vizinhas, favoreceu, por outro lado, a maior articulação dos grupos políticos que dominavam as câmaras municipais para se fortalecerem como um bloco de poder diante do governo provincial.

---

[143] Palma Muniz disserta que a Independência brasileira foi jurada na Vila de Santarém, em 19 de outubro; nas Vilas de Alenquer, Boim e Franca em 22 de outubro; na Vila de Óbidos em 19 de novembro de 1823. In: **MUNIZ**, 1973, p. 445-449.

[144] Por isso o comandante de Óbidos alertava para o perigo de a escravatura se levantar e se solidarizar com os indígenas da tropa de ligeiros, que já vinham demarcando sua identidade política frente aos outros soldados brancos. Ver Ofício de Manoel Antonio Barbosa para a Câmara Municipal de Óbidos, s/d. In: **APEP.** Códice 783: Correspondências de Diversos com o Governo.

No século XIX, o cacau era o grande elemento da economia da Vila de Santarém, cultivado nos sítios de várzea e também, em grande quantidade, coletado nas matas. Nas bordas do imenso Lago Grande de Franca, estavam estabelecidas as grandes fazendas, de gado bovino, destinado, principalmente, para exportação, e algumas cabeças disponíveis para o consumo local [145].

Veiga dos Santos também complementa essa visão socioeconômica de Santarém, ao escrever:

> Esses sítios de cacau e fazendas de gado eram propriedades de uns poucos, porém, poderosos senhores de terras e escravos, em sua maioria portugueses, ou seus descendentes.
> Na utilização do solo, predominava o grande latifúndio, originado em sua grande parte, nas sesmarias, generosamente doadas pelos reis de Portugal aos seus amigos da colônia.
> Nesses estabelecimentos rurais, era empregado o trabalho escravo do negro importado da África, conjuntamente com o trabalho servil do índio e do caboclo [...] complementando esse contexto econômico, encontrava-se uma incipiente agricultura de subsistência, trabalhada por pequenos "posseiros", que se apoderavam das terras devolutas, existentes pela periferia da Vila, onde cultivavam a mandioca destinada à produção da farinha de vários tipos, produto básico na alimentação popular, o arroz, o milho, o feijão, o fumo e algum algodão utilizado na manufatura doméstica dos tecidos indispensáveis, principalmente, para a rede de dormir.
> A pesca também representava uma fonte de subsistência, com alguma alternativa para a comercialização do peixe salgado, do pirarucú seco e do piracuí largamente consumido na alimentação da Vila (VEIGA DOS SANTOS 1986, p. 11-12).

No entanto, a economia do Baixo Amazonas e consequentemente a do Baixo Tapajós não girava em torno somente dessas culturas. Segundo Baena (1839, p. 333-334) "na região desenvolvia-se também a salsaparrilha, cravo do Maranhão, algodão, borracha, café, anil", fato que constituía "Santarém como capital do vale amazônico, e como o empório do comércio do Rio Negro e de Mato Grosso" [146].

Toda essa estrutura econômica gerava uma pequena, porém poderosa e ativa aristocracia rural. No seu seio brotava a elite dirigente, os políticos lusitanos e brasileiros adotivos, que tinham, naquela época, como expoentes, pessoas como "Joaquim Rodrigues dos Santos, Francisco Caetano Correa (o primeiro), José Joaquim Pereira Macambira, Agostinho Pedro Auzier, Miguel Antônio Pinto

---

[145] Cf. **SANTOS**, 1999.

[146] **ACEVEDO MARIN**; **CASTRO**, 1998, p. 55.

Guimarães (o pai, e não o filho, que viria a ser o Barão de Santarém) e Vicente Batista Miranda" (VEIGA DOS SANTOS 1986, p. 11).

Além desses senhores, donos do poder da Vila, uma pequena burguesia mercantil, empregava sua atividade de comércio de mercadorias por meio do sistema de "regatão", com o qual comercializavam a troca de mercadorias, pelo rio Tapajós e seus afluentes.

Segundo Veiga dos Santos (1986 p. 12-13), como apêndice desse processo econômico empírico, colocavam-se aqueles que exerciam certas profissões, como de pedreiro, carpinteiro, calafate, sapateiro, alfaiate, barbeiro, pescadores, ou prestavam serviços como remeiros, etc. Essas profissões e serviços eram executados pelos índios, caboclos e pelos chamados "escravos-de-ganho". Eram gente que não tinham vez e nem voz, por isso mesmo, eram marginalizados, moravam afastados da "elite", no subúrbio da Vila, no local chamado de Aldeia.

Diante de tal importância sócio-política e econômica, os líderes patrióticos de Monte Alegre planejavam invadir a Vila de Santarém, ao passo que os líderes e chefes de Cuipiranga (Maparajuba e Maciel Branches) também arquitetavam a tomada de poder na Vila dos Tapajó. Os planos de tomada da Vila, arquitetado pelos líderes do Baixo Tapajós atrelado ao sentimento antilusitanista que alimentava o revanchismo de índios e negros mocambeiros das margens do Amazonas e Tapajós iniciarão as primeiras movimentações de revolta na Vila do Vale Amazônico.

Existem relatos de uma insurreição de rebeldes em Santarém (Capital da Comarca do Baixo Amazonas) datado de 2 a 3 de Agosto de 1834, os quais se apoderaram de armamentos e munições ali existentes [147]. Relatos de Santos enfatizados pelas conversas e histórias advindas da Memória Coletiva da população desta região, contam que era costume negros advindos de mocambos e quilombos as margens do Rio Amazonas e agrupamento de pessoas vindas de comunidades ribeirinhas do Tapajós para promoverem insurreições na Vila de Santarém e Vila Franca, sobretudo, quando estes ribeirinhos não conseguiam alcançar a meta de pescado a ser entregue como impostos (SANTOS 1999, p.215-217).

---

[147] Informação presente no documento - Correspondência de Manoel de Azevedo Coutinho Raposo, Tenente Coronel Comandante do Batalhão, ao Presidente da Província do Pará – sem nomenclatura -, remetido de Santarém em 04 de Agosto de 1834 In: **APEP**. Códice 888; Documento 109.

Dado essa rede de sedição que se formava, a insurreição de Agosto de 1834 em Santarém e a eclosão do 7 de Janeiro de 1835 em Belém, rapidamente a Vila dos Tapajó se reúne com Óbidos e outros comandos da Vilas do Baixo Tapajós e fundam a Liga Defensiva do Baixo Amazonas [148], esta corporação era na verdade a antiga Junta Provisória Defensiva de Santarém, que a partir de agora seria chefiada por Óbidos e Santarém.

A Liga Defensiva e antiga Junta Defensiva convencionava-se como um tratado de mútua defesa entre as Vilas do Baixo Tapajós, se uma das Vilas fosse atacadas por revoltosos da região ou migrados de Belém, as Vilas pertencentes à Liga tinham por obrigação sair em defesa da Vila compatriota.

> “Lá vem cabano, mia gente! Cabano tá chegando na praia, Sinhá!”... gritavam quase mortas de medo e do cansaço aos pés de Mãe-branca [**Nossa Senhora da Imaculada Conceição**]. E logo se fechavam portas e janelas [149] **[sic]** (SANTOS, 1999, p. 195).

Esse registro de insurreição é narrado por Paulo Rodrigues dos Santos, que além de redigir na íntegra os ofícios e correspondências de cabanos e legais, incorporou às páginas de Tupaiulândia estre trecho de canção muito pronunciado por repentistas, músicos e lavadeiras ribeirinhas.

A visão pejorativa de Paulo Rodrigues dos Santos, no entanto, fundamenta-se na citação de Reis (1979, p. 114):

> E numa infiltração desagregadora, começaram a atingir as vilas cobiçadas, não em operações militares imediatas, mas pela circulação de notícias tendenciosas, boatos alarmantes, que começavam a quebrar, se não a harmonia das populações, mas o espírito de reação. Os receios de que não pudessem vencer, e talvez fosse melhor abrir as portas da casa aos cabanos que propriamente resistir-lhes sem perspectivas de êxito, entrou a frutificar.

Diante do medo de cabanos, a elite santarena lusa conclama ao recém-chegado juiz de direito da comarca, Joaquim Rodrigues de Souza, para organizar milícias e uma Junta de Salvação pública para manter a ordem e a legalidade. Foi

---

[148] REIS 1979a, p. 113.

[149] Trecho pronunciado como refrão de músicas ribeirinhas e de repentistas caboclos.

convocada a Guarda Nacional e assim foi organizada uma milícia militar composta de civis apadrinhados da elite política santarena, onde o comando ficou a encargo do tenente-coronel Joaquim Rodrigues dos Santos.

> A Vila foi transformada em uma fortaleza, para resistir a invasão dos cabanos, que os legalistas esperavam que acontecesse pelo litoral, com desembarque das tropas cabanas que deviam estar vindo de Belém.
> Foi estabelecido um quartel, que foi denominado de "Quartel do Sol", localizado em um belo sobrado de propriedade do fazendeiro Luiz Vicente de Miranda. Embarcações foram mobilizadas para promover rigorosa vigilância no rio, em frente a Vila, evitando o ataque das tropas cabanas que estariam subindo o rio Amazonas (VEIGA DOS SANTOS 1986, p. 17).

Entretanto, em contrapartida a esta logística "legalista", os revoltosos patrióticos (cabanos) ficaram a espreita escondidos nos furos e rios, passaram a interceptar comunicação e transporte de alimentos pelos rios Tapajós e Amazonas. Utilizaram as matas dos arredores de Taperinha[150] como esconderijo provisório e lá soltaram os negros que eram escravos na fazenda pertencente a Miguel Pinto Guimarães. É, pois boa parte desses negros libertos pelos tapuios cabanos, que passarão a reforçar os exércitos patrióticos no Tapajós e posteriormente a guerra, irão se domiciliar nos mocambos e quilombos que fundarão ao longo dos rios Ituqui, Paraná-Ayayá, Amazonas e Tapajós.

---

[150] Taperinha situa-se na confluência entre os rios Ituqui e Paraná-Ayayá, sua nomenclatura significa ruína, casa velha ou qualidade de vida segundo os silvícolas. Esta propriedade fruto da sociedade entre Miguel Pinto Guimarães e o confederado norte americano Mr. Romulus J. Rhome, é dotada de muitos aspectos relevantes a formação dos munícipes santarenos, haja vista que indícios como a escravidão, produção canavieira, vestígios de cerâmica e relações com a cabanagem, apontam este sítio arqueológico e posteriormente o maior engenho da região, como o lugar que deu início a cidade de Santarém e que foi palco da fuga da maior quantidade de escravos no período da cabanagem.

Ver **MELO**, Wilverson Rodrigo S. de. Taperinha um engenho do Tapajós: Relações e Discussões Acerca da Produção Canavieira, Escravidão, Estudos de Sítios Arqueológicos e Cabanagem. In: **VI Congresso de Ciência e Tecnologia da Amazônia e IX Salão de Pesquisa e Iniciação Cientifica do CEULS/ULBRA**, 2009, Santarém. Amazônia, Ciência e Sustentabilidade (Anais) ... Santarém: CEULS/ULBRA, 4-6 de Novembro de 2009. p. 411-415 (CD-ROM).

Vista do casarão da Fazenda Taperinha
Fonte: MELO, 2009, p. 412
Ano: 2009

Contrariando as expectativas do quartel do sol em Santarém, chefiado pelo tenente-coronel Joaquim Rodrigues dos Santos, o movimento cabano na Vila não ocorreu. Isto porque os cabanos do Tapajós passaram a se organizar em forma de guerrilha moderna, evitavam atacar em grandes exércitos, faziam incursões a Vila em pequenos grupos armados de facões, foices, zagaias, flechas e armamentos provenientes da deserção de soldados do quartel de Santarém.

Como medidas de contra ofensiva, os legalistas da Vila do Vale Amazônico compreenderam que a fortificação de Cuipiranga, dava força aos cabanos e, condições de se apoderarem da Vila. Era preciso uma tomada do quartel dos subversivos.

Foi então preparada uma expedição militar "composta de 64 homens, sob o comando do Tenente-Coronel da Guarda Nacional, José Joaquim Pereira Macambira, com a missão de desalojar os cabanos de sua fortaleza" (VEIGA DOS SANTOS 1986, p. 20). No entanto, o ataque da expedição anticabana foi um fracasso, os provincianos foram derrotados pelos cabanos ainda em rio, e o forte de Cuipiranga manteve-se intacto.

É posterior a este combate que as forças repressoras no Tapajós, descobrem que o material bélico do quartel de Santarém estava sendo repassado às escondidas para os revoltosos por intermédio de praças desertores, como evidência

tinham as balas nos corpos de soldados alvejados, balas semelhantes, pra não dizer idênticas as que estavam guarnecidas em Santarém.

Como resposta ao ataque das tropas militares de Santarém, Maparajuba Firmeza envia um ultimato a Câmara da Vila dos Tapajó para que a mesma aderisse ao governo de Eduardo Angelim, caso contrário a Vila seria invadida e todos os portugueses punidos [151].

Os cabanos de Cuipiranga começam a se organizar para invadir a Vila de Santarém. Passaram meses estudando o cotidiano das famílias tapajoenses e a melhor forma de atacarem como elemento surpresa.

Em contrapartida, cogitando a possibilidade de invasão dos cabanos, as autoridades tapajoenses adotaram como estratégia a Proclamação ao governo cabano e à obediência ao governo de Angelim. Fizeram isso como forma de ganhar tempo, até que as tropas repressoras chegassem de Óbidos e Belém, para ajudar na proteção de Santarém.

A Câmara de Vereadores da Vila se reúne e em 9 de Março de 1836 proclama a Adesão da Vila dos Tapajó ao governo cabano chefiado por Eduardo Angelim. O discurso de proclamação feita pela Câmara de Santarém é transcrito na obra de Hurley (1936, p.69):

> "Honrados cidadãos Tapajoenses: Sucegai vosso Espíritos. A Reunião de Ecuipiranga não vos hade offender, antes pelo contrario hade fazer garantir aos vossos Direitos que quase se hião devorando, pelo Déspota Juiz de Direito desta Comarca Joaquim Rodrigues de Souza, o que já por intermédio desta Câmara se vai conciliar dando as mãos com aquella Reunião reconhecendo na pessoa do Exmo. Snr. Eduardo Francisco Nogueira Angelim a Presidência desta Província para que de todo fique pacato obedecendo todas as suas deliberaçoens na defeza dos direitos individuais dos cidadoens desta Comarca. Viva a Santa Religião Catholica e Apostólica Romana; viva o Jovem Brasileiro o Senhor Dom Pedro 2º e a Regência em seu nome e Vivão os nossos Irmãos da Ecuipiranga na Defeza e Manutenção da Ordem Pública e vivão os honrados Tapajoenses." [152]. **[sic]**.

[151] Ver: **VEIGA DOS SANTOS**, 1986, passim; **SANTOS**, 1999, passim.

[152] **REIS**, 1979a; p.115; Proclamação transcrita da obra "Traços Cabanos" de Jorge Hurley, p. 69.

Segundo Veiga dos Santos (1986, p. 22):

> Participaram dessa memorável sessão da Câmara da Vila e assinaram a ata de adesão ao governo cabano, presidido por Eduardo Angelim, os seguintes vereadores: Raimundo Dias Leão, que presidiu a sessão na ausência do presidente [da Câmara], que se deu por doente, João de Deus Ferreira Canuman, Pedro Alexandrino de Lira, Lourenço Antônio Loureiro, João Caetano de Souza Barreto e João de Deus Leão, que secretariou os trabalhos.

No entanto, através das informações de soldados desertores, os quais andavam infiltrados entre as autoridades tapajoenses, os cabanos de Cuipiranga descobriram a estratégia das autoridades da Vila de Santarém, e logo organizaram um ataque à capital do Vale Amazônico. O ataque aconteceu por via de duas colunas, uma liderada por Antonio Maciel Branches e outra liderada por Thomas Antônio de Faria:

> O processo de conciliação em Santarém funcionou, mas sofreu pelo menos um grande abalo em Santarém, no final de março de 1836, apenas algumas semanas depois que começou [as medidas das autoridades tapajoenses em proclamar apoio ao governo de Angelim]. **Em 23 de março**, um grupo de soldados - índios e brancos – invadiram a cidade liderados por Thomas Antônio de Faria, "um cabano sem igual" [e Antonio Maciel Branches]. Quando Faria entrou na cidade, perguntaram a ele, o que ele queria, e o mesmo respondeu "realmente nada, só a morte para os portugueses [brasileiros adotivos], caramurus [portugueses conservadores], e maçons, e então tudo será cheio de paz. Em sua chegada o grupo matou alguns civis e soldados, pelo menos três eram" "brasileiros da mais alta qualidade" [153] (grifo nosso).

O episódio da tomada de Santarém, em 23 de Março de 1836, teria ocorrido da seguinte maneira, conforme assevera Melo (2013b p. 6-7):

> Neste período histórico Santarém dividia-se em três bairros: Prainha, Centro e Aldeia. Sendo que o **Centro** abrigava alguns poucos fidalgos, o bairro da **Prainha** [154] consistia na moradia da elite luso-santarena e o bairro da Aldeia abrigava os marginalizados (tapuios, negros alforriados e fujões, comerciantes de baixo poder aquisitivo, etc). Deve-se enfatizar que a tomada de Santarém não ocorreu de forma "hollywoodiana", haja vista que o povo insatisfeito que aderiu a cabanagem, eram os próprios moradores da

[153] Ofício do Juiz do Baixo Amazonas Joaquim Rodrigues de Souza ao Presidente do Pará Marechal Manoel Jorge Rodrigues, Macapá, 18 de abril de 1836, In: **APEP**. Códice 1000. Documento 96.

[154] Devido abrigar a elite santarena, este bairro passa a sofrer um acréscimo em seu nome, sendo denominado "Grande" Prainha.

> Aldeia – composta por uma miscelânia de "paganus"[155] que mantinham fortes laços familiares e comerciais com comunidades ribeirinhas do Baixo Tapajós. Dessa forma, em março de 1836, quando os líderes de Cuipiranga tomaram Santarém, foram apoiados por uma massa de cabanos armada de facões e armas bélicas (provenientes do saque de armistícios do quartel de Santarém) que saíram exatamente do bairro da Aldeia, ou seja, foi uma dominação do bairro da aldeia com reforços ribeirinhos sobre o Centro e a Grande Prainha.
> Em síntese, a tomada de Santarém pelos cabanos ocorreu de forma rápida, violenta, pré-meditada e anunciada, tendo como fato marcante deste episódio, a morte do Pai do Barão de Santarém homônimo ao nome do filho – Miguel Pinto Guimarães. É salutar destacar, que a tomada da capital do Vale do Tapajós, ocorreu sob a liderança de Antonio Maciel Branches (que liderava os ataques pelos rios Arapiuns e Tapajós, e foi um dos responsáveis pela tomada de Santarém e domínio da Vila de Alter-do-chão) e Miguel Apolinário Maparajuba "Firmeza" (grifo do autor).

Bairro da Prainha
Bairro do Centro
Bairro da Aldeia

Pintura da Vila de Santarém no Baixo Tapajós
Autor: Hércules Florence
Ano: 1828
Adaptação: Wilverson Rodrigo S. de Melo
Ano: 2015

Segundo Melo, a tomada de Santarém foi uma sublevação de um bairro marginal e subserviente sobre os bairros que abrigavam a aristocracia rural de

---

[155] Termo latino que significa "habitante do campo", "rústico", circunvizinho as cidades.

portugueses e brasileiros adotivos. A ligação dos cabanos do Ponto de Cuipiranga e do Ponto do Lago Grande de Franca com os da capital do Vale Amazônico era feita pelo bairro da Aldeia. Neste ponto, os cabanos vindos do Tapajós chegavam no bairro da Aldeia disfarçados como pescadores, calafeteiros e índios. Dessa forma, inferimos que os cabanos foram aos poucos chegando a Vila de Santarém sem levantar suspeitas, nem tampouco alterar o cotidiano da Vila.

Durante o ataque, na coluna liderada por Maciel Branches [156], os cabanos invadem a residência do pai do Barão de Santarém e o lançam de cima de sua mansão, vindo a óbito imediatamente. Em contrapartida, durante o ataque dos cabanos a Santarém, o juiz da Comarca, o comandante da Guarda Nacional, o vigário da paróquia e pessoas representativas e comprometidas com a causa luso-paraense refugiam-se em uma embarcação e posteriormente partem em direção à Macapá.

Posteriormente, Antonio Maciel Branches armado de facão em punho, entrou no recinto da Câmara exigindo o cumprimento imediato da Proclamação do Tapajós e do ultimado cabano de adesão ao governo de Angelim.

A partir de Março de 1836, ocorre um redimensionamento da guerra entre tropas cabanas e anticabanas no Baixo Tapajós. Com a Queda de Santarém, a Vila de Óbidos passa a desempenhar sozinha, o papel de liderança da Liga Defensiva do Baixo Amazonas, e irá organizar incursões para resgatar e restaurar a Vila dos Tapajó.

Entretanto, ocorre também que, instaurado o poder cabano em Santarém, o comando da Vila ficou sob a tutela dos cabanos, Braz Antônio Correa, nomeado comandante geral das forças, e Francisco Antônio Batista, alferes e segundo comandante.

A partir de então, o governo Cabano de Santarém e de Cuipiranga passa a reorganizar as forças patrióticas no Baixo Tapajós e estimular a criação, restauração e organização de Pontos e Redutos cabanos pela região, os quais seriam cooptados e liderados pelo Reduto de Cuipiranga.

[156] Sua posição política enquanto cabano ou legal será historicizado no tópico 3.3, a partir da página 202.

Mapa dos Pontos e Redutos Cabanos no Baixo Tapajós
Fonte: Caderno especial "Jornal Gazeta de Santarém"
Ano: 2009

Os múltiplos "Pontos" cabanos [157] funcionariam como interpostos de guerra e abastecimento da Confederação Cabana no Baixo Tapajós. Os Pontos seriam responsáveis pelo cultivo de culturas, caça, pesca e criação de animais, além de prepararem campos de guerra em seus territórios.

Em contrapartida, os Redutos Cabanos no Tapajós (Cuipiranga, Franca, Pinhel, Santarém e Aveiro) seriam responsáveis pelo protecionismo de todos os pontos cabanos. Seria de responsabilidade dos Redutos, travar guerras e batalhas contra as forças repressoras no intuito de estabelecer paz e sossego aos pontos. De todos os Redutos, o mais formidável, o melhor guarnecido, e o que mais tempo

[157] Nova Sociedade do Urucureá, Vila Franca, Maripá, Capixauã, Carão, Anumã, Suruacá, Mapirizinho, Pajurá, Marituba, Surucuá, Jatequara, Jaca, Boim, Nuquinim, Nova Vista, Anduru, Cametá, Escrivão, Tungira, Daniel de Carvalho, Moçum, Santa Cruz, além de: Arimum, Vila Brasil, Guajará, Ponta do macaco, Lago Grande de Franca, Lago da Praia, Santo Amaro, dentre tantos outros.

resistiu, foi Cuipiranga, conhecido como o maior palco de resistência cabana de todo o Grão-Pará Regencial.

3.2. Quando a Cabanagem era em Pinhel e Vila Franca

No cerne da queda da Vila de Santarém pelas ações dos cabanos do Tapajós, vão surgindo outros pontos e redutos cabanos, dentre os quais citamos aqui a Vila de Pinhel e Vila Franca.

Em Pinhel, na antiga Missão de Santa Cruz (depois rebatizada de Missão de São José Maytapus) algumas “rusgas” entre brasileiros natos e adotivos promoveram um acirramento político pela disputa de poder na Vila. Concomitantemente, a imposição de trabalhos servis aos índios Maytapus, como se estes fossem tapuios e não cidadãos, também provocaram insatisfações nas fímbrias da estratificação índia na Vila.

Em ofício de Raimundo Antônio Fernandes (Vigário Geral) a José Joaquim Machado de Oliveira (Presidente da Província do Pará) enviando o Padre José de Nossa Senhora dos Prazeres (Vigário interino de Pinhel), para representar contra as arbitrariedades praticadas pelo Juiz da dita Vila, informar sobre o estado da Missão de Santa Cruz e sobre o método mais fácil de empreender descimentos dos sertões para as margens do Rio Tapajós, o mesmo assim o narra:

> Envio a apresentar-se a V. Exª. o Raimundo Fernandes, José de Nossa Senhora dos Prazeres, Missionário de Santa Cruz, e Vigário interino de Pinhel, que tendo sofrido as maiores violências e arbitrariedades perpetradas pelo Juiz Ordinário d’aquella Villa se destina representar de viva voz a V. Exª no intuito de obter graças de poder livremente reconhecer-se a sua Parochia sem receio de ser de novo incomodado; tenho esgotado todos os recursos servindo-se nos meios de providências, mas debalde porque nada tem sido bastante para impedir a impetuosa corrente de repetidos despotismos, tendo-se até vedado ao Padre o poder him socorrer as necessidades espirituais de seus fregueses... porque dois ou trez indivíduos assim o querendo ao mesmo tempo que todos os mais ... se contenta quantos a sua caridade, segundo as informações que tenho.
> Pelo mesmo Padre, será V. Ex.ª informado do estado da missão e das medidas precisas para o seu melhoramento, assim como do methodo mais fácil de empreenderem os decimentos de inúmeros gentios que decejas deixar as brenhas e sim situam-se a margem do Tapajós e que por motivos que aprenderá a V. Ex.ª o referido Padre tem deixado de fazer.
> [...] Ex.mº Senhor, que se promova o ... decimento, de grande vantagem sendo huma dentre as aplicações as roças de mandioca ...

> Deus guarde V. Ex.ª. Tapajós, 23 de Julho de 1833.
> Illmo e Ex.mº Senhor Presidente da Província [158]. **[sic]**.

Como observado no documento, existia uma disputa de poder entre as edilidades portuguesas. De um lado o Juiz da Vila que estava se posicionando contra a cooptação de índios Maytapus, não porque fosse benéfico ou compadecido, mas, sim, porque via que tal proximidade com os índios (considerados cidadãos) representaria apoio político na Vila.

De outro lado o vigário interino de Pinhel, o Padre José de Nossa Senhora dos Prazeres, discursava em favor de ajudar os cidadãos daquela Vila seja no âmbito material ou espiritual. Este também se interessava pelo poder representativo sobre os índios, por isso empenhava-se em retirar os Maytapus das brenhas das matas e trazê-los para a margem do Rio Tapajós (a chamada política de Aldeamento).

Essa era a Pinhel de meados da década de 1830, onde a convivência cotidiana era dividida entre índios, tapuios (em sua maior parte confundidos com índios) e brasileiros adotivos (portugueses). Quando estoura as revoltas de Muaná, Cametá e Monte Alegre, as autoridades de Pinhel (assim como das demais Vilas) se esforçam para suplantar tais informações, e evitar que o clima de "rusgas" e rebelião chegassem as Vilas do Baixo tapajós e desorganizasse a estrutura política vigente, como se evidencia no Oficio do Juiz Ordinário da Vila de Pinhel José Guedes Aranha para a Câmara Municipal de Santarém:

> Ficou mais ou menos claro para as autoridades municipais da região que a revolução era produto dos embates que já balançavam a populosa região do baixo Tocantins (Acará, remediações de Belém), o que inspirava extrema cautela, dada a numerosa população indígena e mestiça que estava descontente com os muros da independência, estando pronta para engrossar as fileiras rebeldes. Nesse sentido, notícias oriundas da região do Tocantins adentravam o espaço público das vilas e lugares, gerando inúmeras expectativas dos setores marginais do médio Amazonas, como bem pode se ver nas atitudes de dois desertores presos em Pinhel, João José e Boaventura dos Santos, que diziam que "todas as palavras das autoridades eram falsas e que já sabiam que Cametá havia se levantado" [159].

---

[158] **APEP**. Códice 854. Documento 77.

[159] Oficio do Juiz Ordinário da Vila de Pinhel José Guedes Aranha para a Câmara Municipal de Santarém, datado em 12/08/1824. In: **APEP.** Códice 783: Correspondências de Diversos com o Governo.

No ofício (acima citado) do Juiz Ordinário da Vila de Pinhel José Guedes Aranha para a Câmara Municipal de Santarém, o mesmo narra que parecia ser inevitável esconder as informações de revoltas e insurreições na região tocantina da província do Grão-Pará. Nas falas dos presos de Pinhel (João e Boaventura), os mesmos afirmavam que já sabiam que o levante de subversão de Cametá já havia se instaurado, e de igual modo, as autoridades militares mentiam e omitiam os fatos desta revolta, como estratégia algoz para a delação de correligionários.

Aos poucos, os revoltosos e insurgentes do Baixo Tapajós de diversificadas Vilas e freguesias passam a trocar comunicações e a criar uma rede de sedição, disposta a cooperar com um movimento patriótico de revolta no intuito de ressignificar suas perspectivas de vida sócio-política. Dessa forma, ações revolucionárias na Vila de Alter do Chão, por exemplo, passaram a mobilizar grande parte das vilas situadas ao longo do rio Tapajós, onde estavam reunidos às Vilas de Boim, Pinhel, e Aveiro, além de terem o reforço de uma tropa de índios Mundurucus [160].

Por fazer parte da microrregião do Rio Tapajós, sendo um de seus três distritos ao lado de Santarém e Alter-do-Chão, a população de Pinhel no início da década de 1830, era de 865 indivíduos livres e 16 escravos. Nas palavras de Baena (1839, 328-329):

> As casas desta gente são todas telhadas com folhagens e todas uns mesquinhos obstáculos. A lavoura foi destacada como a principal atividade produtiva, porém a produção era reduzida, devido ao fato de sua população supostamente se recusar a produzir excedentes. Estão formalmente submetidas à jurisdição de Pinhel: Aveiro, Itaituba e Santa Cruz.

Os relatos de combates em Pinhel só começam a aparecer em finais de 1836, provavelmente, ao final da pacificação de Belém e final do processo de derrocada de Cuipiranga. Os cabanos dos pontos aos arredores de Cuipiranga teriam migrado em direção ao Oeste, e provavelmente chegaram a Pinhel.

Segundo o antropólogo Florêncio Vaz em entrevista ao Jornal Gazeta, edição especial da Cabanagem (2009, p.10):

---

[160] Ofício do Juiz Ordinário de Alter do Chão para a Câmara Municipal da Vila de Santarém, datado em 24/05/1824. In: **APEP.** Códice 783: Correspondências de Diversos com o Governo.

> Só no Baixo Tapajós, além de Cuipiranga, Pinhel, [hoje distrito] no município de Aveiro, foi outro foco de muita resistência. Bem povoada e desenvolvida economicamente, a Vila era localizada estrategicamente sobre uma alta ribanceira de onde se viam longe as embarcações que se aproximavam. Os movimentos cabanos em Pinhel teriam ocorrido por uma revolta inicial dos nativos liderados por Zé Duarte, mataram os comerciantes portugueses e se apoderaram de suas casas e negócios.
> [...] Ali deve ter sido um ponto de entrada de uma conhecida trilha que cortava a floresta em direção a oeste, no rumo da aldeia de Luzéa (hoje cidade de Maués, no Amazonas), habitada pelos Mawé, onde os cabanos tinham outro bem guarnecido quartel. Luzéa foi a última cidadela dos rebeldes a se render, em 1840. Anteriormente um grupo de Mawé fora descido para a antiga missão de São José de Maytapus (hoje Pinhel).

A partir do relato de Vaz, inferimos que as lutas cabanas em Pinhel se deram pelo sentimento de antilusitanismo, ódio aos portugueses mesmo. Os índios, como já mencionado no capítulo 2 desta dissertação, sabiam que eram considerados cidadãos e por isso não suportavam serem confundidos com os tapuios (que eram explorados nos trabalhos servis e braçais), nem tampouco serem forçados a exercerem trabalho compulsório.

As bandeiras de lutas levantadas por Zé Duarte era de morte aos portugueses, e em contrapartida a conquista de terras e acesso ao usufruto das mesmas. Para conseguirem derrotar o inimigo luso, os cabanos de Pinhel adotaram táticas de guerrilha moderna na Vila. Segundo D. Liloca *apud* Vaz (2009, p.10), “fizeram trincheiras cavadas com 20 metros de fundo. Botaram aqueles estrepes de paxiuba. Quando os portugueses viessem, eles ficavam espetados lá. Nesse tempo era tudo cheio de trincheira” (sic).

O depoimento de D. Liloca narrado por Vaz (2009), encontra auxílio e defesa na tese de Harris. Em entrevista ao Jornal Gazeta (2009, p. 14), o antropólogo escocês afirma:

> Encontrei indícios de trincheiras defensivas em Pinhel. Havia vários tipos delas por lá. Uma delas era um grande fosso arredondado de cerca de vinte metros de diâmetro. Muito provavelmente serviu de armadilha, com algum tipo de camuflagem como cobertura e grandes estacas pontiagudas na base. Havia também pequenas valas, talvez usadas pelas pessoas para defender suas posições e rechaçar algum eventual ataque [...].
> Não encontrei o mesmo tipo de indícios fora de Pinhel. É preciso deixar claro, no entanto, que tenho apenas a palavra dos moradores da região de que esses vestígios encontrados são da época da Cabanagem. Mas considerando o fato de não ter ocorrido nenhum outro conflito ou rebelião (que seja documentado), parece provável que as trincheiras sejam mesmo dos anos 1830. Documentos históricos em Belém descrevem a organização defensiva dos rebeldes, que inclui trincheiras em Santarém cobertas com peles de animais e esteiras, entre outros. Até aqui não encontrei registros

> oficiais nenhum outro local que teria tido defesas, com exceção de Ecuipiranga, que tinha um forte. Mas considerando-se a existência de trincheiras em Pinhel, parece provável supor que a maioria dos agrupamentos rebeldes tenha tido algum tipo de defesa. Afinal, trincheiras já eram usadas comumente nos mocambos, como proteção.

Tais noções defendidas por Vaz (2009) e Harris (2009) nos levam a crer que as trincheiras estavam presentes no cotidiano dos patriotas de Pinhel. Em viagem expedicionária pela Caravana da Memória Cabana no Baixo Tapajós, vislumbramos essas “possíveis trincheiras”, e, embora a historiografia não dê conta de documentar isto, deixamos aqui registrado essa tática de guerrilha moderna, que ao que tudo indica foi utilizada pelos cabanos de Pinhel.

Trincheira 1: Pinhel
Arquivo Pessoal
Ano: 2010

Trincheira 2: Pinhel
Arquivo Pessoal
Ano: 2010

Trincheira 3: Pinhel
Arquivo Pessoal
Ano: 2010

A título de contribuição, esta foto acima foi tirada com um ator social, na intenção de dimensionar o tamanho da “trincheira”, que conforme Harris afirma, e aqui nós ratificamos, tem um diâmetro de 20 m. Além das trincheiras, D. Oneide Cardoso afirma que na época da Cabanagem, “os cabanos ensinavam as pessoas a usarem os buracos, as tocas de ‘tatu-açu’ para se abrigarem das balas de canhão”.

No cerne desta questão, pedimos auxílio em Pinsk (2006. p. 24-25), o qual afirma que:

> O historiador, como qualquer cientista, trabalha com evidências e suposições. [...] Se não se arrisca a lançar hipóteses a partir de suposições, corre o risco de repetir o já conhecido, reafirmar o óbvio, [...] Se, por outro lado, abandona as evidências e se permite “delirar” à vontade, pode criar uma interessante obra de ficção [...], comprometida apenas com a imaginação criadora do autor.

Diante do pensamento de Pinsk, convém afirmar que essas informações acerca das trincheiras que se fazem presentes somente nos lapsos da memória coletiva da então comunidade de Pinhel, longe de tentarem restituir o real, são antes uma forma de representação de parte do real, haja vista que todo fato histórico assim como seus vestígios apresentam lapsos de “verdades” e “inverdades”. Cabe, pois, ao historiador, no universo de seu arcabouço metodológico, legitimá-las ou não. Diante disto, não nos propomos aqui a dar o veredito de “resfactue”, nem tampouco esnobar tal registro da memória coletiva, deixemos que o tempo histórico se encarregue de referendar ou não.

> Por volta da década final do século XVIII, o diretório vivia os seus últimos momentos do ponto de vista da administração metropolitana. Muito diretores estavam sequestrando a produção comunal para seu próprio benefício. Índios estavam em controle de várias vilas, como Vila Franca, Alter do Chão no Baixo Amazonas, e outros no Marajó [161].

Desde o final do século XVIII e primeiras décadas do século XIX, Vila Franca experimentou o seu apogeu econômico sob liderança dos índios. Nas décadas de 20 a 30, influenciados pelo Vintismo, a Vila passa a ser coadministrada por brasileiros

---

[161] Cf. **SOMMER**, Barbara. Cupido na Amazônia: amor e moralidade em finais do século XVIII no Pará. In: **SILVA**, Maria Beatriz Nizza da. (Org.). ***De Cabral a Pedro I*: aspectos da colonização Portuguesa no Brasil.** Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 2001. p. 131-141.

adotivos e natos de cunho liberal. Se por um lado Pinhel ficou conhecida como o local de maior resistência no Baixo Tapajós depois de Cuipiranga, a Vila Franca ficou registrada na história como o maior ponto estratégico tanto para tropas cabanas como anticabanas.

> Vila Franca, situada nas proximidades da foz do rio Tapajós no rio Amazonas, a oeste de Santarém, foi criada em 1758. Antes era aldeia Cumaru. Sua população foi arrolada em 2736 brancos, índios e mestiços e 152 escravos. Destacava-se pelo cultivo de maniva a cacau, há também alguns proprietários de pequenas fazendas de criação. Havia um pesqueiro, descrito como lucrativo e também um Cacoal, plantado nos limites com Óbidos. **A Igreja, a casa de câmara, e a cadeia eram as únicas edificações telhadas do distrito**. (BAENA 1839, p. 302-303, grifo nosso).

Vila Franca situa-se na confluência entre os rios Tapajós e Arapiuns, e da altura de seus elevados barrancos consegue-se visualizar sem nenhuma dificuldade, os navios e embarcações que pelo Amazonas dá sinal no horizonte. Como narrou Baena (1839) as únicas edificações telhadas na Vila eram a Igreja, a Casa da Câmara e a cadeia.

Igreja de Vila Franca
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2010

A Igreja hoje encontram-se em processo de deterioração, a espera de pesquisadores do IPHAN e restauradores para diagnosticar a construção do século XIX, está servindo de abrigo para morcegos e um suposto “canhão” que os moradores afirmam ser da época da Cabanagem [162].

Vila Franca já foi uma das mais se não a mais importante Vila do Baixo Tapajós. Chegou a ter o título equivalente a município, contendo senado da câmara, uma igreja de proporções pomposas para a época, além de ruas relativamente bem traçadas.

O declínio de Vila Franca ocorre paralelo à ascensão de Santarém. Após o tempo da Cabanagem, Vila Franca retroage político-economicamente e a Vila dos Tapajó experimenta seu paulatino crescimento. À medida que Santarém é elevada a categoria de freguesia, depois Vila e posteriormente Município, em tempos pós-cabanagem, Franca regressa à categoria de Vila, depois freguesia, depois distrito, até se tornar uma comunidade – sobrando de sua época de Vila, somente a alcunha a seu nome “Vila Franca”.

No entanto, ficam os seguintes questionamento. Porque teria ocorrido este retrocesso político-econômico com Vila Franca? Quais as consequências que os tempos de contestação na Cabanagem impuseram a esta Vila?

Em Vila Franca, na época da Cabanagem, os moradores afirmam que a Santa de ouro [N.ª Sra. Da Assunção] foi enterrada para não ser saqueada pelos cabanos. Ao final da Guerra, os moradores cavaram o local e nada encontraram. Os moradores de Vila Franca relacionam o retrocesso da Vila ao desaparecimento da Santa, pois a partir daí a Franca passou a regredir perdendo seu mérito de Vila e se tornando hoje apenas uma comunidade de Santarém [163].

Ao final da derrocada de Cuipiranga, os cabanos cuipiranguenses invadem Vila Franca e tentam se estabilizar naquele lugar. No entanto, não tardou as tropas repressoras a desembarcarem na Vila de morros altos.

Houve pelas ruas espessas de Vila Franca súbitos combates entre cabanos e tropas anticabanas. Depois os cabanos evadiram-se do local, migrando para Boim,

---

[162] Discussão retomada e ampliada no subitem 3.4, nas páginas 208, 214.

[163] Ver os depoimentos e discussões entorno dos relatos de Enoque Arapiun e Benvinda da Silva no subitem 3.4 desta dissertação.

no entanto, deixaram como que registro de sua passagem por Vila Franca um mini-canhão de guerra a porta da Igreja - provavelmente o canhão foi saqueado do quartel militar de Santarém.

Após a retirada dos cabanos de Franca, a Vila foi retomada pelas tropas militares provincianas que fizeram de Vila Franca seu quartel general. Em Vila Franca, foi reativada a cadeia pública da época das Missões religiosas, e a mesma passou a servir para prender momentaneamente os revoltosos do Baixo Tapajós, até ocorrer seu translado para o quartel de Santarém [164].

Imagem das Ruínas da Cadeia anticabana em Vila Franca
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2010

Vila Franca funcionou como um verdadeiro Ponto anticabano. De Óbidos e do Alto Amazonas, o Pe. Sanchez de Brito e o capitão Ambrósio Pedro Aires aportavam em Vila Franca como um quartel general, faziam reparos nas embarcações, de lá visualizavam as movimentações no Cuipiranga do Tapajós, partiam para as incursões e traziam presos rebeldes para Vila Franca.

[164] Cf. **Harris** (2010).

3.3. Cuipiranga: o reduto de resistência e das esperanças das "hidras cabanas"

Antes de adentrar ao cerne das discussões sobre o maior reduto de resistência cabana de todo o Grão-Pará regencial, cremos ser pertinente historiografar e discutir sobre a introdução do conceito de "hidras" na Amazônia. Para compreender as múltiplas formas de resistência dos cabanos do Pará, na região do Baixo Amazonas, e, especificamente, no recorte geográfico do Baixo Tapajós, faz-se necessário adentrar nos meandros da tessitura historiográfica de "uma Amazônia insurgente".

Se qualquer pesquisador que queira se debruçar sobre a análise do tema da Cabanagem - sobretudo, no aspecto sociológico de como se construíram e se expressaram as formas e movimentos contestatórios – traçar como ponto de partida a insurgência destas ações revoltosas, desde o processo de Adesão do Pará a Independência do Brasil (1823), ou até mesmo a eclosão do 7 de janeiro de 1835, estará ele (pesquisador) fadado ao erro ou tão somente a uma leitura tautológica da Revolução.

Por outro lado, qualquer amante da leitura, na preeminência de mergulhar na leitura de mundo, que esta ação lhe proporciona, poderá vir a alimentar sua alma curiosa e apaixonada pela História Social da Amazônia com a mesma refeição (informações documentais e frutos do debate teórico) repetida, inúmeras vezes nas discussões historiográficas sobre a Cabanagem.

Propomos ao leitor, fazermos com os mesmos ingredientes da historiografia da cabanagem, uma nova, atraente, convidativa e saborosa refeição, ou seja, uma releitura histórico-etnográfica sobre o uso da expressão "hidras" e sua vinculação ao Reduto de Cuipiranga. Visto que mensuramos afirmar que o Grão-Pará não passou a ser palco de sedições e revoltas a partir de 1823, 1825, 1831 ou 1835; nem tampouco, que as rebeliões foram arrebentadas mediante as ações de Grenfell, ou Batista Campos, ou os presidentes cabanos (Malcher, Vinagre e Angelim).

Antes mesmo da eclosão da Cabanagem, a Amazônia já era insurgente.

Partindo de tais pressupostos, afirmamos que desde os tempos coloniais, existia um trânsito frequente de índios, negros e soldados desertores entre as fronteiras do Grão-Pará e a Amazônia Espanhola. Ocorre que, a partir do fim do

século XVIII, esse translado passou a tomar proporções alarmantes para as autoridades provincianas, pois passava a colocar em xeque a própria segurança do lado português.

A deserção de soldados se constituía em inquietação constante tanto para o lado português como para o espanhol, que tentaram chegar a um acordo de extradição imediata de militares em 1792, visto que soldados e militares inferiores, poderiam ser muito úteis na arrecadação de informações estratégicas, sobre movimentações de tropas no limite entre duas colônias. Por isso, era necessário conter, o quanto antes, esse fluxo de pessoas dos dois lados, visto que soldados, escravos e trabalhadores livres de lugares diversos mantinham contatos cotidianos, que poderiam ser nocivos à ordem política e social vigente na Amazônia Portuguesa.

Por outro lado, o impacto, que a Revolução Francesa causou na colônia acima do Equador, era motivo de extrema preocupação por parte das autoridades políticas da capitania do Pará, principalmente por conta da grande violência praticada por mestiços, negros escravos e soldados da guarnição de Caiena – os quais se insubordinaram contra os proprietários brancos e promoveram grande matança entre eles.

A situação ficou ainda mais complicada com o desembarque em Caiena, em 1797, de trezentos e vinte e oito degredados por toda a vida, em sua maioria padres – vindos de Paris por ordem do Diretório, que, provavelmente, passaram também a fazer “desordens” [165].

Para tentar remediar essa convergência de seduções que se movimentavam pelas três Américas, foi proposta a assinatura do Tratado de Badajoz[166] (tido como II

[165] Cf. **REIS,** Arthur Cezar Ferreira. “A ocupação de Caiena”: In: **HOLANDA**, Sérgio Buarque de (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil monárquico. Tomo II: o processo de emancipação. Vol. 1**. 9ª edição, Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2003, p. 318-319.

[166] O **Tratado de Badajoz**, também referido como **Paz de Badajoz**, foi celebrado na cidade espanhola de Badajoz, em 6 de junho de 1801, entre Portugal, por uma parte, e a Espanha e a França coligadas, pela outra. **E**ste diploma colocava fim à chamada Guerra das Laranjas, embora tenha sido assinado por Portugal mediante coação, já que o país encontrava-se ameaçado pela invasão de tropas francesas estacionadas na fronteira, em Cidade de Rodrigo. **P**elos seus termos, bastante severos para Portugal, estabelecia-se que: **Art. II)** Portugal fecharia os portos de todos os seus domínios às embarcações da Grã-Bretanha; **Art. III)** A Espanha restituía a Portugal as fortificações e territórios conquistados de Juromenha, Arronches, Portalegre, Castelo de Vide, Barbacena, Campo Maior e Ouguela, com artilharia, espingardas e munições de guerra; **Art, IV)** A Espanha conservava, na qualidade de conquista, a praça-forte, território e população de Olivença,

Tratado de Madri[167], por reformular o I Tratado de 1750). Entretanto, assinados entre Portugal, Espanha e França em junho e setembro de 1801 – essas duas últimas nações coligadas -, manteve-se a grande insatisfação portuguesa sobre a delimitação territorial ao norte e grande incerteza sobre a situação do oeste do Grão-Pará [168].

Isto representou um estrangulamento das relações franco-luso-espanholas, tendo em vista que as circunstâncias diplomáticas internacionais das relações entre os três países, a partir de 1800 se apresentaram sob a lógica da volatilidade, com a ameaça iminente de ocupação militar de Portugal pelos franceses e uma possível ocupação espanhola pelo flanco oriental da capitania.

Segundo Brito (2008, p.70-71):

> Contudo, a ameaça representada pela proximidade com o domínio francês, ao norte, e espanhol, a oeste, não se reduziu somente ao suposto perigo de uma invasão para além dos rios Oiapoque, Negro e Branco. O contato que a população da fronteira poderia ter com os incômodos vizinhos e suas ideias era um temor presente na comunicação tecida entre as autoridades locais. Por isso mesmo, a presença de estrangeiros no Grão-Pará era assunto recorrente nas instruções enviadas da corte para o governo da

---

mantendo o rio Guadiana como linde daquele território com Portugal; **Art. V)** Eram indemnizados, de imediato, todos os danos e prejuízos causados durante o conflito pelas embarcações da Grã-Bretanha ou pelos súbditos de Portugal, assim como dadas as justas satisfações pelas presas feitas ilegalmente pela Espanha antes do conflito, com infracções do território ou debaixo do tiro de canhão das fortalezas dos domínios portugueses. **O**s termos do tratado foram ratificados pelo Príncipe-Regente de Portugal, D. João, no dia 14, e por Carlos IV de Espanha, a 21 do mesmo mês, mas foi rejeitado pelo primeiro cônsul da França, Napoleão Bonaparte. **A** manutenção das suas tropas em território espanhol forçou Portugal a aceitar alterações à redação do Tratado. **D**esse modo, a 29 de setembro desse mesmo ano era assinado um novo diploma, o chamado Tratado de Madrid que, se por um lado formulou imposições mais severas a Portugal, por outro, evitou uma nova violação do seu território. **P**or ele, eram mantidos os termos de Badajoz, mas Portugal, adicionalmente, obrigava-se a pagar à França um montante de 20 milhões de francos. **C**om relação aos domínios coloniais na América do Sul, por este novo diploma, Portugal cedia ainda metade do território do Amapá à França, comprometendo-se a deixar de aceitar como fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa, o rio Arawani (Araguari) até à foz, e passando a descer a linha demarcatória da Guiana Francesa entre o Amapá, do rio Araguari para o Garapanatuba. **E**stas condições adicionais foram estabelecidas e ditadas por Napoleão Bonaparte. **Cf. BODRICK**, George Charles; **FOTHERINGHAM**, John Knight. ***The History of England, from Addington's Administration to the Close of William IV's Reign (1801-1837.)*** *(v. XI)*. Longmans, Green, 1906, p. 5-6; **BOURRIENNE**, Louis Antoine Fauvelet de. **Private Memoirs of Napoleon Bonaparte: During the Periods of the Directory, The Consulate, and the Empire***.* Carey & Lea, 1831, p. 370-375; **FOURNIER**, August**. *Napoleon the First: A Biography***. H. Holt & Company, 1903, p. 208-210.

[167] Para acessar o Tratado de Badajoz, ir em http://www.arqnet.pt/exercito/tratado_badajoz.html, acessado em 02/05/2015 às 15:17h.

[168] A insatisfação com esse tratado está expressa na correspondência enviada por D. Rodrigo de Souza Coutinho ao governador do Pará em março de 1808. Oficio de D. Rodrigo de Souza..., ibidem.

> capitania, principalmente franceses, italianos e espanhóis, vindos tanto da Europa como da Guiana Francesa ou do Rio Negro.

Conter essa movimentação militar nas fronteiras passou a ser uma das formas de controle mais atuantes na capitania desde os primeiros anos do século XIX. A partir de 1807, as autoridades portuguesas começaram a posicionar tropas para guarnecer a fronteira com a Guiana sob o perigo real de invasão francesa sobre o território português, posto que a ocupação do reino era dada, senão como certa, pelo menos como uma forte possibilidade.

O estabelecimento do chamado “bloqueio continental” à Inglaterra por Napoleão Bonaparte, em 1806, redefiniu o jogo político no ocidente europeu, colocando Portugal numa situação muito frágil frente à supremacia militar francesa. Isto ocorreu principalmente após a assinatura do sigiloso Tratado de Fontaineblau entre França e Espanha – onde o Estado Catalão consentiria a entrada de quarenta mil soldados franceses em território, e forneceria auxilio militar para viabilizar a ocupação francesa sobre as terras portuguesas.

Com a extrema necessidade de fuga para o Brasil, a Corte portuguesa lança-se ao mar, escoltada pela Inglaterra. Ao chegar ao Brasil, uma das primeiras medidas é o ordenamento a invasão de Caiena - como represália a invasão da França a Portugal e como medo de que as tropas de Napoleão invadissem o Brasil pela Guiana.

No dia 22 de março de 1808, um ofício de D. Rodrigo de Souza Coutinho (o conde de Linhares e ministro plenipotenciário de D. João) chegou às mãos do capitão-geral do Grão-Pará, José Narciso de Magalhães e Menezes, contendo uma série de instruções acerca das providências que deveriam ser tomadas com relação à fronteira norte da capitania.

A retórica do documento é incisiva quanto à necessidade de conseguir a “ruína total de Caiena”, que “seria para os Reais Interesses um objeto de grande valor”. Para o alcance desse objetivo, seria fundamental iniciar manobras ofensivas contra as forças militares francesas, com o auxílio naval de naus portuguesas - que

estariam a caminho para região -, assim como dos efetivos ingleses dos portos do Suriname, Demerara e Esequibo [169].

O ministro também expediu documento, para as Capitanias de Pernambuco e do Maranhão. As ordens expressas era que Pernambuco remetesse um corpo de oitocentos ou mil soldados voluntários, das tropas de linha e milícias da capitania, "sem a menor demora" para o Pará e que o Maranhão colocasse suas tropas à disposição da mesma capitania em auxílio ao governador Magalhães e Menezes [170].

Caiena foi ocupada por tropas de linha e milícias vindas de diferentes partes do Brasil e do Grão-Pará [171], com o auxílio de uma esquadra inglesa sob o comando do oficial britânico Mr. James Lucas Yeo, em dezembro de 1808. E em 15 de fevereiro de 1809, foi selada a anexação política e econômica da possessão francesa e enviada à Belém a participação oficial do comandante Manuel Marques [172].

A efetivação da conquista fez com que interesses, principalmente econômicos, se sobrepusessem ao projeto de destruição da sede do governo francês. D. Rodrigo de Souza Coutinho após a invasão de Caiena ordena a transferência de árvores e especiarias cultivadas pelos franceses na propriedade La Gabrielle – como o cravo da índia ou girofle, cana-de-açúcar do Oytahiti, canela, noz moscada – para serem produzidas no Pará e, especialmente, no Rio de Janeiro [173].

---

[169] Ofício de D. Rodrigo de Souza Coutinho a José Narciso de Magalhães e Meneses, datado em 22/03/1808. In: **APEP.** 1808-1813. Códice 642: Correspondências da Metrópole com os Governadores.

[170] Idem.

[171] Em 1º de janeiro de 1803, chegou à Belém o Regimento de Estremoz vindo do Rio de Janeiro, composto por pouco mais de quatrocentos praças organizados em dois batalhões sob o comando do coronel José Thomaz Brun. Outra tropa proveniente de Pernambuco adentrou a Cidade do Pará em 1809, composta de companhias separadas dos Regimentos de Infantaria e de Artilharia de Linha, de uma companhia de pardos e outra de pretos "henriques" e de recrutas do Ceará, todas comandadas pelo Major Silvestre da Fonseca. Outra numerosa tropa foi recrutada em diversas vilas da capitania, tendo sido levada para a vila de Chaves, na Ilha Grande de Joanes ou Marajó, que passou ser o quartel general das movimentações militares em direção à Caiena. **BAENA**, p.251, 277-78; **BARATA**, p.21; **SOUZA JR**. P.97.

[172] **BARATA**, Manoel. op. cit., p.41.

[173] Ofícios de D. Rodrigo de Souza Coutinho a José Narciso de Magalhães e Meneses, datados em 18/05/1809 e 27/04/1809. In: **APEP.** 1808-1813**.** Códice 642. Correspondências da Metrópole com os Governadores. A Continuidade da ocupação e a possibilidade da anexação definitiva da Guiana à Portugal levou o conde Linhares a ordenar que a fazenda La Gabrielle fosse ampliada e incentivada com o intuito de florescer a produção das especiarias pra a exportação. Cf. Ofício do Conde de Linhares para o capitão-general do Grão-Pará José Narciso de Magalhães e Meneses, datado em 28/08/1810. In: **APEP.** 1808-1820**.** Códice 644. Correspondências da Corte com as Juntas e Governadores.

Entretanto, a ocupação requereu significativos investimentos na manutenção das tropas portuguesas em território francês, e no pagamento do atraso de soldos dos soldados - o que foi feito mediante altos empréstimos de proprietários do Pará (os quais viriam a serem credores do governo) [174].

Ocorrida a invasão, o contato entre as tropas de linha e milícias do Grão-Pará e os franceses era motivo de grande temor para os dirigentes políticos da capitania e da recém-anexada colônia de Caiena.

Por isso é que em suas instruções sobre a sorte de Caiena depois da tomada da Província, D. Rodrigo de Souza Coutinho colocou como primeiro ponto essencial da posse militar da nova colônia, que "tanto às Tropas de Terra, como de Mar, se dê àquela parte do Despojo Militar, que justamente pertence, e ainda mesmo dos Petrechos Militares que por moderada avaliação se tomarem para a Fazenda Real" (sic) [175].

Parte dos problemas de abastecimento, que as tropas estariam sofrendo, deveria ser resolvido com os próprios recursos existentes na colônia, sobretudo das plantações, gado e víveres produzidos pelos fazendeiros e negociantes franceses residentes na colônia. Essa política, permitida pelas leis da guerra de todas as nações europeias, acabou causando uma série de situações de violência, em que soldados invadiram e saquearam diversas fazendas [176].

---

[174] Essa é uma das teses de Souza Jr., para quem o aumento da dívida pública a partir da tomada de Caiena produziu outras alternativas comerciais àquelas tradicionais, realizadas com Lisboa. Essa nova elite econômica seria fundamental no jogo político da independência, visto que comporia um grupo "constitucionalista" favorável à emancipação de Portugal, mas que defendia à aliança com a monarquia do Rio de Janeiro. Cf. **SOUZA Jr**., op. cit., p. 102-108.

[175] Ofício de D. Rodrigo de Souza Coutinho a José Narciso de Magalhães e Meneses, datado em 18/05/1809. In: **APEP.** 1808-1813**.** Códice 642. Correspondências da Metrópole com os Governadores.

[176] Esse foi o caso de João Baptista Antonio Grimard – um dos irmãos Grimard envolvidos na rebelião acima – proprietário de terras que residia na povoação onde estava situado o quartel do Aprouague, fronteira com Macapá, que, em requerimento feito ao rei de Portugal, reclamava da negligência com que as autoridades portuguesas e o comandante inglês Mr. James Lucas Yeo e do próprio administrador francês da Guiana, Mr. Victor Hugues, trataram o saque de suas posses pelos soldados da ocupação. Segundo conta em sua petição, Grimard, e alguns de seus vizinhos, tivera as portas de sua casa e de seus armários arrombados, todas as suas roupas "de corpo e de mesa" levadas, toda a sua prataria tomada, todos os seus armazéns de víveres e licores saqueados, sua criação de patos e galinhas destruída, muitos de seus negros feridos a tiros de fuzil, hospitalizados e libertados para trabalharem para os oficiais. Ao todo, Grimard reivindicava uma indenização de vinte mil francos pela destruição que as tropas portuguesas haviam feito em sua propriedade. Representações de João Baptista Antonio Grimard ao rei de Portugal, datadas em 24/03/1809. In: **APEP**. 1808-1813. Códice 642. Correspondências da Metrópole com os Governadores.

Diante deste contexto subversivo e revolucionário, que agitava Caiena, as ordens monárquicas eram para que as autoridades grãoparaenses tivessem o maior cuidado com todos os estrangeiros que chegassem aos portos da capitania, e que "logo que haja menor suspeita a seu respeito, devem ser mandados sair pela primeira Embarcação que partir para a Europa" [177].

D. Rodrigo de Souza Coutinho alegava que esses estrangeiros poderiam ser "espias" mandados por Napoleão para o território português com o intuito de angariar informações mais precisas sobre a defesa da capitania e seus recursos militares, como foi o caso da prisão de dois franceses chegados a Belém em abril de 1808 [178], entre eles um certo Mr. Muton, empregado na polícia de Lisboa sob a autoridade do general Junot, governador francês interino de Lisboa [179].

A atenção central que os funcionários dos portos deveriam ter quando localizassem algum estrangeiro nas embarcações chegadas à barra da cidade era a de que "seja logo preso, apreendidos e examinados os seus papéis e correspondências" [180]. No entanto, a política portuguesa com o passar dos meses vai abrandando e os funcionários dos portos passam a acolher, mesmo que com reservas, esses refugiados mediante rigorosa investigação em seus pertences, para verificar se levavam armas de fogo e munição, além de atenção redobrada sobre seus papéis e passaportes [181].

No entanto, os tempos efervescentes do ideário insurgente não estavam ligados somente à Guiana Francesa. Nos limites a oeste da Província do Rio Negro,

[177] Ofício de D. Rodrigo de Souza Coutinho a José Narciso de Magalhães e Meneses, datado em 11/05/1808. In: **APEP.** 1808-1813**.** Códice 642: Correspondências da Metrópole com os Governadores.

[178] Ofício de D. Rodrigo de Souza Coutinho a José Narciso de Magalhães e Meneses, datado em 10/04/1808. In: **APEP.** 1808-1813**.** Códice 642: Correspondências da Metrópole com os Governadores.

[179] Esse francês teria chegado ao Rio de Janeiro e de lá à Belém vindo de Lisboa num navio americano, passando pela Ilha da Madeira, onde foi identificado. Ofício de D. Rodrigo de Souza Coutinho a José Narciso de Magalhães e Meneses, datado em 27/06/1808. In: **APEP.** 1808-1813**.** Códice 642: Correspondências da Metrópole com os Governadores.

[180] Idem, ibidem.

[181] Contra esses senhores franceses D. Francisco de Sousa Coutinho alertava para a possibilidade de eles terem vindo ao Pará com o intuito de sublevar os escravos. Por isso seria fundamental que o alferes comandante "informasse se eles traziam livros, manuscritos ou folhetos e que a terem destruídos alguns fossem surpreendidos e remetidos à minha presença...". Ofícios de 18 e 21/06/1795. In: **APEP.** Códice 682.

as lutas revolucionárias na América Espanhola traziam pânico aos comandantes militares e presidentes das províncias brasileiras.

A alusão aos movimentos revolucionários que aconteciam para além da fronteira da Amazônia portuguesa fazia parte das preocupações dos governos provincianos, os quais buscavam impedir que ecos desses movimentos sediciosos chegassem ao conhecimento da população habitante do Rio Negro.

Por isso, era de fundamental importância que, nas mesmas instruções, os governadores das províncias espanholas - situada no limite oeste da capitania brasileira - empregassem "todos os meios que lhe fossem possíveis, para cortar toda a comunicação que poderia existir entre eles [subversivos do Rio Negro e revoltosos da América Espanhola]". Ao mesmo tempo em que, procuravam obter "notícias do espírito revolucionário nos países que faziam limites com a Capitania" [182].

Torna-se legítimo considerar que, entre os espaços de fronteiras, era possível saber o que passava dos dois lados e mesmo conhecer os ideais e projetos de futuro defendidos, o que inseria grande parte da população desses lugares numa rede de informações que ultrapassava em muito os limites institucionais do território e, mesmo, da política. Planos de independência constituídos, a partir de referenciais intelectuais ligados ao ideário liberal, circulavam perigosamente num espaço social marcadamente indígena e iletrado, que deveria ser colocado em observação.

O avanço das sedições independentistas oriundas de vários pontos da América Espanhola representava ameaça direta aos pilares da ordem política e social das possessões portuguesas na Amazônia, principalmente por causa da radicalidade que poderiam assumir se caso envolvessem também os habitantes da província do Rio Negro.

Por isso, os contatos oficiais que se fizessem com esses grupos revoltosos deveriam ser mediados com grande cautela para que não se tornassem públicos no espaço interno. Medida que, provavelmente, pode ter acontecido, quando os líderes José Antonio Paez e Simon Bolívar buscaram o reconhecimento de seus movimentos políticos junto às autoridades portuguesas, tentando negociar as

---

[182] Ofício do Governador e Capitão-General do Pará Antônio José de Souza Manoel e Meneses ao Governador da Capitania do Rio Negro Manoel Joaquim do Paço, datado em 27/06/1818. In: **APEP.** 1817-1820**.** Códice 628. Correspondências dos Governadores com Diversos.

primeiras relações da República da Venezuela com o comandante do forte de Marabitanas, Pedro Miguel Ferreira Barreto [183].

Podemos observar, nesse universo dicotômico de influências políticas e revolucionárias para além da Amazônia, desde os tempos coloniais, que os ideais da Revolução Francesa por meio de Caiena e os ideais libertários da América Espanhola de Simon Bolívar e San Martin influenciaram o Grão-Pará, se não de forma direta, mas plantaram a semente revolucionária que iria produzir as "rusgas" que eclodiriam na Cabanagem.

Cabe, porém, destacar que as ações contestatórias e insurgentes no Grão-Pará são semelhantes a um vulcão, em que aqui e ali estremece a sua base sólida, outras vezes prenuncia apenas uma emissão de cinzas, até que finalmente entra em estado de erupção e sai destruindo tudo ao seu redor, provocando o renascer e recomeço de nova estrutura ao seu derredor - é assim que devemos observar todas as variáveis e condicionantes que vão propiciar em longo prazo a eclosão da Cabanagem.

As insurgências tal qual erupções do micro tecido social do Pará e as rusgas que são desenvolvidas pelo grande teor revolucionário na Amazônia são antes de qualquer coisa, ramificações das lutas patrióticas, como assevera Brito (2008 p. 85-86):

> As fronteiras norte e oeste da Amazônia portuguesa, portanto, eram espaços por onde a utopia revolucionária adentrava o Grão-Pará, a partir de intensa e rica comunicação - escrita e, sobretudo, oralizada – construída por baixo das malhas finas atadas pelo poder para contê-las. A extensão dessas linhas divisórias que, teoricamente, separavam as Américas portuguesa, francesa e espanhola aumentava a dificuldade de policiá-las com o mínimo de eficiência, deixando-a praticamente aberta para que as trocas de experiências cotidianas comuns entre os habitantes se dessem sem nenhum controle efetivo por parte do Estado. De forma lícita ou oculta, as relações políticas e os projetos de futuro tecidos nesses lugares foram se

---

[183] O cuidado que o tenente Pedro Miguel Ferreira Barreto teve nos primeiros contatos com Paez e Bolivar também teria por lógica não criar a identificação entre o comandante de Marabitanas e o liberalismo revolucionário aos olhos dos membros da Junta Provisória de Governo do Pará. Segundo Arthur Reis, a conduta de Ferreira Barreto foi firme, mantendo certa distância desses republicanos e de seus ideais revolucionários para que não tomassem dimensões alarmantes, influenciando parcelas da população indígena dos rios Branco e Negro. **REIS**, Arthur Cezar Ferreira. "O Grão-Pará e o Maranhão". In: **HOLLANDA**, Sérgio Buarque de; **CAMPOS**, Pedro Moacyr (Orgs.). **História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Monárquico. Tomo II: Dispersão e Unidade**. 2º volume, 9º edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 73.

> fortalecendo nas primeiras décadas do século XIX, remetendo a Amazônia à antiga ilha grega de Lerna, onde vivia a temível *Hydra.*
> Essa imagem – de uma besta de muitas cabeças que se multiplicavam quando cortadas – era uma constante na retórica dos agentes da ordem colonial, cujas preocupações sempre foram fortes em relação aos perigos que a revolução poderia causar na organização interna da sociedade, especialmente porque outras margens da província poderiam também servirem de portas de entrada para outros ideais de revolução que estavam sendo fabricados pelos próprios "brasileiros" de outras províncias. Antes mesmo de cortar as cabeças da *Hydra* "estrangeira", outras cabeças começavam a crescer e se tornarem tão perigosas e assustadoras quanto a que estavam sendo combatidas, estão bem mais próximas, pois nasciam sob o mesmo território. As fronteiras com o Maranhão e com Goiás foram tão preocupantes quanto Caiena e Maynas, por serem caminhos possíveis para o estabelecimento de diferentes alternativas políticas para o Grão-Pará que, a partir da década de 1820, passou a ser assolada pelo fluxo de informações que poderia inserir na sociedade "de cor". Eram, naqueles lutuosos tempos, outras margens a serem combatidas com urgência.

É, pois nesse universo de contestações e insurgências na Amazônia, que aparecerão recorrências do termo "hidras" [184], como alcunha aos revoltosos da Cabanada do Pará. Não muito longe disso, os discursos provincianos e militares se dirigirão para o maior Reduto de resistência Cabana no Pará como local de infames, anarquistas, demônios, local de últimas esperanças das hidras cabanas.

O Reduto de Cuipiranga [185] localiza-se num delta de confluência do Rio Tapajós, do Rio Arapiuns e do Rio Amazonas aos fundos, fora palco do foco de maior resistência da Guerra da Cabanagem no período regencial (MELO 2013, p.11). Era um local altamente estratégico para empregar fugas quando necessárias, pois se os cabanos avistassem embarcações pelo Tapajós ou Arapiuns davam cabo de fugir pelo lado do Amazonas, e vice versa.

---

[184] Para uma visão histórica-política dos sujeitos alcunhados de hydras, Ver: **PRICE** 1983, **GOMES**, 1997; **BRITO, (**2007, 2008), **NOGUEIRA**, 2009.

[185] Cuipiranga [hoje] é uma comunidade da cidade de Santarém que fica a 3 horas de distância (percorridos a barco) do centro urbano da cidade. Segundo o dicionário de Tupi-guarani de Silveira Bueno, professor lingüista da USP, Ecuipiranga ou Cuipiranga significa "areia vermelha"; Cuí: ária; Piranga: Vermelho – [em contrapartida] comunitários afirmam ser [areia vermelha] por conta da enorme quantidade de sangue derramado na areia da comunidade na época da Cabanagem. In: Melo 2013b, p. 5.

Praia de Cuipiranga: areia "vermelha"
Arquivo Pessoal
Ano: 2010

Devido às inúmeras revoltas sofridas pelos cabanos patriotas em Belém, como também às ações meticulosamente pensadas por Soares D'Andréa, como forma de repressão, uma grande parcela dos correligionários de Angelim migram para a Região do baixo Amazonas, na perspectiva de reorganizar e solidificar o movimento para então regressar à capital e tomar o poder político de forma efetiva. "Cuipiranga foi o local escolhido pelos cabanos para centralizar as suas forças operacionais no Baixo Amazonas, notadamente contra a Vila dos Tapajó" [186].

> Apesar de toda a vigilância empregada pelas tropas legalistas, em evitar que grupos cabanos se aproximassem da Vila, os cabanos conseguiram superar essa vigilância e se estabeleceram em Ecuipiranga com um fortim que veio a se constituir "por muito tempo no terror da comarca do Baixo Amazonas" (VEIGA DOS SANTOS 1986, p. 18-19).

Segundo Veiga (1986, p. 19), para estabelecer a cidadela cabana nas margens do rio Amazonas não chegaram tropas navegando pelo rio, como esperavam os

[186] Veiga dos Santos, 1986, p. 18.

estrategistas da Guarda Nacional da Vila. Os militantes cabanos chegavam das plantações de cacau, das fazendas de gado, “das cabanas” erguidas ao longo dos rios e bordas de lagos. Para Ecuipiranga, o contingente foi formado, principalmente, pelos vaqueiros, pescadores e escravos fugidos, em grande parte proveniente do Lago Grande de Franca.

O Reduto cabano de Cuipiranga, considerado por uns como o terrível espantalho dos legalistas, era comandado pelo líder patriota Miguel Apolinário Maparajuba Firmeza, juntamente com Bernardo Jenipapo e Antonio Maciel Branches, a quem o historiador santareno Paulo Rodrigues dos Santos atribui ter sido “cabeça da mazorca na Vila” [187].

Este último personagem se apresenta de forma dúbia na historiografia. Antonio Maciel Branches seria um guerreiro cabano ou um guerreiro anti-cabano? Teria a historiografia, construído uma memória irreal deste personagem?

Em trabalhos como “Tupaiulândia” de Paulo Rodrigues dos Santos, “Cabanagem em Santarém” de João Veiga Santos e “Terra de Revolta” de Ana Renata Lima, faz-se recorrente o personagem de Antonio Maciel Branches como um líder tapuio cabano que chefiou o “formidável Cuipiranga”.

O escritor João Veiga dos Santos no prefácio de sua monografia já afirmava que:

> Sobre a Cabanagem em Santarém, esta monografia contém apenas elementos essenciais, pois há abundante material no Arquivo Público de Belém, que até agora não foi devidamente pesquisado, principalmente pela falta de recursos de parte dos interessados, que não possuem meios adequados para se deslocarem até a capital do estado, e lá proceder as pesquisas, que são importantíssimas para a nossa história (VEIGA DOS SANTOS 1986, p. 3).

A partir da afirmativa de Veiga, somos levados a afirmar que seu trabalho construído pode não ter tido acesso a grande parte das documentações do APEP, sobretudo o códice 888, e sendo assim poderia vir a repetir os mesmos conceitos e teses defendidos por outros em tempos diferentes. Onde queremos chegar?

---

[187] **SANTOS**, op. cit. 1999, p.147.

Em pesquisa nas documentações do Arquivo Público do Pará, sediado em Belém, em meio a muitos documentos presentes nos códices do período oitocentista e com indicação de leituras, deparamo-nos com um documento em especial que revela outro lado do sujeito Antonio Maciel Branches.

No Códice 888, Documento 200 [188], ocorre uma resposta de Bernardo Jenipapo a um ofício anterior. Por ser, até então, o único documento encontrado que parte de Cuipiranga (haja vista que a historiografia atribui a liderança de Cuipiranga a Maparajuba e Jenipapo), ele nos levanta algumas inquietações acerca de Antonio Maciel Branches:

> CÓDICE 888 DOCUMENTO 200 (CÓPIA)
> Illm.º Snr.
> Accuso ter recebido a Embaixada de V. Snrª datada de 27 do corrente mês, e nela vejo o q' me diz q', muito estimei e todos desta reunião, e muito principalmente o Commandante deste Ponto, Illm.º Snr. Bernardo Pereira de Melo Jenipapo.
> Tenho a honra responder a V. Snr.ª, e fazer ver q' a tempo tivemos uma leve notícia q' vinha uma Força em proteção da Lei, que tão esmagada, redondamente e pesadamente se acha pelo poder absolutista, que tanto nos tem massacrado, e logo com essas notícias reuniu-se uma Junta de Governo, e para com acerto podemos responder ao q' V. Snr. nos faz ver, é necessário fazer recolher as mesmas autoridades q' existem para o rio até as campinas, e para darmos resposta com mais individuação e acerto do que V. Snr. nos faz ver confiando em V. Snrª. e no Illm.º Snr Commandante Militar que no prazo deste tempo não contender com esses povos, o q' me obriga a fazer o mesmo pois muito nos empenhamos evitar derramar o sangue dos nossos irmãos.
> Outro sim para desviar receios, é bom q' Illm.º Snr. Commandante Militar mande recolher as Forças que existem por estes Distritos, o q' todos esperamos obter do Illm.º Snr. Commandante Militar, e uma vez q' seja verdade o que V. Snr.ª nos faz ver, nenhuma dúvida se lhe poderá oferecer e desejo respostas.
> Deos guarde a V. Snr.º muitos annos.
> Quartel de Ecuipiranga, 28 de Junho de 1837
> Illm.º Snr Commandante Antônio Maciel Branches
> Bernardo Pereira de Melo Jenipapo – Comandante. **[sic]**.

Em outro documento datado do dia seguinte [189], João Henrique de Matos, então comandante militar do Baixo Amazonas troca correspondência com Branches e o alerta para o que ele [Henrique] supunha ser um golpe. Diante disso, Henrique de Matos repassa a Antonio Maciel Branches, para que o mesmo em

[188] Cf. **Harris** (2010, p. 252-253); **Barriga** (2007, p. 46-47, 70).

[189] **APEP**. Códice 888. Documento 201.

correspondência com Bernardo Jenipapo afirmasse que a posição do governo repressor não poderia cessar fogo, mas que aceitaria sua rendição – concessão de anistia.

Munidos disto, queremos levantar as muitas hipóteses desta questão de Branches: Seria o documento do APEP uma invenção, uma construção ideológica de uma figura cabana enquanto legalista? Logo porque aquele que escreve, não escreve sobre si mesmo, mas escreve sobre o outro.

Seria Antonio Maciel Branches, a vias de fato um legalista, pertencente às tropas anticabanas? Teria sido ele sempre um legalista? Ou dado a instabilidade política da época, teria ele migrado/desertado para o lado dos anticabanos?

Para esta inquietude, encontramos auxílio em Harris (2010), o qual ao narrar um ataque a Cuipiranga, descreve os nomes dos oficiais de ataque e sua capacidade de armistício:

> **Os nomes dos oficiais eram Antônio Maciel Branches, capitão, na escuna Santo Antônio, patrulhando o rio Tapajós**; Francisco Vieira Leitão, coronel, na escuna Rio do Prato; José Luis Coelho, capitão, no iate 05 de outubro; João Henrique de Mattos, capitão, no brigue Brasileiro; Antônio Firme Coelho na escuna 19 out (com 2 canhões), com 30 homens; e Agnello Petra Bettancourt, Lourenço Siqueira Freire, e Felipe Ferreira Leal, que comandou a partir de Santarém e ocasionalmente a partir de um navio da Marinha. Os mercenários foram Diniz Marcelino, em seu próprio barco (o nome não sei) com cerca de 50 soldados conhecidos como "Força Tapajoenses"; Ambrosio Pedro Ayres, com o Bararuense e cerca de 150 homens no tempo; e Manoel Sanches, com 120 homens conhecidos como Forças de Pauxis em seu próprio barco (sem nome). (HARRIS 2010, p. 251, grifo nosso).

Partindo destas premissas somos levados a lançar como base a tese de que Antonio Maciel Branches teria sido um líder cabano até os anos finais de 1836, e desertado para o lado das tropas anticabanas (a exemplo de como fez Sanchez de Brito) no início de 1837. Isto explicaria em parte a preocupação de Maciel Branches em dialogar pacificamente com Bernardo Jenipapo para evitar o derramamento de sangue de seus ex-compatriotas.

Mas em que momento Antonio Maciel Branches teria trocado de lado na guerra? Uma possível, e voltamos a afirmar, possível tese estaria presente nas entrelinhas dos escritos de Veiga dos Santos (1986, p. 22-23), ao afirmar que "Nota-se que Branches, o grande líder, não lutava pela simples conquista do poder. Era

um idealista que não foi chamado para participar do poder pelo qual lutava. Teria sido um erro dos cabanos da Vila do Tapajós?".

Munidos de tal situação, a possível tese que lançamos é que após a tomada de Santarém pelos cabanos, Antonio Maciel Branches, que havia liderado a invasão a Vila, passou a não fazer parte de nenhuma posição de mando ou controle da capital do vale amazônico. "Ao ser instaurado o poder cabano na Vila, o comando da mesma ficou em mãos dos cabanos, Braz Antônio Correa, nomeado comandante geral das forças, e Francisco Antônio Batista, alferes comandante segundo" (VEIGA DOS SANTOS 1986, p. 22).

Diante deste cenário de negação, teria Maciel Branches migrado para o lado das tropas anticabanas, que prometiam concessões e privilégios, semelhantemente como ocorreu com o Padre Obidense Antonio Sanchez de Brito após a morte de seu correligionário Batista Campos?

Neste liame, não é nosso propósito referendar essa ou aquela tese, pelo contrário, é puramente descristalizar uma historiografia cíclica e apresentar um novo indício documental.

Retomando as discussões, acerca do Reduto de Cuipiranga, afirmamos que o reduto cabano agia como um forte capitaneado, que geria as decisões acerca da produção de alimento, de quando declarar guerra etc.

Vista aérea de Cuipiranga
Arquivo Pessoal
Ano: 2010

Cuipiranga protagonizou grandes batalhas. Por ser um reduto mater, era Cuipiranga quem cuidava e geria os demais pontos cabanos no Tapajós. Os pontos produziam alimentos, ficavam encarregados de fazer a farinha e almoço. Já o reduto cabano garantia proteção às Vilas, adotando táticas de guerrilha moderna. Os Cuipiranguenses lutavam pelo desarranjo político, pelas liberdades constitucionais, pelo acesso e usufruto da Terra, pela expulsão dos portugueses de cargos e chefias públicas.

Como forma de intimidação e luta pelos seus ideais, os cabanos utilizavam os ataques às fazendas bovinas dos brasileiros adotivos com o intuito de enfraquecê-los politicamente, como, também roubar gados de corte, e cavalos para servir de montaria nos ataques às vilas e freguesias. Depois do assalto, os cabanos incendiavam as propriedades - era uma estratégia de eliminar qualquer possibilidade de contra ataque por parte das tropas anticabanas.

Diante disto, o comandante militar João Henrique de Matos ordenou que as autoridades locais competentes suspendessem a compra de gado de produção,

inclusive para açougues, a não ser para consumo próprio dos donos, para inibir a comercialização de carne de gado roubado, objetivando o sossego e o cessar dos ataques. [190]

Por conta das ações em tempos de guerra dos cabanos, vários foram os conceitos e representações pejorativas construídas contra eles, especificamente contra o reduto que produzia esses revoltosos.

Um comandante das forças imperiais escreveu que o acampamento era o "berço de toda a anarquia" e o lugar onde os cabanos tinham "suas últimas esperanças de salvação". O padre Antônio Sanches de Brito, um dos líderes anti-cabanos, escreveu que lá era "o lugar para onde todos os demônios iam" (HARRIS, 2010). Era imperioso mesmo destruir aquele foco de "últimas esperanças de salvação" para as "classes infames" da Amazônia nos anos 1830 (FREITAS, 2005).

Domingos Antônio Raiol (1970), na sua conhecida e sempre referida obra *Motins Políticos*, escrita desde um ponto de vista em nada simpático aos cabanos, diz, baseado em um escrito do oficial João Henrique de Matos, "que Cuipiranga era um lugar 'célebre' e 'terrível' que abrigava infames anarquistas". Mas nem todos tinham sobre os cabanos uma visão como esta, própria das forças da repressão.

Em 1832, um grupo de soldados se amotinou e tomou Manaus, e em abril fugiram para se refugiar em Cuipiranga. Harris (2010) afirma quem no final de 1836 o acampamento tinha mil homens e suas famílias. A maioria eram trabalhadores e moradores da região: brancos, mestiços, índios, *tapuios* e negros livres, que desertavam das fazendas onde eram escravos ou semi-escravos. Era gente que trabalhava nas pequenas roças, na pecuária nas fazendas, na pescaria ou no artesanato. Essas pessoas buscavam a segurança em Cuipiranga. O acampamento havia crescido muito após a queda de Belém em maio de 1836, quando inúmeros rebeldes subiam o rio Amazonas fugindo da repressão que se espalhava desde Belém.

Segundo pesquisas de Harris (2010), em meados de 1836, Cuipiranga chegou a abrigar cerca de 1000 homens fortemente armados com muitas reservas de material bélico, ao contar com mulheres e crianças, estima-se que a população de

---

[190] Documento de João Henrique de Matos ao presidente D'Andréa, remetido de Santarém em 8 de Junho de 1837. In: **APEP.** Códice 888. Documento 138.

Cuipiranga tenha atingido um percentual de 3.000 pessoas, população semelhante, ou até mesmo superior a da cidade de Santarém – Centro e Prainha.

O antropólogo ainda assevera que o reduto cabano vivia em constantes contrastes, pois comemoravam festas, celebrações e homenagens religiosas que na maioria das vezes, eram interditadas e paralisadas em virtude de um ataque de tropas anti-cabanas ou quando não, pela simples notícia da derrota de uma comunidade ou tropas aliadas.

Nas entrevistas à Caravana da Memória Cabana [191] ocorrida em maio de 2010 na região do Baixo Tapajós, os relatos dos descendentes dos cabanos em Cuipiranga e comunidades adjacentes, apontam que Cuipiranga foi palco do foco de maior resistência da Guerra da Cabanagem no período regencial - nos discursos soa de forma uníssona, que em Cuipiranga os cabanos venceram e perderam.

Venceram no sentido de resistir às tropas anti-cabanas durante dois anos, utilizando como estratégias, a criação de trincheiras ao longo da geografia "cuipiranguense" e a criação de uma praça de guerra, camuflando troncos de palmeiras cobertos de breu, no intuito de fazer-lhes passar por canhões, para afastar as tropas militares e/ou ganhar tempo para fuga – relatos evidenciados também no discurso do antropólogo Mark Harris (2010) e do escritor amazônida REIS, Arthur Cezar (1965, p. 121-149).

---

[191] Foi uma expedição coordenada pelos antropólogos Florêncio Vaz e Deborah Goldemberg a qual reuniu acadêmicos, historiadores, antropólogos, jornalistas, sindicatos, entidades sociais não governamentais e comunitários de muitos lugares do Baixo Tapajós. A Caravana da Memória cabana ocorreu em meados do mês de Maio de 2010, e teve por objetivo registrar e filmar depoimentos de pessoas sobre a Cabanagem em 13 comunidades do Baixo Tapajós, nas jurisdições dos Municípios de Santarém, Belterra e Aveiro, todos no Estado do Pará.

Cuipiranga – último reduto de resistência cabana no Grão-Pará
Fonte: Caderno especial "Jornal Gazeta de Santarém"
Ano: 2009

De acordo com seu Manoel Godinho, em entrevista a Caravana da Memória Cabana [192] (2010), "os idosos falavam que os pontos de maior resistência da cabanagem no Baixo Amazonas foram Cuipiranga e a Ponta do macaco na Vila de Arimum, próximo a Vila Brasil (Arapiuns)". Segundo o entrevistado, as tropas anti-cabanas investiam em avançados armamentos para depor os cabanos, sendo que apenas uma embarcação decide abrir fogo contra Cuipiranga, desde a ponta do Jarí até deparar-se com toras de madeira presentes na vila – tornando este acontecimento, como o maior vexame e vergonha das tropas opositoras aos cabanos.

Por conta desta praça fictícia de canhões, Cuipiranga resistiu bravamente cerca de dois longos anos, todavia com os avanços tecnológicos da marinha

[192] Idem.

britânica que auxiliava as tropas brasileiras, a farsa cabana foi descoberta e iniciada a desarticulação e repressão aos cabanos do baixo amazonas.

O ofício do historiador aplica-se a interpretar os vestígios de acontecimentos (documentos, bibliografias, história oral, memórias, etc.) e unir à tese de lançar hipóteses sobre tais objetos de estudo, na anuência de tentar montar uma teia de fatos que tentem explicar alguns traços da história do acontecido que está em vigência.

Partindo de tais pressupostos, infere-se que o aniquilamento de Cuipiranga inicia-se num processo gradual, paralelo à repressão a Cabanagem no Baixo Amazonas. Segundo REIS [193] o início da derrocada dos cabanos no interior do Grão-Pará se inicia a partir das expedições de Ambrósio Pedro Aires, quando este passa a utilizar pequenos barcos, como já faziam os cabanos. Descendo o rio Amazonas, a contra-ofensiva vai resgatando vila por vila, inclusive as mais importantes.

No entanto, para os cabanos, ainda restava o "vale do Tapajós e largos trechos do Baixo Amazonas", além de Cuipiranga.

A derrocada de Cuipiranga ocorre muito aquém das expedições de Soares D'Andréa. O principal mobilizador e responsável por este acontecimento fora o padre Sanchez de Brito.

Antônio Manoel Sanchez de Brito foi exímio conhecedor das cercanias de Cuipiranga, haja vista que foi vigário de Juruti, e depois juiz de Paz de Faro e posteriormente de Óbidos; Seu trabalho missionário com os índios mundurucus contribuiu para seu conhecimento sobre a densidade e caminhos da floresta, e que a cooptação de indígenas (algo feito tanto pelas tropas cabanas como as anticabanas) pelo seu irmão Raimundo Sanchez de Brito, era uma forma de somar forças contra os cabanos e ajudaria no abastecimento de farinha para as tropas famintas [194].

Segundo releituras de documentações do APEP, o padre Sanchez de Brito organizava expedições particulares no Baixo Amazonas em pequenas embarcações,

---

[193] **REIS**, 1979, p. 117.

[194] Documento de Raimundo Sanches de Brito a Agnelo Petra Bittencourt, remetido de Pauxis (Óbidos) em 22 de Outubro de 1836. In: **APEP.** Códice 1013; Documento 97.

o qual realizava uma espécie de recrutamento forçado de tapuios, caboclos e negros alforriados, no intuito de fazer múltiplas incursões, ataques e extermínio do reduto cabano no Tapajós.

Entretanto, dirigindo nosso olhar para as documentações, observamos que há uma grande lacuna entre o início da repressão a Cuipiranga e sua derrocada final. Alguns fatores de conflitos internos entre os líderes repressores deram margem para que Cuipiranga resistisse um pouco mais.

Entre os fatores se faziam presentes estavam a escassez de mantimentos e a precariedade de que as tropas anticabanas tinham de enfrentar, como: falta de armamento, munição, uniformes, contingentes. Em um documento destinado a Agnelo Petra Bittencourt, o padre Sanchez de Brito afirma que o atraso da Escuna que deveria bloquear o Cuipiranga pelo rio Preto (Tapajós) para impedir a fuga dos cabanos, ocasionou a morte de muitas famílias e soldados, a destruição de casas, fazendas e plantações, e queixa-se de não ter sido atendido no socorro de armas e munições [195].

Atrelado a essas congruências, outro fator foi determinante para o retardamento da derrota da Cabanagem em Cuipiranga e consequentemente no Baixo Amazonas - foram os desentendimentos entre comandantes da contra-ofensiva. Não muito raro, dada as dificuldades em se vencer os cabanos e as armadilhas naturais destes pelos rios e florestas, muitos comandantes e praças eram constantemente substituídos, o que ocasionava uma disputa de poder por cargos e patentes de liderança das tropas do Amazonas.

Essas disputas impediam o aumento de ataques aos pontos cabanos, o que os fortalecia e retardava sua derrocada. Em correspondências trocadas entre o Capitão Antônio Firmo Coelho e o Comandante Militar João Henrique de Matos, fica evidente na discussão o caráter de insubordinação de um ao outro. No documento de Antônio Coelho oficiado a João Henrique de Matos, o mesmo escreve:

> "(...) O principal motivo [que] deo lugar a dezarmunia [que] tem havido entre [Vossa Senhoria] e a minha pessoa foi a falta de [mantimentos], e como já a

---

[195] Documento de Antônio Manoel Sanches de Brito à Agnelo Petra de Bitencourt, remetido de Pauxis em Janeiro de 1837. In: **APEP.** Códice 1052. Documento 39.

> bastantes dias elles me não faltão, nada [notável] tem ocorrido, [por] tenho tolerado tudo [para] não haver choque de Authoridades; porem factos de similhante natureza como os que acabão de ter lugar nesta Villa não os devo sufrer em silencio. [Vossa Senhoria] encita-me com o [que] acaba de praticar, e se continua a provocar-me o rezultado não poderá ser nada agradável.(...)" [196] **[sic]**.

Em resposta, o Comandante militar João Henrique de Matos oficia a Antonio Coelho em um tom nada simpatizante, e desabafa:

> "(...) Que a descordancia [que] tem havido emtre mim e [Vossa Senhoria] tem sido a falta de [mantimentos] e como estes já lhe não tem faltado, nada instável tem ocorrido, permita-me dizer sobre este assumpto: não tem sido este o motivo, sim a empertinar teima de querer [Vossa Senhoria] ouccupar o [Comando] Geral de tudo o Amazonas, reconhecendo já no Baixo do [mesmo], huma legitima [autoridade] chefe da Província, [por] conseqüência he [Vossa Senhoria] o primeiro a dezobedecer as Ordens da [mesma] e a dar motivos a [que] se pratique as faltas de intelligencia, não querendo em tudo partecipar-me de seus actos praticados no [Departamento] do meu [Comando] (...) He [Vossa Senhoria] o primeiro [que] me acaba de me incitar no seu estranho modo de se expreçar, não só ataca a primeira [Autoridade] desta Comarca, como pouco respeitozo ao seu Superior, [porque] conhece mui bem [que] occupa huma Patente inferior a [minha], já mais me poderá Commandar (...)" [197] **[sic]**.

Esses conflitos entre os comandantes repressores não são vistos só nas correspondências entre Henrique de Matos e Antonio Coelho, mesmo teor de dissensão envolve nomes como do Pe. Antonio Sanchez de Brito e o Comandante do Alto Amazonas Ambrósio Pedro Aires.

Por se encontrar à frente da liga Defensiva do Baixo Amazonas (já que era o Juiz de Paz de Óbidos), Pe. Antonio Sanchez de Brito passava a chefiar todas as expedições na região, principalmente aquelas que se dirigiam a Faro, Óbidos e Cuipiranga – locais de seu domínio distrital. Atitudes que provocavam ofensa ao comando geral da expedição em Faro Diniz Marcelino, por este entender que as atitudes isoladas do Padre caracterizavam-no como insubordinado.

---

[196] Documento de Antônio Firmo Coelho a João Henrique de Matos, remetido de Santarém em 25 de Julho de 1837. In: **APEP.** Códice 888. Documento 211.

[197] Documento de João Henrique de Matos a Antônio Firmo Coelho, remetido de Santarém em 26 de Julho de 1837. In: **APEP.** Códice 888. Documento 212.

Outro líder repressor que se mostrava atuante na região e por isso provocava tensões entre os demais chefes de expedições e Vilas era o Comandante do Alto Amazonas Ambrósio Pedro Ayres.

Em ofícios [198] endereçados por João Antonio da Silva (vigário de Manaus) e José Casemiro Ferreira do Prado e outros a Soares D'Andréa então presidente da Província do Pará, ambos apresentam em documentos distintos a mesma queixa, informando sobre o autoritarismo de Ambrósio Pedro Ayres e pedindo providências ao Presidente da província paraense quanto ao governo do Capitão da Força Legal:

> [...] protesto perante Deus e o governo legítimo da Província contra o dito Comandante Ambrósio Pedro Ayres que tem praticado desatinos com os cidadãos legaes durante suas ações de coragem contra os rebeldes cabanos, tem maquinado toda a sorte de perseguição contra minha pessoa [João Antonio da Silva]
> [...]
> **[sic]** (APEP. Cód. 854, D. 127).

No cerne dessas disputas pelo poder, o Marechal Soares D'Andréa implanta uma política de suspensão de direitos no Pará, passando a colocar todos os subversivos na condição de criminosos por rebeldia - o crime por ser cabano ou crime geral de cabano. De igual modo, publica a Coleção das Leis Provinciais do Pará, sedimentando o regime militar de exceção na província, a partir da instituição dos Comandos Militares e dos Corpos de Trabalhadores [199] – estes últimos sendo extintos somente em novembro de 1859 pelo decreto do presidente Antônio Coelho de Sá e Albuquerque.

A partir daí, várias formas de violências e repressões são impostas aos cabanos, seja na forma de combate aberto ou no modelo prisional. A permissão

---

[198] Cf. Ofício de João Antonio (vigário de Manaus), a Francisco José de Souza Soares D'Andréa, Presidente da Província do Pará, informando sobre o autoritarismo praticado pelo Capitão da Força Legal, Ambrósio Pedro Aires, contra os cidadãos legais, Manaus, 04 de abril de 1837. In: **APEP.** Códice 854. Documento 126. Ofício de João Antonio da Silva, a Francisco José de Souza Soares D'Andréa, Presidente da Província do Pará, pedindo providências quanto ao governo intruso de Ambrósio Pedro Aires, na Comarca do Alto Amazonas. Igarapé-Miri, 02 de junho de 1837. In: **APEP.** Códice 854. Documento 127. Ofício de José Casemiro Ferreira do Prado e outros, a Câmara Municipal da Vila de Manaus, Capital da Comarca do Alto Amazonas, eximindo-se de responsabilidade quanto a qualquer atestado que aparecesse abonando a conduta do Capitão Ambrósio Pedro Aires. Câmara em sessão ordinária, 04 de abril de 1837; Bernardo Francisco de Paula e Azevedo e outros In: **APEP.** Códice 854. Documento 128.

[199] Cf. **APEP**. Coleção de Leis Provinciais do Pará. 1859.

irrestrita para acusar e julgar qualquer sujeito pelo crime geral de cabano perdurou até novembro de 1839, com um decreto de anistia restrita e se prolongou até 22 de Agosto de 1840, com o decreto imperial de anistia geral.

Como narra Harris (2010, p. 251 grifo nosso):

> **O maior ataque a Ecuipiranga foi organizada para 20 de junho de 1837. Três escunas de guerra e dois outros navios sincronizaram sua chegada ao lado sul.** Os soldados disparavam a partir de seus navios e primeiramente garantiram a posse da praia. Então o próximo objetivo era remover os rebeldes das áreas mais próximas da praia, fazendo-os subir para a floresta atrás da praia, a partir daí, um reagrupamento poderia tomar o lugar antes de entrar na densa floresta interfluvial e andar poucos quilômetros para a fortaleza no lado norte. Cerca de cinco centenas de soldados estavam a participar na operação, sob o comando de oito oficiais e três mercenários.
> Os nomes dos oficiais eram Antônio Maciel Branches, capitão, na escuna Santo Antônio, patrulhando o rio Tapajós; Francisco Vieira Leita, coronel, na escuna Rio do Prato; José Luis Coelho, capitão, no iate 05 de outubro; João Henrique de Mattos, capitão, no Brasileiro brigue; **Antônio Firme Coelho na escuna 19 out (com 2 canhão), com 30 homens**; e Agnello Petra Bettancourt, Lourenço Siqueira Freire, e Felipe Ferreira Leal, que comandou a partir de Santarém e ocasionalmente a partir de um navio da Marinha**. Os mercenários foram Diniz Marcelino, em seu próprio barco (o nome não sei) com cerca de 50 soldados conhecidos como "Força Tapajoenses"; Ambrosio Pedro Ayres, com o Bararuense e cerca de 150 homens no tempo; e Manoel Sanches, com 120 homens conhecidos como Forças de Pauxis em seu próprio barco** (sem nome).

Entretanto, mesmo com este ataque poderoso do dia 20 de junho, os cabanos de Cuipiranga ainda resistiriam por mais um mês, pois em 18 de Julho de 1837, três dias depois do Padre Sanchez de Brito ter noticiado a Henrique de Matos a derrota do reduto cabano de Cuipiranga, este, [Henrique de Matos] então, Capitão das Forças Legais no Baixo Amazonas, remete ao Presidente Andréa um documento oficializando a derrota do Reduto:

> Illmº e Exm.º Snr.
> Com grande prazer lanço a mão na pena para dar a V. Ex.ª a satisfatória notícia da completa derrota de Ecuipiranga, o maior, e mais fortalecido Ponto dos facciosos, onde estavam reunidos todos os seus recursos e Forças commandadas pelos principais chefes; onde tinham as últimas esperanças de salvação e onde enfim os amigos da Ordem, e Pública tranqüilidade viam um colosso ameaçador de sua existência. Foi aquele célebre lugar desde a época anterior o berço da Anarquia em todo o Amazonas, e agora posso com certeza dizer a V. Ex.ª q' passou também a ser o seu túmulo, como V. Ex.ª
> [...]
> mostrei recear de seu prospero resultado, por se ter retirado apressadamente a Escuna Rio da Prata do ponto que tinha ido ocupar fazendo consigo suspender o Barco Santo Antônio, e o Iate 5 de Outubro

> que mandei com cento e tantas Praças Paisanas para fixar o bloqueio e coadjuvar o ataque pela parte Oriental do Rio Preto.
> [...] no mesmo tempo que havia chegado o cidadão Ambrosio Pedro Aires com um comboio do sertão, que com pequenos barcos armados, também coadjuvou o bloqueio, e ataque, porém é o patriotismo e zelo incansável de Juiz de Paz de Pauxis o reverendo Antônio Manoel Sanches de Brito, que se deve aquela empresa gloriosa, que a mais tempo e com menos sacrifício do que o que constam da cópia inclusa estaria efetuada se o Comandante Petra, e Leal se não esquecem inteiramente do Bem Público tratando somente do particular, [...] também se tinha poupado a destruição de muitas Fazendas de gado, das quais aquelas que contavam de cinco, e seis mil cabeças se acham reduzidas a doze vacas, [...], ficando esta rica porção da Província reduzida a fome, e miséria, que atualmente tanto flagela seus habitantes [...] com a derrota de Ecuipiranga, e de outros Pontos compreendidos em diversos Distritos desta Comarca hoje completamente destruídos, [...] torna-se desnecessário tanta Força sendo assas suficiente que Vossa Excelência ponha a minha deposição duzentas Praças de Linha com bons Oficiais, e dignos de toda a confiança, e que me permita a faculdade de construir pequenos Barcos Artilhados, que são os únicos próprios para a Guerra do País [...] para poderem com muita facilidade introduzirem-se por pequenos furos, e darem caça ao inimigo até as vertentes dos Rios [...]
> Tal é Ex.º Snr. o que julgo do meu sagrado dever observar a V. Ex.ª na mesma ocasião em q' tenho a honra, e prazer de comunicar-lhe com a vitória de Ecuipiranga, posso dizer a aniquilação do partido rebelde no Amazonas.
> Deus guarde a V. Ex.ª. Quartel d' Comando Militar do Baixo Amazonas em Santarém 18 de Julho de 1837.
> Illm.º e Ex.º Snr. Brigadeiro Francisco José de Souza Soares d'Andréa – Presidente e Commandante das Armas desta Província.
> Ten. Cel. João Henrique de Matos – Commandante Militar do Baixo Amazonas." [200] **[sic]**.

A partir desse rico relato de Henrique de Matos (tendo ofício de Sanchez de Brito em anexo), afirmamos que, praticamente, a estratégia do padre Sanchez de Brito obteve grandes êxitos, pois quando as escunas de D'Andréa lideradas por Henrique de Matos iniciam os combates a Cuipiranga ou "Ecuipiranga" [201] não encontram grandes resistências. Em Cuipiranga, vale salientar, muitos cabanos foram levados presos para Belém (dos quais não se obteve mais notícias, nem tão pouco retornaram ao reduto); muito sangue foi derramado e muitos outros cabanos tiveram como túmulos o próprio rio e valas comuns.

Assim como caíram no período da Antiguidade Clássica, os imponentes muros de Cartago diante das investidas belicosas de Roma, e igualmente a pomposa

[200] Documento de João Henrique de Matos, Comandante Militar do Baixo Amazonas, à Francisco José de Souza Soares d'Andréa, Presidente e Comandante das Armas da Província, remetido de Santarém em 18 de julho de 1837. In: **APEP**. Códice 888. Documento 202.

[201] O nome da Vila iniciada com as vogais "E" ou com "I", é muito comum nas documentações do século XIX, no entanto, ocorre que a palavra sofreu ressignificações ao longo dos anos, ficando em sua grafia atual como "Cuipiranga".

muralha de Tróia, diante da invasão grega, sucumbia no Baixo Tapajós o "maior, e mais fortalecido Ponto dos facciosos, onde estavam reunidos todos os seus recursos e Forças Comandadas pelos principiais Chefes; onde tinham as últimas esperanças de salvação (...) o berço da Anarquia em todo o Amazonas (...)" [202].

No entanto, a Cabanagem no interior e em toda Província do Grão-Pará não acabou com a derrocada de Cuipiranga, muitos cabanos patrióticos fugiram para outras vilas em direção a oeste do Pará, para a Província do Rio Negro.

Como narrava D'Andréa em 1837, era preciso sufocar as hidras [203], porque os troços do Corpo dessas Hidras tomarão vida própria e será indispensável esmagar cada um por si [uma a uma].

Segundo a mitologia grega, a "hidra" era filha dos monstros Tifão e Equidna, e foi criada a mando da deusa Hera para matar o semideus Hércules, filho de Zeus. Nas narrativas mitológicas a hidra seria um animal com corpo de dragão e sete (em alguns casos nove) cabeças. Em combate, se tivesse uma das cabeças cortadas, nasceriam duas no mesmo lugar.

Como foi o segundo entre doze (a princípio seriam somente dez) trabalhos de Hércules ao Rei Euristeu, o herói da literatura greco-romana, encontrou dificuldades para matar a hidra, visto que a cada cabeça cortada ou esmagada lhe nasciam duas no lugar. Depois de inúmeras tentativas em combate, Hércules decide atear fogo no pescoço da hidra assim que lhe corta uma das cabeças, repete isso seis vezes e obtém sucesso, porém a última cabeça (a do meio) era considerada imortal. Única estratégia encontrada pelo filho de Zeus foi cortar esta última cabeça e enterrar pondo uma pesada pedra sobre ela.

Na visão dos governantes provincianos e autoridades militares, os "cabanos" rebeldes seriam inimigos difíceis de combater e exterminar semelhante a "hidras". Porém, como dissertado no começo deste capítulo, o termo "Hydra" seria recorrente na Amazônia desde os tempos coloniais, quando o pensamento libertário na América Espanhola e os princípios da Revolução Francesa, presentes em Caiena, ameaçavam ultrapassar as fronteiras do Grão-Pará e modificar a estrutura sócio-política desta Província do Norte.

---

[202] **APEP**. Códice 888. Documento 202.

[203] Sobre a concepção política de "hidras", Ver: **PRICE** (1983); **GOMES** (1997); **BRITO (**2008).

Ocorre, porém, que adotamos como tese nesta dissertação, que as “hidras” não eram unicamente os “cabanos” em suas singularidades, mas também a unidade de coletivos, ou seja, o conjunto de agentes sociais das vilas, freguesias, pontos e redutos que se manifestassem insurgentes.

O processo de repressão da Cabanagem foi duramente difícil de ser concluída, devido a complexidade geográfica que tem a Amazônia, pois enquanto as tropas anticabanas pacificavam uma região de rios, logo que de imediato surgia outro foco de revolta não muito distante dali.

Isto implica dizer, sob a luz do entendimento da mitologia de Lerna, que a cada calha de rio pacificada no Grão-Pará, nasciam-lhe outros dois movimentos de insurreição. Assim, pacificada a hidra na baía de Guajará na capital, nasciam-lhe focos de hidras na calha dos rios Capim e Moju; pacificada a hidra na calha dos rios Capim e Moju, emergia quase que de forma imediata hidras ao longo dos rios Tapajós, Arapiuns, Madeira e Amazonas, e assim sucessivamente.

Convencionamos então afirmar que a condição insurreta de cabanos tal qual a hidra, estava intimamente ligada à rede hidrográfica amazônica, visto que esta região se movimenta através das águas (e na época a única forma de se interligar a pontos variados da Amazônia era pelos rios). Logo, as matas, campos, furos, igarapés e rios tornaram-se o grande palco desta revolução e foi por meio desses elementos geográficos que muitos revoltosos patrióticos conseguiram resistir por muito mais tempo.

Todavia, retomando a condição de Hidra e associando a Cuipiranga, retomamos aqui o contexto revolucionário no Baixo Tapajós. Como dito, o maior reduto de resistência armada cabana no Pará definhou, porém os meandros da revolução patriótica continuaram por entre as matas e rios limítrofes do Grão-Pará com a Província do Rio Negro.

Muitos cabanos do Baixo Tapajós, com a queda de Cuipiranga passaram a se aliciarem a mocambos e quilombos da região e a provocar insurreições e rebeliões ao longo dos rios Tapajós e Madeira. Grande parte dos patriotas migraram para Pinhel e ali reorganizaram o movimento cabano.

Entretanto, dado as interruptas repressões de tropas anticabanas no Baixo Tapajós, as “Forças dos Brasileiros Reunidos” teriam migrado para a região da

Missão de Santa Cruz nas remediações de Lúzea, devido à relação próxima dos Maytapus de Pinhel com os Mawé de Santa Cruz. Tal tese pode buscar auxílio no documento que Soares D'Andréa oficia a 02 de Maio de 1838, ao Ministro e Secretário dos Negócios da Guerra, Sebastião do Rego Barros, relatando:

> As operações pelo lado de Luzéa tem hido bem. Todos os tuxauas dos Mundurucus dos Rios Canumanu e Abacaxi se apresentarão e com seus parentes tem feito guerra aos cabanos.
> [...]
> As operações no Rio Tapajós tem sido bem sucedidas debaixo do comando do Capitão Guerra Carreira.
> [...]
> Em consequência das vantagens adquiridas lado de Luzéa, tomaram alguns dos rebeldes a direção do Rio Madeira, e ao dia 5 de Março pelas 3 horas da tarde attacarão a Villa de Borba [...] Nesse ataque perde a vida o Commandante da Villa Zacarias Cesário Peixoto [204].

A dinâmica das insurreições parecem muito movediças e pelas documentações até confusas de serem entendidas, porém, afirmamos que a perspectiva de movimentações de tropas de ambos os lados era frequente. Com o fim de Cuipiranga, os cabanos do Baixo Tapajós migram para Pinhel e de lá para Luzéa em 1838.

Entretanto em 1839, encontram-se registros de um grande levante de insurreição novamente na confluência entre os Rios Tapajós e Madeira, possivelmente nas remediações da antiga Missão de São José dos Maytapus, como observamos no ofício que o presidente da Província do Pará, Bernardo Souza Franco remete ao Secretário dos Negócios da Guerra, Conde de Lages, apresentando o pedido do novo Comandante da Expedição do Amazonas:

> Illm.º e Exm.º Snr
> Em Ofício de 18 do mez em que cópia levo ao conhecimento de V. Ex.ª o Coronel e Commandante da Expedição do Amazonas [afirma] que cerca de mil homens são precisos para bater os rebeldes q' se encontram entre os Rios Tapajós e de Luzéa [...]
> [...]

[204] Ver: Ofício de Francisco José de Souza Soares D'Andréa, Presidente da Província do Pará, a Sebastião do Rego Barros, Ministro e Secretário do Estado dos Negócios de Guerra, relatando as operações no Rio Amazonas e Tapajós, a participação dos índios Mundurucus dos Rios Canumanu e Abacaxi, paisanos de Santarém, Monte Alegre e Gurupá em Curuatinga, o ataque a Vila de Borba, a morte do Comandante Zacarias Cesário Peixoto, o envio de reforços do Rio Negro, a fuga dos rebeldes de Luzéa para o Rio Madeira e Xingu In: **APEP**. Códice 906, Documento 15.

> Deos guarde a V. Ex.ª. Pará 2 de Novembro de 1839.
> Illmº e Ex.º Conde de Lages, Secretário do Estado dos Negócios da Guerra
> Bernardo Souza Franco [205] **[sic]**.

Embora Ambrósio Pedro Aires[206] não fosse mais o Comandante da Expedição do Alto Amazonas, as expedições de repressão aos cabanos patriotas não cessavam. De Rio acima, e igarapés abaixo, as tropas militares provincianas faziam vigilância e repreendiam operações suspeitas no Alto e Baixo Amazonas e no Baixo Tapajós. Essas incursões foram definhando as ações dos cabanos e minorando seus objetivos de reconquista dos Pontos cabanos, o que desencadeou a rendição de 980 valentes patriotas as autoridades em 08 de maio de 1840:

> Illm.º e Ex.º Srn
> Tenho a excessiva satisfação de anunciar a V. Ex.ª, que ao governo desta Província acabão de se entregar apresentando-se ás autoridades em Luzéa nove centos e oitenta rebeldes com as suas competentes armas: remos, lanças, arcos e flechas [...] haja também já a este tempo obtido a Legalidade em alguns outros pontos do Alto Amazonas, segundo as participaçoens officiaes , que tenho. Este fato importante veio consolidar mais a paz que goza toda a Província à que tenho a honra de presidir.
> Deos guarde a V. Ex.ª. Palácio do Governo do Pará em 8 de maio de 1840
> Illm.º Ex.º Srn. Conde de Lages, Ministro e Secretário d' Estado dos Negócios da Guerra
> João Antonio de Miranda [207] **[sic]**.

Este acontecimento de rendição em massa dos cabanos em Luzéa em meados de 1840 são os últimos registros documentais que encontramos, ao seguir os rastros dessa teia de sujeitos marginais que agitavam o micro mundo social do Pará.

Os Tempos de Revolta no Brasil Oitocentista definhavam, movimentos contestatórios como Balaiada, Sabinada, Cabanada, Revolta dos Malês já haviam

---

[205] Ofício de Bernardo de Souza Franco, Presidente da Província do Pará, ao Conde de Lages, Secretário do Estado dos Negócios da Guerra, apresentando pedido de um Comandante da Expedição Amazonas, que envie mil homens para combater os rebeldes situados entre os Rios Tapajós e Luzéa. In: **APEP.** Códice 906, Documento 194.

[206] Ofício de Francisco José de Souza Soares D'Andréa, Presidente da Província do Pará, a Sebastião do Rego Barros, Ministro e Secretário do Estado dos Negócios da Guerra, informando sobre as expedições do Estado do Amazonas e a morte do Comandante Ambrósio Pedro Ayres pelos rebeldes na região do Rio Negro. Pará, 23, de Outubro de 1838. In: **APEP.** Códice 906, Documento 62.

[207] Ofício de João Antônio de Miranda, Presidente da Província do Pará, ao Conde de Lages, Secretário do Estado dos Negócios da Guerra, informando que novecentos e oitenta rebeldes se entregaram as autoridades em Luzéa e acredita que o mesmo já tenha ocorrido no Alto Amazonas. Palácio do Governo do Pará. 08 de maio de 1840. **APEP.** Códice 906, Documento 264.

sido pacificadas e reprimidas; a Cabanagem no Pará desde 1837 já tinha a Comarca da Cidade [Belém] pacificada, os últimos suspiros da cabanagem emergiam em meados de 1840 dos limites geográficos do Baixo Tapajós com o Alto Amazonas; a Farroupilha inda resistiria no sul do Brasil até meados de 1845, talvez porque a geografia e o status quo de seus partícipes influenciassem diretamente no sucesso gradual deste movimento contestatório sulista.

Os Tempos eram outros, o Marechal Soares D'Andréa como recompensa de seus esforços de repressão no Pará, foi graduado a Marechal de Campo efetivo [208]. A Regência estava igualmente a Cabanagem, em seus últimos suspiros – se é que já não havia expirado -, o Pará esperava o alvorecer de um novo tempo que vinha a bordo da Barca a vapor Pernambucana [209]. E os derradeiros cabanos, longe do Brasil deixavam o seu último registro no final de outubro de 1846 [210].

3.4. Histórias da Cabanagem: entre traços da memória e da oralidade

Queremos destinar este último tópico desta dissertação, para contar algumas "histórias" sobre a Cabanagem, que surgiram e fazem parte da memória coletiva da população desta região.

As histórias narradas não têm a pretensão de se legitimarem como reais ou fiduciárias, nem tampouco buscam restituir o tempo real dos acontecimentos passados vivido e não vividos, antes, serão um espaço de socializar um mundo da cabanagem, a partir do conceito de representação de Chartier fundamentada na noção de narração e experiência de Benjamim.

---

[208] Ofício de Bernardo de Souza Franco, Presidente da Província do Pará, a Sebastião do Rego Barros, Secretário do Estado dos Negócios da Guerra, informando a promoção de Francisco José de Souza Soares D'Andréa, Marechal Graduado a Marechal de Campo efetivo. Pará, 29 de Abril de 1839. In: **APEP**. Códice 906, Documento 116.

[209] Ofício de João Antonio de Miranda, Presidente da Província do Pará a Antônio Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, Secretario do Estado dos Negócios da Guerra, informando que a Barca a vapor Pernambucana, trouxe-lhe a notícia de posse de D. Pedro II. Palácio do Governo do Pará, 27 de Agosto de 1840. In: **APEP**. Códice 906, Documento 314.

[210] No final de outubro de 1846, o encarregado de negócios do Brasil na Venezuela informou « que existiam na Província de Guiana mais de quinhentos brasileiros, sendo uns resto de emigrados ao tempo dos Cabanos, outros criminosos, e desertores, e muitos fugitivos. In: **GOMES**, Flávio dos Santos (Org.): Nas terras do Cabo Norte: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana Brasileira – séculos XVIII/XIX. Belém: Editora Universitária/UFPA, 1999.

Para Benjamin, a narração mantém uma íntima relação com a experiência a qual se inscreve numa temporalidade comum a várias gerações. Ela supõe, portanto, uma tradição compartilhada e retomada na continuidade de uma palavra transmitida de pai a filho; continuidade e temporalidade das sociedades “artesanais” [211]. A narração e a experiência são inseparáveis, o fim de uma acarreta o declínio da outra, provocando transformações profundas.

Dito isto, registramos muitas histórias sobre a Cabanagem, presentes nos discursos dos moradores de várias localidades da região do Baixo Tapajós, narram os acontecimentos do início da revolta a partir de sua localidade. Os depoentes de comunidades diferentes narram suas histórias contando como procedeu a guerra e quais as consequências da guerra.

Do arcabouço de mais de cinquenta horas de entrevistas, entre múltiplos agentes sociais de várias comunidades do Baixo Tapajós, selecionamos para esta discussão cinco entrevistas que situam os acontecimentos da Cabanagem entre os mitos e lendas da cultura popular e os escritos históricos sobre a mesma. Posteriormente, optamos por primeiramente transcrever as entrevistas, para em seguida realizarmos as análises de convergências de fatos e histórias em comum presentes nos discursos dos depoentes.

Depoimento 1 (Seu Cláudio José [212]).

Seu Cláudio José (coruja)
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2010

---

[211] **GAGNEBIN**, 1999, p. 14 et. seq.

[212] Agente de saúde e morador de Cuipiranga.

A palavra "Cuipiranga" significa areia vermelha. "Cuí" significa areia fina e "Piranga" fruta vermelha. Areia vermelha. Mais ainda, porque o pessoal contam que teve muito sangue derramado.
Ficou manchado o sangue nessa areia né? Houve muita morte, muita violência e dizem que parte desse sangue ficou manchado na areia.
O sangue fora encontrado por toda a parte, porque Cuipiranga não faz parte só aqui na frente do Rio Arapiuns, ele também limita-se até o Amazonas. Então do Rio Arapiuns até o Amazonas é Cuipiranga. ***Os mais antigos dizem que em algumas noites viam brotar sangue da areia da praia.***
E... porque já acabaram, mas o pessoal conta que ainda tinha canhões né? Canhões feito de burutizeiros só pra, só pra amendrontar, então eles cortavam os burutizeiros, os rolos de burutizeiros aí faziam tipo canhões né? Faziam tipo canhões, assim ficavam demonstrando no rumo, e o pessoal pensavam que eram canhão de verdade mesmo, mas eram dos toros de buritizeiros, isso só pra amedrontar as outras tropas que vinham né?
Então... isso já desapareceu, mas que existia, existia ainda aqui, elas foram feitas pelos próprios cabanos.
O pessoal por todos esses lados encontravam cascas de bala e as próprias balas foram encontradas nessa região.
Estas ruínas aqui da igreja, fez parte da história da Cabanagem, aqui é cheio de história, mas como eu já falei os mais antigo contam que nunca viram essa igreja pronta, então podemos dizer que ela existiu a muitos e muitos anos atrás, toda a estrutura dela formada.
[...]
O que contam é que nesses buracos, as pessoas cavavam pra tentar tirar as riquezas que tinha aí né, que os cabanos poderiam ter deixado quando, quando as tropas vinha atrás deles pra matar ... Então eles pegavam as riquezas e enterravam, então tem sinais de buracos que foram deixados que o pessoal vinha depois e diziam "ah com certeza deve ter dinheiro, devem ter deixado dinheiro", e cavavam os buracos pra encontrar, agora se encontraram ninguém sabe. *Demonstra que realmente o pessoal cavavam né? Cavavam pra tentar encontrar as riqueza que possivelmente os cabanos deixaram aqui com medo da morte, podemos dizer assim.*
[...]
Esse local aqui que hoje é o cemitério, poderia ter sido um dos locais de concentração dos cabanos né? Deveria... ***então nesse local aqui foi construído a igreja pra nunca se perder a memória, memória do que aconteceu aqui, do que tinha acontecido, da batalha que aconteceu aqui.***
Então aí os antigos resolveram colocar o cemitério aqui também, como uma demonstração de antiguidade*, de muitos anos atrás, por isso as pessoas vão passar por aqui, vão morrer e esse local aqui vai continuar, vai continuar na memória das pessoas que estão aqui* **[sic]***.*

Bala de Canhão e pontas metálicas de botas de soldados (Pedro Santos e José M.ª Braches)
Fonte: Jornal Gazeta de Santarém "Especial Cabanagem"
Ano: 2009

Para Seu Cláudio, os achados de balas de canhão e pontas metálicas de botas dos soldados em Cuipiranga são indícios irrefutáveis da presença da Cabanagem e dos combates sangrentos na areia da praia da Vila. De certa forma, estes vestígios da época da Guerra da Cabanagem na visão de Seu Cláudio, dão conta de legitimar as histórias sobre os canhões de toras de buritizeiros (Ver em apêndices algumas imagens da crença dos moradores a respeito desta Cabanagem de trincheiras).

No entanto, observemos que o depoente para explicar sobre a existência ou não das trincheiras faz o uso da seguinte afirmação: ***"isso já desapareceu, mas que existia, existia ainda aqui, elas foram feitas pelos próprios cabanos".***

Ocorre que, algumas vezes, os depoentes afirmam fervorosamente, como se tivessem vivido o acontecimento. Afirmam que "existiu", que "aconteceu", como se tivessem subterfúgios para legitimar sua afirmativa. Subterfúgios que poderiam ser vestígios materiais do ocorrido, ou, tão somente, uma lembrança de experiência de memória do indivíduo que narra, conforme assevera (RICOEUR 2007, p.172-173).

Entretanto, inferimos que todo testemunho quer ser acreditado, "mas nem sempre traz, em si mesmo, as provas pelas quais se podem comprovar sua

veracidade; elas [provas] devem vir de fora". (SARLO 2007, p. 37). Estas "provas" não são inerentes à linearidade das ciências naturais, mas, sim, vestígios discursivos que soam de forma uníssona na perspectiva de declaração de memória social.

Ruínas da Capela no cemitério de Cuipiranga
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2010

Seu Cláudio ainda em depoimento ao afirmar, ***"então nesse local aqui foi construído a igreja pra nunca se perder a memória, memória do que aconteceu aqui, do que tinha acontecido, da batalha que aconteceu aqui",*** evoca os testemunhos do passado com presença de aspectos do presente, tangenciando uma memória que ora está em transbordamento, ora em retraimento (LE GOFF 2013).

O campo da memória não implica numa verdade irrefutável da História, assim, como também não é os outros tipos de indícios adotados pelo historiador. Antes, o campo da memória social apresenta-se como uma nova releitura de acontecimentos, por meio das reminiscências do acontecido, presentes na memória do indivíduo tal qual ele vivenciou ou se apropriou.

Isto implica dize o que Benjamim *apud* Gagnebin (1999, p.16) convencionou, adotar como tese sobre memória, a de que a exigência de “rememoração do passado não implica simplesmente a restauração do passado, mas também uma transformação do presente tal que, se o passado perdido aí for reencontrado, ele não fique o mesmo, mas seja ele também, retomado e transformado”.

Assim, cabe afirmar que a história narrada pelo depoente sobre a Cabanagem não é a mesma do período oitocentista, visto que a memória do depoente se codifica e mescla atributos inerentes de passado a cargas de pertencimento e significância do presente, ou seja, os relatos sobre o tempo passado reconfiguram o tempo presente, assim como o tempo presente reconfigura o tempo passado. Logo, ambos não são mais uma narrativa pura, mas sim uma narrativa híbrida que não abarca um peso de “verdade” irrefutável, mas sim uma possibilidade do ocorrido.

Quanto a isso, Benjamin esclarece (1985, p.224) que a verdadeira imagem do passado perpassa veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido, pois articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi.”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.

Imagem do Cemitério atual de Cuipiranga
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2010

"Então aí os antigos resolveram colocar o cemitério aqui também, como uma demonstração de antiguidade" (Cláudio José, 2010). Para os mais antigos, este teria sido o local de batalha dos cabanos contra as tropas repressoras, onde muitos cabanos teriam desfalecido, tornando-se um cemitério de cabanos. A comunidade, então, como forma de não perder essa historicidade ou como eles mesmos dizem "antiguidade", passou a adotar o local como cemitério da Comunidade, visto também que, durante o inverno amazônico, o cemitério não é alagado como as demais partes praieiras da comunidade.

No rico depoimento de Seu Cláudio, narramos uma outra história da Cabanagem, não distante daquela que os documentos de governo nos revelam, porém, dão conta de relatar uma história da Guerra no Baixo Tapajós, a partir da perspectiva de pertencimento local. Constrói-se, uma narrativa sobre a Cabanagem, com traços locais que não estão contemplados em sua totalidade nas documentações da época, mas se fazem presentes no campo da memória social.

Deve ser, portanto, ofício do historiador ir de encontro à tese do "apagar as pegadas", "apagar os vestígios" de Bertold Brecht. O historiador deve realizar por

meio de uma tinta invisível a construção dos elementos minúsculos e recortados que permeiam o documento escrito e a memória.

Depoimento 2 (Enoque Arapium [213]).

Enoque Arapium
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2010

> *Sou Enoque Arapium, cacique de Vila Franca e também professor lá. Meu nome indígena pra quem conhece o significado é "Aba Angaturama", que significa "homem com alma de jaguar". Aba é homem, Anga é alma e Turama é jaguar.*
> ***Olha aqui é o canhão que eu disse que tinha aqui na igreja, como vocês pode ver, ele é todo de ferro, é bem pesado mermo. Então essa é a prova de que a Cabanagem passou mesmo também por aqui né?***
> ***[...] pois é, meu avô também falava que era uma guerra justa, que lutavam pela nossa independência aqui [Vila Franca], que não queriam que nós fossemos escravizados, que os filhos não fosse escravizados.***
> *Então, o meu avô, eu tinha um tio que dizia assim: "olha meu filho quando nós morrer, vocês que vão tomar conta daqui da Vila Franca, daqui dessa comunidade, porque meu pai, o teu avô lutou por vocês aqui".*
> ***Aí ele [tio do Enoque] contou dessa guerra aí que teve, e que começou ali do lado do rio. que eles [cabanos de cuipiranga] colocava, ele [tio do Enoque] dizia pra nós também, que eles colocavam aqueles tucumãnzeiro assim na beira do barranco pra dizer que era um canhão, que tava perto do rio, pra intimidar aqueles [tropas repressoras], que vinham de lá também.***
> *Então ele [tio] disse que isso aconteceu, então quando meu avô falava assim antes dele morrer,* ***ele dizia: "Olha hoje Cuipiranga se vocês vê uma terra vermelha, aquilo foi o nosso sangue que derramou lá" ele dizia. "Se aquela terra é vermelha é por causa de nosso sangue que tá lá derramado, os parentes de vocês que morreram lá".***
> *[...]*

[213] Professor e Cacique da comunidade de Vila Franca.

> ***Meu avô também contava que os que tinham a riqueza aqui [Vila Franca] eles interravam pra eles [cabanos] não levarem. Então quando dizem assim: "ah tem visagem", é por causa do meu avô que tá enterrado lá junto com o dinheiro dele, então não é visagem que tá fazendo, é o espírito daquela pessoa que tá saindo, que quer se libertar dali, porque foi preso junto com aquilo [dinheiro] pra não morrer*** *(grifo nosso).*

No depoimento de Enoque, cacique de Vila Franca, torna a aparecer o mesmo relato da explicação mítica sobre a "areia vermelha", ***"Olha hoje Cuipiranga se vocês vê uma terra vermelha, aquilo foi o nosso sangue que derramou lá" ele dizia. "Se aquela terra é vermelha é por causa de nosso sangue que tá lá derramado, os parentes de vocês que morreram lá".*** Embora a comunidade não esteja localizada tão próxima de Cuipiranga, o cacique também narra a existência de uma praça fictícia com troncos de palmeiras ***"Olha hoje Cuipiranga se vocês vê uma terra vermelha, aquilo foi o nosso sangue que derramou lá" ele dizia. "Se aquela terra é vermelha é por causa de nosso sangue que tá lá derramado, os parentes de vocês que morreram lá".***

A partir destes relatos, convencionamos afirmar que aquele que narra, não é o mesmo que viveu o acontecido, antes reproduz uma lembrança ouvida de forma repetitiva ao ser contada por outros.

Esta tese encontra auxílio em Benjamin (1985, p.37), ao afirmar que "um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois".

É, pois, essa chave de rememorar o acontecido que dá conta de narrar outra história, que parte da perspectiva de história local. Ao mesmo tempo, o depoente passa a requerer reconhecimento fiduciário ao seu relato de memória, na medida em que afirma: **"*Olha aqui é o canhão que eu disse que tinha aqui na igreja, como vocês pode ver, ele é todo de ferro, é bem pesado mermo. Então essa é a prova de que a Cabanagem passou mesmo também por aqui né?".***

Isto nos lembra da discussão de Ricoeur (2007, p.172-173) acerca dos postulados metodológicos dos testemunhos fiduciários, testemunhos que conclamam por reconhecimento da veracidade sobre o que narram, é como se o

depoente, a princípio, declarasse a si mesmo testemunha e atestasse aos vestígios a qualidade de provas incontestáveis ou legitimáveis do acontecido.

Imagens do Canhão e Igreja de Vila Franca
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2010

Depoimento 3 (D. Maria Zenaide [214]).

D. Maria Zenaide
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2010

[214] Comunitária (in memorian em 23/12/2011) do quilombo urbano dos remanescentes de Arapemã no bairro Pérola do Maicá em Santarém.

A terceira entrevista ocorreu com D. Maria Zenaide no quilombo urbano dos remanescentes de Arapemã no bairro Pérola do Maicá em Santarém.

> Sou viúva, mãe de 9 filhos (1 morto e 8 entre mulheres e homens). Sou nascida , criada e casada em arapemã.
> Teve uma revolta em uma praia em Santarém, que por causa do movimento recebeu o nome de Praia da Revolta. As pessoas tem medo de passar na Praia da Revolta pela noite, pois ouvem muitos gemidos, pedidos de socorro, sangue inocente clamando por justiça, visagens espíritos dos mortos atormentados que não conseguem descansar em paz.
> Sobre a Cabanagem, o que eu sei... é, é ...
> **Moravam lá no Curuatinga, lá dentro mesmo onde só tinha mesmo os cabanos e os empregados que chamavam.** Lá nesse lugar, na Santa Catarina é que morava 3 patrão com os empregados, com os com os capanga dos empregados.
> Aí lá eles viveram muito tempo lá, e aí tinha um lá que era o rei mesmo, o dono. Aí quando o pessoal queria sair de lá, eles diziam assim: "Seu fulano [patrão] eu quero ir me embora daqui", ele [patrão] dizia: "Tá, tu vai".
> [patrão] pegava primeiro a mulher dele, se servia, mandava torar o pescoço, jogava o corpo fora e a cabeça metia no pau e ficava lá.
> Aí quando chegava a vez dele [o empregado], [patrão dizia] "é vou te pagar. Quanto eu ti devo?" [empregado dizia] tanto [R$]. [patrão dizia] Aí pega o dinheiro, pegava o dinheiro, aí quando chegava lá dava o dinheiro [para o empregado]. Chamava os outros [empregados, e dizia] "vai levar ele lá naquele lugar, lá tu mata e trás o dinheiro de volta".
> E assim eles faziam, levavam lá pro meio do mato, lá eles matavam, tiravam, e deixavam o corpo lá, e traziam o dinheiro pro patrão de vorta.
> Assim foi prolongando os tempos, os tempos, o pessoal sempre matando pessoal**. Até que um dia chegou lá mesmo nessa comunidade, um tal de um maranhense que chamavam de, o apelido dele era "Amarelinho".**
> Aí todo tempo ele [patrão] tá assim, matando os outros, batendo, escurraçando as mulher, se servindo das mulher dos empregado e mandando embora outros que ficavam por lá jogado.
> Até que esse Amarelinho chegou um dia por lá, e disse assim "tem emprego aí pra mim?" Ele [patrão] disse tem. Aí deram uma vaga pra ele trabalhar.
> Então ele disse, o patrão disse, "a hora de trabalhar, a hora de se levantar pra ir pro trabalho é 03:00hrs da madrugada, a hora que os cabocos, que todo mundo levanta, pega no facão pra ir pro trabalho". Ele [amarelinho] disse "tá, pode deixar".
> Atou a redinha dele lá e ficou lá. Aí quando foi 03:00hrs o pessoal tudo, os que trabalhavam com ele, tinham muito medo dele, se levantaram cedo, todo mundo arrumou sua redinha e ferra, amolando o terçado, amolando, amolando... E chegaram [outros empregados] perto dele [amarelinho] e disseram "tu não vai levantar meu amigo?" Ele disse "eu não, eu não vou levantar". Porque? [Amarelinho respondeu] Porque não é hora de trabalhar uma hora dessa, eu não vou levantar não. Ele [empregado] disse: "olha o patrão vai te jogar da rede". Ele [Amarelinho] disse: "deixa ele vim. Deixa ele vim".
> Aí chegou lá [patrão], e ele disse: "cadê o fulano?" [Amarelinho], aí o outro disse: "tá na rede". [patrão] Ah ele não levantou não? Vai levantar agora.
> [patrão] Chegou lá, ele bateu [na rede], ei meu amigo tá na hora do serviço. Ele [Amarelinho] disse: "é? Só que eu não vou trabalhar agora não. A hora de eu pegar no trabalho é 07:00hrs da manhã, é a hora que eu vou trabalhar, pra ir trabalhar".
> [patrão falou] "Além de tu ser peque".. Diz que era bem pequeno. "Além, de tu ser bem pequeno, tu ainda é atrevido é?". Aí ele [patrão] pegou no cabo

> do revolver, e quando ele puxou pra atirar, ele [amarelinho] meteu-lhe a faca – "tchá"- e ele [patrão] ficou lá.
> E ele [amarelinho] olha, pegou um botinho e se mandou, fugiu, fugiu saiu pelo mundo a fora, não sabe onde foi parar. E os outros [empregados e escravos] nessa ocasião que ele fez, que matou o patrão né? **Os outros que eram, que serviam de escravo começaram a fugir pra todo canto. O caso do Amarelinho deu início a fuga e a luta dos escravos da região na época da Cabanagem e o refúgio deles nas margens dos rios da região, dos quais fundaram os mocambos, os quilombo da região** (grifo nosso) **[sic]**.

Em depoimento, D. Zenaide atribui o início da Cabanagem a um maranhense de apelido "Amarelinho". Segundo a depoente, a cabanagem teria emergido da fuga de escravos de uma propriedade em Curuatinga. Estes escravos foragidos teriam fundado os quilombos e cacoais ao longo dos rios Tapajós e Amazonas, e suas bandeiras de lutas teriam nascido a partir do momento em que passaram a organizar incursões a várias fazendas da região para libertar os compatriotas negros.

Esta versão protagonista de uma Cabanagem negra é recorrente entre os membros do quilombo pérola do Maicá e outros quilombos como Saracura e Arapemã. Dada a amplitude e distanciamento geográfico entre as comunidades, e ainda assim o discurso ser semelhante, em nosso entendimento, inferimos que o discurso está imbuído na perspectiva de Memória Coletiva. Esta por sua vez, antes de ser uma memória individualizada, é compartilhada no seio de uma mesma etnia, que alimenta o entendimento de uma revolta negra como gênese e protagonista da Cabanagem no Pará.

Ocorre, porém que:

> Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2006, p.39).

É neste ponto que, em Halbwachs, situa-se uma notável distinção entre a "memória histórica", de um lado, pressupondo a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada sobre o passado reinventado, e por outro

lado a "memória coletiva", que magicamente recompõe o passado [215], ou melhor, percebe as representações como construções que os grupos fazem sobre suas práticas. Sendo que essas práticas não são possíveis de serem percebidas em sua integridade plena, elas somente existem enquanto representações [216].

Depoimento 4 (D. Benvinda da Silva [217]).

D. Benvinda da Silva
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2010

> **A história que eles [tios dela] contavam pra mim era que a luta era lá no Cuipiranga, mas também o pessoal daqui também lutavam dizia o papai.**
> **... enterraram aqui essa santa na época da Cabanagem** [N.ª Srª. da Assunção],
> Aqui também tinha uma mulher que veio pra cá na época dos portugueses, eu esqueci o nome dela. Ela era parente da Rainha, assim contaram né? E ela tinha uma casa, ainda aparece ali o lugar, um monte de pedra.
> Diz que ela tinha muitas, como é que chamava na época? As mulheres que trabalhavam com ela, as escravas. Aí ela pagava com adorno, adorno é negócio de joias, **e aí na época, na época da Cabanagem elas [escravas]**

---

[215] Cf. **HALBWACHS**, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ªed. 7ª reimpressão.São Paulo: Centauro, 2006. p.13.

[216] Seguindo a tese de Chartier, nenhum texto traduz a realidade, nenhum texto apreende a realidade em sua totalidade, "o real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é". Cf. **CHARTIER**, Roger. Por uma sociologia das práticas culturais. In: ***A História Cultural*: entre práticas e representações**. São Paulo: Difel; Bertrand/Brasil, 1990, p.13-28; **GINZBURG**, Carlo. **Olhos de Madeira: Nove Reflexões sobre a Distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

[217] Comunitária e artesã de Vila Franca.

> **pegavam e enterravam essas joias, e inclusive aí nessa igreja, onde tinha essa santa de ouro.**
> [...]
> **Aí eles** [moradores de Vila Franca] **pegaram o que podiam de pegar e enterraram junto com essa santa.**
> **É essa história que contam, que contavam né? E agora eu também conto porque já soube deles.**
> **E, ainda cavaram aí em 1974, eles cavaram aí, nesse sonho de descobrir** [o ouro], **mas não, o que encontraram muito foram pedaços de ossos, osso. Ossos, eles encontraram muito, mas negócio de santa** [balança a cabeça de forma negativa, afirmando que nada encontraram] (grifo nosso) **[sic]**.

No depoimento de Dona Benvinda, são relatados acontecimentos muito frequentes na época da Cabanagem. A prática de enterrar tesouros, bens e joias narrada por ela, também se fez recorrente nas falas do Seu Cláudio e do Enoque Arapiun.

> Em princípio de 1835 já a situação era sombria. Os sediciosos se espalhavam em grupos armados que assaltavam povoações, fazendas, sítios, matando, devastando, saqueando, [...] Quem podia fugir, fugia, enterrando seus haveres, jóias e objetos de valor, esperando recuperá-los mais tarde, quando chegasse o fim da guerra civil (SANTOS 1999, p.197-198).

O texto de Paulo Rodrigues dos Santos narra as principais formas dos lusos-paraenses guarnecerem seus bens, joias e objetos de valor. Prática comum adotada para que passados os tempos de revolta, desenterrassem e revessem os mesmos.

> [...] na época da revolta, muitos fazendeiros e elitizados escondiam suas riquezas para não serem saqueados pelos cabanos, no engenho [Taperinha] não foi diferente, há vestígios que na Alcova da mansão havia um buraco que supostamente foi utilizado para tais fins de prevenção contra os revoltosos (MELO 2009, p. 414).

Vila Franca - O te souro do Arapiuns

Apoio: Dep. Benedi

Matéria sobre as Relíquias perdidas na época da Cabnagem
Fonte: Jornal O TAPAJÓS
Edição: 8-10 de Janeiro de 1991

D. Benvinda ainda em depoimento afirma que na época da Cabanagem **enterraram a santa** [N.ª Srª. da Assunção], e, **ainda cavaram aí em 1974, eles cavaram aí, nesse sonho de descobrir [o ouro], mas não, o que encontraram muito foram pedaços de ossos.**

Segundo a crença na região, antes da Cabanagem, Vila Franca despontava como uma das maiores e mais estruturadas Vilas do Baixo Tapajós. Entretanto, após a guerra da Cabanagem, a Vila foi regredindo e perdendo títulos até se tornar apenas uma comunidade de Santarém. Muitos atribuem esse retrocesso justamente à perda da santa de N.ª Srª da Assunção, sem a presença da protetora da Vila, a localidade foi minguando até perder sua participação e prestígio político-econômico no Baixo Tapajós.

Além dessa história de retrocesso em Vila Franca (o mesmo ocorre na Vila de Boim com St.º Ignácio de Loyola), outras histórias sobre os tesouros da Cabanagem permeiam o micro mundo social do Pará, dentre as quais destacamos:

> [...] outros prometiam a alforria a seus escravos desde que estes acompanhassem seus senhores num último trabalho: os Senhores de Engenho e/ou os membros da elite aristocrata do Baixo Amazonas faziam o escravo cavar um buraco profundo em um ambiente localizável e próximo a

algo que o identificasse posteriormente, assim que pronto, enterrava suas joias, dinheiro, baixela de prata, pratos de porcelana, e todos os tipos de riqueza que julgavam ser de alto valor. Feito isto, o senhor acabava assassinando o escravo que levava consigo (devido este último conhecer o segredo e o local certo do tesouro) jogando-o no buraco e em seguida fechando. Estes acontecimentos ocorridos durante a Cabanagem alimentam o misticismo amazônida de que estes "supostos negros" que foram assassinados e tiveram suas almas presas nestes buracos, revelam em forma de sonhos estes tesouros na ânsia de alcançarem sua paz de espírito e descanso eterno (MELO 2013b, p.16).

Depoimento 5 (Manoel Goudinho Duarte [218]).

Seu Manoel Goudinho
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2010

Sou de Anã, quando jovem fui para Vila Franca e depois vim para Santarém, de onde sempre retorno as minhas origens. Sou bisneto de índia legítima e **as histórias que sei foram repassadas para minha avó, minha mãe, até chegar a mim.**

Minha mãe era oleira, mas tenho arrependimento de não ter uma peça sequer dela. As peças rústicas que tenho são diferentes das modernas. Muitas são de procedência e estilo dos Tapajó, como pedra branca e pintadas de pó branco e giz que eram assados juntos com o barro.

Muitas das histórias que eu sei é fruto do hábito e costume das famílias de nossa região, que após o almoço nos reuníamos nas varandas da casa ou na cozinha e passávamos a ouvir histórias do papai e da mamãe, que sempre deixavam um gostinho de quero mais para o outro dia ao interromper a história e deixa-la para outro dia.

A história da Cabanagem do ponto de vista cabano foi uma revolta por causa do estilo de vida que esses trabalhadores passavam. Eles queriam organizar-se para depor [movimento] na sede do governo em Belém. Em Belém havia o mobilizador, o animador do movimento, o Cônego Batista Campos. Só que pra época, na época da Cabanagem a situação era muito

[218] Morador do Bairro do Mapiri em Santarém e ex-ator de teatro amador comunitário. Entrevista concedida em 23 de Maio de 2010 no Convento Franciscano em Santarém – Pará.

difícil né? De Belém pra cá [Santarém] se levava um tempo pra chegar, não tinha essa facilidade que nós temos hoje. Então eles tinham essa dificuldade, por isso acabou estendendo, alongando o tempo de resistência dos trabalhadores, dos cabanos.

Os mais velhos diziam que os pontos de maior resistência foi em Cuipiranga, na Vila de Arimun e na Ponta do Macaco perto da Vila Brasil.

Eu conheço uma miga em Alter-do-Chão que conta que a avó dela quando criança aos seus 12 anos de idade viu os pais morrerem nas mãos dos cabanos.

E ela, depois que foi entender porque...

Porque o pai dela não quis ficar do lado dos cabanos mesmo estando na mesma situação de opressão.

Então o que, que eles pensavam **"Se está sofrendo que nem nós na mesma situação e não quer apoiar o nosso movimento, vai nos dedurar, vai enfraquecer o movimento", e é aí que eles [cabanos] acabavam realmente algumas famílias, talvez exterminadas.** Não tinha outro jeito, a forma deles fortalecerem o movimento era "Se tá do nosso lado, veste a cor vermelha, se não veste , tá do lado do governo, e se tá do lado do governo é inimigo nosso", não tem esse negócio não era assim que, esse era o pensamento que eles tinham pra poder se defender no movimento.

Muitos se perguntam porque os cabanos usavam roupas vermelhas? E afirmavam que eram o sangue. Mas na verdade por não terem dinheiro e serem pobres, tingiam **suas roupas com casca de crajiru, muruci, axuá e urucum, para evitar que companheiros fossem mortos, porque se estivessem usando vermelho estava do lado cabano, se não usasse vermelho era inimigo. Era uma forma de identificar companheiros em qualquer local de conflito, porque a guerra da cabanagem foi no Estado né? Ela foi na região do Pará todo, ela não foi só aqui no município** [Santarém].

Então de repente havendo necessidade de ir a outro município, hoje município, eles sabiam que aqueles que estiverem com a cor vermelha, certamente estão do nosso lado e aí nós não podemos combater aqueles que são nossos companheiros.

O governo mandou um navio pra Cuipiranga, pra botar o fim na resistência dos cabanos né? E eles não tinham armas, eles não tinham dinheiro, eram pessoas sofridas, e, mas eles tinham pensamento e força, e eles pegaram e organizaram então, uma forma de defesa. **Encheram a praia de Cuipiranga, que é uma praia pequena, de toras de Palmeiras, pintaram com breu pra ficar na cor preta e colocaram em cima de estacas, que apontadas pra cá, no sentido pra cá pra cidade, que a distancia pareciam canhões.**

Quando o navio dobrou a Ponta do Jari, que através do binóculo puderam localizar a praia, eles [soldados] viram quem havia um arsenal muito forte ali, muito grande, voltaram e pediram apoio pra Belém, e Belém mandou 2 navios de guerra prontos pra um combate, e quando dobraram de volta [o Jari em direção a Cuipiranga] foram logo abrindo o caminho a bala.

Só que o inimigo [cabanos] não reagia, e isso chamou a atenção [soldados], quando chegaram mais próximo, foram ver, soltaram os botes dando proteção aos que tavam no bote, chegaram na margem foram ver que eram apenas toras de palmeira pintadas de breu, colocadas pelos cabanos, mas não havia nenhum cabano lá.

Enquanto eles faziam essa forma de defesa, ganhavam tempo pra fugir né? Pra se defender, e isso não ficou registrado na história que o governo nos conta, que os livro nos conta, mas ficou conhecido como a maior vergonha pro governo do Pará, porque gastou tanta munição combatendo apenas toras de palmeira pintadas com breu.

Os cabanos combatiam na região os fazendeiros, os homens ricos, porque eles escravizavam seus empregados. **A partir disso surgiram histórias**

> **que devido o medo da pobreza e de serem saqueados pelos cabanos enterravam suas riquezas em panelas e objetos de barro geralmente próximos a uma grande pedra ou uma grande árvore; a partir disso os fazendeiros levavam negros, pais de família que cavavam os buracos enterravam as riquezas e logo em seguida eram mortos pelos fazendeiros, para que estes fossem os únicos a saberem do segredo e local onde foi enterrado, devido o medo de o negro poder voltar ao lugar e desenterrar suas riquezas.**
> **Aí surgi no interior, histórias de que quem encontrasse tesouros eram perseguidos por pretos velhos.** A Cabanagem foi a revolta do menor contra o maior, do oprimido contra o dominador.
> **Para mim o que contribuiu para o esquecimento da Cabanagem, eram as histórias sangrentas contadas pelos nossos pais e as voadeiras que os padres e missionários subiam na região fluvial ribeirinha. Porque eu me lembro que quando criança, quando a gente ouvia barulho de barcos e voadeiras, os mais velhos diziam pra gente entrar pra casa e se esconder que eram cabanos vindo acabar com tudo e matar a todos...**
> **Mas não era não, eram apenas padres e missionários** (grifo nosso) **[sic]**.

O depoimento de Seu Manoel Goudinho é uma narração com grandes riquezas de detalhes, pois suas falas são fundamentadas naquilo que Maurice Halbwachs nomeou como memória histórica e memória coletiva.

Seu Manoel narra que, por não terem dinheiro e serem pobres, os cabanos tingiam suas "roupas com casca de crajiru, muruci, axuá e urucum, para evitar que companheiros fossem mortos, porque se estivessem usando vermelho estavam do lado cabano, se não usassem vermelho eram inimigos. Era uma forma de identificar companheiros em qualquer local de conflito".

Semelhante estratégia era usada pelos Cabanos de Vicente de Paula nas matas de Pernambuco, os quais trajavam "camisa e ceroula tinta" [219], usavam roupas tingidas para reconhecer seus pares em meio a combate.

Embora a narrativa de Seu Manoel apresente elementos de uma memória híbrida, que juntou tanto o conhecimento popular como o letrado, ela não deve ser descartada, tendo em vista que tudo pode convencionar-se como documento pelo historiador.

O relato de Seu Manoel vem trazer à discussão a dimensão das barbáries e exageros entre cabanos e anticabanos. Esclarecendo a tese que defendemos, a de que durante uma guerra o cotidiano familiar, econômico, político e social é abalado

---

[219] Cf. página 93 desta Dissertação.

e, por assim dizer, desestruturado, em tempos de guerra só existe um lema “matar ou morrer”.

Não queremos fazer uma construção imagética dos cabanos como algoz ou como heróis, pelo contrário, queremos mostrar que quando existem arbitrariedades e processos de subalternidade, o menor, o oprimido, levanta-se e provoca uma convulsão nos arranjos políticos.

No entanto, nos discursos há uma convergência de fatos. A Cabanagem, para muitos desses depoentes, foi um acontecimento que pôde mostrar a inteligência tática dos cabanos ao usarem trincheiras e construírem uma praça com canhões feitos de tronco de palmeiras. Além disso, para os comunitários, a guerra da Cabanagem foi responsável por derramar muito sangue na areia da praia de Cuipiranga, deixando muitas “almas a solta, sem alcançarem seu destino”.

No entanto, convém estabelecer que nenhum destes depoimentos podem ser encarados como memórias de experiência, visto que nenhum colaborador viveu o tempo presente da Cabanagem em meados do século XIX. Poderíamos classificar seus relatos somente como prática discursiva da memória coletiva?

Segundo Sarlo (2007, p. 90-91):

> É impossível (a não ser num processo de identificação subjetiva inabitual, que ninguém consideraria normal) lembrar em termos de experiência fatos que não foram experimentados pelo sujeito. Esses fatos só são “lembrados” porque fazem parte de um cânone de memória escolar, institucional, político e até familiar (a lembrança em abismo: “lembro que meu pai lembrava”, “lembro que na escola ensinavam”, “lembro que aquele monumento lembrava”).
> [...]
> Marianne Hirsch chama de “pós-memória” [...] Como pós-memória se designaria a memória da geração seguinte àquela que sofreu ou protagonizou os acontecimentos (quer dizer: a pós-memória seria a “memória” dos filhos sobre a memória dos pais).

A proposta metodológica da “pós-memória” defendida por Beatriz Sarlo coloca em questão o uso de memória e a apropriação de memória de descendentes sobre seus genitores e ascendentes, estabelecendo, acima de tudo, o caráter vicário dos depoimentos da pós-memória.

> A pós-memória, que tem a memória em seu centro, seria a reconstituição memorialística da memória em seu centro, seria a reconstituição

> memorialística da memória de fatos recentes não vividos pelo sujeito que os reconstitui e, por isso são qualificados como “vicária”, pois implica sujeitos que procuram entender alguma coisa colocando-se, pela imaginação ou pelo conhecimento, no lugar dos que a viveram de fato. Toda narração do passado é uma representação, algo dito no lugar de um fato. (SARLO 2007, p. 93).

No cerne do uso da pós-memória, convencionamos afirmar que os novos sujeitos do novo passado são esses “caçadores furtivos”, que podem fazer da necessidade virtude, modificando sem espalhafato e com astúcia suas condições de vida, cujas práticas são mais independentes do que pensaram as teorias da ideologia, da hegemonia e das condições materiais, inspiradas nos distintos marxismos. No campo desses sujeitos há princípios de rebeldia e princípios de conservação da identidade, dois traços que as “políticas da identidade” valorizam como auto constituintes.

“Esses sujeitos marginais, que teriam sido relativamente ignorados em outros modos de narração do passado, demandam novas exigências de método e tendem à escuta sistemática dos ‘discursos de memória’” [220]. Fala-se do passado sem suspender o presente e, muitas vezes, implicando também o futuro. “Lembra-se, narra-se ou se remete ao passado por um tipo de relato de personagens, de relação entre suas ações voluntárias e involuntárias, abertas e secretas, definidas por objetivos ou inconscientes” (SARLO 2007).

Assim, essas histórias locais com suas visões particulares de como eclodiu e como ocorreu a Cabanagem no Baixo Tapajós, enriquecem, ainda mais, a construção de uma historiografia da Cabanagem, para além das documentações escritas, dando atenção para os testemunhos enquanto documentos.

Essas histórias da Cabanagem, que permeiam porções de historicidade e porções de ficção, galvanizam o processo de pertencimento social, na medida em que a pós-memória passa a ser ativada dentro da perspectiva da memória coletiva. Visto que toda história foi, é e será história do tempo presente (KOSELLECK 2001, p.119).

---

[220] **SARLO**, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 16-17.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certeau [221] ressalta que toda escritura histórica, seja qual for sua forma, é uma narrativa que constrói seu discurso de acordo com processos de "narrativização", que reorganizam e reordenam as operações da pesquisa. Para Certeau, o que determinam as escolhas dos historiadores (no recorte dos objetos, na preferência dada a uma forma de trabalho, na eleição de um modo de escritura) é muito mais o lugar que eles ocupam na "instituição de saber" do que o prazer de sua subjetividade. O que dá coerência ao seu discurso não é, ou não somente, o respeito às regras próprias aos gêneros literários que eles empregam, mas as práticas específicas determinadas pelas técnicas de sua disciplina.

Não obstante, para Pamuk [222] a poesia e a transformação do mundo estão contempladas na questão mais importante, que opera no poder da imaginação como "a capacidade de transmitir significados aos outros", e não como meio para "falsificar ou fantasiar a realidade", modo pelo qual, muitas vezes, a imaginação é compreendida.

Semelhante aos poetas, também os historiadores têm a intenção de "transmitir significados aos outros", realizar leituras diversificadas e elaborar análises que desloquem evidências simplificadoras, estruturando a narrativa histórica. Investigam e relatam, assim, as especificidades da vida cotidiana, da guerra, da morte; e ao criarem correspondências e diferenças praticam e compõem experiências.

Ginzburg (2007, p.13) destaca:

> [...] **Todos os fatos históricos são permeados de sentidos verdadeiros, falsos e fictícios, mas que, no entanto dão significância ao descortinar historiográfico por não buscar uma verdade absoluta**, pelo contrário, delimita-se a entender as mentalidades que levaram os personagens de uma época a realizar ações muitas vezes incompreendidas no presente – a micro história (grifo nosso).

Os historiadores - escreveu Aristóteles (Poética, 51b) – falam do que foi (do "verdadeiro" – se é que existe uma única verdade), os poetas, daquilo que poderia

---

[221] **CERTEAU**, Michel de. "L'opération historiographique", In: **L'Ecriture de l'histoire**. Paris: Gallimard, 1975, p. 63.

[222] **PAMUK**, Orhan. **A maleta do meu pai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.67.

ter sido (do possível). Mas, naturalmente, o verdadeiro é um ponto de chegada, não um ponto de partida. Os historiadores (e, de outra maneira, também os poetas) têm como ofício alguma coisa que é parte da vida de todos: destrinchar o entrelaçamento de verdadeiro, falso e fictício que é a trama do nosso estar no mundo [223].

> A busca por uma "verdade totalitária" exclui a relatividade, a dúvida, a interrogação; a busca pela "verdade absoluta" na história, além de ser um erro, inibe a criatividade na produção da narrativa histórica (KUNDERA, 2009, p. 20).

Em outras palavras, "o problema mais importante relacionado a uma fonte não é saber se ela é verdadeira ou falsa, mas descobrir o que ela significa" [224].

> Rastros, documentos, perguntas formam assim o tripé de base do conhecimento histórico. Para o historiador, o documento não está simplesmente dado, como a ideia de rastro deixado poderia sugerir. Ele é procurado e encontrado. Bem mais que isso, ele é circunscrito, e nesse sentido constituído, instituído documento, pelo questionamento. Torna-se assim documento tudo o que pode ser interrogado por um historiador com a ideia de nele encontrar uma informação sobre o passado. (RICOEUR, 2007, p.188-189).

Segundo Melo [225] contrapondo as críticas de Jenkins [226], podemos afirmar que a história, bem como sua produção historiográfica, não labuta pela busca do ineditismo, ou uma "verdade absoluta" que se encontra escondida ou adormecida em documentações de acervos públicos ou tampouco nas memórias "fiduciárias" narradas por testemunhas. A questão não é mais estudar a origem ou a causa, a finalidade ou a consequência, nem tampouco debater a validade das fontes, mas sim as relações, o "que se passa entre" [227].

---

[223] **GINZBURG**, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. [tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão]. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.14.

[224] **ARRAIS**, Cristiano Alencar. A **filosofia da História de R. G. Collingwood: duas contribuições.** Vitória: Dimensões, vol. 24, 2010, p.44.

[225] **MELO,** Wilverson Rodrigo S. de. A Historiografia sob a ótica da Filosofia da história. In: **II Encontro Nacional de Pesquisa na Graduação em Filosofia**, 2012, Belém. **O Ensino e a Pesquisa em Filosofia, suas perspectivas no Brasil**. Belém: Editora da UFPA, 2012. v. 1. p. 44.

[226] **JENKINS**, Keith. **A História repensada**. Tradução de Mario Vilela. Revisão Técnica de Margareth Rago. São Paulo, Contexto, 2001. p.43.

[227] **DELEUZE**, Gilles. **Conversações.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p.151.

Dito isto, afirmamos que a Revolta-Revolução da Cabanagem foi mais uma culminância do que um ponto de partida. No emaranhado de tensões sociais desde o período colonial, a eclosão da Cabanagem significou o estopim de um processo de tensão sócio-político e econômico fruto da administração Lusa e posteriormente brasileira nata e adotiva, que impôs a população marginal paraense uma condição de subalternidade.

A Cabanagem foi uma guerra proveniente da luta de classes, da condição sócio-econômica em que se achava a Província. Foi uma luta do oprimido contra o opressor, da aristocracia luso-paraense contra os marginais paraenses natos.

Desde o período pombalino, com a implantação do Diretório, as tensões sociais e econômicas no Pará passaram a emergir através de conflitos entre índios, igreja e administração lusa, onde grande parte da elite paraense buscava capturar índios, para ser mão de obra escrava nas plantações de cacau, nas lavouras de mandioca e na atividade pecuarista.

Essa política do Diretório, em vigor durante o governo do Rei D. José I, foi tentativa de civilizar, aculturar e impor os moldes de comportamento social português aos índios. Os índios passaram a sofrer um duplo processo de homogeneização e alienação cultural, provenientes das atividades catequizadoras das ordens religiosas e do fortalecimento e ampliação desta política pelo Diretório.

Com esta política, os índios forçadamente foram obrigados a conviverem com diferentes etnias, em diferentes hierarquias sociais e passaram a desenvolver uma forte intensificação de rivalidades e revanchismo tribais.

Seguindo nesta linha tênue, os “tapuios e mamelucos”, na perspectiva pejorativa de Veríssimo, seriam:

> O resultado do que haveria de pior na “civilização”. Por se tratar de “castas escravas”, outrora “selvagens”, teriam sido educados para a degradação, ou odiariam a “civilização” ou apenas compartilhariam seus “vícios”. Seriam eles os “escravos” que trabalhariam para construir a dita “civilização” na Amazônia, da qual não faziam parte. Os tapuios e mamelucos seriam “gente degradada” utilizada para serviços úteis. (Raio, 1970, p. 17).

Ao realizar tal afirmativa, Veríssimo deixa escapar em sua análise, justamente uma questão étnica racial, que envolvia os grupos de índios e de tapuios. Na

configuração social do Pará no século XIX, os índios encaravam como menosprezo e aversão qualquer forma de comparação de si com os tapuios. Os índios recusavam-se a realizar trabalhos compulsórios que beiravam a escravidão, por assimilarem a partir dos discursos políticos que eram considerados cidadãos desde o Diretório Pombalino e tais atribuições trabalhistas deveriam ser exercidas pelos "tapuios", que eram vistos pelos índios como vassalos do Estado e da Igreja.

Para Veríssimo, assim como para Raiol, as motivações para a sublevação de motins políticos a condição de Cabanagem foram **"as lutas dos colonos com a metrópole, ou antes, com as autoridades que a representavam, por causa dos índios que queriam para escravos** [...] e desmoralização do princípio de autoridade clerical" (Raiol,1970, p. 97. grifo nosso). Dito em outras palavras, para Raiol a principal causa para a eclosão da Cabanagem foi a luta de classes entre os índios, mamelucos e tapuios contra as autoridades que representavam o poder Luso na Província, e tudo isto em favor da liberdade e contra a possibilidade de escravidão indígena.

Nas trilhas de Veríssimo e Raiol, concordamos que o processo de aculturamento português, a imposição de escravidão indígena, a condição de subserviência religiosa e os conflitos tribais contribuíram sim, de forma direta, para a erupção de insurreições e motins protagonizados pelos indígenas contra os seus "senhores" - a Igreja e o Estado, ou pelo menos contra os agentes institucionais que as representavam. No entanto, não podem ser consideradas como únicas variáveis, nesse longo processo que desencadeou a eclosão da Cabanagem em 1835.

Os movimentos políticos e econômicos pelos quais passava a província paraense, na virada do século XVIII para o XIX, não se encontravam alheios ou dissociados dos acontecimentos sócio-políticos, que ocorriam no mesmo período no contexto internacional e até mesmo a nível de Colônia de Portugal. Isto implica dizer que a posição geográfica do Grão-Pará e sua submissão a autarquia direta de Lisboa colocavam a província do Norte exposta a qualquer modificação ou abalo que Portugal viesse a sofrer ou passar.

Não por acaso, o Brasil, no início do século XIX, passou a sofrer influência direta dos acontecimentos recorrentes na Europa, América do Norte e Caribe. O modelo de independência das Treze Colônias inglesas e a Revolução Francesa

despertavam, no mundo inteiro, a possibilidade de uma forma de governo que não fosse o monarquismo, e o Brasil não fugia a esta tendência, muitos políticos atuantes e pessoas engajadas socialmente passaram a sonhar e a verbalizar a possibilidade de um governo republicano, que expressasse um dinamismo democrático de participação humana nas tomadas de decisão da Nação.

Essas mudanças políticas no cenário internacional começaram a desequilibrar e a instaurar momento de crise no sistema colonial ibérico na América. O Império Napoleônico começava a preocupar as monarquias absolutistas na Europa, ao passo que o exemplo bem sucedido de independência Haitiana aterrorizava as elites coloniais na América, que temiam que esses ideais libertários pudessem se espalhar pela colônia – e isto ocorreu.

A política expansionista de Napoleão provocou a fuga da família real portuguesa para o Brasil, dando início ao processo de emancipação política da colônia de Vera Cruz. Acordos bilaterais de Portugal com a Inglaterra, a invasão de tropas brasileiras, sobretudo paraenses à Guiana Francesa, o aumento dos encargos tributários para o sustento da nobreza no Brasil e a repressão do Governo Joanino a Insurreição Pernambucana de 1817 vão aumentando os descontentamentos da população paraense.

No início de 1820, é a Revolução Liberal do Porto e sua tentativa de recolonização do Brasil com a atuação da imprensa de Patroni que vão movimentar o Pará. Os processos subsequentes que incorporam o regresso de D. João VI a Portugal e a permanência de D. Pedro I no Brasil, o qual proclama a independência desta Nação dão conta de efervescer ainda mais os ânimos na província do Norte, pois na lógica política, os paraenses, auto nomeados como brasileiros natos não viram nenhum tipo de mudança social ou administrativa na Província em virtude desta ter aderido à Independência do Brasil, em Agosto de 1823. Pelo contrário, mudaram-se os atores, mas permaneceram os mesmos personagens, saiu do controle da província a elite colonial lusa e passou a assumir o controle a elite colonial brasileira adotiva. Em tese, para a população menos abastada da província, o processo de adesão do Pará à unificação da América Portuguesa, não provocou grandes mudanças ou transformações no cenário social paraense que diferenciasse ao do período colonial.

Nesse emaranhado, nessa teia de relações sociais e de poder que assolavam a província do Grão-Pará desde 1750, movimentos de insurreição no Acará, Cametá e Monte Alegre deram conta de borbulhar ainda mais os furúnculos do tecido social. Os momentos de tensão e reivindicação se alastram por toda a província paraense por meio das redes de comunicação criadas pelas confederações contestatórias.

Neste cenário, emerge no Pará o responsável por galvanizar os retalhos e dissabores políticos nas regiões do Acará, Marajó, Alto e Baixo Amazonas. Batista Campos, na perspectiva de chegar ao poder utiliza subterfúgios de persuasão para convencer a população paraense de diferentes classes sociais para aderir a um movimento contestatório, prometendo unificar o Pará e exaurir as mazelas sociais.

Parte da sociedade mais aristocrática é seduzida a participar do movimento com a prerrogativa de conquistar lugares institucionais de prestígio político e social. A população marginal, de um modo geral, via no movimento de contestação uma possibilidade de projeto de futuro e de mudança do cenário de pobreza no qual estavam inseridos. Estes últimos, por sua vez, eram convencidos e cooptados das fazendas privadas, fábricas e roças nacionais (mantidas debaixo dos nomes de Pesqueiro de Peixe e de Plantação de Cacau) nas vilas e freguesias, para expulsar e exterminar os senhores e comandantes lusos e brasileiros adotivos. (RAIOL 1970, p. 228).

À guisa de conclusão, afirmamos que o cenário de tensões emergidos no Pará desde os tempos coloniais foi produzindo “rusgas”, que, como um barril de pólvora, estava preste a estourar cada vez que algum movimento de rebelião deflagrava na província paraense.

Partindo desta premissa, defendemos aqui a principal tese deste trabalho, ao afirmar que a eclosão da Cabanagem em Janeiro de 1835 não deve ser vista como o ponto de partida dos acontecimentos políticos desta província, mas sim como o ponto de chegada. Afirmamos que não é a Cabanagem que inaugura tempos de revolta no Pará, o processo de rebelião instaurado em 1835 com a tomada da Capital era um levante amotinado, semelhante as demais insurreições ocorridas ao longo da década de 20 do século XIX. Ocorre, porém, que o movimento de janeiro de 1835 se diferenciou dos demais justamente pelo acúmulo de “rusgas” dos

movimentos anteriores, o que propiciou em 1835 uma tomada efetiva de poder e controle da província.

Se por um lado são “as rusgas” que propiciam o êxito e durabilidade da revolta em 1835, por outro lado, afirmamos que a cena da tomada da Capital no 7 de janeiro é uma culminância dos levantes e insurreições que nasceram no interior. As contestações, pensamentos rebeldes e levantes que se propagavam pelos campos, matas e rios da Amazônia desembarcariam naquele dia de São Tomé de 1835 e mudariam e se perpetuariam no panteão da História Social da Amazônia.

Nos confrontos da Cabanagem, parecia haver dois movimentos fundamentais. Um era a tomada dos centros políticos do Grão-Pará: as vilas, centros dos distritos do interior, e a Cidade do Pará, centro do Estado. O outro era o afastamento destes centros. Diversas populações, nesta época, migraram em direção ao alto curso dos rios, para regiões de interflúvio, de difícil acesso. Os conflitos da cabanagem pode-se dizer, perpassavam movimentos de nacionalização e tribalização; entre a calha dos grandes rios e as áreas de cabeceiras. É possível que se afirme que os grupos que tomaram as diversas vilas pelo interior, tal como a capital, eram misturados; envolviam diversos agentes em torno de algumas lideranças. (LIMA, 2008, p. 84).

Não dissociável deste arcabouço geral da Cabanagem, a região do Baixo Tapajós configurou-se como o maior reduto de resistência da Cabanagem em todo o Grão-Pará. Por sua localização geográfica e por ser rica em recursos naturais, essa relação de meio ambiente/natureza e historicidade propiciará palcos de grande resistência nesta microrregião situada na Mesoregião do Baixo Amazonas, tais como: Santarém, Pinhel, Cuipiranga.

E é justamente o forte, o reduto de Cuipiranga quem prolonga as lutas e alentos da população paraense, é lá, na figura imagética do Cuipiranga que os patriotas paraenses (alcunhados de cabanos) alimentam suas esperanças e salvação de mudar a província ao derrotar em combate as tropas repressoras e assim retomar o controle do Pará.

Esses personagens marginais no Baixo Tapajós e suas bandeiras de lutas, só foram possíveis de serem discutidos, porque esses agentes se apresentaram através das documentações.

Segundo Bruit (1992, p. 80) Alguém pode pensar, e com justa razão, que a ação dos vencidos aparece filtrada pela visão do vencedor. Mas, nesse caso, nos prendemos à hipótese de que a versão do vencedor só é possível a partir de seus próprios atos e, também, dos atos dos vencidos, de tal forma que essa visão e sua respectiva versão contém necessariamente a ação destes últimos, mesmo quando encoberta propositadamente. A recíproca é do mesmo modo válida, pois forma parte do conteúdo histórico do processo, mas, de alguma maneira, manifesta-se através dos próprios símbolos do vencedor. Então, é uma questão de poder traduzir os signos de uma ação para resgatar os da outra. Entretanto, não se trata de duas histórias que correm paralelas sem nunca encontrar-se, mas de uma só em que sua simbologia ora mostra o visível, ora insinua o invisível.

Dito isto, afirmamos que a análise das ações destes múltiplos personagens, que contestaram o poder e a ordem no Grão-Pará, só foi possível graças a disputa de poder existente, ainda que em sua capilaridade no período, e que ficou arquivada nas correspondências e relatórios de diversas autoridades militares com o Governo provinciano e com a Corte. É nessa tensão capilar, entre aquele que se auto declara "legal" e que alcunha o outro de "rebelde", que se torna possível dar visibilidade as formas de atuação desse sujeito marginal cabano.

E assim concebemos o entendimento de que, entre viver a história e interpretá-la, nossas vidas passam. Ao interpretá-la, vivemo-la: fazemos história; ao vivê-la, interpretamo-la: cada um de nossos atos é um signo. A história que vivemos é uma escritura; na escritura da história visível devemos ler as metamorfoses e as mudanças da história invisível. Essa leitura é uma decifração, a tradução de uma tradução: jamais leremos o original. (PAZ, 1976, p. 241).

Porque "a História jamais poderá ser totalmente contada e jamais terá um desfecho, porque nem todas as posições podem ser percorridas e sua acumulação tampouco resulta numa totalidade". (SARLO 2007, p. 42).

Diante desta episteme, defendemos aqui outra tese, a de que esta dissertação não deve se convencionar como um trabalho acabado e totalizante sobre a Cabanagem, pelo contrário, deve se configurar como mais uma entre tantas histórias que podem ser construídas e narradas, visto que a flexibilidade em interpretar e ao mesmo tempo ter acesso a novas fontes dão conta de se construírem narrativas

historiográficas, que partem de outros pontos de vistas das configurações políticas do período da Cabanagem.

Sendo assim, o historiador se posiciona na mesma atribuição de um literato ou um novelista, o historiador em si, cria cenas e narra os acontecimentos. Ocorre, porém, que diferente de um literato que conduz suas narrativas e contos por meio da ficção, o historiador constrói narrativas historiográficas com personagens reais, personagens que existiram e que seu histórico de vida chegam até ele por meio das documentações.

Entretanto, longe de restituírem o real tal como ele aconteceu, o historiador reconstrói cenas do possível, de uma representação do vivido a partir dos indícios históricos. Portanto, o que diferencia a narrativa historiográfica do historiador de uma história de ficção escrita pelo literato são os pressupostos metodológicos adotados pelo historiador, que tendem a legitimar ou não a "nova história construída", que deixou de ser uma história do personagem e passou a ser uma história do historiador, porque esta dela se apropriou.

Sendo assim, o historiador, segundo Sarlo (2007, p. 28), ao seguir essa afirmação em todas as suas consequências, não reconstitui os fatos do passado, mas os "relembra", dando-lhes assim seu caráter de passado presente, com respeito ao qual sempre há uma dívida não paga.

Esse mover de dar visibilidade às ações e aos indivíduos cabanos, longe da dicotomia maniqueísta de heróis ou bandidos, é que move a notocorda dorsal deste trabalho. A visão dos cabanos que se faz mais presente é aquela que se aproxima do modelo ideal do "bandido social" discutido por Hobsbawm [228], de criminosos, rebeldes para as autoridades, mas patriotas, valentes para o povo marginal, que é a maioria.

Se os revoltosos, contestadores da ordem, correligionários de Batista Campos e de Eduardo Angelim se auto intitulavam verdadeiros brasileiros, valentes paraenses, legais (por serem fiéis a fé católica e ao jovem Pedro de Alcântara), mesma profusão discursiva não é encontrada entre aqueles que os combatiam como algoz.

---

[228] **HOBSBAWM**, Eric. **Bandidos**. Tradução de Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

Ao longo da obra de Raiol (1970), o autor em tom nada simpatizante narra falas e discursos pejorativos, empregado pelas tropas repressoras para caracterizar os patriotas paraenses. Várias são as expressões recorrentes, das quais mencionamos: infames, rebeldes, anarquistas, raias miúdas, cabanos, facínoras, demônios, monstros, hidras, etc.

É em Raiol (1970, p.20), que visualizamos a declaração de José Ribeiro Guimarães: “sufoque-se a hidra em seu nascimento; conheçam-se os propagadores da infernal doutrina”, o que nos dá um panorama dos tratos conceituais das autoridades provincianas aos cabanos, principalmente aqueles que resistiram até as últimas consequências em Cuipiranga.

De tantas incursões, tantas estratégias militares e constitucionais de D’Andréa, a Cabanagem não resistiu, Cuipiranga caiu, os cabanos caíram. Em Cuipiranga, os cabanos venceram e perderam. Venceram no sentido ideológico e antropológico em se fazer serem ouvidos e promoverem uma reviravolta na província, bem como uma “limpeza lusa”, mas também perderam, sucumbiram, porque não conseguiram estabelecer uma forma de governo que não fosse efêmera, que desse conta de ser atemporal.

A Cabanagem terminou, foi suplantada, porém, os prejuízos em decorrência dessa guerra permaneceram. Levou tempo para a província se reerguer economicamente em virtude do vazio demográfico deixado pela guerra, compreendendo uma baixa de 30 a 50 mil mortos, um número avassalador, semelhante ao crime de genocídio – se é que não podemos dizer que foi.

As tropas repressoras encontraram dificuldades para matar as “hidras cabanas”, visto que a cada cabeça cortada ou esmagada lhe nasciam duas no lugar por entre os cursos dos rios e igarapés. Mas parece que semelhantemente ao herói da mitologia greco-romana Hércules, depois de inúmeras tentativas de sufocar “as hidras”, as tropas anticabanas lideradas por D’Andréa, Sanchez de Brito e Ambrósio Pedro Aires encontraram o “fogo” capaz de impedir o nascimento de uma nova cabeça de “hidra cabana”.

Cortaram uma a uma as cabeças das “hidras cabanas” e atearam fogo no pescoço da mesma, repetiram isso “seis vezes” e obtiveram sucesso.

No entanto, a exemplo da “hidra de Lerna” da antiguidade clássica, a última cabeça (a do meio) é considerada imortal. Assim, como Hércules tão somente cortou esta última cabeça e a enterrou pondo uma pesada pedra sobre ela, e a mesma continuou viva, assim também é a última cabeça da “hidra cabana”.

A “sétima cabeça de hidra cabana” permanece ainda hoje viva, dado sua condição de imortalidade. Porém, ela encontra-se enterrada, não no chão e com uma pedra sobre si a exemplo da “hidra de Lerna”, mas a cabeça imortal da “hidra cabana” encontra-se enterrada ou pelo menos adormecida nos documentos e na memória histórica do paraense.

E a exemplo da “hidra de Lerna” que era tão venenosa, que apenas de cheirar o hálito de seu rastro, a pessoa caía agonizando em terrível tormento, a “última cabeça da hidra cabana” também emana um hálito, mas um rastro de hálito de insurreição, que de tempos em tempos é exalado promovendo tempos de revoltas, reveladas aos historiadores, quando estes removem dos documentos e da memória coletiva a “pedra” que anuvia, a visibilidade desses acontecimentos de uma Amazônia insurgente.

FONTES E ARQUIVOS

Arquivo Público do Estado do Pará (APEP)

APEP. CÓDICE 609. (1781-1788). Ofício do Governador Martinho de Souza e Albuquerque, 20/06/1780.

APEP. CÓDICE 628. Correspondências dos Governadores com Diversos

APEP. CÓDICE 642. 1808-1813**.** Correspondências da Metrópole com os Governadores.

APEP. CÓDICE 644. 1808-1820**.** Correspondências da Corte com as Juntas e Governadores.

APEP. **CÓDICE 671**. 1814-1823. Correspondências de Diversos com o Governo.

APEP. CÓDICE 682.

APEP. CÓDICE 783. 1824. Termo de Paz de 9/06/1824.

APEP. **CÓDICE 785.** 1824. Correspondências de Diversos com o Governo.

APEP. **CÓDICE 786.** 1824. Correspondências de Diversos com o Governo.

APEP. **CÓDICE 789**. 1824. Correspondências de Diversos com o Governo.

APEP. CÓDICE 850. 1827-1832. Cônsules.

APEP. CÓDICE 853. 1827-1837. Correspondências de Diversos com o Governo.

APEP. CÓDICE 854. 1827-1838. Correspondências de Diversos com o Governo.

APEP. CÓDICE 888. 1829-1838. Correspondências de Diversos com o Governo.

APEP. CÓDICE 901. 1830-1834. Correspondências de Diversos com o Governo.

APEP. CÓDICE 902. 1830-1834. Correspondências do Governo com a Corte.

APEP. CÓDICE 903. 1830-1835. Correspondências de Diversos com o Governo.

APEP. CÓDICE 906. 1837-1840. Correspondências do Governo com a Corte.

APEP. **CÓDICE 1000.** 1835-1836. Documento 96.

APEP. CÓDICE 1013. 1836. Documento 97.

APEP. CÓDICE 1049. 1836-1841. Correspondências de Diversos com o Chefe da Expedição do Amazonas.

APEP. CÓDICE 1052. 1836-1841. Correspondências de Diversos com o Chefe da Expedição do Amazonas.

Arquivo Público Estadual de Pernambuco *Jordão Emerenciano* **(APEJe)**

APEJe. 06/07/1831. O Mentor Pernambucano (Recife).

APEJe. **VOL.** 34, 27/02/1832, 29/02/1832, 09/04/1832. Ofícios do Governo.

APEJe. **VOL.** 8, 13/08/1832. Ofício dos Presidentes de Província.

APEJe. **VOL.** 8, 14/09/1832. O Equinoxial (Recife).

APEJe. **VOL.** 1, 01/02/1833. Comando das Armas.

Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (ANRJ)

ANRJ. IJ-1 694 20/02/1833. Ministério da Justiça.

ANJR. **IG-1** 94, 24/04/1835. Ministério da Guerra.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)

BNRJ. **I-32**, 11, 2, 28/12/1833. Seção de Manuscritos.

Center for Research Libraries

Brazilian Government Document Digitalization Project

Provincial Presidential Reports (1830-1930)

Relatório dos Presidentes de Província (1830-1930)

In: http://www.crl.edu/content/provopen.htm

PARÁ

MACHADO D'OLIVEIRA. Relatório de 03 de dezembro do Presidente da Província do Grão-Pará José Joaquim Machado d'Oliveira, apresentado na Salla de Sessões do Conselho Geral da Província. Publicado na Typographia do Correio, Pará, 1833.

SOARES D'ANDRÉA. Discurso com que o Presidente da Província do Pará, Francisco Joze de Souza Soares d'Andréa, fez a Abertura da 1ª Sessão da Assemblea Provincial no dia 02 de março de 1838. Impresso na Typographia Restaurada de Santos, e Santos menor, Pará, 1838.

Compilações

CLEARY, David (Org.). **Cabanagem: documentos ingleses.** SECULT/IOE. Belém, 2002.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)

ANÔNIMO. Carta Régia. In: **Revista do Instituto Histórico e Geographico Brazileiro**. Rio de Janeiro: Kraus Reprint; Nendeln/Liechtenstein. Tomo XX [1857], Vol. 20, Quarto trimestre, 1973, p. 433-434.

CARTA RÉGIA ao Capitão-General do Pará acerca da emancipação e civilização dos índios; e resposta do mesmo acerca da sua execução. In: **Revista do Instituto Histórico e Geographico Brazileiro**. Rio de Janeiro: Kraus Reprint; Nendeln/Liechtenstein. Tomo XX [1857], Vol. 20, Quarto trimestre, 1973.

COLEÇÃO IHGB. Lata 219, docs. 45, número 1-4, 24/04/1832.

Opúsculos e Apologias

Fonte: Biblioteca Arthur Vianna. Coleção Obras Raras.

ANÔNIMO. 1832. **O Pará em 1832**. S.W. Sustenance, Londres.

Guias de Fontes

Anais do Arquivo Público do Pará. Belém: Secretaria de Cultura/ Arquivo Público do Estado do Pará. **2001, v.4, t.1, 290p**.

Anais do Arquivo Público do Pará. Belém: Secretaria de Cultura/ Arquivo Público do Estado do Pará. **2004, v.4, t.2, 322p**.

Jornais

O Tapajós. Edição de 8-10 de janeiro, 1991.

Gazeta de Santarém. Caderno Especial Cabanagem. Edição de 22 de Junho, 2009.

DEPOIMENTOS ORAIS

Manoel Godinho (Santarém)

José Maria Branches (Cuipiranga do Tapajós)

Claúdio José (Cuipiranga do Tapajós)

Ivonete Brechó (Icuipiranga do Amazonas)

Enoque Arapiun (Vila Franca)

D. Benvinda da Silva (Vila Franca)

Oneide Cardoso (Vila de Pinhel)

D. Liloca (Vila de Pinhel)

Maria Zenaide (Quilombo Pérola do Maicá)

BIBLIOGRAFIA

ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth; et. al. (Org.). **Meandros da História: trabalho e poder no Pará e Maranhão, séculos XVII e XIX.** Belém: UNAMAZ, 2005.

______________________________; **CASTRO**, Edna. **Negros do Trombetas. Guardiães de Matas e Rios**. 2ª ed. Belém: CEJUP, 1998.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história**. Bauru: Edusc, 2007.

ALMEIDA, Rita. **O Diretório dos Índios**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

ALVES FILHO, Aramando; **SOUZA JÚNIOR**, José Alves; **NETO**, José Maia Bezerra. **Pontos de História da Amazônia**. 3ª ed. Ver. Ampl. Belém: Paka-Tatu, 2001.

ANDRADE, Manoel Correia. **A Guerra dos Cabanos**. 2ª ed., Recife: Ed. UFPE, 2005.

AZZI, Riolando. **A cristandade colonial: um projeto autoritário**. História do pensamento católico no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1987.

BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará In: **Compêndio das Eras da Província do Pará**. Belém: UFPA, (1969) 1839.

BARRIGA, Letícia Pereira. **Ecuipiranga: o berço revolucionário no Baixo Amazonas (1835-1837),** 2007, 73f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Belém, Universidade Federal do Pará, 2007.

BATES, Henry Walter. **Um Naturalista no Rio Amazonas**. Ed. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo, 1979.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica. Arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas, v. 1.).

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. rev. atual. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento**. Diccionario Bibliographico Brazileiro.** 2º volume. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional 1893. Reimpressão off-set do Conselho Federal de Cultura, 1970.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

BODRICK, George Charles; **FOTHERINGHAM**, John Knight. **The History of England, from Addington's Administration to the Close of William IV's Reign (1801-1837.)** (v. XI). Longmans, Green, 1906.

BOURRIENNE, Louis Antoine Fauvelet de. **Private Memoirs of Napoleon Bonaparte: During the Periods of the Directory, The Consulate, and the Empire**. Carey & Lea, 1831.

BRASIL. Constituição (1824) **Constituição Política do Império do Brazil**. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao24.htm>. Acesso em: 05/07/2014.

BRAUDEL,Fernand. 'A longa duração'. In: __________. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Presença, 1990.

BRITO, Adilson Júnior Ishihara**. "Viva a Liberté!": cultura política popular, revolução e sentimento patriótico na independência do Grão-Pará, 1790-1824.** 2008. 329 f. Dissertação (Mestrado em História). Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

BRUIT, Hector H. O visível e o invisível na conquista hispânica da América. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). **América em tempo de conquista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 77 -101.

BUARQUE, Virgínia A. Castro (Org.). **História da historiografia religiosa**. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Seminário Brasileiro de História e Historiografia).

BURKE, Peter (Org). **A Escrita da História: novas perspectivas.** (trad. de Magda Lopez), São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1992.

____________ (Org). **A Escola dos Annales 1929-1989: A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Ed. UNESP. 1997.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade.** Tradução Heloísa Pezza Cintrão; Ana Regina Lessa. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Economia e Sociedade em áreas periféricas: Guiana Francesa e Pará (1750-1817)**. Edição Graal: Rio de Janeiro, 1984.

CARVALHO, José Murilo. **A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro de Sombras: a política imperial.** 2 ed. ver. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Relume-Dumará,1996.

_________________(Org.). **Nação e cidadania no Império: novos horizontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CARVALHO, Marcus J. M. de. **Um exército de índios, quilombolas e senhores de engenho contra os "jacubinos": a Cabanada, 1832-1835**. In: DANTAS, Monica Duarte (Org.). Revoltas, motins, revoluções: homens pobres e libertos no Brasil do século XIX. São Paulo: Alameda, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1999.

___________________. "L'opération historiographique", In: **L'Ecriture de l'histoire.** Paris: Gallimard, 1975.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. São Paulo: Difel; Bertrand/Brasil, 1990.

CHIAVENATO, Júlio José. **Cabanagem: O Povo no Poder**. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1984.

COELHO, Geraldo Mártires. **Anarquistas, Demagogos e Dissidentes: a imprensa liberal no Pará de 1822**. Belém: CEJUP, 1993.

COUDREAU, Henri. **Viagem ao Tapajós**. Paris: Editem, A. Lahur, 1897.

CRUZ, Ernesto. **Nos Bastidores da Cabanagem**. Oficinas Gráficas da Revista da Veterinária, Belém, 1942.

DAVIS, Natalie Zemon. **Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DEL PRIORE, Mary & **GOMES**, Flávio dos Santos. **Os Senhores dos Rios: Amazônia, Margens e Histórias**. Elsevier: Rio de Janeiro, 2003.

DIAS, José Silva. O Vintismo: realidades e estrangulamentos políticos. In: **Análise Social, o Século XIX em Portugal**, nº 61/62, 2ª Série, vol. XVI, Lisboa, 1980. p. 273-278. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223994933F1mOZ6ye7Ev66VY9.pdf>. Acesso em: 10/03/14.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **A interiorização da metrópole e outros estudos**. SP: Alameda, 2005.

DI PAOLO, Pasquale. **Cabanagem: a Revolução Popular na Amazônia**. CEJUP, Belém, 1986.

DOMINGUES, Ângela Maria Vieira. **Quando os Índios eram Vassalos: Colonização e Relações de Poder no Norte do Brasil na Segunda Metade do Século XVIII**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

DUQUE, Gonzaga. “Os Cabanos do Pará” In: **Revoluções Brazileiras (Resumos Históricos).** Typ. Do ‘Jornal do Commercio’ de Rodrigues e Companhia, Rio de Janeiro. 1898.

DUTRA, Manuel. Mapajuba Firmeza, o estrategista. **Gazeta de Santarém**, edição especial Cabanagem. Santarém, n.º , p. 6, 22 jun. 2009.

ELIADE, Mircea**. O sagrado e o profano: a essência das religiões.** Lisboa, Livros do Brasil (col. Vida e cultura), 1998.

FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FERREIRA, Eliana Ramos. **Em Tempo Cabanal: cidade e mulheres no Pará imperial, primeira metade do século XIX**. 1999. 228 f. Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

________________________. **Guerra sem fim: mulheres na trilha do Direito à terra e ao destino dos filhos (Pará - 1835-1860).** 2010. 285 f. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Memórias cartaginesas: modernismo, Antiguidade clássica e a historiografia da Independência do Brasil na Amazônia, 1823-1923. **Estud. hist. (Rio J.) vol.22 no. 43. Rio de Janeiro. Jan./Jun. 2009.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eh/v22n43/v22n43a10.pdf>. Acesso em: 05/05/2014.

__________________________**.** Panteão da história, oratório da nação: o simbolismo religioso na construção dos vultos pátrios da Amazônia**. In: Neves,** Fernando A. de F**.; LIMA,** Maria R. P. **(org.).** ***Faces da história da Amazônia*.** Belém: Paka-Tatu**.** 2006.

FOUCAULT, Michel. 1926-1984. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. **MOTA**, Manoel Barros da (Org.); Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_________________. A vida dos homens infames. In: **FOUCAULT**, Michel. **Estratégias, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOURNIER, August**. Napoleon the First: A Biography**. H. Holt & Company, 1903.

FREITAS, Décio. **A Miserável Revolução das Classes Infames**. Rio de Janeiro & São Paulo: Record, 2005.

FUNES, Eurípedes. "Nasci nas matas, nunca tive senhor". História e Memória dos mocambos do Baixo Amazonas" IN: **REIS**, João & **GOMES**, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio. História dos Quilombos no Brasil**. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, p. 467-497.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. (volume I). São Paulo: Ed. Vozes, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. 2 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. [tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão]. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

________________. **Olhos de Madeira: Nove Reflexões sobre a Distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOMES, Flávio dos Santos. **A Hidra e os Pântanos: quilombos e mocambos no Brasil (sécs. XVII-XIX)**. 1997. 782 f. Tese (Doutorado em História Social), Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1997.

____________________. (Org.). **Nas terras do Cabo Norte: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana Brasileira – séculos XVIII/XIX**. Belém: Editora Universitária/UFPA, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ªed. 7ª reimpressão. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARRIS, Mark. **Rebellion on the Amazon: The Cabanagem, Race and Popular Culture in the Brazilian Amazon 1798-1840**. v.95 de Cambridge Latin American Studies. Londres: Cambridge University Press, 2010.

___________. Uma Guerra única na história das revoluções. **Gazeta de Santarém**, edição especial Cabanagem. Santarém, n.º , p. 14-15, 22 jun. 2009. Entrevista concedida a Manuel Dutra.

HOBSBAWM, Eric. **Bandidos**. Tradução de Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HOORNAERT, Eduardo. **A igreja no Brasil-colônia: 1550-1800**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

HURLEY, Henrique Jorge. **Traços cabanos**. Belém: Officinas Graphicas do Instituto Lauro Sodré; Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. 1936.

IBANÊS, José. Vila Franca: o tesouro do Arapiuns. **Jornal O Tapajós**, Santarém, 8-10 de janeiro de 1991. [5-6] páginas prováveis (paginação ilegvel).

KOSELLECK, Reinhart. **Los estratos del tempo: estúdios sobre la Historia**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2001.

____________________; et. al. **O Conceito de História**. Tradução de René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica editora. (Coleção História e Historiografia). 2013.

KUHNEN, Alceu. **As Origens da Igreja no Brasil: de 1500 a 1552**. São Paulo: Edusc, 2005.

LAFERTÉ, Gilles. **Imagem social ou luta política e cultural pelo controle do mercado.** Revista Mana, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 2, p. 1-15, out, 2008. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132008000200005> Acesso em: 12/05/2013.

LAKATOS, Eva Maria; **MARCONI**, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Deborah de Magalhães. **The Social Category Caboclo: History, Social Organization, Identity and Outsider's Social Classification of the Rural Population of an Amazonian Region (the Middle Solimões),** 1992. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de Cambridge, Inglaterra, 1992.

LIMA, Leandro Mahalem de. **Rios Vermelhos: perspectivas e posições de sujeito em torno da noção de cabano na Amazônia em meados de 1835**, 2008. 302 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). FFLCH-USP, São Paulo, 2008.

LIMA, Luiz Alves de. **A Face Brasileira da Catequese**: um estudo histórico-pastoral do movimento catequético brasileiro das origens ao diretório "catequese renovada". 1995. Tese (Doutorado em Teologia). Universidade Pontifícia Salesiana, Roma, 1995.

LIMA, Maria Roseane; **NEVES**, Fernando Arthur de Freitas (Org.). **Faces da história da Amazônia**. Belém: Paka-Tatu, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão ... [et al.]. 7ª ed. Revista. Campinas: Ed. UNICAMP, 2013.

MACEDO, Joaquim Manoel. **Anno Biographico Brazileiro**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artístico. 1876.

MACHADO, André R. A. **A Quebra da Mola Real das Sociedades: A Crise Política do Antigo Regime Português na Província do Grão-Pará (1821-1825).** 2006. 358 f. Tese (Doutorado em História Social). FFLCH-USP, São Paulo, 2006.

MAGALHÃES, Basílio. “A Cabanagem”. In: **Estudos de História do Brasil**. Companhia Editora Nacional: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre. 1940.

MATTOS, Hebe Maria. **Escravidão e cidadania no Brasil Monárquico**. São Paulo: Jorge Zahar Editor. (Coleção Descobrindo o Brasil), 1998.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo saquarema**. 5ª Ed. SP: HUCITEC, 2004.

MELO, Wilverson Rodrigo Silva de. A Cabanagem em Santarém (1836-1840): um novo olhar historiográfico. In: **VII Congresso de Ciência e Tecnologia da Amazônia e XI Salão de Pesquisa e Iniciação Cientifica do CEULS/ULBRA**, 2011, Pesquisa e Tecnologia (Anais) ... Santarém: CEULS/ULBRA, 9-11 de Novembro de 2011. p. 107-111(CD-ROM).

______________________________**.** A Historiografia sob a ótica da Filosofia da história. In: **II Encontro Nacional de Pesquisa na Graduação em Filosofia**, 2012, Belém. **O Ensino e a Pesquisa em Filosofia, suas perspectivas no Brasil**. Belém: Editora da UFPA, 2012. v.1. p. 36-53. Disponível em: <http://proex.ufpa.br/DIRETORIO/DOCUMENTOS/PROEX/ANAIS%20II%20ENPF%202013.pdf>.

______________________________. À Margem dos Rios pelos Campos e Florestas: A Cabanagem sob marcadores de raça e classe. In: **V SEMANA REGIONAL DE HISTÓRIA: Reflexões sobre a pesquisa e o ensino de História: aproximações e distanciamentos**, 2013a, Cajazeiras - PB. Reflexões sobre a pesquisa e o ensino de História: aproximações e distanciamentos. Cajazeiras: UFCG, 2013 a. v.5. p. 1-15. (CD ROM).

______________________________. E a Pólvora Europeia Chega ao Brasil: a transferência da Família Real Lusa para a América Portuguesa e suas implicações para o Grão-Pará. In: **I Seminário Institucional de Iniciação à Docência PIBID/CEULS e XIV Salão de Iniciação Científica do CEULS/ULBRA**, 2014, Santarém - PA. **Avanços e Resultados pela Pesquisa na Amazônia**. Santarém - PA: Ed. da ULBRA, 2014. p. 118-122.

______________________________. Novos cabanos: o recente processo de ressurgimento e ressignificação de identidade no Baixo Tapajós. In: **VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA**, 2013, Maringá. **Democracia e Autoritarismo no Mundo Contemporâneo**. Maringá: Editora da UEM, 2013 c. v.6. p. 1-13.

______________________________________. Sujeitos Marginais em Tempo Cabanal (1835-1837): A Supressão e Violação dos Direitos Fundamentais do Homem no Grão-Pará Regencial. 2015. 57 f. Monografia (Especialização em Direitos Humanos), Cajazeiras, Universidade Federal de Campina Grande, 2015.

______________________________. Taperinha um engenho do Tapajós: Relações e Discussões Acerca da Produção Canavieira, Escravidão, Estudos de Sítios Arqueológicos e Cabanagem. In: **VI Congresso de Ciência e Tecnologia da Amazônia e IX Salão de Pesquisa e Iniciação Cientifica do CEULS/ULBRA**, 2009, Santarém. Amazônia, Ciência e Sustentabilidade (Anais) ... Santarém: CEULS/ULBRA, 4-6 de Novembro de 2009. p. 411-415 (CD-ROM).

______________________________. Tempos de Revoltas no Brasil Oitocentista: a Revolução Cabana em Santarém na Região do Baixo Amazonas Paraense (1834-1838). In: **VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURAS E IDENTIDADES**, 2013, Goiânia. **Arquivos e Ditaduras**. Goiânia: Editora da UFG, 2013b. v.6. p. 1-23. (CD ROM).

MONTENEGRO, Antonio Torres**. História Oral e Memória: a cultura popular revisitada.** São Paulo: Contexto, 1992.

____________________________. **História, metodologia, memória**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MOREL, Marcos. **O período das regências (1831-1840).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

MUNIZ, João de Palma. Adhesão do Grão-Pará à Independência**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará**, vol. 6, n. 4. 1922.

____________________. “A Independência nos municípios do interior”, In: **Adesão do Grão-Pará à Independência e outros ensaios**. Belém, Conselho Estadual de Cultura, 1973.

NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das. **Corcundas e Constitucionais – a cultura política da Independência (1820-1822)**. Rio de Janeiro: Revan, FAPERJ, 2003.

NOGUEIRA, Shirley Maria Silva. **A soldadesca desenfreada: politização militar no Grão-Pará da era da independência (1790-1850).** 2009. 341 f. Tese (Doutorado em História Social do Brasil), Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2009.

PANTOJA, Ana Renata do Rosário Lima. **Cabanagem: uma revolta camponesa no Acará-PA**. Secult, Belém. Versão reduzida de DM. 2004.

________________________________. **Terra de Revolta: campesinato, experiências socioculturais, e Memórias cabanas entre a voz e a letra.** 2010. 367 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais, concentração em Antropologia), Belém, Universidade Federal do Pará, 2010.

PAZ, Otávio. **O labirinto da solidão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. **Nos Subterrâneos da Revolta: trajetórias, lutas e tensões na Cabanagem**. 1998. 438 f. Tese (Doutorado em História Social), São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PINSKY, Jaime. **As primeiras Civilizações**. 23 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Evolução Política do Brasil: ensaio de interpretação materialista da história brasileira.** Empresa gráfica 'Revista dos Tribunais', São Paulo. 1933.

PRICE, Richard. **To Slay The Hidra : Ducht Colonial to Perspective on the Saramaka Wars**, an Arbor, Karoma, 1983.

QUEIROZ, Jonas Marçal & **GOMES**, Flávio. Amazônia, Fronteira e Identidades: Reconfigurações coloniais e pós-coloniais (Guianas – séculos XVIII-XIX). São Paulo: **Lusutopie** nº 01, 2002, p. 25-49. Disponível em: <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/queriroz-gomes.pdf>. Acesso em: 05/05/2015.

RAIOL, Domingos Antônio. **Motins Políticos – ou história dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835**. 3 vols. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **A Ocupação de Caiena**. In: HOLLANDA, Sergio Buarque de. História Geral da Civilização Brasileira, Tomo 2, “O Brasil Monárquico”, vol.3. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2003.

_________________________. Cabanos e Legais Disputam o Domínio do Baixo Amazonas, In: **Santarém: seu desenvolvimento histórico**. 2ª ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL. Belém: Governo do Estado do Pará, 1979a.

_________________________. **História de Óbidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL. Belém: Governo do Estado do Pará, 1979b.

RICCI, Magda. **Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840**. Revista Tempo: Niterói, vol.11 no.22, 2007. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/v11n22a02.pdf>. Acesso em: 17/03/13.

______________. “**Do sentido aos significados da Cabanagem: percursos historiográficos”**. In: Anais do Arquivo Público do Pará, v.4. p. 241-71. 2001.

______________. **História amotinada: memórias da Cabanagem**. Cadernos do CFCH, vol. 12, n. 1-2. 1993.

ROCQUE, Carlos. **História Geral de Belém e do Grão-Pará**. Distributel: Belém, 2001.

SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem**. Belém: CEJUP, 1992.

_______________. **O Negro no Pará sob o regime da escravidão**, 3ª edição; IAP, Programa Raízes, Belém, 2005.

SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia (1800-1920)**. T.A. Queiroz: São Paulo, 1980.

SANTOS, Paulo Rodrigues dos. **Tupaiulândia.** Santarém: ICBS/ACN, Gráfica e Editora Tiagão, 1999. (Edição Especial Ilustrada Comemorativa aos 500 anos do Descobrimento do Brasil).

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHAFF, David S. **Nossa Crença e a de Nossos Pais.** Tradução de Nicodemos Nunes. São Paulo: Metodista, 1964.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22. ed. ver. e ampl. De acordo coma ABNT – São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **A repercussão da Revolução de 1820 no Brasil – eventos e ideologias**. Coimbra, 1979.

___________________________. (Org.). **De Cabral a Pedro I: aspectos da colonização Portuguesa no Brasil**. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 2001.

__________________________. **O Império Luso-Brasileiro 1750-1822.** (Nova História da Expansão Portuguesa, vol. 3.). Lisboa: Editora Estampa, 1986.

SILVEIRA, Ítala Bezerra da. **Cabanagem: uma luta perdida**. Belém: Secult, 1992.

SOMMER, Barbara. **"Negotiated Settlements: Native Amazonians and Portuguese Policy in Pará, Brazil, 1758-1798"**. Ph.D. dissertation, University of New Mexico, 2000.

SOUSA, Inglês de. A Quadrilha de Jacó Patacho. In: **SOUSA**, Inglês de. **Contos Amazônicos**. 2ª ed. São Paulo: Editora Martin Claret. 2008.

SOUZA JÚNIOR, José Alves. "Semeando vento, colhendo tempestades: o Pará e o Processo de Adesão à Independência". In: **Anais do Arquivo Público do Estado do Pará.** Belém: SECULT, 2004, v.4, t2, p. 125-152.

SPIX, Johan Baptist, **MARTIUS**, C. F. O. **Viagem pelo Brasil** (1817-1820). São Paulo: Melhoramentos, 1976.

STOLKE, Verena. O enigma das interseções: classe, "raça", sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, vol. 14, n. 1, p. 19-20, jan-abr, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X2006000100003/7601>. Acesso em: 15/04/2013.

VAINFAS, Ronaldo (org.). **Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889).** RJ: Objetiva, 2002.

VARGUES, Isabel Nobre. Vintismo e Radicalismo Liberal. In: **Revista de História das Ideias**, Vol. 3. Lisboa, 1981, pp. 177-215. Disponível em: <http://rhi.fl.uc.pt/vol/03/ivargues.pdf>. Acesso em: 03/03/2014.

VARNHAGEN, Adolfo Francisco. **A História da Independência do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1957.

VEIGA DOS SANTOS, João. **Cabanagem em Santarém**. Santarém: Livraria Ática/Gráfica Bolinha, 1986.

VERGULINO-HENRY, Anaíza; **FIGUEIREDO**, Arthur Napoleão**. A Presença africana na Amazônia colonial: uma notícia histórica**. Belém: Arquivo Público do Estado do Pará, 1990.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum: estudos sobre cultura popular tradicional**. São Paulo. Cia das Letras, 1998.

______________________. **Senhores e Caçadores. A origem da Lei Negra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TODOROV, Tzvetan**. A Conquista da América: a questão do outro**. [tradução Beatriz Perrone Moisés]. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. “A Cabanagem nasceu em Pinhel”. **Gazeta de Santarém**, edição especial Cabanagem. Santarém, n.º , p. 10, 22 jun. 2009. Entrevista concedida a Manuel Dutra.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Visão que os cabanos tinham da aproximação das tropas inimigas
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2010

APÊNDICE B

"Possível trilha de Fuga do Cuipiranga do Tapajós para o "Icuipiranga do Amazonas"
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2011

APÊNDICE C

Caminhos que ligam as Duas Cuipirangas. Possivelmente "rotas de fuga na época da Cabanagem"
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2015

APÊNDICE D

Barrancos no "Icuipiranga do Amazonas". Possivelmente também abrigaram os "canhões de palmeiras"
Fonte: Arquivo Pessoal
Ano: 2010

IHTRGS

FEDERAÇÃO DE ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

ACANDHIS

FHE POUPEX

DONATO, Ernani .**Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas , as guerrilhas políticas urbanas e rurais.** São Paulo: IBRASA, 1987.

Coronel Eng Claudio Moreira Bento

Historiador Militar e Jornalista.Natural de Canguçu-RS. e ex- comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajuba-MG 1981-1982 e um dos historiadores da Arma de Engenharia.Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB),do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemerito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geografico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército. 1971-1974. Foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980 . Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1980.Resgatou a História de seu berço natal Canguçu, em especial em vários livros e artigos e em seu livro Canguçu reencontro com a História um exemplo de reconstituição de mémoria comunitária.Resende: AHIMTB/ACANDHIS, 2007, cujas capas são de autoria de seu filho Capitão de Mar- e- Guerra Carlos Norberto Stumpf .E membro do Instituto Histórico e Geografico de São Paulo e do Instituto Histórico e Geografico e Genealógico de Sorocaba,sede da AHIMTB-SP General Bertoldo Klinger , federada a FAHIMTB

DONATO, Ernani .**Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas , as guerrilhas políticas urbanas e rurais.** São Paulo: IBRASA, 1987.

HOMENAGEM AO ACADEMICO EMÉRITO DA FAHIMTB HERNANI DONATO AUTOR DO DICIONÁRIO DE BATALHAS BRASILEIRAS,VALIOSO INSTRUMENTO DE TRABALHO DO HISTORIADOR MILITAR TERRESTRE BRASILEIRO

Neste ano de 2012 em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis lançamos o Livro:

BRASIL LUTAS !NTERNAS 1500-1916. Resende:FAHIMTB-IHTRGS,2015, (hoje disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br) Livro para o qual concorreram expressivamente as obras do acadêmico emérito da FAHIMTB Ernani Donato e, o patrono de cadeira Professor Pedro Calmon respectivamente com suas obras .**Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas , as guerrilhas políticas urbanas e rurais e, História do Brasil.** O livro citado foi complementado por uma opinião dos autores das lutas Internas 1917-Atualidade para nos centenário das mesmas possam ser interpretadas com outras fontes produzidas por outros autores para uma interpretação o mais imparcial possível quando seus participantes não mais existirem.

Encontramos subsídios na citada obra de Ernani Donato, subtítulos a seguir mencionando o ano em que ocorreram , o título do evento e página onde se encontram e que respondam a Teoria de História do Exercito Brasileiro, que consta quanto ao emprego no combate de Lutas Internas em nosso manual **Como estudar e pesquisar a História do Exercito Brasileiro** .disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimt.org.br

Lutas com índios e Alagoas , Vila de São Paulo , Sergipe, Paraíba, No rio Grande do Norte, Ceará, Goiaz

1500 - Lutas com indígenas no Brasil p.83/84

1556 – Guerras contra caetés – Alagoas p. 90

1562 – Ataques indígenas contra a Vila de São Paulo p. 91

1575 – Guerras de Aperipê ou da conquista de Sergipe p. 91

1584-1587 – Lutas contra indígenas no Paraíba p.92

1585-1682 – Bandeiras de apresamento e dilatação de território p. 92

1586-1589 – Campanha final da conquista de Sergipe p. 93

1597 - Campanha do Potengi contra franceses e potiguiares na conquista do Rio Grande do Norte p. 93

1597 - Tomada de Cabedelo por franceses potiguares p. 93/100

1603-1604 – Lutas contra franceses e indígenas, seus aliados no Ceará p.100

1671 – Lutas contra os índios Anicum na Conquista de Goiás p. 103

1683-1713 – Guerra dos Bárbaros da Confederação Cariris CE e RGN p. 105

1709-1710 – Lutas na Amazônia contra espanhóis e índios campebas p. 107

1723-1724 – Guerra de Ajuricaba na Amazônia p. 110

1725-1744 – Campanha contra os índios Paiaguás – Mato Grosso do Sul p. 110

1740-1741 – Campanha contra os Caipós e Taperapés – Conquista de Goiás

1754-1756 – Guerra guaranítica – RS p. 111

Revolta do Sal na Bahia e São Paulo

1711 – Motim em Santos contra o estanco de sal p.103 e 108

Lutas contra quilombos

1644-1694 – Quilombo dos Palmares p. 102

Rebelião de Beckman MA

1684 – A Revolta de Beckman no Maranhão p. 105

Guerra dos Emboabas MG

1706 – 1709 – Guerra dos Emboabas – SP e MG p. 106-107

Guerra dos Mascates PE

1710-1714 - Guerras dos Mascates – PE p. 104/108

Rebelião baiana BA

1711 - Motins do maneta – BA p. 109

Confederação do Equador PE

1817 – Confederação do Equador PE p.125

1720 – Revolta contra o donatário de Paraíba do Sul – Campo dos Goitacás p. 109

1809-1849 – Revolta de Escravos Aussuas e Nagos (islamizados) – BA p.115

1821- Pronunciamentos pró-constituição no Pará, na Bahia e Rio de Janeiro p. 119

1821- Motim do 1° Batalhão de Caçadores de Santos p.120

1821 – Revolta de Escravos Constitucionalistas de Argom ou das Lavras ou Fanado – Ouro Preto – MG p. 121

1822-Revolta de Manoel Pedro p. 121

1823-1829 – Quarteladas de Belém p.124

Revolta dos batalhões mercenários no Rio de Janeiro

1827 – Motim de Mercenários RJ p.130

Abdicação de D.Pedro I em 7 abril 1831

1831-1832 – Levante de “Exaltados”, restauradores radicais – RJ p.130

1831-1832 – Setembrada, Novembrada, Abrilada – PE p.131

1832-1833 - Revolta dos Guanais ou Federalistas Baianos p. 131

1837 - Levante do 10° Batalhão dos Caçadores – BA p.132

1832 – Revolta Restauradora do Crato-CE p. 132

1832 – Revolta Restauradora de Santo Antão- PE p 131

A guerra dos Cabanos em Pernambuco e Alagoas

1832-1835 – Cabanada no Sul de Pernambuco e norte de Alagoas p 32

1833 – Levante restaurador de Ouro Preto p 133

1833 – Levante do Forte do Mar- BA p. 133

1833 – Carneiradas – PE p. 133

1834 – Rusgas de Cuiabá p. 133

1834-1840 – A Cabanagem – PA p. 134/136

1835 – Revolta dos Escravos Nagôs, Males, Tapas p. 13

1835-1845 – Revolução Farroupilha p. 136/141

A Sabinada na Bahia

1837-1838 – A Sabinada - BH p. 141

1838 – Anselmada da França – SP p. 142

A Balaiada no Maranhão

1838-1841 – A Balaiada – MA p. 142

1840 – Levante de Sobral 1840-CE p. 143

Revoluções Liberais em São Paulo e Minas Gerais

1842 – Revolta dos Liberais p. 143

A Revolução Praieira em Pernambuco

1848-1848 - Revolta Praieira- PE p.145/146

1848 – Motins do Fecha-Fecha, do Mata-Mata, da carne sem osso, farinha sem caroço p.144

1852 – Levante dos Maribondos ou de Pau-D'alho p. 149

1872-1874 – Guerra dos Muckers – RS p. 156

1874-1875 – Arruaças do Quebra-Quilos –PE, AL p. 156

1880 – Motim de Vintém – RJ p. 157

1892 – Levante deodorista na Fortaleza de Santa Cruz – RJ

1892 – Bombardeio de Porto Alegre – Porto Alegre-RS p. 1893-1894

1893-1894 – Revolta na Armada p. 158

1893-1895 – Revolta Federalista p.159

1895-1897 – Guerra dos Canudos p. 102/164

1895-1911 – Levante pró-emancipação do Sul de Mato Grosso p. 164

1901 – Revolta, política militar – MG p. 166

1904 – Revolta da Vacina Obrigatória ou do Quebra Lampião – RJ p. 166

1904-1930 – Correrias de “coronéis” p. 167

1906 – Revolta Generoso Ponce, MT p.168/169

1910- Revolta dos Marinheiros ou da Chibata p. 168/169

1910 – Revolta do Batalhão Naval p. 169

1910 -1915 – Campanha do Contestado 1912/1915 p.169/170

1913-1914 – Revolta de Juazeiro ou dos Jagunços p. 171

1916 – Revolta do Xandoca – ES p. 172

O autor aborda nas páginas 157/539 em ordem alfabética todos os combates e batalhas travadas no Brasil de 1500/1937.

Lutas Internas pós revolta do Contestado no **Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas, as guerrilhas políticas urbanas e rurais.** São Paulo: IBRHSH, 1987.

1918 – Levante dos Anarquistas – RJ p. 172

A Revolução de 1922

1922 – Revolta do Forte de Copacabana ou dos 18 do Forte p.172/173

A Revolução de 1923 - RS

1923 – Revolta dos Libertadores – RJ p.173/174

A Revolução de 1924/1925

1924-1925 – Revolta de São Paulo ou dos Tenentes ou do general Izidoro p. 175

1924 – Revolta Tenentista na Amazônia p. 175

1924 – Revolta Tenentista no Sergipe p. 175/177

1924 – Revolta Tenentista do Couraçado – São Paulo p. 177

1925 – Assalto Tenentista ao quartel do III/RI – Rio de Janeiro p. 177

1925/1927 – Coluna Miguel Costa Prestes e na Coluna Prestes p. 178/181

1926/1927 – Revolta no Rio Grande do Sul

1926 – Levante do Batalhão de Caçadores de Aracajú p. 181

1927/1940 – Campanha contra o Cangaço, CE, PB,RGN, PE, AL E BA p. 181/182

A Revolução de 30

1930 – O Levante da Princesa – PB p. 182/183

1930 – Revolução Liberal de 1930 p. 183/184

1931 – Sublevação da Força Pública – SP p. 185

1931 – Sublevação do 21° BC – Recife – PE p. 185

A Revolução de 1932

1932 – Revolução Constitucionalista – SP p. 185/189

A Intentona Comunista

1935 – O Levante Comunista p. 188

A Intentona Integralista

1938 - Levante Integralista p. 189

1955 – Saída de Cruzador Tamandaré – RJ p. 192

O levante de Jacareacanga 1955

1956 – Levante do Jacareacanga – 192/193

O levante de Aragarças 1959

1959 – Levante de Aragarças p. 193

A crise da\renúncia de Janio Quadros 1961

O Levante dos Sargentos – DF- 1963

1963 - O Levante dos Sargentos – DF p.193

A contra Revolução de 1964

1964 – Revolução de 31 de março p. 194

Guerrilhas Políticas Urbanas e Rurais

1965-1974 - Guerrilhas Políticas Urbanas e Rurais p. 195

A guerrilha de Araguaia e seus mitos

Trabalho igual foi feito sobre Brasil Lutas Internas pelo Professor Pedro Calmon e disponivel em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org

Nota: Ernani Donato colecionava canetas usadas e este autor guardava muito delas

Para ofertar-lhe mas lamentavelmente ele nos deixou. Fou uma agradável amizade que aos poucos foi se fortalecendo e guardo muito de seus cartões reconhecendo nosso trabalho como historiador militar e como ele também jornalista.

Nosso ultimo encontro foi numa viagem de automóvel SOROCABA –SÃO PAULO em trocamos muitas informações e podemos nos conhecer melhor

Gabriela da Silva Ramos Fernandes

7 de Abril: usos políticos e representações na Regência (1831 – 1840).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração: Narrativas, imagens e sociabilidades, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Professora Dr.ª Maria Fernanda Vieira Martins

Juiz de Fora - MG
2013

Gabriela da Silva Ramos Fernandes

7 de Abril: usos políticos e representações na Regência (1831 – 1840).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração: Narrativas, imagens e sociabilidades, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Banca Examinadora

____

Prof.ª Dr.ª Maria Fernanda Vieira Martins – Orientadora

____

Prof. Dr. Alexandre Mansur Barata – Presidente

____

Prof. Dr. Marcos Ferreira de Andrade – Membro externo

O poder estabelecido unicamente pela força ou sobre a violência não controlada teria uma existência constantemente ameaçada; o poder exposto debaixo da iluminação exclusiva da razão teria pouca credibilidade. Ele não consegue manter-se nem por domínio brutal nem pela justificativa racional. Ele só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial.BALANDIER, Geoges. *O poder em cena*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982, p. 179.

AGRADECIMENTOS

Depois de uma conquista, olhamos para trás e percebemos que só nos foi possível progredir porque cruzamos com pessoas que nos doaram muito, fosse sabedoria, carinho ou incentivos. Assim, agradeço a todos que passaram por mim, mas principalmente pelos que fizeram essa travessia comigo.

Agradeço à minha amiga e irmã Kellen por sua amizade, por seu carinho, por ser meu braço direito ao longo da graduação, por tornar a vida mais leve, por me acolher como parte de sua família e por se fazer parte da minha.

Agradeço à Larissa, pela cumplicidade, pelo companheirismo, pelas constantes palavras que me encorajavam, pelos passeios, pelas viagens e pelos congressos. Enfim, por tornar minha passagem por Juiz de Fora extremamente prazerosa. Nossa amizade foi o melhor presente que recebi ao longo do mestrado e vou levá-la para minha vida. Ao Moisés, agradeço por ter sido meu professor, por ter me ensinado as primeiras lições acadêmicas e por ser agora meu amigo.

Aos professores da Universidade Federal de São João del Rei pela formação. Especialmente ao Danilo Zioni Ferretti, pelo exemplo, pelas aulas maravilhosas, pelos e-mails que sempre me salvaram e pelas conversas no corredor que tiravam as dúvidas e acalmavam as aflições que sempre fazem parte da nossa vida acadêmica. Ao Ivan Velasco, por ter me mostrado como é encantador trabalhar com documentos. À Letícia Andrade pela amizade. Ao João Paulo Coelho de Souza Rodrigues agradeço por me mostrar os caminhos da vida acadêmica. E a Marcos Ferreira de Andrade por ter me orientado, por ter me passado todo conhecimento que pôde, por ter me apresentado aos periódicos da década de 1830, por me apresentar ao 7 de Abril, por fazer surgir o projeto de mestrado e por me incentivar sempre.

Agradeço ainda aos professores que tão bem me acolheram na Universidade Federal de Juiz de Fora e que tanto fizeram para que eu tivesse uma formação completa. Ao professor Alexandre Mansur Barata agradeço pela sabedoria, pela ética com que conduzia suas aulas e mediava as discussões. Agradeço a oportunidade de ter sido aluna de um profissional impecável, que sabe passar seu conhecimento de uma forma tão clara, que por vezes nos parece óbvia. Agradeço à professora Silvana Motta por sua participação em minha qualificação, pelos pertinentes apontamentos feitos, que certamente contribuíram para a conclusão do trabalho.

À minha orientadora, Maria Fernanda Vieira Martins, agradeço por ter tido muita paciência, por ter conversado comigo exaustivamente sobre determinados assuntos, por estar sempre disposta a ajudar e por ter sempre um caminho para me indicar. Só tenho a agradecer por todo o conhecimento que me passou e espero ter sido merecedora dele.

Aos meus pais agradeço pelo amor e pelo apoio incondicional. Aos meus irmãos pelos incentivos e carinho. À minha avó pelas orações poderossímas. Aos meus primos pela descontração necessária. À Lela e ao Tom, por me transmitirem paz e por me acolherem em sua casa com tanto carinho a que nem sei como serei capaz de retribuir. Ao Gu, agradeço por ser meu amor, por me dar muito amor e por caminhar sempre comigo.

RESUMO

O presente trabalho busca compreender a abdicação de d. Pedro I e as formas como foi percebida e utilizada ao longo da Regência, 1831 - 1840. Para tanto, utilizamos como fontes alguns dos principais periódicos que circularam na corte do Rio de Janeiro; *Aurora Fluminense*, *O Sete d'Abril*, *O Caramuru*, *O Verdadeiro Caramuru* e *O Exaltado*. Percebemos que o 7 de Abril marcava o início de um novo tempo em que o poder não estava mais concentrado no imperador, o que deu margens para o surgimento de um ambiente cultural que garantia uma maior liberdade para a manifestação dos posicionamentos políticos. Assim, moderados, exaltados e caramurus colocaram em cena suas representações do 7 de Abril, fosse para legitimar seu poder, para garantir uma maior participação política ou para marcar sua oposição ao governo vigente. Dessa forma, buscamos mostrar que o movimento não era entendido por todos os grupos de uma mesma maneira, que ele podia receber usos políticos diversos e que diferentes representações podiam ser mobilizadas de acordo com quem o interpretava e com quais interesses o fazia.

Palavras-chave: abdicação, usos políticos, representações.

ABSTRACT

The following research project looks to understand the abdication of D. Pedro I and the way in which it was perceived and used throughout the Regency, 1831 – 1840. To achieve this, we used some of the main periodicals which circulated within in Rio de Janeiro' Court; *Aurora Fluminense*, *O Seted'Abril*, *O Caramuru*, *O VerdadeiroCaramuru*and *O Exaltado*. We discovered that the 7th of April marked the beginning of a new era in which political power was no longer concentrated with the Emperor, allowing for the insurgence of a certain cultural environment which guaranteed greater freedom for the manifestation of other political positions. In this way, *moderados, exaltados*, and *caramurus* demonstrated their political representations of the 7th of April in order to legitimize their power and to guarantee greater participation, or note their opposition to the government of that time. As such, we seek to show that the 7th of April Movement was not intended for all groups in the same way, rather, that it could have been used for various political agendas and that different political representations could have been mobilized according to how it was interpreted and whose interests it may have served.

Key-words: abdication, political agendas, representations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A Regência (1831 – 1840) pode apresentar-se como um dos períodos mais interessantes da história do Brasil, se considerarmos as novidades trazidas e as maneiras encontradas por seus contemporâneos para se adaptar à nova realidade. Iniciada em 1831, com a abdicação de d. Pedro I, trazia como primeiro e grande desafio a continuidade de um Império no momento em que caía um de seus pilares, o imperador.

Para ocupar o poder central, foi eleita uma Regência, posto que, seguindo a linha sucessória, o segundo imperador do Brasil seria Pedro de Alcântara, que na época ainda era uma criança. Porém, os desafios que esses homens teriam pela frente eram bem maiores que a substituição de governantes. A Regência teria que lidar com a falta de um poder forte e representativo, capaz de coibir e acalmar as manifestações públicas, no momento em que surgiam associações políticas, aumentava o número de jornais em circulação e mais festividades cívicas eram levadas às ruas.

Dessa forma, a abdicação de d. Pedro I mudou a concepção de política do Império; esta deixou de ser vista como uma questão *áulica*, apenas de domínio palaciano, e se popularizou, tomou as ruas. Podemos dizer que durante essa fase de nossa história houve um processo de politização do cotidiano, a partir do qual tudo gravitava na órbita da política. O novo espaço público[1] foi marcado por uma maior participação das pessoas, pela utilização das ruas para discutir política, festejar datas e desfilar diferentes posicionamentos.

Para o presente estudo, três historiadores serviram como base. Marco Morel, com sua obra *O período das regências (1831 – 1834)*, ajudou a traçar um panorama geral da Regência e a perceber a infinidade de assuntos que esses homens discutiam, como: monarquia constitucional, absolutismo, federalismo, liberalismo e outros. Através de seu livro *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820 – 1840),* Morel nos fez perceber como a Regência foi um período de grande circulação de ideias, de movimentação de homens em torno de posicionamentos políticos e de criação de associações cujo objetivo era pensar a política. Enfim, uma das principais contribuições de Marco Morel para o presente trabalho foi mostrar como na Regência houve uma explosão da palavra pública, ou seja, da publicação de discursos e da discussão de

---

[1] Essa abordagem considera espaço público como um espaço de socialização, de convivência, de discussão e de interação.

política, realizada principalmente pelos jornais, mas também pelo comércio de livros e pela formação de associações.

Marcelo Basile também teve grande peso nesse trabalho. Através de sua tese de doutorado, *O Império em construção: projetos de Brasil e ação política na corte regencial*, o autor auxiliou-nos na reflexão sobre a política na Regência. Por seu trabalho pudemos ver quais eram os grupos políticos desse período, suas principais ideias e formas de organização. Além disso, foi através de Basile que tivemos uma visão geral dos periódicos que circularam na corte, de sua duração, de seu posicionamento e por suas pesquisas foi possível dar vida aos homens que estavam por trás das ideias. Basile nos possibilitou informações sobre os redatores, sua formação, atuação profissional e principais influências políticas.

Finalmente, Wlamir Silva, em seu livro *Liberais e Povo: a construção da hegemonia liberal-moderada na província de Minas Gerais (1830 – 1834),* nos atentou para a hegemonia conquistada pelos liberais moderados logo nos primeiros anos da Regência e a forma como os mesmos fizeram para manter-se no poder. Foi através da obra de Wlamir Silva que descobrimos que tais homens utilizavam-se de uma pedagogia, isto é, de uma forma didática para ensinar os valores dos novos tempos.

A partir de todas essas influências, trabalhamos com o 7 de Abril, data em que se comemorava a abdicação de d. Pedro I, para mostrar que ao longo do período regencial muitos foram os usos políticos e as representações motivados por ela. Nosso interesse não é trabalhar com a abdicação em si ou com suas origens, mas analisar sua repercussão. Tratamos das formas como os partidos políticos representaram a data e de como isso variou conforme seus interesses. Fosse para legitimar seu poder, como fizeram os moderados, para garantir uma maior participação política, como fizeram os exaltados, ou ainda para marcar sua oposição ao governo vigente, como fizeram os caramurus, o 7 de Abril esteve por muito tempo em pauta na Regência.

Para tanto, usamos como fontes alguns dos jornais que circularam na corte durante a Regência: *Aurora Fluminense, O Sete d'Abril, O Exaltado, O Caramuru, O Verdadeiro Caramuru* e *D. Pedro I*. Ao ler tais fontes percebemos a grande quantidade de referências feitas ao 7 de Abril; em seguida, a partir de uma leitura mais atenta, percebemos que os jornais não se referiam ao evento da mesma forma. Assim, passamos a ler as fontes considerando quem as escrevia, em que contexto as fazia e à qual filiação política vinculava-se. De maneira que conseguimos perceber que ao longo do tempo foram criadas diferentes representações para o 7 de Abril, que logo foram inseridas no jogo político e transformaram-

se em mais uma das estratégias usadas pelos grupos para conquistar consenso e maior apoio político.

A base do trabalho centra-se no tripé conceitual de Roger Chartier, representação, apropriação e práticas. Através de Chartier entendemos representação[2] como a recriação da realidade através de imagens que organizam e facilitam a sua apreensão. As representações dão sentido à vivência coletiva, carregam valores e julgamentos, fazem a mediação e substituem um objeto ou acontecimento ausente por uma imagem que é capaz de representá-lo e mantê-lo na memória. São construções que podem ser forjadas por interesses de grupos, principalmente aqueles que detém mais poder. Nesse sentido, não são elaborações neutras mas, ao contrário, produzem estratégias e práticas para servir a determinados interesses, impor uma autoridade e condicionar os acontecimentos. São instrumentos de apreensão da vida social que só fazem sentido quando em referência à prática, ou seja, quando tratam de um acontecimento concreto, o que lhes garante seu caráter variável. De tal modo, criar uma representação para o fato significa interpretá-lo, conceder-lhe um significado que pode variar de acordo com quem o produz, como, e por que o faz.[3]

Essas variações relacionam-se ao conceito de apropriação e trazem à tona as diversas possibilidades de leitura de um mesmo acontecimento. Mostram que a percepção do real não é um processo objetivo e facilmente compreendido, ao passo que pode ser determinado por características compartilhadas por um grupo social. Enfim, analisamos as fontes a partir do conceito de práticas, que são ações empreendidas pelos indivíduos para fazer com que suas representações sejam construídas e tomadas como hegemônicas.

A obra de Reinhart Koselleck também nos serviu de inspiração na elaboração desse trabalho, principalmente quando atentou para a força das palavras e das interpretações e para a sua capacidade de conceder um significado a um determinado acontecimento. Para Koselleck, o homem precisa de conceitos, ou seja, de palavras que interpretem, classifiquem e identifiquem sua experiência. Segundo o autor, *sem conceitos comuns não pode haver uma sociedade e, sobretudo, não pode haver uma unidade de ação política*.[4] É através desses conceitos criados que o homem concede significado à sua vivência histórica, reúne suas experiências e abre seus horizontes de expectativa.

---

[2]CHARTIER, Roger. *À beira da falésia, a história entre as certezas e a inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002 e CHARTIER, Roger. *A historia cultural: entre praticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

[3]Ver CHARTIER, Roger. *O mundo como representação.* In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia, a história entre as certezas e a inquietude.* Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 61 – 79.

[4]KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. *Contribuições semânticas dos tempos históricos.* Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 98.

A dissertação é composta por três capítulos. O primeiro contextualiza a abdicação de d. Pedro I e mostra como o evento foi visto pela historiografia. Tal capítulo também discute as fontes utilizadas, mostrando quem eram os redatores dos jornais pesquisados e quais eram seus posicionamentos políticos. Além disso, analisa sua estrutura, circulação, preço e possibilidade de ser acessível à população. Ainda no primeiro capítulo buscamos entender quem eram os atores políticos da época e de que maneira eles se articulavam. Discutimos ainda o conceito de revolução e as heranças trazidas por ele, posto que os contemporâneos do 7 de Abril referiam-se à data como uma revolução.

O segundo capítulo analisa a forma como o 7 de Abril foi entendido pelos diferentes grupos políticos. Trata-se de interpretar os discursos apresentados nos jornais e tentar reconstruir as imagens que faziam do 7 de Abril, além de buscar entender as formas com que tais construções eram usadas na prática política.

O terceiro capítulo trabalha com os elementos que davam suporte ao 7 de Abril tanto no plano intelectual ou do discurso, como no mundo social. Para isso, trabalhamos com a Câmara dos Deputados e a Guarda Nacional, instituições que passaram a ser vistas por alguns como símbolos dos novos tempos. Por fim, analisamos as festas cívicas organizadas em homenagem ao 7 de Abril.

Capítulo I

A queda de d. Pedro I e o período regencial

A crise da monarquia

O calendário imperial marcava o ano de 1831 e d. Pedro I se afastava cada vez mais da imagem de "grande herói", que havia conquistado durante o processo de Independência do Brasil. O imperador passava por uma dura fase, na qual a sua popularidade estava em queda. Carregando problemas que lhe desgastavam como líder político, estrategista militar e intermediador das relações entre portugueses e brasileiros, o governo de d. Pedro I demonstrava graves sinais de crise.

Seu poder já vinha sofrendo abalos desde 1826, quando, com a morte de seu pai, d. João VI, d. Pedro teve que ficar atento às questões que diziam respeito à sucessão da coroa portuguesa. A questão sucessória em Portugal abalou seu prestígio e por algum tempo fez com que se tornasse um rei com duas coroas.[5] Impossibilitado de continuar nessa situação, o monarca abdicou do trono português em nome de sua filha, Maria da Glória. Contudo, a questão não teve aí seu desfecho. D. Miguel, irmão de d. Pedro I, deu um golpe e assumiu o poder em Portugal. Esse conturbado cenário contribuiu para que d. Pedro se voltasse cada vez mais a acompanhar o desenrolar dos fatos no Reino, o que desagradava aos brasileiros e os fazia acreditar que os assuntos relativos ao seu Império estavam ficando esquecidos enquanto o rei abatia-se com as questões de além-mar.

O ano de 1826 foi marcado ainda pela Guerra da Cisplatina e a participação do Brasil contribuiu para denegrir ainda mais a imagem do monarca. O conflito envolveu Brasil e Argentina, que disputavam a região, que seria, mais tarde, o Uruguai. D. Pedro insistia em participar do conflito bélico por acreditar que era uma forma de assegurar territórios importantes e ainda garantir a integridade do Império. Entretanto, o monarca passou a ser visto como um mau estrategista quando o Brasil saiu derrotado do confronto, mesmo possuindo força e recursos militares superiores.

Como toda guerra, a da Cisplatina deixou um saldo negativo tanto nas questões financeiras quanto nas sociais, devido à grande perda de vidas. Entretanto, o saldo negativo pesou mesmo sobre d. Pedro I que, depois do conflito, passou a ser visto como aquele que não fora capaz de articular seus homens e de administrar seus soldados. Nesse momento, o poder

---

[5]MOREL, Marco. *O período das Regências, (1831 – 1840).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.11.

de negociação de d. Pedro I foi questionado e desconsiderado quando se fez necessária a intervenção externa para que a paz fosse assegurada. Os acordos de paz entre Brasil e Argentina só foram conquistados em 1828 com a intervenção da Inglaterra, o que garantiu o surgimento de um país livre denominado República Oriental do Uruguai[6].

O *Aurora Fluminense,* em 31 de outubro de 1828[7] publicou a "Convenção Preliminar de Paz", documento que assegurava o fim da guerra entre o Império do Brasil e a República das Províncias Unidas do Rio da Prata. O acordo mediado pela Inglaterra determinava que a antiga província da Cisplatina se separasse do território brasileiro e se tornasse independente.

> Em uma guerra de mais de dez anos, nenhum esclarecimento, nenhuma satisfação foi dada pelo governo à Nação ou aos seus deputados, não se viam nas páginas dos papéis ministeriais grandes palavras, narrações de vitória, injúrias contra os argentinos, lástimas da sua fraqueza, miséria e desordenado regime político. No entanto, no meio de ilusões tão brilhantes, cai das nuvens um Tratado indecoroso em que se não acha uma só condição favorável ao Brasil, que compense o prejuízo que sofre ou pelo menos atenue a sua vergonha.[8]

Para o referido jornal, a Guerra da Cisplatina por si só já era uma vergonha com a qual o Brasil teria que conviver, posto que havia sido derrotado mesmo tendo as condições necessárias para vencer. O conflito havia sido um acontecimento desconhecido para grande parte da população pois, conforme sugere o redator, durante o longo tempo em que se estendeu, as autoridades não se prestaram a dar notícias ou esclarecimentos.

O desfecho do conflito ainda era motivo de descontentamento por parte dos brasileiros, que além de perderem territórios, tiveram que contar com o intermédio da Inglaterra, o que desmoralizava ainda mais o poder central e colocava em xeque sua capacidade de comando, posto que d. Pedro I não havia conseguido resolver sequer os conflitos do Império sem ter que recorrer à diplomacia externa. Por fim, o redator diz que o acordo de paz fechado com Buenos Aires foi fruto de uma necessidade - que ele não deixa claro - mas suponhamos que esteja se referindo ao fim da guerra. No entanto, ainda de acordo

---

[6]NEVES, Lúcia Maria Bastos & Machado, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 113. Para uma discussão mais aprofundada sobre a Guerra da Cisplatina e, principalmente para uma revisão bibliográfica sobre o tema e suas visões, ver PEREIRA, Aline Pinto. *Domínios do Império: o Tratado de 1825 e a Guerra da Cisplatina na construção do Estado no Brasil.* Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2007. Disponível pelo site: http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2007_PEREIRA_Aline_Pinto-S.pdfVer ainda: PEREIRA, Aline Pinto. *A monarquia constitucional representativa e o locus da soberania no Primeiro Reinado: Executivo versus legislativo no contexto da Guerra Cisplatina e da formação do Estado no Brasil*. Tese de Doutorado em História Social. Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2012. Disponível pelo site: http://www.historia.uff.br/stricto/td/1390.pdf

[7]Aurora Fluminense, nº 111, 30/10/1828.

[8]Aurora Fluminense, nº 111, 30/10/1828.

com o periódico, tal necessidade de acabar com a guerra não desculpava os ministros por não terem procurado os representantes da nação para mostrar a verdadeira situação.

Nesse caso, percebemos que o redator do *Aurora Fluminense* acreditava que o Brasil não tinha perdido a região da Cisplatina por falta de força ou vontade de seus soldados, mas sim por uma política ineficiente, que não soube achar a melhor saída para a situação. Cabe ressaltar ainda que, para o jornal, d. Pedro I era um dos principais culpados, por ser o dirigente máximo.

Os limites da administração de d. Pedro I eram percebidos ainda pela situação econômica do Império, marcada por uma forte crise com altos índices de inflação e de carestia. A renovação do Tratado de Aliança e Amizade feito com o governo inglês em 1827 era foco de desgosto, uma vez que os ingleses, principais parceiros comerciais do Brasil, pagariam impostos mais baixos que os demais países, causando prejuízos para o Império que tinha como principal receita a cobrança dos direitos de importação[9]. A situação financeira do Brasil se complicou seriamente com a falência do Banco do Brasil, ocorrida em 1829. A instituição estava em dificuldades desde que d. João VI retornou a Portugal com grande parte do tesouro público e mostrava-se incapaz de responder à abusiva emissão de moeda dando margem para a falsificação e para aumento do custo de vida[10].

Percebendo que sua figura não desfrutava mais de prestígio, d. Pedro I tentou reverter esse quadro. Uma de suas tentativas foi viajar a Minas Gerais. Às vésperas da Independência, o imperador já havia realizado tal viagem, que acabou sendo muito proveitosa e lhe garantiu o apoio dos mineiros. Dessa forma, a segunda viagem à província mineira tinha o intuito de reafirmar o apoio dos mineiros, fortalecer a confiança de seus súditos e conseguir bases para suas ações em âmbito nacional[11]. Porém, a viagem não surtiu o efeito esperado. Os mineiros receberam o imperador com muito respeito, porém com certa hostilidade e cumpriram apenas as formalidades.[12]

---

[9]NEVES, Lúcia Maria Bastos & Machado, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 114.

[10]*Ibidem,* p.116.

[11]IGLÉSIAS, Francisco. *Minas Gerais.* In: História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Monárquico. Tomo II, volume 2. São Paulo: Difel, 1985, p. 390.

[12]É importante destacar que no momento da viagem de d. Pedro I a Minas Gerais, a província celebrava as exéquias fúnebres do jornalista e redator de *O Observador Constitucional*, Libero Badaró. Badaró era um imigrante italiano que morava na província de São Paulo e foi assasinado por defender uma vertente mais liberal da política. Sobre tal questão, ver: IGLÉSIAS, Francisco. *Minas Gerais*, p. 385, In: *História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Monárquico.* Tomo II, v.2, São Paulo: Difel, 1985.

Para renovar os ânimos do imperador, seus partidários e patrícios portugueses organizaram uma homenagem para comemorar sua volta. Gladys Ribeiro[13] mostra que as comemorações foram realizadas na corte do Rio de Janeiro, cidade que teve suas ruas decoradas com fogueiras e luminárias; as fachadas das casas traziam as cores da bandeira e fogos de artifícios foram lançados ao ar. Todavia, o apoio a d. Pedro I não era um consenso perante a sociedade e a comemoração, inicialmente pensada para festejar a volta do imperador, não recebeu a adesão esperada e deu início a uma série de manifestações, levando às ruas portugueses e brasileiros – e aqui se incluíam brancos, pardos, escravos, forros.

Alguns defendiam o imperador e a monarquia; outros, as reformas constitucionais, e ainda outros a adoção de novos sistemas, como o republicanismo ou o federalismo. Um incidente em particular, principiado na noite do dia 13 de março de 1831 conhecido como a "Noite das Garrafadas", ganhou destaque não só pela violência dos conflitos mas, sobretudo, por mostrar que a relação entre portugueses e brasileiros se esgarçara ao máximo, que a sociedade não era homogênea e que aqueles que se opunham ao imperador não estavam dispostos a se calar[14].

A abdicação de d. Pedro I e a historiografia

A "Noite das Garrafadas" foi uma das mais contundentes provas de que a situação de d. Pedro I era realmente delicada. Tentando se salvar da crise em que se encontrava, no dia 19 de março de 1831, o monarca convocou um novo ministério, para o qual deu preferência a políticos brasileiros. Entretanto, a nomeação de tal ministério não foi capaz de acalmar os ânimos. Dessa maneira, visando sair do isolamento político, em 5 de abril de 1831, d. Pedro I demitiu os ministros de março e nomeou em seu lugar políticos que lhe garantissem uma maior base política. Tal ministério se assemelhava ao Antigo Regime e a tirania do monarca por ser composto de marqueses e viscondes.[15]

A troca de ministérios foi a gota d'água para uma população que já há muito tempo vinha se descontentando com o poder central. Então, os rumos do Império do Brasil foram

[13]RIBEIRO, Glayds Sabina. *A liberdade em construção – a identidade nacional e os conflitos anti-lusitanos no Primeiro Reinado.* Rio de Janeiro: RelumeDumará: FAPERJ, 2002.
[14]RIBEIRO, Glayds Sabina. *A liberdade em construção – a identidade nacional e os conflitos anti-lusitanos no Primeiro Reinado.* Rio de Janeiro: RelumeDumará: FAPERJ, 2002*,* p. 14.
[15] O novo ministério era composto pelos marqueses de Inhambupe, Aracati, Baependi, Paranaguá e Lajes e pelo visconde de Alcântara.

alterados quando na madrugada de uma quinta feira, 7 de Abril de 1831, d. Pedro I abdicou ao trono brasileiro em nome de seu filho, Pedro de Alcântara, então com apenas seis anos de idade. Seguindo as determinações da Constituição de 1824, foram escolhidos os regentes que governariam durante sua menoridade.[16]

A abdicação inaugurou um período da história do Brasil conhecido como Regência (1831 – 1840), importante por ter como características a complexidade e a riqueza de acontecimentos e experimentações políticas, época em que os brasileiros se viram sem um dos pilares do Império, antes representado pelo imperador, e tiveram que se organizar rapidamente de forma a minimizar as consequências do vazio de poder e manter a estabilidade do Império.

Na historiografia que aborda o período regencial brasileiro, a abdicação aparece como consequência de uma somatória de medidas equivocadas tomadas pelo imperador que lhe fizeram perder o crédito com os brasileiros, abrindo espaço para a formação de uma grande oposição e, principalmente, para a manifestação desses descontentamentos.

OctávioTarquínio de Souza assim descreve os acontecimentos:

> A crise atingia o auge. Toda a tropa abandonava o monarca, inclusive o "Batalhão do Imperador", que desertara a guarda do Paço de São Cristóvão e partira sob o comando de Manuel da Fonseca Lima a juntar-se aos revoltosos do Campo de Santana. E já d. Pedro I se obstinava em não repor o ministério demitido a 5 de abril, só um caminho lhe restava: a abdicação. E foi o que fez, pelas três horas da manhã, numa comoção em que mal pôde conter as lágrimas. Estava consumada a revolução liberal do Brasil, fora do trono o imperador que tanto ajudara a obra da Independência.[17]

Augustin Wernet define a abdicação como o único fim possível para d. Pedro I frente às manifestações liberais que estavam ocorrendo. Segundo o autor, o impasse entre a conduta do imperador e as aspirações dos políticos liberais foram sendo construídos ao longo do tempo. A querela teria tido início com a questão nacionalista, quando a classe dominante, que para o autor era aquela que possuía terras e escravos, quis por fim ao domínio da metrópole portuguesa.[18]

---

[16]Com a abdicação, o Império do Brasil passou a contar com um imperador em plena menoridade, posto que Pedro de Alcântara tinha seis anos, enquanto a maioridade determinada pela constituição de 1824 era de dezoito anos. Nesse caso, a constituição determinava que o Império fosse governado por uma regência a ser exercida pelo parente mais próximo do imperador que fosse maior de 25 anos e que estivesse em observância às regras de sucessão. Caso o imperador não tivesse parentes que seguissem esses requisitos, o Império seria governado por uma regência composta por 3 membros e deveria ser nomeada pela Assembleia Geral, a quem caberia também determinar os limites de sua autoridade. A constituição brasileiro de 1824 está disponível para consulta em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm

[17]SOUZA, Octávio Tarquínio de. *História dos Pais Fundadores do Império do Brasil*. 10 volumes. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. Volume V: Evaristo da Veiga, pp. 350 – 351.

[18]Segundo Augustin Wernet, desde a época colonial o Brasil estava submetido a um duplo sistema de dependência. O império ligava-se a Portugal, sua metrópole, da mesma forma que se ligava à Inglaterra, com quem Portugal mantinha estreitas relações comerciais. Desde a transferência da Família Real para o Brasil em

Para Paulo Pereira de Castro[19], a abdicação já há algum tempo soava como uma hipótese. De acordo com o autor, desde 1829 grupos *"portadores de ideias liberais muito avançadas"* já preparavam manifestações contra o regime monárquico. Entretanto, o autor diz que não se contava como certa a abdicação e nem se pretendia expulsar à força d. Pedro I de seu trono. O que aconteceu foi o aumento das insatisfações quanto ao governo de d. Pedro I e no momento em que as tensões atingiram seu ápice, o grupo político conhecido como exaltados teria tomado o controle e incentivado a população a comparecer nas manifestações. Para Paulo Pereira de Castro, esse foi o início do movimento que teve como resultado o 7 de Abril, que possuía objetivos muito limitados, posto que só desejava promover a volta do ministério demitido pelo imperador em 5 de abril do referido ano.

Dessa forma, Paulo Pereira de Castro entende a abdicação como uma tentativa de golpe parcial desfechado contra a monarquia. Tal golpe teria sido dado por homens que desejavam conquistar maior espaço político e uma maior autonomia para os governos provinciais. Segundo o autor, pouco se sabe sobre a organização do golpe que resultou na abdicação. No entanto, o mesmo seguia os precedentes dos demais ocorridos no Primeiro Reinado, isto é, foi realizado por homens que, descontentes com uma determinada situação, organizavam-se através de petições ou representações para pressionar o poder central.

> Os golpes, dentro de um precedente bem estabelecido no Primeiro Reinado, sob a forma de petições da tropa, de representações, de votos do povo e tropa determinavam mudanças de comandos, proscrições de indivíduos considerados prejudiciais à causa popular, a adoção de medidas administrativas etc., como na Bahia a 4 de Abril, ao exigir-se a substituição do General Callado e na própria corte ao exigir-se a volta de um ministério.[20]

Castro mostra que os homens se reuniram no Campo de Honra[21] e agiram de acordo com um preceito: golpear a monarquia exigindo que o imperador revogasse uma de suas

---

1808 e da emancipação política ocorrida em 1822, o Império continuou dependente dos ingleses, fato que o autor considerava comprovado pela renovação do Tratado de Comércio em 1827. Assim, segundo Wernet, a Inglaterra teria um grande poder de decisão nos rumos que estavam sendo tomados no Brasil, sobretudo nos assuntos relativos ao comércio. Dessa forma, a questão nacionalista e liberal que estava por trás do 7 de Abril relacionava-se aos desejos dos brasileiros de se subordinarem a apenas uma metrópole, a Inglaterra. Ver: WERNET, Augustin. *O período regencial: 1831 – 1840*. São Paulo: Global Editora, 1982.

[19] CASTRO, Paulo Pereira de. *A "experiência republicana", 1831 - 1840*. In: *História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Monárquico*. Tomo II, V. 2. São Paulo: Difel, 1985.

[20] *Ibidem,* p. 11.

[21] O Campo de Santana, citado tanto pela historiografia quanto pelos jornais, foi o espaço público onde ocorreram todas as manifestações que resultaram na abdicação de d. Pedro I. No século XIX, era uma importante praça da corte, na qual se reuniam importantes instituições militares como a Infantaria e a Cavalaria. Assim, a praça funcionava como um lugar de reunião da "tropa" que, no palavreado da época, referia-se aos militares. Além disso, era um lugar onde a circulação do "povo" era intensa. Assim, frente aos descontentamentos quanto às atitudes do imperador, o Campo de Santana foi pensado como o lugar ideal para agrupar os manifestantes. Logo após a abdicação, o lugar adquiriu um sentido simbólico muito forte e passou a ser chamado de Campo de Marte ou Campo de Honra. O que tratava-se de uma fortíssima referência ao Champ de Mars, situado, atualmente,

decisões. O autor classifica ainda o período regencial como uma experiência republicana, posto que nesse intervalo o Império do Brasil não contou com uma autoridade monárquica atuante e o governo foi entregue aos cuidados de homens eleitos. Fato que era novo para uma sociedade monárquica, daí a ideia de experiência, de teste.

Para Marco Morel, a situação de d. Pedro I já estava delicada no início do ano de 1831 e que, sem apoio político, o monarca isolava-se.

> O campo minado era o Campo de Santana, no Rio de Janeiro, sede das principais unidades militares, onde começou um ajuntamento de tropas e de civis. Nicolau Vergueiro, senador, dirigente maçom, abandonou as reuniões secretas e foi um dos que ganhou as ruas da cidade imperial, que se enchiam de gente ávida de cidadania, gente da "boa sociedade", mas muitos anônimos também. O general Francisco de Lima e Silva, principal nome do esquema militar do imperador, aderiu às manifestações com seus subordinados e aliados. "Tropa" e "povo", segundo as palavras da época, julgaram-se soberanos e empurraram o governante supremo contra a parede. Embora não fosse de toda imprevista, a situação precipitou-se. Isolado no palácio, d. Pedro I busca a fórmula da abdicação em nome do príncipe herdeiro, prevendo em seu lugar uma Regência que deveria ser, retomando as palavras de Constant, sábia e moderada em defesa da ordem, da monarquia e da dinastia. [22]

Marco Morel mostra a abdicação como o resultado de um processo marcado por posicionamentos e ações do imperador que acabaram desagradando a seus súditos, que influenciados por ideias liberais, acreditavam na possibilidade de reação contra um governo que não estivesse agindo de acordo com os interesses da maioria.

O historiador nos mostra ainda que a abdicação como uma saída para d. Pedro I não foi improvisada ou pensada de última hora, mas que já havia sido cogitada anteriormente. Morel faz referência a uma carta enviada por Constant, um dos principais teóricos do pensamento político europeu da época, na qual aconselhava d. Pedro I a abdicar de seu trono no Brasil em nome do príncipe herdeiro e deixar em seu lugar uma regência moderada para garantir a ordem enquanto durasse a menoridade de Pedro II.[23]

> As reflexões de Benjamin Constant marcaram igualmente o fim do Primeiro Reinado brasileiro (1831). Numa carta manuscrita datada de 1827 e encontrada entre os papéis de d. Pedro I, Constant já refletia (e aconselhava) sobre um eventual retorno do monarca

entre a Torre Eiffel e a Escola Militar, em Paris, local que foi palco de importantes acontecimentos da Revolução Francesa. O que demonstrava o peso da herança da referida revolução tanto na forma de se pensar os movimentos que lhe seguiram, quanto na denominação dos espaços públicos. Atualmente, o Campo de Santana, é chamado de Praça da República e guarda memórias relacionadas à proclamação da república, como a casa de Marechal Deodoro da Fonseca e ainda o Ministério da Guerra. Ver: MOREL, Marco. *As transformações no espaço público: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial, 1820 – 1840.* São Paulo: Hucitec, 2005. Capítulo 4: Rio de Janeiro, Cidade Imperial.

[22]MOREL, Marco. *O período das Regências (1831-1840)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.p. 19.

[23]Sobre a relação entre Benjamin Constant e d. Pedro I, ver: BARBOSA, Silvana Mota. Autoridade e Poder Real: Benjamin Constant e a Carta Constitucional Portuguesa de 1826. Locus: revista de história. Juiz de Fora, v. 10, n. 2, pp. 7 – 22, 2004.

> a Portugal, deixando em seu lugar no Brasil uma Regência que mantivesse a monarquia e a dinastia no poder.[24]

Constant acreditava que essa seria a melhor maneira de d. Pedro I assegurar a monarquia e o *status quo* no Brasil, além de garantir que ele fosse lembrado como paladino das liberdades, já que naquele momento estava sendo comparado com governantes, que tanto na América, quanto na Europa, eram vistos como representantes da tirania.[25]

Já o historiador Francisco Iglésias trata a abdicação como o resultado de um choque entre o liberalismo e as inclinações autocráticas do imperador. Para ele, nesse momento o Império teve sua integridade nacional posta em risco e viveu um momento fecundo para os mais diversos tipos de rebeliões e manifestações.[26]

Lúcia Maria Bastos e Humberto Fernandes Machado mostram a abdicação como o resultado da união da população e do exército no Campo de Santana para pedir mudanças, e principalmente, a volta do ministério deposto por d. Pedro I. Segundo os autores, nesse momento o governo de d. Pedro I vivia uma crise cuja resposta dada foi a abdicação. Os autores salientam que a essa altura o monarca já apresentava os títulos de "intransigente, autoritário e absolutista".[27]

Maria de Lourdes Vianna Lyra mostra a abdicação como desfecho de um governo que já se mostrava desgastado e acuado. A historiadora apresenta a abdicação como o fim possível para um governo que não conseguia equilibrar bem um Império que sofria com a Guerra da Cisplatina, com a situação econômica interna e com a questão sucessória do trono português. Então, isolado no Palácio de São Cristóvão e sem expressivo apoio político, só restava a d. Pedro I renunciar publicamente.[28]

---

[24]MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820 – 1840*. São Paulo: Hucitec, 2005, p. 47.

[25]Marco Morel cita a troca de correspondência entre o primeiro monarca do Brasil e um importante pensador político europeu, Benjamin Constant, que representava nesse contexto uma das grandes diretrizes para o liberalismo. Constant defendia um liberalismo no qual a força da sociedade deveria sobrepor-se ao Estado, ou seja, ele defendia uma maior liberdade de expressão dos membros da sociedade e até mesmo uma maior autonomia das instituições que davam suporte ao poder político central, como o Parlamento. Segundo Marco Morel, Benjamin Constant teve grande influência na institucionalização do Império Brasileiro e na elaboração da Constituição de 1824. *Ibidem*, pp. 46 – 49.

[26]IGLÉSIAS, Francisco. *Minas Gerais.* In: História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Monárquico. Tomo II, volume 2. São Paulo: Difel, 1985.

[27]NEVES, Maria Lúcia Bastos Pereira das & MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

[28] LYRA, Maria de Lourdes Vianna. *O Império em construção: Primeiro Reinado e Regências*. São Paulo: Atual Editora, 2000.

Finalmente, para Wlamir Silva, a abdicação foi fruto de vários conflitos que desgastaram a relação entre a sociedade e o monarca. Dessa forma, a abdicação de d. Pedro I trouxe para os homens do Império uma nova perspectiva:

> O 7 de Abril e a abdicação de Pedro I trouxeram uma nova perspectiva para as elites políticas brasileiras: *o self-government*. Com um herdeiro menino e tutelado, surgia uma oportunidade de estruturação política que, prescindindo de uma ação antimonárquica, viesse a estabelecer a preeminência representativa e provincial.[29]

Em outras palavras, a abdicação do imperador trazia a possibilidade de um novo governo, guiado pelos interesses dos brasileiros que, a partir de uma ação contrária à monarquia, estabeleceriam uma política representativa e com maior autonomia provincial. Além disso, o historiador demonstra ainda que a abdicação foi acompanhada de um processo de vulgarização da imagem de d. Pedro I, quando este deixou de ter elevadas suas qualidades de herói que lutou pela Independência e passou a ser visto como alguém de interesses mesquinhos.

> Intentava-se reduzir o impacto do simbólico monárquico pelo acanalhamento da figura de d. Pedro I, associando-a a interesses mesquinhos e à sua trajetória política, ou histórica, real. Mas, se a sacralidade de d. Pedro I carregava em si a sacralidade dinástica, boa parte de sua força simbólica fora construída pelos próprios liberais, com sua heroificação a partir dos episódios da Independência. Assim, uma dimensão importante da guinada liberal-moderada seria uma reavaliação histórica da personagem imperial no processo de autonomia.[30]

D. Pedro I talvez pudesse ter voltado atrás em sua decisão, ou ter colocado de volta no cargo o ministério deposto em 5 de abril de 1831, o que podia ter impedido a movimentação de homens e até mesmo indicado uma outra saída que não fosse a sua abdicação. Não podemos negar que, como um monarca, ele possuía à sua disposição os meios de conter as manifestações populares que, como nos mostraram as fontes e a historiografia, não foram utilizados. Parece-nos ter atravessado d. Pedro I um período conturbado, marcado por problemas de ordem econômica e social e que diminuíram a credibilidade de seu governo e lhe causaram desânimo. Assim, percebemos a abdicação como uma das saídas encontradas pelo monarca, uma decisão do governante visando acalmar o povo do Império e garantir que o mesmo continuasse sob o domínio da sua família.

Porém, fato é que a abdicação ocorreu e os acontecimentos do 7 de Abril passaram a ser considerados por muitos dos contemporâneos como uma *revolução*. Isso se devia aos exemplos e referência que os mesmos buscavam na história europeia. A década de 1830

---

[29]SILVA, Wlamir. *Liberais e povo: a construção da hegemonia liberal-moderada na província de Minas Gerais (1830 – 1834).* São Paulo: Aderaldo &Rothschild; Belo Horizonte, Minas Gerais: Fapemig, 2009, p. 189.
[30]*Ibidem,* p. 190.

mostrava-se impactante para o Brasil, mas não menos importante para a Europa, sobretudo, para a França. Naqueles anos, a França viveria momentos ímpares, não só por terem sido capazes de efetivar mudanças em sua realidade, mas sobretudo por servirem de repertório para comparação com os acontecimentos que se seguiram. E ainda por trazerem à tona heranças de antigos e emblemáticos acontecimentos, como a Revolução Francesa.

Para Eric Hobsbawm, o mundo ocidental passou por três grandes ondas revolucionárias entre 1815 e 1848. Segundo o autor,

> Poucas vezes a incapacidade dos governos em conter o curso da história foi demonstrada de forma mais decisiva do que na geração pós-1815. Evitar uma segunda Revolução Francesa, ou ainda a catástrofe pior de uma revolução europeia generalizada tendo como modelo a francesa, foi o objetivo supremo de todas as potências que tinham gastado mais de vinte anos para derrotar as primeiras; até mesmo os britânicos, que não simpatizavam com os absolutismos reacionários que se estabeleceram em toda Europa e sabiam muito bem que as reformas podiam ser evitadas, mas que temiam uma nova expansão franco-jacobina mais do que qualquer outra contingência internacional. E, ainda assim, nunca na história da Europa, o revolucionariosmo foi tão endêmico, tão geral, tão capaz de se espalhar por propaganda deliberada como por contágio espontâneo.[31]

Pelas palavras de Hobsbawm percebemos que a Europa adentrou a década de 1830 carregando a herança da Revolução Francesa que lhe servia como modelo repleto de conotações negativas e que não se desejava repetir. A Revolução teve início em 1789, em uma França marcada por privilégios com a aristocracia, com a nobreza e com o clero, por um absolutismo monárquico e por vestígios de uma organização social feudal que pesava sobre os camponeses.

Hobsbawm bem assinalou que a maneira como vemos o passado é resultado de uma seleção específica dos nossos interesses. Sendo assim, a Revolução Francesa foi apresentada de diferentes formas, de acordo com o que queria destacar. Em lugares onde as monarquias eram fortes, como o Império do Brasil, o aspecto que mais pesava da revolução ocorrida na França era seu período de terror, as mortes e o derramamento de sangue. O movimento repercutiu para as monarquias como algo que devia ser evitado, por ter uma força incontrolável depois de iniciado. A memória da Revolução Francesa era, muitas vezes, negada por causar medo e repulsa, principalmente em reis que não desejavam a mesma sorte de Luís XVI.

Em meio a essas ondas revolucionárias europeias, a que mais teve repercussão direta no Brasil foi a ocorrida na França, em julho de 1830. Tal revolução arquitetou a queda de um monarca e foi planejada por uma burguesia enriquecida e descontente com os rumos políticos.

---

[31] HOBSBAWM, Eric. *A era das revoluções, 1789 – 1848.* Tradução de Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. São Paulo: Paz e Terra, 2012. 25º edição revista. 5º impressão. Ver:Capítulo 6 – As revoluções.

Com o fim da era napoleônica, os Bourbons haviam voltado ao poder na França. Naquele momento, estava em vigor uma constituição que dizia que o representante máximo do poder executivo era o rei, que deveria governar juntamente com as instituições representantes do poder legislativo. O legislativo era bicameral, formado pela Câmara dos Pares, cujos membros eram escolhidos pelo rei, e pela Câmara dos Deputados, que eram eleitos por voto censitário.

A França estava ainda submetida ao poder do rei Carlos X que, com ideais conservadoras, passou a propor medidas que reafirmavam o absolutismo e o governo nos moldes do Antigo Regime. Como exemplo de que estava disposto a manter um poder fortemente centralizado, o rei francês censurou a liberdade de imprensa e ainda deu grandes poderes à Igreja, que passou a controlar grande parte das instituições educacionais. No ano de 1830, os políticos de vertente mais liberal saíram vitoriosos das eleições e a câmara passou a fazer forte oposição às medidas tomadas pelo rei. No entanto, este não cedeu às pressões; ao contrário, impôs medidas ainda mais severas e retirou do cargo todos os deputados eleitos, ato que desagradou muitas pessoas que sob a liderança do duque Luiz Felipe, juntamente com jornalistas, estudantes, burgueses e trabalhadores, deram início a uma série de manifestações que conduziram a França à revolução de 1830.

Em meio a tantos descontentamentos, Carlos X abdicou de seu trono e Luiz Felipe ficou em seu lugar. Segundo Hobsbawm, a própria França criou condições para que a revolução surgisse, posto que naquele momento apresentava sistemas políticos inadequados à realidade social.

> Os Bourbons foram derrubados em Paris por uma típica combinação de crise do que se considerava a política da monarquia Restaurada e da intranquilidade popular devida à depressão econômica. Cidade sempre agitada pela atividade de massa, Paris em julho de 1830 mostrava as barricadas surgindo em maior número e em mais lugares do que em qualquer época anterior ou posterior.[32]

Por isso o caso francês servia aos brasileiros como um bom exemplo e como uma herança positiva, afinal seus rumos sintetizavam tudo aquilo que a direção liberal moderada desejava conquistar. Nas terras tropicais, os acontecimentos franceses encontraram ainda um ambiente propício para o recebimento de tais ideias, pois o Império vivia uma difícil situação financeira e estava entregue a um governante que, no início da década de 1830, se encontrava muito preocupado com a questão dinástica de Portugal. Por isso, tal *revolução* de 1830 teria ainda uma grande aceitação em uma sociedade na qual os proprietários reclamavam por maior participação política.

[32] HOBSBAWM, Eric. *A era das revoluções, 1789 – 1848.* Tradução de Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. São Paulo: Paz e Terra, 2012. 25º edição revista. 5º impressão, p. 194.

Assim foi a aurora da década de 1830 na França, descrita por muitos como o ano da liberdade. Assim caminhava a conquista da liberdade no Brasil, pautada em manifestações, em tensões, em golpes, em representações e sempre carregando ideais e posicionamentos de movimentos anteriores.

As vozes da Regência: um período de grande atividade jornalística

Marco Morel define o período regencial como aquele que não permite visões esquemáticas, mas ao contrário, como um laboratório no qual estavam em prova diferentes práticas políticas e sociais.

> Penso que o período regencial pode ser visto como um grande laboratório de formulações e de práticas políticas e sociais, como ocorreu em poucos momentos da história do Brasil. Nela, foram colocados em discussão (ou pelo menos trazidos à tona): monarquia constitucional, absolutismo, republicanismo, separatismo, federalismo, liberalismo em várias vertentes, democracia, militarismo, catolicismo, islamismo, messianismo, xenofobia, afirmação da nacionalidade, diferentes fórmulas de organização do Estado (centralização, descentralização, posições intermediárias) conflitos étnicos multifacetados, expressões de identidades regionais antagônicas, formas de associação até então inexistentes, vigoras retóricas impressas ou faladas, táticas de lutas as mais ousadas... A lista seria interminável.[33]

Para classificar tal recorte cronológico, podemos ainda utilizar as palavras de Lynn Hunt[34] e dizer que naquele momento o Império viveu uma época de politização do cotidiano e de abertura para as discussões dos mais diversos assuntos. A Regência havia criado um ambiente propício para discutir assuntos como: monarquia constitucional, absolutismo, republicanismo, federalismo, liberalismo, democracia, catolicismo, nacionalismo e formas de organização do Estado Nacional.

As consequências trazidas pela abdicação de d. Pedro I transcendiam a simples troca de governantes, serviam como baliza temporal para um período diferente. Marco Morel afirma que a abdicação transformou o ambiente cultural ampliando e diversificando a esfera pública, cultural e literária e abrindo mais espaço para a discussão de questões políticas. Foi um tempo de intensa atividade jornalística e vivência política.[35]

---

[33]MOREL, Marco. *O período das Regências (1831-1840)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003, p.9.
[34]HUNT, Lynn. *Política, cultura e classe na Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 81.
[35]MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820 – 1840*. São Paulo: Hucitec, 2005.

Segundo Morel, essas iniciativas de manifestações políticas começaram a ganhar vulto no final do Primeiro Reinado. Nesse momento, a abdicação do imperador e os governos da Regência significaram um relativo enfraquecimento do poder monárquico, o que possibilitou um aumento das manifestações políticas e das organizações de associações com o mesmo fim. O autor segue dizendo que após o 7 de Abril houve uma grande proliferação de associações políticas, patrióticas, filantrópicas, maçônicas, públicas e secretas, associações que, ao longo do Primeiro Reinado, cresceram tanto em número quanto em atividades, e que só começariam a ser reprimidas com o *Regresso*.[36]

Ao escrever suas memórias, o deputado e advogado mineiro Francisco de Paula Ferreira de Rezende, acentua esse caráter da vivência política da Regência. Ele dizia se recordar de forma mais viva e nítida de acontecimentos ligados ao público e ao político, o que justifica da seguinte maneira:

> O fato tem, entretanto, quanto a mim, uma explicação plausível e muito natural; e é, que nasci e me criei no tempo da regência; e que nesse tempo o Brasil vivia, por assim dizer, muito mais na praça pública do que no lar doméstico; ou, em outros termos, vivia em uma atmosfera tão essencialmente política que o menino, que em casa muito depressa aprendia a falar liberdade e pátria, quando ia para a escola, apenas sabia soletrar a doutrina cristã, começava logo a ler e aprender a constituição política do Império.[37]

Wlamir Silva analisa a província de Minas Gerais nos primeiros anos do período regencial e, para o autor, grande parte das ideias que circulavam naquele momento era fruto da difusão do liberalismo que já havia se iniciado no século XVIII através da circulação de livros em um meio de homens letrados. Para o autor, após a Revolução do Porto e a Independência do Brasil, a elite liberal mineira procurou aumentar seu poder de convencimento, o que foi possível através da imprensa periódica. Silva destaca que foi na província de Minas Gerais que a imprensa ressurgiu e que lá existia grande atividade tipográfica a tal ponto que o maquinário era produzido localmente.[38]

Essa tendência de politização expressa através da imprensa periódica se espalhou por todos os cantos do Império e viveu seu auge na corte do Rio de Janeiro, onde, principalmente após o reabertura da Assembleia Legislativa, os homens ganharam um espaço maior para expor suas ideias.

Segundo Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves e Humberto Fernandes Machado,

---

[36]MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820 – 1840*. São Paulo: Hucitec, 2005, pp. 268 – 269.
[37]REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. *Minhas recordações*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987, p. 67.
[38]Ver: SILVA, Wlamir. *Liberais e povo: a construção da hegemonia liberal moderada na província de Minas Gerais (1830 – 1840).* São Paulo: Hucitec, 2009.Capítulo 4: O “Comércio dos Pensamentos”.

> O processo de politização possibilitado pela nova legislatura de 1826 trouxe à luz o renascimento dos jornais, sendo que, no Rio de Janeiro, alguns se destacaram por seu papel de oposição, ainda que em tom moderado, como o *Astréia*, fundado em junho de 1826, e o *Aurora Fluminense*, cujo primeiro número apareceu em novembro de 1827, e a *Malagueta*, que ressurgiu em 1828 e cujos excessos ocasionaram nova agressão ao seu redator no ano seguinte.[39]

A discussão política permitida pela reabertura da Assembleia Geral em 1826 criava um ambiente propício também para a discussão política em outros âmbitos da sociedade, dentre os quais, durante a Regência, a imprensa periódica foi destaque. No intervalo de 1831 a 1840, muitos jornais passaram a ser impressos tanto na corte quanto nas demais províncias.

No Rio de Janeiro, entre os jornais de tendência política liberal moderada, o de maior destaque foi o *Aurora Fluminense*. Marcelo Basile destaca a importância nacional adquirida pelo jornal que circulou sem interrupções entre 21 de dezembro de 1827 e 30 de dezembro de 1835.[40] O *Aurora Fluminense* era redigido por Evaristo Ferreira da Veiga, nascido em 8 de outubro de 1799 e filho do livreiro e professor de primeiras letras Francisco Luiz Saturnino da Veiga e de Francisca Xavier de Barros. Não frequentou nenhuma universidade, mas aproveitou-se de sua proximidade com os livros e do fato de ser autodidata para adquirir o máximo de conhecimento que pudesse.

Evaristo da Veiga entrou no ramo de seu pai e iniciou seu trabalho como caixeiro de livros. Algum tempo depois, em sociedade com seu irmão, João Pedro da Veiga, abriu uma livraria. Posteriormente abriu uma livraria própria, que ficava na Rua dos Pescadores.[41] Evaristo já se aventurava como escritor, escrevia poesias e hinos, que a princípio eram líricas, mas que aos poucos foram ganhando conotação política. Dessa forma, Evaristo da Veiga ingressou nas atividades de redator[42] e a exposição pública de suas ideias deram a ele a possibilidade de conquistar um lugar na política. Foi eleito deputado por Minas Gerais por três legislaturas consecutivas (1830, 1834 e 18380),[43] tornando-se uma das vozes mais respeitadas do liberalismo moderado.[44]

---

[39]NEVES, Maria Lúcia Bastos Pereira das & MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 116.

[40]BASILE, Marcelo Otávio Neri. *OImpério em construção: Projetos de Brasil e ação política na Corte Regencial.* Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, p. 24.

[41]A Rua dos Pescadores corresponde à atual Rua de Visconde de Inhaúma.

[42]Segundo Marco Morel, a imprensa no século XIX fez com que entrasse em cena o homem público, ou seja, o redator, o panfletário ou o gazeteiro, que assinava pelo jornal e que era responsável pelas ideias nele apresentadas. Para Marco Morel, esse homem vinha com uma missão política e pedagógica simultaneamente de instruir e influenciar a opinião dos leitores. Ver: MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820 – 1840*. São Paulo: Hucitec, 2005, p. 167.

[43]Evaristo da Veiga tinha grande apoio dos eleitores da Província de Minas Gerais onde seu jornal era muito bem recebido e tinha grande circulação. Além disso, dois de seus irmãos moravam na vila de Campanha, situada no sul de Minas, lugar para o qual se mudaram para tratar da saúde, posto que na região havia águas minerais com resultados medicinais. Assim, os irmãos, que também eram políticos influentes na região e também realizavam

O redator do *Aurora Fluminense* sempre teve um grande prestígio e um enorme poder político, porém nunca ocupou nenhum outro cargo que não fosse o de deputado, o que alguns de seus biógrafos justificam como a sua recusa e seu desinteresse por altos postos e por honrarias. Evaristo da Veiga foi extremamente atuante nos anos iniciais da Regência, quando os moderados assumiram a condução política do Império e mantinha estreitas relações com Feijó. No entanto, quando a situação começou a se encaminhar para o *Regresso*, ele ficou desiludido e acabou falecendo em 12 de maio de 1837, com apenas trinta e sete anos de idade. Octávio Tarquínio de Sousa refere-se ao fim da vida de Evaristo com as palavras: "vida breve, morte oportuna" e diz que o político teve uma vida curta, porém intensa e deixou a política na hora apropriada, posto que era ferrenho defensor das ideias liberais e no ano em que faleceu a política encaminhava-se para o *Regresso*.[45]

O jornal *O Sete d'Abril* também circulou pela corte do Rio de Janeiro entre 1º de janeiro de 1833 e 20 de março de 1839. Segundo Marcelo Basile, inicialmente tal jornal estava ligado à corrente política dos moderados. Porém, com o passar do tempo, foi apresentando um discurso contrário tanto aos seus companheiros quanto ao governo, até se firmar como o grande veículo de articulação do *Regresso*.[46] A redação de *O Sete d'Abril* é comumente atribuída a Bernardo Pereira de Vasconcelos.

Vasconcelos[47] nasceu em Vila Rica, atual Ouro Preto, em 27 de agosto de 1795, filho do português Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos e da mineira Maria do Carmo Barradas. Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra e, ao retornar para o Brasil, atuou como

---

atividade jornalística, espalhavam por outras bandas as ideias de Evaristo. Marcelo Basile salienta que Evaristo da Veiga contava com apoios muito importantes em Minas Gerais como o dos políticos com experiência parlamentar: José Custódio Dias, José Bento Ferreira de Melo, Bernardo Pereira de Vasconcelos, Antônio Limpo de Abreu e José Cesário de Miranda Ribeiro. BASILE, Marcelo Otávio Neri de Campos. *OImpério em construção: Projetos de Brasil e ação política na Corte Regencial.* Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, p. 26. Sobre Evaristo Ferreira da Veiga, ver: ANDRADE, Marcos Ferreira de; e SILVA, Janaína Carvalho da. *"Moderados, Exaltados e Caramurus no prelo carioca: os embates e as representações de Evaristo Ferreira da Veiga (1831 – 1835)."* In: Almanack. Guarulhos, n. 04, p. 130 – 148. 2º semestre de 2012.

[44]Segundo Marco Morel, a figura do deputado redator foi muito comum no século XIX. Para o referido autor, a redação de um jornal era uma das maneiras de conseguir se eleger para algum cargo, o que mostrava um cruzamento expressivo entre os parlamentares e os agentes culturais. Ligação que não era vista com os senadores. Questão que Marco Morel justifica pela diferente posição ocupada por deputados e por senadores. Os deputados tinham que conquistar sua legitimidade perante seus eleitores, por isso a cada mandato queriam ficar em evidência no espaço público. Concomitantemente, que os senadores não se interessavam tanto em aparecer na cena política posto que seu cargo era vitalício. MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820 – 1840*. São Paulo: Hucitec, 2005,p. 190.

[45]Sobre Evaristo Ferreira da Veiga, ver: SOUSA, Octávio Tarquínio de. História dos Pais Fundadores do Império do Brasil. 10 volumes. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. Volume V, pp. 277 – 427.

[46]BASILE, Marcelo Otávio Neri de Campos. *OImpério em construção: Projetos de Brasil e ação política na Corte Regencial.* Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, pp. 35 - 37.

[47]Para a biografia de Bernardo Pereira de Vasconcelos, ver: CARVALHO, José Murilo de. *Bernardo Pereira de Vasconcelos*. São Paulo: Ed. 34, 1999. SOUSA, Octávio Tarquínio de. *História dos Pais Fundadores do Império*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972. Volume V: Bernardo Pereira de Vasconcelos e Evaristo da Veiga.

juiz de fora em Guaratinguetá, na província de São Paulo, entre 1820 e 1822. No ano de 1825, Vasconcelos deu início à sua atividade jornalística em sua cidade natal, onde era o redator responsável pelo periódico *Universal*. Vasconcelos era um excelente orador e escritor que trazia à tona importantes assuntos a serem discutidos. Foi eleito deputado por três legislaturas consecutivas (1826, 1830 e 1834), vice-presidente da província de Minas Gerais, Ministro da Fazenda durante a Regência Trina Permanente, ministro da Justiça e do Império. Em 1838 foi nomeado senador por Minas Gerais e em 1840 tornou-se Conselheiro de Estado. Considerado um dos principais articuladores do *Regresso*, Vasconcelos faleceu em 1850, aos 55 anos, vítima de uma epidemia de febre amarela que assolou o Rio de Janeiro.

Marcelo Basile, em um trabalho de grande fôlego, realizou o mapeamento dos jornais que circularam na corte durante a Regência, demonstrando que os jornais moderados não eram tão numerosos quanto os dos demais partidos, embora tivessem como diferencial sua maior durabilidade e constância nas publicações. Ao tratar dos jornais moderados, o historiador citou, além do *Aurora Fluminense* e do *O Sete d'Abril*, *O Independente, O Homem e a América* e o *Astréa*, periódicos que segundo Basile seguiam pelo viés do liberalismo clássico, ou seja, suas opiniões eram baseadas no repúdio a comportamentos extremados, fossem eles absolutistas ou democráticos.

Nessa mesma época, circulavam no Rio de Janeiro jornais com ideias liberais mais exaltadas. Segundo o autor, os exaltados foram responsáveis por grande parte da produção jornalística do período regencial. Porém, suas publicações eram majoritariamente constituídas de pasquins, com um formato menor, uma periodicidade mais irregular e duração efêmera. Eram jornais que defendiam a soberania do povo e uma maior participação política. Apresentavam ataques mais contundentes a seus opositores e procuravam mobilizar um público ampliado, motivo pelo qual, muitas vezes surgiam jornais destinados aos "homens de cor" ou mesmo às mulheres. Os jornais exaltados que circularam na corte durante a Regência foram: *A Nova Luz Brasileira, O Repúblico, Luz Brasileira, O Tribuno do Povo, O Exaltado, A Malagueta, Sentinela da Liberdade, A Matraca dos Farroupilhas, O Jurujuba dos Farroupilhas, Filhos da Terra* e *O Brasil Aflicto.*[48]

Entre tais jornais exaltados destacamos o denominado *O Exaltado*, periódico de longa duração, publicado entre 4 de agosto de 1831 e 15 de abril de 1835, porém de forma irregular. Como seu próprio nome logo deixa claro, era um periódico com ideias mais radicais sobre o

---

[48]BASILE, Marcelo Otávio Neri de Campos. *OImpério em construção: Projetos de Brasil e ação política na Corte Regencial.* Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Para um panorama dos jornais exaltados que circularam na Regência, ver capítulo V: A elite intelectual exaltada.

jogo político. O jornal tinha como redator o padre Marcelino Pinto Ribeiro Duarte, natural da província do Espírito Santo. Desde a Independência, o padre estava envolvido na política e já havia sido responsável pela publicação de panfletos. O padre redator publicou ainda uma gramática filosófica latina em 1828, escreveu diversos textos de conteúdo político e estava presente nas manifestações que resultaram no 7 de Abril.[49]

Ainda nesse ambiente de proliferação de ideias e de discussão política, circularam no Rio de Janeiro os jornais relacionados ao partido caramuru. Marcelo Basile argumenta que tais periódicos também tiveram como principal característica a curta duração e que poucos foram os que conseguiram manter uma circulação duradoura. Entretanto, o historiador destaca *O Caramuru*, *O Carijó* e *A Trombeta* como jornais que circularam com mais assiduidade na corte e que funcionaram como verdadeiros elementos doutrinários.

O Caramuru circulou entre 2 de março de 1832 e 10 de abril de 1833. Seu redator era David da Fonseca Pinto, que sempre esteve ligado ao imperador e, por isso, posicionou-se na cena política da Regência como conservador ou caramuru. Ainda no Rio de Janeiro, circularam outros periódicos caramurus, menores e de redatores desconhecidos como: *O Verdadeiro Caramuru, O Martello, O Grito dos Oprimidos, O Esbarra, D. Pedro I, A Lima Surda, O Lafuente, O Restaurador, A Mineira no Rio de Janeiro, O Militar no Rio de Janeiro, O Brasileiro Pardo* e *O Papeleta.*

Segundo Otávio Tarquínio de Souza, a confecção dos jornais no Império era algo bem precário e muitas vezes um trabalho solitário em que todo o peso ficava a cargo do redator. Eram jornais que muitas vezes não tinham sede própria e eram elaborados e impressos na casa de seu redator. Além disso, o maquinário utilizado por vezes era feito aqui no Brasil ou adaptado conforme as possibilidades locais.

> O que agora é uma tarefa coletiva de um grande número, naquela época era o trabalho de um, dois ou três indivíduos. Os jornais não tinham sequer local destinado à redação. Em regra o redator escrevia em sua própria casa, levava a matéria preparada a uma tipografia, quando não possuía um pequeno prêlo, e ele mesmo se incumbia da revisão, da distribuição, de tudo isso que agora constitui o trabalho de numerosas seções especializadas.[50]

Os jornais que circularam durante a Regência tinham como objetivo principal discutir política. Ao contrário das ideias atuais que temos sobre jornalismo, que se define imparcial e fiel à exposição dos fatos, o jornalismo oitocentista era tendencioso no sentido de que tinha

---

[49]BASILE, Marcelo Otávio Neri de Campos. *OImpério em construção: Projetos de Brasil e ação política na Corte Regencial.* Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, p. 136.

[50]SOUZA, Octávio Tarquínio de. História dos fundadores do Império do Brasil. 10 vs. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957,volume V, p. 312.

um posicionamento e lutava por sua defesa. Os redatores regenciais tinham o objetivo de convencer o leitor de que os fatos que apresentavam eram os mais corretos.

Naquele período, os jornais eram agrupados segundo o posicionamento político de quem os editava e por isso se tornavam verdadeiros campos de batalha nos quais fervorosos debates eram travados. Luciano da Silva Moreira destaca que os jornais eram também um espaço de comunicação entre os redatores, que em geral estavam envolvidos com a política, e usavam a imprensa como uma forma de expor e dialogar tanto com seus correligionários quanto com seus oponentes.[51]

Era comum a prática de transcrição de matérias de outros periódicos. Tais matérias podiam ou não ser seguidas de comentários do redator e nesse caso ficava claro para o leitor qual seu posicionamento e se a citação fora posta ali para corroborar sua opinião ou para justificar sua oposição. O *Aurora Fluminense*, por exemplo, muito se utilizava desse recurso. Em seus exemplares ele transcrevia trechos de jornais ingleses e franceses e passagens de livros e de revistas estrangeiras, sempre destacando aspectos que ele considerava relevantes para o Brasil no momento. Além disso, publicava textos de importantes autores como Benjamin Constant, Adam Smith, Montesquieu, entre outros.

Os jornais mantinham ainda um intenso diálogo entre si. Os exemplares eram trocados de forma que um redator tomasse ciência do que seu companheiro de profissão estava escrevendo. Assim, tornaram-se comuns as práticas de recompilação, que não eram entendidas como plágio ou cópia, mas como uma forma de dar mais fôlego a uma ideia apresentada ou, quando referente à oposição, tal prática era usada como um artifício para poder tecer mais críticas. O *Aurora Fluminense* mantinha ainda contato permanente com os demais periódicos que circulavam no Império. Seu redator, Evaristo da Veiga, apresentou em vários exemplares trechos de periódicos de São Paulo, de Minas Gerais e de províncias do nordeste, promovendo assim uma integração de ideias e aumentando o diálogo entre regiões afastadas geograficamente.

Na folha inicial de cada exemplar aparecia a data, o título e a tipografia onde havia sido impresso, em que lugares poderiam ser comprados e o preço. Logo abaixo dessas informações vinha uma epígrafe, em geral uma frase curta que funcionava como uma carta de apresentação do jornal e sintetizava seu posicionamento político. Alguns jornais apresentaram a mesma epígrafe desde sua fundação até seu último exemplar. Outros mudavam sua epígrafe conforme os acontecimentos do contexto político.

---

[51]MOREIRA, Luciano da Silva. "Imprensa e Política: espaço público e cultura política na Província de Minas Gerais, 1828 – 1842. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, FAFICH, 2006.

A circulação desses periódicos era semanal e eles podiam ser impressos de duas a três vezes por semana. Em geral, apresentavam quatro páginas e seguiam a mesma estrutura. Apresentavam matérias que discutiam política, tratavam de medidas econômicas, apresentavam extratos das reuniões das câmaras municipais e das assembleias, transcreviam determinações do governo e davam notícias do que estava acontecendo nas demais províncias. Era comum aparecer no final dos exemplares uma coluna dedicada às correspondências, nas quais os leitores tinham a oportunidade de expor suas ideias ou alertar sobre acontecimentos que julgavam importantes. Era comum, ainda, a publicação de textos de importantes filósofos e pensadores europeus ou de pequenas frases que podiam ser identificadas como "Máximas."

Os exemplares eram datados e tinham suas folhas numeradas. O número das folhas dizia muito sobre a atividade do jornal. Jornais mais duradouros e de publicação frequente como o *Aurora Fluminense,* iniciavam sua numeração no seu primeiro exemplar publicado e davam continuidade à contagem nos demais. Já periódicos de curta duração e com publicação mais incerta iniciavam uma nova contagem a cada exemplar impresso. Nos jornais eram ainda identificados a tipografia responsável pela impressão e o preço cobrado por cada um. A compra de tais jornais podia ser feita na própria tipografia ou em determinadas livrarias. No caso dos jornais de maior longevidade, ainda era comum a prática de manterem assinantes.

Segundo Marcelo Basile, tais jornais tinham um preço acessível à população da época.[52] Marco Morel também mostra que grande parte da população poderia comprar tais periódicos.

> Os jornais periódicos também vendidos na Livraria Plancher custavam entre 40 e 80 réis o exemplar, de acordo com o número de páginas – o que os tornava muito mais acessíveis que os livros. Sabe-se que um escravo de ganho recebia cerca de 80 réis como pagamento diário de seu trabalho. Sendo assim, não era impossível, hipoteticamente, a um escravo de ganho ou mesmo um alforriado eventualmente comprarem um jornal periódico.[53]

Marco Morel analisou o caso do francês Pierre Plancher, que veio para o Brasil e se estabeleceu na corte, onde abriu uma livraria. Morel afirma que Plancher aqui se estabeleceu no momento em que o país, que havia passado recentemente pelo processo de independência e que estava construindo as bases de seu Estado nacional, precisava de uma política cultural mais bem definida. Nesse momento, o controle das ideias que circulavam havia desaparecido e o público leitor se expandia. Assim, Plancher encontrou no Brasil um mercado promissor

---

[52]BASILE,Marcelo Otávio Neri de Campos. *OImpério em construção: Projetos de Brasil e ação política na Corte Regencial.* Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, p. 25.

[53]MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820 – 1840*. São Paulo: Hucitec, 2005, p. 59.

para o qual podia trazer livros que tratassem de ideias que lhe eram importantes como a: *defesa do liberalismo constitucional, rejeição dos 'horrores' da Revolução Francesa e das rebeliões dos escravos, valorização dos autores do Iluminismo (...).* [54]

Marco Morel fez uma análise pormenorizada sobre os títulos presentes na livraria de Plancher, sobre os assuntos tratados e sobre a organização de tais títulos nas prateleiras. O autor chegou à conclusão de que a referida livraria era um foco a partir do qual era transmitido um conhecimento que valorizava a cultura francesa, já que a maioria das obras vendidas ali estava em francês. O historiador interpreta esse fato como uma prova do peso da cultura francesa no Império do Brasil, o que ainda podia ser reforçado pela constatação de que d. Pedro I só falava em português e francês. Desse modo, Morel apresenta o francês como o idioma das Luzes, como a linguagem das elites que tinham a França como uma "metrópole cultural." [55]

A maior parte dos livros de Pierre Plancher dedicava-se a temas revolucionários, nos quais se destacavam a Revolução Francesa.

> A preocupação em registrar, recuperar – e sobretudo exorcizar – a memória histórica ainda incandescente do período revolucionário foi, como se sabe, uma característica marcante da produção intelectual francesa durante a Restauração. Daí encontrarmos as Revoluções nas prateleiras da Rua do Ouvidor.[56]

Na livraria de Pierre Plancher eram encontrados ainda livros que tratavam de revoluções ocorridas na Inglaterra como a liderada por Cromwell em 1649 ou a Revolução Gloriosa de 1688. Também eram encontrados livros que tratavam de processos revolucionários de Portugal, da Espanha ou das independências ocorridas nas Américas. Com isso, Marco Morel nos ajuda a mostrar que houve uma intensa circulação de ideias no final do Primeiro Reinado e que tais atividades continuaram fortes e até se intensificaram durante a Regência, quando não contaram com uma autoridade central que lhes fizesse qualquer forma de censura.

No entanto, cabe a ressalva de Morel de que uma grande variedade de ideias circulava nessa sociedade, porém que mais diversas ainda eram as maneiras com que tais ideias poderiam ser interpretadas e utilizadas.

> Eram ideias e exemplos que poderiam ser lidos de maneira diversa pelas diferentes elites brasileiras, seja as que ressaltavam o federalismo, o fortalecimento e a autonomia

---

[54]MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820 – 1840*. São Paulo: Hucitec, 2005, p. 29.
[55]*Ibidem,* p. 37.
[56]*Ibidem*, p. 40.

> dos Poderes, seja as que destacavam a integração territorial de um 'vasto continente' numa nação onde, também se mantinha o trabalho escravo.[57]

O caso do francês Pierre Plancher, analisado por Morel, foi apenas um dos agentes que proporcionou a circulação de ideias no Império. Como ele, Evaristo da Veiga também fez esse trabalho. A partir da ação de homens assim, era criado e renovado a cada dia o espaço público da Regência, pensado aqui como um espaço diverso que permitia a discussão de ideias, de acontecimentos e de política.

Porém, Morel faz a ressalva:

> Mas os livros e suas ideias relacionavam-se de forma dinâmica com a sociedade, circulavam, eram repetidos e podiam ser reapropriados. As fronteiras e definições entre os grupos políticos e seus vocabulários, o perfil dos formadores de opinião e a circulação de vozes e clamores pelas ruas levam a outras dimensões do que aqui chamamos de transformações dos espaços públicos.[58]

Contudo, é importante salientar que os jornais e mesmo os livros, depois que eram publicados, ganhavam uma dinâmica própria e se tornavam meios de circulação de ideias e de reflexões que não podiam mais ser controlados nem sequer por seus escritores, já que tais ideias eram interpretadas, apropriadas e repassadas segundo referenciais e pensamentos diversos. Era a partir desses jornais e das ideias neles apresentadas que os homens se dividiam na cena política e os grupos começavam a se formar. Eram esses periódicos que serviam de base para a criação de identidades políticas que permeavam as ações e os posicionamentos, capazes de opor por exemplo, exaltados de moderados e de caramurus.

Tendências, *partidos* e tradições políticas da sociedade regencial

Sabemos que ao longo da década regencial não houve partidos políticos da forma organizada como conhecemos hoje. Segundo Rodrigo Patto Sá Motta, os partidos eram organizações de fato, não de direito, o que quer dizer que não possuíam uma organização consistente e formalizada e nem sequer existia filiação oficial. Não possuíam sedes e escritórios ou estavam previstos na legislação.[59] Nesse período de afirmação da unidade

---

[57]MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820 – 1840*. São Paulo: Hucitec, 2005, p. 55.
[58]*Ibidem*, p. 60.
[59]MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*. 2º edição revista. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, pp. 29 – 30.

nacional, a partidarização tinha sentido negativo porque dividia os homens, o que era visto como ataque à integridade da nação.

Segundo Jeffrey Needell,

> Outro aspecto dos partidos naquela época diz respeito à sua organização, que era muito diferente do que normalmente se entende por um partido político nos dias de hoje. Um partido era claramente caracterizado por um senso de liderança altamente pessoal, pela ausência de uma agenda ideológica e geral ou de publicações e de manifestos, por sua visível relação com redes de parentesco e por seus apelos a interesses específicos (classe, nacionalidade etc.).[60]

Ao longo da primeira metade do século XIX, o que existiam eram agrupamentos políticos que se formavam em torno de um líder ou de palavras de ordem, e que se expressavam através da imprensa ou de associações. Marco Morel diz que a organização política era feita através de "tomar partido" de uma ideia, escolha que consistia em interesses, motivações e afinidades específicas entre os participantes do grupo.[61]

A política do Império no período imediatamente posterior à abdicação apresentava, de forma geral, três correntes: conservadores ou caramurus, liberais moderados e liberais exaltados.[62]

Para Arnaldo Fazoli Filho, o grupo conservador podia também ser designado de restaurador e formava-se daqueles que pretendiam a restauração de d. Pedro I no poder. Tinham pequeno apoio ligado à antiga nobreza burocrática e ao antigo grupo português composto por comerciantes e traficantes de escravos.[63] Para Marco Morel, o grupo tinha tendência constitucional embora com matriz antiliberal. O grupo acreditava na soberania monárquica, era adepto do Estado forte e centralizado e defendia a volta de d. Pedro I.

> Os restauradores compunham uma tendência constitucional com forte matriz antiliberal (embora sem negar totalmente o liberalismo) no Brasil das décadas de 1820 e 1830, colocando em destaque a soberania monárquica diante das noções de soberania nacional ou popular.[64]

---

[60]NEEDELL, Jeffrey D. Formação dos partidos políticos no Brasil da Regência à Conciliação, 1831 – 1857. In: Almanack Braziliense. São Paulo, nº 10, p. 5 – 22, nov. 2009, p. 7.

[61]MOREL,Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820 – 1840*. São Paulo: Hucitec, 2005, p. 67.

[62]Tal divisão foi utilizada como um referencial, como uma forma de auxiliar a análise metodológica. Acreditamos que a divisão política tenha sido algo mais fluido e complexo, que nem sempre permitia tais esquemas e divisões. Talvez o cenário político-partidário possa até ser empobrecido por essa esquematização. No entanto, ela se torna necessária para que se possa pensar e entender a Regência. De qualquer forma, usamos tais definições, recorrentes na historiografia, com uma certa ressalva, por acreditarmos que separar os homens em "caixas" e etiquetar em diferentes partidos elimina parte da dinâmica do processo político. Devemos ter em mente que os homens da Regência estavam imersos em uma realidade política em mudança constante, por isso, seus pensamentos e posicionamentos também estavam sujeitos a alterações. Sendo assim, devemos ter em mente os posicionamentos políticos e, sobretudo, a utilização dessas ideias na política, era algo muito complexo e que por vezes podem parecer irracionais aos olhos contemporâneos do historiador.

[63]FAZOLI FILHO, Arnaldo. *O Período Regencial*. São Paulo: Editora Ática, 1990, pp. 23 e 24.

[64]MOREL, Marco. *O período das Regências (1831-1840)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003, p. 36.

De acordo com Marco Morel, os caramurus eram homens que se mantinham fiéis à monarquia e por isso se mostravam contrários ao 7 de Abril, posto que não podiam compactuar com um movimento que a havia desestruturado. Por isso, tal grupo negava o 7 de Abril e considerava que um movimento que teve como consequência a deposição do imperador não podia ter legalidade.

Já Marcelo Basile vê uma divisão nesse grupo político. Para o historiador, restauradores e conservadores, apesar de apresentarem posicionamentos próximos, não devem ser confundidos. Os restauradores defendiam a volta de d. Pedro I, exaltavam os feitos de seu governo e se manifestavam contrários à conjuntura instaurada depois do 7 de Abril. Segundo o referido autor, esse posicionamento era defendido apenas por uma minoria. Havia ainda os caramurus, grupo que defendia uma monarquia forte o suficiente para centralizar em si o poder. No entanto, tal grupo defendia a continuidade da monarquia sem que isso implicasse em restauração do poder de d. Pedro I.

> Nesse sentido, pode-se dizer, diferentemente do que habitualmente aponta a historiografia, que, se todo *restaurador* era *caramuru*, nem todo *caramuru* era *restaurador*, ambos compartilhavam dos mesmos princípios políticos básicos – a inviolabilidade da Constituição de 1824 e uma centralização monárquica nos moldes do Primeiro Reinado -, mas podiam discordar, como de fato discordavam, quanto à questão da Restauração: uma minoria a pretendia, uma maioria a recusava e ainda uma outra minoria propunha, como solução intermediária, a volta de d. Pedro como regente. Assim, o que muitas vezes se observa é que, tal como ocorria com os *exaltados*, chamados indistivamente de *anarquistas* pelos *moderados*, a alcunha de *restaurador* era dada mais como uma pecha genérica, identificada ao fantasma do Absolutismo, que servia de pretexto para justificar as perseguições aos adversários reacionários da Regência e consolidar a hegemonia *moderada*.[65]

Os liberais moderados são definidos por Marco Morel como aqueles que tinham equilíbrio, ponderação e razão como lema. Apresentavam-se como um partido de centro, em oposição aos extremos absolutistas ou democráticos, motivo que lhes fazia prezar pela divisão dos poderes entre o imperador e os representantes do povo, a Câmara dos Deputados. Grosso modo, expressavam os interesses políticos dos plantadores de café e dos comerciantes de Minas Gerais, de São Paulo e do Rio de Janeiro, defendendo um estado forte e centralizado.

Marcelo Basile define o princípio do *justo meio* como a principal diretriz dos moderados.

> Situados ao centro do campo político imperial, os moderados definiam como um de seus postulados básicos o *justo meio*, princípio aristotélico apropriado pelo constitucionalismo inglês do século XVII e, mais tarde, pelos doutrinários franceses da

[65]BASILE, Marcelo Otávio Neri de Campos. *OImpério em construção: Projetos de Brasil e ação política na Corte Regencial.* Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, p. 350.

> Restauração. Significava, em sentido genérico, o pretenso equilíbrio racional entre os excessos passionais extremos, que seriam características do exaltamento.[66]

Marco Morel assim trata a nação de *justo meio*:

> A noção de um *juste milieu* era também cara aos Moderados brasileiros. Trata-se de uma expressão difundida pelo liberalismo francês e que buscava marcar o repúdio ao mesmo tempo do Antigo Regime e da Revolução, forjando uma imagem de equilíbrio que se inspirava também no modelo inglês de partilha da soberania entre o Parlamento e o monarca.[67]

Dessa forma, as noções de *justo meio*, equilíbrio, liberdade limitada, monarquia constitucional, soberania nacional e recusa ao absolutismo caracterizavam o posicionamento político dos liberais moderados ao longo da Regência.

Marcelo Basile define os exaltados como adeptos ao radicalismo político e a posições extremadas. A princípio esses descontentamentos eram direcionados aos atos de d. Pedro I, mas, com a Regência e com a desilusão que tiveram por não participarem do poder, passaram a acusar os moderados de absolutistas.[68] Segundo Marco Morel, o grupo incluía proprietários rurais, profissionais liberais, militares, padres, funcionários públicos e médicos, que apelavam para a participação das camadas pobres na vida pública e eram contrários à opressão econômica, social e étnica. Em geral, simpatizavam com o modelo federalista e defendiam a descentralização administrativa.

Segundo Marco Morel, aos exaltados a abdicação soava como o primeiro passo de uma revolução, de uma resposta política violenta praticada naturalmente contra os atos de opressão de um governo despótico[69].

Marcelo Basile completa:

> Esta visão positiva e necessária da revolução, bem diferente da que tinham os *moderados*, baseava-se não só na crença nos poderes supremos do povo, mas, sobretudo, na ideia do direito de resistência dos povos à tirania e à opressão, apropriada de Locke e Rousseau, ambos citados na folhas *exaltadas* como fonte e argumento de autoridade para justificar tal ação. Um governo despótico, que se constitui sem consentimento do povo e não respeita as leis e os direitos dos cidadãos, coloca-se em *estado de guerra* contra a nação, configurando uma situação de quebra do contrato social; em tais circunstâncias, todos os veículos anteriores são cancelados e ao povo cabe resistir ao opressor a fim de fazer valer seus direitos. Mas a revolução era um recurso extremo, a que se deveria recorrer somente em situações limites de tirania, opressão e miséria.[70]

---

[66]BASILE, Marcelo Otávio Neri de Campos. *OImpério em construção: Projetos de Brasil e ação política na Corte Regencial.* Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, p. 42.

[67]MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820 – 1840*. São Paulo: Hucitec, 2005, p. 123.

[68]BASILE, Marcelo Otávio Neri de Campos. *OImpério em construção: Projetos de Brasil e ação política na Corte Regencial.* Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, pp. 153 – 157.

[69]MOREL, Marco. *O período das Regências (1831-1840).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003, p. 23.

[70]BASILE, Marcelo Otávio Neri de Campos. *OImpério em construção: Projetos de Brasil e ação política na Corte Regencial.* Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, p. 159.

Paulo Pereira de Castro entende o dia 7 de Abril como o ápice de um processo de radicalização de grupos políticos brasileiros que já se mostravam descontentes com o regime monárquico[71]. Em meio a essa situação de descontentamento com a figura do imperador, os liberais exaltados teriam tomado a dianteira e incentivado uma manifestação popular que acabou forçando a abdicação de d. Pedro I. O movimento surgia como uma tentativa de desfechar um golpe parcial na monarquia, de pressioná-la e não para requerer o fim de um governo.[72] Entretanto, a abdicação havia invertido a situação ao colocar em segundo plano aqueles homens que tinham atuado como protagonistas no movimento. A vantagem que os exaltados demonstraram em sua organização não se converteu em pontos positivos, e os moderados terminaram por assumir o poder com a proposta de acalmar os ânimos e "*por ordem na casa*".

Em vista disso, as interpretações que cada grupo tinha do 7 de Abril podiam variar de acordo com seus interesses e convicções. No entanto, o que não se pode perder de vista é a inovação proporcionada pela saída do monarca da qual os diferentes posicionamentos citados são resultados diretos. A queda de d. Pedro I significava o enfraquecimento do poder centralizado, de um poder tradicional que durante séculos desfrutara de grande respeito. A vacância do trono e, sobretudo, a condução do governo por homens que não tinham esse direito tradicionalmente garantido, abria espaço para a intensificação do debate público da política no período.

Um tempo de mudanças e de revoltas

Os primeiros anos do período regencial foram marcados também por mudanças na estrutura judiciária, que refletiam a euforia liberal vivida naquele momento e seu desejo de descentralizar o poder. A antiga estrutura judiciária mostrava-se inadequada para a nova realidade do Império. Portanto, alterações foram pensadas para atender as necessidades que surgiam.

---

[71]CASTRO, Paulo Pereira de. *A "experiência republicana", 1831 – 1840*, p. 11. In: *História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Monárquico*. Tomo II, v.2. São Paulo: Difel, 1985.
[72]*Ibidem*, p. 11.

Em 1832 ocorreu a primeira grande modificação nessa estrutura através da promulgação do Código do Processo Criminal, que dava nova forma às instituições jurídicas e constituía as bases da justiça. O novo código aumentava a participação popular em detrimento dos magistrados, expressava repulsa ao período colonial e afirmação do liberalismo. Com o Código, o Império finalmente abandonava as severas e arcaicas *Ordenações Filipinas,* que ainda o atrelavam a Portugal.[73]

A participação popular nas instituições jurídicas foi ampliada pela maior utilização do Júri e pela funcionalidade concedida aos juízes de paz. Para Thomas Flory, *el jurado fue la culminación lógica del principio de la participación popular aplicado a la judicatura.*[74] Com a promulgação do Código do Processo Criminal, essa instituição passou a ser responsável por julgar os crimes. Formado por homens leigos, que apenas precisavam ter mais de 25 anos, renda e probidade, destituía novamente os juristas profissionais de uma de suas mais importantes atribuições, que era realizar os julgamentos.

Outro símbolo de descentralização foram os juízes de paz, que passaram a estar presentes em todas as paróquias para conciliar pequenos conflitos. Para Flory, os juízes de paz representavam as preocupações e desejos dos liberais:

> Los reformadores liberales hicieron al juez de paz el porta estandarte de sus propias preocupaciones filosóficas y prácticas: formas democráticas, localismo, autonomia y descentralización.[75]

Outra inovação do período regencial foi proposta pela lei de 18 de agosto de 1831, que criava a Guarda Nacional, uma instituição constituída por cidadãos que deviam ser eleitores e maiores de 21 anos. A Guarda, criada para ser um instrumento de manutenção da ordem interna, passou a ter ramificações nas províncias, surgindo como uma *milícia cidadã*, que diminuía a necessidade de se manter o efetivo do exército e era vista como mais adequada ao governo civil da regência.[76]

A abdicação alterou profundamente a realidade política e passou a mostrar as incompatibilidades entre a nova ordem social e as leis que a guiavam. Sendo assim, surgiu a necessidade de reforma da constituição de 1824, que foi alterada pelo Ato Adicional de 1834, o ponto máximo dos ideais de reformismo constitucional. Promulgado em 12 de agosto de

---

[73]VELLASCO, Ivan de Andrade. *As seduções da ordem: violência, criminalidade e administração da justiça: Minas Gerais – século XIX.* São Paulo: Edusc, 2004, p. 99.
[74]FLORY, Thomas. *El juez de paz y el jurado en Brasil Imperial, 1808/1871. Controle social y estabilidade política enelnuevo Estado*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986, pp. 180 – 181.
[75]*Ibidem*, p. 81.
[76]Sobre a Guarda Nacional, ver Capítulo III.

1834, tinha como determinações principais a criação de assembleias legislativas provinciais, duração de 2 anos para a legislatura provincial, substituição da regência trina pela una, eleição do regente por escrutínio direto e suspensão do Conselho de Estado.

Através da análise de suas principais determinações, percebemos que o Ato Adicional foi pensado como uma tentativa de agradar ao maior número possível de homens. Ao mesmo tempo em que descentralizava o poder através das assembleias provinciais, centralizava o poder no regente uno. Porém, da mesma forma em que se aproximava do republicanismo e do federalismo, por proporcionar a eleição para o regente, mantinha o voto censitário e não modificava as regras eleitorais. Ainda com a ideia de agradar a *"gregos e troianos",* o Ato Adicional concentrava o poder executivo nas mãos de um único regente, mas limitava seu poder ao impedir o uso do poder moderador.

Como um tempo que possibilitava manifestações, a Regência apresentou-se muitas vezes convulsionada por conflitos que agitavam tanto o centro do Império como as demais províncias. Eram movimentos que se posicionavam contra o poder central e que demonstravam a fragilidade do mesmo em conseguir se impor. Segundo José Murilo de Carvalho, *a melhor indicação das dificuldades em estabelecer um sistema nacional de dominação com base na solução monárquica encontra-se nas rebeliões regenciais.*[77]

Para o autor, as revoltas que começaram a ocorrer durante a Regência podem ser separadas em dois grandes grupos. A primeira grande onda de revoltas teria começado com a abdicação do imperador em 1831 e se estendido até 1835 traduzindo a inquietação do povo e da tropa que habitavam as principais capitais. Nesse momento, a corte do Rio de Janeiro, como centro do poder, foi foco de muitas manifestações, mas essas também ocorreram em Recife, Pernambuco, Ceará e Alagoas.[78]

Nessa onda, ainda estava incluída a *Revolta da Fumaça*, uma sedição civil-militar ocorrida em Ouro Preto no ano de 1833, liderada pelos restauradores que se sentiam perseguidos pelo governo provincial, sobretudo, pelo vice-presidente da província, Bernardo Pereira de Vasconcelos. O governo provincial era acusado de tentar implantar uma república na qual os servidores públicos seriam substituídos por seus amigos e correligionários. A ira contra Bernardo Pereira de Vasconcelos era a principal motivação dos restauradores, mas questões menores como o aumento do imposto sobre a água ardente e a proibição do sepultamento em igrejas também os incentivaram.

---

[77]CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial.* 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 250.
[78]Para um panorama geral das revoltas regenciais ver: *Ibidem,* pp. 249 – 259.

Os revoltosos tomaram a capital da província de Minas Gerais por dois meses, pedindo a deposição do presidente da província e a demissão de seu vice. A movimentação assustou a corte pela importância da província de Minas Gerais, tanto pelas relações comerciais estabelecidas, quanto pela sua grande população. Por isso, as autoridades competentes rapidamente foram acionadas para conter as manifestações e homens da Guarda Nacional entraram em ação. A capital da província foi transferida temporariamente para São João Del Rei, até que a ordem fosse restaurada.[79]

Ainda em 1833, a província mineira foi sacudida pela revolta escrava de Carrancas, revolta de grande repercussão tanto pela violência e pelo número de escravos envolvidos, como pelo destaque econômico e político da família vítima do ataque. A insurreição, uma iniciativa dos escravos para conseguirem sua liberdade, ocorreu nas fazendas da família Junqueira, localizadas na freguesia de Carrancas. Segundo Marcos Ferreira de Andrade, a revolta escondia questões políticas posto que ocorreu no mesmo período que a província de Minas Gerais sofria pela Sedição Militar e testemunhas confessaram em seus depoimentos que os escravos haviam sido incentivados ao levante pelo proprietário Francisco Silvério. Este, membro do partido caramuru, foi acusado de incitar a revolta e seduzir os escravos dizendo que os caramurus em Ouro Preto já haviam libertado seus cativos. Os insurretos, então, teriam feito sua própria leitura do jogo político e se inserido nele para que, com suas armas e a seu modo, conseguissem reverter a realidade em seu favor[80].

Os levantes de escravos sempre tiraram o sono dos proprietários do Império, sobretudo depois que eles tinham tomado conhecimento dos acontecimentos no Haiti.[81] Em 1835 foi a vez da Bahia ser a sede da mais importante rebelião escrava. A Revolta dos Malês reuniu mais de 600 escravos em Salvador, uma das mais importantes cidades do Império e que contava com uma população em sua maioria composta de escravos e forros. Baseados na *jihad*, a guerra santa, esses escravos provenientes de diversas regiões africanas dominadas pelo islamismo, rebelaram-se. Suas pretensões gerais eram eliminar brancos e pardos e manter os

---

[79] Sobre a revolta do ano da fumaça em Minas Gerais ver: GONÇALVES, Andréa Lisly. *Estratificação social e mobilizações políticas no processo de formação do estado nacional brasileiro: Minas Gerais, 1831/1835.* São Paulo: Aderaldo &Rothschild; Belo Horizonte, MG: Fapemig, 2008.

[80]Para referências sobre a Revolta de Carrancas ver: ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Rebeldia e Resistência: as Revoltas Escravas na Província de Minas Gerais (1831-1840).* Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFMG, 1996; *Senhores e escravos na região dos Campos*. In: __________________, *Elites Regionais e a formação do Estado Imperial brasileiro: Minas Gerais, Campanha da Princesa (1799-1850).* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

[81]Revolta escrava ocorrida em 1789 na colônia francesa de São Domingos, no Haiti. A revolta do Haiti é de suma importância posto que foi uma manifestação de negros de uma colônia francesa importante e economicamente desenvolvida que conseguiu conquistar sua liberdade. As manifestações ocorridas no Haiti abriram aos escravos um novo campo de resistência, e aos proprietários uma nova preocupação, posto que poderiam servir de inspiração para que outros escravos conseguirem sua liberdade,

escravos de outras etnias como seus cativos. No entanto, o movimento foi delatado e rapidamente sufocado pelas autoridades locais.[82]

A segunda onda de revoltas teria se iniciado ainda na Regência, em 1835 e se prolongado até 1848. Porém, tais movimentos teriam um caráter diverso dos demais, que protestavam contra o poder central e que partiam dos principais centros urbanos. O segundo bloco de revoltas já ocorreu no período em que o poder começava a se descentralizar devido àrecente promulgação do Ato Adicional. Assim, os conflitos também teriam se espalhado pelo interior do Império, nas áreas rurais, com a manifestação de camadas mais pobres ou mais esquecidas do Pará, da Bahia e do Maranhão.

O ano de 1835 foi tenso no Pará, pois teve início a Cabanagem, quando um grupo de rebeldes tomou a capital da província e proclamou sua independência. No referido ano, a província do Rio Grande do Sul também foi palco de manifestações. O movimento começou pelo descontentamento dos estancieiros quanto a alta carga tributária imposta ao charque. Por fim, a Regência foi abatida pela Sabinada que aconteceu em Salvador entre 1837 - 1838 e pela Balaiada, ocorrida no Maranhão entre 1838 – 1841.

Assim, assolada por problemas e insurreições que não podia conter, a Regência moderada se encaminhou para uma nova direção, na qual centralização e controle passavam a ditar as diretrizes. A regência liberal falhou na manutenção da ordem e possibilitou que uma política mais centralizada ganhasse espaço. Eram os novos tempos do *Regresso conservador* que sopravam no Império.

As articulações do Regresso e a maioridade do imperador

Segundo Marcelo Basile, o intenso movimento de politização vivido nos primeiros anos da Regência teve vida curta e, a partir de 1834, o número de jornais que circulavam na corte começou a diminuir. As associações políticas que lá funcionavam também foram reduzindo suas atividades e as organizações políticas passaram por uma reorganização.

> É justamente quando começam a sair de cena *caramurus*, *exaltados* e *moderados*. Os primeiros, além de terem os principais jornais encerrados, a Sociedade Militar fechada e diversos partidários presos em uma conspiração, viram suas maiores pretensões – a

[82]Sobre a Revolta dos Malês, ver: REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil. A História do Levante dos Malês (1835)*. São Paulo; Brasiliense, 1986.

manutenção de uma monarquia fortemente centralizada e a oposição a qualquer mudança na Constituição de 1824 – ruírem com o Ato Adicional (preservando, contudo, o Senado vitalício); e ainda perderam seus dois grandes ícones, com a destituição de José Bonifácio da tutoria imperial de Pedro I. Por sua vez, os *exaltados* foram também reprimidos na imprensa e nas ruas, e, ao menos entre o eleitorado da Corte (e consequentemente no Parlamento), tinham menor apoio que os *caramurus*; mas conseguiram não só colocar as reformas constitucionais na agenda política como ver algumas delas aprovadas (fortalecendo, assim, seus companheiros nas províncias), ao custo, porém, do esvaziamento – ou mesmo de abrir mão nas negociações com os moderados – das suas propostas e ações mais radicais na Corte.[83]

Basile mostra que os caramurus foram perdendo espaço político, primeiramente com a morte de seus principal líder d. Pedro I e ainda com a perda de poder político de um de seus partidários mais ilustres, José Bonifácio, que ao ser destituído do cargo de tutor imperial perdeu grande parte de seu prestígio e influência. Assim, a esse grupo político poucos possibilidades restaram de tornar realidade suas pretensões de uma monarquia centralizada. Os exaltados também haviam mudado de posicionamento político e deixado para trás aquele radicalismo que os caracterizava no início da Regência. E mesmo os moderados, que detinham o poder, sofreram grande desgaste gerado por divisões internas por disputa de poder.

Em meio à falência desta composição partidária, que suscitava tantos conflitos dentro e fora das elites, operava-se uma nova articulação política, que irá culminar, em 1837, com a ascensão do Regresso conservador. Malgrado a disputa com os progressistas, começava a se construir agora – para se firmar efetivamente na década seguinte – um consenso em torno da necessidade de reduzir a margem de conflitos no interior da elite política, cada vez mais alarmada diante da experiência anárquica regencial.[84]

A Regência adentrava uma nova fase, conhecida pela historiografia como *Regresso conservador*, cuja principal preocupação era restabelecer a centralização político-administrativa. Seguindo os ditames da reforma constitucional, em 12 de outubro de 1835, Diogo Antônio Feijó foi eleito como Regente para um mandato de 4 anos, de forma direta e por escrutínio secreto. Durante o governo de Feijó, a composição político-partidária da Regência alterou-se e passaram a destacar-se nesse cenários os progressistas e os regressistas.

Feijó renunciou ao cargo de regente por inúmeras questões, inclusive contradições que seu próprio governo criou. O regente havia se empenhado na criação das Guardas Nacionais que tinham batalhões e corpos nas províncias. Em vista dessa milícia cidadã, reduziu o contingente das tropas e passou a ter dificuldades para acalmar as rebeliões provinciais, o que

---

[83]BASILE,Marcelo Otávio Neri de Campos. *OImpério em construção: Projetos de Brasil e ação política na Corte Regencial.* Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, p. 451.
[84]*Ibidem,* pp. 451 – 452.

lhe rendeu críticas e acusações de omissão na luta contra as agitações. Sofria oposição dos escravocratas pela proibição do tráfico de escravos, decretada pela lei de 7 de novembro de 1831, quando ainda era ministro da Justiça. Mesmo não tendo sido a lei cumprida, foi aprovada somente pelas pressões inglesas e como forma de garantir que os tratados comerciais entre Brasil e Inglaterra fossem renovados.

Com a renúncia de Feijó, Pedro de Araújo Lima assumiu como regente interino em 1838. Seu governo foi marcado pela tentativa de resgatar a pompa e prestígio da monarquia. Para Paulo Pereira de Castro, os homens do regresso necessitavam do prestígio do trono monárquico apoio político.

> As ideias de regressão política sustentadas pelos conservadores necessitavam do prestígio do trono para atrair, de um lado, os descontentes com o 7 de Abril e de outro lado, para lograr a aceitação popular. Em oposição a singeleza ascética do tempo das Regências Trinas e de Feijó, esmerou-se Araújo Lima em realçar a pompa real em suntuosas solenidades públicas e deliberadamente recolhia-se à penumbra, permitindo que o prestígio do Príncipe fizesse esquecida sua própria posição.[85]

Dessa forma, os anos finais da Regência apresentaram-se opostos aos singelos anos iniciais quando havia a recusa por cerimônias de corte, etiqueta, rituais como o beija mão, distribuição de títulos e condecorações ou qualquer forma contundente de diferenciação. Araújo Lima reforçou a pompa das solenidades públicas e seu prestígio ficou apagado frente a d. Pedro II que agora ficava mais visível.

No derradeiro ano do período regencial, o espaço público sofreu um grande recuo que culminou com o Golpe da Maioridade. Através dessa medida, a Regência foi substituída pela mando direto do imperador d. Pedro II. O que finalizava um período de politização do cotidiano, de liberdade e autonomia gerado por uma momentânea ausência de um poder central forte. A partir de 1840, segundo Marcelo Basile, o povo estava novamente nas ruas, mas diferentemente das reivindicações que fazia 10 anos antes, agora era um espectador de espetáculos de pompa nos quais o poder do imperador era destacado.

> Nesse sentido, a cerimônia de coroação e sagração do jovem monarca é emblemática, em contraste com o movimento que provocou à abdicação de Pedro I, a chamada Revolução de 7 de Abril. Realizada a 18 de julho de 1841, com toda a pompa e circunstância merecidas por um soberano ao mesmo tempo sagrado e constitucional, prolongaram-se as comemorações até o dia 24, com ampla presença popular. Tal como ocorrera des anos antes, o povo do Rio de Janeiro estava de novo nas ruas; mas, diferentemente daquela época, em que, entrava em cena para derrubar o imperante, não era mais o agente dos acontecimentos, figurando agora como mero espectador, ao saudar a subida ao Trono do filho daquele que, há não muito tempo, ajudara a depor.

[85]CASTRO,Paulo Pereira de. *A "experiência republicana", 1831 – 1840*, p. 11. In: *História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Monárquico*. Tomo II, v.2. São Paulo: Difel, 1985, p. 61.

Nesse ínterim, muita coisa mudou: de cidadão que lutava para se fazer soberano, o povo voltava serenamente à condição de súdito, debaixo da proteção de um novo imperador.[86]

[86]BASILE,Marcelo Otávio Neri de Campos. *OImpério em construção: Projetos de Brasil e ação política na Corte Regencial.* Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, p. 452.

Capítulo II

O 7 de Abril e suas representações

Em oito de abril de 1831, o *Aurora Fluminense* assim detalhava para seu leitor o que havia ocorrido no dia anterior:

> Uma revolução, a mais assombrosa por seus amplos efeitos, e pela marcha que tem seguido, ocorreu no Brasil. (...) Porém, no dia 6 do corrente, o horizonte político se enlutou de todo, e soube-se logo de manhã que o ministério fora mudado, e que se achavam na administração os Srs. Inhambupe – Baependi – Paranaguá – Alcantara – Lages – e Aracati. Cada nome destes é uma hostilidade ao Brasil, e às liberdades públicas. Prometia-se a vizinhança de golpes de estado, que a nomeação de tais ministros fazia inevitáveis, e o aspecto das perseguições, da dissolução das províncias, e da anarquia, só se apresentava aos olhos de todos os bons cidadãos. (...) Grande número de pessoas se reuniram no Campo da Aclamação, pedindo a demissão dos ministros abominados. O imperador, bem longe de aceder a estas súplicas, enfurecia-se contra os emissários que lhas apresentavam. As circunstâncias de momento a momento tornavam-se mais graves. A noite de 6 a 7 prometia ser iluminada pelos archotes da anarquia, quando a brava tropa Fluminense, lembrando-se que a pátria está antes de tudo, tomou a gloriosa deliberação de vir juntar-se à massa dos cidadãos, cuja cólera crescera com a solução que fora dada a seu pedido. O imperador viu-se quase geralmente abandonado: só os cúmplices dos atentados de 13 a 15 de Março o acompanhavam, e teve de conhecer que já não era apto para governar o Brasil. Às 3 horas e meia da madrugada do dia 7, ele abdicou em nome de seu filho o Sr. Pedro IIº. A alegria pública foi grandíssima.[87]

Pelas palavras do redator, o 7 de Abril apresentava-se como um movimento revolucionário gerado a partir da ação dos descontentes com a atuação do imperador d. Pedro I. Descontentamento que se intensificou com a troca de ministério e fez com que pessoas se reunissem no Campo de Aclamação e pedissem a queda daqueles ministros, sobre os quais argumentava-se não estarem em consonância com os interesses da nação. Os descontentes seriam "povo" e "tropa" que, de acordo com o vocabulário da época, fazia referência a civis e militares.

Revolução e Regeneração

Explicados os motivos e a forma com que os fatos haviam se desenrolado, os redatores iniciaram em seus jornais a etapa crucial de interpretar e dar significado aos acontecimentos. O 7 de Abril foi prontamente interpretado pelo *Aurora Fluminense* como uma revolução. Revolução que era seguida pelos adjetivos de gloriosa e pacífica, pois os moderados diziam

---

[87] Aurora Fluminense, nº 469, 08/04/1831.

em seus jornais que o movimento havia acontecido sem que houvesse o derramamento de sangue.

O periódico *Aurora Fluminense* torna explícito seu entendimento de revolução:

> A revolução, exprimindo uma necessidade comum, representando o triunfo de uma ideia política, distingue-se logo pelo seu caráter de generalidade e pelos fins extensos, importantes a que tende. A sedição, sempre mesquinha em seus meios, e mais mesquinha ainda em seu fito, não pode achar escusa nos motivos generosos, no objeto elevado que determinam muitas vezes as revoluções.[88]

Com essas palavras o periódico define revolução como um movimento político, motivado por uma necessidade comum e cujo fim esperado era de grande importância para a coletividade, o que era muito diferente de sedição, movimento com um sentido pejorativo, um acontecimento mesquinho que não atendia aos interesses da maioria. Nesse sentido, ao classificar o 7 de Abril como uma revolução, os moderados se reportavam a uma mudança necessária e importante que alterou os rumos da política regencial.

O *Aurora Fluminense* seguia destacando o caráter essencial das revoluções, e mostrando o quanto mudanças e melhorias estavam condicionadas a elas.

> Todas as Nações, da maior civilização e polidez, sofreram revoluções, mais ou menos violentas, efeito imediato dos progressos do espírito humano, por isso que os povos mais poderosos começaram muito pior, do que nós, isto é, pelo estado da natureza ou de barbaridade. Mas a verdadeira fonte de quase todas as revoluções nasce da pertinácia dos governos, e de sua obstinação em repelir todo o progresso, exigido pela razão, pelas precisões, e felicidade das nações. (...) É certo que nós ainda não gozamos daquela paz e seguridade que pela força irresistível dos acontecimentos, e pelo curso natural das coisas, devem vir infalivelmente após os distúrbios, e perturbações, pois que vai passando o nosso país. (...) O mesmo acontece com as revoluções; elas empobrecem a uns, e arruínam outros, elas conduzem a anarquia popular, e arrastam grandes desordens; mas apesar de serem males lamentáveis, alguns bens marcam seus vestígios, até que chegam a se acolher preciosos frutos, quando a tranquilidade sucede ao desassego geral: mas é preciso para isso que a revolução seja filha da necessidade comum, que nasça da natureza das coisas, e não da extemporaneidade do espírito do partido. O Brasil, acoçado de vexações e males de todo o gênero desde a época de seu descobrimento, o Brasil, vítima de todas as artimanhas do regime colonial, ia gerando em seu seio os germes de uma revolução inevitável, a qual rompendo as barreiras que uma política desjeitosa lhe queria opor, aparecendo com toda a força na razão direta de compressão que sofrera a Independência, foi proclamada vigorosa e triunfante por todas as províncias: a constituição, isto é, o regime representativo, foi reconhecido indispensável, tudo mudou inteiramente de face.[89]

O *Aurora Fluminense* mostra aos seus leitores que a revolução era necessária, e algo a que a maioria das nações seria submetida. As revoluções, nesse sentido, seriam movimentos indispensáveis para garantir o progresso e a felicidade de um povo. A origem desses

---

[88] Aurora Fluminense, nº1108, 19/10/1835.
[89] Aurora Fluminense, nº50, 12/09/1838.

movimentos estaria nos próprios governos e em suas atitudes arbitrárias. No caso brasileiro, o redator argumenta que a revolução era uma questão de tempo, posto que o Império era submetido a restrições e desmandos desde seu passado colonial. Porém, as revoluções não seriam movimentos inofensivos. O jornal destaca o perigo de causarem desordem e anarquia. No entanto, diz que essas possibilidades de quebra da ordem seriam passageiras e que logo que a ordem se restabelecesse, as melhorias e progressos, ou os "preciosos frutos", iriam aparecer.

A concepção moderada de revolução não pressupunha grandes mudanças e rupturas. A abdicação, para os moderados era considerada uma revolução. Entretanto, aos olhos do observador contemporâneo, nenhuma grande ruptura pode ser notada, posto que a constituição, a monarquia e o sistema representativo continuaram a ser as grandes bases de organização política. No entanto, a grande diferença destacada pelos moderados era a de que a partir do dia 7 de Abril a força maior estaria na constituição, e não no imperador. Os moderados desejavam mostrar que a partir da *revolução* as leis e as instituições representativas seriam as bases da atuação política e que garantiriam a segurança e um bom governo.[90]

O Sete d'Abril, outro importante periódico da corrente liberal moderada, descreve o movimento como uma revolução necessária, como um espetáculo de grande sucesso que se deu pacificamente e sem que tivesse alguma vítima. Além disso, o jornal mostra o acontecimento como um acerto de contas entre o povo brasileiro e um imperador que já lhes tinha causado muitos males:

> O dia Sete de Abril de 1831, em que a Providência concedeu a este Império, mais um favor, dando ao mundo o espetáculo de uma revolução, de que o seu maior sucesso – a abdicação – não custou a nação uma vítima, uma só gota de sangue, um só tiro, se limitou em suas consequências, de tantas a desejar, a esse único filho do acaso, como se essa fosse a maior carência da nação ou como se ela tivesse de castigar os insultos que sofreu em Novembro de 1823 e Março de 1831, unicamente na pessoa do então imperador.[91]

O *Sete d' Abril*, apresenta a abdicação como uma *revolução* e um presente recebido pelo povo, que sempre foi vítima do imperador. A *revolução* seria uma forma de acertar as contas pelos insultos sofridos em novembro de 1823, quando o imperador dissolveu a

[90]Sobre isso trabalharemos com mais cuidado no terceiro capítulo, ao tratarmos dos símbolos criados pelos moderados para dar suporte ao 7 de Abril. A Câmara dos Deputados foi um grande símbolo dos moderados para firmar o 7 de Abril e as mudanças que esse grupo político pretendia, pois a referida instituição sintetizava todos os posicionamentos apreciados naquele momento: participação política, limitação pelas leis e possibilidade de controle do poder real.
[91]O Sete d'Abril, nº 1, 01/01/1833.

Assembleia Constituinte e retirou dos deputados eleitos sua possibilidade de atuação política. Para o referido jornal, era ainda necessário resolver a situação com d. Pedro I pelos acontecimentos de março de 1831, quando brasileiros e portugueses entraram em conflito. Nesse momento, estava em questão a postura do imperador, que sempre pendia ao favorecimento de seus conterrâneos lusos.

O *Aurora Fluminense* completa:

> O 7 de Abril, sejam quais forem para o futuro as suas consequências, salvou-nos de uma revolução mais desesperada e furiosa que, sem dúvida, teria de aparecer, caso os novos sofrimentos se dilatassem, e o ex-monarca caminhando de desordem em desordem, empregasse, para comprimir o voto nacional, aquelas medidas que parecia indicar a sua insensata Proclamação de Minas. Os caramurus não sabem, não avaliam quanto devem a esse dia que amaldiçoam e que talvez lhes preservou empregos, fazendas, vidas e pátria.[92]

Os rumos a partir de 7 de Abril de 1831 ainda eram incertos e os moderados não escondiam suas preocupações. Porém, era hora de reforçar o caráter indispensável do 7 de Abril, sobretudo porque, na visão dos moderados, caso o imperador não abdicasse e desse continuidade a seu reinado, manifestações mais sérias e violentas iriam ter lugar no Império, pois o povo não aguentaria continuar submetido a tais "sofrimentos".

O 7 de Abril, como uma revolução moderada, trazia a ideia de salvação, principalmente porque evitava um movimento mais radical e difícil de ser contido. O 7 de Abril não teria sido tal "revolução desesperada" pois alterou o poder político sem provocar grandes mudanças na ordem social. Para os moderados, todos, inclusive os caramurus que lhe faziam tanta oposição, deveriam se alegrar com o 7 de Abril e com a forma como os acontecimentos foram conduzidos, pois era o que teria permitido a manutenção das propriedades, dos empregos, da ordem, da integração do Império.

Para um grupo que se dizia portador de um posicionamento político de *justo meio*, avesso a qualquer atitude extremada, uma revolução não era a situação mais desejada. Principalmente porque uma revolução, ou qualquer outro movimento, envolvia a participação de pessoas, posicionamentos e manifestações que podiam, e com frequência, abalavam o *status quo* e conseguiam mudanças na organização social. Assim, os moderados aceitaram o 7 de Abril como uma *revolução*, mas mantinham suas ressalvas por considerarem toda

[92]Aurora Fluminense, nº 810, 02/09/1833. Em uma proclamação proferida em 22 de fevereiro de 1831 quando viajava à Província de Minas Gerais, o imperador disse existir um partido desorganizador que agia para iludir o povo contra o governo. Segundo o imperador, tal partido estaria se aproveitando dos exemplos da Revolução de Julho de 1830 ocorrida na França para promover o terror no Brasil. Para D. Pedro I esses homens estavam ferindo a Constituição ao falar sobre federação e assim pedia ajuda aos brasileiros para lutar contra essas doutrinas perniciosas que se espalhavam na sociedade e que nada colaboravam com a Constituição.

revolução perigosa por poder resultar em anarquia, intrigas, manifestações populares e, em casos extremados, até uma guerra civil.

> Não só são feridos os interesses e direitos de alguns, mas acontece ainda que cada um julgue haver feito mais valiosos serviços do que os outros, e se tendo por menos bem pago, ou por injustamente esquecido. Daí as intrigas, a perda de confiança na autoridade, os movimentos populares e a guerra civil.[93]

Mesmo com muitas reservas, tornou-se recorrente para os moderados se referir à abdicação de d. Pedro I como uma *revolução*. Na falta de antecedentes nacionais que pudessem ser comparados com o acontecimento, os redatores buscavam tal repertório na história europeia. Sabemos que quando o assunto era revolução, a França era a principal referência por já ter passado pela Revolução Francesa de 1789 e pala Revolução de Julho de 1830. A partir desses repertórios, o 7 de Abril foi interpretado e classificado:

> A nossa revolução gloriosa em nada teve que invejar aos 3 dias de Paris. Os atos de desinteresse e de generosidade, tão admirados na França, foram reproduzidos aqui, e se encontraram até entre as pessoas da mais infeliz posição social. (...) Homens de classe bem menos educada, e gente de cor haviam sido ultrajados tão ignobilmente por uma facção imprudente, e que desde 13 de Março bramiam de raiva; no dia 7 de Abril, quando os vencedores, não falavam senão em perdão, em esquecimento do passado, a linguagem da mais sublime filosofia achava-se na boca dessa gente que se tem querido tratar com desprezo injusto, e que, aliás guarda no seu caráter o gérmen de muitas virtudes.[94]

O 7 de Abril era percebido pelos moderados como um acontecimento tão importante quanto as demais revoluções que ocorreram na Inglaterra. Para o redator do *Aurora Fluminense*, a *revolução* ocorrida aqui fora um ato de generosidade e de união de pessoas impulsionados pelas atitudes de um governante que se portava contrariamente às leis e às suas possibilidades de ação em uma monarquia constitucional.

Para os redatores, a França era tanto a base para comparação como o modelo de civilidade, motivo pelo qual comparar-se a tal realidade era algo extraordinário e, consequentemente, tão publicado. A ênfase do *Aurora Fluminense* era em uma revolução ocorrida de forma pacífica, sem a utilização da violência e sem o derramamento de sangue. A grande referência de uma "revolução sangrenta" havia sido a Revolução Francesa, cujos movimentos, principalmente em seu período de Terror, despertavam medo e insegurança nos movimentos revoltosos que lhe sucederam.

[93] Aurora Fluminense, nº 475, 22/04/1831.
[94] Aurora Fluminense, nº 470, 11/04/1831.

O *Aurora Fluminense* negava uma herança da Revolução Francesa e com isso desejava afastar do 7 de Abril as imagens de um movimento incontrolável e de ativa participação das mais baixas camadas populares. Negar a herança do movimento revolucionário francês significava negar uma imagem muito recorrente no Império, e que muito amedrontava, de que o movimento revolucionário francês foi um período de horrores e de intenso derramamento de sangue.[95] Para os moderados, o 7 de Abril havia sido uma revolução sim, mas, em comparação com a Revolução Francesa de 1789, destacava-se por não ter provocado fortes convulsões sociais.

A ausência de violência no que entendiam como processo revolucionário era algo muito caro para os jornais moderados. Na maioria de suas falas, os redatores moderados referem-se ao 7 de Abril como um momento ímpar na história, posto que uma grande mudança foi conquistada sem que para isso pessoas precisassem sofrer ou chorar pela perda de alguém. Para eles, tratara-se de uma revolução limpa, sem o uso da violência, sem mortes e sem sangue tanto da população quanto do governante.

> Não há revoluções sem sangue, dizem aqueles que parecem tão ávidos dele, e outros que por fanatismo, ou hábito repetem as suas ideias. Sim, estamos de acordo, não há revoluções sem o derramamento de sangue, quando um partido armado resiste a elas, quando se há mister vencer pela força essa resistência. Então o combate é infalível e correu o sangue dos que pelejam debaixo de bandeiras contrárias. Mas o derramamento de sangue é sempre o maior mal que pode acompanhar uma revolução, só a necessidade imperiosa o desculpa. Na que efetuamos não foi necessário tingir as armas, nenhum inimigo se nos opôs, o chefe da facção detestada abdicou e fugiu; os outros fecharam-se em suas casas reconhecendo seus erros ou sua fraqueza. Para que é, pois o sangue? O caráter brasileiro é naturalmente doce e generoso. Para que são atos de ferocidade inúteis, perpetrados contra homens inermes, contra pais de família, mesmo contra bons patriotas?[96]

Para o redator do *Aurora Fluminense*, a maioria das revoluções resultavam em derramamento de sangue por serem acontecimentos em que, com facilidade, chegava-se à anarquia e à desordem pública. Porém, o referido redator diz que tais movimentos só se justificavam em casos de necessidade imperiosa. Em outras palavras, as revoluções eram movimentos raros que só deveriam ter lugar em uma sociedade quando nada mais funcionasse.

A citação acima realça a ausência de violência no processo revolucionário ocorrido no Brasil, o que, segundo o redator, o diferenciava dos demais. Entendemos pelas palavras do redator que a *revolução* no Brasil teria se encaminhado de forma diferente por ter como principal objetivo o ataque ao governo de d. Pedro I. Assim, a sociedade não estaria muito

---

[95] Sobre as repercussões da Revolução Francesa, ver Capítulo I.
[96] Aurora Fluminense, nº 478, 29/04/1831.

dividida em várias possibilidades de protestos. Além do mais, garantiram o caráter pacifico do movimento, a docilidade do povo brasileiro e a abdicação voluntária e rápida de d. Pedro I.

Embora os jornais negassem a herança da Revolução Francesa de 1789, se diziam tributários do movimento ocorrido na França em julho de 1830. No exemplar de 6 de junho de 1831, o *Aurora Fluminense* publicou uma fala do ministro Casimir Périer, presidente do Conselho Francês, que tratava da revolução de Julho de 1830:

> Os princípios que professamos são os da revolução: desejamos que eles se estabeleçam, sem exageração e sem fraqueza. O princípio da revolução de Julho, e por consequência o princípio do governo atual, que dela se deriva, não é o da insurreição, mas sim o da legítima resistência às opressões do poder. A França foi provocada e desafiada – defendeu-se, e sua vitória foi a do direito sobre o despotismo, tal foi o princípio da revolução de Julho, e tal é o princípio do governo que ela fundou. Esta revolução não destruiu a ordem social, mudou o sistema político – fundou um governo, não inaugurou a anarquia – teve em vista uma ordem de coisas regular e justa. Assim pois, a violência não é nem deve ser o característico do governo, quer nos negócios internos, quer nas relações exteriores.[97]

Segundo o ministro, o que havia ocorrido na França fora uma nova revolução, porém sem excessos ou exageros. Os movimentos de 1830 teriam sido reações contra as ações opressoras e despóticas de um poder. Destaque era dado ao fato de que a revolução de Julho de 1830 não causou grandes rupturas na ordem social ou política na França, mas apenas teria fundado um novo governo obediente às leis e que dispensava o recurso à violência.

Os *três dias gloriosos de Paris* levaram a população às ruas e conseguiram tirar do trono Carlos X e colocar Luiz Felipe. Assim havia sido a revolução de 1830 na França, uma mudança de governo motivada pelos desmandos de um governante. Daí a semelhança que tanto era destacada pelos periódicos moderados, pois tanto a Revolução de Julho de 1830 na França, quanto o 7 de Abril haviam sido movimentos rápidos, motivados por governantes que não estavam atentos à constituição.

Sendo assim, o movimento ocorrido no Império do Brasil pegava emprestado da França o sentido de uma *revolução gloriosa*, expressão que, nesse contexto, significava uma revolução limpa, pacífica, rápida e sem grandes rupturas sociais. Ao tomar como exemplo a Revolução de Julho, os redatores moderados queriam construir uma imagem de um 7 de Abril como um movimento que desejava repelir os ataques feitos à constituição. A *revolução gloriosa* seria um ataque contundente contra um poder despótico que controlava todas as decisões para permitir a liberdade, limitar o poder do Estado e legitimar a monarquia.

---

[97]Aurora Fluminense, nº 493, 06/06/1831.

De uma maneira geral, podemos dizer que o 7 de Abril foi chamado de revolução pelos homens que o vivenciaram. Entretanto, estamos cientes de que a palavra revolução carrega consigo uma infinidade de significados e, quando evocada, relembra acontecimentos importantes para a história assim anteriormente designados, como a Revolução Francesa e a Revolução Americana. Por isso, trabalhar com um conceito tão complexo pede que seus limites sejam previamente estabelecidos.

Partimos, primeiramente, de Hannah Arendt. Segundo a autora, a palavra revolução já teve vários sentidos e ligava-se inicialmente a definições astronômicas. Nesse sentido, o vocábulo nomeava um movimento regular, sistemático e cíclico das estrelas. Designava um movimento que era de conhecimento de todos e não dependia da ação dos homens, era algo irresistível que não podia ser caracterizado nem pela novidade nem pela violência.[98]

Segundo a autora,o vocábulo "desceu dos céus" e passou a ser utilizado para descrever a realidade dos homens a partir do século XVII. Nesse momento, revolução passou a ter um sentido cíclico de retorno, de recomeço, de volta a um ponto pré-determinado e já conhecido e ligado à ideia de restauração.[99]

De acordo com a definição de Gianfranco Pasquino, no século XVII, a palavra "revolução" começava a ganhar conotações políticas e era empregada como o retorno a uma ordem preestabelecida. Nesse sentido a revolução nada tinha de inédito ou de original, mas era um retorno a um estado já conhecido e considerado justo. Entretanto, esse significado é realmente alterado pela Revolução Francesa:

> de mera restauração de uma ordem perturbada pelas autoridades, se passa à fé na possibilidade de criação de uma ordem nova; da busca da liberdade nas velhas instituições, passa-se à criação de novos instrumentos de liberdade; enfim, é a razão que se ergue contra a tradição ao legislar uma constituição que assegurasse não só a liberdade, mas trouxesse também a felicidade ao povo.[100]

Hannah Arendt localiza a primeira utilização da palavra revolução, fora de qualquer conotação astronômica, no dia 14 de julho de 1789, na França, na queda da Bastilha. A partir desse momento a palavra entrou para o repertório político, representando a ideia de ser algo irresistível cujo esforço humano para contê-lo era vão. Para exemplificar, Arendt cita uma conversa tida pouco antes dos movimentos entre o rei francês e seu mensageiro. No diálogo, o mensageiro vem avisar ao rei Luiz XVI sobre os acontecimentos recentes e o rei lhe indaga se

---

[98]ARENDT, Hannah. *Da revolução*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
[99]*Ibidem*, p. 38.
[100]PASQUINO, Gianfranco. *Revolução*. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. VARRIALE, Carmem C. (Trad.) et ai.; coord. Trad. FERREIRA, João; rev. Geral FERREIRA, João e CACAIS, Luis Guerreiro Pinto. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998. 11ª edição, obra em 2 volumes. Página 1123.

aquilo não seria mais uma revolta. O mensageiro responde que não, que de fato estaria acontecendo uma revolução. Com esse exemplo, Hannah Arendt demonstra o caráter irrevogável das revoluções.[101]

O vocábulo trazia ainda as ideias de novidade, de acontecimento ímpar capaz de romper com o curso da história e de baliza fundadora de uma época completamente nova. Revolução relacionava-se também ao conceito de liberdade e à busca por um tempo marcado por instituições e governo capazes de a garantir.

Gianfranco Pasquino assim define o conceito:

> A revolução é a tentativa, acompanhada do uso da violência, de derrubar autoridades políticas existentes e de as substituir a fim de efetuar profundas mudanças nas relações políticas, no ordenamento jurídico-constitucional e na esfera sócio-econômica.[102]

Então, quando falamos de revolução, em seu sentido político, temos a ideia de um movimento generalizado capaz de alterar profundamente a sociedade na qual ocorre, o que de fato não pode ser observado no Brasil em abril de 1831. A abdicação não alterou de maneira completa e irreversível os rumos sociais ou políticos, mas apenas promoveu uma troca de governantes, mantendo a monarquia.

No entanto, é curioso o fato de que os moderados, e também os demais grupos políticos, insistissem na ocorrência de uma revolução. Ao assumir o controle político nos primeiros anos da Regência, os moderados passaram a interpretar o 7 de Abril como símbolo da efetivação da Independência, marco da separação completa entre Brasil e Portugal, já que o governante a partir daquele acontecimento era nascido nos trópicos. Revolução e regeneração política tornaram-se palavras recorrentes nos periódicos moderados para citar o acontecimento de Abril de 1831.

Para os moderados, o 7 de Abril era uma revolução gloriosa e ainda uma data que marcava a regeneração política do Brasil. Regenerar, segundo definição biológica, é a capacidade dos tecidos ou dos órgãos se renovarem ou se recomporem após sofrerem danos físicos consideráveis. Biologicamente, a regeneração deve ocorrer a partir da multiplicação das células que não foram afetadas pela enfermidade. Politicamente, para os liberais moderados, regenerar-se era o mesmo que conquistar uma mudança qualitativa e romper com Portugal. Significava que o Império conquistava sua independência política e ganhava poder de decisão em seu destino.

---

[101]ARENDT,Hannah. *Da revolução.* São Paulo: Editora Ática, 1988, p. 38.
[102]BOBBIO,Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. VARRIALE, Carmem C. (Trad.) et ai.; coord. Trad. FERREIRA, João; rev. Geral FERREIRA, João e CACAIS, Luis Guerreiro Pinto. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998. 11ª edição, obra em 2 volumes, p. 1121.

O 7 de Abril, no discurso do *Aurora Fluminense*, era apresentado como marco da existência nacional do Brasil e conquista definitiva de sua autonomia, período a partir do qual o país passava a ser livre de qualquer influência estrangeira e a pertencer aos brasileiros.[103] Assim, o 7 de Abril surgia para os moderados como um grande marco, que rompia com o jugo de Portugal e com as arbitrariedades praticadas por um governo que se apresentava despótico.

Por mais que os liberais moderados não incentivassem a via revolucionária ou qualquer mudança abrupta na ordem social, eles acabaram tomando como sua principal bandeira um movimento que eles mesmos designaram de *revolução*. A apropriação feita pelos moderados da revolução do 7 de Abril se deve ao fato de que, após a queda do imperador, a facção política tornou-se maioria no poder e percebeu a necessidade de preencher o vazio simbólico deixado por d. Pedro I e criar uma nova autoridade legítima. Tornava-se necessário criar símbolos, uma vez que a força simbólica da Regência era consideravelmente inferior à da monarquia.

> O governo, porém, no caso em que hora se acha quase despojado de todo o prestígio da realeza, entregue a homens eletivos que hão de exercer as atribuições que se lhe marcarem, em nome de um imperador menino, é fraco de sua natureza, e convém antes dar-lhe força do que tirá-la. (...) Quando falamos em dar força ao governo, não queremos dizer que ele seja investido da ditadura. (...) É dentro dos limites constitucionais que ele deve conter-se, mas a pretexto de cartá-lo, não destruamos esse sistema que a constituição e o voto do Brasil consagrou, nem façamos impossível o estabelecimento da ordem, dando à anarquia um falso aspecto constitucional. (...)[104]

Era preciso dar força simbólica ao novo governo que se instaurava depois do 7 de Abril, e a ideia de revolução, com sua inspiração francesa e liberal, sua identificação com os ideais de soberania e vontade popular, parecia conter elementos suficientes para legitimar a autoridade do que poder que então se instalava sob a liderança dos moderados.

Revolução e Traição

O 7 de abril não foi entendido por todos os grupos políticos da mesma maneira. Para os liberais exaltados, o foco do movimento não se concentrava no 7 de Abril. Tal grupo considerava os movimentos do 7 de Abril como o primeiro passo de uma revolução, de uma resposta política violenta praticada naturalmente contra os atos de opressão do governo[105].

---

[103]Aurora Fluminense, nº 470, 11/04/1831.
[104]Aurora Fluminense, nº 477, 27/04/1831.
[105]MOREL, Marco. *O período das Regências (1831-1840)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003, p. 23.

Segundo Marco Morel, *a ideia de revolução toma, neste caso, significado de mudança política violenta praticada como Direito Natural pelo "povo" e tendo como causa a opressão de governos despóticos*.[106]

Para os exaltados, a *revolução* era necessária e deveria ser feita sempre que a sociedade tivesse ameaçada sua Independência, integridade ou tivesse que combater algum inimigo. Para Marcelo Basile, esse era um tema recorrente nos jornais exaltados, fosse em seus editoriais ou em suas epígrafes, que sempre tinham um tom de incentivar a população a participar do movimento. A epígrafe de *O Exaltado* confirmava o apelo *revolucionário*: *Todos os Brasileiros são obrigados a pegar em armas para sustentar a Independência e a Integridade do Império, e defendê-lo de seus inimigos externos ou internos.*

Os exaltados eram um grupo político formado por homens que faziam críticas ferrenhas ao governo de d. Pedro I e quando consideraram que as atitudes do monarca não iam ao encontro do que consideravam o melhor caminho para o país, tomaram a dianteira e incentivaram uma manifestação popular que acabou catalisando a abdicação de Pedro I. Assim como para os moderados, o movimento que ganhou corpo pela ação dos exaltados era uma tentativa de desfechar um golpe na monarquia, de pressioná-la, mas não tinha a intenção direta de provocar a saída do imperador.

> A revolução para os *exaltados* – a princípio personificada no 7 de Abril, apresentava, portanto, significado distinto daqueles concebidos por *moderados* e *caramurus*. Enquanto estes últimos tratavam de negá-la, qualificando-a de revolta, e aqueles primeiros cederam à sua inevitabilidade, mas procurando por todos os meios limitar o seu alcance e encerrá-la, os *exaltados* a compreendiam como um processo que precisava ter continuidade, entendendo que tal evento seria apenas o marco inicial de uma transformação mais ampla e profunda na sociedade.[107]

Os exaltados levaram o povo às ruas mas, quando conquistada a abdicação, foram afastados do poder. Segundo os jornais dessa corrente partidária, o grupo teria sido o responsável para que o movimento realmente acontecesse e, posteriormente, por ingratidão, teriam sido afastados da política. Isso fez com que Paulo Pereira de Castro designasse a abdicação, para os exaltados, como uma "*journée dês dupes*",[108] já que estes haviam sido iludidos, pois apesar de terem liderado o movimento e lutado para que ele ocorresse,

---

[106]MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820 – 1840*. São Paulo: Hucitec, 2005, p. 110. Marco Morel ressalva que quando os exaltados referiam-se ao "povo", falavam dos habitantes que formam uma sociedade, habitam um país e estavam submetidos a um mesmo governo. Além disso, com esse grupo político, o vocábulo ganhava uma conotação social e passava a designar também as camadas mais pobres, urbanas, livres ou libertas.
[107]BASILE, Marcelo Otávio Neri de Campos. *OImpério em construção: Projetos de Brasil e ação política na Corte Regencial.* Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, p. 160.
[108]Expressão francesa que significa Jornada dos Logrados.

incentivando a população e reunindo “povo” e “tropa”, depois de consumado, foram alijados do poder em prol dos moderados.[109]

Portanto, para os exaltados, o 7 de Abril marcava, de certa forma, uma injustiça contra seu grupo político, posto que depois dessa data esses homens foram condenados ao ostracismo. Os exaltados se sentiam lesados ainda por terem trabalhado pela glória do 7 de Abril e receberem em contrapartida o título de anarquistas.

> Meu Deus! Foi para serem desta maneira vilipendiados os fluminenses, que tanto os ajudastes na grande obra do glorioso 7 de Abril? Que insulto! (...) Tanto ódio, tanta perseguição e tanta hostilidade contra os beneméritos Brasileiros, contra os Brasileiros de 7 de Abril? (...).[110]

Para os liberais exaltados, a revolução de 7 de Abril era:

> (...) obra da virtude patriótica dos exaltados, que amigos verdadeiros da pátria; capazes de arrastar tudo, de tudo sacrificar ao bem ser da mãe comum; eles apareceram no arriscado dia 6, e glorioso 7 de Abril cheios de coragem, e de entusiasmo, no Campo de Honra, não para fazer guerra em particular à pessoa de um Tirano, mas sim suplantar de uma vez a tirania; que soberba, e então alimentada pelos mesmos, que nos tiranizam hoje, ousava levantar o colo orgulhoso para nos devorar, e nos ameaçava de escravidão e de morte.[111]

Os exaltados se consideravam parte importante da *revolução*. De acordo com sua representação dos fatos, tal movimento só foi possível devido à coragem de seus homens de sair às ruas e lutar contra as atitudes de um tirano. No entanto, os dias pós-7 de Abril haviam invertido a situação ao colocar em segundo plano seus protagonistas. Essa reviravolta foi crucial para a leitura que os exaltados apresentaram dos acontecimentos.

Dessa forma, estes passaram a nutrir pela *revolução*do 7 de Abril um sentimento de descontentamento; queriam trazer para si sua “paternidade” e recuperar seu lugar de destaque no movimento. Sendo assim, passaram a considerá-lo apenas um primeiro passo de uma mudança mais completa que deveria se dar na sociedade imperial. O governo de d. Pedro I havia gerado um grande descontentamento ao Império brasileiro e apenas sua saída não era garantia da solução dos problemas. Além disso, se os exaltados considerassem o 7 de Abril como uma *revolução* encerrada, menos chances teriam de retornar ao centro da política.

Por outro lado, como os exaltados se consideravam excluídos após o 7 de Abril, eles queriam destacar sua participação e com isso seu foco concentrava-se no dia 6 de Abril,

---

[109]CASTRO, Paulo Pereira de. A “experiência republicana”, 1831-1840. In: História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Monárquico. Tomo II, V.2. São Paulo: Difel, 1985.
[110]O Exaltado, nº 2, 22/08/1831.
[111]O Exaltado, nº 3, 27/08/1831.

quando sua atuação foi efetiva e quando os atos dos homens que estavam armados no Campo de Aclamação garantiram que d. Pedro I abdicasse de seu trono. Para os exaltados, o dia 6 de Abril era o dia digno de ser lembrado e festejado pela pátria.

Essa grande disputa entre exaltados e moderados pela revolução do 7 de Abril fazia com que os primeiros desmerecessem a conjuntura que se apresentou logo após o movimento. Os exaltados eram mais favoráveis do que os moderados à resolução de conflitos pela via revolucionária, pois temiam menos seus desfechos. Quanto ao 7 de Abril, apoiaram o movimento por acreditarem que poderia trazer bons frutos. Porém, como não participaram da direção política dos novos tempos, dedicavam grandes espaços de seus jornais para criticar o governo dos moderados, sua estagnação e a ausência das mudanças necessárias.

O periódico *O Exaltado,* de 22 de setembro de 1831[112], dizia que já haviam se passado cinco meses da *revolução* de 7 de Abril e que nenhum melhoramento ou reforma significativa havia sido feita pela Regência. Ao contrário, para o referido jornal os tempos eram de perseguição à liberdade, de corrupção e de patronato. O jornal segue dizendo ainda que o comércio e os negócios do Império estavam paralisados.

Para *O Exaltado*, o pós-7 de Abril era um tempo marcado por traições, em que as vítimas eram sempre seu grupo político. Os moderados teriam traído os soldados, os homens que, para o referido jornal, realmente sustentaram o movimento. Esses homens teriam ficado no Campo de Aclamação e quando os eventos de Abril tiveram fim, alguns nobres quiseram pagar-lhes gratificações pelo grandioso serviço prestado. Porém, os moderados os impediram de aceitar tal gratificação. *O Exaltado* classificava tal atitude dos moderados como traição, posto que os soldados eram homens simples que mal recebiam soldo capaz de lhes matar a fome. Impedidos de receber sua gratificação, muitos soldados foram ainda dispensados. Com isso, os exaltados pretendiam mostrar que, contrariando a propaganda feita pelos moderados, eles não se preocupavam com todos e, sobretudo, que o sentimento que eles apresentavam da *revolução* não era unânime.

Por fim, *O Exaltado* reflete sobre a situação política do Império e esclarece seu posicionamento quanto ao 7 de Abril e seu encaminhamento:

> (...) e dizer-se-há que foi a Moderação, e a Boa Ordem, quem dirigiu uma tal revolução? Eu direi sempre que foi a Perfídia e a Traição. Foram homens, infelizmente, de nossa confiança que abusando da boa fé dos Brasileiros, da docilidade de seu gênio por via da Cabala empolgaram empregos, e se grimparam no Governo, atraiçoaram no berço a

[112]O Exaltado, nº 7, 22/09/1831.

> malfadada revolução de 7 de Abril, a fim de que ela não ganhasse a expansão natural (...).[113]

Para os exaltados, a revolução ligava-se à traição, traição com seus princípios, traição com aqueles que mais trabalharam para sua organização e, ainda, traição com seu próprio curso, posto que ela foi rapidamente abafada. Os exaltados interpretaram o 7 de Abril como um movimento que teve sua expansão natural contida pela ação de um grupo, de maneira que a *revolução* tornara-se um movimento malfadado incapaz de trazer melhorias ou de inaugurar um novo tempo.

Revolução e Revolta

A respeito do 7 de Abril, os caramurus são definidos por Marco Morel[114] como aqueles que o negavam por considerarem que um movimento que teve como consequência a deposição de um imperador constitucional não podia ser legal. Esses homens, que mantinham sua fidelidade à monarquia, não podiam compactuar com o movimento que a havia desestruturado. Os caramurus pintavam o 7 de Abril com negras e tristes cores. Para eles tal acontecimento não trouxe nada de bom mas, ao contrário, era um dia de luto que alterou para pior o Império do Brasil visto que resultou na saída de d. Pedro I. Para esse grupo político, não foi só d. Pedro I que deixou o Império, mas também muitas pessoas tinham emigrado por perceberem que a época seria de estagnação.

> Este príncipe, pois que o Brasil havia jurado inviolável, e sagrado, que havia tomado por seu Defensor Perpétuo, e para que imperasse sempre, foi expatriado; a constituição foi destarte feita em pedaços; e o dia 7 de Abril raiou entre o luto, a consternação, e os agouros de um futuro tenebroso, e horrível, que se tem realizado! Em um ano da nossa capital tem emigrado perto de 7000 almas, e um cabedal espantoso! Os ódios, as rivalidades tem enraizado, e pois que se nos argumenta que esses são os resultados necessários de uma revolução, nós, deixando por hora perguntar o motivo porque a fizeram, visto que seus resultados haviam de ser maus, limitar-nos-emos, neste lugar, a querer saber se a perversidade do nosso atual governo é também consequência precisa da revolução![115]

Os caramurus também se referiam aos acontecimentos de abril como *revolução*. No entanto, para esse grupo, *revolução* representava o maior dos flagelos, algo extramente ruim e doloroso a que um povo poderia ser submetido. O movimento de 7 de Abril era visto como

---

[113]O Exaltado, nº 23, 16/08/1832.

[114]Ver a definição de caramurus para Marco Morel em: MOREL, Marco. *O período das Regências (1831-1840)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003; MOREL, Marco. *As transformações no espaço público: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial, 1820 – 1840*. São Paulo: Hucitec, 2005.

[115]O Caramuru, nº 11, 12/04/1832.

um ataque à constituição devido à pressão para a saída de d. Pedro I. Uma *revolução*, para o periódico *O Caramuru*, ainda que pudesse ser feita com base na justiça e tendo em vista os bens maiores, jamais seria realizada se fossem considerados os males que necessariamente acarretaria.[116] O redator insinua ainda que os aspectos do mau governo e os problemas da administração moderada podiam ser consequências da *revolução* de abril.

Para os caramurus, o 7 de Abril teria ainda sido o responsável por dividir a sociedade. Em outras palavras, a leitura feita da *revolução* era uma maneira de definir o posicionamento político, entre aqueles que defendiam e aqueles que eram contrários ao 7 de Abril.

> A nossa população pode-se hoje dividir em três classes, a dos moderados, a dos exaltados, e a dos comprometidos; a primeira e a segunda compõe-se da gente da revolução hoje dividida, e a terceira da que defendia e sustentava o governo anterior ao dia 7 de Abril; os primeiros são os defensores do atual governo, os segundos trabalham para derrubá-lo, e os terceiros por dever e pela incerteza da sorte que terão com os segundos sustentam e defendem os primeiros, (...).[117]

Segundo o redator, naquele momento, em 1832, os comprometidos, por medo e pela incerteza dos acontecimentos, se uniram aos moderados, porém sabiam que tal grupo já lhes havia causado muitas agressões e de tudo feito para que fossem considerados por todos como inimigos do Brasil. *O Caramuru* fala de uma certa perseguição, na qual os comprometidos perdiam seus empregos e honras e eram sempre perseguidos.

O referido periódico segue dizendo que os exaltados eram os mais honestos politicamente pois mesmo depois do 7 de Abril e da forma como os acontecimentos políticos se encaminharam, esse grupo continuava coerente ao que o redator classifica como "princípios subversivos", enquanto os moderados haviam mudado seu posicionamento e tomado para si o controle da situação. O redator diz, inclusive, que os moderados injustiçaram os exaltados, pois esses haviam lutado pela revolução e depois que ela aconteceu foram afastados do poder.[118] O redator segue dizendo que os comprometidos, seu grupo político, embora não concordassem muito com os rumos tomados, tinham sempre o compromisso de obedecer às autoridades legítimas pois acreditavam que era por esse caminho que a ordem e o desenvolvimento seriam conquistados.

A imagem de d. Pedro I era destacada em jornais caramurus como a de um homem que salvou o Brasil, que concedeu a independência e que decidiu "ficar entre nós" quando parte da corte e do tesouro público retornaram a Portugal com d. João VI.[119] Segundo esse grupo, o ex-monarca poderia ter usado sua força para conter o atentado que estava sofrendo

---

[116]O Caramuru, nº 1, 02/03/1832.
[117]O Caramuru,nº 1, 02/03/1832.
[118]O Caramuru, nº 6, 21/03/1832.
[119]O Caramuru, nº 3, 10/03/1832.

no dia 7 de Abril de 1831, mas, segundo *O Caramuru,* o “sagrado e inviolável” não reagiu pois uma gota de sangue dos brasileiros seria um preço muito alto a pagar para manter sua coroa.

Para os caramurus, o 7 de Abril era algo ilegal, posto que feria a constituição e ia contra o maior defensor do Império Brasileiro. Entretanto, se havia ocorrido, era por mérito e honra de d. Pedro I, que optou por não usar sua força para repelir tal ataque.

> Esta abdicação foi forçada ou voluntária? (corramos a esponja ao *forçado* para não nos metermos em camisas de onze varas, para não lembrarem nulidade aos sonhadores das restaurações). R. O ex-imperador não declarou nela violência alguma, e como livre a tem reconhecido todas as nações que congratularam ao Sr. D. Pedro II, logo parece que toda a glória desta ação, se houve acerto, deve recair na pessoa do Sr. D. Pedro I, não só por ser um ato seu propriamente, mas por desenganar a nação, e abrir os olhos a quem então os tinha fechado sobre quais fossem seus patricidas.[120]

A citação acima é um fragmento retirado de uma carta publicada no jornal *O Caramuru*, em 9 de abril de 1832. Nela, o correspondente se indaga sobre vários aspectos da política imperial, entre os quais está a abdicação de d. Pedro I. Para o remetente, a abdicação deveria ser entendida como voluntária, posto que não houve resistência violenta por parte do ex-imperador. Dessa forma, as glórias tão destacadas pelos moderados deveriam ser direcionadas para d. Pedro I. Tal posicionamento dos caramurus pode ser explicado como uma tentativa de limpar a imagem de d. Pedro I.

Em momento nenhum os jornais dessa facção citam a reunião de homens no Campo de Honra, muito destacada pelos moderados e exaltados, como o meio de pressionar o imperador. Tratava-se de uma tentativa dos caramurus de esvaziar a participação popular no movimento e apresentá-lo como um golpe dados pelos liberais moderados contra um governo legítimo. O 7 de Abril dos caramurus era obra de ingratidão de homens que sempre foram ajudados por d. Pedro I e que por se sentirem um pouco desprezados, começaram a tramar contra seu governo.

Ao contrário da integração e do sentimento nacional que era atribuído ao 7 de Abril pelos jornais moderados, *O Verdadeiro Caramuru* mostra o 7 de Abril como um movimento de determinado grupo e não da maioria, posto que para o referido jornal o povo apenas assistiu aos fatos.[121] Para esses homens, a abdicação do imperador não foi fruto da vontade geral e nem sequer teve a aprovação da nação.

---

[120]O Caramuru, nº 10, 09/04/1832.
[121]O Verdadeiro Caramuru, nº 2, 13/05/1833.

> Temos, pois, como proposições demonstradas, que a abdicação do Sr. d. Pedro I foi forçada, injusta, não conforme ao voto nacional, informe, e ilegal, por diametralmente anticonstitucional, visto que são nulos todos os atos praticados sem a faculdade da Lei, e formalidades do estilo.[122]

Após feita a *revolução*, conquistaram o poder os moderados, que segundo os caramurus eram tiranos e para conservarem seu poder cometiam os maiores crimes e desrespeitavam os direitos sociais.[123] Por isso, seus discursos nos jornais eram marcados por uma perspectiva de antes e depois, sendo o tempo posterior ao 7 de Abril marcado por desgraças e insegurança generalizada. Segundo *O Caramuru*, depois do 7 de Abril os cidadãos não viviam mais pacificamente em suas casas, mas sim em uma situação geral de alarme, com as armas sempre prontas a serem usadas.

O 7 de Abril seria ainda o responsável por gerar muito desemprego, já que muitos homens que bem serviam a nação foram afastados de seus cargos só por não dividirem as mesmas crenças políticas com aqueles que estavam no poder. O redator segue suas críticas, afirmando que os fundos, isto é, as rendas, fugiam do país a cada dia, e com elas iam se afastando do Império todas as possibilidades de progresso com aespantosa imigração.[124]

Enquanto baliza temporal dos caramurus, o 7 de Abril inaugurava um tempo sem progressos ou avanços. Para esse grupo político, os primeiros anos da Regência apresentavam um crítico estado financeiro, um comércio paralisado, famílias em má situação econômica e exércitos reduzidos a zero, consequências de um movimento que só produziu descontentamentos em uma sociedade que, como dito por *O Caramuru*, era composta por inimigos de revoluções.

> É preciso ter os olhos fechados para não ver; o nosso estado de finanças cada vez pior, o nosso exército, cuja oficialidade outrora contava com os seus acessos, reduziu a zero, outros que venceram os postos a ponto da espada, obedecendo a homens que no outro dia eram nada, e quem mesmo faltam qualidades para bem exercer os pontos a lugares que foram eleitos, o comércio numa quase perfeita paralisação, as famílias num susto, num terror continuado, quem não vê nestes e outros males, que produzem em descontentamento considerável, a única origem desses anhelos para a pessoa do Sr. d. Pedro I, que generoso, quis antes depor o Sceptro da Nação, que tudo lhe devia, do que derramar uma só gota de sangue Brasileiro, ou ceder dos direitos que Constituição lhe outorgava? Busquem os meios para remover, se é possível, esses males necessários da revolução, e então, acabado o descontentamento público, cessarão esses apelos de que tanto se arreceiam, e que gratuitamente se atribuem à Sociedade em questão; ela é composta de indivíduos inimigos de revoluções, e que se uniram para evitá-las, por isso é louco o receio de que elas afetam os que talvez encontrem em sua conduta pública objetos por que devem ser combatidos; (...).[125]

---

[122]O Verdadeiro Caramuru, nº 3, 22/05/1833.
[123]O Caramuru, Extraordinário, 04/08/1832.
[124]O Caramuru, nº 3, 10/03/1832.
[125]O Caramuru, nº 1, 02/03/1832.

Para os caramurus, a situação do Brasil era tão ruim que merecia ocupar várias páginas dos periódicos:

> (...) quem comprava escravos, terras, e engenhos, antes do dia 7 de Abril, hoje deseja vender, ainda com prejuízo, para ir buscar além dos mares um asilo seguro onde seus direitos sejam defendidos, quiçá respeitados. De Campos, uma vila rica, e abundante, nos comunicam os estado desgraçado da agricultura ali; os lavradores, que outrora compravam escravos a 1 e 3 anos pagáveis, porque contavam com os preços dos açúcares a 3:800 e a 4:000 rs, hoje, estando por menos da metade, não os pagam, nem os podem pagar, e assim se veem reduzidos à miséria, e empenhados, não podendo ocorrer às suas despesas e pagamentos pelos bens que lhes trouxe o dia 7 de Abril. O comércio está completamente moribundo, se o lavrador cujos bens são de muito mais difícil apuração, que segundo Ramos Salles, sofre com mais resignação a falta de liberdade, pelos estorvos que encontra em se desfazer do que possuí (...). Os negociantes têm falido, inúmeras letras protestadas, e o desfalque das rendas da alfândega mostram evidentemente o estado de definhamento e de desgraça a que esta utilíssima classe está reduzida; ora, se combinamos o progresso do comércio antes de 7 de Abril, e olhamos hoje para a sua decadência, achamos nesse paralelo um verdadeiro contraste.[126]

Os jornais caramurus desejavam mostrar que a herança do 7 de Abril estava causando transtornos na vida cotidiana. Além de conviver com problemas no comércio, com a dificuldade de comprar e vender bens, esses homens conviviam ainda com as falências e a quebra da indústria. De acordo com o redator, o movimento seria ainda responsável pela fuga de bens e cabedais que financiavam a construção de prédios e melhorias urbanas, que além de promover a comodidade dos habitantes, deixava as cidades mais bonitas, empregava jornaleiros e promovia a circulação interna de capital. O 7 de Abril não trazia nada do progresso ou das melhorias que havia prometido, mas apenas o ócio. Para o redator, a indigência e a miséria eram alguns dos males necessários do 7 de Abril. Finalmente, o redator chega a afirmar que o 7 de Abril causou uma redução demográfica no Rio de Janeiro: *"calcula-se na diminuição de 6 a 7 mil almas do dia 7 de Abril para cá, (...)."*[127]

O redator de *O Caramuru* segue analisando a conduta dos moderados em relação aos funcionários públicos. Diz que no tempo de d. Pedro I os funcionários eram conservados em seu emprego por sua conduta pública, pelo desenvolvimento de suas atividades. Quanto aos muitos empregados públicos que foram afastados de seu cargo após o 7 de Abril, o redator considera que esse era mais um erro dos homens que assumiram a condução política da Regência pois, com pretextos arbitrários, funcionários subalternos teriam sido dispensados de cargos que lhes eram garantidos por lei. Para o jornal, essa atitude dos moderados era um grande erro, porque os funcionários que deveriam ser afastados e que tinham participação

---

[126]O Caramuru, nº 6, 21/03/1832.
[127]O Caramuru, nº 6, 21/03/1832.

suficiente para cometer erros nas administrações eram aqueles que ocupavam altos cargos como conselheiros e ministros de Estado.[128]

No dia 14 de fevereiro de 1833, *O Caramuru* publicou a carta de um correspondente que assinava como "o restaurador da verdade ultrajada", que fazia inúmeras perguntas sobre a situação do Brasil naquele momento, sempre tendo como ponto de referência o 7 de Abril. O correspondente questionava se depois da aclamada revolução dos moderados a agricultura tinha se desenvolvido, se o comércio tinha progredido, se a marinha, as ciências ou as artes tinham tido algum avanço. As perguntas são deixadas sem resposta pelo correspondente que tem a finalidade de gerar uma reflexão no leitor. O intuito dos caramurus era mostrar que a realidade regencial não era tão *cor-de-rosa* como a mostrada pelos moderados. Eles queriam dizer a todo momento que no dia 7 de Abril aconteceu uma mudança ilegal e contrária à constituição e que nada tinha de milagrosa. O periódico *D. Pedro I* dizia que após o dia 7 de Abril o Império tinha se transformado em um caos onde predominava a miséria e faltava o pão e o pano para alimentar e vestir a população.[129]

O 7 de Abril era apresentado como um processo em que se conseguiu deixar o Império brasileiro *órfão de pai* e com isso o expôs aos mais diversos perigos como *"perseguições, devassas, masmorras, extermínio, carnificina, enfim completa escravidão, tais foram os males que trouxe a revolução de 7 de Abril!"*[130]

Assim sendo, a Regência era um período de tormenta, posto que homens que a guiavam não tinham virtudes, destaques sociais ou econômicos e muito menos representação suficiente para ocupar o lugar do primeiro monarca. Os moderados seriam homens ingratos, que golpearam um monarca que deu ao Império sua constituição. *O Caramuru* diz que os jacobinos, forma como designavam os moderados, sempre criticavam d. Pedro I pela grande dívida que havia contraído em seu reinado. Porém, o jornal defende o antigo monarca dizendo que essa dívida era fruto da construção de um Império, da estruturação das repartições públicas, do pagamento de seus funcionários, da criação do Exército e da Marinha, da manutenção da Independência e da integridade do Império. Por isso, as dívidas estavam mais que justificadas, já que foram feitas visando suprir as necessidades do recém criado Império.[131]

Enfim, para os caramurus, rememorar o 7 de Abril era o mesmo que lembrar de um dia fúnebre, de um triunfo conseguido pela postergação da lei fundamental. Lembrar o 7 de Abril

---

[128] O Caramuru, nº 6, 21/03/1832.
[129] D. Pedro I, nº 1, 26/08/1833.
[130] O Caramuru, nº 29, 10/10/1832.
[131] O Caramuru, nº 35, 07/11/1832.

era o mesmo que celebrar a origem de todos os males a que o Império vinha sendo submetido. O 7 de Abril era interpretado por esse grupo político como "um dia com dons fatais", um grande erro devido à sua capacidade de causar desgraças ao Brasil. Os caramurus podiam até se referir ao acontecimento de 7 de Abril como uma *revolução*, mas o interpretavam como uma revolta, ou seja, como um movimento pensado por uma minoria que acarretou na perturbação da ordem pública e na quebra do pacto social firmado entre o imperador e o povo, desde os tempos da Independência do Brasil.

> Estabelecidos estes fundamentos, consideremos o Brasil à época de seu nascimento político; queremos dizer, à época de sua Independência, por isso que antes desse tempo ele não foi outra coisa mais, que uma fração de Portugal. O grito da Independência, solto sobre as águas do Ypiranda, pelo fundador do Império, foi um grito unisono desde o Prata ao Amazonas, e o acho desse grito acrescentou um outro de – Viva D. Pedro I, Imperador do Brasil. – Eis a convenção espontânea do Estado do Brasil, convenção identificada com os mesmos princípios que viemos de expender, e mais explícita ainda pela Sanção uniforme das Províncias pelo Imperador como do Pacto Social quebrado entre o Monarca e o Povo. É com essa evidência de princípios de Direito Universal, princípios sacrosantos, filhos da Natureza, selados pela Mãe Poderosa de um Deus Eterno, que hoje temos de entrar em lide, acerca do novo Império, que desventura permitiu murchasse em flor.[132]

Revolução e Restauração

O *Aurora Fluminense* considerava descabida qualquer possibilidade de volta de Pedro I, pois sua saída do trono havia sido voluntária e o imperador não havia sofrido qualquer tipo de coação para que tomasse tais atitudes. Para os moderados, o imperador teria abdicado por não aguentar as pressões políticas e não ceder aos pedidos de seu povo, pressões e pedidos que, segundo o mesmo jornal, tinham origem na conduta do imperador que passava a ser considerada inapropriada. Assim, o ex-imperador tornava-se odiado para uma grande maioria da população, que não desejava sua volta.

> Primeiramente a nação não o quer: a mudança operada no dia 7 de Abril foi recebida com aplauso e júbilo em todos os ângulos do Império, e não são passados ainda tantos anos para que possam já ter esquecido os fatos por que d. Pedro se tornou odioso da população. Uma porção de funcionários despeitados, por não terem os antigos acessos e despachos, alguns criados do palácio, e certa quantidade de criaturas de acanhado senso, a quem os males da agitação em que vivemos, fazem lançar vistas cobiçosas sobre o ponto de que partiram, e de que os ventos cada dia mais os separam, não são certamente o povo Brasileiro. Demais disso: d. Pedro, segundo as nossas instituições perdeu todos os direitos à coroa do Brasil, quer retirando-se do país sem licença da Assembleia, quer declarando-se estrangeiro pelo fato de aceitar empregos e condecorações de um governo estranho sem permissão do que rege atualmente os destinos da nação.[133]

---

[132] D. Pedro I, nº 1, 26/08/1833.
[133] Aurora Fluminense, nº 620, 25/04/1832.

D. Pedro I soava aos leitores do *Aurora Fluminense* como um caso encerrado e que não era mais sua principal preocupação. Para o *Aurora Fluminense*, a restauração era desejada apenas por aqueles que recebiam privilégios do ex-imperador, o que segundo a mesma fonte, era uma pequena parcela da população.

O *Aurora Fluminense* criticava qualquer suspiro de saudade que os jornais da oposição esboçavam do tempo de d. Pedro I. Para o periódico, não existia a menor coerência em sentir falta dos "luxos da corte", "dos arrumamentos militares" ou dos "festejos que muito favoreciam alfaiates, ourivese lojistas". Segundo seu redator, Evaristo da Veiga, os cortesões não estavam impedidos de continuar a se manifestar como antes, mas talvez isso não lhes fosse favorável, uma vez que não poderiam esperar privilégios e favorecimentos do imperador.

> Para nos inspirarem saudades do regime de d. Pedro, costumam certos escritores carregar o quadro de nossa atual, dolorosa posição, pintar com as cores denegridas a desordem das finanças, a anárquica administração das justiças, a insubordinação dos agentes subalternos do Poder, o desprezo das leis; o que tudo imputado ao 7 de Abril, e à falta do Príncipe adulto que sobre o trono impunha respeito e temor. Aqueles que assim disseram, procuravam desviar da mente e esconder o verdadeiro estado em que nos achávamos nos últimos anos do reinado de d. Pedro, estado que deu causa à revolução, e que a prolongar-se, não sabemos onde nos levaria.[134]

Os jornais moderados se esforçaram ao máximo para desmerecer d. Pedro I e mostrar as falhas de seu governo, esperando com isso minar as ideias de que ele devia ter seu poder restaurado. Restaurar o poder de d. Pedro I significava voltar ao passado e recompor uma organização política que tinha sido modificada pelo 7 de Abril. Tal volta não era desejada pelos moderados, que se encontravam no poder. Porém, para alguns políticos, não era algo tão sem sentido como desejavam os liberais moderados. Era um projeto que circulava na sociedade regencial e que, de certa maneira gerava empolgação em alguns grupos, o que justifica os esforços constantes dos moderados em desmerecer o antigo governante e desgastar sua imagem e sua memória.

> Nós sabemos bem que uma revolução e uma menoridade arrastam sempre após si funestos resultados: que a vacilação dos negócios, a incerteza dos futuros desperta a avidez do ambicioso, que todas as paixões se desencadeiam, quando no Governo Monárquico Constitucional falta esse elemento de força, que até então os comprimira. Mas era d. Pedro nos últimos anos do seu reinado um elemento de força? (...) Nunca o Poder se viu mais aviltado, nunca a insubordinação e uma anarquia surda, subiram a tão alto ponto.[135]

---

[134]Aurora Fluminense, nº 773, 22/05/1833.
[135]Aurora Fluminense, nº 605, 14/03/1832.

Assim, a nova tática passou a modificar a imagem do ex-monarca. Os moderados passaram a se esforçar para mostrar que se faltava à Regência esse elemento de força que só podia ser representado pela pessoa do monarca, tal força já não era mais encontrada no final do governo de d. Pedro I. Para os moderados o que havia acontecido fora a separação entre a nação e o imperador.

> D. Pedro não foi tirano, é verdade, mas foi um mau Príncipe: a sua pessoa à frente da administração, desacreditado como estava, já não concorria para dar-lhe estabilidade e força; tudo o que se aproximava dele, contraíra mancha aos olhos do povo, e nas derradeiras horas do seu governo, viu-se abandonado até pela mor parte desses que hoje se intitulam seus amigos e que não são senão facciosos, ávidos de mando.[136]

Para o *Aurora Fluminense,* d. Pedro I havia sido um grande monarca, e tinha dado provas de sua grandeza na Independência do Brasil. No entanto, para esses mesmos moderados que exaltavam suas ações em 1822, sua figura mudara consideravelmente. Aos olhos dos moderados, d. Pedro I deixara de ser um grande homem e se transformara em um grande vilão, posto que teria deixado de agir em defesa dos interesses do Império. Para Evaristo Ferreira da Veiga, redator do *Aurora Fluminense*, d. Pedro I era notável pela facilidade com que soube alienar de si o amor do povo brasileiro depois do glorioso esforço que fez na Independência e pela maneira como deixou descontentes os homens que se envolveram com a política: "*O ex-imperador teve muitas outras notabilidades semelhantes: essas o levaram no Brasil ao 7 de Abril e na Europa o conduzem a um termo ou igual, ou equivalente.*"[137]

Para acalmar os ânimos era preciso culpar alguém pelos acontecimentos. Esse culpado foi d. Pedro I.

> Anedota – Perguntava-se em certo círculo quem fora o principal autor de nossa revolução gloriosa. E depois de haver a cada um lembrado naturalmente o nome da pessoa com que mais simpatizava, ou de algum de quem dependia; o último desatou as dúvidas, exclamando: - Não estejam para aqui nem para ali a quebrar a cabeça: o autor principal da revolução foi esse ex-imperador, ele mais do que ninguém trabalhou tenazmente para que as coisas chegassem a este ponto.[138]

O periódico *O Sete d'Abril* explica a mudança da imagem de d. Pedro I:

> D. Pedro I, a princípio, objeto de amor e de veneração da máxima parte dos Brasileiros, se havia tornado, dentro de pouco tempo, indigno de sua afeição e de seus extremos, e tinha perdido todo o prestígio, que alto nascimento e alguns serviços à Independência

[136]Aurora Fluminense, nº 605, 14/03/1832.
[137]Aurora Fluminense, nº 641, 18/06/1832.
[138]Aurora Fluminense, nº 476, 25/04/1831.

> lhe havia granjeado. Nem se acuse de versátil e inconstante o Povo Brasileiro, pela mudança de opinião a respeito de d. Pedro I; este Príncipe excitou ódio contra si, ostentando intentos de absolutismo pela dissolução da Assembleia Constituinte, importação de tropa estrangeira no Brasil, suspensão de garantias, criação de Comissões militares, soltas de todas as formas garantidoras de segurança individual, e por muitos outros atos geralmente conhecidos.[139]

O 7 de Abril aparecia nas páginas dos periódicos moderados como um acontecimento inevitável, como uma revolução que aconteceria naturalmente posto que a nação e a monarquia haviam se divorciado.[140] Nesse momento os liberais moderados, fundamentados na ideia de que só era possível se voltar contra a monarquia caso esta apresentasse atitudes despóticas, passavam a fazer uma analogia de separação. O 7 de Abril ganhava a imagem de um rompimento amigável entre um imperador e uma nação que tinha suas relações desgastadas. A ideia é de fim de um relacionamento, da passagem da paixão para o ódio.

O freio no "carro" da Revolução

Para os moderados, os tempos que sucediam o 7 de Abril deveriam ser tempos de moderação, de paz e de tranquilidade pública. A ação passava para a ser responsabilidades dos representantes da nação. Para condensar tal pensamento, o redator do *Aurora Fluminense* publicou um comunicado, assinado por Borges Fonseca:

> Ao depois de tantos sofrimentos, teve de ceder o ingrato à vontade Nacional. Porém com que glória, Brasileiros, fizemos a revolução? Como, com tanta facilidade nos regeneramos? É pasmosa seguramente uma tal revolução: nenhum exemplo ainda deu nação alguma de libertar-se com tanta ufania sem derramar uma só gota de sangue: ainda em parte alguma o Povo e a Tropa se [...] tanto para a defesa de uma só causa, a Causa da Liberdade Nacional. Mas, concidadãos, ainda muito nos resta, resta a conclusão da grande obra incetada. *Creio que de alguma sorte ei merecido o vosso conceito, é tempo de moderação. Os nossos Augustos e Digníssimos Representantes estão em Sessão, deles pende o fim da nossa salvação, cumpre obedecer aos seus mandatos, que todos são em nosso favor, e a pátria exige de nós, a continuação dessa prudência, ainda não conhecida até hoje em povo algum.* Eia, nós estamos no Campo de Marte, aí fundaremos a nosso regeneração que não deve ser manchada por excesso algum. O perjuro abdicou; que se vá em paz gozar dos frutos de suas traições; não tinjamos a nossa revolução com sangue, e ensinemos ao mundo e à posteridade, que quando se defende a Liberdade não se há mister de levar o estrago e a morte à humanidade.[141]

---

[139] O Sete d'Abril, nº 188, 14/10/1834.
[140] Aurora Fluminense, nº 1136, 30/12/1835.
[141] Aurora Fluminense, nº 469, 08/04/1831. Grifo nosso.

Era hora de acalmar os ânimos e de voltar à normalidade. Como qualquer nação que sofria uma abrupta mudança de governo através de um processo em que houve politização de atores sociais, o Império brasileiro sentia os desafios de afastar a política do "povo" e da "tropa" e de devolver suas decisões para as esferas responsáveis. Por isso, seus discursos frisavam a ideia de que o povo já havia agido quando fora necessário, e de que por essa participação a revolução, a regeneração e a abdicação haviam sido conquistadas. No entanto, os ventos que sopravam não eram mais de mudança e sim de adaptação. Era tempo de agir com moderação para que tudo voltasse ao seu lugar. Era tempo de esperar e deixar que a Câmara dos Deputados conduzisse a política.

Ocorrida a *revolução*, os moderados acreditavam que esta deveria ser levada pelas autoridades e pelos poderes legalmente instituídos. Não era mais tempo de ter "povo e tropa" nas ruas, era tempo de organizar o Império e de garantir a ordem e a tranquilidade. Depois de explicada e interpretada a*revolução*, era hora de dar a direção aos homens:

> Se quisermos evitar todos os males que por nós gravitam, se queremos firmar a nossa Gloriosa Regeneração de Abril; se queremos salvar a pátria das voragens da anarquia; aproveitemos nós mesmos os elementos que estão à disposição de cada um. Em nossas instituições temos sobejos meios para conseguir a felicidade comum. Usemos com descrição desses direitos que nos são garantidos, esclareçamos aqueles de nossos Concidadãos, que precisam das luzes alheias, provamos a união dos Brasileiros, o respeito à constituição, a adesão ao trono constitucional do Sr d. Pedro II e a consolidação do Memorável Dia da nossa Regeneração Política e persuadamos a todos os nossos concidadãos que jamais a pátria será feliz, enquanto os partidos a dilaceram, não fazem o sacrifício de ceder às leis e às autoridades constituídas, de depor as armas, em vão empregadas contra seus patrícios, e por uma vez termo a essas sempre perigosas, sempre funestas desavenças políticas, muito principalmente quando chegam os partidos a baterem-se.[142]

A real preocupação dos liberais moderados era o que deveria ser feito daquele momento em diante. Para eles, a prioridade era garantir as mudanças e melhorias trazidas pelo 7 de Abril, o que implicava cuidados não só com o poder central como com os poderes e instituições que lhe davam apoio.

A revolução para os moderados era vista como um "carro", algo que ia muito rápido e que a qualquer momento poderia perder o controle e causar acidentes. A instituição que tinha a prerrogativa principal de reger e conduzir tal carro era o corpo legislativo. No contexto imediatamente após o 7 de Abril, a questão fulcral já era "frear o carro", acalmar a sociedade e pôr um fim às tensões.

---

[142]Aurora Fluminense, nº 831, 21/10/1833. A referida matéria foi transcrito pelo *Aurora Fluminense* do periódico *O Universal,* também de filiação liberal moderada que circulava em Ouro Preto, capital da Província de Minas Gerais.

> Uma Revolução não é coisa indiferente. O sucesso do dia 7 de Abril, foi sucesso muito grande, mas há de produzir vácuo no Brasil e há de ocasionar grandes sacrifícios. Devia ter-se encarado isto antes, mas logo que não se encarou e que se fez a Revolução, é preciso seguir marcha dela, e que o Corpo Legislativo a dirija para não ser destruído por ela. **O Corpo Legislativo deve reger o Carro da Revolução**, para que não aconteça, que homens inimigos dela, ou amigos só de motins, e desordens, o levem por diferente vereda, e esmaguem os condutores.[143]

Na citação acima, está presente a ideia de "carro revolucionário", de movimento que precisava ser "regido". A expressão dá a ideia de que o movimento do 7 de Abril, bem como os acontecimentos que o seguiram, e aqui estamos considerando os inúmeros movimentos e revoltas que tiveram a Regência como palco, foram movimentos rápidos e de certa forma incontroláveis, posto que, por mais que o governo central desejasse contê-los, eles continuavam ocorrendo, o que demonstrava que as revoluções traziam consigo o receio de desgoverno, por isso a necessidade de "reger o carro", de conduzir o processo, de indicar a melhor maneira para que as coisas acontecessem.

Além disso, a citação acima é importante por contextualizar uma ideia e uma preocupação geralmente associadas ao Regresso conservador. Comumente, a ideia de que era necessário parar o "carro revolucionário", no sentido de pôr fim a um período turbulento e de conseguir controlar as movimentações e a participação do povo na esfera política é associada aos regressistas, quando os conservadores tomaram o poder e deram início a uma maior centralização. No entanto, a citação retirada do *Aurora Fluminense* em julho de 1831 nos mostra que bem antes de se pensar em Regresso já se pensava em conter a participação popular, em fazer com que os movimentos de rua ou as *revoluções* fossem regidas e supervisionadas pelas instituições.

Para os liberais moderados, o 7 de Abril era mais que um acontecimento, mais que uma simples troca de governo. Para esses homens, o 7 de Abril representava o rompimento com o Império de d. Pedro I e promovia uma reorganização na sociedade. Reorganização que alterava os grupos políticos, as instituições e a sociedade de uma forma mais geral.

Para os moderados, após o 7 de Abril os grupos políticos sofreram uma reorganização. O exemplar de 17 de outubro de 1834 do *Aurora Fluminense* diz que depois da Revolução de 7 de Abril três grandes grupos políticos podiam ser percebidos:

> Depois da revolução de 7 de Abril, além da massa inerte que sempre avulta em qualquer população, três grandes seções políticas dividiram em suas opiniões, o povo brasileiro. Os exaltados, que tudo queriam precipitar; mas cujo entusiasmo contra a anterior administração habilitava-os para exercerem certo grau de influência na recente ordem das coisas; os retrógrados e estacionários, ainda atordoados do golpe que haviam

[143] Aurora Fluminense, nº 508, 15/07/1831. Grifo nosso.

> recebido, porém lançando os olhos para melhor futuro, e tudo esperando das dissenções dos patriotas; e finalmente os moderados, que conhecendo a necessidade da marcha progressiva, por outro lado pretendiam desviar do país o flagelo da anarquia, e achar em procedimentos legais o meio termo por onde se chegasse à meta desejada.[144]

Percebemos que o redator do *Aurora Fluminense* falava de uma reorganização das concepções políticas dos grupos de acordo com o posicionamento tomado por esses homens a partir dos acontecimentos que cercaram o 7 de Abril. Para o *Aurora Fluminense*, após o 7 de Abril, o pensamento político do Império podia dividir-se entre exaltados, retrógrados e estacionários ou moderados. Os primeiros teriam tido participação no movimento, porém o trecho acima ressalta sua capacidade de "precipitar", de incentivar movimentos.

Devemos ter em mente que o *Aurora Fluminense* publicou tal texto em 1834, ano de falecimento de d. Pedro I (ocorrido em setembro de 1834), por isso, ao definir os retrógrados ou estacionários, cita um golpe levado pelos mesmos que ainda os deixava atordoados. O redator faz alusão à morte do seu líder e à consequente perda de sua principal bandeira no jogo político, que era a defesa dos tempos em que o Brasil era governado por d. Pedro I.

Por fim, o redator fala sobre os moderados, aqueles que, de acordo com as leis e em um ritmo seguro, seriam capazes de promover as modificações necessárias ao Brasil. Modificações estas que, ao nosso entender, seriam possíveis pelas reformas constitucionais empreendidas pelo Ato Adicional de 1834, que haviam implantado as assembleias provinciais e determinado alterações como a regência una, questões que colaborariam para as modificações e as melhorias iniciadas pelos movimentos do 7 de Abril.

O 7 de Abril representava uma grande mudança, que pedia inclusive uma remodelação nas condições materiais da corte, para que essa ficasse mais adequada à nova realidade. O *Aurora Fluminense* publicou, em 4 de janeiro de 1831, uma correspondência que tratava da necessidade de melhorias físicas e materiais no Rio de Janeiro. O correspondente comentava sobre a necessidade de novas construções, como pontes e estradas, sobre a necessidade de melhorias na iluminação das ruas e sobre mudanças mais urgentes. Falava sobre a latente necessidade de retirar a forca, objeto de tortura que simbolizava o regime português, mas que com os novos tempos não podia continuar ali.

> Passados dez anos de regime constitucional, deixam-na ainda em estado permanente. É assim que bom governo português entendia a justiça: forca para os nobres, forca para a canalha e para os escravos! O crime tinha também a sua aristocracia, e as distinções patibulares. Graças às festas de casamento da Imperatriz Amélia, a forca dos nobres desapareceu, a da canalha ainda existe, mas por incúria rotineira das autoridades do que por outro qualquer motivo: porque não exerce sobre a população mais influência do que

[144]Aurora Fluminense, nº 969, 17/10/1834.

> essas figuras de palha que se colocam nos arrozais, ou nos campos de milho para guardá-los da ferocidade dos pássaros. Os ladrões alados, a princípio tímidos, logo conhecem que a máquina inerte é só um espantalho vão e familiarizam-se com ela a ponto de lhe pousarem sobre os ombros ou sobre sua espingarda de pau, sempre apontada, sem fazer fogo. (...). O Poder, graças ao regime que temos, não é hoje um regime de escravos sempre armados do chicote: é um bom pai que governa sua família, segundo as leis da moral e da honra, e no interesse de todos, e se neste interesse mesmo é algumas vezes forçado a irar-se contra um dos seus filhos, é com pesar, e o mais tarde que pode; o instrumento de súplico não deve portanto aparecer, senão um instante, e desaparecer logo; é assim que procedem as nações civilizadas.[145]

A forca deveria ser tirada uma vez que, o novo governo tentava se mostrar mais compreensivo do que punitivo. Tal compreensão era destacada pelo *Aurora Fluminense,* que sempre frisava que os homens que fizeram o 7 de Abril tinham se mostrado dispostos a perdoar e assim conquistariam a tranquilidade e a ordem pública tão necessárias naquele momento.

Por fim, o *Aurora Fluminense* faz um balanço do 7 de Abril.

> Os homens que tinham se comprometido antes tiveram no 7 de Abril a absolvição e o perdão garantidos pela constituição. Pessoas não tinham sido comprometidas e sim interesses. Os barões, condes e marqueses não perderam seus títulos e ordenados, apenas passaram a ter uma menor probabilidade de ocupar altos empregos. Quanto aos senadores, o 7 de Abril teria atacado sua vitaliciedade por ser inconstitucional.[146]

Para o jornal, o 7 de Abril tinha a capacidade de perdoar àqueles que, segundo os moderados, eram designados de comprometidos por estarem sob suspeita ou mesmo condenados por terem tomado partido em alguma ação política, fosse de posicionamentos políticos radicais ou desejo de restauração do ex-imperador. Esse perdão seria garantido pela constituição e pelo respeito às leis possível após o 7 de Abril. Para os liberais moderados, a carta constitucional era a principal garantia que podiam ter, já que era desse conjunto de leis que provinha sua garantia de um monarquia limitada, que não poderia tomar atitudes arbitrárias.

Dessa maneira, o 7 de Abril atacaria tudo aquilo que considerava um desvio aos posicionamentos determinados pela constituição, o que explica seus ataques constantes ao Senado e aos seus cargos vitalícios, que eram entendidos como inconstitucionais. Para o *Aurora Fluminense*, o Senado era impopular e inimigo das liberdades públicas e, principalmente, sua vitaliciedade era um obstáculo à inovação e à participação política. Além

[145]Aurora Fluminense, nº 577, 04/01/1832.
[146]Aurora Fluminense, nº 633, 25/05/1832.

disso, enquanto instituição da época, era a única que se recusava a dar apoio e destaque aos movimentos 7 de Abril.[147]

De acordo com o artigo, o 7 de Abril havia sacrificado apenas alguns interesses, posto que durante a Regência não seriam distribuídos títulos ou condecorações, o que era visto pelos moderados como algo positivo, uma vez que a diferenciação entre os homens deixaria de ser promovida. Seria o fim de relações marcadas pelos privilégios.

O governo fundado no 7 de Abril precisava se consolidar e se reorganizar, o que não seria possível, segundo o *Aurora Fluminens*e, se ainda tivesse como base os mesmos homens que detinham o comando no antigo governo. Para os moderados, o governo anterior havia sido corrupto, o que era justificativa para acabar com seus vestígios, sobretudo se eles fossem representados pelos antigos funcionários que eram partidários de d. Pedro I.

Para reforçar essa ideia, o *Aurora Fluminense* transcreveu um trecho do periódico *Messeger* dizendo que uma revolução só podia se manter se fosse apoiada nos homens que a fizeram, que naturalmente comungariam dos mesmos ideias e objetivos.[148]

> Um governo revolucionário, isto é, o governo fundado sobre uma revolução, não se consolida nem se mantém, senão apoiando-se nos homens da revolução que lhe deu nascimento: a prudência lhe ordena que desconfie sempre das criaturas do governo derrubado.[149]

Tal preocupação pode ser notada no discurso proferido por um deputado que afirmava que o novo governo não poderia mais amparar-se nos funcionários ligados à antiga administração:

> É necessário, que se tome esta medida, para que o dia 7 de Abril não sirva de desgraça, mas que seja aurora de felicidade para o Brasil. Se foi ato nacional o que se praticou, se todas as províncias não só o abençoaram, mas até tinham anunciado, e isto pela odiosidade do regime anterior, a qual não podia referir-se unicamente ao centro, mas aos diversos agentes ou molas, que cercavam este centro, e o fazia andar, como há de marchar depois da revolução o regime novo com as mesmas molas do regime velho?[150]

Para os liberais moderados, o 7 de Abril não era uma data importante apenas no cenário nacional, mas era um acontecimento conhecido internacionalmente e que concedia destaque ao Brasil. Para convencer seus leitores dessa importância, o *Aurora Fluminense*

[147]Aurora Fluminense, nº 911, 16/05/1834.
[148]A prática de transcrever trechos de outros periódicos, muito comum durante a Regência, era uma forma de mostrar que as ideias apresentadas no periódico eram comungadas por outras pessoas. Tal prática mostra ainda que os jornais regenciais estavam em constante diálogo e eram meios ativos de expressão de opiniões e de embates.
[149]Aurora Fluminense, nº479, 02/05/1831.
[150]Aurora Fluminense, nº 508, 15/07/1831.

publicou um artigo extraído do *Courier*, que falava sobre a boa impressão que a Inglaterra tinha pelo Brasil após os movimentos de 7 de Abril.

> Por mais de uma vez temos observado que é a tranquilidade interna a única coisa que o Brasil precisa, para elevar-se ao apogeu de prosperidade doméstica e influência externa, para que a natureza o destinou. Com a paz adquiria pelo Brasil, consideração e respeito entre as Nações, com a mesma rapidez que crescem as produções variadas do seu solo abençoado. Mas para que a tranquilidade interna subsista, é de absoluta necessidade que no estado exista um partido, tão decididamente predominante que assegure a estabilidade e força do governo. O governo atual é desse partido dominante, e felizmente para o país, a habilidade com que serve de sua influência, só pode ser excedida pelos seus vivos desejos de promover a liberdade legal, e a manutenção das instituições livres no Brasil. Com tais sentimentos e tão louváveis desejos de promover a liberdade legal e a manutenção das instituições livres no Brasil. Com tais sentimentos e tão louváveis desejos, o ministério Brasileiro pode contar por certo com a cordial cooperação da Grã-Bretanha, nos seus esforços para assegurar a paz interna, os interesses gerais e o bem-estar do Império brasileiro. E nesta cooperação, porque não pretendemos dizer que somos inteiramente desinteressados na matéria, bem sabe a Grã-Bretanha o quanto lucraria. O Brasil, considerado como mercado para suas manufaturas, torna-se importante na proporção de sua capacidade de consumo e meios de exportação; e este consumo e exportação dependem da prosperidade geral, baseada na tranquilidade interna, que desenvolverá a indústria nacional e aumentará as suas produções.[151]

O 7 de Abril tornou-se ainda um escudo dos liberais moderados. Com o movimento eles se defendiam e se legitimavam enquanto nova autoridade. Entretanto, consensos em política são muito complicados. Por isso, a todo momento o *Aurora Fluminense* estava dialogando com os periódicos da oposição. Nesses momentos, podemos perceber que as representações que o 7 de Abril poderia receber não eram as mesmas dentro da sociedade regencial. Elas nem sequer estavam prontas e acabadas e por terem grande potencial no jogo político, passam a ser disputadas e comentadas pelos diferentes grupos.

A Revolução e a monarquia de d. Pedro II

Temos que considerar tanto o calendário cívico regencial quanto o significado concedido às suas datas como algo fluido e suscetível à influência dos contextos. Em 1834 tínhamos a seguinte situação: d. Pedro I já não representa mais um inimigo da Regência moderada. Com sua morte, a data perdeu seu caráter defensivo e agressivo e passou a ter uma função mais representativa. Por isso, a necessidade não era mais mostrar o que estava errado e o que os moderados estavam fazendo para consertar, mas sim trazer para a cena política uma figura suficientemente forte para garantir a unidade do Império.

---

[151] Aurora Fluminense, nº 819, 23/09/1833.

> Em 1834 os horizontes políticos são mais desassombrados e puros; mas nem desapareceu de todo a facção, inimiga da revolução incruenta, nem nos cumpre esquecer a lembrança desse dia de glória. À sua recordação estão ligados princípios importantes em que descansa todo o edifício da liberdade brasileira; a sua solenização adverte aos poderes constituídos que todos eles emanam e têm suas atribuições da nação brasiliana, e que à vontade desta deixaram de ser o que são; que portanto lhes cumpre serem intérpretes fieis da Opinião Nacional. Zeladores da prosperidade e honra do país que governam, e que não é patrimônio de nenhum homem, de nenhuma família. A monarquia constitucional aí existe por aprovação dos povos; é por unânime aclamação deles que o ex-monarca governou, é por seu consenso espontâneo que hoje impera o Sr. d. Pedro 2º.[152]

Em 1834 as tensões sociais que marcaram os primeiros anos da Regência já não assustavam mais como antes. Era necessário ter em mente as conquistas da revolução para que elas fossem mantidas. A partir daquele momento, a proposta era usar a recordação do 7 de Abril para glorificar as noções de liberdade e soberania. Sem d. Pedro I, as principais esperanças do Império brasileiro concentravam-se em d. Pedro II, que, embora fosse ainda uma criança, sua figura já acalmava os ânimos daqueles que consideravam a Regência um poder sem força e representatividade.

Uma primeira evidência de que d. Pedro II havia entrado na cena política foi a inserção do aniversário da data do seu aniversário no calendário cívico, uma vez que já em 1834 o movimento do 7 de Abril começava a ser interpretado por alguns como o dia em que o trono foi entregue a d. Pedro II. O dia 2 de dezembro passou a ser comemorado por aqueles que se consideravam responsáveis pelos movimentos que cercaram a abdicação. O *Aurora Fluminense*, em 6 de dezembro de 1833, confirmava que: *"O dia 2 de Dezembro pode ser cordialmente festejado só pelos homens da revolução de Abril."*[153]

Em seguida, o jornal publicou um texto do cronista e naturalista francês Saint-Hilaire, que ressaltava a importância simbólica de Pedro II.

> Os destinos do Brasil repousam hoje sobre a cabeça de um menino. É um menino que une ainda as províncias deste vasto Império; só a sua existência opõe barreira aos ambiciosos que surgem de todas as partes com igual mediocridade e pretensões igualmente gigantescas. Um europeu não pode reinar na América; porém este é Brasileiro; o azul brilhante do céu dos trópicos feriu as suas primeiras vistas; é a sombra dos matos virgens que foram guiados os seus primeiros passos; ele não terá saudades nem dos Palácios de Lisboa, nem das saborosas frutas do Doiro. Nascido na América, não partilhará nenhum dos prejuízos dos europeus contra a sua bela pátria; terá todos os brasileiros contra a Europa; tal é a lei comum. (...) Reuniam-se ao redor do infante Pedro todos os brasileiros que honram o seu país, que amam sinceramente a liberdade, e não querem que lhe arrebate uma horda de tiranos cobiços e abjetos.[154]

[152]Aurora Fluminense, nº 896, 11/04/1834.
[153]Aurora Fluminense, nº 850, 06/12/1833.
[154]Aurora Fluminense, nº 885, 10/03/1834.

Percebemos que, a partir de 1834, o 7 de Abril começou a ganhar outros significados. Além de ser o acontecimento nacional e a grande baliza de mudanças, tornou-se cada vez mais associado à figura de d. Pedro II. A partir de então, o 7 de Abril é percebido como o dia em que este foi elevado à condição de imperador.

Já em 1839[155], o *Aurora Fluminense* fez um novo balanço sobre o significado do 7 de Abril no contexto político que estava sendo vivenciado pelo Império brasileiro. Os ventos que sopravam naquele momento eram outros e o cenário político tinha uma outra configuração na qual não eram mais os liberais moderados que ditavam as regras. O Brasil passava por um período identificado pela historiografia *Regresso Conservador.*

A Regência adentrava uma nova era, na qual a bandeira da centralização passava a ser considerada por alguns, como a melhor forma de ordenar a realidade social e garantir a unidade e a estabilidade do poder. O Regresso trazia consigo uma nova direção política na qual o controle não estava mais nas mãos dos moderados, mas sim com os conservadores, que, através do *Golpe da Maioridade* conseguiram se impor.

Nesse período, portanto, acontecimentos significativos para a Regência, como a abdicação de d. Pedro I e os movimentos que o cercaram, deixaram de ser valorizados, o que levou o *Aurora Fluminense* a publicar que estava na moda mal dizer os acontecimentos de Abril de 1831.[156] O movimento passava a ser associado às desgraças, ao bloqueio no desenvolvimento da indústria, do comércio e da agricultura. Era relacionado, ainda, à anarquia, à desordem social, ao sangue e à violência. No entanto, o redator do *Aurora Fluminense* salientava que o 7 de Abril jamais foi destinado a trazer tais efeitos negativos. Para o periódico, sua real função era:

> (...); trazer a sociedade ao seu verdadeiro caminho, organizando-a sobre a base do trabalho, como convém a um povo de plantadores de café e fabricantes de açúcar, e tudo isso sem desenvolvimento do espírito militar, sem luxo administrativo, sem fidalguia, sem dispendiosos aparatos. Eis aí o pensamento, o fim, a alta moralidade que encerrava esse célebre acontecimento tão detraído por uns e tão deslembrado por outros.[157]

O redator finalizou defendendo firmemente os moderados. Concentrou-se em repelir todos aqueles que diziam que o partido que sucedeu ao movimento do 7 de Abril governou o

---

[155]É necessário destacar que em 1839 o *Aurora Fluminense* em nada se assemelhava com o períodico de mesmo nome que havia circulado no Rio de Janeiro de 1827 a 1835. O *Aurora Fluminense* de 1839 não ligava-se a linha política moderada dos anos iniciais da Regência, pois naquele momento, os moderados não existiam mais enquanto grupo político, e Evaristo da Veiga, um de seus principais líderes e redator do *Aurora Fluminense*, já havia falecido.
[156]Aurora Fluminense, nº 129, 11/04/1839.
[157]Aurora Fluminense, nº129, 11/04/1839.

país da maneira como desejou. Para os homens que assim diziam, justificou que o partido moderado, enquanto esteve no poder, trouxe melhoramentos ao Império. O *Aurora Fluminense* citou a redução nos orçamentos e nos gastos públicos, a diminuição de empréstimos e a redução dos exércitos. Seguia defendendo o referido grupo dizendo que principalmente as baixas concedidas aos oficiais do exército foram muito importantes pois liberavam muitos homens para se dedicarem à agricultura e à indústria, promovendo o desenvolvimento e fazendo com que a paz e a ordem fossem consolidadas. Para o redator, *"(...) tudo isto se deve a esse partido, contra quem com furor desmedido investiram os regressivos, esta obra eles efetuaram, desdobrando muita constância, muita energia, muito zelo pelo bem comum."*[158]

Para tratar do novo contexto político, o *Aurora Fluminense* fala sobre o *Golpe da Maioridade* e seus perigos. No exemplar de 2 de maio de 1839, o referido jornal publicou um artigo intitulado *"A maioridade do imperador e o Sr. B. P. de Vasconcelos",* no qual dizia que não se "improvisava" um imperador maior, não se fazia do dia para a noite a transformação de um menino em um homem capaz de governar. O redator dizia ainda que apenas uma alteração na legislação não seria capaz de promover o desenvolvimento das faculdades humanas necessárias em um governante.

A maioridade, para os moderados, era apresentada como improvisada e intempestiva, que poderia trazer terríveis consequências por expor a monarquia a perigos e descrédito. Para o *Aurora Fluminense*, a tenra idade do imperador não era positiva para uma monarquia na qual ele era uma peça fundamental e não apenas um objeto de ornamentação. Entretanto, por trás dessa preocupação com as habilidades do imperador d. Pedro II, poderiam estar mascaradas preocupações quanto à própria diminuição do poder dos moderados.

> Ora a maioridade improvisada por um meio revolucionário, a nada menos tenderia do que perder esse futuro, aventurando-nos a um recurso, que por intempestivo, só produziria terríveis consequências. Jogaríamos a última carta, que nos resta em um momento em que não poderia ser útil. Nós repelimos, pois semelhante ideia em nome do porvir da própria monarquia, que alguém pretende rodear de perigos e de descrédito.[159]

Assim, o fim do 7 de Abril foi selado. Bernardo Pereira de Vasconcelos, por conta de suas articulações em prol do *Regresso conservador*, passou a ser considerado o responsável pela morte do movimento, tão defendido pelos moderados. O *Regresso* inaugurou um novo tempo no Império do Brasil e os princípios não eram os mesmos daqueles pregados pelos

---

[158] Aurora Fluminense, nº 129, 11/04/1839.
[159] Aurora Fluminense, nº 136, 02/05/1839.

liberais moderados; o calendário cívico ganhou novas datas de festejo, dentre as quais o 7 de Abril não tinha mais a antiga importância.

Dessa forma, percebemos que, durante a Regência, a abdicação de d. Pedro I recebeu diversos usos políticos, fosse para reivindicar espaço e participação política, como fizeram os exaltados, ou para desmerecer um acontecimento, como os caramurus, ou ainda para se legitimar enquanto nova autoridade instituída, como fizeram os moderados.

No entanto, o leitor perspicaz percebeu que o uso dado pelos moderados para o 7 de Abril supera o dos demais grupos políticos, o que não poderia ser diferente, posto que imediatamente após ocorrida a abdicação, eles tomaram a dianteira na condução política do Império, assumindo o governo e o poder. Entretanto, lhes faltava aquilo que sobrava ao antigo imperador, que era o carisma e o poder simbólico.

É nesse sentido que o 7 de Abril se insere. A data surge para os moderados como um marco fundador, como uma forma de explicar sua chegada ao poder, e sobretudo, como uma forma de valorização da realidade que se vivia pós-7 de Abril de 1831. Por todas essas questões, a importância da data para os moderados era maior que para os demais grupos políticos e toda sua ação e pensamento baseavam-se em manter e aumentar as conquistas proporcionadas pela *revolução.*

De fato, dentre as tantas imagens, representações e memórias que os moderados poderiam escolher para se legitimar e para servir como seu marco fundador, eles escolheram o 7 de Abril. Afinal, existia uma preocupação com o rumo a ser tomado pelo Império em vista das atitudes do imperador, sendo a abdicação o grande evento da Regência. Nesse sentido, seu dia passou a ser comemorado porque, de certa forma, ele amenizava as inquietações da época.

Sendo assim, os moderados através da manipulação da memória, isto é, de sua utilização com fins políticos, converteram o 7 de Abril em seu escudo, capaz de defendê-los dos ataques inimigos refletindo o bom tempo inaugurado pela *revolução* e pondo-o em oposição aos desmandos do governo anterior. Memória construída sob a oposição e sob a exploração de imagens de como poderia ter sido, caso os moderados não tivessem assumido o controle do governo ou caso a revolução não tivesse ocorrido, opções que eram apresentadas em negras cores e associada à repressão, prisões, perseguições. Além disso, a criação das representações do 7 de Abril apresentavam uma chave de compreensão do real que agiam de forma a solidificar e garantir as bases para o governo.

Percebendo o potencial do uso da memória cívica no jogo político, os moderados a utilizaram como um instrumento capaz de legitimá-los, de conceder maior força e autoridade

a seu governo e, principalmente, como forma de conceder união ao grupo, posto que reforçava a existência de um passado comum.

Capítulo III

Os usos políticos do 7 de Abril

Símbolos dos novos tempos

Partimos do pressuposto de que o homem procura conferir sentido ao mundo que o cerca. Para isso, apoia-se em imagens e símbolos capazes de lhe fornecer suportes mentais, possibilitar interpretações e fazer com que ele se localize. Dessa forma, na política e na organização social como um todo, um dos elementos centrais da organização é aquele que ocupa o poder político máximo. No Brasil Império, esse cargo era ocupado por d. Pedro I, que por questões de tradição dinástica, era visto como legítimo.

Seu poder era respeitado e em torno de sua figura eram manipuladas diferentes forças simbólicas, capazes de dar credibilidade aos atos de seu governo. D. Pedro I era tratado com formalidades e utilizava insígnias e indumentária que o diferenciavam dos demais. O imperador era um dos pilares da sociedade brasileira. Em volta dele o Império era estruturado e os poderes distribuídos. Porém, no início da década de 1830, esse pilar ruiu e faltou ao novo governo representatividade e carisma.

A falta de carisma do governo regencial era uma preocupação do grupo político no poder, os moderados. Ao lado do novo governo não havia um berço real, mas sim homens comuns que, a partir daquele momento, precisavam se aproximar do povo que governavam. No dia 9 de janeiro de 1832, o *Aurora Fluminense* reconheceu que, ao contrário da monarquia, faltava à Regência representatividade, "poesia" e a capacidade de mobilizar pessoas.

Segundo o citado jornal, na época dos reis qualquer ato, solenidade, troca de ministros ou demais determinação era uma oportunidade para reunir pessoas e para estabelecer uma relação com os súditos, relação esta que não fora estabelecida entre o povo e a Regência, pois, segundo o redator, o governo regencial não mantinha esse sistema de diferenciação, distribuindo mercês e insígnias. Percebemos, na fala de Evaristo Ferreira da Veiga, que ele se refere à falta de símbolos da Regência, a falta de um diferencial marcante, como nos casos dos antigos reis e imperadores.

> Não há dúvida, é preciso fascinar a imaginação, esta Regência não é poética, não deve durar; só os gigantes, só os grandes nomes podem fazer a felicidade do Brasil. A nossa liberdade torna-se incompatível com a existência política dos homens que nos governam. Nenhum fausto, nenhuma parada, nada que farte e contente os olhos! Em vez de força regular, guardas nacionais a paisanas, em vez de brilhantes e ouro, uma

> casaca liza e comum! Retirem-se da cena, abdiquem para darem lugar às personagens, que hão de restabelecer o belo orgulho e esplendor da Majestade, que hão de outra vez dar vida ao saguão do paço da cidade, ao caminho da quinta da Boa Vista, e elevar-nos à honra de sermos ainda uma pequena amostra, ou caricatura das Monarquias Europeias.[160]

A poética que faltava à Regência sobrava na ironia que marca a citação acima. O*Aurora Fluminense* reconhece a fraqueza simbólica do novo governo, mas depois brinca com os pontos mais críticos das antigas administrações, que eram justamente seus luxos e seus gastos excessivos. E com isso vai, de maneira sutil, fazendo com que o leitor perceba as melhorias trazidas pelo novo governo. Sem tantos rituais ou cerimônias, com mais sobriedade e funcionalidade. O redator parece querer dizer ao leitor que os tempos eram outros, que os governantes haviam mudado e que não havia mais espaço para as antigas práticas de ostentação.

No mesmo artigo, Evaristo da Veiga diz:

> Um ministro que franquea sua casa, que é acessível a todo o mundo, que não ostenta sinais alguns de distinção, que passeia a pé, como se fosse um homem, não pode deixar de ser um tirano abominável: os seus hábitos, o seu porte, o seu traje, as suas maneiras, tudo o denuncia, (...).[161]

Novamente o redator lança mão da ironia para dizer que um homem acessível a todos, que caminhava entre os demais e que não fazia questão de se distinguir apenas pelo cargo que ocupava não podia ser tirano. A ideia do *Aurora Fluminense* era aproximar os novos governantes da população e mostrar que seus hábitos, seu cotidiano e sua realidade eram parecidos. Era, ainda, mostrar as diferenças entre os tempos, posto que depois do 7 de Abril os governantes eram “representantes do povo”, que estavam próximos deles e que, por isso, não tinham tanto poder concentrado em suas mãos que lhes permitisse tornar-se tiranos.

Com a queda do monarca, os políticos de tendência liberal moderada, percebendo a complexidade requerida para a imposição de um novo poder, passaram a manipular o universo simbólico para que seu governo fosse visto como legítimo perante a população. Com a abdicação de Pedro I, os homens do Império foram bombardeados por acontecimentos que nunca haviam vivido e que, rapidamente, precisavam interpretar. A *gloriosa revolução do dia 7 de Abril de 1831* e a nova realidade que ela inaugurava acabaram por criar alguns símbolos que lhes serviram como base de sustentação.

Para o *Aurora Fluminense*, o símbolo máximo da *revolução*, era a Câmara dos Deputados, que deveria conduzir o Império pós-7 de Abril. Era necessário eleger um símbolo

---

[160]Aurora Fluminense, nº 578, 09/01/1832.
[161]Aurora Fluminense, nº 578, 09/01/1832.

que transmitisse a imagem que o novo governo desejava propagar de si mesmo, a Câmara dos Deputados, como órgão eletivo, que proporcionava a participação popular, que agia de acordo com a constituição e que não remetia ao Antigo Regime, parecia cumprir bem esse papel.

Segundo o jornal, as mudanças deveriam continuar através do legislativo e seria pela Câmara dos Deputados que as transformações e reformas nas instituições deveriam acontecer. Para os liberais moderados, todas as esperanças de mudanças constitucionais do pós-7 de Abril eram depositadas na instituição, via pela qual reformas como a extinção dos títulos nobiliárquicos, o fim do Senado vitalício e a criação de assembleias provinciais poderiam se concretizar. Com isso, o redator destacava que apenas as leis e a constitucionalidade eram capazes de garantir as melhorias propostas pelo 7 de Abril.

> Os nossos Augustos e Digníssimos Representantes estão em sessão, deles pende o fim da nossa salvação, cumpre obedecer aos seus mandatos, que todos são em nosso favor, e a Pátria exige de nós, a continuação dessa prudência, ainda não conhecida até hoje em povo algum.[162]

Os moderados deixavam claro em seus artigos que os tempos deveriam ser de prudência e que o mais aconselhável era esperar que a Câmara dos Deputados agisse. Era preciso esperar que as mudanças e melhorias fossem debatidas nas sessões legislativas. Em 13 de maio de 1831, o redator do *Aurora Fluminense* assim se referia ao interesse que essa instituição despertava na nova ordem política após o 7 de Abril:

> No entanto, o Rio de Janeiro também apresenta o aspecto da ordem inalterável; o maior interesse aparece pelos trabalhos da Câmara dos Deputados. As galerias estão de contínuo cheias de povo; a hora em que vai começar a sessão não se encontra um lugar vazio. Os periódicos se ocupam principalmente em dar ao público extratos das discussões da Câmara, tudo tem os olhos fitos sobre ela, e do grande número não se escutam votos que não sejam pelo sossego público e liberdade da pátria.[163]

A Câmara dos Deputados era a "menina dos olhos" dos moderados. Seus movimentos e sessões eram seguidos com interesse pelos redatores que noticiavam com frequência o tema de suas discussões ou o resultado de votações. Alguns jornais traziam as atas completas das sessões. Noticiar todos os acontecimentos e decisões de uma instituição trazia uma nova concepção de política, concepção na qual a participação do povo era tanto aceita quanto necessária. Portanto, os atos e decisões deveriam ser transparentes, do conhecimento de todos.

---

[162]Aurora Fluminense, nº 469, 08/04/1831.
[163]Aurora Fluminense, nº 484, 13/05/1831.

Em uma proclamação aos brasileiros, a regência moderada comunicou aos homens do Império que havia acabado um período perigoso, porém necessário, da *gloriosa revolução do 7 de Abril.* Coroando esse momento, d. Pedro I deixava o porto da corte rumo à Europa. Era a consolidação de uma fase da história do Brasil que, para os moderados, mais se assemelhava a uma conquista. Entretanto, tal conquista só estaria garantida se os homens soubessem agir com sabedoria e generosidade e, principalmente, se estivessem em consonância com as leis e com as autoridades legalmente instituídas.

> A Lei começa a reinar entre nós: respeitai o seu poder, e as autoridades que o exercem. Contra os abusos, e contra os crimes, tendes o direito de petição, exercitai-o, deixando às autoridades o prover de remédio legal. Somos Livres: sejamos justos. – Viva a Nação Brasileira! – Viva a Constituição, e Viva o Imperador Constitucional Dom Pedro 2º.[164]

A lei seria a grande diretriz da Regência. Desse modo, a forma de participação do povo nesses novos tempos seria assegurada pelo direito de petição, direito de se manifestar através de propostas escritas para defender a lei, a constituição ou os interesses da sociedade. Depois de entregue às autoridades competentes, tais propostas seriam analisadas, votadas e só então postas em prática. Para os novos regentes era essencial afastar o povo das ruas e fazer com que a vida retomasse sua normalidade e que todos voltassem às suas atividades.

> Ide pois descansar tranquilos, e contai certos com a vigilância do governo, que é de vossa confiança e brasileiro: conservai sempre em vossos corações a constituição jurada, respeitai as autoridades constituídas, e obedecei às leis, para que a nossa obra seja completa, e a nossa felicidade permanente; sede incansáveis em conciliar os ânimos, chamando-as à ordem, e fazendo que uma só seja a vontade de todos, porque da união depende a força, e sem esta não podemos dar ao mundo exemplos de grandeza, assim como lhe temos dado de patriotismo e amor pela liberdade."[165]

Aos homens da Regência cabia saber que os tempos não eram mais de incertezas. Estes podiam se acalmar e confiar no governo que tinha sua ação determinada pela constituição. Há que se destacar que, quando falamos sobre a valorização da Câmara dos Deputados, tratamos dos anos iniciais da Regência, período em que os moderados estavam na direção política. Nesse momento, a grande preocupação era pôr ordem na casa e fazer com que o *corpo legislativo regesse o carro da revolução*.[166] Nesse sentido, a Câmara dos Deputados se tornava uma peça-chave, posto que passava a ser a grande responsável por promover as mudanças e melhorias que julgavam necessárias ao novo cenário político. A exaltação da

---

[164]Aurora Fluminense, nº 473, 18/04/1831.
[165]Aurora Fluminense, nº 475, 22/04/1831.
[166]Sobre a expressão "*Corpo Legislativo deve reger o carro da revolução*", ver Capítulo II.

instituição mostrava que, na perspectiva dos moderados, a partir daquele momento era hora dos políticos e dos representantes da nação começarem a agir.

Porém, o funcionamento da Câmara dos Deputados recebia algumas críticas e muitos consideravam que a instituição demorava para tomar decisões importantes, o que impedia que as glórias da *revolução do 7 de Abril* fossem desfrutadas. Já para outros, representava a continuidade de um desgoverno e de um acontecimento ilegal iniciado em 7 de Abril, que não podia trazer bons frutos. Através de uma correspondência assinada como "Um das galerias", o *Aurora Fluminense* atuava na defesa da câmara legislativa.

> Tenho ouvido a várias pessoas (gênios difíceis) queixar-se de que os negócios na câmara vão com uma demora que desespera, e que deste modo, impossível é ter o Brasil os melhoramentos e instituições que deseja, ou são exigidos por sua situação e condições políticas. Mas a sessão de 14 do corrente, a que assisti desde o princípio até ao seu termo, para convencer-me com os próprios olhos, desenganou-me de que não há razão para tais queixumes, ou de que não se atribui o mal às verdadeiras causas.[167]

Teoricamente, trata-se de uma carta assinada por um cidadão que assistiu à sessão da Câmara Legislativa do dia 14 de outubro de 1831 e escreveu a correspondência para combater a crítica de que a instituição tinha como principal característica a morosidade na tomada de decisões. Segundo o remetente da carta, em uma só sessão foram postos em pauta vários assuntos importantes para o Império, como as penas aos vadios e aos que transitavam com armas proibidas, aprovação de um regulamento para a organização das cadeias, decisões a respeito da Casa de Misericórdia de Parati e do Colégio dos Órfãos da Bahia, aprovação do ordenado dos juízes de crime da corte, conclusão da discussão sobre a estrada da Polícia e discussão do projeto de lei acerca da abolição do tráfico de escravos.

Dessa forma, concluiu o correspondente:

> Assombrado com a soma de coisas úteis que se haviam levado a efeito em uma só sessão, retirava-me eu determinado a destruir com um argumento tão forte e prático todas as acusações que se pretendesse fazer diante de mim, de táticas demoradoras, desejos de nada consentir que passe na legislatura, fome de dizer lugares comuns em tom enfático, e com frases de légua e meia & etc.[168]

No entanto, mesmo com todos os esforços em promover a Câmara dos Deputados e em dizer que na referida instituição repousavam todas as possibilidades de melhorias, a situação no Império, e principalmente, na corte, não era a mais desejada. A calmaria e a tranquilidade

---

[167]Aurora Fluminense, nº 544, 17/10/1831.
[168]Aurora Fluminense, nº 544, 17/10/1831.

que grande número das matérias moderadas se esforçava em mostrar que já eram desfrutadas pela população, não eram condizentes com a realidade.

De fato, essa conjuntura foi marcada por uma grande movimentação de pessoas, com mais espaço na esfera política e sem um controle efetivo do governo, que podiam sair às ruas e agir a seu modo. Por isso, os anos iniciais da Regência foram marcados na corte por saques, crimes, violências, o que levou à prática de rondas noturnas de cidadãos que buscavam fazer a defesa segundo seus próprios meios. No entanto, essas questões apenas são percebidas quando aprofundamos a leitura dos jornais moderados, já que estes, como defensores do governo, se lançavam em um esforço quase heroico para mostrar à população que a tranquilidade pública reinava.

Assim, embora essa imagem de tranquilidade pública fosse a que os moderados desejavam construir, ela estava longe de ser a realidade naquele momento. Algumas notícias de desordem e de problemas já apareciam de forma discreta e sem muito destaque em jornais como o *Aurora Fluminense,* como na matéria publicada no dia 6 de junho de 1831, na qual o redator noticia a morte de dois caixeiros ocorrida na corte.

> Às 5 horas da tarde do dia 2 do corrente, dois meninos, caixeiros na rua do Rosário, foram assassinados a punhal, porque não quiseram entregar o dinheiro do seu patrão. Os matadores saíram pela rua fora, sem que alguém os perseguisse, levando ainda na mão o instrumento de seu crime. Tal é o estado da nossa polícia, e o terror em que se acham submergidos os habitantes!!! Isto não pode continuar assim; seria uma vergonha para os brasileiros o consentirem em tal, ou tolerarem que o seu país esteja dominado por facinorosos, e que os estrangeiros tenham pretexto para pintar como bárbaro e feroz o povo mais doce do Universo. Nós o repetimos: não é o povo que comete tais horrores, são os malvados. Mas por que razão ficam os malvados sem castigo?[169]

As mortes ocorridas na corte não eram obra do povo, mas de alguns homens definidos pelo redator como “malvados”, homens que infringiam as leis e que causavam o terror. Porém, o que faltava naquele momento era mais ação da polícia ou de qualquer outra instituição que pudesse punir os contraventores e agir na vigilância para evitar que outros crimes fossem cometidos. Evaristo da Veiga defende o governo moderado dizendo que muitas coisas ruins à manutenção da ordem pública estavam acontecendo sim, porém que o número de crimes e a agitação política era, muitas vezes, aumentado erroneamente pela população, causando um terror que piorava ainda mais a situação.[170]

> A ordem pública tem sido, infelizmente, perturbada nestes últimos dias. Terça-feira passada, o terror se havia derramado na cidade; dizia-se que havia quem tramasse a

[169]Aurora Fluminense, nº 493, 06/06/1831.
[170]Aurora Fluminense, nº 494, 08/06/1831.

> queda da Regência, que se pedia a expulsão dos portugueses e mesmo a dissolução da Câmara dos Deputados. (...) O que se tem inventado contra a Câmara dos Deputados? Esse baluarte da ordem, e da liberdade tem estado ultimamente exposto a todos os embates da perversidade, da credulidade e do entusiasmo frenético. Os discursos, as palavras, as opiniões dos membros que a compõe são envenenados de um modo indigno, alterados mesmo, imputando-se-lhes o que não disseram, nem podiam dizer, sem serem racionalmente tidos como dementes. (...) A Câmara dos Deputados, em sua sabedoria, assentou a melhor medida a tomar contra os anarquistas, era organizar quanto antes as Guardas Nacionais; (...).[171]

O grande medo do início da Regência era a anarquia. Segundo Gian Mario Bravo,[172] anarquia significa a libertação de qualquer tipo de poder superior, fosse ele ideológico, político, econômico, jurídico ou social. Em outras palavras, a anarquia era entendida como a possibilidade do homem usufruir de toda a sua liberdade, sem limitação legislativa ou governamental. Tal ausência de limites, e principalmente, ausência de uma instituição forte que pudesse acalmar a sociedade tirava o sono dos moderados. Em meio a esse clima de tensão e de medo de que a anarquia tomasse conta do Império a Guarda Nacional foi criada.

A Guarda Nacional foi uma milícia criada sob inspiração francesa e por iniciativa dos liberais, durante o período em que Feijó ocupava o cargo de Ministro da Justiça. Em vista das demandas sociais, os deputados, entre os quais estava Evaristo da Veiga, elaboram o projeto de criação das guardas que foi aprovado e se transformou na lei de 18 de agosto de 1831. Tratava-se de uma corporação composta por homens que não eram militares, mas que deviam prestar serviços para auxiliar na manutenção da ordem e da segurança interna. Segundo Jeanne Berrance de Castro, a Guarda Nacional era uma corporação paramilitar criada para reforçar o poder civil, e que acabou por se transformar em um sustentáculo para o governo instaurado com o 7 de Abril.[173] Nesse momento, era necessária a organização de uma instituição com força representativa, posto que o exército, além de não ter mais tal representatividade, ainda tinha sua imagem associada ao antigo governo.

Assim, a Guarda Nacional foi finalmente criada no Império do Brasil e o artigo primeiro de sua lei de criação determinava:

---

[171] Aurora Fluminense, nº 490, 30/05/1831.

[172] BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. VARRIALE, Carmem C. (Trad.) et ai.; coord. Trad. FERREIRA, João; rev. Geral FERREIRA, João e CACAIS, Luis Guerreiro Pinto. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998. 11ª edição, obra em 2 volumes, páginas 23 - 29.

[173] CASTRO, Jeanne Berrance de. *A milícia cidadã: a Guarda Nacional de 1831 a 1850.* São Paulo: Ed. Nacional, Brasília, INL, 1977. Para uma discussão historiografica da Guarda Nacional, ver ainda: FARIA, Maria Auxiliadora. *A Guarda Nacional em Minas Gerais (1831 – 1873).* Revista Brasileira de Estudos Políticos. Belo Horizonte, julho/1979, 49: 145 – 199. RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins; FALCON, Francisco José Calazan; NEVES, Margarida Maria de Souza. *A Guarda Nacional no Rio de Janeiro: 1831 – 1918*. Rio de Janeiro: PUC-Rj, 1981, n.5, 501 p. (Série Estudos). URICOECHEA, Fernando. *O minotauro imperial: a burocratização do Estado patrimonial brasileiro no século XIX.* Rio de Janeiro: Difel, 1978.

> A Guarda Nacional foi criada para defender a constituição, a liberdade, independência, integridade do Império, manter a obediência às leis, conservar e estabelecer a ordem e a tranquilidade pública, auxiliar o Exército de linha na defesa das fronteiras e costas.[174]

A função central da Guarda Nacional era atuar na manutenção da ordem interna do Império, o que não substituía o exército, que não deixava de existir, apenas tinha seu número e sua atuação reduzidos. Os membros da Guarda Nacional respondiam aos poderes locais, como juízes de paz e presidentes de província. Podiam participar da instituição homens de 21 a 60 anos, com renda mínima para serem eleitores, de 100$000 a 200$000rs anuais. A nomeação dos altos cargos da Guarda Nacional era feita por uma votação, individual e secreta, na qual os membros participantes elegiam aqueles que iriam comandá-los, uma pática inédita para uma sociedade que não estava acostumada com o sistema eletivo.

Seguindo modelos europeus, a guarda nacional era uma instituição criada por homens de posses para proteger suas propriedades e suas famílias, diferenciando-se dos exércitos tradicionais recrutados pelos governantes, que desejavam aumentar seu poderio e assegurar cada vez mais o controle sobre seus domínios. Outro diferencial da Guarda Nacional era seu custo, pois, diferentemente dos exércitos, não previa aumento de impostos, necessários para bancar um corpo militar permanente.

Logo após ocorrido o 7 de Abril, o *Aurora Fluminense* já comentava sobre urgência de se criar Guardas Nacionais no Brasil:

> É, sem dúvida, este um dos primeiros objetos com que tem de ocupar-se a nossa legislatura na presente sessão de 1831. Guardas Nacionais, força cívica bem formada são o melhor antemural que possa opor-se por um lado aos abusos do poder, a tirania, por outro aos excessos da multidão, a anarquia. Cumpre, porém, ver de que elementos se vai compor este corpo respeitável, e que organização se lhe dá. Cautelas são precisas para que se não metam as armas na mão a uma massa de homens, ou que odeiam o nosso sistema, ou que não podem ter interesse na ordem pública. (...) A máxima velha e carunchosa do – deixemos governar quem governa, não é por certo para estes tempos, muito menos para a posição delicada em que nos achamos, (...).[175]

A criação da Guarda Nacional devia estar na pauta das primeiras reuniões da assembleia, posto que era preciso organizar a instituição que seria responsável pela manutenção da ordem e pela volta à normalidade do Império. Para os moderados, o início da Regência era um tempo tão delicado que deveria envolver todos os cidadãos e não apenas seus governantes. Era hora de colocar os homens para auxiliar na defesa e para garantir a segurança. No entanto, os mesmos moderados que propunham essa nova instituição estavam cientes de que ela podia ser

---

[174]Lei de 18 de agosto de 1831. Artigo 1º.
[175]Aurora Fluminense, nº 473, 18/04/1831.

perigosa se não tivesse organização e se os homens que a formassem não estivessem firmes em seus objetivos.

No exemplar de 5 de dezembro de 1831, Evaristo da Veiga falou sobre as Guardas Nacionais como seguidoras dos novos ideais, reunião de homens patriotas que se armavam para defender a constituição, a liberdade e a propriedade.

> Ultimamente, uns bandos de ladrões alta noite, têm atacado algumas casas da cidade, no Corpo do Comércio; não nos consta porém, que esses malfeitores obtivessem pleno sucesso de suas tentativas. A presteza com que os habitantes correram a impedir o roubo, e a circunstância de ser rara hoje a casa em que não existe arma de fogo, especialmente nas ruas do comércio, obrigou os ladrões a fugir, e preservou a propriedade. É um dos benefícios que estamos colhendo da instituição das Guardas Nacionais, apesar do desleixo em que tem caído, apesar dos inconvenientes que, por ora, aí apresenta o sistema eletivo em tão ampla escala. Antes de 7 de Abril, os cidadãos do Rio de Janeiro nem ousavam defender-se; pareciam ou ignorar o uso das armas, ou de todo descansar para a sua segurança em uma classe à parte, na força de 1º linha, então aqui existente em número de mais de 2000 praças. As coisas mudaram muito de então para cá, e tanto os ladrões como os perturbadores, acharam armada e pronta a resistir as invasões de qualquer natureza que sejam, uma grande massa de cidadãos, interessados todos em que a ordem se mantenha.[176]

Pelas palavras acima, percebemos que a realidade após o 7 de Abril não era calma, o que justificava a preocupação com a segurança que resultou na criação da Guarda Nacional. Nesse período de efervescência política e de agitação das ruas, muitos ladrões aproveitavam para saquear casas deixando a corte em estado de alerta. Para lutar contra isso, os cidadãos teriam se armado para defender seus interesses,suas propriedades e, sobretudo, para lutar contra o ímpeto revolucionário dos agitadores. Enquanto uma instituição responsável por garantir a tranquilidade pública e fazer com que o Império retornasse a sua normalidade, a Guarda Nacional se embrenhava em questões políticas e era muito utilizada para conter movimentos e contestações políticas.

Evaristo da Veiga dá continuidade ao artigo citado dizendo que as Guardas Nacionais resolviam o problema das agitações por serem compostas por homens de verdade, com preocupações reais. O redator do *Aurora Fluminense* diz ainda que os problemas anteriores a 1831, para manter a tranquilidade pública, eram bem maiores. Critica a polícia que, com poucos meios a sua disposição não podia apreender os malfeitores por um longo tempo. Por fim, tece críticas às cadeias que, segundo o redator, não eram casas de correção, mas sim casas de depravação, sem estrutura, que conduziam o réu ao ócio, além de facilitarem sua fuga.[177]

---

[176] Aurora Fluminense, nº 1079, 07/08/1835.
[177] Aurora Fluminense, nº 1079, 07/08/1835.

Para os moderados, a Guarda Nacional era a instituição que nascera a partir do 7 de Abril, era como que uma filha da *revolução*, por isso era tão útil e necessária, o que se comprovava por sua utilização em outras parte do mundo.

> A Guarda Nacional é tão útil e precisa, quanto se conhece pela urgência com que ela no Brasil e em todas as nações livres se tem reclamado. A extinção das Guardas Nacionais em França foi o mais poderoso motivo de sua revolução; porém, os cidadãos franceses nos três dias de Julho se reuniram, pelejaram e venceram, assim repentinamente tornaram-se a formar as Guardas Nacionais, a quem a França deve a sua liberdade, a manutenção da ordem e a respeitável atitude em que se acha, capaz de fazer face a todo o universo. Assim, a Bélgica empenhada em sustentar a sua independência e tranquilidade, achou de repente um exército de cidadãos a quem deve a sua atual estabilidade. Voltando nós à América, veremos nos Estados Unidos quão bem mantida está a ordem e a liberdade de uma república, cuja defesa está confiada aos seus próprios cidadãos. Com tais modelos dignos de imitar-se é que nós, os brasileiros, poderemos conservar-nos livres dos excessos de qualquer partido recolonizador ou anarquista (*Do Opinião*).[178]

Na citação acima, Evaristo da Veiga insere em seu jornal um fragmento retirado do periódico denominado *Opinião* no qual é feito um comentário geral sobre as nações que implantaram as guardas nacionais e sua situação. De acordo com o artigo, aquelas que tinham instituições desse gênero, ou seja, que tinham os proprietários como os grandes zeladores do bem público e da estabilidade, tinham obtido grande êxito em garantir a ordem, de forma que se tornavam exemplos a serem imitados. Eram elas França, Bélgica e Estados Unidos, que deviam fornecer inspiração ao Império do Brasil para que a Guarda Nacional também prosperasse aqui. Com isso notamos o peso político que era carregado pela instituição, pois a ela relacionava-se à defesa da liberdade, da independência e a tentativa de controlar os grupos políticos, principalmente aqueles que comungavam de ideias opostas aos moderados.

No exemplar do dia 7 de agosto de 1833, o *Aurora Fluminense* afirma que a Regência, enquanto um governo atento às necessidades nacionais, não exitou em dar aos cidadãos o poder de se armarem e de repelir as agressões políticas que sofriam. Diz Evaristo da Veiga:

> Um Governo Nacional não hesitou em dar as armas à massa dos cidadãos interessados na ordem, e estas armas, em geral, têm sido empregadas para mantê-la, e para repelir a agressão dos partidos extremos quando tentaram invadir a sociedade.[179]

A partir da criação das Guardas Nacionais, alguns setores da população armavam-se. Conquistava meios de garantir sua própria segurança e assegurar o bem comum, sempre subordinada às leis e às autoridades civis.

---

[178]Aurora Fluminense, nº 557, 16/11/1831.
[179]Aurora Fluminense, nº 803, 07/08/1833.

> As Guardas Nacionais não são um corpo puramente militar, sujeito unicamente aos seus chefes, e as leis militares são sim cidadãos armados para a defesa comum, e subordinados às leis civis; nenhum comandante militar desta nobre e honrosa guarda de cidadãos poderá pôr em movimento, ou mesmo reunir uma porção de seus comandados, senão por ordem do presidente da província, ou dos juízes de paz de seu distrito; a força das armas aviva-se assim diante das autoridades civis, e pode-se dizer que nenhuma espada será mais desembainhada senão à voz da lei.[180]

Quando se fala em Guarda Nacional, é comum a expressão de que se tratava de armar a população. Mas aqui cabe a ressalva de que, ao ver tal expressão, não se deve generalizar. Armar a população significava armar aqueles que eram cidadãos, que tinham participação política, que podiam ser eleitores. Com isso, entendemos que a Guarda Nacional era composta apenas por homens que tinham alguma renda e, portanto interesse em defender a propriedade.

> Todos os cidadãos são obrigados ao serviço das Guardas Nacionais, uma vez que possuam a renda necessária para ter voto nas eleições primárias, assim ninguém será excetuado deste encargo indispensável, à exceção daqueles que por seus empregos não podem exercer, e ainda muitos destes, bem como os Estudantes, Advogados, Empregados públicos, Médicos e Cirurgiões são obrigados ao serviço de reserva. A força do Estado vem, pois, a ser confiado somente aqueles indivíduos que tendo uma propriedade a defender, têm o maior interesse em fazer por ela todos os sacrifícios, a defesa da Pátria confiada assim aos cidadãos mais abastados, e de maior influência tornar-se-há um serviço honroso e apetecível, o pobre cidadão que por falta de bens ou de indústria não poder ser alistado entre os defensores da pátria, se envergonhará de sua mendicidade, fará contínuos esforços para obter a renda indispensável a esse fim, e num país tão pronto em recompensar o trabalho, e a indústria do homem, não lhe será difícil conseguir a honra de ser denominado – Soldado da Pátria.[181]

Para os moderados, a Guarda Nacional serviria até como um incentivo à melhora de vida de muitos homens no Império. Posto que com o intuito de participar da instituição, de ser um "soldado da Pátria", muitos homens iriam trabalhar mais, até ter a riqueza necessária para conquistar sua participação política. Afinal, era de grande prestígio participar da Guarda, uma vez que significava patriotismo e grande interesse no bem comum.

> (...), o nosso regozijo aumentou ainda mais quando soubemos que todos eles eram proprietários muito abastados, e que com grande prejuízo tinham deixado suas casas, sem que lhes fizesse peso, senão o bem comum. É isto o que demonstra um patriotismo verdadeiro, são estes os homens que trabalham para manter a segurança pública, como interessados em conservá-la.[182]

Os moderados consideravam a Guarda Nacional como uma instituição que muito representava a nova realidade, principalmente por ter sido desmerecida no Império de d.

---

[180]Aurora Fluminense, nº 570, 16/12/1831. O citado artigo foi transcrito pelo *Aurora Fluminense* do jornal denominado *O Olindense.*

[181]Aurora Fluminense, nº 570, 16/12/1831.

[182]O Sete d'Abril, nº 44, 28/05/1833. O fragmento citado pertence a um artigo originalmente publicado pelo *Astro de Minas*, que circulava em São João del Rei, e foi transcrito no periódico *O Sete d'Abril*.

Pedro I. Para esse grupo político, as Guardas Nacionais tinham nascido com a *revolução*, eram a mais bela instituição trazida pelo 7 de Abril.

> D. Pedro não confiaria o cuidado de vigiar sobre o sossego e ordem pública dos cidadãos proprietários, ou industriais, esta classe de pessoas o assustava de modo que sistematicamente se tratou, durante o seu governo de ir extinguindo as milícias. Pusera ele toda a sua confiança em baionetas mercenárias, mas essas lhe faltaram e teve que abandonar um trono, em que vacilou sempre entre o desejo de gozar o nome do Príncipe constitucional, que o levava a violar quanto podia, o espírito e os princípios dessa constituição que ele mesmo oferecera aos brasileiros.[183]

Para consolidar a valorização das Guardas Nacionais os moderados as comparavam com o exército. Para eles, manter exércitos era algo muito caro para o Império. Segundo Evaristo da Veiga, a manutenção de corpos militares permanentes no período de d. Pedro I estava relacionada ao medo que o imperador tinha de seu povo, além da necessidade do governante em mostrar sua bravura e sua força. Assim, para os moderados, os exércitos possuíam mais aspectos negativos do que positivos, principalmente por serem instrumentos de anarquia e despotismo e por poderem ser convertidos em opressores do povo, ao serem usados pelos governantes para impor suas vontades.

Da mesma forma, os exércitos seriam os grandes responsáveis pelo aumento da dívida pública e para a estagnação do progresso das províncias, posto que, para mantê-los, os impostos aumentavam constantemente. Além disso, para engrossar suas fileiras, muitos homens eram recrutados e tinham que abandonar suas atividades produtivas. Para Evaristo da Veiga, o Brasil não era militar e estaria com cidadãos sempre a pegar em armas para defendê-lo, sendo desnecessária a manutenção desse aparelho bélico. Por isso, a redução do exército seria um benefício para os homens.

O redator do *Aurora Fluminense* segue dizendo que os próprios soldados recebiam suas baixas com naturalidade e as entendiam como recompensa pelos serviços prestados no dia 6 de Abril. O *Aurora Fluminense* respondia ainda aos críticos do governo moderado e das Guardas Nacionais dizendo que os soldados não estavam insatisfeitos com suas baixas, já que tinham lutado pela *revolução* e conquistaram seu objetivo: a destituição de um monarca insensato, que governou muitos anos *em desatino.*

O *Aurora Fluminense* segue em defesa das Guardas Nacionais,

> Conhecendo que todas as instituições novas e aplicadas de súbito a um povo acham resistência nos hábitos sociais, e nos interesses de alguns indivíduos: notando outrossim que o serviço que as circunstâncias obrigaram a G. N. a prestar, com o intuito de manter a ordem e sossego público, devia molestar os cidadãos; todos os inimigos do governo, e

[183]Aurora Fluminense, nº rabiscado, 24/08/1831.

> da revolução disso se aproveitar, para desacreditar a uma e ao outro. (...) *O coronel passou a soldado, o capitão a furriel, e passa a comandá-los o paisano que obteve mais votos.* Esta censura já hoje comum tem sido refutada mil vezes: tem-se feito ver que o princípio da eleição é a melhor garantia de liberdade que existe na organização da G. N.: que se os legisladores se desvairaram, foi levados do amor do belo, do desejo de dar ao povo a maior soma de liberdade possível.[184]

Para o redator, a Guarda Nacional sofria críticas por ser uma instituição nova e ainda não compreendida pelos contemporâneos. Dessa forma, por não entender seus objetivos, funções e, sobretudo, funcionamento, muitos a criticavam. Um dos grandes alvos de críticas era o caráter democrático da instituição, já que os membros e seus cargos eram determinados por eleições, de maneira que os grandes comandantes eram escolhidos por aqueles que lhes seriam subordinados, mecanismo que nem sempre fora bem entendido pelos homens da Regência, principalmente porque desconsiderava a hierarquia tradicional estabelecida pelo exército.

As críticas à Guarda Nacional eram frequentes em periódicos conservadores como *O Caramuru.* Uma matéria publicada em março de 1832 comparava a situação do exército antes e depois do 7 de Abril. Segundo o referido jornal, antes do 7 de Abril, este era organizado e disciplinado mas, após ocorrida a *revolução,* tal corporação teve sua atuação diminuída em prol das Guardas Nacionais. Com essa mudança, continua o redator, os poucos militares que trabalharam pelo 7 de Abril foram iludidos, posto que fizeram uma *revolução* contra si próprios, já que uma das primeiras atitudes do governo regencial foi dar-lhes baixa e criar uma instituição que eles não acreditavam que teria sucesso.

> Substituída a nossa tropa, pelas guardas nacionais, parece que com elas deverão desaparecer os receios, e que o contentamento deveria ser geral, ao contrário, não se tendo consultado os costumes, e caráter da nação, julgou-se que o Brasil era o mesmo que a França, e os resultados deste erro vão aparecendo; os milicianos não podem nem ouvir falar das guardas nacionais, e os proprietários, os homens habituados a viver no sossego de suas famílias, hoje em rondas, em guardas, em exercícios continuados mal podem respirar; se antigamente recaiam alguns desses trabalhos na 2º linha, esses, que buscavam por todos os meios desgostar o povo, encarecendo esses trabalhos, ponderando os inconvenientes que a agricultura e o comércio com isso sofriam, gritavam com todas as suas forças contra isto, e hoje dizem eles alguma coisa? Nada; a guarda nacional geme debaixo de um serviço ativo, como o da primeira linha, e neste estado violento, não se diz chuz-nem-buz.[185]

A Guarda Nacional era uma instituição defendida pelos moderados por garantir que a segurança e a propriedade fossem mantidas pelos maiores interessados, os proprietários, ideia que não convencia os caramurus. Para eles, a instituição seguia um modelo trazido do

---

[184]Aurora Fluminense, nº 609, 26/03/1831.
[185]O Caramuru, nº 6, 21/03/1832.

exterior, que não se adaptava aos costumes brasileiros. Os caramurus não confiavam em uma modelo de milícia no qual, para garantir a segurança, os proprietários tinham que abandonar seus afazeres e pegar em armas. Por suas palavras, o redator permite a interpretação de que esse papel de proteção deveria ser garantido pelos exércitos permanentes e controlados pelo monarca.

O periódico *O Verdadeiro Caramuru* também não era favorável ao papel concedido pelos moderados às Guardas Nacionais, pois isso implicava a diminuição da atuação do exército na manutenção da ordem. Para o referido jornal, diminuir seu papel era uma forma dos moderados se vingarem do antigo governo e tirarem de seu cargo homens importantes para a antiga administração.

> E que um corpo criado para conservar a polícia interna, e proteção do direito individual, de propriedade, deverá mais ser instrumento de suas paixões, vinganças, e arbitrariedades? (...) Quem poderão ser as primeiras vítimas de uma Tropa composta dos mesmos cidadãos que defendem suas casas, suas mulheres e seus filhos? Não é isso loucura?[186]

A Guarda Nacional soava aos caramurus como uma espécie de vingança aos partidários de d. Pedro I e àqueles que auxiliavam seu governo. Nesse sentido, o exército era o primeiro a sentir as consequências da troca de governo. Reduzido e sem poder político, grande parte das atribuições da instituição militar passava para a responsabilidade da Guarda Nacional. Entretanto, do ponto de vista conservador, tal instituição era incompatível com a realidade por ser composta por homens despreparados e com obrigações mais importantes, que eram cuidar de suas famílias e propriedades. Sendo assim, qualquer atividade necessária para a manutenção da ordem interna representaria um fardo para os cidadãos.

No entanto, o mesmo periódico *O Verdadeiro Caramuru*, em agosto de 1833, apresenta um artigo no qual defende as guardas nacionais. Segundo o artigo, estaria em discussão um projeto de lei que modificaria a instituição, que passaria a ter seus chefes escolhidos pelo governo e não mais pelo voto daqueles que a compunham, o que, segundo o redator, não seria bom, posto que tiraria a independência da instituição e a colocaria à mercê da imparcialidade do governo moderado.

> A Guarda Nacional, esta força livre, e respeitável, onde aparece leva após de si bens que confirmam a alta ideia, que se forma geralmente de tão belo instituto. A garantia que um povo nesse força cidadã, existe na independência dos cidadãos alistados, no interesse que eles tem em repelir a anarquia daqueles lugares onde possuem sua propriedade, filhos e esposas; existe na perda que sua indústria experimenta, quando a confusão e a

[186] O Verdadeiro Caramuru, nº 9, 18/06/1833.

desordem reinam na sociedade; existe, finalmente, no poder que tem essa força agente e respeitável, de repelir, e sacudir o despotismo, quando por ventura tente elevar seu colo medonho em a pátria de cidadãos livres. Esta confiança cresce mais, quando o cidadão observa, que aqueles que o comandam mereceram seus sufrágios e atraíram seus votos, e que nenhum desses é criatura dependente do governo, ou por ele sustentada. Aqui, o horror da anarquia, se une o amor da liberdade, e estes dois únicos acontecimentos bastam para sal ocupantes dos cargos superiores. O caráter democrático para a escolha de seus governantes poderia ser elogiado justamente por não ter nenhuma relação de dependência com o governo, o que garantia alguns pontos positivos e fazia com que os conservadores se pronunciassem contra um projeto de lei que propunha que tal escolha deveria ser feita pelos governantes.[187]

Para o *Aurora Fluminense*, os benefícios trazidos pela Guarda Nacional já podiam ser sentidos na comemoração do feriado de Corpus Christi ocorrido na corte. Segundo Evaristo da Veiga, naquela data, muitas pessoas haviam saído às ruas para acompanhar as procissões, as casas tiveram suas fachadas enfeitadas e a população estava tranquila, posto que podia contar com o amparo da Guarda Nacional. Essa instituição tinha dado segurança ao povo que agora se sentia confortável a sair às ruas.

No decurso de um ano, o Rio de Janeiro mudou inteiramente de aspectos, e se afigura outro: o comércio, passada a grande crise, a que muitas causas haviam dado origem, torna pouco a pouco ao seu antigo curso e atividade, as ruas são frequentadas e toda a hora do dia e da noite, as partidas de prazer, a reunião das famílias não são já um crime prestes e a ser punido com a faca traidora; é a confiança no futuro, sentimento difícil de estabelecer-se, em épocas como a atual, vai ganhando raízes, apesar das tentativas dos facciosos que não cessam de trabalhar nas grandes obras. Todos esses milagres, nós os devemos à organização das Guardas Nacionais, e à firmeza de um homem – o Ministro da Justiça."[188]

Assim, a Guarda Nacional era a forma encontrada pelos moderados para pôr em prática seus ideais de normalidade e tranquilidade pública, além de ser um meio de controlar e envolver a população em torno de um bem maior, que era a manutenção da ordem tão necessária a um governo recém instalado e, como tal, em busca da legitimidade.

O 7 de Abril vai às ruas

Todos os anos, o aniversário da *revolução*do 7 de Abril não era apenas comentado e lembrado nos jornais, mas ia para as ruas e tornava-se uma grande festividade. Em comemoração ao aniversário do 7 de Abril de 1833, a festa ocorrida no Rio de Janeiro foi assim narrada pelo *Aurora Fluminense*:

---

[187]O Verdadeiro Caramuru,nº 23, 14/08/1833.
[188]Aurora Fluminense, nº 643, 22/06/1832.

> O dia 7 de Abril foi solenizado pela Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional, que não perde ocasião de mostrar o seu patriotismo e o afinco com que zela a honra e a glória nacional. No templo de S. Francisco de Paula, que se achava ricamente decorado, ações de graças foram elevadas ao Altíssimo, porque nos decretos de sua eterna Providência quis conceder ao Brasil um dia de tanto brilho, uma revolução necessária, executada sem sangue e sem horrores. Orou o Padre Mestre Fr. Francisco de Montalverne com aquela unção, calor, dicção brilhante, e eloquência que distinguem os seus discursos sagrados. A linguagem do patriotismo ardente se abraçou com os ditames da religião santa, que sanciona e coroa todas as obras, sem excluir nenhum dos foros de regrada e justa liberdade. O orador arrebatou o seu numeroso auditório, cuja expectação foi mais que preenchida. A noite, na reunião festiva no Campo da Honra, as danças, a música, em que vozes angélicas se acordaram, a porfia enlevavam os ânimos: o hino do 7 de abril foi cantado por algumas senhores, e concluiu este, deu o Presidente da Sociedade os vivas legais, ante o retrato de S. M. o Imperador, os quais foram repetidos por mais de 500 pessoas de ambos os sexos, com patriótico entusiasmo. Recitaram-se várias peças de poesia, em que se distinguiu uma excelente: Ode pindarica do Sr. Magalhães, cujo estro o coloca, na flor dos anos, entre os melhores vates brasileiros. Foram também muito aplaudidos alguns versos do Sr. Pimentel, e sobretudo o pensamento com que terminou uma de suas composições – 'Saiba o filho reinar, que o pai não soube' – Os doces e refrescos se serviram com profusão e delicadeza, o divertimento se prolongou até as 4 horas da madrugada, reinado em todo ele a mais doce confraternização, e união de vontades. Eis o que os conspiradores não podem suportar, eis o que os leva ao extremo da exasperação, desejosos de perturbar todas as agradáveis recordações, e especialmente as de um dia que faz a sua vergonha, e a glória dos bons brasileiros. Porém a sua raiva é ineficaz e se gasta em impeles maldições e gritos impotentes.[189]

O relato é rico em detalhes e nos mostra como tais reuniões aconteciam. Estas começavam pela decoração e iluminação das fachadas das casas e dos prédios públicos. As fachadas, ou mesmo as ruas, podiam ser ornadas com luzes, flores, bandeiras e outros símbolos, para marcar o tempo festivo. Durante o Império, a iluminação das fachadas era muito comum para mostrar que a sociedade estava em festa. Tal iluminação era feita por velas ou lampiões depositados nas janelas, portas, calçadas ou amarrados em árvores. Outro recurso muito comum era colocar velas em copos, vasos ou globos para aumentar a iluminação.[190]

As luminárias nas fachadas como forma de participação na cerimônia festiva são tema de uma correspondência publicada no periódico *O Sete d'Abril* assinada por "O Rebeca de Barbeiro". Ao narrar as comemorações do 7 de Abril na Praia de Botafogo, no Rio de Janeiro, o que mais chamou a atenção do correspondente foi justamente a ausência de luminárias, o que foi explicado pelo mesmo por serem os moradores da localidade membros do partido

[189]Aurora Fluminense, nº 755, 10/04/1833.
[190] No exemplar de 28 de abril de 1834, o *Aurora Fluminense* descreve a iluminação do Passeio Público na corte na noite de 13 de Abril daquele ano. Segundo o redator, o local encontrava-se ricamente iluminado, com velas depositadas no interior de copos e ricos globos. Figuras representando o patriotismo, um letreiro com a frase: "Feliz dia 7 de Abril", uma imagem de uma espada desembainhada representando a defesa do referido dia também podiam ser encontradas. Nessa ornamentação ainda podia ser encontrada uma coroa, que representava a monarquia. Pela descrição do autor até os muros e o chafariz do Passeio Público haviam sido iluminados, contando no total 6982 tigelas, 1200 lampiões, 3200 copos e 398 globos. Aurora Fluminense, nº 903, 28/04/1834.

caramuru.[191] Essa referência nos faz concluir que ao colocar as luminárias em frente de suas casas, os homens tornavam públicas suas preferências e sua aceitação ou repúdio ao tema festivo.

Na maioria das localidades noticiadas pelos jornais consultados temos a informação de que as festas em homenagem ao 7 de Abril eram organizadas pela Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional.[192] A Sociedade havia sido criada no Rio de Janeiro em 1831 por Antônio Borges da Fonseca, redator do jornal que circulava na corte com o nome de *O Repúblico,* e tinha como objetivos sustentar a liberdade e a Independência, melhorar as prisões e auxiliar as autoridades públicas na manutenção da ordem. Inicialmente a Sociedade se pensava suprapartidária e até conseguiu reunir membros de diversas facções políticas. Entretanto, por ter objetivos tão condizentes com o posicionamento moderado, acabou se firmando como instituição política e associativa dos membros desse partido.[193]

Percebemos, dessa forma, que a maior parte das festas eram promovidas por homens que compartilhavam dos mesmos interesses, já que pertenciam à mesma associação, e não sofriam muita interferência das autoridades tradicionais, uma vez que a instituição não era controlada pelo Estado, mas sim por um grupo político.

As festas tinham como um dos objetivos promover a imagem de unidade e de compartilhamento de ideias. Nesse sentido, o convite à participação era direcionado a toda a população, inclusive as mulheres que, nessa época, eram marginalizadas da esfera política. Nota-se, no relato acima, que o redator destaca a participação de ambos os sexos na comemoração, afinal, o 7 de Abril, como data nacional, deveria ser responsável pela máxima integração da sociedade.

Entretanto, por mais que houvesse esforços de integração, as festas permaneciam denunciando o caráter hierárquico característico da sociedade brasileira no período regencial. Toda a população era convidada a participar, mas não de todas as etapas. As festas podiam começar com cortejos pelas ruas da cidade, em geral conduzidos por bandas de músicas acompanhadas pela população que as seguia cantando os hinos e dando "vivas" em sinal de sua alegria. Um dos pontos mais importantes das festas era a evocação dos hinos, forma de divulgar os acontecimentos para o maior número de pessoas, porque suas rimas tornavam as palavras de fácil fixação. Segundo Le Goff, a utilização do canto em sociedades com pouco

[191]O Sete d'Abril, nº 33,20/04/1833.
[192]Ver: BASILE, Marcelo Otávio Neri. *OImpério em construção: Projetos de Brasil e ação política na Corte Regencial.* Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, p. 84.
[193]Sobre a Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional, ver: GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Em nome da ordem e da moderação: a trajetória da Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: I.F.C.S. – U. F. R. J., 1990.

domínio da linguagem escrita era a forma mais eficiente de memorização. Os hinos funcionavam como a extensão da tradição oral, baseada em um imaginário político sustentado pela criação de imagens.[194]

Ainda poderiam ter lugar nas ruas peças teatrais nas quais eram encenados os acontecimentos da forma como se desejava que fossem lembrados. O teatro representava uma parte da festa que era pública, abrangente e pedagógica, posto que busvaca alcançar a maior parte da população. As peças de teatro também podiam ser apresentadas para um grupo mais reduzido de pessoas. *O Sete d'Abril,* publicado no dia 29 de Abril de 1834, transcreveu parte de uma peça apresentada em um teatro particular na Rua dos Arcos em comemoração ao 7 de Abril. O texto tratava da tentativa de cortar o arbusto "auri-verde" da "Sacro-Santa" liberdade e plantar nas terras brasileiras o despotismo. A peça conclama o patriotismo dos brasileiros contra essas investidas para garantir o trono de d. Pedro II, ressaltando a importância de prezar a pátria, a liberdade e o 7 de Abril.[195]

Posteriormente, a comemoração passava para o espaço religioso, com a celebração de um solene *Te Deum* e realização de um sermão por autoridades da Igreja. Aqui se nota a relação entre política e religiosidade na Regência, quando se observa que aqueles homens tendiam a reproduzir nas festividades cívicas o modelo católico das festas religiosas, que eram sua referência. Nesse momento percebemos a mistura entre o sagrado e o profano.[196]

Finalmente, a festa dirigia-se a um espaço mais reservado, entendido aqui como a casa. As pessoas envolvidas na comemoração conduziam-se a casa de um membro importante da sociedade, onde passavam a madrugada em comemoração. Novamente eram entoados os hinos, recitados versos e sonetos, pessoas influentes discursavam, aproveitando-se da atmosfera propícia para a difusão de ideias políticas. As pessoas ouviam música, dançavam e até desfrutavam de jantares, banquetes, doces e refrescos. Nessa última parte da comemoração, a população não podia mais participar, os menos abastadas e os escravos estavam excluídos.

Assim, o 7 de Abril transformava-se em fundamental elemento de legitimação do projeto político dos moderados. Na passagem abaixo, percebemos que, em muitos casos, a

---

[194]LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 1992, p. 430.
[195]O Sete d'Abril, nº 140, 29/04/1834.
[196]A mistura entre sagrado e profano não é uma peculiaridade brasileira. Pode também ser visto nos estudos de Lynn Hunt sobre a formação simbólica da Revolução Francesa. A autora demonstra que os revolucionários, ao tentarem criar símbolos para a revolução, buscavam elementos completamente novos, que rompessem com o passado, mas acabavam reproduzindoantigas imagens e analogias. Ver: HUNT, Lynn.*Política, cultura e classe na Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 84.

festa cívica em honra ao 7 de Abril convertia-se em uma memória chave, forte o bastante para assegurar a continuidade de uma realidade por ela inaugurada.

> Desde o primeiro aniversário de nossa regeneração em 7 de Abril, a Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional tratou de solenizar este dia, por modo que ele se perpetuasse com glória na capital do Império, e em vez de dia de luto, qual queriam torná-lo os retrógrados e as facções embravecidas, o fosse de júbilo patriótico, e de festiva reunião. (...) À sua recordação estão ligados princípios importantes em que descansa todo o edifício da liberdade brasileira: a sua solenização adverte aos poderes constituídos que todos eles emanam e têm suas atribuições da nação brasiliana, e que a vontade desta deixaram de ser o que são; que portanto lhes cumpre serem intérpretes fieis da Opinião Nacional, zeladores da prosperidade e honra do país que governam, e que não é patrimônio de nenhum homem, de nenhuma família. A Monarquia Constitucional aí existe por aprovação dos povos, é por unânime aclamação deles que o ex-monarca governou, é por seu consenso espontâneo que hoje impera o Sr. D. Pedro 2º.[197]

As comemorações pelo 7 de Abril eram importantes para os moderados também por mostrar sua continuidade no poder, procuravam sempre mencionar que se passava mais um aniversário da *revolução* e que os mesmos homens continuavam no comando político. Essa era uma forma de alertar para sua força e sua capacidade de consolidar suas conquistas. Além disso, as demais experiências revolucionárias demonstravam que, após uma mudança brusca, eram comuns as trocas regulares de governo.

Assim os moderados faziam uma defesa quase feroz das comemorações pelo 7 de Abril, independentemente das circunstâncias sob as quais fossem realizadas:

> Quando os tímidos opunham à ideia da festividade de que parecíamos cercados, disse-se que havíamos de bailar em honra do Dia 7 de Abril, ainda que fosse com a arma ao ombro; com efeito nada impediu as demonstrações de regozijo dos membros da Sociedade Defensora. (...) À sua recordação estão ligados princípios importantes em que descansa todo o edifício da Liberdade Brasileira; a sua solenização adverte aos poderes constituídos que todos eles emanam e têm suas atribuições da Nação Brasiliana, e que à vontade desta deixaram de ser o que são; que portanto lhes cumpre serem intérpretes fiéis da Opinião Nacional.[198]

Comemorar o 7 de Abril era uma forma de tomar lugar na cena política, de mostrar suas posições. Nesse contexto, não comemorar o 7 de Abril não era sinal de abstenção ou de imparcialidade, mas sim de oposição aos moderados. No exemplar de 16 de abril de 1834,o *Aurora Fluminense* noticia sobre Iguaçu, lugar que nunca havia celebrado o movimento por ser dominado pelos caramurus. A data era ali sempre esquecida ou tratada como dia de luto até que, em 1834, alguns patriotas decidiram comemorar com pompa o aniversário do 7 de

[197]Aurora Fluminense, nº 896, 11/04/1834.
[198]Aurora Fluminense, nº 896, 11/04/1834.

Abril. Fizeram uma salva de 25 tiros pela manhã para despertar a população e depois a música foi ouvida. Por volta das 16 horas cantou-se na matriz um *Te Deum,* num templo ricamente decorado e ramos de flores foram entregues às autoridades presentes. Os seguintes versos foram expostos:

> Sete de Abril a tua luz doura. Alumiou os trances derradeiros. Do colunismo; a Pátria foi vingada. Livre o Brasil é já dos Brasileiros. Corre-se às armas, que a razão ancea. Da Nacionalidade o grito sôa. E o despotismo, que no chão baqueia. Os lares busca da falaz Lisboa. Quem contra a Nação pode? Quem resiste ao grito irado da oprimida terra? Se os filhos teus que, oh Pátria armados viste. Ao poder infiel declararam guerra! Dia brilhante! Das futuras eras. Serás lembrado nos Brasileiros lares. Donde banistes pueris quimeras. A pura Liberdade erguendo altares.[199]

O texto acima foi exposto em um prédio com a efígie do imperador Pedro II, pintada ao natural e ornada com as armas imperiais. Para os organizadores da festa em Iguaçu, o 7 de Abril deveria ser comemorado como um dia que trouxe a liberdade e que vingou a nação de um antigo governo. Assim, as festividades nos fazem entrever a relação entre os partidos e suas lutas para conquistar a maioria em uma localidade. No mesmo artigo, o redator segue dizendo que alguns problemas tinham ocorrido dias antes das festividades em Iguaçu, posto que os caramurus espalharam boatos de que iam ocorrer desordens, o que amedrontou as famílias. Porém, segundo o redator, a população desconsiderou esses boatos e participou das festas.

Outra questão importante para o Império do Brasil era a representação do poder em uma pessoa. Prova disso foram as articulações pela Independência, quando as câmaras municipais e o imperador fizeram um contrato tácito no qual garantiriam apoio mútuo para que o Brasil fosse integrado pela imagem e pelo carisma do rei.[200] A d. Pedro I foi concedido o título de *Defensor Perpétuo do Brasil* e outras condecorações. Com a abdicação, o Brasil perdeu o carisma, o poder de representação e a simbologia de seu primeiro imperador. A anteriormente tão simbólica figura de Pedro I só poderia aparecer nas festividades se fosse para ter sua imagem desconstruída ou em associação às mazelas anteriores ao 7 de Abril.

A partir daquele momento, a figura de d. Pedro II começou a ser destacada nos jornais moderados como o grande governante que agiria de acordo com os interesses da Nação. Em 1834, o *Aurora Fluminense* publicou um convite no qual d. Pedro II era chamado a participar do aniversário do 7 de Abril:

---

[199] Aurora Fluminense, nº 898, 16/04/1834.
[200] SOUZA, Iara Lis Carvalho. *Pátria Coroada – O Brasil como corpo político autônomo 1780 – 1831.* São Paulo: Fundação da Editora Unesp, 1999.

> A Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, composta de cidadãos amigos da sua pátria, e sustentadores do trono de V. M. I., nesse dia não podia ser indiferente; desde o seu primeiro aniversário, ela o solenizou com uma festiva reunião de seus sócios, e com outras demonstrações de regozijo. Este ano a Sociedade Defensora continuará a dar tão solene testemunho de suas afeições políticas, e ela ousa esperar que a sua reunião será abrilhantada com a Presença Augusta de V. M. I.[201]

O convite era dirigido ao monarca, segundo um redator que argumentava que os movimentos do 7 de Abril tinham sido responsáveis pela elevação de d. Pedro II ao trono imperial. O redator do *Aurora Fluminense* segue argumentado que d. Pedro II deveria participar dessas festividades pois seria uma oportunidade de se reunir com *patriotas* que eram fiéis a ele, às leis e aos representantes da nação.

Assim, a figura de d. Pedro II passou a ser mais destacada no momento em que a antiga simbologia não precisava mais ser combatida, ao passo que, com o falecimento de Pedro I, os perigos de restauração e de nova colonização deixaram de preocupar os brasileiros. Em Ode publicada no *Sete d'Abril* em homenagem a d. Pedro II, o imperador é apresentado como sagrado, muito amável e inviolável. Os títulos de *Imperador Constitucional* e de *Defensor Perpétuo do Brasil,* que pertenciam a seu pai, lhe foram transferidos. D. Pedro II foi apresentado como o grande salvador, o que mostra uma curiosa mudança em torno da significação do 7 de Abril, já que o imperador não teve qualquer participação no movimento ou no desenrolar dos acontecimentos; apenas recebeu a coroa de seu pai mas, em vista de sua pouca idade, o governo coube aos regentes.

A d. Pedro II são ainda atribuídas *virtudes* de caráter nacionalista. Ele é destacado como aquele que tem a "cara" da pátria, que se parece com o Brasil, principalmente porque, ao contrário de seu pai, havia nascido aqui, fato que, no final do seu governo pesara contra a figura de Pedro I.

Ao Brasil era concedido um novo herói, e este era sem dúvida Pedro II.

> O Jovem Pedro tem da Pátria cara.
> Um Trono de Poder enriquecido;
> Ele, um Menino, valentia rara!
> Que depois de haver monstros combatido;
> Deita a terra o cavalo e o cavaleiro,
> E assim salva Seu Povo Brasileiro.[202]

A imagem de Pedro II era destacada por sua pureza, sua inocência, e até mesmo por sua inexperiência militar e de governo. Essas faltas não eram lembradas negativamente mas,

[201] Aurora Fluminense, nº 889, 21/03/1834.
[202] O Sete d'Abril, nº 438, 07/04/1837.

ao contrário, como virtudes de um governante que, por não estar corrompido, não cometeria os mesmos erros de seu pai.

> De um Herói divinal tem aparências
> A pessoa do César Brasileiro
> PEDRO SEGUNDO, cujas excelências
> O fazem ser do Céu um mensageiro.
> Não tem maldades nem experiências
> De sangue, Ele nunca foi guerreiro.
> Oh! Quanto é puro, quanto é imaculado
> Seu coração tão reto e bem formado![203]

O 7 de Abril se transformou em um verdadeiro monumento para os moderados, algo que servia como um marco glorioso, que iniciava um novo e promissor período. A data deveria ser lembrada, por isso a ideia de monumento, algo que é capaz de evocar recordações que pretendiam perpetuar as melhorias trazidas pelo 7 de Abril, um movimento que inaugurou um novo tempo, novos costumes e uma nova política.

> Dia Sete de Abril! Oh! Quão glorioso
> És para os Brasileiros pensadores!
> Tu és o monumento precioso
> Da Clemência Divina aos pecadores;
> Mudas do sábio o fado desditosa,
> Teces-lhe coroas de mimosas flores.
> Ah! Vem, ó Dia feiticeiro e santo!
> Tempo, costumes varre com teu manto.[204]

Assim, percebemos que o processo de consolidação de um novo poder é algo muito mais complexo e que não pode ser garantido apenas pelo cargo ou pela força. Percebemos que uma sociedade não se mantém apenas pela imposição, assim como um poder não se estrutura apenas na violência. Para que se forme uma sociedade e para que os indivíduos ajam de acordo com tal organização, é necessário que eles acreditem.

Segundo Balandier,

> O poder estabelecido unicamente pela força ou sobre a violência não controlada teria uma existência constantemente ameaçada; o poder exposto debaixo da iluminação exclusiva da razão teria pouca credibilidade. Ele não consegue manter-se nem por domínio brutal nem pela justificativa racional. Ele só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial.[205]

---

[203]O Sete d'Abril, nº 438, 07/04/1837.
[204]O Sete d'Abril, nº 438, 07/04/1837.
[205]BALANDIER, Geoges. *O poder em cena*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982, p. 179.

Balandier afirma que a durabilidade e a credibilidade do poder pressupunham algo além da força e da razão, e relacionavam-se diretamente com a criação e com a manipulação de um imaginário. Se considerarmos que vários fatores podem influenciar as relações e não apenas as questões físicas e materiais, devemos considerar que um dos fatores de peso é o que diz respeito ao campo simbólico. São fatores decisivos que o próprio homem cria através de sua cultura e que, depois, passa a auxiliá-lo na interpretação do mundo social. Assim, percebemos o quanto a política se utiliza da criação de imaginário, de festas e de símbolos para influenciar a população e para aumentar seu espaço e poder.

Política, imaginários e suas ritualizações podem estabelecer relações estratégicas, mais facilmente percebidas em tempos de crise e de tensão social. Períodos em que os revoltosos mobilizam forças políticas, sociais e econômicas para conquistar seus objetivos, e principalmente, manipulam imagens e representações na tentativa de convencer e de conquistar opiniões, fenômeno que é descrito por Girardet como *efervescência na produção de imaginários.*[206]

Os imaginários criados refletem aspectos da vida social e são responsáveis por agruparem as crenças e as representações através das quais a coletividade se percebe, se organiza e define seus objetivos. Além disso, não são criados de forma aleatória, mas desencadeados por acontecimentos concretos. Podemos dizer que os imaginários seriam conjuntos de símbolos criados por uma sociedade para entender, interpretar e representar sua realidade.

Entendemos por símbolos os acontecimentos, atos, gestos ou objetos capazes de transmitir um significado. Os símbolos servem como formulações inteligíveis de nossas experiências, são incorporações concretas e suportes de informação[207] capazes de influenciar sobre o comportamento dos homens, de classificar o mundo social e de introduzir valores. Eles produzem e amarram os significados, dão explicações, justificam a ordem das coisas e possibilitam que o homem se localize em seu mundo.[208] Outra característica dos bens simbólicos é que eles não são ilimitados ou criados de qualquer maneira, o que torna os transforma em objetos de disputa dentre aqueles que desejam manter seu monopólio de poder.[209]

Por meio das reflexões apresentadas, percebemos que a criação de símbolos e sua manipulação no campo político podia ser uma estratégia de ação de grupos que pretendiam fortalecer ou consolidar seu poder. Essa estratégia garantia sua eficácia pela facilidade de

---

[206]GIRARDET, Raul. *Mitos e mitologias políticas.* São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 17.
[207]GEERTZ, Clifford. A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, p. 106.
[208]BERGER, Peter. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 133.
[209]BACZO, Bronislaw. *Imaginação Social.* In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: volume 5, 1985.

comunicação com o povo, já que suas formas de aproximação eram criadas a partir de um acontecimento concreto. Sendo de tanto valor na disputa por consenso e adesão, percebemos o quanto os símbolos podiam ser manipulados de acordo com os interesses, com as motivações ou com as relações de força.

Dessa forma, compreendemos que os moderados perceberam que um poder não poderia ser imposto apenas pela força, que era preciso convencer a população de que o novo governo dava início a um novo tempo. Para criar essa nova temporalidade, apoiaram-se nos dois grandes símbolos moderados da Regência: a Câmara dos Deputados e a Guarda Nacional. Os moderados perceberam também que tais símbolos ficariam muito abstratos se continuassem restritos aos jornais e então passaram a levá-los para as ruas, nas palavras de Torgal, passaram a ritualizar a política.[210]

> as comemorações nasceram da tomada de consciência, já sentida pela Revolução Francesa, de que as representações racionais só seriam mobilizadoras se fossem completadas por uma vivência cultual que, tal como no rito religioso, conferisse significado simbólico e coletivo ao sentido do tempo e, simultaneamente, congregasse as consciências atomizadas à volta de memória(s) consensualizada(s).[211]

Os aniversários do 7 de Abril transformaram-se em um acontecimento cívico e patriótico, no qual as representações eram mobilizadas para que fossem sentidas pela sociedade. Tais festividades não tinham sentido de diversão, mas buscavam direcionar a sociedade de acordo com seu projeto.

As festas eram importantes meios de divulgação dos ideais políticos, posto que, por mais que muitos jornais circulassem no período regencial, eles não tinham o alcance e a capacidade de mobilização que tinham as manifestações públicas. Os jornais não eram suportes acessíveis a uma sociedade marcada pelo analfabetismo, o que fazia o esforço dos moderados em educar, em ser didático e pedagógico passava por chegar às ruas, através das comemorações cívicas.

As festividades funcionavam como uma reconstrução do fato, como uma tentativa de moldar os acontecimentos segundo os interesses daqueles que as promoviam. Segundo Wlamir Silva, o maior desafio dessas festas era substituir o simbolismo da monarquia.

> O desafio liberal era o de substituir uma poderosa memória monárquica e religiosa, prenhe de simbolismos seculares. A imagem do rei, que pasmava os assistentes e as

---

[210]TORGAL, Luis Reis; MENDES, José Amado; CATROGA, Fernando. História da História em Portugal. Lisboa: Circulo de Leitores, 1996, p. 222.
[211] *Ibidem*, p. 225.

> solenes alusões ao direito divino e a uma ordem imutável, deviam ser trocadas por imagens que, pela sua historicidade e humanidade, seriam prosaicas.[212]

A memória monárquica era demasiadamente forte, o que poderia ser percebido mesmo em lugares distantes, nos quais ela era representada apenas por retratos. Por isso, as festas moderadas em prol do 7 de Abril deveriam ser tão intensas a ponto de combaterem a imagem de um monarca e construir a imagem de um novo tempo.

Sendo assim, as festas tinham os mesmos objetivos dos jornais, deveriam tornar mais forte o poder simbólico dos moderados, além de atuar na formação de novos homens, condizentes com seu tempo. Para Torgal, as festas teriam que representar para a sociedade em que eram realizadas a mística de um novo tempo.

Ainda segundo o referido autor,

> a festa cívica devia simbolizar, através de um cerimonial coletivo e ao ar livre, e em que o povo deveria ser o ator do seu próprio espetáculo, a celebração de um novo *contrato-constituinte* do Estado-Nação, isto é, o início de um novo tempo que, superando a noite medieval, iria trazer o reino da Liberdade, Igualdade e Fraternidade.[213]

Dessa forma, o ritualismo cívico deveria ser capaz de produzir novos comportamentos coletivos, de convencer e mobilizar as pessoas para a necessidade de mudança e de introduzir novos valores.[214] Além de divulgar ideais e conceitos caros à nova ordem, como liberdade, independência, patriotismo e, sobretudo, moderação, como instrumentos pedagógicos, as festas privilegiavam a generalização da participação política, especialmente em momentos de intensa comoção social.[215]

---

[212]SILVA, Wlamir. *Liberais e povo: a construção da hegemonia liberal-moderada na província de Minas Gerais (1830 – 1834).* São Paulo: Aderaldo &Rothschild; Belo Horizonte, Minas Gerais: Fapemig, 2009, p. 152.
[213]TORGAL, Luis Reis. ; MENDES, José Amado; CATROGA, Fernando. *História da História em Portugal. Lisboa: Circulo de Leitores,* 1996., p. 312.
[214]*Ibidem,* p. 314.
[215]SILVA, Wlamir. SILVA, Wlamir. *Liberais e povo: a construção da hegemonia liberal moderada na província de Minas Gerais (1830 – 1840).* São Paulo: Aderaldo &Rothschild; Belo Horizonte, Minas Gerais: Fapemig, 2009*,* p. 25.

CONCLUSÃO

> Se as comemorações manifestam, à sua maneira, a intenção de reforçar o consenso social que é típico de todos os ritos, as dificuldades de alcançá-lo tornam-se mais patentes na festa política propriamente dita, isto é, naqueles rituais em que as revoluções (e as contra-revoluções) a si mesmo se celebram.[216]

Como nos mostrou Torgal, as festas ou qualquer outro meio de repetição cíclica de um acontecimento, eram formas de reforçar uma ideia, um consenso social e lutar contra a degradação ou o esquecimento de uma memória conquistada ao longo do tempo. Levar festas, representações e discursos às ruas e aproximá-los das sociedades que lhe deram vida era um dos poderosos artifícios usados pelos grupos dominantes para reforçar suas conquistas.

Assim aconteceu com o 7 de Abril que, nos anos iniciais da Regência, foi a grande data cívica a ser comemorada. Tratava-se de uma tentativa de marcar a nova temporalidade que era representada pelos grupos políticos de maneiras diferentes. Os caramurus, aqueles que eram adeptos de uma monarquia centralizada, usavam o 7 de Abril para desmerecer o governo vigente e enaltecer o destituído imperador, d. Pedro I. Já os exaltados, que desejavam maior participação na esfera política, usavam o 7 de Abril como uma forma de garantir que as mudanças continuassem a ocorrer na sociedade regencial, entre elas, que seu grupo tivesse mais voz ativa.

Já os moderados usaram o 7 de Abril como sua principal bandeira. Tal grupo político assumiu a direção do Império imediatamente após a abdicação e precisava de algo que o legitimasse e lhe desse representatividade enquanto novo poder. Hoje, pela distância temporal e pelos estudos historiográficos, percebemos que os esforços dos moderados em prol do 7 de Abril não tiveram o fôlego que eles esperavam e logo veio o *Regresso,* transformando os significados da data e contribuindo para que esta deixasse de ser digna de gala e comemoração.

Quando tratamos do calendário cívico imperial temos que considerar as constantes mudanças a que estavam sujeitos. A escolha pela comemoração de determinadas datas relacionava-se com um projeto político, com as ideias, valores e,sobretudo, com a memória que um governo desejava deixar de si mesmo. Por isso, tais datas estavam em constante mudança. Ao considerarmos o Primeiro Reinado, temos a comemoração do Dia do Fico, em 9 de janeiro, data em que se celebrava a decisão de d. Pedro I por ficar no Brasil, enquanto seu pai já havia retornado a Portugal, e as Cortes reunidas exigiam sua volta. Após 1822, o dia 7

[216]TORGAL, Luis Reis; MENDES, José Amado; CATROGA, Fernando. História da História em Portugal. Lisboa: Circulo de Leitores, 1996, p. 312.

de Setembro transformou-se em uma data cívica que representavaa separação entre Brasil e Portugal.[217] O 25 de Março também se transformou em uma festividade cívica, que comemorava o dia em que a constituição do Império foi jurada. As comemorações obedeciam a mesma estrutura: começavam com celebrações nas quais autoridades da Igreja proferiam um sermão, seguido por um solene *Te Deum.* Posteriormente, ganhavam as ruas em cortejos nos quais bandas de músicas tocavam hinos que tratavam do tema comemorado na festa. As festividades eram sempre acompanhadas pelos periódicos, que além de publicarem seus convites, chamando a população a delas participar, noticiavam os detalhes de seu desenrolar. Ainda, eram os jornais os responsáveis por construir as representações das datas através dos discursos que publicavam, nos quais diziam o que estava sendo comemorado e qual era a importância da referida data.

Na Regência, uma das festividades cívicas mais destacadas foi o 7 de Abril, data que a princípio marcava a abdicação do imperador, d. Pedro I e o início de um tempo novo, que prometia ser muito diferente e qualitativamente melhor que o governo findo. No entanto, tal data não teve o mesmo significado durante toda a década regencial. Ao passo que os liberais moderados foram perdendo sua hegemonia política, e ainda com a morte de d. Pedro I, ocorrida em 1834, a data perdeu seu poder de mobilização. A força antes tida pelo 7 de Abril foi diminuindo e seu significado começou a ser alterado. De um dia que marcava a "regeneração política do Império" e a "revolução gloriosa", a data passou a ser cada vez mais relacionadaa d. Pedro II. No fim do período regencial, o 7 de Abril parou de ser comemorado com tanta pompa e quando lembrado passava a significar o dia em que o trono do Brasil foi entregue a d. Pedro II. Nesse momento, outra data entra para o calendário político, o 2 de Dezembro, quando se comemorava o aniversário natalício de d. Pedro II.

Para Hendrik Kraay, as festividades cívicas:

> São simultaneamente "ritos de poder", liturgias através das quais as autoridades exprimem e atualizam sua pretensão a domínio legítimo e, potencialmente, espaços onde oponentes da ordem prevalecente tornam suas demandas públicas.[218]

Assim, percebemos como as representações e suas formas de apresentação para a sociedade estavam ligadas a projetos políticos e eram mediados por poderosas

---

[217]Sobre a comemoração do 7 de Setembro, Hendrik Kraay diz que em 1822 pouca gente deu atenção ao acontecimento e só no ano seguinte a Assembleia Constituinte decidiu que o dia fosse reservado ao aniversário da Independência do Brasil. Segundo o autor, em 1826 a data se transformou em feriado nacional e posteriormente se firmou como o mais importante dia festivo. Ver: KRAAY, Hendrik. *"Sejamos Brasileiros no dia de nossa nacionalidade: comemorações da Independência do Brasil.*In: Topoi, volume 8, nº 14, jan – jun. 2007, pp. 9 – 36.

[218]*Ibidem*, p. 10.

estratégias.[219]Dessa forma, o trabalho procurou analisar as formas de articulação política e suas manipulações, que diziam respeito diretamente ao cotidiano da população.

Certamente, os homens que viveram o 7 de Abril e o período regencial enxergaram os fatos realmente como acontecimentos singulares, posto que os viam pelas mesmas lentes em que recebiam as informações. Lentes que, como tentamos mostrar ao longo do trabalho, queriam manipular e convencer. Por isso, o que nos interessou foi exatamente esse jogo, no qual os redatores tinham um papel crucial, pois construíam suas representações de um acontecimento,viam sua propagação e observavam sua recepção pelo público.

Para os contemporâneos, o 7 de Abril foi uma *revolução*, pois representou a ruptura política e definitiva entre Brasil e Portugal. Revolução para esses homens representava ainda, uma possibilidade maior de liberdade, de liberdade em relação aos rumos que seriam tomados pelo Estado a partir daquele momento. Entretanto, a *revolução* do 7 de Abril não trazia uma nova concepção de liberdade para a sociedade, posto que em nenhuma das representações construídas questionava-se, por exemplo, a situação dos escravos. A revolução dos moderados não significava ruptura, como em algumas das definições originais do conceito. O 7 de Abril enquanto *revolução* moderada representava o rompimento com um certo governante, mas pressupunha a manutenção da monarquia, desde que fosse constitucional.

Assim, o 7 de Abril foi visto pelos moderados que, com base nessas ideias eles o rotularam de *revolução*, ideia que lhes era muito importante posto que criava as bases para sua legitimação e manutenção no poder. Por isso, o que mais nos interessou ao longo desse trabalho foi perceber a infinidade de maneiras que um acontecimento poderia ser interpretado. E finalmente, que as representações criadas de um determinado acontecimento podiam mostrar-se tão poderosas que por vezes seriam capazes de superar seu impacto e sua repercussão originais.

---

[219] Sobre o calendário cívico e sua relação com um projeto político, ver: MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O gigante e o espelho*. In: GRINBERG, Kelia& SALLES, Ricardo (organização). *O Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, Volume 2.

Fontes e Bibliografia

Fontes Primárias

Periódicos disponíveis na Sessão de Obras Raras da Biblioteca Nacional – RJ:

Aurora Fluminense: Jornal Político e Literário. Rio de Janeiro: Typografia do Diário do Rio de Janeiro, 1827 – 1835.

*Caramuru.*O Imperador e a Constituição Jurada.Rio de Janeiro: Typografia do Diário, 1832 - 1833.

D. Pedro I. Rio de Janeiro: Typografia do Diário. 1833.

O Exaltado. Jornal Político, Literário e Moral. Rio de Janeiro: Typografia de Guether e Comp., 1831 – 1835.

O Sete D' Abril. Rio de Janeiro: Typografia Americana, 1833 – 1837.

O Verdadeiro Caramuru. Rio de Janeiro: Typografia do Diário,1833.

Bibliografia

ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Elites Regionais e a formação do Estado Imperial brasileiro: Minas Gerais, Campanha da Princesa (1799-1850).* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

____________________ *Família e política nas Regências: possibilidades interpretativas das cartas pessoais de Evaristo da Veiga (1836-1837).* Texto inédito e no prelo.

ANDRADE, Marcos Ferreira de; SILVA, Janaína Carvalho da. *"Moderados, Exaltados e Caramurus no prelo carioca: os embates e as representações de Evaristo Ferreira da Veiga (1831 – 1835)."* In: Almanack. Guarulhos, n. 04, p. 130 – 148. 2º semestre de 2012.

ARENDT, Hannah. *Da revolução.* São Paulo: Editora Ática, 1988.

ARMITAGE, John. *História do Brasil: desde o período da chegada da família de Bragança, em 1808, até a abdicação de Dom Pedro I em 1831.* São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

BALANDIER, Geoges. *O poder em cena*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982.

BARBOSA, Silvana Mota. *Autoridade e Poder Real: Benjamin Constant e a Carta Constitucional Portuguesa de 1826.* Locus: revista de história. Juiz de Fora, v. 10, n. 2, pp. 7 – 22, 2004.

BASILE, Marcelo Otávio Neri de Campos. *OImpério em construção: Projetos de Brasil e ação política na Corte Regencial.* Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

BERGER, Peter. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1987.

BERSTEIN, Serge. *A cultura política*. In: Rioux, J.P & SIRINELLE, J. F. (organizadores). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política.* Tradução de João Ferreira, Carmem Varriale e outros. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2º edição, 1986.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial.* 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CASTRO, Jeanne Barrance de. *A milícia cidadã: A Guarda Nacional de 1831 a 1850.* São Paulo: Nacional/ Brasília: Instituto Nacional da Livro, 1977.

CASTRO, Paulo Pereira de. *A "experiência republicana", 1831 – 1840*, p. 11. In: *História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Monárquico*. Tomo II, v.2. São Paulo: Difel, 1985.

CHAMON, Carla Simone & FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Processo de socialização e de formação cívica no Brasil (século XIX).* In: Cultura – Revista de História e Teoria das Idéias, volume XIII, 200/2001.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia, a história entre as certezas e a inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_________________. *A historia cultural: entre praticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

FARIA, Maria Auxiliadora. *A Guarda Nacional em Minas Gerais (1831 – 1873).* Revista Brasileira de Estudos Políticos. Belo Horizonte, julho/1979, 49: 145 – 199.

FAZOLI FILHO, Arnaldo. *O Período Regencial*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

GIRARDET, Raul. *Mitos e mitologias políticas.* São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *Estratificação social e mobilizações políticas no processo de formação do estado nacional brasileiro: Minas Gerais, 1831/1835.* São Paulo: Aderaldo &Rothschild; Belo Horizonte, MG: Fapemig, 2008.

GRINBERG, Kelia& SALLES, Ricardo (organização). *O Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, Volumes 1 e 2.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Em nome da ordem e da moderação: a trajetória da Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: I.F.C.S. – U. F. R. J.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera publica:investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva e memória histórica*. In: *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, pp. 72 – 101.

HOBSBAWM, Eric. *A era das revoluções, 1789 – 1848.* Tradução de Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. São Paulo: Paz e Terra, 2012. 25º edição revista. 5º impressão.

________________. *Ecos da Marselhesa: dois séculos reveêm a Revolução Francesa*. Tradução Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HUNT, Lynn.*Política, cultura e classe na Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

IGLÉSIAS, Francisco. *Minas Gerais.* In: História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Monárquico. Tomo II, volume 2. São Paulo: Difel, 1985.

IPANEMA, Marcelo e IPANEMA, Cybelle. "*Imprensa na Regência: observações estatísticas e de opinião pública*". In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 307. Rio de Janeiro: Departamento da Imprensa Nacional, 1976.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. *Balaida: construção da memória histórica*. História, São Paulo, v.24, n.1, pp. 41 – 76, 2005.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de La memória*. Madrid: Siglo XXI de España Editores S. A., 2002.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado.Contribuições semânticas dos tempos históricos.* Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KRAAY, Hendrik. *"Sejamos Brasileiros no dia de nossa nacionalidade: comemorações da Independência do Brasil.*In: Topoi, volume 8, nº 14, jan – jun. 2007, pp. 9 – 36.

LE GOFF, Jacques. *Documento/Monumento*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985, v.1, pp. 95 – 106.

_________________. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão et. Ali. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2003.

LENHARO, Alcir. *As tropas da moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil.* São Paulo: Símbolo, 1979.

LYRA, Maria de Lourdes Vianna. *O Império em construção: Primeiro Reinado e Regências*. São Paulo: Atual Editora, 2000.

LUSTOSA, Isabel. *D. Pedro I.* São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARTINS, Maria Fernanda Vieira. *A Velha Arte de Governar. Um estudo sobre a política e elites a partir do Conselho de Estado (1842 – 1889).* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007.

MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820 – 1840*. São Paulo: Hucitec, 2005.

_____________. *O período das Regências (1831-1840)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

MOREIRA, Luciano da Silva. "Imprensa e Política: espaço público e cultura política na Província de Minas Gerais, 1828 – 1842. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, FAFICH, 2006.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*. 2º edição revista. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

NEEDELL, Jeffrey D. Formação dos partidos políticos no Brasil da Regência à Conciliação, 1831 – 1857. In: Almanack Braziliense. São Paulo, nº 10, p. 5 – 22, nov. 2009.

NEVES, Maria Lúcia Bastos Pereira das. *Corcundas e Constitucionais: cultura e política (1820 – 1822).* Rio de Janeiro: Revan: Faperj, 2003.

NEVES, Maria Lúcia Bastos Pereira das & MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles Oliveira. *O Museu Paulista da USP e a memória da Independência*. In: Cadernos Cedes. Campinas, v.22, n.58, pp. 65 – 80, dezembro de 2002. Disponível no site: www.cedes.unicamp.br

PIMENTA, João Paulo. *A Independência do Brasil como uma revolução: história e atualidade de um tema clássico.* In: Revista de História da Historiografia. Ouro Preto, número 3, setembro de 2009, pp. 53 – 82.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social.* In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200 – 212.

RAWLS, John. *O liberalismo político*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
RECOEUR, Paul. *Historia y memoria. La escritura de la historia y La representacióndel passado.* In: Annales, Histoire, ScienciasSociales. Núm. 55 – 4, Paris: julho – agosto de 2000, pp. 731 – 747.

REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil. A História do Levante dos Malês (1835)*. São Paulo; Brasiliense, 1986.

REVEL, Jacques (organizador). *Jogos de Escalas: A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. *Minhas recordações*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987.

RIBEIRO, Gladys Sabina. *A liberdade em construção – a identidade nacional e os conflitos anti-lusitanos no Primeiro Reinado*. Rio de Janeiro: RelumeDumará: FAPERJ, 2002.

RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins; FALCON, Francisco José Calazan; NEVES, Margarida Maria de Souza. *A Guarda Nacional no Rio de Janeiro: 1831 – 1918*. Rio de Janeiro: PUC-Rj, 1981, n.5, 501 p. (Série Estudos).

SILVA, Wlamir. *Liberais e povo: a construção da hegemonia liberal moderada na província de Minas Gerais (1830 – 1840).* São Paulo: Aderaldo &Rothschild; Belo Horizonte, Minas Gerais: Fapemig, 2009.

SOBOUL, Albert. *"A Revolução Francesa na história do mundo contemporâneo"*. In: LEFEBVRE, Georges. 1789: O surgimento da Revolução Francesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SOUSA, Octávio Tarquínio de. História dos fundadores do Império do Brasil. 10 vs. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

SOUZA, Iara Lis Carvalho. *Pátria Coroada – O Brasil como corpo político autônomo 1780 – 1831.* São Paulo: Fundação da Editora Unesp, 1999.

SOUZA, José Antônio Soares de. "Vasconcelos e as caricaturas." Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 210, jan. – mar. De 1951, pp. 103 – 113.

TORGAL, Luis Reis; MENDES, José Amado; CATROGA, Fernando. *História da História em Portugal. Lisboa: Circulo de Leitores,* 1996.

URICOECHEA, Fernando. *O minotauro imperial: a burocratização do Estado patrimonial brasileiro no século XIX.* Rio de Janeiro: Difel, 1978.

VELLASCO, Ivan de Andrade. *As seduções da ordem: violência, criminalidade e administração da justiça: Minas Gerais – século XIX.* São Paulo: Edusc, 2004.

WERNET, Augustin. *O período regencial: 1831 – 1840*. São Paulo: Global Editora, 1982.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

DIVERGÊNCIAS E TRAIÇÕES ENTRE AS LIDERANÇAS FARROUPILHAS: A PARTIR DA DOCUMENTAÇÃO DO BARÃO DE CAXIAS NO PERÍODO DE 1842 A 1845

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Janaíta da Rocha Golin

Santa Maria, RS, Brasil

2007

DIVERGÊNCIAS E TRAIÇÕES ENTRE AS LIDERANÇAS FARROUPILHAS: A PARTIR DA DOCUMENTAÇÃO DO BARÃO DE CAXIAS NO PERÍODO DE 1842 A 1845

por

Janaíta da Rocha Golin

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História do Brasil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. André Átila Fertig

Santa Maria, RS, Brasil

2007

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de História
Curso de Especialização em História do Brasil

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia

DIVERGÊNCIAS E TRAIÇÕES ENTRE AS LIDERANÇAS FARROUPILHAS: A PARTIR DA DOCUMENTAÇÃO DO BARÃO DE CAXIAS NO PERÍODO DE 1842 A 1845

elaborada por
Janaíta da Rocha Golin

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em História do Brasil

COMISÃO EXAMINADORA:

André Átila Fertig, Dr.
(Presidente/Orientador)

Vitor Otávio Fernandes Biasoli, Dr. (UFSM)

Luiz Eugênio Véscio, **Dr.** (UFSM)

Santa Maria, 1º de outubro de 2007.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Luiz Carlos Tau Golin, o qual sempre primou pelo saber como necessidade fundamental da existência humana, sendo responsável pelo meu ingresso no mundo dos livros e do conhecimento. Sua obra serviu de inspiração para a execução deste trabalho.

À minha mãe, Circe Rocha, personalidade combativa enquanto cidadã, auxiliou na moldagem da minha consciência na condição de sujeito histórico.

Ao Jean de Oliveira, cúmplice de uma batalha diária, ao meu lado constrói parte da minha história, traçando nossa jornada, reservando nosso lugar no futuro.

Aos meus avós maternos Cyrineu José da Rocha e Aura Farias da Rocha, hoje infelizmente debilitados pela velhice, constituíram-se no passado nas bases alicerçadoras da minha vida.

À minha avó paterna Zaira Torres Golin, presença esporádica, porém sempre aconchegante e atenciosa.

Ao meu orientador, André Fertig, prestativo em sua orientação, teceu caminhos importantes para o desenvolvimento desta monografia.

À tia Cuga, mais amiga do que tia, parceira de festas e companhia constante.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Especialização em História do Brasil
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

DIVERGÊNCIAS E TRAIÇÕES ENTRE AS LIDERANÇAS FARROUPILHAS: A PARTIR DA DOCUMENTAÇÃO DO BARÃO DE CAXIAS NO PERÍODO DE 1842 A 1845

Autora: Janaíta da Rocha Golin
Orientador: Profº Drº André Fertig

Este trabalho monográfico pretende evidenciar a existência de divergências entre os líderes farroupilhas durante o desenrolar do confronto bélico estabelecido da Província de São Pedro no século XIX, entre 1835 a 1845. Como apoio para a assertiva defendida, utilizamos a documentação de Luís Alves de Lima e Silva, o Barão de Caxias, então encarregado como pacificador do conflito sulino pelo Império do Brasil a partir de 1842, impregnada com diversas demonstrações que corroboram a problemática defendida por este trabalho. Além de empregarmos a documentação de Caxias para validar nosso propósito, também nos valemos da historiografia produzida por historiadores que abordaram a Revolução Farroupilha, onde detectamos indícios que demonstram o estado de desunião entre os comandantes farrapos. Como preocupação em desmistificar a unidade farroupilha, fabricada por historiadores comprometidos com uma visão alusivamente cívica e comemorativa deste fenômeno histórico, dedicamos parte do trabalho em retratar a conformação da coerência entre os comandantes rebeldes, silenciando sobre diversos elementos que confirmam o contrário. A configuração sócio-cultural em que o Rio Grande do Sul se encontra atualmente merece destaque na produção deste texto, pois a manipulação e distorção de sua história interferiram na disseminação de valores tradicionais discutíveis, os quais circulam em seu território, tendo como principal incentivador dessa prática os veículos de comunicação e os centros de tradições gaúchas.

Palavras-chave: Revolução Farroupilha, divergências, líderes farroupilhas, história.

ABSTRACT

Specialization Monography
Specialization Course in the Brazilian History
Federal University of Santa Maria, RS, Brazil

DIVERGENCIES AND BETRAYALS AMONG "FARROUPILHA" LEADERSHIP: RESEARCHING ON THE BARON OF CAXIAS DOCUMENTATION FROM 1842 THROUGH 1845

Author: Janaíta da Rocha Golin
Adviser: André Átila Fertig

This monographic work intends to evidence the existence of divergences between the farroupilha leaders during the established warlike confrontation of the Province de São Pedro in the XIX century, between 1835 and 1845. As a support for this assertive, we used the documentation of Luis Alves de Lima and Silva, the Baron of Caxias, who was then in charge of pacifying the southern conflict for the brazilian Empire since 1842, impregnated with various demonstrations that corroborate the problematic defended by this work. Besides using the documentation of Caxias to validate our intention, we also made use of the historiography produced by historians who have approached the Farroupilha Revolution, where we detected indications that demonstrate how much disunion there was among the commanders of this revolution. As a concern to demystify the farroupilha created by historians commited to an allusively civic and commemorative vision of this historical phenomenon, we dedicate part of the work in portraying the conformation of the coherence is the rebellious commanders, silencing on diverse elements that confirm the opposite. The sociocultural configuration in which the state of Rio Grande Do Sul currently deserves prominence in the production of this text, because the manipulation and distortion of its history have intervened with the dissemination of arguable traditional values, which circulate in its territory, having as the main incentivador of this practice the means of communication and the "gaúcha" tradition centers.

Word-key: Farroupilha revolution, divergences, farroupilha leaders, history.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A problemática que motivou a pesquisa deste trabalho monográfico diz respeito à ausência de unidade entre os líderes farroupilhas e a constante divergência entre eles baseadas na documentação de Luís Alves de Lima e Silva, o Barão de Caxias, e de Domingos José de Almeida, ministro da Fazenda, Interior e Guerra da República Rio-Grandense, formalizada durante o conflito farrapo com o Império do Brasil. Grande parte da produção historiográfica acerca da Revolução Farroupilha não abordou as contradições entre os comandantes farrapos, dando a entender que não houve desentendimentos entre seus líderes. Tais versões bibliográficas acabaram por legitimar uma versão monolítica e coesa do acontecimento.

Apesar de haver existido um governo formal dos rebeldes farroupilhas a partir da Proclamação da República no ano de 1836, nota-se uma sistematização de chefes caudilhos, ou seja, uma composição de coronéis, generais e militares que integravam a direção do governo farrapo e atuavam isoladamente na liderança de pequenas tropas controladas e influenciadas por eles. Desse modo, muitas vezes, colocaram seus interesses pessoais à frente dos da Revolução. Tau Golin percebe que a falta de unidade dos líderes resultou na não materialização da legitimidade do poder revolucionário, pois, a formalidade de um governo constitucional não implicou na solução das divergências dos chefes revolucionários.[1] Para elucidar esta afirmação citamos a não instalação e funcionamento da Assembléia Constituinte e Legislativa, a qual representava os anseios políticos liberais do movimento, isto é, o fortalecimento do poder legislativo.

A produção historiográfica de fins dos anos 1970 acerca da Revolução Farroupilha, como por exemplo, a obra de Spencer Leitman, trouxe à tona aspectos que contribuem para a compreensão das atitudes caudilhescas dos generais militares farrapos. Leitman considera que

---

[1] GOLIN, Tau. **A tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Editora Tchê, 1989.

estes generais manejavam seus subalternos com interesses próprios, estando mais interessados na realização de seus desejos pessoais do que na realização de um projeto que contemplasse a todos.[2] O caudilhismo abordado por Spencer Leitman cabe nesta pesquisa como a evidência de que as atitudes isoladas dos líderes farroupilhas denunciaram a sua cisão. Sendo assim, encontramos mais um elemento que comprova a fragmentação do movimento farroupilha.

Para Eric Hobsbawm[3]**,** a reflexão sistemática sobre o objeto e os objetivos da narrativa historiográfica não se distingue da própria escrita da história. A percepção teórica defendida e utilizada por Hobsbawm como método de fazer história encaixa-se no desenvolvimento deste estudo, pois se reveste de um embate direto com os usos e abusos da história, tanto na sociedade quanto na política. Sendo assim, esta metodologia preocupa-se em abordar a história e produzir historiografia como método responsável, sustentado pela lógica e evidência. Aproximar-se da verdade sobre a história é o ponto central que os historiadores devem partir, fazendo a distinção do que seja fato comprovável e ficção. Acreditamos que a história está empenhada em um projeto intelectual coerente, e fez progressos no entendimento de como o mundo passou a ser hoje. Dessa forma, precisa-se aprimorar ainda mais o estudo sobre a Revolução Farroupilha, incorporando à historiografia acadêmica as superações históricas que outros historiadores efetivaram.

Segundo Eric Hobsbawm, o passado legitima. O passado fornece um pano de fundo mais glorioso a um presente que não tem muito que comemorar. E se não há nenhum passado satisfatório, sempre é possível inventá-lo.[4] Ocorre deliberadamente no Rio Grande do Sul, uma distorção sistemática da história, uma difusão de valores históricos, principalmente ao movimento farroupilha, que não propiciam à compreensão e crítica de nossa sociedade, mas que objetivamente prima pela sua aprovação e orgulho. Então, as divergências, as traições, os desentendimentos e “o jogo sujo” dos líderes farroupilhas não se constituem em informações dignas de glória, mas é dever dos historiadores honestos demonstrá-las. Afinal de contas, história não é memória ancestral ou tradição coletiva. Portanto, a profissão de historiador é essencial na luta contra a substituição da história pelo mito, pois, determina o que entra ou não nos livros escolares.

---

[2] LEITMAN, Spencer Lewis. **Raízes socioeconômicas da Guerra dos Farrapos**: um capítulo da história do Brasil no século XIX . (Tradução de Sarita Linhares Barsted) Rio de Janeiro: Graal, 1979.
[3] HOBSBAWM, Eric J., **1917 - Sobre História** / Eric Hobsbawm; tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 17.
[4] Ibidem. p. 18.

A grande quantidade de estudos acerca da Revolução Farroupilha não nos tira o entusiasmo de continuar a pesquisa histórica em torno deste tema. Em termos de conhecimento histórico um historiador jamais esgota outro historiador[5], dessa forma, por mais que um assunto tenha sido trabalhado exaustivamente, sempre haverá espaço para novos "olhares" sobre a história. É tarefa dos historiadores ampliarem o espaço de discussão e compreensão sobre a história através da produção da historiografia, explorando indefinidamente o campo do saber histórico.

É importante salientar a relevância deste trabalho, tanto do ponto de vista acadêmico e científico quanto social, pois a contestação da unidade farrapa vem desconstruir a pseudo uniformização do movimento farroupilha, combatendo a visão comprometida com a eternização deste fenômeno histórico. Apesar da existência de importantes análises históricas em relação ao conflito farrapo, nota-se uma considerável carência historiográfica no que se refere à abordagem da relação entre os líderes farroupilhas. Dessa forma, acreditamos contribuir para o debate, acrescentando elementos que possibilitem constantes reflexões em torno deste acontecimento da história sul-rio-grandense.

Demonstrações de clientelismo e corrupção advêm antes mesmo do estopim da Revolução Farroupilha, em 20 de setembro de 1835. Como por exemplo, a ruptura entre Bento Gonçalves da Silva, um dos líderes do movimento armado, e o presidente da Província, Antônio Rodrigues Fernandes Braga, proveio de insatisfações pelo controle da chefia de polícia. Bento pretendia entregá-lo a um de seus correligionários, no caso, a seu primo Domingos José da Porciúncula.[6] A disputa por cargos públicos também permeou a relação entre Bento Gonçalves da Silva e o até então presidente da Província de São Pedro.

Como observa Richard Graham, o clientelismo constituía a trama de ligação da política no Brasil do século XIX e sustentava virtualmente todo ato político.[7] Segundo Graham, não havia oposição hipotética entre poder público e poder privado, e os estancieiros do sul do Brasil emergiram como os mais prósperos e poderosos. A obra "O povo do pampa", de Tau Golin, frisa que como chefes políticos, os poderosos estancieiros praticamente

---

[5] RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Paradigmas do estudo da história**: os modelos de compreensão da ciência histórica no pensamento contemporâneo. Porto Alegre: IEL/IGEL, 1991. p. 185.
[6] FLORES, Moacyr. **Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.
[7] GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do Século XIX.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

confundiam-se com os do Estado. Caracterizavam-se como mistos de proprietários e chefes militar/civil.[8]

A economia local sulina apoiava-se principalmente na pecuária, uma cultura que propiciava uma intensa lealdade regional e consequentemente o autoritarismo. Sendo assim, a principal característica da política sul-rio-grandense apoiava-se no autoritarismo**,** pois a sociedade sulina teve como base a estância, organização em que predomina a figura do latifundiário, sem que os peões, escravos, e agregados pudessem se reunir para defender seus interesses.[9] Dessa forma, compreendemos que uma parcela do povo participou da revolução de 20 de setembro de 1835 sem entender seu conteúdo ideológico. Acompanhou o levante armado ao lado de seu patrão ou comandante militar, a quem estava ligado por laços de dependência econômica.

O clientelismo e a corrupção manifestavam-se abertamente dentro do Exército republicano farrapo, onde seus postos mais elevados eram entregues a pessoas componentes das grandes famílias, que davam os postos inferiores a seus clientes ou criados, de forma que os alferes e tenentes eram muitas vezes serviçais, que continuavam a servir a seus patrões.[10] Ocorreu, portanto, a disseminação de relações de parentescos e compadrio dentro das tropas militares, onde muitos se envolveram na Revolução por um critério de fidelidade e obediência. Os próprios parentes e amigos do presidente da República Rio-Grandense, Bento Gonçalves da Silva, ajudaram a preencher os cargos administrativos do novo governo. No exame da correspondência dos comandantes e ministros nunca há indicação de alguém para preenchimento de cargo público porque prestou serviços relevantes à causa farroupilha ou por critério de competência, levando a crer que as nomeações se davam por laços de amizade.

Do ponto de vista da elite sul-rio-grandense, o que dominava o relacionamento era, por um lado, a assistência do protetor, e por outro, a lealdade ou o serviço prestado; os agregados provavelmente tinham outras idéias, mas com raras exceções, guardavam-nas para si mesmos. O poder político manifestava-se através de uma rede de clientes, onde se procurava arrebanhar um número cada vez maior de asseclas a fim de consolidá-lo. A exibição deste poder levava facilmente ao uso da violência direta, como pretendemos

---

[8] GOLIN, Tau. **O povo do pampa**: uma história de 12 mil anos do Rio Grande do Sul para adolescentes e outras idades / Tau Golin – Passo Fundo: Ediupf, Porto Alegre: Sulina, 1999.
[9] PESAVENTO, Sandra. **A Revolução Farroupilha**. Coleção Tudo é História. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
[10] FLORES, Moacyr. **República Rio-Grandense**: realidade e utopia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

demonstrar ao longo de nosso trabalho, onde atitudes de caráter pessoal, muitas vezes dissonantes da civilidade, prevaleceram à frente de um comando organizado e coeso.

O período temporal que este trabalho recorta, remonta desde 1842, com a chegada do Barão de Caxias à Província do Rio Grande do Sul, finalizando em 1845, com o acordo armistício realizado entre o Império do Brasil e os farroupilhas. A escolha deste período de tempo histórico deve-se em razão do acréscimo ainda maior de contraposições entre os líderes farrapos, culminando com a dissolvição da República Rio-Grandense.

O acervo documental do Barão de Caxias[11], contendo os ofícios de ordens do dia do ano de 1842 a 1846, foi imprescindível para a execução e viabilidade desta monografia. Nele, foram encontradas inúmeras evidências que corroboraram a situação de rivalidade entre os generais farroupilhas. O desempenho do Barão de Caxias como pacificador da Revolução Farroupilha a partir de 1842 demonstrou a dimensão do total desentendimento que permeavam as relações farrapas. Os acontecimentos da guerra foram minuciosamente documentados pelo Barão, e se constituíram em elementos essenciais para a constatação do estado de desunião em que se encontravam os principais líderes farroupilhas.

[11] Arquivo Caxias – Arquivo Nacional.

1º CAPÍTULO: CONSTRUÇÃO CULTURAL E IDEOLÓGICA DA UNIDADE FARROUPILHA

A tradicionalidade historiográfica dos produtores culturais do Estado do Rio Grande do Sul ensejou a Revolução Farroupilha em um monótono acontecimento, sem as complexidades e diferenças que marcaram o fenômeno. Esta coerência fabricada teve como objetivo sanar as fraturas do passado, apagar as imperfeições e moralizar os líderes farroupilhas, na tentativa de idealizar o panteão de heróis edificados pela mídia cultural. E convém explicitar que o processo de ideologização está sendo vitorioso, basta observar a incrível disseminação desses valores na sociedade sul-rio-grandense. Os CTGs (Centro de Tradições Gaúchas) ganham cada vez mais força, alastram-se para fora do Estado e outras vezes até do país como se fossem guarnecidos das únicas e legítimas representações sócio-culturais de nosso povo. Reproduz-se todos os anos, no mês de setembro, através da "Semana Farroupilha" uma cultuação cívica que apregoa valores conformadores com a hegemonia militar-estancieira.

Comemora-se a Revolução Farroupilha como se fosse dotada de princípios de liberdade para o povo, ignorando que ela fez-se pela vontade de ricos militares estancieiros pela preservação de seus interesses econômicos, os quais não estavam interessados em reestruturar as relações de classe. Pelo contrário, qualquer colapso nas relações tradicionais entre senhor e escravo, estancieiro e gaúcho, poderia desorganizar o sistema político e social vigente.[12] Cultua-se, através das indumentárias pilchadas "heróis" que eram na sua maioria senhores de escravos. Glorificam-se homens que mantiveram o direito de cidadania, ou seja, o

---

[12] LEITMAN, Spencer Lewis. **Raízes socioeconômicas da Guerra dos Farrapos**: um capítulo da história do Brasil no século XIX. Tradução de Sarita Linhares Barsted. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 23.

voto, restrito aos proprietários, banindo do sistema eleitoral os homens do povo, não reconhecendo nestes as condições para escolher seus representantes.[13]

Através das décadas formaram-se gerações de historiadores, como por exemplo, Dante de Laytano, Olyntho Sanmartim, Souza Docca, Moisés Vellinho e Walter Spalding, os quais se comprometeram com a tradicionalidade de uma visão apologética e alusivamente cívica da Revolução Farroupilha.[14] Arquitetou-se uma conformação de coerência na relação entre os comandantes rebeldes, omitindo que os farroupilhas constituíam-se em três frações diferentes, e que muitas vezes eram antagônicas entre si, ou seja, a minoria republicana, os monarquistas e os defensores do Império. Exemplifica-se o fenômeno como essencialmente republicano, mas uma minoria era republicana, com idéias ainda muito vagas, e constituía-se na fração que fazia fervorosa oposição a Bento Gonçalves da Silva, que era monarquista. Além disso, os farroupilhas continuaram a reger-se pela Constituição imperial durante o exercício do governo republicano.

Identifica-se o levante farrapo como respaldado pela totalidade dos habitantes da Província do Rio Grande do Sul, em um imaginário popular de que todos se lançaram de armas na mão contra a opressão do Império tirânico, todavia a maior parte do povo sul-rio-grandense lutou ao lado do Império do Brasil. Para ratificar essa idéia, encontramos indícios na obra de Moacyr Flores, de que os moradores dos centros urbanos como Porto Alegre, Rio Pardo, Pelotas, São José do Norte e Rio Grande assumiram uma posição anti-farroupilha, desmistificando a afirmação generalizada de que a Província do Rio Grande do Sul lutou contra o Império do Brasil, quando apenas uma parcela, a maior parte da zona da Campanha, pegou em armas para implantar a República.[15] Sendo assim, alude-se a uma visão conformadora com os parâmetros do tradicionalismo em relação à história sulina, no caso, primordialmente a Revolução Farroupilha, onde se prefere eleger como referencial a explicação de patrões de CTG em vez da análise e depoimento de historiadores.

Perpetua-se no imaginário popular do Rio Grande do Sul a convicção de que os comandantes militares da Revolução Farroupilha constituíram-se em valorosos guerreiros, dotados de imenso talento para a guerra. Porém, ignora-se que no planejamento militar destes líderes, ocorreram inúmeras falhas estratégicas de intervenção bélica. Bento Gonçalves, por

---

[13] FLORES, Moacyr. **Modelo político dos farrapos***:* as idéias políticas da revolução farroupilha. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1978.
[14] GOLIN, Tau. **A tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Tchê, 1989. p. 105.
[15] FLORES, Moacyr. **República Rio-Grandense**: realidade e utopia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

exemplo, ao continuar com sua idéia fixa de retomar Porto Alegre, depois de sua perda em 1836, ignorou Rio Grande, importante porto marítimo e fluvial, crucial para o recebimento e envio de recursos variados, o qual permaneceu todo o tempo em poder dos imperiais. Além disso, o sítio farroupilha realizado a Porto Alegre fazia-se unicamente por terra, permanecendo o rio Guaíba livre para as embarcações e canoas que traziam víveres, armas e munições para a resistência legalista. Para a manutenção do porto distante de Laguna, localizado em Santa Catarina, houve grande demanda de esforços e recursos financeiros, ocasionando prejuízo aos cofres da República Rio-Grandense.[16] Analisando estas duvidosas escolhas, percebemos que nem sempre os executores da Revolução Farroupilha planejaram suas inserções bélicas da melhor maneira possível, revelando carência de tino militar, inclusive para Bento Gonçalves da Silva.

A inserção da causa abolicionista pelo senso comum como um dos objetivos da Revolução Farroupilha pode ser questionada. Como seguidores dos preceitos liberais, os líderes farroupilhas concordavam com sua doutrina, a qual instituía a manutenção da escravidão para os povos vencidos, a quem os vencedores concederam a vida, que podia ser usada e retirada por seus donos. Consideravam, portanto, os negros como povo destinado à escravidão, sem condições de cuidar de sua própria liberdade. Dentro deste imaginário racista, citemos, um artigo do jornal republicano, O Artilheiro, onde se estabelece as diferenças entre o branco e o negro:

> Os pretos, que por mais que se esforcem, por mais que se fatiguem, nunca melhoram de sorte, nem saem de sua humilhante condição, e isto se deve entender, tanto com os que existem entre nós, como mais genericamente com as diversas nações, que deles há em África, sempre abatidos, sempre ignorantes e sempre escravos.[17]

O escravo era considerado um bem móvel, e segundo a doutrina liberal, o Estado não podia intervir na propriedade. Se o escravo de um farroupilha sentasse praça no Exército, seu proprietário deveria ser indenizado. Além disso, examinando a correspondência do ministro Domingos José de Almeida, encontra-se uma quantidade imensa de reclamantes solicitando baixa de seus escravos recrutados pelo Exército republicano. A deserção do negro liberto determinava a sua volta como cativo. Quando um escravo dos imperiais era capturado, podia optar entre servir ao exército rebelde ou continuar como escravo, agora de propriedade da

[16] Ibidem., p. 404.
[17] Ibidem., p.189.

República Rio-Grandense. Portanto, em nenhum momento houve extensão dos princípios liberais republicanos aos escravos, estes ganharam a liberdade como incentivo de pegarem em armas em uma revolução que não era sua, e nem pretendia ascendê-los em escala social. A inserção do negro na Guarda Nacional, praticamente formada pelo exército farroupilha, foi mera contingência de falta de soldados brancos.[18]

Existiu durante a formalização do Exército farroupilha uma classificação estamental por raça e classe social que pode ser considerada como a legitimação de um Exército discriminatório. O ministro da Guerra, José da Silva Brandão, organizou as forças armadas farroupilhas em 1838, classificando os diversos corpos de acordo com as condições sociais dos soldados. Na cavalaria, armados de clavina e espada, serviam os brancos. Índios e negros sentavam praça na cavalaria, armados de lança. A artilharia preenchia seus quadros com brancos instituídos. Na infantaria engajavam os índios e negros menos ágeis ou mais boçais, tudo de acordo com decreto governamental da República Rio-Grandense.[19] Sendo assim, é notório que o governo farroupilha não almejou a abolição da escravatura, nem mesmo pretendeu suavizar as desigualdades sociais, permanecendo, dessa forma, a perpetuação deste sistema classificatório e excludente.

O enaltecimento à figura do "*gaúcho*", uma denominação que atualmente é tomada como expressiva da totalidade dos nascidos no estado do Rio Grande do Sul, não se constituía na mesma definição do século XIX. No período farroupilha o termo *gaúcho* era pejorativo, designando os componentes de um grupo social formado por índios, negros fugidos, desertores, bandidos e vagabundos que habitavam a Campanha do Rio Grande do Sul, do Uruguai e da Argentina. Então, o que hoje se valoriza como o elemento alicerçador de nossa cultura local era durante o período da guerra farroupilha visto como inferior, marginalizado na sociedade.[20] Como o período histórico em que pesquisamos possuía uma sociedade alicerçada na propriedade privada da terra, os desenraizados como os gaudérios, gaúchos, vadios e malandrins não pertenciam à categoria de cidadãos, reforçando a dicotomia opressiva entre proprietários e não proprietários. Estes indivíduos nem eram os peões, capatazes e agregados da estância, pois não possuíam emprego fixo, sendo explorados com baixos salários no período da safra e da lide com o gado. Portanto, a mitificação do "*gaúcho*" pelo tradicionalismo, reforçada pela mídia e governo, dificulta o estudo do gaúcho histórico como

---

[18] Ibidem., p. 190.
[19] Ibidem., p. 174.
[20] Ibidem., p. 225.

ele realmente se caracterizava, mascarando as tensões sociais que existiram na Província do Rio Grande do Sul, e que foram mantidas durante a Revolução Farroupilha.

Os valores moralizadores que se imaginam estar presente no caráter e nas ações dos líderes farroupilhas têm respaldo na historiografia produzida por alguns autores. Alcides Lima, Assis Brasil, Cezimbra Jacques, Alfredo Varela e João Borges Fortes criaram e cultivaram o "mito açoriano", onde pretenderam formar uma "nova raça" no Rio Grande do Sul, calcada nas influências portuguesas. Tal genética dispunha de valores superiores, permeada pelos princípios morais de ordem, amor pela liberdade, culto à honradez, caráter forte, destemor e respeito pela verdade.[21] A construção deste perfil excluiu as outras etnias que ajudaram a formar a diversidade multi-étnica do sul-rio-grandense, regrada pela intensa mestiçagem. Os povos indígenas, negros, espanhóis, platinos e posteriormente ítalos e germânicos estiveram presentes na constituição cultural e antropológica do habitante do Rio Grande do Sul, além de inúmeras outras etnias, caracterizando a sua complexidade genética. Portanto, é questionável a aceitação de um "mito fundante" discriminador como legítimo representante da conformação sócio-cultural sul-riograndense, onde manipula-se o imaginário para atender a interesses contemporâneos geralmente identificados pela história como farsa, arquitetando perfis históricos impassíveis de deslizes ético-morais por enquadrarem-se em um arquétipo ideologizado.

Walter Spalding constitui-se em um dos historiadores tradicionais que enfocaram a Revolução Farroupilha como uma luta pela liberdade e pelo nativismo.[22] Ao lado dele podemos enumerar, outros historiadores como Dante de Laytano, Olyntho Sanmartin, Souza Docca e Assis Brasil.[23] Estes estudiosos superaram a idéia de que o movimento teve como finalidade a constituição de uma República, ressaltando o desejo de nacionalização que a região possuía, pois a proclamação da Independência do Brasil havia acontecido há poucos anos e os habitantes da Província não desejavam ser vistos como estrangeiros ou separatistas. Esta prerrogativa pode servir de exemplo do porquê grande parte da população não aderiu ao levante revolucionário, justamente pelo receio de serem vistos como desagregadores do sistema político que a nação brasileira recém inicializava. Entretanto, estes historiadores colocam os líderes farroupilhas dotados deste sentimento patriótico nacionalista, quando na verdade a causa do descontentamento era primordialmente econômica. Sendo assim, a

---

[21] FLORES, Moacyr. **República Rio-Grandense**: realidade e utopia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
[22] SPALDING, Walter. **A Revolução Farroupilha**: história popular do grande decênio, seguido das efemérides principais de 1835-1845, fartamente documentadas. São Paulo: Editora Nacional; [Brasília]: INL, 1980.
[23] FLORES, Moacyr. **Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984. p. 44.

rebelião não obtinha uma visão política ideológica tão definida, lembrando que ela não estava guarnecida com somente uma visão política, prevalecendo as reivindicações econômicas pessoais dos estancieiros como motivadoras da sua deflagração. Como comprovação desta afirmação, podemos lembrar que os comandantes do conflito obtiveram todos os gastos com o governo temporário de nove anos ressarcidos através de acordo com o Império. E este ponto era essencial para que a "paz" se concretizasse e os confrontos bélicos cessassem.

Apesar do livro de Jorge Telles estar dentro das abordagens mais recentes acerca da Revolução Farroupilha, nota-se uma certa inclinação e simpatia pela causa rebelde farrapa, posição esta que já se encontra definida na escolha do título. Basicamente, sua obra limita-se a narrar os acontecimentos de forma cronológica, destacando os principais percursos dos combates militares desde a explosão armada de 20 de abril de 1835 até o cessar fogo de 1845 em vista da "Paz de Ponche Verde".[24] A obra de Telles insere-se no campo historiográfico em que prefere dotar o fenômeno histórico em torno de uma causa justa, incorporando no centro do país, isto é, o Império do Brasil, localizado no Rio de Janeiro, um fator opressor e tirânico. Tal estudo acaba por repetir generalizações antigas, idealizadoras da Revolução Farroupilha, que já estão sendo superadas por historiadores mais recentes. Sua análise conforma-se em uma visão simplificadora do movimento, negligenciando elementos que trariam a complexidade em que ele é constituído.

A figura humana lembrada como maior expoente da Revolução Farroupilha repousa sobre o nome de Bento Gonçalves da Silva. Este iniciou sua vida como tropeiro, voluntário do exército de D. Diogo, comandante da fronteira de Jaguarão, chegando após alguns anos ao posto de coronel no exército Imperial e comandante geral da Guarda Nacional. Era casado com Dona Caetana Garcia, filha de Narciso Garcia, natural de Espanha e um dos maiores contrabandistas de gado na fronteira. Bento descendia de uma poderosa família, pois seu pai, Joaquim Gonçalves da Silva, foi vereador em Porto Alegre e comandante da milícia, configurando-se na segunda autoridade militar no Rio Grande do Sul. Com a concretização do movimento farroupilha em 1835, Bento Gonçalves transformou-se no chefe militar e político de maior poder. Ocupou a presidência efetiva da República Rio-Grandense de 1839 a 1843. Seu mandato foi marcado por inúmeros conflitos entre a maioria monarquista, a qual ele pertencia, e a minoria republicana, além do seu estranhamento com a realização dos trabalhos da Assembléia Constituinte. Sua saída da presidência, em agosto de 1843, também se deveu

[24] TELLES, Jorge. **Farrapos a guerra que perdemos**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2002.

ao assassinato de um de seus vices, Paulino da Fontoura, o qual a oposição atribuiu ao seu mando.

Os integrantes do levante armado de 1835, o qual durou 10 anos, defendiam os preceitos do liberalismo. A ótica liberal do século XIX consistia no fortalecimento do poder legislativo e no combate às idéias centralizadoras do absolutismo, no caso, concentradas no poder executivo, exercido pelo Império do Brasil. Entretanto, liberalismo não era sinônimo de "República". As idéias liberais poderiam viger em uma monarquia constitucionalista. Esta era a posição da maioria dos chefes militares. A alavanca propulsora da revolução foi o desejo por mudanças políticas, ou seja, maior autonomia no âmbito regional da Província, e a conservação das estruturas sociais e econômicas. O uso do termo farroupilha, expressão utilizada no século XIX no Brasil, que geralmente identificava os liberais exaltados**,** não significa que a revolução fora realizada pelo povo; seu uso teve como objetivo atrair as massas, pois os liberais, coerentes com sua doutrina, não pretendiam dar ao povo nenhuma participação no governo.[25]

Defendendo a supremacia do poder legislativo, conforme os preceitos liberais que nortearam a revolução, um grupo dos farroupilhas, os republicanos, exigia a instalação da Assembléia Constituinte e Legislativa. Desejavam que o presidente da República Rio-Grandense, Bento Gonçalves, perdesse seus poderes discricionários, justificados pelo estado de guerra. No entanto, Bento assumiu uma postura anti-liberal, beirando à ditadura do executivo, ao protelar ao máximo a abertura da Assembléia Constituinte. Sua atitude autoritária levou Tristão de Alencar Araripe a condicionar o governo da República Rio-Grandense como ditadura militar, argumentando que em seu funcionamento nunca houve comícios para eleger seus magistrados, apenas um simulacro de constituinte.[26] O historiador sul-rio-grandense Moacyr Flores constatou que muitos sulistas liberais escolheram a monarquia constitucional como forma de governo por medo de que o movimento revolucionário degenerasse em caudilhismo ou em ditadura militar.

Eric Hobsbawm constata que muitas vezes o critério de produção de historiografia acaba sendo a "história que é boa para nós"- "nosso país", "nossa causa", ou simplesmente "nossa satisfação emocional".[27] No caso do Estado sul-rio-grandense configura-se a versão do

---

[25] FLORES, Moacyr. **Modelo político dos farrapos***:* as idéias políticas da revolução farroupilha. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1978. p. 24.
[26] Ibidem., p. 117
[27] HOBSBAWM, Eric .**Sobre História** / Eric Hobsbawm; tradução Cid Knipel Moreira. _ São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 285.

"nosso Estado", "nossa gente", "nossa tradição" e "nosso orgulho". Esta conformação acaba criando uma espécie de discriminação contra aqueles que não concordam com a doutrina aculturadora do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho), transformando-os em cidadãos de segunda ordem. Este sentimento de intolerância com o outro, exercitado pela arrogância dos tradicionalistas, joga um estigma contra o povo do Rio Grande do Sul como se ele estivesse motivado unicamente pela propagação de uma cultura pretensiosa em substituição às demais manifestações culturais. Tal postura propicia o aparecimento de campanhas populares cada vez mais freqüentes em outros Estados da federação de "Fora gaúchos".[28]

Sendo assim, o tradicionalismo e a imprensa consagram constantemente através de calendários comemorativos, desfiles na Semana Farroupilha, invernadas artísticas nas escolas e programas culturais direcionados uma ilusão a respeito do passado do Estado do Rio Grande do Sul. Dessa forma, impossibilitam a sociedade de conhecer sua história de riqueza e complexidade. Nesse sentido, a manipulação da história atinge a um patamar de proporções assustadoras, onde o mito assume o lugar do conhecimento histórico, colocando-o como verdade inquestionável e impassível de crítica. A "representação" toma o lugar da realidade.

[28] Manifesto contra o Tradicionalismo.

2º CAPÍTULO: HISTORIOGRAFIA IMBUÍDA DE ELEMENTOS COMPROVADORES DA CISÃO FARROUPILHA

Há inúmeros historiadores especialistas no evento histórico da Revolução Farroupilha que demonstram evidências a respeito da existência de divergências entre os líderes do movimento armado. Apoiando-se em farta documentação, estes estudiosos lançam elementos comprovadores para a afirmação de que a cisão farroupilha constituiu-se em realidade. Suas obras bibliográficas contêm indícios que possibilitam a confirmação da problemática desta pesquisa, enumerando diversos exemplos verificáveis de que a maioria dos líderes farrapos divergia irreconciliavelmente, assumindo muitas vezes uma posição inimiga frente a outros comandantes.

Segundo Moacyr Flores, persistiu durante a República Rio-Grandense o confronto entre o absolutismo e o liberalismo, através das atitudes de Bento Gonçalves da Silva e do movimento oposicionista de deputados na Assembléia Constituinte e Legislativa.[29]

Durante o ano de 1839, o vice-presidente, José Mariano de Matos convocou de imediato a reunião do Conselho de Procuradores Gerais dos Municípios, aproveitando a ausência do presidente Bento Gonçalves da Silva, que se encontrava em viagem a Paisandu, Uruguai, em encontro com Frutuoso Rivera. Tal atitude reforça a assertiva de que Bento não pretendia abrir mão de seus poderes, protelando ao máximo a reunião do Conselho de Procuradores. E como tal não permitir que os deputados constituintes exercessem sua função legislativa na sua totalidade. A 1ª sessão do Conselho aprovou a imediata instalação da Assembléia Legislativa para início de 1840, que teve vida efêmera, com o funcionamento de apenas três sessões, realizadas no município de Alegrete. Devido a boatos de conspiração contra o presidente da República, surge na Assembléia, o projeto de suspensão das garantias

[29] FLORES, Moacyr. **Modelo político dos farrapos***:* as idéias políticas da revolução farroupilha. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1978.

individuais, o qual permitia que Bento Gonçalves continuasse governando de maneira absoluta, sem dividir o poder com o legislativo.

Nutrido pelo medo da conspiração política do legislativo, Bento demitiu seu Ministro da Fazenda e da Guerra, Manuel Lucas de Oliveira, acusando-o de pretender ocupar o cargo de presidente. Ofendeu o padre Francisco das Chagas Martins Ávila e Souza (vigário apostólico da República Rio-Grandense) e o tenente-coronel Felisberto Machado de Carvalho Ourique. Na onda de ataques e represálias, impôs censura prévia, contrariando a própria Constituição que ajudou a formular, demitiu funcionários e oficiais sem especificar os motivos, promulgou leis de confiscações de bens, prometeu dar recompensas a denunciantes, e por fim decretou pena de morte sem precisar os crimes.[30]

Como último ato de um verdadeiro monarca, Bento Gonçalves promulgou lei que restringiu a Assembléia como simples executora de sua vontade soberana enquanto chefe de Estado. A oposição reagiu elaborando um Manifesto, em 18 de fevereiro de 1843, o qual tinha por objetivo incriminar o presidente da República e defender o patriotismo da minoria. Entendia que como o presidente comportava-se como um verdadeiro tirano, deveria romper o contrato social entre governantes e governados, de acordo com os preceitos difundidos pelo liberalismo. A oposição se utilizou também do Manifesto para atribuir a Bento Gonçalves uma impopularidade no Exército:

> Não é de agora que uma opinião fortíssima se tem declarado contra o Presidente da República. A maioria do nosso exército o considera um general que trazia a desgraça apar de si; e convém confessar com sinceridade, que ou fossem efeitos dos caprichos da volúvel fortuna, ou meramente um resultado natural das disposições do mesmo general, a infelicidade acompanhou sempre estes senhores e marcou todos os seus passos e operações como comandante em chefe do exército, excetuando unicamente as batalhas de Setembrina, a retirada sobre o Gravataí e a ação sobre o Arroio dos Ratos.[31]

O duelo de Onofre Pires e Bento Gonçalves também serve de comprovação para a afirmação da cizânia existente entre os chefes do movimento farrapo. A luta entre os dois teve como motivo uma carta de Onofre a Bento, acusando-o de ladrão de honra e ladrão da pátria.[32] O duelo teve como resultado um ferimento no braço de Onofre, que culminou em sua morte momentos depois no acampamento farroupilha.

---

[30] Ibidem. p. 165.
[31] Ibidem. p.167.
[32] Ibidem. p. 167.

Moacyr Flores conclui que a Revolução Farroupilha insere-se no contexto das revoluções brasileiras que procuraram impor o ideário liberal, ou seja, maior autonomia ao poder legislativo a fim de evitar a ditadura do executivo. No entanto, detectou que Bento Gonçalves da Silva atrapalhou o objetivo da insurreição ao assumir uma postura anti-liberal ao assumir a presidência, deixando de convocar e permitir que a Assembléia Constituinte e Legislativa exercesse sua função.

Escrito de maneira mais didática e simples como forma de cativar os leitores mais leigos, Moacyr Flores tem no seu currículo bibliográfico, *Revolução Farroupilha*, onde encontramos outra análise importante acerca do movimento. Flores aborda aspectos geográficos que formavam a Província naquele período do século XIX, caracterizando as peculiaridades sociais e econômicas dos 14 municípios que a constituíam, sendo que os mais importantes eram Porto Alegre, Rio Pardo, Pelotas e Rio Grande. Ressalta o charque como principal produto de comercialização e exportação da região, além de constatar que as concessões ao café brasileiro produzido nas regiões de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro eram prejudiciais ao mercado interno realizado pelos sul-rio-grandenses. Critica a importação de artigos dos Estados Unidos realizada pelo Império como uma forma desinteressada de constituir um mercado interno eficiente no país.[33]

As relações internacionais da Província com os países platinos também são abordadas por Moacyr Flores. Compreende a relação de Bento Gonçalves e o caudilho Juan Lavalleja como uma política de companheirismo. Insere a Revolução farroupilha como um movimento liberal que pretendia a liberdade garantida pelas leis, a federação compreendida como uma autonomia da Província e do município. Além disso, o movimento só foi classificado como “revolução” porque, de acordo com o conceito liberal da época, houve uma mudança na forma de governo. Pela primeira vez no país, instituiu-se de fato um governo republicano, de 1836 a 1845, abrangendo partes da Província do Rio Grande do Sul, Lages e Laguna em Santa Catarina. Entretanto, o governo farroupilha jamais foi reconhecido pelo Império do Brasil, sempre existindo, durante os anos de confronto militar, o governo oficial da Província, considerado legalmente o único, dominando as principais cidades da região e a maior parte do território sulino.

A autonomia provincial exigida pelos artífices do movimento pode ser destacada como um dos fatores que desencadeavam desentendimentos. Os cargos públicos e governamentais eram motivos de discórdia, já que cada um pretendia abocanhar a maior parte para proveito

---

[33] FLORES, Moacyr. **Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

próprio e de seus apadrinhados. A igualdade arduamente defendida pelos seus líderes seria conferida apenas no sentido do corpo de leis, onde a garantia de liberdade e respeito era conquistada no plano da propriedade privada da terra. Sendo assim, Flores conclui que a Revolução Farroupilha parecia tratar-se de uma causa essencialmente reivindicatória.

Uma das mais recentes produções bibliográficas de Moacyr Flores é *República Rio-Grandense: realidade e utopia*, lançado em 2002.[34] Nela, Moacyr trabalha com diversos aspectos da sociedade sul-rio-grandense, inseridos no panorama político e social da República Rio-Grandense, instituída pelo governo farroupilha de 1836 a 1845. Percebe-se em sua análise o estudo sucessivo entre as relações entre o tempo histórico, de média e curta duração, com o tempo geográfico de longa duração, estabelecendo as estruturas da sociedade rural e urbana, as funções familiares e de compadrio, a economia escravista e de trabalho livre. Como fator de relevância para o desenvolvimento deste trabalho, Moacyr aborda as contradições políticas dos revolucionários farroupilhas, desencadeadas também por elementos de ordem pessoal.

Segundo Moacyr Flores a Revolução Farroupilha iniciou em 20 de setembro de 1835 com a união de diferentes correntes liberais, em torno do comandante da Guarda Nacional, cel. Bento Gonçalves. A proclamação da República proveio da corrente exaltada ou farroupilha, a qual entregou a presidência a Bento Gonçalves com o intuito de conservar o poder militar, todavia acabou perdendo a direção da guerra para a corrente mais moderada, da qual Bento era um dos líderes. Como tentativa de retomar seu poder, a corrente farroupilha, em 1842, utilizou-se da Assembléia Legislativa, elegendo seu presidente e convocando novas eleições para presidência da República. Porém, já explicitamos que Bento Gonçalves dificultou o funcionamento do poder legislativo, tomando uma série de medidas restritivas para a sua efetivação, como principal delas, a suspensão das garantias individuais, inclusive para os deputados da Assembléia. As pressões sofridas pela Assembléia constituinte foram retratadas por artigo no jornal *Estrela do Sul*, onde houve protesto contra o despotismo de Bento Gonçalves: "deixa de existir o equilíbrio dos poderes desde que o supremo magistrado de uma nação é inviolável e não tem responsabilidade, ninguém ignora que faltando a esse equilíbrio, segue-se imediatamente o despotismo".[35]

Padre Chagas, David Canabarro, Santa Bárbara e Paulino da Fontoura formavam o partido de oposição ao governo. Mais tarde, quando Antônio Vicente da Fontoura caiu do

---

[34] FLORES, Moacyr. **República Rio-Grandense**: realidade e utopia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
[35] Ibidem. p. 433.

Ministério da Fazenda, juntou-se à oposição, ao lado de seu irmão Paulino da Fontoura. Domingos José de Almeida protestou contra Vicente da Fontoura, chamando-o de "perverso vendido ao governo do Brasil, já deixou de envergonhar a República, descendo do ministério que manchou e de onde promovia o enterro da causa rio-grandense, a tanto custo sustentada desde 1835". [36]

Os deputados constituintes da oposição responsabilizavam os chefes militares pelos despotismos e vexações que oprimiam o povo, além de se negar a discutir e votar o projeto que concedia poderes discricionários ao presidente. Enquanto isso, os deputados fiéis ao presidente Bento Gonçalves burlavam o regimento da Assembléia, mesmo quando não havia número suficiente para quorum. O projeto de suspensão das garantias foi aprovado graças ao comparecimento dos suplentes, pois os deputados oposicionistas não participaram da sessão. A situação de tensão entre governistas e oposicionistas chegou ao seu ápice quando houve coação por ameaça ou violência. O estacionamento de tropas militares subordinadas a Bento Gonçalves em frente ao prédio da Assembléia, em dezembro de 1842, constituiu-se em uma forma de intimidação. O atropelamento por cavalos aos deputados da oposição quando *chimarreavam* no pátio de uma casa foi outra forma do uso da violência. As intrigas intensificaram-se ao ponto de, na noite de 3-2-1843, um grupo mascarado atacar o deputado e vice-presidente da República Paulino da Fontoura na porta da sua casa. Durante a agonia de Paulino, poucos dias antes de sua morte, a banda do Exército chegou a tocar músicas alegres em frente à sua casa. Tal manifestação pouco convencional dava idéia da tamanha discórdia que os farroupilhas haviam chegado. A intriga política chegou ao clímax com o duelo de Onofre Pires e Bento Gonçalves, em 27-2-1844. A morte de Onofre Pires tumultuou ainda mais as relações entre os líderes, que passaram a agir isoladamente, apesar do comando geral de David Canabarro.[37]

A menção ao contrabando como ação existente da República Rio-Grandense é explorado por Moacyr. Seu comércio com Montevidéu foi considerado contrabando por Guilhermino César, o qual prejudicou a arrecadação com o Império do Brasil. Antes mesmo da eclosão do conflito farroupilha, Bento Gonçalves já havia sido acusado de contrabandear gado do Uruguai, e durante a sua permanência como presidente da República Rio-Grandense foi muitas vezes conivente com esta ilegalidade em favor de seus amigos. João Raimundo em 16-6-1839 ao conduzir tropa de bestas para São Paulo pediu prazo para o pagamento dos

[36] Ibidem., p. 425.
[37] Ibidem., p. 435.

impostos de exportação, o que foi atendido por Bento, intercedendo pelo amigo em carta ao ministro da Fazenda. Em 1-10-1839 também interferiu por Paulino Aires de Aguirre, pedindo maior prazo para o pagamento do imposto de exportação. Estas e outras situações foram executadas por oficiais e funcionários, colocando o contrabando como uma conivência nas operações comerciais dos dirigentes farroupilhas.

Intrigas e acusações de corrupção entre os integrantes do governo ocasionaram a demissão do Ministro da Fazenda, Interior e Guerra, Domingos José de Almeida, em novembro de 1841, um dos principais mentores do governo republicano. A oposição o acusou de enriquecer ilicitamente, desviando gado para uma estância de sua propriedade da Banda Oriental, e de que a dívida do Estado com o comerciante uruguaio Victorica era apenas de 900 mil réis e não de 5 milhões de réis, como Almeida dizia, alegando ser fiador com 17 escravos de sua propriedade junto ao comerciante. Antônio Vicente da Fontoura assumiu o Ministério no lugar de Almeida em janeiro de 1842, promovendo o exame da contabilidade dos cofres republicanos. Após a nomeação de Fontoura, Almeida enviou cartas a diversos comerciantes, destacando a sua “incapacidade”, jogando-lhe a culpa pela crise da República, além de cobrar os empréstimos que o governo lhe devia. Fontoura, por outro lado, negava-se a pagar o montante que Almeida exigia, acusando-o de complicar suas contas para ocultar as irregularidades que havia cometido.[38] Por fim, só houve acordo após o término da Revolução, onde Almeida teve parte de sua dívida reconhecida pela Comissão de Indenização, tendo que arcar com a outra parte no pagamento a seus credores, desfazendo-se de seus últimos escravos.

Apesar de condenar a corrupção e o autoritarismo do Império do Brasil, paradoxalmente os líderes farroupilhas favoreceram amigos, parentes e compadres na realização de seus anseios econômicos, inclusive em contratos de estâncias tomadas dos inimigos imperiais, prejudicando a credibilidade da governabilidade da República Rio-Grandense. Dentro da utopia revolucionária, a república é apresentada como uma nova nação com igualdade, fraternidade e humanidade, todavia, para Moacyr Flores não houve *igualdade* porque a República Rio-Grandense não libertou os cativos em geral, apenas os capturados do inimigo e que optaram por lutar como soldados republicanos. Também não atingiu a *fraternidade* porque o Exército revolucionário armava três acampamentos, um para os

---

[38] Ibidem., p. 418.

brancos, outro para os índios e um terceiro para os negros. Em relação à *humanidade*, ela não pode existir em um sistema revolucionário.[39]

A produção historiográfica de Spencer Lewis Leitman, *Raízes socioeconômicas da Guerra dos Farrapos*[40] é um dos estudos mais completos e abrangentes acerca do movimento farroupilha. Sua abordagem percorre por um contexto que tem a preocupação de abarcar as relações internacionais da Província, principalmente entre os países platinos. Além de elencar vários elementos da situação econômica sul-rio-grandense, chegando ao eixo de sua explicação como uma causa reivindicatória por parte da elite farrapa descontente. O descontentamento sul-rio-grandense firmava-se primeiramente em queixas econômicas. Seus produtos pecuários, em competição direta com Montevidéu e Buenos Aires pelo controle do charque brasileiro, eram vítimas de uma legislação discriminatória. A independência uruguaia em 1828 e o desinteresse do Rio de Janeiro pela situação econômica dos proprietários sul-rio-grandenses, foram fatores que reduziram o fluxo bovino diminuindo os lucros e retardando a expansão da indústria pecuária.

Spencer desmistifica o republicanismo farrapo, visto como separatista e radical, tendo como propósito afirmar que a causa tratava-se da reivindicação de uma autonomia em prol da classe dominante. Um aspecto interessante em sua obra revela-se no estrategismo militar, utilizado pelos generais, explicitando o raciocínio de quais regiões seriam o ponto-chave para a sua tomada, como também aponta erros graves de planejamento de guerra, principalmente de Bento Gonçalves. Lembremos que a falta de tino militar de Bento Gonçalves foi explorada pela sua oposição com o intuito de desgastar sua imagem e também como retaliação à sua linha dura no andamento do processo legislativo da República Rio-Grandense. Na concepção de Spencer a guerra também serviria como um instrumento de obtenção de riqueza e poder para os comandantes de seu planejamento, porém tal riqueza não viria para a modificação do sistema econômico-social da maioria da população. Por essa razão, Leitman acredita que a formalização de um governo em separado do oficialmente legalizado serviu para a legitimação dos negócios particulares da elite sul-rio-grandense. Esta observação vem ao encontro da questão caudilhesca dos generais militares constatada por Spencer, a qual contribuiu para os conflitos internos na medida em que se preocupavam primeiramente na satisfação de seus interesses pessoais, e para isso, controlavam seus seguidores fiéis, ocasionando choque de opiniões e desejos.

---

[39] Ibidem., p. 327.
[40] LEITMAN, Spencer Lewis. **Raízes socioeconômicas da Guerra dos Farrapos**: um capítulo da história do Brasil no século XIX . Tradução de Sarita Linhares Barsted. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

Os planos estratégicos do Barão de Caxias também são percebidos em sua pesquisa, a qual nota que a interceptação do gado dos farrapos na comercialização com Laguna e a recolocação dos escravos longe das áreas rebeldes provocou abalo na economia da República Rio-Grandense, devido ao declínio da pecuária e a falta de mão-de-obra e de novos recrutas. Com isso, notamos que enquanto houve gado suficiente na região da Campanha, as lutas entre as elites farroupilhas foram mínimas, pois os principais líderes do movimento puderam utilizar o aparato político-militar do seu governo para promover seus objetivos econômicos. Como também manipular os recursos econômicos, distribuindo-os entre si, a fim de evitar as tensões em potencial. Sendo assim, no período de 1841 a 1845, aumentou o conflito entre as elites dos farrapos, devido ao declínio da pecuária na Campanha. Spencer Leitman, por fim, constatou que no governo farroupilha grassava a discórdia política, nos seus anos finais, e que Caxias estava a par de tudo o que se passava entre eles, e que, através de intrigas, conseguiu ganhar terreno, explorando eficientemente estas divergências, com o fito de apressar o fim da guerra.[41]

Sandra Pesavento, em sua obra, *A Revolução Farroupilha*, interpreta a tendência idealista da historiografia regional na construção do mito que se transformou em um dos acontecimentos mais festejados do Rio Grande do Sul. A ótica desse discurso historicista está marcada pelo marco teórico-metodológico positivista, com a finalidade de legitimação da dominação e hegemonia do grupo agropecuarista da sociedade civil. Compreendemos que os elaboradores desta ideologia mitificada conformaram uma visão distorcida a respeito da Revolução Farroupilha e que deixou de fora da historiografia sulina vários aspectos importantes da análise deste conflito. Um dos aspectos foi a existência da cisão entre os líderes farroupilhas, a qual foi silenciada na omissão de vários acontecimentos que a comprovam.

A idéia principal da pesquisa de Sandra é compreender e explicitar a dicotomia entre os senhores de terras gaúchos e sua conflituosa relação com a oligarquia central do país, concentrada na Corte do Rio de Janeiro. Chega à configuração da economia sul-rio-grandense apontando seu perfil definido como uma economia mercantilizada e fornecedora do mercado interno brasileiro. Define que a região caracterizou-se por possuir uma sociedade militarizada em função das lutas constantes com os castelhanos, além de servir como caminho de acesso ao contrabando do Prata, por onde escoavam as riquezas de Potosí. Então, no início do século XVIII, o Rio Grande do Sul apresentava-se dotado de um atrativo econômico (os rebanhos de

[41] Ibidem., p. 45.

gado) e uma função político militar estratégica (a preservação do contrabando no Prata). Esse cenário de batalhas promoveu um recrutamento constante e generalizou o sentido de hierarquia e disciplina, bem como militarizou os hábitos e fez do autoritarismo uma prática constante.[42]

O livro *História; ensino e pesquisa* publicado em 1985 teve como intenção provocar um debate a respeito da Revolução Farroupilha. Escolhemos o artigo da professora Helga Piccolo para elucidar questões importantes que muitas vezes não foram tratadas com o devido cuidado por inúmeros historiadores. A expressão "revolução" como denominação do movimento armado de 1835 a 1845 é contestada por Helga, pois não houve intenção de mudança nas estruturas do sistema vigente, sendo mais viável "guerra civil". A suposta separação do Brasil com a Proclamação da República, em 11 de setembro de 1836, teve caráter estratégico, não sendo essa a finalidade do movimento, elucida Helga. Do contrário, a intenção separatista já se expressaria um ano antes quando o conflito havia iniciado. Muitas vezes dota-se o conflito farroupilha como defensor da causa abolicionista, porém, na opinião de Helga, a alusão à libertação de escravos se explica pela necessidade de aumentar as tropas, sendo que os negros eram tratados com discriminação dentro da hierarquia militar, proibidos de utilizar armas de fogo e cavalos. Além disso, houve polêmica na libertação dos escravos que serviram à causa farrapa após o acordo de Ponche Verde em 1845, já que os donos desses escravos exigiram o seu retorno por não acreditarem na legitimidade do governo farroupilha. A questão foi resolvida com a emissão destes escravos para o Rio de Janeiro, onde realizavam o pior tipo de trabalho forçado nas galés.[43]

A ligação dos chefes farroupilhas com os caudilhos uruguaios também foi priorizado por Helga Piccolo. Essas ligações constituíram-se em estratégias políticas sob a forma de alianças, isso é claro, pois seria interessante pensar na possibilidade do Uruguai estar interessado na separação do Rio Grande do Sul para facilitar o domínio do mercado brasileiro de charque. Essa colocação é relevante na medida em que lembramos as taxas tarifárias do governo central embutida no gado, o que acabava beneficiando as mercadorias estrangeiras, então o Uruguai poderia reinar absoluto na comercialização do charque. Esse relacionamento dos sul-rio-grandenses com os uruguaios tinha caráter diferenciado para cada caudilho, o qual sustentava uma opinião diferente a respeito do país vizinho. Cabe pensar então que ocorriam

---

[42] PESAVENTO, Sandra. **A Revolução Farroupilha**. Coleção Tudo é História. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
[43] PICCOLO, Helga. Palestra. **História; ensino e pesquisa**. V. 1-, n. 1-, 1985- Porto Alegre, Sulina. 118p. 21 cm.

desentendimentos entre as regiões vizinhas, gerando desavenças entre os líderes do bloco farroupilha, entre aqueles que eram favoráveis ao relacionamento com o Uruguai e aqueles que não o viam com bons olhos.

Tau Golin aborda claramente as dissensões farroupilhas em *A Tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul*. No último capítulo deste texto, intitulado "Lutas entre as facções farroupilhas", ele detém-se no processo de ruptura entre os farroupilhas, na baixa capacitação política, nos desejos particulares vigorantes sobre os da revolução, na reduzida representação numérica da guerra e na traição de Bento Gonçalves da Silva após deixar a presidência da República Rio-Grandense, desconhecendo a legitimidade da representação governamental que ajudou a criar.[44]

O número máximo a que o Exército farroupilha havia chegado aproximava-se em torno de 3.000 homens, nunca ultrapassando em período algum da rebelião a quantia das fileiras imperiais. Podemos considerar que este número de almas não poderia condizer com um levante representativamente significativo da maioria da população, sendo que ela era formada naquele período por 160.000 habitantes, e ainda sendo superada pelas tropas legalistas. Acrescentando ainda que este coeficiente foi definhando ao longo da guerra civil, pelas mortes, baixas e deserções, não suportando nos seus anos finais o Exército imperial do Barão de Caxias, composto com aproximadamente 12.000 homens.[45]

Tau Golin propõe um combate à fabulosa edificação cultural e ideológica feita sobre a história sul-rio-grandense, a qual demonstra cada vez mais uma capacidade de reprodução impressionante. O autor finaliza propondo a desconstituição da tradicionalidade que envolveu este fenômeno histórico ao longo dos anos, reforçada por historiadores e meios de comunicação, e a necessidade de se continuar investigando acerca da Revolução Farroupilha, atitude muito mais digna de ilustração e saber do que comemorações cívicas carentes de maiores compreensões.

---

[44] GOLIN, Tau. **A Tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegrre: Editora Tchê, 1989.
[45] FLORES, Moacyr. **República Rio-Grandense**: realidade e utopia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

3º CAPÍTULO: ANÁLISE DOS CONFLITOS APOIADA NA DOCUMENTAÇÃO DO BARÃO DE CAXIAS

O processo de divergências entre as lideranças farroupilhas atingiu o seu ápice com o assassinato do vice-presidente Paulino da Fontoura.[46] Paulino era representante da bancada minoritária e a oposição atribuiu sua morte a Bento Gonçalves. A partir deste incidente, juntamente com denúncias de arbitrariedade e corrupção, Bento renunciou à presidência da República Rio-Grandense em agosto de 1843.

Em 1842, Luís Alves de Lima e Silva, o Barão de Caxias, foi encarregado de pacificar a Província e derrotar o movimento liberal farroupilha. Caxias imediatamente, percebeu o clima de divergências entre os líderes do frágil governo farrapo. Dessa forma, estabeleceu um dos pontos de sua estratégia para destruir com a insurreição rebelde, utilizar o próprio elemento de instabilidade entre os chefes, armando uma constante campanha de acusações e difamações, com o objetivo de fomentar ainda mais as dissensões internas entre eles.

Bento Manuel Ribeiro constituía-se em um dos chefes farroupilhas mais imprevisíveis, tendo mudado de lado por diversas vezes durante a guerra. Nascido em 1783, na cidade de Sorocaba, onde se realizava a feira de mulas, veio com seu pai para o Rio Grande do Sul aos cinco anos de idade. No final do século XVIII alistou-se como soldado no regimento da milícia de Rio Pardo e, em 1823, atingiu o posto de coronel. Como recompensa por seus feitos militares recebeu grandes extensões de terra na região de Alegrete.[47] A sua flexibilidade na Revolução Farroupilha pode ser compreendida como evidenciadora da linha tênue que separava os lados opostos do conflito, os quais diversas vezes procuraram conciliar-se. Além disso, comprova que a facção farrapa não se demonstrava perfeitamente coesa, ocorrendo por

---

[46] GOLIN, Tau. **A Tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul.** Porto Alegrre: Editora Tchê, 1989. p. 84.

[47] LEITMAN, Spencer Lewis. **Raízes socioeconômicas da Guerra dos Farrapos**: um capítulo da história do Brasil no século XIX .Tradução de Sarita Linhares Barsted. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 155.

diversas vezes falta de parceria entre os camaradas do movimento, normalmente ocorrida pela insatisfação no campo pessoal. No caso de Bento Manuel, suas ações políticas estavam mais diretamente ligadas às terras para seu gado do que com suas tendências políticas.

Na deposição do governo da Província em 1835, o apoio de Bento Manuel foi crucial, pois era um chefe militar muito conceituado entre os habitantes da zona da fronteira de Alegrete, admirado em toda a Província por seu estilo frio e calculista.[48] Todavia, considerava que a deposição de Braga e a nomeação de outro presidente eram suficientes para a satisfação dos propósitos liberais, ou seja, o rompimento do contrato entre governante e governados. Por isso, quando José de Araújo Ribeiro assumiu o cargo, Bento Manuel passou para o lado dos imperiais. Porém, em 1837, durante a gestão de Antero José de Brito como presidente da Província ocorreu demissões de funcionários públicos apadrinhados de Bento Manuel Ribeiro. Em vista disso, Bento resolveu prender Antero de Brito quando este se dirigia de Porto Alegre a Caçapava a fim de reunir as forças imperiais, marcando dessa forma o seu regresso à facção farroupilha. Todavia, em 1839, a nomeação do baiano Francisco José da Rocha ao posto de tenente coronel comandante do 2º Batalhão de Caçadores do Exército republicano é desaprovada por Bento Manuel, que mais uma vez troca de lado e passa para os imperiais definitivamente.

A incorporação de Bento Manuel Ribeiro provocou desagrado entre alguns imperiais, inclusive do próprio Imperador, porém Caxias seguiu com rigor seu propósito de anistiar a todos o que desistissem da causa rebelde, e ter as tropas de Ribeiro nas hostes militares enriqueceria muito o poder bélico legalista. Observamos este comportamento através de ofício do Barão de Caxias ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, Salvador José Maciel:

> Quando fui nomeado Presidente desta Provincia, e Commandante em Cheffe do Exercito nella em operações tive ordem expressa do Governo de S. M. O Imperador para não empregar em commando de força Legal ao Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, e tendo dividido o Exercito em Divisões não o comtemplei em nenhuma dellas, declarando em ordem do Dia que o Dito Brigadeiro ficava pertencendo ao Estado Maior do Exercito; e me constando que elle se chocará por isso, rogo a V.Exª haja de declarar-me se posso ou não emprega-lo em commandos ao mesmo Brigadeiro, e confiar délle forças isoladas do grosso do Exercito Devo declarar a V.Exª que grande indisposição existia da parte dos cheffes das Cavallarias contra o

---

48 Ibidem., p. 28.

> mesmo Brigadeiro, mas essas indisposições, vão acalmando em alguns com as maneiras persuasivas que tenho empregado.[49]

No ofício do Barão de Caxias ao Ministro de guerra Salvador José Maciel, enviado no dia 23 de junho de 1843, contendo informações sobre o combate travado no dia 8 de junho contra os rebeldes farroupilhas, existe informações que confirmam o estado de desunião dos líderes do movimento rebelde. A operação militar se deu na costa do arroio de Santa Maria Chica, entre o tenente coronel das forças legalistas Francisco Pedro d'Abreo, liderando 130 praças do 5º Corpo de Cavalaria e 56 do 6º, contra 500 farroupilhas liderados por João Antônio, Portinho e Ismael. Entre o apresamento de 140 cavalos do inimigo, Francisco Pedro d'Abreo também encontrou a correspondência de João Antônio, a qual continha teor comprovador das divergências entre os comandantes da República Rio-Grandense. Caxias após a narração do confronto militar, explicitou ao Ministro da guerra que a correspondência de João Antônio demonstrava claramente que os seus "partidistas políticos; a qual mostra exuberantemente o estado de desmoralização e intriga que há entre eles".[50]

A notícia de que o comandante farroupilha Antônio de Souza Netto fora destituído do posto de general em chefe das forças rebeldes e substituído por David Canabarro foi entregue por Caxias ao Ministro da guerra, Salvador José Maciel, no dia 18 de julho de 1843, em ofício postado na localidade de Camaquã. Segundo o Barão, isto se deu devido ao descontentamento dos farroupilhas em face do atravessamento de 6.000 cavalos para as tropas imperiais que ele conseguira realizar pelo rio São Gonçalo. Nesta ocasião, Netto contava com a vantagem numérica de mais de 2.000 homens, enquanto que Caxias dispunha de 700 cavalarianos. Além dos problemas de resultados militares satisfatórios, que ocasionavam uma contraposição ainda maior entres os farrapos, havia empecilhos de natureza pessoal. Bento Gonçalves, que ainda se encontrava no posto da presidência da República Rio-Grandense, não obtinha mais o prestígio inicial, tendo Canabarro, general em chefe das tropas farroupilhas, como seu ferrenho opositor. Nas correspondências apreendidas do general farroupilha João Antônio da Silveira se encontravam cartas de Bento Gonçalves lamentando o fato de estar sofrendo tantas desfeitas por parte de seus companheiros. Em trecho do ofício de Caxias, reproduzindo parte de seus escritos, Bento confessava: "pretendo me retirar da política em conseqüência das desfeitas que tenho sofrido...".[51]

---

[49] Arquivo Caxias – Arquivo Nacional. Arquivo Doc 62. 22/02/1843.
[50] Arquivo Caxias – Arquivo Nacional. Arquivo Doc 103. 23/06/1843.
[51] Arquivo Caxias – Arquivo Nacional. Arquivo Doc 118. 18/07/1843.

O acontecimento que veio reforçar a desunião dos farroupilhas deveu-se à atitude de Bento Gonçalves da Silva ter, isoladamente, procurado Caxias, um ano antes do acordo de Ponche Verde, sem o conhecimento dos outros líderes, na tentativa de negociar o término do conflito.[52] Bento, naquele momento, já não ostentava cargo algum de maior importância, pois havia renunciado à Presidência e integrado as forças militares como mero comandante de suas tropas. E invariavelmente, o Barão reconhecia a importância da legalidade em relação à organização rebelde, pois uma conferência com ele poderia não resultar em acordo legal, nem ser reconhecido pelos demais dirigentes. Todavia, a argumentação do comandante imperial não arrefeceu os interesses de Bento Gonçalves, e Caxias recebeu nova procura:

> Recebi uma carta de Bento Gonçalves, instando novamente pela entrevista em que um mês antes me tinha mandado falar, apregoando que estava autorizado pelos demais chefes para levar a efeito tudo quanto tratasse comigo e mostrando muita vontade de ver tudo concluído amigavelmente.[53]

Após as insistências de Bento Gonçalves, Caxias resolveu encontrá-lo, pensando que nenhum mal poderia ocorrer à causa imperial com a aceitação da conferência particular. Durante o encontro, Bento expôs a sua principal preocupação, a concessão de anistia e o ressarcimento das dívidas internas e externas que os farroupilhas haviam contraído. Ao final da entrevista, o Barão encarregou-se de levar ao conhecimento do Imperador as concessões exigidas. Mas ao final de dois dias após a conferência, Bento Gonçalves informou a Caxias que o presidente da República Rio-Grandense Gomes Jardim e o comandante-em-chefe David Canabarro não reconheciam a sua representação para tratar de tal assunto, contradizendo totalmente a última carta de apelo que havia mandado ao Barão de Caxias.

O encontro de Bento Gonçalves com Caxias foi duramente criticado, principalmente porque ele demonstrou com nitidez, ao Barão, a desunião dos farrapos. E consequentemente, Caxias percebeu o estado de ruptura do governo farroupilha, comunicando-o ao ministro de guerra do Império, Jerônimo Coelho:

> Em vista do estado de desunião entre os rebeldes, não sei com quem se poderá tratar, com probabilidade de bom resultado....Os chefes que capitaneam forças estão tão

---

[52] GOLIN, Tau. **A Tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegrre: Editora Tchê, 1989. p. 88.
[53] Arquivo Caxias – Arquivo Nacional. Arquivo Doc 175. 23/03/1844.

> rivalizados entre si, que nenhum deles se poderá comprometer a qualquer arranjo amigável, receoso dos outros rivais...[54]

O delegado legalmente constituído para negociar a "paz" pelo governo farroupilha era Antônio Vicente da Fontoura, deputado, major e Ministro da Fazenda da República Rio-Grandense. Os constantes apelos de Bento e outros chefes a Caxias, levou o novo delegado a concluir que o comandante imperial passava a conhecer "a desinteligência, falta de unanimidade e até uma fraqueza...*"*[55]. Na correspondência de Fontoura aparecem insatisfações e confrontos entre os líderes do movimento como, por exemplo, uma carta à sua esposa, seis meses antes de terminar a revolução:

> Grande certamente já me parecem os dias, vendo lentamente perdidas as horas [...] nesta lida bruta, torpe de envilecimento. De envilecimento sim!, porque se ocupam quase sem exclusão os primeiros chefes de guerrearem uns aos outros com intrigas tão vis e baixas que coisa enfadonha e nojenta é referi-las.[56]

Ao utilizar as fontes dos documentos de ordens do dia do Barão de Caxias, é possível perceber a insistência de Bento Gonçalves nas negociações em resolver o término do conflito farrapo. O Barão escreveu com minúcias essas negociações, e é válido citá-las como comprovação da viabilidade deste trabalho:

> Depois de conferenciarmos mais de duas horas, vi que Bento Gonçalves, com efeito, conhecia a impossibilidade de continuar a guerra; e que queria ter ele a glória de a concluir, desviando a David Canabarro de figura como primeira pessoa neste negócio.[57]

Nota-se que devido ao intenso grau de desgaste e derrocada que havia chegado a rebelião farroupilha, o grupo que conseguisse ultimar a "paz" sairia fortalecido após o pós-guerra. Como parte de sua estratégia de instigar, de todas as formas, a rivalidade entre os chefes farroupilhas que estavam na cabeça da revolução, Caxias determinou que as iniciativas de Bento chegassem ao conhecimento do governo farroupilha, dessa forma, mantinha

---

[54] Arquivo Caxias – Arquivo Nacional. Arquivo Doc 205. 11/07/1844.
[55] GOLIN, Tau. **A Tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul**. Diário de Antônio Vicente da Fontoura . Porto Alegre: Editora Tchê, 1989.
[56] Ibidem., p.96.
[57] Arquivo Caxias – Arquivo Nacional. Arquivo Doc 199. 14/06/1844.

seriedade ao negociar com a delegação legal, e igualmente, cumpria sua resolução de provocar discórdia.

Bento Gonçalves tentou ainda defender-se, negando que havia mandado pedir anistia e que fora caluniado por Gomes Jardim e David Canabarro. Porém, o documento que chegou às mãos do governo farroupilha foi a carta em que Caxias respondia o requerimento de Bento. Ademais, o pedido de anistia, realizado por escrito, no dia 2 de outubro de 1844, intermediado pelo primo de Bento, Ismael Soares da Silva, ex-coronel e deputado sul-rio-grandense, que anistiado, já havia voltado à proteção do Império, encontra-se guardado no arquivo pessoal do Barão:

> Perante Vossa Excelência me apresento comissionado por parte dos Chefes Bento Gonçalves da Silva e Antônio de Souza Netto, para fazer saber a V. Excelência a resolução em que eles estão de deixarem o serviço em que se tem empregado pelo espaço de nove anos, resolutos a não hostilizarem mais as forças do Exército que V. Exa. Comanda, toda a vez que V. Exa. lhes envie um salvo-conduto para eles e todos os seus companheiros d'armas, que os queiram acompanhar, esperando que V. Exa. obtenha de sua Majestade o Imperador, não só o pleno esquecimento de seus erros, como uma garantia para suas pessoas, e todos os seus companheiros, quaisquer que tenham sido os seus procedimentos no tempo em que estiveram em armas contra o Império. Se V. Exa. confia no que acabo de expor, eu me responsabilizo pelo exato cumprimento do que os meus amigos mandam por mim prometer a Vossa Excelência.[58]

O salvo-conduto significava proteção do Imperador aos anistiados que desistissem da rebelião. E conforme Caxias havia determinado anistiar a todos aqueles que abandonassem a causa farroupilha, era de se esperar que ele atendesse ao pedido de Ismael. Todavia, neste pedido em particular havia o dispositivo para causar a deposição das armas, já que a anistia de Bento e Netto conduziria a uma situação de busca de entendimento final com o Império. Apesar de Bento e Netto serem naquele momento chefes secundários da revolução, exerciam ainda muita influência entre as tropas rebeldes. Para Caxias, a expedição dos salvo-condutos representava a cartada final na derrocada do movimento, tanto que manifestava sua satisfação em um ofício reservado à Coroa:

> Não duvidei mandar aos chefes Bento Gonçalves da Silva e Antônio de Souza Netto os salvo-condutos que eles me mandavam pedir. E creio que, com esse procedimento, terei dado o último golpe nos rebeldes desta Província.[59]

---

[58] Arquivo Caxias – Arquivo Nacional. Arquivo Doc 242. 02/10/1844.
[59] Arquivo Caxias – Arquivo Nacional. Arquivo Doc 241 (ofício reservado). 02/10/1844.

As conseqüências pela concessão das anistias não demoraram a aparecer, conforme o Barão previra, e Antônio Vicente da Fontoura, juntamente com o capitão Francisco Pereira de Souza foram os primeiros a manifestar indignação. Vicente da Fontoura exclamava: "os tenentes manejos dos mashorqueiros para estorvarem a conclusão da "paz".[60] O capitão Souza reclamava de Ismael, primo de Bento que intermediou o pedido de anistia: "foi ao Barão pedir anistias para o Bambá (apelido de Bento, que significava agourento) e Netto, desfazendo em tudo o partido a que outrora pertenceu".[61] Diante desta realidade de irreconciliaçao entre os farroupilhas, o final da guerra era apenas uma questão de acertos, pois o conflito divisionista adquirira situação irreversível, dando provas da inviabilidade em prosseguir com a revolução.

Durante o ano de 1844, Caxias havia ocupado cidades, vilas e campanha com um exército imperial de mais de 12.000 homens, enquanto as tropas farrapas contavam com menos de 2.000 combatentes.[62] Ganhou a simpatia da população sul-rio-grandense distribuindo rações de carne e dando tecidos para as mulheres costurarem fardamento às tropas imperiais.[63] Mesmo com o desenvolvimento das conversações com a delegação farroupilha para o término da guerra, jamais suspendeu os confrontos bélicos e deixou de perseguir permanentemente os rebeldes. Dessa forma, Caxias aliava às suas habilidades guerreiras um jogo político de complexidade muito superior ao demonstrado pela república dos estancieiros.

---

[60] GOLIN, Tau. **A Tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul.** Diário de Antônio Vicente da Fontoura Porto Alegre: Editora Tchê, 1989. p. 95.
[61] Ib., p. 96.
[62] Ib., p. 92.
[63] PICCOLO, Helga. Palestra. **História; ensino e pesquisa**. V. 1-, n. 1-, 1985- Porto Alegre, Sulina. 118p. 21 cm.

CONCLUSÃO

Através da exposição destes argumentos, apoiados pela documentação apresentada, além das evidências anunciadas pela obra de historiadores, compreendemos que a problemática monográfica defendida encontra-se satisfatoriamente corroborada. A assertiva de que ocorreram divergências entre as lideranças farroupilhas pôde ser observada na apresentação dos documentos do Barão de Caxias, nos ofícios produzidos no período temporal de 1842 a 1846, enquanto este comandava o Exército imperial a fim de pacificar a Província de São Pedro do Sul, atual Estado do Rio Grande do Sul.

Acreditamos que apesar da formalização de um governo farroupilha, instrumentalizado pelo funcionamento da República Rio-Grandense, não foi o bastante para que a causa rebelde legitimasse a sua unicidade. Com o passar dos anos, após a deflagração do conflito em 20 de setembro de 1835, o movimento foi dispersando-se, com cada fragmento sendo liderado por alguns proprietários/militares carismáticos, processo este que foi intensificando-se a partir da chegada de Caxias à Província, em 1842. O estado de ruptura a que os farroupilhas haviam chegado foi determinante para que Caxias pusesse um ponto final na insurreição rebelde, já que uma de suas principais estratégias consistia no reforço às divergências existentes, arquitetada através da incitação deliberada às desconfianças, em um jogo de acusações e difamações.

A Revolução Farroupilha, segundo Moacyr Flores, dotava-se do ideário liberal do século XIX, com a defesa de maior participação do poder legislativo, a fim de evitar abusos do poder executivo.[64] No entanto, o que ocorreu durante o governo de Bento Gonçalves da Silva foi uma total inversão destes valores, seu comportamento frente à Assembléia Constituinte e Legislativa confirma claramente uma postura anti-liberal. A protelação da sua

[64] FLORES, Moacyr. **Modelo político dos farrapos**: as idéias políticas da revolução farroupilha. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1978. p. 165.

inauguração, que ocorreu somente em início de 1840 por meio do vice-presidente José Mariano de Matos, e graças à sua ausência, pois encontrava-se em Paisandu, conferenciando com Frutuoso Rivera, confirma que Bento Gonçalves não pretendia abrir mão de seus poderes discricionários. A série de medidas impeditivas para o livre funcionamento do poder legislativo como a suspensão das garantias individuais, além de outras retaliações à oposição, demonstram que Bento Gonçalves da Silva atrapalhou o objetivo da delegação governamental que ele próprio ajudou a se formalizar.

O fato de Bento Gonçalves da Silva tentar a resolução do conflito farroupilha por conta própria, sem o conhecimento dos demais participantes do governo, comprova que o estado de divergências entre os líderes do movimento beirava à discórdia. Na ocasião Bento já não possuía cargo algum de maior importância dentro da República Rio-Grandense, tendo renunciado à presidência em vista de sérias acusações de corrupção, além do assassinato do vice-presidente Paulino da Fontoura. Para a tarefa que Bento Gonçalves almejava concretizar, já se encontrava responsável o Ministro Antônio Vicente da Fontoura, nomeado como encarregado de promover a "Paz" entre imperiais e farroupilhas. O desrespeito à função exercida por Fontoura, naquele período de 1844, demonstra que havia interesses de fomentar o acordo final com o Barão de Caxias para conseguir prestígio político na Província, fortalecendo-se como o promotor efetivo da finalização da desordem.

O encontro de Bento Gonçalves com Caxias demonstrou com clareza a divisão farroupilha, evidenciando ao Barão o estado de ruptura que havia chegado o governo rebelde. A exploração desta situação foi determinante para que o pacificador da Província, nomeado pelo Império do Brasil, pudesse determinar finalmente o fim da insurreição, a qual já durava mais de nove anos. Apesar de Bento Gonçalves não ser o responsável legal para efetivar os acordos de "Paz", Caxias deu-lhe atenção, porque detectava a possibilidade de incentivar ainda mais a cizânia entre seus companheiros, fazendo com que a sua atitude chegasse ao conhecimento dos demais comandantes farrapos. A concessão da anistia imperial aos generais Antônio de Souza Netto e Bento Gonçalves da Silva, como havia sido solicitado por eles, promoveria uma imediata busca de entendimento entre as forças inimigas, pois apesar de Bento e Netto serem naquele momento líderes secundários, ainda exerciam muito prestígio entre as fileiras rebeldes.

O desenvolvimento desta pesquisa monográfica amparou-se na preocupação constante em cultivar um método responsável de se produzir historiografia. A enumeração de elementos históricos que demonstram a sustentação do problema definido foi essencial para a revelação

pretendida, onde a lógica e a evidência transpareceram no desenrolar deste trabalho. Compreendemos que a aproximação da verdade sobre a história constitui-se em um sério compromisso que deve ser respeitado pelos historiadores. A ciência histórica empenha-se em um projeto intelectual coerente, aprimorando-se cada vez mais no exercício reflexivo acerca da interpretação e do conhecimento.[65] Portanto, o combate à distorção do passado histórico, no caso pretendido, a Revolução Farroupilha, é tarefa primordial para a não efetivação da substituição da história pelo "mito", pois ela determina o conteúdo dos livros escolares e a difusão de valores passíveis de dúvida, os quais não propiciam ao debate e a reflexão crítica. A falsa unicidade do movimento farroupilha e o silêncio a respeito dos desentendimentos entre seus artífices criam a ilusão alienada sobre um processo histórico que se encontra repleto de uma riqueza de complexidades.

O arquétipo conveniado que subsiste no Rio Grande do Sul acerca dos executores da insurreição farroupilha conforma a disseminação de idéias absolutamente conservadoras. A moralidade gentílica, onde se reveste perfis históricos impassíveis de deslizes éticos e morais, só é possível com a criação do tempo vago, com uma reelaboração do passado em origens definidoras de ideais imutáveis, impossibilitando a reflexão da totalidade.[66] Através do marketing cultural, por meio da televisão, rádio, jornais, revistas e internet, além do ferrenho apoio dos militantes tradicionalistas, verdadeiros intelectuais orgânicos, constrói-se a unicidade farroupilha, confortando os sul-rio-grandenses em uma sociabilidade imaginária, conformadora da realidade. Tal visão restringe o nosso passado a cronologias positivistas, narrativas deficitárias que coíbem a criação de uma mentalidade ilustrada.

Toda essa construção sistemática de heróis regionais prima pela adoração de modelos humanos transformados em ícones simbólicos. O culto a essas figuras colabora para a dignificação hierárquica do latifúndio, modelo de veneração adotado pelo tradicionalismo, posto como hipotético lugar da felicidade.[67] Todavia, o latifúndio foi grande responsável pela perpetuação da desigualdade social, pela concentração da riqueza na mão de poucos indivíduos, pelo empobrecimento econômico da região da Campanha do Rio Grande do Sul e pela ociosidade produtiva da terra. Sendo assim, a adoração a latifundiários configura-se em uma prática de exclusão à sociedade sul-rio-grandense, no reforço às amarras conservadoras

---

[65] HOBSBAWM, Eric J., 1917-**Sobre História** / *Eric* Hobsbawm; tradução Cid Knipel Moreira. _ São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 8.
[66] GOLIN, Tau. **Identidades**: questões sobre as representações socioculturais no gauchismo. Passo Fundo: Clio, Méritos, 2004. p. 14.
[67] Ibidem., p. 16.

da hierarquia e contentamento das elites, no retorno à dicotomia explorador e explorados, contemplados pela configuração cetegista da posição fantasiosa de patrão e peão.

O esforço pela disseminação da unidade farroupilha também dimensiona a intenção do movimento tradicionalista em se auto eleger como mantenedora da uniformidade cultural na a sociedade sul-rio-grandense. O não reconhecimento de outras manifestações culturais presentes no Rio Grande do Sul, caracterizado por sua diversidade multi-cultural e multi-étnica, evidencia no MTG o seu caráter doutrinador e perseguidor daqueles que não concordam com a preconização do modelo "gauchesco", limitando os espaços da arte e da cultura.[68] Todavia, a moralidade e altivez inseridas no modelo gentílico cultuado não possuem enraizamentos históricos observáveis, não se prolongando como uma continuação do passado até o presente, e sim sendo produto da sociedade moderna, efetivando-se como representação da contemporaneidade.

Com a realização deste trabalho, nos colocamos intencionados em conscientizar as gerações atuais e futuras dos cidadãos do Estado do Rio Grande do Sul. Almejamos que o conteúdo desta pesquisa amenize a continuação da veneração deste "panteão de heróis" fabricados pelo MTG e fortalecidos pelos meios de comunicação e governo estadual. É nosso desejo que estas figuras humanas não sejam inspiração para a formação de nossa identidade, pois são erroneamente apresentados como interessados no bem-estar geral da sociedade em que viveram, mas que efetivamente lutaram por uma elite latifundiária minoritária e pela manutenção de uma estrutura social excludente. Portanto, a defesa da existência das divergências entre as lideranças farroupilhas encontra-se sustentado pelos fenômenos da história sul-rio-grandense, devidamente distinguido entre o tempo histórico em evidência e a memória diluída em celebrações contemporâneas.

[68] Manifesto contra o Tradicionalismo.

FONTES

Arquivo Caxias – Arquivo Nacional. Rio de Janeiro:

Arquivo Doc 62. 22/02/1843.

Arquivo Doc 103. 23/06/1843.

Arquivo Doc 118. 18/07/1843.

Arquivo Doc 175. 23/03/1844.

Arquivo Doc 205. 11/07/1844.

Arquivo Doc 199. 14/06/1844.

Arquivo Doc 242. 02/10/1844.

Arquivo Doc 241 (ofício reservado). 02/10/1844.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FLORES, Moacyr. **Modelo político dos farrapos***:* as idéias políticas da revolução farroupilha. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1978.

_____. **Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

______. **República Rio-Grandense**: realidade e utopia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GOLIN, Tau. **A Tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegrre: Editora Tchê, 1989.

______. **O povo do pampa**: uma história de 12 mil anos do Rio Grande do Sul para adolescentes e outras idades / Tau Golin – Passo Fundo: Ediupf, Porto Alegre: Sulina, 1999.

______. **Identidades***:* questões sobre as representações socioculturais no gauchismo. Passo Fundo: Clio, Méritos, 2004.

GRAHAM, Richard. **Clientelismo e Política no Brasil do Século XIX.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

HOBSBAWM, Eric J., 1917-**Sobre História** / Eric Hobsbawm; tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LEITMAN, Spencer Lewis. **Raízes socioeconômicas da Guerra dos Farrapos**: um capítulo da história do Brasil no século XIX / Spencer Lewis Leitman; tradução de Sarita Linhares Barsted. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

Manifesto contra o Tradicionalismo: Disponível em: http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=6506.> Acesso em março de 2007.

PESAVENTO, Sandra. **A Revolução Farroupilha**. Coleção Tudo é História. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

PICCOLO, Helga. Palestra. **História; ensino e pesquisa**. V. 1-, n. 1-, 1985- Porto Alegre, Sulina. 118p. 21 cm.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Paradigmas do estudo da história***:* os modelos de compreensão da ciência histórica no pensamento contemporâneo / Francisco Ricardo Rüdiger. Porto Alegre: IEL/IGEL, 1991.

SPALDING, Walter. **A Revolução Farroupilha**: história popular do grande decênio, seguido das efemérides principais de 1835-1845, fartamente documentadas. São Paulo: Editora Nacional; [Brasília]: INL, 1980.

TELLES, Jorge. **Farrapos a guerra que perdemos**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2002.

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História Social

Identidades Políticas e Raciais na Sabinada (Bahia, 1837-1838)

Juliana Serzedello Crespim Lopes

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof. Dra. Miriam Dolhnikoff

São Paulo
2008

Resumo

Este trabalho propõe a investigação da interface entre as identidades políticas e raciais envolvidas na revolta liberal da Sabinada (Bahia, 1837-1838). A análise basear-se-á na documentação produzida pelos próprios envolvidos e também nas fontes referentes à repressão do movimento, de modo que se ofereça um panorama comparativo entre a auto-identificação dos rebeldes e a identificação destes pelos seus adversários. A investigação proposta se insere no amplo debate a respeito da formação da identidade nacional brasileira, dada a partir do reordenamento das múltiplas identidades engendradas no processo de formação e desagregação do Império Português na América.

Abstract

This work proposes to investigate the interface between political and racial identities involved in the liberal rebellion called Sabinada (Bahia, 1837-1838). The analysis will be based on the documentation produced by the people involved in it and also by the sources regarding the repression of it. The identities of rebels and legalists as seen by themselves and by their opponents will be compared. The proposed investigation becomes part of a broad debate concerning the Brazilian national identity, given after the rearrangement of multiple identities generated in the formation processes and the disintegration of the Portuguese Empire in America.

Palavras-chave

Brasil, século XIX; Bahia, século XIX; revoltas regenciais; raça; federalismo.

Keywords

Brazil, Nineteenth Century; Bahia, Nineteenth Century; regency rebellions; race; federalism.

Sumário

Agradecimentos

É com muita alegria que reconheço neste trabalho a conjunção de diferentes esforços. Em primeiro lugar devo agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo financiamento que me permitiu dedicação exclusiva a este projeto e me proporcionou boas condições de pesquisa em São Paulo e na Bahia.

Sou muito grata pela possibilidade de participar do Grupo Temático “A Fundação do Estado e da Nação Brasileiros (c.1780-1850)”, no qual aprendi a admirar o trabalho sério e o entusiasmo dos professores e colegas.

Este trabalho começou a ser gestado no início da minha graduação, em 1998. Vejo atrás de mim, com um certo espanto, uma trajetória de 10 anos como aluna da Universidade de São Paulo, o que é algo pouco comum no meio social do qual eu venho. O acesso à Universidade pública, gratuita e de excelência ainda é algo lamentavelmente difícil neste país. Por isso, creio ser importante afirmar que na USP tive condições muito privilegiadas de estudo e pesquisa – condições estas que eu gostaria de ver estendidas, de fato, a toda a sociedade.

É com muita sinceridade que agradeço pela orientação de Miriam Dolhnikoff a este trabalho. Orientar uma pessoa como eu requer uma série de qualidades não acadêmicas, como paciência e disponibilidade para resolver problemas de toda ordem. Tudo isso eu pude encontrar na Miriam, e mais: uma orientação segura e sempre motivadora, a despeito dos erros e deficiências que este trabalho vem tentando superar. Com Miriam estou aprendendo a força e a ousadia necessárias para formular e defender idéias novas. Por ter me aceitado, por ter me agüentado, e por ter acompanhado com bom humor as minhas maluquices é que mando a Miriam aquele abraço.

A István Jancsó agradeço por ter me ensinado os primeiros e importantíssimos passos da pesquisa: ler e escrever História. Sou muito grata pela oportunidade de contar com sua orientação durante toda a graduação. Por tudo o que aprendi de István, e pelo exemplo que ele é para os seus alunos, aquele abraço.

Antonio Sergio Guimarães e Márcia Berbel contribuíram muito para este trabalho na banca de qualificação e nos cursos que tive a oportunidade de fazer com eles. Procurei, na medida do possível, incorporar suas sugestões ao trabalho, e retribuo com aquele abraço.

Andréa Slemian me ajudou a pensar e dar forma ao projeto de pesquisa, naquele momento difícil entre o fim da graduação e o início da pós. Pela sua boa vontade, e pelo incentivo que recebo dela desde o início, aquele abraço.

Um agradecimento especial a Cristiane Camacho, Camila Rodrigues e Carlos Augusto Martins, parceiros desde os tempos da graduação. Mais recentemente, contei com o apoio e a gentileza de Hernan Saez na leitura e crítica da primeira parte do trabalho. Aos companheiros d’armas Daniel Afonso da Silva e Douglas Leite agradeço pelas figurinhas trocadas ao longo desta pesquisa, e ofereço um brinde de cravinho do Terreiro de Jesus. Pelos desafios compartilhados com todos vocês, aquele abraço.

Um agradecimento muito sincero aos professores e alunos da Fábrica de Idéias – Curso Avançado em Relações Étnicas e Raciais do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia. Participar deste projeto foi fundamental para o desenvolvimento, neste trabalho, das reflexões acerca das questões raciais. A Fabricio Mota agradeço especialmente, por me ensinar os caminhos e os ritmos da cidade de Salvador. Para ele, o abraço é aquele.

O apoio e a gentileza que recebi dos funcionários do Arquivo Público do Estado da Bahia foram fundamentais para esta pesquisa. Aquele abraço a Mario José Matos, Paulo Roberto Lemos Meireles, Antonio Gomes, Samara Morais Viana e em especial a Lidemberg Silva dos Santos, cujo alto-astral me iluminava as tardes na Baixa de Quintas.

Ademir Ribeiro Junior, Michelle Cirne e Tatiana Reis realizaram junto comigo, e até o fim, o sonho de viver na Bahia. Izabel Cruz Melo só apareceu no finalzinho da minha estada na cidade: sorte minha, pois foi nesse momento que mais precisei de sua amizade. Pelo sobe e desce das ladeiras, pelo sol que se põe no mar, pelas noites de terça com Gerônimo, enfim... Pelas aventuras e desventuras que vivemos juntos, muito axé e aquele abraço.

É difícil traduzir em palavras a emoção que se compõe de sons. Digo apenas que é muito grande a importância do CoralUSP XI de Agosto na minha vida, sobretudo ao longo da realização deste trabalho. A todos do XI, muito xodó e aquele abraço!! A Claudio Madio um *bismillah* especial, pela fé e pela energia que compartilhou comigo durante as dificuldades de escrita deste texto.

Alguns amigos tornaram-se muito importantes enquanto este trabalho se desenvolvia. Daniel Monteiro é o único super-herói que eu conheço pessoalmente, e seus super-poderes foram fundamentais para que este trabalho viesse ao mundo. Fernando Barnabé, pela energia racional e pela música em movimento, aquele abraço. Pela viração do vento, pelo livre pensamento, pela luz do melhor momento, mando a Luana, Virgílio e Dionizio um agradecimento. Ritinha e Paula estiveram comigo onde estava mais *loco*, aquele abraço. Preta Márcia fez muito mais do que me acompanhar na primeira ida à Bahia: foi minha irmã. Ao

poeta Anderson Rafael, agradeço pela cumplicidade silenciosa e pela constante *presença* – inclusive no momento mais difícil enfrentado neste processo. “Tamo junto”, aquele abraço.

São Caetano é uma cidade que ainda permite o privilégio de termos amigos de infância. Glau, Mari e Ana são amigas e companheiras de todas as longas caminhadas. Tallê e Rafa *dizem* que são meus irmãos, e são mesmo. Devo tanto a todos vocês que receio ser impossível retribuir. Sabendo que vocês merecem muito mais, aquele abraço.

Carlos Rogério plantou junto comigo a semente que deu origem a este trabalho, e acreditou nela quando eu mais duvidava. Pra você que me esqueceu, aquele abraço.

Tenho uma família tão numerosa que não caberia nesses agradecimentos, cada um com seu exemplo de vida, cada um com uma importante contribuição. Agradeço em especial à minha madrinha Yvone e aos meus primos Meiri e Quilá, que me apóiam e acompanham em todas as maluquices nas quais eu me meto. A todos os Serzedellos e a todos os Crespins, aquele abraço.

Naná é a presença negra luminosa que me mostra diariamente a importância de ser criança e brincar. Ensinou-me também da pouca importância que as coisas materiais têm. Hey Jude na vitrola, beijinho na ponta do nariz e aquele abraço.

Minha irmã Mariana é a minha cara, mas vivemos em temporalidades diferentes: eu aqui, limitada ao presente e ao passado. Ela lá longe, em Aquário. Agradeço por você achar que eu sou muito mais do que realmente sou. Tempo tempo tempo tempo e aquele abraço.

Meus pais, Rui Crespim Lopes e Cleide Serzedello, me deram régua e compasso. Me ensinaram tudo o que eu sei ser, e mais importante, me ensinaram tudo o que pretendo ser. Quem sabe de mim são vocês, aquele abraço.

“O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente”.

Carlos Drummond de Andrade

“o óbvio ululante é a mais total profecia da raça brasileira e baiana.”

Waly Salomão

Este trabalho é dedicado a todos os descendentes de Isaura e Silas, e de Helena e Helvécio.
Brasileiros de todas as cores.

Introdução

O período pós-independência foi, na província da Bahia, repleto de conflitos. A exportação de seu principal produto, o açúcar, encontrava-se em crise. As atividades econômicas locais, dependentes em grande parte do eixo produtor açucareiro, não traziam o suficiente para o abastecimento da população baiana. Houve também epidemias no gado e secas que tornaram mais caros os produtos básicos da alimentação baiana. Figuras como os atravessadores ganharam maior espaço nas relações sociais, causando uma grave onda inflacionária. Moedas falsas eram lançadas no mercado em grandes quantidades, desestabilizando as relações comerciais na capital e nas vilas. A crise econômica penalizava especialmente os escravos, pois a reposição da mão-de-obra era insuficiente, exigindo dos cativos uma jornada de trabalho mais pesada. Além disso, a crise reduzia ainda mais a oferta de empregos aos setores livres pobres, ampliando o problema do desemprego.[1]

Diante deste quadro pouco favorável, a população apelava para os meios possíveis de resolução de seus problemas mais imediatos: petições ao governo era a opção dos mais moderados, seja individual, seja coletivamente. Saques, revoltas e manifestações de rua eram as opções para os mais radicais. A organização em irmandades ou associações de auxílio mútuo eram também formas pelas quais os baianos enfrentavam as dificuldades apresentadas naquele contexto.

Além das questões específicas da província, a Bahia estava profundamente relacionada aos conflitos do Império naquele período.[2] A dissolução da Assembléia Constituinte por Pedro I em 1823 resultou num recrudescimento das hostilidades aos portugueses residentes na província. Em 1824, rebeldes do terceiro batalhão de linha, os *periquitos*, assassinaram o

---

[1] João José REIS. "O cenário da Cemiterada". In: *A morte é uma festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. Ver também, do mesmo autor: "A Bahia em 1835: sociedade e conjuntura econômica". In: *Rebelião escrava no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

[2] Wanderley Pinho. "A Bahia, 1808-1856", In: Sérgio Buarque de HOLANDA (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II (*O Brasil Monárquico*), 2º. Volume (*Dispersão e Unidade*). São Paulo: DIFEL, 1964.

comandante das armas, Felisberto Caldeira. Em abril de 1831, dias antes da abdicação do Imperador, grupos rebeldes conseguiram a demissão dos oficiais nascidos em Portugal e a deposição do comandante das armas – o português João Crisóstomo Callado, futuro comandante das forças que dariam fim à Sabinada.

Desde a emancipação, há notícias da organização de clubes em toda a província, nos quais se debatia princípios liberais, perpassando temas políticos que iam desde o federalismo até o republicanismo mais radical. Como veículos desses grupos, surgiram folhas, jornais e panfletos com críticas à política local e imperial, bem como a organização efetiva de movimentos rebeldes. Em 1832, ocorreu um levante federalista em São Félix e Cachoeira, que se desdobrou em um levante de presos no ano seguinte, no Forte do Mar. Os programas de reivindicações desses movimentos trazem elementos que vão além da exigência por um regime federativo: entre eles, liberdade de imprensa.[3]

Paralelamente às agitações da população livre, os escravos também promoviam as suas organizações e movimentos rebeldes. A geografia da província favorecia a formação de quilombos, e a religião africana incentivava a agremiação e as práticas sociais coletivas. Todos esses fatores criaram o que o João José Reis chamou de "tradição da audácia" entre os escravos da Bahia no período. O movimento mais radical e organizado promovido pelos cativos do período foi o levante dos escravos malês em 1835. [4]

O ano de 1837 pode ser apontado como um momento-chave de todas as tensões políticas, econômicas e sociais da província naquela década. Em novembro deste ano, surgiu na capital da Bahia um movimento revolucionário de grandes proporções. Conhecido pela historiografia como Sabinada, este episódio é o tema deste trabalho. Antes de qualquer análise, entretanto, é necessária uma breve apresentação dos acontecimentos.

---

[3] Para uma análise dos movimentos federalistas, ver Lina Maria Brandão de ARAS. *A Santa Federação Imperial. Bahia 1831-1833*. São Paulo: FFLCH-USP, 1995 (tese de doutorado).
[4] João José REIS. *Rebelião escrava no Brasil*. Op. cit., p. 69.

A movimentação revolucionária não se resume nem se inicia na tomada do poder pelos rebeldes a 7 de novembro. Meses antes já era intensa a propaganda e a crítica política na capital baiana; as reuniões dos clubes liberais eram do conhecimento de todos, inclusive das autoridades policiais. Como principal articulador das idéias radicais surge a figura do médico, professor e publicista Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira. Entretanto, Sabino não foi o único a disseminar propostas de revolução. Junto dele, estavam alguns dos homens envolvidos nos levantes federalistas dos anos anteriores, como Daniel Gomes de Freitas. Além disso, os encontros ocorriam em casa de comerciantes e artesãos conhecidos na cidade de Salvador – como a do ourives Manoel Gomes Ferreira, na praça da Piedade. É interessante apontar que a única fonte que menciona os encontros deste clube é justamente o relato do chefe de polícia Francisco Gonçalves Martins, que numa dessas ocasiões chegou até a porta, verificou que a reunião ocorria, ouviu algumas palavras de ordem e tentou identificar as vozes dos conspiradores. No entanto, Martins relata que não conseguiu das autoridades superiores – o comandante das armas e o presidente da província – uma autorização para desfazer o perigoso encontro. Essa justificativa, vale dizer, não convenceu a todos naquele momento, em especial a Antonio Rebouças, inimigo declarado do chefe de polícia. Pesam sobre Martins, como se verá adiante, acusações de ter negociado vantagens com o líder revolucionário antes da tomada da cidade.[5]

Além desses encontros, circulavam pela capital da Bahia folhas de conteúdo político extremamente radical. Segundo um depoimento colhido após a Sabinada, "insultantes jornais cobriam ao Governo de toda a casta de [ilegível], e lançavam-lhe a luva, asseverando-lhe a vinda e infalível aparição de uma formal revolução". Entre esses jornais, tem destaque o *Novo*

[5] Cf. Francisco Gonçalves MARTINS. "Nova Edição da simples e breve exposição do Sr. Dr. Francisco Gonçalves Martins". In: *Publicações do Arquivo do Estado da Bahia: A revolução de 7 de novembro de 1837*. Salvador: Bahia, Cia. Editora e Gráfica, 1937-1948, vol. 2, pp. 225-260. Doravante esta coleção será designada como PAEBa.

Diário da Bahia, publicado por Francisco Sabino. Sobre ele, a mesma testemunha afirmou: "o Novo Diário era um burlote, que procurava incendiar a máquina social".[6]

O presidente da província demonstrava preocupação com o quadro político da capital, pois a cada dia surgia com mais força a hipótese de uma nova rebelião. Esta preocupação se observa na correspondência da presidência com a Corte e também nas proclamações lançadas à população da capital, tentando em vão demover dos espíritos a idéia de revolução.

No dia 6 de novembro, dada a pouca articulação das autoridades provinciais para evitar os encontros rebeldes, o Corpo de Artilharia do Forte de São Pedro se amotinou, contando com a colaboração de Sabino e outros civis notadamente comprometidos com os clubes e jornais revolucionários. Na manhã do dia seguinte, militares e civis marcharam juntos em direção ao centro da cidade, até a praça do Palácio – não sem antes prender o ajudante-de-ordens do comandante das armas, enviado para ali com o propósito de recolher informações sobre o levante.

Nesta última hora, com os rebeldes assomando as proximidades do Palácio, as autoridades tentaram se defender, porém os praças e homens do Corpo Policial mobilizados para esta função houveram por bem aderir aos levantados. Assim, a única solução para os governantes foi a fuga em embarcações ancoradas na Baía de Todos os Santos. Além das autoridades, foi embarcada também uma grande parte do tesouro da capital, recolhido às pressas para não ser deixado nas mãos dos revolucionários. Estes acontecimentos se encontram narrados na exposição do chefe de polícia, já mencionada, e também nas memórias do comandante das armas e do presidente da província naquela ocasião.[7]

Eis que no dia 7 de novembro de 1837, marcado pelos protagonistas e pela historiografia como o dia de início da Sabinada, a capital da Bahia ficou sem nenhum dos seus

---

[6] Peça da defesa de Domingos da Rocha Mussurunga. Arquivo Público do Estado da Bahia (doravante designado como APEBa), seção de arquivo colonial e provincial, maço 2838.

[7] Cf. Luiz da França Pinto GARCEZ. "Dos acontecimentos militares, que tiveram lugar na Capital da Província da Bahia, em a noite de 6 de novembro de 1837, e manhã seguinte". In: PAEBa, vol. 2, pp. 301-320; Francisco de Souza PARAÍSO. "Exposição". In: PAEBa, vol. 2, pp. 379-396.

governantes. A partir daí têm início as movimentações políticas e militares centrais do episódio que se pretende estudar.

Os rebeldes se dirigiram à Câmara Municipal, onde aclamaram uma ata de sete artigos com as intenções e propostas do novo regime, descrito como "inteiramente desligado" do governo central do Rio de Janeiro. Entre as disposições iniciais, vale destacar a promoção de recompensas para a categoria militar, sem cujo apoio é pouco provável que os rebeldes civis tivessem conseguido chegar ao poder.[8]

Neste momento, grande quantidade de munícipes já estava ali reunida, para saber de que se tratava toda aquela movimentação. Um novo governante foi eleito, era Inocêncio da Rocha Galvão, célebre pelas movimentações rebeldes de 1824. Entretanto, ele não pôde assumir o cargo que lhe foi oferecido: estava nos Estados Unidos da América do Norte e provavelmente sequer sabia o que se passava em Salvador. Assim, um vice-presidente foi indicado por Sabino para ocupar o primeiro cargo executivo do Estado Independente da Bahia: João Carneiro da Silva Rego, deputado eleito para a Assembléia Provincial, proprietário de terras e escravos, uma figura de quem se esperava poder representar com dignidade o novo Estado em fundação.

Dias após tais medidas, entretanto, parte significativa da população da capital se retirou dali – temendo, certamente, a possibilidade de um rumo trágico para os acontecimentos. Os revolucionários, antevendo um esvaziamento ainda maior da cidade, optaram por reconsiderar o item mais radical de sua primeira ata: em 11 de novembro, o Estado da Bahia reiterava sua independência, mas passava a afirmar que voltaria ao conjunto do Império com a coroação de Pedro II. Esta é uma mudança importante, que será avaliada mais detalhadamente ao longo do trabalho.

---

[8] As atas de 7 e 11 de novembro de 1837 encontram-se reproduzidas diversas vezes ao longo da coleção PAEBa. No vol. 1, às pp. 59-64 e 114-119. No vol. 2, às pp. 14-15 e 24-27. No vol. 5, às pp. 113-124.

No mesmo dia em que a revolução alterava seus rumos, a ilha de Itaparica declarou adesão aos rebeldes. No entanto, essa tentativa foi prontamente reprimida por parte significativa das forças políticas locais. Quatro dias após a tentativa revolucionária, promovida pelo juiz de paz, a Câmara de Itaparica reafirmou sua adesão ao "governo constitucional do Sr. D. Pedro II e a integridade do Império".[9] A ilha de Itaparica tinha grande importância estratégica no conflito que se iniciava, como se observa na correspondência do presidente da província.[10]

Simultaneamente aos fatos ocorridos na capital, os governantes fugidos se reencontraram e rearticularam no Recôncavo, sobretudo em Cachoeira, São Francisco e Santo Amaro, para onde foram realocadas as instituições básicas do governo. A partir de então, o governo provincial solicitou a ajuda dos senhores de engenho locais e também do governo central para debelar o movimento rebelde da capital. Foram nomeados os comandantes das forças legalistas, entre os quais têm destaque Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, Rodrigo Antonio Falcão Brandão, e Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, o Visconde de Pirajá – cuja participação nas forças legalistas seria bastante polêmica, como se verá adiante.

Para acabar com o governo rebelde instalado em Salvador, as forças legalistas repetiram a estratégia já utilizada na Guerra de Independência (1822-1823) e também na expulsão dos holandeses (1625): o cerco da capital por terra e por mar. Com isso, impediam o abastecimento e a realização de trocas comerciais com a cidade, visando também conter a expansão da revolta para outras partes da província. Desta forma, os legalistas lograram isolar os rebeldes em todos os sentidos, minando suas resistências aos poucos, até a restauração da cidade nos combates finais de 13 a 16 de março de 1838.

---

[9] Proclamação e ata da restauração de Itaparica. 15 de novembro de 1837. In: PAEBa, vol. 1, pp. 145-147. A tentativa de adesão da ilha à revolução está documentada em atas e pela correspondência com o governo rebelde instalado na capital. Cf. PAEBa, vol. 1, pp. 143-145; 148-149.
[10] PAEBa, vol.1, pp. 138-140.

Os revolucionários tiveram poucas oportunidades para fugir à difícil realidade do sítio. Com isso, a população local foi vitimada pela fome e pela violência de uma guerra que se estendeu durante quatro meses. O governo revolucionário tentou administrar a situação, mas chegou ao limite, permitindo a fuga de mulheres, crianças e idosos da cidade sitiada. Outra prova de desespero se encontra no recrutamento de soldados entre escravos e presos condenados. Nos dias finais do combate, descritos pelo comandante das armas João Crisóstomo Callado, houve um número elevado de mortos e de edifícios incendiados na cidade.[11]

Após a restauração de Salvador, teve início o processo de "caça" aos rebeldes e envolvidos no movimento. Eram tantos os condenados que as prisões públicas não foram suficientes. Lotaram-se também as barcas prisionais, e muitos foram enviados para cumprir pena em Fernando de Noronha ou nos campos de batalha contra os farrapos, no Rio Grande do Sul. Os líderes do movimento – entre eles Sabino e Carneiro Rego – foram, após longos processos, condenados à morte. No entanto, com a coroação de Pedro II em 1840, obtiveram uma anistia por parte do Imperador. Carneiro Rego foi degredado em São Paulo. Francisco Sabino foi condenado ao degredo em Goiás. Nesta província, teve também problemas com as autoridades, e dali fugiu para o Mato Grosso, onde morreu em 1846.

A narrativa aqui apresentada sobre a revolução baiana de 1837 é, sem dúvida, tributária de uma historiografia que se dedicou a fazer isso com muito mais propriedade. É, portanto, fundamental discutir a bibliografia existente sobre o tema, e as diferentes abordagens já feitas sobre ele.

Vale informar, antes disso, que desde as primeiras análises sobre o episódio já é utilizada pelos autores a denominação *Sabinada*. Os protagonistas e testemunhas do movimento, contudo, não utilizam esta expressão, falando apenas em "revolta" ou

---

[11] Cf. João Crisóstomo CALLADO. "Relatório dos acontecimentos dos dias 13, 14, 15 e 16 de março de 1838". In: PAEBa, vol 2, pp. 137-224.

"revolução". A única denominação semelhante àquela foi encontrada no jornal *O Constitucional Cachoeirano*, que denominou o movimento como "Sabina Carneirada". Esta expressão é particularmente interessante por considerar as duas lideranças políticas rebeldes, e não apenas a figura de Francisco Sabino.[12]

O movimento revolucionário foi compreendido por seus primeiros analistas como resultado de um embate moral. Ainda em finais do século XIX, Moreira de Azevedo classificou rebeldes e legalistas da seguinte maneira: os primeiros, anarquistas antipatrióticos, comandados pelo assassino feroz Francisco Sabino; os segundos, valentes defensores da ordem, animados "pela força que se chama patriotismo".[13] Neste momento, ainda próximo dos acontecimentos, predominavam as análises proferidas em sessões promovidas pelos Institutos Históricos da província da Bahia e da corte.

Em resposta à interpretação de Moreira de Azevedo surgiu, em 1884, o texto de Sacramento Blake, no qual o líder Francisco Sabino é defendido das acusações de ser "um homem de gênio violento e irascível". Para tanto, Blake recolheu opiniões de pessoas que conheceram pessoalmente o líder revolucionário, e construiu a seguinte descrição de Sabino: "era de uma complacência admirável, extraordinariamente carinhoso para com as crianças, qualidade, que para mim indica sempre um bom coração. Eu penso que um homem, que ama a música, as flores e as crianças, não pode, nunca, ser um homem de índole perversa".[14] Desta forma, é possível afirmar que as primeiras interpretações a respeito da identidade de rebeldes e legalistas na Sabinada passaram por uma avaliação pessoal e moral de seus participantes, não considerando diretamente aspectos políticos e econômicos do movimento.

A partir do início do século XX, surgem as primeiras interpretações nas quais a Sabinada é vista como parte de um embate político e ideológico entre a província e a corte.

---

[12] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2835, 05 de janeiro de 1838.
[13] Moreira de AZEVEDO. "A Sabinada da Bahia em 1837". In: PAEBa, vol. 1, p. 21. Não é informada a data do texto original nem o nome completo do autor.
[14] A. V. A. Sacramento Blake. "A revolução da Bahia de 7 de novembro de 1837 e o Dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira". In: PAEBa, vol. 1, p. 41. O texto foi lido em sessão do IHGB em 21 de novembro de 1884.

Em texto de 1909, Braz do Amaral afirma que "desde há muito, durante a Regência, se agitavam os partidos em torno da idéia de separação, ou antes, haviam alguns soprado idéias separatistas, como meio de combate político, com o fim de explorar o sentimento existente nas províncias contra os princípios centralizadores, que aliás eram sustentados por outros como a base sobre a qual não poderia deixar de assentar a integridade do Império".[15]

Assim, segundo este autor, a Sabinada era resultado de "idéias" e "sentimentos" de crítica à forma pela qual o Império vinha sendo administrado a partir do Rio de Janeiro. Amaral afirma, mais adiante, ter sido esta mesma corte a verdadeira articuladora do movimento baiano, ainda que não apresente provas para sustentar tal hipótese.[16] Mais importante é notar que, segundo Braz do Amaral, não haveria uma motivação republicana entre os rebeldes sabinos, e sim a demanda por uma divisão mais equânime dos poderes políticos entre centro e províncias.

Na ocasião do centenário da Sabinada, Luiz Vianna Filho inaugura a interpretação segundo a qual a Sabinada fora um movimento republicano. Segundo este autor, a Sabinada era essencialmente republicana e separatista. As idéias liberais, os sabinos as incorporavam dos europeus, e a prática, dos rio-grandenses da Farroupilha. Vianna Filho afirma que a Sabinada se diferencia das revoltas que a antecederam na Bahia por ter eliminado de suas propostas o ideal federalista, sendo puramente republicana: "a idéia federalista fracassara inteiramente, vencidas as suas revoluções e sofismado o Ato Adicional. O pensamento dos

[15] Braz do AMARAL. "A Sabinada". In: PAEBa, vol. 2, p.3. O texto foi apresentado pelo autor em 03/05/1909, e posteriormente publicado nesta coleção.
[16] A idéia de que a revolta baiana teria sido tramada como parte de um plano para desestabilizar a regência de Feijó já era corrente nas sessões do IHGB: "Feijó foi até guerreado por muitos de seus próprios amigos, e a revolução de 7 de novembro foi mais um meio traçado no Rio de Janeiro pelos adversários do regente para obrigá-lo a largar o poder. Os estadistas daquela época sabem perfeitamente disso. O Dr. Sabino, que não saíra da Bahia, aderiu a ela mais tarde, depois de resolvida". Moreira de AZEVEDO. "A Sabinada da Bahia em 1837", op. cit., p. 51.

liberais exaltados malogrará com a renúncia de Feijó. Apenas a República e a Separação, neste século, ainda não haviam sido tentadas na Bahia".[17]

Após o trabalho de Luiz Vianna Filho, a Sabinada foi contemplada em trabalhos gerais sobre o período, e não como tema central, até meados da década de 1980. Destaca-se neste período a análise feita por Wanderley Pinho na História Geral da Civilização Brasileira. Segundo este autor, a Sabinada seria mais uma manifestação do processo de crise federalista que havia na Bahia naquela década, porém com conseqüências mais amplas que os movimentos anteriores, por ter mantido a capital sob seu governo revolucionário durante quatro meses. Diferentemente de Luiz Vianna Filho, Pinho afirma que os rebeldes sabinos deixaram de lado o republicanismo, defendendo o federalismo em uma perspectiva de fidelidade monárquica: "os rebeldes, no decorrer da luta, renunciaram a qualquer propósito de total separatismo e de republicanismo, mas passaram a visar a um alvo de que a princípio não cogitavam: 'a aristocracia' – 'tiranos déspotas do Recôncavo', 'traidores', 'pérfidos', 'absolutistas'".[18] Os autores que se debruçaram sobre o tema da Sabinada têm, assim, oscilado entre interpretações distintas, atribuindo ao movimento identidades políticas diferenciadas, como o federalismo constitucional monárquico ou o republicanismo radical.

Outro importante trabalho que discutiu a Sabinada neste período foi o de F.W.O. Morton.[19] Esta tese tem por foco um grande período: de 1790 a 1840. Ainda que o autor não pretendesse fazer uma análise exaustiva do episódio aqui tratado, trouxe uma relevante contribuição. Segundo Morton, a Sabinada foi o último episódio de contestação ao projeto político conservador implantado pelas elites baianas desde a Independência, marcando o estabelecimento definitivo do regime imperial na Bahia. Além disso, a derrota da Sabinada corroborava o domínio político e econômico do Recôncavo sobre a capital, bem como a

[17] Luiz VIANNA FILHO. *A Sabinada (a República baiana de 1837)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1938, p. 10.
[18] Wanderley PINHO. "A Bahia, 1808-1856". Op. cit., p. 283.
[19] F. W. O. MORTON. *The Conservative Revolution of Independence: Economy, Society and Politics in Bahia, 1790-1840*. Oxford: 1974, tese de doutorado.

eficácia da aliança entre as elites locais e o poder central. Ao fim da análise de Morton, a Sabinada se apresenta como evidência de uma inadequação dos princípios do liberalismo ao contexto político brasileiro.

Em 1984 a Sabinada voltaria a ser o centro de um trabalho de investigação histórica, realizado por Paulo Cesar Souza. Sua obra tem por mérito uma minuciosa apresentação narrativa do episódio, em moldes teórico-metodológicos mais críticos e analíticos do que seus antecessores. Souza atualiza o debate sobre o tema e aponta algumas questões interpretativas. O autor investiga os grupos sociais envolvidos na revolta, assim como o caráter federalista do movimento. Em sua análise, a Sabinada foi uma "revolução suicida", e o Estado Independente construído pelos sabinos foi uma "república *sui generis*", pela disposição a se reunir ao Império com a coroação de Pedro II.[20] Souza aponta também a escravidão e a questão racial como problemas fundamentais à compreensão do episódio. Estas questões têm, de fato, uma grande importância para o estudo da Sabinada, uma vez que as forças rebeldes se compuseram significativamente de homens negros – livres e escravos – e houve ali o ensaio de um projeto abolicionista, ainda que limitado aos cativos nascidos no Brasil.

Hendrik Kraay, por sua vez, tem produzido importantes reflexões acerca da revolução baiana de 1837. Em artigo de 1992, o autor dá relevo à participação dos oficiais militares e milicianos no movimento. Em 2001, Kraay retoma a Sabinada como tema transversal de sua análise das Forças Armadas na Bahia entre 1790 e 1840.[21] A proposta central do autor é de que esses setores perderam espaço político e social com as medidas liberais dos primeiros anos da Regência, sobretudo com a instituição da Guarda Nacional, tendo por isso se inclinado à rebeldia. Além disso, Kraay chama atenção para os conflitos de raça evidenciados

---

[20] Paulo Cesar SOUZA. *A Sabinada – a revolta separatista da Bahia 1837*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 36-7 e p. 165

[21] Hendrik KRAAY. "As terrifying as unexpected: The bahian Sabinada, 1837-1838". In: *Hipanic American Historical Review* 72:4. Duke University Press, 1992. Do mesmo autor, ver: *Race, State, and Armed Forces in Independence-Era Brazil – Bahia, 1790s-1840s*. Stanford, California: Stanford University Press, 2001.

na Sabinada, sobretudo no interior das forças rebeldes, compostas por homens de diferentes cores e origens.

Em 2006 surge mais um trabalho no qual a Sabinada é o tema central da análise.[22] Segundo Douglas Guimarães Leite, a lógica da guerra empreendida entre rebeldes e legalistas é fundamental para a compreensão dos rumos e propostas políticas da revolução de 1837. Este autor aponta para a existência, no interior do movimento rebelde, de diferentes tendências políticas constantemente negociadas no âmbito do confronto, como o monarquismo constitucional e o republicanismo. A principal contribuição de Leite para o debate da Sabinada está na possibilidade de se reconhecer diferentes projetos políticos tanto entre os defensores quanto entre os adversários da revolta, proposta que revela a impossibilidade de uma classificação unívoca para o episódio.

Parte significativa da historiografia tem relacionado a Sabinada aos movimentos rebeldes ocorridos anteriormente na província da Bahia, encontrando suas raízes no ensaio de sedição de 1798.[23] Este ponto de vista é reforçado por Ubiratan Castro de Araújo, que para analisar o período cunhou a expressão *Bahia rebelde*. Segundo o autor: "o povo mecânico não esqueceu os Alfaiates. Suas propostas foram retomadas e ampliadas pelos sucessivos movimentos e rebeliões populares baianas, entre 1821 e 1837, em um tempo de Bahia rebelde, o que terminou por configurar um programa político popular, cujos eixos principais eram a República, a democracia representativa, a autonomia regional, a igualdade racial inclusive no acesso ao emprego público, a reforma econômica pela abertura da fronteira agrícola e a distribuição de sesmarias".[24]

---

[22] Douglas Guimarães LEITE. S*abinos e diversos: emergências políticas e projetos de poder na revolta baiana de 1837* . Salvador: UFBa, Dissertação de mestrado, 2006.
[23] Para uma análise da Revolta dos Alfaiates, cf. István JANCSÓ. *Na Bahia, contra o Império – história do ensaio de sedição de 1798*. São Paulo, Salvador: Hucitec/Edufba, 1996.
[24] Ubiratan Castro de ARAÚJO. "A política dos homens de cor no tempo da Independência. In: *Revista Clio Série História do Nordeste n° 19*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001, p. 25.

O período reconhecido como *Bahia rebelde*, portanto, revelaria segundo Ubiratan Araújo uma linha de continuidade desde as propostas esboçadas pelos sediciosos de 1798 até a Sabinada. Tratar-se ia de um programa político emanado de setores populares, visando a democratização política e racial da Bahia. Autores que investigaram aspectos políticos da Bahia oitocentista têm se utilizado com freqüência deste referencial historiográfico para produzir suas análises.

Sérgio Armando Diniz Guerra Filho identificou o programa popular inaugurado pelos sediciosos de 1798 em seu estudo da guerra de independência na Bahia, reconhecendo que este acúmulo de experiência política seria estendido para além do período da emancipação: "espremidos entre a guerra contra os portugueses e a disciplina militar a serviço da 'ordem', os homens livres pobres não encontraram nem produziram o espaço necessário para o desenvolvimento e implementação do seu programa político de Estado mais 'democrático' e menos desigual onde coubessem, a si e aos seus sonhos. No entanto, sinalizaram, aqui e ali, de formas contundentes ou sutis, a latência deste programa, que ainda iria aflorar em outros momentos da primeira metade do século XIX".[25]

O trabalho de Dilton Oliveira Araújo, referente ao período imediatamente posterior à Sabinada, também identifica esta continuidade nos projetos políticos populares estabelecidos na Bahia em finais do XVIII até a metade do XIX, intensificando-se na ação rebelde da década de 1830: "[a Sabinada] incorporou, assim como todas as revoltas populares que a precederam, insatisfações de militares e da população pobre e de cor, que lutavam pela resolução de suas pendências de natureza salarial e que buscavam quebrar barreiras legais e práticas às possibilidades de ascensão sócio-profissional para amplos setores da sociedade, como bem percebeu Ubiratan Araújo".[26]

---

[25] Sérgio Armando Diniz GUERRA FILHO. *O povo e a guerra. Participação das camadas populares nas lutas pela independência do Brasil na Bahia*. Salvador: UFBa, Dissertação de mestrado, 2004, p. 66.
[26] Dilton Oliveira de ARAÚJO. *O tutu da Bahia (Bahia: transição conservadora e formação da nação, 1838-1850)*. Salvador: UFBa, tese de doutorado, 2006, p. 33.

O balanço historiográfico aqui realizado permite o levantamento de algumas questões. Será possível compreender a Sabinada como mais uma das expressões do ciclo chamado *Bahia rebelde*, talvez a mais radical e bem acabada delas, nas quais setores populares – negros e pobres – teriam buscado a implementação de um programa político próprio? De que maneira as identidades políticas possíveis no período – entre elas o federalismo, o republicanismo e o monarquismo constitucional – estariam contempladas entre os rebeldes sabinos? Qual seria o eco dessas reivindicações entre os adversários da revolução e a população da cidade de Salvador?

Não é possível encaminhar respostas satisfatórias a estas questões sem antes avaliar o que a historiografia tem discutido acerca dos vetores *política* e *raça*, não apenas no âmbito da província, mas também na lógica do período Regencial e do mais amplo processo de construção do Estado e da nação no qual a Sabinada está inserida.

Em meio ao turbulento contexto do início do período Regencial, os liberais que ascenderam ao poder promoveram uma série de reformas, entre elas, a criação da Guarda Nacional, o Código do Processo Criminal e o Ato Adicional, conferindo às províncias maiores poderes de governo[27].

Buscou-se, nessas reformas, acomodar e contemplar os anseios por autonomia local, rompendo com o modelo unitário implantado por Pedro I. A partir dessas medidas, entretanto, revoltas eclodiram em diferentes partes do Império, pois à descentralização do poder sucederam-se disputas pelo seu exercício nas províncias. Estes conflitos desgastaram o projeto empreendido pelo grupo liberal, e fortaleceram ideais de retorno à política centralizadora.

Em 1837, ano em que se iniciou a Sabinada, o contexto político era bastante tenso: o regente liberal Diogo Antonio Feijó cedia às pressões e renunciava em nome do conservador

[27] Paulo Pereira CASTRO. "A experiência republicana". In: Sérgio Buarque de HOLANDA (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II, 2º. Volume. São Paulo: DIFEL, 1964.

Araújo Lima. Iniciava-se o período conhecido como Regresso, em que se desenvolveu um projeto que buscava aumentar o controle sobre as instâncias locais de poder, através de reformas no Código do Processo Criminal (1841) e da Lei de Interpretação do Ato Adicional (1840), promovendo a centralização do aparato judiciário. Diante deste quadro, a historiografia vem produzindo diferentes interpretações.

José Murilo de Carvalho trabalha com a idéia de "acumulação de poder" para explicar o processo de formação do Estado, que segundo ele alcança sua completude em 1850. De acordo com este autor, a construção nacional seria obra dos membros da elite que ocuparam cargos políticos, militares e administrativos no Império. Para ingressar neste seleto grupo, o autor observou ser necessária uma trajetória comum, levando à coesão e ao comprometimento necessários para a imposição do Estado sediado no Rio de Janeiro a todo o território correspondente ao que fora a América Portuguesa. Para José Murilo de Carvalho o fato de praticamente todos os membros da elite terem freqüentado os bancos da Faculdade de Direito, ingressado na magistratura e adquirido experiência administrativa como presidentes de província conferia a eles uma visão específica, homogênea e comprometida com um projeto de unidade política para o Império.[28]

Ilmar Mattos, por outro lado, atribui profundas diferenças aos membros da elite, observadas nos projetos liberais e conservadores do período regencial. De acordo com este autor, entre os liberais prevaleciam os interesses políticos locais, o que lhes conferia grande heterogeneidade e dificuldade de articulação de um projeto nacional. Seus ideais – como a monarquia descentralizada e a difusa idéia da necessidade de uma "revolução" – não seriam suficientes para estabelecer entre eles uma unidade de ação. O ideário conservador, baseado na defesa da centralização política, teria maior apelo entre os setores proprietários; isto conferia aos conservadores, segundo o autor, uma unidade de ação política que os liberais

---

[28] José Murilo de CARVALHO. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

jamais alcançaram. Desta forma, de acordo com Mattos, o projeto nacional mais bem-sucedido fora realizado pelos “regressistas” ou Saquaremas; nele, procurou-se estabelecer um elo de continuidade entre alguns elementos da colonização, tais como escravidão e grande propriedade, no processo de constituição do Estado e da nação imperial.[29]

Miriam Dolhnikoff também diferencia os projetos políticos de liberais e conservadores, conferindo-lhes, entretanto, significação histórica oposta àquela proposta por Mattos. A autora descreve os liberais como grupo político cujo projeto para a formação do Estado e da nação vinculava-se às demandas por autonomia provincial, e reconhece nas reformas dos primeiros anos da Regência um projeto liberal sólido e vitorioso, a despeito das reformas promovidas pelo chamado Regresso Conservador. Segundo Dolhnikoff, estas reformas não teriam alterado fundamentalmente o arranjo institucional de tipo federalista que distribuíra maiores espaços de atuação política e administrativa nas localidades do Império, antes se restringiram à centralização do aparelho judiciário[30].

A acomodação no interior do Estado de muitas das demandas por autonomia local não impediu, contudo, a eclosão de importantes revoltas em várias regiões do Império. A historiografia citada permite a visualização de um quadro político bastante tenso durante a Regência, seja nos limites da província da Bahia, seja no conjunto do Império. Este quadro permitiu aos homens e mulheres do período a elaboração de diferentes respostas, estratégias de luta e projetos de futuro. Compreender de que maneira a Sabinada se relaciona ao contexto político acima descrito é um dos principais desafios deste trabalho. É necessário investigar de que maneira o arranjo político-institucional inaugurado pelas regências encontrou eco na província da Bahia, proporcionando a polarização de diferentes forças políticas: por um lado, rebeldes dispostos a romper com a ordem estabelecida; por outro lado, legalistas dispostos a defendê-la e garantir a sua continuidade. O processo de composição dessas identidades

[29] Ilmar Rohloff de MATTOS. *O tempo Saquarema. A formação do Estado Imperial*. São Paulo: Hucitec, 1987.
[30] Miriam DOLHNIKOFF. *O pacto imperial – origens do federalismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Globo, 2005.

políticas divergentes na revolução baiana de 1837 é o objeto de investigação da primeira parte deste trabalho.

Além das diferentes identidades políticas possíveis no contexto da Sabinada, é de fundamental importância para este trabalho a investigação da composição de identidades raciais no episódio. Antes de apresentar um panorama historiográfico da questão racial na Bahia oitocentista, contudo, é importante discutir a utilização das categorias raciais.

Em primeiro lugar, vale esclarecer que a categoria *raça* é um conceito que serve à instrumentalização teórica, especialmente relevante aos objetivos propostos neste trabalho, pois se relaciona diretamente à construção de identidades. De acordo com Antonio Sérgio Guimarães, "as raças são, cientificamente, uma construção social e devem ser estudadas por um ramo próprio da sociologia ou das ciências sociais, que trata das identidades sociais. Estamos, assim, no campo da cultura, e da cultura simbólica. Podemos dizer que as 'raças' são efeitos de discursos; fazem parte desses discursos sobre origem. As sociedades humanas constroem discursos sobre suas origens e sobre a transmissão de essências entre as gerações. Este é o terreno próprio às identidades sociais, o seu estudo trata desses discursos sobre origem".[31]

A historicidade do termo raça e da prática do racismo vem sendo analisada sob diferentes pontos de vista. A hipótese mais corrente é de que nos séculos do Antigo Regime e ao longo de sua crise, no século XVIII, predominaria no Ocidente um conceito de raça ligado às idéias de nobreza e linhagem. A partir da segunda metade do século XIX, no contexto da expansão neo-imperialista, surgiria um novo conjunto de idéias raciais e práticas racistas, que segundo Hanna Arendt alcançariam seu ápice na primeira metade do século XX com os regimes totalitários da Europa.[32]

---

[31]Antonio Sérgio Alfredo GUIMARÃES. "Como trabalhar com 'raça' em sociologia". In: *Educação e Pesquisa*, vol. 29, n.1. São Paulo: Faculdade de Educação, Jan./Jun. 2003.
[32] Hanna ARENDT. "A ideologia racista antes do racismo". In: *As origens do totalitarismo II – Imperialismo, a expansão do poder*. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1976.

Michel Foucault tem uma periodização semelhante à de Hanna Arendt, sugerindo que as idéias de raça e classe são forjadas no processo de formação das nações modernas. Segundo o autor, a nobreza da França sentiu-se ameaçada pelas idéias jurídicas surgidas no século XVIII, e teria construído um discurso de origem comum ao monarca para escapar aos ideais de igualdade. Foucault defende que apenas no século XIX, com a consolidação dos Estados-nação, é que surgiriam as modernas noções de raça e classe, associando caracteres físicos ao espaço social a ser ocupado por cada grupo. No entanto, Foucault se diferencia de Arendt na interpretação, pois para ele o racismo moderno fora engendrado como resposta a disputas de poder intrínsecas às nações em formação, e não como forma de legitimar as conquistas imperialistas do século XIX.[33]

Ainda nesta linha, Louis Dumont afirmou que "o racismo é, tal como se o reconhece, mais geralmente um fenômeno moderno". Na sociedade moderna, pretensamente igualitária, o racismo seria uma reformulação dos paradigmas excludentes da antiga sociedade hierárquica. Segundo este autor, "as sociedades do passado conheceram uma hierarquia de *status* levando consigo privilégios e incapacidades, entre outras a incapacidade jurídica total, a escravidão (..). À distinção entre senhor e escravo sucedeu a discriminação dos brancos em relação aos negros".[34]

Desta forma, é possível afirmar que, no ponto de vista de Dumont, Arendt e Foucault, o racismo e o conceito de raça não estão postos no interior das sociedades escravistas, são construções posteriores, relacionadas à desconstrução da ordem hierárquica, à expansão imperialista e à formação dos Estados nacionais, respectivamente.

Em relação à questão racial no Brasil, Lilia Schwarcz mantém uma periodização semelhante a dos autores citados. As teorias raciais teriam, segundo a autora, seu auge no

---

[33] Michel FOUCAULT. "El relato de los orígenes y el saber del príncipe". In: *Genealogía del Racismo. De la guerra de las razas al racismo de Estado*. Madrid: Ed. de la Piqueta, s/d.

[34] Louis DUMONT. "Casta, racismo e 'estratificação'. Reflexões de um antropólogo social". In: Neuma Aguiar (org.). *Hierarquia em classes*. RJ: Zahar, s/d., pp. 115-6.

Brasil entre 1870 e 1930, tardiamente em relação à Europa e EUA. Num período em que a idéia de nação era discutida e consolidada no país, o conceito de raça teria surgido como mais um dos temas em negociação. A autora destaca que o pensamento racista do XIX se opôs ao pensamento iluminista, e foi fundado sobre bases pretensamente científicas: "a discussão racial e mais especificamente o termo raça surge como um conceito negociado, um conceito construído em finais do século XIX".[35]

Outro exemplo importante de análise da questão racial no pensamento social brasileiro se encontra na obra de Roberto Da Matta, que investigou as bases da sociedade hierárquica constituída pela colonização portuguesa na América. Para este autor, a chamada "fábula das três raças" seria uma reinterpretação ideológica das hierarquias coloniais na modernidade, com o objetivo de mantê-las. Vale citar a definição apresentada pelo autor: "a 'fábula das três raças' e o racismo à brasileira são ideologias que permitem conciliar uma série de impulsos contraditórios de nossa sociedade, sem que se crie um plano para sua transformação profunda (...). O marco histórico das doutrinas raciais brasileiras é o período que antecede a Proclamação da República e a Abolição da Escravatura, momento de crise nacional profunda, quando se abalam as hierarquias sociais".[36]

No entanto, alguns autores utilizam o conceito de raça e identificam o racismo no Brasil em períodos anteriores à segunda metade do século XIX, formulando interpretações diferentes das já comentadas. Estas interpretações surgem com freqüência na análise da sociedade escravista baiana.

Os dados populacionais da Bahia no século XIX evidenciam uma sociedade profundamente miscigenada, em que os homens de cor predominavam em relação aos

---

[35] Lilia K. M. SCHWARCZ. "As teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX". In: *Raça e Diversidade.* SP: Edusp, 1996, p. 172. Ver também, da mesma autora: "Nomeando as diferenças: a construção da idéia de raça no Brasil". In: BÔAS, G. V. & GONÇALVES, M. A. *O Brasil na virada do século – o debate dos cientistas sociais*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1995.

[36] Roberto da MATTA. "Digressão: a fábula das três raças ou o problema do racismo à brasileira". In: *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 68.

brancos. Katia Mattoso apresenta dados a partir dos quais se percebe que a ocupação do espaço de Salvador está vinculada a grupos raciais. Há paróquias em que se concentram negros, outras em que prevalecem mulatos, e pequenos agrupamentos de brancos, sejam estrangeiros ou "da terra".[37]

Na Bahia oitocentista, João José Reis identificou muitas tensões baseadas na cor da pele. Essas tensões iam muito além da polaridade "branco *versus* negro": havia a rivalidade de negros com outros negros – seja no caso de crioulos (termo utilizado no século XIX para designar escravos nascidos no Brasil em oposição aos escravos nascidos na África) *versus* africanos, seja no caso de africanos *versus* africanos; houve também casos em que brancos e negros crioulos se solidarizavam contra os africanos, e casos em que brancos repeliam a proximidade – por vezes física, como no caso das moradias urbanas[38] – com os crioulos. No interior da escravidão, crioulos e africanos tinham relações culturais e sociais diferentes com seus senhores, apesar de ambos serem negros. Além disso, há conflitos entre os muitos tipos miscigenados, o que confere maior complexidade ao quadro de tensões raciais possíveis naquele quadro social.

Diante deste breve balanço bibliográfico, é possível observar duas diferentes correntes de pensamento: uma na qual o conceito de raça e o racismo são compreendidos como instituições modernas, engendradas a partir da segunda metade do século XIX, e outra na qual estes dois elementos são compreendidos como parte do sistema escravista atlântico, estabelecido nos séculos anteriores.

A investigação da questão racial durante a Sabinada é o eixo de investigação da segunda parte deste trabalho. Segundo João José Reis, "o componente racial dos movimentos sociais e seu reflexo na mente da elite – que *se acreditava* branca – é, talvez, a maior fonte

---

[37]Kátia de Q. MATTOSO. *Bahia, século XIX. Uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1992.
[38] Num mesmo sobrado poderia residir uma família branca tradicional, na parte de cima; mulatos ou crioulos no térreo; nos porões, ou lojas, invariavelmente haveria africanos. "Havia, por assim dizer, uma segregação por trás das paredes". João José REIS. *Rebelião escrava no Brasil.* Op. cit., p. 400.

para a caracterização da natureza dos movimentos e da expectativa temerosa que eles causavam aos grupos dominantes e aos defensores da Ordem".[39]

Pretende-se, em primeiro lugar, verificar se entre os homens da Bahia em 1837-38 havia a idéia de raça e a prática do racismo. Em outras palavras, o estudo da Sabinada traz o desafio de investigar qual conceito de raça orienta a ação dos envolvidos naquele episódio. Para tentar responder a esta questão, pretende-se caracterizar a participação negra nas fileiras rebeldes, e também o reflexo dessa participação nas palavras e ações daqueles que combateram o movimento.

Antes de dar início a essa análise, entretanto, será necessária uma última justificativa de ordem conceitual. A categoria *negro*, aqui utilizada, estava presente de forma diferente da atual no universo vocabular dos contemporâneos da Sabinada. Assim, os que hoje são considerados negros, na época em questão eram classificados com termos bastante variáveis, como explicou João José Reis:

"A diversidade de origem marcou o comportamento político diferenciado desses segmentos da sociedade baiana. Mas havia também as diferentes cores entre os nascidos no Brasil: o negro, que sempre se chamava crioulo; o cabra, mestiço de mulato com crioulo; o mulato, também chamado pardo; e o branco. Havia negro crioulo e negro africano, este, durante o período aqui estudado, quase sempre referido como *preto*. Havia branco brasileiro e branco europeu, este quase sempre português. Se tinha outras, pelo menos essa ambigüidade nacional o mulato não tinha: era sempre brasileiro. Como os brasileiros, os africanos também estavam diferenciados, não em cores, mas em grupos étnicos chamados 'nações'".[40]

Neste trabalho, o uso da categoria *negro* pretende caracterizar os homens não-brancos, africanos ou afro-descendentes, que recebiam diversas nomenclaturas naquele período. Quando a análise da documentação o exigir, serão utilizadas as categorias nativas.

---

[39] João José REIS. "A elite baiana face os movimentos sociais. Bahia: 1824-1840". *In: Revista de História* 54:108 (out/dez. 1976), p. 375.
[40]João José REIS. *Rebelião escrava no Brasil*. *Op. cit.*, p. 23.

Para alcançar os objetivos aqui propostos, recorreu-se a uma ampla e variada documentação. À época do centenário da Sabinada, somando-se os esforços do IHGB com o Arquivo do Estado da Bahia, foi publicada uma coleção em 5 volumes. Encontram-se ali atas e proclamações rebeldes, ofícios do governo legalista, excertos da imprensa da Corte e da Bahia, memórias de contemporâneos ao movimento, peças de processos movidos contra rebeldes, inventários e muitos outros. A maior parte da documentação está anexada a artigos apresentados pelos pesquisadores do IHGB. Não se trata, portanto, de uma compilação de documentos, e sim de artigos que trazem documentos transcritos, em sua maioria. Esta coleção foi reunida sob o nome de *Publicações do Arquivo do Estado da Bahia: A Revolução de 7 de novembro de 1837*, e foi publicada entre os anos de 1937 e 1948.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi necessário, em primeiro lugar, mapear e tabular os dados encontrados na documentação disponível na coleção PAEBa. Esta divisão foi feita, inicialmente, através da delimitação de três grandes grupos documentais. No primeiro deles reuniram-se memórias e manifestos escritos por rebeldes e legalistas, através dos quais foi possível compor um quadro inicial das identidades políticas e raciais em confronto na Sabinada. Este tipo de fonte tem a intenção mesma do legado à posteridade, e expressa o desejo de construção de uma memória em torno da revolta, seu desenrolar e seus significados. Observa-se que os autores memorialistas construíram discursos muitas vezes contraditórios entre si, o que evidencia um esforço na arte do esquecimento e do silêncio, por um lado, e do superdimensionamento de algumas situações, por outro. Ao historiador, analista posterior de tais fontes, cabe a tarefa de buscar compreender estes discursos, seja naquilo que eles têm de objetivo, seja em suas muitas subjetividades.

O segundo grupo de fontes refere-se à documentação oficial produzida durante a Sabinada. Aqui foram agrupados atas, ofícios, medidas, proclamações e correspondências, tanto do governo rebelde quanto de suas contrapartes no governo legalista. Incluem-se neste

conjunto as trocas de informações entre a Bahia e a Corte, assim como as negociações de ambos os lados com os representantes de nações estrangeiras, sobretudo os cônsules de Portugal e Inglaterra. A partir desta documentação foi possível conhecer os passos dados estrategicamente por rebeldes e legalistas ao longo do combate, e também vislumbrar referências que os adversários faziam a si mesmos e aos outros, mapeando a construção de identidades políticas e raciais.

Finalmente, no terceiro conjunto de fontes foram agrupados os autos dos processos movidos contra os líderes e demais acusados de coadjuvar a Sabinada. Nesta documentação, observa-se um discurso rebelde acuado pela necessidade evidente de auto-preservação, e um discurso legalista manifesto em sua maior radicalidade. A partir dos documentos da repressão à Sabinada também foi observado em perspectiva o significado político conferido ao movimento, na idéia que os vencedores forjaram dele para a posteridade.

No Arquivo Público do Estado da Bahia encontra-se uma ampla documentação relacionada à revolta de 1837. Vale dizer que parte significativa da documentação levantada não se encontrava nos maços reunidos sob o título “Sabinada”, e sim esparsas ao longo de maços referentes a outras questões, sobretudo militares, e correspondências. Os maços de documentos tradicionalmente utilizados na investigação da Sabinada trazem, em sua maioria, documentos de eventos políticos e militares, privilegiando os sujeitos históricos que se encontravam no centro da ação política rebelde e legalista. Ampliando a pesquisa documental para além dos maços de documentos previamente reunidos a respeito do tema, foi possível visualizar vozes ainda não contempladas nas análises da Sabinada, e retomar algumas discussões já colocadas pela historiografia.

Foram trabalhadas também as fontes da imprensa rebelde, desde os meses anteriores ao início da revolução até o ano seguinte. Privilegiou-se a análise dos periódicos produzidos

na província da Bahia, em versões digitalizadas pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP).

No texto que segue, elaborado a partir da leitura crítica desses conjuntos de fontes e da bibliografia comentada, procurar-se-á conhecer a riqueza de identidades políticas e raciais manifestas pelos contemporâneos da Sabinada. Na primeira parte, dedicada à análise das identidades políticas, será esboçado um panorama bilateral da questão.

No primeiro capítulo, apresenta-se uma investigação acerca dos rebeldes, partindo de uma caracterização social daqueles que promoveram a revolução. No segundo item, explorar-se-á as manifestações de hostilidade aos portugueses ao longo da Sabinada. No terceiro item, discutir-se-á as críticas desenvolvidas pelos rebeldes ao contexto político da província e da Corte, visando uma caracterização de seu programa político. Este programa, como se verá no item seguinte, não foi de fácil execução para os rebeldes instalados no poder, mantendo-se durante a Sabinada parte significativa da organização administrativa da capital.

No segundo capítulo, apresenta-se uma investigação sobre os setores que se comprometeram a debelar o movimento rebelde. Nos dois primeiros itens, discutir-se-á as diferentes caracterizações utilizadas pelos legalistas para descrever e combater o governo instalado na capital. Em seguida, a discussão passa para o processo de repressão à Sabinada. De início, apresentam-se exemplos de como o advento da revolução transformou a vida das pessoas na cidade, ainda que não houvesse da parte delas algum comprometimento ideológico com as partes em confronto. Depois, discutir-se-á a forma como os legalistas justificavam as prisões em massa no momento da restauração da cidade. O quinto item deste capítulo discutirá a maneira pela qual os legalistas receberam as modificações no projeto rebelde instaurado na capital. Finalmente, discutir-se-á a construção de um grupo de legalistas coeso política e ideologicamente, avaliando as vantagens e desvantagens desta opção, bem como as diferenças e dificuldades encontradas entre os imperiais na prática de combate à revolução.

Na segunda parte deste trabalho será analisada a questão racial, partindo-se, no terceiro capítulo, de uma investigação sobre a utilização do termo raça para os contemporâneos da Sabinada, e de sua importância para o debate do Estado nacional brasileiro em construção. No segundo item, analisar-se-á a presença de escravos no movimento, sobretudo pelas suas conseqüências nas relações raciais. No terceiro item, verificar-se-á como a Sabinada foi um momento propício para a prática da resistência escrava, e como foi construída pelos legalistas uma associação direta entre o governo rebelde e os setores negros da população.

No quarto e último capítulo, pretende-se discutir as identidades raciais expressas pela Sabinada. No primeiro item, analisar-se-á a possibilidade de uma politização essencialmente negra para o movimento, contrapondo as interpretações já existentes na historiografia aos elementos recolhidos na documentação. No segundo item, verificar-se-á a maneira pela qual a repressão da Sabinada privilegiou a punição da população negra.

Ao final deste percurso pretende-se avaliar as possibilidades de intersecção dos vetores *raça* e *política* neste episódio, que é parte importante do processo de formação da identidade nacional brasileira. As tensões entre o "ser baiano" e o "ser súdito do Império", e ainda as diferentes possibilidades do "ser brasileiro", estiveram presentes no cotidiano da Sabinada. O movimento expressa uma multiplicidade de identidades políticas e raciais que cumpre analisar agora em maior profundidade.

Capítulo 1 – A ordem sob a mira da revolução

O principal objetivo desta primeira parte do trabalho é reconhecer e qualificar as diferenças fundamentais entre projetos e identidades políticas dos rebeldes e legalistas envolvidos na revolução baiana de 1837. É importante ressaltar que toda a documentação produzida por ambos os lados visa construir imagens de si e dos oponentes.

Neste capítulo, pretende-se chegar aos pontos centrais da discordância elaborada pelos sabinos em relação ao sistema político vigente na Corte e na província. A documentação produzida por eles a respeito de seus oponentes evidencia, além das críticas diretas à ordem estabelecida, a clara finalidade de ocupar um espaço de poder, e por isso é necessário analisar essas fontes com atenção às muitas subjetividades e sutilezas que carregam. Esses discursos podem revelar, por vezes, mais sobre quem os produz do que sobre aqueles ali descritos. Não se trata, portanto, de buscar nas fontes descrições objetivas de um ou de outro grupo. Pretende-se, em lugar disso, avaliar a construção de discursos sobre identidades. Quem foram os rebeldes da revolução de 1837, quais suas propostas políticas, bem como as formas encontradas por eles de difundi-las e colocá-las em prática, serão as questões tratadas em seguida.

1.1. Entre a canalha e a aristocracia: a posição social dos rebeldes.

Para melhor compreensão das críticas surgidas na Sabinada ao modelo político institucional vigente faz-se necessário, de início, uma investigação sobre quais seriam os setores sociais da capital baiana envolvidos na formulação dessas críticas e na ação revolucionária propriamente dita. A proposta é verificar se os rebeldes compunham um grupo popular organizado em torno da rivalidade com o poder estabelecido, ou então se faziam parte de uma elite política em confronto com outros setores privilegiados ou mesmo com a presidência da província.

Os legalistas, como se verá no próximo capítulo, classificavam os rebeldes como parte de uma turba popular perigosa que, juntamente com as tropas, teria desafiado o trono, a constituição e a ordem social do Império. A historiografia oferece algumas biografias de envolvidos na revolução, o que permite uma caracterização social mais nítida das principais lideranças. Do entrecruzamento dessas informações com os elementos recolhidos junto à documentação será possível uma aproximação da composição social dos articuladores da Sabinada.

F.W.O. Morton afirma que a liderança do movimento estava longe de ser "proletária", sendo formada exclusivamente por membros das "classes médias de cor" – o que incluiria, ainda que minoritariamente, alguns brancos. Os envolvidos na revolta seriam principalmente pessoas com algum estudo, como bacharéis e médicos, e também o baixo oficialato. Ainda segundo Morton, nenhum dos envolvidos na Sabinada era um "aristocrata", ou seja, membro de alguma família proeminente da capital ou do Recôncavo.[41]

Na documentação observa-se que os revolucionários, de fato, procuraram evitar uma identificação com os setores mais pobres da cidade. O professor João da Veiga Murici, um dos principais intelectuais do movimento, sugeriu que sob o governo rebelde a chamada "canalha" encontrava-se sob controle, e que só mesmo por parte dos adversários da revolução havia interesse em torná-la ameaçadora:

> *"Se [os aristocratas] não se animavam a promover a revolução, era por temerem a oposição da tropa, ou a licença da gente, que eles apelidavam – canalha. Ora, essa apelidada canalha acha-se na cidade, mas o que ela tem feito contra a ordem mantida pelas tropas e mais povo? Logo desses mesmo presumidos patrícios é que nascia o seduzir a chamada canalha para cometer violências, o que assim mesmo nunca era senão com alguns portugueses mal indigitados; pois essa canalha é menos soberba do que seus nobres sedutores".*[42]

Havia, portanto, uma alteridade possível dentro da própria área de atuação rebelde: uma parte da população da cidade era identificada ao binômio "tropas e mais povo" – que

[41] F.W.O. Morton. *The Conservative Revolution*. Op. cit., p.363-364.
[42] PAEBa, vol. 1, p. 154.

constituíam aliados ordeiros e mantenedores da ordem – e a outra parte era a chamada "canalha", parte da população não confiável e que, portanto, não deveria ser e não era mobilizada. A esta parte da população os sabinos não se reportavam. Assim, da perspectiva rebelde a população cindia-se em dois grupos: o povo e a canalha, sendo que a revolução estaria identificada ao primeiro desses grupos.

O depoimento dado pelo bacharel João Carneiro da Silva Rego Filho após o término da Sabinada demonstra que outros homens da sua condição social estiveram presentes no dia da tomada do poder pelos rebeldes. Para justificar ao júri sua assinatura na ata fundadora da revolução, João Carneiro da Silva Rego Filho afirmou que "subira até os passos da Câmara por achar-se ali reunido grande número de pessoas de beca, e que nessa ocasião assinara a ata que se lavrou, sem que a tivesse lido".[43] Ainda que a inocência alegada pelo bacharel seja pouco provável, chama a atenção nesta fala a presença de outras "pessoas de beca" no ato que fundou o Estado Independente. Gente da categoria de Carneiro Filho – branco, graduado, filho de um proprietário de terras eleito para a Assembléia Provincial, como se verá mais adiante – não se envolveria em agitações da população livre pobre nem tampouco de escravos. Anunciava-se, a 7 de novembro de 1837, um movimento de contestação política capitaneado por pessoas de letras e luzes, e até de algum cabedal, como o pai deste bacharel – que seria aclamado naquele mesmo dia para ocupar o posto de vice-presidente do Estado livre e independente da Bahia.

A despeito da cuidadosa distância mantida pelas lideranças rebeldes dos grupos sociais mais pobres, havia a composição de um discurso para garantir sua adesão ao movimento. O comandante das tropas rebeldes Sérgio José Velloso afirmou, em proclamação dirigida à

[43] PAEBa, vol. 3, p. 21. Este mesmo argumento foi utilizado por outros acusados. Um deles chegou a afirmar que assinou a ata por ver reunidas na Câmara "as melhores pessoas desta Cidade". Cf. *idem*, p. 27.

cidade, que “nossa revolução quer que as leis sejam justas e úteis e igualmente para com o pobre, o pequeno e o desvalido, como podem ser para com os ricos, grandes e poderosos”.[44]

Observa-se no discurso de Velloso que o contorno da alteridade se faz sob uma base de classe, opondo pobres e ricos. Se as leis revolucionárias se oferecem aos pobres, há uma acusação velada de que as leis imperiais não o faziam, servindo apenas aos ricos e poderosos. Mas isso não é razão para que se considere os sabinos como membros de setores populares. O próprio Velloso, como lembra Morton, descendia de uma família tradicional de oficiais do meio militar baiano, portanto estava longe de ser um “pobre, pequeno ou desvalido”. O autor sugere, inclusive, que a adesão de Velloso à revolução se deveu não exatamente a um compromisso ideológico, mas sim por ressentimento, por lhe ter sido negada uma promoção ao posto de Major do Corpo de Artilharia.[45]

A Sabinada não foi um confronto entre elites, nem tampouco a linha de frente da revolução era composta exatamente por aquilo que se possa chamar “pessoas do povo”. Entretanto, é importante assinalar que parte significativa da população pobre da cidade deu suporte aos rebeldes nos campos de luta, como se depreende dos documentos das prisões efetivadas após a restauração da cidade. A discussão acerca da participação dos pobres na Sabinada terá continuidade no próximo capítulo, pois essa questão diz respeito também à imagem construída dos rebeldes pelos seus adversários.

A pesquisa realizada permite observar no episódio baiano a radicalidade política de uma camada urbana, socialmente intermediária, que por um lado não era parte do “povo mecânico”, e por outro estava distante social e economicamente dos grandes proprietários que dominavam a cena política e administrativa da província.

As camadas médias urbanas de Salvador estiveram, ao longo da década de 1830, diretamente envolvidas nos vários episódios de contestação e rebeldia promovidos, com maior

---

[44] PAEBa, vol. 1, p. 226-227.
[45] MORTON. *The Conservative Revolution*. Op. cit. p. 366.

ou menor organização prévia, pelas ruas da cidade. A mais completa descrição feita do contexto social da capital baiana em 1835 e 1836, anos anteriores à eclosão da Sabinada, encontra-se na obra de João José Reis.[46] O autor descreve a profunda desigualdade social da cidade, associada à brutal concentração de renda e às freqüentes crises de abastecimento – o que tornava comuns na paisagem urbana as figuras de crianças abandonadas e miseráveis de todo tipo. Moravam também em Salvador as famílias dos mais abastados senhores de terras e escravos da província. Dessa forma, as diferenças entre os extremos sociais – ricos e pobres, brancos e pretos – eram constantemente reiteradas e reconstruídas, principalmente em eventos públicos como festas e sepultamentos.

Reis informa que a grande maioria da população livre da cidade poderia ser considerada pobre. Havia, entretanto, possibilidade de ascensão social, sobretudo para brancos e mestiços: através de casamentos, relações de compadrio ou favorecimento, que poderiam dar acesso a algum cargo público ou estudo. É neste interstício social que se forja a assim chamada "classe média de cor", retomando a expressão de Morton. Esse grupo compõe a população da cidade que, segundo Reis, estava "já acostumado à rebeldia" naqueles conturbados anos da Regência.[47]

No quesito sócio-ocupacional, segundo Katia Mattoso, a Salvador do século XIX pode ser compreendida em quatro diferentes níveis: no topo estariam os senhores de engenho, grandes negociantes, funcionários do Estado e da Igreja, oficiais de alta patente. Na segunda categoria, médios funcionários da Igreja e do Estado, oficiais militares, comerciantes e artesãos enriquecidos, pessoas que viviam de renda. No terceiro escalão, funcionários

---

[46] João José REIS. "O cenário da Cemiterada". In: *A morte é uma festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. Op. cit. Do mesmo autor: "A Bahia em 1835: sociedade e conjuntura econômica". In: *Rebelião escrava no Brasil*. Op. cit.

[47] João José REIS, *A morte é uma festa*, op. cit, p. 46.

menores, militares, profissionais liberais de pouco prestígio social, trabalhadores de rua livres ou libertos. Na base da pirâmide, concentrar-se-iam os escravos, mendigos e vagabundos.[48]

Nos autos dos processos movidos após a Sabinada é possível verificar a ocupação de alguns dos acusados de coadjuvar o movimento.[49] Estão ali, por exemplo, professores de primeiras letras e de latim, bacharéis, negociantes, funcionários públicos de médio escalão; a maioria dos acusados afirmou viver "de suas agências" ou "de negócios". Estes dados fazem supor que os rebeldes não eram pessoas desclassificadas socialmente, tinham ocupações tidas como "honrosas", não pertenciam ao chamado "povo mecânico". A análise desta documentação permite localizar os envolvidos entre o segundo e o terceiro dos grupos delimitados por Mattoso. Paulo Cesar Souza fez um minucioso levantamento das profissões dos implicados na revolução, chegando à conclusão de que "precisamente esses grupos urbanos eram os mais vulneráveis à miséria econômica que se acentuava na década de 1830, na província da Bahia".[50]

É bastante sólida a hipótese defendida por Souza, de que a crise econômica seja um fator determinante para o "desassossego público" da cidade naqueles anos. Contudo, é necessário considerar que havia outros elementos em jogo para a população urbana de Salvador, e que a convergência de vários fatores históricos redundou na tomada do poder por um grupo de rebeldes durante quatro meses. A Sabinada trouxe à tona reivindicações e tensões muito mais complexas do que a crise econômica local permite vislumbrar. Além da indiscutível luta pelo sustento e reprodução material, é importante considerar questões que ultrapassam em muito o âmbito da província, e que estão relacionadas, por um lado, à tradição colonial portuguesa, e por outro lado, ao conturbado processo de construção do Estado e da nação brasileiros. Nos próximos itens, pretende-se avaliar quais fatores, além da crise

---

[48] Cf. Katia M. de Queirós MATTOSO. *Bahia: A cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1978.
[49] No volume 3 da coleção PAEBa encontram-se algumas peças de processos movidos não apenas contra os líderes do movimento mas também de vários outros participantes ou suspeitos.
[50] Paulo Cesar SOUZA. *A Sabinada*. Op. cit.,p. 129-131.

econômica provincial, conferem inteligibilidade à Sabinada em suas origens e seus desdobramentos.

1.2. A lusofobia entre os rebeldes

Uma das mais freqüentes manifestações de tensão urbana na cidade da Bahia após a Independência é sem dúvida a hostilidade aos portugueses ali residentes. Os portugueses estavam presentes no cotidiano da província e representavam, muitas vezes, a força da opressão econômica sobre a população, já que eram os principais comerciantes. João José Reis aponta que, a partir de 1823, os conflitos anti-lusitanos na Bahia tinham como protagonistas sobretudo as milícias de cor. Os movimentos conhecidos como "mata marotos" contavam também com a participação de civis pobres e até de escravos, o que segundo o autor conferia ao anti-lusitanismo um caráter de conflito racial. Em 1831 um movimento deste tipo teve lugar na cidade de Salvador, associado à oposição a Pedro I. Neste episódio as tropas baianas levantadas conseguiram a demissão do comandante das armas, o português João Crisóstomo Callado – que teria, alguns anos depois, a oportunidade de uma revanche, comandando as forças que debelariam a Sabinada. A partir da abdicação, os conflitos anti-lusitanos passaram a ser cada vez mais associados aos setores urbanos médios e baixos da população. A elite baiana, segundo Reis, demonstrou ser contrária à expulsão dos portugueses, de cujo capital dependiam seus negócios.[51]

Na Sabinada encontram-se evidências de continuidade dessas tensões, e um rechaço por vezes agressivo da herança colonial e da presença portuguesa na Bahia. Em editorial do *Novo Diário da Bahia*, uma das folhas de maior destaque antes e durante a revolução, Francisco Sabino afirmou que

> *"concorrem para o nosso atraso muitos hábitos e costumes que a iluminada mãe pátria nos legou. Sim. Os maus hábitos, os vícios, a estupidez, o espírito de*

---

[51] João José REIS. *Rebelião escrava no Brasil*, *op. cit.*, pp. 47-52.

escravidão dos portugueses são ainda um estorvo à glória, à magnitude e respeito de que é suscetível o Brasil”.[52]

A participação dos portugueses na economia de Salvador, a despeito das bravatas de Sabino, era indispensável para a cidade. Deste modo, no início da Sabinada foi proibida sua evasão da cidade:

> *“A emigração continuou pois que não era embaraçada e sim o que se obstava era a saída de homens que pudessem pegar em armas inclusive os Portugueses que por princípio algum [os rebeldes] consentiam que saíssem da cidade”.* [53]

O autor anônimo – que assina sua narrativa sob a alcunha de “rebelde ou simpático” à revolução – sugere que o critério utilizado pelos sabinos para impedir a fuga da cidade seria apenas a possibilidade de se perderem homens para a luta. Entretanto, é importante lembrar que, ao saírem os portugueses, sairia também de circulação um capital fundamental, e seria comprometido todo o comércio e o abastecimento da cidade, já dificultados pelo cerco promovido pelos legalistas a partir do Recôncavo. Talvez ainda estivesse viva na memória dos rebeldes a lembrança do quadro do pós-independência, em que a fuga de muitos comerciantes portugueses trouxe consigo a falta de produtos no mercado baiano, seja para consumo direto, seja para os produtores rurais[54].

Em episódio narrado pelo negociante português Joaquim José Teixeira em suas memórias observa-se que as relações entre os homens da Sabinada e os lusitanos estabelecidos na capital eram ambíguas. Teixeira afirma que os rebeldes, após terem promovido um saque às munições do Brigue-Barca Bonfim, de sua propriedade, enviaram ofícios ao cônsul de Portugal protestando estima ao povo português e garantindo a inviolabilidade de suas propriedades. Nestes ofícios o governo rebelde afirmava ainda que

---

[52] No volume 4 da coleção PAEBa encontram-se transcritas duas edições do *Novo Diário da Bahia* às pp. 396-403. Citação à p. 401.
[53] PAEBa, vol. 1, p. 340.
[54] Sobre a fuga de portugueses e capitais da Bahia no contexto pós-1822, vide João José REIS, *Rebelião escrava* no Brasil, *op. cit*, p. 35.

somente tomaria por inimigos os portugueses que trabalhassem em favor do governo do Recôncavo:

> *"[...] eu assegurei a V. S. que os Súditos Portugueses seriam inviolavelmente garantidos em suas pessoas e bens (...) debaixo da condição tácita de se conservarem os Estrangeiros afiançados pelo Governo, na mais estrita neutralidade nos negócios políticos do povo entre o qual residem (...). Este governo tem a honra de reiterar a V. S. seus protestos de profunda consideração e respeito".*[55]

Observa-se, portanto, que a correspondência dos sabinos com o cônsul português é bem mais amistosa do que a atitude tomada pelo governo revolucionário contra a propriedade de Teixeira, e nem de longe se parece com o discurso anti-luso da imprensa rebelde. Ainda sobre este episódio, é interessante assinalar que o governo legalista tinha conhecimento das munições estocadas pelo português e que também pretendia confiscá-las, conforme se observa na correspondência do presidente da província.[56]

Daniel Gomes de Freitas, figura central na organização militar revolucionária, descreve em sua Narrativa que, à primeira marcha da tropa sublevada em direção à Câmara Municipal, foram ouvidos gritos de "morram os marotos da calçada do Bonfim em diante!".[57] Evidentemente não se tratava, neste caso, de uma medida expressa pelo governo rebelde – ainda sequer constituído –, e sim de uma manifestação popular anti-lusa como tantas outras que ocorriam freqüentemente na cidade, sobretudo em momentos como este de tensão urbana. Neste sentido, é possível vislumbrar na Sabinada a linha de continuidade apontada por Reis entre os conflitos baianos da década de 1830; ainda que a revolta de 1837 não fosse apenas um confronto anti-luso, é importante notar que no interior dela havia espaço para essa questão. Além das ações populares anti-lusitanas, é possível identificar posteriormente mais uma hostilidade do governo rebelde em relação aos portugueses da cidade. Segundo Gomes

---

[55] PAEBa, vol. 5, p. 102-3.
[56] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3531, 30 de novembro de 1837.
[57] PAEBa, vol. 1, p. 269.

de Freitas uma das primeiras medidas revolucionárias foi, "por cautela", o desarmamento dos portugueses e o recolhimento de suas armas para o Estado Independente.[58]

As ações anti-lusitanas da Sabinada não pararam por aí. Paulo Cesar Souza destacou que em fevereiro de 1838 uma portaria do governo rebelde determinou a prisão de todos os portugueses.[59] A situação de desabastecimento da cidade, a esta altura, já era grave a ponto de tornar secundárias as conseqüências da fuga do capital português da cidade. Já não havia mais possibilidade de qualquer troca ou comércio, e a hostilidade recaía sobre os portugueses com mais violência do que em tempos anteriores.

É emblemática desta lusofobia a experiência vivida pelos "portugueses de Nação" Antonio Ferreira da Silva e José Alexandre. Em ofício enviado ao cônsul português, eles relatam sua dramática história.[60]

Primeiramente "pelos rebeldes foram os suplicantes presos por serem Portugueses, e suspeitos". Destaca-se a imediata associação feita pelo governo rebelde entre a condição de portugueses e a condição de suspeitos ou inimigos da revolução. Num golpe de sorte, contudo, os prisioneiros escaparam "na ocasião em que os rebeldes foram tirar todos os presos criminosos para pegarem em armas, eis quando os suplicantes puderam escapulir, ocultando-se para se verem livres deles, e por isso nunca puderam os suplicantes se retirar para fora". Esta medida, tomada no dia 13 de março de 1838, reflete o desespero do governo rebelde nos dias finais da guerra. Vale ainda assinalar a justificativa dada pelos ex-prisioneiros por não terem emigrado para o Recôncavo legalista.

Os dois portugueses, contudo, não tiveram muito tempo para comemorar sua fuga:

> *"até que entrou a tropa no dia 14 do dito mês, e com grande prazer saíram os suplicantes para a rua, quando novamente tornaram a ser presos pela tropa da legalidade presente nesta Cidade, e se acham sofrendo prisão injusta a Bordo da Corveta Conceição".*

---

[58] PAEBa., vol 1, p. 269.
[59] Paulo Cesar SOUZA. *A Sabinada*, *op. cit*., p. 92.
[60] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2837 – 16 de março de 1838.

Desta forma, “visto serem súditos portugueses e não terem crime algum, e nem tampouco se envolveram em coisa alguma, como é pública sua boa conduta e inocência”, os prisioneiros aguardavam que seu cônsul tomasse alguma medida para livrá-los deste longo calvário.

É interessante notar, para além da incrível má sorte dos portugueses em questão, que eles foram postos à margem tanto da revolução como da legalidade, sendo repelidos por ambos os governos, presos como suspeitos de inimizade – esta, entretanto, não se comprovou em nenhum dos dois lados.

Observa-se, nestes exemplos, que o governo rebelde de 1837 reiterou e aprofundou as habituais inimizades públicas do povo baiano para com os portugueses estabelecidos na cidade, ainda que sob um discurso amistoso, visando provavelmente proteger o Estado Independente da fuga dos capitais e negócios movimentados por lusitanos e seus descendentes desde tempos coloniais. A revolução, entretanto, não tinha como único objetivo o revide à opressão econômica tradicionalmente praticada pelos portugueses na Bahia. É fundamental para a compreensão das identidades forjadas da Sabinada uma investigação das insatisfações políticas expressas pelo movimento, bem como das medidas tomadas pelos rebeldes instalados no governo para a inauguração de uma nova ordem na província. Esses serão os temas tratados nos dois próximos itens.

1.3. Cercados por dois famintos: a província e a Corte no alvo.

A demanda das províncias por autonomia era um dos principais desafios a ser enfrentado pelos governos regenciais na construção de um pacto imperial consistente, que unisse as diferentes localidades ao centro político do Rio de Janeiro e garantisse uma participação satisfatória das elites no arranjo político-institucional do país. Como principais iniciativas para encaminhar estas questões, surgiram as reformas do início da década de 1830, entre as quais têm destaque o Ato Adicional e o Código de Processo Criminal. O pacto

político estabelecido a partir de então, segundo Miriam Dolhnikoff, tinha o objetivo de acomodar no interior do arranjo institucional as demandas autonomistas das províncias, neutralizando as forças rebeldes e atuando em favor da integridade do Império. [61]

Essas forças, classificadas por Sérgio Buarque de Holanda como *centrífugas*,[62] são freqüentemente interpretadas como reações a um Estado Imperial cada vez mais centralizado, seja em torno das elites formadas pelas faculdades de Direito – como analisou José Murilo de Carvalho –, seja por dirigentes egressos do grupo Saquarema – como se observa na obra de Ilmar de Mattos.[63] Essas interpretações minimizam o impacto das reformas liberais promovidas a partir de 1832, e destacam a inflexão promovida pelo chamado Regresso Conservador. Para estes autores, haveria no período regencial um processo de crescente centralização política, contra o qual teriam surgido as revoltas provinciais. No caso da Sabinada, entretanto, tais interpretações devem ser tomadas com cautela, uma vez que a revolta ocorreu *antes* da revisão conservadora – ou seja, os rebeldes baianos se reportavam a um governo no qual vigiam plenamente as normas descentralizadoras do Ato Adicional e do Código de Processo Criminal.

A maior parte dos autores que se dedicaram à revolução de 1837 coloca o episódio como parte de uma luta contra este processo político supostamente centralizador, como se a Sabinada fosse uma resposta antecipada à possibilidade de retrocesso nas reformas liberais por parte do governo de Araújo Lima. Wanderley Pinho afirmou que a Sabinada "feria a corda dos males da centralização".[64] Paulo Cesar Souza, seguindo nessa linha, defende que "como outras rebeliões do período, a Sabinada foi uma reação a esse desenvolvimento de

---

[61] Miriam DOLHNIKOFF. *O pacto imperial – origens do federalismo no Brasil*. Op. cit.
[62] Cf. Sérgio Buarque de HOLANDA (org.). "A herança colonial – sua desagregação". In: *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II (*O Brasil Monárquico*), 1º. Volume (O processo de emancipação). São Paulo: DIFEL, 1964.
[63] CF. José Murilo de CARVALHO. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Op. cit. Ilmar Rohloff de MATTOS. *O tempo Saquarema. A formação do Estado Imperial*. Op. cit.
[64] Wanderley PINHO. "A Bahia, 1808-1856". Op. cit, p. 282.

interiorização da metrópole".[65] Keila Grinberg afirma que a queda de Feijó "foi significativa para pôr fim às esperanças de levar adiante o projeto de descentralização política e experimentação federalista" dos anos iniciais da Regência.[66]

A revolta baiana seria, segundo a historiografia, resultado dessa esperança frustrada por um regime descentralizado, que tinha sido encaminhado pelo Ato Adicional, mas derrotado com a renúncia de Feijó no Rio de Janeiro. Teriam os revolucionários se antecipado ao processo de revisão das reformas liberais? É possível pensar em uma revolução promovida para fazer frente a uma situação política ainda não colocada? Seriam as demandas federalistas do movimento uma evidência da excessiva centralização do regime imperial, mesmo sob a vigência do Ato Adicional? Para encaminhar respostas a estas questões é preciso tentar compreender o que os rebeldes entendiam por federação e quais são, concretamente, suas críticas e reivindicações. Será também necessário avaliar qual o ponto de vista expresso pelos revolucionários acerca das reformas liberais promovidas no início das regências, como o Ato Adicional e o Código de Processo Criminal. Através da análise da insatisfação rebelde na Sabinada pretende-se compreender melhor como este movimento se inseriu no debate político e institucional de seu tempo.

Em manifesto lançado pelo vice-presidente rebelde João Carneiro da Silva Rego no dia da tomada da cidade é possível vislumbrar um resumo das condições históricas que teriam levado à eclosão do movimento. Neste documento, a revolta de 1837 é inserida em uma linha contínua de lutas do povo baiano pela emancipação desde a década de 1820. Esta emancipação, segundo Carneiro Rego, não teria sido alcançada com a Independência, uma vez que dera lugar ao governo "despótico" de Pedro I. Os desdobramentos políticos do período regencial, no discurso do vice-presidente rebelde, teriam frustrado mais uma vez as

[65] Paulo Cesar Souza. A Sabinada. Op. cit, p. 172.
[66] Keila GRINBERG. *O fiador dos brasileiros. Cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 146.

expectativas políticas autonomistas dos baianos. Esta frustração atingiria seu ápice após a queda do regente liberal Feijó, dois meses antes do início da Sabinada:

> *"Efetua-se, em verdade, a 19 de setembro* [posse do novo regente, Araújo Lima], *e com ele a aspirada abertura dos cofres nacionais, onde são depositados os rendimentos da Bahia, que só para sustentar o luxo espantoso da Corte, mas se serve e esgota os cofres provinciais, diminuindo na grandeza que lhe cabe, e privando-se dos melhores esclarecimentos que porventura se poderiam construir. Criam-se novos tributos, e o povo geme debaixo do peso de tanta opressão. O Rio-Grande declara-se independente, mas o governo dos Calmons e Vasconcellos tudo intriga, tira a tropa das províncias, prepara e arma os portugueses para suplantar os rio-grandenses".*[67]

A principal questão exposta por Carneiro Rego neste excerto é a insatisfação dos baianos com a divisão do bolo tributário imperial. Como resposta a este quadro, ações radicais como a dos baianos ou de outras províncias como o Rio Grande do Sul se fazem legítimas, segundo o autor.

Neste sentido, é interessante considerar os termos da indignação rebelde impressos no *Novo Diário da Bahia*: "Senhora Corte Central, cuide do seu centro que nós só podemos ser felizes cuidando cá da nossa periferia. Ganhe por lá se quiser gastar tanto que nós não estamos mais para sustentar semelhante madrasta".[68] A partir dessas fontes, é possível levantar a hipótese de que a reivindicação federalista não se referia tão-somente à critica de uma centralização política imposta pelo Rio de Janeiro, relacionando-se também, e sobretudo, à política tributária praticada no Império. Esta hipótese encontra fundamento nas criticas feitas pelos rebeldes às reformas liberais da década de 1830. Um exemplo disso está no *Plano e Fim Revolucionário*, documento encontrado entre os pertences de Francisco Sabino após sua prisão:

> *"Tirou-se a vara do tirano [Pedro I] para se subdividi-la infinitamente por déspotas pequenos, ambiciosos, turbulentos e sem o menor vislumbre de igualdade e do bem se seus semelhantes (...). Não tardarão que não reduzam o miserando Brasil a um governo feudal, ou de pedaços de terra e distritos*

[67] PAEBa., vol. 1, p. 121.
[68] PAEBa, vol. 4, p. 400.

pertencentes a juízes de direito por ora, e logo donos ou senhores desses mesmos terrenos".[69]

Eis aí uma crítica ao Código de Processo Criminal, que se por um lado abria espaço para a distribuição de poder no âmbito provincial, por outro lado permitia o aumento da coerção exercida por mandatários locais junto à população. Miriam Dolhnikoff apontou que "em vez de aplacar as tensões locais, o juizado de paz acabou servindo para acirrá-las, na medida em que foi utilizado como instrumento na disputa pelo poder dentro da localidade".[70] Entre os planos da Sabinada estava, portanto, a participação no amplo movimento de crítica estabelecido em favor da re-centralização do Judiciário, mais tarde confirmado pela Reforma do Código em 1841. Tão importante quanto a crítica ao Código de Processo Criminal será a investigação do ponto de vista dos rebeldes baianos a respeito do Ato Adicional e da condução da política nacional pelos homens da Corte.

O discurso político rebelde pode ser apreendido em sua maior radicalidade através da análise das folhas e jornais que circulavam em Salvador às vésperas e durante o desenrolar da Sabinada. Ali se encontram análises e críticas diretas à política provincial e central.

Ivana Stolze Lima analisou a importância da imprensa para a formação de um ideário de crítica política na cidade do Rio de Janeiro. Segundo a autora, a imprensa oitocentista exercia um importante papel na composição de identidades e alianças políticas no âmbito urbano. Os ambientes de leitura dessas folhas eram, segundo a autora, predominantemente públicos, tornando os jornais um elemento central para discussões e embates: "esses periódicos não existiram apenas para serem lidos individualmente e em silêncio, mas eram também comprados em locais determinados; eram portados e isso, na cidade de ânimos tão

[69] PAEBa., vol. 1, p. 123. Segundo Paulo Cesar SOUZA, este documento teria sido escrito por Francisco Sabino, o que, por um lado, superdimensiona o papel de sua liderança no movimento, e por outro, obscurece a riqueza de propostas políticas inerentes não apenas ao documento como à revolta em si (Cf. Paulo Cesar SOUZA. *A Sabinada*, op. cit., p. 160-1). Douglas LEITE trabalha com a hipótese de uma composição conjunta para o texto, contemplando diferentes tendências políticas que havia no interior do movimento. Cf. Douglas Guimarães LEITE. *Sabinos e diversos: emergências políticas e projetos de poder na revolta baiana de 1837.* Op. cit., cap. 2.
[70] Miriam DOLHNIKOFF. *O pacto imperial – origens do federalismo no Brasil.* Op. cit., p. 126-127.

acesos, não devia passar despercebido; eram provavelmente brandidos, como armas invocadas".[71] Esta descrição parece aplicável ao contexto baiano da década de 1830, quando não apenas o já citado *Novo Diário* de Francisco Sabino inquietava as mentes com propostas de revolução.

Nos momentos anteriores à eclosão da revolta de 1837, a imprensa baiana de inspiração liberal discutia o conceito de soberania, baseando-se na proposição de que o poder político reside na delegação de poder aos governantes pelo povo. Esta idéia tem um importante desdobramento, segundo o qual o não-cumprimento do acordo prévio entre o povo e os governantes levaria ao direito legítimo de subversão do pacto político. O jornal *A Luz Bahiana* afirmava, a menos de dez dias do início da revolução, que

> *"qualquer que possa ser a forma porque se apresente a opressão, não pode a Sociedade tributar-lhe obediência (...); ela pode reassumir seus direitos, e empregar até a força para repelir seus opressores".*[72]

Ainda em outubro de 1837, o jornal *O Censor* ironizava os defensores da ordem:

> *"Mas* ordem, ordem, *clamam os do governo, e os que vivem da desgraça pública,* ordem, união, integridade; nada de anarquia, nada de revoluções*: e no entanto venha dinheiro, e mais dinheiro, sem que importe saber-se donde ele possa, ou deva, ser tirado: nem a misteriosa aplicação, que se lhe dá (...). Diremos finalmente que, se administração atual, se o Governo e a assembléia, não guardam intenções sinistras a respeito do Brasil, senão trabalham em comum sistema para a cisão das províncias, e dissolução do império e da monarquia, pelo menos os seus atos, as suas medidas todas, induzem a crer ou isso ou a mais grosseira inaptidão, ignorância, e incapacidade de manter as instituições, e salvar o país do desmantelamento, que o ameaça".*[73] (grifos originais)

Uma vez rompido o pacto por uma das partes, portanto, deixaria de existir o vínculo de obrigação entre ambas, e tornava-se legítimo o questionamento e a desobediência. Note-se que o jornal acena para a possibilidade de desmembramento do Império, e com a legitimidade das aspirações separatistas. É possível que o presidente da província, Francisco de Souza

---

[71] Ivana Stolze LIMA. *Cores, marcas e falas. Sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003, p. 35.
[72] *A Luz Bahiana* (doravante citado como ALB), 27 de outubro de 1837.
[73] *O Censor*, n. 2, outubro de 1837.

Paraíso, estivesse se referindo à difusão destas idéias quando reconheceu, em proclamação, a existência de um "partido desorganizador" na Bahia.[74]

A despeito da grande preocupação externada pelo presidente Paraíso, o Comandante das Armas Luiz da França Pinto Garcez lhe oficiava que não havia "nenhuma novidade" nos quartéis da cidade em outubro de 1837.[75] Estas declarações permitem supor que o Comandante das Armas atuava com intenção de minimizar os efeitos de uma realidade social já bastante tensa, em que discursos abertamente revolucionários circulavam pela cidade e pelos quartéis às vistas dos governantes. E mesmo diante de tão pouca "novidade", o presidente da província ordenou que a cavalaria da Guarda Nacional auxiliasse as rondas policiais na capital no mesmo dia em que lançava proclamação de alerta à população.[76] Era tão corrente a idéia de revolução que, perguntado a respeito, um réu afirmou saber dela "tanto quanto sabia o Presidente, as autoridades, o povo todo, inclusive mulheres e meninos".[77]

O jornal *A Luz Bahiana* sugeria a deposição do presidente da província como forma de amenizar as indisposições políticas na cidade:

> *"Porque não nos mandaram ainda um Presidente para substituir a S. Ex. Paraíso? Não saberá o tal Ministro, a quem chamam do Interior, que a Bahia está em termos de fazer alguma cabra-cega com aquela Ex. das Excelências, e com mais alguém? Quererá ver esta bela província sublevada? (...) Sim; mande-nos um Presidente instruído, enérgico, livre e verdadeiramente patriota; porém Bahiano; porque a Bahia, a Pátria dos literatos do Brasil, abundando, como abunda, de gênios, não precisa de mendigar favores. (...) Abusem: sim, abusem de nossa paciência! Mas lembrem-se, de quem um dia podemos sacudir o jugo da tirania".*[78]

O discurso usa a ameaça de revolução como moeda de troca na negociação política, deixando claro que o contrato poderia ser rompido a qualquer momento. É interessante notar neste excerto a exigência de um presidente baiano, o que aponta para a emergência de uma identidade política que associava a legitimidade do poder exercido no âmbito provincial ao

---

[74] PAEBa., vol. 2, p. 56.
[75] *APEBa*, maço 3373, Seção Colonial e Provincial. 02, 09 e 30 de outubro de 1837.
[76] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3530 – 04 de novembro de 1837.
[77] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2836 –s/d.
[78] *ALB*, 27 de outubro de 1837.

nascimento e conhecimento das questões internas à Bahia. Vale ainda salientar que não é questionada a legitimidade do governo central de nomear o presidente, mas contesta-se a escolha feita na pessoa de Paraíso. Este tipo de reivindicação se assemelha ao contexto da Farroupilha, em especial ao manifesto lançado em 1836 por Bento Gonçalves.[79]

É importante retomar a crítica feita pelos rebeldes baianos em relação à questão tributária. A lei do orçamento geral é qualificada como “desbaratadora e iníqua, todos os anos acrescentada com novas disposições tirânicas”.[80]

Entre essas disposições, causa escândalo a que passaria a cobrar 10% sobre o valor do aluguel dos estabelecimentos comerciais, na Corte e também em algumas capitais provinciais, como as da Bahia, Pernambuco e Maranhão.[81] O valor anterior era fixo em 12,800 rs, e fora estabelecido nos tempos de D. João VI “por cada balcão”. O imposto anterior, com fins de manutenção do Banco do Brasil, era necessariamente menor do que aquele que passou a ser cobrado a partir do parâmetro imobiliário. A elevação dos valores, calculada pelo *Censor* entre 25 e 40 mil-réis, se dava pelo fato de que no centro comercial da Cidade Baixa não era possível alugar um imóvel comercial “por menos de 150, ou 200$ rs”. (grafias monetárias originais)

A lei deveria ter vigência de 1º de julho de 1837 até 30 de julho de 1838, e representava na prática um aumento no valor cobrado dos comerciantes que pagavam o imposto anterior. Além disso, houve um aumento do número de contribuintes:

---

[79] Miriam DOLHNIKOFF. *O pacto imperial – origens do federalismo no Brasil*, op. cit., p. 207.

[80] *O Censor*, n. 2, outubro de 1837. Este número do jornal reproduz a lei do orçamento geral referente àquele ano.

[81] “O imposto estabelecido pelo parágrafo 2 do Alvará de 20 de Outubro de 1812 será substituído nesta Corte, e nas Capitais da Bahia, Pernambuco, e Maranhão pelo novo imposto de dez por cento do aluguel das lojas constantes do citado parágrafo, e extensivo a qualquer casa, ou loja, que contiver gêneros expostos à venda, seja por grosso, ou a retalho; e bem assim às casas de consignação de escravos, às em que se vender carne verde, às fábricas de charutos, às cocheiras, (...) e aos Escritórios dos Negociantes, Advogados, Tabeliães, Escrivães, Corretores e Cambistas”. Lei do Orçamento Geral, reproduzida in: *O Censor*, n. 2, outubro de 1837, p. 84-85.

> *"porque o povo não estava ainda suficientemente sangrado, quis e ordenou a assembléia, que as disposições de sua nova lei se estendesse além das casas propriamente chamadas de negócio ou mercantis".*[82]

Como exemplos das categorias que passaram a ser taxadas, o jornal destaca "escritórios de negociantes, advogados, tabeliães, escrivães, corretores, cambistas e etc".[83]

Este ponto é muito importante para a compreensão do movimento rebelde que viria em novembro, uma vez que as novas disposições tributárias, vindas do governo central e coadjuvadas pelo governo provincial, abriam precedentes para a cobrança de profissionais liberais antes isentos das taxas comerciais. Estes grupos, identificados aos setores médios urbanos, foram os principais articuladores da Sabinada, conforme se discutiu no primeiro item.

O Censor apontou que o uso indevido dos impostos era um rompimento com o pacto fundamental que ligava as províncias ao centro e estabelecia as obrigações entre as partes: "pode-se dizer, que a nação tem chegado à sua mais perigosa crise, que a constituição está ferida de morte, e a liberdade ferida".[84] Estava aberto um dos caminhos para a articulação rebelde na cidade, ainda que o jornal clamasse por uma solução moderada, através de uma representação a ser enviada para o presidente da província, pedindo providências deste junto ao governo central. Esta representação deveria ser providenciada antes mesmo da reunião da Assembléia Provincial, instância da qual se esperava medidas mais efetivas de negociação dos interesses provinciais junto ao governo central. Entretanto, antes que esta solução moderada fosse colocada em prática, os rebeldes articulados na capital deixaram muito claro que não estavam interessados em contemporizar com as instâncias de poder estabelecidas. Eles preferiram tomar o poder em suas mãos. É importante, portanto, analisar mais detidamente a motivação revolucionária.

---

[82] *O Censor*, n. 2, outubro de 1837. A discussão desta questão se encontra às pp. 111-115 do jornal.
[83] Idem.
[84] *O Censor*, n. 2, outubro de 1837.

Reunidos em torno do evidente desgosto pelas novas taxas, homens de pequenos negócios e profissionais liberais de Salvador tinham também algumas considerações a tecer a respeito das reformas liberais dos primeiros anos da Regência. O Ato Adicional é uma das questões mais polêmicas na imprensa liberal baiana anterior à Sabinada, visto como a lei que permitiu a cobrança de taxas mais abusivas que as praticadas anteriormente pelo Estado unitário:

> *"Quando em 1833 os Brasileiros clamavam pela reforma da constituição, quando a federação das províncias era invocada como a tábua de salvação pública, mal pensavam eles que este seria um dos frutos, que lhes traria a reforma federal: então era o povo flagelado pela tirania dos impostos, pagava exorbitantes contribuições, mesmo, como hoje, desnecessárias e injustas; mas essas contribuições, esses impostos, eram somente aqueles que exigia a única lei do orçamento geral; não eram arrancados do povo por meio de duas leis, não havia, pelo menos, essa duplicata iníqua, que hoje existe".*[85]

O excerto permite observar, em primeiro lugar, que existe o reconhecimento da distribuição de atribuições entre o poder provincial e central, promovida pelo Ato Adicional em 1834. Esta divisão, contudo, foi decepcionante para parte significativa dos habitantes da cidade de Salvador.

Para compreender esta decepção, expressa com freqüência na imprensa liberal do período, é possível levantar a hipótese de que os grupos que se rebelaram foram aqueles que não conseguiram obter acesso às instâncias de poder provincial criadas pelas reformas das primeiras regências. Para ocupar uma cadeira na Assembléia Provincial, era necessária uma articulação eleitoral que os setores médios urbanos não tinham. Os que conseguiam chegar aos cargos de representantes provinciais, aliás, eram vistos com desconfiança, como se observa n'*O Censor*:

> *"Não sabemos de que serviu, ou que bem nos trouxe o ato adicional à constituição, decretado em 12 de agosto de 1834, tão comum como impropriamente denominado reforma federativa. (...) Diz-se que as assembléias provinciais ficaram com grandes poderes para promover a felicidade de seus representados: bem analisados, porém, esses poderes, a que se reduzem? A nada*

[85] *O Censor*, n. 3, novembro de 1837.

> *mais do que algumas disposições ilusórias, que mal podem enganar parvos, ou crianças: largos poderes tiveram elas, sem dúvida, mas foi só e unicamente para fazer mal, impor tributos, conceder profusamente excessivos privilégios, arruinadores da indústria, fazer leis absurdas, iníquas, e ferozes e esmagar a população".*[86]

O excerto questiona se o poder conferido às províncias pelo Ato Adicional era realmente administrado em favor da província. Seu objetivo é denunciar como um espaço político como a Assembléia Legislativa Provincial, criado para "promover a felicidade de seus representados", fora transformado em um veículo de opressão sobre a população, através de tributos e da distribuição parcial de privilégios. Nota-se, portanto, que o ataque do *Censor* não é a uma suposta ausência de poder da Assembléia Provincial, mas o contrário disso: o jornal critica a força que ela tem sobre os assuntos locais. A questão principal levantada no excerto é que o espaço de poder conferido às Assembléias Provinciais servia a grupos pouco comprometidos com o bem-estar de seus representados.

Além da opressão promovida nos limites da província, o jornal aponta as vias pelas quais se realizava a opressão vinda da Corte:

> *"Somos nominalmente confederados; mas em verdade não passamos de míseros colonos e vassalos da corte central. Privados da liberdade, e do direito de aplicar nossos rendimentos em próprio bem, obrigados a levar ao Rio de Janeiro quanto produzimos, e a receber em troca mil diferentes espécies de males, espoliações, tiranias, perseguições e vilipêndios".*[87]

Desta forma, é possível notar a difusão de um discurso na cidade segundo o qual a tributação que partia do centro era tida como espoliadora de todas as riquezas produzidas. Não se reconhecia, nas ações do governo central, a aplicação dos recursos arrecadados em benefício da província. Assim, a distribuição de poderes é avaliada como mais um mecanismo de opressão sobre a Bahia, e a federação continua, para estes grupos, como um horizonte a ser alcançado mesmo depois das reformas liberais do início da década.

---

[86] *O Censor*, n. 3, novembro de 1837.
[87] Idem, ibidem.

O Ato Adicional, sobretudo na figura das Assembléias Provinciais, não teria sido eficiente na proposta de acomodar toda a demanda por participação política na província da Bahia. Os espaços de poder reservados às províncias não eram considerados acessíveis por estes homens da cidade, que embora tivessem algum prestígio, diploma ou casa comercial, não tinham condições de financiar uma campanha eleitoral nos moldes praticados pelos senhores de terras e escravos. Estes, detentores não apenas do dinheiro necessário para promover suas candidaturas – de formas lícitas ou ilícitas – tinham também controle de importantes mecanismos de coerção no universo social baiano, o que era reconhecido com ironia pelas folhas liberais analisadas. As urnas eleitorais, "prostituídas pela cabala, intriga e artefatos",[88] eram manipuladas por aqueles que tinham condições de dominar tais artes, de modo que os assentos da Assembléia Provincial, palco de elaboração ou mudança institucional das regras do jogo administrativo, estavam muito distantes dos setores médios urbanos da capital e das vilas da Bahia. O único indício de participação de um sabino no arranjo institucional legal pode ser observado no caso do vice-presidente rebelde João Carneiro da Silva Rego, deputado eleito para a Assembléia Provincial da Bahia em 1835. Entretanto, como analisou Morton, isso não faz de Carneiro Rego um membro efetivo da elite política: o autor destaca o número inexpressivo de votos obtidos por ele, bem como a pouca combatividade política que teve tanto antes como durante a Sabinada.[89]

Restava, portanto, aos insatisfeitos da cidade a busca por uma forma de intervenção política paralela aos espaços institucionais da província. Crescia, desta forma, o discurso da legitimidade de uma ação revolucionária, a partir da qual a Bahia passaria a ser diretamente governada pelos setores médios e letrados da cidade de Salvador, em seu próprio benefício e não mais dos chamados "aristocratas".

---

[88] *O Censor*, n. 3, novembro de 1837.
[89] F.W.O. MORTON. *The conservative revolution of Independence*. Op. cit., p. 365-368.

Nas palavras de Francisco Sabino, publicadas em seu *Novo Diário*, "depois de longos e reiterados sofrimentos, de que a Bahia até hoje tem sido vítima, a Revolução se foi preparando, e amadurecendo na opinião dos povos".[90] Não era mais possível esperar mudanças por parte dos grupos estabelecidos no poder provincial e central:

> *"se a nossa Província compunha a integridade do Império, incontestavelmente deveria partilhar de todos os danos provenientes da insuficiência da administração, da falta ou incongruência das medidas Legislativas, sendo por conseqüência, a sua desmembração política, o único corretivo para sanar defeitos tão importantes".*[91]

Estava feita e justificada a Sabinada.

Após a tomada do poder pelos rebeldes, manteve-se na imprensa da cidade – agora comprometida com a continuidade da revolução – o tom de crítica ao Ato Adicional:

> *"Até então éramos espoliados somente pela tirania da Assembléia Geral, que iludia tão cruelmente a boa fé de seus mandatários, e alimentava entre nós males intermináveis, quando a criação das Assembléias Provinciais duplicou os males existentes, porquanto, além de todas as contribuições anteriores, que em nada se minguaram, legislaram outras novas, complicaram alguma regularidade, que presidia às imposições, acumulando-as sobre a mesma matéria tributável. Que tirania! Estávamos cercados por dois famintos, que procuravam extorquir as últimas migalhas da nossa fortuna".*[92]

Mais uma vez encontra-se o reconhecimento de que a Assembléia Provincial era uma instância de governo efetivamente dotada de autonomia – o que tornava crucial para os setores locais a disputa pelo seu controle. Era preciso modificar todo o sistema, cortando esses males pela raiz, rompendo com a participação da Bahia no conjunto imperial. Não haveria espaço para negociação ou busca de um consenso com o sistema estabelecido; este deveria ser simplesmente eliminado para a construção do novo edifício político. Nas palavras de Sabino,

> *"ocupando anteriormente o terreno um edifício caduco e abandonado, como construir sem destruir? Como inocular na Ordem política uma outra forma de Governo, sem aniquilar inteiramente tudo, o que apresentar o mais leve sintoma do sistema antigo?"*[93]

---

[90] *Novo Diário da Bahia*, 04 de dezembro de 1837. Este jornal será doravante citado pela sigla NDB.
[91] *NDB*, 06 de dezembro de 1837.
[92] Idem, 25 de dezembro de 1837.
[93] Idem, 28 de dezembro de 1837.

A chave para o entendimento da insatisfação dos setores médios urbanos de Salvador, que levaram à intensificação da identidade rebelde e à formulação de projetos políticos revolucionários, está também na questão da arrecadação e aplicação das rendas provinciais pelos chamados "aristocratas". Estes, segundo o jornal revolucionário *O Novo Sete de Novembro*, dispunham "das rendas públicas em seus benefícios somente, aumentando a cada passo um sem número de Leis tortuosas, que só tinham por fim o feudalismo".[94] Esta fala pode ser entendida como uma crítica ao fortalecimento político das elites provinciais pelo Ato Adicional, sobretudo através do poder legislativo provincial. O diálogo crítico estabelecido pela revolução se relaciona aqui ao uso do poder provincial em proveito de uma pequena parcela da população, o que é identificado como opressivo pelos setores médios urbanos letrados, uma vez que estes não tinham acesso à elaboração das leis provinciais e nem à administração das finanças públicas. O canal de diálogo estabelecido entre centro e províncias com as reformas regenciais não contemplou esses setores, que para colocar suas demandas no cenário político regencial optaram pela via revolucionária.

Além de não terem acesso ao processo de tributação e legislação na Província, os rebeldes se sentiam desobrigados em relação à manutenção da integridade imperial por não identificar ali nenhuma vantagem ou reversão de benefícios para os baianos, como bradava *O Censor* dias antes do início da revolução:

> *"o fruto de tantas espoliações, muito superior às verdadeiras necessidades públicas, não tem outra aplicação senão a de manter estéreis caprichos, loucuras, desperdícios, ou de sustentar um infinito número de empregados públicos* sem emprego*".*[95] (grifos originais)

Além disso, a corrupção na distribuição de cargos públicos e nas instâncias do judiciário eram denunciadas pelos revolucionários:

> *"os empregos de nomeação central postos em público mercado, a prostituição nos tribunais, nas repartições de fazenda, tudo finalmente desbaratado e entregue à administração dos bachás [sic], à imoralidade, à traição, à facção governativa:*

[94] *O Novo Sete de Novembro*, 18 de dezembro de 1937. Jornal doravante citado pela sigla NSN.
[95] *O Censor*, n. 2, outubro de 1837.

eis aqui o estado a que tínhamos chegado antes do dia 7 de novembro, eis os motivos que justificam os acontecimentos deste dia sempre glorioso".[96]

Seria possível classificar a Sabinada, ao final de todas essas considerações, como um movimento federalista? Teriam esses baianos feito a revolução em nome deste ideal, que não reconheciam mais no governo do Rio de Janeiro? Responder positiva ou negativamente a estas perguntas é pressupor uma unidade política pouco provável entre os homens que promoveram a revolução. O uso do termo "federalismo" é bastante comum nos textos rebeldes, porém com diversos significados, por vezes em equivalência com a expressão "confederação". N'*O Sete de Novembro* de 22 de novembro de 1837, encontra-se uma espécie de cronologia do federalismo, partindo das cidades de Grécia e Roma antigas e chegando à Confederação Germânica e aos Estados Unidos da América do Norte, todos igualmente comparados ao Império brasileiro e tidos como horizonte desejável de organização política.

Havia também os que desconfiavam do regime de tipo federativo implantado pela Regência, como se observa em *O Censor*: "a federação, que n'outros países tem feito a pública felicidade, entre nós apenas tem servido para multiplicar os atritos, tornar mais cara a administração e oprimir o povo". Segundo este jornal, contudo, o regime federativo era "uma instituição benéfica, e salutar, que apesar de tudo, talvez um dia fará a completa felicidade dos Brasileiros".[97] O conceito de federalismo não parecia algo tão bem delimitado para estes homens como é para os analistas posteriores. Mesmo os mais ardorosos defensores do federalismo por vezes reconheciam ali sinais de feudalismo, e por vezes identificavam nele a base sem a qual não haveria o avanço político alcançado por algumas nações estrangeiras.

A diversidade política que informava a ação rebelde pode ser verificada na imprensa rebelde. Douglas Leite analisou o caráter predominantemente republicano do *Novo Diário da Bahia* – folha editada por Francisco Sabino e por isso considerada a ponta de lança do

---

[96] *O Sete de Novembro*, 23 de novembro de 1837. Jornal doravante citado pela sigla SN.
[97] *O Censor*, n.3, novembro de 1837.

pensamento político rebelde. Por outro lado, o autor aponta que *O Sete de Novembro* e *O Novo Sete de Novembro* são defensores da monarquia constitucional.[98]

Mais do que estabelecer um conceito político ao qual defender, os sabinos pretendiam promover um regime de governo considerado mais justo para seus pares e para a Bahia. Sua proposta era a ruptura com um quadro político-institucional reconhecido como nocivo. Sua identidade é mobilizada sobretudo pela noção de intervenção política radical. Discussões teóricas faziam parte não apenas dos clubes revolucionários como também da imprensa rebelde – uma amostra disso se encontra nos títulos da vasta biblioteca confiscada na casa de Sabino após sua prisão. É importante, contudo, atentar para o caráter prático e efetivo do movimento, e para as condições materiais e político-institucionais aqui expostas, que conferem maior sentido à ação política radical adotada pelos baianos de 1837. Para Sabino, restava somente uma forma de fazer política: "às armas! às armas!".[99] Este convite foi aceito por muitos, e o projeto paralelo de governo vigorou durante quatro meses.

A análise do material de imprensa rebelde permite afirmar que os setores médios e letrados da capital baiana, possuidores de pequenos negócios ou profissionais liberais, foram alijados do acesso institucional ao poder, e por isso sentiam-se à mercê *tanto do arbítrio central quanto do provincial*. Esses setores viram na proposta de revolução uma forma efetiva de transformação deste quadro. O horizonte da crítica revolucionária está, portanto, no *presente* vivenciado por aqueles homens, e não na possibilidade de reformas centralizadoras no futuro imediato. Os sabinos não pegaram em armas porque viam no governo Araújo Lima a anunciação de uma derrota do federalismo no Brasil, e sim porque não tiveram acesso ao espaço de poder provincial criado pelo Ato Adicional, as Assembléias Legislativas Provinciais. Os grupos que se sentiram alijados dos espaços institucionais de negociação

---

[98] Douglas LEITE. "As inflexões do vocabulário político no 'tempo das divergências'". In: *Sabinos e diversos*. Op. cit.
[99] *NDB*, 18 de dezembro de 1837.

política mobilizaram-se em torno da crítica do poder ali exercido, e acabaram por se radicalizar em torno da idéia de tomada do poder, tida por eles como legítima.

Dessa forma, embora não encerre um confronto entre elites, a Sabinada tem semelhanças significativas com a Farroupilha e a Praieira, no que diz respeito à disputa pelo poder local.[100] A revolução baiana, assim, não se resume a uma expressão de descontentamento com a crise econômica local: ela evidencia uma das maneiras pelas quais se desenvolveram críticas ao modelo político-institucional adotado no Império. No próximo item, será discutido se foi possível colocar em prática, no governo revolucionário, o ideário propalado pelo movimento.

1.4. A ordem instaurada pela revolução.

O governo rebelde utilizou-se de vários expedientes para angariar o apoio da população de Salvador, do contrário não conseguiria manter-se no poder sequer durante os quatro meses em que pôde repelir as forças legalistas. Além da intensa propaganda revolucionária na imprensa – o que por vezes incluía a manipulação das notícias veiculadas para melhor caracterizar os líderes rebeldes e seus propósitos políticos, como se verá na segunda parte deste trabalho – era possível contar com todo o equipamento urbano e a estrutura político-administrativa já em funcionamento na capital.

A documentação traz evidências de que o governo rebelde praticou, com fins políticos, a distribuição de cargos. Com este recurso, os sabinos procuravam trazer para o seu lado as pessoas mais qualificadas que ali permaneceram, e também verificar aqueles que realmente estavam a seu favor. Esta análise foi feita pelo réu Frederico Antonio Pinto, em sua defesa:

> *"Para mais dificuldade, o Governo intruso começou a conferir empregos e postos com o duplo fim de ganhar prosélitos e descobrir quem lhe era ou não adeso, e fui eu um dos que entrei, sem fato algum meu, para a lista dos despachados para*

---

[100] Para uma análise dessas duas revoltas, ver Miriam DOLHNIKOFF. "As províncias em armas". In: *O pacto imperial – origens do federalismo no Brasil*, op. cit.

> *o governo rebelde. Constou haver-se-me promovido a Capitão. Aceitar não era de meu coração, recusar era expor-me".*[101]

Com isso, muitos agraciados com cargos e nomeações do governo rebelde se viram em maus lençóis com a restauração da cidade, uma vez que seus nomes constavam de documentos revolucionários. Essa documentação, contudo, não necessariamente refletia uma adesão dos nomeados ao governo independente, e sim um esforço deste mesmo governo para conseguir preencher suas vagas e se manter no poder.

Observou-se também que a manutenção de profissionais em seus cargos foi uma prática comum por parte dos rebeldes, não só como forma de continuar gerindo a cidade, mas também para obter apoio dos trabalhadores urbanos que não emigraram. Este foi, por exemplo, o caso do Arsenal da Marinha, em que alguns servidores se mantiveram em seus postos, "desobedecendo assim ao chamamento do Governo Legal". Além desta desobediência, pesou contra eles o fato de ali ficarem "recebendo até dos rebeldes os seus vencimentos".[102] A distribuição de cargos e a manutenção dos vencimentos daqueles que ali permaneceram foi a forma encontrada pelo governo rebelde de barganhar o apoio da população. Esta prática de troca de favores seria adotada também pelo Estado imperial após a restauração da capital, como se verá no próximo capítulo.

A pesquisa realizada permite afirmar que durante a Sabinada houve a manutenção de grande parte da estrutura administrativa anterior, sobretudo com a tentativa de preenchimento dos cargos deixados vagos pelos emigrantes. Braz do Amaral observou que "o governo rebelde era chamado pelos seus inimigos de anarquistas [sic], mas não se pode dar a esta expressão o sentido que tem hoje, e seria isto injusto. Os atos da sua administração, os decretos e outros documentos revelam até conhecimento do mecanismo do governo dos países cultos, o que se percebe pela leitura dos mesmos, apesar do tom enfático dos revolucionários

---

[101] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2836 – s/d.
[102] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3236 – 20 de março de 1838.

que precisam aparentar um poder que não possuem, e da retórica um tanto empolada, característica daquele tempo".[103]

Outros analistas da Sabinada apontaram este aspecto. Segundo Paulo Cesar Souza, "a administração dos rebeldes se esforçou em manter a ordem na cidade segundo as fórmulas de controle preexistentes".[104] Não se observam mudanças substantivas na forma pela qual a autoridade era exercida na capital, sendo mantidos os órgãos executivos e judiciários, bem como a estrutura religiosa – o que incluía o pagamento das côngruas aos eclesiásticos[105] – e os aparelhos coercitivos, ainda que desfalcados de seus quadros originais. Apenas ao final do movimento foi esboçada uma tentativa de ruptura com a organização administrativa da capital, com a formação de um Ministério. Este, entretanto, teve pouco tempo e nenhuma condição efetiva de trabalho, representando, segundo Souza, "um arremedo de ordem institucional".[106] É lícito pensar que o contexto da guerra não permitiu vôos administrativos muito altos, impondo ao Estado Independente a necessidade de compor alianças e suavizar sua radicalidade inicial.

Uma das formas que o governo rebelde encontrou para tentar aumentar seu campo de ação política foi a tentativa de proselitismo não apenas na cidade mas também nas vilas do Recôncavo e do interior. Muitos suspeitos foram presos fora de Salvador, durante e depois da revolta, acusados de prestar favores aos revolucionários e sua causa. Isso se observa na correspondência mantida entre as forças legalistas de Cachoeira e a presidência da província:

> *"Os rebeldes da Capital contavam com este ponto assim como com a maior parte desta Comarca, por terem nela grandes coadjuvadores, que agora só se empregam de intrigar até por meio de Gazetas a todo e qualquer cidadão que diretamente se tem oposto a seus infernais planos, desacreditando com o maior desaforo a bravura de nosso Exército de Pirajá".*[107]

[103] Braz do AMARAL. "A Sabinada". *In. op. cit.*, p. 22.
[104] Paulo Cesar SOUZA. *A Sabinada*. Op. cit., p. 85-86.
[105] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2835.
[106] Paulo Cesar SOUZA. *A Sabinada*. Op. cit., p. 84.
[107] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3533 – 20 de janeiro de 1838.

Diante da possibilidade de uma ação rebelde em Cachoeira, mobilizou-se a imprensa local para a formação de uma opinião pública legalista. Desta forma, cada um tornar-se-ia uma sentinela da legalidade, pronta a denunciar todo tipo de ação subversiva da ordem:

> *"É de crer que esses devotos serão brevemente descobertos, e por certo a qualidade dos irmãos Brasileiros não os poderá eximir de serem punidos como perturbadores da ordem pública e inimigos do sistema que nos rege: não passarão por certo como eles se persuadem. Essa Cidade tem uma tal ou qual polícia, e atualmente todos os amigos da legalidade são outras tantas sentinelas, que velam pela segurança pública. Ai de tais emissários, se por ventura eles chegam a ser descobertos, o que não será difícil pela sua linguagem e colóquios secretos, que muitas vezes se vulgarizam!"*[108]

Por esta razão, na Vila de S. Francisco, foi preso "o Cidadão Antonio Luiz da Cunha", acusado de "propagar idéias subversivas da ordem, iludindo assim pessoas incautas, que por tais, quando menos, esfriam no patriótico ardor, em que se acham inflamadas".[109] Em Feira de Santana, foram denunciados "*clubs* e proclamações dos partidários da revolta da Capital", obrigando o Comandante Rodrigo Antonio Falcão Brandão à "perseguição e capturação dos turbulentos, que por ali vagueiam em serviço do partido que favoreiam [sic]".[110]

Em Maragogipe, as autoridades se mostraram temerosas, pois "não cessam de aparecer proclamações dos rebeldes espalhadas pelas ruas desta Vila, o que verifica haver encarregados deles; e eu não posso usar de muitos esforços para os pegar, porque não tenho gente armada".[111] Por um lado, a ausência de recursos básicos para a contenção da revolta em Maragogipe é um exemplo de que as condições dos legalistas não eram tão simples nem tão favoráveis quanto se poderia imaginar da parte daqueles que contavam com o apoio do Império e dos senhores mais poderosos da província. Por outro lado, a circulação de panfletos e homens rebeldes no Recôncavo mostra que a ação revolucionária tinha seus adeptos fora dos limites da cidade sitiada.

---

[108] *O Constitucional Cachoeirano,* 18 de novembro de 1837. In: APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2835.
[109] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3531 – 18 de janeiro de 1838.
[110] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3539 – 27 de dezembro de 1837.
[111] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3531 – 20 de novembro de 1837.

Os revolucionários de Salvador não conseguiram adesões apenas entre os baianos. Existem registros de estrangeiros vindos à Bahia especialmente para coadjuvar o movimento de 1837, como oficiou o chefe de polícia ao presidente da província: "no Paquete que da Sé partia vinham quatro ou cinco Ingleses que tendo já servido na Marinha de Buenos Aires contra nós, se destinavam a coadjuvar os rebeldes".[112]

Este ofício dá conta de ingleses supostamente dispostos a participar do movimento revolucionário, pegos pelos legalistas já no processo de restauração da Cidade. Esta seria, contudo, uma ação individual isolada, não representando uma tomada de posição por parte do governo britânico, que procurou manter ao longo de todo o combate uma posição ambígua e favorável a ambos os lados.[113] Vale, ainda assim, levantar a hipótese de que a Sabinada pode ter sido um foco de atração para a rebeldia internacional, como foi a Farroupilha.

O governo rebelde buscou adesões tanto dentro como fora da cidade sitiada pelos legalistas. Na capital, essa busca se exemplifica sobretudo pela distribuição de cargos entre os remanescentes do êxodo, e pela manutenção da ordem administrativa herdada do governo imperial. No Recôncavo, os esforços se concentraram em ações individuais de panfletagem e na formação de *clubs* apoiadores do movimento da capital. Esta ação revolucionária para além de Salvador teria, inclusive, angariado apoio de estrangeiros para a causa.

***

Neste capítulo, pretendeu-se apresentar um panorama das principais críticas feitas pelos expoentes da revolução ao contexto político da província e da Corte. Os revolucionários, identificados aos setores médios urbanos da capital baiana, mostraram-se incomodados com os encaminhamentos tributários e as instâncias de negociação política vigentes durante as primeiras regências. Os setores mencionados, ainda que reconhecessem a existência da Assembléia Legislativa Provincial como espaço legítimo para o exercício local

[112] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2837 – 21 de abril de 1838.
[113] SOUZA. *A Sabinada. Op. cit*.,p. 78-79.

da política e da administração, viam-se impossibilitados de alcançar os postos legislativos. Armados com a noção mais radical de soberania popular, esses grupos foram se organizando, seja em clubes de discussão, seja na imprensa, e passaram a convocar a todos claramente para um embate. Os rebeldes obtiveram êxito no confronto com o poder estabelecido pois conseguiram o fundamental apoio das tropas da cidade. Juntos, “tropa e povo” expulsaram os governantes da cidade e se viram diante do desafio de governá-la segundo os princípios revolucionários que vinham defendendo.

Distanciados do ideal civilizador da mãe-pátria portuguesa, reconhecida por eles como herança a ser rechaçada, os sabinos procuraram inaugurar uma nova ordem de coisas na capital baiana – paradoxalmente, o fizeram reiterando as velhas práticas de lusofobia herdadas das lutas pela Independência. A despeito de suas intenções revolucionárias, apenas lhes foi possível reproduzir, ao longo dos quatro meses de guerra contra o governo deposto, algumas das práticas administrativas já estabelecidas, e modificar apenas burocraticamente – mas não na prática efetiva – a organização da cidade sitiada que lhes cabia governar.

Após este panorama da Sabinada pelo ponto de vista daqueles que a promoveram, torna-se fundamental investigar o que ocorreu do lado oposto do combate. Este é o objetivo do próximo capítulo.

Capítulo 2 – A rebeldia pelo prisma da ordem

Depois de analisados os argumentos dos rebeldes para justificar e promover o processo revolucionário na Bahia de 1837, bem como suas práticas no poder, é fundamental a avaliação de como tais argumentos e práticas foram recebidos entre os defensores do trono imperial na província. Para tanto, será necessário investigar como os legalistas viam os rebeldes, suas atitudes e suas propostas. Quem seriam os sabinos, de acordo com seus adversários, e de que maneira a sua atuação nos meses de revolução foi classificada e combatida pelos oponentes são os objetivos de trabalho dos próximos quatro itens. Em seguida, será necessário avaliar a constituição das forças legalistas, relacionando-a ao processo de consolidação da identidade nacional e do Estado imperial na Bahia.

2.1. Civis ou militares? Mudanças na caracterização dos rebeldes pelos legalistas.

O discurso construído pelos defensores da ordem para qualificar os revolucionários não foi o mesmo ao longo de toda a Sabinada, nem tampouco após o fim da revolta. A análise da documentação permite delinear uma trajetória das diferentes idéias feitas pelos legalistas a respeito dos rebeldes.

Antes de tomada a cidade a 7 de novembro de 1837, o governo provincial já tinha notícias da articulação rebelde. Três dias antes, em proclamação dirigida ao povo baiano, o presidente da província, Francisco de Souza Paraíso, afirmou a

> *"existência nesta Província de um partido desorganizador, que simpatizando com os sentimentos dos que têm infelizmente sujeitado as Províncias do Pará e Rio Grande do Sul às desgraças que não ignorais, tenta a separação desta".*[114]

Interessa notar neste excerto que o presidente da província afirma que as motivações dos rebeldes baianos eram semelhantes às dos rebeldes da Cabanagem, no Pará, e da Farroupilha, no Rio Grande do Sul. O movimento é tido, antes mesmo de sua primeira ação

[114] PAEBa., vol. 2, p. 56.

efetiva, como essencialmente civil e separatista. Não se encontram aqui referências à insatisfação militar ou a qualquer setor específico da sociedade.

O professor de música do Liceu Público, Domingos da Rocha Mussurunga, sugeriu em seu depoimento que todos os setores sociais estariam, de alguma forma, envolvidos com o discurso revolucionário:

> *"se ocupava quase toda a Bahia, em falar de uma futura revolução (...), jornais cobriam ao Governo de toda a casta de [ilegível], e lançavam-lhe a luva, asseverando-lhe a vinda e infalível aparição de uma formal revolução".*[115]

Esta sentença permite afirmar que a revolução era assunto de interesse geral, não se restringindo à tropa ou aos membros de agremiações liberais radicais. No início de novembro de 1837 o discurso saiu das folhas de jornais e passou às ruas, chegando à conquista efetiva do governo da capital baiana.

Após as primeiras movimentações rebeldes, sua marcha sobre as ruas da cidade e a tomada da Câmara Municipal, o governo legal foge em embarcações para a Baía de Todos os Santos, e começa imediatamente a articular a reação. A partir de então, inicia-se a construção de uma outra imagem dos rebeldes por parte dos legalistas, interessados na retomada da cidade e na garantia de fidelidade da população que ali permanecera. Apenas dois dias após o triunfo dos rebeldes, o presidente da província lança ao povo baiano mais uma proclamação, ainda a bordo do brigue Vinte e Nove de Agosto. Nela, afirma que o movimento fora "projetado por pessoas só conhecidas por desfavoráveis circunstâncias".[116]

Nesta formulação, Paraíso demonstra ter conhecimento sobre a liderança da revolta, e passa a qualificá-la negativamente. Sua referência à má-fama dos líderes rebeldes é um ataque explícito a Francisco Sabino, que além de suas atividades como médico, professor e publicista, tinha alcançado notoriedade na ocasião da polêmica morte de sua esposa, da qual fora acusado, e também pelo assassinato de um desafeto, na primeira metade da década de

[115] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2838, s/d.
[116] PAEBa., vol. 1, pp. 137-138.

1830 – em ambos os casos Sabino fora absolvido. Observa-se, nesta proclamação, que o presidente da província reconhecia no movimento uma liderança civil, e não militar, atribuindo centralidade a Sabino no episódio que passaria a ser associado diretamente ao seu nome.[117]

Após 11 dias da tomada da cidade pelos rebeldes, o Comandante Superior da Guarda Nacional de Feira de Santana oficiava ao presidente da província acerca das primeiras providências contra-revolucionárias tomadas naquela vila. Neste documento, descreveu os rebeldes como "facciosos, que se animaram a proclamar um sistema diferente do que o que felizmente nos rege" [118]. Nota-se que nesse momento, poucos dias após o início da revolta, ainda não havia uma diretriz sobre como os rebeldes deveriam ser qualificados pelos legalistas. A fala do Comandante Superior de Feira denota clareza de que o movimento anunciado a 7 de novembro era sobretudo político. Esta clareza, como se verá na documentação analisada a seguir, vai aos poucos se transformando em diferentes caracterizações da revolta por parte do comando contra-revolucionário. Esta iniciativa parece ter partido do chefe de polícia Francisco Gonçalves Martins, sabedor da existência de clubes revolucionários civis antes da tomada da cidade, como ele mesmo descreveu em sua exposição[119].

---

[117] Para uma apresentação biográfica de Sabino, ver: Débora PUPO. "Doutor Sabino – baiano, período de ação: 1797-1846". *In: Rebeldes brasileiros*, Revista Caros Amigos, pp. 144-159. Ver também Luis Henrique Dias TAVARES. *História da Bahia*. São Paulo/Salvador: Editora Unesp/Edufba, p. 266-267. Paulo Cesar SOUZA. *A Sabinada*. Op. cit., pp. 43-47. Alguns autores publicaram, na ocasião do centenário do movimento, textos que discutem a vida de Francisco Sabino. No entanto, são artigos que fazem uma imagem por vezes caricatural do líder revolucionário, seja para defendê-lo, seja para atacá-lo. Ver: A.V.A. Sacramento Blake. "A revolução da Bahia de 7 de novembro de 1837 e o Dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira". In: PAEBa, vol.1, pp. 39-73. Tem destaque, nesta coleção, o texto de Luiz Viana Filho. "O doutor Sabino". In: PAEBa, vol. 4, pp. 127-136. Neste artigo, o autor faz uma análise bastante semelhante à publicada no livro *A Sabinada (a República baiana de 1837)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1938. Para uma descrição da vida de Sabino após a revolução de 1837, ver: Agenor Augusto de Miranda. "Os últimos dias do chefe da Rebelião Baiana de 1837". In: PAEBa, vol. 4, pp. 03-36. O processo movido contra Sabino pela morte de sua esposa encontra-se na seção de arquivo colonial e provincial do Arquivo Público do Estado da Bahia, no maço 2833.

[118] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3531 – 18 de novembro de 1837.

[119]*Nova Edição da simples e breve exposição do Sr. Dr. Francisco Gonçalves Martins*. In: PAEBa, vol. 2, pp. 225-260.

Martins insistia junto ao presidente da província que o movimento rebelde deveria ser qualificado como uma sublevação de tropas. Esta recomendação pode ser comprovada na correspondência trocada entre Martins e Paraíso, no dia seguinte à tomada da capital. Após detalhar as primeiras medidas a serem tomadas para a organização do governo legal, Martins acrescenta, em *post scriptum*: "advirto que as proclamações devem sempre dizer que foi uma revolta militar".[120] Uma hipótese para explicar esta intenção em classificar a revolta como essencialmente militar pode ser o esforço em torná-la corriqueira, colocando-a no mesmo rol das já conhecidas sublevações de tropas, comuns na década de 1830. Além disso, seria mais interessante para o próprio Martins atribuir o início da revolta a uma ação circunscrita ao meio militar, obscurecendo a ação rebelde organizada anterior – da qual tinha pleno conhecimento e contra a qual não tomou nenhuma medida efetiva. No trabalho de F.W.O. Morton, a falha do governo provincial em deter o movimento revolucionário se explica da seguinte maneira: "Possibly Souza Paraíso merely wished to keep his options open at time of considerable political uncertainty; while Pinto Garcez [comandante das armas] may genuinely have disbelieved reports of the troops'disaffection. Both may have felt as well that if the troops were mutinous there was a little to be done".[121]

A partir de então, os correligionários de Sabino seriam apresentados pelo presidente da província nos seguintes termos: "bando de desprezíveis aventureiros, que ousadamente abusam da boa fé da tropa para (...) levar a efeito seus desmandos e ambiciosos intentos". A tropa passa a ser referida como "iludida pelos perversos".[122] O movimento rebelde, tal qual entrevisto nas palavras de Souza Paraíso, adquire um caráter de articulação política exercida *sobre a tropa*, e não como iniciativa desta. Ao colocar a tropa na posição de vítima da sedução do discurso rebelde, os legalistas provavelmente pretendiam conseguir sua re-conversão à causa da ordem. Esta intenção se observa na proclamação feita às tropas da

---

[120] PAEBa., vol. 2, p. 284.
[121]F.W.O. MORTON. *The conservative revolution*. Op. cit., p. 349.
[122] PAEBa, vol. 1, p. 141.

cidade por Honorato José de Barros Paim, presidente interino da província por alguns dias logo após o início da Sabinada. Nesta proclamação, Paim convida os soldados a se juntarem ao governo estabelecido no Recôncavo, abandonando a "fatal ilusão à qual vos levaram a malvadeza e desmedida ambição de infames".[123]

Esta divisão sutil entre a iniciativa militar e civil tendeu, entretanto, a desaparecer no discurso legalista, que passou a afirmar diretamente ser a Sabinada um movimento militar, confirmando as instruções dadas de início pelo chefe de polícia. Isso pode ser observado com freqüência na documentação referente à repressão do movimento.

A origem da articulação rebelde foi localizada no Forte de São Pedro pelo promotor público José Vieira Rodrigues de Carvalho e Silva, ignorando toda a ação existente anteriormente nos clubes revolucionários, como por exemplo o da Piedade, denunciado pelo próprio chefe de polícia dias antes da eclosão da revolta[124]. O promotor seguia o ponto de vista explicitado pelo tenente coronel Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, para quem o movimento "teve origem na Capital, por uma rebelião da Tropa de Linha". Segundo Argollo Ferrão, "é certo que a militares desvairados, e conduzidos pela mais fatal cegueira, se devem os males que nos flagelaram".[125] No julgamento dos rebeldes militares pelo Conselho de Guerra esta caracterização também é clara, apresentando a Sabinada como "motim, ou sedição militar, do qual resultou a desastrosa e funestíssima rebelião da Capital da Bahia, [crimes que] não se podem deixar de considerar como militares".[126]

A análise da documentação evidenciou que a Sabinada, tida inicialmente como movimento civil de contestação política, passou a ser considerada por seus oponentes como um motim ou sedição militar, que teria posteriormente agregado civis para a tomada da

[123] PAEBa, vol. 1, p. 142.
[124] PAEBa., vol. 1., p. 111-114.
[125] PAEBa., vol.3, p. 395. Argollo Ferrão foi, juntamente com o Visconde de Pirajá e o Cel. Rodrigo Antonio Falcão Brandão um dos três pilares da organização militar legalista.
[126] PAEBa., vol. 1, p. 367.

cidade. O discurso legalista pretende fazer crer que esses civis foram recrutados entre os setores mais baixos da população, como se verá no próximo item.

2.2. O povo na revolução.

Os legalistas tinham também a intenção de desqualificar a Sabinada a partir da associação dos rebeldes aos grupos mais pobres e marginalizados da população. Ao receber denúncias de que um movimento rebelde estava sendo tramado, o próprio presidente da província, Francisco de Souza Paraíso, pensou serem inofensivos os grupos que se mobilizavam contra o governo:

> *"Digam os homens prudentes se era de esperar que homens sem crédito, sem ciência, sem riquezas, sem poder, sem apoio algum na gente sensata e boa, desacreditados como eram, por crimes, dívidas e mau procedimento, seriam capazes para fazer com que uma Província, qual a da Bahia, mudasse de sistema político e se devia o Governo temê-los. Ninguém dirá que sim".*[127]

Os sabinos, no entanto, não eram pessoas sem crédito, riqueza, nem tampouco homens de pouca ciência, como já foi discutido no capítulo anterior. Ao qualificá-los desta forma, Paraíso visava apresentar a revolta como um movimento de turbas populares que não mereciam as considerações do poder público.

No momento em que deixava a cidade, o chefe de polícia Gonçalves Martins temia a reação popular, mas acabou admitindo que o movimento deflagrado era alheio a estas pessoas:

> *"Façamos justiça ao povo: este não tinha tomado parte na revolução; a populaça mesmo indiferente, e os indivíduos dela nenhum sinal até deram de falta de respeito durante minha retirada".*[128]

Ainda que o relato de Martins e as descrições já apresentadas da tomada do poder pelos rebeldes descrevam o povo desorientado e pouco ativo em meio à revolução, foi crescendo entre os legalistas ao longo do movimento e durante o processo de restauração a idéia de uma sustentação essencialmente popular. Esta idéia servia, sobretudo, ao interesse do

---

[127] PAEBa, vol. 2, p. 381.
[128] PAEBa., vol. 2, p. 244.

governo recém-restaurado em manter sob controle os setores sociais mais baixos e supostamente mais ameaçadores da ordem.

Na Corte, o Deputado Moura Magalhães afirmou, em discurso de maio de 1838, que "os indivíduos entrados na revolução da Bahia eram os mais aptos para efetuá-la: isto é, gente muito ordinária e sem prestígio algum"[129]. Os supostos rebeldes que foram condenados ao degredo em Fernando de Noronha são desta forma descritos pelo comandante da ilha:

> *"no mais deplorável estado de moléstia, fome e nudez, muitos dentre eles são de todo incapazes de serviço, por adiantada velhice, e aleijões, e admira que tal gente pudesse causar o mínimo receio".*[130]

Seriam estes esfarrapados os articuladores de um movimento que tomou o governo de Salvador por quatro meses? Seriam eles os responsáveis pela sedução das tropas da cidade e pela elaboração de conceitos políticos sofisticados como os expressos nas atas revolucionárias? A discussão apresentada permite afirmar que não. No próximo item, serão apresentados exemplos do modo pelo qual a população mais pobre da cidade foi submetida à violência restauradora.

2.3. Sem delito nem destino: rotas alteradas pela revolução.

Como já foi dito, o advento da Sabinada forçou a migração de parte significativa da população de Salvador para o Recôncavo, seja para aderir efetivamente às forças legalistas, seja pelo instinto de preservação dos horrores da guerra anunciada. Entretanto, é impossível supor que todos habitantes da cidade pudessem se mudar, deixando ali apenas os revolucionários e suas tropas. Os que se mantiveram na cidade não o fizeram, necessariamente, por uma adesão explícita ao sistema revolucionário. Havia dificuldades de toda ordem a obstar a migração de muitas pessoas, conforme se depreende dos depoimentos daqueles que foram presos apenas por cometer o "crime" de ali permanecer: falta de condições de saúde, precariedade dos transportes, receio de deixar familiares idosos ou

[129] PAEBa., vol. 2, p. 123.
[130] PAEBa., vol. 3, p. 418.

crianças, preservação de bens imóveis ou mesmo a total falta de dinheiro para custear o traslado e a moradia fora da capital.

Ao longo dos quatro meses da revolução os sabinos governaram, portanto, uma população majoritariamente pobre, que por diversas razões ali permanecera. Entretanto, afirmar que a Sabinada teve base popular ou representou um projeto político emanado desses setores, é algo que deve ser submetido à investigação.

As fontes analisadas evidenciaram que muitos dos que ficaram na cidade procuraram, a todo custo, não se envolver em assuntos políticos. É importante considerar que parte significativa desta documentação são processos movidos após a rebelião, de modo que os depoimentos ali recolhidos são de pessoas acuadas pela necessidade de comprovar sua inocência frente aos acusadores. Mas, ainda que não seja possível auferir o grau de politização da população da cidade apenas por esses depoimentos, encontrou-se nesta documentação uma rica possibilidade de investigação de histórias de vidas, bem como das mudanças que muitas pessoas vivenciaram graças à revolução. Além disso, a documentação oferece exemplos de quais os grupos sociais mais atingidos pela repressão após a restauração da legalidade na capital baiana.

O jovem Luiz Ferreira de Souza, estudante de Latim,

> *"deixou de continuar nos estudos por causa da revolta de Sete de Novembro, e depois disso passou a ser Permanente achando-se com praça de Soldado da 2ª. Companhia, e como queira agora continuar a estudar, vem por isso implorar a V. Exa. seja servido mandar que o respectivo Comandante dê baixa ao Suplicante aceitando um indivíduo em seu lugar".*[131]

A guerra contra os sabinos fez com que este estudante fosse recrutado para os campos de batalha. Ele foi obrigado, após o final da revolta, a permanecer no serviço militar. Mesmo tendo solicitado sua baixa para dar continuidade aos estudos, e tendo oferecido outra pessoa para ocupar o seu lugar, seu pedido foi indeferido. A constituição de forças coercitivas foi

---

[131] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3756 – s/d.

uma das principais vantagens obtidas pelo Estado imperial com a vitória sobre a revolta baiana, e muitos dos recrutados nesta ocasião foram mantidos nos corpos armados, seja para ali permanecer, seja para combater rebeliões em outras províncias. A formação destas forças coercitivas será discutida adiante.

Ao contrário do desafortunado estudante, para Manoel do Carmo Lins de Vasconcelos a revolução pareceu vir em boa hora, uma vez que graças a ela pôde escapar das responsabilidades com esposa e filhos. Esta, entretanto, não deixou por menos, denunciando o marido ao presidente da província:

> *"Diz Rosa Maria que, sendo infelizmente casada com Manoel do Carmo Lins de Vasconcelos, e deste seu consórcio tendo duas filhas, e um filho, e todos ainda de menor idade, acontece ver-se a Suplicante com os seus mesmos filhos desamparados pelo dito seu marido, que saindo de sua casa, e companhia, vive escandalosamente amancebado com uma negra, (...) deixando a Suplicante e seus filhos na maior miséria, assentando voluntariamente praça no tempo da horrível revolução de Sete de Novembro de 1837, escapou à punição que estava eminente (...). Peço à V. Exa. se sirva providenciar a respeito de um procedimento tão escandaloso em despeito da fé conjugal, mandando assentar-lhe praça e fazendo-o enviar para o Sul para sua correção, e emenda".*[132]

O fato de ter assentado praça voluntariamente entre os rebeldes faz de Lins de Vasconcelos um criminoso aos olhos do governo. Entretanto, o que moveu a denúncia de Maria Rosa não foi esta atitude revolucionária, e sim o escândalo conjugal: seu marido se amancebou com uma negra, desamparando a ela e aos filhos. A repressão à Sabinada pareceu a ela um momento adequado para a correção e emenda do cônjuge infiel. É interessante também notar que Maria Rosa pretendia punir os erros do marido enviando-o para os campos de batalha do Sul. Não se tratava aqui de engajamento político contrário ou favorável à integridade do Império, e sim de uma mulher traída que encontrou no contexto da restauração uma boa oportunidade para o acerto de contas pessoais.

---

[132] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3814 – s/d.

Já o "Doutor em Direito" A. Gense, "brasileiro adotivo" de nacionalidade não especificada, antes da revolução exercia o cargo de diretor do Colégio de Januária. Porém perdeu tudo no incêndio que assolou a Ladeira da Preguiça na ocasião da entrada das forças legalistas. Desta forma,

> *"por se achar agora reduzido a servir-se dos seus conhecimentos literários, oferece-se para reger como substituto a Cadeira de Geografia e História, enquanto a ausência do Professor atual Ignácio Aprígio da Fonseca Galvão, hoje preso por ter sido secretário do chefe da última rebelião".*[133]

Este estrangeiro de elevado grau acadêmico foi vitimado pela revolução, com a qual não teria, em princípio, nenhuma relação. Viu-se, após a restauração, "reduzido" aos seus conhecimentos, tendo de solicitar, para sua sobrevivência, o cargo de professor de Geografia e História deixado vago por um rebelde que já se encontrava preso. Observa-se que o término da revolução foi um momento propício aos que buscavam cargos públicos na cidade, uma vez que muitos deles foram disponibilizados por rebeldes fugidos, mortos ou presos. Este aspecto será discutido mais detalhadamente adiante, como um importante elemento constitutivo da identidade legalista.

Foram poucos os beneficiados, contudo, após a retomada da cidade pelas forças legalistas. Nicolau Antonio da Silva afirma que

> *"tendo saído de sua casa para da de um alfaiate a tomar uma roupa que mandava pelo dito fazer, foi preso por um oficial e mais soldados que na ocasião passava pela rua, e dizendo o Suplicante que apesar de ficar na Cidade não se tinha envolvido na Revolução que aqui houve, o que provou com toda a vizinhança, mas o dito oficial querendo satisfazer a sua vontade levou-o para a Fortaleza do Barbalho dizendo-me que me justificasse e desta forma foi o Suplicante sem saber qual o seu delito nem destino".*[134]

A cidade pós-revolucionária tornara-se um lugar perigoso. Ao se sair à rua para realizar tarefas básicas do cotidiano, corria-se o risco da prisão absolutamente arbitrária, sem nenhum delito ou justificativa. Nota-se também nos requerimentos deste tipo que as

---

[133] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3955 – s/d.
[134] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2834, rubrica do presidente da província de 19 de abril de 1838.

autoridades provinciais passavam adiante a responsabilidade por tais presos: quando o presidente da província os recebe, manda encaminhar ao chefe de polícia, e vice-versa. Desta forma, seguiam presos e sem destino outros tantos moradores da cidade.

Um exemplo mais acintoso da arbitrariedade das prisões realizadas pelas forças da legalidade pode ser visto no caso do garoto Luiz Antonio, “de idade de 12 anos, quando muito”. Segundo a documentação encontrada, ele:

> *“Nos acompanhou em o dia 13 de novembro para Pirajá, em qualidade de caixeiro do Tenente Sussuarana, por quem foi mandado soltar para lhe arranjar objetos do seu escritório, sendo então capturado pelos rebeldes que depois de 15 dias o soltaram, e pela nossa força de novo preso, quando entramos nesta Capital”.*[135]

Chama a atenção, em primeiro lugar, a requisição de um menino desta idade para prestar serviços às forças legalistas. Tendo sido liberado para realizar uma tarefa fora do campo de batalha, foi capturado pelos rebeldes. Após ser solto deste cativeiro foi novamente preso, desta vez pelas forças legalistas. Talvez tenham-no tomado como rebelde, como a todos que encontraram na cidade. De qualquer maneira, nota-se que os legalistas consideravam um menino “de 12 anos, quando muito” capaz de participação política efetiva, seja entre eles, seja entre os oponentes.

De fato, a restauração de Salvador incluía a prisão de crianças como se fossem adultos. Nota-se o desespero de Maria Rosa da Conceição, ao ver seu filho

> *“André Victor, de idade de 11 anos, lhe fora preso no dia 14 do corrente à ordem de V.S. e recolhido à Galé, na persuasão de ter de alguma forma concorrido para a Revolução do dia 7 de novembro do ano findo de 1837, e suas tenebrosas circunstâncias, mas por que tal persuasão é reconhecidamente vã, tanto por ser o filho da suplicante menor de doze anos, e por conseqüência incapaz de praticar procedimentos hostis, e revoltosos, como por ser criado e vigiado pela mesma suplicante”.*[136]

A força legalista, neste caso, prendeu uma criança sob acusação explícita de ter contribuído com a revolta. Maria Rosa pôde apenas argumentar, coadjuvada por seus

---

[135] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2837 – 09 de abril de 1838.
[136] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2837 – 27 de março de 1838.

vizinhos, que seu filho nada teve a ver com o governo rebelde, não apenas pela pouca idade como pela vigília mantida constantemente sobre ele.

Pessoas reconhecidamente incapazes de ação política rebelde ou ameaçadora ao Estado foram presas no contexto restaurador. Além de crianças, existem registros de prisões de deficientes, como “Maurício Rodrigues d’Oliveira, pardo natural de Itaparica, e mestre sapateiro, e doente de alucinações mentais e outros achaques”. Consta que tenha ido à capital “logo no princípio da revolução a comprar algum cabedal para a sua tenda, aconteceu fecharem-se pouco depois os portos, e não poder voltar apesar das diligências (...), vendo-se obrigado por isto a ficar nesta Cidade até o fim da luta”. O restante da história não é difícil de supor: à entrada das forças legalistas, Oliveira foi preso “por bastante tempo” e obrigado a sentar praça nas Forças Armadas, ainda que não tivesse nenhuma relação efetiva com a revolta, e tivesse sido obrigado pelas mesmas forças legalistas a se manter na cidade durante o período revolucionário.[137]

Com a prisão de pessoas como as acima mencionadas, o governo poderia alcançar dois diferentes propósitos. Um deles seria o de “limpar” a cidade de gente predominantemente de cor – como se verá adiante –, trabalhadores mecânicos, crianças pobres, deficientes. Outro seria o recrutamento de homens para empunhar armas em favor deste mesmo governo, evitando novas rebeliões no futuro e combatendo as que ainda haviam pelo país.

Pode-se dizer também que o momento pós-Sabinada foi bastante adequado ao recrudescimento de tensões pessoais entre os moradores da cidade, que por vezes se aproveitavam do contexto repressivo para conseguir a prisão de seus desafetos. Este parece ser o caso vivenciado por Manoel Antonio de Barros,

> *“preso injustamente na Galé sem culpa, nem o menor indício de haver coadjuvado a porca e medonha revolução dos célebres rebeldes estacionados nesta Cidade, hoje a maior parte deles presos; porém o Português José Maria (inimigo íntimo do Suplicante), em desabafo a paixões particulares, capturou o*

[137] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2837 – 28 de março de 1838.

Suplicante, espancando-o, sendo tal procedimento contra as ordens do Governo Legal, e como o Suplicante se acha preso inocente, recorre e pede a V. Exa. se digne o mandar soltar".[138]

Ao que indica o texto do documento, o português José Maria exercia algum tipo de autoridade, fazendo prender e espancar o suplicante, acusando-o de envolvimento com a revolução quando na realidade parecia disposto a resolver pendências particulares.

Casos como este são freqüentes nos requerimentos de soltura. Boaventura Pimentel afirmou ter sido preso

"não por crimes que houvesse cometido o Suplicante, pois que na idade de mais de 60 anos, e segundo o seu estado morboso [sic] não se envolvera direta ou indiretamente na desoladora revolução de 7 de novembro do ano próximo passado de 1837, e só sim por tirar aquele Juiz vindicta de paixões particulares, e dar pasto ao ódio que guardava ao Suplicante, e que aproveitando-se da quadra desperta sobre o Suplicante sua cólera".[139]

João Baptista Consuelo foi interpelado em sua casa, e preso juntamente com seu filho de 14 anos sem que nenhuma prova contra eles houvesse. Segundo ele, foi "tudo por antigas rixas, quebras de amizade, e outras coisas que a decência faz calar".[140]

Desta forma, a restauração da cidade se mostrou um momento favorável às autoridades locais e moradores da cidade para a desforra de muitas questões pessoais, encaminhando seus desafetos às prisões com acusações – nem sempre comprovadas – de participação na revolução de 7 de novembro, aproveitando-se certamente da "fúria desregrada das prisões" [141] promovidas pelas forças da legalidade.

Com a entrada das tropas legalistas foi criado um clima de terror, no qual todos eram suspeitos e efetivamente presos ao menor descuido. Vislumbraram-se tensões familiares e profissionais entre os moradores de Salvador. Carreiras interrompidas, separações, perdas materiais e negociação dos cargos públicos remanescentes da revolta foram algumas questões

[138] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2834, rubrica do presidente da província do dia 19 de março de 1838. Parêntesis originais.
[139] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2836 – s/d.
[140] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2837 – s/d.
[141] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2836 – s/d.

trazidas pela documentação pesquisada. Além dos conflitos políticos e institucionais, a Sabinada foi também palco de intensos conflitos pessoais, que se aproveitaram, muitas vezes, do contexto rebelde para a sua radicalização. Desta forma, a população que ali permaneceu não esteve, necessariamente, engajada no processo revolucionário, mantendo-se muitas vezes na esfera de suas relações individuais e de sobrevivência. A repressão da Sabinada privilegiou a condenação dos grupos com menos condições de defesa, conferindo à restauração um importante caráter didático, já observado no combate a revoltas anteriores.[142]

2.4. Rebeldia ativa ou passiva? Medindo responsabilidades entre os sabinos.

Considerando as arbitrariedades da repressão promovida na cidade após a derrota dos rebeldes, vale investigar de que maneira os legalistas auferiam a participação de algum acusado na revolução. Em ofício enviado pelo Intendente da Marinha à presidência da província, dias após a retomada da cidade pelas forças da legalidade, encontra-se uma interessante caracterização dos envolvidos na revolta:

> *"Havendo alguns empregados de escrituração desta Repartição e quase todos os Fabris do Arsenal tomado parte ativa, e passiva na Rebelião de 7 de Novembro do ano passado, já servindo e obedecendo o governo rebelde, já dirigindo, e promovendo a factura de obras, trincheiras, fortificações e outros reparos, assim no mar como em terra, que tinham de ser empregados hostilmente contra os que pugnavam pela lei e ordem, e apresentando por isso que esses devem ser privados desde já de seus lugares".*[143]

Neste excerto percebe-se uma classificação dicotômica da rebeldia: haveria o rebelde ativo, que dirigia e promovia obras em favor dos combatentes da capital, e o rebelde passivo, que apenas servia e obedecia ao governo rebelde. Tomar parte na rebelião, segundo os legalistas, não era necessariamente lutar em favor dela, mas também manter-se passivamente sob as ordens de seu governo.

---

[142] István JANCSÓ apontou como a repressão à sedição de 1798 foi seletiva e teatralizada, visando a restauração da boa ordem. Cf. *Na Bahia, contra o Império – história do ensaio de sedição de 1798*. São Paulo, Salvador: Hucitec/Edufba, 1996.

[143] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3236 – 3 de abril de 1838.

Uma das principais formas adotadas pelas forças legalistas para auferir a rebeldia de algum acusado era verificando se ele recebeu algum pagamento ou cargo durante governo rebelde, o que configuraria, segundo o critério observado acima, em crime de “rebelião passiva”. Para tanto, o que não faltavam eram documentos dando conta de nomeações e pagamentos de funcionários durante a revolução. Ironicamente, os documentos produzidos pelo governo rebelde foram utilizados pela repressão, servindo de provas contra os acusados. A produção de tantos documentos pelo governo revolucionário pode ser entendida como excesso de confiança na vitória e na perpetuação do Estado Independente. Ou ainda, nas palavras de Paulo Cesar Souza, os rebeldes “em vez de impor uma revolução, tentavam administrá-la. Por isso esbanjaram avisos, atas, proclamações, ofícios e decretos; criaram repartições e editaram jornais”.[144]

Desta forma, a simples permanência na cidade durante a revolução já era vista como forte indício de participação. O Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, afirmava que “na cidade não há senão rebeldes (entre os quais não conta uma só pessoa limpa)”.[145] Por isso, alguns legalistas apressaram-se em justificar eventuais demoras em emigrar para o Recôncavo, temendo serem tomados por rebeldes. Apenas uma semana depois do 7 de novembro, o Coronel de 2ª Linha Francisco José Mattos enviou ao presidente o seguinte ofício:

> *“Uma crônica indisposição de estômago me priva agora de sair e me tem exasperado quando eu por meus princípios, meu caráter e dever, desejo voar à presença de V. Exa., e concorrer com tudo possível para defesa da Pátria, e do Trono de S. M. meu Augusto e Amo Soberano, entretanto me apresso em fazer conhecer minha adesão e obediência a V. Exa. oferecendo desde já qualquer coisa que em mim possa existir de útil à causa, enquanto em poucos dias que espero restabelecer-me posso também ir pôr à disposição de V. Exa. meus serviços pessoais”.*[146]

---

[144] Paulo Cesar SOUZA. *A Sabinada. Op. cit*.,p. 88.
[145] *Jornal do Comércio*, 27 de novembro de 1837. In: PAEBa, vol. 4, p. 165. Parêntesis originais.
[146] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3530 – 14 de novembro de 1837.

Já "o paisano Josefino da Silva Morais", empregado público da Casa de Fazenda, foi preso à vista da seguinte justificativa: "se deixou ficar na Capital sujeito ao Governo Rebelde, e não obedecer ao chamado na Proclamação de V. Exa. na qualidade de Governo Legal, há mostra que a fome que sofria é que o fez sair".[147] Ainda que o empregado público tivesse emigrado no mês seguinte ao início da revolução, isso não foi considerado pelos legalistas como prova suficiente de seu amor à ordem e ao trono, e sim como urgência provocada pela fome que assolava a cidade sitiada.

Nas palavras do Promotor Público, "aqueles que estiveram na Capital com os rebeldes, serviram com eles, e obedeceram as suas ordens, e por isso concorreram diretamente para se manter um governo ilegal".[148] O ímpeto dos legalistas em punir excessos e evitar novas desordens fez com que a designação de *rebelde*, antes restrita aos meios militares e aos membros de clubes liberais, fosse estendida a qualquer um que estivesse na capital durante os dias da revolução.

2.5. Ecos das atas rebeldes entre os legalistas.

Os legalistas mantiveram, em relação às reivindicações políticas dos rebeldes, uma postura inflexível, a despeito das mudanças substanciais promovidas no conteúdo político do governo revolucionário. Estas mudanças exemplificam-se, sobretudo, nas atas fundadoras do movimento, que cumpre analisar brevemente.[149]

No dia da tomada da Capital, os rebeldes recém-instalados na Câmara Municipal submeteram uma ata à aprovação pública, descrevendo ali suas primeiras intenções e as bases do que pretendiam que fosse o governo revolucionário. Nela, entre outros itens, os revolucionários se comprometeram a manter a província da Bahia "inteira e perfeitamente

[147] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3814 – 29 de dezembro de 1837.
[148] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2834, s/d.
[149] PAEBa, vol. 1, às pp. 59-64 e 114-119.

desligada do governo denominado central do Rio de Janeiro".[150] Esta inequívoca expressão colocou os legalistas e todo o Império em alerta para esta que seria a mais radical proposta da revolução promovida em Salvador: o separatismo.

É possível, através das descrições feitas pelos homens presos após a Sabinada, visualizar as condições em que fora firmada a primeira ata. Foi certamente em meio a muita confusão que se aclamou o Estado Independente da Bahia. Ao toque dos sinos, os habitantes das ruas próximas foram se juntando diante da Câmara Municipal, e perguntavam-se uns aos outros o que havia ali. Assim foi o caso do já citado professor Mussurunga: "perguntando eu a um amigo meu, que ali estava, o que ali se fazia, disse-me ele que era a Independência da Bahia durante a menoridade do Sr. D. Pedro 2°".[151] A descrição contida neste documento exemplifica a pouca objetividade com que o movimento de 7 de novembro apresentou-se para grande parte dos moradores presentes. Estes procuravam explicar uns aos outros a razão de tamanha movimentação na praça central da cidade.

No interior da Câmara, a confusão também era grande, como descreveu o vereador João Antunes de Azevedo Chaves. Neste relato, o vereador informa que o texto da ata revolucionária já viera pronto do Forte de São Pedro, e sofreu apenas alguns ajustes por parte de Sabino e seus correligionários antes do momento da votação. Esta, segundo a testemunha, foi realizada "à vista das ameaças que faziam de empregar força contra a menor reflexão que se lhes fizesse em contrário". "Cercado de baionetas" e "receando de sua vida", Azevedo Chaves não pôde se furtar de assinar a ata, pelo que teve de dar explicações após a restauração da cidade.[152] Ainda que esta descrição fosse apresentada em um contexto de interrogatório, no qual é evidente a necessidade de auto-preservação do narrador, pode-se considerar razoável a descrição apresentada pelo vereador, de que a aclamação da ata de 7 de novembro fora

---

[150] PAEBa, vol. 1, p. 60.
[151] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2838, s/d.
[152] PAEBa, vol. 1, p. 132-133.

realizada sob ameaça de baionetas – o que retira o ar de congraçamento que o governo revolucionário daria à data posteriormente.

Esta opção inicial dos rebeldes pelo separatismo teve por conseqüência o êxodo daqueles que tinham condições de se retirar da capital. Incluem-se aí as chamadas "pessoas gradas da província", ou seja, grupos de posses e prestígio a zelar, impelidos pelo medo da repressão que fatalmente sucederia à ousadia dos rebeldes, ou mesmo das inevitáveis represálias que sofreriam caso o governo rebelde se firmasse no comando da capital. O discurso inflamado de Sabino, expresso em seu *Novo Diário da Bahia*, não deixava dúvidas quanto ao futuro pouco amistoso que se anunciava aos grupos privilegiados da cidade.

Diante da impossibilidade de manter-se no governo da cidade sem o apoio das vilas próximas e sem a presença de parte expressiva da população, restava aos sabinos a busca por adesões dentro da cidade, e para isso foi preciso negociar a radicalidade do discurso da primeira ata. Portanto, quatro dias após a afirmação separatista, o governo rebelde convocou novamente a Câmara e lançou uma ata de retificação, afirmando ser "a independência somente até a maioridade do Imperador o Senhor D. Pedro II".[153]

Esta retificação foi o resultado de uma petição entregue ao governo rebelde, assinada por moradores da capital e alguns signatários da primeira ata. Nesta petição, o separatismo incondicional de 7 de novembro foi classificado como um "lapso de pena" a ser imediatamente corrigido. Além disso, a representação afirma que o recuo na idéia separatista era a única maneira "capaz de fazer conseguir todos os ânimos a abraçarem a causa proclamada".[154] Não seria, portanto, por simples esquecimento que a primeira ata não afirmava fidelidade ao monarca. Esta fidelidade foi uma opção política posterior, tida como mais acertada por aqueles que pretendiam administrar a revolução. Como apontou Douglas Leite, no mesmo dia 7 o vice-presidente rebelde João Carneiro da Silva Rego lançou

[153] PAEBa, vol. 1, p. 61-62.
[154] PAEBa, vol. 1, p. 63-64.

manifesto e proclamação à população reafirmando a independência incondicional da província. O autor afirma ser pouco provável o "duplo lapso de pena", e visualiza nesta importante inflexão política a evidência de uma negociação entre adeptos de diferentes projetos políticos no interior do grupo rebelde: "assim, a fuga da cidade acionou na revolução já em marcha a primeira prova de um acontecimento propriamente político: a diversidade virou 'unanimidade' em nome do seu próprio e suposto bem".[155]

O caráter anti-monarquista e separatista da Sabinada fora, portanto, oficialmente abandonado pelos rebeldes no dia 11 de novembro de 1837. Entretanto, os adversários da revolução, já articulados no Recôncavo, optaram por ignorar esta fundamental alteração do programa político rebelde. Assim como aos sabinos interessava suavizar seu discurso político para tentar amealhar um maior número de adeptos e diminuir a força da repressão que viria contra si, aos legalistas interessava a demonização do inimigo estabelecido na cidade, para assim conseguir uma maior e mais efetiva adesão ao seu propósito de debelar o movimento.

Em toda a documentação legalista posterior à ata retificadora, nota-se que os rebeldes continuaram a ser classificados como inimigos do trono e da integridade do Império, ainda que tivessem afirmado sua fidelidade ao imperador menino e garantido seu retorno ao seio do Império na ocasião de sua maioridade. Em proclamação emitida a 20 de novembro de 1837, o presidente da província Antonio Pereira Barreto Pedroso afirmou:

> *"[soldados!] Que é que vos aí detém? A subordinação devida aos vossos oficiais? Não, que essa é tão somente para guardar a Constituição do Império, obedecer e servir ao imperador e à pátria, e, pelo contrário, eles se rebelam efetivamente contra a constituição, que juraram contra o imperador e contra a pátria, que devem obedecer e servir".*[156]

O excerto mostra como, mesmo após nove dias da alteração dos rumos da revolta, o presidente legalista continuou se dirigindo às tropas em termos de defesa da constituição e do

---

[155] Douglas LEITE. S*abinos e diversos: emergências políticas e projetos de poder na revolta baiana de 1837. Op. cit.*, p. 67.
[156] PAEBa, vol. 1, p. 165.

trono. Poder-se-ia questionar se a informação a respeito da segunda ata já teria chegado aos ouvidos de Barreto Pedroso, e aventar a possibilidade de o governo legalista ainda não ter conhecimento da nova articulação política rebelde. Entretanto, verifica-se que na mesma proclamação Pedroso faz uma referência ao arrombamento dos cofres públicos pelos sabinos. Vale lembrar que o governo rebelde tinha autorizado o saque aos cofres da cidade nos dias 13 e 15 de novembro, portanto dias depois de emitida a ata retificadora.[157]

Existem outras evidências de que as lideranças legalistas souberam rapidamente do recuo político dado pelos rebeldes em sua segunda ata, porém não deram a isso o menor crédito. No dia 18 de novembro bradava o jornal *O Constitucional Cachoeirano*:

> *"Desenganem-se os [ilegível] e os perversos: a lembrança de separação por cinco anos não ilude a entes racionais, e só pode ter acolhimento na Capital, onde tudo serve a quem se vê comprometido, e desesperado".*[158]

Importa notar, portanto, que a despeito das intenções rebeldes de relativizar a radicalidade inicial de seu movimento, não havia entre os legalistas nenhuma intenção de negociar ou mesmo aceitar a forma pela qual os sabinos se colocaram no jogo político. Partindo da tomada do poder e da sublevação das tropas, os adeptos do Estado Independente já se faziam ilegítimos aos olhos legalistas, e a partir de então nenhuma iniciativa no sentido de aproximar-se da legalidade seria recebida positivamente pelos defensores do Império. Do ponto de vista legalista, a forma pela qual o governo rebelde se instalou na cidade já constituía em si um ultraje ao trono, ao Império e às leis estabelecidas. Para os imperiais, a instância de negociação política legítima era aquela determinada pela lei e mantida nos limites da ordem; para os sabinos, a idéia de justiça política norteava e justificava atos contrários à lei e à ordem estabelecidas. É possível, neste momento da discussão, levantar a hipótese de que a contraposição entre rebeldes e legalistas era mais uma discordância quanto ao *modus*

---

[157] As portarias em que o vice-presidente rebelde João Carneiro da Silva Rego autoriza o arrombamento dos cofres públicos encontram-se transcritas na coleção PAEBa., vol. 1, p. 161.
[158] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2835.

operandi adotado por cada grupo na luta política do que uma discordância programática de fundo, conforme se verá no próximo item.

2.6. Vantagens e desvantagens da opção pela legalidade

A revolução de 1837 impôs aos legalistas a necessidade de construir uma imagem convenientemente depreciativa de seus adversários. Do mesmo modo, revelou a urgência de consolidação de uma identidade política imperial coerente e combativa entre os homens de poder político e econômico da província da Bahia. Habituados, de certa forma, à repressão de rebeliões de menor porte, os homens do governo foram colocados diante da impensável realidade de serem expulsos da capital por um "bando de desprezíveis aventureiros" [159], como se depreende das palavras amargas do presidente deposto.

Ainda que parte significativa da historiografia dê pouca ênfase à formação e consolidação das forças contra-revolucionárias, é importante avaliar de que maneira se compuseram as alianças e identidades políticas de ambos os lados da revolução. Do contrário, reduz-se a complexidade do episódio aqui estudado, como se a nação e o Estado brasileiros estivessem tão consolidados naquele momento a ponto de tornar automática a reação às ameaças à sua integridade. Deixando-se de lado a politização legalista, fica a impressão de que os rebeldes eram uma minoria inexpressiva contra a qual todo o restante estava *naturalmente* comprometido. A voz política da legalidade não é decorrência espontânea da ação rebelde, é também uma construção histórica com nuances que cumpre agora investigar, nas palavras e ações de seus adeptos.

A tomada da capital baiana pelos rebeldes deu início a um processo de polarização, dividindo a Bahia entre os que eram favoráveis e os que eram contrários ao movimento. Chama a atenção, tanto de contemporâneos como dos analistas posteriores, a fluidez

[159] PAEBa, vol.1, p.141.

ideológica deste momento, no qual eram freqüentes as mudanças de lado e as negociações por apoio político com rebeldes e legalistas.

O professor João da Veiga Murici deixou claro em um de seus escritos que a definição política poderia ser determinada por negociação de cargos ou mesmo por questões pessoais:

> *"quando todos os defensores de Paraíso se bandeavam solenemente para os Setistas de Novembro e pareciam sisudos em suas congratulações, pensavam que na eleição dos governantes se lançasse mão dos grandes aristocratas; neste caso então eles teriam permanecido na revolução (...). Logo, quem não vê que a oposição que nos fazem os hipócritas regressistas é quanto às pessoas que estão no governo desta cidade e não quanto à substância da revolução".*[160]

Segundo Murici, os assim chamados "aristocratas" teriam assumido posição legalista à medida que foram deixados de lado pelos rebeldes na distribuição de cargos, e não por defender heroicamente a integridade do Império ou quaisquer outros princípios da ordem e da lei. O próprio chefe de polícia, Gonçalves Martins, foi acusado de ter mantido negociações secretas com Sabino antes da eclosão da revolta. Antonio Rebouças, adversário declarado de Martins, chegou a afirmar que este último pleiteara junto ao líder rebelde o cargo de presidente de província, o qual lhe teria sido negado[161]. Tal acusação encontra eco no depoimento de Sabino durante o processo que se seguiu à restauração da cidade. Nos autos lê-se: "Sabino dissera, que se o chefe de polícia não anuía à revolução, era porque Sabino não lhe dava o lugar de presidente".[162]

Outro exemplo de negociação das adesões à Sabinada é o caso do Corpo Policial, inicialmente engajado na revolução, mas que passou à causa legalista após a retirada das autoridades para o Recôncavo. O historiador Braz do Amaral apontou que esta mudança estava relacionada à ausência de vantagens oferecidas pelo governo rebelde à Polícia: "ou que a maioria dos oficiais deste corpo não tivesse aderido de coração à revolta, ou que fosse

---

[160] PAEBa, vol. 1, p. 153.
[161] As acusações de Rebouças podem ser encontradas nos apontamentos feitos à exposição de Gonçalves Martins, já citada.
[162] PAEBa, vol. 1, p. 129-130.

trabalhada em sentido contrário depois, ou porque nada houvesse ganho com a sedição como a linha que tivera aumento de soldo, conforme se viu na ata do dia 7, o que é certo é que após alguns dias, formado o batalhão, em 13 de novembro, com o comandante Sande e o Dr. Antonio Simões da Silva, que era chefe de polícia, atravessou as ruas da cidade e marchou para Pirajá, onde acampou, declarando-se pela Legalidade".[163]

A busca por vantagens junto a ambos os lados em confronto fez com que a Câmara da importante vila de Nazaré, no Recôncavo, se recusasse até o último momento da revolta a tomar algum partido. Segundo a análise do historiador Souza Carneiro, diante do quadro político instável, foi adotada por esta vila uma postura de cautela, visando "justamente *aderirem depois dos resultados*, pelo que nenhum serviço prestaram pró ou contra o movimento" (grifos originais).[164] A Câmara de Nazaré, habilmente segundo o autor, manteve uma postura de descompromisso com ambas as partes. Esta neutralidade terminaria apenas em 21 de março de 1838, quando da chegada das notícias da restauração da Capital. Este momento foi comemorado efusivamente em Nazaré, que finalmente pôde decidir de que lado estava.

O governo legalista estabelecido no Recôncavo incentivou a vinda de soldados e civis de Salvador para as suas fileiras, prometendo a eles uma espécie de anistia pelos crimes perpetrados na capital. Assim proclamou o presidente Antonio Pereira Barreto Pedroso a 2 de dezembro de 1837:

> *"Deponde as armas da rebeldia e correi aos braços de vossos irmãos. Apresentai-vos aos bravos comandantes das armas ou das brigadas de Pirajá ou Itapuã, ou aos dignos comandantes das forças de mar. Vós sereis bem recebidos por eles. Não acrediteis, soldados e cidadãos, a indigna calúnia com que os chefes da rebeldia nos figuram perseguindo e maltratando aqueles que dentre vós para nós têm vindo. É tempo, soldados e cidadãos, é tempo de mostrardes que fostes enganados, mas que não sois criminosos".*[165]

---

[163] Braz do AMARAL. "A Sabinada". *Op. cit.*, p. 19.
[164] A. J. de Souza CARNEIRO. "A Sabinada em Nazareth". In: PAEBa, vol. 4, p. 79.
[165] PAEBa, vol.1, p. 174.

A documentação analisada permite afirmar que este chamado à mudança de lado foi atendido por várias pessoas da capital, provavelmente interessadas na possibilidade de perdão à adesão inicial ao movimento, e não necessariamente motivadas por algum ímpeto legalista de última hora.

Entretanto, a acolhida generosa de que falava o presidente Barreto Pedroso não foi por ele colocada em prática. Em 27 de fevereiro de 1838, já nos esforços finais para a retomada da capital, o comandante das armas João Crisóstomo Callado oficiava ao presidente da província a chegada e prisão de dois soldados "passados dos rebeldes para a Legalidade**"**, pedindo sua soltura. Além disso, dava conta de três soldados que se apresentaram no Campo de Pirajá, "passados da Cidade, os quais disseram que dois dias vagaram pelo campo sem se poderem evadir pela vigilância dos pontos avançados inimigos". Estes cinco homens, que enfrentaram as dificuldades do cerco promovido à cidade, depondo suas armas para correrem "aos braços de seus irmãos", receberam do presidente da província uma resposta pouco animadora: "responda que não pode ter desta [soltura] senão depois de julgados competentemente".[166] Eram, afinal, tratados como criminosos, e não como soldados e cidadãos iludidos pela perversidade dos rebeldes.

O movimento de deserção da cidade para o Recôncavo não se deu, portanto, apenas entre aqueles que discordavam do movimento rebelde, mas também entre seus adeptos iniciais. Em depoimento recolhido junto ao processo de Francisco Ribeiro Neves, que faz uma interessante narrativa de todo o movimento rebelde, encontra-se: "Vi fardas, barretões, dragonas, espadas, caras, casacas, vestidos talares, jaquetas, e homens, muitos dos quais foram tarde ou cedo desertando para o Recôncavo, e desampararam a Causa que haviam ou pareciam ter esposado".[167] Esta fala permite observar a diversidade dos revolucionários de

---

[166] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3694, 27 de fevereiro de 1838.
[167] Francisco Ribeiro NEVES. *Justificação da minha vida política, nos quatro meses da revolução de 7 de novembro de 1837*. In: APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2836, s/d.

primeira hora, que eram militares e também civis, leigos e também eclesiásticos, que diante das dificuldades enfrentadas na cidade sitiada, houveram por bem aderir ao oponente.

No processo movido contra Domingos da Rocha Mussurunga, encontra-se o seguinte depoimento: “demorando-me até a noite em casa, recebi diferentes pessoas, das quais vejo muitas inculcadas hoje legalistas, as quais exigiam de mim a feitura de um hino”.[168] Esta fala reforça a idéia de que alguns homens que seriam posteriormente tidos como legalistas estavam, nos primeiros momentos, pelas ruas da cidade a promover a revolução, chegando inclusive a encomendar um hino em louvor ao novo governo ao professor de música do Liceu da cidade.

As idas e vindas entre a rebeldia e a legalidade foram apontadas pelo réu Frederico Antonio Pinto, que na tentativa de livrar-se das acusações que pesavam contra si, procurou manchar a reputação de outros:

> *“A dissimulação neste caso é aconselhada pela prudência: isso fiz, seguindo o exemplo de muitas principais autoridades, que nos primeiros dias da revolta, quando ainda não haviam os comprometimentos, e intolerâncias que depois apareceram, e quando havia facilidade de evadir-se, transigiram com os rebeldes, receberam e cumpriram suas ordens, e fizeram mais do que eu, exerceram seus empregos sob um governo de fato, e violador da Constituição e da Integridade do Império”.*[169]

O réu utiliza como argumento de sua defesa o fato de que muitas das principais autoridades da capital teriam tido trânsito entre os rebeldes no início do movimento, inclusive aceitando cargos e funções do governo revolucionário antes que houvesse a necessidade de um maior comprometimento. A fala de Frederico Antonio Pinto permite afirmar que a proposição política de Sabino e seus correligionários foi, a princípio, aceita por parte significativa das autoridades de Salvador. Apenas num segundo momento, dado o recrudescimento do cerco sobre a cidade, e talvez se prevendo a derrota do movimento, foi necessário que uma decisão unívoca fosse tomada em favor de algum dos dois lados em

---

[168] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2838. Processo de Domingos da Rocha Mussurunga, s/d.
[169] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2836. Processo de Frederico Antonio Pinto, s/d.

combate. A caracterização dessa fluidez entre os grupos rebeldes e legalistas durante a revolta é fundamental, pois permite a visualização de um espaço de negociação política em que, ao cabo, saíram vitoriosos os que se alinharam aos representantes do governo central.

O trânsito entre os dois lados em combate era também realizado através da atividade de espionagem, promovida tanto por rebeldes como por legalistas. No dia 6 de março de 1838, em que a gravidade do conflito já anunciava a possibilidade próxima de retomada da cidade, o comandante das armas oficiou ao presidente da província a prisão de uma espiã rebelde, disposta a disseminar entre os legalistas uma falsa impressão de bem-estar na capital:

> *"Aqui apareceu anteontem Thereza Maria de Jesus, dizendo que vinha da Cidade, e dando notícias de haver ali muita fartura, e passando-se a fazer-se-lhe várias perguntas [ilegível] depois ser falso tudo quanto referia, e que há poucos dias partira de Santo Amaro; acrescendo achar-se-lhe um punhal, que trazia escondido; em conseqüência sendo bem de presumir que a referida mulher tenha vindo a alguma missão, a remeto a V. Exa. com a dita arma, para o procedimento que convier".*[170]

Naquele mesmo dia, e talvez por isso mesmo, Crisóstomo Callado achou interessante solicitar ao presidente da província a contratação de espiões também para as forças da legalidade: "precisando ter notícias freqüentes do inimigo, vou pedir a V. Exa. sua autorização para serem nomeados dois espiões para isso, que sejam pagos verificando as notícias que dizem".[171]

Esta documentação denota a importância da circulação de informação entre as partes em combate, que era feita não apenas por retirantes e desertores de um lado e de outro, como também por espiões designados especialmente para esta função.

Considerando-se esta grande movimentação entre o Recôncavo legalista e a cidade rebelde, bem como a fluidez das escolhas entre um e outro projeto político, vale questionar quais os motivos pelos quais a balança pendeu mais para o lado dos legalistas do que para o

---

[170] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3694, 06 de março de 1838.
[171] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3694, 06 de março de 1838.

lado dos rebeldes. É importante, portanto, caracterizar a forma pela qual o governo central oferecera vantagens aos seus apoiadores.

Dilton Oliveira de Araújo, ao analisar o período posterior à repressão da Sabinada, observou esta negociação e até a cobrança, por parte dos legalistas, das vantagens prometidas pela Corte. "é possível perceber que, após a Sabinada, o referencial político fundamental para embasar os pedidos deixava de ser o das lutas pela expulsão dos portugueses. Os referenciais que atribuíam credibilidade ante o Governo passaram a ser outros. A posição ante a Sabinada adquiriu peso para definir o grau de fidelidade ao sistema monárquico e ao Imperador".[172]

São muitos os exemplos deste tipo de procedimento na documentação. Poucos meses após o fim da Sabinada, o Visconde de Pirajá – um dos homens-fortes das tropas legalistas ou, nas palavras de João José Reis, "o arqui-reacionário chefe político do clã Albuquerque" – trocou correspondências com o regente Araújo Lima. Nesta documentação observa-se que no contexto restaurador foi construído um espaço de negociação especial da província com o centro; este espaço se caracterizou pela ameaça de uma outra revolução, e pela difusão da idéia de que os rebeldes permaneciam atentos e articulados para atacar diante de qualquer fraqueza do governo. Citando o vice-presidente rebelde João Carneiro da Silva Rego e também Francisco Sabino, Pirajá afirmou que "Carneiros e Sabinos a cada ponto da Província se encontra" e apontou para o perigo de uma nova revolta: "como os inimigos da ordem e do Governo não se extinguiram podem, reconhecendo fraqueza, alterar a ordem pública".[173]

Entretanto, o que se observa neste período de "caça aos rebeldes", é que Sabinos e Carneiros não andavam à solta pela província, antes pelo contrário, eram exemplarmente punidos nas cadeias públicas e barcas prisionais[174]. A ameaça revolucionária seria, portanto,

---

[172] Dilton Oliveira de ARAÚJO. *O tutu da Bahia*. Op. cit., p. 231.
[173] PAEBa., vol. 4, p. 371. Para a citação de Reis a respeito de Pirajá, ver João José REIS. *Rebelião escrava no Brasil*, *op. cit*., p. 56.
[174] A coleção PAEBA oferece uma farta documentação processual, incluindo reclamações freqüentes dos rebeldes presos, que descrevem a situação degradante dos cárceres a que eram submetidos. Cf. vol. 1, pp. 349-359, pp. 390-395; vol. 2, pp. 116-117.

mais uma arma de negociação política do que expressão da realidade naquele momento. Era uma forma de adquirir concessões da parte do governo central.

É interessante notar que, na mesma carta citada anteriormente, Pirajá apresenta problemas pessoais ao regente, pedindo sua intervenção. Para tanto, ofereceu como moeda de troca sua ação em favor da ordem nas batalhas contra a Sabinada. Ele afirmou ser devedor de "quarenta e tantos contos de réis" a José Cerqueira de Lima, de quem teria comprado escravos. Entretanto, a irregularidade das estações e o engajamento na "gloriosa luta" contra os rebeldes o teria impossibilitado de arcar com a dívida, levando à penhora de seu engenho Periperi. O Visconde de Pirajá lembra ao regente que "V. Exa. me facultava sua proteção e é nesta ocasião que dela necessito".[175] Infelizmente a transcrição do documento está incompleta, e não é possível saber qual foi o pedido efetivamente feito ao regente. O excerto disponível, entretanto, deixa claro que Pirajá utilizou-se do prestígio adquirido na luta contra os sabinos para pleitear favores pessoais junto ao regente do Império, e que o Império ofereceu suas benesses aos que souberam estar ao seu lado no momento da batalha.

A pesquisa realizada fornece outros exemplos da negociação feita entre homens da província e da Corte, revelando que nem sempre os engajados nas forças legalistas foram devidamente contemplados com a generosidade do Estado.

Domingos José de Amorim, "cidadão brasileiro, nascido, residente e estabelecido nesta Cidade", proprietário de uma fábrica de tecidos de algodão, reivindicava do Estado Imperial o ressarcimento de seus prejuízos após a Sabinada, comprovando sua participação nas forças legalistas:

> *"Eis que rebentou nesta cidade a Revolução de 7 de Novembro de 1837, e como o Suplicante não concordando com ela, emigrasse para o Recôncavo, prestando serviços à causa da Legalidade, os revoltosos quebraram todo o maquinismo, que já naquela propriedade tinha".*[176]

---

[175] PAEBa, vol. 4, p. 371.
[176] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 645, s/d.

O documento não tem data, mas descreve uma trajetória que chega até 1851, pontuada por tentativas fracassadas de Amorim para reaver o prejuízo causado pelos revolucionários à sua propriedade. O mínimo que um legalista tão dedicado poderia esperar do governo seria a retomada dos bens perdidos em mãos de rebeldes.

Até mesmo o Coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão, Comandante Superior das forças legalistas de Cachoeira, viu-se obrigado a cobrar do Estado Imperial os vencimentos pelos serviços prestados à causa da legalidade, pedindo à presidência da província que "se digne mandar abonar-lhe, pela Repartição competente, as preditas gratificações, e mais vencimentos que lhe competem".[177] Da mesma forma precisou reclamar o soldado José Raimundo Rodrigues: "ele requer a V. Exa. que tomando na devida [ilegível] o exposto, e ainda mais os bons serviços prestados (...), se digne mandar satisfazer-lhe de pronto os [ilegível] soldos vencidos". Além do pagamento devido, a historiografia registra que Falcão Brandão foi ainda contemplado com um baronato. A resposta recebida pelo soldado José Raimundo, entretanto, deixa entrever que ele teve mais dificuldades que o Comandante Superior para obter seu pagamento: "mostre que não recebeu soldo do Governo rebelde, no tempo em que esteve prisioneiro".[178]

Estes dois requerimentos dão margem a algumas reflexões. O primeiro deles evidencia que a relação do comandante legalista Rodrigo Antonio Falcão Brandão com o Estado Imperial era de prestação de serviço remunerado, e não de voluntariado pela causa. Os legalistas não lutaram, portanto, movidos apenas por amor ao trono ou à integridade do Império, e sim porque encontraram no contexto da guerra contra os rebeldes um caminho eficaz para a obtenção de remuneração e prestígio.

Mais um exemplo de que a ação legalista não era inteiramente gratuita pode ser visto no requerimento encaminhado por Antonio Vaz de Carvalho,

[177] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3560, s/d.
[178] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3560, s/d. Rubrica do presidente da província com data de 31 de maio de 1838.

“cidadão brasileiro e proprietário que para arranjo da 2ª e depois 3ª Brigada do Exército da Legalidade estacionada na Itapuã forneceu os gêneros constantes das duas contas e recibos autenticados pelo Ten. Cel. Pedro Luiz de Menezes, Comandante da Artilharia, e encarregado do Laboratório, na importância total de duzentos e quarenta e seis mil e oitocentos réis, de que quer ser pago, dando somente à Nação os seus serviços pessoais, os de seus escravos, e muitas outras adições não mencionadas”. [179]

Pedidos explícitos de favores junto ao governo não eram privilégio de gente como Pirajá, e surgem freqüentemente na documentação. Ignácio José de Andrade, “proprietário e Capitão do Corpo de Guardas Nacionais da Vila de Jaguaripe”, enviou ao presidente da província a seguinte solicitação: “ele se considera nos [ilegível] de ser agraciado com algum posto de Oficial da mesma Guarda”, alegando para isso estar “no gozo de seus direitos políticos, com haveres, e adesão ao Sistema Monárquico Constitucional” [180], o que se comprovaria pela sua participação não apenas na luta contra a Sabinada como também contra os portugueses na guerra de independência. Ignácio José de Andrade esteve sempre ao lado dos vencedores. Por esta trajetória ele esperava receber do Estado um cargo de oficial da Guarda Nacional.

Da mesma maneira agiu o Capitão Manoel da Paixão Bacellar, “proprietário do Engenho do Carrapato, na Comarca da Cachoeira”, que apontou o cargo com o qual queria ser agraciado, usando como moeda de troca os

“serviços que ultimamente prestou à causa da Legalidade, não se poupando a sacrifício algum, que estava a seu alcance; e constando-lhe que V. Exa. está tratando de prover os diferentes lugares superiores da Guarda Nacional, o Suplicante pede a V. Exa. a graça de se nomear Coronel da Legião da Feira de Santana, onde o Suplicante continuará a prestar os necessários serviços à causa da Legalidade, e que deles tanto carece”.[181]

Foram encontradas nesta pesquisa várias propostas aprovadas de nomeações para oficiais da Guarda Nacional. Em 1838 foi grande a quantidade dessas nomeações, mostrando

[179] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2834, s/d. Rubrica autorizando pagamento em 6 de abril de 1838.
[180] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3560, s/d. Rubrica do presidente da província com data de 23 de novembro de 1838.
[181] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3560, s/d.

que o Estado quis recompensar os legalistas envolvidos na luta contra a Sabinada. Ainda que na letra da lei de 1831 os cargos de oficiais da Guarda Nacional fossem de caráter eletivo, na prática os governos provinciais controlavam este processo. Segundo Jeanne Berrance de Castro, "já a partir de 1836, começa o oficialato da Guarda Nacional a perder o seu caráter eletivo e local, substituído por uma centralização provincial".[182] Além disso, a autora destaca que "a concessão de patente da Guarda Nacional passou a representar a remuneração de serviços políticos".[183]

Outro interessante exemplo de solicitação de cargos no contexto pós-Sabinada – dessa vez no âmbito do Exército – está no caso de Luiz Pedro D'Araújo, filho do Capitão Cirurgião-Mor Luiz Pedro D'Araújo. Sua argumentação é contundente e vale a longa citação:

> *"tendo requerido ao Governo supremo o posto de Alferes em remuneração dos seus relevantes serviços prestados a prol da Legalidade na ocasião da atroz revolta de 7 de novembro do ano passado, tendo defendido com a espada na mão o Augusto Trono de SMI, e feito conservar-se ilesa a integridade do Brasil, e o sistema que felizmente nos rege, oferece-se agora como melhor oportunidade ao Suplicante para mostrar seus bons desejos pela felicidade de seu País, e continuar a trilhar a carreira militar, que outrora encetou no glorioso Campo de Pirajá, e vem a ser a expedição que prestes está a partir para a Província do Rio Grande do Sul a debelar ali os rebeldes, os inimigos da ordem, da Constituição, e do Trono, o Suplicante querendo ali voar para ajudar aos seus companheiros d'armas vem oferecer-se a V. Exa. uma vez que lhe confira o posto de Alferes de Comissão, para o que peço a V. Exa. se sirva aceitar o oferecimento do Suplicante".*[184]

O jovem Luiz Pedro D'Araújo pretendia, desta forma, transmitir a imagem de idealista político e defensor da integridade da nação, desejoso de lutar não apenas pela manutenção da Bahia – pela qual teria empunhado valentemente a espada – como também do Rio Grande do Sul no conjunto imperial. Entretanto, condicionou o fervor de seu patriotismo à nomeação para o cargo de Alferes da Comissão, do qual se julgava digno diante de tão bons serviços

---

[182] Jeanne Berrance de CASTRO: *O povo em armas. Guarda Nacional, 1831-1850*. São Paulo: Tese de doutorado, FFLCH-USP, 1968, p. 46.
[183] Idem. "A Guarda Nacional". In: Sérgio Buarque de Holanda (org.). História *Geral da Civilização Brasileira*. Tomo 2, 4º. volume. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995, p. 288.
[184] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2834, s/d.

prestados à causa legalista. Vale dizer que este mesmo suplicante já havia pedido o cargo de Alferes antes, o que lhe fora negado; em seguida voltou a pedir, mesmo sabendo que teria de ir ao Rio Grande. O discurso político dramático demonstra que estar ao lado do Governo poderia ser encarado como uma possibilidade de carreira ou uma profissão. Entretanto, o comandante das armas José Joaquim Coelho parecia disposto a obstar a realização do desejo de Araújo, afirmando em ofício enviado ao presidente da província:

> *"Cumpre-me dizer a V. Exa. que a pretensão do Suplicante me parece viciosa, até porque não tendo sido possível serem ainda confirmados alguns indivíduos de 1ª Linha, hoje Alferes de Comissão que aliás prestaram relevantes serviços no recôncavo, muito menos o deverá ser um indivíduo que nenhum direito tem à linha; acrescendo ainda que estou informado que os documentos que apresenta são meramente graciosos e dados por contemplação; por isso que se conservou durante o tempo da luta contra os rebeldes, como dantes na Vila de S. Francisco, ou Santo Amaro. Observando além disso a V. Exa. que a conduta do mesmo Suplicante segundo informações que tenho obtido é a pior possível, submeto contudo o meu parecer à judiciosa decisão de V. Exa".*[185]

Diante desta descrição, percebe-se que Luiz Pedro D'Araújo encontrou no contexto restaurador a possibilidade de forjar, diante do governo, um fervor legalista jamais comprovado nos campos de batalha, aos quais sequer teria comparecido. Talvez estivesse confiando em uma falta de troca de informações entre as autoridades provinciais. Sua tentativa malogrou, o que se observa no indeferimento de seu pedido ao dia 7 de dezembro de 1838.

Foram pleiteados pelos defensores da legalidade também cargos eclesiásticos. Isso se observa, por exemplo, no caso do "Reverendo Padre José Rodrigues Monção, que pede ser provido no lugar de Capelão da Cadeia da Relação desta Cidade". Para tanto, argumenta-se que "o Suplicante é Capelão desta Catedral e foi um dos primeiros que emigrou para o

[185] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2834 – setembro de 1838 (dia ilegível).

Recôncavo, logo que nesta Cidade apareceu a rebeldia, é de exemplar conduta, e me parece digno do emprego que pretende".[186]

Outra forma encontrada para fazer uma boa figura diante do governo, e conseqüentemente obter vantagens, foi a prática da denúncia de rebeldes, durante e após o fim da revolução. Foi assim que José Ignácio Xavier Accioli, vigário provisor, Luiz Ignácio de Souza Menezes, presbítero e professor de eloqüência e Belarmino Estevão de Souza Mattos, tesoureiro interino, todos os três moradores da Vila da Barra, conseguiram a suspensão do juiz municipal João José de Souza Rabello, assim como dos juízes de paz Francisco Magalhães e Manoel Cabral.

Em dois longos ofícios enviados à presidência da província, um deles em fevereiro e outro em abril de 1838, eles descrevem uma tentativa daqueles juízes da Vila da Barra de fazê-la aderir ao "ao som desarmonizador da tranqüilidade", fazendo a "anarquia furibunda alçar o colo, e predominando [sic] aniquilar a liberdade, violar os preceitos mais sagrados do Pacto Social que nos rege". O procedimento utilizado por esses rebeldes seria o mesmo empregado na capital: a tomada da Câmara, seguida da reunião de "Cidadãos ou gentalha do mesmo credo" e aclamação de uma ata revolucionária. Os denunciadores descrevem dramaticamente sua vã tentativa de chamar os rebeldes à razão e à defesa da Constituição, com "o único fim de desviar a Câmara de tão execrando delito".[187] Os autores da denúncia se preocuparam em pontuar desde o início quem esteve de que lado, citando muitos nomes, visando ao que tudo indica obter vantagens por sua diligência.

Os autores, supostas vítimas da anarquia instaurada na Vila da Barra, afirmaram também o temor de ser assassinados ou despojados de seus empregos pelos rebeldes. O motivo alegado para o conflito é a adesão ao Império, mas tudo indica um confronto de poderes locais e uma luta pela ocupação de cargos. A revolução, dessa forma, foi vivenciada

---

[186] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 5202 – 25 de agosto de 1838.
[187] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2834 – 22 de fevereiro e 26 de abril de 1838.

pelos contemporâneos como um momento adequado para acertos de contas pessoais. Neste caso, saíram-se bem os denunciantes, que conseguiram o afastamento dos juízes da vila e mantiveram intactas suas vidas, propriedades e empregos.

Mais um testemunho de que a denúncia de rebeldes poderia ser um bom negócio foi dado por Zacharias Muniz Nunes, em ofício à presidência da província, afirmando

> *"que havendo denunciado o lugar em que se achava oculto, e foi capturado, Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira, primeiro influente dos rebeldes que ocuparam esta Cidade, e por isso adquirido direito a receber a quantia de um conto de réis prometida pelo Edital da Polícia de 20 de março passado [ilegível] já recebeu a de 50 rs. por ser a que na ocasião lhe pôde dar a Tesouraria, se lhe faz preciso receber o resto; e assim peço a V. Exa. se sirva mandar lhe pagar".*[188]

Eis, portanto, mais um exemplo da "profissionalização" da atividade legalista, vista como meio de obtenção de vantagens ou, neste caso, dinheiro.

Os exemplos expostos neste item levam a crer que a disputa pelo poder local era um importante elemento na constituição das identidades políticas durante a revolução, fazendo pender a balança para um ou outro lado do movimento. Aqueles que dispunham de mecanismos eficazes de inserção na ordem política e institucional estabelecida optaram pela defesa desta legalidade e procuraram, depois da vitória, ampliar e consolidar seu poder na disputa por cargos e privilégios. Ao governo central caberia a importante função de gerenciar e distribuir benefícios àqueles que se mantiveram em sua defesa frente às ameaças revolucionárias. Por outro lado, como foi explorado no capítulo anterior, aqueles que não encontravam no arranjo institucional vigente um espaço satisfatório para a obtenção de vantagens pessoais, ou mesmo de expressão política, tenderam a aderir aos rebeldes.

2.7. Imperiais e diversos: o "fogo amigo" dos legalistas.

As muitas nuances da identidade legalista, entrevistas no item anterior, permitem supor uma grande heterogeneidade não apenas de idéias mas também de práticas entre os

[188] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2834, s/d. Rubrica de 19 de maio de 1838, encaminha a questão para o Chefe de Polícia.

defensores do trono. Essa diferença de propostas, por vezes, tomou ares de hostilidade entre homens que, a princípio, lutavam do mesmo lado, mas que por vezes pareciam lutar tão-somente por si próprios.

O Comandante Militar de Itaparica, Coronel Antonio de Souza Leme, demonstrou estar bastante contrariado quando oficiou ao presidente da província a respeito do tratamento dado a alguns presos confiados à sua ordem. Ao que a documentação indica, foram levantadas, por outro coronel, suspeitas de que estes presos mantinham atividades e conversações subversivas dentro do cárcere. Essas suspeitas colocavam em questão a autoridade exercida sobre os presos. Segundo Souza Leme, essas acusações eram produto de rivalidades contra a sua pessoa:

> *"Permita-me V. Exa. não ceder a palma ao Coronel Chefe de Legião da Vila de Maragogipe, que não sendo a autoridade por quem e à cuja ordem me foram remetidos os presos em questão, se fez cargo de os recomendar a V. Exa., desconhecendo que com semelhante procedimento dá azo à persuasão de que uma tal representação é antes filha de desafeições particulares, do que do interesse pela causa pública, como já algumas pessoas do lugar não menos gradas do que o referido Coronel Chefe de Legião são inclinadas a crer".*[189]

Assim, o procedimento contra-revolucionário adotado por uns era intensamente fiscalizado por outros, fazendo da revolução um momento adequado aos homens de armas para comprovar sua eficiência e quiçá a ineficiência de colegas com os quais disputavam espaços dentro das corporações.

Um exemplo desta luta por cargos dentro da hierarquia militar se encontra em ofício enviado à presidência pelo Comandante Superior da Vila de São Francisco, Antonio Diogo Sá Barreto, narrando as discordâncias que teve com o Tenente Coronel Joaquim Chaves acerca da prisão de um suspeito de rebeldia: "eu lhe dei ordem que o mandasse prender, que o remeteria a V.Exa. Ele observou-me que era má medida, porque tinha parentes, que escandalizados eram outros tantos inimigos, que a Causa teria". Ao final, dada a

[189] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3485 – 15 de dezembro de 1837.

desinteligência entre as duas autoridades e a fuga do referido suspeito, o autor do ofício tenta se justificar com o presidente, atribuindo a falha do colega à "dependência de votos para ser reeleito estando a fazer-se a Eleição de Oficiais Superiores no Batalhão", o que acabaria por interferir na maneira como eram conduzidos naquela vila os assuntos da rebelião.[190]

A ação repressiva ficou comprometida quando entrou em jogo a busca por cargos dentro da Guarda Nacional, o que, conforme já citado, nem sempre ocorria simplesmente pela via eleitoral. O contexto da Sabinada, ao que indica a documentação, era bastante propício à exacerbação de rivalidades entre os homens que empunhavam armas em favor da legalidade.

Também no Judiciário encontram-se divergências entre as autoridades legalistas. O juiz de paz de Maragogipe, João Baptista Pereira Guimarães, narrou ao presidente da província o caso de um rebelde que teria recebido, após a restauração da capital, permissão para retornar àquela vila, afirmando que ele "alcançou obter subrepticiamente do Sr. Dr. Juiz de Direito Chefe de Polícia um passaporte". Passando por cima da autoridade do Juiz de Direito, e sugerindo que o passaporte fora conseguido de maneira escusa, Pereira Guimarães manda prender novamente o acusado, e o remete à autoridade do presidente "para lhe dar o destino que for servido, afim de que com seus [ilegível] sofra as penas da Lei".[191] Este caso demonstra que o procedimento adotado por uma autoridade poderia ser questionado e desfeito por outra, não necessariamente de graduação superior. Ao presidente da província, representante do poder central, cabia o papel não apenas de pacificar a província, como também de mediar os confrontos surgidos entre seus próprios correligionários.

Um exemplo de que as tensões entre os legalistas não ocorriam em pequena escala pode ser observado na polêmica e fundamental participação de Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, o já citado Visconde de Pirajá, na articulação das forças legalistas. O histórico de Pirajá nas lutas de independência, bem como sua abastada origem proprietária, conferiam

[190] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3531 – 18 de janeiro de 1838.
[191] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2834 – 2 de abril de 1838.

ao seu nome um grande peso junto à elite política e econômica da Bahia, tanto que no mesmo dia da tomada do poder pelos rebeldes na capital Pirajá foi convidado a assumir o posto de comandante das armas. Em ofício de 7 de novembro de 1837, ele declina ao convite, justificando da seguinte maneira sua opção:

> *"meu estado de saúde a todos é patente, pois se estivesse vigoroso [ilegível] estaria prestando meus contingentes defendendo os direitos de S. M. I. e tranqüilizando a Província, mas no que estiver a meu alcance pode V. Exa. estar certo que o hei de fazer".*[192]

De fato, alguns anos após a Sabinada o Visconde de Pirajá seria acometido de uma grave doença mental. Segundo Paulo César Souza, "é lícito supor que essa doença fora a razão por trás da recusa em servir como Comandante das Armas, e do afastamento do comando de uma brigada".[193] Mesmo recusando estes postos, Pirajá foi um dos homens mais atuantes nas forças contra-revolucionárias, causando inclusive algumas polêmicas nas forças legalistas. O principal adversário de Pirajá nos campos de combate da Sabinada parece ter sido o Comandante João José de Sepúlveda Vasconcellos, Tenente Coronel da 2ª. Brigada de Itapuã. Em repetidos ofícios enviados ao Comandante da Divisão e também ao presidente da província, Sepúlveda Vasconcellos denunciou "os inúmeros desarranjos motivados pelo Visconde de Pirajá que se quer intrometer nesta Brigada, e sempre em sentido contrário às ordens competentemente emanadas".[194] Como exemplo dessas intromissões, cita:

> *"Perante uma força de reserva que se achava formada pela notícia da chegada dos rebeldes nesta tarde às Armações, foi pelo dito Visconde proclamado que se retirassem todos os soldados à Vila de Abrantes, e que não obedecessem a seus Oficiais, além de insultos contra estes proferidos".*[195]

Em seguida pergunta:

---

[192] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2833 – 7 de novembro de 1837.

[193] P. C. SOUZA. *A Sabinada. Op. cit.*, p. 55. Para uma apresentação biográfica de Pirajá ver João José REIS. *A morte é uma festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991, PP. 325-329.

[194] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3694 – 06 de janeiro de 1838. Ofício endereçado ao Comandante da Divisão.

[195] Idem, ibidem.

> *"Neste estado como é possível manter-se a boa ordem, e subordinação tão necessária hoje? Confesso a V. Exa. que faltas de providências enérgicas a tal respeito, apesar de quanto se tem demonstrado, tem nos posto no maior vexame e tortura possível, e ninguém sabe o que será para o futuro".*[196]

As falas dirigidas pelo Visconde às tropas incitariam o desrespeito aos oficiais, incluindo "conselhos à mesma força que a estes não obedecesse". Além disso, o denunciante afirma ser o Visconde de Pirajá responsável por "anarquia, contra ordens, pessoas, e solturas incompetentes, [ilegível] por vingança, e desfeita aos oficiais" da Brigada de Itapuã.[197]

Além das denúncias, o Tenente Coronel Vasconcellos afirma, em seus ofícios, que a ação desorganizadora promovida pelo Visconde junto às tropas não era de maneira nenhuma obstada pelas autoridades provinciais, e pede reiteradamente que sejam tomadas providências. Entretanto, o poder político e econômico de Pirajá parece ter se sobreposto aos poderes provinciais e centrais articulados na reação ao movimento rebelde. O contexto da guerra era também um espaço propício à auto-afirmação entre os membros das elites baianas, que procuravam sobrepor-se uns aos outros na busca pelo exercício do poder. Apenas no final dos esforços de guerra, e por razão não explicitada na documentação, o Visconde de Pirajá foi afastado das forças legalistas. Paulo César Souza atribui esse afastamento à doença mental de Pirajá, entretanto a análise dos confrontos causados por ele nos campos de Itapuã permite supor que tenha sido efetivamente retirado das forças legalistas por mau procedimento.

Diante desses exemplos, é possível afirmar que eram muitas as demandas dos adeptos da legalidade: havia o interesse imediato por dinheiro, a possibilidade futura de acesso a cargos públicos, e também a oportunidade de reafirmação do poder entre as figuras de maior prestígio. A coesão entre os legalistas era, portanto, algo a ser forjado ao longo da revolução. Para isso, lançou-se mão de elementos incontestáveis de identidade entre aqueles que tinham algo a perder com a vitória dos rebeldes.

---

[196] Idem, ibidem.

[197] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3694 – 06 de janeiro de 1838. Ofício endereçado ao presidente da província.

2.8. O ideário legalista na primogênita de Cabral.

Os expoentes da reação legalista se articularam, principalmente, em torno da defesa de suas propriedades. Como forma de atrair a colaboração dos senhores de engenho do Recôncavo, o governo utilizou-se do forte argumento de que o restabelecimento da ordem era condição fundamental para a manutenção de suas vidas e propriedades. Em ofício enviado ao proprietário Salvador Muniz Barreto, o presidente da província assim afirmou:

> *"Tornando-se indispensável que todos os habitantes desta província, e com especialidade os proprietários, se prestem à defesa da causa pública, que a todos interessa, me dirijo a Vmcê. para que envie para o serviço do Exército três carros, com os competentes bois, e carreiros, ficando certo que, restaurada a capital, e serão restituídos, ou se lhe indenizará. Espero do zelo e patriotismo que o anima que dará mais esta prova do quanto se interessa pelo restabelecimento da ordem".*[198]

Conscientes do perigo que corriam diante da possibilidade de sucesso da revolução, os proprietários locais ofereceram todo tipo de reforço às tropas legalistas, seja em homens, seja em armas, munições "de guerra e de boca", transportes e muitos outros, confirmados pela correspondência do presidente da província. Após a restauração da capital, o presidente Barreto Pedroso afirmou:

> *"O Governo da Província nada mesmo esperava desta importante porção dos habitantes dela, que nada tendo a ganhar com uma revolução, tinham e tem tudo a perder com ela e por isso estava certo que eles se esforçariam para manter as nossas instituições, verdadeiras garantias de seus bens e pessoas".*[199]

O excerto denota a importância da aliança do governo provincial com os proprietários locais, sem os quais a organização da reação legalista seria inviabilizada. Em outras palavras, sem a politização da identidade proprietária, a reação organizada a partir do Recôncavo, incluindo o cerco da capital por terra e por mar, não teria sido possível. É importante ainda ressaltar que a participação dos poderosos locais na repressão à revolta era fundamental ao

---

[198] PAEBa., vol. 4, p. 442.
[199] PAEBa., vol. 5, p. 163.

governo central, que não dispunha de recursos para se impor ao longo de todo o imenso território imperial.

Esta luta se compunha, ao mesmo tempo, de importantes elementos ideológicos que conferiam unidade ao discurso e às práticas legalistas. Entre os defensores da ordem havia uma identificação com Portugal como mãe-pátria, exaltando-a como fonte de civilização. O discurso legalista procurava reabilitar a imagem dos colonizadores portugueses, execrada pela população baiana desde as guerras de Independência. No relato do comandante das armas, Luiz da França Pinto Garcez, a Bahia é chamada de "primogênita de Cabral".[200] A defesa do trono de Pedro II representaria a continuidade da civilização européia. Souza Paraíso, presidente da província no momento em que teve início a revolta, afirmou em sua Exposição:

> *"Parece que arrastados os povos por uma enfermidade epidêmica, se levam ao ponto de pretenderem aniquilar a obra da civilização que tem custado o trabalho de três séculos de suores e fadigas de tantas gerações. Homens insensatos, sem lei, sem consciência, sem pejo, sem temor de Deus e de seus semelhantes, levados unicamente de desmarcada ambição e desejos de fazer fortuna com os sagrados nomes de Pátria e Liberdade na boca, têm conseguido chamar a si massas de pessoas ignorantes e discolas para acenderem o facho da anarquia".*[201]

A obra de civilização dos três séculos anteriores a que se refere o autor certamente é a empresa colonizadora, encerrada na Bahia em 1823, e que aos olhos de Paraíso merecia agora o digno posto de obra a ser preservada. Desta forma, a elite baiana articulada em torno da reação à Sabinada demonstrava um discurso afinado com as demais elites do Império, para quem a civilização emanava da Europa. A polarização entre civilização e barbárie, tão cara ao pensamento do século XIX, pode ser entrevista no discurso de Paraíso, ainda que sob uma terminologia distinta. Resta avaliar se tais argumentos foram suficientes para a arregimentação de homens para a luta objetiva contra os rebeldes.

---

[200] PAEBa, vol. 2, pp. 301-320.
[201] PAEBa, vol. 2, p. 379.

2.9. Desassombrando os matutos: a formação da Guarda Nacional baiana.

As tensões entre os homens da legalidade não foram as únicas dificuldades enfrentadas pela contra-revolução. Foi também necessário dotar a província de um corpo coercitivo eficiente para reprimir a ação rebelde na capital.

A Guarda Nacional, criada por lei em 1831, ainda estava em processo de consolidação na Bahia de 1837. Havia, segundo Hendrik Kraay, resistências à implantação das chamadas "forças cidadãs", vindas sobretudo dos oficiais remanescentes das extintas milícias.[202] Longe de ser uma tarefa fácil, a formação das tropas legalistas foi o resultado do enfrentamento de problemas de diversas ordens, o que pôde ser apreendido pela leitura da documentação.

O Coronel Comandante das Forças Armadas de Nazaré informou ao presidente da província que sequer a nomenclatura adequada a cada oficial da Guarda estava definida:

> *"permita-me V. Exa. que lhe represente a incerteza em que me acho pelos diferentes títulos com que tenho sido tratado, [o que] pode causar algum atraso ou desinteligência prejudicial ao serviço do mesmo Augusto Senhor da parte daqueles sobre os quais tenho dirigido ordens. (...) Digne-se V. Exa. esclarecer-me e marcar as atribuições pelas quais eu devo dirigir-me não só para que eu bem cumpra meus deveres prestando-me com todas as minhas forças físicas e morais na continuação do serviço de S.M.I. como para evitar conflitos de jurisdições, e o serviço se faça sem dúvida alguma".*[203]

A falta de definição hierárquica entre os homens da Guarda Nacional era uma das dificuldades impostas à organização das forças movidas contra os rebeldes. Mas não era, sem dúvida, a mais grave delas. A falta de braços armados era o principal desafio enfrentado na província pelos defensores da legalidade.

O Comandante Superior de Itapicuru descreveu dramaticamente sua tentativa de reunir, naquela localidade, homens dispostos a lutar contra a rebeldia na capital.[204] Na

---

[202]Hendrik KRAAY. "Identidade racial na política, Bahia, 1790-1840: o caso dos henriques". *In*: JANCSÓ, István (org.). *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Fapesp/Hucitec, 2003. Ver também, do mesmo autor: "From militia to National Guard". In: *Race, State, and Armed Forces in Independence-Era Brazil. Bahia, 1790s-1840s*. Stanford, California: Stanford University Press, 2001, chapter 8.

[203] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3530 – 15 de dezembro de 1837.

[204] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3533 – 06 de março de 1838.

primeira convocação, surgiram “30 praças inclusive 4 oficiais dentre os quais apenas se poderiam tirar 6 homens por pertencerem todos eles ao corpo de reserva”. Considerando esse número insuficiente, optou por uma segunda convocação, feita 21 dias depois, “comparecendo apenas 140 homens, inclusive os oficiais, e dirigindo-lhes uma fala, convidando a saírem à frente todos os que voluntariamente quisessem marchar, não houve um só oficial! Com vergonha o digo a V. Exa!”. Dada a nenhuma voluntariedade dos presentes, o Comandante selecionou, por seu critério, 47 guardas e 20 oficiais, marcando para o dia seguinte a marcha para os campos de Pirajá.

> *“Mas Exmo. Senhor, qual não foi minha vergonha quando vi que no dia 28 marcado para marcha, apareceram unicamente 15 Guardas inclusive os 3 oficiais, e soube que todos os mais haviam vergonhosamente fugido? Custa a crer, que homens, que tem [o] que perder, que homens em quem a Nação confia, dessem um passo de tanta ignomínia.”*[205]

Diante de tamanho fiasco na convocação das forças de Itapicuru, atribuído à ausência de uma prisão naquela comarca, restou ao bem-intencionado Comandante oferecer, além dos 15 praças e 3 oficiais arduamente reunidos, a si próprio para a luta: “eu estou pronto com a minha pessoa, e meus bens para o serviço, não só da Nação como de protetor de V. Exa”.[206]

Este relato permite algumas reflexões. A ausência de voluntários para a luta demonstra não apenas a desorganização da Guarda Nacional baiana, mesmo nos momentos finais da batalha, como também a dificuldade que havia em mobilizar um sentimento nacional entre soldados e oficiais. A afronta feita àquele Comandante pode, efetivamente, ser associada à ausência de recursos repressivos, como prisões, o que permitiria a contestação freqüente das autoridades locais. Mas a “força que se chama patriotismo”, com a qual Moreira de Azevedo viria a caracterizar futuramente os baianos legalistas, parecia um horizonte ainda distante naquele momento.[207] Era necessário, segundo um oficial da Guarda Nacional de São Gonçalo

---

[205] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3533 – 06 de março de 1838.
[206] Idem.
[207] Moreira de AZEVEDO. “A Sabinada da Bahia em 1837”. In: PAEBa, vol.1, p.21.

dos Campos, ir "pouco e pouco desassombrando os ânimos dos bisonhos matutos Guardas Nacionais".[208]

Quando era possível reunir braços para a luta, havia o desafio de bem administrá-los em favor da ordem e da legalidade, o que nem sempre era possível dado o despreparo dos oficiais e a falta de recursos materiais. Ainda no início da revolução, a descrição que se fez das forças reunidas na vila de São Francisco é a seguinte:

> *"Muita confusão há, existindo maior número de gente em serviço do que era preciso, e esta colocada em diferentes partes por diversas autoridades sendo pouco profícuo a qualquer caso de precisão. (...) Constando-me que felizmente tem chegado os socorros da Corte, faltando neste ponto Armamento, mesmo para as praças já aqui reunidas em serviço; aproveito a ocasião de pedir a V. Exa. a quantidade dele, que for possível mandar-me".*[209]

Neste excerto nota-se que, a despeito da grande quantidade de praças ali reunidos, havia uma tal desorganização que fazia dessas forças algo pouco útil "em qualquer caso de precisão". Além disso, a ausência de armamentos e munições é bastante reclamada em toda a correspondência da Guarda Nacional durante a Sabinada. Em Maragogipe, queixava-se o Coronel Chefe da 1ª Legião:

> *"Ainda me não foi entregue uma só arma das que requisitei a V.Exa., que me afirmou virem por intermédio do Dr. Juiz de Direito da Comarca. As guardas do meu comando, como que tímidas por tal falta, e por não se comprometerem a um comparecimento em crimes, se estão esquivando, eu no maior desassossego para os conter. E até não me foi possível fazer marchar os 30 guardas para fazer retirar os do Forte, por não ter armas".*[210]

Após o fim da rebelião, a Bahia já contava com um aparato coercitivo mais bem organizado e equipado do que antes dela havia, não apenas no que se refere à Guarda Nacional como também ao Exército. A documentação demonstra a pouca disposição do Estado em se desfazer dos corpos formados durante a revolução, antes pelo contrário, procurou mantê-los. São comuns pedidos de baixa de homens recrutados para o Exército

---

[208] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3531 – 22 de novembro de 1837.
[209] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3531 – 26 de dezembro de 1837.
[210] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3531 – 20 de novembro de 1837.

durante a revolta, mas eram raros os deferimentos. Os recrutados têm, na maioria dos requerimentos analisados, ocupações modestas e alegam a necessidade de sustentar seus familiares para os pedidos de baixa. Um exemplo pode ser visto no caso de José Sidônio do Espírito Santo, que "fora chamado para sentar praça no Batalhão de Voluntários" de Cachoeira mesmo estando isento do recrutamento. É de se destacar a contradição em termos, já que Espírito Santo foi forçado a sentar praça em um batalhão de nome "voluntários". Entretanto, a despeito disso, "se persuade cheio de justiça para reclamar a sua escusa", o que de fato não ocorre.[211]

Ao final dos combates, com o êxito sobre a Sabinada e a restauração da capital, é possível afirmar que houve um grande avanço no processo de consolidação do Estado Imperial na Bahia, tendo sido estabelecidas redes eficientes de trocas políticas entre o centro e as localidades, bem como relações hierárquicas mais bem definidas entre as autoridades civis e militares. De acordo com Dilton Araújo, "a Sabinada foi o ponto de inflexão política fundamental nesse processo. Ao tempo em que expressou a disposição dos grupos rebeldes pela efetiva ruptura, mostrou à elite baiana a extrema urgência da ainda mais plena adesão ao projeto nacional e de esmagamento das resistências a este processo".[212]

***

Neste capítulo, pretendeu-se demonstrar que o discurso acerca dos rebeldes transformava-se ao sabor das necessidades dos legalistas. Quando era preciso evitar o início da revolta tratava-se apenas de boatos, originados entre pessoas sem nenhum prestígio social. Depois de iniciada a revolução, seus autores passaram a ser qualificados como perversos sedutores da tropa, comprometidos com o separatismo e a traição ao trono, ainda que o Estado Independente afirmasse o contrário. A tropa foi, após a derrota do movimento, responsabilizada por todo o seu devir. A população pobre, tida por indiferente no início da

---

[211] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3487 – 7 de abril de 1838.
[212] Dilton Oliveira de ARAÚJO. *O tutu da Bahia. Op. cit.*, p. 270.

revolta, foi preferencialmente condenada por fazer parte dela, ao seu final. O momento de restauração da cidade foi propício para a resolução de tensões e rixas pessoais entre os moradores da cidade: prendia-se a qualquer um por qualquer motivo, como se todos os que ali estivessem fossem coadjuvantes da revolução.

Os legalistas evitaram afirmar a origem civil, média e letrada dos articuladores da Sabinada. Além disso, os defensores do Império buscaram caracterizar a rebelião de modo a enfraquecer suas reivindicações políticas, que iam muito além das simples reivindicações de tropas ou desordens populares corriqueiras, e iam ao cerne da organização político-institucional praticada durante a Regência.

Sob os vivas ao jovem imperador e à Constituição, os legalistas traziam intenções políticas importantes, que compunham sua identidade e os punha em confronto, não apenas contra os sabinos como também entre si: a defesa de suas propriedades era um objetivo imediato. A possibilidade de auferir benefícios junto ao centro de poder era o horizonte de futuro. A preservação da tradição colonial portuguesa, ou seja, da civilização européia em terras americanas, era o esteio de seu passado. A Guarda Nacional era o braço armado – precariamente, vale dizer – que garantiria o retorno e a manutenção da ordem política imperial à cidade da Bahia.

Ao longo de toda esta análise não foi mencionado o fato de que todo este embate político e toda esta construção de identidades e alteridades se fizeram em meio a uma sociedade profundamente marcada pela escravidão e pelas tensões raciais. Estas serão as questões trabalhadas na segunda parte deste trabalho.

Capítulo 3 – Cara e cor: faces da moeda racial na Sabinada

A revolução de 1837 dá margem a diferentes abordagens da questão racial, uma vez que a sociedade baiana oitocentista tinha, entre suas principais características, uma profunda diversidade. Não conviviam ali apenas os extremos *senhor* e *escravo*, assim como não se lhes correspondiam automaticamente as categorias *branco* e *preto*. No universo da cidade de Salvador, grupos miscigenados desempenhavam papéis sociais de toda ordem, e conflitos entre eles eram parte do cenário urbano.

Inicialmente, é importante avaliar de que maneira as diferenças hoje conhecidas como raciais eram sentidas e conceituadas pelos envolvidos na Sabinada. A partir disso, como já apontou a historiografia, adquire centralidade no movimento a figura do negro, bem como a importância de uma investigação do lugar social e simbólico ocupado por ele entre rebeldes e legalistas. Nesta segunda parte do trabalho será analisada a presença negra no interior da Sabinada, bem como o reflexo desta presença na mente da elite que a combatia. Neste capítulo pretende-se investigar a questão da escravidão durante o movimento, tanto entre os rebeldes como entre os legalistas, e também entre os principais interessados no assunto: os cativos. No próximo capítulo, será necessário avaliar se entre os revolucionários havia a prática da discriminação para com os negros, e se estes teriam demandas e expectativas próprias atreladas à revolução. Para chegar a todas estas questões, contudo, é fundamental partir da investigação das condições em que se desenvolvia o vocabulário racial específico à localidade e ao período contemplados.

3.1. O uso do termo raça.

O termo raça surge no *Plano de Revolução*, texto introdutório aos quatorze itens do *Plano e Fim Revolucionário*, já citado. Este documento é considerado uma das fontes que

estruturaram o pensamento político e a prática revolucionária da Sabinada, e traz a seguinte afirmação:

> *"não é de certo por defeito das raças [que o Brasil se mantém politicamente atrasado em relação aos demais países da América], como alguns escritores pretendem, porque a raça brasileira é das mais vivas e talentosas, mas somente pela boa fé e falta de experiência com que se deixam amordaçar por esses fraxinotes ambiciosos."* [213] *(grifos meus)*

Este trecho evidencia que o fator racial era relevante no debate sobre o desenvolvimento das nações, e estava na agenda política dos rebeldes sabinos. Desde o início do século XIX a questão racial preocupava aos homens da política brasileira, na maior parte das vezes associada ao debate sobre o fim do tráfico de africanos. Um exemplo disso se encontra na célebre representação de José Bonifácio à Assembléia Constituinte, na qual se externava uma preocupação com o aperfeiçoamento das raças. Isso se fazia necessário, segundo Bonifácio, diante de tamanha heterogeneidade racial e da constante importação de homens da "desgraçada raça africana".[214]

A categoria raça estava inserida no debate a respeito da nacionalidade e das condições consideradas ideais para o desenvolvimento das nações. Desconfiava-se, desde o início do século XIX, da possibilidade de avanço em uma sociedade tão racialmente heterogênea como a do Brasil. Em discurso proferido no Rio Grande do Sul em 1817, Antonio José Gonçalves Chaves demonstrou o quanto esta heterogeneidade era considerada um entrave para o desenvolvimento da nação, e o fez utilizando termos profundamente racializados:

> *"Um povo composto de diversos povos não é rigorosamente uma Nação; é antes um misto incoerente e fraco: os diversos usos e costumes, e mais ainda, as diversas cores produzem um orgulho exclusivo, e um decidido aborrecimento entre as diversas raças. (...) [É] necessário tomar todas as medidas, para reduzir a Nação Portuguesa Americana a uma só".*[215]

---

[213] PAEBa, vol. 1, p. 124.

[214] José Bonifácio de ANDRADA e SILVA. "Representação à Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a escravatura. (1825)". In: Graça SALGADO (org.). *Memórias sobre a escravidão*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1988, p. 64 e 69.

[215] Antonio José GONÇALVES CHAVES. "Memórias economo-políticas sobre a administração pública do Brasil: compostas no Rio Grande de São Pedro do Sul, e oferecida aos membros da Assembléia Geral e Constituinte do Brasil". *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, 1922, II e III trimestre, p. 49. Vale

Esta preocupação se observa também em memória escrita por João Severiano Maciel da Costa em 1820: "que faremos, pois, nós desta maioridade de população heterogênea, incompatível com os brancos, antes inimiga declarada?".[216] Neste documento, nota-se que o autor apresenta a heterogeneidade do país como algo relacionado não apenas às diferenças de origem entre portugueses e africanos, mas também às diferenças de sangue, um importante fator de distanciamento entre as raças:

> *"E não valerá nada para entrar também em linha de conta o abastardamento total da bela raça de homens portugueses, confundida com os imensos africanos, cuja mistura com os primeiros é inevitável? (...) Como fiéis vassalos do soberano que adoramos, devemos empregar todas as forças para dar ao seu trono glorioso valentes cidadãos do nosso próprio sangue, daquele que recebemos dos famosos e imortais lusitanos, que souberam derramá-lo nas quatro partes do mundo a serviço do rei e da pátria".*[217]

Considerando esta discussão, existente desde o início do Oitocentos, acerca das diferenças raciais no Brasil – bem como dos supostos problemas que esta heterogeneidade proporcionaria – é que surge um dos principais desafios deste trabalho: compreender de que maneira os homens envolvidos na Sabinada utilizavam a categoria raça. Evidentemente não será possível apresentar aqui conclusões definitivas a respeito de um tema com tanta complexidade. Pretende-se, portanto, encaminhar uma reflexão a respeito do processo de construção do ideário racialista na Bahia da primeira metade do século XIX, utilizando-se como base os elementos recolhidos na documentação referente à revolução de 1837.

O *Plano de Revolução*, no trecho citado, optou por valorizar a "raça brasileira", destacando sua vivacidade e talento. Embora pondere que esta raça seja um tanto ingênua, deixando-se levar pelos inimigos ambiciosos, o texto denota uma postura ousada dos rebeldes, negando o fator racial como sendo determinante para o atraso do país. Vale ainda destacar que

---

informar que Gonçalves Chaves faz esta afirmação entre aspas, como citação à fala de outro autor, Soares Franco; entretanto não foi possível chegar a esta fonte.

[216] João Severiano MACIEL DA COSTA. "Memória sobre a necessidade de abolir a introdução dos escravos africanos no Brasil, sobre o modo e condições com que esta abolição se deve fazer e sobre os meios de remediar a falta de braços que ela pode ocasionar". In: Graça SALGADO (org.). *Memórias sobre a escravidão,* op. cit., p. 22.

[217] Idem, ibidem, p. 27.

o excerto citado contrapõe o termo “raça brasileira”, no singular, ao suposto “defeito das raças”, que viria no plural justamente por evocar a “perigosa” heterogeneidade racial do país. O discurso formulado no plano rebelde em torno da nacionalidade não previa “raças”, e sim *uma* raça associada ao Brasil, plena de qualidades. Enquanto países como os Estados Unidos discutiam como livrar-se dos elementos raciais tidos como indesejáveis, os rebeldes da Sabinada afirmavam pertencer à raça brasileira, sem vislumbrar nisso nenhum empecilho para o seu progresso.[218] Mais adiante será necessário avaliar se o movimento rebelde buscou promover, de fato, um congraçamento racial na Bahia.

A documentação da Sabinada traz outras evidências de que a problemática racial estava no cerne das tensões políticas ali vivenciadas. No processo movido contra Francisco Ribeiro Neves, este apresenta um interessante ponto de vista acerca da revolução. Neste documento, lê-se:

> *“Adoto e sigo o sistema da Independência Constitucional, Representativa e Federativa do Brasil, por convenhável ao Povo, nos atuais tempos. Faltos os povos da necessária instrução, e morigeração, lutando com a cruzação das raças, com a Liberdade e o Cativeiro, eles não podem, nem devem querer já, o que lhes não pode ser dado, e menos tomado. Ilustrem-se, melhorem, não rasguem antes do tempo as páginas do Futuro, e deixem que os Destinos desta importante parte da América sejam melhorados pela ação do Tempo, pelas luzes do século, e pela experiência amarga e dolorosa do passado”.*[219]

A mistura racial é tida, neste caso, como problemática: algo contra a qual os povos viveriam em luta, assim como a falta de instrução. Quando o autor afirma que “eles não podem, nem devem querer já, o que lhes não pode ser dado, e menos tomado”, está defendendo que os espaços sociais devem se manter perfeitamente delimitados, e que tentar escapar a esta condição não é dado a povos tão pouco esclarecidos e racialmente misturados como o Brasil. A ação do tempo, e não dos homens, seria o melhor meio de mudança social na opinião do autor. Mais adiante em sua justificativa, Ribeiro Neves afirma:

---

[218] Para uma análise do contexto estadunidense e suas propostas de instalação dos negros fora do país, ver: Michael BANTON. *A idéia de raça*. Lisboa, Edições 70, s/d. Edição original inglesa de 1977.
[219] Francisco Ribeiro NEVES. *Justificação da minha vida política, nos quatro meses da revolução de 7 de novembro de 1837*. In: APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2836, s/d.

> *"Preciso fora, que eu não conhecesse o espírito de meus Concidadãos, e de todo o Brasil; não conhecesse os seus arraigados prejuízos, hábitos e manqueiras, não olhasse para a heterogeneidade das raças, falta de ilustração competente, e de moral, para supor possível, proveitosa uma Revolução".*[220]

Neste excerto, retoma-se a idéia de que a diversidade racial é um dos principais problemas da nação em construção e também da província. Apoiar a Revolução só seria possível, de acordo com o autor, com a remoção dos defeitos citados, entre eles os "arraigados prejuízos".[221] Vale ainda assinalar que, para Ribeiro Neves, é preocupante não apenas a heterogeneidade entre as raças do país, como também a "cruzação" ou miscigenação entre elas.

Considerando que existe a utilização do termo raça nestes documentos da Sabinada, já se pode afirmar que a questão racial estava posta aos homens da década de 1830, ainda que apenas posteriormente houvesse uma conceituação mais objetiva do ideário racialista na Bahia, no Brasil e no mundo. É importante observar que no período estudado o conceito de raça estava *em construção*. Embora não fosse o conceito "científico" adotado pelas Academias e governos após a década de 1850, também já não era mais a idéia de linhagem trazida do Antigo Regime. A construção de um conceito biologizante da raça não foi feita pelos supostos homens de ciência de maneira dissociada da realidade social. As teorias raciais e a prática do racismo emanaram de um contexto favorável à sua difusão, e de discussões filosóficas em curso muito antes de Darwin e Gobineau. Michael Banton afirma que o conceito de raça se desenvolve nos Estados Unidos ao longo de todo o século XIX, através uma solidificação cada vez maior da discussão teórica, o que resultou em sua progressiva biologização. Trata-se, segundo este autor, de "um ponto de vista do 'crescimento do saber'" [222], idéia que parece também adequada para o contexto brasileiro e baiano.

---

[220] Idem, ibidem.
[221] A palavra "prejuízo" surge, na documentação do período, como equivalente a "preconceito".
[222] Michael BANTON. *A idéia de raça*. Op. cit., p. 39.

A categoria de proto-racismo é encontrada com alguma freqüência na historiografia que pretende trabalhar com as questões raciais da primeira metade do século XIX. Hebe Maria Mattos a utiliza no livro *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*.[223] Na obra de George M. Fredrickson, que analisou a questão racial nos Estados Unidos, também surge esta denominação para a primeira metade do século XIX: o autor fala em "uma forma proto-racista do determinismo biológico" para analisar a estigmatização do negro associada à escravidão.[224] É fundamental para os objetivos deste trabalho uma discussão mais aprofundada deste conceito.

O conceito de proto-racismo vem sendo utilizado para designar a prática da discriminação existente antes do desenvolvimento daquilo que se convencionou chamar racismo científico, mas que já se utilizava de elementos físico-biológicos como argumento e justificativa para restringir o espaço social de alguns grupos ou indivíduos. Neste trabalho, entretanto, preferir-se-á utilizar a expressão *racismo pré-científico* para designar a discriminação anterior à teorização acadêmica da raça. Trata-se de uma opção teórico-metodológica diferente na forma, mas muito semelhante no conteúdo, e que se justifica por apresentar um pouco mais precisamente o fenômeno que se quer descrever. Ambas as expressões reconhecem a possibilidade de existência do preconceito e da discriminação racial antes de 1850, porém a designação "proto" pode evocar um certo anacronismo no qual não se pretende aqui incorrer. Fredrickson afirma que o preconceito racial se manifestou de diferentes formas ao longo de toda a escravidão nos Estados Unidos, contudo o racismo permaneceria em estado *embrionário* até a metade do XIX.[225] A intenção neste trabalho é

---

[223]Um dos exemplos de proto-racismo analisados nesta obra são os estatutos de pureza de sangue praticados no Império Português. Cf. Hebe Maria MATTOS. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

[224] George M. FREDRICKSON. *The Black Image in the White Mind. The debate on Afro-American character and destiny 1817-1914.* Hanover: Wesleyan University Press, 1987, p. 18.

[225] "American *racial prejudice* had of course manifested itself in various forms as a concomitant of slavery since the seventeenth century, but *racism* – defined here as a rationalized ideology grounded in what were thought to be the facts of nature – would remain in an embryonic stage until almost the middle of the nineteenth century". In. Fredrickson. *The Black Image in the White Mind.* Op. cit., p. 2. Grifos originais.

demonstrar que o racismo oitocentista da primeira metade do século guarda especificidades, ou seja, é *diferente* – e não germinal, ou embrionário, em relação àquele praticado na segunda metade do século. Optou-se, diante disso, por utilizar a expressão *racismo pré-científico*, pois está se falando em algo não tributário e não relacionado às teorias subseqüentes, como a expressão proto-racista pode sugerir.

É possível conjecturar que havia, desde o início do Oitocentos, uma associação entre a categoria raça e a heterogeneidade física observada nas populações: quando se falava na preocupação com a heterogeneidade racial de um país, era sobretudo às diferenças físicas que se estava remetendo. Esta questão era discutida principalmente nas Américas, onde era possível se defrontar diariamente com as diferenças físicas e culturais entre brancos, negros e indígenas. Um dos principais elementos que diferenciavam e demarcavam as diferenças raciais era a cor da pele, o que equivale dizer que havia uma profunda imbricação entre as categorias raça e cor ao longo de todo o século XIX. Esta associação pode ser observada, por exemplo, no relato da viagem dos naturalistas Spix e Martius ao Brasil, ocorrida entre 1817 e 1820. Ali, os autores afirmam:

> *"Ao observador consciencioso, que estudar a mistura feita de três raças humanas, não escapará o fato de serem mais raras aí [no Recôncavo baiano] as fisionomias puramente européias, comparativamente ao que se observa no Rio, para onde têm afluído muitos brancos. (...) Mesmo nas classes mais elevadas, observam-se, às vezes, traços que lembram a mistura de indígenas e negros, principalmente em algumas famílias burguesas, que se orgulham em razão de sua origem, considerando-se brasileiros legítimos. (...) Não obstante isso, há preconceito contra a procedência mestiça."*[226]

Neste excerto, nota-se que as "três raças humanas" são exemplificadas a partir de "fisionomias" e "traços" de brancos, negros e indígenas. Trata-se, portanto, de uma categoria de raça vinculada à aparência física e à cor da pele. Além disso, é importante assinalar que os autores apontam a existência de um preconceito associado à "procedência mestiça", o que chama a atenção para a prática de preconceito com critérios raciais desde antes da

[226] Carl F. P. von MARTIUS & J. B. von SPIX. *Através da Bahia. Excertos da obra Reise in Brasilien*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938, pp. 113-116.

Independência. As três raças do Brasil, portanto, são apresentadas por Spix e Martius a partir de uma conceituação bastante próxima do vocabulário racialista desenvolvido pelos acadêmicos posteriores a 1850. Alguns anos após a viagem ao Brasil, Martius desenvolve ainda mais claramente estas idéias. Sugerindo ao Instituto Histórico e Geográfico que levasse em consideração as especificidades raciais do país, ele afirmou:

> *"São porém esses elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergido de um modo particular três raças, a saber: a de cor de cobre ou americana, a branca ou caucasiana, e enfim a preta ou etiópica. Do encontro, da mescla das relações mútuas e mudanças dessas três raças, formou-se a atual população, cuja história por isso mesmo tem um cunho muito particular".*[227]

Publicado em 1845, esse texto utiliza um conceito de raça claramente associado à cor da pele. Desta forma, é possível afirmar que a pesquisa feita no Brasil por Martius entre 1817 e 1820 permitiu ao autor a visualização de uma sociedade que percebia suas diferenças como raciais, antes que isso tomasse a forma "científica" ou acadêmica das décadas subseqüentes. Considerando estes exemplos, parece válida a possibilidade de analisar os conflitos ocorridos na Bahia da década de 1830 como informados por categorias raciais de cor. Para tanto, é necessário retomar as análises já feitas a este respeito.

João José Reis aponta a cor da pele como um dos elementos que constituíam os papéis sociais na Bahia daquele período: "eram os pretos, sobretudo os de origem africana, as maiores vítimas dessa estrutura racista, decerto por estarem mais imediatamente associados à condição de escravos e de pobres. *Fossem escravos ou libertos, deles se exigia submissão a brancos e mestiços, o que nem sempre era conseguido*" (grifo meu).[228] É interessante notar que a principal fronteira social apontada por Reis é a cor, e não a condição escrava atual ou pregressa, uma vez que negros escravos e libertos eram igualmente coagidos por brancos e mestiços a desempenhar um papel de submissão.

---

[227] Carl. F. P. von MARTIUS. "Como se deve escrever a História do Brasil. Dissertação oferecida ao IHGB". In: *O estado do Direito entre os autóctones do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1982, p. 87.
[228] João José REIS. *A morte é uma festa*. Op. cit., p. 39.

Há registros de que a cor da pele tenha influenciado na composição dos grupos políticos na Sabinada. Como exemplo, é possível apontar a fala atribuída ao Major Santa Eufrásia, negro nascido no Brasil. Ele foi comandante de batalhões rebeldes, obtendo grande projeção nos meses de revolução. Santa Eufrásia foi, nas palavras de Braz do Amaral, um "crioulo de muito valor".[229] A historiografia apresenta diferentes versões sobre sua morte. Alguns afirmam que o major teria se suicidado antes de ser preso[230], outros afirmam que o suicídio aconteceu depois de sua prisão[231], outros afirmam ainda que ele foi morto pelas forças legalistas.[232] Dilton Araújo demonstra como a imprensa conservadora procurou, após a restauração da cidade, fixar no imaginário baiano uma imagem de selvageria para Santa Eufrásia, que teria cometido barbaridades como impedir a fuga de uma comitiva de freiras da cidade durante a revolução.[233]

Que o major Eufrásia foi uma liderança importante entre os sabinos, e sobretudo entre os negros engajados na revolução, há muitas evidências. A imagem de que Santa Eufrásia foi o promotor de uma solidariedade negra entre os sabinos deve, contudo, ser construída com cautela. Em uma memória de autor desconhecido, encontra-se que:

> *"A conspiração era demitir João Carneiro da Silva Rego, para ser substituído por Sabino. Sendo consultado o major Santa Eufrásia (preto crioulo) sobre a pretendida conspiração disse ele para um oficial superior que não anuía e que com ele conferenciava que estava acostumado dizer que tinha uso de razão a ser governado por brancos e que a não serem estes deveriam ser os negros que governasse a República."* [234]

A pretensão de ascensão política do mulato Sabino, que incluiria um golpe no vice-presidente aclamado no dia 7 de novembro – golpe este jamais concretizado – não obteve apoio do major negro Santa Eufrásia. Neste caso é possível supor que a cor da pele

---

[229] Braz do AMARAL. "A Sabinada". In: op. cit., p. 28.
[230] Braz do AMARAL. "A Sabinada". In: op. cit., p. 28. Ver também Paulo Cesar SOUZA. *A Sabinada*. *Op. cit*., p. 104.
[231] Dilton Oliveira de ARAÚJO. *O tutu da Bahia*. Op. cit., p. 47.
[232] Luiz Vianna FILHO. *A Sabinada (a República baiana de 1837)*. Op. cit., p. 181.
[233] Dilton Oliveira de ARAÚJO. *O tutu da Bahia*. Op. cit., p. 47-48.
[234] PAEBa, Vol. 1, p. 341, parêntesis originais.

desempenhou papel central na constituição de alianças entre os rebeldes sabinos; ainda que entre eles houvesse representantes brancos, negros e mulatos em posições de destaque, isso não significa que havia igualdade de projetos políticos entre eles. Ainda que a fala atribuída ao major Santa Eufrásia traga em si a importante demanda de um negro pelo poder político, não é possível desconsiderar que esta demanda foi uma entre tantas no amplo conjunto de identidades políticas e raciais possíveis no interior da Sabinada.

O excerto acima permite afirmar que a busca por espaço político no interior do movimento se fez levando em consideração diversos fatores, entre eles a cor da pele. Entre o major crioulo e o mulato Sabino não havia espaço para uma suposta *solidariedade racial*, ainda que ambos fossem livres e sobre eles incidisse a marca da cor. O fato de Eufrásia e Sabino não serem brancos está longe de representar uma unidade “natural” de projeto político ou mesmo uma tendência de congraçamento entre eles. Ainda que os dois estivessem sob a bandeira da mesma revolução, é válido destacar senão a rivalidade, ao menos a não-parceria entre um negro e um mulato que ocupavam posições de destaque no movimento. Talvez esse seja um exemplo daquilo que Spix e Martius identificaram como “preconceito contra a procedência mestiça”.

Para melhor compreender a estruturação e a construção do pensamento racial, bem como a importância da cor da pele na primeira metade do XIX, uma das opções é recorrer aos pensadores nos quais os homens da época baseavam sua argumentação, sobretudo os representantes do Iluminismo francês, que tinham entre os liberais baianos um terreno fértil para a disseminação de suas idéias.

Entre os muitos itens da biblioteca de Francisco Sabino, inventariada após sua prisão, encontra-se um volume chamado *Historio (sic) Natural das Raças Humanas*, infelizmente de autor desconhecido. Encontra-se também oito volumes do *Espírito das Leis* de Montesquieu.

No Livro XV, vale salientar, o filósofo francês desenvolve uma importante base teórica para o escravismo, e acaba por formular algumas idéias a respeito da natureza do homem negro:

> *"Aqueles a que nos referimos são negros da cabeça aos pés e têm o nariz tão achatado, que é quase impossível lamentá-los. Não podemos aceitar a idéia de que Deus, que é um ser muito sábio, tenha introduzido uma alma, sobretudo uma alma boa, num corpo completamente negro. É natural considerar que é a cor que constitui a essência da humanidade".*[235]

Nas palavras de Montesquieu a cor da pele surge como elemento essencial na classificação dos grupos humanos. O discurso do filósofo iluminista concorre para a exclusão do negro do conjunto de cidadãos, uma vez que ele não teria aptidão física e moral para o exercício da razão e o desenvolvimento do espírito – prerrogativas indispensáveis, segundo Montesquieu, ao exercício da cidadania. Na investigação proposta interessa, sobretudo, ressaltar que os homens ilustrados do início do século XIX, como eram as lideranças e os adversários da Sabinada, não ignoravam a inferiorização do negro por vias teóricas, e poderiam utilizar-se deste tipo de argumento para conferir sentido aos seus próprios projetos de futuro.[236]

Um livro chamado *Da Democracia*, de autoria de Tocqueville, foi mais uma das obras apreendidas em casa de Francisco Sabino após sua prisão. É provável que se trate de *A democracia na América* em alguma tradução clandestina, ou que tenha havido uma anotação imprecisa do título da obra pelo inventariante. Ainda que não seja possível verificar se houve ou não a leitura do volume, é válido assinalar que este tipo de discussão fazia parte do horizonte intelectual do líder da revolução baiana de 1837. A obra aponta para a idéia de que o contexto escravista permitia, já naquele período, a associação entre a cor da pele e a raça, funcionando como um importante elemento de caracterização social, na maior parte das vezes depreciativa para o negro.

[235] MONTESQUIEU. *Do espírito das leis*. São Paulo: Abril Cultural, s/d, livro XV, cap. V, p. 223.
[236] Cf. PAEBa, vol. IV, p. 205. Este inventário encontra-se também no APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2836.

O francês Alexis de Tocqueville fez uma profunda análise do contexto político e econômico dos Estados Unidos. No primeiro livro da obra, lançado na França em 1835, ele afirma existir na sociedade estadunidense um conceito de raça no qual a desigualdade seria inata e imutável. Para além da imagem de submissão que o autor constrói para o negro, que pode ser questionada, é importante assinalar que a questão racial surge para Tocqueville como algo bastante associado a características físicas como a cor da pele.

A principal característica da escravidão moderna, segundo Tocqueville, seria a diferença racial posta entre senhores e escravos. Desta forma, a marca da escravidão era externada pela condição física, permanecendo nos ex-escravos e também nos seus descendentes. Assim, para o autor, o preconceito de raça se revelaria de maneira mais radical quando o negro ou sua descendência eram colocados em situação de liberdade:

> *"Entre os modernos, a realidade imaterial e fugidia da escravidão combina-se da maneira mais funesta com a realidade material e permanente da diferença de raça, e a raça perpetua a lembrança da escravidão (...). Assim, o negro, com a existência, transmite a todos os seus descendentes o sinal exterior da sua ignomínia".*[237]

Considerando que a diversidade física-racial era algo importante para os homens das primeiras décadas do século XIX, é preciso analisar como esta diversidade era utilizada para justificar variadas formas de exclusão social. Como já foi dito, a construção de um ideário racialista partiu, na Bahia, não apenas das Academias e discussões teóricas, mas sobretudo de um contexto no qual a violência verbal, física e institucional se dirigia objetivamente àqueles de pele mais escura. Para melhor compreender este processo, serão apresentadas algumas situações recolhidas junto à documentação.

Um exemplo pode ser encontrado na forma como foi descrito o preso Pedro Julião Ferreira, enviado de Maragogipe para a capital cerca de um mês antes do início da Sabinada: "crioulo forro, solteiro, vadio, desocupado, e inútil, presumido de valente, e até dando de

---

[237] Alexis de TOCQUEVILLE. "Algumas considerações sobre o estado atual e o futuro provável das três raças que habitam o território dos Estados Unidos". *In: A democracia na América*; Livro 1, Segunda Parte, Capítulo X. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1998, p. 262.

noite bordoadas, (...) perturbador do sossego público”. Acrescenta o juiz daquela vila: “este malfeitor remeto a V. Exa. para o empregar no serviço das embarcações de Guerra, por não servir para a 1ª. Linha”.[238]

Este excerto chama a atenção por associar diretamente a condição física (crioulo) a características pessoais como vadio e desocupado. Mais interessante é a noção de inútil, uma vez que se trata de um ex-escravo, e que portanto deixou de cumprir sua função social, tornando-se um estorvo à boa ordem. Preso por perturbar o sossego público, não poderia servir na 1ª Linha por ser negro – eis mais uma interdição baseada no critério da cor.

Vale também apresentar o exemplo do “pardo Manoel Filipe d’Aguiar, homem de péssima conduta, maus costumes e sempre embriagado, saindo às duas horas da noite do dia 5 do corrente atacado com palavras o Guarda do [trecho ilegível] o prendi”.[239] Da mesma maneira que no caso anterior, a cor da pele é diretamente associada à má conduta e à inadequação social. Preso cerca de um mês após o fim da Sabinada, este pardo exemplifica a forma pela qual muitos negros foram punidos no processo da restauração. Esta questão será discutida em maiores detalhes adiante.

Diante de tais exemplos, pode-se afirmar que o conceito de raça operante na Bahia da Sabinada tinha características semelhantes às do racismo moderno, associando características físicas (já compreendidas como raciais) à conduta moral, porém sem ainda contar com uma sólida base científica – o que viria a se desenvolver somente a partir da segunda metade do século. A base deste conceito de raça pré-científico, é lícito supor, seria a desigualdade social vivenciada entre grupos de diferentes cores, profundamente marcados pela miscigenação e pela violência do sistema escravista. Desta forma, é importante avaliar de que maneira a questão escravista foi encaminhada pelos dois lados da revolução, considerando sua profunda relação com a classificação racial neste item exposta, diretamente associada à condição negra.

---

[238] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3814 – 30 de setembro de 1837.
[239] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3814 – 09 de abril de 1838.

O contexto escravista baiano vinha sendo pontuado, na década de 1830, por diferentes momentos de tensão, proporcionados sobretudo por revoltas e diferentes formas de resistência apresentadas pelos cativos, seja individual, seja coletivamente.[240] Considerando, além disso, os freqüentes episódios de contestação política dos homens livres neste período, bem como a emergência de diferentes projetos políticos no interior da sociedade baiana, é fundamental que seja investigado o espaço conferido aos escravos e à questão escravista na revolta de 1837. Inicialmente, será analisada a participação de escravos na revolução, bem como o impacto disso entre rebeldes e legalistas. Em seguida, serão apresentados exemplos de como a Sabinada foi um momento propício à prática da resistência escrava.

3.2. A presença de escravos na Sabinada.

Um dos aspectos que chama a atenção na documentação investigada é a associação profunda, comum e direta que se fazia entre a condição negra e a condição escrava. A dificuldade que havia em distinguir negros livres/libertos de escravos custou caro a Maximiano José de Andrade e Roque Jacinto de Souza, ambos condenados a quatro anos de prisão com trabalhos por participar da Sabinada. Para tornar mais graves as acusações feitas a eles – como traição ao trono e à constituição –, o promotor acrescentou que

> *"os Réus não só concorreram para consumação dos crimes políticos como para sua sustentação com armas, e fazendo corpo com escravos armados; como tudo provam os documentos, e próprias confissões, de que assinaram as atas, foram alistados no Batalhão dos Periquitos, cheio de Escravos insurgidos, e que confundidamente com os Réus causaram tantos estragos, no Ponto das Barreiras, às forças da Legalidade".*[241]

Em primeiro lugar, vale assinalar que a assertiva do promotor menciona a participação de escravos nas fileiras rebeldes. Além disso, a acusação de que os réus andavam "confundidamente" com os escravos a causar estragos, permite a visualização do quanto podia ser tênue a linha que dividia socialmente os negros livres dos escravos. Ao fazer corpo

[240] Cf. João José REIS. *Rebelião escrava no Brasil*. Op. cit.
[241] PAEBa, vol. 3, p. 261.

juntamente com os cativos, os réus tiveram ainda que responder pelo crime de insurreição escrava. Ao condenar negros livres como se fossem escravos, a repressão da Sabinada sugere que poderia haver uma unidade de projeto político entre os negros, tendo como principal foco a ameaça à ordem escravista. Cabe questionar se esta suposta unidade política entre negros cativos e não-cativos existia, e neste caso, se esta unidade poderia ser informada por valores de solidariedade racial. Esta será a discussão apresentada no próximo capítulo.

O excerto citado permite ainda a elaboração de questões sobre como seria a participação dos escravos nas fileiras rebeldes. A historiografia já mencionou que o governo revolucionário teria promovido a incorporação de cativos nascidos no Brasil, em um batalhão chamado Libertos da Pátria, a partir de 3 de janeiro de 1838. Mais adiante, em 19 de fevereiro, o Estado Independente reforçou a idéia de abolição para os escravos nascidos no Brasil que se dispusessem a pegar em armas em favor da revolução[242]. Entretanto, a documentação leva a crer que a participação de escravos no movimento foi além destas iniciativas, e talvez mais problemática, merecendo um olhar mais detalhado.

A primeira questão a ser investigada é se haveria integração entre homens escravos e livres nas fileiras rebeldes. Para Daniel Gomes de Freitas, Ministro da Guerra do governo rebelde, a aproximação entre soldados livres e escravos não foi uma boa escolha política. Em sua *Narrativa dos Sucessos da Sabinada*, Gomes de Freitas analisou os conflitos ocorridos no chamado Batalhão Bravos da Pátria, composto, segundo ele, por patriotas valorosos, até a "absurda" admissão de escravos. A participação de cativos era, segundo Gomes de Freitas, algo positivo apenas em relação ao aumento da força física do batalhão. No entanto, tal incremento não seria justificado devido à diminuição moral trazida pelos escravos à tropa.[243]

Esta chamada "diminuição moral" pode ser exemplificada nos pedidos de baixa e deserções ocorridas quando da entrada de escravos nas fileiras rebeldes. Tanto no relato de

---

[242] SOUZA. *A Sabinada*. Op. cit., p. 80-81, 92-93.
[243] PAEBa, vol. 1, p. 267-8.

Gomes de Freitas como na historiografia é mencionada a recusa dos soldados livres de lutar lado a lado com escravos.[244] Um desses pedidos de afastamento, do Tenente Ajudante Augusto Cassiano Pereira, traz a seguinte justificativa:

> *"Tomando em consideração as circunstâncias que lhe hão ocorrido não pode continuar no ativo serviço em que se acha, por isso que mui respeitosamente requer a V. Exa. para que lhe mande demitir do dito serviço, não ficando por isso o Suplicante privado de unir-se às fileiras dos verdadeiros defensores da Pátria".*[245]

Não é explicitado o motivo pelo qual o requerente quer se retirar do Batalhão, nem quais as circunstâncias que lhe haviam ocorrido, mas seu discurso evasivo parece ter sido perfeitamente compreendido pelo major que recebeu o requerimento e deferiu seu pedido de demissão. Ao que o texto indica, o motivo era algo de conhecimento geral, mas sua discussão em termos explícitos não seria de bom tom. O autor do requerimento sugeriu ainda que pretendia "unir-se às fileiras dos verdadeiros defensores da Pátria", o que permite afirmar que, no seu ponto de vista, no Batalhão dos Bravos da Pátria os combatentes não seriam verdadeiramente defensores da pátria. Desta forma, é lícito supor que ele estivesse se referindo, ainda que de maneira velada, aos escravos ali admitidos. Estes não poderiam, em nenhuma circunstância, ser considerados verdadeiros defensores da pátria, pela natureza mesma de seu *status* social e jurídico.

A concordância da autoridade com o pedido contido neste requerimento, assim como a postura indicada por Gomes de Freitas em seu relato denotam que a admissão de escravos no Batalhão dos Bravos da Pátria foi bastante controversa entre as autoridades rebeldes. Ao aceitar os pedidos de transferência e demissão dos que se negavam a continuar servindo ali, as autoridades militares iam contra a determinação vinda do governo revolucionário, que pretendia empregar todas as forças possíveis no esforço de permanecer na cidade; além disso, reiteravam a prática da discriminação contra os egressos do cativeiro nas fileiras da revolução.

---

[244] Cf. Hendrik Kraay. *"As terrifying as unexpected": The bahian Sabinada, 1837-1838. Op. cit.*, p. 518.
[245] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2836, s/d.

O relato de Daniel Gomes de Freitas menciona que não apenas os soldados rejeitaram os novos colegas, como também a população, que passou a desprezar o batalhão.

A admissão de escravos nas tropas rebeldes refletia a profunda necessidade encontrada pelos sabinos no contexto da guerra, e não uma disposição em superar as tradicionais barreiras sociais da escravidão, promovendo o congraçamento de homens livres e cativos. Aos escravos foi proibida a evasão da cidade, a partir de decreto do dia 12 de janeiro de 1838 que afirmava:

> *"todas as pessoas maiores de 50 anos, e bem assim mulheres de qualquer idade e condição que sejam, podem sair livremente para onde lhes convier, porém, por terra e sem levarem consigo escravos, que possam de algum modo prestar serviços à causa da independência e do Estado".*[246]

O decreto permite a compreensão do quanto eram importantes os escravos para a manutenção do governo revolucionário, sobretudo neste momento em que a gravidade do cerco promovido à cidade já se fazia sentir dramaticamente pela população. Contava-se com eles para serviços não especificados no decreto, mas sabe-se que, além das armas, os escravos eram utilizados como carregadores de munições e diversas outras funções nos campos de batalha, de acordo com a *Narrativa* de Gomes de Freitas. [247] A proibição da saída de escravos da cidade representou, na prática, uma espécie de confisco por parte do Estado Independente, que passou a deter o controle sobre a ida e vinda dos cativos em lugar de seus senhores.

Os dilemas provocados pela presença de escravos entre os soldados rebeldes levam ao seguinte questionamento: seria possível compreender a rejeição aos escravos nas tropas rebeldes como uma discriminação aos negros, ou esta seria apenas mais uma manifestação da tensão entre homens livres e escravos? Vale destacar que homens livres e escravos da Bahia sempre lutaram em campos opostos, como ocorrera há apenas dois anos antes, na revolta dos

[246] PAEBa, vol. 1, p. 197.
[247] Cf. PAEBa, vol.1, p. 284. As forças legalistas também se utilizaram de escravos, cedidos pelos proprietários do Recôncavo, para serviços como fazer trincheiras e carregamentos diversos. Em ofício de 23 de fevereiro de 1838, o presidente da província Barreto Pedroso agradece ao proprietário José Ricardo da Silva Horta pelo envio de "dez pretos (com um Feitor) para a condução dos objetos destinados ao nosso Exército". O presidente se compromete, ainda, a ressarcir o proprietário pelos jornais que perderia ao emprestar seus escravos à causa da legalidade. Cf. PAEBa, vol. 5, p. 209.

escravos malês[248]. Aos contemporâneos da Sabinada certamente causava estranhamento ver, em um mesmo lado da luta, homens livres, brancos (ou tidos como tal) e escravos negros, combatendo juntos o governo legalista estabelecido no Recôncavo. Além disso, era certamente assustadora aos proprietários de escravos a imagem dos cativos armados, sob ordens que não fossem as suas. Vale lembrar o quanto foi polêmica, na ocasião das guerras de Independência, a proposta de Labatut para a incorporação de escravos às fileiras do Exército Pacificador.[249] Hendrik Kraay afirma que, após o 2 de Julho, foi difícil para os senhores restabelecer a autoridade que tinham sobre seus cativos, uma vez que os ex-soldados escravos haviam adquirido uma nova identidade e se davam um novo valor, mobilizando-se para a obtenção de um novo *status* social.[250]

A documentação evidencia que a iniciativa do governo rebelde de reunir em uma mesma tropa homens livres e escravos – ou antes libertos, ainda que na letra da lei – escandalizou também aos legalistas. Encontra-se em uma carta escrita pelo Presidente da Província Barreto Pedroso, exilado no Recôncavo, a Bernardo Pereira Vasconcelos:

> *“Eles têm aumentado sua força e com especialidade o Batalhão dos pretos, o que, segundo informações que tive da Capital, tem dado bastante ousadia aos escravos dela, ao ponto de terem aparecido indícios de insurreição”.*[251]

O documento é datado de 29 de novembro de 1837, e é interessante notar que o governo legal menciona a existência de um batalhão de pretos antes mesmo do decreto de criação dos Libertos da Pátria, em 3 de janeiro do ano seguinte. Isso indica que o decreto teria sido apenas o reconhecimento de uma prática já corrente entre os rebeldes, qual seja, a de se armarem escravos para o combate. Aos legalistas, essa prática assumia os terríveis contornos de ameaça ao sistema escravista.

---

[248] Cf. João José REIS. *Rebelião escrava no Brasil*. *Op. Cit*.
[249] Cf. Wanderley Pinho. “A Bahia, 1808-1856”. In: op.cit, p. 265.
[250] Hendrik KRAAY. *Race, State*... Op. cit., p. 128-130.
[251] PAEBa, vol. 4, p. 436.

O conflito ocorrido entre os homens do Batalhão Bravos da Pátria, entretanto, mostra que a presença de escravos na Sabinada não representava necessariamente uma união política em torno do anti-escravismo. É importante analisar mais cuidadosamente a tensão entre soldados livres e escravos nas fileiras do movimento. Há, nesse sentido, um importante aspecto a ser considerado: o governo revolucionário acenara com a possibilidade de libertação para os escravos engajados, no decreto de janeiro de 1838. Desta forma, os escravos assentados nas tropas rebeldes deixariam, pela lei, de serem escravos. Este argumento foi utilizado, inclusive, na defesa feita pelo advogado de Sabino quanto à acusação de ter incentivado a insurreição de escravos:

> *"É evidente que o Código exige vinte, ou mais indivíduos que se considerem cativos, e que querem isentar-se deste jugo à força d'armas; mas neste caso não estavam os escravos, que se armaram em o tempo da revolução, eles se consideravam já libertos antes de assentarem praça (...); formavam um batalhão de libertos e não uma horda de escravos que combatiam pela sua liberdade".*[252]

Nota-se que os escravos engajados após a criação do batalhão de libertos já não poderiam ser formalmente considerados escravos. Em que estaria baseada, então, a discriminação dos soldados livres aos egressos do cativeiro? Aqui é possível levantar a hipótese de que sob as tensões entre homens livres e libertos nas fileiras rebeldes ocultavam-se elementos daquilo que se optou chamar *racismo pré-científico*, uma vez que a condição negra e a condição escrava andavam "confundidas" na lógica social do período. Para desenvolver esta hipótese, é fundamental alargar o horizonte teórico e documental trabalhado até aqui.

Segundo Fredrik Barth, a partir da interação entre os grupos forjam-se as noções de identidade e alteridade e a construção de fronteiras, erigidas através da eleição de marcadores sociais[253]. No caso dos rebeldes sabinos, a marca da escravidão – observável principalmente na cor da pele – serviu à construção de identidades e alteridades entre soldados de um mesmo

---

[252] PAEBa, vol. 3, p. 208.
[253] Cf. Fredrik BARTH. "Grupos étnicos e suas fronteiras". In: *Teorias da etnicidade*. SP: Ed. UNESP, 1998.

batalhão, entre a população e as tropas, entre as tropas e seus adversários. Determinou quem devia estar em combate e quem devia ser coadjuvante do combate. A iniciativa de suprimir tais fronteiras, através da criação do batalhão de libertos, teve pouco apoio dos rebeldes – até o final da revolta, não se comprovou a libertação dos escravos que lutaram em favor da causa e nem a formação efetiva do batalhão de libertos.[254]

As principais fronteiras sociais observadas com a admissão de escravos nas fileiras da revolução, portanto, são as diferenças entre livres e libertos, por um lado, e entre crioulos e africanos, por outro lado. Essas duas fronteiras faziam parte do horizonte político no qual estava imersa a revolução. Dessa forma, não se pode compreender a discriminação sofrida pelos soldados libertos na Sabinada, nem tampouco a interdição da liberdade aos africanos pelo movimento, como experiências isoladas. Elas estão inseridas no contexto de um Império que ofereceu *alguns direitos* a *alguns libertos* (apenas os nascidos no Brasil), e não *todos os direitos* a *todos os libertos*.

O *ser liberto* constituía um marcador social importante no Império, legitimado pela Carta Constitucional, que lhe conferia o *status* de cidadãos, porém lhes restringia a participação política às eleições primárias. Segundo Andréa Slemian, ainda que a Constituição não apontasse para a condição racial dos libertos, “a lei separava ainda mais os ‘irmãos de cor’ pela sua condição civil e política”.[255] Além disso é importante notar, conforme apontaram Márcia Berbel e Rafael Marquese, que a Carta de 1824 só conferiu direitos de cidadania aos libertos nascidos no Brasil, e não aos africanos. Esta clivagem, segundo os autores, obedeceria a critérios de naturalidade, e não de raça.[256] Interessa aqui salientar, entretanto, que as

---

[254]Paulo Cesar SOUZA. *A Sabinada*. *Op. cit.*, pp. 146-8.

[255] Andréa SLEMIAN. “Seriam todos Cidadãos? Os impasses na construção da cidadania nos primórdios do constitucionalismo no Brasil (1823-1824)”. In: István Jancsó (org.). *A Independência do Brasil: História e Historiografia*. São Paulo, Fapesp/Hucitec, 2005, p. 834.

[256] Márcia BERBEL & Rafael de Bivar MARQUESE. “A ausência da raça: escravidão, cidadania e ideologia pró-escravista nas Cortes de Lisboa e na Assembléia Constituinte do Rio de Janeiro (1821-1824)”. *Paper* apresentado à Conferência *Slavery, Enlightenment, and Revolution in Colonial Brazil and Spanish America.* Fordham University, New York, maio de 2006.

distinções estavam postas em termos institucionais, não apenas para os rebeldes sabinos, mas para todo o Império.

Nas fileiras de luta, entretanto, a discriminação aos libertos certamente refletia diversas tensões, não apenas as de ordem político-institucional. As fronteiras entre livres/libertos poderiam ser reconhecidas através de diferentes marcadores, sendo o mais evidente deles a aparência física. Homens brancos (ou tidos como tal), cuja cidadania não era motivo de questionamento ou debate, foram postos em combate ao lado daqueles cuja pertença à comunidade política da nação fora restringida constitucionalmente, e mais, cuja aparência evocava a experiência do cativeiro. Desta forma, é lícito afirmar que as tensões entre homens livres e libertos nas tropas da Sabinada não expressaram apenas conflitos entre homens livres e cativos, mas podem também evidenciar tensões de cunho racial, à medida em que a diferença entre uns e outros era reconhecida sobretudo na constituição física.

Explorada a construção das fronteiras sociais entre livres e libertos, vale também analisar um pouco mais detidamente as diferenciações feitas entre africanos e crioulos, que foram constantes ao longo de todo o regime escravista, sendo convenientes para sua própria manutenção. Segundo Rafael Marquese, desde a época colonial havia maior facilidade de alforrias para os escravos nascidos no Brasil. Segundo o autor, "esse padrão obedeceu a uma norma básica: quanto mais afastados da experiência do tráfico negreiro transatlântico, maiores seriam as possibilidades de os escravos e as escravas ganharem a alforria".[257] A absorção dos crioulos na sociedade escravista, na condição de libertos, servia também como forma de angariar sua colaboração para a manutenção do sistema. Marquese ressalta que "para garantir a reprodução da sociedade escravista brasileira no tempo, fundada na introdução incessante de estrangeiros, era fundamental criar mecanismos de segurança que pudessem evitar um quadro social tenso como o do Caribe inglês e francês ou mesmo o de Pernambuco no século XVII. A

[257] Rafael de Bivar MARQUESE. "A dinâmica da escravidão no Brasil: Resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX". In: *Novos Estudos Cebrap 74*, documento eletrônico disponível no endereço http://www.cebrap.org.br, p. 116.

libertação gradativa dos descendentes dos africanos escravizados, não mais estrangeiros, mas sim brasileiros, constituiu o principal desses meios".[258]

Esta prática não passou despercebida pelos rebeldes baianos de 1837. Paulo Cesar Souza destaca que a preocupação dos sabinos em evitar uma insurreição de africanos levou-os a aprofundar o abismo social existente entre estes e os crioulos, propondo a libertação apenas para o segundo grupo. Segundo o autor, "o apelo aos escravos crioulos ganha sentido não só por fortalecer o movimento, como por enfraquecer a possibilidade de insurreição escrava geral. Ao adquirir emancipação, na aliança com os sabinos, os crioulos comprometiam-se *contra* os africanos".[259]

O discurso e a prática da diferenciação entre crioulos e africanos já estava presente de forma sistêmica na escravidão brasileira, e na Bahia isso adquiriu contornos ainda mais radicais.[260] No embate político entre os líderes sabinos esta diferença se reitera e reconstrói. Parte do movimento considerava legítima a libertação dos escravos nascidos no país, e parte considerava esta proposta um absurdo, como já foi visto na *Narrativa* de Daniel Gomes de Freitas. Para ele, seria correta a manutenção da escravidão para todos, nascidos no Brasil ou em África; Freitas qualifica a libertação dos crioulos como um procedimento nocivo. O próprio decreto de criação do batalhão de libertos não pretendia colocar em xeque o sistema escravista, prevendo que "os proprietários de semelhantes homens serão indenizados do seu valor". [261]

---

[258] Idem p. 118.

[259] Paulo Cesar SOUZA. *A Sabinada, op. cit*., p. 156.

[260] Um exemplo desta tensão entre crioulos e africanos foi analisado por João José Reis no processo de independência na Bahia: "é importante notar que, aparentemente, os escravos crioulos não pediam liberdade para os de origem africana, o que refletia a tradicional inimizade entre os dois grupos". Ver: "O jogo duro do dois de julho: o 'partido negro' na Independência da Bahia". In: João José REIS & Eduardo SILVA. *Negociação e Conflito. A resistência negra no Brasil escravista.* São Paulo: Cia da Letras, 1989, p. 92.

[261] PAEBa, vol. 1, p. 198.

É importante, portanto, analisar de que maneira o discurso pró-escravista se desenvolveu entre os homens da Sabinada.[262] Em primeiro lugar, é possível afirmar que a questão do escravismo foi tratada pelos rebeldes de forma muito semelhante a seus adversários, mantendo-se na esfera da propriedade. Durante a repressão da Sabinada, na defesa do vice-presidente rebelde João Carneiro da Silva Rego, seu advogado argumentou que o crime de insurreição de escravos "jamais foi perpetrado pelos Novembristas", tampouco por Carneiro, "que é senhor de escravos, e que pertence a uma família possuidora de uma grande porção deles". Além de defender seus bens, Carneiro teria também zelado pela propriedade alheia, pois segundo seu defensor "mandava entregar todos quantos eram [alistados] por seus respectivos donos requisitados". [263] Vale salientar que tal defesa não teve sucesso: o homem que assinara o decreto de criação do batalhão de libertos não conseguiu convencer o júri que fosse um defensor da propriedade, e entre outros crimes, foi condenado por insurreição de escravos.

Aos historiadores da Sabinada incomodou a coexistência do discurso liberal revolucionário com a manutenção do escravismo. F.W.O. Morton afirma em seu trabalho que a Sabinada expressa a inadequação do ideário liberal no ambiente brasileiro.[264] Paulo César Souza afirmou que os sabinos "não foram radicais, não tocaram nas raízes. Foram incapazes de pensar além do horizonte ideológico de uma sociedade escravista".[265] Hendrik Kraay reitera este ponto de vista ao afirmar que, apesar de apontar distinções raciais entre si e os legalistas, os líderes sabinos não eram abolicionistas.[266] Douglas Leite analisou o decreto que criou o batalhão de libertos como algo "sintomático e revelador da inflexibilidade do projeto

---

[262] Segundo Larry Tise, todo aquele que atua para a manutenção das estruturas escravistas, ainda que seja por uma postura de não-intervenção no sistema, é tido como pró-escravista: "by proslavery I mean quite simply the general attitude of favoring slavery, either 'favoring the continuance of the institution of Negro slavery, or opposed to interference with it' (...). Hence, at least in my point of view, a proslavery thinker was anyone who urged the indefinite perpetuation of slavery for any reason whatsoever". Larry E. TISE. *Proslavery. A History of the defense of slavery in America 1701-1840*. Athens: The University of Georgia Press, 1987, p. *xv* (Preface).
[263] PAEBa, vol. 3, p. 235.
[264] F.W.O. MORTON. *The Conservative Revolution*. Op. cit, p. 360.
[265] Paulo Cesar SOUZA. *A Sabinada*, *op. cit*., p. 157.
[266] Hendrik KRAAY. "As terrifying as unexpected": The bahian Sabinada, 1837-183". Op. cit., p. 517.

revolucionário num momento de crise”. O autor destaca ainda que “não há nenhum indício razoável de que os protestos de humanidade que abrem o decreto se sustentavam numa mais ampla proposta abolicionista do movimento”.[267]

Para compreender de que maneira o ideário liberal conjugava-se à manutenção do escravismo é preciso, inicialmente, analisar o contexto histórico em que essas idéias e práticas se davam. O século XIX inicia-se em uma grave crise, que culminou na desarticulação do Antigo Regime e do Sistema Colonial nas Américas.[268] Neste período houve uma profunda alteração de modelos e práticas sociais, gerando novas instituições, como por exemplo a que Dale Tomich denominou *segunda escravidão*: “The prior interdependence of colonialism and slavery was broken up, and the conditions of existence, function, and significance of each were modified (...). This ‘second slavery’ developed not as a historical premise of productive capital, but presupposing its existence and as a condition for its reproduction. The systemic meaning and character of slavery was transformed”.[269] Reconfigurado na teoria e na prática, o escravismo passou a ter seu lugar garantido em meio aos regimes liberais oitocentistas das Américas.

Alfredo Bosi afirmou que o dilema entre escravidão e liberalismo é um *falso impasse*. Segundo o autor, a diversidade de linhas e idéias que marcou o liberalismo europeu permitiu sua adequação, na América, a um discurso pró-escravista: “Uma linguagem ao mesmo tempo liberal e escravista se tornou historicamente possível: ao mesmo tempo, refluía para as sombras do esquecimento a coerência radical-ilustrada da inteligência que amadurecera no último quartel do século XVIII”.[270]

---

[267]Douglas Guimarães LEITE. S*abinos e diversos: emergências políticas e projetos de poder na revolta baiana de 1837. Op. cit.*, p. 47.
[268]Cf. Fernando A. NOVAIS *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1995.
[269]Dale TOMICH. “The ‘second slavery’: bonded labor and the transformation of the Nineteenth-Century world economy”. *In: Through the prism of slavery. Labor, capital and world economy*. Boulder, Co.: Rowman & Littlefield, 2004, p. 61.
[270]Alfredo BOSI. “A escravidão entre dois liberalismos”. In: *Revista Estudos Avançados* v.2 n.3. São Paulo: set./dez. 1988, p. 17.

É preciso considerar, portanto, que naquele período o horizonte ideológico da sociedade escravista foi reconstruído sobre novas bases, e que por isso o discurso liberal dos rebeldes baianos de 1837 não era incoerente e nem limitado pela defesa do escravismo. Neste sentido, a Sabinada é exemplar em mostrar a perda de operacionalidade dos modelos antigos e a necessidade de busca por novas idéias e práticas. A proposta de abolição condicional dos escravos, na qual apenas os nascidos no Brasil seriam libertados, é ao mesmo tempo inovadora e restritiva. Inovadora demais para os seus contemporâneos, e restritiva demais para os analistas posteriores. Em seu tempo, a radicalidade dos sabinos causou pavor, não apenas nos adversários do movimento como em seus próprios correligionários. Desta maneira, não é possível colocar o pró-escravismo dos sabinos como revelador de uma inflexibilidade, e nem classificar a sua revolução como "conservadora" por este motivo.

Assim, a discussão realizada até aqui permite afirmar que a escravidão foi uma das questões centrais da Sabinada. Ao governo rebelde interessava a absorção de parte da população escrava em suas fileiras, aumentando-lhe o número e a força para oferecer combate tanto ao adversário externo, os legalistas do Recôncavo, quanto ao adversário interno, os escravos africanos. O critério que delimitou a possibilidade de libertação para os escravos durante a revolução foi o nascimento em território brasileiro, de modo a reiterar as clivagens já correntes na Bahia e no Império.

A disposição do comando rebelde de incorporar ex-escravos crioulos aos batalhões revolucionários esbarrou, contudo, na resistência das próprias autoridades militares rebeldes e dos soldados já assentados, que se recusaram a dividir espaço com os libertos. O limite da incorporação dos libertos seria, portanto, a evidência de sua relação com o cativeiro exposta na aparência e na cor da pele. Era impossível aos libertos misturar-se aos demais sem que sua condição estivesse estampada no rosto.

Aos legalistas, a possibilidade de se armar e libertar escravos para a luta revolucionária na capital delineou-se como ameaça a toda a lógica do sistema escravista, sobre a qual o edifício de seu poder estava construído. Desta forma, os envolvidos com a participação de escravos na Sabinada – desde líderes até soldados – foram exemplarmente punidos por insurreição escrava, como se escravos fossem.

A intenção demonstrada pelo comando rebelde ao longo de toda a sua estada no poder foi, contudo, a de manter a escravidão no Estado Independente, não apenas para os africanos como também para os crioulos que não se dispusessem a lutar pela causa. Evitar a insurreição de escravos também era parte dos objetivos rebeldes, que afirmavam a todo momento ter os cativos sob controle. A escravidão, inclusive para os liberais radicais, era algo perfeitamente legítimo e compreensível na esfera da propriedade, direito máximo a ser preservado. Vale questionar, portanto, se a população escrava tinha pensamentos tão moderados em relação ao cativeiro durante a Sabinada. Este será o objeto de investigação do próximo item.

3.3. A resistência escrava e a guerra imaginária

O temor de uma rebelião escrava associada ao movimento rebelde em curso na capital era muito grande entre os homens da legalidade. Este temor era expresso sobretudo no Recôncavo, onde se concentravam os principais engenhos e havia um grande contingente de população escrava. Considerando-se que as forças contra-revolucionárias estavam, em sua maior parte, reunidas naquela região, é importante analisar mais detidamente como a possibilidade de uma aliança entre os sabinos e os escravos ecoava entre os legalistas, verificando ali a construção de discursos sobre a identidade racial e política do movimento.

O Comandante militar da vila de S. Francisco assim oficiou ao presidente da província, em dezembro de 1837:

> *"Me parece mui conveniente ser o destacamento do posto de S. José de gente montada; porque aquele lugar que é mais central e em cujas vizinhanças ficam Engenhos de grande força de escravos, está também em posição de poder com*

> *brevidade socorrer esta vila, ou qualquer ponto. (...) Fico na maior diligência de reunir mais alguma força não só para melhor segurança deste distrito contra insurreição de Africanos, cujas notícias continuam, como para estar à disposição de V. Exa. no que for mister".*[271]

Desta forma, a preocupação com a segurança daquela vila não se referia à possibilidade de expansão da rebelião política de Salvador, e sim à sublevação de escravos africanos. Em praticamente toda a correspondência mantida pelas autoridades da província com o presidente durante a revolução manifesta-se a preocupação em conter a população escrava.

Em ofício de fevereiro de 1838 afirma-se que "os africanos e demais escravos de alguns Engenhos pretendem insurgir-se nestes próximos dias do entrudo, aproveitando-se da distração em que nos achamos empenhado [sic] com os rebeldes da Capital".[272] Os boatos davam conta de que "os pretos dos Engenhos Jacuípe e Natiba se pretendem insurgir, tendo já para esse fim vestes próprias." [273] Outro ofício informava que "estes pretos estão de uniforme feito que é camisa de riscado, gola e canhão vermelho, carapuça e tudo o mais".[274] O receio era de que a situação de festa, por um lado, e revolução, por outro, fosse reconhecida pelos cativos como propícia para a subversão da ordem escravista. A descrição de uma organização de pretos sublevados e uniformizados remete ao levante malê, que certamente ainda fazia parte do horizonte de preocupações dos senhores de escravos da Bahia. Ao final, não se comprova pela documentação se esses boatos tinham ou não fundamento. Importa aqui observar que o tempo da revolução era sentido pelos legalistas como uma porta de entrada para males mais graves, como a retomada das rebeliões escravas de grandes proporções.

Os legalistas viam com bastante desconfiança e até com temor a presença de tantos negros nas fileiras e no governo rebelde. Segundo o presidente da província, Antonio Pereira

---

[271] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3531 – 26 de dezembro de 1837.
[272] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3531, 24 de fevereiro de 1838.
[273] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3531, 23 de fevereiro de 1838.
[274] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3531, 22 de fevereiro de 1838.

Barreto Pedroso, em ofício endereçado ao Coronel da Guarda Nacional de S. Gonçalo dos Campos,

> *"os facciosos da Capital desesperados pela arriscada posição em que se acham, têm recrutado, e continuam a recrutar escravos, quer crioulos, quer africanos, para com eles engrossar suas fileiras, lançando assim mão de um meio, que terríveis conseqüências pode trazer à Província, e que ameaça a vida dos habitantes dela, e suas propriedades."*[275]

Observa-se que o presidente da província afirma que o recrutamento de escravos por parte dos rebeldes é indiscriminado, aceitando tanto crioulos quanto africanos, o que não ocorria de fato. O recrutamento feito pelo Estado Independente, como já foi visto, se restringia aos escravos nascidos no Brasil, e a participação de africanos foi evitada a todo custo. Houve, mesmo assim, africanos que conseguiram burlar as regras do novo regime e participaram do movimento, o que será discutido mais adiante neste item. O que se pretende destacar no momento é que havia, por parte do governo legalista, a construção de um discurso ameaçador que atribuiu à Sabinada uma aura de congraçamento entre negros. A fala do presidente da província delineia um quadro no qual negros nascidos em África e negros nascidos no Brasil estariam lado a lado nas tropas rebeldes.

Além disso, vale dizer que o argumento usado por Barreto Pedroso, de que os rebeldes estariam ficando cada vez mais ousados, é para pedir ao seu interlocutor que se utilize "dos meios que julgar convenientes" [276] para conseguir mais e mais homens para as forças legalistas; deste modo, buscava-se justificar a violência empregada no recrutamento de homens para a luta contra-revolucionária.

A admissão de escravos nas forças rebeldes não era o único temor dos legalistas. Circulavam também entre os imperiais boatos de que os rebeldes planejavam a abolição geral da escravidão, como se observa no ofício enviado por um homem da Guarda Nacional na freguesia de S. Gonçalo dos Campos, João Pedrosa do Couto, ao presidente da província.

[275] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3533, 18 de janeiro de 1838.
[276] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3533, 18 de janeiro de 1838.

Nele, Couto dava conta de que “não poucas denúncias tive de pessoas bem conceituadas, que os *pretos, crioulos e mestiços* andavam a [ilegível] pelas estradas e mais lugares, que a sedição anarquista da Capital era feita para que todos eles fossem libertos”.[277]

A idéia de que a libertação seria para pretos – termo geral de referência aos africanos – crioulos e mestiços confere à revolução um caráter mais radical do que ela teve na prática. Observa-se que o autor do documento fala em uma mobilização conjunta de negros de diferentes origens em prol da revolução, e supõe que esta teria sido feita com o objetivo mesmo da abolição para todos os escravos, indistintamente. Considerando que este documento é datado de novembro de 1837, vale lembrar que ele é anterior ao decreto pelo qual o governo rebelde trataria da abolição parcial da escravidão, apenas para os nascidos no Brasil. Falas como esta, entretanto, permitem a visualização de um quadro cuidadosamente pintado pelos legalistas, no qual negros de todas as origens, inclusive africanos e mestiços, se reconheceriam na revolução e pretendiam ter suas aspirações ali contempladas.

Pode-se afirmar que, paralelamente à guerra objetivamente instalada entre rebeldes e legalistas, havia também uma espécie de *guerra imaginária*, relacionada aos boatos e seus desdobramentos. A *guerra imaginária* seria uma das conseqüências do espaço revolucionário aberto pelos rebeldes na Capital. Os senhores de terras e escravos sabiam que aquele era um momento propício a todo tipo de contestação da ordem, e preveniram-se de todas as formas contra a ameaça mais radical, que seria a fissura da ordem escravista ou a emergência de um movimento escravo organizado.

De fato, a Sabinada representou aos cativos da Bahia um momento adequado à prática da resistência. Para além dos boatos de insurreição, observam-se atitudes individuais objetivas de contestação ao sistema escravista na província. João José Reis aponta que as tensões políticas entre os homens livres eram momentos favoráveis à expressão das tensões próprias à

---

[277] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3531, 22 de novembro de 1837.

sociedade escravista, alimentando uma “tradição da audácia” entre os escravos da Bahia. As revoltas escravas ocorriam principalmente nos momentos em que o sistema de controle diminuía: feriados, domingos e dias santos, períodos de instabilidade social e desordens. No caso da revolta malê, realizou-se no dia da festa de Nossa Senhora da Guia, que coincidia com o fim do mês do Ramadã no calendário islâmico.[278]

Em Itaparica, as autoridades registraram o caso de dois escravos colocando em prática a audácia de que falava João Reis. Além de dois supostos rebeldes presos naquela ilha, outros dois foram enviados à autoridade do presidente:

> *“Remeto igualmente o cabra João Romão que se diz escravo, e que foi preso nesta Vila dentro de um quintal fechado, pretendendo roubar uma casa, e acudindo o proprietário, lhe se atracou com ele, de maneira que se aos gritos do agredido não acode a patrulha, aquela podia ser vítima. Antonio escravo Africano fugido também preso na tentativa de arrombar uma casa, e fez grandes esforços para se escapar da patrulha que o prendeu”.*[279]

Dos quatro presos relacionados no documento, apenas dois estão em atividade diretamente relacionada à Sabinada; os outros dois são escravos em situação de fuga, que talvez como medida de sobrevivência apelaram para a criminalidade. Chama a atenção, portanto, que o momento da rebelião tenha registrado também ações rebeldes escravas, que embora não tivessem relação direta com o movimento da capital, foram tratadas pelas autoridades como parte da mesma desordem a ser combatida.

Além das ações de resistência escrava não relacionadas à Sabinada, mas facilitadas em parte pelo contexto proporcionado por ela, encontram-se registros de ação rebelde escrava deliberadamente associada à revolução. O proprietário José Maria Pereira relatou ao chefe de polícia a seguinte situação:

> *“No dia 4 de dezembro próximo passado soube por comunicação de minha senhora que o preto João, por mim arrematado, não querendo fazer absolutamente nada, e mesmo dizendo que era livre, e que não queria servir, tornando-se embirrante no seu pensar, fora levemente castigado com bolos, e que em virtude disto tinha desaparecido de casa, e que apesar de grandes esforços em*

---

[278] J. J. REIS. *Rebelião escrava no Brasil*, op. cit., p. 69.
[279] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3698 – 09 de março de 1838.

> *sua procura pelo mato e todo aquele contorno nenhuma notícia havia ainda dele”.*[280]

Nota-se que o escravo João sentiu-se no direito de afrontar sua senhora durante a Sabinada, sentindo-se livre durante o movimento. Sua “birra” parece ter aumentado em muito depois do “leve castigo” que tomou para se lembrar de sua condição. Desapareceu e, ao que indica o documento, até junho do ano seguinte ainda não tinha sido encontrado.

São dois os aspectos que chamam a atenção neste relato. O primeiro deles é que esta atitude foi tomada pelo escravo *antes* que o governo rebelde acenasse com a possibilidade de abolição. João “libertou-se” no início de dezembro de 1837, e o decreto de criação do Batalhão de Libertos da Pátria viria somente em janeiro de 1838.[281] Além disso, a abolição prevista pelo movimento foi restrita aos escravos nascidos no Brasil. O escravo em questão, segundo sugere o termo “preto”, era de origem africana, estando portanto fora dos quesitos necessários para ser aceito nas forças rebeldes. Destaca-se, portanto, a identificação que este preto teve com o movimento, considerando-se livre e enfrentando a violência de seus senhores. O documento sugere que o tempo da revolução delineou aos olhares dos escravos um horizonte de libertação, e alguns deles tomaram ao pé da letra a possibilidade de fugirem ao cativeiro amparados pelo novo regime. No caso do escravo João, observa-se que a Sabinada não o libertou, mas ele libertou-se em virtude da Sabinada. A Sabinada não era um movimento simpático aos africanos, mas este africano foi, sem dúvida, muito simpático à revolução. Talvez até tenha servido em suas fileiras, como outros africanos que se verá em seguida.

Assim como João, outros africanos aderiram ao movimento sabino. Em abril de 1838, o chefe de polícia prendeu o “preto Adriano um dos soldados rebeldes que serviu no Ponto do Santa Eufrásia, e a sua conduta é bem notória”.[282] Esta afirmação aponta para a possibilidade

---

[280]APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2837 – 04 de junho de 1838.
[281] PAEBa, vol 1., p. 198.
[282] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2837 – 30 de abril de 1838.

de participação de africanos nas forças rebeldes comandadas pelo já citado major negro Santa Eufrásia. É possível supor que havia naquele batalhão um espaço de exceção dentro do movimento sabino que, via de regra, evitou a aproximação com africanos, temendo a possibilidade de uma insurreição. Este excerto permite visualizar um batalhão rebelde no qual negros de todas as origens teriam oportunidade de atuação política e possibilidade de luta.

Desta forma, seria o batalhão de Eufrásia o mais radical entre os destacamentos rebeldes, portanto o mais temível aos olhares legalistas, justamente por representar a ameaça de uma união negra até então inédita na sociedade escravista baiana? Importa destacar, neste momento, que houve no curso da revolução a possibilidade de participação africana, e que talvez o batalhão comandado por Santa Eufrásia fosse um desses casos. Ainda que o comando revolucionário não tivesse aberto objetivamente o caminho para os africanos, e que até recusasse qualquer identificação com esses setores, havia sim uma parcela de participação deles no movimento. As disposições do Estado Independente não foram suficientes para manter os africanos de fora da revolução, pois havia entre seus correligionários aqueles que, como Eufrásia, estariam dispostos a recebê-los.

A participação de negros de diferentes origens em uma mesma frente de batalha, ainda que isso não seja a regra no interior do movimento, é algo importante a ser demarcado na análise da construção do pensamento racial na Bahia do século XIX. Isso significa, portanto, levantar a hipótese de que havia, no interior da Sabinada, alguns elementos que apontam para a formação de uma agenda política comum entre negros nascidos no Brasil e na África. É importante retomar a idéia de que este é um período de construção do ideário racial, o que por um lado reforçou o preconceito e a hostilidade contra os negros, e por outro, possibilitou aos negros a visualidade de si próprios como um grupo racialmente constituído e dotado de características em comum.

Em outros documentos encontram-se referências a africanos na Sabinada, o que permite afirmar que a participação deles no movimento não se restringiu ao batalhão de Santa Eufrásia. Após a restauração da cidade, o administrador do Hospital e Quinta dos Lázaros – edifício que hoje abriga o Arquivo Público do Estado da Bahia – manteve uma correspondência constante com o presidente da província, requisitando dele a devolução dos homens livres e escravos que ali trabalhavam e haviam se engajado no movimento. Entre os últimos, um pardo, quatro crioulos e quatro africanos.[283] Nem todos, contudo, voltaram para o serviço no hospital após a revolução. O chefe de polícia foi informado que um africano, após ter "recusado com pertinácia a voltar para ali", preferiu "assassinar-se".[284] O engajamento nas forças rebeldes pode ter significado aos homens de cor que trabalhavam no hospital a possibilidade de fuga a um regime de trabalho muito árduo, para alguns até pior que a morte.

O engajamento de escravos – tanto crioulos como africanos – nas fileiras rebeldes, como se vê pela documentação, foi freqüente, mas nem sempre voluntário. A idéia de que a Sabinada foi um momento de congraçamento geral entre os negros, identificados a um projeto político que dissesse respeito diretamente às suas demandas, deve portanto ser relativizada. A prática do recrutamento forçado de homens negros pelo governo rebelde demonstra que nem todos os homens de cor estavam envolvidos voluntariamente no movimento, e que o movimento lidou de maneira violenta com alguns homens de cor.

O testemunho de Maria Rita Ferraz dá indícios desta prática. Ela afirma que

> *"em conseqüência da gloriosa Proclamação da Independência do Estado assentaram praça vários escravos da Suplicante em diferentes Batalhões existentes em diversos pontos, como sejam. Paulo: pardo; Leocádio: idem; José crioulo, Gabriel idem, e Matheus idem, acontece porém que este último sendo preso para o dito fim".*[285]

[283] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2837 – 7 de dezembro do 1838, 7 de agosto de 1838, 27 de março de 1838, 30 de março de 1838 , 18 de abril de 1838.
[284] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2837 – 10 de maio de 1838.
[285] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2837 – s/d.

Por isso, ela pede ao Ministro da Guerra Daniel Gomes de Freitas "que por um despacho de V. Exa. fique o escravo da suplicante denominado Matheus da Cruz isento das prisões para recrutamento". Como resposta ao requerimento, Daniel Gomes de Freitas é categórico ao afirmar que "este Governo não ordenou a prisão de escravos",[286] o que reitera sua já comentada disposição em manter a escravidão dentro dos limites sagrados da propriedade.

Semelhante é o caso de Domingos Francisco d'Oliveira,

> *"que tendo um escravo crioulo de nome José, (...) fora este mesmo escravo preso pelos rebeldes que lhe sentaram praça, apesar das reclamações que [duas palavras ilegíveis] o Suplicante, cujo escravo se acha [ilegível] presente preso, e como é sua propriedade, que à força lhe fora tirada, vem reclamar a V. S. a sua entrega".*[287]

Neste caso, contudo, o governo revolucionário parece não ter devolvido o escravo ao seu senhor. Com a entrada das forças legalistas na cidade, o escravo fora preso como rebelde e seu senhor mais uma vez ficou a ver navios. Ao que indica a documentação, não obteve de volta sua propriedade. É importante destacar que este requerimento descreve mais um caso em que o Estado Independente prendeu um escravo, desrespeitando a autoridade exercida por direito pelo seu proprietário; isso informa que a participação de negros na Sabinada foi, em alguns casos, resultado de uma imposição, e não de um engajamento voluntário pela causa. As forças legalistas, contudo, não levaram nada disso em conta no momento da restauração, punindo igualmente negros voluntários e negros recrutados pelo movimento rebelde. Puniu também negros inocentes, como se verá adiante.

Neste item procurou-se apresentar a questão escravista como um dos principais eixos de inteligibilidade da Sabinada, tanto para rebeldes como para legalistas. Estes, preocupados em manter a estrutura social escravista que garantia a reprodução de seu poder político e econômico no âmbito da província. Aqueles, procurando agregar parte do contingente de

---

[286] Idem.
[287] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2837 – s/d.

escravos à prática revolucionária, visando sobretudo esquivar-se de uma aproximação política com os africanos, ao mesmo tempo em que se comprometiam com a manutenção da escravidão no Estado Independente.

O comando rebelde, contudo, foi ineficaz tanto em absorver os ex-escravos nascidos no Brasil como em evitar a participação de africanos nas fileiras da revolução. Além disso, o Estado Independente teve a prática de confiscar e recrutar escravos aos habitantes da cidade, passando por cima do ideal sagrado da propriedade, em nome da guerra que faziam aos legalistas.

***

Neste capítulo pretendeu-se demonstrar que o uso da categoria raça entre os envolvidos na Sabinada trazia elementos próprios ao que se optou aqui classificar como *racismo pré-científico*. Pensadores e filósofos do Brasil e do exterior desenvolviam, desde o início do século XIX, um pensamento no qual a heterogeneidade racial se configurava como um problema a ser resolvido entre as nações americanas. Embora a revolução baiana tenha ocorrido antes do desenvolvimento formal do conceito de raça nos círculos científicos e acadêmicos, a análise da documentação trouxe exemplos de que podia haver naquele período uma associação direta entre a cor da pele – já entendida como raça – e o lugar social atribuído a cada grupo, bem como uma freqüente depreciação do negro. A sociedade escravista erigida na Bahia e no Império baseava-se na transformação das diferenças físicas entre negros e brancos em rígidas fronteiras sociais. Essas fronteiras foram reiteradas mesmo no interior de um regime liberal revolucionário, como pretendia ser o Estado Independente baiano de 1837.

Os rebeldes sabinos, embora afirmassem pertencer a uma *raça brasileira*, reiteraram em sua prática cotidiana as rejeições baseadas na cor da pele, comuns ao seu tempo. Ao realizar a experiência de reunir escravos a homens livres em suas fileiras, a Sabinada explicitou a existência da discriminação não apenas ao homem liberto como também ao

homem negro, cuja aparência evocava a experiência infame do cativeiro. A escravidão, eixo prático e simbólico que articulava e alimentava a discriminação à maioria negra, foi cuidadosamente mantida pelo governo rebelde, cujo liberalismo protegia – ao menos em tese – todo e qualquer direito de propriedade.

A possibilidade de participar da fundação de um Estado Independente, por um lado, e a desorganização social e senhorial, por outro, fizeram da Sabinada um episódio propício à prática da resistência e rebeldia entre os escravos da Bahia – tanto os nascidos no Brasil, relativamente bem-vindos pelo governo sabino, como os africanos, que cavaram seus espaços na revolução à revelia das ordens expressas pelo comando revolucionário. A presença de escravos no movimento alimentou, entre os legalistas que combatiam a Sabinada, um ideário de terror, chamado aqui de *guerra imaginária*, em favor da manutenção da ordem escravista. Tem destaque neste processo a disseminação de boatos de insurreições, que acabaram por justificar uma fortíssima reação por parte das forças que retomaram a capital baiana em março de 1838.

Atentos aos passos dos rebeldes, os legalistas notaram prontamente o perigo que havia, no contexto da revolução, de uma união política efetiva entre negros de diferentes origens e estatutos jurídicos. Este perigo se evidenciava sobretudo – mas não apenas, como se verá adiante – na imagem construída em torno do militar rebelde Santa Eufrásia, cujo batalhão teria reunido crioulos e africanos, e cuja figura evocava liderança entre os homens de cor da cidade em guerra. A luta empreendida pelos homens reunidos no Recôncavo contra o movimento da capital passou a ser, a partir dos elementos discutidos neste capítulo, uma cruzada em defesa do escravismo e da manutenção das fronteiras sociais e raciais tais como eram tradicionalmente praticadas desde tempos coloniais.

É fundamental, para a continuidade desta discussão, avaliar se a população negra de Salvador tinha, naquele momento, condições históricas de se identificar como uma

comunidade política ou racial, com um passado em comum e projetos de futuro pelos quais batalhar. Em seguida o objetivo será responder se de fato a Sabinada foi um movimento político associado aos anseios dos setores negros da cidade. Após esta discussão, será realizada uma investigação a respeito da forma pela qual a repressão agiu sobre os homens de cor da capital, depois da derrota do projeto rebelde.

Capítulo 4 – Dilemas da negritude rebelde

O processo de construção do ideário racial na Bahia tem, na Sabinada, um momento de especial relevo. A disputa entre rebeldes e legalistas assumiu, muitas vezes, contornos raciais. As várias rivalidades políticas já exploradas conjugavam-se a um vocabulário de cores e nomes racializados de parte a parte, o que levou a historiografia a classificar os sabinos como representantes de uma politização negra radical. Esta classificação, entretanto, deve ser feita com cautela, uma vez que a documentação demonstra diferentes nuances da politização entre os negros no movimento. Já foi visto que a cor da pele foi um importante fator de exclusão de parte dos homens engajados na revolução, desde a relação entre soldados até a composição de alianças políticas entre os comandantes. Dessa forma, a politização da condição negra foi, assim como a escravidão, um dos principais dilemas enfrentados pela Sabinada, seja entre os próprios rebeldes, seja perante seus adversários.

Neste capítulo será apresentada uma análise da identidade racial desenvolvida entre os rebeldes, e posteriormente uma investigação da identidade racial atribuída aos rebeldes pelos legalistas no processo de restauração da capital. Mais do que uma contingência da natureza, a identidade racial deve ser vista como uma escolha política. Esta escolha se faz diante da análise de vantagens e desvantagens, como se verá entre os protagonistas da Sabinada, ao longo da revolução e após a sua repressão.

4.1. Falando belicamente: brancos contra pretos no tabuleiro da guerra.

A Sabinada tem sido caracterizada freqüentemente como um confronto entre brancos e pretos. Essa caracterização se apóia, por vezes, nas vozes apreendidas entre seus contemporâneos e no discurso moldado entre as gerações subseqüentes ao movimento. Um exemplo disso foi identificado por Eduardo Silva, na análise da vida do alferes baiano Cândido da Fonseca Galvão – auto-intitulado Dom Obá II d’África. Em artigo publicado em

jornal da Corte em 1882, o excêntrico líder negro afirmou ser a Sabinada um movimento sustentado por "verdadeiros brasileiros", "pretos e pardos da ordem do General Bigode, o major Felisberto, o Calado, o Sabino [que foi] o presidente da Bahia da época [sic], o crioulo preto Neves, e tantos outros". É interessante, nesse excerto, observar que foi atribuído a Sabino o cargo de presidente do Estado Independente, que foi de fato ocupado pelo branco Carneiro Rego. Na memória evocada por Obá II, a participação branca entre os líderes rebeldes foi obliterada pela presença de pretos e pardos, a quem ele atribui centralidade e preponderância no movimento rebelde de 1837.[288]

Parte significativa da historiografia reconheceu na Sabinada, assim como Dom Obá II, uma radicalização da identidade negra, bem como a formulação de projetos políticos voltados para esta parcela da população. Em 1923 Manoel Querino publicou artigo na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia nomeando os "homens de cor preta na História". Entre eles, destaque para alguns participantes da Sabinada, como Manuel Alves, Santa Eufrásia, Francisco Xavier Bigode, Luiz Gonzaga Pau-Brasil e Nicolau Tolentino Cannamirim.[289] Lamentavelmente o autor não expõe as fontes que permitiriam a pesquisa mais aprofundada de tais personagens. De qualquer forma, importa observar a valorização da participação negra no movimento rebelde de 1837, sobretudo em posições de comando militar, como é na maioria dos casos expostos por Querino.

Décadas depois, em 1969, Norman Holub caracterizou a Sabinada como "revolta das massas negras", ampliando a compreensão da participação negra no episódio para além dos cargos de comando.[290] Morton afirma em 1974 que a Sabinada foi um confronto de classe e de raça, embora os manifestos rebeldes originais não trouxessem reivindicações explícitas de

---

[288] Eduardo SILVA. *Dom Obá II D'África, o príncipe do povo. Vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 160.
[289] Manoel QUERINO. "Os homens de cor preta na História". In: Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. 1923, No. 48, pp. 353-363.
[290] Norman HOLUB. "The Brazilian Sabinada (1837-38): Revolt of the Negro Masses". In: *The Journal of Negro History*. Vol. 54, No. 3 (Jul., 1969), pp. 275-283. Agradeço a Daniel Afonso da Silva pela indicação deste artigo.

igualdade entre brancos e pretos.[291] Paulo Cesar Souza afirmou que “houve momentos em que os ‘sabinos’ demonstraram aguda consciência dessa oposição [brancos e homens de cor]”.[292] Hendrik Kraay encontrou no movimento uma “ideologia racial clara e inequívoca”.[293] Para Kátia Vinhático Pontes, a Sabinada foi um “momento de convergência de interesses de pardos e pretos, estabelecendo um marco nas relações raciais entre pardos e negros e destes com os brancos no poder”.[294] Keila Grinberg afirmou que Sabino e seus correligionários pretendiam “transformar a cor em argumento político”, e “chamar a atenção para o fato de que existiam reivindicações políticas específicas de negros e mulatos na Bahia”.[295]

Alguns dos autores que reconheceram na Sabinada uma politização da identidade negra recorreram à mesma citação do *Novo Diário da Bahia* para exemplificar esta questão:

> *“Mas enfim eles nos estão fazendo a guerra, porque são brancos, e na Bahia não deve existir negros, e mulatos, principalmente para subirem a postos, salvo quem for muito rico, e mudar as opiniões liberais, defendendo títulos, honrarias, morgados, e todos os princípios de fidalguia; quem não for mulato rico como Rebouças, e como ele enfatuado peru, tendo sido dos trancafios, não pode ser coisa alguma”* [296]

O jornal editado por Sabino descreve a disputa entre rebeldes e legalistas em termos raciais: tratar-se-ia de uma luta empreendida por brancos para evitar a subida de negros e mulatos aos cargos de poder. É importante, contudo, problematizar esta fala de Sabino, compreendê-la como parte de um vocabulário de guerra e que portanto é publicada com alguma intenção política.

Grande parte dos textos da imprensa revolucionária empenhava-se na construção de um discurso sedutor para o leitor, visando a arregimentação de mais e mais colaboradores para o movimento. Em primeiro lugar, é necessário tomar o *Novo Diário da Bahia* como

---

[291] F.W.O. MORTON. *The Conservative Revolution*. Op. cit., p. 362.
[292] SOUZA. *A Sabinada*. Op. cit., p. 137-138.
[293] KRAAY. *Race, State, and Armed Forces in Independence-Era Brazil* . Op. cit., p. 151.
[294] Kátia Vinhático PONTES. *Mulatos: políticos e rebeldes baianos*. Salvador: UFBa, dissertação de mestrado, 2000, p. 139.
[295] Keila GRINBERG. *O fiador dos brasileiros*. Op. cit., p. 152.
[296] NDB, 26 de dezembro de 1837.

veículo de articulação política e de difusão das idéias de Francisco Sabino, e não como um retrato fiel e desinteressado da revolução liderada por ele. É lícito pensar que Sabino, neste editorial, quis promover e mobilizar entre os leitores do *Novo Diário* uma identidade negra/mulata, e não que estivesse descrevendo uma realidade objetiva.

Não se trata aqui de questionar a afirmação de que os homens de poder na Bahia se identificavam como brancos e que lutavam por manter seu lugar político de dominação: eles efetivamente se reconheciam como brancos e visavam manter entre seus pares, também reconhecidos como brancos, os postos de poder. Neste aspecto Sabino está, de fato, descrevendo uma realidade objetiva da sociedade baiana do período. Esta discriminação foi descrita por Kátia Vinhático Pontes, através da análise de diferentes biografias de homens de cor na Bahia oitocentista.[297]

É importante observar que o excerto denota a clareza de Sabino quanto à existência de valores raciais a informar a distribuição de poder, mas esta afirmação do *Novo Diário da Bahia* não pode ser tomada como prova de uma identidade racial inequívoca para o movimento revolucionário de 1837. A afirmação foi feita mais de um mês depois da tomada do poder pelos rebeldes, e vale observar que em nenhum dos documentos de seu governo – seja nas atas da Câmara, seja no plano revolucionário, ambos já comentados – foi demonstrada qualquer intenção de promover a ascensão explícita de negros e mulatos ao poder. Antes pelo contrário, a análise do cotidiano das tropas rebeldes demonstrou que ali havia uma grande tensão entre as pessoas de diferentes matizes de cores da sociedade baiana – como se observou na narrativa de Daniel Gomes de Freitas[298] – bem como entre as lideranças do movimento, como se observou no caso de Santa Eufrásia e Sabino. O vice-presidente – principal autoridade do Estado Independente – era branco, assim como muitos outros homens

---

[297] Cf. PONTES. *Mulatos: políticos e rebeldes baianos.* Op. cit.
[298] PAEBa, vol. 1, p. 267-8.

de destaque no governo revolucionário. Nas falas de Carneiro Rego, por exemplo, não se encontra nenhuma referência à subida de negros ou mulatos ao poder.

É fundamental, portanto, ir além deste excerto do *Novo Diário* para compreender o que seriam as identidades raciais na Sabinada. Sem isso, incorre-se na simplificação das tensões raciais possíveis na sociedade baiana do período e também na supervalorização da figura de Sabino, que embora fosse mulato e um dos idealizadores do movimento, não era o único a sustentar a revolução e nem promoveu, ao longo de seu governo, nenhum tipo de ação objetiva em favor da maioria negra. Suas palavras no jornal são marcadamente panfletárias, e devem ser vistas como tal. Ele pretendia insuflar os leitores e incentivá-los à luta, e se utilizou sabiamente de um elemento de tensão primordial na sociedade baiana, que eram as fronteiras delimitadas pela cor da pele, para alcançar este objetivo. Braz do Amaral chamou a atenção para este aspecto, afirmando que "Sabino havia chamado a si os homens de cor, havia-lhes dado postos e os convidara a colaborar na defesa da revolução. Seria por um nobre espírito de amor à sua raça, porque ele era mestiço, ou porque esperava assim alcançar este desesperado fanatismo do valor baiano, empenhado pelo interesse de uma guerra de raças? Provocou uma imensa desgraça, porque foi esta a gente que mais padeceu".[299]

Com isso, Braz do Amaral observa a intenção de Sabino em forjar uma identidade negra para auferir a colaboração dos homens de cor, imprimindo à revolução um caráter de luta racial. Além disso, o autor assinala que a Sabinada teria sido resultado do "ciúme dos homens de cor, aspirando os lugares altos".[300]

Em suma, o excerto do *Novo Diário* permite apenas identificar, entre os contemporâneos da Sabinada, a consciência de uma discriminação aos homens de cor, e permite afirmar que esta consciência poderia ser mobilizada politicamente. Mas o excerto não comprova que esta consciência precedeu a revolução e nem que informou diretamente a ação

---

[299] Braz do AMARAL. "A Sabinada". Op. cit., p. 51.
[300] Idem, ibidem, p. 5-6.

rebelde. Esta bravata de Sabino é uma entre tantas, com o objetivo evidente de conseguir adesões para a causa revolucionária. Morton afirma em sua análise que os rebeldes, acuados nos limites da cidade sitiada, precisavam cada vez mais contar com o apoio da população pobre e de cor que ali permanecera, sem condições de fugir ao confronto.[301] No mesmo parágrafo do excerto, Sabino afirma: "o Novo Diário está em tempo de guerra, e em tal crise convém também falar belicamente".[302]

Esta "fala bélica" poderia incluir manipulações da informação veiculada na imprensa. No início de dezembro, por exemplo, foi noticiado com grande alegria pelo *Novo Diário* que a Guarda Nacional da Corte teria seguido o exemplo baiano e declarado a independência da província, o que jamais ocorreu.[303] Outro caso de manipulação na imprensa rebelde se observa na divulgação de uma suposta recusa, por parte das tropas pernambucanas, de lutar contra os baianos rebelados[304] – o que não se comprovou na prática, sendo de fundamental importância para o reforço das tropas legalistas a colaboração dos homens enviados de Pernambuco.

A manipulação da informação veiculada na imprensa rebelde visava, portanto, auferir um número cada vez maior de colaboradores para a revolução. Considerando a grande porcentagem de negros e mulatos da cidade de Salvador[305], e o êxodo dos homens de maior poder e riqueza – portanto mais provavelmente classificados como "brancos" –, era importante apresentar para os negros e mulatos que ali permaneceram um quadro revolucionário que falasse aos seus anseios e que lhes incentivasse a pegar em armas em favor da revolução.

Outro exemplo de esforço para a mobilização da identidade negra por parte da imprensa rebelde, bem como de manipulação das notícias veiculadas, pode ser encontrado na

---

[301] F.W.O. MORTON. *The Conservative Revolution*. Op. cit., p. 363.
[302] NDB, 26 de dezembro de 1837.
[303] NDB, 06 de dezembro de 1837.
[304] NDB, 30 de dezembro de 1837.
[305] João José REIS apresenta estimativas segundo as quais a soma de todos os negros e mestiços da cidade chegaria a 71,8%. In: *Rebelião escrava no Brasil*. Op. cit., parte I.

descrição de um episódio de tortura supostamente sofrido por um negro a bordo de uma embarcação legalista, de propriedade de um homem chamado Leal.

A primeira menção a este episódio é encontrada no jornal *Sete de Novembro* do dia 14 de dezembro de 1837. É publicada uma carta anônima atribuída a um pescador, suposta testemunha dos acontecimentos:

> *"Este [Leal], Sr. Redator, chegou-se a mim como um furioso, que me queria comer vivo, e abotoando-me, puxou-me para o meio do navio, onde me mostrou um crioulo quase a morrer, amarrado no mastro da Fragata, e olhando pra mim com uma cara muito carrancuda, disse-me: 'aquele negro já levou [ilegível] açoites, e eu aqui hei de arrancar-lhe o couro à força de correias; E se fores à terra [ilegível] dize lá àqueles outros negros e mulatos que eu, e Argollo, que está em Pirajá, brevemente entraremos na Cidade, a fim de surrarmos a toda esta canalha, com correias como esta (mostrando-me um grosso chicote de couro todo ensangüentado) e que o mesmo que acontece agora a este negro, que ali vês, nós lhe havemos fazer'. (...) Sr. Redator, até então, eu pensava que a Constituição fora feita para todos os Cidadãos, como os crioulos e mulatos; mas agora vendo que estes homens, que o Sr. Leal, mais o Sr. Argollo pretendem matá-los com surras, como se faz com os escravos, estou persuadido de que, ou a Constituição não foi feita para os crioulos e mulatos, ou então esses homens são uns traidores".*[306]

Esta narrativa traz a sugestão de um desafio racial supostamente impingido por legalistas aos revolucionários. O trecho citado descreve os legalistas como movidos por um sentimento anti-negro. Nesta versão do episódio, o legalista Leal sugere que os rebeldes da cidade, a quem o recado de sangue é endereçado, seriam "outros negros e mulatos". Isso confere ao seu discurso de ódio uma explícita sugestão de que os responsáveis pela revolta e seus mantenedores seriam negros e mulatos em sua maioria.

É possível supor, com base em toda a documentação analisada, que os legalistas efetivamente viam a revolução da capital como um movimento promovido por gente negra. Este ponto de vista será estendido à repressão do movimento, como se verá adiante. Entretanto, não é possível considerar este dado como retrato fiel da mobilização revolucionária. Esta, como já foi comentado, não era movida necessariamente por interesses

---

[306] SN, 14 de dezembro de 1837. A carta anônima não é datada.

próprios aos negros e seus descendentes, e tinha entre seus principais articuladores homens brancos com algumas posses, cargos medianos e estudos. Considerando-se a dificuldade vivida por negros e mestiços da Bahia oitocentista para obter acesso ao ensino formal e aos cargos de maior prestígio – o que se pode observar, por exemplo, na trajetória de vida de Antonio Rebouças[307] –, é lícito supor que fossem brancos, em medida significativa, os rebeldes de primeira hora. A despeito disso, importa notar que o discurso atribuído a Leal afirma que a Sabinada é um movimento de homens de cor, aos quais seria dado o tratamento equivalente ao que se costumava dar aos cativos: o açoite. Ocorre aqui mais um exemplo da associação negro-escravo, segundo a qual todo negro pode ser tratado como escravo pelo fato de que todos os escravos são negros.

Apenas quatro dias depois da publicação do *Sete de Novembro*, a história foi bastante alterada em sua narrativa e em seu significado. O *Novo Sete de Novembro* publicou, em 18 dezembro de 1837, outra carta anônima que descrevia o episódio de forma diferente. Nela, estaria presente na embarcação de Leal o presidente legal da província, Barreto Pedroso, e o negro prisioneiro de guerra tinha um final ainda mais trágico:

> *"Este bárbaro [Pedroso] vindo de Pirajá refugiar-se na Corveta do Leal, e achando amarrado no mastro um crioulo preso desta Cidade, que o Leal tinha surrado já por muitos dias, ordenou imediatamente, que o soltassem, mandando-o subir pelo mastro acima, e depois de ter [o] infeliz subido até a primeira verga, o monstro enfurecido pediu uma espingarda, e desumanamente descarregou na vítima, que viu cair ao seu lado.*
>
> *Horrorize-se meu amigo a ouvir um fato tão medonho; que devendo ser lastimado por todos, pelo contrário tem sido apregoado como um ato justo. Foi esse dia de festa para o grande Leal, que deu por muito tempo vivas ao Sr. D. Pedro II, [ilegível] amigo, e aqui todos são de parecer que não se podem governar negros e bodes, senão com despotismo, levando-se tudo às surras".*[308]

Considerando as diferenças encontradas entre as duas versões, vale lembrar que a carta citada pelo *Novo Sete de Novembro* é datada de 11 de novembro de 1837, o que coloca o episódio narrado há cerca de um mês da publicação nos dois jornais. É pouco provável,

[307] Cf. Keila GRINBERG. *O fiador dos brasileiros*. Op. cit.
[308] NSN, 18 de dezembro de 1837. A carta é datada de Itaparica, 11 de novembro de 1837.

contudo, que as diferenças entre as duas versões sejam fruto de lapsos de memória. Além disso, dificilmente será possível saber qual das duas versões está mais próxima dos fatos, se é que alguma delas se refere a algo efetivamente ocorrido. Para além da pretensão – notadamente impossível, e bastante questionável – de "reconstruir fatos", importam aqui a formulação de hipóteses e as tentativas de compreensão do significado que cada uma dessas versões traz para uma análise das identidades políticas e raciais da Sabinada.

Nota-se, em princípio, que a tortura e a morte de um preso de guerra é narrada pelos jornais revolucionários dando-se ênfase à condição racial da vítima. Além disso, transparece no discurso rebelde a acusação de que os legalistas pretendiam tratar negros e pardos (designados pejorativamente com a categoria "bodes") com violência, como se fossem escravos.

O discurso de oposição racial é o mesmo nos dois excertos: os legalistas, descritos como monstros enfurecidos, agiriam motivados por uma disposição nitidamente anti-negra, baseando-se apenas na marca da cor da pele para justificar a violência e a brutalidade, seja na guerra, seja no governo. A luta contra a revolução é, portanto, descrita como uma luta empreendida contra os negros da cidade, a quem se pretendia governar "às surras" como se governa os escravos, e não contra o projeto político revolucionário que tomou o poder em 7 de novembro.

Assim, a temática da discriminação contra os negros estava presente entre os contemporâneos da Sabinada, e era um recurso fundamental na construção de identidades e alteridades entre rebeldes e legalistas. A questão que se abre diante dos excertos analisados é que, segundo os dados aqui levantados indicam, a Sabinada não tinha esse caráter de movimento negro em suas propostas iniciais, o que faz crer que a mobilização da identidade negra foi um recurso estratégico posteriormente adotado como forma de angariar adesões junto aos habitantes que se mantiveram na cidade. A identidade negra da Sabinada é, portanto,

uma construção de parte de suas lideranças com uma finalidade política objetiva, que é reunir homens para a guerra; não é algo dado naturalmente e nem previamente pelos revolucionários de primeira hora. A Sabinada não é o resultado de um congraçamento de negros e mulatos em torno de objetivos comuns, é antes um movimento de contestação política, motivado pelas diversas questões já analisadas, que achou por bem forjar e mobilizar uma identidade negra para ter em seu favor parte significativa da população da cidade. Este esforço de mobilização pôde ser encontrado não apenas na fala bélica de Francisco Sabino no N*ovo Diário da Bahia*, mas também nas folhas mais moderadas que circulavam durante a revolução, como *O Sete de Novembro* e *O Novo Sete de Novembro*.

A associação feita por legalistas entre negros e rebeldes pode ser desconstruída no exame de casos particulares, como por exemplo o do negro José Luis da Anunciação. Vale transcrever o ofício enviado por Antonio Corrêa Seara, um dos homens-fortes da contra-revolução, ao presidente da província após três meses da restauração da cidade. Neste período, muitos foram presos e sofreram ações criminais por uma suposta participação no movimento rebelde.

> *"Em cumprimento da ordem de V. exa. da data de 26 do corrente que versa a respeito de José Luis da Anunciação acusado de ter sido Capitão da 1ª. Companhia do Batalhão de pretos rebeldes, sou a informar a V. Exa. que o indivíduo em questão apresentou-se no Acampamento de Pirajá, fazendo parte da Companhia Policial que da Cidade da Cachoeira havia marchado para o Exército da Legalidade em Dezembro último, aonde serviu até o dia 15 d'Abril do corrente ano, e por me haver pedido demissão do serviço em conseqüência do seu mau estado físico, e saúde lha conferi, não só por isso como por ser negro".*[309]

José Luis da Anunciação foi acusado não apenas de servir nas tropas rebeldes como de comandar um batalhão de pretos. Observa-se que, para os legalistas, era mais comum associar um negro ao lado da rebeldia do que da legalidade, reiterando a associação feita entre negros e rebeldes. Antes que o mal-entendido se consumasse, entretanto, foi feito o esclarecimento: este negro não coadjuvou a revolução, pelo contrário, se apresentou voluntariamente nas

---

[309] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3691, 28 de junho de 1838.

tropas legalistas. Isso demonstra que a condição negra não implicava, necessariamente, na atitude rebelde ou no apoio à revolução da capital. O excerto permite ainda questionar a afirmação feita pela historiografia de que os negros encontrariam na Sabinada um espaço de reivindicações próprias e expressão de uma identidade racial. Se assim fosse, não haveria como compreender o engajamento do negro Anunciação nas fileiras da legalidade.

Um outro elemento interessante a ser destacado neste trecho é que o negro em questão não poderia continuar servindo no Exército depois da restauração, não apenas por "seu mau estado físico", resultante dos esforços de guerra, "como por ser negro". Ainda que o próprio Anunciação solicitasse sua demissão, vale observar que o acesso dos negros à carreira militar continuava sendo restrito, mesmo considerando-se a colaboração e a boa conduta durante a luta contra a rebeldia. Mesmo não sendo um rebelde, era interditada a Anunciação a participação oficial nas fileiras da legalidade.

O pardo Roberto da Maia é mais um exemplo de que a identidade racial não bastava para a adesão à Sabinada. Fugido da capital às vésperas da queda do Estado Independente, ele procurou as forças legalistas do Campo de Pirajá e afirmou ser um escravo fugido da rebeldia, mas não da escravidão, dando inclusive o nome de seu senhor às autoridades. Nota-se o desespero que tomava conta dos habitantes da capital nos dias anteriores ao combate final: chegou-se ao ponto de um escravo fugir a seu senhor e declarar isso ao governo. Casos como este demonstram que nem todos os homens de cor estavam nas hostes rebeldes, e que a Sabinada não foi necessariamente um espaço de luta política para os negros, sejam ou não escravos.[310]

Exemplo mais contundente da ausência de solidariedade racial ou de identificação dos negros à Sabinada pode ser verificado no caso de Maximiano de Freitas Henriques, "preto liberto de Nação Gege". Ele teve um escravo seu, crioulo, que durante a "revolução fugiu a

---

[310] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3694 – 08 de março de 1838.

título de forro e sentou praça em um dos Batalhões dos rebeldes” [311]. Com a restauração, o escravo foi preso e encaminhado a barcas prisionais. No documento em questão, seu ex-senhor pede a reintegração de sua posse como fizeram vários proprietários de escravos no período pós-Sabinada. A diferença, contudo, é que o próprio senhor se encontrava preso, vítima das arbitrariedades da reação legalista, que privilegiaram homens de cor no momento das prisões.

No caso descrito acima, chama a atenção a figura do africano Maximiano, que na altura de seus 74 anos tinha não apenas alcançado a liberdade como também administrava uma loja de barbeiro e cabeleireiro, contando com o trabalho deste escravo, marceneiro, para a complementação de suas rendas, com as quais sustentava esposa e filhos. Durante a revolução, seu escravo – que era crioulo, e portanto estava dentro das condições estabelecidas pelo governo rebelde para adentrar suas fileiras – atendeu ao chamado para o alistamento e considerou-se forro. A revolução representou, para Maximiano, apenas a desagradável perda de seu escravo e justificou, na seqüência, sua prisão sem que tivesse tomado qualquer parte no movimento. Ambos os negros, senhor e escravo, diferenciados pela origem e pela condição jurídica, tiveram uma relação totalmente diferente com a revolução. Não havia entre eles laços de solidariedade ou identidade negra em comum que informassem uma ação conjunta em favor da Sabinada. O escravo, entretanto, encontrou naquele episódio uma ocasião propícia para sua fuga e busca pela libertação. Ao senhor, restaram os mal-entendidos, a prisão e a perda de sua propriedade.

Neste item pretendeu-se demonstrar que houve um esforço, por parte de alguns setores da imprensa rebelde, de construção de uma identidade negra para a revolução de 1837, com a intenção de angariar apoio da população que se manteve na cidade após a revolução. Esta identidade negra, contudo, não se verifica nos projetos e nem nas ações do governo rebelde,

[311] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2834, 23 de maio de 1838.

muito menos ocorre uma adesão maciça dos homens de cor ao movimento. Foi possível, inclusive, encontrar indícios da participação negra voluntária nas forças legalistas, o que permite desconstruir a idéia segundo a qual negros e brancos encontravam-se em lados opostos durante a Sabinada.

A análise da documentação evidencia a importância de se localizar e delimitar o peso da questão racial na composição das forças políticas da Sabinada. Se por um lado a documentação oferece indícios de que parte do movimento estava preocupada em forjar na cidade um discurso rebelde racializado, por outro lado não é possível ignorar que este discurso não era a tônica geral do movimento, nem em suas motivações iniciais nem tampouco em seus desdobramentos. Pretende-se, portanto, conferir à questão racial a relevância que lhe era possível naquele momento: incipiente e pontual, e não ampla e generalizada como tem afirmado a historiografia. A Sabinada ocorre em meio ao processo já comentado de solidificação dos conceitos raciais no Brasil e na Bahia, e é justamente esta fluidez e intermitência das identidades raciais que se encontra na documentação analisada.

A investigação realizada até o momento permite afirmar que a cor da pele é um elemento mais eficiente de politização entre os legalistas do que entre os rebeldes. Os legalistas elaboraram um discurso segundo o qual a luta contra os rebeldes representava a manutenção de seu espaço privilegiado na sociedade, preservando-o da ameaça de negros e mulatos. Estes, como discutido anteriormente, eram freqüentemente associados ao estigma da escravidão e da rebeldia, e designados com termos pejorativos. Quando os legalistas retomaram o poder da capital, a associação direta entre a cor da pele e a rebeldia foi exemplarmente realizada nas ruas da cidade, como se verá no próximo item.

4.2. Perseguição ao infinito: a repressão aos negros no pós-Sabinada.

Assim falou o Comandante das forças armadas reunidas em Cachoeira, Rodrigo Antonio Falcão Brandão, a respeito do processo de repressão da Sabinada: “eu os atacarei

com todo o rigor, e os perseguirei ao infinito, como é do meu dever".[312] De fato, foi como uma perseguição sem fim que muitos homens de cor vivenciaram a restauração da cidade de Salvador.

O discurso empregado entre os legalistas ao longo da ocupação da cidade pelos rebeldes reforçava e ampliava a importância da participação negra no movimento. Nos últimos dias antes da batalha final, o presidente da província Antonio Barreto Pedroso declarou, em ofício ao presidente de Pernambuco, que "uns escravos têm engrossado suas fileiras, e sua maior força tem hoje talvez dois terços de pretos, cuja audácia estou informado que é já extrema".[313]

No discurso de Barreto Pedroso, os escravos/pretos – vale observar que os dois termos ocupavam, no vocabulário do presidente da província, posições equivalentes – são a maioria entre os soldados rebeldes, o que conferiria à sua luta um caráter ainda mais ameaçador à ordem social estabelecida sinalizando a possibilidade de ruptura com o sistema escravista. Em ofício ao juiz de Direito da comarca de Inhambupe, a apenas quatro dias da restauração definitiva da capital, Pedroso foi enfático:

> *"ordeno positivamente a Vmcê. que reunindo toda a força que lhe for possível, faça marchar sobre esse bando faccioso que intente insurgir a escravatura, e tome as estradas e caminhos por onde eles possam evadir para o centro, afim de que sejam presos (...)".*[314]

O excerto permite notar que os rebeldes são apresentados pelo presidente da província como grupo disposto a insurgir os escravos. Dessa forma, o conteúdo pró-escravista da Sabinada foi alterado, de modo a obter o temor e, conseqüentemente, o apoio ainda mais efetivo das localidades à causa legalista.

Considerando a associação direta feita pelos legalistas entre os rebeldes e a condição negra, não é de causar espanto que nas listas de presos encontradas na documentação da

[312] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3533 – 03 de janeiro de 1838.
[313] PAEBa, vol. 4, p. 459.
[314] PAEBa, vol. 5, p. 225.

repressão a incidência de presos negros seja muito superior a de brancos. Em uma lista de presos da Fortaleza do Barbalho, nenhum dos trinta presos é branco. São catorze pardos, três cabras e treze crioulos.[315] Em outra lista, que não informa a qual prisão se refere, são catorze presos: dois brancos, quatro pardos, sete crioulos e um índio.[316]

Em uma lista nominal constam vinte e sete homens. Alguns nomes são acrescidos da "qualidade" – algo muito próximo ao que hoje seria uma classificação racial – e da profissão do condenado. É interessante notar que, nesta lista, catorze são considerados crioulos, sete são considerados pardos, e outros seis não são classificados racialmente, constando apenas a profissão.[317] Chama a atenção que não houvesse brancos na lista, ou que não tivessem sido classificados os membros deste grupo.

Mais um exemplo de que os negros sofreram mais prisões que os brancos encontra-se no relatório apresentado pelo capitão do brigue Nova Aurora, a bordo do qual foram transferidos duzentos degredados para a ilha de Fernando de Noronha. Ao longo da viagem, que durava pouco mais de um mês, faleceram dez condenados. Nas palavras do capitão, foram seis crioulos, três pardos e um cabra. Três dos mortos são apontados como "praças", enquanto os demais são classificados apenas pela "qualidade". Ao final do relatório, o capitão faz a ressalva de que os corpos "foram lançados ao mar, e não vão declarados os nomes de todos por se não saberem".[318] Chama a atenção, além do grande desprezo pela vida dos condenados, a maioria absoluta de homens de cor entre os mortos. Não é possível afirmar, pela ausência de brancos entre os mortos, que estes tivessem melhores condições de transporte dentro do brigue. Já que as condições das barcas prisionais eram, via de regra, desumanas para todos os "passageiros", é mais provável aventar a hipótese de que entre os presos havia poucos brancos, se é que os havia.

---

[315] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2837 – s/d.
[316] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2833 – 25 de maio de 1838.
[317] PAEBa, vol. 4, p. 265-266.
[318] PAEBa, vol. 3, pp. 422-423.

A preta forra Maria Romana teve seu filho de 15 anos preso enquanto trabalhava em uma tenda de alfaiate, "a pretexto de não ter imigrado desta Cidade para o Recôncavo".[319] Este jovem negro ou mestiço estava em situação de trabalho, não era um vadio e nem parecia estar causando desordens na cidade. Não ocupava nenhum cargo público ou de importância durante a revolução. Por qual motivo, então, as forças da restauração o prenderam? Como a própria mãe do preso observou, o fato dele não ter emigrado para o Recôncavo legalista foi um pretexto. A documentação pesquisada aponta outros exemplos semelhantes.

Disse Antonio Cardoso, "preto africano casado e estabelecido nesta Cidade que achando-se mansa e pacificamente em sua casa fora preso pela simples suspeita de ser compreendido no número dos rebeldes".[320] Para confirmar sua inocência, apresentou um documento assinado por "cidadãos portugueses e brasileiros estabelecidos com negócio nesta Cidade", ou seja, pessoas de alguma credibilidade social. Neste documento, eles atestam que Antonio Cardoso

> *"vive de negócio nunca se envolveu nos negócios que tiveram lugar nesta Cidade contra a Causa da Legalidade e menos pegou em armas para defender este partido, antes pelo contrário, sempre se comportou como [ilegível] e só tratava do giro de seu negócio e arranjo de sua mulher e filhos pelo que sempre tem merecido geral estima".*[321]

Eis mais um exemplo de africano preso pelas forças restauradoras, ainda que a participação de africanos fosse irregular dentro do movimento rebelde. Vale assinalar que o africano em questão tinha uma boa rede de sociabilidade para lhe amparar neste momento de dificuldade. O documento evidencia a incorporação dele à sociedade baiana, como negociante e pai de família, mas ainda assim foi vítima dos arbítrios do Estado que tinha como alvos preferenciais da repressão os negros de todas as origens.

Mulheres negras também foram alvo da violência que se seguiu à Sabinada. Ao prender a parda Ana Micaela do Espírito Santo (mais conhecida como Ana Relâmpago) e a

---

[319] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 3487 – 15 de maio de 1838.
[320] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2837 – s/d.
[321] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2837 - 20 de março de 1838.

africana Joana Maria da Conceição, o chefe de polícia teve a grata surpresa de ver que ambas já eram presas sentenciadas antes da revolução, que haviam sido soltas pelo governo rebelde. A polícia, neste caso, atirou no que viu e acertou no que não viu. Após a prisão, Ana Relâmpago ainda denunciou mais três colegas que estavam na mesma situação, talvez sob coação, talvez por não se conformar com a própria má sorte. As denunciadas eram duas crioulas e uma africana. Diante de tamanha apreensão, o chefe de polícia afirmava, orgulhoso, ao presidente da província: "pode descansar que o meu distrito se acha com uma rigorosa Polícia e por isso mesmo que nada escapa".[322] Presas arbitrariamente, essas mulheres talvez tivessem cometido algum crime, porém não de coadjuvar a revolução. A Sabinada foi, para elas, um breve período de indulto.

Um importante aspecto a ser observado no contexto de restauração da cidade é a preocupação das autoridades em evitar um novo levante escravo nos moldes daquele ocorrido em 1835. Para tanto, foram retomadas as leis de exceção daquela ocasião.[323]

É emblemático o caso de Simão de Souza Setuval, "preto Gege, maior de sessenta anos, há muito morador à rua do Cais Dourado". Foi preso, como tantos outros de igual condição, "por que entrando a Tropa da Legalidade nesta cidade, em 15 e 16 de março deste ano, naquela entrada agarraram o Suplicante sem que por isso desse motivo".[324] O desfecho de sua história foi, contudo, mais dramático. Além de não conseguir ser solto, ainda foi deportado para a África. Ele argumentou com o presidente da província:

> *"V. Exa. não há de ser insensível aos brados da natureza, porque ainda que a lei tenha autorizado a V. Exa. para que possa deportar qualquer Africano, ou Estrangeiro, contudo na execução desta lei deve haver atenção àqueles que estão isentos de crimes, principalmente o suplicante, que é pertencente a uma Nação Gege, cujos naturais jamais apareceram nesta Cidade em insurreições, acrescendo que poderá o suplicante vir fazer em uma idade tão avançada como*

[322] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2837 – 15 de agosto de 1838.
[323] Para uma análise da repressão aos malês em 1835, ver: João José REIS. *Rebelião escrava no Brasil*. Op. cit., parte IV.
[324] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2837 – s/d.

se acha, e que por isso pouco tempo [ilegível] pode viver, e menos poderá viver, se o mudarem do clima, aonde há anos está acostumado".[325]

A retomada de leis anti-africanas feitas no contexto da repressão aos rebeldes malês de 1835 sugere que a repressão à Sabinada teve também um forte caráter de "limpeza racial", o que incluiria a deportação de africanos suspeitos de atitude rebelde, ainda que não existissem provas objetivas de sua culpa. Neste caso, de um senhor idoso, com residência fixa, e provavelmente livre – uma vez que o documento não menciona ser ele escravo – é questionável até se haveria uma atitude suspeita. Outro aspecto que chama a atenção neste caso é que o réu apela para sua condição jeje para se desvincular da imagem rebelde, o que também pode ser visto como uma continuidade da tensão anti-africana generalizada, estabelecida com força ainda maior após a repressão dos malês em 1835.

Considerando a prisão de tantos negros sem que houvesse contra eles nenhuma prova objetiva, vale levantar a hipótese de que a cor da pele teria sido um fator determinante para a escolha de quem seria ou não suspeito. O caso de Cipriano José Ricardo Momede parece exemplificar essa hipótese. Sua defesa, encontrada junto a tantos outros processos movidos após a rebelião, se faz ainda mais pungente porque é feita por ele mesmo, em primeira pessoa.[326] Nela, ele afirma sofrer de "dores reumáticas" e "achaques erisipulosos", pelos quais "a muito custo me empregava no trabalho do meu ofício de sapateiro, para manter a mui inocentes filhos". Durante a revolução, dado o seu estado de saúde, não fora recrutado pelo governo rebelde, e nem nomeado por ele a nenhum posto.

Mesmo assim, ele afirma, "eu vim a ser preso no dia em que a Tropa entrou e começou a prender a torto e direito, foi por ter eu inimigos". Reitera-se aqui a idéia já exposta de que a restauração da cidade foi um momento propício para a radicalização de rixas pessoais, e que as prisões feitas pelas tropas eram, muitas vezes, arbitrárias. O réu passa a descrever a condição humilhante do cárcere, e compara seus carcereiros a inquisidores. Na

[325] Idem.
[326] APEBa, seção de arquivo colonial e provincial, maço 2836 – 27 de julho de 1838.

última linha, contudo, encontra-se um último argumento, talvez o mais significativo de toda a defesa: “embora a natureza me desse a cor parda, por que não é por isso, que tenho perdido o ser de homem, para sofrer tamanha iniqüidade”.

O réu afirma que sua cor parda não lhe retira a humanidade e não é justificativa suficiente para as injustiças que vinha sofrendo. Desta forma, o documento desvenda que o discurso da cor da pele como elemento desumanizador estava presente naquele momento histórico, e que poderia ser usado como justificativa para o tratamento iníquo dado pelo Estado a alguns cidadãos.

A repressão promovida após a Sabinada pode ser compreendida como expressão de uma violência racialmente dirigida aos habitantes negros e mestiços de Salvador, tidos prioritariamente como suspeitos, e presos mesmo sem nenhuma prova objetiva de participação na revolta. Desta forma, a elevada proporção de homens de cor entre os rebeldes presos pode expressar não apenas uma grande adesão negra à causa revolucionária como também, e talvez sobretudo, a preferência dada pelo governo restaurador à prisão e condenação de suspeitos negros em relação aos brancos; esta medida seria exemplar no sentido de afastar da cidade o espectro de uma mobilização negra antiescravista, e coerente com a imagem negra e antiescravista feita dos rebeldes pelos legalistas ao longo dos quatro meses de guerra.

***

Neste capítulo buscou-se apresentar um quadro comparativo entre as identidades raciais de rebeldes e legalistas, bem como as diferenças na forma pelas quais estes grupos se classificavam mutuamente. Observou-se que os rebeldes foram classificados como negros pelos legalistas, o que informou a repressão dirigida a esta camada da população após a restauração da cidade. Por outro lado, a análise da documentação rebelde demonstrou que a identidade negra era tônica de apenas parte do movimento, não constando na pauta de

reivindicações e nem na prática de governo dos rebeldes a promoção da igualdade ou de privilégios para a maioria negra da cidade.

Ao final deste percurso de análise é possível, portanto, relativizar algumas interpretações da historiografia que classificaram a Sabinada como movimento diretamente associado à radicalização política da identidade negra. O contorno racial dos adversários na guerra não se fazia tão nitidamente, ainda que houvesse uma racialização incipiente no vocabulário de alguns setores envolvidos no movimento. Longe de ser uma guerra objetivamente levada a cabo por pretos contra brancos, ou vice versa, a Sabinada apresenta-se como episódio muito rico para a investigação da *construção* de um ideário racial na Bahia oitocentista. Sem a objetividade de um tabuleiro de xadrez, no qual a cor dos adversários é clara e bem delimitada, a revolução baiana de 1837 permite a visualização de conflitos e nuances pelas quais o pensamento racialista baiano passou antes de ser plenamente consolidado pelas Academias e pelos cientistas da segunda metade do século.

Considerações Finais

Neste trabalho foi possível observar incongruências entre a auto-identificação de rebeldes e legalistas e a identificação feita de um grupo pelo outro. As ações políticas da Sabinada pautavam-se na rivalidade construída naquele momento entre grupos insatisfeitos com a ordem política-institucional vigente e grupos dispostos a compor alianças com esta ordem, visando auferir vantagens posteriores no interior deste sistema.

A investigação da identidade política legalista sugere que a cooperação entre representantes do poder central e local, necessária para debelar o movimento rebelde, foi resultado de negociações entre as partes. Neste sentido, o Estado imperial demonstrou ser mais eficaz do que o governo revolucionário ao oferecer aos homens de poder da cidade e do Recôncavo perspectivas de futuro, ao passo que o governo rebelde tinha como moeda de troca apenas alguns cargos/empregos e pouquíssimos recursos materiais na cidade sitiada. Por estas razões, e não apenas por uma fidelidade cega à nacionalidade brasileira na Bahia ou à figura do Imperador, é que a balança tendeu mais para o lado dos legalistas do que para o dos rebeldes. Verificou-se uma grande fluidez ideológica entre os envolvidos no episódio, o que levou ao registro de constantes mudanças de lado ao longo do combate. A definição dos adversários ocorreu durante todo o embate, com mudanças de perspectiva e dissensões de parte a parte. Este trânsito propiciou a troca de informações entre os combatentes e permitiu que a auto-imagem e a imagem feita do inimigo fosse alterada a cada passo, ao sabor das necessidades colocadas pelo conflito.

A aliança firmada entre o governo central e os homens de poder da cidade e do Recôncavo foi bastante proveitosa para ambos. Aos poderosos da Bahia interessava romper com o processo revolucionário pela ameaça que ele poderia trazer às suas vidas e propriedades, e ao Estado imperial interessava a manutenção da parceria com os poderes provinciais, uma vez que não possuía ainda uma estrutura eficiente para se impor sobre todo o

imenso território do Império. A urgência de controle das vozes dissonantes da capital forçou a organização rápida e eficiente de todo um aparato coercitivo, cujo principal exemplo é a Guarda Nacional. Apesar dos percalços e das dificuldades em angariar forças e propiciar treinamento e armas para os novos corpos militares, ao final das batalhas pela reconquista da cidade o Estado soube impor-se e instaurar um clima de correção didática e violenta junto aos setores mais desfavorecidos da população.

Vale ainda ressaltar que o combate à Sabinada tornou-se um momento propício ao surgimento de rivalidades entre os próprios legalistas, muitas vezes interessados em denunciar colegas e forjar fidelidades ao governo. Este, além de encaminhar a restauração da capital, teve de assumir um papel de mediador de confrontos entre os próprios correligionários.

Foi possível também notar que o discurso construído pelos legalistas atribuía uma profunda radicalidade aos rebeldes, ao passo em que estes buscaram, cada vez mais, negociar a radicalidade de suas propostas e adequá-las ao horizonte político possível. As críticas direcionadas pelos sabinos ao governo imperial estavam centradas na questão tributária, porém os líderes do movimento se dispuseram a negociar seu separatismo inicial em nome da possibilidade de conseguir mais adeptos à sua causa. Assim surgiu a proposta de reintegração ao Império com a coroação do imperador. Aos legalistas, por outro lado, era impossível considerar a deliberação rebelde de aceitar o governo de Pedro II, bem como de restringir o acesso dos africanos à liberdade, como medidas de moderação. Nenhum recuo na radicalidade rebelde seria suficiente para que os legalistas considerassem válidas suas proposições, uma vez que para eles o espaço de negociação política legítimo eram as instituições postas constitucionalmente, e não a tomada do governo através das armas.

A documentação evidenciou que a circulação de informações entre os dois lados do combate foi intensa durante todo o tempo da revolta, de modo que era pouco provável que os legalistas ignorassem as tentativas de moderação política expressas pelos sabinos. Ao

desconsiderar essas tentativas, os legalistas fizeram a opção política de construir em torno da revolta uma aura de separatismo e antiescravismo bastante controversa junto aos próprios rebeldes, e que foi incorporada em parte pela historiografia.

Como parte do esforço em desqualificar o movimento rebelde da capital, o governo legalista utilizou-se também de um vocabulário político que tratava os sabinos como desclassificados sociais, sobretudo pobres e pretos. Atribuiu-se também ao movimento uma suposta aliança com escravos, e tentou-se reduzir a Sabinada a um levante circunscrito ao meio militar.

A documentação evidenciou, entretanto, que os líderes sabinos não pertenciam às camadas populares, nem tampouco eram parceiros políticos dos escravos ou dos pretos. A afirmação da Sabinada como um distúrbio militar foi uma das formas encontradas pelos legalistas para desviar o foco de sua importante demanda por autonomia política e reformas sociais no âmbito da província. A liderança rebelde, forjada nas lutas de independência e nos clubes revolucionários da cidade, tinha experiência política o suficiente para perceber que sem o apoio das tropas não seria possível a tomada do poder e a implantação de um projeto político diferente daquele proposto pela Corte do Rio de Janeiro.

Longe de ser mais uma entre as revolta militares da década de 1830, a pesquisa realizada mostrou que a Sabinada tinha entre seus líderes membros da camada média urbana letrada de Salvador. O governo revolucionário procurou se dissociar das camadas sociais mais pobres, vinculando-se a pessoas tidas como ilustradas e com algum prestígio no contexto da capital baiana, como bacharéis, comerciantes, professores e funcionários públicos de médio escalão. Observou-se que a cobrança de impostos por parte do governo central passou a incidir sobre setores médios e profissionais liberais de Salvador, antes isentos. Justamente estes grupos seriam os articuladores do movimento rebelde, de modo que o questionamento da legitimidade da autoridade exercida pela regência em nome do imperador pôde ser

relacionada a condições políticas e econômicas tidas como desvantajosas para parte significativa da população da capital baiana. Verificou-se que a motivação revolucionária estava pautada em grande parte na insatisfação com a política econômica no presente e não na possibilidade futura de revisão das reformas liberais, anunciada pela queda do regente Feijó no Rio de Janeiro.

A documentação analisada demonstra uma grande decepção dos setores médios de Salvador com a divisão de poderes promovida pelo Ato Adicional, uma vez que estes grupos não tinham acesso efetivo aos cargos da Assembléia Legislativa Provincial. Os que ali chegavam eram tidos na imprensa rebelde por “aristocratas”, opressores do povo tanto quanto o governo central. O espaço de mudança institucional era pouco acessível aos setores médios urbanos, desta forma a revolução passou a ser vista como algo legítimo diante do que eles consideravam uma quebra com o pacto político fundamental.

A dificuldade de coesão desses setores médios em torno de um projeto político forte e capaz de oferecer vantagens aos homens de poder e riquezas fez com que as elites retirassem seu apoio ao movimento e ficassem na cidade apenas os setores mais pobres, comumente associados à condição negra. Com isso, os legalistas homogeneizaram e supervalorizaram a participação de negros nas fileiras rebeldes, construindo em torno da Sabinada a aura de um movimento essencialmente negro.

O reconhecimento desta identidade, entretanto, não era a tônica entre todas as lideranças rebeldes e nem entre a população negra da cidade. A politização da identidade negra na Sabinada não era geral e nem inequívoca. Havia negros engajados voluntariamente entre os legalistas e negros que se mantiveram na cidade sem nenhuma participação no movimento. A politização da identidade negra rebelde foi uma proposta que parece ter vindo de parte da imprensa rebelde, sobretudo aquela coordenada por Francisco Sabino, para angariar o apoio da população majoritariamente negra que permaneceu na cidade após a

tomada do poder pelos rebeldes. Não se encontrou em nenhum dos programas da Sabinada – seja no Plano e Fim Revolucionário, seja na imprensa rebelde, seja nas deliberações do governo rebelde – uma disposição efetiva em promover melhorias direcionadas à maioria negra da cidade, ainda que houvesse na imprensa a crítica de um contexto social pautado pela discriminação à cor da pele. A Sabinada mostrou-se muito mais complexa do que o simples congraçamento entre homens de cor da cidade. O trabalho realizado permite questionar as interpretações que categorizam a luta de rebeldes *versus* legalistas como luta de pretos contra brancos. Ainda que houvesse muitos negros entre os sabinos, e que o governo rebelde tenha acenado com a possibilidade de liberdade para os nascidos no Brasil, não foi encontrada uma evidência de politização essencialmente negra, nem tampouco de uma solidariedade racial efetiva entre os homens de cor envolvidos na revolução.

Verificou-se também a coexistência entre os discursos pró-escravista e liberal entre os sabinos, o que pode ser visto como evidência de sua inserção no processo geral de rearticulação do escravismo atlântico ao longo do século XIX, e não como um conservadorismo ou limite do projeto revolucionário.

O movimento serviu como horizonte de liberdade para alguns cativos que ousaram enfrentar o sistema escravista, confiando que o novo governo lhes daria respaldo. Ainda que não se realizassem as previsões mais pessimistas dos legalistas, segundo as quais a revolução era produto da união de todos os negros em torno da idéia de afronta à ordem escravista, não se pode ignorar que ações individuais de combate foram efetivamente tomadas por negros livres e escravos de todos os matizes. Essas observações permitem o questionamento da idéia segundo a qual a Sabinada seria um movimento político feito para a promoção da igualdade racial, uma vez que o governo rebelde manteve práticas de exclusão e violência contra africanos e escravos negros de modo geral. Africanos e crioulos, tanto livres como escravos, é que foram capazes de reconhecer, na tensão política causada pela revolução, o

enfraquecimento das estruturas sociais de controle que havia sobre eles; tratava-se de um momento adequado para a luta e a resistência, ainda que não vinculadas ao governo e ao programa político rebelde. Assim, observam-se durante a Sabinada ações individuais de contestação por parte de negros, porém não é possível reconhecer ali uma identidade política coletiva negra em movimento.

A Sabinada aceitou alguns africanos, porém não legislou em favor deles. A exceção estaria no batalhão comandado por Santa Eufrásia. Nele encontra-se a possibilidade de emergência de uma solidariedade entre negros de diferentes origens, o que conferiria ao movimento sabino um *potencial* revolucionário explosivo, caso essa disposição fosse incorporada pelo comando rebelde. Viu-se, finalmente, que o Estado Independente praticou o recrutamento forçado de escravos para suas fileiras.

Vale também lembrar que a maioria dos negros envolvidos no movimento o fizeram na condição de combatentes, e não de lideranças: africanos e escravos foram admitidos às tropas de forma circunstancial, e a defesa da liberdade para os escravos não foi encampada totalmente pelos rebeldes. Longe de ser um consenso, a presença negra trazia aos sabinos a desconfortável proximidade das demandas sociais desses grupos, tradicionalmente marginalizados, e servia também à sua desqualificação perante os adversários. A resolução de libertar escravos para em seguida recrutá-los, longe de representar uma postura anti-escravista ou anti-racista do movimento sabino, evidenciou o quão arraigados estavam os valores do escravismo e das fronteiras sociais que lhe são subjacentes, e permitiu a visualização de embates políticos entre as lideranças da Sabinada.

Houve, paralelamente a isso, um esforço por parte da imprensa rebelde em marcar oposições raciais entre rebeldes e legalistas, o que deve ser visto como emergência de um ideário racial na Bahia, e não como produto bem acabado de uma organização política da identidade negra na província.

O episódio da Sabinada oferece um vislumbre do horizonte social no qual seriam consolidados os ideais racistas da segunda metade do XIX. O vocabulário do período, compreendido aqui como exemplo de um *racismo pré-científico*, já tem características típicas do racismo cientificista – o que inclui a adjetivação sempre negativa e a desumanização freqüente dos homens de cor. Notou-se, portanto, a existência de uma sociedade racialmente dividida antes mesmo que o conceito de raça adquirisse sua significação moderna. A documentação analisada permitiu a apreensão da forma mesma pela qual o conceito de raça foi lentamente construído ao longo dos séculos de prática do escravismo, e não apenas introduzido pelos representantes teóricos do racismo cientificista posterior a 1850. O termo raça já se anunciava no horizonte político dos homens de 1837, existindo naquele período a hipótese de que o fator racial era um agravante ou até mesmo o causador de um suposto atraso da nação brasileira. Verifica-se na Sabinada, além disso, que a construção de fronteiras sociais do período já se baseava em marcadores racializados, como a cor da pele. A dificuldade de diferenciação, no espaço social, entre o negro livre e o negro escravo, levou a repressão a agrupar ambos sob a acusação de insurreição escrava. A presença maciça de negros entre os rebeldes “ativos” e “passivos” – segundo a terminologia da época – fez com que as forças da legalidade reforçassem a repressão contra esta parcela da população no processo restaurador. Este pode ser compreendido como um momento de “limpeza” de todos aqueles considerados indesejáveis na sociedade baiana.

Ao final deste percurso, foi possível compreender as identidades de rebeldes e legalistas como parte de um processo de construção de discursos sobre si mesmos e sobre o outro, pautado pelos elementos da luta política pertinente a diferentes setores da sociedade baiana da década de 1830. A pesquisa realizada aponta para a necessidade de se compreender a Sabinada como resposta a um contexto histórico específico aos últimos anos da Regência brasileira. É possível, dessa forma, questionar a hipótese defendida por parte da historiografia,

segundo a qual a Sabinada encerraria um ciclo de revoltas iniciado pelos setores populares da Bahia em 1798, sendo a manifestação derradeira de um programa popular frustrado pelas elites ao longo deste período.

É de fato muito importante levar em conta as muitas manifestações de insatisfação e tensão social do período da *Bahia Rebelde*. Entretanto, considerar todos os conflitos existentes nestas quatro décadas como parte do mesmo processo histórico e político só é possível desconsiderando-se as profundas alterações político-institucionais pelas quais passaram o Brasil e a Bahia ao longo destes anos. O acúmulo de experiência política ao longo dos anos pelos sujeitos históricos não deve ser visto como uma forma de repetição, ao longo do tempo e naquele espaço, de uma mesma batalha entre os mesmos protagonistas: cada episódio pode ser visto como portador de diferentes respostas a diferentes problemas colocados historicamente, seja no âmbito provincial, seja no âmbito imperial.

Fontes Impressas

- *Publicações do Arquivo do Estado da Bahia: A revolução de 7 de novembro de 1837.* Salvador: Bahia, Cia. Editora e Gráfica, 1937-1948. Cinco volumes.

Fontes Manuscritas

- Arquivo Público do Estado da Bahia, Seção de Arquivo Colonial e Provincial, maços: 645, 2833, 2834, 2835, 2836, 2837, 2838, 3236, 3373, 3485, 3487, 3530, 3531, 3533, 3539, 3560, 3691, 3694, 3698, 3756, 3814, 3955, 5202.

Jornais/Imprensa

- Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Material digitalizado.

  A Luz Bahiana.

  O Censor.

  Novo Diário da Bahia.

  O Sete de Novembro.

  O Novo Sete de Novembro.

Bibliografia

AMARAL, Braz do. “A Sabinada”. In: Publicações do Arquivo do Estado da Bahia, vol. 2.

ARAS, Lina Maria Brandão de. *A Santa Federação Imperial. Bahia 1831-1833*. São Paulo: FFLCH-USP, 1995 (tese de doutorado).

ARAÚJO, Dilton Oliveira de. *O tutu da Bahia (Bahia: transição conservadora e formação da nação, 1838-1850)*. Salvador: UFBa, tese de doutorado, 2006.

ARAÚJO, Ubiratan Castro de. “A política dos homens de cor no tempo da Independência. In: *Revista Clio Série História do Nordeste n° 19*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001.

ARENDT, Hanna. “A ideologia racista antes do racismo”. In: *As origens do totalitarismo II – Imperialismo, a expansão do poder*. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1976.

BANTON, Michael. *A idéia de raça*. Lisboa, Edições 70, s/d.

BARTH, Fredrik. *Teorias da etnicidade*. SP: Ed. UNESP, 1998.

BERBEL, Márcia & MARQUESE, Rafael de Bivar. “A ausência da raça: escravidão, cidadania e ideologia pró-escravista nas Cortes de Lisboa e na Assembléia Constituinte do Rio de Janeiro (1821-1824)”. *Paper* apresentado à Conferência *Slavery, Enlightenment, and Revolution in Colonial Brazil and Spanish America*. Fordham University, New York, maio de 2006.

BOSI, Alfredo. “A escravidão entre dois liberalismos”. In: *Revista Estudos Avançados* v.2 n.3. São Paulo: set./dez. 1988.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

CASTRO, Jeanne Berrance de. “A Guarda Nacional”. In: Sérgio Buarque de Holanda (org.). História *Geral da Civilização Brasileira*. Tomo 2, 4º. volume. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

CASTRO, Jeanne Berrance de: *O povo em armas. Guarda Nacional, 1831-1850*. São Paulo: Tese de doutorado, FFLCH-USP, 1968.

CASTRO, Paulo Pereira. “A experiência republicana”. In: Sérgio Buarque de HOLANDA (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II, 2º. Volume. São Paulo: DIFEL, 1964.

DOLHNIKOFF, Miriam. *O pacto imperial – origens do federalismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Globo, 2005.

DUMONT, Louis. “Casta, racismo e ‘estratificação’. Reflexões de um antropólogo social”. In: Neuma Aguiar (org.). *Hierarquia em classes*. RJ: Zahar, s/d.

FOUCAULT, Michel. “El relato de los orígenes y el saber del príncipe”. In: *Genealogía del Racismo. De la guerra de las razas al racismo de Estado*. Madrid: Ed. de la Piqueta, s/d.

FREDRICKSON, George M.. *The Black Image in the White Mind. The debate on Afro-American character and destiny 1817-1914.* Hanover: Wesleyan University Press, 1987.

GONÇALVES CHAVES, Antonio José. “Memórias economo-políticas sobre a administração pública do Brasil: compostas no Rio Grande de São Pedro do Sul, e oferecida aos membros da Assembléia Geral e Constituinte do Brasil”. *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, 1922, II e III trimestre.

GRINBERG, Keila. *O fiador dos brasileiros. Cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GUERRA FILHO, Sérgio Armando Diniz. *O povo e a guerra. Participação das camadas populares nas lutas pela independência do Brasil na Bahia*. Salvador: UFBa, Dissertação de mestrado, 2004.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. “Como trabalhar com ‘raça’ em sociologia”. In: *Educação e Pesquisa*, vol. 29, n.1. São Paulo: Faculdade de Educação, Jan./Jun. 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). “A herança colonial – sua desagregação”. In: *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II (*O Brasil Monárquico*), 1º. Volume (O processo de emancipação). São Paulo: DIFEL, 1964.

HOLUB, Norman. “The Brazilian Sabinada (1837-38): Revolt of the Negro Masses”. In: *The Journal of Negro History*. Vol. 54, No. 3 (Jul., 1969), pp. 275-283.

JANCSÓ, István. *Na Bahia, contra o Império – história do ensaio de sedição de 1798*. São Paulo, Salvador: Hucitec/Edufba, 1996.

KRAAY, Hendrik. “As terrifying as unexpected: The bahian Sabinada, 1837-1838”. In: *Hipanic American Historical Review* 72:4. Duke University Press, 1992.

______________. “Identidade racial na política, Bahia, 1790-1840: o caso dos henriques”. *In*: JANCSÓ, István (org.). *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Fapesp/Hucitec, 2003.

______________. *Race, State, and Armed Forces in Independence-Era Brazil – Bahia, 1790s-1840s*. Stanford, California: Stanford University Press, 2001.

LEITE, Douglas Guimarães. S*abinos e diversos: emergências políticas e projetos de poder na revolta baiana de 1837* . Salvador: UFBa, Dissertação de mestrado, 2006.

LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas. Sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

MARQUESE, Rafael de Bivar. “A dinâmica da escravidão no Brasil: Resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX”. In: *Novos Estudos Cebrap 74*, documento eletrônico disponível no endereço http://www.cebrap.org.br.

MARTIUS, Carl F. P. von & SPIX, J. B. von. *Através da Bahia. Excertos da obra Reise in Brasilien*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938.

MARTIUS, Carl. F. P. von. “Como se deve escrever a História do Brasil. Dissertação oferecida ao IHGB”. In: *O estado do Direito entre os autóctones do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1982.

MATTA, Roberto da. “Digressão: a fábula das três raças ou o problema do racismo à brasileira”. In: *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1981.

MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema. A formação do Estado Imperial*. São Paulo: Hucitec, 1987.

MATTOSO, Katia M. de Queirós. *Bahia: A cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1978.

_________________. *Bahia, século XIX. Uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1992.

MONTESQUIEU. *Do espírito das leis*. São Paulo: Abril Cultural, s/d.

MORTON, F. W. O.. *The Conservative Revolution of Independence: Economy, Society and Politics in Bahia, 1790-1840*. Oxford: 1974, tese de doutorado.

NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808).* São Paulo: Hucitec, 1995.

PINHO, Wanderley. "A Bahia, 1808-1856", In: Sérgio Buarque de HOLANDA (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II (*O Brasil Monárquico*), 2º. Volume (*Dispersão e Unidade*). São Paulo: DIFEL, 1964.

PONTES, Kátia Vinhático. *Mulatos: políticos e rebeldes baianos*. Salvador: UFBa, dissertação de mestrado, 2000.

PUPO, Débora. "Doutor Sabino – baiano, período de ação: 1797-1846". *In: Rebeldes brasileiros,* Revista Caros Amigos, pp. 144-159. s/d.

QUERINO, Manoel. "Os homens de cor preta na História". In: Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. 1923, No. 48, pp. 353-363.

REIS, João José & SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito. A resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Cia da Letras, 1989.

REIS, João José. "A elite baiana face os movimentos sociais. Bahia: 1824-1840". *In: Revista de História* 54:108 (out/dez. 1976).

_______________. *A morte é uma festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

_______________. *Rebelião escrava no Brasil*. *A história do levante dos malês em 1835.* São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SALGADO, Graça (org.). *Memórias sobre a escravidão*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1988.

SCHWARCZ, Lilia K. M.. "As teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX". In: *Raça e Diversidade.* SP: Edusp, 1996.

_______________. "Nomeando as diferenças: a construção da idéia de raça no Brasil". In: BÔAS, G. V. & GONÇALVES, M. A. *O Brasil na virada do século – o debate dos cientistas sociais*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1995.

SILVA, Eduardo. *Dom Obá II D'África, o príncipe do povo. Vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

SLEMIAN, Andréa. "Seriam todos Cidadãos? Os impasses na construção da cidadania nos primórdios do constitucionalismo no Brasil (1823-1824)". In: István Jancsó (org.). *A Independência do Brasil: História e Historiografia*. São Paulo, Fapesp/Hucitec, 2005.

SOUZA, Paulo Cesar. *A Sabinada – a revolta separatista da Bahia 1837*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

TAVARES, Luis Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo/Salvador: Editora Unesp/Edufba, 2001.

TISE, Larry E.. *Proslavery. A History of the defense of slavery in America 1701-1840*. Athens: The University of Georgia Press, 1987.

TOCQUEVILLE, Alexis de. "Algumas considerações sobre o estado atual e o futuro provável das três raças que habitam o território dos Estados Unidos". *In: A democracia na América*; Livro 1, Segunda Parte, Capítulo X. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1998.

TOMICH, Dale. "The 'second slavery': bonded labor and the transformation of the Nineteenth-Century world economy". *In: Through the prism of slavery. Labor, capital and world economy*. Boulder, Co.: Rowman & Littlefield, 2004.

VIANNA FILHO, Luiz. *A Sabinada (a República baiana de 1837).* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1938.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E GERENCIAIS

A REGÊNCIA, AS REVOLTAS E AS CONTRADIÇÕES DO LIBERALISMO NO BRASIL DURANTE O PERÍODO REGENCIAL

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

JEAN PAULO DA SILVA VILAGRAND

Mariana

Agosto/2023

JEAN PAULO DA SILVA VILAGRAND

A REGÊNCIA, AS REVOLTAS E AS CONTRADIÇÕES DO LIBERALISMO NO BRASIL DURANTE O PERÍODO REGENCIAL

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Economia.

Orientador: Prof. Dr. Daniel do Val Cosentino

Mariana

Agosto/2023

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS ECONOMICAS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Jean Paulo da Silva Vilagrand

A REGÊNCIA, AS REVOLTAS E AS CONTRADIÇÕES DO LIBERALISMO NO BRASIL DURANTE O PERÍODO REGENCIAL

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Aprovada em 1 de setembro de 2023

Membros da banca

Prof. Dr. Daniel do Val Cosentino - Orientador - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. André Mourthé de Oliveira - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Francisco Horácio Pereira de Oliveira - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Prof. Dr. Daniel do Val Cosentino, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 01/09/2023.

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: (31)3557-3835 - www.ufop.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o arranjo político no período regencial da história brasileira, compreendido entre os anos de 1931 à 1940, através de uma pesquisa dos principais agentes envolvidos na tomada de decisões do que diz respeito a política econômica, além de tentar entender as possíveis motivações por trás das medidas econômicas que desencadearam a série de revoltas e conflitos ocorridas por todo o país durante este período.

Palavras-chave: Brasil Regência, Política Econômica, Pensamento Econômico Brasileiro, Século XIX, Liberalismo.

ABSTRACT

This study’s objective is to analyze the political landscape of the Regency Period of brazilian history, through a research of the main actors involved in the decision making of the government, specially those pertaining the country’s economy during this period, while also attempting to unearth the possible motivations behind its economic measures, that resulted in numerous revolts across the country.

Key-words: Regency, Political Economy, Brazilian Economic Thought, Nineteenth Century, Liberalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

O Período Regencial é considerado um dos capítulos mais conturbados da história do Brasil, e com razão. Entre inúmeras revoltas e complôs políticos, o Brasil se encontrou mergulhado em conflitos regionais, resultados de um país politicamente instável. Uma grande parcela da população se mostrando descontente com a situação em que se encontravam, pois a maioria das comunidades fora da região sudeste vivia em péssimas condições.

Isso se deve, em grande parte, a polarização política na época, pois de um lado, havia o grupo dos moderados, que buscavam um meio termo entre o velho e o novo, almejando maior liberdade econômica ao mesmo tempo que queriam manter a configuração social do país, da qual eram os mais beneficiados; do outro, os exaltados, que defendiam mudanças radicais na sociedade brasileira, como a diminuição do poder da corte e o fim da escravidão.

Apesar das diferentes perspectivas, estes dois grupos viam no liberalismo a possibilidade de moldar o futuro do país; e assim, exaltados e moderados travaram inúmeras batalhas tanto dentro quanto fora da arena política, com estes embates muitas vezes escalando e se tornando manifestações e levantes populares.

Desta forma, este trabalho tem como intuito analisar os diferentes grupos envolvidos no conflito por poder durante o período regencial e suas principais influências políticas e filosóficas, e para atingir este objetivo, ele está dividido em três capítulos.

O primeiro capítulo serve como introdução ao século XIX, sendo usado para contextualizar o período regencial, começando com as circunstâncias que levaram à abdicação de D. Pedro I, descrevendo as circunstâncias que levaram o imperador a abandonar o trono e os grupos por trás dos manifestos populares que resultaram na abdicação; além disso, no mesmo capítulo são introduzidos os principais agentes políticos deste período, assim como quais escolas políticas e econômicas estes grupos seguiam. Também são abordadas as diferentes

fases do período regencial, desde as regências trinas provisória e permanente, até as regências unas de Feijó e Araújo Lima.

O segundo capítulo aborda as revoltas ocorridas no período regencial, destacando as principais rebeliões e analisando suas causas, conectando-as aos grupos políticos abordados e com as medidas políticas adotadas pela regência.

Já no terceiro capítulo, é realizada uma análise das raízes do pensamento econômico brasileiro, estudando os principais e mais influentes autores liberais da época, com o intuito de entender a origem das diferentes vertentes de liberalismo seguidas pelas principais facções políticas do período regencial.

CAPÍTULO 1

O PERÍODO REGENCIAL E AS REGÊNCIAS

O objetivo deste capítulo é contextualizar o início do Período Regencial no Brasil, e para isso, é necessário destacar os acontecimentos que levaram à implementação da Regência: os protestos de 1831, que ultimamente levaram à abdicação de D. Pedro I e o fim do Primeiro Reinado.

Em "O Brasil Imperial Volume II – 1831 - 1870", Marcello Basile (2008) descreve os anos que precedem a Regência como um período complexo e conflituoso para o país, onde a insatisfação crescente de várias camadas e grupos da sociedade com o imperador D. Pedro I começou a convergir, dando início a diversos protestos populares que tinham como intuito demonstrar o descontentamento da população com a situação do país.

Essa insatisfação era causada por diversos fatores, como a instabilidade política, principalmente em regiões que a coroa tinha dificuldade de controlar; a dificuldade em lidar com os conflitos e guerras ocorridas no período, especialmente a Guerra da Cisplatina; e seus ideais abolicionistas, que iam diretamente contra os interesses do parlamento, composto majoritariamente por senhores de escravos.

Além disso, os ideais liberais haviam se popularizado no país, graças principalmente aos esforços de dois agentes: José da Silva Lisboa, o Visconde de Cairu, que desde o início do século XIX, se empenhava em trazer ao Brasil diversos livros sobre o liberalismo econômico e publicar várias obras sobre este tema. Cyril Lynch (2007) destaca como a primeira obra publicada no Brasil foi exatamente um artigo sobre as vantagens da liberdade comercial, escrito pelo próprio Visconde de Cairu; e Hipólito José da Costa, que através do seu jornal *o Correio Brasiliense*, ajudou a difundir o ideário político liberal, introduzindo ao país noções como a reforma da monarquia e a liberdade de imprensa.

Com isso, o pensamento liberal se via cada vez mais difundindo entre diversas camadas da sociedade brasileira, desde políticos, militares, funcionários públicos até civis, que se viam pouco representados na elite política imperial e por esse motivo, se mostravam descontentes com o governo vigente, e mesmo

as medidas de cunho liberal implementadas pelo primeiro império na segunda metade da década de 1820 não foram suficientes para acalmar os ânimos dos políticos liberais mais radicais, que ansiavam por menor poder da corte e um aumento na autonomia regional.

Estes protestos foram se intensificando, ficando cada vez mais constantes e atraindo outros segmentos da população, chegando até mesmo a contemplar as massas populares, até então pouco envolvidas com a vida política. Esta convulsão social atingiu seu ápice com o evento conhecido como 7 de Abril, protesto este que reuniu cerca de 4 mil pessoas nas ruas, e que foi encabeçado pelos grupos políticos dos *liberais exaltados* e *moderados*, facções políticas com visões e ideais distintos, mas temporariamente unidas pelo desejo mútuo de se fazer oposição contra o Império.

Diante de tais protestos, o então Imperador D. Pedro I viu-se sem escolha, e, no meio da madrugada do dia 7 de abril de 1831, receosamente entregou sua carta de abdicação, deixando o trono para o seu filho D. Pedro II, então com apenas 5 anos de idade. Poucas horas depois, os parlamentares presentes na corte já estariam escolhendo os membros que comporiam a Regência Trina Provisória e assim dariam início ao Período Regencial, previsto por lei e que duraria até que D. Pedro II atingisse a maioridade.

Foram escolhidos três senadores para compor a Regência Trina Provisória: Francisco de Lima e Silva, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro e José Joaquim Carneiro de Campos. Todos os três faziam parte do grupo dos *liberais moderados*, e com isso, ficou claro que a aliança entre eles e o grupo dos *liberais exaltados* foi nada mais que um arranjo temporário, e nunca houve intuito algum de mantê-lo após o seu objetivo ter sido atingido.

Desta forma, com a dissolução da aliança entre as facções liberais, ambos grupos voltaram a se opor dentro da arena política, pois por mais que ambos lados se denominassem liberais, o pensamento político e econômico de ambos não podia ser mais diferente. Os *liberais moderados*, Segundo Basile, eram em sua maioria conservadores, e prezavam a manutenção da ordem imperial, tendo a seguinte linha de pensamento:

> *"(...) os moderados apresentavam-se como seguidores dos postulados clássicos liberais, tendo em Locke, Montesquieu, Guizot e Benjamin Constant suas principais referências doutrinárias; almejavam (e conseguiram) promover reformas político-institucionais para reduzir os poderes do imperador, conferir maiores prerrogativas à Câmara dos Deputados e autonomia ao Judiciário, e garantir a observância dos direitos (civis, sobretudo) de cidadania previstos na Constituição, instaurando uma liberdade "moderna" que não ameaçasse a ordem imperial."*
>
> *(Basile, 2008, Pág: 61)*

Este desejo de manter a ordem imperial ia diretamente contra a linha de pensamento dos *liberais exaltados*, que defendiam uma vertente muito mais radical do liberalismo, praticamente incompatível com um estado monárquico, pois eram a favor de maior autonomia das províncias, além de defenderem outras medidas controversas, como a abolição gradual da escravidão. Os *exaltados* são descritos da seguinte forma pelo autor:

> *"adeptos de radical liberalismo de feições jacobinistas, matizadas pelo modelo de governo americano, estavam os exaltados, que, inspirados sobretudo em Rousseau, Montesquieu e Paine, buscavam conjugar princípios liberais clássicos com ideais democráticos, pleiteavam profundas reformas políticas e sociais, como a instauração de uma república federativa, a extensão da cidadania política e civil a todos os segmentos livres da sociedade, o fim gradual da escravidão,*

> *relativa igualdade social e até uma espécie de reforma agrária."*
>
> *(Basile, 2008, Pág: 61)*

Desta forma, não é de se surpreender que ambos os lados protagonizariam diversos embates na arena política. Além disso, uma terceira facção viria a se formar ainda durante o Período Regencial, denominada de *caramurus*. Basile os descreve da seguinte maneira:

> *"(...) alinhados à vertente conservadora do liberalismo, tributária de Burke, eram contrários a qualquer reforma na Constituição de 1824 e defendiam monarquia constitucional firmemente centralizada, nos moldes do Primeiro Reinado, em casos excepcionais chegando a nutrir anseios restauradores."*
>
> *(Basile, 2008, Pág: 61)*

Através destes três grupos, podemos ver as diferentes interpretações de liberalismo que permeavam o cenário político brasileiro na época, com a linha de pensamento dos *liberais moderados* e *caramurus* sendo o que o político Rodrigo de Souza Coutinho descreveu na época como "buscavam o novo, mas simultaneamente queriam manter o antigo", apontando a contradição existente na linha de pensamento destas facções que pregavam o liberalismo econômico ao mesmo tempo que defendiam o conservadorismo político.

Assim que a Assembléia Geral retornou do recesso, confirmou-se o que os *exaltados* temiam: com a eleição da Regência Trina Permanente ocorrendo em 17 de junho de 1831, e elegendo o brigadeiro Francisco de Lima e Silva, único membro da Regência Trina Provisória a ser mantido, com as outras duas cadeiras sendo ocupadas pelos deputados João Braulio Muniz e José da Costa Carvalho, ambos também *moderados*, a Regência permaneceu sob poder de seus rivais. Para piorar a situação dos *exaltados*, os *moderados* tiveram outra vitória com a nomeação de Diogo Antônio Feijó, um de seus membros mais conservadores, para o cargo de Ministro da Justiça, cadeira de extrema

importância no momento conturbado em que o país se encontrava, e que possibilitou a criação da Guarda Nacional em 1832, que viria a ser uma das principais armas do governo regencial contra as revoluções que estavam por vir.

O mesmo Diogo Antônio Feijó viria a concorrer, anos depois, na primeira eleição para regente único, ocorrida em 1835, e nela derrota seu oponente, o *exaltado* Antônio Francisco de Paula de Holanda Cavalcanti de Albuquerque, dando início à Regência Una de Feijó. Este período foi marcado pelo início de duas das maiores revoltas do Período Regencial: a Cabanagem, que teve início em 6 de janeiro de 1835 no Pará, e a Revolução Farroupilha, que estourou na região sul do país em 20 de setembro de 1835.

A Regência Uma de Feijó, porém, não duraria muito: entre as rebeliões que eclodiram no país durante seu governo, os constantes ataques políticos provindos de seus adversários e sua saúde frágil, Diogo Feijó não conseguiu governar da forma como ele e seus aliados esperavam, vindo a renunciar do cargo de regente em 19 de setembro de 1837 e nomeando o conservador Pedro de Araújo Lima como seu substituto, formalizando assim o início da Regência Interina.

Um ano depois, Pedro de Araújo Lima seria eleito regente único, ao vencer Antônio Francisco de Paula de Holanda Cavalcanti de Albuquerque, que decidira concorrer novamente ao cargo, nas eleições ocorridas em 1838. A Regência Una de Araújo Lima ficou conhecida pela nomeação de um quadro de ministros majoritariamente conservadores, e com isso trouxe o fim de diversas políticas liberais implementadas anteriormente, além de acirrar o combate das revoltas que estavam em andamento pelo país, escolhendo reprimir muitas delas de forma violenta e conseguindo assim abafá-las rapidamente.

Dessa forma, a elite política brasileira nesse período se encontrava, em sua maioria, dividida entre duas vertentes liberais distintas, e essa polarização foi a principal causa de muitas das rebeliões e manifestações que estourariam durante este período.

CAPÍTULO 2

AS REVOLTAS DURANTE O PERÍODO REGENCIAL

Com o cenário de instabilidade política apresentado, não é de surpreender que o período regencial foi marcado por diversas revoltas e manifestações por todo o território brasileiro. A polarização política misturada com a crescente pressão advinda da insatisfação das massas populares, principalmente com as taxações implementadas pelo governo regencial e a instalação de presidentes provinciais pelo país, por diversas vezes eclodiu em manifestações violentas, de proporções e duração variadas, e em sua maioria organizadas ou influenciadas pelos grupos dos *exaltados* ou *caramurus*, que eram minoria política e desta forma não haviam como bater de frente na arena política contra o poder que os *moderados* haviam acumulado durante a transição do Primeiro Reinado para o Período Regencial.

Entre as revoltas ocorridas durante o período regencial, merecem destaque pelas suas proporções, efeitos e duração a *Cabanagem*, a *Balaiada*, a *Sabinada* e a *Revolução Farroupilha*.

A *Cabanagem*, ocorrida no Pará entre 1835 à 1840, e misturou tanto as camadas mais pobres da sociedade, compostas majoritariamente por minorias raciais que lutavam contra males como a doença e a fome e protestavam contra a desigualdade social, quanto fazendeiros brancos e parte da classe média da região, que estavam insatisfeitos com o pouco poder político que a região tinha e sua falta de influência na tomada de decisões após a instalação dos governos provinciais. Ricci (2006) apresenta relatos que ditam ser possível encontrar, entre os cabanos, “desde o índio puro até as mais variadas formas de mestiçagem com pretos e brancos”, representando perfeitamente o poder desse movimento, que unificou diferentes grupos da região contra o governo regional.

A *Balaiada*, ocorrida no Maranhão entre 1838 e 1841, e contou com a participação de escravos, camponeses, índios entre outros grupos vulneráveis, que protestavam contra a pobreza generalizada que assolava a região e a tirania política regional advinda da implementação da Lei dos Prefeitos, que conferia aos presidentes das províncias total controle sob as prefeituras da região e permitindo-os a nomeação de prefeitos sem qualquer tipo de eleição, poder esse

que era abusado pelos mesmos para conferir cargos à parentes, amigos e até a si próprios.

A *Sabinada*, ocorrida na Bahia entre 1837 e 1838, eclodiu devido ao forte sentimento de descontentamento que permeava a população baiana, com a região estando em constante crise, tanto política quanto econômica, desde o primeiro reinado. Além disso, as intervenções do governo na região de nada serviram fora para agravar ainda mais a situação, como a implementação dos presidentes provinciais, que apenas reduziram a autonomia da região, quanto durante o alistamento obrigatório que ocorreu na região devido à Guerra dos Farrapos. Tais medidas afetavam principalmente as comunidades mais vulneráveis da região, fazendo com que eles se unissem sob o comando de Francisco Sabino e tomassem a Câmara Municipal, onde declararam independência do governo regencial.

A *Revolução Farroupilha*, ocorrida no Rio Grande do Sul entre 1835 e 1845, foi a mais longa das revoluções ocorridas no Período Regencial, e teve como principal causa a insatisfação dos gaúchos com as políticas e medidas econômicas implementadas pelo governo, que ameaçavam a autonomia da qual os gaúchos gozavam. A implementação de presidentes provinciais e as políticas econômicas liberais implementadas no período regencial afetaram duplamente as margens de lucro dos produtores sulinos, pois houve tanto um aumento no imposto sob o sal importado, necessário para fabricar o charque, quanto uma redução no imposto de importação da carne bovina uruguaia, principal concorrente do charque gaúcho.

Com isso, os senhores da terra gaúchos começaram a se sentir extremamente prejudicados, e passaram a exigir políticas econômicas protecionistas, pois só assim poderiam competir com os preços estrangeiros. Estas exigências, porém, não iam a lugar algum, pois não só os gaúchos tinham pouquíssima representatividade dentro do governo regencial, que era composto majoritariamente por políticos, produtores e fazendeiros de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, mas essas exigências iam diretamente contra os interesses dos mesmos, o que tornava a situação mais revoltante ainda para os sulistas e levando-os ao ponto de ruptura que deu início a revolução separatista.

Como podemos ver pelos exemplos acima, não só a instalação dos presidentes provinciais teve conseqüências catastróficas em várias regiões do país, mas algumas das políticas econômicas liberais também tiveram impacto negativo principalmente nas populações menos afortunadas, causando assim convulsões sociais principalmente fora da região sudeste, onde estava concentrada a maior parte da riqueza do Brasil.

CAPÍTULO 3

PENSAMENTO ECONÔMICO E AS CONTRADIÇÕES DO LIBERALISMO NO BRASIL IMPÉRIO

Com a maior parte do poder político durante o período regencial concentrado nas mãos dos *liberais moderados*, que seguiam uma interpretação peculiar de liberalismo econômico mesclado com conservadorismo político e preocupado em manter o *status quo* da sociedade brasileira, monárquica e escravista, a tomada de decisões no que diz respeito à economia foi influenciada por essa contradição.

E o motivo pelo qual essa visão de liberalismo *à moda brasileira* ter sido a filosofia dominante durante a Regência pode ser traçada à dois nomes já citados anteriormente: José da Silva Lisboa, vulgo Visconde de Cairu, e Hipólito José da Costa.

José da Silva Lisboa foi um pensador e autor brasileiro do século XIX. Após seu primeiro contato com o pensamento liberal enquanto ainda trabalhava como professor, através de uma cópia da tradução de *Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*, de Adam Smith, ele se tornou um verdadeiro discípulo de Adam Smith, e se aprofundou cada vez mais no estudo do liberalismo econômico.

Entre suas obras e feitos, vale a pena destacar seu trabalho como Censor Régio da corte, cargo que o permitiu introduzir a Economia Política para dentro da tipografia oficial do país, ato que com que o primeiro livro publicado no Brasil fosse um livro de economia, escrito por ele mesmo, chamado de *Observações sobre o comércio franco no Brazil*, publicado em dois volumes lançados em 1808 e 1809.

Sua influência sob a Impressão Régia foi tanta, que segundo Rubens Borba de Moraes, José da Silva Lisboa foi o autor que mais teve obras publicadas pelo órgão do governo. Além disso, graças a sua influência, outras obras de Economia Política também foram publicadas pela primeira vez em solo brasileiro, como o *Compêndio da obra Riqueza das nações* de Adam Smith, e o *Discurso*

fundamental sobre a população – Economia política Moderna, de Jean Herrenschwand.

Porém, o pensamento de Silva Lisboa ainda sim tinha caráter moderado, com o mesmo sendo contrário à mudanças radicais e, por este motivo, por mais que defendesse o trabalho livre, ele tentava conciliar em suas obras o liberalismo econômico com a sociedade escravista em que vivia. Sobre a escravidão, Silva Lisboa dizia que “nas colônias da América onde o uso ou a inculcada necessidade de um clima ardente faz continuar o cativeiro dos negros da África pareceria justo que o soberano desse eficaz proteção ao escravo contra a tirania dos seus senhores”. A partir deste trecho, é possível ver como Silva Lisboa via a escravidão como algo inevitável em virtude da geografia do país, e para ele, era dever do Estado intervir para proteger os escravos, mas em suas palavras, somente “quando os maltratassem com severidades, sevícias, excesso de trabalho, falta de subsistência e curativo, como é provido pelas leis romanas”.

Isso porque, por mais que Silva Lisboa fosse um amante da economia política e de seus ideais de liberdade, esses ideais iam em direção contrária à toda a energia que a economia escravista brasileira apresentava, e por este motivo, ele não conseguia simplesmente negar ou abandonar a escravidão em suas obras, e, para não se contradizer completamente com a sociedade onde vivia, se limitava somente a defender a mitigação da escravidão, que para ele, era função do Estado. Desta forma, ele achou um modo de acomodar à sociedade em que vivia os pressupostos ideológicos da Economia Política sobre o caráter nocivo da escravidão, que por sua vez era refletida vertente de liberalismo seguida pelos *liberais moderados* e *caramurus*.

Já Hipólito José da Costa, escritor e jornalista brasileiro, foi importante para a formação do pensamento econômico brasileiro devido às suas publicações no *Correio Braziliense*, considerado o primeiro jornal do Brasil, onde veiculava seus ideais liberais. Influenciado fortemente pelo o movimento iluminista com o qual teve contato durante sua estada na Europa, Hipólito da Costa usou o *Correio Braziliense* para se posicionar contra o governo colonial e defender o liberalismo econômico e político.

De fato, segundo Cinque & Periotto (2005), em seu primeiro artigo no Correio Braziliense, em 1808, Hipólito da Costa já prometia “proporcionar aos brasileiros os conhecimentos que os arrancariam da escuridão imposta pelo atraso da vida colonial e os remetia a um estado de profunda ignorância”, demonstrando assim suas opiniões radicais e insatisfação com a situação corrente de seu país, que ainda era fortemente influenciado pelo conservadorismo português.

Ao longo das quase duas décadas em que o *Correio Braziliense* foi publicado, José da Costa abordou diversos temas, onde mostrava suas opiniões muitas vezes polêmicas sobre vários assuntos, como pode ser visto em suas análises sobre tratados comerciais. Segundo Almeida (2005), Hipólito se mostrava desconfiado do livre-cambismo e da abertura comercial irrestrita, e por este motivo sempre foi muito crítico aos tratados realizados em 1810 entre Portugal e Inglaterra, pois estes não eram igualmente vantajosos para ambos os lados, sendo benéfico mais para a Inglaterra do que para Portugal.

Outro tema que mostrava suas fortes opiniões era a escravidão: ao contrário de outros escritores da época, Hipólito da Costa não escondia seus ideais abolicionistas, e constantemente reforçava a necessidade de adoção de práticas mais avançadas de produção no Brasil, baseadas no trabalho livre, já que segundo ele, somente assim o país sairia da estagnação econômica na qual se encontrava, pois “basta lembrar que os senhores que possuem escravos vivem, em grandíssima parte, na inércia, pois não vêem precisados pela fome ou pobreza a aperfeiçoar a indústria, ou melhorar sua lavoura”.

Além disso, outro tema constantemente abordado pelo jornal era a independência do Brasil. Para Hipólito da Costa, o livre comércio e a manufatura eram essenciais para o desenvolvimento e progresso do país, mas para isso, seria necessário primeiro uma ressignificação das relações entre Brasil e Portugal. É importante ressaltar aqui, porém, que ele não falava numa total ruptura entre os dois países, mas sim apenas uma reestruturação, mostrando um viés moderado no pensamento de Hipólito.

De fato, tamanha era a importância da independência do Brasil para Hipólito, que a publicação do *correio braziliense* foi encerrada em 1822, justamente por causa da proclamação da independência do Brasil, pois segundo Hipólito da

Costa, com isso o *correio braziliense* havia se tornado desnecessário, pois não haveria mais necessidade de se publicar um jornal em território estrangeiro.

Ultimamente, tanto Cairu quanto Hipólito da Costa, por mais que defendessem fielmente o liberalismo, ainda sim procuravam concessões em seus artigos para que tais ideais pudessem ser aplicados à realidade brasileira da época, monarquista e escravocrata. Isso se deve ao fato de que ambos sabiam que seria impossível mudar o país do dia para noite (e nem queriam que isso acontecesse, pois Cairu mesmo era contra choques radicais e acreditava que o país não sobreviveria a uma mudança tão brusca), logo acreditavam ser necessário encontrar um equilíbrio entre o radical e o moderado, para que as mudanças e impactos causados pela implementação do liberalismo pudesse ocorrer de forma gradual e sem grandes choques à sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da revisão bibliográfica utilizada, podemos perceber que apesar do pensamento econômico dominante na época ser o liberalismo, cada facção política tinha sua própria maneira de entender o que é de fato esta corrente, com os grupos mais conservadores interpretando os preceitos do liberalismo econômico e político de forma distorcida e até mesmo contraditória.

Além disso, é possível destacar como essa mistura de liberalismo com o conservadorismo pode ter resultados catastróficos, com a implementação dos presidentes provinciais pelo Brasil sendo um exemplo perfeito disto, pois foi a combinação desta mudança com as políticas incentivando o livre comércio implementadas durante o período regencial o estopim da Revolução Farroupilha por exemplo, pois para os gaúchos, ambas decisões só trouxeram prejuízos para sua economia.

Porém, fica claro que este viés moderado pode ser atribuído aos autores liberais da época, como José da Silva Lisboa e Hipólito José da Costa, que pregavam um liberalismo com concessões, adequado à realidade do Brasil, ao mesmo tempo que o viam como ferramenta para transformar a nação brasileira em um país livre, progressivo e industrializado. De fato, é possível afirmar que pregar um liberalismo mais moderado foi justamente o que permitiu que ambos autores tivessem tanto sucesso em difundir suas filosofias entre as castas políticas, pois caso tivessem apresentado o liberalismo como uma corrente radical e revolucionária, talvez o mesmo não teria se tornado a corrente de pensamento predominante durante o período regencial, e os *liberais exaltados* serem minoria na época é prova disso.

Assim, podemos entender os motivos por trás das políticas implementadas nesta época, mesmo que em retrospecto não façam sentido, ao perceber como a visão de autores como Cairu e Hipólito da Costa eram apenas reflexo da época, pois ambos autores tinham pleno entendimento de que uma revolução radical e imediata seria impossível de ocorrer.

Os *liberais moderados* talvez também vissem o liberalismo da mesma maneira, e por este motivo escolheram seguir uma vertente mais conservadora desta

corrente, por mais que ultimamente suas políticas não tenham conseguido agradar nem conservadores ou liberais e muito menos apaziguar os males sofridos pelo povo brasileiro na época, resultando nas manifestações mencionadas e crises tanto políticas quanto econômicas que assolaram este período.

BIBLIOGRAFIA

SALLES, Ricardo; GRINBERG, Keila. O *Brasil Imperial Volume II – 1831 – 1870*. 2ª Ed, São Paulo: Grupo Record, 2010.

PEIXOTO, Antonio Carlos. et al. *O Liberalismo No Brasil Imperial: Origens, Conceitos e Prática.* 2ª Ed, São Paulo: Editora Revan, 2014.

BOSI, Alfredo. *A Escravidão entre Dois Liberalismos*. In: Estudos avançados 2 (3), Dez., 1988.

LYNCH, Christian; *O Conceito de Liberalismo no Brasil (1750-1850)*. Araucaria - Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades, N° 17, p.212-234, maio 2007.

LIMA, Heitor Ferreira. *História do Pensamento Econômico no Brasil.* São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1976.

FILHO, Rubem Barboza. *A modernização brasileira e o nosso pensamento político*. In: Perspectivas, São Paulo, v. 37, p.15-64, jan./jun. 2010.

ROCHA, Antonio Penalves. *José da Silva Lisboa: Visconde de Cairu*. São Paulo: Editora 34, 2001.

COSENTINO, Daniel do Val. *Formação do Pensamento Econômico Brasileiro no século XIX*. Tese de Doutorado. História Econômica, FFLCH-USP, São Paulo, 2016.

CINQUE, Fernanda Regina. PERIOTTO, Marcília Rosa. *Educar para a Nação: Escravidão e Desenvolvimento do Brasil no Pensamento de Hipólito José da Costa.* Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.17, p.43-57, mar. 2005

ARRUDA, José Jobson de Andrade. *Historiografia: Teoria e Prática*. São Paulo: Editora Alameda, 2014.

ROCHA,Antonio Penalves. A *Economia Política na Sociedade Escravista*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. *Hipólito José da Costa: Pioneiro do Pensamento Econômico Brasileiro*. 2010. Disponível em: <https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=55> Acesso em 29/08/2023 as 20 hrs.

OLIVEIRA, Milena Fernandes. *Hipólito José da Costa e as ideias econômicas d'O Correio Braziliense*. Intellèctus, Ano XVI, n. 1, p.106-130, 2017.

CAPITULO II

O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840)

Marcello Basile

Fase mais conturbada da história do Brasil, o período regencial é tradicionalmente visto sob perspectiva negativa, que o caracteriza como época anárquica e anômala, como empecilho à formação e à preservação da nação brasileira. A construção inicial dessa imagem, presente em autores que posteriormente marcaram a historiografia sobre a Regência, remonta, sobretudo, às obras de historiadores e políticos *conservadores* do Segundo Reinado, como Justiniano José da Rocha, visconde do Uruguai, Pereira da Silva, Moreira de Azevedo e Joaquim Nabuco.[1] Enfatizavam os problemas imputados ao "espírito democrático", ao excesso de liberdade, à fraqueza do governo, à insuficiência das leis, à instabilidade das instituições, à descentralização política, ao radicalismo dos grupos de oposição (*exaltados* e *caramurus*), à insubordinação das tropas, à participação da populaça, às sucessivas revoltas, à desordem generalizada, que ameaçariam a integridade nacional; quadro, enfim, que ia frontalmente de encontro à imagem de estabilidade, unidade e ordem que faziam do império e que foi amplamente legada à posteridade. Interpretação mais positiva encontra-se, por outro lado, no discurso de *liberais* como Francisco de Salles Torres Homem, Theophilo Ottoni, Cristiano Benedito Ottoni e Tavares Bastos, que retratavam a Regência como a singular fase de triunfo das liberdades necessárias ao progresso da nação; momento que teria sido abortado a partir da ascensão do "regresso".[2]

Foi, contudo, a visão anômica que, com diferentes matizes, deixou marcas mais profundas na historiografia. É o que já evidencia o notável conjunto de biografias dos "fundadores do império" produzido por Octavio Tarquinio de Souza entre as décadas de 1930 e 1950.[3] Malgrado a notória importância da obra, aí também se observa nítido olhar de re-

provação para com os *exaltados*, os *caramurus* e suas propostas, as revoltas e seus participantes, e tudo que era tido como ameaça à ordem, ao governo e às instituições monárquicas; em contrapartida, é geralmente bem-vista a ação dos *moderados*, cujos valores e discurso são muitas vezes reproduzidos de maneira acrítica. Esse estudo é, ainda hoje, a maior referência sobre o assunto, evidenciando a pouca atenção merecida pela Regência por parte dos historiadores. Tanto assim que muito se deve também às obras pioneiras de Moreira de Azevedo — sobretudo as relativas às revoltas e associações —, publicadas nas décadas de 1870 e 1880, que assumem abertamente a defesa dos moderados.[4] Outro trabalho sempre citado, e bem mais recente, é o artigo de Paulo Pereira de Castro, que faz boa síntese do período, original mais pela proposta do que pelo conteúdo; apesar de pouco avançar em termos de pesquisa, apresenta visão mais equilibrada das lutas políticas regenciais.[5]

A partir do final da década de 1970, com o desenvolvimento dos cursos de pós-graduação no Brasil, novas pesquisas revigoraram os estudos sobre a Regência, abordando em profundidade objetos mais específicos e assim definindo algumas áreas temáticas.[6] Uma das mais promissoras é a que se dedica aos grupos políticos e seus espaços de ação. Refletindo a importância crucial adquirida nesse momento, a imprensa afigura-se como campo-chave de estudo. Além das clássicas análises panorâmicas e descritivas acerca da produção jornalística regencial, úteis para contato inicial com o assunto,[7] destacam-se os trabalhos de Arnaldo Contier, abordagem histórica e linguística do vocabulário político e social da imprensa de São Paulo e suas matrizes ideológicas; de Vera Fürstenau, centrado na seção de correspondência dos periódicos do Rio de Janeiro, enquanto espaço de comunicação entre os leitores e deles com as autoridades; de Ivana Lima, articulando as propostas políticas dos jornais fluminenses com as construções de identidades étnicas e designações raciais relativas à noção de mestiçagem; e de Marcello Basile, acerca dos diferentes projetos políticos veiculados na imprensa da corte.[8]

Igualmente bastante atuantes no período, as associações constituem outro vasto campo a ser explorado. Além do citado artigo de Moreira de Azevedo, que se limita a fazer um inventário das sociedades, tratam

do assunto as obras de Augustin Wernet, sobre as agremiações políticas de São Paulo (sobretudo a Sociedade Defensora); de Lucia Guimarães, que aborda a Defensora do Rio de Janeiro; de Marco Morel, que traça amplo panorama do movimento associativo fluminense, incluindo as atividades maçônicas; de Marcello Basile, relativo às quatro associações representantes das facções políticas da corte; um capítulo de Manuel Correia de Andrade e outro de Silvia Fonseca, dedicados à Sociedade Federal de Pernambuco; e, enfocando duas entidades de caráter não político — a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e a Sociedade Amante da Instrução —, os estudos de José Werneck da Silva e de Genaro Rangel.[9]

Importantes para a compreensão acerca da organização das facções políticas regenciais e de suas propostas são também obras como a de Alcir Lenharo, que aponta para as ligações do grupo de produtores e comerciantes do interior de Minas Gerais dedicado ao abastecimento da corte com os *moderados*; de Wlamir Silva, sobre a construção da hegemonia *moderada* em Minas Gerais; de Marco Morel, analisando primeiro a trajetória do líder *exaltado* Cipriano Barata e depois o processo de formação do espaço público moderno fluminense, com suas redes de sociabilidade política, nas décadas de 1820 a 1840; e as já citadas de Marcello Basile.[10] Acrescente-se o trabalho de Miriam Dolhnikoff, que pretende postular que o projeto federalista não foi derrotado, mas vitorioso no império após o ato adicional, inclusive durante o Segundo Reinado, sendo isso responsável pela unidade nacional.[11] Por fim, há o estudo de Jeffrey Needell sobre as origens do Partido Conservador na Regência, com a formação do Regresso.[12]

O tema mais visitado pelos historiadores é o das revoltas regenciais. A grande maioria, entretanto, concentra-se sobre movimentos de maior amplitude nas províncias, como a Cabanagem, a Balaiada, a Sabinada, a Revolução Farroupilha e a Cabanada.[13] Alguns poucos trabalhos, todavia, já se debruçam sobre outras manifestações semelhantes (como a revolta de Pinto Madeira e Benze-Cacetes, em 1831-1832, no Ceará; a Setembrada e a Novembrada, em 1831, a Abrilada, em 1832, e as Carneiradas, em 1834-1835, todas em Pernambuco; os distúrbios de abril de 1831 e os seis levantes federalistas de 1832-1833, em Salvador; a revolta do Ano

da Fumaça, em 1833, em Ouro Preto; a Rebelião Cuiabana, em 1834, no Mato Grosso; e os oito movimentos de protesto na corte, de 1831 a 1833), que, malgrado suas dimensões mais modestas, foram bem mais numerosas e disseminadas pelo império, causando, no conjunto, impacto quase tão profundo quanto o das grandes revoltas.[14] Nessa perspectiva situam-se ainda outros tipos de movimentos contestatórios, como as rebeliões escravas (Carrancas, em Minas Gerais; Malês, na Bahia; Manoel Congo, no Rio de Janeiro),[15] os conflitos cotidianos antilusitanos — estudados por Gladys Ribeiro, que evidencia a intensa participação popular em meio às disputas políticas na corte, no contexto de construção da "liberdade" e de formação da identidade nacional[16] — e a Cemiterada, na Bahia[17].

Área que começa a ser explorada, nesse entrecruzamento de manifestações políticas e sociais, é a das festividades cívicas regenciais, que cumpriram importante papel na mobilização das mais diversas camadas sociais e na afirmação dos valores nacionais. Destacam-se aí os trabalhos de Hendrik Kraay, que analisa as manifestações cívicas na Bahia e no Rio de Janeiro pós-independência, assinalando os rituais peculiares — nem sempre conforme as expectativas oficiais, mas expressando lealdade ao Estado — introduzidos pela intensa participação popular; de Carla Chamon, sobre as festas cívicas de Minas Gerais, realizadas em 1815 (celebrando a criação da fábrica de ferro do Morro do Pilar, no arraial do Tejuco), em 1831 (abdicação de d. Pedro I) e em 1845 (fim da Revolução Farroupilha); e de Marcello Basile, que aborda o processo de desenvolvimento e de retração das festas cívicas da corte enquanto instrumento de ação política.[18]

Verifica-se, portanto, que, apesar dos avanços recentes, e ao contrário do que pensa Rollie Poppino,[19] ainda há muito o que pesquisar sobre o período regencial, até para se ir além de antigas obras importantes que permanecem como referências quase únicas em temas fundamentais. Há amplo espaço aberto para novos estudos, que deem conta, particularmente, de toda a singularidade e riqueza da época em termos, sobretudo, de organização, discussão e participação políticas, tanto em relação à corte, quanto às distintas realidades provinciais.

A VACÂNCIA DO TRONO E A DIVISÃO DAS ELITES REGENCIAIS

O 7 de abril — movimento que levou à abdicação de d. Pedro I, em 1831 — foi definido por Joaquim Nabuco como mero "desquite amigável entre o Imperador e a nação, entendendo-se por nação a minoria política que a representa";[20] já o inglês John Armitage, testemunha ocular do evento, julgava-o "nada mais (...) do que uma sedição militar".[21] Tais interpretações, no entanto, obscurecem a complexidade de um processo marcadamente conflituoso, que envolveu diferentes atores sociais, com expectativas diversas, negligenciando toda sua dimensão popular. Muito mais do que produto de um simples arranjo das elites, a sintomaticamente chamada Revolução do 7 de abril foi resultado não só das tramas urdidas na imprensa, no Parlamento, nas sociedades secretas e nos quartéis, mas também da forte pressão popular; participação essa manifesta nos frequentes movimentos de protesto, envolvendo até centenas de pessoas, que se multiplicaram pelas ruas da corte no mês de março e na primeira semana de abril, e que culminaram na grande mobilização do dia 6, reunindo nada menos do que cerca de quatro mil pessoas. Conforme assinalou Arnaldo Fazoli Filho, "A crise que derrubou o Primeiro Reinado contou com um ingrediente novo e sumamente representativo: a participação ativa das massas populares, ligadas, no início, aos indivíduos de mais radical oposição ao absolutismo".[22] Evento emblemático, o 7 de abril consagrou o espaço público como arena de luta dos mais diversos grupos políticos e camadas sociais, marcando a emergência de novas formas de ação política, em momento no qual, transbordando a tradicional esfera dos círculos palacianos e das instituições representativas, tornava-se pública, e se assistia a uma rápida politização das ruas.[23]

À frente desse movimento estavam os *liberais moderados* e *exaltados*, facções políticas com projetos e linhas de ação distintos, mas que então formaram um bloco de oposição a d. Pedro. Organizados já em 1826, os *moderados* reuniam uma nova geração de políticos provenientes, sobretudo, do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, vinculados, como apontou Lenharo, aos produtores e comerciantes do interior mineiro, ligados ao abastecimento da corte e associados a indivíduos oriundos da

pequena burguesia urbana e do setor militar; grupo cuja projeção socioeconômica não correspondia à participação almejada no governo imperial.[24] Os *liberais exaltados* organizaram-se pouco depois, em torno de 1829, em meio ao acirramento da crise política; apresentavam perfil social mais heterogêneo, pertencendo, em geral, às camadas médias urbanas (em particular, profissionais liberais e funcionários públicos civis, militares e eclesiásticos) e com pouquíssima representatividade nos quadros da elite política imperial.[25]

A frágil e estratégica aliança entre os dois grupos não resistiria, porém, às consequências de seu grande feito — a abdicação celebrada como o advento de nova e auspiciosa era, como "revolução gloriosa", dia em que "começou a nossa existência nacional", fruto da "patriótica união do Povo e Tropa".[26] Todavia, o espírito inicial de congraçamento, euforia e esperança logo deu lugar a tensões e conflitos decorrentes das diferenças marcantes entre as duas facções. A vacância do Trono deflagrou violenta disputa pelo poder regencial, prontamente ocupado pelos *moderados*, que se achavam mais bem articulados politicamente. A composição da Regência Trina Provisória — escolhida na manhã de 7 de abril pelos parlamentares presentes na corte até que a Assembleia Geral, então em recesso, nomeasse outra para governar durante a menoridade de d. Pedro II — já deixava clara a direção *moderada* e a exclusão dos *exaltados*: o brigadeiro Francisco de Lima e Silva e os senadores Nicolau Pereira de Campos Vergueiro e José Joaquim Carneiro de Campos (marquês de Caravelas). Confirmou esta tendência a escolha, em junho, da Regência Trina Permanente, formada pelo mesmo Lima e Silva e pelos deputados João Braulio Muniz e José da Costa Carvalho, todos *moderados*. No mês seguinte, a nomeação de Diogo Feijó, um dos mais ortodoxos próceres daquela facção, para o Ministério da Justiça — pasta estratégica naqueles tempos de aguda instabilidade política e social, responsável pelo controle policial e pela manutenção da ordem pública — sepultou as esperanças dos *exaltados*. Para estes, "O sete de abril foi um verdadeiro *journée des dupes*", como bem definiu o então líder *exaltado* mineiro Teophilo Ottoni, que concluiu: "vi com pesar apoderarem-se os

moderados do leme da revolução, eles que só na última hora tinham apelado conosco para o juízo de Deus!".[27]

Tais disputas expressavam, essencialmente, a existência de diferentes projetos políticos. Situados ao centro do campo político imperial, os *moderados* apresentavam-se como seguidores dos postulados clássicos liberais, tendo em Locke, Montesquieu, Guizot e Benjamin Constant suas principais referências doutrinárias; almejavam (e conseguiram) promover reformas político-institucionais para reduzir os poderes do imperador, conferir maiores prerrogativas à Câmara dos Deputados e autonomia ao Judiciário, e garantir a observância dos direitos (civis, sobretudo) de cidadania previstos na Constituição, instaurando uma liberdade "moderna" que não ameaçasse a ordem imperial. À esquerda do campo, adeptos de radical liberalismo de feições jacobinistas, matizadas pelo modelo de governo americano, estavam os *exaltados*, que, inspirados sobretudo em Rousseau, Montesquieu e Paine, buscavam conjugar princípios liberais clássicos com ideais democráticos; pleiteavam profundas reformas políticas e sociais, como a instauração de uma república federativa, a extensão da cidadania política e civil a todos os segmentos livres da sociedade, o fim gradual da escravidão, relativa igualdade social e até uma espécie de reforma agrária. Um terceiro grupo concorrente organizou-se logo no início da Regência, os chamados *caramurus*. Posicionados à direita do campo e alinhados à vertente conservadora do liberalismo, tributária de Burke, eram contrários a qualquer reforma na Constituição de 1824 e defendiam monarquia constitucional firmemente centralizada, nos moldes do Primeiro Reinado, em casos excepcionais chegando a nutrir anseios restauradores.[28] Tais projetos revelam concepções e propostas distintas acerca da nação que esses grupos, cada qual a sua maneira, pretendiam construir, e se inserem em uma cultura política multifacetada ou híbrida, que combinava as ideias mais avançadas do liberalismo com resíduos absolutistas do Antigo Regime.

AS ARENAS POLÍTICAS

Parlamento, imprensa, associações, manifestações cívicas e movimentos de protesto ou revolta constituíram os instrumentos principais de ação política no período regencial.

A crise oriunda das divisões no interior das elites política e intelectual possibilitou a entrada em cena de novos atores políticos e de camadas sociais até então excluídas de qualquer participação ativa, egressas não só dos setores médios urbanos, como também dos estratos de baixa condição social. Nas principais cidades do império, assiste-se à politização das ruas; a política ultrapassa o tradicional espaço dos círculos palacianos e das instituições representativas e transborda para a emergente esfera pública,[29] valorizada como instância legítima de participação, palco de desenvolvimento de uma embrionária, porém ativa, opinião pública. Esse fenômeno seria registrado, décadas depois, pelo mineiro Francisco de Paula Rezende, que vivera sua infância na Regência:

> (...) nesse tempo o Brasil vivia, por assim dizer, muito mais na praça pública do que mesmo no lar doméstico; ou, em outros termos, vivia em uma atmosfera tão essencialmente política que o menino, que em casa muito depressa aprendia a falar liberdade e pátria, quando ia para a escola, apenas sabia soletrar a doutrina cristã, começava logo a ler e aprender a constituição política do império.
>
> Daqui resultava que não só o cidadão extremamente se interessava por tudo quanto dizia respeito à vida pública; mas que não se apresentava um motivo, por mais insignificante que fosse, de regozijo nacional ou político, que imediatamente todos não se comovessem, ou que desde logo não se tratasse de cantar um *Te-Deum* mais ou menos solene e ao qual todos, homens e mulheres, não deixavam de ir assistir; ou que não fosse isto ocasião para que à noite, pelo menos, se tratasse de pôr na rua uma bonita *alvorada*, mais ou menos estrondosa.[30]

Ainda que no Parlamento os debates fossem mais circunscritos e contidos, em ambiente de austeridade preservado tanto quanto possível das

ideias e ações mais radicais observadas em outras arenas políticas, Câmara e Senado não escapavam das pressões advindas do clamor público — manifestas tanto na imposição de temas à agenda política como na presença popular massiva nas sessões legislativas[31] — e tampouco das clivagens que demarcavam as facções políticas. Havia cem cadeiras na Câmara dos Deputados na segunda legislatura (1830-1833),[32] número que na terceira (1834-1837) passou para 104[33] e na quarta (1838-1841) caiu para 101, em virtude de não haver representantes do Rio Grande do Sul (devido à Revolução Farroupilha). O Senado, por sua vez, originalmente composto por 50 membros vitalícios,[34] durante todo o período regencial teve 24 senadores nomeados.[35] Se havia menos disparidade na composição política da câmara alta, com amplo predomínio dos *caramurus* e, mais tarde, dos *regressistas*, na baixa a divisão de forças era mais complexa. Dos 123 deputados (incluindo, além dos eleitos, os suplentes que assumiram vaga) que atuaram na segunda legislatura, identifiquei a tendência política de 89 (72,36%); destes, 47 (52,81%) filiavam-se aos *moderados*; 35 (39,33%) aos *caramurus*; e apenas sete (7,86%) aos *exaltados*. Os dados atestam, por um lado, a supremacia dos *moderados*, senhores do governo regencial, na Câmara dos Deputados, e, por outro, a fraquíssima representatividade dos *exaltados* no seio das instituições políticas formais, o que fazia com que, em escala nacional, a atuação política do grupo ficasse restrita às arenas informais do espaço público. Quanto aos *caramurus*, sua elevada presença na Câmara chega a surpreender, demonstrando que não tinham força só no Senado e que mesmo naquela Assembleia tinham condições de incomodar os *moderados*. Entre estes últimos havia líderes como Evaristo da Veiga, Diogo Feijó, Bernardo Pereira de Vasconcellos, José Custodio Dias, José Bento Ferreira de Mello, Odorico Mendes, Carneiro Leão, Francisco de Paula Araujo, Miranda Ribeiro e Araujo Vianna. Entre os *caramurus* sobressaíam Hollanda Cavalcanti, Martim Francisco de Andrada, Miguel Calmon, Araujo Lima, José Clemente Pereira, Francisco Montezuma, Antonio Rebouças e Lopes Gama. Na bancada *exaltada* estavam Antonio Ferreira França, seu filho Ernesto Ferreira França, Venancio Henriques de Rezende, José Lino Coutinho, Antonio de Castro Alvares, José Mendes Vianna e Luiz Augusto May.

Já na terceira legislatura, salvo poucas exceções, não havia, em geral, identidades políticas bem definidas, pois foi período de transição entre as antigas três facções e as que começaram a se esboçar a partir de 1835: o *Regresso* e o *Progresso*. Na época das eleições, realizadas em março de 1833, a maioria dos deputados eleitos (dois terços, segundo a *Aurora Fluminense*[36]) ligava-se aos *moderados*. Tal arranjo, porém, mal se sustentou durante o primeiro ano da legislatura, começando a ruir logo após a aprovação, em agosto de 1834, do ato adicional — tópico herdado do quadriênio anterior e que ainda mobilizava as antigas identidades políticas. Pouco depois, com a saída de cena de *caramurus*, *exaltados* e *moderados*, tem início o *Regresso*, articulado por ex-*moderados*, como Bernardo de Vasconcellos, Carneiro Leão e Rodrigues Torres, aos quais aderiram antigos *caramurus*, como Araujo Lima e Miguel Calmon. Mas o arranjo parlamentar do *Regresso* não se fez de hora para outra; foi processo que se estendeu de 1835 a 1837, de modo que as adesões não foram imediatas e sim conquistadas aos poucos, a partir do desgaste dos *moderados* e do novo governo. Até então, a tendência política que prevalecia na Câmara era a crescente oposição à Regência, sem que isso necessariamente implicasse incorporação ao bloco *regressista* ou a qualquer outro. O mesmo se passou com o *Progresso*, que paulatinamente surgiu em resposta ao *Regresso*, aglutinado por homens como Antonio Limpo de Abreu, Manoel do Nascimento Castro e Silva, Francisco de Souza Martins e José Thomaz Nabuco de Araujo. As disposições políticas na legislatura de 1834-1837 eram, portanto, bastante indefinidas, oscilantes e fragmentadas, convivendo confusamente *moderados*, *caramurus* e *exaltados* remanescentes, despojados de referenciais; oposicionistas e governistas sem identidade partidária; e *regressistas* e *progressistas* já constituídos. Além disso, poucos se assumiam como tais, e vários mudavam de posição, tornando muito forçado agrupar esses deputados sob rótulos de facções específicas, antecipando posturas que só mais tarde foram definidas. Somente na quarta legislatura as tendências políticas ficarão mais definidas, com a polarização entre *regressistas* e *progressistas*.[37] É nesse mesmo período que Senado e Câmara (guardando esta última sempre maior di-

versidade) irão, afinal, apresentar maior sintonia e caminhar juntos, empunhando firmemente a bandeira do Regresso.

A imprensa conheceu desenvolvimento sem precedentes na década de 1830. Verifica-se, em particular nesses primeiros anos, vertiginoso crescimento de publicações nos centros em que já havia tipografias — Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão, Pará, Minas Gerais, Ceará, Paraíba, São Paulo, Rio Grande do Sul e Goiás —, aos quais se vieram somar, até 1840, Santa Catarina, Alagoas, Rio Grande do Norte, Sergipe e Espírito Santo.[38] Esse desenvolvimento da imprensa vinculava-se intimamente às disputas políticas, à emergência de diferentes projetos políticos e à mobilização da opinião pública. Foi a arena na qual os debates transcorreram com maior abertura e amplitude, além de franca virulência, facilitados pela relativa liberdade de expressão e pela prática comum do anonimato. Jornais e panfletos foram os grandes responsáveis pela produção e difusão da cultura política, ultrapassando até a barreira do analfabetismo, uma vez que os impressos eram habitualmente lidos e comentados em voz alta em público, o que multiplicava seu poder de comunicação. Exerceram, assim, vigorosa pedagogia política como principais veículos de expressão de ideias e de propaganda das facções concorrentes. Importantes jornais desempenharam esse papel, como *Aurora Fluminense*, redigida por Evaristo da Veiga, *Nova Luz Brasileira*, de Ezequiel Corrêa dos Santos, *Caramuru*, de David da Fonseca Pinto, e *Sete d'Abril*, orientado por Bernardo Pereira de Vasconcellos, todos na corte; em Minas Gerais, *O Universal*, sob inspiração também deste último, *O Astro de Minas*, de Baptista Caetano de Almeida, e a *Sentinella do Serro*, de Teophilo Ottoni; em São Paulo, *Novo Farol Paulistano*, de José Manoel da Fonseca, Francisco Bernardino Ribeiro e João da Silva Carrão, *O Justiceiro*, de Diogo Feijó, e *A Voz Paulistana*, de F. S. B. Garcia; na Bahia, *Novo Diário da Bahia*, de Francisco Sabino da Rocha Vieira, *A Luz Bahiana*, de João Carneiro Rego Filho, e *O Precursor Federal*, de Luiz Gonzaga Pau Brasil; em Pernambuco, *Bússola da Liberdade*, de João Barboza Cordeiro, *O Carapuceiro*, de Lopes Gama, e *O Olindense*, redigido por Bernardo de Sousa Franco e por Alvaro e Sergio Teixeira de Macedo; no Maranhão, *Pharol Maranhense*, de José Candido de Moraes e Silva,

Chronica Maranhense, de João Francisco Lisboa, e O *Bem-te-vi*, de Estevão Raphael de Carvalho; no Pará, *Publicador Amazoniense*, de Baptista Campos, O *Desmascarador*, de Antonio Feliciano da Cunha e Oliveira, e *Sentinela Maranhense: na Guarita do Pará*, de Vicente Lavor Papagaio; no Rio Grande do Sul, O *Recopilador Liberal*, de Manoel Ruedas; *Constitucional Rio-Grandense*, de Pedro José de Almeida, e O *Inflexível*, de Joaquim José de Araujo; além dos jornais publicados em mais de uma província, como *Sentinela da Liberdade*, de Cipriano Barata, em suas "guaritas" da Bahia, do Rio de Janeiro e de Pernambuco, e O *Republico*, de Borges da Fonseca, com fases na corte e na Paraíba.

A atividade jornalística esteve atrelada a um notável surto associativo. Segundo Moreira de Azevedo, só em 1831 mais de cem associações públicas foram criadas em todo o Império.[39] Não obstante a permanência e até o reforço de formas tradicionais de sociabilidade (instituições de caridade, como irmandades religiosas e a Santa Casa da Misericórdia), prolifera então ampla e variada gama de novas entidades, de caráter político, literário, pedagógico, artístico, científico, econômico, corporativo, filantrópico e de auxílio mútuo.[40] O associativismo regencial apresentava ainda outra peculiaridade: a publicidade. Se persistiam as sociedades secretas, como a Maçonaria — que, depois de proibida por d. Pedro I em 1823, voltou à ativa em novembro de 1831, com a reabertura da loja Grande Oriente do Brasil[41] —, foram as sociedades públicas que se sobressaíram nesse momento, expressando o novo caráter do movimento associativo e outra forma de fazer política, mais imbuída do *espírito público*, caro à cultura política liberal. Os homens da época vinculavam o fenômeno ao novo tempo de liberdade advindo com a Revolução do 7 de Abril.[42] Nesse sentido, as três facções políticas do início da Regência utilizaram o novo espaço como um mecanismo de ação política, criando associações, espalhadas por todo o império, identificadas a seus interesses. Os *moderados* fizeram-se representar pela poderosa Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional; os *exaltados*, pela Sociedade Federal; e os *caramurus*, pela Sociedade Conservadora da Constituição Jurada do Império do Brasil e pela Sociedade Militar.[43] Mais do que núcleos de sociabilidade, arregimentação e propaganda política, essas entidades

constituíam grupos de pressão sobre o governo e o Parlamento, afigurando-se como interlocutoras legítimas no debate político.

Toda a efervescência encontrada no Parlamento, na imprensa e nas associações ecoava intensamente, e era também referenciada, em inúmeros movimentos de rua, festivos ou de protesto. Os primeiros transcorriam, sobretudo, nas diversas ocasiões fixadas pela Regência para celebrar — e legitimar — acontecimentos tidos como marcos da história pátria. O calendário cívico decretado em 25 de outubro de 1831 estabelecia seis datas nacionais: 9 de janeiro (dia do Fico), 25 de março (juramento da Constituição de 1824), 3 de maio (instalação da Assembleia Nacional Legislativa), 7 de abril (abdicação de d. Pedro I), 7 de setembro (Independência do Brasil) e 2 de dezembro (nascimento de d. Pedro II).[44] Diversos rituais comuns, transcorridos ao longo do dia, marcavam essas festas, como paradas militares, missas solenes de ação de graça (com direito a sermão patriótico), "luminárias" públicas e particulares, espetáculos pirotécnicos, apresentações de músicas e danças, bailes, jantares, espetáculos teatrais de gala, declamações e publicações de hinos e poesias, além de gritos de vivas e morras. Tais festividades, promovidas pelo poder público, por sociedades patrióticas ou por simples particulares, contavam sempre com a presença de autoridades civis, eclesiásticas e militares, e, na corte, ministros e o próprio imperador e suas irmãs. Grande também era o concurso do povo, reunindo centenas e até alguns milhares de pessoas, de todas as camadas sociais. Os rituais cívicos regenciais, com seu potencial mobilizador de sentimentos e indivíduos, eram instrumentos privilegiados de educação política, utilizados pelo governo *moderado* para legitimar o poder monárquico, fomentar laços de união e comunhão em torno da nação, conquistar a adesão da população e cultivar as virtudes cívicas no limite da ordem. Em torno dos ideais de unidade, harmonia e consenso, simbolizados nos objetos de culto cívico, afirmavam-se valores nacionais e se construía uma memória nacional, que seria reforçada no Segundo Reinado. Todavia, em meio às intensas contendas políticas, os festejos regenciais não poderiam ficar imunes a rivalidades e conflitos. Enquanto boatos de conspirações deixavam o clima tenso às vésperas dos dias cívicos, eles eram também marcados por interpretações

dissonantes sobre o significado das comemorações, protestos contra as autoridades e mesmo rusgas nas ruas. Por trás da pretensa unidade e harmonia, as festividades reproduziam e eram assim alimentadas pelas divisões e disputas entre as facções políticas, que utilizavam tais celebrações como instrumento de afirmação sobre os rivais.[45]

Nesse peculiar contexto de vacância do trono, de fraca coesão entre as elites e de intensa participação popular, as rivalidades políticas e as tensões sociais muitas vezes explodiam em manifestações violentas. Dezenas de movimentos de protesto e revolta eclodiram em todo o império durante o período regencial, apresentando aspectos e tendências diversos (ver quadro adiante). Não cabe aqui, nos limites deste trabalho, analisar detidamente cada uma dessas ações, mas apenas tecer uma visão de conjunto. Um primeiro ciclo dessas revoltas, mais característico da fase das regências trinas, é, em linhas gerais, marcado por movimentos urbanos do *povo e tropa*, de dimensões relativamente pequenas — tanto em termos de número de participantes (em média, algumas centenas), como de duração (dias ou semanas) —, pouco organizados e com motivações diversas, dentre as quais destacam: a insatisfação de *exaltados* e *caramurus* com o governo *moderado*, os anseios federalistas, o descontentamento de amplos setores militares (por motivos que iam desde a drástica redução dos efetivos e os critérios de promoção e de ocupação dos postos de comando até os baixos soldos, o recrutamento forçado e os castigos corporais, passando também pelas constantes transferências e dissoluções de unidades), a concentração de cargos administrativos e políticos em mãos dos *moderados* ou de remanescentes do Primeiro Reinado identificados aos *caramurus*, os acirrados sentimentos antilusitanos e a crise econômica (sentida, especialmente, na falta, falsificação e desvalorização da moeda de cobre, na carestia de alimentos e na alta do custo de vida). Tais movimentos, embora não tenham alcançado dimensões tão grandes como as de outros que os seguiram, foram muito mais numerosos do que esses e mais disseminados pelo país, e, no conjunto, causaram impacto semelhante.[46]

Revoltas regenciais	Ano	Localização	Tendência
Revolução do 7 de abril	1831	corte	exaltada/moderada
Mata-Marotos	1831	Bahia	exaltada
Revolta do povo e da tropa	1831	corte	exaltada
Revolta do povo e da tropa	1831	Pará	caramuru
Setembrada	1831	Maranhão	exaltada
Setembrada	1831	Pernambuco	exaltada
Distúrbios do Teatro	1831	corte	exaltada
Levante da ilha das Cobras	1831	corte	exaltada
Novembrada	1831	Pernambuco	exaltada
Revolta de Pinto Madeira e Benze-Cacetes	1831-1832	Ceará	caramuru
Levantes federalistas (seis)	1831-1833	Bahia	exaltada
Sedição de Miguel de Frias e Vasconcellos	1832	corte	exaltada
Sedição do rio Negro	1832	Pará	exaltada
Revolta do Barão de Bülow	1832	corte	caramuru
Abrilada	1832	Pernambuco	caramuru
Assuadas (duas)	1832	corte	caramuru
Cabanada	1832-1835	Pernambuco e Alagoas	caramuru
Revolta do Ano da Fumaça	1833	Minas Gerais	caramuru
Carrancas	1833	Minas Gerais	escrava
Revolta do povo e da tropa	1833	Pará	exaltada
Conspiração do Paço	1833	corte	caramuru
Rusga Cuiabana	1834	Mato Grosso	exaltada
Carneiradas	1834-1835	Pernambuco	exaltada
Malês	1835	Bahia	escrava
Cabanagem	1835-1840	Pará	exaltada
Revolução Farroupilha	1835-1845	Rio Grande do Sul e Santa Catarina	"exaltada"
Sabinada	1837-1838	Bahia	exaltada
Rebelião de Manuel Congo	1838	Rio de Janeiro	escrava
Balaiada	1838-1841	Maranhão e Piauí	"exaltada"

Exceção ao perfil dessas revoltas foi a Cabanada, ocorrida fundamentalmente entre 1832 e 1835 (mas com desdobramentos até 1850), em âmbito rural, nas regiões da Zona da Mata pernambucana e do norte de Alagoas. Congregou massa heterogênea composta por camadas sociais oprimidas pela ordem latifundiária escravista (pequenos proprietários de

terra, agregados, índios e escravos) e por senhores de engenho movidos por interesses políticos próprios, contando com o apoio de comerciantes portugueses de Recife e de políticos *caramurus* da corte. Liderados por Vicente Ferreira de Paula, os rebeldes declaravam lutar pela restauração de d. Pedro I e em defesa da religião católica, que acreditavam estar ameaçada por *carbonários jacobinos*. Durante três anos, empreenderam guerra de guerrilha nas matas da região, sendo afinal derrotados (após debandada dos senhores de engenho e de serem convencidos pelo bispo de Olinda de que d. Pedro I morrera e seu filho era o legítimo imperador) pelas tropas a serviço de Paes de Andrade, ex-líder da Confederação do Equador e então presidente de província de Pernambuco.[47]

A segunda onda de revoltas regenciais seguiu-se à aprovação do ato adicional, cujas medidas descentralizadoras contribuíram para o fortalecimento dos poderes provinciais, os quais, muitas vezes, não estavam bem afinados com a política do governo central. De norte a sul, movimentos de grande porte sacudiram o país. No Pará, ocorreu a mais notável e sangrenta revolta popular do império, a Cabanagem, única em que elementos oriundos de camadas de baixa condição social (seringueiros, lavradores, índios e caboclos) lograram ocupar o governo provincial durante um período de tempo relativamente extenso (nove meses), ao custo, porém, da morte de cerca de 30 mil pessoas (20% da população da província) ao final dos cinco anos de conflito; contudo, os *cabanos* não possuíam um programa de governo ou conjunto sistemático de exigências que definissem seus objetivos, transparecendo em suas proclamações apenas o ódio a portugueses, estrangeiros e maçons, a revolta contra a opressão social e a defesa da liberdade provincial, da religião católica e de d. Pedro II. No outro extremo do país, caráter bem distinto teve a Revolução Farroupilha, o mais longo movimento insurrecional do império, que, embora com ampla participação popular, foi liderado por ricos estancieiros e charqueadores; os *farroupilhas* apresentaram, desde o início, um conjunto claro de reivindicações (elevação da taxa de importação paga pelo charque platino, redução dos impostos sobre o sal e de barreira sobre a circulação dos produtos rio-grandenses nas províncias), que acabaram sendo aceitas pelo governo imperial, assim como a exigência de libertação

dos escravos participantes da revolta. A Sabinada foi movimento em moldes semelhantes aos levantes do *povo e tropa* do início da Regência, mas em escala muito mais ampla, com os cerca de cinco mil rebeldes chegando a dominar Salvador por quatro meses; descontentes com a política *regressista* do governo Araujo Lima e com o alcance limitado do ato adicional, os *sabinos* tinham como principal bandeira de luta a adoção de efetivo federalismo, combatendo também o que chamavam de aristocratas, identificados aos senhores de engenho do Recôncavo Baiano. Tal como a Cabanagem, a Balaiada teve, entre os cerca de 11 mil revoltosos, líderes oriundos das camadas de baixa condição social (um vaqueiro, um cesteiro, um ex-escravo, pequenos lavradores e agregados); expressava, por um lado, a luta entre os grupos políticos locais (*bem-te-vis* e *cabanos*) pelo poder provincial e, por outro, a revolta da população sertaneja e escrava contra a opressão social.[48]

Ponto importante a destacar nesses quatro movimentos diz respeito às propostas e medidas de secessão e de república; a primeira só não ensaiada na Balaiada, e a segunda proclamada na Revolução Farroupilha (tanto no Rio Grande do Sul como em Santa Catarina) e na Sabinada. Cumpre observar, todavia, que em nenhuma dessas revoltas tais ideias parecem ter constituído objetivo prévio ou vieram depois a se converter em causa maior que congregasse os revoltosos. Salvo raríssimas e pontuais exceções, não havia ideais separatistas presentes nos projetos políticos das facções regenciais, nelas incluídos os *liberais exaltados*, que capitanearam tais levantes. Quanto à adoção da república, embora fizesse parte, sem dúvida, do projeto e dos *exaltados*, o ponto central defendido por esse grupo no tocante à forma de governo era a implementação do federalismo — de preferência republicano para a maioria, mas, se necessário (e não raro até mesmo de bom grado), monárquico. Compreende-se, assim, que tenha sido esse o motor propulsor e o intuito maior das revoltas e que as proclamações de independência ou de instauração da república tenham-se dado sempre em situações limites, constituindo resposta extremada, último recurso diante das ingerências tidas como despóticas do governo central sobre as províncias, da não satisfação a contento das demandas provinciais ou da repressão aos atos de rebeldia. Não é à toa

que tais proclamações foram feitas sempre, nesses movimentos, de forma condicionada ou em caráter provisório (até a chegada de um novo presidente de província, até que as reivindicações fossem atendidas, até a maioridade de d. Pedro II, até a adesão das demais províncias) e frequentemente acompanhadas de manifestações unionistas ou monárquicas.

Uma última categoria de revoltas regenciais é constituída pelas rebeliões escravas. Embora tenha havido participação ativa de cativos e libertos em diversos outros movimentos sediciosos, houve pelo menos três protagonizados diretamente por escravos neste período: as rebeliões de Carrancas, dos Malês e de Manuel Congo. A primeira e a última sucederam-se em fazendas do interior das províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro (São Tomé das Letras e Vassouras, respectivamente). Ocorrida na esteira da sedição de Ouro Preto (a chamada Revolta do Ano da Fumaça), a de Carrancas envolveu dezenas de escravos, que aproveitaram a brecha gerada pelo conflito entre as elites locais para atacar fazendas e matar senhores. A de Manuel Congo mobilizou um número maior de cativos (cerca de 200), que aterrorizaram as matas da região em sua busca pela almejada liberdade em um quilombo. Por sua vez, prefigurado em uma série de pequenas rebeliões escravas ocorridas antes em Salvador, a Revolta dos Malês foi o maior levante de escravos urbanos ocorrido nas Américas, contando com várias centenas de envolvidos; a origem étnica comum de seus protagonistas e o belicismo religioso característico do islamismo propiciaram identidade cultural mais consistente e, logo, maior capacidade de integração e mobilização, o que — aliado às agitações políticas e sociais do período, à crise econômica e às facilidades de circulação geográfica de escravos e libertos no meio urbano — constituiu fatores decisivos para o engendramento do movimento.[49]

A AGENDA POLÍTICA E AS REFORMAS LIBERAIS

Visto como momento de redefinição do pacto político, o 7 de abril ensejou amplo debate público acerca dos fundamentos do governo, das instituições políticas, dos nexos entre as províncias e da ordem social. Uma vasta

gama de propostas e projetos de mudanças veio então à baila — alguns concretizados, outros tratados como assuntos tabus, que deveriam ser combatidos ou ignorados. Entre os primeiros, uma série de reformas realizadas ao longo da Regência, que visavam a eliminar ou minorar resíduos tidos como absolutistas do Primeiro Reinado.

Uma das questões mais urgentes, que tanta disputa e controvérsia gerou no governo de d. Pedro I, dizia respeito às relações de força entre o Executivo e o Legislativo. Logo após a abdicação, começaram a ser discutidas na Câmara as atribuições da Regência. Os principais pontos do debate foram o caráter temporário ou permanente do novo governo, a concessão ou não de títulos nobiliárquicos e a proibição ou o direito de dissolver a Câmara. Prevaleceram os argumentos de que a conservação de um só governo até a maioridade de d. Pedro II evitaria disputas perigosas pelo poder e daria maior estabilidade à Regência; de que a concessão de títulos abria margem para distinções não baseadas no mérito, favorecendo aduladores; e de que a faculdade de dissolução da Câmara poderia desequilibrar os poderes em favor do Executivo e gerar abusos, ainda mais estando este em mãos de pessoas comuns, desprovidas da isenção imperial. Assim, no dia 14 de junho de 1831 foi sancionada a Lei de Regência, que invertia a relação de forças vigente até então, fortalecendo o poder dos deputados em detrimento dos regentes, que ficaram, então, impedidos de dissolver a Câmara, conceder anistias, outorgar títulos honoríficos, suspender as liberdades individuais, decretar estado de sítio, declarar guerra, ratificar tratados e nomear conselheiros, dependendo para tanto do Parlamento.[50]

Outra questão enfrentada logo no início da Regência foi a reforma no aparelho repressivo do Estado, que tinha o Exército, a Polícia e a Justiça como peças principais. A tradição liberal de desconfiança quanto à tendência abusiva do poder e, em especial, as ações violentas contra políticos e publicistas de oposição que marcaram a memória do Primeiro Reinado ensejaram a necessidade de restringir a força coercitiva do governo. Graças ao empenho dos *moderados* na Câmara, medidas nesse sentido começaram a ser tomadas ainda na época de d. Pedro I, com a instituição, em 1827, dos juízes de paz (já prevista na Constituição de

1824) e, em 1830, do Código Criminal. Aqueles eram magistrados não profissionais e sem remuneração, eleitos pelos *votantes* do distrito de sua jurisdição, inicialmente encarregados de promover conciliações em pequenos litígios e ações cíveis, e de manter a ordem pública local; sua criação era um ataque direto à velha magistratura profissional (predominantemente portuguesa, nomeada e controlada pelo poder central) e uma forma de descentralizar e reduzir a interferência do imperador sobre o Judiciário,[51] pois os cargos da magistratura togada dependiam da nomeação do Executivo central ou provincial.[52] O intuito de proteger a oposição das intervenções arbitrárias do governo ficou ainda patente na brandura das penas (sobretudo para crimes políticos) fixadas pelo Código Criminal, projetado por Bernardo de Vasconcellos, sob influência do utilitarismo de Bentham.

Uma das primeiras medidas de impacto da Regência foi a criação, em 18 de agosto de 1831, da Guarda Nacional. Concebida em 1830, com base na experiência das guardas cívicas de 1822 e na instituição similar francesa (também fundada em 1831), a chamada *milícia cidadã* fundamentava-se no princípio liberal de confiar a segurança da nação a seus cidadãos proprietários. Conforme salientou a *Aurora Fluminense*, a Guarda Nacional era "o melhor antemural que possa opor-se, por um lado aos abusos do poder, à tirania, por outro aos excessos da multidão, à anarquia".[53] Tinha a função precípua de coadjuvar as forças policiais e tropas de primeira linha na segurança interna e externa; mas, diante do contingente reduzido dessas corporações, iria muitas vezes substituí-las em suas funções. O serviço era obrigatório a todo cidadão brasileiro maior de 18 e menor de 60 anos, com renda para ser eleitor (Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Luís) ou votante (demais municípios); estavam isentas apenas autoridades administrativas, judiciárias, policiais, militares e religiosas. Até 1837, os oficiais eram eleitos por quatro anos pela própria tropa, sem qualquer critério distintivo, e, se não reeleitos, voltavam às fileiras.[54] O serviço não era remunerado, e os milicianos ainda custeavam seus uniformes e a manutenção de suas armas e equipamentos, prestando também eventuais contribuições pecuniárias. A Guarda Nacional tornou-se, assim, um importante instrumento de articulação entre os

poderes central e local, constituindo-se no exemplo maior de organização litúrgica, de que fala Uricoechea.[55] Acabou convertendo-se, então, em força política, usada pelo governo na repressão às revoltas, mas, por outro lado, protagonizou vários desses movimentos.

A criação da Guarda Nacional ligava-se também à política de esvaziamento do poder das forças militares. As ações repressivas do Exército no Primeiro Reinado renderam à instituição a imagem, muito negativa, de braço armado do despotismo. Por outro lado, a atuação ativa de militares nas revoltas do início da Regência revelou a face inversa dessa imagem, tida como mais perigosa, a de instrumento da anarquia. Outro problema era a ampla presença de estrangeiros, sobretudo portugueses, nos postos de comando, havendo até unidades inteiras formadas por *mercenários* estrangeiros, que chegaram a se rebelar em sangrento motim ocorrido na corte em 1828.[56] Além disso, o sistema aristocrático de ingresso ao oficialato e o critério político de promoção vigente no Exército (e ainda mais na Marinha), definido, à maneira do Antigo Regime, por privilégios de nascimento e serviços prestados à monarquia, adicionavam outras fissuras à instituição.[57] Assim, uma primeira medida, prevista desde o final de 1830 e reiterada por decreto de 4 de maio seguinte, para conter a força política do Exército, foi a drástica redução do efetivo militar. Conforme assinalou Holloway, "o corte de mais da metade do efetivo privava muitos oficiais do que era essencial para seu status e influência: a presença de tropas em armas".[58] Era preciso também manter sob controle todo o restante da corporação, e para isso a Regência procedeu à recomposição dos cargos militares estratégicos em várias partes do império, como o de comandante das Armas, sendo os Lima e Silva os principais protagonistas.[59] Nos casos de envolvimento em distúrbios, recorreu-se largamente à transferência de corpos para outras províncias, à suspensão de promoções, à baixa forçada e até a prisão de oficiais.[60] A Guarda Nacional vinha, assim, suprir o espaço deixado pelos cortes nos efetivos militares.

O passo seguinte foi o prosseguimento da reforma do sistema judiciário. Antes acusada de instrumento dos arbítrios de d. Pedro I e agora de conivência com os *caramurus*, de venalidade e de responsável pelos

recorrentes casos de impunidade, a magistratura profissional continuava a ser atacada por *moderados* e *exaltados*, chegando a ser chamada de "peste da sociedade".[61] A solução apontada era a ampliação dos poderes dos juízes de paz (já estendidos pelo Regimento das Câmaras Municipais, de 1828, que lhes confiara as funções de preparar as listas de votantes e presidir a mesa eleitoral da paróquia) e a criação do corpo de jurados (só existia júri para crimes de imprensa). Havia ainda a disposição de elaborar um Código de Processo Criminal que desse maior coerência e agilidade na execução das ações penais, evitando as controvérsias e delongas que favoreciam a impunidade. Tudo foi implementado com a promulgação deste Código, em 29 de novembro de 1832, que constituiu a grande obra jurídica dos *moderados*, expressão maior, segundo Flory, dos ideais liberais de autonomia judiciária, localismo e representação popular.[62] Além de instituir o júri e ampliar os poderes dos juízes de paz,[63] o Código de Processo introduziu, ainda, o *habeas corpus* e criou a figura do juiz municipal, nomeado por três anos pelo presidente de província, a partir de lista tríplice apresentada pela Câmara Municipal, devendo executar as ordens, sentenças e mandatos proferidos pelo juiz de direito.

A questão, todavia, que mais discussões e controvérsias suscitou em todas as arenas políticas do império foi a reforma constitucional; "o negócio mais melindroso", nas palavras do deputado *exaltado* José Lino Coutinho, "porquanto as reformas devem ser operadas de tal maneira que a unidade do império se conserve intacta".[64] Iniciado em 1830 na imprensa *exaltada* da corte, o debate federalista transbordou rapidamente para os diversos movimentos de protesto ocorridos às vésperas e depois da abdicação, e também constituiu o tema principal das associações políticas então organizadas em todo o império (algumas, aliás, criadas com essa finalidade específica, como as antagônicas sociedades Federal e Conservadora da Constituição). A polêmica ganhou enorme amplitude quando, em maio de 1831, foi instalada na Câmara dos Deputados comissão especial destinada a elaborar a proposta de reformas. O chamado projeto Miranda Ribeiro (proponente e membro da comissão, formada também por Paula Souza e Costa Carvalho, todos *moderados*) previa que o império passaria a ser monarquia federativa; além da supressão do Poder

Moderador, do Conselho de Estado e do mandato vitalício do Senado; da criação de assembleias legislativas provinciais e de intendentes com funções executivas nos municípios; da divisão das rendas públicas em nacionais e provinciais; e da mudança da Regência Trina para Una, com vice-regente e eleita pelas assembleias provinciais. Apoiado pelos *exaltados* e pela maioria dos *moderados*, e rechaçado por outra parte destes e pelos *caramurus*, o projeto foi, afinal, aprovado e enviado ao Senado em 13 de outubro de 1831.

A polêmica maior girava em torno do sistema de governo, opondo os federalistas *exaltados*, os unitários *caramurus* e os indecisos e divididos *moderados*. Para os primeiros, centralização era sinônimo de despotismo, de inoperância administrativa e de desunião das províncias, ao passo que identificavam federação à liberdade, ao bom funcionamento do governo e à manutenção da integridade nacional. Os *caramurus*, por outro lado, acreditavam que qualquer mudança na Constituição, sobretudo no sistema de governo, levaria à anarquia e à dissolução das províncias, e que o federalismo era próprio das repúblicas democráticas, sendo, portanto, incompatível com o caráter e os costumes do Brasil. Os *moderados* apresentavam posição mais ambígua a esse respeito. Antes da abdicação, tendiam a se opor às reformas, considerando que o mal não estava propriamente na Constituição de 1824, tida como bastante liberal e adequada à realidade brasileira, e sim na sua execução, visto que se achava restringida e burlada pelas arbitrariedades de d. Pedro I. Com o início da Regência e a intensificação do clamor federalista, contudo, veio o primeiro grande racha do grupo. Muitos adotaram postura cautelosa, hesitante e mesmo dúbia, como Evaristo da Veiga, que, na condição de deputado, apoiou o projeto Miranda Ribeiro na Câmara, mas, em paralelo, emitia opiniões oscilantes e ambíguas em seu jornal. Vários, porém, apoiaram decididamente as reformas, como, além dos três membros da comissão, os deputados Bernardo de Vasconcellos, Limpo de Abreu, Ferreira de Mello e Custodio Dias. Outros tinham posição contrária, como Araujo Vianna e Candido de Oliveira.[65]

A maioria dos *moderados*, todavia, acabou apoiando as reformas, como denota a rápida passagem do projeto Miranda Ribeiro na Câmara

e, por fim, a aprovação do ato adicional. Mas grande parte dos que assim se posicionaram não o fizeram por convicção de princípios, já que muitos eram, pouco antes, declaradamente contrários às reformas. As razões para a mudança de rumo, ainda que hesitante e a contragosto, foram indicadas em vários discursos de parlamentares que apoiaram o projeto e na imprensa *moderada*, falando na impossibilidade de resistir à torrente federalista da opinião pública, vinda de todo o país, sobretudo das províncias do Norte. Acreditavam, então, que era preciso fazer logo as reformas pela via legal e sob certos limites, antes que o clamor das ruas falasse mais alto. Como esse fosse então insuflado pelos *exaltados*, responsáveis pela propagação da ideia, tornava-se imperioso para os *moderados* assumir a condução das reformas na Câmara e capitalizar os ganhos para si, evitando que seus adversários radicais tomassem a frente dos acontecimentos. Esvaziavam, assim, a principal bandeira de luta dos *exaltados*, ao mesmo tempo que impunham séria derrota aos *caramurus*. A apropriação da bandeira reformista pelos *moderados* — sua "abertura à esquerda", como definiu Paulo Pereira de Castro[66] — era expressão, portanto, da dificuldade que tinham em manter a posição original refratária às reformas constitucionais, sob pena de assim perder espaço político tanto para os *exaltados*, como para os *caramurus*, e de com estes últimos vir a ser identificados.[67]

Após intensos e longos debates, contudo, o Senado aprovou, em julho de 1832, uma série de emendas que derrubou o projeto Miranda Ribeiro. Foram rejeitadas as propostas de adoção da monarquia federativa, da Regência Una, da autonomia municipal, da modificação do direito de veto do monarca e do fim da vitaliciedade senatorial, do Poder Moderador e do Conselho de Estado, além de boa parte dos poderes descentralizadores conferidos às assembleias provinciais. Era a resposta dos *caramurus*, predominantes no Senado, aos *moderados* e *exaltados*.

A reação do governo e do núcleo reformista de seus asseclas foi imediata. Aproveitando também a recusa do Senado em destituir José Bonifacio do cargo de tutor do imperador e de suas irmãs,[68] foi desencadeada uma operação de golpe de Estado. À frente do plano estavam os padres deputados Feijó (então ministro da Justiça), Ferreira de Mello e

Custódio Dias, em cuja casa — a célebre Chácara da Floresta, reduto *moderado* na corte — realizou-se a reunião conspiratória, na presença de outros líderes da Câmara. O objetivo era escolher nova Regência (Una, a ser entregue a Feijó) e votar, por aclamação, a chamada Constituição de Pouso Alegre, que conservava a monarquia hereditária, mas abolia o Poder Moderador, o Conselho de Estado, o Senado vitalício e a concessão de títulos de nobreza, além de criar assembleias legislativas nas províncias.[69] Esperava-se, de um só golpe, resolver os problemas da aprovação da reforma constitucional, da remoção de José Bonifácio e, mediante a obtenção de poderes extraordinários requeridos insistentemente por Feijó, das revoltas *exaltadas* e *caramurus*. Assim, no próprio 26 de julho, o ministério pediu demissão, sendo seguido, quatro dias depois, pela Regência, conivente com o plano; ao mesmo tempo, a Guarda Nacional, comandada pelo deputado *moderado* José Maria Pinto Peixoto, e um grupo de cinco juízes de paz mobilizavam-se em apoio ao movimento. Ainda no dia 30, a Câmara, presidida por Limpo de Abreu e por sugestão de outro conspirador, Paula Araujo, declarou-se em sessão permanente, e uma comissão *ad hoc*, composta por cinco *moderados*, propôs sua conversão em Assembleia Nacional Constituinte. Todavia, quando o golpe parecia consumado, foi evitado pela inesperada intervenção do *moderado* Carneiro Leão, que fez dois eloquentes discursos conclamando seus colegas a continuarem seguindo a linha da legalidade que sempre trilharam e defendendo a realização das reformas sem desrespeito à Constituição: "Não nos apartemos, porém, dos princípios que temos aqui defendido constantemente, isto é, da legalidade. Todos nós da maioria temos pugnado por estes princípios, todos temos dito que não queremos senão as reformas legais; seria, pois, absurdo desmanchar em uma noite o que tanto nos tem custado a conservar." Por fim, propôs que os regentes ficassem nos cargos e que Câmara e Senado acelerassem as reformas. Caíram por terra, então, os apelos aterradores dos golpistas de que "a nação se acha à borda de um abismo" e de que, assim, "só as mais enérgicas medidas podem salvar a nação e o trono", uma "medida salvadora e justa, seja qual for". O discurso de Carneiro Leão rachou ainda mais os *moderados*. Unidos na oposição ao golpe, os *caramurus* aprovei-

taram a divisão dos rivais para derrubar a proposta de Constituinte e aprovar um pedido da Câmara pela permanência dos regentes. Estes não apenas reassumiram seus postos, como o ministério Feijó ainda foi substituído, posto que por pouco mais de um mês, por um gabinete *caramuru*, chefiado por Hollanda Cavalcanti. O episódio revela não só a divisão dos *moderados*, mas também o ambiente instável da Câmara, movido por vezes ao sabor das circunstâncias.[70]

As emendas do Senado ao projeto Miranda Ribeiro foram, todavia, recusadas pela Câmara, o que levou, em setembro, à reunião das duas casas legislativas em Assembleia Geral. A solução de compromisso a que se chegou, com a lei de 12 de outubro de 1832, rejeitava só as emendas que suprimiam as propostas de fim do Conselho de Estado e de substituição da Regência Trina por Una. Ficavam marcados os artigos da Constituição passíveis de alteração na próxima legislatura, estabelecendo-se as bases da reforma constitucional. Do projeto original, foram retiradas a extinção do Poder Moderador e do Senado vitalício, a autonomia municipal e a qualificação de monarquia federativa, e se tornou direta a eleição para regente (sem vice).

O projeto da Câmara saía, portanto, bastante afetado das negociações com o Senado, sofrendo baixas significativas (o que animou o senador *caramuru* visconde de Cairu a requerer — sem sucesso — a supressão do projeto de reformas).[71] O revés deve-se à divisão dos *moderados* sobre o assunto, com aqueles que apoiaram as reformas sendo movidos mais por conveniência ou estratégia política do que por convicção de princípios. Com isso, os antirreformistas — *caramurus* sobretudo, mas também vários *moderados* — formaram bloco mais unido e decidido do que o dos reformistas. Enquanto a Câmara — cuja composição política era mais heterogênea, não obstante o predomínio *moderado* — estava dividida a esse respeito, o Senado — grande reduto dos *caramurus* — apresentava posição bem mais uniforme, francamente contrária ou reticente às reformas.

Coube à comissão formada pelos deputados Paula Araujo, Bernardo de Vasconcellos e Limpo de Abreu a elaboração do novo projeto de reformas, apresentado na sessão de 7 de junho de 1834. Os pontos mais

polêmicos nos debates diziam respeito às liberdades provinciais, particularmente às atribuições das assembleias e dos presidentes de província; enquanto os *caramurus* e alguns *moderados* pretendiam limitar os poderes do Legislativo provincial, acenando com a ameaça de anarquia, os *exaltados* e outra ala dos *moderados* defendiam sua ampliação, como anteparo à tirania. Prevaleceu a velha lógica do "justo meio", evocada, entre outros, por Vasconcellos, Evaristo, Costa Ferreira e Saturnino Oliveira: a de que era preciso dar liberdade às províncias, mas sem colocar em risco a ordem pública e a integridade nacional.[72]

Promulgado a 12 de agosto de 1834, o ato adicional à Constituição extinguia o Conselho de Estado, substituía a Regência Trina pela Una (com regente eleito, a cada quatro anos, por voto secreto e direto) e criava assembleias legislativas nas províncias (com legislaturas bienais); a elas competia legislar sobre diversos assuntos, como fixação das despesas provinciais e municipais, impostos provinciais, repartição da contribuição direta pelos municípios, fiscalização das rendas e das despesas municipais e provinciais, nomeação dos funcionários públicos, policiamento e segurança pública, instrução pública e obras públicas, ficando as resoluções da Assembleia sujeitas à sanção do presidente de província. Se não estabelecia propriamente uma federação, já que continuavam os presidentes a ser escolhidos pelo poder central e as províncias impedidas de ter Constituições próprias, o ato adicional descentralizou a administração e conferiu mais autonomia às províncias, com a criação das assembleias provinciais e a divisão das rendas públicas.[73] Todavia, a autonomia municipal foi vetada, havendo forte concentração administrativa no âmbito provincial, o que fazia com que quase toda a economia dos municípios dependesse das assembleias provinciais. Com a eleição periódica para regente uno configurava-se a chamada "experiência republicana",[74] posto que atrelada a instituições e valores monárquicos.

Entre os parlamentares que votaram contra e a favor do ato adicional, algumas posições chamam atenção. Primeiramente, confirma-se a divisão dos *moderados* entre os que se opuseram ao projeto — como Carneiro Leão, Baptista de Oliveira, Araujo Vianna e Rodrigues Torres — e os que o apoiaram (a maioria) — como Vasconcellos, Evaristo,

Ferreira de Mello, Custodio Dias, Limpo de Abreu e Saturnino. Entre os *caramurus*, não houve surpresas, visto que todos — como Araujo Lima, visconde de Goiana, os irmãos Hollanda e Luiz Cavalcanti — votaram a favor. Já entre os tradicionais defensores das reformas, os *exaltados*, se Barboza Cordeiro aprovou, curiosamente Antonio Ferreira França e seus filhos Ernesto e Cornelio votaram contra, enquanto Henriques de Rezende e Lino Coutinho abstiveram-se. Por trás da aparente contradição havia, no entanto, profunda decepção com a redução do alcance das mudanças previstas na lei de 12 de outubro de 1832, após as negociações com o Senado. Até então, todos os *exaltados* (menos Cordeiro, que ainda não era deputado) participaram ativamente das discussões referentes tanto ao projeto Miranda Ribeiro como às emendas do Senado. Depois disso, porém, uma vez consumado o rumo mais acanhado das reformas, passaram a manifestar descontentamento, indicando emendas e se opondo às medidas propostas, ou simplesmente retraíram-se.[75]

Seja como for, o ato adicional completou a série de reformas liberais realizadas pela Regência Trina Permanente. Juntas, ajudaram a remover parcela significativa dos resíduos "absolutistas" do Estado imperial, identificados à forte centralização política e administrativa. Se a descentralização operada foi, no dizer de Oliveira Lima, um "paliativo contra a federação",[76] não deixou de suscitar efeitos centrífugos, com a intensificação das disputas pelo poder — agora mais fortalecido — entre facções provinciais e os conflitos entre as assembleias e o poder central.

Muitos, todavia, almejavam mudanças mais radicais na organização política. Para a maioria dos *exaltados*, o concerto entre as províncias, a justiça social e a liberdade só estariam assegurados com a adoção do governo republicano. Desde finais do Primeiro Reinado a imprensa *exaltada* fazia insistente campanha nesse sentido, muitas vezes de forma velada e indireta (já que a Constituição, o Código Criminal e a Lei de Liberdade de Imprensa de 1830, estabelecendo a monarquia hereditária, proibiam ataques ao imperador e ao regime, assim como tentar ou propor a mudança da forma de governo),[77] outras vezes de maneira aberta e explícita. Como o jornal fluminense *Nova Luz Brasileira* que, após lançar

mão de outro subterfúgio — a criação de uma "monarquia americana *sui generis*"[78] —, apontou as vantagens da república:

> É para não se aturar governos de ladrões que se inventou governo Republicano. Na República o que governa bem não ganha dez, ou doze mil cruzados por dia, como ganhava o Pedro traidor, fora o que ele roubava, e a corja que o cercava: é esta a primeira diferença. Além disto o que governa em governo Republicano é eleito como os Deputados: se governa bem, fica governando; mas se governa mal vai tratar de outro ofício (...) Nas Repúblicas bem dirigidas castiga-se a quem governa mal (...) Só nas Repúblicas como a dos Estados Unidos é que se vê Justiça. Canais de navegação, Escolas, Hospitais &c. em abundância para todos: é governo de que não gostam mal-intencionados *cangueiros*".[79]

Algumas propostas de instauração do governo republicano no Brasil chegaram a ser feitas na Câmara dos Deputados, por iniciativa de Antonio Ferreira França. A primeira tentativa foi na sessão de 16 de junho de 1831, quando o *exaltado* baiano propôs que "o governo do Brasil fosse vitalício na pessoa do imperador d. Pedro II, e depois temporário na pessoa de um presidente das províncias confederadas do Brasil". Embora pretendesse a mudança de regime somente após o Segundo Reinado, a proposta sequer foi considerada objeto de deliberação, não passando por qualquer debate.[80] A segunda, em 16 de maio de 1835, era mais ousada, almejando a instauração imediata do governo republicano; propunha que "O governo do Brasil cessará de ser patrimônio de uma família" e que, assim, "A nação será governada por um chefe eleito de dois em dois anos no dia 7 de setembro à maioria dos votos dos cidadãos eleitores do Brasil". O presidente da Câmara, Araujo Lima, recusou-se, porém, a colocar a proposta em votação, alegando que a Constituição não autorizava tal reforma. Seguiu-se um rápido e renhido debate, que acabou por acatar a orientação do deputado *caramuru*.[81] O mesmo aconteceu com inusitado projeto, apresentado em 18 de agosto de 1834, por um grupo de deputados encabeçado pelos três Ferreira França e do qual faziam parte Antonio Fernandes da Silveira, Barboza Cordeiro, João Ri-

beiro Pessoa, José Maria Veiga Pessoa e Joaquim Peixoto de Albuquerque, que propunha uma curiosa confederação entre Brasil e Estados Unidos, nos moldes de uma espécie de reino unido.[82]

Destino semelhante tiveram outras tentativas de reformas que abandonavam questões igualmente espinhosas. É o caso de algumas propostas de separação entre Igreja e Estado ou mesmo de criação de uma igreja (católica) brasileira separada da romana;[83] de libertação do ventre escravo ou até de fim da escravidão;[84] e até de insólito plano de reforma agrária, que não passou das páginas de jornal, mas causou grande alvoroço e forte reação.[85] Esses e outros projetos demonstram que a agenda política regencial foi uma das mais diversificadas e ricas durante todo o império; evidenciam também que o alcance das reformas preconizadas, ao menos pelos *exaltados*, ia muito além do que foi concretizado e mesmo do que chegou a figurar no Parlamento. Para muitos, a Revolução do 7 de abril seria apenas o marco inicial de um grande processo de transformação da sociedade brasileira. Como clamava um jornal fluminense, era preciso não "tornar estacionário o carro da revolução americana".[86] Contudo, prevaleceu a ideia de que o movimento revolucionário já cumprira seu papel e, assim, chegara a seu termo.

PARANDO O CARRO DA REVOLUÇÃO: A REVISÃO DAS REFORMAS

A primeira eleição para regente uno consagrou a vitória do *moderado* Diogo Feijó sobre o *caramuru* Hollanda Cavalcant.[87] Desde o início, em outubro de 1835, o novo governo foi marcado por crises sucessivas, enfrentando forte resistência no Parlamento. As desavenças vinham do tempo em que Feijó fora ministro da Justiça da Regência Trina Permanente, quando, ao cobrar dos deputados, em seu estilo veemente e pouco habilidoso, a adoção de medidas extraordinárias para combater a *anarquia*, chegou a culpar a Câmara e a entrar assim em choque não só com a oposição *exaltada* e *caramuru*, mas também com muitos de seus companheiros *moderados*. Além disso, sua malograda tentativa de golpe de Estado o incompatibilizou ainda mais com o Parlamento. Se, ainda assim,

conseguiu ser eleito regente, foi graças ao derradeiro empenho dos *moderados* em derrotar os *caramurus* representados por Hollanda Cavalcanti. Feijó já assumiu, porém, com a facção que o apoiara irremediavelmente fragmentada, consumida pelo racha interno promovido por Vasconcellos e Carneiro Leão e pelo desgaste advindo da renhida luta dos últimos quatro anos contra os também combalidos *exaltados* e *caramurus*. Não dispondo mais da máquina *moderada* (no início de 1837, rompeu até com o amigo Evaristo, que morreu em seguida) e não logrando arregimentar nova base de apoio, em meio à confusão de tendências políticas reinante na Câmara, Feijó ficou cada vez mais vulnerável aos ataques da oposição. Esta, embora difusa, começava a articular-se em torno da liderança de Vasconcellos, no Regresso. Algumas medidas tomadas em seu governo também contribuíram para o desgaste, como os mencionados atritos com a Igreja, as restrições à liberdade de imprensa estabelecidas pela lei de 18 de março de 1837 e a anulação das eleições na Paraíba e em Sergipe, por suspeita de fraude.

Outros dois fatores, contudo, foram os principais responsáveis pelo agravamento da crise. O primeiro foi a onda de grandes revoltas que abalaram o império a partir de 1835. O regente repetia as cobranças feitas à Câmara para dotar o governo de meios mais vigorosos de combate à Cabanagem e à Revolução Farroupilha, exigindo mais recursos no Orçamento e crédito complementar, efetivos militares maiores e leis mais enérgicas (para crimes de rebelião, sedição e conspiração, suspensão das garantias e restrição ao *habeas corpus*). Capitaneada por Vasconcellos, a oposição procurava embargar as negociações e limitar a concessão dos meios requeridos, alegando que o governo pretendia implantar uma *ditadura*, não possuía projeto político e não era constituído parlamentarmente (ou seja, não refletia a opinião da maioria da Câmara nem tinha seu apoio); ao mesmo tempo, difundia a imagem de um governo caótico e vacilante, incapaz de conter a anarquia.[88] O embate forçou o regente a prorrogar a sessão legislativa de 1836 por duas vezes para ultimar leis fundamentais, como as do Orçamento, de fixação das forças de terra e mar, do meio circulante e de endurecimento penal; os deputados responderam esvaziando as sessões: as 11 últimas não se realizaram por falta

de quórum. Feijó não deixou por menos e, em sua fala de encerramento anual da Assembleia Geral, responsabilizou mais uma vez os parlamentares, limitando-se a dizer: "Seis meses de sessão não bastaram para descobrir remédios adequados aos males públicos; eles infelizmente foram em progresso. Oxalá que na futura sessão o patriotismo e a sabedoria da assembléia geral possa satisfazer às urgentes necessidades do estado!" Não satisfeito, na fala de abertura dos trabalhos legislativos de 1837, concluiu: "remédios fracos e tardios, pouco ou nada aproveitam na presença de males graves e inveterados".[89]

O segundo grande fator de desgaste do governo foi a desilusão com as reformas liberais. Se elas foram a expressão do predomínio político *moderado*, as transformações que operaram colocaram em xeque essa própria posição. Por meio delas, houve notável fortalecimento dos poderes provinciais, que passaram a dispor de grande parte dos instrumentos garantidores da ordem, sem que estivessem, todavia, bem afinados com os interesses do governo central. Os problemas, assim, não tardaram a aparecer, e com eles vieram as críticas e desilusões em relação às mudanças operadas. Nessas circunstâncias, as legislaturas de 1834-1837 e 1838-1841 terão como um de seus principais traços o intuito de reformar a obra da legislatura que as antecedeu.

O primeiro marco nesse sentido foi a tentativa de revisar a reforma constitucional, que abalou decisivamente as três facções até então atuantes: esvaziou a principal bandeira dos *exaltados* (o federalismo), sepultou a grande prioridade dos *caramurus* (manter intocada a Constituição), rachou de vez os *moderados* (divididos entre seus princípios e interesses) e, assim, abriu caminho — até com os problemas que gerou e com a reação logo suscitada — para a rearticulação das forças políticas operada pelo Regresso. Com o esfacelamento das antigas identidades políticas, surgiu na Câmara, apenas 11 meses após a aprovação do ato adicional, a primeira proposta de elaboração de um projeto de interpretação dos artigos "obscuros ou duvidosos" daquela lei. Esta, desde sua aprovação, vinha suscitando recorrentes controvérsias acerca das respectivas competências do Parlamento e das Assembleias Provinciais sobre vários assuntos (em especial, divisão de rendas e nomeação de funcionários

públicos), causando sucessivos conflitos entre as partes. O requerimento do deputado Souza Martins, datado de 14 de julho de 1835, visava dirimir as dúvidas, esclarecendo as atribuições dos Legislativos central e provinciais; foi contudo, barrado sob a alegação de que se usava a interpretação como pretexto para operar novas reformas, o que poderia levar à separação das províncias.[90] Até então, a bandeira da interpretação era motivada essencialmente pelas controvérsias geradas pela reforma constitucional, não se revestindo ainda de cores partidárias. Tanto que Souza Martins não aderiu ao Regresso, e sim (pouco depois) ao Progresso; além disso, deputados de diferentes tendências — como Henriques de Rezende, Limpo de Abreu (então ministro da Justiça), Evaristo, Carneiro Leão e Miguel Calmon — apoiaram a proposta, movidos por interesses divergentes: ampliar os poderes provinciais (o primeiro), evitar os excessos das províncias e a fragmentação do país (os dois últimos) ou apenas acabar com as dúvidas e polêmicas existentes (os demais). Propostas semelhantes posteriormente apresentadas tiveram igual destino, como a de Rodrigues Torres, em 18 de maio de 1836, e a de José Raphael de Macedo, em 19 de junho de 1837.[91]

Todavia, pouco depois, em 10 de julho, a Comissão das Assembleias Legislativas da Câmara, formada por três *regressistas* — Paulino Soares de Souza, Miguel Calmon e Carneiro Leão —, apresentou novo projeto de interpretação do ato adicional. Entendia a comissão que, tendo essa lei definido, nos artigos 10 e 11, os objetos sobre os quais as assembleias provinciais poderiam legislar, tudo o que não estivesse neles incluído e nem fosse mencionado no seguinte pertenceria ao governo geral. Já com isso, a comissão cortava a possibilidade de ampliação dos poderes provinciais. Os seis artigos do projeto tornavam mais patente esse espírito centralizador. Proibiam-se as assembleias provinciais de legislar sobre assuntos de *polícia judiciária* dos municípios, permitindo apenas os referentes à *polícia administrativa*; vetava-se às assembleias modificar a natureza e atribuições dos empregos públicos provinciais e municipais estabelecidos por leis gerais relativas a temas sobre os quais elas não podiam legislar (como os cargos criados pelo Código do Processo Criminal); o poder das assembleias de legislar sobre os casos em que os

presidentes pudessem nomear, suspender ou demitir empregados provinciais ficava restrito aos cargos instituídos por leis provinciais, abarcando as gerais apenas quando referentes a objetos de competência legislativa das assembleias; estas não poderiam suspender e demitir os magistrados gerais (membros das Relações e dos tribunais superiores) e, quanto aos demais, só o poderiam fazer em caso de queixa por crime de responsabilidade e mediante relatório. Era claro o intuito de reduzir os efeitos da descentralização, retirando parte significativa da autonomia provincial.[92]

O projeto, porém, só foi levado adiante pela legislatura seguinte, essa sim atrelada predominantemente ao Regresso, que já então assumira a causa revisionista e chegara ao poder regencial. Aprovado na Câmara em 26 de junho de 1838, passou pelo Senado no ano seguinte e foi afinal promulgado, em 12 de maio de 1840, como a Lei de Interpretação do ato adicional, após sessão conjunta da Assembleia Geral e acréscimo de dois artigos ao projeto.[93]

A tendência a reverter medidas tidas como excessivamente liberais do início da Regência abarcou também o Código do Processo Criminal que, logo após aprovado, passou a ser visto — sobretudo pelos *moderados* e sucessivos ministros da Justiça — como instrumento de impunidade e anarquia, ao delegar amplas faculdades aos juízes de paz e ao dar margem à ingerência dos poderes locais sobre o funcionamento da Justiça. Como apontou Flory, os juízes de paz eram em geral homens remediados da comunidade, em busca de ascensão sociopolítica, dependentes dos potentados locais. Assim, eram acusados com frequência de atos de arbitrariedade, impunidade, corrupção e fraude eleitoral, bem como de ser incompetentes ou relapsos (pela falta de formação em direito ou pelo pouco tempo dedicado ao serviço, devido a seus afazeres pessoais); envolviam-se ainda em conflitos com juízes profissionais, juristas, comandantes da Guarda Nacional, párocos e câmaras municipais. O júri também tornou-se alvo de várias críticas: havia escassez de cidadãos aptos a serem jurados, sobretudo no interior, resultando em atraso e acúmulo de casos a julgar; havia interferência dos poderosos locais sobre a seleção e as decisões dos jurados; e, em razão de práticas clientelísticas e de suborno, havia ampla impunidade, patenteada pelos baixos índices de condena-

ção.[94] O Código Processual mostrava-se, assim, instrumento de coerção pouco eficiente para o poder central. Sua reforma deveria completar o que se desenhava com a interpretação do ato adicional, buscando retirar das províncias o controle sobre a *polícia judiciária*.[95]

A 3 de junho de 1836, a Comissão de Justiça Criminal da Câmara — Gonçalves Martins, Fernandes Torres e Cerqueira Leite — apresentou, a requerimento de Bernardo de Vasconcellos, proposta de reforma do Código Processual, mas que versava apenas sobre a formação de culpa.[96] A reforma do Código do Processo, todavia, só foi levada a cabo, tal como a interpretação do ato adicional, na legislatura seguinte, marcadamente *regressista*. Vasconcellos, já senador, foi o autor do projeto, apresentado em 17 de junho de 1839. Seu desfecho, porém, só se daria no Segundo Reinado, após longa tramitação no Senado, onde foi aprovado em outubro de 1841, e rápida passagem pela Câmara, no mês seguinte. *Progressistas*, como os senadores Nicolau Vergueiro, Paula Souza, Ferreira de Mello, Costa Ferreira e Hollanda Cavalcanti, e os deputados Alvares Machado, Limpo de Abreu, Teophilo Ottoni, Antonio Carlos de Andrada e José Ferreira Souto, acusaram o projeto de inconstitucional, atentatório às liberdades e promotor da tirania; por outro lado, foi defendido por *regressistas*, como os senadores Vasconcellos, Lopes Gama e Saturnino Oliveira, e os deputados Paulino Soares de Souza (então ministro da Justiça), Carneiro Leão, Gonçalves Martins, Figueira de Mello, Maciel Monteiro, Urbano Sabino e Gabriel Mendes dos Santos. Em 3 de dezembro de 1841, a lei foi finalmente sancionada pelo imperador.[97]

A reforma do Código do Processo Criminal estabelecia rígida hierarquia de cargos e funções, centralizando toda a estrutura judiciária e policial do império. No topo, representando o imperador, estava o ministro da Justiça, que nomeava os chefes de polícia, os comandantes da Guarda Nacional e quase todos os magistrados, desde desembargadores até juízes municipais e de órfãos, passando pelos juízes de direito e substitutos. Indicados e diretamente subordinados aos chefes de polícia estavam os delegados e subdelegados, nomeados na Corte pelo ministro da Justiça e nas províncias pelos presidentes; estes, juntamente com os vice-presidentes, eram nomeados pelo ministro do império. Só os juízes de paz permane-

ciam independentes do poder central, mas não foram esquecidos: suas atribuições foram esvaziadas, sendo, na maior parte, transferidas, na corte e nas capitais das províncias, para os chefes de polícia e juízes de direito, e, nos demais locais, para os delegados, subdelegados e juízes municipais. Restaram aos juízes de paz apenas as funções que tinham antes do Código do Processo. A reforma também ampliou os requisitos para ser jurado: saber ler e escrever, e ter renda mínima anual de não mais de 200 mil-réis, mas de 400, 300 ou 200 mil-réis, conforme o tamanho da cidade. Além disso, as sentenças do júri ficavam passíveis de apelação, quando o juiz de direito achasse conveniente. Outra medida de controle foi a determinação de que todas as pessoas em viagem pelo império portassem passaporte, para evitar interrogatórios e possíveis expulsões.[98]

A reforma judiciária completou a obra centralizadora do Regresso, que, além da interpretação do ato adicional, contou também com o restabelecimento do Conselho de Estado, em 23 de novembro de 1841, consagrando outro projeto de Vasconcellos.

A ASCENSÃO DO REGRESSO

Malgrado a revisão das reformas não estar inicialmente atrelada ao Regresso (até porque já era cogitada por pessoas de diferentes tendências políticas e com motivos diversos antes da articulação desse movimento), acabou se tornando a bandeira central do projeto *regressista* e só se realizou graças à ascensão da nova facção. Alimentou-se essa facção da crise incessante atravessada pela regência Feijó. Até o final de 1836, boa parte da força demonstrada na Câmara pela corrente emergente advinha de um heterogêneo grupo de deputados (antigos *caramurus*, *exaltados* e dissidentes *moderados*, além de indivíduos sem identidade política bem definida) que fazia oposição ao governo — e assim costumava aliar-se aos *regressistas* já assumidos —, mas que nem por isso havia aderido a esse movimento. A cada enfrentamento do governo com o Parlamento engrossavam as fileiras da oposição (posto que não necessariamente em direção ao Regresso). A fala do trono de abertura da sessão legislativa de

1837 foi recebida como insulto à Câmara, provocando forte reação, a ponto de o governista Raphael de Carvalho admitir que as palavras do regente equivaliam a uma "declaração de guerra".[99] Outro *progressista* a então mudar de lado foi Henriques de Rezende, que, em 15 de junho de 1837, apresentou denúncia contra os ex-ministros do império (Manoel da Fonseca Lima e Silva) e da Justiça (Gustavo Pantoja), em razão das recentes medidas de anulação do pleito para a Câmara dos Deputados em Sergipe e na Paraíba, e de restrição à liberdade de imprensa, respectivamente. Ao mesmo tempo, prosseguia o sangramento governamental nas discussões acerca das propostas de fixação dos efetivos militares. Provas da instabilidade do governo e da falta de apoio a que ficou reduzido foram a sucessão de gabinetes — quatro em quase dois anos (a segunda maior rotatividade ministerial do império, só inferior à sequência de cinco gabinetes em 1831) — e o rodízio das pastas entre poucas pessoas — apenas 11, para o total de 24 cargos (seis ministérios para cada gabinete).[100]

Capitalizando os lucros advindos do desgaste do regente, o Regresso saiu-se vitorioso nas eleições nacionais para a legislatura que se iria iniciar em 1838, cabendo-lhe capitanear a aliança difusa de descontentes responsável pela queda de Feijó — que, afinal, renunciou em 19 de setembro de 1837, alegando que sua permanência no cargo "não pode remover os males públicos, que cada dia se agravam pela falta de leis apropriadas".[101] Assumia o governo o recém-nomeado ministro do império Araujo Lima, ex-*caramuru* convertido ao Regresso. O gabinete que se seguiu, com Vasconcellos e Rodrigues Torres à frente, evidenciara a nova direção política, consagrada, em abril seguinte, pela confirmação eleitoral de Araujo Lima como regente. Completariam a tropa de choque do governo o então deputado e presidente da província do Rio de Janeiro, Paulino Soares de Souza, e Euzebio de Queiroz, nomeado chefe de polícia da corte.

A nova composição política — núcleo do futuro Partido Conservador — vinculava-se, em suas origens, a uma aliança entre grandes produtores de açúcar da província do Rio de Janeiro e do Nordeste, comerciantes de grosso trato, burocratas da corte e magistrados (o emergente setor de cafeicultores do Vale do Paraíba só ganharia peso mais tarde).[102] Original-

mente, era formada por parte dos ex-*moderados* (tanto aqueles que se opuseram às reformas, como Carneiro Leão e Rodrigues Torres, quanto alguns que as promoveram, como Vasconcellos e Satunino Oliveira), pela maioria dos antigos *caramurus* (como Miguel Calmon e Araujo Lima) e por uma nova geração de políticos que não integrava o Parlamento na época da discussão das reformas e iniciava agora a carreira política apoiando a revisão das mudanças (como Paulino e Euzébio). A ideia de organização de um "terceiro partido" (alternativo ao governista e à oposição) surgiu em meados de 1835, nas páginas do jornal *O Sete d'Abril*, orientado por Vasconcellos, inspirada na iniciativa do jurista e político francês André Dupin (ou Dupin Aîné), que, após a instauração da Monarquia de Julho, criara um bloco parlamentar com aquela denominação.[103] Logo chamada de Regresso — por supostamente pretender restabelecer a ordem político-institucional vigente antes das reformas —, a facção ascendente defendia uma monarquia constitucional centralizada, com concentração de poderes no Parlamento para uns (os egressos da *moderação*) e no Executivo para outros (ex-*caramurus* e os líderes da nova geração). Não era contra as reformas liberais em si, mas entendia que o país ainda não estava preparado para elas, que teriam, assim, levado à anarquia, ameaçando a integridade nacional; era preciso, portanto, corrigi-las, de modo a dotar de novo o governo dos instrumentos de controle capazes de assegurar o progresso dentro da ordem. É esse o sentido da célebre justificativa de Vasconcellos para sua adesão ao Regresso:

> Fui liberal; então a liberdade era nova no país, estava nas aspirações de todos, mas não nas leis, não nas ideias práticas; o poder era tudo; fui liberal. Hoje, porém, é diverso o aspecto da sociedade: os princípios democráticos tudo ganharam e muito comprometeram; a sociedade que então corria risco pelo poder, corre agora risco pela desorganização e pela anarquia. Como então quis, quero hoje servi-la, quero salvá-la, e por isso sou regressista. Não sou trânsfuga, não abandono a causa que defendi, no dia do seu perigo, de sua fraqueza: deixo-a no dia que tão seguro é o seu triunfo que até o excesso a compromete.[104]

Expressando princípio basilar do pensamento conservador, os *regressistas* achavam que as mudanças deveriam ser feitas lentamente, sem saltos, e de forma pragmática, em conformidade com a *razão nacional* e com o *estado de civilização* do país. Já senador, Vasconcellos declarou, na sessão de 6 de julho de 1839, que sempre receara a reforma da Constituição, mas a defendera após a abdicação por acreditar que "poderia contribuir muito para embaraçar o carro do que então se chamou revolução".[105] O governo centralizado não era mais entendido como sinônimo de despotismo, e sim, ao contrário, como único capaz de garantir a liberdade, ao conter os arbítrios dos poderes locais facciosos.[106] Os *regressistas* defendiam também a importância do Conselho de Estado, do Poder Moderador, da vitaliciedade dos senadores, dos títulos de nobreza e da aristocracia, enquanto pontos de equilíbrio e contrapesos necessários aos "elementos democráticos" (as eleições, as câmaras dos deputados e municipais, as assembleias legislativas, o juizado de paz, o júri).[107] Criticavam, tal como o jornal fluminense *O Chronista*, as concepções abrangentes de liberdade — "capa de quanto velhaco político, de quanto ambicioso tem existido" — e de igualdade — "novo disfarce da inveja, palavra sem sentido que tem feito revoluções".[108]

Em oposição ao Regresso achavam-se os partidários do Progresso, que daria origem ao Partido Liberal. Segundo José Murilo de Carvalho, sua base social era formada por profissionais liberais de extração urbana (principalmente advogados e jornalistas) e por grandes proprietários rurais, sobretudo de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul.[109] O grupo era integrado primordialmente por grande parte dos *moderados* que apoiaram as reformas (como Limpo de Abreu e Nicolau Vergueiro), por antigos *exaltados* (como Henriques de Rezende e o estreante na Câmara Teophilo Ottoni) e, curiosamente, por alguns *caramurus* (como Hollanda Cavalcanti e Antonio Carlos de Andrada). Defendiam a fidelidade aos ideais (*moderados*) do movimento do 7 de abril, a autonomia provincial, a prevalência do Legislativo sobre o Executivo e a ausência ou restrição do Poder Moderador. Se ordem era o lema principal dos *regressistas*, que receavam a anarquia, liberdade era o dos progressistas, que temiam o despotismo. Todavia, como observou com argúcia Ilmar Mattos, era esse o ponto fraco

dos *progressistas*; em meio à situação caótica que parecia assolar o império desde o início do período regencial, cada vez mais imputada ao excesso de liberdade, não conseguiam evitar que essa sua bandeira fosse atrelada ao princípio da ordem pregado por seus adversários, ao qual acabariam se vendo forçados a aderir para escapar à pecha de anarquistas, de inimigos da integridade nacional e mesmo de antimonarquistas.[110]

Além de dar andamento às revisões das reformas, o governo *regressista* de Araujo Lima, com Vasconcellos à frente, logo revogou o polêmico decreto que restringia a liberdade de imprensa e empreendeu a criação, em 1837-1838, de instituições culturais ainda hoje existentes, destinadas a promover o ensino secundário, a memória nacional e a história pátria: o Imperial Colégio Pedro II, o Arquivo Público (atual Nacional) e, de iniciativa privada mas com apoio oficial, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Fatos mais controversos marcaram também a nova Regência, como a retomada do ritual do beija-mão por Araujo Lima, na cerimônia do 13º aniversário do imperador; prática que, para a oposição, patenteava o caráter aristocrático do Regresso.[111] Mas o principal problema continuava a ser a agitação rebelde nas províncias: além de não conseguir debelar a Cabanagem e a Revolução Farroupilha, o governo, tão logo iniciado, já se viu forçado a enfrentar duas novas revoltas, a Sabinada e a Balaiada. Lidou com elas como o fizera Feijó, que fora tão combatido pela então oposição *regressista*: a repressão violenta, seguida de ofertas de negociação e anistia. Não escapou, assim, das mesmas críticas feitas outrora por seus partidários, sendo ora acusado de despótico, ora de fraco. Por conseguinte, viu-se também enredado na crise de autoridade que derrubara o governo transato e que acabou precipitando a queda do gabinete dirigido por Vasconcellos, em 16 de abril de 1839.

O GOLPE DA MAIORIDADE

A solução para a crise mais uma vez parecia passar pela derrubada da Regência. Desejosos de tomar o poder, mas em minoria no Parlamento, os *progressistas* começaram a articular um golpe para antecipar a maio-

ridade do imperador, estabelecida pela Constituição em 18 anos. A ideia não era nova. Desde 1835, propostas de maioridade imperial vinham sendo apresentadas sem sucesso.[112] Agora, porém, o panorama era mais favorável, beneficiado pelo próprio êxito do discurso *regressista* de reforço da ordem e do "elemento monárquico", contrastado com a incapacidade dos sucessivos governos regenciais de debelar a anarquia. Aproveitando-se dessa situação, os *progressistas* fundaram, em 15 de abril de 1840, o Clube da Maioridade, ou Sociedade Promotora da Maioridade, em reunião na casa de José Martiniano de Alencar, que contou também com a presença de seus colegas Hollanda Cavalcanti, Antonio da Costa Ferreira e Francisco de Paula Cavalcanti, e dos deputados Antonio Carlos de Andrada (eleito presidente da entidade), seu irmão Martim Francisco, Carlos Peixoto de Alencar e José Mariano Cavalcanti. Logo aderiram, entre outros, os deputados Teophilo Ottoni, José Feliciano Pinto Coelho, Francisco Montezuma, Limpo de Abreu e Aureliano Coutinho, e os senadores Ferreira de Mello, Francisco de Lima e Silva e Nicolau Vergueiro, além do então publicista José Antonio Marinho.

No dia 13 de maio, Hollanda Cavalcanti, José de Alencar, Paula Cavalcanti, Ferreira de Mello, Costa Ferreira e Manoel de Mello e Souza apresentaram dois projetos no Senado, que propunham, o primeiro, a pronta maioridade de d. Pedro II e, o segundo, a criação de um conselho privado da coroa, com 10 membros. Os *Anais do Senado* registram a "Sensação" causada pelas propostas no plenário, assim como "o mais profundo silêncio" reinante quando colocadas em discussão uma semana depois, a ponto de o presidente da Casa, marquês de Paranaguá, ser o único a tomar a palavra, em defesa da maioridade.[113] A rejeição por diferença de apenas dois votos (18 a 16), em Senado amplamente dominado pelos *regressistas*, indicava que a medida já caminhava a passos largos para ser aceita. Rumava-se rapidamente também para o quase consenso de que toda a mística e o prestígio que revestiam a monarquia, personificada na figura do imperador, eram essenciais para restabelecer a ordem que o Regresso tanto pregava. Sobre os que ainda resistiam pesava o embaraçoso labéu de inimigos da tão exaltada monarquia.

Os *maioristas* decidiram, então, ser mais ousados, buscando a aquiescência do próprio monarca. A avaliação que fizeram, segundo o testemunho de Teophilo Ottoni, era que "a medida só podia atingir o seu alvo se obtivéssemos previamente o acordo e a benevolência do imperador". Seria essa uma vontade que, naquela altura, ninguém ousaria contrariar, acima de qualquer argumento, até mesmo da Constituição. Ainda conforme Ottoni, os Andrada ficaram encarregados de fazer chegar a d. Pedro uma carta em que, secretamente, pediam sua concordância com a ação, uma iniciativa apresentada como "dos Andradas e seus amigos."[114] A resposta afirmativa, comunicada por Bento Antonio Vahia[115] e depois confirmada por escrito, deu o impulso que faltava ao movimento, que parecia já ter também apoio da opinião pública.[116]

Em 20 de julho, Limpo de Abreu requereu, na Câmara, a formação de comissão para oferecer, com urgência, a medida mais conveniente de encaminhamento da maioridade. Rocha Galvão solicitou que essa fosse decretada por aclamação. Em seguida, Martim Francisco apresentou duas propostas, convidando o Senado a deliberar a respeito em sessão conjunta e declarando já a maioridade. No dia seguinte, Antonio Carlos colocou em destaque outro projeto de maioridade, atropelando o parecer daquela comissão (composta por Francisco Ramiro Coelho, Gonçalves Martins e Nunes Machado), que, em manobra protelatória, recomendou que se convidasse o Senado a também formar comissão. Procurando ganhar tempo e, quiçá, tomar a frente do movimento, o regente prontificou-se, perante o imperador, a preparar a maioridade para 2 de dezembro, quando o monarca completaria 15 anos. Além disso, no dia 22, reconduziu às pressas Vasconcellos ao Ministério do Império e determinou o adiamento da Assembleia. Essas medidas, porém, provocaram forte indignação entre os deputados e senadores *progressistas*, que, reunidos no Senado, com apoio de batalhões da Guarda Nacional, do comandante das Armas Francisco de Paula Vasconcellos e dos estudantes da Academia Militar, enviaram deputação mista (liderada por Antonio Carlos e Hollanda Cavalcanti) ao imperador, suplicando-lhe entrar logo no exercício de suas atribuições. Indagado então pelo regente se queria assumir naquele momento ou em 2 de dezembro, d. Pedro teria respondido com

o famoso "quero já".[117] Assim, em 23 de julho, a Regência era finalmente dissolvida, dando início ao Segundo Reinado.[118]

Um ano depois, em 18 de julho, realizou-se a pomposa cerimônia de sagração e coroação do jovem monarca, prolongando-se as festividades até o dia 24, com notável presença popular.[119] Comemoração emblemática, tanto do novo tempo que se iniciava, como, por contraste, da outrora celebrada Revolução do 7 de Abril. Transcorridos esses dez anos, o povo do Rio de Janeiro estava de novo nas ruas. Mas, diferente daquela época, em que entrara em cena para derrubar o imperante, não era mais o agente dos acontecimentos, figurando agora como mero espectador, a saudar a subida ao trono do filho daquele que, há não muito tempo, ajudara a depor. Neste ínterim, muita coisa mudou: de cidadão que lutava para se fazer soberano, o povo voltava serenamente à condição de súdito, sob a proteção de um novo imperador.

A HERANÇA REGENCIAL

O período das regências constitui momento crucial do processo de construção da nação brasileira. Por sua pluralidade e ensaísmo, Marco Morel o definiu como um grande "laboratório" político e social, no qual as mais diversas e originais fórmulas políticas foram elaboradas e diferentes experiências testadas, abarcando amplo leque de estratos sociais.[120] O mosaico regencial não se reduz, portanto, a mera fase de transição, tampouco a uma aberração histórica anárquica, nem mesmo a simples "experiência republicana". A crise profunda, produzida primeiro pela oposição a d. Pedro I e depois na disputa pelo governo regencial, aliada à vacância do trono e à falta de unidade até então observada da elite política imperial, ensejou a formação de facções distintas, portadoras de diferentes projetos. Possibilitou também a entrada em cena de novos atores políticos e de camadas sociais até então excluídas de qualquer participação ativa.

A edificação da nação, nesse momento, passava substancialmente pela via do espaço público, sendo marcada por autênticas "guerras de opiniões",

por "guerras de doutrinas".[121] Se os acirrados antagonismos dificultavam a união dos habitantes do império em torno de um mesmo princípio político, não impediam a identificação desses indivíduos com a tão decantada nação, pois, se as rivalidades expressavam os diferentes projetos nutridos por cada facção, acima deles havia, entretanto, um compromisso geral com essa pátria que, afinal de contas, todos almejavam construir. Nenhum desses grupos colocava essa meta verdadeiramente em questão; apenas divergiam em termos de seus ideais, pautando sempre sua ação exatamente no sentido de afirmar a nação brasileira, em nome da qual, aliás, justificavam seus projetos. Haja vista o principal argumento usado nessa defesa ser a "razão nacional". Até porque, reconheciam todos a heterogeneidade da nação brasileira, de modo que as diferenças entre eles estavam na interpretação sobre a maneira acertada de lidar com tal realidade. Valores nacionais eram então afirmados e difundidos — como um "plebiscito diário", de que falava Renan[122] —, por meio dos jornais e folhetos, que circulavam entre as diversas partes do império; da rede de associações, que mantinham estreito contato entre si, compartilhando notícias, ideias e sócios; das festividades cívicas, destinadas a construir uma memória nacional; e, até, das revoltas, que, não obstante suas formas violentas de contestação, não possuíam real intento separatista e, ao fim e ao cabo, promoviam a exaltação da pátria e o sentimento de compromisso com a nação.

Matizando a habitual imagem negativa da Regência como período anômico e anômalo, que teria representado ameaça e empecilho à integridade nacional (visão cristalizada pela produção *conservadora* do Segundo Reinado), tais atividades demonstram — por sua ação mobilizadora e enquanto lugares de exercício informal da cidadania — que foi esse então um dos eixos do longo e tortuoso processo de construção, de baixo para cima, da nação brasileira.

A rearticulação das forças políticas a partir de 1835, com a emergência do Regresso, resultou, contudo, em uma guinada nesse movimento. Malgrado a disputa com os *progressistas*, começava a se construir então — para se firmar efetivamente na década seguinte — o consenso em torno

da necessidade de reduzir a margem de conflitos no interior da elite política, cada vez mais alarmada com a experiência anárquica regencial. Essa vivência e esse temor, transportados para a memória nacional, tiveram papel fundamental na relativa homogeneização ideológica da elite política no Segundo Reinado, no estabelecimento do *tempo saquarema* e, enfim, nos rumos doravante seguidos pela política imperial. É esse novo pacto o principal responsável pelo recuo e esvaziamento do espaço público — e das práticas de cidadania a ele associadas — desenvolvido na primeira metade da década de 1830 nas grandes cidades do império, ainda muito dependente dos impulsos gerados pelas facções em luta franca. A antecipação da maioridade de d. Pedro II e sua subida ao trono, com todo o peso da mística que envolvia a figura do imperador e a força da tradição monárquica, ajudaram a cimentar a recomposição da elite política e a definir, assim, um importante mecanismo regulador de conflitos, reforçado pelo sistema adotado de rotatividade periódica dos gabinetes entre *liberais* e *conservadores*. Somente mais de 30 anos depois é que aquela dinamização da esfera pública, verificada na Regência, será retomada, com novas e velhas roupagens, no contexto da crescente crise política que se seguiu ao término da hegemonia *saquarema* e produziu novo racha no seio da elite dirigente, estendendo-se até o fim do império.

A herança regencial afigura-se, ainda, tanto na promoção de novos quadros políticos — construtores da consolidação do Estado imperial —, como nas propostas legadas. Os *caramurus*, com sua idolatria aos princípios originais da Constituição de 1824 e à monarquia representativa centralizada, forneceram as bases do modelo político abraçado pelos *conservadores*. Os *moderados*, com suas medidas para reduzir os poderes concentrados nas mãos do governo central, inspiraram os *liberais*. E os *exaltados* tiveram várias de suas bandeiras resgatadas, após quase quatro décadas, pelo novo Partido Liberal, pelo Clube Radical e pelo Partido Republicano.

Notas

1. Justiniano José da Rocha, "Ação, reação, transação: duas palavras acerca da atualidade política do Brasil", *in* Raimundo Magalhães Júnior (org.) [1855], *Três panfletários do Segundo Reinado*, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1956, p. 176-199; visconde do Uruguai, "Ensaio sobre o direito administrativo", *in* José Murilo de Carvalho (org.), *Visconde do Uruguai* [1862], São Paulo, Ed. 34, 2002, especialmente p. 449-467; João Manuel Pereira da Silva, *Memórias do meu tempo*, 2ª ed., Brasília, Senado Federal, 2003, capítulo I; Moreira de Azevedo, *Historia patria: o Brazil de 1831 a 1840*, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1884 (além de vários artigos do autor citados adiante); e Joaquim Nabuco [1897-1899], *Um estadista do império*, v. 1, 5ª ed., Rio de Janeiro, Topbooks, 1997, p. 52-59 e 65-67.
2. Timandro (Francisco de Salles Torres Homem), "O libelo do povo", *in* Raimundo Magalhães Júnior (org.), *op. cit.*, p. 75-92; Theophilo Benedicto Ottoni [1860], "Circular Dedicada aos Srs. Eleitores de Senadores pela Provincia de Minas-Geraes", *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, t. LXXVIII, parte II, 2ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1916, p. 205-256; Cristiano Benedito Otoni [1870], *Autobiografia*, Brasília, Ed. UnB, 1983, capítulo IV; Aureliano Cândido Tavares Bastos [1870], *A província: estudo sobre a descentralização no Brasil*, 3ª ed., São Paulo/Brasília, Cia. Editora Nacional/Instituto Nacional do Livro, 1975, principalmente o capítulo I da segunda parte.
3. Octavio Tarquinio de Souza, *História dos fundadores do império do Brasil*, 10 v., Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.
4. Além do livro citado na nota 1, *cf.* estes artigos da *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*: "Sedição militar na ilha das Cobras em 1831", t. XXXIV, parte 2, 1871; "Os tiros no theatro: motim popular no Rio de Janeiro", t. XXXVI, parte 2, 1873; "Sedição militar de julho de 1831 no Rio de Janeiro", t. XXXVII, parte 2, 1874; "Motim politico de 3 de abril de 1832 no Rio de Janeiro", t. XXXVII, parte 2, 1874; "Motim politico de 17 de abril de 1832 no Rio de Janeiro", t. XXXVIII, parte 2, 1875; "Motim politico de dezembro de 1833 no Rio de Janeiro: remoção do tutor do imperador", t. XXXIX, parte 2, 1876; e "Sociedades fundadas no Brazil desde os tempos coloniaes até o começo do actual reinado", t. XLVIII, parte 2, 1885.
5. Paulo Pereira de Castro, "A experiência republicana, 1831-1840", *in* Sérgio Buarque de Holanda (dir.) e Pedro Moacyr Campos (assist.), *História geral da civilização brasileira*, t. II, *O Brasil monárquico*, v. 2, *Dispersão e unidade*, 5ª ed., São Paulo, Difel, 1985.
6. Tais trabalhos possibilitaram novas sínteses, como: Leslie Bethell e José Murilo de Carvalho, "Brasil (1822-1850)", *in* Leslie Bethell (org.), *Historia de América Latina*, v. 6, *America Latina independiente, 1820-1870*, Barcelona, Crítica, s/d., p. 331-348; Arnaldo Fazoli Filho, *O período regencial*, 2ª ed., São Paulo, Ática, 1994; Maria de Lourdes Viana Lyra, *O império em construção: Primeiro Reinado*

e regências, São Paulo, Atual, 2000; e Marco Morel, *O período das regências (1831-1840)*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

7. Helio Vianna, *Contribuição à história da imprensa brasileira (1812-1869)*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional/Instituto Nacional do Livro, 1945; Nelson Werneck Sodré, *A história da imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, capítulos I-IV; e Gondin da Fonseca, *Biografia do jornalismo carioca (1808-1908)*, Rio de Janeiro, Quaresma, 1941, principalmente o capítulo III.
8. Arnaldo Daraya Contier, *Imprensa e ideologia em São Paulo (1822-1842): matizes do vocabulário político e social*, Petrópolis/Campinas, Vozes/Unicamp, 1979; Vera Maria Fürstenau, *Jornais e leitores: uma polêmica apaixonada na cidade do Rio de Janeiro (1831-1837)*, dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, 1994, capítulo I; Ivana Stolze Lima, *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no império do Brasil*, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2003, capítulo 1; Marcello Otávio Neri de Campos Basile, *Anarquistas, rusguentos e demagogos: os liberais exaltados e a formação da esfera pública na corte imperial (1829-1834)*, dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, PPGHIS/UFRJ, 2000, capítulos I-V; *idem*, *O império em construção: projetos de Brasil e ação política na corte regencial*, tese de doutorado, Rio de Janeiro, PPGHIS/UFRJ, 2004, capítulos I, II, V, VI, VII e XI; e *idem*, *Ezequiel Corrêa dos Santos: um jacobino na corte imperial*, Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 2001, capítulos I e II.
9. Augustin Wernet, *As sociedades políticas da província de São Paulo na primeira metade do período regencial*, tese de doutorado, São Paulo, FFLCH/USP, 1975; *idem*, *Sociedades políticas (1831-1832)*, São Paulo/Brasília, Cultrix/Instituto Nacional do Livro, 1978; Lucia Maria Paschoal Guimarães, *Em nome da ordem e da moderação: a trajetória da Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional do Rio de Janeiro*, dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, PPGHIS/UFRJ, 1990; Marco Morel, *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820-1840)*, São Paulo, Hucitec, 2005, capítulos 8 e 9; Marcello Otávio Basile, *Ezequiel Corrêa dos Santos...*, *op. cit.*, último capítulo; *idem*, *O império em construção...*, *op. cit.*, capítulos III, VIII e XII; Manuel Correia de Andrade, *Movimentos nativistas em Pernambuco: Setembrizada e Novembrada*, Recife, UFPE, 1974, capítulo V; Silvia Carla Pereira de Brito Fonseca, *A ideia de República no império do Brasil: Rio de Janeiro e Pernambuco (1824-1834)*, tese de doutorado, Rio de Janeiro, PPGHIS/UFRJ, 2004, capítulo 6; José Luiz Werneck da Silva, *A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (1827-1904) na formação social brasileira: a conjuntura de 1871 a 1877*, dissertação de mestrado, Niterói, ICHF/UFF, 1979, em particular os capítulos II do v. I (sobretudo p. 60-92) e III do v. II (p. 7-31); e Genaro Rangel, *Semeadura e colheira: memória histórica da Imperial Sociedade Amante da Instrução*, Belo Horizonte, O Lutador, 1979, capítulos I-VII.

10. Alcir Lenharo, *As tropas da moderação (o abastecimento da corte na formação política do Brasil — 1808-1842)*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes/Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural/Divisão de Editoração, 1993; Wlamir José da Silva, *"Liberais e povo": a construção da hegemonia liberal-moderada na província de Minas Gerais (1830-1834)*, tese de doutorado, Rio de Janeiro, PPGHIS/UFRJ, 2002; Marco Morel, *Cipriano Barata na Sentinela da Liberdade*, Salvador, Academia de Letras da Bahia/Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2001; *idem*, *As transformações dos espaços públicos...*, *op. cit.*; Marcello Otávio Basile, *Ezequiel Corrêa dos Santos...*, *op. cit.*, primeiro e segundo capítulos; *idem*, *Anarquistas, rusguentos e demagogos...*, *op. cit.*; e idem, *O império em construção...*, *op. cit.*
11. Miriam Dolhnikoff, *O pacto imperial: origens do federalismo no Brasil do século XIX*, São Paulo, Globo, 2005.
12. Jeffrey D. Needell, "Party formation and State-making: the Conservative Party and the reconstruction of the brazilian State", 1831-1840, *Hispanic American Historical Review*, v. 81, nº 2, Duke University Press, maio de 2001.
13. Exemplos mais recentes desses trabalhos que buscam escapar às antigas abordagens factuais e apologéticas são: Pasquale Di Paolo, *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia*, Belém, Conselho Estadual de Cultura, 1985; Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, *Visões da Cabanagem: uma revolta popular e suas representações na historiografia*, Manaus, Valer, 2001; Maria Januária Vilela Santos, *A Balaiada e a insurreição de escravos no Maranhão*, São Paulo, Ática, 1983; Maria de Lourdes Mônaco Janoti, *A Balaiada*, São Paulo, Brasiliense, 1987; Claudete Maria Miranda Dias, *Balaios e bem-te-vis: a guerrilha sertaneja*, Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995; Paulo César Souza, *A Sabinada: a revolta separatista da Bahia, 1837*, São Paulo, Círculo do Livro, 1987; Spencer Leitman, *Raízes socioeconômicas da Guerra dos Farrapos: um capítulo da história do Brasil no século XIX*, Rio de Janeiro, Graal, 1979; Sandra Jatahy Pesavento *et al.*, *A Revolução Farroupilha: história e interpretação*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985; Manuel Correia de Andrade, *A guerra dos cabanos*, Rio de Janeiro, Conquista, 1965; Décio Freitas, *Os guerrilheiros do imperador*, Rio de Janeiro, Graal, 1978; e Dirceu Lindoso, *A utopia armada: rebeliões de pobres nas matas do Tombo Real (1832-1850)*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
14. Dessas revoltas, só as de Pernambuco foram mais estudadas: Manuel Correia de Andrade, *Movimentos nativistas em Pernambuco*, *op. cit.*, capítulos IV e VI; Maria do Socorro Ferraz Barbosa, *Liberais & liberais: guerras civis em Pernambuco no século XIX*, Recife, Ed. Univ. UFPE, 1996, capítulo IV; Marcus Joaquim Maciel de Carvalho, *Hegemony and Rebellion in Pernambuco (Brazil), 1821-1835*, Urbana, University of Illinois at Urbana-Champaign, 1989, sobretudo os capítulos 5 e 6. Para as demais províncias há apenas alguns poucos trabalhos: sobre a revolta cearense: João Alfredo de Sousa Montenegro, *Ideologia e conflito no Nordeste rural (Pinto Madeira e a revolução de 1832 no Ceará)*, Rio de Janeiro, Tempo

Brasileiro, 1976; sobre a sedição de Ouro Preto: Wlamir José da Silva, *"Liberais e povo"*, *op. cit.*, capítulo 7; sobre a Rebelião Cuiabana: Valmir Batista Corrêa, *História e violência em Mato Grosso: 1817-1840*, Campo Grande, Ed. Univ. Fed. Mato Grosso do Sul, 2000, parte II; sobre os movimentos da corte: Marcello Otávio Neri de Campos Basile, *O império em construção...*, *op. cit.*, capítulos IX, X, XIII e XIV.

15. Ver, a respeito, João José Reis, *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês (1835)*, São Paulo, Brasiliense, 1986; Marcos Ferreira de Andrade, *Rebeldia e resistência: as revoltas escravas na província de Minas Gerais (1831-1840)*, dissertação de mestrado, Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, 1996; e Flávio dos Santos Gomes, *Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro — Século XIX*, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995, capítulo II.
16. Gladys Sabina Ribeiro, *A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado*, Rio de Janeiro, Relume Dumará/Faperj, 2002. Sobre o problema antilusitano na corte, analisado a partir das disputas socioeconômicas e políticas relacionadas às atividades dos caixeiros, ver também Lenira Menezes Martinho, "Caixeiros e pés-descalços: conflitos e tensões em um meio urbano em desenvolvimento", *in* Lenira Menezes Martinho e Riva Gorenstein, *Negociantes e caixeiros na sociedade da independência*, Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes/Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural/Divisão de Editoração, 1993, parte 1, sobretudo o capítulo 4.
17. *Cf.* João José Reis, *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, São Paulo, Cia. das Letras, 1991.
18. Hendrik Kraay, "Definindo nação e Estado: rituais cívicos na Bahia pós-independência (1823-1850)", *Topoi: revista de História*, nº 3, Rio de Janeiro, 7Letras, setembro de 2001; *idem*, "Between Brazil and Bahia: celebrating Dois de Julho in nineteenth-century Salvador", *Journal of Latin American Studies*, nº 31, Cambridge, Cambridge University Press, 1999; *idem*, "Sete de Setembro: changing meanings of Independence celebrations in Rio de Janeiro, 1823-1864", mimeo; *idem*, "Nation, State and popular politics in Rio de Janeiro: civic rituals after Independence", mimeo; Carla Simone Chamon, *Festejos imperiais: festas cívicas em Minas Gerais (1815-1845)*, Bragança Paulista, Ed. Univ. São Francisco, 2002, sobretudo o capítulo 3; Marcello Otávio Neri de Campos Basile, *O império em construção...*, *op. cit.*, capítulo IV; *idem*, "O ruidoso nascimento de uma nação", *Revista de História da Biblioteca Nacional*, nº 3, Rio de Janeiro, Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional, 2005.
19. "(...) seria difícil aperfeiçoar muito nossos conhecimentos de vários aspectos da história do período regencial. Por exemplo, o que resta saber do papel político da imprensa da corte daquela época? Da vida e das atividades públicas das principais figuras da política nacional? Das atividades políticas das lojas maçônicas? (...)

Temos à mão muitas histórias pormenorizadas, que esboçam os contornos políticos das revoluções e sublevações provincianas." Rollie E. Poppino, "A Regência e a história do Brasil: um desafio aos historiadores", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 307, Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1976, p. 147.

20. Joaquim Nabuco, *Um estadista do império*, 5ª ed., Rio de Janeiro, Topbooks, 1997, v. 1, p. 52.
21. John Armitage, *História do Brasil desde o período da chegada da família de Bragança, em 1808, até a abdicação de D. Pedro I, em 1831, compilada à vista dos documentos públicos e outras fontes originais formando uma continuação da História do Brasil, de Southey*, Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1981, p. 226.
22. Arnaldo Fazoli Filho, *op. cit.*, p. 15.
23. Sobre o movimento do 7 de abril e as agitações que o precederam na corte, ver Marcello Otávio Neri de Campos Basile, *Anarquistas, rusguentos e demagogos...*, *op. cit.*, Introdução.
24. Alcir Lenharo, *op. cit.*, capítulo 5, em especial p. 102-109.
25. A elite política imperial compreendia, nos termos de José Murilo de Carvalho, o conjunto de indivíduos que ocupavam os altos cargos do Executivo e do Legislativo e eram responsáveis pela tomada de decisões da política nacional (deputados gerais, senadores, ministros e conselheiros de Estado). José Murilo de Carvalho, *A construção da ordem: a elite política imperial*, Brasília, Ed. UnB, 1981, capítulos 2, 6 e 7.
26. Luiz Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, *Proclamação dirigida pela reunião dos representantes da nação aos brasileiros*, Rio de Janeiro, Typographia de T. B. Hunt e C., 1831, p. 1. Essa visão, imbuída também da ideia de revolução exemplarmente pacífica, sem derramamento de sangue, foi largamente difundida em diversos outros panfletos e jornais da época. Ver, por exemplo, Silverio Candido de Faria, *Breve historia dos felizes accontecimentos politicos no Rio de Janeiro em os sempre memoraveis dias 6 e 7 de abril de 1831*, Rio de Janeiro, Typographia de Thomaz B. Hunt e C., 1831; Antonio Borjes da Fonseca, *Compatriotas [Proclamação de A. Borges da Fonseca redator do Republico, concitando o povo à calma depois da abdicação de D. Pedro I]*, Rio de Janeiro, Typographia da Astréa, 1831; Anônimo, *Hymno offerecido á briosa nação brasileira por occasião do dia 7 de Abril de 1831*, Rio de Janeiro, Typographia de Thomas B. Hunt e C., s/d.; Francisco de Paula Brito, *Hymno ao memoravel dia 7 d'Abril de 1831*, Rio de Janeiro, Typographia d'E. Seignot-Plancher, 1831; *Aurora Fluminense*, nº 469, 8 de abril de 1831, e nº 470, 11 de abril de 1831; *Nova Luz Brasileira*, nº 131, 15 de abril de 1831; e *O Tribuno do Povo*, nº 27, 14 de abril de 1831, e nº 31, 9 de maio de 1831.
27. Theophilo Benedicto Ottoni, "Circular dedicada aos srs. eleitores de senadores...", *op. cit.*, p. 209.

28. O antagonismo entre as facções não impedia, contudo, a formação de alianças casuais e estratégicas, como a ensaiada entre os *caramurus* e parte dos *exaltados* em 1832 e 1833, chamada por Evaristo da Veiga de "liga de matérias repugnantes", soldada por "vergonhosa aberração das leis morais" (*Aurora Fluminense*, nº 834, 28 de outubro de 1833); ou a firmada entre os *moderados* e outra ala dos *exaltados* em 1833 e 1834, em prol do ato adicional.
29. Para o conceito de esfera pública, ver Jürgen Habermas, *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 42. Para a aplicação crítica do conceito à corte, cf. Marco Morel, *As transformações*..., *op. cit.*; Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, *Corcundas e constitucionais: a cultura política da independência (1820-1822)*, Rio de Janeiro, Revan/Faperj, 2003, capítulo 3; e Marcello Otávio Neri de Campos Basile, *Anarquistas*..., *op. cit.*, capítulo VIII.
30. Francisco de Paula Ferreira de Rezende, *Minhas recordações*, 2ª ed., Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1988, p. 53-54.
31. Os viajantes ingleses Robert Walsh e John Armitage ficaram impressionados com o grande concurso de pessoas, "às vezes da mais humilde condição social", nas sessões parlamentares daqueles tempos e com o grau de envolvimento e interesse do público. Robert Walsh, *Notícias do Brasil (1828-1829)*, v. 2, Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1984, p. 192-193; e John Armitage, *op. cit.*, p. 207 (citação). Além das galerias lotadas, as atas das sessões registram vários pequenos tumultos provocados pela plateia. Gritos, discussões, ofensas, batidas de pés e até escarradas e moedas atiradas sobre os parlamentares não raramente interrompiam os trabalhos e suscitavam reações indignadas; chegou-se a recorrer à retirada forçada dos espectadores, ao emprego de dois fiscais de galeria e à elaboração de um edital que determinava silêncio absoluto da plateia, proibindo qualquer manifestação de aprovação ou desaprovação durante as sessões, vedava a entrada de indivíduos armados ou portando bengala, obrigava o uso de casaca ou sobrecasaca e ordenava a distribuição de senhas (limitadas em 200). Cf. *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados, Sessão de 1832*, coligidos por Antonio Pereira Pinto, Rio de Janeiro, Typographia de H. J. Pinto, 1879, t. 1, p. 8, 9 e 115; t. 2, p. 44 (edital), 45, 46, 48 e 58, por exemplo.
32. A representação provincial era a seguinte: Minas Gerais, vinte deputados; Bahia, treze; Pernambuco, treze; São Paulo, nove; Rio de Janeiro, oito; Ceará, oito; Paraíba do Norte, cinco; Alagoas, cinco; Maranhão, quatro; Pará, três; São Pedro do Rio Grande do Sul, três; Sergipe, dois; Goiás, dois; Piauí, Rio Grande do Norte, Espírito Santo, Mato Grosso e Santa Catarina, um em cada província.
33. O Rio de Janeiro ganhou mais dois deputados, passando para dez, ao passo que Bahia e Piauí foram contemplados cada qual com um, aumentando suas bancadas para catorze e dois deputados, respectivamente.
34. Eis a representação provincial: Minas Gerais, dez senadores; Bahia, seis; Pernambuco, seis; Rio de Janeiro, quatro; São Paulo, quatro; Ceará, quatro; Paraíba

do Norte, dois; Alagoas, dois; Maranhão, dois; Pará, São Pedro do Rio Grande do Sul, Sergipe, Goiás, Piauí, Rio Grande do Norte, Espírito Santo, Mato Grosso e Santa Catarina, um para cada província. A 50ª vaga originalmente pertencia à província Cisplatina, que se desmembrou do Brasil em 1828, passando a constituir a Banda Oriental do Uruguai.

35. *Cf.* Affonso de Escragnolle Taunay, *O Senado do império*, 2ª ed., Brasília, Senado Federal/Ed. UnB, 1978, p. 60. Ao longo do Primeiro Reinado foram nomeados 57 senadores e, durante o Segundo Reinado, 154.
36. O jornal avaliava que, na nova legislatura, havia 66 *moderados* contra 34 *exaltados*, *retrógrados* e indivíduos de opinião desconhecida ou vacilante. *Aurora Fluminense*, nº 801, 2 de agosto de 1833.
37. Jeffrey Needell (*op. cit.*, p. 299-300) calcula que, em 1837, entre 60 e 80 deputados de fato participavam das votações; deles, de 25 a 30 (de um terço à metade) seriam claramente *regressistas*, os quais precisariam mobilizar apenas de seis a doze outros deputados para assegurar vitória nas decisões.
38. Dados acerca do número de jornais publicados no período, quando existentes, são ainda muito precários. Para o centro onde essa produção era mais prolixa, a corte, Marcello e Cybelle Ipanema estimam que os periódicos em circulação mais do que duplicaram em 1831, saltando de 52 no ano anterior (o máximo chegado até então) para 114; número que se manteve em 1832, e se elevou em 1833 para 157. A partir daí, a tendência é de declínio, caindo para 81 jornais em 1834, 80 em 1835, 69 em 1836, 65 em 1837, 60 em 1838, 59 em 1839 e 65 em 1840. Marcello Ipanema e Cybelle Ipanema, "Imprensa na Regência: observações estatísticas e de opinião pública", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 307, Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1976, p. 94. Entre 1831 e 1833 havia pelo menos 14 tipografias na cidade, o dobro das existentes em 1829. Laurence Hallewell, *O livro no Brasil (sua história)*, São Paulo, T. A. Queiroz/Edusp, 1985, p. 47.
39. Manuel Duarte Moreira de Azevedo, "Sociedades fundadas no Brazil...", *op. cit.*, p. 294-321.
40. Ver, a respeito, Marco Morel, *As transformações dos espaços públicos...*, *op. cit.*, p. 261-296.
41. A posição cautelosa então assumida pela maçonaria é indicada no manifesto da Grande Oriente do Brasil de 5 de dezembro de 1831, em que declarava dedicar-se doravante aos assuntos referentes exclusivamente aos ritos e princípios universais maçônicos, prometendo não se imiscuir em questões político-partidárias. Isso a despeito da escolha para grão-mestre do prócer *caramuru* e tutor de d. Pedro II, José Bonifácio, e do senador *moderado* Nicolau Vergueiro para o mesmo cargo de outra loja, aparentemente dissidente, a Grande Oriente Nacional Brasileiro. *Cf.* Alexandre Mansur Barata, *Luzes e sombras: a ação da maçonaria brasileira (1870-1910)*, Campinas, Ed. Unicamp/Centro de Memória/Unicamp, s/d., p. 65 e 66. Todavia, Marco Morel (*As transformações dos espaços públicos...*, *op. cit.*,

p. 240-260) demonstra que não só esses, mas também outros círculos maçônicos surgidos nessa época estavam atrelados às questões políticas, apresentando tendências partidárias distintas.

42. Conforme assinalou a *Nova Luz Brasileira* (nº 145, 8 de junho de 1831, e 168, 8 de setembro de 1831), "Deve o Gênero Humano às Sociedades Secretas incalculáveis benefícios (...) Nos Países porém como é o nosso, em que o Código Crime permite publicar pela Imprensa os Direitos do Homem, julgamos que deve acabar o tempo das Sociedades Secretas, para começar uma nova era de Sociedades Patrióticas, Científicas, Filantrópicas e Literárias, e de proteção à indústria". O jornal incentivava a população a "adotar desde já o indispensável uso de formar liberais Sociedades Patrióticas, que se unam para obrar a bem deste ou daquele objeto que for conveniente à Liberdade do Povo".
43. Sobre a organização, composição e atuação dessas associações, ver a bibliografia indicada na nota 9. Dependendo da província, as sociedades vinculadas às facções políticas locais por vezes adotavam outros nomes.
44. Havia também datas regionais ou locais, como o célebre 2 de julho, na Bahia, em comemoração à adesão oficial desta província, em 1823, à independência do Brasil.
45. Sobre as festas cívicas regenciais, ver a bibliografia indicada na nota 18.
46. Ver a respeito desses movimentos as obras indicadas na nota 14.
47. Sobre a Cabanada, ver as obras citadas de Manuel Correia de Andrade (*A guerra dos cabanos*), Décio Freitas, Dirceu Lindoso e Marcus Carvalho.
48. Sobre esses movimentos, ver a bibliografia assinalada na nota 13.
49. Ver a bibliografia citada na nota 15 sobre esses movimentos.
50. *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados*, *op. cit.*, 1831, t. 1, p. 9, 19, 41-46, 97-109, 115 e 160-167.
51. *Cf.* Thomas Flory, *El juez de paz y el jurado en el Brasil imperial, 1808-1871: control social y estabilidad política en el nuevo Estado*, Cidade do México, Fondo de Cultura Económica, 1986, capítulo IV.
52. Era o caso dos ministros do Supremo Tribunal de Justiça, dos desembargadores dos tribunais da Relação, dos juízes de direito das comarcas e dos juízes municipais e de órfãos, o que possibilitava ao imperador — que ainda os podia suspender — controlar as funções da Justiça até mesmo no nível local. Sobre a burocracia judiciária do império, *cf.* José Murilo de Carvalho, *A construção da ordem...*, *op. cit.*, p. 118-120 e 136.
53. *Aurora Fluminense*, nº 473, 15 de abril de 1831. Por outro lado, no nº 558, de 18 de novembro de 1831, o jornal alertava para o perigo representado pelos exércitos permanentes, "instrumentos ora de despotismo ora de anarquia".
54. Essa prerrogativa, ao possibilitar a ascensão ao oficialato de negros e mulatos (que formavam o grosso dos alistados), fazia da Guarda Nacional, na opinião de Jeanne Berrance de Castro, uma "organização democrática", um "instrumento de mudança social pelo igualitarismo", constituindo-se, portanto, em uma "for-

ma de reivindicação e luta" para a integração social daqueles indivíduos. Todavia, Edmilson Rodrigues, Francisco Falcon e Margarida Neves ressaltam que, na prática, o preconceito racial e a política de apadrinhamento dificultavam a eleição dos homens "de cor": "esse pretenso princípio de igualdade, viciado em sua origem porque aplicado em uma sociedade essencialmente desigual, terá que ser redimensionado, transformando-se na prática numa forma de reafirmar o poder local: (...) as eleições reproduzem no interior da guarda a hierarquia existente na sociedade, balizada fundamentalmente pela propriedade". Jeanne Berrance de Castro, *A milícia cidadã: a Guarda Nacional de 1831 a 1850*, São Paulo/Brasília, Cia. Editora Nacional/Instituto Nacional do Livro, 1977, p. 141, 238 e 239; Antonio Edmilson Martins Rodrigues, Francisco José Calazans Falcon e Margarida de Souza Neves, *A Guarda Nacional no Rio de Janeiro: 1831-1918*, Rio de Janeiro, PUC-Rio/Divisão de Intercâmbio e Edições, 1981, p. 79. De qualquer forma, o mecanismo eleitoral logo provocou protestos entre aqueles que temiam ser derrotados por indivíduos de condição social inferior, ficando a eles subordinados na corporação. Contudo, a prerrogativa dada pelo ato adicional às assembleias legislativas de nomear funcionários públicos municipais e provinciais foi por elas aproveitada para substituir as eleições na Guarda pela nomeação provincial, permitindo que os poderes locais passassem a ter grande ingerência sobre a instituição. Discriminações também ocorreram no serviço ativo e na reserva, visto que, sobretudo a partir do decreto de 25 de outubro de 1832, esta última passou a constituir privilégio quase que exclusivo dos milicianos mais favorecidos socialmente.

55. Fernando Uricoechea, *O minotauro imperial: a burocratização do Estado patrimonial brasileiro no século XIX*, Rio de Janeiro/São Paulo, Difel, 1978, capítulos IV-VII.
56. Segundo John Schulz, entre os 44 generais que atuaram no exército imperial em 1830 e 1831, havia 26 portugueses, um inglês, um francês e apenas 16 brasileiros. John Schulz, *O Exército na política: origens da intervenção militar, 1850-1894*, São Paulo, Edusp, 1994, p. 24-26. Sobre as tropas estrangeiras e o motim, *cf.* Ruth Maria Kato, *Revoltas de rua: o Rio de Janeiro em três momentos (1821-1828-1831)*, dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, 1988, capítulo III, p. 110-137.
57. *Cf.* Adriana Barreto de Souza, *O Exército na consolidação do império: um estudo histórico sobre a política militar conservadora*, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1999, p. 41-56.
58. Thomas H. Holloway, *Polícia no Rio de Janeiro: repressão e resistência numa cidade do século XIX*, Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1997, p. 75.
59. Para se ter ideia da importância militar e política da família Lima e Silva, sobretudo após a abdicação, basta lembrar que o chefe do clã, Francisco, que pouco antes já era comandante das Armas da corte e província do Rio de Janeiro, passou a ser presidente da Regência Trina Provisória e foi o único membro desta a estar na

Regência Trina Permanente; um de seus irmãos, Manoel da Fonseca, que comandava o batalhão do imperador, tornou-se então ministro da Guerra; e o terceiro dos irmãos, José Joaquim, deixou de ser ajudante de campo do imperador para assumir o comando das Armas deixado por Francisco. Além de o filho deste, o então major Luís Alves (futuro duque de Caxias), ter-se tornado subcomandante do Batalhão de Oficiais-Soldados Voluntários da Pátria e, logo depois, comandante do Corpo de Guardas Municipais Permanentes da corte.

60. Reproduzia-se no interior das forças armadas a mesma divisão tripartite da política regencial, a ponto de haver na corte, em 1833, três efêmeros jornais que diziam representar a classe militar, vinculados um aos *exaltados*, outro aos *caramurus* e o terceiro aos *moderados*: *O Soldado Afflicto*, *O Militar no Rio de Janeiro* e *O Cidadão Soldado*. Em 1836, surgiu, ainda, *O Guarda Nacional*, folha dedicada a tratar dos problemas daquela milícia.
61. *O Sete d'Abril*, nº 62, 30 de julho de 1833.
62. Thomas Flory, *op. cit.*, segunda parte.
63. Passaram eles a julgar ações de maior vulto, a prender criminosos procurados pela Justiça fora de sua jurisdição, a efetuar formação de culpa e pronúncia dos acusados, a indicar os inspetores de quarteirão à Câmara Municipal e a confeccionar, junto com os párocos locais e o presidente da municipalidade, a lista dos jurados.
64. *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados*, *op. cit.*, 1831, t. 1, p. 13.
65. *Cf.* Marcello Otávio Neri de Campos Basile, *O império em construção...*, *op. cit.*, p. 59-68, 211-215 e 344-346. A mesma postura dúbia tinha a imprensa *moderada* mineira; ver Wlamir Silva, *op. cit.*, p. 220-254.
66. Paulo Pereira de Castro, "A experiência republicana, 1831-1840", *op. cit.*, p. 25.
67. A *Aurora Fluminense* confessava que, ao aprovar as reformas, a Assembleia "tirou aos facciosos um grande pretexto", pois elas eram o "estandarte da Exageração, e o mais formidável pretexto de seus excessos. A Moderação lançou mão dele. Reduziu estas exigências às formas ao menos acerbas e tratou de realizar o que havia de racionável e mesmo de vantajoso". E, em longo e revelador retrospecto, explicou os motivos da mudança de opinião: "Quando em 1830 apareceram no Rio de Janeiro as primeiras idéias de se reformar a Constituição no sentido federativo, sabe-se que a nossa opinião foi contrária a tal mudança. Julgávamos que não podia haver utilidade em alterar-se uma Constituição, aonde, embora se lhe notem defeitos, estão consagradas todas as garantias, todos os princípios liberais (...) não podíamos com certeza atribuir os nossos sofrimentos à Constituição, mas sim à sua inobservância; acreditávamos também que era prova de uma volubilidade perigosa alterarmos desde logo e sem profundo conhecimento de causa a base de nossas leis (...) Receávamos ainda e mais que tudo, o choque dos interesses e das opiniões, a aceleração do movimento revolucionário (...) Porém as idéias favoráveis à reforma foram todos os dias ganhando corpo, principalmente

nas províncias (...) O projeto das reformas saiu finalmente do seio da Câmara dos Deputados, com uma amplitude sem dúvida notável (...) Tapava-se a boca por este lado aos partidos descontentes e dava-se tempo à razão pública para livremente desenvolver-se, avaliar sem o impulso do entusiasmo o que era mais útil, e adotar das reformas só a parte que parecesse indispensável (...) É, quanto a nós, o único meio de se tirar às facções uma arma poderosa" (nº 543, 14 de outubro de 1831, nº 1.085, 19 de agosto de 1835, e nº 639, 8 de junho de 1832).

68. A resistência dos *moderados* a Andrada remonta à abdicação, quando a Câmara só acatou a nomeação feita por d. Pedro I após estabelecer as atribuições do tutor. Nos meses seguintes, porém, o alinhamento cada vez mais evidente de Bonifácio com os *caramurus* — sobretudo após a sedição de 17 de abril de 1832 — deflagrou a hostilidade de *moderados* e *exaltados*. Feijó, em seu relatório ministerial de 10 de maio desse ano, acusou o tutor de conivente com os rebeldes ou inepto na guarda de seus pupilos, o que, em junho, suscitou a aprovação pela Câmara de um parecer que recomendava a substituição de Bonifácio. Em 26 de julho, todavia, o Senado rejeitou a medida, por apenas um voto de diferença. O intento *moderado* só foi alcançado, por decreto regencial, em 14 de dezembro de 1833, logo após a ocorrência de distúrbios anticaramurus na corte e a descoberta de outra conspiração envolvendo criados da Quinta ligados a Bonifácio. O novo tutor nomeado foi o marquês de Itanhaem, membro da Sociedade Defensora.
69. A íntegra do projeto — impresso na tipografia do *Pregoeiro Constitucional*, jornal de Ferreira de Mello — acha-se em Octavio Tarquinio de Souza, *História dos fundadores do império do Brasil*, v. 8, *op. cit.*, p. 217-252.
70. *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados*, *op. cit.*, 1832, t. 2, p. 127-129.
71. *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Senadores. Sessão de 1832*, Rio de Janeiro, Typographia Mercantil, 1874, t. 3, p. 156-157.
72. *Cf. Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados*, *op. cit.*, 1834, t. 1, p. 104-106, 152-153 e 166-206; t. 2, p. 5-129, 161-167 e 200-203.
73. A distribuição fiscal permaneceu, contudo, afetada pela lei de 24 de outubro de 1832, que discriminou as rendas públicas em gerais e as provinciais. As primeiras incluíam os impostos alfandegários (principal fonte fiscal) e as chamadas rendas internas (dízimos sobre açúcar, algodão, café, tabaco, gado, couro e aguardente; direito de 25% sobre ouro; sisa da venda de bens de raiz; porte de correio), restando às províncias impostos de menor rentabilidade. Enquanto os rendimentos gerais foram orçados, por essa lei, em 11 mil contos de réis, os provinciais totalizaram apenas 2.386 contos. O controle dos rendimentos provinciais pelo governo central completava-se com o dispositivo da lei que estabelecia auxílio financeiro para as províncias cujas rendas não suprissem as suas despesas, sendo os subsídios provenientes da própria receita geral das respectivas províncias. *Cf.* Maria de Lourdes Viana Lyra, *Centralisation, système fiscal et autonomie provinciale dans l'Empire brésilien: la province de Pernambuco, 1808-1835*, tese de doutorado, Paris, Université de Paris X, Nanterre, 1985.

74. Expressão usual na época, consagrada na historiografia pelo artigo de Paulo Pereira de Castro, *op. cit.*
75. Durante os debates, Ernesto Ferreira França declarou que "rejeitava como anticonstitucional, como anti-reformista e como antibrasileira toda ideia de restringir as atribuições dos conselhos gerais, ora convertidos em assembléias legislativas". *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados*, *op. cit.*, 1834, t. 2, p. 17. Parece, todavia, que o ato de protesto não foi bem compreendido ou aceito pelos eleitores adeptos dos *exaltados*, até porque, involuntariamente, colocava aqueles representantes do mesmo lado dos adversários *caramurus*: nenhum dos Ferreira França — incluído o patriarca Antonio, deputado desde a Constituinte — foi reeleito para a legislatura seguinte; Henriques de Rezende só assumiu vaga como suplente, e Lino Coutinho faleceu em julho de 1836.
76. Manuel de Oliveira Lima, *O império brasileiro (1822-1889)*, 2ª ed., Brasília, Ed. UnB, 1986, p. 24.
77. Nesse caso, as folhas *exaltadas* utilizavam vários recursos para driblar a proibição, denotando formas diversas de apoiar a república, como jogar com a acepção ambígua do termo, aplicando-o ora no sentido clássico do direito romano — como coisa pública (*res publica*), como qualquer tipo de governo pautado pelo interesse público e pelo bem comum —, ora no sentido estrito de um regime peculiar de governo — no qual o mandatário é eleito e governa temporariamente, bem como a transcrição de artigos de outros jornais adeptos da república, para escapar à responsabilidade penal; a citação de autores estrangeiros republicanos, como argumento de autoridade; a crítica aos rituais e princípios monárquicos (vitaliciedade, hereditariedade, legitimidade, prestígio e privilégios aristocráticos); a incompatibilidade entre América e monarquia, paralelamente à afirmação de uma identidade americana ou ideal de americanidade, influenciado por Paine; a visão teleológica da monarquia como estágio primitivo em uma escala de progresso na qual a república seria o ápice; e a apologia dos Estados Unidos, da antiga Roma republicana e até mesmo da Revolução Francesa. Ver, a respeito, Marcello Otávio Neri de Campos Basile, *O império em construção...*, *op. cit.*, p. 201-210; e Silvia Carla Pereira de Brito Fonseca, *op. cit.*, em especial os capítulos 2 e 3.
78. Tratava-se de uma "monarquia democrática" que, além de constitucional, representativa e federalista, seria não hereditária e eletiva. *Nova Luz Brasileira*, nº 152, 9 de julho de 1831. O texto critica a monarquia e exalta a república.
79. *Nova Luz Brasileira*, nº 174, 24 de setembro de 1831 (e também os nºs 176, 29 de setembro de 1831, e 178, 6 de outubro de 1831). Para posições semelhantes de outros jornais *exaltados* da corte e de Pernambuco, ver os trabalhos citados na penúltima nota.
80. *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados*, *op. cit.*, 1831, t. 1, p. 159.
81. Henriques de Rezende e o trio Ferreira França disseram que o projeto não era anticonstitucional, pois a Constituição não fazia exceção de nenhum de seus arti-

gos quanto a reformas, podendo-se propor a república ou até o governo absoluto. Logo, porém, ergueram a voz opositores, como Francisco Ramiro Coelho, que acusou o projeto de implicar a "subversão da ordem pública"; Carneiro Leão, que sensibilizou os colegas ao dizer que era "pouco generoso apresentar-se este projeto na época da menoridade do menino"; e Rodrigues Torres, que, entre vários "apoiados", afirmou que o presidente nem sequer deveria ter consentido tal debate, cumprindo agora encerrá-lo, e que "todos estão na firme resolução de manter ileso o governo monárquico representativo". Quando Araujo Lima pediu que se levantassem os que eram contra a discussão do projeto, ergueram-se 44 deputados, permanecendo sentados 33 (número até bastante considerável, mas que não indicava, necessariamente, os que eram favoráveis à proposta, e sim apenas ao debate, ou, quando muito, os que, a princípio, não viam inconstitucionalidade na matéria). Embora a votação tenha sido nominal, conforme sugerido por Barboza Cordeiro, os *Anais* não discriminam os nomes dos votantes. *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados, op. cit.*, 1835, t. 1, p. 78 (primeira e segunda citações) e 79.

82. Pelo projeto, os dois países "serão federados para mutuamente se defenderem contra pretensões externas, e se auxiliarem no desenvolvimento da propriedade interna de ambas as nações"; cada país teria representantes na Assembleia Nacional do outro; os cidadãos de uma nação gozariam na outra dos mesmos direitos que os naturais desta; entre ambos haveria livre circulação de mercadorias, isentas de impostos; as forças militares nacionais estariam à disposição para defesa recíproca; as causas judiciais entre súditos dos dois países seriam resolvidas por árbitros ou jurados nomeados pelas partes; haveria auxílio mútuo para compartilhamento de instituições, ofícios e produções; e as duas nações iriam colaborar para a "conservação e perfeição da forma nacional de governo, em todas as calamidades que se oponham a seu melhoramento físico ou moral". *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados, op. cit.*, 1834, t. 2, p. 241.

83. Defendida por periódicos *exaltados*, imbuídos de forte anticlericalismo e rejeição ao ultramontanismo, tal reforma religiosa — que incluía a liberdade de culto — chegou ao Parlamento por meio de dois projetos de Antonio Ferreira França (sessões de 3 de junho de 1831 e 8 de junho de 1833) e de outros dois do deputado *moderado*, aliado de Feijó, Estevão Raphael de Carvalho (em 6 de junho de 1835 e 9 de julho de 1836). Foram todos logo rechaçados, consoante os argumentos de Araujo Lima, que manifestou sua "oposição e indignação ao ver que se está tratando dos objetos os mais sagrados, quais a religião e a constituição, por semelhante modo"; para ele, tal projeto "nunca devia aparecer", devendo-se ter mais respeito à religião, "se não quer que recaia sobre esta câmara o labéu de ateísmo". *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados, op. cit.*, 1831, t. 1, p. 123; 1833, t. 1, p. 238, e t. 2, p. 94; 1835, t. 1, p. 154 (citação) e 155; e 1836, t. 2, p. 55. Sobre as propostas da imprensa *exaltada* a esse respeito, *cf.* Marcello Otávio Neri de Campos Basile, *O império em construção...*, *op.*

cit., p. 216-218. A Regência Feijó foi marcada por diversos atritos com a Igreja, como sua recusa em ser nomeado bispo de Mariana, a contratação de pastores luteranos para catequese indígena, acusações de desrespeito ao celibato clerical e de pretender federalizar a Igreja, e o veto ao aumento da côngrua.

84. Afora eventuais debates circunscritos à questão do tráfico negreiro, proibido pela lei de 7 de novembro de 1831, vários projetos emancipacionistas surgiram na Câmara. Novamente, as iniciativas partiram, quase sempre, de Antonio Ferreira França. A maioria propunha uma lei do ventre-livre, a exemplo do que pleiteavam algumas publicações *exaltadas*. É o caso dos projetos apresentados em 8 de junho de 1833, 16 de maio de 1835, 6 de junho do mesmo ano (esse restrito aos pardos), 7 de maio de 1836 e 15 de julho de 1837 (os três últimos com cláusulas de tutela). Nenhum deles sequer entrou em discussão, não sendo julgado objeto de deliberação, assim como outro no mesmo sentido proposto por Barboza Cordeiro, em 27 de junho de 1835; e mais um de Antonio França, destinado a libertar não futuros escravos, e sim todos os pardos nascidos e residentes no Brasil. Não faltaram ainda projetos — também sumariamente rejeitados — que pretendiam acabar em breve com a escravidão, como os apresentados em 7 de maio e em 6 de junho de 1835, respectivamente por Cornelio França e por seu pai, Antonio, que propunham a fixação de prazo para tal medida, bem como outro, também deste último deputado, que estabelecia 25 anos de prazo. *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados, op. cit.*, 1833, t. 1, p. 234; 1835, t. 1, p. 22-23, 58, 78, 154, 155-156 e 216; 1836, t. 1, p. 24; 1837, t. 2, p. 112. Para as críticas e propostas da imprensa *exaltada* sobre a escravidão, *cf.* Marcello Otávio Neri de Campos Basile, *O império em construção...*, *op. cit.*, p. 175-180.

85. Trata-se do chamado "Plano do Grande Fateusim Nacional", proposto pela *Nova Luz Brasileira* logo após a abdicação. Previa, de um lado, o arrendamento das terras devolutas, por prazo renovável de 30 anos, pagando o lavrador um único imposto ao governo e assim ficando isento de qualquer tributo particular; de outro, para viabilizar e efetivar a reforma, a confecção de mapas geodésicos, a partir da medição, demarcação e cadastramento de todas as terras, acompanhado de inventário dos bens de cada agricultor e de recenseamento geral. Além disso, visando a uma justa distribuição de terras, cada indivíduo só possuiria as terras de que realmente necessitasse para sua subsistência e que pudesse efetivamente cultivar. A reforma abarcaria não só as terras públicas devolutas e as que fossem desde então adquiridas, como também as propriedades privadas apropriadas indevidamente. Assim, abria exceção para as terras já compradas em dinheiro, que estivessem legalmente possuídas e de acordo com as especificações contidas no livro IV das Ordenações Filipinas (legislação colonial sobre sesmarias, abolida desde 1822, que já determinava o cultivo efetivo das terras concedidas, sob risco de confisco, e sua medição e demarcação judicial). O objetivo do plano era abolir ou atenuar as imensas desigualdades sociais, permitindo melhores condições de vida aos pobres, e pôr fim ao "disfarçado feudalismo brasileiro" e aos privilégios

e poderes da "malvada *aristocracia liberal*"; com o Fateusim Nacional, "o pobre não é escravo dos ricos: não paga o pobre dois tributos, um para o rico viver vadiando, e outro para o Rei nos ir espezinhando". *Nova Luz Brasileira*, n^os^ 142, 24 de maio de 1831, e 174, 24 de setembro de 1831. Não vigorava então no império legislação que regulamentasse o acesso à terra ou sua legitimação, problema só resolvido com a Lei de Terras de 1850 (que, embora representasse um avanço, em face da caótica situação fundiária, ia de encontro à proposta *exaltada*, ao legitimar as antigas sesmarias e posses, e ao estabelecer o acesso à terra somente por meio de compra, à vista e sob altos preços). Ver, de Marcello Otávio Neri de Campos Basile, "A reforma agrária cidadã: o Plano do Grande Fateusim Nacional", *Estudos de sociedade e agricultura*, nº 10, Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade/Instituto de Ciências Humanas e Sociais/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, abril de 1998; e *O império em construção...*, *op. cit.*, p. 191-198.

86. *O Filho da Terra*, nº 6, 11 de novembro de 1831. Ver também *O Tribuno do Povo*, nº 48, 28 de fevereiro de 1832.
87. Feijó venceu nas províncias de Minas Gerais (onde a enorme diferença de votos a seu favor foi decisiva para o resultado), São Paulo, Espírito Santo, Mato Grosso, Goiás, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão e Pará. Já Hollanda Cavalcanti foi vitorioso no Rio de Janeiro (corte e província) em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, na Bahia, em Sergipe, Alagoas, Pernambuco e na Paraíba. *Cf. Aurora Fluminense*, nº 1.105, 12 de outubro de 1835.
88. Nesse contexto, os bate-bocas em plenário entre os líderes da oposição e os ministros eram bastante ríspidos de ambas as partes, quando não ofensivos; nitidamente, a estratégia era intimidar e acuar os ministros, que não dispunham de defensores à altura dos oponentes. Ver, por exemplo, *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados*, *op. cit.*, 1836, t. 1, p. 101 e 174; e t. 2, p. 368-374 e 377-381.
89. *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados*, *op. cit.*, 1836, t. 2, p. 425; 1837, t. 1, p. 13.
90. *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados*, *op. cit.*, 1835, t. 2, p. 80, 81 e 83.
91. *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados*, *op. cit.*, 1836, t. 1, p. 69-73; e 1837, t. 1, p. 283.
92. Miriam Dolhnikoff tem visão distinta, defendendo que a Lei de Interpretação não significou atentado ao arranjo institucional estabelecido pelo ato adicional, foi apenas uma "correção de rumos", ao centralizar apenas o aparato judiciário e manter, assim, as esferas distintas de competência entre os governos central e provinciais, preservando amplo espaço de autonomia a estes últimos. Para a autora, a historiografia tem reproduzido a retórica do debate parlamentar da época, que apresenta os liberais como defensores da descentralização e os conservadores, da centralização. Afirma ainda que a autonomia provincial mantida durante todo o

Império "atendeu a demanda das elites provinciais e, desta forma, conquistava sua adesão". Miriam Dolhnikoff, *op. cit.*, em especial capítulo 2 (citações, p. 77 e 154). Se foi assim, cabe perguntar: por que, durante todo o Segundo Reinado, os liberais em geral lutaram em prol da descentralização, até recorrendo às armas? Será que todo o acirrado debate, travado ao longo desses quase 50 anos, entre centralização e descentralização, com efeitos até sobre a queda da monarquia, era uma falsa questão retórica? Dolhnikoff minimiza, assim, os diversos mecanismos centralizadores que limitavam os poderes provinciais introduzidos pelas revisões conservadoras (em particular, as reformas do ato adicional e do Código do Processo Criminal, mas também, mais tarde, da Guarda Nacional), como a perda, por parte das assembleias provinciais, da competência de legislar sobre a polícia judiciária (o que retirava do âmbito provincial a importante função de condução dos inquéritos policiais e de investigação dos crimes); a proibição de legislar sobre os empregos provinciais instituídos por leis gerais (o que incidia, principalmente, sobre os estratégicos cargos do Judiciário); a determinação de que fossem apreciadas pela Câmara dos Deputados as leis aprovadas pelas assembleias consideradas inconstitucionais pelos presidentes de província; o esvaziamento das atribuições dos juízes de paz em favor de autoridades nomeadas pelo governo central; as restrições ao exercício do júri; a extinção dos prefeitos criados nas comarcas municipais após o ato adicional; e a substituição do critério eletivo pela nomeação dos oficiais da Guarda Nacional pelo ministro da Justiça. Além das figuras dos presidentes e vice-presidentes; elementos muitas vezes de fora da província, os primeiros atuavam frequentemente como verdadeiros interventores do governo central na política provincial, como atestam os constantes atritos com as elites locais, até ensejando revoltas; os últimos passaram a ser, a partir de 1841, de nomeação exclusiva do imperador, e não mais escolhidos pelo governo central a partir de lista indicativa elaborada pela assembleia de cada província. A simples divisão constitucional de competências entre centro e províncias, a existência de algum grau de autonomia provincial (ou de descentralização) e a participação das elites provinciais no jogo político nacional por meio de suas representações parlamentares — aspectos que definem o conceito de federalismo adotado pela autora — não são o bastante para configurar a implementação de um suposto projeto federalista vitorioso no Império, pois são elementos encontrados em quase todos os Estados nacionais. Assim, o cerne da questão está no *balanço* existente nas esferas de atribuições, nos espaços de autonomia e nos poderes de intervenção entre os governos central e provinciais, relações de força que, evidentemente, pendiam muito mais para o primeiro lado, após as revisões conservadoras das reformas.

Ver João Camillo de Oliveira Torres, *A democracia coroada (teoria política do império do Brasil)*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1957, p. 517-518. O último artigo (8°) abria margem para que as leis provinciais tidas como contrárias à Lei de Interpretação fossem revogadas pelo Legislativo Geral. Cf. Lei n° 105, de 12 de maio de 1840, *in* Adriano Campanhole e Hilton Lobo Campanhole (orgs.),

Constituições do Brasil: 1824, 1891, 1934, 1937, 1946, 1967, 1969, 5ª ed., São Paulo, Atlas, 1981, p. 686.

94. Thomas Flory, *op. cit.*, capítulos V-VII.
95. Em outubro de 1831, a Câmara já aprovara, com emendas, projeto do Senado que reformava parte do Código Criminal, no que tangia aos crimes contra a ordem pública. Em meio às sucessivas revoltas e às críticas do ministro Feijó à brandura das leis penais, foram aprovadas medidas que determinavam: proceder *ex-officio* à inquirição judicial em crimes de conspiração, rebelião, sedição e insurreição; aos juízes de paz, fazer sumário em qualquer tipo de crime, pronunciando e prendendo os pronunciados; ampliar a pena de prisão de 60 dias para de um a seis meses, com trabalho (duplicada em caso de reincidência), para portadores, sem licença, de pistola, bacamarte e objetos perfurantes; elevar igualmente as penas dadas aos vadios; processar e julgar como crimes policiais ferimentos simples, ofensas físicas às autoridades, resistência a guardas policiais e injúrias, calúnias e ameaças; não conceder seguros para implicados em crimes policiais e processos políticos; e punir com de um a seis meses de prisão com trabalho tumultos, motins ou assuadas não especificados no Código Criminal. *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados, op. cit.*, 1831, t. 2, p. 223-229, 234 e 243.
96. Segundo a comissão, essa proposta seria depois complementada por outras, que tratariam de diversos aspectos do Código, sendo, ao final, todas reunidas em um único projeto. Essa parte inicial estabelecia, nos crimes de responsabilidade, o juiz de direito como privativo para formação de culpa dos empregados públicos não privilegiados, e o juiz municipal nos demais casos. Sendo indiciado pelo juiz um funcionário com direito a foro privilegiado, o processo deveria ser remetido, sem pronúncia, para o magistrado competente. Nos crimes particulares, o juiz de paz continuava a ser a autoridade competente para formação de culpa. As buscas em lugares suspeitos para prisão de criminosos ou descoberta de objetos do crime só poderiam ser efetuadas mediante ordem por escrito e assinada dos juízes. O corpo de delito relativo aos crimes que deixavam vestígios caberia ao respectivo juiz de paz, ficando a tarefa para o juiz formador da culpa quando não houvesse tais indícios. Nas reuniões do Tribunal do Júri só haveria promotores, nomeados pelo governo geral. Os juízes municipais, também nomeados pelo centro, seriam escolhidos, na corte, entre bacharéis formados, ao passo que os juízes de direito seriam selecionados entre juízes municipais e promotores que fossem bacharéis. Os juízes de direito poderiam examinar, sob suspeita de prevaricação, os processos organizados pelos juízes municipais em que não houvesse pronúncia ou interpolação de recursos, podendo até reparar alguma injustiça e responsabilizar os prevaricadores. *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados, op. cit.*, 1836, t. 1, p. 126-128.
97. *Cf.* João Luiz Ribeiro, *História legislativa: o Código do Processo Criminal de 1832 e sua reforma em 1841*, mimeo., p. 17-43; Octavio Tarquinio de Souza,

História dos fundadores..., v. 5, *op. cit.*, p. 237-241; e João Camillo de Oliveira Torres, *op. cit.*, p. 258 e 259.

98. *Cf.* Thomas Flory, *op. cit.*, p. 266-277.
99. *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados*, *op. cit.*, 1837, t. 1, p. 198.
100. Não incluído o *regressista* Araujo Lima, nomeado de véspera apenas para assumir o lugar de Feijó.
101. *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados*, *op. cit.*, 1837, t. 2, p. 547.
102. *Cf.* Jeffrey D. Needell, *op. cit.*, p. 297-299. O autor chama a atenção, com propriedade, para o fato de que, até o final da Regência, não se falava ainda em Partido Conservador — denominação só estabelecida no Segundo Reinado —, e sim em "Regresso" ou "Partido da Ordem" (p. 276).
103. *Cf. O Sete d'Abril*, nº 264, 21 de julho de 1835. Ver também o discurso de Vasconcellos na sessão de 9 de agosto de 1837, em *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados*, *op. cit.*, 1837, t. 2, p. 294.
104. Não se conhece ao certo a origem desse sempre citado discurso. Segundo José Murilo de Carvalho, José Pedro Xavier da Veiga, nas *Ephemerides mineiras*, e Joaquim Nabuco, em *Um estadista do império*, foram os primeiros a citá-lo, em 1897, ambos sem indicar a fonte. José Murilo de Carvalho (org.), *Bernardo Pereira de Vasconcelos*, São Paulo, Ed. 34, 1999, p. 9.
105. *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Senadores*, *op. cit.*, 1839, t. 2, p. 108.
106. Paulino Soares de Souza, já então visconde do Uruguai, foi quem depois melhor sistematizou essas ideias, vendo o Estado como principal agente de transformação política e social, um instrumento pedagógico de civilização, que deveria preparar o povo para o autogoverno; reconhecia, todavia, os males de uma centralização excessiva, defendendo para o Brasil uma combinação de centralização política com descentralização administrativa. Sobre as características do pensamento conservador no império, *cf.* Marcello Otávio N. de C. Basile, "Conservadorismo no Brasil Império", *in* Francisco Carlos Teixeira da Silva, Sabrina Evangelista Medeiros e Alexander Martins Vianna (orgs.), *Dicionário crítico do pensamento da direita: ideias, instituições e personagens*, Rio de Janeiro, Faperj/Mauad, 2000.
107. Ver, por exemplo, *O Sete d'Abril*, nº, 260, 7 de julho de 1835, nº 324, 2 de março de 1836, nº 437, 5 de abril de 1837, e nº 438, 7 de abril de 1837.
108. *O Chronista*, nº 8, 22 de outubro de 1836, e nº 10, 29 de outubro de 1836, respectivamente. Outro grande expoente do Regresso era redigido por Justiniano José da Rocha, Josino do Nascimento Silva e Firmino Rodrigues da Silva.
109. José Murilo de Carvalho, *A construção da ordem...*, *op. cit.*, capítulo 8.
110. Ilmar Rohloff de Mattos, *O tempo saquarema: a formação do Estado imperial*, 2ª ed., São Paulo, Hucitec, 1990, capítulo II, em especial p. 141-143.

111. Aludindo aos governos despóticos do Oriente, Teophilo Ottoni afirmou tratar-se de "um uso oriental impróprio do cidadão de um país livre". Theophilo Benedicto Ottoni, *op. cit.*, p. 242.

112. Na sessão da Câmara de 6 de junho daquele ano, Luiz Cavalcanti apresentou projeto que antecipava a maioridade do imperador para 14 anos; chocava-se com outro projeto, levado à tribuna na mesma ocasião pelo republicano Antonio Ferreira França, que também pretendia alterar a maioridade do monarca, postergando-a para 25 anos, da mesma forma que os demais cidadãos. Nenhuma das propostas foi admitida à discussão. A essa altura, já era iminente a vitória de Feijó na eleição para regente, o que levou a "facção holandesa" (grupo que apoiava a candidatura Hollanda Cavalcanti, integrado, entre outros, por Vasconcellos, Miguel Calmon e Romualdo Seixas) a tramar a antecipação da maioridade da irmã mais velha de imperador, a princesa Januária, então com 14 anos, a fim de que assumisse a Regência no lugar de Feijó. O plano não foi adiante, mas o reconhecimento pela Assembleia Geral de dona Januária como sucessora ao trono de d. Pedro II, em 31 de maio do ano seguinte, animou os "januaristas". Imediatamente, começaram a chegar ao Parlamento representações de câmaras municipais, associações, militares e civis vindas de várias partes do império, manifestando apoio ou, sobretudo, repúdio à suposta Regência da princesa. Com as reações em contrário, compreenderam os golpistas que somente um apelo mais forte seria capaz de levar à substituição de Feijó ou, mais ainda, ao fim da Regência; esse apelo era d. Pedro II. Nesse sentido, o deputado José Joaquim Vieira Souto, ex-redator da *Astréa* e um dos antigos líderes moderados que passaram à oposição a Feijó, apresentou projeto, na sessão de 20 de maio de 1837, que dispensava a menoridade de d. Pedro II e assim o habilitava a já assumir o trono, assessorado por um Conselho de Estado provisório; segundo o proponente, esse seria "o único remédio que pode assegurar a integridade do Brasil e conservar o trono do Sr. D. Pedro II". Mais uma vez, a proposta não foi julgada objeto de deliberação, recebendo apoio de apenas 10 deputados, todos da oposição. Cf. *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Deputados*, *op. cit.*, 1835, t. 1, p. 154, 156, 169 e 182; 1836, t. 1, p. 119, 169 e 188, e t. 2, p. 29 e 394; e 1837, t. 1, p. 96 e (citação) 97.

113. Em seu discurso, afirmou que "o governo das regências apenas tem feito à nação um único benefício, todavia o mais relevante; que é o de firmar nos corações brasileiros o amor da monarquia; desenganando por meio de uma dolorosa experiência aos crédulos dessa decantada bondade dos governos de pouco custo, ou baratos; dos governos eletivos e temporários; dos governos democráticos; dos quais por certo mui pouco difere, se não é a mesma coisa, o governo regencial pela forma acanhada e quase republicana que lhe demos". *Annaes do Parlamento Brazileiro — Camara dos Srs. Senadores*, *op. cit.*, 1840, t. 2, p. 129-131 e 284-286 (citações, p. 129, 284 e 285).

114. Theophilo Benedicto Ottoni, *op. cit.*, p. 261.

115. Gentil-homem da Casa Imperial, Vahia foi um dos implicados na conspiração *caramuru* dos criados do Paço, em dezembro de 1833, na qual esteve também envolvido outro Andrada, o tutor José Bonifácio.
116. De acordo com Octavio Tarquinio de Souza (*História dos fundadores do império do Brasil*, v. 5, *op. cit.*, p. 224), no dia 18 de julho, as ruas da corte amanheceram com a seguinte quadrinha afixada em muitos muros de casas: "Queremos Pedro Segundo/ Embora não tenha idade;/ A nação dispensa a lei/ E viva a maioridade!" Nas galerias lotadas da Câmara, a maioridade imperial era proclamada pela plateia.
117. *Cf. idem*, *ibidem*, p. 224-233.
118. Os tempos conturbados da Regência deixaram, todavia, impressões traumáticas na memória do jovem monarca, que ficaram registradas em seu diário, no dia de seu primeiro aniversário como imperador efetivo: "Depois a trombeta tocou o seu clarim que outrora me era tão terrível, principiaram os tiros de artilharia, que antigamente até me faziam verter lágrimas de terror." *Apud* José Murilo de Carvalho, *D. Pedro II: ser ou não ser*, São Paulo, Cia. das Letras, 2007, p. 25.
119. Lilia Moritz Schwarcz, *As barbas do imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*, São Paulo, Cia. das Letras, 1998, capítulo 4; e Maria Eurydice de Barros Ribeiro, *Os símbolos do poder: cerimônias e imagens do Estado monárquico no Brasil*, Brasília, Ed. UnB, 1995, capítulo III, p. 88-91.
120. Marco Morel, *Cipriano Barata...*, *op. cit.*, p. 316; *idem*, *O período das regências*, *op. cit.*, p. 9.
121. As expressões são do jornal *Astréa*, nº 795, 7 de fevereiro de 1832, e nº 796, 9 de fevereiro de 1832, respectivamente.
122. Ernest Renan, *Qu'est-ce qu' une nation?/What is a nation?*, Toronto, Tapir, 1996, p. 48.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DOUTORADO

RAFAEL SANCHO CARVALHO DA SILVA

O "GRANDE SERTÃO" DO IMPÉRIO: TENSÕES POLÍTICAS E SOCIAIS NOS SERTÕES DO RIO SÃO FRANCISCO (1827 – 1889)

Salvador

2021

RAFAEL SANCHO CARVALHO DA SILVA

O "GRANDE SERTÃO" DO IMPÉRIO: TENSÕES POLÍTICAS E SOCIAIS NOS SERTÕES DO RIO SÃO FRANCISCO (1827 – 1889)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia como requisito para a obtenção do grau de doutor em História.

Orientadora: Prof.ª Drª Lina Maria Brandão de Aras

Salvador

2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Rafael Sancho Carvalho da

S586 O "Grande Sertão" do império: tensões políticas e sociais nos sertões do Rio São Francisco (1827 – 1889) / Rafael Sancho Carvalho da Silva. – 2021.
311 f.: il.

Orientadora: Profª Drª. Lina Maria Brandão de Aras
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2021.

1. São Francisco, Rio. 2. Autoridade. 3. Brasil – História – Império, 1822-1889.
I. Aras, Lina Maria Brandão de. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 981.04

RAFAEL SANCHO CARVALHO DA SILVA

O “GRANDE SERTÃO” DO IMPÉRIO: TENSÕES POLÍTICAS E SOCIAIS NOS SERTÕES DO RIO SÃO FRANCISCO (1827 – 1889)

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de doutor em História, Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 13 de agosto de 2021

BANCA EXAMINADORA

Lina Maria Brandão de Aras – Orientadora ______________________________

Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP).

Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Antônio Fernando Guerreiro Moreira de Freitas ____________________________

Doutor em História pela Université Paris-Sorbonne (Paris 4), França.

Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Clóvis Caribé Menezes dos Santos _______________________________________

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Universidade Estadual de Feira de Santana

João Reis Novaes ____

Doutor em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Maria Hilda Baqueiro Paraíso ____

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP)

Universidade Federal da Bahia (UFBA).

A

Painho, Luiz Fernando da Silva (*in memorian*)

Todos aqueles que olham o Velho Chico e
seus afluentes com carinho e com vontade de
defender suas águas e sua gente.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar pedindo desculpas para aqueles que, porventura, não estiverem aqui ou que não estiverem com os nomes explicitamente citados. São muitas pessoas que gostaria de agradecer, mas entre ponderar o espaço e o sentimento, prefiro ponderar o espaço já que o sentimento não cabe nele.

Começo agradecendo aos colegas e professores dos tempos de Universidade Católica do Salvador (UCSAL) e da Faculdade São Bento da Bahia que o contato reduzido dos últimos anos não impediu de sentir o carinho e o apoio que nem fazem ideia que deram. Espero poder reencontrar com as valorosas amizades em breve.

Agradeço aos colegas de trabalho e orientandos na UFOB – cito aqui colegas e estudantes que ao longo dessa jornada compartilharam alguns momentos de prosa sobre a pesquisa e/ou troca de informações e indicações de fontes e bibliografia: Anderson Dantas Brito, Cláudio Reichert do Nascimento, Flávio Dantas Martins, Gesilda Pereira dos Santos, José Eduardo Rabelo Coité Júnior, Matheus Silva Carvalho (bem como ao Diretório Acadêmico de História Conceição Evaristo), Napoliana Pereira Santana, Pablo Antonio Iglesias Magalhães, Sheila Bianca Sousa, Valney Dias Rigonato. Em especial, gostaria de destacar Gesilda e Sheila, pela generosidade e importância dos diálogos sobre as fontes eclesiásticas.

Agradeço a todos os trabalhadores do Arquivo Público do Estado da Bahia, dos Cartórios e Fóruns de Baianópolis, Barra, Barreiras, Santa Maria da Vitória, Santa Rita de Cássia. Agradecimento em especial: Maria Cleia em Barra, Judinalva em Santa Maria da Vitória e Lázaro de Souza Sobrinho, Thamara da Silva Pereira e Adriano Paulo Klein em Baianópolis. Agradeço aos membros da Loja Maçônica Fraternidade, Amor e Justiça da cidade de Barra e, em especial, ao sr. Dilson.

Agradeço aos amigos de Salvador (do Moradas da Pituba e da Barra) e aos espalhados pelo mundo. Agradeço à alegria e apoio barrense de d. Lelê do Couro. Não posso deixar de agradecer a uma turma aguerrida e de embates anteriores ao meu ingresso na UFOB como Álvaro Dantas de Carvalho Jr., Ana Paula Trabuco Lacerda, Andersen Caribé, Carlos Bahia, Cesar Mustafa, Elisângela Ferreira Oliveira, Jorge Bispo, Miriã Fonseca, Moisés Souza, Roger Ribeiro, Terpsichore Quirino (Teca) e Vera Nathália.

Agradeço aos colegas e professores da UFBA desde o mestrado até o doutorado e da Revista de História da UFBA: Adriana Albert Dias, Alexsandro Ribeiro do Nascimento, Augusto Fagundes da Silva dos Santos, Bruno Oliveira Moreira, Caio Fernandes Barbosa, Daiana Silva Barbosa, Daniel Silva, Felipe Azevedo Souza, Felipe Eugenio de Leão Esteves, Guilherme Machado, Jamile de Brito Palafoz, Lucas Vieira de Melo Santos, Johnnys Jorge Gomes Alencar, Luísa Gonçalves Saad, Maria Clara Porto Lima, Marina Leão de Aquino Barreto, Marina Rios da Cunha Santa Rosa, Matheus Conceição, Milena Pinillos Prisco Teixeira, Moisés Amado Frutuoso, Rafael dos Santos Barros, Rafaela Cecconi Pantaleão Amorim, Raiza Cristina Canuta da Hora, Solange Dias de Santana Alves, Valney Mascarenhas, Viviane de Jesus Cruz e Yuri Oliveira da Silva.

Agradeço aos professores Dilton Oliveira de Araújo e Milton Araújo Moura por conversas e apoios importantes desde a época do mestrado. Agradeço aos professores das disciplinas, minicursos, banca de seleção e revista de História da UFBA pela paciência, apoio e contribuições: Ana Paula Medicci, Iacy Maia Mata, Lucileide Costa Cardoso, Marcelo Moura Mello, Maria de Fátima Novaes Pires, Moreno Laborda Pacheco, Robert Slenes, Rodrigo Perez Oliveira e Télio Cravo. Agradeço aos amigos que colaboraram e apoiaram de diversas formas como Alex Andrade Costa, Ana Maria Carvalho dos Santos, Cassi Ladi Coutinho, Cristiano

Luis Christillino, Cândido da Costa e Silva, Carlos Alberto Oliveira de Oliveira (Beto), Danilo Santos e Silva, Hozana Campos de Azevedo, Igor Gomes Santos, Nerivaldo Afonso Santos (o salvador nos apertos cartográficos), Nora de Cassia Gomes de Oliveira, Paulo Henrique Martinez, Raimundo Nonato Pereira Moreira, Renata Soraya Bahia de Oliveira, Renata Silva Fernandes (e sua preciosa indicação na ANPUH-SN em 2017 sobre a proposta de criação de província do São Francisco em 1825), Sérgio Armando Diniz Guerra Filho, Urano Andrade, Vinícius “Nikima” Bonifácio (foi sensacionalmente importante para meu levantamento de fontes quando não tive como estar no APEB).

Agradeço a Dayane Nascimento Sobreira e Júlio Ernesto Souza de Oliveira que me permitiram participar da parceria da jornada de História Agrária e do *e-book* “História Agrária: conflitos e resistências. Do Império à Nova República”. Boas lições e muita empolgação irradiada por eles.

Para Aloísio Santos Cunha devo um agradecimento enorme por abrir as portas na empreitada de estudar a tese de doutorado do professor Antonio Guerreiro de Freitas além do incentivo com recomendações valiosas no trato com o sertão. Eduardo Gomes “Da Escola” Simões e Taciana Calixto são duas criaturas que tenho sorte em ter em minha vida e o carinho, as lições e a torcida deles foram fundamentais. Agradeço a Renata Ferreira Oliveira pela contribuição com indicação de fontes (e por ter facilitado acesso), referências e pela solidariedade.

Ao SINDOLAR, eu agradeço profundamente pela rede de apoio. Gostaria de destacar quatro dos sindicalizados em especial que são Cleide Lima Chaves, Luana Moura Quadros Carvalho, Luiz Antonio Pinto Cruz, Marcelo Santos Rodrigues e Renilda Maria Nery Barreto pelos importantes incentivos e pelas indicações preciosas sobre fontes, referências, lugares e, por fim (o mais importante), pelos momentos de prosa e incentivo.

Agradeço à banca examinadora pela disponibilidade e contribuições. Clóvis Caribé sempre foi solidário e aberto ao diálogo; Antonio Fernando Guerreiro Moreira de Freitas: o que dizer de Guerreiro? Junto com Caribé foi a melhor banca de qualificação que poderia ter. Além das indicações certeiras, sabe fazer com que qualquer estudante se sinta empolgado em levar adiante a sua pesquisa. Me sinto honrado com os diálogos estabelecidos e feliz com as lições. Agradeço à João Reis Novaes não só por compartilhar conversas no APEB, mas por aceitar participar da banca de defesa e pela análise e importantes orientações. Agradeço a Maria Hilda Baqueiro Paraíso pela gentileza em aceitar a participar da banca e pelas valiosas informações e alertas. Não tenho a menor dúvida da importância da colaboração e generosidade de vocês para esta tese e para a minha formação acadêmica.

Agradecimento mais do que especial: Carolina Reichert do Nascimento pelo baita apoio que ninguém faz ideia de como foi importante e que não cabe aqui de tão grande; Dilson Dias de Almeida – Mestre Nêgo que é uma figura incrível com palavra certa no momento em que menos esperamos e que mais precisamos. Sua arte, seus ensinamentos e sua alegria são incríveis; Jairo Sardeiro da Cruz que me permitiu olhar para Missão do Aricobé (e, em especial, para a Revolta do Sebereba) e para o Sítio do Hermenegildo de forma diferente e instigante; Hermes Novais Neto que com suas provocações e conhecimento nos tira da zona de conforto e nos faz pensar diferente – isso sem contar na disponibilidade em ajudar a conhecer a região. A solidariedade desses supracitados foram muito importantes em inúmeros aspectos.

Agradecer a Lina pela orientação é pouco. Lina é uma pessoa especial e foi uma incentivadora importante desta pesquisa e das aventuras. A orientação desde o mestrado, os puxões de orelha e as conversas sempre foram com alegria, respeito e boas risadas. Assumo qualquer erro e os defeitos dessa tese, mas os méritos sempre vou dividir Lina. Por isso, meu

agradecimento por tudo que Lina fez e por todo apoio e generosidade dela e da família. Vida longa ao SINDOLAR!

Agradecer à minha família é inevitável. Começo pelos que foram. Um agradecimento *in-memorian* aos meus avôs Isaac Sancho e Valdete Carneiro; à minha avó Pombinha. Agradeço pelas lições, apoios e convívio. Ao meu pai Luiz Fernando da Silva que foi um importante incentivador dos estudos. Sentimos saudades, mas seguimos firmes e fortes carregando as boas lembranças.

Agradeço a minha avó Cecília por todo o carinho e apoio na vida. E claro... Maria Odete Carvalho da Silva! Mãe é pessoa fundamental. Não teria chegado na metade do caminho se eu não tivesse uma mãe como a minha – agradecimento é pouco. Fica confissão pública de dívida. Nesse bolo ainda tem um PAIdrasto chamado Ivan Davidiuk – tirando o defeito futebolístico, é uma daquelas pessoas que agradecemos ao destino por ter entrado na nossa vida. Não posso deixar de agradecer ao meu padrinho, Heleno Lacerda, minha madrinha, Creuza Vieira Rios Lacerda e Victor Rafael (*In-memoriam*), por todo carinho e solidariedade ao longo da minha vida e por serem desde minha infância a referência quando pensava no Velho Chico. O apoio, o carinho e a torcida das minhas irmãs Rita Fernanda Carvalho da Silva e Ludja Sancho Carvalho da Silva deram segurança para o seguimento da jornada. Os meus cunhados Manoel Maria do Nascimento Júnior e David Grant Mitchell, eu agradeço pela torcida e carinho e faço votos por vossa felicidade. Rosa Cremilda Santiago é outra pessoa que devo muitos agradecimentos pelo apoio (grande) dado. Aos pequenos (mas nem tão pequenos assim), Fernando Carvalho Fuques e Rosinha agradeço pelo carinho e peço desculpas pela ausência. Que cresçam e amadureçam felizes e confiantes do caminho para trilhar. O Agradecimento a vocês é imensurável.

Por fim, Cacau! Entrou na minha vida no momento decisivo da tese e durante a pandemia. Terminar a tese logo era uma exigência nítida de quem pedia atenção, petiscos, brincadeiras e passeios.

[...]
Não vem resposta de Chico,
e vai sumindo seu rastro
como rastro da viola
se esgarça no vão do vento.
E na secura da terra
e no barro que ele deixa
onde Martius viu seu reino,
na carranca dos remeiros
(memória de outras carrancas,
há muito peças de living),
nas tortas margens que o homem
não soube retificar
(não soube ou não quis? paciência),
de pontes sobre o vazio,
na negra ausência de verde,
no sacrifício das árvores
cortadas, carbonizadas,
no azul, que virou fumaça,
nas araras capturadas
que não mandam mais seus guinchos
à paisagem de seca
(onde o tapete de finas gramíneas,
dos viajantes antigos?),
no chão deserto, na fome
dos subnutridos nus,
não colho qualquer resposta,
nada fala, nada conta
das tristuras e renúncias,
dos desencantos, dos males,
das ofensas, das rapinas
que no giro de três séculos
fazem secar e morrer
a flor de água de um rio.
(ANDRADE, 1978, p. 06 – 07).

SILVA, Rafael Sancho Carvalho da Silva. O **“Grande Sertão” do Império:** tensões políticas e sociais nos sertões do rio São Francisco (1827 – 1889). 2021. Orientadora: Lina Maria Brandão de Aras. 311 f. il. Tese (doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

RESUMO

A tese “O “Grande Sertão” do Império: tensões políticas e sociais nos sertões do rio São Francisco (1827 – 1889)” tem como objeto de estudo as autoridades do sertão do rio São Francisco entre 1827 e 1889. É uma pesquisa de História Regional que, a partir do estudo das autoridades da comarca do rio São Francisco, analisa as relações de poder e a constituição deste sertão enquanto região. Assim, a partir da abordagem da História Regional é que atrelamos a História Social e a História Política. O objetivo desta tese é analisar a atuação das autoridades do Estado Imperial brasileiro no sertão do rio São Francisco e a organização de suas redes de apoio a partir das tensões sociais e políticas na região. Desse modo, atentamos para a circulação e carreira política e burocrática dos agentes do Estado Imperial e, também, para as interferências dos governos nacional e provincial na organização territorial. A comarca do rio São Francisco é uma parte do sertão com o mesmo nome e ela foi anexada ao território da província da Bahia em 1827. Ela foi criada em 1820 e, em 1824, foi transferida para a província de Minas Gerais onde permaneceu provisoriamente até 1827 quando ocorreu a transferência, em caráter provisório, para a Bahia. Assim a pesquisa estabeleceu o recorte cronológico a partir da transferência para a Bahia até o fim do regime monárquico em 1889. Analisamos como o conceito de sertão foi moldado a partir da herança colonial na qual o interior ficou atrelado a oposição ao litoral e percebido como fronteira civilizacional pelos agentes do Estado brasileiro. A participação das autoridades pode ser observada a partir das percepções sobre ordem e civilidade, ambas pelo prisma eurocêntrico, mas também pela sua atuação na repressão aos movimentos rebeldes e pelas alianças com as elites locais nas disputas de poder. Tais autoridades serviam como peça importante nos jogos de controle das camadas subalternas, além de serem agentes políticos na conformação do poder regional. A tese está dividida em 07 seções: 1) Introdução: apresentamos as ideias gerais da pesquisa, uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de Região e História Regional e a síntese das seções seguintes. 2) aborda a noção de sertão e de sertão do rio São Francisco observando a construção do conceito como parte de uma perspectiva eurocêntrica das camadas dirigentes sobre a população sertaneja; 3) trata das relações entre o Estado brasileiro e o sertão do rio São Francisco. Assim, discutimos a formação e transferências da comarca do rio São Francisco, os projetos de criação de província e a estrutura econômica; 4) debatemos as tensões sociais e as ações das autoridades para reprimir e controlar as camadas subalternas; 5) analisamos as tensões políticas e a ação das autoridades sertanejas nas lutas dos potentados locais; 6) analisamos a participação das autoridades sertanejas nas articulações políticas regionais. 7) A última seção são as Considerações Finais. A tese utilizou uma variedade de fontes como documentos manuscritos (em especial correspondências de juízes e câmaras de vereadores para o governo provincial), obras e dicionários produzidos ao longo do século XIX, imprensa e cartografia.

Palavras-Chave: Sertão do rio São Francisco. Autoridades. Brasil Império.

SILVA, Rafael Sancho Carvalho da Silva. **Empire's "Grande Sertão":** political and social tensions in the sertão of the São Francisco river (1827 – 1889). 2021. Orientadora: Lina Maria Brandão de Aras. 311 f. il. Thesis (doctorate degree in History) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

ABSTRACT

This Thesis analyzes the authorities of the sertão of the São Francisco river between 1827 and 1889. It's a Regional History research that, based on the study of the authorities of the São Francisco River region, analyzes the power relations and the constitution of this hinterland as a region. Thus, from the approach of Regional History, we link Social History and Political History. The objective of this thesis is to analyze the actions of the authorities of the Brazilian Imperial State in the sertão of the São Francisco River and the organization of their support networks based on social and political tensions in the region. In this way, we pay attention not only to the circulation and political and bureaucratic career of the agents of the Imperial State, but also to the interference of the national and provincial governments in the territorial organization. The São Francisco's district is a part of the sertão of the São Francisco river and it was annexed to the territory of the province of Bahia in 1827. It was created in 1820 and, in 1824, it was transferred to the province of Minas Gerais where it remained provisionally until 1827 when the transfer, on a provisional basis, to Bahia occurred. Thus, this research established the chronological cut from the transfer to Bahia until the end of the monarchical regime in 1889. Throughout the research we analyzed how the concept of sertão was shaped from the colonial heritage in which the interior was tied not only with the opposition to the coast, but was also perceived as a civilizational frontier by the agents of the Brazilian state. The participation of the authorities can be observed from the perceptions about order and civility, both by the Eurocentric prism, but also by its action in the repression of rebel movements and alliances with local elites in power disputes. Such authorities served as an important player in the games of control of the subordinate layers, as well as being political agents in the formation of regional power. The thesis is divided into 7 sections: 1) Introduction: we present the general ideas of the research, a bibliographic review on the concepts of Region and Regional History and the synthesis of the following sections; 2) addresses the notion of sertão and sertão of the São Francisco river observing the construction of the concept as part of a Eurocentric perspective of the ruling layers on the rural population; 3) deals with relations between the Brazilian State and the São Francisco River hinterland. Thus, we discuss the formation and transfers of the São Francisco River District, the projects of province creation and the economic structure; 4) we discuss the social tensions and the actions of the authorities to repress and control the subaltern layers; 5) We analyzed the political tensions and the action of the regional authorities in the struggles of the local potentates; 6) we analyzed the participation of the regional authorities in the regional political articulations; 7) The last section is Final Considerations. The thesis used a variety of sources such as handwritten documents (in particular correspondence of judges and councilors' chambers to the provincial government), rare works, 19th-century dictionaries, press and maps.

Keywords: the sertão of the São Francisco river. Authorities. Brazil's Empire.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 08 Carta do Império do Brazil (1882?) 305

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APEB	Arquivo Público do Estado da Bahia
APM	Arquivo Público Mineiro
BN	Biblioteca Nacional
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CRL	Center for Research Libraries

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

> - Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade. [...] O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente – depois, então vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão. [...] Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. (ROSA, 2001, p. 29 – 30)

Em novembro de 2019 a Polícia Federal deflagrou a "Operação Faroeste" com o intuito de desarticular um possível esquema de vendas de decisões judiciais. (BITTENCOURT, 2019). Antes da deflagração da operação da Polícia Federal, a atuação dos magistrados nos conflitos fundiários de Formosa do Rio Preto já havia sido tema de audiência pública na Câmara dos Deputados. Segundo a CPT, fraudes cartoriais realizadas desde a década de 1970 possibilitaram a grilagem na região.

A operação Faroeste ainda continua e novos capítulos vão sendo escritos com tintas de sangue como o assassinato em Barreiras do agricultor Paulo Antonio Ribas Grendene ocorrido em junho de 2021. Segundo a matéria do portal Bahia Notícias, Grendene teria acusado que suas terras foram invadidas por indivíduos ligados aos grupos investigados pela operação Faroeste. (HOMEM É ASSASSINADO EM BARREIRAS, 2021)

É nesse Brasil profundo, também poderíamos dizer Bahia profunda, que traçamos a pesquisa desta tese. As articulações de alguns magistrados com os casos de grilagem (e o contrário também), bem como os casos de violência no campo, nos aponta muitas questões para refletirmos sobre a interiorização das instituições e autoridades no Brasil. Desta forma, o trabalho está destinado ao estudo do sertão do São Francisco baiano e apresenta como objeto de pesquisa a atuação das autoridades do Estado imperial nesta região entre os anos de **1827 e 1889**.

O recorte cronológico contempla o período em que o território da Comarca do rio São Francisco foi anexado à província da Bahia (1827), até o fim do Império com a Proclamação da República em 1889. Desse modo, analisamos como as relações de poder e estratégias de dominação social foram construídas considerando o jogo de aproximação e distanciamento das autoridades através de alianças e tensões.

As autoridades regionais/locais estavam inseridas numa teia político-administrativa que torna indispensável para este trabalho a observação das diferentes escalas políticas que vão desde o âmbito nacional até o local. Assim, observamos como as autoridades estabeleciam laços políticos diversos que resultavam na formação de redes políticas e sociais cuja construção eram forjadas pelo controle territorial de suas bases (vilas, freguesias, comarcas). Tais redes extrapolavam os limites do binômio conservadores *versus* liberais ou alianças familiares como no caso dos irmãos Guimarães, em Urubu (SILVA, 2011). Isso não quer dizer que esses fatores não influenciavam, mas em diversas situações elas eram rompidas dada a heterogeneidade das bases político-partidária nos sertões.

A **área em estudo** está circunscrita ao que chamamos de sertão do São Francisco, que abrange tanto a margem esquerda quanto da margem direita do que hoje é denominado de Médio rio São Francisco e Além São Francisco (que está na parte ocidental).[1] Esta região tem como principal referência geográfica o rio São Francisco e, em especial, o território da antiga Comarca sediada em Barra.

Dentro desta delimitação, estabelecemos um novo recorte que é a extensão de Barra até a comarca de Campo Largo (desmembrada da comarca do rio São Francisco em 1872). O motivo deste recorte dentro da delimitação espacial está relacionado com dois elementos: 1) o tempo da realização do doutorado e a quantidade de dados e informações a serem cruzadas; 2) A comarca do rio São Francisco, após a transferência para a Bahia em 1827, passou por uma série de transformações na sua estrutura geográfica. A cartografia da comarca sofreu várias mutações com parte de seu território original sendo transferido para outras comarcas e recebendo território de comarcas vizinhas. Dessas apenas Campo Largo era parte do seu território original e que permaneceu até ser desmembrada – enquanto as outras eram realocadas, como foi o caso de Xique – Xique que fez parte da comarca de Jacobina e, depois, foi transferida para a comarca do rio São Francisco; Carinhanha e Pilão Arcado também passaram por transferências diversas: Urubu e Monte Alto e Sento Sé respectivamente. Ainda assim, estaremos atentos aos movimentos dos diversos agentes nessas outras localidades, principalmente no que tange as relações políticas formadas ao longo do sertão do São Francisco.

[1] A distinção conceitual entre Oeste e Sertão do São Francisco será debatida na seção 02. Por um entendimento da historicidade do termo utilizamos o segundo. Sobre a definição de Médio São Francisco consideramos o trecho iniciado nas imediações de Pirapora até Juazeiro conforme Agenor Augusto de Miranda. Ver MIRANDA, Agenor Augusto de Miranda (1941, p. 14 – 15). Ou seja, dentro da delimitação estabelecida aqui temos o trecho mais calmo do Médio rio São Francisco e, possivelmente, bem propício ao desenvolvimento da navegação, tema caro no sertão são-franciscano oitocentista.

A comarca do rio São Francisco foi criada em 1820 após ser desmembrada da comarca do Sertão de Pernambuco.[2] Seu território era iniciado ao norte com Pilão Arcado e findava ao sul em Carinhanha, sendo a vila da Barra a sede da comarca. (LIMA SOBRINHO, 1929, p. 176) Em 1824, a comarca foi transferida para Minas Gerais[3] e, em 1827, a Bahia tomou posse provisoriamente do seu território.

Dentro do recorte cronológico estabelecido, encontramos uma série de projetos construídos e/ou debatidos no legislativo brasileiro como a navegação fluvial, avanço da ferrovia, transposição do rio São Francisco e criação de província. No caso específico da criação da província do Rio São Francisco destacamos a atuação de João Maurício Wanderley que em 1850, na condição de deputado, foi um dos signatários baianos junto com outros deputados como José Bento da Cunha e Figueiredo. João Maurício Wanderley também foi um dos defensores no Senado da proposta que havia sido lançada, em 1873, na Assembleia Geral pelo Imperador D. Pedro II e sendo a única que avançara para o Senado.

Para além dos debates parlamentares sobre a emancipação e exploração do território, a comarca do rio São Francisco sofreu várias alterações ao longo do século XIX com algumas partes do seu território sendo incorporadas a outras comarcas (inclusive da margem direita) ou sendo emancipadas. Carinhanha fazia parte da comarca de Urubu[4] e Monte Alto até formar sua própria comarca em 1873. (PINHO, 2001, p. 36)

Os ajustes político-administrativos do território do sertão do São Francisco não foram capazes de controlar as tensões políticas locais e, muito menos, coibir a ação de grupos armados. Vários episódios ocorreram como a luta entre as famílias dos França Antunes e os Guerreiros em Pilão Arcado na década de 1840, o que evidenciou as dificuldades do Estado imperial em controlar os sertões com suas instituições. (ARAUJO, 2009a; SANTOS, I. G., 2017a)

Foi notório, também, o conflito dos irmãos Guimarães nas vilas de Urubu e Carinhanha no final da década de 1840 e início dos anos 1850. Este embate foi resultado da disputa pelo controle político entre os irmãos Antonio José Guimarães e José Antonio Guimarães. No final da década de 1870 até o início dos anos 1880, Chico Rocha e Sá Neco transitaram por Januária, em Minas Gerais, e Carinhanha onde foram acusados de pilhagens e de envolvimentos com questões políticas locais. Outro episódio importante reside nas disputas políticas envolvendo

[2]A comarca do Sertão de Pernambuco foi fundada em 1810 e tinha como sede a Vila de Flores em Pernambuco. Ela se estendia da vila de Cimbres e Flores até Carinhanha. (Dias (1997; Martins, 2010).
[3] Ver Barbosa Lima Sobrinho (1929), Flávio Guerra (1951) (1974), Lina Maria Brandão de Aras (2010) e Erivaldo Fagundes Neves (2012).
[4] Atual Paratinga. Fica na margem direita do rio São Francisco.

Severiano Magalhães que, após as invasões e assassinatos em Santa Maria, chegou a ser nomeado Comandante da Guarda Nacional (SILVA, 2017) e lembrado, por alguns memorialistas, como um coronel no início da república. (BAIANO, 1996)

As quatro situações apresentadas estão relacionadas com disputas políticas e envolveram as autoridades regionais que, muitas vezes, diante de derrotas políticas, tiveram como saída uma atuação fora dos parâmetros da lei. Desse modo, as elites estabelecidas no sertão do São Francisco demonstravam interesse no controle de determinadas funções administrativas e, consequentemente, usavam isso como estratégia de dominação político-social impondo uma disciplina em relação ao território que buscava estabelecer o mando.

Nesse sentido, as decisões das Câmaras de Vereadores e a atuação dos juízes, padres e da Guarda Nacional serviam como instrumentos estratégicos de controle e disciplina da sociedade e repressão contra grupos com comportamentos desviantes e, em especial, diante de conflitos com as camadas subalternas. Seguindo este tom temos alguns embates com as populações indígenas como em Campo Largo[5] e Santa Rita que, por algumas vezes, também tinham problemas com os moradores da Missão do Aricobé.[6] Destacamos, por exemplo, a tensão provocada pela decisão da Câmara de Campo Largo na década de 1830 em arrendar parte das terras de Missão do Aricobé que foram apontadas como devolutas. O projeto do arrendamento reservou uma porção de terras para a agricultura dos moradores de Missão (em sua maioria, segundo indica a documentação, indígenas) que, por sua vez, não receberam bem e criaram dificuldades para a demarcação.

O sertão enquanto categoria espacial está sendo analisado nessa tese através de sua historicidade e conforme a contextualização conceitual. A sua definição não está restrita à oposição ao litoral, mas avança sobre as concepções da elite política brasileira sobre civilização e o território nacional. A noção de sertão corrente no Brasil oitocentista herdou algumas percepções coloniais na qual esta espacialização seria marcada por uma natureza que não havia sido dominada e pela necessidade de consolidação de valores civilizatórios. O sertão seria, então o espaço da fronteira, literal e simbólica, no qual a oposição não estaria apenas ao litoral, mas também ao ideal de civilização constituído pela matriz eurocêntrica.[7]

---

[5] Atual distrito de Taguá no município de Cotegipe. O Taguá está situado na margem esquerda do Rio Grande (afluente do rio São Francisco).
[6] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência recebida da Câmara Campo Largo. Maço: 1287.
[7] Trataremos do conceito de sertão e da noção de sertão do rio São Francisco na seção 02.

O fato de ser uma área fronteiriça entre diversas províncias (Goiás, Minas Gerais e Piauí – além de muito próxima de Pernambuco e Maranhão) facilitava a circulação de muitos indivíduos de diversas regiões em várias situações (fugindo da ação da justiça, comerciantes, viajantes, etc.), bem como permitia a fuga para outras províncias daqueles sujeitos com problemas na justiça baiana e/ou, até mesmo, a formação de redes de apoio para além da fronteira[8]. Além dos bandoleiros, a vigilância foi noticiada pelo juiz municipal da Vila da Barra, João José Souza Rabêllo, em 25 de maio de 1838, que afirmou não ter notícias dos revoltosos da Sabinada circulando na região, ponderou, entretanto, que eles poderiam ter passado sem que as autoridades soubessem. (SILVA, 2017)

As tensões das províncias vizinhas citadas chegavam com muito mais facilidade nessa região do que em Salvador, vide o caso da Balaiada que deixou as autoridades em Barra preocupadas com o avanço da revolta, conforme a correspondência do Juiz de Direito da Comarca do São Francisco, Francisco Pereira Dutra, em 29 de outubro de 1839.[9]

Nesta pesquisa, portanto, nos interessa a formação das redes de apoio das autoridades para analisarmos como suas relações de poder eram construídas não só nas disputas entre as diversas frações das elites desse sertão, mas também na relação de dominação e controle (ou tentativa) das camadas subalternas. A aproximação ou distanciamento com relação aos debates de âmbito nacional e provincial servirá como um importante elemento a ser observado para explicar como determinadas redes de poder no sertão do São Francisco se integravam na conjuntura experimentada.

A presente pesquisa não despreza a produção de historiadoras e historiadores atentos a outras regiões baianas. A historiografia baiana tem uma produção acerca de Salvador e o Recôncavo bastante consolidada, porém, nas últimas décadas, ocorreu significativo crescimento das pesquisas sobre os sertões como o sertão de Canudos, sertão dos Tocós, Chapada Diamantina e sertão da Ressaca. Ressaltamos a diferença de produção não como uma crítica aos pesquisadores e outras gerações de historiadores, mas como uma constatação de uma lacuna que tem sido preenchida nos últimos anos. Nesse mesmo sentido, também registramos avanços nos estudos sobre o sertão do São Francisco, ou seja, procuramos acompanhar o

[8] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência dos Juízes Barra do São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250.
[9] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência dos Juízes Barra do São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250.

crescimento da produção observando as lacunas existentes como os estudos sobre as autoridades e mantendo-se atento às diversas colaborações.

A iniciativa dos autores locais preocupados em registrar a história de suas comunidades e cidades também é observada nesta tese. A narrativa de algumas dessas obras é apresentada como um conjunto variado e fragmentado de elementos do passado destacando famílias e autoridades consideradas como importantes a partir de uma leitura apologética de personagens que, muitas vezes, figuram entre os membros das elites locais. Assim, existem tensões e sujeitos que não aparecem em algumas narrativas. Isso ocorre, talvez, pela dificuldade de acesso às fontes no momento da produção ou pelas dificuldades de acesso à ferramentas metodológicas apropriadas para a pesquisa histórica. A iniciativa de autores locais deixa nítido o quanto ainda é possível avançar, pois os trabalhos trazem informações sobre situações diversas a exemplos dos estudos de Hélverton Baiano (1996), Ignez Pitta de Almeida (2005), Honorato Ribeiro dos Santos (s.d.) e José Evangelista de Souza (2007).

Em alguns desses trabalhos encontramos menções sobre episódios e personagens do recorte estabelecido, porém, sem muito aprofundamento, mas com bons vestígios sobre a presença de algumas figuras na memória da região[10]. Mesmo construindo uma leitura crítica a tais produções, não podemos desprezar o esforço, iniciativa e contribuição desses autores que lançam em suas obras nomes, situações e fontes para examinarmos. Seus trabalhos formam um corpo bibliográfico importante para estabelecer o diálogo, problematizar o conhecimento histórico e buscar vestígios para a pesquisa. Segundo Baiano, o Coronel Severiano Antonio Magalhães foi o primeiro chefe político da Vila de Nossa Senhora da Glória do Rio das Éguas e da Vila de Correntina. Entre as fontes apresentadas pelo autor estão alguns depoimentos e os documentos referentes ao exercício da intendência em Correntina. (2006, p. 54 – 55)

Os estudos regionais nos permitirão um mergulho em determinados discursos históricos de modo a problematizá-los, bem como confrontar com diversas generalizações historiográficas. A visibilidade se faz necessária no momento em que alguns desses estudos estão sendo incentivados em diversos espaços como nas escolas.[11] Em 2014 foi aprovada uma lei municipal em Barreiras incluindo o conteúdo da História de Barreiras na rede municipal de ensino. Esta pesquisa também se propõe como uma contribuição para esta iniciativa e outras similares na região. Estamos atentos a esses movimentos e dispostos a dialogar com as diversas

---

[10] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência dos Juízes Rio das Éguas (1848 – 1889). Maço: 2563 e de juízes de Carinhanha (1875 – 1882), Maços: 2341 e 2342.

[11] BARREIRAS. Lei Nº 1122/2014 de 29 de outubro de 2014. Dispõe sobre a obrigatoriedade da inclusão do conteúdo “História de Barreiras”, na Rede Municipal de Ensino e dá outras providências.

formas do saber e os vários tipos de produção. Assim, ampliaremos as possibilidades do debate historiográfico sobre a Bahia indicando tensões políticas e sociais presentes em algumas narrativas e revelando outros agentes históricos.

A proposta desta pesquisa, portanto, se enquadra no âmbito da História Regional, já que serão estudadas as autoridades do Estado brasileiro na região do sertão do São Francisco, articulando os agentes sociais e políticos com os modos de atuação e interferência numa dada região. Consideramos uma perspectiva de estudo regional em que o território delimitado será analisado dentro de uma conjuntura ampla observando os fenômenos externos e suas conexões com os fenômenos internos.

O objetivo desta tese é, portanto, analisar as tensões políticas e sociais envolvendo as autoridades e as elites do sertão do rio São Francisco de modo articulado com o processo de formação das redes regionais de poder no contexto das transformações políticas no Brasil oitocentista.

1.1. REGIÃO, TERRITÓRIO E HISTÓRIA REGIONAL

Esta pesquisa avança por investigar a sociedade, suas relações de poder e organização política, social e territorial dentro do recorte já apresentado. Desse modo, analisaremos o percurso de uma parte do Sertão do rio São Francisco, mas sem ignorar suas relações com outras regiões além das fronteiras ou de outras regiões da Bahia, bem como sua construção regional numa perspectiva histórica. Ou seja, mesmo partindo de uma ideia de região e de seu território limitados ao recorte político-administrativo, não ignoraremos o conjunto de relações sociais nele manifestado. A partir da percepção da noção de região e território é que balizaremos o que está sendo apontado como História Regional nesta tese.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior teceu uma série de críticas à História Regional a qual é preciso ficar atento. A princípio a abordagem regional levaria a uma hierarquização com relação a produção nacional e que, ao não criticar a ideia de região e as relações de poder constituintes, terminaria voltando-se para “determinadas elaborações da região”. (2011, p. 39 – 41) A problematização da noção de região e, consequentemente, do recorte regional estabelecido pelo pesquisador seria, portanto, uma ação a ser executada ou estaríamos corroborando com uma construção arbitrária e, por vezes, externa ao objeto de pesquisa e/ou atrelada com disputas de poder.

Pelo alerta feito por Albuquerque Júnior estabelecer um dado recorte e explorar o que seria sua história sem analisar o modo como tal regionalização foi constituída seria um equívoco por desconsiderar quais forças e o modo como elas procederam em tal operacionalização (seja ela nordeste, Sertão do São Francisco, etc.).

Podemos concordar, então, que teríamos uma construção historiográfica hierarquizada que diferenciaria o que seria a história nacional e a história regional, sendo esta um conjunto formulações isoladas no espaço com as circunstâncias peculiares e aquela o grande contexto balizador, porém externo. Em outras palavras, teríamos uma investigação histórica que desconsideraria não só a construção de uma região como conceito, mas também não levaria em consideração a mobilidade dos sujeitos e suas interações cotidianas, ou não, com o que é interno ou externo ao recorte estabelecido.

É possível considerar como igualmente equivocado, seguindo as reflexões de Cláudia Maria Ribeiro Viscardi, o estabelecimento de um contorno espacial e a exploração do que seria sua história isolada de outras redes ou construções espaciais transformando assim o objeto (ou região) pesquisados numa ilha na qual os fenômenos sociais estariam limitados pelas linhas das fronteiras desenhadas no mapa. (1997, p. 95) Rosa Maria Godoy Silveira também já havia alertado para o problema de tornar a região e o recorte regional num dado prévio enquanto seu processo histórico e noção de espaço são desprezados. (1990, p. 17)

A contextualização do recorte espacial é uma saída para a crítica feita por Durval Muniz Albuquerque Júnior que alertou para a falta de problematização do recorte estabelecido. Sem este procedimento, a região seria apenas um dado prévio e a história estaria voltada para o que aconteceu dentro dos limites estabelecidos e sem considerar a construção dos espaços:

> Como é comum, no discurso historiográfico, quando se trata de pensar os espaços, a região aparece como um dado da realidade que não precisa ser em si mesmo pensado ou problematizado, não precisa ser tratado historicamente. A região aparece como um dado prévio, como um recorte espacial naturalizado, a-histórico, como um referente identitário que existiria per si, ora como um recorte dado pela natureza, ora como um recorte político-administrativo, ora como um recorte cultural, mas que parece não ser fruto de um dado processo histórico. A história ocorreria na região, mas não existiria história da região. A história da região seria o que teria acontecido no interior de seus limites, não a história da constituição destes limites. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 55)

Para Flávio Lúcio Rodrigues Vieira, a perspectiva de Durval Muniz Albuquerque Júnior apresenta uma noção de espaço que pouco avançou na observação do conceito como produção social. Portanto, a crítica de Vieira é centrada no avanço da percepção espacial para além das

operações culturais e discursivas lançando ao historiador a necessidade de refletir sobre a produção social que envolve a constituição da região. (VIEIRA, 2001)

A região numa pesquisa de História Regional não pode ser um recorte aleatório e grosseiramente estabelecido sem uma reflexão do próprio conceito e contexto. Talvez, este seja o elemento que possa aproximar, em alguma medida, Flávio Vieira e Durval Albuquerque Jr. e nos lembrar da importância da contextualização do recorte espacial e, consequentemente, da região.

Cabe ao historiador, portanto, refletir sobre como determinada região foi constituída não só como conceito, mas também como suas interações foram estabelecidas. Desse modo, é preciso definir o que está sendo considerado como território e região (no nosso caso o Sertão do rio São Francisco) para explicar como a abordagem da História Regional está sendo utilizada.

Portanto, o início da nossa trilha começa com a definição de Região e da História Regional. Pelo caminho recorreremos a conceitos como Espaço, Território, localidade e Fronteira até chegar em Região e História Regional. Após isso, avançaremos nas relações entre História Regional, História Política e História Social. Esse caminho é importante por conta do exercício feito para compreender e definir o sertão do rio São Francisco e executar o recorte espacial desta pesquisa.

Milton Santos ao explicar o espaço como um sistema de objetos povoado por sistemas de ações apresenta uma noção dinâmica da constituição espacial (2013, p. 86) que reforça a posição defendida com relação a necessidade da problematização da região nas pesquisas de História Regional. Santos trata a dinamicidade espacial atrelada ao ser-humano: "É dessa forma que na superfície da terra, na crosta de um país, no domínio da região, nos limites de um lugar – seja ele a cidade – se reorganiza o espaço, recriam-se as regiões, redefinem-se as diferenciações regionais." (*Ibid.*, p. 88) Portanto, a base física do rio São Francisco é fundamental para pensarmos o seu sertão, porém, não é exclusiva tendo em vista que a região também é uma construção política e social de sua organização.

Expandido a percepção espacial pela História, Angelo Torre, pautado em Beat Kumin, Cornelie Hubson e Gerd Schwerhoff, indicou que o interesse dos historiadores pelo Espaço seria a partir do seu caráter relacional. Ou seja, o espaço não seria absoluto ou cartesiano, mas considerado através de uma "construção social, uma "síntese mental"." (TORRE, 2018, p. 44) Torre complementa afirmando que "o espaço é uma dimensão comunicativa e resiste a qualquer

tentativa de classificação rigorosa (pública/privada): são as ações e as práticas aquelas que enchem de conotações e fazem existir."[12] (*Ibid.*, p. 44) Como já afirmado anteriormente, a base física não é o único elemento na percepção espacial e é preciso levar em consideração a ação humana e como politicamente, economicamente e culturalmente o espaço é concebido ao longo da história.

Erivaldo Fagundes Neves defende que a noção espacial seja interpretada para além da circunscrição do Estado compreendendo as relações sociais conflituosas e consensuais. Portanto, Neves está considerando tratar o espaço como uma construção humana:

> A localidade se constitui no espaço onde uma comunidade se estabelece e se desenvolve. Configura, portanto, uma construção humana, empreendida em organizações comunitárias, com identidades internas e vinculações externas, de modo que extrapola as circunscrições projetadas por governantes, técnicos, estudiosos e incorpora fatores históricos de natureza social, econômica, política e cultural. (NEVES, 2008, p. 26)

A partir do exposto, Neves aponta alguns elementos constituintes historicamente do espaço: "Para a história é imprescindível que o espaço tenha representação social, seja definido por um exercício de poder e a comunidade nele estabelecida, seja caracterizada por vínculos culturais, de consangüinidade e de vizinhança." (*Ibid.*) Ou seja, relações de poder e relações sócio-culturais são componentes da formação histórica do espaço e esta noção agrega a dinamicidade apontada por Milton Santos e à percepção espacial defendida por Angelo Torre.

Local e Região são duas categorias espaciais que constantemente causam confusão devido a relativa proximidade conceitual. Segundo Sara Mata de López, analisando a historiografia argentina, a História Local seria a mais prolífica entre os historiadores e que por trás da História Regional, por vezes, existe um estudo de História Local o que provocaria uma confusão entre as noções de região e local, bem como suas respectivas abordagens pela História: "Também frequentemente podemos observar que por trás do enunciado de história regional, se oferece um estudo local, evidenciando assim uma notável confusão em relação com a espacialização dos estudos históricos." (2003, p. 47)[13]

O limite da definição entre local e regional é muito estreito, pois a escala parece dar o tom da discussão para essas categorias que, dentro da historiografia, por vezes aparentemente,

---

[12] Tradução nossa. Original: "El espacio es una dimensión comunicativa y se resiste a cualquier intento de clasificación rigurosa (público/privado): son las acciones y las prácticas las que lo llenan de connotaciones y lo hacen existir."

[13] Tradução nossa: "*También frecuentemente habremos de observar que tras el enunciado de historia regional, se ofrece um estudio local, evidenciándose así una notable confusión en relación con la espacialización de los estudios históricos.*"

se apresentam como sinônimos. Porém, não podemos cair na armadilha que a escala pode impor nesta diferenciação já que se o global não pode ser definido como uma somatória de localidades (e nem o contrário: a localidade ser um trecho recortado do global), o mesmo pode ser associado na relação entre regional e local. Sobre isso, José Amado Mendes também problematizou:

> [...] na actividade historiográfica de nível local podem diferenciar-se, pelo menos, duas esferas de actuação: por um lado, a história local entendida como "história de escala" e, por outro, a história local concebida como historia [*sic*] de uma localidade, município ou região, com um enquadramento espacial previamente definido e aceite, como tal. Neste último caso, além da geografia, são factores político-administrativos e legais que estão na base da definição da área a estudar. (2000, p. 351)

Mendes completa:

> Quanto ao primeiro conceito - a da história local definida em função da escala -, problemas vários poderão ter que ser solucionados. Em primeiro lugar, o da própria designação: história local ou história regional e/ou local? Neste trabalho, embora usando mais frequentemente a expressão "história local", a esta encontra-se subjacente, também, a de "história regional". (*Ibid.*)

A região está assentada num território que, por sua vez, possui uma formação espacial que está atrelada às relações de poder e à dinamicidade histórico-geográfica. Assim, os estudos de determinada fração do espaço geográfico permitem analisar uma série de circunstâncias envolvendo as relações de poder e atuação de agentes a partir de heranças culturais, configurações políticas e econômicas de um dado recorte, conforme explicou Luiz Alexandre Gonçalves Cunha:

> Acredita-se que é útil, em determinadas abordagens analisar uma determinada fração do espaço geográfico incorporando a ela a dimensão política, na melhor tradição do conceito de território. Principalmente, se o objetivo é ter as bases sócio-espaciais básicas definidas, visando a formulação de políticas públicas, que venham a transformar e dinamizar comunidades específicas. A caracterização territorial permite identificar as relações de domínio, controle e gestão que são próprias de um determinado território. Ou seja, com isso pode-se desnudar o exercício do poder que, naturalmente, ou melhor, socialmente, relaciona-se a grupos, classes e instituições, enfim, atores individuais e coletivos, públicos e privados, que atuam a partir de heranças culturais e configurações políticas e econômicas próprias de uma determinada região. (2000, p. 49)

A explicação de Luiz Alexandre Gonçalves Cunha se aproxima de Rogério Haesbaert quando este afirma que: “O território, de qualquer forma, define-se antes de tudo com referência às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) em que está mergulhado, relações estas que são sempre, também, relações de poder.” (HAESBAERT, 2007, p. 54) Ou seja, a definição do território tem como referência diversas relações, sejam elas sociais e/ou culturais, que também são expressões de poder.

Haesbaert explica que o sentido relacional de território exposto acima também pode ser verificado no sentido materialista que, fundamentado em Maurice Godelier, associa a propriedade do território como uma relação com a natureza e entre homens. Ou seja, a noção de território concilia a ocupação do espaço e relação com a natureza, bem como a relação entre diferentes sociedades e grupos sociais internos de modo a integrar dialeticamente a percepção das construções, tensões e intercâmbios externos com os internos. (GODELIER *apud* HAESBAERT, 2007, p. 54)

Márcio Roberto Alves Santos traçou uma importante discussão acerca da noção de sertão a partir da percepção de uma construção de territorialidade conflituosa no período colonial. Ao analisar o processo de conquista portuguesa nos sertões e, em especial, nas proximidades do rio São Francisco, Márcio Santos alerta para o confronto das territorialidades no período colonial. Isso levou o autor a problematizar a ideia de território e do sertão como espaço desabitado e com possibilidades de exploração.[14]

O conflito da perspectiva de território luso-brasileiro com a perspectiva territorial indígena resultou numa guerra com efeitos catastróficos para os segundos. Sobre a territorialidade indígena, Santos explicou:

> alimentar e à guerra, pode ter se estabelecido entre os distintos grupos étnicos abrigados sob a classificação de não sedentários. Esses espaços de circulação, todavia, não se configuravam no sentido de "território", tal como o entendemos hoje. Aplicar a ideia contemporânea de território aos espaços ameríndios, e em especial aos espaços habitados por povos não sedentários, resulta numa espécie de anacronismo antropológico. É possível que etnias e territorialidades tivessem, para o conjunto dos povos ameríndios, um sentido filosófico e político completamente distinto da conotação substantiva que têm hoje para nós. Essa distinção seria ainda mais pronunciada no caso de povos que, como os não sedentários do sertão nordeste, não construíam grandes aldeias, não se dedicavam a práticas agrícolas e circulavam sazonalmente pelos seus *habitats*." (SANTOS, M.R.A., 2017, p. 57)

A noção territorial luso-brasileira era oposta à territorialidade indígena sendo aquela voltada para a expansão do controle espacial para a devida exploração econômica e organização militar ao longo do processo da conquista. O território em Márcio Santos, portanto, é um conceito carregado de historicidade e disputas espaciais.

Assim, a perspectiva de composição da territorialidade do Sertão do rio São Francisco é resultado do processo de colonização na qual tanto o referencial espacial voltado para a

---

[14] A noção de sertão será debatida mais adiante. Sobre o confronto das noções de territorialidades e a problematização da ideia de sertão como espaço inabitado: Márcio Roberto Alves dos Santos (2017, p. 42).

ocupação do interior quanto a sua ordenação é fundamentado na perspectiva de controle do espaço mediante a ordem de um Estado e sociedade de matriz europeia.

A análise de Márcio Santos é importante para esta pesquisa na medida em que consideramos as noções de espaço e, consequentemente, de território como móveis e sujeitas às transformações históricas. A formação territorial é conflitiva e revela embates socioculturais dos grupos envolvidos nas disputas – vide a explicação de Márcio Santos. Mesmo com uma perspectiva eurocêntrica de ocupação territorial relativamente consolidada no século XIX, as disputas territoriais se faziam presentes ora nos conflitos entre autoridades e mandões locais, ora entre sujeitos de diferentes camadas da sociedade ou até mesmo na continuação dos conflitos de territorialidade envolvendo sociedades indígenas no sertão do São Francisco como veremos mais adiante na tese.

O território é, então, a "cena de poder", conforme Claude Raffestin. Não podemos deixar de considerar que o poder político vai além daquele que é exercido pelo Estado e a noção de território é uma das chaves para entendermos a configuração regional. (RAFFESTIN, 1993, p. 16) Ainda segundo Raffestin:

> O poder visa o controle e a dominação sobre os homens e sobre as coisas. Pode-se retomar aqui a divisão tripartida em uso na geografia política: a população, o território e os recursos. Considerando o que foi dito sobre a natureza do poder, será fácil compreender por que colocamos a população em primeiro lugar: simplesmente porque ela está na origem de todo o poder. Nela residem as capacidades virtuais de transformação; ela constitui o elemento dinâmico de onde procede a ação. [...] O território não é menos indispensável, uma vez que é a cena do poder e o lugar de todas as relações, mas sem a população, ele se resume a apenas uma potencialidade, um dado estático a organizar e a integrar numa estratégia. Os recursos, enfim, determinam os horizontes possíveis da ação. Os recursos condicionam o alcance da ação. (*Ibid.*, p. 58)

O controle territorial possuía diversas facetas. Não se trata apenas dos espaços de circulação e/ou identidade. As divisões administrativas delimitada pelas comarcas não impediam a atuação e interação política de diferentes autoridades como demonstrou Antonio José Amorim numa queixa ao presidente da província em 1873. Antonio José Amorim era juiz de Direito da comarca de Campo Largo e Santa Rita do Rio Preto e, numa correspondência de 03 de julho de 1873, ele denunciou a situação problemática que vivia na sua jurisdição.

Além das ameaças sofridas e da dificuldade de manter a "ordem" num local carente de autoridade policial, Amorim denunciou a íntima relação entre o juiz de direito da comarca de Barra, o liberal Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, que estaria de conchavos com indivíduos ligados aos Conservadores em Santa Rita. Para Amorim, Montenegro estaria

tramando controlar Campo Largo com apoio dos Conservadores de Santa Rita. Daiana Silva Barbosa explicou que a atuação política de liberais e conservadores possuíam configurações distintas e relacionadas com a conjuntura local. Ela chama atenção para a necessidade de avaliar a utilização dos termos bem como a identificação e motivação deles. (2018, p. 58 – 59).

A ação de indivíduos armados e a pressão de atos violentos contra a população também foram descritos na correspondência. A argumentação de Amorim contra Montenegro leva em consideração a noção de espacialidade ferida pelo colega de outra jurisdição que estaria desrespeitando os limites da autoridade estabelecida em Campo Largo e Santa Rita e usando o pânico na sociedade para alimentar seus planos.[15]

Numa rápida análise podemos notar na argumentação de Antonio José Amorim alguns elementos referentes ao controle espacial descrito por Claude Raffestin: população e território. As disputas internas dos grupos dominantes e de diferentes autoridades forjavam determinadas alianças que rompiam ora os limites de jurisdição, ora os limites partidários e acuavam, na denúncia de Amorim, a sociedade.

Dentro do processo de expansão/conflitos da territorialidade (seja aquela descrita por Márcio Santos ou esta, envolvendo os juízes das comarcas de Campo Largo e do rio São Francisco) temos um elemento importante que é a fronteira. Ela não serve apenas como um divisor de unidades administrativas e/ou cartográficas. José de Souza Martins define a fronteira a partir das disputas envolvendo diferentes “grupos étnicos” apresentando-a como delineadora dos territórios e das disputas envolvidas neles:

> Já no âmbito dos diversos grupos étnicos que estão “do outro lado”, e no âmbito das respectivas concepções do espaço e do homem, a fronteira é, na verdade, ponto limite de territórios que se redefinem continuamente, disputados de diferentes modos por diferentes grupos humanos. (MARTINS, 2019, p. 10)

Martins não nega a fronteira geográfica, mas amplia para outras formas de ver como a “fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteiras de etnias, fronteiras da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano”. (*Ibid.*, p. 11) Ou seja, a fronteira, assim como a territorialidade, são noções forjadas historicamente e socialmente. As relações de

[15] APEB. Seção colonial e provincial. Correspondências dos juízes de Campo Largo (1873 – 1889). Maço: 2314.Trataremos dessas disputas mais adiante na tese, mas adiantamos primariamente que o missivista não especificou os planos traçados pelo seu adversário, apenas mencionou a existência deles.

poder, sociais, culturais e econômicas de um dado momento histórico são capazes de moldar os usos e os limites espaciais de um determinado território.

As categorias espaciais apresentam mobilidade conforme o momento e o processo histórico. A construção social, conforme mencionado, e a construção política são dois elementos que os historiadores devem observar na análise das categorias espaciais. Não está sendo negado a relevância de outras construções como a cultural, econômica, entre outras. Também não significa negligenciar a interpretação cartesiana do espaço, mas levar em conta que, neste caso, as operações sociais, políticas, econômicas e culturais exercem papel fundamental na delimitação das fronteiras que, por sua vez, precisa ser observada conforme o processo histórico e o jogo das relações de poder na qual constituiu os referenciais lindeiros.

A base física não está sendo colocada no canto, mas para uma pesquisa em História através de uma noção de região natural é um equívoco por minimizar as construções sociais, políticas e culturais do recorte espacial estudado como já afirmado anteriormente. Janaína Amado explicou que a aproximação dos historiadores com a questão regional foi próxima ao momento em que os geógrafos começaram a abandonar a ideia de uma regionalização natural:

> [...] o encontro dos historiadores com a questão regional coincide com o momento em que o conceito de "região" passa por profundas transformações, propostas principalmente pelos geógrafos. Muitos geógrafos têm abandonado a antiga e difundida utilização determinista do conceito como sinônimo de "região natural", isto é, de um conjunto relativamente homogêneo de elementos naturais – tais como clima, relevo, vegetação, hidrografia etc -, cuja influência se sobrepõe à ação humana e até mesmo a determina. (AMADO, 1990, p. 08)

A base física continua como uma informação, porém é o significado elaborado por diferentes grupos sociais para suas relações com o uso do espaço/território/região é que se torna o caminho para a formação de uma História Regional ou para a apropriação do Espaço como parte do objeto da História. Vanessa Brasil ao indicar que o rio São Francisco como a base para os planos diversos no século XIX e, em especial, para a integração territorial nacional deixa pista do processo de construção referencial espacial como parte de projetos políticos. (BRASIL, V., 2008) Ou seja, a base física passa a ser constituída através das relações de poder e dos diversos tipos de construções humanas: econômico, social, política, cultural entre outras.

A regionalização poderia seguir diversos critérios e se utilizarmos a "Região natural" é bem possível que deveríamos observar o sertão do rio São Francisco pela rede hidrográfica (bacia do São Francisco) ou pelo bioma (caatinga e cerrado). Para a análise historiográfica esses dados são limitados para observar como uma região está sendo constituída.

Segundo Vera Alice Cardoso Silva, a Região seria parte de um sistema de relações na qual ela está integrada e com um território contínuo onde ocorrem os processos de produção e reprodução. (SILVA, 1990, p. 43) Já para Janaína Amado, o conceito de Região surgiu como uma necessidade humana de “entender e ordenar as diferenças contestadas no espaço terrestre.” (AMADO, 1990, p. 10) Ambas definições estão afinadas entre si e reforçam o deslocamento do entendimento regional ora como “Região Natural” ora como um dado prévio a ser delimitado no estudo e isolado no espaço, para uma percepção dos diferentes vetores formativos daquilo que é chamado de Região.

Durval Albuquerque Júnior explica que a região é o espaço de manifestação de relações de poder e o seu fracionamento seria resultado das lutas pela posse do espaço. Além disso, elas precisam ser encaradas de forma contextualizada: “Historicamente, as regiões podem ser pensadas como a emergência de diferenças internas à nação, no tocante ao exercício do poder, como recortes espaciais que surgem dos enfrentamentos que se dão entre os diferentes grupos sociais, no interior da nação”. (2011, p. 36)

A Região, portanto, pode ser analisada pela sua construção política, social, econômica e cultural dentro dos limites de um território ocupado pelos agentes sociais e políticos e significado pelos referenciais históricos destes. A região é espaço de disputa e formadora de diversas fronteiras. Sua base física não está isolada e dentro das conexões ou fluxos é que avança com a definição que é moldada pelo jogo de relações de poder externos e internos.

A região e os processos de regionalização são mutáveis conforme a conjuntura e o seu lugar nas relações de poder, por isso, é preciso uma certa cautela com a delimitação que por vezes nem deve se limitar aos recortes estabelecidos pelo Estado ou pelo desenho cartográfico das bacias hidrográficas ou dos biomas. Região é produto da ação humana sobre um território forjado nas relações de poder e tensões da sociedade. O Estado é um instrumento de formação regional que por sua vez ganha contornos pautados nos interesses da classe dominante. Segundo José Batista Neto

> o conteúdo classista do Estado faz com esse se torne o lugar privilegiado onde as classes dominantes fazem seus interesses particulares ganhar aparência de interesses coletivos [...] soldando assim as contradições sociais geradas, em princípio, pela divisão do trabalho. Isto porque o exercício de dominação aponta para a necessidade de ocultar o interior do Estado o conteúdo classista dessas mesmas relações e do próprio Estado. (1990, p. 122 – 123)

Com isso, Batista Neto explica que as diferenças regionais e classistas exigem intervenção do Estado nas regiões com o objetivo de cessar os conflitos, porém este procedimento é realizado através dos interesses da classe dominante. (*Ibid.*, p. 123 – 124)

Batista Neto também reforça que a região não significa o isolamento do "todo" ou do "nacional" (1990, p. 123) afinal ela é parte do nacional.

Antonio Fernando Guerreiro de Freitas explicou que, na falta de poder público e de representatividade do Estado, "um coronel diligente" se tornava o responsável pela "integridade regional". (1992, p. 165) Portanto, o processo de regionalização é operacionalizado dentro das relações de poder vigentes. Ao estudar como duas regiões foram constituídas com intervenção do Estado, porém, sem anular, dentro da conveniência dos arranjos políticos, as forças locais, Freitas tratou não só de observar a conjuntura interna através da compreensão dos eventos com significados locais como também analisar para suas relações de âmbito estadual e nacional:

> As ações executadas, seja durante a construção de uma região, sua manutenção ou até aquelas que conduzem a uma nova espacialização, possuem essas duas dimensões históricas. De um lado, temos de compreender os eventos em seus significados fortemente locais, como foram os casos das estradas de ferro, da navegação à vapor, da onda migratória para exploração das terras do sul da Bahia, do melhoramento dos portos e da navegação costeira, sem contar as inciativas particulares de empreendedores, numa e noutra região, tudo tem real importância pra explicar a história local, a formação regional. Em outro sentido, a necessidade de conectar esses eventos à história nacional é evidente, quer dizer, buscar as razões dessas inciativas e suas relações com a sociedade nacional brasileira. As estradas, os portos, as facilidades de navegação, estavam relacionadas à vontade de ampliar e diversificar as rotas comerciais, de formar novos mercados consumidores, de incorporar novas zonas produtoras de matérias primas e de promover uma nova divisão social do trabalho.[16] (FREITAS, 1992, p. 160)

É preciso alertar que não está sendo defendido, a partir do exposto, que a História Nacional seja um conjunto de histórias regionais. Ao diferenciar o global do local, Angelo Torre explica que não se trata de um mero jogo de escalas, mas de perspectivas diferentes da observação espacial:

> Os espaços a que cada um deles faz referência no são de fato comparáveis e, como veremos, têm características incomensuráveis. Para simplificar, podemos dizer que o global não é a soma dos infinitos locais dos que se

[16] FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro de. ***Op. Cit.*** P. 160. Tradução e revisão respectivamente de Aloísio Santos Cunha e Rafael Sancho Carvalho da Silva. Aproveito esta nota para agradecer a Aloísio Santos Cunha e Antonio Fernando Guerreiro de Freitas pela oportunidade aberta para meu envolvimento no trabalho de tradução desta tese. Segue o trecho original: "*Les actions exercées, que ci soit lors de la construction d'une région, pour son entretein ou même celles qui conduisent à nouvelle spatialisation, possèdent ces deux dimensions historique. D'un côté il faut comprendre ces événements aux significations fortement locales, comme ce fut le cas des voies de chemin de fer, de la navigation à vapeur, de la vague migratoire pour l'exploitation des terres du sud de Bahia, de l'amélioration des ports et de la navigation côtière, sans compter les initiatives particulières des entrepreneurs, dans l'une et l'autre régions, tous ayant une réelle importance pour l'explication de l'histoire locale, de la formation régionale. Dans un autre sens, la nécessité de relier ces événements à l'histoire nationale est évidente, c'est-à-dire celle de rechercher les raisons de ces initiatives dans leur relations avec la société nationale brésilienne. Les routes, les ports, les facilités pour la navigation seraient liés à une volonté d'amplifier et de diversifier les routes commerciales, de former de nouveaux marchés consommateurs, d'incorporer de nouvelles zones productrices de matières premières ou de promouvoir une nouvelle division sociale du travail.*"

> compõe espacialmente, mas algo mais complexo, com capacidade de moldar cada um deles. Da mesma maneira, o local não é o global reduzido ao mínimo, mas que tem seu próprio ponto de vista insubstituível.[17] (TORRE, 2018, p. 39)

Portanto, a noção de mobilidade na formação territorial é um elemento basilar no entendimento de região uma vez que esta é um recorte arbitrário do território. Podemos complementar afirmando que a região é um recorte não só arbitrário, mas histórico e político uma vez, para isso, temos as circunstâncias históricas e políticas referente à ocupação e uso do território com elementos dinâmicos internos e conexões externas. Por isso, é preciso uma análise criteriosa no exercício de delimitação espacial que por sua vez revela nuances do que está sendo considerado como região ou localidade.

Ilmar Rohloff de Mattos alertou para o cuidado da delimitação não ser restrita aos limites administrativos. (2004, p. 35) Para Mattos a região é distinguida como um espaço socialmente construído e que a "delimitação espácio-temporal de uma região existe como materialização de limites dados a partir das relações que se estabelecem entre os agentes, isto é, a partir de relações sociais." (*Ibid.*, p. 36) Ao assumir a espacialidade como parte do escopo de uma determinada pesquisa tomamos para a história a necessidade de problematização de conceitos espaciais e forjando, assim, a História Regional.

Admitir a região como parte do problema da pesquisa requer cuidados, como alertou Lina Maria Brandão de Aras: "A escolha de uma região como objeto de estudo exige, portanto, que tenhamos como ponto de partida sua constituição histórica e busquemos identificar seus habitantes, suas formas de ocupação da terra e suas relações produtivas aí estabelecidas." (2010, p. 193)

Para Cláudia Viscardi, a diminuição do recorte espacial permite ao historiador analisar as relações de poder entre o contexto da microrregião e da macrorregião. (1997, p. 96) Segundo ela, o espaço regional:

> consiste em uma construção abstrata, elaborada no decorrer do tempo por atores coletivos que a ele se relacionam direta ou indiretamente. É formado por um conjunto de valores socialmente aceitos e partilhados pelos seus agentes, que conferem à região uma identidade própria, capaz de gerar comportamentos mobilizadores de defesa de interesses. (*Ibid.*, p. 95 – 96)

---

[17] Tradução nossa. Original: *Los espacios a los que cada uno de ellos hace referencia no son de hecho comparables y, como veremos, tienen características inconmensurables. Para simplificar, podemos decir que lo global no es la suma de los infinitos locales de los que se compone espacialmente, sino algo más complejo, con capacidad de plasmar cada uno de ellos. De la misma manera, lo local no es lo global reducido al mínimo, sino que tiene su propio punto de vista insustituible*.

Viscardi envereda por uma constituição regional a partir da formação de uma identidade própria. Isso reforça a preocupação de uma delimitação espacial conveniente com a construção histórica e da conjuntura do período estudado.

Assim, os estudos regionais não podem ignorar as articulações externas e a devida contextualização do recorte espacial. A delimitação estabelecida nos limites administrativos torna-se perigosa ao negligenciar relações sociais e políticas que, por sua vez, extrapolam determinadas fronteiras estabelecidas arbitrariamente seja pelos agentes do Estado ou pelo pesquisador quando estabelece sua seleção.

Nesse sentido apontamos o sertão do rio São Francisco como uma região a ser estudada nesta tese, porém, devido a sua extensão fizemos um recorte dentro desta espacialização, como já exposto, e recortamos a comarca do rio São Francisco – de Barra (sua sede) até as vilas Campo Largo e Santa Rita do Rio Preto. Como citado de Viscardi anteriormente, esta redução permite analisar relações de poder e relações sociais entre o contexto micro e o macrorregional. Justificamos anteriormente o motivo de adotar essa estratégia. No entanto, não serão negligenciadas as comarcas de Urubu, Carinhanha e suas vilas e povoados. Muito menos as relações com outras regiões. O estabelecimento dos limites espaciais da pesquisa não impedirá de uma leitura crítica acerca da construção da região e suas relações político-sociais. Procuramos, assim, romper com uma perspectiva hierarquizante da História Regional em relação à História Nacional observando a região de forma pulsante com diversos agentes pisando no seu chão e carregando a poeira das ideias e tensões de outros rincões.

Mapa 1: Delimitação espacial da pesquisa

Dessa forma, concordamos com Erivaldo Fagundes Neves ao considerar que a produção do trabalho de História Regional e Local deveria levar em consideração não só os elementos e interações internas, mas também as articulações externas. Afinal, a região não é um dado isolado no espaço como já exposto anteriormente. Segundo Erivaldo Fagundes Neves:

> A história regional e local consiste numa proposta de estudo de atividades de determinados grupos sociais historicamente constituído, conectado numa base territorial com vínculos de afinidades, como manifestações culturais, organização comunitária, práticas econômicas, identificando-se suas interações internas e articulações exteriores e mantendo-se a perspectiva da totalidade histórica. (2002, p. 45)

Se tomarmos a História Regional e Local como averiguadora de formulações lançadas numa produção tida como de âmbito nacional e/ou global, isso nos levaria a uma concepção de região estática com os fenômenos exclusivos acontecendo dentro de um recorte espacial arbitrariamente estabelecido e sem a devida problematização de sua formação territorial. José

D'Assunção Barros aponta a História Regional e Local atrelada com a problematização da base espacial, mas que seu surgimento estaria relacionado com as possibilidades de averiguação de grandes formulações propostas em níveis nacionais. (BARROS, 2017, p. 145 e 200).

As considerações da conjuntura nesse sentido não levam em conta a dinâmica espacial e a circulação de indivíduos e ideias que não são barradas por uma fronteira desenhada num mapa, bem como ignora a constituição histórica de uma dada região. Por este rumo, concordamos com Daiana Silva Barbosa ao explicar que o recorte espacial não deve anular a observação da dinamicidade dos momentos históricos e as especificidades locais/regionais:

> A escolha de um recorte espacial como este requer, por um lado, uma conexão com a realidade provincial e nacional; por outro, a análise das especificidades que a política poderia assumir na localidade. Não basta estudar a realidade local sem estabelecer relações com a política do Império; tampouco, pode-se tomar os elementos que compõem a política nacional como cabíveis e aceitos em todos os locais. (2018, p. 13)

Este entendimento dialoga com Sandra Jatahy Pesavento que aponta a História Regional tendo que se "[...] situar no meio caminho entre a totalidade mais ampla na qual se insere (o sistema capitalista) e as variáveis regionais específicas definidas pelas condições objetivas locais." (PESAVENTO, 1990, p. 69)

A partir do exposto é que o sertão do rio São Francisco está sendo observado mediante suas interações internas e articulações externas e com seus grupos sociais, conforme citado por Erivaldo Fagundes Neves sobre a História Regional e Local e segundo a observação de Daiana Barbosa sobre o recorte espacial. Acerca da dinâmica referente aos estudos regionais, levamos em consideração para esta pesquisa as palavras de Lina Aras, que coadunam com os autores supracitados, ao alertar que o recorte da região é necessário ser realizado com a devida contextualização do recorte cronológico já que "[...] as transformações sociais acontecem e se dão em uma interação, na qual os acontecimentos regionais contribuem para as mudanças nacionais e globais que, por sua vez, são, de forma simultânea, por elas influenciadas." (ARAS, 2010, p. 192)

A História Regional é uma abordagem que pode ser construída junto com diversos domínios da História: História social, política, cultural, econômica, militar, ambiental entre outras. A leitura de história regional e de território nos permite transitar pela História Política e História Social. O diálogo com esses dois campos da história é importante na medida em que não só buscamos estudar as relações de poder como também analisar a organização e relações sociais estabelecidas na região. Esse diálogo entre política e sociedade considera tanto a

perspectiva nacional, com os planos oriundos do Rio de Janeiro para o território estudado, como também os projetos e tensões regionais.

Assim, as ações políticas dos indivíduos podem ser observadas em diversas reações dentro da sociedade. Seguindo nesse sentido lembramos que René Remónd explica que o historiador do político constata que "o político é o ponto para onde conflui a maioria das atividades e que recapitula os outros componentes do conjunto social." (REMÓND, 2003, p. 447)

Ao ampliar nossa perspectiva de política para a observação das relações e exercícios do poder é que buscamos dialogar com a História Social. Tais relações de poder e seus exercícios também estão atrelados às estratégias de dominação das elites são-franciscanas que, através do arcabouço jurídico e normativo estabelecido pelo Estado, lançava as autoridades diversas como peças de organização e controle da disciplina social e territorial. Para as discussões sobre formas de dominação, que atrelamos também às relações e exercícios do poder, atentamos à noção gramsciana sobre Hegemonia que nos permitirá refletir sobre os tipos de grupos sociais a partir das tensões sociais e políticas no sertão do São Francisco:

> A análise gramscista da hegemonia leva a distinguir três tipos de grupos sociais no interior do bloco histórico: por um lado, a classe fundamental que dirige o sistema hegemônico; por outro lado, os grupos auxiliares que servem de base social à hegemonia e de viveiro para seu pessoal; enfim, excluídas do sistema hegemônico, as classes subalternas. (PORTELLI, 1977, p. 80)

A referência ao conceito gramsciano nos possibilita estabelecer um diálogo entre a História Social e História Política na medida em que observamos os aspectos da vida social junto com as relações poder e/ou dominação. Desse modo, inserimos esta pesquisa no campo do diálogo entre a História Social e História Política junto com a abordagem da História Regional.

É importante ressaltar que a leitura do conceito de Hegemonia precisa ter a cautela da observação de sua construção enquanto um processo histórico encarando-o dentro de uma série de relações atreladas com um conjunto de experiências como afirmou Raymond Willians: "Uma hegemonia dada é sempre um processo. [...] É um complexo efetivo de experiências, relações e atividades que tem limites e pressões específicas e variáveis."[18] (2000, p. 134)

A interseção entre História Social e História Política está sendo feita pelas considerações expostas sobre o conceito de Hegemonia. Consideramos importante os apontamentos de Pierre

---

[18] Tradução nossa: "Uma hegemonía dada es siempre um processo. (...) Es um complejo efectivo de experiencias, relaciones y actividades que tiene límites y presiones específicas y cambiantes".

Rosanvallon que direciona a História Política (ou História Filosófica do Político como ele mesmo utiliza) extraindo conhecimentos de outros domínios como a História Cultural e História Social. (2010, p. 47 – 48) Dentro da proposta de Rosanvallon o "político" é um terreno de transformação da sociedade: "Ao buscar identificar de modo exaustivo as intersecções entre os conflitos humanos e suas representações do mundo, essa história filosófica considera o político como o terreno em que a sociedade transforma a si mesma." (*Ibid.*, p. 59)

A região é uma construção resultado de uma série de conflitos e é uma categoria atrelada às ações políticas e, consequentemente, intervenção do Estado. Vera Alice Cardoso Silva afirmou que "a contração ou ampliação da região é [...] um fenômeno político. Novas formas de controle sobre a economia e as instituições sociais resultam do jogo de interesses que, no mundo moderno, deram origem a impérios e, gradualmente ao sistema de estados nacionais." (1990, P. 48) Vera Silva também ensina que a ação política das elites regionais pode ser ampliada ou restringida conforme o resultado de suas movimentações, mas que a capacidade desses grupos em manipular, mobilizar e, acrescentamos, controlar seriam potencialidades da região. (*Ibid.*, p. 46)

Estamos atentos às formas de ação das elites regionais e ao modo em que elas estabelecem as fronteiras políticas e sociais. O Estado brasileiro, através da estrutura judiciária, lançou uma série de instrumentos para o exercício do poder local. Outras estruturas como Guarda Nacional, Igreja e coletorias, todas do Estado brasileiro oitocentista, reforçam este arsenal de controle social, mas também de disputas por parte de grupos rivais. Deste modo, observaremos os processos de formação de redes de poder e como isso colaborará para a constituição regional do sertão do rio São Francisco.

1.2. FONTES E METODOLOGIA

Como já exposto, um recorte dentro do Sertão do rio São Francisco está estabelecido para que possamos avançar com a análise das fontes. Porém, esticaremos os olhos para as localidades dentro deste sertão, mas que não estão dentro do recorte da pesquisa. Este trabalho se enquadra dentro da História Regional e mesmo que façamos uma delimitação dentro do recorte regional, não deixaremos de lado as circunstâncias de aproximação e distanciamento das várias localidades dentro dele. Também, analisaremos as conexões externas e como os elementos da conjuntura nacional geraram impacto neste sertão.

Foram consultadas fontes como documentos manuscritos, jornais, relatórios, obras literárias e memorialísticas e trabalhos cartográficos. Nesse processo, a pesquisa contou com visita ao **Arquivo Público do Estado da Bahia** (APEB), **Cartório de Várzeas** (sob a guarda do cartório Silva Pereira no município de Baianópolis-BA), **Diocese de Barreiras** e documentos digitalizados que estão disponíveis em sites de instituições como o ***Center for Research Libraries*, Biblioteca Nacional, Câmara dos Deputados, Senado Federal, Presidência da República, Biblioteca Brasiliana Guita e José Midlin**.

Em tempos de pandemia do Coronavírus/COVID-19 (SARS-CoV-2), o trabalho de digitalização das últimas citadas instituições foi de grande apoio para pesquisadores que tiveram sua mobilidade reduzida por conta do problema em que vivemos com a pandemia ainda presente no momento da redação desta tese. Além disso, o fato de ter fotografado os documentos[19] antes do fechamento do APEB para reformas[20] e da pandemia, sem deixar de mencionar o importante apoio de valiosas e valiosos colegas durante o levantamento das fontes, foi de grande utilidade.

Abrimos um breve espaço para a contextualização do processo de pesquisa para ressaltar parte das dificuldades vivida por muitos pesquisadores no país. A pandemia do novo Coronavírus tem afetado diretamente o Brasil desde fevereiro de 2020. Isso gerou dificuldade de mobilidade por conta da contaminação do vírus atrapalhando, no nosso caso, as visitas aos cartórios, fóruns e arquivos para a busca de novos documentos que permitissem a ampliação da nossa análise. A pandemia seguiu no país até o momento da escrita desta tese vitimando milhares de brasileiros, sendo boa parte desses óbitos ocorridos após a disponibilização de vacina no mercado.

Além disso, o fechamento do APEB para reformas foi outro fator agravante devido a dificuldade de retorno para buscar novos documentos para confrontação de informações.[21] Porém, conforme mencionado anteriormente, aceleramos a digitalização de documentos quando soubemos das reformas e este planejamento foi fundamental para amenizar as dificuldades. O fechamento por causa obras continuou junto, inclusive, com a crise sanitária do país. Por fim, em 2021, um dos poucos espaços possíveis para pesquisa, o *site* da Biblioteca

[19] A digitalização foi realizada com uma máquina fotográfica e sem o uso de flash buscando a preservação dos manuscritos.
[20] O APEB iniciou sua reforma no começo de 2019 e reabriu em outubro de 2020, mas com uma série de protocolos de segurança sanitária por conta da pandemia.
[21] Destacamos que a coordenação do PPGH-UFBA realizou um esforço para tentar viabilizar a consulta ao acervo antes do início da crise sanitária.

Nacional, dentro deste quadro foi atacado por hackers suspendendo as buscas por algumas semanas e atrapalhando muitas pesquisas.[22]

No Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB) consultamos correspondências de juízes e das câmaras municipais. Também foram consultadas as correspondências da Santa Casa de Misericórdia da Barra, Hospital de Caridade de São Pedro, correspondências entre presidentes de província, Chefe de Polícia e algumas subdelegacias. As correspondências das autoridades permitiam avaliar a leitura deles sobre a sociedade e as tensões, sem contar que nas entrelinhas deixavam escapar algumas alianças com o potentado local e as rixas entre os membros das camadas dirigentes.

O Cartório de Várzeas, sob a guarda do Cartório Silva Pereira em Baianópolis, consultamos livros de notas e atas de conciliação do distrito de Várzeas. Isso nos permitiu analisar a atuação de algumas autoridades de menor destaque nos documentos consultados no APEB.

O *Center for Research Libraries* (CRL – http://ddsnext.crl.edu/brazil) e a Biblioteca Nacional Digital [https://bndigital.bn.gov.br/] foram sites nos quais consultamos jornais (como Gazeta da Bahia, relatórios e mensagens de presidentes de província e ministros. Em especial, na Biblioteca Nacional, Correio da Tarde, Annaes do Parlamento e Abelha de Itaculumy), buscamos não só consultar os citados documentos na Hemeroteca Nacional Digital [http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/], mas também no seu acervo de documentos manuscritos, iconográfico e cartográfico disponível após digitalização. Entre eles a Carta do Império do Brazil de Honorio Bicalho e relatórios como o apresentado pelo Visconde de Mont'Alegre. É importante destacar a disponibilização dos documentos do projeto Resgate [http://resgate.bn.br/docreader/docmulti.aspx?bib=resgate] no qual consultamos o acervo do Arquivo Histórico Ultramarino.

A imprensa serviu como mecanismo de divulgação de informações do Estado brasileiro sobre as tensões e os projetos para o sertão do rio São Francisco, como também abriu espaços para a expressão de problemas por parte de autoridades acerca das disputas regionais. Os mapas permitiam analisarmos a percepção espacial de cartógrafos oitocentistas sobre o território brasileiro – considerando as limitações técnicas. Os documentos do Acervo Histórico

---

[22] Sobre a crise do Coronavírus: Biernath (2021); Sobre o índice de mortes pelo COVID-19 chegando em 400 mil óbitos no Brasil: BRASIL CHEGA A 400 MIL [...] (2021); Sobre a duração da reforma do APEB: Novais (2020); Sobre o ataque ao site da Biblioteca Nacional: SITE DA BIBLIOTECA NACIONAL [...] (2021).

Ultramarino também foram importantes para analisarmos a constituição regional do sertão do rio São Francisco desde o período colonial.

Também foi consultado o acervo digital do site da Câmara dos Deputados [https://www.camara.leg.br/] como as coleções de leis e anais do parlamento. Do site do Senado Federal [https://www12.senado.leg.br/hpsenado] também consultamos anais e localizamos algumas leis para a nossa pesquisa. Sem contar no acervo bibliográfico digitalizado que foi importante para nossa pesquisa. O site da Presidência da República [https://www.gov.br/planalto/pt-br] também foi importante para localizar algumas leis e a constituição de 1824. Este acervo nos permitiu debater a posição das autoridades confrontando com o corpo normativo legal do país durante o regime monárquico.

Entre os documentos impressos, destacamos os relatórios do engenheiro Halfeld e as obras de Teodoro Sampaio, Richard Burton e Ignacio Accioli Cerqueira e Silva. Alguns deles disponíveis para download no site do Senado e no site da Biblioteca Brasiliana Guita e Midlin [https://www.bbm.usp.br/]. Viajantes e intelectuais apresentavam percepções sociais, econômicas e políticas sobre as comunidades no sertão do rio São Francisco. Porém, não faziam mediante uma suposta neutralidade – assim como as autoridades, eles apresentavam suas visões de mundo acerca dos vários temas levantados em suas observações.

O cruzamento das informações das fontes foi realizado para analisar não só as tensões, a adequação às normas do Estado e a conjuntura política, mas também as percepções das autoridades sobre a região. Foi feito um levantamento dos nomes das autoridades para observar a circulação delas por diferentes cargos públicos no sertão do São Francisco e os vínculos com as famílias poderosas que exerciam o mandonismo local.

Considerando o desenvolvimento do conceito de sertão e a regionalização do sertão do rio São Francisco a partir do seu contexto histórico, analisamos as tensões sociais e políticas da região. Observamos as estratégias de dominação social e política por parte das elites regionais através das autoridades, bem como essas tramavam e disputavam as posições de poder. A tese está dividida em cinco seções primárias, além da Introdução (seção 01) e Considerações Finais (seção 07), a saber:

2) “de uma margem a outra: o sertão do rio São Francisco como região”: Nesta seção, discutimos o processo de formação histórica do sertão do rio São Francisco enquanto uma região. Para isso, debatemos sobre alguns conceitos como sertão e diferenciamos o Sertão do São Francisco de Oeste da Bahia. Enquanto herança

colonial, este sertão foi configurado de forma estratégica ao longo do século XIX que é abordado na seção seguinte;

3) "O Estado brasileiro e o rio São Francisco": debate o Estado brasileiro oitocentista se projetando pelo rio São Francisco e, consequentemente, pelo seu sertão. O recorte de uma região pensada pelo seu potencial estratégico é perceptível na elaboração de vários projetos como as tentativas de criação de uma província e implantação da navegação e ferrovia. A transferência da comarca do São Francisco para a Bahia em 1827 estava relacionada não só com as preocupações do Estado Imperial em administrar seu território, mas em estabelecer um controle estratégico sobre a região. Tal controle foi notório quando ocorreu a transferência anterior (em 1824) em que Minas Gerais recebera a comarca vinda de Pernambuco. Para isso, iniciamos com uma apresentação do percurso que vai da criação da comarca do São Francisco em 1820 até sua transferência para a Bahia em 1827. Em seguida, discutimos os projetos que envolviam o rio São Francisco como a navegação, ferrovia e criação de província. Tais debates revelam não só uma percepção regional materializada nas fronteiras da província, mas também informações sobre as condições econômicas locais;
4) "Fogo nos gerais – tensões no sertão do São Francisco": debatemos as tensões sociais no sertão sanfranciscano e a atuação das autoridades na repressão aos movimentos rebeldes e contra as camadas subalternas. Nesta seção abordamos as percepções dos agentes do Estado brasileiro sobre a sociedade e a região; em seguida, tratamos do controle, repressão e vigilância deles sobre as camadas subalternas;
5) "Barulho no sertão – ou é chuva, ou é confusão": está mais voltada para examinar o comportamento das autoridades diante de algumas tensões políticas regionais. Iniciamos apresentando as tensões neste sertão durante o período regencial com ênfase na Sabinada e na Balaiada. Em seguida, abordamos decorrentes das lutas pelo controle do mandonismo regional e pela imposição da força das armas como expressão de poder local. Em especial, apresentamos as lutas entre os França Antunes e os Guerreiro em Pilão Arcado e as ações de José da Rocha Medrado em Santa Rita do Rio Preto. As autoridades exerciam um papel importante ora na mediação, ora na perseguição;
6) "Andando e Tramando": a seção está desenvolvido em duas partes. Inicialmente tratamos de apresentar alguns aspectos gerais sobre alguns cargos como juiz de

direito, juiz municipal e de órfãos, delegado e outros. Na primeira sessão, tratamos da circularidade dos indivíduos em alguns cargos e sobre uma carreira política e burocrática regional. Na segunda sessão, apresentamos duas situações em que as autoridades assumiram o protagonismo das ações políticas regionais acionando uma rede de apoio fora da comarca do rio São Francisco.

Nas referências listamos as fontes, a bibliografia consultada, as obras de suporte para a estruturação e padronização da tese, os títulos das epígrafes e os títulos das fotografias e mapas de outros autores. Nos anexos, selecionamos alguns documentos para disponibilizarmos a transcrição como um modo de facilitar para pesquisadores interessados a leitura de algumas fontes utilizadas e significativas para esta pesquisa. As fotografias disponibilizadas ao longo da tese, nos apêndices e nos anexos são ilustrativas e utilizamos como uma estratégia de escrita para o leitor conhecer algumas paisagens, construções e objetos com alguma relação com o texto.

Ao longo da tese utilizamos o sistema autor-data e deixamos as notas de rodapé para referenciar apenas as fontes ou para notas explicativas.

Desejamos uma boa leitura.

2. DE UMA MARGEM A OUTRA: O SERTÃO DO RIO SÃO FRANCISCO COMO REGIÃO

> E tu desces, ó Nilo brasileiro,
> As largas *ipueiras* alagando,
> E das aves o coro alvissareiro
> Vai nas balças teu hino modilhando!
> Como pontes aéreas – do coqueiro
> Os cipós escarlates se atirando,
> De grinaldas em flor tecendo a arcada
> São arcos triunfais de tua estrada!...
> (ALVES, 1976, p. 364)

O rio São Francisco se tornou um importante referencial espacial na história do Brasil e, em especial, no nordeste do país. A literatura contou com produção ambientada ora no rio São Francisco pelas obras de Wilson Lins (2014) e J. S. Queiroga (1871), ora em seus afluentes como o Rio Corrente na pena de Osório Alves de Castro (2017).[23] Nas artes, a referência mais lembrada talvez sejam as figuras de proa ou carrancas (como são mais conhecidas atualmente) que, mesmo com a notoriedade da produção do Mestre Guarany com peças encomendadas para algumas embarcações, foi o estilo vampiresco que se consolidou na segunda metade do século XX (Ver Figura 01).

[23] Destacamos as obras “Os Cabras do Coronel” de Wilson Lins publicada originalmente em 1964 e ambientada no Médio São Francisco; J. S. Queiroga foi autor do romance “Maricota e o Padre Chico” publicado originalmente em 1871 e ambientada também no rio São Francisco, mas na parte mineira na fronteira com a Bahia; Osório Alves de Castro é autor de algumas obras ambientadas em Santa Maria da Vitória, cidade localizada na beira do Rio Corrente (afluente do rio São Francisco), na qual destacamos aqui “Porto Calendário” publicado originalmente em 1961.

Figura 1: Carranca no estilo vampiro

Fonte 1: ALMEIDA, Dilson Dias (Mestre Nêgo). **Carranca**. 2018(?). escultura em madeira e colorida. Fotografia de 2020 feita por Rafael Sancho Carvalho da Silva. Coleção: acervo pessoal.

Segundo Edilberto Trigueiros, o "Leão da Barca" poderia ser uma forma irônica de abordar algumas figuras públicas como políticos locais e outros. Assim ele define o verbete Leão da Barca: "Figura de proa que orna as pesadas barcas do médio São Francisco. E ainda a maneira irônica de apelidar certos figurões inuteis, mas cheios de pompa, certos políticos decaídos, mas inconformados." (TRIGUEIROS, 1977, p. 110) A pesquisa de Paulo Pardal sobre as carrancas do rio São Francisco contou com a observação e análise de muitos artistas. Porém, os trabalhos de Francisco Biquiba Dy Lafuente Guarany (de Santa Maria da Vitória – cidade situada nas margens do rio Corrente que, por sua vez, é um dos afluentes da margem esquerda do rio São Francisco) ganharam um destaque especial do pesquisador. A observação de Pardal esteve mais concentrada nas peças que eram utilizadas nas embarcações como nas figuras 02 e 03. Ele notou que a retomada da produção de tal peça, entre as décadas de 1960 e 1970, tinha relação com a exploração do turismo quando essas imagens ganharam novas feições que foram caracterizadas como "carranca-vampiro": "O modelo mais adotado, que chamarei de carranca-vampiro apresenta vistosa dentadura branca onde sobressaem os caninos olhos rasgados à

oriental, ventas e orelhas exageradas, cabeleira lisa (sem os trabalhosos sulcos) e preta." (PARDAL, 1981, p. 124) Na época, o modelo da carranca-vampiro ainda não tinha sido consolidado, mas Pardal já destacava que posteriormente este modelo poderia ser "[...] considerada protótipo da criação em nossa escultura popular dos anos 70. Daí o dever que me impus de ir a Juazeiro pesquisar suas origens." (*Ibid.*)

Figura 02: Joazeiro – Reginald Gorham

122.

144

Joazeiro

Imagem de barcas em Juazeiro – BA de 1927. Detalhe para três figuras de proa. Registro de Reginald Gorham. Fonte: GORHAM, Reginald. **Joazeiro, 122:** [tipos humanos e barcos]. Juazeiro, BA: [s.n.], ca. 1927]. 1 foto, Cópia fotográfica de gelatina e prata, p&b, 11,2 x 16,5 cm; Papel: 12,7 x 20,6 cm em cartão-suporte: 15,9 x 22,7 cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon669943/icon669943.jpg.

Figura 03: Detalhe da gravura anterior com destaque para as três carrancas mencionadas

Fonte: *Ibidem*.

A referência espacial do rio São Francisco está longe de ser uma construção contemporânea. Ela não está presente apenas nas expressões culturais, como citamos acima, que também é fruto de uma construção histórica. O "Velho Chico" foi tomado pelo Estado brasileiro como estratégico para a integração e desenvolvimento territorial nacional desde o século XIX. Vanessa Brasil apresentou uma série de autores que fizeram referência ao rio São Francisco como o rio da unidade nacional, sendo a base física deste rio como central para a consideração dele como elemento de integração do território brasileiro. (BRASIL, V., 2008, p. 138 – 139) Segundo Brasil, Hipólito José da Costa propôs mudança da capital, em 1813, para as cabeceiras do rio São Francisco e parte da argumentação levava em conta o curso fluvial que permitiria ligar diferentes áreas do país. (*Ibid.*, p. 137)

> [...] este ponto central se acha nas cabeceiras do famoso rio São Francisco. Em suas vizinhanças estão as vertentes de caudalosos rios, que se dirigem ao Norte, ao Sul, ao Sudeste, vastas campinas para a criação de gados, pedras em abundância para a sorte de edifícios, madeira de construção, minas riquíssimas, enfim, uma solução que se pode comparar com a descrição que tem do Paraíso Terreal. (COSTA, H. J., *apud* BRASIL, V., 2008, p. 137)

O rio São Francisco chamava atenção dos homens do Estado brasileiro por sua capacidade diversificada a ser aproveitada como a comunicação fluvial, produção agrária e pecuária e produção de energia. A divisão territorial em Alto, médio, submédio e baixo São Francisco é insuficiente para a delimitação regional dentro do nosso recorte cronológico. Porém, para situarmos geograficamente neste início de tese localizamos o sertão do rio São Francisco na parte baiana do trecho médio deste rio. Orlando de Carvalho assim definiu o Médio São Francisco:

> Naturalmente, quando dizemos rio de S. Francisco, o que ocorre ao espirito do leitor é o trecho chamado de Medio S. Francisco, que vae de Pirapora a Juazeiro, numa extensão de 1300 kls. Entretanto, é preciso não esquecer os outros dois trechos do rio: o Alto, que abrange grande zona do Oeste de Minas,

> e o Baixo, que envolve tres Estados nordestinos importantes. (CARVALHO, 1937, p. 131)

Portanto, o que apontamos como sertão do rio São Francisco está associado ao trecho médio do rio que se destacou em alguns planos do governo brasileiro (em diferentes momentos – seja no regime monárquico ou republicano). Porém, a definição do que chamamos de sertão do rio São Francisco e a indicação deste como referencial espacial passa por uma problematização de conceitos como região, território e sertão que firmaremos, este último em especial, na presente seção.

Mapa 2: Regiões Fisiográficas do rio São Francisco

Fonte: EMBRAPA - SEMI ÁRIDO. Regiões Fisiográficas do Rio São Francisco. In: EMBRAPA – SEMI-ÁRIDO. **Balanço hídrico da bacia hidrográfica do submédio São Francisco utilizando técnicas de sensoriamento remoto**. Petrolina: Embrapa, s.d. 1 mapa, color., Escala 1:325km. Disponível em < http://www.cpatsa.embrapa.br:8080/bhsf/index.php?opcao=submedio>, acesso em 10 dez. 2020.

A percepção dos agentes do Estado brasileiro acerca do sertão do rio São Francisco não passa apenas pelo recorte espacial e cartografado de um dado território. Antes disso, existe a

noção de sertão construída em oposição ao litoral. Observar o rio São Francisco como parte dos sertões brasileiros demanda não só uma noção espacial e física, mas também social, política e cultural acerca dos indivíduos, situações e projetos nele envolvidos.

Foi notório ao longo da pesquisa a percepção do rio São Francisco como um referencial espacial centralizador. As suas águas serviam como condutoras de pessoas, mercadorias, rixas e de propostas de exploração econômica. Os seus afluentes como o rio Carinhanha, rio Corrente e o rio Grande ligavam aquele que era o principal percurso de navegação com outros extremos mais ao interior da Bahia sentido fronteira com Goiás e, consequentemente, mais ao interior do Brasil. Neste contexto espacial é que o sertão do São Francisco foi sendo constituído.

Para analisarmos a atuação das autoridades no sertão do rio São Francisco, primeiro trataremos do seu processo de regionalização. Ou seja, como foi constituído o sertão do rio São Francisco. Desse modo contextualizamos as referências espaciais apresentadas para esta pesquisa e para posterior análise da relação de controle e disputa espacial das autoridades do sertão são-franciscano.

Ao levarmos em consideração a importância do que Hans-Georg Gadamer chama de "senso histórico" seria um erro proceder o recorte espacial e isolá-lo mesmo que para averiguar formulações lançadas num âmbito escalar menor.[24] Segundo Gadamer o senso histórico é "a disponibilidade e o talento do historiador para compreender o passado, talvez mesmo "exótico", a partir do próprio contexto em que ele emerge." (GADAMER, 2006, p. 18) Assim, numa perspectiva de um trabalho de História Regional, o senso histórico coloca o historiador operacionalizando o contexto histórico dos agentes e/ou fenômenos históricos ao lado do contexto da noção da região constituída e delimitada.

2.1. DO SERTÃO AO SERTÃO DO RIO SÃO FRANCISCO[25]

Conforme Erivaldo Fagundes Neves, tanto a região como o sertão são categorias com sentido histórico. (NEVES, 2008, p. 28) Diante do exposto, será analisado o sertão enquanto categoria e, em especial, o sertão do rio São Francisco. Por esse método é que será possível

---

[24] Diferentemente da expressão "redução de escalas" feita na Micro-história, no âmbito cartográfico quanto maior a escala, maior são os detalhes. (BARROS, 2017, p. 88 – 90).

[25] Lançamos as reflexões iniciais no artigo "O Sertão do rio São Francisco: caracterização e definição para um estudo do Brasil oitocentista. Ver Rafael Sancho Carvalho da Silva e Lina Maria Brandão de Aras (2020).

discorrer sobre a construção do sertão do rio São Francisco oitocentista como uma região constituída historicamente.

O sertão é uma categoria carregada de imaginário relacionado com a seca, a violência, a falta de presença humana e a pobreza. Segundo Guimarães Rosa: “Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade.” (ROSA, 2001, p. 30) Euclides da Cunha lançou uma percepção de formação histórica dos sertões como um território vasto e de divisas confusas ou, mais precisamente, sem elas: “Abriram-se desde o alvorecer do século XVII, nos sertões abusivamente sesmados, enormíssimos campos, compáscuos sem divisas, estendendo-se pelas chapadas em fora.” (CUNHA, 2016, p. 83)

Apesar de citarmos Euclides da Cunha e Guimarães Rosa no mesmo parágrafo é bom lembrar algumas diferenças entre as concepções deles sobre o sertanejo. Enquanto para Guimarães Rosa é caracterizado inquietude e mobilidade; em Euclides da Cunha, o sertanejo é marcado pela quietude e imobilidade. (VASCONCELOS, 2007, p. 65) Nesse sentido acompanhamos Guimarães Rosa na busca dos agentes históricos e lembramos de Osório Alves de Castro (2017) com suas memórias e personagens que lançam interpretação sociológica atrelada com suas vivências, sofrimentos e articulações.

Para além do imaginário lançado na literatura, artes e música, temos um sertão construído, imaginado e projetado historicamente. No interior do Brasil ele configura algumas regiões que dentro do movimento colonizador virou uma caracterização de espaços constituídos no território português no além-mar.

A concepção do sertão como local afastado do litoral foi forjada ao longo do processo de interiorização. Segundo Cândido da Costa e Silva (2000), para chegar ao sertão, no começo do processo de colonização, bastava sair da cidade. O processo colonizador foi responsável por forjar não só o sertão na Bahia como também o recôncavo: “O processo colonizador mais concentrado e contínuo, a cana de açúcar da economia exportadora, ampliaram o espaço do recôncavo e estreitaram à cidade os seus núcleos florescentes, fazendo recuar o sertão.”[26] (*Ibid.*, p. 48) Ou seja, trata-se de uma categoria elaborada na oposição ao litoral e ao centro de decisão do Estado (no caso do período colonial, o Estado português). Esta categoria produz outra e é

[26] Wálney da Costa Oliveira também mencionou que na Bahia a noção de sertão estaria relacionada com a oposição ao litoral. (2000, p. 47 – 48).

forjada ao mesmo tempo já que de algum modo ela também moldava a delimitação do que era o recôncavo da Bahia.

Segundo Janaína Amado, o termo sertão está presente em relatos de viajantes e crônicas desde o século XVI.(1995, p. 02) Amado estaria fazendo referência a Pero Magalhães Gândavo que ao descrever os índios que habitavam a costa afirmara que sua língua faltava três letras: “[...] não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem justiça e desordenadamente.” (GANDAVO, 2008, p. 65).

No século XIX, ainda de acordo com Janaína Amado, a palavra sertão (ou também “certão”) era bastante utilizada no Brasil com uma conotação relacionada com a distância não só do litoral, mas também distante da civilização e sem muitas informações: “De modo geral, denotava “terras sem fé, lei ou rei”, áreas extensas afastadas do litoral, de natureza ainda indomada, habitadas por índios “selvagens” e animais bravios, sobre as quais as autoridades portuguesas, leigas ou religiosas, detinham pouca informação e controle insuficiente.” (AMADO, 1995, p. 06) Janaína Amado também lembra que é uma categoria construída pelos colonizadores portugueses e, como exposto, carregada de sentidos negativos. (*Ibid.*) Dentro dessa perspectiva podemos concluir que sertão é uma categoria colonialista e imposta durante o movimento de ocupação territorial.

O dicionário de Raphael Bluteau apresentou o termo sertão com duas grafias diferentes: Certão[27] e Sertão.[28] A definição indica oposição ao litoral: “[...] o interior, o coração das terras, oppõe-se ao marítimo, e costa.”[29] Para além dos significados apontado pelo dicionário, o sertão teve seu conceito ampliado na esfera do avanço colonial sobre o território brasileiro representando uma fronteira física e imaginária para as populações do litoral. (FERRAZ, BARBOSA, 2015, p. 11) Ainda segundo Socorro Ferraz e Bartira Barbosa:

> Os colonizadores usaram o termo sertão no sentido de nomear terras agrestes, longe de aglomerados urbanos. Nem sempre são lugares muito distantes dos núcleos de povoamento, mas devem lembrar um lugar do interior, pouco

---

[27] BLUTEAU, Raphael; SILVA, Antônio de Morais. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (Volume 1: A - K).** Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em < https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5412>, acesso em 07 dez. 2020. P. 257.

[28] BLUTEAU, Raphael; SILVA, Antônio de Morais. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (Volume 2: L - Z).** Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em < https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5413>, acesso em 07 dez. 2020. P. 396.

[29] *Ibidem.*

> povoado. O nome sertão traz em si uma ideia, contraditória àquela de litoral. (*Ibid.*, p. 35)

Mais do que uma oposição geográfica ao litoral, o sertão representou a fronteira entre colonizadores e indígenas, entre o ocupado pelo europeu e o que estava por ser conquistado. (MORAES, 2003) Antonio Carlos Robert de Moraes aponta o sertão como um "símbolo imposto" no qual ele seria uma realidade simbólica:

> Na verdade, o sertão não é um lugar, mas uma condição atribuída a variados e diferenciados lugares. Trata-se de um símbolo imposto – em certos contextos históricos – a determinadas condições locacionais, que acaba por atuar como um qualificativo local básico no processo de sua valoração. Enfim, o sertão não é uma materialidade da superfície terrestre, mas uma realidade simbólica: uma ideologia geográfica. (*Ibid.*, p. 02)

Concordamos com as leituras de Antonio Carlos Robert de Moraes, Socorro Ferraz e Bartira Barbosa de que o sertão é uma categoria colonialista. (MORAES, 2003, p. 06) (FERRAZ, BARBOSA, 2015) Fundamentado em Todorov, Moraes afirmou que o sertão é definido como um local ocupado por povos diferentes. (MORAES, 2003, p. 04) No Brasil, ele representou uma fronteira não só entre áreas ocupadas e as não ocupadas pelo processo colonizador, mas de um conjunto de elementos como modelos de colonização, sistemas de trabalhos e climas:

> É uma região de fronteira entre climas, entre homens, entre tradições, entre a colonização portuguesa e holandesa, entre o sistema de trabalho escravo organizado e os quilombos, entre o sistema de trabalho indígena compulsório e a forma nativa de uma economia coletora. (FERRAZ, BARBOSA, 2015, p. 264 – 265)

Socorro Ferraz e Bartira Barbosa demonstram que esta categoria é de origem portuguesa e foi aplicada nos avanços portugueses no continente africano. Segundo Socorro Ferraz e Bartira Barbosa a grafia mais antiga deste termo foi encontrada num manuscrito intitulado de 'Crônicas de Guiné' de 1453. (*Ibid.*, p. 33 – 34) No século XIX, o termo podia ser encontrado em documentos portugueses para referir-se ao interior do continente africano. Luciano Cordeiro num relatório apresentado à Sociedade de Geographia de Lisboa, em 1877, referia-se aos rios africanos, e em especial neste relatório ao Congo, como a via para conduzir aos sertões e levar o projeto civilizador para o interior da África:

> [...] Pode dizer-se que a questão de civilisar a África é por emquanto a questão de lhe conhecer a hydrographya. – Os rios são as artérias dos continentes incultos e inexplorados. – Por elles se estabelece a primeira circulação do sangue generoso que vae levar a vida da civilisação aos sertões asperos e virgens. (CORDEIRO, 1968, p. 110)

O conceito de sertão foi construído dentro da lógica expansionista do processo colonizador. Segundo Antonio Carlos Robert de Moraes a noção de sertão está relacionada com

a percepção de um espaço a ser ocupado pelo movimento de expansão colonialista. Acrescentando que o "sertão é comumente concebido como um espaço para a expansão, como o objeto de um movimento expansionista que busca incorporar aquele novo espaço, assim denominado, a fluxos econômicos ou a uma órbita de poder que lhe escapa naquele momento." (MORAES, 2003, p. 03)

Trata-se de uma categoria do colonizador que, por sua vez, nem era conhecida originalmente pelos indígenas na América portuguesa (FERRAZ, BARBOSA, 2015, p. 35) e, possivelmente, pelos povos africanos. A construção do sertão, portanto, fazia parte do movimento de interiorização dos domínios coloniais. Hélida Santos Conceição (2018) analisou o sertão baiano dentro da teia atlântica considerando-o, assim, como parte do Império português. De acordo com Conceição, ao longo do século XVIII o termo sertão era utilizado para se referir às terras ocidentais da Bahia e o interior desconhecido era constituído por vários sertões:

> Como em muitos outros lugares do império, (os sertões de Angola, por exemplo) o interior desconhecido, longe do litoral, era constituído por seus muitos sertões, no plural. Isso porquê cada área já conquistada tornava-se um marco de referência, uma fronteira, indicando que os seus sertões estavam para além daquele ponto. O interior da capitania da Bahia durante os setecentos, continuou sendo designado como sertão, mesmo abrigando em seu território jurisdições eclesiásticas e civis, tais como freguesias, vilas e a comarca. (*Ibid*., p. 24)

O termo possuía, portanto, uma carga conceitual associada a conotações negativas como "lugar do caótico" e "hostil". Além disso, Conceição também explica que a percepção de perigo e hostilidade se dava pela presença de populações não cristãs e pelo desconhecimento dos conquistadores acerca da geografia, sem contar as dificuldades da esfera político-administrativa para gerir o aparato repressor entre outras formas de controle social:

> Os contextos nos quais a palavra aparece nas fontes coevas, remetem-nos a diversas conotações personificadas a partir do lugar do caótico, do não civilizado, potencialmente perigoso e hostil por ser habitado por populações de não cristãos e por demandar um conhecimento geográfico, o qual os conquistadores pouco ou nada dominavam. Do ponto de vista do poder político, o sertão era o lugar que desafiava as possibilidades de administração da justiça, da cristandade e da disciplina. Assim entendido, o sertão era a ausência de limites. Por sua topografia desconhecida e geografia imprecisa, era constantemente o lugar daqueles que fugiam ao controle civilizatório, importante dimensão para a administração colonial. O sertão era o lugar dos índios, gentios bravos que precisavam ser controlados, pois eram vistos como uma ameaça aos interesses dos conquistadores. As missões religiosas e a catequese deveriam, portanto, promover a "civilização" das populações indígenas. (*Ibid.*, p. 38 – 39)

A construção da ideia de sertão associado com a barbárie e do litoral relacionada com a civilização pode ser considerada, portanto, como uma herança colonial que permaneceu no século XIX. Porém, após a independência, e dentro dos projetos de nação, a preocupação com o avanço do que era considerado como civilizado deu um novo sentido ao sertão (não muito descolado da antiga conotação) que era o do espaço a receber as bênçãos da civilização através do progresso da exploração econômica e da ordem conduzida pelas autoridades do Estado brasileiro.

Para Nízia Trindade Lima, esta oposição entre litoral e sertão esteve presente no pensamento social brasileiro de forma distintas: “Sertão e litoral surgem no pensamento social brasileiro como imagens de grande força simbólica, que expressam os contrastes e, no limite, o antagonismo de distintas formas de organização social e cultural.” (LIMA, 2013, p. 61) Esta distinção pode ser identificada na obra de alguns intérpretes da história do Brasil que assumiam o discurso hegemônico acerca da territorialidade brasileira sendo por muitas vezes o binômio sertão-litoral associado ao binômio barbárie-civilização.

Ilmar Rohloff de Mattos deixa nítido a oposição entre litoral e sertão no século XIX como a diferença entre civilizado e bárbaro:

> Se a população do “sertão” se distinguia pela barbárie, a “sociedade do Litoral” caracterizava-se por uma civilização, acreditando-se que tal se devia, em larga medida, aos contatos desta última com as nações civilizadas, das quais distava apenas cinqüenta dias, já o sabemos. Num contraste evidente, a precariedade das comunicações entre o “Sertão” e o Litoral: em meados do século, no momento em que eram construídas as primeiras ferrovias e rodovias na província do Rio de Janeiro e os vapores começavam a ligar de modo regular as capitais provinciais litorâneas à Corte, eram gastos ainda três meses para ir do Rio de Janeiro à capital da província de Goiás e cerca de cinco para atingir a de Mato Grosso; e embora já se utilizassem barcaças e outros tipos de embarcações para a navegação fluvial, o lombo das mulas ainda era o meio de transporte mais difundido, para mercadorias e pessoas – penosamente!” (MATTOS, 2004, p. 46)

Os sertões oitocentistas eram, portanto, interpretados como zonas afastadas da “civilização” que, por sua vez, tinha como terreno o litoral ou, mais precisamente, os grandes centros de decisão como Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Ouro Preto (apesar de situada no interior do país, era a capital de Minas Gerais que era uma província politicamente influente no Império). A comunicação com os diferentes sertões era uma complicação não só para o envio de leis e decretos que acabavam encontrando dificuldade para chegar nos diversos destinos, mas também para a implantação dos projetos de dinamização econômica como a produção agrária voltada para exportação.

Além da dificuldade com a comunicação também destacamos a pluralidade dos sertões brasileiros e, em especial, o baiano. As diferentes denominações são resultadas da percepção histórica da geografia sertaneja e dos seus movimentos de invasão, ocupação e regionalização desde o período colonial.

Cândido da Costa e Silva utilizou as denominações de "sertão de cima' e "sertão de baixo" para diferenciar os sertões da geografia diocesana no seu processo formativo até o século XIX. (SILVA, 2000, p. 50; 70 – 72) Na instrução passada ao Marquês de Valença, governador e capitão general da capitania da Bahia em 1779, também encontramos as expressões "sertão de baixo" e "sertão de cima".[30] Erivaldo Fagundes Neves apresenta a denominação de "Alto Sertão" para uma região no extremo sudoeste próximo da fronteira com Minas Gerais e com o rio São Francisco. Segundo Neves "Também a denominação de "Alto Sertão da Bahia" tem antecedentes remotos, talvez do século XVI, quando Antonio Guedes de Brito conquistou esse território de povos indígenas." (NEVES, 2005, p. 20) Ressaltamos que o morgado de Antonio Guedes de Brito avançou pelo rio São Francisco e, segundo José Ricardo Moreno Pinho, teve seus domínios inclusive na região de Urubu e Carinhanha em ambas as margens do rio. (PINHO, 2001, p. 12)

Outras denominações para o sertão surgiram ao longo da história e, talvez, dando sentido ao uso do termo no plural: sertão de dentro, sertão de cima, sertão de baixo, sertão dos Tocós, sertão da Ressaca, sertão de Canudos, sertão do rio São Francisco[31] são algumas delas. O sertão dos Tocós tem sua base territorial assentada numa área associada à fazendas de gado que

---

[30] AHU, Bahia, Eduardo de Castro e Almeida, caixa 54, Doc.: 10319 – 10335. "Instrucção para o Marquez de Valença, governador e capitão General da Capitania da Bahia." 10 set. 1799.

[31] Elisângela Oliveira Ferreira (2008) estudou as relações familiares no sertão do rio São Francisco num recorte mais especializado em Xique – Xique. O curso médio é o trecho do rio que a autora especificou o recorte, assim como observamos na presente tese e dentro do sertão do rio São Francisco Xique – Xique foi a localidade recortada para a análise. Além de Ferreira, destacamos 06 estudos sobre a escravidão no sertão do rio São Francisco: Gabriela Amorim Nogueira (2011) estudou as experiências sociais e familiares da população afro-brasileira no sertão da Bahia tendo como delimitação o sertão do São Francisco ou, mais precisamente conforme observado pela autora, o "certam de sima do Sam Francisco". O recorte feito por Nogueira contemplava mais a margem direita do rio São Francisco. José Ricardo Moreno Pinho (2001) estudou a presença da escravidão na economia local em Carinhanha e Urubu analisando as estratégias de inserção social da população escrava dentro da conjuntura regional durante o século XIX. Napoliana Pereira Santana (2012) estudou as relações familiares da população escrava entre 1840 e 1880 na freguesia de Santo Antonio do Urubu de Cima que fica localizada no sertão do São Francisco (como também especificado pela autora). Em 2017, duas dissertações foram defendidas no programa de pós-graduação em História da UFBA abordando a escravidão no sertão do São Francisco: Simony Oliveira Lima (2017) estudou as experiências de conquistas e concessões de alforrias em Carinhanha entre 1800 - 1871 e Antonio Nonato Santos Oliveira (2017) estudou a participação de terceiros na alforria em Barra entre 1827 e 1888. Gesilda Pereira dos Santos (2018) concluiu a licenciatura em História na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) com uma monografia sobre as relações de compadrio da população escrava em Campo Largo entre 1800 e 1839 que, por sua vez, estava localizada no sertão do rio São Francisco. No campo da História Política, Daiana Silva Barbosa (2018) analisou as disputas pelos cargos na estrutura jurídico-administrativa na vila de Macaúbas entre 1878 e 1880.

também foi conhecida como terra dos Tocós por causa da população indígena. Esta base territorial deu origem a localidades como Serrinha, Pombal, Tucano e outros. [32]

O sertão da Ressaca está localizado entre o rio de Contas e o rio Pardo, conforme explicado por Antonio Fernando Guerreiro de Freitas e Maria Hilda Baqueiro Paraíso (FREITAS, PARAÍSO, 2001, p. 40). Segundo Maria Aparecida Silva de Sousa (2001), baseada em Ruy Medeiros, a denominação “Ressaca” estaria relacionada com uma disposição espacial. Além disso, apesar do nome não ser uma referência na qual podemos associar com o confronto entre a territorialidade indígena e a luso-brasileira isso não quer dizer que ela não ocorreu. Renata Ferreira de Oliveira (2012) ao estudar os índios paneleiros do planalto da Conquista explicou que esta área contou com presença indígena e que no final do século XVIII os conflitos com o invasor branco foram ampliados.

O referencial espacial pautado na experiência histórica serviu como balizador para o recorte de Wálney da Costa Oliveira. Para ele esta perspectiva está centrada “[...] numa abordagem que resgata o indivíduo, entendido nem como autônomo nem como autômato, na conformação do espaço, mas como aquele que promove transformação ao mesmo tempo em que é transformado.” (2000, p. 37)[33]

Podemos notar que as denominações apontam para uma pluralidade do referencial sertanejo. Algumas como sertão da Ressaca dizem respeito aos acidentes geográficos; outras como o sertão dos Tocós apontam para a territorialidade ocupada por determinados povos indígenas; o sertão de Canudos é uma referência espacial pautada na experiência sócio-histórica; e outras denominações como sertão de dentro, sertão de cima e sertão de baixo apontam para o movimento de interiorização com o referencial no litoral e, mais precisamente, no centro de decisão.

É nítido que o rio São Francisco é o principal referencial geográfico do sertão do rio São Francisco, mas parte deste sertão é conhecido atualmente como Oeste da Bahia. Antonio

---

[32] Para maiores informações sobre o sertão dos Tocós, destacamos os estudos de Celeste Maria Pacheco de Andrade (1990) sobre a formação do povoamento de Feira de Santana no período colonial, Iara Nancy Araujo Rios (2003) sobre as relações de poder e os grupos dominantes em Conceição do Coité e Ana Paula Carvalho Trabuco Lacerda (2008) sobre a escravidão em Serrinha no século XIX. As três autoras contribuíram com trabalhos sobre esta região com perspectivas diferentes: povoamento, relações de poder e escravidão. Aleí dos Santos Lima (2016) utilizou um referencial recente, mas contemporâneo ao recorte estabelecido na sua pesquisa. Assim, o sertão dos Tocós cedeu lugar ao sertão do território sisaleiro. Dessa forma a autora utilizou uma noção que é uma regionalização correspondente ao período estudado: 1985 – 2016.

[33] Ainda sobre o sertão de Canudos destacamos o texto de Jacqueline Hermann (1997) que analisou as correntes interpretativas da guerra e Sérgio Armando Diniz Guerra (2000) que discutiu os confrontos discursivos entre as denominações Canudos e Bello Monte.

Fernando Guerreiro de Freitas explicou que a Região Oeste, até meados da década de 1950 "não conformava área autônoma, já que era vista participando de um universo maior, definido como Vale ou Sertão do Rio São Francisco." (FREITAS, 1999b, p. 92). Assim, ele reforça a noção do rio São Francisco como referencial histórico-espacial para sua regionalização.[34]

Ambos os termos guardam diferenças conceituais e históricas. José de Sousa Sobrinho explica que "A Mesorregião do Oeste da Bahia é formada por 24 municípios, localizada na margem esquerda do rio São Francisco, no seu médio vale. Ao sul limita-se com o Estado de Minas Gerais; a oeste, com os Estados de Goiás e Tocantins; ao norte, com o Estado do Piauí e, a leste, com o rio São Francisco." (SOUSA SOBRINHO, 2012, p. 24) Portanto, é válido pensar na historicidade dos termos sertão do São Francisco diferenciando de Oeste da Bahia, mas também é importante levar em consideração outras formas de identificação territorial como os gerais.

Ao descrever as características morfoclimáticas da mesorregião do oeste da Bahia, Sousa Sobrinho divide em duas partes: "uma porção mais baixa, situada na depressão do São Francisco, e outra mais elevada, constituída de planalto, na região também conhecida como **gerais** ou **chapada**." (SOUSA SOBRINHO, 2012, p. 25)[35] Na porção do planalto que também foi apresentada por Sousa Sobrinho como gerais contém uma grande quantidade de nascentes que formam rios e riachos que desaguam no rio São Francisco, além disso a vegetação é caracterizada pelo contato entre o cerrado e a caatinga. (*Ibid.*, p. 25 – 26)

Valney Dias Rigonato (2017) apresentou a experiência de vida das comunidades "geraizeiras" integradas ao cerrado baiano. Para Rigonato, o cerrado baiano proporcionou experiências humanas marcadas pela diversidade social, econômica e racial. (*Ibid.*, p. 96) A formação dos geraizeiros integrados ao cerrado baiano foi marcado pelas atividades de subsistência presentes nas comunidades observadas pelo citado geógrafo:

> Esses Geraizeiros já integravam o sistema das paisagens dos Cerrados. Tendo como principais atividades de subsistência: as lavouras de arroz, mandioca, feijão, milho, banana e cana-de-açúcar nos vales e às margens das inúmeras veredas que existiam nos Cerrados do passado. Nas proximidades delas, eles erguiam suas casas, criavam pequenos animais, aproveitavam a fertilidade natural dos solos e a disponibilidade de água. Ao longo dos anos desenvolveram um complexo sistema de irrigação por gravidade em regos. Já os chapadões ou Gerais repletos de gramíneas naturais do campo limpo e sujo se tornaram áreas de caça sazonalmente e, posteriormente de pastagens naturais da pecuária extensiva. (*Ibid.*, p. 97)

---

[34] Ver também SANTOS, Clóvis Caribé Menezes dos (2007, p. 104).
[35] Grifo no trabalho original.

Sobre essa diversidade, Antonio Fernando Guerreiro de Freitas aponta a definição do "catado" como o oposto à especialização da produção agrária e era associada à agricultura, pecuária, extrativismo e pescaria:

> Toda essa população vivendo, enfim, em torno do que eles próprios definiam como o "catado", no caso, o oposto da especialização: uma multiplicidade de produtos agrícolas, uma pecuária de pequeno porte e seus derivados, além da atividade extrativa, com destaque para a exploração da cera de carnaúba. Claro, sem esquecer tudo o que pescavam nos rios, sendo que, em várias localidades, o beneficiamento (salga de peixes) era uma atividade sempre presente. (FREITAS, 1999a, p. 63)

Antonio Fernando Guerreiro de Freitas (*Ibid.*) e Valney Dias Rigonato (2017) apresentam algumas informações semelhantes sobre determinados aspectos socioeconômicos mesmo partindo de recortes cronológicos e fontes diferentes. Enquanto o primeiro utilizou como uma das fontes a literatura regional, em especial Wilson Lins e documentos oficiais como relatórios do governo do Estado da Bahia e Ministérios da Agricultura e Viação e Obras Públicas; o segundo construiu com base em pesquisa de campo numa observação contemporânea.

Lembramos que a produção variada também foi explicitada numa correspondência do juiz Antonio Joaquim da Silva Gomes que ao responder a uma consulta feita pelo governo imperial em 1847 destacou a variedade de produtos que circulavam no rio São Francisco, sendo alguns oriundos dos portos mineiros como rapadura, café, açúcar, milho, arroz, feijão, aguardente, fumo, couro e algodão. O mesmo juiz destacou também os produtos do cerrado baiano como o buriti[36] e o pequi[37] que não eram resultado de lavoura, mas que poderiam ser bem aproveitados com o fabrico de óleos.[38] Ou seja, notamos em diferentes momentos a presença da produção variada – outrora chamada de economia do catado – e rompida com a monocultura. As condições do solo e distribuição das propriedades talvez fossem uma das condições para tal produção ainda presente no modo de vida de alguns geraizeiros.

---

[36] O nome científico é *Mauritia flexuosa* e é da família das *Arecaceae*. Tem como habitat "Mata ciliar, mata de galeria, vereda, palmeiral, brejo, savanas amazônicas". (MEDEIROS, 2011, p. 72).

[37] O nome científico é *Caryocar brasiliense* e é da família das *Caryocaceae*. Tem como habitat "cerradão, cerrado (*stricto sensu*), campo sujo, campo com murundus, carrasco". (MEDEIROS, 2011, p. 150). Apesar da citada obra não colocar a Bahia como parte da distribuição desta espécie, podemos afirmar que ela é encontrada recorrentemente no Oeste da Bahia.

[38] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do rio São Francisco (1845 – 1849). Maço: 2251. SILVA, Ignacio Accioli de Cerqueira e. Informação, ou descripção topographica e politica do Rio de S. Francisco, escrita em virtude de ordens imperiaes, e apresentada ao governo provincial da Bahia. Salvador: Typ. Guaycurú de Domingos Guedes Cabral, 1847. In.: **Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia.** Salvador, nº 62, 1936.

Muito provavelmente a correspondência citada, datada de 19 de janeiro de 1847, tenha sido motivada pela consulta do governo imperial que buscava fornecer informações que foram solicitadas pelo engenheiro civil belga Mr. Tarte que desejava explorar a navegação no rio São Francisco com exclusividade. As questões respondidas pelo juiz Antonio Joaquim da Silva Gomes foram as mesmas respondidas por Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva num relatório de 1847.

Voltando à contextualização e diferenciação histórica entre Oeste da Bahia e Sertão do rio São Francisco, podemos perceber que tanto Freitas quanto Rigonato lançam um olhar diferente, mas nem por isso conflitante, para o que é chamado como Oeste da Bahia. Enquanto Freitas questiona a sustentação histórica do termo, Rigonato problematiza as relações socioculturais de determinados sujeitos com o espaço vivido – no caso a população dos gerais.

Para Paulo Roberto Baqueiro Brandão o Oeste Baiano se constitui como “o vasto território ocupado pelos 35 municípios localizados na margem esquerda do Rio São Francisco [...].” (2010, p. 38) porém, alertou para não confundirmos com a região econômica designada de Oeste da Bahia ou com o território de identidade designado de “Oeste” por terem, ambos, um caráter político-administrativo contemporâneo. (*Ibid.*)

Antes de Brandão, Antonio Fernando Guerreiro de Freitas também já havia advertido para o cuidado com o conceito de Oeste da Bahia e sua falta de sustentação histórica: “A definição/conceito de Oeste da Bahia não pode ser sustentada historicamente até meados deste século. O chamado Oeste fazia parte de uma ampla região que podia ser denominada de Sertão do Rio São Francisco.”[39] (FREITAS, 1999a, p. 59)

A partir de Clóvis Caribé Menezes dos Santos podemos concluir que Oeste da Bahia, enquanto região econômica, é uma construção recente na história da Bahia e relacionada com os processos de modernização agrícola durante a ditadura militar. Ela avançou após a redemocratização na década de 1980 consolidando novas relações no campo através do capitalismo agrário. (SANTOS, 2007, p. 83) Ainda de acordo com Clóvis Caribé Menezes dos Santos, esta região econômica é uma parte do que historicamente foi chamado de Sertão do rio São Francisco. (*Ibid.*, p. 100)

Talvez nem mesmo a designação de Oeste baiano seja sustentável para a definição espacial do chamado Sertão do rio São Francisco no século XIX, conforme utilizado por Paulo Roberto Baqueiro Brandão (2010) e diferenciando da noção de Oeste da Bahia ou território de

---

[39] Grifo nosso.

identidade Oeste. O que possivelmente torna aceitável é sua referência espacial, mas muito difícil de ser encontrada nos textos e documentos do período estabelecido para este trabalho. Em termos de identificação espacial as expressões “centro”, “sertão do rio São Francisco” e “Gerais” são muito mais coerentes com o Brasil do século XIX e presente na documentação do que “Oeste baiano” e suas variantes. Sendo que “Gerais” é uma expressão pouco usada entre as autoridades de alcance nacional, mas com algumas ocorrências entre as autoridades locais.

O processo colonizador nem sempre usou o termo “sertão do rio São Francisco”. Como já exposto, pois a ideia de sertão faz parte da interiorização da colonização portuguesa na América e de sua forma de categorizar os espaços. Inicialmente, os portugueses usavam outras expressões como “sertão do Rodelas” ou “sertão dos Rodelas”. Segundo Jacionira Coêlho Silva, esses formatos foram utilizados até a metade do século XVIII e a mudança da grafia teria significado um processo de anulação da presença dos povos indígenas:

> Sertão *do Rodelas, das Rodelas, do Rodela, de Rodelas ou dos Rodelas,* ou ainda Freguesia *de Rodelas* após o vicariato, foi como a região do médio São Francisco, inicialmente, depois metade do Nordeste, ficou conhecida até metade do século XVIII. Aos poucos as diversas grafias foram sendo reduzidas a *sertão de Rodelas*, em um processo de anulação da presença desses nativos na região. (SILVA, 2003, p. 88)

A origem dos termos Rodelas e Rodeleiros é desconhecida, mas identificava originalmente os indígenas que viviam próximos da área das cachoeiras no que chamamos atualmente de submédio do São Francisco, porém, passou a identificar boa parte do sertão de Pernambuco e outras capitanias vizinhas. Essa denominação compreendeu na espacialização luso-brasileira até as áreas do médio São Francisco:

> A medida em que se estendia territorialmente, *sertão dos Rodelas* foi perdendo a ligação com a identidade dos grupos nativos da região, sendo reduzido para *sertão de Rodelas*, um lugar somente, não o sertão dos nativos Rodelas. Inicialmente compreendia o território situado entre a margem norte do Carinhanha, afluente da margem esquerda do São Francisco, estendendo-se para nordeste, em direção ao *raso* da Catarina e para leste, até a cachoeira de Paulo Afonso, passando novamente à margem esquerda do rio São Francisco na Grande Curva, incluindo a foz do Pajeú, tomando a direção oeste e retornando ao ponto inicial do desvio do rio. Compreendia, portanto, as duas margens do São Francisco, o *Pará* dos Tupi, à altura do seu curso médio. Por ocasião da criação da antiga comarca de São Francisco, abrangia o território que se estendia da ribeira do Moxotó à lagoa de Parnaguá, no Piauí, incluindo o alto sertão do São Francisco em Pernambuco, designando uma vasta área, bem mais ampla que o vale do médio do rio. (*Ibid.*)

Acompanhamos o exposto por Jacionira Silva e concordamos com sua hipótese de que a mudança do termo (sertão dos Rodelas para Sertão do rio São Francisco) possa estar relacionado com o processo de anulação da presença indígena. Mas, não só isso: Trata-se de

uma forma de referenciar o espaço em processo de conquista. Ou seja, a territorialidade luso-brasileira foi se sobrepondo à territorialidade indígena mesmo que esta ainda resistisse e se fizesse presente. No caso, o sertão foi deixando de ser a fronteira com o território do indígena e se tornado um outro tipo de fronteira que seria o da ordem do Império português.

A área referente ao recorte espacial da presente tese contém diversos registros arqueológicos da longínqua presença indígena. Segundo Alenice Motta Baeta e Fabiano Lopes de Paula, o rio Grande (afluente do rio São Francisco e na fronteira com as bacias do Araguaia e Tocantins) seria um território apropriado para penetração e fixação humana por onde vários grupos como Xacriabás, Aricobés, entre outros que teriam circulado:

> O vale do rio Grande apresenta feições favoráveis à penetração e fixação do homem através de sua bacia interligante com as fronteiras do Tocantins e Araguaia, por onde migravam inúmeros grupos, dentre os quais os *Xacriabá*, *Aricobé*, *Acroá*, *Akwé*, *Kaiapó do sul*, *Xerente* e *Kiriri*. (BAETA, PAULA, 1999, p. 68)

De acordo com Hohenthal Júnior, o rio São Francisco era conhecido pelos indígenas do litoral falante do tupi como *Opará* e que os caetés, que habitavam a sua embocadura, impuseram dificuldades para as entradas dos europeus até 1560 quando finalmente os portugueses conseguiram avançar sobre o território protegido. (HOHENTHAL JR., 1960, p. 37 – 38) Os holandeses teriam tentado explorar o rio São Francisco mas, segundo Hohenthal Jr., não passaram da cachoeira de Paulo Afonso. (*Ibid.*, p. 39)

Os ataques de alguns grupos indígenas motivaram o governador D. João de Lencastro, no final do século XVII, a criar uma missão de "índios mansos" para servir de barreira. Ela foi entregue aos padres franciscanos e em 1741 passou a ser denominada como "Nossa Senhora da Conceição, porém mais tarde se tornou também conhecida como Aricobé, por causa dos índios mansos que a habitaram e falavam a língua geral." (*Ibid.*, p. 43)

As alianças com os índios na costa foram de grande relevância para a interiorização dos domínios coloniais. Leonardo Cândido Rolim destacou o rio São Francisco como fundamental para os movimentos das entradas desde o século XVI e que a incursão luso-brasileira teria contado com aliados como os índios "mansos":

> Outra importante "porta de entrada" dos sertões do norte foi o vasto território do médio São Francisco. Ainda no final do século XVI, o rio despertava diversas possibilidades no imaginário colonial. A diminuta população e a oferta de mão de obra cativa indígena nas proximidades limitaram a exploração dos arredores à expedições de busca por metais, geralmente tímidas devido à "brabeza" dos índios que defendiam seus domínios a cada incursão de aventureiros brancos aliados a índios "mansos" e alguns mamelucos. (ROLIM, 2019, p. 24)

Mais adiante voltaremos a tratar da presença indígena no recorte cronológico da pesquisa. No momento, é preciso ressaltar como o processo colonizador foi apagando os povos originários (mesmo com aliados entre eles) na medida em que avançava com seu projeto de invasão. Dessa forma, *Opará* foi transformado em rio São Francisco e o sertão dos Rodelas foi sendo transformado em sertão do rio São Francisco. Como já exposto, é possível que essa transformação possa ter sido consolidada no século XVIII e que ela é resultado do silenciamento dos povos indígenas, conforme anteriormente citado em Jacionira Silva (2003).

No século XVIII, a expressão "Sertão do rio São Francisco" – ou mais precisamente "certões do Ryo de Sam Francisco" - pode ser observada na escritura de arrendamento feito por D. Maria Lizarda Pacheco Pereira de Mello a seu genro o capitão Bento Martins Lima. Trata-se de um documento de 08 de outubro de 1794 acerca de um arrendamento de fazendas de gado no dito "certões do Ryo de Sam Francisco".[40]

Ainda no século XVIII, o problema com criminosos que rondavam as imediações de Carinhanha gerou uma documentação descritiva de alguns delitos, bem como algumas soluções para auxílio da justiça. O documento enviado por D. Fernando José Portugal para D. Rodrigo de Sousa Coutinho, em 05 de junho de 1799, inicialmente tinha como propósito expor uma representação feita pelos "moradores do certão do Rio de São Francisco" sobre o ajuntamento de facinorosos em Carinhanha. Trata-se de um documento descritivo da situação da justiça e as propostas para resolver os problemas como a circulação de facinorosos e combate ao contrabando de ouro. Entre as propostas estava a necessidade de criar um esquadrão de cavalaria paga em Barra para auxiliar as ações da justiça.

Ao final do documento, num anexo, há um relato feito pelo ouvidor de Jacobina, Florencio José de Moraes Cid, de 05 de junho de 1797, sobre alguns crimes de morte na mesma comarca que tinha o sertão do rio São Francisco sob sua jurisdição. Os sertões foram descritos como um território que teria seus "insultos" e "mortes" cometidos em sua maioria "pelas quatro infames Naçoens de Negros, Cabras, Mestiços e Tapuias que pela maior parte habitão estes certoens [...]".[41]

Márcio Santos chama atenção para a preocupação das autoridades do Império português com relação aos indígenas e aos escravos fugidos no século XVIII. A nomeação de Manuel Nunes Viana, entre 1714 e 1716, fez o autor supor que "[...] as duas áreas mais preocupantes

[40] AHU. Bahia, Eduardo de Castro e Almeida, Cx 84, Doc. 16419 – 16423.
[41] AHU. Bahia, Eduardo de Castro e Almeida, Cx. 99, Doc. 19401 – 19418.

nesse período, quanto às ameaças indígenas, fossem o médio São Francisco e o Piauí." (SANTOS, M. R. A., 2017, p. 150) Além dos indígenas e escravos fugidos, a circulação de bandidos era outra preocupação. Márcio Santos informou que os termos de Urubu e Bom Jardim, que cresciam no século XVIII, sofriam com ataques de bandidos que fugiam para a outra margem que pertencia à Pernambuco. Assim podemos notar que a leitura do Estado português – e suas autoridades - era de um sertão habitado por indivíduos perigosos socialmente demonstrando, portanto, uma percepção étnica construída à luz dos grupos dominantes daquela sociedade.

A circulação de indivíduos que não estavam enquadrados dentro da ordem das autoridades coloniais gerava preocupações sobre os seus efeitos para a sociedade. Assim, categorias como "vadios" eram utilizadas pelos agentes do Estado para coibir tais sujeitos. Francisco Ferreira Júnior (2011) e Renan Gonçalves Bressan (2007) explicaram que o termo vadio estava muito mais associado aos indivíduos pobres apontados pelas autoridades como ociosos e, portanto, que eram mão de obra livre. Amilcar Torrão Filho, porém, aponta que "os vadios e dispersos, os "desclassificados" da colônia, eram os objetos freqüentes das preocupações do Estado como fonte de sedição e desobediência". (TORRÃO FILHO, 2005, p. 158)

Percebe-se a inquietação do Estado português com relação a circulação de indivíduos fora da ordem (vadios, dispersos entre outros) e controle das autoridades parecia ganhar fertilidade nos sertões. Já no século XVIII tínhamos uma percepção de sertão associada aos elementos nocivos para o Império português. No século XIX, isso ficou como uma herança, mas com outras roupagens baseadas nas noções de civilização e barbárie.

Apenas a menção à denominação "Sertão do rio São Francisco" nos documentos setecentistas pode não ser o suficiente para a argumentação acerca da sua constituição como uma região. Mesmo com o objetivo expresso inicialmente ter como recorte o período entre 1827 e 1889, foi optado a apresentação para demonstrar que a identidade de sertão do rio São Francisco não é necessariamente uma inovação oitocentista. Muito pelo contrário, trata-se de uma herança do movimento de interiorização durante o processo colonizador.

É possível observar a caracterização do sertão como um território ainda não controlado pelas autoridades – no caso, pelas autoridades do Império português. Supomos que tais circunstâncias moldaram algumas visões sobre os sertões e, precisamente, sertão do rio São Francisco durante o século XIX. Ou seja, por mais que possamos considerar que a noção de sertão e, consequentemente, dos sertanejos lançada pelos agentes do Estado brasileiro esteja

relacionada com sua conjuntura oitocentista, não podemos desprezar que ela é resultado de um processo com fortes heranças do período colonial que pelo viés eurocêntrico de sociedade e civilização indicava o território cortado pelo rio São Francisco habitado por indivíduos perigosos e com necessidade de controle social.

O avanço ao século XIX apresenta outras circunstâncias e suas respectivas conotações que serão exploradas neste trabalho. Inicialmente é importante abordar a criação das comarcas do sertão de Pernambuco, em 1810, e do rio São Francisco em 1820. Em seguida, as propostas de criação de província, transferências das comarcas e os projetos de navegação, transposição e ferrovia indicam elementos acerca da constituição desse sertão como região pelo Estado Imperial brasileiro, bem como as considerações das autoridades nacionais apontam percepções sobre o uso e desenvolvimento do território.

2.2. SÃO FRANCISCO: RIO, SERTÃO, COMARCA E REGIÃO

Em 1810 foi criada a comarca do sertão de Pernambuco com extensão iniciada na vila de Cimbres e finalizava em Carinhanha (na fronteira com Minas Gerais). Esta comarca abarcava grande parte do trecho médio do rio São Francisco. Em 1820 uma nova divisão na capitania pernambucana deu origem à comarca do rio São Francisco que teve como sede a vila de Barra e sua extensão incluía Pilão Arcado ao norte e Carinhanha ao sul. A comarca foi batizada com o nome da principal referência espacial que era o rio São Francisco e permaneceu como parte do território pernambucano até 1824 quando foi transferida para Minas Gerais. Porém, antes da transferência houve uma tentativa de separação ainda durante a constituinte de 1823.[42]

A comarca criada em 1820 foi batizada com o nome da principal referência espacial que era o rio São Francisco. Após a independência, as elites locais não tardaram em manifestar seus desejos autonomistas levando para a constituinte a proposta de criação de uma província através de um requerimento que foi apresentado em 25 de agosto de 1823 por Thomaz Antonio da Costa Alcamim Ferreira. No documento foi destacado a existência de um curso navegável de 500 léguas e que o desenvolvimento econômico estaria associado ao avanço civilizacional na região. Em tal documento destacou a produção variada de diversos gêneros alimentícios como

[42] Abordaremos sobre o processo de criação da comarca do rio São Francisco até sua transferência para a província da Bahia na seção primária seguinte. Para a cronologia da criação das comarcas e transferências delas para as províncias de Minas Gerais e Bahia recomendamos Barbosa Lima Sobrinho (1929).

açúcar, rapadura, sal, queijo, manteiga, gado vacum além das possibilidades de exploração de óleos feito com plantas típicas do cerrado como o buriti e o pequi.[43]

A quantidade de portos seria outro elemento que impulsionaria não só a economia da nova província, mas também viabilizaria a criação da pretensa nova unidade administrativa. A nova província ainda não tinha sido batizada, mas seria composta por áreas oriundas de Minas Gerais (como a comarca do Paracatu, Barra do Rio Verde Grande e até a Barra do Rio das Velhas), Bahia (Xique - Xique e Urubu de Cima que eram termos localizados na margem direita do rio São Francisco) e Pernambuco que cederia toda a comarca do rio São Francisco.[44]

O parecer da Comissão de Constituição e Estatística rejeitando a proposta foi dado na sessão de 28 de agosto de 1823 sob a alegação de que isso só seria viável após sancionar "as divisões e subdivisões políticas do território do Império."[45] É chamado atenção como Thomaz Antonio da Costa Alcamim Ferreira foi apresentado na constituinte: "procurador dos povos do sertão dos Geraes e Rio de S. Francisco".[46] Ou seja, Ferreira representava a população (ao menos as autoridades que o escolheram) do dito "sertão dos Geraes e Rio de S. Francisco" que em tal documento aparecia identificado com dois dos referenciais paisagísticos que eram o rio São Francisco e os Gerais.

O rio São Francisco e os Gerais são dois referenciais espaciais presente nas vilas e povoados instalados no sertão do rio São Francisco. Assim como o rio São Francisco não é exclusivo do recorte estabelecido neste texto, os Gerais também não são. Porém, ambos são elementos identificáveis na paisagem e, consequentemente, apreendidos na vida social e nos projetos políticos de controle espacial e desenvolvimento econômico.

É possível pensar nos gerais mencionados nos documentos oitocentistas possuindo alguma relação com o referencial de gerais na contemporaneidade (guardando as devidas características ambientais, sociais e culturais de suas respectivas conjunturas) que ele serviu para a identificação de Thomaz Antonio da Costa Alcamim Ferreira. Podemos, e devemos, diferenciar os sujeitos históricos e sociais dos diferentes períodos. Porém, a referência aos gerais apareceu como um elemento da composição do sertão do rio São Francisco. Talvez não

---

[43] CÂMARA DOS DEPUTADOS. Requerimento de Tomás Antônio da Costa Alcami Ferreira, com despacho de 25-08-1823. Disponível em < https://arquivohistorico.camara.leg.br/index.php/requerimento-de-tomas-antonio-da-costa-alcami-ferreira-com-despacho-de-25-08-1823>, acesso em 25 jan. 2019.
[44] *Ibid*.
[45] CÂMARA DOS DEPUTADOS. Annaes do parlamento brasileiro – Assembléa constituinte, 1823. V. 04. Rio de Janeiro: Typographia do Imperial Instituto Artístico, 1874. P. 151.
[46] CÂMARA DOS DEPUTADOS. Annaes do parlamento brasileiro – Assembléa constituinte, 1823. V. 06. Rio de Janeiro: Typographia do Imperial Instituto Artístico, 1874. P. 15.

fique tão claro a definição do que seria o território chamado “Geraes” apenas pelo título que Ferreira ostentou ao se apresentar na assembleia constituinte – o que nos força a cruzar com outras fontes como as correspondências de juízes que em alguns momentos apresentam descrições espaciais.

Duas correspondências oriundas de Campo Largo de períodos diferentes apresentam algumas considerações das autoridades sobre o que era os gerais na conjuntura em que eles estavam inseridos. Em 1830, os gerais apareciam numa correspondência da Câmara de Campo Largo como local de refúgio de “malfeitores” que ameaçavam as autoridades locais. Oitenta homens comandados por um Sargento-mor realizaram uma busca nos ditos gerais pelos “malfeitores” que ameaçavam alguns vereadores e juízes. A correspondência datada de 23 de dezembro de 1830 demonstrava a preocupação dos vereadores de Campo Largo com relação aos criminosos espalhados em vários rincões e que se o governo brasileiro não ajudasse poderia perder o controle sobre os sertões. Para endossar foi enviado uma cópia de um documento de 23 de outubro de 1830 com as informações sobre tais circunstâncias.

De acordo com o que foi descrito pela câmara de vereadores de Campo Largo, o termo sofria com a falta de segurança e que era carente de forte ou cadeia para prender os criminosos. O único local para este fim era uma casa aberta com um tronco. Devido a falta de castigos, os criminosos voltavam para cometer novos crimes.[47] Para piorar, foi informado que algumas quadrilhas atacavam viajantes que trafegavam entre as províncias de Minas Gerais e Bahia nos chamados gerais[48] que foi qualificado como um espaço vazio: “[...] acha-se nas extremidades deste termo com o de Minas de Gerais hum espasso despovuado a que se xama Gerais, huma quadrilha de ladroens, q(eu) ja acometedo, e matado a varias viandantes q(ue) tranzitam de huma p(ara) outra Provincia com seus negocios [...]”[49]

Noutra correspondência de 18 de abril de 1873 enviada ao presidente da província da Bahia, o juiz de direito da comarca de Campo Largo e da vila de Santa Rita, Antonio José

---

[47] O Código Criminal foi sancionado por D. Pedro II em 16 de dezembro 1830 após ter sido discutido e aprovado na Assembleia Geral e no Senado. Antes dele era o livro V das Ordenações Filipinas que servia de referência para as punições criminais no Brasil. Ver Luciano Rocha Pinto (2010). Ainda de acordo com Luciano Rocha Pinto, cada crime possuía uma pena que visava “prevenir a vontade de violar normas” (*Ibid.*, p. 04). Dessa forma, é preciso ressaltar que a documentação expressa a urgência das autoridades com relação a aplicação de uma legislação criminal que naquele momento estava sendo inserida na sociedade. A distância geográfica para a capital não impediu a circulação das ideias debatidas na corte. Isso demonstra a presença de indivíduos atentos aos debates centrais para suas respectivas ações e estratégias de controle social.

[48] As áreas chamadas de “gerais” são atualmente identificadas como cerrado. Nelas é que o agronegócio avança gerando impactos ambientais e conflitos de terra.Sobre os impactos ambientais e conflitos de terra. (SALMONA, PAIVA e MATRICARDI, 2016; SOUSA SOBRINHO, 2012).

[49] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência recebida da câmara Campo Largo. Maço: 1287.

Amorim, fez uma exposição sobre o estado lastimável, dentro das suas considerações, do termo de Campo Largo. O que estava em jogo eram as disputas entre as autoridades com trocas de acusação. Num dado momento da documentação ele apresentou a localização de Campo Largo e suas distâncias para as fronteiras com Goiás, Piauí, Salvador e Barra e informou a existência de 40 léguas de gerais:

> Sendo esta comarca a que fica m(ai)s distante desta Capital – 170 legoas, e da com(ar)ca da Barra 38 legoas e do Termo de Campo Largo 26 legoas. Tendo duas travessias de 14 e 12 legoas, e fazendo esta Comarca limites com as extremadura das Províncias de Goyas e do Piauhy e para as extremadura das quaes com tudo q(uan)to é de [?] há Geraes de 40 legoas e não havendo nesta comarca [?] algum pela distância em que fica todos os pontos, sem duvida alguma deverá merecer de V(ossa) Ex(celên)cia toda a attenção.[50]

É notável que os gerais eram áreas consideradas como não ocupadas pelas autoridades e a preocupação com o avanço civilizacional passava por explorar economicamente a região e ocupar tais espaços de forma a garantir a ordem e o progresso econômico. Mas não só isso: eram espaços que povoavam as preocupações de autoridades por causa da circulação de indivíduos apontados como bandidos. Tais espaços, portanto, eram motivos de receios por servirem de abrigo à criminosos e, possivelmente, por circularem animais perigosos.

Reduzir os gerais ao abrigo de criminosos não é suficiente para pensar, por exemplo a figura de Alcamin Ferreira. Talvez até seja contraditório. Porém, é preciso refletir que o espaço dos gerais que representava o vazio do que era imaginado como civilizado poderia ser assim considerado não apenas pela condição de refúgio de criminosos conforme a percepção das autoridades, mas também pela ocupação e exploração econômica. Ferreira ressaltou no requerimento as possibilidades de exploração de óleos de plantas nativas como baru e buriti que teriam como um dos habitats os gerais. Trata-se, portanto, de um espaço presente na apropriação cultural da paisagem seja ela de maneira idílica, econômica ou de preocupação com a ordem e circulação dos viajantes. Fica nítido que a identificação desses elementos paisagísticos se tornava parte dos elementos identificadores da região e, consequentemente, de seus representantes.

É preciso ressaltar que era muito mais frequente a identificação regional associada ao rio São Francisco do que aos gerais que, por sua vez, era um referencial secundário – ao menos à luz das autoridades locais e do Estado brasileiro. Isso fica nítido pela referência que o rio representava. Ele era um fixo que servia de condutor para os fluxos ligando diferentes regiões

---

[50] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências de Juízes de Campo Largo (1830 – 1884). Maço: 2313.

e permitindo a circulação de pessoas, mercadorias e informações. Os fluxos são determinados pelas ações. Os fixos são formas perpetuadas no espaço e os fixos condutores são uma categoria dentro dos fixos que, por sua vez, são responsáveis pela condução dos fluxos. (D´ASSUNÇÃO BARROS, 2017, p. 69 - 85).

A função do rio São Francisco como fio condutor de mercadorias e pessoas pode ter servido para batizar a nascente comarca em 1820. Mesmo com uma navegação precária, o rio São Francisco era um importante referencial espacial afinal, quando a comarca foi criada, era ele o limite entre a Bahia e Pernambuco.

A transferência para a Bahia em 1827 tinha um caráter provisório, que as autoridades locais a princípio não questionaram. Segundo Barbosa Lima Sobrinho os protestos das autoridades pernambucanas teriam ocorrido através de manifestações de deputados e senadores no Império e no início da República. O senador Marquês de Inhambupe teria defendido em 1827 que a comarca fosse devolvida para Pernambuco e o deputado Luiz Cavalcanti teria proposto a criação de uma província envolvendo o sertão do rio São Francisco em 1830. (LIMA SOBRINHO, 1929, p. 195) No início da vida republicana brasileira o protesto teria ficado por conta do Senador João Barbalho que, com a expectativa criada com a proclamação do novo regime em romper com algumas decisões políticas do Império, reivindicou, mas sem sucesso, a posse da antiga comarca do rio São Francisco em 1896. (*Ibid.*, p. 196)

Entre 1827 e 1889 alguns desses protestos das autoridades pernambucanas demonstraram não ter força diante das posturas do Império. Nem mesmo a república rompeu com a decisão de D. Pedro I em 1827. Até 1889 ocorreram algumas tentativas de separação sem êxito. Além disso, diversos projetos foram discutidos pelas autoridades do Estado nacional e neles a interpretação e construção do sertão do rio São Francisco como uma região a ser desenvolvida numa lógica que relacionava civilização com progresso.

Em diferentes momentos podemos notar o rio São Francisco como referencial principal para as autoridades instaladas nas imediações. Como um "sertão" dentro de tantos "sertões" é possível afirmar que ele é um elemento constituinte e referencial. Os gerais, a população indígena, acidentes geográficos diversos e circunstâncias históricas não ocuparam a mesma relevância que o rio São Francisco para servir como referencial espacial deste sertão. Assim, podemos avançar para uma constituição espacial que não só apagou a memória dos povos originários, mas ressaltou a conquista luso-brasileira do território e indicou como elemento central na referência espacial um rio que viabiliza a comunicação e exploração econômica. As vilas situadas nas suas margens ocupavam posições estratégicas importantes como é o caso da

vila da Barra que foi sede da Comarca do rio São Francisco, foi cotada para ser capital da província com o nome da comarca e reuniu condições políticas para a instalação de hospital de caridade.

A criação de uma Santa Casa de Misericórdia com a consequente criação do Hospital de Caridade de São Pedro da Vila da Barra nos forneceu alguns dados acerca da noção de centralidade na qual o Sertão do rio São Francisco se encontrava. A longa distância para muitos lugares era contrastada nos documentos com os apelos para investimento em uma região que possuía conexões com diferentes áreas da província e de fora dela. O contraste entre distância e aproximação serviam para justificar os investimentos do governo provincial. O que chamamos de contraste (ou aparente contraste) revelava-se complementador um do outro: Barra e, consequentemente, o sertão do rio São Francisco ficavam distantes dos grandes centros de decisão, mas a posição central aproximava das lavras diamantinas, Goiás, Piauí e Pernambuco. Além disso, o rio articulava a aproximação com Minas Gerais e outras áreas da Bahia. Nesse sentido, o rio São Francisco era o elemento que aproximava e/ou integrava. Como já afirmado anteriormente, ele era um fixo condutor que permitia a circulação de mercadorias e pessoas.

Em 03 de fevereiro de 1852, a mesa administrativa da Santa Casa da Misericórdia da vila da Barra enviou uma correspondência para o presidente da província, Francisco Gonçalves Martins, para informar sobre um edifício cedido para servir como hospital de caridade e alertar para os problemas com as “epidemias de bexiga”. Ao longo do documento a mesa administrativa também mencionou a importância do hospital de caridade na vila da Barra para justificar o recebimento de verbas provinciais. Tal hospital atenderia à população pobre do local e os forasteiros e a centralidade da vila reforçava a necessidade de tal investimento:

> Na verdade, ex(celentíssi)mo sen(ho)r, a villa da Barra p(o)r sua <u>importante posição geographica</u>, e pelas relações comerciais q(ue) entretem com as villas circunvizinhas, e com as Províncias de Minas, Goiás e Pihauhi, pelo refugio certo que offerece nas ferteis margens do S(ão) Francisco e do Rio Grande aos habitantes dos sertões das províncias do Norte nos tempos de esterilidade, a villa da Barra, dizemos nós, tem em seo seio muitas pessoas que precisão de socorros da car(ida)de, e por conseg(uint)e tem a mais palpitante necessi(da)de de que este Hospital se engradeça e desponha de maiores recursos.[51]

Ou seja, havia uma noção nítida da centralidade da vila da Barra e do trecho médio do rio São Francisco. Esta noção foi expressa numa correspondência da mesa administrativa que possuía entre seus membros algumas figuras que atuavam em outros setores como juizados e

[51] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Religião – Santa Casa de Misericórdia da Barra do Rio Grande (1852 – 1879). Maço: 5297. Grifo nosso.

câmara de vereadores. Assim, entendemos que a noção de centralidade expressa pela mesa administrativa era compartilhada por diversas autoridades locais.

Dois anos depois, em 05 de fevereiro de 1854, a mesa administrativa sinalizava a importância da distribuição dos 50 contos de réis disponibilizados pelo governo da província que deveriam ser destinados para as santas casas. O pouco tempo de existência do hospital e a localização afastada seriam alguns dos argumentos utilizados para o recebimento de verbas. Então, notamos que o aparente contraste entre distância e aproximação era um complemento discursivo para justificar a necessidade do envio de tais verbas.[52]

O hospital de caridade de São Pedro da Vila da Barra do Rio Grande passou por sérias dificuldades ao longo das décadas de 1850 e 1860 e só retomou suas atividades com êxito após a atuação do provedor Thomaz Garcez Paranhos Montenegro. A nova fase do hospital não dispensou os pedidos pelo envio de verbas para a manutenção. Ao explicar os gastos, a mesa administrativa destacou a importância do hospital para a população do centro. Dessa vez, ficava mais explícito a noção de centralidade ocupada pela vila da Barra e pelo rio São Francisco como expressado numa correspondência de 26 de janeiro de 1871:

> A subscripção aberta entre aquelles tem produzido perto de quatro contos de réis (4:000$000) quantia esta que não deixa de ser avultada se se attender a que alem da pobreza geral do nosso centro, estão os mesmos habitantes sobrecarregados com diversas obras publicas, entre outras a da nova Matriz [...].[53]

O rio São Francisco, portanto, ocupava uma noção de centralidade que o fez batizar a comarca e, consequentemente, o seu sertão. Dentro de uma área distante, era ele quem permitia a aproximação e durante os momentos de dificuldades dos fenômenos naturais, era ele quem dava condições de sobrevivência. Esta mistura entre as noções de distância, aproximação/integração e centralidade fazia parte da interpretação das autoridades locais e servia de argumentação para os diálogos com outras autoridades como o presidente de província.

A percepção política expressa nas entrelinhas era a da relevância da mobilidade proporcionada pelo rio e da centralidade em relação à província. Se por acaso não quisermos considerar como o exato ponto central geográfico da Bahia, não podemos deixar de apontar para a aproximação com este e com o centro do Brasil. As autoridades sabiam que o sertão do

---

[52] *Ibid*.
[53] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo da província: saúde (hospitais) - (1823 – 1883). Maço: 5390. Grifo nosso.

rio São Francisco era importante para outros sertões dentro da Bahia e para outras províncias também.

A importância do rio São Francisco foi motivo de propostas do governo imperial e outros tantos debates e protestos. A navegação, ferrovia e criação de província foram alguns dos temas debatidos no Rio de Janeiro e demonstra a centralidade do São Francisco para o Império. A sua capacidade de ligação entre parte das províncias do norte com o sul e a posição entre zonas mineradoras fazia com que o sertão do São Francisco ocupasse uma parte das preocupações sobre seu aproveitamento e desenvolvimento econômico e manutenção da ordem social e política. Ele constituiu uma região dentro não só da província da Bahia como do Brasil Império. Esta regionalização proporcionou, portanto, a formação dos projetos políticos e econômicos para o rio São Francisco.[54]

O interesse estrangeiro também ocorreu em alguns momentos e demonstra que o sertão do São Francisco chamava atenção não só das autoridades locais, provinciais e nacionais, mas também de agentes do imperialismo europeu e de possíveis escravocratas americanos derrotados na guerra civil americana. Dessa forma, entendemos ele como uma região pensada pelo estado brasileiro como estratégica em algumas medidas e que algumas dessas percepções também povoavam as mentes das autoridades locais.

O sertão do rio São Francisco foi formado enquanto região a partir da ocupação luso-brasileira e, posteriormente, a partir do modo de ocupação e aproveitamento político-econômico pelos homens do Império brasileiro. Ele foi alçado a um referencial espacial para viajantes, autoridades locais e Estado (português e/ou brasileiro). O território foi invadido, reocupado e dividido. A gramática espacial passou a ser outra.

O rio deixou de ter a função de sobrevivência dos povos originários e passou a ser a viabilização dos projetos econômicos e de poder. Autoridades do Estado, tanto português quanto brasileiro, eram instaladas e realizavam as leituras do espaço de modo apropriado para a ocupação e aproveitamento territorial. O sertão não era mais a fronteira com os povos, mas, a partir da leitura civilizatória dos agentes do Estado brasileiro, passou a ser a fronteira da ordem. As autoridades instaladas faziam parte do jogo de construção da dominação do projeto de

[54] A importância do rio São Francisco e sua regionalização atravessou o Império e outras propostas em torno de suas águas foram lançadas para debates políticos. A relação mais estreita e, talvez, mais solidificada entre Estado brasileiro e o rio São Francisco foi melhor concretizada a partir dos projetos lançados por Manoel Novais para a criação de duas agências governamentais: Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) e Comissão do Vale do São Francisco (CVSF), ambas na década de 1940. Ver Dilma Andrade de Paula (2015).

Estado e sociedade brasileira triunfantes e no sertão buscavam garantir a ordem e a tranquilidade para as camadas dominantes da qual eles também eram originários.

A região é uma invenção das relações de poder e é construída historicamente e socialmente. Assim, os sertões possuem seus marcos referenciais e a importância do rio São Francisco seja ela no âmbito militar, comunicação ou econômica transformou-o, junto com o apagamento da memória dos povos originários, nesse importante referencial sertanejo para o país.

O sertão do rio São Francisco foi constituído historicamente como uma região. O processo colonizador impôs uma nova lógica territorial e transformou os referenciais espaciais de modo condizente com as perspectivas espaciais, sociais, econômicas e políticas do invasor europeu. O *Opará* foi cristianizado, batizado de rio São Francisco e a catequização custou sangue e destituiu as antigas noções do uso do espaço pela lógica europeia. As funções do território foram remodeladas e passou a servir para a criação de gado, agricultura e mineração. O sertão dos rodelas já não mais pertencia aos rodeleiros ou acroazes, mas era dos D’Ávila, Wanderleys, Marianis, Guimarães, entre outros.

Após a independência, o sertão do São Francisco virou um objeto de desejo dos projetos de dinamização econômica no Brasil e a presença dos agentes do Estado serviu aos anseios políticos locais, bem como aos interesses particulares das autoridades nomeadas. Administrar uma região se tornou uma forma tanto de galgar novas posições na burocracia estatal, mas também de firmar os modelos de sociedade hegemônicos nesse sertão.

3. O ESTADO BRASILEIRO E O RIO SÃO FRANCISCO

> O "ajôjo" descia de toa... Vinha do Rio Prêto. Balsa de talas de buriti. Era uma arca. Tábuas de cedro, toros, galinha, porcos, óleo de piqui, fardos de carne de sol, arara, papagaio, peixe sêco e até gente, fingindo de passageiros...
>
> (XAVIER, 1958, p. 37)

Como uma região específica no território nacional, o sertão do rio São Francisco foi motivo de projetos diversos por parte de interesses estrangeiros, autoridades nacionais e provinciais. As autoridades locais participaram da construção direta ou indiretamente de alguns desses projetos ora fornecendo informações, ora lançando sugestões para alguns procedimentos. Além disso, essas autoridades, por vezes, eram fiscalizadoras ou executoras dos atos políticos do Estado imperial.

Na presente seção serão debatidos os projetos em relação ao sertão do rio São Francisco articulados com os interesses nacionais e provinciais. Esses projetos envolvem não só a preocupação estratégica do Estado brasileiro com relação ao rio, mas também a sua organização territorial. Deste modo, será discutido como o sertão do São Francisco estava articulado em projetos políticos e econômicos do Estado nacional e como eles apontam a percepção do regime monárquico sobre o rio São Francisco e suas regiões.

Entre os anos de 1827 e 1889 o sertão do rio São Francisco esteve na pauta dos debates no Estado brasileiro seja na câmara, no senado ou na mesa do Imperador. Dentro desse período foram localizados três projetos de criação de província, alguns debates dentro do governo brasileiro sobre as vias de comunicação com o São Francisco e a sua canalização. A circulação de viajantes, sob encomenda do governo ou por interesses particulares, produziu uma série de textos, notícias e análises sobre o rio São Francisco e suas possibilidades de aproveitamento.

O sertão do rio São Francisco está localizado na extensão territorial da comarca sediada em Barra e mais a margem direita do que hoje chamamos de Médio São Francisco. Segundo Agenor Augusto de Miranda o Médio São Francisco começa em Pirapora, em Minas Gerais, e vai até Juazeiro na Bahia. (1941, p. 14 - 15). Trata-se do trecho com as melhores condições de navegabilidade, principalmente entre Januária em Minas Gerais e Remanso na Bahia conforme Donald Pierson. (1972, p. 39) Na margem direita encontramos as vilas como Urubu,[55] Xique –

[55] Atual Paratinga.

Xique[56] e arraiais como Bom Jardim[57] e Bom Jesus da Lapa[58]. Fica nítido que estamos considerando o sertão do rio São Francisco na Bahia. Em Minas Gerais alguns lugares como Barra do Rio das Velhas, Januária, São Romão e Paracatu possuíam relações estreitas com o rio São Francisco, assim como as vilas listadas na parte baiana. Após 1827, a fronteira da Bahia foi alargada para o oeste no sentido de Goiás e Piauí e contemplando Barra,[59] Campo Largo,[60] Rio das Éguas[61] e Carinhanha.[62]

A fronteira com Pernambuco continuou tendo o rio São Francisco como a principal linha divisória, porém ficou mais curta e restrita ao norte da Bahia. Lugares como Carinhanha, Urubu, Barra, Bom Jesus da Lapa, Campo Largo e Santa Rita do Rio Preto[63] tinham o rio São Francisco como a principal referência espacial e via de comunicação. Através da navegação, mesmo que precária no início do recorte cronológico desta pesquisa, é que as trocas comerciais, notícias e tropas circulavam na região.[64] Isso vale até mesmo para vilas como Campo Largo, situada na beira do Rio Grande, e Santa Rita, localizada na beira do Rio Preto. Tanto o Rio Grande quanto o Rio Preto fazem parte da hidrografia do rio São Francisco, sendo o último afluente do Rio Grande que por sua vez é afluente do rio São Francisco na margem esquerda.

---

[56] O município preserva o nome atualmente.
[57] Atual Ibotirama. Alertamos para os cuidados com documentos referentes à freguesia de Nossa Senhora da Ajuda do Bom Jardim no recôncavo baiano no século XIX.
[58] O município preserva o nome atualmente.
[59] O município preserva o nome atualmente.
[60] Atual distrito de Taguá no município de Cotegipe (antigo Brejo Grande).
[61] Atual Correntina.
[62] O município preserva o nome atualmente.
[63] Atual Santa Rita de Cássia.
[64] Segundo Kátia M. de Queirós Mattoso o rio São Francisco possuía 1009 km navegáveis na Bahia sendo que os principais portos eram “Carinhanha, Urubu, [*Bom Jesus da*] Lapa, Barra, Remanso, Pilão Arcado, Sento Sé e Juazeiro.” (1992, p. 61).

Mapa 03: Afluentes ocidentais do rio São Francisco.

O recorte espacial explícito na pesquisa não considera a delimitação construída pelo Estado brasileiro como a única via. Apesar dela ajudar a pensar a constituição da região, não podemos desprezar outras relações estabelecidas historicamente: 1) a expressão Sertão do rio São Francisco não é uma inovação oitocentista. Ela é uma herança colonial processada por novos referenciais no século XIX, como já exposto; 2) mesmo que o Estado tenha delimitado inicialmente como Comarca do rio São Francisco uma extensão territorial de Pilão Arcado até Carinhanha com sede em Barra, não é suficiente para considerarmos unicamente a razão de indicar o Sertão do rio São Francisco como uma região exclusiva e situada na margem esquerda.

Ela é um indício do referencial que o rio prestava não só para as comunidades estabelecidas como para as autoridades ali instaladas; 3) O rio São Francisco serviu como um elo entre diferentes comunidades e permitiu diversos tipos de intercâmbios independente de suas margens.

As fronteiras internas são marcações político-administrativas, mas não são capazes de impedir a circulação de pessoas, ideias ou mercadorias. Elas servem, por vezes, de justificativas para ações de autoridades e/ou do Estado e terminam funcionando como mecanismo de controle para as ações de poder. Do mesmo modo, o rio São Francisco até 1827 separou a Bahia de Pernambuco e, depois, de Minas Gerais, mas não impediu articulações entre autoridades e membros das elites locais. Muito pelo contrário, ele foi o meio condutor que permitiu a aproximação entre elas.

Os limites das unidades administrativas não impediram outras manifestações de limites sócio territoriais, ou seja, delimitações dos espaços de circulação dos indivíduos e de ações políticas, culturais e sociais. Portanto, reafirmamos a coexistência da multiplicidade de fronteiras como aquelas estabelecidas político-administrativamente e outras, como afirmou José de Souza Martins, que possuíam caráter étnico e social. (MARTINS, 2019) Não esqueçamos, conforme exposto na seção anterior, que sertão é uma categoria relacionada com diversas formas de entendimento de fronteira: étnica, ordenação e controle das forças do Estado, econômica entre outras.

A constituição do sertão do rio São Francisco como uma região não é um processo exclusivamente endógeno. Não é à toa que autores citados anteriormente como Erivaldo Fagundes Neves (2002) (2005) (2008) e Lina Maria Brandão de Aras (2010) destacaram dentro da noção de região e de história regional as circunstâncias conjunturais internas de um dado recorte como também as interações externas. Ao analisar o sertão do rio São Francisco é possível observar alguns desses elementos e entre eles está o modo como o Estado brasileiro oitocentista estabeleceu uma leitura regional do sertão do rio São Francisco. Para isso, os projetos pensados para esta região são pontos de análise, principalmente para observar o que está sendo proposto e em quais bases o governo brasileiro oitocentista planejava atuar no interior do país e, em especial, no rio São Francisco.

As leituras territoriais feitas pelas elites brasileiras oitocentistas podem ser comparadas com o corpo humano como explicou Elizabeth W. Kiddy (2010). Para Kiddy os rios possuíam entre as principais potencialidades a capacidade de unir o território brasileiro: “Conceituando o seu território como um corpo da nação, as elites brasileiras do século dezenove imaginavam os

rios como veias, com o potencial de unir o território brasileiro e possibilitar a circulação de bens e informação do coração até as partes mais remotas do país.” (*Ibid.*, p. 23) Isso fica notório diante de tantas investidas para aprimorar a navegação no rio São Francisco.

A presente seção está dividida em 04 partes: 1) O Estado brasileiro e a organização territorial; 2) A comarca do rio São Francisco: entre Pernambuco, Minas Gerais e Bahia; 3) Economia sanfranciscana: interações, interesses e projetos; 4) O sonho da província. Ou seja, iniciaremos com uma breve explanação sobre o Estado Imperial brasileiro e a organização territorial, depois faremos uma explicação panorâmica do processo de transferência da Comarca do rio São Francisco iniciando na sua criação. Em seguida abordaremos a conjuntura econômica sertão do São Francisco oitocentista e, por fim, debateremos alguns projetos envolvendo as tentativas de criação da província sanfranciscana.

3.1. O ESTADO IMPERIAL E A ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

Antes de avançarmos nos processos de criação da Comarca do rio São Francisco, sua transferência para a Bahia e análise dos projetos e articulações políticas envolvendo esta região, será abordado nesta seção o modo como o Estado Imperial organizava seu território. Além da bibliografia consultada, recorremos ao conjunto de leis e constituição para definirmos a estrutura e organização territorial do Brasil durante o regime monárquico.

A constituição brasileira de 1824, no seu artigo 02, manteve a divisão do território nacional em províncias, conforme as existentes naquele momento, e elas seriam administradas, conforme artigo 165, por um presidente nomeado pelo Imperador.[65] As províncias, por sua vez, possuíam outras divisões, que iremos tratar logo mais adiante, como comarcas, cidades, vilas, freguesias e arraiais.

De acordo com Vitor Marcos Gregório, a carta de 1824, aparentemente, teria “naturalizado” o território da colônia portuguesa na América ao ponto deste moldar o recém-formado Estado nacional brasileiro. (GREGÓRIO, 2012, p. 105) Porém, segundo Gregório, a impressão deixada pelo documento constitucional outorgado não revela o quanto os legisladores brasileiros, em especial da constituinte de 1823, não consideravam os contornos e organização territorial das províncias como um debate finalizado. (*Ibid.*) Fundamentado em

[65] BRASIL. Constituição (1824). **Constituição política do Império do Brazil.** Rio de Janeiro. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>, acesso em 10 jan. 2021.

João Paulo Pimenta, Vitor Gregório explicou que, após a Independência, uma nova realidade política se apresentou na qual o território brasileiro deixou de ser uma propriedade herdada pelo monarca e se tornou "o espaço de atuação jurisdicional de uma nação [...]".(*Ibid.*, p. 106)

Existe, portanto, um limite para a percepção do território nacional como uma herança colonial. Não se trata de negar os inúmeros elementos políticos, sociais, jurídicos e culturais herdados do período de dominação portuguesa. Mas, de ressaltar que o jogo político praticado pelas elites brasileiras contou com a apropriação e adaptação de estruturas e terminologias do aparato político-administrativo lusitano.

A mudança de capitanias para províncias ocorreu antes da Independência e o novo modelo teria sido inspirado na Constituição da Monarquia Espanhola de 1812 – conhecida como Constituição de Cádiz. (FELONIUK, 2014, p. 241) Segundo Wagner Silveira Feloniuk, a adoção do sistema de províncias foi realizada após a Revolução do Porto em 1820 quando a Constituição de Cádiz foi adotada em Portugal para organização a eleição dos representantes das Cortes portuguesas. (*Ibid.*, p. 246)

No século XIX, o Coronel Augusto Fausto de Souza publicou o "Estudo sobre a divisão territorial do Brasil" onde explicou que, a partir de 1815, após a elevação do Brasil a Reino Unido de Portugal e Algarves, foi que o termo "província" passou a ser usado para designar as antigas capitanias. Porém, ainda era comum a utilização de ambos os termos por parte das autoridades portuguesas e isso pode ter ocorrido para sintonizar as expressões já utilizadas na parte europeia do reino português. Ainda de acordo com Souza, a denominação ficou mais frequente a partir de 1817, mas ainda assim coexistia o uso do termo "capitania" e que a troca definitiva só ocorrera em 1821 com a organização das eleições de Deputados das Cortes e com a instalação das Juntas Provisórias no lugar do governo dos capitães-generais. (SOUZA, 1988, p. 30) (CASTRO, 2016, p. 73)

No Brasil, após a Independência, isso não garantiu maiores autonomias ou a implantação de um regime federalista. A tentativa de descentralização política contou com o Código de Processo Criminal de 1832[66] e o Ato Adicional de 1834[67] como duas impactantes inovações políticas. Elas foram resultado das disputas políticas no período regencial em torno do modelo de Estado vigente.

[66] Lei de 29 de novembro de 1832.
[67] Lei nº 16 de 12 de agosto de 1834.

Segundo Lina Maria Brandão de Aras, o Ato Adicional de 1834 foi responsável por criar as Assembleias Provinciais e, consequentemente, jogar a municipalidade nas suas dependências. (ARAS, 1995, p. 41 – 42) Já para Miriam Dolhnikoff, a lei de 12 de agosto de 1834 foi responsável por constituir política regional integrada ao Estado nacional e atuante nas suas responsabilidades com ele. (DOLHNIKOFF, 2003, p. 434) Ainda conforme Dolhnikoff, os governos provinciais passaram a ter maior na gestão de suas unidades administrativas. (*Ibid.*, p. 439) Outro efeito do pós-1834 foi a limitação dos presidentes de províncias em vetar leis elaboradas pelos deputados provinciais, forçando-o a realizar acordos com as elites regionais. (*Ibid.*, p. 441)

A criação das Assembleias Provinciais, portanto, jogou para as elites regionais o poder de gestão e normalização territorial como explícito no parágrafo 1º do artigo 10: "Sobre a divisão civil, judiciaria, e ecclesiastica da respectiva Provincia, e mesmo sobre a mudança da sua Capital para o lugar que mais convier."[68]

Para efeitos comparativos, Nora de Cássia Gomes de Oliveira explicou que a instituição do cargo de presidente da província na carta de 1824 limitou o poder das câmaras municipais (que antes, durante o período colonial, gozava de maiores influências político-administrativas) e que o Ato Adicional de 1834, ao criar as Assembleias Provinciais, terminaram por enfraquecer ainda mais o poder das câmaras municipais:

> A instituição desse cargo limitou o poder das Câmaras Municipais que, no período colonial, eram uma referência política e administrativa, além de representarem o poder dos "homens bons" das capitanias. Com a Independência, e a transformação das capitanias em províncias, às Câmaras ficaram reservadas apenas atividades administrativas, especialmente no que dizia respeito aos setores viários, de higiene e saúde. As decisões políticas, a partir de então, cabiam à Presidência da província e ao Conselho Geral da Província. Com a aprovação do Ato Adicional, de 1834, que criou as Assembléias Provinciais, as Câmaras teriam, definitivamente, limitadas as suas atribuições. (OLIVEIRA, 2007, p. 110)

As Assembleias Provinciais se tornaram espaços de atuação das elites regionais que foram transferidas das câmaras municipais para uma instituição centralizadora no âmbito provincial. Além disso, é preciso destacar a figura dos Vice-presidentes que eram escolhidos para a composição do Conselho da Província. (*Ibid.*, p. 113 – 114)

---

[68] BRASIL. Lei nº 16 de 12 de agosto de 1834. Faz algumas alterações e addições á Constituição Politica do Imperio, nos termos da Lei de 12 de Outubro de 1832. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim16.htm>, acesso em 11 jan. 2021.

Segundo Renato Berbert de Castro (1978, p. 27), a lei nº 40 de 03 de outubro de 1834 criou um novo sistema de escolha de vices-presidentes após a extinção dos Conselhos das presidências.[69] No artigo 06 desta lei ficou decidido que:

> A Assembléa Legislativa Provincial nomeará seis cidadãos para servirem de Vice-Presidente, e um no impedimento do outro. A lista delles será levada ao Imperador por intermedio do Presidente da Provincia, e com informação deste, a fim de ser determinada a ordem numerica da substituição: entretanto servirá de Vice-Presidente o que estiver em primeiro lugar na lista, ou na falta deste os immediatos. Tanto a lista dos eleitos pela Assembléa Legislativa Provincial, como a enviada pelo Governo, será remettida por copia á Camara Municipal da Capital, para esta chamar a quem competir na falta do Presidente. E quando o primeiro nomeado se achar muito distante da Capital, será chamado para substituir aquelle, que se seguir na ordem da nomeação e que mais prompto estiver, o qual sómente servirá emquauto se não apresentar outro que o preceda na ordem numerica da lista, e assim successivamente até o primeiro della.[70]

Desse modo, as elites regionais possuíam um espaço garantido na administração territorial. Porém, este não será a única forma de gestão territorial das elites baianas como veremos mais adiante. Segundo Miriam Dolhnikoff, a Interpretação do Ato Adicional em 1840 (Lei nº 105 de 12 de maio de 1840) traçou um caminho de centralização do aparato do judicial. (DOLHNIKOFF, 2003, p. 443) As Assembleias Provinciais perderam poder de decisão sobre o magistrado[71] e esse controle passou a ser costurado junto ao governo central no Rio de Janeiro.

A Interpretação do Ato Adicional de 1840 foi uma obra dos Conservadores assim como a reforma judicial de 1841. No caso desta, trata-se de um conjunto de mudanças em relação ao Código de Processo Criminal de 1832 que junto com o Ato Adicional de 1834 foi uma tentativa dos setores liberais em levar a cabo um projeto de descentralização política no Brasil. A reação conservadora no final do período regencial e início do Segundo Reinado buscou combater este projeto e realizar reformas centralizadoras. Enquanto o Código de Processo Criminal descentralizava a estrutura judicial e policial e dava mais poderes ao juiz de paz, (CHAVES,

---

[69] BRASIL. Senado. Lei nº 40 de 03 de outubro de 1834. Dá Regimento aos Presidentes de Provincia, e extingue o Conselho da Presidencia. Disponível em < http://legis.senado.leg.br/norma/540900/publicacao/15772936>, acesso em 12 jan. 2021.

[70] BRASIL. Senado. Lei nº 40 de 03 de outubro de 1834. Dá Regimento aos Presidentes de Provincia, e extingue o Conselho da Presidencia. Disponível em < http://legis.senado.leg.br/norma/540900/publicacao/15772936>, acesso em 12 jan. 2021.

[71] BRASIL. Lei nº 105 de 12 de maio de 1840. Interpreta alguns artigos da Reforma Constitucional. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim105.htm#:~:text=L105&text=LEI%20N%C2%BA%20105%2C%20DE%2012%20DE%20MAIO%20DE%201840.&text=Interpreta%20alguns%20artigos%20da%20Reforma%20Constitucional.&text=Pedro%20II%2C%20Faz%20saber%20a,Elle%20Sanccionou%20a%20Lei%20seguinte.> , acesso em 11 jan. 2021.

2013, p. 820 – 821) a reforma de 1841 reduzira o poder do magistrado leigos a juízes de Paz, municipal e de órfãos. (CERQUEIRA, 2014, p. 26)

Segundo Ilmar Rohloff de Mattos a reforma do Código do Processo Criminal foi feita para "subordinar de maneira estreita a ação judiciária e policial ao Governo-Geral, possibilitando-lhe assim exercer fiscalização sobre traficantes e atravessadores, embora pudesse permitir o comércio negreiro." (MATTOS, 2004, p. 178) Uma série de reformas foram realizadas na década de 1840 e começo dos anos 1850 levando a uma série de medidas centralizadoras. Novamente Ilmar Rohloff de Mattos explica que o *Triunfo Monárquico* no final dos anos 1840, gerou uma série de medidas disciplinarizadoras e centralizadoras como a escolha do Juiz Municipal, Juiz de Órfãos e o Promotor público que passaram a ser escolhas do governo e não da Câmara Municipal. O Juiz de Paz perdeu parte de suas atribuições na jurisdição criminal para delegados e sub-delegados que eram nomeados e/ou demitidos de acordo com o entendimento do governo. (*Ibid.*, p. 185 – 186)

O projeto centralizador reduziu a autonomia das províncias e instituiu um maior controle do Rio de Janeiro na administração territorial. Cargos como Chefe de Polícia, Juiz de Direito, Juiz Municipal e de Órfãos passaram a serem nomeados pelo Imperador.[72] Segundo José Murilo de Carvalho, a reforma de 1841 não inativou o juiz de Paz, mas reduziu sua esfera de ação enfraquecendo, assim, o poder local. (CARVALHO, 2014, p. 174)

A redução da autonomia provincial não anulou a participação das elites regionais na administração e organização territorial. As províncias continuaram exercendo uma função político-administrativa dentro da estrutura do Estado Imperial brasileiro. O cargo de presidente da província possuía importância para a carreira política dos membros da elite brasileira como mencionou José Murilo de Carvalho:

> A circulação geográfica era parte essencial da carreira de magistrados e militares. Como a magistratura ligava-se estreitamente à elite, o fato tinha clara conotação política. Essa conotação era ainda mais nítida na circulação geográfica exigida dos presidentes de província. Vários políticos nacionais foram nomeados presidentes de províncias com o objetivo explícito de lhes permitir ganhar experiência. (*Ibid.*, p. 121)

A circulação geográfica também servia como um treinamento para os membros das elites que almejavam postos maiores dentro do regime monárquico. (*Ibid.*) Cabia ao presidente

[72] BRASIL. Lei Nº 261, de 03 de dezembro de 1841. Reformando o Codigo do Processo Criminal. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim261.htm#:~:text=Reformando%20o%20Codigo%20do%20Processo%20Criminal.&text=2%C2%BA%20Os%20Chefes%20de%20Policia,amoviveis%2C%20e%20obrigados%20a%20acceitar.>, acesso em 12 jan. 2021.

da província intermediar possíveis tensões entre os membros das elites regionais e o governo central.

Na Bahia é possível considerar uma sintonia entre as elites regionais e o governo central que pode ser notada pela quantidade de vice-presidentes que exerceram o cargo na ausência ou vacância dos presidentes, conforme demonstrado por Nora de Cássia Gomes de Oliveira (2007, p. 113) a partir das observações de Kátia Mattoso.

> Entre a partida de um presidente e a chegada de seu sucessor podia decorrer um lapso de tempo bastante grande. Os negócios da província eram então entregues a um presidente interino, escolhido entre os seis vice-presidentes, também nomeados pelo Imperador e integrantes da elite local de homens públicos. Entre 1824 e 1889, a Bahia teve mais vice-presidentes do que presidentes no exercício do governo. (MATTOSO, 1992, p. 259)

Ao longo do regime monárquico apenas duas províncias foram criadas: Amazonas (1850) e Paraná (1853). Mesmo com várias tentativas por parte das elites regionais espalhadas no Brasil, apenas essas duas tiveram êxito. (GREGÓRIO, 2012)[73]

Outras divisões político-administrativas do território brasileiro precisam ser mencionadas como as comarcas, vilas, cidades, freguesias e arraiais. São instâncias menores nas quais as províncias estavam subdivididas. Maria Helena de Paula e Mayara Aparecida Ribeiro de Almeida explicam que as províncias estavam divididas em circunscrições menores que eram as comarcas que, por sua vez, eram administradas pelos juízes de Direito e dentro delas estavam as cidades, vilas, freguesias e distritos de paz. (PAULA, ALMEIDA, 2016, p. 158)

O Código do Processo Criminal[74] permaneceu com a divisão dos juízos em distritos de paz, termos e comarcas. Nas suas disposições preliminares o distrito de paz contaria com um juiz de paz, escrivão, inspetores de quarteirão e oficiais de justiça; o termo (ou julgado) contaria com um juiz municipal, um promotor público, um escrivão das execuções e oficiais de justiça. Foram extintas as ouvidorias de comarcas e os juízos de fora e ordinários.[75]

Com a Reforma do Código de Processo Criminal cada comarca teria um promotor que acompanharia o juiz de direito.[76] Antes, conforme exposto, cada termo é que possuiria um

[73] Ao todo foram 20 províncias conforme o mapa de Brockes e Held de 1883 disponível no Anexo A nesta tese.
[74] Lei de 29 de novembro de 1832.
[75] BRASIL. Lei de 29 de novembro de 1832. Promulga o Codigo do Processo Criminal de primeira instancia com disposição provisoria ácerca da administração da Justiça Civil. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-29-11-1832.htm>, acesso em 12 jan. 2021.
[76] BRASIL. Lei Nº 261, de 03 de dezembro de 1841. Reformando o Codigo do Processo Criminal. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim261.htm#:~:text=Reformando%20o%20Codigo%20do%20Proc

promotor público. A reforma do Código de Processo Criminal manteve o juiz municipal como o substituto do juiz de Direito na ausência deste.[77]

Internamente as comarcas possuíam outros elementos referentes à organização do espaço como as cidades, vilas, freguesias, arraiais e distritos. Maria Helena de Paula e Mayara Aparecida Ribeiro de Almeida apresentam uma explicação sobre a expressão “termo” que estaria relacionada com a extensão territorial de uma vila e os arraiais seriam os distritos de paz fora da sede das vilas:

> O *termo* corresponde a toda a extensão territorial pertencente a uma *vila*, incluindo-se nela a *sede da Vila* (sua povoação principal, outrora simplesmente nomeada por *Vila*) e suas cercanias, as quais são tratadas de *termos da vila*. Desta feita, dentro dos limites territoriais e jurídicos de uma *vila*, podem haver vários *arraiais*, os quais, conforme anteriormente explicitado, são chamados de *distrito*, por estarem sujeitos às *vilas* no plano jurídico. Quando, por sua vez, as *vilas* auferiam o *status* de *cidade*, passavam a ser denominadas de *municípios*, compreendendo todo o limite territorial da *cidade* (centro urbano) e suas regiões adjacentes. (PAULA, ALMEIDA, 2016, p. 160)

Edneila Rodrigues Chaves explicou que o arraial seria a povoação de menor graduação do que as vilas que, por sua vez, seriam de menor graduação que as cidades. Os arraiais, portanto, estariam subordinados às vilas ou cidades:

> A vila era a sede do termo e povoação principal. A designação vila era utilizada também como sinônimo de termo, abrangendo duas conotações. Ou seja, referindo-se à povoação principal e também ao seu termo, o território de jurisdição dos oficiais camarários. Cidade constituía em título honorífico concedido às vilas que exerciam funções importantes em âmbito religioso, político ou militar, correspondendo a uma graduação superior. Já os arraiais, eles eram povoações de menor graduação que as vilas, localizando-se nos distritos. (CHAVES, 2013, p. 818 – 189)

De acordo com a Constituição de 1824, cidades e vilas contariam com câmaras de vereadores,[78] mas a diferença entre elas só foi apurada com a lei de 1º de outubro de 1828. Segundo Edneila Chaves, esta lei estabeleceu que as cidades teriam 09 vereadores e as vilas 07 vereadores. (2013, p. 820) Maria Helena de Paula e Mayara Almeida explicam que outro fator diferenciador entre vilas e cidades seria o limite territorial urbanizado: “Entende-se, assim, que o único fator diferenciador entre as *vilas* e as *cidades* é o seu limite territorial urbanizado, uma

---

esso%20Criminal.&text=2%C2%BA%20Os%20Chefes%20de%20Policia,amoviveis%2C%20e%20obrigados%20a%20acceitar.>, acesso em 12 jan. 2021.

[77] *Ibid.*

[78] BRASIL. Constituição (1824). **Constituição política do Império do Brazil.** Rio de Janeiro. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>, acesso em 10 jan. 2021.

vez que não se observa nessas definições a menção a qualquer outra motivação." (PAULA, ALMEIDA, 2016, p. 159)

As expressões "município" e "municipalidade" aparecem recorrentemente nos diversos documentos e, em especial, nos manuscritos produzidos pelas câmaras de vereadores. Segundo Edneila Chaves, durante o período colonial os termos "vilas" e "municípios" eram utilizados um em detrimento do outro. Porém, no Brasil Império isso teria caído e a expressão "município" passou a ser usada de forma mais corriqueira. (CHAVES, 2013, p. 818)

Maria Helena de Paula e Mayara Almeida complementam definindo o município como uma circunscrição territorial e administrativa que englobaria desde a sede (vila ou cidade) e tudo aquilo que estivesse ao redor como os distritos ou arraiais:

> Neste caso, *município* e *cidade* não detinham (e ainda hoje não detêm) o mesmo significado, uma vez que o termo técnico *município* engloba uma circunscrição territorial e administrativa composta por uma povoação principal (chamada *sede de município*) e tudo aquilo que estiver dentro de seu limite territorial, como os *arraiais* (*distritos*). Em contraponto, *cidade* refere-se unicamente ao centro populacional de maior povoação do *município*, ou seja, sua *sede*. (PAULA, ALMEIDA, 2016, p. 160)

Na sede municipal é que funcionavam as câmaras de vereadores que é uma instituição existente desde o período colonial e funcionavam como órgãos de representação do poder local. (ARAS, 1995, p. 32) Como herança portuguesa, as câmaras foram regidas durante o período colonial pelas Ordenações Manuelinas (1521) e, posteriormente, Ordenações Filipinas (1603). (CHAVES, 2013, p. 819) A constituição de 1824 destinou 03 artigos específicos (167, 168 e 169) para tratar das câmaras municipais nos quais definiu-se que entre as competências estavam a formação das posturas policiais e aplicação das rendas e que sua composição seria definida em lei específica.[79]

Em 1828 foi aprovado no Rio de Janeiro a lei de 1º de outubro de 1828 que instituiu uma série de normas para as câmaras municipais. Para Lina Aras, esta lei reforçou o poder local ao permitir uma série de competências administrativas e autonomia para gestão das vilas e cidades. (ARAS, 1995, p. 36) Aras também chamou atenção para uma relação conflitante entre o poder municipal e o poder provincial principalmente após a mencionada reforma de 1828 e o Ato Adicional de 1834: "As Câmaras Municipais eram o espaço político e o instrumento de ação do poder local. No período enfocado, a relação entre Câmara e o poder provincial era às

---

[79] BRASIL. Constituição (1824). **Constituição política do Império do Brazil.** Rio de Janeiro. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>, acesso em 10 jan. 2021.

vezes conflitante, ainda mais depois da reforma de 1828 e da criação das Assembleias Provinciais em 1834.” (*Ibid.*, p. 25)

Lina Aras também explicou que a vereança e o magistrado de paz foram importantes formas de atuação das elites locais que, por sua vez, buscava articular a formação de representantes tanto como juiz de paz quanto na câmara de vereadores. (*Ibid.*, p. 39) A Interpretação do Ato Adicional em 1840 e a Reforma de 1841 reduziram a força judiciária e policial das autoridades municipais (vereança e juiz de paz).

Segundo Ilmar Rohloff de Mattos, as medidas adotadas pelo governo Imperial nos anos 1840 tiraram das câmaras municipais o poder de escolha sobre juízes municipais e promotores públicos e transferiram a jurisdição criminal do juiz de paz para delegados e subdelegados que eram subordinados ao Chefe de Polícia de cada província. (MATTOS, 2004, p. 186)

Outra divisão político-administrativa eram as freguesias. A presença de uma divisão eclesiástica como parte da estrutura do Estado brasileiro é explicada pela relação do padroado que tornava a Igreja Católica no Brasil subordinada ao Estado. O padroado real foi confirmado na Constituição de 1824[80] e, segundo Kátia Mattoso, o Império manteve a paróquia como uma unidade administrativa básica. (1992, p. 297)

Cândido da Costa e Silva explicou que a freguesia é uma parte do espaço institucional da diocese e que ela (a freguesia) é o local em que a relação entre clero e fiéis seria exercida: “A diocese que é o espaço institucional maior, repartiu-se em um sem número de outros menores que são as freguesias ou paróquias. [...] É pela relação clero e fiéis que se corporifica a Igreja e o lugar por excelência em que essa relação se exercita é a paróquia.” (SILVA, 2000, p. 50 – 51) Ainda de acordo com Cândido da Costa e Silva, a Independência do Brasil possibilitou a ampliação da geografia eclesiástica e o aumento de padres negros e mulatos. (*Ibid.*, p. 146) Esta ampliação, por sua vez, também resultou num processo de interiorização institucional da Igreja Católica. (*Ibid.*, p. 129)

A base física da freguesia sendo o recorte espacial que pertencia a responsabilidade do pároco ou vigário. (*Ibid.*, p. 52) Foi a partir do século XIX que o sertão começou a contar com um clero diocesano menos escasso o que não quer dizer que não houvesse dificuldades para os párocos uma vez que o território de muitas das freguesias sertanejas era grandes e dificultava a circulação dos padres. (*Ibid.*, p. 50; 61 – 62)

---

[80] BRASIL. Constituição (1824). **Constituição política do Império do Brazil.** Rio de Janeiro. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>, acesso em 10 jan. 2021.

Cândido da Costa e Silva também explicou que somente em meados do século XIX que o mapa da geografia diocesana na Bahia alcançou estabilidade após a incorporação, em 1855, das freguesias da antiga comarca do rio São Francisco à arquidiocese (*Ibid.*, p. 50):

Quadro 1: Freguesias da comarca do rio São Francisco incorporadas em 1855 e o ano de criação

01	São Francisco das Chagas da Barra do Rio Grande	1697
02	Santo Antonio da Vila do Pilão Arcado	1718
03	Sant'Ana do Rio Preto	1804
04	Sant'Ana do Campo Largo	1804
05	São José da Carinhanha	1804
06	Nossa Senhora da Glória do Arraial do Rio das Éguas	1806
07	Santíssimo Sacramento e Sant'Ana do Angical	1821
08	Sant'Ana dos Brejos	1868
09	Nossa Senhora do Rosário da Vila do Remanso	1872
10	São José do Riacho da Casa Nova	1873

Fonte: Cândido da Costa e Silva (2000, p. 73).

As freguesias serviam, conforme exposto, como um espaço de atuação do clero. Porém, no Brasil Império as funções dos membros do clero não estavam limitadas à assistência religiosa e terminavam participando da administração da vida civil brasileira com os registros de batismos, casamentos e óbitos. Outra função que é preciso destacar é o registro de terras que a partir do decreto nº 1318 de 30 de janeiro de 1854, no artigo 97, encarregava os párocos de receber as declarações para o registro de terras.[81]

A administração territorial foi um elemento caro para as elites brasileiras durante o regime monárquico. Segundo Ilmar Rohloff de Mattos, a ideia de Império, principalmente após

[81] BRASIL. Decreto nº 1318 de 30 de janeiro de 1854. Manda executar a Lei nº 601, de 18 de Setembro de 1850 (Anexo: Regulamento para execução da Lei Nº 601, de 18 de setembro de 1850, a que se refere o decreto desta data.). Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/Anexos/RegulamentoD1318-1854.pdf>, acesso em 12 jan. 2021.

o golpe da maioridade, foi associada a garantia de uma unidade e continuidade da condição dominante das camadas dirigentes. (MATTOS, 2004, p. 95)

Nesse sentido as províncias desempenhavam um papel importante para a manutenção da unidade territorial brasileira e, consequentemente, para a manutenção do regime monárquico. Lina Aras explicou que a unidade nacional foi um elemento de convergência das forças políticas brasileira durante o processo de Independência (ARAS, 1995, p. 21 – 22) e que "a união das províncias existia enquanto consequência da unidade nacional e da preocupação das autoridades provinciais." (*Ibid.*, p. 24)

Em relação ao papel das províncias no jogo político do regime monárquico, Ilmar Rohloff de Mattos explicou que a defesa da indivisibilidade fez das províncias meras circunscrições territoriais e conduziu uma desqualificação da política e a um realce da ação administrativa. (MATTOS, 2004, p. 97) O enfraquecimento da autonomia provincial atendia aos projetos de setores dominantes que apostavam num Estado centralizador, forte e autoritário para controlar os conflitos diversos na sociedade brasileira e fundamentar a posição de poder dos membros das elites.

Segundo José Murilo de Carvalho a "defesa de um Estado centralizado e forte, se beneficiava os setores dominantes na medida em que reduzia a probabilidade de conflitos mais profundos, fortalecia também as bases de poder da elite." (CARVALHO, 2014, p. 235) Esse autor ressaltou que a estabilidade do sistema imperial dependia da capacidade dos conflitos entre os grupos dominantes serem processados pelas normas constituídas pelo Estado brasileiro. (*Ibid.*, p. 42 – 43)

Assim, conforme Ilmar Rohloff de Mattos, caberia a uma elite ilustrada administrar o Império e que essa camada dirigente, por sua vez, era elaborada no Estado. (MATTOS, 2004, p. 97; 169) Ilmar Rohloff de Mattos também relacionou a Coroa com o partido político na concepção gramsciana, afinal ela não estaria limitada à figura do Imperador, mas sim, aos interesses da classe que se moldava naquele momento:

> A íntima relação entre a construção do Estado imperial e a constituição da classe senhorial faz que a Coroa assuma, desse modo, o papel de um *partido*, nos termos em que Antonio Gramsci o propõe. E este papel define a sua modernidade. Por se constituir na expressão e forma mais avançada dos interesses da classe em constituição, a Coroa como um partido político não se reduz à figura do Imperador. (*Ibid.*, p. 104)

Mattos completa afirmando que,

> Como um partido, a Coroa deve lidar com as fissuras e divergência no interior da classe com os afastamentos dos que se constituem em aliados, com os movimentos dos contingentes que se lhe opõem, dando-lhes e, ao assim ao proceder, propicia a unificação e homogeneização dos representantes políticos da classe senhorial, habilitando-os para o exercício de uma direção e de uma dominação. (*Ibid.*, p. 105)

A manutenção da Coroa e a unidade nacional eram dois elementos que se fundiam e cabia à elite dirigente da sociedade dar suporte para o regime monárquico com o objetivo de manter a sua condição de camada dominante. Para isso, era preciso administrar as diversas regiões e os conflitos internos das elites, bem como as convulsões populares.

Administrar o território não estava limitado aos movimentos de instalação de autoridades locais e à execução das leis. Era preciso mais do que leis, ordenação territorial e agentes repressores e reguladores do Estado brasileiro: também fazia-se necessário tornar cada pedaço de chão do país viável economicamente e “civilizar” a população dos rincões. (MATTOS, 2004) A noção de civilizar expressada no Brasil oitocentista era nitidamente eurocêntrica. O ideal civilizatório das elites brasileiras estava pautado em noções culturais e intelectuais advinda da Europa e isso fazia parte do jogo de dominação das camadas subalternas. Para administrar era preciso conhecer conforme Pérola Castro explicou: “No século XIX, o imperativo “conhecer para administrar” permanecia forte no campo das representações, uma vez que o território nacional brasileiro era um patrimônio ainda não de todo dimensionado.” (CASTRO, 2016, p. 46)

Caberia ao Segundo Reinado o avanço sobre os estudos do território brasileiro. A carência de dados por vezes dificultava o avanço de projetos de emancipação de alguns membros das elites regionais que almejavam o status de província, como veremos mais adiante. Para conhecer melhor o interior do país, o Império contou não só com intelectuais de diversas formações como também das autoridades instaladas em várias comarcas sertanejas.

Nas próximas seções trataremos do processo de transferência da comarca do rio São Francisco para a Bahia e os projetos do Estado Imperial brasileiro para esta área sertaneja. Se afirmamos anteriormente, citando Pérola Castro, que era preciso conhecer para administrar, notaremos que o Estado nascente precisou trabalhar e realizar muitas ações ao mesmo tempo: conhecer, ordenar e administrar. Para isso, se fez valer de seus agentes que ora estavam a aplicar as normas estabelecidas no legislativo nacional, ora estavam fornecendo informações ao governo para aprimorar o conhecimento e os projetos deste para o interior.

3.2. A COMARCA DO RIO SÃO FRANCISCO: ENTRE PERNAMBUCO, MINAS GERAIS E BAHIA

No curto espaço de tempo entre 1820 (criação da comarca do rio São Francisco) e 1827 (transferência da comarca para a Bahia), o sertão do rio São Francisco foi alvo de algumas preocupações do Estado central (inicialmente português e, posteriormente, brasileiro). A comarca do rio São Francisco foi criada após ser desmembrada da comarca do Sertão de Pernambuco em 1820. Este processo fez parte do ordenamento territorial do Império português.

A comarca do Sertão de Pernambuco, por sua vez, foi criada pelo alvará de 15 de janeiro de 1810 do príncipe regente D. João VI e começava na vila de Cimbres e no julgado de Garanhuns e finalizava em Carinhanha. A justificativa era dificuldade da administração da justiça no interior do país.

> Haverá uma nova Comarca, que se há de denominar do Sertão de Pernunbuco, e comprehenderà a villa de Cimbres, os Julgados de Garanhuns, de Flores na Ribeira do Pajehú, de Tacaratú, de Cabrobó, a Villa de S. Francisco das chagas, na Barra do Rio Grande, vulgarmente chamada da Barra, as povoações do Pilão Arcado, Campo Largo e Carinhanha, que hei por bem desmembrar da Comarca de Pernambuco. E porque a Villa da Barra do Rio Grande pertencendo á Capitania de Pernambuco era da correição da Jacobina, por estar mais proxima a ella do que á Cabeça da Comarca respectiva: sou outro sim servido ordenar, que fique pertencendo a sua Correição à nova Comarca, visto que cessam com esta creação os motivos referidos.[82]

Segundo Barbosa Lima Sobrinho, a criação dessa comarca chegou a ser planejada pelo governador pernambucano Caetano Pinto de Miranda Montenegro em 1805. Para Lima Sobrinho isso era um exemplo do protesto de Pernambuco contra a interferência baiana, via Jacobina, ainda no começo do século XIX.[83] (LIMA SOBRINHO, 1929, p. 169)

Apesar da margem esquerda do rio São Francisco pertencer à capitania de Pernambuco, o controle jurídico estava ligado à Jacobina na Bahia. Com o alvará de 1810, este controle deixava de ser baiano e passava ser pernambucano. Dessa forma, a presença do Estado português aumentava no sertão pernambucano, ou seja, em áreas distantes dos centros de decisão, como explicou Denis Antônio de Mendonça Bernardes: “Tal decisão real significou,

---

[82] BRASIL. **Colecção de Leis do Brazil de 1810** – cartas de leis, alvarás, decretos e cartas régias. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891. Disponível em < http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao1.html> Acesso em 23 jan 2019. P. 02.

[83] A obra de Barbosa Lima Sobrinho citada é um trabalho fruto da reivindicação da devolução do território da comarca do rio São Francisco por parte de intelectuais pernambucanos no começo do século XX. Trata-se de um esforço em provar que Pernambuco foi lesado historicamente por D. Pedro I e pela interferência baiana.

através da divisão judiciária, uma importante intervenção no território da capitania de Pernambuco, marcando também uma maior presença do poder do Estado em áreas mais afastadas do litoral e dos tradicionais centros administrativos.” (BERNARDES, 2006, p. 109 – 110)

A criação da comarca do Sertão de Pernambuco fazia parte das tentativas do governo pernambucano e do Império português em aperfeiçoar a administração territorial e controlar as ações de indivíduos indicados como criminosos ou facinorosos. De acordo com Alexandre Alves Dias (1997), baseado em Barbosa Lima Sobrinho, o tamanho da capitania, associado com o “excesso de militares” (inclusive sem patente ou tropas para comandar) e os problemas com salteadores, foi entendido pelo governador de Pernambuco, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, como uma dificuldade para a atuação de autoridades com os ouvidores corregedores:

> Caetano Pinto atribuía, tanto para o problema dos salteadores como para o dos militares em excesso, a grande extensão da Província de Pernambuco e a dificuldade que os Ouvidores Corregedores tinham para irem correger aos juízes ordinários e seus escrivães, deixando de visitar, por exemplo, os julgados de Cabrobó, Flores e Tacaratu, onde essas autoridades exerciam a justiça a seu bel prazer. Como solução, Caetano Pinto apontava a criação de mais uma Comarca, que poderia ter sua sede em Flores ou no Arraial de Pilão Arcado. De modo que, segundo o entendimento daquele Governador, a criação de mais uma Comarca e a conseqüente posse de mais um Ouvidor reduziria os desmandos de autoridades dos Juízes Ordinários e da concessão de títulos militares através da fiscalização mais ampla e melhor distribuída. (DIAS, 1997, p. 80 – 81)

Portanto, de acordo com Alexandre Dias a criação de uma comarca seria a solução para a melhor atuação dos juízes ordinários diante das tarefas de fiscalização, bem como para a redução da concessão de patentes militares que parece ter sido um problema dentro da capitania pernambucana. Esta circunstância estaria resultando em situações de mando local e/ou inoperância das autoridades. (*Ibid.*) Ou seja, o controle e a fiscalização do território passavam por um processo de regulação daqueles que exerciam funções militares por conta de títulos concedidos, bem como o aprimoramento da execução da repressão aos salteadores e outros criminosos.

É possível que a preocupação do governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro com os “militares em excesso”, citada por Dias, esteja relacionada em parte com as tropas irregulares ou de ordenanças. Deixamos esta hipótese por não termos encontrado menção de quais/quantos militares descritos. Segundo Márcio Santos, baseado em Francis Alberto Cotta,

os postos oficiais nem significavam um ganho monetário por isso, mas aquisição de prestígio social. (SANTOS, 2017, p. 264)

A Coroa portuguesa realizou uma nova divisão através do alvará, do dia 03 de junho de 1820, no qual a comarca do sertão de Pernambuco teve parte do seu território desmembrado para a criação da comarca do rio São Francisco com sede em Barra. A nova comarca compreendia as vilas de Pilão Arcado, Barra e as povoações de Campo Largo e Carinhanha. Campo Largo, no mesmo alvará, foi elevado à categoria de vila.[84] (BERNARDES, 2006, p. 111-112) Assim a Coroa portuguesa estabelecia a nova divisão:

> Haverá uma nova comarca desmembrada da do sertão de Pernambuco, que se ha de denominar Comarca do Rio de S. Francisco, e comprehenderá a Villa de S. Francisco das Chagas, vulgarmente chamada de Barra, a de Pilão Arcado, e as povoações de Campo Largo, e Carunhanha [*sic*][85], com seus respectivos termos, sendo a cabeça da comarca a Villa de S. Francisco da Barra: todas as mais Villas e Povoações, que se acham referidas no sobredito Alvará de 15 de janeiro de 1810, e que não vão neste indicadas, ficarão pertencendo á comarca do Sertão de Pernambuco.[86]

Segundo Barbosa Lima Sobrinho desde 1811 havia solicitação para esta separação e que em 1819 havia um pleito por uma nova divisão partindo da vila de Barra, através da sua câmara e do juiz ordinário e presidente, João Maurício Wanderley[87]. A alegação se fundamentava nas dificuldades administrativas que resultavam em problemas como a falta de correição que segundo os barrenses não ocorreu entre os anos de 1811 e 1818:

> Já nessa altura [*1819*], os próprios moradores da região pleiteiavam a divisão da Comarca do Sertão de Pernambuco. Tomava a iniciativa do movimento a Câmara da Vila da Barra, com o seu juiz ordinário, e presidente, João Maurício Vanderlei, os vereadores Manuel Honorato Dantas Barbosa e o procurador

---

[84] De acordo com o alvará de 03 de junho de 1820, a elevação à categoria de Vila obrigava o atendimento de "prerrogativas, privilégios e franquezas" que eram concedidas às vilas: "E se fará levantar pelourinho, casa da Camara, cadeia, e as officinas do Concelho, á custa dos moradores dela." BRASIL. **Colecção de Leis do Brazil de 1820.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889. Disponível em < http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao1.html> Acesso em 23 jun 2019. P. 39.

[85] Mesmo com o uso da expressão latina *sic*, alertamos que tem sido um pouco comum encontramos variadas grafias para Carinhanha e, entre elas, podemos citar: Carunhanha, Carunhenha, Caruranha e Cariranha. Isso é mais recorrente na documentação referente ao período colonial. Essa variação talvez seja por desconhecimento ou por desprezo pela localidade por parte das autoridades, ainda mais que somado à estranheza da palavra para a língua portuguesa. Segundo Honorato Ribeiro dos Santos, inicialmente a povoação teria sido chamada de Carunhenha, mas que por vezes também era chamada de Carunhanha que poderia significar "loca de sapo": "O local primeiramente devastado chamava-se Carunhenha. Essa denominação era controvertida, querendo alguns observadores que fosse "Carunhanha", isto é, "loca de sapo", nome dado ao rio, depois a sua povoação. Entretanto, a maioria atribui esse topônimo indígena à grande cópia de aves, essas raramente hoje encontradas, nas margens das lagoas." (SANTOS, s.d., p. 12).

[86] BRASIL. ***Op. Cit.***, 1889. P. 39.

[87] Pai de João Maurício Wanderley que posteriormente se tornou o Barão de Cotegipe. Segundo Wanderley Pinho, João Maurício Wanderley (o pai) teria se instalado em Barra mais ou menos em 1792. Em 1822 ele se mudou para a Vila de Campo Largo (na Comarca do rio São Francisco) por conta dos interesses econômicos e políticos. Em Campo Largo ele exerceu a função de Capitão-mor entre 1822 e 1829. (PINHO, 1937, p. 15 – 17).

> Geraldo Barbosa Braga. Alegavam ainda os interesses da administração da justiça, em vista da "imensa longitude", em que se achavam da sede da Comarca. Diziam que de 1811 a 1818 não tinha havido nenhuma correição na Vila da Barra, o que aliás se poderia compreender, também, pelas mudanças dos Ouvidores. O certo é que os seus presos, ou morriam nas cadeias, ou se eternizavam seus livramentos, pela demora nas medidas judiciais. Daí a necessidade da divisão da Comarca, cousa que já haviam pedido em 1811, por ocasião em que alí estivera o Ouvidor José Marques da Costa, e tornavam a solicitar, por meio do Corregedor Antônio Joaquim Coutinho, que chegára à Barra a 17 de novembro de 1818. (LIMA SOBRINHO, 1950, p. XLV-XLVI)[88]

A distância justificava não só a dificuldade da ação da justiça como também a administração do território. Como já exposto, a nova comarca pertencia à Pernambuco. Ela fora desmembrada apenas da antiga comarca.

Durante o processo de independência, a comarca do rio São Francisco vivenciou as tensões entre portugueses e brasileiros ao ponto do ouvidor João Carlos Leitão ter que fugir de Barra para Carinhanha em 1823. (LIMA SOBRINHO, 1929, p. 176 – 177) Leitão aproveitou que tinha que fazer uma correção em Carinhanha e, em seguida, fugiu para o Rio de Janeiro.[89] Ele narrou o impacto da guerra do recôncavo baiano chegando nos sertões e espalhando as tensões contra os portugueses (também chamados de europeus):

> Eu bem conhecia que esta paz tão debilmente esteada não prometia longa duração; e muito mais quando a Villa da Cachoeira cada vez mais encruecia a Guerra contra os desgraçados Europeos; e que, para a sua total expulsão, daquelle infernal fóco se espalhavão pelos certões ordens secretas por pessoas de alta estofa, que por então davão as Leis, e os raios á revolução.[90]

Sérgio Armando Diniz Guerra Filho explicou que a oposição entre "portugueses" e "brasileiros" ocorreu de modo gradual e tenso e foi iniciado ao longo do ano de 1822 e que a guerra de independência tornou os dois polos inimigos. (GUERRA FILHO, 2015, p. 67) De acordo com Guerra Filho o termo "português" substituiu o termo "europeu" ao longo das lutas de independência na Bahia:

> No decorrer da Guerra de Independência na Bahia, enquanto a identidade "portuguesa europeia" ganhava os limites de "portuguesa" e passava a ser relacionada aos partidários de Lisboa, o designativo identitário "português da América" passaria a ser referido como "brasileiro". Corroborando com esta ideia, podemos perceber que a simples denominação "europeu" era usada, até

---

[88] Alertamos que nesta obra, Barbosa Lima Sobrinho escreveu um longo prefácio que foi paginado com números romanos. Para não confundir com a parte seguinte que é composta pela compilação de documentos e paginada com números arábicos, decidimos manter o formato original.

[89] LEITÃO, João Carlos. **Memoria justificativa do desembargador da relação da Bahia (hoje do Porto) João Carlos Leitão, sobre as causas extraordinárias, que demorarão a sua retirada a Portugal até o anno de 1824 ou breve relação das revoluções acontecidas na nova comarca do Rio de S. Francisco no último certão da província de Pernambuco.** Lisboa: Impressão Regia, 1825. Disponível em < https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7383>. Acesso em 01 jul 2019. P. 14 – 16.

[90] LEITÃO**. *Op. Cit.***, 1825, p. 14.

> 1822, como sinônimo de nascido em Portugal e bastava para identificar os portugueses de nascimento. (*Ibid.*, p. 68)

Dentro desse processo o termo "português" estava associado aos indivíduos que eram contrários à separação entre Brasil e Portugal que, de acordo com Sérgio Guerra Filho, não necessariamente teria relação com o local de nascimento. (*Ibid.*, p. 69) Portanto, as tensões das lutas de Independência na Bahia foram importantes para forjar essa relação de identidade entre "portugueses" e "brasileiros".

As tensões se espalharam pelos sertões e a causa da independência contou com apoio da câmara de Barra. Antes da fuga de Leitão, a vila da Barra aclamou D. Pedro I no dia 1º de janeiro de 1823 e com festejo acompanhado de missa solene pelo padre José Lúcio do Bomfim no dia 06 de janeiro de 1823. (LIMA SOBRINHO, 1950, p. LXVI) Barbosa Lima Sobrinho nos deixa um indício da centralidade do rio São Francisco quando destacou o interesse nas lutas em Oeiras no Piauí e na tentativa de formação de um batalhão do rio São Francisco para lutar contra Madeira de Mello, na Bahia. (*Ibid.*, p. LXIX)

A guerra na Bahia, portanto, contou com um esforço de diferentes províncias na luta pela expulsão portuguesa. Esta estratégia de apoio entre unidades administrativas diferentes já possuía em 1823 uma experiência histórica acumulada como demonstrado por Lina Maria Brandão de Aras ao relatar que isso ocorrera em outras ocasiões como na repressão à Insurreição Pernambucana em 1817. (ARAS, 2017, p. 260) Aras explicou que as lutas de independência na Bahia foram partilhadas com outros indivíduos do território brasileiro e, especialmente, aqueles das províncias do Norte (*Ibid.*, p. 251) e que o sacrifício nos seus embates era uma tarefa de outros tantos indivíduos e províncias identificados com a causa:

> Diversos foram os momentos em que as províncias se aproximaram e se distanciaram em busca do fortalecimento de suas sociedades regionais. O momento da guerra foi aquele em que as províncias, especialmente as do Norte, encaminharam o reforço necessário à formação de um exército que livraria a província da Bahia das amarras portuguesas. Aquela era, portanto, uma guerra de todos e como tal deveria contar com os sacrifícios de todas as províncias. O desafio estava em vencer as barreiras físicas para promover as articulações que definiam o perfil de cada uma delas e o papel a ser desempenhado na construção do estado nacional. (*Ibid.*, p. 260)

Em 17 de julho de 1823, a câmara da Barra jurou obediência a D. Pedro. (LIMA SOBRINHO, 1950, p. LXXIII; 434 – 435) Com a constituinte no horizonte, a comarca do rio São Francisco contou com dois deputados eleitos: José Joaquim de Almeida e o Padre José Lúcio do Bomfim. (*Ibid.*, p. LXXIV) Mesmo com dois deputados, um procurador foi enviado para a constituinte para defender a criação de uma província no sertão do rio São Francisco.

Coube a Tomás Antônio da Costa Alcami Ferreira levar uma representação acerca de tal criação. (MARTINS, 2010, p. 08)

Segundo Wilson Lins, no período das lutas de Independência (que também teria contado com a participação de indivíduos enviados para se integrar aos batalhões patrióticos), pequenas vilas já estavam formadas ao longo dos barrancos do rio São Francisco e seus afluentes e que mandões locais já haviam firmado sua condição de autoridade por conta da força e prestígio do tamanho de suas terras e numerosa parentela. Lins também afirmou que após a conquista da Independência teria dado esperanças para a sociedade regional de receber algum tipo de atenção e assistência por parte dos novos governantes compensando, assim, um suposto desprezo por parte de Portugal durante os séculos de dominação colonial. (LINS, 1983, p. 38; 43) Esses fatores podem ter estimulado as pretensões das elites regionais san-franciscana a articularem uma emancipação. Outros fatores como distância para Recife e a experiência acumulada nas tentativas de reforço autonomista como a formação da comarca também podem ter servido para forjar o sentimento separatista em relação à Pernambuco e formação de uma província a ser dirigida pelos próprios sertanejos.

Na representação feita por Tomás Ferreira ficou nítido a associação do desenvolvimento econômico com o que era considerado progresso civilizacional, mas, que era preciso a criação de uma unidade administrativa tal qual uma província para garantir uma melhor ocupação do nascente Estado brasileiro e para o controle de “facinorosos, insubordinados e valentões” que circulavam na região. Ferreira destacou a navegabilidade do rio e a diversidade de produtos oriundos da região ou que poderiam ser explorados como os óleos de amêndoas silvestres (buriti, pequi, baru[91] e outras que são citadas).[92]

O pedido foi indeferido com a justificativa de que as divisões políticas do território brasileiro ainda não estavam definidas.[93] O processo de criação da comarca do rio São Francisco (incluindo aí a criação da comarca do sertão de Pernambuco) alimentou um sentimento autonomista, especialmente, em Barra que era o centro político da região, conforme exposto anteriormente. Para Herbert Toledo Martins (2010) a justificativa da ineficiência e/ou ausência

---

[91] O nome científico é Dypterix alata e é da família das *Fabaceae*. Tem como habitat “Mata de galeria, mata seca semidecídua, cerradão, cerrado (*stricto sensu*), área antrópica”. (MEDEIROS, 2011, p. 232).

[92] CÂMARA DOS DEPUTADOS. Requerimento de Tomás Antônio da Costa Alcami Ferreira, com despacho de 25-08-1823. Disponível em < https://arquivohistorico.camara.leg.br/index.php/requerimento-de-tomas-antonio-da-costa-alcami-ferreira-com-despacho-de-25-08-1823>, acesso em 25 jan. 2019.

[93] CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do parlamento brasileiro** – Assembléa constituinte, 1823. V. 04. Rio de Janeiro: Typographia do Imperial Instituto Artístico, 1874. P. 151.

da infraestrutura do Estado português teria forjado o sentimento autonomista em Barra nas primeiras décadas do século XIX.

O fechamento da Assembleia Constituinte gerou um fato novo que a historiografia pernambucana justifica como a causa da mutilação do seu território: a Confederação do Equador. Para autores como Barbosa Lima Sobrinho e Flávio Guerra a retirada da Comarca do rio São Francisco foi uma punição dada pelo Imperador D. Pedro I à Pernambuco por causa da Confederação do Equador em 1824 e, também, uma forma de conter o avanço da revolta para o interior do país. (LIMA SOBRINHO, 1929, p. 179 – 184) (GUERRA, 1974, p. 79) De acordo com Flávio Guerra a Bahia arquitetou a obtenção da posse legal do território da margem esquerda do rio São Francisco que foi concedida em 1827. (GUERRA, 1951, p. 66 – 67)

Erivaldo Fagundes Neves cita Eduardo Spínola, que nos debates acerca da posse do território do São Francisco no início do século XX, afirmou que a transferência não teria relação com a punição à Confederação do Equador. (NEVES, 2012) Por fim, concordamos com Lina Maria Brandão de Aras que indicou que a retirada da comarca demonstra como o governo no Rio de Janeiro acompanhava o desenvolvimento de atividades rebeldes em Pernambuco (que posteriormente eclodiu a Confederação do Equador) e que a transferência fazia parte da estratégia do Estado imperial em se aproximar mais do centro do país e, posteriormente, evitar que a Confederação do Equador se espalhasse por outros rincões. (ARAS, 2010)

O decreto do governo imperial de 07 de julho de 1824 desligou temporariamente da província de Pernambuco a comarca do rio São Francisco e incorporou à província de Minas Gerais. Assim, o governo brasileiro destacava a preocupação com o alastramento da revolta e a fidelidade da população do sertão do rio São Francisco com a causa da independência. Podemos afirmar, no entanto, que esta fidelização foi um ato mais das elites e autoridades do que da população sanfranciscana. Ainda nos faltam dados para entendermos melhor como a população no seu conjunto reagiu à independência. Neste mesmo decreto os recursos judiciais foram sujeitados à Relação da província da Bahia.[94]

Ainda no mês de julho de 1824, algumas tropas foram enviadas para os novos limites da província de Minas Gerais com Pernambuco. O jornal Abelha de Itaculumy publicou uma cópia do ofício da presidência de Minas Gerais para o ouvidor da comarca do rio São Francisco

---

[94] BRASIL. **Colecção de Leis do Brazil de 1824.** 2ª parte. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886. Disponível em < https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao2.html> Acesso em 03 jul 2019. P. 42 – 43.

informando o envio de uma tropa para as proximidades do julgado de Cabrobó.[95] Isso nos permite refletir sobre a importância estratégica do sertão do rio São Francisco que teve a sua principal comarca transferida para Minas Gerais como uma jogada para minar a expansão da rebeldia pernambucana como também para a partir do controle das autoridades locais (e sua respectiva lealdade ao nascente Império) empurrar as forças repressivas para as novas fronteiras de Pernambuco. Mais precisamente, a transferência da comarca significou uma transferência de subordinação e é bem possível que os estadistas analisassem o sertão do rio São Francisco como estratégico para o controle não só das províncias do norte como do centro do país.

A comarca do rio São Francisco passou poucos anos na província de Minas Gerais. Nesse tempo houve uma nova tentativa de criação de província liderada por Barra e Campo Largo que propuseram a criação de uma unidade provincial envolvendo julgados e vilas de Piauí, Bahia e Minas Gerais. No dia 04 de julho de 1825, o conselho do governo de Minas Gerais recebeu de Francisco Pereira Santa Apolonia um parecer desfavorável à criação da nova província. Entre as considerações estavam os problemas de Barra com as cheias do rio São Francisco e epidemias,[96] a insalubridade dela e de outras vilas como Campo Largo e Pilão Arcado e a possibilidade de tal criação lesar a província mineira com a transferência da comarca diamantina do Serro.

A preocupação com as epidemias no sertão do São Francisco foi recorrente ao longo do século XIX ainda mais com a dificuldade de acesso à hospital. Só em 1852 foi inaugurado o Hospital de São Pedro d'Alcântara da Villa da Barra que era administrado pela Santa Casa de Misericórdia da Vila da Barra, porém, não foi o suficiente para o atendimento da demanda regional. Além do referido hospital de caridade, outras medidas foram tomadas na tentativa de combater algumas doenças como pelo pedido da Câmara de Vereadores de Campo Largo, em 1875, por sementes de eucalipto (mais precisamente o "Eucaliptus Globulus") que ajudaria a combater a febre paludosa.

Na leitura do parecer foi destacado a economia pautada na produção de mandioca, carás, milhos e outros grãos que eram plantados nas margens umedecidas pelas cheias do rio São

---

[95] BN. ARTIGOS de Ofício. Minas Gerais. **Abelha de Itaculumy**. Ouro Preto: Oficina Patrícia de Barboza E C. Nº 86, 28 de julho de 1824. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/778931/343>. Acesso em 03 jul. 2019.

[96] APEB. Seção Colonial e Provincial. Religião – Santa Casa de Misericórdia da Barra do Rio Grande (1852 – 1879). Maço 5297; APEB. Seção Colonial e Provincial. Governo da Província: Saúde (Hospitais) – 1823 – 1883. Hospital de Caridade da Vila da Barra do Rio Grande. Maço 5390; APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência recebida da câmara Campo Largo. Maço: 1288.

Francisco. Também foi destacada a criação de gado, farinha, sal-gema e do salitre extraído de Montes Claros. A fabricação e comercialização de goiabada e rapadura foram apontadas como resultado de “limitada cultura”. Ou seja, de uma produção incipiente para justificar a potencialidade econômica. A inclusão de Parnaguá do Piauí e de julgados baianos foi justificado pelos negócios com ouro, pedras e chumbo da Galena.[97]

Ainda no mesmo parecer, Santa Apolonia recomendou que os recursos da justiça da Relação fossem transferidos para Goiás devido à facilidade da navegação. A proposta envolvia a transferência da Relação de Pernambuco[98] para o centro do país de modo a contemplar outras áreas e, inclusive, a Comarca do rio São Francisco.[99]

Na leitura de um novo parecer no Conselho do Governo de Minas Gerais outros elementos surgiram como a perspectiva do comércio do rio São Francisco ser pela navegação e isso justificaria a anexação do território abaixo da cachoeira de Pirapora, bem como os julgados e vilas da Bahia que ficam na beira do mesmo rio e na beira do rio Verde. Destacou a proximidade das vilas baianas do rio São Francisco e de Parnaguá no Piauí que estariam mais próxima de Barra do que Salvador e Oeiras e teriam a navegação como um elemento de comunicação. O parecer destacou que a criação da unidade administrativa poderá ser fortuita para a população do sertão do São Francisco que naquele momento viveria, conforme o parecerista, “quase no estado da natureza em continuas rixas”.[100] A criação da nova província não poderia prejudicar as outras com as desanexações de algumas partes dos respectivos territórios, sem contar que o novo território carecia de rendas para as despesas da administração provincial. Assim, a conclusão é que se ela não fosse levantada (como de fato não foi), que a comarca do rio São Francisco fosse transferida para a Bahia ou Piauí. De forma explícita o parecerista afirmou que ela não continuasse com Minas Gerais e nem fosse devolvida para

---

[97] BN. **Diário do Conselho do Governo da Província de Minas Geraes**. Ouro Preto: Officina Patricia de Barboza, E Cª. 1825. Nº VI. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/759457/23>. Acesso em 03 jul. 2019.

[98] O Tribunal da Relação de Pernambuco foi criado em fevereiro de 1821 num contexto de instabilidade política pós revoluções de 1817 (em Pernambuco) e 1820 (em Portugal). (MELLO, 2018, p. 95 – 96).

[99] BN. **Diário do Conselho do Governo da Província de Minas Geraes**. Ouro Preto: Officina Patricia de Barboza, E Cª. 1825. Nº VI. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/759457/23>. Acesso em 03 jul. 2019.

[100] BN. **Diário do Conselho do Governo da Província de Minas Geraes**. Ouro Preto: Officina Patricia de Barboza, E Cª. 1825. Nº XIV. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/759457/61>. Acesso em 03 jul. 2019. P. 65.

Pernambuco – que, mesmo assim, foi considerada como uma opção melhor do que a manutenção como território mineiro.[101]

A proximidade com Oeiras e as relações comerciais da comarca com Salvador com o abastecimento de gado também serviram como justificativa para ter Piauí e Bahia como as duas principais opções de transferência. A possibilidade de criação da província foi adiada mais uma vez, porém uma brecha para a transferência da comarca do rio São Francisco para Bahia ou Piauí estava aberta.

No mapa da província de Minas Gerais elaborado pelo Coronel E.G. Barão de Eschwege e atualizado por Luiz Maria da Silva Pinto, a comarca do rio São Francisco apareceu separada no mapa. Originalmente, o mapa é de 1821, porém, o que apresentamos, logo a seguir, havia passado por uma atualização feita por Luiz Maria da Silva Pinto em 1826:

[101] BN. **Diário do Conselho do Governo da Província de Minas Geraes**. Ouro Preto: Officina Patricia de Barboza, E Cª. 1825. Nº XIV. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/759457/61>. Acesso em 03 jul. 2019.

Mapa 04: Mapa da província de Minas Gerais - 1826

Fonte: ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. **Mappa da provincia de Minas Geraes : Levantado pelo Coronel E. G. Barão d'Eschwege.** 1826. 1 mapa, 56 x 76. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart525844/cart525844.jpg. Acesso em: 15 dez. 2020.

Como podemos notar, a comarca do rio São Francisco foi apresentada num quadro no canto inferior esquerdo. Talvez a condição de posse temporária ou as dificuldades técnicas e tecnológicas para edição de um novo mapa tenha gerado esta interpretação lançada por Pinto:

Mapa 05: Detalhe da comarca do rio São Francisco de posse mineira

Fonte: *Ibid*.

Na sessão de 05 de maio de 1827 da Assembleia Geral, Bernardo Pereira Vasconcellos questionou ao governo imperial os motivos da comarca do rio São Francisco ter sido transferida para a província de Minas Gerais e não para as províncias do Piauí ou Bahia e alegou que devido à distância para Ouro Preto e outros trechos da província mineira, que a população local sofria muito para resolver os problemas. No mesmo pronunciamento ele explicou que a Bahia seria muito mais próxima do que Minas Gerais e pediu urgência para a solução.[102]

[102] BN. CAMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. Segundo anno da primeira legislatura, sessão de 1827. Tomo I. Rio de Janeiro: Typographia de Hyppolito José Pinto & Cº, 1875. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/132489/1355>. Acesso em 03 jul. 2019.

A falta de um mapa corográfico foi alegada na sessão de 19 de junho de 1827 e permanecendo a dúvida de Vasconcellos.[103] Ainda em 05 de maio de 1827, Antonio Paulino Limpo havia explicado que possivelmente a opção por Minas Gerais seria pelo fato da Bahia e do Piauí estarem vulneráveis ao "contágio" da Confederação do Equador.[104]

Diante da dúvida levantada por Vasconcellos, a Comissão de estatística lançou um parecer, que foi lido na sessão de 25 de junho de 1827, na qual propõe a transferência para a província da Bahia justificando pela conveniência geográfica:

> A commissão de estatística vendo a indicação do illustre deputado o sr. Vasconcellos, a respeito da comarca do Rio de S. Francisco separada da província de Pernambuco e provisoriamente encorporada á de Minas-Geraes pelo decreto de 7 de julho de 1824, tem a honra de expor a esta camara que achando-se a comarca em questão muito distante da imperial cidade de Ouro Preto, capital da província de Minas-Geraes, assim como da cidade do Recife, capital da província de Pernambuco, estando separada de Goyaz pelo vasto deserto que termina na serra de Tagoatinga, e do Piauhy por uma aspera e pequena cordilheira no seu extremo meridional e oriental, e província da Bahia de que está separada pelo Rio de S. Francisco. Ponderando além disto a commissão que a justiça será mais prompta e efficazmente administrada nesta comarca, quanto menos distante ella ficar da séde das autoridades supremas de qualquer província do imperio, e verificando-se este quesito na cidade da Bahia, onde os povos encontrarão imediatos recursos contra os vexames dos poderosos, cujas prepotencias desafião a immoralidade, a reacção e a anarchia.[105]

Em seguida a assembleia geral legislativa do Império encaminhou o único artigo:

> A comarca do Rio de S. Francisco, que se acha provisoriamente encorporada á província de Minas-Geraes, em virtude do decreto de 07 de junho de 1824, ficará provisoriamente encorporada á província da Bahia, até que se faça a organisação geral das províncias do Império.[106]

Em 31 de julho de 1827 a discussão sobre a transferência da comarca do rio São Francisco para a Bahia foi realizada sem pronunciamentos contrários e com a aprovação dela.[107]

---

[103] BN. CAMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. Segundo anno da primeira legislatura, sessão de 1827. Tomo II. Rio de Janeiro: Typographia de Hyppolito José Pinto & Cº, 1875. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/132489/1355>. Acesso em 03 jul. 2019.
[104] BN. CAMARA DOS DEPUTADOS. ***Op. Cit.*** Tomo I. 1875. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/132489/1355>. Acesso em 03 jul. 2019.
[105] BN. CAMARA DOS DEPUTADOS. ***Op. Cit.,*** Tomo II. 1875. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/132489/1355>. Acesso em 03 jul. 2019. P. 148. Grifo nosso.
[106] *Ibid*.
[107] BN. CAMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. Segundo anno da primeira legislatura, sessão de 1827. Tomo III. Rio de Janeiro: Typographia de Hyppolito José Pinto & Cº, 1875. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/132489/1783>. Acesso em 03 jul. 2019. P. 337

Em 15 de outubro de 1827 foi decretado a incorporação provisória da comarca do rio São Francisco à província da Bahia.[108]

Para Barbosa Lima Sobrinho, a anexação foi fruto de um acordo de D. Pedro I com a província da Bahia quando ele teria prometido, em 1826, aumentar o território baiano. (LIMA SOBRINHO, 1929, p. 185 – 186) Ainda não temos base para confirmar o tal conluio entre D. Pedro I e as elites baianas envolvendo a comarca do rio São Francisco. Porém, não podemos desprezar que a Bahia ficou com as duas margens de um dos principais trechos navegáveis do médio São Francisco e aumentou consideravelmente seu território. Juridicamente e administrativamente as autoridades do sertão do rio São Francisco passaram a ter uma nova situação que seria a relação política direta com a nova província. Mas, isso não quer dizer que outras articulações com a antiga margem baiana já não existissem.

Um indício de tais articulações podem ser observada na correspondência datada de 25 de junho de 1826 e enviada pelo desembargador, ouvidor e corregedor da Comarca do rio São Francisco, Miguel Joaquim de Cerqueira e Silva que, ao escrever para o presidente da província da Bahia, apresentou uma situação de tensão envolvendo, inclusive, autoridades da margem direita, mais precisamente do arraial de Xique – Xique, em 1826.

A precatória para a prisão de Tomaz de Aquino por conta de alguns crimes cometidos na Bahia gerou uma tensão entre as autoridades de Barra e Xique-Xique. Aquino fugiu para Xique-Xique onde, segundo Cerqueira e Silva, ele seria protegido do juiz Francisco Xavier e do capitão Álvaro Antonio de Campos. Na ocasião, o juiz ordinário de Barra, Manoel do Rego e Silva e Feliz Soares de Albuquerque foram presos sob acusação de serem cúmplices de Tomaz de Aquino. Esta prisão teria irritado o capitão Álvaro Antonio de Campos que reuniu mais de 200 homens ("e outros scelerados") armados em Xique-Xique na beira do rio prontos para atravessar para Barra. Com o impasse, a câmara da vila de Barra realizou uma reunião extraordinária e decidiu por soltar os dois presos. Porém o clima ainda permaneceu tenso por eles terem sido soltos de forma condicional.[109]

Para reforçar tais laços às vésperas da transferência para Bahia podemos também exemplificar com a queixa do ouvidor da comarca de Macaúbas (na Bahia), Francisco Alves de Almeida Freitas que, em 28 de junho de 1826, escrevera ao presidente da província acerca de

---

[108] BRASIL. **Colecção de Leis do Império do Brazil de 1827** – Actos do poder legislativo. 1ª parte. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1875[?]. Disponível em < https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao2.html> Acesso em 23 jun 2019. P. 66.

[109] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo da província: justiça – Correspondência recebida das ouvidorias das vilas (1826). Maço: 2213.

um conflito entre Macaúbas e a vila de Urubu na qual o escrivão desta vila teria falsificado alguns documentos com assinaturas feitas por moradores de Barra (então pertencente à província de Minas Gerais). Além disso, uma série de signatários foram desqualificados pelo missivista como negros e meninos. [110]

Ou seja, podemos notar que ora na tensão, ora na articulação, os indivíduos possuíam relações e de modo que demonstra o quão era frouxa os limites impostos pelas fronteiras. Barra, em certo sentido, já era um centro com indivíduos capazes de articular em diferentes pontos do sertão do São Francisco laços políticos que demonstram como ela estava conectada com vilas e arraiais que, inclusive, não eram da mesma província. Isso talvez fosse um indicativo de como o procedimento de tentativa de criação de província em 1823 e 1825 já estivesse presente a ação de uma elite e, consequentemente, autoridades articuladoras dentro de um sertão.

A transferência proporcionou uma nova situação que seria o controle territorial da Bahia das duas margens do médio São Francisco, mas não sem antes construir laços com as autoridades locais. O sonho da província são-franciscana ficou para outra ocasião e restava à Bahia e ao Império dar um novo sentido à estratégica região do rio São Francisco. Fica notório como ela tinha uma importância geoestratégica não só pela ligação entre as províncias do norte com as do sul, mas também pela aproximação com o centro do Brasil. Assim, a navegação e a ferrovia nas imediações do rio São Francisco entraram na pauta de debates acerca do sertão são-franciscano. Para entendermos os planos do Estado brasileiro para o rio São Francisco é importante observar a preocupação com as vias de comunicação e como os relatórios produzidos revelam aspectos econômicos da região.

3.3. ECONOMIA SÃO-FRANCISCANA: INTERAÇÕES, INTERESSES E PROJETOS

A navegabilidade do rio São Francisco foi um dos fatores que permitiu a circulação comercial entre diversas localidades nos sertões pernambucano, baiano e mineiro. É possível arriscar que, em certa medida, esta navegabilidade ainda contribuiu para as relações mercantis em Goiás e no Piauí, ainda mais se considerarmos os afluentes da margem esquerda como meios de aproximação com a fronteira oeste e noroeste da Bahia. Ângelo Carrara demonstrou que o sertão do São Francisco, em especial a margem esquerda da parte média, possuía conexões

---

[110] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo da província: justiça – Correspondência recebida das ouvidorias das vilas (1826). Maço: 2213.

(algumas desde o período colonial) e, consequentemente, era o caminho para outras tantas regiões como o sul do Piauí, Maranhão, norte de Goiás, além das águas do rio ligarem Pernambuco, Minas Gerais e Bahia. (CARRARA, 2001, p. 84 – 91)

A navegação foi um dos temas sobre o rio São Francisco mais debatidos seja entre os parlamentares, intelectuais ou imprensa. Algumas excursões foram realizadas pelo rio São Francisco com o propósito de traçar um diagnóstico sobre as condições de navegabilidade e organização de um plano de desenvolvimento para tal. Algumas dessas viagens resultaram na elaboração de relatórios e mapas que descreviam a região, mas com o olhar externo sobre a paisagem, a sociedade e as possibilidades de exploração econômica.

A preocupação com a comunicação interior demonstra a atenção dada não só para as questões comerciais como estratégicas. De acordo com Kátia Mattoso, a dificuldade dos caminhos entre Salvador e os sertões baianos empurrou a capital da província para privilegiar importações entre o norte e o sul através de seu porto, ou seja, com o mar sendo a principal via de comunicação:

> Os caminhos do Sertão eram tão precários que, até meados do século XIX, Salvador continuava a importar, do Norte ou do Sul, por via marítima, quase toda sua carne-seca e a exportar, também por via marítima, todos os produtos agrícolas comerciais originários do Recôncavo.[111] (MATTOSO, 1992, p. 64)

Segundo Elizabeth Kiddy (2010) é possível encontrar a presença de viajantes na década de 1830, porém as encomendas de pesquisa passaram a ser recorrentes a partir da década de 1840. A autora destacou inicialmente a viagem do pernambucano Aristides Franklin de Mornay que, com seu filho partiu de Ouro Preto em Minas Gerais até a foz do rio São Francisco, entre 1835 e 1838, visando analisar as condições de navegabilidade. Ela também destacou o relatório de Marianno Joaquim de Siqueira que dava conta do período entre 1842 – 1845. Este relatório teria sido enviado ao presidente da província de Minas Gerais. (*Ibid.*, p. 124)

O Correio da Tarde, do Rio de Janeiro, publicou a primeira parte do relatório de Marianno Joaquim de Siqueira na edição nº 1149, de 24 de dezembro de 1851 e, a segunda parte, na edição nº 1150, de 19 de dezembro de 1851.[112] Segundo Siqueira, a navegação de

---

[111] Segundo Gabriel Pereira de Oliveira, na década de 1840 as elites baianas estavam interessadas em superar as dificuldades da comunicação com o interior principalmente para controlar a produção e fazer circular na capital as riquezas contidas nos sertões. (OLIVEIRA, 2015, p. 65 – 66).

[112] SIQUEIRA, Marianno Joaquim de. Descrição practica do Rio de S. Francisco, por Marianno Joaquim de Siqueira, Major graduado de infantaria da 1ª classe do exército. **Correio da Tarde**. Rio de Janeiro. 24 dez. 1851. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/616028/4479 >, acesso em 11 set. 2019; SIQUEIRA, Marianno Joaquim de. Descrição practica do Rio de S. Francisco, por Marianno Joaquim de Siqueira, Major graduado de infantaria da 1ª classe do exército. **Correio da Tarde**. Rio de Janeiro. 29 dez. 1851. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/616028/4483>, acesso em 11 set. 2019.

barcas,[113] ajoujos[114] e canoas[115] começaria na cachoeira de Pirapora (província de Minas Gerais) e desceria[116] o rio até o primeiro obstáculo que era a cachoeira de Sobradinho. Siqueira fez uma breve descrição das vilas, arraiais e afluentes ao longo do rio São Francisco. As condições técnicas e geomorfológicas para a navegação e formação não apareceram no relatório.

O que mais foi destacado no texto dele são os produtos circulados nas barcas e ajoujos. Siqueira usou o termo “pescoso” para descrever a abundância de peixes no rio São Francisco até Sento Sé e, depois, nas proximidades da barra em Penedo. Sal, rapadura, açúcar e mantimentos foram os principais produtos destacados. Foi apresentado produção e exportação de sal oriundos de Campo Largo, Xique – Xique, Pilão Arcado e Sento Sé. A criação de gado vacum foi marcadamente destacada na Vila de Urubu, enquanto a extração de madeiras esteve relacionada com os lugarejos no Rio Corrente e Campo Largo (na beira do Rio Grande). O Quadro 03 apresenta a variedade que circulava em especial no recorte espacial estabelecido nesta pesquisa de acordo com o relatório de Siqueira. Além da circulação de uma série de produtos, o autor destacou as estradas para o Parnaguá (que ele grafou como Paranagua) e para o Paraná (possivelmente seria o Vão do Paranan em Goiás).

[113] O Almirante Antonio Alves Camara definiu as barcas como “[...] uma especie de alvarengas grandes, com toldas de palha de carnaúba, couro crú, ou madeira na prôa, popa e meia náo [...] as prôas são adornadas com a figura de um passaro, ou de uma moça, grosseira obra de talha, enfeitada com colares, e outros adornos de barro pintado.” (CAMARA, 1937, p. 169). Camara descreveu as alvarengas com as seguintes características: “Na prôa e na popa tem um pequeno convez, e no alto da embarcação uma armação em fórma de telhado, que serve para abrigar a carga da intemperie. Um dos lados d’essa armação é fixo e feito de madeira superposta, o outro é aberto e coberto por um grande encerado de lona, que se suspende para receber, ou tirar a carga.” *Ibid*. P. 222 – 223.

[114] Segundo Zanoni Neves era uma “embarcação típica do rio São Francisco, o ajoujo era formado por duas ou três canoas (...) emparelhadas e unidas entre si por paus roliços, que eram colocados sobre as mesmas transversalmente, fazendo-se amarras com tiras (ou cordas) de couro cru. Por cima dos paus, colocava-se um estrado e uma cerca de madeira, onde pessoas, animais e mercadorias podiam viajar com segurança.” (NEVES, 2009, p. 24).

[115] Segundo Zanoni Neves as canoas no rio São Francisco teriam duas origens: 1) indígena e pré-histórica elabora com um só tronco; 2) construída com tábuas. O tamanho da canoa no século XIX seria variado e dependia da necessidade do proprietário, porém a devastação das matas teria contribuído para a dificuldade de construção de modelos grandes. (NEVES, 2009, p. 30 – 31).

[116] A noção de subir e descer o rio é referente ao sentido do seu curso. Ou seja, da nascente a foz temos a descida e no sentido contrário temos subida.

Quadro 2: Relação de produtos circulados e exportados no Sertão do São Francisco conforme relatório de Marianno Joaquim de Siqueira.

Localização	**Produtos circulados e exportados**
Vila de Carinhanha	algodão em caroço
Rio Corrente	Circulação de rapadura e mantimentos e exportação de madeira
Arraial de Bom Jardim	Fumo, rapadura e pano de algodão
Vila de Urubu	Gado vacum (sem destaque de exportação)
Vila de Campo Largo (beira do Rio Grande)	Sal e madeiras
Xique – Xique	Sal, fumo, farinha e peixes
Ilha do Miradouro	Farinha
Salina de Santo Antonio	Sal
Vila Pilão Arcado	Sal
Vila Sento Sé	Produção de sal, mas sem destaque de exportação.

Fonte: SIQUEIRA, Marianno Joaquim de. Descrição practica do Rio de S. Francisco, por Marianno Joaquim de Siqueira, Major graduado de infantaria da 1ª classe do exército. **Correio da Tarde**. Rio de Janeiro. 24 dez. 1851. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/616028/4479 >, acesso em 11 set. 2019; SIQUEIRA, Marianno Joaquim de. Descrição practica do Rio de S. Francisco, por Marianno Joaquim de Siqueira, Major graduado de infantaria da 1ª classe do exército. **Correio da Tarde**. Rio de Janeiro. 29 dez. 1851. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/616028/4483>, acesso em 11 set. 2019

Diferentemente de Siqueira, Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva elaborou um relatório com informações mais detalhadas. O trabalho de Cerqueira e Silva foi resultado de uma

consulta feita pelo governo imperial e contou com um questionário respondido no relatório e uma coleta feita entre algumas autoridades no sertão do São Francisco.

A publicação foi de 1847 e motivada pelo interesse do engenheiro civil belga Mr. X. Tarte em obter um contrato de privilégio para explorar a navegação do rio São Francisco. O questionário consultava acerca de 04 itens: 1) condições de navegação do rio São Francisco, valores dos fretes e os problemas existentes; 2) existência de possíveis minas e atividades que estariam sendo desenvolvidas nelas; 3) possibilidade de existência de terrenos devolutos nas margens do rio São Francisco; 4) os produtos da região. (SILVA, 1936, p. 13)

O intuito do questionário era o de obter informações sobre a viabilidade econômica para um empreendimento desse tipo, afinal a exploração da navegação só seria possível se houvesse circulação comercial. Ignacio Accioli C. Silva compilou as informações num relatório que revela as condições de produção econômica do sertão do rio São Francisco. Além disso, este interesse revelou o cuidado do Estado Imperial com o rio São Francisco diante de uma cobiça estrangeira.

Ignacio Accioli C. Silva registou não só a existência de uma produção variada como também sugeriu algumas medidas para aprimorar a exploração salineira no sertão do rio São Francisco. Ele destacou a navegabilidade dos afluentes e subafluentes do rio São Francisco como os rios Carinhanha, Corrente, Arrojado, Grande e Preto:

> Pela margem oriental quatro legoas acima do carunhanha[*sic*] desemboca o Rio-verde grande, cujos fontanaes procedem da parte meridional da serra do Grão Mogol: faz os limites das duas províncias – Minas-Gerais e Bahia, por esse lado, offerencendo navegação para pequenas barcas e canôas até 30 legoas acima da sua foz e é engrossado por diferentes rios, que nelle confluem. (p. 19-20)

Logo em seguida Cerqueira e Silva continuou destacando a navegação nos afluentes e subafluentes do rio São Francisco:

> Abaixo do Carunhanha dezesete legoas sae no de S. Francisco pela margem occidental o rio Corrente que é incorporado pelo Rio-das eguas, Arrojado, e outros vem das proximidades do Paranan, e suas margens tem optimas madeiras para toda construção, proporcionando navegação em canôas até a confluencia do Rio-das éguas, no espaço de 28 legoas.
>
> Cincoenta e tres legoas abaixo do rio Corrente desagua pela mesma margem occidental o Rio-grande, [...]. Recebe em seu curso differentes affluentes, e proporciona navegação para barcas e canôas até quarenta e oito legoas acima da sua foz. Entre esses confluentes notarei o Rio-Preto, cujas vertentes poucas legoas a oeste do Cristo do Duro servem de limites a esta provincia com Goiaz [...]. Na minha viagem ao Pará por aquella provincia de Goiaz, costeei este confluente até a sua origem, e observei que apesar de volumoso em aguas, não

> se torna navegavel logo algumas legoas acima de confluencia, por ser o seu leito assás empedrado em muitos lugares. (p. 20)

Ao descrever as possibilidades de extração de minérios, Ignacio Silva lançou um tom profético de progressos para o rio São Francisco e indicou a presença de diversos minerais como diamante, platina, cobre, ouro e outros. Além disso, destacou as descobertas de minas de ouro em Assuruá, termo de Xique – Xique, em 1836 e de possíveis minas diamantíferas em Urubu. (p. 31-32) Entre as produções relacionadas com o rio São Francisco e sua região notamos uma pauta bem diversificada: sal, gado vacum, farinha de mandioca, arroz, milho e cana de açúcar.

Ignacio Accioli Cerqueira e Silva também fez propostas para viabilizar um melhor aproveitamento econômico regional. Além de criticar a baixa exploração da pesca, abandono da plantação de fumo e da falta de aproveitamento da cochonilha que abundava a região, Silva recomendou a plantação de café (que, segundo ele, o terreno era apropriado), exploração da palmeira de carnaúba[117] (que poderia fornecer matéria-prima para velas) e a expansão das salineiras.[118] Esta última foi a recomendação que mais se alongou no relatório e a sugestão era de que fosse criada uma salina que servisse de modelo para particulares e que ela fosse administrada por filósofos[119] para instruir aos usuários sobre as melhores formas de extração do sal.[120]

As jazidas de sal no trecho médio do rio São Francisco já eram conhecidas desde o período colonial. Wilson Lins afirmou que no raiar do século XIX, o sal foi o principal produto de exportação do vale do São Francisco. A importância de sua produção era tamanha que, conforme Lins, isso ficava nítido nas comidas que seriam "carregadas no sal". (LINS, 1983, p. 39) De acordo com Caio Prado Júnior, o sal de rocha extraído nas proximidades do rio São Francisco circulava por outras áreas da Bahia, Minas Gerais e Goiás. (PRADO JÚNIOR, 2012, p. 67 – 68) Ou seja, a possibilidade de produção salineira não era uma novidade para quem pensava o sertão do São Francisco no século XIX e, ainda mais, Ignacio Accioli Cerqueira e Silva que já tinha vivido na região.[121]

---

[117] O nome científico é *Copernicia prunifera* e pertence a família das *arecaceae*. Espécie endêmica no semiárido nordestino. (FERREIRA, NUNES, GOMES, 2013).
[118] SILVA, Ignacio. ***Op. Cit.*** 1936. P. 36 – 45.
[119] A menção aos filósofos está, possivelmente, muito mais relacionada aos sujeitos eruditos do que propriamente aos formados em Filosofia. O filósofo nesse caso seria o indivíduo erudito capaz de administrar uma atividade e transmitir a técnica para outros.
[120] SILVA, Ignacio. ***Op. Cit.*** 1936. P. 38.
[121] Ignacio Accioli Cerqueira e Silva esteve no rio São Francisco anteriormente quando seu pai Miguel Joaquim de Cerqueira e Silva desempenhava a função de desembargador. SILVA, Ignacio. ***Op. Cit.*** 1936. P. 42 – 43.

O Juiz de Direito da comarca do rio São Francisco em Barra, Antonio Joaquim da Silva Gomes, respondeu ao mesmo questionário que gerou o relatório de Ignacio Accioli e enviou ao presidente da província em 19 de janeiro de 1847.[122] Nesta correspondência a variedade de produtos da região foi ressaltada como uma das características, além das possibilidades de exploração de óleos de plantas nativas, como já exposto. Gomes também destacou negativamente o esvaziamento das minas de Santo Ignácio em Xique – Xique por causa das descobertas de lavras diamantífera no rio Paraguaçu.[123]

As notícias do garimpo no rio Paraguaçu provocaram um movimento migratório para Santa Isabel do Paraguaçu[124] na década de 1840 o que pode explicar o esvaziamento das minas de Santo Ignácio. (PINA, 2000, p. 44) Desde 1844, Santa Isabel do Paraguaçu passou a exercer uma centralidade regional desempenhando um papel importante não só comercialmente, mas também na extração diamantífera. (*Ibid.*, p. 23) Segundo Pina diversos grupos sociais ocuparam a região a partir das notícias das minas:

> Chegar nesta vila a partir de 1844 foi uma aventura feita por muitos, logo que a notícia da descoberta de diamantes espalhou-se. A região foi ocupada por diversos grupos sociais – garimpeiros ricos e pobres de regiões vizinhas e das minas da Província de Minas Gerais; libertos do Recôncavo e Capital que foram tentar vida livre e buscar a sorte dos diamantes nas Lavras. (*Ibid.*, p. 47)

Tanto Ignacio Accioli Cerqueira e Silva quanto Antonio Joaquim da Silva Gomes demonstraram a presença de uma produção variada no sertão do rio São Francisco em suas respostas em 1847 e a importância da navegação para a circulação comercial na região. Ignacio Accioli C. Silva deu um parecer desfavorável ao privilégio apontando os riscos de um contrato exclusivo de navegação que talvez se tornasse, no seu entendimento, um problema para os habitantes do rio São Francisco e um embaraço político para o Império:

> não só opposto aos solidos principios reconhecidos pelos economistas, e á constituição do imperio, mas até faria outras observações politicas dictadas pelo conhecimento practico que tenho daquelles lugares centraes dos quaes ainda me recordo com viva saudade, uma vez que entendo – por *privilegio exclusivo* da navegação – o poder somente esta ter o lugar em embarcações do privilegiado, de quem assim tornar-se-ão como tributarios os habitantes do Rio de S. Francisco, ficando privados do livre uso de suas barcas e canôas. E nem importaria talvez consideravel arrojo da minha parte essa exposição, em um objeto sobre que tem de decidir o augusto criterio de S. M. o Imperador, e consultar os sabios ministros, e conselheiros d'estado, uma vez que já notou o

---

[122] Este mesmo documento foi citado na seção 02 da tese.
[123] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do rio São Francisco (1845 – 1849). Maço: 2251.
[124] Atual Mucugê na Chapada Diamantina na Bahia.

> famoso epico lusitano que -. *Posto que scientes em muito cabe. Mais em particular o experio sabe*.[125]

A opinião de Ignacio Accioli C. Silva pode ter exercido uma importante influência diante da posição do Ministério dos Negócios do Império. A opção ministerial foi de negar o privilégio da navegação de um rio que percorria algumas províncias do Império. A preocupação com a extensão concedida para tal empreendimento somada ao desconhecimento geográfico por parte do engenheiro belga e pelas condições contratuais provocaram uma decisão desfavorável:

> Huma outra empreza a que ligo a maior importancia reclama tambem a vossa mais seria attenção, e he a da navegação do rio S. Francisco, em que interessão nada menos de seis Províncias do Império, por onde correm as suas aguas. No Relatório de 1847 se vos disse que as condições com que o Engenheiro Civil X. Tarte, concessionario do caminho de ferro de Louvin no Reino da Belgica, pedio privilegio exclusivo para emprehender a navegação daquele rio, tornando-a practicavel desde a sua embocadura até a Província de Minas, erão por tal modo exageradas que tornavão inadmissível a concessão; ao que ainda acrescia o mostrar-se ele muito pouco inteirado do curso do rio e seus afluentes. Modificou depois disso he verdade muitas das condições, mas ressumbra ainda em a sua nova proposta, como o observa a Secção do Conselho d'Estado dos Negocios do Imperio, a mesma ignorancia do curso do rio e seus afluentes, o que torna irrealisavel qualquer contracto, sobretudo não se achando presente o emprezario para poder em conferencia com elle assentar-se em certas bases que cumpre sejão clara e precisamente determinadas.[126]

Em seguida, um alerta foi lançado para a realização de um trabalho de reconhecimento do rio com a confecção de plantas e outros exames:

> Sendo porêm inquestionavel a magnitude da empreza, e devendo o Governo estar preparado com todos os esclarecimentos, cuja falta se sente, a fim de que a possa realizar com vantagem, muito conviria que o autorisasseis com os precisos fundos para mandar proceder ao reconhecimento daquelle rio, ao levantamento de plantas, e a quaesquer outros exames e averiguações que possão bem orienta-lo naquella ou em qualquer outra empreza que se projecte sobre a navegação do mesmo rio, que aliás tanto importa promover.[127]

O interesse do Império com a navegação no rio São Francisco ganhou novos contornos no final dos anos 1840 e início dos anos 1850. A recusa ao privilégio da navegação para Mr. X. Tarte teve como base uma série de desentendimentos: ora do engenheiro belga com seu desconhecimento do curso do rio; ora pelas causas contratuais. Isso pode ser somado à percepção dos estadistas brasileiros acerca da necessidade de conhecer melhor o rio, cujo

---

[125] SILVA, Ignacio. ***Op. Cit.*** 1936. P. 30 – 31.
[126] VISCONDE DE MONT'ALEGRE. **Relatório da repartição dos negocios do Imperio apresentado á Assembléa Geral Legislativa na 1ª sessão da 8ª legislatura, pelo respectivo ministro e secretario d'Estado.** Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1850. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/720968/1432>. Acesso em 12 set. 2019. P. 54.
[127] *Ibid.* p. 54 – 55.

percurso de suas águas era exclusivamente dentro do território nacional. O reconhecimento por parte de um ministro acerca do desconhecimento sobre o rio São Francisco provocou a recomendação para um estudo mais detalhado dele e de seus afluentes.

Ou seja, era preciso construir um estudo minucioso sobre o curso do rio São Francisco, as características dos habitantes ribeirinhos e as possibilidades de exploração econômica e condições de navegação. O relatório de Siqueira não foi o suficiente para a necessidade de detalhamento de informações e a produção de Ignacio Accioli Cerqueira e Silva demonstrou que era preciso fazer o levantamento das condições de navegabilidade, construção de plantas e observação das possibilidades de exploração econômica que o rio São Francisco e seus afluentes viabilizariam.

Com a formação da estabilidade do governo brasileiro durante o período da conciliação tivemos a primeira expedição imperial entre 1852 – 1854 sob a condução do engenheiro alemão radicado em Minas Gerais Henrique Guilherme Fernando Halfeld. (KIDDY, 2010, p. 24) Dessa vez, um relatório com mais detalhes sobre a região foi produzido com o intuito de melhor fornecer dados para viabilizar a navegação e dinamizar a exploração econômica numa parte do interior do Brasil.

Segundo Gabriel Pereira de Oliveira, o período da conciliação junto com outros aspectos conjunturais como a proibição do tráfico intercontinental e a lei de terras foram somados ao crescimento de investimentos em obras públicas. As vias de comunicação eram planejadas como uma forma de amenizar a abolição do tráfico de escravos e assegurar o apoio de proprietários de terras. (OLIVEIRA, 2015, p. 33)

Além disso, é válido ressaltar a preocupação com os estudos e desenho da geografia brasileira, principalmente por parte dos intelectuais ligados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Segundo Manoel Luís Salgado Guimarães, a definição da identidade físico-geográfica do país constituía uma das preocupações dessa instituição (GUIMARÃES, 1988, p. 23) e possuía em certa medida o propósito de construir uma integração econômica de diferentes partes do território nacional: “Não só o tamanho dos rios e a altura das montanhas serão medidos e precisados, como também será avaliada a possibilidade de integração econômica de diferentes regiões”. (*Ibid*.) Dessa forma, os relatórios produzidos e as viagens encomendadas terminavam gerando uma série de dados para os projetos de aproveitamento do interior do país. Nesse contexto é que encontramos a viagem de Halfeld pelo rio São Francisco.

O resultado da viagem de Halfeld foi publicado em 1860 com o título: "Atlas e Relatório concernente a exploração do Rio de S. Francisco: desde a cachoeira da Pirapóra até ao Oceano Atlântico, levantado por ordem do governo de S.M.I. o senhor Dom Pedro II". O objetivo do documento era analisar as circunstâncias de navegação e os obstáculos no rio São Francisco, além do relatório servir para os trabalhos futuros de melhoramentos do rio São Francisco. A viagem foi feita de Pirapora em Minas Gerais até a foz do rio São Francisco e, ao longo do relatório, as embarcações usadas não só na viagem como pela população ribeirinha foram descritas.

O documento apresenta uma série de observações geomorfológicas com descrição feita a cada légua percorrida. Em alguns momentos Halfeld descreveu as relações econômicas de algumas vilas como Carinhanha na qual a variedade de produtos e a dependência do comércio fluvial eram uma das características: "commercio fluvial, da criação, plantio de algodão, mandioca, arroz, feijão, melões, melancias, aboboras, pouco milho, mamona, etc., etc., do fabrico de telha e de louça de barro."[128]

A produção diversificada foi observada em outros pontos da viagem, bem como a importância do rio São Francisco para a circulação de mercadorias. A produção de sal também foi destacada por Halfeld, por exemplo, quando de sua passagem por Barra. Segundo ele, o sal era minerado de terras salíferas e era exportado para outros lugares conectados pelo rio São Francisco e, até mesmo, para regiões centrais da Bahia ou Goiás. Porém, Barra tinha como principal característica, aos olhos de Halfeld, a importação de produtos.[129] Próximo de Xique – Xique (na margem direita), a quantidade de cochonilha[130] nos cactos chamou atenção do viajante alemão que alertou para a falta de aproveitamento econômico.[131]

De acordo com Márcia Helena Mendes Ferraz estudos sobre o aproveitamento da cochonilha no Brasil foram realizados desde o final do século XVIII graças ao Marquês do Lavradio no Rio de Janeiro. Com isso não podemos deixar de imaginar que Halfeld acompanhava essas publicações e debates ao ponto de levantar-se como possibilidade de exploração econômica no sertão diante do que encontrara na viagem. (FERRAZ, 2007, p. 1035 – 1036)

---

[128] HALFELD, Henrique Guilherme Fernando. **Op. Cit.**, 1860. P. 14.
[129] *Ibid.* P. 22.
[130] A cochonilha é um inseto parasita que segundo Francisco Paulo Brandão Chiacchio seria de origem mexicana. Chiacchio apresentou duas espécies de cochonilhas: de escama e do carmim. Acreditamos que Halfeld esteja se referindo a esta última, pois de acordo com Chiacchio ela produz uma substância vermelha que é o corante carmim. (CHIACCHIO, 2008, p. 12 – 13).
[131] Halfeld usou a expressão "cactus" e explicou que os moradores chamam de "Quipá". (1860, p. 26)

Ainda nessa viagem, a pedido do deputado Marcos Antonio de Macedo, Halfeld analisou a possibilidade de ligar o rio São Francisco ao Ceará. Porém, essa ligação seria após Juazeiro. Ele considerava que uma obra dessa seria benéfica para o Ceará, Piauí, Pernambuco e Goiás.[132] O trecho desse canal teria como uma das funções ampliar a extensão da navegação. A parte média do São Francisco não seria afetada ainda mais que era considerada a melhor para a navegação, enquanto após Juazeiro o rio apresentava algumas dificuldades.

Os mapas constantes no relatório de Guilherme Halfeld foram criticados por outros viajantes como Emanuel Liais e Richard Burton por possuir falhas cartográficas. (KIDDY, 2010, p. 25) Além de Halfeld, outras excursões ao rio São Francisco foram realizadas como as lideradas por Emanuel Liais[133] e Willian Milnor Roberts[134]. O segundo foi acompanhado por Teodoro Sampaio no final da década de 1870 que, por sua vez, produziu um diário de viagem com descrição não só dos elementos naturais, mas também da sociedade e das tensões presente no sertão do rio São Francisco. Essas viagens visavam analisar as condições de navegabilidade, bem como os portos do rio São Francisco. Porém, os relatórios e diários de viagens revelavam não só os aspectos técnicos nos quais estavam imbuídos de fazer, mas também leituras sobre a sociedade e economia local.

Segundo Gabriel Pereira de Oliveira, a navegação também significava para o Estado brasileiro a possibilidade de aumento de arrecadação tributária que, por sua vez, estaria relacionado com a expansão do comércio: “Ao viabilizar a expansão da produção e do comércio e espraiar os tentáculos do Estado, o fomento da navegação do São Francisco proporcionaria também ganhos expressivos para a arrecadação tributária estatal.” (OLIVEIRA, 2015, p. 27)

A atenção voltada para as possibilidades de ação no rio São Francisco formou uma disputa em torno de diversos projetos para o aproveitamento das águas e da região. Consequentemente, a interpretação sobre a noção de natureza demonstrou ser, conforme analisado por Gabriel Oliveira, o caminho para a legitimação de algumas das propostas de intervenção no rio. (*Ibid.*, p. 47) Com isso, a cartografia passou a ser um elemento de disputa política e os mapas serviram como fonte para interpretação do mundo natural: “Se a natureza

---

[132] HALFELD, Henrique Guilherme Fernando. ***Op. Cit.***, 1860. P. 36.

[133] Engenheiro e astrônomo francês nascido em 1826. Liais frequentou o *Collége* de Cherbourg e teve passagem pelo Observatório de Paris onde se dedicou à organização dos serviços telegráficos na França com o propósito de transmitir dados meteorológicos. Ele chegou no Brasil no final da década de 1850 e participou de algumas atividades relacionadas com a astronomia no país além dos estudos sobre estradas de ferro entre Rio de Janeiro e Sabará. (VIDEIRA, 2005, p. 14 – 16).

[134] Willian Milnor Roberts foi um engenheiro norte-americano que dirigiu a Comissão Hidráulica do Império e a Comissão de Melhoramentos do rio São Francisco no final da década de 1870. (COSTA, 2007)

era fonte de autoridade, a ciência, sobretudo a cartográfica, deveria ser o meio principal para interpretar o mundo natural e utilizá-lo como peça estratégica nas disputas de poder." (*Ibid.*, p. 49)

Gabriel Pereira de Oliveira demonstra que as disputas sobre o território também estavam relacionadas com uma interpretação da natureza e do controle sobre seus obstáculos e formas de contornar as dificuldades da comunicação. (*Ibid.*, p. 38) Além disso, ele apresentou um elemento que também defendemos que é a leitura estratégica do rio São Francisco.

Anteriormente apontamos a comarca do rio São Francisco desempenhando um papel estratégico para equilibrar as forças entre as províncias do norte e, até mesmo, controlar a expansão de uma revolta como a Confederação do Equador para o interior do Brasil. Gabriel Oliveira chamou atenção para um outro debate que teria relação com a preocupação do Estado imperial com a defesa nacional:

> Especialmente nos anos 1850 e 1860, período de frequente instabilidade nas relações com os países vizinhos, até mesmo a premissa militar foi utilizada para justificar e servir como prova da relevância do elo entre a Corte e o São Francisco. Para o deputado mineiro Mello Franco, famoso entusiasta da via férrea entre aqueles pontos do Império, uma via de comunicação moderna entre o Rio de Janeiro e áreas de Norte e Sul pelo interior especialmente em casos de uma eventual guerra marítima. (*Ibid.*, p. 55 – 56)[135]

A importância do rio São Francisco para o Brasil durante o regime monárquico, portanto, pode ser constatada por diferentes vias que seriam a militar ou econômica. Dessa forma, ao observarmos a preocupação com o controle da comarca do rio São Francisco como uma forma de impedir a irradiação da Confederação do Equador e a percepção da importância do rio para a defesa nacional. Também é preciso ressaltar a importância para a integração do território e ampliação da circulação de mercadorias.

Os debates sobre a navegação também foram acompanhados da questão ferroviária brasileira. Deste modo é preciso apontar ambas as questões correlacionadas dentro de um contexto maior relacionado com o aperfeiçoamento das vias de comunicação da Corte e outros centros de decisões com o interior. Assim como a estabilidade política do II Reinado proporcionou a aumento de discussão sobre a navegação podemos concluir o mesmo para a ferrovia: "Apenas no Segundo Reinado, quando o Império viveu momentos de relativa

---

[135] Gabriel Oliveira também nos informou que o senador José Saraiva em 1871 defendeu que a via férrea para o São Francisco não era estratégica para a defesa nacional na medida em que este investimento não ligava a corte ou outros grandes centros com as fronteiras do país. (OLIVEIRA, 2015, p. 67).

estabilidade política, o Estado brasileiro pode tomar medidas para estimular a implantação de estradas de ferro [...]". (CUNHA, A., 2016, p. 43)

O sertão do rio São Francisco permitia a ligação entre as províncias do sul com as províncias do norte pela navegação e, também, possibilitava a interligação de uma parte do leste com Salvador até Belém de acordo com os projetos de hidrovia e ferrovia. O domínio dessas vias era importante para dinamização econômica dos sertões no Brasil oitocentista.[136]

A navegação a vapor e a ferrovia expressavam como a "internacionalização da economia industrial" chegava nesta região. (*Ibid.*, p. 42) Em 1871 o vapor Dantas começou a navegar, enquanto a construção da estrada de ferro avançava no território baiano. (OLIVEIRA, 2015, p. 66) Parte do interesse estrangeiro girava no controle da navegação como o caso já mencionado do engenheiro belga, Mr. Tarte. (ALMEIDA, 2014, p. 57).

A possibilidade em explorar as terras do sertão do rio São Francisco também despertou o interesse de americanos como o general norte-americano Hanthan V. T. Mores (oriundo do estado do Alabama), G.B. Goly e J. E. Nenman (ambos do estado do Mississipi) e S. Leitner (do estado da Carolina do Sul). Em 13 de setembro de 1867, o Jornal do Comércio do Rio de Janeiro noticiava uma portaria da secretaria de governo que ordenava que as coletorias de Urubu, Barra, Xique – Xique, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé e Juazeiro providenciasse meios de transportes para os norte-americanos que realizavam uma viagem entre o Rio das Velhas até Juazeiro e dali para o Rio de Janeiro.[137] Em 11 de janeiro de 1868, o mesmo jornal noticiou que o grupo, a princípio liderado por Hanthan, tinha chegado em Carinhanha para escolherem um terreno para um estabelecimento agrícola. Eles teriam sido auxiliados pelo delegado do termo.[138]

A diferença entre Mr. Tarte (década de 1840) e o grupo liderado pelo general Hanthan (final da década de 1860) pode ser considerada pelo contexto interno vivido por Bélgica e EUA. Na década de 1840, a Bélgica era um país inserido na revolução industrial com avanços em atividades como mineração de carvão e estradas de ferro. (STOLS, MASCARO, BUENO, 2014) O EUA, em 1868, tinha encerrado uma guerra civil que confrontara os Estados do norte com os Estados do sul e envolvia a manutenção da escravidão. A derrota dos estados do sul

---

[136] Ver mapa de Honorio Bicalho de 1882 nos anexos desta tese (anexo c). Este mapa apresenta um plano de integração entre ferrovia e hidrovia.

[137] JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro. Ano 46. Nº 255. Sexta-feira, 13 de setembro de 1867. Disponível em < http://memoria.bn.br/docreader/364568_05/12575>. Acesso em 28 jan 2019.

[138] JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro. Ano 48. Nº 011. Sábado, 11 de janeiro de 1868. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/13177>. Acesso em 28 jan 2019.

(confederados) significou a vitória dos abolicionistas americanos. (BRITO, 2014) Não temos maiores informações sobre a presença de Hanthan além de algumas notas em jornais, mas, é possível supor que um grupo de militares de estados sulistas estivessem no Brasil após um processo de migração relacionado com a insatisfação com a sociedade pós-escravista norte-americana, conforme a apresentação da conjuntura feita por Luciana da Cruz Brito:

> A decisão de deixar os Estados Unidos pós-abolição não foi somente uma medida individual de homens que visavam proteger suas famílias. A imigração, inclusive para outras nações escravistas, como Brasil e Cuba, ou onde os confederados acreditavam que era possível que eles constituíssem uma classe dominante, foi um movimento político, uma reação de recusa à vida em uma sociedade pós-escravista. [...] o Brasil era preferido porque era reconhecida a reputação do país como um Império escravista e estável, uma forma de ver que soava bastante atrativa para os imigrantes sulistas que tencionavam expandir negócios cuja base fundamental era a continuação do trabalho escravo, mas, também, sob regras sociais que eles acreditavam que os manteriam como uma elite escravista e racial. (*Ibid.*, p. 162)

Os interesses de Mr. Tarte e Hanthan talvez não sejam o suficiente para indicarmos a existência de um processo de internacionalização das terras do sertão do rio São Francisco. Seria precoce e insuficiente tal afirmação, mas isso não quer dizer que esta região estivesse alheia à conjuntura internacional do capitalismo e nem fosse ventilada na imaginação de estrangeiros que aportavam no Brasil.

A navegação no rio São Francisco era uma saída para o aperfeiçoamento de relações comerciais internas no Brasil. Porém, a produção no sertão do rio São Francisco não era de monocultura. A diversificação era uma característica que pode ser observada nos documentos e nos relatórios de engenheiros como Halfeld. Antonio Fernando Guerreiro de Freitas explicou que essa diversidade era denominada de "catado" e que compreendia não só a produção agrícola e pecuária, mas também a atividade extrativista e a pesca. (FREITAS, 1999a, p. 63)[139]

As embarcações não eram temas apenas das viagens encomendadas pelo governo imperial. As correspondências das câmaras e juízes permitem analisar como as barcas e ajoujos estão presentes na vida econômica no sertão do rio São Francisco, mas com uma perspectiva diferente dos relatórios dos viajantes. Numa correspondência de 14 de outubro de 1831 a câmara da vila da Barra relatou como estavam sendo realizadas as obras públicas e parte dos custos foi destinado na compra de uma barca de passagem no valor de 1:800$000 réis. Porém, a operação não era simples e alguns anos depois, numa correspondência de 1º de dezembro de 1835, a mesma câmara explicou para a presidência da província que estava tendo dificuldade

[139] Citamos a mesma passagem na seção 02 desta tese.

com empreiteiros que não estavam arrematando e oficiais que não estavam operando as barcas.[140]

Em 25 de maio de 1857, o juiz municipal de Campo Largo, Luiz Manoel Fernandes Barreiros, enviou um documento com a descrição da vila e do seu território, informando sobre os rios, a navegação e a produção. O rio Grande foi apresentado como um dos principais afluentes do rio São Francisco e sua navegação era feito por barcas e ajoujos. Entre Barra e o porto de Barreiras a distância era cerca de 70 a 80 léguas[141] navegáveis. Luiz Manoel Fernandes Barreiros informou que o Arraial de Buracão (02 léguas do rio Grande) produzia arroz, feijão, milho e cana e que era exportada para Barra e Campo Largo pelo porto de Barreiras. Os terrenos férteis dessas localidades fizeram com que Barreiros analisasse como áreas de futuro promissor. Situado mais ao norte, o rio Branco possuía uma navegabilidade menor chegando a 04 léguas e se destacava com a produção de rapadura e arroz. O rio Preto teve sua navegabilidade caracterizada por embarcações menores e a produção de Santa Rita (situada na sua margem direita) era, também, variada destacando rapadura, açúcar, mandioca, arroz, milho e cana. Ainda nas margens do Preto, o arraial de Formosa produzia mandioca, milho, arroz e cana e extraía ferro.[142]

Um ano antes da correspondência de Luiz Barreiros, a câmara de Campo Largo já havia informado à presidência da província sobre as condições de navegabilidade e sobre a produção local. Em 26 de fevereiro de 1856, as vias de comunicação fluvial e terrestre tiveram seus estados de conservação informados. Com as condições precárias que atrapalhava a circulação e provocava prejuízos, a câmara recomendou a construção e ajustes em estradas e limpeza de trocos nos rios de Ondas e Grande que dificultavam a navegação condutora de víveres.

A produção, conforme a câmara de Campo Largo, era variada e com especulação alta de valores e produção como o milho que com cerca de 7000 alqueires poderia valer cerca de

---

[140] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência da Câmara de Barra do Rio Grande (1824 – 1839). Maço: 1257. Ambas as correspondências estão na seguinte referência:

[141] Observamos as informações sobre as distâncias das vilas da província de São Paulo no “Almanak da província de São Paulo” publicado em 1873 e notamos que cada légua equivalia a 5,55 Km. Na citada obra foi informado a légua entre as vilas e a quilometragem referente, por exemplo: “A villa de Santa Branca (...) da Cidade de Jacarehy 2 leguas, ou 11,1 Kilometros;” Ver LUNÉ, Antonio José Baptista de; FONSECA, Paulo Delfino da (orgs). **Almanak da província de São Paulo para 1873.** São Paulo: Typographia Americana, 1873. Disponível em < https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4302>, Acesso em 22 out. 2019. P. 152. Diante da dúvida sobre a conversão de léguas para quilômetros conforme o entendimento no período estudado, utilizamos as informações disponíveis no almanaque de 1873 para nos aproximarmos dos números usados como referência no Brasil oitocentista. Sendo assim entre Barra e Barreiras, por exemplo, a distância seria equivalente a 388,5 Km a 444 km.

[142] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências de Juízes – Campo Largo (1830 – 1884). Maço: 2313.

3:520$000 réis, café que com 200 arrobas poderia custar entre 5$000 e 1:000$000 de réis. Os engenhos de Angical pertencentes aos filhos do Coronel José Joaquim de Almeida, bem como outros engenhos como os localizados na fazenda Limoeiro que pertencia a Pedro Neres do Prado e os engenhos dos filhos de Joaquim Carlos de Magalhães e Neiva no rio Branco poderiam produzir uma quantidade de açúcar que poderia chegar ao valor de 3:420$000 réis.[143]

Se compararmos com os dados da presidência da província da Bahia sobre a exportação, a produção de Campo Largo e região seria superior.[144] Porém, não podemos cair na armadilha discursiva dos documentos das autoridades locais. A princípio temos que considerar duas coisas: 1) trata-se de uma especulação baseada no que tem de produção. Não temos dados para afirmar que Campo Largo e região produziam em tal volume, mas nos serve como indicativo da produção variada e principal; 2) é possível que esta especulação esteja relacionada com as tentativas de atrair investimentos da província para as vias de comunicação.

Outro aspecto a diferenciar está na relação entre consumo local e exportação. A produção no sertão do São Francisco atendia muito mais a uma demanda regional do que o mercado externo. As condições das estradas era um fator que dificultava o escoamento para portos importantes como o de Salvador. Além disso, não podemos esquecer da presença das atividades mineradoras na Chapada Diamantina na Bahia e nas minas do norte de Goiás.

As duas correspondências supramencionadas nos fornecem informações não só sobre o estado da comunicação no interior do sertão do São Francisco como também os detalhes de sua produção e/ou da especulação sobre elas. Ambas ressaltam a diversidade e a necessidade de boas condições das vias de comunicação para o escoamento e circulação de diversos produtos. O conhecimento técnico dos habitantes locais talvez fosse um dos fatores para privilegiar a variedade (além da dificuldade de transporte e a carência de acesso à gêneros alimentícios diversificados) e permitia o melhor aproveitamento das condições do solo e do ambiente a partir do que eles tinham de acesso metodológico.

Em 1872, a câmara municipal de Santa Rita do Rio Preto enviou para o presidente da província um documento assinado pelo vigário Antonio Florencio Alves que informara o estado produtivo na dita vila. Foi destacado a presença de sais de soda, potássio, cloro, fósforo, ferro e alumínio no solo e com algumas lagoas que permitem extrair sal para consumo. A lavoura

---

[143] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência recebida da câmara Campo Largo. Maço: 1288.

[144] Ver CRL. **Falla recitada na abertura da assemblea legislativa da Bahia pelo presidente da província o desembargador João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú no 1º de setembro de 1857.** Bahia: Typ. De Antonio Olavo da França Guerra, 1857.

produzia mandioca, cana, tabaco, arroz, milho, feijão, algodão e um pouco de café. Foi destacado também que os terrenos mais apropriados para o cultivo de cana eram ricos em sais de ferro (apresentado como "hydrate[?] peroxido de ferro"), de potássio, soda e alumínio. Os detalhes técnicos e geomorfológicos sobre as condições da lavoura foram acompanhados da observação do vigário sobre os motivos para a ineficiência da agricultura local: 1) falta de braços para o trabalho, cuja solução seria a implantação de colônias; 2) a falta de indústria num local com uma população acostumada com o trabalho caracterizado como "força bruta"; 3) falta de crédito para a manutenção e desenvolvimento da lavoura; 4) a falta de polícia rural; 5) falta de limpeza do rio, ao menos em alguns pontos, por conta da dificuldade da navegação.[145]

As descrições de Marianno Siqueira, Ignacio Accioli Cerqueira e Silva, Guilherme Halfeld e das autoridades de Campo Largo e Santa Rita do Rio Preto demonstram, portanto, uma característica econômica regional marcada pela diversidade. Esta falta de especialização pode ser chamada de economia do catado conforme já exposto anteriormente. (FREITAS, 1999a, p. 63) A economia baiana da segunda metade do século XIX ainda era marcada pela dependência da exportação e, segundo Luís Henrique Dias Tavares, produtos como açúcar, fumo, algodão, café e diamantes possuíam maior importância. Do outro lado da hierarquia da exportação baiana estavam produtos como arroz, farinha de mandioca, piassava, ossos e outros. (TAVARES, 1982, p. 81)

As dificuldades de comunicação com Salvador, Recife e outros centros portuários eram uma barreira para a participação do rio São Francisco nas pautas de exportação mesmo com algumas produções como açúcar, café, tabaco e algodão. Além da distância, a diversidade era um sinal de que essa produção não era volumosa para suprir mercados externos.[146]

Se a produção sanfranciscana não pode ser considerada como abastecedora de grandes mercados externos, o contrário pode ser avaliado como viável. Ou seja, a sua produção possuía uma importância maior para um mercado regional e as águas do rio São Francisco ligavam diferentes regiões permitindo a circulação do seu "catado".

O rio São Francisco fazia parte de um circuito de rotas comerciais no interior do Brasil desde o século XVIII. Ângelo Alves Carrara demonstrou que o sertão do rio São Francisco era

[145] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Câmara Santa Rita do Rio Preto (1860 – 1873). Maço 1423.

[146] Eric Hosbawm explicou que a economia agrária das américas estava integrada com a europeia e que a relação com a ascensão do algodão estaria relacionada com a revolução industrial. (HOBSBAWM, 1977, p. 29 – 30). Ainda que possamos considerar o rio São Francisco dentro da conjuntura da expansão das relações econômicas industriais, não devemos afirmar que ele figurava como um abastecedor de matéria prima para este mercado. Sua forma de atuar neste modelo de economia era periférico e atendia de modo indireto com a circulação num mercado muito mais caracterizado pelo regional.

caminho importante que ligava diferentes capitanias como Maranhão e Bahia que ocorria pelo Piauí e estava consolidada desde o século XVIII e com algumas passagens pelo rio São Francisco. Para os sertões de Goiás a rota baiana era uma das principais sendo o sertão sanfranciscano como parte desse caminho. (CARRARA, 2006, p. 270 – 273)

Ainda de acordo com Ângelo Carrara, o rio São Francisco, durante o século XVIII, era uma rota do comércio de sal para Goiás, Paracatu, Rio de Contas, Jacobina e outros lugares. (*Ibid.*, p. 274) Carrara também explicou que além dos circuitos mercantis nos séculos XVIII e XIX, havia a circulação das populações como nos movimentos de peregrinos para Bom Jesus da Lapa. (*Ibid.*, 275) Ou seja, desde o período colonial que o sertão do São Francisco era rota tanto para indivíduos que se locomoviam dentro do território brasileiro como também servia para a circulação de mercadorias ligando diferentes pontos da colônia e, posteriormente, do Império brasileiro. Dessa forma a variedade produtiva sanfranciscana encontrava caminhos para as diversas trocas de produtos e intercâmbios com outros rincões.

A diversidade da produção econômica foi um elemento bastante destacado, assim como as possibilidades de exploração e desenvolvimento regional que poderia ser impulsionado pela navegação. As possibilidades de exploração econômica se tornaram uma temática presente nesses documentos demonstrando também que o Estado brasileiro atribuía ao rio São Francisco como uma via de desenvolvimento do interior do país aos moldes dos referenciais de civilização da elite brasileira oitocentista.

Segundo Gabriel Oliveira os debates sobre o aprimoramento das vias de comunicação com o São Francisco indicavam que esta seria a solução pensada por estadistas e outras autoridades para a penúria da população sertaneja. (OLIVEIRA, 2015, p. 28) Além da navegação e ferrovia, a organização territorial e os sentimentos autonomistas também movimentaram o sertão do rio São Francisco no século XIX. Isso nos indica que enquanto uma região nos sertões brasileiros, parte das autoridades do Estado Imperial articulava projetos considerando o potencial integrador e estratégico que o rio São Francisco representava para eles.

3.4. O SONHO DA PROVÍNCIA

O sertão do rio São Francisco esteve em algumas movimentações políticas durante o período monárquico e nos indica o modo como o Estado concebia esta região. Enquanto o

aprimoramento das vias de comunicação com o interior do país era discutido, propostas de criação de província apareciam no parlamento brasileiro. A província do rio São Francisco foi discutida em algumas ocasiões no Rio de Janeiro. Em todas as vezes que um projeto referente à autonomia são-franciscana foi lançado no legislativo nacional terminou com um resultado negativo.

A criação de uma província não era uma tarefa fácil, pois exigia uma série de dados levantados num período em que isso era precário.[147] Dessa forma gerava uma dificuldade principalmente se considerarmos que, ao longo dos debates, a viabilidade de uma nova unidade era o principal tema discutido. Segundo Victor Marcos Gregório a ordem interna, as distâncias em relação aos centros de poder, a defesa das fronteiras nacionais e os gastos das novas províncias eram preocupações dos parlamentares, na maioria das vezes, em que uma nova proposta era colocada em pauta. (2012, p. 93 – 95)

A província do rio São Francisco não escapou desses debates, mas também encontrou uma conjuntura de queda de braço entre outros interesses já que a maioria dos projetos propunha uma formação territorial que abarcavam províncias como Bahia, Pernambuco, Piauí, Minas Gerais e Goiás. Victor Gregório também destacou a importância do parlamento nacional que atuou como espaço decisório para as propostas de criação de novas unidades administrativas e serviu como palco para as negociações dos conflitos das elites locais. (*Ibid.*, p. 82) Cabe ressaltar que isso não descarta a formação dos desejos autonomistas das elites locais como visto nas propostas de 1823 e 1825. Também destacamos a presença de filhos das elites sanfranciscanas no parlamento brasileiro e na vida política do Império como foi João Maurício Wanderley.

Entre 1827 e 1889 foram quatro projetos de criação de província lançados na Assembleia Geral: 1) 1830: foi proposto pelo deputado pernambucano Luiz Cavalcanti. A capital seria a Vila da Barra e o território da nova província abarcaria parte do norte de Goiás, parte do norte de Minas Gerais, sul do Piauí até a barra do Pajeú em Pernambuco.[148]

[147] Victor Marcos Gregório alertou para a dificuldade de acesso aos dados por parte dos deputados brasileiros e que isso afetava as discussões de criação de província. (GREGÓRIO, 2012).
[148] BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento Brasileiro:** Camara dos Srs. Deputados, primeiro anno da segunda legislatura, sessão de 1830. I Tomo. Rio de Janeiro: Typographia de H. J. Pinto, 1878. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/132489/4388>. Acesso em 28 jan. 2019. P. 392.

O projeto não foi discutido, mesmo após ser aprovado para entrar na pauta de discussão. Para Vitor Marcos Gregório, o fato de Luiz Cavalcanti ser do clã dos Albuquerque indicaria que uma parte da elite pernambucana tinha interesse na nova unidade administrativa:

> O fato de esta proposta ter sido apresentada por um representante pernambucano, membro do clã dos Albuquerque indica, entretanto, que existiam setores da elite daquela província, em 1830, que defendiam a criação de uma unidade administrativa na região do Rio São Francisco, fortes o suficiente para se fazerem representar na Câmara dos Deputados. (GREGÓRIO, 2012, p. 415)

Não está nítido o interesse de Luiz Cavalcanti com a criação da província. Mesmo que consideremos a tese de Barbosa Lima Sobrinho de que isso era uma forma de protesto pernambucano,[149] ainda faltam informações sobre esta proposta. Supomos que este projeto talvez fosse uma medida para tentar reequilibrar as forças políticas entre as províncias do Norte. Ainda assim, a falta de registros de debates fica difícil de sustentar esta hipótese. Também não fica nítido uma possível relação entre as elites sanfranciscanas com os Cavalcantis no final do Primeiro Reinado.

Na sessão de 31 de agosto de 1838 foi apresentado o requerimento da câmara da vila de Rio de Contas para que a comarca fosse elevada a condição de província e que o território da antiga comarca do São Francisco e mais Urubu, Sento Sé na Bahia e Rio Pardo, São Romão e Formigas em Minas Gerais fossem incluídas na nova unidade administrativa. A fundamentação do pedido eram as dificuldades administrativas, judiciárias por conta da distância para a capital, cujo caminho foi qualificado como de má qualidade. Esta foi outra proposta que não foi possível encontrar maiores debates na assembleia geral. A comissão de estatística deu parecer de que antes de tomar uma decisão positiva ou negativa que era preciso ouvir as assembleias provinciais de Minas Gerais e Bahia.[150]

A tentativa de criação de uma província encabeçada por Rio de Contas possuía precedente em 1822 quando diante da insatisfação com o governo da Bahia e com a comarca de Jacobina, foi pleiteado, junto as cortes no Rio de Janeiro, a criação de uma província que também envolveria Caetité e Urubu. (FRUTUOSO, 2015, p. 51 – 52) Esta proposta fazia parte das disputas entre “portugueses” e “brasileiros” nos anos de tensão provocado pelos

---

[149] Segundo Lima Sobrinho, Paranhos Montenegro também defendia que essa proposição seria resultado de um protesto político. (LIMA SOBRINHO**.**, 1929, p. 195).

[150] BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. Primeiro anno da quarta legislatura, sessão de 1838. Tomo II. Rio de Janeiro: Typographia da Viúva Pinto & Filho, 1887. Disponível em < http://memoria.bn.br/docreader/132489/10924>. Acesso em 04 set. 2019. P. 430

movimentos de independência. Moisés Amado Frutuoso identificou nesse período dois projetos políticos em Rio de Contas:

> Primeiro, capitaneado pelos portugueses natos e seus aliados, teve como objetivo a manutenção e ampliação do prestígio político regional com a criação de uma nova província, incorporando territórios das províncias da Bahia e de Minas Gerais. O segundo, promovido por indivíduos nascidos na região e que se *autodenominaram brasileiros*, teve a pretensão de substituir o denominado *partido europeu* dos postos de mando e comando da vila. (*Ibid.*, p. 55)

A manobra da câmara de Rio de Contas pretendia abocanhar um território valioso para as relações mercantis das vilas centrais da província da Bahia. O rio São Francisco era observado por diversas autoridades como uma oportunidade de ampliação de redes dada sua posição estratégica. Talvez a emancipação proposta por Cavalcanti em 1830 também tivesse este mesmo anseio de buscar uma aproximação com os grupos sertanejos na tentativa de ampliar seu cabedal político. No caso de rio de Contas notamos com o pedido que parte do território central da Bahia estivesse ligada ao rio São Francisco e suas elites por laços diversos e, entre eles, os mercantis.

Tanto o requerimento lido em 1838 na Assembleia Geral quanto a pretensão de 1822 demonstram a importância que o sertão do rio São Francisco exercia para as áreas centrais da Bahia sejam elas pelas comunicações estabelecidas ou por possíveis aproximações políticas e comerciais. A proposta de 1838 está inserida num contexto diferente da pretensão de 1822. Enquanto esta é possível associar com os conflitos entre “portugueses” e “brasileiros” nas tensões provocada pela independência (além de uma extensão territorial limitada ao rio São Francisco), aquela estava relacionada com os sentimentos autonomistas incorporada “por novos grupos políticos, inclusive por aqueles que se posicionaram a favor do *partido brasileiro* em 1822-23”[151] e com uma extensão territorial maior com limite na província de Goiás.

Em 31 de agosto de 1839, Joaquim Manoel Carneiro da Cunha indicou a importância da Corte ser transferida para o centro do país e que o rio São Francisco seria o mais adequado. Para tanto, seria preciso criar uma província. A província teria como sede a vila de Barra e desmembraria territórios do Ceará, Bahia, Pernambuco e Minas Gerais:

> Art. 1º O governo fica autorisado a mandar um engenheiro á villa da Barra, na margem do Rio de S. Francisco, para tirar a planta topográfica do paiz, afim

---

[151] *Ibid.* P. 59.

> de crear-se ahi uma província, desmembrando-se de Minas Geraes, da Bahia, de Pernambuco e do Ceará os territórios precisos.[152]

A falta de dados era um problema para a criação de uma nova unidade administrativa.[153] Durante o período regencial tivemos notícias de projetos de criação de província nas margens do rio São Francisco em duas ocasiões: pela iniciativa de Rio de Contas e pela proposta de Carneiro da Cunha. A proposta de Joaquim Manoel Carneiro da Cunha era para viabilizar um estudo nas imediações do sertão do São Francisco para analisar as condições de criação de uma província e centralização das Cortes no Brasil.

Pelo visto não surtiu grandes efeitos, afinal, nas sessões de 13 de maio e 18 de agosto de 1843, ele lembrou da possibilidade de criação da referida província. Em 13 de maio de 1843, diante dos debates sobre a criação da província de uma província no Rio Negro, ele lembrou que tinha uma proposta de criação de província nas margens do rio São Francisco, mas que para levar adiante era necessária uma planta topográfica do território.[154]

Alguns meses depois, em 18 de agosto de 1843, Carneiro da Cunha lembrou que a província nas margens do rio São Francisco ajudaria a promover a navegação e “civilizar-se o paiz”.[155] Esta menção ocorreu enquanto era debatido as criações de províncias no Rio Negro e Curitiba.[156] O rio São Francisco se consolidou como uma referência não só de integração do país, mas de via de consolidação dos projetos civilizatórios das elites brasileiras oitocentistas. Porém, isso não pode ser considerado como uma formação unilateral oriunda do Rio de Janeiro. As elites são-franciscanas também se movimentaram e participaram desta construção. Podemos observar isso durante a proposta de 1850.

O terceiro projeto[157] teve a participação de deputados oriundos no sertão do rio São Francisco e foi lançado em 1850: Foram 06 signatários: José Bento da Cunha e Figueiredo

---

[152] BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. Segundo anno da quarta legislatura, sessão de 1839. Tomo II. Rio de Janeiro: Typographia da Viúva Pinto & Filho, 1884. Disponível em < http://memoria.bn.br/docreader/132489/12521>. Acesso em 04 set. 2019. P. 850.

[153] Citamos Victor Gregório (2012) anteriormente explicando que a falta de dados era uma dificuldade expressa no Brasil oitocentista.

[154] BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. Segundo anno da quinta legislatura, sessão de 1843. Tomo I. Rio de Janeiro: Typographia da Viúva Pinto & Filho, 1882. Disponível em < http://memoria.bn.br/docreader/132489/19993>. Acesso em 04 set. 2019. P. 169.

[155] BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. Segundo anno da quinta legislatura, segunda sessão de 1843. Tomo II. Rio de Janeiro: Typographia da Viúva Pinto & Filho, 1883 Disponível em < http://memoria.bn.br/docreader/132489/21448>. Acesso em 04 set. 2019. P. 797.

[156] A Tese de Victor Marcos Gregório (2012), já citada, analisa a emancipação do Amazonas e do Paraná. Recomendamos como referência para este assunto.

[157] Não contamos o requerimento da câmara de Rio de Contas. Apenas consideramos aqueles que indicaram o rio São Francisco e suas vilas como centrais para a nova província. Os outros projetos citados foram iniciativas ora das elites locais, ora de membros do legislativo brasileiro e contavam com as vilas san-franciscanas como possíveis capitais.

(deputado por Pernambuco),[158] Manoel Joaquim Bahia (deputado por Piauí, mesmo sendo baiano) e os baianos (que representavam a província de nascimento) João Maurício Wanderley,[159] Benevenuto de Magalhães Taques, José de Góes Siqueira[160] e José Antonio de Magalhães Castro.[161] Entre os signatários dois eram nascidos em Barra: João Maurício Wanderley e José Bento da Cunha e Figueiredo. (GREGÓRIO, 2012, p. 416 – 417) Segundo Wanderley Pinho ambos eram de famílias aliadas e fizeram parte do mesmo círculo no curso de Direito em Olinda. (PINHO, 1937, p. 38 – 45)

O projeto de 1850 foi amplamente discutido e revisado, porém, não foi aprovado. Entre os debates estavam a perda de parte do território mineiro que entraria na nova unidade administrativa. A defesa de João Maurício Wanderley consistia no atendimento dos interesses da população local e que ele, um dos proponentes, conhecia bem a região e suas necessidades. Alguns críticos, como o Deputado mineiro Luís Antonio Barbosa, alegavam que a nova província aumentaria a distância das cidades mineiras que seriam desmembradas e que ficariam mais distantes da capital chegando ao ponto de sugerir que a sede fosse uma vila de origem mineira. (GREGÓRIO, 2012, p. 418)

O projeto tinha como pretensão reunir áreas nas imediações do Rio São Francisco nas províncias de Minas Gerais, Bahia e Piauí. A capital provisória seria a vila de Urubu que deveria ser elevada à categoria de cidade:

> Art. 1º É creada uma província com a denominação – do Rio de S. Francisco – a qual será composta das comarcas de Parnaguá, da província do Piauhy, de Urubú, Barra, dos termos de Pilão-Arcado, Sento Sé e Joazeiro, da província da Bahia, dos termos de Paracatú, de S. Romão e Januária, da província de Minas.[162]

---

[158] Nascido na Vila da Barra em 1808. Foi deputado por Pernambuco e presidente das províncias de Alagoas e Pernambuco. (BLAKE, 1898a, p. 336).

[159] Nascido na Vila da Barra em 23 de outubro de 1815, João Maurício Wanderley foi batizado com o mesmo nome do pai. Exerceu mandatos de deputado provincial e geral na década de 1840 até o começo da década de 1850. Foi senador entre 1856 – 1889. Também exerceu a presidência da província da Bahia entre 1852 e 1855. SENADO. Barão de Cotegipe. Disponível em < https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/1819 >, acesso em 22 out. 2019.

[160] Nasceu em Santo Amaro em 1817. Foi médico e teve a vida política mais atrelada com o legislativo sendo deputado provincial e geral. (BLAKE, 1898a, p. 441).

[161] Nascido na Bahia em 1814. Foi deputado pela Bahia na quinta, oitava e nona legislaturas gerais. José Antonio de Magalhães Castro se formou em Direito em Olinda e exerceu algumas funções no judiciário brasileiro como Juiz de Direito, Desembargador da Relação na Corte e Ministro do Supremo Tribunal de Justiça. (BLAKE, 1898a, p. 298).

[162] CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. Segundo anno da oitava legislatura, segunda sessão de 1850. Tomo 2. Rio de Janeiro: Typographia de H.J. Pinto, 1880. Disponível em < http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/34440 >, Acesso em 13 set. 2019. P. 232 – 233.

Segundo Wanderley Pinho, João Maurício Wanderley teria indicado a vila de Urubu (que mudaria de nome para União) como capital para evitar uma impugnação de conveniência pessoal ao projeto:

> Os mineiros vetavam mutilações do vasto territorio de sua provincia. Contra a proposição de Wanderley alegavam, sobretudo, as distancias de Paracatú a Urubú, villa designada como capital da nova província, porque Wanderley, evitando a seu projecto a impugnação de conveniencia pessoal, não quizera indicar a Barra, seu torrão natal, na esperança ou certeza de alguma emenda no correr da discussão. (PINHO, 1937, p. 350)

A defesa de João Maurício Wanderley tinha como argumento a necessidade de atender os interesses da população da região e que o território retirado da Bahia seria muito maior do que a fração retirada de Minas Gerais. Afirmou que conhecia bem a região e suas necessidades justamente por ser “filho do Rio São Francisco”.[163] Ele teceu uma descrição em resposta aos críticos como Barbosa. O debate girava em torno da viabilidade econômica, política e estrutural. A estratégia de Barbosa era dificultar ao máximo a viabilidade da província para evitar a mutilação mineira. É possível que a indicação feita por ele para que Paracatu fosse capital no fundo servisse como uma manobra não só de aproximar a capital para uma elite política mais identificada com Ouro Preto, mas também para dificultar a proposição nortista. (GREGORIO, 2012, 418)

João Maurício Wanderley descreveu o rio São Francisco situado numa posição quase que central no país e com um alcance para diferentes províncias como Bahia, Minas Gerais, Goiás, Pernambuco e Ceará. A distância para algumas capitais dificultava, no seu argumento, a eficiência da administração. A nova província seria de segunda ordem por ter um contingente populacional suficiente para tal.[164]

A vila de Urubu teve sua importância atribuída à freguesia que, segundo Wanderley, era composta por habitantes numerosos e ricos. Porém, ele não soube precisar o número exato da população.[165] As distâncias das vilas para a sede da província (seja a nova ou as velhas – Bahia, Piauí, Minas Gerais) serviram para argumentações contrárias e favoráveis. De um lado era apontado que a nova província não resolveria o problema e poderia agravar; do outro lado,

---

[163] BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. terceiro anno da oitava legislatura, sessão de 1851. Tomo II. Rio de Janeiro: Typographia de H.J. Pinto & Filho, 1876. Disponível em < http://memoria.bn.br/docreader/132489/31550>. Acesso em 04 set. 2019. P.634. João Maurício Wanderley usou a expressão conforme citado como uma forma de balizar o seu conhecimento das necessidades regionais.

[164] BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. terceiro anno da oitava legislatura, sessão de 1851. Tomo II. Rio de Janeiro: Typographia de H.J. Pinto & Filho, 1876. Disponível em < http://memoria.bn.br/docreader/132489/31550>. Acesso em 04 set. 2019. P. 634 – 635.

[165] *Ibid.* P. 635.

indicava que resolveria. Como visto, a falta de dados era um problema para a segurança dos argumentos tanto dos críticos como dos defensores.

O requerimento pelo encerramento da discussão foi aprovado na sessão de 21 de agosto de 1851[166] e voltou a ser discutido em 1857. Nesse intervalo algumas representações de câmaras municipais chegaram ao Rio de Janeiro como a da Câmara de Januária (Minas Gerais) que enviou um requerimento contra a sua retirada de Minas Gerais para a nova província que foi apresentado na sessão de 18 de maio de 1853.[167]

Em 1856 novas discussões foram realizadas com tentativas de adequações, mas sem consenso. (GREGÓRIO, 2012, p. 426) Os debates entraram em 1857 e a deputação mineira, dessa vez com Martinho de Campos, passava a destacar falhas de informações como a quantidade de deputados gerais que a nova província iria eleger.[168]

O projeto de criação da província praticamente foi encerrado em 1857 após longas discussões sobre sua viabilidade e tentativas de proteção territorial de algumas unidades como Minas Gerais. A falta de dados era nítida na argumentação de críticos e defensores da emancipação sanfranciscana. Como já ressaltamos isto era um problema, mas, assim como também lembrou Victor Gregório enquanto o debate ocorria Halfeld iniciava sua viagem pelo rio São Francisco por encomenda do Imperador D. Pedro II para estudar a viabilidade da navegação. (GREGÓRIO, 2012, p. 425)

O quarto projeto foi lançado em 1873 e avançou mais nos debates parlamentares chegando até ao senado. Ele foi lançado pelo imperador D. Pedro II na abertura dos trabalhos legislativos: “Uma nova circunscrição administrativa, que compreenda as férteis margens do rio S. Francisco, é um centro de vida e de progresso para aquela extensa e afastada zona do território nacional, até hoje privada em grande parte, dos influxos e vantagens da civilização.” (CALMON, 1977, p. 416)

Tanto o projeto de 1850 quanto o de 1873 tiveram seus debates girando em torno do isolamento da região e da distância para a capital. Os defensores acreditavam que a criação da

---

[166] *Ibid.* P. 644.

[167] BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. primeiro anno da nona legislatura, sessão de 1853. Tomo I. Rio de Janeiro: Typographia Parlamentar, 1876. Disponível em < http://memoria.bn.br/docreader/132489/33288> , acesso em 04 set. 2019. P. 229. Ver também Victor Marcos Gregório (2012, p. 425 – 426).

[168] Manoel de Melo Franco já tinha adotado esta estratégia anteriormente. Para evitar a mutilação, a deputação mineira utilizou diversos argumentos que vão desde as lacunas do projeto como exposto até a contestação em relação aos custos, distâncias para capital e etc. Victor Gregório também explicou que o princípio da representatividade foi um dos obstáculos para a criação da província do rio São Francisco na década de 1850. (GREGÓRIO, 2012, p. 418 – 420).

nova unidade resolveria os problemas relacionados com o avanço civilizacional, ordem e moral. Os críticos rebatiam desacreditando na capacidade de transformação com a criação da província. Martinho de Campos, deputado mineiro, foi um dos ferrenhos críticos em 1873 e achava que por ela estar localizada numa área tida como distante e sem grandes conveniências que isso não daria um resultado positivo.[169]

Tanto no senado, já que o projeto de 1873 avançou, quanto na Câmara, o sertão do rio São Francisco era concebido como distante e oposto ao litoral. Esta oposição reforçava os estereótipos de civilização/barbárie expostos na seção 1 desta tese. Enquanto defensores da criação da província argumentavam que a formação de uma unidade administrativa possibilitaria a introdução de estruturas políticas para gerir o território, os críticos argumentavam que a região não possuía condições para receber tal estrutura.

A navegação e a ferrovia foram pontos que apareceram nos debates e que incrementavam discursos dos dois lados: 1) defensores do projeto argumentavam que a nova província tinha condições de receber o aparato político-administrativo e poderia se desenvolver, uma vez que o governo imperial colaborasse com o desenvolvimento da navegação e com a ferrovia; 2) os críticos consideravam que a indústria, navegação e ferrovia é que seriam a saída para o desenvolvimento dos "povos" do interior do Brasil.

Para o deputado mineiro Martinho de Campos, os custos com a nova província poderiam ser investidos na navegação e ferrovia que contribuiriam muito mais por conta do que ele considerava como necessidade regional nos sertões.(CAMPOS, 1873, p. 5) Ou seja, a criação da província não seria a solução nem para a navegação ou ferrovia na região do São Francisco e muito menos para a população da nova unidade administrativa. Ao contrário disso, os custos, na perspectiva de críticos como Campos, poderiam ser revertidos para investimentos como os mencionados acima. Senra destacou que um dos papéis da província para os proponentes do projeto seria de aproximar a autoridade da população local através da figura do presidente de província e do chefe de polícia. (SENRA, 2012).

Acrescentamos um terceiro item que era o problema de administrar uma província com a extensão da Bahia. Esta foi uma queixa recorrente entre os presidentes da província baiana como João Maurício Wanderley, em 1853, e João Lins Vieira Cansansão do Sinimbu, em 1857. (SILVA, 2017, p. 95-98) Isso reforçava a ideia de que um aparato administrativo poderia gerar

[169] CAMPOS, Martinho Alvares da Silva. **Discursos proferidos na Câmara dos Srs Deputados sobre a creação da província de São Francisco em sessões de 10, 20 e 29 de maio.** Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1873.

como efeito a solução para os problemas de desenvolvimento econômico da região e redução da criminalidade. Porém, a extensão do território da província do rio São Francisco presente no projeto de lei 381, de 1873, não envolvia apenas o território São-franciscano da Bahia e alcançava áreas mineiras e pernambucanas.

A queixa de João Maurício Wanderley sobre a relação entre a dificuldade de administração da província da Bahia e a sua extensão territorial, não pode também ser deslocada de possíveis interesses emancipatórios das elites do sertão do São Francisco. Wanderley como representante da sociedade sanfranciscana e com circulação política no Império não perderia a chance de reforçar uma de suas proposições na gestão da principal província a ser subtraída.

O projeto foi aprovado na Assembleia Geral, no dia 07 de junho de 1873, com a seguinte demarcação conforme o parágrafo 1º:

> Art 1º É elevado à categoria de província, com a denominação de província do Rio S. Francisco, o território que compõe: 1º, as comarcas de Monte-Alto, Urubú, Campo Largo, S. Francisco, Chique-Chique e Joazeiro, da província da Bahia; Boa Vista, Cabrobó e Ouricury, da província de Pernambuco; 2º, as comarcas de Itapirassaba e S. Francisco, província de Minas Gerais, e território adjacente, que terá por limites o Rio Preto até á sua confluencia com o Rio Paracatú; este até á barra do rio do Somno; uma linha recta tirada deste ponto e que atravesse a serra da Matta da Corda em direcção á cachoeira do Pirapora; outra linha recta, que partindo desta cachoeira, e cortando os rios das Velhas e Jequitahy, vá ter á serra do Sapé; e finalmente esta serra a alcançar uma linha sul-norte até á última vertente do rio Mangahy, á margem direita do Rio S. Francisco.[170]

Por mais que esta demarcação esteja no projeto aprovado, os limites foram questionados pelos deputados e, posteriormente, pelos senadores que consideravam como imprecisos. Os debates acerca dos territórios desanexados das províncias geraram maiores reclamações por parte dos liberais mineiros. (SENRA, 2012, p. 182)

Na câmara, o maior oposicionista do projeto foi o deputado mineiro Martinho de Campos que era liberal. Tanto que seus discursos foram publicados como um documento crítico ao projeto e usado no senado por parte da oposição, em especial a mineira. Na sessão de 10 de maio de 1873 ele defendeu que as províncias deveriam ser grandes e que as pequenas províncias não contribuíam positivamente para o progresso do país, afinal as províncias pequenas

[170] BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento Brazileiro.** Câmara dos srs. Deputados segundo anno da décima-quinta legislatura. Sessão de 1873. Tomo 2. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve &C., 1973. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/132489/55423>, Acesso em 07 set. 2019. P. 61.

serviriam apenas para darem tristes exemplos de toda espécie de imoralidade. Sua crítica também mirava os territórios goianos e mato-grossenses.[171]

Na sessão de 29 de maio de 1873, Campos criticou a criação da província por considerá-la numa região distante, sem grandes conveniências e, também, por conta da falta de dados precisos.[172] Num discurso de julho de 1873 afirmou que a proposta prejudicaria Minas Gerais causando maiores dificuldades para o escoamento de sua produção e que a Bahia e Pernambuco seriam beneficiadas por causa de um possível acréscimo de deputados ou de influência política.[173]

É preciso destacar que Minas Gerais era uma das maiores províncias brasileiras tanto em extensão territorial quanto demograficamente. (CASTRO, 2016, p. 70) Esta província possuía força política dentro do Império e sua deputação era consciente, ou desconfiava dos possíveis efeitos nocivos da fragmentação para os interesses que eles representavam.

Os defensores dentro da Assembleia Geral argumentavam que a nova província iria produzir resultados positivos para a população local. No Senado o debate foi retomado após o projeto ser enviado pela Assembleia Geral ainda em 1873. A argumentação dos senadores girava em torno dos mesmos temas levantados pelos deputados.

Em 30 de julho de 1873, Sinimbu argumentava que a criação da nova província deve não só ser baseada em dados estatísticos, mas na vontade política da população envolvida. (SENRA, 2012, p. 191)[174] Para o Barão de Cotegipe isso era uma manobra para retardar a aprovação do projeto e afirmou que a criação de província não poderia ter a mesma exigência da demarcação de limites internacionais.[175] Os entraves provocados pela falta de informações do censo provocaram a desistência por parte do governo que abandonava a ideia da nova província. (SENRA, 2012)

Os debates acerca da criação da província do rio São Francisco revelavam projetos e/ou perspectivas de projetos para a região do rio. A navegação, ferrovia e transposição eram lembrados pelos deputados e senadores. Os defensores do projeto nas duas casas apostavam na navegação e na extensão da ferrovia até Juazeiro como parte do sustentáculo econômico da

---

[171] CAMPOS, Martinho. ***Op. Cit.,*** 1873. P. 1 – 9.
[172] *Ibid.* P. 33 – 34.
[173] *Ibid*. P. X - XI
[174] BRASIL. **Anais do Senado:** Annaes do Senado do Império do Brazil, Livro 07, anno 1873 (Transcrição). Secretaria Especial de Editoração e Publicações; Subsecretária de Anais do Senado Federal. P. 192.
[175] BRASIL. **Anais do Senado:** Annaes do Senado do Império do Brazil, Livro 07, anno 1873 (Transcrição). Secretaria Especial de Editoração e Publicações; Subsecretária de Anais do Senado Federal. .P. 193.

nova província. Por outro lado, os opositores nas duas casas indicavam que a navegação ainda era incipiente e que quando a ferrovia chegasse em Juazeiro, tornaria inútil a criação da província. A ferrovia era encarada como a ligação entre o litoral e o sertão.

Alguns senadores (críticos do projeto) chegaram a propor a suspensão dos debates do projeto, pois a chegada da estrada de ferro em Juazeiro poderia melhorar a situação da região e, talvez, até inutilizaria a necessidade de criação da província. Por isso, achavam precipitado. Alguns deles defendiam, como Saraiva na 62ª sessão em 30 de julho de 1873, que a estrada de ferro chegasse em Juazeiro e Urubu aproveitando esses dois importantes portos são-franciscanos e tornando inútil a criação da província.[176]

O projeto também recebeu críticas dentro da Bahia quando Armando Gentil[177] apresentou o relatório sobre a nova província. Gentil foi membro da sessão de estatística da província da Bahia e elaborou um relatório sobre a criação da província do rio São Francisco e os possíveis efeitos para a Bahia. Em 22 de outubro de 1873 ele escreveu para o recém empossado presidente da província Antonio Candido da Cruz Machado afirmando que o projeto é prejudicial para a província. Antes, em 07 de outubro de 1873, ele havia fornecido suas considerações para José Eduardo Freire de Carvalho (então Vice-Presidente da província)[178] na qual explicou que a proposta poderia contribuir para o desenvolvimento da região e melhorar a vida dos sertanejos principalmente na parte intelectual.[179]

Gentil discordou de que a Bahia tivesse que ficar com suas navegações limitadas ao trecho do povoado de Rodelas até o rio do Curral Velho (com o obstáculo da cachoeira de Paulo Afonso). Segundo ele, a nova província ficaria com toda a navegação do São Francisco desde o povoado de Rodelas até a confluência com o rio Verde Grande (limite sul com Minas Gerais). Ou seja, a maior parte navegável ficaria com a nova província. O outro prejuízo seria a perda da cidade da Barra (que levaria nas suas contas 12 vilas e 18 paróquias). Restaria como oeste da Bahia a parte do sertão considerada seca, menos povoada e menos cultivada. Por fim, Gentil sugeriu uma nova divisão:

> Partindo da serra que separa a província da Bahia da do Piauí, toma o riacho do Ferreiro na sua nascente e acompanha-o até a confluencia no rio S. Francº, 5 ½ léguas abaixo de Pilão Arcado. Sobe pela margem esquerda do rio S. Francº na distancia de uma légua, até entestar com o rio Verde Pequeno, na

[176] BRASIL. Anais do Senado: Annaes do Senado do Império do Brazil, Livro 07, anno 1873 (Transcrição). Secretaria Especial de Editoração e Publicações; Subsecretária de Anais do Senado Federal. P. 196.
[177] Assinava como “empregado aposentado”.
[178] José Eduardo Freire de Carvalho exerceu a função de Vice-presidente da província entre 10 de junho e 22 de outubro de 1873. (CASTRO, 1978, p. 98).
[179] APEB. Seção Colonial e Provincial. Administração: Limites de freguesias (1883 – 1882). Maço: 1553.

> margem oposta, pelo qual sobe acompanhando-o, e chegando á altura do districto de Mata Fome, segue em linha recta, no rumo de SSO, deixando á direita do rio Paramerim até encontrar a estrada de Monte Alto a Carinhanha, distante d'esta villa 20 léguas, continuando no mesmo rumo até tocar na margem direita do rio Verde Grande. Estabelecido assim o limite, cederá a Bahia á nova província uma area talvez de mais de 4000 léguas quadradas ou cerca de um quarto de seu território, comprehendendo a cidade da Barra do Rio Grande, as villas de Chique-Chique, S. Ritta do Rio Preto, Campo Largo, Urubú, Macahúbas, Rio das Éguas e Carinhanha, e 11 freguesias attinentes.[180]

A partir da sua recomendação, Gentil concluiu que a navegação no rio São Francisco a partir de Pilão Arcado ficaria livre para a Bahia e a nova província poderia explorar melhor os caminhos para outras províncias como Goiás, Pernambuco, Piauí, Bahia e Minas Gerais.[181]

As propostas de criação de província endossaram não só uma leitura de região que a partir do entendimento do seu recorte e das áreas a ela conectada é que se estabeleceria província. O Sertão do rio São Francisco esteve na pauta de discussão do governo central por diversas vezes, mas muito por conta de sua posição estratégica e possibilidades de comunicação com o centro do país do que pela sua produção econômica marcada pela diversificação. As propostas de aperfeiçoamento das vias de comunicação no período monárquico miravam o rio São Francisco não apenas pela sua navegabilidade, mas pela sua potencialidade estratégica para a defesa.

Os homens do Império, possivelmente, herdaram do período colonial o entendimento geoestratégico do rio São Francisco. Em grande medida isso era perceptível pelas autoridades e elites san-franciscanas. É preciso destacar a presença de personagens como João Maurício Wanderley que foi um ferrenho defensor da província do rio São Francisco nas duas últimas ocasiões em que o projeto esteve em debate. D. Pedro II também se sensibilizou com a proposta ao ponto de lançá-la em 1873.

Outro aspecto que observamos é a defesa dos conservadores da emancipação são-franciscana. É possível que o sertão do rio São Francisco tenha sido um reduto conservador – analisaremos as aproximações com conservadores e liberais na seção 6.[182] Porém, um dos maiores empecilhos estava na possibilidade de mutilação de três províncias politicamente fortes no Império: Bahia, Pernambuco e Minas Gerais. Sérgio Buarque de Holanda indicou as três supracitadas compondo com o Rio de Janeiro a "dominação tetrárquica". (HOLANDA, 2005, p. 318) A partir de Holanda podemos considerar que a disputa não envolvia apenas um

---

[180] APEB. Seção Colonial e Provincial. Administração: Limites de freguesias (1883 – 1882). Maço: 1553.
[181] *Ibid*.
[182] Conservadores e liberais tensionaram no sertão, mas isso deixamos para mais adiante na tese.

sentimento autonomista por parte das elites locais, mas no tabuleiro político do Império estava em jogo a correlação de forças regionais que buscavam capitalizar junto ao Imperador melhores condições de exercício de poder.

O Sertão do rio São Francisco podia sofrer mudanças no mapa judiciário com a adequação ou criação de novas comarcas, mas isto não anulava a percepção sertaneja de região. Por um lado, o Império pensava no rio pela possibilidade geoestratégica para a administrar o interior e para dinamizar as relações econômicas; do outro lado, temos autoridades e elites que interpretavam a região em diálogo com as concepções teóricas existentes, mas também formavam um entendimento de agentes sociais e políticos diversos envolvidos em disputas políticas e tensões sociais.

4. FOGO NOS GERAIS – TENSÕES NO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO

Na seca, a politicagem
Dos coronéis faz parada
Homens aqui são tratados
Como se fossem boiada
Triste sertão de “caboco”
Onde um voto vale pouco,
Onde a vida vale nada.
(ARAGÃO; LUCENA, s.d., faixa 7)

As tensões sociais e políticas nos permitem analisar as disputas entre as autoridades e os membros das elites em torno do controle das estruturas do Estado brasileiro. Não era só o *modus operandi* dos agentes do Estado no sertão do São Francisco, mas também as relações de dominação e controle social das camadas subalternas.

As tensões não são elementos exclusivos do sertão do rio São Francisco. Sedições, desordens, barbárie e facínoras são algumas das expressões que encontramos, com certa frequência, na documentação que menciona situações de violência nessa região, porém, em outros pontos do Império também é possível encontrar episódios de disputas e tensões sociais e políticas. No nosso estudo, não se trata de abordar algo como exclusivo do recorte regional (mesmo que um ou outro caso possa ser ou parecer muito específico), mas analisar como em certa medida a repressão atuou no modo de disciplinar o território e moldar a região.

Desta forma, esta seção está dividida em duas partes. A primeira trata das condições estruturais e das dificuldades das autoridades para a manutenção da ordem hegemônica no Estado Imperial brasileiro, bem como suas percepções sobre a sociedade sertaneja. Na segunda, discutiremos a condição de dominação racial no sertão do rio São Francisco principalmente em relação aos povos indígenas.

4.1. QUANDO A GEOGRAFIA NÃO AJUDA, O POVO ATRAPALHA: RECLAMES DAS AUTORIDADES NO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO

O título desta sub-seção tentou ser provocador, mas por uma razão bem simples: as fontes analisadas foram escritas por autoridades que tinham sido constituídas no sertão do São Francisco. De modo grosseiro, poderíamos resumir como afirmado: “Quando a geografia não ajuda, o povo atrapalha”. Nem sempre a população era descrita como responsável pelos

problemas locais, mas, em algumas situações, os juízes se queixavam delas, sem contar a preocupação com os retirantes das secas nas províncias do norte.

No meio desse jogo de colocar os sertanejos entre os responsáveis pelos problemas e os cordiais e ordeiros desassistidos, ainda estavam os grupos armados que circulavam por vilas e arraiais. Para os últimos, assim como para os retirantes, é a geografia que não ajudava na repressão. Afinal, ora a seca provocava a carestia e o surgimento de grupos de pessoas fugindo do sofrimento de outros lugares, ora as cheias dos rios geravam prejuízos e atrapalhavam a locomoção de juízes pela comarca. Entre os prejuízos provocado pelas cheias estava a destruição de construções como as cadeias. Não esqueçamos que estamos tratando de vilas situadas na beira de rios. A extensão da comarca era outra dificuldade para a circulação dos juízes expressada nas correspondências.

As considerações das autoridades sobre a população, de um certo modo, expressavam a posição de poder e vínculos sociais nos quais esses indivíduos estavam submetidos. Porém, antes de imaginarmos que juízes e vereadores apenas teciam duras queixas contra a população, apontamos algumas informações que demonstram a existência do contrário. Ou seja, quando as autoridades elogiavam a população. Isso indica que situações conflituosas dentro dessas comunidades como também a necessidade das autoridades em levar as queixas e demandas locais para os governos provincial e Imperial. Para as autoridades era conferido uma carga simbólica de poder por representarem o Estado imperial e servirem como agentes do processo de vigilância e ordenação do território e, consequentemente, da sociedade.

Em 29 de julho de 1828, a câmara de vereadores da Vila da Barra[183] escreveu ao presidente da província, José Egídio Gordilho de Barbuda, para tratar do problema do derramamento de moedas falsas. Segundo os vereadores da Vila da Barra, a população seria inocente da circulação de tais moedas. O bando de 21 de maio de 1828 sobre o troco foi colocado em prática em Barra, porém, novas medidas sobre a circulação monetária ainda se faziam necessárias e solicitaram maior prazo para o processo de substituição das moedas, principalmente diante do estado de convulsão que poderia surgir.[184]

O problema do derrame de moedas falsas terminava desencadeando uma alta de preços (TRETTIN, 2010, p. 4) agravando ainda mais a acessibilidade da população aos gêneros

---

[183] Os vereadores presentes foram: Manoel Rodrigues de Almeida (presidente), Antonio Pereira da França, Francisco José Telles e Eduardo Mariani.
[184] APEB. Seção: Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência da Câmara de Barra do Rio Grande (1824 – 1839). Maço: 1257.

alimentícios. Segundo Alexander Trettin, essas moedas se tornaram aceitáveis pelo governo provincial em 1826 e agravou a situação inflacionária quando a partir de 1827 as moedas de cobre foram emitidas para atender a demanda dos pagamentos dos custos do próprio Estado. (2010, p. 04) Para tentar sanar a situação provocada pelas moedas de cobre falsas foi praticado um resgate dessas moedas entre abril e maio de 1828. (p. 45)

Lina Aras explicou que as moedas de cobre foram instituídas durante a guerra de independência e seu cunho imperfeito terminou facilitando o processo de falsificação:

> A moeda falsa que continuava a circular era uma das principais preocupações da administração da província da Bahia. Foi durante a guerra de independência que o governo interino em Cachoeira instituiu a moeda de cobre, cunhada a partir do metal cortado em pedaços com o valor de 80 réis. O cunho era imperfeito, o que facilitou a falsificação. (ARAS, 1995, p. 89)

Lina Aras também alertou que as moedas falsas se tornaram um grave prejuízo para o governo provincial, além de terem sido um fator de instabilidade social devido aos protestos e, acrescentamos, também, devido aos problemas inflacionários provocados pela sua circulação. (1995, p. 91) É possível que fosse um consenso entre as várias autoridades de que a responsabilidade da situação das moedas falsas não era da população, bem como também era consenso que a solução a ser elaborada pelo governo Imperial era urgente devido às instabilidades provocadas.

A câmara de Barra em 1828 inocentava a população na busca de medidas que dessem melhor prazo de execução na comarca. Não só a câmara municipal elogiava a população como também outras autoridades como juízes. Especificamente mencionamos Francisco Pereira Dutra que, em 1840, era Juiz de Direito da Comarca do rio São Francisco. Diferente da câmara de Barra de 1828 que alegava inocência da população como parte da estratégia discursiva para obter mais vantagens com os prazos referente às moedas falsas circulantes na comarca, o magistrado, em 1840, parecia aderir a essa estratégia como forma de desprestigiar as informações fornecidas pelo juiz de paz de Pilão Arcado.

Francisco Pereira Dutra estranhou a exposição feita pelo juiz de paz de Pilão Arcado sobre uma possível influência da rebeldia do Maranhão na sua vila – Vale lembrar que a vila de Pilão Arcado estava na margem esquerda do rio São Francisco ao norte da vila da Barra e próximo da fronteira sul do Piauí. Dutra assegurou que a população da comarca seria patriótica

e não entraria num conflito contra a constituição do Império.[185] Trataremos mais adiante sobre o impacto da Balaiada no sertão do São Francisco.

Na correspondência do juiz de paz de Pilão Arcado, Antonio de Albuquerque Mello Montenegro, não fica nítido qual teria sido a influência da rebeldia maranhense na sua vila. Porém, destacamos que, após a resposta de Dutra ao presidente da província, Montenegro ressaltava a tranquilidade de Pilão Arcado em relação aos movimentos rebeldes.

Outro fator que podemos desconfiar era que possivelmente Montenegro estivesse disposto a articular o fortalecimento bélico de Militão Plácido França Antunes já que, em 30 de março de 1840, ele fora indicado pelo juiz de paz como pessoa de confiança para os trabalhos da organização da tropa repressiva.[186] É possível supor que no jogo do fortalecimento bélico de grupos próximos à Militão e no xadrez da política regional, Dutra não estivesse alinhado com o comendador e ciente do papel de Antonio Albuquerque Mello Montenegro nesse tabuleiro. Ressaltamos que foi na década de 1840 que a rivalidade entre as famílias Militão e Guerreiros foi acirrada na disputa pela supremacia local. (ARAÚJO, 2009a)

Encontramos uma postura simpática à população local com o juiz municipal e de órfãos de Santa Rita do Rio Preto, Joaquim Antonio Wanderley. Em 22 de janeiro de 1854, ele escreveu para a presidência da província para relatar a presença perturbadora de forasteiros contra os habitantes que foram descritos como “pacíficos”. O detalhe dessa situação era que Wanderley era 1º suplente de juiz municipal e de órfãos. O titular era Luiz Manuel Fernandes Barreiros que estava lotado em Campo Largo. Isso ocorria porque os dois termos eram reunidos, ou seja, as duas vilas compartilhavam algumas autoridades que eram de âmbito municipal. Assim, Wanderley reforçava que não era possível para seu colega atender a determinadas demandas da população de Santa Rita.[187]

O tamanho da comarca (um problema herdado do período colonial) e as condições das estradas tornava difícil o deslocamento de autoridades como o juiz de Direito que ficava na sede, em Barra. A situação se agravava, ao menos para Santa Rita do Rio Preto, que dividia o juiz municipal e de órfãos com outra vila (Campo Largo). O problema da extensão territorial

[185] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250

[186] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533. Comentaremos sobre o conflito entre as famílias de Militão e os Guerreiros mais adiante.

[187] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566.

será abordado logo mais neste estudo. Apelar para a descrição “pacífica” da população era uma forma de argumentar a importância de maior atenção para esta localidade.

O argumento de Wanderley contém duas coisas importantes: 1) a falta da autoridade titular no local; 2) as pretensões de Santa Rita em contar com mais autonomia e, para isso, era preciso ter em sua vila um aparato jurídico e policial mais presente. Desde 1849 que esta vila encabeçava propostas de criação de uma comarca separada do rio São Francisco. A comarca contaria com a vila de Campo Largo, mas a sede seria Santa Rita.[188]

O argumento contrário também pode ser observado em diferentes correspondências. Na correspondência de 19 de janeiro de 1847 (já citada anteriormente nesta tese), o juiz de Direito da Comarca do rio São Francisco, Antonio Joaquim da Silva Gomes, descreveu a população como pouco laboriosa e defendeu como alternativas para oferta de trabalho o incentivo para produção de “azeites” de pequi, buriti e, também, a exploração de outros recursos naturais oriundos dos cerrados.[189]

Em outro documento, também já citado nesta tese, a câmara de vereadores de Santa Rita do Rio Preto encaminhou para a presidência da província da Bahia em 11 de abril de 1872[190] o relatório elaborado pelo vigário Antonio Florencio Alves Monteiro, da freguesia de Sant’Ana do Rio Preto, sobre as condições da lavoura no município. Monteiro, assim como Gomes em 1847, descreveu a população como pouco habituada ao trabalho e teceu críticas aos homens apontados como “honrosos” que não se dedicariam à lavoura para servir como exemplo para os demais habitantes. A falta de trabalhadores seria uma das explicações para o fracasso da lavoura local ao ponto de sugerir a formação de colônias.[191]

Cleiton Melo Jones afirma que as noções de “colônia” e “colonos” poderiam expressar tanto o “processo de ocupação de lotes rurais com o emprego de trabalhadores livres” como também “o conjunto de moradias em uma fazenda e os trabalhadores rurais dependentes.” (JONES, 2014, p. 17) Ressaltamos o apreço pelo trabalhador estrangeiro no Brasil do século XIX para compor as colônias e, conforme contextualizado por Jones, na década de 1870

---

[188] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566.
[189] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1845 – 1849). Maço: 2251.
[190] Nesta sessão, a câmara de Santa Rita do Rio Preto contou com os seguintes vereadores: José da Rocha Menezes (presidente), José Faborino Cavalcanti, Casemiro Caetano dos Santos, João Antonio dos Santos, Laurentino Libello de Souza.
[191] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1860 – 1873). Maço: 1423.

tivemos uma retomada nas iniciativas em favor da imigração europeia após, em especial, a aprovação da Lei do Ventre Livre em 1871. (2014, p. 38) Monteiro não deixou explícito se era desejável colonos estrangeiros ou nacionais, mas que havia interesses de alguns proprietários em investir nessa iniciativa.

Além das acusações das autoridades sobre o baixo apreço da população ao trabalho, havia também o mesmo em relação à educação. Numa correspondência de 13 de janeiro de 1873, a câmara de vereadores de Campo Largo[192] enviou uma resposta ao presidente da província sobre os trabalhos para organização e execução de uma comissão com objetivos de levantar donativos para a construção de escolas com prédios apropriados para tal. Para os vereadores, a tarefa seria de difícil execução dada a pobreza dos moradores e o baixo interesse pela "instrução pública". Os membros da câmara afirmavam estarem interessados na criação de escolas no município, porém, se eximiram de responsabilidades acusando a população de ser desinteressada aos trabalhos de educação.

O trabalho e a educação aparecem como tópicos próximos entre si por serem dois caminhos considerados pela elite política Imperial para o progresso da nação e superação de hábitos considerados nocivos para a sociedade. Quase todos esses hábitos distanciariam os indivíduos tanto dos valores morais atrelados com uma percepção civilizacional eurocêntrica quanto da disponibilização de braços para mão de obra num país em que avançava, mesmo que de forma lenta, para o sufocamento da escravidão.

O termo "preguiça natural" foi utilizado para descrever a população de Campo Largo na correspondência do juiz de Direito da comarca do rio São Francisco, Antonio Joaquim da Silva Gomes, enviada para o governo provincial em 05 de março de 1847. Gomes transmitia as queixas do pároco que afirmara ao magistrado que mesmo tendo terra cultivável, a vila possuía poucos recursos de primeira necessidade e a culpa era da "preguiça natural" dos moradores.[193]

Darcy Ribeiro explicou que a camada dominante lançava seu arsenal ideológico no qual eles assumiam o papel de civilizadores impondo aos oprimidos a condição de subserviência e sacralização da ordem social. Desse modo, cabia aos setores hegemônicos guiar as outras camadas no caminho da civilização superando o que seria a "preguiça inata":

> Tal é a força dessa ideologia que ainda hoje ela impera, sobranceira. Faz a cabeça do senhorio classista convencido de que orienta e civiliza seus

---

[192] Nesta sessão estavam presentes os seguintes vereadores: Francisco de Assis Macedo (presidente), João José da Rocha, Conrado Luís Coimbra, Sinforiano Gonsalves Leite e Benjamim Américo de Souza Rabello.

[193] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1845 – 1849). Maço: 2251.

> serviçais, forçando-os a superar sua preguiça inata para viverem vidas mais fecundas e mais lucrativas. Faz, também, a cabeça dos oprimidos, que aprendem a ver a ordem social como sagrada e seu papel nela prescrito de criaturas de Deus em provação, a caminho da vida eterna. (RIBEIRO, 2006, p. 65)

A disponibilidade ao trabalho era um dos pré-requisitos para o enquadramento daqueles indivíduos que poderiam ser classificados como bom ou mau cidadão. Como percebemos, em diferentes momentos as autoridades descreviam a população local mais adepta da ociosidade do que do trabalho. Não podemos nos furtar de considerar que as fontes são produzidas por indivíduos que ocupavam postos das relações de poder do Estado Imperial brasileiro e, muitos deles, faziam parte das elites regionais. Ou seja, trata-se de uma leitura hegemônica que era reproduzida até por autoridades de menor escalão. Isso revela vínculos ideológicos que as percepções eurocêntricas de civilização e trabalho.

Sidney Chalhoub ao analisar como os deputados brasileiros operavam a associação entre classes pobres e vícios lançou luz sobre as percepções da relação entre ociosidade, pobreza, trabalho e cidadania. Segundo Chalhoub, o bom cidadão para a elite política brasileira estava relacionado com o apreço pelo trabalho e o que vive na pobreza seria associado com um trabalhador ruim:

> [...] para os nobres deputados, a principal virtude do bom cidadão é o gosto pelo trabalho, e este leva necessariamente ao hábito da poupança, que, por sua vez, se reverte em conforto para o cidadão. Desta forma, o indivíduo que não consegue acumular, que vive na pobreza, torna-se imediatamente suspeito de não ser um bom trabalhador. Finalmente, e como o maior vício possível em um ser humano é o não-trabalho, a ociosidade, segue-se que aos pobres falta a virtude social mais essencial; em cidadãos nos quais não abunda a virtude, grassam os vícios, e logo, dada a expressão "classes pobres e viciosas", vemos que as palavras "pobres" e "viciosas" significam a mesma coisa para os parlamentares. (CHALHOUB, 1996, p. 22)

A associação com criminosos também era outra acusação das autoridades diante de insucessos da contenção da circulação de indivíduos apresentados como "facinorosos". O juiz municipal substituto da vila de Campo Largo, Manoel Lourenço Cavalcanti, escreveu para a presidência da província, em 18 de fevereiro de 1847, para relatar assassinatos tanto em Santa Rita quanto em Brejo Grande (parte do termo de Campo Largo – atual município de Cotegipe). Na rápida correspondência apontou que os meios para as autoridades combaterem a criminalidade eram limitados e que parte da população do termo de Brejo Grande contaria com indivíduos proativos aos assassinatos.[194]

---

[194] APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1830 – 1884). Maço: 2313.

Por fim, apresentamos a queixa do juiz de Direito da comarca de Xique – Xique, José Antonio da Rocha Vianna, que em 31 de janeiro de 1859 expôs, possivelmente bem assustado, a situação da vila de Remanso de Pilão Arcado. De acidentes aos assassinatos: o acidente relatado foi o que feriu gravemente uma mulher, no dia 26 de janeiro de 1859, com o disparo de uma espingarda de caça quando a arma estava sendo manuseada por um indivíduo apresentado apenas como João, que era ferreiro, fazia a manutenção dela.

No mesmo documento Vianna relatou a agressão sofrida pelo cabo da esquadra da Companhia de Pedestres da Vila da Barra, José Maximiano, que no dia 09 de janeiro de 1859 teria levado duas pauladas nas costelas e uma na cabeça. Por fim, a ocorrência dos assassinatos: o primeiro caso relatado foi a morte de Miguel Rodrigues Teixeira na fazenda da Praia, cerca de 11 léguas de Pilão Arcado. O seu algoz foi o próprio irmão, Camilo Rodrigues Teixeira que no dia 04 de janeiro de 1859 deferiu-lhe duas facadas. Porém, a ocorrência que talvez tenha rendido um pouco mais de detalhes foi o assassinato de Raymundo Damasceno dos Santos.[195]

Raymundo estaria numa orgia, no dia 16 de janeiro de 1859, com um “grupo de mulheres meretrizes”. Uma delas teria golpeado Raymundo Santos com duas facadas, sendo uma na barriga e, a outra, nas costas, na “lateral esquerda da base thorachica”. Raymundo faleceu oito dias depois dos golpes recebidos. No final, o magistrado justificou que os crimes seriam resultados do modo de vida das camadas mais pobres da sociedade e que a população de Pilão Arcado viveria na vadiação. Além disso, ele estimou que a vila teria cerca de 400 prostitutas que viveriam com indivíduos classificados como “vagabundos” e que todas essas situações seriam contrárias à civilização:

> Devo repetir a V[ossa] Ex[celênci]a que a maior parte desses crimes provem da nenhuma ocupação, e modo de vida da classe ínfima da sociedade, que só aqui se occupa em vadiação que já é princípio de crime, que provem também do crescido numero de messalinas que aqui há em numero maior de quatrocentas, as quaes só vivem com estes vagabundos em orgias e na maior imoralidade, á ponto de em seus bacchanaes ferirem agarrados, e assassinados p[o]r ellas. Lamento levar ao conhecim[en]to de V[ossa] Exc[elênci]a tão barbaros accontecimentos, q[ue] m[ui]to depoe contra a civilização d’este povo, mas como da sabia administração de V[ossa] Ex[celênci]a podem partir medidas proveitosas [...].[196]

A prostituição, como exposto, foi associado à vadiagem que era uma das formas de criminalização mais recorrentemente atribuídas às camadas livres pobres. Segundo Marcus Bretas: “Grupos associados à pobreza tais como negros e imigrantes parecem estar sobre-

---

[195] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533.
[196] *Ibid.*

representados. A grande maioria dos registros refere-se a violações da ordem pública como vadiagem, desordem ou embriaguez.” (BRETAS, 1991, p. 54)

Segundo Suzimar dos Santos Novais a prostituta, numa sociedade hegemonicamente patriarcal, seria o oposto do ideal feminino de “mulher angelical e dessexualizada”, onde a imagem das mulheres estariam convivendo com a associação entre Maria e Eva:

> A associação da mulher às imagens de Maria e Eva era comumente disseminada na sociedade, sobretudo quando o intuito era reforçar ou corrigir determinados perfis que supunham importantes na formação das mais jovens e, consequentemente, dos valores passados pelas gerações mais velhas que deveriam ser consolidados. (NOVAIS, 2011, p. 82)

Ainda de acordo com Novais, fundamentada em Margareth Rago, o saber médico e criminológico do início do século XX classificava a prostituição como vício que tenderia a se alastrar e corromper a sociedade. (p. 84-85) A análise de Suzimar Novais nos é pertinente na medida em que a interpretação de José Antonio da Rocha Vianna está repleta de elementos em que associam a prostituição com a criminalidade – em especial a vadiagem – e, consequentemente, com costumes que levam ao rompimento da ordem e da moralidade do ideal de sociedade da elite brasileira oitocentista.

Arriscamos afirmar que o saber médico não ressoa sobre as palavras de Vianna uma vez que a sua preocupação está mais para conter os hábitos considerados como imorais e criminais, mas não pelo viés médico. Talvez seja cedo para afirmar que o saber médico já esteja fundamentando as ações e interpretações sociais das autoridades jurídicas em 1859, porém, não excluímos esta hipótese.

Para Laíse Lemos dos Santos (2016), a associação das prostitutas com a criminalidade é resultado do fracasso do enquadramento delas no modelo familiar condizente com a percepção moral hegemônica na qual os espaços e costumes da mulher estariam mais restritos à casa e dominação masculina: “Assim a criação de uma imagem criminosa e perigosa das prostitutas está relacionada ao não enquadramento de seus relacionamentos ao modelo conjugal privado.” (p. 4)

Mesmo com a condenação à prostituição, havia no século XIX, inclusive com o saber médico, uma defesa em que consistia em considerar como um “mal necessário” para servir como meio de atendimento aos desejos sexuais masculinos que, por sua vez, garantiria uma certa “paz social”, como explicado por Laíse Santos. Esta interpretação tem como referência o trabalho do médico Alexandre-Jean-Baptiste Parent DuChâtet conforme a explicação de Santos:

> Neste tratado publicado em 1836, o médico higienista centrava seu argumento na ideia de que a prostituição era um "mal necessário" e que as prostitutas garantiam a paz social a partir do momento em que eram consideradas pelo mesmo como uma via de escape do desejo sexual masculino. (p. 4-5)

A posição de José Antonio da Rocha Vianna lança um olhar contra os modos de vida e sobrevivência das camadas pobres da sociedade. Trata-se da vigilância, disciplina e repressão contra os grupos subalternos. A argumentação de Vianna, portanto, era condizente com as elites brasileiras e suas preocupações em manter a arraia miúda na condição de submissão. Seu papel como juiz era não só de orientar e executar o controle da sociedade dentro das regras estabelecidas, mas de relatar às instâncias superiores sobre as ocorrências regionais/locais e lançar recomendações para procedimentos a serem tomados com intuito de viabilizar força para as autoridades judiciárias e policiais.

O que temos diante de muitas dessas considerações é o pedido por reforços financeiros ou de estrutura repressiva e de justificativas de insucessos. Estar num cargo mesmo que seja de juiz de paz ou como vereador já tornava qualquer indivíduo como membro da hierarquia Imperial. No caso, eram exemplos dos estratos mais baixos, porém, isso não quer dizer que em alguma medida a ambição em ascender na carreira política no Império, ou os planos de consolidação e manutenção do mando local por um grupo na qual esse indivíduo tivesse vínculo, estivesse descartado.

As queixas e as defesas do comportamento da população faziam parte de uma posição a ser defendida no jogo político das autoridades regionais. Ou até mesmo, serviria para reforçar os anseios de remoção para um outro local em que o trabalho fosse menos perigoso ou melhor articulado com as lideranças do mandonismo estabelecido.

Outro fator que não podemos descartar, e que fica nítido na exposição de José Antonio Rocha Vianna, é o pedido de recursos para o município. As queixas ou as defesas serviam para reforçar a urgência de envio de recursos seja para instrução pública, assistência religiosa ou reforço de tropas, entre outras tantas situações. Ora é uma população ordeira e pacífica que precisa da assistência do governo para se manter respeitosa das leis e da ordem, ora é uma população em convulsão que precisa do rigor repressivo das autoridades do Estado brasileiro.

As leituras das autoridades regionais não se distanciavam das percepções hegemônicas da sociedade brasileira oitocentista. A ordem, a civilização e a disponibilidade de mão de obra eram preocupações das elites e estavam amarradas entre si. Os observadores são os agentes do Estado Imperial e, por vezes, reforçavam uma ideia de sertão atrelada com a ignorância, criminalidade e barbárie:

> A violência no sertão baiano do século XIX sofria uma leitura por parte das autoridades que nos permite pensar não só como o sertão estava sendo visto, mas, também, como apareciam as disputas políticas locais e as observações sobre classe social. Os observadores que nos referimos são os agentes do Estado Imperial, nomeados a partir da lógica e da estrutura de um governo centralizador. O sertão muitas vezes era apontado como uma região onde predominava a ignorância e a criminalidade. As leituras feitas pelos agentes do Estado Imperial consideravam os costumes sertanejos ligados à criminalidade como foi o caso da correspondência enviada pelo juiz Pedro Carneiro para o presidente da província analisada adiante. (SILVA, 2017, p. 67)

Mapa 06: Vilas e arraiais da comarca do rio São Francisco

Em 14 de junho de 1833, o juiz de paz do arraial de Santa Rita do Rio Preto, Joaquim Antonio Wanderley, expôs para, possivelmente, o conselho do Estado no Rio de Janeiro[197] sobre as dificuldades do termo em relação ao acesso aos serviços judiciários. As dificuldades da viagem para Barra, sede da comarca do rio São Francisco, atrapalhariam ritos fundamentais como a posse de emprego público. O documento possuía um tom apelativo e representativo no qual Wanderley escrevia em nome da população de Santa Rita para expor as dificuldades dos moradores e recomendar que o arraial fosse elevado à condição de vila.[198]

Em 1848, a câmara de Santa Rita do Rio Preto, presidida por Antonio Joaquim Wanderley, reclamava da falta de um juiz municipal formado em Direito. Dessa vez, Santa Rita já havia sido elevada à vila, porém os problemas persistiam e os vereadores suplicavam às assembleias provincial e geral que fosse criada uma comarca separando Campo Largo, Santa Rita e Angical da comarca do rio São Francisco.[199]

A dificuldade de assistência jurídica impulsionava manifestações autonomistas como essas que foram apresentadas. Essa é uma estratégia bastante utilizada por grupos regionais que almejavam maior autonomia para seus potentados. Anteriormente, expomos que este tipo de argumentação foi utilizado pelas elites em Barra para conseguir a criação da comarca do rio São Francisco em 1820.

As dificuldades para os juízes atenderem as localidades eram diversas. Uma delas eram as estradas que não possuíam boas condições mesmo com esforços para a realização dos melhoramentos como expôs Luiz Manoel Fernandes Barreiros em 27 de abril de 1853. Na correspondência enviada ao presidente da província, Barreiros apresentou as distâncias entre Campo Largo e Santa Rita e que poderia ser reduzida de 23 léguas para cerca de 12 a 14 léguas com construção da estrada de picada. Ele também reclamou de que o acesso para Angical e Brejo Grande seriam difíceis.[200] Como juiz municipal de dois termos (Campo Largo e Santa Rita), Luiz Barreiros pode ter enfrentado maus bocados para atender as demandas relacionadas com seu cargo. Arrumar as estradas, reformando ou construindo, era uma demanda não só para

---

[197] O documento não especifica o destinatário. Existe um informe que encaminha a representação para o conselho provincial.
[198] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566.
[199] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1840 – 1859). Maço: 1422.
[200] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566.

o funcionamento da justiça, mas também para as atividades comerciais, agricultura, pecuária entre tantas outras.

Em 10 de novembro de 1858, o juiz de Direito da Comarca do rio São Francisco, Francisco Mariani, explicou ao governo provincial que não teve como levar adiante as atividades da correição que fazia em Campo Largo em 11 de maio daquele ano. A correição em Santa Rita do Rio Preto teve que esperar por causa do problema de saúde do juiz de Direito. Em 12 de novembro, ele voltou a escrever para informar que havia piorado e que não poderia seguir para Campo Largo para abrir a sessão do júri. Em 18 de novembro de 1859, o juiz municipal e de órfãos, Luiz Manoel Fernandes Barreiros, alegou que os problemas de saúde impediam suas viagens ao ponto de passar a função de interino do juiz de Direito da comarca para o suplente de juiz municipal de Campo Largo.[201] As três situações agravavam ainda mais as dificuldades potencializadas pelas distâncias das vilas dentro da comarca do rio São Francisco. Quando não era a estrada ou cheias dos rios, era a saúdes dos juízes.

A irritação das autoridades e elites de Santa Rita com as dificuldades de acesso aos serviços jurídicos não parava. Tanto que em 05 de janeiro de 1866, o 1º suplente de juiz municipal e de órfãos, Antonio Ciriaco do Bonfim Beltrão, escrevia ao governo provincial solicitando a separação dos termos de Santa Rita do Rio Preto com Campo Largo. Ele justificava que era preciso que ambos os termos tivessem suas respectivas autoridades municipais. O compartilhamento do juizado municipal e de órfãos, no entendimento de Beltrão, provocava mais prejuízo do que economia com a divisão do magistrado. Ele também argumentava que Santa Rita possuía extensão territorial e densidade demográfica suficiente para exigir a presença de um juiz municipal e de órfãos formado em Direito na sua vila.[202]

A acessibilidade dentro da comarca do rio São Francisco era complicada, como visto, por fatores como estradas e distâncias que eram agravadas ora por ameaças de criminosos, ora pelos problemas de saúde dos juízes. A união de termos como Campo Largo e Santa Rita do Rio Preto e Barra e Xique – Xique precarizava ainda mais o atendimento aos serviços da justiça. As distâncias e, consequentemente, a extensão territorial não era só um problema de âmbito regional. As queixas de presidentes da província também reforçavam sobre a dificuldade em administrar um território do tamanho da Bahia.

---

[201] *Ibid*.
[202] *Ibid*.

Tratamos das queixas sobre o tamanho da Bahia na dissertação de mestrado “E de mato faria fogo: o banditismo no sertão do São Francisco (1848 – 1884)” que transformamos em livro em 2017. Nele explicamos que João Maurício Wanderley relacionou o tamanho da província com as dificuldades em atender as necessidades da população do sertão:

> A extensão da província baiana pode ser considerada um problema para administração do Estado, principalmente no que tange à segurança pública. Queixas como as apresentadas na fala do presidente da província João Maurício Wanderley (no ano de 1853), percebe-se as dificuldades do Estado em atender as necessidades do sertão. Além da vastidão territorial, o armamento dos bandidos e o conhecimento da área eram algumas das causas que dificultavam o combate à criminalidade no sertão. (2017, p. 97)

É interessante destacar que, em 1850, enquanto exercia a função de Deputado na Assembleia Geral, Wanderley foi um dos signatários do projeto de criação da província do rio São Francisco. Era conveniente para o então presidente da província da Bahia, em 1853, afirmar que a extensão dificultava a administração. Nascido em Barra, o futuro Barão de Cotegipe conhecia também as dificuldades das distâncias de sua terra natal.

Outro presidente de província a se queixar da extensão foi João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu que, em 1857, afirmou que “Esse isolamento e distância matam a acção da autoridade, afrouxando o vigor da administração.”[203] A circulação de criminosos, ou “facinorosos”, também ameaçava a segurança das autoridades. Os gerais amedrontavam por servir de refúgio para bandidos.

A câmara municipal de Campo Largo escreveu ao governo provincial em 23 de dezembro de 1830[204] para pedir ajuda no combate aos bandidos que circulavam nas imediações. Esse era o caso de Bernadino de Souza Rabello (acusado de ter mais de 18 mortes) e Antonio de Souza Rabello que foram até a vila de Campo Largo procurar o vereador que tinha feito o julgamento de seus crimes. Após não encontrar, eles teriam saído da vila para algum esconderijo.

A câmara afirmou que o capitão mor disponibilizou mais de 100 homens, sendo que cerca de 80 foram para os gerais comandados pelo Sargento-mor do termo. Os gerais, segundo a câmara de vereadores de Campo Largo, em 23 de outubro de 1830, seria “hum espasso

---

[203] CRL. CANSANÇÃO DE SINIMBU, J. L. V. **Falla recitada na abertura da Assembléia Legislativa da Bahia pelo Presidente da província o Dezembargador João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu**. 1857. P. 10. Disponível em: < http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/120/000013.html> Acesso em: 16 jan. 2021. Citamos esta passagem na mencionada dissertação de mestrado que fora transformada em livro: SILVA, Rafael Sancho Carvalho da. ***Op. Cit.*** 2017. P. 97.

[204] Nesta data estavam na câmara de vereadores de Campo Largo os seguintes vereadores: Tertuliano Antonio Botelho (presidente), Felippe Benício da Cunha, Francisco José de Brito, João Martiniano Bomfim, Romualdo Paes Barreto, Tristão Pereira da Rocha, José Francisco de Paula Nobre.

despovoado [...]”. E este vazio, seria o local de circulação e abrigo de criminosos como os Rabellos. Os vereadores teriam afirmado que o capitão-mor não possuía estrutura disponível para executar uma perseguição e que ele atuaria dentro das limitações impostas pelos recursos escassos.

As ameaças também chegavam ao ponto de juízes pedirem garantia de vida ao governo provincial. O juiz de Direito da Comarca do rio São Francisco, Francisco Mariani, encaminhou para o presidente da província, em 22 de agosto de 1860, uma carta recebida do juiz municipal e de órfãos de Campo Largo, Luiz Manoel Fernandes Barreiros, pedindo garantias pela vida já que estava sendo ameaçado por um criminoso.

A carta encaminhada ao governo provincial pelo juiz de Direito foi enviada por Barreiros para Mariani em 12 de agosto de 1860. Nela Barreiros explicava que numa viagem feita para realizar um inventário teve que ser interrompida e ele teve que voltar para Campo Largo porque Ciriaco Santiago de Oliveira estava reunido nas proximidades de Missão do Aricobé com cerca de 70 homens armados para atacar o juiz municipal.[205]

Em 25 de janeiro de 1861, Luiz Manoel Fernandes Barreiros voltou a mencionar a presença de pessoas ligadas a Ciriaco na região. Nessa correspondência, Barreiros relatou a ocorrência de cinco assassinatos no município. Desses, três envolviam um vigilante de uma propriedade e dois ladrões que foram furtar, provavelmente alimentos. Os três morreram em combate e Barreiros considerou que esse caso pode ter relação com os problemas de falta de gêneros alimentícios em Campo Largo. O quarto assassinato teria sido de um homem chamado Crispim em Missão do Aricobé. O assassino seria um indivíduo chamado Joaquim e descrito como “preto africano”.

Por fim, foi informado o assassinato de Manoel Senhorinha que foi vítima de um seguidor de Ciriaco Santiago de Oliveira. Luiz Barreiros fez questão de ressaltar que já havia informado sobre ele em outra correspondência.[206] Em 28 de fevereiro de 1861, Luiz Barreiros voltou a relatar novos assassinatos de Ciriaco inclusive a um indivíduo que colaborava com a força policial. Barreiros ressaltou que as autoridades não possuíam forças para prender Ciriaco por medo dele.[207]

---

[205] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Rio São Francisco – 1829 – 1870. Maço: 2568.
[206] APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1830 – 1884). Maço: 2313.
[207] *Ibid*.

As dificuldades em conter as ações de criminosos foram sendo vividas ao longo das décadas seguintes. O juiz municipal e de órfãos de Campo Largo e Santa Rita, Cezar Querino da Silva, escreveu para o governo provincial em 21 de maio de 1885 para relatar alguns crimes na comarca de Campo Largo. Segundo Querino, em 18 de abril Antonio Ferreira Villarinha foi morto em Barreiras num crime descrito como “o maior canibalismo” e sem qualquer tipo de tentativa de defesa. Villarinha foi encontrado num baú pelos seus algozes que arrastaram a peça para fora da casa e executaram a vítima com tiros e facadas às 08 horas da manhã. 10 foram pronunciados e 02 estariam presos. Nesta mesma correspondência, Querino alertou para a presença de muitos assassinos e ladrões na comarca circulando livremente e, alguns, com proteção de pessoas da região.[208]

Cezar Querino já havia relatado ao presidente da província sobre este caso. No dia 23 de abril de 1885, ele explicou que após saber do ocorrido que marchou com o alferes Joaquim Meirelles e mais nove praças para Barreiras. Segundo Querino, no dia 17 de abril Villarinha e o comerciante Manoel Coité teriam discutido e lutado em Santa Rita. Ao final, Coité disse que Villarinha “não amanheceria” que terminou se escondendo na casa de um amigo, Militão Dantas, que morava em Barreiras. Porém, no dia 18 de abril, a casa foi cercada e os cabras de Coité encontraram Villarinha dentro de um baú que fora arrastado para fora da residência de Militão Dantas e em seguida foi executado com 03 tiros e 14 facadas. Segundo Querino, o vizinho de Dantas, Deorato de Tal, teve sua casa como uma possível base para o cerco. O juiz finalizou a correspondência reclamando da falta de policiais no termo e da inércia do delegado Hermenegildo Pereira de Mattos que estaria na função devido aos arranjos políticos.[209]

Em 25 de julho de 1885, o juiz de Direito da Comarca de Campo Largo, Joaquim Ferreira Bandeira, informou que de acordo com a população o mandante foi Manoel Francisco Ferreira, conhecido como Coité. O delegado de polícia, Hermengildo Pereira de Mattos, ao ser informado do evento, foi para o local com o Comandante do Destacamento, alguns soldados e o juiz municipal, Cezar Querino da Silva. As testemunhas foram ouvidas, mas não teriam dado detalhes. Coité e mais algumas pessoas terminaram sendo conduzidas para Campo Largo. Porém, Cezar Querino da Silva foi quem conduziu o julgamento, já que Bandeira estava doente, no dia 15 de julho e, por falta de provas, concluiu o processo inocentando os réus. Bandeira

[208] APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1873 – 1889). Maço: 2314.
[209] *Ibid*.

também se queixou de que numa povoação com cerca de 600 pessoas, nenhuma testemunha ocular ou auricular fora encontrada.[210]

A comarca de Campo Largo e, em especial, a povoação de Barreiras continuou agitada no final dos anos 1880. Parecia ser um ponto interessante para criminosos em fuga como relatou o 1º suplente de juiz municipal de Campo Largo, Cezario José de Sant'Anna, em 10 de dezembro de 1888, sobre alguns indivíduos perseguidos. Sant'Anna teria encaminhado para o 1º Suplente do Delegado de Polícia e Comandante do Destacamento de polícia, Manoel da Silva Cardozo, uma precatória vinda do Porto de Santa Maria[211] para prender um indivíduo chamado João Carlos que estaria num local chamado Sacco – cerca de 02 léguas de Barreiras.

Além do foragido de Santa Maria, Manoel Cardozo também estava em Barreiras para perseguir alguns criminosos de morte: Manoel Dias dos Santos, Pedro Alexandre Ramos (conhecido como Mata Mulher) e Deoratho Alves de Carvalho. Os dois primeiros foram capturados, porém Deoratho escapou. Segundo Cezario Sant'Anna, Deoratho e João Carlos conseguiram se livrar da perseguição por estarem sendo protegidos por alguns habitantes barreirenses.[212]

A circulação dos Rabellos, de Ciriaco e as ocorrências de Barreiras revelam não só como os sertões do São Francisco eram carentes de instrumental repressivo para servirem às autoridades, mas também demonstra que o conhecimento das matas e os laços estabelecidos com moradores poderiam ser essenciais para a fuga e, consequentemente, obstáculo para as autoridades. O medo de represálias também pode ser considerado como um dos elementos silenciadores das testemunhas. Resta a dúvida se Villarinha não possuía outros desafetos na povoação de Barreiras ao ponto de ninguém esboçar algum gesto de defesa.

Outro problema para as autoridades no sertão do São Francisco era a disponibilidade de boas cadeias: ora faltava, ora era ruim e, também, algumas eram construídas num péssimo local. Este último foi relatado pela câmara de vereadores de Barra em 16 de março de 1833.[213] O Conselho do Governo havia solicitado que a Câmara de Barra do Rio Grande informasse o estado das obras públicas nas quais foram destinadas a verba de 1000#000 de réis. Na resposta

---

[210] *Ibid*.
[211] Atual Santa Maria da Vitória. Nessa época, pertencia à comarca de Carinhanha.
[212] APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1873 – 1889). Maço: 2314.
[213] A sessão contou com a presença dos seguintes vereadores: Carlos Mariani (presidente), Antonio Pereira da França, Joaquim José Neiva, Manuel Cabral da Silva Ribeiro e Eduardo Mariani.

foi informado sobre a necessidade de construir uma nova cadeia, já que a existente ficava num local sujeito às inundações.[214]

As inundações faziam parte, em certa medida, da vida dos sertanejos sanfranciscanos. Com um regime pluvial bem marcado ao longo do ano, nesta região "[...] a estação chuvosa corresponde aos meses de novembro a março [...]".[215] Analisando a porção sul do vale do rio São Francisco, nas imediações de Carinhanha, o geógrafo Alfredo José Pôrto Domingues descreveu a região com "um regime de temperatura bastante uniforme"[216] e o regime de chuvas foi caracterizado como de verão por conta de suas principais ocorrências entre novembro e fevereiro. Ele teria relatado também que o início do ciclo chuvoso seria em setembro com a "chuva do caju".[217] Os dados do regime fluvial no século XX (entre os anos de 1929 e 1968) publicados pela Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia do governo do Estado da Bahia demonstraram que:

> as águas mais altas situam-se entre os meses de dezembro-abril, enquanto a estiagem estende-se de maio a janeiro, ao passo que os deflúvios mais elevados ocorrem entre os meses de janeiro-março e os mais secos entre agosto-outubro.[218]

A enchente de 1877 provocou muitos prejuízos para a vila de Barra. Em 31 de março de 1877, a câmara municipal da cidade de Barra[219] apelou para a Assembleia Provincial na cobrar o imposto da Décima Urbana devido ao impacto da cheia do rio São Francisco que obrigou a população abandonar suas casas para se abrigarem em ranchos de folhas e passando a sofrer com doenças com febres intermitentes.[220] Portanto, no período de chuvas, os rios São Francisco e Grande geravam preocupações para a administração municipal não só pelos prejuízos materiais como também com as doenças. Voltando à cadeia barrense 04 décadas antes, as autoridades municipais estavam atentas ao modo como os regimes fluvial e pluvial poderiam prejudicar o prédio da cadeia.

---

[214] APEB. Seção: Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência da Câmara de Barra do Rio Grande (1824 – 1839). Maço: 1257.
[215] BAHIA. SEPLANTEC. Centro de Planejamento da Bahia – CEPLAB. **Bacias hidrográficas**. Salvador: CEPLAB, 1979. P. 16.
[216] DOMINGUES, Alfredo José Pôrto. Contribuição ao estudo da geografia da região sudoeste da Bahia. **Revista Brasileira de Geografia.** Ano IX, Nº 02, P. 185 – 248, Abril-junho de 1947. P. 186.
[217] *Ibid*. P. 186 – 187. Essa expressão ainda hoje é utilizada pela população das cidades do Oeste da Bahia e pelos beiradeiros e geraizeiros. Existe uma pequena variação da expressão já que algumas pessoas utilizam "chuva do cajuí" como uma referência a uma espécie de caju pequena que é bastante presente no cerrado. Esse período marca a colheita de cajus e cajuís nessa época do ano.
[218] BAHIA. SEPLANTEC. **Op. Cit.,** 1979. P. 16.
[219] Nesta sessão, estavam presentes: Antonio Irinêo França (presidente), João Alves de Souza, Luiz Catharina de Meira Lima, Antonio Pedro Alves, José Bruno Siriema e Horácio Rodrigues de Araújo.
[220] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: correspondência recebida da câmara da Barra do Rio Grande (1854 – 1888). Maço: 1259.

Nas outras vilas da comarca, a situação também era preocupante para as autoridades. Numa petição para reposição do colégio eleitoral, a câmara municipal de Santa Rita, em 25 de fevereiro de 1843, argumentou que a transferência do colégio para sua municipalidade teria mais vantagens e conveniência do que a manutenção em Campo Largo. De acordo com a petição as condições das estradas e da navegação entre os rios Preto e Grande atrapalhavam a viagem dos eleitores, sem contar os riscos de doenças e ataques de animais. Outros fatores foram apontados para indicar Santa Rita como sede mais conveniente: maior quantidade de eleitores e existência de cadeia. Desde 1838, a Casa de Prisão coexistia com a câmara de vereadores no mesmo prédio.[221]

A situação persistiu em Campo Largo por longos anos. Em 12 de abril de 1861, o juiz de Direito da Comarca do rio São Francisco, Francisco Mariani, explicou que a falta de cadeia em Campo Largo foi alertada em outros anos como na abertura da correição de 1855. Mariani insistiu na solicitação de elevação de uma cadeia nessa vila, ainda mais com a circulação de grupos de "desordeiros".[222]

Em 08 de junho de 1868, Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, alertou que presos de lugares como Campo Largo eram recolhidos na cadeia de Barra que era considerada a única com boas condições na comarca.[223] Em 1º de julho de 1889, o juiz de Direito da Comarca de Campo Largo, João Nepomuceno Torres, deixou nítido em sua correspondência para o governo provincial que a cadeia de Barra ainda era a melhor opção e que em Campo Largo ela era uma casa de taipa e barro. Assim, ele insinuava a facilidade dela para um arrombamento e fuga de presos.[224]

A extensão territorial da comarca e as suas condições estruturais, como estradas e cadeias, eram problemas para a circulação e atuação das autoridades judiciárias cuja presença era solicitada nos vários termos. A vantagem de conhecer o território permitia a fuga e o esconderijo por parte dos perseguidos pela justiça e, até mesmo, a armação de tocaias contra quem os perseguissem.

A população era, por vezes, responsabilizada diante dos fracassos na perseguição ou na implementação de medidas administrativas. Então, toda sorte de crítica era lançada a eles para

---

[221] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1840 – 1859). Maço: 1422.
[222] APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1830 – 1884). Maço: 2313.
[223] APEB. Seção Colonial e Provincial. Governo da Província: Judiciário - Juízes da Barra do Rio Grande (1831 – 1889). Maço: 2249.
[224] APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1873 – 1889). Maço: 2314.

justificar os insucessos das autoridades. Isso reforçava a posição de controle repressivo e disciplinar dos juízes sobre as camadas subalternas para a manutenção de uma ordem social que favorecia aos homens das elites com a justificativa de conter qualquer agitação social que ameaçasse a unidade nacional.

Desta forma, aparato burocrático mediava as relações de poder regional-local com o provincial e nacional. Trata-se não só do controle de classe e raça (como veremos adiante), mas também de concepção de Estado, sociedade e mesmo de elites. Conforme José Murilo de Carvalho, a burocracia do Estado Imperial brasileiro poderia ter origem social distinta, mas era homogênea em termos de ideologia e treinamento. (CARVALHO, 2014, p. 229) Isso valia para as concepções de civilização, raça, sociedade e Estado no Brasil. Porém, tal homogeneidade possuía limites principalmente no que tange as relações com o mandonismo local. Nas próximas duas sessões serão abordadas as tentativas de controle e submissão racial e as tensões vivenciadas com algumas revoltas no período regencial.

4.2. O PRIVILÉGIO BRANCO DE MANDAR E OPRIMIR: INDIGENAS, NEGROS E CIGANOS – A INCÔMODA PRESENÇA NO SERTÃO

Ser autoridade também era, em grande medida, servir como agente das elites brasileiras não só na dominação das camadas subalternas, mas, contudo, na imposição de uma ordem social. A noção de civilização e civilidade era parte do cabedal ideológico das autoridades do Estado brasileiro e, como já exposto, era uma percepção eurocêntrica. Para esse exercício, cabiam as autoridades exercerem o papel de agente do trabalho de gestão do Estado e da sociedade.

Segundo Ilmar Rohloff de Mattos (2004, p. 97), o Império deveria ser administrado por uma elite ilustrada que deveria conter a nação brasileira, principalmente diante das fragilidades existentes pela escravidão. É importante destacar que no século XIX, a classe senhorial estava intimamente ligada ao Estado brasileiro conforme destacou Mattos:

> Intimamente ligados ao aparelho de Estado, expandiam seus interesses. Procuravam exercitar uma direção e impunham uma dominação. No momento em que se propunham a tarefa de construção de um Estado soberano, levavam a cabo o seu próprio forjar como classe, transbordando da organização e direção da atividade econômica meramente para a organização e direção de toda a sociedade, gerando o conjunto de elementos indispensáveis à sua ação de classe dirigente e dominante. Não se constituindo unicamente dos

> plantadores escravistas, mas também dos comerciantes que lhes viabilizavam e, por vezes, com eles se confundiam de maneira indiscernível, além dos setores burocráticos que tornavam possíveis as necessárias articulações entre política e negócios, a *classe senhorial* se distinguiria nesta trajetória por apresentar o processo no qual se forjava por meio do processo de construção do Estado imperial. (p. 69)

Não era apenas o controle da escravaria, mas de todos aqueles que fugiam ao perfil de civilização almejado pelas elites brasileiras. Nisso envolviam os projetos de ocupação e uso do território e a disponibilidade de mão de obra. Os debates sobre a introdução de trabalhadores estrangeiros no Brasil também possuíam um forte apelo racial atrelado à noção de civilização. Giralda Seyferth (2002) demonstrou como a preocupação com a miscigenação e o apelo civilizacional de matriz europeia moveu os debates sobre a entrada de imigrantes no país em especial na segunda metade do século XIX.

Portanto, aqueles que fugiam do prisma civilizacional eurocêntrico eram vigiados e seus costumes, circulação e territórios eram perseguidos pelos agentes do Estado brasileiro. Maria Hilda Baqueiro Paraíso ao analisar os debates dos deputados constituintes sobre os destinos da população indígena, alertou para a atuação de uma elite que era formada por uma "pequena fração de europeizados livres" que diante da "ameaça de rebeliões dos índios, negros e livres, definiu um modelo que valorizava a autoridade do Estado para manter o "status quo"." (PARAISO, 2010, p. 20) Ainda de acordo com Paraíso, o nascente Estado brasileiro arquitetou a dominação interétnica impondo um modelo cultural e lançando uma série medidas coercitivas contra a diversidade étnica:

> Concebia-se o Estado-Nação como o resultado da promoção da unidade territorial e da imposição de uma cultura comum, processo resultante de uma atuação violenta de conquista de espaço e de mecanismos de opressão, alianças e acordos usados para eliminar a diversidade étnica. Nesse contexto, as elites pensavam o conjunto das relações interétnicas pela ótica da dominação voltada para a eliminação, de formas várias, das diversidades sócio-culturais em nome da criação da unidade nacional. (p. 2)

Entre os excluídos estavam todos aqueles que não se enquadravam na disciplina civilizacional projetada pelas elites brasileiras. Indígenas, negros – livres ou escravos – e ciganos com seus modos de vida e lutas pela liberdade terminavam entrando na esfera da vigilância sendo por muitas vezes apontados como criminosos, bárbaros e/ou selvagens. Segundo Ilmar Rohloff de Mattos, esses estariam classificados, na lógica dos setores dominantes, como membros do "mundo da desordem" uma vez que estivessem fora do "mundo do trabalho" e do "mundo do governo". (2004, p. 134)

A presença cigana no sertão do São Francisco oitocentista é um tema em aberto, mas isso não quer dizer que não circulassem provocando posturas de alerta para as vigilantes autoridades sertanejas. Cassi Ladi Coutinho (2016) explicou que eles estão presentes em terras brasileiras desde o período colonial. Em 1686, teria tido o início da expulsão dos ciganos em Portugal e no século XVIII a deportação para o Brasil teria se intensificado. (p. 47)

A expulsão de ciganos em Portugal não serviu apenas como uma forma de coerção aos costumes desses povos, mas também colaborou para o povoamento da colônia portuguesa na América. Elisa Maria Lopes da Costa explicou que para as autoridades lusitanas era vantagem degredar jovens ciganos para o Brasil para poderem se casar com mulheres ameríndias:

> Acresce que, desde sempre, pareceu vantajoso às autoridades degredar os jovens dada a probabilidade de se casarem com os indígenas das zonas para onde fossem, uma vez que aumentariam, pela procriação, o número de habitantes. Neste sentido vai a circunstância de que tanto a Coroa portuguesa quanto as autoridades eclesiásticas jamais manifestaram oposição à união dos povoadores com as mulheres ameríndias. E, saliente-se que a legislação visando a população cigana, promulgada ao longo dos séculos, pretendeu separar os homens das mulheres, embora a concretização de tal objectivo tenha sempre falhado, como fica demonstrado. (COSTA, 2005, p. 165)

Para as autoridades coloniais, o recebimento de degredados ciganos era acompanhado de alguns problemas como as dificuldades de sedentarização e de imposição de novos modos de vida pelo trabalho. Ainda assim, Elisa Costa explicou que essas mesmas autoridades reconheciam a importância dos ciganos para o povoamento da colônia. (COSTA, 2005, p. 164)

Segundo Coutinho, entre as etnias, os *calons* e *Rom* seriam as mais presentes no Brasil. Os *calons* eram numerosos na península Ibérica desde os séculos XV e XVI enquanto os rons, originários do leste europeu, teriam chegado no Brasil no século XIX. (COUTINHO, 2016, p. 33 – 34) De acordo com Coutinho, após a independência, os ciganos continuaram com sua cidadania excluída por serem considerados estrangeiros. (p. 51)

Rodrigo Corrêa Teixeira (1998, p. 16) cita a hipótese de João Dornas Filho que afirmou que a entrada dos ciganos em Minas Gerais foi pelo vale do rio São Francisco ainda no período colonial. Isso nos permite pensar que o sertão do São Francisco também foi espaço de circulação dos povos ciganos que não se sedentarizaram.

Em 07 de junho de 1848, o juiz de Direito da Comarca de Urubu, João Antonio Sampaio Vianna, relatou ao presidente da província da Bahia que um cigano chamado Florício teria

invadido Riacho de Santana, um arraial desta comarca, e executado roubos.[225] Essa não era a primeira vez que Vianna tinha alertado sobre Florício. Em 30 de maio de 1848, a presença de Florício, liderando um bando de ciganos, fez com que a autoridade local alertasse ao governo provincial sobre a ingrata presença do sujeito que além de liderar os ciganos era acusado de ter assassinato um oficial de justiça.

De imediato, ao saber da situação, Vianna ordenou que o delegado dos termos reunidos de Carinhanha e Monte Alto[226], Daniel Luiz Rosa, se dirigisse ao possível acampamento do bando que estava prestes a invadir o arraial. O subdelegado de Riacho de Santana informou à Vianna que a população estava se preparando para combater os invasores.[227] Porém, na mesma correspondência, João Antonio Sampaio Vianna explicou que após a averiguação feita pelo delegado Daniel Luiz Rosa que descobriu que era um boato e que, 06 meses antes, dois grandes grupos armados de ciganos teriam passado por Carinhanha rumo ao distrito de Rio das Éguas e dali partiram para o Vão do Paranã em Goiás.[228]

Vianna afirmou que as precatórias foram emitidas e que se manteria em alerta para a presença dos ciganos. Antes de concluir, o juiz de Direito reforçou alguns estigmas ao afirmar:

> [...] que, como se sabe, andão, quaes povos nomades, sem domicilio certo, roubando cavallos, e tudo m(ai)s q(ue) pode satisfazer á sua cobiça, sem poderem jamais ser capturados p(o)r authorid(ad)e sem força p(ar)a oppôr á que elles constituem p(e)lo numero com que sempre viajão.[229]

A mobilidade é uma característica dos ciganos e, segundo Cassi Ladi Coutinho, o nomadismo é uma das representações de liberdade desse povo. Ainda de acordo com Coutinho essa característica colaboraria com toda sorte de preconceitos que foram estigmatizados pelo desconhecimento da sociedade sobre eles:

> Mais do que uma condição imposta pelo preconceito, ser nômade, para o cigano, representa liberdade. A manutenção deste costume causa estranhamento na sociedade que por desconhecimento da cultura e costumes, associa o nomadismo a prática exercida por vagabundos, vadios, mendigos e ladrões e assim alimenta a imagem estereotipada que marginaliza o grupo e atravessa um longo período na história. (COUTINHO, 2016, p. 43)

---

[225] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Justiça. Sub-série: Correspondência de juízes de Carinhanha (1831 – 1861). Maço: 2339.
[226] Nesse momento ambas as vilas faziam parte da comarca de Urubu.
[227] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Urubu (1829 – 1864). Maço: 2623.
[228] O Vão do Paranã atualmente é uma área no nordeste do Estado de Goiás na fronteira com a Bahia e o Tocantins. No século XIX, esta área correspondia a faixa centro-oriental da província de Goiás.
[229] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Urubu (1829 – 1864). Maço: 2623.

O estigma que associa os povos ciganos com a indisciplina, violência e banditismo foi solidificado, de acordo com Dimitri Fazito, na literatura europeia ao longo dos séculos XVI e XVII. Na literatura oitocentista a representação do cigano reforçou uma imagem amoral e aventureiro desse povo. (FAZITO, 2006, p. 701 - 702) Dimitri Fazito também demonstrou que as imagens deterioradas sobre os ciganos encontraram terreno fértil entre a elite intelectual europeia e nos seus respectivos círculos acadêmicos e científicos do final do século XVIII e ao longo do século XIX. (FAZITO, 2006, p. 703 – 704)

A criminalização do modo de vida cigano é um dos aspectos para entendermos parte do projeto civilizacional do Brasil oitocentista. Afinal, a disciplina imposta pelo Estado brasileiro não era suficiente para transformar os ciganos numa mão de obra livre e disponível. Podemos considerar o agravante que é a conjuntura de combate ao tráfico de escravos a partir do final da primeira metade do século XIX que gerou consequências para o acesso à mão de obra por parte das camadas dirigentes.

A notícia da circulação de Florício foi levada ao governo provincial em 1848, ou seja, após o surgimento de leis e acordos de combate ao tráfico negreiro. O controle e vigilância da população escrava era outro fator de dominação das camadas subalternas. As autoridades se mostravam atentas à circulação de indivíduos livres ou escravos. No caso desses últimos as circunstâncias poderiam variar desde a perseguição de indivíduos fugidos dos senhores até mesmo para vigiar alguns membros da classe senhorial. No tabuleiro deste jogo o escravizado sabia que era uma peça e que havia como se movimentar.

A presença escrava no sertão do rio São Francisco tem sido discutida em trabalhos recentes como Ricardo Moreno Pinho (2001), Elisângela Ferreira Oliveira (2008), Gabriela Amorim Nogueira (2011), Napoliana Pereira Santana (2012), Simony Oliveira Lima (2017), Antonio Nonato Santos Oliveira (2017) e Gesilda Pereira Santos (2018). Interessa-nos nesta seção a ações de controle das camadas subalternas a partir de uma percepção étnico-racial que tornou as autoridades como instrumento das medidas delimitadoras da percepção civilizacional eurocêntrica.

Antonio Nonato Santos Oliveira (2017) demonstrou o modo como terceiros, e entre eles estavam as autoridades, operavam nas circunstâncias referente a alforrias de escravos. De acordo com Oliveira, a propriedade escrava dos senhores estava em grande medida protegida pelas autoridades ao ponto até mesmo de conduzir parecer favorável para a reescravização: “O Estado, por meio dos agentes públicos, protegia a propriedade escrava dos senhores, inclusive na possibilidade de reescravização quando assim julgava legal.” (p. 124)

Outro aspecto apontado por Antonio Oliveira era o desafio de quem ousava abrir um processo de alforria contra alguém das famílias mais poderosas do local. Este foi o caso de Maria que em 1876 processou o major Joaquim Guerreiro alegando que sua mãe era liberta. Para Oliveira isso demonstrava que a região não era uma terra “sem lei” como, por vezes, o senso comum possa imaginar:

> O que impressiona nesse cenário belicoso é o fato de uma escrava ter pressionado um membro das “famílias notáveis” num embate jurídico. Se os grandes conflitos na região demonstravam a incapacidade do Estado Imperial em gerir a boa ordem e em controlar a violência dos poderosos locais, a possiblidade de até escravos demandarem causas na justiça, é um forte indício de que não era uma região à margem da lei. O grande problema é que muitas vezes os membros do Estado estavam envolvidos ou tomavam partido de conflitos, ou ainda, os indivíduos poderosos na região se inseriam na estrutura do Estado para proteger seus interesses privados. (p. 62)

A relação entre os proprietários de escravos e as autoridades nem sempre estava afinada. Não é possível considerar as elites como um bloco homogêneo e afinado entre si. Existia um limite para a homogeneidade e afinação. A prisão de escravos não deixava de ser um incômodo para os senhores e, por vezes, isso testava sua capacidade de mando. Encontramos na documentação pesquisada alguns informes de juízes sobre os presos e entre eles estavam alguns escravos.

Uma situação chama atenção que é o relato feito pelo 1º suplente de juiz municipal e de órfãos da vila de Santa Rita do Rio Preto, Joaquim Antonio Wanderley, em 06 de novembro de 1854. Nesta correspondência enviada ao presidente da província, Wanderley tratou da prisão e soltura de escravos a mando dos senhores e sem decisão judicial. O carcereiro seria um mero agente a serviço dos interesses particulares e sem serventia para as autoridades judiciárias, na descrição de Joaquim Antonio Wanderley.[230]

A indignação de Wanderley não era só com os desmandos do carcereiro que estava mais para um serviçal dos senhores de escravos e outros poderosos do que para um agente de segurança. Ele questionava a atuação do juiz de paz que prendia e soltava sem qualquer comunicação ao juízo municipal.[231]

A cadeia de Santa Rita do Rio Preto estava atendendo mais as normas estabelecidas pelas elites locais do que aquelas constituídas pelo Estado brasileiro. Por um lado, Antonio Nonato Oliveira argumentou sobre o respeito a algumas leis pelas autoridades barrenses, por

---

[230] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566.
[231] *Ibid*.

outro, em Santa Rita do Rio Preto, isso valia mais a vontade daqueles atrelados com o mandonismo local. Nesse caso, Wanderley denunciava a dificuldade de uma tarefa tripla: controlar os criminosos, controlar a escravaria e disciplinar a elite local. Essas três tarefas estavam fora do seu controle.

Revoltas escravas não foram relatadas no sertão do rio São Francisco na documentação trabalhada. Ao menos, nas imediações de Barra, Campo Largo e Santa Rita do Rio Preto. Isso não quer dizer que as autoridades estivessem desatentas seja com possíveis ocorrências e/ou, até mesmo, com a fuga de rebeldes escravos de outros cantos. Antonio Nonato Oliveira citou o alerta feito pela presidência da província às autoridades em Barra no dia 23 de julho de 1835:

> Em correspondência datada de 23 de julho de 1835, o Presidente da Província alertou ao Juiz da Vila da Barra que "não consinta desembarcar ou residir" em qual dos lugares desta mesma jurisdição homem algum de cor, vindo de fora do Império, não trazendo declarado no seu passaporte a qualidade de ingênuo, abonada pelos Cônsules Brasileiros ou Encarregados de Negócios.[232]

Antonio Nonato Oliveira explicou, fundamentado em Sidney Chalhoub e João José Reis, que a motivação estaria no cenário desenhado nas primeiras décadas do século XIX quando não só diversas revoltas escravas ocorreram na Bahia, a exemplo da revolta dos malês em 1835, mas também o fantasma do Haiti que assustava as camadas senhoriais no Brasil:

> A primeira metade do século XIX foi um período tenso para o escravismo na Província da Bahia. Diversas revoltas escravas eclodiram em Salvador a partir do início dos oitocentos. As elites ficaram desassossegadas, provocando com isso, uma pressão cada vez mais intensa sobre os contingentes escravizados. O receio era de que aqui se repetisse uma revolução semelhante à do Haiti. As revoltas escravas foram favorecidas pelo afluxo de contingente significativo de combatentes africanos escravizados em função das guerras religiosas na África Ocidental. (OLIVEIRA, 2017, p. 117)

Não era só a fuga de escravos rebeldes de 1835 ou revoltas locais que preocupavam o governo provincial. O "facinoroso escravo" Lucas também provocou envio de alerta para as autoridades sanfranciscanas. O juiz de direito da comarca do rio São Francisco, Antonio Joaquim da Silva Gomes, respondeu ao presidente da província, em 11 de agosto de 1846, confirmando o recebimento do ofício com ordens para captura de Lucas.[233] Este ofício deve ter sido circulado em todas, ou quase todas, comarcas da província. Lucas da Feira, como ficou conhecido, era um escravo que teria fugido do cativeiro na década de 1820 e, junto com um

---

[232] APEB. Seção Colonial e Provincial. Governo da Província: Judiciário - Juízes da Barra do Rio Grande (1831 – 1889). Maço: 2249. Correspondência do juiz municipal e interino de Direito, Antonio Menezes Santiago, que confirmara o recebimento do ofício ao presidente da província em 05 de novembro de 1835.

[233] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1845 – 1849). Maço: 2251.

grupo armado, teria realizado ataques nas estradas entre Feira de Santana e o Recôncavo baiano nos anos de 1830 e 1840. (SANTOS, 2017, p. 15-16)

As autoridades provinciais tinham a noção de que o sertão poderia funcionar como rota de fugas para escravos e rebeldes. As autoridades locais relatavam sobre as dificuldades para administrar espaços definidos como gerais e veredas e sua população. A falta de relatos sobre revoltas escravas no sertão do rio São Francisco não quer dizer que não houvesse resistência. Além das tentativas de processos de liberdade demonstrado por Antonio Nonato Oliveira, também é preciso mencionar as fugas e, até mesmo, a denúncia de maus tratos.

No dia 1º de novembro de 1858, o juiz de Paz de Bom Jardim, Theofilo de Souza Britto, relatou ao presidente da província sobre os ocorridos neste arraial que pertencia à comarca de Urubu. Alguns nomes foram apresentados como assassinos que teriam agido na região: Felipe Neris d'Oliveira, Pedro Duarte, Felix Jose Leite Castello Branco, Ladislao Francisco de Souza Brito e Manoel Jorge de Souza Brito (Filho de Ladislao). Felipe Oliveira e Pedro Duarte foram acusados de matar um pai de família chamado Nicolao com dois tiros e depois jogaram o corpo no rio. A viúva teria se refugiado em Bom Jardim com medo de represálias.

Além desse caso, Britto relatou outras ocorrências envolvendo, principalmente, Felipe Neris de Oliveira e Pedro Duarte na comarca de Urubu. Numa delas o vaqueiro de Felipe Neris, Justino, assassinou Saturnino, um amigo do capitão Estevão recém-chegado em Urubu. Justino teve que se esconder fora da comarca e o coito foi no sítio de Felipe Neris de Oliveira que ficava em Brejo de Santana – um distrito da vila de Barra. Theofilo de Souza Britto detalhou mais atrocidades de Felipe Neris como a punição a um escravo e uma escravização de uma pessoa livre.[234]

Ao capturar um escravo que havia fugido, Felipe Neris de Oliveira teria castrado o indivíduo que morreu por causa do ferimento: "[...] q(ue) lhe fugindo hú escravo q(uan)do elle pegou mandou derruballo p(ar)a capar, e tirando a primeira fava do miseravel morreo como hé publico em todo o distrito do Bomjardim."[235] Felipe Neris exercia, assim, a autoridade sobre aquele que era considerado sua propriedade. Dessa forma ele assumia o controle da violência a partir das relações de poder existentes na ordem escravocrata. Isso era o que Ilmar Rohloff de Mattos (2004) chamava de "governo da casa" e que estava relacionado com o controle senhorial da escravidão:

---

[234] APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência dos Juízes de Bom Jardim (1832 – 1877). Maço: 2262.
[235] *Ibid.*

> Governar a escravaria consistia em [...] criar as condições para que as relações de poder inscritas na ordem escravista fossem vivenciadas e interiorizadas por cada um dos agentes, dominadores ou dominados. Governar a casa era exercer, em toda a sua latitude, o monopólio da violência no âmbito do que a historiografia de fundo liberal convencionou denominar de poder privado. (p. 132)

Porém, Theophilo Britto desempenhava o papel de agente do Estado brasileiro e, dessa forma, ele devia coibir os exageros do "governo da casa". No caso em questão, Felipe Neris de Oliveira avançava para além da "casa" sua força e medidas punitivas. Britto, no mesmo documento, mencionou que Oliveira costumava bater de palmatória na mão de pessoas em Bom Jardim. O episódio do escravo fugido demonstrava, por Britto, a crueldade e o descontrole das ações de Felipe Neris. Teophilo Britto exercia, então, aquilo que Ilmar Mattos chamou de "governo do Estado":

> Governar o Estado consistia, pois, em não só coibir as exagerações dos que governavam a Casa, tanto no que diz respeito ao mundo do governo, quanto no que tange ao mundo do trabalho, mas em sobretudo empreender as tarefas que eram entendidas como transcendentes às possibilidades daqueles, entre as quais avultava a de propiciar a continuidade dos monopólios que fundavam a classe. Governar o Estado era, no fundo e no essencial, elevar cada um dos governantes da Casa à concepção de vida estatal. (p. 133)

Felipe Neris de Oliveira era um dos que, com suas as exagerações, preocupavam os agentes do Estado. Ele extrapolava, na leitura do juiz de paz Theophilo Britto, os limites normativos da conduta senhorial a tal ponto a ameaçar homens livres seja com agressões ou até mesmo com a escravização.

Theophilo Britto continuou, no mesmo documento, apresentando as atitudes de Felipe Neris de Oliveira como o caso em que ele comprara em março de 1855 um homem livre. Quando Oliveira descobriu que o indivíduo era livre, ele deu 400 açoites para intimidar e deixá-lo como escravo em sua propriedade no Brejo de Santana em Barra: "Em março de 1855 elle comprou hu homem livre [?] e sabendo que era livre deo-lhe 400 açoites p(ar)a o dito ficar intimidado [?] dele, e se acha servindo com elle como escravo e esta com elle no coito do Brejo de S(ant)ana"[236]

As autoridades, então, vigiavam não só os escravizados, mas também as exagerações dos senhores que ameaçassem as normas em acordo do Estado Imperial brasileiro. A situação de Felipe Neris de Oliveira revela também que a formação do mandonismo extrapolava limites

---

[236] APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência dos Juízes de Bom Jardim (1832 – 1877). Maço: 2262.

administrativos e moldava uma apropriação privada da região transformando-o num mandatário regional.

Outra circunstância envolvendo maus tratos aos escravos que motivou uma fuga foi com Francilina e José em Campo Largo em 1874. Eles pertenciam ao morador de Campo Largo Felippe Benício da Cunha e, em 05 de agosto de 1874, o juiz de Direito interino da comarca de Campo Largo, Leandro Pereira Bastos, foi quem informou à presidência da província sobre a situação. José era escravo e tinha 14 anos. Francilina era escrava e tinha 31 anos. Ambos apareceram com corpo e cabeças cicatrizadas de ferimentos feitos com facadas, cacetadas e queimaduras. Francilina ainda tinha queimaduras na parte baixa do corpo. A denúncia era que o próprio senhor teria feito os ferimentos. Bastos solicitou ao promotor público, que é o curador geral interino de órfãos, que requeresse o exame de corpo delito nos "disvallidos iscravos".[237]

Os castigos corporais moderados estavam previstos no Código Criminal. Porém, o começo da década de 1870 e, possivelmente, com o avanço dos debates abolicionistas na sociedade pode ter provocado novas formas de encarar a violência senhorial por parte dos cativos.

Ricardo Pirola ao analisar a criação da lei de 15 de outubro de 1886 que aboliu a punição por açoites no Brasil demonstrou como uma jurisprudência foi formada ao longo da década de 1870 que mudou os rumos dos castigos impostos pelos senhores. Ele apresentou duas situações em que escravizados prestaram queixas contra seus senhores por conta das punições executadas. O primeiro caso analisado por Pirola foi no Parnaíba, norte do Piauí em dezembro de 1873, em que o escravo Bonifácio prestou uma queixa contra seu senhor, Coelho Bastos, por conta dos açoites recebidos. O desenrolar do processo ao longo do ano de 1874 teve desfecho no Tribunal da Relação do Maranhão. O réu teve sua pena anulada e o juiz de direito que havia sido afastado do cargo por conta da queixa prestada por Coelho Bastos, retornou ao cargo. (PIROLA, 2017, p. 6-9)

Em novembro de 1873, uma situação semelhante na cidade do Maranhão, o delegado acolheu a queixa da escrava Carolina contra seu senhor Raymundo Vianna por conta dos ferimentos provocados pelo castigo recebido. O réu não aceitou a condenação e recorreu ao Tribunal da Relação do Maranhão com nova derrota na decisão divulgada em janeiro de 1875. (p. 11-16)

---

[237] APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1873 – 1889). Maço: 2314.

As situações apresentadas por Pirola são contemporâneas ao período das queixas de José e Francilina contra Felippe Benício da Cunha. No episódio em Campo Largo, não temos andamento do processo para consultar, porém, o estudo de Ricardo Pirola lança luz sobre uma possível difusão do conhecimento sobre essas circunstâncias. Era um momento de debates abolicionistas presente na sociedade. E, além disso, Pirola relatou que os casos de Bonifácio e Carolina foram divulgados em revistas jurídicas da época o que pode ter motivado outros episódios semelhantes no Brasil. (p. 17) Ou seja, além da formação da jurisprudência, as ideias e exemplos circularam na sociedade chegando tanto aos cativos quanto às autoridades:

> Por fim, nos parece fundamental ainda ressaltar, em relação a esses casos envolvendo o tema do castigo senhorial, a própria ação dos escravos de irem à polícia prestar queixa. As críticas públicas ao ato de castigar (seja na imprensa ou mesmo em discursos proferidos no Parlamento, como veremos mais a frente), somadas à divulgação de interpretações que reconheciam direitos aos cativos no que se referia àquela questão, certamente animaram muitos a recorrerem a delegados, promotores ou juízes em busca do que consideravam justo. (p. 19)

Existia um limite nas relações entre senhores e escravos. Ambos estavam sob vigilância das autoridades. Os escravos sabiam desses limites e buscavam a justiça quando isso era ultrapassado. Eles estavam sob vigilância das autoridades por conta das possibilidades de fuga e do medo de revoltas. Os senhores também estavam sendo vigiados e eles também precisavam passar pelo processo de imposição disciplinar de suas práticas sociais e políticas. Além disso, não podemos descartar as disputas das autoridades entre si e contra alguns poderosos locais.

Ressaltamos também que as circunstâncias apresentadas podem demonstrar como os cativos assumiam a agência de suas ações, porém, isso não quer dizer que outras formas de punição (após a proibição dos açoites em 1886) não fossem executadas e que as autoridades estivessem servindo como instrumento de combate à escravidão. As punições e vigilância continuavam, porém com novas circunstâncias e possibilidades tanto de punição quanto de resistência.

A relação dos homens de cor com as autoridades no sertão do São Francisco era recheada de momentos de exclusão e de descredibilização. Não nos enganemos com a falsa sensação de uma possível proteção dada a eles, sejam livres ou escravizados, por parte das autoridades locais. A existência de um limite para a punição e de tentativas de conquista de liberdade por meio da alforria ou até mesmo a conseguir algum cargo em funções públicas (no caso dos livres) não quer dizer que não sofressem castigos físicos e não passassem por instâncias diversas de controle, vigilância e repressão.

Os escravizados sofriam com todo tipo de perseguição e vigilância, mas também não podemos deixar de apontar que os livres eram passíveis de inúmeras situações de opressão. Um homem negro livre no sertão do rio São Francisco também estava sujeito a ter sua mobilidade vigiada e oportunidade de trabalho limitada. Em 12 de abril de 1848,[238] a câmara de vereadores de Santa Rita do Rio Preto escreveu para a presidência da província para tecer suas queixas com relação ao estafeta que trabalhava na comarca. Ele era o responsável por conduzir as correspondências das vilas na comarca do rio São Francisco. Porém, os vereadores de Santa Rita reclamavam do serviço que colocaria em risco a administração e o comércio. Chama-nos atenção para a descrição do estafeta e dos motivos que faziam com que os serviços dele não fossem considerados de confiança.

Segundo os vereadores de Santa Rita, o estafeta (que não foi identificado) foi acusado de viajar com a mala de cartas abertas e que ele poderia ser facilmente iludido. A descrição dele foi realizada de uma forma a tirar qualquer crédito à sua capacidade e condição para o exercício da tarefa: "um miserável <u>prêto</u> coberto de trapos, e q(ue) não sabe ler, nem assignar o seu nome".[239]

As qualificações expostas demonstram que a desconfiança não estava apenas relacionada com o modo operacional em que o estafeta procedia com a condução das correspondências, mas a sua aparente condição social relacionada com a pobreza ("miserável", "coberto de trapos"), a sua condição em relação à alfabetização e à sua identificação racial ("prêto"). Não era apenas o fato de carregar a mala aberta e de não saber ler e escrever que o tornava um sujeito sem confiança, mas a condição social e identificação racial também agravavam as queixas em relação a ele.

O caso do estafeta é nítido para entendermos como ideologicamente operava os procedimentos de embraquecimento por parte de autoridades municipais como os vereadores de Santa Rita do Rio Preto. A inferiorização do homem negro deslocava-o para funções laborais mais precarizadas e distantes do exercício das relações de poder. Por outro lado, a confiança e os cargos públicos se tornavam de controle apenas de indivíduos oriundos, ou comprometidos, com o projeto de limitações dos espaços raciais.

---

[238] Estavam presentes na sessão os seguintes vereadores: Joaquim Antonio Wanderley (presidente), Manoel Carlos Malheiros, Torquato Antero da Rocha, João Correia de Mello, Floriano Pereira Serpa, Luduvico José de Abreu, Antonio Cyriaco do Bomfim Beltrão.

[239] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1840 – 1859). Maço: 1422. Grifo nosso.

Como podemos observar, o modo de vida da população não-branca e os tipos sociais não enquadrados dentro do ideal racial das elites brasileiras passavam por um processo de delimitação dos espaços de circulação, vigilância e punição. Isso não quer dizer que eles não buscassem confrontar os abusos do poder senhorial e a exploração dos mandatários locais. Porém, algumas conquistas ou atos de resistência possuíam um limite dentro do controle ideológico-racial exercido pelas autoridades do Estado Imperial. O exercício de dominação das camadas dirigentes encontrou nos aspectos raciais um terreno fértil para executar o controle das camadas subalternas e as autoridades do Estado Imperial atuavam como instrumentos de repressão e imposição de disciplina social.

Os ciganos continuavam carregando toda sorte de estigma lançada pela sociedade e o negro – seja livre ou escravo – continuava vivenciando um processo de inferiorização social, exploração laboral e vigilância de sua circulação. Por fim, a população indígena ainda continuava com o embate territorial contra a invasão empreendida pela sociedade do homem branco.

Em relação aos povos indígenas duas circunstâncias nos chamam atenção: os que viviam em Missão do Aricobé e os que circulavam entre o norte de Goiás, sul do Piauí e proximidades de Santa Rita do Rio Preto e Formosa na Bahia. A Missão do Aricobé foi fundada em 1739 e seu funcionamento durou até 1860. (REGO, 2014, p. 139) Ela fazia parte da municipalidade de Campo Largo, assim como Angical que era o núcleo urbano na qual Aricobé possuía mais proximidade. Em 26 de agosto de 1829,[240] a câmara de Campo Largo comunicou ao governo provincial sobre o arremate das terras de Missão do Aricobé com intuito de melhorar a arrecadação municipal. (REGO, 2014, p. 72) Os vereadores demarcaram 03 léguas sendo 0,5 para os indígenas que foram descritos por eles como "diminutos".[241]

Na sessão de 12 de janeiro de 1830,[242] foi reforçado ao presidente da província que a 0,5 légua quadrada era o suficiente para a agricultura dos índios.[243] A outra explicação, dada em um novo documento da mesma data, era que as terras seriam devolutas.[244] Porém, o processo

---

[240] Estavam presentes na sessão: Tertuliano Antonio Botelho (presidente), Francisco José Britto, Raymundo José de Andrade, Tristão Pereira da Rocha, Felipe Benício da Cunha, José Francisco de Paula Nobre e João Martiniano do Bomfim.
[241] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência recebida da câmara Campo Largo. Maço: 1287.
[242] Estavam presentes na sessão: Tertuliano Antonio Botelho – presidente, Felippe Benício da Cunha, Tristão Pereira da Rocha, José Francisco de Paula Nobre, Raymundo José de Andrade, Francisco José de Brito.
[243] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência recebida da câmara Campo Largo. Maço: 1287.
[244] *Ibid*

de tombamento, em 1832, fora realizado, mas sem a tranquilidade desejada pelas autoridades municipais. A câmara de Campo Largo[245] informou que cerca de 30 indivíduos armados entre índios qualificados como "legítimos" e "misturados" pressionavam contra os trabalhos. (REGO, 2014, p. 72) As informações sobre a organização dos índios com armas para resistir aos trabalhos de tombamento foram noticiadas na correspondência da câmara, de 11 de abril de 1832. [246]

Em 13 de abril de 1832,[247] dois dias depois de relatar a ação de resistência dos indígenas, a câmara de Campo Largo explicou que eles não teriam nem títulos e nem privilégios nas terras e que teriam sido deslocados da missão de Pau Grande no rio São Francisco como cativos do descobridor (sem mencionar nome). Eles também citaram a presença de mestiços o que denota uma estratégia discursiva de deslegitimação sobre a ocupação dessas terras.[248]

Patrícia Melo Sampaio explicou, fundamentada em Manuela Carneiro Cunha, que a regulamentação do arrendamento das terras indígenas era uma prática legal no começo do século XIX e que fora consolidada em 1845 com o Regulamento 426, de 1845 do Estado Imperial brasileiro. (SAMPAIO, 2009) Segundo André Almeida Rego, este regulamento proporcionou a organização de uma série de medidas de intervenção nos modos de vida dos povos indígenas e consolidava a percepção de "[...] incapacidade temporária do índio que deveria ser tutelado." (REGO, 2013, p. 49)

A situação dos índios em Missão do Aricobé gerava suspeita por parte das autoridades sobre a redução deles à condição de escravo. (REGO, 2014, p. 139) Assim, o 1º suplente de juiz municipal da vila de Santa Rita do Rio Preto, Manuel Lourenço Cavalcanti, em 1846, foi até o aldeamento para inspecionar, porém teria verificado que eles circulavam livremente, mas mesmo assim fez a indicação de uma pessoa para realizar novas inspeções e advogar a favor dos indígenas.[249]

---

[245] Estavam presentes na sessão: Tertuliano Antonio Botelho (presidente), João Martiniano Bomfim, Felippe Benício da Cunha, Raymundo José de Andrade, Francisco José de Brito, Tristão Pereira da Rocha e Feliz Alvarez Arruda.

[246] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência recebida da câmara Campo Largo. Maço: 1287.

[247] Estavam presentes na sessão: Tertuliano Antonio Botelho (presidente), Felippe Benício da Cunha, João Martiniano Bomfim, Raymundo José de Andrade, Francisco José de Brito, Tristão Pereira da Rocha e Feliz Alvarez Arruda.

[248] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência recebida da câmara Campo Largo. Maço: 1287.

[249] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço, 2566. Correspondência foi enviada no dia 25 de setembro de 1846.

O descrédito provocado por uma suposta miscigenação e a pobreza eram fatores que aumentavam a cobiça pelas terras de Aricobé. O começo da década de 1830 demonstra o avanço sobre as terras do aldeamento e o avanço sobre os braços para o trabalho parece ter sido, conforme o documento de 1846, outro aspecto da dominação territorial do modelo de Estado brasileiro existente. Mesmo com a intervenção de uma autoridade judicial para combater a redução à escravidão, não podemos deixar de destacar os limites das ações senhoriais. As autoridades, como já afirmado, vigiavam as camadas subalternas, mas também eram agentes de um processo disciplinador das elites, principalmente aquelas distantes do olhar dos grupos controladores da política Imperial.

As terras e a mão de obra dos índios de Missão continuaram como objetos de cobiça nos anos seguintes. Não sabemos ao certo as intencionalidades nas queixas do juiz municipal e de órfãos dos termos reunidos de Campo Largo e Santa Rita do Rio Preto, Joaquim Ferreira Bandeira, contra o vigário colado da freguesia de Santa Ana do Sacramento do Angical, Manoel Ferreira dos Santos Cunha em 14 de novembro de 1869. Bandeira teceu uma série de queixas com relação às ações do vigário com devido a sua conduta em alguns sepultamentos em Angical, Várzeas e Buracão[250] chegando ao ponto de caracterizá-lo como "sem escrúpulos".[251]

Além das acusações sobre procedimentos ofensivos com relação aos sepultamentos e, também, aos casamentos, Bandeira denunciou Cunha por ter se afastado, sem justificativa, por alguns meses para ir até Salvador e, ao retornar, ele se apresentou como "Diretor da Aldeia de Aricobé". Os índios desconfiaram e cobraram o título, mas o vigário não apresentou. Apenas argumentou dizendo que fora nomeado pelo Visconde do Rio Vermelho e, depois, ameaçou os índios com recrutamento.[252]

Temos, portanto, três situações expostas: 1) arrendamento e expropriação das terras dos índios em Missão do Aricobé; 2) possível tentativa de escravização de índios; 3) disputa pelo controle da tutela dos índios de Aricobé. Nas três a atuação das autoridades foram fundamentais ora para expropriar, ora para coibir as exagerações senhoriais e, também, na disputa pelo controle deles. André de Almeida Rego (2014) chama atenção para as investidas sobre as terras indígenas após a Lei de Terras de 1850 quando a Diretoria Geral dos Índios da Bahia defendeu que o patrimônio indígena fosse incorporado para a província. (p. 291) Além disso, as terras de

---

[250] Atual Arraial da Penha no município de Barreiras. PREFEITURA MUNICIPAL DE BARREIRAS. **Resumo histórico das nossas origens**. Barreiras: 2001, s.n. P. 20.
[251] APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1830 – 1884). Maço: 2313.
[252] *Ibid*.

Aricobé seriam consideradas como férteis e de pouco uso, conforme Rego. E isso teria formado uma pressão, formalizada desde 1830, sobre os terrenos dos moradores do aldeamento. (p. 292)

Os discursos que apontavam para a suposta miscigenação em Aricobé fazia parte da estratégia de deslegitimar a presença e posse das terras pelos índios do aldeamento. No final da década de 1860 essa estratégia foi bem utilizada por parte de algumas autoridades locais e, por isso, André Rego lançou um alerta de cuidado com o que estaria implícito em tais expressões:

> Esses dados devem ser vistos com extrema cautela, já que foram produzidos em contexto de campanha deflagrada pela extinção do patrimônio das terras dos índios de Aricobé, constituindo a negativa da indianidade como ponto fulcral do discurso dos proprietários e autoridades locais. (p. 139)

Duas categorias eram utilizadas recorrentemente para a classificação dos povos indígenas por parte dos agentes do Estado Imperial e, consequentemente, pelas elites brasileiras. A primeira categoria diz respeito à legitimidade através das expressões “legítimos” e “não-legítimos”. Este aspecto sugere uma classificação ora pela pureza racial, ora pela miscigenação e isso poderia determinar a parte do patrimônio que caberia a eles nos aldeamentos, conforme explica André de Almeida Rego:

> A expressão “índios não legítimos” passou a ser muito usada entre as autoridades. Com o mesmo significado, lançou-se mão da palavra “descendentes”, geralmente complementada com a caracterização de serem fruto dos primeiros povoadores da aldeia, considerados como índios legítimos. Essa classificação buscava apontar que a miscigenação e o processo civilizatório haviam transformado essas populações em um grupo já não mais pertencente à categoria indígena. Na ótica das autoridades, a esses grupos caberiam apenas lotes que significavam a mínima parte do patrimônio outrora doado aos seus ancestrais. (p. 289)

A segunda categoria estava relacionada com o modo de vida dentro do projeto civilizatório do homem branco e nela era utilizado as expressões “manso” e “selvagem”. Enquanto o termo “mansos” se referia aos aldeados, “selvagem” se referia aos povos não aldeados e que, por vezes, tensionavam com a sociedade ordenada pelo Estado brasileiro. Segundo André de Almeida Rego ambas as expressões desta categoria apresentariam, na percepção das autoridades e elites brasileiras, características depreciativas dos povos indígenas:

> Os índios do século XIX, na concepção dos contemporâneos, eram classificados em “mansos” – porque já aldeados na fase colonial – e selvagens. Estes últimos seriam a encarnação do primitivismo e da infância ou seriam, para outros, fruto da degeneração de povos considerados mais adiantados. Os aldeados de longa data eram considerados como morosos, preguiçosos, apáticos, indolentes, dados ao roubo e à embriaguez. Ao deitar o olhar sobre esses índios, muitos não enxergavam ali mais do que remanescentes, descendentes ou caboclos, uma espécie de meio termo entre o índio “selvagem” e o branco “civilizado”. Era um ser visto pelas suas ausências. Faltavam-lhe as virtudes do selvagem: a valentia, o espírito de liberdade nas

> matas, a independência do nativo. Carecia de atributos da “civilização”: a ambição, o amor ao trabalho, o acúmulo material, a propriedade, a leitura e a escrita. Esqueciam-se de que esse estilo de vida, em realidade, era a única alternativa que sobrava não somente aos índios das aldeias e povoações indígenas, mas à grande maioria dos brasileiros vivendo sob o cetro dos imperadores da Casa de Bragança. (p. 57)

Por mais que os índios de Missão do Aricobé e os Xavantes e Xerentes de Goiás estivessem categorizados de forma diferente, ambos sofreram classificações que determinava como as autoridades procederiam com eles. É importante destacar que essas formas de categorização étnico-racial estavam atreladas a uma perspectiva de civilização eurocêntrica que, por sua vez, era um elemento ideológico que orientava as ações das autoridades do Estado Imperial brasileiro.

O autoritarismo da visão eurocêntrica sobre civilização, civilidade e, arriscamos acrescentar, humanidade desprezava violentamente os modos de vida dos povos originários dos outros continentes. Enquanto um substrato ideológico, moldou ações durante o regime monárquico contra todos aqueles que não se enquadravam na lógica da disciplina de Estado e sociedade de matriz europeia.

Ailton Krenak (2020) ressalta criticamente que toda essa perspectiva transforma o modo de vida sob as rédeas do homem branco como a concepção de verdade a ser seguida pela humanidade:

> A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história. (p. 11)

A definição de “selvagem” por parte das autoridades do Estado brasileiro retira a humanidade dos povos originários. Isso determina o tipo de medida política a ser adotada nos confrontos de territorialidades: seja via confronto militar ou pelo trabalho de catequização. O conflito de territorialidade foi discutido anteriormente nesta tese e nas fronteiras entre Bahia, Goiás e Piauí em meados do século XIX ela ainda se manifestava com o conflito entre proprietários de terras e autoridades contra grupos indígenas não-aldeados. Este era o caso dos Xavantes que tensionavam em Santa Rita do Rio Preto e Formosa principalmente nas décadas de 1840 e 1850.

André de Almeida Rego afirmou que este problema colaborou para uma tentativa de reedição do “bandeirantismo” e das “guerras justas”. Para Rego, a situação em Santa Rita

revelava, assim como para outras partes da Bahia, a terra e o trabalho indígena terminavam sendo elementos centrais dentro dessa disputa:

> Essa reedição do bandeirismo e das guerras justas também foi vista na região do Oeste Baiano, especificamente na jurisdição da Vila de Santa Rita do Rio Preto das décadas de 1840 e 1850, quando incidiram ataques de índios xavantes e xerentes provenientes da província de Minas Novas de Goiás. Mais uma vez, terra e trabalho indígenas conjugavam-se na equação dos propositores de ações de trato com a questão, que, nesse caso, era a Câmara Municipal da Vila de Santa Rita do Rio Preto. (2014, p. 49)

Em 19 de abril de 1841, o presidente da câmara de vereadores de Santa Rita do Rio Preto, João Figueiredo de Menezes, queixava-se da ação dos índios nas imediações da municipalidade de Santa Rita. Ele informou que eram da "Nação Xavante" e afirmou que eles eram compostos por homens temerários. Pelo descrito a situação já fazia 02 anos e pedia uma solução ao governo provincial.[253]

Temos uma dúvida se a câmara de Santa Rita identificou os índios como "Xavante" a partir de uma generalização dos povos que circulavam em Goiás ou se havia uma identificação por parte de alguma fonte segura. Ivo Schroeder explicou com base nas pesquisas de Oswaldo Ravagnani que Xavantes e Xerentes podem ter sido uma subdivisão de um único grupo e que no século XIX já existiam de formas distintas. (SCHROEDER, 2010; REGO, 2014, p. 41) Odair Giraldin e Cleube Alves da Silva apresentaram os Xerentes no século XIX localizados numa parte do território goiano próximo da fronteira com a Bahia, Maranhão e Piauí entre as margens do rio Tocantins e rio do Sono:

> Vale ressaltar que o povo Xerente ocupava uma área cuja extensão máxima seguia das proximidades do arraial do Peixe (atualmente no centro-sul do Tocantins), margeando o rio Tocantins até o rio do Sono. Habitavam, em sua maioria, à margem leste possuindo ainda algumas aldeias à oeste do referido rio. (GIRALDIN, SILVA, 2002, p. 4)

Segundo Maria Lucia Cereda Gomide, os Xavante e Xerente seriam do grupo Akuen e pertenceriam ao tronco linguístico Macro-Jê: "O Xavante juntamente com os Xerente formam o grupo Akuen, pertencem ao tronco lingüístico Macro-jê, e se autodenominam como A'uwe." (GOMIDE, 2011) O território Xavante atualmente fica localizado no Estado de Mato Grosso e as primeiras notícias sobre eles informam que estavam localizados entre o rio Araguaia e o rio Tocantins no século XVIII – atual centro oeste de Goiás. (*Ibidem*)

---

[253] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1840 – 1859). Maço: 1422.

É possível que os indígenas identificados pela câmara de Santa Rita do Rio Preto como "Xavantes" sejam na verdade "Xerentes". Por conta dessa imprecisão, mencionaremos como "Xavante" entre aspas, logo adiante. Dessa forma seguiremos como descrito nas fontes, mas deixando o alerta para esta lacuna acerca da identificação dos grupos que incomodavam os proprietários de terra nas imediações do rio Preto na Bahia.

Reforçamos também que, a maioria das vezes em que o ataque foi mencionado na documentação, as expressões "selvagens" e "índios Selvagens" eram preferencialmente utilizadas pelas autoridades locais. Esse problema parece ter se arrastado por anos. Em 20 de abril de 1849, a câmara de vereadores de Santa Rita[254] enviou um ofício com uma série de informações sobre a municipalidade como as condições de ensino, estrutura da Igreja e cadeia, estradas, agricultura, quantidade de escravos e livres, ocorrências de epidemias, estado do trabalho dos correios e, por fim, sobre as aldeias indígenas.

De acordo com os vereadores, não havia aldeias de índios, mas que existiam alguns nos limites com a província de Goiás. Os membros da câmara de Santa Rita acusaram os índios de realizarem raptos de mulheres e crianças e de roubar o gado. Os índios circulariam pelo "deserto" nas imediações do rio Preto até a nascente do mesmo entrando 30 léguas em Goiás – a partir da Fazenda Santa Maria. Este trecho vai até o rio Sapão – afluente do rio Preto.[255]

Cerca de um mês depois, a câmara de vereadores de Santa Rita do Rio Preto voltou a tratar dos índios. Mas dessa vez, eles relataram a chegada de um missionário, o franciscano frei João do Lado de Cristo Pinheiro, para realizar os trabalhos de catequização.[256] A presença do missionário dizia respeito mais a uma política de assimilação da mão de obra indígena em detrimento das lutas como uma reedição das "guerras justas". André de Almeida Rego reforça a explicação de que a proposta de aldeamento foi preferida em relação ao embate bélico:

> Também enxergo essa conjugação entre interesse pela terra e interesse pelo trabalho indígena nas comarcas do sul da Bahia, durante todo o Império e também no caso dos xavantes e xerentes na região de Formosa do Rio Preto, nas décadas de 1840 e 1850. Mesmo com vozes entoando o coro da hostilidade aos índios, o que vigorava eram as propostas de aldeamento. (2014, p. 46)

---

[254] Estavam presentes na sessão: Joaquim Antonio Wanderley (presidente), Torquato Antero da Rocha, João Alves Ferreira, Luduvico José de Abreu, Manoel Carlos Malheiros, Manoel Conrado de Miranda, Joaquim Muniz Pereira Serpa.

[255] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1840 – 1859). Maço: 1422.

[256] *Ibid*.

Ainda de acordo com André Rego, a cobiça pelas terras indígenas não impedira o interesse pela sua mão de obra e a escolha pelo aldeamento pode confirmar a opção pela tentativa de adequação dos "Xavantes" ao modelo disciplinar de sociedade na qual fosse possível aproveitar a sua força de trabalho:

> A meu ver, o grande problema dessa discussão reside em tornar os termos terra e trabalho excludentes entre si, ou seja, onde o interesse pelo trabalho indígena cessasse, o interesse pelas suas terras brotaria. Mesmo onde o interesse pela terra indígena se convertia em pressão quase que irresistível, era possível haver políticas de exploração do trabalho indígena. (p. 45)

O ano de 1849 foi, talvez, o mais agitado com relação ao conflito com os "Xavantes". Em 13 de outubro, a câmara pedia urgência ao governo provincial para solucionar este embate. Em 29 de novembro de 1849, o juiz de Direito da comarca do rio São Francisco, Manuel Joaquim de Sousa Pinto, informou ao presidente da província que nas cabeceiras do rio Preto tem aparecido "indígenas selvagens". Segundo Pinto, eles estariam causando terror e prejuízos aos habitantes locais e seriam oriundos de Goiás ou de terrenos incultos e inabitáveis entre Goiás e Piauí. O juiz reforçou que o delegado tem buscado uma solução e que a catequese seria uma boa medida. Dessa forma, Manuel Joaquim Pinto ressaltava a opção de evitar a hostilidade, porém não parecia também a descartar.[257]

Em 23 de abril de 1850, a câmara de vereadores, através do vereador Manoel Carlos Malheiro, enviou um relato sobre novos conflitos. Malheiro informou que tinha 03 dias que havia chegado da sua fazenda, São João, e que ela estaria sofrendo ataques de índios e que juntamente com o arraial de Formosa (2º distrito de Santa Rita) estariam em perigo. Informou que dois homens (pai e filho) foram assassinados na beira de um local denominado Arraial que fica na beira do rio Sapão. Toda a família do morto, cerca de seis pessoas, foi carregada. Outras cinco fazendas teriam ficado vazias por conta dessas ocorrências e os índios estariam queimando muitas áreas na fronteira. Segundo alguns caçadores, estima-se que estariam circulando nas terras cerca de 500 homens armados com arco e flecha. Os moradores de Formosa estariam ameaçando fugir para Santa Rita e abandonar as terras caso não tenham segurança e, assim, os índios ficariam com boas terras para agricultura e caça. Por fim, o vereador alertou que Santa Rita do Rio Preto também estaria ameaçada uma vez que os "Xavantes" percorreriam longas distâncias em 24 horas.[258]

---

[257] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566.
[258] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1840 – 1859). Maço: 1422.

No mesmo dia, em outra correspondência, a câmara de vereadores solicitou o envio de 50 a 60 praças para atuarem nas margens do rio Sapão na fronteira com Goiás conforme autorizado pelo Ministério da Guerra em 31 de dezembro de 1849. Ainda assim, a câmara considerou que era um número baixo tendo em vista que os índios estariam num grupo de 500 indivíduos armados.[259]

Em 10 de julho de 1851,[260] a câmara de Santa Rita voltou a solicitar a presença do Frei João do Lado de Cristo para realizar os trabalhos de catequização já que ele nunca teria chegado na vila, assim como o destacamento que fora autorizado pelo governo Imperial.[261] Em 1852, a presença do missionário continuava sendo uma dúvida pois a câmara negava que ela tenha aparecido na região e negava os boatos de que ele estivesse pregando doutrinas opostas ao catolicismo. Inclusive, relataram o aparecimento de impressos que tratavam do sofrimento dele nos trabalhos de catequização.[262]

A cobiça pelas terras indígenas, conforme explicado por André de Almeida Rego em citação anterior, pode ser observado na correspondência dos vereadores de Santa Rita de 09 de outubro de 1852[263] quando informaram ao presidente da província que o melhor terreno estaria com os índios e sugeriu a melhor forma de ocupação que seria com colonos estrangeiros e nacionais. O terreno contaria com 100 léguas com águas de rios e ribeirões.[264]

Ao longo da década de 1850 novas comunicações relatavam a persistência do conflito. Em 11 de dezembro de 1855,[265] ao tratar das condições das estradas informou sobre a existência de confrontos em alguns trechos do território de Santa Rita.[266] Em 12 de abril de 1856, o juiz municipal e de órfãos substituto de Santa Rita do Rio Preto, Joaquim Antonio Wanderley, relatou novas ameaças no município. Wanderley informou que o sítio em que reside José da

---

[259] *Ibid.*
[260] Estavam presentes na sessão: Joaquim Antonio Wanderley (Presidente), Joaquim Muniz Pereira Serpa, José Francisco da Paz, Manoel Carlos Malheiros, João Alves Ferreira, Serafim Ferreira Dias.
[261] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1840 – 1859). Maço: 1422.
[262] *Ibid*.
[263] Estavam presentes na sessão: Joaquim Antonio Wanderley (Presidente), José Francisco da Paz, Manoel Carlos Malheiros, João Alves Ferreira e Antonio Cyriaco do Bonfim Beltrão.
[264] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1840 – 1859). Maço: 1422.
[265] Estavam presentes na sessão: Benedicto Roiz de Araujo (Presidente), Ambrosio Machado Cavalcante Wanderley, José Francisco da Paz, Porfírio Luís da Rocha, Francisco Xavier Borges Barrêto, Antonio Malheiro de Melo.
[266] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1840 – 1859). Maço: 1422.

Rocha Medrado serviu de ponto de reunião de 124 homens armados e inspetores de quarteirão que foram reunidos pelo juiz. Medrado estaria com a incumbência de afugentar os índios.[267]

José da Rocha Medrado era politicamente influente em Santa Rita. Ele foi vereador, presidente da câmara de vereadores em Santa Rita na década de 1840 e membros de sua família participaram de postos políticos na década de 1850. A reunião de homens armados em seu sítio demonstra como ele exercia o controle da força política e bélica local. Voltaremos a tratar dele mais adiante nesta tese.

O último registro que encontramos nas correspondências das autoridades de Santa Rita que tratava do conflito com os índios "Xavantes" foi a correspondência de Victor Modesto da Silva de 31 de dezembro de 1871 quando ele exercia o cargo de juiz de órfãos substituto de Santa Rita do Rio Preto. Victor Silva a chegada de sete índios na vila que foram capturados pelo subdelegado do arraial de Formosa. Ele encaminhou uma cópia da correspondência trocada com o subdelegado José Moreira da Cunha e Souza em 23 de dezembro de 1871. Entre os sete índios estavam cinco adultos e dois menores junto com eles estavam os arcos e flechas. Eles teriam sido presos pelo proprietário Francisco José da Silva na sua Fazenda Curralinho. Foi alegado que eles estariam dando prejuízos não só para Francisco Silva, mas para outros proprietários com a morte de algumas vacas. Os vaqueiros vizinhos foram reunidos para investigar que estaria causando tais problemas. Eles encontraram os índios com uma vaca morta e foram capturados. Após isso eles foram enviados para a vila de Santa Rita e foi solicitado que fossem encaminhados para o Chefe de Polícia da província.[268]

André de Almeida Rego (2014) explicou que esses ataques seriam resultado da pressão provocada pela expansão da mineração e da pecuária em Goiás. (p. 241) Em meados do século XIX a territorialidade dos povos originários e a territorialidade do Estado de matriz europeia continuavam em confronto. Chamamos o Estado brasileiro como Estado de matriz europeia pelas relações históricas atreladas a estruturas moldadas ainda durante o período colonial e a presença não só de uma elite descendente, em sua grande maioria, de portugueses, mas também por conta do regime monarquista encabeçado pela Casa de Bragança.

As ações de controle das camadas subalternas não apenas estavam reduzidas à preocupação com os modos de vida e com as ações dos grupos étnicos que não faziam parte da

---

[267] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566.
[268] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566.

camada dominante, mas também lançava a cobiça sobre as terras desses indivíduos. Outro fator importante é o controle e disciplina com a mão de obra, seja ela livre ou escrava.

As dificuldades materiais e a construção de um cabedal ideológico pautado em noções eurocêntricas de sociedade, humanidade e civilização permitiam às camadas dirigentes a organização de mecanismos de dominação social sobre as camadas subalternas. As autoridades do Estado Imperial como juízes, delegados e vereadores serviam como instrumentos das camadas dominantes para os projetos de controle e imposição de disciplina das camadas subalternas. Segundo Antonio Gramsci, a ação repressora das autoridades do Estado e, consequentemente, do Estado visava a adequação da noção de civilidade e moradade dos grupos populares conforme a demanda do "aparato econômico de produção":

> Tarefa educativa e formativa do Estado que tem sempre o objetivo de criar novos e mais altos tipos de "civilização", de adequar a "civilidade" e a moralidade das massas populares mais amplas às necessidades do contínuo desenvolvimento do aparato econômico de produção e, por isso, de elaborar, até fisicamente, novos tipos de humanidade. (GRAMSCI, 1990, p. 105)

Sobre a interseccionalidade jogo de dominação social e racial das camadas dirigentes, Keeanga-Yamattha Taylor, fundamentada em Marx, explicou que "as ideias dominantes de qualquer sociedade são as ideias da classe dominante." (TAYLOR, 2018, p. 191) Dessa forma, as concepções de humanidade e civilização presentes durante o regime monárquico que balizou as ações do Estado e, consequentemente, das autoridades do Brasil Império obedeciam a uma leitura dos grupos sociais que dominavam as estruturas políticas brasileiras.

Os agentes do Estado brasileiro serviam como mecanismo de vigilância e controle das camadas subalternas. As elites também estavam no seu radar principalmente quando as ações ameaçassem os planos civilizatórios ou, ainda, a unidade nacional. Isso não quer dizer que o controle territorial estivesse completamente sob a força das autoridades constituídas pelo Estado brasileiro. Além disso, havia limites nos recursos garantidores da força das autoridades como as condições das estradas, cadeias e o corpo policial. Assim, a boa relação com personalidades das elites locais terminava sendo um dos mecanismos de imposição de poder na sociedade para autoridades e grandes proprietários.

A força do mando local era uma variável extremamente atuante e os postos da hierarquia burocrática brasileira no âmbito regional eram disputados pelas elites locais. Afinal, esses cargos poderiam significar não só o controle sobre as camadas subalternas – incluindo as terras e mão de obra livre e escrava – mas também os adversários locais. O ideal civilizatório

eurocêntrico servia de sustentáculo ideológico para a opressão contra os diversos modos de vida, mas também como justificativa para combater adversários políticos.

5. BARULHO NO SERTÃO – OU É CHUVA, OU É CONFUSÃO

E quando os coronéis ricos
Protegiam cangaceiros
Como legítimos ordeiros
Conservando-os nas fazendas,
Não Matavam, mas mandavam
Matar pelos bandoleiros.
(SALDANHA, 2001, p. 98)

A atuação das autoridades judiciais, policiais e eclesiásticas no sertão do rio São Francisco nem sempre estavam afinadas com as elites locais. O choque seria motivado por disputas internas entre juízes e delegados que, por vezes, poderiam não estar alinhados com a parcialidade triunfante. A aliança com os setores dominantes era importante não só pelos laços políticos para um futuro caminho político ou na magistratura, mas também para ter maior tranquilidade no trabalho. Isso gerava, por vezes, alguns conflitos com outras autoridades resultando em queixas de vereadores contra juízes e outros tantos como delegados, promotores e padres.

O conflito evidencia alianças ou o estado em que elas se encontravam. A relação entre autoridades e elites estava longe de ser um encontro de diferentes tentando se igualar. Tais relações eram indicativas dos limites das aproximações e distâncias que os vínculos políticos e os projetos individuais poderiam oferecer. Os cargos eram disputados pelas elites locais para a nomeação de membros de suas parentelas. Em casos específicos como juiz de direito, nem sempre aliados das famílias importantes eram nomeados devido a natureza do cargo. Porém, não tardava a costura de relações políticas com os poderosos locais ou, até mesmo, a articulação, em nível provincial e nacional, para uma remoção.

Os choques de jurisdição, conflitos com poderosos e as disputas do mandonismo local são alguns dos elementos que abordaremos nesta seção. Nessas três situações o posicionamento das autoridades também elucida as costuras políticas e sociais elaboradas no exercício do poder local e regional. Dividimos a seção em 02 partes: na primeira trataremos das tensões durante o período regencial e das ações das autoridades do sertão do São Francisco; na segunda, discutiremos as ações do mandonismo local e como as disputas também envolviam os ocupantes de cargos públicos. Esta última seção está subdividida em outras duas nas quais abordamos os casos dos conflitos entre as famílias Guerreiro e França Antunes em Pilão Arcado e as tensões pelo controle do mandonismo local em Santa Rita do Rio Preto pela família dos Rocha Medrado. Ambos os conflitos não só provocaram impacto direto nas relações de poder

nessas duas localidades como também demonstraram que as disputas políticas contavam com uma teia de apoio pelo sertão do rio São Francisco.

5.1. A TEMPESTADE SE APROXIMA E O IMPERADOR AINDA NÃO ESTÁ NO TRONO

Os barulhos das balas e correrias agitavam nas terras do sertão do São Francisco. Controlar ameaças de outras regiões e os conflitos internos eram dois problemas que as autoridades locais também precisavam lidar. Internamente as disputas provocavam tensões entre as elites e autoridades locais; externamente a conjuntura por vezes provocava temor.

A Balaiada foi um desses episódios que agitou as autoridades no sertão do rio São Francisco e deixou um estado de alerta para a movimentação da rebeldia que se instalara nas proximidades da fronteira entre a Bahia e o Piauí. Antes dela, a Sabinada provocara algumas agitações por parte de alguns barrenses e, entre eles, autoridades judiciais.

O período regencial contou com uma série de turbulências no Brasil inteiro e o sertão do rio São Francisco experimentou algumas situações e sentiu as tensões externas, à região e à província, impactando no cotidiano. Como já expressamos anteriormente, a noção de região não implica num ente isolado espacialmente a partir de um recorte arbitrário do pesquisador ou dos agentes políticos contemporâneos ao procedimento de regionalização.

O clímax das insatisfações manifestadas no Brasil durante a vacância do trono demonstra bem as conexões e reações de controle territorial e, consequentemente, regional. Podemos citar as várias revoltas nas províncias vizinhas ou mesmo dentro da Bahia, tais como:

Quadro 3: Revoltas do período regencial na Bahia e províncias vizinhas

Revolta	Duração	Localização
Setembrizada	1831	Recife
Federalista de 1831	1831	Salvador
Novembrada	1831	Recife
Guanaes Mineiro	1832	São Félix e Cachoeira, Bahia

Abrilada	1832	Pernambuco
Cabanos	1832 – 1835	Pernambuco e Alagoas
Forte do Mar	1833	Salvador
Carrancas	1833	Minas Gerais
Revolta dos Índios de Pedra Branca	1834	Bahia
Carneirada	1834 – 1835	Recife
Revolta dos Malês	1835	Salvador
Cemiterada	1836	Bahia
Sabinada	1837	Salvador
Balaiada	1838 – 1841	Maranhão e Piauí

Referências: Lina Maria Brandão de Aras e Luís Henrique Dias Tavares apresentaram como revoltas federalistas na Bahia as que intitulamos com os seguintes nomes: Movimento federalista de 1831, Guanaes Mineiro e Movimento do Forte do Mar. Para a construção deste quadro tomamos como modelo o que José Murilo de Carvalho apresentou na introdução de "O Teatro das Sombras". Selecionamos apenas as revoltas ocorridas na Bahia e nas províncias vizinhas. Porém, juntamos com informações de Lina Maria Brandão de Aras, Luís Henrique Dias Tavares, Odilon Nunes, João José Reis e Marcos Ferreira de Andrade. ANDRADE, Marcos Ferreira de. Rebelião escrava na comarca do rio das Mortes, Minas Gerais: o caso Carrancas. **Afro-ásia**. Salvador. 21-22, p. 45 - 82, 1998 – 1999. ARAS, Lina Maria Brandão de. ***Op. Cit.***, 1995. CARVALHO, José Murilo de. ***Op. Cit.***, 2014. P. 250. NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí** – Volume 03. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Artenova, s/d. REIS, João José. A elite baiana face os movimentos sociais, Bahia: 1824 – 1840. **Revista de História**. São Paulo. V. 54, nº 108, p. 341 – 384, 1976. TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 11ª edição. São Paulo; Salvador: Ed. da UNESP; EDUFBA, 2008.

O período regencial demonstrou o quão frágil era a homogeneidade das elites na década de 1830, mas também a sua habilidade de contornar as disputas políticas para reprimir as revoltas e fortalecer o único consenso, que era a manutenção do controle do Estado brasileiro unificado através da Coroa.

Lilian Schwarcz e Heloisa Starling ressaltaram que as rebeliões eclodidas em vários cantos do país expressaram os descontentamentos regionais e de origem social diversa numa conjuntura de discussão sobre a centralização e autonomia das províncias:

> A primeira das reações foi a abertura de um amplo debate acerca da desmedida centralização política e administrativa imposta pelo Rio de Janeiro. Novas bandeiras foram içadas, e nelas se inscreviam temas como o federalismo e a República. A discussão não ficaria restrita, porém, ao âmbito parlamentar. Em moto contínuo, estouraram rebeliões em várias províncias brasileiras, que a despeito de suas demandas particulares guardavam, no conjunto, novas reivindicações por autonomia. Afastadas das instâncias decisórias, e insatisfeitas com os rumos tomados no Império, essas novas lideranças passavam a introduzir tópicos até então pouco conhecidos na agenda do país. Revoltas como a Cabanagem no Pará; a Balaiada, no Maranhão; a Sabinada, na Bahia, e a Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, indicavam como o barulho ainda difuso das províncias – feito de descontentamentos isolados e tensões latentes – tinha potencialidade para se transformar num grande coral, composto de vozes que cantavam em solo mas resultavam num conjunto nada harmonioso. (SCHWARCZ & STARLING, 2018, p. 244)

No sertão do São Francisco algumas ocorrências nos chamaram atenção como principalmente a Sabinada[269] e a Balaiada[270] que provocaram impactos e manifestações na comarca sanfranciscana. Além disso, não podemos deixar de voltar a mencionar o alerta feito pelo governo provincial sobre a possibilidade de levante escravo após 1835. E, por fim, outras situações demonstram inquietações em lugares como Campo Largo e Santa Rita do Rio Preto. Mesmo que efêmeras, elas demonstram a circulação de notícias, ideias e ideais, bem como algum tipo de insatisfação local com as estruturas e/ou agentes do Império.

Durante a década de 1830 a Bahia conviveu com a eclosão de várias revoltas como pode ser visto no Quadro 04. Após a revolta dos Malês[271] em 1835, segundo Dilton Oliveira de Araújo, a vigilância pesou sobre os africanos e manteve um clima de suspense diante de

---

[269] A **Sabinada** foi uma revolta na Bahia ocorrida no período regencial. Ela foi organizada por liberais e tendo como um dos líderes o jornalista Sabino Álvares da Rocha Vieira. A sedição começou em novembro de 1837 quando foi proclamada a República Baiense que seria um novo regime que deveria se existir até a maioridade do Imperador. (BASILE, 1990, p. 233 – 234)

[270] A **Balaiada** foi a última das grandes revoltas regenciais, segundo Marcelo Basile. Ela começou na província do Maranhão, que vivenciava uma série de dificuldades econômicas, em 1838. A revolta explodiu com a aprovação da Lei dos Prefeitos que criou as prefeituras nas comarcas com poderes dos juízes de paz e chefes de polícia. Isso permitiria aos conservadores (apelidados de Cabanos) ampliar a repressão contra os liberais (apelidados de Bem-te-vi). A revolta atraiu indivíduos das camadas populares como o artesão de balaios Manuel Francisco dos Anjos Ferreira e exigiu não só o fim da Lei dos Prefeitos como outras pautas como a expulsão de portugueses e revogação de Leis sobre a nomeação de oficiais da Guarda Nacional. Idnivíduos das camadas populares assumiram a liderança da revolta que além de atingir o Maranhão, se espalhou pelo Piauí. (BASILE, 1990, p. 234 - 236)

[271] A **Revolta dos Malês** foi uma revolta escrava ocorrida em Salvador em 1835 liderada por africanos escravizados e que contou com a presença de libertos africanos. A crise econômica vivida pela província na década de 1830 e as condições de vida e trabalho precarizadas da população escravizada e dos trabalhadores libertos contribuíram para a formação do ambiente rebelde em 1835. (REIS, SILVA, 1989)

qualquer sinal de agitação. (2009b, p. 109 – 111) Araújo também ressaltou levantes da população livre como a cemiterada e a destruição do pelourinho:

> Entre as agitações de livres, além da própria Sabinada, estão a destruição do cemitério, denominada Cemiterada, e o ataque ao pelourinho pela população de Salvador, episódio que destruíra um símbolo importante do poder político e judiciário oriundo dos tempos coloniais. (2009b, p. 109)

O Império, não somente durante o período regencial, estava em ebulição e os sertões não escaparam das inquietações. Em 04 de fevereiro de 1832, o suplente de juiz de paz de Campo Largo, João Martiniano Bomfim, escreveu para o governo provincial para tratar das dificuldades em exercer o cargo que ora ocupava. O que incomodava e, consequentemente, preocupava, era a circulação de periódicos e papéis considerados como "exaltados". Para completar, a vila não teria cadeia apenas um tronco considerado como "estabalhado" sem casa e sem ferros.[272]

Ainda somos carentes de informações sobre tais periódicos "exaltados" que estariam circulando em Campo Largo devido aos limites das próprias fontes. É possível que fosse alguma queixa ou articulação política contra as autoridades locais ou algo contra o regime monárquico, pois o contexto agitado do período regencial nos leva a crer que alguns debates presentes em círculos políticos de Salvador, Cachoeira, Recife, Ouro Preto e Rio de Janeiro talvez estivesse rondando o interior do país. O contrário também não pode ser descartado: a produção de material "exaltado" poderia estar sendo feita por alguns indivíduos nos sertões.

Marcello Basile explica que o "exaltado" estariam relacionados com sediciosos e "anarquistas" conforme o estigma reforçado pela imprensa "moderada". (2007, p. 48) Basile informa, ainda, que três grupos políticos disputavam o poder no Rio de Janeiro com princípios e propostas diferentes. Eram eles: Caramurus, Liberais Moderados e Liberais Exaltados. Este último foi definido como

> adeptos de um liberalismo radical de feições jacobinistas, inspirado sobretudo em Rousseau, buscavam conjugar princípios liberais clássicos com ideais democráticos, pleiteando profundas reformas políticas e sociais, como uma república federativa, a extensão da cidadania política e civil a todos os segmentos sociais livres, o fim gradual da escravidão, uma relativa igualdade social e até um tipo de reforma agrária. (BASILE, 2007, p. 32)

Destacamos, portanto, que o vocabulário utilizado por João Martiniano Bomfim talvez fosse recorrente entre as autoridades e agentes do Império. Antes de qualquer tentativa nossa de confirmar a presença de liberais "exaltados" na vila de Campo Largo, vale uma observação

---

[272] APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1830 – 1884). Maço: 2313.

de que o recurso da gramática política possuía sua eficiência para sustentar a repressão e solicitar apoio do governo provincial. Não descartamos nem a possibilidade da presença de tais agentes "exaltados", nem que fosse um mero recurso discursivo. Porém, cabe estabelecer relação com a circularidade dos vocabulários e gramáticas políticas entre os diversos agentes do Império.

Na comunicação de 10 de julho de 1832, o juiz de Paz de Santa Rita do Rio Preto, Lino José de Crasto(?)[273], acusou um indivíduo chamado Joaquim Pinto de praticar barbarismos, junto com alguns sectários, no então arraial de Santa Rita do Rio Preto. Assim, como na situação exposta de Campo Largo, não temos maiores detalhes se isso tratava-se de alguma ação de insatisfação político-social como em outras decorrentes da regência ou se era algum tipo de movimentação do mandonismo local aproveitando-se da fragilidade de alguns ocupantes de cargos do Estado Imperial. Chama atenção para o vocabulário de Lino José que se posicionava como alguém agia para "[...] defender a pátria daquelle monstro da iniqui(da)de ou absolutismo."[274]

É importante observar, diante das ocorrências de Santa Rita e Campo Largo em 1832, como dentro da conjuntura do período regencial (e menos de uma década completada da independência) algumas palavras foram utilizadas. Expressões como "periódicos e papéis exaltados"[275] e "defesa da pátria contra o absolutismo" indicam o lugar em que essas autoridades colocavam a si mesmo no tabuleiro político regional. Ou seja, como defensores da ordem do Estado brasileiro e dispostos ao combate contra aqueles que insurgissem contra a pátria e a favor dos "absolutismos".

Um detalhe importante que é preciso ser lembrado é que em ambos os casos foram os chamados juízes leigos que estavam se manifestando. Ou seja, autoridades eletivas locais procuravam marcar posição não só frente às ocorrências em seu território, mas também ao conturbado momento nacional.

Outras circunstâncias ocorridas fora do sertão do rio São Francisco geraram alguns impactos entre as autoridades e a sociedade. Expomos anteriormente sobre o alerta feito pelo governo provincial em 1835 sobre a necessidade de maior atenção com relação à movimentação de escravos. Não temos dúvida de que se tratava de um efeito da revolta dos Malês ocorrida na

---

[273] A caligrafia e as condições de alguns dos documentos, nos deixaram dúvida com relação ao sobrenome de Lino José.
[274] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566.
[275] Grifo nosso.

capital, pois diversas movimentações, independente da condição jurídica, social ou funcional, estavam sujeitas a serem consideradas suspeitas.

Em grande medida, a Sabinada e a Balaiada também entraram nessa rota de suspeitas, ainda mais após algumas ocorrências em Barra e a aproximação de revoltosos nas fronteiras baiana. A eclosão da Sabinada em Salvador foi noticiada em Barra pelas autoridades provinciais e o juiz municipal interino, Tibúrcio José da Rocha, tratou de comunicar ao governo provincial, em 06 de dezembro de 1837, que estava ciente do acontecimento, mas que a vila da Barra não tinha sofrido impacto e que as autoridades estariam atentas e dispostas a colaborar com a Constituição.[276]

Em 25 de março de 1838, o juiz de Direito interino, João José Souza Rabêllo, escreveu ao Secretário interino do governo da província, Manuel da Silva Baraúna, e confirmou o recebimento das recomendações recebidas pelo juiz de Direito da comarca de Sento Sé sobre a necessidade de orientar que a Guarda Nacional abafe qualquer tentativa de revolta. Informou que a comarca está sem notícias de rebelião e que seguiria o “Partido Legalista”.[277]

Tibúrcio José da Rocha voltou a escrever, em 25 de abril de 1838, para confirmar o recebimento da notícia da vitória sobre os rebeldes e ressaltou que isso garantiria a integridade do Império. Um mês depois, em 25 de maio de 1838, ele informou ao presidente da província que não tinha notícias dos revoltosos em Barra e solicitou uma lista com nomes e características deles.[278]

Tibúrcio da Rocha, na correspondência de 25 de maio de 1838, referia-se aos revoltosos fugitivos de Salvador. Juliana Serzedello Crespim Lopes (2013, p. 125), contudo, explicou que três cidadãos da Vila da Barra do Rio Grande foram denunciados: o juiz municipal João José de Souza Rabello e os juízes de paz Francisco Magalhães e Manoel Cabral. Os denunciantes foram o vigário provisor, José Ignácio Xavier Accioli, o presbítero e professor, Luiz Ignacio de Souza Menezes e o tesoureiro Estevão de Souza Mattos.

As denúncias, de acordo com Lopes, teriam sido através de duas correspondências sendo uma de fevereiro e outra de abril de 1838. Juliana Lopes considerou que a ocorrência de

[276] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250.
[277] *Ibid.*
[278] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250. Ambas as correspondências estão no mesmo maço na seguinte referência:

denúncias, entretanto, pode ter sido uma forma de acerto de contas entre diferentes autoridades locais:

> Os autores, supostas vítimas da anarquia instaurada na Vila da Barra, afirmaram também o temor de ser assassinados ou despojados de seus empregos pelos rebeldes. O motivo alegado para o conflito é a adesão ao Império, mas tudo indica um confronto de poderes locais e uma luta pela ocupação de cargos. A revolução, dessa forma, foi vivenciada pelos contemporâneos como um momento adequado para acertos de contas pessoais. Neste caso, saíram-se bem os denunciantes, que conseguiram o afastamento dos juízes da vila e mantiveram intactas suas vidas, propriedades e empregos. (p. 126)

Chamamos atenção para que entre as duas correspondências dos denunciantes citados por Juliana Lopes está uma comunicação de João José Souza Rabêllo para o governo provincial para tratar da situação de Barra em relação aos movimentos da capital. Nela, como já exposto, o juiz teria se posicionado contra os revoltosos e a favor da repressão. Talvez fosse um recurso discursivo após uma tentativa frustrada de levante ou, até mesmo, diante das denúncias já realizadas.

A notícia do envolvimento de Barra correu o sertão do São Francisco. Em 13 de janeiro de 1838, o juiz de Direito da comarca de Urubu, Pedro de Souza Marques, informou que um passageiro de uma barca relatou "q(ue) na V(il)a da Barra do Rio S(ão) Francisco, se proclamara a septima Republica." Porém, Marques desconfiou do relato, mas teve a confirmação dos agitos com um outro viajante que ele reputou como mais "criterioso" e que informara que em dezembro de 1837 foram recolhidas assinaturas em uma representação com a presença de rebeldes na casa da câmara com direito a aclamações, eleição de novos vereadores e regozijos da guarda policial. Pedro Marques manifestou receio de que a rebeldia de Barra se espalhasse por outros cantos.[279]

É possível que a situação exposta por Pedro Marques tenha sido encabeçada por juízes municipal e de paz de Barra. De acordo com Dilton Oliveira de Araújo (2009b), tanto Rabêllo quanto Francisco Malaquias e Manoel Cabral acabaram pagando a conta diante do contexto de perseguição aos rebeldes da Sabinada. Segundo Dilton Araújo, Rabêllo teria proclamado a rebelião e Malaquias e Cabral teriam destruído uma Coroa Imperial esculpida na Câmara Municipal:

> O processo de perseguição continuara em vários flancos, atingindo vilas do interior. Em Barra do São Francisco, o Presidente da Província mandou suspender do exercício dos seus cargos o Juiz Municipal, interino de Direito,

[279] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Justiça. Sub-série: Correspondência de juízes de Carinhanha (1831 – 1861). Maço: 2339.

> João José de Souza Rebello e os juízes de paz Francisco Malaquias e Manoel Cabral, por terem utilizado da sua influência e autoridade para aclamar a rebelião que teve lugar na Cidade do Salvador no dia 7 de novembro de 1837. O primeiro deles por ter proclamado a rebelião no lugar e por recusar-se a cumprir as ordens do governo legal; o segundo teria arrancado, no ato da aclamação, com desprezo, a Coroa Imperial esculpida no reposteiro da Câmara Municipal; o terceiro teria pisado a mesma Coroa. (p. 62-63)

A suspensão dos juízes barrenses ocorreu em 04 de agosto de 1838.[280] Nesse mesmo ano, havia moradores da comarca do São Francisco tentando provar que não estava em Barra e nem em Salvador durante o período revoltoso. Este foi o caso de Francisco José Portella que recorreu ao juiz de paz do distrito de Brejo Grande (na vila de Campo Largo), Raymundo José de Carvalho, para atestar que durante o rompimento revolucionário na vila da Barra ele estava em Brejo Grande.[281] Não temos informações se havia alguma acusação contra Portella, mas é possível que ele estivesse sendo associado aos revoltosos e essa foi a melhor forma de provar sua inocência.

Em 10 de janeiro de 1839, o juiz de Direito da comarca do rio São Francisco, Francisco Pereira Dutra, informou ao governo provincial que ninguém foi pronunciado pelo juiz de paz da vila da Barra que julgou improcedente as acusações feitas pelo promotor. Bem provável que Rabêllo tenha sido inocentado pelo então juiz de paz. Inclusive, ainda em 1839 ele retornara ao cargo de Juiz Municipal no qual ficou até 1840.

Mal os agitos da Sabinada se acalmavam na Bahia e na comarca do rio São Francisco ao toque da crescente repressão, outra revolta assumia o protagonismo das preocupações das autoridades sanfranciscanas: era a Balaiada no Maranhão. Em 13 de agosto de 1839, o juiz de Direito, Francisco Pereira Dutra, reclamava das condições de segurança da comarca ressaltando a importância de a Assembleia Provincial ter aprovado o aumento de efetivo para Barra e as demais localidades vizinhas. Dutra destacou a importância do contingente policial para combater os indígenas nos arraiais de Formosa e Santa Rita do Rio Preto e alertou para o perigo da sedição que ocorria no centro da província do Maranhão (e que já estava atingindo o Piauí) ganhar corpo na comarca do rio São Francisco. Assim, ele finalizou solicitando o aumento do contingente policial com mais 10 praças.[282]

O alerta com os acontecimentos do Maranhão e sua irradiação para outros cantos também foi feito pelo presidente da província do Piauí, Barão de Parnaíba, ao presidente da

---

[280] *Ibid*. P. 127.
[281] APEB. Seção Colonial e Provincial Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250.
[282] *Ibid*.

província da Bahia, Thomaz Xavier Garcia de Almeida, em 20 de agosto de 1839.[283] As agitações no interior maranhense, portanto, deixou várias autoridades atentas para os caminhos que a revolta poderia tomar. Os caminhos dos sertões que levavam mercadorias, também levavam pessoas e suas rebeldias.

As fronteiras das províncias também representavam os limites de ação e jurisprudência das autoridades regionais e provinciais, mas não eram capazes de conter a circulação de indivíduos perseguidos pela justiça. Desse modo, atravessá-las poderia servir para ganhar tempo contra a perseguição dos agentes repressivos e, até mesmo, para buscar apoio de aliados externos. Cabe reforçar que o sertão do rio São Francisco está localizado nos limites da Bahia com Minas Gerais, Goiás, Piauí e Pernambuco. (SILVA, 2017, p. 47 – 49; PINHO, 2001)

Em 29 de outubro de 1839, o juiz de Direito da comarca do rio São Francisco, Francisco Pereira Dutra, afirmou, de modo preocupado, estar ciente sobre a situação no Maranhão e no Piauí e pediu informação sobre o procedimento caso a comarca seja invadida. Na sequência deste documento estavam cópias de dois documentos: o primeiro foi o envio de uma mensagem de Dutra para o Coronel da Legião da Guarda Nacional de Barra, Antonio Mariani, em 09 de setembro de 1839.

Dutra expôs ao Coronel Antonio Mariani o receio de uma possível invasão na comarca pelos revoltosos do Maranhão e do Piauí. Segundo Dutra, após os rebeldes ganharem das "tropas do Governo legítimo", eles estariam conquistando diversas vilas e a capital do Piauí (que teria sido conquistada após o assassinato do presidente de província). Ele reafirmou sua posição de autoridade judicial e policial por ser juiz de direito e delegado e que, por isso, deveria adotar medidas para garantir a segurança de forma preventiva.

As notícias que ele teve acesso teriam sido transmitidas por pessoas vindas do Piauí e Maranhão e que os fugitivos estariam buscando asilo na Bahia para se organizar com mais tranquilidade. Diante da falta de armas, ele levantou a possibilidade de confiscar as que pertencem aos particulares que extraviaram dos depósitos públicos conforme o artigo 211 do Código Criminal.[284]

---

[283] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo da província. Sub-série: Correspondência recebida do presidente do Piauí (1823 – 1862). Maço: 1136.
[284] *Ibid*.

É provável que Dutra mencionasse uma possível apropriação de armas por antigos membros do corpo policial em Barra. A justificativa para a apreensão seria a acusação de roubo e estaria fundamentada no parágrafo 2º do artigo 211 do Código Criminal:

> Nos casos, em que na conformidade das leis se deve proceder á prisão dos delinquentes; á busca, ou apprehenção de objectos roubados, furtados, ou havidos por meios criminosos; á investigação de instrumentos, ou vestigios de delicto, ou de contrabandos, e á penhora, ou sequestro de bens, que se occultam, ou negam.[285]

Francisco Pereira Dutra ponderou ao Coronel Mariani que as notícias não eram oficiais e mesmo não merecendo muito crédito que era preciso ficar em alerta. Ainda assim, ele afirmou que as províncias afetadas já chegaram a pedir socorro de armas para os militares da Comarca do São Francisco. Alertou, também, que era preciso estar preparado para não ser surpreendido ainda mais com um governo situado distante da comarca.[286]

A distância para a capital da província era um fator agravante no pensamento de Francisco Pereira Dutra devido não só a demora das trocas de informações como do recebimento de decisões políticas, administrativas e militares e do envio de reforços policiais. Na sequência, Francisco Dutra escrevera ao juiz de paz de Pilão Arcado, em 13 de setembro de 1839, para alertar para a situação do Maranhão e do Piauí. Ele pediu esforço do corpo policial para que seja evitado que as notícias e boatos se espalhem para comarca e solicitou que estabelecido rondas e destacamentos nos pontos considerados convenientes. Dutra também exigiu que quem entrasse e quem saísse fosse investigado para saber se seriam infiltrados ou gente de apoio aos rebeldes. Por fim, autorizou o confisco de armas nacionais para guarnecer a Guarda Nacional.[287]

A Balaiada, em 1839, avançava pelo Piauí. Odilon Nunes afirmou que na segunda quinzena de abril a revolta atingia o norte piauiense e a repercussão se espalhou por outras vilas até chegar na capital, Oeiras, junto com as notícias das derrotas das tropas governamentais no Maranhão:

> Na segunda quinzena de abril, ecoou dolorosamente no norte do Piauí, e foi repercutido de povoado a povoado, em rumo de Oeiras (Capital do Piauí) a notícia do desastre de Pedro Alexandrino, a quem fora confiada a expedição legalista do Maranhão. Foi violento golpe vibrado na legalidade. As tropas governamentais da Província vizinha, enxotadas pelos rebeldes, foram encurraladas em Angico, e seus comandantes tombam sob as armas assassinas.

---

[285] BRASIL. Lei de 16 de dezembro de 1830. Manda executar o Código Criminal. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm>, acesso em 02 de mar. de 2021.

[286] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250.

[287] *Ibid*.

> Ficam os **balaios** senhores de Brejo, Iguará, Tutóia, vilas maranhenses. É o morto o primeiro português sob a alegação de ser **cabano**. (NUNES, s/d, p. 32, Grifo do autor)

Odilon Nunes explicou que a revolta teria começado no Maranhão no final do ano de 1838 e se espalhado pelo Piauí até chegar nas proximidades com as províncias do Ceará e da Bahia e os combatentes foram chamados de balaios. (*Ibid.* p. 17) Nunes alertou criticamente para o modo pejorativo como os balaios eram associados com os criminosos que seria uma forma da operacionalização da memória e historiografia para marginalizar as camadas mais pobres em ação na Balaiada. (*Ibid.* P. 17 – 18) Claudete Maria Miranda Dias aponta que isso seria resultado de uma leitura e interpretação a-crítica das fontes oficiais. (DIAS, 1995)

Claudete Maria Miranda Dias (1995) e Odilon Nunes (s.d.) consideram, ainda, que a participação popular piauiense na Balaiada teria muita relação com o modo de condução política do Barão da Parnaíba no Piauí que seria caracterizado pela arbitrariedade. Ainda segundo Dias sobre a participação do Piauí na Balaiada seria não só como uma reação ao autoritarismo do Barão de Parnaíba, mas também pela estrutura agrária baseada na grande pecuária e exploração dos posseiros, no isolamento das lideranças locais e no recrutamento militar:

> A Balaiada no Piauí foi a expressão viva do descontentamento da população. Suas causas estão fincadas na estrutura agrária piauiense, baseada na grande propriedade pecuarista e na expropriação dos posseiros por meio dos dízimos. Os motivos mais imediatos relacionam-se com o governo ditatorial do Barão da Parnaíba, com as medidas de intensificação do recrutamento militar, além da Lei dos Prefeitos que prejudicara as lideranças municipais opositoras ao regime político. (DIAS, 1995, p. 81)

A repressão no Piauí contou não só com os grandes proprietários apoiadores do Barão de Parnaíba como também da ajuda de outras províncias como a Bahia e o Ceará. (*Ibid.*, p. 83) A movimentação das forças legalistas contou com o sertão do rio São Francisco como importante base devido a sua fronteira com o Piauí. Porém, o mesmo sertão também preocupava pela possibilidade da entrada de influências rebeldes.

Em 13 de abril de 1840, Francisco Pereira Dutra, juiz de Direito da comarca do rio São Francisco, escreveu ao presidente da província para informar que a comarca não estaria sofrendo influências políticas dos rebeldes da Balaiada. Dutra também desmentiu informações do juiz de paz de Pilão Arcado que teria afirmado que a rebeldia do Maranhão estaria exercendo influências na vila.[288]

---

[288] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250.

Francisco Pereira Dutra havia escrito ao governo provincial, em 12 de março de 1840, para tratar da prisão de José Pereira da Silva Mascarenhas e da requisição do governo do Piauí para que a Bahia transferisse para Oeiras.[289] José Pereira da Silva Mascarenhas foi uma das lideranças da Balaiada no Piauí. Segundo Claudete Dias, ele seria um dos ideólogos piauienses da revolta. (DIAS, 1996, p. 80 – 81) Odilon Nunes afirmou que Mascarenhas era uma figura em ascendência político-social no baixo Uruçuí, no sul do Piauí, quando estourou a Balaiada. Ele era baiano, mas morava num local chamado Buritizal, próximo da foz do Uruçuí no rio Parnaíba. Segundo Nunes, havia boato de que ele teria sido escolhido pelos rebeldes para ser o presidente da província do Piauí. (NUNES, s.d., p. 135)

José Pereira Mascarenhas teria fugido para a Bahia com a promessa de enviar homens e armas, segundo Odilon Nunes. Porém, ele terminou preso. (*Ibid.*, p. 143 – 144) Em correspondência de 30 de outubro de 1839, o Barão do Parnaíba já havia apresentado Mascarenhas como originário de Cachoeira que seria morador das margens do Parnaíba no Piauí e estaria em companhia do seu co-cunhado, João Carvalho de Alves. Inclusive, alertou que ele estaria escondido na Bahia, em correspondência de 31 de outubro de 1839. [290]

A prisão de Mascarenhas foi uma captura importante para as forças legalistas, diante de sua relevância política. Este pode ter mais um fator para o governo do Piauí solicitar ao governo baiano a sua transferência. Isso fazia parte da ajuda mútua entre os governos provinciais, principalmente em momentos de crise como nas rebeliões.

O desenrolar dos eventos fez com que Francisco Pereira Dutra tomasse algumas medidas como o de recolher no quartel da polícia toda pólvora e chumbo que estivesse disponível no mercado. O Comandante Superior da Guarda Nacional da Comarca requisitou quatro destacamentos que deveriam estar nos seguintes locais: 1) Arraial de Santa Rita do Rio Preto; 2) Arraial de Formosa; 3) Barra; 4) Brejo da Serra – distrito de Pilão Arcado e, em seguida, enviou ofícios aos juízes de paz lembrando das obrigações policiais.

Durante a revolução, além do depósito de pólvora e chumbo, foi ordenado que os juízes de paz recolhessem todas as armas nacionais extraviadas dos depósitos públicos e que estavam em poder de particulares. Esta comunicação foi feita ao governo provincial em 24 de março de 1840.[291] A situação parecia desesperadora para as autoridades no sertão do rio São Francisco.

---

[289] *Ibid.*

[290] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo da província. Sub-série: Correspondência recebida do presidente do Piauí (1823 – 1862). Maço: 1136.

[291] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250.

O alferes comandante, Francisco José Portella, comunicou ao juiz de direito, Francisco Pereira Dutra, em 03 de abril de 1840, que a falta de armamentos estaria relacionada com o roubo feito por um réu sentenciado e alguns recrutas quando estavam sendo conduzidos para Salvador em novembro de 1839. No mesmo documento, o alferes solicitou o envio de equipamento para cavalaria para combater os rebeldes do Piauí. Francisco Portella é o mesmo indivíduo que havia requisitado um atestado ao juiz de paz de Brejo Grande para provar que não estava em Barra quando ocorrera o episódio da tentativa de levante durante a Sabinada.

Entre os equipamentos que restavam estavam: 1800 cartuchos embalados de mosquetaria e 88 de pistola. Porém, essa quantidade era considerada insuficiente para resistir aos ataques. Assim, foi solicitado mais armamentos e munição além de papel, maço de pena e lápis para expediente da guarda. A carência não era só de material bélico, mas de itens necessários para a administração e comunicação como os últimos listados. Por fim, Portella ainda se queixou das péssimas condições das armas da Guarda Nacional.[292]

Um mês depois, em 25 de abril de 1840, Francisco Pereira Dutra encaminhou ao governo provincial uma requisição do Comandante Superior da Guarda Nacional para o envio de armamento e munição. Dutra reforçou a importância do pedido devido a situação no Parnaguá que estaria sob controle dos revoltosos. Francisco Dutra também considerou importante o fato do envio do Tenente Coronel Antonio Joaquim Magalhães de Castro com um contingente de 300 praças da guarda policial de Salvador para os combates na fronteira, porém, o juiz de direito da comarca do rio São Francisco analisou que ainda assim este número não seria o suficiente para fazer frente a cerca de 900 homens do lado rebelde. Por fim, ele solicitou a substituição das armas disponíveis já que elas não eram novas e foram do tempo de quando o capitão-mor João Maurício Wanderley comandava as tropas na região.

Francisco Pereira Dutra, ao escrever para o governo provincial, estava munido de informações fornecidas pelo Tenente-Coronel Ambrósio Machado Wanderley que, no mesmo dia, havia informado que o batalhão estava no distrito de rio Preto[293] e os revoltosos no Parnaguá, província do Piauí, planejavam algumas investidas na região da comarca do rio São Francisco para tentar fechar algumas estradas e que era preciso mais armas e munição.

Algumas trocas de mensagens entre membros das forças repressivas aos balaios, como era José Martins de Sousa, atestavam em março de 1840 que as tropas maranhenses teriam

---

[292] APEB. Seção Colonial e Provincial Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250.

[293] Provavelmente, ou ele estava se referindo à Santa Rita do Rio Preto ou à Formosa.

restaurado a “ordem”, em Caxias, ainda em janeiro de 1840. Segundo Odilon Nunes, José Martins de Sousa era um político de Parnaguá e um dos representantes das forças repressivas engajados na perseguição aos balaios. (NUNES, s.d., p. 141) A fuga de rebeldes estava sendo outra preocupação e os destinos poderiam ser diversos como a província de Minas Gerais. Em abril de 1840, os bentivis – rebeldes – teriam fechado todas as estradas de acesso ao Parnaguá e que o grande número deles fez Sousa bater retirada. Todas essas informações foram anexadas na correspondência enviada pelo juiz Francisco Dutra em 25 de abril de 1840.[294]

As tensões na fronteira aumentavam com o cerco em Parnaguá. Odilon Nunes afirmou que Parnaguá teria sido a única vila que os balaios teriam ocupado efetivamente. (s.d., p. 160) Nesse momento de intensificação da repressão alguns rebeldes fugiam para a Bahia (*Ibid.*, p. 162) e no território sanfranciscano os rios serviam como importante via de fugas para outras partes da Bahia e outras províncias como Minas Gerais – como desconfiado pelos membros das forças legalistas.

As notícias do avanço das forças legalistas no Maranhão e no Piauí não arrefeceu a intensificação da repressão baiana à Balaiada e aos balaios no Parnaguá. O juiz de direito da comarca de Urubu, Pedro de Souza Marques, confirmou em 30 de maio de 1840 o recebimento do ofício do governo provincial para enviar tropas da guarda policial para a Vila da Barra para se juntar à Força Expedicionária para os combates no Parnaguá. No final, Marques afirmou que na sua jurisdição não tinha casos de apoiadores da revolta no Piauí e Maranhão.[295]

Na comunicação de 03 de junho de 1840, Francisco Pereira Dutra ainda demonstrava, ao presidente da província, preocupação com a ameaça de invasão dos rebeldes do Parnaguá, mas que o avanço das forças legais no Piauí e a chegada da Força Expedicionária servia como um alento para a tensão vivida por ele e outras autoridades. Dutra ainda temia pelo desenrolar das circunstâncias e afirmava que a tranquilidade só seria possível com a tomada da vila de Parnaguá e a captura daqueles que ele chamou de “anarquistas” que provavelmente, no seu entender, queiram fugir para a Bahia. Os refugiados, para Dutra, seriam uma ameaça à propriedade dos habitantes da comarca do rio São Francisco pois eles poderiam fazer uma série de destruições.[296]

---

[294] APEB. Seção Colonial e Provincial Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250.

[295] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Justiça. Sub-série: Correspondência de juízes de Carinhanha (1831 – 1861). Maço: 2339.

[296] *Ibid.*

O medo expressado pelo juiz de direito provavelmente era sentido pelas elites e outros membros sociedade sanfranciscanas. O combate aos balaios do Piauí, portanto, não era apenas uma questão de defesa de um modelo de Estado, mas também a defesa dos proprietários, das elites e o combate de ideias perigosas para a dominação das camadas dirigentes da sociedade.

Ainda na mesma correspondência, Dutra informou quais foram as recomendações que ele havia passado ao comandante da Força Expedicionária: parte das tropas deveria ficar no arraial de Santa Rita do Rio Preto devido à proximidade com a fronteira e que 150 homens ficassem sob o comando de um capitão para policiar a comarca do rio São Francisco. Ele finalizou informado que seria um perigo manter essa tropa sem condições de manutenção e acesso aos meios de subsistência.[297]

A derrota dos revoltosos no Parnaguá veio pouco tempo depois e em 28 de julho de 1840, Francisco Pereira Dutra, juiz de direito da comarca do rio São Francisco, solicitou a retirada da Força Expedicionária das fronteiras já que a revolta tinha sido vencida e as tropas estariam começando a gerar despesas desnecessárias.[298] Em outras queixas, as autoridades regionais reclamavam da falta de aparato policial, porém, o deslocamento de tropas para a fronteira para conter os revoltosos no Piauí gerou um outro problema que é a manutenção do contingente repressivo estacionado.

A manutenção das tropas após a vitória revelava a série de dificuldades para a administração do aparato repressivo na fronteira. Mesmo com a vitória garantida, as tropas foram mantidas na fronteira. A perseguição aos fugitivos e o alerta de uma possível tentativa de levante talvez fosse a justificativa para a manutenção dos soldados por mais alguns meses. Em 04 de agosto de 1840, Francisco Pereira Dutra relatou as dificuldades para os cuidados com a tropa e solicitou apoio financeiro uma vez que tiveram gastos com transportes para a condução dos soldados desde junho, além da alimentação.[299] Parte dos ingredientes da alimentação consistia em farinha, toucinho e sal. Este último presente nas salineiras na região, conforme relatado em mensagem datada de julho de 1840, sobre o fim desses produtos.

Nas últimas correspondências no final do ano, em 31 de dezembro de 1840, Francisco Pereira Dutra comunicou ao governo provincial que o Tenente Coronel da Força

---

[297] *Ibid*.

[298] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250.

[299] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250. A correspondência de 04 de agosto contou com cópias anexadas de várias comunicações de Dutra com o comando da Força.

Expedicionária, Antonio Joaquim de Magalhães Castro, deixou 5:000$000 (cinco contos de reis) com ele para o suprimento do soldo dos Guardas Policiais das quatro comarcas do centro: rio São Francisco, Urubu, Sento Sé e Jacobina. Algumas tropas estavam com atrasos no pagamento desde 11 de julho e outras desde agosto. Além disso, o dinheiro teria que ser para pagar aos soldados que ficaram na fronteira conforme as ordens do presidente de província. A quantia foi considerada pelo juiz como insuficiente e foi pedido ajuda para evitar insubordinações e deserção das tropas.[300]

A derrota dos revoltosos no Parnaguá ainda não significava tranquilidade para a comarca, afinal, além de ter que continuar as buscas pelos fugitivos, restava ainda soldados para administrar e pagar, numa comarca que viveu meses com denúncias de circulação de cédulas falsas e executando plano de guerra que afetou economia local. O Barão do Parnaíba escreveu ao presidente da Bahia, em 12 de dezembro de 1840, para expressar sua gratidão pelos serviços prestados pela Força Expedicionária, mas também para comunicar a necessidade de prender os fugitivos que estariam se escondendo na região do rio Preto e em outras áreas fronteiriças.[301]

O Trono entregue ao Imperador foi motivo de celebração e oportunidade de exaltar as figuras atuantes na repressão aos rebeldes da Balaiada. Em 1º de janeiro de 1841, a câmara de vereadores de Santa Rita do Rio Preto[302] informou que estava ciente da aclamação de D. Pedro II e que foram convidados para a realização dos aplausos, pelo padre João de Oliveira Costa, os vereadores da câmara e o Tenente-Coronel Antonio Joaquim de Magalhães Castro, que fora descrito como "benemérito". Além disso, a missa foi considerada espontânea e a câmara de vereadores promoveu outra. Por fim, foi informado que a vila ficou acesa por 03 dias e o *Te-Deum* fora celebrado no dia 08 de novembro de 1840.[303]

A Bahia exerceu um importante papel na repressão à Balaiada e isso se devia à recém experiência de perseguição à Sabinada. O perfil dos rebeldes e da rebeldia pode ter sido um dos fatores que aproximou os juízes barrenses da Sabinada e distanciou da Balaiada. Nos parece que a adesão à Sabinada pode ter sido mais uma aposta em assumir maiores controle e força do poder local em Barra e regional no sertão do São Francisco do que, necessariamente, um vínculo

---

[300] *Ibid*.
[301] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo da província. Sub-série: Correspondência recebida do presidente do Piauí (1823 – 1862). Maço: 1136.
[302] Estavam na sessão os seguintes vereadores: João Figueiredo de Menezes (Presidente), João Alves Ferreira, Manoel Ferreira Dias, José Ferreira Soutto, Floriano Pereira Serpa, Antonio Cyriaco do Bomfim Beltrão, Joaquim Antonio Wanderley.
[303] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1840 – 1859). Maço: 1422.

ideológico com o movimento desencadeado em Salvador. Talvez a chave para entender seria destrinchar os vínculos dos envolvidos dentro da comarca do rio São Francisco e possíveis relações pessoais, econômicas e políticas com os sabinos em Salvador. A tese de acerto de contas faz mais sentido e não só pelos denunciantes, mas também se considerarmos a aposta feita pelos denunciados.

Enquanto na Balaiada, as circunstâncias dos agentes sociais e políticos eram diferentes e pode ter repelido o envolvimento de autoridades, mas por outro lado, é possível que tenha atraído indivíduos das camadas subalternas. Contudo, isso não foi realçado pelas autoridades nem nos momentos de suspeitas de presença de rebeldes no lado baiano. Assim, consideramos que a possível presença baiana nas fileiras dos balaios possa ter sido mais sutil aos olhos das autoridades sanfranciscanas.

A regência pode ter ampliado o repertório de ação repressiva por parte das autoridades. Não esqueçamos que as camadas subalternas viviam a vigilância de suas ações. A preocupação com os escravos não era só para conter a fuga daqueles que estavam numa condição de liberdade privada pelos senhores que os tinham como propriedade, mas também por conta da revolta dos Malês em 1835 que forçou juízes e forças policiais a ficarem mais atentas a qualquer movimentação considerada suspeita.

5.2. NO RASTRO DA PÓLVORA DE QUEM MANDA

A relação entre autoridades e elite local possuía tanto momentos de harmonia quanto de desacertos entre as partes. Muitas vezes a tensão era provocada pelas disputas pelo controle dos cargos cobiçados pelas diferentes parcialidades. A partir dessas tensões podemos avaliar como juízes, delegados, vereadores e outros se posicionavam e, também, articulavam alianças para seus projetos pessoais e de poder.

A presente seção trata do envolvimento entre as autoridades e o mandonismo local. Quando mencionamos o ‘envolvimento’ estamos nos referindo tanto às alianças quanto aos conflitos entre os dois perfis. As disputas entre Militão e os Guerreiros em Pilão Arcado e os acontecimentos em Santa Rita do Rio Preto envolvendo os Medrados são alguns dos exemplos que trazemos para as próximas páginas.

Élise Jasmin (2016) considerou a organização política e social do sertão como uma estrutura articulada com os fazendeiros. (p. 13) A posse da terra seria, então, uma das formas de concentração de poder regional. Jasmin também ressaltou que “o controle político de uma região se consegue não raro pela violência e caracteriza-se pelas lutas mortais entre facções rivais. A violência é constitutiva dos laços políticos, e só através dela é que se estabelece a dominação de um território.” (p. 15)

Concordamos em parte com a colocação de Élise Jasmin, afinal, a força das armas não era o único meio de dominação de um território, afinal, as disputas pelo controle de cargos – ou da influência de quem exercia uma função judiciária – fazia parte dos exercícios de poder. A violência por si só não resolve a equação política do mandonismo local. Os chefes locais e regionais sabiam da importância do controle dos cargos do Estado brasileiro. O poder particular das armas possuía um limite que era o Estado e a posse de cargos legitimava as ações, decisões e os enquadramentos das leis.

Jasmin reconhece que os representantes do poder (ao menos na República e, aqui, englobamos o Império) que seriam a justiça e a polícia estariam “[...] submetidos aos potentados locais – os coronéis -, ou são obrigados a se retirarem, impotentes para exercer suas funções.” (p. 15) Ou seja, o estreitamento dos potentados locais com as autoridades do Estado brasileiro era uma das ferramentas do exercício de dominação social e político das elites regionais.

A seguir a apresentação e discussão sobre a participação do mando local nas disputas pelos cargos e embates com as autoridades regionais como as disputas entre os Militão e os Guerreiros em Pilão Arcado. Este caso tem conquistado espaço não só entre os memorialistas, mas também na produção historiográfica baiana como nos trabalhos de Dilton Oliveira de Araújo e Igor Gomes Santos. O conflito entre essas duas famílias marcou, por anos, o sertão do São Francisco e as autoridades que ocupavam postos em lugares como Pilão Arcado, Xique – Xique e Barra.

Em seguida trataremos dos Medrados em Santa Rita, pois também nos mostram como ocupantes de alguns cargos menores terminavam participando como agentes das disputas políticas locais. Isso nos deixou evidências acerca do controle não só dos principais postos relacionados com as funções judiciárias, mas também os menores como carcereiro e professores.

5.2.1. Os França Antunes versus os Guerreiros

O conflito entre os França Antunes e os Guerreiros no sertão do São Francisco talvez seja o mais conhecido das lutas de famílias nessa região no século XIX. No mínimo as menções sobre este conflito podem ser encontradas desde o trabalho de Halfeld (1860), quando mapeava o rio São Francisco na publicação do relatório em 1860, até a viajantes como Richard Burton (1977). Nos trabalhos de Wanderley Pinho (1937), Geraldo Rocha (2004) e Wilson Lins (1983) também é possível encontrar tais registros sendo este último mais detalhado.

Wanderley Pinho (1937) ressaltou que as lutas de famílias nos sertões eram um dos componentes importantes para a história política do Brasil. (p. 56) Entre essas lutas, ele destacou que "as tragedias dos irmãos Guimarães e dos Militões e Guerreiros ainda não acharam o seu artista." (P. 57)

Geraldo Rocha principia a explicação do conflito entre a família de Militão e os Guerreiros com o antilusitanismo supostamente influenciado pela abdicação de D. Pedro I em 07 de abril de 1831. Essa influência teria corrido os anos e o sertão até encontrar a discussão entre o português Bernardo Guerreiro e Militão Plácido de França Antunes, em 1840, sobre a tutela do órfão de Félix Castelo Branco. Bernardo Guerreiro teria esbofeteado Militão provocando, assim, uma grave ofensa. (ROCHA, 2004, p. 57 – 58)

Segundo Wilson Lins (1983), o sertão do São Francisco colaborara com as lutas de independência com o envio de homens para os batalhões patrióticos de Cachoeira. (p. 43) Entre eles estava Militão que era filho de uma das famílias poderosas no rio São Francisco:

> Os fazendeiros da ribeira haviam enviado homens para os batalhões patriotas de Cachoeira, nos quais muitos jovens, filhos das antigas famílias dominadoras do vale, haviam ingressado, como é o caso de Militão Plácido de França Antunes, que mais tarde ficaria famoso pelo seu ódio aos marotos, culminando na luta de extermínio contra a família do português Bernardo Guerreiro. (LINS, 1983, p. 43)

Quando eclodiu a guerra contra os Guerreiros, Militão já possuía experiência de lutas como na Independência, mas também, na Balaiada quando esta revolta chegou no Piauí. Em 30 de março de 1840, o Juiz de Paz suplente e Tenente-Coronel de 2ª Linha, Antonio de Albuquerque Mello Montenegro, indicou ao governo provincial o então capitão Militão Plácido França Antunes para a organização dos trabalhos das tropas repressivas que deveriam marchar

para Barra e, de lá, seguir adiante na luta contra os balaios. Militão foi descrito um cidadão de confiança e influente na região.[304]

Segundo Wilson Lins, Bernardo Guerreiro era um português que chegara em Pilão Arcado vindo de Rio de Contas num momento em que Militão estava no auge do seu prestígio. (1983, p 45) Guerreiro prosperou e casou-se com uma herdeira de uma família rica de Pilão Arcado que crescera. (ROCHA, 2004, p. 57; LINS, 1983, p. 46)

As disputas pelos postos hierárquicos do Estado imperial entre Militão e os Guerreiros teria começado durante a organização da Guarda Nacional em Pilão Arcado em meados de 1832, quando Militão foi excluído do comando graças a intervenção de algumas famílias como os próprios Guerreiros, os Mariani e os Castelo Branco. (LINS, 1983, p. 47) Um crime antigo cometido por Militão e as boas relações de Bernardo Guerreiro com o Coronel Antônio Joaquim da Costa serviram como elementos para o isolamento do líder dos França Antunes. (*ibid.*)

A princípio, segundo Wilson Lins e Geraldo Rocha, não foi o controle da Guarda Nacional pelos Guerreiros o estopim da guerra entre as famílias, mas o fato de Bernardo Guerreiro ter sido nomeado tutor do menor herdeiro de D. Felix Castelo Branco, bem como administrador de seus bens. Segundo Wilson Lins, D. Felix Castelo Branco era o único capaz de pôr limites ao exercício do mandonismo local de Militão França Antunes. (LINS, 1983, p. 45) Por conta disso, uma discussão foi travada entre eles na câmara de vereadores de Pilão Arcado na qual Bernardo Guerreiro teria agredido Militão França Antunes, conforme mencionamos anteriormente, e este devolveu jurando exterminar toda família. (ROCHA, 2004; LINS, 1983)

Longe de considerarmos unicamente que a guerra entre as famílias se deu pela disputa sobre a tutoria do herdeiro de D. Felix Castelo Branco, não podemos deixar de mencionar que esta rivalidade se formava anteriormente. Ainda é impreciso a origem do rancor entre os Guerreiros e os Antunes, conforme já alertado por Dilton Oliveira de Araújo (2009a, p. 141), mas o conjunto de elementos formadores de tal rivalidade está certamente relacionado com os controles e prestígios sociais.

Os Guerreiros ascenderam em Pilão Arcado e colocaram os Antunes fora de postos como a Guarda Nacional. O controle das armas era algo importante nas disputas do mandonismo local. Os Antunes possivelmente imaginavam os efeitos políticos disso uma vez

---

[304] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533.

que ser oficial da Guarda Nacional significava ter a chancela do Estado brasileiro para as ações repressivas. Igor Gomes Santos chama atenção para os efeitos do sistema de guarda de menores e heranças que poderia render um bom enriquecimento para os tutores e sabendo dessas possibilidades foi que Militão, possivelmente, procurou contestar a decisão dada à Bernardo Guerreiro de gerir a herança de Felix Castelo Branco. (SANTOS, I. G., 2017a, p. 119)

O juiz municipal e de órfãos de Pilão Arcado, Liberato José Correia, escreveu ao governo provincial, em 26 de abril de 1842, para relatar a situação conflituosa na vila com um ataque de membros da família dos Guerreiros a um membro da família dos França Antunes. Segundo Correia, o Tenente-Coronel da Guarda Nacional, Francisco José Guerreiro, mais dois dos seus irmãos – também oficiais, mas de patente menor – tentaram matar o juiz de paz Francisco Luiz de França Antunes, Serafim Barbosa e José Ferreira, além de terem emboscado o escrivão de paz e de órfãos para tentar tomar o cartório.[305]

O juiz de paz de Pilão Arcado, Vicente Roiz Setúbal, escreveu ao governo provincial no dia 27 de abril de 1842 lançando uma representação contra Tenente-Coronel da Guarda Nacional da vila de Pilão Arcado, Francisco José Guerreiro, e os capitães, Antonio Joaquim Guerreiro e Bernardo José Guerreiro Júnior. A correspondência de Setúbal contém melhores detalhes do que o relato de Liberato Correia. Segundo o juiz de paz, em fevereiro de 1842, os irmãos Guerreiros teriam mandado matar, no segundo distrito de Xique – Xique, Serafim Barbosa da Silva que é vaqueiro do Major Francisco Luiz de França Antunes. Serafim escapou, mas um liberto chamado Joaquim foi vitimado na emboscada. Eles também tentaram matar o juiz de paz do quarto distrito, Francisco Luiz de França Antunes, mas sem êxito.

Os irmãos Guerreiros teriam sido presos em Pilão Arcado, mas foram resgatados por cerca de 30 homens. No dia 17 de abril tentaram matar o escrivão de órfãos, Luiz Coelho Tupiná, relatado em correspondência ao governo provincial em 27 de abril de 1842.[306] Setúbal, antevendo o problema que estava por vir, solicitou ao juiz de direito interino em Xique – Xique o envio de 12 praças e pediu providências para a presidência da província diante da situação já que a “[...] impunidade de semelhantes homens fará com que apresse nesta vila hua guerra civil”.[307]

---

[305] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533.
[306] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533.
[307] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533.

Em agosto de 1843, Militão teria efetuado um grande ataque em Pilão Arcado numa batalha que durou cerca de 08 dias com a derrota parcial do clã dos Guerreiros e a ocorrência de pilhagens na vila por parte do grupo vencedor. (LINS, 1983, p. 49) Os ataques do bando de Militão, conforme analisado por Igor Santos, contou com um apoio de uma rede de funcionários do Estado. (SANTOS, I. G., 2017a, p. 121)

As correspondências citadas anteriormente, enviadas em 1842 ao governo provincial por Vicente Setúbal, Liberato Correia e Luiz Tupiná indicam a indisposição de algumas das autoridades locais com os Guerreiros. Por isso, é que ocupar determinados postos com aliados era fundamental para o exercício do mando local.

Na perseguição aos Guerreiros, Militão impôs um cerco em Sento Sé em janeiro de 1844, porém no desenrolar dos combates sua retaguarda foi atacada pelo Comandante da Guarda Nacional de Sento Sé, Manoel Luís da Costa, sendo a princípio uma derrota dos França Antunes, mas sem muitos motivos para comemorações em Sento Sé.[308] Álvaro Tibério Moncorvo e Lima foi nomeado para o cargo de juiz municipal e de órfãos conforme noticiado pelo juiz de direito da comarca do rio São Francisco, Manoel Filipe Monteiro em 06 de fevereiro de 1844.[309] Moncorvo e Lima deu seguimento na perseguição ao grupo liderado por Militão.[310]

Numa reconstituição enviada ao governo provincial em 12 de março de 1844 dos episódios de 07 de dezembro de 1843, o vice-presidente da câmara de vereadores de Pilão Arcado, Antonio de Albuquerque e Mello Montenegro, detalhou a ação de Militão Plácido França Antunes. Ele narrou a perseguição ao Comandante do destacamento, Tenente Constantino Marçal de Sousa, feita por Militão que estava acompanhado de cerca de 600 a 700 homens armados.[311]

A quantidade descrita por Montenegro pode ter algum exagero se levarmos em consideração que isso poderia servir para sensibilizar o governo provincial da situação local. Porém, não podemos deixar de lado a possibilidade da veracidade dos números ou, ao menos, da grande quantidade de gente reunida, afinal Militão França Antunes gozava de certo prestígio

---

[308] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533.
[309] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Rio São Francisco – 1829 – 1870. Maço: 2568.
[310] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533.
[311] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: correspondência recebida da câmara da Barra do Rio Grande (1840 – 1863). Maço: 1258.

na região e não só pela sua participação nas lutas de independência e na repressão aos balaios, mas também por ser um grande proprietário de terras.

Elisângela Oliveira Ferreira, ao analisar as relações familiares em Xique – Xique no século XIX, explicou que a capacidade de reunir pessoas em torno da propriedade servia como fonte de distinção social e de poder bélico por juntar, entre esses, gente armada. (FERREIRA, 2008, p. 188) Complementamos com Igor Santos que explicou que nas lutas entre famílias também eram cooptados indivíduos das relações extrafamiliares. (SANTOS, I. G., 2017a, p. 141)

Ou seja, Militão estava com um grupo formado não só por seus familiares, mas por outros tantos indivíduos relacionados com ela sendo alguns com laços políticos estreitados pelas relações com cargos públicos ocupados entre outras formas de dependências. Sem contar o abrigo dado a vários indivíduos foragidos da justiça ou fugidos de disputas em outros cantos do país para o sertão do São Francisco, conforme explicado por Igor Santos:

> Esses parece ser o caso do Rio São Francisco. A presença maciça de desclassificados sociais de toda espécie parece ter forçado uma relação com os proprietários a cederem o acoitamento para esses sujeitos numa relação de reciprocidade paternalista, criando assim um tipo de dominação social com a contrapartida da segurança e do controle contra as indisciplinas e ataques realizados por esses sujeitos em grupo ou coletivamente. (SANTOS, I. G., 2017a, p. 144)

Antonio Montenegro também acusou Emílio Teles de Sampaio de ser um colaborador de Militão. Emílio Sampaio atuou como juiz municipal de Pilão Arcado entre 1842 e 1843. Ele foi demitido do cargo em 1844, conforme noticiado por Álvaro Tibério de Moncorvo e Lima numa correspondência de 19 de março para o governo provincial.[312] Antonio Montenegro também explicou que o Alferes Antonio de Olanda Cavalcante estaria ainda como prisioneiro de Militão que, por sua vez, teria circulado por Juazeiro e Sento Sé no final de dezembro de 1843. Montenegro explicou que, devido ao conflito, a câmara de vereadores de Pilão Arcado estaria paralisada. Ele explicou que depois de uma longa batalha na sua propriedade, conseguiu escapar da ira dos aliados dos França Antunes e se refugiar na vila da Barra de onde enviava a correspondência pedindo socorro e alertando para os perigos que a região corria, em especial Xique – Xique, Pilão Arcado e Sento Sé.[313]

---

[312] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533.

[313] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: correspondência recebida da câmara da Barra do Rio Grande (1840 – 1863). Maço: 1258.

O ano de 1844 foi de continuação das lutas, mas dessa vez com maior circulação de Militão pelo sertão do São Francisco. Em 20 de abril, o juiz municipal e de órfãos, Álvaro Tibério de Moncorvo e Lima afirmou que Militão França Antunes estaria em Xique-Xique na localidade do Jatobá com cerca de 200 homens contando com um reforço de 10 a 12 indivíduos oriundos das lavras diamantinas. Em 06 de maio de 1844, Moncorvo e Lima que 160 praças da Guarda Nacional estariam chegando em Juazeiro, mas que Militão estaria subindo o rio São Francisco. O juiz municipal de Pilão Arcado acreditava que a força da Guarda Nacional de Barra estaria fazendo com que o chefe dos Antunes se afastasse mais da comarca. [314]

Em maio de 1844 as notícias apresentadas pelas autoridades regionais relatavam as tentativas de negociação com Militão França Antunes. O juiz de Direito da Comarca do Rio São Francisco, Manuel Filippe Monteiro informou ao governo provincial, no dia 11, que não estava perseguindo Militão por falta de autorização. Monteiro havia expedido ordens para o delegado de Xique – Xique e Barra repelir o grupo dos França Antunes que estaria em Jatobá. Porém, eles foram surpreendidos com a presença do Coronel Ernesto Augusto da Rocha Medrado que era primo de Militão e que se disponibilizou para tentar negociar e solicitar ao chefe dos Antunes a suspensão de suas operações.[315]

Elisângela Ferreira explicou que o Coronel Ernesto Augusto da Rocha Medrado era de família que tinha serviços políticos e militares prestados em Xique – Xique. (2008, p. 72) Segundo Ferreira, ele também teria sido um dos maiores proprietários de terra em Xique – Xique e a patente de coronel e suas posses foram elementos que se consolidaram na memória em torno de sua figura:

> Assim como o pai, Ernesto Augusto da Rocha Medrado também "serviu" à vila desempenhando funções militares e políticas. Ele foi comandante-superior da Guarda Nacional de Xique-Xique e foi eleito vereador já para o primeiro corpo legislativo, após a instalação da vila em 1834, continuando no posto por muitos anos. No cotidiano devia ser comumente tratado por "coronel Ernesto", pois assim ficou imortalizado na memória regional, que também o guardou como o maior proprietário de terras que houve em Xique-Xique, o que condiz perfeitamente com os documentos encontrados. (2008, p. 72)

Talvez o diálogo entre o coronel Ernesto Medrado e Militão Antunes possa ter surtido algum efeito, pois, segundo Igor Santos, o subdelegado de Mata Fome, José Antonio da Rocha, teria informado que em conversa com Militão, em julho de 1844, que fora afirmado pelo chefe

---

[314] Ambas as correspondências estão no mesmo maço. APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533.
[315] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533.

dos Antunes que não queria se opor às forças do governo e que ele estaria indo com sua família para a Fazenda Bom Jardim. (SANTOS, I. G., 2017a, p. 125) Para Santos isso era um indício de que o problema de Militão não era fazer oposição às autoridades do Estado brasileiro, mas sim contra alguns indivíduos da parcialidade rival que estavam em cargos que lhes conferiam *status* de autoridade regional:

> As aparências de não estar contra o governo abria a possibilidade para o entendimento, dos grupos sociais mais subalternizados às outras autoridades, de que o problema era o mando local em mãos de pessoas erradas. Não se tratava de uma sedição contra as autoridades, mas contra uma autoridade ruim, personalizada naquela família inimiga e em seus aliados. Buscava-se, de algum modo, algum tipo de justiça ou reparação. Ao discursar assim, Militão pretendia ganhar tempo ou quem sabe criar uma espécie de paz tácita e não declarada com o governo (SANTOS, I. G., 2017a, p. 125 – 126)

A explicação apontada por Igor Santos pode ser reforçada com a intromissão do Coronel Ernesto Medrado para um entendimento pacífico de parte do conflito. Entre junho e julho Militão marchou para a Fazenda Bom Jardim com sua família e indivíduos armados. As autoridades regionais continuavam atentadas e movimentando-se para dar continuidade nas buscas. Em 27 de junho de 1844, o juiz municipal de Pilão Arcado, Álvaro Tibério Moncorvo e Lima, comunicou ao presidente da província que a vila da Barra estaria ameaçada por Militão e seus jagunços. Em 24 de julho de 1844, Moncorvo e Lima reforçava que o Antunes estaria em Bom Jardim, mas que estaria evitando confronto com autoridades locais.[316]

A retirada de Militão para Bom Jardim parece ter formado uma espécie de paz estratégica para ambos os lados. Enquanto o chefe dos Antunes se recuperava de andanças e ações desgastantes, o Estado e seus adversários procuravam reorganizar as estratégias de busca e luta. Em 26 de outubro de 1844, o juiz de direito interino da comarca do rio São Francisco, Francisco Mariani, confirmou ao governo provincial o recebimento do ofício com recomendação para prender o Comendador Militão Plácido França Antunes. Mariani informou que ele estava no arraial do Bom Jardim – próximo da vila de Urubu – com cerca de 200 pessoas. Militão foi acusado na mesma comunicação de estar exercitando tática militar diariamente e sua tropa contava com guarda, patrulha e corneta. A fonte de Francisco Mariani teria sido um eleitor de Rio das Éguas que votava em Urubu.[317]

---

[316] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533. Ambas as correspondências estão no mesmo maço.
[317] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Rio São Francisco – 1829 – 1870. Maço: 2568.

Entre as estratégias de combate das autoridades estava a de lançar algumas prerrogativas judiciais para reforçar a busca por Militão. Em 08 de maio de 1845, o juiz de direito da comarca do rio São Francisco, Antonio Joaquim da Silva Gomes, comunicou à presidência da província que encaminhado o ofício aos juízes municipais de Pilão Arcado e de Xique – Xique sobre o levantamento de processos em que Militão França Antunes estivesse implicado. Apenas o juiz de Pilão Arcado, Joaquim José da Rocha, mencionou um processo que não foi adiante por causa da represália de Militão.[318]

Igor Santos afirmou que, em 1845, tanto o governo provincial quanto Militão teriam reduzido a presença em Pilão Arcado. Em contrapartida, os Guerreiros teriam aumentado a violência de suas ações na vila com a conivência do juiz municipal. (SANTOS, I. G., 2017a, p. 129) Em 03 de agosto de 1846, o juiz municipal e delegado de Pilão Arcado, Joaquim José da Rocha, acusou o major Pedro Antonio da Silveira de encobrir as ações de membros do grupo de Militão. Como se isso não bastasse, Rocha também mencionou ataque em barcas e afirmou que seriam gente de Militão França Antunes.[319]

De acordo com Igor Santos, os Guerreiros chegaram a recusar as tropas da Guarda Nacional comandada pelo Major Galvão que estavam estacionadas em Juazeiro e exigiram a presença do chefe de polícia na região. (2017a, p. 129 – 130) Igor Santos complementou afirmando que “provavelmente a presença do Major atrapalhava seus planos numa região em que mantinha amplos poderes e relações com senhores rurais e políticos.” (2017a, p. 130)

A influência dos irmãos Guerreiros parece ter crescido em Pilão Arcado desde o afastamento dos França Antunes. A tensão na região permanecia, afinal ambos os lados estavam armados e livres. Mesmo que os aliados dos França Antunes tivessem sido excluídos dos vários cargos públicos, o embate através das autoridades permanecia. A acusação do juiz Joaquim José da Rocha contra o major Pedro Antonio da Silveira demonstra que as lutas entre os mandões locais contavam com as autoridades como parte das peças de seu xadrez. Ter aliados na justiça e nas armas oficiais era fundamental para a legitimação da perseguição aos adversários. O major Pedro Antonio da Silveira não teria cedido a uma aliança com os Guerreiros ou, possivelmente, teria relações com os França Antunes. Segundo Igor Santos, Silveira denunciou vários crimes realizados pelos Guerreiros na região. (2017a, p. 130)

[318] APEB. Seção provincial e colonial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1845 – 1849). Maço: 2251.
[319] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533.

Em 1847, as mudanças nos ocupantes dos cargos públicos podem ter surtido efeito contra os Guerreiros. Em 04 de novembro de 1847, o suplente de juiz municipal de Pilão Arcado, Eduardo Teixeira da Rocha, informou sobre as cartas precatórias contra os Guerreiros e descreveu-os como “homens de animosidade natural” e influente junto ao comandante das forças locais. Essas precatórias teriam sido emitidas por um juiz municipal de Xique – Xique.[320] Em 22 de novembro de 1847, o juiz municipal interino de Pilão Arcado, Manoel Florentino de Albuquerque Mello Montenegro, explicou que assumira a função por causa dos problemas de saúde de Eduardo Rocha e relatou conflitos de jurisdição com os escrivães que não reconheciam os nomeados por Montenegro. É possível que a guerra das duas famílias estivesse no centro do embate entre juízo municipal e os escrivães. Montenegro também informou que recebeu ordens para proceder com a prisão tanto dos França Antunes e aliados quanto dos Guerreiros e aliados. Os primeiros não foram capturados pelas investidas das forças policiais e os últimos preparavam-se para fuga.[321]

Em 18 de dezembro de 1847, o juiz de direito da comarca do rio São Francisco, Antonio Joaquim da Silva Gomes, enviou uma longa correspondência sobre Bernardo José Guerreiro. Gomes criticou uma representação feita por Bernardo Guerreiro em que este acusava as autoridades de Xique – Xique de serem coniventes com Militão. Gomes discordou da acusação contra o colega de Xique – Xique e afirmou que o primeiro filho de Bernardo Guerreiro morreu em conflito com Militão em 1843. O segundo morreu após encontrar inimigos em Pilão Arcado. Gomes afirmou que as autoridades de Xique – Xique não teriam acobertado Militão e que as mortes foram circunstâncias casuais. Ele citou a existência de 03 processos em Xique – Xique sendo um feito pelos assassinos e outros dois pelas vítimas e aliados e que Militão não tinha parentes como juiz no processo.[322]

O juiz Antonio Gomes continuou discordando e dizendo desconhecer todos os fatos apresentados por Bernardo Guerreiro como a acusação de que Militão estaria atrapalhando as eleições em Pilão Arcado. Gomes acusou Guerreiro de querer colocar pessoas da própria família no seu cargo e se defendeu da acusação de ser protetor de Militão afirmando que não o conhecia

[320] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533.
[321] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533.
[322] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1845 – 1849). Maço: 2251.

pessoalmente. Por fim, concluiu ressaltando que a rivalidade entre as duas famílias continuava acirrada ao ponto de qualquer encontro resultar em um combate entre eles.[323]

Antonio Gomes procurou escapar de qualquer situação embaraçosa que associasse ele ao envolvimento com qualquer uma das parcialidades. Sua neutralidade tinha sido colocada em xeque por Bernardo Guerreiro e negar a existência de laços com Militão foi uma das saídas. Reforçar a continuidade da rivalidade foi outro recurso utilizado pelo juiz para justificar a acusação de Guerreiro e a continuidade das tensões locais.

A narrativa de trabalhos escritos por Geraldo Rocha e Wilson Lins não permitem com muita nitidez uma organização cronológica dos episódios. Porém, os detalhes narrados por eles – parte da narrativa oriunda da transmissão oral de seus antepassados – revelam não só a força bélica de ambos os lados, mas também o uso das autoridades como parte do jogo político de legitimação do poder pessoal e da perseguição aos adversários. Os cargos também foram utilizados pelo Estado para conter as exagerações.

A mudança das narrativas das correspondências demonstra como as autoridades locais pesavam a balança e quando chegamos em 1847 notamos que alguns juízes já trabalhavam no sentido de coibir ambos os lados. Isso, porém, não significa que estivessem neutros no conflito, afinal, arranjos obscuros poderiam estar tramados em cima da inoperância dos agentes do Estado diante dos grupos triunfantes nos conflitos pelo mando local.

A inoperância das autoridades do Estado pode ser observada numa correspondência do suplente de juiz municipal de Pilão Arcado, Manoel Geraldo da Costa, em 27 de setembro de 1848. Costa reclamava da circulação de criminosos e de assassinatos feito por membros da família dos Guerreiros. Ele também denunciou que o comendador Militão França Antunes teria circulado livremente em Pilão Arcado, entre os dias 02 e 09 de setembro, mesmo estando condenado em Juazeiro.[324]

Geraldo Rocha afirmou que Militão foi processado em Juazeiro. O promotor era Fernandes da Cunha que organizou uma fuga antes do final da sessão já que muitos homens tinham descido o rio São Francisco de Caruá, fazenda de Militão Plácido França Antunes localizada na margem esquerda em Pilão Arcado, em direção a Juazeiro. (2004, p. 60 – 61)

---

[323] *Ibid*.

[324] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533.

Dilton Oliveira de Araújo analisou como o antilusitanismo se fixou nas narrativas desse conflito. Segundo Araújo, o periódico O Guaycuru solidificou uma narrativa em que enquadrava a guerra das duas famílias dentro das lutas contra os portugueses. Bernardo José Guerreiro era português e a luta contra Militão ganhou um tom antilusitano nas páginas deste jornal numa conjuntura favorável para alimentar esse argumento:

> O periódico *O Guaycuru*, à época campeão das denúncias e do combate aos portugueses, levantara esse argumento em um momento no qual os conflitos de Pilão Arcado estavam em curso. Em 1844, chegara para presidir a Bahia o Tenente-General Francisco José de Souza Soares d'Andréa, também português de nascimento, carregando consigo a história de culpa da pesada repressão e de práticas de crueldade do Pará e Santa Catarina, atraindo para si todo o espírito crítico do editor desse jornal, o federalista e republicano Domingos Guedes Cabral. (ARAÚJO, 2009a, p. 142)[325]

Dilton Araújo complementou explicando que o periódico utilizou essas lutas para criticar o governo de Francisco José de Souza Soares d'Andréa e acusá-lo de apoiar os Guerreiros com base numa possível relação de identidade lusitana:

> Dessa forma, criticando as primeiras intervenções do novo governante no conflito de Pilão Arcado, o periódico denunciava a preferência e apoio que o governo de Andréa estaria dando à família Guerreiro, analisando essa proteção segundo um viés nacional, razão mais forte, na ótica desse jornal, para que o presidente estivesse agindo em proteção aos Guerreiros. O periódico buscava, assim, [...] fortalecer uma tendência antilusitana já presente entre as massas populares, empunhando e reiterando uma das mais importantes bandeiras para promover a sua agitação, ao tempo em que propagandeava propósitos políticos mais abrangentes, como o federalismo e a república. (ARAÚJO, 2009a, p. 142 – 143)

As narrativas de Wilson Lins e Geraldo Rocha apresentam este conflito com alguns elementos relacionados com o antilusitanismo. É possível que esse tenha sido um dos elementos presente nas lutas, porém, discordamos que tenha sido preponderante no conflito. Dilton Araújo não considerava que em semelhantes conflitos eram movidos

> [...] por ideologias ou proposições políticas a respeito da organização geral do Estado, assim como não propunham qualquer tipo de iniciativa separatista em relação à capital provincial, apesar das já comentadas interpretações a respeito de um suposto viés antilusitano presente nas concepções e atitudes de Militão Antunes. (ARAÚJO, 2009a, p. 151 – 152)

O conflito entre os França Antunes e os Guerreiros foi uma disputa pelo mando local. As duas famílias possuíam numerosa parentela e a vitória de Militão também pode ser observada como limitação do Estado imperial em lidar com as demandas das elites locais nos

---

[325] Grifo do autor.

vários rincões do país. Dilton Araújo explicou que diante da falta de capacidade em derrotar Militão que terminou incorporando-o como autoridade local. (2009a, p. 155)

Igor Gomes Santos, por sua vez, analisou que os limites da força das autoridades do Estado brasileiro terminavam fazendo com que a população livre ou indivíduos em fuga buscassem suporte em grupos armados para tentar negociar as condições de vida e a força de trabalho:

> Se, como temos visto, era verdade que o poder das autoridades legais era quase nulo nessas regiões de conflitos intensos entre potentados, era muito lógico que a população livre ou fugida, que sempre fora o alvo das autoridades e de suas ações de *repressões preventivas,* buscasse os grupos armados para se acoitar ou para se aproveitar da desordem social e barganhar sua *força de trabalho*. Não era por nada que os homens do governo tinham pavor das populações que ali se alojavam. (SANTOS, I. G., 2017a, p. 147 – 148)

Considerar que o Estado possuía limites para coibir as exagerações do mandonismo local não implica nem em negar as tentativas para tal e muito menos que os cargos policiais, judiciais e outros não possuíam importância. Os cargos permitiam não só rendas para os ocupantes como também treinamento para a vida pública. Além disso, eles davam legitimidade para as ações não simplesmente dos ocupantes, mas da rede na qual ele fazia parte.

Outros poderosos locais tentaram através da força garantir a legitimidade de suas ações ocupando os cargos com seus aliados ou pressionando os agentes do Estado brasileiro através da força das armas particulares. As ações dos Medrados de Santa Rita do Rio Preto fazem parte dessa conjuntura na qual o conflito com juízes fazia parte da quebra de braço política local. Adiantamos que não se trata de uma intensidade como dos conflitos entre os França Antunes e os Guerreiros que talvez tenham sido, no sertão do São Francisco oitocentista, os que melhores conseguiram engajar gente de diferentes perfis e em grande quantidade nas suas fileiras.

5.2.2. O "Theatro de desgraça" em Santa Rita do Rio Preto

A municipalidade de Santa Rita do Rio Preto era composta por esta vila e o arraial de Formosa que eram unidas à freguesia de Sant'Ana do Rio Preto e faziam parte da comarca do rio São Francisco. Os problemas da vila ressoavam no arraial e vice-versa. O controle dos potentados locais não se restringia a um termo apenas do município. Tanto a vila quanto o arraial estavam sujeitos a interferência do mando local e das suas disputas. A depender, isso poderia se estender a outros municípios como foi o caso da guerra entre os França Antunes e os

Guerreiros que não ficou limitada à Pilão Arcado, pois a rede de poder ampliava sua malha para Sento Sé, Xique – Xique e até as proximidades de Urubu - quiçá Rio de Contas devido as relações históricas e pessoais dos Guerreiros na Chapada Diamantina.

A força dos Rocha Medrado desafiava as autoridades locais e avançava para cima dos adversários. Em julho de 1845, o alferes José da Rocha Medrado teria sido o mandante da tentativa de assassinato do professor de primeiras letras do arraial de Formosa, Luís Cassiano de Araujo, com uma força composta por 11 homens. Além do professor, o vigário também estaria na mira de Medrado que estava reunindo gente armada na sua propriedade. Essa ocorrência foi noticiada em 20 de setembro de 1845 pelo suplente de juiz municipal de Santa Rita do Rio Preto, João Ruiz Covas Júnior, que afirmou ter receio da vila se tornar um "Theatro de desgraça" e solicitou ajuda ao governo provincial.[326]

A desorganização do aparato repressivo na região foi um dos fatores que pode ter possibilitado a liberdade de ação de José da Rocha Medrado. O juiz de direito da comarca do rio São Francisco, Antonio Joaquim da Silva Gomes, se defendeu, numa correspondência ao governo provincial de 30 de setembro de 1845, afirmando que não era responsável pelas ocorrências e que a Guarda Nacional não estava organizada na comarca. Gomes também defendeu punição aos envolvidos e anexou a denúncia enviada para ele pelo juiz municipal João Ruiz Covas Júnior em 20 de setembro de 1845. O nome dos criminosos eram Antonio e Balduíno e Covas Júnior sustentou que eles teriam agido em ordens de José da Rocha Medrado.[327]

Antes dos ataques, já havia uma tensão entre o professor Cassiano e a câmara de vereadores quando ele enviou uma representação ao presidente da província, em 08 de abril de 1845, acusando o presidente da câmara, Joaquim Antonio Wanderley, de não ter liberado uns atestados que foram solicitados pelo professor.[328]

O professor de primeiras letras da vila de Santa Rita do Rio Preto, Victor Modesto da Silva, também sofreu um ataque dos homens de José da Rocha Medrado. A comunicação entre o suplente de juiz municipal de Santa Rita, João Roiz Covas Júnior, e o juiz de direito da comarca do rio São Francisco, Antonio Joaquim da Silva Gomes, em 15 de outubro de 1845,

[326] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566.
[327] APEB. Seção Colonial e Provincial Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1845 – 1849). Maço: 2251.
[328] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1845 – 1849). Maço: 2251.

expressa a preocupação de Covas Júnior em conter as ações de Medrado, porém, a falta de condições de manter a segurança atrasou até mesmo a abertura de processos.[329]

Luís Cassiano de Araujo fugiu de Formosa e buscou abrigo em Goiás deixando a cadeira de primeiras letras vaga, conforme noticiado pelo suplente de juiz municipal e presidente da comissão de instrução pública, Manuel Lourenço Cavalcanti, em 25 de setembro de 1846.[330] O clima de tensão parece ter permanecido por mais tempo em Santa Rita. A documentação não detalha mais movimentações ao longo de 1846. Porém, no ano seguinte, foi noticiado ao governo provincial pelo juiz de direito da comarca do rio São Francisco, Antonio Joaquim da Silva Gomes, o assassinato do vigário João de Oliveira Costa[331] no dia 18 de abril de 1847. Costa teria sido vítima de uma emboscada feita por um grupo armado que, segundo Antonio Joaquim Gomes, tinham como objetivo roubar o vigário.

Na ação, João de Oliveira Costa levou 05 tiros, 04 punhaladas e teve a orelha direita cortada. O juiz de direito da comarca também lamentou as condições das forças policiais e que não havia condições para perseguir os criminosos. José da Rocha Medrado foi acusado de ser o autor do crime e de estar fazendo ameaças à população de Santa Rita.[332] A câmara de vereadores de Santa Rita – presidida na sessão de 26 de maio de 1847[333] por José da Rocha Medrado – ao informar o governo provincial sobre o assassinato do vigário, solicitou a presença de 15 praças para a vila.

O professor Leandro Pereira Bastos escreveu ao juiz de direito da comarca do rio São Francisco, em 30 de abril de 1847, para relatar a situação da vila de Santa Rita. O documento apresenta uma série de denúncias e análise da conjuntura da vila que estaria convivendo com "despotismos", conforme expressado pelo professor. A série de denúncias relatou a falta de exame de corpo de delito, incêndio em várias casas e a ação de Hilário da Roxa – descrito como "peito largo" e filho do capitão Suplício Luiz da Rocha – que portando um bacamarte atirou num indivíduo chamado José de tal. Além dele, outras pessoas foram feridas com tiros de

[329] APEB. Seção Colonial e Provincial Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1845 – 1849). Maço: 2251.
[330] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566.
[331] Cúria Diocesana da cidade de Barreiras – BA. Livro de Casamento de Santa Rita do Rio Preto (1833-1870). Consta no livro de casamentos da freguesia de Sant'Ana do Rio Preto que João de Oliveira Costa era vigário desde a década de 1830. Aproveito esta nota para agradecer a Sheila Bianca Sousa que trabalhou com essas fontes durante sua graduação em História na Universidade Federal do Oeste da Bahia.
[332] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1845 – 1849). Maço: 2251. Citamos duas correspondências a primeira de 25 de abril de 1847 e a segunda de 29 de abril de 1847, ambas escritas pelo juiz de direito da comarca do rio São Francisco.
[333] Estavam presentes na sessão os seguintes vereadores: José da Rocha Medrado (presidente), Antonio Martins Pereira, Manoel Francisco de Souza, João Correia de Mello e Torquato Antero da Rocha.

chumbo. Essas agressões seriam por conta da perseguição a uma pessoa chamada Geronimo. O outro filho do capitão Suplício Luiz da Rocha, Porfírio Luiz da Rocha, também teria participado de outras agressões. Depois dos ocorridos, um deles foi para Minas Gerais tratar de negócios e, o outro, voltou para a fazenda.[334]

Em 20 de maio de 1847, o juiz de direito da comarca do rio São Francisco, Antonio Joaquim da Silva Gomes, explicou que corria um processo contra o professor Luiz Cassiano de Araujo por ter abandonado a cadeira em 1845. Gomes contextualizou ao presidente da província informando sobre a tentativa de assassinato que teria ocorrido enquanto Araujo lecionava e manteve a informação de que o mandante do crime teria sido José da Rocha Medrado, filho de Suplício Luiz da Rocha.[335]

As informações do professor Leandro Bastos e do juiz Antonio Joaquim Gomes deixam a entender que o círculo familiar de Suplício Luiz da Rocha estaria agindo em Santa Rita com pressões em indivíduos possivelmente relacionados com grupos adversários. A morte do vigário deixou a vila de Santa Rita num estado descrito, por Leandro Pereira Bastos ao juiz Antonio Joaquim Gomes, em 13 de agosto de 1847, como de "quase revolução" [336]

Suplício Luiz da Rocha, entre 1840 e 1843, foi membro da câmara de vereadores de Santa Rita e juiz municipal e de órfãos. Em 1837, ele havia sido juiz de paz na mesma vila. Segundo a câmara de vereadores numa correspondência ao governo provincial em 20 de abril de 1849,[337] Suplício Rocha teria oferecido, em outro momento, a construção da Igreja matriz que estaria funcionando numa capela.[338] José da Rocha Medrado também ocupou uma cadeira na câmara de vereadores na década de 1840. Trata-se de indivíduos com relativa força política e social que pode ser notado pelo histórico nos cargos eletivos.

Um elemento contextual nos chama atenção que é o fato dos episódios de Santa Rita terem sido contemporâneos às lutas em Pilão Arcado. A comarca do rio São Francisco estava mergulhada em conflitos e a instabilidade provocada pelas disputas entre os potentados locais

---

[334] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1845 – 1849). Maço: 2251.

[335] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1845 – 1849). Maço: 2251.

[336] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1845 – 1849). Maço: 2251. Ambas as correspondências estão no mesmo maço.

[337] Estavam presentes na sessão: Joaquim Antonio Wanderley (presidente), Torquato Antero da Rocha, João Alves Ferreira, Luduvico José de Abreu, Manoel Carlos Malheiros, Manoel Conrado de Miranda, Joaquim Muniz Pereira Serpa.

[338] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1840 – 1859). Maço: 1422.

e a ineficácia dos aparelhos do Estado em conter as exagerações de parte das elites gerou uma série de embates sangrentos no sertão. Não encontramos indícios de cooperação entre os França Antunes, os Rocha e os Guerreiros no início dos conflitos. Se ocorreu, pode ter sido muito sutil ao ponto das autoridades locais não expressarem na documentação.

Antonio Joaquim da Silva Gomes descreveu, em 10 de junho de 1847, que o juiz municipal de Santa Rita e seus suplentes, seriam tímidos nas ações contra os irmãos Rocha. A força desta família estaria, pelo visto, intimidando as autoridades locais. Um mês depois, Antonio Joaquim Gomes informou que José da Rocha Medrado e seus parentes seriam seus desafetos e estaria sendo ameaçado. Por isso, solicitou o envio de um destacamento de 40 a 50 praças.

A câmara de Santa Rita do Rio Preto enviou poucos relatos sobre a situação. A maioria da documentação que encontramos foram dos juízes da comarca do rio São Francisco e daquelas autoridades de Santa Rita que se comunicaram com eles. A força da família de José da Rocha Medrado talvez não fosse limitada às armas, mas também ao controle da câmara de vereadores. Desse modo, outras autoridades locais terminavam tendo suas ações limitadas na busca de apoio regional. Entre 1845 e 1847, os vereadores solicitaram, algumas vezes, a nomeação de um juiz formado para a magistratura municipal e de órfãos. As queixas sobre a incapacidade dos que assumiam os postos, por vezes, servia para deslegitimar possíveis ações contra o grupo dominante.[339]

Em 30 de maio de 1849, o presidente da câmara de vereadores, Joaquim Antonio Wanderley, acusou o professor Leandro Pereira Bastos de produzir um documento com intuito de vingar-se dele por causa de algumas informações prestadas pela câmara de vereadores. Bastos havia questionado a competência da câmara para avaliar o seu trabalho. Porém, Wanderley afirmou que não iria criticar o professor para não piorar as relações e que, devido aos ataques, preferia sair da presidência da câmara – o que também não ocorreu.[340]

Possivelmente, qualquer tentativa de prender José da Rocha Medrado foi em vão. As autoridades locais não tinham forças para tal. Em 1851, ele e Porfírio Luiz da Rocha foram

---

[339] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1840 – 1859). Maço: 1422.

[340] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1840 – 1859). Maço: 1422.

indicados como suplentes de juiz municipal.[341] O que podemos entender é que não só as queixas feitas contra eles não surtiram efeitos como além do uso da força das armas, eles buscaram ocupar cargos públicos para legitimar seu domínio local.

As queixas contra José da Rocha Medrado continuavam. Em 30 de janeiro de 1852, ele foi retirado da lista de indicados para a suplência de juiz municipal por estar indiciado em crimes de moeda falsa.[342] Poucos meses depois, o juiz de direito da comarca do rio São Francisco, Francisco Mendes da Costa Correa, relatou ao presidente da província, em 15 de julho de 1852, que um fazendeiro abastado sofreu um atentado praticado por um grupo de 12 a 14 homens armados. José da Rocha Medrado foi acusado de dar cobertura aos criminosos que teriam saído das lavras diamantinas e, após as ações em Santa Rita, estariam indo para as minas de Goiás.[343]

Contraditoriamente às acusações feitas por Correa, o delegado e juiz municipal dos termos reunidos de Campo Largo e Santa Rita, Luiz Manuel Fernandes Barreiros, afirmou ao juiz da comarca que Medrado havia capturado 07 dos criminosos que atacaram o fazendeiro.[344] No ano seguinte, em 08 de abril de 1853, o juiz de direito interino da comarca do rio São Francisco, Joaquim Ferreira Bandeira, confirmou o recebimento das ordens para prender José da Rocha Medrado por crimes de moeda falsa, mas que precisaria de reforço de tropas já que parte teria sido deslocada para Xique – Xique. Bandeira afirmou que pediu esclarecimentos às autoridades do Parnaguá, na província do Piauí, sobre um suposto envolvimento de Medrado em conflitos armados.[345] Não temos notícia da execução da prisão de Medrado, mas três anos depois, sua propriedade foi local de reunião de 124 homens armados, junto com inspetores de quarteirão, o juiz municipal e de órfãos substituto, Joaquim Antonio Wanderley e o próprio José da Rocha Medrado para afugentar os indígenas que atuavam nas imediações de Santa Rita e Formosa, conforme registrado por Wanderley em 12 de abril de 1856.[346]

---

[341] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566.
[342] APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1830 – 1884). Maço: 2313.
[343] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1850 – 1885). Maço: 2252.
[344] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566. A cópia foi encaminhada por Francisco Mendes da Costa Correa, juiz de direito da comarca do rio São Francisco em 07 de agosto de 1852.
[345] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1850 – 1885). Maço: 2252.
[346] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566.

Apesar de todas as acusações, a rede política de José da Rocha Medrado se mostrava eficiente ao ponto de garantir sua liberdade. Medrado se fazia presente como uma liderança política local. Além da força das armas, ele insistia em tentar assumir algum posto público como a suplência de juiz municipal ou uma subdelegacia, conforme indicado por Joaquim Antonio Wanderley em 1856.[347]

Em 18 de outubro de 1856, Francisco Mariani – juiz de direito da comarca do rio São Francisco – denunciou que José da Rocha Medrado teria matado o tenente José da Rocha Menezes e tomado a força a vila de Santa Rita. Mariani solicitou ainda que os presidentes das províncias de Goiás e Piauí sejam notificados sobre a possibilidade de fuga e afirmou temer pelas tropas que marcharam para Santa Rita.

A força de José da Rocha Medrado ganhava fama na região, não é à toa que Mariani lançava o alerta para as províncias vizinhas. Em 1º de dezembro de 1856, Mariani informou que estivera em Santa Rita e, segundo informações, Medrado estaria na sua fazenda – Boa Esperança – com cerca de 60 homens, sendo 02 deles os irmãos Beleles que seriam foragidos de Goiás por terem matado o juiz de direito da comarca de Porto Imperial.[348]

A força de José da Rocha Medrado teria sido ampliada com uma aliança construída com o comendador Militão Plácido da França Antunes. Francisco Mariani, em 20 de dezembro de 1856, alertou ao governo provincial para esta aliança e que um superior das tropas estaria andando nas ruas de Barra bradando que no sertão só existiriam dois homens: Medrado e Militão.[349] A agonia de Francisco Mariani fazia sentido: todo mundo no vale do São Francisco conhecia a fama de Militão e as lutas contra os Guerreiros. Esta aliança, que já rendia vantagens eleitorais para Medrado, desequilibrava as forças entre os potentados e deixava frágil a posição de muitas autoridades regionais.

O conflito das narrativas das autoridades regionais ficava expresso quando a câmara de vereadores escreveu ao governo provincial. Em 18 de abril de 1857,[350] a câmara elogiou a figura

[347] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566.
[348] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1850 – 1885). Maço: 2252. Ambas as correspondências estão no mesmo maço.
[349] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1850 – 1885). Maço: 2252.
[350] Estavam presentes nesta sessão: Torquato Antero da Rocha (presidente), Ambrosio Machado Wanderley, Martiniano Rocha Guimarães Medrado, Egídio Antunes de Carvalho, Joaquim Muniz Pereira Serpa, Francisco Joaquim Camacho.

de José da Rocha Medrado,[351] deixando nítido a existência de uma importante rede de apoio entre ele e as autoridades de Santa Rita. O prestígio de José da Rocha Medrado pode ser, em parte, entendido na correspondência dos vereadores de Santa Rita de 16 de janeiro de 1865[352], quando era discutido a cobrança de impostos na vila acerca da criação de gado. Foi revelado que ¼ de légua da fazenda Santa Rita foi doada à câmara pelo alferes José da Rocha Medrado, sua esposa e mais alguns posseiros em 1860.[353]

O alferes José da Rocha Medrado faleceu em 1865,[354] mas sua família continuou ativa na política e, até mesmo, nas ações violentas do exercício do mandonismo. Martiniano da Rocha Guimarães era irmão do alferes e esteve envolvido no assassinato de José da Rocha Menezes. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, juiz de Direito da comarca do rio São Francisco, em 17 de dezembro de 1868, relatou ao governo provincial que Martiniano andava livremente na vila de Santa Rita mesmo com todas as acusações contra ele, acompanhado de gente armada dificultando as ações da polícia para efetuar a prisão.[355]

Martiniano manteve sempre alianças com ocupantes de cargos públicos como juízes e delegados de Santa Rita o que dificultava a ação da justiça contra ele. Seus adversários temiam a combinação da influência política em relação aos cargos e da força das armas. Ele ocupou cargos como vereador, suplência do juízo municipal e de órfãos e, na década de 1880, o juizado de paz. Antonio Correia da Silva (suplente de delegado em 1870) e Leandro Pereira Bastos (ex-professor, subdelegado em 1869 e inspetor paroquial em 1874) eram alguns dos desafetos de Martiniano. Enquanto Thomaz Garcez Paranhos Montenegro era juiz de direito da comarca do rio São Francisco, Silva e Bastos conseguiam algum apoio político externo.

O exercício do domínio regional passava não só pela propriedade, mas também pela formação de tropas particulares e uma rede de relações políticas e pessoais com autoridades do Estado nos municípios. Esta articulação protegeu Martiniano Rocha Guimarães e José da Rocha

---

[351] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1840 – 1859). Maço: 1422.

[352] Estavam presentes na sessão: Antonio José dos Sanctos França (presidente), Laurentino Libello de Souza, Antonio Correia da Silva, Estevão Francisco de Miranda, Jesuíno José de Santa Anna, João Felix de Carvalho e João Alves dos Santos.

[353] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1860 – 1873). Maço: 1423.

[354] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1860 – 1873). Maço: 1423.

[355] APEB. Seção Colonial e Provincial. Governo da Província: Judiciário - Juízes da Barra do Rio Grande (1831 – 1889). Maço: 2249. Correspondência de 25 de outubro de 1869.

Medrado. O exercício de cargos como juízes, delegados e, até mesmo, dos padres estava imbuído dos poderes constituídos pelo Estado nacional, porém, era preciso o diálogo com os potentados locais dada a fraqueza bélica dos magistrados e das forças militares locais com relação aos chefes das principais famílias. No caso de Santa Rita o controle desses postos dava à parcialidade contrária uma saída que era recorrer às autoridades localizadas fora da vila.

Diferentemente de Militão França Antunes, os Rocha não encontraram força local que fizesse frente ao poder bélico. Depois da aliança com o chefe dos França Antunes, o poder de José da Rocha Medrado e família aumentou ao ponto de apavorar os juízes da comarca do rio São Francisco. Francisco Mariani, por exemplo, era um conhecedor dos dramas e das lutas na região e sabia do impacto para o exercício do poder em Barra, pois mandões não faltavam no sertão.

***

A participação das autoridades regionais na vida política do sertão do rio São Francisco foi bastante agitada no século XIX. As tensões provocadas pelas revoltas regenciais e nas disputas pelo mando local não permitiu tranquilidade para o exercício dos cargos e eles não se furtaram em participar exercendo agência as lutas travadas no sertão.

O exercício do poder das autoridades do Estado estava imbricado com o controle regional dos potentados locais. A ocupação em um cargo público fazia parte de projetos individuais de carreiras dentro do Estado Imperial, como também o controle ou aliança com os ocupantes permitia às famílias poderosas ter mais proximidade e intimidade com as decisões. Além disso, ter parentes exercendo cargos também servia para conferir prestígio social.

Elisângela Ferreira ao analisar as condições de distinção social listou elementos como não só o prestígio familiar como também a ocupação de cargos municipais. Segundo ela, a terra, o gado e escravos eram elementos de consolidação da riqueza, mas apenas as diferenças econômicas não explicavam. Era preciso outras formas de controle político e ideológico da sociedade:

> propriedade de terras, gados e escravos servia de base material para a consolidação de riqueza, prestígio e poder em Xique-Xique, mas não apenas isto. Às diferenças propriamente econômicas acrescentavam-se também distinções simbólicas, dentre as quais a maneira de usufruir os bens. A diferenciação social no município e no quadro mais vasto da cultura da região do médio São Francisco podia ser percebida também por estilos de vida que a riqueza poderia oferecer, por sinais de status e de prestígio denunciados aqui e ali. Algumas condições se reuniam para caracterizar quem se reconhecia e era reconhecido como pertencente ao grupo principal. Além, evidentemente,

> de uma situação econômica favorável, havia outros requisitos: o prestígio familiar, a ocupação de postos na administração e na justiça municipal, a detenção de patentes militares e, em menor medida, um mínimo domínio das letras e contas eram combinações fundamentais para a distinção na sociedade. Ser branco ou assim considerado certamente aumentava a margem de aceitação. (FERREIRA, 2008, p. 194)

As autoridades exerciam um papel importante nas disputas regionais. Eram estratégicas no controle das camadas subalternas, assim como também na mediação dos conflitos entre as famílias poderosas locais. Mas, não só administravam como também se posicionavam dentro das lutas renhidas no sertão.

João Reis Novaes (2021) demonstrou como as nomeações das autoridades policiais na primeira República também reforçava a posição de alguns membros das elites regionais no sertão baiano. Guardando as especificidades das conjunturas políticas, as elites regionais sertanejas tanto do período monárquico quanto da primeira república demonstraram habilidade para aproveitar dos agentes do Estado para seus projetos de poder e nas disputas regionais.

Os episódios da Sabinada e Balaiada demonstram a presença de figuras atuantes ora pra romper com as forças políticas hegemônicas (como foi na Sabinada), ora para reforçar o papel repressor (como foi na Balaiada). Do mesmo modo, estavam divididas conforme os vínculos com as famílias em luta como no caso do conflito entre os França Antunes e os Guerreiro que contaram com apoio de membros da burocracia do Estado brasileiro instalados na região. Os Rocha Medrado de Santa Rita do Rio Preto também contaram com o apoio das autoridades municipais como os vereadores na medida que o juiz da comarca do rio São Francisco, e outras autoridades que faziam oposição ao poder desta família, buscavam construir uma narrativa através das correspondências enviadas ao governo provincial na qual fosse ressaltada a ilegitimidade e o perigo das ações de José da Rocha Medrado e seus parentes. O poder regional ainda era de controle dos potentados locais mesmo com a presença de autoridades do Estado brasileiro.

As autoridades tentaram remediar as ações de rebeldes e exerceram um papel secundário no poder local em detrimento da força dos mandões. Na próxima seção teremos o contrário: juízes como agentes das negociatas e de mobilização política e social. A administração territorial dependia de arranjos não só com as famílias poderosas, mas com juízes, vereadores, padres e delegados da região – independente de qual comarca eles fossem.

6. ANDANDO E TRAMANDO PELO SERTÃO SANFRANCISCANO

> No bacamarte eu achei
> Leis que decidem questão,
> Que fazem melhor processo
> Do que qualquer escrivão,
> As balas eram os soldados
> Com quem eu fazia prisão.
> (BATISTA, 2011, p. 05)

A Operação Faroeste, apresentada na introdução desta tese, revelou esquemas de grilagem de terra envolvendo latifundiários e algumas autoridades judiciais no Oeste da Bahia.[356] A relação entre autoridades do Estado brasileiro e poderosos locais está longe de ser uma novidade histórica na região que atualmente é denominada de Oeste da Bahia. As disputas por diversos cargos no sertão do rio São Francisco oitocentista revelam não só a intimidade entre os ocupantes dos vários cargos públicos com os grupos dirigentes da sociedade, mas também a importância da estreita relação entre as elites regionais com as estruturas de poder do Estado brasileiro. Seja lá no século XIX ou cá, no século XXI – guardando as devidas peculiaridades contextuais, o sertão sanfranciscano vivenciou (e vivencia) uma ocupação territorial conflituosa marcada pela aproximação de grupos econômicos poderosos com alguns ocupantes de cargos públicos.

A relação entre autoridades e as elites locais nem sempre eram harmoniosas. Os conflitos decorriam de uma crise do mando local e terminava revelando os limites da presença do Estado Brasileiro nos sertões. Quem manda e quem obedece? A resposta para isso dependia dos efeitos das denúncias, das disputas em torno dos entraves e lacunas das leis e, por fim, da força da bala e do punhal.

O Estado brasileiro estava presente nos rincões do país. A sensação de ausência muitas vezes era efeito do enfraquecimento dos agentes públicos diante da força de valentões e jagunços a serviço de poderosos locais. Por outro lado, também não podemos deixar de considerar que as elites sertanejas participavam, em certa medida, do jogo político provincial, quiçá nacional, e, com isso, buscava estabelecer estratégias de diálogos e de controle dos cargos. Ou seja, nem tudo era definido nas tensões.

---

[356] Sobre a Operação Faroeste e conflitos de terra no Oeste da Bahia consultamos as seguintes matérias jornalísticas: CPT (2017), CPT (2019), OPERAÇÃO da PF contra venda de sentenças afasta quatro desembargadores e dois juízes, (2019). MARTINHO (2019), Mário Bittencourt (2019), OPERAÇÃO Faroeste (2020).

As autoridades também não eram compostas por sujeitos passivos em seus atos. O diálogo com os poderosos locais por vezes poderia ser encarado como fortuito para o desenvolvimento de um trabalho mais tranquilo e que gerasse um bom resultado para nomeações mais vantajosas. A carreira jurídica e a carreira política se confundiam no Brasil Império.

José Murilo de Carvalho (2014) explica que o emprego público é uma fonte segura e estável para os rendimentos. (p. 56) Além disso, Carvalho esclareceu que isso favorecia a orientação estatista e, em especial, para os juristas era grande vantagem para a carreira política. (p. 99) O magistrado brasileiro era uma das categorias mais importantes no âmbito da burocracia nacional e, como já expressamos, possuía boas condições para o desenvolvimento da carreira política. Porém, não era única e no jogo da política regional, outras funções exerciam seu papel no tabuleiro do poder.

Padres, delegados, subdelegados, coletores, vacinadores, agentes de correios e professores eram outros membros do tabuleiro do poder regional. Essas peças não desempenhavam uma importância política tão decisiva quanto os magistrados, mas, faziam parte desse emaranhado e os cargos estavam passivos de disputas pelo mando local. Desses, os professores e agentes de correios eram, talvez, o de menor importância para o jogo político. Padres, delegados, subdelegados, coletores e vacinadores eram postos ligados diretamente com a vida civil, religiosa (no caso dos padres), fiscal (no caso dos coletores) e fortemente atrelados com a repressão (principalmente delegados e subdelegados).

Os juízes de direito eram as autoridades máximas dentro da comarca e com estabilidade garantida, eles só perdiam o cargo após processos legais. (CARVALHO, 2014, p. 175) Desde 1832, eles eram escolhidos pelo governo Imperial para exercer a função de forma vitalícia, porém poderiam ser removidos e a carreira jurídica ainda não estava consolidada, conforme explica Gabriel Cerqueira: “[...] os juízes de Direito, desde 1832 escolhidos por nomeação imperial, eram vitalícios, mas não inamovíveis. Não havia, portanto, uma carreira judicial propriamente dita. O ingresso na magistratura dependia de nomeação.” (2014, p. 44) A circulação geográfica era um elemento marcante na vida de magistrados e militares do Brasil Império. Isso permitia, segundo José Murilo de Carvalho, uma maior circularidade dos membros das elites pelo país e por diferentes postos. (2014, p. 121) Ainda de acordo com Carvalho, essa circulação também possuía uma conotação política que era mais evidente ainda com os presidentes de província:

> A circulação geográfica era parte essencial da carreira de magistrados e militares. Como a magistratura ligava-se estreitamente à elite, o fato tinha clara conotação política. Essa conotação era ainda mais nítida na circulação geográfica exigida dos presidentes de província. Vários políticos nacionais foram nomeados presidentes de províncias com o objetivo explícito de lhes permitir ganhar experiência. (p. 121)

As escolhas possuíam caráter político, assim como as permanências e remoções. No âmbito da carreira política, ser juiz de direito numa comarca rica e relativamente povoada poderia render novas e mais ousadas escaladas político-sociais.

O código de processo criminal de 1832 regulamentou a quantidade de juízes de direito sendo as comarcas mais povoadas com três juízes e as menores com um juiz. O seu substituto seria o juiz municipal do termo. Para exercer a função era preciso possuir o título de bacharel em Direito, maior de 22 anos e com um ano de prática de fórum.[357] A consolidação da carreira jurídica ocorreu após a reforma de 1841 deu início à consolidação da carreira jurídica. (CERQUEIRA, 2014, p. 44)

Com a reforma de 1841, o juiz de direito passou a ser nomeado pelo governo Imperial a partir da escolha dos habilitados: bacharéis que exerceram a função de juiz municipal e de órfãos ou promotor público por quatro anos.[358] A reforma judiciária de 1871 tornou competência do juiz de direito: julgamento em 1ª instância de todas as causas cíveis da comarca, decisão dos agravos e suspeições relacionadas com os juízes inferiores, execução de sentenças cíveis na falta de juiz municipal entre outras atribuições.[359] Os promotores seriam nomeados pelo governo provincial e na falta de nomeação, o juiz de direito poderia indicar um substituto interinamente. (DANTAS, 2020, p. 115)

O juiz municipal e de órfãos possuía uma atribuição que por quase todo o século XIX estiveram unificadas, ao menos na comarca do rio São Francisco. O Código de Processo Criminal de 1832 indicava que a nomeação do juiz municipal deveria ser feita após a câmara

---

[357] BRASIL. Lei de 29 de novembro de 1832. Promulga o Codigo do Processo Criminal de primeira instancia com disposição provisoria ácerca da administração da Justiça Civil. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-29-11-1832.htm>, acesso em 12 jan. 2021.

[358] BRASIL. Lei Nº 261, de 03 de dezembro de 1841. Reformando o Codigo do Processo Criminal. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim261.htm#:~:text=Reformando%20o%20Codigo%20do%20Processo%20Criminal.&text=2%C2%BA%20Os%20Chefes%20de%20Policia,amoviveis%2C%20e%20obrigados%20a%20acceitar.>, acesso em 12 jan. 2021.

[359] BRASIL. Lei nº 2033, de 20 de setembro de 1871. Altera differentes disposições da Legislação Judiciaria. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM2033.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%202.033%2C%20DE%2020%20DE%20SETEMBRO%20DE%201871.&text=Altera%20differentes%20disposi%C3%A7%C3%B5es%20da%20Legisla%C3%A7%C3%A3o%20Judiciaria.&text=Art.&text=%C2%A7%205%C2%BA%20Os%20Chefes%20de,obrigatoria%20a%20aceita%C3%A7%C3%A3o%20do%20cargo.> Acesso em 15 fev. 2021.

de vereadores apresentar uma lista de três candidatos formados em Direito ou aqueles considerados como advogados habilidosos. A falta de bacharéis espalhados no país era uma dificuldade para impor uma lei que obrigasse que este cargo fosse ocupado por alguém com formação em Direito. Assim, apelava-se para a figura do rábula. A nomeação seria feita pelo governo provincial. Ainda de acordo com o Código de Processo Criminal, as atribuições do juiz municipal seriam: substituir o juiz de direito no termo, executar no termo as sentenças do juiz de direito e dos tribunais e exercitar a jurisdição policial.[360]

Na reforma do Código de Processo Criminal de 1841, ficou definido que o juiz municipal seria nomeado pelo governo Imperial e escolhidos entre bacharéis em Direito que teriam pelo menos um ano de prática após a formatura. O cargo teria um mandato de quatro anos e entre suas competências estão: as atribuições criminais e policiais dos juízes de paz, sustentar ou revogar as pronúncias dos delegados e subdelegados. Outro aspecto definido nesta mesma lei é a confirmação do acúmulo de jurisdição com o juízo de órfãos quando este não houver. (CARVALHO, 2014, p. 174) Dessa forma, o juízo municipal ficaria atrelado ao juízo de órfãos.[361]

Os juízes de paz perderam suas competências para delegados, subdelegados e juízes municipais com a reforma do Código de Processo Criminal de 1841, exceto algumas poucas atribuições policiais como custodiar bêbados e combater aqueles indivíduos enquadrados como vadios e mendigos, além de ser responsável por reprimir a formação de quilombos e de realizar os trabalhos de conciliação.[362]A reforma judiciária de 1871 apresentou como competência do juiz de paz o julgamento das infrações das posturas municipais e a concessão de fiança provisória.[363]

---

[360] BRASIL. Lei de 29 de novembro de 1832. Promulga o Codigo do Processo Criminal de primeira instancia com disposição provisoria ácerca da administração da Justiça Civil. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-29-11-1832.htm>, acesso em 12 jan. 2021. Ver também BEIGUELMAN, 1985, p. 08.

[361] BRASIL. Lei Nº 261, de 03 de dezembro de 1841. Reformando o Codigo do Processo Criminal. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim261.htm#:~:text=Reformando%20o%20Codigo%20do%20Processo%20Criminal.&text=2%C2%BA%20Os%20Chefes%20de%20Policia,amoviveis%2C%20e%20obrigados%20a%20acceitar.>, acesso em 12 jan. 2021. Ver também: CARVALHO, 2014, p. 174.

[362] *Ibid*. Ver também: BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Crêa em cada uma das freguezias e das capellas curadas um Juiz de Paz e supplente. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM.-15-10-1827.htm >, acesso em 15 fev. 2021.

[363] BRASIL. Lei nº 2033, de 20 de setembro de 1871. Altera differentes disposições da Legislação Judiciaria. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM2033.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%202.033%2C%20DE%2020%20DE%20SETEMBRO%20DE%201871.&text=Altera%20differentes%20disposi%C3%A7%C3%B5es%20da%20Legisla%C3%A7%C3%A3o%20Judiciaria.&text=Art.&text=%C2%A7%205%C2%BA%20Os%20Chefes%20de,obrigatoria%20a%20aceita%C3%A7%C3%A3o%20do%20cargo.> Acesso em 15 fev. 2021.

Os delegados possuíam entre as competências legais: concessão de fianças, vigilância na forma da lei, prevenção de delitos e várias atribuições que eram dos juízes de paz, conforme o Código de Processo Criminal de 1832, como vigiar e enquadrar aqueles considerados como vadios, mendigos e bêbados, além de proceder corpo delito e formar culpa dos indicados como criminosos.[364] Os subdelegados possuíam as mesmas competências, nos seus distritos, dos chefes de polícia e delegados exceto a de examinar se as câmaras municipais estariam providenciando as condições de trabalho referente à polícia, assim como a inspeção de teatros e espetáculos públicos e a obrigatoriedade de remeter os dados e provas sobre um determinado delito para que os juízes formem culpa.[365] Segundo Mônica Dantas, eles eram sugestões dos delegados, mas a nomeação era realizada pelo Chefe de Polícia. (DANTAS, 2020, p. 115)

Segundo Adriana Pereira Campos e Ivan Vellasco, a transferência de boa parte dos poderes dos juízes de paz para os delegados contribuiu para "a centralização do aparelho judicial" numa tentativa de enfraquecer a influência dos potentados com os ocupantes do cargo. Afinal, o delegado estava subordinado ao Chefe de Polícia. (CAMPOS; VELLASCO, 2011, p. 400) Adriana Campos e Ivan Vellasco complementam afirmando que mesmo com a tentativa de retirar a influência dos poderosos locais nas nomeações e eleições de cargos judiciários após a reforma de 1841, que, em certa medida, isso também não teria acabado com as articulações regionais em torno do cargo:

> De fato, foram as figuras dos delegados e juízes de carreira nomeados pelo governo central que efetivamente introduziram na crônica judicial a decisiva influência dos poderosos locais na nomeação e indicação de cargos e carreiras. Isso não descarta o fato de que as redes de compadrio e clientela pesavam, na medida em que mediam as forças nessas circunstâncias, mas se constituía apenas em uma das variáveis e, talvez, a julgar pelos dados, não atuavam de forma decisiva. Esses grupos solidamente articulados em torno de interesses mais nítidos, inclusive econômicos, formavam o núcleo central das agremiações políticas, funcionando certamente como polos de atração e de referência dos demais setores que não se reduziam a clientelas. (CAMPOS; VELLASCO, 2011, p. 400 – 401)

Entre o corpo repressivo estavam a Guarda Nacional e o corpo de Polícia. O primeiro foi criado em agosto de 1831 e estava subordinado ao Ministério da Justiça. O corpo de polícia era uma organização descentralizada. (VELLASCO, 2007, p. 242) Segundo Ivan de Andrade Vellasco, ela era subordinada, pelo Código de processo criminal de 1832, ao juiz de paz e a

---

[364] BRASIL. Lei Nº 261, de 03 de dezembro de 1841. Reformando o Codigo do Processo Criminal. Disponível em <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim261.htm#:~:text=Reformando%20o%20Codigo%20do%20Processo%20Criminal.&text=2%C2%BA%20Os%20Chefes%20de%20Policia,amoviveis%2C%20e%20obrigados%20a%20acceitar.>, acesso em 12 jan. 2021.

[365] *Ibid.*

partir da reforma judiciária de 1841 foi que as forças policiais passaram para a tutela dos chefes de polícia. (2007, p. 245) Por fim, os pedestres formavam um grupo policial apartado do corpo de polícia e, de acordo com Vellasco, eram os mais mal pagos sendo subordinados, desde a reforma judiciária de 1841, aos delegados. Entre suas atribuições estava a ronda e as diligências ordenadas pelas autoridades. (2007, p. 249 – 253)

Aos padres, caberiam a administração e condução não só da fé Católica – religião oficial do Estado brasileiro Imperial – quão também os registros civis como batismo,[366] casamento e óbito. Como já expomos na seção 03, os registros fundiários também ficaram a cargos do clero através dos livros de Registros Eclesiásticos de Terra. Segundo José Murilo de Carvalho, o padre era funcionário público pago pelos cofres do governo e pertencia a uma burocracia paralela. (CARVALHO, 2014, p. 182)

Os vacinadores desempenhavam um papel fundamental na imunização coletiva. Cabia a eles percorrerem as diversas localidades das freguesias para realizar essa tarefa. Segundo o artigo 15 do decreto nº 464 de 17 de agosto de 1846, isso deveria ser feito aos domingos.[367] Segundo Tania Maria Fernandes, o decreto de 1846 centralizava a coordenação e fiscalização da vacinação que, por sua vez, era executada e financiada pelos municípios gerando dificuldades para este serviço: “Quanto à vacinação, caberia ao governo central a coordenação e fiscalização dos serviços a serem executados nas províncias, custeados pelos cofres municipais, o que, certamente, contribuiu para inviabilizar a efetivação desses serviços.” (FERNANDES, 2010, p. 51) É possível associar o exercício dessa função atrelada com as relações estabelecidas com os poderosos locais. Não bastava apenas ser alguém com um certo trato com os cuidados da saúde, mas também o vínculo era um dos elementos que garantia o cargo para aqueles que ou eram da família ou próximo dela.

Outro cargo que não deixava de fazer parte das relações de poder e administração da sociedade e do território eram os professores. A cadeira de primeiras letras foi criada em 15 de outubro de 1827 e deveriam ter oferta em todas as vilas e povoados populosos. O magistério, conforme a supracitada lei, consistia em ensinar a ler, escrever, as quatro operações da

---

[366] Mesmo o batismo sendo um elemento ritualístico do catolicismo, era através desses registros que muitos nascimentos eram anotados.

[367] BRASIL. Decreto nº 464, de 17 de agosto de 1846. Manda executar o Regulamento do Instituto Vaccinico do Imperio. Disponível em < https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-464-17-agosto-1846-560509-publicacaooriginal-83551-pe.html#:~:text=Veja%20tamb%C3%A9m%3A-,Decreto%20n%C2%BA%20464%2C%20de%2017%20de%20Agosto%20de%201846,do%20Instituto%20Vaccinico%20do%20Imperio.&text=Palacio%20do%20Rio%20de%20Janeiro,de%20Sua%20Magestade%20o%20Imperador.>, acesso em 17 mar. 2021.

aritmética, princípios da moral cristã entre outros assuntos.[368] A carreira docente nem sempre era valorizada para o prestígio que se imaginava para ela. As queixas na imprensa especializada eram recorrentes como explicitou Alessandra Frota de Schueler que analisando o periódico “Instrução Pública” encontrou descrições feitas nas quais associava o magistério com uma carreira de pobres. (SCHUELER, 2005, p. 384) Porém, a dinâmica de cidades maiores como Salvador, Rio de Janeiro e Ouro Preto – para citar algumas capitais no Império – era diferente das vilas interioranas do país. A carreira nem sempre era apenas para os mais pobres, mas para reafirmar posições políticas dentro da sociedade. Assim como os vacinadores, essa função poderia recair para aqueles mais próximos das famílias poderosas ao ponto de permitir acúmulos de função. Podemos levantar a hipótese de que isso poderia identificar os menos abastados dessa parentela e com condições de exercício do magistério.

A presente seção trata da identificação das autoridades regionais no sertão do rio São Francisco. O cargo ocupado revelava tanto o prestígio e força de influência política quanto a capacidade e as condições de negociação com a elite local. Professores e agentes de correios, por exemplo, estavam num estrato mais baixo - ocupações de menor decisão, mas de prestígio (quando conveniente aos poderosos locais e outras autoridades) e relativo trânsito nas esferas políticas. Juízes, oficiais da Guarda Nacional, delegados e vereadores possuíam maior prestígio e poder de decisão – eram funções mais atreladas ao controle e disciplina da sociedade regional e com trânsito político com outras esferas fora do sertão do rio São Francisco.

Dessa forma, dividiremos a seção em duas partes: 1) como a circularidade das autoridades pelos cargos e funções nos revela sobre a existência de uma carreira político-administrativa regional. Alguns indivíduos alçaram voos maiores e extrapolaram os limites regionais, outros terminaram exercendo sua trajetória nos círculos regionais; 2) o protagonismo político das autoridades será discutido na segunda sessão. Diferente do que abordamos na seção anterior no qual os potentados assumiam as rédeas das ações e articulações, dessa vez trataremos de dois casos específicos no qual foram as autoridades que assumiram a dianteira política: Thomaz Garcez Paranhos Montenegro que foi atuante não só na Santa Casa de Misericórdia de Barra como também em diálogos com lideranças na comarca de Campo Largo;

---

[368] BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.htm#:~:text=LEI%20DE%2015%20DE%20OUTUBRO,lugares%20mais%20populosos%20do%20Imp%C3%A9rio.&text=1%C2%BA%20Em%20todas%20as%20cidades,primeiras%20letras%20que%20forem%20necess%C3%A1rias.>, acesso em 18 mar. 2021.

Luiz Vianna que através de alianças diversas teria pressionado nas eleições em Barra nos anos 1880.

6.1. CARREIRA SERTANEJA

A carreira dentro do Estado brasileiro oitocentista contava não só com os cargos eletivos como vereadores, deputados e senadores, mas também com os cargos burocráticos tanto do executivo quanto do judiciário. Entre eles estavam os juízes de direito e os juízes municipais e de órfãos que teriam em tais postos condições ideais de treinamento e acúmulo de experiência e prestígio político para alçar novas posições privilegiadas no Estado Imperial. Para José Murilo de Carvalho, o treinamento, assim como a socialização, da elite política brasileira era essencial para a unificação da camada dirigente nacional. (CARVALHO, 2014, p. 171)

A formação acadêmica era um fator importante para o crescimento na carreira, mas não dependia apenas disso. A habilidade de diálogo era fundamental para quem seguia a carreira jurídica já que muitas vezes o juiz poderia ser removido para uma comarca na qual ele não tivesse maior familiaridade com os grupos dominantes. Como vimos na seção anterior, as disputas entre lideranças locais pelo controle do mandonismo obrigavam diferentes autoridades a agirem dialogando com as forças repressivas, o governo provincial e, em certa medida, com as duas parcialidades, inclusive aquela enquadrada como “criminosa” por romper com a legalidade. Alguns cargos ficavam com membros da localidade, afinal, mesmo com a criação das faculdades de Direito em Recife e São Paulo, a nomeação de bacharéis nem sempre era tarefa fácil de executar pelo Estado. Isso, sem contar, nos cargos que a formação escolar de nível superior era dispensada como os oficiais da Guarda Nacional, vereadores, presidência de câmara de vereadores, juízes de paz e outros.

Era comum que um indivíduo exercesse mais de uma função dentro da comarca. Além disso, algumas famílias ocuparam cargos com vários de seus membros como foi o caso dos Wanderley, os Mariani e os Bonifácio. Os Guerreiro, após os conflitos com os França Antunes, também estiveram presentes na vida pública da comarca do rio São Francisco. Outros ocupantes com menor vínculo consanguíneo também seguiram carreira regional como Joaquim Ferreira Bandeira, Antonio Cyriaco do Bomfim Beltrão, Joaquim Muniz Pereira Serpa, Luiz Manoel Fernandes Barreiros, José Joaquim de Almeida Júnior, Cesario Torres Barrense e Martiniano

Ferreira Caparrosa. Os Guerreiro, após os conflitos com os França Antunes, também estiveram presentes na vida pública da comarca do rio São Francisco.

As informações que apresentaremos da cronologia dos cargos ocupados foram coletadas na leitura das correspondências da câmara de vereadores de Barra, Santa Rita do Rio Preto e Campo Largo. Outras fontes foram as correspondências dos juízes de Barra, Santa Rita do Rio Preto, Campo Largo, Angical, da Santa Casa de Misericórdia da Vila da Barra e do Hospital de Caridade de São Pedro da Vila da Barra.[369] Trabalhos de genealogistas e memorialistas como Maria Laura Mariani da Silva Telles (2003), Wanderley Pinho (1937), Joana Camandaroba (2011), Ignez Pitta de Almeida (2005), Deocleciano Martins de Oliveira (1976) e Luiz Gonzaga Pamplona (2002) serviram como bases para acessar uma parte da memória regional de algumas autoridades. Mesmo que afetivamente suas análises possam pender para um determinado ramo dessas famílias ou figuras históricas, consideramos que esses trabalhos nos ajudam a encontrar vestígios de laços políticos entre os vários indivíduos que ocuparam os cargos públicos. Além disso, esses escritos nos ajudaram bastante com informações genealógicas que muitas vezes estavam ocultas nos documentos em que consultamos. Por fim, também nos valeu como referência o dicionário bibliográfico brasileiro de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (1895) que, com seus verbetes biográficos, nos auxiliou com informações da trajetória de alguns dos perfis que trazemos nesta sessão.

Quadro 04: Lista de autoridades e seus cargos

NOMES	CARREIRA, LOCAL, CARGO E ANO
João Maurício Wanderley (pai)	- Juiz de paz em Campo Largo e Barra;
João Maurício Wanderley (filho)	- Formado em Direito em Olinda; - Juiz municipal e de órfãos em Barra em 1842;
Ambrósio Machado Wanderley	- Vereador da vila da Barra entre 1837 e 1840; - Tenente-Coronel da força de polícia (1840); - Juiz de paz em Barra (1850); - Membro da mesa administrativa da Santa Casa de Misericórdia de Barra (1853); - 1º suplente de juiz municipal e de órfãos em Barra (1853).

[369] Os maços estão referenciados na lista de fontes. Todos esses documentos são do Arquivo Público do Estado da Bahia.

Joaquim Amâncio Wanderley	- Vereador e presidente da câmara da vila da Barra (entre 1845 e 1848); - Juiz de paz de Barra (1848); - 1º substituto de juiz municipal e de órfãos em Barra (entre 1844 e 1848); - Capitão da Guarda Nacional em Barra; - Coletor geral em Santa Rita do Rio Preto (1847)
Eduardo Mariani	- Juiz de paz em Barra (entre 1831 e 1833); - Vereador da vila da Barra (entre 1828 e 1840); - Presidente da câmara de vereadores (1839, 1830 e 1840);
Antonio Mariani	- Vereador (entre 1829 até 1845); - Comandante Superior da Guarda Nacional (entre 1835 e 1856); - Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Barra (entre 1852 e 1853).
Antonio Mariani Júnior	- Vereador em Barra (começo da década de 1860); - Membro da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia de Barra (em 1857); - Formado em Medicina.
Antonio Mariani Primo	- Vereador e presidente da câmara em Barra (entre 1849 e 1852); - Membro da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia de Barra (1853); - Juiz Municipal e de órfãos em Barra (1850); - Vereador e presidenta da Câmara em Campo Largo (entre 1869 e 1870); - Suplente de Juiz Municipal em Campo Largo (entre 1870 e 1879); - Juiz de Direito Interino da Comarca de Campo Largo (1876).
Francisco Mariani Primo	- Interino de juiz municipal e de órfãos em Barra (entre 1844 e 1848); - Vereador e presidente da câmara de Barra (entre 1844 e 1848); - Coletor Geral em Barra (1845);

	- Vacinador em Campo Largo e Santa Rita do Rio Preto (entre 1866 e 1869); - Professor de primeiras letras no Arraial de Brejo Grande em Campo Largo (1869); - Delegado em Campo Largo (1872).
Francisco Mariani	- Promotor público e juiz de direito interino da comarca do rio São Francisco (década de 1840); - Examinador de Filosofia e Latim em Barra (1845); - Delegado dos termos reunidos de Barra e Xique-Xique (entre 1845 e 1849); - Juiz municipal e de órfãos (entre 1845 e 1848); - Juiz de direito titular da comarca do rio São Francisco (entre 1854 e 1866).
José Bonifácio de Abreu	- Suplente de juiz municipal e de órfãos de Barra (final da década de 1840); - Vereador da câmara de Barra (entre 1846 e 1855) - Comandante da Guarda Nacional em Barra (década de 1880)
Isidro Antonio Guerreiro	- Juiz de paz em Barra (1845); - Membro da mesa administrativa da Santa Casa de Misericórdia da Vila da Barra (entre 1854 e 1859); - Vereador da vila da Barra (final dos anos 1850); - Secretário da câmara da vila da Barra (1867);
Joaquim Guerreiro	- Membro da mesa administrativa da Santa Casa de Misericórdia da Vila da Barra (entre 1857 e 1864); - Provedor interino da Santa Casa de Misericórdia da Vila da Barra (entre 1861 e 1864); - Vereador e presidente da câmara da vila da Barra (entre 1883 e 1884);
Joaquim Ferreira Bandeira	- Membro da mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia de Barra (1854); - Juiz municipal e de órfãos dos termos reunidos de Barra e Xique - Xique (entre 1854 e 1861); - Delegado em Barra (entre 1854 e 1861); - Juiz de direito interino da comarca do rio São Francisco (em 1853, 1854 e 1867); - Delegado em Campo Largo (entre 1868 e 1869);

	- Juiz municipal e de órfãos dos termos reunidos de Campo Largo e Santa Rita do Rio Preto (entre 1864 e 1872); - Professor de primeiras letras em Campo Largo (em 1882); - Juiz de direito da comarca de Campo Largo (entre 1882 e 1886).
Joaquim Muniz Pereira Serpa	- Vereador em Santa Rita do Rio Preto (entre 1849 e 1880); - Presidente da câmara de vereadores de Santa Rita do Rio Preto (1869 e 1880); - Delegado em Santa Rita (1868 e 1869) - Oficial da Guarda Nacional em Santa Rita (entre 1869 e 1872); - Comandante Superior da Guarda Nacional em Santa Rita (1869); - Subdelegado em Santa Rita (entre 1878 e 1880); - Suplente de juiz municipal e de órfãos em Santa Rita (1880; 1885 e 1886).
Luiz Manoel Fernandes Barreiros	- Juiz Municipal e de órfãos nos termos reunidos de Campo Largo e Santa Rita (entre 1851 e 1864); - Juiz de Direito interino da comarca do rio São Francisco (1852, 1853 e 1859); - Delegado dos termos reunidos de Campo Largo e Santa Rita (entre 1852 e 1855).
José Joaquim de Almeida Júnior	- Juiz de Paz em Angical (entre 1861 e 1872); - Subdelegado em Angical (1872); - Suplente de juiz municipal e de órfãos em Campo Largo (entre 1866 e 1872).
Martiniano Ferreira Caparrosa	- Juiz de paz do distrito de Várzeas em Campo Largo (entre 1872 e 1880); - Delegado dos termos reunidos de Campo Largo e Santa Rita (entre 1881 e 1885);
José Gregório dos Santos	- Vigário em Barra (entre 1838 e 1864); - Inspector de aulas públicas em Barra (1845); - Membro da Mesa administrativa da Santa Casa de Misericórdia da Vila da Barra (entre 1852 e 1861);

	- Provedor interino da Santa Casa de Misericórdia da Vila da Barra (em 1854 e 1860).
Bellarmino Alexandre Bomfim	- Vigário em Campo Largo (entre 1869 e 1872); - Vereador e presidente da câmara em Campo Largo (entre 1865 e 1866); - Vacinador em Campo Largo (1869).

Os Wanderley foram bastante influentes na região. O mais famoso deles, João Maurício Wanderley, se tornou ministro do Império e conseguiu o título de Barão de Cotegipe. Conforme o quadro 05, João Maurício Wanderley foi juiz municipal e de órfãos em Barra em 1842. Formado em Direito em Olinda, teve longa trajetória política no país. Seu pai, João Maurício Wanderley, foi juiz de paz em Campo Largo e, depois, em Barra e era capitão-mor – título que carregava desde que comandou as milícias em Campo Largo.[370]

Ambrósio Machado Wanderley, irmão de João Maurício Wanderley (filho),[371] exerceu cargos eletivos na vila da Barra como vereador e juiz de paz, além de ter sido Tenente-Coronel da força de polícia, juiz municipal e de órfãos. Outro irmão atuante foi Joaquim Amâncio Wanderley que também ocupou cargos eletivos como vereador e juiz de paz de Barra, além de ter sido substituto de juiz municipal e de órfãos e capitão da Guarda Nacional em Barra. Ele também arrendou a coletoria em Santa Rita do Rio Preto. Observando esses quatro nomes no quadro 05, fica notório não só a participação na vida pública, como prestígio social que garantiram a eleição para alguns cargos.

A força política expressada nas eleições para vereador e juiz de paz em Barra juntamente com a trajetória política de João Maurício Wanderley (filho) não teria sido possível sem o acúmulo histórico de poder regional. É preciso ressaltar que a carreira política de Wanderley contou com a ampliação de sua rede de apoio político para além da região. Segundo Carina Martiny, a câmara de vereadores poderia servir como degrau para atingir cargos mais elevados como, também, participar da administração do município e controlando diversos componentes do poder local:

> Ser vereador ou intendente tinha, para diferentes atores políticos, distintos significados. Entrar para a vida política através da Câmara Municipal poderia

[370] As informações sobre os cargos ocupados por João Maurício Wanderley – pai e filho – recolhemos das correspondências de juízes e das câmaras de vereadores de Barra e Campo Largo. Ressaltamos a importância dos trabalhos de Wanderley Pinho (1937), Blake (1898) e Maria Laura Mariani da Silva Telles (2003) para complementar as informações biográficas e genealógicas.
[371] A informações genealógica foi obtida na leitura do trabalho de Maria Laura Mariani da Silva Telles (2003).

> constituir uma maneira de alcançar outros cargos, hierarquicamente mais elevados. Ou então, ao garantir a presença de sua rede de relações na administração municipal, a garantia do controle de importantes mecanismos a nível local. (MARTINY, 2013, p. 70)

Deocleciano Martins de Oliveira, no livro de memórias “Procuro o Menino” (1976), citou a existência de um irmão do Barão de Cotegipe que fora apagado de sua biografia: Manuel José Ambrósio Wanderley. Segundo Oliveira, Manuel Wanderley “era o orgulho vestido de gente, alma de maldade, cheia de cobras peçonhentas, dono de um coração frio e sanguinário.” (p. 27) Além dessa descrição, Oliveira afirmou que Manuel teria como parceiro Joaquim Bodalha – que era meio irmão dos Wanderley fruto de um relacionamento extraconjugal de João Maurício Wanderley, pai. Ambos teriam aprontado na região cometendo alguns roubos e até mesmo assassinatos. (OLIVEIRA, 1976, p. 27 – 33)

A família Mariani foi uma das que mais teve membros atrelados à vida pública no sertão do São Francisco. Vários membros dessa família ocuparam cargos públicos e de prestígio em Barra. Eduardo Mariani foi um dos mais antigos entre os filhos do velho genovês, Antonio Thomey Mariani.

O trabalho de genealogia feito por Maria Laura Mariani da Silva Telles apresenta algumas nuances da família Mariani e suas relações com os Bonifácios e Wanderleys. Segundo Telles, Eduardo Mariani era filho de Antonio Thomey Mariani fruto de uma relação extraconjugal. Mas, que mesmo assim, recebera o sobrenome do pai. (TELLES, 2003, p. 114 – 115) O sobrenome Mariani carregou um peso político no sertão do São Francisco no qual até mesmo aqueles concebidos por relações extraconjugais ocuparam cargos públicos. Antonio Thomey Mariani foi o primeiro do tronco dessa família a chegar no sertão do São Francisco ainda no século XVIII vindo de Gênova. (TELLES, 2003) O genovês fixou laços de poder na região que grande parte de seus descendentes terminaram exercendo através de cargos públicos. A boa relação com Bonifácios e Wanderleys permitiu uma retroalimentação de prestígio político valiosa para tais membros das classes senhoriais.

Os Mariani, assim como os Bonifácio e Wanderley, tiveram como principal praça política a vila da Barra. Nomes como Antonio Mariani – apelidado de Tonhá, filho de José Mariani e Maria Clara e neto de Antonio Thomey Mariani conforme Maria Laura Mariani da Silva Telles (2003, p. 42) – figuraram como vereador, oficial da Guarda Nacional, além de ter sido muito ativo na Santa Casa de Misericórdia de Barra onde foi provedor entre 1852 e 1853. Seu filho, Antonio Mariani Júnior também exerceu cargo público e foi membro da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia de Barra. Formado em Medicina, ele dividiu o

exercício deste ofício com a administração das fazendas de gado herdadas de seu pai. (TELLES, 2003, p. 44 – 47)

A Santa Casa de Misericórdia de Barra foi fundada em 1852 e tinha como principal ação o Hospital de Caridade de São Pedro de Alcântara da Vila da Barra. Ela fazia parte de um esforço das elites baianas em interiorizar a assistência à saúde na Bahia. Segundo Maria Renilda Neri Barreto e João Baptista de Cerqueira, este processo de interiorização foi apoiado e protagonizado pelas elites regionais. (BARRETO, CERQUEIRA, 2019) A presença de autoridades militares, civis e judiciárias terminavam não só garantindo prestígio e segurança para a irmandade, como também permitia o estreitamento político e social entre os membros. (BARRETO, CERQUEIRA, 2019) (ARAÚJO, 2003) (SILVA, ARAS, 2021)

Coincidentemente, coube a João Maurício Wanderley apresentar o hospital de caridade e, consequentemente, a Santa Casa de Misericórdia para a Assembleia Provincial em 1853. Na ocasião, Wanderley era o presidente da província e descreveu o hospital como “bem limitado à pequenas proporções.”[372]

Segundo Cláudia Tomaschewski, a assistência à saúde foi uma responsabilidade moral assumida pelos mais ricos. (2007, p. 148) O Estado ajudava com parte da arrecadação das loterias uma vez que nem sempre as esmolas eram suficientes para o aumento do patrimônio da instituição. (PIMENTA, SANTA RITA, 2019) Dessa forma, a participação numa irmandade como a Santa Casa de Misericórdia facilitava para seus membros também angariarem capital político e prestígio social através da constituição de uma boa imagem de benfeitores perante a sociedade local. (SILVA, ARAS, 2021)

A irradiação política da influência das elites em Barra contava não só com o prestígio social e familiar, como o poderio bélico e econômico. Eles não estiveram restritos a sede da Comarca do rio São Francisco, mas também exerceram influências nas vilas vizinhas. Em Campo Largo, a família Mariani teve como seus representantes na vida pública os irmãos Antonio Mariani Primo e Francisco Mariani Primo que depois de exercerem vida pública em Barra, migraram para Campo Largo. Maria Laura Telles explicou que eles eram filho de Eduardo Mariani e que o nome “Primo” após o sobrenome Mariani foi dado aos descendentes de Eduardo como uma forma de diferenciar do tronco considerado como “legítimo”: “A alcunha

---

[372] CRL. WANDERLEY, João Maurício. **Falla que recitou o exm.o presidente da província da Bahia, Dr. João Maurício Wanderley, n’abertura da Assembleia Legislativa da mesma província no 1º de março de 1853**. Disponível em <http://ddsnext.crl.edu/brazil>, acesso em 10 fev. 2021.

de “Primo” acrescida ao sobrenome Mariani foi dada aos descendentes de Eduardo para distinguí-lo do tronco “legítimo” da família.” (TELLES, 2003, p. 115)

Telles explicou que Antonio Mariani Primo teria se mudado para Campo Largo e casado com uma importante proprietária de terras. Ele foi descrito como um sujeito astuto e envolvido com apropriação indevida de propriedades vizinhas. (TELLES, 2003, p. 115) Seu irmão, Francisco Mariani Primo, também teria se envolvido em confusões quando exerceu a função de coletor em Barra em 1845. Ele teria sumido da vida pública que, segundo os vereadores de Campo Largo numa correspondência de 14 de março de 1874,[373] o motivo teria sido o uso do dinheiro arrecadado, no tempo em que foi coletor em Barra, de forma de indevida. Ele teria fugido para Brejo Grande e teria sido dado como morto. Mas, na década de 1860 já estava ocupando alguns cargos como professor e vacinador. Os vereadores da Vila de Campo Largo acusaram-no de agir em interesses próprios, mas sem especificar, quando atuava como delegado na vila. Outras acusações pesaram sobre ele como a de agir em interesses próprios na administração de Missão do Aricobé e de ter realizado algumas vinganças.[374]

A carreira burocrática reforçou laços de poder regional. No caso dos Mariani, não só Barra como também Campo Largo que foram os lugares de exercício desse poder. Muitos deles construíram carreira política e burocrática dentro da região, mas a força dessa família no século XIX também levou a posições maiores no Estado Imperial através de figuras como os irmãos José Mariani e Francisco Mariani.

Filho de José Mariani e Maria Clara, Francisco Mariani nasceu em Barra em 1812. Ele se formou em Direito em Olinda onde foi contemporâneo de seu conterrâneo, João Maurício Wanderley. (TELLES, 2003, p. 65) Ao contrário do seu irmão, José Mariani (homônimo ao pai), formado em Direito em Coimbra e que exerceu grande parte da carreira fora do sertão do São Francisco, e até da Bahia, (p. 62 – 64) Francisco Mariani teve uma longa jornada em cargos jurídicos na comarca do rio São Francisco. Ele não figurou em cargos eletivos locais como vereador, mas seguiu uma longa carreira na magistratura. Ele foi removido da comarca do rio São Francisco para exercer a função de desembargador da Relação de Pernambuco e, logo em seguida, foi removido para a Relação da Corte no Rio de Janeiro.[375]

---

[373] Estavam na sessão: Francisco de Assis Macêdo (presidente), Benjamim Américo de Souza Rabello, José Januário de Macêdo, Francisco José de Britto, José Francisco Dorea, Manuel Azevedo Lemos.
[374] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência recebida da câmara Campo Largo (1846 – 1889). Maço: 1288.
[375] A cronologia da trajetória de Francisco Mariani foi fundamentada nas leituras de correspondências dos juízes da comarca do rio São Francisco e dos juízes de Barra guardadas no Arquivo Público do Estado da Bahia. Também utilizamos como referência o trabalho genealógico de Maria Laura Mariani da Silva Telles (2003).

Francisco Mariani é uma das figuras que comprova a tese de José Murilo de Carvalho (2014) acerca do treinamento das elites e da trajetória na carreira burocrática. O lastro político regional foi um dos elementos importantes, afinal, como é perceptível, sua família ocupou diferentes cargos e permitiu a circulação de seus parentes em diferentes funções. O poder econômico e a posse de grande propriedade não eram os únicos elementos constituintes da força política regional. Era preciso ocupar os cargos públicos para garantir legitimidade de suas ações, controle do aparato repressivo e ampliar as possibilidades da trajetória político-administrativa no Estado brasileiro.

Com relações próximas aos Mariani e Wanderley, os Bonifácio estiveram presentes na vida pública do sertão do São Francisco com José Bonifácio de Abreu, Clemente Bonifácio e Francisco Bonifácio de Abreu que ocuparam cargos como vereador e postos da Guarda Nacional. Segundo Maria Laura Telles, eles eram filhos de Joana Francisca da Motta (neta de Antonio Thomey Mariani) e do capitão Francisco Bonifácio de Abreu. (TELLES, 2003, p. 56) Dos irmãos, Francisco Bonifácio de Abreu (homônimo ao pai) recebeu o título de Barão da Vila da Barra. Ele foi médico formado em Salvador e além de ter sido deputado geral, exerceu medicina durante a guerra do Paraguai.[376]

Outra família que ocupou alguns espaços na vida pública em Barra foram os Guerreiro. Eles não só foram eleitos vereadores com Isidro Antonio Guerreiro e Joaquim Guerreiro como estiveram em cargos de secretário da câmara (Isidro Guerreiro) e participaram da mesa administrativa da Santa Casa de Misericórdia da Vila da Barra. Isidro e Joaquim são remanescentes das lutas entre as famílias Guerreiro e França Antunes em Pilão Arcado que tratamos na seção anterior. Assim, como Militão França Antunes e sua família foram absorvidos pelo aparato do Estado brasileiro, (ARAÚJO, 2009a) o mesmo pode ser dito dos Guerreiro que encontraram espaço na estrutura burocrática e administrativa regional. Mesmo que isso tenha ocorrido via eleição, não podemos descartar algum grau de prestígio deles em Barra que, possivelmente, junto com uma rede de apoio político conquistaram vagas na câmara de vereadores. A presença na mesa administrativa da Santa Casa de Misericórdia da Vila da Barra é outro indicativo dos círculos sociais em que estavam inseridos o que também garantiam simbolicamente um grau valoroso de distinção social.

A carreira regional não era exclusiva na sede da comarca e, fora dela, outros agentes também atuavam em vários cargos. Alguns migraram de Barra para fora da sede, outros

[376] As informações sobre Francisco Bonifácio de Abreu foram tiradas de Blake (1893, p. 413 – 416) e Telles (2003, p. 57 – 59)

estiveram mais ocupados nas vilas como Campo Largo e Santa Rita do Rio Preto. Joaquim Ferreira Bandeira, por exemplo, era um bacharel que exerceu funções ligadas a magistratura tanto em Barra quanto em Campo Largo. Além de juiz municipal e de órfãos, ele também foi juiz de direito interino da comarca do rio São Francisco e titular da comarca de Campo Largo. Também foi delegado em Barra e professor em Campo Largo. Por mais de 30 anos, ele esteve presente na vida pública regional. Com uma circularidade menor no sertão sanfranciscano, Joaquim Muniz Pereira Serpa manteve sua base em Santa Rita do Rio Preto onde foi vereador, delegado, subdelegado e comandante da Guarda Nacional. A diferença entre eles pode ir além de uma possível formação acadêmica, mas, contudo, a força eleitoral associada ao prestígio local que permitiu a Serpa manter-se na sua base.

Geralmente a carreira regional era fixada num município. O fato da existência dos "termos reunidos" é que ampliava a dimensão da circulação. Assim, como Joaquim Serpa, Luiz Manoel Fernandes Barreiros teve uma longa trajetória como juiz municipal e de órfãos e delegado em Campo Largo. Antes de ser juiz em Campo Largo, ele exerceu a mesma função em Jacobina. Reclamou, ao presidente da província em 08 de março de 1861, do fato de ter trabalho em termos remotos da Bahia e que isso teria prejudicado sua saúde. Além disso, teria feito desafetos na região e, por isso, solicitava remoção ou para o Parnaguá (Piauí), Santa Maria da Taguatinga (Goiás)[377] ou para a vila da Barra.[378]

Com menor disponibilidade de cargos públicos, os povoados e arraiais, ainda assim, estavam na rota das carreiras públicas. Povoados e arraiais eram secundários administrativamente em comparação às cidades e vilas. Porém, eles eram dotados de autoridades do Estado brasileiro que formavam uma rede administrativa. Subdelegados e juízes de paz estavam nos diversos arraiais e povoados como Angical e Várzeas. José Joaquim de Almeida Júnior chegou a ser suplente de juiz municipal e de órfãos em Campo Largo, mas foi em Angical que ele fez a carreira como autoridade local exercendo os cargos de juiz de paz e subdelegado. Martiniano Ferreira Caparrosa[379] além de ter sido juiz de paz em Várzeas, onde residia, foi delegado em Campo Largo.

Os padres faziam parte da administração pública, mas em menor medida pois na maioria das vezes estavam restritos às funções eclesiásticas. Por vezes, eles poderiam ser solicitados

---

[377] Atual Taguatinga – TO.
[378] APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1830 – 1884). Maço: 2313.
[379] Caparrosa é um personagem muito rememorado pela produção memorialística de Barreiras por ter sido o primeiro intendente do município quando foi elevado à categoria de vila em 1891. (ALMEIDA, 2005) (PAMPLONA, 2002)

pela administração pública a prestar esclarecimentos acerca das condições econômicas, sociais e agrárias locais devido à trajetória de estudos. Este foi o caso de Antonio Florêncio Alves Monteiro que quando a câmara de Santa Rita precisou enviar informações sobre as condições agrárias, Monteiro foi solicitado para elaborar um relatório em 1872.[380] Segundo Cândido da Costa e Silva, Antonio Florêncio Alves Monteiro era natural do sertão do rio São Francisco. Não foi especificado o local, mas é bem possível que seja nas proximidades de Santa Rita. Ele realizou sua formação no Seminário Arquiepiscopal da Bahia e foi ordenado em 23 de dezembro de 1854. Foi nomeado para a freguesia de Santa Rita do Rio Preto em junho de 1866, sendo colado em setembro do mesmo ano. (SILVA, 2000, p. 324)

Não encontramos Monteiro exercendo outros cargos além do eclesiástico. Diferentemente dele foram José Gregório dos Santos e Bellarmino Alexandre Bomfim: Santos foi inspetor de aulas públicas em Barra e membro da Santa Casa de Misericórdia na mesma vila. José Gregório Santos era paraibano e, segundo Cândido da Costa e Silva, ele pode ter sido aluno do Seminário de Olinda. Ele se tornou vigário colado da Freguesia de São Francisco das Chagas da Vila da Barra do Rio Grande em 1838; (SILVA, 2000, p. 427) Bellarmino Bomfim chegou a ser vereador e presidente da câmara de vereadores de Campo Largo. Além disso, ele também exerceu a função de vacinador na mesma vila.[381]

Mesmo que não exercessem constantemente cargos públicos, os vigários possuíam importância no tabuleiro político. Como já exposto nesta tese, a responsabilidade de parte dos registros civis era da Igreja Católica que além dos nascimentos, óbitos e casamentos, devia realizar o levantamento das propriedades fundiárias e de conduzir parte dos ritos eleitorais. Em certa medida, os padres estavam envolvidos na vida política local e isso poderia custar a vida como foi o caso de João de Oliveira Costa em Santa Rita na década de 1840.[382]

A carreira burocrático-política regional estava destinada aqueles homens que não acumularam cabedal político suficiente para alçar outros níveis como o provincial e o nacional. Porém, isso não quer dizer que não estivessem participando dos jogos de poder. Era na região onde parte de sua base eleitoral estava assentada. Para aqueles que seguiam uma trajetória menos eletiva e mais burocrática, a costura de boas relações sociais e políticas, assim como um

---

[380] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1860 – 1873). Maço: 1423. Citamos este documento na seção 03.

[381] Na obra “Os segadores e a messe: o clero oitocentista na Bahia”, de Cândido da Costa e Silva, contém um fichário dos párocos da Bahia do século XIX. Porém, não encontramos Bellarmino Alexandre Bomfim.

[382] Apresentamos esta situação na seção anterior.

bom desempenho administrativo poderiam compor as condições para a ascensão dentro da carreira de homens do Estado. Vide o exemplo de Francisco Mariani que mencionamos anteriormente: sua passagem como juiz na comarca do rio São Francisco pode ter sido um dos ingressos para chegar ao tribunal da relação. Mas, longe de superestimar a carreira regional, é preciso ressaltar que as faculdades de Direito (São Paulo, Olinda e Coimbra) além propiciarem a formação acadêmica, também permitiam a formação de laços políticos importantes para futuras indicações. Da mesma forma, as relações familiares também são fundamentais. No caso, os Mariani, Wanderley e Bonifácio possuíam laços em comum o que também pode ter ajudado no trâmite que permitiu a ascensão de Francisco Mariani.

O exercício do poder regional possuía muitos ingredientes como as condições econômicas, posse de terras, relações familiares e o poder bélico eram fundamentais. Porém, a ocupação dos cargos ligados ao Estado brasileiro era de grande importância para a legitimação das ações e do poder político de uma parcialidade. Barra congregava várias famílias articuladas entre si na partilha do poder e isso pode ter sido um dos fatores de redução de disputas violentas pelo mando local. Isso não quer dizer que os jagunços não estivessem disponíveis aos serviços solicitados pelos líderes das parcialidades. A rede de apoio deles rompia a municipalidade ao ponto de buscar suporte com outros poderosos chefes de exércitos particulares.

A costura regional poderia permitir o fortalecimento de bases para os anseios daqueles que almejassem novos horizontes. Algumas autoridades regionais eram oriundas de outros lugares como foi Thomaz Garcez Paranhos Montenegro cuja atuação foi repleta de articulações políticas dentro do sertão do São Francisco ao ponto de incomodar juízes de comarcas vizinhas. As pressões e o apoio das autoridades também foram importantes para as ambições eleitorais de outro personagem que exerceu cargos públicos no sertão do São Francisco: Luiz Vianna. Na próxima, trataremos da atuação desses dois indivíduos que organizaram incômodas costuras políticas na região.

6.2. COSTURANDO ACORDOS E PERFORMATIZANDO NAS PRAÇAS E MISSAS

Os dois protagonistas dessa sessão, Thomaz Garcez Paranhos Montenegro e Luiz Vianna, atuaram politicamente no sertão do rio São Francisco realizando acordos até mesmo com indivíduos de partidos diferentes. Ambos tomaram a iniciativa de diálogo e conchavos fora da própria comarca ao ponto de reunirem jagunços, como feito por Vianna, e de desestabilizar

juiz de direito de comarca vizinha, como feito por Montenegro. A ação deles perpassa os limites jurídicos e reforçam a existência de uma rede de poder regional no sertão sanfranciscano.

Thomaz Garcez Paranhos Montenegro nasceu em 1839 em Mata de São João[383] e se formou em bacharelado em Direito em Recife. Antes de ser juiz de direito, chegou a ser promotor em outras comarcas, conforme Augusto Victorino Sacramento Blake, mas sem mencionar quais teriam sido as comarcas. (BLAKE, 1902, p. 288) Ele foi juiz de direito da comarca do rio São Francisco entre 1867 e 1874.[384] Durante esse período, a comarca do rio São Francisco sofreu algumas alterações como o desmembramento de Campo Largo e Santa Rita do Rio Preto em 1872, que formaram a comarca de Campo Largo, e a elevação da vila da Barra à condição de cidade.[385]

Como já exposto, para ser juiz de direito era preciso ser formado em Direito e ele poderia ser removido para qualquer comarca no país. (CARVALHO, 2014, p. 175) Segundo José Murilo de Carvalho, o diploma de nível superior, e em especial de Direito, moldava boas condições para promoções em postos políticos do país. (2014, p. 125) No caso da passagem de Montenegro por Barra, oportunidades para amarrar laços em que permitissem promoções ou remoções para comarcas mais ricas e eleitoralmente fortuitas, não faltaram. Destacamos duas: a passagem do Duque de Saxe por Barra e a atuação como membro da Santa Casa de Misericórdia de Barra.

A passagem do Duque de Saxe por Barra foi informada por Thomaz Garcez Paranhos Montenegro ao governo provincial em 19 de julho de 1868. O Duque de Saxe chegou em Barra vindo de Januária em Minas Gerais através do rio São Francisco. Montenegro ofereceu a casa ao membro da família Imperial e o conduziu pela vila para ver a obra da matriz e a casa da câmara.[386] Oferecer a própria casa e conduzir um membro da família Imperial para conhecer os espaços relacionados com o poder regional e, também, com a hierarquia do Estado brasileiro

---

[383] Vila próxima do recôncavo baiano. Atual cidade de Mata de São João.

[384] APEB. Seção Colonial e Provincial. Governo da Província: Judiciário - Juízes da Barra do Rio Grande (1831 – 1889). Maço: 2249. Em 1874, ele foi removido para a comarca de Alcobaça conforme informado ao governo provincial em 10 de novembro de 1874.

[385] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: correspondência recebida da câmara da Barra do Rio Grande (1854 – 1888). Maço: 1259. Conforme mencionado pela câmara de vereadores em 10 de julho de 1873. Estavam presentes na sessão: José Francisco da Silva (presidente), Antonio Joaquim Pereira de Souza, Antonio Roiz Porto, Marciano Frota Duque, Martiniano Tavares Siriema.

[386] APEB. Seção Colonial e Provincial. Governo da Província: Judiciário - Juízes da Barra do Rio Grande (1831 – 1889). Maço: 2249.

foi, sem dúvida, uma oportunidade para estreitar laços com indivíduos do principal círculo de poder nacional.

Outro momento oportuno para Thomaz Garcez Paranhos Montenegro realizar uma performance política foi a condução da Santa Casa de Misericórdia da vila da Barra. Em 1869, ele assumiu um lugar na mesa administrativa e foi eleito provedor da instituição. Segundo Montenegro, a situação da Santa Casa e do hospital de São Pedro de Alcântara (administrado pela irmandade) era lastimosa.[387] Na condição de provedor, Thomaz Montenegro fez uma árdua campanha para levantar recursos para a reforma do novo prédio do hospital. Em tal esforço, ele não só buscou as esmolas dentro da sociedade barrense, mas também solicitou recursos ao governo provincial.[388]

O Hospital de Caridade de São Pedro foi fundado em 1852 pela Santa Casa de Misericórdia da vila da Barra e funcionou com dificuldades até 1869 quando esteve prestes a fechar. O edifício possuía capacidade para 12 doentes, mas um novo local foi procurado e a compra de um prédio que pertencia a Abílio Cezar Borges foi feita em 1857. (SILVA, ARAS, 2021, 160-161)

O Hospital de Caridade é parte do contexto de interiorização da assistência à saúde na Bahia. Maria Renilda Barreto e João Batista de Cerqueira apontaram que durante o período em que durou o regime monárquico foram criadas nove irmandades da Misericórdia na Bahia e, entre elas, estava a da vila da Barra. Ainda de acordo com Barreto e Cerqueira, este processo contou com protagonismo das elites regionais e a presença de autoridades civis e militares permitiam a formação de uma segurança institucional. (BARRETO, CERQUEIRA, 2019)

Além disso, conforme Maria Marta Lobo de Araújo, as Misericórdias serviram como espaços de sociabilidade e promoção de laços sociais e políticos desde o período medieval. (ARAÚJO, 2003) No século XIX não era diferente, vários membros da instituição exerceram alguma função pública e/ou eram das famílias tradicionais como os Mariani, Guerreiro e Wanderley: os Mariani foram representados por Antonio Mariani, Antonio Mariani Júnior, Antonio Mariani Primo e Carlos Mariani; os Guerreiro foram representados por Joaquim Guerreiro e Isidro Antonio Guerreiro; os Wanderley contaram com Ambrósio Machado Wanderley e Joaquim José Wanderley. As autoridades também foram diversas com nomes

---

[387] APEB. Seção Colonial e Provincial. Religião – Santa Casa de Misericórdia da Barra do Rio Grande (1852 – 1879). Maço 5297.

[388] APEB. Seção Colonial e Provincial. Governo da Província: Saúde (Hospitais) – 1823 – 1883. Hospital de Caridade da Vila da Barra do Rio Grande. Maço 5390.

como Abílio Cezar Borges, Benedicto Mariano Rio-Grande, Francisco Marques de Almeida, José Freire Maia Bittencourt, José Gregório dos Santos, Luiz Vianna entre outros. (SILVA, ARAS, 2021)

Abílio Cezar Borges foi vacinador em Barra em 1851, serviu interinamente como promotor público da comarca do rio São Francisco em 1852, foi vereador e presidente da câmara em Barra entre 1853 e 1855 e na Santa Casa de Misericórdia foi Membro da Mesa Administrativa e tesoureiro. Francisco Marques de Almeida foi padre na Freguesia de São Francisco das Chagas entre 1870 e 1878, foi vereador entre 1857 e 1863 (exercendo a presidência em alguns anos) e na Santa Casa foi membro da mesa administrativa entre 1861 e 1875 sendo tesoureiro entre 1870 e 1871 e provedor interino em 1875. José Freire Maia Bittencourt foi promotor público da comarca do rio São Francisco entre 1863 e 1866, vereador em Barra entre 1869 e 1872, vacinador em Barra em 1869 e na Santa Casa de Misericórdia foi membro da Mesa administrativa e provedor em 1856 e médico da instituição em 1870. Ele foi formado em medicina na Faculdade de Medicina da Bahia após defender a tese em 1853.[389]

Conforme podemos observar pelo perfil brevemente apresentado, os membros das elites locais e as autoridades estavam presentes na administração da Santa Casa de Misericórdia da Vila da Barra. O perfil das autoridades era diversificado contando desde vereadores até militares, padres e juízes. Como já expressamos, a irmandade era uma importante instituição para a sociabilidade das elites, bem como para reforçar uma imagem benevolente perante a sociedade. Esses espaços permitiam a formação de redes diversas como as redes de apoio político ou redes de poder que serviam não só para as famílias politicamente dominantes na região, como também para as autoridades como Thomaz Garcez Paranhos Montenegro que teria ali um espaço para costurar alianças políticas.

Espaços como irmandades, clubes e lojas maçônicas serviam para a sociabilidade das elites e para fomentar debates e performances políticas. As ações de caridade, festas, bailes e missas ganhavam sentido oportunista para as manifestações dos indivíduos que circulavam nas esferas de poder político e social. Simone Ramos Marinho explicou a relevância de instituições e espaços como os mencionados ao tratar do *Club Rio Contense*, no começo do século XX, como uma instituição promotora das práticas de sociabilidade e, consequentemente, de formação de laços e redes de apoio político:

---

[389] A informação sobre a formação acadêmica de Bittencourt, encontramos em MEIRELLES, Nevolanda; SANTOS, Francisca da; OLIVEIRA, Vilma Lima Nonato; LEMOS-JÚNIOR, Laudenor P.; TAVARES-NETO, José. (2004).

> A convivência no Club Rio Contense estreitava as relações familiares, assim como propiciava a reprodução social da elite. Neste espaço de sociabilidade, além da caridade e instrução, também ocorriam festas e bailes, nos quais, além da discussão política, eram trocados os primeiros olhares entre os casais que, provavelmente, se formaram neste ambiente. (MARINHO, 2017, p. 118)

As ações relacionadas com os cuidados com a saúde lideradas pela Santa Casa de Misericórdia teriam muita mais relação com uma prática paternalista associada com os gestos de caridade do que com um direito social de acesso à saúde pública, conforme explicado por Cláudia Tomaschewski. (2007, p. 16) Além disso, Tomaschewski reforçou que a assistência aos mais pobres foi muito mais uma responsabilidade moral dos mais ricos do que necessariamente uma responsabilidade do Estado. (2007, p. 148)

Não temos notícias de existência de clubes em Barra no século XIX. Também não encontramos vestígios sobre a presença de lojas maçônicas em Barra durante o período monárquico. Segundo o livreto comemorativo dos 70 anos da Loja Fraternidade, Amor e Justiça houve uma tentativa de instalar uma loja em 1880 mas que não teria tido uma vida longeva. (FRATERNIDADE, AMOR E JUSTIÇA, 2017, p. 08) Aparentemente, as irmandades talvez tenham desempenhado este papel de espaço de sociabilidade quase que exclusivamente. Além da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia da Vila da Barra, encontramos registros sobre a existência de outras irmandades como a de Nossa Senhora do Rosário - que contou com escravos na sua mesa administrativa e com figuras como Ambrósio Machado Wanderley. (OLIVEIRA, 2017, p. 30 – 32)

A construção do novo hospital era o principal desafio de Thomaz Montenegro. Em 26 de maio de 1871, o novo Hospital de São Pedro de Alcântara foi inaugurado. Um relatório foi publicado em 1872 com o título "Relatório apresentado aos irmãos da Santa Casa da Misericórdia da Villa da Barra do Rio Grande e lido na sessão geral do dia 26 de maio de 1871, por ocasião da abertura do hospital em um novo edifício".[390] Neste documento, além da narrativa de Montenegro sobre a construção do novo prédio, temos alguns discursos de indivíduos de partidos políticos opostos como Benedicto Mariano Rio-Grande.

---

[390] Agradeço a Flávio Dantas Martins por ter disponibilizado acesso.

Figura 04: Prédio do antigo Hospital de Caridade de São Pedro da Vila da Barra

Legenda: Prédio onde funcionou o Hospital de Caridade de São Pedro da Vila da Barra após a inauguração em 1871. Atualmente é sede da Loja Maçônica Fraternidade, Amor e Justiça na cidade da Barra. Rua D. João Muniz, Barra-BA. Fotografia: Rafael Sancho Carvalho da Silva. 06 fevereiro de 2020.

A celebração de inauguração foi uma grande oportunidade para não só reforçar a imagem de benfeitor dentro da comunidade na qual Montenegro estava inserido, mas também para se posicionar politicamente diante de algumas questões nacionais. Durante a missa comemorativa, Thomaz Garcez Paranhos Montenegro e sua esposa, D. Thomasia Josephina de Mesquita Montenegro, alforriaram o ventre da sua escrava chamada Gualberta. Esse gesto fazia parte da performance política do casal Montenegro envolvendo não só a sociedade em Barra, mas também as relações paternalistas com sua escrava e os debates em torno da Lei do Ventre Livre.

Thomasia Montenegro desempenhou um papel importante na performance política do marido. Num discurso proferido em 1º de junho de 1871, Lourenço Justiniano de Azevedo destacou não só a alforria do ventre da escrava Gualberta como a doação feita por Thomasia Montenegro de uma imagem de São Pedro esculpida por um morador de Barra chamado

Benedicto Antonio dos Santos.[391] O nicho que abrigou a imagem foi feito por outro morador de Barra, o alferes José Rodrigues de Araujo Tafullo.[392]

Figura 05: Imagem de São Pedro

Legenda: A imagem de São Pedro e o nicho fazem parte do acervo da Loja Maçônica Fraternidade, Amor e Justiça. A escultura e o nicho não foram retirados do prédio pelos proprietários anteriores. Referências: SANTOS, Benedicto Antonio dos. **São Pedro**. 18[??]. 01 escultura colorida doada em 1871 ao Hospital de Caridade de São Pedro, Barra, Bahia. Sob guarda da Loja Maçônica Fraternidade Amor e Justiça. TAFULLO, José Rodrigues de Araújo. **Nicho da imagem de São Pedro**. 18[??]. 01 nicho doado em 1871 ao Hospital de Caridade de São Pedro, Barra, Bahia. Sob guarda da Loja Maçônica Fraternidade Amor e Justiça. Fotografia: Rafael Sancho Carvalho da Silva. 07 de fevereiro de 2020.[393]

As contribuições do casal Montenegro foram recheadas de simbolismo como a doação da imagem do padroeiro do hospital, mas, talvez, a grande cena tenha sido a alforria que foi descrita não só pelo discurso de Lourenço Azevedo, mas também de Benedicto Mariano Rio-

---

[391] Benedicto Antonio dos Santos figurou entre os vereadores da câmara de Barra entre os anos de 1874 e 1880. Lourenço Azevedo apresentou Benedicto Santos como pintor e escultor de Barra. Ver AZEVEDO, Lourenço Justiniano de. A inauguração do hospital de caridade de S. Pedro Villa da Barra do Rio Grande. In.: MONTENEGRO, Tomas Garcez Paranhos. Relatório apresentado aos irmãos da Santa Casa da Misericórdia da Villa da Barra do Rio Grande e lido na sessão geral do dia 26 de maio de 1871, por ocasião da abertura do hospital em um novo edifício. Salvador: Typographia Constitucional, 1872. P. 55. Segundo Joana Camandaroba, Benedicto dos Santos foi autor de outras imagens sacras na região como as de Santa Rita em Santa Rita de Cássia e São João Batista em Barreiras. (CAMANDAROBA, 2011, p. 43)

[392] Tafullo figurou como vereador da Câmara de Barra entre os anos de 1850 e 1852. Ver AZEVEDO, Lourenço Justiniano de. A inauguração do hospital de caridade de S. Pedro Villa da Barra do Rio Grande. In.: MONTENEGRO, Tomas Garcez Paranhos. Relatório apresentado aos irmãos da Santa Casa da Misericórdia da Villa da Barra do Rio Grande e lido na sessão geral do dia 26 de maio de 1871, por ocasião da abertura do hospital em um novo edifício. Salvador: Typographia Constitucional, 1872. P. 55.

[393] Aproveitamos para agradecer à loja maçônica Fraternidade Amor e Justiça e, em especial, ao Sr. Dilson, pela gentiliza da permissão em acessar ao prédio e a contribuição com informações sobre a memória do hospital.

Grande. Azevedo descreveu a alforria do ventre de Gualberta como um gesto que realçava as “virtudes evangélicas”.[394] Rio-Grande, num discurso proferido na assembleia provincial em 26 de fevereiro de 1872, ressaltou o esforço e a velocidade em que as obras foram conduzidas por Thomaz Montenegro. Durante o seu discurso ele apresentou o gesto da alforria como uma cena a ficar marcada na memória de Barra:

> Sim, attestamos, aos menos, por esta forma, nós a geração presente aos vindouros, o quanto deve Barra ao virtuoso Dr. Montenegro, que pelos altos poderes publicos não deve ficar jamais esquecido; elle que em demonstração do seu grande regosijo pela abertura do hospital d’aquella santa casa de Misericordia levou sua caridade á ponto de associar á esse facto, já por si tão significativo e grandioso, a idea altamente humanitária de, com sua virtuosa esposa a exma. Sra. D. Thomasia Josephina de Mesquita Montenegro, libertar o ventre de sua escrava Gualberta![395]

Dessa forma, Thomaz Garcez Paranhos Montenegro reforçava vínculos paternalistas na região reforçando a imagem caridosa e humanitária junto à população de Barra. Foram trocas ritualísticas operada pelo casal Montenegro sendo a primeira o esforço pela condução e conclusão das obras do hospital de caridade. A segunda foi uma performance no qual o gesto foi descrito como condizente com as “virtudes evangélicas” e como “altamente humanitário”. Esses presentes, enquanto troca ritualística, firmava posição de poder e prestígio de Thomaz Montenegro na região. Dessa forma, nos embasamos em Marcel Mauss que ao explicar as retribuições de trocas de presentes destacou que elas são formas de contratos reais estabelecidos na sociedade:

> Diversos temas – regras e idéias – estão contidos nesse tipo de direito e de economia. O mais importante, entre esses mecanismos espirituais, é evidentemente o que obriga a retribuir o presente recebido. Ora, em parte alguma a razão moral e religiosa dessa obrigação é mais aparente do que na Polinésia. Estudemo-la em particular; veremos claramente que força leva a retribuir uma coisa recebida e, em geral, a executar os contratos reais. (MAUSS, 2003, p. 193)

Em relação a Gualberta a performance não era apenas para a comunidade na qual o casal Montenegro estava se apresentando, mas também, de acordo com Alessandra Pedro, este gesto formava uma rede clientelar com os descendentes da escrava que ampliava o poder senhorial.[396]

---

[394] AZEVEDO, Lourenço Justiniano de. A inauguração do hospital de caridade de S. Pedro Villa da Barra do Rio Grande. In.: MONTENEGRO, Tomas Garcez Paranhos. Relatório apresentado aos irmãos da Santa Casa da Misericórdia da Villa da Barra do Rio Grande e lido na sessão geral do dia 26 de maio de 1871, por ocasião da abertura do hospital em um novo edifício. Salvador: Typographia Constitucional, 1872. P. 53.

[395] RIO-GRANDE, Benedicto Mariano. Um juiz de direito modelo; ou o Dr. Montenegro, e o hospital de caridade da Villa da Barra do Rio Grande. In.: MONTENEGRO, Tomas Garcez Paranhos. Relatório apresentado aos irmãos da Santa Casa da Misericórdia da Villa da Barra do Rio Grande e lido na sessão geral do dia 26 de maio de 1871, por ocasião da abertura do hospital em um novo edifício. Salvador: Typographia Constitucional, 1872. P. 45 – 46.

[396] A performance do casal Montenegro foi analisada no artigo “Notas históricas sobre a assistência à saúde em Barra do Rio Grande, século XIX”. (SILVA, ARAS, 2021)

(PEDRO, 2009, p. 116) Por fim, é importante destacar que Thomaz Montenegro deixava público o seu posicionamento sobre a lei do Ventre Livre que, no período da inauguração do hospital, ainda não tinha sido aprovada.[397] (SILVA, ARAS, 2021, p. 165)

O discurso de Benedicto Mariano Rio-Grande[398] expressa um momento de trégua entre conservadores e liberais no sertão do rio São Francisco. Rio-Grande era do partido Conservador, enquanto Thomaz Montenegro possuía vínculos com os liberais. Ambos podem ter firmado laços durante a vivência na Santa Casa de Misericórdia. Este vínculo também pode ter ajudado Montenegro em outras costuras políticas no sertão do São Francisco.

Quando Thomaz Montenegro assumiu a comarca do rio São Francisco havia em Santa Rita do Rio Preto uma tensão entre Martiniano Rocha Guimarães Medrado, irmão de José da Rocha Medrado (já falecido quando Montenegro assumiu a comarca), e algumas autoridades regionais. Montenegro acusou, em 17 de dezembro de 1868, o delegado de Santa Rita, o Tenente Coronel Joaquim Muniz Pereira Serpa, de proteger Martiniano Medrado. Em 25 de outubro de 1869, a liberdade de ação de Martiniano Medrado foi novamente relatada por Montenegro que destacou que algumas autoridades como o subdelegado Leandro Pereira Bastos estavam ameaçadas de morte.[399]

Em 28 de março de 1870, Thomaz Garcez Paranhos Montenegro recomendou que o governo provincial adotasse medidas enérgicas com relação a Santa Rita. Montenegro também indicou, neste mesmo documento, Victor Modesto da Silva para servir como juiz municipal. Também fez boas menções aos suplentes do delegado de Santa Rita, Antonio Correia da Silva e Leandro Pereira Bastos. As duas parcialidades de Santa Rita teriam afirmado que eram "governistas" e, assim, afirmou que alimentar intrigas seria desnecessário.[400]

Thomaz Montenegro revelou, em 1º de maio de 1870, que Martiniano Medrado possuía o apoio do bacharel José Alfredo Machado que atuaria como protetor e ainda seria parente de

---

[397] A lei do Ventre Livre foi promulgada em 28 de setembro de 1871.
[398] Benedicto Mariano Rio-Grande teve uma longa carreira regional exercendo várias funções como examinador de Filosofia e Latim em 1845, vereador da câmara de Barra entre 1845 e 1849 (presidindo a câmara em 1849), juiz de paz entre 1855 e 1860, promotor público interino entre 1857 e 1859, 2º suplente de juiz municipal e de órfãos entre 1863 e 1865, Secretário da Câmara de Vereadores entre 1850 e 1867, inspetor paroquial de instrução pública em 1863, secretário geral da vila da Barra e de Santa Rita do Rio Preto em 1863, comissário de instrução pública da vila da Barra em 1865. Em 1872, ele era capitão secretário-geral da Guarda Nacional em Barra. Na Santa Casa de Misericórdia da vila da Barra, ele foi da mesa administrativa entre 1853 e 1861 sendo escrivão da irmandade entre 1854 e 1861.
[399] As duas correspondências são do mesmo maço: APEB. Seção Colonial e Provincial. Governo da Província: Judiciário - Juízes da Barra do Rio Grande (1831 – 1889). Maço: 2249.
[400] APEB. Seção Colonial e Provincial. Governo da Província: Judiciário - Juízes da Barra do Rio Grande (1831 – 1889). Maço: 2249.

Medrado.[401] José Alfredo Machado foi juiz de direito da comarca de Xique – Xique e era genro de Ernesto Augusto da Rocha Medrado, líder dos Pedras. (FERREIRA, 2008, p. 249) A rede de apoio político não dependia apenas da parentela ou de acordos com aliados dentro do município. Era preciso ampliar esta rede e buscar novas alianças não só para acumular capital político para barganhar com autoridades provinciais, mas também para garantir apoio nas investidas militares dos exércitos de jagunços.

A criação da comarca de Campo Largo em 1872 tirou Campo Largo e Santa Rita da jurisdição de Thomaz Garcez Paranhos Montenegro. Mas, é possível que, antes da criação da nova comarca, Montenegro tenha conseguido interferir junto ao governo provincial nas nomeações em Santa Rita. Em 04 de janeiro de 1873, o juiz de direito da comarca de Campo Largo, Antonio José de Amorim, solicitou apoio de uma força policial por conta da situação de Santa Rita estar fora de controle e que, para garantir a sua segurança e a da família, teve que sair de lá para Campo Largo. Amorim acusou o juiz municipal de Santa Rita, Victor Modesto da Silva e o delegado Antonio Correia da Silva de negligenciarem com a situação do preso Eufrázio Domingos do Passo que estaria na cadeia por um crime cometido em Campo Largo e sem ter ao tribunal de júri de Santa Rita. Além disso, Amorim acusou o juiz municipal e o delegado de estarem envolvidos em alguns crimes.[402]

A tensão aumentou no primeiro semestre de 1873 em Santa Rita. Antonio José Amorim escreveu ao presidente da província em 03 de julho de 1873 para relatar a situação. Segundo Amorim, sua vida foi salva de um atentado em Formosa (distrito de Santa Rita) pela prudência de alguns amigos e que dois grupos armados estariam em conflito na região sendo um deles vinculado ao subdelegado José Moreira. Antonio José Amorim também reclamou da falta de autoridade policial e que o 1º suplente do delegado de Santa Rita, Jacintho Lopes da Rocha, vivia em companhia de criminosos como Joaquim Barriga Verde.[403] As ações criminosas teriam como um dos líderes o juiz municipal Victor Modesto da Silva que foi acusado por Amorim de ser um dos responsáveis do atentado sofrido por ele.[404]

Antonio José Amorim prorrogou a correição por mais 30 dias por causa da situação em Santa Rita e em Formosa e solicitou garantias para seus atos como juiz de direito ao governo provincial. A trama também envolvia o presidente da câmara, Antonio Correia da Silva, que

---

[401] APEB. Seção Colonial e Provincial. Governo da Província: Judiciário - Juízes da Barra do Rio Grande (1831 – 1889). Maço: 2249.
[402] APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1873 – 1889). Maço: 2314.
[403] Na correspondência anterior, Antonio José Amorim apresentou Joaquim Barriga Verde como carcereiro.
[404] APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1873 – 1889). Maço: 2314.

não realizou a sessão em 07 de janeiro para não dar posse a vereadores como Silvano de Sousa Milhomem. Amorim, ao enviar o ofício com todos os relatos confiou a Milhomem para ser o portador e poder relatar ao presidente da província sobre a situação.

Antonio José Amorim acusou o colega da comarca do rio São Francisco, Thomaz Garcez Paranhos Montenegro de arquitetar com alguns vereadores de Santa Rita. Para Amorim, Montenegro estaria tramando contra ele e para isso era preciso algumas alianças como autoridades em Santa Rita. A aliança entre vereadores e Montenegro estaria tão bem amarrada que reuniões em Barra estariam sendo feita para organizar representações contra Antonio José Amorim. A rede formada, de acordo com Amorim, juntou o liberal Dr. Montenegro com os conservadores de Santa Rita que desde 1868 estariam no controle político. E esta rede contaria com autoridades na vila do Parnaguá no Piauí. Os agentes policiais identificado com os conservadores no rio Preto estariam incentivando a população a cometer crimes.[405]

Em 10 de julho de 1873, Antonio José Amorim se defendeu de uma representação enviada pelo juiz de paz de Santa Rita, Joaquim Correia da Silva, dizendo que ela era caluniosa e que Joaquim Silva não teria condições de fazer sozinho. Mais uma vez, Amorim acusou Montenegro de participar da trama e ter influenciado o juiz de paz. Amorim também confirmou que o presidente da câmara de Santa Rita, Antonio Correia da Silva, e o secretário da câmara, João Francisco Miranda Primo, teriam viajado para Barra para fazer uma reunião com Montenegro e que o teor seria a elaboração de uma representação.[406]

Em Santa Rita pesava uma resistência entre as autoridades contra o juiz de direito da comarca de Campo Largo. Entre eles estava o juiz de paz de Formosa, Manoel Felippe de Almeida, que acusou Amorim de ser um “gênio perseguidor”. O juiz de paz estaria sendo processado por crime de responsabilidade por ter matado alguns cães no arraial. Almeida se defendeu dizendo que a postura municipal proibia cães soltos e a presença de alguns bravos fez com que ele ordenasse um oficial executar os animais. Ele também disse que a filha de 07 anos foi mordida no rosto e, com raiva, foi matar o animal que pertencia a um cidadão chamado José Moreira da Rocha (apontado como amigo do subdelegado José Moreira da Cunha e Sousa). Ao procurar Amorim, Manoel Almeida foi recomendado a sair de Formosa. Com receio de voltar para casa diante dos processos, Almeida viajou para Barra e, quando chegou na cidade, recebeu a notícia da tentativa de sequestro de seus bens. A situação teria feito a sua esposa sofrer um

---

[405] *Ibid*.
[406] APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1873 – 1889). Maço: 2314.

abalo. Por fim, Almeida também acusou Amorim de ter facilitado o caminho para libertar o criminoso Eufrázio Domingues Passos que, por sua vez, circularia livremente na região.[407]

A rusga entre Thomaz Montenegro e Antonio Amorim teria como um dos motivos a relação deste com Martiniano Rocha Guimarães Medrado. Thomaz Montenegro, em 19 de julho de 1874, esclareceu ao governo provincial que Amorim havia feito um convite para ele presidir a sessão de júri em Santa Rita por conta da falta de um juiz formado.[408] Porém, no começo da viagem se sentiu mal e sugeriu a Amorim adiar a sessão. No final do documento, Montenegro acusou Amorim de ser cúmplice de criminosos e aliado de Martiniano Medrado.[409]

Os embates entre conservadores e liberais nem sempre estavam relacionados com os vínculos políticos e ideológicos dos partidos. Ao menos, no sertão do rio São Francisco isso pode ser observado através das rusgas nas quais Thomaz Garcez Paranhos Montenegro se envolveu. Outros confrontos regionais assumiram, em certa medida, um caráter de embate partidário.

Entre 1848 e 1854, na comarca de Urubu, o conflito dos irmãos Guimarães foi descrito como um confronto entre chimangos e caramurus. Nesse período, Antonio José Guimarães travou algumas lutas contra autoridades regionais e, entre elas, o próprio irmão José Antonio Guimarães. Em 1849, ele invadiu a vila de Urubu e, após derrotar o irmão, executou-o em plena rua. O juiz de direito da comarca de Urubu, João Antonio Sampaio Vianna,[410] chegou a afirmar em algumas correspondências que o conflito era resultado de uma rixa entre os dois irmãos negando ser um embate político. Porém, em algumas correspondências ele deixava escapar que se tratava de uma disputa política local ao acusar Antonio José Guimarães de sedição e narrar como seus aliados e adversários eram categorizados. (SILVA, 2017)

Numa das correspondências, João Antonio Sampaio Vianna afirmou que Antonio José Guimarães estaria chamando os adversários de “Caramurus” e aliados de “Chimangos”. Kátia Mattoso explicou que durante a regência, os Caramurus eram a tendência conservadora que defendia a restauração do poder de D. Pedro I e os Chimangos (Kátia Mattoso utilizou a grafia Chamangos) seriam os moderados que apoiavam o governo regencial. (MATTOSO, 1992, p. 234) (SILVA, 2017, p. 84)

---

[407] APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1873 – 1889). Maço: 2314.
[408] Antonio José de Amorim era juiz de direito interino na comarca de Campo Largo.
[409] APEB. Seção Colonial e Provincial. Governo da Província: Judiciário - Juízes da Barra do Rio Grande (1831 – 1889). Maço: 2249.
[410] João Antonio Sampaio Vianna foi, durante o período regencial, um importante agente da perseguição aos rebeldes da sabinada. (ARAÚJO, 2009b)

Os apelidos dos grupos políticos, certamente, continuaram em alguns lugares mesmo após D. Pedro II assumir o trono em 1840. A vinculação dos agrupamentos políticos regionais com partidos não possuía grande relação ideológica, mas sim, revela que os embates políticos regionais também arquitetavam costuras das redes de poder para fora da região. Os conflitos, portanto, estavam muito mais ligados às disputas pelo controle dos cargos públicos e do mando local. A separação de aliados e adversários entre chimangos e caramurus, liberais e conservadores, demonstrava que as lideranças locais entendiam a importância dos vínculos externos – como o poder provincial e nacional – ao ponto de estabelecer vínculos com uma formação partidária alheia às disputas locais.

Em Xique-Xique, Pedras e Marrões protagonizaram lutas sangrentas principalmente durante a década de 1870.[411] Os Pedras eram intitulados de liberais enquanto os Marrões eram apontados como conservadores. Segundo Elisângela Oliveira Ferreira, esses dois partidos foram fundados em Xique-Xique em meados da década de 1860 sendo os Marrões alinhados com os França Antunes e os Pedras com os descendentes do coronel Ernesto Augusto da Rocha Medrado:

> De meados dos anos 1860 à década seguinte, exercendo o cargo de juiz de direito da comarca de Xique-Xique, o genro do coronel Ernesto envolveu-se em diversos episódios violentos da política local, principalmente a partir da fundação das parcialidades políticas adversárias, Pedras, à qual se filiava, e Marrão, ligada aos França Antunes, fundadas em 1866, e que se intitulavam de liberais e conservadores, respectivamente. (FERREIRA, 2008, p. 82)

Em 1868, quando Thomaz Montenegro assumiu a comarca do rio São Francisco, marcou o fim da coalizão progressista. No lugar dela, foram formados dois partidos o novo Partido Liberal (1869) e o Partido Republicano (1870). (CARVALHO, 2014, p. 207) Porém, o antagonismo entre os partidos Liberal e Conservador ainda continuou persistindo no cenário nacional. Segundo José Murilo de Carvalho, os proprietários de terra estavam presentes em ambos os partidos. Os burocratas, junto com os donos de terra, eram a maioria no Partido Conservador. No Partido Liberal, os profissionais liberais e os proprietários de terra eram a maioria. Isso não quer dizer que não houvesse burocratas no Partido Liberal e profissionais liberais no Partido Conservador. (CARVALHO, 2014, p. 212) Vide Thomaz Montenegro que era liberal, mas também era um burocrata.

Os embates em Santa Rita do Rio Preto estão muito relacionados com a continuação do controle político através da força pelos membros dos Rocha Medrado. Porém, A parcialidade

---

[411] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência recebida da câmara Xique – Xique. Maço: 1279-1.

adversária teve habilidade suficiente para costurar aliança com o juiz de direito da comarca do rio São Francisco. Com a criação da comarca de Campo Largo, as articulações regionais ganharam outros contornos com as parcialidades das vilas da nova comarca buscando novos espaços de poder dentro dos cargos do Estado brasileiro. A vaga de juiz municipal, por exemplo, permitia ao ocupante exercer interinamente o juízo de direito quando este fosse vacante. Isso elevou as lutas, em especial, de Santa Rita do Rio Preto. A acusação de Antonio Amorim de que Montenegro (liberal) estivesse aliado aos conservadores no rio Preto demonstra bem como o nível da disputa política no sertão do São Francisco passava longe de qualquer debate ideológico ou programático dos partidos. O controle do mando local o movimento final no jogo político do sertão sanfranciscano.

Os vínculos partidários permitiam aos poderosos locais, através de quem estivesse no gabinete ministerial ou no governo provincial, melhorar sua posição no mando local a partir da ocupação de cargos públicos. A parcialidade adversária terminava sofrendo os efeitos de uma derrota no xadrez político com as perseguições dos vencedores. Por vezes, as armas terminavam servindo como mecanismo de reação dos derrotados.

Outro conflito entre conservadores e liberais no sertão do São Francisco foi em Macaúbas no final da década de 1870. Daiana Barbosa explicou que os liberais possuíam boas articulações com os correligionários em Salvador sendo eles formados por indivíduos de formação acadêmica e com laços de parentesco entre si. Os conservadores não possuíam grandes vínculos com políticos na província e seriam influenciados pelos correligionários de Urubu:

> Nesta vila havia dois grupos partidários, o liberal composto em sua maioria por homens com formação superior e ligados por parentesco; e o conservador, com menor número de componentes e sem vínculos explícitos com políticos da província. O grupo liberal, por sua vez, possuía correligionários na capital provincial, para os quais chegavam várias correspondências emitidas por membros do grupo, mesmo na capital imperial, as missivas dos liberais de Macaúbas serviram a imprensa para noticiar os conflitos da vila. As influências do grupo conservador estavam circunscritas à comarca de Urubu, onde habitavam e atuavam administrativamente e judicialmente correligionários seus. (BARBOSA, 2018, p. 59)

O conflito ocorreu entre 1878 e 1880 e as mudanças de gabinete terminava surtindo efeito e provocando conflitos como em Macaúbas onde a comemoração pela ascensão do gabinete liberal provocou uma série de ocorrências que gerou a prisão de liberais locais como o subdelegado Manoel Lourenço de Seixas. (BARBOSA, 2018, p. 71) Provavelmente, os

conservadores já imaginavam o fortalecimento da parcialidade adversária com a mudança na conjuntura nacional.

A vinculação partidária foi uma forma, portanto, de organização do poder regional. As alianças estavam muito mais passíveis de acontecer entre os líderes dos potentados do que necessariamente pelos vínculos partidários – mesmo que em algumas situações isso fosse possível. O uso da força das armas era um dos recursos disponíveis para as disputas pelo poder local. A liberdade de acesso às armas no sertão armou proprietários de terra que com um exército formado de jagunços lançavam-se em guerras contra parcialidades adversárias.

O uso dos jagunços era uma alternativa a ser usada sempre em que a posição de privilégio e de poder estivessem ameaçadas por adversários de parcialidades opostas. Este teria sido o caso de Luiz Vianna que em 1884 estaria ameaçando a cidade da Barra com jagunços para ser favorecido nas eleições para deputado geral. Luiz Vianna foi juiz de direito da comarca do rio São Francisco entre 1874 e 1881. Nesse tempo, também se integrou à Santa Casa de Misericórdia de Barra sendo membro da Mesa Administrativa a partir de 1876 e desse ano até 1877 foi provedor da irmandade. Em sete anos de comarca do rio São Francisco, foi o suficiente para estreitar laços com a elite regional. Como veremos mais adiante, Vianna estabeleceu aproximação com famílias poderosas politicamente e militarmente como os Mariani e os Magalhães em Rio das Éguas.

A aproximação de eleições provocava tensões regionais devido à forma de intervenção que poderia acontecer como as ameaças de ataques. Em 15 de setembro de 1884, o juiz de direito da comarca do rio São Francisco, José Manuel Cavalcanti de Almeida, comunicou ao presidente de província sobre a existência de boatos envolvendo a candidatura de Luiz Vianna para deputado pelo 14º distrito. Segundo Almeida, Luiz Vianna teria dito que o presidente da junta eleitoreira daria o diploma para ele independente do resultado. Segundo Almeida, Vianna teria partido no dia 07 de setembro da vila de Campo Largo para Rio das Éguas com o objetivo de se encontrar com o Capitão Severiano Antonio Magalhães (descrito como célebre) para conseguir jagunços. Ele já teria feito isso na eleição geral anterior quando cercou a cidade com cerca de 300 jagunços liderados pelo assassino Benedicto Teixeira. Por fim, Almeida solicitou reforço policial e perguntou se poderia adiar as reuniões devido ao clima de insegurança.[412]

[412] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Rio São Francisco – 1872 – 1889. Maço: 2569.

Severiano Antonio Magalhães foi delegado e suplente de juiz municipal e de órfãos em Rio das Éguas, comarca de Carinhanha. Em 1878, após uma série de denúncias acerca de atos ilícitos em Rio das Éguas[413] e por ter servido, em 1876, como atravessador na negociação de compra de uma escrava chamada Mauricia separando-a das filhas que tinham menos de 02 anos de idade. Ele, no final da década de 1870 e começo dos anos 1880, realizou uma série de ataques em Rio das Éguas e no povoado do Porto de Santa Maria[414] mobilizando jagunços para enfrentar a parcialidade adversária. Mesmo após julgamento e acusações diversas dos adversários, Magalhães conquistou posto de Comandante Superior da Guarda Nacional em Rio das Éguas. (SILVA, 2017, p. 128 – 138) Na mudança para a República após 1889, ele permaneceu como um coronel na região sendo o primeiro intendente de Correntina. (BAIANO, 1996) (MAGALHÃES FILHO, s/d)[415] Sua capacidade de liderar jagunços rendeu muitas invasões, principalmente em Santa Maria como também foi rememorada na obra Porto Calendário de Osório Alves de Castro (2017).[416]

Severiano Magalhães possuía relações fora da comarca de Carinhanha numa teia que chegava a lugares como Campo Largo e, pelo visto, em Barra. Possivelmente, sua participação no tráfico interprovincial de escravos pode ter reforçado laços como no povoado de Várzeas que pertencia à vila de Campo Largo. Severiano Magalhães serviu como procurador, em Rio das Éguas, de Agostinho José de Souza que era morador no arraial de Santo Antonio das Várzeas[417] em Campo Largo. Souza havia passado procuração, em 1877, para Magalhães poder comercializar a escrava Antonia.[418] Ele também foi procurador de Geltrudes Maria de Souza na venda de uma propriedade para o Tenente Martiniano Ferreira Caparrosa em 28 de fevereiro de 1883.[419] Como exposto, Severiano Magalhães estava circulava na comarca de Campo Largo e, possivelmente em Barra, com laços aproximados com diversos agentes sociais.

Outra denúncia foi levada ao governo provincial em 18 de setembro de 1884 pelo juiz José Manuel Cavalcanti d'Almeida. Dessa vez era sobre a interferência do juiz municipal e de

---

[413] Atual Correntina.
[414] Atual Santa Maria da Vitória.
[415] Agradeço a Hermes Novais Neto pelo acesso à obra de Francisco Magalhães Filho.
[416] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Rio das Éguas (1848 – 1889). Maço: 2563. APEB. Seção provincial e colonial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência recebida da câmara de Rio das Éguas (1866 – 1880). Maço: 1392.
[417] Atual distrito de Várzeas do município de Baianópolis.
[418] Cartório Silva Pereira - Baianópolis. Cartório de Várzeas. Livro de notas do escrivão de Paz – Procurações. P. 50R – 50V.
[419] Cartório Silva Pereira - Baianópolis. Cartório de Várzeas. Livro de notas do escrivão de Paz. P. 13R – 16V.

órfãos Pedro Mariani Júnior que foi identificado como membro dos conservadores local e que teria rompido com a orientação dada pelo partido para se abster nas eleições.[420]

Pedro Mariani Júnior era neto de José Mariani e filho do Coronel Pedro Mariani com Antonia Mariani Wanderley (irmã do Barão de Cotegipe). (TELLES, 2003, p. 71 – 72) Ele atuou na vida pública como vereador da vila da Barra entre 1845 e 1873 – sendo presidente em alguns mandatos -, foi juiz de paz (1861) e 3º suplente de juiz municipal e de órfãos (1866). Também foi membro da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia da Vila da Barra em 1852. Pedro Mariani Júnior era formado em Direito em São Paulo (TELLES, 2003, p. 71) (CAMANDAROBA, 2011, p. 189). Em Barra foi juiz municipal e de órfãos entre 1880 e 1885 e assumiu interinamente o cargo de juiz de direito, nos momentos de vacância, entre 1882 e 1886. Segundo Joana Camandaroba, ele também foi juiz de Direito em Fiscina na província de São Paulo em 1886 e foi conselheiro e presidente do Tribunal de Apelação e Revista entre 1882 e 1889. (2011, p. 189) Após a Proclamação da República, Pedro Mariani Júnior continuou politicamente atuante e alcançou outros postos como Chefe de Polícia do Estado da Bahia (NOVAES, 2021, p. 67)

Luiz Vianna, pelo visto, costurou alianças importantes com famílias influentes como os Mariani, através de Pedro Mariani Júnior, e os Magalhães de Rio das Éguas. Não era apenas a força dos cargos ocupados, mas o prestígio social que alguns deles possuíam e a capacidade de mobilizar exército de jagunços para pressionar os adversários. Em 24 de setembro de 1884, o juiz José Manuel Cavalcanti de Almeida voltou a reclamar dos boatos de que Luiz Vianna, apontado por Almeida como líder dos conservadores, estaria organizando ações com jagunços em Barra. Em outro documento do mesmo dia, Almeida responsabilizou, por antecedência, Luiz Vianna caso acontecesse algo com sua vida já que os aliados de Vianna estariam ameaçando o juiz de direito.[421]

Ainda em 24 de setembro de 1884, José Manuel Almeida enviou uma terceira correspondência ao governo provincial para denunciar as ações de Luiz Vianna e Pedro Mariani Júnior em Barra. A saga de Almeida contra Vianna e Mariani Jr dessa vez contava com uma denúncia de perseguição a um liberal de Barra. Modesto Euxino de Souza foi escrivão por longos anos em Barra e foi afastado do cargo por Luiz Vianna (quando era juiz de direito da comarca do rio São Francisco) em aliança com Pedro Mariani Jr., segundo José Manuel

---

[420] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Rio São Francisco – 1872 – 1889. Maço: 2569.

[421] As duas correspondências estão no mesmo maço: APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Rio São Francisco – 1872 – 1889. Maço: 2569.

Almeida. Isso teria ocorrido graças ao vínculo de Modesto Euxino com os liberais. Para seu lugar foi nomeado interinamente Joaquim José da Silva Paz com o compromisso de não pagar nada ao antigo serventuário que estava nomeado no cargo de forma vitalícia. José Manuel Almeida explicou que Modesto Euxino de Souza solicitava o pagamento de 1/3 dos vencimentos por causa dos anos em que trabalhou como escrivão e que ele estaria aleijado das duas pernas, cego e vivendo na pobreza com numerosa família.[422] O controle dos cargos menores fazia parte das ações paternalistas dos potentados locais em garantir aos membros de sua parentela alguns uma ocupação remunerada ao mesmo tempo em que estrangulava a força política da parcialidade adversária.

A aproximação das eleições marcadas para 1º de dezembro de 1884 foi acompanhada do aumento das tensões e da circulação de homens armados na região. José Manuel Cavalcante de Almeida, em 10 de novembro de 1884, informou ao governo provincial que, junto com o delegado alferes Tertuliano Ramos de Queiros, avistaram os jagunços atravessando o rio num paquete. Segundo Almeida, eles estariam seguindo para Xique – Xique e eram em torno de 50 homens liderados por José Martins Bastos e Nascimento, conhecido como Gatão. Este grupo teria sido escolhido por Luiz Vianna e pelo padre Antonio Joaquim de Abreu com o apoio do deputado provincial capitão Antonio Joaquim de Magalhães.[423]

Luiz Vianna demonstrava boa articulação ao revidar os ataques de José Manuel Almeida com a publicação de um texto intitulado “O dr. Luiz Vianna ao governo, aos tribunaes judiciarios do paiz e ao publico” na edição de 20 de novembro de 1884 do Gazeta da Bahia. O texto foi assinado em Barra em 30 de outubro de 1884, mas só publicado em novembro. Vianna acusa o seu adversário Marcolino Moura[424] de tramar contra ele e não só nas eleições. Segundo Luiz Vianna, sua vida estaria ameaçada por Marcolino que teria apoio dos antigos aliados de Militão França Antunes.[425]

---

[422] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Rio São Francisco – 1872 – 1889. Maço: 2569.

[423] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Rio São Francisco – 1872 – 1889. Maço: 2569.

[424] Marcolino Moura era membro do partido Liberal e, ao final da guerra do Paraguai, participou da comissão do seu partido que acompanhou o desembarque do 46º corpo de voluntários da pátria em Salvador. (RODRIGUES, 2001, p. 131) Em 1867, ele estava como Tenente-Coronel Comandante do 22º Corpo de Voluntários Baianos realizando o alistamento em Barra e em Campo Largo para a Guerra do Paraguai. Ver APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1830 – 1884). Maço: 2313; APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: correspondência recebida da câmara da Barra do Rio Grande (1854 – 1888). Maço: 1259.

[425] VIANNA, Luiz. O dr. Luiz Vianna ao governo, aos tribunaes judiciarios do paiz e ao publico. **Gazeta da Bahia**. Salvador. Nº 267. 20 de novembro de 1884. P. 02. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/213454/6349 >, acesso em 06 maio 2021.

Esta denúncia de Luiz Vianna também faz referência ao período em que ele foi juiz de direito da comarca do rio São Francisco. Em 1881, Vianna apresentou algumas queixas ao governo provincial sobre as investidas de Marcolino Moura e Albuquerque que junto com o Tenente Coronel Manoel Martiniano de França Antunes organizaram tropas de jagunços para invadir a cidade de Barra para destruir a mesa apurada das eleições para deputado geral.[426] O padrão de denúncias e de ação em 1881 é semelhante ao de 1884: o juiz de direito acusa o adversário de estar com um grupo armado para invadir a cidade e a ação conta com a reunião de capangas para atacar Barra durante a apuração eleitoral.

De acordo com o juiz José Manuel Cavalcanti de Almeida, em 23 de dezembro de 1884, as eleições terminaram ocorrendo tranquilamente mesmo com a presença de "capangas" (termo utilizado por ele) liderados por Luiz Vianna. O eleito no 14º distrito foi o liberal Dr. Marcolino Moura e Albuquerque, porém a apuração foi realizada sob temor de invasão dos homens armados levados por Luiz Vianna que era o candidato conservador do Barão da Vila da Barra. Segundo Almeida, as informações cedidas pelo escrivão de paz Francisco Rodrigues Porto, coletor geral e provincial João Lucas de Souza Viçosa e Joaquim Leão da Silveira, Delegado de Polícia Alferes Tertuliano Ramos de Queiros entre outras pessoas, foi fundamental para evitar o ataque. Além disso, Almeida contou com a força pública estacionada em Xique – Xique para garantir a segurança. Ainda assim, no dia 20 de dezembro, Luiz Vianna entrou na cidade da Barra com os capangas liderando junto com um indivíduo chamado Benedicto Teixeira que era de Remanso. A entrada teria sido motivada por uma confusão na frente da casa de Pedro Mariani Júnior.[427]

A confusão foi por conta de um preso que escapara dos soldados e se abrigara na casa de Pedro Mariani Júnior. O preso estava sendo conduzido para a cadeia junto com outro cúmplice de um espancamento de uma mulher na rua do Rosário. Eles foram capturados em flagrante. Ao passar na frente da casa de Pedro Mariani Jr., um deles conseguiu escapar e aproveitou do clima tenso entre as autoridades para conseguir guarita. O conflito com os capangas da casa de Mariani Júnior foi evitado com a chegada do alferes Augusto Cesar Gaspar. A tropa de Luiz Vianna e Teixeira partiram para a ação em defesa de Mariani Jr., porém, Almeida afirmou que a presença de Gaspar e das autoridades teriam intimidado e acalmado a

[426] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Rio São Francisco – 1872 – 1889. Maço: 2569.
[427] APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Rio São Francisco – 1872 – 1889. Maço: 2569.

situação. O alferes Gaspar ficou em Barra até 22 de dezembro quando retornou para Xique – Xique.[428]

A narrativa de José Manuel de Almeida procurava convencer ao presidente da província, o conservador Esperidião Barros Pimentel,[429] do perigo que Luiz Vianna e seus aliados representavam. O nome de Marcolino Moura sequer apareceu nas suas correspondências. Coube a Luiz Vianna denunciar no Gazeta da Bahia lembrando que a rivalidade com Moura era desde 1881. É possível que Almeida tenha exagerado nas suas redações, porém, o uso de jagunços e as alianças entre as elites e autoridades eram recorrentes no sertão do rio São Francisco. Por vezes, o papel das autoridades era de convencer ao presidente da província de que era preciso aumentar a força policial e possibilitar intervenções na região. Desse modo, as autoridades regionais estabeleciam o diálogo institucional com o presidente da província, mas não sem deixar de levar adiante o combate contra a parcialidade adversária.

O uso das armas e tropas particulares faziam parte das estratégias de dominação política e social por parte das elites sanfranciscanas. Isso reduzia a força dos agentes do Estado em alguns lugares e era bem conhecido por diversas autoridades. A livre circulação de armas que abastecia os exércitos particulares de jagunços dos potentados provocou uma série de desequilíbrios de forças políticas e intervenções por parte de lideranças locais. Preocupado com isso, o Chefe de Polícia da província da Bahia, João Maurício Wanderley, em 05 de maio de 1852, alertou ao presidente da província, Francisco Gonçalves Martins, sobre a facilidade da circulação de armas no sertão sendo elas compradas de forma barata e sem função atribuída para a caça. (SILVA, 2017, p. 68 – 69) Wanderley, como bom conhecedor das lutas de família do sertão do rio São Francisco, sabia que para o Estado brasileiro era difícil disciplinar e controlar as elites regionais armadas. Esta realidade perdurou na história brasileira por bastante tempo e arriscamos a dizer que está adaptada atualmente aos grupos milicianos e empresas de segurança de grandes proprietários e grileiros nos rincões do país.

A força das autoridades regionais dependia em grande medida dos laços estabelecidos com as parcialidades hegemônicas na região. Eles terminavam sendo agentes das lutas políticas locais utilizando as denúncias como forma de legitimar as ações repressivas contra as parcialidades adversárias. A força política do Estado Imperial era regionalmente frágil, uma vez que ela servia de instrumento de legitimidade das ações de afirmação de poder da parcialidade

---

[428] *Ibid*.

[429] Wagner Cardoso Jardim apresentou Esperidião Barros Pimentel como um membro do partido Conservador. Pimentel foi presidente da província do Rio Grande do Sul entre 1863 e 1864 e sofreu forte oposição dos liberais que haviam triunfado nas eleições para a assembleia provincial em 1862. (JARDIM, 2020, p. 42)

que estava na condição dirigente. O uso das armas cabia a ambos, sendo aqueles apartados do controle das decisões os que por vezes recorriam às tropas particulares para impor derrotas aos inimigos por meio da força, conforme analisamos em pesquisa anterior:

> As disputas políticas locais podiam provocar um rompimento de parte da elite que recorreria às armas para reaver os postos de exercício do poder local. Isso não só provocaria e demonstraria a instabilidade política imperial no âmbito regional como explicita o quão a ordem almejada pela fração da elite que controlava o poder central ainda estava distante de ser alcançada. (SILVA, 2017, p. 66)

Como vimos, não era apenas a parcialidade derrotada que recorria ao uso da força bélica. Os grupos triunfantes faziam valer do mesmo poderio como parte do controle territorial e regional. Nesse sentido a força econômica e política se juntava com a força simbólica do prestígio social e a força militar privada e institucional para impor não só o controle sobre os adversários, mas também para impor sua condição dirigente e opressiva perante as camadas subalternas da sociedade.

Os arranjos regionais possuíam elementos de ligações políticas dos mais diversos: desde as relações familiares e de compadrio, até outras costuras como as relações comerciais, representativas (no caso dos procuradores) e eleitorais. A troca de favores, por vezes originada em ações de caridade, estabelecia laços paternalistas não só com indivíduos das camadas subalternas, mas também entre as autoridades e elites regionais. Dentro disso, os vínculos de amizade também eram vínculos políticos que aumentavam a capacidade militar a partir de laços diversos constituídos no cotidiano dos jogos políticos no sertão.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda noite no sertão
Canta o João Corta-Pau
A coruja mãe da lua
A peitica e o bacurau

Na Alegria do inverno
Canta sapo, gia e rã
Mas na tristeza da seca
Só se ouve acauã
Só se ouve acauã
(DANTAS, s.d., faixa 03)

O sertão é uma espacialidade construída no projeto colonizador e, consequentemente, sua concepção está atrelada ao colonialismo. Espaço de fronteira e de vazio civilizatório de acordo com a perspectiva eurocêntrica de sociedade. A sua ocupação por parte do Estado português e, posteriormente, do Estado brasileiro levou em consideração a preocupação com a organização e disciplina da sociedade aos moldes do pensamento europeu.

A violência das camadas dominantes foi um dos componentes desta ocupação e das relações de poder que foram forjadas por séculos e perdurou mesmo após a consolidação dos agentes colonizadores luso-brasileiros após o processo de invasão. O processo de independência permitiu a consolidação de algumas famílias como lideranças regionais nas quais as autoridades, sejam elas do Império português ou do recém independente Estado brasileiro, deveriam se aliar ou optar, pessimamente, por fazer oposição.

O Brasil Império reelaborou a interpretação sobre os sertões, mas manteve a perspectiva eurocêntrica de sociedade e civilização. Os sertões eram encarados com preocupação por representarem o espaço da ação da barbárie ao mesmo tempo em que se vislumbrava possibilidades de aproveitamento econômico dentro a perspectiva de avanço dos ideais civilizatórios da elite Imperial.

Os anos que se seguiram no primeiro reinado foram de profundas mudanças no sertão do rio São Francisco: Entre 1824 e 1827, a comarca do rio São Francisco – margem esquerda do Pau da História até o rio Carinhanha – saiu de Pernambuco e foi transferida para Minas Gerais, em 1824, e depois para a Bahia, em 1827. A distribuição dos cargos e interferência do Estado Imperial ainda eram limitadas, permitindo o controle político dos potentados com maior força. A insegurança política no sertão do São Francisco ganhou pulso a partir da regência.

As inquietudes do período regencial atingiram o sertão do São Francisco com a circulação de papéis considerado pelas autoridades como “exaltados”, o medo e a vigilância aos escravizados foi intensificado após a revolta dos Malês em 1835, autoridades regionais ameaçaram adesão aos rebeldes da Sabinada e a Balaiada esteve na fronteira movimentando vilas e arraiais como Barra, Pilão Arcado, Santa Rita do Rio Preto e Formosa. A adesão à Sabinada terminou sendo um episódio atrapalhado no qual as autoridades que não se envolveram trataram de rapidamente agir contra os participantes do levante. No caso da Balaiada, as autoridades sanfranciscanas foram colaborativas com as ações repressivas e a comarca do rio São Francisco foi uma importante base de apoio para as Forças Expedicionárias, principalmente para os combates no sul do Piauí.

O fim da regência marcou no sertão do São Francisco o acirramento das disputas regionais. As reformas legislativas como a Interpretação do Ato Adicional (1840) e a Reforma Judicial (1841) reduziram a força municipal e a autonomia provincial, mas não impediu que as nomeações hierarquicamente centralizadas a partir do Rio de Janeiro. Isso mudou a configuração do controle dos cargos que exerciam mais poder de decisão. As disputas por nomeações de aliados ou pelo alinhamento com juízes e padres originários de fora do sertão do São Francisco reforçou antigas rixas assim como renovou novas rivalidades acirrando as disputas pela influência dos cargos públicos.

As disputas pelo controle do mando envolviam não só o controle social sobre corpos negros, indígenas, mas também ciganos e brancos pobres. Além disso, era preciso manter um apoio legitimador para as ações contra as parcialidades derrotadas em várias disputas regionais. A função das autoridades, portanto, iria muito além de representar o Estado brasileiro e conduzir as normas sociais e culturais da elite política Imperial para os diferentes rincões. Havia uma outra função que fugia do controle dos centros de decisão nacional e provincial – Rio de Janeiro e Salvador – que era a disputa do mando local. Porém, isso não era construção isolada, afinal, as elites regionais possuíam alianças externas, bem como as autoridades nomeadas também faziam parte dos jogos de poder e possuíam, muitas delas, interesses em progredir na carreira burocrática e política. Alianças regionais diversas foram costuradas e o exercício do cargo terminava sendo importante não só para reforçar laços políticos com aliados, como também para construir futuras base de apoio e, por fim, para reforçar o treinamento burocrático para aqueles que almejavam novas escaladas na hierarquia do Estado Imperial.

O que as autoridades executavam, ou tentavam executar, no sertão do rio São Francisco era o controle espacial que, por sua vez, era um dos elementos fundamentais para o exercício

do poder do Estado nacional. Elas desempenhavam (e desempenham) uma função de representante do Estado e, dessa forma, terminam por exercer a força de controle e disciplina diante não só da população, mas também do território. Porém, não há autoridade sem consenso das forças políticas que ocupam a direção do Estado como também sem diálogo com os potentados locais, conforme exposto.

Na encruzilhada entre o Rio de Janeiro e as famílias poderosas locais estavam as autoridades instituídas pelo Estado. Com certo limite de homogeneidade, os potentados faziam parte das camadas dirigentes do país. Assim, a suposta neutralidade dos agentes públicos servia para disciplinar os dissidentes ou rivais e evitar um aumento de fragmentação sob as rédeas dos setores mais fortes dessa camada. O controle sobre as camadas subalternas, o combate aos modos de vida que rompiam com a lógica eurocêntrica do projeto civilizacional do Brasil oitocentista e a atenção com as ameaças à unidade territorial eram elementos constantemente presente no sentido das ações de juízes, delegados e vereadores.

Podemos considerar um triângulo de poder nas relações sociais no sertão do rio São Francisco: no primeiro vértice estão as famílias poderosas regional; no segundo vértice estão as autoridades regionais; no terceiro vértice estão as camadas subalternas. Os dois primeiros vértices estão mais próximos entre si e é entre eles que as principais alianças e disputas políticas eram travados.

O primeiro vértice estão as famílias poderosas do local que exerciam o mandonismo e construíam alianças com diferentes famílias e grupos sociais na região. As principais rivalidades regionais estavam dentro deste vértice. A força política era medida não só pela capacidade de movimentação de homens armados, mas também pelo controle de cargos através de membros da parentela, que ocupariam as diferentes funções públicas, e pela aliança com autoridades nomeadas pelo governo Imperial e provincial. Formar membros da família em cursos acadêmicos, principalmente em Direito, era um passo importante para a ampliação da força política, bem como de alianças externas.

A força privada das armas e dos exércitos de jagunços eram dois elementos importantes na constituição do mando local, assim como o prestígio social, poder econômico, posse de terra e articulações políticas com autoridades regionais, provinciais e nacionais. Por vezes, o Estado brasileiro não tinha grande capacidade para enfrentar o poder bélico das lideranças sertanejas como foi o caso de Militão Plácido França Antunes. A capacidade de engajar gente armada nas hostes dos França Antunes em Pilão Arcado, José da Rocha Medrado em Santa Rita do Rio Preto, Pedro Neris Prado em Campo Largo, Antonio José Guimarães em Urubu, Severiano

Magalhães em Rio das Éguas, os Bundões de Xique – Xique e Chico Rocha e Sá Neco em Carinhanha e Januária (Minas Gerais) representava uma grande dificuldade para o Estado Imperial conter as exagerações de parte de indivíduos oriundos da classe senhorial. A fácil circulação das armas combinada com o poder econômico e grande parentela permitia a muitos mandões confrontarem oficiais de justiça e autoridades vinculadas a seus rivais. Do mesmo modo que servia de instrumento de repressão e perseguição a indivíduos das camadas subalternas que não estivessem na esfera das relações paternalistas.

No segundo vértice estavam as autoridades regionais dos diversos cargos. Eles podem ser divididos em diferentes grupos sendo que grosso modo dividiremos entre judiciários, eclesiásticos, militares e municipais – dentro desses grupos existem instâncias com maior força política e outras com menor peso de decisão. As autoridades não eram peças meramente passivas no tabuleiro do xadrez político do sertão do São Francisco. Eles participavam da costura das alianças políticas e colaboravam com o controle e disciplina social na região. As autoridades exerciam o poder mediante o diálogo com os potentados – o que não era garantia de força política, principalmente se eles estivessem aliados à parcialidade fragilizada ou derrotada nas disputas (eleitorais ou conflito armado). Por vezes, os componentes desse vértice do triângulo também eram do primeiro vértice, afinal, as famílias dominantes conseguiam enviar alguns filhos para estudar em Recife, Salvador, São Paulo ou Rio de Janeiro. Sem contar a força eleitoral que permitia o acesso aos cargos de vereador, deputados provincial e geral, senador e juiz de paz.

Mesmo que a Interpretação do Ato Institucional e a Reforma judiciária de 1841 tenham reduzido a força da autonomia provincial e, consequentemente, da regional, os ocupantes dos cargos públicos ainda permaneceram, em certa medida, no limite do diálogo entre o poder central e o poder regional. Os juízes de Direito muitas vezes chegavam com algum alinhamento costurado pelas diversas relações que as redes políticas permitiam.

A elite política provincial, o presidente de província (nomeado pelo governo central) e os potentados locais possuíam capacidade de diálogo que era construída por articulações diversas de uma rede elaborada em variadas situações como as relações familiares e comerciais, formação acadêmica, apoios eleitoreiros e parcerias militares firmadas em diversos momentos de tensão desde as lutas de independência. Este segundo vértice do triângulo é a presença do Estado brasileiro nos sertões, porém, ele também é a fragilidade deste mesmo Estado em por freios em algumas exagerações das elites regionais. Por outro lado, o Estado Imperial absorvia esses mandões e servia de terreno de disputas entre as parcialidades.

Sejam os cargos municipais – mais suscetíveis aos desejos do mando local -, sejam os cargos centralizados – de escolha do Estado brasileiro -, todos estavam em certa medida numa condição de negociação e alianças. Medir forças era alternativa apenas para quem já havia se aproximado de alguma parcialidade. Nesse entremeio temos os conflitos de autoridades locais que poderia resultar em levantes em momentos de fragilidade política como durante os anos da regência. Por seu turno, isso terminava servindo para o grupo vencedor eliminar os adversários que se aventuraram em romper com a ordem do Estado Imperial.

Nem sempre os juízes estavam numa condição de refém com as elites locais. O diálogo era fundamental para uma boa condução dos trabalhos e, consequentemente, alcançar novos horizontes na carreira. As elites locais também conseguiam fazer com que membros de sua família ocupassem cargos prestigiosos como o de juiz de direito, vide o caso de Francisco Mariani. O prestígio e uma aliança pregressa poderia render mais conforto ao trabalho e melhor articulação como possivelmente foi com Thomaz Garcez Montenegro.

O exercício do poder das autoridades do Estado brasileiro não estava apartado do controle regional das famílias poderosas locais. Por vezes, alguns cargos eram ocupados por pessoas próximas dos mandões locais – sejam elas membro da família ou aliados. O controle espacial dos poderosos locais contava com uma rede de apoio político que se valia não só das armas, mas da influência dos cargos ocupados. Mesmo aqueles indivíduos que não possuíam vínculos familiares na região, mas que terminavam sendo nomeados para alguma função judicial, acabava precisando estabelecer relações com algumas das parcialidades políticas locais.

Ocupar um cargo, portanto, permitia não só levar adiante uma carreira burocrática ou política, mas conferia prestígio social. As disputas pelas patentes da Guarda Nacional ou pelas vagas de coletorias e de juízes envolvia uma série de interesses como as citadas projeções de carreira e o prestígio social, mas também o controle das decisões políticas regionais.

Chama-nos atenção que dentro da comarca do rio São Francisco os embates mais renhidos pelo mando local aconteceram fora de Barra e, em menor intensidade, em Campo Largo. Curiosamente, as duas vilas contaram com forte presença política de Wanderleys, Marianis e, até mesmo, Guerreiros. Porém, mesmo com tais presenças, as autoridades do Estado interviram nas negociatas políticas locais ao ponto de até mobilizar jagunços para agir durante as eleições. Assim, Barra vivenciou muitas tensões envolvendo autoridades como Luiz Vianna e Thomaz Montenegro.

No caso de Vianna, foi nítido como o cargo de juiz de Direito e a participação na Santa Casa de Misericórdia da Vila da Barra reforçou laços e experiência político-administrativa para sua carreira. Mais do que desenvolvimento de sua carreira, a vivência em Barra reforçou laços políticos dentro do sertão do rio São Francisco com a construção de alianças com famílias poderosas como os Mariani e os Magalhães de Rio das Éguas – que possuía uma forte capacidade de movimentação de jagunços.

Thomaz Montenegro agiu como um articulador no sertão do rio São Francisco movimentando vereadores e algumas autoridades adversárias da parcialidade dos Rocha Medrado em Santa Rita do Rio Preto. As disputas entre conservadores e liberais se tornavam menores diante dos embates entre as parcialidades. O vínculo ideológico aos partidos era supérfluo no sertão perto da importância das costuras políticas e do combate aos adversários regionais. Ser da fileira de um dos partidos não significava que seus correligionários em outra vila seria necessariamente um aliado. Os vínculos principais eram com as parcialidades dominantes e personagens como Thomaz Montenegro possuía capacidade suficiente para realizar a leitura do panorama das relações de poder regional.

O terceiro vértice era composto pelas camadas subalternas que sofriam a repressão de seus modos de vida, a violência das instituições controladas pelas camadas dirigentes e a exploração dos grandes proprietários de terra e comerciantes. Não podemos negar agência, afinal, eles sabiam dos limites das autoridades e da classe senhorial no exercício do poder regional. Isso não quer dizer que havia uma franca capacidade de disputa política e ascensão social, mas que isso permitia a elaboração de várias estratégias de resistência.

O modo de vida das camadas subalternas estava sujeito à constante vigilância e intervenção por parte dos agentes do Estado brasileiro na medida em que as leituras sociais associavam os subalternos com as classes perigosas e seus costumes como incompatíveis com os projetos civilizatórios elaborados pela elite política nacional.

As autoridades regionais apresentavam percepções variadas acerca da população sanfranciscana: em alguns momentos elas eram apontadas como responsáveis pelas dificuldades administrativas, por acobertarem e, até mesmo, de participarem de ações criminosas; em outros momentos, elas poderiam ser apontadas como ordeiras e carente de atenção do Estado brasileiro para as suas demandas. Isso tudo servia ora para justificar o fracasso da atuação de uma autoridade, ora para pressionar o poder do governo provincial e nacional por recursos e soluções de problemas locais.

As autoridades, portanto, estavam desempenhando o papel de vigilância, controle e disciplina social, conforme exposto. A preocupação com os costumes, os vícios, a circulação de pessoas estranhas ao local e as relações de trabalho e produção também estava na esfera de juízes e padres em suas correspondências e relatórios. Outro aspecto importante era a vigilância e controle da população mestiça, indígena, negra e cigana.

A escravidão esteve presente no sertão do rio São Francisco e com os rigores das punições dos senhores, das batalhas judiciais pela liberdade e das fugas para denunciar os maus-tratos. O controle da escravaria era, por sua vez, o controle da propriedade da classe senhorial sanfranciscana, bem como a vigilância (que prováveis vistas grossas para as parcialidades aliadas) para as exagerações das punições das elites. Ser negro também representava enfrentar a desconfiança por parte das autoridades sobre a capacidade para o exercício de algumas funções. Este foi o caso do estafeta que circulava na comarca do rio São Francisco em 1848 e que durante as queixas da câmara de Santa Rita do Rio Preto entre as suas desqualificações estava a cor da pele. A percepção racial fazia parte das relações de poder e das barreiras que dificultavam a ascensão social de livres e libertos de cor.

O sertão do rio São Francisco era ideologicamente embranquecido nas suas relações de poder. Além da vigilância com relação a população negra (livre ou escrava), a população indígena também sofria o peso da violência da expansão territorial colonial, até mesmo, após a independência. O triunfo da territorialidade luso-brasileira não findou a opressão aos povos originários seja através da exploração dos que viviam em Missão do Aricobé, que estavam com suas terras sujeitas aos arrendamentos da câmara de Campo Largo, seja através das lutas dos proprietários e autoridades regionais contra os povos identificados como “Xavantes” pela câmara de Santa Rita do Rio Preto. Juízes, vereadores e membros do potentado local de Santa Rita organizaram caçada aos indígenas que agiam nos gerais presando o gado de criadores.

As pressões da ocupação de proprietários não só em Goiás como também em Santa Rita e no sul do Piauí reduzia os espaços da territorialidade dos povos indígenas que terminavam agindo nas estradas e nas soltas caçando o gado. Duas soluções foram tentadas: a ação dos missionários enviados para o trabalho de catequização e a perseguição àqueles considerados pelas autoridades como invasores. O Estado Imperial nos seus rincões ainda encarava os povos originários como durante o período colonial e as suas ações apontavam para o caminho da intervenção cultural com a catequese ou com uma manobra repressiva semelhante à guerra justa.

Por fim, os ciganos que circulavam no sertão do São Francisco geravam preocupações para as autoridades acerca de suas ações e modos de vida. O nomadismo era visto com desconfiança e a suspeita de que estariam perto de invadir vilas e arraiais para a realização de saques era baseada no estigma atribuído a esses povos. O olhar pejorativo e a vigilância estavam relacionados com a ação das autoridades como agentes de um Estado preocupado em consolidar um modelo de sociedade e civilização fundamentado em referenciais europeus e que estigmatizava outros povos. A identificação da circulação cigana no sertão do rio São Francisco não é tarefa fácil e o registro mais nítido encontrado nesta pesquisa trata de um grupo liderado por Florício em 1848.

Consideramos que é possível que alguns indivíduos apontados como estranhos à região fossem ciganos, mas para tanto ainda é preciso avançar com mais pesquisas sobre este grupo étnico no São Francisco. Assim como outros grupos étnicos como os indígenas, afro-brasileiros, judeus e orientais, as discussões étnico-raciais no sertão do São Francisco e no Oeste da Bahia desde o período colonial até recentemente ainda carecem de maiores estudos. Entre os que mais avançaram nos últimos anos estão os trabalhos referente à população afro-brasileira através dos estudos sobre escravidão e comunidades quilombolas, vide algumas referências já citadas nesta tese.

As autoridades conversavam entre si. A circulação de indivíduos considerados como criminosos (ou suspeitos) acionava uma rede burocrática e vigilante para melhor articulação da repressão. Isso ocorria principalmente se os implicados não tivessem vínculos políticos com alguma parcialidade na qual as autoridades estivessem alinhadas. Os potentados, por sua vez, também acionavam suas alianças com juízes, vereadores, delegados e padres quando necessário às suas lutas. Isso provocava por vezes até conflitos de jurisdição quando juízes e delegados reclamavam das ações de um ou do outro acerca das movimentações de grupos armados ou de interferências em processos e investigações diversas.

A rede de apoio entre autoridades diversas implicadas na burocracia do Estado e na política municipal também contava com os membros das famílias poderosas que disputavam o mando local. Esta configuração permitia alianças regionais importantes para não só obter apoio bélico, mas também eleitoral e burocrático na consolidação do poder no sertão do São Francisco. Enquanto região, este sertão se moldava a partir da herança da formação territorial luso-brasileira gestada no período colonial e consolidada após a independência com a formação de agentes diversos que através de uma rede de poder exerciam o mandonismo articulando um triângulo de poder conforme mencionamos anteriormente. A percepção regional não pode ser

atrelada apenas as características da paisagem, bioma ou bacia hidrográfica, mas também aos arranjos políticos e redes de poder, percepção sociopolítica, cultural e econômica forjadas historicamente.

Por isso, entendemos o sertão do rio São Francisco como uma formação regional forjada nos movimentos de ocupação luso-brasileira e consolidada através das relações de poder pautada numa concepção eurocêntrica de sociedade e política que, por sua vez, molda as camadas dominantes. Contudo, isso também molda as formas de resistência das camadas subalternas que enfrentam toda sorte de violência sobre seus corpos, costumes e modo de vida.

Entendemos o processo de regionalização como um processo histórico que possui sua conjuntura específica com seus agentes e arranjos políticos, sociais, culturais e econômicos diversos. Dessa forma, mesmo que consideremos Oeste da Bahia e Sertão do rio São Francisco como regionalizações próprias de suas respectivas conjunturas históricas, não podemos desconsiderar que a formação fundiária, as relações sociais e políticas e os projetos econômicos possuem lastro histórico dentro de um sertão que não só lamenta as dificuldades das secas – como no canto da acauã na música de Zé Dantas cantada por Luiz Gonzaga e citada na epígrafe desta seção – mas que vive as agruras das violências do campo e de um poder consolidado através da relação entre o mandonismo local e as autoridades politicamente colonialistas. As expressões de poder perpassam, no sertão do rio São Francisco, moldaram uma região e deixaram raízes profundas nas percepções de sociedade e nas narrativas históricas regionais.

LISTA DE FONTES

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO – AHU - PROJETO RESGATE – Biblioteca Nacional Digital: http://resgate.bn.br/docreader/docmulti.aspx?bib=resgate

AHU, Bahia, Eduardo de Castro e Almeida, caixa 54, Doc.: 10319 – 10335.

AHU. Bahia, Eduardo de Castro e Almeida, Cx 84, Doc. 16419 – 16423.

AHU. Bahia, Eduardo de Castro e Almeida, Cx. 99, Doc. 19401 – 19418.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA – APEB

APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1873 – 1889). Maço: 2314.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência dos Juízes de Bom Jardim (1832 – 1877). Maço: 2262.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Governo da Província: Judiciário - Juízes da Barra do Rio Grande (1831 – 1889). Maço: 2249.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Governo da Província: Saúde (Hospitais) – 1823 – 1883. Hospital de Caridade da Vila da Barra do Rio Grande. Maço 5390.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Rio São Francisco – 1829 – 1870. Maço: 2568.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Rio São Francisco – 1872 – 1889. Maço: 2569.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Câmara Santa Rita do Rio Preto (1860 – 1873). Maço 1423.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência da Câmara de Barra do Rio Grande (1824 – 1839). Maço: 1257.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência recebida da câmara Xique – Xique. Maço: 1279-1.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências de Juízes de Campo Largo (1830 – 1884). Maço: 2313.

APEB. Seção Colonial e Provincial Série: Correspondências dos juízes de Campo Largo (1873 – 1889). Maço: 2314.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondências recebidas da câmara de Santa Rita do Rio Preto (1840 – 1859). Maço: 1422.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: correspondência recebida da câmara da Barra do Rio Grande (1854 – 1888). Maço: 1259.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: correspondência recebida da câmara da Barra do Rio Grande (1840 – 1863). Maço: 1258.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo da província. Sub-série: Correspondência recebida do presidente do Piauí (1823 – 1862). Maço: 1136.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo da província: justiça – Correspondência recebida das ouvidorias das vilas (1826). Maço: 2213.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Urubu (1829 – 1864). Maço: 2623.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Justiça. Sub-série: Correspondência de juízes de Carinhanha (1831 – 1861). Maço: 2339.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1845 – 1849). Maço: 2251.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Administração: Limites de freguesias (1883 – 1882). Maço: 1553.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência dos Juízes Barra do São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência dos Juízes Rio das Éguas (1848 – 1889). Maço: 2563.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência recebida da câmara Campo Largo. Maço: 1287.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência recebida da câmara Campo Largo. Maço: 1288.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondência recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: Correspondência recebida da câmara de Rio das Éguas (1866 – 1880). Maço: 1392.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1850 – 1885). Maço: 2252.

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Juízes - Carinhanha (1875 – 1882). Maços: 2341

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Juízes - Carinhanha (1883 – 1889). Maços: 2342

APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Religião – Santa Casa de Misericórdia da Barra do Rio Grande (1852 – 1879). Maço: 5297.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL (BN) - https://bndigital.bn.gov.br/

BICALHO, Honorio. **Carta do Imperio do Brazil:** indicando um plano geral para base da rede de viação. Rio de Janeiro, RJ: Lith. Paulo Robin, 1882?]. 1 mapa, col., 54,5 x 45,8. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart230727/cart230727.jpg. Acesso em: 13 jan. 2021.

BN. ARTIGOS de Ofício. Minas Gerais. **Abelha de Itaculumy**. Ouro Preto: Oficina Patrícia de Barboza E C. Nº 86, 28 de julho de 1824. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/778931/343>. Acesso em 03 jul. 2019.

BN. CAMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. Segundo anno da primeira legislatura, sessão de 1827. Tomo I. Rio de Janeiro: Typographia de Hyppolito José Pinto & Cº, 1875. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/132489/1355>. Acesso em 03 jul. 2019.

BN. CAMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. Segundo anno da primeira legislatura, sessão de 1827. Tomo II. Rio de Janeiro: Typographia de Hyppolito José Pinto & Cº, 1875. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/132489/1355>. Acesso em 03 jul. 2019.

BN. CAMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. Segundo anno da primeira legislatura, sessão de 1827. Tomo III. Rio de Janeiro: Typographia de Hyppolito José Pinto & Cº, 1875. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/132489/1783>. Acesso em 03 jul. 2019.

BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. Primeiro anno da quarta legislatura, sessão de 1838. Tomo II. Rio de Janeiro: Typographia da Viúva Pinto & Filho, 1887. Disponível em < http://memoria.bn.br/docreader/132489/10924>. Acesso em 04 set. 2019.

BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. Segundo anno da quarta legislatura, sessão de 1839. Tomo II. Rio de Janeiro:

Typographia da Viúva Pinto & Filho, 1884. Disponível em <
http://memoria.bn.br/docreader/132489/12521>. Acesso em 04 set. 2019.

BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. Segundo anno da quinta legislatura, sessão de 1843. Tomo I. Rio de Janeiro: Typographia da Viúva Pinto & Filho, 1882. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/132489/19993>. Acesso em 04 set. 2019.

BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. Segundo anno da quinta legislatura, segunda sessão de 1843. Tomo II. Rio de Janeiro: Typographia da Viúva Pinto & Filho, 1883 Disponível em <
http://memoria.bn.br/docreader/132489/21448>. Acesso em 04 set. 2019.

BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. terceiro anno da oitava legislatura, sessão de 1851. Tomo II. Rio de Janeiro: Typographia de H.J. Pinto & Filho, 1876. Disponível em <
http://memoria.bn.br/docreader/132489/31550>. Acesso em 04 set. 2019.

BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. primeiro anno da décima legislatura, sessão de 1857. Tomo III. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp, 1857. Disponível em <
http://memoria.bn.br/docreader/132489/38162> , acesso em 04 set. 2019.

BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento brasileiro** – Câmara dos Srs. Deputados. primeiro anno da nona legislatura, sessão de 1853. Tomo I. Rio de Janeiro: Typographia Parlamentar, 1876. Disponível em <
http://memoria.bn.br/docreader/132489/33288> , acesso em 04 set. 2019.

BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento Brasileiro:** Camara dos Srs. Deputados, primeiro anno da segunda legislatura, sessão de 1830. I Tomo. Rio de Janeiro: Typographia de H. J. Pinto, 1878. Disponível em <
http://memoria.bn.br/DocReader/132489/4388>. Acesso em 28 jan. 2019.

BN. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Annaes do Parlamento Brazileiro.** Câmara dos srs. Deputados segundo anno da décima-quinta legislatura. Sessão de 1873. Tomo 2. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve &C., 1973. Disponível em <
http://memoria.bn.br/DocReader/132489/55423>, Acesso em 07 set. 2019.

BN. **Diário do Conselho do Governo da Província de Minas Geraes**. Ouro Preto: Officina Patricia de Barboza, E Cª. 1825. Nº VI. Disponível em <
http://memoria.bn.br/DocReader/759457/23>. Acesso em 03 jul. 2019.

BN. **Diário do Conselho do Governo da Província de Minas Geraes**. Ouro Preto: Officina Patricia de Barboza, E Cª. 1825. Nº XIV. Disponível em <
http://memoria.bn.br/DocReader/759457/61>. Acesso em 03 jul. 2019.

BROCKES, C.; HELD, C. **Mappa do Imperio do Brazil:** augmentado de dados estatisticos e outras correcções resultantes de estudos e melhoramentos recentes. Rio de Janeiro, RJ: H. Laemmert & C., 1883. 1 mapa, col., 60,8 x 64,6cm em f. 68 x 73,8 cm. Escala 1:7.420.440 Disponível em:
http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart164718/cart164718.jpg. Acesso em: 14 jan. 2021.

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. **Mappa da provincia de Minas Geraes : Levantado pelo Coronel E. G. Barão d'Eschwege.** 1826. 1 mapa, 56 x 76. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart525844/cart525844.jpg. Acesso em: 15 dez. 2020.

MARTINS, Francisco Gonçalves. **Falla que recitou o presidente da província da Bahia, o dezembargador conselheiro Francisco Gonçalves Martins n'abertura da Assembléa Legislativa da mesma provincial em 04 de julho de 1849.** Bahia: Typographia de Salvador Moitinho, 1849. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/130605/677>, acesso em 27 mai. 2021.

SIQUEIRA, Marianno Joaquim de. Descrição practica do Rio de S. Francisco, por Marianno Joaquim de Siqueira, Major graduado de infantaria da 1ª classe do exército. **Correio da Tarde**. Rio de Janeiro. 24 dez. 1851. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/616028/4479 >, acesso em 11 set. 2019.

VIANNA, Luiz. O dr. Luiz Vianna ao governo, aos tribunaes judiciarios do paiz e ao publico. **Gazeta da Bahia**. Salvador. Nº 267. 20 de novembro de 1884. P. 02. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/213454/6349 >, acesso em 06 maio 2021.

VISCONDE DE MONT'ALEGRE. **Relatório da repartição dos negocios do Imperio apresentado á Assembléa Geral Legislativa na 1ª sessão da 8ª legislatura, pelo respectivo ministro e secretario d'Estado.** Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1850. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/720968/1432>. Acesso em 12 set. 2019.

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN - https://www.bbm.usp.br/

BLUTEAU, Raphael; SILVA, Antônio de Morais. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (Volume 1: A - K).** Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em < https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5412>, acesso em 07 dez. 2020.

BLUTEAU, Raphael; SILVA, Antônio de Morais. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (Volume 2: L - Z).** Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em < https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5413>, acesso em 07 dez. 2020.

LEITÃO, João Carlos. **Memoria justificativa do desembargador da relação da Bahia (hoje do Porto) João Carlos Leitão, sobre as causas extraordinárias, que demorarão a sua retirada a Portugal até o anno de 1824 ou breve relação das revoluções acontecidas na nova comarca do Rio de S. Francisco no último certão da província de Pernambuco.** Lisboa: Impressão Regia, 1825. Disponível em < https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7383>. Acesso em 01 jul 2019.

LUNÉ, Antonio José Baptista de; FONSECA, Paulo Delfino da (orgs). **Almanak da província de São Paulo para 1873.** São Paulo: Typographia Americana, 1873. Disponível em < https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4302>, Acesso em 22 out. 2019.

CÂMARA DOS DEPUTADOS - https://www.camara.leg.br/

BRASIL. **Colecção de Leis do Brazil de 1810** – cartas de leis, alvarás, decretos e cartas régias. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891. Disponível em < http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao1.html> Acesso em 23 jan 2019.

BRASIL. **Colecção de Leis do Brazil de 1820.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889. Disponível em < http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao1.html> Acesso em 23 jun 2019.

BRASIL. **Colecção de Leis do Brazil de 1824.** 2ª parte. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886. Disponível em < https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao2.html> Acesso em 03 jul 2019.

BRASIL. **Colecção de Leis do Iimpério do Brazil de 1827** – Actos do poder legislativo. 1ª parte. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1875[?]. Disponível em < https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao2.html> Acesso em 23 jun 2019.

BRASIL. Decreto nº 464, de 17 de agosto de 1846. Manda executar o Regulamento do Instituto Vaccinico do Imperio. Disponível em < https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-464-17-agosto-1846-560509-publicacaooriginal-83551-pe.html#:~:text=Veja%20tamb%C3%A9m%3A-,Decreto%20n%C2%BA%20464%2C%20de%2017%20de%20Agosto%20de%201846,do%20Instituto%20Vaccinico%20do%20Imperio.&text=Palacio%20do%20Rio%20de%20Janeiro,de%20Sua%20Magestade%20o%20Imperador.>, acesso em 17 mar. 2021.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Annaes do parlamento brasileiro – Assembléa constituinte, 1823. V. 04. Rio de Janeiro: Typographia do Imperial Instituto Artístico, 1874.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Annaes do parlamento brasileiro – Assembléa constituinte, 1823. V. 06. Rio de Janeiro: Typographia do Imperial Instituto Artístico, 1874.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Annaes do Parlamento brasileiro – Câmara dos Srs. Deputados. Segundo anno da oitava legislatura, segunda sessão de 1850. Tomo 2. Rio de Janeiro: Typographia de H.J. Pinto, 1880. Disponível em < http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/34440 >, Acesso em 13 set. 2019.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Requerimento de Tomás Antônio da Costa Alcami Ferreira, com despacho de 25-08-1823. Disponível em < https://arquivohistorico.camara.leg.br/index.php/requerimento-de-tomas-antonio-da-costa-alcami-ferreira-com-despacho-de-25-08-1823>, acesso em 25 jan. 2019.

CARTÓRIO SILVA PEREIRA - BAIANÓPOLIS

Cartório de Várzeas. Livro de notas do escrivão de Paz – Procurações.

Cartório de Várzeas. Livro de notas do escrivão de Paz.

CÚRIA DIOCESANA DE BARREIRAS

Cúria Diocesana da cidade de Barreiras – BA. Livro de casamento de Santa Rita do Rio Preto (1833-1870).

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA – BRASIL - https://www.gov.br/planalto/pt-br

BRASIL. Constituição (1824). **Constituição política do Império do Brazil.** Rio de Janeiro. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>, acesso em 10 jan. 2021.

BRASIL. Decreto nº 1318 de 30 de janeiro de 1854. Manda executar a Lei nº 601, de 18 de Setembro de 1850 (Anexo: Regulamento para execução da Lei Nº 601, de 18 de setembro de 1850, a que se refere o decreto desta data.). Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/Anexos/RegulamentoD1318-1854.pdf>, acesso em 12 jan. 2021.

BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.htm#:~:text=LEI%20DE%2015%20DE%20OUTUBRO,lugares%20mais%20populosos%20do%20Imp%C3%A9rio.&text=1%C2%BA%20Em%20todas%20as%20cidades,primeiras%20letras%20que%20forem%20necess%C3%A1rias.>, acesso em 18 mar. 2021.

BRASIL. Lei de 16 de dezembro de 1830. Manda executar o Código Criminal. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm>, acesso em 02 de mar. de 2021.

BRASIL. Lei de 29 de novembro de 1832. Promulga o Codigo do Processo Criminal de primeira instancia com disposição provisoria ácerca da administração da Justiça Civil. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-29-11-1832.htm>, acesso em 12 jan. 2021.

BRASIL. Lei nº 105 de 12 de maio de 1840. Interpreta alguns artigos da Reforma Constitucional. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim105.htm#:~:text=L105&text=LEI%20N%C2

%BA%20105%2C%20DE%2012%20DE%20MAIO%20DE%201840.&text=Interpreta%20alguns%20artigos%20da%20Reforma%20Constitucional.&text=Pedro%20II%2C%20Faz%20saber%20a,Elle%20Sanccionou%20a%20Lei%20seguinte.> , acesso em 11 jan. 2021.

BRASIL. Lei nº 16 de 12 de agosto de 1834. Faz algumas alterações e addições á Constituição Politica do Imperio, nos termos da Lei de 12 de Outubro de 1832. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim16.htm>, acesso em 11 jan. 2021.

BRASIL. Lei nº 2033, de 20 de setembro de 1871. Altera differentes disposições da Legislação Judiciaria. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM2033.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%202.033%2C%20DE%2020%20DE%20SETEMBRO%20DE%201871.&text=Altera%20differentes%20disposi%C3%A7%C3%B5es%20da%20Legisla%C3%A7%C3%A3o%20Judiciaria.&text=Art.&text=%C2%A7%205%C2%BA%20Os%20Chefes%20de,obrigatoria%20a%20aceita%C3%A7%C3%A3o%20do%20cargo.> Acesso em 15 fev. 2021.

BRASIL. Lei Nº 261, de 03 de dezembro de 1841. Reformando o Codigo do Processo Criminal. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim261.htm#:~:text=Reformando%20o%20Codigo%20do%20Processo%20Criminal.&text=2%C2%BA%20Os%20Chefes%20de%20Policia,amoviveis%2C%20e%20obrigados%20a%20acceitar.>, acesso em 12 jan. 2021.

SENADO - https://www12.senado.leg.br/hpsenado

BRASIL. **Anais do Senado:** Annaes do Senado do Império do Brazil, Livro 07, anno 1873 (Transcrição). Secretaria Especial de Editoração e Publicações; Subsecretária de Anais do Senado Federal.

BRASIL. Senado. Lei nº 40 de 03 de outubro de 1834. Dá Regimento aos Presidentes de Provincia, e extingue o Conselho da Presidencia. Disponível em < http://legis.senado.leg.br/norma/540900/publicacao/15772936>, acesso em 12 jan. 2021.

CENTER FOR RESEARCH LIBRARIES (CRL) - http://ddsnext.crl.edu/brazil

CRL. CANSANÇÃO DE SINIMBU, J. L. V. **Falla recitada na abertura da Assembléia Legislativa da Bahia pelo Presidente da província o Dezembargador João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu**. 1857. Disponível em: < http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/120/000013.html> Acesso em: 16 jan. 2021.

CRL. **Falla que recitou o presidente da Província da Bahia o desembargador Francisco Gonçalves Martins n'abertura da Assembléia Legislativa na mesma província no 1. De março de 1852.** Bahia: Typographia Const. De Vicente Ribeiro Moreira, 1852.

CRL. WANDERLEY, João Maurício. **Falla que recitou o exm.o presidente da província da Bahia, Dr. João Maurício Wanderley, n'abertura da Assembleia Legislativa da mesma província no 1º de março de 1853**. Disponível em <http://ddsnext.crl.edu/brazil>, acesso em 10 fev. 2021.

IMPRESSOS

AGUIAR, Durval Vieira de**. Descrições práticas da Província da Bahia com declaração de todas as distâncias intermediárias das cidades, vilas e povoações**. Rio de Janeiro; Brasília: Cátedra/INL/MEC, 1979.

AZEVEDO, Lourenço Justiniano de. Discurso proferido no dia 26 de maio, por ocasião da abertura solemne do hospital. In.: MONTENEGRO, Thomaz Garcez Paranhos. **Relatório apresentado aos irmãos da Santa Casa da Misericórdia da Villa da Barra do Rio Grande e lido na sessão geral do dia 26 de maio de 1871, por ocasião da abertura do hospital em um novo edifício**. Salvador: Typographia Constitucional, 1872.

CAMPOS, Martinho Alvares da Silva. **Discursos proferidos na Câmara dos Srs Deputados sobre a creação da província de São Francisco em sessões de 10, 20 e 29 de maio.** Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1873.

HALFELD, Henrique Guilherme Fernando. **Atlas e Relatório concernente a exploração do Rio de S. Francisco:** desde a cachoeira da Pirapóra até ao ocenano atlântico, levantado por ordem do governo de S.M.I. o senhor Dom Pedro II. Rio de Janeiro: Lithographia imperial de Eduardo Rensburg, 1860.

MONTENEGRO, Tomas Garcez Paranhos. **Relatório apresentado aos irmãos da Santa Casa da Misericórdia da Villa da Barra do Rio Grande e lido na sessão geral do dia 26 de maio de 1871, por ocasião da abertura do hospital em um novo edifício**. Salvador: Typographia Constitucional, 1872.

RIO-GRANDE, Benedicto Mariano. Um juiz de direito modelo; ou o Dr. Montenegro, e o hospital de caridade da Villa da Barra do Rio Grande. In.: MONTENEGRO, Tomas Garcez Paranhos. **Relatório apresentado aos irmãos da Santa Casa da Misericórdia da Villa da Barra do Rio Grande e lido na sessão geral do dia 26 de maio de 1871, por ocasião da abertura do hospital em um novo edifício**. Salvador: Typographia Constitucional, 1872.

SAMPAIO, Teodoro. **O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Ignacio Accioli de Cerqueira e. Informação, ou descripção topographica e politica do Rio de S. Francisco, escrita em virtude de ordens imperiaes, e apresentada ao governo provincial da Bahia. Salvador: Typ. Guaycurú de Domingos Guedes Cabral, 1847. In.: **Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia.** Salvador, nº 62, 1936.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR., Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, Dourados, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008.

ALMEIDA, Ignez Pitta de. **Barreiras, uma história de sucesso**: resumo didático desde as origens até 1902. Barreiras: CANGRAF, 2005.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. A diplomacia brasileira perante o potencial e as pretensões belga. In.: STOLS, Eddy; MASCARO, Luciana Pelaes; BUENO, Clodoaldo (Org.). **Brasil e Bélgica:** cinco séculos de conexões e interações. São Paulo: Narrativa Um, 2014.

AMADO, Janaína. História e Região: Reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, Marcos A. da (Coord.). **República em Migalhas:** História Regional e Local. São Paulo: Marco Zero, 1990.

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 08, nº 15, 1995.

ANDRADE, Celeste Maria Pacheco de. **Origens do povoamento de Feira de Santana:** um estudo de história colonial. 1990. 165 f. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) - Colegiado do Curso de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1990.

ANDRADE, Marcos Ferreira de. Rebelião escrava na comarca do rio das Mortes, Minas Gerais: o caso Carrancas. **Afro-ásia**. Salvador. 21-22, p. 45 - 82, 1998 – 1999.

ARAS, Lina Maria Brandão de. **A santa federação Imperial:** Bahia. 1831 – 1833. 1995. 227 f. Tese (doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

ARAS, Lina Maria Brandão de. Uma guerra de todos: a independência do Brasil na Bahia. In.: LEAL, Maria das Graças de Andrade; SOUSA, Avanete Pereira (Orgs). **Capítulos de História da Bahia:** independência. Salvador: Assembleia Legislativa da Bahia; UNEB, 2017.

ARAS, Lina Maria Brandão. As províncias do Norte: administração, unidade nacional e estabilidade política (1824 – 1850). In.: CURY, Cláudia Engler; MARIANO, Serioja Cordeiro. **Múltiplas visões**: cultura histórica no oitocentos. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB. 2009.

ARAS, Lina Maria Brandão. Comarca do São Francisco: A política Imperial na conformação regional. In: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos; REIS, Isabel Cristina Ferreira dos (Orgs.). **História Regional e Local:** discussões e práticas. Salvador: Quarteto, 2010.

ARAÚJO, Dilton Oliveira. O Estado brasileiro ante os conflitos políticos no sertão da Bahia do século XIX: eficácia repressiva e acomodação. In.: NEGRO, Antonio L. et all. (Orgs). **Tecendo histórias:** espaço, política e identidade. Salvador: EDUFBA, 2009a.

ARAÚJO, Dilton Oliveira. **O Tutu da Bahia:** transição conservadora e formação da nação, 1838 – 1850. Salvador: EDUFBA, 2009b.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. As Misericórdias enquanto palcos de sociabilidades no século XVIII. In: Jornada setecentista, 5, 2003, Curitiba. **Anais da V Jornada Setecentista**. Curitiba: UFPR, 2003. P. 438 – 454. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/As-Misericórdias-enquanto-palcos-de-sociabilidades-no-século-XVIII-Maria-Marta-Lobo-de-Araújo.pdf. Acesso em: 11 abr. 2021.

BAETA, Alenice Motta; PAULA, Fabiano Lopes de. Memória indígena na região de São Desidério – BA. **O Carste**. Vol. 11, nº 03, p. 68 – 73, julho 1999.

BAHIA. SEPLANTEC. Centro de Planejamento da Bahia – CEPLAB. **Bacias hidrográficas**. Salvador: CEPLAB, 1979.

BAIANO, Hélverton. **História de Correntina**. Goiânia: Ed. Do autor, 1996.

BARBOSA, Daiana Silva. **“Do que é teatro a Bahia”:** disputas por cargos e jurisdição no sertão do São Francisco (1878 – 1880). 2018. 148 f. Dissertação (mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2018.

BARREIRAS. Lei Nº 1122/2014 de 29 de outubro de 2014. Dispõe sobre a obrigatoriedade da inclusão do conteúdo “História de Barreiras”, na Rede Municipal de Ensino e dá outras providências.

BARRETO, Maria Renilda; CERQUEIRA, João Batista de. Assistência à saúde no interior da Bahia oitocentista: A Irmandade da Santa Misericórdia de Nazaré. In: BARRETO, Maria Renilda; SANGLARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio (Org.). **A interiorização da Assistência:** um estudo sobre a expansão e a diversificação da assistência à saúde no Brasil (1850-1945). Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

BARROS, José D’Assunção. **História, espaço, geografia:** diálogos interdisciplinares. Petrópolis: Vozes, 2017.

BASILE, Marcello. O Império brasileiro: panorama político. In.: LINHARES, Maria Yedda. **História Geral do Brasil**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.

BASILE, Marcello. Revolta e cidadania na Corte regencial. **Tempo**, Niterói, v. 11, n. 22, p. 31-57, 2007.

BATISTA NETO, José. O Estado visto pela lente regional. In: SILVA, Marcos A. da (Coord.). **República em Migalhas:** História Regional e Local. São Paulo: Marco Zero, 1990.

BEIGUELMAN, Paula. A organização política do Brasil-Império e a sociedade agrária escravista. **Estudos Econômicos.** São Paulo, 15 (Nº especial), p. 7 – 16, 1985.

BERNARDES, Denis Antônio de Mendonça. **O patriotismo constitucional:** Pernambuco, 1820 – 1822. São Paulo; Recife: Hucitec; UFPE, 2006.

BIERNATH, André. Um ano de coronavírus no Brasil: os bastidores da descoberta do primeiro caso oficial. **BBC News Brasil,** São Paulo, 25 fev. 2021. Disponível em < https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56189539#:~:text=V%C3%ADdeos-,Um%20ano%20de%20coronav%C3%ADrus%20no%20Brasil%3A%20os%20bastidores,descoberta%20do%20primeiro%20caso%20oficial&text=O%20infectologista%20Fernando%20Gatti%20estava,uma%20Segunda%2DFeira%20de%20Carnaval. >. Acesso em 22 mai. 2021.

BITTENCOURT, Mário. Borracheiro que virou 'maio latifundiário do Oeste baiano' se apresenta à polícia. **Jornal Correio da Bahia**. Salvador, 27 nov. 2019. Disponível em < https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/borracheiro-que-virou-maior-latifundiario-do-oeste-baiano-se-apresenta-a-policia/>, acesso em 19 out. 2020.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliographico brasileiro**. 1º volume. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883. Disponível em < https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681 >, acesso em 23 out. 2019.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliographico brasileiro**. 3º volume. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895. Disponível em < https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681 >, acesso em 23 out. 2019.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliographico brasileiro**. 4º volume. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898a. Disponível em < https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681 >, acesso em 23 out. 2019.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliographico brasileiro**. 7º volume. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898b. Disponível em < https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681 >, acesso em 23 out. 2019.

BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. A formação territorial do Oeste baiano: a constituição do "Além São Francisco" (1827 – 1985). **GeoTextos**, Salvador, vol. 6, n. 1, jul. 2010. 38.

BRASIL CHEGA A 400 MIL MORTES POR COVID. **Portal G1,** s.l., 29 abr. 2021. Disponível em < https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/04/29/brasil-chega-a-400-mil-mortes-por-covid.ghtml >. Acesso em 22 mai. 2021.

BRASIL, Vanessa M. O Rio São Francisco: a base física da unidade nacional do Império. **Revista Mosaico**, Goiania, v.1, n.2, p.133-142, jul./dez., 2008.

BRESSAN, Renan Gonçalves. Brasil colônia: a descoberta e construção da empresa a serviço da metrópole luso-européia. In: SEMANA DE HISTÓRIA – HISTÓRIA EM MOVIMENTO: CAMINHOS, CULTURAS E FRONTEIRAS, X, 2007, Três Lagoas. FERNANDES, Dennis Rodrigo Damasceno; *et. Alii*. (Orgs.). **Anais da X Semana de História –** História em movimento: caminhos, culturas e fronteiras. Três Lagoas: Ed. UFMS, 2007. 122 – 132. Disponível em < http://www.ndh.ufms.br/wp-content/uploads/2014/12/ANAIS_2007.pdf#page=123>, acesso em 11 dez. 2020.

BRETAS, Marcos Luiz. O Crime na Historiografia brasileira: uma revisão na pesquisa recente. **BIB**. Rio de Janeiro, Nº 32, P. 49 – 61, 1991.

BRITO, Luciana da Cruz. **Impressões norte-americanas sobre escravidão, abolição e relações raciais no Brasil escravista.** 2014. 223 f. Tese (doutorado em História Social) –

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2014.

CALMON, Pedro. **Falas do trono**: desde o ano de 1823 até o ano de 1889 acompanhadas dos respectivos votos de graça da Câmara temporária. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1977.

CAMANDAROBA, Joana. **Elementos humanos que fizeram a Barra no passado**. S.l.: s.n., 2011.

CAMARA, Antonio Alves (Almirante). **Ensaio sobre as construcções navaes indígenas do Brasil.** São Paulo; Rio de Janeiro; Recife: Companhia Editora Nacional, 1937.

CAMPOS, Adriana Pereira; VELLASCO, Ivan. Juízes de paz, mobilização e interiorização da política. In: CARVALHO, José Murilo de; CAMPOS, Adriana Pereira (Orgs). **Perspectivas da cidadania no Brasil Império.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e poder: uma nova história política? In.: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronado (Orgs). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CARRARA, Ângelo Alves. Paisagens de um grande sertão: a margem esquerda do médio-São Francisco nos séculos XVIII a XX. **Ciência e Trópico**, Recife, v. 29, n.1, p. 61-124, 2001.

CARRARA, Ângelo Alves. Paisagens de um grande sertão: a margem esquerda do médio-São Francisco nos séculos XVIII a XX. In.: ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de (Orgs). **Nomes e números:** alternativas metodológicas para a História Econômica e Social. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da ordem:** a elite política imperial; **Teatro das sombras:** a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CARVALHO, Orlando M. **O Rio da unidade nacional**: o São Francisco (reportagem illustrada). São Paulo, Rio de Janeiro, Recife: Companhia Editora Nacional, 1937.

CASTRO, Osório Alves de. **Porto Calendário**. 4ª edição. Salvador: Assembleia Legislativa da Bahia, 2017.

CASTRO, Pérola Maria Goldfeder Borges de. **Minas do sul:** espaço e política no século XIX. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

CASTRO, Renato Berbet de. **Os vice-presidentes da província da Bahia**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

CERQUEIRA, Gabriel Souza. **Reforma judiciária e administração da justiça no segundo reinado (1841 – 1871).** 2014. 104 f. Dissertação (mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHAVES, Edneila Rodrigues. Criação de vilas em Minas Gerais no início do regime monárquico: a região norte. **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol. 29, nº 51, p.817-845, set/dez 2013.

CHIACCHIO, Francisco Paulo Brandão. Incidência da cochonilha do carmim em palma forrageira. **Bahia Agríc.** V. 08, nº 02, nov. 2008. Disponível em < http://www.seagri.ba.gov.br/sites/default/files/3_comunicacao01v8n2.pdf>, Acesso em 21 set. 2019.

CONCEIÇÃO, Hélida Santos. **O sertão e o Império**: as vilas do ouro na capitania da Bahia (1700 – 1750). 2018. 422 f. Tese (doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

CORDEIRO, Luciano. Exploração do Cunune. Memoria e proposta apresentada á Sociedade de Geographia de Lisboa na sessão de 30 de julho de 1877 e adoptada pela Commissão Africana. In.: OLIVEIRA, Mário António Fernandes de. **Angolana (documentação sobre Angola)** – Tomo I (1783 – 1883). Luanda; Lisboa: Instituto de Investigação Científica de Angola; Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1968.

COSTA, Ivoneide de França. **O rio São Francisco e a Chapada Diamantina nos desenhos de Teodoro Sampaio.** 2007. 176 f. Dissertação (mestrado em Ensino Filosofia e História das Ciências) – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Universidade Federal da Bahia (UFBA), Feira de Santana – BA; Salvador – BA, 2007.

COSTA, Elisa Maria Lopes da. Contributos para o povoamento do Brasil (séculos XVI – XIX). **Arquipélago.** História. Açores, 2ª série, Vol. 09, p. 153 – 181, 2005.

COUTINHO, Cassi Ladi. **Os ciganos nos registros policiais mineiros (1907 – 1920).** 2016. 247 f. Tese (doutorado em História) – Instituto de Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

CPT. Liminar da justiça da Bahia cria o maior latifúndio do Brasil. **Comissão Pastoral da Terra**. Goiânia, 12 set. 2017. Notícias. Disponível em < https://cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/conflitos-no-campo/3726-liminar-da-justica-da-bahia-cria-maior-latifundio-do-brasil>, acesso em 19 out. 2020.

CPT. Pistoleiros da Fazenda Estrondo abrem fogo contra Geraizeiros em Formosa do Rio Preto (BA). **Comissão Pastoral da Terra**. Goiânia, 04 fev. 2019. Notícias. Disponível em < https://cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/conflitos-no-campo/4616-pistoleiros-da-fazenda-estrondo-abrem-fogo-contra-geraizeiros-em-formosa-do-rio-preto-ba>, acesso em 19 out. 2020.

CUNHA, Aloísio Santos da. **O trem partiu!** Curitiba: Editora Prismas, 2016.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2016.

CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves. Sobre o conceito de Região. **Revista de História Regional,** Ponta Grossa, 5(2), 39-56. Inverno 2000.

DANTAS, Monica Duarte. O código de processo criminal e a reforma de 1841: dois modelos de organização dos poderes. **História do Direito:** RHD. Curitiba, v. 01, nº 01, p. 96 – 121, jul-dez 2020.

DIAS, Alexandre Alves. **Facinorosos do sertão:** a desagregação da ordem no sertão nordestino na transição da colônia até a independência (1808 – 1822). 1997. 136 f. Dissertação (mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1997.

DIAS, Claudete Maria Miranda. Balaiada: a guerrilha sertaneja. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro. V. 03, nº 02, p. 73 – 88, novembro de 1995.

DOLHNIKOFF, Miriam. Elites Regionais e a construção do Estado Nacional. In.: JANCSÓN, Istvan (Org.). **Brasil:** Formação do Estado e da Nação. São Paulo – Ijuí: Editora Unijuí; Editora Hucitec; Fapesp, 2003.

DOMINGUES, Alfredo José Pôrto. Contribuição ao estudo da geografia da região sudoeste da Bahia. **Revista Brasileira de Geografia.** Ano IX, Nº 02, P. 185 – 248, Abril-junho de 1947.

FAZITO, Dimitri. A identidade cigana e o efeito da "nomeação": deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais. **Revista de Antropologia**. São Paulo. Nº 02, vol. 49, p. 690 – 729, 2006.

FELONIUK, Wagner Silveira. A instauração das províncias no Brasil através da Influência espanhola da Constituição de Cádiz. In: Giordano Bruno Soares Roberto, Gustavo Silveira Siqueira, Ricardo Marcelo Fonseca. (Org.). **História do direito**. 1 ed. Florianópolis: FUNJAB, 2014.

FERNANDES, Tania Maria. **Vacina antivariólica:** ciência, técnica e o poder dos homens, 1808 – 1920. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

FERRAZ, Márcia Helena Mendes. A rota dos estudos sobre a cochonilha em Portugal e no Brasil no século XIX: caminhos desencontrados. **Quim. Nova,** Vol. 30, No. 4, p. 1032-1037, 2007.

FERRAZ, Socorro; BARBOSA, Bartira Ferraz. **Sertão**: fronteira do medo. Recife: Editora UFPE, 2015.

FERREIRA JÚNIOR, Francisco. Soldados, vadios e degredados: experiência de povoamento nos campos de Guarapuava. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVI, 2011, São Paulo. FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH -** Associação Nacional de História. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. P. 1 – 12. Disponível em < http://snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300854231_ARQUIVO_FranciscoFerreiraJunior_TextoCompleto.pdf>, acesso em 11 dez. 2020.

FERREIRA, Clemilton da Silva; NUNES, José Airton Rodrigues; GOMES, Regina Lucia Ferreira. Manejo de corte das folhas de *Copernicia prunifera* (Miller) H. E. Moore no Piauí. **Revista Caatinga**, Mossoró, v. 26, n. 2, p. 25-30, abr.-jun., 2013.

FERREIRA, Elisângela Oliveira. **Entre vazantes, caatingas e serras:** trajetórias familiares e uso social do espaço no sertão do São Francisco, século XIX. 2008. 404 f. Tese (doutorado em História) – Programa de Pós – Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

FRATERNIDADE, AMOR E JUSTIÇA, Loja Maçônica. **70 anos** – Loja maçônica Fraternidade, amor e justiça. Barra: s.n., 2017.

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro de. ***Au Brésil:*** deux Régions de Bahia (1896 – 1937). 1992. Tese (doutorado em História) – Université Paris – Sorbonne, Paris, 1992.

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro de. Oeste da Bahia: formação histórico-cultural (primeira parte). **Cadernos do CEAS**. Salvador, n. 181, maio/jun.1999. (a)

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro de. Oeste da Bahia: Formação histórico-cultural. **Cadernos do CEAS**, Salvador, v. 182, p. 85-102, jul./ago. 1999. (b)

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro de; PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **Caminhos ao encontro do mundo:** a capitania, os frutos de ouro e a princesa do sul – Ilhéus, 1534 - 1940. Ilhéus: Editus, 2001.

FRUTUOSO, Moisés Amado. **“Morram marotos!”:** antilusitanismo, projetos e identidades políticas em Rio de Contas (1822 – 1823). 2015. 139 f. Dissertação (mestrado em História) – Programa de Pós – Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

GADAMER, Hans-George (Org). **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

GANDAVO, Pero Magalhães. **Tratado da terra do Brasil**: história da província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

GIRALDIN, Odair; SILVA, Cleube Alves da. Ligando mundos: relações entre Xerente e a sociedade circundante no século XIX. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.** série Antropologia. V. 18, Nº 2, p. 01 – 16, 2002.

GOMIDE, Maria Lucia Cereda. Território no mundo A’uwen Xavante. **Confins**. Paris, v. 11, p. 03 – 24, 2011. Disponível em <https://journals.openedition.org/confins/6888>, acesso em 13 ago. 2021.

GRAMSCI, Antonio. **Poder, política e partido.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

GREGÓRIO, Vitor Marcos. **Dividindo as províncias do Império:** a emancipação do Amazonas e do Paraná e o sistema representativo na construção do Estado nacional brasileiro (1826 – 1854). 2012. 486 f. Tese (doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GUERRA FILHO, Sérgio Armando Diniz. **O antilusitanismo na Bahia do primeiro reinado (1822 – 1831)**. 2015. 294 f. Tese (doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

GUERRA, Flávio. **Os caminhos do São Francisco**. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Estado de Educação e Cultura, Programa de Integração Cultura, 1974.

GUERRA, Flávio. **Pernambuco e a comarca do São Francisco**. Recife: Diretoria de documentação e cultura, Prefeitura municipal de Recife, 1951.

GUERRA, Sérgio Armando Diniz. **Universos em confronto:** Canudos versus Belo Monte. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2000.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. **Estudos Históricos**¸ Rio de Janeiro, nº 01, 1988.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In.: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K [et. al.]. **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

HERMANN, Jacqueline. Canudos: a terra dos homens de Deus. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 16-34, outubro 1997.

HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções** – 1789 – 1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOHENTHAL JR., W. D. As tribos indígenas do médio e baixo São Francisco. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, Vol. XII, p. 37 – 71, 1960.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O Brasil monárquico:** do Império à República. V. 07. 7ª edição. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2005.

HOMEM É ASSASSINADO EM BARREIRAS; AGRICULTOR DENUNCIOU ORGANIZAÇÃO INVESTIGADA NA FAROESTE. **Bahia Notícias,** Salvador, 12 jun. 2021. Disponível em < https://www.bahianoticias.com.br/municipios/noticia/25921-homem-e-assassinado-em-barreiras-agricultor-denunciou-organizacao-investigada-na-faroeste.html>, acesso em 17 jun. 2021.

JARDIM, Wagner Cardoso. Guerra alheia: a relação dos liberais sul-rio-grandenses com o governo Imperial em meio ao conflito contra o Paraguai. **SEMINA –** Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF. Passo Fundo, V. 19, nº 02, p. 37 – 57, mai/ago. 2020.

JASMIN, Élise. **Lampião:** senhor do sertão: Vidas e mortes de um cangaceiro. Tradução: Maria Celeste Franco Faria Marcondes e Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

JONES, Cleiton Melo. **"Vem aí a imigração":** expectativas, propostas e efetivações da imigração na Bahia (1816 – 1900). 2014. 142f. Dissertação (mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2014.

KIDDY, Elizabeth W. O Rio São Francisco: geografia e poder na formação da identidade nacional brasileira no século XIX. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, Ano XII, Ed. Esp. Dezembro de 2010.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LACERDA, Ana Paula Carvalho Trabuco. **Caminhos da liberdade:** a escravidão em Serrinha – Bahia (1868 – 1888). 2008. 128 f. Dissertação (mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) - Programa Multidisciplinar de Pós – Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2008.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. **Documentos do arquivo público estadual e da biblioteca pública do Estado sòbre a comarca do São Francisco**. Recife: Secretaria do Interior e Justiça, Arquivo Público Estadual, 1950.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. **Pernambuco e o São Francisco**. Recife: Imprensa Official, 1929.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. **Pernambuco:** da independência à Confederação do Equador. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1998.

LIMA, Aleí dos Santos. **Saravá pra quem é de saravá:** a umbanda no sertão sisaleiro da Bahia (1985 – 2016). 2016. 165 f. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Departamento de Ciências Humanas – Campus V, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antonio de Jesus - BA, 2016.

LIMA, Nízia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 2013.

LIMA, Simony Oliveira. **“O ardente desejo de ser livre”**: escravidão e liberdade no sertão do São Francisco (Carinhanha, 1800 – 1871). 2017. 214 f. Dissertação (mestrado em História) – Programa de Pós – Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

LINS, Wilson. **O médio São Francisco:** Uma sociedade de pastores guerreiros. 3ª ed. São Paulo; Brasília: Ed. Nacional; INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

LINS, Wilson. **Os cabras do Coronel**. Salvador: Assembleia Legislativa/Academia de Letras, 2014.

LOPES, Juliana Serzedello Crespim. **Identidade políticas e raciais na Sabinada (Bahia, 1837 – 1838).** São Paulo: Alameda, 2013.

LÓPEZ, Sara Mata de. Historia local, historia regional e historia nacional. ?una historia posible? **Revista Escuela de Historia**. Salta. Ano 02, vol. 01, Nº 02, 2003.

MAGALHÃES FILHO, Francisco. **Perfil e histórias de um ramo da família Magalhães.** Organização: Hélverton Baiano. S.l.: s.n., s.d.

MARINHO, Simone Ramos. **Club Rio Contense:** sociabilidade, instrução e assistência no sertão republicano (Rio de Contas, 1902 – 1966). 2017. 294 f. Tese (doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

MARTINHO, Kamille. Operação Faroeste: borracheiro latifundiário que estava foragido se entrega à PF. **Metro 1.** Salvador, 27 nov. 2019. Disponível em < https://www.metro1.com.br/noticias/justica/83803,operacao-faroeste-borracheiro-latifundiario-que-estava-foragido-se-entrega-a-pf>, acesso em 19 out. 2020.

MARTINS, Herbert Toledo. A retaliação de Pernambuco: o caso da Comarca do Rio de São Francisco. **Revista Clio**, Recife, V. 28.2, 2010.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2019.

MARTINY, Carina. Saber Negociar: a inserção da elite local na estrutura de poder do Estado brasileiro (na transição do Império para a República). In: Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira; Lucia Maria Bastos Pereira das Neves; Lucia Maria Paschoal Guimarães. (Org.). Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira; Lucia Maria Bastos Pereira das Neves; Lucia Maria Paschoal Guimarães (org). **Elites, fronteiras e cultura do Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.

MATTOS, Ilmar Rohloff. **O Tempo Saquarema**: A formação do Estado Imperial. São Paulo: HUCITEC, 2004.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia, século XIX**: uma província no Império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEDEIROS, João de Deus. **Guia de campo:** vegetação do cerrado 500 espécies. Brasília: MMA/SBF, 2011.

MEIRELLES, Nevolanda; SANTOS, Francisca da; OLIVEIRA, Vilma Lima Nonato; LEMOS-JÚNIOR, Laudenor P.; TAVARES-NETO, José. Teses doutorais de titulados pela Faculdade de Medicina da Bahia, de 1840 a 1928. **Gazeta Médica da Bahia**. Salvador, Vol. 74, Nº 01, p. 9-101, Jan-Jun 2004.

MELLO, Isabele Matos Pereira de. Instâncias de poder e justiça: os primeiros tribunais da relação (Bahia, Rio de Janeiro e Maranhão). **Tempo.** Vol. 24, n. 1. Jan./Abr. 2018.

MENDES, José Amado. História local e memórias: do Estado-Nação à época da globalização. **Revista Portuguesa de História.** Coimbra, Nº 34, 2000.

MIRANDA, Agenor Augusto de. **O Rio São Francisco:** como base do desenvolvimento econômico do nosso vasto interior. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Nacional, 1941.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O sertão: um “outro” geográfico. **Terra brasilis** – Revista brasileira de História da Geografia e geografia histórica. V. 4/5, p. 11 – 23 (impresso) / 01 – 08 (digital), 2003. Disponível em < https://journals.openedition.org/terrabrasilis/341>, acesso em 06 dez. 2020.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Estrutura fundiária e dinâmica mercantil:** alto sertão da Bahia, séculos XVIII e XIX. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2005.

NEVES, Erivaldo Fagundes. História e Região: tópicos de História Regional e Local. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v.1, n. 2, abr.-out. 2008.

NEVES, Erivaldo Fagundes**. História regional e local:** fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade. Feira de Santana: Editora da UEFS; Salvador: Arcádia, 2002.

NEVES, Erivaldo Fagundes. Propriedade, posse e exploração da terra: domínio fundiário na Região Oeste da Bahia, século XIX. In.: CARIBÉ, Clóvis; VALE, Raquel (Orgs). **Oeste da Bahia:** trilhando velhos e novos caminhos do além São Francisco. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

NEVES, Zanoni. **Rio São Francisco:** história, navegação e cultura. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2009.

NOGUEIRA, Gabriela Amorim. **“Viver por si”, viver pelos seus:** famílias e comunidades de escravos e forros no “Certam de sima do Sam Francisco” (1730 – 1790). 2011. 211 f. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Santo Antonio de Jesus, 2011.

NOVAES, João Reis. **Tecelões da (des)ordem:** cotidiano e policiamento nos sertões da Bahia (1891 – 1930). 2021. 279 f. Tese (doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

NOVAIS, Suzimar dos Santos. **Mulheres sertanejas:** política e economia no sertão da ressaca. 2011. 124 f. Dissertação (mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

NOVAIS, Wendel de. Arquivo Público da Bahia reabre depois de quase dois anos de reforma. **Jornal Correio da Bahia**, Salvador, 06 nov. 2020. Disponível em < https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/arquivo-publico-da-bahia-reabre-depois-de-quase-dois-anos-de-reforma/#:~:text=Arquivo%20P%C3%BAblico%20da%20Bahia%20reabre%20depois%20de%20quase%20dois%20anos%20de%20reforma,-Espa%C3%A7o%2C%20localizado%20na&text=Fechado%20para%20reformas%20desde%20janeiro,visita%20a%20institui%C3%A7%C3%A3o%20mais%20confort%C3%A1vel. >. Acesso em 22 mai. 2021.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí** – Volume 03. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Artenova, s.d.

OLIVEIRA, Antonio Nonato Santos. **Participação de terceiros na alforria:** escravidão e liberdade em Barra, Bahia, 1827 a 1888, 133f. 2017. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

OLIVEIRA, Deocleciano Martins de. **Procuro o menino.** Rio de Janeiro; Brasília: Cátedra; INL, 1976.

OLIVEIRA, Gabriel Pereira de. **O rio e o caminho natural:** propostas de canais do São Francisco, aspectos físicos fluviais e dinâmicas políticas no Brasil Império (1846 – 1886). 2015. 198 f. Dissertação (mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

OLIVEIRA, Nora de Cassia Gomes de. **Os ilustres, prudentes e zelosos cidadãos baianos e a construção do Estado Nacional (1824 – 1831)**. 2007. 206 f. Dissertação (mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

OLIVEIRA, Renata Ferreira de. **Índios paneleiros do planalto da Conquista:** do massacre e o (quase) extermínio aos dias atuais. 2012. 223 f. Dissertação (mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2012.

OLIVEIRA, Wálney da Costa. **“Sertão virado do avesso”.** A República na região de Canudos. 2000. 225 f. Dissertação (mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2000.

OPERAÇÃO da PF contra venda de sentenças afasta quatro desembargadores e dois juízes. **Metro 1.** Salvador, 19 nov. 2019. Disponível em < https://www.metro1.com.br/noticias/justica/83319,operacao-da-pf-contra-venda-de-sentencas-afasta-quatro-desembargadores-e-dois-juizes>, acesso em 19 out. 2020.

OPERAÇÃO Faroeste: STJ autoriza prisão domiciliar para desembargadora. **A Tarde**. Salvador, 25 set. 2020. Disponível em < http://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/2139861-operacao-faroeste-stj-autoriza-prisao-domiciliar-para-desembargadora>, acesso em 19 out. 2020.

PAMPLONA, Luiz Gonzaga. **Barreiras, Bê-a,... da Barra pra cá!** Brasília: s.n., 2002.

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. Construindo o Estado da Exclusão: os índios brasileiros e a constituição de 1824. **Revista CLIO** – Revista de Pesquisa Histórica. Recife, Vol. 28, Nº 02, p. 01 – 17, jul-dez de 2010.

PARDAL, Paulo. **Carrancas do São Francisco**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1981.

PAULA, Dilma Maria de. O debate parlamentar na criação da Comissão do Plano de Aproveitamento da Bacia do São Francisco (1946 – 1948): significados da atuação de Manoel Novais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 28, 2015, Florianópolis. **Anais do XXVIII Simpósio nacional de História da ANPUH:** Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis: s.n. Disponível em < https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/34-snh28 >, acesso em 14 ago. 2021.

PAULA, Maria Helena de; ALMEIDA, Mayara Aparecida Ribeiro de. Entre arraiais, vilas, cidades, comarcas e províncias: terminologia das representações do espaço no sudeste goiano do século XIX. **Revista (con)Textos Linguísticos**. V. 10, nº 17, p. 153 – 167. 2016.

PEDRO, Alessandra. **Liberdade sob condição:** alforrias e políticas de domínio senhorial em Campinas, 1855 – 1871. 2009. 208 f. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História Regional e transformação social. In: SILVA, Marcos A. da (Coord.). **República em Migalhas:** História Regional e Local. São Paulo: Marco Zero, 1990.

PIERSON, Donald. **O Homem no vale do São Francisco.** Tomo I. Rio de Janeiro: SUVALE, 1972.

PIMENTA, Tânia Salgado; SANTA RITA, Ticiana. Médicos no interior fluminense na segunda metade do oitocentos. BARRETO, Maria Renilda; SANGLARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio (Org.). **A interiorização da Assistência:** um estudo sobre a expansão e a diversificação da assistência à saúde no Brasil (1850-1945). Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

PINA, Maria Cristina Dantas. **Santa Isabel do Paraguassú**: cidade, garimpo e escravidão nas lavras diamantinas, século XIX. 122 f. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

PINHO, José Ricardo Moreno. **Escravos, quilombolas ou meeiros?** Escravidão e cultura política no médio São Francisco (1830 – 1888). 124 f. 2001. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

PINHO, Wanderley. **Cotegipe e seu tempo**: primeira phase (1815 – 1867). São Paulo: Nacional, 1937.

PINTO, Luciano Rocha. Sobre a arte de punir no código criminal imperial. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO: MEMÓRIAS E PATRIMÔNIO. 14, 2010, Rio de Janeiro. **Anais do XIV Encontro regional da ANPUH-RIO:** Memórias e patrimônio. Rio de Janeiro: UNIRIO. Disponível em < http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276652470_ARQUIVO_SobreaartedepunirnoCodigoCriminalImperial.pdf>. Acesso em 21 ago. 2019.

PIROLA, Ricardo F. O castigo senhorial e a abolição da pena de açoites no Brasil: justiça, imprensa e política no século XIX. **Rev. Hist. (São Paulo)**, São Paulo, n. 176, a08616, 2017.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o bloco histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARREIRAS. **Resumo histórico das nossas origens**. Barreiras: 2001, s.n.

QUEIROGA, J. S. **Maricota e o Padre Chico:** Lenda do Rio São Francisco. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1871.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

REGO, André de Almeida. Deslocamentos espaciais de índios nas aldeias e vilas indígenas da Bahia do século XIX. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.2, nº4, p. 48 – 67, jan-jun 2013.

REGO, André de Almeida. **Trajetória de vidas rotas: terra, trabalho e identidade indígena na província da Bahia (1822 – 1862)**. 399f. 2014. Tese (doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

REIS, João José. A elite baiana face os movimentos sociais, Bahia: 1824 – 1840. **Revista de História**. São Paulo. V. 54, nº 108, p. 341 – 384, 1976.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

REMOND. René. Do político. In.: REMOND, René (Org). **Por uma História Política.** Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIGONATO, Valney Dias. **Por uma geografia de/em transição:** r-existência e (re)habitação dos geraizeiros no médio vale do rio Guará, São Desidério, BA. 2017. 311 f. Tese (doutorado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

RIOS, Iara Nancy Araújo. **Nossa Senhora da Conceição do Coité:** poder e política no século XIX. 2003. 155 f. Dissertação (mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

ROCHA, Geraldo. **O rio São Francisco:** fator precípuo da existência do Brasil. 4ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

RODRIGUES, Marcelo Santos. **Os (in)voluntários da pátria na guerra do Paraguai (a participação da Bahia no conflito)**. 2001. 166 f. Dissertação (mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

ROLIM, Leonardo Cândido. **A rosa dos ventos dos sertões do norte:** dinâmicas do território e exploração colonial (c. 1660 – c. 1810). 2019. 219 f. Tese (doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, Paulo, 2019.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 20ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSANVALLON. Pierre. **Por uma história do político**. Tradução: Christian Edward Cyril Lynch. São Paulo: Alameda, 2010.

SALMONA, Yuri Botelho; PAIVA, Artur Orelli; MATRICARDI, Eraldo Aparecido Trondoli. Estimativas futuras de desmatamento e emissões de CO_2 equivalente no oeste baiano. **Revista Brasileira de Cartografia**. Rio de Janeiro. Nº 68/7, p. 1385 – 1395, jul-ago 2016.

SAMPAIO, Patrícia Melo. Política indigenista no Brasil Imperial. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo. (Orgs.) **O Brasil Imperial (1808-1889)** – Vol. 01. Rio deJaneiro: Civilização Brasileira, 2009.

SANCHES, Nanci Patrícia Lima. **Os livres pobres sem patrão nas Minas do Rio de Contas/BA** – Século XIX. Salvador: UFBA, 2008. 140 f. Dissertação (mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2008.

SANTANA, Napoliana Pereira. **Família e microeconomia escrava no sertão do São Francisco (Urubu – BA, 1840 a 1880).** 2012. 218 f. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Santo Antonio de Jesus, 2012.

SANTOS, Clóvis Caribé Menezes dos. **Oeste da Bahia**: modernização com (des)articulação econômica e social de uma região. 2007. 243 f. Tese (doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós – Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

SANTOS, Gesilda Pereira dos. **Escravidão no sertão do Rio Grande:** relações de compadrio dos cativos da freguesia de Santa Ana do Campo Largo, (1800 – 1839). 2018. 75 f. Monografia (Graduação em licenciatura em História) – Centro das Humanidades, Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Barreiras, 2018.

SANTOS, Honorato Ribeiro dos. **História de Carinhanha**. S.l.: S.n., S.d.

SANTOS, Igor Gomes. **A horda heterogênea**: crime e criminalização de “comunidades volantes” na formação da nação, Bahia (1822 – 1853). 2017. 361 f. Tese (doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017a.

SANTOS, Igor Gomes. “O pavor da fidalguia”: as fronteiras do medo senhorial e o medo de Lucas da Feira. Bahia, século XIX. In.: PESTANA, Marco Marques; COSTA, Rafael Maul de Carvalho; OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. (Orgs). **Subalternos em movimento: mobilização e enfrentamento à dominação no Brasil.** Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017b.

SANTOS, Laíse Lemos. Regulamentaristas e abolicionistas: discursos de intervenção sobre a prostituição. ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH – BA, VIII, 2016. Feira de Santana. **Anais do VIII Encontro Estadual de História da ANPUH – BA,** Feira de Santana: UEFS, 2016, p. 01 – 10.

SANTOS, Márcio Roberto Alves dos. **Rios e fronteiras**: conquista e ocupação do sertão baiano. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2017.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. 5ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SCHROEDER, Ivo. Os Xerente: estrutura, história e política. **Sociedade e cultura**. Goiania. Vol. 13, Nº 01, p. 67 – 78, jan-jun 2010.l

SCHUELER, Alessandra Frota de. Representações da docência na imprensa pedagógica na Corte Imperial (1870 – 1889): o exemplo da Instrução Pública. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 379-390, set./dez. 2005.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil:** uma biografia. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SENADO. Barão de Cotegipe. Disponível em < https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/1819 >, acesso em 22 out. 2019.

SENRA, Nelson de Castro. O mapa do Brasil ao tempo do Império: o caso da criação da “província do Rio São Francisco (1873 – 1874)”. **Estatística e Sociedade**, Porto Alegre, p.178-203, n.2 nov. 2012.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/maio 2002.

SILVA, Cândido da Costa e. **Segadores e a messe:** o clero oitocentista na Bahia. Salvador: SCT/EDUFBA, 2000.

SILVA, Jacionira Coêlho. **Arqueologia no médio São Francisco**. Indígenas, vaqueiros e missionários. 2003. 460 f. Tese (doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

SILVA, Rafael Sancho Carvalho da Silva. **“E de mato faria fogo”**: banditismo no sertão do São Francisco, 1848-1884. 2011. 149 f. Dissertação (mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SILVA, Rafael Sancho Carvalho da. **“E de mato faria fogo":** o banditismo no sertão do São Francisco, 1848 – 1884. Salvador: Sagga, 2017.

SILVA, Rafael Sancho Carvalho da. Considerações de um juiz de direito sobre o sertão baiano oitocentista. In.: **Revista Eletrônica Cadernos de História**. Ano V, nº 02, Ouro Preto, dezembro de 2010.

SILVA, Rafael Sancho Carvalho da; ARAS, Lina Maria Brandão de. O sertão do Rio São Francisco: caracterização e definição para um estudo do Brasil oitocentista. **Revista Nordestina de História do Brasil**, Cachoeira, v. 2, n. 4, p. 197-220, jan./jun. 2020.

SILVA, Rafael Sancho Carvalho da; ARAS, Lina Maria Brandão de. Notas históricas sobre a assistência à saúde em Barra do Rio Grande, século XIX. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 13, n. 29, p.155-174, maio/ago. 2021.

SILVA, Vera Alice Cardoso. Regionalismo: o enfoque metodológico e a concepção histórica. In: SILVA, Marcos A. da (Coord.). **República em Migalhas:** História Regional e Local. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Região e História: questão de método. In: SILVA, Marcos A. da (Coord.). **República em Migalhas:** História Regional e Local. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SITE DA BIBLIOTECA NACIONAL VOLTA AO AR DEPOIS DE DOIS ATAQUES DE HACKERS. **Gazeta do Povo**, s.l., 30 abr. 2021. Disponível em: [https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/breves/site-da-biblioteca-nacional-volta-ao-ar-depois-de-dois-ataques-de-hackers/]. Acesso em: 22 mai. 2021.

SOUSA SOBRINHO, José de. **O camponês geraizeiro no Oeste da Bahia:** as terras de uso comum e a propriedade capitalista da terra. 2012. 436 f. Tese (doutorado em Geografia Humana) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SOUSA, Maria Aparecida da Silva de. **A conquista do sertão da ressaca:** povoamento e posse da terra no interior da Bahia. Vitória da Conquista: UESB, 2001.

SOUZA, Augusto Fausto de. **Estudo sobre a divisão territorial do Brasil.** 2ª edição. Brasília: Fundação Projeto Rondon, 1988.

SOUZA, José Evangelista de. **Coronéis no Médio São Francisco** – Fatos e histórias. Santana: AJASS, 2007.

STOLS, Eddy; MASCARO, Luciana Pelaes; BUENO, Clodoaldo (Org.). **Brasil e Bélgica:** cinco séculos de conexões e interações. São Paulo: Narrativa Um, 2014.

TAVARES, Luís Henrique Dias. A economia da província da Bahia na segunda metade do século XIX. ***Universitas***, (29), jan-abr 1982.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 11ª edição. São Paulo; Salvador: Ed. da UNESP; EDUFBA, 2008.

TAYLOR, Keeanga-Yamahtta. Raça, classe e marxismo. **Revista Outubro**. São Paulo, nº 31, p. 177 – 196, 2º semestre de 2018.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **Correrias de ciganos pelo território mineiro (1808 – 1903)**. 1998. 111 f. Dissertação (mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

TELLES, Maria Laura Mariani da Silva. **Ser tão antigo:** fragmentos de uma história de família. Rio de Janeiro: GF Design, 2003.

TOMASCHEWSKI, Cláudia. **Caridade e filantropia na distribuição da assistência:** a irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas – RS (1847 – 1922). Mestrado em História das sociedades ibéricas e americanas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

TORRÃO FILHO, Amilcar. O “milagre da onipotência” e a dispersão dos vadios: política urbanizadora e civilizadora em São Paulo na administração do morgado de Mateus (1765 – 1775). **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, Vol. XXXI, nº 01, p. 145 – 165, junho, 2005. Disponível em < http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=134618603009>, acesso em 12 dez. 2020.

TORRE, Angelo. Micro/macro: ¿local/global? El problema de la localidad en una historia espacializada. **Historia Critica.** Bogotá, n.69, p. 37-67, July 2018. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-16172018000300037&lng=en&nrm=iso>. accesso em 13 Nov. 2020.

TRETTIN, Alexander. **O derrame de moedas falsas de cobre na Bahia (1823 – 1829)**. 2010. 188 f. Dissertação (mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

TRIGUEIROS, Edilberto. **A língua e o folclore da bacia do São Francisco**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **Ser-tão baiano:** o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana. 2007. 115 f. Dissertação (mestrado em Cultura e Sociedade) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

VELLASCO, Ivan de Andrade. Policiais, pedestres e inspetores de quarteirão: algumas questões sobre as vicissitudes do policiamento na província de Minas Gerais (1831 – 50). In:

CARVALHO, José Murilo de (Org). **Nação e cidadania no Império:** novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

VIDEIRA, Antonio Augusto P. Emmanuel Liais e o Imperial Observatório do Rio de Janeiro. **Saber Y Tiempo:** revista de historia de la ciencia, Buenos Aires, nº 19, p. 13 – 27, 2005.

VIEIRA, Flávio Lúcio R. A teia inescapável do discurso regionalista nordestino: "a invenção do nordeste e outras artes". **Conceitos**, João Pessoa, v. 4, n.5, p. 53-64, 2001.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. História, região e poder: a busca de interfaces metodológicas. **Locus**: revista de História. Juiz de Fora, Vol 03, Nº 01, p. 84 – 97. 1997.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y literatura**. Traducción: Pablo di Masso. Barcelona: Ediciones Peninsula, 2000.

REFERÊNCIAS DE APOIO

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de paleografia e de diplomática**. 2ª edição. Santa Maria: Editora da UFSM, 1995.

BRÉSILIEN MINI DICTIONNAIRE FRANÇAIS – BRÉSILIEN / BRÉSILIEN – FRANÇAIS. Paris: Larousse Dictionnaires, 2012.

FLORENZANO, Éverton. **Dicionário Ediouro Espanhol-português português-espanhol**. Rio de Janeiro: Ediouro, S.d.

HAWKER, Sara j. **The Oxford minireference dictionary & thesaurus.** S.l.: Oxford University Express, 1997.

LUBISCO, Nídia Maria Leinert; VIEIRA, Sônia Chagas. **Manual do estilo acadêmico:** trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. 6ª edição. Salvador: EDUFBA, 2019.

REFERÊNCIAS CARTOGRÁFICAS

EMBRAPA - SEMI ÁRIDO. Regiões Fisiográficas do Rio São Francisco. In: EMBRAPA – SEMI-ÁRIDO. **Balanço hídrico da bacia hidrográfica do submédio São Francisco utilizando técnicas de sensoriamento remoto**. Petrolina: Embrapa, s.d. 1 mapa, color., Escala 1:325km. Disponível em < http://www.cpatsa.embrapa.br:8080/bhsf/index.php?opcao=submedio>, acesso em 10 dez. 2020.

FOTOGRAFIAS E ESCULTURAS

ALMEIDA, Dilson Dias (Mestre Nêgo). **Carranca**. 2018(?). escultura em madeira e colorida. Fotografia de 2020 feita por Rafael Sancho Carvalho da Silva. Coleção: acervo pessoal.

GORHAM, Reginald. **Barra, 87:** [cais e mercado]. Barra, BA: [s.n.], ca. 1927]. 1 foto, Cópia fotográfica de gelatina e prata, p&b, 6 x 10,2 cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon669908/icon669908.jpg. Acesso em: 16 jan. 2021.

GORHAM, Reginald. **Joazeiro, 122:** [tipos humanos e barcos]. Juazeiro, BA: [s.n.], ca. 1927]. 1 foto, Cópia fotográfica de gelatina e prata, p&b, 11,2 x 16,5 cm; Papel: 12,7 x 20,6 cm em cartão-suporte: 15,9 x 22,7 cm. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon669943/icon669943.jpg>, acesso em 20 dez. 2020.

SANTOS, Benedicto Antonio dos. **São Pedro**. 18[??]. 01 escultura colorida doada em 1871 ao Hospital de Caridade de São Pedro, Barra, Bahia. Sob guarda da Loja Maçônica Fraternidade Amor e Justiça.

TAFULLO, José Rodrigues de Araújo. **Nicho da imagem de São Pedro**. 18[??]. 01 nicho doado em 1871 ao Hospital de Caridade de São Pedro, Barra, Bahia. Sob guarda da Loja Maçônica Fraternidade Amor e Justiça.

REFERÊNCIAS DAS EPÍGRAFES

ALVES, Castro. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1976.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Discursos de primavera e algumas sombras**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1978.

ARAGÃO, Wilson; LUCENA, Miguel. O sertão chora. Intérprete: Wilson Aragão. *In*: ARAGÃO, Wilson. **O filósofo e o jegue**. Salvador: Guerreiro Produções, Stúdio Dórea, Stúdio 3, s.d. 1 CD. Faixa07.

BATISTA, Francisco das Chagas. **Antônio Silvino:** vida, crimes e julgamento. São Paulo: Luzeiro, 2011.

DANTAS, Zé. Acauã. Intérprete: Luiz Gonzaga. *In*: GONZAGA, Luiz. **Luiz Gonzaga:** 50 anos de chão (Vol. 02). S.l: BMG, RCA, s.d.. 1 CD. Faixa 03.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão:** vereadas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SALDANHA, Zé. **Zé Saldanha.** São Paulo: Hedra, 2001.

XAVIER, Nelson Cesar. **Nêgo D’Água:** telas do rio São Francisco. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958.

APÊNDICE

Apêndice	Título
A	Rio Grande sentido rio São Francisco – vista do porto de Taguá (antiga Campo Largo)
B	Vista do rio Preto – orla de Santa Rita de Cássia (antiga Santa Rita do Rio Preto)
C	Encontro do rio Grande com o rio São Francisco, Barra – BA
D	Porto de Barra e Igreja do Bom Jesus, Barra – BA
E	Comarcas, cidade e vilas analisadas na pesquisa
F	Cronologia

APÊNDICE A - Figura 06: Rio Grande sentido rio São Francisco – vista do porto de Taguá (antiga Campo Largo)

Fonte: Acervo pessoal. Fotografia de Rafael Sancho Carvalho da Silva. 20 dez. 2016.

APÊNDICE B - Figura 07: Vista do rio Preto – orla de Santa Rita de Cássia (antiga Santa Rita do Rio Preto)

Fonte 2: Acervo pessoal. Fotografia de Rafael Sancho Carvalho da Silva. 30 jan. 2020.

APÊNDICE C – Figura 08: Encontro do rio Grande com o rio São Francisco, Barra – BA

Fonte: Acervo pessoal. Fotografia de Rafael Sancho Carvalho da Silva. 06 fev. 2020

APÊNDICE – D: Figura 09: Porto de Barra e Igreja do Bom Jesus dos Navegantes, Barra - BA

Fonte: Acervo pessoal. Fotografia de Rafael Sancho Carvalho da Silva. 05 fev. 2020

APÊNDICE E – Quadro 05: Comarcas, cidade e vilas analisadas na pesquisa

Comarca	Vila/cidade	Ano de elevação
Comarca do rio São Francisco	--	1820
Comarca do rio São Francisco	Barra	1752 (vila); 1873 (cidade)
Comarca de Campo Largo	--	1872
Comarca do rio São Francisco; Comarca de Campo Largo.	Campo Largo	1820
Comarca do rio São Francisco; Comarca de Campo Largo.	Santa Rita do Rio Preto	1840
Comarca do rio São Francisco;	Pilão Arcado (transferida para a Comarca de Sento Sé em por volta de 1848)	1810

Fonte: Barbosa Lima Sobrinho (1929), APEB. Seção Colonial e Provincial. Correspondência de juízes – Campo Largo (1873 – 1889). Maço: 2314, APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Correspondências recebidas das câmaras das vilas e câmara de Salvador. Sub-série: correspondência recebida da câmara da Barra do Rio Grande (1854 – 1888). Maço: 1259. MARTINS, Francisco Gonçalves. **Falla que recitou o presidente da província da Bahia, o dezembargador conselheiro Francisco Gonçalves Martins n'abertura da Assembléa Legislativa da mesma provincial em 04 de julho de 1849.** Bahia: Typographia de Salvador Moitinho, 1849. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/130605/677>, acesso em 27 mai. 2021.

APÊNDICE F – Quadro 06: Cronologia

1810	Criação da Comarca do Sertão pernambucano;
1820	Criação da Comarca do rio São Francisco;
1821	Criação da freguesia Santíssimo Sacramento e Sant'Ana do Angical
1823	Proposta de criação da província no sertão do São Francisco na Constituinte;
1824	Transferência da Comarca do rio São Francisco de Pernambuco para Minas Gerais;
1825	Proposta de criação da província no sertão do São Francisco debatida no Conselho de Estado na província de Minas Gerais;
1827	Transferência da Comarca do rio São Francisco de Minas Gerais para a Bahia;
1829 - 1832	Conflito entre Missão do Aricobé e Câmara de vereadores de Campo Largo por causa do projeto de arrendamento;
1830	Proposta de criação de província no território do Sertão do São Francisco feita pelo deputado Luiz Cavalcanti;
1837	Sabinada;
1838	Requerimento da câmara de Rio de Contas com proposta para criar uma província envolvendo o território do sertão do rio São Francisco;
1839	Proposta de Joaquim Manuel Carneiro da Cunha de criação de província no território do sertão do rio São Francisco como justificativa para transferência da Corte para o interior do país;
1838 – 1841	Balaiada
1850	Proposta de criação da província do rio São Francisco liderada por João Maurício Wanderley e outros deputados baianos;
1852	Inauguração do Hospital de São Pedro d'Alcântara da Villa da Barra
1855	Incorporação das freguesias da comarca do rio São Francisco à Arquidiocese de Salvador;
1868	Criação da freguesia Sant'Ana dos Brejos;
1871	Inauguração do novo prédio do Hospital de São Pedro d'Alcântara da Villa da Barra
1873	Proposta de criação da província do rio São Francisco anunciada pelo Imperador D. Pedro II na Assembleia Geral;
1896	Senador João Barbalho reivindica a devolução do território da antiga Comarca do rio São Francisco para Pernambuco.

ANEXOS

Listagem dos anexos

A	Mapa do Império do Brasil de 1883
B	Barca com figura de proa em Barra - ca. 1927
C	Carta do Império do Brazil (1882?)
D	Correspondência de João José de Souza Rabêllo. APEB. Seção provincial e colonial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250.
E	Correspondência de Francisco Pereira Dutra. APEB. Seção provincial e colonial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250.
F	Correspondência de Alvaro Tiberio de Moncorvo e Lima. APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533.
G	Correspondência de Joaquim Antonio Wanderley. APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566.

Anexo A – Mapa 07: Mapa do Império do Brasil de 1883

Fonte: BROCKES, C.; HELD, C. **Mappa do Imperio do Brazil:** augmentado de dados estatisticos e outras correcções resultantes de estudos e melhoramentos recentes. Rio de Janeiro, RJ: H. Laemmert & C., 1883. 1 mapa, col., 60,8 x 64,6cm em f. 68 x 73,8 cm. Escala 1:7.420.440 Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart164718/cart164718.jpg. Acesso em: 14 jan. 2021.

Anexo B – Figura 10: Barca com figura de proa em Barra – ca. 1927

Fonte: GORHAM, Reginald. **Barra, 87:** [cais e mercado]. Barra, BA: [s.n.], ca. 1927]. 1 foto, Cópia fotográfica de gelatina e prata, p&b, 6 x 10,2 cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon669908/icon669908.jpg. Acesso em: 16 jan. 2021.

Anexo C – Mapa 08: Carta do Império do Brazil (1882?)

Fonte: BICALHO, Honorio. **Carta do Imperio do Brazil:** indicando um plano geral para base da rede de viação. Rio de Janeiro, RJ: Lith. Paulo Robin, 1882?]. 1 mapa, col., 54,5 x 45,8. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart230727/cart230727.jpg. Acesso em: 13 jan. 2021.

Anexo D – Correspondência de João José de Souza Rabêllo

Referência: APEB. Seção provincial e colonial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250.

[01] Ill(ustríssi)mo e Ex(celentíssi)mo S(enho)r

Suposto q(ue) nesta v(il)a apparecido não hajão

individous q(ue) suspeitos se tornem por(?) ini-

migos do Sistema Constitucional, q(ue) feliz-

[05] m(ent)e nos rege. Todavia susseder bem pode

q(ue) desses rebeldes q(ue) assignarão a acta de 7

de Novembro p(róximo) p(assado) alguns p(o)r aqui a por-

tem. E como p.(?) os farei prender sem

saber de seos nomes, ou signaes cara-

[10] teristicos? Com vem, portanto, q(ue) V(ossa)

Ex(celênci)a digne-se mandar-me huma re-

lação dos nomes desses revoltosos e

na falta os signaes pelos q(ue) possão

ser conhecidos. Isto não obstante fa-

[15] rei q(uan)to estiver ao meo alcance a fim

de cumprir com q(uan)to V(oss)a Ex(celênci)a me ordena

pelo seo off(ici)o de 25 do p(róximo) p(assado) Abril.

D(eu)s G(uard)e V(oss)a Ex(celênci)a. V(il)a da Barra 25 de

maio de 1838.

[20] Ill(ustríssi)mo e Ex(celentíssi)mo S(enho)r Vice Presi-

dente desta província da B(ahi)a

João José de S(ou)za Rabêllo

J(uiz) de Direito Interino

Anexo E – Correspondência de Francisco Pereira Dutra

Referência: APEB. Seção provincial e colonial. Série: Correspondências dos juízes Barra do Rio São Francisco (1830 – 1886). Maço: 2250.

[01] Ill(ustríssi)mo e Ex(celentíssi)mo S(enho)r

Não sendo sufficiente a Força Policial desta

Comarca para prevenir os crimes e prender os

malfeitores, que ameação as Auctoridades Territo-

[05] raes e a face das mesmas vagão imprudentem(ent)e

pelas outras vilas, que a compõe, e tendo a As-

semblea Provincial pela lei de 23 de Março

deste anno sob n(úmer)o 95 elevado a Força Policial

das Comarcas de fora a mais de 100 praças: he

[10] de rigorosa justiça, que a desta tenha pelo me-

nos hum augmento proporcionado; por quanto

alem da conveniencia, que ha de haver hum

destacamento em cada huma das villas para

conter os malintencionados, e perseguir os sce-

[15] lerados, o que demanda em verdade maior força,

ocorre demais a necessidade de se acudir e de-

fender os Arraiaes de Santa Rita e Formosa das

incursões dos Indigenas, que de quando em quando

ali apparecem, commettendo toda sorte de barbari-

[20] dades; ao que acresce tambem o perigo, que corre

esta Comarca no caso de ganhar corpo a sedicção

que appareceo no centro da Provincia do Ma-

[*Folio 01 verso*]

[01] ranhão, e se vai estendendo com rapidez pela

do Piauhy, como me consta por officio, que

vi do Presidente desta Província ao Comman-

dante Superior da Guarda Nacional desta Co-

[05] marca, o que tido(?) junto á difficuldade,

que ha de se obter em caso de crise hum

pronto socorro dessa Capital, justifica

bem a justiça, com que agora requesito

a V(ossa) Ex(celênci)a o augmento de dez praças para

[10] esta Comarca, que constituindo huma

parte da Província, que V(ossa) Ex(celênci)a tão dignam(en)te

administra, se faz digna tão bem dos bene-

ficios, que eu em seo favor reclamo. D(eu)s G(uard)e

[15] a V(oss)a Ex(celênci)a. Barra 13 de agosto de 1839.

Ill(ustríssi)mo e Ex(celentíssi)mo S(enho)r Thomaz X(avi)er Garcia d'Almeida

Presidente desta província

Francisco Pereira Dutra

Juiz de Direito desta Comarca do Rio de São Fran(cis)co

Anexo F – Correspondência de Alvaro Tiberio de Moncorvo e Lima

Referência: APEB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo da Província (Justiça): Correspondência recebida de Juízes – Pilão Arcado – 1828 – 1879. Maço: 2533.

[01] Ill(ustríssi)mo e Ex(celentíssi)mo S(enho)r

Não nos havendo até hoje chegado alguma

outra notícia do estado do interior, e cumprin-

do avizinhar a expedição ao lugar de seu desti-

[05] no; na proxima madrugada prosseguiremos em

nossa marcha, não talvez tão apresadam(en)te como

até aqui, p(o)r convir mas de todas as cautellas, q(uan)do

nos tem constado, que os desordeiros hão passado

gr(an)de numero de cavallos p(ar)a o lado de cá do Rio

[10] de S(ão) Francisco com o fim de se provirem de mu-

niçoens e gente, se não talvez de virem ao nosso

encontro. Fica previnido o T(enent)e C(oron)el de G(uarda) N(acion)al

d'esta v(il)a p(ar)a ter prompto o auxilio determina-

do p(o)r V(oss)a Ex(celênci)a e assim o Delegado da V(il)a da

[15] Jacobina acerca da noticia referida.

D(eu)s G(uard)e a V(oss)a Ex(celênci)a. V(il)a Nova 22 de fevereiro de 1844.

Ill(ustríssi)mo e Ex(celentíssi)mo S(enho)r conselheiro

[*folio 01 verso*]

[?] e Presid(en)te desta província

Joaq(ui)m José Pinheiro de Vasconcellos

O J(ui)z M(unicip)al e Delegado de Pilão Arcado

Alvaro Tiberio de Moncorvo e Lima

Anexo G - Correspondência de Joaquim Antonio Wanderley

Referência: APEB. Seção Colonial e Provincial. Série: Governo. Sub-série: Correspondência Juízes Rio Preto (1831 – 1888). Maço: 2566.

[01] Ill(ustríssi)mo e Ex(celentíssi)mo S(enho)r

Com maior despraser levo ao conhecimento de V(oss)a Ex(celênci)a que es-

te Municipio acha ameaçado pelos Índios selvagens cujas

costumadas agressões muito assombrão, hoje, aos habitantes seu

[05] apparecimento, agora mais do que nunca pela audácia

de apparecêrem no centro das povoações, na curta distancia de

oito legoas desta villa, longe do territorio deserto que defendem

trinta legoas, ao menos, sendo isto o que excede a toda a de-

[10] [?], mâs, sem duvida, justifica sua animosidade e mal-

vadas intenções, que a não serem prevenidas, certamente, se-

remos victimas do furôr de suas barbaridades; de triste recorda-

ção: Em consequencia, pois, do supradito fis seguir para

aquelles lugares as pessôas, que momento de similhante noticia

[15] me foi possivel encontrar, as quais no sitio da residencia do ci-

dadão José da Rocha Medrado se reunirão centro e vinte quatro,

e com os Inspectores dos Quarteirões vizinhos, e na direcção

do referido, a quem incumbi esse serviço, José da Rocha Medrado,

de fazer afugentar esses barbaros, a tropa entranhousse pelo ma-

[20] to com vigilancia; porem os selvagens reconhecendo a força a-

fugentarãosse desse sitio, mas continuão em apparecêr em

outros sítios da mesma vizinhança, e com a mesma animo-

sidade, sendo vistos e conhecidos com os barbaros gente nossa, tal-

vêz delinquentes, sentenciados e escravos evadidos dos respectivos

[25] sen(ho)r(e)s, que sabendo nossos costumes tornasse muito mais temivel

esse grupo de selvagens entre nóz.

Não peço a V(oss)a Ex(celênci)a força de tropa por parecer-me desnecessa-

ria, e nem dinheiro algum, persuadindo-me da enorme despeza

que [?] tem motivado; só, unicamente peço a V(oss)a Ex(celênci)a

[30] a organização da Guarda Nacional deste Termo, e que seja ar-

mada tanto quanto possivel for, por que a falta de armas

[*Folio 01 verso*]

[01] dêo lugar a seguir a gente de que ja falei, armado até com páos,

ficando V(oss)a Ex(celênci)a certo, que da antiga Guarda nada resta, nada

existe; sendo pois, de novo organizada, e armada eu me obri-

go a regulariza-la de conformidade com as regras da dis-

[05] ciplina usual.

Ex aqui Ex(celentíssi)mo Senhor a proteção que imploro espero de

V(oss)a Ex(celênci)a com a energia, e equidade que a V(oss)a Ex(celênci)a não fallece.

D(eu)s G(uard)e a V(oss)a Ex(celênci)a. V(il)a de S(an)ta Rita 12 de abril

de 1856.

[10] Ill(ustríssi)mo e Ex(celentíssi)mo S(enho)r Alvaro

Tiberio de Moncorvo Lima. Pre-

sidente da província.

Joaquim Antonio Wanderley

Juiz Mun(icip)al substituto

Denise Simões Rodrigues

Revolução Cabana e Construção da Identidade Amazônida

UEPA

Revolução Cabana e Construção da Identidade Amazônida

Denise Simões Rodrigues

Realização
Universidade do Estado do Pará - UEPA
Editora da Universidade do Estado do Pará - EDUEPA

Apoio

UEPA

Normalização e Revisão
Marco Antônio da Costa Camelo
Nilson Bezerra Neto

Capa
Flávio Cardoso de Araujo

Apoio Técnico
Arlene Sales Duarte Caldeira
Bruna Toscano Gibson

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Diretoria de Biblioteca Central da UEPA

Rodrigues, Denise Simões

Revolução cabana e construção da identidade amazônida / Denise Simões.

266 p. : il. ; 23 cm.

Inclui bibliografias

ISSBN: 978-85-8458-047-7

1. Brasil – História- Cabanagem, 1835 - 1840. I. Título.

CDD 22.ed. 363.7

Editora filiada

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Editora da Universidade do Estado do Pará - EDUEPA
Travessa D. Pedro I, 519 - CEP: 66050-100 - Belém/PA
E-mail: eduepa@uepa.br/livrariadauepa@gmail.com

SUMÁRIO

Prefácio

Este livro é resultado de duas paixões da autora: a primeira, pela Amazônia, expressa no estudo da saga revolucionária dos cabanos na primeira metade do século XIX; e a segunda, pelas ideias luminosas e inovadoras de Cornelius Castoriadis, que servem de base teórica ao trabalho. Foram essas paixões que alimentaram a escrita da Tese de Doutorado de Denise sobre a revolução cabana no Pará. E eu, como sua orientadora, acompanhei de perto o itinerário dessas paixões, as quais compartilhamos. Digo bem acompanhei, porque Denise com o extenso conhecimento dos fundamentos sociológicos essenciais à compreensão da realidade que possui, sempre soube o que queria fazer: desvelar a força visionária e o élan libertário da revolução cabana, que permaneceriam vivos em suas raízes, mesmo após a derrota dos últimos combatentes cabanos.

Na verdade, foi o élan libertário da revolução cabana, que levou a autora a buscar na obra de Castoriadis os conceitos que serviriam de sustentáculo para a elucidação das questões de autonomia/liberdade, do poder em seus diferentes registros, do cruzamento do social-histórico, e, sobretudo do papel do imaginário social na instituição da identidade amazônida.

O estudo nos mostra algo pouco conhecido por aqueles distantes da cultura amazônica: o sentido da liberdade vinculado à integração com a natureza. O nativo da Amazônia não luta contra a natureza, mas a ela se integra e convive, respeitando-a como parte da realização de si mesmo, como seu ser natural. Daí sua posição de contemplação, de respeito e familiaridade com a exuberância das matas e dos rios, em clima de paz e tranquilidade, destituído de pressa.

Os pressupostos básicos do capitalismo, o lucro, a competição, a produtividade exacerbada obtida a custa de longas e estafantes jornadas de trabalho, não o interessam ou seduzem as quinquilharias oferecidas como recompensa à renúncia ao seu modo típico de sobreviver. Aqui se encontra o fulcro por onde se dará o embate entre os nativos e os colonizadores portugueses.

Os índios, na implantação da empresa colonial, e os caboclos, produtos dos sucessivos cruzamentos interétnicos, preferiam ser livres, ainda que muito carentes de bens, mas com sua vida cotidiana integrada aos rios, igarapés e matas de onde tiravam o seu sustento e garantiam a sobrevivência, do que se sujeitarem às penosas jornadas de trabalho compulsório impostas pelo colonizador. “Entre viver escravo e morrer, muitas tribos preferiam a morte”,[1] ressalta Denise.

A dominação e o processo de colonização lusa não se darão somente pela via da exploração do trabalho dos nativos. Ela se dará, sobretudo, pela via das significações imaginárias sociais vinculadas à religião cristã, por meio do processo evangelizador, realizado pelas ordens religiosas, em especial pelos jesuítas. Estes exercerão seu trabalho evangélico de maneira eficaz e coordenada com os

[1] RODRIGUES, Denise de Souza Simões. 2001, p. 95

objetivos dos interesses portugueses. E o farão de forma violenta e simbólica pela negação de elementos da cultura indígena, com a introdução de novas significações imaginárias, induzidas pelo temor do inferno, pela noção do pecado, pelas ideias de salvação, e pelo exercício de rezas e rituais cristãos. Lê-se em seu texto: "A análise do projeto colonial português para a Amazônia revela um objetivo básico a ser alcançado, qual seja "dilatar a fé e o império".[2] Os séculos de dominação colonial que precedem a explosão da Cabanagem correspondem ao doloroso processo de expropriação social e econômica da população amazônida, sua longa lista de humilhações e sofrimentos físicos, a desnaturação do humano, reduzido à condição de servidão.

O que queriam os cabanos? Em pleno processo de constituição da identidade nacional, desejavam ser brasileiros com direito a autogoverno, livres da tutela portuguesa, entendida como usurpadora de seus bens e de seus princípios. A continuidade do poder em mãos dos antigos senhores fermenta a revolta e o desejo de finalmente ser livre e assim quebrar as cadeias da opressão secular. Para elucidar o processo social-histórico, Denise dialoga com diversos autores, entre eles Weber e Foucault, ao introduzir os conceitos de poder e disciplina como parâmetros necessários para a compreensão da dominação e da imposição pelo trabalho compulsório da lógica capitalista, ainda que esta tenha encontrado grande resistência para penetrar na região.

O deslindar do processo social-histórico se torna mais claro quando a autora introduz então, o conceito de infra-poder radical de Castoriadis para a elucidação da força da resistência cabana. Trata-se do poder exercido pela sociedade sobre o individuo definindo o seu ser e o seu pensar, moldando-o por assim dizer, com as marcas da cultura. Esse infra-poder do próprio campo social, porém, jamais é exercido de modo absoluto, pois deixa sempre brechas e interstícios por onde os sujeitos desabrocham e realizam o seu ser, por meio do imaginário radical ou social, que se expressa tanto no psiquismo, como na sociedade.

O poder explícito compreendido simplesmente como poder é identificado por Castoriadis como o conjunto das Instituições encarregadas pela preservação da ordem, das leis, das normas e das significações da sociedade. Esse poder se reveste de diferentes figuras, entre elas a do Estado e a máquina burocrática pública, bem como os próprios cargos de governantes e mandatários, mas sua função transcende de muito a fronteira estatal, pois se refere ao conjunto das instituições responsáveis pela manutenção da ordem pública e da vida social.

Poder e soberania são, então, os parâmetros por onde Denise analisa as lutas na Amazônia. A noção de soberania dos cabanos tem uma significação vinculada essencialmente à natureza, à terra, o que é responsável, sem dúvida, pela resistência e luta dos nativos contra a submissão e a violência dos antigos colonizadores, agora instalados nos postos de comando local do Império. No entendimento da autora a revolução cabana foi muito mais ampla e demorada do que os anos do

[2] Idem, ibidem. p. 107.

auge das ações militares tal como ela aparece registrada na historiografia tradicional. O seu ápice extremamente violento, registrado pelas ações dos revolucionários, indica que as condições de saturação psicológica dos excluídos do poder e da recém-nação haviam chegado ao seu limite. A repressão do mesmo calibre, conduzida pelas tropas imperiais, calou os cabocos vencidos e é esta identidade que emerge no decorrer do século XIX: aparentemente um povo cabisbaixo, passivo, contemplativo, sem ambições maiores, conformado.

"A contemplação surge como suporte da produção cultural dos mitos", afirma a autora, para ressaltar a postura contemplativa e de devaneio do caboclo diante da natureza, por meio da qual a imaginação se expande na criação de um mundo simbólico fantástico, vivido no cruzamento do natural com o sobrenatural, de forma harmoniosa e pacífica. Essa postura contemplativa como um dos elementos essenciais da cultura indígena constitui-se no estereótipo mais difundido sobre os amazônidas: a lerdeza, a indolência e a preguiça, serão interpretadas como elementos responsáveis pelo atraso e pobreza da região.

O trabalho analisa e critica esse estereótipo, propondo um outro olhar sobre a colonização na Amazônia, ressaltando, de um lado, a resistência silenciosa do caboclo diante da sanha mercantil e bruta do colonizador; e de outro, as nuances de uma revolução, que se dissemina sem uma outra causa além da necessidade de aumentar a produção para a expansão do capital luso, com a ajuda decisiva da Igreja. Poder político e religião caminham lado a lado e de forma complementar para a realização do sonho de uma civilização ocidental cristã, próspera e violenta na expansão das fronteiras amazônicas.

O trabalho de Denise vale, sobretudo, pela luz que ele lança sobre o passado da região amazônica, mostrando o difícil, dramático e tortuoso caminho da Cabanagem, com os seus lances de bravura, tenacidade, coragem, mas também de violência e perplexidade vividos naquele mundo misterioso, mítico e fantástico, que é a Amazônia.

Finalmente, o meu agradecimento a Denise pelo convite para escrever este prefácio, dando-me assim a chance de retornar ao tema da revolução cabana e rememorar nossas discussões e debates à luz dos ricos conceitos filosóficos e políticos de Castoriadis. Revolução de tamanha importância para a nossa história, que nos mostra o papel desempenhado pelos destemidos cabanos, exemplos de resistência

Mirtes Mirian Amorim Maciel

Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo

Professora aposentada pela Universidade Federal do Ceará

Introdução

Pesquisando a história da Amazônia sob domínio colonial português e no período imediatamente posterior, como província do Império, alguns pontos atraíram minha atenção, e sobre os quais, muito pouco havia sido produzido, sob qualquer aspecto que se analise a literatura sobre a região. Refiro-me em especial ao período compreendido entre 1820 e 1840, quando a radicalização política acabaria por desencadear um longo movimento revolucionário de base popular – a ***Cabanagem***.

Trata-se de um momento histórico potencialmente rico em inovação na condução da política, propício à instauração de uma nova ordem social. Sua complexidade é agravada pela velocidade com que as transformações ocorrem, o que aumenta a instabilidade e a insegurança das posições assumidas pelos atores sociais no cenário político, encobrindo muitas vezes as motivações que sustentaram debates e combates no decorrer dos acontecimentos. A atuação panfletária e incendiária da imprensa foi fundamental para a transmutação da rivalidade em ódio (COELHO, 1993). E um outro tipo de luta seria travado, tendo sido as palavras substituídas pelas armas e a violência deixado de ser apenas uma ofensa ou uma calúnia, para assumir a sua face mais cruel e mortal.

É indiscutível que o desejo de ser brasileiro foi ardentemente defendido no Grão-Pará, como talvez não tenha sido em nenhuma outra província. Quando o Brasil se tornou independente, os laços da Amazônia com Portugal eram muito fortes, o que contribuiu para o agravamento das tensões políticas, dificultando a adesão à independência e fragilizando o exercício do poder na condução dos atos administrativos do governo provincial. E esse desejo tão forte de ser brasileiro, ancorado num sonho ancestral de liberdade, cuja expressão ao nível do político poderia ser resumido na aspiração de exercer o governo da Província plenamente, provocaria impressionante movimento de participação política radical, a muito custo sufocado pela força das armas.

Sempre me indaguei por que em uma região onde a defesa do direito à liberdade e à cidadania foi tão importante no passado, hoje parece tão conformada com as limitações estruturais que lhe são impostas, sem maiores consultas? Por que a participação política efetiva, consistente, é tão pouco expressiva, mesmo se considerarmos os períodos que antecedem as eleições e as características estruturais brasileiras, no que diz respeito às instituições políticas? Considerando-se a duração e o impacto que causou na estrutura econômica, ceifando milhares de vidas e desorganizando as atividades produtivas, por que restou tão pouco na memória coletiva, para a comemoração ou condenação do movimento cabano?

É verdade que há monumento comemorativo, nomes inscritos em mármore, mas falta o principal do louvor ou da crítica, a expressão simbólica que poderia estabelecer o canal de comunicação com o passado, falta o ritual e a linguagem que o expressam. Hoje, existem tentativas de apropriação do "espírito cabano", uma entidade de elaboração tão frágil que salta aos olhos a sua mera utilização

como recurso político. De qualquer modo, há nessa tentativa um esforço educativo, que rende alguns parcos frutos, no sentido de incentivar a participação popular no processo de tomada de decisões administrativas no plano local.

Retornando à primeira metade do século XIX, outro tipo de questão se impõe: o que é ser brasileiro, naquele momento e na Amazônia? Como os *amazônidas* elaboravam espiritual e materialmente a sua identidade, de tal modo que as semelhanças e/ou diferenças construídas culturalmente permitissem a distinção do *outro,* o não brasileiro, aquele que deve ser afastado da condução dos destinos da sociedade? O problema está em encontrar critérios válidos para estabelecer as diferenças e/ou semelhanças, uma vez que, ao longo do conflito, a condição de ter nascido no Brasil não será suficiente para estabelecer a nitidez necessária do comprometimento ideológico que os vários papéis políticos exigem (SCHWARTZ, 2000).

Comerciantes nascidos em Portugal, abastados e tradicionais, aqui chegados ainda crianças, proclamaram-se *brasileiros adotivos,* e, tendo jurado a Independência e a Constituição do Império, consideravam-se tão brasileiros quanto os nativos. Suas argumentações nunca deixavam de enfatizar a contribuição que prestavam à implantação da civilização em tão remotas paragens, seus investimentos de capital; um capital que, na maioria dos casos, foi obtido com as extenuantes jornadas de trabalho impostas aos nativos e um quase-nada de esforço e criatividade dos autoproclamados *brasileiros adotivos*.

Outros, nascidos na Amazônia, mestiços em sua maioria, chamavam a si mesmos de *brasileiros.* Ativistas da causa da Independência, acresceram aos seus nomes de batismo, gentílicos representativos das origens que pretendiam realçar, tais como nomes de tribos indígenas ou de exemplares da flora e da fauna regional. Esse foi o caso de Marcos Antônio Rodrigues Martins, que adotou o nome *Munducuru Paiquicé,* e dos irmãos Nogueira, personagens importantes do movimento cabano, que adotaram como sobrenome a palavra *Angelim*, que designa um tipo de madeira forte, muito encontrada na região (RAIOL, 1970, p.79).

Em meio às dificuldades operacionais de caráter conjuntural ou não, as facções envolvidas nas disputas pela hegemonia buscam incessantemente produzir elementos diferenciadores/demarcadores, que, associados às identificações formais sancionadas pelo costume e pela lei, pudessem garantir de algum modo situações de privilégio vigentes e assegurar a pertença à nova condição social-política que emergia, e nesse caso, aos potenciais direitos que surgiam. Como vislumbrar as marcas desse processo de instituição social-histórica[1] corporificadas no presente? Em outras palavras: como decodificar o passado reinterpretado pelo presente, o

---

[1] Utilizo-me do conceito de Castoriadis (1982, p.131): "O social-histórico é o coletivo anônimo, o humano-impessoal que preenche toda formação social dada, mas também a engloba, que insere cada sociedade entre as outras e as inscreve todas numa continuidade, onde de uma certa maneira estão presentes os que não existem mais, os que estão alhures e mesmo os que estão por nascer. É por um lado, estruturas dadas, instituições e obras "materializadas" sejam elas materiais ou não; e por outro lado, o que estrutura, institui, materializa. Em uma palavra, é a união e a tensão da sociedade instituinte e da sociedade instituída, da história feita e da história se fazendo."

passado presente de que fala Castoriadis? (CASTORIADIS, 1992a) Como descobrir, no que está sendo criado agora, seus laços com acontecimentos anteriores?

Em busca de respostas, empreendo esta jornada. Pretendo visualizar um projeto de identificação que teve seu curso alterado pela repressão imposta ao movimento cabano. A ***Cabanagem,*** sendo amplo movimento de base popular, representou um marco fundamental na estruturação dessa identidade, quando a cidadania esboçava seus primeiros passos, delineando seus trajetos futuros. Analisar esse movimento social rico e complexo implica aceitar alguns desafios teóricos no campo ao qual se destina este trabalho – a Sociologia – e assumir os riscos inevitáveis de incorrer em algum nível de simplificação em termos históricos, a matéria-prima desta análise.

Os documentos produzidos sobre o movimento cabano apresentam a liberdade como motivação básica para a luta e enfatizam o caráter extremamente violento e a amplitude que essa luta assumiu em seus cinco anos finais, alcançando vilas e povoações perdidas na imensidão amazônica. No entanto, até bem pouco tempo, os manuais escolares de História se limitavam a dedicar-lhe algumas linhas, listando-o entre as revoltas ocorridas no Período Regencial. Diante desse silêncio que a historiografia oficial[2] impôs aos vencidos, o que aguçou ainda mais a minha curiosidade, indago-me: qual a razão desse silêncio? Que novidade anunciava esse movimento, que precisava ser esquecida, desqualificada para as gerações futuras?

Um movimento como a ***Cabanagem*** encerra algumas dificuldades classificatórias, em parte originadas do próprio momento histórico no qual ocorre – o alvorecer da nacionalidade brasileira – quando da transição de uma forma social a outra. Seria uma rebeldia ou uma revolução? Não é meu objetivo alongar uma discussão dessa natureza, mas delimitar alguns pressupostos que possam oferecer um mínimo de coerência e clareza à minha argumentação.

A distinção mais usual entre revolução e rebeldia tem como fundamentos a abrangência, a intensidade, o grau de violência e a natureza ideológica ou não que caracterizem o movimento. A rebelião pode também ser entendida como uma espécie de direito político, direito à sublevação contra um governo estabelecido, que, ao violar as regras que servem de suporte às relações sociais e políticas instituídas, torne insustentável a situação vivida para boa parte dos membros da sociedade.

Nos casos em que o equilíbrio é rompido ou que ameaças, concretas ou não, colocam em risco a sociedade – especialmente a do tipo tradicional ou arcaica, onde se pressupõe que o poder do rei deriva de uma espécie de contrato com o povo e que não pode passar por alterações estruturais (violações graves) que o desfigurem – as rebeliões ou revoltas ou sublevações surgem como respostas previsíveis de resistência ou oposição.

[2]Utilizo o conceito de história oficial como o expressa o historiador Geraldo Mártires Coelho: “Com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, plasmou-se um modelo de historiografia e com ele organizou-se a história oficial do Brasil, construída a partir da ideologia dominante da intelligentsia reunida nos seus quadros e absorvida pela intelectualidade hegemônica do país” (COELHO, 1993).

A revolução seria um movimento mais profundo, amplo, violento e que afetaria as estruturas sociais como um todo, provocando grandes transformações, ao passo que a rebeldia teria um alcance mais limitado, em termos de sua abrangência e nas transformações que acarreta.[3] Arendt resume com perfeição:

> [...] o conceito moderno de revolução, inextrincavelmente ligado à noção de que o curso da História começa subitamente de um novo rumo, de que uma História inteiramente nova, uma História nunca antes conhecida ou narrada está para se desenrolar, era desconhecido antes das duas grandes revoluções no final do século XVIII. Antes que se engajassem naquilo que resultou em uma revolução, nenhum dos atores teve o mais leve pressentimento de qual iria ser o enredo do novo drama. [...] O enredo era, inegavelmente, o aparecimento da liberdade. [...] Condorcet resumiu o que todos sabiam: "A palavra **revolucionário** só pode ser aplicada a revoluções cujo objetivo seja a liberdade" (ARENDT,1988, p.23).

Analisada de modo superficial, a ***Cabanagem*** teria sido indiscutivelmente um movimento revolucionário, apresentando um toque de maior originalidade (quando comparada às outras que ocorreram no Brasil no mesmo período histórico), e que foi representado pela presença maciça dos despossuídos, em busca de autonomia, postulando igualdade no espaço político e exercendo o governo da Província em dois momentos e por vários meses. No entanto, é preciso cautela, ao se analisar processos sociais distanciados no tempo e que apresentem um complicador a mais – a dificuldade de apreensão da fala dos que foram vencidos – como é o caso dos protagonistas desse movimento.

Mesmo aceitando-se o fato de que a coincidência entre a ideia de liberdade e a experiência de um novo começo sejam vitais para a compreensão das revoluções modernas, como preconiza Arendt (1988), é aconselhável ser prudente na análise, e não transpor para realidades de natureza diversa propósitos e objetivos que só bem mais tarde seriam o fundamento ideológico de lutas de classe, posicionadas diferentemente na estrutura produtiva sob o modo de produção capitalista, como por exemplo, após o desenvolvimento da atividade industrial. E isso tem sido recurso de análise utilizado por alguns autores que estudaram os movimentos semelhantes ao cabano, durante a primeira metade do século XIX no Brasil, como teremos a oportunidade de mencionar mais adiante.

Esses autores, dependendo da abordagem que utilizam, podem ser enquadrados em uma das amplas vertentes do debate clássico sobre a ideia de revolução, estruturado sob duas grandes concepções de revolução: a progressista, adotada por pensadores de esquerda, para quem as revoluções são instrumento do

[3] Para Bobbio, a revolução "é a tentativa, acompanhada do uso da violência, de derrubar as autoridades políticas existentes e de as substituir, a fim de efetuar profundas mudanças nas relações políticas, no ordenamento jurídico-constitucional e na esfera sócio-econômica". O próprio autor reconhece que seu conceito é restritivo, porque só leva em conta os processos revolucionários que provoquem ao mesmo tempo mudanças políticas, sociais e econômicas (BOBBIO et alii, 1986, p.1221).

progresso inevitável da humanidade, em busca da liberdade, de igualdade e da harmonia social, e a conservadora, para a qual os movimentos revolucionários representam a explosão daquilo que o ser humano tem de pior: a violência incontrolável e destruidora.

Entre esses dois polos, é possível encontrar enorme variedade de obras enfatizando um ou alguns dos elementos diferenciadores então propostos, ora radicalizando um aspecto, ora atribuindo relevância a outro. Existem também explicações do tipo intermediário, que admitem a categorização de um movimento como revolucionário desde que ele apresente ampla participação da população, o que pode lhe conferir um caráter conservador ou progressista, dependendo das propostas que defende. De qualquer modo, a revolução será "sempre um fenômeno contraditório e complexo, cheio de imprevistos, no qual irrompe todo o subconsciente de um povo, com tudo o que isso implica de reacionário, progressista... Tudo nela é confusão... esplêndida e violenta" (FEJTO, 1958, p.13).[4]

Pretendo realizar sobre a ***Cabanagem*** uma abordagem sociológica, capaz de dar conta daquilo que ela apresenta de mais inovador: a participação das camadas da população socialmente excluídas na Amazônia da primeira metade do século XIX. É minha aspiração elucidar essa participação no demorado e rico processo de instituição social-histórica de sua autonomia, expressada em seu objetivo central: a busca de uma nova sociedade, na qual as diferenças sociais e culturais, em seus variados matizes e procedências, sejam aceitas e respeitadas.

Castoriadis, em sua obra *Encruzilhadas do Labirinto III. O Mundo Fragmentado*, define a autonomia como uma totalidade abrangente, nela incluindo-se os conceitos de liberdade e igualdade categorizados como *significações imaginárias sociais,* que fundamentam um querer político e inspiram, não só as lutas sociais e políticas como o processo de transformação das sociedades, especialmente naquelas originadas da tradição ocidental e europeia (CASTORIADIS,1992a, p.324-325).

Para Castoriadis, não há possibilidade de admitir como válida qualquer referência restritiva ao conceito de liberdade, mesmo que se pretenda defender o indivíduo contra o poder, aceitando a alienação ou a heteronomia política como inevitável e, desse modo, tolerando o "mal necessário" que é a existência de uma esfera estatal apartada da sociedade.

> A autonomia dos indivíduos, sua liberdade (que implica, é claro, sua capacidade de pôr-se a si mesmos em questão), tem como conteúdo, também e principalmente, **a igual participação de todos** no poder, sem o que evidentemente não há liberdade, do mesmo modo que não há liberdade sem igualdade. Como eu poderia ser livre se outros decidem sobre o que me diz respeito e se dessa decisão eu não posso tomar parte? (CASTORIADIS, 1987, p. 326. Grifos do autor).

[4] Citado no Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro:F.G.V., 1986, p.1075.

A sociedade é obra do imaginário instituinte. Ao mesmo tempo, os indivíduos são feitos pela sociedade, fabricados por ela. Existem, portanto, dois polos irredutíveis que são: o imaginário radical instituinte (o campo da criação social-histórica), e a psique singular do outro, a partir da qual a sociedade fabrica os indivíduos, num continuum de instituição e reinstituição das significações sociais. Nesse processo, a linguagem é o instrumento portador do conjunto das significações impostas à psique, desde o nascimento até a morte do indivíduo.

O que assegura a continuidade desse processo é o conjunto das instituições sociais, criações/manifestações desse infrapoder radical, expressão da sociedade instituída/ instituinte. O exercício do infrapoder radical pela sociedade pretende o controle absoluto sobre os indivíduos. Aspira a fazer com que os indivíduos reproduzam eternamente o sistema do qual são originados. Entretanto, a sociedade fracassa no exercício desse infrapoder absoluto, assinala Castoriadis, graças ao que ele classifica como impulso, que pode ser traduzido como porvir, o eterno vir-a-ser ou por-fazer social É nesse sentido que sua ideia de autonomia, política por excelência, está fundada na essência do humano – a capacidade de mudança, de criação, de inovação.

A partir dessa constatação, pode-se pensar na revolução como o processo que possibilitaria a concretização da autotransformação social, como expressão da luta permanente entre aquilo que está posto, instituído, e a inexorável força que age no sentido de alterar, modificar o que existe, reinstituindo continuamente a vida social, possibilitando o advento da autonomia como proposta política, a ser instituída clara e lucidamente.

No universo teórico de Castoriadis, a ideia de revolução ocupa um espaço privilegiado, é a expressão de sua preocupação central com a transformação da sociedade, em busca da criação de uma sociedade onde os homens se propõem as próprias leis, questionam sua validade e justiça, onde o binômio liberdade-igualdade não seja apenas mera figura de retórica, mas a expressão de um autêntico desejo de autonomia, como tentamos explicitar há pouco.

Ao analisar o legado da Revolução Francesa para a civilização ocidental europeia, referindo-se às pressões que a sociedade exerceu sobre as instituições políticas, tornando inevitável o processo revolucionário, e rejeitando a análise de cunho econômico e determinista dessa revolução seminal, ele escreveu:

> Não podemos amar o povo como amam os sacerdotes russos e os czares: com a condição que ele curve a cabeça, aceite com gratidão o despotismo, e com maior gratidão ainda algumas concessões de “liberdades”[...]. Uma liberdade outorgada é tão pouco a liberdade, quanto um sistema de pensamento aceito como dogma é um pensamento pessoal**. A Revolução é o esforço de um povo para dar a si mesmo a liberdade e para ele mesmo traçar os limites dela** (CASTORIADIS, 1992a, p.197. Grifos meus).

Retornando à Amazônia do século XIX e à análise das características essenciais da emergência de sua configuração identitária, é impossível ocultar a marcante influência ideológica que a ***Cabanagem*** recebeu das ideias libertárias presentes nos movimentos revolucionários europeus, especialmente do mais importante deles, a Revolução Francesa. Tal influência poderia ser explicada, tendo-se em vista a importância do intercâmbio econômico e cultural com a Europa e a proximidade com Caiena, possessão francesa na Amazônia e local de degredo político, o que teria favorecido a difusão das ideias revolucionárias na região, inclusive porque Caiena havia sido ocupada durante alguns anos, por tropas portuguesas originárias da Amazônia, na primeira década do século XIX (SALLES, 1992).

O desejo de liberdade, expresso com tanta ênfase pelas facções envolvidas no conflito, constituiu minha preocupação teórica inicial, e sua elucidação levou-me a buscar a gênese da opressão dessas camadas sociais. Em uma sociedade resultante do empreendimento colonial português, essa busca passaria inevitavelmente pela análise da servidão e/ou da escravidão que foi imposta aos nativos e aos negros. No caso amazônico, a redução dos índios ao estado de escravos foi condição essencial à implantação do processo civilizador, a partir do qual se criariam as condições para uma *colonização para o capitalismo,* no contexto em que a produção de mercadorias-chaves, destinadas a suprir os mercados da Europa, garantia os fabulosos lucros da classe mercantil que comandava o empreendimento colonial português (NOVAIS, 1985, p.102).

O trabalho compulsório, em suas variadas gradações, é a categoria fundamental para o entendimento da construção dos papéis sociais e as identidades que lhes correspondem, especialmente no período em estudo, quando uma questão de identidade de natureza coletiva – a nacionalidade – ocupa o centro do debate político. O escravismo ou sua forma atenuada, a servidão, cria as condições socioculturais a partir das quais se "naturaliza" a desigualdade, determinam-se "lugares sociais" para os não brancos, especialmente aqueles que não possuem recursos econômicos, justificando desse modo a *exclusão social*, elemento estruturante dessas formações societárias (JANCSÓ e PIMENTA, 2000, p.141).

Habilmente criam-se estratégias de reiteração de identidade capazes de assegurar o acesso e a manutenção de privilégios, buscando-se a demarcação das diferenças socioculturais. Uma delas foi a atribuição de graves defeitos aos nativos, tais como os da *preguiça, da indolência e da vadiagem,* causa de sua inclinação à ociosidade. Para disciplina-los e adestrá-los, tornando-os úteis à sociedade (FOUCAULT, 1987, p.191), nada melhor do que o trabalho compulsório, que assim seria justificado como uma *necessidade*, um dever cristão a ser cumprido. Afinal, a conquista do Novo Mundo havia sido feita para a glória de Deus e do Rei.

Potencializando rivalidades, explicitando não só a reordenação das posições dos atores sociais no espaço do debate, a partir de suas semelhanças, mas também desnudando a acelerada decomposição das diferenças que demarcavam com segurança direitos e privilégios, agora sob ameaça diante dos novos atores que

entram em cena, a questão nacional assume rapidamente um poder catalizador e direcionador do embate político.

A violência vai aos poucos minando e esgarçando o tecido social, e a desordem e excessos cometidos no decorrer do processo revolucionário constituem o clímax de uma situação na qual o cerceamento da liberdade não pode mais ser suportado.

Ao longo do período em estudo, vários são os momentos em que o direito à liberdade e à igualdade foi objeto central da disputa política. Esse questionamento, essencial para a instituição da autonomia, poderia ser brevemente traduzido pelas perguntas: *quem decide quem são os iguais? Ou: essa lei é justa? Como pode ser justa, se ela nos exclui da participação no governo?* (CASTORIADIS, 1987, p. 243-329).

Este trabalho está dividido em três partes. Na primeira, *Imaginário Social e Criação Identitária,* laboro teoricamente sobre a gênese da dominação portuguesa na Amazônia, processo iniciado no século XVII, com a fundação de Belém do Pará, em 1616. Considerei importante um recuo temporal, para dar conta dessa gênese, para isso buscando compreender o trabalho missionário dos Jesuítas e demais ordens católicas no processo evangelizador das populações nativas, considerando que foi esse trabalho missionário a operacionalizar a imposição ideológica necessária ao projeto português para a Amazônia.

Concebido, num primeiro momento, como conquista e expansão de fronteiras, esse projeto precisava ser consolidado militar e ideologicamente, e impunha, como necessidade estratégica, capturar os índios, retirá-los do estado selvagem e transformá-los em mão-de-obra a serviço da empresa colonial. Era preciso darlhes *uma fé, um rei e uma lei*. Partindo da ideia de que os selvagens eram páginas em branco, a violência evangelizadora vai operar nos variados registros simbólicos, de modo a substituir um mundo e seus significados por outro, o desejável, que trará como consequência ou produto os servos para Deus e El Rei.

Após dois séculos, a dominação possibilitou o surgimento de uma população *caboca*[5] numerosa, produto dos múltiplos e intensos cruzamentos interétnicos. Câmara Cascudo, em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, faz estas considerações sobre o termo:

> [É] o indígena, o nativo, o natural; mestiço de branco com índia; mulato acobreado, com cabelo corrido[...]. Diz-se comumente do habitante dos sertões, caboclos do interior, terra de caboclos, desconfiado como caboclo. Foi vocábulo injurioso e El-Rei D. José de Portugal, pelo alvará de 04 de abril de 1755, mandava expulsar das vilas os que chamassem aos filhos indígenas de caboclos[...]. Devíamos escrever **caboco,** como todos pronunciam no Brasil, e não caboclo, convencional e meramente **letrado.**

5 Entre a denominação de tapuio, contaminada pelos estereótipos pejorativos que carrega, ou utilizar o termo caboclo para designar os indivíduos, que ao fim do século XIX constituem a maioria da população na Amazônia, escolhi a forma regionalizada – caboco – e desse modo ser mais fiel ao uso cotidiano do termo.

> Caboco vem de **caá**, monte, mato, selva, e **boc,** retirado, saído, provindo, oriundo do mato, exata e fiel imagem da impressão popular, valendo o nativo, o indígena**, caboco-brabo**, o roceiro, o **matuto bruto** chaboqueiro, o bronco, crédulo mas, vez por outra, astuto, finório, disfarçado, zombeteiro (CASCUDO, 1992. Grifos do autor).

Charles Boxer também listou vários tipos resultantes desses cruzamentos interétnicos da Amazônia: mamelucos, mulatos, mestiços e caboclos. Em sua concepção, o termo "caboclo" pode ser usado indistintamente, tanto para pessoas descendentes de cruzamentos entre branco e índio como para o ameríndio domesticado ou qualquer indivíduo de classe baixa, aqueles que são considerados não brancos (1967, p.122).

Essa população *caboca*, vivendo como livre nas redondezas das vilas e povoações, mas em estado de abandono e pobreza, "seria extremamente sensível aos apelos libertários" que se traduzirão na explosão cabana (SALLES,1992, p. 65). Eles haviam consolidado um modo de vida próprio, avesso à exaustiva carga de trabalho que eram obrigados a suportar, mesmo considerando-se o estado de relativa liberdade que desfrutavam; e criavam, com frequência, formas de se recusar ao trabalho. Essa foi uma das razões, de fato, para a pejorativa qualificação de *indolentes, preguiçosos e vadios* que sobre eles recaía. Sua visão de mundo e liberdade era objeto das críticas severas de uma elite acostumada ao escravismo, para quem a liberdade de se recusar ao trabalho era privilégio dos brancos e não de mestiços.

Essa visão de mundo, caracterizada pelo *deixar-se-estar-em-contemplação,* o nada-fazer tão criticado, foi objeto de estudo de Paes Loureiro, em sua obra *Cultura Amazônica. Uma Poética do Imaginário*, que assim o conceitua:

> É possível identificar na cultura amazônica um imaginário poetizante e estetizador governando o sistema de funções culturais, tendo como suporte material a natureza e desenvolvendo-se através da vaga atitude contemplativa própria do homem da região em sua imersão no devaneio. Um devaneio que atua como ligação entre o real e o irreal[...]. Devaneio que é uma verdadeira meditação ontológica[...]. Como se eles re-emplumassem a alma com as asas da recordação, revoassem na incansável busca[...] de uma outra realidade, da bela existência em uma terra sem males (*Noçoquém*, na lingua tupi). (LOUREIRO, 1995. p.75 e 87).

Como são vistos os *cabocos*, não só como atores políticos no decorrer do processo revolucionário, mas como uma categoria identitária sociocultural? Em busca das matrizes das representações sociais sobres os *cabocos*, empreendi um recuo até o início da colonização da região, para averiguar como as formas de exploração dos nativos poderia ter oferecido suporte à construção dessas representações.

Os capítulos da segunda parte – *Trabalho e Ordem na Amazônia do Século XIX* – analisarão a estrutura de produção de "bons súditos" para Deus e a Coroa portuguesa, a partir da experiência jesuítica de catequese e ensino, contrapondo-se às ordenações legais mais importantes, a saber: o Regimento das Missões (1686), a lei

que instituiu o Diretório dos Índios (1757) e as instruções contidas na lei que criou o Corpo dos Trabalhadores (1838), com consequências de sua aplicação prática.

Na terceira parte – *A Imaginação Social da Liberdade* –, discuto em dois capítulos a formação do vínculo social, enfatizando sua relação com o poder, com a estruturação do político, laborando sobre uma totalidade – a ideia de nação – tendo como cenário a ***Cabanagem***, como movimento político emblemático de instituição da nacionalidade brasileira.

O discurso libertário no Pará é claro sobre a ideia de uma república federativa, especialmente nos escritos produzidos durante o período panfletário e veiculados pela imprensa da época. Esse discurso tem em Batista Campos, seu principal representante, e, por meio dele, busco reconstituir e compreender o ideário cabano sobre liberdade e igualdade. A forma como a ***Cabanagem*** foi reprimida com o duro *processo de pacificação* imposto aos vencidos, fornecerá os parâmetros em seus aspectos estruturais e modeladores dessa liberdade idealizada/permitida às camadas subalternas da sociedade brasileira da época.

Minha intenção é discutir a emergência da nacionalidade brasileira e as possibilidades que se oferecem à construção de uma configuração de identidade coletiva, aceitando a ideia de que a fluidez da situação de crise política, suporte ao debate sobre esse tema, apresenta um nível de dificuldade significativo, uma vez que está demarcado por dois assuntos cruciais: a necessidade de manutenção da unidade territorial e dos interesses e privilégios econômico-sociais gerados pelo escravismo, pelos quais a elite econômico-política lutará duramente para manter.

Como pontos estruturadores, considerarei o formato que o Estado assume; a cidadania, as condições de inclusão/exclusão; padrões de lealdade, critérios de adesão político-social presentes no processo. Meu objetivo é demarcar e, ao mesmo tempo, descrever a forma como se processa a transição na Amazônia, entre a situação colonial e a opção de governo independente, e como esse fato afetou a elaboração da identidade.

Considero que nesse embate teremos dois campos de força: de um lado, estão os partidários do conservadorismo, que buscam a conciliação como estratégia de acomodação de interesses, tentando sempre soluções de compromisso. No outro, onde estão aqueles que, à falta de melhor denominação, chamaremos progressistas, e que exercitam a postulação exaltada do direito à igualdade e à liberdade, o que torna a situação propícia à emergência de conflitos. A radicalização de questões diretamente ligadas às condições de inclusão/exclusão da cidadania, associada à concepção absolutista do exercício do poder pelas autoridades provinciais, em uma sociedade atravessada pelo sistema escravista, potencializaria os riscos de uma explosão revolucionária.

Em caráter amplo, a literatura sobre esse período da história brasileira pode ser enquadrada nas linhas de um debate entre dois macro conceitos: Estado / Nação e a forma como surgiram e se instituíram concretamente ao longo da colonização – e se consolidaram após a independência. Autores como Caio Prado

Jr. (*Formação do Brasil Contemporâneo)*; Sérgio Buarque de Holanda (*A Herança Colonial – sua Desagregação*); Raymundo Faoro (*Os Donos do Poder*); José Murilo de Carvalho (*A Construção da Ordem e Teatro de Sombras*), entre muitos outros, escreveram com propriedade sobre o tema. Entretanto, a formação das identidades político-culturais apresenta especificidades que essas obras não contemplam, a não ser de modo indireto ou tangencial.

Outros estudos serão utilizados com frequência no decorrer desta exposição, aos quais devo boa parte das ideias e conceitos por mim utilizados neste trabalho. São os livros: *1822 - Dimensões*; *Viagem Incompleta. A Experiência Brasileira. Formação: Histórias*, v. 1; ambos organizados por Carlos Guilherme Mota; *O Corpo da Pátria*, de Demétrio Magnoli, e *História da Vida Privada no Brasil*, v.1, organizado por Laura de Mello e Souza, com destaque para os capítulos de Fernando A. Novais e István Jancsó. Isso pode ser explicado pela contribuição teórica mais específica que esses autores oferecem à conceituação do processo de elaboração das identidades político-culturais, tema central do meu trabalho. Valho-me também da contribuição de Stuart Hall, para quem

> As identidades nacionais[...] são formadas e transformadas no interior da **representação** […]. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – **um sistema de representação cultural.** As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da **idéia** da nação tal como representada em sua cultura nacional (HALL, 1999, p.49. Grifos do autor).

No segundo capítulo, dedico-me a analisar criticamente a modelação dessas significações imaginárias a partir da literatura regional, cujas obras se utilizam do *caboco* como elemento-chave para a compreensão da sociedade, em seus aspectos estruturais, especialmente no que diz respeito ao funcionamento dos mecanismos de inclusão/exclusão social, presentes no século XIX e reificados nos dias de hoje.

Entre muitas razões, a utilização da literatura neste trabalho tem o objetivo de oferecer uma leitura, do ponto de vista sociológico, de obras de inegável importância, algumas pouco conhecidas, mas a oferecer descrição detalhada de práticas sociais e culturais que de outro modo dificilmente poderiam ser analisadas, dadas as condições particulares das populações da Amazônia, no passado distante ou no presente, e do descaso em relação a preservar a memória desses grupos.

Para proporcionar condições de dialogar com as representações e sua transformação e/ou substituição, escolhi os autores Herculano Marcos, Inglês de Sousa e José Veríssimo Dias de Matos, cujas obras foram produzidas na segunda metade do século XIX e início do XX, com trabalhos publicados na segunda metade do século XX.[6]

O eixo da análise será a estruturação das imagens categorizadoras do tipo *caboco*, e o que isso representa em termos de sua positividade/negatividade do

[6] Entre as obras de Inglês de Sousa, pretendo dedicar maior atenção às seguintes: História de um pescador (1876); O Cacaulista (1876); O Coronel Sangrado (1882); e Contos Amazônicos (1892). E os ensaios de José Veríssimo, reunidos em os Estudos Amazônicos (ensaios publicados entre 1870 e 1916). E José Veríssimo Dias de Matos: Estudos Amazônicos (ensaios publicados entre 1870-1916).

discurso elaborado sobre sua capacidade enquanto ator social e político e com plenos direitos à cidadania. Espero com isso, desconstruir algumas definições e desvelar os processos a partir dos quais se produziu o que denomino de *invisibilidade/desqualificação* das populações locais, do qual o *caboco* é o tipo emblemático.

1. Imaginário Social e Criação Identitária

1.1 Notícia Histórica sobre a Cabanagem

A História às vezes fecha
A boca de seus arquivos
E ilha tantas perguntas
Na solidão do segredo.
Como os bravos, as respostas
Também padecem degredo.
J. ILDONE, Romanceiro da Cabanagem

A ***Cabanagem*** foi um movimento de caráter revolucionário que devastou a Amazônia por longos anos, na primeira metade do século XIX. A historiografia oficial registra os anos de 1835 a 1840 como sendo o período de sua efetiva ocorrência. Prefiro trabalhar com um período mais elástico, os anos compreendidos entre 1820/1840, o que permitirá uma visão mais ampla e fiel do que foi a agitação política na Amazônia dessa época. Admitindo que estabelecer periodizações é sempre um pouco arriscado, acredito que posso estipular três fases para delimitar de modo abrangente o movimento cabano.

A ampliação do horizonte temporal possibilitará, por exemplo, avaliar os inúmeros atos de rebeldia e insurreição que, antes mesmo da proclamação da Independência do Brasil, antecipam as demandas pela posse do poder político radicalizadas ao tempo da ***Cabanagem.*** Os últimos cinco anos desse período representam o ápice, a crise levada ao seu extremo – a guerra civil, que dramaticamente questionará a legitimidade da nova ordem. Como uma epidemia, a disputa pela supremacia, pelo poder, se alastra descontroladamente pelo vale amazônico. Expande-se em todas as direções, alcança pontos recônditos, povoados minúsculos. Os saques, as mortes numerosas e violentas, fazem mergulhar a região numa espécie de caos, onde a posse volátil do poder embriaga e atordoa, transfigurando a insegurança quanto ao futuro, em uma forma de enfrentamento radical do medo e da morte, o que acabará redundando na prática de atos de extrema violência, tanto pelos cabanos quanto pelas tropas legalistas, especialmente entre 1835/1840.

1.1.1 Raízes do Movimento

Nenhum movimento revolucionário durante o nosso Período Regencial apresentou, como a ***Cabanagem,*** uma vinculação tão nítida quanto intensa e abrangente com as classes subalternas e duramente oprimidas da sociedade e, ao mesmo tempo, conseguiu em alguns momentos seduzir e arrastar pequenos proprietários, artesãos livres, assalariados ligados às diversas atividades mercantis e sacerdotes católicos.

As insurreições, os atos de revolta e violentos protestos populares, não eram fatos raros na Amazônia portuguesa. As dificuldades enfrentadas desde o primeiro momento pelos colonizadores em relação ao uso de mão-de-obra indígena foram a razão de inúmeros conflitos com as ordens religiosas, em especial com

os missionários Jesuítas. Em várias oportunidades, as hostilidades se traduziram em enfrentamento aberto, agressões, deportações, até a expulsão definitiva dos Inacianos, em 1757, quando pesaram sobre os Missionários acusações diversas, sendo que, na verdade, o que sempre esteve em questão foi o controle total da mão-de-obra indígena e suas possibilidades de lucro.

Ao final do século XVIII, a Amazônia não alcançou a prosperidade pretendida e prometida pela intervenção pombalina na administração do Estado do Grão-Pará. Sob a égide dos Diretórios, a opressão dos índios aumentou, provocando fugas constantes e mortes prematuras, em razão das pesadas jornadas de trabalho e dos castigos corporais, usados de forma tão imoderada em sua intensidade quanto em sua frequência. A demanda sempre crescente por escravos levava à necessidade de novos apresamentos, sempre mais difíceis, em face do rigor predatório dessas tropas de resgate, que levou ao extermínio a maioria das nações indígenas que habitavam a região.

> Para satisfazer esta imperiosa e constante necessidade de braços activos, recorria-se á mina inexgotavel da gente indígena. Os colonos seguiam o uso dos seus maiores; repetiam o que se tinha feito na África, no Brazil. Apossando-se das terras, sujeitavam ao cativeiro os habitantes; e faziam-no sem hesitação nem escrupulos, como quem exerce direito indiscutivel [...]. O que a principio o branco solicitava com brandura, logo depois exigia com arrogancia [...]. Quando as velleidades de reacção surgiam, era imediata e terrivel a repressão. D'ahi provinham sanguinolentas represalias, com que a ferocidade dos indigenas ainda mais acirrava a crueza dos conquistadores. A severidade que os portugueses punham nestes castigos era proverbial [...]. Estas matanças continuaram por muito tempo, ainda quando já era incontestado o domínio dos conquistadores [...]. Aos horrores destas guerras constantes veio juntar-se a crueldade dos suplicíos. Destes um dos mais vulgares consistia em amarrar os pacientes à boca das peças de artilharia que, disparando, semeavam a grandes distancias os membros dilacerados. Para estes e outros ainda mais crueis castigos, bastavam ás vezes meras suspeitas de rebellião. Com similhante fundamento mandou o primeiro capitão-mór do Pará esquartejar varios chefes indios, servindo-se para esse effeito de canôas, a suprir os cavallos ordinariamente usados na execução [...]. Mas no Pará já os sertões mais proximos se despovoavam, e novas expedições, sempre em busca de captivos, iam fazendo progredir a grande obra do descobrimento (AZEVEDO,{1901}1999, p.127-129).

Ao final do século XVIII, a Amazônia estava economicamente estagnada e em decadência os seus núcleos populacionais. Com o agravamento das condições socioeconômicas, pioraram as condições de vida das camadas livres mais pobres da população, formadas pelos mestiços, e daqueles que viviam como escravos – os negros e os índios.

Com a extinção do Diretório, em 1798, encontram-se novas formas de escravizar os índios, agora considerados vassalos livres de El Rei. Basicamente, preten-

de-se um reordenamento das relações laborais que permita o controle da força de trabalho sob condições mais rígidas para o recrutamento dos índios considerados livres e a criação de aldeamentos especiais para abrigar as unidades produtivas (estaleiros, roças, pesqueiros) ou fazê-los trabalhar diretamente para particulares, com a promessa de pagamento de salários que quase nunca são efetivamente pagos; ou ainda, colocá-los trabalhando em obras públicas (situação temida por todos pela brutalidade dos comandantes militares) ou engajados como tropas auxiliares para diversos fins de defesa ou expedições arriscadas de novos resgates.

Os dois séculos de colonização na Amazônia produziram uma população de mestiços – os não brancos – oriundos das várias e sucessivas misturas entre brancos, negros e índios, que, embora livres, viviam como excluídos, na periferia das cidades e vilas, sujeitos ao arbítrio do poder dos governantes, temendo o recrutamento para o serviço nas tropas e nas obras públicas sob o jugo tirânico dos oficiais militares.

Ao se iniciar o novo século, esta era a situação social e econômica da população que habitava a Amazônia: precariedade de recursos de toda ordem, opressão da maioria não branca e a apatia, o desinteresse, os horizontes limitados daqueles que exerciam o poder, fossem civis ou militares.

A agitação política encontrará espaço, motivação suficiente para alimentar o sonho de uma liberdade jamais esquecida. A oportunidade se apresenta com a difusão das ideias liberais em Portugal, e o movimento pela constitucionalização da monarquia, cuja vitória em 1820 propiciaria o debate e a adesão ao ideário do Vintismo português na Amazônia. Nesse momento, uma arma foi crucial: a imprensa e os intelectuais que a utilizaram.

A adesão do Pará à Revolução Constitucionalista do Porto ocorreu em 1º de janeiro de 1820, após o trabalho de divulgação ideológica empreendido por idealistas recém-chegados da Metrópole, entre eles destacando-se a figura de Filipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente, fundador, em 1822, do primeiro jornal composto e impresso no Pará: O PARAENSE.

Analisando as relações entre a imprensa e o poder na Amazônia, durante a fase de transição entre a ordem colonial e o estabelecimento do Império no Brasil, o historiador Geraldo Mártires Coelho, em sua obra *Anarquistas, Demagogos e Dissidentes*, afirma:

> A dinâmica que esse processo comportou seria traduzida, não pela acomodação linear das realidades materiais e mentais da Amazônia aos imperativos produzidos pela independência brasileira, mas, antes, pela superação das formas históricas do colonialismo por meio de movimentos que se desenvolveram tanto ao nível da reforma como no plano da revolução. E justamente porque o Estado nacional brasileiro, traduzindo nas suas origens um inequívoco compromisso com o passado colonial, tivera na própria emancipação do país uma ato mais imediatamente político do que estrutural, verdadeira atualização histórica face às condições estabelecidas a partir de 1808, a transfor-

> mação das estruturas sociais e das relações de poder na Amazônia dar-se-ia através das conquistas da sua sociedade. Assim, entre 1820 e 1840, o tecido social da região conheceu a dissolução das bases que sustentaram o seu passado colonial e a organização das que modelariam a sua contemporaneidade" (COELHO, 1993, p.93).

O papel que a imprensa livre teve na difusão das ideias do liberalismo que caracterizaria o Vintismo transplantado para a Amazônia foi crucial, na medida em que permitiu o embasamento teórico-ideológico de aspirações à liberdade que já estavam presentes no imaginário da população, qualquer que fosse a sua origem. As contradições apontadas por Mártires Coelho, que se evidenciam a partir das diferentes interpretações do liberalismo português realizadas no espaço colonial, especialmente na Amazônia, estabelecem claramente os limites de sua proposta de regeneração.

Originariamente concebido como um processo de ***regeneração***[7] do País, de retorno a um passado livre do absolutismo que havia dominado a estrutura do Estado português, o Vintismo entusiasmou aqueles que, na Colônia, sofriam sob o peso de uma administração despótica. Esse entusiasmo logo se traduziria em impasse político em face da natureza conservadora, colonialista e tradicionalista do liberalismo português tão bem analisada por Mártires Coelho. De um lado, a posição do representante do poder militar no Grão-Pará e sua leitura colonial da regeneração, de outro, a discussão dos princípios básicos da cidadania, a crítica do poder absoluto e sua inoperância administrativa, que teve em Filipe Patroni o seu principal expoente, apoiado na liberdade de imprensa, que lhe permitia não só criticar, denunciar abusos de autoridade, como esclarecer a população sobre seus direitos como membros da nova ordem constitucional portuguesa. Patroni introduz no Pará, com seus artigos na imprensa, os elementos fundamentais do discurso liberal que presidiu o movimento constitucionalista de 1820.

Logo os representantes da Metrópole perceberam o risco que tais ideias veiculadas livremente pela imprensa representavam para a continuidade da dominação lusitana na Amazônia e a manutenção dos próprios privilégios, a julgar pelo crescimento da propaganda política separatista, principalmente no Rio de Janeiro, em Pernambuco, em São Paulo. A força da palavra livre precisava ser contida, controlada. Para isso, era preciso silenciar O PARAENSE e seus redatores.

Afastar Filipe Patroni, designando-o representante do Pará junto à Corte, foi um recurso que se revelou inútil, pois, sob a liderança do arcipreste Batista Campos, O PARAENSE assumiria mais veementemente a crítica ao absolutismo do poder militar e seus desmandos, objetivando fortalecer estrategicamente o poder

---

[7] "Regenerar seria construir uma ordem em que o novo, representado pelas conquistas sociais e mentais do tempo, repousasse sobre o velho, identificado com a tradição da constitucionalidade monárquica do país. Tal seria a revolução vintista e nessa dialética especial de sua historicidade, combinando mudança e permanência, inovação e conservação, revolução e reforma, residirá a especificidade do movimento." (COELHO, 1993, p.36).

civil de cunho local no âmbito da Junta Provisória de governo.[8] Ameaças, agressões, prisões intimidações de toda ordem, nada impediu que o jornal circulasse e cumprisse seu papel de esclarecer, formar, defender o cidadão diante do poder militar, cuja prática sempre foi autoritária. Enfraquecer o poder militar, limitar sua atuação, fortalecer a cidadania, a igualdade de direitos, eis o cerne dos debates candentes promovidos pela imprensa livre. Sob a orientação marcadamente ativista, militante do ponto de vista político, O PARAENSE transforma-se no aríete destinado a vencer as muralhas do poder absolutista exercido de forma intransigente pelo estamento militar metropolitano, que hesitava em ceder prerrogativas, que considerava suas, à Junta de Governo civil.

Tanto os militares quanto os ativistas liberais liderados por Batista Campos perceberam claramente que o exercício de funções político-administrativas pela Junta de Governo a ser designada efetivamente a partir da eleição dos membros da Câmara Municipal, eleição prevista pela nova estrutura constitucional da Coroa portuguesa, representava concretamente a possibilidade das pessoas nascidas na Colônia empalmarem o poder e controlarem o próprio destino político, implementarem seu projeto de autonomia. Relatando suas pesquisas nos arquivos portugueses, onde teve acesso à coleção completa dos números publicados de O PARAENSE, o historiador Mártires Coelho corrige a historiografia clássica sobre o conteúdo do discurso veiculado pelo jornal, pois os ativistas liberais não defendem de imediato a separação da província, como lhes foi atribuído e imputado também pelo estamento militar metropolitano. Corretamente, os ativistas percebem que enfraquecer o poder militar significa criar condições concretas, claras de implementar um projeto político civil local, exercitando o conteúdo do discurso liberal vintista até o seu limite: liberdade e igualdade política para os súditos de além mar, modernização das estruturas produtivas, eficácia na gestão administrativa, ampliação das oportunidades econômicas a partir da quebra de privilégios e dos monopólios comerciais, e controle do poder de policia nas áreas urbanas.

Após a eleição que escolheria os novos representantes da Câmara, o impasse e a tensão chegaram ao seu limite. Ao serem escolhidos somente brasileiros, a crise se instalou e os oficiais militares destituíram os eleitos, fecharam o jornal, prenderam e desterraram os que eles denominam de anarquistas, dissidentes da verdadeira ordem constitucional implantada em 1820. Ressalte-se que este golpe militar ocorre em 1º de março de 1823, quando já é do conhecimento de todos que D. Pedro I havia se rebelado e proclamado a independência do Brasil. Mártires Coelho, ao enfatizar a importância da liberdade de imprensa como a mais significativa contribuição para a modernização da sociedade portuguesa, não deixou de perceber também os efeitos dessa liberdade da palavra na Amazônia, em um momento delicado como o da superação do colonialismo. Uma nova linguagem está sendo elaborada, e a rapidez das mudanças amedronta os donos do poder,

---

[8] A respeito do conteúdo nacionalista e libertário do jornal O PARAENSE, consulte-se a importante análise de SALLES, V. Memorial da Cabanagem. Belém: CEJUP, 1992, p.43 e seguintes.

que a qualquer preço tentam controlar a palavra, na vã esperança de impedir que as novas formas social-históricas prestes a emergir inaugurem outra realidade social em que seus privilégios de classe estarão ameaçados.

O golpe militar serve como ato demarcador: de agora em diante, dois grandes grupos estarão claramente posicionados em sua luta pelo poder. De um lado, o comando da burocracia militar metropolitana e seu suporte econômico local: a burguesia comercial lusa. No outro extremo, os partidários da separação, autodenominados brasileiros. A imprensa livre, tão denunciada pelos militares como a instigadora da anarquia e difusora de ideias revolucionárias, foi calada, uma vez que seus redatores fugiram ou foram presos. Mas os militares, que desde o primeiro momento haviam se dado conta do enorme poder da imprensa livre e sua influência sobre a opinião pública, sabiam que não podiam ignorar sua força, mesmo porque precisavam dar conhecimento à população dos atos do governo recém-instituído. Era imprescindível, portanto, um novo jornal.

Apropriando-se das máquinas onde O PARAENSE era impresso, os partidários da manutenção do domínio luso sobre a Amazônia criam o segundo jornal a circular no Pará – O LUSO-PARAENSE – defendendo a sua visão do liberalismo e a tomada do poder, como a única maneira de evitar o rompimento com Portugal. O nome do novo jornal reflete de modo inequívoco a nova situação de poder na Província. Se os resultados eleitorais revelaram a escolha unicamente de brasileiros natos para o comando político da Província, e esse fato foi encarado como uma injúria e desafio intolerável, o novo jornal não deixa margem a dúvidas, nem em seu título, sobre quem deve exercer o poder. Esses termos, simbolicamente unidos e separados, colocam de modo nítido as relações assimétricas de dominação e subordinação que estão a demarcar áreas concretas do relacionamento no imaginário vivenciado pelos representantes do poder metropolitano na Amazônia, ao fim do período colonial. Pela manutenção dessa estrutura de dominação e atrelamento à Metrópole, esse estamento militar lutará até o limite de suas possibilidades e certamente muito mais do que a própria Coroa portuguesa poderia esperar.

A recusa ao alistamento voluntário proposto pelos militares teve como consequência a decretação do recrutamento dos parentes e amigos dos deportados e também dos simpatizantes da independência da Província. Com isso, amplia-se a rejeição aos portugueses e se fortalece a causa da independência, radicalizando-se o conflito, pois, se a burguesia lusa patrocina o recrutamento, oferecendo recursos para equipar e municiar as tropas e até mesmo propondo a criação de uma Guarda Cívica Voluntária, os separatistas não aceitam de modo algum o recrutamento. Passam a conspirar abertamente, objetivando a tomada do poder, e antigas rivalidades e discordâncias políticas agravam-se, fermentando o rancor, o ódio político, prenunciando o enfrentamento pelas armas.

O contragolpe não tardaria a acontecer. Liderados por um italiano, João Batista Balbi, os partidários da independência conseguiram adeptos dentro das tro-

pas, entre eles numerosos oficiais comandantes. Equívocos táticos, cometidos no momento do enfrentamento dentro dos quartéis, provocaria o fracasso do contragolpe, que foi duramente reprimido pelos partidários da manutenção da dominação portuguesa. Numerosas prisões foram efetuadas e além de pena usual – deportação – agora os procedimentos processuais mostravam a possibilidade da condenação à morte dos oficiais envolvidos, assim como dos líderes civis. Diante dessa situação, os argumentos do cônego D. Romualdo de Seixas, presidente da Junta do Governo Civil, falaram mais alto e mais claro sobre velhos temores e ameaças mais concretas:

> Onde é que se faz esta execução? É em uma província, onde nunca se viram iguais espetáculos, senão nos escravos mais facinorosos, e onde sempre se evitou praticá-la em pessoas brancas pelo perigo de enfraquecer a consideração desta classe dos habitantes no espírito e na opinião da escravatura! E que será hoje a execução de tantos brancos, e entre eles alguns oficiais e oficiais inferiores? Que respeito terão os escravos à força armada, quando virem militares graduados e seus próprios senhores nivelados com eles mesmos na infâmia do suplício, em uma crise, em que a idéia de liberdade fermenta já nas cabeças dos escravos, e parece augurar a fatal catástrofe de S. Domingo? [...]. E nós sem força física, nem moral, no seio da maior flutuação e divergência de opiniões, e quando o Brasil geme, por assim dizer, de se achar quase todo dissidente, havemos de mandar ao patíbulo oito ou nove cidadãos todos naturais do país? Seremos nós os primeiros em oferecer ao Brasil este espantoso exemplo de severidade no mais melindroso período de sua existência política? (RAIOL, 1970, vol1, p. 35).

A fala[9] do presidente da Junta Provisória de Governo é esclarecedora sob muitos aspectos, especialmente sobre as relações de poder nessa fase de crise aguda do sistema colonial no Brasil. Logo na apresentação de seus argumentos, D. Romualdo de Seixas define como "impolítica e perniciosa à tranquilidade pública" a execução de pessoas brancas, pertencentes ao estamento militar ou à pequena burguesia. Seus temores são fundamentados pelo medo de uma rebelião escrava apoiada pelo enorme contingente de não brancos livres, mas socialmente excluídos, vivendo em condições extremamente precárias e sujeitos a todo tipo de opressão.

Em sua argumentação, não questiona a existência do ato delituoso, cuja gravidade reconhece, mesmo que tenha conhecimento da real situação política do Brasil, ou seja, de que a independência foi proclamada e a adesão de várias províncias já é fato consumado. Sua lealdade está direcionada a Portugal e à esperança da manutenção da Amazônia sob dominação lusa. Em meio à situação de esgarçamento dessas antigas lealdades e de criação de mais envolventes laços de solidariedade, onde a noção de pertença a uma nascente nacionalidade é forta-

[9] O documento ora analisado encontra-se citado na íntegra em RAIOL, D.A. Motins Políticos. Belém: 1970, v. 1, p. 35-37.

lecida pelo entusiasmo que eletriza vontades individuais num projeto coletivo, a análise do presidente da Junta Governativa reflete os temores de quem pressente o inevitável – o fracasso do projeto de permanência da Amazônia vinculada a Portugal.

Supondo possível impedir, na Amazônia, o avanço das forças que pretendiam a separação do Brasil de Portugal, o estamento militar metropolitano, através de inúmeras correspondências com as autoridades portuguesas, elaborou uma espécie de projeto para a manutenção da Amazônia sob tutela de Portugal. Pretendia-se isolar a Amazônia, criando-se uma barreira à penetração das ideias separatistas, uma espécie de fronteira estabelecida à altura do Maranhão e que se estenderia às províncias do centro-oeste, que poderiam ser alcançadas via navegação dos afluentes do rio Amazonas. Estrategicamente, era necessário policiar a entrada de elementos subversivos, a divulgação de ideias favoráveis à independência, fortalecer as posições militares de defesa nas fronteiras e intensificar as relações comerciais através dos rios.

As ideias do comandante militar e seus auxiliares diretos careciam de recursos humanos e financeiros para sua implementação, o que dificultava sobremaneira a sua execução, especialmente em um momento de crise aguda política pela qual o sistema colonial passava, tendo a Coroa que resolver conflitos também em Portugal. Mártires Coelho resume com propriedade a situação:

> É de observar, ainda, que a execução do isolamento do Grão-Pará, assim como do policiamento à dissidência interna, requeriam, segundo registra a documentação do governo militar da Província, o aumento e a qualificação da força armada provincial, daí decorrendo os renovados pedidos de tropa européia constantes da correspondência acima mencionada. Afinal, a presença de efetivos militares metropolitanos no Grão-Pará, como a justificava o Governador das Armas da Província, se por um lado dispensaria a necessidade do recrutamento forçado, de reconhecidos efeitos negativos sobre o extrativismo vegetal e sobre a agricultura de subsistência, por outro permitiria ao governo militar dispor de uma força armada **imune** à dissidência. Como admitia o brigadeiro José Maria de Moura, a tropa do Grão-Pará, formada na sua quase totalidade por brasileiros, era potencialmente permeável à mensagem proclamada pelos dissidentes (COELHO, 1993, p.235).

Como a análise do historiador revela, as autoridades militares tinham plena consciência de que somente com tropas "estrangeiras" seria possível manter o estatuto colonial na Amazônia, quer pelo fato de assegurar a exploração de suas potencialidades econômicas, como por exercer o policiamento e a repressão em caso de conflito aberto. O discurso que se estrutura é o de definição de uma nova identidade, e aqueles que postulam a condição de brasileiros, principalmente no seio da tropa, participam dessa nova realidade que se institui, equipados de maneira talvez mais efetiva do que os outros, uma vez que podem fazer exigências apoiadas no uso de armas. O contragolpe de abril demonstra claramente que a tropa era

um ator decisivo no processo histórico em curso. Revelaram-se inúteis os esforços de todos os que se opunham à adesão do Pará à independência do Brasil.

Poucos dias após a chegada do representante do Império brasileiro a Belém, Comandante John Pascoe Grenfell, o presidente da Junta de Governo comunicou a adesão da Província ao Império do Brasil. Muito mais do que o ultimato de Grenfell, um ardil que irritou os brios locais, uma vez sua capacidade de ataque era falsa, destaca-se a reveladora rapidez com que a imposição foi aceita. Tratava-se do reconhecimento, pelos opositores da independência de que não havia como resistir ao desejo de ser brasileiro partilhado pela maioria da população. Reis (1972), ao escrever sobre os anos imediatamente posteriores à adesão, informa que "o início da experiência liberal ia ser, porém, regado a sangue. Porque não compreendiam os autonomistas históricos que se contemporizasse com o elemento reinol e seus partidários".

O mais grave e trágico incidente desse período, a tragédia do brigue Palhaço, é a expressão emblemática de uma situação de muitas sombras, confusas posições políticas, profunda instabilidade e insegurança. Ao mesmo tempo, um momento rico, capaz de produzir desafios insanos em busca da cidadania fracamente esboçada, e assim arrostar o perigo e a morte. A insatisfação com a composição da Junta de Governo, chefiada por um opositor da independência, acabou estimulando a agitação e o conflito. Em lutas nas ruas, bandos armados, membros ou simpatizantes dos partidos Caramuru (conservadores lusófonos) e Filantrópico (liberais autonomistas) se entregaram à desordem, aos saques de estabelecimentos comerciais, provocando a ocorrência de feridos e mortos. Um desses incidentes foi a tentativa de assassinato do Comandante Grenfell, realizada por marujos portugueses filiados à corrente sebastianista.[10] A revolta acabou contaminando as tropas e a indisciplina tornou a situação insustentável para a Junta de Governo, que resolveu apelar para o Comandante Grenfell, que, ao seu modo, faria uma limpeza nas ruas.

A atuação desastrada, autoritária, plena de insensibilidade política desse militar inglês a soldo do Império brasileiro, provocou o trágico acontecimento que marcou indelevelmente o momento em que os paraenses se proclamavam brasileiros. Entre os equívocos e arbitrariedades que cometeu nesse momento, dois merecem destaque: a prisão de vários líderes históricos do movimento em prol da independência, como Batista Campos, que sofreu humilhações e violência física, e o encarceramento de mais de duas centenas de presos dentro do porão do brigue Palhaço.

Em poucas províncias nacionais, esse desejo de ser brasileiro foi levado a extremos de afirmação como no Pará, e, igualmente, em lugar algum as desordens, comuns a esses momentos de exaltação política, foram tão duramente reprimi-

---

[10] Para um aprofundamento do tema, é indispensável a consulta da obra de HOBSBAWN, E. J. A Era das Revoluções (1789-1848) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, especialmente o sexto capítulo – As Revoluções – onde o autor trabalha a existência de três ondas revolucionárias principais no mundo ocidental: a 1ª ocorrida em 1820-4, a 2ª em 1829-34 e a 3ª em 1848.

das. Grenfell desarmou todos aqueles que lhes entregaram suas armas, sumariamente executou cinco indivíduos em praça pública (um homem escolhido aleatoriamente em cada batalhão), e mandou prender, por sugestão das autoridades locais, 256 homens no espaço reduzido do porão de uma embarcação (o brigue Palhaço) ancorada no meio da baía. Logo as condições terríveis em que se encontravam os presos – espaço exíguo, falta de água e alimentos e o calor abrasador – cobraram o seu preço. Os presos clamaram contra a sede e a resposta foi receberem a água salobra da baía, à qual se lançaram enlouquecidos. E em razão da falta de espaço e do excessivo números de prisioneiros, entraram em luta violenta para tentar beber a água. Objetivando por fim à luta, os oficiais ordenaram que fossem feitos disparos contra os presos e como a situação de desatino permanecesse, foram atirados alguns sacos de cal sobre os prisioneiros e fechadas as portas do porão. Horas depois, quando o silêncio se fez, contabilizaram-se os vivos (4) e os mortos (252).

> A barbaridade causou uma onda de indignação em toda a Província [...]. No interior, onde a exaltação contra os antigos dominadores vinha tomando corpo, à notícia dos sucessos da capital, os ânimos ferveram. Velhas diferenças contra os estrangeiros, nos últimos dias do sistema colonial, tinham criado um clima pesado. Autoridades ligadas ao passado, com ele comprometidas demasiadamente, não se libertavam dessas ligações, antes mais a elas se prendendo. Demais, acreditavam as populações nacionais que a independência seria como um ajuste de contas com os que até ontem mandavam. Populações geralmente pouco servidas de bem-estar material, de conforto, parecera-lhes que a hora era de reivindicações totais. **Liberdade mal interpretada, diria em meio à desordem, compreendendo o erro que presidia a tudo, o Bispo D. Romualdo** (REIS, 1972, p.94).

A questão de quanto podem ser livres os cidadãos é tema que desde esse momento já se apresenta controverso. Para os Senhores há muito tempo habituados a dispor dos indivíduos sem maiores considerações em relação às vontades individuais, numa região onde o controle sobre a força de trabalho significava possibilidades de riqueza e poder, não é difícil perceber quão problemática seria a extensão de direitos civis e políticos à grande maioria da população, mesmo se esses direitos estivessem situados muito mais no espaço abstrato das leis do que no exercício prático da vida cotidiana. Quando se analisa a luta pela liberdade nesse período na Amazônia, em seus termos gerais, ela não difere das lutas de caráter revolucionário que permearam o século XIX, em especial aquelas que ocorreram nas colônias do continente sul-americano.[11] As fronteiras ideológicas demarcadas pelo liberalismo português (COELHO, 1993), que o debate na imprensa da

[11] Para um aprofundamento do tema, é indispensável a consulta da obra de HOBSBAWN, E. J. A Era das Revoluções (1789-1848) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, especialmente o sexto capítulo – As Revoluções – onde o autor trabalha a existência de três ondas revolucionárias principais no mundo ocidental: a 1ª ocorrida em 1820-4, a 2ª em 1829-34 e a 3ª em 1848.

época permite analisar, aprisionam a liberdade no espaço das conveniências e contradições burguesas. Ela é desejável, desde que seu exercício seja limitado e controlado por quem tem condições econômico-culturais para discernir entre o que é ou não adequado aos interesses coletivos, ao bem comum. Isso implicava a necessidade de controlar as massas, para que as mudanças políticas não extrapolassem os limites e colocassem em risco a estrutura de poder das elites. Não seria desejável que a soberania assumisse uma dimensão popular, democrática, própria de um revolucionarismo cuja dinâmica, sem dúvida, produziria efeitos inaceitáveis para aqueles que exerciam o poder na Província.

A adesão do Pará à independência representou para aqueles que há muito exerciam o poder a única possibilidade de mantê-lo. Os atos de repúdio e revolta que sofreram em várias cidades (especialmente grave foi a revolta em Cametá), após a morte dos presos no brigue Palhaço, atestam que seu domínio sobre a situação era precário, e seu autoritarismo intrínseco fatalmente acabaria produzindo perigosos confrontos, uma vez que as perseguições e injustiças continuavam sendo usadas como armas políticas contra desafetos particulares daqueles que exerciam o poder. Mesmo com a exoneração dos partidários de Portugal dos cargos da administração pública e após a anistia geral e absoluta concedida em 1824, os atos de rebeldia continuavam desafiando o poder da classe dirigente.

Os governantes designados para a Província se sucedem, e a instabilidade política continua causando problemas. No período compreendido entre a adesão do Pará à independência e a abdicação de D. Pedro I, ocorreram motins, sedições, não só na Capital como em cidades importantes, provocados em boa parte pela insatisfação com a situação inalterada no tocante ao exercício das funções públicas civis e militares, cargos que permaneciam ocupados por portugueses ou por indivíduos que agiam como tal: intolerantes, autoritários, abusando dos privilégios e usando o poder para a satisfação de vinditas particulares.

Tudo isso era agravado pela crônica situação de penúria dos cofres públicos, razão do atraso de meses no pagamento do soldo das tropas. A insatisfação e a indisciplina tornaram os quartéis fonte de atos frequentes de insubordinação e provocaram a rebelião dos efetivos militares da Capital. O resultado é o de sempre: violência, prisões e morte. Se o problema era da esfera pública, a solução implementada, entretanto, foi, de certa forma, a privatização do policiamento urbano. Criou-se uma Guarda Nacional, arregimentada de modo voluntário entre os cidadãos, para agir em defesa da ordem, para reagir a motins e arruaças que pudessem pôr em risco a segurança pública. O risco em se armar cidadãos é idêntico em todas as partes, pode resultar em mais violência. Como o trabalho de policiamento voluntário é exercido sob liderança de um civil, que, apesar de receber patente militar, não está obrigado a obedecer ao código e à hierarquia do exército regular, a execução de funções paralelas de manutenção da ordem pública estimula as vaidades, as rivalidades e o favorecimento político de facções, provocando de imediato a necessidade de que os adversários também se organizem e se armem.

Quando a esse cenário se acrescenta um fato político relevante e desestabilizador do precário equilíbrio de forças, como foi a abdicação de D. Pedro I, as perspectivas de um levante armado têm muito mais chances de se tornar realidade. As relações de cunho político, especialmente aquelas em que a lealdade a valores e princípios serve como eixo norteador das adesões aos partidos em busca do poder, se embaralham, de tal maneira, que as correlações de forças mudam rapidamente. O restabelecimento do equilíbrio vai depender de avaliações extremamente conjunturais, isto é, análises de curto prazo, no âmbito das quais os atores envolvidos na luta pelo poder, certamente, não hesitarão em radicalizar o discurso e a práxis política, se visualizarem a possibilidade de obter a hegemonia.

1.1.2 Agrava-se a situação: o golpe conservador dos "caramurus" e a reação dos "filantrópicos"

Os presidentes designados para governar a Província passavam pouco tempo no exercício das funções administrativas, poi logo eram substituídos. Essa rotatividade fazia com que os grupos em disputa pelo poder procurassem de todas as maneiras cooptar a autoridade designada, visando a realizar seus propósitos políticos. Alguns desses governantes não representaram escolhas adequadas para a natureza e exigências do cargo, e, em não raras oportunidades, tratava-se de pessoas extremamente autoritárias, violentas, despreparadas para assumir funções, em que a primeira qualidade a ser requerida seria, sem dúvida, habilidade política para negociar potenciais conflitos e obter acordos duradouros. Os jornais em circulação no Pará opinavam contra essa rotatividade dos governantes. A edição nº23 de O PARAGUASSU, que circulou em 01/03/1833 e anunciava a chegada de um novo presidente (José Mariani), é um bom exemplo:

> O maior dos déspotas José de Araújo Rozo durou pouco tempo: veio hum tonto succeder á hum ty ranno, bem como em Roma succedeo Claudio á Caligula, he Burgos que chega, o seu governo durou menos que as obras que fez: Chega a Barão de Bagé homem circunspecto não augmentou, nem diminuiu, também foi logo rendido: torna a vir Burgos talvez pelo melhor de todos, mais leva logo um tombo, e apparece o Visconde de Goiana, e ainda cá não tinha chegado já estava demitido! Faltava-nos ver, se hum Presidente nomeado por uma rusga seria duravel; apparece na scena o Doutor Cardoso, e he expulso em menos de 6 mezes: succede-lhe o Exmo. Machado que unido em sentimentos liberaes com o magnanime Seara, conseguirão restabelecer a ordem, e são mudados repentinamente, sem que alguem possa entender o que quer a Corte do Rio de Janeiro!!! Não quererá por ventura que floreção as Provincias do Norte? Quanto ao Pará, em menos de 1 anno não pode qualquer por mais agil que seja, adquerir os conhecimentos precizos de todas as suas povoaçoens, por innumeraveis e longínquas: nem das suas riquezas e preciosidade. Apenas o actual Presidente principiava a abrir os olhos e à conhecer as nossas mizerias...apenas...Elle procurava remediar os nossos

> males...he de repente mudado!!! Que papel resta ao novo presidente para executar e conservar-se?? Quererá a Corte experimentar a nossa paciencia e soffrimento??? Quererá ver se tocados da exasperação, sahimos à campo com alguma rusga para ficarmos tão criminosos como estão nossos inimigos? [...] Queixamo-nos da brevidade com que são mudados os que governão bem, por que deste modo nunca poderemos prosperar.

Comentando o conteúdo dessa edição, o historiador Vicente Salles (1992) lembra que ao novo presidente designado coube pior sorte, uma vez que ao chegar a Belém, foi impedido de desembarcar, sendo forçado a voltar ao Rio de Janeiro sem ter tomado posse do cargo. Essa foi a consequência da radicalização entre os partidos políticos, que foi crescendo à medida que a atuação da Regência é percebida no norte do País como descaso, desconhecimento e/ou desinteresse com os destinos da região e de sua gente. O principal instrumento dessa radicalização são os jornais publicados na época, que expressam as ideias favoráveis ou contrárias à volta de Pedro I ao trono brasileiro. Rancores e humilhações não esquecidas fermentam a ideologia veiculada por essas publicações. Republicanos federalistas, monarquistas constitucionais ou absolutistas se enfrentam com insultos e ameaças, denunciando conspirações imaginárias ou verdadeiras, em busca do apoio popular. No período compreendido entre a abdicação de Pedro I, em abril de 1831, e a tomada de Belém pelos cabanos, em janeiro de 1835, inúmeros são os atos de desafio ao poder instituído. De modo alternado, os principais partidos ocupam a cena política, tentando impor sua hegemonia, sendo apoiados (ou a eles oferecendo sustentação) pelos governantes designados pela regência para dirigir o Pará.

O primeiro confronto relevante não tardaria a acontecer entre esses partidos, motivado, entre outras causas, pela decisão do Presidente da Província, o Visconde de Goiana, de dissolver a Guarda Nacional (braço armado dos conservadores) e se afastar para a Corte por motivo de doença. Nessa situação, quem assumiria a presidência seria o vice, Batista Campos. Há muito tempo que a insatisfação dos conservadores com a administração do Visconde de Goiana vinha crescendo, principalmente porque ele, ao tomar medidas favoráveis aos índios e tapuios, fazendo cumprir lei datada de 28 de junho de 1830, extinguindo o poder dos dirigentes militares que controlavam as fazendas nacionais e os pesqueiros em benefício próprio, havia atingido a fonte de todos os conflitos: os privilégios de exploração da mão-de-obra servil de origem indígena. Desde a instituição dos Diretórios, por Mendonça Furtado, quando da expulsão dos Jesuítas, na segunda metade do século XVIII, administrar as aldeias dos índios era uma atividade extremamente lucrativa e cobiçada pelas possibilidades de enriquecimento e poder que oferecia. A insatisfação da burguesia local era visível, e foi expressada claramente com o golpe que derrubou o Presidente da Província e impediu o vice Batista Campos, um histórico partidário da independência, de assumir o Governo. Devolvido preso ao Rio de Janeiro, o Visconde de Goiana expressaria sua indignação e revolta

com a humilhação sofrida, em documento publicado[12] na imprensa de S. Luís, no Maranhão. O destino de Batista Campos e alguns companheiros foi a deportação para a prisão de S. João do Crato, no alto Madeira. Outro grupo foi deportado para o alto rio Negro, nas Marabitanas, no extremo oeste da Amazônia.

A destituição do Visconde de Goiana, uma autoridade representante do Império na Amazônia, e as dezenas de prisões dos adversários filantrópicos, desterrados para pontos inóspitos da região, representavam claro sinal de que as hostilidades políticas haviam chegado a um ponto crucial, cujo desfecho, a Cabanagem, seria anunciado nas sucessivas demonstrações conflituosas da instabilidade política que contaminava todas as cidades e vilas do Pará e da Capitania de S. José do rio Negro. As demonstrações explícitas de comportamento politizado dessas vilas e cidades do vale amazônico podem ser aferidas por sua adesão ou resistência ao estado de insurreição latente. Um exemplo disso foi a fuga de Batista Campos e seu grupo, que nem chegou a S. João do Crato, no alto rio Madeira. Em seu caminho de volta pelo rio Amazonas, foi acolhido como Presidente legal da Província em várias vilas e cidades.[13]

O constante uso de localidades como S. João do Crato ou Marabitanas, situadas em pontos extremos do território amazônico, como local de degredo de revoltosos, associado ao espírito de resistência das populações de origem marcadamente indígena dessas localidades, pode ajudar a compreender os levantes nessas áreas tão distantes da Capital da Província, como viria a ocorrer neste período analisado. Em abril de 1832, a capitania de S. José do Rio Negro declara sua autonomia em relação ao Pará e reivindica condição de província do Império, e somente em agosto a revolta será controlada pelas autoridades militares.

O equilíbrio das forças políticas é tão precário que as frequentes substituições dos presidentes provinciais são um motivo a mais para provocar novos confrontos entre as facções, temerosas de perder o espaço conquistado, mas não consolidado, uma vez que a gestação das instituições políticas ainda não está completada, e a luta é justamente para controlar as formas sociais que emergirão ao final do processo.

Em dezembro de 1832, são os filantrópicos que reagem e impedem que um suposto partidário dos caramurus, designado como presidente pela Regência, assuma o governo: o desembargador Mariani. Sentindo-se fortalecidos, em abril de 1833, os filantrópicos convocam uma espécie de assembleia geral, com a participação de membros das câmaras municipais das cidades próximas a Belém, para impedir que as autoridades nomeadas que estavam em navios no porto de Belém assumissem os cargos. Contando com o apoio de 150 homens armados

---

[12] Manifesto publicado no jornal FAROL MARANHENSE, em 25/10/1831. RAIOL (1970), op. cit. p 228-231

[13] A Câmara Municipal de Óbidos declara, em sessão extraordinária de 04/02/1832, que reconhece Batista Campos como presidente legal da Província. Ele já contava com o apoio de Juruti, Faro e Alter-do-chão, Santarém, Vila Franca. REIS, A. C. F. História de Óbidos. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1979, p. 65.

que acompanhavam os chefes políticos do Acará, a Guarda Nacional é intimada a entregar suas armas e é solicitado ao Presidente da Província que permaneça no cargo até que a Regência reconsidere a nomeação do desembargador Mariani.

A presença de Mariani no porto agrava o impasse, e o conflito violento entre as facções é inevitável. Após combates intensos, entre mortos e feridos, as perdas maiores são da facção caramuru. Mariani se retira para a Corte e somente em dezembro desse ano um novo presidente assumirá o governo em nome da Regência. Entre seus atos administrativos iniciais, determina recrutamento obrigatório para suprir as necessidades do exército e da marinha, medida sugerida pelo Ministério da Guerra. Determinação extremamente impopular, os agentes de recrutamento não conseguem indivíduos em número suficiente, e passam a constranger pessoas acusadas de provocadoras de conflito, sem ocupação definida, cuja liberdade de deslocamento incomodava os detentores do poder.

O presidente Bernardo Lobo de Sousa, reconhecendo a impopularidade do recrutamento obrigatório, toma decisões para aliviar as tensões e, principalmente, tranquilizar os que podiam de imediato se revoltar. Aliviou as pressões fiscalizadoras sobre o comércio e a navegação, suspendeu a cobrança do dízimo sobre o pescado, consertou estradas e impediu o aumento do preço da carne, que era controlado pelos marchantes da Capital. Apesar das dificuldades, atualizou os soldos das tropas, certamente preocupado em garantir a disciplina e a lealdade delas em situação de necessidade.

A atuação desastrada de agentes recrutadores nas diversas vilas ou na capital, que exorbitavam de suas funções, cometendo abusos e arbitrariedades, contribuiu para que a revolta fosse alimentada cotidianamente. Um caso exemplar foi o recrutamento, para servir à marinha, do jovem Eduardo Francisco Nogueira (o Angelim). Apesar de ser arrendatário de terra e agricultor, foi recrutado na condição de provocador de conflitos, porque tinha facilidade de falar em público e assim obter seguidores para suas ideias. Após o empenho de seus amigos, conseguiu a liberdade, mas Lobo de Sousa o transformou num inimigo do seu governo.

O recrutamento também visava a retirar de circulação os escravos negros, que, a serviço de seus senhores ou em seus momentos de lazer, se reuniam em locais públicos e defendiam ideias abolicionistas. Como os escravos eram muito mais numerosos do que a população branca, o temor de que ocorresse uma rebelião escrava não era descabido. Na capital ou nos outros locais, os negros sempre estiveram envolvidos nas lutas pela liberdade, qualquer que fosse a origem delas, e os inúmeros mocambos negros da Amazônia atestam o espírito libertário desses indivíduos. Local de refúgio, a floresta foi sempre generosa com aqueles que buscaram, em sua densidade complexa, uma forma eficaz de se proteger da opressão. Os primeiros a dar o exemplo foram os seus habitantes primitivos, os índios, que, em busca da liberdade e pressionados pelo conquistador branco, se refugiaram em locais de acesso dificílimo, longe das margens dos grandes rios, à medida que sentiram o peso da colonização branca. Os negros usaram da mesma estratégia,

em busca da liberdade, embora não descartassem outros meios de obtê-la, como demonstra a sua participação nas insurreições urbanas.

Quando a notícia da aprovação do **Ato Adicional (12/08/1834)** chega a Belém, a situação política atravessava outro momento de violência, com a sedição do corpo municipal permanente, por falta de pagamento. O jornal SENTINELA MARANHENSE NA GUARITA DO PARÁ, que defende com exaltação a federação republicana, tem em Batista Campos o seu ideólogo e em Vicente Ferreira Lavor Papagaio um incendiário redator. As atitudes autoritárias do Presidente Lobo de Sousa, associadas à sempre difícil situação econômico-financeira da Província, e os debates provocados pela imprensa livre sobre a questão republicana e os direitos do cidadão, demarcariam as novas perspectivas que se abriam com as possibilidades políticas oferecidas pela criação da regência eletiva e temporária da menoridade.

Entre essas possibilidades, estava a substituição dos conselhos gerais por assembleias legislativas provinciais com amplas atribuições, tais como: fixar despesas, criar impostos para suprir receitas, legislar sobre instrução pública e estabelecimentos para promovê-la; sobre obras, estradas e navegação interna; sobre colônias, conventos, associações políticas e religiosas; catequese e civilização dos índios e vários outros temas que anteriormente eram privativos da Assembleia Geral e do poder Executivo do Império.

A frustração com a independência, que não havia produzido as transformações esperadas pelos separatistas, foi substituída pelo entusiasmo e pela esperança de reformas que afinal permitissem que os direitos de cidadania fossem estendidos à maioria da população não branca, e, principalmente, que fossem respeitados pelos governantes. Esperava-se pela liberdade prometida, uma visão de liberdade que estava sem dúvida associada às ideias do republicanismo federalista, amplamente divulgado pelos jornais do período.

1.1.3 Explode o movimento cabano no Acará

Logo se espalham boatos de uma conspiração de cunho republicano em andamento, não só na capital como nas vilas do Acará e da Vigia. Segundo os boatos incorporados ao discurso oficial de Lobo de Sousa, a conspiração seria efetivada em breve, quando da circulação do terceiro número do jornal SENTINELA MARANHENSE NA GUARITA DO PARÁ. Preventivamente, o Presidente mandou prender o redator e o proprietário do jornal. Apesar do cerco imposto, eles conseguem fugir, contando com a colaboração de alguns juízes de paz, que se recusam a expedir a ordem de prisão, alegando falta de amparo legal para a medida. O redator Lavor Papagaio se refugiou em uma fazenda no Acará, de propriedade de Felix Clemente Malcher, que a essa altura dos acontecimentos já havia reunido mais de cem homens sob seu comando. Batista Campos, contando com a proteção de simpatizantes, por medida de segurança, trocava frequentemente de pouso, entre Barcarena, Vila do Conde e Abaetetuba.

Em Belém, os partidários dos filantrópicos agitam as ruas, pronunciando-se contra o Presidente Lobo de Sousa, que redobra o policiamento urbano e amplia a perseguição aos rebeldes no Acará, tentando a qualquer custo prendê-los. Reunidos na fazenda de Malcher, os rebeldes organizam-se militarmente, estabelecendo áreas de atuação e competência.[14]

Emblemático dessa perseguição sem tréguas ou limites é o ato de incendiar a fazenda de Malcher, em outubro de 1834, tentando, pela superioridade de homens e armas, obter a captura de Lavor Papagaio. A violência do confronto deixa suas marcas costumeiras, agora ampliadas pela estratégia da terra arrasada, o rastro da destruição que de certo modo anuncia os negros tempos que virão com a guerra civil.

A prisão dos rebeldes e a destruição do patrimônio com que se pretendeu punir exemplarmente os líderes da conspiração em andamento ampliaram a rejeição ao Presidente da Província. Sua incapacidade para lidar com delicados problemas de engenharia social e política, como a situação exigia, faz com que insista em medidas impopulares, como por exemplo, o recrutamento obrigatório, em um momento de enorme tensão e crise. Complicou-se ainda mais ao realizar a captura dos conscritos à saída da igreja após atividades festivas e ao atingir pessoas que, protegidas da convocação pelo texto da lei, pertenciam principalmente à pequena burguesia.

Criando atritos desnecessários com possíveis aliados, Lobo de Sousa se isola cada vez mais, enquanto cresce o descontentamento popular pela prisão de Malcher e a perseguição implacável que é movida a Batista Campos, que viria a falecer ao final do ano, exatamente a 31 de dezembro, vítima de um ferimento casual que gangrenou. O outubro sangrento nos campos e matas do Acará e a morte do grande ideólogo da conspiração fazem o movimento avançar e incorporar adesões em setores sociais urbanos ligados à pequena burguesia e ao estamento militar.[15]

1.1.4 Belém é conquistada pelos cabanos

Reunidos nas matas próximas a Belém, os cabanos planejaram e executaram com sucesso o ataque aos principais pontos das forças legais. Bernardo Lobo de Sousa e seu comandante de armas são assassinados. O mesmo destino teve o militar James Inglis, que comandou as tropas legais responsáveis pelo incêndio da fazenda de Malcher. Dominados os principais chefes adversários, e tendo sob controle a Capital, os rebeldes, reunidos em assembleia, escolhem Malcher como Presidente da Província e Francisco Vinagre como Comandante das Armas.

[14] Entram em cena os principais líderes cabanos: Nogueira (Eduardo Francisco, Geraldo e Manuel), os irmãos Vinagre (Francisco Pedro, Antônio Raimundo, José e Manuel), Félix Clemente Malcher, João Pedro Gonçalves Campos. Como era usual no período, alguns adotaram gentílicos para expressar patriotismo. Eduardo F. Nogueira acrescentará ao seu nome a palavra Angelim.

[15] Entre as importantes adesões ao movimento está a dos irmãos Aranha. João Miguel Aranha morou cinco anos nos EUA, estudando matérias ligadas ao comércio e Germano Máximo Aranha era oficial da Marinha Imperial e havia sido comandante dos municipais permanentes alguns anos antes.

Em pouco tempo, Malcher começa a enfrentar as primeiras dissensões entre os seus comandados. A aspiração a cargos públicos e suas remunerações provoca conflitos de solução difícil, especialmente para um chefe com escassa identificação com seus liderados, conhecido como autoritário e pouco afeito a sutilezas. Afetado pelas intrigas e sentindo-se ameaçado com a liderança de Francisco Vinagre junto às tropas e ao povo, tenta excluí-lo. Os demais líderes cabanos se reúnem e procuram contornar os problemas, buscando uma coesão difícil de ser obtida, uma vez que a situação continuava instável e tendia a se agravar com a multiplicação dos panfletos e pasquins publicados contra Malcher.

A divisão interna da liderança cabana alcança seu ponto mais alto, quando Malcher, depois de prender os supostos redatores dos panfletos e pasquins, entre eles Lavor Papagaio, os deporta para o Maranhão. Em seguida, tenta demitir Francisco Vinagre do cargo de Comandante das Armas, mas, sem o auxílio das tropas, que se negam a cumprir sua ordem de abrir fogo contra Vinagre, tem a legitimidade de seu mando questionada publicamente por todos os líderes rebeldes. Ao determinar a prisão dos irmãos Nogueira, tentando concentrar o poder, Malcher provoca a cisão definitiva, pois Francisco Vinagre, numa inquestionável demonstração de liderança e controle dos efetivos militares, conduz o enfrentamento pelas armas a um ponto que só restam a Malcher o recuo e a fuga para um navio ancorado no porto, enquanto violentos combates definem a situação em terra a seu favor. Sob o fogo cruzado das facções rebeldes em luta, Belém sofre pesado bombardeio dos navios ancorados na barra. Apesar dos esforços de Malcher para recompor suas forças, tentando o recrutamento obrigatório das pessoas que passavam em embarcações e também contar com o auxílio dos homens da marinha que o receberam, foi aconselhado a desistir da luta e buscar a trégua com a facção cabana de Francisco Vinagre.

Libertados os irmãos Nogueira e destituído Malcher, nova assembleia das forças cabanas e do povo foi convocada, a qual escolheu como novo presidente Francisco Pedro Vinagre. Mas a anarquia e as desordens provocadas pelos excessos das tropas acabariam levando a novos enfrentamentos das milícias rivais e ao assassinato de Malcher. Era imperioso restaurar a ordem e a disciplina, tarefa à qual os líderes rebeldes dedicaram todos os esforços, impondo limites aos seus comandados, tentando conter os atos de vandalismo. Para conter a desobediência às ordens, procedeu-se à reorganização das tropas, agora sob comando geral de Antônio Vinagre, que designou para postos-chaves homens de sua inteira confiança e lealdade inquestionável à causa cabana, e, principalmente, tomou medidas para desarmar os indivíduos que não fossem necessários ao policiamento, recolhendo as armas ao arsenal.

Como Presidente da Província, Francisco Vinagre procurou normalizar a vida cotidiana da Cidade, assegurando que o direito à propriedade seria mantido e protegido pelas tropas encarregadas do policiamento. Para tranquilizar a população, Francisco Vinagre, em correspondência dirigida às autoridades do Império,

"assegura fidelidade ao trono e comunica que está disposto a entregar o poder de forma legal". Em sucessivas proclamações ao povo, promete tranquilidade, harmonia e paz. "Assegura que a guerra civil acabou" (RAIOL,1970 p.619-621).

Apesar das declarações de respeitar a propriedade privada e manter a ordem pública, tantas vezes enfatizadas por Vinagre, os proprietários e comerciantes não aceitaram a derrota político-militar e questionam na Câmara a validade dos atos do governo rebelde e se recusam a reconhecer sua autoridade legal.[16] A situação se agravaria com o envio de tropas pelo governo do Maranhão, comandadas pelo oficial paraense Pedro Cunha, para tentar restaurar a ordem legal no Pará, uma província imersa em uma grave crise de instabilidade política, onde os limites entre legal/ilegal estavam tão nuançados e fragilizados, contaminados pelos conflitos entre os grupos em sua luta pelo poder, que aliados de ontem muitas vezes se posicionavam em lados opostos no decorrer da luta, numa confusa troca de apoios, favorecida pela instabilidade conjuntural, própria de momentos em que se alternam com muita velocidade os elementos definidores de força dos oponentes em sua luta pelo poder. Essa é a situação de partidários fervorosos da independência durante a década passada, homens possuidores de bens e dotados de alguma formação intelectual que a luta cabana colocou em campos opostos. Mas não é certamente a situação dos rebeldes, que de seu possuem apenas a condição de livres e que, ao acompanhar seus líderes, devotam-lhes imensa fidelidade e coragem sob fogo.

A apuração dos votos da eleição para deputados provinciais revela a escolha de Ângelo Custódio Correia como mais votado e, portanto, destinado ao cargo de vice-presidente da Província, e como segundo mais votado o padre Jerônimo Roberto da Costa Pimentel, histórico defensor da independência, partidário de Batista Campos e da rebeldia cabana. A arrogância do oficial Pedro Cunha e sua pressa em impor o resultado das eleições, agravaram a situação de tal modo, que a luta armada se tornou a alternativa para o impasse. O vice presidente é impedido de entrar em Belém e toma posse na fragata Imperatriz, de onde pede a deposição das armas e a adesão à lei e à ordem.

Novamente o apelo às armas transforma Belém em palco de sangrentas batalhas. A cidade é bombardeada pela frota legalista que responde aos tiros de canhão oriundos do forte do Castelo, onde os cabanos haviam hasteado sua bandeira vermelha. Com o enfraquecimento do fogo vindo do forte do Castelo, as tropas legais resolvem desembarcar. Seus oficiais cometem, entretanto, muitos equívocos nas ordens de ataque, e acabam dispersados pela coragem e intrepidez dos cabanos, sendo obrigados a uma retirada vergonhosa e desordenada em direção aos navios, perdendo cerca da metade das tropas utilizadas no desembarque, entre mortos, feridos e desertores, que em meio ao combate passavam para o lado rebelde. Na avaliação de RAIOL (1970, p.691), "tanto o comandante da

[16] A reação da Câmara foi liderada por Marcelino Manuel Perdigão, que, em proposta aprovada por todos os membros, qualifica o presidente Francisco Vinagre como tirano e usurpador (RAIOL, op cit, p. 624).

fragata como todos os demais oficiais ligavam pouca importância aos rebeldes e aos seus elementos de força. Vaidosos e cheios de bazófia julgavam talvez que um pequeno esforço, um simples sopro bastaria para derrotá-los!"

Mantida a Capital sob controle cabano, o vice-presidente eleito, Ângelo Custódio, faz da vila de Cametá a sede do governo legal da Província, determinando providências para fortalecer suas defesas diante de um possível ataque dos rebeldes e envia ao Maranhão notícias sobre a situação do Pará rebelado. Em breve, novo presidente designado pela Regência chegaria a Belém.

1.1.5 Belém é devolvida pelos cabanos ao poder legal

A nomeação do marechal português Manuel Jorge Rodrigues foi outro dos muitos equívocos cometidos pelo Governo central, em se tratando da administração do norte do País. Por melhor desempenho que tivesse frente aos graves problemas que assolavam a Pará naquele momento, o fato de ser português o tornava alvo das desconfianças dos rebeldes, uma vez que a característica mais visível da Cabanagem era a rejeição ao elemento luso, identificado pelos cabanos como fonte de todos os males e alvo de todos os rancores. Apesar das desconfianças mútuas, as lideranças cabanas, num gesto de boa vontade, dispuseram-se a colaborar com o novo governo em seu empenho em desarmar os rebeldes. Mas a Cabanagem não foi um movimento de simples rebeldia ou um motim, o qual, uma vez serenados os ânimos, enseja a volta da vida à sua normalidade, e a explosão de agressividade pode ser encarada como superada. Havia um contencioso amplo de injustiça, exploração, violências de toda ordem, secular e duramente impostas pelo colonizador, que clamavam por solução, e o mediador escolhido pela Regência foi inadequado.

Apesar do empenho no desarmamento, a maioria das armas e munições, inclusive artilharia pesada, não foi entregue pelos rebeldes. Pairava como sombria ameaça a lembrança dos mortos do brigue Palhaço, trucidados após serem presos ao entregar suas armas. Os rebeldes insistiam em uma anistia ampla e geral para depor as armas. Em breve, reiniciaram os ataques às vilas próximas e às embarcações que se dirigiam à Capital. Em Belém, a ordem pública era mantida com o auxílio de voluntários armados pelo Governo, que se esforçavam por evitar conflitos armados, dispersando ajuntamentos de escravos e pessoas de cor, considerados suspeitos,[17] na periferia da Cidade.

Em seu empenho em obter o desarmamento, o Marechal recorre seguidas vezes ao líder cabano Francisco Vinagre, para que use de sua influência junto aos cabanos e os convença, inclusive, a retornar às suas localidades. Esse esforço não surtiu o efeito desejado, os assaltos às embarcações e vilas tornavam-se cada vez

[17] Para o historiador Vicente Salles, "os cabanos eram os negros, caboclos e mestiços em geral, as populações marginalizadas ou expulsas dos campos e que engrossavam cada vez mais, nos vilarejos e nas cidades, a classe dos peões. Essa população seria extremamente sensível aos apelos libertários; ela se constituiria no exército libertador" (SALLES, 1992, p.65).

mais ousados e frequentes, em pontos variados, demonstrando que a Cabanagem estava aprofundando sua característica mais específica – a guerra de guerrilha – e fugindo ao controle de suas lideranças mais expressivas. O ataque à vila da Vigia, às proximidades de Belém, é um exemplo disso. Os rebeldes tomam a Vila, se apossam das armas, munições e víveres, demitem autoridades e se instalam no poder. A reação dos proprietários locais os derrota e recupera o controle da Vila, mas, pouco tempo depois, novo assalto provoca a matança da maioria das autoridades civis e militares de Vigia, e faz com que a população abandone suas casas, porque os saques e as violações tornam impossível a sobrevivência. A correspondência oficial entre os sobreviventes e a Presidência da Província relata a crueza do massacre imposto:

> Os acontecimentos que tiveram lugar nesta vila no dia 23(jul/1835) do corrente mês foram os mais desastrosos que imaginar se pode; setenta pessoas foram vítimas desses bárbaros, que tomaram a vila depois de três horas de fogo, tendo poucos morridos no combate, e a maior parte assassinados depois de arvorarem uma bandeira branca: entre os mortos contam-se o Tenente-Coronel, o Major, três Capitães e um Alferes das Guardas Nacionais, o Presidente, o Procurador e um Vereador da Câmara, e o Juiz Municipal. As casas foram de tal maneira saqueadas, que só escapou a roupa que as mulheres tinham vestida, tirando destas mesmas os seus enfeites.
>
> No dia 24 retiraram-se levando, nas suas canoas e nas que roubaram desta vila, quatro peças, duas de campanha e duas de bateria, 150 armas, e muito pouca munição por haver o Tenente-Coronel previamente lançado ao poço do Trem a que havia. O número daqueles monstros montava a 860 praças das quais 17 pagaram com a vida a enormidade de seus crimes. Retiraram-se no dia 24 por haverem recebido um ofício de Vinagre, em que isso lhes era ordenado (RAIOL, 1970 p.757/758).

Em sua obra clássica sobre a Cabanagem, o barão Domingos Antônio Raiol admite que havia na Vigia muitos partidários dos cabanos, que logo acorreram ao chamado do líder do primeiro ataque e que certamente representaram boa parte do expressivo número dos envolvidos nos saques e violências que aconteceram depois do último combate. O relato de Raiol perde sua cultivada neutralidade de caráter positivista para, emocionado, comovido, relatar a dor e a consternação pelo massacre, o desamparo da população em seu medo e privações após a retirada dos rebeldes:

> No dia seguinte, os facciosos obrigaram o vigário, padre Bentes, a cantar uma missa em glorificação à vitória! E findo este ato religioso, reuniram-se à porta da igreja, deram três descargas, levantaram vivas aos seus chefes mais proeminentes, e espalhando-se pela vila saquearam de novo as casas sem deixar intacto objeto algum, que lhes pudesse servir para qualquer mister da vida!
>
> Não tendo mais o que roubar, começaram a retirar-se com a enchen-

> te da maré. Quando anoiteceu, as ruas estavam desertas; só encontraram-se cadáveres em começo de putrefação! Em frente ao Trem não havia menos de sessenta corpos, estendidos no chão, golpeados e disformes, apresentando um quadro horrível e contristador! Muitos haviam pelas casas, pelos quintais, pelos caminhos, pelos portos e pelas praias!
> Ninguém se animou a sair à rua nessa noite; todos receavam encontrar os malvados e ser vítimas de alguma cilada. Ao amanhecer de sábado é que se convenceram de sua efetiva retirada. As mães, as esposas, as filhas saíram então em procura das pessoas que lhes eram caras, e ao encontrá-las entre os cadáveres desfigurados, imagine-se, quantas lágrimas não derramaram essas infelizes criaturas, vendo cortadas as suas mais ternas afeições pela perversidade dos sicários! [...]
> Não era mais possível contemporizar. Crime tão atroz não podia ficar impune sem açular a anarquia, e cada vez mais enfraquecer o princípio da autoridade (RAIOL,1970 p. 756-759).

Ressalta, no texto de Raiol, a indignação pelo uso, feito pelos cabanos, da missa de ação de graças no mesmo registro simbólico dos detentores do poder, para comemorar sua vitória. Como aceitar tamanha ousadia desses bárbaros, "turbulentos, analfabetos, homens sem conceito (...), desordeiros que viviam ociosos, fora de seus domicílios sem amor ao trabalho, exaustos de recursos sem habilitação?" (RAIOL,1970 p.805). Os "malvados", reduzidos em suas qualificações sócio-cultural-econômicas, não podem compartilhar da humanidade redimida que a missa torna possível, e, menos ainda, glorificar um deus que não pode ser o mesmo para as partes envolvidas na luta. Se isso fosse possível, não seria justificar os atos rebeldes como parte dos inquestionáveis meios divinos de realizar seus planos purificadores para a salvação eterna das almas? Uma espécie de martírio preparatório para a bem aventurança celestial? No discurso conservador e aristocrático do Barão de Guajará, esse deus que foi imposto aos primitivos habitantes pelo colonizador branco não pertence igualmente a todos os seus descendentes, é cedido em comodato aos despossuídos. Se não cumprirem o acordo prefixado, que o associa ao exercício do poder incontestável da classe proprietária, que se arroga o monopólio do sentido e da razão, estarão excluídos do sagrado anteriormente compartilhado, ainda que condicionalmente, mas compartilhado.

O choque com a frieza e a brutalidade dos inúmeros mortos em seu trágico abandono, nas ruas, casas e, principalmente, no Trem de Guerra, não se deve ao horror intrínseco que tantos cadáveres mutilados pelo fogo adversário proporcionam em circunstâncias de combate, mas o texto traduz a dor filial do autor. Embora escrito classicamente ressaltando a dor feminina após o combate, é o lamento do filho[18] que se percebe nas entrelinhas, que pranteia o pai e torna público o seu o clamor por justiça. A despeito do hiato temporal, os fatos narrados

[18] Domingos Antônio Raiol era filho de Pedro Antônio Raiol, o vereador que foi morto pelos cabanos quando do ataque ao Trem de Guerra na vila da Vigia, em julho de 1835. Na ocasião da morte de seu pai, estava com cinco anos.

são denunciados com vigor e atualidade, demonstrando como a Cabanagem, ao final do século XIX, era tratada, diminuída até na sua classificação, enquadrada como simples motim, e o preço que os rebeldes pagaram ainda não tinha sido suficiente.

O grande mérito da obra de Raiol é o cuidadoso trabalho de coleta de informações, o rigor com que examinou documentos e depoimentos que obteve dos envolvidos no conflito, com os quais ainda conviveu no século XIX. A narrativa não consegue alcançar a imparcialidade e/ou neutralidade pretendida pelo autor, mesmo se considerarmos a obra como um todo, e não apenas o excerto objeto destas considerações, e que mereceram advertência prévia de seu autor pela emoção que deixava transparecer.

Monarquista fervoroso, não atribui, em momento algum de sua análise, valor às ideias republicanas ou igualitárias, defendidas na primeira metade do século XIX pelos partidários da independência e que fundamentam o discurso cabano. Em sua análise, essas ideias não passavam de "doutrinas incendiárias," cujo objetivo era provocar a divisão, em campos extremados, entre os naturais e os europeus, os ricos e os proletários, a gente inculta e as classes mais esclarecidas, favorecendo o ódio racial, o que representava riscos potenciais de conflitos, uma vez que a população não branca era muito mais numerosa do que a branca.

1.1.6 Prisão dos líderes cabanos pelo Presidente da Província

A decisão tomada pelo marechal Manuel Jorge Rodrigues, de responsabilizar os principais chefes cabanos pelo ataque à vila da Vigia, foi o estopim para que os rebeldes novamente se agrupassem e buscassem a ação conjunta. Dispersos, atuando em bandos, agitavam as localidades próximas a Belém, apresando barcos, saqueando estabelecimentos comerciais e arregimentando cada vez mais adeptos. Ao expedir ordem de prisão contra Francisco Pedro Vinagre, Eduardo Nogueira Angelim e demais irmãos de ambos, o Presidente forneceu o motivo e a oportunidade de reativar a solidariedade e a lealdade das forças cabanas, momentaneamente desarticuladas pela atitude tomada de devolução do governo da Província ao enviado da Regência.

Cumprir a ordem de prisão não era tarefa das mais fáceis para um governo sitiado pela crônica falta de recursos materiais e de pessoal. Estava sem tropas, uma vez que o Presidente aqui chegou com apenas 128 soldados e os regimentos locais não eram confiáveis, sendo frequentes as deserções para o lado adversário. Com deficiências de armamento e munições, e principalmente, sem dinheiro para fazer frente às despesas administrativas, a situação do marechal Manuel Jorge Rodrigues era de sustentação difícil em tempos normais, em uma província das dimensões do Pará, e extremamente grave, se lhe acrescentarmos os elementos que compunham a crise político-institucional em que estava mergulhada. Como era previsível, a ordem foi apenas parcialmente cumprida, e, à exceção de Francisco Pedro Vinagre e cerca de 200 cabanos, os outros líderes conseguiram escapar.

Reunidos sob a liderança de Antônio Vinagre e Eduardo Nogueira Angelim, os cabanos voltam a ameaçar Belém, inflamados pelas palavras de Angelim, que denuncia a traição que os rebeldes sofreram (pois entregaram a Capital pacificamente ao Presidente da Província), e desmente as intrigas de que estaria abandonando a causa revolucionária, pedindo asilo político, saindo do Brasil. Conclama a todos numa declaração de guerra total aos estrangeiros, pede união de todos aos líderes de comprovada honradez e seriedade para libertar Belém da opressão, punir os covardes e restaurar os brios dos paraenses.

Cabe a Antônio Vinagre exigir do Presidente da Província a libertação de todos os presos, senão ele mesmo o fará com seu exército de 4000 homens, prometendo que, se for obrigado a entrar em Belém, "não ficará pedra sobre pedra" (RAIOL,1970, p.826).

Novamente prestes a atacar a Capital, agora a organização das forças cabanas está mais estruturada como tropa militar. Foi improvisado um uniforme para os componentes dos grupos de rebeldes que dizem muito de sua condição cultural e econômica: suas roupas humildes, adquiridas às próprias custas, foram tingidas de vermelho, utilizando-se para isso a casca de muruxi, e incorporado o tradicional chapéu de palha usado comumente nos afazeres cotidianos. Como armamento, o facão, trazido à cinta, era completado pela arma de fogo nas mãos e o cartuchame trançado no tórax. Não havia armas suficientes, mas isso era compensado pela estratégia de se fazer acompanhar as colunas grande número de homens desarmados para substituir os que tombassem.

Definidas em assembleias as lideranças que comandariam o ataque (Antônio Vinagre e Eduardo Angelim), foram também designados os oficiais subalternos que comandariam os grupos rebeldes em ação. Para o ataque, um planejamento irretocável. Três colunas avançariam sobre a Capital e convergiriam para os pontos fortificados em seu interior: o arsenal de guerra e seu entorno defensivo, o Palácio do Governo e o arsenal de marinha e suas fortalezas. As tropas cabanas se reuniram nas matas próximas a Belém, vindas pelo rio Guamá e marcharam em direção aos seus objetivos, após receber o incentivo de Antônio Vinagre:

> Que cada um de vós seja um novo Guilherme Tell na defesa da pátria e da liberdade. Seja vossa divisa – Vencer ou Morrer.[...]Somos paisanos, desconhecemos a arte da guerra, mas nos havemos de bater como os mais briosos e aguerridos soldados. Aquele que em frente ao inimigo recuar um passo à retaguarda, e mostrar-se cobarde (o que não é de se esperar de homens livres) seja morto no mesmo momento. Se vossos chefes caírem aos golpes de nossos miseráveis perseguidores e cruéis verdugos, pisar por cima de seus cadáveres e vingar a sua morte.
>
> Se algum de vossos chefes no ato de carregar sobre o inimigo se mostrar vacilante e cobarde, que seja no mesmo instante morto como um traidor e indigno de capitanear a homens livres (RAIOL,1970, p.833).

Reportando-se ao apoio de tropas estrangeiras ao Presidente da Província, Antônio Vinagre teme o armamento de melhor qualidade e a abundância de munição dos adversários, mas incita os rebeldes a superar essa desvantagem de equipamentos com o entusiasmo pela causa da liberdade. Recomenda cautela e compaixão para com os adversários e civis:

> Mil vezes a morte no campo de batalha do que ter os pulsos algemados, e arrastar pesadas e infames cadeias. Só devemos reconhecer por inimigos os que se apresentarem em campo.
> Recomendar-vos sagrado respeito às famílias e proteção aos desvalidos é desnecessário. Compaixão para com os vencidos. O homem livre e verdadeiro patriota é generoso. Queremos prisioneiros e não cadáveres.[...] Sejamos dignos do nome brasileiro. Cumpra cada um o seu dever e a pátria será salva. Viva a Religião Católica Apostólica Romana! Viva a Nação Brasileira! Vivam os defensores da Pátria e da Liberdade! Guerra aos déspotas e tiranos! Viva o rico e majestoso Pará! (RAIOL,1970, p.834).

Invadida a Cidade, os cabanos conquistam posições estratégicas em renhidos combates, mas perdem seu comandante Antônio Vinagre, atingido pelo inimigo quando preparava o assalto ao arsenal de guerra. Sob fogo inimigo, Angelim assumiu o comando, como estava previsto no planejamento do ataque. Reuniu as tropas que se dispersavam e incentivou-as a vingar as perdas sofridas e a morrer pela liberdade, reafirmando o juramento cabano de vencer ou morrer.

1.1.7 Belém é retomada pelos cabanos

Durante nove dias, o governo do marechal Manuel Jorge Rodrigues resistiu ao assédio das forças rebeldes. Usando táticas de guerrilha, os cabanos combateram casa a casa, rua a rua, sem descanso. O mais duro combate foi travado pela posse do arsenal de guerra, que, pela natureza de sua edificação e empenho das forças legais em sua defesa, tornou-se inexpugnável. Resistiu a seis investidas e foi a causa de sangrentas perdas para os rebeldes. Raiol narrou assim os acontecimentos:

> Os facciosos deram uma descarga de fuzilaria depois de corresponderem aos costumeiros vivas de Eduardo Angelim. Então, de cima, de todas as janelas do edifício começaram a lançar granadas e estas, fazendo terríveis explosões, reduziam-se a milhares de estilhaços no meio dos revoltosos que, não obstante se moverem em ondas para evitar o perigo, caiam às dezenas, uns mortos, outros feridos.
> [...] salpicados de sangue, com a morte diante dos olhos, entre milheiros de projetis das granadas que rebentavam sem cessar, tropeçando sobre cadáveres despedaçados e disformes, todos se empenhavam na luta com louco ardor, e não retrocediam um passo. Pasmava a temeridade com que esses homens arrostavam a morte, sem poderem ao menos divisar o inimigo, que tanto mal lhes fazia! Inconscientes, obedeciam automaticamente às ordens de seu chefe sem nenhum

> queixume, nem relutância, e pareciam delirar na valentia insensata que ostentavam. Os seus tiros perdiam-se entretanto de encontro às paredes e janelas do edifício! [...] Não havia que recuar, e os revoltosos cada vez mais se apertavam, oferecendo às granadas maior número de vítimas. Os claros deixados pelos mortos e feridos eram sem delonga preenchidos por outros; todos queriam ter posição na vanguarda e não regateavam a vida. Eduardo Angelim não cessava de encorajá-los, arengava no meio deles como um possesso (RAIOL, 1970, p.849).

Se os cabanos foram contidos no assalto ao arsenal de guerra, seu empenho em conquistá-lo foi uma demonstração inequívoca de coragem, destemor, desapego à vida, que fez a diferença fundamental entre eles e as tropas legais. Raiol censura a decisão de Angelim em prosseguir atacando, quando nada aconselharia a insistir na tentativa temerária de tomar posição tão bem defendida, pelas incontáveis baixas que provocaria. Em sua narrativa, os cabanos "pareciam delirar na valentia insensata que ostentavam" e ansiar pela honra de liderar as investidas: "todos queriam ter posição de vanguarda". Generoso e sem dúvida buscando uma explicação adequada para as queixas do Presidente quanto ao comportamento dos voluntários civis, nos quais o velho marechal critica os atos de covardia e deserção, é inflexível para com os cabanos. Sua valentia e destemor sob fogo impiedoso não é mais do que efeito de sua irracionalidade, ou rudeza, estimulada pelo álcool, brutalidade a ser compensada com os saques e a liberação dos seus baixos instintos, nos atos de violência e desregramento que se sucedem aos combates.

As forças legais sofreram pesadas perdas, impostas não só pelos cabanos mas como resultado do pesado bombardeio deflagrado pela esquadra que auxiliava o marechal Manuel Jorge Rodrigues. Despropositado na sua intensidade e duração (9 dias), os tiros deflagrados pouco afetavam os cabanos, mas destruíram a Cidade e infligiram muitas perdas às tropas legais, atraídas ao combate em campo aberto pela estratégia de guerrilha dos rebeldes. Além das perdas, elas se exauriam conquistando uma posição para abandoná-la em seguida, para defender um outro ponto estratégico fustigado pelos rebeldes. Estes, protegidos, se deslocavam casa a casa, em passagens abertas improvisadamente nas paredes internas delas, criando caminhos por onde era possível a circulação de homens, armas, munições, alimentos e informações, de modo seguro e rápido. Não se prendiam à defesa de posições fixas, como numa guerra convencional, mas provocavam baixas nas forças inimigas, cansando-as, abatendo seu ânimo, desesperando-as, especialmente os voluntários civis, sem nenhuma experiência militar. Logo abandonavam o combate, mesmo que advertidos pelos comandantes, fugiam e procuravam abrigo nas matas ou nos navios ancorados na barra, tentando sobreviver ao intenso morticínio.

Com o sítio imposto ao Palácio do Governo, a situação do Presidente da Província ficou insustentável e a única saída foi a retirada para um dos navios. A

população civil também se retirou, durante a madrugada, mais de 5000 pessoas buscaram refúgio nas embarcações, procurando fugir dos combates em terra. A movimentação durou aproximadamente três horas, e foi realizada sem a perseguição dos rebeldes. Embarcados apenas com a roupa do corpo, os refugiados se abrigaram em acampamentos improvisados na ilha de Tatuoca, nas cercanias de Belém. Seus padecimentos foram incontáveis. Sofreram com a sede, a fome e as doenças epidêmicas da época (varíola, escorbuto, disenteria), que grassaram nos acampamentos, o que provocaria a morte da maioria deles.[19]

Vitoriosos os cabanos, sob a liderança do jovem Eduardo Nogueira Angelim, mais uma vez controlam a Capital da Província, dois meses após a entrega do poder ao presidente designado pela Regência para governar o Pará.

Administrar Belém ocupada pelos rebeldes não foi uma tarefa simples, mesmo para um líder como Angelim, respeitado por sua coragem e inspiradas decisões no calor dos combates, que conduziram a muitas vitórias. As comemorações pela vitória se estenderam por dias e foram marcadas por violências cometidas pelos cabanos, especialmente contra o patrimônio daqueles que abandonaram a Cidade e os suspeitos de apoiar os portugueses. Ocorreram também vinganças de ex-escravos contra senhores, submetidos a humilhações públicas. Para conter os excessos, Angelim foi duro com os transgressores, castigando-os fisicamente e até condenando-os ao fuzilamento (RAIOL, 1970).

Em correspondência, Eduardo Angelim comunica à Regência as razões que levaram aos conflitos, expõe a situação da Província e afirma que está disposto a obedecer a um presidente brasileiro, jamais a um português. Reconhece que não possui condições legais para exercer a Presidência, mas, se aceitou, foi para, “serenada a maior tormenta”, entregar o governo a quem por lei competisse, inclusive chamando o deputado mais votado, que resistiu à proposta.[20]

> Saibam, pois, o governo geral e o Brasil inteiro, que os paraenses não são rebeldes; os paraenses querem ser súditos, mas não querem ser escravos, principalmente dos portugueses; os paraenses querem ser governados por um seu patrício paraense, que olhe com amor para as suas calamidades, e não por um português aventureiro como o marechal Manuel Jorge; os paraenses querem ser governados com a lei e não com arbitrariedades, estão todos com os braços abertos para receber o governo nomeado pela regência, mas que seja de sua confiança, aliás eles preferem morrer no campo da batalha a entregar de novo os pulsos às algemas e grilhões do despotismo; se o governo da corte teimar em subjugar-nos pela força, nós teimaremos

---

[19]A situação não era melhor nos porões dos navios onde se encontravam presos os rebeldes. Em 45 dias, dos 289 presos que lá se encontravam, submetidos a condições extremamente insalubres, 139 morreram de doenças e fome.

[20] Após a retirada dos militares e civis da Cidade, os cabanos se reuniram em assembleia para escolher um novo presidente para a Província. Instado a assumir, o padre Jerônimo Roberto Pimentel, o segundo deputado provincial mais votado nas eleições realizadas anteriormente, revolucionário histórico, declinou do convite por achar que o momento exigia qualidades que não possuía.

> em dar-lhe provas do valor de um povo livre que esquece a morte quando defende a sua liberdade (RAIOL, 1970, p.939).

A resposta da Regência às considerações dos rebeldes foi o retorno de um personagem conhecido por suas posições autoritárias e dureza no trato daqueles que discordavam de suas ordens. O brigadeiro Francisco José Soares d'Andréia.[21]

1.1.8 A contraofensiva das tropas legais sob o comando de Soares d'Andréia

O cerco imposto aos rebeldes pela esquadra ancorada na barra, comandado pelo marechal Manuel Jorge Rodrigues, começou a receber reforços antes da chegada de Soares d'Andréia. Do Maranhão vieram soldados que, por via terrestre, procuraram restabelecer e garantir a ordem legal nas vilas e povoações até chegar à Vila de Bragança, no nordeste do Pará. Controlada a sublevação dos rebelados de Panelas, o Presidente da Província de Pernambuco enviou ao Pará dois batalhões de caçadores e uma companhia de artilharia, fazendo parte de uma pequena frota equipada com armas, munições, alimentos e outros gêneros destinados a amenizar a precariedade da situação do marechal Manuel Jorge Rodrigues. O reforço militar vindo de Pernambuco era composto por tropas bem treinadas e disciplinadas, experientes em combate à guerrilha,[22] tornando a repressão aos rebeldes mais eficaz. Isso permitiu ao Marechal a sua primeira vitória contra os cabanos, desalojando-os da ilha do Mosqueiro, de onde partiam muitas das iniciativas de ataque aos refugiados, além da intimidação e repressão a possíveis contatos com embarcações que traziam pessoas e alimentos produzidos em pontos mais distantes e fundamentais, tanto para os legalistas quanto para os rebeldes.

No início de fevereiro de 1836, as tropas legais recuperaram a Vila da Vigia, que havia sido saqueada e dominada pelos rebeldes há quase um ano. Do mesmo modo como a sua queda contribuiu para a reorganização e expansão do movimento cabano por quase todas as vilas e povoações do vale amazônico, alcançando a rebelião pontos distantes situados às margens dos rios Amazonas, Negro e Nhamundá, a sua reconquista pelas forças legais anuncia o refluxo do movimento.

Com a chegada do brigadeiro Soares d'Andréia à ilha de Tatuoca, trazendo como reforço mais tropas, navios e armamentos, inicia-se uma fase de negociações, em que os rebeldes buscam a anistia, e Soares d'Andréia exige a rendição

---

[21] O brigadeiro Soares d'Andréia já havia estado no Pará, entre novembro/1830 e julho/1831, exercendo a função de Comandante de Armas, quando se notabilizou por seus atos arbitrários, merecendo a qualificação de "absolutista teórico e prático."

[22] Nesse mesmo período ocorreu uma insurreição em Pernambuco, que recebeu o nome de "Cabanada" porque os rebeldes habitavam em cabanas e eram tão despossuídos de bens quanto os da Amazônia, e usavam de táticas de guerrilha em seus ataques. Décio Freitas assim os define: "os protagonistas eram brancos, negros, índios, mulatos, cafuzos, uma massa heterogênea, os párias da sociedade nordestina – camponeses sem terras, escravos degradados à condição de coisas, índios condenados ao extermínio." (FREITAS, 1978, p.18).

incondicional. A situação fica muito tensa e a expectativa é a de um confronto sangrento. O Bispo exorta os cabanos a depor as armas e a obedecer às leis e às novas autoridades designadas pela Regência, e a esperar pela anistia. Sua fala não comoveu os rebeldes a se entregar, e, em vários pontos da Cidade, começam a aparecer focos de incêndio. Em reunião com seus comandados, Angelim avalia suas reais condições de opor resistência e decide propor a Soares d'Andréia uma retirada honrosa, seguida de anistia, como havia sugerido o Bispo. Os entendimentos resultaram nulos e os cabanos se retiraram de Belém, em direção às vilas próximas, embrenhando-se nas matas.

Ao entrar na Capital, acompanhado de suas tropas, no dia 13 de maio de 1836, Soares d'Andréia

> encontrou na cidade somente mulheres e a guarnição que Eduardo Angelim deixara; não excedia de 200homens. Ordenou que destes fossem presos os intitulado oficiais, e alistados os demais como recrutas. Por precaução dividiu-os em pequenos grupos, e assim os repartiu pelas diferentes companhias dos batalhões de tropa de linha. [...] A cidade despovoada apresentava por toda parte um aspecto sombrio e contristador" (RAIOL,1970, p.965).

1.1.9 Inicia-se o "processo de pacificação" comandado por Soares d'Andréia

Incansavelmente, as tropas legais buscam cabanos em todas as localidades do vale amazônico. Para isso, internam-se na mata, vasculham furos, paranás, lagos, rios e igarapés. Nenhuma denúncia deixa de ser investigada, a despeito das canseiras que as investigações provoquem nas tropas. Aos milhares, eles são presos, trazidos para a Capital, onde era dado o seu destino: as insalubres prisões, muitas vezes improvisadas nos porões dos navios de guerra, ou embarcados para a Corte, como recrutas para servir em outras províncias, reprimindo movimentos, que, como a Cabanagem, pregavam a liberdade e a igualdade. Milhares morreram, ou nessas prisões, ou em hospitais, para onde foram levados depois de presos, mas em número bem menor do que no primeiro caso. Em outubro, cinco meses depois de ter abandonado a Capital e após longa perseguição, Eduardo Angelim é aprisionado pelas forças legais, nas matas do Acará.

A atuação das forças legais, implacáveis na perseguição de qualquer pessoa denunciada como rebelde, foi alvo de censuras pelo seu excessivo rigor, que não acolhia nenhuma ponderação ou pedido de clemência. Acusado mais uma vez de despótico, Soares d'Andréia justificou o rigor do uso das medidas facultadas pelo estado de guerra, como necessárias para pacificar a Província. Tais medidas autorizavam a atacar o inimigo por qualquer meio, de todas as maneiras, visando a aniquilar suas forças, mesmo que se precisasse prescindir das formalidades das leis.

Para realizar sua missão com todo o rigor, ele usou do artifício de não dar publicação a essa lei que autorizava o estado de guerra (Lei de 22/09/1835),

para não ter restrições de prazos, uma vez que a lei só permitia a utilização das medidas excepcionais por seis meses. Em decorrência da dimensão da tarefa de "pacificação," nesse espaço de tempo, muitos rebeldes escapariam à prisão. O prazo se esgotaria muito antes que a prisão pudesse acontecer, dadas as distâncias amazônicas e dificuldades de toda sorte nesse tipo de tarefa, o que para ele representava uma forma de anistia geral e indesejável, estímulo à prática de novas sedições, "para saciar suas almas nunca fartas de maldades", e isso colocaria em risco novamente a Província e a união do Império. Mesmo com essa atuação impiedosa para com os vencidos, o movimento cabano demorou muito tempo para ser esmagado. As tropas legais se deslocavam incessantemente, em várias direções para sufocar conflitos, policiar rios, vilas e povoados ameaçados pelos ataques dos rebeldes. Estes, agora órfãos de qualquer liderança mais expressiva e que pudesse oferecer freio e direção, entregavam-se às ações de saque e rapinagem próprias dos movimentos onde existe clara explosão de sentimentos de vingança contra a opressão sofrida por tanto tempo. Seria preciso encontrar forma ainda mais eficiente do que a mera dureza implacável do brigadeiro Soares d'Andréia em sua obstinada perseguição aos rebeldes. Era necessário encontrar um meio eficiente de desmobilização que não conduzisse ao despovoamento da Província pelas numerosas mortes e recrutamento militar forçado para outras províncias (como estava acontecendo), e, ao mesmo tempo, produzisse os efeitos desejados, isto é, súditos obedientes e operosos para o Império.

A solução foi encontrada com a criação dos Corpos de Trabalhadores, pela Lei nº 2, de 25 de abril de 1838, votada e aprovada pela Assembleia Provincial. O "processo de pacificação" contará com a humilhação do trabalho forçado imposto aos vencidos, que, somado às outras formas de violência, simbólicas ou não, tinham por fim esmagar qualquer veleidade de autonomia individual ou coletiva. Os corpos de trabalhadores já haviam sido utilizados anteriormente na Amazônia, como recurso para se constranger ao trabalho a população não branca da região, mas agora assumiam um caráter nitidamente militarizado e negativo, especialmente porque representa, na prática, a pior privação de liberdade possível. A servidão pelo trabalho compulsório representará cotidianamente aos olhos dos vencidos a derrota sofrida em sua luta contra a exploração econômica e a desigualdade social.

Em abril de 1839, assumiu a Presidência da Província, substituindo o brigadeiro Soares d'Andréia, o paraense Bernardo de Sousa Franco. Em sua fala na Assembleia Provincial, o novo governante menciona o fato de que o movimento cabano ainda está vivo em localidades do oeste da Amazônia, e ele está convencido de que será difícil concluir a guerra "sem o emprego de meios brandos e conciliatórios, atenta a vastidão dos terrenos que tem de ser explorados e protegidos" (RAIOL,1970, p.999).

Somente em 15 de agosto de 1840 os últimos cabanos depõem armas. Cerca de 980 pessoas, entre índios e mestiços, acrescidos de 200 guardas que haviam desertado no baixo Amazonas (em Santarém e Óbidos), se entregam em Luzéa,

na Capitania de S. José do Rio Negro. Posteriormente, foram anistiados todos os envolvidos em crimes públicos, mas algumas condições foram impostas. Se a presença do criminoso fosse considerada perigosa para a Província, ele era obrigado a se retirar e morar em outro lugar, mediante a assinatura de um termo de compromisso. Entre os anistiados condicionalmente, estavam Francisco Vinagre e Eduardo Angelim, que foram deportados para o Rio de Janeiro e seus irmãos foram mandados para Pernambuco. Quando chegou ao Rio de Janeiro, Angelim se envolveu num incidente durante uma sessão da Câmara, quando se manifestou com a oposição. As autoridades consideraram que ele havia quebrado as cláusulas da anistia, e, em razão disso, ele foi condenado a passar dez anos preso em Fernando de Noronha, o mesmo acontecendo a Francisco Vinagre. Depois de cumprida a pena, ambos retornaram ao Pará, onde viveriam até o final de seus dias.

1.2 Significações imaginárias da liberdade

Há no movimento cabano um apelo muito grande à liberdade. Esse fato não representaria maiores entraves se a postulação pela defesa da liberdade fosse somente a bandeira dos despossuídos, daqueles que sofrem sob os mais variados níveis de subordinação em uma sociedade onde a exclusão e a opressão eram os traços dominantes. Mas tanto os cabanos como a elite dominante se dizem defensores da liberdade ameaçada. De que liberdade falam essas pessoas situadas em lados opostos do conflito? Por que a radicalização extremada de um movimento, cuja divisa era " Vencer ou Morrer" ?

No processo de gestação da nacionalidade brasileira durante a primeira metade do século XIX, especialmente sob o Período Regencial, várias revoltas exprimem os anseios de maior participação política social dos habitantes das cidades de maior densidade populacional. A miséria, a exploração levada a extremos pela opressão colonial fez da contestação política urbana o canal de expressão da insatisfação popular. Os despossuídos buscavam espaço, representatividade e melhores condições de vida. E, como acontecia na Europa, a luta central era pelos direitos civis, pela *liberdade, este rouxinol com voz de gigante [que] desperta os que têm o sono mais pesado.*[23] Poucas revoltas foram mais do que isso, expressão violenta, mas breve, dessa insatisfação.[24]

A ***Cabanagem*** foi muito além, não só pelos níveis de violência praticados pelos grupos envolvidos, como em termos de sua duração e alcance político. Afi-

[23] Epígrafe de "As Revoluções", sexto capítulo da obra de Hobsbawn (1983): "A liberdade, este rouxinol com voz de gigante, desperta os que têm o sono mais pesado... Como é possível pensar em alguma coisa hoje que não seja lutar a favor e contra a liberdade? Os que não podem amar a humanidade ainda podem ser grandes tiranos. Mas como se pode ficar indiferente"? O autor das frases citadas por Hobsbawn é Ludwig Boem, que as escreveu em 14/02/1831.

[24] Ocorreram levantes em praticamente todas as províncias brasileiras no período regencial (1831-1840). Alguns desses movimentos foram episódios de curta duração, outros constituíram demoradas rebeliões, de onde não esteve ausente a questão racial: A Sabinada, na Bahia (1837-1838); a Balaiada, no Maranhão (1838-1841); a Cabanada, em Pernambuco (182/1836) e a Farroupilha, no Rio Grande do Sul (1835-1845), que chegou a proclamar uma república.

nal, os rebeldes tomaram a Capital por duas vezes, exercendo o poder por vários meses. Diferentemente de outros movimentos do mesmo período, a perda das lideranças mais expressivas não significou o seu fim. Uma nova fase se estabelece, a rebeldia toma conta dos povoados, vilas, localidades. Igarapés, furos e paranás são pontos preferidos para a emboscada. Anarquia e o terror se instalam em um tempo movediço, em que se tornava difícil saber de que lado estava o indivíduo ou grupo; mesmo por que com a violência desenfreada, o saque, a pilhagem, as violações e as mortes constituíram instrumento a serviço do medo e da anarquia. Esse é o momento em que os limites à violência são elásticos até quase inexistirem. Homens seduzidos pela sensação de liberdade total mergulham na voracidade continuada do exercício do poder que embriaga porque se descobriu exercício de onipotência sobre os outros. Esse incontrolável desejo de liberdade assusta a elite, que se descobre indefesa na imensidão das distâncias amazônicas, prisioneira de seus haveres acumulados, ao mesmo tempo e na mesma dimensão do ódio dos que se rebelam contra seu domínio.

A palavra *liberdade* encerra um mundo de significações sob qualquer ângulo em que seja examinada, em qualquer situação cultural em que seja utilizada. Com muita frequência, o sentido dominante tem sido a referência ao aspecto social, ou seja, o que diz respeito às situações de relacionamento entre indivíduos ou grupos, a capacidade de determinar as formas da ação desses indivíduos ou grupos, tendo como contraponto a ideia de não-liberdade interpessoal ou social.

A sociedade da primeira metade do século XIX, na Amazônia, era marcada desde a sua origem pela opressão desmedida, que caracterizou a exploração colonial das terras do Novo Mundo pelas nações europeias, sem exceção. Foi uma sociedade que se instituiu a partir também do engodo, do subterfúgio e traição. Como em toda a América, aqui, a necessidade de força de trabalho para o estabelecimento da empresa colonial foi resolvida pelo aprisionamento e escravidão dos nativos e dos negros oriundos da África.

A busca e apresamento dos índios é o ponto estratégico primordial para o sucesso da empresa colonial na Amazônia. A forma brutal como se realiza pode ser avaliada sob dois aspectos: o genocídio que provocou e o processo de "civilização" imposto aos que sobrevivem.

Nessas tarefas existem atores que se destacam. O Estado Português, a Igreja com seus missionários e os colonos brancos:

> Para reduzir os índios a Deus e ao Rei, o primeiro passo a ser dado era o estabelecimento de relação de amizades com os índios. Isso, ao menos, no projeto teórico do Rei, pois, em termos de realidade, a ganância insaciável dos colonos, em busca de mão-de-obra escrava fazia com que tal intenção do Rei ficasse quase sempre em letra morta. Para obstar que a ganância dos colonos fosse um empecilho à consecução dessas relações amistosas com os índios, eram instrumentalizados os missionários religiosos, a fim de neutralizarem a ação nefasta dos colonos (HOORNAERT, 1992a, p.150).

Até sua expulsão, em meados do século XVIII, pelo Marquês de Pombal, os missionários Jesuítas foram o braço direito de El Rei na tarefa de fabricação social dos indivíduos, *na criação dos bons súditos de sua majestade* que obedientemente deveriam se encarregar dos trabalhos penosos, da produção de riquezas para a grandeza do Reino. Os índios assumiam sua característica alienada fundamental para o processo de produção, eles agora são *instrumentos* do processo produtivo, devem ser eficientes, úteis, multifuncionais.

Como instrumentos ou produtos, tem usos definidos, podem ser reproduzidos, têm equivalentes. Se morriam, eram substituídos por novas peças obtidas em novos apresamentos ou por seus descendentes, de forma inesgotável, acreditava-se na época.

> A criação de um instrumento é criação de um eidos, de uma forma, cujas instâncias ou exemplares concretos "se equivalem" como instâncias deste eidos, que permite sua reprodução indefinida. E estes instrumentos valem como instrumentos, na medida em que valem para fazer aquilo que permitem fazer.
> Não se trata somente de instrumentos materiais. A "fabricação" dos indivíduos pela sociedade, a imposição aos sujeitos somato-psíquicos, ao longo de sua socialização, do legein, mas também de todas as atitudes, posturas, gestos, práticas, comportamentos, habilidades codificáveis é evidentemente um teukhein, mediante o qual a sociedade faz serem estes sujeitos como indivíduos sociais, a partir dos dados somato-psíquicos, de maneira apropriada à vida, a sua vida nesta sociedade e com vistas ao lugar que nela ocuparão graças a isso, os indivíduos sociais são feitos, enquanto valendo como indivíduos e valendo para tal "papel," "função," "lugar" sociais. Porque toda instituição é também reunião com vistas a ....; e neste , os termos instituídos funcionam sempre uns em relação aos outros e todos em relação à instituição, valendo, portanto, como termos desta instituição e valendo para a instituição, valendo por sua inserção nas combinações instituídas. Indivíduos, objetos, procedimentos, estabelecidos como "termos" ou elementos em e por uma instituição determinada, tem, cada um, um "valor de uso" quanto a ... com referência à rede assim instituída (CASTORIADIS, 1982, p. 302).

Não era uma fácil tarefa *fabricar bons súditos* para El Rei. Um primeiro obstáculo se antepõe aos colonizadores: os índios são verdadeiramente humanos? Se respondida afirmativamente, a pergunta traz um impasse: como justificar a escravidão de seres que partilham a mesma natureza do branco, criado à semelhança de Deus, como membro da humanidade? (NEVES, 1976). Um questionamento dessa ordem suscita a necessidade do processo evangelizador para superar as diferenças, a alteridade do indígena, uma vez que a percepção dessa alteridade pelo colonizador conduz inevitavelmente a sua categorização como alguém que deve ser modificado, instruído nas verdades e valores da civilização ocidental: o reconhecimento da fé católica, o poder absoluto do rei e a incontestável validade da lei a ser imposta.

Negar a condição humana aos indivíduos era um recurso de uso comum e bem mais aceito, não só pelo colono como por aqueles que detinham alguma autoridade nas cidades, vilas ou povoados.[25] Os índios eram definidos como seres bárbaros (RAMINELLI, 1996), mentalmente incapazes de absorver os ensinamentos religiosos, indolentes, preguiçosos, ferinos, astuciosos, malvados, capazes de comer carne humana, vingativos etc... Serviam como "bestas de carga" (e isso com ressalvas, pois os negros eram considerados mais fortes e resistentes). Na avaliação do colonizador, de um modo geral, o lugar social do índio era a subalternidade, e as virtudes que o tornavam mais apreciado como mão-de-obra eram a docilidade, a humildade traduzida como subserviência, eficiência no exercício de um ou vários ofícios, além da sua habilidade maior, natural e insuperável de grande conhecedor das águas e das matas, o que era indispensável para a obtenção dos produtos a serem comercializados, as chamadas "drogas do sertão". O índio era uma "peça" da engrenagem produtiva. "Peças" são objetos, não têm passado nem presente, muito menos futuro. Não desejam, não pensam, não sentem, não criam, não podem postular identidade ou nacionalidade. São pouco mais do que animais treináveis, que guardam certa semelhança com o gênero humano. Afirmações como essas poderiam constar do discurso de qualquer colono branco nessa época.

O impacto inicial do maravilhoso sobre o colonizador cede espaço ao seu desapontamento diante da negação do imaginário construído sobre o novo mundo.

> O estrangeiro é sufocado pela natureza que o martiriza com sua fauna e flora aérea ou rasteira. Depois desse rito de passagem profano – o cerimonial é solitário, não comunal, uma quase familiaridade com a natureza o autoriza a transferir para o nativo a sua amargura, que se traduz na incapacidade de sobrevivência em local tão exótico sem a ajuda do homem da terra. Sua incapacidade de abarcar a totalidade, de exercer seu domínio – é um Adão destronado e decaído – é minimizada pela procura de traços diferenciadores nos nativos, que lhe anularão a humanidade; de elementos da terra, passam a usufruir o estatuto de agentes perturbadores daquela ordem natural. Encaixados na categoria antiga e medieval de adamita não normal, já modernizada, na grande maioria das vezes motivada pelos emblemas tatuados nas peles ou mesmo pela procura de monstruosidades corporais, os usos e costumes dos nativos seguem essa ótica inicial e são elementos de reforço na construção da imagem diferenciada do outro (GONDIM, 1994, p.39).

O discurso do homem branco se enriquece pelo o contato com a realidade que precisa ser comparada, explicada, nominada. Entretanto, essa apropriação do novo redundará, em última análise, na construção das antinomias, que caracterização de modo negativo principalmente os habitantes e sua cultura diferenciada.

---

[25] A doutrina da unidade fundamental do gênero humano é citada por Gondim (1994, p.17), ao discutir as ideias de Dias (1986, p. 149). De acordo com essa doutrina, "se postulava a impossibilidade a existência de adamitas fora do circuito judeu-arábico-cristão e periferia."

Serão o fundamento dos estereótipos pejorativos construídos sobre o nativo, tais como a atribuição de indolência, preguiça, incapacidade mental, belicosidade, inconstância etc...

Os missionários católicos, em especial os Jesuítas por sua maciça presença na região, encarregaram-se de demonstrar os equívocos que a pressão exagerada pela obtenção de lucros levava os colonos a cometer. As técnicas de persuasão utilizadas pelos Jesuítas combinavam doses de paciência, persistência, violência e talento missionário, mesclado a um elevado compromisso com a expansão da fé católica e dos domínios do rei na América, que não hesitava diante das enormes dificuldades que a tarefa de criar bons súditos para Sua Majestade acarretava. Passada a fase inicial da catequese no século XVI, caracterizada pelo brilho da atuação do padre Antônio Vieira em defesa dos índios, percebe-se que a Companhia de Jesus, atuando nas aldeias como unidades autossuficientes, mudara sua maneira de conceber o trabalho indígena e a sua relação com a obra missionária. Alguns cronistas Jesuítas preconizavam que só poderiam ser vitoriosos se empregassem a violência como instrumento de convencimento; como afirma o padre João Daniel, em sua obra *O Tesouro Descoberto do Rio Amazonas*:

> E visto que os açoutes são o castigo mais conveniente, e proporcionado para os índios como a experiência tem mostrado, e conhecem todos os que com eles vivem e tratam... é louvável o castigo de **só 40 açoutes**, como costumavam os seus missionários: e quando os crimes são mais atrozes, se lhes podem repetir por mais dias**, juntos com a penas de prisão, que eles muito sentem; porque se vêem privados das suas caçadas, montarias, e mais divertimentos e muito mais dos seus** banhos diurnos, etc. E na **verdade**, que não há castigo que mais amanse que uma prisão diuturna com umas boas bragas nos pés (DANIEL, 1976 – I, p.256. Grifos meus).

A fala do cronista revela com precisão e clareza qual o bem maior para o índio no aldeamento missionário: a liberdade de realizar atividades próprias de sua existência anterior ao seu “resgate”[26] para Deus e El Rei. A imposição do modelo cultural do colonizador significou a destruição do mundo indígena; um longo e doloroso processo de recriação de um novo mundo, no qual o sentido das coisas, do existir, foi profundamente marcado pela natureza do abalo sofrido em seu pilar central: a ideia de ser livre como parte essencial das significações primárias formadoras da identidade do sujeito. O esgarçamento do tecido social originário do mundo indígena foi provocado não só pela forma como se opera a captura em seu ambiente bem como pelo cativeiro que lhe é imposto, e também pelas estratégias e táticas empregadas em seu “condicionamento” para uso em atividades da empresa colonial.

À captura, em si um ato brutal, desenraizador do indivíduo, seguia-se a lon-

[26] Os “resgates”, os “descimentos”, as “guerras justas” foram as formas utilizadas a partir das quais se obteve mão-de-obra indígena. Para os “resgates”, havia a justificativa cristã que obrigava os índios ao trabalho servil, porque afinal estavam sendo salvos de sua ignorância de Deus.

ga caminhada com destino à base de atuação da tropa de resgate, que poderia ser um povoamento controlado pelos Missionários. Procedia-se habitualmente à distribuição dos índios apresados, interpenetrando-se grupos culturais distintos. Nesses casos, os deslocamentos dos índios colocavam em um mesmo aldeamento grupos rivais e/ou grupos com características culturais ligadas a espaços geográficos diversos, como por exemplo: grupos originários das chamadas terras firmes (não alagáveis) passavam a habitar as várzeas que margeiam o Amazonas e seus afluentes, sujeitos às inundações periódicas. Com frequência e intencionalmente, misturavam-se também indivíduos em estádios culturais diversos, em termos de conhecimentos de técnicas e habilidades de sobrevivência.

Ao realizar um balanço crítico sobre as crônicas, relatos de viagens, estudos linguísticos, tratados descritivos sobre a Amazônia e seus primitivos habitantes, Antônio Porro anota:

> Com o despovoamento das margens do Amazonas começou o descimento antigos dos índios do interior […]. Esta população [...] tinha pouco a ver com os habitantes do rio. De línguas e culturas as mais variadas, esses agrupamentos heterogêneos de índios da terra firme trazidos à força para as margens do Amazonas iriam dar origem ao caboclo ou tapuio amazonense. Como não podia deixar de acontecer, eles assimilaram uma série de técnicas essenciais à sobrevivência na várzea, mas as antigas sociedades ribeirinhas altamente integradas e adaptadas àquele ecossistema específico haviam desaparecido para sempre (PORRO, 1993, p.10).

Após o primeiro século da conquista portuguesa da Amazônia, a população indígena se encontrava em declínio, fadada à extinção.[27] Parece razoável supor que a estratégia de misturar grupos culturalmente diversos tinha como objetivo criar uma situação de grande insegurança e medo, em que não havia como o índio recorrer aos seus apoios socialmente instituídos. Em seu desamparo, a figura e a palavra do missionário ganhavam a importância pretendida originariamente no projeto evangelizador: o controle da produção de sentido – indispensável à criação de indivíduos úteis à Igreja e ao Reino. Para isso se concretizar, um primeiro passo era fundamental: tornar factível a comunicação, tarefa difícil, dadas as características antes mencionadas. Não por acaso os Jesuítas se tornaram mestres nas línguas indígenas, codificando-as e tentando a sua reunião em um idioma comum, a *língua geral*. Em breve, essa era a língua mais utilizada no cotidiano

---

[27] Sobre a situação dos índios após a conquista portuguesa da Amazônia, os historiadores da atuação da Igreja Católica relatam: "podemos multiplicar os exemplos de castigos, guerras justas, entradas, tropas de resgate, descimentos, que todos se igualam na crueldade e desumanidade, mas basta dizer – para o intento de nossa narrativa aqui – que os Tupinambás estavam exterminados pelos anos 1635 [...] Em 1639 chegou a vez dos Tapajós serem martirizados [...] Colocados entre a morte ou a dominação, os Tapajós escolheram a segunda opção, foram desarmados, encurralados e obrigados a fornecer mil escravos aos portugueses, entre filhos e aliados. Para evitar a escravidão, os Tapajós passaram a colaborar na captura de outros grupos, a fim de atingir o número de mil índios "de corda". O martírio desse povo terminou nos anos 1820-1840, quando foram completamente extintos" (HOORNAERT, 1992a p.54-55).

das missões, das povoações, vilas e cidades. Entretanto, ainda que facilitasse a tarefa evangelizadora, porque os índios rapidamente a dominavam, acabou sendo proibido o seu uso, porque o interesse do Reino exigia como língua dominante o português. A utilização do idioma misto permitia a criação e a expressão de uma experiência compartilhada socialmente de modo mais equânime do que a imposição do português[28] como língua dominante, língua totalmente estranha ao falar indígena e a sua produção de sentido como membro de um grupo social específico. Como bem situa Enriquez, a propósito da utilização do método psicanalítico para a compreensão dos fenômenos sociais e suas cadeias de significados:

> O discurso de cada sujeito contém as construções fantasmáticas dos grupos sociais em que elas se inserem, além de conter suas próprias lembranças, inibições e repetições. O discurso é, então atravessado pelo imaginário social, pelo imaginário individual, pela simbólica social (os grandes mitos, as angústias fundamentais) e pelas tentativas da simbólica individual (ENRIQUEZ, 1996, p.18).

Os sistemas de representações culturais que emergem desse complexo processo de re-significação de realidade social instituída e instituinte são profundamente marcados em sua origem pela violência traumática de sua instalação, como parte importante que viabiliza a existência da empresa colonial, e pelas injunções que o viver *na* floresta e *da* floresta provocam no colonizador e em seus múltiplos contatos interétnicos.

O grande problema para a empresa colonial foi sem dúvida a utilização e o controle da mão-de-obra indígena. Durante todo o século XVII, os Jesuítas tentam impor o seu controle e a defesa dos índios aldeados contra o abuso, a ganância devastadora dos colonos brancos. O período áureo dessa defesa dos índios é marcado pela atuação religiosa e política do Padre Antônio Vieira, através de seus brilhantes sermões. Especialmente no período de 1652 a 1662, Vieira exaustivamente tentou mudar os procedimentos dos colonos em relação ao apresamento e à utilização dos índios como escravos, condenando os maus tratos e abusos de toda ordem que eram infligidos aos cativos, explorados de modo brutal e desumano.

Entretanto, a posição vacilante da Coroa em relação aos propósitos de sua política indigenista, ora legislando a favor dos índios ora a favor dos interesses econômicos da empresa colonial, afetava em muito o trabalho missionário. Ao final do século XVII, a situação era bem diferente daquela em que Vieira consolidou sua fama como orador sacro e defensor dos índios. Moreira Neto chama de *período empresarial* (1686-1759) a fase de atuação dos Jesuítas sob a lei de 21 de dezembro de 1686, o *Regimento das Missões,* que "marca o momento da passagem dos jesuítas de uma posição de defesa das liberdades indígenas, inspirada por Vieira, a uma política concessiva aos interesses coloniais, favorável aos cativeiros" (MOREIRA NETO, 1992, p.86).

[28] Estava convencionado que a posse do território seria determinada em última instância pela língua dominante na população local. A Provisão de 12/09/1727 e a Lei de 15/06/1752 ordenam aos Missionários o ensino da língua portuguesa aos índios definidos como súditos do Império.

Como se pode comprovar, a liberdade sempre foi um tema em evidência, quase uma quimera nesse período. Entre a hesitação da Coroa, que ora tentava proteger os índios, proibindo sua captura, seu deslocamento e lhes assegurando direito à terra (Provisão de 01/04/1680), ora se rendia aos argumentos dos colonos em busca de mão-de-obra, e revogava leis utópicas, como a lei de 17 de outubro de 1647, que assegurava liberdade total aos índios; ainda que os motivos pelos quais essa lei foi promulgada fossem absolutamente verdadeiros, ou seja, os abusos contra os índios, que rapidamente os estavam levando à morte e a extinção.

Entre essas idas e vindas, a lei de 17 de outubro de 1653 esclarece que a liberdade concedida aos índios só trouxe confusão e prejuízo à Coroa, por ser *dificultosíssimo e quase impossível de praticar dar-se liberdade a todos sem distinção*. Justificando o apresamento e a escravidão, estabelece os casos em que isso pode ser feito:

1. se os índios não cumprirem obrigações impostas pelas conquistas (pagamento de tributo ou não aceitando trabalhar ou lutar por El Rei);
2. aqueles que, sendo súditos do rei, praticarem a antropofagia;
3. os índios que estiverem "em corda," aprisionados por outros índios e supostamente destinados a serem devorados por seus captores;
4. aqueles índios que forem aprisionados em "guerras justas", por via do comércio ou "resgate".

Outro item foi acrescentado a essa lista pela lei de 09 de abril de 1655, esclarecendo o rei esclarece que o objetivo dessa legislação era o bem-estar e a conservação espiritual do Maranhão: os índios também poderiam ser escravizados se impedissem a pregação do evangelho. As brechas que a lei apresenta para facilitar o processo de captura e escravização dos índios são tão grandes que melhor seria falar em normalização da atividade daqueles que vivem do comércio de escravos. Os próximos trinta anos do século XVII assistirão a outras hesitações da Coroa, modificando os instrumentos legais, ora incentivando o apresamento, ora preocupada com a extinção e os excessos, concedendo liberdade ampla aos índios. A verdade é que as boas intenções reais não eram mais do que isso, letra morta da lei, porque não havia capital suficiente no Estado do Grão-Pará e Maranhão que pudesse suprir com trabalho escravo negro as necessidades da empresa colonial, para que os índios pudessem formalmente usufruir da liberdade legalmente concedida. Segundo documentos da época, um índio "resgatado" valia algo em torno de 3 a 4 mil réis, enquanto um escravo negro, cerca de 55 mil réis, em S. Luís.

Ao final do século XVII, duas leis vão estruturar a criação de " bons súditos" para El Rei: a lei de 1º de abril de 1680, e Regimento das Missões do Maranhão, de 1686. O projeto português para a Amazônia ganha estrutura e uma dinâmica própria: serão os missionários Jesuítas o braço ideológico dessa conquista para Deus e El Rei. Eles irão controlar os "resgates," a cessão dos

índios para a construção de obras públicas, como tripulação nos barcos para expedições, como soldados nas "guerras justas" , como mão-de-obra cedida a particulares sob pagamento de salários. Aos Missionários estava reservada a administração das missões, atribuição que ia além da tarefa evangelizadora. Entre os encargos que o exercício do poder temporal e espiritual acarretava, existia a defesa da liberdade dos índios sob sua responsabilidade. As missões funcionavam não como entrepostos de abastecimentos de índios para atender às necessidades do processo de colonização. Eram muito mais uma espécie de "fábrica," que, no prazo de dois anos, estipulado em lei, deveria ter seu produto final para atender a essas necessidades (MORAES, 1987). De acordo com o texto do Regimento das Missões, que detalhava criteriosamente a atuação dos Missionários, era de dois anos o tempo necessário para a doutrinação na fé e para preparar os índios para o trabalho, transformando-os nos " bons súditos" de Sua Majestade. O texto legal especificava o quanto deveria ser empregado em serviços públicos ou privados, o quanto deveria ser mantido como uma espécie de reserva técnica dentro dos aldeamentos, como também previa que os Missionários poderiam reservar para sua congregação aldeamentos inteiros e empregá-los como melhor lhes aprouvessem, a título de manutenção da atividade missionária.

Esse imenso poder sobre a maior riqueza da região, a unicamente capaz de possibilitar a acumulação e a reprodução do capital, e de aliviar o ônus da tarefa pesada, exigente, penosa de civilizar o trópico úmido distante e tenebroso, teria que provocar atritos com os colonos e autoridades civis. Exacerbadas ao longo do tempo, as disputas entre religiosos e civis acabariam provocando a expulsão definitiva dos Jesuítas e Franciscanos em 1757, acusados de enriquecer com o trabalho indígena e pretender autonomia em relação ao Estado português. O projeto do Marquês de Pombal para a Amazônia teria em seu irmão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, o seu principal intérprete.

As drásticas mudanças sobre a situação indígena estão impregnadas das ideias do despotismo esclarecido, que passa a operar politicamente o Estado português na figura do Marquês de Pombal. A ideia é modernizar a empresa colonial na Amazônia, fortalecê-la, diversificando a sua base operacional na produção dos bens do exclusivo metropolitano, tornar portuguesa a Amazônia, consolidar o Estado do Grão-Pará e Maranhão e obter assim maiores lucros.

Quebrar o monopólio missionário sobre a mão-de-obra e recuperar a administração temporal sobre os aldeamentos, recuperar tributos supostamente sonegados foi o primeiro passo. Criar a Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão, capitalizá-la para operar com o tráfico

negreiro, destinar-lhe o monopólio do comércio, foi outro passo.[29]

Mas não ocorreu o desenvolvimento planejado. A decadência e o abandono de estruturas produtivas foi o resultado da descontinuidade e incertezas das políticas de fomento na Amazônia. Livres do controle missionário, os índios e mestiços rapidamente retornavam aos seus costumes ou recriavam situações nos quais era visível o seu desprezo ao modelo anterior. As aldeias missionárias feneciam e desapareciam e com elas um modelo razoavelmente bem-sucedido de imposição cultural. Entre as décadas finais do século XVIII e as duas primeiras do século XIX, um novo padrão social estará se constituindo, novamente marcado pela brutalidade, agora operada por civis e militares que se encarregarão de administrar os Diretórios dos índios. A reação à expansão da violência branca foi a fuga para as matas, a negativa ao trabalho e, quando isso era impossível, sujeitar-se e alimentar o rancor contra o homem branco, símbolo da opressão.

As crônicas sobre o trabalho missionário[30] ressaltam sempre o embate entre as autoridades civis e religiosas a respeito do tratamento a ser dado aos índios. Acordes no ponto crucial da questão, que era a necessidade de domá-los para Deus e El Rei, diferiam quanto aos métodos e meios a empregar.

Por exemplo, utilizar as chamadas "guerra justas" como forma de apresamento deveria ser referendado pelos missionários, que tinham a obrigação de acompanhar o apresamento dos selvagens. Bettendorff narra o modo como os Jesuítas procuravam se eximir de avalizar essas caçadas aos índios:

> Estando os Padres em o Pará, pareceu bem ao Governador consultar com elles a justiça da guerra contra os Aruaquizes, a qual desejava muito se pudesse conseguir por lhe dizerem os alvitreiros ambiciosos que tiraria della quinze ou quando menos doze mil cruzados; por esta

[29] "Mendonça Furtado [...] pondo em execução o ato régio que dava ao índio a condição social e política de cidadão, com capacidade para agir como os colonos [...], procedeu a uma revisão integral dos padrões de vida. Seja no setor político, seja no setor social e econômico. Elevou os antigos aldeamentos de missionários à condição de vila. Os mais prósperos, aos menos prósperos, deu a situação de povoados. Naqueles passava a funcionar uma Câmara Municipal, cujos vereadores foram tirados da massa indígena. Nestas, havia um diretor, geralmente um colono talhado em seus misteres particulares ou um soldado a que se dava baixa da tropa. Para a realização do plano de elevamento do nível mental do gentio, organizou um regimento especial, cuja raiz foi o antigo 'Regimento das Missões'. O Diretório, nome pelo qual ficou conhecido o novo regimento, aprovado por S. Majestade, dava aos diretores amplos poderes e obrigações que, em última análise, impunham à civilização do bugre a prosperidade dos núcleos. As vilas ciadas foram: Macapá, Oeiras, Melgaço, Portel, Arraiolos, Esposende, Almeirim, Monte Alegre, Alter do Chão, Boim, Pinhel, Santarém, Vila Franca, Óbidos, aumentadas mais tarde com a instalação de Acará Chaves, Vila Nova Del Rei, Faro, Cintra, Mazagão, Ourém, Porto de Moz, São Caetano de Odivelas e Soure." (REIS, 1972, p. 59-60).

[30] Um dos mais circunstanciados relatos sobre a atuação dos missionários da Companhia de Jesus na Amazônia é a obra do Pe. João Felipe Bettendorff, Luxemburguês de origem, que veio para o Estado do Grão-Pará e Maranhão por influência do Pe. Antônio Vieira. Aqui exerceu seu trabalho missionário no Tapajós, em Gurupá, Monte Alegre, Belém e S. Luís. Ocupou postos de relevância na hierarquia da Companhia, destacando-se como Superior e Reitor do Colégio Santo Alexandre, em Belém, quando escreveu sua "Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão" (1661-1698) vindo a falecer em Belém a 05/08/1698, aos 71 anos.

> causa ia preparando com grande dilligência gente de todas as Capitanias para ella. Só se lhe representou um impedimento, que embargava a execução, que nenhum Governador fizesse guerra offensiva sem voto do Padre Superior da missão e mais Prelados das religiões, com que se levantou a maior persecussão que tivemos depois da alteração do povo, porque o Governador movido por seus interesses queria que dissessem os Padres da Companhia que a guerra era justissima, e os Padres, segundo as leis da consciência, lhe diziam que lhe parecia que era injusta, pelas mortes, degolações e captiveiros injustos que se tinham feito entre aquellas nações em tempo de seu governo (BETTENDORFF, {1910} 1990, p. 217).

O relato de Bettendorff prossegue, apresentando os argumentos e ponderações dos padres, que preferiam ir até as aldeias e, pela investigação baseada na observação e nos depoimentos, obter certeza sobre quem punir (tratava-se da emboscada feita provavelmente a uma expedição anterior e que resultou na morte em ritual do comandante dela). Os padres receavam a guerra pela forma como os combates provocam a dizimação (...) onde havia de haver tantas mortes assim de adultos como de meninos e ainda inocentes, por "quanto os índios que commummente são a maior parte da guerra, nada reparam, e matam cruelissimamente a todos que encontram" (BETTENDORFF, {1910} 1990, p.218). Malgrado a preocupação cristã com as consequências da expedição punitiva, o missionário não critica o fato, que se instituiu como prática operacional do processo civilizador imposto nas colônias, de serem instrumentalizados antigos rancores, rivalidades e diferenças culturais entre grupos indígenas. Essas rivalidades tribais foram bastante exploradas como fundamento de aculturação e preparo de jovens como guerreiros, não mais de seu grupo étnico originário, mas de El Rei e a serviço de Deus. Nesse caso, a violência, a brutalidade é "naturalizada," é não só esperada como necessária para ser exercida como arma, recurso estratégico contra violência do mesmo tipo (e que havia sido exercida contra os colonizadores) que precisa ser punida com antídoto do mesmo calibre. Os portugueses, como outros povos colonizadores, usaram à exaustão o princípio "dividir para reinar." Usaram a violência como instrumento de conquista, ora estimulando-a ora dosando-a, tentando impor limites e mantê-la sob seu controle. A formação das comunidades no vale amazônico conheceu intimamente esse jogo perigoso e sem dúvida foi marcada por essa violência de caráter simbolicamente estruturante. Culturalmente diversos, os dois principais sistemas globalizadores das significações imaginárias se defrontam e competem na produção dessas significações. À primeira vista, o mundo branco vencerá em sua imposição cultural. Mas o produto que resultará jamais negará as marcas que, como cicatrizes, resultam do embate travado nos inconscientes individuais, que, no dizer de Castoriadis, compõem a unidade da instituição total da sociedade:

> Há portanto, uma unidade da instituição total da sociedade; observando-a mais de perto descobrimos que essa unidade e coesão interna

> do tecido imensamente complexo de significações que impregnam, orientam e dirigem toda vida daquela sociedade e todos os indivíduos concretos que, corporalmente, a constituem. Esse tecido é o que eu chamo de magma das significações imaginárias sociais trazidas pela instituição da sociedade considerada que nela se encarnam e, por assim dizer, a animam[...]. Denomino imaginárias essas significações porque elas não correspondem a – e não se esgotam em referências " racionais" ou " reais", e porque são introduzidas por uma criação. E as denomino sociais pois elas somente existem enquanto são instituídas e compartilhadas por um coletivo impessoal e anônimo (CASTORIADIS , 1987, p. 230-231).

Ideologicamente, o processo de colonização se apoiava na imposição da religião católica e, a partir dos valores religiosos introduzidos pela catequese, pretendia consolidar a posse do homem e do território para a Coroa portuguesa. Em seu processo civilizador, os Missionários atuarão diretamente na produção de novos cristãos e, consequentemente, na *criação* de significações compartilhadas com as populações indígenas sob sua responsabilidade. Primeiramente, serão transcritos os preceitos religiosos para uma nova língua capaz de ser compreendida pelos envolvidos na catequese. Ao transpor os obstáculos naturais ligados à estrutura original dos significados dos preceitos religiosos ocidental-cristãos para apresentá-los em nova versão, passa a existir um novo nível de subjetividade envolvido nessa tradução que diz respeito ao ambiente físico e às pessoas e seus respectivos universos culturais, que passam a fazer parte do processo. Em uma sociedade, é impossível escapar da rede simbólica, embora nem tudo se reduza aos símbolos. Todos os que correspondem às variadas esferas do social, sejam individuais ou coletivos, não se esgotam em sua concretude e existem enquanto essencialmente instituídos e compartilhados. O que o processo evangelizador/civilizador propiciará será a base a partir da qual serão estruturadas essas "significações imaginárias sociais." Como os Jesuítas atingirão seus objetivos de conquistar corpos e mentes? Criando disciplinas[31] variadas que nortearão o *modus operandi* de todo o processo. Fazer entender, compreender e aceitar os preceitos religiosos, demandava um paciente trabalho de engenharia sociocultural.[32]

À fragmentação cultural do índio imposta pela aludida destribalização e por deslocamentos diversos, impunha-se o novo modo de vida, em que a prática

[31] A respeito do conceito de disciplina aqui empregado, consultar a obra de Foucault, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis, R. J.: Vozes 1987; e Weber, Marx. Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1974; e ECONOMIA E SOCIEDADE. Brasília, D. F.: 1991.

[32] Faço uso da expressão engenharia sociocultural associando-a ao conceito que Karl Popper elaborou em La Miseria del Historicismo, Madri: Alianza/Taurus, 1961, p.59. A engenharia social surge então como uma espécie de fim prático para as Ciências sociais, como expressão concreta de um experimento social destinado a executar objetivos claramente delineados e atingir metas previamente estipuladas. Evidentemente a noção de projeto cultural elaborado com fins tão específicos não estaria tão claramente delineada na mente dos atores sociais do período. As ideias de criação de uma nova sociedade cristã estava subsumida no projeto mais amplo do processo de colonização.

religiosa era o fundamento, o pilar central da construção do *sentido.*[33] Não bastava apenas ensinar os preceitos e seus ritos em uma língua geral, era essencial eliminar práticas culturais ancestrais que de algum modo afetassem o controle da produção do sentido que os Missionários pretendiam monopolizar.

A rotina dos aldeamentos previa orações coletivas em horários previamente determinados, além da obrigatoriedade de assistir à missa diária. Em todas as atividades ritualizadas, havia uma explicação do evangelho e muitos cânticos, que eram as atividades preferidas dos índios. Durante o dia, aconteciam as atividades socializadoras/educativas que envolviam o ensino de ofícios e do alfabeto, além, é claro, das atividades produtivas do ponto de vista econômico. Os primeiros tempos necessitaram de toda a capacidade intelectual e dedicação integral dos Missionários. Mas seus métodos de trabalho demonstraram na prática a eficiência de sua proposta de controle calculado da repressão e tolerância às práticas culturais dos indígenas. O relato do Pe. Bettendorff espelha em várias passagens a prática educativa dos Missionários:

> Tinha o reverendo Frei Theodosio disposto ao redor de si umas cinco ou seis aldêas de gente nova, todas com suas egrejinhas, as quaes de tempo em tempo ia visitar, e posto em sua casa via de sua varanda quasi todas, por estarem mui chegadas á aldêa principal [...]. Dizia o Padre frei Theodosio missa em sua egreja e depois della a doutrina, que fazem os nossos missionários [...]; á tarde cantava as ladainhas da Senhora, ás quaes assistiam os indios e indias, algumas dellas nuas, por não terem uma vara de panno para se cobrir; fui eu com elle um dia visitar as egrejinhas defronte, **e achando que os indios tinham feito pelas paredes algumas figuras de barro pouco decentes as desfiz todas com meu bordão**. Não tinham ornato nenhum por serem isso ainda princípios e não terem esses bárbaros muita afeição para as coisas de Deus, sendo todo o seu empenho comer, beber, dansar ou fazer poracês, como chamam, e viver á vontade, como brutos (BETTENDORFF, {1910} 1990, p.493. Grifos meus).

Basicamente, a catequese operava pela repetição dos preceitos religiosos. A doutrinação dos "bárbaros" é fundamental para a construção do reino de Deus. Mas como fazer com que os índios renunciassem aos seus prazeres, ao seu viver como "brutos" em troca de uma nova maneira de ver o mundo que só lhes impõe renúncias, privações e castigos corporais? Apelando-se para a internalização do sentimento do medo do inferno, reforçando-se a ideia da presença demoníaca associada aos prazeres de qualquer ordem – e estimulando-se a ideia de culpa e a busca incessante do perdão dos pecados a partir do ato penitencial, muitas vezes

[33] Castoriadis, analisando conceito de "sentido" weberiano propõe: "o mundo social-histórico é mundo de sentidos – de significações – e de sentido 'efetivo', mundo que não pode ser pensado como uma simples 'idealidade visada'. É um mundo que deve ser sustentado por 'formas instituídas', e que penetra até ao âmago do psiquismo humano, modelando-o de forma decisiva, na quase totalidade de suas manifestações identificáveis. Sentido efetivo não quer dizer forçosamente (e mesmo: não quer dizer "nunca" exaustivamente) sentido para um indivíduo." (CASTORIADIS, 1992, p.55).

levado a extremos do suplício físico. Mas a acuidade do método jesuítico permitia também a tolerância às práticas culturais indígenas, desde que deslocadas para o âmbito privado e modificadas em algum ponto essencial como se verá a seguir.

> Tinham os Tapajoz um terreiro mui limpo pelo matto dentro, que chamavam Terreiro do Diabo, porque indo fazer alli suas beberronias e danças, mandavam a suas mulheres levassem para lá muita vinhaça, e depois se puzessem de cocoras com as mãos postas diante dos olhos para não ver, então falando alguns dos seus feiticeiros com voz rouca e grossa lhes persuadiam que esta fala era do Diabo, que lhes punha em cabeça tudo o que queriam; assim me affirmou o principal Roque. Indo eu com elle ver aquele terreiro, para depois prohibil-o, como fiz, dando-lhes só licença para beber em suas casas, convidando-se alternativamente uns aos outros (BETTENDORFF, {1919} 1990, p.170).

Os índios se recusaram a obedecer e ao tentarem se reunir no local, Betendorf mandou que um oficial militar destruísse as bebidas e impedisse a reunião pública no local do ritual.

> Porém, para não ir com tudo ao cabo em aqueles princípios, lhes permiti se convidassem uns aos outros em dias de suas festas para suas casas, para lá beberem com moderação (BETTENDORFF, {1910} 1990, p.170).

Dois pontos merecem consideração no relato de Bettendorff. O primeiro diz respeito ao âmbito no qual é realizado o ritual. A existência de um local específico e comum a todos da aldeia onde se realizava uma prática cultural de plena liberação dos sentidos rivalizava com a necessidade de se impor única expressão do sagrado – o espaço da igreja, suas missas, ladainhas e sermões. Um sagrado contido, piedoso, austero onde os cânticos são única possibilidade de se extravasar alegria e prazer.

Os Missionários se colocam a tarefa de impor limites à imaginação, aos desejos dos índios, proibindo aquilo que consideram[34] excessos (em face da sua concepção religiosa de prazer/dor), mas reconhecem que não será possível enclausurar completamente o sentido, ou "suturar" totalmente as manifestações culturais que possibilitam a reafirmação dos laços sociais pelo compartilhar dos rituais, que não se esgotam em representações que, racionais ou não, estão fora de alcance para a compreensão dos "estrangeiros" ao rito. Permite-se, aqui, alguma liberdade. Afrouxam-se os laços da imposição do sentido único. Fissuras como essas é que permitirão o aparecimento da prática religiosa futura, um catolicismo marcado pelo sincretismo (MAUÉS, 1995), pela absorção/fusão das significações imaginárias sociais, originárias do entrelaçamento das visões de mundo que se mesclaram durante a colonização.

---

[34] Sobre o tema leia-se: "[...] ensinaram-lhes officios mechanicos, disciplinaram-lhes a vida [...] Refrearam-lhes os instinctos." (REIS, 1993, p. 42).

Os Missionários percebem de algum modo que a tolerância com alguns pontos tem que existir, para compensar a dura imposição, por exemplo, de uma nova moral sexual que proíbe o arraigado hábito da poligamia dentro dos aldeamentos (MORAES, 1987). A antropofagia ritual também será combatida. O mesmo ocorrerá com o rito sacrificial do prisioneiro, que assegura ao jovem a sua condição de guerreiro.[35] Os Jesuítas, percebendo a importância dos rituais próprios da cultura indígena, permitirão o sacrifício de animais em substituição a oferendas humanas. Praticando o que seria uma espécie de antropologia intuitiva, descobrem que "o rito trabalha para a ordem" (BALANDIER,1997, p.32). No ritual de iniciação do guerreiro, a violência possui um caráter estruturante que faz parte do imaginário indígena sobre o valor pessoal, a liberdade, a coragem, a vida e a morte.

Esta sociedade que se institui e reinstitui ao correr dos séculos XVII e XVIII é marcada pela violência e pela imposição de um modelo de liberdade limitada, tutelada pelo colonizador; tutela ambivalente, produto das necessidades do mando colonial e dos valores religiosos da fé cristã. A violência vai operar em vários registros simbólicos, inclusive para condicionar os limites nos quais a liberdade dos subalternos (índios, mestiços, negros e brancos pobres) será percebida e exercitada. É razoável supor que as percepções de liberdade de que os indivíduos e/ou grupos compartilham são afetadas por suas posições efetivas na estrutura social, por suas raízes culturais que balizam sua vida no presente. Poderia acrescentar que as populações mestiças originárias do caldeamento racial ocorrido no período colonial possuem uma percepção diferenciada da liberdade em razão de seu vínculo cultural com a tradição indígena.

Suas relações com a natureza definem em boa parte a forma como o presente e o futuro são propostos e imaginados. O ser livre é algo ligado visceralmente ao estar-no-mundo e com ele se relaciona. Mesmo que se apresentem injunções impeditivas ou restritivas, o *caboco* se posiciona como livre, porque, para ele, as matas, os rios, igarapés, furos, paranás, são território conhecido. Como parte constitutiva desse mundo, caçar, pescar são formas do existir: são a sua natureza. A dissociação, a apartação/oposição/domínio que a lógica capitalista impõe nas relações do homem com a natureza em sua busca incessante do lucro não faz sentido para alguém que não luta com a natureza mas estabelece relações de respeito e sábia convivência. O lucro não o seduz. Apesar de todo o esforço em criar cidadãos úteis, "corpos dóceis"[36] para o capital, a liberdade de estar para si e para os outros, de se permitir não fazer nada, de usufruir os prazeres de sua condição humana, de se quedar contemplativamente à beira da água, é culturalmente predominante (LOUREIRO, 1995). Embora isso possa ser confundido com uma visão idílica, ingênua do viver do *caboco* amazônico, essa realidade está bem longe disso.

---

[35] A descrição pormenorizada do ritual mencionado pode ser lida na obra de Bettendorff ({1910} 1990, p.210-211).

[36] Para uma leitura aprofundada do significado desta expressão, vide FOUCAULT, op. cit. p. 125-140.

Viajantes em seus relatos, desde o século XVII, registram situações em que, entre viver escravo e morrer, muitas tribos preferiam a morte. Nas longas jornadas de volta para os aldeamentos, depois do apresamento, amarrados como animais no fundo das canoas, ao primeiro descuido dos brancos, atiram-se para a morte no rio. Há também o fenômeno do "estranhamento", isto é, índios destribalizados se recusam a cooperar, rejeitam as disciplinas impostas e "estranham a terra," são tomados de tristeza, recusam alimentos, enfraquecem e morrem.

Os tapuios, dois séculos depois, preferem a precariedade de suas moradias, a incerteza da caça e da pesca, os poucos recursos da agricultura para si mesmos, a enfrentar longas e mal pagas jornadas de trabalho. Preferem ser livres para nada fazer. Esse modo de ser livre não combina com o capitalismo mercantil, nem com as necessidades sempre crescentes do Estado. É preciso convencê-los a trabalhar mais, enobrecendo a possível renúncia à liberdade, transfigurando-a em liberdade política, direitos civis a serem compartilhados.

O discurso elaborado pelos historiadores sobre a Cabanagem aponta sempre para o seu cunho eminentemente popular, para o impacto desestabilizador produzido sobre a estrutura produtiva na região, e insiste sempre em seu apelo à liberdade, para defendê-la ou restaurá-la, e, finalmente, na violência fratricida como elementos essenciais para a sua caracterização. Entretanto, há profunda divergência quando se pretende avaliar os atores sociais e suas participações no processo revolucionário.[37]

Para o barão Domingos Antônio Raiol,[38] os cabanos eram gente inculta, ávida de sangue e riquezas:

> E quebrados que sejam os elos de mútua estima e confiança, de submissão e dependência, fica imediatamente abatido o princípio da autoridade, e é consequente o movimento tumultuário da liberdade, transviada pela impaciência e avidez da gente inculta que sacrifica tudo na sua vertiginosa carreira [...]. Requinta então a perversão moral. O sentimento sedicioso desperta os maus instintos da plebe, eleva a escória social, assanha os malfeitores, produz abomináveis cenas de sangue e aviltamento! Homens, mulheres, propriedades, lar doméstico, tudo foi sacrificado ao furor satânico dos sicários que infestaram a cidade e repetiram depois nas vilas e povoações as mesmas violências e atrocidades da capital! Era o triste desenlace do drama começado nos anos anteriores, sob a influência direta das classes superiores a que pertenciam os protagonistas primitivos (RAIOL, 1970, p.804).

[37] Entre as obras publicadas sobre a Cabanagem, destacamos: RAIOL, Domingos Antônio. Motins Políticos. Belém: UFPa, 1970. 3 volumes; SALLES, Vicente. Memorial da Cabanagem. Belém: CEJUP, 1992; SILVEIRA, Ítala Bezerra da. Cabanagem: Uma Luta Perdida para a Liberdade. Belém: SECULT, 1994; CHIAVENATO, José Júlio. Cabanagem: o povo no poder. São Paulo: Brasiliense, 1984; PAOLO, Pasquale Di. Cabanagem. A Revolução Popular na Amazônia. Belém: CEJUP, 1986.

[38] A obra de Raiol é um estudo clássico sobre a Cabanagem. Foi escrita ainda no século XIX e representa um minucioso esforço de pesquisa documental e clivagem de informações prestada por pessoas cujos familiares haviam participado do movimento. É também obra de referência aos outros estudiosos do movimento cabano.

Em sua análise, o movimento cabano era resultado direto da ação inconsequente e panfletária da imprensa, liderada por pessoas da elite econômico-cultural-militar, que instrumentalizaram, instigaram as massas em seu jogo pelo poder. Uma vez fora de controle, a plebe age impulsionada pelo que a caracteriza negativamente – seus maus instintos, sua incapacidade para ser livre. A liberdade, um bem que precisa ser defendido, é de certo modo incompatível com a pobreza e incultura das massas. É uma visão aristocrática da liberdade como um bem que, para ser usufruído, exige, além do requinte cultural, condicionamentos virtuosos de equilíbrio, ponderação, temperança, portanto perigoso, se deixado no alcance das massas incultas, incapazes de agir livremente com responsabilidade.

A liberdade para as classes subalternas deve ser tutelada sob o disfarce de "elos de mútua estima e confiança, de submissão e dependência." Quando são rompidos tais elos, e cai por terra também o "princípio de autoridade", esvai-se o poder das elites. Essa é uma concepção contratual de liberdade, difundida ideologicamente no século XIX, estruturada pela burguesia tendo em vista os seus interesses capitalistas de controle da força produtiva e os princípios fundadores de sua moralidade. Como digno representante da elite burguesa na Província, o barão de Guajará, em sua análise do movimento cabano, corrobora esse ponto de vista.

Há um sentido primitivo incorporado à palavra liberdade segundo o qual o "homem livre é o homem que não é escravo ou prisioneiro. A liberdade é o estado daquele que faz aquilo que quer e não aquilo que outrem pretende que ele faça; é a ausência de constrangimento alheio" (LALANDE,1993, p.615). A situação concreta do relacionamento dos indivíduos, do ponto de vista social e político, permite a derivação de um sentido mais restrito, mais específico para o termo liberdade, e que é bem definido nos estudos relativos às relações entre o Estado e o cidadão, como aparece na contribuição de Stuart Mill,[39] quando ele discorre sobre as possibilidades de intervenção da sociedade sobre o indivíduo. Segundo ele, a justificativa dessa intervenção está apoiada em um

> Princípio muito simples, quer para o caso do uso da força física sob a forma de penalidades legais, quer para o da coerção moral da opinião pública [...]: a auto – proteção . O único propósito com o qual se legitima o exercício do poder sobre algum membro de uma comunidade civilizada contra a sua própria vontade é impedir dano a outrem. O próprio bem do indivíduo, seja material seja moral, não constitui justificação suficiente [...]. A única parte da conduta por que alguém responde perante a sociedade, é a que concerne aos outros. Na parte que diz respeito unicamente a ele próprio, a sua independência é, de direito, absoluta, sobre si mes-

[39] STUART MILL, J. Sobre a Liberdade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942, p.34-35. Em outra oportunidade, Stuart Mill também definiria a liberdade sob um ponto de vista moral, apelando para forças interiores do agir humano: "[...] uma pessoa sente-se moralmente livre quando sente que seus hábitos e suas tentações não a dominam, mas que ele os domina; quando mesmo cedendo, ela sente que poderia resistir-lhes, que se quisesse reprimi-los absolutamente não lhe seria necessária uma força de desejo maior do que aquela de que é capaz" (MILL apud LALANDE, 1993 p. 617).

> mo, sobre o seu próprio corpo e espírito, o indivíduo é soberano (STUART MILL, 1942, p.34-35).

A questão, na prática política, é a combinação do sentido dito *primitivo* de liberdade com as elaborações teórico-filosóficas que norteiam o debate político e orientam as posições de poder e controle dos cidadãos, em um processo de construção da nacionalidade, quando essas concepções ainda não estão perfeitamente construídas ou instituídas para a maior parte dos atores sociais em confronto. Nesse momento, é possível perceber a tensão de que fala Castoriadis, quando conceitua o social-histórico, sua natureza e processo instituinte como a "história se fazendo" (CASTORIADIS, 1982, p.131).

Justamente a percepção clara da " história se fazendo" é possível distinguir no decorrer dos combates travados em níveis diversos pela posse do poder, naquele momento na Amazônia. Trata-se, nesse processo, de uma re-elaboração das instituições como redes simbólicas, socialmente sancionadas, no contexto das quais os atores disputam posições capazes de interferir nas bases do imaginário instituinte e em sua adaptação funcional a uma nova realidade política – a nacionalidade brasileira e sua recém-proclamada independência – da qual todos percebem a fluidez, a plasticidade e a forma ainda inacabada.

A crise política se instala com toda sua radicalidade, quando o conflito pelo controle da elaboração institucional revela as diferenças culturais jamais niveladas ou suprimidas. Desvelam-se as cicatrizes da colonização, e as diversas linguagens a partir das quais é possível identificá-las, às vezes, são mascaradas em seus obscuros simbolismos, mas a forma violenta através da qual lutam para obter espaço sancionado socialmente revela com clareza sua importância demarcatória. Esse é o papel desempenhado pelo termo *liberdade*. Espelho da multiplicidade simbólica, sua aparente indeterminação, seus contornos pouco nítidos, a luta clara pela sua apropriação pelos atores sociais envolvidos, traduzem uma das faces estruturantes do social-histórico em pleno processo de produção do sentido, de novos sistemas de significados e significantes.

As proclamações dos líderes revolucionários, escritos no calor da luta, são reveladoras desse embate, uma forma de tentar impor a sua "verdade," e isso pode ser percebido na proclamação do líder Angelim às tropas cabanas, antes do ataque a Belém, em agosto de 1835:

> **Paraenses! A parte sã dos filhos do rico Amazonas está votada à perseguição e ao extermínio como acima disse.** Todas as leis do Estado violadas; a Constituição do Império calcada aos pés por esse Marechal que se intitula Presidente legal; **ingratos estrangeiros provocando os nossos brios, fazendo a polícia da cidade, e governando a nossa terra!** Que degradação! Se o quanto venho expor é verdade, se os fatos são consumados, convido os **bons paraenses, aos dignos filhos do brioso Pará**, que corram sem perda de tempo às armas, que abandonem os seus campos, as suas famílias, o seu lar; unam-se a mim e a outros chefes importantes e bem conhecidos

> pela sua honradez e probidade; corramos, meus patrícios, voemos se tanto for possível, **ao coração do capital para libertar a nossa pátria do jugo aviltante que a oprime e para castigar aos covardes**, que acabam de provocar os nossos brios, lançando-nos um cartel de desafio! Que arrôjo! O paraense que não acudir ao reclamo da Pátria será apontado como um traidor e vil covarde! Salvemos, prezados patrícios, os brios da província, o nome paraense, e provemos a esses perversos **que escravos não são capazes de se bater com homens livres. Guerra de morte ao Marechal Manuel Jorge Rodrigues, Presidente e Comandante das Armas da Província!** Abaixo os traidores! Vivam os patriotas paraenses! Viva o Pará! (ANGELIM, 1835. Grifos meus).[40]

Nesta, como em outras proclamações, os líderes cabanos enfatizam sua alteridade em face do *outro*, o estrangeiro, o usurpador, o ingrato. A insensibilidade política da Regência enviou ao Pará, em plena crise política, um português para presidir os destinos de quem estava em busca de sua condição de brasileiro!

Insulto maior do que sentir-se remetido ao passado é vivê-lo como presente injusto, imerecido. Aceitá-lo, submeter-se, legitimá-lo, excede o racional, precipita os rebeldes em outra dimensão simbólica, desata significações imaginárias estruturantes, embaraça e /ou torna autônomo o sentido do discurso. Percebido como um delírio perigoso pela elite, porque violento nas linguagens que o expressam, o desejo cabano de liberdade traz à superfície racional agressões imemoriais, perpetradas, não pelo atual Presidente da Província, mas simbolizadas por ele, branco e português.

Não importa ou importa muito pouco o fato de que, no registro racional, o termo *liberdade* signifique algo que já era desfrutado e estava sendo garantido, ao menos formalmente, à maioria dos cabanos. A *liberdade* pretendida estava referida a outro domínio que não é exatamente o da representação social presente no nível racional, mas expressava uma junção entre a percepção da realidade vivenciada e a dimensão mais profunda do sentido, aquela que nos é dada pelo *imaginário radical*, a partir do qual é possível pensar a história como processo instituído/instituinte, antes de qualquer racionalidade explícita, em que o termo *liberdade,* dentro do discurso cabano, assumia nova *significação operante* (CASTORIADIS, 1982, p.171), que bem poderíamos chamar de imaginação social da liberdade, a partir da qual sua divisa *vencer ou morrer* assume plenamente o seu significado e delineia de modo trágico os destinos a si vinculados.

[40] Citado no Anexo 4 – PROCLAMAÇÃO AOS PARAENSES.

2. Trabalho e Ordem na Amazônia do Século XIX

Bondoso Jesus, se tivésseis previsto que se faria vossas
doces máximas servir `a justificação de tantos horrores!
Se a religião cristã autorizasse assim a avareza dos impérios,
era preciso proscrever para sempre os dogmas sanguinários dela.
Raynal[41]

2.1 "Fabricando" bons súditos para sua Majestade

Quando analisamos o empreendimento colonial português no norte do Brasil, um obstáculo é sempre apontado como o maior entrave a ser superado: a carência de mão-de-obra habilitada para a dura tarefa de conquistar a região.

Tentou-se de todas as maneiras aprisionar e treinar os índios para as tarefas que a colonização requeria. Logo transformados em mercadoria capaz de proporcionar lucros consideráveis e assim sustentar a necessidade sempre maior de escravos, os índios eram imprescindíveis à permanência do colonizador branco na Amazônia, pois a exploração do seu trabalho era o fundamento dessa permanência .

> Para obter e renovar este elemento indispensável à vida econômica da colonia, tres meios eram autorizados pelas leis: os captiveiros, os resgates e os descimentos. Eram captivos os indigenas colhidos em justa guerra, isto é, defensiva ou para castigo de malefícios praticados; resgatavam-se, a troco de ferramentas, contas de vidros e dixes varios, aquelles que, prisioneiros e amarrados, esperavam a hora de servir de repasto a seus inimigos; descidos se diziam finalmente os que, deixando-se convencer pelos missionarios, abandonavam o sertão e se estabeleciam na vizinhança dos povoados, em aglomerações com o nome de aldeias, aonde os moradores iam buscal-os para o serviço [...].
> Os descimentos podiam ser de dois modos: o primeiro voluntariamente, indo os missionarios ao sertão captar os indios e persuadil-os da conveniencia de viverem com gente civilizada; o segundo pela coacção, obrigando-os "por força e medo" a aceitarem esta conveniencia, que lhes repugnava (AZEVEDO {1901}, 1999, p.137).

A tarefa de "amansar" os índios e deixá-los prontos, treinados para executar as diversas ocupações essenciais à implantação e desenvolvimento das atividades capitalistas na Amazônia, teve nos missionários das várias ordens religiosas agentes eficientes, dedicados e criativos. Destacaram-se nessa tarefa os missionários Jesuítas, a quem poderia ser atribuído, sem erro, o melhor desempenho entre todas as ordens que se ocuparam da evangelização dos nativos. Ainda que presos às contradições inerentes à sua condição de serem, ao mesmo tempo, representantes

[41] Citação extraída de Novais (1985, p.156).

da salvação eterna como missionários a serviço da Igreja Católica, responsáveis também pela condenação dos indígenas ao inferno do trabalho forçado que sustentará a empresa colonial portuguesa na região, é inegável que a atuação dos Missionários foi essencial à consolidação do domínio português no vale amazônico. O método jesuítico de adestramento e capacitação dos indígenas como força de trabalho para a empresa colonial foi realmente eficiente em sua imposição cultural, criando as condições estruturais que serviram de base ao advento das populações mestiças nos séculos posteriores.

Qual era a real situação do elemento indígena, retirado de suas tribos no interior da floresta? Era livre, servo ou escravo? A legislação produzida pela Coroa portuguesa foi abundante e contraditória em seus propósitos, ora favorável aos índios, ora preocupada com os interesses da colonização e suas possibilidades de obtenção de lucros. Do mesmo modo, o trabalho jesuítico de evangelização também teria dificuldades em compatibilizar os fundamentos cristãos à tarefa de destribalização e treinamento dos índios para o serviço de Deus e do Rei. Presos aos dogmas, os Jesuítas elaboraram sua prática evangelizadora na Amazônia estruturada a partir de sua sólida experiência educacional europeia, combinando com acerto doses de persuasão e constrangimento, misturando com sucesso práticas culturais diversas em suas origens, permitindo/proibindo/punindo na medida correta, para obter indivíduos capacitados para os múltiplos ofícios e principalmente, aptos a obedecer ordens – elaboraram na prática uma pedagogia da sujeição.

Durkheim, em sua obra *A Evolução Pedagógica*, elaborou um preciso e valioso perfil da atuação jesuítica no campo educacional. Como ordem religiosa, eles surgiram com o objetivo de conter a velocidade ameaçadora do avanço do protestantismo, mas diferentemente de corporações religiosas voltadas para o claustro e, portanto, distanciadas da vida social, os Jesuítas despontam como uma milícia religiosa, com estratégias inovadoras. Conectados às mudanças de seu tempo, optaram pelo contato direto com a vida em sociedade. O próprio nome da organização – Companhia de Jesus – traduz de certo modo a proposta dos novos tempos: eles estão organizados de modo a alcançar objetivos com presença ágil e criativa onde se fizer necessário para conquistar novos adeptos para sua fé. Variando táticas, adequando-se às diversidades culturais, dedicando-se de corpo e alma, buscaram identificar-se com o mundo à sua volta para melhor conquistar seu ideal religioso.

Durkheim enfatiza que essa não era uma tarefa simples:

> Para impedir que os fiéis se afastassem da religião, os jesuítas empenharam-se em desarmá-la de sua antiga severidade; tornaram-na amável, inventaram todo tipo de acomodações para facilitar sua observância […]. Assim é que, ao mesmo tempo em que se mostravam essencialmente como homens do passado e defensores da tradição católica, eles souberam manifestar para com as idéias, os gostos, e até os defeitos da época, uma complacência que lhes foi criticada não sem razão, freqüentemente, exercendo assim um duplo papel, por um

> lado conservadores, até reacionários, e, por outro lado, liberais: política complexa, da qual importava mostrar aqui a natureza e as suas origens, pois a encontraremos na base de sua pedagogia.
> **Eles entenderam muito cedo, porém, que, para chegar ao seu fim, não bastava pregar, confessar, catequizar, e que a educação da juventude era o verdadeiro instrumento de dominação das almas. Decidiram, portanto, apoderar-se dela** (DURKHEIM,1995, p.219. Grifos meus.).

Todo o esforço jesuítico em "amansar" os índios tem na educação o seu instrumento essencial, apoiado em estratégias desenvolvidas especialmente para o estabelecimento das missões religiosas como propulsoras da expansão da religião católica no novo mundo. A análise durkheimiana se torna ainda mais pertinente quando avaliamos a extensão do significado da educação como instrumento de dominação no interior do processo de evangelização dos indígenas. Se nos colégios Jesuítas da Europa, a educação da juventude já assumia esse caráter estratégico para a defesa dos princípios do catolicismo ameaçado pelo avanço da Reforma, na atividade missionária foi o instrumento por excelência das atividades essenciais da catequese, aquele que permitiria a dominação das almas a partir da re-elaboração do sentido da vida. Constituiu-se, como processo, em "apoderar-se das almas" para a glória de Deus e do Rei.

Para os Jesuítas, o objetivo maior a ser alcançado era conquistar as populações nativas para a sua religião, fazer dos índios católicos fiéis. Sendo o seu trabalho pedagógico parte de sua missão religiosa, sua dedicação será vital para o sucesso espiritual. É essencial que a principal barreira à comunicação seja vencida – a língua desconhecida, logo é apropriada, sistematizada pelos Missionários, de modo a permitir que os princípios religiosos sejam apresentados sob a forma de instruções simples, os *catecismos* (FRAGOSO,1992, p.171). Estes serão repetidos à exaustão pelos índios, numa espécie de adaptação do método jesuítico praticado na Europa, caracterizado pelo rigor das tarefas escritas impostas aos alunos e sua severidade disciplinar revestida de interesse pessoal pelo aluno.

As normas jesuíticas concebiam a educação como um esforço permanente de manter o aluno ocupado e sob vigilância do professor. O Jesuíta deveria conhecer muito bem o aluno, sua natureza, seus hábitos para melhor educá-lo. O esforço educativo devia ser personalizado, variar de acordo com a idade, a inteligência e as condições materiais. Mais do que isso, "para abrir-se melhor as mentes, deverá abrir os corações, fazendo-se amar" (DURKHEIM,1995, p.242).

Extremamente disciplinados, plenos de ardor místico, convencidos do caráter sagrado de sua missão evangelizadora, venceram toda sorte de obstáculos para concretizar sua tarefa. Apesar da violência presente em todo esse decurso, da captura à reunião nas aldeias onde a destribalização se efetiva, a evangelização como suporte ideológico do processo de "civilização" dos nativos não se resumirá à violência física. Buscará através da manipulação psicológica, a produção de situa-

ções de estímulo e punições, objetivando inculcar não só a parte eminentemente técnica do *novo fazer*.[42]

O duro e inegavelmente exaustivo esforço de re-elaboração do processo de construção dessas significações pelos indígenas foi apoiado na severidade disciplinadora que constituía um dos fundamentos da pedagogia jesuítica, responsável pelos resultados significativos apresentados pelo conjunto da obra missionária na região. O viço e o progresso dos estabelecimentos dos Jesuítas se sobressaíam, quando comparados ao atraso e penúria das outras propriedades da região, razão dos constantes atritos entre a Ordem e os colonos brancos, que os acusavam de monopolizar a força de trabalho indígena, e, com isso, acumular riquezas.[43]

A situação privilegiada das ordens religiosas, responsáveis por determinação régia[44] pelo gentio, desde o primeiro contato a ser estabelecido, realmente dava aos religiosos efetivo poder sobre a mão-de-obra indígena.

A análise do projeto colonial português para a Amazônia revela um objetivo básico a ser alcançado, qual seja "dilatar a fé e o império", o que definiria em termos práticos *a utilidade da colonização* (FRAGOSO, 1992, p.160). Para alcançar esse objetivo, os Jesuítas foram escolhidos e tratados preferencialmente, tendo em vista a sua formação disciplinar, cujo espírito, quase militar em sua estrutura hierárquica, os tornava verdadeiros soldados a serviço da fé católica, da qual o reino Portugal considerava-se predestinado a ser o mais lídimo representante na terra. O expansionismo português assumia uma espécie de messianismo, do qual o principal suporte ideológico seria o Cristianismo missionário, a ser exercido em toda sua plenitude pelos Jesuítas, sem exclusão das outras ordens religiosas, na Amazônia (FRAGOSO, 1992). Atuando como o braço ideológico do Estado português, a Igreja revestirá sua atuação de um caráter dominador do qual a violência física ou simbólica nunca estará ausente. Fonte de todos os problemas é a rígida imposição de preceitos religiosos cujo conteúdo humanístico passará por substanciais alterações em sua proposta original, para permitir os abusos que são cometidos em seu nome, em especial a redução à escravidão de milhares de nativos ou a sua condenação pura e simples ao extermínio pelas armas, nas chamadas "guerras justas", ou pela devastação das epidemias[45] de varíola e sarampo.

O tratamento preferencial dos Jesuítas como artífices do processo evangelizador/civilizador traduzia também a preocupação da Coroa portuguesa em unificar de algum modo o discurso ideológico, impor um modelo normativo de atuação, visando à consolidação da conquista, o que seria obtido pelo enfoque jesuítico no ministério da conversão, como tão bem analisa João Lúcio Azevedo, na obra

[42] Utilizo aqui a expressão novo fazer no sentido atribuído por Castoriadis (1982, p.301) ao termo teukhein: juntar-ajustar-fabricar-construir.

[43] Cf. AZEVEDO {1901} 1999, op. cit. p. 188 e seguintes.

[44] Trata-se de uma legislação abundante e copiosa em suas recomendações, a maior parte das vezes contraditórias, sobre a questão indígena. As mais importantes são: a Lei de 01/04/1680, o Regimento das Missões do Maranhão, de 21/12/1686, e o Alvará de 1755.

[45] Cf. BETTENDORFF, {1910} 1999, p. 212 e seguintes; AZEVEDO, op. cit, p. 191.

Os Jesuítas no Grão-Pará. Suas Missões e a Colonização. Os conflitos inevitáveis que surgiram entre os três atores principais do processo de colonização (colonos, missionários e autoridades coloniais) pelo controle da mão-de-obra indígena, eram, na medida do possível, mediados pela Coroa, em busca de soluções de compromisso que amenizassem a contradição essencial que contaminava o projeto evangelizador – "civilizar" para melhor dominar/escravizar em nome de Deus e do Rei – e que, embora oculta, traduzia-se na opção preferencial pelos Jesuítas como os mais capazes para implementar o projeto, qualidades essas que potencialmente levariam ao confronto com os outros atores envolvidos no empreendimento colonial. A ambição dos colonos pela mão-de-obra abundante e barata se justificava porque, somente explorando-a em seu limite máximo, seriam capazes de obter a realização dos sonhos de lucros e riquezas fantásticos que povoavam o imaginário dos portugueses que para cá vieram, degredados ou por vontade própria.

Evaldo Cabral de Mello, em *Nova Lusitânia*, analisa o alvorecer do sentimento nativista, presente em obras escritas nos séculos XVI e XVII , onde os cronistas se referiam ao Brasil como uma espécie de terra da promissão para os portugueses:

> Esse papel messiânico do Brasil era visto igualmente em termos de promoção econômica e social da população do reino. O tópico já se encontra em Gândavo, cujo tratado destinava-se a propagandear "a fertilidade e abundância" da nova terra junto às "muitas pessoas que nestes Reinos vivem com pobreza e não duvidem escolhê-la para seu remédio", pois graças a sua fartura ela era especialmente acolhedora. Tanto assim que os colonos se mostravam mais largos que os habitantes do reino no comer e no vestir, além de mais generosos nas doações pias. De Pernambuco, frisava Gabriel Soares de Sousa, haviam voltado ricos a Portugal muitos que ali haviam aportado sem eira nem beira nem ramo de figueira (MELLO, 2000, p.98-99).

Além dos sonhos de prosperidade dos colonos, havia outras exigências de mão-de-obra, que deveriam ser atendidas com os índios "civilizados" pelos Jesuítas, afetas às necessidades administrativas da empresa colonial, tais como obras públicas e a defesa da posse portuguesa, frequentemente ameaçada pelos estrangeiros ou por ataques de tribos hostis, sendo comum nesses casos o uso de índios aldeados como parte integrante das tropas.

Num primeiro momento, as atividades missionárias se pautaram pelo ardor religioso, empreendendo a defesa acendrada da liberdade dos índios, desde que sob seu controle nos aldeamentos. Esse período, marcado pela atuação do padre Antônio Vieira e por sérios atritos entre os colonos e os religiosos diante dos maus tratos impostos aos nativos submetidos à escravidão, foi sucedido pela fase em que a Companhia de Jesus se deixou seduzir pelo poder do capital mercantil.

A partir do século XVIII, ela passou a dar mais importância aos bens materiais do que à sua obra espiritual, cedendo aos interesses coloniais, especialmente transigindo com sucessivos apresamentos de indígenas para os quais sua presença e consentimento, previstos nas ordenações legais, eram essenciais. Moreira Neto

(1992), analisando esse período da atuação da Companhia a partir da obra do padre João Daniel, o *Tesouro Descoberto do rio Amazonas (1757/1756),* mostra como o Jesuíta adota posições semelhantes às dos adversários, no que diz respeito aos direitos dos indígenas e à forma como devem ser constrangidos ao trabalho, apoiando duros castigos e principalmente a supressão da liberdade, como meios eficazes para se obter respeito e obediência às ordens e impor-lhes o necessário temor aos missionários.

O grande historiador da Companhia, João Lúcio de Azevedo, também registra as mudanças ocorridas no desempenho missionário dos Jesuítas, que vão cada vez mais mergulhando no desafio de produzir riquezas materiais e abstendo-se de intervir diretamente na repressão às expedições clandestinas de resgate de índios, desde que seus domínios fiquem preservados.

Foi desse modo que a prosperidade de suas aldeias foi alvo da cobiça, da inveja e do rancor por parte daqueles que viam sua atuação evangelizadora como uma prática competitiva desleal, encarada como fruto do monopólio da força de trabalho indígena.

> Usando dos mesmos processos de captiveiro e dominio, applicados pelos seculares, os padres logravam acrescentar os seus estabelecimentos, ao passo que os dos simples colonos minguavam, até a extrema decadencia. Escravos eram os índios em poder destes, como daquelles, e em ambas as partes o trabalho violento. Não era talvez menor a tyrannia do religioso, na missão, que a do lavrador, na fazenda. Mas o desinteresse pessoal do sacerdote fazia o ponto divergente, de onde partiam os caminhos, dos quaes um levava a obra emprehendida á existencia vivaz, o outro conduzia ao marasmo, de que nenhum reagente conseguia levantal-a. È que o missionario, forçando o selvagem ao trabalho, applicava o produto á manutenção das aldeias; e a riqueza economica, creada pelo braço captivo, vinha incorporar-se nos proprios estabelecimentos, onde havia brotado. O trabalho do que se achava em poder da gente laical, esse era dissipado na vida indolente dos colonos, ou transferido para a metropole na bagagem dos funccionarios, para quem engrossar os cabedaes era a superior preocupação do officio. As missões enriqueciam portanto; e as dos jesuítas sobrepujavam a todas, em numero e valor de propriedades (AZEVEDO {1901}, 1999, p.195-196).

A riqueza dos Jesuítas pode ser avaliada pelas propriedades que a Ordem possuía, originadas a partir do seu trabalho missionário, no controle dos aldeamentos, ou obtidas através de doações feitas por particulares. É importante ressaltar que os religiosos eram dispensados de pagar impostos sobre suas atividades produtivas, a título de subsídio às aldeias sob seu comando, privilégio que eles estenderam também sobre a renda obtida com as propriedades que os fiéis lhes deixavam em testamento, e isso causava profunda revolta entre os colonos e as autoridades coloniais, que em várias oportunidades tentaram reverter a situação considerada privilegiada, sem obter sucesso.

O levantamento das propriedades dos Jesuítas no século XVII, apresentado por Azevedo, incluía 15 fazendas de criação de gado no Pará (9) e no Maranhão (6), além de 7 estabelecimentos agrícolas (Maranhão), onde eram produzidos: farinha, algodão, açúcar, aguardente, peixes salgados, madeiras, cacau "manso" e especiarias coletadas na floresta. Fabricavam também embarcações e tecidos rústicos de algodão (a moeda de troca mais aceita na região naquela época), e todas essas atividades eram realizadas pelos indígenas, que, além de se encarregarem das tarefas de cunho doméstico, eram também os remeiros das embarcações, que, em face das condições espaciais da Amazônia, com suas longas distâncias e infindáveis rios, era atividade essencial e estratégica.

Mas o autor ressalta que nenhum desses bens se comparava ao controle do trabalho humano que a Companhia desfrutava, a partir das aldeias sob sua responsabilidade, muito além dos 25 casais que a lei régia lhes assegurava a cada resgate, para seu serviço particular.

> Não há duvida que os missionarios illudiam a lei da repartição, e negavam, sempre que lhes era possivel, os indios requeridos pelos habitantes. Para o serviço proprio, nunca elles faltavam. A sujeição facil da raça branda, o temor da castigo, o engodo das futeis recompensas, tudo isso, junto á autoridade moral do catequista, mantinha as legiões de obreiros na obediência (AZEVEDO,{1901}1999, p.197).

A análise penetrante e rigorosa do trabalho missionário jesuítico que Azevedo reconstitui com minúcias, apoiada em documentos dos arquivos portugueses e brasileiros, demonstra de modo objetivo que a situação dos índios durante o período colonial foi sempre de escravidão, mesmo que essa situação aparecesse abrandada/disfarçada pelo vínculo religioso imperante nos aldeamentos.

Interessante é a razão apontada pelo historiador para justificar o progresso dessas aldeias diante do estado de penúria das outras localidades: o desinteresse pessoal do sacerdote, o que permitia o reinvestimento do lucro obtido com a venda daquilo que era produzido pelos índios, na própria comunidade. Sua condenação à exploração do trabalho escravo dos índios, quer pelos Jesuítas quer pelos colonos, só se iguala à dura crítica do que ele considera como indolência dos colonos ou a rapinagem praticada pelos *funccionarios, para quem engrossar os cabedaes era a superior preocupação do officio*.

Todavia, mais do que a possível taxa de reinvestimento praticada pelos Jesuítas, parece-me importante considerar a organização da estrutura produtiva e o método empregado pelos Missionários na ordenação das relações do trabalho, como fundamento dessa *existencia vivaz* das aldeias jesuíticas, em contraposição ao "marasmo" invencível das povoações e localidades laicas.

As propriedades de cunho familiar dos colonizadores, as fazendas de criação de gado e/ou voltadas para a agricultura, configuravam-se como unidades autossuficientes, fechadas em si mesmas, produzindo o que consumiam, gerando pouco excedente produtivo, o que não favorecia alcançar lucros generosos com a

atividade comercial. Por outro lado, a inércia e incapacidade criativa dos colonos brancos, que viam no trabalho uma atividade desprezível, coisa para escravos, colaborava para o atraso e estagnação dos povoados e vilas, além de forçar a constante busca de índios para suprir a demanda sempre crescente por escravos, para substituir os que, não suportando as agruras da escravidão, fugiam ou morriam.

> Pelo que toca ao economico, necessita-se aqui de tudo o que compõe a fundação de uma republica, porque aqui não se vive em commum mas em particular, sendo a casa de cada habitante ou de cada régulo destes uma republica, porque cada uma tem nella todos os officios, que compõem aquella, como pedreiros e carpinteiros, barbeiros, sangrador, pescador, etc...e, por isso, não há índios, que bastem para o serviço destes pretendidos senhores, para o que, concorrendo tambem a falta de moeda, são infalliveis e geraes as privações; porque, não havendo nada de venda em tenda ou mercado, se padece geralmente (AZEVEDO {1901}1999, p.193).

Esse fragmento da carta do governador José da Serra, escrita em 1735, citada por Azevedo ({1901}1999), traz à balha a organização das unidades produtivas, o seu caráter eminentemente tradicional, sem a racionalidade imprescindível ao avanço do capitalismo. A empresa colonial precisava se tornar rentável, explorando riquezas extrativas, sem se descuidar de criar espaço para os produtos de interesse do exclusivo colonial, que a médio e longo prazo poderiam se traduzir em lucros permanentes, possibilitando remuneração adequada aos investimentos de capital e força de trabalho. Somente na administração pombalina, na segunda metade do século XVIII, pôde-se perceber uma atuação mais coerente e consistente da Coroa portuguesa sobre os destinos de seus domínios amazônicos, em contraste com a atuação dos religiosos, especialmente os Jesuítas, cuja estrutura disciplinar e capacidade educacional, desde o início, serviram de suporte espiritual e material à organização das atividades missionárias.

Atuando como unidades coesas, com objetivos claramente definidos, "os soldados de Cristo" empenhavam suas vidas nos aldeamentos, buscando atingir suas metas básicas: expansão da fé e da presença da Companhia de Jesus em toda a região. Vivendo frugalmente, lado a lado com os indígenas, trabalhavam sem descanso, treinando, corrigindo, estimulando vocações, aperfeiçoando estilos nos mais variados ofícios.

Em 1759, o padre José de Moraes escreveu a obra *História da Companhia de Jesus na extinta província do Maranhão e Pará*, onde faz uma espécie de relatório da atuação da Ordem, desde sua chegada até a sua expulsão da Amazônia. Extremamente detalhado, o relatório apresenta descrições geográficas importantes sobre a região, do Maranhão aos limites extremos, a oeste e ao norte, da posse portuguesa na Amazônia, além, é claro, da ênfase no trabalho apostólico-desbravador dos missionários da Companhia. Simbolicamente dedica a obra às cinzas da rainha Mariana D'Áustria, a protetora que haviam perdido: *foi a real clemência de Vossa Majestade o nosso mais seguro asilo, o nosso melhor descanso e a nossa maior*

proteção, que parece se sepultou toda no mesmo dia em que esse real cadáver, cuja falta choramos, e sem consolação alguma ainda experimentamos.

O lamento pela protetora perdida disfarça o inconformismo diante da impossibilidade de permanecer na região. Ao mesmo tempo que inventaria os trabalhos tão penosa e abnegadamente realizados, reafirma a grandeza daquilo que foi a atuação da Companhia, em termos espirituais e materiais, para a glória de Deus e de Portugal.

A descrição das práticas evangelizadoras/educacionais constitui relato precioso sobre o cotidiano das aldeias e a forma como os Jesuítas recriavam as significações imaginárias sociais. Os missionários eram poucos e, para compensar, realizavam sua atividade circulando entre as aldeias. Como as distâncias a serem vencidas eram enormes, treinavam os jovens mais capazes para auxiliar na doutrinação, e, durante as ausências, responsabilizar-se pela continuidade dos ensinamentos. Assim, em breve "não faltaram mestres para os homens, e já sobejavam mestras para as mulheres, que de ordinário são mais hábeis em aprender, e de melhor retentiva para ensinar" (MORAES, 1987, p.275).

Em outra passagem, referindo-se ao estado de abandono espiritual em que se encontravam os índios e os próprios colonos, narra as providências tomadas para evangelizar a todos:

> A estas doutrinas assistiam todos os índios da cidade, que seus senhores podiam escusar do serviço, revezando ora uns, ora outros [...]. Acabadas as orações, que todos repetiam em voz alta, entravam os dous padres, que eram peritos na língua, a explicar os mistérios e a instruí-los no que haviam de crer e obrar, e como se fossem decuriões de classe, umas vezes a uns, outras e outros, iam perguntando, ensinando e apontando aonde viam que erravam. Neste santo exercício gastavam com visível aproveitamento a maior parte dos dias e grande parte não faltando ao mesmo tempo em acudir aos índios moribundos e em extrema necessidade com os sacramentos do batismo e da confissão (MORAES, 1987, p.300-301).

As explicações orais eram apoiadas em catecismos escritos pelos padres, perguntas e respostas simples apresentadas em língua geral e em português. As cópias eram distribuídas pelos sítios e fazendas para que os brancos pudessem aprender e ensinar aos escravos, "lendo ou repetindo conforme o pedisse a capacidade de cada um". Os Missionários preferiam doutrinar as crianças e os jovens, que rapidamente aprendiam tudo o que lhes era transmitido, mas todo trabalho resultava perdido quando chegavam às aldeias os militares encarregados de retirar novos escravos para o Estado ou para o serviço de particulares.

> Este, pois, é ainda hoje o embaraço comum que têm os índios, assim pelo que pertence à doutrina, como pelo que diz respeito ao bem de suas consciências; porque os meninos e meninas até a idade de treze anos a repetem todos os dias na igreja de manhã e de tarde. Dos treze em diante entram aqueles ao serviço de el-rei, e moradores, confor-

> me o regimento das missões, e precisamente se esquecem de tudo; porque apenas tem quem lhes lembre o serviço que hão de fazer. Os adultos, pelo mesmo regimento são privilegiados a não saírem das aldeias antes de dois anos, que é o que se lhes concede para aprenderem a doutrina; porém sucede ou que os tiram antes do tempo, quando a falta de índios, ou, se os não tiram, são de ordinário tão rudes, que apenas nos dous anos se sabem benzer com o padre-nosso e ave-maria (MORAES, 1987, p.313).

Descrevendo uma viagem imaginária pelo rio Amazonas, de sua foz até a nascente, Moraes localiza não só as aldeias da Companhia como as das outras ordens, listando nomes, datas, acidentes geográficos, peculiaridades das áreas, detalhes etnográficos sobre os índios e seus costumes, grau de adiantamento dos aldeamentos na fronteira com o território pertencente à Espanha, a maioria deles administrados pela sua ordem.

Percebe-se que, quanto mais distantes dos povoados e vilas dos brancos, em melhor situação se encontram essas aldeias. Em algumas existe enorme variedade de artesãos, de aulas onde se aprende, além de ler, escrever e contar, a cantar e tocar diversos instrumentos musicais. São povoados prósperos, produzem açúcar, cacau, drogas do sertão, peixes, madeiras, algodão, que é transformado em rústicos tecidos. Desse modo, é razoável supor, como defende Azevedo ({1901}1999), que eles reinvestissem na comunidade parte daquilo que era criado pelos próprios membros dela, talvez muito pouco, diante do que era transferido periodicamente para as autoridades superiores da Companhia.

Ao final do século XVII, quando o Regimento das Missões foi instituído e colocou o poder espiritual e temporal sobre os índios nas mãos dos religiosos, já escasseavam índios no entorno de Belém, tal foi a violência da conquista portuguesa na região, dizimando em massa e obrigando os sobreviventes a buscar refúgio no interior da floresta, bem distante das margens do Amazonas e de seus grandes afluentes mais próximos, agora controladas pelos colonizadores. Isso tornava mais difícil e caro preparar expedições em busca de novos escravos. Todavia, dependentes do trabalho indígena, os portugueses eram incansáveis e temidos no apresamento de novas "peças."

As numerosas crônicas[46] que relatam os séculos da conquista e expansão dos domínios portugueses na região são pródigas em enumerar os "descimentos", os "resgates", as "guerras justas" em que milhares de indígenas são mortos, aprisionados ou convencidos a aceitar o domínio de Portugal, expedições realizadas a pontos cada vez mais distantes, porque os índios já não eram tão facilmente capturados às proximidades dos principais núcleos populacionais. Uma vez sob tutela dos brancos, frequentemente marcados a ferro em brasa,

[46] Valioso relato sobre a atuação espiritual e política dos Jesuítas, a crônica de Bettendorff, op, cit., detalha as numerosas guerras feita aos índios, especialmente as que levam à destruição os Aruaquizes (Id. Ibid, p.235), os Tapuias (Id. Ibid, p.299) e os Tremembezes (Id. Ibid, p.319). Consulte-se também: Porro, 1993, p. 161.

transformados em "peças" e incorporados ao patrimônio do Estado ou de particulares, a escravidão é o seu destino.

Estudos contemporâneos sobre a história da Igreja no Brasil e na Amazônia em particular,[47] ao analisar os séculos da conquista e incorporação da Amazônia ao império português, permitiram se visualizasse e compreendesse a atuação evangelizadora dos Missionários, com suas práticas dilaceradoras da identidade étnica do gentio e imposição de um novo padrão cultural dominante.

Atuando diretamente no processo "civilizador" desses grupos, inicialmente como sustentáculo ideológico a serviço do poder real, a natureza de sua corporação facilitaria a sua pretensão de autonomia, a partir de seus estabelecimentos no interior do vale amazônico, como expressão maior da fé católica, diretamente vinculados aos superiores da Companhia e, de certa forma, colocando em segundo plano a autoridade da Coroa portuguesa. Com seu dinamismo empreendedor associado ao seu método educacional, que nunca é demais repetir, misturava adequada e persistentemente brandura e castigos físicos, no intuito de construir a disciplina desejada e indispensável aos seus objetivos, os Jesuítas haviam se transformado em principal força econômica e espiritual no vale amazônico.

Sua presença era também muito forte além das fronteiras portuguesas, nas missões castelhanas,[48] prósperos núcleos populacionais partícipes de um mesmo projeto missionário, sujeitos ao mesmo tipo de controle externo – os superiores da Companhia – e devendo lealdade e fidelidade aos reis de Espanha, com quem Portugal mantinha tensas e desconfiadas relações.[49]

Era inevitável que a Coroa tomasse medidas para garantir seu poder sobre a região, assegurando-se não só da sua posse do ponto de vista político, mas sob o aspecto econômico, procurando torná-la mais produtiva e rentável, aumentando a fiscalização sobre os tributos devidos, reprimindo o contrabando de bens cujo comércio era objeto de monopólio real. Falar em aumentar a rentabilidade e expandir os negócios, para os colonos e autoridades coloniais, só tinha um significado: retirar o controle jesuítico sobre o trabalho indígena, única maneira não só de extrair da floresta produtos exportáveis, como produzir mais cacau, açúcar, farinhas, peixes salgados, gorduras diversas, embarcações, enfim, tudo o mais necessário ao florescimento da capitania e que, segundo eles, era entravado pela atuação dos religiosos.

---

[47] Especialmente os trabalhos de pesquisa histórica sob o patrocínio da Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina, dos que tenho me valido para a compreensão do período em estudo: HOORNAERT, E Coord.) História da Igreja no Brasil tomo II/1, BEOZZO, J. O. (Coord.) História da Igreja no Brasil tomo II/2, HOORNAERT, E. História da Igreja na Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1992.

[48] A respeito das missões jesuíticas da Província de Quito, consulte-se um bom resumo da obra do padre Samuel Fritz "As Notícias Autênticas do Rio Marañón", apresentado em PORRO, (1993) op. cit. p.158-202.

[49] ALMEIDA, 1997, p.120-128. A autora, ao analisar a situação dos Jesuítas e as razões de sua expulsão da Amazônia, menciona que os documentos expressam as desconfianças relativas ao comportamento dos religiosos, que, na qualidade de membros de uma congregação de princípios independentes, representariam uma ameaça à soberania do reino.

Ao analisar a crise do sistema colonial português, Novais, diante da complexidade das relações econômico-sociais geradas pelo colonialismo mercantilista, procura definir o papel das colônias nessa estrutura:

> Nesse contexto, vê-se bem o significado e a posição das colônias. Elas se devem constituir em retaguarda econômica da metrópole. Pois que a política mercantilista ia sendo praticada pelos vários estados modernos em desenfreada competição, necessário se fazia a reserva de certas áreas onde se pudessem por definição aplicar as normas mercantilistas; as colônias garantiriam a auto-suficiência metropolitana, meta fundamental da política mercantilista, permitindo assim ao Estado colonizador competir com os demais concorrentes (NOVAIS,1985, p.61).

A colonização do Brasil tinha, portanto, que atender objetivos essencialmente comerciais, sua produção devia assegurar à Metrópole condições para o seu desenvolvimento nacional, às custas das rendas oriundas do processo de circulação das mercadorias. Em razão disso, os custos de produção devem ser baixos para que os produtos tenham condições de concorrer no mercado externo. Novais definirá com muita clareza o mecanismo primordial para o funcionamento desse regime de comércio.

> Reservando-se a exclusividade do comércio com o Ultramar, as metrópoles européias na realidade organizavam um quadro institucional de relações tendentes a promover necessariamente um estímulo à acumulação primitiva de capital na economia metropolitana às expensas das economias periféricas coloniais. O chamado "monopólio colonial", ou mais corretamente e usando um termo da própria época, o regime do "exclusivo metropolitano" constituía-se pois no mecanismo por excelência do sistema, através do qual se processava o ajustamento da expansão colonizadora aos processos da economia e da sociedade européias em transição para o capitalismo integral.
> O comércio foi de fato o nervo da colonização do Antigo Regime, isto é, para incrementar as atividades mercantis processava-se a ocupação, povoamento e valorização das novas áreas (NOVAIS,1985, p.72).

A necessidade de atender às exigências do exclusivo metropolitano condicionou a estrutura produtiva das áreas coloniais à adoção da exploração da força de trabalho no seu limite – a escravidão. É nesse contexto que podem ser entendidos os frequentes conflitos entre colonos e Jesuítas, cuja defesa dos direitos dos índios era entendida como disfarce de seu objetivo de controle exclusivo da força de trabalho.

As denúncias de apropriação de lucros fantásticos, gerados por esse monopólio da força de trabalho, em detrimento da Coroa, acabariam sendo aceitas e usadas para subsidiar as acusações sobre o enriquecimento indevido e provável entesouramento, uma vez que a frugalidade e pobreza em que viviam, e que era percebida nos poucos adornos de suas igrejas nas aldeias, levava a supor riquezas ocultas. Os estudiosos da atuação da Companhia, entretanto, avaliam com cautela

a acusação de acumulação de grande riqueza, lembrando os enormes custos que sua obra missionária demandava. De qualquer modo, foram expulsos da região no momento em que seu projeto evangelizador se transformou num concorrente potencial à empresa colonial portuguesa.

A vinda de Mendonça Furtado, meio-irmão do Marquês de Pombal, como governador plenipotenciário do Estado do Grão-Pará e Maranhão, representou o fim do controle temporal dos aldeamentos pelos Missionários. As Instruções Régias Públicas e Secretas, recebidas pelo governador quando de sua vinda, atestam a importância assumida pela Amazônia para Portugal, e o enorme poder delegado a Mendonça Furtado. Essas Instruções, associadas à experiência do Governador na região, constituirão a base da nova lei que regerá as relações entre colonizadores e os índios – o *Diretório que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e Maranhão* – publicada por Mendonça Furtado em 03 de maio de 1757 e confirmada em alvará régio de 17 de agosto de 1758, e, a partir de agora, mencionada como Diretório.

Ao chegar ao Pará, o Governador, tendo em vista as necessidades diplomáticas com a Espanha, empreendeu viagens às fronteiras da posse portuguesa na Amazônia, e pôde colher informações diretas sobre a atuação dos Missionários, provenientes das queixas dos colonos e das autoridades coloniais. As denúncias, que certamente serviram de subsídio à elaboração do Diretório dos índios, foram comunicadas ao ministro da marinha em Portugal, Thomé Joaquim da Costa Côrte Real, em uma longa e detalhada carta, alertando-o contra possíveis pedidos de remuneração dos religiosos, pelo fato de muito obterem no trato com os índios:

> Só pelos livros de Razão, que estes conservam em seu poder, se poderia demonstrar os immensos cabedaes que teem tirado da administração dos índios neste Estado; porém, ainda que elles não hão-de apresentar os ditos livros, sempre se poderá calcular e fazer uma idéia da riqueza com que se acham, e do grande prejuizo que fizeram ao Estado, para a adquirirem.
> É público nesta cidade que, dentro do collegio, há uns grandes armazens, em que se recolhem as drogas, que estes padres extraem dos sertões. Tambem é facto patente e notório que, desde que os navios dão fundo no porto desta cidade, até que completam sua carga, se conserva uma feira grossissima, dentro nos ditos armazens, em que os mesmos padres vendem a maior parte dos generos, reservando somente uma pequena porção para fazerem o commercio particular em seu nome[...]. Nos livros da Fazenda Real[...] consta que este pequeno commercio de 1726 até 1756 [...] importou liquidamente 159:898&000 réis [...] Importando o pequeno negocio uma tão consideravel quantia, quanto sommará o grosso do commercio dos generos mais preciosos do Estado, que a estes padres são privativos? (Doc. do Arquivo Público do Pará, transcrito em AZEVEDO{1901}1999, p.342).

Com o Diretório, foi dada liberdade integral dos índios, transformados agora

em súditos com direitos iguais aos colonos perante o rei. Nos antigos aldeamentos, elevados à condição de vilas e povoados, com denominações portuguesas substituindo seus nomes indígenas e em cada vila, foram escolhidas as autoridades dentre os seus moradores: o diretor, os juízes ordinários e dos órfãos, vereadores e procuradores para a Câmara. Na maioria das vezes, o diretor era um oficial militar, mas, na falta de quem tivesse patente adequada, militares de patentes inferiores, fazendeiros abastados e "principais" foram designados.

Como conectar a decretação da liberdade dos índios num quadro de regime de produção escravista? Como se ajustaria ela ao que antes foi argumentado? Para os estudiosos das relações econômicas entre a Colônia e a Metrópole, esse comércio escravista interno, de cunho marcadamente indígena, não era representativo para a acumulação metropolitana, dizia respeito à economia interna da Colônia, às suas necessidades de sustentação, que poderiam ser resolvidas com outro estatuto presidindo as relações de trabalho do indígena, tal como aparecia no Diretório.

Mesmo aceitando-se o fato de que a escravização de índios não resultasse lucros vultuosos e imediatos para a Coroa, mas, no caso amazônico, foram os apresamentos e a escravização do gentio que possibilitaram a exploração das drogas do sertão e todas as outras atividades imprescindíveis ao estabelecimento colonial na região. E, desse modo, foi possível que se acumulasse capital, que foi reinvestido na região, contribuindo para a manutenção da posse portuguesa na Amazônia (e o enriquecimento de quantos puderam usufruir da espoliação do trabalho indígena), ou transferido para a Metrópole.

A argumentação de Caldeira, apontando para a consolidação da exploração colonial fundada na cobrança de pesados tributos sobre toda e qualquer atividade produtiva, inclusive com as autoridades portuguesas não se opondo à escravidão indígena, a caudalosa e muitas vezes dúbia legislação sobre o tema é um indicativo disso, parece-me promissora, porque permite dar conta da especificidade da realidade Amazônica.

> A natureza econômica dessa complexa expansão, feita com base em massacre/alianças e em casamento/escravização de adversários, é ainda quase desconhecida, exceto parcialmente para o caso de São Paulo. Mas há indícios que era, no mínimo auto-sustentável – e possivelmente capaz de gerar receitas monetárias próprias. Se a presença holandesa pode explicar as incursões paulistas, o mesmo não se aplica à Amazônia, onde elas foram mais fortes. [...] O que há […] é uma grande dificuldade de encontrar os registros destas atividades, pois elas exigiam uma proporção de trocas não-monetárias muito maior. Por isto, a atividade interior pode ser mais bem traçada não pelo apelo aos números, mas ao mundo "natural". Todo o complexo das trocas não monetárias não se movimentava por decisões econômicas na vida "pública" do dinheiro, mas sim na esfera "privada" dos comportamentos (CALDEIRA,1999, p.153).

Usar a tributação como forma de obter rendas constantes e seguras, oriundas de atividades que permitiriam a fixação do nativo em vilas e povoações, contribuindo para a sua integração à civilização e permitindo o desenvolvimento da região, era o objetivo primordial da nova lei, o Diretório. Comentando o conteúdo dos parágrafos dessa lei, Almeida (1997) enfatiza que o índio, na condição de morador, sob os olhares vigilantes de autoridades civis e militares, aprendia a ser um produtor de subsistência e a experimentar as primeiras formas de comercialização da produção, a partir de pequenas roças. Na verdade, o estabelecimento de novas formas de controle permitia estipular as bases de uma tributação sobre os índios, agora súditos/produtores/consumidores, e, como tal, alcançados pelas contribuições obrigatórias à Igreja (o dízimo) e ao rei (o imposto).

Diversa era a situação do tráfico de escravos negros, que havia se transformado na principal atividade comercial, gerando lucros fabulosos para a burguesia e para o Estado.[50] Ao explicar o papel representado pelo escravismo na colonização do Novo Mundo, Novais (1985) demonstra como a adoção de formas de trabalho compulsório foi vital para a organização do sistema produtivo, de modo a assegurar que o comércio colonial servisse à aceleração da acumulação primitiva de capital nas metrópoles.

> A **escravidão** foi o regime de trabalho preponderante na colonização do Novo Mundo; o **tráfico negreiro** que a alimentou, um dos setores mais rentáveis do comércio colonial. Se à escravidão africana acrescermos as várias formas de trabalho compulsório, servil e semiservil – "encomienda", "mita," "indentured," etc. – resulta que estreitíssima era a faixa que restava, no conjunto do mundo colonial, ao trabalho livre. A colonização do Antigo Regime foi, pois, o universo paradisíaco do trabalho não-livre, o eldorado enriquecedor da Europa (NOVAIS, 1985, p.98).

Discutindo as razões que, ao lado das características estruturais das relações comerciais entre a Colônia e a Metrópole e as exigências da acumulação primitiva de capital, Novais afirma que sem a escravidão não teria sido possível a manutenção da expansão do capitalismo na Europa, obtida a partir da exploração dessas economias complementares. Nas colônias havia terras disponíveis em abundância e o acesso livre a elas colocariam sempre a possibilidade de que o trabalhador livre, apropriando-se de uma gleba despovoada, se transformasse em produtor independente.

> Isso favoreceria uma economia de subsistência voltada para seu próprio consumo, sem vinculação econômica efetiva com os centros dinâmicos metropolitanos[...]. Tratava-se, porém, naquele momento

[50] Outras análises sobre a estruturação das relações entre as classes e o Estado no Brasil: FAORO, R. Os Donos do Poder P.A. ./S.P. : Globo/USP, 1976; PRADO JR., C. Evolução Política do Brasil e Outros Estudos. S.P.: Brasiliense, 1975. URICOECHEA, F.O. Minotauro Imperial. São Paulo: DIFEL, 1978; CARVALHO, J.M. I A Construção da Ordem II – Teatro de Sombras. R.J.: Relume/Dumará, 1996. SAES, D. A Formação do Estado Burguês no Brasil (1888-1891) R.J.: 1985. CALDEIRA, J. A Nação Mercantilista. S.P.: Editora 34, 1999.

> da história do Ocidente, de colonizar para o capitalismo, isto é, segundo os mecanismos do sistema colonial, e isto impunha o trabalho compulsório[...]. A exploração colonial significava, em sua última instância, exploração do trabalho escravo. Assim também os colonos metamorfosearam-se em senhores de escravos, assumindo a personagem que lhes destinara o grande teatro do mundo; nem é para admirar que desenvolvessem aquela volúpia pela dominação de outros homens – era apenas a miséria da condição humana presa às malhas do sistema (NOVAIS,1985, p.100-103).

Transportada para a realidade amazônica, essa argumentação pode ser acrescida de especificidades que só viriam reforçá-la: o fato de que os não brancos, passíveis de se submeter ao trabalho compulsório, eram muito mais numerosos e detentores do conhecimento sobre o imenso espaço livre disponível à sua volta, que, abundante em alimentos, favorecia a sobrevivência com pouco esforço, representando um convite ao exercício da liberdade.

A própria atividade econômica, essencialmente voltada para a exploração intensa dos recursos oferecidos pela floresta, representados pelas chamadas "drogas do sertão", estava fundada sobre esse conhecimento. O mesmo se pode dizer de outras ocupações vitais, como os remeiros para as embarcações que permitiam a comunicação no emaranhado de rios, e, ainda, a defesa das fronteiras de possíveis ataques de estrangeiros. Somente sob rigorosa vigilância e ameaças de castigos físicos, as pesadas jornadas de trabalho poderiam ser suportadas pelos nativos. A liberdade, que lhes fora assegurada na forma da lei, com a instituição do Diretório, nascia fadada a ser ignorada por aqueles que detinham o poder no Grão-Pará, por ser absolutamente danosa aos seus interesses.

Arthur Cézar Ferreira Reis, em *A Política de Portugal no Valle Amazônico*, analisando o tratamento dispensado pela administração pombalina ao gentio, descreve com precisão os objetivos do conjunto de medidas que recebeu o nome Regimento do Diretório, instituído em 1758:

> Mendonça Furtado, imaginoso, imbuido de philosophia avançada, cuidou então de um organismo que policiasse a liberdade do "natural", que velasse por se não repetir o drama da escravização. Organismo que, de certo modo, viesse supprir a falta d Missionario. O Regimento do Directório, de que encontramos embrião em certas instrucções que baixara antes a militares e religiosos, datando de 3 de maio de 1757, approvado a 17 de agosto de 1758, consubstanciou os ideaes do organismo planejado. Pelo "Directorio", sahido principalmente do Regimento das Missões, o director do povoado possuia autoridade absoluta. Verdadeiro senhor de baraço e cutello. Cabia-lhe organisar o povoado, fiscalizar, manter a ordem e a moralidade, promover trabalho agrícola, enviar expedições à colheita das drogas, **manter braços promptos para os serviços do Estado, assistir o gentio em todas as suas difficuldades, engordal-o, educal-o, tirando-lhe os vicios e tornando-o uma utilidade, um valor humano**. Planejado, sinceramente, para attender

> à situação creada com a liberdade do gentio, na pratica o Directorio foi um triste fracasso, servindo, antes, à escravização, que continuou na mesma intensidade (REIS, 1993, p.54-55. Grifos meus).

A instituição dos Diretórios, embora embasada nas ideias renovadoras do movimento das luzes, no que diz respeito à superação da estreita vinculação entre o Estado e a Igreja que caracterizou a atuação portuguesa em suas colônias, e prometendo a liberdade total do gentio, produziu efeito contrário: agravou as condições de seu cativeiro.

A figura do intermediário, presente no estabelecimento e controle das relações de trabalho entre os indígenas e a comunidade, o diretor, foi responsável pelos abusos cometidos e que comprometeram os ideais renovadores ilustrados presentes na legislação, contribuindo para a decadência dos povoados e vilas. Tais diretores se aproveitavam do poder que detinham para impor excessivas jornadas de trabalho aos nativos, em deslocamentos sucessivos em busca das drogas extraídas da floresta. Quando cedidos a particulares, para o trabalho na agricultura, o que só os privilegiados amigos do diretor conseguiam, os "naturais" recebiam o pior dos tratamentos, e, na primeira oportunidade, fugiam para o mato mais próximo.

A desolação e a fome grassavam entre as mulheres, crianças e velhos nos antigos aldeamentos. Abandonados à própria sorte, tentavam sobreviver utilizando o pouco tempo de que as mulheres dispunham, uma vez que elas também eram empregadas em serviços a particulares. O excesso de trabalho, uma vez que não eram cumpridas as determinações de rodízio entre as turmas de trabalhadores, que deveriam passar seis meses em ocupações nas vilas e outros seis em suas terras, dando assistência à sua família, a fome, os maus tratos associados à prática do aborto, recurso muito utilizado para livrar os filhos das agruras do cativeiro, elevavam os índices de mortalidade, conduzindo ao círculo vicioso já conhecido: maus tratos, fugas, mortes, mais apresamentos.

> Em decair progressivo foram os antigos estabelecimentos dos regulares, sob o regime laical, arrastando uma lamentavel existencia, até aos derradeiros annos do seculo. O inadequavel do systema ao objecto accentuava-se com o correr dos tempos. **Quanto mais longe ia ficando a tradição jesuítica, tanto mais se afrouxava a disciplina que, sem violência, podia sujeitar os índios a aturado trabalho** (AZEVEDO,{1909}1999, p.315. Grifos meus).

O sistema de Diretório foi condenado por todas as autoridades enviadas para realizar visitações de controle periódico na Colônia. Os relatórios apresentam um quadro de abandono da atividade agrícola, despovoamento, penúria generalizada nas localidades perdidas na imensidão do vale amazônico.[51] Entretanto, a longo prazo, o *afrouxamento da disciplina,* mencionado como algo negativo por Azevedo, permitiu a re-estruturação de parcela das antigas práticas culturais por parte dos descendentes desses grupos, o que irá demarcar, de modo muito específico,

[51] Cf. AZEVEDO, op. cit. p. 310-319.

a forma de *estar-no-mundo* das populações ribeirinhas, especialmente no que diz respeito à liberdade de viver em consonância com uma temporalidade estranha ao capitalismo, sobre a qual posteriormente me deterei.

Por hora, sirvo-me, a título de exemplo, da correspondência oficial de agosto de 1799, sobre situação da produção do anil no rio Negro, onde os índios se recusam a trabalhar e fogem, em razão das péssimas condições de trabalho, plenas de *humilhações e vexações* a que são submetidos, retornam ao mato, onde ficam na mesma situação de *involução que os seus habitantes,* segundo as palavras da autoridade local (A.P.P./SCGP.C.549, D.279).

A situação de opressão dos índios do rio Negro era conhecida pela Coroa, e havia sido objeto de investigação por parte do governador Rodrigo de Souza Coutinho no ano anterior. Em longo documento, ele analisa as condições de trabalho e o pagamento feito aos índios, realizado de forma indevida e altamente prejudicial a eles, por ordem da autoridade colonial local, que estava sendo acusada de abocanhar boa parte dessa renda para si, às custas da imposição de condições de trabalho insuportáveis para os indígenas, a ponto de merecer estas considerações do governador: *este governo dispunha do suor d'estes infelizes não só para alguns objetos uteis ao publico mas (o que mais escandalozo era) para beneficiar particulares com a opressão e violencia da classe mais mizeravel, mais digna de proteção, e mais favorecida pellas Leis e Ordens de Sua Magestade carregando-a com imposto tão desproporcionado, e dezarrazoado (A.P.P./SCGP.C.522, D.90 – 15/05/1798).*

A reforma do sistema de Diretório, após quatro décadas de vigência, empreendida pelo governador do Pará, Francisco de Sousa Coutinho, extinguiu a tutela sobre os índios e pretendeu estabelecer contratos livres de trabalho entre nativos e colonos sob a proteção do direito comum, além de, ao promover o alistamento dos índios, dar uma estrutura militar à administração dessas localidades, que muitas vezes já eram comandadas por membros das tropas.

Os nativos, mestiços ou não, em variados estágios de exposição à civilização, foram organizados em corpos de milícias, com direito a serem comandados pelos "principais" das aldeias, ao lado de oficiais brancos residentes nos locais onde estavam baseados os grupamentos militares. Se a isso acrescentarmos a inovação anterior, introduzida pela administração de Mendonça Furtado – a constituição política das aldeias em vilas e povoamentos, com suas autoridades designadas dentre os membros da comunidade, teremos, teoricamente, um quadro favorável à instituição de formas sociais e políticas que ampliariam as possibilidades de participação das pessoas na vida comunitária.

É preciso não se esquecer, no entanto, que essas populações continuavam respondendo por todas as atividades produtivas, assim como eram obrigadas a prestar serviços ao poder público, quer na construção de embarcações, quer nos pesqueiros e salinas reais, enfim, em qualquer atividade para a qual fossem necessários. Em razão do trabalho compulsório, a realidade permaneceu praticamente a mesma. Na atenta observação de Azevedo, para quem essa organização

estava fadada ao insucesso desde a sua concepção, os nativos passaram do regime teocrático ao militar, com o oficial sucedendo ao religioso no controle da força de trabalho. Como era previsível, *o regimen militar, por sua natureza tyrannico, facilitava a oppressão, contra a qual a rudeza do gentio, o temor e o habito da servil obediencia impossibilitava o reagir.*

2.2 Justificando a opressão: o mito da indolência e da preguiça dos nativos

A implantação do novo esquema administrativo nas antigas aldeias, agora vilas e povoados com nomes de cidades portuguesas, provocou uma desorganização das atividades produtivas, e mesmo onde a estrutura deixada pelos religiosos era razoavelmente forte, a decadência se instalou com o abandono dessas atividades pelos nativos, como mencionei em passagem anterior.

Isso pode ser comprovado pela correspondência oficial entre as autoridades coloniais. São inúmeros relatos de má conduta dos índios durante o trabalho, fugas ou "deserções", expedições de captura daqueles que se refugiavam nas matas e relatos de castigos aplicados como punição à desobediência às normas de trabalho.[52]

A análise da documentação do período revela que, pouco tempo após a saída dos Missionários da Amazônia, a situação de decadência das povoações era indiscutível. Associado a esse quadro de penúria, o peso da escravidão se fazia sentir redobrado sobre os nativos, os quais se recusavam a trabalhar ou fugiam e se dispersavam pelas matas. Muitos eram recapturados pelas tropas que se deslocavam no encalço dos "desertores", como eram denominados os fugitivos nas correspondências oficiais e, novamente aprisionados, eram duramente castigados.

Encarregado pelo governador do Grão-Pará, Fernando da Costa de Ataíde Teive, o ouvidor geral Feliciano Ramos Nobre Mourão, realizou viagem de inspeção às povoações e vilas da ilha do Marajó e adjacências durante três meses. Os *Autos de Devassa*[53] mostram com clareza a situação encontrada pelo ouvidor no que diz respeito a economia, educação e segurança em uma das vilas mais populosas do nordeste paraense: Bragança.

> Não achei escolla, sendo a Povoação tão grande, informando me de pessoas capazes para serem Mestres, achei somente a Placido José da Silva, que em outro tempo já foi aprovado e eleito pello Exmo. e Reverendissimo Prelado, que hoje hé de Leiria, como verificou com huma Provizão e hé o único entre tanta gente, que sabe contar, segun-

[52] Anais do Arquivo Público do Pará (APP), Belém, v.2, t.1, p. 1-250,1996. Correspondência sob redeserções:108/109/110/115/116/144/SCGP.C.306,D.:179/180/181/297/216/223/378.218/SCGP.C.319,D.219.261/269/SCGP.C.343,D.01/154/148.286/289/316/320/324/SCGP.C.356,D.58/72/166/177/18/6356.castigos:265SCGP.C.343,D.45.316/320SCGP.C.356,D.166/177.391/SCGP.C.403,D.184.550/560/579SCGP.C.466,D.72/103/229.725/SCGP.C.554,D.741. 847/SCGP.C.549,D.57. 958/SCGP.C.640,D.38.

[53] A devassa foi realizada em 1764, nas seguintes localidades: Monçarás, Salvaterra, Monforte, Colares, Cintra, Bragança, Vila Nova del Rei, Ourém e Soure. Anais do Arquivo Público do Pará, v.3, t.1, p.112, 1997.

> do o examinei. Mandei convocar os Rapazes de todos os moradores, athe da povoação dos Indios, dei lhe papel para suas cartas, e entregueios ao dito Mestre para já os ir ensinando, e são 51[...]. Admoestei os Paés que os conservacem, e pagacem ao dito Mestre, por que por esta cauza não tinha permanecido a dita escolla fazendo lhe taxar preço, e salario que haviam dar ao referido Mestre[...]. (*Anais do Arquivo Público do Pará*, v.3, t.1,p.112,1997).

O ouvidor geral prossegue o relato de sua visita à vila de Bragança, avaliando as necessidades dos índios, a mesma situação encontrada nas outras localidades já referidas em sua devassa. Constata a diferença entre as casas dos brancos, situadas em local separado das casas dos índios, constituindo estas últimas em um aglomerado de barracos de palha muito precários, às vezes sem paredes, espécie de povoado à parte da vila principal, situação que sempre existiu, desde o tempo em que os Jesuítas eram responsáveis pelos índios e tinham como norma mantê-los afastados do convívio dos brancos em suas aldeias.

O estado de penúria que o ouvidor constata se deve ao fato de os índios se ocuparem prioritariamente em servir aos brancos, pouco tempo lhes restando para cuidar das próprias necessidades, o que não acontecia quando estavam sobre controle dos religiosos. Embora explorados em seu trabalho, a rotina era substancialmente diferente, porque a estrutura de produção obedecia a critérios mais coletivos do que individuais.

Quando faz suas observações sobre as necessidades materiais da Vila, o ouvidor geral menciona os problemas causados pela deficiência de transportes, apesar das condições físicas dos terrenos da Vila, ou da facilidade de navegação dos rios e conhecimento dos índios sobre o ofício de fazer as canoas tão essenciais. Reconhece que para a Vila prosperar é fundamental criar condições para o estabelecimento de um fluxo regular de comércio com as povoações vizinhas, para escoar o que é produzido. Mas admite a dificuldade de fazer com que o "povoador" que vem para este Estado, e não quer servir aos outros, assuma algumas das obrigações que impõe aos índios, ocupando-os excessivamente em atividades particulares para o próprio e exclusivo lucro, sem atentar para o progresso da Vila.

> [...]Nececita [...] que se fação cazas aos indios, porque são seguras, e de duração as dos Ilheos, e logo se vê a differença das dos ditos Indios, que são huns paos ou madeiras levantadas cobertas de palha, e as mais dellas sem paredes, conheço a suma dificuldade, que tem cada indio de fazer a sua morada de casas, e ocorre o mesmo, que a este respeito expús a V. Exa. Na informação da vila de Collares que Ey aqui por repetido (*Anais do Arquivo Público do Pará*, v.3, t.1, p.113/114).

Embora constate a difícil situação dos índios, não é para a construção das casas destinadas a eles que sugere o uso de recursos existentes com o almoxarife e sim para *se aplicar na factura da Igreja (...) e das cazas da camera e cadea (...)*. Sua atitude crítica diante da ambição, indolência e, principalmente, falta de iniciativa dos colonos não vai além do cumprimento do dever de relatar o que vê, mas sua

boa vontade para com os nativos não ultrapassa os limites de sua lealdade primária para com os colonizadores. Ainda que merecedores de algumas reprimendas da autoridade, eles permanecem brancos e superiores.

Os relatos de autoridades coloniais ou dos cientistas, produzidos após visitas oficiais ou não, sempre mencionam a atitude hostil dos colonos em relação ao trabalho, sempre visto como depreciativo da condição social do branco que vinha fazer fortuna no Brasil, mas com o trabalho de outros, os escravos. Caldeira, comentando o surgimento de uma nobreza colonial no Maranhão, sintetiza: "as exigências formais para se ter acesso a esse mundo de poder aparentemente eram as mesmas de Portugal: possuir terras, não depender do trabalho manual e ter sangue limpo" (CALDEIRA, 1999, p.105).

A atitude negativa do branco colonizador e seus descendentes em relação ao trabalho, foi, entretanto, transferida para os nativos, especialmente aqueles que ousavam subtrair-se de algum modo a sua condição servil. A indolência, a preguiça, a vagabundagem passaram a ser a marca negativa dos não brancos na Amazônia do século XIX, mas certamente está referida à produção cultural do Iluminismo, aos debates sobre a natureza do gentio e como este poderia ser útil para a Metrópole.

Um dos melhores exemplos dessa literatura é a magnífica obra de Alexandre Rodrigues Ferreira, *Viagem Filosófica pelas Capitanias do Grão Pará, Rio Negro e Cuiabá* (1974), produzida como resultado de uma longa expedição, cuidadosamente preparada, que percorreu a região durante nove anos, em fins do século XVII, com claros objetivos de inventariar a posse portuguesa na Amazônia, definindo os interesses da Coroa na questão da demarcação dos limites com os territórios de Espanha, inclusive para avaliar a situação das atividades agrícola e extrativa, e oferecer soluções para os problemas relativos à expansão e diversificação da produção. Em razão dessas preocupações, Ferreira percorreu durante nove anos a Amazônia, produzindo enorme soma de conhecimentos científicos sobre a fauna e a flora, as populações indígenas, sem se descuidar de analisar criticamente as notícias sobre ocorrências de metais preciosos, algo que a Coroa, tendo em vista seus planos de civilização pela ocupação com atividades como a agricultura e o comércio, pretendia manter em sigilo.

Ao analisar a natureza dos índios, suas atitudes em relação aos bens materiais e o esforço e dedicação empregados na produção, Ferreira empreende cuidadosa análise etnográfica e antropológica, informada pelo debate iluminista, sobre a capacidade intelectual do ameríndio, seu estágio cultural. Constrói sua visão do índio tendo como suporte básico a ideia, bastante aceita à época, de que o índio, embora compartilhando a mesma natureza do homem branco, estava em nível diferente de desenvolvimento. Tome-se como exemplo a sua reflexão sobre a simplicidade dos utensílios dos índios Cambebas, moradores do rio Solimões:

> Não se admirará por certo a simplicidade de semelhantes utensílios, se se refletir que os esforços do Espírito e da Indústria dos Povos, que em nenhuma outra coisa se ocupam, senão na guerra e na caça e

> só a estes dois objetos se limita. Quanto aos outros objetos, são tão limitados os seus desejos e tão contraídas as suas necessidades, que toda a sua Invenção certamente não acha em que se exercitar. Como todo o seu sustento e roupas são muito simples, também os seus utensílios são poucos e esses mesmos grosseiros. **Acresce que entre eles nenhuma idéia há de propriedade.** Tudo é para todos; basta que um dos do rancho tenha feito um ralo, para todos entrarem em direito de se servirem dele. A sua **indolência natural** é outro obstáculo que encontram a multiplicidade dos móveis, o mecanismo e a conveniência da sua construção. Principiam friamente a fazer uma máquina. Continuam com pouca atividade como se fossem crianças, qualquer bagatela basta para os distrair [...]. Também eles sentem menos empregar a sua paciência e assiduidade no trabalho de copiar o que vêem, com uma exatidão servil e minuciosa, do que a mais leve tortura à sua própria Invenção. Nenhum deles faz senão o que vê e nenhum deles vê, senão o que imediatamente lhes entra pelos olhos (FERREIRA,1974, p.49-54. Grifos meus).

Ideias semelhantes aparecem em vários cronistas, além de Ferreira, como constata Gondim, ao analisar as obras de Alfred Wallace, *Viagem pelos rios Amazonas e Negro*, Carl von Martius, *O Estado de Direito entre os Autóctones do Brasil*, refazendo o percurso dessas ideias na elaboração dos estereótipos negativos a respeito do nativo da Amazônia , que permearão o discurso ilustrado do século XIX.

> Os nativos são os agentes que desarmonizam a ordem social instalada pelo branco – essa é a conclusão a que praticamente todos os viajantes chegaram depois de visitar o paraíso infernal amazônico. Alexandre Rodrigues Ferreira discorre sobre a perniciosa convivência do gentio com o colonizador, ambos preguiçosos, e Wallace, por seu turno, refere-se à degenerescência do aborígene americano ao se transformar em elemento periférico da sociedade branca. São observações anêmicas que se desvanecem pelo vigor da idéia, continuamente reforçada, da preguiça atávica do homem local, ao ser chamado a participar do processo civilizatório ou permanecendo como verdadeiros habitantes da floresta.
> Investir no homem vermelho – crê firmemente Martius – é um ato filantrópico que não amealhará resultados positivos, é um trabalho inútil do branco que nada colherá de bêbados indolentes e imorais (GONDIM,1994, p.133).

Foram os Jesuítas que melhor captaram a especificidade da natureza indígena e adaptaram seus métodos educacionais em busca de tornar realidade seus objetivos de evangelização. O processo a partir do qual buscaram “criar bons súditos” para Deus e o Rei resultou na elaboração de uma pedagogia da sujeição, em boa parte responsável pelo sucesso da Companhia de Jesus na condução dos aldeamentos indígenas. O uso que eles fizeram do arraigado sentimento comunal dos índios, aliás bem próximo das ideias religiosas salvacionistas que presidiram a criação do apostolado jesuítico, facilitou a estruturação do principal pilar da estrutura evangelizadora dos Jesuítas – a educação.

Os Missionários, com o emprego de uma violência mitigada, buscaram a adequação dos indivíduos em relação ao ofício ensinado, tendo em vista as necessidades da estrutura produtiva, tudo isso redefinido pelos padrões de uma nova sociabilidade, cuidadosamente ensinada, especialmente às crianças, de quem se esperava a continuidade e o sucesso da experiência evangelizadora (ALMEIDA, 1997).

Seu objetivo era construir uma nova sociedade, pensada em termos de uma proposta comunal, muito próxima do estilo de vida dos indígenas, mas associada à concepção de disciplina e dever do apostolado missionário da Companhia de Jesus, caracterizada pelo seu rigor e austeridade, da qual nem seus membros mais graduados estão isentos. Embora reconhecendo a indolência como uma característica negativa dos nativos, e não poucas vezes se referissem em suas crônicas de modo pejorativo sobre a natureza "infantil" dos índios, afeita ao ócio e aos prazeres de todo tipo, os Missionários haviam elaborado um projeto de salvação para essas populações e não poderiam desistir, sem que o fracasso pesasse como uma condenação sobre a Companhia.

Seu denodado esforço evangelizador/educacional, demarcado pela rígida disciplina e claras metas a serem atingidas individual e coletivamente, impunha a necessidade de superação dos obstáculos culturais e ambientais.

Tudo o que fazia com que os colonos desanimassem e se excedessem em arbitrariedades e práticas violentas contra os indígenas era justamente a matéria-prima sobre a qual os religiosos exercitavam sua pedagogia da submissão, pretendendo construir na terra sua glória mística, muitas vezes buscando claramente o sofrimento e o martírio.[54] Eis o suporte ideológico a partir do qual examino a atuação desses religiosos, responsáveis pela dilatação das fronteiras portuguesas no espaço amazônico.

Na segunda metade do século XVIII, a administração pombalina pretendia, num passe de mágica, superar aquilo que considerava um atraso e entrave ao "progresso dos povos": eliminar barreiras culturais, ao instituir definitivamente a língua portuguesa, proibindo que se falasse ou ensinasse a língua geral; elevar legalmente a condição social dos índios, assegurando-lhes a liberdade total e o estado de súditos, de iguais direitos e deveres em relação aos colonos brancos, perante o Rei, e assegurar-se de um controle eficiente das riquezas produzidas no Estado, eliminando o risco representado pela concorrência atribuída aos Jesuítas.

Descrito sempre como um indolente, adepto da ociosidade e dos prazeres fáceis, o *amazônida* foi estigmatizado como um ser inferior por natureza, incapaz

[54] Os padres castigaram com açoites uma índia da aldeia que teria cometido desmandos "em materia de sexo, que ficou tão sentida, que fugiu para os Uruatis seus parentes; queixou-se do castigo que se lhe tinha dado, este, como gentios barbaros que não sabem ponderar as culpas naquella materia, por viverem sem razão como animaes do matto, [...] propuzeram tomar vingança tomando a vida dos padres [...] Pareceria essa morte desastrada a alguns que não consideram a occasião della [...] não se pode dizer senão que foi morte gloriosa do acatamento divino e um modo de martyrio padecido pela virtude da castidade e da justiça." (BETTENDORFF, {1910} 1993, p.70).

de absorver a civilização que lhe era oferecida pelo homem branco. Essa imagem negativa cristalizou-se.

O século XIX aprofundará essa imagem e, ao desqualificar os não brancos, justificará a instituição do trabalho compulsório como único meio de fazer avançar a civilização na Amazônia. Com o "processo de pacificação" imposto ao fim da Cabanagem, a fórmula do trabalho compulsório será usada de modo radical, para se obter a desmobilização dessa população pobre e marginalizada, que se havia rebelado contra a opressão secular da qual sempre foi vítima. O despacho do ouvidor Dr. José Narcizo de Magalhaens de Menezes, em correspondência remetida por um juiz de um povoado próximo a Belém, resume dolorosamente o desamparo dessas populações face ao poder local, exercido com ferocidade, apesar das inúmeras *declarações de liberdade total aos índios* outorgadas pela autoridade real portuguesa, em vários momentos históricos:

> Logo que VªM. d'aqui sahio se me prezentarão neste Palacio os Indios que me tinha denunciado para haverem de ser prezos pela oposição que tinhão feito em concorrer para o Serviço da Real Fabrica a que VªM. os nomeava: **Eu lhe perdoei algum excesso que da parte d'elles houvesse, tanto mais vendo que hum d'elles já estava bastantemente {punido} pelo golpe de tua mão, que talvez ficará aleijado,** e que o outro por nome Francisco Borges me aprezentou bilhetes sucessivos, e pelo seu turno com que tinha sido despedido da Real Fabrica: o que não conforma com o que VªM. me disse, de que elles a muitos tempos se denegavão: Ora, pois Eu não quero entrer em mais profundos exames, cuide VªM. em satisfazer as suas obrigações com justiça, e imparcialidade, pois que desta falta principalmente se originão nesse, e nos mais Destrictos desta Capitania os actos de dezobediencia que a cada passo me são manifestos [...].
>
> O ferido Carlos Antonio vai também para sua Caza cuidar no seu curativo, e do que lhe pertence, entre tanto que não estiver em estado de poder com aquelle trabalho, a que VªM. o não o obrigará sem que primeiro me seja prezente a sua absoluta possibilidade: finalmente abstenha se VªM. destes conflitos, evite as occazioens, e isto consegue-se bem por meio de persuação fundada em princípios de igualdade na execução das Ordens attendendo ao legitimo direito de cada hum: **Estes Povos são humildes por natureza, só a injustiça he que os pode fazer mudar de condição, por que ella revolta ainda os mais moderados** (*Arquivo Público do Pará*. SCGP.C.627,D.188 11/11/1806. Grifos meus).

2.3 A solução burguesa: o trabalho compulsório

Após a retomada de Belém pelas forças legais em 1837, o Presidente da Província, Soares d'Andrea, escrevia ao ministro da Marinha, dando conta das providências tomadas para impor a ordem aos rebelados no Pará:

> Tenho expedido ordens a todos os Comandantes Militares para me enviarem os Índios próprios ao serviço do Mar e logo que venhão chegando e eu tenha transporte os irei remetendo a V. Excia.
> Como V. Excia. Para esta requisição de Índios me recommenda o engajamento, acto que supoem hum contracto livre de ambas as partes, convem explicar-se a respeito.
> **Os Índios não são engajaveis, nem há para elles interesse algum que os obrigue a largarem a sua vida ociosa e rica. Digo rica, por que sem trabalho nem esforço podem satisfazer a todas as necessidades e todos os prazeres que na vida fazem a fadiga, o cansasso e a solicitude dos homens mais civilizados. Não precisão vestir-se e he mesmo coisa incomoda nestes paizes. Dormem ao ar livre, e qualquer choupana de sua fabrica lhes dá tão bons comodos como hum palacio aos homens ricos. Se querem comer peixe fazem tapage em um igarapé, e tem logo peixe pra si, e para venderem ou trocarem por farinha e aguardente. Se querem comer carne escolhem na sua fantasia a qualidade de caça que querem comer e vão buscá-la. As mulheres da sua especie não vieram ao mundo para vestaes, e achão mais solido gozarem logo do que fazerem escravos de paixoens elevadas.** Não resta a estes mais precisoens do que alguma ferramenta, pouca roupa, bebidas espirituosas e farinha. A troco destes generos he que se sujeitão a remar nas canoas ou a fazerem outro qualquer serviço. Mas sempre tão indiferentes aos seus interesses, que depois de terem vencido muitos dias de jornal com um patrão largão a este perdendo tudo e vão a outro.
> **Deve portanto entender-se que mesmo tendo elles aceitado no primeiro dia qualquer condição, já sofrem violencia no segundo a quem os precisa pelos rios do certão emprega sempre alguma violencia ou força sem a qual não se vence a inercia que elles tem. Não estou tão bem que seja injusto o uso da força para com elles: he tão justo na minha opinião como a violencia feita pelos paes aos filhos para hirem a Escolla, tomarem remedio contra causas inevitaveis. Este povo Índio he uma criança que precisa de tutella em todos os sentidos e que deve ser forçado ao trabalho para não cair nos crimes e vicios da ociosidade.**
> Estou persuadido de que podem ser bons marinheiros; mas nunca para esta provincia que lhes offerece por toda parte as vantagens de que já falei; e não convem nunca ter grandes guarniçoens dessa gente, que he muito voluvel e qualquer malvado os mete em revolta.
> Se a remessa dos generos que peço para o serviço do mar nesta Provincia se tornar periodica e certa tão bem a remessa de Marinheiros e recrutas se pode tornar segura e sucessiva.

A partir de documentos como esse, é possível elaborar algumas reflexões sobre a natureza do *processo de pacificação* em que estava empenhada a autoridade representante do Imperador na região. É preciso lembrar que nesse momento ainda estava em vigor o estado de guerra, e Soares d'Andrea detinha poderes discricionários, o que lhe permitia constranger legalmente ao trabalho ou efetuar

o alistamento de indivíduos válidos nas tropas legais, desde que assim achasse conveniente, especialmente essa gente *que he muito voluvel e qualquer malvado os mete em revolta*. Mas é importante destacar, que ele contou com o apoio do Poder Legislativo municipal para estabelecer a lei que instituiu os Corpos de Trabalhadores, onde foram alistados todos os homens não brancos entre 10 e 50 anos, destinados aos serviços da lavoura, do comércio e de obras públicas, além do engajamento nas tropas legais.

Como se pode constatar, em cerca de dois séculos, pouca coisa mudou a respeito da situação enfrentada pelos índios e seus descendentes, na Amazônia. Continuavam sendo o elemento estratégico para um sistema produtivo fundado na exploração do trabalho compulsório sob seus variados matizes, incluindo-se aí a forma-limite – o escravismo.

A justificativa ideológica subjacente ao discurso das classes dominantes, fossem civis ou militares, tem como suporte a ideia de inferioridade nata da população nativa. Algo que, como observado anteriormente, sempre esteve entranhado nas construções teóricas de cronistas como Agassiz, La Condamine, Wallace, von Martius, Bates e Ferreira, aparece agora assimilado e reproduzido como verdades indiscutíveis (a indolência, a preguiça, a insensibilidade) que caracterizariam o caráter dos não brancos.

A leitura da comunicação de Soares d'Andrea ao ministro da Marinha Imperial permite constatar isso, pois a imaturidade infantil dos índios e dos mestiços em geral, o seu desprezo pelo trabalho constante e aos bens materiais, justificariam a tutela sobre as vidas e o lucro que disso se pudesse auferir, uma vez que, como afirmou Ferreira, *a sua ignorância quase que os reduz à consternação de se lhes fazer bem por mal; deles não me admiro tanto como dos próprios domesticados; toda sua paixão e saudade pelo mato que deixaram; ali o apetite animal é a lei dos costumes, ali são naturalmente preguiçosos, porque o mato naturalmente lhes subministra tudo o que necessitam* (FERREIRA, 1974, p.154).

Diante da impossibilidade de criar a situação ideal, em que a ***necessidade*** se tornaria inevitável, e a submissão dos não brancos às leis capitalistas de mercado seria facilitada, a saída foi adotar formas de trabalho compulsório, inclusive se estimulando também a escravidão negra, considerada produtivamente superior, que permitissem a reprodução do capital e sua acumulação.

A devastação provocada pelo elevado número de mortes durante a ***Cabanagem*** é responsável pela brutal diminuição da população economicamente ativa na Amazônia, tornando ainda mais crítica a situação da necessidade de mão-de-obra para todas as atividades, fossem elas de simples manutenção do nível da produção de subsistência ou para manter funcionando a administração da nova província do Império, cuja extensão territorial só dificultava as ações de repressão aos focos da rebelião, ainda resistentes e espalhados pelo vale amazônico.

Todos, membros da classe dominante civil/militar, estavam de acordo com a ideia de que, sem uso da força, não haveria como obter a tão necessária força de

trabalho. Até mesmo o governo central concordará que é imprescindível o alistamento obrigatório de novos recrutas, para se resolver as urgentes necessidades de segurança interna ao norte do Império. Soares d'Andrea alerta para o fato de que o engajamento é um *acto que supoem hum contracto livre de ambas as partes*, e que *os índios não são engajaveis, nem há para elles interesse algum que os obrigue a largarem a sua vida ociosa e rica*.

Mas não descarta "esquecer" a alegada necessidade de liberdade para o ato de alistamento, desde que sejam utilizados como recrutas em outras províncias, o que resolveria dois problemas – o de segurança interna no Pará rebelado e a reposição de efetivos nas tropas legais em outras províncias do Império.

A desconsideração do pressuposto de liberdade para o ato de engajamento estaria justificada não só pelas razões de Estado, frequentemente usadas como desculpa para atos de arbítrio cometidos por essa autoridade, mas estaria inscrita em algo bem mais profundo e encoberto pelo discurso objetivo da razão. Sem dúvida estaria referida às dificuldades de assimilação das diferenças culturais pelos colonizadores, que, desde o início da conquista e no decorrer da expansão e consolidação da presença lusa na região, foram responsáveis pela construção e difusão dos estereótipos negativos sobre a população nativa.

As palavras de Soares d'Andrea implicitamente admitem o que procuram, sem conseguir, disfarçar: os não brancos, índios ou mestiços, são inferiores e portanto devem ser constrangidos a realizar o que os brancos, detentores do poder, estipulam como adequado ao desenvolvimento da civilização e da ordem nos trópicos – *trabalhar sob estrito controle.* Afinal, ele admite que o uso de violência é necessário como uma espécie de *remédio,* atitude paternal para com aqueles que ele acredita portadores de uma condição de infantilidade que os torna carentes de *tutella em todos os sentidos* e que devem ser forçados ao trabalho para não cair nos *crimes e vicios da ociosidade*.

As características pejorativas, presentes no discurso dominante dos brancos sobre os nativos – infantilidade, insensibilidade, preguiça, indolência – não obscurecem, paradoxalmente, o reconhecimento de suas qualidades para servir às forças armadas, como membros especialmente resistentes e talentosos, desde que longe de seu habitat natural, ou para produzir as riquezas que desenvolverão a Província. O discurso deixa claro, ao enfatizar a natureza inferior dos nativos, o fato de que o capitalismo é incompatível com a visão de mundo desses indivíduos, para quem pouco conta a sedução dos bens materiais ou a acumulação de riquezas.

Diante da "insensibilidade" dos nativos diante das necessidades da implantação da civilização burguesa, resta destituí-los de sua condição de homens livres, e, ao condenar os seus defeitos (a indolência, a preguiça, a inatividade), impor o trabalho como meio de adequá-los ao modo civilizado de viver, dentro da lei e da ordem.

Como acertadamente escreve Gondim, criticando a ideologia subjacente aos relatos ilustrados sobre a Amazônia, o direito à liberdade e à igualdade estava

concebido como um prêmio restrito àqueles que souberam, pela razão, conquistá-lo. E isso estava fora do alcance de pessoas, por definição, incapazes de usar a razão, como os *amazônidas*, cuja recusa ao modo de vida dito civilizado acaba se tornando, para os brancos, a prova definitiva de sua irracionalidade. "Os que vivem segundo a natureza forçosamente se inferiorizam, porque não possuem a razão que leva à verdadeira liberdade e à igualdade fraterna" (GONDIM,1994, p.135). Viver segundo a natureza implicava, portanto, contestar o projeto da burguesia comercial de *colonizar para o capitalismo*, que exigia formas de trabalho compulsório que o viabilizassem (NOVAIS,1985, p.102).

Ao analisar a dificuldade de implantação do capitalismo nas sociedades pré-capitalistas, Castoriadis escreve sobre a impossibilidade de se instituir uma ordem capitalista sem indivíduos portadores de significações capitalistas, contraditória e conflitualmente, "indivíduos capitalistas."

> Ela é dificuldade e até impossibilidade de fazer nascerem da noite para o dia, ou no espaço de alguns anos, "homens capitalistas" (como capitalistas propriamente ditos e como proletários) – ou seja, de fabricar socialmente indivíduos para quem o que conta e o que não conta, o que tem uma significação e o que não a tem, o que é a significação de tal coisa ou de tal ato são doravante definidos, colocados, instituídos de maneira diferente do que o eram em sua sociedade tradicional; para quem o espaço e o tempo se organizam, se articulam interiormente e se representa imaginariamente de maneira diferente, cujo próprio corpo está não somente submetido a outras disciplinas exteriores, mas preso numa outra relação com o mundo, capaz de tocar, segurar, manipular diferentemente os objetos e outros objetos; para quem as relações entre indivíduos são tumultuadas, as comunidades e coletividades tradicionais são pulverizadas, as solidariedades e lealdades correspondentes destruídas; para quem, enfim, o "extra" econômico eventual, quando existe, destina-se não a ser gasto para o prestígio, distribuído entre os membros da família ampliada ou do clã, consagrado a uma peregrinação, ou capitalizado, mas para ser acumulado. Mas uma tal fabricação, um tal teukhein de indivíduos nada mais é do que sua fabricação com referência às significações imaginárias sociais do capitalismo e mediante estas significações; ela só pode ser a imposição, a estas sociedades, da instituição capitalista do mundo [...] (CASTORIADIS,1982, p.403).

Na Amazônia colonial, a imposição da instituição capitalista do mundo, sobre a qual discorre Castoriadis, enfrentou dificuldades não só em relação ao estágio cultural dos nativos, tão frequentemente acusados de incapazes, indolentes e afeitos à contemplação ociosa da natureza, e em razão disso, responsabilizados pelo desperdício de inegáveis condições produtivas, abundantemente oferecidas pela natureza.

Já em 1781, um militar comunicava, com o orgulho do dever cumprido, a "inclusão" do povoado de Vizeu para o domínio da Coroa, conseguida com a

ajuda dos índios. Depois de sucessivas tentativas, finalmente os índios *desertores amocambados* foram recuperados, e serão utilizados nas atividades produtivas, junto com *índios silvestres* que foram apresados também, com o objetivo, de *metendo-os em sociedade, tirar delles utilidade publica* (A.P.P./SCGP.C359, D.95). Essa era uma ideia compartilhada pelos colonos brancos sobre os índios: sua utilidade estava intrinsecamente vinculada à sua capacidade de ser usado como mão-de-obra para o capital, ter uma utilidade econômica, depois, é claro, de passar pelo "amansamento", quando essa utilidade seria revelada em suas múltiplas facetas, em sua versatilidade.

Contraditoriamente, esse indivíduo versátil, capaz de absorver informações tão diferentes de sua própria cultura e em situação profundamente adversa, é considerado inferior, incapaz. Porque reage, resiste à dominação, não valoriza bens tão cobiçados, é taxado de irracional e estigmatizado como ocioso, indolente e vadio, culpado do fracasso econômico.

Duas correspondências do governador Francisco de Souza Coutinho, datadas de novembro de 1790, são emblemáticas do empenho com que se obrigava os nativos ao trabalho. Na primeira delas, ele elogia o pronto cumprimento de suas ordens pelo diretor da povoação, mas enfatiza a necessidade de aumentar a produção. A falta de índios não é aceita como desculpa, que o diretor utilize o trabalho das 53 índias, entre 14 e 50 anos, moradoras da comunidade, de modo sistemático, alternando-as entre as roças para o Comum e para a sobrevivência delas. E, impositivo, ameaça: *he precizo que V^{a}M. ponha os Principaes, e Officiaes da Povoação na intelligencia de que devem obrigar os Indios ao trabalho, que não o fazendo assim V^{a}M. me há de dar parte para Eu os castigar, e que Eu não quero senão paz, e socego nas Povoaçoens desterrando a ebriedade até agora costumada. Espero que V^{a}M. me dará muitas occaziones de o louvar.*

A segunda insiste que os índios não devem ficar sem trabalho, especialmente se já possuem ofícios, não havendo falha maior do que um índio ocioso:

> Quanto aos Indios que aprendendo Officios sendo oriundos dessa Villa nella devem existir em quanto haja Serviços da Povoação e quando os não haja deve permitir lhes tempo razoavel para trabalharem nas Cazas dos Moradores e quando nem em huma, nem em outra parte tenhão que fazer, devem trabalhar como os mais, por que por aprenderem Officios não devem ser ociozos e vadios. Ociozos e vadios jamais quero que estejão os Indios dessa Povoação, e dandolhes um tempo para trabalharem para si, os empregará nos Serviços do Commum em todo o restante do tempo, pois que em toda occazião não falta em que se empreguem: E vendo V^{a}M. que aquelles a quem dá tempo para o trabalhar para a sua utilidade e não empregão nisso mas em viver em acciozidade logo os empregão no Serviço do Commum [...] (A.P.P./SCGP.C.466, D.95).

Mas, as razões do emperramento da atividade econômica devem ser buscadas em outro nível. As frustrações expressas pela elite branca, com as dificuldades de

se impor o escravismo aos nativos, estavam ancoradas em uma irrealidade. Esperavam que os nativos se submetessem sem contestação, como se fosse absolutamente racional e, portanto, "natural", um indivíduo aceitar ser salvo pela cruz e, satisfeito, carregá-la para sempre, simbolizada/traduzida nas pesadas jornadas de trabalho que lhe eram impostas. As razões dos problemas da empresa colonial, entretanto, estavam diretamente referidos às condições intrínsecas do próprio capitalismo mercantil praticado pela Metrópole. Diziam respeito à crise que lhe corroía as entranhas e acirrava suas contradições internas, e que se refletiram diretamente no atraso e dependência portuguesa de nações economicamente mais fortes, como a Inglaterra, possuidoras de mercados mais ativos, vorazes e que praticavam formas mais avançadas do capitalismo, caracterizadas pelas relações de produção pré-industrial e/ou industrial.[55]

Analisando a desagregação do sistema colonial português, Francisco Iglésias, em sua obra *Trajetória Política do Brasil (1500-1964)*, a insere no quadro geral europeu, procurando demonstrar como as nações ibéricas perderam sua condição de hegemonia, cedendo espaço a outros impérios mais competentes em absorver os impactos das transformações culturais e econômicas que caracterizaram o século do Iluminismo, com sua ênfase na razão e na defesa da liberdade do cidadão frente ao Estado.

> O marquês de Pombal, como político, ilustra a situação, com atitudes inovadoras na economia, em posições intelectuais (a reforma da Universidade de Coimbra), enquanto sustenta o mais entranhado absolutismo. Com seu afastamento pela morte de Dom José e o reinado de dona Maria, acontece a "viradeira", com muito de positivo afastado, em um governo retrógrado. Apesar de tudo, os últimos decênios do Setecentos realizam estudos para recuperar a economia, em estado calamitoso[...] Se não há uma pregação política em consonância com a época, há a busca de novos caminhos para melhor aproveitar a Colônia, então o Brasil [...] (IGLÉSIAS, 1993, p.90-91).

Uma economia dependente do escravismo necessita de investimentos sempre crescentes para compensar contradições estruturais importantes, como por exemplo, as baixas taxas de produtividade e a estagnação do mercado. A situação de crise do sistema colonial português se traduz na crônica falta de recursos para a dinamização da economia, que, associada ao fraco desempenho das elites dirigentes, teria como consequência o esgotamento e a depredação dos recursos naturais em suas possessões, perdulariamente desperdiçados em gastos suntuários. Essas seriam razões plausíveis para estabelecer como parâmetros delimitadores da complexidade e da especificidade dos problemas econômicos vivenciados pela Amazônia àquela época, muito mais adequados do que atribuir os fracos resultados obtidos pelo empreendimento colonial na região à suposta incapacidade inata de sua população autóctone.

[55] "[...] Portugal chegava, portanto, à época da crise do sistema colonial, isto é, ao último quartel do século XVIII, com uma larga margem de atraso econômico em relação às potências mais desenvolvidas do Ocidente europeu." (NOVAIS, op. cit p.135).

Como já tivemos oportunidade de demonstrar em capítulo anterior, a realidade política da Amazônia, e do Pará em particular, nunca foi de passividade em razão aos problemas inerentes à implantação e desenvolvimento das atividades da empresa colonial portuguesa. Desde o início, as tensas relações entre missionários/autoridades/colonos se expressaram em contestações, algumas vezes bastante graves, da ordem colonial. Essas sedições, para usar um termo bastante comum à época, estiveram sempre essencialmente vinculadas à apropriação da força de trabalho indígena, e eram demarcadas pelas contínuas desobediências por parte dos colonos brancos no trato com o gentio, usado até a exaustão de suas forças, em todas as formas de atividades produtivas. Essa situação permaneceu praticamente inalterada por todo o período colonial, inclusive sendo transferidos os abusos para as gerações já incorporadas ao processo civilizador branco em seus aspectos mais gerais, isto é, de uma adequação imperfeita à lógica capitalista, o que se traduzia para a elite branca na permanência do inconveniente problema de recusa ao trabalho como fim em si mesmo, com todas as consequências que isso representava para a expansão do capitalismo e da sustentação das ambições de enriquecimento dessa elite.

As sucessivas contestações da ordem, no longo período que antecede a ***Cabanagem,*** apresentam a novidade de incorporar as populações mestiças, produto do esforço civilizador da Coroa portuguesa na Amazônia, com um elenco de reivindicações amadurecidas pelo processo de trocas sucessivas no plano social/cultural/econômico, para quem a superexploração do trabalho se tornou um fardo intolerável e do qual procura, por todos os meios, se esquivar.

O agravamento da contestação à ordem estabelecida, expresso pelos sucessivos motins, sedições, ou qualquer outro termo que lhe foi atribuído pela elite à época, esteve sempre essencialmente vinculado à desobediência, à transgressão cotidiana dos imperativos de controle do trabalho, à relutância em abdicar de um modo de vida no qual os códigos de valores eram profundamente influenciados pela cultura ancestral, com seu apelo à liberdade.

Os deslocamentos frequentes que as práticas nômades haviam deixado impressos em significações imaginárias, agora aparecem traduzidas no ir-e-vir tão comum, nas “visitas” aos parentes, hábitos inaceitáveis por aqueles que detinham o controle da produção, que se irritavam com a “instabilidade”, com o “desinteresse”, com a aparente desconsideração para com o trabalho sério, contante, ininterrupto, que essas populações apresentavam.

Para as elites, já não era tão fácil constranger ao trabalho, diante das renovadas leis que asseguravam a liberdade dos índios, mesmo que se considere o fato de que, na primeira década do Novecentos, ainda se praticou descimentos de índios como reforço de mão-de-obra, como registra Almeida (1997), analisando a influência da experiência do Diretório mesmo após o esgotamento de sua vigência, utilizando a correspondência do Conde dos Arcos, governador do Pará, ao Visconde de Anadia, de 27 de outubro de 1803.

Ele narra um descimento de "oito a dez mil índios Mundurucu", trazidos pelo seu principal, que pedem "proteção ao rei e à Igreja", para em seguida discutir como eles podem ser utilizados na produção, com o objetivo de que possam pagar as despesas com os serviços a eles destinados. Como a autora destaca em sua interpretação, o descimento voluntário e o pedido de "proteção", constituem a expressão formal, consolidada, institucionalizada àquela altura, de capturar mão-de-obra e justificar seu constrangimento ao trabalho como forma de remuneração dos custos de sua inclusão ao processo civilizador empreendido pelo Estado.

Percebe-se o cuidado em não burlar frontalmente a legislação, falando-se em apresamento de índios, mas generosamente se atende a pedidos de proteção, tão dedicada ao seu fim que o governador se previne contra possíveis fugas, ao (...) "estabelecê-los mais perto das vilas populosas ficando por isso mais distantes dos sítios seus conhecidos donde resultará o duplicado proveito de familiarizá-los sensivelmente com os usos da gente mais polida ficando-lhes mais difícil os frequentes projetos de fugida (...)".[56]

Não poderia ser de outro modo, pois a decisão tem o objetivo claro de atender a quem precisa de mão-de-obra barata e próxima das unidades produtivas – as vilas mais populosas, onde já não se encontram mestiços nativos, produto de gerações anteriores, ***dóceis***[57] para aceitar toda e qualquer jornada de trabalho e não contestar a ordem vigente.

Precisamente de que ***ordem*** estou falando? A ordem que foi violentamente posta em discussão pelo movimento cabano, mas que, na verdade, nunca havia sido única e validada igualmente para todos os atores sociais. Quando do início da colonização, vários impasses entre colonos e Jesuítas foram radicalizados, como bem exemplifica a chamada revolta de Beckman, com a prisão e expulsão dos religiosos, sempre tendo como pano de fundo o controle da força de trabalho indígena. O que torna a contestação cabana ímpar é a natureza de seus componentes, pertencentes em sua maioria às classes subalternas, e sua reivindicação identitária estruturadora: ser brasileiro.

Novos atores políticos estão em busca de seu espaço e reconhecimento social. Suas demandas são absolutamente originais no contexto de uma Amazônia ainda colonial e visceralmente portuguesa, pois o que eles querem é a *liberdade* que intuem – já lhes pertenceu, uma vez que lhes pesa tanto não mais desfrutá-la – e a *condição de brasileiros com direito a autogoverno.*

Antes do século XIX, a contestação estava demarcada pelas necessidades de implantação da atividade capitalista de cunho escravista, contraposta a uma dominação não menos pesada, mas abrandada pelo discurso religioso, de onde não estava ausente a resistência dos nativos. Com os dois séculos de colonização passados, estamos diante de uma subversão da ordem, com atores políticos que não discutem formalmente a escravidão ou a servidão, mas esse é o fantasma que

[56] Citação de trecho da carta do Conde dos Arcos retirada deAlmeida (1997, p.325).

[57] Cf. FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 1987, p.191.

assombra a todos, com maior ou menor intensidade, que estará sempre presente em suas falas e atos e revelando-se nas práticas socioculturais excludentes e desqualificadoras da condição mestiça, que naturalizam a opressão vivenciada pelos despossuídos.

O que interessa à elite dominante é a continuidade de sua atividade capitalista mercantil, para a qual é fundamental que as relações de trabalho não sejam alteradas, uma vez que sobre elas repousam as possibilidades de lucro e acumulação de capital. Portanto, é imprescindível que suas aspirações políticas incluam o controle da administração do Estado, fonte de todas as possibilidades de domínio dessa força de trabalho, contra a qual clama por mais disciplina, empenho e disponibilidade para atender às demandas da economia e verbera contra sua indolência, preguiça e ociosidade.

Trata-se, portanto, de uma ordem capitalista, própria de uma sociedade mercantil, instalada em meio à floresta repleta de "tentações e apelos ao ócio". Na verdade, no jogo violento pelo controle do poder político, o que está sendo colocado como cenário é a manutenção e o aprimoramento da organização disciplinar de uma sociedade para o capital.

O que se procura alcançar é a submissão das massas, de modo a permitir o seu preparo, a sua adequação às normas essenciais à lógica capitalista, na qual o trabalho ocupa lugar destacado. Para isso, era preciso constrangê-las ao trabalho, fiscalizá-las, inviabilizar a sua sobrevivência fora dos limites estabelecidos pela autoridade, enfim, disciplinar a sua liberdade

Muitos autores se dedicaram ao estudo da questão do treinamento, da imposição da disciplina como instrumento do poder, objetivando a obtenção de respostas rápidas, prontas, eficazes ao comando, à execução de um mandato. Segundo Weber (1974), a *disciplina racional* é a mais importante força capaz de diminuir ou limitar a ação individual.

> O conteúdo da disciplina é apenas a execução da ordem recebida, coerentemente racionalizada, metodicamente treinada, e exata, na qual toda crítica pessoal é incondicionalmente eliminada e o agente se torna um mecanismo preparado exclusivamente para a realização da ordem. Além disso, tal comportamento em relação às ordens é uniforme [...]. Os jesuítas no Paraguai, ou um moderno quadro de oficiais com um príncipe a sua frente – só podem manter sua vigilância e superioridade sobre seus súditos por meio de uma disciplina muito rigorosa. Essa disciplina é imposta dentro do próprio grupo, pois a obediência cega dos súditos só pode ser garantida pelo seu treinamento exclusivamente para a submissão, sob um código disciplinar (WEBER, 1974, p.292-293).

Somente a disciplina poderá reverter modos preexistentes de vida e *tornar racionalmente desejadas* novas formas de existir. Segundo ele, *na realidade, o indivíduo não pode fugir dessa organização mecanizada, pois o treinamento rotinizado o coloca em seu lugar e o obriga a "continuar."* Na concepção weberiana, esse fato aponta

para a inevitabilidade de as técnicas disciplinares serem sempre mais usadas, uma vez que estão intrinsecamente ligadas à expansão crescente da racionalização das atividades econômico-políticas.

O outro olhar sobre o procedimento disciplinar é o de Foucault. No lugar de técnica ou instrumento, o autor prefere falar de um *poder disciplinar,* como inerente às sociedades burguesas:

> [...] a vigilância hierarquizada, contínua e funcional não é, sem dúvida uma das grandes "invenções" técnicas do século XVIII, mas sua insidiosa extensão deve sua importância às novas mecânicas de poder que traz consigo. O poder disciplinar, graças a ela, torna-se um sistema "integrado", ligado do interior à economia e aos fins do dispositivo onde é exercido. Organiza-se assim como um poder múltiplo, automático e anônimo; pois, se é verdade que a vigilância repousa sobre os indivíduos, seu funcionamento é de uma rede de relações de alto e baixo, mas também até certo ponto de baixo para cima e lateralmente, essa rede "sustenta" o conjunto, e o perpassa de efeitos de poder que se apoiam uns sobre os outros: fiscais perpetuamente fiscalizados. O poder na vigilância hierarquizada das disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina (FOUCAULT, 1987, p.158).

Ao comparar as duas posições teóricas citadas e a questão da ordem sob o impacto de contestação radical, como a situação da Amazônia ao tempo da ***Cabanagem,*** o exame revelará elementos diferenciadores importantes, cuja validade para esta análise pretendo estabelecer.

Em Weber, o ponto de partida é a existência do exercício legítimo da dominação já estabelecida, regulamentada, cristalizada e, de certo modo, inescapável para o indivíduo. Existe dificuldade em enquadrar a contestação à ordem fora do espaço dessa dominação, organizada em associações de natureza distinta, tais como o Estado, a Igreja ou a Empresa. Nessa concepção não há possibilidade de se capturar uma resposta estruturante de baixo para cima, em forma de processo. A não ser que busquemos uma solução carismática, pela qual o rompimento traumático da dominação nem sempre constitui propriamente uma contestação aos fundamentos da ordem que ela postula. E Weber aponta justamente para o declínio do carisma, como conduta diferenciada individualmente, em virtude do avanço da racionalização no atendimento das necessidades econômico-políticas. Fica-se, então, apenas com o uso da disciplina como técnica, parte do conjunto de medidas necessárias à imposição da ordem burguesa.

Para Foucault, a análise do surgimento da formação das individualidades, a partir de novos mecanismos científicos, disciplinares, levou-o a afirmar que

> O normal tomou o lugar do ancestral, e a medida o lugar do status, substituindo assim a individualidade do homem memorável pela do homem calculável, esse momento em que as ciências do homem se tornaram possíveis, é aquele em que foram postas em funcionamento

> uma nova tecnologia do poder e uma outra anatomia política do corpo (FOUCAULT,1987, p.172).

Essa política do corpo guarda relação estreita a concepção das relações de poder que o perpassam, mas que podem ser usadas objetivamente, criando-se condições de obediência e desempenho técnico, através da subordinação, implementada a partir da instituição de normas disciplinares, para obter maior utilidade dele para a economia. É esse o ponto importante – a fabricação de indivíduos úteis – que parece ter sido o objetivo do "processo de pacificação" imposto aos vencidos ao final da ***Cabanagem.***

A paz imposta pelo Governo imperial foi dura para com os vencidos. Em substituição à punição exemplar aplicada em outros tempos, aquelas caracterizadas pela morte com sofrimento, agora não se desperdiça a mão-de-obra escassa, obriga-se ao trabalho que educa (disciplina), redime e produz. Esta é a base sobre a qual se redigiram as leis que reduziram à servidão os pobres – homens de cor, mestiços de todos os matizes.

Em 25 de abril de 1838, a Assembleia Legislativa da Província do Grão-Pará votou e Soares d'Andrea sancionou a lei que instituiu os Corpos de Trabalhadores, destinados a suprir de mão-de-obra "o serviço da lavoura, do comércio e de obras públicas". Os sete artigos dessa lei são concisos e não deixam dúvidas sobre o que a lei pretende: constranger ao trabalho os homens pobres e mestiços. Ela seria detalhada em Lei Complementar nº 2, de 8 de agosto de 1838, que, entre recomendações diversas, estabelece o **Regulamento do Corpo de Trabalhadores**.

Destaco, para os objetivos desta análise, os seguintes artigos da lei nº 1, que institui os Corpos de Trabalhadores:

1 – o seu caráter racial, expresso no Art. 2º:

> Estes Corpos serão constituídos de Índios, Mestiços e Pretos que não forem escravos e não tiverem propriedades ou estabelecimentos a que se apliquem constantemente.

2 – o controle dos deslocamentos individuais, ou do direito de ir e vir livremente, tal como está definido no Art. 5º:

> Os indivíduos que formarem estes Corpos não poderão sahir daVilla ou Lugar a que pertenção, sem guia dos seus comandantes, que declarem o lugar e o fim a que se dirigem. Compete ao Juiz de Paz fazer prender e remetter aos respectivos Commandantes aquelles *que vagarem por seus districtos e não apresentarem a guia exigida.*

3 – Alistamento compulsório, conforme prevê o Art. 6º:

> Logo depois da publicação da presente Ley o Governo fará proceder ao alistamento de todos os indivíduos comprhendidos no Art. 2º.

4 – A centralização/concentração do poder decisório nas mãos do Presidente da Província: a) autorização para o estabelecimento de Corpos de Trabalhadores em toda a região, conforme previsto no Art.1º;

b) decretação imediata do alistamento compulsório, como indicado no Art.6º;

c) a organização militar dos Corpos de Trabalhadores: os alistados terão comandantes e oficiais pertencentes às antigas tropas regulares (Corpos de Ligeiros), e, não sendo possível, serão dirigidos pelos "cidadãos mais idoneos residentes nos respectivos districtos", de acordo com Art.6º;

5 – Gerência compartilhada, com a elite dominante local, dos benefícios da utilização do trabalho compulsório, uma vez que, atuando como intermediários do poder provincial, os diversos escalões estabelecidos da autoridade poderiam decidir como seriam alocados os trabalhadores, reservando-se ao Presidente da Província a fatia mais generosa do poder, pois era sua a competência, em última instância, a quem os comandantes e demais patentes deveriam prestar contas periodicamente da utilização desses trabalhadores:

> Art.4º - O serviço a que estes Corpos ficão destinados será contractado por quem delles precisar, procedendo a licença dos Commandantes respectivos, que serão responsaveis ao Governo pela igualdade e segurança de tais contractos.

A Lei Complementar de 08/08/1838, que regulamenta a anterior, estabelece os dez itens que comporão o **Regulamento do Corpo de Trabalhadores,** dos quais escolhi os seguintes, como mais interessantes, para enfatizar o sentido dos comentários sobre os artigos anteriores:

- *O Regulamento reforça o caráter racial da instituição do trabalho compulsório e a restrição aos deslocamentos, especificando as situações e medidas a serem tomadas:*

> Item 5º do Regulamento: Todos os homens de Cor que aparecerem de novo em algum districto sem guia ou motivo conhecido serão logo presos e enviados ao Governo para lhe dar destino, quando a sua culpa não for outra.

- *Define as situações de trabalho útil, tendo como parâmetros a propriedade ou não de bens e capital:*

- A situação dos proprietários de bens e comerciantes:

> Item 1º do Regulamento: Por consequencia todo individuo que tiver officio ou Estabelecimento seu do qual subsista, e que alem disto possa vender e vender effectivamente algum genero **não será chamado a serviço algum publico ou particular a titulo de vadio. So e necessariamente, quando o bem geral o exija e chame também outros fazendeiros**.

- Os que já vendem sua força de trabalho estão sujeitos a comprovação, para não serem convocados para o trabalho compulsório:

são todos os que puderem comprovar ocupações constantes e/ou com duração mínima de mais de dois meses, e, em alguns casos, como a situação dos empregados domésticos (isso deve ser comprovado em contrato escrito), confor-

me estipulam os Itens de números 2, 3 e 4, relativos às ocupações de mestres de ofícios; feitores ou administradores e vaqueiros de fazendas; patrões e remeiros de canoas e barcos

- *Estabelece os que serão forçados ao trabalho:*

> Item 6º do Regulamento - Todo o individuo domiciliario do mesmo districto, que não se empregar constantemente em algum trabalho útil, será mandado para as Fabricas do Governo ou alugado a qualquer particular que o precise, e se apesar desta medida se esquivar ainda ao trabalho, será remettido ao Arsenal de Marinha, para ali trabalhar pela simples ração e pelo tempo que se julgue precizo segundo sua conducta.
> Item 7ºdo Regulamento – Quando não houverem empregos para os vadios de hum districto, por não serem pedidos nem pelo Governo, nem pelos particulares, o Commandante Militar respectivo escolherá algum terreno devoluto e, precedendo aprovação do Governo, o marcará para os trabalhos communs; e neste terreno serão forçados a trabalhar debaixo de guarda todos os que assim o merecerem, segundo estas instruçoens, tomando se por conta de seus trabalhos alguns mantimentos emprestados e depois de feita a colheita, o resto será vendido no mercado, pelo preço corrente, e delle se tirará quanto baste para suas andainas de roupa grossa aos trabalhadores, ficando as sobras a beneffício das pessoas indigentes de todo Districto, intervindo na distribuição feita por ordem do Commandante Militar, os Vigarios respectivos.
> Item 8ºdo Regulamento - Quando os vadios forem empregados nas Fabricas e Arsenais estão dadas as ordens sobre seus pagamentos; quando porem tiverem de ser alugados por algum particular que os precize, este os pedirá ao Commandante Militar do Districto que mandará o Fiscal como Curador dos trabalhadores perante o respectivo Juiz de Paz, para ajustar perante este com o Allugador o preço, a ração, a qualidade de Trabalho que hum e outro se obrigão; dada a fiança por parte do Allugador, e feito o termo, de que huma copia será entregue ao Commandante Militar, este mandará entregar o Trabalhador ou Trabalhadores ao Allugador.
> Item 9ºdo Regulamento – Se antes de findar o trabalho o trabalhador abandonar, em menoscabo do ajuste feito, o Commandante Militar o fará prender e enviará com sua parte ao Governo para lhe dar o destino conveniente.

O último item do Regulamento estipula que, se o "alugador" não cumprir as cláusulas do acordo no que diz respeito ao pagamento, deverá ser obrigado a fazê-lo pela autoridade militar local, e se ainda assim não o fizer, poderá ser mandado preso para a Capital, onde não será solto até que tenha pago o(s) trabalhador(s).

Assim foram definidos os contornos essenciais necessários à subordinação dos rebeldes, contornos que estão essencialmente vinculados à posse de terras

e/ou capital comercial, pois difícil seria comprovar a não-rebeldia para quem fosse mestiço ou negro, seguindo critérios puramente de pigmentação da pele, em uma região onde casamentos interétnicos foram, não só comuns como foram estimulados, como importantes medidas de política colonial, visando ao povoamento do vale.

Se tomarmos como exemplo a situação de Belém e suas vizinhanças, duramente afetadas pelos combates, quais das atividades produtivas constantes na lei poderiam oferecer comprovação de continuidade nos prazos estabelecidos? Estariam os proprietários interessados em assim proceder, diante das possibilidades de obter maiores facilidades e lucros com a atitude contrária? E mesmo em áreas distantes da Capital, onde tais dificuldades se ampliam pelo uso de táticas de guerrilha, como comprovar ocupação "duradoura"?

Como, em situação de instabilidade política total, um pequeno sitiante ou pescador ou coletor de produtos da floresta, que houvesse conservado seus poucos bens e instrumentos de trabalho, tendo participado ou não como rebelde, poderia comprovar posse de bens para os quais até hoje a titulação é precária, confusa e, na maior parte das vezes, inacessível aos pobres e analfabetos? Como reunir testemunhos, por exemplo, se as mortes foram tantas, e mestiços pobres sempre estiveram sob suspeição de rebeldia?

Foucault, ao teorizar sobre a formação das sociedades disciplinares, enfatiza os processos históricos no interior dos quais ela tem lugar:

> [...] o que é próprio das disciplinas, é que elas tentam definir em relação às multiplicidades uma tática de poder que responde a três critérios: tornar o exercício do poder o menos custoso possível (economicamente, pela pouca despesa que acarreta; politicamente, por sua discrição, sua fraca exteriorização, sua relativa invisibilidade, o pouco de resistência que suscita); fazer com que os efeitos desse poder social sejam levados a seu máximo de intensidade e estendidos tão longe quanto possível, sem lacuna; ligar enfim esse crescimento "econômico" do poder e o rendimento dos aparelhos no interior dos quais se exerce (sejam os aparelhos pedagógicos, militares, industriais, médicos), em suma, **fazer crescer ao mesmo tempo a docilidade e a utilidade de todos os elementos do sistema** (FOUCAULT, 1987, p.191. Grifos meus).

Quando da instituição dos Corpos de Trabalhadores, no decorrer da terceira década dos Novecentos, na Amazônia o trabalho compulsório não representava novidade, pelo contrário, foi sempre a solução para as necessidades de mão-de-obra que possibilitou o domínio português na região, como visto neste capítulo. A novidade agora é a clareza com que se busca, utilizando recursos disciplinares de estrutura militar de modo ampliado, obter a formação de uma força de trabalho treinada, eficiente, obediente.

Analisando os artigos que compõem o Diretório dos Índios (1758), percebe-se que o recurso da militarização das estruturas sociais de inclusão dos índios e

mestiços também foi utilizado, mas, como se estabelecia a liberdade dos índios como princípio básico, em oposição à escravidão presente na realidade concreta, o discurso iluminista do documento enfatiza a "civilização" a ser alcançada. A necessidade de instituição de Corpos dos Trabalhadores (1838) revela as dificuldades de o capitalismo evoluir na Amazônia, o processo civilizatório que o simboliza encontra resistências e apresenta fragilidades que comprometem sua consolidação efetiva. Daí a busca de eficácia através da utilização maciça e ritualizada das formas possíveis da disciplina, compatíveis com as condições sócio-históricas da Amazônia. Retomando Foucault, agora se impõe a prioridade de ampliar a *docilidade e a utilidade de todos os elementos do sistema*.

O momento histórico era de muita efervescência, indefinições e experimentações. Tempo de invenções e inovações sociais, repleto de riscos para as desgastadas estruturas coloniais de poder. A sobrevivência dessas elites dominantes impunha a necessidade de disciplina e controle dos indivíduos e do que representavam para a economia. Tem-se então o político, aparentemente, sobrepondo-se ao econômico, no teatro das relações sociais, cada um dos atores buscando espaço e relevância, traduzidos na esperança de protagonizar a cena e conduzir a peça. No espaço cênico amazônico, a luta pelo poder revelará o papel a ser desempenhado pelos nativos em seus múltiplos matizes. Depois do sonho libertário cabano, vencidos, alguns até podem aspirar a ser coadjuvantes, mas a grande maioria está destinada a ser apenas figurante.

Disciplinar as massas incultas já não seria fácil tarefa, ainda mais nesse caso, quando haviam se embriagado com o sonho de liberdade e experimentado a importância política, desfrutada nos breves meses de exercício efetivo de poder na Capital e em outros locais. À violência dos combates, ao horror das prisões, sucedem a humilhação cotidiana do trabalho forçado e a renovação do estigma de vadio, ocioso, uma forma não menos dolorosa de violência, penetrante, corrosiva, fundamento da disciplina que deve preparar a obediência. Era uma coisa que o presidente da Província, Soares d'Andréa, já havia antecipado, em correspondência citada anteriormente neste trabalho*: não estou tão bem que seja injusto o uso da força para com elles: he tão justo na minha opinião como a violência feita pelos paes aos filhos para hirem a Escolla, tomarem o remedio contra causas inevitaveis*.

Durante a vigência dos Corpos de Trabalhadores, muitos abusos foram cometidos, como demonstra a correspondência oficial do período. O acesso fácil à força de trabalho aguçou a ganância dos proprietários, que frequentemente não respeitavam os documentos de alforria, e engajavam negros livres, lavradores, inclusive donos de sítios recebidos como herança. Outras vezes, se recusavam a liberar os trabalhadores ou realizar os pequenos pagamentos estipulados, reduziam a ração destinada ao sustento dos trabalhadores, aplicavam castigos físicos e insistiam em engajar mulheres, o que não era previsto em lei e reprimido pelo Governo. Afinal, se os homens eram passíveis de alistamento dos 15 aos 50 anos, alguém teria que cuidar dos velhos e crianças, e ainda das tarefas domésticas das casas mais abastadas.

Esse imenso poder discricionário colocado nas mãos dos comandantes e oficiais dos Corpos de Trabalhadores favoreceu a tomada de decisões incorretas sobre o engajamento de pessoas, que só foram conhecidas depois que os prejudicados conseguiram, com suas petições e requerimentos, furar o bloqueio da instância recorrível imediata, o Juiz de Paz, e chegar até ao gabinete do Presidente. Essa possibilidade de recurso é interessante porque permite constatar a reação ao abuso do poder efetuada pelos prejudicados.

Palavras premonitórias as do Dr. José Narcizo Menezes: ***estes Povos são humildes por natureza, só a injustiça he que os pode fazer mudar de condição, por que ella revolta ainda os mais moderados*** (SCGO.C.627,D.188 – 11/11/1808).

3. A imaginação Social da Liberdade

Sem déspota existe povo
Sem Povo não há Nação
Os Brasileiros só querem
Federal Constituição.
(Epígrafe do jornal *Sentinela Maranhense na Guarita do Pará*)

3.1 O sonho de uma Amazônia livre e brasileira

A ***Cabanagem*** representa o ápice de um longo questionamento da dominação colonial, ainda presente sob muitas formas, apesar da adesão à independência, que por si mesma poderia ser considerada como o primeiro ato desse processo, pelas dificuldades que caracterizaram essa adesão, em agosto de 1823.

Alguns meses antes, os militares que comandavam a Província, apoiados pela elite comercial que controlava a vida econômica do Pará, recusaram-se a aceitar o resultado das eleições que favorecia os partidários da independência. O enfrentamento conduziu à radicalização do jogo político, à reação dos separatistas, a sua prisão e deportação para Portugal e para diversas localidades no interior da Amazônia.[58] Em Manifesto[59] dirigido à população, não deixam dúvidas quanto à importância de Batista Campos e seus companheiros "dissidentes" para o processo de independência. Em contraposição aos *Cidadãos Pacíficos, e Honrados: Respeitáveis Compatriotas* a quem o Manifesto é dirigido, eles denunciam aqueles que desejam a desgraça da Província, "os horrores de uma guerra civil", ou seja, os membros do "Partido da dissidência", que pretendiam impor ao Pará a mesma situação que "têm atormentado, e consumido algumas Províncias do Sul do Brasil". Reportando a situação calamitosa da Província, resultado de um governo fraco na opinião dos militares golpistas, o Manifesto traduz o último esforço da burocracia militar portuguesa em preservar o domínio metropolitano sobre a Amazônia (COELHO, 1993). Oferece, também, a possibilidade de se analisar posições identitárias emergentes, próprias do momento de transição que era vivenciado pelos atores sociais, quando da proclamação da independência brasileira.

A análise do Manifesto revela o desgaste das atitudes de lealdade e respeito anteriormente tributadas pelos súditos à Metrópole e que agora são acelerada-

---

[58] A reação ao golpe, levada a efeito em 14 de abril, provocou centenas de condenações à morte, pena que foi comutada em degredo para Portugal de 217 militares e 50 civis, muitos dos quais não sobreviveriam à dura viagem como prisioneiros a ferros a bordo de navio português.

[59] O documento Manifesto dos Coronéis, e Comandantes dos Corpos Militares da Primeira linha desta Cidade do Pará, por si e por seus respectivos Oficiais, aos Habitantes da mesma cidade, encontra-se sob a guarda do Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, e é apresentada na íntegra por Coelho (1993, p.340-357).

mente corroídas pela adesão ao ideal separatista. No entrechoque dos termos e seus significados, embaraçados nas falas dos atores sociais, não é difícil perceber que estão em curso a elaboração e a expressão da nacionalidade brasileira, como uma espécie de marco diferenciador, capaz de credenciar seus possuidores ao jogo político a buscar a autonomia que o absolutismo colonial insiste em postergar, desqualificando-os e impedindo seu acesso às posições de governo, vedando-lhes assim o acesso ao poder.

Neste momento, faz-se necessário explicitar como está sendo empregado o termo **poder** neste trabalho. Faço uso de uma conceituação de **poder** que possui suas raízes em Weber (1991, p.33), que o definiu como "toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistência, seja qual for o fundamento dessa probabilidade". Do mesmo modo, quando usado neste trabalho, o termo **dominação** *significará a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis*. Tais conceitos foram refinados por Castoriadis, quando sugere uma distinção entre a capacidade da sociedade impor-se a todos os indivíduos produzidos por ela, que ele denomina de **infrapoder radical** e que seria uma manifestação e dimensão do poder instituinte do imaginário radical, não localizável e nunca confundido com o poder de um único indivíduo: "é ao mesmo tempo o do imaginário instituinte, da sociedade instituída e de toda história que nela encontra seu final passageiro. Por conseguinte, num sentido, é o poder do próprio campo social-histórico, o poder de outrem, de Ninguém" (CASTORIADIS, 1992a, p.127).

Castoriadis adverte para o fato de que, embora possa ser considerado em si mesmo absoluto, o infrapoder instituinte nunca é exercido de modo absoluto pela sociedade. Ela não consegue reproduzir eternamente, a si mesma, sem alterações. Mesmo em sociedades ditas tradicionais, com temporalidades aparentemente imutáveis, é possível perceber mudanças, ligadas a sua não eliminável historicidade. Se há a possibilidade de alterações, elas estão referidas ao papel desempenhado por alguns fatores intervenientes na produção do sentido que ordena a vida social e ao qual o indivíduo é submetido desde que nasce, em um continuum de socialização que o acompanha até a morte.

A constatação de que as defesas originárias do caráter absoluto do infrapoder instituinte podem fracassar impõe a necessidade de analisar as fontes daquilo que ele denomina de **poder explícito – "**a dimensão da instituição da sociedade encarregada desta função essencial: restabelecer a ordem, garantir a vida e a operação da sociedade contra todos e contra tudo o que, atual ou potencialmente, a coloca em perigo" (CASTORIADIS, 1992a, p.130). O poder explícito seria o modo como a sociedade atuaria para controlar o seu impulso vital, essencial, que lhe permite transitar entre ordem/desordem.

Além da luta entre ordem/desordem intrínseca à ideia de produção do sentido, existem também outras três dimensões analisadas por Castoriadis, como fontes do poder explícito, ligadas diretamente ao processo instituinte da sociedade,

que são as dimensões da representação, do afeto e da intenção. Ignorar essas dimensões implicaria o descarte da possibilidade de incorporar "a maneira de viver e ver o mundo e a vida, os vetores intencionais que tecem juntos a instituição e a vida da sociedade, o que podemos chamar de seu impulso próprio e característico [...] Graças a esse impulso o passado/presente da sociedade é habitado por um porvir, que está sempre por fazer" (CASTORIADIS,1992a, p.131). E será assim que o poder explícito aparece ligado à necessidade de realizar escolhas. Uma vez que, por mais fixo, repetitivo que o ambiente possa parecer, não existe uma prévia codificação de todas as decisões, há uma parcela de incerteza e desconhecimento do que está por ser ou acontecer, que torna o estabelecimento dessas escolhas uma imposição ordenadora e mantenedora da vida social.

As formas instituídas do poder explícito, a partir das quais se articulam os processos decisivos que ordenam, mantêm ou modificam a vida social, garantindo a permanência das sociedades, lidam intimamente com a produção de sentido, das significações válidas, poder que se expressa e se consubstancia através da linguagem. Castoriadis afirma: "para cima do monopólio da violência legítima, há o monopólio da palavra legítima; este, por sua vez, é ordenado pelo monopólio da significação válida. O Dono da significação reina acima do Dono da violência" (CASTORIADIS, 1992a, p.132).

Em sociedades em processo de descolonização, portanto, em condições de mudança acelerada, onde a insegurança do presente está associada ao risco concreto de luta armada, as expectativas quanto ao futuro acabam se tornando dramaticamente reduzidas e envoltas em nebulosas conjecturas, produzidas no calor da hora, sob o risco maior que pode se apresentar ao indivíduo: as condições de sua sobrevivência. Quando tudo parece mudar tão rapidamente, não há como impedir que aspirações claramente fadadas ao insucesso, produto da percepção equivocada da situação política,[60] coloquem-se como válidas e por elas os indivíduos se disponham a arrostar todos os perigos, até mesmo a morte. Eis por que considero fundamental o exame da flutuação dos significados das palavras *liberdade, república*, *federação*, *nação, soberania do povo*, na situação de mudança política acelerada como a que se processou, no período de imediatamente após a independência do Brasil, na Amazônia.

À primeira vista, há muita confusão e ambiguidade. Termos são incorporados ou ganham significação diferenciada no discurso, para dar conta das situações novas que a cena política cria e recria a todo instante. No texto do Manifesto, por

[60] Pela leitura de artigo publicado na imprensa, que exaltava a liberdade conquistada pela Província, agora sob o liberalismo constitucional implantado em 1821, depois da Revolução do Porto, onde constava o conjunto de expressões quebraram-se os ferros, acabou-se a escravidão, somos livres, os escravos se acreditaram livres ou próximo disso, divulgando a novidade em ajuntamentos nas ruas, e passaram a encarar o autor como seu libertador. A denúncia, feita por um cidadão proprietário de escravos, indignado com os abusos da liberdade de imprensa no Pará e com a atitude do articulista, pedia providências ao Governador para que outros não comecem a ter ideias errôneas, pois, afinal, muitos homens que sabem ler, sem entenderem o que lêem, chegaram a pensar o mesmo, e a persuadir-se que estava acabada a escravatura (Citado em RAIOL,1970, p.19).

exemplo, o termo *Pátria* estará sempre representando Portugal, e seus redatores expressamente rejeitam a vinculação ao Brasil, à Corte com sede no Rio de Janeiro. Por outro lado, criticam a traição daqueles que até pouco tempo eram favoráveis ao constitucionalismo português, e agora preferem a união com as províncias separatistas do sul, uma vez que a Constituição de 1820 criou uma só identidade, um só nome – o de português – e agora os partidários da independência atiçam a desunião, o ódio entre europeus e brasileiros. Como renunciar a herança do sangue e desprezar a Pátria (Portugal) verdadeira? Como ignorar as enormes semelhanças entre os portugueses do Brasil e os de além-mar? Parecia, aos redatores do Manifesto, apenas um caso claro de deslealdade e ambição política, fruto das mentes tortuosas, como a de Batista Campos, denominado de "Apóstolo de uma rebelião", e do abuso de algo visceralmente perigoso – a liberdade de imprensa – arma capaz de causar enormes danos à sociedade e que, desde a sua instalação, "desassossega" a Província.

O que está em curso é algo maior do que a própria percepção dos agentes envolvidos no processo. A *brasílico-mania* denunciada e condenada pelos signatários do Manifesto não seria varrida da significação, ao contrário, ela fundamentaria as bases de uma nacionalidade que emergia: a brasileira. Nesse processo, o jornal O PARAENSE, criado em 1822, foi fundamental para o debate político e a difusão da crítica à postura autoritária dos militares que controlavam a Província. O questionamento da dominação lusa passava inevitavelmente pela denúncia do arbítrio das medidas administrativas tomadas pelas autoridades portuguesas que governavam o Pará, e essa tarefa foi cumprida pelo jornal, sob o comando de Batista Campos.

As características do liberalismo português, suas contradições internas produto da tentativa de combinação de princípios opostos – *mudança e permanência, inovação e conservação* – que orientaram o formato da Constituição lusa de 1820, servem de suporte aos equívocos cometidos, tanto pelos militares portugueses e sua intransigente defesa dos interesses metropolitanos como dos brasileiros, em sua luta pela igualdade de direitos entre os súditos do reino, estivessem eles em Portugal ou nas províncias do ultramar (COELHO,1993, p.35). Logo se desvelaram os limites do Vintismo português, na medida em que a burguesia portuguesa insistia em impor um retorno à condição colonial como fundamental ao restabelecimento da prosperidade do reino e isso era incompatível com as ideias de igualdade perante a lei para todas as províncias, defendidas pelos liberais brasileiros (COSTA, 1999).

Nesse período, é inegável a força das identidades regionais, são as províncias os grandes marcos a fornecer o suporte para a diferença[61] entre os habitantes

[61] O fato, aparentemente menor, de ter nascido ou não na Província, aparece como elemento importante na estruturação das diferenças demarcatórias dos espaços sociais e políticos em disputa pelos atores sociais em questão. Nesse sentido, observados os contextos nos quais essas diferenças são produzidas, cabe aqui a observação de Bourdieu sobre o tema: l'identité sociale se définit et s'affirme dans la différence (BOURDIEU, 1979, p.191).

da Colônia. Elas serão a *Pátria,* onde os laços de solidariedade primária são atados e fornecem os significados primordiais para o indivíduo. Os conflitos do período regencial, como a ***Cabanagem,*** revelam bem nitidamente como se estruturaram as características definidoras de cada grupo posicionado na cena política do período.

No final do ano de 1834, após os conflitos do Acará, tanto o Governo quanto os rebeldes buscavam o apoio do povo em sucessivas "proclamações". O Governo provincial se dirigia aos *paraenses, homens constitucionais e proprietários, amantes da legalidade e da ordem.* Já os sublevados do Acará conclamam *os valorosos patriotas paraenses ou patriotas brasileiros valorosos,* e destacam as qualidades que traduzem essa condição: [...] *probidade, patriotismo, e coragem, digno em fim do doce nome Brasileiro Liberal,* concluindo sua proclamação com vivas à religião *Católica e ao Povo e Tropa paraense*.

A radicalização política promoverá clara divisão na utilização do termo *patriota,* pois haverá aqueles que se intitulam *patriotas da legalidade,*[62] para quem os rebeldes serão os *monstros, os facinorosos, os anarquistas,* membros do partido insurgente, *gentalha que se intitula Povo e Tropa.* É possível, portanto, distinguir que, para o Governo e seus partidários, o povo, ingênuo e crédulo, precisa ser salvo de si mesmo, protegido pela parte instruída, preparada para conduzi-lo – *os homens constitucionais e proprietários*, *amantes da ordem e da legalidade* – aqueles a quem o discurso é inicialmente dirigido. Os que se intitulam *povo e tropa*[63] são a parte má do povo, a minoria, e que começa a ser denominada de *plebe,* no sentido pejorativo do termo, pela imprensa oficial. Entretanto, todos, do ponto de vista coletivo, são o *povo,* cuja nebulosa identidade nesse momento luta para emergir, pelo menos em termos da condição instituinte básica – a brasilidade. Ao seu lado, defendendo suas aspirações libertárias, *tropa,* simbolicamente separada, é a força que garante as aspirações que o discurso revolucionário postula e que são negadas pelo poder estabelecido. No momento em que se intitulam *povo e tropa*, os rebeldes afirmam a justeza de suas reivindicações e colocam em discussão a legitimidade do poder que é exercido pelo Governo provincial, uma vez que esse exercício contraria a vontade popular que eles julgam representar. Contra o absolutismo, ergue-se a ideia de um povo soberano que pode destituir um governante que abuse de suas atribuições legais. Há também nessa expressão referência direta ao uso da força como meio de garantir respeito do oponente, de negar o seu uso monopólico da violência.

[62] Jornal CORREIO OFFICIAL PARAENSE, números 32 e 33. Coleção de Documentos sobre a Cabanagem no Pará, 1834-1836. I.H.G.B. Lata 286- Livro 5.

[63] A expressão povo e tropa indica também a participação de um importante ator social do período – os militares – como registra José Murilo de Carvalho: a primeira observação que salta aos olhos é o grande peso da burocracia proletária, sobretudo no setor militar. (...) O proletariado formava 89% da burocracia militar e pouco menos de50% da burocracia civil. A metade do proletariado civil se encontrava nos arsenais da Marinha e do Exército. (...) No setor militar, houve as rebeliões do inicio da Regência em que povo e tropa (do Exército) constituíam o principal núcleo insurgente (CARVALHO, 1996, p.134).

As autoridades, ao se posicionar intransigentes quanto ao diálogo, potencializam velhos rancores, ampliando as possibilidades de explosão de atos de violência contra uma opressão que se supunha extinta e que apresenta uma face ainda mais odiosa e intolerável, porque expressão de uma injusta discriminação e exclusão da condição de brasileiro.

Em recente estudo, Stuart B. Schwartz analisa a estruturação do conceito de povo e as transformações históricas por que passou no Brasil, assumindo as dificuldades e os limites que essa análise comporta, uma vez que as narrativas sobre os habitantes do Brasil colonial, sua maneira de ser, pensar e agir, foram produzidas por indivíduos membros da elite alfabetizada, educados na Europa. Tratava-se, portanto, de um olhar pleno de reservas e, muitas vezes, comprometido pelo preconceito para com brasileiros.

> De alguma forma, sempre houve uma variedade de Brasis que se disputavam, projetos diferentes para o que o Brasil deveria ser ou representar. Essas concepções diferentes dependiam, em especial, das divisões sociais, das identidades e das expectativas da população colonial. Antes que pudessem existir os brasileiros, um povo que se via enquanto comunidade política, essas diferentes concepções de Brasil tiveram de ser reconciliadas de alguma forma, embora a realização desse objetivo numa sociedade multirracial e escravista tenha sido um processo extremamente complexo (SCHWARTZ, 2000, p.106).

Mesmo após ter assumido a condição de colônia mais importante do império português, o Brasil era olhado com preconceito quando se tratava de seus habitantes. O povo não estava à altura da grandeza da terra.

No que diz respeito à Amazônia, as narrativas dos viajantes ou das expedições científicas que a percorreram em várias oportunidades, os preconceitos contra suas populações nativas sempre foram claramente demonstrados, lamentando-se que populações tão indolentes e ociosas tenham à sua disposição tanta fartura mal aproveitada (GONDIM,1994). A ideia de *terra sem um povo digno de sua riqueza* enraizou-se na mente daqueles que governaram o Brasil. Em seu estudo, Schwartz afirma: o conceito de "povo" como terceiro estado na sociedade de ordens e na base de toda sociedade não chegou a se estabelecer na Colônia. As referências mais antigas falam de "pessoas de menor condição", "moradores" e "povoadores", mas a ideia de um "povo", orgânica e constitucionalmente vinculado ao corpo da política e ao rei, estava, em larga medida, ausente.

> Esse era o problema central; as pessoas que poderiam ser chamadas de população indígena ou nativa da colônia, aquele que poderia ser chamado de **o povo brasileiro** era formado, essencialmente, pelas pessoas de origem mista, e não se confiava muito nelas nem na sua capacidade. Em 1602, quando membros da Ordem de São Bento propuseram admitir noviços pertencentes à **gente da terra braziliense de nasção,** a iniciativa foi sumariamente rejeitada. [...] Este é o primeiro momento, tanto quanto me é dado a entender, em que se considera o fato de se ter nascido no Brasil como elemento que

define a identidade e como elemento precursor da nacionalidade (SCHWARTZ, 2000, p.111. Grifos do autor).

Na Amazônia, essa percepção de incapacidade das populações de origem nativa em termos de suas aptidões naturais para absorver a civilização, muitas vezes expressada pelos dominadores como uma fatalidade, como algo inescapável, seria aprofundada com a consolidação da conquista portuguesa na região.

A recusa dos índios em aceitar o trabalho compulsório, que se traduziria em variadas formas de resistência pacífica ou guerreira, acabaria frustrando em boa medida o sonho do colonizador de civilizar os trópicos em pouco tempo. Um século após a fundação de Belém, a situação de penúria de seus habitantes e a precariedade de suas instalações eram a negação do sonho de civilizar, mas a confirmação de que a ambição do enriquecimento rápido, às custas do trabalho escravo dos índios, não era tão fácil de ser alcançado. A utilização indiscriminada do trabalho indígena estimulou a inércia, a indolência e falta de criatividade e iniciativa dos colonos, e foi em boa parte responsável pela estagnação e atraso das povoações da região (AZEVEDO,{1901}1999, p.25).

Quem seria então o *povo* na Amazônia pré-independente? Como se posicionaria em relação à independência do Brasil? Esse *povo,* após dois séculos de existência do empreendimento colonial na região, era o resultado dos variados tipos de cruzamentos interétnicos, que deram origem aos mestiços de variados matizes que formavam a base da população – os tapuios ou caboclos. As divisões sociais e culturais que caracterizam a sociedade na época permitem uma clivagem onde se percebe nitidamente que esses indivíduos se agrupam em razão dessa origem étnica, que sob muitos aspectos delimita suas oportunidades de inclusão/exclusão social e influencia a elaboração de suas representações sociais e políticas.

Para a elite local,[64] que resolvia seus assuntos econômico-militares e religiosos diretamente com Portugal, a situação de dependência em relação à Corte do Rio de Janeiro, com todas as dificuldades de comunicação que isso acarretava, não agradava e impedia o sonho de uma Amazônia na condição de Província

[64] Estou usando a expressão elite local no sentido que Bottomore (1965, p.15-16) atribui a elite política: compreende os indivíduos que efetivamente exercem o poder político em uma sociedade em qualquer época. Ela incluirá membros do governo e da alta administração, chefes militares e em alguns casos, famílias politicamente influentes, proprietários ou dirigentes de empreendimentos econômicos. Opositores políticos poderão ser denominados de contra-elite, incluindo-se aí os chefes de partidos políticos que estão fora do governo e representantes de novos interesses sociais ou classes (líderes de grupos politicamente ativos).

de Portugal.[65] Mas, outros segmentos da sociedade, nominalmente brancos ou mestiços, menos ligados à Metrópole, levariam às últimas consequências os ideais autonomistas. Foram estes indivíduos que passaram a reivindicar a condição de *ser brasileiro* como credencial de legitimação ao exercício do poder. Por outro lado, nas décadas que antecedem a independência, há confusão no uso de certos termos como *país* e *nação*, em geral aplicando-se o primeiro ao Brasil (compreendendo o espaço geográfico que vai do Ceará ao Rio Grande do Sul, englobando parte da região central) ou ao Estado do Grão-Pará e Rio Negro[66] (território da Amazônia brasileira, inclusive parte da região central com a qual faz fronteira). Nos documentos oficiais e no texto dos jornais, o termo *nação* está referido a Portugal.

A situação política revela as dificuldades conceituais inerentes à fluidez do processo de criação social-histórico,[67] em que o discurso político está demarcado

[65] Sobre os planos portugueses para conservar a Amazônia, consulte-se: REIS, A.C.F. Síntese de História do Pará. São Paulo: Gráfica da Revista dos Tribunais, 1972. 2a ed, p.89-92. Em outra obra, Reis escrevendo sobre as atitudes do Comandante das Armas do Pará, o Brigadeiro José Maria de Moura, diz que o militar chegou a sugerir a "criação de uma Regência, que governasse a Amazônia e o Maranhão, restaurando-se o antigo Estado do Grão-Pará e Maranhão. O deputado João Francisco de Oliveira apresentara às Cortes, em março, um projeto, que recebera o aplauso das representações do Pará e Rio Negro, estabelecendo um governo autônomo no extremo norte do tipo vice-reinado. (...) A Amazônia era, assim, a esse tempo, o único trecho da Nação brasileira que se mantinha em ligação política com a Metrópole, possuída pelos que dispunham do poder, que insistiam em ignorar que o Brasil já se desligara da subordinação e se constituíra em Império soberano." O Grão-Pará e o Maranhão. (HOLANDA; CAMPOS, 1978, p.80).

[66] Portugal dividiu sua colônia na América em dois Estados, durante a maior parte do período que denominamos colonial: o Estado do Brasil e, a partir de 1626, o Estado do Maranhão, que incluía as capitanias do Ceará até o Pará. Entre 1652 a 1654, Pará e Maranhão regressavam ao Estado do Brasil, mas, em razão das dificuldades naturais de comunicação, acrescidas dos problemas práticos da administração, novamente viria a separação, agora sob a denominação de Estado do Grão-Pará e Maranhão (1751 a 1772) e acrescido da capitania de São José do Rio Negro (criada em 07/05/1757). Em 1772, nova divisão instituía o Estado do Pará e do Rio Negro, separado do Maranhão e do Piauí, e diretamente subordinado a Lisboa (REIS,1993, v.1,p.28-29).

[67] Destaco neste momento a noção de processo que norteia o conceito de social-histórico de Castoriadis. Se por um lado ele é o já estruturado, que pode ser constatado em instituições e obras "materializadas", sejam elas materiais ou não, por outro, é também o que institui, o que materializa, é aquilo que revela a permanente tensão da sociedade instituinte e instituída. Analisando as relações entre o simbolismo da linguagem e da instituição, durante a Revolução Russa de 1917, e as dificuldades de nominação das instituições que estavam sendo criadas, no caso o Soviete dos comissários do povo, e como formas, aparentemente novas, estão edificadas sobre elementos simbólicos precedentes, reutilizados em diferentes configurações, ele escreve: criava-se uma nova linguagem e, acreditava-se, novas instituições. Mas até que ponto tudo isso era novo? O nome era novo; e existia, em tendência pelo menos, um novo conteúdo social a exprimir: os Sovietes lá estavam, e era de acordo com sua maioria que os bolcheviques haviam "tomado o poder" (que no momento também não passava de um nome). Mas no nível intermediário que iria revelar-se decisivo, o da instituição em sua natureza simbólica em segundo grau, a encarnação do poder em um colégio fechado, inamovível, cume de um aparelho administrativo distinto dos administrados – nesse nível, ficava-se de fato nos ministros, tomava-se a forma já criada pelos reis da Europa Ocidental desde o fim da Idade Média. (CASTORIADIS,1982 op. cit. p. 131 e 147. Grifos do autor). As tensões durante o período de governo de Pedro I, aparentemente enquadradas em soluções de engenharia política, revelariam, ao longo da menoridade de Pedro II, suas implicações e limites.

pelo embate entre os grupos e suas concepções ideológicas, em busca do controle do poder. Em razão disso, existem diferentes concepções de *povo, país, pátria, nação,* expressando as clivagens sociais, culturais e políticas possíveis na estrutura da sociedade da época. O debate em torno do regime de governo provocará uma cisão no interior do movimento que se havia estruturado em torno da independência. Divididos em monarquistas constitucionalistas e republicanos federalistas, antigos companheiros de militância são agora ferrenhos adversários, em meio à turbulência do nascimento de uma nação – o Brasil.

Para enlaçar todos esses conceitos políticos de modo que eles se estruturem em uma trama coerente e incorporem a noção de processo, será preciso estabelecer dois níveis necessários à sua elucidação. O primeiro deles refere-se ao debate das ideias propriamente ditas, ou seja, as representações difundidas sobre os conceitos de monarquia, república, federalismo e a questão da centralização das ações de governo, que colocava no epicentro político a discussão sobre o absolutismo e as liberdades do cidadão, e, por extensão, as possibilidades de autonomia das províncias (SODRÉ, 1983). De outro lado, a realidade revolucionária que a radicalização dos debates e o partidarismo das facções políticas provocaram, possibilitando espaço e visibilidade política aos socialmente excluídos: mestiços, índios e negros.

A contestação da ordem de modo violento no período regencial faz emergir uma realidade social produto de séculos de exploração e arbítrio, que escapa às possibilidades de controle das lideranças dos movimentos revolucionários. No caso da ***Cabanagem,*** uma vez mortos ou presos seus líderes mais proeminentes, o conflito ainda continuou por alguns anos, provocando mortes e destruição no interior da Amazônia. Permite também confrontar questões importantes, como a estruturação do poder local e do poder central, os padrões de relacionamento desenvolvidos entre as frações das elites locais e nacionais, tendo como pano de fundo a questão vital da manutenção do poder através de alianças que viabilizem o controle do Estado[68] e o exercício efetivo desse poder sobre toda a sociedade, em especial sobre os estratos inferiores.

Esse é um debate sobre a organização do Estado e diz respeito ao estabelecimento dos limites e esferas de competência entre patamares hierárquicos do aparelho burocrático, principalmente, em como impor e fazer respeitar os direitos individuais dentro da nova concepção doutrinária que deverá nortear as relações entre os indivíduos e o Estado. Como fazer a transição entre as formas sociais, políticas e culturais, criadas pela dominação colonial, sob a lógica do absolutis-

[68] Não é minha intenção uma discussão demorada sobre o Estado, sua natureza e estruturas possíveis, mas apenas localizá-lo como objetivo a ser alcançado e mantido pelos atores ora em estudo. Para manter a coerência necessária ao meu trabalho, retorno a Castoriadis: o poder explícito não é o Estado, termo e noção que devemos reservar a um eidos específico, cuja criação histórica é quase datável e localizável. O Estado é uma instancia separada da coletividade e instituído de modo a assegurar constantemente essa separação. O Estado é tipicamente uma instituição segunda. Quanto a mim, proponho que se reserve o termo Estado aos casos onde este é instituído como aparelho de Estado, o que implica uma "burocracia" separada, civil, clerical ou militar com delimitação das regiões de competência (CASTORIADIS, 1992a, p.133. Grifos do autor).

mo, para formas sociais novas, inspiradas pelo advento de uma ordem que se pretende fundada na soberania do povo e, portanto, sob os auspícios da liberdade e da igualdade de todos perante a lei? Como instituir a nova lei e, principalmente, como fazê-la respeitada por todos?

Sem dúvida alguma, questões deste tipo estiveram presentes nos momentos decisivos de estruturação do Estado brasileiro, no período que precede a independência e se estende até a maioridade de Pedro II; questões que diziam respeito ao exercício do poder e à fonte de sua legitimidade, e que frequentavam as páginas dos jornais da época através dos artigos escritos pelos adeptos do liberalismo em seus variados matizes.

A atuação da imprensa foi decisiva para que as ideias a respeito desses temas circulassem mais rapidamente, permitindo a formação de apoios e oposições que se difundiam nas formas usuais em sociedades marcadas pelo pouco número de alfabetizados – a oralidade e sua gama infinita de possibilidades. Estas vão das conferências articuladas em torno dos temas de interesse geral para a sociedade, até as conversas nas esquinas onde os panfletos eram afixados e comentados por todos, livres ou escravos. Assim foi possível expressar o pensamento político como "processo de vida real" (FAORO, 1994, p.15).

A cena política, no momento em que se faz a emancipação brasileira, comportava um número considerável de tendências políticas que oscilavam entre uma visão democrática ou conservadora do liberalismo europeu e, em especial, dos princípios da Regeneração portuguesa. No decorrer dos trabalhos da Constituinte convocada pelo imperador, havia representantes ligados às diversas facções: os reacionários (ou regeneradores ou portugueses), os exaltados (ou nativistas) e os moderados (IGLÉSIAS,1993). Os reacionários, também denominados de conservadores, defendiam a centralização e apoiavam em princípio o imperador. Os moderados, embora apoiassem também D. Pedro I, pugnavam por maior relevância no processo decisório para o poder legislativo. E a terceira, a exaltada ou nativista, mais democrática, favorecia a descentralização, o sufrágio universal e a nacionalização do comércio (COSTA,1999). Com muitos pontos em comum, afinal todas aceitam a exclusão da maioria da população na elaboração da cidadania que está em curso e não colocam em discussão a viga-mestra do sistema produtivo – a escravidão. O que existe a separá-las é a opção pela monarquia constitucional ou a adoção de uma república federativa, como a melhor forma de estruturar o Estado brasileiro mantendo-se a sua configuração territorial, e, lógico, as possibilidades de cada corrente monopolizar o poder.[69]

As dificuldades enfrentadas pelos políticos nesse período são numerosas e vão

[69] Com o objetivo de tornar claro o texto, usarei a expressão liberal para designar aqueles que eram considerados nativistas exaltados ou radicais em seu desejo de estabelecer a soberania popular como fundamento de um governo representativo, de preferência uma república federativa, onde, sob o império da lei, seriam asseguradas a liberdade e a igualdade para todos os cidadãos. Chamarei conservadores aos defensores da centralização monárquica, ainda que admitam a forma constitucional, e que de algum modo empreguem o liberalismo como tática absolutista (FAORO, 1994, p.79).

desde a indefinição ideológica, que torna volátil as alianças em torno do poder, até o desafio institucional que as províncias como o Pará representam, onde os laços com Portugal são muito fortes, e sua resistência em aderir à Independência, coloca em risco a unidade territorial do Brasil.

Sobre o liberalismo brasileiro, que dá suporte ideológico primário aos debates do período, Emília Viotti da Costa afirma que somente analisando as especificidades da realidade brasileira se poderá entendê-lo adequadamente:

> Os liberais brasileiros importaram princípios e fórmulas políticas, mas as ajustaram às suas próprias necessidades. Considerando que as mesmas palavras podem ter significados diferentes em contextos distintos, devemos ir além de uma análise formal do discurso liberal e relacionar a retórica com a prática liberal, de modo que possamos definir a especificidade do liberalismo brasileiro. Em outras palavras, é preciso desconstruir o discurso liberal (COSTA,1999, p.132).

O que pretendem os habitantes do Pará quando se posicionam como brasileiros e liberais? O que reivindicam, basicamente, que permita rotulá-los como liberais democratas ou conservadores? Ou ainda, que direitos constituem a sua pauta de reivindicações, apresentada inicialmente à Metrópole e depois ao Governo imperial brasileiro? Um exemplo desse liberalismo ainda tateante e marcado pelo Vintismo encontra-se presente nas ideias defendidas por aqueles que lutaram pela adesão da Província ao constitucionalismo português.

O representante comissionado do Pará,[70] em discurso que não chegou a ser integralmente proferido diante de D. João VI, resumiu o desencanto com a incapacidade da coroa em atender às necessidades administrativas do Estado do Grão-Pará e Maranhão, vaticinando a separação:

> Nem se nomeia governador para aquela Província; nem se faz partir para lá a charrua!...É muito desmazelo!...É muito dormir!...É por os povos do Pará na última desesperação, e contribuir para que eles rompam todos os obstáculos, para se libertarem dos seus tiranos.
> Falemos claro, Senhor, todos querem obedecer à lei, e não ao capricho: todos querem ser bem governados.
> Se um ministério, pela sua negligência ou despotismo, apresenta um governo tirano, os povos desesperam e sacodem o jugo. Os povos não são bestas, que sofrem em silêncio todo o peso, que se lhes impõe. O Brasil quer estar ligado a Portugal; mas se ministério do reino-unido, pela sua frouxidão, contribuir para a consistência e

[70] Filipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente, um jovem estudante de Direito em Coimbra, foi escolhido como representante comissionado dos paraenses junto à Corte, em Lisboa, após ter liderado a adesão do Pará à Revolução Constitucionalista do Porto. O áspero discurso, do qual apresentamos um trecho, foi pronunciado em 22/11/1821 e não pode ser concluído, tendo o seu autor sido preso por injúria ao rei. Depois de libertado, Patroni voltou para Belém, onde criaria o primeiro jornal impresso no Pará – O PARAENSE. Em razão de sua militância política a favor da liberdade e da igualdade, foi novamente preso e remetido para Lisboa, passando o comando do jornal para o padre João Gonçalves Batista Campos, que iniciava assim sua carreira como redator, temido pela virulência de sua pena.

> duração da antiga tirania, o Brasil em pouco tempo proclamará a sua independência (RAIOL,1970, p.22).

Na efervescência da cena política, logo após a independência, antigos aliados separam-se e as conspirações entram na ordem do dia. A Constituição, outorgada pelo imperador, não deixava espaço para que as forças políticas locais expressassem suas demandas, e o precário equilíbrio que havia sido obtido na Província foi estilhaçado pela feroz disputa por espaço político, onde eles estavam mais disponíveis e capazes de permitir o acesso às esferas decisórias do poder: a estrutura burocrática remanescente do período colonial e que estava sendo reformada para adaptar-se aos novos tempos.

As disputas eleitorais tornaram claro que era possível mudar a feição das estruturas administrativas do Estado, de modo a permitir que brasileiros ocupassem os espaços anteriormente destinados a estranhos à Província, designados pelas autoridades metropolitanas e que exerciam de modo autoritário e despótico suas atribuições. O Pará aderiu à revolução portuguesa de 1820, de imediato, o que demonstra que a questão das liberdades e da crítica ao absolutismo estava desenvolvida ao menos entre os proprietários e comerciantes. Além disso, a Província nunca foi um modelo de obediência às ordens do reino, como atestam os sucessivos motins[71] contra os Jesuítas, tendo como motivação a utilização do trabalho indígena.

No final do século XVIII, após o período pombalino, a situação na Província era de relativa calmaria, em razão da atuação de bons governantes, que promoveram o desenvolvimento das atividades produtivas e não abusaram de sua autoridade no desempenho de suas funções.[72]

Mas a insatisfação política havia crescido em razão da transferência da Corte para o Rio de Janeiro, quando a Província passou a ser administrada através de Juntas Governativas, fato agravado pelas dificuldades de comunicação com a nova sede do Reino. Qualquer providência demorava muito tempo para se tornar realidade; entre a ordem do Príncipe e o seu destino efetivo – a Província – havia uma longa jornada marítima, plena de riscos, além dos entraves propriamente burocráticos, sendo a demora em se tomar decisões o pior deles, pois agravava o problema da distância entre

---

[71] Segundo Azevedo, desde 1618, quando Caldeira Castelo Branco, fundador da colônia, foi deposto e preso no Pará, as desordens e levantes populares são fatos quase contínuos. Só no século dezessete, foram seis sublevações: 1625, 1628, 1634, 1655, 1661, 1677. No decorrer do século dezoito, as representações, requerimentos da Câmara e de alguns governadores contra a atuação dos Jesuítas, tornam claro que a situação na Capitania era de permanente tensão (Op. Cit p.145, 179 e seguintes).

[72] Esses governadores foram respectivamente: D. Francisco de Souza Coutinho (1790/1803); D. Marcos de Noronha e Brito (1803/1806); José Narcizo de Magalhães Menezes (1816/1810). A partir de 1810, as capitanias da Amazônia passaram a ser dirigidas por juntas governativas, cujo desempenho não foi dos melhores, quase sempre extrapolando de modo autoritário suas competências administrativas. Houve breve interregno nesse período, quando o governo foi exercido por Antônio José de Souza Manoel de Menezes, Conde Vila Flor (1817/1820). Com seu afastamento para viajar à Corte, novas juntas exerceram o poder, caracterizando-se pelo uso arbitrário dele, até a adesão do Pará à independência (BAENA, 1969, p.222-386).

a Corte e Belém. Essa demora, a carência crônica de recursos, que fora agravada com a transferência da Corte para o Rio de Janeiro, era percebida como expressão de um certo desapreço ao Pará e à capitania de S. José do Rio Negro.

A elite local também se ressentia com as dificuldades impostas ao comércio com as cidades do Porto e Lisboa, não só pelo fato de estarem ocupadas pelos franceses, mas em razão também da abertura dos portos, vendo suas possibilidades de lucros diminuírem com a concorrência inglesa e a instabilidade política que ameaçava a Província (SANTOS, 1980). Sob as sombras que a estagnação dos negócios lançavam sobre a sociedade como um todo, os planos de se manter a Amazônia vinculada à Metrópole contaram com o apoio desses proprietários e comerciantes, em sua maioria nascidos em Portugal.

A atitude de resistência desse grupo em aderir à independência atesta não só a sua força econômico-militar como a sua capacidade de articulação política, uma vez que, percebendo inviável o controle metropolitano da Província, rapidamente aceita o ultimato dado pelo representante imperial e passa a conspirar para desacreditar o grupo rival, os chamados "dissidentes", defensores da autonomia provincial vinculada ao Brasil. A violência que se instaura com as ações de Grenfell[73] na Capital será sempre um espectro a pairar sobre as ações das autoridades designadas pelo Governo imperial para a região, colocando-as muitas vezes sob suspeição imediata, nem bem chegavam a Belém.

Retomando a questão do liberalismo e o desempenho dos atores sociais no espaço político, no Pará, a radicalização do debate será inevitável, pois o poder permanece sob controle da facção que anteriormente já o exercia, direta ou indiretamente. As ambições pessoais associadas à defesa de vagas ideias autonomistas, de cunho republicano e federalista, compartilhadas pelos que estão alijados do exercício do poder, caracterizarão os debates políticos através da imprensa. Essa radicalização provocará o reagrupamento das forças presentes na cena política, separando em trincheiras opostas antigos militantes da independência.

Algumas situações precisam ser olhadas com cuidado, pois, pressionado pela conjuntura desfavorável, um redator da importância do padre Silvestre Serra, militante histórico da independência, após ter sido perdoado pelo Imperador da acusação de republicanismo, em sua defesa publicada na imprensa, ele aparentemente renega seu credo liberal exaltado, ao afirmar que:

> O Governo Republicano he para mim a mais defeituosa de todas as formas governativas. Porque os partidos necessariamente se formão; estes chocão-se, e os resultados sempre são funestos. Quantas vezes [ilegível] Assemblea de homens mesmo iluminados he arrastada contra sua razão por uma direção inversa dos seus desejos? Veja-se a da França, que até decretou Leys repugnantes á mesma razão. Este mal não se pode evitar, porque pretendendo todos o Governo, os que tomão ascendência são os que dominão, e sempre á medida das suas

[73] Os fatos tiveram como ponto culminante a tragédia do brigue Palhaço, que levou à morte mais de 200 pessoas, e foi narrada neste trabalho no item 1 – Notícia Histórica sobre a Cabanagem.

> paixões. Além disso esta mesma pretensão ao Governo faz que cada individuo seja rival das authoridades. Em hum Governo tal, se huã authoridade se torna absoluta, preciza-se huã revolução para o deitar abaixo; e neste caso hé o remédio peior que o mal. Não pode tão bem haver garantia; poque como o Governo he do Povo, as formas são populares; e por consequencia tempestuosas. Como a razao do Povo he so a garantia da Ordem, esta razão pode ser immatura em qualquer ação. He do mesmo modo irrizoria a responsabilidade em um tal Governo; porque se huã Authoridade com medo de perder o seu lugar, há de segui-lo nas suas convulsões (Fala de Silvestre Antunes Pereira Serra. I.H.G.B.Lata 289, Pasta11).

Destaco duas ideias presentes na "fala"do padre Serra, acima transcrita. Ideias que, de certa forma, fornecem um esboço de conceitos que seriam, uma vez delimitados pelos atores sociais, frequentemente reificados a partir de então no discurso político brasileiro. A primeira, sobre a insegurança da formas populares (democráticas) de governo, caracterizadas como instáveis e "tempestuosas". A segunda é pretensa imaturidade do povo que dá suporte a essas formas de governo. Essa imaturidade, associada à irresponsabilidade das autoridades políticas e sua tentação de seduzir as massas em beneficio próprio, o que hoje caberia no risco do estabelecimento de governos populistas ou na tentação totalitária, que ronda e estimula as ambições políticas, são itens frequentemente apontados para justificar as dificuldades da consolidação da democracia entre nós. Como antídoto, o melhor seria a opção conservadora, com liberdade restrita, controlada, a "liberdade pacífica" à qual se refere o padre Serra em sua "fala".

O conhecimento das ideias do Iluminismo, localizáveis no discurso do padre Serra, é um indicador claro de que, apesar de toda censura imposta à Colônia, Portugal não conseguiu o isolamento completo. Com o consentimento das autoridades metropolitanas responsáveis pela censura e fiscalização ou burlando a vigilância delas, muitos livros entraram no Pará ou no Maranhão, acompanhando ricos proprietários ou funcionários da burocracia civil ou militar. Nessas listas constam, por exemplo: a *História Abreviada da Perseguição*, *Assassinato e do Desterro do Clero Francês Durante a Revolução* (BARRUEL), *Riqueza das Nações* (SMITH), *Do Espírito das Leis* (MONTESQUIEU), *Direito Natural* (PUFENDORF), além de obras de Condillac, D'Alembert, Mirabeau, demonstrando assim que os fundamentos das Luzes, imprescindíveis à estruturação da ideologia do liberalismo, circulavam entre os componentes da elite local (COELHO,1993, p.97-101).

O discurso do padre Serra, quando faz a crítica aos governos republicanos como mais afeitos às crises políticas, desde tempos mais distantes, fundamenta-

se, entre outros autores, em Montesquieu.[74] Sua defesa, caracterizada pela preocupação em demonstrar o quanto era confiável às autoridades do Império, não esconde o fato de que seu autor transitava com desembaraço nos conceitos próprios das Luzes.

Na conclusão de sua argumentação, ele afirma que a melhor opção para a garantia da liberdade é uma monarquia constitucional

> Sustentada sobre essa liberdade bem entendida, ou pacifica, e que convem melhor aos nossos tempos, do que essa liberdade altiva e arrogante, que tem destruido os Povos Republicanos[...] E como hoje nos podem servir esses materiaes antigos, que devem estar inteiramente podres? Não temos outros melhores, e são mais solidas as bases sobre que esta fundado o Imperio do Brazil. Nos temos huã doce liberdade no ceio mesmo da Monarchia. He isto até que podia chegar toda a sciencia humana!

Essa liberdade bem entendida ou pacífica e doce no seio da monarquia não era exatamente o que ele depois advogaria junto com seus companheiros. Acabaram optando pela altivez e arrogância do outro tipo de liberdade, o que inevitavelmente os conduziria do plano da discordância das ideias à contestação pelas armas, na tentativa de obter hegemonia política na Província.

No Pará, como em outras províncias, havia na cena política liberais conservadores, moderados e exaltados ou radicais. Estes últimos, aguerridos e mobilizados em torno do ideal republicano federalista, confrontaram-se com seus opositores conservadores em todas as arenas possíveis, usando das armas disponíveis para seduzir a opinião pública a favor de suas ideias, principalmente da imprensa. Com a radicalização dos embates, os moderados acabariam absorvidos por uma das facções, quase sempre pela conservadora, fato também comum no cenário nacional (COSTA, 1999).

A imprensa procurava manter diálogo com o público leitor,[75] que participava enviando cartas à redação dos periódicos, aprovando ou desaprovando atos da administração pública, apresentando queixas e apoiando as ideias dos jornais. Os liberais exaltados buscavam com empenho esse apoio e usavam o jornal como

---

[74] O conceito de liberdade definido por Montesquieu pode ser resumido deste modo: (...) num Estado, isto é, numa sociedade em que há leis, a liberdade não pode se constituir senão em poder fazer o que se deve querer e em não ser constrangido a fazer o que não se deve desejar. Deve-se ter sempre em mente o que é independência e o que é liberdade. A liberdade é o direito de fazer tudo o que as leis permitem; se um cidadão pudesse fazer tudo o que elas proíbem, não seria mais liberdade, porque os outros também teriam tal poder. Ao advertir contra os riscos do abuso do poder pelos homens, o que compromete a existência da liberdade, ele elabora uma de suas ideias centrais: o poder como freio do poder. A separação dos poderes no interior da Constituição aparece como solução para que ninguém seja constrangido a fazer coisas que a lei não obriga e a não fazer as que a lei permite (MONTESQUIEU, 1979, p.147-148).

[75] Sobre a importância da imprensa no período, consulte-se a análise de SODRÉ, N.W. História da Imprensa e Separatismo no Brasil. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

veículo para denúncias inflamadas de abusos das autoridades. Outras vezes, o espaço do jornal era utilizado diretamente na propaganda dos princípios liberais;[76] para isso eram impressos textos mais teóricos, onde se apresentavam opiniões de liberais considerados importantes no cenário nacional. Era comum a publicação de sugestões de medidas práticas, buscando tornar claro que a administração pública deve ser exercida com eficiência, em beneficio de todos, expressão do ideal de liberdade e igualdade de todos perante a lei. Atribuindo a autoria a Batista Campos, o jornal O PUBLICADOR AMAZONIENSE[77] divulga, por exemplo, um elenco de medidas que o Vice-Presidente apresentara ao Conselho da Província, para nortear a administração:

1 – elaboração de uma lei policial para os estrangeiros recém-chegados, que ficariam obrigados a se apresentar, no terceiro dia após a sua chegada, ao Juiz de Paz para serem cadastrados;

2 – extinção dos Comandos Militares dos Distritos e dos Corpos de Ligeiros;

3 – utilização do dízimo das atividades de pecuária e de produção de diversos produtos no pagamento das despesas com a mão-de-obra, incluindo os salários, que embora previstos legalmente, eram sempre postergados por falta de recursos;

4 – estabelecimento de Correios para o Amazonas e para o interior;

5 – estímulo ao desempenho da docência; embora reconhecendo que a quantia oferecida como remuneração é pequena, as cadeiras de professor de primeiras letras deveriam ser concedidas interinamente aos párocos ou pessoas idôneas para que maior número de pessoas fosse alfabetizada;

6 – que fossem removidas as tropas do Issá e do "mortífero" Lugar de Crato, onde morreram mais de mil militares de febres diversas;

7 – e, finalmente, talvez o que causou maior desagrado à elite local: a proposta de acabar com o monopólio de venda de aguardente exercido pela Câmara, e com a isenção de tributação sobre o gado, além de propor a cobrança dos impostos devidos e cujo recolhimento não era feito, medidas que atingiam diretamente a maioria dos membros dela.

Passar dos princípios teóricos à prática, eis o grande dilema dos revolucionários em qualquer lugar ou momento histórico. Não seria diferente em terras paraenses. Batista Campos experimentou, no exercício da Vice-Presidência da Província, os limites do poder civil ainda frágil, diante do aparato militar que

---

[76] O jornal CORREIO OFFICIAL PARAENSE, datado de 29/10/1834, órgão de apoio aos conservadores, denuncia o redator do jornal Sentinella Maranhense na Guarita do Pará como o autor de papéis incendiários que tem visto a luz aqui depois de sua chegada (...) contendo principios falsos, calumnias e offensas ao Governo Supremo da Nação; ao da provincia; até aos Gabinetes estrangeiros; tendo (...) lançado a barra muito alem dos limites da moderação e da prudência, concitando os povos directamente á revolta contra o systema jurado procurando exacerbar os animos dos habitantes da Provincia com o fim de forçar a opinião publica a procurar obter por meios revolucionários a decantada Federação de Republica(...) I.H.G.B. Coleção Manoel Barata. Lata 286- Livro 4.

[77] O PUBLICADOR AMAZONIENSE, nº 95, de 04/07/1834. Fundação Biblioteca Nacional, Coleção Jornais Diversos do Pará – 1827-1872.PR-SOR 04752.

cultivava os velhos procedimentos autoritários da época colonial. Acusado de republicanismo, viu seu jornal empastelado, e, ameaçado de prisão, refugiou-se em Barcarena, ao perceber que os conservadores não hesitariam em usar dos recursos de que dispunham – as tropas como elemento de pressão e opressão. Lamenta em Manifesto o fato de não ter sido garantido em lei que os eleitores das províncias escolhessem seu presidente, e talvez desse modo garantir o equilíbrio das forças políticas:

> O descontentamento hé geral, tão vizivel, que só os mortos o não perceberão, e os resultados não podem ser favoraveis, sinão funestissimos. Ninguem deve governar um Povo contra o seu bem ver, contra a sua vontade. O Poder Central deve meditar muito na escolha das primeiras Authoridades, visto que por desgraça das Provincias, não havia de ficar ao menos a eleição dos Prezidentes, em lista triplice, pelos eleitores das respectivas Provincias (I.H.G.B. Coleção Manoel Barata. Lata 286- Livro 4).

Se houvesse a chance de uma escolha, ainda que indireta, do presidente da Província, é possível supor que os liberais, radicais ou democratas, tivessem tido condições de implementar com maior facilidade algumas de suas ideias a respeito da condução da administração pública. Mas, seguramente, não teria sido possível evitar que as contradições de uma ideologia elaborada para a realidade dos países capitalistas europeus se agravassem quando das adaptações por que passou, para dar conta da situação político-social-econômica encontrada nas ex-colônias da América do Sul.

Os princípios liberais que constituíram suporte ideológico da ascensão da burguesia na Europa estiveram sempre vinculados ao desenvolvimento do capitalismo, serviram às lutas dessa classe contra a ordem senhorial que sustentava o absolutismo dos reis e os privilégios do clero e da nobreza. Autores como Locke, Montesquieu e Rousseau ofereceram contribuições teóricas incorporadas mais tarde à ação política em defesa da soberania popular, da supremacia da lei contra o arbítrio, do direito à revolução. Suas ideias quanto ao estabelecimento de limites ao poder dos governantes e sobre as formas de governo representativo são a matéria-prima do discurso dos revolucionários em contextos diversos daquele em que foram produzidas (BOBBIO, 1986, p.691; COSTA, 1999, p.133).

O que torna tão atraente e universal esse conjunto de ideias é sem dúvida o seu apelo à liberdade, à igualdade de todos perante a lei e a defesa intransigente do direito à propriedade. É em nome dessas palavras dotadas de um *atrativo mágico* (COSTA, 1999, p.28), que na maioria das vezes não chega a constituir sequer um conjunto coerente de propostas que orientem a prática política, que os líderes buscam apoio ao seu projeto revolucionário.

Em sociedades originadas do processo de colonização, com altas taxas de analfabetismo, com imensas dificuldades de comunicação e transportes, caracterizadas pela enorme exclusão social que o trabalho sob regime de ser-

vidão em suas variadas formas acarreta, são os membros da elite, educados nas academias europeias ou mesmo na Província, os responsáveis pela difusão das novas ideias políticas. As formas como isso se processa são variadas e específicas para cada situação em particular, e podem ser utilizadas conferências, jornais, pasquins, até conversas informais, onde conceitos abstratos apresentados sem maiores preocupações com o rigor acadêmico serão sem dúvida filtrados e difundidos pelo público ouvinte. A circulação dessas ideias, absorvidas de modo vago e impreciso pelo povo, será marcada pelas especificidades regionais da América portuguesa em franco processo de descolonização, o que, no caso da Amazônia, implica admitir as influências de um modo de vida demarcado pela floresta e pelos rios, e pelo isolamento das populações na imensidão do vale.

Portanto, pensar a divulgação de assuntos ou temas complexos como federação, república, abolição da escravidão, maioridade do Jovem Imperador, em um lugar onde a imprensa era algo muito recente, e havia o obstáculo já mencionado do alto índice de analfabetos, significa admitir que havia estratégias de difusão das notícias que usavam a oralidade e a criatividade como forma de superação desses entraves. Jornais do período se referem às esquinas da área comercial como lugares onde eram afixados pasquins de autoria desconhecida, veículos de ataque direto às "práticas absolutistas" das autoridades e que eram avidamente lidos em voz alta e logo o assunto estava circulando na cidade com os acréscimos de praxe (SALLES,1992).

Há referências sobre lugares de festas dos negros onde essas questões eram comentadas. Essas festas eram realizadas para louvar santos católicos, mas funcionavam como espaço livre, onde a prática da religião afro-brasileira podia se realizar normalmente. Em atividades do cotidiano da cidade, eram comuns os ajuntamentos de mestiços livres ou de escravos, falando abertamente sobre política e, principalmente, sobre libertação. Uma das primeiras restrições criadas pelo governador da Província, Bernardo Lobo de Sousa, logo ao chegar à Belém, foi justamente reprimir ou proibir, através de medidas policiais, "o ajuntamento de negros vadios e desocupados", que se dedicavam a "planejar formas de se negar ao trabalho ou subtrair ganhos de seus proprietários ou conspirar contra o governo" (RAIOL,1970, p.443).

Essas informações também eram divulgadas pelas equipagens das canoas e barcos, que rotineiramente realizavam viagens ligando a Capital aos demais lugares da Província. Esses mensageiros informais das notícias da Capital eram às vezes o único contato entre lugares distantes não só de Belém, mas distantes entre si, espaços medidos em horas, dias de viagens movidas a vela e/ou remos, realizando não só o transporte

de passageiros e cargas, mas também os serviços de correio.[78]

Os remeiros das embarcações, transitando entre percursos mais variados, tornavam-se, assim, os portadores das novidades escritas ou, principalmente, orais, que eram filtradas e enriquecidas por esses marinheiros, mestiços em sua totalidade, explorados nesse cansativo trabalho desde sempre. E assim também eram repassadas a outros interessados, não mais as anteriores apreciações ligeiras sobre liberdade, república federativa, governantes liberais e democráticos, mas o entendimento que as mentes simples podiam inferir desses conceitos políticos abstratos e complexos; sem esquecer que esse entendimento estaria associado à percepção de sua condição social inferior e à exploração dela decorrente.

A **Cabanagem** deve seu aspecto mais original – a maciça participação dos mestiços e escravos – justamente a divulgação e absorção dos princípios revolucionários liberais que caracterizam o panorama político do Brasil naquele momento. Mas a forma peculiar com que esses conceitos foram assimilados por essa numerosa camada subalterna da sociedade, a situação precária de vida compartilhada pela quase totalidade desses indivíduos, agregou componentes radicais à sua representação mental, que foram levados ao seu limite, no decorrer dos cinco anos da fase revolucionária mais intensa.

Nesse momento histórico, está em curso a formação do Estado nacional e, nesse processo, liberais, democratas e republicanos se empenharão em vencer os conservadores, adeptos da monarquia constitucional. Um dos temas mais importantes era a questão da centralização/descentralização do regime de governo que estava sendo implantado. A abdicação de Pedro I acelerou o ritmo em que os atos de contestação à ordem se repetiam nas capitais provinciais, com o povo e tropa amotinados, fazendo arruaças e insistindo na cobrança de direitos, exigindo liberdade.

A independência havia assegurado o fim dos laços coloniais e suas restrições político-comerciais, mas a organização interna da nova nação, conduzida por políticos conservadores, não eliminou ou reduziu a exclusão social que demarcava as relações estruturais da sociedade: manteve intocada a escravidão, o que significa dizer que foi negado o direito de cidadania aos negros. Outro contingente numeroso, os índios, foi também excluído da cidadania, o que, associado ao sistema de eleições indiretas de base censitária, vedava o acesso ao pleno exercício dos direitos à maioria da população.

Assim concentrado o poder nas mãos de uma reduzida elite de proprietários e

[78] A instituição dos serviços de Correios da América foi feita através de lei de 27 de fevereiro de 1798. Foram programadas algumas rotas regulares de viagens entre as Capitanias e o Reino, a serem realizadas por dois paquetes destinados para essa finalidade. Foi criado também um corpo de funcionários em terra, encarregados da recepção e manuseio das correspondências, de sua distribuição aos destinatários. Havia um navio na rota Pará/Rio de Janeiro/Bahia; outro entre Maranhão/Piauí/Paraíba/Pernambuco, e uma viagem mensal ao Reino, além das viagens terrestres que já existiam ligando as povoações, vilas e capitais. No caso da Amazônia, é importante salientar que as rotas mais importantes percorrem rios, paranás e igarapés, e sem os remeiros quase nada pode ser feito em termos de comunicação. As informações completas sobre essa lei, incluindo seu detalhamento complementar para a implementação do serviço, estão no Códice 543, Doc. 10 do Arquivo Público do Pará.

comerciantes, possibilitou-se a sobrevivência de formas tradicionais de produção e se permitiu que fossem criadas maneiras de controle político caracterizadas pela manipulação do poder local pelos grandes proprietários, provocando a marginalização e apatia da maioria da população (COSTA, 1999), cuja insatisfação explodia em revoltas cada vez mais frequentes.

O Código de Processos (1832) e o Ato Adicional (1834) representaram a vitória de importantes propostas dos liberais no intuito de estabelecer leis que garantissem proteção aos direitos do cidadão.

> O código de processos, aprovado em 29 de novembro de 1832, configurava-se como um dos principais instrumentos da descentralização. Tornava a autoridade judiciária independente do poder administrativo, submetendo-a a eleição. Estendia a jurisdição criminal à competência dos juizes de paz, também eleitos. O promotor, o juiz municipal e o juiz de órfãos – que até então tinham sido nomeados pelo governo central – passaram a ser escolhidos a partir de uma lista tríplice proposta pela Câmara Municipal. O Código também conferiu amplos poderes ao júri (COSTA,1999, p.153).

Mesmo em tempos de instabilidade e mudança acelerada das posições de mando, como foram os anos da menoridade de Pedro II, a existência de leis como salvaguarda de direitos representa a possibilidade de resistência pacífica ao arbítrio das autoridades. A decretação da prisão dos adversários, por exemplo, para ser efetivada, deve cumprir as formalidades legais. Foi a recusa de juízes de paz em atender à ordem de prisão sem culpa formada que a justificasse, que permitiu Batista Campos resistir e enumerar os seus direitos que haviam sido vilipendiados, como ele denuncia em Manifesto:[79] empastelamento do jornal, invasão de domicílio e ameaça à vida, furto de papéis e documentos pessoais, destruição de bens e falsas acusações de conspiração que o caluniam.

Mas é preciso não esquecer a outra face da moeda, as eleições, que garantiam em tese a possibilidade de um judiciário independente, poderiam ser manipuladas e colocar esses cargos nas mãos dos chefes políticos ou dos seus tutelados, comprometendo na origem sua liberdade de ação, além do fato de que era extremamente reduzido o contingente daqueles que podiam votar, como dos que podiam ser eleitos. Para assegurar a vigência dos princípios de liberdade e igualdade de todos perante a lei, seria necessário, mais do que leis ou decretos, instituir práticas democráticas em todos os níveis da vida social e não apenas no aparato judiciário. Era preciso abolir a escravidão, fonte primeira da injustiça social vigente. E esse era um tema apenas tangenciado pelo debate desde a década passada, pois

[79] No dia 13, o Comandante das Armas Santiago, mandando cercar a caza do arcipreste Vice-Prezidente Campos, pela rua e pela parte de mar, com tropa armada, e municiada de plovora e bala, entrou pela caza dentro com um piquete de tropa, e uma espada na mão(...) o pretexto deste attentado é (...)o crime republicano de proferir vivas da janella de sua rezidencia à Federação(...) Que contradição! Ser accuzado de restaurado, de republicano sem outro algum documento! (Ver ANEXOS. Manifesto do Povo Liberal Paraense aos Seus Compatriotas de Todo Império).

a questão política central daquele momento era centralização-descentralização.

Os liberais conseguiram impor suas ideias descentralizadoras e democráticas em 1831, quando a Câmara aprovou um projeto de reforma à Constituição, no qual se previa a criação de assembleias provinciais e executivos municipais, e se dava novo formato à divisão das rendas entre o Governo central e as províncias. Estipulava ainda a extinção do Poder Moderador, do Conselho de Estado e a vitaliciedade do Senado, criando o que se denominou à época de monarquia federal e constitucional (CARVALHO, 1998, p.165).

Embora o projeto tenha sido recusado pelo Senado, o texto do Ato Adicional de 1834 seria uma versão moderada dele. Permaneciam o Poder Moderador e a vitaliciedade do Senado; os Conselhos Provinciais seriam transformados em Assembleias Legislativas e instituía-se a divisão das rendas, especificando-se as competências tributárias de cada nível de administração. Por outro lado, era negada autonomia aos municípios, mantendo-os sob a tutela dos governos provinciais, e se estabelecia a nomeação dos presidentes de província pelo Governo central.

Os conservadores não demoram a perceber os riscos dessa legislação, que consideravam excessivamente democrática. Em oficio ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, o mesmo Comandante das Armas denunciado no Manifesto dos liberais analisava deste modo as suas dificuldades com o recrutamento. Segundo ele, deviam-se aos embaraços criados pelo excesso de autonomia das autoridades judiciárias encarregadas de elaborar a lista dos recrutáveis, observando-se as exceções previstas em lei.

> O recrutamento continua a ser moroso, não podendo por isso demittir do serviço ás Praças que tem concluido o seu tempo, e tornando-se com semelhante demora pezado o serviço ás Praças actuais dos Corpos; o Exmo. Prezidente tem dado suas ordens aos Juizes de Paz a respeito; porem cada d'estes Juizes em seu Districto são mais que um Prezidente, digne-se V. Excia. tomar isto em consideração (I.H.G.B. Lata 286 – Livro 4).

É no momento crucial dessa transição, quando as conquistas liberais vão sendo reduzidas pelas medidas regressistas, que se acirram os enfrentamentos das facções regionais de liberais e conservadores, em busca de garantir espaço político na estrutura do Estado que pouco a pouco vai revelando sua natureza oligárquica e conservadora.

Mas, é no ambiente regional que se desvela o nível propriamente operacional do sistema de poder, porque se torna mais visível a disputa pelo controle administrativo dos cargos da burocracia que administra o Estado em toda as suas possibilidades, até o seu limite mínimo: os cargos municipais. É ali, no exercício cotidiano e pessoal da dominação,[80] sob o comando de líderes locais, que se acirram as disputas, e as posições de mando se polarizam de tal modo que são impossíveis

[80] Faço uso do conceito de dominação como expressão de uma divisão assimétrica e antagônica do corpo social em uma situação social-histórica específica (CASTORIADIS, 1992a, p.127).

a negociação e a conciliação características de outras esferas do poder no Brasil. No espaço local, é onde se estruturam as lealdades primárias aos grupos, e o jogo político não permite a sutileza dos matizes, porque é realizado na crueza intensa das cores, em preto e branco, quem sabe, talvez em vermelho cabano *versus* o verde de uma aspiração violenta e sucessivamente negada: o exercício pleno da identidade coletiva que está se elaborando, a nacionalidade brasileira.

Está em curso um rico e não menos complexo processo de instituição social-histórica de uma nova identidade política coletiva abrangente, cuja existência pressupõe o amálgama de características social, cultural e política, compartilhado pelos indivíduos e expressado por sua vez em outras tantas identidades coletivas de âmbito menos inclusivo (HOBSBAWM,1990), mas não menos importantes, para a definição das possibilidades de lealdade a um determinado projeto onde se antevê o futuro da coletividade.

Em meio à dissolução do paradigma anterior, demarcado pela situação colonial, que balizava as formas assumidas pelas relações sociais e engendrava padrões específicos de sociabilidade, a perda de operacionalidade dessas formas consagradas de reiteração da vida social impõe a busca de opções para a organização das referências que dizem respeito às novas posições sociais e à instauração de uma nova ordem. A prevalência assumida pela dimensão política dessas sociabilidades não eludirá a importância do aspecto econômico, fator definidor das dependências de variados matizes, especialmente no espaço amazônico, para estabelecer os limites nos quais as novas identidades se instituirão. É importante lembrar que essas identidades emergem sempre em confronto com outras de conteúdo semelhante, pois *identidades coletivas são sempre reflexas* (JANCSÓ, PIMENTA, 2000, p.136).

A busca desse reordenamento de referências, na qual a configuração dessas identidades coletivas será visível, pressupõe também um esboço da coletividade que a partilhará com o advento da nova ordem,[81] que para cada um dos atores envolvidos será sempre a boa ordem. A luta será então travada para que se definam quais elementos da velha ordem serão mantidos e quais serão expurgados, quem terá acesso aos direitos e quem será deles excluído. Esse é o pano de fundo das lutas regionais como a revolução cabana que ora avalizo. Elos de uma cadeia de movimentos de contestação à ordem vigente, as rebeldias do período regencial, como alguns autores as denominam, são os atos de um drama que se desenvolve em um palco ampliado e nem sempre visível em toda a sua magnitude para os atores que dele participam, e cujo final, com todas as suas implicações e consequências, foge ao seu controle e representa, em todos os casos, a derrota de seus projetos para o futuro.

[81] Esta nova ordem é representada politicamente pela nação. Compartilho com Hobsbawn(1990) a ideia de que é mais producente começar explicitando o movimento que a produz e, a partir daí, delinear suas especificidades. Nesse sentido, o nacionalismo que a produz é essencialmente, um princípio político que defende que a unidade nacional e a unidade política devem corresponder uma à outra (GELLNER,1993, p.1).

Quais eram as reivindicações desses movimentos? A grande maioria dos que participaram dessas lutas o fazia por coisas concretas e não em razão de princípios abstratos, ainda que estes fossem apregoados em suas proclamações. Lutavam por direitos sim, mas pelo que representam para a vida cotidiana, e não pela ideia abstrata que os consubstancia e fundamenta e através da qual o próprio direito acaba resumindo em si mesmo a sua razão de ser. As pessoas simples traduziam na linguagem que compartilhavam a opressão secularmente sofrida. A universalidade do apelo à liberdade fundamentava as aspirações mais gerais, como a identidade política coletiva,[82] mas, principalmente, renovava os sonhos individuais de libertação.

É inegável que uma nova maneira de perceber o político havia se instalado entre as pessoas comuns, delineando novas formas de sociabilidade que redefinirão significados das práticas políticas vigentes. Em *A Sedução da Vida Privada*, Jancsó aponta a emergência de uma cultura política alternativa:

> Ao contrario da cultura política do absolutismo ilustrado, circunscrita às elites e rigorosamente excludente, a nova que emerge tem por portadores os letrados, mas, ao lado destes, estão agora, também, homens de ínfima condição no dizer da época, dotados, contudo, de visão política, qualquer que seja o seu nível cultural. Essa nova cultura política se exprime menos por um elaborado consenso teórico, mas sobretudo por um sistema de referências no qual se reconhecem todos os membros de uma mesma família política, os quais, no caso, são os envolvidos nos projetos sediciosos e sua presumida audiência. É ai que se desenha a trama complexa do fluir de idéias políticas que colide com as formas tradicionais de difusão e, principalmente, de integração destas como instrumentos de prática (JANCSÓ,1997, p.399).

Fala-se em liberdade por toda parte. Mas como ser livre se o sistema escravista se mantém intacto? Se os índios continuam sob servidão? Como ser livre e não ter autonomia para escolher seus dirigentes?

O aprofundamento do debate entre esses temas não tocava no outro pilar do pacto que possibilitou a independência – a escravidão –, a não ser como possibilidade para o futuro e em nível teórico, mas os movimentos populares, como a **Cabanagem,** iriam questionar diretamente a necessidade de sua implementação, realizando-o na prática, uma vez que as fugas de escravos para os quilombos no meio da mata se tornaram constantes, e muitos foram os negros forros ou cativos que participaram

[82] É impossível não reconhecer que existem sérias dificuldades em se estabelecer o modo como as pessoas comuns postulam suas concepções sobre a nação como repositório de suas aspirações e esperanças relacionadas com o futuro em comum ou como expressão de seus sonhos individuais. Por outro lado, a identidade coletiva que a expressa não anula ou exclui ou é sempre superior às outras possibilidades de identificação que existem na vida social. A identificação nacional é sempre combinada com identificações de outro tipo, mesmo quando possa ser sentida como superior às outras (...) Tudo que se acredita nela implicado pode mudar e deslocar-se no tempo, mesmo em períodos muito curtos (HOBSBAWM, 1990, p.20).

como simples combatentes ou ocupando postos de comando.[83]

Para os estudiosos desses movimentos do Período Regencial, fica claro que os rebelados não querem o fim da monarquia, querem um sistema que lhes permita a liberdade, traduzida para o concreto das relações sociais: fim dos monopólios, fim do recrutamento militar forçado, direito de escolha de seus governantes mais próximos, alimentos abundantes e baratos. Percebe-se que, nos níveis em que se estrutura a ideia de liberdade, há o espaço do social e coletivo e há o destino pessoal entrelaçado, ao se desejar o trabalho livre, ainda que tudo isso não seja organizado de modo coerente.

Está em curso um processo complexo, no qual as variadas possibilidades de identidade que se assentavam sobre diferenças derivadas da matriz colonial, tais como a do colonizador e/ou colono português, mestiços livres frente aos escravos e índios, vão rapidamente delineando a oposição básica que referenciará o período, qual seja, a de brasileiros e portugueses.

Na Amazônia, a situação dos mestiços era ainda mais peculiar, uma vez que o projeto colonial português incentivou os casamentos interétnicos como política de consolidação de seus domínios,[84] dando origem aos mestiços que constituíam maioria da população livre das vilas, povoações, e que se aglomerava nos subúrbios de Belém. Criou-se uma peculiar escala hierárquica, onde se levava em conta não só a cor mas a categoria funcional ou a situação tradicional (no caso da distinção entre os índios aculturados e libertos e os que ainda se encontravam em estado selvagem), de modo a definir a posição de cada grupo na ordem social (SCHWARTZ,1988).

---

[83] Vejo-me portanto forçado a comunicar a Vossa Senhoria que se pretende envolver nos movimentos anárquicos os pretos com o especioso pretexto de que, finda a luta, serão todos livres. Já em alguns pontos tem-se obrigado a uns e seduzido a outros para semelhante fim; e nesta capital onde existem os seus principais agentes, se premedita breve levar a morte e o roubo até à mais humilde choupana. Correspondência oficial, datada de 27/07/1835, de autoria do comandante da corveta Elisa, propriedade do Governo português que se encontrava no porto de Belém (RAIOL, op.cit.819). Descontados os naturais temores da época, de uma revolução de escravos nos moldes de S. Domingos, o temor de uma participação maciça dos escravos era fundamentado em dados concretos, e as fugas constantes são mencionadas nos relatos documentados da época. Outro fato que comprova a participação negra no movimento foi a condenação que sofreram vários mulatos declarados como ex-escravos, nos autos do processo realizado pelo juízo de paz, em 27/01/1837. Um deles, Antonio Leocádio, preto forro, era capitão do estado maior de Eduardo Angelim, segundo as informações que o identificam no processo. Infelizmente não tive acesso aos documentos originais. Procurados por mim no Arquivo Nacional onde estariam arquivados, não foram localizados. Essas informações constam nos anexos da obra citada de Raiol (1970, p.1013).

[84] Em 1797, o governador D. Francisco de Souza Coutinho obteve a autorização da Coroa para implementar um Plano Para a Civilização dos Índios. Entre outras providencias,estimulava-se o casamento entre brancos e índias, como forma de obter a confiança e a lealdade dos índios em geral, e em particular, a dos "principais", com quem deveriam ser asseguradas alianças preventivas de defesa do território e acesso aos índios ainda arredios e aguerridos. Postos os Indios neste mesmo pe d'igualdade de Direito, e de obrigaçoens que os mais vassallos esta dado hum grande passo para o importante fim de promover os cazamentos, e allianças d'elles com os Brancos, que deve ser o primeiro de todos os objetos, como o mais próprio de acelerar a sua civilização por que como tenho dito, o Índio por mais sevilizado que seja raras vezes iguala o Mestiço, nem em robustos, nem em agilidade artividade, ou industria (...). Ver em ANEXOS a transcrição do CÓDICE 548, Documento 56. Arquivo Público do Pará.

Comentando as diferenças entre as colonizações espanhola e portuguesa, Marc Ferro aponta para a política portuguesa de povoamento em suas colônias americanas, francamente favorável à mistura racial.

> Na América do Sul, o que impressiona é a diferença essencial que existe entre a colonização espanhola e a portuguesa. Desde as origens, a Coroa de Castela encorajara a partida das espanholas para as Américas: trinta já embarcam na segunda viagem de Cristóvão Colombo. [...] Por isso, os casamentos inter-raciais são raros, mesmo se as ligações dos espanhóis com as índias são frequentes. A Preocupação com o **sangre limpia** permanece muito presente, quando nada para que se possa ter acesso aos mais altos cargos.[...] a diferença entre a política espanhola e a portuguesa é que esta deixa os homens se estabelecerem sozinhos em além-mar (as portuguesas só eram numerosas no Marrocos e nos Açores). De sorte que no Brasil o concubinato e os casamentos inter-raciais favoreceram a inserção dos caboclos, e depois dos mulatos, na sociedade colonial (FERRO, 1996, p.135. Grifos do autor).

A política portuguesa para a Amazônia foi cuidadosa e detalhista no intuito de proteger os interesses da Coroa, principalmente por causa das relações sempre tensas nas fronteiras com as colônias espanholas. A questão de legalizar a situação de concubinato, incentivando uniões monogâmicas abençoadas pelo sacramento católico, cumpria também um objetivo claro de atrair os principais e todos os índios "mansos" ou "bravos" para assentá-los de modo duradouro nas povoações e vilas, habituando-os ao trabalho permanente da agricultura, dos pesqueiros, dos arsenais, das fabricas, enfim, dos múltiplos ofícios necessários ao empreendimento colonial, tanto do ponto de vista público como do privado. Aumentar a produção para obter mais impostos sem agravar as condições de vida dos índios ou dos mestiços era uma das ideias.

Em uma sociedade que se propõe abolir as fronteiras étnicas dessa maneira, onde estariam apoiadas as diferenças que balizariam as identidades coletivas ou individuais? Essas diferenças estão apoiadas não somente nos traços étnicos, possíveis ou não de serem percebidos ao primeiro olhar, mas será o modo de vida, o acesso aos bens e à propriedade, à plena condição de súdito do reino que demarcarão os lugares a partir dos quais essa sociedade se organizará.

Onde as relações sociais e políticas são fundadas na existência de privilégios, numa sociedade de cunho escravista, a exclusão daqueles que, sendo livres, sobrevivem do seu trabalho, é um dado concreto. Mas não será apenas essa constatação que demarcará com nitidez o escravismo dessa sociedade, e sim a existência de distinções jurídicas entre escravos e livres, o desenvolvimento de hierarquias fundamentadas na escravidão e na raça, as atitudes senhoriais dos proprietários e as atitudes reverentes dos indivíduos pertencentes às camadas

subalternas da população (SCHWARTZ,1988). Os lugares mais altos na esfera social estavam definidos também a partir da inexistência da nódoa do trabalho como necessidade de sobrevivência, e o status e a mobilidade social dependiam do acesso às condições em que isso era possível de ser contornado.

Quando o estatuto colonial foi suprimido pela autonomia política, as linhas demarcatórias da identidade coletiva mais ampla ficaram esmaecidas, as diferenças ficaram subitamente menos visíveis e embaraçaram-se os critérios a partir dos quais ela se definia.[85] Para aquele que anteriormente desfrutava da plenitude da condição de súditos do reino, agora restava aceitar a posição subalterna de brasileiro adotivo frente aos brasileiros natos[86] e, o que seria ainda mais constrangedor, ter que suportar a suspeição sobre suas intenções em relação ao desempenho de funções que até pouco exercia com pleno direito, quando não, enfrentar a rejeição pura e simples, ser enxotado.

Do início de sua colonização até o fim do século XVIII, era possível distinguir as diferenças originadas do nascimento em uma determinada capitania (paraense, baiano, paulista ou pernambucano, entre outras possíveis) e que ficavam subsumidas na identificação mais ampla, a de ser português. Para os habitantes da Metrópole, os que viviam no Brasil eram brasileiros (especialmente nos papéis da burocracia oficial), mas esse é um olhar de fora para dentro. Os habitantes das capitanias se viam como portugueses nascidos na América, até que os interesses construídos nas capitanias sobrepujaram laços mais antigos e conflitantes com necessidades do presente.

Resumindo, havia então uma primeira diferença, que se dava a partir do local do Reino em que o indivíduo nascia: poderiam ser portugueses europeus (nascidos na Europa) ou portugueses americanos (nascidos na América do Sul). Outra possibilidade de diferenciação seria aquela que decorre do posicionamento dos

[85] A importância dessas pequenas diferenças para a instituição de linhas demarcatórias da identidade foi pioneiramente apresentada por Freud em *O Tabu da Virgindade*, comentando a afirmação de que cada indivíduo é separado dos demais por um "tabu de isolamento pessoal" e que constitui precisamente as pequenas diferenças em pessoas que, quanto ao resto, são semelhantes, que formam a base dos sentimentos de estranheza e hostilidade entre eles. Seria tentador desenvolver essa idéia e derivar desse narcisismo das pequenas diferenças a hostilidade que em cada relação humana observamos lutar vitoriosamente contra os sentimentos de companheirismo (FREUD, 1970. Grifos meus).

[86] Após a independência, ao assinar os manifestos, os ativistas políticos acresciam aos seus nomes palavras com o objetivo de corroborar a legitimidade de suas postulações: brasileiro nato ou adotivo, ou vítima da independência. Acresceram também nomes de animais ou vegetais, como antes mencionado neste trabalho. Uma completa identificação podia conter vários elementos, incluindo-se títulos, patentes militares, fontes de renda. Como por exemplo: Honório José dos Santos, Brazileiro Nato, victima da Independência, Cavalheiro da Imperial Ordem do Cruzeiro, Elleitor de Parochia, Juiz de Facto e Escripturario da Mesa d'Arrecadação das Diversas Rendas Nacionais desta Provincia; José Bernardino Nunes Brasileiro Nato, com loja aberta ; Boaventura Ferreira Bentes, Brazileiro Nato e Tenente do Batalhão de Caçadores n 15 de 1 Linha; Joaquim Gomes do Carmo Ketne, Brazileiro Nato, artista; Manoel da Fonseca Luzarte de Macedo, Brazileiro Nato, Elleitor de Parochia, Juiz de Facto, e professor de ensino mutuo. Alguns acrescentavam apenas a expressão Brazileiro Nato após a assinatura, como é o caso de Antonio Pedro Vinagre, um dos lideres da revolução cabana (Manifesto dos liberais intitulado Golpe de Vista sobre o actual e futuro estado desta Provincia, 1833. I.H.G.B. Coleção Manoel Barata.Lata 286- Livro 5.).

indivíduos nascidos dentro do Estado do Brasil ou do Grão-Pará e Rio Negro: em face das outras nacionalidades, esses indivíduos nascidos na América seriam portugueses. E a que olhamos com detalhe, a diferenciação derivada do fato de ter nascido em uma das capitanias ou províncias (JANCSÓ e PIMENTA, 2000).

A designação de brasileiro funcionava como sinônimo de americano, sem o simbolismo que a expressão assumiria após os movimentos ditos nativistas, que caracterizaram os últimos anos do período colonial, quando passou a ser uma identidade política, expressão da nacionalidade que se instituía com a independência. Ao ser criada, a nova identidade política diluía em seu interior diferenças relativas aos que por si já eram um problema a ser superado pela sociedade – o que fazer com os homens livres e de cor. O temor de ser comandado por "gente rude e de cor" demonstra a preocupação de uma elite que via os riscos de uma abertura democrática associados à indiferenciação progressiva pela perda da condição de uma cidadania cujos limites eram mais restritivos, quando não eram inalcançáveis para os mestiços.

As tensões desse processo instituinte se revelariam mais intensamente ao longo do período regencial, quando a fragilidade dos laços que prendiam as províncias ficou perigosamente exposta nas sucessivas revoltas (FAORO, 1976). Os direitos assegurados no corpo das leis fortaleceram os liberais e sua tentativa descentralizadora, acenaram timidamente com a ruptura da escravidão, e foram arrastados na avalanche das reivindicações represadas há tanto tempo, sintetizadas no apelo por liberdade. A reação conservadora não tardaria e seria diretamente proporcional ao medo da perda de seu poder. As reformas impostas a partir da decretação da maioridade de Pedro II vão dar a conformação final do surgimento da autonomia política e estabelecer os parâmetros a partir dos quais a Nação brasileira emergirá e se consolidará ao longo do Império.

Analisando essas reformas, José Murilo de Carvalho enfatiza o aspecto extremamente centralizador que assumiram, tanto do ponto de vista político quanto administrativo, realçando a ação coercitiva do Governo:

> Recorde-se que isso se tornou possível após a famosa – segundo os liberais famigerada – lei de 3 de dezembro de 1841, que reformou o Código de Processo Criminal de 1832. A lei foi um dos pontos culminantes do Regresso e seu item mais polêmico foi a retirada da maior parte dos poderes do juiz de paz eleito e passá-la para os delegados e subdelegados de polícia nomeados pelo ministro do Império. Os delegados e subdelegados, criados pela reforma, tinham poder para dar buscas, prender, formar culpa, pronunciar e conceder fiança. Eram eles que dividiam os distritos de paz em quarteirões, nomeavam os inspetores de quarteirão e os escrivães de paz e ainda faziam as listas de jurados. Essa situação durou em sua plenitude até 1871, quando a lei de 1841 foi modificada no sentido de retirar dos delegados as atribuições judiciárias, permanecendo, porém, as policiais (CARVALHO, 1996, p.137-8).

As estratégias conservadoras postas em execução permitiriam a consolidação do Império e do poder de uma elite nacional de base agrária que, a despeito de seu esforço em demonstrar refinamento, educação e cosmopolitismo, não podia obscurecer o fato de que a origem de sua fortuna e posição social estava marcada pela exploração do trabalho escravo. A manutenção da unidade territorial, projeto implementado com muita competência por seus membros, representou uma das escolhas possíveis, e, sem dúvida, foi demarcada por suas pretensões ao exercício hegemônico do poder. Carvalho enfatiza que as elites em seu segmento burocrático não constituíam um estamento[87] como propõe Faoro (1976) em *Os Donos do Poder*. Segundo sua concepção, essa elite política era dotada de *homogeneidade de formação e de treinamento*, obtido em Coimbra e no rodízio dos cargos exercidos em carreiras no Estado português, tanto na Europa como no ultramar, sendo a magistratura um dos principais caminhos percorridos por seus membros (CARVALHO, 1996, p.33). Foram também enriquecidas pela absorção de indivíduos oriundos das profissões liberais, formados em cursos realizados no Brasil, estruturados sob a mesma ideologia da regeneração portuguesa. Assim, tornou-se possível uma ilusão de acessibilidade, e isso permitia a cooptação de seus adversários potenciais. A homogeneidade ideológica desempenhava o importante papel de superar possíveis diferenças internas de recrutamento, de modo a permitir uma ação política coerente e eficiente, e isso leva a regimes de compromisso ao estilo da modernização conservadora.[88]

As lutas entre as facções das elites políticas locais provocaram violentos conflitos entre1831 e 1842. Como assevera Faoro, a incompreensão da regência atribuiu a esses movimentos revolucionários o caráter de simples anarquia centrífuga e dispersadora, e não teve a sensibilidade para perceber as motivações subjacentes ao descontentamento que os movimentos expressavam com veemência.

> Havia o anseio de conquistar maior integração no comando político, com a conquista do poder de decisão, em beneficio da economia local […]. Sentem-se roubados na partilha do mando, com o predomínio do sul ou com o afastamento das influências provinciais. [...] As pro-

[87] O estamento, quadro administrativo e estado-maior de domínio, configura o governo de uma minoria. Poucos dirigem, controlam e infundem seus padrões de conduta a muitos. O grupo dirigente não exerce o poder em nome da maioria, mediante delegação ou inspirado pela confiança que do povo, como entidade global, se irradia. É a própria soberania que se enquista, impenetrável e superior, numa camada restrita, ignorante do dogma do predomínio da maioria (FAORO, 1976).

[88] O conceito de modernização conservadora corresponde a uma coalizão entre setores influentes das classes altas rurais e os interesses comerciais e industriais em vias de desenvolvimento. Em geral, foi um fenômeno político do século XIX, embora tenha persistido até o século XX. MOORE ressalta que essa coalizão quando tem sucesso consegue implementar um governo de cunho conservador, quase sempre autoritário. Preservando para si a maior fatia do poder político, instituindo regimes de governo semi-parlamentares, promovem a racionalização da ordem política e buscam desenvolver a educação como meio de consolidar as mudanças sob seu controle. Para manter a situação sob controle, grande parte das velhas estruturas é preservada no novo edifício social, e essa tarefa exige elites políticas hábeis e líderes fortes, carismáticos, capazes de assegurar a coesão ao processo como um todo (MOORE, 1973, p.353-357).

víncias, desprezadas pela corte, curtindo o exílio dentro do país, e insatisfeitas com a Regência, reagem, não para se separar ou se tornar independentes – situação reclamada ou imposta como tática de luta sob a promessa de retorno à união, uma vez vencedora a causa – mas para gozar de mais proteção do centro (FAORO, 1976, p.320).

A proclamação de Angelim ao Governo Central não pede outra coisa senão isso, atenção a uma província distante, e, talvez, aquela menos integrada ao Império e abandonada às suas carências:

> [...] saibam, pois, o governo geral e o Brasil inteiro, que os paraenses não são rebeldes**; os paraenses querem ser súditos, mas não querem ser escravos**, principalmente dos portugueses; os paraenses querem ser governados por um seu patrício paraense, que olhe com amor para suas calamidades; [...] os paraenses querem ser governados com a lei e não com arbitrariedades, **estão todos com os braços abertos para receber o governo nomeado pela regência, mas que seja de sua confiança...** (RAIOL, 1970, p.939. Grifos meus.).

Nesse momento, o movimento apresentava já indícios de desagregação da autoridade em relação às tropas, como é narrado por D. A. Raiol, em *Motins Políticos*. A prisão do líder Francisco Vinagre, seguida da morte em combate de Antonio Vinagre, provocou um impacto no seio das tropas reunidas em Belém. Eduardo Angelim tentou contemporizar e acalmar os ânimos, mas a sua indicação, em tumultuada assembleia, para a Presidência da Província, após atos de franca anarquia na Cidade, deixava claro que o movimento chegara a um ponto crucial de radicalização e ameaçava escapar ao controle de suas lideranças mais visíveis e incapazes de deter a fragmentação do poder no interior do próprio movimento.

A enorme distância entre a Capital e as diversas vilas, tornava precário o sistema de informações entre o comando do movimento e suas tropas. Para dotar esses destacamentos revolucionários de agilidade e eficiência em suas as ações militares, teria que haver delegação de poderes para lideranças diferenciadas e nem sempre preparadas para o diálogo. As atitudes tomadas por esses líderes no exercício do comando direto das tropas em combate, ou quando da conquista e ocupação das localidades, são influenciadas por sua visão particular sobre a liberdade e a igualdade. Uma visão sem dúvida marcada pela opressão das condições objetivas de vida dessas populações pobres e analfabetas, origem dessas lideranças. A dificuldade de impor um controle hierárquico facilitava os excessos cometidos pelos cabanos mergulhados na voragem dos combates, vivendo um claro momento de suspensão de interdi-

tos propício ao excesso, como os atos de inaudita violência demonstram.[89]

Mantendo a duras penas a Capital sob controle, cuidando para que a precária ordem não fosse inteiramente solapada, o governante cabano percebeu que sua situação era delicada e tentou de todas as maneiras uma saída honrosa para o impasse de uma cidade sitiada, onde o poder político que ele exerce está sendo rapidamente corroído em suas bases de sustentação. A saída de uma anistia aos rebelados, como foi sugerido por Eduardo Angelim, não foi objeto sequer de consulta pelo novo Presidente designado pela Regência.

Designado para pôr em prática um "processo de pacificação" do Pará, trazia ordens especiais que o autorizavam a decretar medidas que o ordenamento legal do Império não permitia, e que foram usadas para vencer a qualquer preço em combate e reprimi-los do modo mais eficiente e conhecido pelas elites locais: a imposição da servidão pelo trabalho. Esse foi o modo como se processou a transição da Amazônia de uma situação de colônia de Portugal a uma província periférica do Império.

Analisada essa transição em seu aspecto puramente formal, isto é, sob o estrito ponto de vista legal, a nova situação trazia a autonomia política e a possibilidade de participação na união nacional que o Império constituía. Mas o modo como se processou essa transição deixou claro que a inserção da Amazônia se fazia muito mais como anexação de um território hostil do que como membro em nível de igualdade daqueles que promoviam a transição ou a "transação", como tão bem situou Oliveira Lima (1947, p.11), ao se referir a esse momento histórico.

A questão dos excessos de violência cometidos pelos cabanos, um anátema a conspurcar qualquer atitude mais digna de elogios que tenha sido tomada por seus lideres, é algo que merece atenção. Em primeiro lugar porque a violência tão duramente criticada foi também praticada pelas tropas legalistas, que faziam questão de afirmar a necessidade dela como elemento instrumental necessário ao

[89] Seleciono dois exemplos. O primeiro apresenta a situação de risco potencial das mulheres em momentos de guerra civil, quando ao saque se associam o espancamento e o estupro. A mãe toma veneno e o administra à filha, mas se arrepende e é salva por uma escrava. A filha prefere a morte a ter que se defrontar novamente com os cabanos que continuavam percorrendo a esmo os povoados, cometendo atos violentos. Esse tema bastante recorrente nas narrativas sobre os horrores da Cabanagem, aparece em um conto de Inglês de Sousa A Quadrilha de Jacó Patacho, objeto de comentários no próximo capítulo. O segundo é o aviso dado pelas tropas rebeldes aos moradores de Santarém de que era iminente a possibilidade de um ataque de escravos fugidos à Cidade e para isso recomendavam que se defendessem com as tropas que estavam enviando, porque a tarefa é tão melindrosa ao nosso bem-estar pela ignorância que entre nos labuta, devendo-se tomar as medidas pouco a pouco com sutileza; só desta forma se poderá fazer imperar a lei. Neste momento, março de 1836, o comando rebelde reconhece que há grupos armados pretendendo o poder e que estão fora de controle. O movimento havia entrado em uma nova fase que a futura recuperação de Belém pelas tropas legais em maio desse ano iria deslanchar: a guerrilha desenfreada no interior do vale faria a revolução se estender até 1840 (RAIOL, op. cit. p. 922,924 e 1035).

exercício do poder.[90] Em segundo, porque os estereótipos que desde o período colonial eram atribuídos aos mestiços livres e pobres foram acrescidos da recuperação da mancha da violência inata que a imposição dos padrões da civilização cristã ocidental havia anunciado como vencida pela extirpação do hábito de canibalismo. A ênfase na descrição dos cabanos como sedentos de sangue aparece no discurso oficial que carrega nas cores de seus atributos negativos, desqualificando-os politicamente por incapacidade e despreparo intelectual.

Os documentos consultados estão repletos de referências às selvagerias cometidas pelos violentos e facinorosos indivíduos que assaltam, furtam, violam e matam cidadãos brancos honrados e pais de família, desprotegidos da sanha assassina dos bárbaros. Mas existem narrativas insuspeitas, como a do Barão de Guajará, cujo pai foi vitimado num ataque cabano, que tenta ser imparcial em sua obra, mencionando a realidade da Província depois que os cabanos foram afastados de Belém e eram caçados em todo o vale:

> Ninguém imagina os martírios de que foram vítimas os infelizes que caíram em poder das chamadas expedições! Falam somente da selvageria dos cabanos, e esquecem a brutalidade dos apregoados legais! Destes referem atos cruéis que não depõem menos contra a natureza humana! Os rebeldes, verdadeiros ou supostos, eram procurados por toda parte e perseguidos como animais ferozes! Metidos em troncos e amarrados, sofriam suplícios bárbaros que muitas vezes lhes ocasionavam a morte!
> Houve até quem considerasse como padrão de glória trazer rosários de orelhas secas de cabanos! Conhecemos um célebre comandante dessas expedições [...] que nos dias de pior humor fazia dependurar, em cordas presas ao teto da casa de sua moradia, os que lhe inspiravam maior antipatia, e comprazia-se em arremessá-los com violência de encontro às paredes, de mãos e pés atados, sem nenhum meio de poderem eles evitar os terríveis choques que lhes fraturavam os ossos! (RAIOL, 1970, p.999).

O advento da autonomia política não constituiu o fim das práticas absolutistas na administração pública e não concretizou a promessa de liberdade e igualdade de todos perante a lei. A frustração e o desencanto com a permanência dessas práticas pavimentaram os protestos urbanos na luta pelas reformas constitucionais que democratizassem o Estado. Alheias ao conteúdo intelectualizado dos debates, as camadas subalternas da sociedade filtravam e absorviam do discurso o que lhes tocava mais de perto: a ideia de uma pátria onde a liberdade fosse extensiva a todos.

A exclusão legal, de amplos setores da população, do direito à cidadania foi percebida e assimilada de modo diferente pelos indivíduos a quem se noticiou a liberdade como possibilidade concreta de realização de desejos há muito repri-

[90] Vede afirmação de Soares d'Andréia ao Ministro da Marinha: deve portanto entender-se que mesmo tendo elles aceitado no primeiro dia qualquer condição, já sofrem violencia no segundo a quem os precisa pelos rios do certão emprega sempre alguma violencia ou força sem a qual não se vence a inércia que elles tem. Arquivo Público do Pará. Códice nº 739, Documento 119.

midos, isto é, dependendo do nível em que essa expectativa de direito afetava os destinos individuais. É preciso não esquecer que os escravos de ganho já gozavam de alguma liberdade de movimentação necessária ao desempenho dos seus ofícios e compartilhavam de hábitos e costumes próprios dos mestiços livres. Essa parcela de liberdade que lhes foi permitido desfrutar desempenhou o papel de cunha a romper parcialmente a clausura em que os dominadores, após séculos de imposição cultural e política, procuraram forjar o conformismo indispensável à manutenção das injustas e excludentes estruturas sociais.

A quebra total das cadeias de opressão foi a mensagem simbólica decodificada dos princípios liberais divulgados à época e radicalizada por esses atores sociais. O dilaceramento que a revolução impôs à vida social provocou rupturas nas regularidades comportamentais que fundamentavam a ordem, embaralhou semelhanças e diferenças, as normas perderam sua eficácia reguladora.

A violência que explode com a Cabanagem traduz de modo ampliado a incapacidade da sociedade em administrar a perda das diferenças em meio ao processo em que se produzia outra identidade política. O enfraquecimento da elite política que exercia o poder colonial teve como consequência imediata a abertura de fissuras claras nas tramas do tecido social aproveitadas pelos atores emergentes em busca de espaço político. O espaço para uma ampla coalizão de segmentos sociais foi reduzido, uma vez que a permanência do escravismo impôs a desigualdade, tornando visíveis os limites ideológicos do liberalismo a partir do qual se estruturava o discurso de pátria e liberdade.

Ao tratar da violência, Girard (1990) afirmou que sempre chega um momento no qual só é possível opor-se à violência com uma outra violência; nesta ocasião, pouco importa ter sucesso ou fracassar, pois é sempre ela quem ganha. Os momentos de ruptura revolucionária trazem consigo a violência como componente estrutural que pode passar por períodos mais ou menos longos de intensidade, a partir dos quais os sistemas de comportamento codificados anteriores e as barreiras protetoras dos vínculos sociais que asseguram a inviolabilidade da vida perdem eficácia, correspondendo isso ao risco potencial de desaparecimento da própria sociedade enquanto tal. A noção do risco iminente produz um circulo vicioso de busca incessante da ordem que assegure a sobrevivência, e nesse momento, paradoxalmente, a violência se torna causa e efeito do agravamento da crise. Elucidar fenômeno desse tipo, que não constitui exclusiva manifestação das insurgências rebeldes de um período histórico específico como o Regencial, exige mais do que o simples reconhecimento de sua inevitabilidade estrutural ou a condenação moral dos seus excessos dolorosos.

Girard propõe que se olhe a violência como componente inerente aos indivíduos, e defende a ideia de que os ritos sacrificiais existem como imperativos para controlá-la e evitar a reação em cadeia que a vingança desperta. A expansão da violência se dirige aos indivíduos, mas atinge as instituições, e os poderes legítimos vacilam em suas bases (GIRARD,1990), todos contribuindo para a destruição da ordem, ocorrendo aquilo que ele denomina de crise sacrificial.

> A crise sacrificial, ou seja, a perda do sacrifício, é a perda da diferença entre a violência impura a violência purificadora. Quando se perde essa diferença, não há mais purificação possível e a violência impura, contagiosa, ou seja, recíproca, alastra-se pela comunidade. [...] A **crise sacrificial** deve ser definida como uma **crise das diferenças**, ou seja, da ordem cultural em seu conjunto. De fato, esta ordem cultural não é senão um sistema organizado de diferenças; são os desvios diferenciais que dão aos indivíduos sua "identidade", permitindo que eles se situem uns em relação aos outros (GIRARD, 1990, p. 67. Grifos do autor).

Na Amazônia, o estímulo formal à miscigenação e o estabelecimento das alianças entre as etnias branca e indígena, como já tive oportunidade de mencionar neste trabalho, reforçaram aquilo que constituía uma prática difundida desde o início da colonização, como provam os vários diplomas legais sobre o assunto, especialmente o último deles, o Plano para a Civilização dos Índios na Capitania do Pará, de 1797. Esse processo esteve sempre sustentado por formas de violência física e/ou simbólica que foram socialmente sancionadas e premiadas.

Os matizes raciais derivados dos sucessivos intercruzamentos raciais, incluindo-se a etnia negra, ao longo do período colonial, produziram numerosa população livre que não dispunha de propriedades e que nas últimas décadas havia experimentado uma "relaxação dos costumes", que pode ser entendida como um afrouxamento da pressão sociocultural para a obtenção da uniformidade comportamental, possibilitando a emergência de um modo de vida no qual a liberdade era extremamente valorizada.

O negar-se ao trabalho e não ser passível de punição talvez fosse o único privilégio desses indivíduos, que rigorosamente não poderiam sofrer discriminação racial, mas podiam ser diferentes quanto ao estatuto legal que regia o constrangimento ao trabalho. A forma concreta em que se opera a exclusão que degrada ao máximo não é ser pobre, não ter propriedades, mas ser escravo, condição de exclusão definida legalmente. O que preconizavam os princípios liberais – a liberdade e a igualdade – no discurso teórico dos seus líderes intelectuais e proprietários, foi percebido como verdade extensiva a todos. Entretanto, a própria revolução cabana não cogita na abolição e isso se reflete nas sucessivas contestações abertas ao poder das lideranças pelos escravos que dela participaram. Mas é importante lembrar que mesmo os mestiços e negros não estavam unidos em torno da supressão da escravidão. Há negros livres e escravos atuando nas forças legais, sem falar nos *cabocos*, que eram a maioria, portanto, ainda que o discurso de ambas as partes enfatize a liberdade, o acesso ao estado de liberdade aparece limitado e sujeito a normas sociais asseguradoras de que a diferença matricial dessas relações seja mantida.

A corrosão dessas diferenças no decorrer do processo revolucionário colocou em risco não só as identidades anteriormente definidas como ampliou em demasia as possibilidades de inclusão, o que afetava sobremaneira posições estratégicas de mando. Tornou intolerável a supressão das fronteiras que demarcavam os lu-

gares sociais dos atores envolvidos no conflito, remanejando alianças e redirecionando objetivos partilhados.[91]

O resultado da imposição da ordem, necessária para conter a violência, foi a redefinição jurídica do acesso a uma liberdade limitada, controlada no acesso à condição identitária coletiva mais importante: a plenitude da condição da cidadania brasileira. Os rebeldes, vencidos e submetidos aos corpos de trabalho, dificilmente teriam condições de se reconhecer como cidadãos, negado que lhes foi o bem maior: a liberdade.

3.2 Entre a realidade e o preconceito: o *caboco* como identidade cultural

Nenhum período em nossa história foi mais propício, em sua particular configuração de forças políticas, sociais e culturais, para a cristalização de processos de construção das identidades, do que os anos que sucedem à independência e à consolidação do Império. Coube especialmente aos intelectuais encontrar as respostas aos dilemas de uma jovem nação em busca de sua face. Em alguns momentos, quando falham os recursos do diálogo, quando a simbolização não é obtida, o conflito se torna a única saída. A imagem, então, será obtida a partir do discurso do vencedor, operando-se uma transformação simbólica da realidade, que agora aparece como solução única e possível, produto da hegemonia do grupo vitorioso.

Vencidos os cabanos, restava uma província dilacerada pelos longos anos de guerra civil, que precisava ser reconstruída sob todos os aspectos, e, para grandes males, dolorosos remédios. A ousadia transgressora devia ser punida na medida de seu desafio à ordem, e nada melhor do que a disciplina do trabalho para ocupar as mentes e cansar os corpos, desestimulando novas desobediências. Mas o resultado da conformação à ordem pelo trabalho não foi o tão esperado progresso, mas a decadência e o marasmo que fazia definhar as gentes e os lugares (WEINSTEIN,1993).

Agassiz (1975) emitiu opiniões negativas sobre a razão do atraso e penúria dessas populações ribeirinhas da Amazônia, atribuindo-lhe uma causa genética, a mestiçagem.[92] Outros autores, que também escreveram sobre as populações amazônicas nas últimas décadas do século XIX, se preocuparam em aprofundar suas análises comparando as origens étnicas desses indivíduos e as características socioculturais que eles apresentavam após séculos de dominação branca, como atesta o trabalho de José Veríssimo – As Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia – enfatizando as agressões sofridas no longo processo de imposição cultural:

[91] Girard se expressa sobre a perda das diferenças: portanto, (...) não é a diferença, mas sim a sua perda que causa a confusão violenta (GIRARD,1990, p.70).

[92] O resultado de não interrompidas alianças entre sangues mistos é uma classe de homens, nos quais o tipo puro desapareceu, e com ele todas as boas qualidades físicas e morais das raças primitivas, deixando em seu lugar um povo degenerado. AGASSIZ, L. e AGASSIZ, E. Viagem pelo Brasil (1865-1866). São Paulo: Editora Itatiaia/EDUSP, 1975.

> O abatimento a que chegou entre os seus descendentes a arte cerâmica, tão florescente outrora, é uma prova eloqüente que as perseguições, a falsa catequese, todos os crimes que a cobiça baixa engendrava, fizeram de uma raça selvagem, mas abastardada, dissimulada, odiando a civilização ou amando unicamente os vícios que fatalmente ela acarreta consigo: a bebedice, a rapina e a hipocrisia (VERÍSSIMO, 1970, p.16).

Veríssimo considera que o tipo mestiço da região é o tapuio. Para ele, a população que vive e trabalha às margens dos rios não se confunde nem com o índio puro nem com o seu descendente em cruzamento com o branco – o mameluco. Estes nutrem certo preconceito pelos tapuios, derivado de seus laços mais profundos com a sociedade branca. Veríssimo não desconhece a negatividade da denominação tapuio, antes procura explicá-la:

> Sabe-se hoje que na língua tupi-guarani, a mais espalhada e geral entre os índios do Brasil, a palavra tapuio (tapyia, y igual ao u francês, porém gutural) era, como bárbaro dos romanos, uma denominação genérica do desprezo, que se davam entre si os indivíduos de outras tribos, e que naquela língua significava não só o hostil, mas o escravo. [...] Assim ela passou a nossa sociedade, onde designa todo individuo descendente de índio e é muitas vezes empregada com menosprezo, a modo de afronta (VERÍSSIMO,1970, p.14).

Modelado pelo figurino teórico da época, o discurso de Veríssimo apresenta os pontos principais que balizam o discurso sobre a população da Amazônia no século XIX e que estabelecerão os parâmetros em que os estereótipos negativos da indolência, da preguiça e da incapacidade mental e física, revestidos de aparente formalismo cientifico, foram reforçados nas representações sociais.

Na descrição de Veríssimo, a população mestiça aparece retratada com as tintas do naturalismo do discurso positivista em voga ao final do século:

> A feição dominante do caráter desta gente é uma falta completa, absoluta, de energia e de ação. Todos os seus defeitos decorrem deste e neste se podem resumir. Vivem sob uma espécie de fatalismo inconsciente, e falece-lhes a ambição de tentar sequer sair deste estado. O tapuio,[93] principalmente por ter, ou por seu gênio esquivo e desconfiado ou por motivo de cor, vivido mais afastado da nossa sociedade, ou ainda porque não estivesse apto para a civilização, ou por todas estas causas juntas, chegou a um abatimento moral lastimoso. Para ele não existe o dia de amanhã. O que tem come e gasta sem cuidar da família, do futuro ou dos dias menos prósperos, com inconsciente incúria, e sem ser de nenhum modo

[93] Pesa sobre a Amazônia um injusto preconceito da sua absoluta insalubridade e mais da sua incapacidade, como terra de colonização para o homem branco das zonas temperadas. Tal opinião por mais espalhada que esteja é infundada.(...) Sábios viajantes ilustres (...) como Bates e Wallace, que ali permaneceram anos, deixaram conceitos favorabilíssimos ao seu clima. Nem a mortalidade, nem a média da vida humana, são na Amazônia sensivelmente diferentes do que são no resto do Brasil. VERÍSSIMO, J., op. cit.162.

> generoso. Não o preocupa a herança. O sentimento de vingança tão forte em seus ascendentes, como em quase todos os selvagens, morreu inteiramente em seu coração, como também no do mameluco, incapaz talvez das grandes paixões. Tem ambos menos moralidade e menos desse amor próprio um pouco animal que para o selvagem é a honra. A virgem tapuia ou mameluca desnuda-se ou mal se cobre à vista de um estranho. Pelo lado puramente intelectual, não há dúvida que ganharam. [...] Repetirei que nele o desenvolvimento intelectual é sem dúvida muito superior ao do índio puro (VERÍSSIMO, 1970 p.21-22).

Escrito em 1885, o ensaio espelha com clareza as linhas de força das representações correntes sobre a natureza, a degradação e o declínio dessas populações mestiças no Brasil, referendadas pela leitura de autores como Agassiz, Gustave Le Bon, Gobineau, Martius. Mas hesita em se filiar completamente à corrente que defende a mestiçagem como solução dos problemas raciais brasileiros, talvez porque Veríssimo considerasse que as maiores dificuldades de direcionar correntes migratórias brancas para a Amazônia se devessem aos preconceitos insustentáveis em relação à hostilidade climática acrescida da distancia e do isolamento.[94]

A análise, de cunho psicológico, da fragilidade do caráter dessas populações, aponta para características como a passividade, o fatalismo, cujas causas estariam provavelmente associadas a sua cor, ao seu temperamento arredio, ensimesmado, fonte da falta de ambição e que o incapacitariam para a civilização.[95] Porque, para serem plenamente civilizados, esses indivíduos deveriam ser portadores de uma racionalidade econômica definida a partir da concepção do trabalho voltada para acumulação de bens, para a obtenção do lucro nos moldes capitalistas.[96]

O modo de vida dessas populações incomoda pela falta de ambição, pela falta

---

[94] Pesa sobre a Amazônia um injusto preconceito da sua absoluta insalubridade e mais da sua incapacidade, como terra de colonização para o homem branco das zonas temperadas. Tal opinião por mais espalhada que esteja é infundada.(...) Sábios viajantes ilustres (...) como Bates e Wallace, que ali permaneceram anos, deixaram conceitos favorabilíssimos ao seu clima. Nem a mortalidade, nem a média da vida humana, são na Amazônia sensivelmente diferentes do que são no resto do Brasil. VERÍSSIMO, J., op. cit.162.

[95] O discurso do abastardamento das populações produto de mestiçagem entre raças inferiores consumiu as mentes dos intelectuais em busca de soluções para melhorá-las geneticamente, o que foi vislumbrado com a concepção de ideias sobre as vantagens dessa opção, e que seriam agrupadas mais tarde, sob a denominação geral de teoria do branqueamento, ocupando destacado lugar o estabelecimento de políticas de imigração direcionada e controlada, de indivíduos de origem europeia e raça branca.

[96] Lembro especificamente a concepção weberiana sobre o espírito do capitalismo, onde Max Weber analisa as máximas de Benjamin Franklin como uma ética peculiar, uma espécie de ethos definido através de recomendações de senso comercial que estariam na essência do capitalismo moderno como manifestação do desenvolvimento do racionalismo e da visão do trabalho como vocação. WEBER, M. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Pioneira, 1970. Consultar especialmente o Capítulo II p.28-51. Em outro ponto deste trabalho tive a oportunidade de lembrar que a dificuldade promover mudanças como as desejadas pelos críticos da falta de ambição e da ausência de um horizonte temporal mais amplo nas populações da Amazônia, frequentemente apontado como um impedimento ao seu desenvolvimento econômico, ela é a dificuldade e até a impossibilidade, de fazer nascerem da noite para o dia, ou no espaço de alguns anos, "homens capitalistas" como capitalistas propriamente ditos e como proletários(...). (CASTORIADIS,1982, p.403).

de preocupações com o futuro da família e com a herança, pela dissipação inconsequente do fruto do trabalho que, na análise tipicamente burguesa de Veríssimo, é condenado como imprevidência, apesar das ressalvas feitas à capacidade intelectual dos tapuios. Quase meio século depois da derrota dos cabanos, as críticas não mudaram, os *cabocos* permanecem preguiçosos, indolentes e incapazes, apesar dos corpos de trabalho e sua tentativa disciplinadora para a ordem burguesa.

Faz-se necessário esclarecer e delimitar, do ponto de vista sociológico, o uso do conceito de identidade e sua relação com as significações imaginárias sociais.

> As significações não são, evidentemente, o que os indivíduos se representam consciente ou inconscientemente, ou aquilo que eles pensam. Elas são aquilo, mediante e a partir do que os indivíduos são formados como indivíduos sociais, podendo participar do fazer e do representar, agir e pensar de maneira compatível, coerente, convergente mesmo se ela é conflitual (o conflito mais violento que possa dilacerar uma sociedade ainda pressupõe um número infinito de coisas "comuns" ou "participáveis"). Isso faz com que (e certamente requer) uma parte das significações imaginárias sociais encontre um "equivalente" efetivo nos indivíduos (em suas representação consciente ou não, em seu comportamento, etc...) e que as outras ai se "traduzam" de uma certa maneira direta ou indireta, próxima ou longínqua. Mas isso é diferente de sua "presença efetiva"ou "em pessoa" nos indivíduos (CASTORIADIS, 1982, p.411).

O assunto, assim posto em seus componentes essenciais, não esconde a sua complexidade, que se ancora nas relações estabelecidas entre a compatibilidade e a complementaridade essencial das representações dos indivíduos, sem o que eles e elas nada seriam (CASTORIADIS,1982). Essas relações dizem respeito à manifestação e à instituição primeira do social-histórico e do imaginário social que instaura as condições objetivas do representar/dizer social (*legein*) e do fazer social (*teukhein*). Esse fluxo contínuo de representações produzidas, absorvidas e re-elaboradas pelos indivíduos, cria situações específicas para a compreensão da construção das identidades coletivas e individuais.

Alguns autores, como Domingues (1992), têm dado ênfase aos componentes étnico-culturais e à ideia de processo como fundamentais para a elaboração da identidade:

> As identidades não são, portanto, a reunião de atributos dados para todo o sempre. São realidades vivas, em que permanente processo de elaboração, que se desdobra nas coordenadas dos processos cognitivos e de significação simbólica, nas definições axiológicas e normativas tendo como pano de fundo as relações de poder entre grupos e atores coletivos (DOMINGUES, 1992, p.270).

Que as identidades são construídas e estão em permanente fluxo transformador não há como discordar. Mas as identidades devem responder a perguntas do tipo: quem somos, como coletividade? Ou: como e a partir do que essas identidades são construídas? De acordo com Castells (1999), identidades cons-

tituem fonte de significados para os próprios atores sociais, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação. Essa construção se dá com base em um conjunto de atributos culturais inter-relacionados que podem prevalecer sobre outro tipo de significação e permitem que os atores sociais tenham múltiplas identidades, nem sempre imunes à tensão e à contradição tanto na auto-representação quanto na ação social.

De acordo com Guibernau (1997), o processo de identificação tem como suporte as relações estabelecidas pelos indivíduos como grupo pertencente a uma determinada cultura, como produto da socialização, que determinará o modo pelo qual eles estabelecerão suas relações com a natureza e com os outros homens e consigo mesmo.

> A identidade coletiva, considerada como um processo, envolve: formulação de estruturas cognitivas referentes aos objetivos, aos meios e ao ambiente da ação; estímulo de relacionamento entre os agentes, que comunicam, negociam e tomam decisões; preparo de investimentos emocionais, que habilitam os indivíduos a se reconhecerem nos outros. (...) Uma cultura comum, como já acentuei, tem a capacidade de criar um sentimento de solidariedade que é derivado da consciência de formar um grupo. Um mesmo passado histórico, que inclui "ter sofrido, desfrutado e esperado conjuntamente", e um projeto comum para o futuro, reforçam os elos entre os membros de uma dada comunidade (GUIBERNEAU, 1997, p.86).

Para os cabanos, a tensão se agravou quando sua pretensão de uma identidade política – a brasileira – sofreu limitações estruturais expressas e corporificadas nas leis que estipularam os limites da cidadania, reduzindo as possibilidades de autonomia da Província. Em confronto com uma identidade igualmente importante – a paraense – mas centrada em elementos culturais que traduziam uma cosmovisão muito mais densa e inclusiva do que a identidade legitimadora,[97] o conflito acabou sendo a única saída para o impasse criado pela radicalização política que envolvia uma concepção de nacionalismo traduzido em uma polarização basicamente fundada na rejeição do elemento português (COSTA, 1999).

Para analisar os cabanos como grupo social protagonista da revolução, o ideal seria dispor de textos produzidos por eles, onde se pudesse avaliar mais precisamente os elementos constitutivos das representações sociais presentes no seu discurso. Mas a pesquisa realizada em arquivos públicos revelou o que era legítimo supor antecipadamente, diante do alto índice de analfabetismo das massas: a inexistência de material de autoria desse atores sociais.

Buscando reconstruir o universo imaginário cabano, restaram-me, em pri-

[97] Faço uso do conceito de identidade legitimadora como proposto por Castells: é aquela introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais. Outro conceito importante é o de identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação (CASTELLS, 1999, p.24).

meiro lugar, o uso da documentação oficial e suas reconhecidas limitações instrumentais, uma vez que estariam demarcadas não só pelas exigências legais da formatação do discurso, como em princípio conteriam um viés nada desprezível: o destino dos depoimentos prestados em juízo, que deveriam consubstanciar sumários de culpa, cujo esforço prioritário seria incriminar os custodiados pelo Estado nos atos considerados ilegais de contestação da ordem vigente. O numero reduzido dos depoimentos encontrados fez-me buscar na literatura do século XIX elementos que permitissem visualizar os *cabocos* pelas imagens construídas sobre eles e reflexivamente (GIDDENS,1991) apropriadas pela sociedade,[98] o que em última análise assume a condição de verdade incorporada por todos.

Geertz (1978),[99] em sua busca do significado como fundamento da explicação antropológica da cultura, propõe dois pontos fundamentais: um é o conceito de descrição densa, isto é, uma descrição detalhada, minuciosa, para captar a teia de significados da ação e, dessa forma, elaborar sistemas interpretativos onde seja possível trabalhar uma hierarquia estratificada de significantes. O outro é a ideia de contexto, a partir do qual os comportamentos, instituições ou processos possam ser descritos como parte de uma trama de significados que estruturam o sentido mais amplo a ser percebido.[100]

Apoiando-me nessa concepção teórica, escolhi autores que me permitissem perceber a realidade espacial e cultural através de uma proposta de neutralidade e impregnada de um realismo naturalista pioneiro na literatura brasileira do século XIX: José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916) e Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918). Outros autores serão mencionados como complemento, intentando aumentar o alcance e a permanência das ideias desses autores sobre a Amazônia.

A obra de Inglês de Sousa é pouco extensa, mas compõe um painel informativo denso e perspicaz sobre a Amazônia do século XIX. É constituída de quatro romances e uma coletânea de contos que, segundo o próprio autor, pretendia ser um vasto painel da vida sociocultural das comunidades amazônicas. Como um

[98] O conceito de reflexividade é aqui usado no sentido que lhe atribui Giddens: a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente o seu caráter (GIDDENS, 1991, p.45).

[99] Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, a procura de significado (GEERTZ, 1978, p.15).

[100] Trabalhando com o substrato do conceito de narrativa densa, Burke propõe para os estudos de cunho histórico o que denomina de narrativa densa, tentando resolver impasses criados em torno do debate entre estrutura versus acontecimentos. Qual abordagem é mais produtiva para a ciência histórica? Aquela que opta pela análise das estruturas ou aquela que privilegia a narrativa de acontecimentos? Para sair do impasse, sugere um novo tipo de narrativa capaz de fazer frente às demandas dos historiadores estruturais, ao mesmo tempo em que apresenta um sentido melhor de fluxo do tempo do que em geral o fazem suas análises (BURKE, 1992, p. 338).

observador, ele procura o relato objetivo, isento e distanciado, embora partícipe dos valores relatados. O subtítulo da sequência de seus romances – Cenas da vida do Amazonas – sugere algo um pouco além da narrativa, talvez a objetividade que o uso da fotografia pode oferecer como técnica, com suas realidades congeladas, mas nunca destituídas de sentimentos, de paixão, que, embora contida, desponta vigorosa na crítica social da exclusão e da opressão sobre os tapuios/*cabocos* em várias páginas dos romances e dos contos.

No universo temático de Inglês de Sousa, a Amazônia aparece como uma totalidade em que homens e natureza são indissociáveis, estão enlaçados de tal modo que separá-los certamente representará prejuízos à compreensão das significações sociais geradas a partir dessa teia complexa que são as relações estabelecidas entre os homens e seu habitat. Na caracterização dos personagens, a natureza (flora, fauna e águas), em vários momentos, assume a condição de protagonista, mas em nenhum instante ela é totalmente adversa. Poderá até mesmo ser uma parceira, desde que as relações estabelecidas com ela não desafiem seus insondáveis mistérios e a força dos elementos que a constituem.

Os personagens mestiços mais importantes são os tapuios, que eventualmente podem ser denominados de mamelucos ou caboclos, mas há destaque também para os mulatos. A vida social das pequenas vilas está contida na narrativa do cotidiano de lugares como Óbidos (PA), Silves e Vila Bela (AM). A **Cabanagem** aparece comentada em suas causas e consequências mais dolorosas – a generalização dos atos violentos sobre as comunidades isoladas e sem recursos para opor qualquer resistência.

Os mestiços, categorizados como tapuios/caboclos, são estruturados associando elementos tais como astúcia, inteligência, esperteza e profundo conhecimento da vida amazônica. Fiel à sua proposta de objetividade, a realidade não é apresentada somente pelo seu lado negativo, há nuanças que humanizam e dão verossimilhança à construção dos tipos. Há, todavia, uma distinção clara entre os tapuios/cabanos e os tapuios trabalhadores, massacrados por um sistema produtivo que os explora e abusa de sua boa fé. Aqueles são intrinsecamente brutos, ardilosos e violentos, voltados para a vingança pela vingança. Nos últimos, a ação violenta representa uma exasperação de uma injustiça rotineiramente suportada.

Na sociedade descrita por Inglês de Sousa, existe preconceito racial nas relações sociais. É possível perceber que, ainda que o epíteto de preguiçosos não seja generalizado a todos os mestiços e alcance os brancos também, há uma avaliação negativa que paira sobre os mestiços de um modo geral, derivada da relação etnia/cor e capacidade para o enriquecimento. Só a fortuna permite a aceitação social, devidamente legitimada pela patente militar da Guarda Nacional. No romance *O Cacaulista* ({1876}1973), o antagonista é um mulato que enriqueceu de modo nebuloso, e que, para ampliar ainda mais as suas posses, não hesitava em expulsar pequenos proprietários de suas terras e lhes açambarcar as safras de cacau e de cana de açúcar. Recusado o seu pedido de casamento em virtude de sua origem e cor, procurou a riqueza por todos os meios para ascender socialmente:

> Sagaz e inteligente, ainda que mal educado e cheio de vícios, conseguira assumir na comarca uma posição importante. Era temido e respeitado.[...] Chamavam-no os seus desafetos – preguiçoso – mas o fato de andar de meias pelo cacaual não nos parece suficiente para provar a justiça desta imputação, tanto mais quanto o tenente soubera criar posição e fortuna, coisas, que, principalmente a última, não se adquirem facilmente no Amazonas, onde a vida de um homem é pouca para levantar uma influência; assim as que lá existem são, geralmente, transmitidas de pais a filhos, e apontado é o homem que a deve ao seu esforço pessoal. Mas o geral daquela boa gente desconhece o trabalho das combinações, a atividade da inteligência, e, para ela, o homem que não tem lidas físicas é um ocioso, o que não se expõe a chuva e ao sol um – preguiçoso. E dizem eles apesar de serem sofrivelmente amigos do fundo da rede e da imobilidade. [...] E de fato a vida que levava o tenente era própria para despertar a indignação dos vizinhos. Entendamo-nos: isto porque a fortuna crescia-lhe rapidamente, porque se fosse pobre, nada havia que dizer; estava na regra (SOUSA,{1876}1973, p.3 e 58).

O protagonista é um jovem branco, descendente de portugueses que estão em declínio social, e que travará uma disputa por terras não tituladas, o que permitirá este autor expressar sua crítica à prática da justiça, eivada de falsos testemunhos e decisões obtidas como favor político. Na composição do jovem branco, uma observação sobre o pai dele é interessante: *enquanto seu pai viveu, foi Miguel criado a lei da natureza; nunca conseguira o padre licença* para *ensinar sequer uma palavra latina ao sobrinho; o português, como homem ignorante que era, votava profundo desprezo às letras* (SOUSA, op.cit, p.4). Durante o desenrolar do argumento do romance, o jovem, depois que ficou órfão, aprendeu a muito custo a ler, escrever e contar, morando com seu tio, o pároco local. Mesmo dispondo de recursos e sendo branco, filho de uma família tradicional da comunidade, vai ser sucessivamente enganado e traído, o que não pode ser creditado somente à sua imaturidade ou impulsividade, mas porque perde o elemento que socialmente permite o predomínio sobre os outros personagens, que embora mestiços inferiores eram igualmente pouco letrados. O controle do poder passa necessariamente pelo domínio das significações socialmente codificadas e que só o acesso à educação formal assegura ao seu possuidor o diferencial de prestígio mais cobiçado do que ser oficial da Guarda Nacional.

> Primeiro desapontamento. Miguel fora à paisana, porque não era senão um paisano, e Ribeiro envergara a sua brilhante farda de tenente da Guarda Nacional da reserva [...] Depois como[...] o tenente era um dos principais lavradores de Óbidos, homem importante na política, que se correspondia com um deputado geral, todas as atenções e cortesias foram para ele. No jantar do dia da festa, puseram-no à cabeceira da mesa, e o Teodoro Mulatinho, juiz do Padroeiro e inspetor de quarteirão, fez-lhe duas saúdes; até o padre José chamou-o honestus vir, e apertou-lhe a mão (SOUSA, {1876}1973, p.14).

Outro personagem importante é o tapuio, que embora sofra humilhações e até prisão, a todos engana, auferindo lucros com testemunhos falsos ou logrando os cabos eleitorais. A caracterização física e a descrição do seu caráter mostram um tapuio em quem não se deve confiar:

> Mendes era um homem velho, conhecia-se, mas seria impossível determinar-lhe uma idade; tinha os cabelos negros de ébano, e poucas rugas sulcavam-lhe a fronte; supunham alguns que teria setenta anos, outros porém chegavam até a dize-lo mais velho que século. Era baixo e robusto, os cabelos ásperos e corredios, a tez cor de cobre e as feições grosseiras indicavam bem sua origem; [...] a desconfiança estava-lhe estereotipada na fisionomia, e as palavras raras e malsoantes contribuíam para formar-lhe um exterior pouco atraente. [...] quando se precisava de uma testemunha falsa, procurava-se o Mendes do Paraná-miri, como o chamavam em Óbidos; ele nunca se recusava, mas contassem que teriam que pagar caro; nas eleições estava o tapuio sempre disposto a pegar no pau pró ou contra qualquer partido, e como o seu braço era vigoroso, nunca deixava de ser procurado (SOUSA, {1876}1973, p.41).

O segundo romance – *O Coronel Sangrado* – é uma continuação do primeiro, mas apresenta agora a cena política da cidade, com suas intrigas, eleições fraudulentas, currais eleitorais, traições que marcam a volta do protagonista Miguel. Agora um homem mais maduro, experimentado depois de trabalhar em Belém como comerciário e se tornar depositário de confiança de uma firma de aviamento, com capital destinado a investir no comércio local. Os destinos e as ambições pessoais se cruzam no embate político da pequena cidade, com os mesmos ingredientes das capitais: suborno, traição, compra de votos, autoritarismo, eleições que constituem mera farsa a legalizar ora os liberais ora os conservadores no controle da municipalidade e da Província. Sob esse ângulo, o romance de Inglês de Sousa é primoroso, especialmente ao desvelar os mecanismos que sustentam as fraudes e que estimulam membros da estrutura dos partidos a se aproveitar dos menores deslizes e descuidos para promover a substituição dos pequenos potentados locais. Salta aos olhos a estrutura viciada do poder, a rapacidade e a mesquinhez das lideranças.

Os personagens principais foram acrescidos da imponente figura do Coronel Sangrado, tenente-coronel da Guarda Nacional, a maior autoridade política da cidade, chefe do Partido Conservador. Sua luta será para dar uma lição ao mulato tenente Ribeiro, fazê-lo reconhecer o seu lugar e impedir que o Partido Liberal, do qual o mulato é o chefe, ganhe as eleições.

> O homem [Miguel] me veio muito recomendado da capital, e eu estou disposto a fazer tudo por ele, mesmo por causa do mulato. Aquele patife tem estado muito atrevido, principalmente depois que o genro foi nomeado subdelegado de Vila Bela [...]. Olhem lá, eu sou muito pacato, mas isso de aturar que o Ribeiro mande alguma coisa em tempo de

> conservadores é que não. Já se foi o tempo dos liberalangas, tempo que cá entre nós não há de voltar[...] (SOUSA,{1877}1968, p.20).

Um tema sempre lembrado por Inglês de Sousa era o temor que o recrutamento causava aos tapuios. Em uma bela página de crítica social, no romance *História de um Pescador*, que poderia ter sido escrita por um sociólogo, ele apresenta a compreensão desse temor, que depois mereceria um conto pungente e denunciador das arbitrariedades que se cometeram em nome de um nacionalismo cujo sentido não era acessível a gente simples e ingênua do interior amazônico. No romance *História de um Pescador*, há um momento em que a emoção comanda a narrativa, e o vigor das palavras se associa ao brilho do encadeamento dos argumentos, para denunciar as iniquidades praticadas por aqueles que detinham poder para aprisionar os trabalhadores através de dívidas inexistentes e ameaçá-los com o recrutamento ou a prisão, com o complemento humilhante das chibatadas aplicadas com o indivíduo preso às grades.

> Não cessam os livros de fallar da grande fertilidade das nossas terras. **Os autores desses livros não chegam a ver senão a superfície das cousas. Demais elles não conhecem as nossas condições de existência! Sabeis o que é ser pobre no Amazonas? É ser escravo**. É peor do que isso. O escravo tem seguro o alimento, e portanto a vida. O miserável tapuyo nada tem de seguro no mundo. **N'uma terra em que não impera a lei, n'uma terra que o governo despreza, quando devia cuidar grandemente della, quem tem a força tem razão e direito**[...]. **São sempre injustamente accusados os tapuyos**. Não se fartem de dizer que são indolentes e preguiçosos, que não se sabem aproveitar dos vastíssimos recursos que lhes offerece a natureza! E no emtanto José desenvolvia uma atividade intelligente que ainda hoje me espanta! Dizem que o tapuyo é pouco regrado, que gasta em horas o trabalho de uma semana, de um mez, e elle vivia, como já lhes contei, miseravelmente, sentia a fome roer-lhe as entranhas, economisava e nada tinha. Podeis acreditar, amigo, **que o mal não está no tapuyo, ignorante e desprevenido como uma creança.** O mal está nesses homens vis e infames, que se locupletam com o sangue alheio, nesses homens sem pundonor, sem alma nem coração, e que tem entretanto o apoio do governo, que os alimenta, honra e robustece. O mal do Amazonas está na escravidão do trabalho, que o governo central creou com o fim de ter eleições vitoriosas (SOUSA, {1876}1988. Grifos meus).

As críticas de Inglês de Sousa sobre o papel do Estado, a forma como se processava a administração pública, o exercício vicioso da aplicação da justiça em paragens distantes como as da Amazônia e a resposta que se faz presente nos comportamentos individuais e coletivos das pequenas localidades, aparecem mescladas aos diálogos dos personagens de ficção, mas assumem preeminência em alguns momentos, e aí, no espaço do imaginário ficcional, onde o autor se sente livre das injunções que modelam e circunscrevem os discursos da vida real,

é possível perceber a importância do romance como veículo de interpretações agudas sobre a realidade social, porque os personagens, embora definidos como fictícios, expressam construções simbólicas elaboradas por indivíduos concretos e as linhas demarcatórias findam desaparecendo, tal é a força identificadora que a narrativa promove.

Essas interpretações apresentam de modo coerente, reconstruindo trajetórias pessoais possíveis no universo ficcional do autor, características culturais, misturando passado e presente, acentuando a negatividade de traços herdados do período colonial, expondo as zonas de tensão provocadas pela decadência econômico-social e agravadas pela presença das relações escravistas de produção, e permitindo ver como a estrutura social sustenta os laços que se tecem entre os indivíduos, demarcando lugares e pronunciando sentenças de condenação ou libertação, dependendo da habilidade do personagem em vencer resistências e superar os entraves que a mestiçagem provocou e a exploração abusiva do trabalho consolida.

No romance *O Coronel Sangrado*, por exemplo, na caracterização do personagem que dá título ao romance, há uma primorosa descrição de como a Guarda Nacional servia aos propósitos das oligarquias que controlavam o Governo central para captar votos que dessem sustentação às facções que comandavam o Estado e ao mesmo tempo lhe asseguravam a posição de árbitro dos conflitos locais, quer no plano provincial ou municipal, com a distribuição de patentes e de empregos públicos. As lutas entre o Partido Liberal e o Conservador desnudam o funcionamento das instituições para além do político propriamente dito, pois *revelam como se estabelece e se consolida a patronagem como ética a permear as práticas sociais no Brasil* (COSTA,1999, p.165).

> Quando se tratava de levar votantes à urna, Severino Paiva era o mesmo comandante de batalhão despótico e malcriado, cheio de iras e de arrotos de importância. Vinha isso de entender ele que em política partidária deviam reger as mesmas leis de disciplina militar que queria fazer prevalecer para a Guarda Nacional. O governo, no entender de Severino de Paiva, era uma entidade superior, infalível e toda-poderosa que distribuía patentes e arrecadava votos. Uma derrota eleitoral para o tenente-coronel seria como uma sedição entre seus guardas, coisa que ele não podia acreditar que jamais acontecesse, porque seria ela uma negação de toda ordem social (SOUSA, {1876}1968, p.19).

A sociedade descrita nesses romances apresenta uma estrutura social onde os brancos ainda comandam a economia e controlam os cargos públicos, mas estão pressionados pela ascensão dos mestiços livres, sejam eles mamelucos, mulatos ou tapuios. Os escravos, um contingente pouco numeroso, são quase invisíveis nas tramas, mesmo se considerarmos as críticas a respeito do trabalho. Essas críticas tratam das humilhações aos trabalhadores livres, mas não mencionam os escravos, a não ser de modo periférico ao acentuar a degenerescência do caráter

de um personagem[101] que costumava impor castigos brutais aos seus serviçais escravos ou livres. E, nesse caso, o mais importante foi narrar o tipo do castigo – palmatoadas – o número delas (100) e o local onde foram aplicadas: os pés dos tapuios. Sobre os escravos que estavam sendo castigados, ficamos sem saber o tipo e a intensidade do castigo, talvez porque absolutamente previsível e "naturalizado" na lógica do autor.

Entre as ameaças que de certo modo viabilizam a manutenção das estruturas do poder local, nenhuma é mais poderosa do que ser objeto de recrutamento. Esse temor não é novo, nem restrito à Amazônia, mas assume dramaticidade em uma região que passou por um longo período de lutas internas e cujo desfecho foi o recrutamento para o trabalho compulsório. À fonte primeira da opressão – o trabalho – foram acrescentados a disciplina e o controle militar, e procedeu-se a um brutal desenraizamento do indivíduo, a incerteza quanto ao destino: para onde irei? Retornarei vivo? Fora o fato de que nos combates aos cabanos a repressão militar atingiu aqueles que não eram rebeldes, mas foram identificados como tal em razão de sua condição de *cabocos*.

O recrutamento foi uma prática autoritária que, sob o disfarce de atender às necessidades de manutenção da ordem local através da Guarda Nacional ou servir aos objetivos nacionais atendendo às sempre crescentes exigências do Exército e da Marinha,[102] serviu sobremaneira à consolidação das estruturas excludentes da sociedade brasileira. Sob o peso da ameaça de ser recrutado, os *cabocos* sofriam a exploração através da servidão pelo trabalho, pois quem convocava para o serviço militar eram os oficiais comandantes da Guarda Nacional, postos destinados, em nomeações do Ministro da Justiça, aos representantes do poder econômico local, nos municípios e nas capitais das províncias. Eram nomeações diretamente dependentes dos resultados eleitorais favoráveis ao partido que estivesse na situação, controlando o Executivo.

Esses proprietários fingiam prestar um favor, protegendo da convocação seus *cabocos* e assim garantiam trabalhadores livres praticamente a custo zero, em uma situação de penúria de recursos econômicos para investimentos diretos, como a que existia na região. Dispor de mão-de-obra significava uma considerável vantagem para criar e aumentar o patrimônio familiar. Entretanto, implicava manter intocada a condição social dessas massas livres, vedando-lhes ou dificultando-lhes o acesso pleno à cidadania. Mantendo-as no estado de semi-barbárie como aparece descrito nas obras de Veríssimo, por exemplo, resolvia-se não só o barateamento do fator trabalho, mas se assegurava que o poder estaria onde sempre esteve – nas mãos daqueles que, desde seus ascendentes, implantaram as matrizes do sistema econômico vigente.

[101] O personagem é o capitão Fabrício, fazendeiro, do romance História de um Pescador.

[102] Das possibilidades de engajamento, a mais temida era o da Marinha, pela imposição usual de rigorosos castigos físicos às menores faltas cometidas pelos engajados, e pelo distanciamento do local onde era prestado o serviço militar.

A ameaça cabana fora controlada de modo eficaz naquilo que aparentemente representava o maior perigo: a liberdade dos *cabocos* foi tolhida pelo trabalho compulsório, mas isso não impedirá que ela continue sendo imaginada e simbolizada. Algumas práticas sociais, descritas tanto por Inglês de Sousa quanto por Veríssimo, indicam que a resistência se fez pela recusa ao trabalho que, embora remunerado, não atingia o estipulado pelo *caboco*, ainda que ele nada tivesse de recursos para tornar "racional" e aceitável essa recusa. Por outro lado, há a astúcia, esperteza e a dissimulação revestida de humilde subserviência, que possibilita ao *caboco* auferir lucros, aproveitando-se das situações em que sua palavra ou o seu voto é indispensável ao chefe. Essa é a brecha que permite aos mestiços livres e pobres ascender socialmente, construir patrimônio e desfrutar de alguns privilégios. Para ser um vencedor, é preciso mais do que ser um bom conhecedor das regras do jogo, é fundamental estar movido pela ambição e pelo desejo de superar antigas humilhações, é agir como branco num mundo de brancos, não aceitar a discriminação como algo inelutável e parte de si mesmo, mas ter estratégias que mascarem as intenções verdadeiras e sirvam de trunfo na cartada final.

Uma das estratégias para se obter a ascensão social, que é possível destacar analisando as obras de Inglês de Sousa, é fazer da adversidade uma vantagem, como o fez o mulato Ribeiro. Desafeto do coronel, foi preso, recrutado e mandado para fora da cidade. Anos mais tarde, reaparece como proprietário de grande cacaual, tenente da reserva da Guarda Nacional e membro do partido Liberal. Sua atitude para com os de sua origem é a mesma daqueles que também o discriminaram pela cor abertamente (e continuam fazendo de modo dissimulado): apropria-se de suas safras e terras, a ponto de merecer o epíteto de "apanha-tudo". Cria uma filha como afilhada e a destina em casamento a um branco empobrecido, mas oficial da Guarda Nacional, para o qual obtém a nomeação de delegado de polícia. Dono de um razoável capital de giro, empresta dinheiro a juros, em uma transação em que fica expresso o favor prestado.[103]

A outra forma é ser mais astucioso, esperto e dissimulado do que todos, brancos ou mestiços, e enganá-los abertamente, mas de um modo inescapável. Essa estratégia aparece apropriada por brancos pobres que conseguem, à sombra dos poderosos, construir trajetórias pessoais que se tornam autônomas em atos de traição política explícitos.

> No dia seguinte ao da apuração de votos [...] o Sr. Antonio Batista de Morais passeava pausada e gravemente na sua sala de visitas[...]. O compadre do cônego Siqueira tinha o orgulho da vitória estampado na fisionomia astuciosa, e no andar a sombraceria de quem se considerava um homem importante. [Para Antonio Batista] enganar os outros era a maior prova de superioridade que podia dar um homem. Deixar-se enganar a maior prova de imbecilidade (SOUSA, {1876}1968, p.182).

[103] Está entendido que o empréstimo não era assim tratado de igual para igual, como outra qualquer transação; pelo contrário, era um favor que o Ribeiro fazia, e era implorado como tal (SOUSA,1973, p.840) .

Quando se trata de mestiços como o tapuio Martinho Mendes, apesar de consecutivas vitórias, ele não escapa à perseguição dos chefes políticos, mas as suporta com estoicismo admirável e se contenta em se tornar indispensável à face mais obscura e socialmente negativada do sistema de poder vigente. Mas não consegue obter respeito nem ascensão social, como o que o personagem branco consegue ao se tornar o novo chefe político.

> Havia contudo um homem, a quem Ribeiro não nunca conseguira enganar: era o Martinho Mendes. O astucioso tapuio respondia intiman a todas as palavras do abastado cacaulista, que mordia os beiços despeitado, e retorcia o bigode, conhecendo bem que com aquele freguez perdiam-se todas as suas lábias costumadas. Um dia impacientou-se, e recorreu à violência; longe de queixar-se Mendes, que sabia que o tenente com uma palavra podia metê-lo na cadeia, fingira-se resignado e respondera invariavelmente aos que o incitavam a protestar: - Ora, ora, e para que?
> Sempre que encontrava com Ribeiro, Mendes tirava-lhe o chapéu, desde que o via, e cortejando-o: - Seu capitão...dizia. Ribeiro não acreditava na humildade do tapuio, mas fingira esquecer o que se passara. Mendes é que era incapaz de esquecer (SOUSA, {1876}1973, p. 59).

Sem os indivíduos que se prestassem aos testemunhos falsificados, não seria possível armar as arapucas com aparência de verdade jurídica que viabilizavam as apropriações de terras, e se uma vez descoberta a fraude ela não sofre maiores punições legais, é porque a estrutura precisa dela para se manter enquanto tal. O próprio aparato judiciário constitui uma encenação de uma justiça absolutamente controlada pelos representantes das oligarquias, desde o formato que as leis assumem, definindo direitos e deveres que nunca existiram verdadeiramente, até a sua aplicação, quando o arbítrio dos chefes locais usa e abusa do seu poder de polícia sobre os *cabocos*.

Em dois contos, a revolução cabana aparece como tema*: A Quadrilha do Jacó Patacho* e *O Rebelde*. No primeiro deles, o enredo se desenvolve com a narrativa do ataque de um bando de cabanos a uma família de lavradores brancos de origem portuguesa. A violência do ataque serve como registro simbólico da selvageria daqueles homens enlouquecidos, que nada mais eram do que salteadores ferozes e insaciáveis. No outro conto, *O Rebelde*, o autor aproveita para falar sobre a **Cabanagem** sendo ao mesmo tempo amigo do suposto rebelde e crítico do movimento revolucionário, tentando manter a sua posição de observador isento, imparcial. O personagem central é um mulato pernambucano, ex-revolucionário de 1817, refugiado em Vila Bela, que sofre a rejeição da comunidade predominantemente branca, que o isola e trata com desconfiança. Sob ameaça de ataque, o mulato recebe do padre, seu único amigo adulto na cidade, o pedido de organizar a resistência aos cabanos. Esse é o recurso do autor para emitir seus juízos sobre os dois movimentos revolucionários – o pernambucano de 1817 e

o cabano. Pelo discurso do personagem, a revolução de 1817 aparece como um movimento nobre e foi derrotada porque foi traída pelos brasileiros que se aliaram às forças legalistas:

> Os homens de 1817, que proclamavam a igualdade das raças e queriam a liberdade do negro e a reabilitação do caboclo, foram batidos pelos pardos do Penedo e pelos índios da Atalaia, vítimas da pretensa desigualdade![...] Bater os cabanos! Uns pobres diabos que a miséria levou à rebelião! Uns pobres homens cansados de viver sob o despotismo duro e cruel de uma raça desapiedada! Uns desgraçados que não sabem ler, que não tem pão...e cuja culpa é só terem sido despojados de todos os bens e de todos os direitos. [...] Nos os rebeldes de 1817, tínhamos só do nosso lado a justiça da grande causa que defenderíamos, causa da humanidade, causa do futuro! (SOUSA, {1893}1988).

Não pretendo entrar no mérito propriamente ficcional, mas, utilizando para meus propósitos exatamente a forma erudita como estão articuladas as ideias que o autor atribui ao mulato, é razoável supor que as vantagens comparativas favoráveis ao movimento de 1817 em confronto com a fragilidade ideológica do movimento cabano, para aqueles que viveram o século XIX, reside no fato de a **Cabanagem** ter sido apenas um grande e terrificante grito que expressava a opressão de seres inferiores e pacíficos, mas que haviam sido conduzidos ao desespero, pela incúria das elites governantes. Como manifestação brutal, selvagem, seu fracasso era mais ou menos previsível. Imperdoável foi o fato de os próprios cabanos não perceberem a insensatez de sua rebeldia, e, embriagados de ambição de poder, extrapolaram os limites do tolerável com seus atos de violência contra inocentes, portanto não passam de rudes facínoras, apenas bandidos *vítimas de uma dupla alucinação religiosa e patriótica* (SOUSA, {1898}1988, p.99).

Acompanhado o raciocínio do autor, se a revolução de 1817, mais estruturada e portadora de valores universais de liberdade e igualdade entre as raças, era uma causa do futuro, a revolução cabana, que não conseguiu articular um projeto tão amplo e justo, reduziu-se a um grito primitivo de liberdade, neste nível a liberdade é produto de uma dupla alucinação. Como a liberdade está posta como um bem nas sociedades capitalistas modernas, sua versão *caboca*, produto do delírio, não merece existir para o real, o que verdadeiramente conta.

O jovem amigo do mulato se admira da audácia com que este falava em liberdade e do tom com que falava. Prefere acreditar que o mulato estava caducando, ou seja, em estado de delírio também. E por quê? A causa era o tema e a linguagem ousada e independente. *Os sofrimentos que aturara não justificaria o desrespeito às classes ricas e às instituições do País, pois não passavam de um castigo severo, mas merecido* (SOUSA{1898}1988, p.98).

Em outra passagem, tentando estabelecer uma comparação definitiva entre seu pai, português vítima dos cabanos, o jovem personagem diz:

> meu pai representava a civilização, a ordem, a luz, a abastança. Matias Paxiúba [o cabano] era a ignorância, a superstição, o fanatismo, a rebelião do pobre contra o rico, o longo sofrimento da plebe sempre esmagada e sempre insubmissa. Era como um protesto ambulante contra a civilização egoística e interesseira dos brancos, a miséria popular com todo o seu cortejo de vícios hediondos e de crimes heróicos (SOUSA, {1898}1988, p.100).

Assumindo a voz do mulato pernambucano, o autor disserta sobre as causas da **Cabanagem:** a miséria originária das populações inferiores, a escravidão dos índios, a crueldade dos brancos, os inqualificáveis abusos com que esmagam o pobre tapuio e a longa paciência destes. Falando sobre a independência, definiu-a como ato político que deveria ser completado por medidas sociais. E finalmente a caracterização dos tapuios que melhor expressa a visão do autor:

> O tapuio boçal, ignorante, era instrumento movido por um sentimento nobre, habilmente manejado, o sentimento religioso e nacional,[...] quem tinha culpa disso era a raça dominante, pois queria conservar o caboclo na mais completa ignorância, [...] o enchia de superstições para dominá-lo, e depois não queria que fosse subjugado por essas mesmas superstições [...]. Os patriotas do Pará, inteligentemente inspirados, punham em jogo pra o arrancar a uma apatia secular (SOUSA, {1893}1988, p.108).

Comparando os conceitos até agora expostos, extraídos de romances e contos, com aqueles produzidos com preocupação estrita de verdade histórica, como os da obra de Raiol, *Motins Políticos*, largamente utilizada neste trabalho, é possível ver que há muito mais convergências entre eles do que divergências. Poder-se-ia pensar que as coincidências decorrem do conhecimento da obra do historiador, contemporâneo, ainda que bastante mais idoso do que Inglês de Sousa e José Veríssimo. Prefiro atribuir a semelhança ao consenso intelectual de uma elite educada para perceber o mundo a sua volta sob o mesmo prisma valorativo, em que a liberdade era algo que devia ser usufruído somente por aqueles que estavam preparados, educados para entendê-la e aceitá-la nos limites em que ela era oferecida aos membros subalternos da sociedade.

As ideias de Veríssimo – consagrado crítico literário e ensaísta, adepto da objetividade científica tal como proposta pelo Positivismo[104] – sobre o movimento cabano não diferem muito do ponto de vista de Inglês de Sousa. Diz ele como parágrafo conclusivo do seu ensaio *As Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia*:

---

[104] Ao analisar Os Motins, ele explicitou seus critérios: sendo a sociedade considerada atualmente, graças aos progressos das ciências físico-naturais, como um organismo no qual se verificam fatos pelo menos idênticos aos da vida dos organismos estudados por aquelas ciências, é prestado o seu auxílio no estudo da história, ou da evolução desse organismo. A elas, pois, tomarei ensinamentos que me servirão de critério no julgamento do conjunto dos acontecimentos historiados pelo Sr. Raiol, e entre essas lições – a de hereditariedade das aptidões e tendências (VERÍSSIMO, 1970, p.96).

> Felizmente para a civilização desta terra, aquele movimento – represália desgraçadamente lógica dos maus tratos infligidos pelo conquistador à raça indígena – foi dirigido, se direção teve, pelos homens mais incapazes de que a história das duas Províncias [a outra é o Amazonas] faça menção. Parece que é essa a missão dos incapazes – dirigir (VERÍSSIMO {1878}1970, p.26).

Ao ler a análise que Veríssimo faz da obra de Domingos Antonio Raiol, *Motins Políticos*, é possível fazer algumas inferências sobre como ele conciliava as questões sobre política e as contestações à ordem estabelecida. A pergunta, que sua crítica sobre a obra de Raiol vai tentar responder, é clara e direta:

> Como explicar que em dado momento da vida de um povo surge um longo período de agitações contínuas sem um móvel determinado, sem uma direção conhecida, sem um fim explícito, fazendo centenares senão milhares de vítimas, trazendo em comoção e sobressalto contínuo dezenas de milhares de indivíduos, uma população inteira, a quem rouba vidas, a segurança, a fazenda, o sossego, perturbando profundamente a ordem e, portanto, estorvando o progresso? (VERÍSSIMO, 1970, p.96).

Não se pode ter dúvidas quanto à fidelidade do autor ao modelo positivista de interpelar a vida social, como ele próprio previne ao iniciar sua apreciação da obra. Veríssimo faz justificadas ressalvas sobre o fato de não estar apreciando a obra completa, uma vez que o volume final da obra ainda não havia sido publicado, mas isso não o torna menos interessante aos meus propósitos, porque algumas de suas ideias são emblemáticas do modo de pensar de toda uma geração intelectual, responsável, em última análise, pela configuração ideológica dominante no País.[105]

Veríssimo pretende que a instabilidade política no Pará seja crônica e advenha da desmoralização do princípio da autoridade, e esse fato pode ser percebido de modo claro e evidente, desde o período colonial, pelos sucessivos motins populares e militares que depuseram inclusive governadores, sem que os envolvidos sofressem punições rigorosas. Segundo sua avaliação, isso conduziu a um estado de anarquia endêmico, de onde se origina a desordem pública que assolou a Província por tanto tempo.

A população foi acostumada ao tumulto, portanto, a agitação política que precede a **Cabanagem**, e inclusive esta mesma, foram consequências inevitáveis em uma província cujos habitantes foram *preparados por uma fatal educação de desordem* (VERÍSSIMO, 1970, p.97).

[105] A literatura acerca da influencia do Positivismo sobre os intelectuais brasileiros é volumosa. Algumas obras são de leitura indispensável: CARVALHO, J. M. Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 e A Formação das Almas: o Imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. MOTA, C. G. Ideologia da Cultura Brasileira. São Paulo: Ática, 1977. LINS, I. História do Positivismo no Brasil. São Paulo: Editora Nacional, 1967. SANTOS, W. G. Ordem Burguesa e Liberalismo Político. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.

A corrente positivista, de modo geral, e em especial a brasileira, sob inspiração comteana, defendia a concessão de direitos civis e sociais, mas não admitia a ideia de representação popular ou da ação política, e atribuíam ao Estado a obrigação de zelar pelos cidadãos, tendo os governantes, como intermediários entre a instituição e o povo, a função de assegurar as prioridades positivistas: educação primária e proteção à família e ao trabalhador. Como vetava a ação política, tanto revolucionária quanto parlamentar, resultava em que os direitos sociais não poderiam ser conquistados pela pressão dos interessados, mas deveriam ser concedidos paternalisticamente pelos governantes (CARVALHO, 1987). A ordem social deveria ser necessariamente assegurada pelo Estado, concebido como uma instituição centralizadora e autoritária. Ao definir a instabilidade crônica da Província como uma consequência de uma espécie de aprendizado da contestação social, Veríssimo, mesmo sem pretender, esclarece os limites em que o Estado imperial foi estruturado: havia que se conciliar o progresso com a ordem, e, no caso, a ordem escravista como sustentáculo da frágil unidade territorial existente ao tempo da independência.

Embora escrevesse no final do século XIX, o autor francamente expõe princípios já definidos como sustentáculos do pacto que permitiu a instituição do Império, desde os anos trinta do século.[106] Contestações violentas, especialmente as da intensidade e amplitude do movimento cabano, que escapam à explicitação teórica do ponto de vista dos positivistas, são de certo modo manifestações irracionais, e, como tais, inaceitáveis e perigosas, pois podem constituir fonte de desagregação social profunda, pondo em risco a sobrevivência da própria sociedade.

Do meu ponto de vista, Veríssimo está apenas parcialmente errado em definir as sucessivas contestações e a própria revolução como um tipo de educação para a desordem. Dependendo de como se pense a ideia de desordem, não deixa de ser instigante pensar em criar meios para permitir que a reivindicação política exista e seja uma educação para a democracia de um ator social sempre mencionado e fonte de grande temor para as elites políticas brasileiras – o povo.

Uma outra análise da realidade amazônica influenciaria o pensamento ilustrado e cientificista do Brasil: a de Euclides da Cunha. Em seu ensaio *À Margem da História*, que tem sua primeira parte simbolicamente denominada – *Terra sem História* (A Amazônia), o autor superpõe a imagem grandiosa da região e seus

[106] José Murilo de Carvalho, analisando a herança imperial para a instituição da república no Brasil, observa que primeiro tratou-se de organizar o arcabouço político, administrativo e jurídico que garantisse a sobrevivência da unidade política do país, de organizar um governo que mantivesse a união das províncias e a ordem social. Somente ao final do Império começaram a ser discutidas questões que tinham a ver com a formação da nação. CARVALHO, J.M. Entre a Liberdade dos Antigos e a dos Modernos: A República no Brasil. In: DADOS, Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: IUPERJ, vol. 32, nº3, 1989. Sobre o a importância do território na construção das bases da união nacional, consulte-se a obra de MAGNOLI,D. O Corpo da Pátria. Imaginação Geográfica e Política Externa no Brasil (1808-1912) São Paulo: UNESP, 1997.

recursos naturais sobre as populações, estabelecendo um diálogo nem sempre favorável aos habitantes, de saída, considerados intrusos em uma obra inacabada.

> A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido – quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem (CUNHA, 1999, p.2).

Mesmo admitindo o impacto do maravilhoso sobre os indivíduos estranhos ao meio, o autor critica os cientistas que sucumbem diante da sedução e do mistério da região. Mas ele também foi vítima do "encantamento" e o registrou em incontáveis passagens de sua obra, que seu estilo tornou famosas e repetidas em vários estudos, comprovando a fecundidade de suas contribuições teóricas para o conhecimento científico de seu tempo (GONDIM, 1994). Interesso-me particularmente pelas associações que elaborou entre o rio Amazonas e o imaginário, tanto dos que eram estranhos ao local como daqueles que, por viverem sob o impacto continuado dessas paisagens, são por ela modelados em seu caráter.

> É que o grande rio, malgrado a sua monotonia soberana, evoca em tanta maneira o maravilhoso, que empolga por igual o cronista ingênuo, o aventureiro romântico e o sábio precavido. [...] Há uma hipertrofia da imaginação no ajustar-se ao desconforme da terra desequilibrando-se a mais sólida mentalidade que lhe balanceie a grandeza. [...] Parece que ali a imponência dos problemas implica o discurso vagaroso das análises: às induções avantajam-se demasiado os lances de fantasia. As verdades desfecham em hipérboles. [...] Tal é o rio; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta. A volubilidade do rio contagia o homem. No Amazonas, em geral, sucede isto: o observador errante que lhe percorre a bacia [...] [tem] a impressão de circular num itinerário fechado, onde se lhe deparam as mesmas praias ou barreiras ou ilhas, e as mesmas florestas e igapós estirando-se a perder de vista pelos horizontes vazios [...]. Os cenários, invariáveis no espaço, transmudam-se no tempo (CUNHA, 1999, p.4 e 9).

Viajante experiente, o autor se inquieta com a monotonia exasperante do cenário. Dependendo do ponto de observação, forja ilusões e embaraça a mente que já não consegue identificar, catalogar, comparar, enumerar, enfim realizar aquilo que a razão considera como válido para explicar e estabelecer a verdade científica. A paisagem assusta pela capacidade de ser múltipla e continuar a mesma, desconcerta a mente treinada para quem o pensamento válido é o que se *institui como razão* (CASTORIADIS,1982, p.259). Na impossibilidade de captar completamente o real como real determinado, e desse modo explicável, Euclides da Cunha se volta, em primeiro lugar, contra a natureza, obra grandiosa, mas incompleta. Complacente, caracteriza-a como terra mais nova. "Tem tudo e falta-lhe tudo, porque lhe falta esse encadeamento de fenômenos desdobrados num ritmo vigoroso, de onde ressaltam, nítidas, as verdades da Arte e da Ciência – e

que é como que a grande lógica inconsciente das cousas" (CUNHA,1999, p.3).

Valendo-se de relatos de expedições científicas anteriores e de obras produzidas por ensaístas regionais, procura apoiar-se nelas para que as suas observações sobre os *cabocos* não sejam inconsequentes ou apressadas (afinal antes dele tais constatações já foram feitas), o que só reforça o caráter científico (postura objetiva diante da realidade, observações e comparações apoiadas em modelos das Ciências exatas e naturais etc.) que busca imprimir às imagens que constrói sobre essas populações.

As observações que vai fazendo ao longo da viagem, assentadas principalmente na condenação da preguiça e do vício da bebida, que torna *os cabocos* moralmente fracos, destinam-se a reforçar sua concepção determinista sobre as relações entre os homens e o meio em que vivem. Visam a demonstrar que essas populações estão perdidas, condenadas ao atraso, por conta não só de fatores genéticos, atávicos, mas por viverem num meio adverso que determina negativamente suas oportunidades de progresso, de civilização. Uma natureza que impõe sua força, debilitando os nativos, eis o retrato pouco esperançoso que Euclides da Cunha nos oferece dos tapuios/*cabocos* com quem vai deparando ao longo de sua viagem.

> Assim, essa indiferença pecaminosa dos atributos superiores, esse sistemático renunciar de escrúpulos e esse coração leve para o erro, são seculares, e surgem de um doloroso tirocínio histórico [...]. Compulsai os nossos velhos cronistas, com especialidade o imaginoso Padre João Daniel, e avalieis o travamento de motivos físicos e morais que há muito, ali, entibiam os caracteres. E lede Tenreiro Aranha, José Veríssimo, dezenas de outros. Nestes livros se espalham fracionadas, todas as cenas de um dos maiores dramas da impiedade na história. Depois há o incoercível da fatalidade física. Aquela natureza soberana e brutal, em pleno expandir de suas energias, é uma adversária do homem (CUNHA, 1999, p.11-12).

Comparando as obras de Euclides da Cunha – *Os Sertões* e *À Margem da História* – Neide Gondim aponta para a reabilitação do mestiço como o indivíduo adaptado ao meio, capaz de resistir à aspereza do clima e às dificuldades impostas pela exploração secular do seu trabalho. Se *Os Sertões* apontaram para o resgate da miscigenação, sua inserção no processo de emergência do caráter nacional se fará via *À Margem da História*, quando representará o papel relevante de povoador e civilizador, permanecendo como excluídos os habitantes autóctones da Amazônia. "A omissão do caboclo, descendente do índio ou do tapuio – índio aculturado – patenteia que não será chamado a participar na constituição da Nação porque nele não é reconhecida uma identidade nacional" (GONDIM,1994, p.225).

O nordestino, conquistador de terras limítrofes, como o Acre, tem a oportunidade de vivamente demonstrar sua adaptabilidade, ao aparecer transfigurado como caboclo na fala euclidiana:

> Há paisagens cultas que vemos por vezes, subjetivamente, como um reflexo subconsciente de velhas contemplações ancestrais. [...] Ali não. Desaparecem as formas topográficas mais associadas à existência humana. Há alguma coisa de extraterrestre naquela natureza anfíbia, misto de águas e de terras, que se oculta, completamente nivelada, na sua própria grandeza. [...] As gentes que a povoam talham-se-lhe pela braveza. Não a cultivam, aformoseando-a: domam-na. **O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam cumprindo, sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. Estão amansando o deserto**. E suas almas simples, a um tempo ingênuas e heróicas, disciplinadas pelos revezes, garantem-lhes, mais que os organismos robustos, o triunfo na campanha formidável. O recém-vindo do sul chega em pleno desdobrar-se daquela azáfama tumultuária, e, de ordinário, sucumbe. Assombram-no, do mesmo lance, a face desconhecida da paisagem e o quadro daquela **sociedade de caboclos titânicos** que ali estão construindo um território. Sente-se deslocado no espaço e no tempo; não já fora da pátria, senão arredio da cultura humana, extraviado num recanto da floresta e num desvão obscurecido da história (CUNHA,1999, p.30).

Quero mais uma vez registrar a permanência da imagem construída sobre a Amazônia e sempre retomada pelos que a visitam, sentindo-se como conquistadores em uma terra nua de habitantes, que, quando são mencionados, aparecem como intrusos e incapazes, quando não totalmente incapazes de absorver a civilização. Esse olhar etnocêntrico será responsável pela denegação dos *cabocos* como indivíduos com direitos de cidadania plena e não tutelada de acordo com as conveniências político-econômicas. Por outro lado, é relevante realçar que, apesar de toda a preocupação em não sucumbir ao império do mistério que a natureza impõe, Euclides da Cunha não consegue escapar.

É sobre essa misteriosa relação entre homem/natureza na Amazônia, que resiste ao olhar treinado dos cientistas, que se ocupa a obra de João de Jesus Paes Loureiro, com sua proposta de uma forma nova de se perceber e valorizar o encantamento que essa relação provoca, buscando determinar os contornos de uma estética própria dos que habitam a Amazônia. Em *Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário*, o autor procura captar a essência dessa forma de estar-no-mundo que caracteriza o *caboco* da Amazônia.

> O sentido de identidade que perpassa transversalmente este trabalho é o de auto-reconhecimento, auto-estima, consciência do próprio valor, conjugados à consciência da própria inserção no conjunto da sociedade nacional e, mais amplamente, na sociedade dos homens. É possível identificar-se na cultura amazônica um imaginário poetizante e estetizador governando o sistema de funções culturais, tendo como suporte material a natureza e desenvolvendo-se através da vaga atitude contemplativa própria do homem da região em sua imersão no devaneio[...]. Um devaneio que é uma verdadeira meditação ontológica.[...] para compreender a Amazônia e a experiência humana nela acumulada, seu

> humanismo, deve-se, portanto, levar em conta seu imaginário social. [...] na realidade amazônica o mundo físico tem limites sfumatos, fundidos ou confundidos com o supra real, daí por que nela homens e deuses caminham juntos pela floresta e juntos navegam sobre os rios. Situam-se no impreciso limite entre aquilo que é e aquilo que poderia ser, nesse sfumato poetizante que interpenetra o real e o imaginário. [...] para o caboclo, plantador e pescador de símbolos, a imagem parece estar constituída de uma força própria, criadora de uma realidade instauradora de novos mundos, capaz de ultrapassar o simples campo de escombros da memória (LOUREIRO, 1995, p.33-87).

A proposta de Loureiro para analisar a cultura do *caboco* da Amazônia é inovadora sob vários aspectos, principalmente porque parte de uma visão positiva do que antes era visceralmente condenado como fonte de seus piores defeitos: a atitude contemplativa e o ócio dela auferido. O conceito de devaneio está ligado ao de metafísica poética, a partir do qual o sobrenatural resulta em natural, e há livre expansão do imaginário. A contemplação surge como suporte da produção cultural dos mitos, estabelecendo entre o real e o imaginado uma ligação permanente, contínua, experimentada pelo *caboco* em seu cotidiano.

Esse estado contemplativo que caracteriza a vida cotidiana imprime sua marca nas relações interpessoais e com a natureza, e interferirá também no modo como o trabalho é encarado por essas populações, especialmente quando contrastado com as exigências que a lógica capitalista impõe sobre a atividade. Em face das exigências do processo de acumulação e da obtenção do lucro, o espaço destinado ao descanso e ao lazer é mínimo, e esse seria o espaço da contemplação permitida ao *caboco*, não seria caso de se estranhar sua recusa ao envolvimento total com a lógica capitalista que o afasta da possibilidade de sentir-se no mundo, ao qual só pode atingir pela atividade livre do devaneio. É de sua relação com a *natureza, percebida como lugar de criação* (LOUREIRO, 1995, p.200), que será elaborada sua identidade com os elementos essenciais que a diferenciam no espectro da inclusão mais ampla proporcionada pela nacionalidade brasileira.

Loureiro trabalha principalmente com a influência dos rios na produção dessas significações imaginárias, e situa essa importância no modo como a vida dessas populações está demarcada pelo ciclo das águas:

> Os rios da Amazônia são relógios e calendários da vida da região. É no ritmo das vazantes e das enchentes, das marés diárias ou fenômenos semestrais – como no alto e médio Amazonas – que os rios se constituem no relógio e no calendário regionais. A vida olha o rio. Os homens regulam seu cotidiano pelo movimento das águas. Numa região de vastidões, de terras-do-sem-fim, o caboclo tem de fixar-se no detalhe, na paisagem, porque é dessa intimidade com a natureza que resulta o conhecimento de sua existência (LOUREIRO, 1995, p.222-223).

É justamente a ideia dos rios como relógios e calendários que marcam o tempo amazônico, um tempo pleno de significações, entrelaçada às imposições das exi-

gências de um tempo capitalista, que possibilita a criação de um jogo complexo de símbolos, de exigências, que identificamos como o suporte dos estereótipos mais divulgados sobre os *cabocos amazônidas* até os dias atuais: a indolência e a preguiça.

A coexistência de temporalidades diferentes no interior de uma sociedade faz parte de seu processo de constituição original, mas nem sempre essas diferentes temporalidades são percebidas com o mesmo nível de importância por todos os indivíduos ou grupos sociais que a compõem.

Do embate entre as percepções diferenciadas do tempo que demarcam as representações sociais da sociedade[107] resulta um modo predominante de situar-se no mundo, o que leva à imposição, no caso da Amazônia, desde a época colonial, de um modo de produção incompatível com as condições culturais, quer se examine pelo ângulo das condições culturais dos índios no início da colonização, quer se olhe as sociedades constituídas por ele após mais de dois séculos de imposição de uma espécie de processo "colonizador/civilizador" para o capital (NOVAIS, 1985, p.102).

Torna-se importante ressaltar aqui o fato dessa concepção de Loureiro ser uma posição teórica recente, da qual faço uso como complemento para finalizar uma proposta de imagem consolidada sobre os *cabocos* na atualidade. Comparada com a posição dos autores do século anterior, ela permite perceber um avanço no sentido de se consolidar uma imagem do homem adaptado ao seu meio, portador de valores intrínsecos como depositário de um saber original que o credencia ao diálogo em posição de igualdade em relação aos outros membros da nacionalidade. Não deixa de ser um progresso diante de sua anulação anterior como sujeito histórico, mas credenciar não pode ser imediatamente entendido como efetiva participação na definição dos processos político-econômicos que, em última análise, definem o que é ou não importante para a vida de todos os que habitam a Amazônia.

[107] Utilizo aqui as concepções de Castoriadis sobre as diferentes temporalidades presentes no interior das sociedades. Se considerarmos agora o tempo explicitamente instituído por cada sociedade, impõe-se imediatamente a distinção entre duas dimensões diferentes e obrigatórias desta instituição, a dimensão identitária e a dimensão propriamente imaginária. O tempo instituído como identitário é o tempo como demarcação, ou o tempo das medidas. O tempo instituído como imaginário (socialmente imaginário, entende-se) é o tempo da significação, ou tempo significativo (distinção que não implica de modo algum uma separação do que distinguimos). O tempo instituído como tempo da significação, tempo significativo ou tempo imaginário (social) mantém com o tempo identitário a relação de inerência recíproca ou de implicação circular que sempre existe entre as duas dimensões de toda instituição social: a dimensão conjuntista-identitária e a dimensão da significação (CASTORIADIS, 1982, p.246-247).

Considerações finais

A **Cabanagem** questionou a dominação colonial e o resultado foi sua aparente derrota e a humilhação dos rebeldes. Subjacente ao discurso político, havia algo mais profundo que a repressão instituída pelo "processo de pacificação" não conseguiu anular: uma proposta de encarar a vida e o mundo que os *cabocos*, reduzidos à servidão pelo trabalho, não abdicaram e por todos os meios disponíveis, opuseram sua resistência em aceitar as normas que os tornariam mais produtivos para o capital.

Desde o início da presença do branco europeu na Amazônia, é possível perceber que entre as inúmeras barreiras que separam nativos e colonizadores está a sua relação com o trabalho e o fim ao qual ele se destina. A passividade, a preguiça e a indolência que tão frequentemente lhe são atribuídas, são formas claras a partir das quais se expressa sua resistência silenciosa, aparentemente displicente, de se negar ao trabalho como atividade imposta através das longas e exaustivas jornadas, muitas vezes precariamente remuneradas, e que violentamente separam o homem da sua relação com a natureza e do cultivo de uma sociabilidade específica da Amazônia.

A imposição do trabalho como forma de produzir súditos para Deus e para o Rei, desde o início da colonização, foi objeto do empenho dos Jesuítas e dos colonos ao escravizarem os índios, porque atendia às necessidades de expansão do capitalismo mundial, situando as colônias no contexto produtivo internacional como local onde se criavam os bens do exclusivo metropolitano. A justificação oferecida pela ideologia religiosa cristã apoiava-se em dois pilares centrais: o primeiro deles dizia respeito ao ideal religioso de salvação das almas, onde o ócio é encarado como o melhor aliado do Demônio, uma vez que o espaço vazio representado pelo corpo e pela mente, sem a atividade que o trabalho proporciona, é o palco ideal para ser dominado pelas tentações maléficas que induzem ao pecado e à perdição da alma.[108] Por outro lado, havia o imperativo material e estratégico de conquistar e consolidar domínios ultramarinos para a glória do império português e assim demonstrar a pujança do cristianismo renovado, do qual a Companhia de Jesus era a força mais disciplinada e atuante.

As relações entre o capitalismo e o cristianismo se estruturam tendo como suporte o conceito de *sagrado transcendente, a lei organizadora do mundo* (ENRIQUEZ, 1990, p.244), a partir do qual cada homem tem o dever de realizar na terra o reino de Deus. Para resgatar sua culpa, o homem deve recalcar e reprimir as pulsões eróticas, canalizando a energia para o trabalho produtivo, e assim minorar sua dívida infinita com Deus ou com o seu redentor. A subordinação do indivíduo a esse princípio transcendente introduz a subordinação mais integral

[108] Alguns adágios populares, frequentemente empregados no linguajar cotidiano regional, traduzem com perfeição essa preocupação moralizante de fundo religioso contra o ócio, como por exemplo: a mente vazia é a oficina do capeta.

a Deus e seus mandamentos, mediada pela Igreja com todo o seu aparato ritual e imposição de fiscalização e controle, aumentando a tensão desse indivíduo ao mesmo tempo subordinado, mas livre, para fazer o bem ou o mal.

Delineada de modo bastante amplo, a situação apresentada revela a contradição que já mencionamos, isto é, a liberdade está aprisionada em limites estreitos que lhe são definidos *a priori* pela ideologia religiosa, que fornecerão as regras do agir e a justificação da dominação dos outros homens como válida, desde que incorporada ao projeto da construção do reino e da glória de Deus na terra.

O avanço do racionalismo propiciará o instrumental eficiente para o desenvolvimento da argumentação lógica do poder absoluto dos reis, amparado no sustentáculo ideológico do discurso religioso da salvação do homem, de sua própria humanidade corrompida e culpada perante Deus. Isso será possível através da ênfase no trabalho produtivo e da conquista e expansão dos domínios territoriais das monarquias ungidas pelo sagrado e autorizadas por ele ao domínio absoluto sobre a natureza e os homens, e a consequente expansão do capitalismo.

Para impor nova significação social sobre o trabalho para as populações nativas, associada à lógica do capitalismo, para quem o trabalho sempre esteve associado a uma íntima relação de aproveitamento dos recursos oferecidos diretamente pela natureza, cuja generosidade atendia a todas as suas necessidades de sobrevivência, em ritmo e intensidade que respeitavam temporalidades culturais específicas, todos os recursos eram válidos, inclusive a escravidão, aceita em princípio e delimitada em seu exercício, oportunidade e violência permitida (NEVES,1976).

Duzentos anos depois de iniciada a colonização, existe uma população derivada dos múltiplos contatos interétnicos ocorridos nesse espaço de tempo, que, livre ou apenada com a servidão e/ou escravidão, não foi definitivamente convertida às exigências do modo de produção capitalista mercantil. Como aconteceu em outros locais, aqui também a produção do excedente comercializável, o exclusivo metropolitano, repousou essencialmente sobre a brutal expropriação dos frutos do trabalho e na metódica exclusão do acesso à propriedade e aos direitos que as leis oficialmente asseguravam aos nativos livres (índios ou mestiços), desde a segunda metade do século XVIII.

O Governador do Grão-Pará, D. Francisco de Souza Coutinho, responsável pela reforma que ao final do século XVIII instituiria o Plano para a Civilização dos Índios, realizou um preciso diagnóstico da situação das populações nativas da região, avaliando sua real situação social-econômica-cultural depois do quase meio século de vigência da lei do Diretório dos Índios: a tutela moderada e justa do Diretor foi substituída pela coação e usurpação dos direitos assegurados aos índios, e a corrupção, o logro, o engodo e a prostituição do gentio inviabilizaram o avanço do processo civilizador. Isso representava não só amplo prejuízo material para a Coroa, como também um fracasso que precisava ser corrigido do ponto de vista moral, através de um plano racional que enfatizasse a preocupação com a eficiência econômica da exploração da região e a valorização das populações nativas, estives-

sem elas em estado selvagem ou integradas aos povoados e vilas.

Preocupado em realizar um trabalho objetivo e profícuo, Souza Coutinho elaborou várias propostas sobre como obter o desenvolvimento da produção agrícola, da exploração das madeiras, dos pesqueiros, e estabelecer ligações regulares com Mato Grosso, racionalizando a utilização dos índios e mestiços como remeiros dos arrematadores de dízimos, alternando períodos de retorno às aldeias e famílias, mesclando o trabalho dos índios com escravos negros e mestiços, sempre assegurando pagamento pelo trabalho realizado.

Reconhecendo que os nativos tinham razões de sobra para temer as longas jornadas de trabalho, as torturas e castigos pelos erros mais fúteis que cometessem, insiste que é preciso vencer o apego ao ócio que lhes é natural com o exemplo do trabalho em parceria e não com a escravidão ou servidão. Para o Governador, civilizar seria preparar súditos para o reino, dotando-os de direitos iguais, porque não se pode pretender excluí-los pelo fato de cometerem erros. Depois de especificar as razões do fracasso do Diretório e condenando aqueles que consideravam os nativos incapazes de absorver as luzes da civilização por serem tolos, ingênuos, pergunta: *acaso os Indios so podem ser admitidos aos Direitos que as leys concedem aos mais Vassallos quando forem o que estes nem são [corroído], isso he infaliveis em todas as suas disposições, e inacessiveis, a fraude, a malicia, e ao engano?*

Seu Plano para a Civilização dos Índios se fundamenta essencialmente no aproveitamento racionalizado do trabalho livre, sujeito ao controle do Estado através de leis rígidas, que impedissem a exploração abusiva dos nativos sob quaisquer pretextos, às quais estariam sujeitos, inclusive o Governador. Há, perfeitamente delineada, uma preocupação com a elevação dos padrões de comportamento vigentes, com a dignidade e com a justiça para com as populações de origem nativa, que a seu ver, no Pará, já haviam progredido bastante e logo poderiam estar indistintamente integradas, fortalecendo a presença portuguesa na América com uma possessão economicamente pujante e culturalmente avançada.

Para atingir as metas propostas, insistiu na utilização justa e equilibrada da força de trabalho livre, instruída e disciplinada militarmente, com direitos garantidos e liberdade controlada, dada como incentivo ao bom desempenho das tarefas necessárias nos serviços públicos. Instituiu os Corpos de Milícias, efetivando no comando os Principais (capitães de campo e mato) e criando postos de oficiais e patentes de cabos e sargentos. Por outro lado, incentivou a produtividade dos pesqueiros, fixando os pescadores em vilas e isentando-os de servir nas milícias. Estimulou as parcerias com os índios, como o meio mais eficaz de encorajar o trabalho, e evitar o ócio e as fugas, aumentando a coleta de drogas do sertão. Em contrapartida, estabeleceu punições a quem se recusava a pescar ou abandonava embarcações onde devia remar, situações em que o engajamento nas milícias era obrigatório. Todas essa medidas se destinavam a aumentar a produtividade da Capitania, aumentar os lucros da Coroa, especialmente moralizando a arrecadação dos dízimos devidos, que eram sonegados ao patrimônio real.

Importante a ressaltar neste momento é que a população do Pará conheceu num espaço de meio século antes da **Cabanagem** algumas experiências interessantes de estímulo ao uso controlado da liberdade e da participação política, mesmo considerando-se a efetiva distância entre o texto de um estatuto legal e sua prática, agravada pela presença concreta de discriminação e preconceitos, que não pode ser ignorado como fator limitador dessas experiências. Refiro-me, em primeiro lugar, aos atos da administração pombalina na Amazônia, que elevou à condição de vilas os aldeamentos indígenas e estruturando-os com Câmaras e Juizados compostos por brancos e Principais, cuja função seria atrair e fixar moradores nativos nas localidades, inclusive incentivando-se o casamento com o elemento indígena. Já nessa altura, se procurava utilizar a organização de milícias para a defesa e também como modo de nobilitar mestiços, através de patentes, procedendo-se a uma clara diferenciação de papéis sociais institucionalmente estruturados e hierarquizados.

Se o Diretório fracassou em assegurar a liberdade prometida aos índios e o progresso da região almejado pela administração pombalina, permitiu, entretanto, que os rudimentos de uma incipiente prática política se tornassem comuns a um conjunto de indivíduos que estavam em busca de um espaço próprio, diferenciado de seus ancestrais e marcado pelos limites da dominação branca. Esse aprendizado de tomada de decisões como vereadores e administradores de produtos e rendas, se por um lado gerou uma enorme e continuada opressão, permitiu que formas embrionárias de consciência se manifestassem, fundamentando atos de indisciplina, protestos, fugas para o refúgio da mata, como bem demonstram a frequência e a intensidade dos castigos aplicados aos infratores.

As reformas implementadas a partir de 1790, com o Plano de Civilização dos Índios, intensificariam o processo de construção identitária,[109] enfatizando a necessidade do trabalho livre para o avanço da civilização, e novamente insistindo no treinamento e disciplina, proporcionada pelo engajamento em Corpos de Milícias das populações nativas. A proposta de uma liberdade disciplinada exigia cuidados que Souza Coutinho não desconhecia, pois essa ideia de liberdade bem entendida pode ser confundida com a de licença ou dissolução absoluta, e poderia depois parecer-lhes duras a mesma ordem e a mesma justiça que se lhes faça e ainda mais duros os meios de os reduzir a ela.

Em seu Plano, embora defendendo a liberdade dos nativos, ele reconhece que tanto os índios já aculturados como os mestiços livres, com pequenas roças ou envolvidos em atividades extrativas, frequentemente se recusavam ao serviço real

[109] Souza Coutinho esclarece: estes Índios que ja hoje não são mestiços e os seos descendentes pella maior Parte, já nascidos de mistura de cores parece terem chegado ao seu ponto de civilização, de que da gente he sucessivel nem ser a mesma, em que se acha toda a gente forra, e Mestiços [pellos] outros Portos do Brasil (...)Postos os Índios neste mesmo pe d'igualdade de Direito, e de obrigaçoens que os mais vasssallos esta dado hum grande passo para o importante fim de promover os Cazamentos, e allianças d'elles com os Brancos, (...) como o mais próprio de acelerar a sua civilização. Arquivo Público do Pará, Códice548. Doc.56.

mais importante, que era o de remeiros dos contratadores de dízimos, porque estes não cumpriam com os pagamentos devidos nem com o período destinado ao trabalho nas aldeias ou povoações, provocando o abandono das famílias e das plantações. Esse era o dilema central: como livres, as populações não precisavam do poder público, este era o símbolo da opressão que os afastava daquilo que lhes era vital: o convívio com seus iguais e com a natureza.

Intentou-se seduzi-los com luxo,[110] cargos, para assim criar necessidades que só poderiam ser satisfeitas com recursos auferidos a partir do trabalho em moldes capitalistas, mas as resistências coletivas ao esforço continuado, repetitivo, que o trabalho intenso e mal recompensado representava para essas populações, foram maiores do que os parcos sucessos apresentados em trajetórias individuais de destaque.

Em resumo: essas populações, nas primeiras duas décadas do século XIX, desfrutavam de uma relativa liberdade diante das exigências do poder público ou privado, porque poderiam sobreviver de modo auto-suficiente, satisfazendo necessidades mínimas de sobrevivência com o que podiam obter da natureza. Apesar disso, havia um elevado nível de tensão, uma vez que eram frequentemente coagidas à servidão pelas autoridades administrativas ou pelos particulares (fossem eles proprietários ou simples colonos), sentiam-se injustiçadas, percebendo a existência das contradições entre direitos legalmente assegurados e a realidade de desrespeito e abusos continuados praticados por aqueles que exerciam o poder.

Dois fatos históricos exerceram importante papel na aceleração das transformações sócio-culturais-políticas e que, a partir de então, serviriam como parâmetros definidores das novas opções de identidade que se ofereciam aos nascidos nas diversas capitanias que compunham a América portuguesa: a transferência da Corte para o Rio de Janeiro e a consequente elevação do *status* político do Brasil, e a Revolução Constitucionalista do Porto (1820). O debate ideológico centrou-se na discussão da regeneração da grandeza do reino e isso inevitavelmente realçava a posição privilegiada do Brasil, a principal fonte de sustentação econômica da monarquia, mas situava o ponto crucial da transferência do exercício do poder para além das fronteiras europeias do Estado português, inferiorizando posições econômico-políticas, reduzindo acesso a privilégios que sempre constituíram a moeda de troca principal para uma burguesia umbilicalmente vinculada ao Estado. Por outro lado, colocava no epicentro político a discussão da limitação do poder absoluto do rei e a necessidade de modernização do Estado a partir da definição de uma lei maior – a Constituição – que reordenaria lugares, posições e papéis a serem desempenhados no reino reformado, regenerado pela adoção, talvez um pouco tardia, de ideias de matriz iluminista.

Isso favoreceu a elaboração, por essas populações, de um processo identificador sendo preciso realçar linhas de fronteira entre os grupos, estabelecer com algu-

[110] Devem-se obrigar os principais, e officiaes dos Corpos de Milicias dos Indios a, que uzem uniformes, e por meio delles introduzirlhes o luxo, porque tratando-se competentemente não so se verão obrigados a trabalharem, a fazer Trabalhar os seos, e adquiri, mais ainda se farão respeitar, e procurar pellos brancos. Arquivo Público do Pará, Códice 548. Doc.56.

ma nitidez o outro, aquele que deveria ser combatido e/ou excluído, categorizado como usurpador em face da legitimidade postulada pelos que compartilhavam laços mais profundos com a terra americana porque nela haviam nascido. Mas, a fluidez e a novidade das ideias que precisavam ser instituídas tornavam o debate pouco nítido, às vezes confuso, dificultando a coerência que deveria existir para a sua consolidação simbólica, suporte da emergência das novas possibilidades de identidade que estavam sendo oferecidas no processo social-histórico mais amplo.

As formas simbólicas que emergem em seu fluxo contínuo, e assumem sua dimensão concreta na trama das relações sociais, traduzem a complexidade do processo, resumindo-o, centrando-o na rejeição ao português dominador como fonte de todos os males, elemento catalisador da revolta contra as injustiças e violências suportadas há muito tempo. O apelo à liberdade é a contrapartida positiva à negatividade que o ódio ao português representa, e também constitui uma espécie de síntese unificadora de vivências compartilhadas e constantemente recriadas pela vida comunitária.

A liberdade que postulam se confunde com o desejo de ser, de existir sem as imposições da sociedade instalada na Amazônia, visceralmente europeia e capitalista em sua concepção sobre trabalho e lucro, controlada por uma elite branca. O sonho libertário dos cabanos exige luta para se efetivar, tem o poder de unir e acentuar semelhanças, e ao mesmo tempo ilumina as diferenças que caracterizam o outro, o inimigo, o usurpador, aquele que deve ser eliminado.

A delicada e complexa trama das relações sociais, que viabiliza a existência da vida comunitária, que organiza, delimita, arbitra, define e atende prioridades socialmente relevantes para a sobrevivência de todos, mediante a negociação dos conflitos e o estabelecimento de acordos, enfim que estrutura o pacto fundamental entre superiores e inferiores, não suportou o impacto da difusão das novas significações sociais que emergiam e anunciavam o alívio da tensão provocada pela opressão longamente experimentada. O esgarçamento do tecido social foi levado às últimas consequências, seu dilaceramento ficou exposto nas atrocidades e violências cometidas no decorrer da Revolução, na vida tornada efêmera e urgente, uma vez que se tornava impossível assegurar a sua proteção.

Em meio à voragem dos acontecimentos, o clamor pela liberdade é o combustível que alimenta corações e mentes, exigido por todos os contendores, é o enigma ambivalente à espera de uma explicitação. Se todos falam que lutam pela liberdade, não seria possível encontrar pontos convergentes e restaurar a ordem e estancar o sacrifício das vidas? Liberdade é nesse momento a síntese de um processo cumulativo de imposição de sentido, que ao longo da colonização foi agregando, misturando, reprocessando significações imaginárias sociais que deram origem à singularidade do anseio cabano, em contraposição à proposta racionalista, oferecida pela elite dominante, de uma liberdade subordinada a um ideal de virtude que caracteriza o cristianismo como principal matriz ideológica do processo colonizador.

O ideal de liberdade para a gente simples e inculta como os cabanos está muito mais próximo daquele concebido pelos gregos, isto é, uma liberdade que se exerce como expressão da própria vida em comunidade, que na situação antiga era simbolizada pela polis, e que para a realidade da Amazônia poderia ser traduzida pelo viver em acordo com a natureza em seu sentido mais amplo e inclusivo. Chauí (1992) aponta para o deslocamento que essa concepção de liberdade sofreu com o advento do cristianismo como religião de salvação, localizada a partir de então no interior de cada ser humano. Segundo ela, o cristianismo despolitiza a liberdade e, ao interiorizá-la, moraliza-a. Ao exigir a submissão da vontade humana à vontade divina essencialmente boa que antecipadamente define valores e comportamentos morais adequados, segundo objetivos que não são mais a felicidade social, política e terrena, mas a da salvação da alma, coloca a ideia do dever e da obrigação e exige a submissão a Deus e à representação de seu poderio na terra.

Após duzentos anos do empreendimento colonial mercantil capitalista na Amazônia, e sob o influxo das transformações histórico-sócio-políticas já mencionadas, a liberdade em seu aspecto econômico torna-se uma necessidade indissociável do próprio desenvolvimento do sistema de produção. A sua ausência ou limitação compromete os objetivos de maximização dos lucros do sistema, promove a estagnação e compromete o dinamismo de todas as atividades subsidiárias interligadas que constituem subsistemas de apoio à sobrevivência do modelo implantado. A atividade empresarial capitalista, quando aprisionada em regulamentações excessivas, privilégios e monopólios, sofre redução em seu nível de produtividade, e sua eficácia em termos competitivos fica irremediavelmente comprometida.

Bauman, ao analisar os desvios e deslocações que conduziram a transformações nas relações de dependência reveladas pelos contornos assumidos pelas interações humanas e que o discurso da liberdade articulava, reflete sobre o impacto provocado pela modernização como processo civilizador e as formas de coação comportamental que introduz, enfatizando o papel desempenhado pelo capitalismo e sua ênfase no cálculo de meio-fins que define sua visceral demanda pelo poder sobre a natureza e os homens. A mentalidade que a partir daí se institui traduz o desejo de dominar as pessoas da mesma maneira como se subjuga a natureza, anulando sua capacidade de oferecer resistência, suprimindo sua alteridade em beneficio de uma homogeneidade passiva e obediente aos objetivos priorizados pelo exercício do poder.[111]

A sociedade amazônica, que emerge no interior do complexo processo de

[111] Existe, pois, uma intrínseca ambiguidade na liberdade, na sua edição moderna, ligada ao capitalismo. A eficácia da liberdade exige que algumas pessoas permaneçam não-livres. Ser livre significa ter a possibilidade e a capacidade para manter os outros não-livres. Assim a liberdade, na sua forma moderna economicamente definida, não difere das usas aplicações pré-modernas no que respeita ao conteúdo de relações sociais. É, como antes, seletiva. Pode ser verdadeiramente alcançada (como distinta da postulada filosoficamente) apenas por uma parte da sociedade. Constitui um pólo numa relação que tem regulamentos normativos, limitações e coações como o seu outro pólo (BAUMAN, 1989, p.75).

instituição social-histórica da autonomia política proclamada pela Independência, apresenta o traço distintivo da ambiguidade intrínseca ligada ao capitalismo, apontada por Bauman: a eficácia da liberdade exige que algumas pessoas permaneçam não livres. Ser livre significa ter a possibilidade e a capacidade para manter os outros não livres.

Ora, os revolucionários se opõem essencialmente aos liames da submissão que sempre lhes foi imposta da forma mais dura possível e que agora parece finalmente derrotada. Era inevitável que a concepção de liberdade proposta pela elite, no decorrer do embate político, com sua oferta reduzida de direitos, controlada por princípios morais e jurídicos, lhes parecesse insuficiente e fosse desprezada, em benefício de uma visão de liberdade como capacidade de decidir o que, como e quando fazer, o que sem dúvida constitui o cerne de uma liberdade proposta como autonomia.

Em meio ao debate dos princípios liberais radicais que pretendem a democratização das instituições políticas que estão sendo estruturadas, o sonho assume a possibilidade de realidade efetiva, os *cabocos* acreditam que podem interferir na estrutura social, exercendo os poucos direitos legais assegurados aos mais pobres pela Constituição do Império. Mas os próprios radicais nunca avançaram propostas no terreno da delicada situação do trabalho para os homens livres, estes mesmos divididos quanto à manutenção do sistema escravista.

Afinal, o que cabia aos paraenses/brasileiros pobres neste momento de implementação do Império? Os *cabocos* acreditaram em uma situação social e política nova, que havia sido criada pelo rompimento dos laços com Portugal, e, ao perceberem que na prática nada havia mudado, o desencanto inicial foi substituído pela contestação e, em pouco tempo, o agravamento da situação política na Província conduziria à eclosão da Revolução Cabana. A repressão imposta aos revolucionários através do trabalho compulsório nos Corpos de Trabalhadores, o engajamento no serviço militar, as prisões e seu cortejo de humilhações e torturas, fornecem as linhas gerais do "processo de pacificação" que imporia aos *amazônidas* a ordem imperial.

A natureza autoritária do "processo de pacificação", amparada pela lei de guerra habilmente manipulada em sua vigência por Soares d'Andrea, desvelou de uma vez por todas a precariedade do ato político que integrou o Pará ao Império (adesão obtida às custas de um artifício imaginoso de Grenfell, como é sempre oportuno lembrar). Após a Convulsão cabana, não só o Pará, mas Amazônia como um todo, foi anexada ao Império do Brasil. Esmagados militarmente, os cabanos precisaram redimensionar suas aspirações e esperanças, pensar seu futuro comum entrelaçado aos destinos pessoais colocados em suspenso pelas rupturas trágicas representadas pelo aprisionamento ou pela morte. E, de um modo muito peculiar, um verdadeiro mergulho em significações sociais deslocadas, reformuladas e simbolizadas nas relações de poder que se impuseram como novos parâmetros de dominação, foi possível reconstruir o viver comunitário despedaçado pelo impacto do longo conflito e seus milhares de mortos.

A identidade brasileira, orgulhosamente proclamada, elaborada no interior da luta política, fruto do sofrimento compartilhado, produto da coragem e do destemor diante da morte, apoiada na postulação da igualdade e da liberdade, que asseguraria o respeito e o reconhecimento dos outros compatriotas, essa identidade brasileira plena ficou fora do alcance dos vencidos. Tornaram-se brasileiros, mas sob uma condição muito próxima do *status* anterior, de molde colonial, e em suas posições/condições inferiorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação elaboraram uma *identidade de resistência* (CASTELLS,1999, p.24), acentuadamente *amazônida,*[112] que, combinada com a identificação nacional, percebida como superior, norteia os relacionamentos fundamentais do cotidiano, e permite habilmente compatibilizar as exigências de ambas, mudando ou deslocando prioridades e interesses de acordo com os imperativos da ordem política vigente, mas sem renunciar aos elementos caracterizadores de sua alteridade, fundada na contemplação como um estado de sua existência, extensão de sua humanidade, que lhe oferece os parâmetros de suas relações socioculturais e estabelece os limites de seu relacionamento com a natureza, *constituindo-se em um modo de ser que redescobre e transvive a existência sempre dentro de si* (LOUREIRO,1995, p.102).

Hoje poderíamos falar em derrota dos cabanos, quando se percebe que, mesclados ao fluxo incessante das significações sociais em permanente transformação, persistem praticamente inalterados seus valores e que, apesar do preconceito, as populações permanecem fiéis aos parâmetros anteriormente definidos como seu modo de vida: ritmo menos estressante de encarar o trabalho, mantendo as pausas entre os turnos de atividade, cedendo espaço para o trabalho coletivo de ajuda mútua (o putirum ou puchirum) e associando sempre que possível o lazer com o trabalho?

Minha resposta é não. Derrota é uma palavra plena de conteúdo simbólico, construído e difundido com objetivos claros de anular resistências incômodas, que pudessem atrapalhar a produção de representações sociais marcadas pela visão do elemento dominador, hegemônico, visando a mascarar as desigualdades, anulando diferenças pela atribuição de rótulos negativos. Ao proclamar a vitória sobre o conflito que sustentava a existência da alteridade, privilegiou-se a estratégia de imposição de uma unicidade cultural inexistente, mas que permitiu e/ou possibilitou a expansão da dominação da elite por todos os segmentos sociais, e que determinou os *status* e papéis sociais que coube aos indivíduos e grupos desempenhar.

Desse modo permaneceram intocados elementos de velhas estruturas de dominação, o que acabou provocando a permanência de práticas sociopolíticas que reforçam o padrão de dependência e favores prestados para obter e conservar o poder e que permitem operar o sistema em toda a sua intrincada trama de credores e devedores de lealdades pessoais, sistema frequentemente designado como patronagem.

O impulso memorável que se pode atribuir a um movimento revolucionário

[112] Tenho feito uso do termo amazônida neste trabalho, com o propósito explícito de estabelecer uma diferenciação que caracterize de modo indelével os que nasceram ou habitam na região e cuja maneira de viver traduz suas indissociáveis raízes étnico-culturais demarcadas pela floresta, seus rios e mitos.

como a **Cabanagem** reside em um aspecto quase ignorado nos ensaios produzidos para explicá-la: a discussão coletiva sobre a lei. Considero a experiência cabana, sob esse aspecto, como um aprendizado, um ensaio em busca da liberdade vista além de sua expressão propriamente jurídica, um momento ímpar, quando a democracia não foi teorizada, mas vivenciada, com todos os riscos e incertezas possíveis em momentos de convulsão histórica, como movimento em busca da liberdade como expressão da autonomia.

O fracasso de uma tentativa importante não pode e não deve ser entendido como uma derrota. O aprendizado de quaisquer princípios na vida social é constituído de um processo delineado a partir de sucessivos ensaios e erros, e mesmo instituições fortemente ritualizadas necessitam de exercícios intensos e frequentes para manter vivos e reproduzidos comportamentos rotineiros.

A luta proporcionou aos *cabocos* um elemento fundamental para definição de sua identidade: ofereceu-lhes a oportunidade de se constituírem uma totalidade dotada de organicidade operacional que ofereceu uma visibilidade que a distinguia e a retirava do anonimato. Ao "coletivizar" os indivíduos, eles foram obrigados a se reconhecer em suas semelhanças e a se posicionar quanto as suas diferenças. O processo coletivo de tomada de decisões pelo povo e tropas reunidos em praça pública possibilitou a dessacralização da instituição e o questionamento da Lei, como um caminho válido para o estabelecimento da autonomia.

Quando se reuniam em praça pública para tomar decisões de âmbito político-militar relativos à administração de Belém, estavam realizando, de modo precário, é verdade, o fato político mais importante do processo revolucionário – o aprendizado da escolha democrática, que em princípio prepara, amadurece a busca da autonomia. E isso atemorizou a elite política local, porque representava uma ameaça concreta ao seu predomínio político sob qualquer aspecto que se possa analisar o exercício do poder.

Indivíduos rústicos, mestiços, negros escravos, analfabetos, maltrapilhos em seu simulacro de uniforme militar feito de algodão grosseiro, tingido de vermelho pelo muruxi apanhado na mata, armados de longas facas e fuzis capturados das tropas legais, tendo a audácia de pretender escolher um paraense para dirigir o Pará! Pior: capazes de assumir posições políticas complexas, em que aceitavam o Império e o Imperador, mas exigiam autonomia política para a Província, e que deveria ser efetivada pela escolha em eleições livres para o cargo de Presidente da Província.

Definitivamente assustaram quem pretendia o comando exclusivo da política e do poder. Se aceita essa postura cabana, o risco de fragmentar o Império recém-constituído era muito grande. Se o Governo Central aceitasse a situação de contestação aberta à ordem instituída no Pará, qualquer arranjo quanto ao exercício do poder poderia significar ter que ceder nos mesmos pontos e em condições semelhantes em outras Províncias, igualmente rebeladas ou em vias de rebelar-se, e mais importantes para a unidade do Império do que o longínquo Pará. Ceder significaria colocar em risco os grandes interesses que vieram a fundamentar o pacto da maioridade e sustentar a estrutura do Império por tantas décadas.

A consolidação do Império, sob o ponto de vista institucional mais amplo, se apoiou na Lei de Interpretação (12/05/1840), que separou o poder geral do poder provincial, fortalecendo e armando o primeiro, o que limitou a autoridade que as assembleias provinciais desfrutavam, permitindo o surgimento de uma polícia uniforme em todo o País e a militarização da Guarda Nacional, burocratizando toda a autoridade e centralizando-a nas mãos do Ministro da Justiça. Para sustentar o edifício imperial, duas colunas serão erigidas: o Conselho de Estado (23/11/1840) e a reforma do Código do Processo (03/12/1841), desse modo a estabilidade conservadora estará assegurada e a paz imperial será uma realidade.[113]

Para que o sistema político-econômico imperial funcionasse, era fundamental que se mantivessem a escravidão e a sujeição dos mestiços livres através das variadas formas de servidão do trabalho. Observados esses limites institucionais, seria impossível manter o discurso democrático dos radicais liberais para além da fronteira onde se expressou, isto é, como formas vazias de linguagem destinadas a causar impacto meramente retórico. A repressão ao movimento cabano não deixou dúvidas quanto ao temor das elites sobre o que verdadeiramente receavam: a democracia como expressão da igualdade e da liberdade de todos perante a lei.

A realidade econômica do capitalismo mercantil fez ver a extensão dos seus poderes limitadores sobre o político, transfigurando-o em versão adequada aos interesses do escravismo dominantes na sociedade; uma sociedade desde já definida como conservadora: fez-se o Império para a elite, não para os subalternos. Para estes ficam reservadas limitações políticas tão fortes que inviabilizam qualquer postura mais liberalizante para além dos limites já mencionados, e que possam colocar em risco a ordem, como pressuposto do progresso.

Realmente, o Império consolidaria uma espécie de despotismo democrático exercido por uma *oligarquia liberal* (CASTORIADIS,1999b, p.175), com arranjos manipulatórios que preservam a rotatividade do poder entre os grupos principais da elite política nacional (e seus representantes locais), assegurando uma partilha equitativa das benesses do Estado. O Governo atuava como árbitro dos conflitos locais, principalmente entre os poderosos, sem violar a hierarquia local de poder. “O arranjo deu estabilidade ao Império, mas significou, ao mesmo tempo, uma séria restrição à extensão da cidadania e, portanto, ao conteúdo público do poder” (CARVALHO,1996, p.144).

Pensar a liberdade e a igualdade é em essência conceber um projeto de autonomia política e isso implica reconhecer que somente em regimes democráticos seria possível realizar tal projeto. Entendo a democracia “como o

[113] José Murilo de Carvalho, ao analisar valores e linguagens que tornaram possível um acordo básico sobre a organização do poder e a manutenção da unidade nacional, se refere a uma democracia limitada dos homens livres, que expressaria a capacidade de processar conflitos entre grupos dominantes dentro de normas constitucionais aceitas por todos constituía o fulcro da estabilidade do sistema imperial. Ela significava, de um lado, um conservadorismo básico na medida em que o preço da legitimidade era a garantia de interesses fundamentais da grande propriedade e a redução do âmbito da participação política legítima. Mas, de outro lado, permitia uma dinâmica de coalizões políticas capaz de realizar reformas que seriam inviáveis em situação de pleno domínio de proprietários rurais (CARVALHO,1996, op.cit.p.38).

regime da autolimitação; portanto, é também o regime do risco histórico – um outro modo de dizer que é o regime da liberdade, e um regime trágico" (CASTORIADIS,1987, p.304).

O que movimentos libertários (democráticos) apontam como caminho não interessa aos detentores do poder porque duas condições que os caracterizam impõem sérios prejuízos a esses grupos: a ideia de que o regime democrático exige critérios severos de limitação do poder aos seus participantes e não apresenta garantias de que nas suas oscilações ganhos individuais sejam mantidos como privilégios para todo o sempre.

Não há como se proteger de uma contestação à ordem em tal regime, e isso o indispõe com os objetivos de manutenção da estabilidade imperial. Os detentores do poder, ao se sentir verdadeiramente ameaçados pela onda de rebeliões, sua atuação em defesa da ordem foi dura e radical em todo o Brasil, mas muito mais intensa ao norte, onde esteve mais ameaçada a situação de poder da elite local. Por outro lado, o limite da autonomia pretendida pelos revolucionários cabanos esteve sempre historicamente determinado, isto é, as condições para a sua efetiva realização estiveram sempre atreladas à questão da natureza da liderança e dispersão do movimento, além do fato maior representado pela inserção dessa demanda num quadro francamente desfavorável em termos nacionais, como mencionamos anteriormente. O fracasso em implementá-la traduz a opção realizada pela elite dominante nacional por uma cidadania estruturada em um sistema de participação política restrita, que jamais permitiu uma verdadeira representação da diversidade dos interesses socialmente relevantes e inclusivos.

A condenação da Revolução Cabana ao silêncio e ao esquecimento, veementemente declarada, em 1841, por um alto funcionário do governo na abertura de seu relatório de inspeção ao alto Amazonas[114] – *já não fallo, nem lembrar-me quero dos actos devastadores da anarchia, que desde a marcada época de 1835 declararão a Província inteira por que de certo me obrigaria a recordar factos que convem esquecer eternamente, e aos quaes não é possivel encarar sem horror* – não teve sucesso. Como significação imaginária social, ela permaneceu como recurso sempre possível de ser solicitado à realidade concreta, ela está subsumida nos fragmentos do passado que o presente reordena no seu fluxo ininterrupto, a partir do qual a realidade social-histórica está sempre se reinstituindo e fazendo emergir novas formas de existência.

Hoje, existe como proposta política uma recuperação do espírito cabano, que ninguém ainda conseguiu definir com exatidão, mas que embala novos sonhos de participação política consciente, corajosa, vibrante, na Belém oposicionista e pós-moderna do século XXI, como a demonstrar, a despeito de todos os limites contemporâneos, que sonhar é preciso e fundamental para manter viva a busca da autonomia.

[114] MATOS, J. H. Relatório do Commissário da Inspeção e Exame dos Pontos Contestados pelo Governo de Sua Magestade Britânica. 09/09/1841. Arquivo Nacional, Códice 807.

Referências

AB'SÁBER, A. *Amazônia. Do discurso à praxis*. São Paulo: Edusp, 1996.
ACUNA, C. *Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas*. Rio de Janeiro: Agir, {1641} 1994.
AGASSIZ, L. ; AGASSIZ, E. *Viagem pelo Brasil (1865-1866)*. São Paulo: Editora Itatiaia/EDUSP, 1975.
ALMEIDA, R. H. de. *O Diretório dos Índios*. Brasília: UNB, 1997.
ANDRADE, M. C. *O Sentido da Colonização*. Recife: 20-20 Comunicação e Ed.,1994.
ARAGÓN, L. E. ; IMBIRIBA, M. N. O. *Populações Humanas e Desenvolvimento Amazônico*. Belém: UFPA, ARNI, CELA, 1989.
ARAGÓN, L. E. (Org.). *A Desordem Ecológica na Amazônia*. Belém: UNAMAZ/ UFPA, 1991.
ARENDT, H. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
__________. *Da Revolução*. São Paulo: Ática, 1988.
__________. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
__________. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
AZEVEDO, C. M. M. *Onda Negra, Medo Branco*. O Negro no Imaginário das Elites, Séc. XX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
AZEVEDO, J. L. D. *Os Jesuítas no Grão-Pará*. Suas Missões e a Colonização. Belém: SECULT, {1901}1999.
BAENA, A. *Compêndio das Eras da Província do Pará*. Belém: UFPA, 1969.
BHABHA, H. K. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila et alii. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
BALANDIER, R. G. *A Desordem*. Elogio do Movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
BARATA, M. *Formação Histórica do Pará*. Belém: UFPA, 1973.
BAUMAN, Z. *A Liberdade*. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.
BEOZZO, J. O. (Coord.) *História da Igreja no Brasil*. Tomo II/2. Segunda Época-Século XIX, Petrópolis, RJ : Vozes e Ed. Paulinas, 1992.
BERGER, P. L. ; LUCKMANN, T. *A Construção Social da Realidade*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
BETTENDORFF, J. F. *Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Belém: Fund. Cultural T. Neves/Sec. Est. De Cultura, {1910} 1990.
BOÉTIE, E. de La. *Discurso da Servidão Voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
BONFIM, M. O Brasil Nação. *Realidade da Soberania Brasileira*. Rio de Janeiro: {1986} Topbooks, 1996.
___________. *O Brasil na América*. Caracterização da Formação Brasileira: Rio de Janeiro: Topbooks, {1929} 1997.
BORGES, R. *Vultos Notáveis do Pará*. Belém: CEJUP, 1986.
BOSI, A. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
BOTTOMORE, T. B. *As Elites e a Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
BOXER, C. R. *Relações Raciais no Império Colonial Português (1415-1825)*. Trad. Elice Munerato. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
BOURDIEU, P. *La Distinction*. Critique Sociale du Jugement. Les Éditions de Minuit, 1979.

BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIEFEL/Bertran Brasil, 1989.
BURKE, P. (Org.). *A Escrita da História*. Novas Perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.
CALDEIRA, J. *A Nação Mercantilista*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
CAMARGO, A. La Federacion Sometida. Nacionalismo desarrolhista inestabilidade democrática. IN: CARMAGNANI, M. (Coord.). *Federalismo latinoamericanos*: México/Brasil/Argentina. México: Fondo de Cultura, 1993.
CARVALHO, J. M. *Os Bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
_______________. Entre a Liberdade dos Antigos e a dos Modernos: A República no Brasil. In: *DADOS*, Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: IUPERJ, vol. 32, nº 3, 1989.
_______________. *A Formação das Almas*: o Imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
_______________. *A Construção da Ordem*: Elite Política Imperial; Teatro de Sombras: a Política Imperial. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, Relume-Dumará, 1996.
_______________. *Pontos e Bordados*. Escritos de História e política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
CASCUDO, L. da C. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1983.
CASTELLS, M. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 1999.
CASTORIADIS, C. e COHN-BENDIT, D. *Da Ecologia à Autonomia*. Trad. Luiz Roberto S. Forte. São Paulo: Brasiliense, 1981.
CASTORIADIS, C. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
_______________. *As Encruzilhadas do Labirinto I*. Trad. Carmem Sylvia Guedes, Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
_______________. *As Encruzilhadas do Labirinto II*. Os Domínios do Homem. Trad. José Osacar de Almeida Marques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
_______________. *As Encruzilhadas do Labirinto III*. O Mundo Fragmentado. Trad. Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992a.
_______________ et alii. *A Criação Histórica*. Trad. Denis L. Rosenfeld. Porto Alegre: Artes e Oficios Ed., 1992b.
_______________. *As Encruzilhadas do Labirinto V*. Feito e a Ser Feito. Trad. Lílian do Valle. Rio Janeiro: DP&A, 1999a.
_______________. *Les Carrefours du Labyrinthe VI*. Figueres du Pensable. Paris: SEUIL, 1999b.
CASTRO, P. P. de. A Experiência Republicana, 1831-1840. In: HOLANDA, S. B. (Org.) *II O Brasil Monárquico* 2. Dispersão e Unidade. São Paulo: DIFEL, 1978.
CATHARINO, J. M. *Trabalho Índio em Terras da Vera ou Santa Cruz*, Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.
CHALHOUB, L. *Visões da Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
CHÂPELET, S.; DUHAMEL, O.; PISIER-KOUCHNER, E. *História das Idéias Políticas*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1985.

CHAUÍ, M. Público, Privado, Despotismo. In: NOVAIS, A. (Org.) *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
CHIAVENATO, J. J. *Cabanagem*: O Povo no Poder. São Paulo: Brasiliense, 1984.
COELHO, G. M. *Anarquistas, Demagogos e Dissidentes*. A Imprensa Liberal no Pará de 1822. Belém: CEJUP, 1993.
CORRÊA, R. L. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Ática, 1995.
COSTA, E. V. Introdução ao Estudo da Emancipação Política. In: MOTA, C. G. (Org.) *Brasil em Perspectiva*. São Paulo: DIFEL, 1971.
___________. *Da Senzala à Colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
___________. *Coroas de Glória. Lágrimas de Sangue*. A Rebelião dos Escravos de Demerara em 1823. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
COSTA, E. V. *Da Monarquia à República.* Momentos Decisivos. São Paulo: UNESP, 1999.
CUNHA, E. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
DANIEL, J. *Tesouro Descoberto do Rio Amazonas*. Separata dos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. 95, Tomos 1 e 2 (1975), Rio de Janeiro, 1976.
DIAS, M. N. *Fomento e Mercantilismo*: A Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão (1775-1778). Belém: UFPA, 1970.
DIEGUES, A. C. L. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo: NUPAB, Universidade de São Paulo, 1994.
DOMINGUES, J. M. A. América. Intelectuais, Interpretações e Identidades. In: *DADOS*. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro: v. 35, nº 2, 1992.
DURKHEIM, E. *As formas Elementares de Vida Religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.
____________. *A Evolução Pedagógica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
ELIAS, N. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
EMMI, M. A. *A Oligarquia do Tocantins e o Domínio dos Castanhais*. Belém: CFCH/UFPA, 1988.
ENRIQUEZ, E. *Da horda ao Estado*. Psicanálise do Vínculo Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
EPSTEIN, J. *Gramática do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.
FAORO. R. *Os Donos do Poder*. Formação do Patronato Político Brasileiro. Porto Alegre: Globo, 1976.
_________. *Existe um Pensamento Político Brasileiro?* São Paulo: Ática, 1994.
FARAGE, N. *As Muralhas dos Sertões*: Os Povos Indígenas do Rio Branco e a Colonização. Rio de Janeiro: Paz e Terra/ANPOCS, 1991.
FERNANDES, F. *Mudanças Sociais no Brasil*. São Paulo: DIFEL, 1974.
FERREIRA, A. R. *Viagem Filosófica pelas Capitanias do Grão Pará, Rio Negro e Cuiabá*. Memórias. Conselho Federal de Cultura. Departamento de Imprensa Nacional, 1974.
FERRO, M. *História das Colonizações*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
FERRY, L. *A Nova Ordem Ecológica*. A Árvore, o Animal, o Homem. São Paulo: Ensaio, 1994.
FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.
_____________. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
_____________. *Arqueologia do Saber.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
_____________. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FRAGOSO, H. A Era Missionária (1686-1759). In: *História da Igreja na Amazônia*. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1992.
FREITAS, D. *Os Guerrilheiros do Imperador*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
FREUD, S. *O Tabu da Virgindade*. Traduzido do Alemão e do Inglês, sob a Direção-Geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: IMAGO, Edição Standard Brasileira das Obras Completas, v. XI, 1970.
________. *O Totem e Tabu*. Traduzido do Alemão e do Inglês, sob a Direção-Geral de Jayme Salomão. Trad. Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: IMAGO. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, v. XIII, 1974.
________. *O Futuro de Uma Ilusão*. Traduzido do Alemão e do Inglês, sob a Direção-Geral de Jayme Salomão. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: IMAGO, Edição Standard Brasileira das Obras Completas, v. XXI, 1974.
________. *O Mal- Estar na Civilização*. Traduzido do Alemão e do Inglês, sob a Direção-Geral de Jayme Salomão. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: IMAGO, Edição Standard Brasileira das Obras Completas, v.XXI, 1974.
________. *Moisés e o Monoteismo*. Traduzido do Alemão e do Inglês, sob a Direção-Geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: IMAGO, Edição Standard Brasileira das Obras Completas, v. XXIII, 1975.
FURTADO, C. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo. Nacional, 1967.
GELLNER, E. *Nações e Nacionalismos*. Trajectos. Trad. Inês Vaz Pinto. Lisboa: Gradiva, 1983.
____________. *Antropologia e Política*. Revoluções no Bosque Sagrado. Trad. Salma Tannus Muchail. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
GEERTZ, C. C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1978.
GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas, Sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
GIRARD, R. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: UNESP/Paz e Terra, 1990.
GONDIM, N. *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
GUIBERNAU, M. *Nacionalismos*. O Estado Nacional e o Nacionalismo no Séc. XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
GUIDENS, A. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
HALL, A. L. *Amazônia*. Desenvolvimento para Quem? Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
HAUCK, J. F. et alii. *História da Igreja no Brasil*. Segunda Época. Séc. XIX. Petrópolis: Vozes, 1992.
HOBSBAWM, E.J. *A Era das Revoluções*. Europa 1789-1848. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
________________. *Nações e Nacionalismo desde 1870*. Trad. Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
HOLANDA, J. B. de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1973.
________________. *Visão do Paraíso*. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Nacional, 1985.
HOONAERT, E. *Formação do Catolicismo Brasileiro*. 1550/1800. Petrópolis: Vozes, 1991.
_____________. (Coord.) *História da Igreja na Amazônia*. Petrópolis: Vozes,1992a.
_____________. (Coord.) *História da Igreja na Brasil*. Primeira Época. Ensaio de Interpretação a partir do Povo. Tomo II/1, Petrópolis: Vozes, 1992b.

______________. *História da Igreja na América Latina e no Caribe*. Petrópolis: Vozes, 1995 (CEHILA).
IANNI, O. *As Metamorfoses do Escravo*. São Paulo, Curitiba: Hucitec, Scientia et. Labor, 1988.
_______. *A Sociedade Global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
_______. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
IGLESIAS, F. *História e Ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
___________. *Trajetória Política do Brasil (1500-1964)*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
JANCSÓ, I. A Sedução da Liberdade: Cotidiano e Contestação Política no Final do Século XIII. In: SOUZA, L. de M. (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 1.
JANCSÓ, I ; PIMENTA, J. P. G. Peças de um Mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: MOTA, C. G. *Viagem Incompleta.* Formação: Histórias. A Experiência Brasileira. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.
JECUPÉ, K. W. *A Terra dos Mil Povos*. São Paulo: Petrópolis, 1998.
KOWARICK, L. *Trabalho e Vadiagem*. A Origem do Trabalho Livre no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
LAFARGUE, P. O. *O Direito à Preguiça*. São Paulo: Ed. UNESP e HUCITEC, 1999.
LAMBERT, J. *Os Dois Brasis*. São Paulo: Ed. Nacional, 1967.
LAPA, J. R. A. *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978.
LEONARDI, V. *Entre Árvores e Esquecimentos*. História Social nos Sertões do Brasil. Brasília, DF.: Paralelo 15 Editores, 1996.
LIMA, M. O. *O Movimento da Independência*. O Império Brasileiro (1821-1889). São Paulo: Melhoramentos, 1947.
LINS, I. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1967.
LISBOA, J. F. *Jornal de Timon*. Org. José Murilo de Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
LOUREIRO, J. de J. P. *Cultura Amazônica.* Uma Poética do Imaginário. Belém: CEJUP, 1995.
LUZ, N. V. *A Amazônia para os Negros Americanos*. Rio de Janeiro: Ed. SAGA, 1968.
MAGNOLI, D. *O Corpo da Pátria*. São Paulo: UNESP, 1997.
MARIN, R. E. A. *Do Travail Esclave ao Travail Libre*: Le Pará (Brésil) sous le Régime Colonial et sous l'Empire (XVII e XIX siècles). Paris: Thèse de Doctorat de troisième cycle presenté à l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1985.
MATTA, R. da. *O que faz o Brasil*? Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
MATTOSO, R. de Q. *Ser Escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
MATURANA, R. H. *Emociones y Lenguaje en Educacion y Politica*. Santiago: Ed. Pedagógicas Chilenas, 1990.
MAUÉS, R. H. *Padres, Pajés, Santos e Festas*. Catolicismo Popular e Controle Eclesiástico. Belém: CEJUP, 1995.
MAUÉS, R. H. *Uma Outra "Invenção" da Amazônia*. Religiões, Histórias, Identidades. Belém: CEJUP, 1999.
MAURO, F. *Do Brasil à América*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MAY, R. *Poder e Inocência*. Uma Análise das Fontes da Violência. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
MAYER, A. J. *A Força da Tradição*. A Persistência do Antigo Regime (1848-1914). Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987
MELLO, E. C. Uma Nova Lusitânia. In: MOTA, C. G. (Org.) *Viagem Incompleta.* Formação: Histórias. A Experiência Brasileira. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.
MIRANDA, V. C. de. *Glossário Paraense*. Coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha do Marajó. Belém: UFPA, 1968.
MOORE, B. *Los Orígenes Sociales de la Dictadura y de la Democracia*. Ba: Ediciones 62, 1973.
MORAES, J. de M. *História da Companhia de Jesus na Extinta Província do Maranhão e Pará*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987.
MOREIRA NETO, C. de A. Os principais Grupos Missionários que atuaram na Amazônia Brasileira entre 1607 e 1759. In: *História da Igreja na Amazônia*. Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina. CEHILA, Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
MOTA, C. G. *Brasil em Perspectiva*. São Paulo: DIFEL, 1971.
__________. *Ideologia da Cultura Brasileira*. São Paulo: Ática, 1977.
__________. *Idéia de Revolução no Brasil 1789/1801*. Petrópolis: Vozes, 1979.
__________. *1822 Dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
__________. (Org.). *Viagem Incompleta*. Formação: Histórias. A Experiência Brasileira. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
NABUCO, J. *A Escravidão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
NEVES, L. F. B. *O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios*. São Paulo: Forense Universitária, 1976.
NOVAIS, F. A. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1985.
NUNES, J. H. *Formação do Leitor Brasileiro*. Imaginário da Leitura no Brasil Colonial. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1994.
OLIVEIRA, J. P. *Ensaios de Antropologia Histórica*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.
OLIVEIRA, R. C. *O Índio e O Mundo dos Brancos*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1996.
OLSON, D. R. ; TORRANGE, N. (Org.) *Cultura, Escrita e Qualidade*. São Paulo: Ed. Ática, 1995.
ORLANDI, E. P. *A Linguagem e seu Funcionamento*. As Formas do Discurso. Campinas, SP: Pontes, 1987.
PAOLO, P. Di. *Cabanagem*. A Revolução Popular na Amazônia. Belém: CEJUP, 1986.
PIERUCCI, A. F. *Ciladas da Diferença*. São Paulo: USP/Editora 34, 1999.
PINTO, L. F. *Amazônia*: o Anteato da Destruição. Belém: Grafisa, 1977.
__________. *Amazônia*: no rastro do saque. São Paulo: Hucitec, 1980.
__________. *Carajás*: O Ataque ao Coração da Amazônia. São Paulo: Marco Zero, 1982.
__________. *Jari*: A Verdadeira História do Projeto de Ludwing. São Paulo, Marco Zero, 1984.
__________. *Amazônia*: A Fronteira do Caos. Belém: Falângola, 1991.
POLANYI, R. *A Grande Transformação*. As Origens da Nossa Época. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
POPPER, K. R. *La Miseria del Historicismo*. Madrid: Alianza/Taurus, 1961.

PORRO, A. *As Crônicas do Rio Amazonas*. Notas Etno-Históricas sobre as Antigas Populações Indígenas da Amazônia. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1993.
PRADO, P. *Retrato do Brasil*. Organização de Carlos Augusto Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
PRADO JUNIOR, C. *Evolução Política do Brasil e Outros Estudos*. São Paulo: Brsiliense, 1975.
POUTIGNAT, P. *Teorias da Etnicidade*. Seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth / Philippe Puotignat, Jocelyne Streiff-Fenart. (Tradução: Élcio Fernandes). São Paulo: Ed. UNESP, 1998.
RAIOL, D. A. *Motins Políticos*. Ou História dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1935. UFPa., 1970. 3 vols.
RAMINELLI, R. *Imagens da Colonização*. A Representação do Índio de Caminha a Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
REIS, A. C. F. *A Amazônia e a Cobiça Internacional*. São Paulo: Ed. Nacional, 1960.
___________. *Síntese de História do Pará*. Belém: Amada, 1972.
___________. O Grão-Pará e o Maranhão. In: HOLANDA, S. B. e CAMPOS, P. M. (Org.). *História da Civilização Brasileira. II*. O Brasil Monárquico. São Paulo: DIFEL, 1978.
___________. *História de Óbidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Belém: Governo do Estado do Pará, 1979.
___________. *A Política de Portugal no Valle Amazônico*. Belém: SECULT, 3 vol. 1993.
RENAUT, A. *O Indivíduo*. Reflexão acerca da Filosofia do Sujeito. São Paulo: DIFEL1998.
RIBEIRO, D. *Os Índios e a Civilização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
RIBEIRO, R.J. *A Última Razão dos Reis*. Ensaios de Filosofia Política. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
ROLAND, A.M. *Fronteiras da Palavra*. Fronteiras da história. Brasília, DF: Ed. UNB,1997.
SAES, D. *A Formação do Estado Burguês no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
SALLES, V. *O Memorial da Cabanagem*. Belém: CEJUP, 1992.
SANTOS, R. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.
SANTOS, W. G. *Ordem Burguesa e Liberalismo Político*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.
SCHWARTZ, S. B. *Segredos Internos*. Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
SCHWARTZ, S. B. Gente da Terra Braziliense da Nasção. Pensando o Brasil: a Construção de um Povo. In: MOTA, C. G. (Org.). *Viagem Incompleta*. A Experiência Brasileira (1500-2000). Formação: Histórias. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
SILVA, J.B. de A. e. *Projetos para o Brasil*. Organização de Miriam Dolhnikoff. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
SILVA, M. B. N. *Movimento Constitucional e Separatismo no Brasil*. Lisboa: L. H., 1988.
SILVEIRA, I. B. da. *Cabanagem*. Uma Luta Perdida para a Liberdade. Belém: SECULT, 1994.
SODRÉ, N. W. *História da Imprensa e Separatismo no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SODRÉ, N. W. *Evolução Social e Econômica do Brasil*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.
_____________. *O que se Deve Ler para Conhecer o Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
SOREL, G. *Reflexões sobre a Violência*. Petrópolis: Vozes, 1993.
SOUSA, H. M. I. *O Coronel Sangrado* (1877). Belém, UFPA, 1968.
_____________. *O Cacaulista* (1876). Belém, UFPA, 1973.
_____________. *Contos Amazônicos* (1893). Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988.
_____________. *Histórias de um Pescador* (1876). Belém: SECULT, 1990.
_____________. *O Missionário* (1891). São Paulo: Ática, 1992.
SOUZA, M. *A Expressão Amazonense*. Do colonialismo ao neo-colonialismo. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1978.
_________. *Breve História da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
_________. *Lealdade*. Belém: CEJUP, 1997.
SOUZA, L. M. e. *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1, 1997.
SPINK, M. J. (Org.) *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano*. Aproximações Teóricas e Metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999.
STUART MILL, J. *Sobre a Liberdade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
URICOECHEA, F. *O Minotauro Imperial*. São Paulo: DIFEL, 1978.
VAINFAZ, R. *A Heresia dos Índios*. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.
__________ (Direção). *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
VARELA, F. J. *Quel Savoir pour l'étique?* Paris: La Découverte, 1996.
VARELA, F. J. *Autonomie et Connaissance*. Essai sur le vivant. Paris: Ed. du Seuil, 1989.
VERÍSSIMO, J. D. M. *Estudos Amazônicos*. Belém: UFPA, 1970.
VILLALTA, L. C. *1789-1808: O Império Luso-brasileiro e os Brasis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
VIEIRA, A. *Os Sermões*. São Paulo: Melhoramentos, 1963.
VIEIRA, A. *História do Futuro*. Belém: SECULT/IOE/PRODEPA, {1718} 1998.
VOVELLE, M. *Imagens e Imaginário na História*. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a idade média até o século XX. Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1997.
____________. *Ideologias e Mentalidades*. Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1987.
WEBER, M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1970.
_________. *Ensaios de Sociologia*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
__________. *Economia y Sociedad*. Esbozo de Sociología Comprensiva. Trad. José Medina Echavarría er alli. México: Fondo de Cultura Económica, 1969, 2v.
__________. *Economia e Sociedade*. Fundamentos de Sociologia Compreensiva. Brasília, DF: Ed. UNB, 1991.
WEINSTEIN, B. A. *Borracha na Amazônia*: Expansão e Decadência (1850-1920) São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1993.

Dicionários

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. Dicionário de Política. Trad. João Ferreira, Carmem C. Varriale et al. Brasília, DF: UNB, 1986.
BOTTOMORE, T. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1988.
BOUDON, R.; BOURRICAUD, F. *Dicionário Crítico de Sociologia*. Trad. Maria Letícia Guedes Alcoforado et al. São Paulo: Ática, 1993.
CASCUDO, L. C. *Dicionário de Folclore Brasileiro*. São Paulo: Ediouro, s/d.
DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS/ Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação; Benedicto Silva, coordenação geral; Antônio Garcia de Miranda Neto…/ et al./. Rio de Janeiro: editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.
LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. Trad. Fátima Sá Correia. São Paulo: Martins Fontes, 1993. *Dicionário Crítico de Sociologia*. São Paulo: Ática, 1993.
LAPLANCHE, J. et al. *Vocabulário da Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
THINES, G.; LEMPEREUR, A (Direção). *Dicionário Geral das Ciêcias Humanas*. Trad. Artur Mourão et alii. Lisboa: Edições 70, 1984.

Coleções do Arquivo Público do Pará

1 - Manuscritos sobre a Amazônia Colonial: repertório referente à mão-de-obra indígena do fundo Secretaria do Governo (Colônia e Império), especialmente os códices: 92; 95; 336; 543; 520; 548; 552; 608; 625; 549; 518; 474; 356; 403; 466; 551; 492; 554; 618; 627; 322.

2 - ANAIS DO ARQUIVO PÚBLICO DO PARÁ: V.2 T.1 (1996); V.3 T.1 (1997) V.3 T.2 (1998)
3 - INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO BRASIL. Coleção Manoel Barata. Rio de Janeiro.
4 - FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Coleção de Jornais do Pará. Rio de Janeiro.

Coleção do Aqruivo Nacional

Coleção de Documentos sobre o Pará – Códice 807 – Rio de Janeiro.

ANEXOS

1 Transcrição (realizada por funcionários especializados do Arquivo Público do Pará)

Códice 548

Documento 56: Carta Régia sobre os índios

Plano para a civilização dos índios na Capitania do Pará

Carta Regia Sobre Os Indios

Dom Francisco de Souza Coutinho; Do Meu Conselho, Governador e Capitão General da Capitania do Pará: Eu a Rainha vos envio muito saudar sendo a Civilização dos Indios Habitantes dos vastos Districtos desa Capitania, hum objeto mui digno da Minha Maternal Atenção, pello bem real que elles não menos do que o Estado, acharão em entrarem na Sociedade, e fazerem parte della, para participarem igualmente com os outros Meus Vassalos dos efeitos do Meu constante, e nunca interrompido Desvelo em os amparar a sombra de saudaveis Determinações: E havendo lhe sido presente a bem acertada informação que vós destes a este respeito; sou servida comformar lhe inteiramente com as vistas indicadas (sic.) na mesma informação; que com esta Minha, baixa assignada pello meo Conselheiro d'Estado e Ministro e secretario d'Estado Dom Rodrigo de Souza Coutinho. E afins não só de convidar aquelles Indios, que ainda estão embrenhados no interior da Capitania, a vir viver entre os homens, mas de conservar constantes, e permanentes aquelles; que já hoje fazem parte da Sociedade servindo o Estado, conhecedor da religião em que vivem felizes, bem de outro modo que os primeiros desgraçadamente envolvidos em huma ignorancia cega e profunda, até dos principais princípios da Religião santa que abraçarao os ultimos, por efeito das pias e Beneficas Disposicoens dos senhores Reiz meus predecessores, e minhas: e querendo igualmente que a condição destes Indios assim dos que já hoje tem tracto e comunicação com os outros Meus vassalos como dos que delles fogem, seja em tudo a de homens em [corroído 2 palavras] por bem abolir, e extinguir [corroído] o Diretório dos Indios establesado provisoriamente p.ª o Governo Economico das sua Povoações para que os mesmos Indios fiquem sem [diferença] dos outros meus Vassalos sendo dirigidos e Governados pellos [corroído 3 palavras] todos aqueles dos diferentes Estados que compoem a [corroído] Guia restituindo os índios aos Direitos que lhes pertencem, igualmente como aos meus outros vassallos livres E comfiando Eu que vos procedereis para o importante, fim da Civilização dos Indios com hu acerto tanto de Meu agrado

quanto o foi da informação que sobre este objeto Me destes: Ordeno-vos que [corroído] respeito nesta tão justa inovação a força [dos] abusos inveterados e aos habitos [corroído], a fim que nos serviços e Rendas Reaes, na economia Publica do Estado, se não esperimente concessão sensível: E Encarregovos de cuidareis logo nos meios mais eficazes de ordenar, e formar os Indios que já viverem em Aldeias promiscuamente com os outros em Corpos de Milicias conforme a População dos Distritos e segundo o Plano porque estão formados, e ordenados os outros: E para Officiais Comandantes de Tais Corpus nomeareis os Principais e [officiais] das Povoações indistintamente com os Moradores brancos, fazendo executar as Disposiçoens, e Ordens inerentes do Governo, e Direção [corroído 2 palavras] referidos officiais Comandantes, e pelos seus Juizes alternativamente Brancos e Indios segundo a que pertencerem Tratareis Tambem de formar hum corpo efetivo de Indios bem como os Pedestres de Mato Grosso e Goiaes preferindo porem os pretos forros [corroído] enquanto os houver como mais robusto, capazes de soportar o Trabalho, Deichando ao [corroído] discernimento o modo, por que haveis de organizar o referido Corpo efetivo sem prejuizo da condução das madeiras e de outros serviços em que utilmente se empregão os Indios fixandolhes hum numero determinado de annos de serviço passados os quaes não ficarão obrigados a outro alguns que não seja o de Milicias ao qual todos estão obrigados digo e devem ficar sugeitos: E para mais os atrair suavisandolhes o trabalho nos annos detterminados só trabalharão hua parte do anno, ficando-lhes a outro para cuidarem nos Negocios das suas familias o que invensivelmente os hira costumando a ocupaçoens serias, e por consequencia achar necessario para a sua felicidade hu Governo que prove a todas as suas precizoens, e se desvela pella sua tranquilidade: E quando por serem empregados em viagens ou serviços dilatados vejais que esta disposição não possa verificar-se dever descontarlhes no Total do Tempo que tem de trabalhar este acrescimo de demora, e demais efectivo serviço dispençádo-os do trabalho, por hum intervallo que vinha a dar com o tempo de serviço que lhes for arbitrado.

A Paga deste Corpo sera a mesma que a actual dos Indios acrescentando a ração diaria com huma porção delas, e dandolhes outra de aguardente quando andarem em viagem, ou estiverem nos matos. Vencerá este Corpo, cada anno dois Uniformes, que constarão de huas calcas, e huma Camiza, e hua Veste de Algodão pintado de preto, para cada individuo os seos cabos terão na paga aquella diferença que julgareis mais adquadas, E cada vinte praças Terão hum Cabo, cada cem hu Sargento, e todo o Corpo hum Capitão de Campo e Mato. Os Principais, e os officiaes dos Corpos de Milicias uzarão de hum uniforme que vos lhe dareis. Como a economia de teu objecto inseparavel de toda a boa ordem e sobretudo [sic] em qualquer inovação convem, e Ordeno-vos que permitais o uso das licenças áqueles do referido Corpo a quem possa dispensar-se do serviço, alem dos que devem estar sempre prontos para qualquer ocurrencia imprevista e ocozião repentina: E havendo casos estraordinarios em que sejão precizos mais do que

aquelles que compoem o Corpo efetivo. Autorizovos a chamardes dos Corpos de Milicias, em que todos ficarem ordenados, aquelles que forem necessarios.

Comformandome igualmente com o vosso parecer acerca dos Índios que se ocupão nas pescarias: Ordenovos que façais logo atestar em o numero suficiente todos aqueles que houverem de ser pescadores, dispensanduos de entrarem, assim no Corpo dos do Meo Real serviço, como nos de Milicias e que lhes destinei as Villas em que devem habitar, ficando porem sujeitos a outros trabalhos, aquelles que alistados faltarem ao serviço da Pescaria, e impondolhes hua pessa proporcionada, se, abandonarem as Embarcaçoens. Encarregandovos de me informar do Methodo que mais convem [utilizar] para se fazerem [corroído], e deicando-se a industria, e interesse dos mesmos Indios, se obriganduos a concorrer [ilegível] para ellas por direção alheia E igualmente me informareis mui exacta individual dualmente sobre o modo por que hão de regular-se, relativamente á Civilização dos Indios os Contratos dos Dizimos, e da Marchantaria a fim que nada se omita de tudo quanto pode contribuir para hu tão pio e justo. E por que não he de Minha Real Intenção que o Contrato dos Dizimos suba de preço á custa dos Indios; mais sim, que o Dizimeiro, e os outros Contratadores daquelles contratos, tenhão gente para remar as Canoas, que a elles pertencem e a quem pagam pelo preço em que convierem: Ordenovos que façais observar o seguinte todos aquelles Indios que os contratadores, e Dizimeiro ajustarem, emquanto se ocuparem nos trabalhos dos mesmos Contratadores, e athe hum numero arbitrado pella Junta da Fazenda, ou pellas Camaras respectivas, promiscivamente aos trabalhos, em que houverem de se empregar serão isentos de outro qualquer serviço Publico: Proibindo expressamente aos Officiaes dos Corpos de Milicias a que pertencerem que os chamem nunca para outra alguma ocupação e ficando os Contratadoes obrigados a manisfestar aos mesmos Oficiais assim o numero daquelles Indios q' lhes devem ser dispensados, como os que trouxe efetivos; e do mesmo modo aqueles que abandonaram os trabalhos a que foram destinados afim que um tal cazo sejão logo chamados para outros Bem emtendido porem que sucedendo não terem os Contratadores Indios para fazer navegar as suas Canoas ficarão elles auctorizados a requerer ao Juiz respectivo e mais imediato, que [ilegível] e lhes mande aqueles que se bastarem para as navegar ainda que os tire de outras onde sejão menos necessarios, e os Juizes serão obrigados a dar a providencia, requerida, salva sempre a indiniação de Pagamento livre emquanto não chegar a hum excesso tal que a fassa inutil.

O outro meio que me propondes, como tendente tambem para o mesmo fim da Civilização dos Indios, he a continuação do Comercio e Navegação para Matto Grosso, feito por escravos, e não pellos Indios: sobre este ponto Tenho determinado o que vos sera constante em outra Carta, em que vos Ordeno a execução do que informastes acerca de Navegação do Pará para Matto Grosso.

Não he menos digno da Minha Real atenção o fazer liquidar as contas Thezoureiro com as diferentes Povoaçons, antes que procedeis a total extinção do

Diretorio assim que [corroído 2 palavras] o maior embarasso desta justa inovação, que [pesso] executareis com a prudencia e acerto em q' a fizestes chegar a Minha Real Presença: portanto O ordenovos que a mim o façais progressivamente executar vendendo-se e recolhendo-se tudo o que pertence ao Cumum das referidas Povoaçoens inteirando do Producto, destas vendas aquellas somas, que o mesmos Thesoureiro possa haver adiantado a alguma das sobreditas Povoaçoens. E com a fiel e bem entendida execução confio Jurei a estas Minhas saudaveis Providencias, Espero ver realizados os dezejos de aumentar o número dos fieis extraindo ao gremio da Igreja, e a obediencia das minhas leis hua concideravel porção dos habitantes desse vasto Pais, que involuntaria, mas cega e infelizmente não conhecem outra lei q' não seja a da sua vontade sem regra nem discernimento: E quanto antes pozerdes em pratica estas Minhas Disposiçoens tanto maior serviço fareis (sic.) a Reos, e a Mim a quem será muito agradável [sic.], que vós sejais o instrumento da Total Civilização desses Indios, ao ponto [sic.] de se confundirem as suas cartas de Indios, e Brancos em hua só de Vassalos uteis ao Estado e filhos da Igreja.

Restituidos assim aos seos Direitos os Indios convem [estabelecer] a natural ociozidade a que os convida o Clima quer no meo Real Serviço que nos dos particulares, Pello que toca [corroído] Recomendovos que façais observar inviolavelmente o que comtem as leis deste Reino a respeito da Gente do serviço, e dos deveres reciprocos do [ilegível]; e do Creado: E em particular Ordenovos expreçamente, que já mais disponhais, arbitrariamente desta Gente em beneficio de quem quer que seja e por mais justo que pareça o prettexto ainda mesmo para o meu Real serviço excepto nas ocazioens em que julgardes da vossa obrigação convocar a que for preciza como [corroído] de Milicias para se unir aos Pagos [corroído] defender a Capitania, pela qual, me sois responsavel Autorizandovos portanto, com tambem ao Ouvidor dessa Capitania, a reprimir quaesquer violencias que neste ponto se possão intentar e a fazer executar em tudo o que respeita o objeto da Civilização dos Indios, as leis por que se governão todos os meos outros Vassalos Portanto quando precizem alem dos efetivos mais operarios para o meu Real serviço determinado que seja pella Junta da fazenda qual deve ser o numero d'elles e quais os Destrictos onde devão ser tirados, ao Ouvidor competira o dirigir as convenientes Ordens aos Juizes dos distritos [corroído] mandareis para onde convier [corroído] algum particular de homens para fazer as [suas] lavouras, procuralos, e ajustalos, e não os achando, posto que os haja no seo Destricto: Hey por bem conceder ao Ouvidor autoridade para mandar apenas pelo tempo precizo o numero de operarios de que necessitas hu tal Particular devendo ate porem justificar, que tem fructos pendentes que a falta de braços e a demora dos Trabalhos rurais e poem a perder-se Bem entendido com tudo, que a faculdade, que ao Ouvidor Concedo, não deverá em cazo algum comprehender aqueles individuos que tovereis Establescimentos proprios e de hum valor determinado nem tão pouco será licito ao mesmo Ouvidor apenas os operarios

precizos para hirem trabalhar fora dos seos Distritos respectivos: Por quanto hé da Minha Real Intenção não impos aos meus Vassalos, naturaes de toda essa vasta Capitania, e maior onus, do q' aos Meus outros Vassalos naturaes deste Reino a estes sem igualar em tudo a condição destes a Condição dos outros: E sobre este importantissimo ponto, Recomendovos hua particular atenção e vigilancia para que se execute o que tenho determinado como tambem em que o Particular que precizar de homens seja [corroído 2 palavras] nas canoas com que [corroído] Navegação e Comércio que para fazer Rossados, ou finalmente para outro qualquer serviço em lugar de [orientar] a isso, procure as Povoaçoens, e nellas se establesça se alie com os Indios, com elles faça os seos ajustes porquanto deste modo terá servidores que expontaneamnete o sirva e que enquanto lhes não faltar aos ajustes, estarão sempre prontos para trabalhar, e continuar a serviço, E como entre os Indios não podera cessar respectivame mais em guardar, e susecivamente a indicação natural de alguns delles ao ocio, e inação: Ordenovos que todos os seus mezes mandar fazer Alardos aos diferentes corpos em que ficarem formados, e façais examinar, indagar quaes, dentre elles não tem Estabellecimento proprio, quaes os que repugnão ocuparse em servir, e em trabalhar, a estes fareis vós entrar no Corpo efectivo do meu Real serviço ou os destinareis a serem apenados e outros a quem devem apenar-se: E para lhes mostrar que esta determinação tem por princípio a Justiça e nao o malestalos, fareis saber a todos elles, que os que fizerem Estabelecimentos proprio, alem de um premio que lhes destino, serão particularmente protegidos e izentos de todo o trabalho [corroído 3 linhas] queichar. Indios [corroído 2 linhas] ainda falta facilitarlhes a [corroído 2 linhas] Portanto ordeno-vos [corroído 2 palavras] promover os [corroído 2 palavras] Indios, e Brancos: [corroído] que estes tenhão hum estimulo que os de [corroído 2 palavras] atenção. Hey por bem conceder a todos os brancos que com Indios [corroído 2 linhas] por hum [corroído] a prerrogativa de menos, proporcionando nos que [julgarei] bastantes para formarem os seus estabelecimentos, e se os [Brancos] quizerem casar com Índias, forem [soldados] pagos [autorizovos] a darlhe baixa, [ilegível] toda vigilancia quanto a estes para que não abusem [corroído 3 palavras].

Regulada em uma [ilegível] dos índios que já [corroído] aldeados he [corroído] [ilegível] pelo que toca aos que [corroído 2 palavras] nos [ilegível], e repugnão [promover] a sociedade dos outros seos semelhantes pellos justos motivos que Me patenteou [corroído] terra seguido, e substituirlhe outro que tenha por principio, não o comquistalos injeitalos, mas prepará-los para admitirem comunicação [corroído 3 linhas] que fação [corroído 3 palavras] Arbitrio, Guerra oferecesse [corroído 4 palavras] a nação algua de [corroído 3 palavras] vastos [corroído 3 palavras] E Recomendo-vos [corroído 1 linha] nem consertais se dê [corroído 3 palavras] que huas Naçoens as outras [pudesse] fazer: Prohibindo de baixo [corroído] penas ao comprometimento de [ilegível] escravos [corroído 1 linha] entre se trazerem, ainda sem o que nada que o pretexto de os por em liber-

dade: E só vos será licito adotar um sistema diferente [corroído] ausente de [femeas] sendo em que [corroído] Nações intentem Hostilidades, e [ilegível] contra a Cidade, Vilas e outras Povoações de sorte que [corroído] cabo, encarrregado de [corroído] ameaçado aos já [corroído] ficarão responsáveis, [corroído 3 palavras] para averiguar se [corroído] ordem que vos de varearlhes de se manterem na mas extreita defensiva e ainda no uso della tão moderado que aos Índios [corroído] ver que elles estavão e acometem huns Homens, que longe de lhes quererem mal, apurar procurão defender as vidas, preservar-se das suas conversas: E tanto recorrendo a ação deste [corroído] sistema que ainda no cazo que aquelas Nações continuem, e repitão as suas invazoens apezar da moderação que os Cabos devem mostrar na defensiva, ao ponto de interromprem o comércio, e de virarem alguns establescimentos e os seos Habitantes, nem assim devereis adoptar, nem permitir se onde outro sistema que não seja o da mais severa e perfeita defensiva reservando a ofensiva ao ponto de interromperem o Comercio, e deve dar em alguns [ilegível] e os seus habitantes, nem assim devereis adoptar nem permitir se uze de outro sistema que não seja o da mais severa pena e perfeita defensiva rezervando a ofensiva so e unicamente para os cazos de exemplar castigo contra os judeos infratores da Paz. Na conformidade do que assim vos determino, sou servida que nem vós, nem por qualquer outros [sic] cabos e Militares empreendam Expedições, seja por conta da Minha Real Fazenda, seja por conta de particulares, para os Descimentos de Indios, nem ainda para travar com elles comunicação, mais que observeis, e façais observar a este respeito, o que se segue dandolhe parte dos efeitos destas Minhas Disposiçõens afim que ou as amplie, ou as Modifique a Meu Arbitrio conforme a informação que fizerdes chegar a Minha Real presença sobre o mesmo objeto. [Podece] quaesquer comboeiros que frequentarem o interior do Brasil e dessa Capitania em particular seja navegando os Rios seja caminhando pellas estradas, se não obrigados a levarem entre os generos de que se compuzerem as suas carregaçoens aquelles de que os Gentios fazem naturalmente estimação a fim que encontrandoos, os brindem com taes presentes, com elles travem comunicação, e trato, ficando os Referidos Comboieiros sujeitos as mais severas penas que deixo reservadas a Minha indefectivel Justiça se imputarem e intentarem de qualquer modo que se possa os mesmos Gentios, e se os provocarem a Hostilidades ou se ainda quando lhas fação estes ultimos cederem eles os termos de huma natural defeza. Isto mesmo se entenderá com todas e quaesquer outras pessoas que em espediçoens proprias tranzitarem pellas estradas, ou Navegarem pellos Rios: E para que o Comercio, e os Meos Vassallos não sofrão dano desta disposição tirandolhe todo o pretexto para ser iludida: Ordenovos que obrigues a todos os Juizes dos Distritos por onde tranzitarem taes Comboios, a chamar a sua prezença, os Indios de que constarem os mesmos Comboios, e lhes fação exibir os seus Passaportes, e tirem dos mesmos Indios ex oficio, todas as informações a este respeito fazendo autenticar conjuramento as suas respostas; Este exame exibição de Passaporte só sou servida exceptuar os Governadores, e os

Ministros quando passarem por taes Distritos, para tomarem socorros e refrexos E de tudo farão os referidos Juizes hum [Auto], e procederão competentemente contra tudo aquelle que acharem culpado: E aqueles que por obrigação trazitão por taes lugares, logo que cheguem ao do seo destino, não havendo contra elles culpa algua imputada, ou provada, e fazendo certa pellos meios competentes a qualidade de generos com que hajão brindados os Gentios e do mesmo modo o seo primeiro custo, e onde os comprarão: Ordenovos que, a estes só e não aos que por conveniencia vão a elles, façais pagar por conta da Minha Real Fazenda a importancia de taes generos todos aquelles Moradores que ajustarem, e trouxerem para os servir os Indios dequelas Naçoens, que estiverem em paz como estão agora os Muras, Mondurucus, e Carajás. Ordenovos lhe permitais estes ajustes, obrigandovos porem a manifestar logo ao Governo aqueles que deste modo consigo troxerem, afim que mandeis imediatamente proceder a Termo pello qual sejão obrigados os referidos Moradores a educar, e instruir os mesmos Indios de sorte que dentro de certo espaço de tempo sejão elles baptizados, e pelo mesmo termo ficarão e elles obrigados a pagarlhes o Estipendio convencionado: fara o q' lhes por bem conceder a estes Indios o privilegio de Orfãons. No referido Termo se fará igualmente menção do número de Annos determinado, que seja bastante para ficarem idennizados os Moradores pello trabalho dos Índios das despezas que houverem feito, pellas quais lhe serão estes conservados: E todo aquelle que durante o mesmo espaço de tempo inquietar, ou seduzir os Indios para abandonarem o serviço em que estão, em correrá em graves penas: bem entendido que são os Indios livres de qualquer Nação que esteja em paz, e não Escravos; o que na conformidade do que assima vos ordeno deveis sobretudo fazer examinar para serem castigados os que infringirem as Ordens que para a execução, e cumprimento do que deixo determinado haverei de passar.

A todos sera livre fazer Comercio com os Gentios, e deveis permitir a introdução de Armas brancas, e de fogo, polvora, bala, chumbo, e ferro e tudo o mais que possa darlhes ocazião de ententarem empregar contra os seos benfeitores: E outro sim vos ordeno, que igualmente permitais a livre extração e venda de todos os generos do seo Paiz, trouxeram os que lhes levarem os da Capitania; Encarregandovos de vigiar mui atentamente em que não abuzem esta concessão para estraviar o ouro em pó, e os diamantes dando vos a este respeito as providencias que julgareis mais adequadas, e dando-me parte do que para este fim obrarei.

Todo aquele individuo livre que quizer establecerei nas terras e Povoaçons dos Gentios, lhe será concedida licença para isso, mas não poderá fazelho sem dar parte ao Governo encarregovos pois de promovereis taes Establecimentos procurando com preferência pessoas capazes, e socegadas que não inspirem temor nem desconfiança aos Indios, para entre elles hirem establescer-se.

Aos Ecleziasticos que á Converção destes Gentios forem mandados e aos que forem coadjotores das Parroquias em cuja vesinhança se establescerem, forem pagar hua competente congrua por conta da Minha Real Fazenda. Para que esta

providencia por tua parte aproveite ao bem espiritual, e ainda ao temporal dos Indios e não grave por outra a Minha Real Fazenda: Ordenovos que tenhais todo o cuidado , e circonspeção na escolha dos Ecleziasticos, que devem hir gravar nos coraçoens dos Indios as verdades inefaveis do Evangelho, e que me informei com a possivel brevidade dos meios, que convem adaptar-se para porporcionar o número das Parroquias ao dos Habitantes, que formão o total da População dessa Capitania, por quanto consta na Minha Real prezença pella vossa informação, que ha graves inconvenientes principalmente na nova ordem estabelescida agora, na destribuição desproporcionada das Freguezias. E achandovos Eclesisticos recomendareis pellas suas virtudes boa vida, e instrução, que empreguei no Ministério acima referido; Aoctorizovos a que por conta da Minha Real Fazenda lhes presteis os auxilios, de que absolutamente precizarem alem da congrua, para proceguireis então a tais empresas: Confiando eu que poreis neste ponto toda a circonspecção de que sois capaz.

Aquele que reduzir qualquer Nação de gentio, ou a receber sarcerdote e a luz do Evangelho, ou que a souber aliciar, e conduzir a establescer-se junto a qualquer parroquia para o mesmo fim.

Aoctorizovos para o declarareis Nobre e habil para todos os Empregos, para lhe facultares, alem desta graça, a da Sexmaria das terras devolutas, que precizar [corroído] dos Dizimos por seis annos, recebendose elles porem com generos pelos respectivos Dizimeiros e a da redizima, e fundos estes pellos que forem proporcionados: Informando-me de tudo para que tão honrado Vassallo possa obter da minha Real grandeza aquellas novas graças, que Eu julgar consequentes a importancia do Serviço, que me houver.

Constando [corroído] haja quem va cometer distúrbios nos nossos estabelecimentos assim formados, ou quem va suscitar [ilegível] entre os Gentios, ou quem os dei [ilegível] de receber a Santa Religião Catholico Romano e deter trato, e Comercio com os Brancos. Ordenovos que façais castigar aquelle que em tal delicto cahir com toda a seriedade das Minhas leis dandome parte de tudo quanto a este respeito praticareis Igual procedimento se haverá com aquelles Ecleziasticos que em lugar de edificar, e dispor o espirito dos Gentios com o exemplo hua vida regulada pellos principios da religião, comerciarem com elles, ou dezacreeditarem o seo Santo Ministerio com outros dezacertos, e execessos igualmente reprehensiveis. Do feliz resultado destas sabias, e Purissimos Desposicoens Me hirem informando sucessivamente esperando do tempo e do acerto com que vos havereis na sua execução, que os seus efeitos sejão conformes aos dezejos, e aos sentimentos que constantemente Me animão em bem dos Meos Vassallos em geral, e da porção desses infelizes Indios em particular encarregandovos ultimamente de cumprireis, e fazereis cumprir quanto nesta se contem não obstantes quaesquer outras Ordens, ou Dispozicoens que em contrario sejão fazendo tam bem executar estas Minhas Reaes determinaçoens na Capitania do Rio Negro e em todas as outras partes pendentes deste Estado, e dando-lhes logo a publicidade conveniente para que cheguem a notícia de todos, e recebam este testemunho

do Maternal cuidado, que me devem todos os Meus Vassallos, O que será mui conforme e consequente as pias, e Reaes resoluçoens, que vos Mando, e em carrego de executar fiel e prontamente.

Escripta no Palácio de Queluz em 12 de Mayo de Mil sete centos noventa e oito. = Principe = Para dom Francisco de Souza Coutinho = Cumpra-se como Sua Mag.e Manda, e se registe.

Pará 8 de janeiro de 1799. Dom Francisco de Souza Coutinho: //.

Plano para a Civilização dos Índios na Capitania do Pará.

Antes de adoptar qualquer sistema para dezembrenhar dos Matos a Naçoens de Indios que ainda se conservão nelles e antes de propor para indispensavelmente precizo examinar, se adoptado para a conservação dos que já desserão he mais conveniente se ao menos satisfaz a este primeiro fim, para em preferencia a establescer o que for mais proprio a conserguir se pois que sem a conservação delles, he impossivel que adquirão melhoramento alguns na Civilização que se pertende e que toda a dilligencia, trabalho e tempo se converterá em pura perda.

Entrando no Pará basta ver qual foi qual tem sido a triste condição dos Indios os trabalhos em que se tem ocupado, a paga, que foi e he correspondente a elle, e a liberdade, que se lhes há permitido para que se admire como se conservão e se vão embrenharão prontamente nas Mattos, os mesmos que d'elles sahirão. Ainda fechando os olhos sobre as violencias e barbaridades dos primeiros tempos, sobre o Monopolio, que delles fizerão os Jesuitas e outras Religioens sobre as escandalozas, e torpes [ilegível] da mais excessiva corrupção, ou depravação de costumes, e de principios de que lhe davão exemplo em lugar de os edificar e educarem pellos dar virtudes Christans e Civis, que so na aparencia a inculcavão, para considerar o que tem decorrido desde a santa e providente Ley, que mandou promulgar e executar o Magnanismo e Pio Rey o S'enr. D. Jose o 1º, de Imortal, e Glorioza Momoria para se restituirem estes infelizes Vassallos sem a natural liberdade, que lhes hera tollida, ou desde que o Diretorio dos Indios establescido para o Governo Economico das Povoacoens delles veio substituir o arbitrario absoluto, e tiranico, que exercerão os referidos regulares, as ainda digo fexnado os olhos só sobre estes felizes tempos se descobrem muitos, muitos e grandes obstaculos, não só a Civilização, mas a mesma conservação delles.

O Sistema que adoptou o Diretorio foi como declarão as suas disposiçoens, o de hua Tutella moderada e justa por que se no Director obrigou os Indios a reconhecerem hum Tutor, não lhe concedeo Jurisdição alguma coactiva, mas meramente adirectiva, que tanto não tolhia a que por sua Mag.e foi conferida aos Juizes e Principais, para o Governo das Povoaçoens respectivas, que antes foi so constituido delles. Contudo basta ter as obrigaçoens impostas aos Diretores para se ver a dificuldade de achar quem as desempenhe quando para dezempenhar outras iguais, se não achavão nos mesmos Regulares. O Diretor deve ser nomeado pello Governo, eis aqui huma poderoza cauza para se dissimularem os seus exe-

cessos Para Diretor não pode achar-se homem que tenha Establescimentos e eis aqui a cauza de os cometer sendo pobre, se he filho Pois, acazo deixa de participar dos influxos delle e da falta de educação, se he Europeo he comumente dominado da mais [Voras] fome do ouro, e nada respeita para satisfazer a sua cobica. O Eurupeu por mais infima, que fosse [corroído] [administração], que [corroído 3 palavras] na Patria [corroído 3 palavras] subsistencia deste que se [corroído] do diretor [corroído 2 palavras] he mais que uma [ilegível 3 linhas].

Quer o Diretório que os Indios tenhão Mestres e Mestras nas Povoaçoens e com effeito aeducador desde a idade tenra, como se [ver] [ilegível] Brancos, [ilegível] [a ser], com toda [corroído 1 linha], mas as Povoações que [corroído 1 linha] Fazenda Real que [corroído 2 linhas].

[Quer] o Diretorio que os Indios, sejão animados [ilegível] a lavouras proprias, e que do producto desta tenha o diretor as sestas partes, quer dizer dezasete por cento, mas o Diretor, que taes sextas partes não cobrava, conseguio que se fizessem as lavouras em comum para as ter embora se lhe negassem as dos productos das lavouras particulares dos Índios, e depois não lhes deixou mais tempo algum livre, isto quando lhes podesse sobrar algum dos serviços Reaes, dos de Contratos Reaes, e das Camaras, dos de Moradores Pessoas que sabem [corroído] motivos [corroído] preferidos a tudo [corroído 3 palavras] os índios passam efetivamente [corroído 4 palavras] cujos dízimos [corroído 2 palavras] ocasião ao Diretor [ilegível] conservando a ordem d' [corroído 2 palavras] por que ainda só sabe ser ordinariamente [ilegível] fazer a escripturação, que quer onde [restituhidos] à Fazenda Real, onde os devera entregar.

Quer o Diretor que os Indios se animem a fazer o comercio e venda dos seus fructos, permitindo, e recomendando, que se animem tambem os moradores a procuralos para este fim, mas este comércio [corroído 3 linhas] veio sem intervenção [corroído 3 palavras] quando antes era algum Morador chegue, não esteja já [estremado] tudo, quando tiverão estes miseraveis que vender, então se a trama, então o Diretor se [ilegível] em Absoluto então abuza da jurisdição que tem de aconselhar, e de fazer bem para fazer mal, e para levar comprador e vendedor.

Quer o Diretório que os Indios vão extrair as drogas, que nos sertoens produz expontaneamente a Natureza, em corporando-se em número competente, seguindo diversos expedientes impraticaveis, por que nem as Camaras das Villas dos Indios, nem os Principais [corroído 3 palavras] a adiantar os provenientes [corroído 3 linhas] que se lhe tolheo a prerogativa e se obrigou a que fossem arrematados e destes produtos tirando-se o Dizimo a comissão, e quanto do Cabo ou vinte por cento, a quarta parte para Ordenados do Procurador dos Indios, escrivão d'elles e outras miudeza alem dos furtos, que se fazem em tantas [ilegível] quantas são as porque passão [ilegível] liquido a partir em partes iguais pelos Indios apenas 20 ou 30 ao mais por divisão a mal cabe a cada hum o salario que vencera no serviço Real pago em trapos por não serem enganados, dando-se lhes

dinheiro trabalhando em tanto por lagos, e Pantanos na mais rigoroza Estação toda d'envernada para nutrir Thezoureiro, Diretores Cabos, e outros Agregados, que tirão pelas mas maons o que a lei lhes negou.

Quer o Diretorio que os Indios não faltem aos serviços de sua Mag.[e] e afim hé indispensavel, por que não ha outros Obreiros, que empregar, mas os serviços Reaes, que são muitos, carecem muita gente, ha pouca nas Povoaçõens a inda que são muitas, he precizo atramar todas e qualquer [ilegível] a sua distancia, qualquer que seja o tempo perdido nas longas viagens e não só para o violento trabalho de remar Embarcaçam por [corroído 3 linhas] lugar do Clima de Mato Grosso a que a sua debil constituição não resute sempre pagos por modica taixa sempre em fazenda cujas prerrogativas se estendem tambem aos Contratadores dos Contratos Reais e das Camaras.

Quer o Diretorio que os Indios sejam destiutuídos aos Moradores para beneficiarem e promoverem as suas lavouras, devem ver de cincoenta, cem, duzentas e mais laegoas servir por infima taixa, paga tambem em fazenda, ou com trapos a hum Particular, que [quizer] considira destinados para escravos seos e a espera de que o não sejão e não são só os Indios, tambem as Indias preterindo a iniquidade dos Diretores, não já os Direitos, não já os Direitos de um Pay sobre suas Filhas, mas os mesmos mais sagrados vindos da sociedade, os mesmos de hum Marido para com sua Mulher.

Quer o Diretorio que os Indios sejão servos de Governador para não sahirem da Povoação senão aquem os conceder e se elle se não presta, se não satisfaz as requiziçoens dos que os querem, seos se os não faz vir excessivas distancias incorre [corroído 2 palavras] de tudo Emfim o [presente] quis [corroido 2 palavras] do Reino [corroído] de fazer vir [corroído] para a creação de seos [corroído] assim tambem paga em trapos ou com pancadas [ilegível 4 palavras] aqui qualquer [ilegível 2 linhas] injustas pertencoens ainda a querer que não temem ser agúidos[?] de dispor dos Indios diversamente. Que he pois o que lhes pode [corroído] aprasivel a civilização, ou mesmo a conservação. Eu ignoro e não lhes considero outro vinculo, que o habito, o habito que faz soportavel ao homem a condição mais dura em quanto se não rezolve a procurar outra.

Tudo quanto assima disse com ser muito com incultar exageração, ainda não he nada e para se ter esta verdade basta ler o Diretorio e apurar as obrigaçoens dos Diretores o legitimo lucro que lhes pode competir, considerar que muitos destes lugares não só eram dados por empenhos das pessoas mais recomendáveis deste Pais mas pelos das maiores do Reino.

A que ponto de prostituição não he precizo que se levassem elles para que ao Reino chegasse a [corroído] dos interesses, que colhião para que do [ilegível] se abalassem a procurar tais lugares servindo-se da inocente bondade de fazer bem sem inquirir os Torpes meios de que resulta. Depois disto assoutamente posso dizer tudo sem receio, que se me [corroído] falta de [corroído].

O Diretor na hora [corroído 3 palavras] da Povoação e dos Indios [corroído]

de toda [corroído 1 linha] evitava quanto [ilegível 2 palavras] [corroído 1 linha] estratagema, e fim aos [corroído] imputava o não [corroído] longe a promover que fizessem lavouras, que se estendessem Canoas ao Certão, logo de o mandar gente para o serviço Real onde cumpro as distribuiçoens aos Moradores, não consentia que trabalhassem se não para proveito delle, e os mais moderados, apenas e por salvar as aparencias dos que lhes adquirião, mandavão alguns ao sertão para os serviços Reais, e cumprião houvesse ver outra portaria do Governador, resultando em Pessoa, que respeitassem, e de resto dizião não haver Gente.

O pagamento com que retribuião a estes Infelizes constava somente de castigo, Palmatoadas, Guinlhas, Ferros, e ja não tendo que inventar athe em troncos os amarravão pondo-os sobre formigueiros de formigas de fogo, em que os [atacavão] conservando-os dias e dias prezos sem os socorrer com alimento algum longe de dar estimação aos officiaes e principaes longe de percorrer [corroído] se tratassem, longe de evitarem o vicio da ebriedade a que vão [corroído 3 palavras] os Brancos, longe a promover o seo Comercio com estes, elles fazião hum inteiro monopolio de quanto podia haver na Povoação, elles tenhão [tabernas] de Aguardente athe arrematadas em Hasta pública, para por ellas [ilegível] a que alias lhe escapasse elles fazião [hum] crime a qualquer Indio, ou India de usar de calçado, elles erão os mesmos que os redicularizavão qualquer que se achava com Indios, elles se achavão algum official que se opuzesse ás suas barbaridades, não tardavão em maquinar meios de o fazer castigar, e elles mesmos o fazião ouzando athé em metellos em ferros a cidade, e emquanto perpetravam tão barbaras atrocidades, Hão tiranas extursoens as mais inhumanas torpezas sustentavão, sustentavão insulente e descaradamente a impossibilidade de se sivilizar semelhante Gente, que inculcavão por Brulor[?], um tanto dizião não fazerem cazo do pagamento, que lhes negavão, em tudo dizião que não trabalhão ao, que não pagavão Dizimos, para os absorverem e não darem conta delles na Fazenda Real em tudo os [figuravão] a ponto de se levantarem, e de [carecerem] os mais severos castigos Em fim se os não reduzirão a peor estado, do que estavão nos Mattos se os não fizerão fugir para elles não [corroído] porque deixassem preterido algum meio proprio, foi so e enteiramente, por que alhão[?] do todo Ordeno [tivesse] [corroído] disposto a [outra], q. elles não poderão abolir.

Os saudaveis factos da santa lei de liberdade dos Indios, os que resultarão do alvará de 4 de abril de 1755 sobre os cazamentos delles com os Brancos e a acusação que lhes fez dar o Snr' Francisco Xavier de Mendonça, governando este Estado, com grande acrescimo da população, forão estes meios.

Publicada a liberdade todos os que erão Escravos existião em diversas Fazendas, ou se conservassem a ellas, ou [presos] [ilegível] para outras, ou establescessem [citios] [ilegível] sempre ficarão independentes do Directorio dos Directores, e ainda que passassem por vereaçoens e grandes opreçoens, nunca teverão aquella Tutella efectiva mais livremente dispuzerão de so, do seo trabalho, e do que adquirião. Estes Indios que já hoje não são mestiços e os seos descendentes

pella maior Parte, já nascidos de mistura de cores parece terem chegado ao seu ponto de civilização, de que da gente he sucessivel nem a ser a mesma, em que se acha toda a gente forra, e Mestiços [pellos] outros Portos do Brasil elles [formão] e tem seos pequenos sitios onde fazem lavouras proporcionadas onde tem das criaçoens qe diziam desta Cidade, elles [ilegível] seos Filhos com Officios, elles em fim de ordenados no Corpo de Tropa ligeira [auxiliar] que farão, incorrerão sempre com mais prontidão que os Brancos, [ilegível] aprenderão no mau exemplo destes não fizerão as faltas que fazem.

Depois do Alvará do Cazamento com os Brancos depois que Snr' Francisco Xavier cuidou em promover eficasmente, e que com efeito se efectuarão des terrando preocupaçoens que os inspiravão depois que o informe de se servirem dos Parentes nos que não tinhão Escravos os faz tão vulgares, como são que forão acodindo para as Povoaçoens, diverças familias de Brancos, que nas terras dellas se forão establescendo, a effettiva Comunicação destes apezar dos Diretores pella necessidade de se servirem dos Indios, e o interesse, e o capricho d'aquelles, e dos seos descendentes, [ilegível] já admitidos nos Corpos Militares, outros em Oficios [ilegível] e Mecanicos, prevalecerão sobre interesse, e sobre as abominaçe [ilegível] maximas do Comum dos Diretores, onde aquellas saudaveis providencias tiverão exenção, tanto assim que prezentemente a grande natividade, ou de civilidade, do todo dos Indios de Cada povoação se reconhece sensivelmente pello em que elles mais, ou menos, se verificarão, um Rio Negro, honde ha poucos brancos e Povoaçoens [corroído 1 linha] tem sidoem maior [corroído] os Casamentos e menos frequente [ilegível] dos Brancos e Mestiços [ilegível] Batismo destes gentios a plenitude da jurisdição que se arrogarão, he onde ha maior [ilegível] Indios quase no mesmo estavão, em que descerão dos Mattos. No Para já ha poucos tão atrazados e os que ha são velhos a exceção dos que abitão em Povoaçoens izoladas, mas não [obstante], a verdade, he que [corroído] Indios dos mais civilizados, que tudo me chega a igualar em seu todo alguns dos Mestiços ou tenhão sangue de Branco, ou de Preto.

O Indio sempre se recente da fraqueza da sua constituição e da [rezulução], que [ilegível] menos lhe he conjunta, o Mestiço [corroído] sangue de Branco ainda as vezes se encontra [corroído 2 palavras] comumente tanto estes a que chamão Mamelucos, como os que tem sangue de Preto a que chamão Cafuses são homens para tudo bom, e mau, quanto se queira e se deixem ser.

Sobre a grande cauza de prostituição que já ponderei, e considero insuperavel para que o diretorio e as suas disposiçoens podessem ou possão já mais corresponder na execução [corroído] dos [sentimentos] com que estão comsebidas, por ser com efeito não so dificil mas insuperavel achar homens, que as dezempenhem visto que nem as mesmas Religioens o tiverão ainda neste Plano, ou sistema encontro hum grande esquecimento qual he de não por termo nem a civilização dos Indios nem a tutella, no que parece que ou não os supor susceptiveis de jamais lhe ser despensada, ou que o Estado se não poderia manter se não conservando

os nesta Especie, e servidão a primeira conjectura não se pode considerar fundada pello que se acha em muitas partes do mesmo Diretorio a segunda menos o he por que allem de desumana e oposta as Reaes Ordens, e Pias Instruçoens de sua Mag.[e] implica contradição civilizar hum selvagem para lhe fazer sentir todo o pezo da sua dura condição, e portanto fica lugar de inferir pello mesmo esquecimento que aquelle Plano não devia ter tanta duração como tem tido.

Ao Indio descido dos Mattos, establesceo elle, q' se não chamasse para os serviços, antes d'estar dois annos na Povoação, logo he certo, que o suppôs susceptivel de melhoramento; por que motivo pois ha de ficar com tutella perpetua, e toda a sua Rescendencia. Por mais rustíco, que se considere elle não pode ser mais destituido de conhecimentos, do que o he huma criança, e esta com tudo na sua educação tem curto termo e a mesma Jurisdição [Paternal] [ilegível] aquelle, que a ley reconheceo establesçeo p.[a] a maior idade, em que inteiramente pode dispor de si e fica estregue aos effeitos da sua boa ou ma indole, boa ou ma educação. Porque motivo pois não ha de isto mesmo praticar-se com o Indio? Como ha de aprender a tratrem lhe ver já mais livre o trato do que, e com que bem lhe parecer. Por que há de errar, por que há de ser enganado, que importa quando, e como já mais foi possivel a algem deixar de o ser sem o ter sido. Acaso os Indios so podem ser admitidos aos Direitos que as leys concedem aos mais Vassallos quando forem o que estes nem são [corroído], isso he infaliveis em todas as suas disposições, e inacessiveis, a fraude, a malicia, e ao engano?

A indicada conjectura sobre a duração do sistema de Tutella allem de razoavel funda-se tambem em Tradição, e de varias pessoas tenho ouvido, que subsequentemente ao tempo em que o grande Ministro d'Estado do Snr' Rey D. Joze o 1º o propos a sua Real confirmação dessa publicamente que era obra Provisional para durar alguns annos findos os quaes os Indios se governarião pellas mesmas leys q' os outros vassallos de sua Mag.[e] mas nesta era a sua judicioza opinião dissera publicamente que era obra Provizional para durar alguns annos findos os quaes os Indios se governarião pellas mesmas leys q' os outros vassallos de sua Mag.[e] mas se esta era a sua judicioza opinião se nassia da Intenção daquele incomparável Monarca, com a sua Morte ficou em esquecimento, e os mizeraveis Indios passarão ou ser victima, daquelles [sic] que os deverião instruir passarão a peor Estado, que o da escravidão, em que precedentemente se achavão.

Este he o maior e mais forte obstaculo a remover e emquanto se não destruir esta Cohorte de Thezoureiros Diretores, Cabos, e outros administradores ou allias uzurpadores dos Bens delles, e dos productos do seo trabalho essencialmente interessados em os conservar em rusticidade e ignorancia, e ainda mais [sic] enculcalas, e atribuir lhas, para que debaixo do aparentemente justo pretexto de evitarem as extorzoens que podem esperimentar, as possão elles cometer a seus salvo emquanto digo não for destruida tal Cohorte certamente nem progressos, nem civilização, nem conservação mesmo são a pertencer e aonde as cauzas indicadas da concurrencia de Moradores Brancos de Mistiços, e dos que de novo se

alliarem, e forem alliando com os Indios não possão valer antes infelizes.

He constante que publicada a ley daliberdade dos Indios, muitos que se achavam fugidos e amocambados nos Mattos sahirão delles, mas logo voltarão desde que virão o que se praticava não so com os Aldeados mas ainda com os outros.

He constante que quazi todos os Indios que se achavão, e fiz apreender na Fronteira Confinamte Colonia Franceza, erão fugidos ou filhos de fugidos das nossas Povoaçoens e dos nossos Diretores que em Cayena, e seo Destricto ainda existem muitos mais, e tenho de hum dos Francezes emigrados, que preguntando a hum destes Indios pelo Pará, lhes respondera, que para os Brancos era bom, mas que para os Indios era inhabitavel. He constante tambem, que o principal de hua nação de Indios do Rio Issá mandou pedir hum padre ao Governador, e Capitão General João Pereira Caldas e tanto encumbido da expedição das Demarcações em Rio Negro mas que logo por a condição que Director o não queira. Que mas he precizo se não basta a mesma Razão para convencer da necessidade de estimguir tal sistema de aparente tutella quando com a devida refleção se intente não só estrair dos Matos os que ainda os habitão, mas conservar os mesmos, que já se extrahirão.

Se se consultar a economia politica allem do interesse, que lhe resulta de fazer dos Indios [sic] felizes, e uteis vassalos vi-se bem sensivelmente o efeito de semelhante administraçoens quando pervertem a ordem natural.

Trinta contos foi a total inportancia dos productos adquiridos pellas Povoaçoens desta Capitania do Pará, recolhidos e vendidos ou nas Povoaçoens, ou na Thezouraria Geral da Cidade no anno de 1791, e foi a mais crescida que em outro algum teve contudo era o producto de dois mil duzentos quarenta e nove Indios Homens e Rapazes e de setecentas vinte e duas Indias Mulheres, e Raparigas interpolada ou atrapalhadamente empregados ou em matos ou em Rios em pescarias, ou nas lavouras e olaria das Povoaçoens, e se este mesmo numero de pessoas fosse livremente empregado ou em trabalhos proprios, ou no dos Negociantes, ou Lavradores por convenção reciproca não seria para admirar, que adquirissem tripla e quadrupla importancia quando no serviço Real, em Cortes de Madeira, e construção de Navios, aquelle numero de operarios poderia afoutamente dar concluidos tres grandes Navios por anno, ao menos cuja importancia seria igualmente tripla ou quadrupla Mas seja isto assim como o considero, como na realidade ha de versar-se em maior utilidade e vantagem de que digo, assim como se tem verificado nos que ja mencionei, e dispuzerão mais livremente de sí mas seja ou haja de ser somente o que dirão os Diretores, e Cabos, isto he que os Indios só levados por violencia so trabalhando para elles farão o que não hão de fazer nem trabalhando para proveito seo, nem para o de outros, a quem por seo gosto, por tua vontade, e interesse reciproco vão servir ainda assim deve acazo manter-se semelhane dizordenado, e violento sistema. Não sera em tal cazo mais conveniente que a continuar esta opreção, se utilize d'ella Sua Mag.^{e} , ou o Comercio, e a Navegação dos seos Vassallos em mais copioza extração de Madeiras e na Construção de maior numero de Embarcaçoens.

Tudo felismente anuncia ao mais saudaveis effeitos a util inovação de restituir estes infelizes aos mesmos Direitos dos mais Vassalos ultimando-se a grande obra da sua liberdade. O Exemplo da regularidade com que vem para os serviços Reaes em alternativas Mudas os Indios Mestiços depois de formados no Corpo que ordenei bem como no Reino, onde os Povos são ordenados em Corpos de Milicias, e de ordenanças, não deixa duvida, que os Aldeados reduzidos ao mesmo sistema, e ordenados em semelhantes Corpos, dem iguaes mudas quando se precizem para os serviços Reais, e para quaisquer outros encargos publicos.

A impossibilidade de cumprir com as distribuiçoens de Indios determinados ao Diretorio por serem poucos para as Deligencias e expediçoens do serviço Real e outras do Comum das Povoaçoens obrigandome a Ordenar, que os Particulares o que lhes sobrasse de folgo daquelle serviço ja fiz ver que os Indios que a [minha] chegada a este Pais nas Povoacoens onde fui só me pedião que os não mandasse para serviços de Particulares, hoje ao contrario fogem dos serviços Reaes para onde querião vir em preferencia para irem lucrar naquela que aborrecião antes, e em que hoje huns e outros achão reciproca utilidade A facilidade com que ja hoje os Brancos se estão cazando com as Indias, mostra que estes cazamentos muito mais se haverão promover logo que não hajão Diretores que os embarassem a sua livre vontade digo livre comunicação e comercio com elles nem haja meios se lucre em os oprimir e vaxar. O Establescimento de pequenos cacoaes, de Cafezais, e doutras Lavoura, que apezar das violencias dos Diretores e do rigor dos serviços continuados tem formado. As suas lavouras de farinha de que a fazenda Real tem recebido em meu tempo de Dizimo tres, quatro, e cinco mil alqueires por anno, depois que os arranquei a voracidade dos Diretores. As queixas e as Reprezentaçoens que fazem para estes os não inquientem a elles e as suas familias nos seos pequenos Trabalhos.

As continuadas pertençoens de serem admitidos nos Corpos de Milicias com os Brancos por fugirem as [corroído] sujeição dos Diretores, são os mais seguros fiadores de que quando [sic] postos em bem entendida liberdade, não [ilegível] prezistão na Povoação, onde ora são obrigados a preziztir, buscarão outra que mais lhe convinha, buscarão o Particular que melhor os trate sem se esconderem, nem fugirem para os Mattos como ate agora tem feito.

Tal he contudo a força, e o respeito que se deve aos proprios abuzos inveterados e ao habito que para elles contraem os Povos, que esta mesma tão justa, tão util, tão necessaria inovação carece tempo, caresse previas e [adiantadas] dispoziçoens, e Rendimentos Reais e na Economia publica do Estado, se não esperimente confissão sensivel.

A primeira de todas deve a de formar e ordenar os Indios Aldeados promiscuamente com os outros em competentes Corpos de Milicias segundo a População dos Destrictos, e o Plano em que os outros estão formados, sendo Officiaes d'elles os Principaes Officiaes das Povoaçoens promiscuamente tambem com os Brancos das respectivas, terras e por estes officiaes, assim como pellos seos Juizes

alternativamente Brancos e Indios se devem executar as Disposiçoens publicas segundo a ordem a que pertencerem.

A segunda depois de economizar se a gente no serviço das conduçoens das Madeiras, quanto for possivel pois que sempre mais ou menos ha de ser preciza para as mesmas condenaçoens segundo o q' foi sobre este objecto bem estençamente [espus], e tembem [sic] para outras expediçoens que excencialmente consistem em remar as Embarcaçoens, deve ser a de formar hu Corpo effectivo no mesmo pe, que os Pedestres de Matto Grosso, e Goíazes, compondo-se de Indios, mas principalmente de Pretos forros e Mestiços, enquanto os houver, por que são ordinariamente muito mais robustos, e capazes de soportar todo o trabalho, de que os Indios, ainda que atendendo-se a utilidade e comodidade de [ilegível],das Madeiras seria muito mais conveniente, que o serviço das conducoens dellas, se fizesse com pretos Escravos comprados pella Fazenda Real e effetivos nas Fabricas, em cujo cazo, o numero dos Pedestres sendo somente necessarios para os outros serviços, e Expediçoens poderião ser muito menor do que alias se preciza. Estes Pedestres devem ter hum determinado numero de annos de serviço passados os quais não sejão obrigados, se não ao de Milicias, a que todos são sugeitos, e ainda em cada anno deverão ter somente de trabalho hua parte d'elle deixando-se lhes a restante para tratarem das suas Familias, e quando por serem empregados em viagens, ou serviços dilatados senão possa verificar esta disposição se lhes deverá discontar este acrescimo de demora e de mais efetivo serviço deminuindo-se no total, que lhes computa para serem dispensados delle. A sua paga pode ser a mesma que actualmente he dos Indios acrescentandolhes na ração diaria sal e a de aguardente quando andarem, em viagem por fora ou estiverem nos Mattos por ser indispensavel neste clima, e por anno dois uniformes, que devem simplesmente contar de calçar camizas, e vestia de algudão pintado de preto que he o que semelhante gente uza.

Os seos Cabos devem ter alguma, diferença e basta hum para cada vinte praças hum sargento para cada cem, e um capitão de Campo e Matto para toda o Corpo. Para se evitar mais despeza, que a preciza pode permitir-se o uso das licenças aos que se poderem dispençar do serviço alem dos que houverem d'estar prontos para qualquer ocazião repentina, e quando nas estraordinarias se precize mais se chamara dos corpos de milicias em que todos ficarem ordenados se se fizer a conta das despezas irregularissimas que a fazenda Real aqui esta fazendo com mudas Gente, ao tempo que se experdiça, em a conduzir e fazer conduzir de cada vez, que se preciza e de cada ves que fogem que são mui frequentes, ao que se perde por não a haver a tempo e enquanto se não ageitão, e instruem dos trabalhos que tem de fazer, ver se ha, que despeza do Corpo proposto, segundo se opinão indicados para comodidade d'elles e economia da Fazenda Real sera muito menor, que aquella, mormente se adoptado o plano que hei de propor para deffeza deste Estado se constituir a Tropa em differente pé.

Antecipada esta disposição, e prevenida por tanto a continuação regular do Serviço e expediente d'elle em todas as repartiçoens se devem igualmente antecipar outras para o o maneio regular dos contractos. Os primeiros a attender são o

do Dizimo dos gados da Ilha de Joanes, os dos Pesqueiros, e o da Marchantaria, este da Camara e aquelles da Fazenda Real.

Os pesqueiros [consistem] em huma comoção entre a Fazenda Real e o Arrematante, pella qual aquella se lhe segura hum certo numero de Indios, e determinado Destricto para fazer com elles pescarias, pagando lhes determinada taixa, sustentando os, e pondo á sua conta tudo qualto para ellas preciza tudo pello preço que se ajunta que he o do maior lanço que se offeresse em praça.

Hum delles existe na Ilha de Joanes para as pescarias athe a Costa d'ella até a Pigioca, e outro menos importante he para os lagos de Villa Franca que fica o Tapajos e o Amazonas, e ambos verdadeiramente pouco ou nada venderião a Fazenda Real, se os Contratadores houvessem de pagar aos Indios competentes sallarios por convenção reciproca ou ao menos os do preço, que corre commumente, mas a Ilha de Joanes não he obrigado a pagarlhes se não oito centos reis por mês em fazenda, e por isso tambem lhes sucede que os Indios allem de fazerem pouco trabalho, dos productos desse mesmo furtão quanto podem e o dezamparão. Este Pesqueiro antigamente foi de grande utilidade e rendimento, todos Principais empregos tinhão e algum ainda tem propinas d'elle e quaze sustentava o Povo da Cidade.

Hoje esta em inteiro descredito, os dois ultimos, e o actual Contratador tem perdido muito delles, e quaze nada tem produzido, atribuindo-se tudo a falta de Peixe Eu descurro diversamente e julgo que essa falta vem mais, de que ha hoje muito mais gente, que se ocupa em pescarias, que lhe de consumo e tambem, que sendo tão poucos os Indios que quazi sempre estão efectivos os mesmos por não haver os precizos para se mudarem, sendo mui infima a paga, estando tudo muito mais caro e conhecendo elles que melhor promovem os seos interesses, trabalhando para proveito seu sem que para o de outros, não fazem o que pudererão para que os prudutos das Pescarias sejão interessantes. Não duvido que Pescarias de veios de Agoa doce ate agande distancia da Cidade, e ainda as da costa por ser muito esparatada, não sejão tão proficuas como as da nossa, mas aquellas cauzas pareceme que podem mais que esta. O Pesqueiro de Villa Franca desse quase nem hua pescaria faz, e os contratadores, que tem visto, que d'ellas não terão proveito para salvarem o preço, que tem de pagar para lucrarem, ocupão os Indios em diverças negociaçoens principalmente em equipar canoas que trazem o frete de modo que o interesse da Fazenda Real vem destes e não da abundancia do Peixe. Pella extinção destes contratos no Trienio, que esta a findar perderia a Fazenda Real onze contos, e novecentos mil reis, tendo sido o primeiro arrematado por sete contos de reis bem entendido porem, que em hum e outro ha que descontar o vallor do Dizimo. No seguinte Trienio não se pode saber quanto perderá, mas he de crer que seja muto menos e talvez nada por não haver quem os queira que he por ora o que se prezume. Emtretanto se as Pescarias ficassem inteiramente Livres se os Indios que se ocupassem nellas fossem alistados, e dispensados de todo e qualquer outro encargo publico pare-

ceme, que arrecadando-se os Dizimos com exação, e com separação se vera que a importancia d'elles quando não exceda igualará em cada anno a que lhe compete por aquelles maiores preços que jamais tiverão tais contratos, isto porem so a experiencia o pode mostrar, mas confundindo-se nas Arremações aquelles com os mais generos de que se paga dizimo, nunca se pode verificar e reconhecer a verdade. De qualquer modo porem he certo que hua vez, que se trate de civilizar Indios que vem à ser o mesmo, que constituilos nas mesmas prerrogativas que os mais vassalos de Sua Mag.[e], não pode ser da Real intenção da mesma senhora augmentar os seos Reaes Rendimentos por modo tão injusto he o de deprimir o Trabalho e o vencimento, que lhes compete, quando sem a qualidade de Indios so pella de pescadores, serião elles como os mais dignos de merecer os efeitos da sua Real proteção, e como o objecto de que trato, não he o de pescarias, mas somente o de promover a refferida sivilização pondo-os na sua inteira liberdade sem concussão que se fassa sem [vel'] basta para este fim, que se allistem todos os que houverem de ser Pescadores, que se despencem de ser alistados no Corpo dos do serviço Real, e nos de Milicias, que se lhe destinem as Villas que devem habitar, e depois Sua Mag.[e] determinara o meio por que devem continuar taes Pescarias, se deixandose a industria, e interesse d'elles se obrigandose a concurrer unidos para ellas por direção alheia. O mesmo digo a respeito dos dois outros Contratos. Quer o dos Dizimos, quer o da Marchantaria, exigem Indios praticos e effectivos desta navegação, em que ha não se que atravessar a grande largura do Rio, evitar os Baixos d'elle, e os Recifes da Costa, mas que lutar com ventos, correntes fortes, e irregulares e com a impetuosidade dos mares, afim de prover por este meio e o das Canoas de pessima construção, e armação, de que uza, o Povo desta Cidade com os precizos Gados, e athe agora tambem com o de dar extração ao dos Dizimos.

Alistandose pois athe ao numero, que paresser precizo, previlegiandose, dos outros serviços, impondo-se lhes a pena de passarem para aquelles quando faltem a este e maior quando dezanpararem as Embarcaçoens, creio que ficará prevenida a continuação d'equipaçoens para tais Canoas bem emtendido pagando as os Contratadores não por taixa mas por preço em q.' se ajustem ou pelo razoavel, que os Juises arbitrem em Camara, por quanto assim como sua Mag.[e] não he servida deprimir os vencimento das equipagens dos Navios, que ocupão em prover a sua capital corte e Reino com trigos de fora, por q' quero delles seja mais baixo ao Povo assim como não he cervida Mandar dar a mesma providencia a respeito d'outros quaisquer Generos para o mesmo fim com serem necessarios assim paresse, que não pode ser da sua Real intenção que o Povo do Pará come Carne mais Barata por que se vexem, e opprimão os Indios deprimindo-se os seos justos vencimentos. E por que por igual razão não pode ser tambem da Real Intenção que o seo contrato dos Dizimos suba de preço por igual o vexação nos Indios que as differentes Villas tenhão assougues o Povo d'ellas comão a Carne mais barata e tenhão algumas Camaras rendimentos mais crescidos de vendas excluzivas das

agoas ardentes, do que allias poderão ter, quando tudo o q' he justo, e precizo se reduz, e deve limitar a que o Dizimeiro, e outros Contratadores daquelles contratos tenhão gente para remar as Canoas do maneio delles mas pagandolhe pelo preço em que convierem, parece me que para este fim basta permitir sua Mag.e que toda a que ajustarem, emquanro se ocupar em serviço d'elles athe ao numero, que for precizo e que se lhe arbitrar na Junta da Fazenda ou nas respectivas Camaras, seja dispensada de outro qualquer serviço publico, e os officiaes dos Corpos de Milicias a que pertencerem, os não chamem para elles sendo porem obrigados os ditos contratadores de manifestar aos mesmos officiaes assim a que lhe deve ser despenssada como a q' trouxerem efectivamente, e a que abandonar o seo serviço para ser chamada para outros quando porem isto não baste em toda a ocaziãi em que alguns destes contratadores tenha as suas Canoas de moradores por falta d'Equipaçoens, pode-se autorizar requerer ao Juiz respectivo, e mais emediato a que apene e oubrigue a que lhe he bastante para as navegar, tirandoa de quaisquer outras e este ser obrigado a dar a refferida providencia salva sempre a indeninzação de pagamentos livre, emquanto não chegue a excesso tal, que a fassa inutil.

Por não omitir providencia alguma, nem deixar inconviente, que possa fazer-se sensível, resta ainda segurar a continuação do Comercio para Matto Grosso somente por quanto para Goiazes e para quaesquer outros Destrictos, voluntariamente se offeressem, e se podem ajustar os que requizerem.

A navegação do Matto grosso he precizo dezenganar de que emquanto se fizer toda, como atualmente se faz a custa dos índios do Pará, servirá sem d' utilidade a aquelles Povos, em os prover dos precizos Generos a preços menos exorbitantes do que são os que lhe entrou por outras, comunicaçoens e que tambem utilizará estes Negociantes, mas que todas estas vantagens se hão de tornar em perda Real pela mortandade dos mesmos Indios que tendo ja excecivamente depauperado as Povoações d'elles virá por fim a estinguilas O modo de se fazer sem este emconsecuiente he o que ja tenho indicado e he o que novamente indicarei quando tratar da referida comunicação, mas qualquer que haja de ser, he forçoza por se em pratica antes da referida inovação, por quanto constituídos os Indios na liberdade de disporem do seo trabalho segundo a sua conveniencia serão bem poucos os que se sugeitem aquelle.

Depois de destas providencias, he ultimamente preciza a de fazer liquidar as contas do Thezoureiro com as Povoaçoens, fazer recolher e vender tudo quanto pertence ao Comum d'ellas e deste produto inteirar o Thezoureiro do que haja adiantado a algumas que vem a ser pouca couza balançando o que deve a outros e então se pode por termo sem receio de nem hum aballo senssivel a este sistema athe agora praticado. Então chegara a glorioza e memoravel Epoca de por na sua verdadeira execução a santa Ley da liberdade dos Indios, então sahirão muitos dos mattos a procurar a gremio da Igreja, e a sugeição das leis de sua Mag.e a que se subitrahirão então os que ainda as não conhecerão as virão buscar, então radi-

calmente destruida a superioridade dos Brancos, se destruira inteiramente a sua animozidade, e a acharão, nelles Amigos e Parentes, então finalmente dentro em poucos annos citar duas cartas se confundirão em huma se de uteis Vassallos.

Todas estas Repoziçoens, e prevençoens não exigem grande demora para se executarem mas exigirei, que se executem, em quanto se conservão na segeição e actual por que d' outra forma, confundindo a ideia de liberdade bem entendida, com a de licença ou disolução absoluta, poderia depois parecerlhes dura a mesma ordem e a mesma justiça, que se lhes faça e ainda mais duros os meios de os reduzir a ella.

Tambem ainda que no numero das referidas despoziçoens, ou prevençoens nem huma mencionei que respeite ao serviço dos Particulares, não se segue por isso, que as julgue superfluas, antes ao contrario discusso que ellas são precizas na America, e no Pará mais que no Reino quer com Indios quer com mestiços, quer com brancos por que huns e outros são sujeitos, e igulamente padecem o mesmo vicio da ociozidade. Mas essas disposiçoens parecem que se devem limitar as leys contem a respeito da Gente de serviço e dos deveres reciprocos. Ao Governador julgo se deve inhibir toda a faculdade de dispor arbitrariamente desta Gente a beneficio de qualquer que seja e por mais justo que seja o pretexto, ainda mesmo para o serviço Real, menos quando julgue de seo dever convocar a que for precizo como Corpo de Milicias para se unir ao Pagos e para a deffeza dos Dominios a que he responsavel Antes contrariamente ao mesmo Governador, vião menos ao Ouvidor, acho que só deve competir toda a Jurisdição para fazer repellir as violencias e para fazer executar nesta parte como em todas a natural inteligencia das leys que as não admitem.

Quando se precizem alem dos effectivos mais operarios para os serviços Reaes determinado na Junta da Fazenda, qual deve ser o numero delles e os Destrictos donde devem vir o Ouvidor deve dirigir as competentes ordens ao Juizes dos Districtos para os mandarem para onde convier.

Quando algum particular caresser Gente para as suas lavouras deve procurala, deve ajustala não a achando chamando-a no seo Destricto, fazendo certo ter frutos pendentes que corrão risco de se perder por demora, o Juiz d'ella a podem mandar apenas pello tempo precizo, nunca porem sendo dos que tenhão establescimento proprio e de valor determinado, nunca para sahirem do mesmo Districto, por que assim como sua Mag.[e] não manda para gente de Tras-os-Montes é lavrar no Algarve, com serem só oitenta legoas de Distancia assim no Pará que as distancias são de centos e não ha de permitir menos que seja por vontade livre Se algum caresser Gente para Navegar as suas Canoas, para fazer Rossados para seo serviço geral que seja que se va aliar com os Indios que se vá ajustar com elles Ainda ha poucos dias vi Eu hum pobre homem que o medo trazia e levou ao mato digo consigo ao mato a fazer Cravo quarenta e tantos Indios que se agregou, e que o acompanhavão por sua vontade e agora tornou a voltar com elles, por licença que lhe concedi talves que se fossem obrigados não conservasse

a terra parte A grande diferença he que por esse meio os Indios ordenariamente só servirão aos que forem com elles trabalhar, ou aos que o tratem bem.

Não ponho duvida que alguns prefiram antes e a tudo a ociozidade, mas nem quando este inconveniente fosse irremediavel, era motivo para que Todos se conservacem na sugeição actual quanto mais não o sendo, e que para cortar-se basta primeiramente nos alardos que de seis mezes se fizerem a estes Corpos, individuar, e eaminar os que não tem Establescimento os que não requerem ocupar em servir nem em trabalhar de modo algum, para se queixarem estes para o Corpo do serviço Effectivo de sua Mag.[e] e para se apenarem e obrigarem a todos os mais a que se deverem apenar, e obrigar. Em segundo lugar premiar e proteger os que fizerem Establescimento com a izenção de trabalho pessoal logo que a importancia dos Dizimos que pagarem dos seos fructos, exceda a do jornal que poderião ganhar.

Postos os Indios neste mesmo pe d'igualdade de Direito, e de obrigaçoens que os mais vassallos esta dado hum grande passo para o importante fim de promover os Cazamentos, e allianças d'elles com os Brancos, que deve ser o primeiro de todos os objetos, como mais proprio de acelerar a sua civilização por que como tenho dito, o Indio por mais sevilizado que seja raras vezes iguala o Mestiço, nem em robustos, nem em agilidade artividade, ou industria, mas ainda não basta isto, he precizo mover os brancos pellos tactos do interesse, e com este fim a todos quantos se cazarem com Indias por um certo numero dannos, quantos pareção bastantes para formarem os seos Establescimentos, se devem dispençar os Parentes mais próximos de todos os serviços publicos, e mesmo permitir as baixas de soldados pagos aos que forem brancos, e se cazarem com Indias, devem-se obrigar os Principais, e officiaes dos Corpos de Milicias dos Indios a, que uzem e uniformes, e por meio delles introduzirlhes o luxo, porque tratando-se competentemente não só se verão obrigados a trabalharem, a fazer Trabalhar os seos, e adquiri, mais ainda se farão respeitar, e procurar pellos Brancos.

Segura pelas indicadas providencias a conservação dos Indios existentes, e pello melhoramento da sua condição enquanto se não confundirem com os Brancos, que he o meio que se pode pertender então se pode deve cuidar no mais proprio sistema para a redução de todos os que ainda existem nos Mattos.

Tudo quanto athe agora no Pará se tem praticado a este respeito, e sobre este objeto so pode servir de regra para fugir dos errados principios que se tem seguido cujos resultados são os maiores obstaculos presentemente a vencer. A viva lembrança que conservão das cruas guerras, e continuas, correrias sobre elles, das tropas chamadas de resgate, que em lugar de reunir como se enculcava, os que havião ser victimas dos antropophagos amarravão os que achavão e os mesmos que os recebião com agazalho, dos Descimentos feitos a corda, e amarrados protestando-se, ou figurando-se em tanto Voluntarios, das violencias, perfidias e barbaridades cometidas pelos mesmos Particulares com amorozidade, que ainda igualmente submetidos mais tratamentos feitos pellos Diretores aos mesmos.

Descidos voluntaria mente, obrigando-os a fugir denovo para o matto bastante couza he para que não queirão sahir delle se não quando não podem rezistir a violencia, e força, mormente quando pella efetiva comunicação que tem com os mesmos das Povoaçoens, e com os que para elles fogem d'ellas, sabem qual he o despotismo dos Directores e o sistema de sujeição, e tutella, em que gemem os outros que o habito unicamente contem.

Ainda em meu tempo apezar de saberem todos o meu modo diferente de pensar a respeito desta infeliz e tão perseguida Gente se tem praticado violencias e factos escandalozos.

Hum traficante que depois de expatifar em Matto Grosso, o Cahedal que do Pará havia levado, assentou-se desser ao Pará para subir para Goiazes, onde ainda não hera conhecido.

Na viagem pello tocantins achando-se desprovido de viver, sahindo-lhes as praias e Gentio que ali costuma ter tracto com os Viajantes e commutar as suas frutas as suas flexas e outras quincalharias, por machados, foices, e outros generos que preciza ouzou este malvado depois que os atrahio com aparencias d'amizade ouzou digo, fazer fogo sobre elles, e furtar lhes os viveres de que caressia e contudo ficou impune, por que não houve meio de se provar competentemente a culpa.

Hum Oficial Inferior destes Regimentos sendo por mim mandado com huma escolta para levar a sua Povoação o Principal e alguns Indios da Nação Carajas que tinhão vindo procurar-me em o pretexto de se oferesserem para descer mas na realidade com o de adquirirem por este pretexto algumas ferramentas e o de que mandasse ajudalos na guerra que fazião com outra nação chamada a apinagés comfessantes com elles, todos Habitantes do Rio Araguaya, que Eu em tão deligenciava descubrir dando ordem ao dito Cabo, para q' por modo algum fizesse o menor mal a este Gentio Apinagés, antes que fosse seu caminho direito evitando o encontro d'elles, athe a Povoação dos outros para ver que gente tenha examinar se querião desser, dispolos a isso e adquirir noticias da Navegação do Rio, elle contrario passando defronte da Povoação dos referidos Apinages, e acodindo estes as praias começou por fazer fogo, e fingindo logo elles com serem em grande numero salttou em terra amarrou humas poucas de Mulheres, e criancas furtou o que pôde, e fez a mesmas atrocidades depois do que continuando a viagem em ar triunfante ao virar hua ponta, onde a forte corrente do rio, e obrigava a passar perto da terra, ali repentinamente foi atacado pello Gentio e teve de retroceder depois de lhe matarem hum soldado, hum ou dois Indios, e ferirem outros, e elle mesmo por evitar o bem merecido castigo, teve de fugir. Enfim ha poucos annos em Rio Negro achando-se a os Indios das Povoaçoens do Rio Branco estavão cometendo continuos levantes pella facilidade com que voltavão para os parentes que tinhão nos mattos, não se atendendo que a couza d'estes levantes, era mais natural que viesse das insulencias dos soldados que tinhão por Directores e que o meio de os prevenir, era o não haver outros Diretores, que empregar tirar antes aquelles, ou enfim dar parte e esperar rezulução ao contrario se tomou o acele-

rado, e menos justo acordo de os fazer conduzir de força para Povoaçoens de Diferentes Destrictos, e fazer passar algum destas para aquellas por aotoridade Publica ou por excesso della não obstante terse visto, que em outro antecedente levante fazendo-se prezente a sua Mag.[e] mandou pedoar lhe, por que a sua alta Perspicacia não era oculto, que estas e outras barbaridades que aquelles selvagens consentem, provem e maiores com elles cometidas, e por ventura serão estes refferidos factos os unicos, que se terão mesmo em meu tempo cometido nestes dilatadicimos Certoens.

Para fazer dessimentos voluntarios deste Gentios por meios de persuarão, e a vista da Fazenda Real como esta disposto creio que certamente são mais os prejuizos que as vantagens.

He verdade se tem feito algum, mas que se veja o resultado delles. Comumente logo que se mudão das suas terras, a maior parte morre por estranharem a mudança de vida, d'ares d'agoas, e d'alimentos, e os que ficão dezertão em começando com elles o trabalho, e a ingeição porque passão os outros, alem de que sempre que estas diligencias de descimento se executão devidamente sem coação ou por livre vontade, são mui poucos os Individuos que se atrahem, e as mais das vees, as despezas feitas com este fim, os Emcarregados das comiçoens dizem ter sido enganados pellos Indios e talvez sejão elles os que aproveitem ao menos a maior parte.

Os Regulares a este respeito procedião e tinhão rezoens para proceder diversamente. Elles mesmos acompanhavão os Indios que lher servião de interpretes para ajustar ou reduzir os que pertendião descer. Descidos as Povoaçoens erão suas os trabalhos dos Indios se convertião todos em proveito d'elles era de seo interesse conservalos, e ter o maior numero possivel, não cuidavão pois senão em os domesticar, não os obrigavão a trabalhos, senão quando ja não havia perigo de que fugissem, e ainda os mesmos trabalhos delles se conformavão todos ao gosto dos Indios, por que Indio gosta d'andar no matto, não se lhe da de remar, quer fazer rossa para ter farinha, mas [sic] repugna a todo trabalho violento não o quer continuado, aborrece todo o alimento, que não for a sua farinha, e o seo peixe fresco em preferencia a Carne, por isso aborrece a os grandes serviços, e as grandes viagens em que he precizo ouzar de provizoens, e de cameres salgados alem de que a sua mesma debil constituição não pode soportar fadigas excecivas, e continuadas qual pois sera o que haja de executar estas importantes Comissoens prezentemente sem ter o mesmo fim sem ter o mesmo interesse que importa a hum Diretor que o indio esteja doente, que morra, ou q' viva? Que pede elle? Couza em huma Mas os Regulares perdendo o Indio perdião hum Escravo, faltandolhe para o Serviço, este se lhe atrazava, e se perdesse os que tenha a Povoação ficavão sem aquella propriedade, e o Diretor quando se perca a Povoação, quando se lhe extinga a gente, as suas vistas ao a de procurar outras.

Os meios de que os regulares se servião para fazer Descimentos dos Indios actualmente existentes são os mesmos que ainda hoje temos, e forão os mesmos

que se praticarão antes que elles se apossarem das Missoens e as convertessem em Fazendas. Antes delles ja se havia travado comunicação, e amizade em algumas Naçoens, outras segundo as despozicoens d'Amizade ou de odio com que estavão com as suas confinantes digo estavão a respeito des suas confinantes ou nos fazião guerra ou buscava a nossa alliança, a consequente redução, e pellas ja reduzidas se passava as que o repugnavão ser.

Isto mesmo fazião os Regulares, pelos ja descidos e domesticados buscavão a comunicação dos que não tinhão descidos e por hum plano constantemente seguido, em que todo o proveito era seo, fizerão tão notaveis progressos. Por que rezão pois os não poderemos fazer prezentemente? Por que nos faltão Homens que operem pelo mesmo motivo? O interesse proprio não influe nos nossos operarios e qual he o equivalente que possa substituir o incentivo do interesse proprio?

Banido como ja foi o barbaro e tirano princípio de que os Indios se devião conservar em Escravidão banido como deve ser o que a substituio de que se devião conservar na sugeição ou servidão prezente, huma vez que elles como os mais Vassallos devão somente ser obrigados ao serviço publico a não viver em ociozidade mas a trabalhar, seja para proveito proprio seja para o de ouros por sua livre convenção, os progreços da Religião e de Estado nada padecem que os Indios Povoem estas ou aquellas terras, e somente interessão que elles recebão a luz do Evangelho, que elle conheção a suprema suberania de sua Mag.[e] que elles concorrão com o seo trabalho, e com a sua industria para a publica opulencia. Admitdo este principio deve tambem abrir se o Termo e a pertenção e Descimentos, e substituir se lhe, a comunicação por que esta he a que unicamente basta para os fins que pertendem, promovendo-se, constituindo-se regular e util aos que a emprehenderem.

Aqui tem havido athe agora tem sido fortuita, tem sido sem sistema não foi authorizada, nem premiada, e melhor he que assim fosse, por que em lugar d'util nos era prejudicial.

Felismente as duas Nacoens que mais nos inquietavão, não so na Navegação de matto Grosso mas em todo o estado, estão em pas, e pouco falta para que em poucos anos se fação uteis. A primeira que desceu que he a dos Muras, custava mais por serem estes Indios mui preguiçozos, mui inimigos mesmo do trabalho, e so cubicozos de furtar o que encontrão. A segunda q' he dos Mondurucus, guerreira, valentes, trabalhadores, e tão sofredores de trabalho, que ao mesmo tempo por toda a parte nos inquietavão e a quem devemos o beneficio de ter feito descer aquelles Muras, e outros que se chamão Maques, se reduzio, e pedio paz depois que para repelir as ultimas e tiranas atrocidades, que cometerão, os mandei investir, como disse em Officio Nº 31 do anno de 1794 nas suas mesmas Povoaçoens que athe então não herão conhecidas, No rio Tocantins ha tambem duas Naçoens de Carajas e Apinagés a primeira de paz como ja fica dito e a segunda vinda que guerreira, e de correrias mui facil a domesticar, por quanto ella mesma esta cominando ou a Providencia por ella nos esta indicando o que lhe

devemos levar, que he a ferramenta, que pocurão e nos furtão nas Fazendas de sitios ermos e remotos que vem envistir.

Todas estas Naçoens de que ha mais conhecimento, e que se reputão de mais consideravel População assim como outras que se encontrão e sahem a tomar falha em diferentes partes todas procurão ferramentas com o maior empenho em preferencia as quinquilharias d'espelhos navalhas contas, e outras semelhantes, Nenhuma por mais recentida que esteja, rezute a comunicação logo que as vê, e se estes mizeraveis a força de trabalho, emdustria, fazem sem instrumentos proprios as lavouras, de que subsistem quais não he de crer fassão, logo que os tenhão.

Athe agora em tendeo-se diversamente que os Indios tendo ferramenta tendo, os generos que caressem, nunca virão a descer, e única convenho, mas como não considero necessidade alguma de que desção basta que admitão, a comunicação acho que a introdução das ferramentas, e dos outros generos que apeteção exceptuando Armas Brancas de fogo Polvora, Balla ou chumbo, para que tomem mais regularidade, e insistencia as suas lavouras que as promovão para ter equivalente a dar pello que apetecerem que acostumados ao comercio e lavoura, deixem de nos inqueitar com correrias, e furtos, que bituados ao nosso comercio aos nossos uzos e costumes não estranhem as ideias de Religião nem impugnem receber o Ministro do Evangelho que se lhes mande que admitida continuada successivamente esta comunicação saibão o que por ora não sabem e he destinguir nos insultos, nas veaçoens, e violencias, que ce lhes fação ao que emanarem da Autoridade Publica das que cometerem os Particulares, para em hum ou outro cazo esperarem remedio opurtuno, sem o procurarem com outras violencias, que finalmente por esta mesma communicação se facilite a licença das suas castas, e então esta a conquista feita completamente Suponha-se não obstante o peor suponha-se que aceitão e pendem as ferramentas, e se frustão os fins que nos propomos que mal nos rezulta de que elles fação maiores lavouras? Se estes Indios assim como os Pretos da Costa de Africa tivessem e pudecem ter trato com Naçoens estrangeiras, poderia temer-se alguma consequencia, de que consolidassem os seo Establescimentos ainda q' emtão mesma seria melhor ganhar a sua amizade do que negar-lhes e que podião haver pelo Comercio estranho mas quando com ellas não podem ter comunicação quando estão rodeadas dos nossos Establescimentos que se pode temer.

Debaixo destes principios, e nos de que tudo quanto se não conseguir, por esforços efetivos, sucessivos, e dirigidos pellos individuos de que se compoem hum Estado trabalhando para o seo interesse impelidos, e obrigados com ordem e methodo não se conseguirá por outros alguns, considero que para promover, e fazer util a comunicação proposta se necessitão as providencias seguintes.

A primeira de todas deve ser a mais terminante austera prohibição de fazer guerra ofensiva, ou hostilidade quaisquer modo q' seja a nenhuma nação e Gentios, de auxiliar direta ou indiretamente as que humas as outras se fizerem,

e de cumprar, ou aceitar de nem huma d'ellas os Escravos que nestas Guerras se fizessem ainda que seja debaixo e protexto de opor em liberdade, pello abuzo, que delles se pode fazer, somente deve ser permitida aos Governadores a deffensiva para repelir as hostilidades q'ellas cometerem, esta mesmo em termos mui muderados pondo-se os Cabos encarregados d'ella na sugeição de huma rigoroza devassa para se averiguar se os excederão, e para que sejão competentemente castigados, quando os excedão depois de ouvidos e convencidos.

E quando as hostilidades que nos fação se repitão e se agravem chegando ao ponto de interromperem e nosso Comercio, ou de vexarem os nossos Estabelecimentos, e os que os habitão, ainda então se não deve usar senão do mesmo sistema de Defensiva, emquanto Sua Mag.e determinar outro.

Semelhantemente se deve prohibir aos Governadores, e quaisquer Cabos Militares, toda a expedição e toda a despeza da Fazenda Real para Descimentos de Indios, e ainda mesmo para travar comunicação com elles e quando vejão que os meios abaixo indicados merecendo a Aprovação de Sua Mag.e ou os que mesma Senhora Determinar, não aproveitem, e por outro que lhes ocurrão mais proprios seja praticavel de em parte e execute meramente o que Sua Mag.e for servida mandar.

Devem ser obrigados todos os Comboeieiros que frequentão o interior do Brasil seja por Navegação de Rios seja pellas estradas de terra a levar entre os generos de suas carregacoens aquelles de que os Gentios fazem, estimação para os brindarem, e travarem comunicação com elles, quando os encontrem cominando-lhes as mais severas pessas quando o inquietem, e provoquem a hostilidades, ou ainda quando recebendoas d'elles excederem os termos da natural defeza. Esta mesma dispozição deve tambem compreender todas e quaesquer outras pessas que tranzitem pelas mesmas Estradas em expediçoens proprias e para que ella não fique illuzoria nem cauze vexação ao Comercio, aos Vassallos e a sua util, necessaria, e reciproca com municação devem os Juizes dos Destrictos, por onde tranzitarem tais Comboio exceptuados somente os dos Governadores, e Ministros, quando portarem nelles para tomarem socorros, e refrescos fazer [subir] os Passaportes, chamar a sua Prezença os Individuos de que elles comtarem, tomar informação a esse respeito ex officio perguntandoos debaixo de juramento, e reduzindo tudo a Auto proceder competentemente contra o que acharem culpado, e não os havendo, quando cheguem ao lugar do seo destino, fazendo certa a qualidade dos generos com que hajão brindado os Gentios e o seo primeiro custo, onde os cumprarão, se lhes deve pagar esta importancia pella Fazenda Real, não excedendo a que se pode arbitar, e vem a ser verdadeiramente muito modica, limitando-se somente a refferida Gaça aos que forçozamente tem de tranzitarem por lugares ermos e dezertos e nunca aos q' por conveniencia propria vão procuralos para d'elles extrahirem generos, por quanto expondo-se por aquelle unico motivo a passar pelo risco de os perderem e as proprias vidas justamente devem elles só concorrer com os meios d' o evitar.

Deve-se permitir a qualquer morador ajuntar-se e trazer em seu serviço os Indios d'aquellas Naçoens que estiverem em paz como preentemente estão os Mu-

ras, Mondurucus, e Carajas manifestando-os logo ao Governo para este mandar proceder a termo em que se obrigue a educalos, instruilos em termos de se batizarem em certo tempo, e apagarlhes concedendose lhes o privilegio d'Orfaons e para q' tambem durante certo numero d'annos q' forem bastantes para se indenizar pello trabalho d'elles das despezas que tiver feito de se lhes conservem tirando-se e castigando-se qualquer que os inquiete, e seduza para que o abandonem e passem para o serviço d'elle este bem entendido sendo indios livres de Nação que esteja em pas, e não Escravos, como assima dice, o que antes de tudo se deve averiguar para ser competentemente castigado, fraudando as Ordens.

Deve-se autorizar e permitir o Comercio com os Gentios a entrudução de todos os Generos, que carecerem, a excepção d'Armas brancas, e de Fogo, Polvora, Ballas e Cumbo, e a livre estração e venda de todos os que houverem d'elles providenciando-se somente a respeito do ouro em po, e Diamantes como Sua Mag.e for servida por que com este pretexto se não cometão abuzos.

Deve se aothorizar, e permitir a todo e qualquer individuo, livre o seo Establescimento nas terra e Povoaçoens dos Gentios com a obrigação de fazer constar ao Governo, a que pertencer.

Deve-se declarar nobre e habil a todos os Empregos o que reduzir qualquer Nação de Gentio ou a receber Sacerdote, e a luz do evangelho, ou o que a souber aliaar, e conduzir establescer-se junto a qualquer Paroquia para o mesmo fim, facultando-se-lhe allem desta Graça a de Sexmaria das terras devolutas, que precizar, a do valor dos Dizimos por certo numero d'annos, recebendo-se elles porem em generos pelo respectivo Dizimeiro cada redizima, findos estes pellos que forem proporcionados ou em Vidas e quando se cazem ou aliem nas Familias dos Principais, de modo que venhão a herdar os Direitos d'elles, se lhes deve conceder o Titulo de Senhora da Terra, formada que seja a Povoação com a gente competente a custa d' elles, e ainda as outras merces que sua Mag.e e achar proprias da sua Real generozidade e a importancia do Serviço, que se lhe fizer, pois que não deve ser menos, atendido quando he mais util do que se fora feito a força de Armas.

Todos os Sacerdotes que se mandarem a conversão destas Naçoens de Gentios, ou a ajudar as Paroquias em cujas vezinhanças se establesção devem ser pagos pella Fazenda Real por congrua competente, para que esta despeza não a sobrecarregue, establescida a nova ordem proposta se pode fazer grande reforma nas actues Parroquias em cujas vezinhanças, se establesção evem ser pagos pella Fazenda Real por congrua competente, e para que esta despeza não a sobrecarregue, establescida a nova ordem proposta se pode fazer grande reforma nas actuaes Parroquias, que são muitas, e sem proporção com a População. O total dellas he de 100 a que Sua Mag.e paga congruas. O total da População he de 80 a 90 mil Almas, e não cabem mil a cada huma, o que he mui pouco para dar subsistencia a hum Parroco, que tem pequena congrua, e menos ainda para que a de a quadjutores, que se precizão para suprir as suas faltas, e impedimentos, provindo esta dezordem de que os Governadores só procurão fazer serviços em allegar com o numero de Povoaçoens que fundarão sem se embarassarem de tenhão ou não

Gente bastante, e por isso sendo as Parroquias de Brancos 19 para 98 mil Brancos, Pretos, Indios, e Mestiços, onde Indios são 11 para 46 mil de cujo numero mais da quarta parte consta de Brancos, Escravos, e Agregados.

Tambem pella Fazenda Real se devem prestar auxilios aos que se empregarem em tão uteis emprezas, observando-se a maior circonspecção, e nunca antes de haver toda a probabilidade de que aproveitem, e absoluta necessidade para continuarem as precizas diligencias, merecendo-os empregados pellas todo o conceito de probidade.

Por evitar questoens, deve-se dar ao primeiro que travar a comunicação e fizer Establescimento entre os Gentios, a prerrogativa de que todos os mais que depois forem comerciar com os mesmos Gentios, lhe hajão de obedecer, enquanto entre elles perzistirem e ao sahir lhe hajão de pagar Donativo proporcionado ao vallor que exportarem com quartro ou cinco porcento, mas para gozarem a referida prerrogativa de verão fazer constar a comonicação, e Establescimento realmente trazendo a prezença dos Governadores, os mesmos Principais.

Devem-se impor as mais severas penas a todos os que forem commeter distrubios a estes novos Establescimentos a todos os que forem suscitar sizanias nos Indios, e desuadi-los [ilegível], ou de receber a religião ou o Comercio, e trato com os Brancos.

Devem impor-se iguais penas aos Eclesiasticos que ou Comerciarem com os Gentios, ou dezacreditarem o seo santo Ministerio por ter pezados seos procedimentos.

He bem certo que estes meios não prometem a prontidão, que se pode dezejar, mas quais outros depois de dois séculos de continuadas Barbaridades em desprezo da Authoridade e da proteção Real sempre propicia ao favor destes infelizes, as poderão prontamente desvanecer, da memoria e da tradição delles, para que logo nos procurem Quaes outros de sustentar a Authoridade Real, senão o de inibir os homens de procurarem os Indios, senão quando lhes queirão e procurarem fazer bem? Quaes outros de mover os Homens, se não os de tocar pelo lado do interesse, que sendo proprio deve ser tanto mais activo que e dos Regulares, que trabalhavão para as suas corpuraçoens? Eu os ignoro, e praz a Deos que os haja para que pondo-se em acção possa dilatar-se a Religião e o Dominio de Sua Mag.[e] e possão a sua Real Coroa acresser novas riquezas, com que se aumente o seo explendor, e Poder. Pará 2 de agosto de 1797: // Dom Francisco de Souza Coutinho // Dom Rodrigo de Souza Coutinho //

Nota

Onde houver um (~) ler-se-á (**’**).

As palavras (**hu**) ou (**hua**) também recebiam o sinal de nasalidade (’).

2 Cronologia da Cabanagem*

I - Raízes do movimento

10/Dez./1820

Retorna a Belém Felipe Patroni com notícias sobre o movimento constitucionalista do Porto e da convocação das Cortes.

01/Jan./1821

Adesão às cortes e às bases da futura Constituição
Cel. João Pereira Vilaça e Cel. Francisco José Rodrigues Barata junto às tropas reunidas em praça pública junta constitucional.
D. Romualdo Antonio de Seixas (Presidente)
Juiz Joaquim Pereira Macedo (VicePresidente)
Cel. João Pereira Vilaça (Vogal)
Cel. Francisco José Rodrigues Barata (Vogal)
Cel. Geraldo José de Abreu (Vogal)
Tem. Cel. Francisco José de Faria (Vogal)
Negociante Francisco Gonçalves de Lima (Vogal)
Proprietário João da Fonseca Freitas (Vogal)
Proprietário José Rodrigues de Castro Góis (Vogal)
São escolhido emissários para levar a notícia aos principais pontos do interior do Grão – Pará , ao Rio de Janeiro e a Lisboa.

5/6/Fev./1821

Indicados para representar o Grão Pará junto às Côrtes em Lisboa o alferes Domingos Simões da Cunha e o bacharel Felipe Alberto Patroni.

31/Mar./1821

Credenciais apresentadas por Patroni e Simões da Cunha à regência .

22/Nov./1821

Patroni critica a administração na audiência com o Rei.

10/Dez./1821

Eleição de deputados às Cortes: José Cavalcante e Albuquerque, Francisco de Sousa Moreira, João Lopes da Cunha e D. Romualdo de Sousa Coelho.

01/Abril/1822

Novo comandante das armas: Brigadeiro José Maria de Moura auxiliado por Cel. Joaquim Felipe do Reis e Major José Brito Inglês.
Circula o 1º exemplar de O Paraense, o jornal de Felipe Patroni, com ácidas críticas à administração dos negócios públicos.

* Esta cronologia foi elaborada tendo como suporte a obra de Domingos Antonio Raiol, MOTINS POLÍTICOS. Na medida do possível os dados foram colhidos no Arquivo Público do Pará, no Arquivo Nacional (Rio de Janeiro; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

25/Mai./1822

Prisão de Felipe Patroni. Batista Campo o substitui na redação do jornal

18/Set./1822

Presos por tramarem a independência do Brasil: Batista Campos, Miguel J. de Cerqueira e Silva, João Anastácio da Cunha, Pedro Rodrigues Henriques e o capitão – mor Amândio José de Oliveira Pantoja e João Marques de Matos. Foram absolvidos em 19/10/1822, por falta de provas. Ainda em outubro, ao defender a independência no jornal, B. Campos é preso. Ao ser solto, dias depois, foi saudado pelo povo em cortejo até a sua casa continuou suas atividades no jornal.

13/Jan./1823

O Pará ainda é português. Juramento público da Constituição Portuguêsa.

25/Fev./1823

Nova eleição municipal; nenhum candidato português conseguiu maioria de votos.

01/Mar./1823

Golpe Militar. O Comandante das tropas prende a junta governativa recém-eleita e restabeleceu a antiga câmara municipal. Nova junta governativa escolhida pelos vereadores e militares. D. Romualdo de Seixas (Presidente) Geraldo José de Abreu (Secretário) Joaquim Correa, Joaquim Antonio da Silva, Teodósio C. de Chermont e João Batista Ledo (Vogais).

Prisão dos membros da junta provisória que havia sido eleita e deposta. Perseguição a B. Campos que se refugia no interior.

Deportação para o interior dos principais defensores da independência. A recusa ao alistamento voluntário proposto pelos militares teve como consequência a decretação do recrutamento dos parentes e amigos dos deportados e de partidários da independência. Amplia-se a rejeição aos portugueses e se fortalece a causa da independência, radicalizando-se o conflito: de um lado a burguesia comercial lusa, que patrocina o recrutamento oferecendo recursos para equipar e municiar as tropas (Guarda Cívica Voluntária) e de outro, os partidários da separação, auto-denominados de brasileiros.

13/Abr./1823

Conspira-se a favor da Independência na casa do italiano João Batista Balbi

14/Abr./1823

Prisão dos revolucionários; condenados à morte. Pena transformada em deportação para Lisboa, onde são libertados.

Revolucionários:

Cap. Domiciano Ernesto Dias Cardoso

Alferes José Mariano de Oliveira Belo

Capitão Boaventura Ferreira da Silva

Alferes Domingos Gonçalves Marreiros

Te. Cel. José Narciso da Costa Rocha

Alferes Antonio de Loureiro Barreto

Cadete Antonio Bernal do Couto (quis disparar o canhão no encontro das tropas legalistas, o que teria possibilitado a vitória dos rebeldes, mas foi impedido pelo líder dos rebeldes, Cap. Boaventura da Silva. Foram todos presos, civis e militares).

Bernardo de Sousa Franco (futuro senador do Império e conselheiro do Estado).
Padre (depois Cônego) Jerônimo Roberto da Costa Pimentel
Inácio Accioli de Cerqueira e Silva.
Manuel José de Moura
Manuel Evaristo da Silva e Sousa
Aureliano de Jesus da Costa
Joaquim Manuel de Araujo Nobre
Honório José dos Santos
José Pio de Araujo Nobre
João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha
José Joaquim de Figueiredo

15/Abr./1823

Fala do Presidente da Junta Governativa D. Romualdo Antonio de Seixas(fututro Arcebispo da Bahia e marquês de Sta. Cruz) contra a condenação à noite dos revolucionários. (...) " Onde é que se faz esta execução? É em uma Província, onde nunca se viram iguais espetáculos, senão nos escravos mais facinorosos, e onde sempre se evitou praticá-la em pessoas brancas (grifo meu) pelo perigo de enfraquecer a consideração desta classe dos habitantes no espírito e na opinião da escravatura! E que será hoje a execução de tantos brancos, e entre eles alguns oficiais e oficiais inferiores? Que respeito terão os escravos à força armada quando virem militares graduados e seus próprios senhores nivelados com eles na mesma infâmia do suplício, em uma crise, em que a idéia de liberdade fermenta (grifo meu) já na cabeça dos escravos e parece augurar a fatal catástrofe de São Domingos?" (RAIOL, 1970, p.35)

28/Mai./1823

Revoltosos em Muaná. Os que escaparam à prisão, proclamam a adesão á independência em Muaná (costa ocidental do Marajó) sob a liderança José Pedro de Azevedo. Depois de entrarem em conflito com os partidários de Portugal, foram presos cerca de duzentos homens.

05/Ago./1823

A junta provisória em reunião conjunta das autoridades civis, militares e eclesiásticas da Província decide manter-se fiel a Portugal, mesmo sabendo da dissolução das Côrtes na Metrópole.

10/Ago./1823

Chega ao porto de Belém o brigue Maranhão comandado por J. P. Greenfell para obter a adesão do Grão-Pará ao Império brasileiro.

11/Ago./1823

A facção militar pró-Portugal perde a batalha para o oportunismo da junta governativa provisória, que resolve aceitar o ultimato de Greenfell, se declarando favorável à independência.

14/Ago./1823

Prisão dos militares pró-Portugal.

15/Ago./1823

Adesão do Grão-Pará à Independência do Brasil.

18/Ago./1823

Instalação do governo provisório, onde os partidários da independência eram minoria: Batista Campos e Clemente Malcher. Insatisfação e hostilidades contra a presença de portugueses em postos-chave da administração.

28/Set./1823

Em Cametá, as autoridades municipais saúdam a Independência.

15/Out./1823

Explode a revolta na capital. Exige-se a saída dos portugueses do governo e a designação de B. Campos para a presidência da província. Apesar dos esforços de B. Campos, a anarquia se instala, com atos de violência, depredação e roubo, contra o patrimônio de portugueses.

16/Out./1823

Greenfell procede a "limpeza" das ruas.

17/Out./1823

São escolhidos e fuzilados 5 revoltosos. Batista Campos é preso , levado à praça pública e ameaçado de morte à boca de um canhão.Foi deportado para o Rio de Janeiro. Reassume a presidência Geraldo José de Abreu. Dissolvidos os regimentos e convocados novos através de alistamento voluntário para o Regimento Imperial.

20/Out./1823

Os presos, 256 rebeldes, foram amontoados nos porões do brigue Palhaço (ex-Diligente). Em 48 horas de calor e sede, a violência explode. Cal é atirado nos porões que são lacrados. Somente 4 presos sobreviveram.

30/Out./1823

Conflito em Cametá. A junta governativa envia tropas para controlar a situação.

15/Nov./1823

É designado o bispo diocesano com poderes civis e militares para pacificar Cametá. A revolta se alastra para Oeiras, Portel, Melgaço, Conde, Beja, Muaná, Abaeté e Igarapé-Mirim. A presença das tropas mantém o conflito latente.

07/Fev./1824

Tentativa de pacificação dos revoltosos: exoneração dos partidários de Portugal que permaneciam na administração pública em postos civis (22) e militares (83 oficiais, sendo 30 do Regimento Imperial, 7 de artilharia e 46 de milícias e ligeiros).

20/Abr./1824

Concessão de anistia geral e absoluta a todos os rebeldes, com exceção do líder—João Antonio Martins. Pagamento integral de mercadorias confiscadas pelos partidários da junta; moratória de 4 anos nas dívidas contraídas com os portugueses que retornaram à Metrópole.

Abr./1824

Retornam à Belém, Manuel de Almeida C. de Abreu, Joaquim Antônio Tupinambá, Manuel Lourenço de Matos, José Batista da Silva (Camecran), Marcos Antônio Rodrigues (Mundurucu Paiquicé) revoltosos de 14 de abril de 1823, que haviam fugido para os EUA depois vieram para o Rio de Janeiro e Pernambuco.

27/Abr./1824

Revolta em Belém. São presos: D. Romualdo de Seixas, Cel. Geraldo José deAbreu, Cap. Coutinho de Abreu. Eleição de um governo provisório. Seria proclamada a Confederação do Equador em 01/05/1824.

30/Abr./1824

A chegada do 1º Presidente designado para governar a província, José de Araújo Rozo (1824/1825), colocou ponto final na revolta. Assumiu o poder civil e militar. Depois que obteve o apoio do Conselho da Província, não aceitou a nomeação do Brigadeiro José Inácio Borges como Comandante d'Armas. A desobediência dessa ordem imperial e a arbitrária deportação do comandante, seriam objeto de punição futura de Araújo Rozo pelas autoridades do Império.

14/Ago./1824

Batista Campos, absolvido em 21/01/1824 dos crimes que lhe haviam sido imputados, retorna a Belém, nomeado Cavaleiro da Ordem de Cristo. Continua sua luta contra os erros da administração pública, inclusive contra o afastamento do Brigadeiro Borges.

26/Ago./1824

Revolta em Bragança.

30/Set./1824

B. Campos é preso em navio ancorado no porto de Belém. Processado como propagandista de ideais republicanos.

01/Out./1824

É designado o Major Luís Ferreira da Cunha comandante militar de Bragança com a missão de por fim à revolta. Os revoltosos fogem para as matas.

25/Dez./1824

Motim entre os soldados comandados por Antonio Vieira Barbosa. Atribui-se a culpa do levante a B. Campos que se achava preso a bordo da charrua Gentil-Americana, acusado de difundir idéias republicanas. Prisão arbitrária de desafetos do presidente da província: João Lourenço de Sousa, Pe. Gaspar de Soqueira e Queirós, Marcelo Borges Trovão, Francisco F. Pinto. Jerônimo M. de França e Antônio Marcelo da Maia (prisão de Crato). Cônego Silvestre Antunes P. Serra, Tem. Cel. Feliz Antônio Clemente Malcher e outros denunciados por Julião da Costa e Sousa (deportados para o Rio de Janeiro).

10/Mar./1825

Deportado para o Maranhão o Cônego B. Campos à disposição de Lord Cokrane, enviado depois ao Rio de Janeiro (entre a primeira prisão em Belém e a chegada ao R. de Janeiro, mais de cem dias de tormentosa prisão).

28/Mai./1825

Posse do Ten.Cel. Felix Pereira Burgos na presidência da província (1825/abr.1828)

23/Abr./1826

Antônio Vieira Barbosa foge da prisão e apodera-se de armas, dominando militarmente a cidade de Cametá. Prende todas as autoridades e portugueses da cidade, auxiliado por

“salteadores, desertores dos regimentos de primeira linha desta província, junto nos subúrbios de Cametá”(...)Tem agregado a si quantidade de pardos e ouras classes de gente miserável, dos quais muitos são até violentamente obrigados a compor com aqueles perversos em execução atrocidades as mais escandalosas contra cidadãos brasileiros probos, e com especialidade europeus, com o único intento do roubo e de suas ferinas condições, com insulto indizível à lei e ingratidão a tantos benefícios que continuamente recebem do mais benéfico dos soberanos”Apesar das palavras do presidente Rozo, tanto a Câmara de Cametá quanto os militares em suas correspondências enfatizavam que “até o momento as propiedades tem sido respeitadas, tanto dos brasileiros naturalizados, como natos”; o objetivo da rebelião era a expulsão dos portugueses da vila. Os civis pedem proteção, os militares recomendam a obtenção “de uma anistia” para que se mantivesse o respeito às propiedades e seus habitantes. (RAIOL, 1970, p. 113-114).

26/Abr./1826

Providências tomadas contra rebledes de Cametá: 3 embarcações com 166 praças de infantaria, 38 praças de artilharia, 12 oficiais. Armas:4 canhões e munição; munição de reforço: 10 mil cartuchos de mosquetaria, 400 pistolas, 250 tiros de artilharia calibre 3, 200 tiros de artilharia calibre 1, 400 espoletas , 24 velas mistas, 20 tranças enxofradas. Comandante das tropas: Major Antônio Ladislau monteiro Baena. Mesmo com ordens minunciosas e obrigado ao ataque de surpresa (o qual não realizou), a expedição foi derrotada pelos erros cometidos por seu comandante, que depois seria submetido a julgamento e punido com perda da patente e afastamento da tropa em 06/08/1827.

10/Mai./1826

Reunião do Conselho presidencial da província analisa o malogro da expedição e o retorno de seu comandante (deixando parte dos seus comandados) e afirma que o malogro ocorreu por “imperícia, desobediência e covardia do comandante”.

13/Mai./1826

Ofício do Juiz de Fora de Cametá comunica que a ordem se restabeleceu com a retomada da vila pelos soldados da expedição que em ação conjunta com cidadãos locais, conseguiram vencer os rebeldes e retomar a vila. O líder rebelde Antônio Vieira Barbosa fugiu. Em ata do Conselho da província são sugeridas ao Juiz de Fora as seguintes medidas:

- policiamento intensivo dos “subúrbios de Cametá” para: prevenir desordens; capturar os rebeldes fugitivos, manter a coesão e disciplina da tropa; prevenir novas sedições;
- proceder a um “recrutamento rigoroso em todos aqueles indivíduos que não sendo chefes de família, nem aplicados à lavoura, abundam naqueles contornos, afeitos a roubos e atrocidades” (RAIOL, 1970, p. 124).
- (Nas correspondências, o ideal republicano aparece ligado aos rebeldes. Existe também o relato das atrocidades cometidas pelo Juiz de Fora contra os prisioneiros sem culpa formada, apenas por serem seus desafetos. Alguns eram partidários históricos da independência. Ver a fala do Ten. José Francisco Alves, preso como rebelde (RAIOL, 1970, p. 129).

05/Nov./1826

Suspenso do exercício de suas funções de ouvidor o Dr. Joaquim Mariano Ferreira. Na luta pelo poder, levou vantagem o presidente da província, que arbitrariamente destituiu o Ouvidor, sem ter competência para isso. Segundo Raiol, o Ouvidor era talvez a única possibilidade de se fazer justiça aos presos da rebelião de Cametá.

07/Nov./1826

O Ouvidor faz ler em locais públicos, um edital desnudando os atos de invasão jurisdicional cometidos pelo presidente da Província. Este pune os oficiaisde justiça, que liam o edital, com prisão e recrutamento ao corpo da tropa. Segundo ele "quem tem o timão do governo necessita de mais robustez e constância contra as paixões, que satisfazem momentaneamente, porém não qualificam o sujeito virtuoso, nem justo à face da mesma lei. O Ouvidor ostentou, como sabeis, o caráter de uma autoridade como a minha e absolutamente independente na província; e, oh fragilidade! Vencido talvez pelos indiscretos inimigos da ordem e do trono, ameaçou e chegou a por em execução o insólito, inaudito e atrevido projeto de emprazar o seu presidente, o primeiro representante do poder executivo e administrativo desta província! (RAIOL, 1970, p. 134).

14/Abr./1828

Nomeado em 07/04/1827, tomou posse o novo presidente da província, o Barão de Bagé.

14/Jul./1830

Retorna como presidente da província, José Felix Pereira de Burgos, agora Barão de Itapicuru-Miri, e Soares d'Andreia como comandante das armas (Carta Régia de 20/11/1829). Era presidente interino Manuel Sebastião de Melo Marinho Falcão que saudou o novo governante elogiando o governo anterior(...) "Era preciso um chefe magnânimo para fazer triunfar a pátria, a lei e a liberdade; a liberdade, sim, de homens que nascendo iguais, estavam privados de o ser na sociedade em que viviam. (...)Qual de vós poderá negar o quanto progrediu o comércio e a agricultura sob o influxo de sua benéfica administração? Nenhuma facção perturbadora, nenhuma perseguição injusta pode empecer as interessantes fontes da nossa prosperidade (...)A administração da justiça foi mantida na independência que a constituição ordena; e todos os mais ramos do poder público se estabeleceram e regularam com tanta harmonia, que nos fizeram chegar àquele auge da representação social, a que a Constituição do Império(...) nos quis elevar(...)" Ao novo governante pede que continue a obra do antecessor, num claro receio do que poderá vir
(RIAOL, 1970, p. 141).

27/Nov./1830

Toma posse o novo comandante das armas Brigadeiro Francisco Soares d'Andreia.

07/Dez./1830

Medida arbitrária quanto à prisão e/ou destino do preso (em geral) que agora passava a depender só de Soares d'Andreia, reafirmam seu autoritarismo. B. Campos se posiciona contra essa ordem do dia 07/12/1830, por ser inconstitucional. O presidente provincial tenta resolver a questão mas o Brigadeiro insiste que sua decisão

está correta. O Conselho entretanto resolve que ele deveria reformar a ordem, o que ele não aceitou. O impasse foi levado ao Imperador (25/01/1831).

22/Mai./1831

Chega ao Pará (brigue Ametista) a notícia da abdicação de D Pedro I a 07/04/1831 e a instituição do governo da Regência Provisória. Segundo Raiol, enorme agitação ocorreu na cidade: "este fato trazia a esperança para uns, o desalento para outros, e uma tal ou qual desconfiança para todos" (RAIOL, 1970, p. 149). Boatos de sublevação das tropas chefiadas por Soares d'Andreia. A Câmara se reúne para analisar proposta de vereadores (Camecran, B. Campos, Falcão, Trovão, e Mota) para a destituição do comandante das armas, por ser " absolutista teórico e prático" e ter conduta contrária aos direitos dos cidadãos: insubordinado, despótico e inimigo de nossas instituições". Houve empate na votação do pedido de afastamento e o presidente da província decidiu a favor de Soares d'Andreia. Seguiram-se vários protestos por escrito dos vereadores ao presidente, que manteve sua decisão apoiado pelo corpo de tropa, apesar da instabilidade disciplinar dessas tropas.

02/Jun./1831

Sedição militar. Soldados sublevados não obedecem às ordens dos oficiais, retiram armas e munição, soltam presos, etc...Motivo: soldos atrasados. Condições para a deposição de armas (não aceitas): anistia por escrito, convocação da Câmara Municipal e demissão das autoridades. Saldo: 1 morto, 8 feridos; dezenas de presos. Criação de uma Guarda Nacional independente do comandante de armas formada voluntariamente pelos cidadãos, (no caso, o comando ficou com Marcos Martins), com objetivo de manutenção da ordem pública.

05/Jul./1831

Os ofícios datados 18 e 22 de abril, convocam o presidente da província e o comandante das armas a se apresentarem às Côrtes no Rio de Janeiro. Somente d'Andreia passa o comando. Em desobediência clara, o presidente permanece em Belém, apoiado pelos conservadores que não querem ver assumir o governo a autoridade civil imediata: B. Campos. O comando da armas ficou com Geraldo José de Abreu (conservador).

11/Jul./1831

Fundação da Sociedade Patriótica Instrutiva e Filantrópica. Sócios fundadores: B. Campos, J. Pimentel, A. Trovão e outros.

16/Jul./1831

Chega a Belém o novo presidente, Visconde de Goiana, e o comandante de armas, José Maria da Silva Bittencourt.

19/Jul./1831

Toma posse o novo presidente, desembargador Bernardo José da Gama, Visconde de Goiana.

20/Jul./1831

Ofício do Visconde de Goiana ao Ministro da Fazenda relatando a situação que encontrou no Grão-Pará: "(...)A tais embaraços acresce o não querer a junta do Maranhão remeter o recurso maior que tinha o Pará, qual era o dos 40 contos de réis anuais, dando por motivo o não estar para isso autorizada pela lei do orçamento. Ora

considere V. Excia. Como será possível governar esta província com um deficit tão crescido e com falta até desses 40 contos de réis!
Seria preciso que eu fizesse milagre, já para acudir às despesas diárias, já para pacificar indiscretas comoções a que mais de uma vez se têm arrojado os soldados, cuja fome desesperada não respeita as razões do Governo" (RIAOL, 1970, p. 201).

29/Jul./1831

Em ofício o Visconde de Goiana analisa a situação da província ao Ministro do Império (...)"com minha chegada e com a do comandante das armas os partidos se acalmaram. Mas não tem cessado de todo a indisposição que havia de parte a parte, e seguramente posso afirmar que de todas as províncias do Império é esta talvez a única em que mais se tem retardado a fundação do sistema brasílico o qual só commuito jeito e arte se poderá fazer prevalecer. É uma espécie de sebastianismo que tenho de fazer desvanecer para chamá-la à ordem das coisas presentes.
"Muito tem concorrido para tais desordens o descontentamento da tropa por causa das muitas dívidas atrasadas, que são de cento e setenta contos, setecentos setenta e um mil duzentos e cinco réis, como nesta data acabo de participar ao Ministro da Fazenda pedindo o remédio de que tanto carece esta província, que parece não pertencer ao Império do Brasil" (RAIOL, 1970, p. 200-201).

II – Agrava-se a situação: o golpe conservador dos "caramurus" e a reação dos filantrópicos".

05/Ago./1831

Hostilidade dos membros da Guarda Nacional comandada por Marco Martins (partido Caramuru) contra a determinação do V. de Goiana para que fosse usado o laço considerado por suas cores símbolo do Império. Anteriormente já havia o presidente da província tomado medidas favoráveis aos índios e tapuios extinguindo os governadores militares que controlavam as Fazendas Nacionais e Roças Comuns em seu próprio benefício. Para tanto fez cumprir decreto existente de 28/06/1830. Isso atraiu contra si o rancor daqueles que tiveram seus interesses contrariados. Outro ponto de conflito foi a intervenção no corpo de polícia comandado autoritariamente por Antônio F. Barreto, que passou a ficar diretamente ligado ao V. de Goiana (RAIOL, 1970, p.203).

07/Ago./1831

Conspiração das tropas e do partido Caramuru com o objetivo de destituir o presidente e prender B. Campos. Assume a presidência o membro do Conselho Marcelino José Cardoso [paraense, nascido em 1797 no Marajó. Estudou em Coimbra, formou-se em medicina e retornou a Belém em 1825. No dia 07 o Visconde. de Goiana pretendia reunir o Conselho para dissolver a Guarda Nacional e se afastar por motivos de saúde, devendo assumir a presidência o Arcipreste B. Campos. Já havia uma exposição de motivos feita pelo juiz de paz da freguesia de Santana da Campina, Luis Antônio Malato de Castro Peruvino a favor da manutenção da G. Nacional e também protestando pela soltura dos presos sem processo ou formal de culpa que o

V. de Goiana mandou libertar. No mesmo dia foi designado "comandante das armas o brasileiro e livre, Cel. José Maria da Silva Bittencourt. Instaurou-se um processo contra o V. de Goiana, apresentado ao Ouvidor e corregedor da Comarca. O V. de Goiana é preso e remetido à Corte na mesma fragata (Campista) que o havia trazido. B. Campos é preso na escuna Alcântara, depois deportado, em companhia de outros membros de seu partido, para S. João do Crato. Os demais prisioneiros irão para a prisão de Marabitanas (10/09/1831).

18/Ago./1831
"Pacificação" da vila do Conde pelo Cap. Nabor Delfim Pereira.

24/Ago./1831
"Pacificação" de Abaeté pelo Cap. José Coelho de Miranda Leão.

25/Out./1831
Publicado o manifesto do V. de Goiana sobre sua deposição (escrito a 30/08/1831). Razões apontadas por ele: extinção da servidão dos índios nos pesqueiros e na plantação de cacau (as Fábricas Nacionais) nas Roças Comuns e na extração de salsa; a soltura dos brasileiros postos a ferro
no brigue 3 de Maio pelo "ódio e arbítrio lusitano"; a aprovação da sociedade Patriótica instalada pelo Arcipreste e vice-presidente da província, B. Campos. Teria desagradado os neo-colonizadores, a facção lusitana que se deixava fascinar por "ridículas imagens da estúpida união com Portugal" (RAIOL, 1970, p.228).

04/Fev./1832
A Câmara Municipal de Óbidos declara , em sessão extraordinária, que reconhece como legal a autoridade de B. Campos. Os presos que foram deportados para S. João do Crato e Marabitanas fugiram antes de chegarem a seus destinos e retornaram descendo o Amazonas: Juruti, Faro, Óbidos, Alter do Chão.

27/Fev./1832
Toma posse o novo presidente da província, designado pela Regência: Cel. José Joaquim Machado de Oliveira e o novo comandante de armas Antônio Correa Seara.

28/Fev./1832
O novo presidente liberta os presos vítimas do motim e manda retornar os que foram deportados. B. Campos hesita e o presidente envia correspondência em tom enérgico instando pela sua volta. Ao regressar, fica em total liberdade o que provoca a ira dos caramurus.

12/Abr./1832
Revolta militar na capitania de S. José do Rio Negro que declara a sua autonomia face ao Pará.

14/Ago./1832
É controlada a revolta em S. José do Rio Negro.

12/Dez./1832
É designado novo presidente para o Grão-Pará, o desembargador(conservador) José Mariani como comandante de armas o Tem. Cel. Inácio Correia de Vasconcelos.

Marcos Martins, Tenreiro Aranha e outros que haviam participado do golpe de 7 de agosto, estavam foragidos no Rio de Janeiro, se apressaram em comunicar sua volta a Belém. Os boatos da agitação política agora favoreciam os caramurus. Os filantrópicos decidem reagir, solicitando a permanência do atual presidente e demais autoridades até que a Regência revisse a nomeação de Mariani e de Vasconcelos.

19/Mar./1833

Instalação da Sociedade Federal tendo como presidente o Cel. Machado de Oliveira e como vice o Cônego Silvestre Antunes Serra, e para secretário oTen. Cel. comandante das armas Antônio Correa Seara. Essa sociedade se propunha em seus estatutos: "Art. 2º § 1° Sustentar a Liberdade Brasileira. §2° Propalar idéias claras e exatas a respeito do sistema federativo; mostrando suas vantagens. §3º Empregar todos os meios legais a fim de consegui-lo e consolidá-lo, fazendo sentir a necessidade de que a reforma federal parta do Poder Legislativo, única Autoridade legal para decretá-la. §4º Manter a ordem e a harmonia da província, opondo-se com todas suas forças a tudo que puder conspirar para a anarquia."

06/Abr./1833

Em meio às comemorações da Páscoa, à capital acorreram numerosas pessoas vindas do interior para pressionar os juizes de paz e o próprio presidente a permanecer no poder . Segundo Raiol, esse fato era produto do trabalho de convencimento político dos filantrópicos. Se eles se recusassem a ficar, que dessem posse aos membros do Conselho. As novas autoridades designadas pela Regência(Mariani e Vasconcelos) não deveriam assumir o poder.

07/Abri./1833

A nova reunião do Conselho proposta por B. Campos e Camecran, assumia ares de assembléia geral , uma vez que convidava-se todos os funcionários públicos, os membros das Câmaras municipais do interior que pudessem comparecer (certamente aqueles que pela proximidade com a capital, aí se encontrassem) e as autoridades nomeadas que se encontravam em embarcação ao largo do porto. A ata da reunião menciona o documento dos caramurus dirigido ao novo presidente oferecendo-se às armas para sustentá-lo em sua posse em Belém.

Após demorado debate, o presidente Machado de Oliveira propõe que se comunique às autoridades que estão no navio as posições do Conselho. O que é feito e tem como resposta que essas autoridades desejam tomar posse mas não tem força militar que sustente a intenção de cumprir as determinações da Regência. O presidente Machado de Oliveira entrega o cargo, o que não é aceito pelo Conselho que afirma o desejo do povo e das tropas em que ele permaneça no cargo juntamente com seu comandante militar. A desobediência às determinações regenciais se consuma.

12/Abr./1833

A situação se agrava com a recusa dos corpos de polícia em entregarem armas e com a chegada a Belém do comandante geral de guardas municipais do Acará, acompanhado de 150 homens armados para defender os brasileiros da cidade contra os "lusitanos armados".

Toda agitação era comunicada a Mariani no navio e havia esforços do presidente Machado de Oliveira para controlar a situação e dar-lhe posse.

14/Abr./1833

Mariani em ofício ao presidente M. de Oliveira faz um relatório da correspondência recebida e critica a atuação de M. de Oliveira em não dar pronto cumprimento a ordem regencial e abrir processo contra a Câmara. Considerou descabidas as sucessivas reuniões e consultas ao Conselho (que se ampliou assumindo ilegalmente caráter constituinte). Insiste que deve tomar posse pois "o tempo vai correndo e o vulcão crescendo". Exige que M. de Oliveira se declare coagido a não lhe dar posse para que ele possa se comunicar com a Regência sobre o fato.

O presidente Machado de Oliveira disse que responderia o ofício quando julgasse Mariani menos preocupado com o "injusto conceito que fazia da sua conduta pública".

16/Abr./1833

Fundação da Sociedade Novas Amazonas ou Iluminadas. Era uma sociedade exclusivamente feminina que pretendia preparar civicamente as mulheres para serem úteis à pátria. Apesar desses objetivos claramente expressos, Raiol acrescenta suas dúvidas pois se exigem das sócias " virtudes políticas e provas de decidido amor à pátria e adesão à liberdade," nos estatutos da organização (RAIOL, 1970, p.291 a 298).

16/Abr./1833

A resistência de um cidadão português (partidário dos caramurus) em desarmar-se e a seus homens, foi o estopim da luta entre as facções armadas. No meio dos ataques, o presidente M. de Oliveira se preocupou com o controle da cidade e do estoque de armas e munições, postando guardas para sua defesa. Ao mesmo tempo, tenta vencer a resistência do cidadão português com artilharia continua sobre a casa onde se encontravam aquartelados. Durante quatro horas o combate foi intenso. Todos os que tentaram fugir foram presos e muitos morreram na hora da fuga. Entre mortos e feridos: 95 pessoas, sendo 70 dos conjurados e 25 dos que eram comandados pelo presidente M. de Oliveira.

17/Abr./1833

Machado de Oliveira comunica a luta armada a Mariani, com o objetivo de comprovar o clima hostil à sua posse e a verdade de suas afirmações sobre a outra facção cuja violência pode ser comprovada. Ele solicita a Mariani que se retire do porto por achar que somente seu comando impedirá que a província entre em anarquia e até se separe do Império (RAIOL, 1970, p.341).

18/Abr./1833

Mariani aceita se retirar do porto .

11/Out./1833

Anistia geral para todos os envolvidos em crimes políticos no Pará até essa data (Lei nº57 de 08/10/1833 autorizou a anistia em todo o Brasil (RAIOL, 1970, p.371).

04/Dez./1833

Chega ao Pará Bernardo Lobo de Sousa nomeado (05/09/1833) para substituir M. de Oliveira na presidência da província.

23/Jan./1834

O presidente B. Lobo de Sousa ordena em circular o recrutamentopara o exército e para a marinha. Essa medida é extremamente impopular, pela forma abusiva, arbitrária como era feita. Para prevenir os ressentimentos e a revolta, tomou algumas medidas que visavam aliviar as pressões fiscalizatórias sobre o comércio e a navegação, suspendeu a cobrança do dízimo sobre o pescado, consertou estradas e impediu o aumento do preço da carne que era controlada pelos marchantes da capital. Atualizou o pagamento dos soldos da tropa, apesar das dificuldades com a escassez de moeda em circulação na província.

14/Fev./1834

Lobo de Sousa dá ordem para prender os escravos soltos que desafiam a ordem em ajuntamentos públicos dizendo-se partidários de Pedro I.

15/Mar./1834

Em reunião do Conselho, Lobo de Sousa comunica que tem recebido denúncias de conspiração que está sendo premeditada pelo partido Caramuru. São tomadas providências de defesa, destacando-se homens, armas e munições para os lugares mais ameaçados de sublevação. Intensifica-se o recrutamento com o objetivo de desmobilização dos insatisfeitos, designando-os inclusive para servir fora do Pará.

Essa medida foi sugerida pelo Ministério da Guerra, que o autorizara a formar batalhões com 500 praças produto do recrutamento. Entretanto, seus agentes de recrutamento não conseguiam convencer os homens válidos. Lobo de Sousa torna-se mais imperativo e determina o recrutamento daqueles indivíduos sem ocupação definida que “andam a vagar de sítio em sítio, de povoação em povoação, promovendo conflitos”. Foi na condição de provocador de conflito que Eduardo Francisco Nogueira(o Angelim) foi recrutado para a marinha, apesar de ter ocupação e trabalho definido, como arrendatário de terras para a agricultura. Após empenho de seus amigos, conseguiu a liberdade, mas Lobo de Sousa o transformou num inimigo do seu governo, um incendiário defensor das liberdades civis.

01/Ago./1834

Sedição dos soldados do corpo municipal permanente por falta de pagamento dos soldos (44 presos).

10/Ago./1834

Chega ao Pará à notícia da aprovação do Ato Adicional (12/08/1834), que criava a regência eletiva e temporária durante a menoridade do Imperador, substituia os conselhos gerais por assembléias legislativas provinciais com amplas atribuições (fixar despesas, criar impostos para suprir receitas, legislar sobre: instrução pública e estabelecimentos para promovê-la; obras, estradas e navegação interna; colônias, conventos, associações políticas ou religiosas, catequese e civilização dos índios e vários outros temas que anteriormente eram privativos da Assembléia Geral e do Governo Central. Houve manifestações festivas e os populares deram vivas à federação republicana em frente à casa de B. Campos e gritos de “morra o malhado!” destinados a Lobo de Sousa. Havia muita insatisfação e muitos conspiravam contra o governo tanto na capital como nos municípios próximos.

É escolhida a data da eleição dos deputados provinciais: 20/01/1835, sendo marcada para 01/03/1835 a apuração geral na câmara municipal da capital.

11/Out./1834

Boatos sobre conspiração de cunho republicano em Acará e Vigia.

13/Out./1834

Em ronda pelas ruas da cidade, às proximidades da casa de B. Campos, Lobo de Sousa foi saudado com "viva a federação norte-americana brasileira! Morra o malhado!" por Vicente Ferreira Lavor Papagaio, redator do jornal Sentinela Maranhense na Guarita do Pará. Nesse jornal fazia-se a defesa exaltada da federação republicana que seria imposta através de revolução. Segundo boatos incorporados ao discurso oficial de Lobo de Sousa, tal fato aconteceria quando da circulação do terceiro número do jornal, que seria o próximo. Antecipando-se a isso, mandou prender o redator e chamar B. Campos para prestar esclarecimentos . Apesar do cerco o redator escapa, contando inclusive com a colaboração de alguns juizes de paz, que se recusam a expedir a ordem de prisão alegando falta de amparo legal. Refugiado inicialmente na fazenda de B. Campos, Lavor Papagaio foge para a fazenda de Malcher no Acará, que a essa altura dos acontecimentos já havia reunido mais de cem homens sob seu comando, incluindo-se os irmãos Nogueira e Vinagre.

14/Out./1834

Invasão da casa de B. Campos, apreensão de papéis e da imprensa. Agita-se a capital. Os partidários de B. Campos se unem contra o presidente Lobo de Sousa. Acuado, ele redobra o aparato militar nas ruas.

15/Out./1834

É providenciada tropa para ir ao encalço de Lavor Papagaio no Acará. Determina-se a todos os juizes de paz do interior a prisão do redator. Entram em cena os principais chefes cabanos:

Eduardo Francisco Nogueira(Angelim)
Geraldo Nogueira (Gavião)
Manuel Nogueira
Francisco Pedro Vinagre
Antônio Raimundo Vinagre
José Vinagre
Manuel Vinagre
Felix Clemente Malcher
João Pedro Gonçalves Campos (providenciou as armas e munições para a fazenda de Malcher).

Denúncia do Comendador Raimundo Morais de Seixas ao presidente(proprietário vizinho e ex-sócio de Malcher) sobre a movimentação de pessoas, armas e propaganda revolucionária na fazenda de Malcher.

21/Out./1834

A força do governo, comandada por José Maria Nabuco de Araújo(o mesmo que havia recrutado Eduardo N. Angelim) amanheceu no Acará; intercepta correspondência de B. Campos para Malcher.

III- Explode o movimento cabano no Acará

22/Out./1834

Antônio Vinagre, Eduardo Angelim e Geraldo Nogueira Gavião atacam de surpresa a tropa legal acampada na propriedade do comendador Seixas, dominando-os. Angelim mata o comandante Nabuco de Araújo, depois deste ter sido feito prisioneiro.

23/Out./1834

Lobo de Sousa recebe a notícia do fracasso da diligência contra Lavor Papagaio. Belém se agita comas notícias da revolta do Acará.É preparado o contra-ataque com a ajuda da força da marinha sob as ordens do comandante da corveta Defensora, James Inglis e do Cel. Manuel Sebastião de Melo Marinho, chefe superior da Guarda Nacional, encarregado das forças terrestres. Lobo de Sousa, em reunião do Conselho, demite seu secretário José Antônio da Fonseca, como suspeito de ser informante dos revoltosos.

24/Out./1834

É convocada uma parada militar para a apresentação de voluntários para o corpo de tropa terrestre. Fracasso total. A conclamação do presidente resultara inútil, diante da recusa dos convocados em "marchar contra seus irmãos!" O recurso foi usar cerca de 300 homens da marinha e de tropa de 1ª linha embarcadas no brigue Cacique, na escuna Bela Maria e em 3 lanchões articulados que seguiram para a fazenda de Malcher. O 1º encontro ocorreu no lugar chamado Guaiabal; os rebeldes atacama expedição e ferem 10, matam 3, entre estes, o Cel. Marinho Falcão, substituido no comando pelo Major Monte Rozo.

28/Out./1834

Em correspondência ao comandante J. Inglis, o presidente enfatiza a necessidade da informação ser prestada através de pessoas que devem vir a Belém e que ele não desista de perseguir e prender os rebeldes, a qualquer custo. Malcher foge com sua gente para o interior de suas terras ao avaliar a impossibilidade de combater os armamentos pesados dos navios. J. Inglis queima toda a fazenda de Malcher , excetuando-se a capela. Inicia-se a caça aos rebeldes.

03/Nov./1834

Prisão de Malcher. Na ocasião, o juiz de paz do 2º distrito do Acará, José Honório da Silva Miranda, inimigo declarado de Malcher, quis matá-lo, sendo impedido pelo Major Monte Rozo. Assassinou entretanto, a Manuel Vinagre, apanhado de surpresa, quando retornava para o abrigo. Vários rebeldes foram presos, menos B. Campos e os irmãos Vinagre e Nogueira. B. Campos assume perante a população o papel de vítima, tal foi a perseguição que lhe moveu o presidente Lobo de Sousa. Malcher também era lamentado até por seus inimigos, pelo incêndio que devastou sua propriedade. Segundo Raiol, "o abuso do poder é sempre contrário e funesto ao princípio da autoridade e levanta sempre a opinião pública em favor dos oprimidos"(RAIOL, 1970, p.533).

13/Dez./1834

O recrutamento de praças ia de mal a pior, apesar das enérgicas ordens de Lobo de Sousa

dadas aos juízes de paz. Ele determina então que o recrutamento se faça na capital, de indivíduos de qualquer parte da província, por pessoas de sua inteira confiança, não se facilitando escusas ao recrutamento. Embora esse recrutamento devesse prioritariamente incidir sobre indivíduos sem ocupação definida, que vagueiam sem destino, deveriam também ser alistados jovens "educados que podem subir a postos e também obrigados a servir militarmente.". Não convocá-los "diminui o brilho da tropa, enfraquece a defesa da independência nacional e a execução das leis" (RAIOL, 1970, p.537).
Possibilidades de dispensa do recrutamento:

- homem casado
- irmão de órfãos que estivessem a seu cargo a subsistência e educação
- filho único do lavrador ou um a sua escolha quando tivesse mais de dois cultivando suas próprias terras ou aforadas
- filho único de viúva
- estudante de boa aplicação e aproveitamento
- o feitor ou administrador dafazenda
- o boiadeiro, o tropeiro, etc...

No dia da festa de Sta.Luzia os recrutadores começaram a agir, cercando os templos após as missas, prendendo todos os homens, sem respeitar as situações de exceção. A indignação foi total contra Lobo de Sousa, que expede ordem para serem liberados os estudantes de qualquer tipo ou nível e respeitados os demais casos previstos em lei de 10/07/1822.

31/Dez./1834

Morre B. Campos (vítima de ferimento casual, no rosto que grangrenou) Furo de Atiteua, Barcarena. Às seis horas da manhã de 01/01/1835 os sinos da catedral em Belém, comunicam o fato à população.

06/Jan./1835

A conspiração avança, com seus objetivos radicalizados após a morte de B. Campos. Novos membros são incorporados: os irmãos João Miguel Aranha (morou 5 anos nos EUA estudando "matérias mercantis") e Germano Máximo Aranha, oficial da marinha imperial, tinha sido comandante dos municipais permanentes na administração de Machado de Oliveira.

IV- Belém é conquistada pelos cabanos

07/Jan./1835

Ataque aos principais pontos das forças legais. Bernardo Lobo de Sousa e José da Silva Santiago são assassinados. É preso José Batista Camecran e James Inglis é morto. As forças rebeldes conquistaram todas as posições excetuando-se o arsenal de guerra, ao qual foi solicitada a rendição do seu comandante, uma vez que a cidade já estava sob controle rebelde, a resistência seria inútil. Malcher é escolhido presidente e começa a enfrentar as primeiras dissenções entre os rebeldes. A aspiração aos cargos públicos e suas remunerações, provocam conflitos e descontentamentos de difícil solução, face ao estado precário das finanças da província.

20/Jan./1835

Malcher tenta defenestrar Francisco Vinagre, cuja liderança o ameaçava. Vinagre era muito estimado pelo povo e pela tropa em razão de sua generosidade para com os vencidos.O descontentamento das tropas havia aumentado com a prisão na fortaleza da barra do chefe da Guarda Nacional em Bujaru, Trovão, e também com a punição aplicada em excesso a membros da tropa que provocaram arruaças na cidade. Em meio a tudo isso, circulavam pasquins ofensivos, incitando à desordem, intrigando Malcher com todos, acusando-o de arbitrariedades, despotismo, etc...Aos irmãos Vinagre se unem os outros líderes e contornam a situação com o presidente, procurando aparentar uma coesão que talvez nunca tenha existido.

29/Jan./1835

Malcher comunica às autoridades do Império o fatos do Pará e declara sua fidelidade ao Império . A situação continuava instável entre os líderes, agravada pelo ressentimento provocado pela multiplicação dos panfletos e pasquins publicados contra ele e que eram atribuidos em sua execução à Lavor Papagaio, Jacarecanga e Francisco da Silva. Todos foram deportados para o Maranhão. Apesar disso continuaram as intrigas e o povo temia as ações de Malcher, especialmente a movimentação de tropas.

09/Fev./1835

Tentativa de demissão de Francisco Vinagre que reune a tropa, avança para o palácio. Ao dar a ordem de fogo, Malcher não é obedecido.Os irmãos Vinagre questionam a legitimidade da ordem uma vez que tanto o presidente quanto F. Vinagre foram designados chefes pelo povo e pelas tropas e estas estavam solidárias a eles. Acusado de ingratidão e de deslealdade, Malcher, encolerizado, avança sobre Vinagre tentando matá-lo, no que foi contido por Antônio Vinagre.

19/Fev./1835

Prisão dos irmãos Nogueira, Eduardo e Geraldo, a bordo do brigue Cacique. Agressões públicas e novamente Malcher foi desobedecido em sua ordem de fogo, agora sobre Eduardo Nogueira Angelim. Os irmãos Nogueira foram conduzidos presos ao brigue Cacique. Ao saber do acontecido, Francisco Vinagre procura Malcher e protesta pela ordem dada por ele às tropas passando por cima da autoridade dele e estimulando a indisciplina e a insubordinação. O conflito entre os dois se agrava quando Vinagre ordena que a tropa se retire, o que é recebido como um desacato por Malcher, que tentará prender o rival. A situação fica incontrolável . A inegável liderança exercida por Vinagre, permite que ele consiga reunir sob seu comando a maioria dos efetivos militares e considerável massa popular, controlar posições estratégicas como o arsenal de guerra. Dessa forma espera o ataque de Malcher que diante da superioridade de armas, munição e homens, será encurralado em uma posição que só lhe permitirá o recuo para os navios ancorados no porto. Seguem-se violentos combates em terra que provocam muitas baixas nas tropas leais a Malcher, tornando quase insustentável sua resistência.

20/Fev./1835

Belém sofre pesado bombardeio dos navios da marinha ancorados na barra. Sob o fogo cruzado das facções em luta, a cidade mergulha no caos. Na tentativa de reforçar suas posições, Malcher procedeu o recrutamento de pessoas que passavam

em embarcações e utilizou até o limite máximo as forças militares embarcadas nos navios. O resultado disso foi a fuga e a deserção, assim que esses indivíduos tinham a primeira oportunidade em terra, se escondiam nas proximidades da cidade esperando as coisas se acalmarem, ou se passavam para as tropas de Vinagre

21/Fev./1835

Os oficiais convencem Malcher da inutilidade da resistência e propõem o envio de um emissário em busca de uma trégua. Como estava preso em um dos navios, Eduardo Angelim é escolhido para a missão. O armistício é aceito por Vinagre que toma providências para a escolha de um novo presidente. O escolhido pelo povo e pela tropa foi Francisco Pedro Vinagre. As tropas de ambas as facções foram liberadas e abusaram da bebida, provocando o recomeço das hostilidades, ocorrendo muitas mortes. Os oficiais da marinha ao receberem as notícias sobre o ocorrido não se opõem em obedecer as ordens de Vinagre: libertar Geraldo Nogueira e prender Malcher na fortaleza da barra. O Ten José Eduardo Wandenkolk, antes aliado de Malcher, cumpre a ordem sem hesitar. Malcher é assassinado dentro da embarcação que o levaria para a prisão, por indivíduo ele havia mandado prender injustamente e que havia sido libertado no dia anterior em meio ao conflito generalizado. A situação de anarquia na cidade era preocupante, e os chefes vitoriosos procuraram por todos os meios restabelecer a ordem pública.

22/Fev./1835

Proclamação do presidente Vinagre ao povo se encerra com afirmação: " confiai em mim, que sendo vosso patrício, tudo obrarei a prol da liberdade e de vossos interesses(...)Viva o corajoso, patriótico e liberal povo e tropa paraenses! Vivam todas todas as autoridades constituidas! Viva a união entre todos os brasileiros amigos de sua pátria!"

Reorganização dos comandos das tropas: aumento dos efetivos do castelo, sob comando de Antônio Vinagre, agora tenente coronel de guardas nacionais; tropas na praça do convento S. Antônio sob comando do sargento Raimundo José Coutinho; colocou guarda no arsenal de guerra sob comando do negro Pedro de Figueiredo; corpo de municipais permanentes agora com 300 homens e três comandantes: 1ª cia. Eduardo Angelim, 2ª cia Raimundo Vinagre e 3ª cia Manuel José da Silva Paraense(vice: Francisco Xavier G. do Amaral. Mandou pagar as tropas e seus comandantes em moeda e gêneros alimentícios. Nomeou o Pe. Casimiro Pereira de Sousa como seu secretário. As mortes de Malcher e de João Pedro Gonçalves Campos provocou reações em Bujaru e Acará.

23/Fev./1835

Vinagre reúne o Conselho toma medidas para o desarmamento os indivíduos que não fossem necessários ao policiamento, para isso solicitou a devolução das armas; reuniu-se com os comerciantes para a normalização das atividades comerciais, assegurando que o direito à propriedade seria mantido e protegido pelas tropas encarregadas do policiamento.

27/Fev./1835

Proclamação de Vinagre em favor da ordem pública e da pacificação dos espíritos (...) "Paraenses: - é preciso que a nossa conduta não se desenvolva por elucidações capciosas, para que não possa transtornar-se o fim da grande obra- a nossa liberdade.

Ilustres habitantes desta capital, nacionais e estrangeiros: todo o temor, qualquer receio, qualquer desconfiança é mal fundada: é o presidente do Pará quem vos afiança tranquilidade, harmonia e paz. As vicissitudes da guerra civil terminaram, e a boa ordem admiravelmente substitui às crises mais arriscadas (...) Viva o Povo e Tropa paraense, amigo do sossego e tranquilidade da pátria!"

06/Mar./1835

Vinagre se dispõe a entregar o poder de forma legal em correspondência ao governo imperial, onde dá conta dos acontecimentos que o conduziram à presidência da província (posse em 02/03/1835).

07/Mar./1835

Vinagre enfrenta a reação da Câmara através da proposta de Marcelino Manuel Perdigão, aprovada por todos, que recusa aprovação aos atos do presidente qualificado como tirano usurpador, desconhecendo-lhe autoridade legal para governar (RAIOL, 1970, p.624).

04/Abr./1835

Apuração dos votos da eleição para deputados provinciais. Deputado mais votado, futuro vice-presidente da província, Dr. Ângelo Custódio Correia, 2º mais votado Pe. Jerônimo Roberto da Costa Pimentel.

12/Abr./1835

Saem do Maranhão tropas comandadas pelo Cap. Tem Pedro Cunha para tentar restaurar a legalidade na província.

18/Abr./1835

Ofício de Pedro Cunha dá ciência a Vinagre de suas ordens. Os termos do ofício não agradam o presidente Vinagre, que responde desconhecer as ordens imperiais que ele diz estar cumprindo. A situação se torna tensa, porque P. Cunha tenta rapidamente fazer assumir Ângelo Custódio, articulando diretamente com a Câmara de Cametá.

19/Abr./1835

A resposta de Vinagre afirma que a província está em paz, e questiona sobre as ordens de P. Cunha, seriam provenientes do Imperador? Se assim fossem, ele não havia sido comunicado. Segue-se uma troca de correspondência claramente utilizada como recurso protelatório por ambos, cada qual tendo em mente seus próprios interesses e objetivos. Vinagre ordena que ele retire a força do porto e retorne para o porto de origem. O comandante preferiu enfrentar Vinagre e ficou fundeado na barra em frente à cidade, num claro desafio à Vinagre. Os preparativos para o enfrentamento inevitável se aceleram, especialmente com as notícias de reforço de tropas que estariam se deslocando a bordo da fragata Imperatriz para se juntarem às já ancoradas na barra. Algumas pessoas se esforçavam para resolver o impasse e arranjaram um encontro entre o presidente e o comandante Pedro Cunha à bordo da fragata, buscando-se ama solução pacífica para a entrega do cargo à Ângelo Custódio. Vinagre acabou desistindo da ordem dada .

26/Abr./1835

Vinagre envia correspondência para Ângelo Custódio, convidando-o a assumir o governo. Como deputado mais votado ele seria designado vice- presidente, e na atual

situação da província, exerceria o poder. As atitudes do comandante, se antecipando em enviar um navio de guerra para A.Custódio sem comunicar a Vinagre, foi encarada por este como um insulto à sua autoridade de presidente e às suas intenções de entregar o cargo. As ameaças de ambas as partes se multiplicam, a tensão cresce. A demora em A. Custódio em assumir o cargo complicaria ainda mais a situação de conflito, especialmente depois que a correspondência entre A. Custódio e Cunha foi interceptada pelos cabanos, que perceberam as intenções do uso da força para desalojá-los da cidade e quem sabe, aprisioná-los. Ocorreram vários confrontos entre cabanos e as tropas de Cunha associadas com gente da Guarda Nacional de Abaeté e de Igarapé Miri, quase impedindo a chegada de A. Custódio a Belém .

09/Mai./1835

Ângelo Custódio Correia chega a Belém, passa-se para a fragata Imperatriz, e considerando a instabilidade da ordem pública, resolve que este era o lugar adequado para tomar posse no cargo de presidente da província. Dirige uma proclamação aos cidadãos da província, onde relata a emboscada que sofreu dos revoltosos e pede a deposição das armas e adesão à lei e à ordem. Entretanto suas palavras não produziram o efeito desejado; crescem os preparativos bélicos dos cabanos e das tropas legalistas.

12/Mai./1835

Belém é bombardeada pela frota legalista que responde aos tiros de canhão oriundos do Castelo, onde os cabanos haviam hasteado sua bandeira vermelha. Com o enfraquecimento do fogo vindo do Castelo, as tropas legais se equivocaram e resolveram desembarcar. Segue-se uma série de erros nas ordens de ataque, que associados coragem e intrepidez dos revoltosos, acabaria provocando a desordem, a indisciplina e o abandono de posições pela deserção dos efetivos das tropas legais, que se passam para o lado cabano, obrigando a uma retirada vergonhosa e desordenada em direção aos navios, com baixas numerosas(cerca de metade das tropas utilizadas no ataque), dezenas de feridos e presos. Alguns foram fuzilados, como o Major Antônio Ferreira Barreto. Os erros cometidos pelos oficiais foram punidos depois, em conselho de guerra. Na avaliação de Raiol, "tanto o comandante da fragata como todos os demais oficiais ligavam pouca importância aos rebeldes e aos seus elementos de força. Vaidosos e cheios de bazófia julgavam talvez que um pequeno esforço, um simples sopro bastaria para derrotá-los!" (RAIOL, 1970, p.691).

15/Mai./1835

Vinagre exige que Pedro Cunha se retire da barra "se faça de vela com a vazante deste dia, e que vá deplorando os estragos que causou nesta infeliz província, fazendo que todos esses iludidos que se acham a seu bordo, se não querem acompanhá-lo, se transportem para bordo do navio de guerra francês, e mercantes da mesma nação, até que acalmando o fogo das paixões eu lhes possa mostrar até onde chega a filantropia de que sou animado. Conto com a execução desta minha ordem ,e que Deus o leve para parte por onde não deixe a destruição e o susto."(Motins, vol.2 p.694)

18/Mai./1835

A. Custódio parte de volta para Cametá, onde pretende fazer a Câmara Municipal reconhecer sua autoridade como vice-presidente da província. No dia anterior, havia ordenada a retirada das tropas sob o comando de Pedro Cunha para a baia de S.

Antônio à espera de mantimentos que permitissem seu retorno ao Maranhão.

23/Mai./1835

A Vigia é atacada. Suas autoridades foram todas assassinadas e a maior parte de sua população foi morta pelos cabanos. O saque praticado pelos rebeldes foi total, incluindo todo o armamento e munição existente na cidade. Depois do saque, os cabanos se dirigiram para Colares e outras localidades vizinhas. Durante quatro dias a população da Vigia se alternou em trabalhar em seus sítios e casas e à noite se refugiava em canoas, se atracavam em uma fragata legalista e passavam a noite, temendo novos ataques dos cabanos. Como a situação fosse insustentável, o presidente autorizou que se asilassem em Belém, onde a narrativa do saque provocaria futuramente atitudes enérgicas do novo presidente da província.

V – Belém é devolvida pelos cabanos ao poder legal

25/Jun./1835

Desembarca em Belém para assumir o governo da província, o Mal. Manuel Jorge Rodrigues. Em companhia de seus ajudantes diretos, de Eduardo Angelim e Francisco Vinagre, recebeu as fortificações e suas guarnições. Em proclamação ao povo, Vinagre exorta seus partidários a deporem as armas, a obedecerem `as legítimas autoridades e a retornarem a seus domicílios e ocupações. As guarnições depuseram armas e entregaram os postos-chave de controle da cidade às tropas legalistas.

27/Jun./1835

O presidente descobre que os rebeldes não entregaram todas as armas e munições e as levaram consigo ao se retirarem da cidade e aqueles que ficaram as exibiam desafiadoramente, provocando desordens e ameaçando pessoas. Suas reuniões nos subúrbios provocavam o temor das autoridades de que os conflitos recomeçassem com a mesma intensidade.

07/Jul./1835

Em relatório circunstanciado ao ministério, o presidente Jorge Rodrigues descreve a real situação da província. Os rebeldes que sairam da capital se agruparam na região próxima a Belém, principalmente no Acará (cerca de 3000 homens). A revolta se alastra: Vigia, Colares, Cachoeira do Ararí, Oeiras, Portel, Moju, S. Domingos do rio Guamá. Faltam homens, armas e munições para impor a ordem legal na província.

VI – Prisão dos líderes cabanos pelo presidente da província

23/Jul./1835

A Vila da Vigia sofre o assalto seguido do saque pelas forças rebeldes.

27/Jul./1835

O presidente ordena a prisão de Francisco Vinagre, Eduardo Angelim e os irmãos de ambos, como responsáveis pelos ataques às vilas e demais localidades.

29/Jul./1835

Proclamação de Eduardo Angelim denuncia a arbitrariedade das prisões e convoca os paraenses a reagirem.

02/Ago./1835

Ultimato de Antônio Vinagre ao presidente da província exigindo a soltura de Francisco Vinagre e de todos os rebeldes.

14/Ago./1835

Proclamação de Antônio Vinagre pede aos cabanos empenho até a morte contra os governantes “estrangeiros”(Vencer ou Morrer).
Os cabanos invadem a cidade e tomam posições estratégicas em renhidos combates. Morre Antônio Vinagre, quando se preparava para tomar o arsenal de guerra. Proclamação de Angelim aos rebeldes: “morreu pela pátria e liberdade! É gloriosa sua morte. E a sua sombra volteia em roda de nós pedindo vingança!
Eu acabo de ser aclamado por nossos companheiros d’armas chefe de todas as forças. Juro por Deus vencer ou morrer!”(RAIOL, 1970, p.844)

VII – Belém é retomada pelos cabanos

15/Ago./1835

O dia decisivo. Utilizando táticas de guerrilha, os cabanos combatem casa a casa, rua a rua sem cansaço. O mais duro combate é travado pela posse do arsenal de guerra, que pela natureza de sua edificação e empenho dos legais em sua defesa , se tornou inexpugnável. Raiol narrou assim o fato: “Então, de cima, de todas as janelas do edifício começaram a lançar granadas e estas, fazendo terríveis explosões, reduziam-se a milhares de estilhaços no meio dos revoltosos que, não obstante se moverem em ondas para evitar o perigo, caiam às dezenas, uns mortos, outros feridos. (...) Salpicados de sangue, com a morte diante dos olhos, entre milheiros de projetis das granadas que rebentavam sem cessar, tropeçando sobre cadáveres despedaçados e disformes, todos se empenhavam na luta com louco ardor, e não retrocediam um passo. Pasmava a temeridade com que esses homens arrostavam a morte, sem poderem ao menos divisar o inimigo, que tanto mal lhes fazia! Inconscientes, obedeciam automaticamente às ordens de seu chefe sem nenhum queixume, nem relutância, e pareciam delirar na valentia insensata que ostentavam. Os seus tiros perdiam-se entretanto de encontro às paredes e janelas do edifício!” (RAIOL, 1970, p.849)

22/Ago./1835

O palácio do governo foi sitiado. É feita proposta de retirada do chefe do governo para um dos navios da esquadra .Milhares de pessoas deixam a cidade e se refugiam nos navios. Durante nove dias Belém foi bombardeada intensamente o que causou enorme destruição e mortes, principalmente para as tropas legais, que combatiam em campo aberto, ao passo que os cabanos esperavam o melhor momento e sempre buscavam a proteção das casas, que eram invadidas e quebradas as suas paredes, para permitir o transito entre elas e as ruas de modo seguro e rápido para os ataques.

23/Ago./1835

A esquadra abandona Belém, levando todas as autoridades legais e mais de 5000 civis

que fugiam da cidade tomada pelos cabanos. A retirada da população civil foi feita sem a perseguição dos cabanos, embora pelo número de pessoas em movimentação fosse impossível não perceber a fuga. O destino de toda essa gente foi a ilha de Tatuoca, distante de Belém cerca de quatro léguas. Embarcados apenas com a roupa do corpo, os refugiados enfrentariam a fome, a sede, as doenças epidêmicas da época (varíola, escorbuto, desinteria), atravessando sofrimentos atrozes que provocariam a morte da maioria deles. Não só os refugiados adoeceram e morreram, os rebeldes presos dentro dos porões dos navios também foram vitimados em números assustadores segundo o relato das autoridades da época: dos 289 existentes nos porões da Defensora, 139 faleceram, num período de cerca de 45 dias onde fome, sede, o espaço exíguo para tantos presos favoreceram o contágio das doenças e ampliaram os padecimentos até a morte inevitável. Tentando melhorar as condições de vida dos refugiados, foi providenciado o embarque daqueles que quisessem ir para o Maranhão, outros foram transferidos para outras ilhas próximas e cidades que os rebeldes não dominavam e que eram próximas. A rigor apenas Cametá poderia ser considerada um pouco mais segura, dada a sua organização defensiva e o comando duro do padre Prudêncio das Mercês.

25/Out./1835

Correspondência de Eduardo Angelim ao governo imperial relata o estado da província, os motivos do conflito: "não se deve servir a um governo que para sustentar a ordem precisa oprimir a liberdade, e para manter a esta se expõe a cair em anarquia (citando Chateaubriand)".(...) Saibam, pois, o governo geral e o Brasil inteiro, que os paraenses não são rebeldes; os paraenses querem ser súditos, mas não querem ser escravos, principalmente dos portugueses; os paraenses querem se governados por um seu patrício paraense, que olhe com amor para as suas calamidades, e não por um português aventureiro como o Marechal Manuel Jorge; os paraenses querem se governados com a lei e não com arbitrariedades, estão todos com os braços abertos para receber o governo nomeado pela Regência, mas que seja de sua confiança, aliás eles preferem morrer no campo da batalha a entregar de novo seus pulsos às algemas e grilhões do despotismo; se o governo da Corte teimar em subjugar-nos pela força, nós teimaremos em dar-lhe provas do valor de um povo livre que esquece a morte quando defende a sua liberdade" (RAIOL, 1970, p.939. Grifos meus).

06/Nov./1835

Em correspondência, o governo imperial reconhece as dificuldades do presidente da província, mas o critica por ter assumido o poder em situação tão desvantajosa, sem esperar tropas no Maranhão, por exemplo, e afirma que "vai empregar dentro dos limites das leis todos os recursos que tem para desagravar a honra nacional e fazer triunfar a constituição e as leis, salvando a província do Pará dos horrores da anarquia que a devasta, e para esse fimtem nomeado presidente da mesma o Brigadeiro Francisco de Sousa Soares d'Andreia com os convenientes poderes, forças e instruções, devendo V. Ex.ª, logo que entregar-lhe a administração, recolher-se à corte para esperar o que o governo tiver deliberado a seu respeito"(RAIOL, 1970, p.878-879. Grifos meus).

14/Nov./1835

O presidente da província participa ao ministro o saque do navio mercante inglês CLIO, carregado de armas e munições encomendadas para a província pela

administração anterior, além de outras cargas valiosas. O saque foi realizado em Salinas, pelos rebeldes no momento que o comandante foi até a praia em busca de um prático para entrar na barra e aportar em Belém. Toda a tripulação foi morta com exceção de rapaz de 17 anos que conseguiu fugir e foi auxiliado por um pescador (o relato desse marinheiro faz parte do acervo inglês sobre a Cabanagem).

VIII – A Contra-ofensiva das tropas legais sob comando de Soares d'Andréia

15/Dez./1835

Chegada das tropas pernambucanas em auxílio do presidente Manuel Jorge Rodrigues. Além do reforço, chegaram armas, munições, alimentos e tecidos.

21/Jan./1836

Com o reforço das tropas bem treinadas, disciplinadas experientes em combate, a repressão aos rebeldes se tornou mais eficaz. A primeira vitória foi a expulsão delas do Mosqueiro, ilha fronteira à Belém e importante ponto de controle da movimentação da produção de gêneros alimentícios e de pessoas.

06/Fev./1836

As tropas legais recuperam Vigia, a vila que havia sido saqueada e dominada pelos cabanos em 23/05/1835. Essa reconquista tem um valor simbólico muito grande, uma vez que foi a partir desse saque que a Cabanagem entrou em sua fase decisiva, com os cabanos ocupando Belém, tomando o poder por mais tempo, e se expandindo por quase todas as vilas e povoações do vale amazônico, alcançando a rebelião alguns pontos bem distantes de Belém como é o caso das notícias de conflito em povoações do alto Amazonas e dos rios Negro e Nhamundá. A Câmara Municipal de Santarém, por exemplo, reconheceu como legítimo o governo de Eduardo Angelim. Somente com muito esforço a ação de repressiva do padreAntônio Manuel Sanches de Brito e do líder Ambrósio Aires Bararoá conseguiu retomar as localidades de Juruti, Cururu, Faro, Alenquer, Silves, Atumá, Pacoval, Andirá, Luzeia, Arapixi, e muitas outras. Òbidos não foi dominada pelos cabanos, mas Monte Alegre ficou por muito tempo sob assédio e controle intermitente dos rebeldes.

17/Mar./1836

Os ingleses exigem indenização pelo saque e destruição do navio CLIO. Para isso chegaram à barra com três navios de guerra da marinha inglesa ostentando bandeira branca, passaram pelo bloqueio das tropas legais e fundearam no porto. Suas exigências incluiam içar a bandeira inglesa nos edifícios brasileiros, sendo saudada com 21 tiros, como forma de desagravo à nação inglesa pelo ato de pirataria que sofreu. A resposta de Angelim é positiva quanto á indenização, mas ele recusa-se a hastear a bandeira inglesa e saudá-la. Por outro lado afirma seu interesse em prender os autores do saque e das mortes para isso já tomou as providências cabíveis, mas não entregará os autores dos crimes sem autorização da Regência, uma vez que "o país tem leis para punir os criminosos; e igualmente não sujeitarei a bandeira da minha nação à humilhação exigida, sem ordem da Corte". A resposta de Angelim foi aceita pelos ingleses, que pediram permissão para visitar a cidade, no que foram

atendidos; depois ofereceram um almoço ao presidente rebelde. Segundo Raiol nessa oportunidade, Angelim teria sido aconselhado a "proclamar a separação política do Pará, como nação livre e independente, com a promessa de proteção estrangeira, mas ele teria se recusado a isso dizendo que nunca trairia sua pátria para trocar o nome de cidadão brasileiro com o qual se julgava enobrecido! O que há de verdade nesta asseveração, não o sabemos: a não ser a palavra do próprio informante, confirmada na carta que o mesmo dirigira ao ao Gal. Soares d'Andreia em 30/04/1836,(...) , nenhuma outra prova temos para afirmar ou negar o fato"(RAIOL, 1970, p.945).

09/Abr./1836

Chega a Tatuoca o Brigadeiro Soares d'Andreia com 7 navios pequenos de guerra além dos navios mercantes com os apetrechos de guerra e mantimentos diversos. Trazia também 400 recrutas "tirados na maior parte dentre os presos e sentenciados, recolhidos nas cadeias da corte, da Bahia, e de outras províncias por onde passara" (RAIOL, 1970, p.946).

10/Abr./1836

Aconselhado pelo bispo D. Romualdo, Angelim aceita a idéia de se retirar da cidade e ficar à espera de uma anistia, para evitar um inútil banho de sangue com o fatal massacre da população civil que havia ficado na cidade. O bispo exorta os cabanos reunidos em frente ao palácio, a deporem as armas e a obedecerem as leis e as novas autoridades designadas pela Regência e em troca receberem a anistia. A fala não resultou produtiva; em vários pontos da cidade ocorreram incêndios, e segundo Raiol, Angelim admite para o bispo que não tem mais controle das tropas. O bispo tenta uma segunda fala com os cabanos conseguindo que fossem apagar os incêndios. Angelim reúne seus auxiliares diretos, avalia a situação em termos de recursos materiais e toma a decisão de propor a d'Andreia uma retirada honrosa seguida de anistia, idéia que lhe havia sido sugerida pelo bispo. Os entendimentos com d'Andreia não caminharam nessa direção e os cabanos se retiraram sem esperança de anistia.

13/Mai./1836

Soares d'Andreia entra na capital acompanhado de seus oficiais e tropas sem maiores problemas. "Encontrou na cidade somente mulheres e a guarnição que Eduardo Angelim deixara; não excedia de 200 homens. Ordenou que destes fossem presos os intitulados oficiais, e alistados os demais como recrutas. Por precaução dividiu-os em pequenos grupos, e assim os repartiu pelas diferentes companhias dos batalhões de tropa de linha (...) A cidade despovoada apresentava por toda parte um aspecto sombrio e contristador" (RAIOL, 1970, p.965).

IX - Inicia-se o "processo de pacificação" comandado por Soares d'Andréia.

30/Out./1836

Chega preso a Belém Eduardo Angelim. Incansavelmente as tropas legais buscam cabanos em todas as localidades do vale. Para isso se internam em furos, paranás, lagos

e rios. (...) "Chegavam quase diariamente à capital numerosas levas de presos que , ou eram recolhidos e conservados nas cadeias e navios de guerra, ou embarcados para a corte como recrutas, morrendo muitos nas prisões e hospitais. Censurou-se como despótica a reação operada pela força legal. O mesmo Andreia, justificando os meios empregados na pacificação da província, declarou: o estado de guerra tem autorizado a atacar o inimigo por todos os lados até aniquilar-lhe a força, e para isto ter efeito foi preciso prescindir das formalidades com que a lei escuda os criminosos. (...) A prisão de quantos revolucionários tem aparecido, feita a despeito das leis existentes e continuada contra todas as regras da segurança individual, não tem concorrido pouco para o estado de paz em que nos achamos. Nada disto se poderia fazer a não se ter tomado por norma chegar sempre a justos fins por meios seguros" (RAIOL, 1970, p.980/981). Soares d'Andreia usou do artifício
De não publicar a lei que autorizava o estado de guerra (lei de 22/09/1835) para não ter restrições de prazos na busca e captura dos cabanos, uma vez que só autorizava as medidas excepcionais por seis meses. Tendo em vista a dimensão da tarefa de "pacificação", nesse espaço de tempo muitos rebeldes escapariam de ser presos, o prazo se esgotaria antes que isso pudesse acontecer, o que para ele representava uma forma de anistia geral indesejável, estímulo à prática de novas sedições "para saciar suas almas nunca fartas de maldades" e colocaria em risco a província e a união do Império.

25/Abr./1838

São criados os corpos de trabalhadores através de lei da Assembléia Legislativa provincial . Lei nº2 de 25/04/1838.

12/Mai./1838

A Assembléia Legislativa autoriza o presidente a emitir " 400 contos de réis em vales, que seriam recebidos como moeda em todas as repartições públicas, sob a garantia das rendas provinciais, e poderiam ser também aplicadas às despesas gerais com amortização razoável, conforme fossem feitas as remessas de dinheiro pelo governo central. Os vales seriam rubricados pelo presidente da província e assinados pelo inspetor do tesouro provincial, e no verso por três negociantes ou proprietários escolhidos dentre os mais conhecidos e abastados, sendo as suas assinaturas reconhecidas por dois tabeliães da capital" (RAIOL, 1970, p.992/993). A Assembléia tentava desse modo remediar a difícil situação econômico- financeira da província, assegurando recursos mínimos para fazer funcionar a estrutura burocrática dos serviços públicos indispensáveis à manutenção da ordem legal duramente imposta aos rebeldes.

08/Abr./1839

Assume o substituto de Soares d'Andreia, Bernardo de Sousa Franco. Fala do novo presidente: (...) No Amazonas continuam as operações, e difícil será concluir a guerra sem o emprego de meios brandos e conciliatórios, atenta a vastidão dos terrenos que tem de ser explorados e protegidos.(...) Pedi ao governo imperial anistia excepcional, com exclusão dos assassinos, chefes, comandantes de pontos, oficiais ao serviço do rebelde Eduardo" (RAIOL, 1970, p.999. Grifos meus).

22/Ago./1840

Os últimos cabanos depõem armas em Luzéa (15/08/1840), na capitania de S.

José: 980 rebeldes se apresentaram às autoridades e depois mais 200 guardas que haviam desertado no baixo Amazonas (Óbidos e Santarém). São anistiados todos os envolvidos em crimes públicos. Algumas condições foram impostas, como por ex.: se a presença do criminoso fosse considerada perigosa na província, ele era obrigado a se retirar, aceitando viver em outra província mediante assinatura de um termo de compromisso. Entre os anistiados condicionalmente estavam Francisco Vinagre e Eduardo Angelim, deportados para o Rio de Janeiro; os irmãos dos dois foram enviados para Pernambuco. Quando estava no Rio, Angelim se envolveu num incidente durante uma sessão da Câmara, quando se manifestou com a oposição. As autoridades consideraram que ele havia quebrado as cláusulas da anistia, em razão disso ele ficou preso por 10 anos em Fernando de Noronha, o mesmo acontecendo a F. Vinagre. Depois de cumprida a pena ambos retornaram ao Pará, onde viveram até suas mortes (Vinagre, em 02/11/1873 e Angelim em 11/07/1882).

IV- Belém é conquistada pelos cabanos

07/Jan./1835

Ataque aos principais pontos das forças legais. Bernardo Lobo de Sousa e José da Silva Santiago são assassinados. É preso José Batista Camecran e James Inglis é morto. As forças rebeldes conquistaram todas as posições excetuando-se o arsenal de guerra, ao qual foi solicitada a rendição do seu comandante, uma vez que a cidade já estava sob controle rebelde, a resistência seria inútil. Malcher é escolhido presidente e começa a enfrentar as primeiras dissenções entre os rebeldes. A aspiração aos cargos públicos e suas remunerações, provocam conflitos e descontentamentos de difícil solução, face ao estado precário das finanças da província.

20/Jan./1835

Malcher tenta defenestrar Francisco Vinagre, cuja liderança o ameaçava. Vinagre era muito estimado pelo povo e pela tropa em razão de sua generosidade para com os vencidos.O descontentamento das tropas havia aumentado com a prisão na fortaleza da barra do chefe da Guarda Nacional em Bujaru, Trovão, e também com a punição aplicada em excesso a membros da tropa que provocaram arruaças na cidade. Em meio a tudo isso, circulavam pasquins ofensivos, incitando à desordem, intrigando Malcher com todos, acusando-o de arbitrariedades, despotismo, etc...Aos irmãos Vinagre se unem os outros líderes e contornam a situação com o presidente, procurando aparentar uma coesão que talvez nunca tenha existido.

29/Jan./1835

Malcher comunica às autoridades do Império o fatos do Pará e declara sua fidelidade ao Império . A situação continuava instável entre os líderes, agravada pelo ressentimento provocado pela multiplicação dos panfletos e pasquins publicados contra ele e que eram atribuidos em sua execução à Lavor Papagaio, Jacarecanga e Francisco da Silva. Todos foram deportados para o Maranhão. Apesar disso continuaram as intrigas e o povo temia as ações de Malcher, especialmente a movimentação de tropas.

09/Fev./1835

Tentativa de demissão de Francisco Vinagre que reune a tropa, avança para o palácio.

Ao dar a ordem de fogo, Malcher não é obedecido.Os irmãos Vinagre questionam a legitimidade da ordem uma vez que tanto o presidente quanto F. Vinagre foram designados chefes pelo povo e pelas tropas e estas estavam solidárias a eles. Acusado de ingratidão e de deslealdade, Malcher, encolerizado, avança sobre Vinagre tentando matá-lo, no que foi contido por Antônio Vinagre.

19/Fev./1835

Prisão dos irmãos Nogueira, Eduardo e Geraldo, a bordo do brigue Cacique. Agressões públicas e novamente Malcher foi desobedecido em sua ordem de fogo, agora sobre Eduardo Nogueira Angelim. Os irmãos Nogueira foram conduzidos presos ao brigue Cacique. Ao saber do acontecido, Francisco Vinagre procura Malcher e protesta pela ordem dada por ele às tropas passando por cima da autoridade dele e estimulando a indisciplina e a insubordinação. O conflito entre os dois se agrava quando Vinagre ordena que a tropa se retire, o que é recebido como um desacato por Malcher, que tentará prender o rival. A situação fica incontrolável . A inegável liderança exercida por Vinagre, permite que ele consiga reunir sob seu comando a maioria dos efetivos militares e considerável massa popular, controlar posições estratégicas como o arsenal de guerra. Dessa forma espera o ataque de Malcher que diante da superioridade de armas, munição e homens, será encurralado em uma posição que só lhe permitirá o recuo para os navios ancorados no porto. Seguem-se violentos combates em terra que provocam muitas baixas nas tropas leais a Malcher, tornando quase insustentável sua resistência.

20/Fev./1835

Belém sofre pesado bombardeio dos navios da marinha ancorados na barra. Sob o fogo cruzado das facções em luta, a cidade mergulha no caos. Na tentativa de reforçar suas posições, Malcher procedeu o recrutamento de pessoas que passavam em embarcações e utilizou até o limite máximo as forças militares embarcadas nos navios. O resultado disso foi a fuga e a deserção, assim que esses indivíduos tinham a primeira oportunidade em terra, se escondiam nas proximidades da cidade esperando as coisas se acalmarem, ou se passavam para as tropas de Vinagre

21/Fev./1835

Os oficiais convencem Malcher da inutilidade da resistência e propõem o envio de um emissário em busca de uma trégua. Como estava preso em um dos navios, Eduardo Angelim é escolhido para a missão. O armistício é aceito por Vinagre que toma providências para a escolha de um novo presidente. O escolhido pelo povo e pela tropa foi Francisco Pedro Vinagre. As tropas de ambas as facções foram liberadas e abusaram da bebida, provocando o recomeço das hostilidades, ocorrendo muitas mortes. Os oficiais da marinha ao receberem as notícias sobre o ocorrido não se opõem em obedecer as ordens de Vinagre: libertar Geraldo Nogueira e prender Malcher na fortaleza da barra. O Ten José Eduardo Wandenkolk, antes aliado de Malcher, cumpre a ordem sem hesitar. Malcher é assassinado dentro da embarcação que o levaria para a prisão, por indivíduo ele havia mandado prender injustamente e que havia sido libertado no dia anterior em meio ao conflito generalizado. A situação de anarquia na cidade era preocupante, e os chefes vitoriosos procuraram por todos os meios restabelecer a ordem pública.

22/Fev./1835

Proclamação do presidente Vinagre ao povo se encerra com afirmação: " confiai em mim, que sendo vosso patrício, tudo obrarei a prol da liberdade e de vossos interesses(...)Viva o corajoso, patriótico e liberal povo e tropa paraenses! Vivam todas todas as autoridades constituidas! Viva a união entre todos os brasileiros amigos de sua pátria!"

Reorganização dos comandos das tropas: aumento dos efetivos do castelo, sob comando de Antônio Vinagre, agora tenente coronel de guardas nacionais; tropas na praça do convento S. Antônio sob comando do sargento Raimundo José Coutinho; colocou guarda no arsenal de guerra sob comando do negro Pedro de Figueiredo; corpo de municipais permanentes agora com 300 homens e três comandantes: 1ª cia. Eduardo Angelim, 2ª cia Raimundo Vinagre e 3ª cia Manuel José da Silva Paraense(vice: Francisco Xavier G. do Amaral. Mandou pagar as tropas e seus comandantes em moeda e gêneros alimentícios. Nomeou o Pe. Casimiro Pereira de Sousa como seu secretário. As mortes de Malcher e de João Pedro Gonçalves Campos provocou reações em Bujaru e Acará.

23/Fev./1835

Vinagre reúne o Conselho toma medidas para o desarmamento os indivíduos que não fossem necessários ao policiamento, para isso solicitou a devolução das armas; reuniu-se com os comerciantes para a normalização das atividades comerciais, assegurando que o direito à propriedade seria mantido e protegido pelas tropas encarregadas do policiamento.

27/Fev./1835

Proclamação de Vinagre em favor da ordem pública e da pacificação dos espíritos (...) "Paraenses: - é preciso que a nossa conduta não se desenvolva por elucidações capciosas, para que não possa transtornar-se o fim da grande obra- a nossa liberdade.

Ilustres habitantes desta capital, nacionais e estrangeiros: todo o temor, qualquer receio, qualquer desconfiança é mal fundada: é o presidente do Pará quem vos afiança tranquilidade, harmonia e paz. As vicissitudes da guerra civil terminaram, e a boa ordem admiravelmente substitui às crises mais arriscadas (...) Viva o Povo e Tropa paraense, amigo do sossego e tranquilidade da pátria!"

06/Mar./1835

Vinagre se dispõe a entregar o poder de forma legal em correspondência ao governo imperial, onde dá conta dos acontecimentos que o conduziram à presidência da província (posse em 02/03/1835).

07/Mar./1835

Vinagre enfrenta a reação da Câmara através da proposta de Marcelino Manuel Perdigão, aprovada por todos, que recusa aprovação aos atos do presidente qualificado como tirano usurpador, desconhecendo-lhe autoridade legal para governar (RAIOL, 1970, p.624).

04/Abr./1835

Apuração dos votos da eleição para deputados provinciais. Deputado mais votado, futuro vice-presidente da província, Dr. Ângelo Custódio Correia, 2º mais votado Pe. Jerônimo Roberto da Costa Pimentel.

12/Abr./1835

Saem do Maranhão tropas comandadas pelo Cap. Tem Pedro Cunha para tentar restaurar a legalidade na província.

18/Abr./1835

Ofício de Pedro Cunha dá ciência a Vinagre de suas ordens. Os termos do ofício não agradam o presidente Vinagre, que responde desconhecer as ordens imperiais que ele diz estar cumprindo. A situação se torna tensa, porque P. Cunha tenta rapidamente fazer assumir Ângelo Custódio, articulando diretamente com a Câmara de Cametá.

19/Abr./1835

A resposta de Vinagre afirma que a província está em paz, e questiona sobre as ordens de P. Cunha, seriam provenientes do Imperador? Se assim fossem, ele não havia sido comunicado. Segue-se uma troca de correspondência claramente utilizada como recurso protelatório por ambos, cada qual tendo em mente seus próprios interesses e objetivos. Vinagre ordena que ele retire a força do porto e retorne para o porto de origem. O comandante preferiu enfrentar Vinagre e ficou fundeado na barra em frente à cidade, num claro desafio à Vinagre. Os preparativos para o enfrentamento inevitável se aceleram, especialmente com as notícias de reforço de tropas que estariam se deslocando a bordo da fragata Imperatriz para se juntarem às já ancoradas na barra. Algumas pessoas se esforçavam para resolver o impasse e arranjaram um encontro entre o presidente e o comandante Pedro Cunha à bordo da fragata, buscando-se ama solução pacífica para a entrega do cargo à Ângelo Custódio. Vinagre acabou desistindo da ordem dada .

26/Abr./1835

Vinagre envia correspondência para Ângelo Custódio, convidando-o a assumir o governo. Como deputado mais votado ele seria designado vice- presidente, e na atual situação da província, exerceria o poder. As atitudes do comandante, se antecipando em enviar um navio de guerra para A.Custódio sem comunicar a Vinagre, foi encarada por este como um insulto à sua autoridade de presidente e às suas intenções de entregar o cargo. As ameaças de ambas as partes se multiplicam, a tensão cresce. A demora em A. Custódio em assumir o cargo complicaria ainda mais a situação de conflito, especialmente depois que a correspondência entre A. Custódio e Cunha foi interceptada pelos cabanos, que perceberam as intenções do uso da força para desalojá-los da cidade e quem sabe, aprisioná-los. Ocorreram vários confrontos entre cabanos e as tropas de Cunha associadas com gente da Guarda Nacional de Abaeté e de Igarapé Miri, quase impedindo a chegada de A. Custódio a Belém .

09/Mai./1835

Ângelo Custódio Correia chega a Belém, passa-se para a fragata Imperatriz, e considerando a instabilidade da ordem pública, resolve que este era o lugar adequado para tomar posse no cargo de presidente da província. Dirige uma proclamação aos cidadãos da província, onde relata a emboscada que sofreu dos revoltosos e pede a deposição das armas e adesão à lei e à ordem. Entretanto suas palavras não produziram o efeito desejado; crescem os preparativos bélicos dos cabanos e das tropas legalistas.

12/Mai./1835

Belém é bombardeada pela frota legalista que responde aos tiros de canhão oriundos do Castelo, onde os cabanos haviam hasteado sua bandeira vermelha. Com o enfraquecimento do fogo vindo do Castelo, as tropas legais se equivocaram e resolveram desembarcar. Segue-se uma série de erros nas ordens de ataque, que associados coragem e intrepidez dos revoltosos, acabaria provocando a desordem, a indisciplina e o abandono de posições pela deserção dos efetivos das tropas legais, que se passam para o lado cabano, obrigando a uma retirada vergonhosa e desordenada em direção aos navios, com baixas numerosas(cerca de metade das tropas utilizadas no ataque), dezenas de feridos e presos. Alguns foram fuzilados, como o Major Antônio Ferreira Barreto. Os erros cometidos pelos oficiais foram punidos depois, em conselho de guerra. Na avaliação de Raiol, "tanto o comandante da fragata como todos os demais oficiais ligavam pouca importância aos rebeldes e aos seus elementos de força. Vaidosos e cheios de bazófia julgavam talvez que um pequeno esforço, um simples sopro bastaria para derrotá-los!" (RAIOL, 1970, p.691).

15/Mai./1835

Vinagre exige que Pedro Cunha se retire da barra "se faça de vela com a vazante deste dia, e que vá deplorando os estragos que causou nesta infeliz província, fazendo que todos esses iludidos que se acham a seu bordo, se não querem acompanhá-lo, se transportem para bordo do navio de guerra francês, e mercantes da mesma nação, até que acalmando o fogo das paixões eu lhes possa mostrar até onde chega a filantropia de que sou animado. Conto com a execução desta minha ordem ,e que Deus o leve para parte por onde não deixe a destruição e o susto."(Motins, vol.2 p.694)

18/Mai./1835

A. Custódio parte de volta para Cametá, onde pretende fazer a Câmara Municipal reconhecer sua autoridade como vice-presidente da província. No dia anterior, havia ordenada a retirada das tropas sob o comando de Pedro Cunha para a baia de S. Antônio à espera de mantimentos que permitissem seu retorno ao Maranhão.

23/Mai./1835

A Vigia é atacada. Suas autoridades foram todas assassinadas e a maior parte de sua população foi morta pelos cabanos. O saque praticado pelos rebeldes foi total, incluindo todo o armamento e munição existente na cidade. Depois do saque, os cabanos se dirigiram para Colares e outras localidades vizinhas. Durante quatro dias a população da Vigia se alternou em trabalhar em seus sítios e casas e à noite se refugiava em canoas, se atracavam em uma fragata legalista e passavam a noite, temendo novos ataques dos cabanos. Como a situação fosse insustentável, o presidente autorizou que se asilassem em Belém, onde a narrativa do saque provocaria futuramente atitudes enérgicas do novo presidente da província.

V – Belém é devolvida pelos cabanos ao poder legal

25/Jun./1835

Desembarca em Belém para assumir o governo da província, o Mal. Manuel Jorge Rodrigues. Em companhia de seus ajudantes diretos, de Eduardo Angelim e Francisco

Vinagre, recebeu as fortificações e suas guarnições. Em proclamação ao povo, Vinagre exorta seus partidários a deporem as armas, a obedecerem `as legítimas autoridades e a retornarem a seus domicílios e ocupações. As guarnições depuseram armas e entregaram os postos-chave de controle da cidade às tropas legalistas.

27/Jun./1835

O presidente descobre que os rebeldes não entregaram todas as armas e munições e as levaram consigo ao se retirarem da cidade e aqueles que ficaram as exibiam desafiadoramente, provocando desordens e ameaçando pessoas. Suas reuniões nos subúrbios provocavam o temor das autoridades de que os conflitos recomeçassem com a mesma intensidade.

07/Jul./1835

Em relatório circunstanciado ao ministério, o presidente Jorge Rodrigues descreve a real situação da província. Os rebeldes que sairam da capital se agruparam na região próxima a Belém, principalmente no Acará (cerca de 3000 homens). A revolta se alastra: Vigia, Colares, Cachoeira do Ararí, Oeiras, Portel, Moju, S. Domingos do rio Guamá. Faltam homens, armas e munições para impor a ordem legal na província.

VI – Prisão dos líderes cabanos pelo presidente da província

23/Jul./1835

A Vila da Vigia sofre o assalto seguido do saque pelas forças rebeldes.

27/Jul./1835

O presidente ordena a prisão de Francisco Vinagre, Eduardo Angelim e os irmãos de ambos, como responsáveis pelos ataques às vilas e demais localidades.

29/Jul./1835

Proclamação de Eduardo Angelim denuncia a arbitrariedade das prisões e convoca os paraenses a reagirem.

02/Ago./1835

Ultimato de Antônio Vinagre ao presidente da província exigindo a soltura de Francisco Vinagre e de todos os rebeldes.

14/Ago./1835

Proclamação de Antônio Vinagre pede aos cabanos empenho até a morte contra os governantes "estrangeiros"(Vencer ou Morrer).

Os cabanos invadem a cidade e tomam posições estratégicas em renhidos combates. Morre Antônio Vinagre, quando se preparava para tomar o arsenal de guerra. Proclamação de Angelim aos rebeldes: "morreu pela pátria e liberdade! É gloriosa sua morte. E a sua sombra volteia em roda de nós pedindo vingança!

Eu acabo de ser aclamado por nossos companheiros d'armas chefe de todas as forças. Juro por Deus vencer ou morrer!"(RAIOL, 1970, p.844)

VII – Belém é retomada pelos cabanos

15/Ago./1835

O dia decisivo. Utilizando táticas de guerrilha, os cabanos combatem casa a casa, rua a rua sem cansaço. O mais duro combate é travado pela posse do arsenal de guerra, que pela natureza de sua edificação e empenho dos legais em sua defesa , se tornou inexpugnável. Raiol narrou assim o fato: “Então, de cima, de todas as janelas do edifício começaram a lançar granadas e estas, fazendo terríveis explosões, reduziam-se a milhares de estilhaços no meio dos revoltosos que, não obstante se moverem em ondas para evitar o perigo, caiam às dezenas, uns mortos, outros feridos. (...) Salpicados de sangue, com a morte diante dos olhos, entre milheiros de projetis das granadas que rebentavam sem cessar, tropeçando sobre cadáveres despedaçados e disformes, todos se empenhavam na luta com louco ardor, e não retrocediam um passo. Pasmava a temeridade com que esses homens arrostavam a morte, sem poderem ao menos divisar o inimigo, que tanto mal lhes fazia! Inconscientes, obedeciam automaticamente às ordens de seu chefe sem nenhum queixume, nem relutância, e pareciam delirar na valentia insensata que ostentavam. Os seus tiros perdiam-se entretanto de encontro às paredes e janelas do edifício!” (RAIOL, 1970, p.849)

22/Ago./1835

O palácio do governo foi sitiado. É feita proposta de retirada do chefe do governo para um dos navios da esquadra .Milhares de pessoas deixam a cidade e se refugiam nos navios. Durante nove dias Belém foi bombardeada intensamente o que causou enorme destruição e mortes, principalmente para as tropas legais, que combatiam em campo aberto, ao passo que os cabanos esperavam o melhor momento e sempre buscavam a proteção das casas, que eram invadidas e quebradas as suas paredes, para permitir o transito entre elas e as ruas de modo seguro e rápido para os ataques.

23/Ago./1835

A esquadra abandona Belém, levando todas as autoridades legais e mais de 5000 civis que fugiam da cidade tomada pelos cabanos. A retirada da população civil foi feita sem a perseguição dos cabanos, embora pelo número de pessoas em movimentação fosse impossível não perceber a fuga. O destino de toda essa gente foi a ilha de Tatuoca, distante de Belém cerca de quatro léguas. Embarcados apenas com a roupa do corpo, os refugiados enfrentariam a fome, a sede, as doenças epidêmicas da época (varíola, escorbuto, desinteria), atravessando sofrimentos atrozes que provocariam a morte da maioria deles. Não só os refugiados adoeceram e morreram, os rebeldes presos dentro dos porões dos navios também foram vitimados em números assustadores segundo o relato das autoridades da época: dos 289 existentes nos porões da Defensora, 139 faleceram, num período de cerca de 45 dias onde fome, sede, o espaço exíguo para tantos presos favoreceram o contágio das doenças e ampliaram os padecimentos até a morte inevitável. Tentando melhorar as condições de vida dos refugiados, foi providenciado o embarque daqueles que quisessem ir para o Maranhão, outros foram transferidos para outras ilhas próximas e cidades que os rebeldes não dominavam e que eram próximas. A rigor apenas Cametá poderia ser considerada um pouco mais segura, dada a sua organização defensiva e o comando duro do padre Prudêncio das Mercês.

25/Out./1835

Correspondência de Eduardo Angelim ao governo imperial relata o estado da província, os motivos do conflito: "não se deve servir a um governo que para sustentar a ordem precisa oprimir a liberdade, e para manter a esta se expõe a cair em anarquia (citando Chateaubriand)".(...) Saibam, pois, o governo geral e o Brasil inteiro, que os paraenses não são rebeldes; os paraenses querem ser súditos, mas não querem ser escravos, principalmente dos portugueses; os paraenses querem se governados por um seu patrício paraense, que olhe com amor para as suas calamidades, e não por um português aventureiro como o Marechal Manuel Jorge; os paraenses querem se governados com a lei e não com arbitrariedades, estão todos com os braços abertos para receber o governo nomeado pela Regência, mas que seja de sua confiança, aliás eles preferem morrer no campo da batalha a entregar de novo seus pulsos às algemas e grilhões do despotismo; se o governo da Corte teimar em subjugar-nos pela força, nós teimaremos em dar-lhe provas do valor de um povo livre que esquece a morte quando defende a sua liberdade" (RAIOL, 1970, p.939. Grifos meus).

06/Nov./1835

Em correspondência, o governo imperial reconhece as dificuldades do presidente da província, mas o critica por ter assumido o poder em situação tão desvantajosa, sem esperar tropas no Maranhão, por exemplo, e afirma que "vai empregar dentro dos limites das leis todos os recursos que tem para desagravar a honra nacional e fazer triunfar a constituição e as leis, salvando a província do Pará dos horrores da anarquia que a devasta, e para esse fimtem nomeado presidente da mesma o Brigadeiro Francisco de Sousa Soares d'Andreia com os convenientes poderes, forças e instruções, devendo V. Ex.ª, logo que entregar-lhe a administração, recolher-se à corte para esperar o que o governo tiver deliberado a seu respeito"(RAIOL, 1970, p.878-879. Grifos meus).

14/Nov./1835

O presidente da província participa ao ministro o saque do navio mercante inglês CLIO, carregado de armas e munições encomendadas para a província pela administração anterior, além de outras cargas valiosas. O saque foi realizado em Salinas, pelos rebeldes no momento que o comandante foi até a praia em busca de um prático para entrar na barra e aportar em Belém. Toda a tripulação foi morta com exceção de rapaz de 17 anos que conseguiu fugir e foi auxiliado por um pescador (o relato desse marinheiro faz parte do acervo inglês sobre a Cabanagem).

VIII – A Contraofensiva das tropas legais sob comando de Soares d'Andréia

15/Dez./1835

Chegada das tropas pernambucanas em auxílio do presidente Manuel Jorge Rodrigues. Além do reforço, chegaram armas, munições, alimentos e tecidos.

21/Jan./1836

Com o reforço das tropas bem treinadas, disciplinadas experientes em combate, a

repressão aos rebeldes se tornou mais eficaz. A primeira vitória foi a expulsão delas do Mosqueiro, ilha fronteira à Belém e importante ponto de controle da movimentação da produção de gêneros alimentícios e de pessoas.

06/Fev./1836

As tropas legais recuperam Vigia, a vila que havia sido saqueada e dominada pelos cabanos em 23/05/1835. Essa reconquista tem um valor simbólico muito grande, uma vez que foi a partir desse saque que a Cabanagem entrou em sua fase decisiva, com os cabanos ocupando Belém, tomando o poder por mais tempo, e se expandindo por quase todas as vilas e povoações do vale amazônico, alcançando a rebelião alguns pontos bem distantes de Belém como é o caso das notícias de conflito em povoações do alto Amazonas e dos rios Negro e Nhamundá. A Câmara Municipal de Santarém, por exemplo, reconheceu como legítimo o governo de Eduardo Angelim. Somente com muito esforço a ação de repressiva do padreAntônio Manuel Sanches de Brito e do líder Ambrósio Aires Bararoá conseguiu retomar as localidades de Juruti, Cururu, Faro, Alenquer, Silves, Atumá, Pacoval, Andirá, Luzeia, Arapixi, e muitas outras. Òbidos não foi dominada pelos cabanos, mas Monte Alegre ficou por muito tempo sob assédio e controle intermitente dos rebeldes.

17/Mar./1836

Os ingleses exigem indenização pelo saque e destruição do navio CLIO. Para isso chegaram à barra com três navios de guerra da marinha inglesa ostentando bandeira branca, passaram pelo bloqueio das tropas legais e fundearam no porto. Suas exigências incluiam içar a bandeira inglesa nos edifícios brasileiros, sendo saudada com 21 tiros, como forma de desagravo à nação inglesa pelo ato de pirataria que sofreu. A resposta de Angelim é positiva quanto á indenização, mas ele recusa-se a hastear a bandeira inglesa e saudá-la. Por outro lado afirma seu interesse em prender os autores do saque e das mortes para isso já tomou as providências cabíveis, mas não entregará os autores dos crimes sem autorização da Regência, uma vez que "o país tem leis para punir os criminosos; e igualmente não sujeitarei a bandeira da minha nação à humilhação exigida, sem ordem da Corte". A resposta de Angelim foi aceita pelos ingleses, que pediram permissão para visitar a cidade, no que foram atendidos; depois ofereceram um almoço ao presidente rebelde. Segundo Raiol nessa oportunidade, Angelim teria sido aconselhado a "proclamar a separação política do Pará, como nação livre e independente, com a promessa de proteção estrangeira, mas ele teria se recusado a isso dizendo que nunca trairia sua pátria para trocar o nome de cidadão brasileiro com o qual se julgava enobrecido! O que há de verdade nesta asseveração, não o sabemos: a não ser a palavra do próprio informante, confirmada na carta que o mesmo dirigira ao ao Gal. Soares d'Andreia em 30/04/1836,(...) , nenhuma outra prova temos para afirmar ou negar o fato"(RAIOL, 1970, p.945).

09/Abr./1836

Chega a Tatuoca o Brigadeiro Soares d'Andreia com 7 navios pequenos de guerra além dos navios mercantes com os apetrechos de guerra e mantimentos diversos. Trazia também 400 recrutas "tirados na maior parte dentre os presos e sentenciados, recolhidos nas cadeias da corte, da Bahia, e de outras províncias por onde passara" (RAIOL, 1970, p.946).

10/Abr./1836

Aconselhado pelo bispo D. Romualdo, Angelim aceita a idéia de se retirar da cidade e ficar à espera de uma anistia, para evitar um inútil banho de sangue com o fatal massacre da população civil que havia ficado na cidade. O bispo exorta os cabanos reunidos em frente ao palácio, a deporem as armas e a obedecerem as leis e as novas autoridades designadas pela Regência e em troca receberem a anistia. A fala não resultou produtiva; em vários pontos da cidade ocorreram incêndios, e segundo Raiol, Angelim admite para o bispo que não tem mais controle das tropas. O bispo tenta uma segunda fala com os cabanos conseguindo que fossem apagar os incêndios. Angelim reúne seus auxiliares diretos, avalia a situação em termos de recursos materiais e toma a decisão de propor a d'Andreia uma retirada honrosa seguida de anistia, idéia que lhe havia sido sugerida pelo bispo. Os entendimentos com d'Andreia não caminharam nessa direção e os cabanos se retiraram sem esperança de anistia.

13/Mai./1836

Soares d'Andreia entra na capital acompanhado de seus oficiais e tropas sem maiores problemas . "Encontrou na cidade somente mulheres e a guarnição que Eduardo Angelim deixara; não excedia de 200 homens. Ordenou que destes fossem presos os intitulados oficiais, e alistados os demais como recrutas. Por precaução dividiu-os em pequenos grupos, e assim os repartiu pelas diferentes companhias dos batalhões de tropa de linha (...)A cidade despovoada apresentava por toda parte um aspecto sombrio e contristador" (RAIOL, 1970, p.965).

IX – Inicia-se o " processo de pacificação" comandado por Soares d'Andréia.

30/Out./1836

Chega preso a Belém Eduardo Angelim. Incansavelmente as tropas legais buscam cabanos em todas as localidades do vale. Para isso se internam em furos, paranás, lagos e rios. (...) "Chegavam quase diariamente à capital numerosas levas de presos que , ou eram recolhidos e conservados nas cadeias e navios de guerra, ou embarcados para a corte como recrutas, morrendo muitos nas prisões e hospitais. Censurou-se como despótica a reação operada pela força legal. O mesmo Andreia, justificando os meios empregados na pacificação da província, declarou: o estado de guerra tem autorizado a atacar o inimigo por todos os lados até aniquilar-lhe a força, e para isto ter efeito foi preciso prescindir das formalidades com que a lei escuda os criminosos. (...) A prisão de quantos revolucionários tem aparecido, feita a despeito das leis existentes e continuada contra todas as regras da segurança individual, não tem concorrido pouco para o estado de paz em que nos achamos. Nada disto se poderia fazer a não se ter tomado por norma chegar sempre a justos fins por meios seguros" (RAIOL, 1970, p.980/981). Soares d'Andreia usou do artifício

De não publicar a lei que autorizava o estado de guerra (lei de 22/09/1835) para não ter restrições de prazos na busca e captura dos cabanos, uma vez que só autorizava as medidas excepcionais por seis meses. Tendo em vista a dimensão da tarefa de "pacificação", nesse espaço de tempo muitos rebeldes escapariam de ser presos, o

prazo se esgotaria antes que isso pudesse acontecer, o que para ele representava uma forma de anistia geral indesejável, estímulo à prática de novas sedições "para saciar suas almas nunca fartas de maldades" e colocaria em risco a província e a união do Império.

25/Abr./1838

São criados os corpos de trabalhadores através de lei da Assembléia Legislativa provincial . Lei nº2 de 25/04/1838.

12/Mai./1838

A Assembléia Legislativa autoriza o presidente a emitir " 400 contos de réis em vales, que seriam recebidos como moeda em todas as repartições públicas, sob a garantia das rendas provinciais, e poderiam ser também aplicadas às despesas gerais com amortização razoável, conforme fossem feitas as remessas de dinheiro pelo governo central. Os vales seriam rubricados pelo presidente da província e assinados pelo inspetor do tesouro provincial, e no verso por três negociantes ou proprietários escolhidos dentre os mais conhecidos e abastados, sendo as suas assinaturas reconhecidas por dois tabeliães da capital" (RAIOL, 1970, p.992-993). A Assembléia tentava desse modo remediar a difícil situação econômico- financeira da província, assegurando recursos mínimos para fazer funcionar a estrutura burocrática dos serviços públicos indispensáveis à manutenção da ordem legal duramente imposta aos rebeldes.

08/Abr./1839

Assume o substituto de Soares d'Andreia, Bernardo de Sousa Franco. Fala do novo presidente: (...) No Amazonas continuam as operações, e difícil será concluir a guerra sem o emprego de meios brandos e conciliatórios, atenta a vastidão dos terrenos que tem de ser explorados e protegidos.(...) Pedi ao governo imperial anistia excepcional, com exclusão dos assassinos, chefes, comandantes de pontos, oficiais ao serviço do rebelde Eduardo" (RAIOL, 1970, p.999. Grifos meus).

22/Ago./1840

Os últimos cabanos depõem armas em Luzéa (15/08/1840), na capitania de S. José: 980 rebeldes se apresentaram às autoridades e depois mais 200 guardas que haviam desertado no baixo Amazonas (Óbidos e Santarém). São anistiados todos os envolvidos em crimes públicos. Algumas condições foram impostas, como por ex.: se a presença do criminoso fosse considerada perigosa na província, ele era obrigado a se retirar, aceitando viver em outra província mediante assinatura de um termo de compromisso. Entre os anistiados condicionalmente estavam Francisco Vinagre e Eduardo Angelim, deportados para o Rio de Janeiro; os irmãos dos dois foram enviados para Pernambuco. Quando estava no Rio, Angelim se envolveu num incidente durante uma sessão da Câmara, quando se manifestou com a oposição. As autoridades consideraram que ele havia quebrado as cláusulas da anistia, em razão disso ele ficou preso por 10 anos em Fernando de Noronha, o mesmo acontecendo a F. Vinagre. Depois de cumprida a pena ambos retornaram ao Pará, onde viveram até suas mortes (Vinagre, em 02/11/1873 e Angelim em 11/07/1882).

3 Manifesto do Povo Liberal Paraense aos seus Compatriotas de todo Império

Depois de Haver dirigido ao Povo Paraense uma representação impressa ao Governo Central, referindo os despotismos attentatorios dos direitos individuais dos cidadãos comettidos pelos dous despotas, o Prezidente Lobo de Sousa e o Commandante das Armas Santiago; o estado deploravel em que a Provincia se achava abismada, pela extemporanea execução da Ley de 3 de Outubro de 1833 sobre a moeda de cobre, e o aumento das despesas publicas; o geral descontentamento do Povo, com total quebra da opinião publica dos ditos despotas, pelo facto de mandar o Prezidente retirar da Typographia do Correio do Amazonas uma Pastoral do Exmo. Bispo, acautelando o Povo das ideas do materialismo que se mandava pregar por toda parte, ameaçando de mandar fazer fogo das Curvetas contra o Palacio do Exmo. Bispo, se a Pastoral; não fosse queimada; o que deu causa a retirar o Exmo. Bispo para Cameta; os insultos, e ameaças de mandar arrastar pelas ruas e fuzilar o Arcipreste Vice-Prezidente Campos, o Secretario do Governo Antonio da Fonseca Lessa e muitos outros Empregados Publicos, declarando ter carta branca da Regencia para Tudo isso: os murros, e imporroens dados pelo dito Prezidente Lobo de Sousa com um Guarda Municipal Permanente no Palacio do Governo perante pessoas, que observarão por ter dito o Municipal prendido um escravo de Lobo de Sousa, por fazer dezordens no talho de carnes verdes, acompanhando este acto de descompustoras indignas e de ameaças o dito escravo com surras sinão deitasse fora as tripas d'outros que o attacassem; as rodas de páu nos soldados amarrados com cordas na frente do Batalhão, mandadas dar pelo Comandante das Armas Santiago, do que tem resultado morrerem muitos soldados, e os insultos, e palavras injuriosas, com que costuma tracttar a Officialidade, e outros multiplicados attentados e despotismos pelos ditos despotas praticados; vejo a effeito no dia 13 de Outubro de 1834 o mais atroz attentado que no prezente tempo sempre se podia perpetrar. No dito dia 13, o Comandante das Armas Santiago, amndando cercar a caza do Arcipreste Vice-Prezidente Campos, pela rua e pela parte de mar, com tropa armada, e municiada de polvora e balla, entrou pela caza dentro com um piquete de tropa, euma espada na mão, e mandou collocar sentinellas em todos os quartos, e no interior da caza, comprehendendo o cerco a caza do Alferes João Pedro Gonçalves de Campos, para o fim de prender o novo Redactor do Publicador Amazoniense, substituido pela sentinella Maranhense na Guarita do Para, Vicente Ferreira De Lavor Papagaio, o Compositor da Typographia Federal Francisco José da Silva Ramos, o Amanuense do dito Redactor o Tenente Camillo José Moreira Jacuricanga, o Cidadão Martinho d'Almeida Sallazar, que se achava com aquelles em caza do dito Alferes João Pedro Gonçalves Campos, os quaes todos poderão escapar às vistas malvadas dos despotas; sendo todo isto praticado sem formalidades alguma legal; porque nenhuma authoridade judicial prezidio, achando-se o dito Arcipreste Vice-Prezidente Campos em seu Enge-

nho no Districto de Barcarena, e a caza entregue a uma mulher livre chamada Vicencia, se roubarão cartas particulares do dito Arcipreste outros muitos papeis e dous massos de impressos, que continham a dita reprezentação do Povo Paraense ao Governo Central, e outros sobre os despotismos, e arbitrariedades dos ditos despotas, que se mandarão imprimir fora da Provincia pela coação em que se achava o único Redactor liberal, e o Compozitor do Periodico Publicador Amazoniense ameaçado aquelle como fica referido. O pretexto deste attentado é um officio do dito Prezidente Lobo de Sousa, denunciando o referido Vicente Francisco do Lavor Papagaio de chefe de uma facção luzo-restauradora, e outra denuncia do Promotor Publico Manoel da Fonseca Luzarte de Macedo, um dos da sucia, imputando ao dito Lavor Papagaio o crime de republicano por proferir vivas da janella de sua rezidencia à Federação republicana alludindo as reformas da Constituição em sentido Federal, quando o Commandante d'Armas Santiago em nota do dia 1 do já citado Outubro, com algumas pessoas pelas ruas dava vivas as reformas federaes, que haviam chegado naquelle dia. Que contradição! Ser accuzado de restaurador, de republicano, sem outro algum documento! Os verdadeiros motivos deste attentado são os numeros 59,60 e 61 da Sentinella Maranhense na Guarita do Para, cujo ultimo numero não chegou a ser publicado; porque, contendo a continuação dos despotismos do dito Prezidente Lobo de Souza, forão os manuscriptos roubados da Typographia, em os quaes esta formado o corpo de delicto, destruida a compozição, que já estava feita, e os utencilios typographicos desbaratados. Depois desta voiolencia, feita pelo Commandante d'Armas Santiago com a tropa que o acompanhou; para illudir as formas judiciaes, se mandou proceder busca à caza, pelo juiz Municipal interino Manoel Barrozo de Bastos, e pelo suplente do Juiz de Paz José Monteiro de Sá e Albuquerque, tão bem da sucia, e seus respectivos Escrivães, por não quererem executar a despotica e ilegal deligencia o Juiz de Direito Dr. Gentil Augusto de Carvalho, e o Juiz de Paz Pedro Henriques de Almeida Seabra, levantando-se o cerco hostil as 6 horas da tarde do dito dia 13, conservando-se com armas as forças armadas e as pessoas carregadas de metralhas, contra um povo pacifico, e liberal, que observa, sem reagir, actos despoticos e illegaes, contra os direitos individuaes dos cidadãos e as liberdades publicas, quando se recebem as reformas federaes, e vai gozar de uma reprezentação provincial na Assembleia Legislativa, que vai eleger. Cumpre declarar, que os instigadores destes, e de outros attentados já perpetrados, aproveitando-se da imbecilidade e ignorancia d'aquelles despotas são os Brazileiros natos Manoel Sebastião de Mattos, Marinho Falcão e Pedro José d'Alcantara, e os adoptivos José Baptista Camecran, Manoel Ferreira do Nascimento, Manoel Joaquim da Costa Roz, Manoel Fernandes Ribeiro, João Glzo. Correia, conductor tyrano para Portugal dos Patriotas de 14 de Abril de 1823, o ex Intendente Director do Arsenal Guilherme Cypriano Ribeiro: Os Officiaes de Marinha Joaquim Manoel de Figueiredo e Oliveira, por alcunha = Tapa o olho = introductor de moeda falça

Christian Lor de Souza, e o Extrangeiro João Lourenço Tanger, todos da sucia, que rodeão os ditos despotas exclusivamente execrados pelo Povo da Cidade e do interior.

O Povo Paraense apresenta este attentado, que tinha por fim arrastar, e fuzilar os referidos Papagaio e outros, aos seus Compatriotas de todo o Imperio para que tomem na devida consideração, aos Illustres Redactores liberaes de todas as Provincias, para que imprimão em suas illuminadas folhas este manifesto, visto não poder imprimir-se nesta Cidade já, e ao Poder Supremo da Nação, para que quanto antes dê as providencias que as circunstancias imperiosamente exigem mandando demitir aquelles dous despotas, para serem responsabilizados e punidos com o rigor das Leis, poupando assim uma justa reação, a que o Povo já tem direito contra elles, e seus instigadores, e desviando a torrente de males, em que a Provincia já se acha abismada e o funesto, e desastroso porvir, que a ameaça. Para, 14 de Outubro de 1834. O Povo Paraense. Pela responçabilidade: Pedro Joaquim de Santa Izabel (segue-se o reconhecimento do tabelião).

Districto do Juizo de Paz da Freguezia de Barcarena, 21 de Outubro de 1834.

Angelo Custodio Ferreira Canumán, Escrivão do Juizo de Paz.

(Anotação encontrada no documento: este Manifesto foi redigido por Batista Campos)

4 Proclamção aos Paraenses

Eduardo Francisco Nogueira Angelin

Vila do Conde, 29 de julho de 1835

Paraenses! O Marechal Manuel Jorge Rodrigues, Presidente e Comandante de Armas nomeado para esta desditosa província, pelo Governo Central, tendo tomado posse da presidência sem efusão de sangue; dias antes de seu desembarque para terra, em uma proclamação que publicou afiançava aos Paraenses, em nome do jovem Imperador e do Governo Regencial, que a lei e só a lei é que dirigia seus passos; que ele vinha curar as chagas abertas na província, e não para abri-las de novo; que ele trazia bálsamo e não cáustico; que seria para ele uma glória tomar posse da presidência sem derramamento de sangue. Desembarcou o monstro fementido, tomou posse da presidência, entre salvas de alegria, e quase que de geral contentamento. Mas quem pensaria, amados patrícios, que esse malvado e perverso português havia de faltar à sua palavra e abusar da boa fé dos revoltosos, que sem a mais pequena garantia e só confiados na palavra de honra do déspota e traidor lhe entregaram a capital de que se achavam de posse, seus tesouros, e todo o material de guerra, para terem em compensação a perseguição, o extermínio e a mais negra vingança!

Esse déspota, caros patrícios, em menos de três dias, tem mandado prender para mais de trezentos paraenses, arrastados pelas ruas da cidade, espaldeirados, fuzilados e carregados de pesadas cadeias, nos porões dos navios de guerra! No número de presos conta-se o corajoso e ilustre Sr. Francisco Pedro Vinagre que lhe entregou a presidência, e outros muitos cidadãos conspícuos comprometidos na revolução. Não tenho palavras para vos patentear o pranto e a consternação que reina na capital. As famílias dos verdadeiros patriotas estão cobertas de luto e desrespeitadas pelos perversos que se intitulam legais. Batalhões de portugueses e de outras nacionalidades com armas em punho são hoje os senhores do Grão- Pará! Oh dor! Oh infâmia! Oh desespero! Em paga dos valiosos serviços, que com honra e lealdade prestei a esse presidente (com sacrifício de minha própria vida), para que ele fosse empossado na presidência, sem que custasse uma gota de sangue, sem que se queimasse uma escorva, pede-se agora a minha cabeça e de outros valentes e briosos brasileiros, comprometidos na revolução! Os desprezíveis traidores e baixos intrigantes têm até espalhado boatos de que eu tenho abandonado a causa santa do povo, que é a da humanidade; que me tenho recolhido ao silêncio; e que finalmente tenho de me retirar para algum país estrangeiro!...Eu, amados patrícios meus, soldado da liberdade, abandonar-vos e retirar-me para fora do Pará, quando a Pátria geme ao peso da mais vil escravidão! É até onde pode chegar a baixeza e miserável calúnia

de meus inimigos! Pois bem: muitos dias se hão de passar que ainda uma vez mais hei de provar a esses delatores a firmeza de meu caráter e o muito que prezo a dignidade de homem.

PARAENSES! A parte sã dos filhos do rico Amazonas está votada à perseguição e ao extermínio como acima disse. Todas as leis do Estado violadas; a Constituição do Império calcada aos pés por esse Marechal quie se intitula Presidente legal; ingratos estrangeiros provocando os nossos brios, fazendo a polícia da cidade, e governando a nossa terra! Que desgraça! Que imoralidade! Que degradação e vergonha! Se o quanto venho expor é verdade, se os fato são consumados, convido os bons paraenses, aos dignos filhos do brioso Pará, que corram sem perda de tempoàs armas, que abandonem os seus campos, as suas famílias, o seu lar; unam-se a mim e a outros chefes importantes e bem conhecidos pela sua honradez e probidade; corramos, meus patrícios, voemos se tanto for possível, ao coração da capital para libertar a nossa pátria do jugo aviltante que a oprime e para castigar aos covardes, que acabam de provocar os nossos brios, lançando-nos um cartel de desafio! Que arrôjo! O paraense que que não acudir ao reclamo da Pátria será apontado como um traidor e vil covarde! Salvemos, prezados patrícios, os brios da província, o nome paraense, e provemos a esses perversos que escravos não são capazes de se bater com homens livres. Guerra de morte ao Marechal Manuel Jorge Rodrigues, Presidente e Comandante das Armas da Província! Abaixo os traidores! Vivam os compatriotas paraenses! Viva o Pará! Acampamento na Vila de Conde, 29 de julho de 1835.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
CAMPUS BINACIONAL/MARCO ZERO

ALDO CÉZAR CRAVEIRO CARDOSO
LEANDRO DE FREITAS PANTOJA
LOYANNE CRISTINI MONTEIRO PIRES

Os impactos da Cabanagem na costa setentrional do Grão-Pará (1822-1840)

OIAPOQUE /AP

2019

ALDO CÉZAR CRAVEIRO CARDOSO

LEANDRO DE FREITAS PANTOJA

LOYANNE CRISTINI MONTEIRO PIRES

Os impactos da Cabanagem na costa setentrional do Grão-Pará (1822-1840)

Trabalho apresentado por Aldo Cézar Craveiro Cardoso, Leandro de Freitas Pantoja e Loyanne Cristini Monteiro Pires ao Colegiado do Curso de Licenciatura em História, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado História pela Universidade Federal do Amapá.

Prof. Orientador: Me. Luiz Gustavo da Silva Costa

OIAPOQUE /AP

2019

ALDO CÉZAR CRAVEIRO CARDOSO,
LEANDRO DE FREITAS PANTOJA
LOYANNE CRISTINI MONTEIRO PIRES

Os impactos da Cabanagem na Costa Setentrional do Grão-Pará (1822-1840)

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado como requisito parcial para obtenção do grau Licenciando em História no Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amapá.

Habilitação: Licenciatura em História

Data de aprovação
23/04/2019

Banca Examinadora:
Dr. Elke Daniela Rocha Nunes
Dr. Paulo Marcelo Cambraia da Costa
Prof. Orientador Me. Luiz Gustavo da Silva Costa
Universidade Federal do Amapá

Campus Binacional do Oiapoque - AP

Prof.
Avaliadora
Universidade Federal do Amapá

Prof.
Avaliador
Universidade Federal do Amapá

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente à Deus que permitiu com que tudo isso se realizasse ao longo de nossas vidas, que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Durante o tempo de elaboração desse trabalho, recebemos apoio de amigos e companheiros de curso, apesar de todas as dificuldades, aproveitamos este curto, mas importante espaço, para agradecermos a todos que, de alguma forma contribuíram em nossa pesquisa.

Ao nosso orientador Prof. Me. Luís Gustavo da Silva Costa, pelo suporte no pouco que lhe coube, pelos estímulos, contribuições e correções precisas e necessárias ao melhoramento das ideias e do trabalho em si.

Agradecemos a instituição Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), na forma do seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram acesso ao ensino superior público e de qualidade, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presente.

Agradecemos aos nossos familiares, Aurelina Cardoso, Ana Zilda Cardoso, Wanderly Rodrigues, Ana Cleide Cardoso, José Ribamar Barcelar Almeida, Lindomar Rodrigues, Alba Lucia Rodrigues, Nelson Rodrigues, Wallace Rodrigues, Francisco Macdonal Figueira Pires, Marli Monteiro Pires, Dhemeson Flexa Freitas, Geovanna Monteiro Pires, Dayanne Cristina Monteiro, João Victor Monteiro Pires, Helloise Monteiro Rocha, Natanny Monteiro Pires dos Santos, Jonny Matheus Costa Pires, Ana Valentina da Silva Santos que nas ocasiões de nossa ausência dedicado ao estudo superior, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente!

Nossos agradecimentos aos amigos, Joanicio Marques, Terezinha de Jesus, Roberto Veiga, Francisco Ilton, companheiros de trabalho e irmãos na amizade que fizeram parte de nossa formação e que vão continuar presentes em nossas vidas.

Enfim, a todos obrigado por tudo.

RESUMO

O presente trabalho tem como fito o estudo dos impactos causados pelo movimento cabano na costa setentrional do Grão-Pará. Tentamos observar como foi possível esses acontecimentos, para compreendermos os conceitos que levaram a esses conflitos. A partir das leituras da historiografia, de textos antropológicos e materiais empíricos, cruzamos os dados na busca de construímos uma narrativa histórica inteligível sobre os acontecimentos da cabanagem e sua repercussão na região de fronteira também. Assim vimos que as políticas de controle que o governo central estabelecia na região, algumas famílias migraram para região da fronteira franco-brasileira, se estabelecendo de forma permanente naquele território. A chegada dessas pessoas que eram indígenas e não indígenas, formou uma nova sociedade na região do Uaçá, ocorrendo uma aculturação dos contatos que essas pessoas tiveram com algumas etnias que já se estabeleciam naquele território, desses contatos acabou surgindo uma etnia que se denomina Karipuna, que tem como significado, "índios misturados", contudo, a cabanagem teve grande importância para formação dessa população, da fronteira franco-brasileira.

Palavras-chave: Cabanagem, Impactos Sociais, Migração Fronteiriça.

RÉSUME

Le présent travail vise à étudier les impacts causés par le mouvement des huttes sur la côte nord de Grão-Pará. Nous essayons de voir comment ces événements étaient possibles, de comprendre les concepts qui ont conduit à ces conflits. À partir de lectures d'historiographie, de textes anthropologiques et de matériaux empiriques, nous croisons les données afin de construire un récit historique intelligible sur les événements du cabanagem et leur répercussion dans la région frontalière. Nous avons ainsi constaté que, conformément aux politiques de contrôle instaurées par le gouvernement central dans la région, certaines familles ont migré vers la région frontalière franco-brésilienne, s'établissant de façon permanente sur ce territoire. L'arrivée de ces personnes, autochtones et non autochtones, a créé une nouvelle société dans la région de Uaçá, provoquant une acculturation des contacts que ces personnes ont eu avec certains groupes ethniques déjà établis sur ce territoire, a fini par faire apparaître un groupe ethnique appelé Karipuna, ce qui signifie "Indiens mélangés", cependant, le cabanagem avait une grande importance pour la formation de cette population, de la frontière franco-brésilienne.

Mots clés: Cabanagem, Impacts Sociaux, Migration de Frontière.

SUMÁRIO

Introdução

Esta pesquisa buscou produzir uma releitura na historiografia da Cabanagem e interpretar possíveis impactos desse movimento da Costa Setentrional do Grão-Pará, compreender o fenômeno da cabanagem e seus impactos na costa setentrional do Grão-Pará, no período de 1822 a 1840, e dessa forma, verificar esse movimento singular na história do Pará oitocentista.

A Província do Grão-Pará foi à última a aderir a Independência do Brasil, somente no ano de 1823, e aconteceram represálias contra essa Província. É importante ressaltar, que a crise política, econômica e social que estavam ocorrendo nesse período no Brasil pós Independência, indica-nos aspectos primordiais para o desenvolvimento da pesquisa, posto que, o processo revolucionário da cabanagem abrangeu toda província do Grão-Pará.

Esse movimento ocorreu no período de 1835 a 1840, alcançando a Guiana Francesa e fronteira com a América Hispânica, de tal maneira, podem ser verificados os impactos desses processos revolucionários e causas na sociedade Amazônica.

Compreender a cabanagem como um importante movimento social, potencialmente variável, constituindo as análises dos impactos decorrente do movimento cabano na costa setentrional do Grão-Pará, dessa forma, conheceu-se a formação da historiografia Amazônica e seus contextos ideológicos que levaram a luta de uma camada popular contra a repressão e desigualdade social no período do Império brasileiro, que despertou o interesse em estudar os acontecimentos que levaram a esse conflito, dessa forma procurou-se ampliar a compreensão desse movimento cabano.

Os traços característicos da pesquisa em tela é compreender aspectos sociais e culturais, que levaram algumas famílias a migrarem para regiões distantes dos conflitos que estavam ocorrendo naquele período. Observou-se que a cabanagem teve influência na formação de uma etnia na fronteira franco-brasileira, denominada de Karipuna.

Portanto, essa miscigenação se manifestou ao longo do tempo, e se nota até os dias de hoje. Esses impactos ocorridos por influência da cabanagem foram fundamentais para a formação dessa sociedade. A cabanagem segundo Magda Ricci (2006), foi uma revolução que dizimou parte da população amazônica, resultando num relativo vazio demográfico na região. Podemos identificar no grande conflito que ocorreu na província do Grão-Pará, os povos acabaram fugindo desse massacre, em que identificamos a formação da etnia Karipuna, que em

seu processo histórico de migração e territorial às margens do rio Curipi e Uaçá, na cidade do Oiapoque no Norte do Amapá.

Segundo Lux Vidal (2000), o processo migratório ocorre motivado por alguns fatores, como: a fome, a religião e pela guerra. Assim foi analisado o processo migratório do GrãoPará, sinalizando rastro que indiquem à formação histórica desses grupos, em sua trajetória a hipótese de elementos que ajudaram na formação dessa identidade, por conta da mistura cultural dos povos indígenas e não indígenas, criando novas características peculiares e uma cultura homogênea. Objetiva-se neste trabalho compreender e refletir sobre os processos de lutas e a reconfiguração de uma nova identidade, que nos leve a um processo histórico a ser estudado e analisando no período do século XIX.

Analisando pela perspectiva bibliográfica de alguns autores, são encontradas questões que nortearam a compreensão do sentido sobre o movimento cabano.

Segundo Magda Ricci, a cabanagem se divide num processo de ramificações. Isto é, no período "pré-cabangem" já vinham ocorrendo motins e manifestações de insurretos. Domingos Raiol em sua obra *Motins Políticos* (publicada nos anos de 1865), afirma que o movimento cabano se equiparou ao ato de atirar fogo em relva ressequida. A elite local teve influência nos conflitos internos da província, no entanto, Raiol afirma que as ditas elites não conseguiram mais controlar os desdobramentos dos conflitos, que se espalhou por toda a província do Grão-Pará, indo para além de suas fronteiras.

Em ambos os estudos se ampliam a compreensão do processo da Cabanagem, isso implica o desdobramento de uma junção de fatores sociais, econômicos e políticos que nos levam a compreender a atmosfera que estava sendo criada na província do Grão-Pará.

A cabanagem e suas multiplicidades nos abrem um leque de possibilidades interpretativas. É interessante esclarecer que para alcançarmos esse resultado na pesquisa, mantivemos a proposta de uma construção histórica de uma conjuntura social, em nossas leituras, e nos deparamos com pesquisas e estudos que nos levaram a perceber o forte sentimento separatista que se consolidou na população da província paraense, a leitura das ensejou evidenciar essas questões.

É importante observar que a região da fronteira franco-brasileira era uma rota de fuga de escravos e dessa maneira, observou-se não somente a fuga de escravos, mas também, de famílias indígenas e não indígenas para aquela região em virtude dos conflitos que se desenrolavam na província. Com isso surgem os questionamentos. Quais os impactos sociais a cabanagem

causou? Por conta dessas fugas na fronteira franco-brasileira, e como compreender o desdobramento num conjunto de fatores que levou ao processo revolucionário e suas respectivas mudanças de grande porte na sociedade paraense.

Nesse sentido no primeiro capítulo nos deparamos com um universo político conturbado, ao que se deve aos processos políticos e transformações pelas quais o Brasil estava atravessando.

Com a criação da monarquia brasileira, há setores que procuram se estabelecer no poder e dessa maneira cria-se um cenário abrangente para distúrbios e convulsões sociais, por discursos políticos diferentes.

Com o desdobramento de uma conjunção de fatores sociais, é eminente a instabilidade no Império. É interessante observarmos que a crise da coroa portuguesa teve impactos importantes na política interna do Império brasileiro, como foi percebida a pressão sobre Dom Pedro I, que não era bem visto por ser português e a sucessão da coroa portuguesa com a morte de Dom João Dom João VI, o reino português chegou quase a uma guerra civil. Dessa maneira em 1831, Dom Pedro I abdica de sua coroa no Império brasileiro e volta a Portugal.

Dessa forma começa o período regencial no Brasil. Dom Pedro II não tinha idade adequada para governar, sendo assim o Império é governado por regentes. Durante a regência, o Brasil passa por uma série de ciclos de revoltas regionais.

A cabanagem é considerada a mais sangrenta de todas, por seus altos números de mortos, a revolta cabana é vista com temor pelos franceses, que não queriam que essa anarquia chegasse a Guiana Francesa, e com isso, adotam medidas para resguardar a fronteira. Havia um temor de uma nova invasão, em face da tomada de Caiena pela coroa portuguesa e sua devolução em 1817. De tal maneira, os francesas tinham grande interesse no rio amazonas, e a revolução cabana foi uma forma de militarizar aquela região a qual consideravam um ponto estratégico ideal para a observação e para barrar os brasileiros que queriam se refugiar em Caiena.

No segundo capítulo abordamos o movimento cabano e suas características, fundamentando-nos especialmente na historiografia paraense, onde o movimento eclodiu.

A cabanagem foi uma revolta popular, em que se uniram contra o Império Regencial e tomaram a cidade de Belém, por falta de projetos do Império brasileiro, houve um enfraquecimento na estrutura governamental nesse período. Por conta da desordem que se encontrava aquela região, o governo Imperial reconquista a capital e o foco desses conflitos acontecem no interior da província.

No terceiro capítulo intitulado de *"A política de controle, fuga e a formação de nova sociedade na fronteira franco-brasileira"*, para controlar a desordem que aconteciam na província do Grão-Pará, por conta da revolução cabana.

Contudo, é importante compreendermos de que maneira essas ações foram recebidas e a repressão da regência em manter a ordem. Os grandes impactos causados na população denominada de ociosa na fronteira, em que causava grande preocupação, por ser uma rota de fuga de escravos e uma área de disputas entre Brasil e França. Nesse sentido, a ideia do capítulo é compreender o mecanismo e suas estratégias causados por esse movimento, de toda forma ocorreu um processo migratório para regiões mais distantes desse conflito.

O contato (alteridade) com outros povos da região estabeleceu a criação de uma nova identidade, dessa forma vincula-se a problemática dos processos de contatos com culturas diversificadas, é importante observamos que nesse contato se estabelece uma nova etnia, denominada de Karipuna (quer dizer, índios misturados).

A intenção dessa pesquisa é demonstrar o processo pelo qual se estabeleceu a historiografia da cabanagem e a sua influência. Esse movimento teve uma criação peculiar, contudo, é importante ressaltar os anseios que levaram a esses acontecimentos.

1. Capítulo: A política e a ordem do Império Brasileiro no período da PréCabanagem

Para compreendermos a cabanagem devemos verificar o período que o Brasil estava atravessando a abdicação de Dom Pedro I. Com a qual se passava a história do período Regencial, onde o Império brasileiro passa por um período de muitos conflitos por conta da crise política e social que o Brasil estava vivenciando. Aconteceram vários conflitos no território brasileiro, por falta de estrutura e autonomia dos políticos locais. Esse movimento foi diferenciado pela grande participação popular, onde conseguiram assumir por um período o poder da província e por falta de organização desse movimento não durou o tempo pretendido. (LINHARES, 2000).

1.1 Movimento popular cabano no Império do Brasil

Neste período evidenciamos que as classes sociais mais populares tiveram grande participação nesse conflito, apesar da elite paraense também estar vinculada. Ocorreram alguns distúrbios no interior que foram malsucedidos, mesmo assim a cabanagem não perdeu forças.

Por isso, os revoltosos não hesitaram naquele momento da revolta em Belém, os cabanos conseguiram dominar aquela região mostrando assim que esse movimento popular estava crescendo cada vez mais, apoiado pela população daquela região, é importante notar que tanto a camada popular, os escravos e também os indígenas tiveram uma participação importante nesse movimento demonstrando assim que toda sociedade paraense estava vinculada a esses conflitos que estavam ocorrendo. (REZENDE; DIDIER, 2006).

> A cabanagem foi o mais notável movimento popular ocorrido durante o Império. Foi o único em que as camadas de baixa condições sociais (índios, caboclos e negros) conseguiram ocupar o governo de uma província durante um período de tempo relativamente extenso (nove meses). Todavia, os cabanos não possuíam qualquer programa de governo que definisse seus objetivos, e nem apresentaram um conjunto sistemático de exigências. (LINHARES, 2000, p. 120).

A abordagem desse tema é uma forma de valorização da história e da luta de uma classe social. Que por conta das explorações indevidas, lutaram para conquistar a liberdade que foi tirada e explorada por uma minoria detentora do poder. As etnias indígenas tiveram grande influência nesse conflito, por muitas vezes eram povos que viviam nos aldeamentos e eram

explorados, discriminados e perseguidos pelo poder colonial. Como índios, caboclos, mestiços, negros, eram as classes menos favorecidas, esse abandono social faz eclodir ressentimentos.

Os intelectuais da região começam a fomentar a lutar contra o poder central e se unem com classes mais baixas da sociedade de Belém, justamente para ganhar massa para combater o poder da província, pois, Grão-Pará foi uns dos últimos da região a aceitar a independência do Brasil. O movimento cabano considera-se seu início em 07 de janeiro de 1835, em frente da igreja das Mercês em Belém no qual os cabanos eram vistos como bárbaros e sanguinários, por conta da violência e da forma como foi tomada a cidade de Belém. Segundo Maria Linhares (2000):

> Após alguns distúrbios malsucedidos no interior, na madrugada de 7 de janeiro de 1835, a revolta, afinal, estourara em Belém, sendo executado o presidente e o comandante-de-armas, além de outras autoridades, pelos cabanos dos irmãos Antônio e Francisco Vinagre. O primeiro governo cabano foi entregue, então, a Clemente Malcher que estava preso por participar da conspiração.

Para se compreender os movimentos que levaram a cabanagem temos que entender os receios históricos que estavam inseridos a este movimento. Pode-se verificar antigos ressentimentos históricos e políticos dessa região, por outro lado, temos os liberais exaltados que não aceitavam a perda de autonomia política, naquela época o presidente da província era nomeado pelo poder central, no caso pelos regentes. A formação do Estado Nacional é um conjunto de áreas que serão divididas com pouca autonomia que se chamaria de Império do Brasil, era uma das formas políticas que ocorriam numa nova monarquia separada da coroa Portuguesa, esse novo Império é marcado por vários conflitos.

> Todos estavam limitados pela incapacidade de controle sobre os mecanismo do comercio internacional, dos quais dependia a economia primário-exportadora (....) todos surgiram da crise do sistema colonial e do amadurecimento dos interesses antimetropolitanos dos grupos formados pelos proprietários de terras, comerciantes, burocratas militares e o clero nativo, etc. todos enfrentaram, em maior ou menor grau, lutas internas e trataram de conter aquelas reivindicações de caráter popular que pudessem pôr em questão o domínio dos grupos dirigentes. (BERNARDES, 1983, pp.18-21).

Trata-se portanto, de buscar tradições e intepretações históricas ao processo produzido que levaram as tensões políticas vivenciada no Grão-Pará, dessa forma, analisamos aspectos que abrem possibilidades equivocadas de ver o Brasil como uma unidade nacional, incapacitada

de mediar os vários conflitos (alguns de caráter separatistas) que estavam eclodindo no território brasileiro, com a centralização da organização política no Rio de Janeiro.

Principalmente com a chegada da família em 1808, cria-se a visão de desvalorização das províncias mais distantes, características que levaram a lembrança do período colonial português com o fortalecimento na economia no período pombalino, incrementando a produção agrícola em Belém e seus arredores, ocorrendo a prosperidade de fazendeiros e lavradores. Fomentou-se com isso relativa estabilidade econômica nesse período, dessa forma com o sentimento de abandono do Império Brasileiro tiveram grande importância no descontentamento político e nas contradições que levou ao movimento cabano.

> Neste sentido, acreditar que no início do século XIX as perspectivas do Grão-Pará passassem pela vontade consensual de seus habitantes em estabelecer um atrelamento com o governo sediado no Rio de Janeiro, é desconsiderar tanto o peso de um passado de vida autônoma que as duas colônias de Portugal na América (Brasil e Grão-Pará) vivenciaram ao longo de séculos, quanto às relações de poder que passavam o projeto de unificação nacional. (BALKAR, 2000, p. 84).

1.2 Dom Pedro I e a constituição de 1824: a crise da coroa portuguesa, período regencial no Brasil e o crescimento de revoltas populares

Dom Pedro I, aceita governar sobre normas de uma constituição apesar de ter vindo sobre uma influência da política do absolutismo.

Na elaboração da constituição havia muitas divergências principalmente pela liderança de José Bonifácio, que queria um poder executivo forte, em que era apoiado pelos grandes proprietários de terra. Era o principal aliado do imperador, um grande e hábil articulador político. Era um liberal, com influência do Iluminismo, tiveram grandes contradições e que o levaram a reprimir jornais, lojas maçônicas e a perseguir os mais radicais que se opunham a dom Pedro I.

Com a morte de Dom João VI em 1824, Portugal entra numa crise política que chegou a quase uma guerra civil. Grande parte da corte Portuguesa desejava a volta de Dom Pedro I para assumir o trono deixado por seu pai, como havia outros que eram contra ocorreu uma grande influência para que acontecesse a abdicação de Dom Pedro I do Império do Brasil.

Nesse período eclodi uma grande pressão política para que o mesmo deixasse o país. Havia desconfiança por conta de Dom Pedro I por ser português, e com isso fez aumentar a

pressão sobre o Império brasileiro, levando o imperador abdicar do “seu Império”, inaugurando a partir de então período político da Regência no Brasil. (REZENDE; DIDIER, 2006).

> (...) D. João VI se viu em voltas às voltas com as intrigas de Carlota Joaquina e do filho caçula, d. Miguel, preferido da mãe, absolutista empedernido, que proveram um outro golpe, em 1824. Desgastado, após reconhecer a independência do Brasil no ano seguinte, faleceu em 1826, aos 59 anos, deixando o reino a beira de uma guerra civil, que colocaria em campos opostos os dois irmãos, d. Pedro e d. Miguel, e contribuiria para a abdicação do primeiro imperador do Brasil e para crise das regências. (NEVES; NEVES, 2003, p.72).

O período da regência é dividido em quatro fases. A primeira é a *regência trina* e *provisória* que tentaria contornar a crise política, social e econômica.

Depois ocorre a *regência trina e permanente*, onde procurava conciliar o interesse de norte a sul do país. Depois duas *regências unas*, onde já se centralizava o poder em um único regente. Uma primeira etapa bastante progressista e na segunda, bastante conservadora era uma forma de preparar o país para a volta de Dom Pedro II.

Podemos observar que a crise política em que o país estava passando, ocorreu por interesse de alguns políticos que queriam que Dom Pedro II assumisse o poder, assim acontece o chamado golpe da maioridade.

> O ano de 1839 foi especialmente complicado para a manutenção da unidade territorial do Império Brasil. Muito se havia gasto para conter os movimentos rebeldes de norte a sul. Um representante inglês chegou a dizer em 18 de setembro, que ‘este Império encontrasse nas vésperas de sua dissolução, ou pelo menos de uma crise cujo resultado não pode senão fatal’ (NEVES; FERNANDES,1999, p.139).

Com Dom Pedro II assumindo o Império brasileiro, umas de suas primeiras medidas foi nomeação do gabinete da maioridade.

Depois convocou eleições para câmara dos deputados porem não obtendo êxito, pois, incidiu uma crise por conta de uma fraude dos liberais. Para vencer essa eleição, que foi denominada a “eleições do cacete”, que mostrava a fragilidade da política nacional, por conta de vários interesses dos liberais e dos conservadores.

A regência é marcado por intensa agitação política e social, uma grande disputa política e social por falta de uma figura conciliadora dos interesses da política nacional, o período regencial é marcado por uma grande fase de revoltas, esses movimentos revoltosos ocorreram

por ausência de autonomia política das elites locais, essas revoltas ocorreram em quase todo Brasil de norte ao sul do país, como se pode ver a revolta dos farrapos no Rio Grande do Sul, a balaiada que aconteceu no Maranhão, na Bahia a sabinada e a revolta do malês, demonstrando a insatisfação que se deu em grande escala no Brasil.

Em Belém, temos a mais violenta e sangrenta revolta. Por conta de seu grande número de mortos e com grande participação popular a região do Grão-Pará foi à última a reconhecer a independência do Brasil.

Com abdicação de D. Pedro I, os paraenses não aceitaram a nova política que o Brasil estava estabelecendo, por conta da perda de autonomia. Certo grupo político não aceitava a perda de poder que estava ocorrendo com a nova política nacional, para se compreender a cabanagem temos que verificar os vários processos, conflitos que ocorreram e os movimentos de revoltas. Podemos verificar alguns motins ocorridos antes da cabanagem que demonstraram a insatisfação na província do Grão-Pará. (REZENDE; DIDIER, 2006).

> A cabanagem foi uma revolução social que dizimou a população amazônica e abarcou um território muito amplo. Contratando com esse cenário amplo e internacional, foi e ainda é, analisando o mais um movimento regional, típico do período regencial do Império do Brasil. No entanto, os "patriotas" cabanos, ao longo do movimento, criaram um sentimento comum de identidade entre povos de etnias e culturas diferentes, que extrapolava estes ditames. (RICCI, 2006, p. 05).

Observar-se o conflito no povoado de São Francisco Xavier de Turiaçu, na fronteira entre Pará e Maranhão, no dia 26 de agosto 1824, onde homens armados invadiram fazendas de moradores considerados portugueses, libertaram escravos, índios e pilhavam tudo o que podiam levar, e aqueles que resistiam a esses saques eram mortos.

Esse clima de hostilidade foi ganhando força, e os rebeldes atacavam tropas milicianas e expulsaram o comandante José Gonsalves de Azevedo e anunciaram que todos que fossem contrários ao movimento rebelde deixa-se o Grão-Pará.

Essa revolta rapidamente chegou a outros lugares, com ajuda dos indígenas, capitães do mato, negros libertos e desertores das tropas paraenses eles tomaram a vila de Ourém e outros lugares como, Viseu, Gurupi e Piriá. (BRITO, 2014).

> Uma sensação de horror tomou conta do pequeno povoado paraense de São Francisco Xavier de Turiaçu, na fronteira entre Pará e Maranhão, nas primeiras horas do dia 26 de agosto de 1824. Um grupo de 80 a 100 homens armados, em grande parte formada

> por maranhenses desertores das tropas e negros fugidos, adentou rapidamente a povoação, invadiu as fazendas dos moradores considerados "portugueses europeus" e pilhou tudo o que podia carregar, além de libertar escravos negros e indígenas. Todos os que resistiam à ação formam espingardeados a sangue frio, de acordo com a esparsa documentação. (BRITO, 2014, p. 74).

Esse movimento demonstrou bastante força, quando no dia 21 de setembro invadiram a cidade de Bragança, sede da administração política e militar de toda região atlântica do Grão-Pará. Por onde passavam usavam bastante violência contra moradores que eram contra o dito movimento. Havia muita insatisfação e ódio contra os considerados 'europeus'. Não concordavam como tinha ocorrido o acordo político da adesão a independência brasileira, entre outros políticos de Belém que era a capital da Província Grão-Pará.

Houve grande insatisfação da forma como a política foi organizada.

> A revolta rapidamente se espalhou por outros distritos da região. Com ajuda dos índios e liderados por capitães do mato e desertores das tropas paraenses, os rebeldes tomaram a vila de Ourém e os lugares de Viseu, Gurupi e Piriá. Em 21 de setembro, invadiram a vila de Bragança, sede da administração política e militar de toda região atlântica do Grão-Pará. Por passavam, usavam de violência para punir os habitantes considerados "não brasileiros" aqueles que tinham espalhados publicamente a sua indignação contra a Independência, especialmente de moradores brancos. (BRITO, 2014, p. 75).

D. Pedro, I e José de Bonifácio de Andrade e Silva, mantiveram regalias aos homens de negócios, intelectuais e funcionários públicos. O estado de revolta era grande que chegou notícias de divergências iniciada em Recife por conta do fechamento da assembleia constituinte pelo imperador.

José de Bonifácio, que defendia um regime centralizado, D. Pedro aceitou governar sob normas constitucionais, os grandes proprietários de terras reivindicavam um regime federativo, com autonomia das províncias.

Bonifácio foi um dos grandes articuladores nesse período de formação de Estado Nacional, tinha pensamentos iluministas, era um liberal moderado, mas não abrira mão de reprimir os mais radicais. Por muitas vezes faltou apoio do próprio Imperador que levou a entregar seu cargo de ministro. (REZENDE; DIDIER, 2009).

Com a dissolução da assembleia constituinte, os sinais da crise que estavam ocorrendo nesse período podem verificar que em 1824, foi outorgada a nova constituição, por não agradar

grande parte das províncias, ocorreram várias reações, muitas vezes levando a conflitos e resistências em que levou a *luso fobia*, é importante ressaltar uma das mais fortes resistências nesse período provindo de Pernambuco, onde nesse mesmo ano eclodiu a *Confederação do Equador,* esse movimento não era visto com bons olhos por Dom Pedro I. No qual achava que a mesma oprimia a liberdade, integridade dos povos, com a constituição de 1824, um demasiado ao poder central e o enfraquecimento das províncias, que elementos para o surgimento de uma pregação por lutas e pela independência províncias. (REZENDE; DIDIER, 2009).

> No dia 2 de julho, afinal, estourou a revolta, proclamando-se, em Pernambuco, a confederação do equador. Uma junta governativa, presidida por Paes de Andrade e apoiada na aristocracia rural, assume o poder, e lança um manifesto, alertando para a negra perfídia e os perjúrios do Imperador, lembrando que as constituições, as leis de todas as instituições humanas são feitas para os povos e não os povos para ela; e conclamando as demais províncias a se unirem na confederação. (LINHARES, 2000, p. 214).

Esse movimento iniciado em Pernambuco foi liderado pelo presidente da província Manoel de Carvalho Paz de Andrade que se espalhou por grande parte do império brasileiro, sendo notado em Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Bahia, Maranhão e Pará. Paz de Andrade anunciou para o povo a luta pela liberdade que diziam que estava em risco de voltar a ser colônia de Portugal.

Havia uma forte tendência de fragmentação do império por conta das numerosas revoltas que estavam se passando naquele período. Esses movimentos eram totalmente contrários a forma de unidade que D. Pedro I tentava manter, por ser um movimento que não agradava a todos, muitos proprietários de grandes terras se afastaram por conta de algumas ideologias que eram contrárias, principalmente sobre o pensamento da libertação dos escravos, não demorou muito para esse movimento sofrer uma grande repressão por parte do Império. (REZENDE; DIDIDER, 2009).

A Província do Grão-Pará na localidade de Turiaçu, Bragança os conflitos mais violentos por conta da forte presença patriota popular. Tinha forte participação de negros, indígenas e soldados desertores que lutavam contra os portugueses que protagonizaram cenas de violências em vilas, povoados e distritos rurais.

Eles defendiam publicamente o que se entendia por liberdade e igualdade, e os mesmos tentavam depor as autoridades da fronteira do Grão-Pará e Maranhão, como Salinas, Cintra, Piriá, Ourém e outros povoamentos.

Lutavam por uma maior autonomia e buscavam uma maior participação política da população em geral. Havia uma crise que ocorria a esse clima não favorável. Era a expulsão dos portugueses que tinham residência nessas localidades, uma espécie de luso-fobia.

(BRITO, 2014).

> No mesmo caminho, percebe-se que as províncias do Pará e do Maranhão estavam em constante comunicação com regiões relativamente distantes, como Pernambuco e Ceará, integradas outros projetos políticos que criticavam o tipo de unidade defendida pelo Rio de Janeiro na figura do Império. (BRITO, 2014, p. 77).

Foi um movimento de revolta que não durou muito tempo, apenas 44 dias, até ser sufocada pelos militares do Grão-Pará e Maranhão. Que usaram de grande violência para reprimir esse movimento. Muitos fugitivos maranhenses entraram na fronteira do Pará e traziam notícia sobre acontecimentos que ocorriam na confederação do equador, traziam cartas, exemplares de jornais, pernambucanos e cearenses.

Essas notícias chegavam ao extremo norte, às cartas eram lidas em público e causavam grande confusão, até a capital do Grão-Pará. Alimentando uma luta maciça e tinham uma grande participação popular pela independência da Província. (BRITO, 2014).

> Não tardou para que as notícias chegassem a Belém. Em 16 de setembro, a câmara Municipal realizou uma sessão extraordinária para discutir as proclamações e os impressos que vinham de Fortaleza pelo correio de sobral e Maranhão. Ao mesmo tempo, o presidente da Província, Jose de Araújo Rozo, passou a denunciar alguns membros da câmara como republicanos por discordarem de sua política de alinhamento com a corte do Rio de Janeiro. Rebeliões, como que aconteceu em Turiaçu e Bragança, revelam a maciça participação popular nas lutas por independência. (BRITO, 2014, p.77).

De norte a sul eclodiram várias revoltas que tiveram grandes impactos sociais, e grande parte das províncias não aceitaram a forma autoritária que era conduzida a política governamental.

Podemos citar a província do Grão-Pará, que não aderiu ao Império depois de sua proclamação, dessa forma, ocorreu uma grande repressão para conter esses movimentos de divergência contra o poder central. Essa província sempre foi considerada uma das mais turbulentas, esses ciclos de revoltas ocorriam antes da proclamação da independência, da forma que era a política repressiva, abusiva e como era utilizada pelo poder central. Causando um resquício de descontentamento da forma que se governava as províncias.

> Quando entra em vigor o código criminal de 1830 percebe-se que é notória a necessidade das autoridades políticas locais em demonstrar à sede do Império que reinava a ordem e a paz no Grão-Pará. Tal argumento ganha força quando analisada a documentação referente aos relatórios e falas dos presidentes da província do Grão-Pará entres as décadas de 1833 e 1850. (MESQUITA; FURTADO, 2016, p. 07).

Esses acontecimentos resultaram em descontentamento político. Desta forma, havia a necessidade da afirmação do poder imperial, este documento que se refere à província do Grão-Pará, procurou demonstrar a ordem que se estabelecia nesta região, por conta da presença do governo.

Sendo assim, forjavam a nacionalidade e patriotismo, com o fito de uma suposta unidade nacional artificial. O presidente da província relatava os problemas e dificuldades por conta da distância e o amplo território e o código criminal. É importante para que não ocorra à desordem, há uma continuidade do discurso sobre a aplicação dos termos estabelecidos, veio o descontentamento da população, demonstrando a dificuldade de aplicação desse novo sistema que se estabelecia.

Segundo Tiago Mesquita e João Furtado (2016), o código penal de 1830 passa a nortear as políticas de punição do Império brasileiro, tinha por assim dizer um caráter violento, moral, liberal e constitucionalista.

Era uma forma de desuso da antiga metrópole e se utilizava para punir como um estado independente, procurando manter o controle social em que haviam punições com trabalho, multas, açoites, mortes, e outras maneiras de caráter correcional, contudo, foi umas das formas que o Império brasileiro procurou estabilizar as revoltas que estariam eclodindo em suas províncias.

> Desde a época da Independência, o Pará, cuja adesão ao Império só foi conseguida por meio de repressão efetuada pelas forças de Greenfell, sempre forma uma província das mais turbulentas. A partir da abdicação, os conflitos intensificaram-se na região tendo o antilusitanismo (voltado, sobretudo, contra a elite mercantil) e as divergências com o poder central como os seus principais elementos. (LINHARES, 2000, p. 230).

Por conta da falta de tropas que em sua maioria eram portugueses, Dom Pedro I, foi obrigado a recorrer as tropas mercenárias inglesas e os ingleses transformaram o Brasil em um amplo comércio de seus produtos. Além de ter que pagar um grande subsídio para ser

reconhecido como um território independente, a junta que governava o território do Grão-Pará foi surpreendida pela ameaça de Greenfell de invasão a Belém.

Essa invasão não seria tão complicada por conta de falta de estrutura que aquela província tinha. O bispo que também era deputado D. Romualdo de Souza, que era prólusitano, encaminhou uma carta a D. Pedro declarando-se fiel ao Imperador brasileiro.

(FILHO, 2001).

1.3 Adesão do Pará a Independência, Brigue palhaço

A adesão do Pará a independência do Brasil mostrou um caráter de interesses de certa camada da sociedade paraense, que antes era a favor da emancipação e agora por conta da manutenção de seus privilégios apoiara o novo governo central; dessa forma surgiu um sentimento de traição daqueles que tinham postulados do território em 1823.

Ocorreu uma grande revolta em Belém, e esse movimento tinha como característica a expulsão de todos os portugueses e a saída do governador do seu cargo. Assim que assumiu a província, Conego Batista Campos, uma das suas primeiras medidas, foi afastar os funcionários que eram pró-lusitanos, com isso afastando a máquina opressora. (FILHO, 2001).

As elites perseguidas recorreram a Greenfell, que desejavam ter de volta os privilégios que haviam perdido. Desde então, se inicia uma deliberada perseguição contra os rebeldes, após grande repressão. Batista Campos foi preso e os funcionários que tinham sido afastados voltaram aos postos de suas funções.

A repressão contra as hostes rebeldes foi vigorosamente violenta, e esses movimentos colocavam em risco as camadas dominantes, por isso, os mais abastados pediram mais rigor contra esses insurretos que eram os mesmo que lutavam contra a dominação dos portugueses e contra os manifestos que estavam ocorrendo.

Foram presas muitas pessoas que estavam praticando atos de badernas, onde 05 (cinco) foram fuzilados e 256 (duzentos e cinquenta e seis) foram levados aos porões do *Brigue Palhaço*. (FILHO, 2001).

A região do Grão-Pará foi marcada por muitos conflitos, em decorrência da política que era exercida de uma nova forma, que conduzia por um sistema de poder implantado naquela época.

Cria-se a visão de uma independência do Grão-Pará do Brasil, há um sentimento de separação, nessa ocasião ocorreram eleições para câmara constitucional de Belém, para o

espanto e revolta de todos os comandantes das armas general José Maria de Moura. Foi quem ganhou da maioria dos brasileiros que concorriam ao comando da província do Grão-Pará, nesse período sucedeu-se uma reunião que foi decidida uma forma de anular aquele pleito, o coronel João Pereira Vilaça, deu a ordem de prender os componentes da junta em suas próprias residências, mas, com essa perseguição que estava ocorrendo os separatistas continuaram se reunindo em encontros secretos.

Um dos locais onde ocorriam esses encontros era na casa de um italiano chamado João Balbi, e tal movimento começou a ganhar corpo quando recebeu o incondicional apoio de alguns membros das forças armadas, como por exemplo, o capitão Dominicano Ernesto Dias Cardoso e o capitão Boaventura Ribeiro da Silva.

Mas, não teve êxito, porque a maioria dos revoltosos foram presos, em decorrência da indecisão e o movimento enfraqueceu.

Após a adesão do Maranhão a independência do Brasil, chega à Belém o capitão John Pascoe Greenfell, imbuído da missão de comandar o brigue.

O Grão-Pará era a última região considerada a aceitar a independência do Brasil. Esses movimentos eram demonstrações da não aceitação da política que era utilizada pelo poder da época; é importante ressaltar que esses movimentos foram crescendo com o tempo e não ocorreram somente no interior, como também foi muito forte na capital Belém.

Como podemos ver no *Brigue Palhaço*, o 2º Regimento de Artilharia e os desordeiros voltaram a atacar os comércios que eram vinculados aos portugueses. Essa desordem que recaia sobre Belém, designou os praças de segunda linha que não conseguiram deter e informaram as tropas da esquadra naval Imperial.

Durante a noite, as tropas Imperiais desembarcaram para combater o movimento que estava ocorrendo, muitos foram presos e denunciados e outros suspeitos foram surpreendidos pegos nas ruas.

O porto de Belém foi bloqueado por um navio de guerra, comandado por um capitão inglês chamado Greenfell, com um grande blefe anunciou que teria uma esquadra de guerra pronta para bombardear Belém, caso não aderissem a Independência.

Diante disso o governo provincial se reuniu e resolveu aderir como temor das ameaças e repressão que poderia acontecer; o Grão-Pará era uma província gigantesca e muito rica, por ser mais perto o porto de Belém de Portugal.

Ocorria o comércio entre a elite paraense por sua maioria ser formada de portugueses, e não tinham interesse em continuar pertencente a Portugal, mas, essa adesão não foi pacífica. Ocorre uma grande agitação na cidade, e muitos foram presos e no outro dia foram levados ao brigue de guerra e mantidos prisioneiros.

No dia 17 de outubro de 1823, 05 (cinco) indivíduos foram fuzilados, e cerca de 250 (duzentos e cinquenta) pessoas foram detidas e colocadas nos porões do navio chamado brigue palhaço que era comandado pelo 1° tenente Joaquim Lucio de Araújo, sufocados no porão muitos prisioneiros começaram a gritar e provocar tumultos por conta do calor que era insuportável, e pediam água e muitos estavam desesperados.

A guarnição para acalmar os ânimos dos prisioneiros deu tiros de fuzis na direção do porão, e no dia 22, o porão foi aberto e constataram que as maiorias dos prisioneiros haviam falecido, e contabilizaram 252 (duzentos e cinquenta e dois) mortos. Um prisioneiro que sobreviveu se chamava *João Tapuia*.

Durante um tempo no primeiro reinado o partido nacional esteve quase sempre fora do poder. Por isso seus adversários procuram enfraquece-los em todo o país, e o Grão-Pará não fugiu "a regra". Nesse período não houve um momento em que os cargos públicos não fossem escolhidos politicamente, sobretudo aqueles cargos de maior influência como, o de presidente da província e comandantes das armas.

No entanto, houve uma perda de autonomia e perseguição a quem não seguisse os ditames políticos da época. Era uma forma tão autoritária que perseguiam até os mais leais defensores da causa brasileira, provocando assim, forte insatisfação da população que não via com bons olhos essa doutrina política que se utilizavam.

Para que fosse estabelecida a tranquilidade pública, eram utilizadas manobras extremas que podem ser verificados no brigue Maranhão. Assim reprimindo todos aqueles que eram contra a política do Império brasileiro, a luta entre os nacionalistas e os conservadores continuava mesmo depois da adesão do Grão-Pará a Independência.

Para que os portugueses continuassem assumindo os melhores cargos públicos da província, esses conflitos foram bastante intensos em algumas regiões fora de Belém. Havia um grande receio contra os europeus que ali moravam, principalmente contra os portugueses, uma espécie de *lusofobia* podem destacar a cidade de Cametá, onde os ânimos estavam bastante exaltados por conta da política que se utilizavam na província.

A cidade de Cametá teve um grande destaque nesse movimento, tornando-se durante um tempo a sede provisória do governo da província. Nos dizeres de Raiol (1970)

> Oficio da câmara municipal de Cametá, de 29 de setembro de 1823, à junta provisória: - Ilustríssimo e excelentíssimo Sr. Julgamos de imperiosa necessidade participarmos a V. excelência que, reduzidos estes moradores ao último apuro em massa no dia 28 do corrente, e deposto as justiças, que até então existiam, nos elegeram para servimos em seu lugar, do que lavrou a ata que remetemos por cópia, na qual vão com efeito exageradas coisas, que nele não deveriam ter lugar, se exaltado entusiasmo do povo o permitisse. O tumulto era tal, e os ânimos estavam tão enfurecidos, e tão dispostos para uma desastrosa guerra civil, que julgamos preciso anuir finalmente a quantos eles quiseram até que Vossa excelência decida sobre estes objetos com a consumada prudência, que lhe é característica". (RAIOL, 1970).

As deliberações que ocorriam afetavam diretamente as deposições de vários empregados públicos, que eram apoiados por experiências de injustiças e despotismo. E acabavam atingidas as camadas mais pobres, muito em conta por excesso das autoridades que se organizavam para manter seus benefícios do poder político.

Dessas classes menos abastada da população paraense começaram a criar uma visão de desagrado com a forma política que se conduzia na província, em face da grande desigualdade social que estava crescendo.

Com o enfraquecimento do movimento rebelde que estava se localizando em Cametá, as juntas provisórias propõem que o movimento tivesse uma grande redução e aceitasse a obedecer às autoridades locais.

Caso isso não ocorresse laçariam mão de meios extremos contra esse movimento. Esses movimentos de revolta espalharam-se por grande parte do Grão-Pará, em algumas regiões com bastante força e apoio da população.

Observou-se que essa agitação crescente como em Vigia e no Rio Acará, era em razão dos movimentos de revoltas que estavam acontecendo e o presidente da província procurava apoio do governo geral para reprimir e dissipar tais conflitos.

> O presidente apresentou ao conselho o oficio dirigido ao governo geral em data de 24 do presente novembro, dando contados acontecimentos da revolta do Acará, e propôs que fosse inserido nesta ata o mencionado oficio, e o conselho achando exatas e verdadeiras as ideias contidas no dito oficio, deliberou que formasse parte da presente ata. (RAIOL, 1970, p. 536).

A análise dessas agitações na fronteira do Grão-Pará, Maranhão e na cidade de Belém, demonstram a organização de movimentos contra o Império por conta de sua insatisfação com a condição social e política da região.

O mesmo se caracterizou por ter apoio maciço da população e por parte dos letrados e políticos da sociedade paraense que não viam com bons olhos a Independência do Brasil, gerando assim conflitos naquela região que levaram a esse grande movimento que ocorreu dando início à cabanagem.

Esse movimento popular, de grande participação das camadas mais populares, em que podemos observar os escravos, os ribeirinhos, os índios tapuios e mestiços. No qual obteve apoio popular que vinham das mais variadas camadas econômicas que viviam no Grão-Pará, várias classes se juntavam e lutavam pela mesma causa, com características diferentes de outros movimentos que ocorreram pelo Brasil.

Apesar de estarem lutando pelo mesmo objetivo, tinham uma organização política e seus próprios interesses diferenciados da maioria população que estavam lutando naquele movimento. Ele ganhou tanta força popular que não ficou somente em Belém, atingiu territórios de imensas proporções, passando por grande parte da Amazônia e seus afluentes.

(RICCI, 2006).

> O descontentamento com a nova situação apareceu não só na forma de protestos e motins populares, mas também na recriação de um passado mitificado, que identificava o período da administração do Marquês de Pombal como a “época dourada” da região. Com efeito, a administração pombalina foi sempre recuperada de forma positiva pela população do Grão-Pará, que reconhecia ter ela centrado esforços para realizar o seguimento da região e torná-la um dos centros prioritários do Império Colonial Português. (BALKAR, 2000, p. 87).

A crise política que estava assolando o país antes de ocorre a independência causava um fluxo de acontecimentos que levaram a uma crise em algumas regiões do Brasil. Por uma visão de emancipação política e de direitos sociais. Em que se verificam os privilégios que os lusos recebiam da coroa portuguesa que causava revoltas na população.

O movimento em Recife no ano de 1817 era chefiado por comerciantes que tinham certa inclinação política liberal e que também eram apoiado pelos militares, funcionários públicos e por parte do clero, formando assim um governo provisório; mas como toda revolta que ocorria, foram oprimidas em 1818, esse período político foi marcado pela invasão da Guiana Francesa em 1809. Nesse sentido Linhares aponta que:

> A política externa lusa no Brasil caracterizou-se pela tomada Guiana francesa – ocupada de 1809 a 1817 – por uma expedição anglo – portuguesa partida do Pará, e pela intervenção contrarrevolucionária no futuro. Uruguai em 1817, dando começo a uma luta longa e inglória que seria herdada depois pelo Brasil independente. (LINHARES, 2000, p. 125).

Tendo os franceses invadido Portugal, a coroa portuguesa e toda a corte fugiu para sua maior colônia que era o Brasil, e o primeiro ato de Dom João VI foi abrir seus portos para as nações amigas.

Portugal declara guerra à França, com isso foi dada a ordem da invasão de Caiena, essa invasão teve apoio militares ingleses, inimiga histórica da França, após a conquista de Caiena esse território passou a ser administrado por João Severiano Maciel da Costa, posteriormente ganhando o título de Marques de Queluz, seu governou durou 7 anos e meio. Em 1817, a coroa Portuguesa sede a França seus diretos adquiridos sobre Caiena, com as tropas de ocupação voltam para Belém, deixando para tomada efetiva da Guiana Francesa.

(CRUZ, 1963).

1.4 O interesse dos franceses na fronteira franco-brasileira, lembranças da crise política entre Portugal e França

A crise política entre Portugal e França por conta da tomada de Caiena em 1809 e a sua devolução em 1817, legou um ressentimento político e desconfiança entre o Império do Brasil e os franceses.

Por ocorrerem vários conflitos no território nacional é de extrema importância que as fronteiras do Brasil tenham uma baixa na sua proteção, por conta do baixo número do contingente da armada nacional.

O Grão-Pará estava politicamente em conflito social, o começo da cabanagem deu aos franceses uma justificativa que deveria proteger sua fronteira, assim tomando antigos interesses de conquistar a posse do rio amazonas. Esse conflito deixou praticamente a área da fronteira do chamado *Cabo Norte* desguarnecida, facilitando uma provável investida de invasão do território pelos franceses que tinham grande interesse naquela região. (CRUZ, 1963).

A ocupação de Caiena pelas tropas portuguesas em 1809, foi à forma que encontrou de conter o temor da invasão estrangeira no território nacional, e com isso ocorreu uma tentativa de controlar o movimento de fugas de escravos que se estabeleceu em grandes proporções que estavam ocorrendo na Província do Grão-Pará.

Para conter esse movimento de fuga, o governo do Grão-Pará cria auxílios aos militares para apreensão desses escravos, como também aos desertores, por muitas vezes ocorriam grande desordem e roubos, cometidos por esses fugitivos.

Com isso alguns proprietários de terras que viviam ao redor de Macapá abandonaram suas propriedades com medo do que poderia acontecer por falta de segurança naquela região.

(QUEIROZ; GOMES, 2002).

> Com a invasão e ocupação de Caiena em 1809, por tropas enviadas pela coroa portuguesa, tentou-se controlar os temores da invasão estrangeira e insurreição escrava. Caiena acabou restituída em 1817, mas a movimentação de fugas e a formação de mocambos ao longo das aéreas fronteiriças permaneceram. Já em 1812, a Junta Provisória, que então governava o Grão-Pará, providenciava os auxílios militares necessários para apreensão de escravos fugidos e desertores. O problema parecia se agravar. (QUEIROZ; GOMES, 2002, p. 36).

O interesse naquela região pelos franceses já ocorria há muito tempo e encontrou justificativa para colocar militares naquela fronteira, mas, o governo Imperial do Brasil não queria a perda daquele território para o governo Francês. Por falta de uma estrutura militar adequada era praticamente inviável as forças armadas nacionais defender aquela localidade, por conta das várias rebeliões que o Império brasileiro naquele momento enfrentando a revolução cabana que ocorria na província paraense.

Um grande conflito de interesses dos franceses em 1836, que desejavam uma nova demarcação do território, no entanto, cria-se uma rivalidade entre os dois Impérios por conta dos seus interesses. (REIS, 1949).

O governo inglês teve uma grande participação na intervenção diplomática, para a implantação de uma colônia militar que ajudaria na proteção dessa fronteira.

É importante observar que após a desocupação militar francesa, ocorre um acordo de neutralização daquele território entre o Oiapoque e o Amapá, que seria uma área neutra, ou seja, a chamada área do *"Contestado",* que levaria algumas décadas para ser denominada nesta área nacional.

Houve grande necessidade de fortificar as fronteiras e proteger contra os interesses franceses, que ocorreu no período do segundo Reinado de Dom Pedro II, onde estabeleceu a nova política do Império brasileiro depois do chamado *"golpe da maioridade"*. (RIO BRANCO, 2008).

Neste contexto se nota uma grande pressão por parte dos franceses na construção de fortificações que pudesse guarnecer a fronteira. Em 7 de outubro de 1836, Du Campe Rosamel, que na época ocupava o cargo de Ministro da Marinha e das Colônias, deu a resposta sobre os projetos que o governo de Caiena estava querendo determinar seus interesses na região do Oiapoque.

Queriam estabelecer além da fronteira, umas das explicações que buscavam aquelas áreas eram adequadas para pecuária e a necessidade de impedir a chegada da cabanagem na região que pertencia aos franceses, considerava o movimento cabano como uma grande desordem.

> No Relatório do Ministério das Relações Exteriores do Brasil do ano de 1835, encontramos a primeira referência sobre a decisão do governo francês de ocupar a região ao sul do rio Oiapoque. Consta que o governo brasileiro pediu explicações sobre o despacho que Ministro da Marinha francesa enviou para a Guiana ordenando o estabelecimento provisório de um posto militar à margem direita do Oiapoque. (BENDOCCHI, 2015).

Segundo André Machado, o Grão-Pará busca a luz da construção política e econômica, em relação à hierarquia que o Pará tem com o Rio de janeiro. Causando dúvidas com o alinhamento oficial do Império, com as diversidades de interesses e principalmente econômico. Imaginava que pela organização espacial, o Brasil vislumbrava a possibilidade de ruptura territorial, por outro lado, as províncias não estavam totalmente isoladas, a ideia de unidade do território brasileiro persiste na perspectiva de reconstruir as fronteiras provinciais como molde.

Dessa forma procuravam isolar as disputas políticas que estavam acontecendo em algumas províncias, e com esse isolamento foi umas das formas que o Império brasileiro utilizou para consolidar seu território.

> (...) No caso especifico do Brasil, sabe-se que os contemporâneos tinham dúvidas sobre a capacidade do Rio de janeiro em incorporar todos os territórios coloniais portugueses na América, ao mesmo tempo em que a anexação de partes da África era livremente debatida na imprensa ao longo do início da década de 1820. A própria situação dos deputados americanos nas cortes de Lisboa deixou explicito como os

> interesses provinciais eram muitos mais nítidos do que uma ideia de Brasil. Aliais, mesmo na constituinte de 1823, deputados defendiam abertamente que, antes da ruptura com Lisboa, a palavra Brasil apernas indicava um lugar geográfico, sem qualquer sentindo de unidade política. (MACHADO, 2015, pp. 02-03).

Com o crescimento da revolução cabana no Grão-Pará que já alcançava a fronteira franco-brasileira, obrigou que Caiena estabelecesse forças militares para proteger seu território em uma área que pertencia ao Brasil ao lado do Amapá.

Por conta dos interesses que os franceses tinham naquela região, depois de muitas tentativas diplomáticas entre os dois países, os franceses saíram do lado do Amapá e se estabeleceram num Forte *Malouet* que tinham construídos em 1838, situado ao lado direito de Oiapoque, os franceses retiram sua força armada a partir de 1840, depois de um pequeno período os dois resolveram neutralizar aquela região criando uma área denominada área de Contestado. (BENDOCCHI, 2015).

> No ano de 1835/1836, o governo de Caiena, com o pretexto de proteger sua colônia dos revoltosos cabanos, resolveu estabelecer uma força militar francesa no lago do Amapá, território que, conforme o Tratado de Utrecht (1713), pertencia ao Brasil. Após cinco anos de tentativa de entendimento diplomático entre os dois impérios, os franceses aceitaram, em 1840, retirar-se do lago do Amapá mas mantiveram uma guarnição, ainda em território considerado brasileiro, à margem direita do Oiapoque, onde haviam construído, em 1838, o Posto Inferior, denominado Forte Malouet a partir de 1840. (BENDOCCHI, 2015).

Duarte da Ponte Ribeiro, relata o grande interesse dos franceses que tinham naquela região que pertencia ao Brasil. O rio Amazonas era de grande interesse para aumentar sua colônia, e a cabanagem acabou sendo um motivo encontrado por eles para colocar suas forças aramadas em território brasileiro, onde podemos constatar uma grande relevância naquela região.

Pois o movimento cabano era considerado uma revolução anarquista, dessa forma, o governo de Caiena com o pretexto de fortificar suas fronteiras para que a sua população não tivesse nenhum tipo de contato com essa "ideologia" que estava ocorrendo no Grão-Pará.

Essa foi uma das formas que eles encontraram de controlar aquela região. (RIBEIRO,1942).

> Relendo a documentação oficial da época e alguns relatos de viajantes, notamos que, além da Cabanagem a partir de janeiro de 1835 no Grão-Pará, houve outros fatores fronteiriços que certamente contribuíram para a decisão francesa de estabelecer postos militares no território considerado brasileiro, isto é, entre o rio Oiapoque e o

> Amazonas. Entendemos as várias tentativas frustradas de negociação dos negros *Bonis*, provenientes da Guiana Holandesa, entre 1836 e 1841, com o governo de Caiena para se instalarem no rio Camopi, afluente do Oiapoque, como uma das causas que levou os governadores de Caiena a tomarem providências para, como dizia o governador Laurens de Choisy, proteger os moradores1 da Guiana e impedir a proliferação de ideias de liberdade e revolta entre os escravos "franceses". (BENDOCCHI, 2015).

Os estudos do Barão do Rio Branco, sobre a fronteira franco-brasileira é de fundamental importância para conhecermos aquela região.

O que aquela localidade não tinha um aparato militar adequado para suprir as necessidades da defesa do território nacional, no período em que os militares franceses entraram na região.

Praticamente não ocorreu nenhum conflito que pudesse impedir o avanço dos franceses no território nacional, demostrando a fragilidade da fronteira franco-brasileira. Com o movimento da cabanagem essa região praticamente fica propícia para tomada dos militares franceses, que tinham grandes interesses no rio Amazonas. (RIO BRANCO, 2008).

> Ocupação militar do território entre o Oiapoque e o Amapá pequeno pela França em 1836/ Evacuação desse território em 1840 [...] na margem esquerda do Araguari, no Aporema e no lago Amapá, vários brasileiros já estavam estabelecidos por ocasião das expedições francesas de 1836. Do Amapá ao Oiapoque viam-se nessa ocasião apenas algumas aldeias indígenas, o governo de Luís-Felipe, apesar de Ana de Viena e da conversão de 1817, estabeleceu no AMAPÁ um posto militar que foi evacuado em 10 de julho de 1840. (RIO BRANCO, 2008, p. 46).

A grande preocupação em defender a população francesa, segundo Ricci era a bandeira, a morte aos brancos e os europeus que moravam na região do Grão-Pará e mandaram para aquela localidade fronteiriça uma pequena guarnição de soldados com cerca de 460 (quatrocentos e sessenta) homens para proteger aquele território, principalmente contra os índios.

Essa preocupação que ocorria na fronteira vinha de informações que algumas etnias indígenas tinham executado parte da população branca da província do Grão-Pará, desse modo, ocorrera uma pressão para que se ocupasse aquele território, uns de seus interesses estavam ligados aos seus desejos econômicos. (BENDOCCHI, 2015).

Um desentendimento entre o capitão do corpo de engenheiros Ronmy e o ministro Choisy se insurgia naquele momento, pois, tinham visões diferentes de onde deveria ser a ocupação da área.

Ronmy admitia ser mais interessante a ocupação da região do Uaçá, que considerava uma área adequada para a pecuária. Já Choisy queria ocupar a região do rio Amapá, que era mais próximo do rio Amazonas e que seria um ponto estratégico fundamental para observação dos acontecimentos que estavam ocorrendo naquela região.

Os conflitos poderiam afetar a colônia francesa, e quem decidiria aonde seria o posto, era o governador de Caiena. Teria sido alertado para escolha de quem ficaria a frente desse posto, contudo seria uma pessoa de habilidade, para reter os brasileiros que queriam se refugiar em Caiena. (BENDOCCHI, 2015).

2. Capítulo: O Grão-Pará e o movimento Cabano

A revolução cabana começou em 7 de janeiro de 1835, na Província do Grão-Pará. Esse movimento teve grande participação social e principalmente das camadas mais carentes, com grandes diversidades de pessoas envolvidas. O cenário desse conflito foi bastante amplo, chegando a várias regiões, pois sua ideologia gerou distúrbios, inclusive, na América caribenha.

A cabanagem foi reprimida de forma bruta, e uma parte de sua população foi dizimada, e a maioria das baixas foram os indígenas, mestiços, escravos africanos e parte da elite amazônica.

Algumas pesquisas apontam que faixa de 30 mil mortos foi a consequência desse movimento, apesar da brutalidade que o governo Imperial tratava essa chamada "insurreição popular" crescia o pensamento patriota paraense, esse sentimento de patriotismo levou essa população a lutar por seus ideais e a formação de uma identidade comum, apesar das diferenças. (RICCI, 2006).

> Começam as páginas lutuosa da história paraense; entram em cena as classes intimas da sociedade rebelando-se contra o governo. Os acontecimentos que narramos deviam naturalmente produzir novos e mais funesto atentado contra a tranquilidade pública. São todos verdadeiros efeitos dos atos subversivos cometidos nos anos anteriores: como elos da mesma cadeia, todos se prendem uns aos outros, tendo sempre por origem a anarquia derramada no seio da população pelos próprios agentes da autoridade. (RAIOL, 1970, p. 411).

A revolução cabana teve apoio da classe popular e principalmente por índios, escravos, mestiços e pobres. Era um movimento de características popular em que esses conflitos não ficaram somente localizados em Belém, avançando para regiões mais afastadas que abrangeu as localidades do interior do Grão Pará.

Como se verificar pelos rios amazônicos, chegando ao Atlântico e as fronteiras do Brasil, esse movimento teve grande repercussão e chegou a algumas regiões do nordeste, criando distúrbios na América caribenha, por ter uma grande participação popular.

Tinham demandas em comum, principalmente o ódio ao branco e ao português, uma forma de lusofobia apesar das diferenças entre etnias que participaram desse conflito. (RICCI, 2006).

2.1 A cabanagem e as classes populares

A cabanagem tem como argumento a luta de uma classe social, contra a política e o movimento imperialista, alguns autores discordam sobre a cabanagem como lutas de classes. E sim, um movimento armado que tinha grande participação das classes populares daquele período, se organizavam nesse movimento contra o estado, a região do Grão-Pará se tornou um inflame de conquista territorial, por isso, o resquício que ocorreu naquela região contra a forma política que se utilizava nessa província.

Esse movimento tem grande transformação no ideal de uma consciência de luta por igualdades sociais e um projeto político que buscava igualar a consciência da população paraense que em sua maioria lutavam por esse movimento onde estavam, negros, mestiços e índios. (RICCI, 2006).

> Nos últimos anos, foram difundidas outras facetas da chamada “colonização” no Pará e na Amazônia cabana. O “tráfico das ideias”, notadamente o internacional, vindo pelas guianas e pelos andes, é um caminho que vem rendendo bons estudos, como os Décio Freitas e Vicente Salles. Para estes autores, a Amazônia brasileira estava permeada por ideias liberais, capitalista e escravista, mas também recebeu muitas mais rapidamente influencias socialista, com presenças constantes de exrevolucionários, geralmente degradados da Europa para a América Francesa, inglesa ou hispânica. (RICCI, 2006, p. 11).

Foram nomeados os novos presidentes da província, José Mariani e o comandante de armas Inácio Corrêa de Vasconcelos, que não tinham o apoio de todos e principalmente pelo Conego Batista Campos (LINHARES, 2000).

Que dizia que eles eram caramurus, denominados como pessoas da região, com essa pressão sobre a nova autoridade não demora a que haja mudanças na autoridade provincial, em dezembro toma posse da província Bernardo Lobo de Sousa e Joaquim da Silva Santiago, a política desse governo tomou medidas de repressão contra as facções mais agitadas, principalmente contra os chamados cabanos, outra forma de inibir era o recrutamento forçado, com isso, ocorre grande revolta na população daquela região.

2.2 Batista campos e sua influência na ideologia cabana

O Conego Batista Campos teve grande influência por ser um sacerdote, instruía o povo ignorante contra algumas instituições como a maçonaria "declarou que não queria e nem lhe era possível ser maçom, como sacerdote que era da religião de cristo" (RAIOL, 1970), e sua influência agitava bastante aquela sociedade, isso não era bem visto por algumas entidades que era contra a sua influência em algumas partes da população.

Batista Campos propagava que os maçons tentavam estabelecer uma sociedade onde não haveria direito a terra e que aumentaria a escravatura naquela região; e um dos seus principais opositores era Machado de Oliveira, que ocupava uma posição de prestigio na maçonaria. Buscava aumentar o número de admitidos e geralmente eram donos de escravos, com isso tinham sua própria visão daquela sociedade.

> Revolução se sustentava pela aclamação popular e tinha como bandeira a morte aos portugueses e aos maçons. Ao mesmo tempo, os cabanos sofriam pressões internacionais e maninham vínculos com o regime constitucional carioca, especialmente com o Imperador menino, Pedro II. Constatando com tudo isso, mantinham praticas que, muitas vezes, beiravam o velho absolutismo reinol. Contudo, este nó revolucionário tem mais uma amarrar. Ela se concentra nos traços biográficos de Felix Malcher e de seu grupo de atuação no Pará. (RICCI, 2006, p. 17).

Com resultado da eleição da junta provisória, ocorreu uma grande divergência de alguns patriotas paraenses e houve divisão de interesses de diferentes seguimentos, com a eleição do Coronel Giraldo José de Abreu. Ele recebeu uma petição que pediam a demissão de todos os funcionários portugueses e dos oficiais da mesma nacionalidade, porém, houve um pedido ao contrário, que continuassem em seus cargos e fossem esquecidos aos seus atos do passado, esses acontecimentos deixaram agitados os patriotas mais exaltados, que começaram a organizar um motim, nesse período era aniversário de Dom Pedro I, o governo provisório organizou bailes, celebrações e parada militar (CRUZ, 1963).

A câmara municipal ofereceu um baile dançante para os belenenses, mas tinha o outro lado em que a cidade estava em completa agitação em preparação para o motim que estava em vista de acontecer.

> Encontrando resistência no trem de guerra, partiu uma coluna de soldados de infantaria sob o comandante do Alferes Francisco Pereira de Brito, em direção à casa do Conego Batista Campos, afim de conseguir que este, com a sua reconhecida influencia, mandasse abrir aos sediciosos as portas do deposito de armas. Saindo Batista Campos à rua, foi levado aos vivas para o palácio do governo, onde pouco depois estavam reunidos os demais membros da junta, com exceção do presidente Giraldo de Abreu. Atendendo à gravidade da situação resolveu ajuntar mandar abrir a porta do trem de guerra aos revoltosos, que se municiaram e armaram à farta. (CRUZ, 1963, p. 235).

Verificou-se o depoimento do 1° tenente Joaquim Manoel, sobre os acontecimentos ocorridos naquela província, que na sua visão relata sobre um grande acontecimento que no dia 07 de janeiro de 1835. Denotava-se de anarquismo na cidade de Belém, no seu relato ele informa que nas suas buscas encontrava-se somente Clemente Malcher, e que não havia sido possível prender todos os criminosos.

O presidente da província Lôbo de Sousa, recebeu denúncias sobre esse movimento que poderia ocorrer. Por acreditar que não havia nenhum tipo de revolta contra a província e não se preveniu contra esse acontecimento no dia 06 de janeiro. O presidente da província recebe algumas cartas anônimas sobre a revolta que estava por acontecer, porém, tinham conspiradores no governo que adiaram esse movimento. (RAIOL, 1970).

> Às três horas e um quarto da madrugada do dia 07 teve, pois, começo espantosa e barbara revolução, que tanto sangue tem feito e que talvez ainda faça derramar, e que tantos males tem causado a esta desventurada província. O palácio, o arsenal de guerra e os quarteis de caçadores e artilharia e municipais foram cercados, e as praias se acolherem de gente armada, um grupo da qual invadiu a cadeia, soltou e armou os presos e número de oitenta e tantos. Então se ouviram em diferentes pontos da cidade vários tiros de mosquetaria e um continuado toque de rebelde; e á proporções que os cidadãos a ele acudiam, eram mortos, os outros presos e muitos armados metidos nas fileiras dos conspiradores. (RAIOL, 1970, p. 587).

No dia 06 de janeiro de 1835, acontecia à festa do dia de reis, famílias católicas e tradicionais de Belém. Era no período de outra grande festa que tinha influência sobre aquela região, a festa de são Tomé. Nesta festa ocorriam danças, consumo de bebidas alcóolicas, grande número de crimes, que em sua maioria ficavam impunes, nessas comemorações aconteciam festas que tinham grande participação da elite paraense.

A província estava agitada por conta de discórdias partidárias desde outubro do ano anterior. Seguidores de Malcher e de Batista Campos, se organizavam contra o governo da

província. O presidente da província Lôbo de Sousa agia de forma dura contra todos que eram contra seu governo, por confiar demais na capacidade de sua armada. Deixavam-se cegar por um falso prestígio, que foi um dos motivos de sua ruina. (CRUZ, 1963).

> A polícia continuava as investigações. Nada encontra. Mas sabe que os conspiradores trabalham sem descanso. E que suas hortes aumenta dia a dia. Esse é o assunto predileto de todas as conversas. A preocupação estampada em todos os semblantes. A ameaça de guerra civil pairava sobre a província. O governo não podia ignorar a que extremos a luta arrastaria as duas facções partidárias. (CRUZ, 1963, p. 331).

Sem muita preocupação com os acontecimentos e os tumultos, o presidente da província Bernardo Lobo, vindo de um teatrinho na Mercês, segue para o palácio do governo, demonstrando pouca preocupação com os fatos que estavam acontecendo; trocou de roupa e saiu do palácio do governo e sumiu na escuridão ao encontro de Maria Amália. Enquanto Bernardo Lobo se divertia com as caricias de sua amante.

Os conspiradores agrupavam e se organizavam para o conflito contra as tropas do governo, a classe popular estava ansiosa para lutar contra as mazelas que esse governo empunhava contra essa população. Eram pessoas simples que moravam em cabanas e tinham como objetivo lutar contra essa repressão que estava ocorrendo e esperavam ansiosos pela hora do combate. (CRUZ, 1963).

2.3 A morte de Bernardo Lobo: eclodi a revolução Cabana

A província do Grão-Pará passava por grandes turbulências no governo de Bernardo Lobo, o descontentamento era tão grande que as muitas conspirações não davam credibilidade para aquele governo.

A província tentava desestabilizar esses movimentos com forte repressão, mas já estava praticamente desencadeada essa revolta, e as figuras importantes dessa intolerância são Conego Batista Campos e Clemente Malcher. Essas ações da população se deram de forma bastante agressiva contra as figuras daquele governo que estavam à procura do presidente da província Bernardo Lobo.

Por conta da forma brutal que agia contra seus opositores, grande parte desses revoltosos vinham do interior, e quando pegaram o presidente da província não o reconheceram. Mas, João Miguel Aranha, um dos cabeças dessa revolta o reconheceu. Dessa forma o presidente da província perde a esperança de sobreviver. (CRUZ, 1963).

> Lôbo de Sousa quis falar. Implorar, quem sabe, a clemencia dos vencedores. Mas os cabanos estão furiosos. Investem. Vão prendê-lo. É quando Domingos Onça Sobraça o clavinote, faz a pontaria e aperta o gatilho. O presidente cai ferido. Todos acodem para assistir a agonia do déspota. Que trágico espetáculo! Que fim! (CRUZ, 1963, p. 334).

A notícia da morte do presidente da província se espalha e o movimento de revolta se eclode, agora estão atrás dos seguidores de Lobo de Sousa. Os revoltosos tinham praticamente conquistado a cidade de Belém faltando apenas o arsenal de guerra, que estava protegida por uma pequena guarnição, que se preparavam para resistir a essa revolta.

Às quatro horas da madrugada parte dos revoltosos se reuniram no lago das Mercês, a guarda que protegia o arsenal de guerra percebeu que estava cercada e houve diálogos para sua rendição. Informaram que todas as autoridades locais estavam mortas e garantiam suas vidas caso se rendessem ao movimento. (RAIOL,1970).

Domingos Raiol afirma que a organização da revolução cabana ocorreu em anos anteriores a 1835, e a elite paraense teve grande influência na formação dessa ideologia cabana e os acontecimentos que levaram a essa revolução que por muitas vezes parecia infinita, com o apoio maciço da população daquela região. Felix Clemente Malcher, foi o primeiro presidente cabano, mas entre eles haviam grandes disputas de ideias que levaram os próprios líderes a conflitos ideológicos.

Os cabanos não viam com bons olhos os interesses de Malcher, que logo após sua posse demonstrava que não estavam adequados ao ideal cabano, e sim da chamada causas brasileiras. Com isso houve grande revolta da sociedade paraense. Naquele momento o atual governador da província queria que a luta terminasse; aquele movimento de luta não era consenso da maioria dos cabanos. (RICCI, 2006).

Com a tomada da cidade de Belém em 07 de janeiro de 1835, o primeiro governo cabano foi entregue a Clemente Malcher. Sua postura política era diferente do ideal cabano, ele declarava fidelidade ao futuro Imperador, por esse motivo não ficou por um grande período no poder, os lideres cabanos mais radicais como Eduardo Angelim e Lavor Papagaio, também estavam na oposição do seu próprio comandante de armas.

Francisco Vinagre, que foi demitido de sua função e ameaçado de prisão, organizou-se um movimento armado contra o governo de Malcher, depois de uma sangrenta batalha o

presidente da província morre em conflito. Dessa forma após um Conselho do governo entrega a presidência a Vinagre, que também se manteve no comando das armas.

(LINHARES, 2000).

> Era dia 22 de fevereiro 1835. A atual cidade de Belém apresentava o sombrio aspecto das mais profundas consternação. O assassinato de Malcher, os tumultos anteriores da anarquia tinham quebrado o ânimo da parte mais sã da população. Assustados, todos receavam os desvarios dos facciosos. As casas permaneciam fechadas, e ninguém ousava sair dos seus domicílios. (RAIOL, 1970, p. 611).

A cidade de Belém estava em um clima tenebroso, havia medo entre a população em ser vítima de algum desacato, causado pela desordem que estavam acontecendo naquele momento. Ocorriam várias discussões sobre o sucesso desse movimento e muitos guardavam as armas que tinham recebido, apesar do pedido de devolução, demonstrando assim a pouca organização dos revoltosos.

O novo governo de Vinagre tenta manter a ordem pública, para acalmar os ânimos e agitação que a província estava passando e publica agradecimentos a população pelo apoio que o movimento teve. A forma patriota e as lutas que tiveram para que houvesse uma igualdade entre as pessoas que viviam naquela província. (RAIOL, 1970).

> Paraense: -eu seria insensível aos estimulantes deveres gratidão sincera, se em tempo deixasse de agradecer-vos o desvelo, coragem e patriotismo com que sempre vos tendes distinguido, quando a pátria gemebunda, por entre aflitivos soluços, implora vosso socorro em favor não só da sua salvação como também da de seus perseguidos filhos, vossos compatriotas. (RAIOL, 1970, p. 612).

Para manter a ordem, falavam-se bastante do período de perseguição dos governos anteriores, colocando o movimento cabano como a grande salvação dos patriotas paraense, que por muitas vezes foram massacrados nas prisões. É uma lembrança que deixavam um resquício de temor, era o brigue palhaço de 1823, que representava a crueldade em que o Império tinha com seus perseguidos, não era somente na capital que ocorria o temor do novo governo cabano.

Localizada no interior aonde chegava às notícias da morte de Malcher, deixando assim dúvidas do que poderia acontecer com essa nova organização política, na localidade de Acará, Bujaru e em outras povoações, começaram a se reunir e se organizar para prováveis ataques que se imaginavam no futuro próximo.

Vinagre ficou sabendo desse movimento, e para acalmar a população tomou medidas que desarmaria os cidadãos, garantindo o direito à propriedade e a segurança individual.

(RAIOL, 1970).

2.4 A organização da ordem social, cabanos deixam Belém

Notícias da conquista de Belém chegam até a província do Maranhão através de pessoas que fugiam do conflito. Essas informações também percorriam por meio de cartas, jornais e davam conta de que os revoltosos negavam obediência ao governo Imperial, mas esses laços foram retomados com governo através de Vinagre.

Em sua submissão as autoridades e o império resolveram enviar apoio de forças militares para que se mantivesse a ordem. Uma fragata denominada de Imperatriz, saindo do porto de São Luís com destino a Belém era comandada pelo capitão-tenente Rodrigo Teodoro de Freitas.

Para que fosse uma operação que tivesse maior facilidade foi escolhido o capitãotenente Pedro Cunha, paraense, cuja missão era informar sobre o estado da capital, manter a tranquilidade pública (RAIOL, 1970).

São vários os informes que o capitão-tenente Pedro da Cunha tem que estabelecer naquela província; era uma forma de se manter a ordem provincial e estabelecer a lei do Império brasileiro.

Vinagre sabendo dessa ofensiva das forças legalistas do Império, procurou se reunir no dia 27 de fevereiro com outros líderes cabanos para evitar qualquer tipo de hostilidade, mas que estivessem preparados para resistir contra do tipo de agressão contra cidade de Belém.

Não havia confiança nos navios que estavam no porto de Belém, caso ocorresse conflitos com a chegada da fragata que vinha do Maranhão; e que desembarcaram oficiais, e deram ordens para que houvesse desarmamentos das corvetas trocando todos os comandantes. Os oficiais dos navios estacionados suspeitaram de uma trama e se reuniram num conselho contrário a essas medidas que foram impostas, informando ao inspetor do arsenal da marinha capitão-de-mar-e-guerra Guilherme Cipriano Ribeiro, que muitos julgavam ser cúmplice de Vinagre. (RAIOL, 1970).

> Não posso deixar de perguntar a Vossa Excelência se veio estacionar nesta província com aquela força por ordem da regência em nome do nosso imperador o senhor Dom Pedro II a quem os paraenses amam, repetiam e obedecem, por quanto inteiramente desconheço semelhante ordem, salvo se ficaram entre outras peças oficias do governo central dirigidas ao governo do Pará e que arbitrariamente foram com as cédulas ou moedas-papel usurpadas pelo governo do Maranhão, urge assim para meu governo e libertação de vossa senhoria satisfaça a minha pergunta da qual só depende o sossego que parece se vai alterando na capital. (RAIOL, 1970, p. 635).

Em fevereiro de 1835, assume o governo de Belém Francisco Vinagre. É importante ressaltar que ele estava à espera das leis do Império e ordens de Dom Pedro II. Na metade do ano Vinagre deixa o governo, com a chegada do emissário carioca Marechal Manoel Jorge Rodrigues, como regia a Constituição Imperial foi feita uma eleição para escolher quem governaria como novo presidente da província.

Vinagre apoiava o padre Jerônimo Pimentel, mas, por uma margem ínfima de votos, acabou sendo eleito Ângelo Custodio; cria-se um impasse assim por conta de Custódio ter sua sede eleitoral em Cametá, apesar da grande agitação por partes dos cabanos em Belém, Vinagre mantem sua palavra e evacua a cidade de Belém. (RICCI, 2006).

> Tenho presente o seu oficio de hoje, ao qual devendo responder, direi que esta província goza de pleno sossego e ordem, tendo a lei o seu império devido cumprimento; em sequência pois disso em nome dos paraense agradeço á Vossa Excelência toda coadjuvação da força naval sobre seu comando, que se destina a pacificar os ânimos, fazer viver o império da lei respeitar em toda sua plenitude dos direitos individuais. (RAIOL, 1970, p. 635).

Francisco Vinagre quando assume o poder tem algumas características semelhantes ao seu antecessor; jurava fidelidade ao imperador; dizia que deixaria o cargo se caso o governo central mandasse outra pessoa para assumir a regência, e isso ocorreu, por meio de muita turbulência na capital e no interior da região.

Manoel Jorge Rodrigues foi nomeado o novo presidente da regência, mas os cabanos continuaram com suas lutas pelo interior da região. Comandados por Antônio Vinagre, atacaram a cidade de Vigia e muitas propriedades privadas. Em agosto retomaram a capital, (LINHARES, 2000), fazendo assim o governo província se refugiou na ilha de Tatuoca, onde se organizou um governo paralelo.

> A euforia dos primeiros dias de vitória não durou muito. Se os vencidos emigravam ou se escondiam para escapar às perseguições, aos ajustes de contas, do lado dos que estavam agora satisfazendo seus melhores sonhos de poder, as coisas também não

> corriam muito satisfatórias. O tesouro provincial estava exausto. Os apetites para vingança, sem conta; as possibilidades para satisfazer a todos que haviam participado da jornada sangrenta tinham limites. (REIS, 1969).

A cidade de Belém foi evacuada, apesar da forte tensão que ainda ocorria, as tropas cabanas saíram conforme a palavra que Francisco Vinagre. Dessa forma parecia que o conflito havia terminado, em agosto de 1835.

A cidade foi tomada novamente, ordem que foi dada pelo M|arechal Rodrigues, que determinava a prisão de Francisco Vinagre, com isso organizou-se tropas para invadir Belém novamente. Esse movimento era liderado por Antônio Vinagre que na luta pela tomada da capital morre em combate e no seu lugar assume Eduardo Angelim.

Essas trocas de lideranças no governo cabano demonstra a fragilidade da organização desse movimento. A população do Grão-Pará era em sua maioria analfabeta, com isso, Angelin enviava emissários para avisar e aliciar as pessoas dos povoados. (RICCI, 2006).

2.5 A criação do herói cabano, lutas continuam pelo interior do Grão-Pará

Com a morte de Vinagre, criou-se a figura de um herói que lutava sem medo pelo ideal da cabanagem. A perda desse líder foi o estopim para os revoltosos continuarem sua luta. Com a morte de Antônio Vinagre quem assume é Eduardo Angelim.

Em seu discurso de posse ele exalta a figura de Vinagre, dessa forma demonstra a importância do movimento cabano.

Características que começam a aparecer nos revoltosos, cada vez mais aceitam a subordinação; pode-se identificar esse fator na tomada de Belém pela segunda vez. A situação era pior no interior da Amazônia, por muitas vezes Angelim enviara embaixadores do movimento para aliciar donos de terras. Segundo Domingos Raiol a maioria dessas pessoas eram semialfabetizados e grande parte analfabetos (RAIOL, 1970), dessa forma cria-se condições que ajudam no aliciamento por falta de conhecimento e de informações das camadas populares.

> Eu acabo de ser aclamado por nossos companheiros d'armas chefe de todas as forças. Juro por Deus vencer ou morrer! Vinguemos a morte do bravo guerreiro que foi nosso digno chefe, e a de muitos de nossos valentes companheiros que já dormem o sono da eternidade! E no campo de batalha, ao troar do canhão, ao estampido da fuzilaria, entre os mortos e gemidos, no meio da confusão de alaridos e gritos de vingança, que eu a pressa escrevo estas linhas para fazer ciente a todas as colunas que estou à sua frente

> de espada em punho! Os covardes que tremam do nosso valor! Meus caros patrícios: por amor a liberdade, por amor as nossas esposas e filhos, vinguemos o ultraje feito à nossa adorada pátria, e pelo sangue inocente que será derramado, sejam eles, déspotas e traidores, os responsáveis perante a divindade. (RICCI, 2006, p. 23).

Após a morte de Antônio Vinagre, o movimento cabano foi liderado por Eduardo Angelim. Os cabanos mais revoltosos disseminaram terror pelo interior e parte da capital.

Portanto, foram dominando toda a província e declarando independência em 1836. Esse movimento estava completamente desorganizado, ocorrendo divisões no interior do próprio movimento rebelde. Em abril de 1836, chega ao Pará uma poderosa esquadra que trazia o novo presidente da província, O Almirante Soares D'Andrea, por causa da desorganização do movimento (LINHARES, 2000).

Angelim não tinha mais como resistir a essa ofensiva do Império, então, decide abandonar a capital, e o movimento continuou principalmente pelo interior. Andrea querendo acabar com o movimento cabano liderou uma cruel ofensiva contra os rebeldes, mandava fuzilar qualquer simpatizante desse movimento; sua tática era disseminar o terror na população cabana. (LINHARES, 2000).

> Moreira Neto sugere que a cabanagem teria sido um momento de emergência da massa de tapuios e outros mestiços, social e etnicamente degradados, que estariam buscando escapar dos duros moldes da sociedade colonial através de uma rebelião armada que possuía um profundo e revolucionário conteúdo da mudança social. (FULLER, 2008).

Depois de algum tempo do governo de Angelim, a igreja católica assumi seu papel no movimento, criando uma pastoral para levar o ideal a todos os locais possíveis de Belém. A forma como levaram os ideais cabanos se assemelhava a "catequese", assim, procuravam colocar o estado de opressão que o movimento combatia.

Criando uma visão em que os cabanos eram como guerreiros divinos, que os protegiam, mas podemos observar outras partes da igreja que não era favorável a essa ideologia. Os sacerdotes mais antigos pregavam a bíblia de modo de convencer, a fuga dos cabanos e terminar o movimento aceitando a proposta de armistício do governo central, mas, naquela altura muitos cabanos já haviam deixado a cidade de Belém, levando o caos por onde passavam. (RICCI, 2006).

> (...) No meio desse caos, chegou à varíola, que matou muitos cabanos, inclusive o Comandante de Armas de Angelim. A situação tornou-se insustentável quando alguns cabanos mais exaltados souberam que era o próprio bispo e seus vigários, sob os olhos de Angelim, que estavam promovendo as fugas de vários comerciantes e antigos moradores legalistas (...). (RICCI, 2006, p. 24.).

Os conflitos que estavam acontecendo na cabanagem atingiram alguns setores da economia e os meios de produção, e boa parte da população masculina estava envolvida nos conflitos; faltou mão de obra nas fazendas, nos engenhos e roças. Dessa forma, atingindo periodicamente a organização social dessas localidades.

Esses conflitos culminaram no elevado número de vítimas, em forma de repressão que o governo do Império brasileiro tomava contra os revoltosos. A população paraense teve um enorme declínio de habitantes, muitos desses revoltosos fugiram para lugares mais distantes tentando fugir desses conflitos e da repressão que acontecia. (FERREIRA, 2013).

Para controlar o movimento dessa revolta que estava ocorrendo no Grão-Pará, foi criado os corpos de trabalho. Era uma política que buscava controlar a população, uma espécie de controle social, era um discurso de necessidade de manutenção da ordem.

Agindo com repressão, colocando o chamado progresso moral, logo o estado demonstrava todo o seu controle sobre parte da população rebelde local (FULLER, 2008).

> Sim Exm.Snr., foi V. Exa. que ajuntando os infelizes emigrados, dispersas e fugitivos desde cidade do Maranhão até as praias Tatuóca, entrou triunfante e victoriozo nesta capital no sempre memorável dia 13 de Maio de 1838 [sic], e decepando a altiva cabeça da Anarchia, arvorou o Estandarte de legalidade sobre os Fortes deste cidade, fez desaparecer os rebelde, restituiu a ordem e sossego Público, e distribuindo mediadas acertadas e enérgicas pelo centro da província, tem conseguido a paz e tranquilidade em toda ella". (FULLER, 2008, p. 94).

O corpo de trabalhadores é criado no período do movimento cabano, colocando problemas na questão do trabalho. O número de mortes que ocorreram em decorrência de doenças que as epidemias traziam e o conflito insufla ainda mais o número de mortes.

2.6 Impactos na economia, discurso da manutenção da ordem

A cabanagem trouxe problemas para produção de alimentos, em muitos casos tiveram que comprar farinha da região nordeste, tal era a carência de gêneros alimentícios.

Esses fatores demonstram como esse conflito acabou atingido vários setores da sociedade paraense. Os pequenos sítios tinham grande importância para a produção e economia. Podemos citar a índia Josefa, que perdeu suas terras por ser mulher e indígena, portanto, muitos trabalhadores foram desapropriados de suas terras. Isso tudo demonstra a opressão e a cobiça de elementos que levaram a uma violência discriminatória a certa parte da população. (FERREIRA, 20013).

> (...) a unidade produtiva apresentava uma grande rentabilidade significativa, e quiçá, por isso, cobiça pelo comandante militar do corpo de trabalhadores da vila de Oeiras. Presa, foi remetida a ferro para cidade, condição atribuída aos criminosos de alta periculosidade, bem como os filhos; todos conduzidos para Belém como se fossem escravos. A produção advinda do sitio de dona Josefa era devidamente dividida para o atendimento das necessidades dos moradores e outra parte destinada à circulação no mercado, da cidade de Belém, conforme o registrado no abaixoassinado dos moradores da vila de Oeiras enviados ao presidente, citado anteriormente. (FERREIRA, 2013, p. 4).

Instalou-se uma grande insegurança entre a camada proprietária e a diminuição da mão de obra, que ocorreu por falta de recursos materiais e essenciais para a economia.

No entanto, acontece o temor de alguns proprietários de perderem suas terras, mas também havia um grande interesse nos meios de transporte da época, como embarcações e cavalos.

Segundo Eliana Ferreira, confiscou-se animais nas fazendas de Chaves e Muaná, mas, há relatos de que fazendeiros de algumas regiões doaram gratuitamente algumas montarias, como podemos citar a fazenda da N. do Arary, muitos fazendeiros do Marajó eram à favor da ordem imperial, e assim, alguns patrocinavam a chamada “ordem”, com objetivo de manter suas posses. (FERREIRA. 20013).

> Ao engajamento dessas fazendeiras/os do Marajó, subjaz o posicionamento de classe, uma vez que na região havia uma grande concentração de propriedades/fazendas especializadas na criação de gado cavalar, vacum e bubalinos, revelando significativo lastro de riqueza. Assim, ao disponibilizarem os recursos matérias e financeiros em favor da ordem imperial, eles estavam defendendo seus bens e propriedades (moveis, imóveis e semoventes) do perigo de um “tempo cabanal”, onde o afrouxamento das relações sociais e o direito à propriedade foram questionados. Fornecer meios e recurso às tropas legais eram defender os seus interesses políticos e suas bases materiais. (FERREIRA, 2013, p. 9).

Há um forte discurso de manutenção da ordem, era uma forma de manter o controle sobre a população mais exaltada que ocorriam nos encontros dos letrados e das elites. Em que

discutiam sobre o movimento e tinham ideias sobre a nacionalidade brasileira e a restauração da pátria paraense, era uma forma de agradecimento ao Marechal D'Andrea.

Somente com a civilização se alcançaria grandes progressos e principalmente com a ocupação, ordenação da mão de obra livre dos pobres. Isso traria novos hábitos voltado para o conceito do trabalho e desenvolvimento. (FULLER, 2008).

> Essa civilização deveria ser garantida, portanto, pela manutenção de uma ordem política-administrativa, bem como pelo desenvolvimento de mecanismo de controle e disciplina da população cativa, e da livre pobre. Esses mecanismos podem ser apreendidos através da legislação ou criação de instrumentos para coação dessa população a algum tipo de ocupação regular (civil, policial ou militar): os recrutamentos para as tropas, para a polícia ou para realização de trabalhos constituíam formas de punição da ociosidade. (FULLER, 2008, p. 97).

Segundo Domingos Raiol, D'Andrea criou várias ideias de recrutamento de vários indivíduos da massa popular, era uma forma de combater o crescimento dos rebeldes cabanos e aumentar as guardas policiais, dava-se ocupação aos ociosos e grupos turbulentos.

Essa política de recrutamento combatia indiretamente a anarquia que estava acontecendo na Província, com a qual, D'Andrea conseguia dizimar os cabanos e reconstruir a Província que se via em caos em suas estruturas devido os vários conflitos que ocorreram. Portanto, identifica-se a cabanagem como um processo de cunho popular, reprimida pelas classes dominantes. Nesse contexto verifica-se um mecanismo de dominação racial (FULLER, 2008), de leis que eram bem claras sobre o recrutamento de certos indivíduos, como negros, índios e mestiços.

> Ah! Contentai-vos com a sua fugida precipitada que, sendo para eles (tropas legalistas e o general Andréa) é decorosa, realça e dá novo esplendor à vossa intrépida coragem e valentia. Compadecei-vos enfim do lamentável estado em que se acha o vosso pastor, e que agora vos pede pelas entranhas de jesus Cristo. Que todo o vosso valor se empregue em prover e sustentar a felicidade da nossa capital, porque Deus assim o manda e eu o espero. (RICCI. 2006. p. 24).

A relação de dominação estava bem evidente, na forma compulsória como era tratada a população e principalmente as classes menos abastardas, bem como aqueles que não faziam parte de um pequeno grupo social, de dominação branca. Ocorrera uma sistematização do trabalho que era considerado "livre" na Província do Grão-Pará, e essa forma de controle fez com que vários conflitos fossem deflagrados, por não aceitarem esse ordenamento.

Tais critérios que compreendiam uma forma determinada da implantação de trabalho dos não brancos, o comandante do corpo de trabalho Faro, faz um relato ao comandante do baixo amazonas, falado sobre as dificuldades de conseguir indivíduos para esses trabalhos, onde preferiam se manter na ilegalidade do que prestar serviços públicos. (FULLER, 2008).

> De acordo com a lei, seriam recrutados os homens de cor, "índios, mestiços ou pretos" livres ou libertos, que não tivessem ocupação definida. Considerando que não foram apenas indivíduos não-brancos que participaram da cabanagem, este balizamento racial presente na lei sugere que não está diante apenas de uma tentativa de prevenção ou repressão de movimentos rebeldes, mas também de uma delimitação e conceituação do mundo da desordem. (FULLER, 2008, p. 104).

Como assinalado a cabanagem foi um movimento onde as classes populares conseguiram por um período tomar o poder por algum tempo.

Esse movimento foi o mais popular no período do Império, e por falta de um programa de governo que definisse seus objetivos centrais, o movimento foi declinando aos poucos. O grande ressentimento instalado na população paraense, era principalmente contra os portugueses, fazendo com que houvesse uma espécie de luso fobia (LINHARES, 2000) mas, esse ódio não era somente contra os lusitanos, se manifestava também contra maçons, estrangeiros e o Império, que centralizava o poder.

> A cabanagem foi o mais notável movimento popular ocorrido durante o Império. Foi o único em que as camadas de baixa condição social (índios, caboclos e negros) conseguiram ocupar o governo de toda uma província durante um período de tempo relativamente extenso (nove meses). Todavia os cabanos não possuíam qualquer programa de governo que definisse seus objetivos, e nem apresentaram um conjunto sistemático de exigências. Em suas proclamações, transparece apenas o ódio a portugueses, estrangeiros, e maçons, e a defesa da liberdade, da religião católica, do Pará e de Pedro II. (LINHARES, 2000, p. 231).

A cabanagem foi um importante movimento na Amazônia, tinha um significado próprio, lideranças surgiram e sujeitos lutaram na defesa dos seus ideais e valores.

Essa conquista não foi somente em Belém, mas também pelos rios e igarapés da região Amazônica, esse movimento da luta armada cresceu bastante no interior da província, por moradores da região usando a natureza a seu favor.

Nos anos de 1836 e 1837, revolucionários chegaram até cidades como Santarém, Manaus e toda região. Alcançou também a fronteira do estado do Amapá. Esse movimento tinha

perspectiva tão vasta que iria em direção ao Maranhão e Piauí, apoiados por grande parte da população de índios e quilombolas, construindo assim seu próprio mecanismo de reprodução social (RICCI, 2006).

Neste capítulo, a revolução cabana sai da cidade de Belém e começa ser mais forte pelos interiores e paragens da província.

É importante assinalar os impactos que esse movimento causou na costa setentrional. Muitos cabanos migraram para regiões mais distantes desses conflitos.

Sendo destacada a fuga para fronteira franco-brasileira, aonde observamos os interesses dos franceses naquela região, de tal maneira que por muitas vezes destacaram tropas militares para região, com o pretexto de que não queriam que a desordem provocada pela revolução cabana chegasse até a cidade de Caiena. Dessa forma, procuramos compreender a importância que essa fronteira teria para soberania nacional, e a perspectiva que os franceses teriam sobre esse território que eles historicamente cobiçavam.

3. Capítulo: A política de controle, fugas e formação de uma nova sociedade na fronteira franco-brasileira.

A região da fronteira Franco-brasileira, era uma área que causava preocupação do governo do Grão-Pará. Devido aos números de escravos que fugiam para aquela região, as autoridades paraenses souberam que a Guiana Francesa era um porto seguro para os escravos e outros que fugiram para aquele território.

Criaram-se formas de punição para diminuir esses grandes números de fugas que estavam em curso, mas essa política de punição não estava adiantando, pois, o presidente da província, apoiava a ocupação da região do Amapá, e essa ocupação se deu de uma forma compulsória, era uma forma de dar fim a esse grande número de fugas que ocorriam naquela província. (QUEIROZ; GOMES, 2002).

> Em meados do século XIX, o problema das fugas dos escravos do Amapá para Guiana francesa voltou a preocupar autoridades e fazendeiros. Em ofícios reservados, autoridades do Grão-Pará e aqueles do Império, na corte, trocavam informações e traçavam planos e estratégias para minorar tal situação. Então frisou uma autoridade paraense: notando que logo que os escravos da Província do Pará souberam que a Guiana francesa é um asilo seguro para sua liberdade. (QUEIROZ; GOMES, 2002, p. 39).

É importante observamos que a região da fronteira franco-brasileira era uma rota de fuga que já se utilizava há bastante tempo. Pode-se ver que no período de ocupação de Caiena, muitos escravos e soldados desertores refugiavam-se para aquela região em busca de conquistar sua liberdade. A grande movimentação que se estabelecia na fronteira fez com que ocorressem alianças entre algumas etnias indígenas, colonos e desertores.

A política de controle da ordem, atingiu grande parte da população denominada ociosa, com isso, ocorreram recrutamentos compulsórios desses indivíduos. Podemos observar a maneira como eles utilizavam através da criação do corpo de trabalhadores, essas pessoas que se negavam a trabalham recebiam punições e invariavelmente eram presas, a opressão que era utilizada pelo governo provincial atingia algumas etnias indígenas.

Moreira Neto ao analisar a dizimação da população indígena que vinha ocorrendo na Amazônia, e Vicente Sales o aspecto da repressão, identificou os fatores que favoreciam a fuga da população para lugares distantes dessa política de opressão em que estava acontecendo na província do Grão-Pará por conta do movimento cabano.

> Assim como Moreira Neto se preocupa em analisar os processos de controle e dizimação da população indígena na Amazônia, Vicente Salles se volta para a discussão dos instrumentos de disciplina e repressão desenvolvidos contra a população negra, livre ou cativa, enfatizando a importância dos corpos de trabalhadores para esses propósitos, nos anos que seguiram a cabanagem. (FULLER, 2008, p. 97).

Essa repressão que estava acontecendo dos movimentos rebeldes, estabeleceu critérios raciais, tanto étnico quanto cultural, em que identificamos fatores que levaram a repressão da população não-branca. Com isso podemos observar que a região não era favorável para algumas etnias que ali residiam, portanto, surge característica favoráveis a fuga de alguns indivíduos para aquele território. (FULLER, 2008).

> (...) milhares de negros, que fugiram aos maus-tratos dos senhores, aquilombavamse nas matas, de onde saiam para surtidas rápidas e violentas sobre as propriedades agrarias (...). Havia, portanto, uma área da sociedade que sofria os rigores impostos pela condição de cor, de origem (...). As guerras e as guerrilhas de que haviam participado serviram-lhes de grande escola para um ato de desespero ou para um ajuste de contas, “dos que não tinham contra os que tinham”, como Handelman constataram para a Cabanagem. (REIS, 1969).

3.1 Impactos da cabanagem na fronteira franco-brasileira

Aqui abordaremos a influência da cabanagem no que tange as fugas dos insurretos para a fronteira franco-brasileira, devido aos conflitos sangrentos que estavam ocorrendo no Grão-Pará.

Com isso podemos identificar a etnia Karipuna, localizados na região do Oiapoque, ao norte do Amapá, vindo do baixo amazonas de Bragança e Abaetetuba. Seu tronco linguístico era o tupi, provavelmente eram os "Tapuios" (tapuios, designação extensivas aos índios que habitavam os sertões do Brasil) que falavam *nheengatu*.

> De forma complementar, Tassinari considera o seguinte sobre os Karipuna do Amapá: "A genealogia das famílias Karipuna nos remetem a indivíduos de procedências diversas (...). A presença dessas famílias no Curipi remonta a mais de 120 anos, segundo análise das genealogias..." (BRITO, 2013, p. 3).

Esse processo de formação dessa etnia é considerado a mistura de remanescentes de várias populações indígenas e não indígenas, que chegou pela foz do rio Amazonas juntamente com outros brasileiros que fugiam dessa conflagração.

Ao analisar em nossa pesquisa, nessa época ocorria grande mortandade, sobretudo de mestiços, pobres, índios e escravos, dizimando grande parte das elites amazônica, com isso a formação de identidade e o grande movimento nas fronteiras. (RICCI, 2006).

> Este movimento matou mestiços, índios e africanos pobres ou escravos, mas também dizimou boa parte da elite da Amazônia. O principal alvo dos cabanos eram os brancos, especialmente os portugueses mais abastados. A grandiosidade desta revolução extrapola o número e a diversidade das pessoas envolvidas. Ela também abarcou um território muito amplo. Nascida em Belém do Pará, a revolução cabana avançou pelos rios amazônicos e pelo mar Atlântico atingido os quatro cantos de uma ampla região. Chegou até as fronteiras do Brasil central, mas também se aproximou do litoral norte e nordeste. Gerou distúrbios internacionais na América caribenha, intensificando um importante tráfico de ideais e de pessoas. (RICCI, 2006, p.77).

Os interesses dos franceses naquela região, se traduziram em grande repressão sobre os povos que ali viviam. Em 1837 corre a notícia sobre Bonis (Bonis, era um grupo chefiado por um negro denominado de Boni) que estavam maltratando indígenas que viviam nessa localidade, causando medo aos moradores que ali residiam, houve pressão dos moradores que estavam desprotegidos desse grupo.

Por isso foi enviado o tenente Faivre, para que acabasse com a desorganização. Prendendo e executando alguns Bonis sem ter nenhum julgamento causando indignação ao procurador geral Vidal Lingendes, dessa forma o tenente Faivre foi designado a voltar para França para dar explicações sobre seus atos brutais. (BENDOCCHI, 2015).

Segundo Magda Ricci, a cabanagem não foi um conflito de contornos regionais, mas, internacional, no entanto, sua grandeza chegou a pontos de ter influência além das fronteiras do Grão-Pará..

A cabanagem tem em sua cronologia o período de 1835 a 1840, sendo um marco na história da Amazônia brasileira, por conta de ser um conflito sangrento e parte da população fugiram desses confrontos, abandonando seu território e buscando lugares onde esse massacre não os atingisse. (RICCI, 2006).

> Naquela região, no primeiro quartel do século XIX, fugitivos e mocambos acabaram também se envolvendo com movimentos sociais em torno da cabanagem. Em agosto de 1837, ordenou-se arrasar um mocambo de rebeldes não muito distantes da vila de Macapá, (...) o capitão comandante do forte da fronteira de tabatinga, Raimundo Verissimo informou ao presidente da província do Pará s obre o nome dos escravos que se têm passado para Republica Peruana, (...) em poucos anos ficará a Província do Pará sem grande parte da escravatura que tem. (QUEIROZ; GOMES, 2002. pp. 37-38).

3.2 Cabanagem e a historiografia *Karipuna*

Segundo Antonella (2003) o deslocamento dos povos Karipunas pelo rio Curupi, até a sua chegada à fronteira franco-brasileira passou por um processo de alteridade que ocorreu em certo momento na região.

> A história da população Karipuna do rio Curupi é inteiramente desconhecida. Há citações sobre os Karipuna (caripounes, garipons, cachipoux, calipourns) na região do Oiapoque desde o século XVII. Alguns autores consideram que a população Curupi formou-se por refugiados da cabanagem, deslocando a história do grupo, da região do Oiapoque para a costa paraense. Ao contrario desta postura, a parti da intepretação dos dados dos XIX e XX, associados às genealogias obtidas pela história oral, assumo a hipótese de uma origem heterogêneas das atuais famílias caripunas, com alguns dos antepassados autóctones. (ANTONELLA, 2003, pp.111112).

As informações que tratam da história do povo Karipuna, consistem em alguns relatos contados (memórias) pelo seu próprio povo, que repassam sua história através de suas origens,

de uma forma de manter as tradições e culturas de uma etnia. Seu tronco linguístico é denominado de língua geral da Amazônia derivado do Tupi. Essas famílias que fugiram da revolução cabana, que se deram entre 1835 a 1836.

Vieram em embarcação a vela pelo Baixo amazonas, chegando até o rio Oiapoque, e depois explorando o rio Curipi, ficaram em uma região que era denominada de cemitério, que ocasionou várias mortes em decorrência das epidemias.

> Os Karipuna vieram do baixo amazonas de embarcação a vela, eram civilizados, não vieram pelas matas. Vieram uns 200, entre crianças e adultos, fugidos dos cabanos. Vieram para cá porque aqui era território contestado, não era propriamente Brasil. Entraram no rio Oiapoque até que vieram explorar o rio Curupi acima e ficaram lá no lugar chamado cemitério, chamado assim porque morreram muitos índios karipuna. (POVOS INDIGENAS DO BRASIL. p. 69).

A formação do povo Karipuna, indica que são índios misturados ou civilizados. Segundo Antonella (2003), essas miscigenações em um padrão e organização social, com a chegada dos Karipuna na região do Oiapoque, tiveram contatos com outras etnias que viviam no afluente do rio Uaçá.

Constituindo uma aculturação desses relacionamentos que englobam tanto etnias indígenas como famílias não indígenas, e cidades vizinhas da Guiana francesa. Esse povo veio pelo rio Curupi, que desagua no rio Uaçá, em uma localidade conhecida como encruzo. Nesta região muitas vezes guerreavam, faziam alianças, no qual eram negros e indígenas que fugiam de perseguições.

> (...) estabeleceram alianças, trocas ou fizeram guerras. Nesse processo, ao qual, nos séculos subsequentes, uniram-se populações negras refugiadas ou alforriadas, bem como grupos indígenas foragidos de perseguições, algumas etnias indígenas desapareceram, outras se fundiram ou foram incorporadas em grupos maiores, (...) processo que geraram os atuais povos indígenas do Uaça. A atual população karipuna do rio Curupir resulta dessa história de alianças e fusões de diversas etnias. (VIDAL; LEVINHO; GRUPIONI, 2016, p. 68).

Segundo Coudreau aquela região havia indígenas civilizados e diferentes das etnias que ali habitavam, eram brasileiros refugiados e também denominados de índios mestiços, com a qual identificamos relatos em nossa pesquisa.

Ocorreu no baixo Oiapoque, no século XIX e tem como referência o nome Karipuna que aparece novamente em pequeno grupo de pessoas dessa região. São distintas de outras

etnias em que habitavam e também se diferenciando da população de índios civilizados, essas informações contribuem para complementar dados de nossa pesquisa sobre a etnia Karipuna na região do baixo Rio Oiapoque, verificamos que essa etnia era refugiada, não pertencente originalmente daquele território.

> A ação colonial portuguesa ou francesa diminuiu radicalmente a população indígena no Amapá, e os povos que não chegaram a desaparecer foram dizimados e tiveram sua distribuição modificada. Mesmo após a fixação definitiva da fronteira entre Brasil e Guiana Francesa no rio Oiapoque, em 1900, ainda perduraram os deslocamentos. Os caripunas povoavam gradativamente as margens do rio Curipi; os palicures, preocupados com a fixação da fronteira internacional, passaram todos para a Guiana Francesa, mas depois retornaram para o Urucauá; e os galibis-maruornos viviam dispersos por diversas ilhas no alto Uaçá. (MELATTI, 2016, p. 4).

Nimuendaju em sua pesquisa sobre a bacia do Uaçá, traz informações sobre aqueles povos que habitavam a região. Ele relata que não são negros como Coudreau dizia, mas, mestiços, que se diferenciavam da maioria das etnias, destacamos que são descendentes dos cabanos que migraram para aquela localidade a partir de 1836.

Os revoltosos fugidos daquele levante que ocorria no Grão-Pará, por ter perdido o contato com outros brasileiros, tiveram uma aculturação das etnias indígenas, além da influência do *creolo* francês; esses relatos reforçam que a cabanagem teve impactos sobre a dinâmica étnica da fronteira (NIMUENDAJU, 1926).

> Os Karipuna, conforme eles próprios relatam, foram originados por elementos que falavam a língua geral da Amazônia (Tupi), imigrados do estreito de Breves (Pará) em consequência da revolução da cabanagem ocorrida na década de 1830 (...). De igual modo como ocorreram na formação do grupo do Uaçá, os Karipunas vieram se introduzir entre eles indivíduos de várias origens, como sejam, Palikur, Galibí, crioulos, árabes, chineses europeus e brasileiros. (ARNAUD, 1989, pp. 88-89).

Segundo Antonella (2003) a palavra Karipuna é utilizada como autodenominação, indicando índios misturados ou civilizados, ressaltamos a formação Karipuna em sua heterogeneidade e sua criação cultural.

> Na época em que começamos a pesquisar entre os Karipuna, na verdade ainda à procura de um mito de origem, estávamos longe de imaginar que quando estes se autodenominavam ou se identificavam como "Misturados", e ao mesmo tempo falavam de "Nosso sistema", o que nos era transmitido seriam as duas faces de uma metáfora-raiz daquele povo. Fechar e ficar entre si, de um lado, e se abrir para o

> exterior, de outro, é uma marca, um ethos das sociedades daquela área. E a história, desses povos ao longo dos séculos, não diz outra coisa (TASSINARI, 1998).

É de grande relevância os Karipuna na formação e organização social na fronteira franco-brasileira, verificamos que eles tiveram uma elaboração social de padrões distintos de outras populações indígenas que ali viviam; por serem índios miscigenados, e criaram características próprias, valores que ajudaram na formação social da fronteira e por serem famílias heterogêneas, que fugiram do conflito da cabanagem.

Eram indígenas e não indígenas, criaram particularidades, diferente da população que se estabelecia naquela região, uma formação de valores que durou por longo período para que ocorresse essa organização cultural (ANTONELLA, 2003).

> (...) Estas famílias remanescentes de povos indígenas da região, e outros migrantes da região do salgado paraense, contribuíram para formação deste povo. No Rio Curupi, reconstruíram seu próprio modo de vida, bem como uma organização social entre as famílias baseadas em laços de troca (...). (CURRÍCULO DE ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS INDÍGENAS, 2004, p. 14).

Magda Ricci relata que a bandeira de luta desse movimento cabano era a morte aos portugueses, esse ódio crescente contra o branco, vinha há muito tempo ocasionando intensa exploração dessa população que recebia toda sorte de hostilidades, (descaso), portanto, esse ressentimento chegou até a fronteira franco-brasileira (RICCI, 2008).

> Sobre a constituição histórica dos Karipuna do Amapá, é importante refazer brevemente o percurso histórico de sua formação. Desde o século XVII em diante há relatos de pesquisadores e viajantes que fazem referências a termos semelhantes a "Karipuna", na região do Oiapoque, como demonstram os estudos de Arnaud (1984;1989) e Tassinari (2003). No entanto, os autores sugerem que esses termos não estão associados aos atuais Karipuna, uma vez que eles teriam se instalado na região do Curipi somente a partir da década de 1830. (BRITO, 2013, p. 2).

Algumas etnias povoavam a região do Oiapoque, e observamos que havia outros povos egressos de outras regiões do Grão-Pará, fugindo das perseguições dos portugueses. A etnia Itoutanes, Galibis e outros que viviam na região do Marajó.

Passaram principalmente pelas missões jesuítas no século XVIII, as explorações dos comerciantes no século XIX, que se estabeleceu no Uaçá.

> (...) no palco comum do baixo Oiapoque, diversas etnias indígenas, pertencentes aos troncos linguísticos Aruák Karib e Tupi, desde o século XVI conheceram o contato com os europeus (...). Nesse processo, ao qual nos séculos subsequentes, uniram-se populações negras refugiadas ou alforriadas, bem como grupos indígenas foragidos de perseguições, algumas etnias desapareceram, outras fundiram-se ou forma incorporada em grupos maiores, outras ainda se formam se formam, processos geraram os atuais povos indígenas do Uaçá. (TASSINARI, 2003, p. 82).

É importante considerar as características da cronologia do nome Karipuna.

Como podemos analisar nos relatos de viagem do século XVII, havia um povo denominado de Karipuna que habitava a região do Oiapoque (MOCQUET, 1617). Arnaud em sua pesquisa relata termos semelhantes aos Karipuna no século XVII; segundo alguns autores não há associação entre os Karipuna atuais e nem os do século XVII, por ocuparem aquela região do Curupi a partir de 1830.

Os atuais Karipuna são remanescentes do confronto da cabanagem (TASSIANARI, 2003). Esses povos não tinham associação histórica alguma, apenas a característica do nome e a ocupação da mesma região em períodos históricos diferentes.

> O povo Karipuna também se formou a partir de remanescente de várias populações. O nome Karipuna é citado em relatos de viajantes já no século XVII, como moradores do Oiapoque (Mocquet,1617). Não é mencionado no século XVIII, mas volta aparecer em documentos do século XIX, como um grupo reduzido de famílias habitantes do Baixo Oiapoque falantes de um idioma do tronco tupi. (CURRÍCULO DE ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS INDÍGENAS, 2004, p. 14).

Segundo Tassinari, o termo Karipuna nem sempre esteve associado a população do Curupi, dessa forma podemos fazer uma distinção diferenciada da população atual dos Karipuna na formação de sua identidade como etnia.

Para uma compreensão distinta de outros povos que antecederam a atual população do rio Curupi, essa separação cronológica para compreendermos a diferença desses povos nos seus períodos históricos. (TASSINARI, 1998).

> A história dessa população é quase inteiramente desconhecida, embora haja vista documentação histórica sobre a região em que habita (Caetano da Silva 1861, Paranhos 1898,1945). Há citações sobre os *Caripous* na região do Oiapoque no século XVII, mas este etnônimo deixa de aparecer nas fontes do século seguinte (embora seja citado em diversas regiões da Amazônia), para ressurgir no século XIX. Alguns autores consideram que a população do Curipi se formou por refugiados da Cabanagem (Coudreau 1893, Arnaud 1989a, 1996), deslocando a história do grupo, da região do Oiapoque, para a costa paraense. (TASSINARI, 1998).

Segundo Antonella, Tassinari (2003), o nome Karipuna vem desde do século XVII, através das denominações, *Caripous, Garipons, Cachipoux*, *Caripounes* e *Calipourns,* discordando parcialmente de Arnaud sobre a origem desse povo, e assim foi feita a análise da trajetória do povo Karipuna, e sua diversidade culturais e heterogênea.

Identificamos que a formação dessa etnia não foi de forma linear, devido ao processo migratório, há relatos históricos que algumas etnias se refugiavam na região de Oiapoque; observou-se os Yao, que fugiram do avanço dos militares espanhóis, caracterizando peculiaridades com o povo Karipuna que migrou devido a cabanagem.

Esse intenso contato com vários grupos indígenas e não indígenas, nos levam a uma questão sobre o processo de formação dessa etnia, conforme avançamos em nossa pesquisa criou-se a ideia, de que os Karipuna ainda estão em seu processo de formação social e cultural, devido a diversidade de seu povo ao longo da história.

A historiografia dos povos indígenas do Oiapoque é contextualizada há muitos séculos, onde se identifica características peculiares de cada etnia que habitavam essa região, ocorreram vários contatos de povos indígenas e não indígenas.

Criaram uma miscigenação entre esses povos e aculturação, influenciando a sociedade da fronteira franco-brasileira, características que influenciaram seu modo de vida. Percebeu-se a importância desses povos na região, que ao longo dos séculos esses povos ajudaram e transformaram a vida social da fronteira franco-brasileira.

Essas várias contribuições que trouxeram em sua cultura e a adaptação que tiveram com a região do Oiapoque.

> A resistência desses povos ao longo dos séculos, aos espanhóis, franceses, holandeses e portugueses; a capacidade de reorganizar e conserva sua identidade indígena até a hoje é algo que tem que ser recuperado e valorizado. 'A formação de cada etnia, as mudanças enfrentadas, as novas identidades reconstruídas são algo que devem ser reconhecidos pelas novas gerações em vista da construção do projeto histórico atual'. (CURRÍCULO DE ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS INDÍGENAS, 2004, p.18).

Tomando o currículo do ensino fundamental nas escolas indígenas, há uma questão a ser debatida sobre a resistência ao europeu, mas, analisando historicamente as etnias indígenas da região, ocorreu um grande intercambio entre indígena e não indígenas, que por muitas vezes essas misturas heterogêneas, formavam-se novos grupos populacionais, como vemos os Karipuna.

Demonstram esse intercâmbio cultural, a prática do xamanismo e cultos cristãos (Católicos e protestantes), essa nova identidade criada por essas etnias decorreu ao longo do processo histórico do relacionamento que esses povos tiveram, ajudando na composição mútua e criação das aldeias.

Ressalta-se que a comparação de algumas famílias da etnia Karipuna, Santos e Fortes, são famílias numerosas e antiga na região do Curupi, identificamos uma ligação com outras da região de Vigia, no salgado paraense e outras nas proximidades de São Caetano de Odivelas, e no rio Mujuim.

Apesar do período de grande miscigenação ao longo da história dessas famílias, criaram características diferentes em sua migração (TASSINARI, 1998).

> O motivo da migração dos antepassados da família Fortes é mais incerto. (...), mas com uma experiência de opressão, maus tratos e trabalhos forçados nas lavouras do Mujuim. Fugiram para a região do Baixo Oiapoque "corridos", (...) "pega-pega", nome dado regionalmente às expedições de aprisionamento ou recrutamento forçado. Do Salgado Paraense rumaram em barcos para a bacia do Rio Uaçá onde sabiam que alguns parentes haviam se instalado anteriormente. (...) Dentre os antepassados da família Fortes que fizeram está travessia, destaca-se a figura do Capitão Teodoro, que se tornou o mais importante líder Karipuna, (...). Outras versões não mencionam o "pega-pega" nem a situação de trabalhos forçados, mas remetem à Cabanagem ou apenas a uma migração do Estado do Pará. (TASSINARI, 1998, pp. 5-6).

É importante enfatizar que diversos grupos indígenas viveram na região de Oiapoque, pertenciam ao tronco linguístico Aruak, Tupi e Karib. A partir do século XVI começam a ter contato com os europeus; principalmente com os portugueses, holandeses, ingleses e franceses. Esses povos estrangeiros vinham com seus próprios interesses, as missões religiosas, científicos, comerciais e outros.

Há relatos que algumas etnias desapareceram, e outras foram criadas, observa-se que geralmente essas etnias que desapareceram se uniam a outras de maior proporção. Entende-se que na fronteira franco-brasileira os grupos indígenas e não indígenas se uniram dependendo dos seus interesses, muitas por guerras, alianças ou trocas. Este processo que resultou na atual população indígena da região do Uaçá.

3.3 Migração, formação de uma nova sociedade

Segundo Lux Vidal, há várias características que levam a migração, por religião, muitas vezes por fome e outras por guerra (VIDAL, 2000). Analisou-se vários fatores que levaram ao

nosso contexto de pesquisa, demostrando a importância que à cabanagem teve para a formação da sociedade da fronteira franco-brasileira, sobretudo da etnia Karipuna.

Que se entendeu-se por povos foragidos da opressão em que o movimento cabano estava sofrendo sob a política do governo imperial, portanto, estabeleceu-se elementos que estavam ocultos na historiografia da cabanagem e suas características e suas influências ideológicas que levaram a formação da sociedade amazônica, descobrindo assim, a sua importância em um contexto social de um povo.

> A memória das perseguições de caça de escravo a escravo ficou na memória do grupo, e é hoje contada em termos místicos. Das várias línguas faladas pelas etnias que originaram este povo, há atualmente a memória de algumas palavras.
> (CURRÍCULO DE ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS INDÍGENAS, 2004, p. 13).

Ressaltamos que vários povos fugiram para aquela região, compartilhando tradições culturais e formando grupos que vivem na área do Uaçá, cada etnia tinha suas peculiaridades diferenciando sua história, o contato desses povos com o tempo criaram tradições, fusões e alguns conflitos.

Outros povos migraram do Pará após a cabanagem e se juntaram aos Karipuna, como por exemplo a etnia Aruã, que se estabeleceram por um tempo em Ouanari, na Guiana Francesa e depois migraram para o alto do Curupi; e sofreram muitas perdas por conta de uma epidemia de sarampo, com isso se mudam para médio Curupi, onde permanecem.

A região do Uaçá era propícia para a ocupação humana, os rios eram ricos em peixes, em uma área de mata com muitos animais, em que facilitou a ocupação desse território. Porém, observamos que a ocupação dessa região foi gradual, devido a fatores como epidemias, que levaram a grande mortandade e por ser um povo heterogêneo.

Essa adaptação e organização social foram de forma linear, certificamos que a cabanagem teve influência na historiografia do homem do norte, de tal maneira, que causou impactos na costa setentrional do Grão-Pará, tanto com a diminuição de sua população e dos confrontos sangrentos que ocorreram, essas epidemias que se alastravam naquela região, houve um impacto importante no norte do Amapá, devido a fuga de algumas famílias indígenas e não indígenas, escravos, soldados desertores e criando uma nova etnia que destacou-se no desenvolvimento desse capítulo.

3.4 A força do nortista, influência nos ideais revolucionários cabanos na história da Amazônia

> Depois de 5 anos de luta, os cabanos criaram ódio aos brancos e às autoridades impostas, aprendendo a amar a aclamação popular e a revolução infinita. Cultuavam a beleza revolucionaria, mas viveram outras mazelas: a fome, as doenças, as mortes e a instabilidade da guerra. Em um processo de fuga da escravidão, tal qual Moisés no Egito bíblico, os cabanos foram perseguidos e mortos, mas seus ideais não desapareceram completamente. Em busca de sua 'terra prometida', muitos revolucionários se embrenharam nos rios e nas matas da Amazônia, ampliando quilombos ou criando comunidades mistas de negros, índios e mestiços, exemplos impares no Brasil. (RICCI, 2006, p. 28).

Essa luta foi um marco na história do povo nortista, um símbolo de luta do povo da Amazônia. Esses movimentos tiveram influência na história do Pará, podemos verificar em vários governos que tinham o interesse na formação de uma cultura cabana, como no governo de Magalhães Barata, que financiava estudos, para fazer uma espécie de ligação com a revolução de 1930, e outros governos também utilizavam o movimento cabano como plataforma política, como nos anos de 1980.

Praticamente com o fim da ditadura militar no governo de Jader Barbalho, criou-se o memorial da cabanagem nos anos de 1990; com a eleição de Edmilson Rodrigues, que era do partido dos trabalhadores, falavam em um novo governo popular, voltando assim o saudosismo do grande símbolo que representou a cabanagem para região norte e para todo Brasil. (RICCI, 2006).

> É o único em que ela (a sublevação dos cabanos) num dos mais, senão o mais notável movimento popular do Brasil. As camadas mais inferiores da população conseguem ocupar o poder de toda uma província com estabilidade. Apesar de sua desorientação, apesar da falta de continuidade que o caracteriza, fica-lhe, contudo, a gloria de ter sido a primeira insurreição popular que passou da simples agitação para uma tomada efetiva de poder. (PRADO, 1967, p. 69).

Segundo Caio Prado (1967), a cabanagem foi um movimento notável e de grande participação popular, onde as camadas inferiores conseguem tomar o poder por um breve período, apesar de não ter tido continuidade, se caracterizava com o apoio da população paraense

Magda Ricci, em sua pesquisa colocava a problemática na formação do patriotismo na Amazônia, ressaltando a formação de uma identidade, em seu contexto falando da importância do que foi a cabanagem para a população da região amazônica. Aborda-se várias características importantes que levou ao ideal cabano, e suas lutas, a participação popular e também as repressões que ocorrem para conter esse movimento.

Portanto essa grande ideologia que chegou a influenciar não só a região, como também parte do território nacional como algumas fronteiras caribenhas. (RICCI, 2006).

Considerações finais

"Revolta", "desordem", "agitação", "movimento", "motim", "revolução", "insurreição" ou mesmo "guerra civil", são termos que, de acordo com perspectiva hermenêutica do "artesão do conhecimento histórico", indicam ou denunciam aquilo que viria a ser os acontecimentos emergidos na cidade Belém no dia 07 de janeiro de 1835, defronte da igreja das Mercês: a Cabanagem.

Domingos Raiol, esse jurista, político, historiador e intelectual (que na juventude foi contemporâneo da Cabanagem paraense em 1835 e, cujo pai, Pedro Raiol, foi morto pelos cabanos insurretos), se lançou como intérprete daqueles acontecimentos na célebre obra: "Motins Políticos - ou história dos principais acontecimentos políticos da Província do Grão

Pará desde o ano de 1821 até 1835".

Raiol parte de sua posição legalista ainda no contexto de rescaldo da derrocada cabana e compreende aquele momento de "radical sedição social e ruptura da ordem legal", como "desordem"; ou "motim político" de dimensão local/regional (sem que isso pudesse representar risco a unidade geopolítica do império). Daí surge a "pecha" contra os líderes cabanos: são sujeitos "celerados", sem cérebros, isto é, irracionais, portanto, ignóbeis e incapazes de lhe dar com o poder e controle do próprio bando insurgido.

O contexto dos anos de 1835 foi particularmente hostil e marcado pelo profundo abandono social de parte do governo provincial para com os estratos sociais mais excluídos da sociedade paraense (a miséria e a pobreza sufocaram e desalentaram índios, caboclos, mestiços, negros, escravos, etc.) bem como pelos intensos conflitos (e interesses políticos) entre as elites locais e nacionais: o governo da província era nomeado pelo poder central, ou seja, pelos regentes, como apontamos no início deste trabalho.

As contendas políticas se acirram ainda mais na região do Grão-Pará no período imediatamente anterior a cabanagem à medida que a resistência das elites dirigentes locais em assimilarem à independência do Brasil se avoluma. Assim, fica de tal modo claro, que, a ausência de uma figura central e conciliadora dos interesses políticos nacionais insuflaria ainda mais os ânimos da causa separatista país adentro.

É, sobretudo dessa forma que o período regencial (1831-1840) ficaria caracterizado: pela emergência de várias revoltas regionais cuja convergência entre elas era a sintomática ausência de autonomia política de suas elites locais.

A leitura da historiografia atinente a cabanagem paraense nos aproximou de diferentes matizes interpretativas a que está, ainda hoje, envolto o tema.

Para Raiol, ou o Barão Guajará, como dito acima, a cabanagem é considerada como um mero “motim político” espacialmente situado ou circunscrito à região do Grão-Pará. Por outro lado, e contrapelo dessa ideia, para autores como Luís Balkar e Magda Ricci, o entendimento é de que o movimento cabano paraense se constituiu como uma revolução (posto que inverte as estruturas políticas e sociais estabelecidas) e cujo alcance extrapolou as fronteiras amazônicas.

Para aquela autora, “a revolução cabana avançou pelos rios amazônicos e pelo mar Atlântico, atingindo os quatro cantos de uma ampla região. Chegou até as fronteiras do Brasil central [...] e gerou distúrbios internacionais na América caribenha, intensificando um importante tráfico de ideias e de pessoas”. Nesse atinente, a concepção *regionalista* da cabanagem foi aqui problematizada a partir de uma posição crítica em relação as fontes (e de confronto com a historiografia “tradicional”) mas também, a partir de uma releitura das representações históricas e politicas daquela impactante revolta popular. Foi o que tentamos deixar entrever na abertura do parágrafo inicial desta seção.

Como vimos ao longo deste trabalho, em 1835 se inicia o movimento da cabanagem, se estendendo até os anos 1840. Nesse sentido, a proposta de nossa investigação era buscar compreender, de um lado, a importância e o significado da história do homem pobre (cabano) amazônico a partir desse histórico acontecimento, e de outro mensurar os impactos que o dito movimento causou na costa setentrional do Grão-Pará, que agitou inclusive a porosa e complexa situação política da fronteira franco-brasileira.

Vimos ainda que vários aspectos precederam a revolução cabana. Tentamos, portanto, uma aproximação “das historicidades” daquele tempo: grande número de mortos

(significativa baixa demográfica na região); a fuga de algumas famílias para lugares distantes do núcleo da revolta; a resistência de Cametá.

Por conta da repressão que o Império submeteu os cabanos e o enfraquecimento da defesa da fronteira franco-brasileira, de tal maneira que identificou-se militares franceses em território nacional, algumas famílias que migraram por conta da cabanagem, se deslocaram pelo rio Curupí, e com o tempo se estabeleceram na região do Uaçá, dando origem a etnia Karipuna. Segundo Lux Vidal (2000) as migrações são decorrentes da guerra, fome e religião, assim. Fica evidenciado que os impactos da cabanagem influenciaram diretamente a conformação de um grupo etinico: os Karipuna.

Por fim, a presente pesquisa amplia relativamente o conhecimento sobre o movimento cabano, permitindo adentrar e colocar em xeque as especificidades regionais e fronteiriças que os desdobramentos do movimento provocaram.

É fato que é necessário um aprofundamento no que toca aos meandros da influência cabana na região da fronteira franco-brasileira.

Uma investigação sobre a recepção da cabanagem nessa região em particular pode trazer a lume, talvez, as atitudes deflagradas por parte das autoridades francesas em relação a legitimidade e integridade do território. Do mesmo modo como pensaram na ampliação do mesmo em face do ambiente de colapso político e militar a que se via a costa setentrional da Amazônia.

Fontes

RAIOL, Domingos Antonio. *Motins Políticos ou história dos principais acontecimentos políticos da província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*. V 1°. Gráfica Lux, Jacarepaguá RJ, UFPA, 1970.

Referências

ALVES, D. Bendocchi. *Releitura dos acontecimentos na fronteira Grão-Pará-Guiana Francesa entre 1835 e 1841*. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios, 2015. v. XXVIII. pp. 1-15.

ARNAUD, Expedito. *Os Índios da região do Uaçá e a proteção oficial brasileira*. In: O índio e a Expansão Nacional, Belém: CEJUP. pp, 88-89.

BASTOS, Carlos Augusto; LOPES, Siméia de Nazaré. Nas Rotas do Xingu e do Tapajós: Desertores, Remeiros e Regatões no Grão-Pará do Pós-Cabanagem. In: SOUZA, César Martins de; CARDOZO, Alírio. *Histórias do Xingu*: Fronteiras Espaços e Territorialidades (Séc. XVII - XXI). Belém: Ed. Universitária UFPA, 2008.

BERNARDES, Denis. *Um império entre repúblicas*. São Paulo: Global, 1983.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998). (Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me00 2078.pdf)

BRITO, Edson. "Os Karipuna do Amapá e a educação: tensões sociais resistência na fronteira com a Guiana francesa". In: XXVII Simpósio Nacional de História. ANPUH, 2013, Natal, RN. Conhecimento Histórico e diálogo social, 2013. (Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1374090432_ARQUIVO_OsKaripunadoAmapaeaeducacao.pdf)

BRITO. Adilson. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. FNDE. 106° edição. Rio de Janeiro, 2014. pp. 74-77.

CRUZ, Ernesto. *História do Pará*. Belém: UFPA, 1963. v. 2. (Coleção Amazônica. José Veríssimo). (Disponível em: http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/99)

CURRICULO DE ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS INDÍGENAS. Conselho Indígena Missionário (CIMI). Belém, PA: Editora Mensageiro, 2004.

FERREIRA, Eliana Ramos. Forão Sítios dos Criminosos?: Expropriação na Província do Pará ? Meados do Século XIX. In: Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal. *Conhecimento Histórico e Diálogo Social*. São Paulo: Associação nacional de História, 2013. v. 1. p. 1-11.

(Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364703149_ARQUIVO_1textoANPUH2013-FORAOSITIOSDOSCRIMINOSOS.pdf).

FILHO, Armando. O Massacre do Brigue Palhaço. In: SOUZA, César Martins de; CARDOZO, Alírio. *Histórias do Xingu*: Fronteiras Espaços e Territorialidades (Séc. XVII - XXI). Belém: Ed. Universitária UFPA, 2008. pp. 105-106.

FULLER, Claudia. Os corpos de trabalhadores: política de controle social no Grão-Pará: In: Revista de estudos Amazônicos, *Revista Estudos Amazônicos*, Vol. III, nº 1, 2008.

LINHARES, Maria Yeda et al. *História geral do Brasil*. Petrópolis, RJ: Elsevier, 2000.

MACHADO, André Roberto. Para além das fronteiras do Grão-Pará: o peso das relações entre as províncias no xadrez da independência (1822-25). Outros Tempos, v. 12, p. 1-28, 2015.

MELATTI. Júlio, 2016. p.4 http://www.juliomelatti.pro.br/areas/e4gulito.pdf

MESQUITA, Thiago Broni; FURTADO, João Victor Silva. Emergência prisional no GrãoPará: discussões sobre as cadeias em tempos de Cabanagem (1830-1845). CLIO (RECIFE), v. 34, p. 247-269, 2016. (Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311752255_EMERGENCIA_PRISIONAL_NO_GRAO-PARA_discussoes_sobre_as_cadeias_em_tempos_de_Cabanagem_1830-1845)

NEVES, Lucia Maria; MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

NEVES, Lucia; NEVES, Guilherme. *Nossa História*. Diadema SP: Biblioteca Nacional, v.1, 2003.

NIMUENDAJU, Curt. *Os índios Palikur e seus vizinhos*. São Paulo: (Tradução de texto 1926), NHII-USP, no prelo, 1926.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. *Amapá/ Norte do Pará*. São Paulo SP: CEDI: v. 3, 1983, pp. 66-69.

PRADO JUNIOR, Caio. *Evolução Política do Brasil e outros estudos*. São Paulo: Brasiliense, 10. ed. 1967.

QUEIROZ, Jonas Marçal; GOMES, Flavio. *Amazônia*, *Fronteira e Identidade*: reconfigurações coloniais e pós-coloniais (Guianas-séculos XVIII-XIX). São Paulo. Lusutopie n° 1, 2002, pp. 26-39.

REIS, Arthur. *Território do Amapá*. Perfil Histórico. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.

REZENDE, Antônio; DIDIER, Maria. *Rumo da história*. São Paulo: Editora Atual, 2. ed., 2005.

REIS, Arthur Cézar Ferreira. "O Grão-Pará e o Maranhão". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de, (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (tomo II – O Brasil Monárquico, vol. 2), São Paulo: Difel, 1972.

PINHEIRO, Luiz Balkar. Sá. Peixoto. "De Vice-Reino à Província": tensões regionalistas no Grão-Pará no contexto da emancipação política brasileira". In: XX Simpósio Nacional de História, 1999, Florianópolis. História: Fronteiras. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1999. v. 1. p. 637-638.

RIO BRANCO, José Maria da Silva Paranhos, Barão do. *Questões de limites*: Guiana Francesa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

RIBEIRO, Duarte. *Exposição circunstanciada do estado das negociações entre o Brasil e a França sobre o terreno contestado pelo lado do rio Oyapock. Rio de Janeiro, 4 de março de 1842*. Manuscrito, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1942.

RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840**.** *Tempo* [online]. 2007, vol.11, n.22, pp.5-30.

RICCI, Magda. "Fronteira da nação e da revolução: Identidade locais e a experiência de ser brasileiro na Amazônia (1820- 1840). Boletim Americanista (Universidade de Barcelona), 2008, pp. 77-95.

SAMPAIO, Patrícia. Ponencia: Africanos e índios na Amazônia: experiência de precarização da liberdade. Asociación Española de Americanistas - AEA. Simpósio Internacional America: poder, conflito y politica, 2011, pp. 13-14.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. *No bom da festa:* o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá. São Paulo: EDUSP, 2003.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. *Contribuição à História e à Etnografia da Região do Baixo Oiapoque*: a composição das famílias Karipuna e a estruturação das redes de troca". Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, 1998.

VIDAL, Lux; LEVINHO, José; GRUPIONI, Luís. *A presença do invisível*: vida cotidiana e ritual entre os povos indígenas do Oiapoque. Rio de Janeiro: Iepé, 2016.

VIDAL, Lux. De Manhã ao Oiapoque, a trajetória de uma migração. São Paulo: *Revista* USP, 2000. pp. 42-51.